r de não garantir a ordem das entregas.

Assinale a alternativa correta:

a) Apenas uma das afirmativas é falsa.

b) Apenas as afirmativas 1 e 2 são falsas.

c) Apenas as afirmativas 1 e 3 são falsas.

d) Apenas as afirmativas 2 e 3 são falsas.

e) As afirmativas 1, 2 e 3 são falsas.

Bem, creio que você não tenha tido dúvidas quanto à retidão da afirmativa 1.

A afirmativa 2 peca, pois sabemos que *streaming* de áudio e vídeo é feita predominantemente utilizando o protocolo UDP. Afinal, perdas de informação nesse tipo de transmissão são toleráveis.

Por fim, quem confirma entrega de dados é o TCP. O UDP nem garante a entrega, nem a ordem dos pacotes.

Portanto, a resposta a ser marcada é a **alternativa d)**.

(CESPE – Hemobrás – Técnico de Informática - 2008)

11 Na camada de transporte do TCP/IP, estão os protocolos TCP e UDP, sendo que o UDP é orientado a conexão e tem controle de fluxo.

Errado! O TCP é orientado a conexões e tem controle de fluxo.

(CESPE – MPE/PI – Técnico Ministerial – Informática - 2011) Com relação a conceitos de Internet e intranet, julgue os itens que se seguem.

12 A execução de programas em outros computadores da rede Internet, interagindo com os mesmos programas a partir de um computador pessoal é realizada através do serviço FTP.

Errada! O **File Transfer Protocol** é um protocolo orientado à transferência de arquivos. A execução de aplicações web ocorre via HTTP.

13 WWW (world wide web) é um sistema de documentos de hipertexto ligados entre si e que são acessíveis através da Internet. Cada página WWW possui um endereço único, denominado http.

Errada! O endereço único que a questão se refere é o **IP**, ou **Internet Protocol**. O **HTTP**, ou **HyperText Transfer Protocol**, é o protocolo que interliga a Internet, permitindo a visualização de páginas pelos navegadores web.

14 A Internet provê dois serviços a suas aplicações distribuídas: um serviço confiável, orientado para conexão, e um serviço não confiável, não orientado para conexão. Este último não oferece garantia alguma de entrega final dos dados no destino.

Correta. Esses serviços são o **TCP** e o **UDP**. O **Transmission Control Protocol** é o serviço orientado à conexão. É através dele, por exemplo, que uma página da internet ou um arquivo são “baixados” em um computador. O **User Datagram Protocol**, por sua vez, é não confiável. Ele é utilizado, principalmente, por aplicações que fazem streaming de áudio e vídeo. É por isso que, ao utilizar um Skype, por exemplo, ocorrem falhas no áudio ou no vídeo. As falhas são dados que foram perdidos na transmissão dos dados.

15 A intranet é uma rede de computadores que utiliza praticamente as mesmas tecnologias que são utilizadas na Internet, a principal diferença entre elas está no fato de que a intranet não permite utilizar todos os serviços de rede comuns na Internet, como o http e o FTP.

Errada! A diferença da internet pra intranet é que a **intranet** é restrita apenas a um determinado grupo de computadores, como, por exemplo, os computadores de uma empresa. A internet, por sua vez, é pública.

(CESPE – CNPQ – Cargo 1 - 2011) No que se refere a Internet e intranet, julgue os itens subsecutivos.

16 A intranet utiliza os protocolos da Internet, mas no âmbito interno de empresas, para que os empregados possam acessar remotamente dados e informações corporativas a partir de suas residências. O protocolo específico para transferência de arquivos na Internet, que deve ser configurado de forma diferenciado quando utilizado na intranet, é o IN-FTP (file transfer protocol-intranet).

Errado! Dentro da empresa, as máquinas podem acessar a intranet livremente. Quando em sua residência, para acessar a intranet da empresa, duas soluções podem ser adotadas. Ou cria-se uma **extranet**, que, na prática, significa oferecer um sistema de autenticação (login e senha) para que o usuário acesse a intranet, ou cria-se uma **VPN** (rede privada virtual), que é um aparato um pouco mais complexo. Na VPN, a máquina remota utiliza sistemas criptográficos para trafegar dados pela internet, e recebe um endereço IP dentro da intranet da empresa, utilizando a intranet como se estivesse "dentro da empresa".

17 Para acessar a Internet, utiliza-se o protocolo TCP/IP em conjunto com o protocolo POP3, que possibilita a transferência de arquivos, autenticação de usuários e o gerenciamento de arquivos e diretórios.

Errado! A combinação correta é a do **TCP/IP** com o **HTTP**. **POP3** é um protocolo para recebimento de email pela internet. Diga-se de passagem, está caindo em desuso e sendo substituído pelo **IMAP (Internet Message Access Protocol)**, que é o protocolo adotado pelos e-mails web, como o Gmail.

(CESPE – EBC – Cargo 4 - 2011)

18 Os usuários registrados em uma extranet podem acessar os aplicativos internos dessa rede por meio da utilização de smartphones, via browser.

Correto. Sendo disponibilizada a extranet, o usuário registrado precisará apenas fazer seu login. Portanto, poderá fazê-lo de qualquer computador ou dispositivo móvel, como um smartphone.

(CESPE – SEGER/ES – Todos os cargos - 2010)

19 Caso o endereço que o usuário esteja acessando se inicie por ftp://, o navegador Internet Explorer usará o protocolo de transferência de arquivos ftp.

Correto.

(CESPE – Câmara dos Deputados 2012 – Analista Legislativo: Técnica Legislativa - 2012) Com relação a redes de computadores, julgue os próximos itens.

20 A camada de enlace de uma rede de computadores consiste, tecnicamente, no meio físico por onde os dados trafegam. Esse meio pode ser constituído de fios de cobre ou fibra óptica.

Errado! O modelo OSI possui 7 camadas:

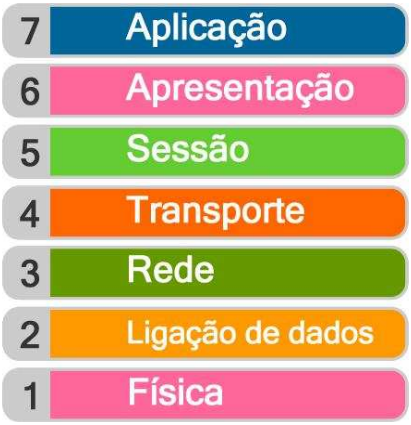

Modelo OSI.

O meio pelo qual os dados trafegam é a **camada física**.

21 Uma rede local (LAN — local area network) é caracterizada por abranger uma área geográfica, em teoria, ilimitada. O alcance físico dessa rede permite que os dados trafeguem com taxas acima de 100 Mbps.

Errado! Questão para lhe confundir. A velocidade dos dados em uma rede, seja lá qual for o seu tamanho, não possui relação com o alcance físico dessa rede, mas sim com as tecnologias empregadas. Tanto que é possível desfrutar da Internet com velocidades elevadas, como 100Mbps, por meio de provedores de Internet com fibra ótica.

22 O TCP/IP, pilha de protocolos na qual a Internet funciona, é dividido em camadas específicas, cada uma com características próprias. Por meio do TCP/IP, é possível, em conjunto com as aplicações, navegar na Internet e enviar correio eletrônico.

Correto. O TCP/IP possui uma pilha de protocolos que viabiliza a utilização da Internet como a conhecemos.

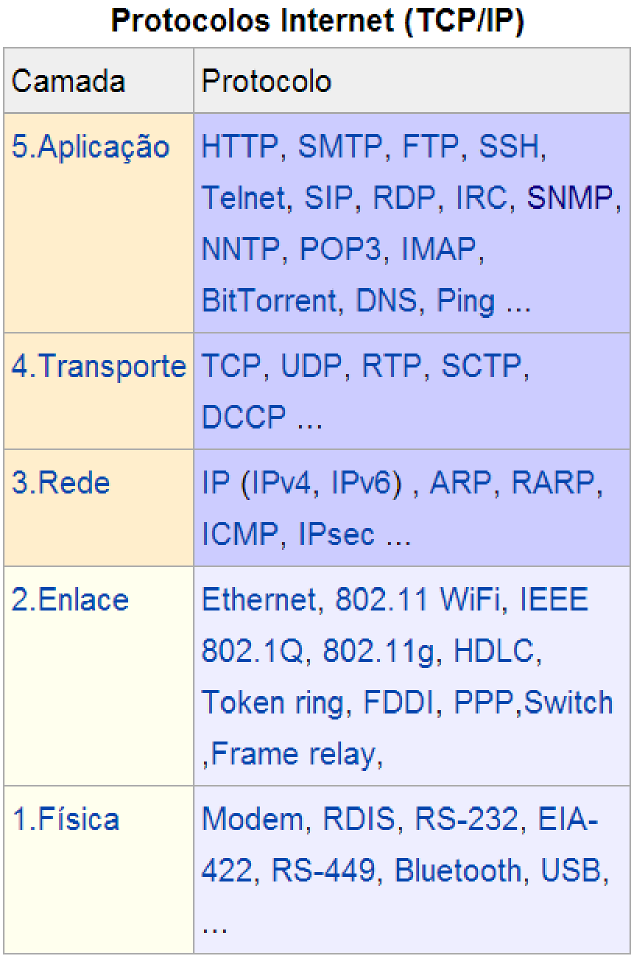

Protocolos Internet (TCP/IP)

Camada	Protocolo
5.Aplicação	HTTP, SMTP, FTP, SSH, Telnet, SIP, RDP, IRC, SNMP, NNTP, POP3, IMAP, BitTorrent, DNS, Ping ...
4.Transporte	TCP, UDP, RTP, SCTP, DCCP ...
3.Rede	IP (IPv4, IPv6) , ARP, RARP, ICMP, IPsec ...
2.Enlace	Ethernet, 802.11 WiFi, IEEE 802.1Q, 802.11g, HDLC, Token ring, FDDI, PPP,Switch ,Frame relay,
1.Física	Modem, RDIS, RS-232, EIA-422, RS-449, Bluetooth, USB, ...

Modelo híbrido entre o OSI e o TCP/IP. Representa, de maneira adequada, a pilha de protocolos do TCP/IP.

(CESPE – ANAC – Técnico em Regulação áreas 1,3 e 4 - 2012) Julgue os itens a seguir, a respeito de conceitos e modos de utilização de tecnologias associados à Internet.

23 URL (uniform resource locator) é um repositório de informações interligadas por diversos pontos espalhados ao redor do Mundo.

Errado! Uniform Resource Locator é o endereço de um recurso, ou, simplesmente, endereço web. Por exemplo, o endereço (ou a URL) do site do Estratégia é www.estrategiaconcursos.com.br. Não é um repositório.

(CESPE – TELEBRÁS – Especialista em Gestão de Telecomunicações – Analista Superior/Subatividade Comercial - 2013)

24 TCP/IP (Transmission Control Protocol/Internet Protocol) é o conjunto de protocolos projetados para controlar a transmissão e a recepção de dados entre diferentes redes, independentemente dos tipos de máquinas e de sistemas operacionais utilizados.

Correto. A pilha de protocolos TCP/IP permite que computadores com Mac, Windows ou Linux, ou smartphones se comuniquem via rede de forma transparente. Ainda, não importando se estão em uma rede com ou sem fio, ou via 3G...

(CESPE – TJDFT – Técnico Judiciário Área Administrativa - 2013)

25 Uma URL contém o nome do protocolo utilizado para transmitir a informação ou arquivo e informações de localização da máquina onde esteja armazenada uma página web.

Certo. É o **http, https**, ou **ftp**, que antecede o endereço web.

(CESPE – Polícia Federal – Perito - 2013)

26 Considere que um usuário necessite utilizar diferentes dispositivos computacionais, permanentemente conectados à Internet, que utilizem diferentes clientes de email, como o Outlook Express e Mozilla Thunderbird. Nessa situação, o usuário deverá optar pelo uso do protocolo IMAP (Internet Message Access Protocol), em detrimento do POP3 (post office protocol), pois isso permitirá a ele manter o conjunto de emails no servidor remoto ou, alternativamente, fazer o download das mensagens para o computador em uso.

Correto. O IMAP permite ambas as opções (download ou manter no servidor remoto), bem como o acesso por diferentes clientes de email. O

POP3 não oferece a alternativa de manter as mensagens no servidor remoto.

27ª Questão) **(CETRO – ANVISA – Analista Administrativo: área 5 – Prova anulada – 2013)** Em relação às camadas de redes de computadores, assinale a alternativa correta.

(A) Uma camada deve ser criada quando não há necessidade de outro grau de abstração.

(B) Cada camada deve executar o máximo de funções possível.

(C) Os limites de camadas devem ser escolhidos para minimizar o fluxo de informações pela interface.

(D) O número de camadas deve ser o mínimo, para que o máximo de funções correlacionadas seja colocado na mesma camada.

(E) O número de camadas deve ser grande o suficiente para que a arquitetura não se torne difícil de controlar.

As camadas de redes do modelo OSI são representações **abstratas** de funções que precisam ser executadas para o estabelecimento de comunicações inter-redes. Cada camada deve executar o **mínimo de funções possível**, ao mesmo tempo que o número de camadas deve ser o **mínimo suficiente para que a arquitetura** seja controlável. E os limites das camadas devem ser delineados de modo que o fluxo entre as interfaces seja o menor possível.

Buscando-se estes fundamentos é que foram criados modelos com o OSI e o TCP/IP.

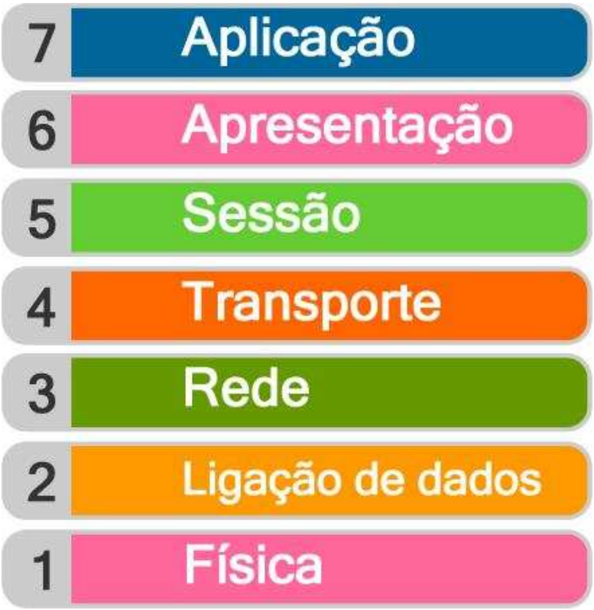

Modelo OSI.

Resposta certa, **alternativa c)**.

28ª Questão) **(CETRO – ANVISA – Analista Administrativo: área 5 – Prova anulada – 2013)** Em relação ao DNS (Domain Name System), analise as assertivas abaixo.

I. O DNS é um esquema não hierárquico de atribuições de nomes baseado no domínio e de um banco de dados distribuído para implementar esse esquema de nomenclatura.

II. As mensagens de resposta de uma consulta DNS são enviadas como pacotes UDP para o programa aplicativo que fez a chamada, o qual, munido com o endereço MAC (Medium Access Control) da resposta, pode estabelecer uma conexão TCP com o host.

III. Cada domínio tem seu nome definido pelo caminho ascendente entre ele e a raiz (sem nome), com seus componentes separados por ponto.

É correto o que se afirma em

(A) I, apenas.
(B) II, apenas.
(C) III, apenas.
(D) I e II, apenas.
(E) I, II e III.

DNS (***Domain Name System*** - Sistema de Nomes de Domínios) é um sistema de gerenciamento de nomes hierárquico e distribuído operando segundo duas definições:

- Examinar e atualizar seu banco de dados.
- Resolver nomes de domínios em endereços de rede (IP).

O DNS funciona da seguinte maneira: para mapear um nome em um endereço IP, um programa aplicativo chama um procedimento de bilbioteca denominado RESOLVER e repassa a ele o nome como um parâmetro. O RESOLVER envia um pacote UDP a um servidor DNS local, que procura o nome e retorna o endereço IP ao RESOLVER. Em seguida, o resolvedor retorna o endereço IP ao programa aplicativo que fez a chamada. De posse do endereço IP, o programa pode então estabelecer uma conexão TCP com o destino ou enviar pacotes UDP até ele.

Quanto às alternativas, a I está visivelmente errada, pois o DNS é **hierarquizado**; a II também está errada, pois o endereço retornado é o **IP**, e não o MAC; a III é correta, pois os domínios realmente têm seu nome definido pelo caminho ascendente entre ele e a raiz (sem nome), com seus componentes separados por ponto.

Resposta certa, **alternativa c)**.

29ª Questão) **(CESPE – TRE/GO – Técnico de Controle Externo – 2015)** A topologia de uma rede refere-se ao leiaute físico e lógico e ao meio de conexão dos dispositivos na rede, ou seja, como estes estão conectados. Na topologia em anel, há um computador central chamado *token*, que é responsável por gerenciar a comunicação entre os nós.

Errado! Não existe nó central na rede em anel. O *token* é o "bastão" que circula entre as máquinas da rede, e quem possui o *token* em determinado momento é a máquina que pode enviar e receber dados.

30ª Questão) **(CETRO – ANVISA – Analista Administrativo: área 5 – 2013)** Quanto à arquitetura em camadas TCP/IP, analise as assertivas abaixo.

I. Não define a camada de "Apresentação".

II. Define a camada "Inter-redes", que equivale à camada de Rede do modelo de referência OSI.

III. Não define uma camada equivalente à camada de "Aplicação" do modelo de referência OSI.

É correto o que se afirma em

(A) I e III, apenas.
(B) I e II, apenas.
(C) II e III, apenas.
(D) I, II e III.
(E) II, apenas.

O modelo TCP/IP, por sua vez, possui pequenas diferenças em relação ao OSI:

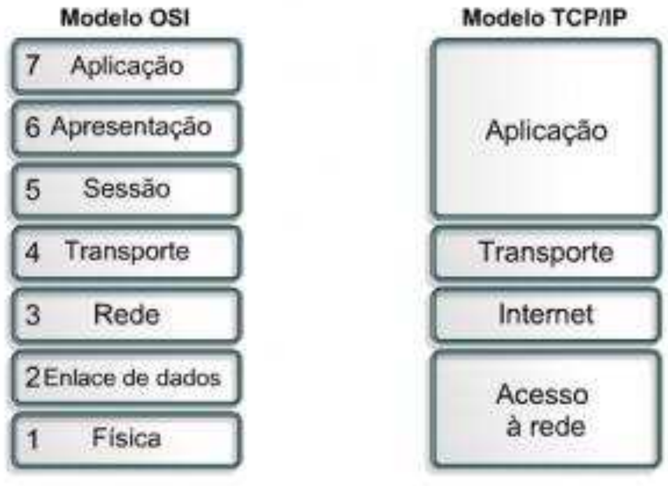
Modelo OSI
7 Aplicação
6 Apresentação
5 Sessão
4 Transporte
3 Rede
2 Enlace de dados
1 Física
Modelo TCP/IP
Aplicação
Transporte
Internet
Acesso à rede

Na camada **acesso à rede**, também conhecida como host/rede, o modelo TCP/IP não especifica nada. Apenas diz que o host deve se conectar ao meio físico utilizando um protocolo, a fim de que seja possível enviar pacotes IP. Este protocolo não é definido.

Quanto ao nível inter-rede (**internet**), seu objetivo é fazer com que pacotes enviados em um ponto da rede cheguem ao seu destino, independente de falhas em partes da rede. É possível que os pacotes cheguem ao destino em ordem diferente que partiram, obrigando as camadas superiores a reorganizar tudo.

O protocolo definido nessa camada para o modelo TCP/IP é o protocolo IP, e o roteamento é de grande importância aqui.

A camada de **transporte**, por sua vez, tem como objetivo permitir que os hosts de origem e destino conversem independente da distância, da mesma forma que o nível 4 do modelo OSI.

A camada de **aplicação**, por fim, contém os protocolos de alto nível, possuindo funções semelhantes às do nível de aplicação do modelo OSI.

Portanto, nossa resposta correta é a **alternativa b)**.

31ª Questão) **(CETRO – ANVISA – Analista Administrativo: área 5 – 2013)** Assinale a alternativa que apresenta o dispositivo de rede local que baseia o roteamento em endereços de quadros.

(A) Repetidores.
(B) Switch.
(C) Roteador.
(D) Hubs.
(E) Gateway de transporte.

Endereços de quadros são característicos da camada 2 do modelo OSI. E o equipamento que, reconhecidamente, opera nessa camada é o **Switch**.

Alternativa b).

32ª Questão) **(CETRO – ANVISA – Analista Administrativo: área 5 – 2013)** Leia o trecho abaixo, relacionado à camada de enlace utilizando um protocolo de janela deslizante de um bit e, em seguida, assinale a alternativa que preenche correta e respectivamente as lacunas.

A tarefa da camada de enlace de dados é converter o fluxo de _______________ fornecido pela camada _______________ em um fluxo de ______________ a ser utilizado pela camada ________________.

(A) quadros/ de rede/ dados sem formatação/ física
(B) quadros/ física/ dados sem formatação/ de rede
(C) dados sem formatação/ de rede/ quadros/ física
(D) dados sem formatação/ de transporte/ quadros/física
(E) dados sem formatação/ física/ quadros/ de rede

A camada de enlace é a camada que recebe os **bits (dados sem formatação)** da camada **física** e convertê-los em **quadros (frames)**, os quais serão direcionados à camada de **rede**.

Alternativa e).

33ª Questão) **(CETRO – ANVISA – Analista Administrativo: área 5 – 2013)** É correto afirmar que a camada que contém o protocolo HTTP é denominada camada

(A) Física.
(B) de Aplicação.
(C) de Rede.
(D) de Transporte.
(E) de Enlace de Dados.

O HTTP é protocolo da camada de **Aplicação**.

Alternativa b).

34ª Questão) **(CETRO – SEMSA – Especialista em Saúde – Analista de Sistemas - 2012)** Quanto ao Modelo OSI, analise as assertivas abaixo.

I. A comunicação física é feita na última camada, considerando-se que a primeira camada é a de aplicação.
II. Possui 7 camadas.
III. É dividido em camadas não hierárquicas.

É correto o que se afirma em

(A) I e III, apenas.
(B) I e II, apenas.
(C) II e III, apenas.
(D) I, II e III.
(E) II, apenas.

Quanto à camada OSI:

I. **A comunicação física é feita na última camada, considerando-se que a primeira camada é a de aplicação**. – correta. A camada inferior do Modelo OSI
II. **Possui 7 camadas**. – correta.
III. **É dividido em camadas não hierárquicas**. – errada! Toda camada no modelo OSI possui uma camada acima e uma abaixo (à exceção, naturalmente, das extremidades). Isso caracteriza hierarquia entre camadas.

Alternativa b).

35ª Questão) **(CETRO – SEMSA – Especialista em Saúde – Analista de Sistemas - 2012)** Quanto ao cabeamento estruturado, marque V para verdadeiro ou F para falso e, em seguida, assinale a alternativa que apresenta a sequência correta.

( ) Um cabo de par trançado pode ter até 100 metros.
( ) Um cabo de par trançado pode ser full-duplex.
( ) Um cabo de par trançado pode ter 2000 metros e ser full-duplex a 100 Mbps.
( ) Um cabo de fibra óptica usado entre um computador e um hub é chamado de par trançado (cross-over).

(A) F/ F/ V/ V
(B) V/ F/ V/ V
(C) V/ V/ F/ F
(D) V/ V/ V/ F
(E) V/ V/ F/ V

Respondendo às alternativas:

Um cabo de par trançado pode ter até 100 metros – certo! Acima dessa distância recomenda-se a utilização de fibra ótica.

Um cabo de par trançado pode ser full-duplex – certo! Este cabo permite tráfego de dados simultâneo nas duas direções.

Um cabo de par trançado pode ter 2000 metros e ser full-duplex a 100 Mbps. – **errado**! Ser full-duplex é possível a 100Mbps com o cabo **100Base-TX**. Mas eu duvido que funcione com 2000 metros de comprimento.

Um cabo de fibra óptica usado entre um computador e um hub é chamado de par trançado (cross-over) – errado! Um cabo cross-over é um cabo de par trançado modificado para o estabelecimento de redes ponto-a-ponto. Nos dias de hoje, é desnecessária a confecção deste cabo específico, pois as placas de rede já são capazes de reconhecer uma conexão ponto-a-ponto e fazer o chaveamento interno do fluxo de dados.

Resposta certa, **alternativa c).**

36ª Questão) **(CETRO – CRM/PB – Técnico em Informática – 2010)** Leia o trecho abaixo.

Um conjunto de computadores está ligado fisicamente em um ambiente fechado ligado por cabos UTP.

Assinale a alternativa que apresenta a sigla que representa o cenário acima.

(A) MAN.
(B) UML.
(C) IEEE.
(D) UTP.
(E) LAN.

Ora, uma rede que cabe em um ambiente fechado só pode ser uma **LAN**. **Alternativa e)**.

37ª Questão) **(FUNDATEC – CEEE/RS – Analista de Sistemas – 2010)** Considere as seguintes alternativas sobre o modelo OSI (Open Systems Interconnection) de protocolos de rede, da ISO (International Standards Organization) e o padrão 802, do IEEE (Institute of Electrical and Electronics Engineers).

I. Os protocolos FTP e Telnet fazem parte da camada de "Transporte", do modelo OSI.

II. A camada "Física", do modelo OSI, corresponde, no modelo IEEE 802, às camadas "Controle de Acesso ao Meio (MAC)" e "Controle do Link Lógico".

III. No modelo OSI, a camada de "Transporte" recebe os dados da camada de "Sessão", os divide em pacotes e os entrega para a camada de "Rede" para que sejam, posteriormente, transmitidos pela rede.

Quais estão corretas?

A) Apenas I.
B) Apenas II.
C) Apenas III.
D) Apenas I e III.
E) I, II e III.

Analisando os itens:

I. Errado. O protocolos **FTP** e **Telnet** pertencem à camada de **Aplicação**.

II. Errado. No modelo IEEE 802, a camada **de enlace** é dividida em camada **MAC (Media Access Control – Camada de Acesso ao Meio)** e camada **LLC(Logical Link Control – Controle do Enlace Lógico)**.

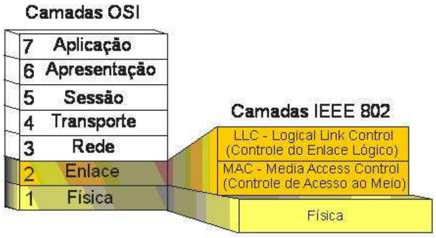
Camadas OSI
7 Aplicação
6 Apresentação
5 Sessão
4 Transporte
3 Rede
2 Enlace
1 Física
Camadas IEEE 802
LLC - Logical Link Control
(Controle do Enlace Lógico)
MAC - Media Access Control
(Controle de Acesso ao Meio)
Física

Camadas MAC e LLC: ilustração

III. **Polêmica!** A banca considerou este item como CORRETO, mas, a meu ver, ele está errado. A camada de transporte divide os dados em SEGMENTOS, não em PACOTES. A camada de rede recebe SEGMENTOS da camada de transporte e divide em PACOTES. Por isso, a meu ver, esse item também é incorreto, o que não deixaria nenhuma resposta a ser marcada.

Resposta certa, **alternativa c)**.

38ª Questão) **(FUNDATEC – Município de Palmeiras da Missões – Analista de Sistemas – 2010)** Dos inúmeros protocolos disponíveis na camada de Aplicação do modelo OSI, qual das alternativas abaixo contém apenas protocolos para o envio e recepção de e-mails?

A) SMTP, IMAP e Telnet.
B) IMAP, POP3 e DHCP.
C) POP3, SMTP e IMAP.
D) SMTP, FTP e POP3.
E) HTTP, SMTP, IMAP.

Os protocolos mais tradicionais para o envio e recepção de emails são o **IMAP**, **POP3** e **SMTP**.

Alternativa c).

39ª Questão) **(FUNDATEC – CREMERS – Analista de Sistemas Sênior – 2011)** Na pilha de protocolos TCP/IP, o protocolo HTTP faz parte da camada chamada

A) Aplicação.
B) Transporte.
C) Rede.
D) Enlace.
E) Física.

O HyperText Transfer Protocol faz parte da camada de **Aplicação** do modelo OSI.

Alternativa a).

40ª Questão) **(FUNDATEC – UFCSPA – Analista de Tecnologia da Informação/Suporte – 2010)** SMTP é um:

A) Protocolo de envio de e-mails.
B) Protocolo de recebimento de e-mails.
C) Serviço de gerenciamento de contas de e-mails de usuários com serviços de criação de grupos e quarentena.
D) Serviço de exportação e importação entre diferentes clientes de e-mail.
E) Protocolo de transferência de arquivos.

SMTP: O **Simple Mail Transfer Protocol**, ou Protocolo Simples de Transferência de Correio, é responsável apenas pelo **envio** de email. Utiliza a porta **25**.

Alternativa a).

41ª Questão) **(FUNDATEC – UNIPAMPA – Analista de Tecnologia da Informação/Rede e Suporte – 2010)** Analise os protocolos a seguir:

I. UDP
II. ICMP
III. SNMP
IV. IP

Quais dos protocolos acima atuam na Camada de Aplicação do Modelo OSI?

A) Apenas I.
B) Apenas II.
C) Apenas III.
D) Apenas II e III.

E) I, II, III e IV.

Vamos analisar as alternativas:

I. O **User Datagram Protocol**, ou Protocolo de Datagramas de Usuário, pertence à camada de **Transporte** (**4**). É um protocolo **que não é orientado a conexões**, e que **não realiza controle de fluxo**. Desta forma, ele não se "preocupa" em garantir que as mensagens sejam entregues ao destinatário final. É muito utilizado em *streaming* de áudio e vídeo, uma vez que a perda de determinados **segmentos** pelo "caminho" não impede que a mensagem seja compreendida pelo destinatário.

II. O **Internet Control Message Protocol** é um protocolo integrante do Protocolo IP, definido pelo RFC 792, e utilizado para fornecer relatórios de erros à fonte original. Qualquer computador que utilize IP precisa aceitar as mensagens ICMP e alterar o seu comportamento de acordo com o erro relatado. Os gateways devem estar programados para enviar mensagens ICMP quando receberem datagramas que provoquem algum erro. Roteadores e equipamentos que operam na **camada de rede** do modelo OSI manipulam mensagens ICMP.

III. O **Simple Network Management Protocol** é um protocolo de gerência típica de redes UDP, da **camada de aplicação**, que facilita o intercâmbio de informação entre os dispositivos de rede, como placas e *switches*. O SNMP possibilita aos administradores de rede gerenciar o desempenho da rede, encontrar e resolver seus eventuais problemas, e fornecer informações para o planejamento de sua expansão, dentre outras.

IV. O **Internet Protocol**, pertencente à camada de **Rede (3)** do modelo OSI, é o protocolo responsável pelo endereçamento dos dados. O número de IP indica o endereço do destinatário do **pacote**.

Resposta certa, **alternativa c)**.

42ª Questão) **(FUNDATEC – CREF2/RS – Assistente de Informática – 2011)** Há um protocolo da pilha de protocolos TCP/IP, que possui as seguintes características: (1) é um protocolo não orientado à conexão; (2) não verifica se um pacote de dados chegou ao seu destino; (3) é um protocolo orientado a fluxos de bytes, sem início e sem fim; (4) situa-se na camada de transporte, dessa pilha de protocolos; (5) é utilizado para o envio de dados de pequeno tamanho, onde a taxa de perda de pacotes não seja um problema; e (6) é empregado para a comunicação sem conexão, como é o caso do protocolo DHCP, ou transmissão de mensagens DNS. Nesse caso, o protocolo que melhor atende tais características é o

A) TCP.
B) IP.
C) UDP.
D) HTTP.
E) ICMP.

Por simples eliminação, sendo um protocolo **não orientado à conexão**, e situado na camada de transporte, sabemos que o protocolo citado é o **UDP, User Datagram Protocol.**

De qualquer forma, revisemos as características do UDP, enumeradas na própria questão:

(1) é um protocolo não orientado à conexão;
(2) não verifica se um pacote de dados chegou ao seu destino;
(3) é um protocolo orientado a fluxos de bytes, sem início e sem fim;
(4) situa-se na camada de transporte, dessa pilha de protocolos;
(5) é utilizado para o envio de dados de pequeno tamanho, onde a taxa de perda de pacotes não seja um problema; e
(6) é empregado para a comunicação sem conexão, como é o caso do protocolo DHCP, ou transmissão de mensagens DNS.

Alternativa c).

A questão baseia-se na Figura abaixo, que mostra, esquematicamente, duas redes de computadores distintas, chamadas de "Rede 1" (seta nº 1) e "Rede 2" (seta nº 2), interligadas pelo ativo de rede apontado pela seta nº 3.

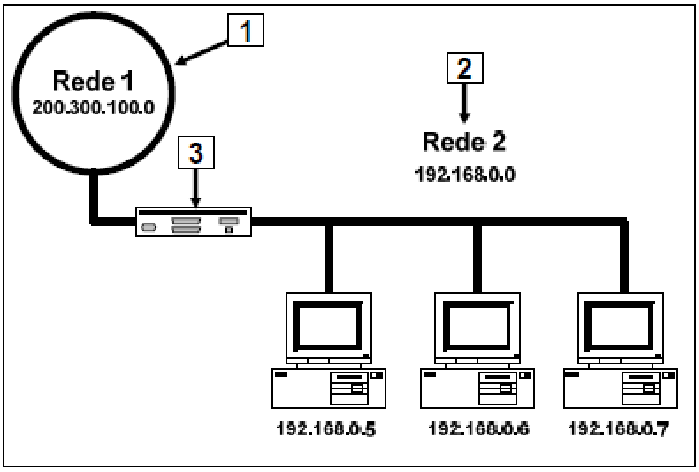

43ª Questão) **(FUNDATEC – CREF2/RS – Assistente de Informática – 2011)** A Figura 3 mostra, esquematicamente, as redes de computadores "Rede 1" (seta nº 1) e "Rede 2" (seta nº 2) se comunicando por meio do equipamento apontado pela seta nº 3. Esse equipamento possui as seguintes características: (1) ele traduz os pacotes de dados com endereços IP, válidos na Internet, e os converte em endereços privados, aceitos somente na rede local; e (2) ele atua na camada de rede, também chamada Internet, do modelo TCP/IP. Nesse caso, pode-se afirmar que o equipamento de rede, apontado pela seta nº 3, trata-se de um

A) switch.
B) gateway de aplicação.
C) gateway de transporte.
D) roteador.
E) hub.

O equipamento supracitado trabalha no nível 3 do modelo OSI, pois trabalha com tradução de endereços IP (protocolo NAT). Portanto, só pode ser um roteador.

Alternativa d).

44ª Questão) **(FUNDATEC – Município de Foz do Iguaçu – Estagiário de Tecnologia da Informação – 2011)** Os protocolos UDP e TCP são utilizados na comunicação entre computadores interligados em rede. Sobre esses protocolos, afirma-se que:

I. Os pacotes TCP podem ser entregues fora de ordem ou mesmo duplicados.
II. O protocolo TCP é um serviço de conexão orientada.

III. No protocolo UDP, o estabelecimento da conexão é feito através do esquema three-way handshake.

Quais estão corretas?

A) Apenas I.
B) Apenas II.
C) Apenas I e II.
D) Apenas II e III.
E) I, II e III.

Analisemos as alternativas:

I. Errado. Os pacotes podem chegar fora de ordem, no protocolo TCP, mas eles serão ordenados antes de serem entregues ao destinatário.

II. Correto. O TCP é um protocolo orientado à conexão.

III. Errado. O three-way handshake é característica do protocolo TCP.

Resposta certa, **alternativa b)**.

45ª Questão) **(FUNDATEC – PROCERGS – Analista de Suporte/Infraestrutura – 2012)** Dentre os protocolos que compõem a camada de transporte da pilha TCP/IP, o único que não é orientado à conexão é o protocolo

A) ICMP.
B) IP.
C) SCTP.
D) TCP.
E) UDP.

Já é questão manjada afirmar que o UDP não é orientado à conexão, não é mesmo?

Alternativa e).

46ª Questão) **(FUNDATEC – UFCSPA – Técnico – Tecnologia da Informação/Rede e Suporte – 2010)** Em uma rede local, os serviços da pilha TCP/IP que podem ser oferecidos por um servidor podem ser acessados através de portas. Nesse sentido, analise as seguintes afirmações:

I. O protocolo FTP (File Transfer Protocol) é utilizado para transferência de arquivos entre dois computadores. Essa conexão ocorre por meio de duas portas: a 21 para controle e a 22 para a transferência de dados.

II. O protocolo SMTP (Simple Mail Transfer Protocol), porta 25 e o Protocolo POP (post office Protocol), porta 110, são responsáveis, respectivamente, pelo envio e recebimento de mensagens de e-mail.

III. O protocolo DNS (Domain Name System), porta 53, é utilizado para resolução de nomes de domínio.

Quais estão corretas?

A) Apenas I.
B) Apenas I e II.
C) Apenas I e III.
D) Apenas II e III.
E) I, II e III.

Analisando as alternativas:

I. Errado. A pegadinha está nas portas. No FTP, a porta 21 é a porta de controle, mas a porta de dados é a **20**.

II. Correto.
III. Correto.

Resposta certa, **alternativa d)**.

47ª Questão) **(FUNDATEC – Câmara Municipal de Imbé/RS – Técnico em Informática – 2012)** Analise as assertivas a seguir:

I. O repetidor é um dispositivo analógico responsável por amplificar o sinal que passa por ele.

II. O hub é responsável por analisar o cabeçalho dos quadros que chegam e direcioná-los para o destino.

III. Tanto o hub quanto o repetidor são dispositivos que atuam na camada física do modelo OSI.

Quais estão corretas?

A) Apenas I.
B) Apenas II.
C) Apenas III.
D) Apenas I e II.
E) Apenas I e III.

Analisando as alternativas:

I. Correto. O repetidor trabalha no **nível 1** do modelo OSI.

II. Errado. O hub também trabalha no nível 1 do modelo OSI, portanto, não é capaz de analisar cabeçalhos dos quadros. Quem faz isso é o **switch**.

III. Correto.

Resposta certa, **alternativa e)**.

48ª Questão) **(FUNDATEC – Câmara Municipal de Imbé/RS – Técnico em Informática – 2012)** Avalie as assertivas a seguir:

I. O TCP é um protocolo orientado à conexão da camada de transportes.

II. O UDP é um protocolo de camada de rede que realiza controle de fluxo

III. No modelo de referência TCP/IP, a camada de sessão permite que os usuários de diferentes máquinas estabeleçam sessões entre eles.

Quais estão corretas?

A) Apenas I.
B) Apenas II.
C) Apenas III.
D) Apenas I e II.
E) Apenas I e III.

Analisando as alternativas:

I. Correto. O TCP é um protocolo orientado à conexão, da camada de Transporte do modelo OSI.

II. Errado. O UDP não faz controle de fluxo, e nem pertence à camada de rede. Ele também pertence à camada de Transporte.

III. Pegadinha! A camada de sessão realmente permite que os usuários de diferentes máquinas estabeleçam sessões entre eles, mas a camada de sessão pertence ao **modelo OSI**, e não ao modelo TCP/IP. Errado.

Resposta certa, **alternativa a)**.

49ª Questão) **(CESPE – TRE/GO – Técnico de Controle Externo – 2015)** O endereço IPv6 tem 128 bits e é formado por dígitos hexadecimais (0-F) divididos em quatro grupos de 32 bits cada um.

Errado! Maldade da banca. O IPv6 realmente tem 128 bits, formado por dígitos hexadecimais, mas são divididos em **8 grupos** com quatro dígitos cada (16 bits por grupo).

50ª Questão) **(FCC – TRT/15ª Região – Analista Judiciário – 2015)** Em uma rede sem fio de computadores (WLAN), as funções de gerenciamento da WLAN são desempenhadas pelo dispositivo comercialmente chamado de Roteador Wireless. Dentre as funções do Roteador está a de designar um endereço IP válido para as mensagens que saem da LAN para a WAN, uma vez que, na LAN, é utilizado um endereço IP virtual. No Roteador, essa função é desempenhada pelo

(A) DNS.

(B) Gateway.

(C) DHCP.

(D) Firewall.

(E) NAT.

No roteador, o **NAT** é o protocolo que designa um endereço IP válido para as mensagens que saem da rede local (que possui endereços IP válidos apenas internamente).

Resposta certa, **alternativa e)**.

51ª Questão) **(FCC – TRT/15ª Região – Analista Judiciário – 2015)** Um serviço da internet utiliza diferentes protocolos, por exemplo, protocolos relacionados com a função de roteamento, transmissão de dados e transferência de hipertexto para efetivar a comunicação. Os respectivos protocolos, do conjunto (*suite*) de protocolos TCP/IP, relacionados com as funções apresentadas, são:

(A) IP, TCP e HTTP.
(B) TCP, FTP e HTML.
(C) IP, FTP e HTML.
(D) ARP, FTP e HTTP.
(E) TCP, IP e HTTP.

O protocolo **IP** (*Internet Protocol*) é o protocolo utilizado para roteamento dos pacotes de rede, de modo que eles consigam chegar ao seu destinatário. O **TCP** (*Transmission Control Protocol*) é o protocolo que cuida do estabelecimento de conexão para a transmissão dos dados e o **HTTP** *(HyperText Transfer Protocol)* é o protocolo que efetiva a transferência de conteúdo hipertexto.

Resposta certa, **alternativa a)**.

52ª Questão) **(FCC – TRT/15ª Região – Analista Judiciário – 2015)** O administrador de uma rede local de computadores (LAN) deve utilizar endereços IPv4, Classe C, para identificar os computadores da LAN. Um endereço IP que pode ser utilizado nessa LAN é:

(A) 20.20.100.201
(B) 210.10.20.120
(C) 143.20.10.200
(D) 190.10.10.100
(E) 100.20.107.101

A **classe C** possui um conjunto de endereços que vão desde o **192.0.0.0 até 223.255.255.0**, onde os três primeiros octetos (24 bits **N.N.N.H**) de um endereço IP identificam a rede e o restante octeto (8 bits) irão identificar um determinado host nessa rede.

- Exemplo de um endereço Classe C – **210.10.20.120**

Resposta certa, **alternativa b)**.

53ª Questão) **(FCC – TRT/15ª Região – Analista Judiciário – 2015)** José utilizará uma *switch* com 24 portas para interconectar os computadores da rede local de computadores (LAN) da sala.

Neste caso, a topologia lógica dessa LAN será do tipo

(A) barramento.
(B) difusa.
(C) anel.
(D) estrela.
(E) paralela.

O *switch*, atuando no nível 2 da camada OSI, consegue endereçar pacotes diretamente para o destinatário, por meio do endereço MAC dos dispositivos conectados a ele.

Portando, o *switch* funciona como um nó concentrador, de uma topologia estrela.

Resposta certa, **alternativa d)**.

54ª Questão) **(FCC – TRT/15ª Região – Técnico Judiciário – 2015)** Em uma LAN existem: Switch, Roteador e Servidor HTTP. Considerando o modelo OSI de 7 camadas, o correto mapeamento entre os dispositivos e a respectiva camada do modelo OSI é:

(A) Switch – 2, Roteador – 3 e Servidor HTTP – 7.
(B) Switch – 3, Roteador – 4 e Servidor HTTP – 7.
(C) Switch – 1, Roteador – 2 e Servidor HTTP – 3.
(D) Switch – 3, Roteador – 2 e Servidor HTTP – 5.
(E) Switch – 2, Roteador – 4 e Servidor HTTP – 5.

O *switch* é um dispositivo que opera na camada **2** do modelo OSI;

O roteador é um dispositivo que opera na camada **3** do modelo OSI;

Um servidor HTTP opera na camada **7** do modelo OSI, aplicação, pois é a camada à qual pertence o protocolo HTTP.

Resposta certa, **alternativa a)**.

55ª Questão) **(FCC – TRT/15ª Região – Técnico Judiciário – 2015)** No conjunto (suite) de protocolos TCP/IP, exemplos de protocolos utilizados para os serviços de transferência de arquivo e para o serviço de envio de e-mail, são, respectivamente,

(A) FTP e SMTP.

(B) TCP e IMAP.

(C) UDP e POP3.

(D) TCP e SMTP.

(E) FTP e IMAP.

O **FTP** é protocolo especialista em transferência de arquivos, enquanto o **SMTP** é protocolo específico para envio de e-mails.

Resposta certa, **alternativa a).**

56ª Questão) **(CESPE – TCU – Técnico de Controle Externo – 2015)** Mesmo que seja uma rede privada de determinado órgão ou empresa destinada a compartilhar informações confidenciais, uma intranet poderá ser acessada por um computador remoto localizado na rede mundial de computadores, a Internet.

Correto. Por meio da Extranet é possível disponibilizar a intranet a computadores remotos localizados na Internet.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

E encerramos a parte de redes!

Embora seja um assunto demasiadamente técnico, considero de entendimento fundamental, para dar sedimentação ao usuário de computador atual, que vive conectado na Internet.

Até nossa próxima aula!

Victor Dalton

LISTA DE EXERCÍCIOS FUNCAB

1. (FUNCAB – FUNASG – Advogado - 2015) Um administrador de rede deseja construir uma rede sem switches e na qual se fará uso de um único cabo coaxial, que conterá um ponto inicial e um ponto final (ambos com terminadores). Esse cabo vai ser seccionado em cada local onde for necessário inserir um micro na rede. Com o seccionamento do cabo formar-se-ão duas pontas e cada uma delas recebe um conector BNC. No micro é colocado um "T" conectado à placa de rede que vai juntar essas pontas. Esse tipo de arranjo está associado a topologia de redes denominada:

a) anel.
b) barramento.
c) estrela.
d) mista.
e) wireless.

2. (FUNCAB – SEFAZ/BA – Auditor Interno - 2014) Na comparação das topologias barramento, estrela, anel e malha nas redes de computadores, constitui uma vantagem e uma desvantagem da topologia estrela, respectivamente:

a) a facilidade de diagnóstico e a instalação ser extremamente econômica devido ao custo do cabeamento.

b) a facilidade de expansão da rede e a possibilidade de a rede poder ficar extremamente lenta em situações de tráfego pesado.

c) a instalação ser extremamente econômica devido ao custo do cabeamento e a dificuldade de isolamento dos problemas.

d) o acesso à rede por todos os computadores de forma igualitária e a dificuldade de isolamento dos problemas na rede.

e) a possibilidade da falha de um computador não afetar o restante da rede e a possibilidade de uma falha no dispositivo central paralisar toda a rede.

3. (FUNCAB – PRODAM – Técnico de Suporte - 2014) O endereçamento IPv6, contribuiu para solucionar um problema intrínseco ao endereçamento IPv4, que está relacionado:

A) à escassez de endereços IP.
B) ao endereçamento dinâmico.
C) ao roteamento do protocolo IP.
D) à lentidão do tráfego de dados.
E) à confiabilidade dos pacotes trafegados.

4. (FUNCAB – PRODAM – Programador de Redes - 2014) No modelo OSI, são serviços da camada de transporte:

A) controle do tráfego da sub-rede.
B) fragmentação de quadros.
C) mapeamento de endereço lógico-físico.
D) estatísticas de uso da sub-rede.
E) controle do fluxo.

5. (FUNCAB – PRODAM – Programador de Redes - 2014) Os endereços que possuem início variando de 128 até 191 são caracterizados como:

A) broadcast.
B) classe A.
C) classe B.
D) classe C.
E) Microsoft APIPA.

6. (FUNCAB – PRODAM – Analista de Negócios - 2014) Uma empresa instalou um firewall para controlar o acesso aos serviços HTTP, TFTP e POP3. Nesse caso, esse firewall vai ser configurado para controlar o acesso, respectivamente, às portas tcp/udp de número:

A) 80/tcp, 20/udp e 25/tcp

B) 80/tcp, 69/udp e 110/tcp

C) 80/tcp, 69/tcp e 25/udp

D) 81/tcp, 20/udp e 110tcp

E) 81/tcp, 69/tcp e 109/tcp

7. (FUNCAB – PRODAM – Analista de Negócios - 2014) A tecnologia que implementa o padrão IEEE 802.16, utilizada para operação em redes metropolitanas com alcance de até 50 km, com micro-ondas, trabalhando como comunicação multiponto, com taxa de transferência até 70 Mbps e cujo uso mais comum é o acesso à internet, inclusive com acesso VoIP, é denominada de:

A) Bluetooth.

B) IrDA.

C) LMDS.

D) MMDS.

E) WiMAX.

8. (FUNCAB – CODATA – Auxiliar de Informática - 2013) A porta lógica que permite a transferência de informações em um site utilizando técnicas de criptografia por meio do protocolo https é:

A) 21.

B) 80.

C) 443.

D) 81.

E) 23.

9. (FUNCAB – CODATA – Auxiliar de Informática - 2013) Ao acessarmos, na Internet, o endereço http://www.candidato.com.br/index.html, a parte do endereço contendo index.html está relacionada ao:

A) nome do domínio.

B) protocolo de transferência de hipertexto.

C) nome da página solicitada.

D) frame utilizado no html.

E) nome do servidor.

10. (FUNCAB – CODATA – Auxiliar de Informática - 2013) No modelo OSI, a compressão de dados e o roteamento dos pacotes de dados são realizados, respectivamente, pelas camadas:

A) transporte e física.

B) sessão e enlace.

C) rede e física.

D) apresentação e rede.

E) aplicação e rede.

11. (FUNCAB – CODATA – Auxiliar de Informática - 2013) Em relação ao modelo OSI da ISO, são suas características, EXCETO:

A) É um modelo aberto.

B) Tem como objetivo criar padrões de conhecimento.

C) Apresenta sete camadas.

D) Facilita o entendimento das diversas arquiteturas de comunicação.

E) Possui ausência de hierarquia entre as camadas.

12. (FUNCAB – CODATA – Assistente de Informática - 2013) Analise as seguintes sentenças:

I. A topologia é determinante na arquitetura de redes, pois influencia diretamente a performance do tráfego das informações.

II. A topologia em barramento possui a vantagem de não ter limitação de distância entre os hosts.

III. A topologia estrela é a topologia mais comum e possui como principal característica o número reduzido de interligações entre os hosts da rede.

É(são) verdadeira(s) apenas:

A) I

B) II

C) III

D) I e II

E) I e III

13. (FUNCAB – CODATA – Assistente de Informática - 2013) Das topologias seguintes, aquela que permite a possibilidade de comunicação simultânea entre os hosts, ou seja, mais de um host envia mensagens ao mesmo tempo, aumentando o desempenho da rede, é:

A) barramento.

B) estrela.

C) cliente-servidor.

D) anel.

E) ponto a ponto.

14. (FUNCAB – CODATA – Assistente de Informática - 2013) O cabo do tipo par trançado blindado (STP) é indicado para ambientes com influência de:

A) distorção por retardo.

B) ruído externo.

C) intermodulação.

D) eco.

E) atenuação.

15. (FUNCAB – CODATA – Assistente de Informática - 2013) É uma vantagem da utilização de fibras óticas em relação ao par trançado:

A) não sofrer interferências de atenuação.

B) ser de baixo custo de aquisição.

C) admitir alta taxa de transmissão.

D) possuir largura de banda menor.

E) suportar instalação sem pessoal especializado.

16. (FUNCAB – CODATA – Assistente de Informática - 2013) Analise as seguintes sentenças sobre os roteadores.

I. São equipamentos inteligentes, com capacidade de decisão sobre as rotas de comunicação entre os *hosts*.

II. Os roteadores dinâmicos escolhem a rota exclusivamente pela identificação do menor caminho entre a origem e o destino, considerando apenas o número de *hops* e utilizando o algoritmo baseado em vetor de distância.

III. A determinação das rotas utiliza apenas o protocolo de roteamento interno RIP.

É(são) verdadeira(s) apenas:

A) I

B) II

C) III

D) I e II

E) I e III

17. (FUNCAB – CODATA – Assistente de Informática - 2013) O controle de ligação lógica (LLC) e o controle de acesso ao meio físico (MAC) são subcamadas da rede Ethernet suportadas por uma camada do modelo OSI conhecida como:

A) física.

B) rede.

C) enlace.

D) transporte.

E) sessão.

18. (FUNCAB – CODATA – Assistente de Informática - 2013) São características do protocolo HTTP, EXCETO:

A) É um protocolo da categoria "solicitação e resposta".

B) É utilizado na WWW.

C) Possui os métodos POST e GET.

D) É um protocolo de roteamento aberto.

E) Opera em nível da aplicação.

19. (FUNCAB – CODATA – Assistente de Informática - 2013) Na rede Ethernet, o mecanismo de acesso ao meio e o padrão IEEE são, respectivamente:

A) LAN e 802.3

B) RJ-45 e CSMA/CD

C) CSMA/CD e 802.3

D) Fast Ethernet e 802.2

E) BlueTooth e CDMA/CD

20. (FUNCAB – CODATA – Analista de Informática/Redes - 2013) Um usuário utiliza uma mesma conta de correio eletrônico em várias máquinas diferentes e não deseja que seus *e-mails* sejam retirados do servidor de correio cada vez que acesse as mensagens, pois precisa vê-las em todas as máquinas. Nesse caso, sua conta de correio eletrônico deve estar configurada de acordo com o protocolo:

A) IMAP

B) LDAP

C) MIME

D) POP3

E) XNA

21. (FUNCAB – CODATA – Analista de Informática/Redes - 2013) No modelo OSI/ISO, a camada que define a topologia de uma rede e a entrega ordenada de quadros é denominada:

A) aplicação.

B) sessão.

C) transporte.

D) enlace de dados.

E) física.

22. (FUNCAB – CODATA – Analista de Informática/Redes - 2013) Uma empresa precisa comprar equipamentos de conexão que trabalhem a partir da camada 2 do modelo OSI/ISO. Sendo assim, o equipamento que NÃO deve ser comprado é o:

A) repetidor.

B) roteador.

C) switch.

D) ponte.

E) gateway.

23. (FUNCAB – CODATA – Analista de Informática/Banco de Dados - 2013) Caso se deseje configurar um *firewall* para proteger a porta TCP que trate das chamadas de SMTP, deve-se acertá-lo para filtrar os acessos à porta de número:

A) 17

B) 19

C) 23

D) 25

E) 37

24. (FUNCAB – DETRAN/PB – Analista de Sistemas - 2013) No modelo OSI, a camada responsável pela comutação de pacotes é conhecida como:

A) apresentação.

B) rede.

C) sessão.

D) internet.

E) transporte

GABARITO FUNCAB

1	B
2	E
3	A
4	E
5	C
6	B
7	E
8	C

9	C
10	D
11	E
12	A
13	B
14	B
15	C
16	a

17	C
18	D
19	C
20	A
21	D
22	A
23	D
24	b

LISTA DE EXERCÍCIOS OUTRAS BANCAS

1ª Questão) **(ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2005)** Para que sejam conectados entre si os computadores de um prédio, de uma cidade ou de um país, respectivamente, devem ser utilizadas redes dos tipos

a) LAN, WAN e LAN.
b) LAN, MAN e WAN.
c) MAN, WAN e WAN.
d) WAN, LAN e LAN.
e) MAN, MAN e WAN.

2ª Questão) **(FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – Tecnologia da Informação – 2012)** Sobre redes de transmissão de dados, é correto afirmar que na comutação

a) de pacotes existe uma garantia de que uma conexão terá a sua disposição a capacidade previamente acordada em acordos de nível de serviço.

b) de circuitos a capacidade da rede é alocada por demanda, permitindo que parte desta capacidade fique ociosa mesmo sendo necessária para outras conexões.

c) de pacotes a capacidade da rede é alocada por demanda, permitindo que parte desta capacidade fique ociosa mesmo sendo necessária para outras conexões.

d) de circuitos a capacidade da rede é reservada para cada circuito, independente do seu efetivo uso da capacidade da rede.

e) de pacotes a capacidade da rede é reservada para cada circuito, independente do seu efetivo uso da capacidade da rede.

3ª Questão)**(FCC – TJ/PE – Analista Judiciário – Analista de Suporte – 2012)** Considere:

I. Tecnologia de interconexão de redes baseada no envio de pacotes; define cabeamento e sinais elétricos para a camada física, e formato de pacotes e protocolos para a camada de controle de acesso ao meio (MAC) do modelo OSI.

II. O fato de um HUB concentrar todas as estações de uma rede e transmitir o pacote para todas elas permite caracterizar a existência simultânea de uma topologia física e uma topologia lógica.

III. Estrutura de rede acentuadamente simplificada, que separa os aspectos da comunicação pura da rede dos aspectos de aplicação, utilizando elementos de comutação para escolher uma linha de saída para encaminhar os dados que chegam a uma linha de entrada.

IV. Topologia, também conhecida como topologia estrela, onde vários roteadores se comunicam entre si através de um único roteador.

As afirmações contidas nos itens I até IV referem-se, típica e consecutivamente, a

a) *Ethernet*; topologias física em estrela e lógica em barramento; rede WAN; topologia *hub-and-spoke*.

b) FDDI; topologias física em anel e lógica em barramento; rede LAN; topologia *hub-and-spoke*.

c) Rede local, topologias física em barramento e lógica em estrela; rede WAN; topologia *full-meshed*.

d) *Ethernet;* topologias física em anel e lógica em barramento; rede WAN; topologia *full-meshed*.

e) FDDI; topologias física em barramento e lógica em malha; rede WLAN; topologia ponto a ponto.

4ª Questão) **(ESAF – Superintendência de Seguros Privados – Tecnologia da Informação – 2010)** Os níveis do modelo de referência OSI são os seguintes, na ordem apresentada:

a) Protótipo, Físico, Sistema, Rede, Sessão, Categoria, Transporte.

b) Físico, Lógico, Rede, Transação, Sessão, Implantação, Aplicação.

c) Físico, Enlace, Lógico, Transporte, Rede, Implementação, Sessão.

d) Físico, Enlace, Rede, Transporte, Sessão, Apresentação, Aplicação.

e) Inicial, Físico, *Hardware*, Transporte, Interação, Apresentação, Segurança.

5ª Questão) **(UEL – POSCOMP 2012)** O modelo de referência OSI (*Open Systems Interconnection*) é composto por 7 camadas. Sobre as funções destas camadas, assinale a alternativa correta.

a) A camada física delimita quadros e realiza controle de fluxo antes de entregar os dados para as camadas superiores.

b) A camada de transporte define a rota de menor custo que os pacotes percorrerão no percurso entre o transmissor e o receptor.

c) A camada de apresentação realiza conversões para permitir a interação entre computadores com diferentes representações de dados.

d) A camada de sessão é responsável pelo endereçamento dos pacotes que serão transmitidos durante a vigência de uma sessão.

e) Na hierarquia de camadas do modelo OSI, a camada de rede se posiciona entre a camada de transporte e a camada de sessão.

6ª Questão) **(FUNDATEC – PROCERGS – Analista de Suporte/Infraestrutura – 2012)** Assinale a alternativa cuja camada NÃO faz parte do modelo TCP/IP.

A) Aplicação.
B) Transporte.
C) Rede.
D) Enlace.
E) Sessão.

7ª Questão) **(ESAF – Auditor de Finanças e Controle – Infraestrutura de TI – 2012)** Os serviços de controle de diálogo, gerenciamento de *token* e sincronização pertencem à camada de

a) Rede.
b) Enlace de Dados.
c) Sessão.
d) Apresentação.
e) Transporte.

8ª Questão) **(FCC – TRF/4ª Região – Analista Judiciário – Especialidade Informática – 2010)** Nas redes que utilizam o modelo *Open Systems Interconnection* (OSI), o controle do congestionamento na rede causado pelos pacotes na sub-rede que estão dividindo o mesmo caminho pertence à camada

a) de enlace de dados.
b) de sessão.
c) de transporte.
d) de rede.
e) física.

9ª Questão) **(ESAF – Superintendência de Seguros Privados – Tecnologia da Informação – 2010)** Em relação a equipamentos de interconexão de redes de computadores, é correto afirmar que

a) os roteadores comandam a rede de destino, ao conectar pacotes.

b) os roteadores usam a rede e o computador de destino, ao encaminhar *switches*.

c) os roteadores usam o computador de destino, e não a rede de destino, ao encaminhar um pacote.

d) em uma rede TCP/IP, equipamentos especiais, chamados roteadores IP, fornecem interconexão entre redes físicas.

e) em uma rede TCP/IP, computadores especiais, chamados *switches ethernet*, fornecem interconexão entre pontos lógicos.

10ª Questão) **(IPAD – Prefeitura de Goiânia – Administrador de Redes – 2010)** Sobre as diferenças entre os protocolos TCP e UDP, analise as seguintes afirmativas:

1. TCP é orientado a conexões, enquanto UDP não.

2. A transmissão de áudio e vídeo é feita basicamente usando o protocolo TCP.

3. UDP confirma a entrega dos dados, apesar de não garantir a ordem das entregas.

Assinale a alternativa correta:

a) Apenas uma das afirmativas é falsa.

b) Apenas as afirmativas 1 e 2 são falsas.

c) Apenas as afirmativas 1 e 3 são falsas.

d) Apenas as afirmativas 2 e 3 são falsas.

e) As afirmativas 1, 2 e 3 são falsas.

(CESPE – Hemobrás – Técnico de Informática - 2008)

11 Na camada de transporte do TCP/IP, estão os protocolos TCP e UDP, sendo que o UDP é orientado a conexão e tem controle de fluxo.

(CESPE – MPE/PI – Técnico Ministerial – Informática - 2011) Com relação a conceitos de Internet e intranet, julgue os itens que se seguem.

12 A execução de programas em outros computadores da rede Internet, interagindo com os mesmos programas a partir de um computador pessoal é realizada através do serviço FTP.

13 WWW (world wide web) é um sistema de documentos de hipertexto ligados entre si e que são acessíveis através da Internet. Cada página WWW possui um endereço único, denominado http.

14 A Internet provê dois serviços a suas aplicações distribuídas: um serviço confiável, orientado para conexão, e um serviço não confiável, não orientado para conexão. Este último não oferece garantia alguma de entrega final dos dados no destino.

15 A intranet é uma rede de computadores que utiliza praticamente as mesmas tecnologias que são utilizadas na Internet, a principal diferença entre elas está no fato de que a intranet não permite utilizar todos os serviços de rede comuns na Internet, como o http e o FTP.

(CESPE – CNPQ – Cargo 1 - 2011) No que se refere a Internet e intranet, julgue os itens subsecutivos.

16 A intranet utiliza os protocolos da Internet, mas no âmbito interno de empresas, para que os empregados possam acessar remotamente dados e informações corporativas a partir de suas residências. O protocolo específico para transferência de arquivos na Internet, que deve ser configurado de forma diferenciado quando utilizado na intranet, é o IN-FTP (file transfer protocol-intranet).

17 Para acessar a Internet, utiliza-se o protocolo TCP/IP em conjunto com o protocolo POP3, que possibilita a transferência de arquivos, autenticação de usuários e o gerenciamento de arquivos e diretórios.

(CESPE – EBC – Cargo 4 - 2011)

18 Os usuários registrados em uma extranet podem acessar os aplicativos internos dessa rede por meio da utilização de smartphones, via browser.

(CESPE – SEGER/ES – Todos os cargos - 2010)

19 Caso o endereço que o usuário esteja acessando se inicie por ftp://, o navegador Internet Explorer usará o protocolo de transferência de arquivos ftp.

(CESPE – Câmara dos Deputados 2012 – Analista Legislativo: Técnica Legislativa - 2012) Com relação a redes de computadores, julgue os próximos itens.

20 A camada de enlace de uma rede de computadores consiste, tecnicamente, no meio físico por onde os dados trafegam. Esse meio pode ser constituído de fios de cobre ou fibra óptica.

21 Uma rede local (LAN — local area network) é caracterizada por abranger uma área geográfica, em teoria, ilimitada. O alcance físico dessa rede permite que os dados trafeguem com taxas acima de 100 Mbps.

22 O TCP/IP, pilha de protocolos na qual a Internet funciona, é dividido em camadas específicas, cada uma com características próprias. Por meio do TCP/IP, é possível, em conjunto com as aplicações, navegar na Internet e enviar correio eletrônico.

(CESPE – ANAC – Técnico em Regulação áreas 1,3 e 4 - 2012) Julgue os itens a seguir, a respeito de conceitos e modos de utilização de tecnologias associados à Internet.

23 URL (uniform resource locator) é um repositório de informações interligadas por diversos pontos espalhados ao redor do Mundo.

(CESPE – TELEBRÁS – Especialista em Gestão de Telecomunicações – Analista Superior/Subatividade Comercial - 2013)

24 TCP/IP (Transmission Control Protocol/Internet Protocol) é o conjunto de protocolos projetados para controlar a transmissão e a recepção de dados entre diferentes redes, independentemente dos tipos de máquinas e de sistemas operacionais utilizados.

(CESPE – TJDFT – Técnico Judiciário Área Administrativa - 2013)

25 Uma URL contém o nome do protocolo utilizado para transmitir a informação ou arquivo e informações de localização da máquina onde esteja armazenada uma página web.

(CESPE – Polícia Federal – Perito - 2013)

26 Considere que um usuário necessite utilizar diferentes dispositivos computacionais, permanentemente conectados à Internet, que utilizem diferentes clientes de email, como o Outlook Express e Mozilla Thunderbird. Nessa situação, o usuário deverá optar pelo uso do protocolo IMAP (Internet Message Access Protocol), em detrimento do POP3 (post office protocol), pois isso permitirá a ele manter o conjunto de emails no servidor remoto ou, alternativamente, fazer o download das mensagens para o computador em uso.

27ª Questão) **(CETRO – ANVISA – Analista Administrativo: área 5 – Prova anulada – 2013)** Em relação às camadas de redes de computadores, assinale a alternativa correta.

(A) Uma camada deve ser criada quando não há necessidade de outro grau de abstração.

(B) Cada camada deve executar o máximo de funções possível.

(C) Os limites de camadas devem ser escolhidos para minimizar o fluxo de informações pela interface.

(D) O número de camadas deve ser o mínimo, para que o máximo de funções correlacionadas seja colocado na mesma camada.

(E) O número de camadas deve ser grande o suficiente para que a arquitetura não se torne difícil de controlar.

28ª Questão) **(CETRO – ANVISA – Analista Administrativo: área 5 – Prova anulada – 2013)** Em relação ao DNS (Domain Name System), analise as assertivas abaixo.

I. O DNS é um esquema não hierárquico de atribuições de nomes baseado no domínio e de um banco de dados distribuído para implementar esse esquema de nomenclatura.

II. As mensagens de resposta de uma consulta DNS são enviadas como pacotes UDP para o programa aplicativo que fez a chamada, o qual, munido com o endereço MAC (Medium Access Control) da resposta, pode estabelecer uma conexão TCP com o host.

III. Cada domínio tem seu nome definido pelo caminho ascendente entre ele e a raiz (sem nome), com seus componentes separados por ponto.

É correto o que se afirma em

(A) I, apenas.
(B) II, apenas.
(C) III, apenas.
(D) I e II, apenas.
(E) I, II e III.

29ª Questão) **(CESPE – TRE/GO – Técnico de Controle Externo – 2015)** A topologia de uma rede refere-se ao leiaute físico e lógico e ao meio de conexão dos dispositivos na rede, ou seja, como estes estão conectados. Na topologia em anel, há um computador central chamado *token*, que é responsável por gerenciar a comunicação entre os nós.

30ª Questão) **(CETRO – ANVISA – Analista Administrativo: área 5 – 2013)** Quanto à arquitetura em camadas TCP/IP, analise as assertivas abaixo.

I. Não define a camada de "Apresentação".
II. Define a camada "Inter-redes", que equivale à camada de Rede do modelo de referência OSI.

III. Não define uma camada equivalente à camada de "Aplicação" do modelo de referência OSI.

É correto o que se afirma em

(A) I e III, apenas.
(B) I e II, apenas.
(C) II e III, apenas.
(D) I, II e III.
(E) II, apenas.

31ª Questão) **(CETRO – ANVISA – Analista Administrativo: área 5 – 2013)** Assinale a alternativa que apresenta o dispositivo de rede local que baseia o roteamento em endereços de quadros.

(A) Repetidores.
(B) Switch.
(C) Roteador.
(D) Hubs.
(E) Gateway de transporte.

32ª Questão) **(CETRO – ANVISA – Analista Administrativo: área 5 – 2013)** Leia o trecho abaixo, relacionado à camada de enlace utilizando um protocolo de janela deslizante de um bit e, em seguida, assinale a alternativa que preenche correta e respectivamente as lacunas.

A tarefa da camada de enlace de dados é converter o fluxo de _______________ fornecido pela camada _______________ em um fluxo de ______________ a ser utilizado pela camada ________________.

(A) quadros/ de rede/ dados sem formatação/ física
(B) quadros/ física/ dados sem formatação/ de rede
(C) dados sem formatação/ de rede/ quadros/ física
(D) dados sem formatação/ de transporte/ quadros/física
(E) dados sem formatação/ física/ quadros/ de rede

33ª Questão) **(CETRO – ANVISA – Analista Administrativo: área 5 – 2013)** É correto afirmar que a camada que contém o protocolo HTTP é denominada camada

(A) Física.

(B) de Aplicação.
(C) de Rede.
(D) de Transporte.
(E) de Enlace de Dados.

34ª Questão) **(CETRO – SEMSA – Especialista em Saúde – Analista de Sistemas - 2012)** Quanto ao Modelo OSI, analise as assertivas abaixo.

I. A comunicação física é feita na última camada, considerando-se que a primeira camada é a de aplicação.
II. Possui 7 camadas.
III. É dividido em camadas não hierárquicas.

É correto o que se afirma em

(A) I e III, apenas.
(B) I e II, apenas.
(C) II e III, apenas.
(D) I, II e III.
(E) II, apenas.

35ª Questão) **(CETRO – SEMSA – Especialista em Saúde – Analista de Sistemas - 2012)** Quanto ao cabeamento estruturado, marque V para verdadeiro ou F para falso e, em seguida, assinale a alternativa que apresenta a sequência correta.

( ) Um cabo de par trançado pode ter até 100 metros.
( ) Um cabo de par trançado pode ser full-duplex.
( ) Um cabo de par trançado pode ter 2000 metros e ser full-duplex a 100 Mbps.
( ) Um cabo de fibra óptica usado entre um computador e um hub é chamado de par trançado (cross-over).

(A) F/ F/ V/ V
(B) V/ F/ V/ V
(C) V/ V/ F/ F
(D) V/ V/ V/ F
(E) V/ V/ F/ V

36ª Questão) **(CETRO – CRM/PB – Técnico em Informática – 2010)** Leia o trecho abaixo.

Um conjunto de computadores está ligado fisicamente em um ambiente fechado ligado por cabos UTP.

Assinale a alternativa que apresenta a sigla que representa o cenário acima.

(A) MAN.
(B) UML.
(C) IEEE.
(D) UTP.
(E) LAN.

37ª Questão) **(FUNDATEC – CEEE/RS – Analista de Sistemas – 2010)** Considere as seguintes alternativas sobre o modelo OSI (Open Systems Interconnection) de protocolos de rede, da ISO (International Standards Organization) e o padrão 802, do IEEE (Institute of Electrical and Electronics Engineers).

I. Os protocolos FTP e Telnet fazem parte da camada de "Transporte", do modelo OSI.

II. A camada "Física", do modelo OSI, corresponde, no modelo IEEE 802, às camadas "Controle de Acesso ao Meio (MAC)" e "Controle do Link Lógico".

III. No modelo OSI, a camada de "Transporte" recebe os dados da camada de "Sessão", os divide em pacotes e os entrega para a camada de "Rede" para que sejam, posteriormente, transmitidos pela rede.

Quais estão corretas?

A) Apenas I.
B) Apenas II.
C) Apenas III.
D) Apenas I e III.
E) I, II e III.

38ª Questão) **(FUNDATEC – Município de Palmeiras da Missões – Analista de Sistemas – 2010)** Dos inúmeros protocolos disponíveis na camada de Aplicação do modelo OSI, qual das alternativas abaixo contém apenas protocolos para o envio e recepção de e-mails?

A) SMTP, IMAP e Telnet.

B) IMAP, POP3 e DHCP.
C) POP3, SMTP e IMAP.
D) SMTP, FTP e POP3.
E) HTTP, SMTP, IMAP.

39ª Questão) **(FUNDATEC – CREMERS – Analista de Sistemas Sênior – 2011)** Na pilha de protocolos TCP/IP, o protocolo HTTP faz parte da camada chamada

A) Aplicação.
B) Transporte.
C) Rede.
D) Enlace.
E) Física.

40ª Questão) **(FUNDATEC – UFCSPA – Analista de Tecnologia da Informação/Suporte – 2010)** SMTP é um:

A) Protocolo de envio de e-mails.
B) Protocolo de recebimento de e-mails.
C) Serviço de gerenciamento de contas de e-mails de usuários com serviços de criação de grupos e quarentena.
D) Serviço de exportação e importação entre diferentes clientes de e-mail.
E) Protocolo de transferência de arquivos.

41ª Questão) **(FUNDATEC – UNIPAMPA – Analista de Tecnologia da Informação/Rede e Suporte – 2010)** Analise os protocolos a seguir:

I. UDP
II. ICMP
III. SNMP
IV. IP

Quais dos protocolos acima atuam na Camada de Aplicação do Modelo OSI?

A) Apenas I.
B) Apenas II.
C) Apenas III.
D) Apenas II e III.
E) I, II, III e IV.

42ª Questão) **(FUNDATEC – CREF2/RS – Assistente de Informática – 2011)** Há um protocolo da pilha de protocolos TCP/IP, que possui as seguintes características: (1) é um protocolo não orientado à conexão; (2) não verifica se um pacote de dados chegou ao seu destino; (3) é um protocolo orientado a fluxos de bytes, sem início e sem fim; (4) situa-se na camada de transporte, dessa pilha de protocolos; (5) é utilizado para o envio de dados de pequeno tamanho, onde a taxa de perda de pacotes não seja um problema; e (6) é empregado para a comunicação sem conexão, como é o caso do protocolo DHCP, ou transmissão de mensagens DNS. Nesse caso, o protocolo que melhor atende tais características é o

A) TCP.
B) IP.
C) UDP.
D) HTTP.
E) ICMP.

A questão baseia-se na Figura abaixo, que mostra, esquematicamente, duas redes de computadores distintas, chamadas de "Rede 1" (seta nº 1) e "Rede 2" (seta nº 2), interligadas pelo ativo de rede apontado pela seta nº 3.

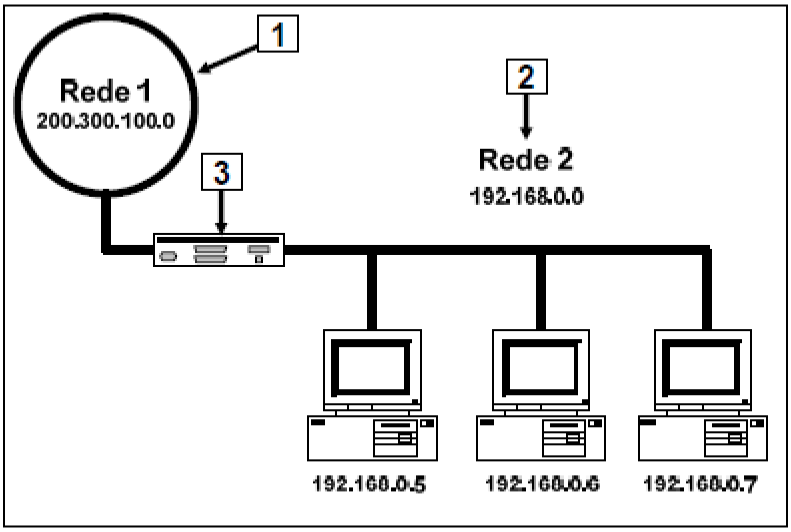

43ª Questão) **(FUNDATEC – CREF2/RS – Assistente de Informática – 2011)** A Figura 3 mostra, esquematicamente, as redes de computadores "Rede 1" (seta nº 1) e "Rede 2" (seta nº 2) se comunicando por meio do equipamento apontado pela seta nº 3. Esse equipamento possui as seguintes características: (1) ele traduz os pacotes de dados com endereços IP, válidos na Internet, e os converte em endereços privados, aceitos somente na rede local; e (2) ele atua na camada de rede, também chamada Internet, do modelo TCP/IP. Nesse caso, pode-se afirmar que o equipamento de rede, apontado pela seta nº 3, trata-se de um

A) switch.
B) gateway de aplicação.
C) gateway de transporte.
D) roteador.
E) hub.

44ª Questão) **(FUNDATEC – Município de Foz do Iguaçu – Estagiário de Tecnologia da Informação – 2011)** Os protocolos UDP e TCP são utilizados na comunicação entre computadores interligados em rede. Sobre esses protocolos, afirma-se que:

I. Os pacotes TCP podem ser entregues fora de ordem ou mesmo duplicados.
II. O protocolo TCP é um serviço de conexão orientada.
III. No protocolo UDP, o estabelecimento da conexão é feito através do esquema three-way handshake.

Quais estão corretas?

A) Apenas I.
B) Apenas II.
C) Apenas I e II.
D) Apenas II e III.
E) I, II e III.

45ª Questão) **(FUNDATEC – PROCERGS – Analista de Suporte/Infraestrutura – 2012)** Dentre os protocolos que compõem a camada de transporte da pilha TCP/IP, o único que não é orientado à conexão é o protocolo

A) ICMP.
B) IP.
C) SCTP.
D) TCP.
E) UDP.

46ª Questão) **(FUNDATEC – UFCSPA – Técnico – Tecnologia da Informação/Rede e Suporte – 2010)** Em uma rede local, os serviços da pilha

TCP/IP que podem ser oferecidos por um servidor podem ser acessados através de portas. Nesse sentido, analise as seguintes afirmações:

I. O protocolo FTP (File Transfer Protocol) é utilizado para transferência de arquivos entre dois computadores. Essa conexão ocorre por meio de duas portas: a 21 para controle e a 22 para a transferência de dados.

II. O protocolo SMTP (Simple mail Transfer Protocol), porta 25 e o Protocolo POP (post office Protocol), porta 110, são responsáveis, respectivamente, pelo envio e recebimento de mensagens de e-mail.

III. O protocolo DNS (Domain Name System), porta 53, é utilizado para resolução de nomes de domínio.

Quais estão corretas?

A) Apenas I.
B) Apenas I e II.
C) Apenas I e III.
D) Apenas II e III.
E) I, II e III.

47ª Questão) **(FUNDATEC – Câmara Municipal de Imbé/RS – Técnico em Informática – 2012)** Analise as assertivas a seguir:

I. O repetidor é um dispositivo analógico responsável por amplificar o sinal que passa por ele.

II. O hub é responsável por analisar o cabeçalho dos quadros que chegam e direcioná-los para o destino.

III. Tanto o hub quanto o repetidor são dispositivos que atuam na camada física do modelo OSI.

Quais estão corretas?

A) Apenas I.
B) Apenas II.
C) Apenas III.
D) Apenas I e II.
E) Apenas I e III.

48ª Questão) **(FUNDATEC – Câmara Municipal de Imbé/RS – Técnico em Informática – 2012)** Avalie as assertivas a seguir:

I. O TCP é um protocolo orientado à conexão da camada de transportes.

II. O UDP é um protocolo de camada de rede que realiza controle de fluxo

III. No modelo de referência TCP/IP, a camada de sessão permite que os usuários de diferentes máquinas estabeleçam sessões entre eles.

Quais estão corretas?

A) Apenas I.
B) Apenas II.
C) Apenas III.
D) Apenas I e II.
E) Apenas I e III.

49ª Questão) **(CESPE – TRE/GO – Técnico de Controle Externo – 2015)** O endereço IPv6 tem 128 bits e é formado por dígitos hexadecimais (0-F) divididos em quatro grupos de 32 bits cada um.

50ª Questão) **(FCC – TRT/15ª Região – Analista Judiciário – 2015)** Em uma rede sem fio de computadores (WLAN), as funções de gerenciamento da WLAN são desempenhadas pelo dispositivo comercialmente chamado de Roteador Wireless. Dentre as funções do Roteador está a de designar um endereço IP válido para as mensagens que saem da LAN para a WAN, uma vez que, na LAN, é utilizado um endereço IP virtual. No Roteador, essa função é desempenhada pelo

(A) DNS.

(B) Gateway.

(C) DHCP.

(D) Firewall.

(E) NAT.

51ª Questão) **(FCC – TRT/15ª Região – Analista Judiciário – 2015)** Um serviço da internet utiliza diferentes protocolos, por exemplo, protocolos relacionados com a função de roteamento, transmissão de dados e transferência de hipertexto para efetivar a comunicação. Os respectivos protocolos, do conjunto (*suite*) de protocolos TCP/IP, relacionados com as funções apresentadas, são:

(A) IP, TCP e HTTP.
(B) TCP, FTP e HTML.
(C) IP, FTP e HTML.
(D) ARP, FTP e HTTP.
(E) TCP, IP e HTTP.

52ª Questão) **(FCC – TRT/15ª Região – Analista Judiciário – 2015)** O administrador de uma rede local de computadores (LAN) deve utilizar endereços IPv4, Classe C, para identificar os computadores da LAN. Um endereço IP que pode ser utilizado nessa LAN é:

(A) 20.20.100.201
(B) 210.10.20.120
(C) 143.20.10.200
(D) 190.10.10.100
(E) 100.20.107.101

53ª Questão) **(FCC – TRT/15ª Região – Analista Judiciário – 2015)** José utilizará uma *switch* com 24 portas para interconectar os computadores da rede local de computadores (LAN) da sala.

Neste caso, a topologia lógica dessa LAN será do tipo

(A) barramento.
(B) difusa.
(C) anel.
(D) estrela.
(E) paralela.

54ª Questão) **(FCC – TRT/15ª Região – Técnico Judiciário – 2015)** Em uma LAN existem: Switch, Roteador e Servidor HTTP. Considerando o modelo OSI de 7 camadas, o correto mapeamento entre os dispositivos e a respectiva camada do modelo OSI é:

(A) Switch – 2, Roteador – 3 e Servidor HTTP – 7.
(B) Switch – 3, Roteador – 4 e Servidor HTTP – 7.
(C) Switch – 1, Roteador – 2 e Servidor HTTP – 3.

(D) Switch – 3, Roteador – 2 e Servidor HTTP – 5.
(E) Switch – 2, Roteador – 4 e Servidor HTTP – 5.

55ª Questão) **(FCC – TRT/15ª Região – Técnico Judiciário – 2015)** No conjunto (suite) de protocolos TCP/IP, exemplos de protocolos utilizados para os serviços de transferência de arquivo e para o serviço de envio de e-mail, são, respectivamente,

(A) FTP e SMTP.

(B) TCP e IMAP.

(C) UDP e POP3.

(D) TCP e SMTP.

(E) FTP e IMAP.

56ª Questão) **(CESPE – TCU – Técnico de Controle Externo – 2015)** Mesmo que seja uma rede privada de determinado órgão ou empresa destinada a compartilhar informações confidenciais, uma intranet poderá ser acessada por um computador remoto localizado na rede mundial de computadores, a Internet.

GABARITO

1.b	2.d	3.a	4.d	5.c	6.e	7.c	8.d	9.d	10.d
11.e	12.e	13.e	14.c	15.e	16.e	17.e	18.c	19.c	20.e
21.e	22.c	23.e	24.c	25.c	26.c	27.c	28.c	29.e	30.b
31.b	32.e	33.b	34.b	35.c	36.e	37.c	38.c	39.a	40.a
41.c	42.c	43.d	44.b	45.e	46.d	47.e	48.a	49.e	50.e
51.a	52.b	53.d	54.a	55.a	56.c				

VERBOS: TEMPOS E MODOS

Texto 1

Com a ajuda de Deus

Diz que era um lugar de terra seca e desgraçada, mas um matuto perseverante um dia conseguiu comprar um terreninho e começou a trabalhar nele e, como não existe terra bem tratada que deixe quem a tratou bem na mão, o matuto acabou dono da plantação mais bonita do lugar. Foi quando chegou o padre. O padre chegou, olhou para aquele verde repousante e perguntou quem conseguira aquilo. O matuto explicou que fora ele, com muita luta e muito suor.

– E a ajuda de Deus– emendou o sacerdote.

O matuto concordou. Disse que no começo era de desanimar, mas deu um duro desgraçado, capinou, arou, adubou e limpou todas as pragas locais. E com a ajuda de Deus – frisou o padre. O matuto fez que sim com a cabeça. Plantou milho, plantou legumes, passou noites inteiras regando tudo com cuidado e a plantação floresceu que era uma beleza. O padre já ia dizer que fora com a ajuda de Deus, quando o matuto acrescentou:

Mas deu gafanhoto por aqui e comeu tudo.

O matuto ficou esperando que o padre dissesse que deu gafanhoto com a ajuda de Deus, mas o padre ficou calado. Então o matuto prosseguiu. Disse que não esmorecera. Replantara tudo, regara de novo, cuidara da terra como de um filho querido e o resultado estava ali, naquela verdejante plantação.

– Com a ajuda de Deus– voltou a afirmar o padre.

Aí o matuto achou chato e acrescentou:

– Sim, com a ajuda de Deus. Mas antes, quando Ele fazia tudo sozinho, o senhor precisava ver, seu padre. Esta terra não valia nada.

PONTE PRETA, Stanislaw. *Gol de padre e outras crônicas.* 6. ed. São Paulo: Ática, 2000. p.106-108 (com adaptações).

Texto 2

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio Dele, e, sem Ele, nada do que foi feito se fez. A vida estava Nele e a vida era a luz dos homens. A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela.

O Verbo estava no mundo, o mundo foi feito por intermédio Dele, mas o mundo não o conheceu. Veio para o que era seu, e os seus não O receberam. Mas a todos quantos O receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos, a saber, aos que creem no seu nome.

Bíblia Sagrada: João 1:1-5, 10-12.

Texto 3

Sonhos pequenos cansam.

Sonhos grandes motivam.

Sonhos pequenos não criam a vontade

de levantar mais cedo da cama para fazer um sacrifício.

Sonhos grandes dão energia para que a pessoa nem vá dormir.

Sonhos pequenos não contagiam ninguém.

Sonhos grandes mobilizam o universo.

Sonhos pequenos criam um monte de empecilhos.

Sonhos grandes produzem milagres.

SHINYASHIKI, Roberto. *Os Segredos dos Campeões*. São Paulo: Gente, 2007.

VERBO

Podemos conceituá-lo a partir de três aspectos:

1) semântico: palavra que indica ação, estado ou processo;

2) morfológico: palavra que mais possui flexões na Língua Portuguesa; varia de acordo com número (singular e plural), pessoa (1ª, 2ª e 3ª), modo (indicativo, subjuntivo e imperativo), tempo (pretérito, presente e futuro) e voz (ativa, passiva e reflexiva). De uma maneira simples, pode-se afirmar que o verbo é a única palavra que varia de acordo com a categoria **tempo**;

3) sintático: palavra que funciona como centro de uma oração. Geralmente uma oração possui três partes básicas: sujeito + verbo + complemento. O verbo e o complemento (quando existente) formam o predicado.

Observemos, sucintamente, as flexões e as ideias expressas pelo verbo:

1) NÚMERO: indica a concordância entre o verbo e o seu sujeito.

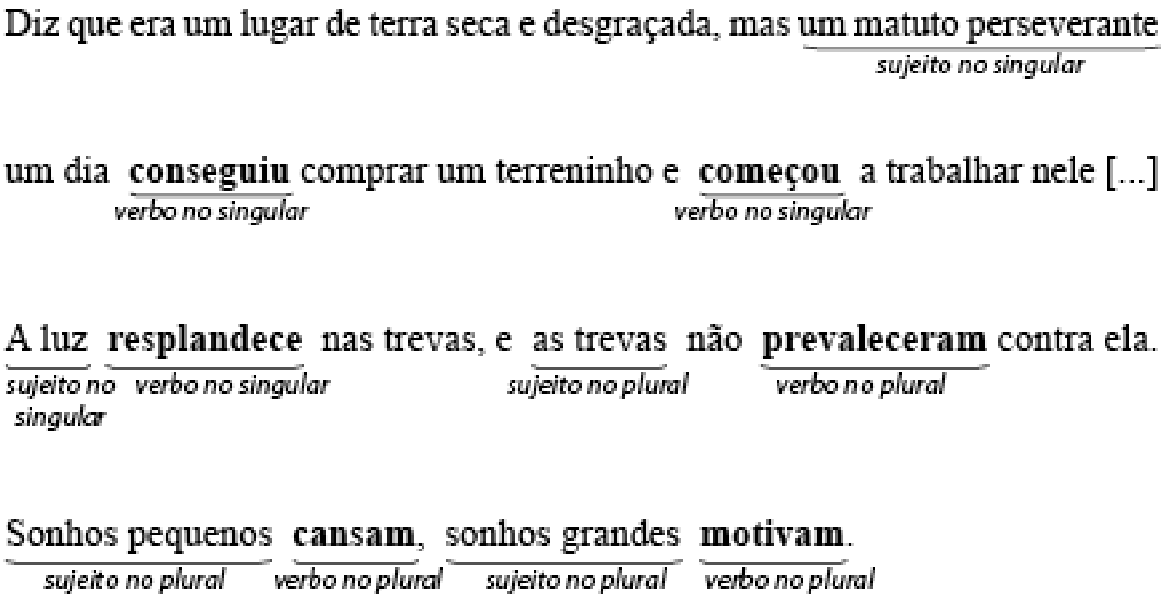

Diz que era um lugar de terra seca e desgraçada, mas um matuto perseverante
sujeito no singular

um dia **conseguiu** comprar um terreninho e **começou** a trabalhar nele [...]
verbo no singular *verbo no singular*

A luz **resplandece** nas trevas, e as trevas não **prevaleceram** contra ela.
sujeito no singular *verbo no singular* *sujeito no plural* *verbo no plural*

Sonhos pequenos **cansam**, sonhos grandes **motivam**.
sujeito no plural *verbo no plural* *sujeito no plural* *verbo no plural*

2) PESSOA: indica os elementos do discurso (fala).

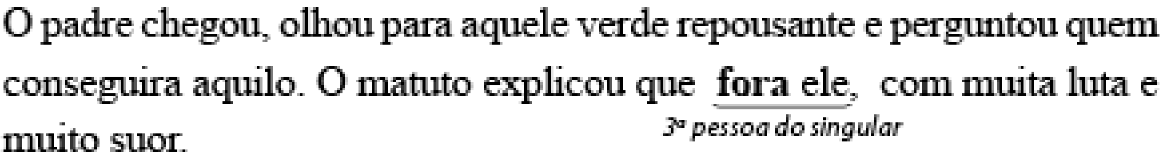

O padre chegou, olhou para aquele verde repousante e perguntou quem conseguira aquilo. O matuto explicou que **fora** ele, com muita luta e muito suor.
3ª pessoa do singular

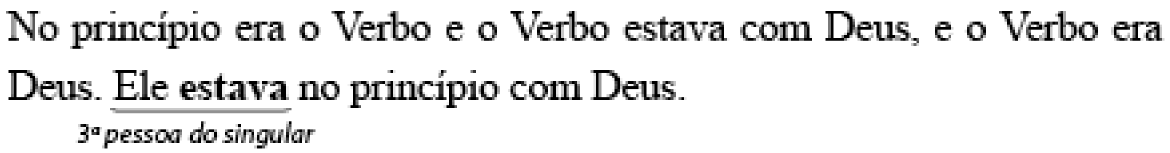

No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus.

3ª pessoa do singular

3) MODO: indica a maneira de o falante se expressar diante de um fato. Apresenta três classificações:

Indicativo – expressa um fato real, um fato do qual se tem certeza.

O matuto **fez** que sim com a cabeça. **Plantou** milho, **plantou** legumes, **passou** noites inteiras regando tudo com cuidado, e a plantação **floresceu** que **era** uma beleza.

Todas as coisas **foram** feitas por intermédio Dele, e, sem Ele, nada do que **foi** feito se **fez**.

Subjuntivo – expressa um fato incerto, hipotético, duvidoso ou possível.

O matuto ficou esperando que o padre **dissesse** que deu gafanhoto com a ajuda de Deus, mas o padre ficou calado.

Sonhos grandes dão energia para que a pessoa nem **vá** dormir.

Imperativo – expressa pedido, ordem, conselho, advertência. Sua principal característica é que o emissor leva o interlocutor a fazer ou a deixar de fazer uma ação.

Sonha e ganharás o mundo!

Aproveitem nossas promoções!

Esforça-te e **tem** bom ânimo.

4) TEMPO: indica o momento em que acontece o processo ou estado verbal. São tempos básicos:

Pretérito – fato passado:

No princípio **era** o Verbo, e o Verbo **estava** com Deus.

Presente – fato atual ou constante:

Sonhos grandes **mobilizam** o universo.

Futuro – fato futuro:

Os sonhos o **motivarão** a conquistar o universo.

5) VOZ: relação semântica entre o verbo e o sujeito. São três:

Ativa – o sujeito da forma verbal é agente:

No princípio, **criou** Deus o céu e a terra.

Passiva – o sujeito da forma verbal é paciente:

Todas as coisas **foram feitas** por intermédio Dele.

Fizeram-se todas as coisas por intermédio Dele.

Reflexiva – o sujeito da forma verbal é agente e paciente ao mesmo tempo:

As pessoas **deveriam valorizar-se** mais.

FORMAS NOMINAIS

O verbo também possui três formas nominais, ou seja, formas verbais que se assemelham a substantivos, advérbios e adjetivos. São elas, respectivamente:

Infinitivo: indica um processo a ser realizado. Ex.: **motivar**, **fazer**, **dormir**.

Ao **sair**, feche a porta.

Gerúndio: indica um processo em realização. Ex.: **motivando**, **fazendo**, **dormindo**.

O orador estava **motivando** o auditório.

Particípio: indica um processo realizado. Ex.: **motivado**, **feito**, **dormido**.

O *site* jornalístico havia **divulgado** a notícia.

Esquema dos tempos e modos verbais simples e das formas nominais

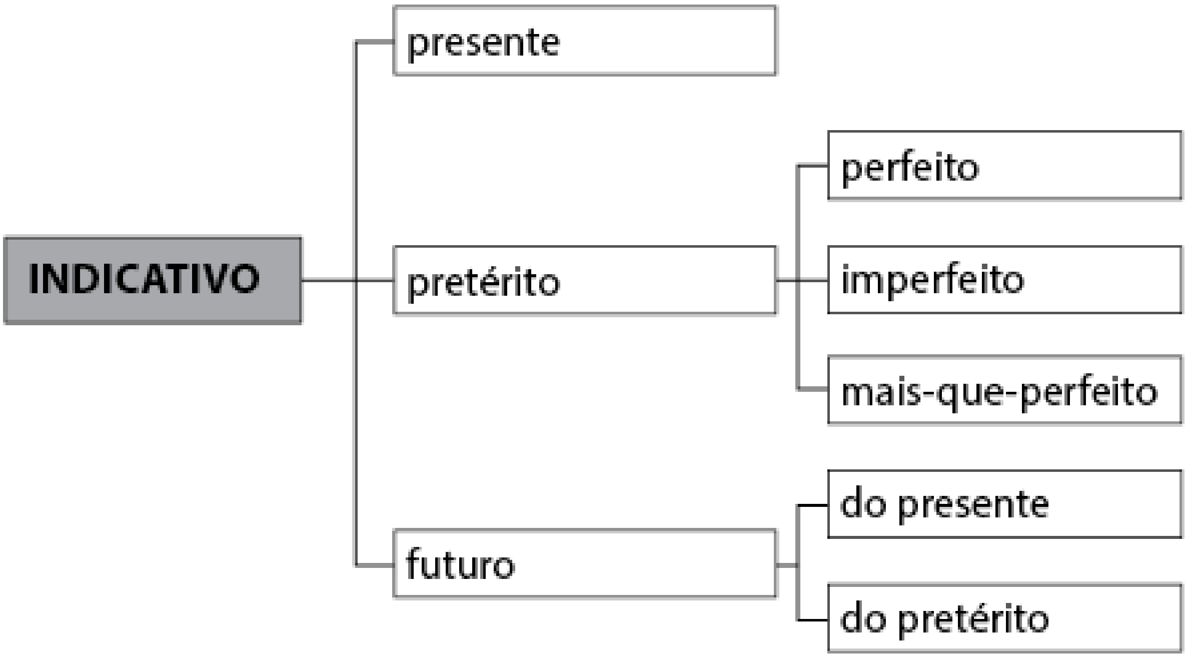
INDICATIVO
presente
pretérito
perfeito
imperfeito
mais-que-perfeito
futuro
do presente
do pretérito

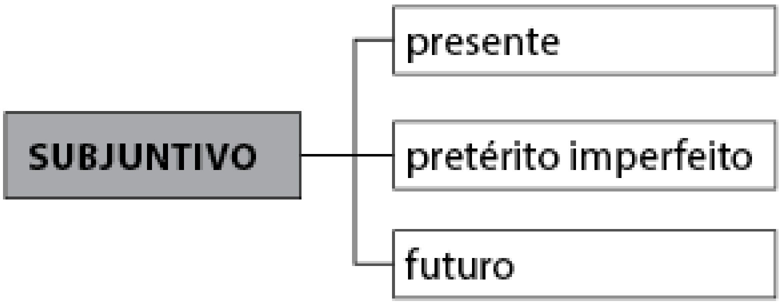
SUBJUNTIVO
presente
pretérito imperfeito
futuro

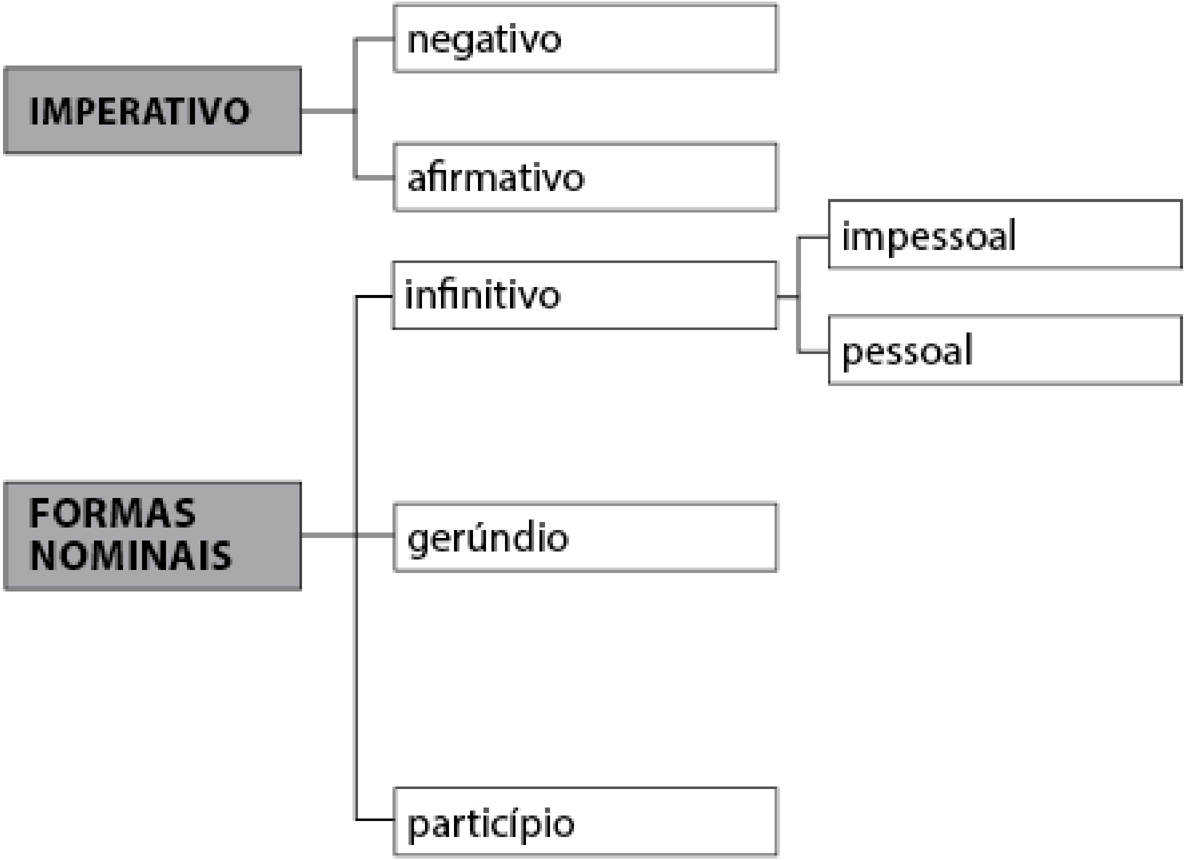
IMPERATIVO
negativo
afirmativo
FORMAS NOMINAIS
infinitivo
impessoal
pessoal
gerúndio
particípio

EMPREGO DOS TEMPOS VERBAIS SIMPLES

Modo indicativo

1) Presente: expressa um fato atual, habitual ou constante.

Sonhos pequenos **cansam**.

Sonhos grandes **motivam**.

2) Pretérito: expressa um fato no passado. Classifica-se em:

- **Pretérito perfeito** – expressa um fato concluído.

  O matuto **concordou**. **Disse** que no começo era de desanimar, mas **deu** um duro desgraçado, **capinou**, **arou**, **adubou** e **limpou** todas as pragas locais.

  Veio para o que era seu, e os seus não O **receberam**.

- **Pretérito imperfeito** – pode expressar três ideias: fato habitual ou constante no passado, fato inacabado ou um processo em realização no passado.

  O padre já **ia** dizer que fora com a ajuda de Deus, quando o matuto acrescentou [...]

  No princípio **era** o Verbo, e o Verbo **estava** com Deus, e o Verbo **era** Deus.

  O matuto **dormia** tranquilamente, quando o padre chegou.

  Diz que **era** um lugar de terra seca e desgraçada, mas um matuto perseverante um dia conseguiu comprar um terreninho e começou a trabalhar nele [...]

- **Pretérito mais-que-perfeito** – fato concluído, anterior a outro fato passado.

Então o matuto prosseguiu. Disse que não **esmorecera**. **Replantara** tudo, **regara** de novo, **cuidara** da terra como de um filho querido e o resultado estava ali.

O padre chegou, olhou para aquele verde repousante e perguntou quem **conseguira** aquilo. O matuto explicou que **fora** ele, com muita luta e muito suor.

3) Futuro

- **Futuro do presente** – expressa um fato futuro em relação a um marco temporal presente.

A implementação do projeto **trará** benefícios à população rural.

Eu **farei** o possível para ajudá-lo.

- **Futuro do pretérito** – expressa um fato futuro em relação a um marco temporal pretérito. Expressa, ainda, um fato condicionado, possível no futuro ou no passado. Apesar de ser um tempo verbal do modo indicativo, o futuro do pretérito, por ser usado simultaneamente ao pretérito imperfeito do subjuntivo, pode expressar uma hipótese.

Se o matuto não trabalhasse com afinco, a plantação não **floresceria**.

Você me **ajudaria** se eu fosse à sua fazenda amanhã?

Modo Subjuntivo

Expressa possibilidade, dúvida, hipótese. Geralmente vem antecedido por conjunções (que, se, quando) ou advérbios de dúvida (talvez, quiçá).

1) Presente: expressa um fato possível no presente ou no futuro. Usa-se com a conjunção "que" ou com advérbios de dúvida.

Sonhos grandes dão energia para que a pessoa nem **vá** dormir.

É provável que eu **tenha** esse livro. *(fato possível no presente)*

É provável que eu **vá** à reunião amanhã. *(fato possível no futuro)*

Talvez ele **pense** melhor e **volte** amanhã. *(fato possível no futuro)*

2) Pretérito imperfeito: fato possível no pretérito ou no futuro. Usa-se com as conjunções "que", "se", "quando".

Se eu **fosse** até lá, veria tudo. *(fato possível no pretérito)*

Se eu **fosse** até lá, você me ajudaria? *(fato possível no futuro)*

Gostaria que você **estivesse** aqui às 8h. *(fato possível no futuro)*

O funcionário avisou que, quando **voltasse**, concluiria o relatório. *(fato possível no futuro)*

3) Futuro: fato possível no futuro. Usa-se com as conjunções "se" e "quando".

Quando você **chegar** cedo, será recompensado. (ideia de tempo)

Se você **chegar** cedo, será recompensado. (ideia de condição)

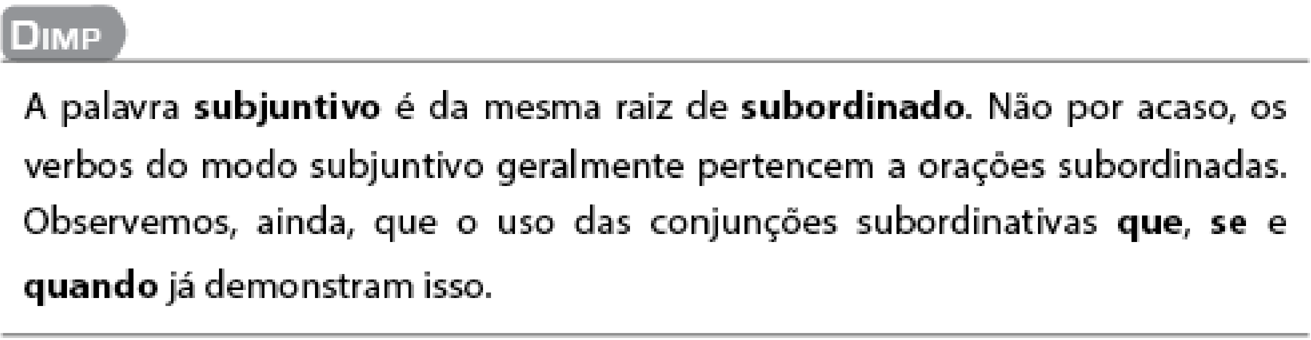

DIMP

A palavra **subjuntivo** é da mesma raiz de **subordinado.** Não por acaso, os verbos do modo subjuntivo geralmente pertencem a orações subordinadas. Observemos, ainda, que o uso das conjunções subordinativas **que**, **se** e **quando** já demonstram isso.

Exercícios de Fixação

Os itens subsequentes referem-se ao texto 1, que inicia este capítulo.

No texto, haveria incoerência ou erro gramatical caso se substituísse:

1. “Diz” (ℓ.1) por **Dizem**.

2. “conseguira” (ℓ.6) por **tinha conseguido**.

3. “fora” (ℓ.7) por **havia sido**.

4. “deu” (ℓ.16) por **forneceu**.

5. “prosseguiu” (ℓ.18-19) por **continuou**.

6. Se a forma verbal “ficou” (ℓ.17) fosse substituída pelo presente – **fica** –, a forma verbal “dissesse” (ℓ.17) deveria ser, obrigatoriamente, substituída por **diga**, para se manter a correção gramatical.

Gabarito

1. ERRADO. Não haveria erro ou incoerência; pelo contrário, a substituição atenderia à prescrição gramatical, já que uma das formas de sujeito indeterminado é o plural sem referência a termos anteriores ou posteriores. No caso, a forma verbal “Dizem”.

2. ERRADO. Não haveria erro gramatical ou incoerência textual. “tinha conseguido” é a forma composta que substitui corretamente a forma simples do pretérito mais-que-perfeito “conseguira”. Poderíamos, ainda, usar a forma verbal **havia conseguido**.

3. ERRADO. Não haveria erro gramatical ou incoerência textual. **“fora”** é a forma simples do pretérito mais-que-perfeito; “havia sido” ou **tinha sido** são as formas compostas. Podemos substituir uma forma pela outra sem incorrermos em erro gramatical.

4. CERTO. Apesar de não haver erro gramatical na substituição, haveria incoerência textual, uma vez que a forma verbal “deu” está sendo utilizada com o sentido de **surgiu**, **apareceu**, e não no sentido de “concedeu”.

5. ERRADO. Não haveria erro gramatical ou incoerência textual. As formas verbais “prosseguiu” e “continuou” são sinônimas.

6. CERTO. Devido à correlação entre os tempos e modos verbais, deve haver uma harmonia entre eles. O básico dessa harmonia temporal é: presente com presente, passado com passado, futuro com futuro. A forma verbal “ficou”, por exemplo, está no pretérito e combina com “dissesse”, que também está no pretérito, porém do modo subjuntivo. A forma verbal **fica** estaria no presente do indicativo e combinaria com **diga**, presente do subjuntivo. Portanto a questão está correta.

USOS ESPECIAIS DOS TEMPOS VERBAIS

Apesar de cada tempo verbal denotar sua ideia, é extremamente comum na nossa língua o uso de um tempo com valor de outro. Tal emprego revela, na maioria das vezes, nuances semânticas e estilísticas. Observemos os casos já abonados pela gramática tradicional.

Presente do indicativo

- Pode expressar ideia de fato concluído, tendo valor, portanto, de pretérito perfeito. Recebe o nome de presente histórico, e a função estilística é dar mais atualidade a um fato histórico.

> Em 1960, JK **inaugura** Brasília; mas uma dívida externa de US$ 1,66 bilhão e uma inflação anual de 30,6% serão deixadas por seu governo.[1]

> Em 1981, a armadilha que **usa** como isca o petróleo, o crédito e o dólar **fecha-se** decisivamente sobre o mundo inteiro, arruinando a Economia produtiva de vez. **Trata-se** da absoluta submissão à Ditadura das Finanças. No primeiro ano da década de 80, a inflação anual brasileira chega aos 95,2%.[2]

- Pode ser empregado com valor de futuro do presente.

> E se aparecerem novas coisas, mais importantes e interessantes para fazer? Amanhã eu **vejo**, agora estou ocupado demais com o passado, resolvendo as pendências de ontem que deixei para hoje, pois ontem estava resolvendo as de anteontem... Em algum momento tenho que dar um basta e "zerar" tudo isto, para começar vida nova! Que tal hoje?[3]

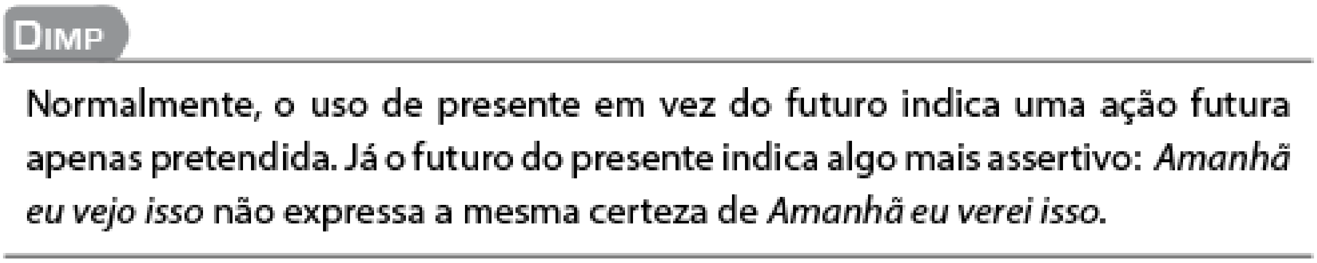

DIMP

Normalmente, o uso de presente em vez do futuro indica uma ação futura apenas pretendida. Já o futuro do presente indica algo mais assertivo: *Amanhã eu vejo isso* não expressa a mesma certeza de *Amanhã eu verei isso.*

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

- Pode ocorrer com valor de pretérito imperfeito do subjuntivo.

> Se não **fora** o Senhor, que sempre esteve ao nosso lado, onde estaríamos nós, quando os nossos inimigos se levantaram contra as nossas vidas? [...] Eles nos teriam engolido na sua ira [...] mas, por Ele, a nossa alma escapou, como o pássaro do laço dos passarinheiros [...][4]

ANÁLISE

A expressão "Se não **fora** o Senhor" equivale a **Se não fosse o Senhor.**

- Pode ocorrer em orações optativas (aquelas que exprimem desejo). Nesse caso, teriam valor de futuro do pretérito ou pretérito imperfeito.

> Quem **dera** pudéssemos ser uma pessoa diferente a cada 6 meses, ser casados de segunda a sexta e solteiros nos finais de semana, ter filhos quando se está bem-disposto e não tê-los quando se está cansado.[5]

Quisera eu

Ser a primavera

A boa-nova

Os sabores da vida

Dentro da sua tigela colorida

De tons incomuns

E colorir um a um

Os seus momentos nus

Queria ser

Quem você quisesse ver

Te dar bom dia antes do sol

E sem te acordar, mergulhar

> Debaixo do seu lençol
> **Quisera** eu, como eu queria
> Saber que você me espera
> Na próxima esquina
> Pra irmos pra casa.[6]

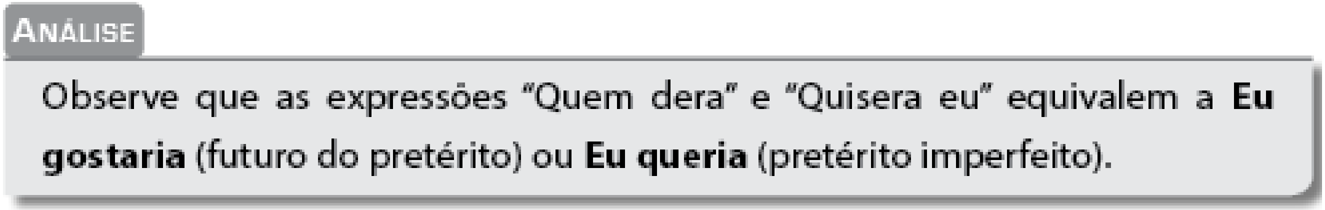

ANÁLISE

Observe que as expressões "Quem dera" e "Quisera eu" equivalem a **Eu gostaria** (futuro do pretérito) ou **Eu queria** (pretérito imperfeito).

Futuro do presente do indicativo

- Pode expressar ideia de dúvida, incerteza. Equivale ao presente do indicativo, apesar de este indicar algo certo, real.

> Periodicamente fui enviando objetos, textos e reflexões, elementos que, interpretados livremente, pretendiam integrar uma história de vida de alguém que **terá** hoje mais ou menos oitenta anos.[7]

- Pode denotar ordem, conselho – o que configura o modo imperativo.

> Ouvistes que foi dito: **Amarás** o teu próximo, e **odiarás** o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem; para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus.[8]

- Pode expressar ideia de fato concluído – pretérito perfeito.

> Passadas algumas décadas e convocado solenemente no dia 25 de dezembro de 1961, através da Constituição Apostólica Humana e *Salutis*, a vida da Igreja contemporânea **ficará** profundamente marcada pelo Concílio Vaticano II (1962-1965).[9]

Futuro do pretérito

- Pode expressar ideia de presente, com a função estilística de denotar polidez, educação, cerimônia.

> Por fim, queremos dar boas vindas [...] a vocês ao Fórum Mundial Social e ao Fórum Mundial da Saúde. **Gostaríamos** que vocês viessem, desfrutassem da hospitalidade africana e partilhassem experiências sobre os passos que estamos dando na abordagem da Seguridade Social Universal.[10]

> Bom, então, começando aqui pela minha direita, a minha primeira pergunta vai para o presidente da Bolsa de Valores de São Paulo, Eduardo da Rocha Azevedo. Eduardo, como é que está, na sua opinião, hoje, a economia brasileira? É uma pergunta bastante geral, mas eu **pediria** que você fosse sucinto, por favor.[11]

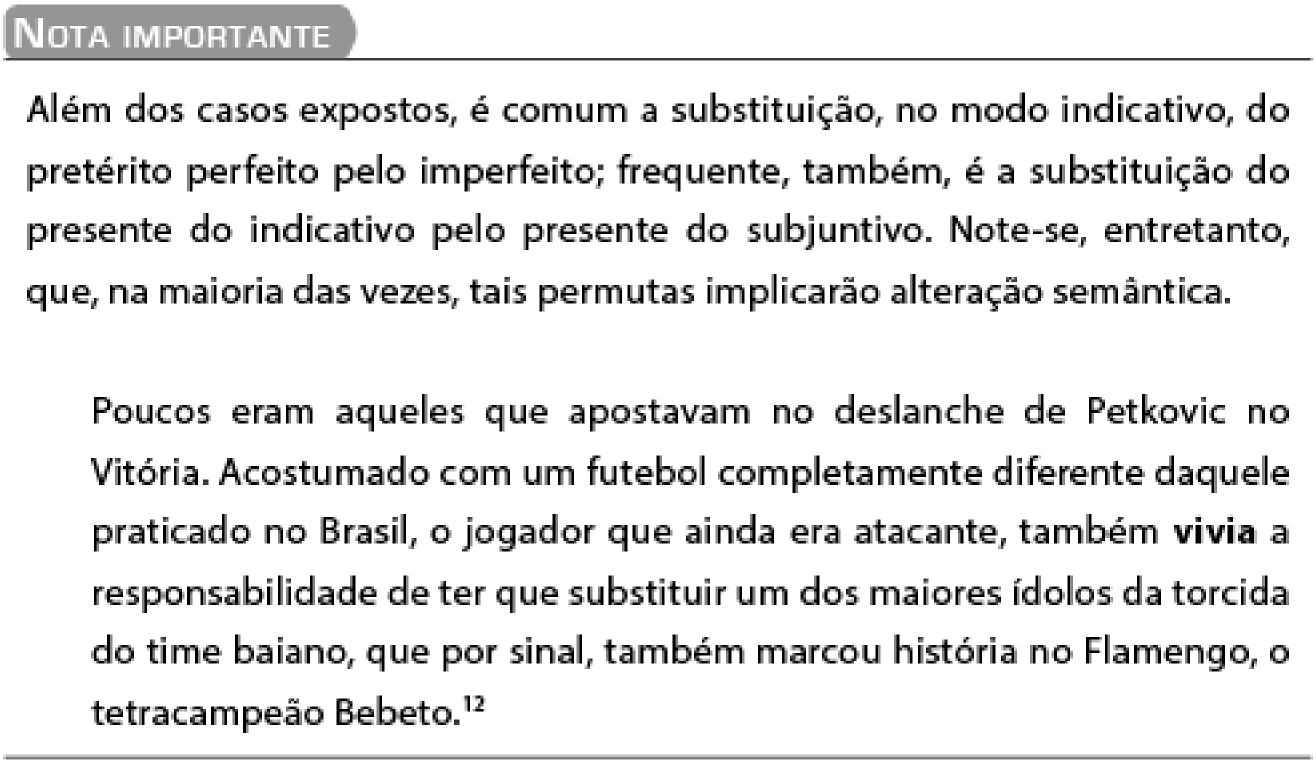

NOTA IMPORTANTE

Além dos casos expostos, é comum a substituição, no modo indicativo, do pretérito perfeito pelo imperfeito; frequente, também, é a substituição do presente do indicativo pelo presente do subjuntivo. Note-se, entretanto, que, na maioria das vezes, tais permutas implicarão alteração semântica.

> Poucos eram aqueles que apostavam no deslanche de Petkovic no Vitória. Acostumado com um futebol completamente diferente daquele praticado no Brasil, o jogador que ainda era atacante, também **vivia** a responsabilidade de ter que substituir um dos maiores ídolos da torcida do time baiano, que por sinal, também marcou história no Flamengo, o tetracampeão Bebeto.[12]

Observe que a forma verbal "vivia" poderia ser substituída por **viveu**. Entretanto, a ideia de fato em realização no passado (característica do pretérito imperfeito) seria substituída pela ideia de fato concluído (característica do pretérito perfeito).

> A Federação Sommelier Internacional do Brasil (FSI-Brasil) foi criada em 18 de julho de 2009 com a finalidade de unir os muitos *sommeliers* internacionais que **atuem** no Brasil, com o objetivo de implementar a cultura do vinho e consolidar o conhecimento adquirido, oportunizando o crescimento e a afirmação da *sommelierie* a seus associados.[13]

Note que a forma verbal “atuem” poderia, sem prejuízo gramatical, ser substituída por **atuam**. Entretanto, a noção hipotética, incerta do subjuntivo daria lugar à certeza expressa pelo modo indicativo. Ressalte-se que não haveria incoerência nessa mudança. Haveria apenas uma leve modificação de sentido.

CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS QUANTO À FORMA

1) Regulares: não sofrem alterações no radical ou no conjunto das desinências. Ex.:

passar, **entender**, **dividir**

2) Irregulares: sofrem alterações no radical ou no conjunto das desinências. Ex.:

estar, **medir**, **fazer**

3) Anômalos: sofrem profundas alterações no radical. Ex.:

ir, **ser**

4) Defectivos: apresentam falhas de conjugação; não podem ser conjugados em todas as pessoas, tempos e modos verbais. Ex.:

reaver, **abolir**

5) Abundantes: apresentam mais de uma forma de conjugação. Ex.:

haver (havemos/hemos)

aceitar (aceito/aceitado)

CONJUGAÇÃO DE VERBOS

Uma forma eficaz de se aprender a flexionar os verbos em tempo e modo é o uso de esquemas de derivação. Existem formas verbais primitivas e derivadas. Pode-se chegar às formas derivadas por meio da analogia com as formas primitivas e pelo estudo das desinências. Veja:

FORMAS PRIMITIVAS	FORMAS DERIVADAS
Presente do indicativo	Presente do subjuntivo Imperativo negativo Imperativo afirmativo
Pretérito perfeito do indicativo	Pretérito mais-que-perfeito do indicativo Futuro do subjuntivo Pretérito imperfeito do subjuntivo
Infinitivo impessoal	Infinitivo pessoal Futuro do presente Futuro do pretérito Pretérito imperfeito do indicativo

1º ESQUEMA DE DERIVAÇÃO

Verbo: **comprar** (verbo regular).

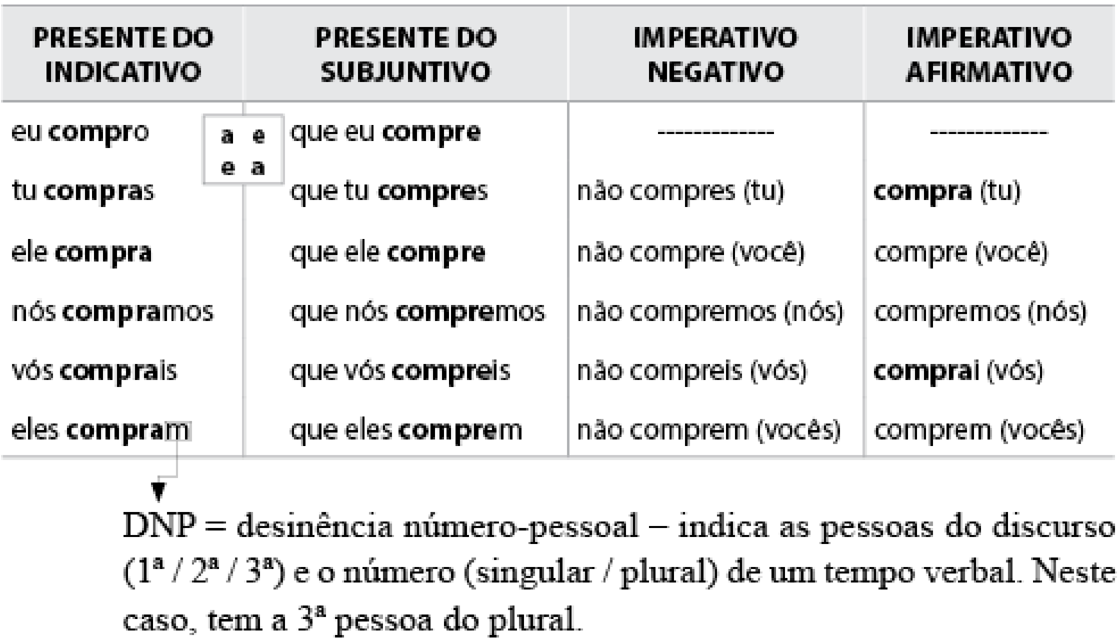

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
eu **compro** a e e a	que eu **compre**	-------------	-------------
tu **compras**	que tu **compres**	não compres (tu)	**compra** (tu)
ele **compra**	que ele **compre**	não compre (você)	compre (você)
nós **compramos**	que nós **compremos**	não compremos (nós)	compremos (nós)
vós **comprais**	que vós **compreis**	não compreis (vós)	**comprai** (vós)
eles **compram**	que eles **comprem**	não comprem (vocês)	comprem (vocês)

DNP = desinência número-pessoal – indica as pessoas do discurso (1ª / 2ª / 3ª) e o número (singular / plural) de um tempo verbal. Neste caso, tem a 3ª pessoa do plural.

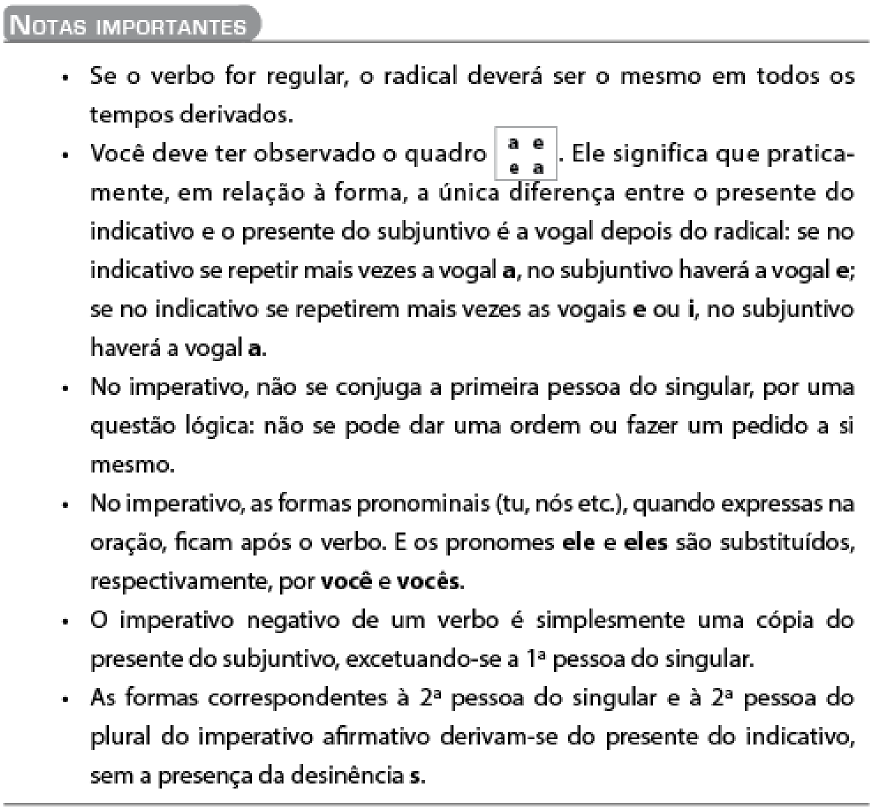

NOTAS IMPORTANTES

- Se o verbo for regular, o radical deverá ser o mesmo em todos os tempos derivados.
- Você deve ter observado o quadro a e / e a. Ele significa que praticamente, em relação à forma, a única diferença entre o presente do indicativo e o presente do subjuntivo é a vogal depois do radical: se no indicativo se repetir mais vezes a vogal **a**, no subjuntivo haverá a vogal **e**; se no indicativo se repetirem mais vezes as vogais **e** ou **i**, no subjuntivo haverá a vogal **a**.
- No imperativo, não se conjuga a primeira pessoa do singular, por uma questão lógica: não se pode dar uma ordem ou fazer um pedido a si mesmo.
- No imperativo, as formas pronominais (tu, nós etc.), quando expressas na oração, ficam após o verbo. E os pronomes **ele** e **eles** são substituídos, respectivamente, por **você** e **vocês**.
- O imperativo negativo de um verbo é simplesmente uma cópia do presente do subjuntivo, excetuando-se a 1ª pessoa do singular.
- As formas correspondentes à 2ª pessoa do singular e à 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo derivam-se do presente do indicativo, sem a presença da desinência **s**.

Vejamos outros exemplos do 1º esquema de derivação:

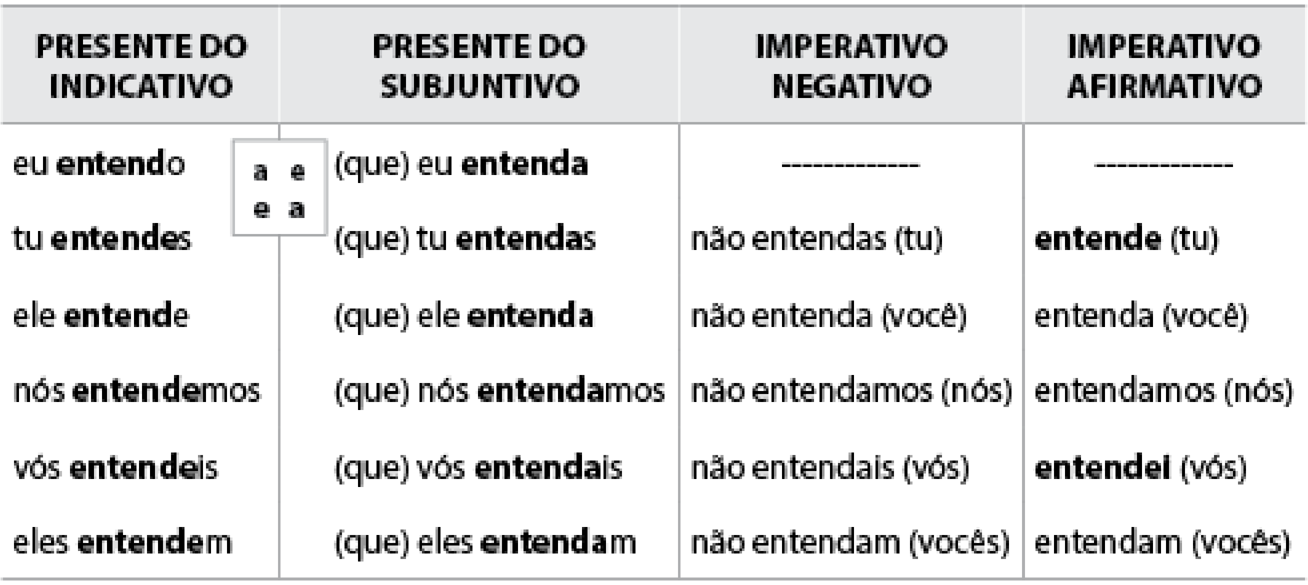

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
eu **entendo** a e e a	(que) eu **entenda**	-------------	-------------
tu **entendes**	(que) tu **entendas**	não entendas (tu)	**entende** (tu)
ele **entende**	(que) ele **entenda**	não entenda (você)	entenda (você)
nós **entende**mos	(que) nós **entenda**mos	não entendamos (nós)	entendamos (nós)
vós **entende**is	(que) vós **entendais**	não entendais (vós)	**entendei** (vós)
eles **entendem**	(que) eles **entendam**	não entendam (vocês)	entendam (vocês)

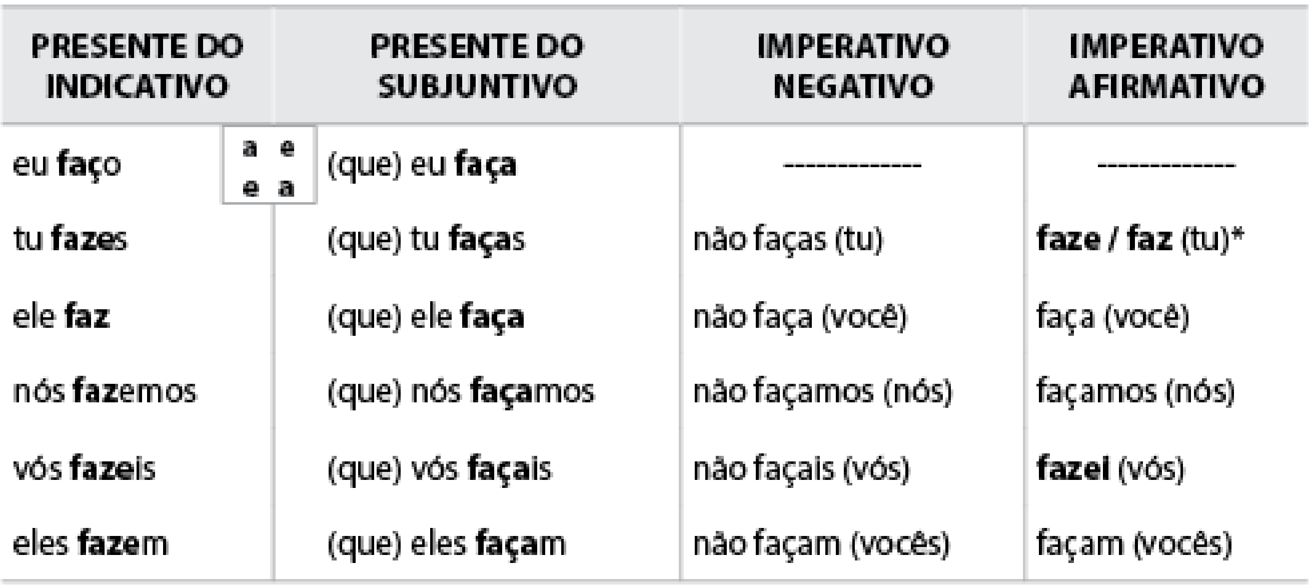

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
eu **faço** a e e a	(que) eu **faça**	-------------	-------------
tu **faze**s	(que) tu **faças**	não faças (tu)	**faze / faz** (tu)*
ele **faz**	(que) ele **faça**	não faça (você)	faça (você)
nós **faze**mos	(que) nós **faça**mos	não façamos (nós)	façamos (nós)
vós **faze**is	(que) vós **façais**	não façais (vós)	**fazei** (vós)
eles **fazem**	(que) eles **façam**	não façam (vocês)	façam (vocês)

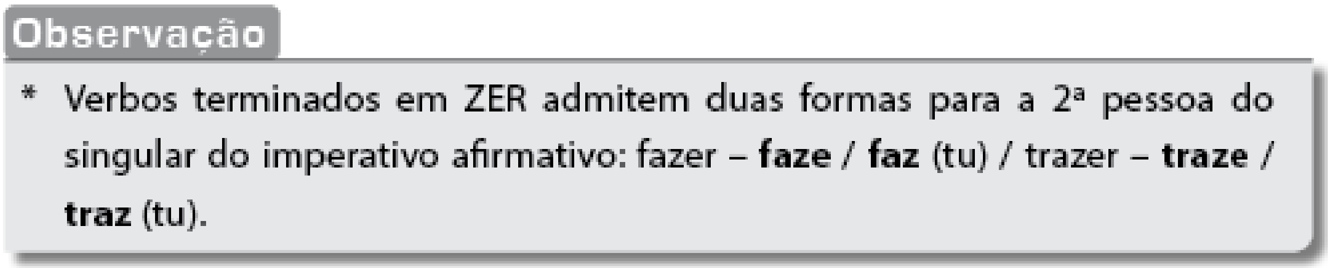

Observação

* Verbos terminados em ZER admitem duas formas para a 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo: fazer – **faze / faz** (tu) / trazer – **traze / traz** (tu).

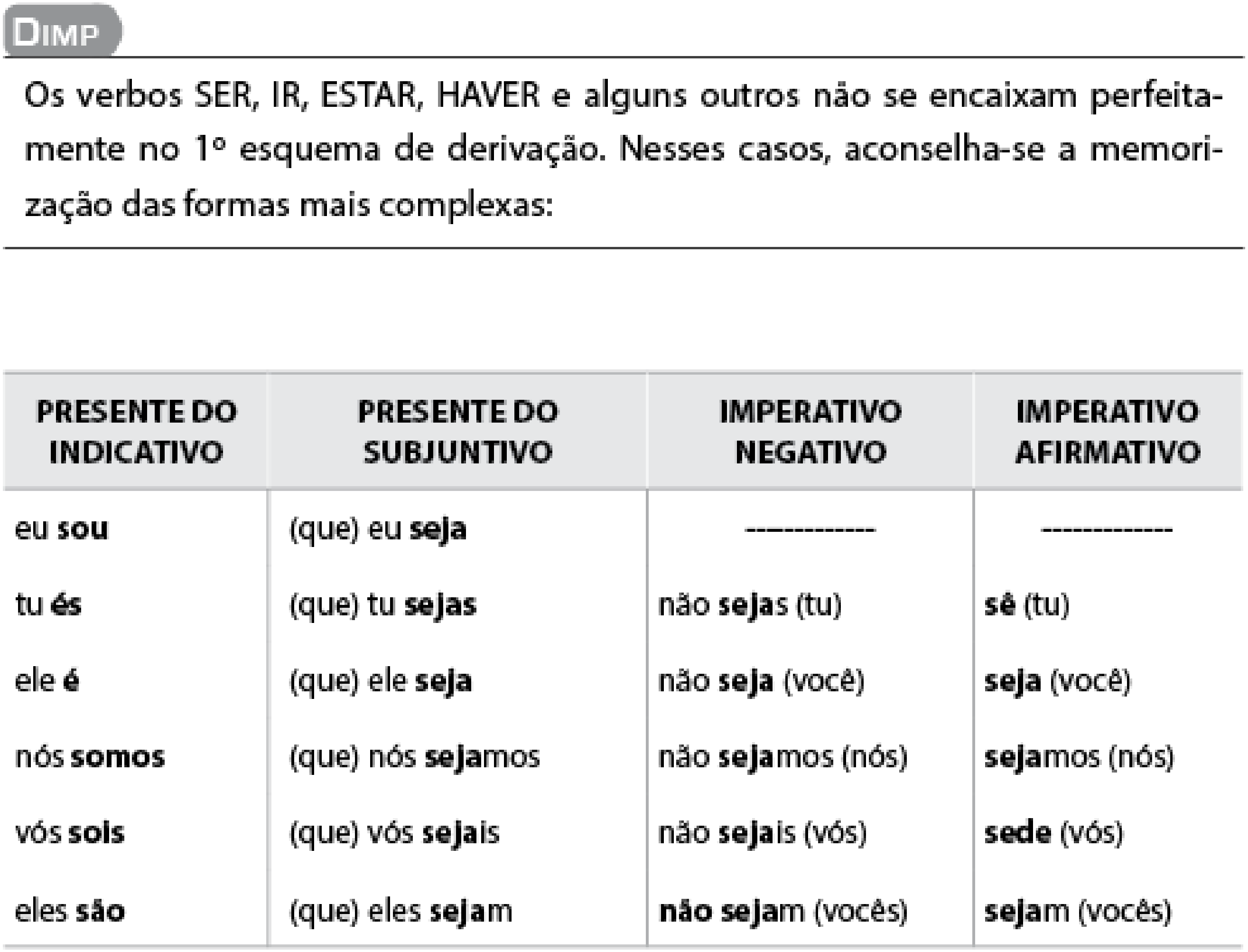

DIMP

Os verbos SER, IR, ESTAR, HAVER e alguns outros não se encaixam perfeitamente no 1º esquema de derivação. Nesses casos, aconselha-se a memorização das formas mais complexas:

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
eu **sou**	(que) eu **seja**	------------	------------
tu **és**	(que) tu **sejas**	não **sejas** (tu)	**sê** (tu)
ele **é**	(que) ele **seja**	não **seja** (você)	**seja** (você)
nós **somos**	(que) nós **sej**amos	não **sej**amos (nós)	**sej**amos (nós)
vós **sois**	(que) vós **sejais**	não **sej**ais (vós)	**sede** (vós)
eles **são**	(que) eles **sej**am	**não sej**am (vocês)	**sej**am (vocês)

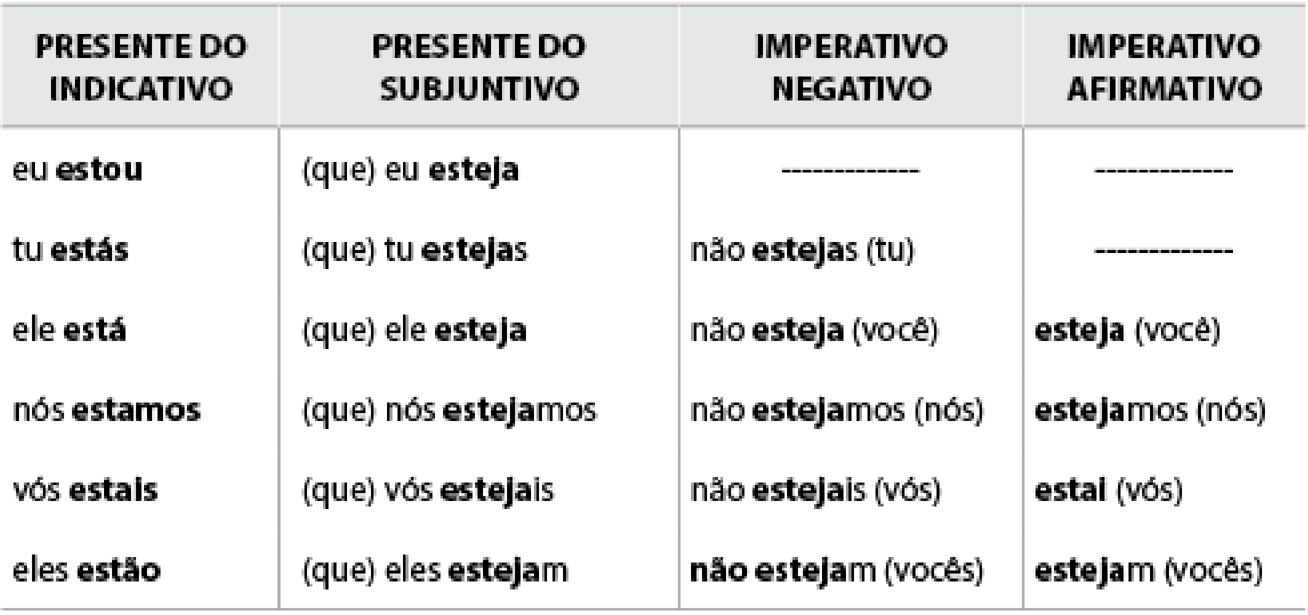

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
eu **estou**	(que) eu **esteja**	-------------	-------------
tu **estás**	(que) tu **estejas**	não **estejas** (tu)	-------------
ele **está**	(que) ele **esteja**	não **esteja** (você)	**esteja** (você)
nós **estamos**	(que) nós **estejamos**	não **estejamos** (nós)	**estejamos** (nós)
vós **estais**	(que) vós **estejais**	não **estejais** (vós)	**estai** (vós)
eles **estão**	(que) eles **estejam**	**não estejam** (vocês)	**estejam** (vocês)

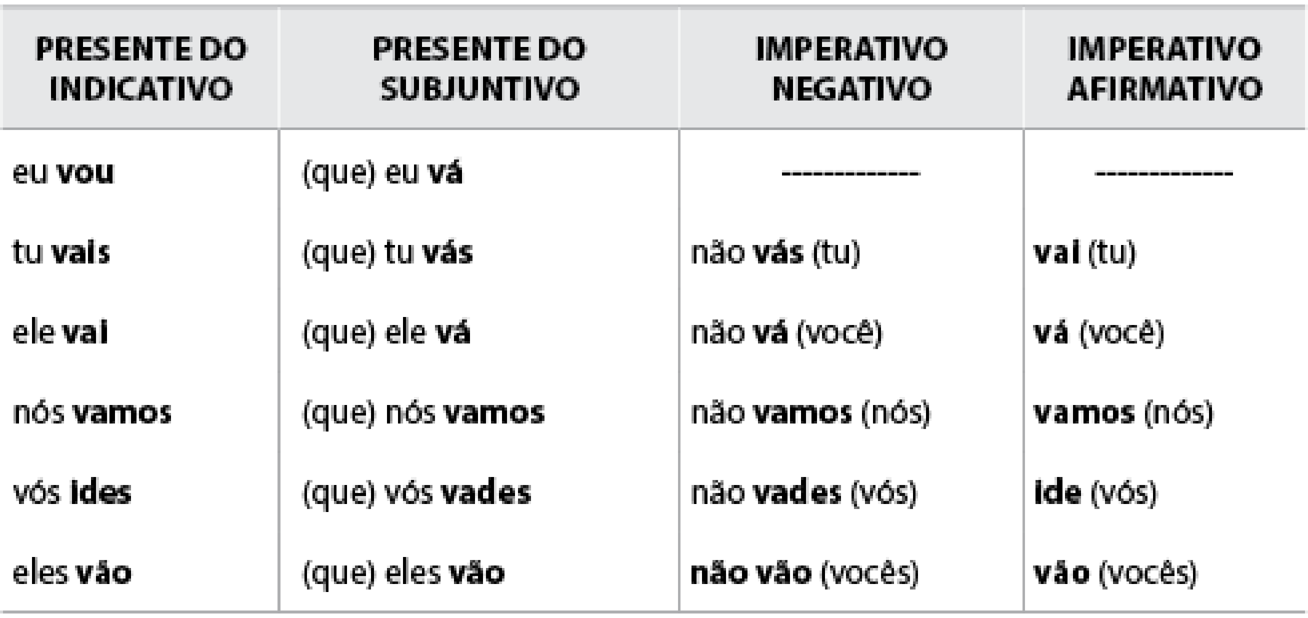

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
eu **vou**	(que) eu **vá**	-------------	-------------
tu **vais**	(que) tu **vás**	não **vás** (tu)	**vai** (tu)
ele **vai**	(que) ele **vá**	não **vá** (você)	**vá** (você)
nós **vamos**	(que) nós **vamos**	não **vamos** (nós)	**vamos** (nós)
vós **ides**	(que) vós **vades**	não **vades** (vós)	**ide** (vós)
eles **vão**	(que) eles **vão**	**não vão** (vocês)	**vão** (vocês)

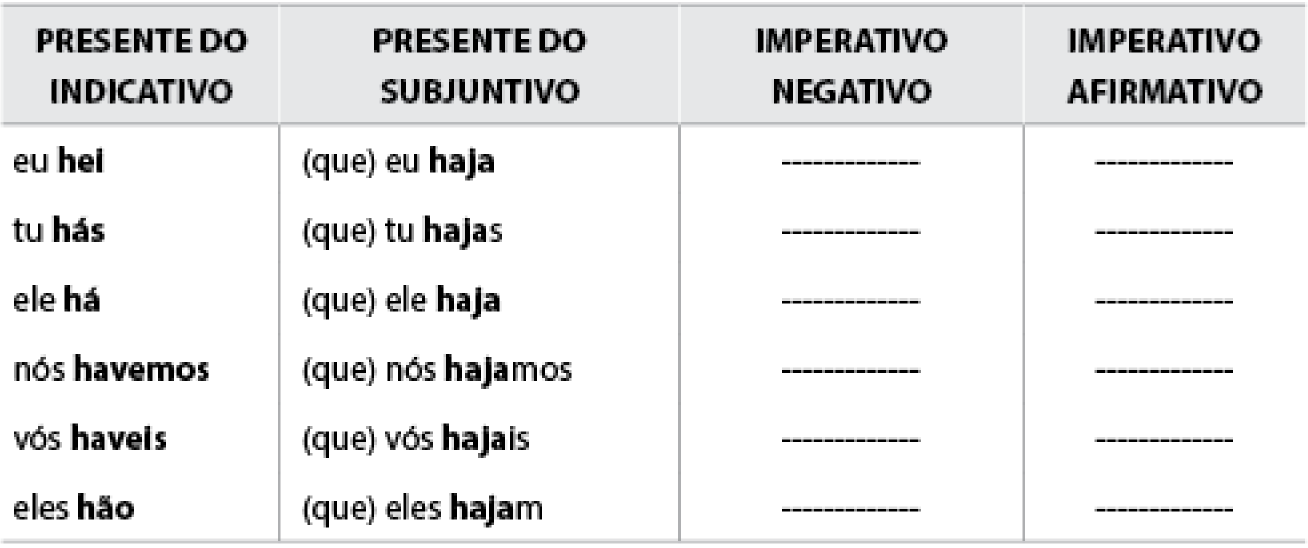

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
eu **hei**	(que) eu **haja**	-------------	-------------
tu **hás**	(que) tu **hajas**	-------------	-------------
ele **há**	(que) ele **haja**	-------------	-------------
nós **havemos**	(que) nós **hajamos**	-------------	-------------
vós **haveis**	(que) vós **hajais**	-------------	-------------
eles **hão**	(que) eles **hajam**	-------------	-------------

2º ESQUEMA DE DERIVAÇÃO

Verbo **ter**: seguindo-se o modelo deste verbo, conjugam-se **manter**, **reter**, **suster**, **conter**, **obter**, **abster-se**, **deter**, **entreter-se**.

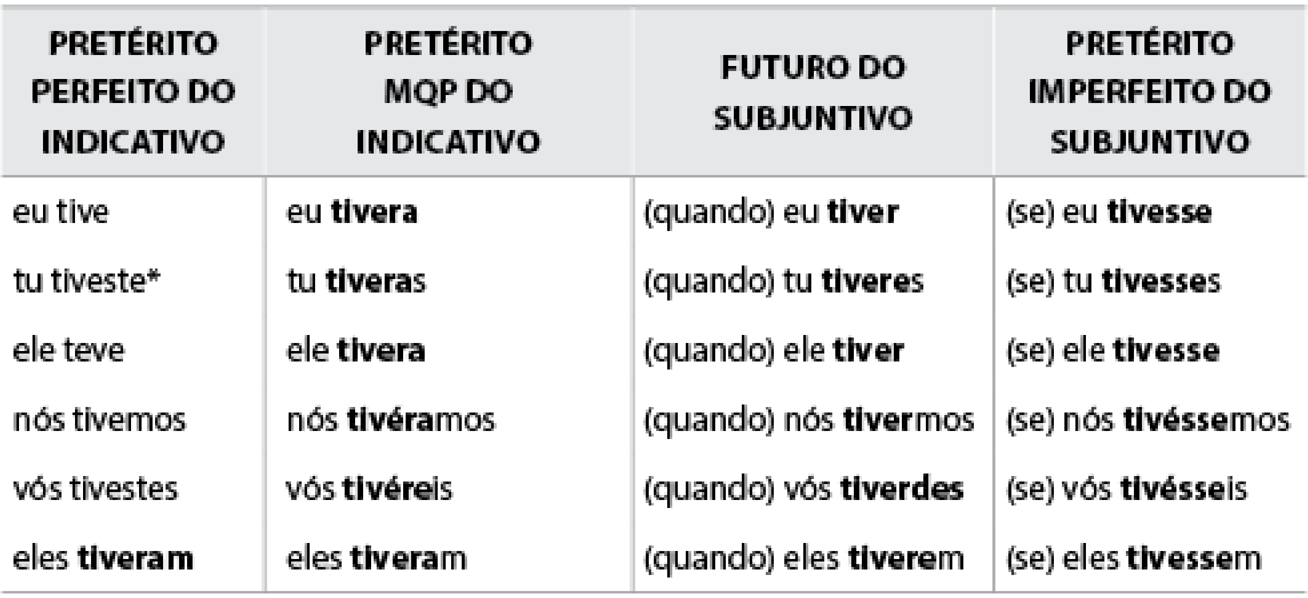

PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	PRETÉRITO MQP DO INDICATIVO	FUTURO DO SUBJUNTIVO	PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO
eu tive	eu **tivera**	(quando) eu **tiver**	(se) eu **tivesse**
tu tiveste*	tu **tiveras**	(quando) tu **tiveres**	(se) tu **tivesses**
ele teve	ele **tivera**	(quando) ele **tiver**	(se) ele **tivesse**
nós tivemos	nós **tivéra**mos	(quando) nós **tiver**mos	(se) nós **tivésse**mos
vós tivestes	vós **tivére**is	(quando) vós **tiverdes**	(se) vós **tivésse**is
eles **tivera**m	eles **tivera**m	(quando) eles **tivere**m	(se) eles **tivesse**m

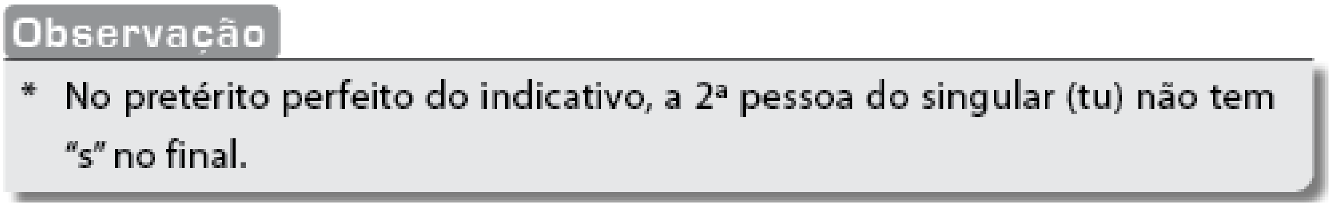

Observação

* No pretérito perfeito do indicativo, a 2ª pessoa do singular (tu) não tem "s" no final.

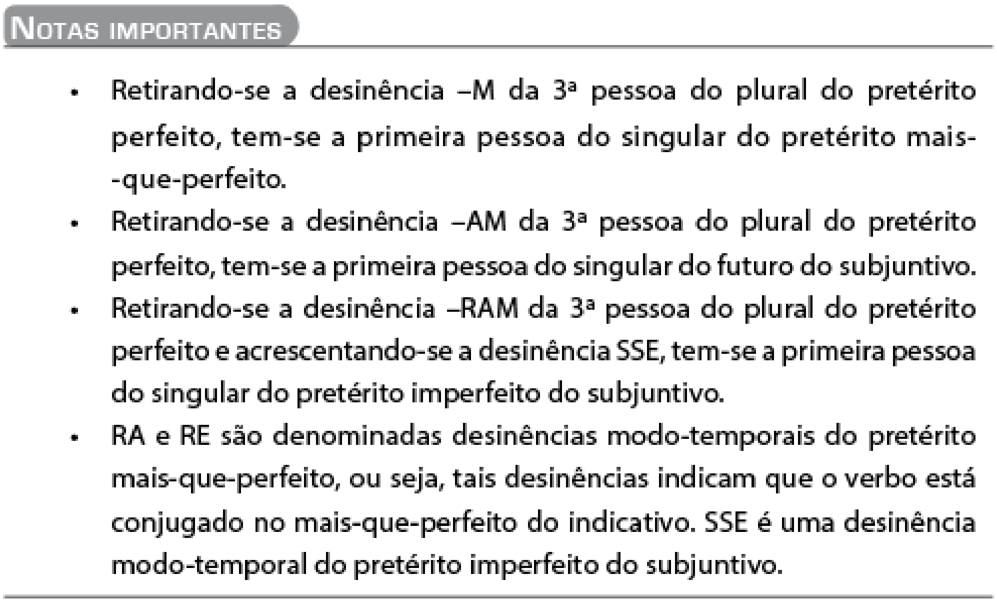

NOTAS IMPORTANTES

- Retirando-se a desinência –M da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito, tem-se a primeira pessoa do singular do pretérito mais-que-perfeito.
- Retirando-se a desinência –AM da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito, tem-se a primeira pessoa do singular do futuro do subjuntivo.
- Retirando-se a desinência –RAM da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito e acrescentando-se a desinência SSE, tem-se a primeira pessoa do singular do pretérito imperfeito do subjuntivo.
- RA e RE são denominadas desinências modo-temporais do pretérito mais-que-perfeito, ou seja, tais desinências indicam que o verbo está conjugado no mais-que-perfeito do indicativo. SSE é uma desinência modo-temporal do pretérito imperfeito do subjuntivo.

Verbo **ver**: seguindo-se o modelo deste verbo, conjugam-se **rever**, **prever**, **antever**.

PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	PRETÉRITO MQP DO INDICATIVO	FUTURO DO SUBJUNTIVO	PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO
eu vi	eu **vira** = tinha visto	(quando) eu **vir**	(se) eu **visse**
tu viste	tu **vira**s	(quando) tu **vire**s	(se) tu **visse**s
ele viu	ele **vira**	(quando) ele **vir**	(se) ele **visse**
nós vimos	nós **víra**mos	(quando) nós **vir**mos	(se) nós **vísse**mos
vós vistes	vós **víre**is	(quando) vós **virdes**	(se) vós **vísse**is
eles **viram**	eles **vira**m	(quando) eles **vire**m	(se) eles **visse**m

Verbo **vir**: seguindo-se o modelo deste verbo, conjugam-se **provir**, **convir**, **advir**, **intervir**, **sobrevir**, **desavir-se**.

PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	PRETÉRITO MQP DO INDICATIVO	FUTURO DO SUBJUNTIVO	PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO
eu vim	eu **viera**	(quando) eu **vier**	(se) eu **viesse**
tu vieste	tu **viera**s	(quando) tu **viere**s	(se) tu **viesse**s
ele veio	ele **viera**	(quando) ele **vier**	(se) ele **viesse**
nós viemos	nós **viéra**mos	(quando) nós **vier**mos	(se) nós **viésse**mos
vós viestes	vós **viére**is	(quando) vós **vierde**s	(se) vós **viésse**is
eles **vieram**	eles **viera**m	(quando) eles **viere**m	(se) eles **viesse**m

Verbo **pôr**: seguindo-se o modelo deste verbo, conjugam-se **repor**, **impor**, **compor**, **transpor**, **depor**, **supor** e todos os verbos terminados em OR.

PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	PRETÉRITO MQP DO INDICATIVO	FUTURO DO SUBJUNTIVO	PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO
eu pus	eu **pusera**	(quando) eu **puser**	(se) eu **pusesse**
tu puseste	tu **puseras**	(quando) tu **puseres**	(se) tu **pusesses**
ele pôs	ele **pusera**	(quando) ele **puser**	(se) ele **pusesse**
nós pusemos	nós **puséra**mos	(quando) nós **puser**mos	(se) nós **pusésse**mos
vós pusestes	vós **puséreis**	(quando) vós **puserdes**	(se) vós **pusésse**is
eles **puseram**	eles **puseram**	(quando) eles **puserem**	(se) eles **pusessem**

3º ESQUEMA DE DERIVAÇÃO

INFINITIVO IMPESSOAL	INFINITIVO PESSOAL	FUTURO DO PRESENTE	FUTURO DO PRETÉRITO	PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO
passar	(para) eu **passar**	eu **passar**ei	eu **passar**ia	eu **passa**va
passar	(para) tu **passar**es	tu **passar**ás	tu **passar**ias	tu **passa**vas
passar	(para) ele **passar**	ele **passar**á	ele **passar**ia	ele **passa**va
passar	(para) nós **passar**mos	nós **passar**emos	nós **passar**íamos	nós **passá**vamos
passar	(para) vós **passar**des	vós **passar**eis	vós **passar**íeis	vós **passá**veis
passar	(para) eles **passar**em	eles **passar**ão	eles **passar**iam	eles **passa**vam

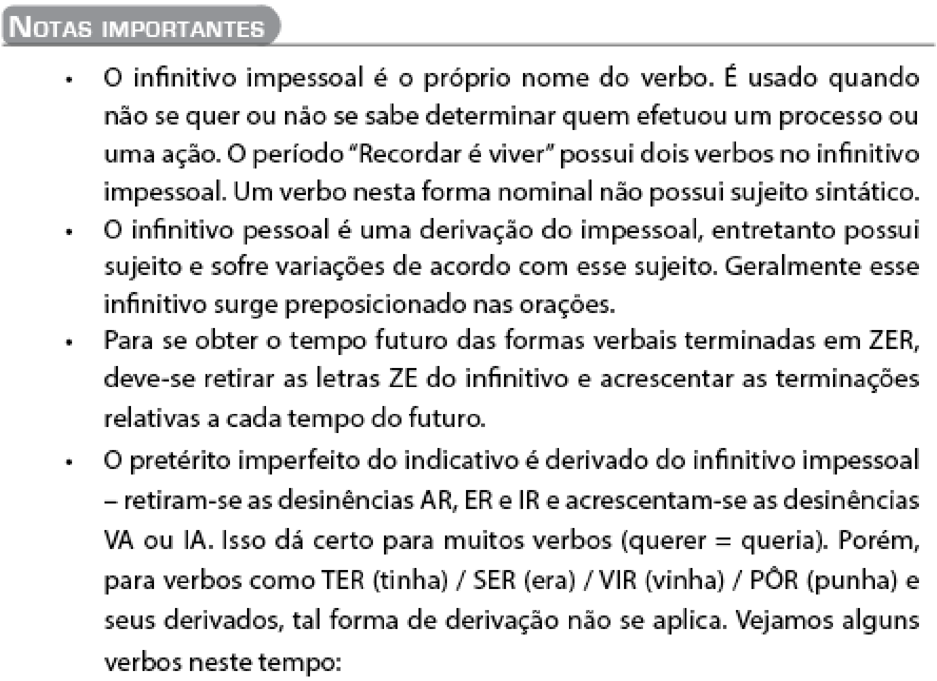

Notas importantes

- O infinitivo impessoal é o próprio nome do verbo. É usado quando não se quer ou não se sabe determinar quem efetuou um processo ou uma ação. O período "Recordar é viver" possui dois verbos no infinitivo impessoal. Um verbo nesta forma nominal não possui sujeito sintático.
- O infinitivo pessoal é uma derivação do impessoal, entretanto possui sujeito e sofre variações de acordo com esse sujeito. Geralmente esse infinitivo surge preposicionado nas orações.
- Para se obter o tempo futuro das formas verbais terminadas em ZER, deve-se retirar as letras ZE do infinitivo e acrescentar as terminações relativas a cada tempo do futuro.
- O pretérito imperfeito do indicativo é derivado do infinitivo impessoal – retiram-se as desinências AR, ER e IR e acrescentam-se as desinências VA ou IA. Isso dá certo para muitos verbos (querer = queria). Porém, para verbos como TER (tinha) / SER (era) / VIR (vinha) / PÔR (punha) e seus derivados, tal forma de derivação não se aplica. Vejamos alguns verbos neste tempo:

TER	VIR	PÔR	SER
eu tinha	eu vinha	eu punha	eu era
tu tinhas	tu vinhas	tu punhas	tu eras
ele tinha	ele vinha	ele punha	ele era
nós tínhamos	nós vínhamos	nós púnhamos	nós éramos
vós tínheis	vós vínheis	vós púnheis	vós éreis
eles tinham	eles vinham	eles punham	eles eram

Vejamos um verbo conjugado em todos os esquemas:

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
eu falo	(que) eu fale	-------------	-------------
tu falas	(que) tu fales	não fales tu	fala tu
ele fala	(que) ele fale	não fale você	fale você
nós falamos	(que) nós falemos	não falemos nós	falemos nós
vós falais	(que) vós faleis	não faleis vós	falai vós
ele falam	(que) eles falem	não falem vocês	falem vocês

PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	PRETÉRITO MQP DO INDICATIVO	FUTURO DO SUBJUNTIVO	PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO
eu falei	eu falara	(quando) eu falar	(se) eu falasse
tu falaste	tu falaras	(quando) tu falares	(se) tu falasses
ele falou	ele falara	(quando) ele falar	(se) ele falasse
nós falamos	nós faláramos	(quando) nós falarmos	(se) nós falássemos
vós falastes	vós faláreis	(quando) vós falardes	(se) vós falásseis
eles falaram	eles falaram	(quando) eles falarem	(se) eles falassem

INFINITIVO IMPESSOAL	INFINITIVO PESSOAL	FUTURO DO PRESENTE	FUTURO DO PRETÉRITO	PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO
falar	(para) eu falar	eu falarei	eu falaria	eu falava
falar	(para) tu falares	tu falarás	tu falarias	tu falavas
falar	(para) ele falar	ele falará	ele falaria	ele falava
falar	(para) nós falarmos	nós falaremos	nós falaríamos	nós falávamos
falar	(para) vós falardes	vós falareis	vós falaríeis	vós faláveis
falar	(para) eles falarem	eles falarão	eles falariam	eles falavam

TEMPOS COMPOSTOS

São locuções verbais, formadas pelos auxiliares **ter** ou **haver** mais a forma nominal de particípio dos verbos. Exprimem ideias diferentes daquelas expressas pelos tempos simples, com exceção do pretérito mais-que-perfeito, em que ambas as formas, simples e composta, exprimem a mesma ideia.

Modo Indicativo

1) **Presente**: não possui forma composta.

2) **Pretérito perfeito:** verbos "ter" ou "haver" no presente + particípio.

Eu **tenho estudado** bastante.

3) **Pretérito imperfeito:** não possui forma composta.

4) **Pretérito mais-que-perfeito:** verbos "ter" ou "haver" no pretérito imperfeito + particípio.

Ele **tinha chegado** cedo.

5) **Futuro do presente:** verbos "ter" ou "haver" no futuro + particípio.

Quando você chegar, **terei estudado**.

6) **Futuro do pretérito:** verbos "ter" ou "haver" no futuro do pretérito + particípio.

Você **teria comprado** os livros.

Modo Subjuntivo

1) **Presente:** não possui forma composta.

2) **Pretérito perfeito:** verbos "ter" ou "haver" no presente + particípio.

É provável que eu **tenha estudado** essa matéria.

3) **Pretérito imperfeito**: não possui forma composta.

4) **Pretérito mais-que-perfeito:** verbos "ter" ou "haver" no pretérito imperfeito + particípio.

Se eu **tivesse estudado**, teria passado.

5) **Futuro**: verbos "ter" ou "haver" no futuro + particípio.

Quando eu **tiver chegado**, você verá as luzes acesas.

Verbos irregulares ou defectivos mais usados:

TER e seus derivados			
abster-se ater-se	conter deter	entreter manter	obter reter

PÔR e seus derivados (todos os terminados em OR)			
antepor compor contrapor	depor impor interpor	transpor propor repor	sobrepor supor

VIR e seus derivados

advir convir	desavir-se intervir	provir	sobrevir

VER e seus derivados			
antever	prever	rever	

GRUPO EAR			
cear	frear	passear	recear

GRUPO IAR			
ansiar	incendiar	mediar	odiar

GRUPO UIR			
atribuir	contribuir	intuir	possuir

GRUPO QUAR/GUAR/GUIR			
apaziguar	arguir	averiguar	obliquar

DIVERSOS

abolir	colorir	haver	precaver-se
adequar	competir	imiscuir-se	prover
aguar	comprazer	ir	reaver
aprazer	estar	medir	ser
caber	falir	prazer	valer

Veja-se agora a conjugação de alguns desses verbos, nos tempos e modos mais importantes:

1) GRUPO EAR: os verbos apresentam o acréscimo de **i** após o radical nas formas rizotônicas (vogal tônica dentro do radical). Exemplos: passear, recear, cear.

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO
eu fre**i**o	(que) eu fre**i**e	eu freei
tu fre**i**as	(que) tu fre**i**es	tu freaste
ele fre**i**a	(que) ele fre**i**e	ele freou
nós freamos	(que) nós freemos	nós freamos
vós freais	(que) vós freeis	vós freastes
eles fre**i**am	(que) eles fre**i**em	eles frearam

Verbo **passear** (radical = passe)

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
eu passe**i**o	(que) eu passe**i**e	-------------	-------------
tu passe**i**as	(que) tu passe**i**es	não passe**i**es (tu)	passe**i**a (tu)
ele passe**i**a	(que) ele passe**i**e	não passe**i**e (você)	passe**i**e (você)
nós passeamos	(que) nós passeemos	não passeemos (nós)	passeemos (nós)
vós passeais	(que) vós passeeis	não passeeis (vós)	passeai (vós)
eles passe**i**am	(que) eles passe**i**em	não passe**i**em (vocês)	passe**i**em (vocês)

2) GRUPO IAR: os verbos são regulares, exceto: mediar, ansiar, remediar, incendiar e odiar. Esses verbos apresentam o acréscimo de **e** antes do **i** nas formas rizotônicas.

PRESENTE DO INDICATIVO		
eu ans**e**io	eu od**e**io	eu med**e**io
tu ans**e**ias	tu od**e**ias	tu med**e**ias
ele ans**e**ia	ele od**e**ia	ele med**e**ia
nós ansiamos	nós odiamos	nós mediamos
vós ansiais	vós odiais	vós mediais
eles ans**e**iam	eles od**e**iam	eles med**e**iam

Verbo **incendiar** (radical = incendi)

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
eu incend**e**io	(que) eu incend**e**ie	------------	------------
tu incend**e**ias	(que) tu incend**e**ies	não incend**e**ies (tu)	incend**e**ia (tu)
ele incend**e**ia	(que) ele incend**e**ie	não incend**e**ie (você)	incend**e**ie (você)
nós incendiamos	(que) nós incendiemos	não incendiemos (nós)	incendiemos (nós)
vós incendiais	(que) vós incendieis	não incendieis (vós)	incendiai (vós)
eles incend**e**iam	(que) eles incend**e**iem	não incend**e**iem (vocês)	incend**e**iem (vocês)

3. AVERIGUAR

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO
eu averíguo *ou* averiguo	(que) eu averígue *ou* averigue	eu averiguei
tu averíguas *ou* averiguas	(que) tu averígues *ou* averigues	tu averiguaste
ele averígua *ou* averigua	(que) ele averígue *ou* averigue	ele averiguou
nós averiguamos	(que) nós averiguemos	nós averiguamos
vós averiguais	(que) vós averigueis	vós averiguastes
eles averíguam *ou* averiguam	(que) eles averíguem *ou* averiguem	eles averiguaram

4. AGUAR

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO
eu águo *ou* aguo	(que) eu água *ou* ague	eu aguei
tu águas *ou* aguas	(que) tu águes *ou* agues	tu aguaste
ele água *ou* agua	(que) ele águe *ou* ague	ele aguou
nós aguamos	(que) nós aguemos	nós aguamos
vós aguais	(que) vós agueis	vós aguastes
eles águam *ou* aguam	(que) eles águem *ou* aguem	eles aguaram

5. ENXAGUAR		
PRESENTE DO INDICATIVO	**PRESENTE DO SUBJUNTIVO**	**PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO**
eu enxáguo *ou* enxaguo	(que) eu enxágue *ou* enxague	eu enxaguei
tu enxáguas *ou* enxaguas	(que) tu enxágues *ou* enxagues	tu enxaguaste
ele enxágua *ou* enxagua	(que) ele enxágue *ou* enxague	ele enxaguou
nós enxaguamos	(que) nós enxaguemos	nós enxaguamos
vós enxaguais	(que) vós enxagueis	vós enxaguastes
eles enxáguam *ou* enxaguam	(que) eles enxáguem *ou* enxaguem	eles enxaguaram

6. ARGUIR		
PRESENTE DO INDICATIVO	**PRESENTE DO SUBJUNTIVO**	**PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO**
eu arguo	(que) eu argua	eu argui
tu arguis	(que) tu arguas	tu arguiste
ele argui	(que) ele argua	ele arguiu
nós arguimos	(que) nós arguamos	nós arguimos
vós arguis	(que) vós arguais	vós arguistes
eles arguem	(que) eles arguam	eles arguiram

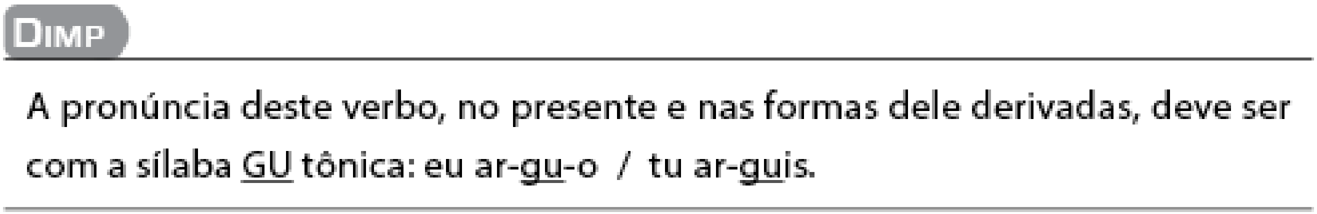

DIMP

A pronúncia deste verbo, no presente e nas formas dele derivadas, deve ser com a sílaba GU tônica: eu ar-gu-o / tu ar-guis.

7. ADEQUAR		
PRESENTE DO INDICATIVO	**PRESENTE DO SUBJUNTIVO**	**PRETÉRITO PERF. INDICATIVO**
-------------	-------------	eu adequei
-------------	-------------	tu adequaste

-------------	-------------	ele adequou

8. VALER	**9. CABER**	**10. MEDIR**	**11. ATRIBUIR**
PRESENTE DO INDICATIVO	**PRESENTE DO INDICATIVO**	**PRESENTE DO INDICATIVO**	**PRESENTE DO INDICATIVO**
eu valho	eu caibo	eu meço	eu atribuo
tu vales	tu cabes	tu medes	tu atribu**i**s
ele vale	ele cabe	ele mede	ele atribu**i**
nós valemos	nós cabemos	nós medimos	nós atribuímos
vós valeis	vós cabeis	vós medis	vós atribuís
eles valem	eles cabem	eles medem	eles atribuem

nós adequamos	(que) nós adequemos	nós adequamos
vós adequais	(que) vós adequeis	vós adequastes
-------------	-------------	eles adequaram

Observação

Os verbos terminados em UIR e OER terão as 2ª e 3ª pessoas do singular do presente do indicativo escritas com **i**:

Poss**uir** – tu possuis / ele possui

Moer – tu móis / ele mói

DIMP

Verbos defectivos são aqueles que apresentam falhas de conjugação. Tais falhas ocorrem, geralmente, no presente do indicativo e seus derivados, por uma questão de falta de eufonia (bom som) ou semelhança com outras formas verbais.

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
-------------	-------------	-------------	-------------
tu aboles	-------------	-------------	abole (tu)
ele abole	-------------	-------------	-------------
nós abolimos	-------------	-------------	-------------
vós abolis	-------------	-------------	aboli (vós)
eles abolem	-------------	-------------	-------------

13. FALIR (verbo defectivo)

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
-------------	-------------	-------------	-------------
-------------	-------------	-------------	-------------
-------------	-------------	-------------	-------------
nós falimos	-------------	-------------	-------------
vós falis	-------------	-------------	fali (vós)
-------------	-------------	-------------	-------------

14. REAVER (verbo defectivo)		**15. PRECAVER-SE** (verbo defectivo)	
PRESENTE DO INDICATIVO	**PRETÉRITO PERF. DO INDICATIVO**	**PRESENTE DO INDICATIVO**	**PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO**
-------------	eu reouve	-------------	eu me precavi
-------------	tu reouveste	-------------	tu te precaveste
-------------	ele reouve	-------------	ele se precaveu
nós reavemos	nós reouvemos	nós nos precavemos	nós nos precavemos
vós reaveis	vós reouvestes	vós vos precaveis	vós vos precavestes
-------------	eles reouveram	-------------	eles se precaveram

ESTÉTICA DA
CRIAÇÃO VERBAL

ESTÉTICA DA CRIAÇÃO VERBAL

Mikhail Bakhtin

radução feita a partir do francês
MARIA ERMANTINA GALVÃO G. PEREIRA

MARTINS FONTES
SÃO PAULO 1997

Título original: ESTET1KA SLOVESNOGO TVORTCHESTVA

Copyrighf © by Edições Iskustvo”, Mascou, 1979
Copyright © Livraria Marfins Fontes Editora Ltda.
São Paulo 1992, para a Presente edição

2ªedição
maio de 1997

Tradução feita a partir do francês
MARIA ERMANTINA GALVÃO G. PEREIRA

Revisão da tradução
Marina Appenzeller
–Revisão gráfica
Flora Maria de Campos Fernandes Sandra Rodrigues Garcia
Produção gráfica
Geraldo Alves
Composição
Ademilde L. da Silva Alexandre Augusto Nunes
Capa
Katia H. Terasaka

Dados Internacionais **de Catalogaçao** na Publicação (CII’) (Câmara **Brasileira** do **Livro,** SP, Brasil)

Bakhtin, Mikhail Mjkhailovitch, 1895-1975.
Estética da criação verbal / Mikhail Bakhtin [tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzellerl. – 2’ cd. –São Paulo Martins Fontes, 1997.— (Coleção Ensino Superior)

Título original: Estetika slovesnogo tvortchestva.
ISBN 85-336-0616-8

1. Literatura – Estética 2. Literatura – História e crítica 1. Título. II. Série.
97-1444 CDD-809

Índices para catálogo sistemático:
1.Literatura : História e crítica 809

Todos os direitos para o Brasil reservados àLivrana Maflins Fontes Editora Lkkí.

Rua Conselheiro Ramalho, 330/340 01325-000 São Paulo SP Brasil Telefone 239-3677

Sumário

Prefácio .

O AUTOR E O HERÓI 23
1 - O problema do herói na atividade estética *25*
II - A forma espacial do herói 43
  1. O excedente da visão estética 43
  2. A exterioridade (o aspecto físico) 47
  3. A exterioridade da configuração espacial 55
  4. A exterioridade do ato 61
  5. O corpo interior 65
  6. O corpo exterior 78
  7. O todo espacial do herói. Teoria do "horizonte" e do "ambiente" 107

III - O todo temporal do herói 115
  1. O herói e sua integridade na obra de arte 115
  2. A relação emotivo-volitiva com a determinação interior. Problema da morte (da morte de dentro e da morte de fora) 116
  3. O ritmo 126
  4. A alma 146

IV - O todo significante do herói 153
  1. O ato e a introspecção-confissão 153
  2. A autobiografia e a biografia 164
  3. O herói lírico 181
  4. O caráter 186
  5. O tipo 195
  6. A hagiografia 198
V - O problema do autor 201
  1. O problema do herói (recapitulação) 201
  2. O conteúdo, a forma, o material 206
  3. O contexto de valores (autor e contexto literário) 208
  4. A tradição e o estilo 215
O ROMANCE DE EDUCAÇÃO NA HISTÓRIA DO REALISMO 221

1 - Para uma tipologia histórica do romance 223
  1. O romance de viagem 223
  2. O romance de provas 225

3.O romance biográfico 231
II - O romance de educação 235
III - O espaço e o tempo 243

OS GËNEROS DO DISCURSO 277
1 - Problemática e definição 279
II - O enunciado, unidade da comunicação verbal ... 289

O PROBLEMA DO TEXTO 327

OS ESTUDOS LITERÁRIOS HOJE 359

APONTAMENTOS 1970-1971 369

OBSERVAÇÕES SOBRE A EPISTEMOLOGIA DAS CIÊNCIAS HUMANAS 399
Índice remissivo 415

Prefácio

Mikhail Bakhtin (1895-1975) é uma das figuras mais fascinantes e enigmáticas da cultura européia de meados do século XX. A fascinação é facilmente compreensível: obra rica e original à qual nada pode ser comparado na produção soviética em matéria de ciências humanas. Mas a essa admiração acrescenta-se um elemento de perplexidade, pois somos inevitavelmente levados a perguntar: quem é Bakhtin, e quais são os traços distintivos de seu pensamento? Pois este tem facetas tão múltiplas que por vezes nos pomos a duvidar que se tenha originado sempre de uma única e mesma pessoa.

A obra de Bakhtin chamou a atenção do público em 1963, ano em que foi reeditada sua obra sobre Dostoievski, publicada originalmente em 1929 (e que já fora notada na época), numa forma sensivelmente modificada. Mas esse livro apaixonante, Problèmes de la poétique de Dostoïevski *(trad. franc., 1970), bem que já colocava problemas, se nos interrogássemos sobre sua unidade. Compõe-se, em linhas gerais, de três partes bastante autônomas: o primeiro terço é constituído da exposição e da ilustração de uma tese sobre o universo romanesco de Dostoievski, expressa em termos filosóficos e literários; o segundo, de uma exploração de alguns gêneros literários menores, os diálogos socráticos, a menipéia antiga e as produções carnavalescas medievais, que são apresentados por Bakhtin como a raiz de que descenderia Dostoievski, enfim, o terceiro terço comporta um programa de estudos estilísticos, ilustrado por análises dos romances de Dostoievski.*

Depois, em 1965, foi publicado um livro sobre Rabelais (trad. franc. 1970, bras., 1987), que podia passar por uma ampliação da segunda parte do livro sobre Dostoievski (ou inversamente – o que é verdade –, esta parte podia, portanto, ser considerada como um resumo do livro sobre Rabelais), mas que tinha poucas relações com as outras duas partes: de um lado, análise temática e não mais estilística; do outro, obra histórica e descritiva, que não deixava espaço para as intuições filosóficas do Dostoïevski. *Foi essa obra que chamou a atenção dos especialistas para fenômenos como a cultura popular e o carnaval.*

Em 1973, um lance teatral: várias fontes autorizadas (soviéticas) revelam que Bakhtin é o autor, ou em todo caso o co-autor principal, de três livros e de vários artigos, publicados sob outros nomes na URSS, no final dos anos vinte (dois desses livros existem em francês, Marxisme et philosophie du langage, *1977* [Marxismo e filosofia da linguagem, *ed. bras., 1990] e Le* Freudisme *1980; os artigos foram traduzidos em anexo ao meu livro* Mikhaïl Bakhtine, le principe dialogique, *1981). Porém, esse enriquecimento da bibliografia bakhtiniana só podia aumentar a perplexidade dos leitores que já haviam tido dificuldade em compreender a relação entre seu* Dostoievski *e seu* Rabelais, *pois os textos dos anos vinte faziam ouvir um tom de voz ainda mais diferente: o de uma crítica violenta, de inspiração sociológica e marxista, da psicanálise, da lingüística (estrutural ou não) e da poética, tal como a praticavam os formalistas russos.*

Em 1975, ano de sua morte, Bakhtin publica um novo volume, Questões de literatura e de estética *[ed. bras., 1990] (trad. franc. com o título* Esthétique et théorie du roman, *1978), composto de estudos que datam em sua maioria dos anos trinta. Esses estudos prosseguem, de fato, as pesquisas estilísticas do* Dostoievski *e preparam a análise temática do* Rabelais *(este último, na verdade, fora terminado em 1940); logo, permitem começarmos a orientar-nos na obra de Bakhtin, pondo em evidência a passagem de uma monografia para a outra.*

Enfim, último fato imprevisto (até agora): em 1979, é publicado um novo volume de inéditos, preparado por seus editores; é esse livro que se encontra traduzido aqui. Comporta, no essencial, os primeiros e os últimos escritos de Bakhtin: uma grande obra anterior ao período sociológico, e notas e fragmentos datados dos últimos vinte anos de sua vida. Muitas coisas se explicam depois da publicação desta nova coletânea, mas outras, pelo contrário, se obscurecem, já que aos diferentes Bakhtin que já conhecíamos, acrescenta-se mais um, fenomenólogo e talvez “existencialista…

O pensamento de Bakhtin coloca um problema, não há dúvida. Não se trata de impor-lhe artificialmente uma unidade que nele não existiria; mas de torná-lo inteligível, o que é muito diferente. Para avançar um pouco nessa via, há que se voltar para a história e procurar responder a esta pergunta: como situar Bakhtin em relação à evolução das ideologias neste século XX?

II

Bakhtin apresenta-se, à primeira vista, como um teórico e historiador da literatura. Ora, na época em que estréia na vida intelectual russa, o primeiro plano, em matéria de pesquisa literária, está ocupado por um grupo de críticos, de lingüistas e de escritores, chamados os “formalistas” (para nós, os “formalistas russos”). Os formalistas mantêm relações incertas com o marxismo e não dominam as instituições (serão, aliás, reprimidos por isso a partir do final dos anos vinte); mas têm a vantagem do talento, e seu prestígio é incontestáve. Para estabelecer seu lugar no debate literário e estético de seu tempo, Bakhtin deve, portanto, situar-se com relação aos formalistas, o que irá fazer em duas ocasiões: primeiro, num longo artigo de 1924 (publicado pela primeira vez em Voprosy *em 1975); segundo, através do livro* O método formal em estudos literários *(1928), cujo autor oficial é P. Medvedev.*

Quais são as grandes opções da estética formalista? A arte e a literatura nela se definem por não servirem a fins externos, mas por encontrarem sua justificação em si mesmas. Desse modo, o essencial não está na relação da obra com outras entidades – o mundo, ou o autor, ou os leitores –, mas na relação de seus próprios elementos constitutivos entre si. Isto leva os formalistas a prestar uma atenção constante (e muito original na época) à versificação, aos “processos” narrativos, à composição da intriga, à paródia e às outras características especificamente verbais das obras.

Ora, se a descoberta e a descrição de novos fenômenos (ou de novas facetas dos antigos) é por si só ideologicamente neutra, o contexto geral dos formalistas e a sua estética pertencem a uma tradição precisa, que os formalistas herdam de seus amigos, os poetas futuristas (Khlebnikov, Krutchennykh, Maiakovski). É verdade que estes se julgam em ruptura total com seu tempo; na realidade, entretanto, suas idéias não passam de uma versão radical da doutrina estética que então domina o pensamento europeu há mais de cem anos, doutrina esta elaborada no âmbito da filosofia idealista alemã, e mais *particularmente pelos românticos de Iena. Romântica já é em sua origem a oposição global entre arte e não-arte, entre a estrela da poesia e a mornidão do discurso cotidiano (que, entre os formalistas, se encontrará na dicotomia linguagem poética-linguagem prática). Romântica também é a definição da arte como atividade a um só tempo intransitiva e superestruturada (em que a ausência de finalidade externa, dizia K. Ph. Moritz, é compensada por um aumento de fina/idade interna), e, portanto, da obra como um todo autônomo.*

Essas opções estéticas, por sua vez, estão relacionadas com grandes mutações ideológicas da época. A substituição da busca de uma transcendência pela afirmação do direito de cada indivíduo de julgar-se de acordo com seus próprios critérios concerne tanto à ética e à política quanto à estética: os tempos modernos serão marcados pelo advento do individualismo e do relativismo. Dizer que a obra é regida apenas pela coerência interna, e sem a referência a absolutos exteriores, que seus sentidos são infinitos e não hierarquizados, é também participar dessa ideologia moderna.

A primeira censura que Bakhtin dirige aos formalistas é a de não saber o que estão fazendo, de não refletir sobre fundamentos teóricos e filosóficos da sua própria doutrina. Não se trata de uma falha fortuita: os formalistas compartilham esse traço com todos os positivistas, que acreditam estar praticando a ciência e buscando a verdade, esquecendo que se baseiam em pressupostos arbitrários. Bakhtin vai encarregar-se de fazer essa explicitação no lugar deles, para permitir elevar o debate: a doutrina formalista, diz ele, é uma estética do material, pois reduz os problemas da criação poética a questões de linguagem; daí a reificação de noção de "linguagem poética", daí o interesse por "processos" de todos os tipos. Com isso, os formalistas menosprezam os outros ingredientes do ato de criação, que são o conteúdo, ou relação com o mundo, e a forma, entendida aqui como intervenção do autor, como a escolha que um indivíduo singular faz entre os elementos impessoais e genéricos da linguagem. A verdadeira noção central da pesquisa estética não deve ser o material, mas a arquitetônica, ou a construção, ou a estrutura da obra, entendida como um ponto de encontro e de interação entre material, forma e conteúdo.

Portanto, Bakhtin não critica a própria oposição entre arte e não-arte, entre poesia e discurso cotidiano, mas o ponto onde os formalistas procuram situá-la. "Os traços característicos do poético não pertencem à linguagem e aos seus elementos, mas somente às construções poéticas", escreve Medvedev (p. 119; todas as referências remetem às edições originais), e acrescenta: "O objeto da poética deve ser a construção da obra literária" (p. 141). Mas o poético e o literário não são definidos de outro modo pelos formalistas: "Na criação poética, o enunciado rompeu seus laços com o objeto, tal como este existe fora do enunciado, do mesmo modo que com a ação [...]. A realidade do próprio enunciado não serve aqui a nenhuma outra realidade" (ibid.*, p. 172).*

A crítica de Bakhtin incide, portanto, sobre os formalistas, mas não sobre o âmbito da estética romântica de que são oriundos. O que ele lhes censura não é seu "formalismo" e sim seu "materialismo"; poderíamos até dizer que Bakhtin é mais formalista que eles, se tornarmos a dar à "forma" seu sentido pleno de interação e de unidade dos diferentes elementos da obra (sentido que também não está totalmente ausente entre os formalistas); é esse outro sentido que Bakhtin tenta reencontrar, introduzindo estes sinônimos valorizados: "arquitetônica" ou "construção". O que ele critica é justamente a vertente não romântica dos formalistas: a expressão "estética do material" se aplica às mil maravilhas a um programa como o desenvolvido por Lessing no Laocoonte, *onde as propriedades da pintura e da poesia são deduzidas de seus respectivos materiais. Mais além de Lessing, é a tradição aristotélica que se encontra evocada aqui, com sua descrição de "processos" desencarnados como as figuras e os tropos, a peripécia e o reconhecimento, as partes e os elementos da tragédia.*

O paradoxo dos formalistas (e sua originalidade) fora praticar descrições "clássicas" (aristotélicas) a partir de premissas ideológicas românticas; Bakhtin restabelece a doutrina romântica em sua pureza. Quando Goethe se debruçava sobre o mesmo grupo escultural do Laocoonte, já introduzia as noções de obra, de unidade, de coerência, em vez das leis gerais da pintura e da poesia, caras a Lessing. Permanecemos no espírito de Schelling e de seus amigos quando vemos a obra de arte como a fusão do subjetivo com o objetivo, do singular com o universal, da vontade com a coerção, da forma *com o conteúdo. A estética romântica valoriza a imanência, não a transcendência; logo, tem pouco interesse em elementos trans-textuais como a metáfora, ou as rimas dactílicas, ou os processos de reconhecimento. Bakhtin tem razão de censurar aos formalistas a ignorância da sua própria filosofia; mas a filosofia dele tem uma cor bem precisa: é a dos românticos. O que não é por si só uma tara, porém limita a originalidade de sua posição.*

Não nos apressemos, contudo, em concluir. Trata-se nesse caso de dois textos dos anos vinte e, ainda que Bakhtin nunca rompa seus vínculos com a estética romântica (em especial em sua teoria do romance), seu pensamento não se limita a isso, pelo contrário. Aliás, a própria problemática dos princípios estéticos gerais aparece antes como marginal em sua obra ou, em todo caso, como uma transição. Há outro tema que, como descobrimos agora, estava no centro de sua atenção já no início dos anos vinte, e ao qual ele não cessa de voltar até o fim da vida; um tema ao mesmo tempo particular, pois só se referia a uma única questão estética, e mais geral, porquanto ultrapassava, e de longe, a estética como tal: é o tema da relação entre o criador e os seres criados por este, ou, como diz Bakhtin, entre autor e herói. Observá-lo será ainda mais instrutivo porque aí descobriremos – e isso é raro em sua longa carreira intelectual – uma reviravolta espetacular nas idéias de Bakhtin a esse respeita

A posição inicial se encontra em seu primeiro livro, recentemente descoberto (e aqui traduzido) e dedicado precisamente a essa questão. Em linhas gerais, ela consiste em dizer que uma vida encontra um sentido, e com isso se torna um ingrediente possível da construção estética, somente se é vista do exterior, como um todo; ela deve estar completamente englobada no horizonte de alguma outra pessoa; e, para a personagem, essa alguma outra pessoa é, claro, o autor: é o que Bakhtin chama a “exotopia” deste último. A criação estética é, pois, um exemplo particularmente bem-sucedido de um tipo de relação humana: aquela em que uma das duas pessoas engloba inteiramente a outra e por isso mesmo a completa e a dota de sentido. Relação assimétrica de exterioridade e de superioridade, que é uma condição indispensável à criação artística: esta exige a presença de elementos “transgredientes”, como diz Bakhtin, isto é, exteriores à consciência tal como ela se pensa do interior, mas necessários à sua constituição como um todo. Assimetria a cujo respeito Bakhtin não hesita em recorrer a uma comparação eloqüente: “A divindade *do artista reside em sua assimilação à exotopia superior”* (Estetika*, 166, o grifo é meu).*

Bakhtin não ignora que está descrevendo aí uma norma, e não uma realidade. Certos autores – como Dostoievski, por exemplo – esquecem essa lei estética, essa superioridade necessária do autor sobre a personagem, e dão a esta tanto peso quanto ao autor, ou, inversamente, abalam a posição do autor até torná-la semelhante à de uma personagem; de um modo ou de outro, esses autores afastados da norma põem os dois no mesmo plano, gesto que tem conseqüências catastróficas, pois não há mais, de um lado, a verdade absoluta (do autor) e, do outro, a singularidade da personagem; existem apenas posições singulares, e nenhum lugar para o absoluto. Num texto de 1929 assinado por Volochinov, ficamos sabendo que essa espécie de renúncia ao absoluto é uma característica (deplorável) da sociedade moderna: já não se ousa dizer nada com convicção; e para dissimular as incertezas, as pessoas refugiam-se nos diversos graus da citação: já não falamos senão entre aspas.

Tal exigência da exotopia superior é perfeitamente “clássica”: Deus existe realmente e permanece em seu lugar, não se confunde o criador com suas criaturas, a hierarquia das consciências é inabalável, a transcendência do autor nos permite avaliar com segurança suas personagens. Mas ela não será mantida. No meio do caminho, Bakhtin deixa-se influenciar por seu contra-exemplo, Dostoievski (ou pela imagem dele que faz para si); seu primeiro livro, publicado em 1929, é consagrado a ele, e é um elogio da via anteriormente condenada. A concepção anterior, em vez de ser mantida na categoria de uma lei estética geral, torna-se a característica de um estado de espírito que Bakhtin estigmatiza com o nome de “monologismo”; a perversão dostoievskiana, ao contrário, eleva-se como encarnação do “dialogismo” a um só tempo concepção do mundo e estilo de escrita, pelos quais Bakhtin não esconde sua preferência.

Enquanto antes exigia a assimetria entre a personagem e o autor, e a superioridade do último, Bakhtin agora não se cansa de repetir: “Em suas obras [as de Dostoievski] aparece um herói cuja voz é construída da mesma maneira que se constrói a voz do autor num romance de tipo habitual” (pp. 7-8). “Agora é o herói que realiza o que o autor realizava” (p. 65). O autor não tem qualquer vantagem sobre o herói, não há nenhum excedente semântico que o distinga dele, e as duas consciências têm direitos perfeitamente iguais. “As idéias do Dostoievski-pensador, entrando em seu romance polifônico [...], entabulam um grande diálogo com as outras imagens de idéias, em um *pé* de perfeita igualdade” *(p. 122). Para falar como Buber (Bakhtin já o faz), Dostoievski seria o primeiro a assimilar as relações entre autor e personagem às relações do tipo “eu-tu” e não mais “eu-isso”.*

*A referência ao absoluto, e portanto à realidade, que sustentava a concepção anterior, encontra-se agora rejeitada. Bakhtin até escreve: “*A *representação artística da idéia só é possível quando esta é posta acima da afirmação ou da negação, sem por isso ser trazida de volta à categoria de uma simples experiência psíquica” (p. 106). O romance “monológico” conhece apenas dois casos: ou as idéias são assumidas por seu conteúdo, e então são verdadeiras ou falsas; ou são tidas por indícios da psicologia das personagens. A arte “dialógica” tem acesso a um terceiro estado, acima do verdadeiro e do falso, do bem e do mal assim como no segundo, sem que por isso se reduza a ele: cada idéia é a idéia de alguém, situa-se em relação a uma voz que a carrega e a um horizonte a que visa. No lugar do absoluto encontramos uma multiplicidade de pontos de vista: os das personagens e o do autor que lhes é assimilado; e eles não conhecem privilégios nem hierarquia. A revolução de Dostoievski, no plano estético (e ético), é comparável à de Copérnico, ou ainda à de Einstein, no plano do conhecimento do mundo físico (imagens favoritas de Bakhtin): não há mais centro, e vivemos na relatividade generalizada.*

Bakhtin mantém sua observação, segundo a qual em nosso mundo contemporâneo é impossível assumir uma verdade absoluta, e devemos nos contentar em citar ao invés de falar em nosso próprio nome; mas não acrescenta mais nenhuma condenação nem pesar a essa constatação: a ironia (é assim que ele chama agora esse modo de enunciação) é nossa sabedoria, e quem ousaria hoje proclamar verdades? Rejeitar a ironia é optar deliberadamente pela “tolice”, limitar-se a si mesmo, estreitar o horizonte (cf. Estetika, *p. 352): é assim que procede Dostoievski em seus escritos jornalísticos. A única outra possibilidade – mas esta nem por isso nos permite encontrar o absoluto – seria colocar-se à escuta do ser, como recomenda Heidegger* (ibid., *p. 354).*

E impressionante ver a que ponto a argumentação desenvolvida por Bakhtin é paralela à formulada, quase na mesma época, por Jean-Paul Sartre. Num artigo de 1939, “M. François Mauriac et la liberté” (Situations 1, *1947), Sartre recusa qualquer prática romanesca em que o autor ocupasse uma posição privilegiada em relação às suas personagens; ele não utiliza o termo “monológico”, mas não está longe de identificar “romance” e “dialogismo”: “O romancista não tem o direito de abandonar o campo da batalha e de [...] julgar” (p. 41), deve contentar-se em apresentar suas personagens; se julgasse, se assimilaria a Deus; ora, Deus e o romance se excluem mutualmente (é isso que Mauriac não teria compreendido): “Um romance é escrito por um homem para homens. Aos olhos de Deus, que traspassa as aparências sem nelas se deter, não há romance” (p. 57). Como Bakhtin, Sartre assimila essa revolução romanesca ao nome de Dostoievski e, como ele, compara-a com a de Einstein: “Num verdadeiro romance, assim como no mundo de Einstein, não há lugar para um observador privilegiado” (pp. 56-57). E, como ele, conclui pelo desaparecimento do absoluto: “A introdução da verdade absoluta” num romance só pode provir de um “erro técnico” (p. 47), pois o romancista “não tem o direito de formular juízos absolutos” (p. 46)*[1].

1. É bem curioso ver que quando, trinta anos mais tarde, Sartre toma conhecimento do livro de Bakhtin ele não reconhece seu próprio pensamento, preocupado que está em refutar o “formalismo”: “Acabei, por exemplo, de ler o livro de Bakhtin sobre Dostoievski, mas não vejo o que o novo formalismo — a semiótica — acrescenta ao antigo. No conjunto, o que censuro nessas pesquisas é que elas não levam a nada: não encerram seu objeto, são conhecimentos que se dissipam.” (Contat e Rybalka, “Un entretien avec Jean-Paul Sartre”, *Le Monde* de 14-5-1971.)

Isso não significa que Bakhtin queria que se tomasse sua posição pela de um relativista; mas não chega a explicar bem em que consiste a diferença. Gosta de comparar o pluralismo *de* Dostoïevski, *tal como o estabelece, com o de Dente, uma vez que este faz ouvir, na simultaneidade ideal da eternidade, as vozes dos ocupantes de todas as esferas terrestres e celestes* (Dostoïevski, *pp. 36 e 42); Bakhtin, porém, contenta-se em anotar como um fato secundário o caráter “vertical”, isto é, hierarquizado, do universo de Dante, em oposição ao mundo “horizontal” de Dostoievski, mundo da “pura coexistência”* (Voprosy, *p. 308). Ora, a djferença é imensa e, se fosse verdadeira, não se vê bem em que Dostoievski e Bakhtin, que se apresenta como seu porta-voz, escapariam ao relativismo! Se fosse esta a última palavra de Bakhtin, cumpriria realmente ver nele o representante, se não da estética romântica em sua corrente principal, pelo menos da ideologia individualista e relativista que domina a época moderna.*

Mas as coisas são um tanto mais complexas. Ao mesmo tempo que ilustra essa ideologia, Bakhtin faz ouvir uma voz muito diferente. Entretanto, aqui, ao contrário do que se passava anteriormente, entre o livro de juventude sobre o autor e o herói e a obra sobre Dostoievski, o conflito já não é aberto, não corresponde a uma sucessão no tempo, e pode-se supor que Bakhtin estivesse consciente disso. Trata-se mais de inconsistências reveladoras no que Bakhtin acha ser uma afirmação homogênea; mas talvez seja daí que vem sua mais nova contribuição.

É preciso, para encontrar este outro – terceiro! — Bakhtin, tornar a partir da interpretação que ele faz do pensamento e da posição de Dostoievski, já que estes são determinantes para as idéias do próprio Bakhtin. Depois de seu célebre discurso sobre Puchkin, em 1880, Dostoievski é interpelado por um escritor da época, Kavelin, que lhe opõe sua idéia da moralidade: age moralmente aquele que age de perfeito acordo com suas convicções. E, portanto, uma outra versão do credo relativista e individualista (cada um é seu próprio juiz), no fundo, não muito diferente daquele que Bakhtin acredita encontrar em Dostoievski. Ora, este último escreve, em seu projeto de resposta a Kavelin: “Não basta definir a moralidade pela fidelidade a suas convicções. Cumpre ainda suscitar continuamente em si a pergunta: as minhas convicções serão verdadeiras? Ora, o único meio de verificá-las é Cristo [...]. Não posso considerar como um homem moral aquele que queima os hereges, pois não reconheço vossa tese, segundo a qual a moralidade é a harmonia com as convicções íntimas. Isto é somente a honestidade *[...], não a moralidade. Tenho um modelo e um ideal moral – é Cristo. Pergunto: teria ele queimado os hereges? Não. Então isso significa que queimar os hereges é um ato imoral [...] Cristo cometia erros – está provado! O mesmo sentimento ardente diz: prefiro permanecer com o erro, com Cristo, do que convosco”* (Literaturnoc nasledstvo, *t. 83, pp. 674 s.).*

Logo, Dostoievski exige realmente a existência de uma transcendência, distingue honestidade (fidelidade às convicções) de verdade. Acrescenta a isso que a verdade humana deve antes ser encarnada do que permanecer uma abstração: é o sentido da figura de Cristo; essa verdade humana, encarnada, vale até mais do que a outra, e deve ser a preferida se as duas se contradizem (os “erros” de Cristo): esta é a especificidade da verdade moral.

Bakhtin conhece e cita este texto (Dostoïevski, *pp. 130-131). Porém o comentário que faz sobre ele é claramente revelador de sua interpretação de Dostoievski. “Ele prefere permanecer com o erro, mas com Cristo”, escreve ele* (ibid., *p. 131), ou mais tarde:* “A *oposição entre a verdade e Cristo em Dostoievski”* (Estetika, *p. 355). A parcialidade dessa interpretação está próxima do contra-senso: Dostoievski não opõe a verdade e Cristo, mas identifica-os para opô-los à filosofia dos “pontos de vista” ou das “convicções”; sendo apenas secundariamente que opõe, no mundo moral, verdade encarnada à verdade impessoal, para preferir a primeira à segunda. Contudo reconhecê-lo teria destruído a posição de Bakhtin que, num espírito muito próximo de Kavelin, afirma que “todos os heróis principais de Dostoievski são, enquanto homens de idéia, absolutamente desinteressados, na medida em que a idéia tomou realmente posse do núcleo profundo da personalidade deles”* (Dostoïevski, *p. 115): isso não é basear o juízo moral na fidelidade às convicções, que compartilham o assassino Raskolnikov, a prostituta Sônia, Ivan, o cúmplice do parricida e o “adolescente” que sonha em se tornar Rothschild?*

Nos planos de um romance abandonado, A vida de um grande pecador, *Dostoievski escreve: “Mas que a idéia reinan-*

te da vida fique visível — ou seja, embora sem explicar por palavras toda a idéia reinante e deixando-a sempre enigmática, fazer de sorte que o leitor veja sempre que essa idéia é uma idéia piedosa.” Bakhtin cita também esse texto (Dostoïevski, *p. 132) em apoio à sua afirmação. Porém Dostoievski não diz aí que renuncia à distinção entre idéia ímpia e idéia piedosa; decide apenas não dizê-la com todas as letras e sim sugeri-la de maneira indireta. Bakhtin observa alhures: “*A *verdade não proferida em Dostoievski (o beijo de Cristo)”* (Estetika, *p. 353):*
mas o silêncio de Cristo diante do Grande Inquisidor não significa renúncia à verdade; apenas esta não passa por palavras. A verdade deve ser encarnada, a verdade deve ser indireta: mas uma coisa está clara em tudo isso, é que para Dostoievski a verdade existe.

Acrescentemos a esses testemunhos de Dostoievski, citados por Bakhtin, este outro, que se encontra no Diário de um escritor *para 1873. Ao comentar a peça de um autor populista, Dostoievski escreve: “O autor apaixonou-se demais por sua personagem, e nem uma só vez decidiu-se a dominá-la com o olhar. Parece-nos que não é ainda o bastante expor de uma maneira verdadeira todos os traços dados da personagem; deve-se esclarecê-la resolutamente por seu próprio ponto de vista artístico. A nenhum preço o verdadeiro artista deve manter-se em igualdade com a personagem representada, contentando-se apenas com a verdade real dele: assim, não se alcançará a verdade na impressão”* (Polnoe sobranie sochinenij, *t. 21, 1980, p. 97). Mas é verdade que essas frases se encontram num texto jornalístico e “bobo” de Dostoievski.*

A igualdade entre o herói e o autor, que Bakhtin imputa a Dostoievski, não está somente em contradição com as intenções deste; é, para dizer a verdade, impossível em seu próprio princípio. O próprio Bakhtin quase o diz: a função da “idéia reinante”, tratada na frase de Dostoievski citada anteriormente, é reduzida por ele a quase nada: “Ela deve dirigir apenas a escolha e a disposição da matéria” (Dostoïevski, *p. 132); mas esse quase é enorme. Em Dostoievski, diz outro texto, “o autor não passa de um participante do diálogo (e seu organizador)”* (Estetika, *p. 322): mas o parêntese destrói toda a radicalidade do que foi dito antes. Se o indivíduo é o organizador do diálogo, não é apenas um mero participante.*

Bakhtin parece estar confundindo duas coisas. Uma é que as idéias do autor sejam apresentadas por ele, no interior de um romance, como tão discutíveis como as de outros pensadores. A outra é que o autor esteja no mesmo plano que suas personagens. Ora, nada autoriza tal confusão, já que também é o autor que apresenta tanto suas próprias idéias quanto as das outras personagens. A afirmação de Bakhtin só poderia ser exata se Dostoievski se confundisse, digamos, com Aliocha Karamazov; poder-se-ia dizer nesse momento que a voz de Aliocha está no mesmo plano que a de Ivan. Mas é Dostoievski sozinho que escreve Os irmãos Karamazov, *e representa tanto Aliocha como Ivan. Curiosamente, Bakhtin comete aqui o erro que imputa, no início de seu livro sobre Dostoievski, a todos os outros críticos: confundir Dostoievski com suas personagens. Dostoievski não é uma voz entre outras nos seus romances, é o criador único, privilegiado e radicalmente diferente de todas as suas personagens, uma vez que cada uma delas não é, justamente, senão uma voz, enquanto Dostoievski é o criador dessa própria pluralidade.*

Portanto, Bakhtin percebeu bem uma particularidade da obra de Dostoievski, mas se enganou na maneira de designá-la. Dostoievski é excepcional por representar simultaneamente e no mesmo plano várias consciências, umas tão convincentes quanto as outras; mas ele não deixa de ter, enquanto romancista, uma fé na verdade como horizonte último. O absoluto pode não se encarnar numa personagem (os homens não são Cristo) e não obstante servir de idéia reguladora para a busca comum a todos. É isso que Bakhtin parece reconhecer, de modo bem indireto, quando admite que a pluralidade de consciências e a pluralidade de verdades não são forçosamente interdependentes: “Há que notar que do próprio conceito de verdade única não decorre em absoluto a necessidade de uma única e mesma consciência. Pode-se perfeitamente admitir e pensar que uma verdade única exige uma multiplicidade de consciências” (Dostoïevski, *p. 107). Mas então pode-se também admitir que a pluralidade de consciências não exige a renúncia à verdade única?*

Bakhtin cita e comenta longamente uma frase de Dostoievski, em que este se define não como “psicólogo” e sim como “realista em sentido superior”. Isso quer dizer que não *se contenta em expressar uma verdade interior, mas que descreve homens que existem fora dele e não se reduzem a uma consciência única: os homens são diferentes, o que implica que são necessariamente vários: a multiplicidade dos homens é a verdade do próprio ser do homem. Esta é a razão profunda que atrai Bakhtin a Dostoievski, pois se tentarmos agora apreender com um único olhar a totalidade de sua trajetória intelectual, perceberemos que sua unidade se realiza nessa convicção, presente nele desde antes do livro sobre Dostoievski e até seus derradeiros fragmentos, segundo a qual* o inter-humano é constitutivo do humano. *Tal seria, com efeito, a expressão mais geral de um pensamento que não se reduz em absoluto à ideologia individualista e para o qual Bakhtin não cessou de procurar o que pode nos parecer agora diferentes linguagens destinadas a afirmar um único e mesmo pensamento. Poderíamos, desse ponto de vista, distinguir quatro grandes períodos (quatro linguagens), conforme a natureza do campo em que ele observa a ação desse pensamento: fenomenológico; sociológico; lingüístico; histórico-literário. No decorrer de um quinto período (os últimos anos), Bakhtin tenta a síntese dessas quatro linguagens diferentes.*

O período fenomenológico é ilustrado pelo primeiro livro de Bakhtin, consagrado à relação entre autor e herói. Ele a considera como um caso particular da relação entre dois seres humanos e volta-se portanto para a análise desta. Mas apercebe-se então de que tal relação não pode ser considerada como contingente (podendo não existir); ela é indispensável, pelo contrário, para que o ser humano se constitua num todo, pois o acabamento só pode vir do exterior, através do olhar do outro (é também um tema familiar aos leitores de Sartre). A demonstração de Bakhtin segue dois planos da pessoa humana. O primeiro, espacial, é o do corpo: ora, meu corpo só se torna um todo se é visto de fora, ou num espelho (ao passo que vejo, sem o menor problema, o corpo dos outros como um todo acabado). O segundo é temporal e relaciona-se à "alma": apenas meu nascimento e minha morte me constituem em um todo; ora, por definição, minha consciência não pode conhecê-los por dentro. Logo, o outro é ao mesmo tempo constitutivo do ser e fundamentalmente assimétrico em relação a ele: a pluralidade dos homens encontra seu sentido não numa multiplicação

quantitativa dos "eu", mas naquilo em que cada um é o complemento necessário do outro.

O período sociológico e marxista encontra seu coroamento nos três livros assinados pelos amigos e colaboradores de Bakhtin. Contra a psicologia ou a lingüística subjetivas, que procedem como se o homem estivesse sozinho no mundo, mas também contra as teorias empiristas que se limitam ao conhecimento dos produtos observáveis da interação humana, Bakhtin e seus amigos afirmam o caráter primordial do social: a linguagem e o pensamento, constitutivos do homem, são necessariamente inter-subjetivos.

É nos mesmos anos que Bakhtin se empenha em lançar as bases de uma nova lingüística, ou, como dirá mais tarde, "translingüística" (o termo em uso hoje seria antes "pragmática"), cujo objeto já não é mais o enunciado, mas a enunciação, ou seja, a interação verbal. Depois de haver criticado a lingüística estrutural e a poética formalista, que reduzem a linguagem a um código e esquecem que o discurso é acima de tudo uma ponte lançada entre duas pessoas, elas próprias socialmente determinadas, Bakhtin formula propostas positivas para esse estudo da interação verbal na última parte de seu Dostoïevski *e no longo ensaio sobre "O discurso no romance". Ele analisa, em especial, a maneira pela qual as vozes dos outros (autores anteriores, destinatários hipotéticos) se misturam à voz do sujeito explícito da enunciação.*

O período histórico-literário começa em meados dos anos trinta; comportava dois grandes livros, um sobre Goethe e outro sobre Rabelais, dos quais apenas o segundo chegou até nós (encontraremos aqui a tradução de alguns trechos subsistentes do primeiro), assim como um longo ensaio geral, onde se encontra introduzida a noção de cronotopo. Bakhtin constata que a literatura sempre jogou com a pluralidade de vozes, presente na consciência dos locutores, mas de duas formas diferentes:

ou o discurso da obra é em si mesmo homogêneo, mas se opõe em bloco às normas lingüísticas gerais; ou então a diversidade do discurso (a "heterologia") se encontra representada no próprio interior do texto. É essa segunda tradição que atrai particularmente a sua atenção, tanto dentro quanto fora da literatura; daí o estudo das festas populares, do carnaval, da história do riso.

Cada uma dessas vastas explorações pode ser julgada no domínio que lhe é próprio; mas também fica claro que todas elas participam de um projeto comum. Esse projeto já não pode ser reconciliado com a ideologia individualista, responsável por tantas outras afirmações de Bakhtin, e este último tem razão de lembrar que Dostoievski está nas antípodas da “cultura da solidão principial e sem saída” (Estetika, *p. 312), da idéia do ser auto-suficiente. Para distinguir as duas doutrinas, Bakhtin opõe por vezes o “personalismo” ao “subjetivismo”: este se limita ao “eu”, aquele repousa na relação entre “eu” e “o outro” (cf.* ibid., *p. 370). E a comparação que lhe parece melhor evocar a concepção do mundo de Dostoievski não está em concordância com as suas outras teses, mas postula a irredutibilidade da entidade transindividual: “Se cumpre procurar para ele uma imagem para a qual tenderia todo esse mundo, uma imagem que esteja no espírito do universo intelectual do próprio Dostoievski, esta será a Igreja como comunhão de almas não confundidas, reunindo pecadores e justos”* (Dostoïevski, *p. 36). Mas a Igreja não é simples confrontação de vozes com direitos iguais, é um lugar qualitativamente distinto dos indivíduos que o ocupam e só pode existir graças a uma* ***fé*** *em comum.*

O “super-homem” existe — mas não no sentido nietzschiano de ente superior; sou o super-homem do outro, como ele o é de mim: minha posição exterior (minha “exotopia”) me dá o privilégio de vê-lo como um todo. Ao mesmo tempo, não posso agir como se os outros não existissem: saber que o outro pode ver-me determina radicalmente a minha condição. A socialidade do homem funda-lhe a moral: não na piedade, nem na abstração da universalidade, mas no reconhecimento do caráter constitutivo do inter-humano. Não só o indivíduo não é redutível ao conceito, mas também o social é irredutível aos indivíduos, ainda que numerosos. E pode-se imaginar uma transgrediência que não se confunda com a superioridade pura e simples, que não me conduz a transformar o outro em objeto: é aquela que se vive nos atos de amor, de confissões, de perdão, de escuta ativa (cf. Estetika, *pp. 324-325).*

Poderemos reconhecer nessa linguagem algumas reminiscências cristãs. Sabemos que Bakhtin era, em sua vida pessoal, um crente (cristão ortodoxo). Algumas raras referências explícitas à religião, em seus escritos publicados, permitem reconstituir assim a sua posição. O cristianismo é uma religião em ruptura radical com as doutrinas precedentes, em especial o judaísmo, pelo fato de já não ver Deus como uma encarnação da voz da minha consciência, mas como um ser situado fora de mim que me fornece a transgrediência de que necessito. Devo amar ao próximo e não devo amar a mim mesmo, mas ele pode e deve amar-me. Cristo é o outro sublimado, o outro puro e universal: “O que devo ser para o outro, Deus o é para mim” (Estetika, *p. 52). A imagem de Cristo fornece ao mesmo tempo, portanto, o modelo da relação humana (a assimetria entre o eu e o tu e a necessária complementaridade do tu) e encarna o seu limite extremo, já que* não é senão o outro. *Tal interpretação do cristianismo se vincula à corrente cristológica, vigorosa na tradição religiosa russa e bem familiar a Dostoievski. Ora, afirma Bakhtin, o que Cristo é para os homens, Dostoievski o é para suas personagens (o que não equivale de modo algum, como se vê, a colocá-lo no mesmo plano que elas):*

“É, por assim dizer, a ação de Deus com respeito ao homem, que lhe permite revelar-se a si até o fim (num desenvolvimento imanente), condenar-se a si mesmo, refutar-se” (ibid., *p. 310).*

Portanto, o absoluto encontra realmente um lugar no sistema de pensamento de Bakhtin, ainda que ele nem sempre esteja pronto a reconhecê-lo e se trate de urna transcendência de tipo original: não mais “vertical”, mas “horizontal” ou “lateral”; não mais de essência, mas de posição. Os homens só têm acesso a valores e sentidos relativos e incompletos, mas o fazem tendo como horizonte a plenitude do sentido, o caráter absoluto do valor, eles aspiram a uma “comunhão com o valor superior (ao limite absoluto)” (Estetika, *p. 369).*

Podemos voltar agora ao ponto de partida e reexaminar a posição de Bakhtin no que diz respeito à história da estética - não mais tal como ele próprio formula essa posição aqui e ali, mas tal como ela decorre de suas escolhas filosóficas mais originais. Que vem a ser a literatura? Que vem a ser a crítica? No que tange à primeira pergunta, cumpre primeiro constatar que, em sua prática, Bakhtin não se ateve à crítica da definição formalista da *literatura (para substituí-la por outra); não, ele simplesmente renunciou a procurar a especificidade literária. Não que essa tarefa perca todo o sentido a seus olhos; mas*

esse sentido só existe em relação a uma história particular (da literatura ou da crítica) e não merece a posição central que lhe atribuíram. O que lhe parece agora muito mais importante são todos os laços que se tecem entre a literatura e a cultura, enquanto "unidade diferenciada" dos discursos de uma época (cf. Estetika, *pp. 329-330). Daí seu interesse pelos "gêneros primários ", isto é, as formas de conversação, de discurso público, de trocas mais ou menos regulamentadas. Mais do que "construção" ou "arquitetônica", a obra é acima de tudo heterologia, pluralidade de vozes, reminiscência e antecipação dos discursos passados e futuros; cruzamento e ponto de encontros; ela perde de repente sua posição privilegiada. Portanto, Bakhtin reencontra a transtextualidade, não mais no sentido dos "métodos" formalistas, mas no sentido de um pertencer à história da cultura.*

Quanto à crítica, Bakhtin anuncia-lhe (mais do que pratica) uma nova forma, que mereceria receber o nome de crítica dialógica. Poder-se-ia dizer de modo esquemático que o comentário ocidental moderno (desde, pelo menos, o Tratado teológico-político *de Spinoza) se define por uma ruptura qualitativa entre o texto estudado e o texto do estudo. Se o comentário se situasse no mesmo nível do texto estudado, os dois versariam sobre o mesmo objeto e seu debate concerneria à verdade. Ao estabelecer uma ruptura radical entre os dois, o comentário renuncia à questão da verdade do texto e limita-se à do seu sentido, à descrição de suas formas e de seus funcionamentos. Desse modo, o texto estudado se torna um objeto (uma linguagem-objeto), e o comentário atinge a categoria da metalinguagem. Tal concepção, que já serve de base para a filologia clássica, encontra uma espécie de remate no estruturalismo, onde a atenção do observador se concentra nas relações materiais entre elementos constitutivos da obra; isso torna possível a formalização deles, considerada como ideal da ciência.*

Para Bakhtin, tal posicionamento do problema deforma perigosamente a natureza do discurso humano. Reduzir o outro (aqui o autor estudado) a um objeto é ignorar-lhe a característica principal: a saber, que é justamente um sujeito, ou seja, alguém que fala — exatamente como estou fazendo ao dissertar sobre ele. Mas como dar-lhe de novo a palavra? Reconhecendo o parentesco de nossos discursos, vendo em sua jus-

taposição, não a da metalinguagem e da linguagem-objeto, mas o exemplo de uma forma discursiva muito mais familiar: o diálogo. Ora, se aceito que nossos dois discursos estão em relação dialógica, aceito também colocar-me de novo a questão da verdade. Isto não significa voltar à situação anterior a Spinoza, quando os Padres da Igreja aceitavam colocar-se no terreno da verdade porque acreditavam possuí-la. Aspira-se aqui a buscar a verdade, ao invés de considerá-la como dada de antemão:
ela é um horizonte último e uma idéia reguladora. Como diz Bakhtin: "Cumpre dizer que tanto o relativismo como o dogmatismo excluem igualmente qualquer discussão, qualquer diálogo autêntico, tornando-os seja inúteis (o relativismo), seja impossíveis (o dogmatismo)" (Dostoïevski, *p. 93). Para a crítica dialógica, a verdade existe, mas não a possuímos.*

Tal concepção da crítica tem importantes repercussões na metodologia de todas as ciências humanas. A especificidade do mundo humano, como já observara Montesquieu, é que os homens obedecem a leis e ao mesmo tempo agem livremente. A conformidade à lei torna-os passíveis da mesma análise que os fenômenos da natureza. Daí a tentação de aplicar ao conhecimento dos homens os métodos das ciências naturais. Mas contentar-se com isso seria esquecer o caráter duplo do comportamento humano. Ao lado da explicação por leis (para falar a linguagem da filosofia alemã do início do século XX, que Bakhtin emprega), é preciso praticar a compreensão da liberdade humana. Essa oposição não coincide exatamente com a existente entre ciências naturais e ciências humanas: não só porque estas conhecem, por sua vez, a explicação, mas também porque aquelas, como ficamos sabendo há pouco, não ignoram a compreensão; continua a ser verdade, não obstante, que uma predomina aqui e a outra ali.

O trabalho do crítico comporta três partes. Num primeiro nível, trata-se do simples estabelecimento dos fatos, cujo ideal, diz Bakhtin, é a precisão: recolher os dados materiais, reconstituir o contexto histórico. Na outra extremidade do espectro situa-se a explicação por *leis: sociológicas, psicológicas, até mesmo biológicas (cf.* Estetika, *p. 343). Ambos são legítimos e necessários. Mas é entre eles, de certo modo, que se situa a atividade mais específica e mais importante do crítico e*

do pesquisador em ciências humanas: é a interpretação como diálogo, a única que permite recobrar a liberdade humana.

O sentido é, de fato, esse “elemento de liberdade que traspassa a necessidade” (ibid., *p. 410). Sou determinado enquanto ser (objeto) e livre enquanto sentido (sujeito). Calcar as ciências humanas sobre as ciências naturais é reduzir os homens a objetos que não conhecem a liberdade. Na ordem do ser, a liberdade humana é apenas relativa e enganadora. Mas na ordem do sentido ela é, por princípio, absoluta, uma vez que o sentido nasce do encontro de dois sujeitos, e esse encontro recomeça eternamente* (ibid., *p. 342). O sentido é liberdade e a interpretação é o seu exercício: este parece realmente ser o último preceito de Bakhtin.*

III

Os textos que compõem este livro provêm de diferentes momentos da carreira de Bakhtin.

A coletânea abre-se com trechos de um livro interrompido por Bakhtin em cerca de 1922, provavelmente sua primeira grande obra. O plano de conjunto era, como pôde estabelecer o pesquisador americano Michael Holquist, o de um tratado geral de ética e de epistemologia, intitulado provavelmente Arquitetônica da responsabilidade. *As páginas publicadas provêm da segunda parte da obra, da qual faltam o primeiro e os últimos capítulos. O texto se apresenta como a descrição fenomenológica do ato de criação, em especial da criação literária. Porém, Bakhtin descobre que a relação autor-herói não é mais do que um caso específico da relação inter-humana e volta-se para o estudo fenomenológico desta (cap.II e III), antes de retornar a questões mais estritamente estéticas e literárias (cap.IV e V). Para tornar mais fácil a leitura deste texto, acrescentamos subtítulos, que foram colocados entre colchetes.*

O texto seguinte data dos anos 1936-1938, ou seja, do período “histórico-literário” de Bakhtin. Este escrevera um livro sobre Goethe; é possível que o estudo sobre o cronotopo (publicado na coletânea anterior) fizesse parte dele. O livro não havia encontrado editor antes da guerra; durante a guerra, o manuscrito desapareceu. O que resta é um prospecto, do qual

encontraremos aqui dois fragmentos; e um capítulo, dedicado aos problemas de tempo e de espaço.

Todos os outros textos datam do último período “sintético” da vida de Bakhtin. O primeiro apresenta-se como o início, ou o plano, de um livro consagrado aos Gêneros do discurso; *é algo como uma síntese das reflexões lingüísticas de Bakhtin nos anos vinte. O outro é uma resposta a uma pesquisa da revista* Novy mir *sobre o estado atual dos estudos literários. O restante é constituído de notas e de fragmentos relativos a todos os assuntos que interessaram Bakhtin no decurso de sua longa vida; ora se agrupam em unidades temáticas, ora se dispersam ao sabor das associações.*

O volume russo publicado em 1979 comporta além disso:
uma breve nota, primeira publicação conhecida de Bakhtin, datada de 1919 e intitulada “A arte e a responsabilidade”; trechos da primeira edição do livro sobre Dostoievski, não retomados na segunda; um projeto de revisão do livro sobre Dostoievski; em apêndice, as notas de aula de uma ouvinte de Bakhtin (o curso versava sobre o poeta russo Viatcheslav Jvanov); e nas notas, trechos de cartas e de rascunhos.

As notas do autor são assinaladas por números, as do tradutor francês por asteriscos.

Tzvetan Todorov.

O AUTOR E O HERÓI

– Titulo da edição original: *O autor e o herói na atividade estética.*
– Texto de arquivos (1920-1930), não retomado pelo autor e deixado inacabado. O manuscrito não tem título e encontra-se mutilado de sua parte inicial. A publicação original menciona as passagens *ilegíveis* (assinaladas com [il...]) assim como os *cortes* que foram praticados (assinalados com *[...]),* que estia edição reproduz.

1

O problema do herói na atividade estética

A relação do autor com o herói, tal como se inscreve em sua arquitetônica estável e em sua dinâmica viva, deve ser compreendida tanto sob o ângulo do princípio básico a que obedece, quanto sob o ângulo das particularidades individuais que ela reveste neste ou naquele autor, nesta ou naquela obra. Propomo-nos, em primeiro lugar, definir esse princípio básico, em segundo, extrair dele os processos e os tipos de individuação e, para terminar, verificar nossas posições mediante uma análise da relação do autor com o herói nas obras de Dostoievski, Puchkin e outros.

Já enfatizamos o bastante que todos os componentes de uma obra nos são dados através da reação que eles suscitam no autor, a qual engloba tanto o próprio objeto quanto a reação do herói ao objeto (uma reação a uma reação); é nesse sentido que um autor modifica todas as particularidades de um herói, seus traços característicos, os episódios de sua vida, seus atos, pensamentos, sentimentos, do mesmo modo que, na vida, reagimos com um juízo de valor a todas as manifestações daqueles que nos rodeiam: na vida, todavia, nossas reações são díspares, são reações a manifestações isoladas e não ao *todo do homem,* e mesmo quando o determinamos enquanto todo, definindo-o como bom, mau, egoísta, etc., expressamos unicamente a posição que adotamos a respeito dele na prática cotidiana, e esse juízo o determina menos do que traduz o que esperamos dele; ou então se tratará apenas de uma impressão aleatória produzida por esse todo ou, enfim, de uma má generalização empírica. Na vida, o que nos interessa não é o todo do homem, mas os atos isolados com os quais nos confrontamos e que, de uma maneira ou de outra, nos dizem respeito. E, como veremos mais adiante, é ainda em nós mesmos que somos menos aptos para perceber o todo da nossa pessoa. Na obra de arte, em compensação, na base das reações de um autor às manifestações isoladas do herói, haverá uma reação global ao todo do herói cujas manifestações isoladas adquirem importância no interior do conjunto constituído por esse todo, na qualidade de componentes desse todo. Essa reação a um todo é precisamente específica da reação estética que reúne o que a postura ético-cognitiva determina e julga e lhe assegura o acabamento em forma de um todo concreto-visual que é também um todo significante. Essa reação global ao herói é assinalada por uma posição de princípio, produtiva e criadora. De uma maneira geral, uma relação assinalada por uma posição de principio é produtiva e criadora. O que na vida, na cognição e no ato, designamos como objeto determinado, não recebe sua designação, seu rosto, senão através da nossa relação com ele: é nossa relação que determina o objeto e sua estrutura e não o contrário; é somente quando nossa relação se torna aleatória, como que caprichosa, quando nos afastamos da relação de princípio que estabelecemos com as coisas e com o mundo, que o objeto se nos torna alheio e fica autônomo, começa a se desagregar, abandonando-nos ao reino do aleatório no qual perdemos a nós mesmos e perdemos também a determinação estável do mundo. O autor não encontra uma visão do herói que se assinale de imediato por um princípio criador e escape ao aleatório, uma reação que se assinale de imediato por um princípio produtivo; e não é a partir de uma relação de valores, de imediato unificada, que o herói se organizará em um todo: o herói revelará muitos disfarces, máscaras aleatórias, gestos falsos, atos inesperados que dependem das reações emotivo-volitivas do autor; este terá de abrir um caminho através do caos dessas reações para desembocar em sua autêntica postura de valores e para que o rosto da personagem se estabilize, por fim, em um todo necessário. Quantos véus, que escondem a face do ser mais próximo, que parecia perfeitamente familiar, não precisamos, do mesmo modo, levantar, véus depositados nele pelas casualidades de nossas reações, de nosso relacionamento com ele e pelas situações da vida, para ver-lhe o rosto em sua verdade e seu todo. O artista que luta por uma imagem determinada e estável de um herói luta, em larga medida, consigo mesmo. Os mecanismos psicológicos desse processo não poderiam, tais como se apresentam, ser objeto de nosso estudo, pois só temos acesso indireto a eles através do que ficou depositado deles na obra de arte; em outras palavras, só através da história ideal de um sentido e das leis que lhe regem a estruturação. Quanto a determinar a causalidade temporal, o desenvolvimento psicológico desse processo, estes são pontos sobre os quais, no conjunto, ficamos à mercê das hipóteses, e eles não têm nenhuma serventia para a estética.

Essa história ideal do sentido, um autor no-la conta somente em sua obra, e não, se for o caso, em suas confissões sobre a sua obra ou no que formular sobre o processo de seu ato criador. O que diz um autor deve ser considerado com a maior circunspecção pelas seguintes razões: a reação global de que procede o todo do objeto decorre do desempenho do ato criador e não é vivida como algo determinado - pois o que a determina se encontra precisamente no produto criado, isto é, no objeto a que essa reação deu uma forma. O autor reflete a posição emotivo-volitiva de seu herói e não a sua própria atitude para com o herói; esta, o autor a terá concretizado em um objeto, e não poderia, enquanto tal, ser objeto de análise de uma vivência reflexiva; o autor cria, mas não vê sua criação em nenhum outro lugar a não ser no objeto ao qual deu uma forma; em outras palavras, ele só vê o produto em devir de seu ato criador e não o processo psicológico interno que preside a esse ato. Assim é, aliás, a natureza da vivência de qualquer ato criador: ele vive seu objeto e vive a si mesmo no objeto, mas não vive o processo da sua própria vivência; o trabalho de criação é vivido, mas trata-se de uma vivência que não é capaz de ver ou de apreender a si mesma a não ser no produto ou no objeto que está sendo criado e para o qual tende. Por isso o autor nada tem que dizer sobre o processo de seu ato criador, ele está por inteiro no produto criado, e só pode nos remeter à sua obra; e é, de fato, apenas nela que vamos procura-lo. (Os aspectos técnicos do ato criador, a perícia, são claramente perceptíveis, porém, de novo, no objeto.) E quando o artista, além da obra criada e complementarmente a esta, empreende falar-nos de seu ato criador, da relação criadora que ele não viveu interiormente e que se concretizava numa obra (não a viveu, ele vivia o herói), ele substitui a obra já criada por uma relação nova, mais receptiva. Quando o autor estava criando seu herói, só o vivia através da imagem na qual havia inserido o principio de sua relação criadora com o herói; quando o autor fala de seu herói (as confidências de um Gogol, de um Gontcharov), expressa sua relação do momento com um herói já criado e determinado, transmite a impressão que este produz nele como imagem artística e expressa a relação que teria com um ser vivo, determinado, encarado de um ponto de vista social, moral, ou outro; o herói daí em diante tornou-se independente de seu criador, e o autor, por sua vez, também se tornou independente dele — homem, crítico, psicólogo ou moralista. Se levarmos em consideração fatores aleatórios que condicionam o que diz o homem-autor ao se pronunciar sobre seus heróis, fatores tais como: sua visão atual do mundo suscetível de ter se modificado sensivelmente, suas aspirações, suas pretensões (Gogol), as considerações práticas, a crítica, etc., fica evidente que esse tipo de declaração só pode proporcionar um material incerto sobre a geração do herói. E um material que tem enorme valor biográfico e pode, também, adquirir valor estético, mas somente depois que tiver sido posto em evidência [il...] do sentido artístico da obra. O autor-criador contribuirá para nos esclarecer o homem-autor, sendo apenas depois disso que o significado do que ele disser sobre seu ato criador ficará completo e esclarecido. O herói não é o único que se separa do processo de que emana, o autor faz o mesmo. E por esta razão que cumpre destacar a produtividade, enquanto tal, da atividade criadora e da reação global ao herói: um autor não é o depositário de uma vivência anterior, e sua reação global não decorre de um sentimento passivo ou de uma percepção receptiva; o autor é a única fonte da energia produtora das formas, a qual não é dada à consciência psicologizada, mas se estabiliza em um produto cultural significante; a reação ativa do autor se manifesta na estrutura, que ela mesma condiciona, de uma visão ativa do herói percebido como um todo, na estrutura de sua imagem, no ritmo de sua revelação, na estrutura de entonação e na escolha das unidades significantes da obra.

E apenas com a condição de haver compreendido o princípio dessa reação criadora global de um autor diante do herói, de haver compreendido o princípio dessa visão do herói que o gera enquanto todo determinado em cada um de seus componentes, que se poderão determinar com rigor os critérios de conteúdo e de forma aplicáveis aos diversos tipos de heróis, conferir-lhes um valor constante e constituir uma tipologia fundamentada e sistemática deles. Nesse ponto reina, até agora, o mais completo caos na estética da criação verbal e, principalmente, na história da literatura. A todo momento, esbarramos na confusão total dos diversos tipos de abordagens e de critérios avaliativos. O herói positivo ou negativo (a relação com o autor), autobiográfico ou objetivo, idealista ou realista, a heroificação, a sátira, o humor, a ironia; o herói épico, dramático, lírico, o caráter, o tipo, a personagem; o herói romanesco; a famosa classificação dos papéis cênicos: o galã (lírico, dramático), o raciocinador, o ingênuo, etc. — todas elas classificações que não determinam o herói, não são fundamentadas, não se ajustam umas às outras, e, por sinal, falta o próprio princípio que possibilitaria ajustá-las, fundamentá-las. A abordagem mais séria desses problemas resume-se aos métodos biográficos e sociológicos, que, entretanto, não dão provas de uma compreensão formal-estética suficientemente aprofundada do princípio criador existente na relação do autor com o herói, a qual é substituída por uma relação psicológica e social, passiva e transcendente* à consciência criadora: o autor e o herói não aparecem como os componentes do todo artístico, mas como componentes da unidade transliterária constituída pela vida psicológica e social.

A prática mais corrente consiste em extrair um material biográfico de uma obra e, inversamente, em explicar uma obra pela biografia, contentando-se com uma coincidência entre fatos pertencentes respectivamente à vida do herói e à do autor. Opera-se com o auxílio de trechos que pretendem ter um sentido e, com isso, esquece-se completamente o todo do herói e o todo do autor, o que faz que se escamoteie o essencial: a forma da relação com o acontecimento, a forma como este é vivido no todo constituído pela vida e o mundo. Semelhantes confrontações factuais são particularmente bárbaras, assim como a ótica pela qual se explicam uma pela outra as respectivas visões do mundo do herói e do autor. E colocam-se em paralelo a formulação abstrata de uma idéia considerada

---

~. *Transcendente* traduz, aqui e mais adiante, o termo *transgrediente* que Bakhtin tira da terminologia da estética alemã — sem ambigüidade terminológica possível com os empregos calcados no francês e concernentes à filosofia idealista — no capítulo III — 1-2-3, pp. 112, 120, *125*.

isoladamente no autor e a idéia correspondente que se irá buscar na boca do herói, correlacionam-se as declarações políticas, sociais, de um Griboiedov e as declarações correspondentes de seu herói, Tchacki, afirma-se a similitude de suas visões sociopolíticas do mundo: assimilam-se, do mesmo modo, as opiniões de um Tolstoi e as de seu herói, Levin. Como veremos mais adiante, é impossível qualquer correspondência teoricamente fundamentada entre um herói e um autor, pois a relação é de natureza diferente. No caso que acabamos de mencionar, sempre se ignorará o princípio fundamental de uma distinção dos planos em que se situam o todo do herói e o todo do autor, se ignorará até a forma da relação com uma idéia, ou mesmo com uma visão do mundo que, em principio, constitui um todo teórico. E chega-se a discutir o herói como se se tratasse de um autor, como se fosse possível discutir ou aprovar *o que existe*, e ter-se-á esquecido a *refutação estética*. Acontece, por certo, que um autor converta seu herói no porta-voz de suas próprias idéias, segundo o valor teórico ou ético delas (político, social), com o intuito de torná-las verídicas, com o objetivo de difundi-las, mas o princípio estético da relação com o herói não é respeitado; nesses casos, ocorre mesmo assim, a despeito da vontade e da consciência do autor, um remanejamento da idéia que a fará corresponder ao todo do herói, e isso não no interior da unidade teórica de sua visão do mundo, mas no interior do todo de sua pessoa onde, junto com seu aspectofísico, com sua maneira de ser, com seu contexto de vida, essa visão do mundo que lhe é própria representa apenas um componente desse todo; em outras palavras, a propagação de uma idéia é substituída pelo que denominamos uma encarnação do sentido daquilo que existe. Quando não ocorre tal remanejamento, teremos uma inserção transliterária, não solúvel no todo da obra, e, para explicá-la, para avaliar a distância que se introduziu entre a idéia, no significado puramente teórico que ela tinha para o autor, e a forma que procurou encarná-la,

incorporá-la ao todo constituído pelo pensamento de um herói, em outras palavras, para descobrir a direção em que se efetuou esse remanejamento, será preciso ter compreendido previamente o principio estético que fundamenta a relação do autor com o herói. Não procuramos negar totalmente o valor das eventuais confrontações, que podem ser eficazes, entre as respectivas biografias do autor e do herói, entre suas visões do mundo — em se tratando de história da literatura ou de estética ~, denunciamos simplesmente o procedimento puramente factual, desprovido de qualquer principio, tal como é praticado atualmente, baseado na confusão total entre o autor-criador, componente da obra, e o autor-homem, componente da vida, com total ignorância do princípio criador existente na relação do autor com o herói. Daí resulta, de um lado, a ignorância e a distorção da pessoa ética, biográfica, do autor, e, do outro lado, uma incompreensão geral do todo constituído pela obra e o autor. Servir-se de uma fonte pressupõe que se tenha compreendido seu princípio produtor; o procedimento aplicado nas ciências históricas para o estudo das fontes é insuficiente quando se trata de utilizar a obra de arte como fonte biográfica, pois é um procedimento que não leva em conta o princípio de funcionamento específico a essa fonte [il...]. Reconhecemos que o erro metodológico que denunciamos, referente à relação com uma obra de arte, afeta menos a história da literatura do que a estética da criação verbal, área em que a formação histórico-genética exerce de modo todo especial suas devastações.

Não sucede o mesmo quando a estética se situa no âmbito da filosofia geral, onde o problema da relação do autor com o herói é colocado em conformidade com um princípio básico, ainda que nem sempre seja em uma forma pura. (No momento oportuno voltaremos à tipologia dos heróis e à apreciação dos métodos biográficos e sociológicos.) Tínhamos em vista as noções: 1) de empatia *(Ein.fühlung)* pelo fato de ela comportar expressamente o princípio de uma relação estética do autor-contemplador com o objeto em geral e com o herói em particular (que foi fundamentada da maneira mais profunda em Lipps); 2) de amor estético (a simpatia social em Guyau e, numa ótica totalmente diferente, o amor estético em Cohen). Acontece que essas duas [il...] concepções têm um caráter demasiado geral e operam sem principio diferencial, quer se trate das diversas formas de arte, quer do objeto específico de uma visão estética, ou seja, do herói (mais bem diferenciado em Cohen). Até sob o ângulo de uma estética geral, tanto um quanto o outro desses princípios não nos parecem inteiramente aceitáveis, embora tanto um como outro comportem inúmeros pontos exatos. Precisaremos levar em conta essas duas noções na seqüência de nosso desenvolvimento. Por ora, não é a ocasião de darmos uma apreciação global delas.

A estética da criação verbal ganharia em se inspirar mais na filosofia estética do que nas generalizações pseudocientíficas da genética, tal como elas se manifestam na história da literatura. É lamentável que aquisições importantes da estética geral não tenham exercido nenhuma influência sobre a estética da criação verbal. Chega-se a registrar como que um temor ingênuo ante um eventual aprofundamento filosófico. É o que explica o nível extraordinariamente baixo em que se encontra a problemática dos fatos de literatura.

Vamos agora dar uma definição muito genérica do autor e do herói, concebidos como correlativos no todo de uma obra; depois, apresentaremos uma fórmula muito genérica da inter-relação deles, fórmula esta que será submetida a uma diferenciação e a um aprofundamento nos capítulos seguintes.

O autor é o depositário da tensão exercida pela unidade de um todo acabado, o todo do herói e o todo da obra, um todo transcendente a cada um de seus constituintes considerado isoladamente. Esse todo que assegura o acabamento ao herói não poderia, por princípio, ser-nos dado de dentro do herói, o herói não pode viver dele e inspirar-se nele em sua vivência e em seus atos, esse todo lhe vem — é-lhe concedido como um dom — de outra consciência atuante, da consciência criadora do autor. A consciência do autor é consciência de uma consciência, ou seja, é uma consciência que engloba e acaba a consciência do herói e do seu mundo, que engloba e acaba a consciência do herói por intermédio do que, por princípio, é transcendente a essa consciência e que, imanente, a falsearia. O autor não só vê e sabe tudo quanto vê e sabe o herói em particular e todos os heróis em conjunto, mas também vê e sabe mais do que eles, vendo e sabendo até o que é por princípio inacessível aos heróis; é precisamente esse *excedente,* sempre determinado e constante de que se beneficia a visão e o saber

do autor, em comparação com cada um dos heróis, que fornece O principio de acabamento de um todo — o dos heróis e o do acontecimento da existência deles, isto é, o todo da obra. Com efeito, o herói leva uma vida cognitiva e ética, seus atos se orientam no acontecimento ético aberto da vida ou no mundo pré-dado da cognição; o autor dirige o herói e sua orientação ético-cognitiva no mundo da existência que é por principio acabado e que tira seu valor, sem levar em conta o sentido por-vir* do acontecimento, da própria diversidade de sua atualidade concreta. Se eu mesmo sou um ser acabado e se o acontecimento é algo acabado, não posso nem viver nem agir: para viver, devo estar inacabado, aberto para mim mesmo — pelo menos no que constitui o essencial da minha vida —, devo ser para mim mesmo um valor ainda por-vir, devo não coincidir com a minha própria atualidade.

A consciência do herói, seu sentimento e seu desejo do mundo — sua orientação emotivo-volitiva material —, é cercada de todos os lados, presa como em um círculo, pela consciência que o autor tem do herói e do seu mundo cujo acabamento ela assegura; o discurso do herói sobre si mesmo é impregnado do discurso do autor sobre o herói; o interesse (éticocognitivo) que o acontecimento apresenta para a vida do herói é englobado pelo interesse que ele apresenta para a atividade artística do autor. E nesse sentido que a objetividade estética opera numa perspectiva que a distingue da objetividade cognitiva e ética: esta depende de um juízo neutro, indiferente à pessoa e ao acontecimento e que se exerce do ponto de vista de um valor ético e cognitivo, de um significado geral, ou considerado como tal, ou que tende para esse significado geral; para a objetividade estética, o que está no centro dos valores é o todo do herói e do acontecimento que lhe concerne, aos quais serão subordinados todos os valores éticos e cognitivos; a objetividade estética engloba e inclui a objetividade éticocognitiva. É claro que os valores cognitivos e éticos não mais Poderão, por conseguinte, ser os fatores de acabamento de um

---

* *Pré-dado* traduz, neste texto, uma noção complexa *(zadannost')* que entra em oposiçãocombinação com (1) o *dado (dannost'),*

(2) o que *se Situa na frente, à espera (predstojachtcheje)* cuja grafia analítica *por-vir* transmite melhor o Sentido.

todo e, nesse sentido, são transcendentes à consciência, não só efetiva, mas também possível, como que prolongada em pontilhado, do herói: o autor sabe e vê mais que ele, não só na direção do olhar de seu herói, mas também nas outras direções, inacessíveis ao próprio herói; é esta precisamente a postura que um autor deve assumir a respeito de um herói.

Para encontrar o autor assim entendido numa dada obra, cumprirá separar tudo quanto serve para o acabamento do herói e do acontecimento que sua vida constitui e que é, por princípio, transcendente à consciência do herói, e, a partir daí, determinar o princípio de unidade da tensão criadora aplicada; o depositário vivo dessa unidade que fundamenta o acabamento é o autor, em oposição ao herói que, por sua vez, é o depositário da unidade que fundamenta o acontecimento aberto, que não pode ser acabado por dentro, constituído pela vida. A atividade que assegura o acabamento ao herói provoca também sua passividade, assim como a parte é passiva em relação ao todo que a engloba e lhe assegura o acabamento.

Daí decorre diretamente a fórmula geral do princípio que marca a relação criadora, esteticamente produtiva, do autor com o herói, uma relação impregnada da tensão peculiar a uma exotopia — no espaço, no tempo, nos valores — que permite juntar por *inteiro* um herói que, internamente, está disseminado e disperso no mundo do pré-dado da cognição e no acontecimento aberto do ato ético; que permite juntar o próprio herói e sua vida e completá-lo *até torná-lo um todo* graças ao que lhe é inacessível, a saber, a sua própria imagem externa completa, o fundo ao qual ele dá as costas, sua atitude para com o acontecimento da sua morte e do seu futuro absoluto, etc.; que permite, finalmente, proporcionar ao herói a razão de ser e o acabamento, sem levar em conta o sentido, as aquisições e os êxitos de sua própria vida orientada para a frente dele mesmo. Essa atitude do autor vai subtrair o herói ao acontecimento, singular e único, da existência, o qual engloba o herói e o autor-homem, no qual o herói poderia situar-se ao lado do autor — quer como companheiro, à sua frente, quer como adversário, quer, afinal, no interior do autor, *como ego* —, vai subtrair o herói à solidariedade em comum e à responsabilidade coletiva e vai engendrá-lo, enquanto novo homem, num novo plano da existência, onde ele não poderia nascer por própria

conta e pelas próprias forças, onde ele reveste uma carne nova que, para ele mesmo, não é substancial e não existe. É [il...] .a exotopia do autor, seu próprio apagamento amoroso fora do campo existencial do herói e o afastamento de todas as coisas no intuito de deixar esse campo livre para o herói e para sua vida, é a compreensão que participa no acabamento do acontecimento da vida do herói, exercendo-se a partir do ponto de vista real-coginitivo e ético de um espectador que não toma parte no acontecimento.

Essa relação, formulada aqui de uma forma um tanto quanto genérica, comporta um princípio vital e dinâmico: a exotopia é algo por conquistar e, na batalha, é mais comum perder a pele do que salvá-la, sobretudo quando o herói é autobiográfico, embora esse não seja o único caso: costuma ser tão difícil situar-se fora daquele que é o companheiro do acontecimento quanto fora daquele que é o adversário; tanto faz situar-se dentro do herói, ao seu lado ou à sua frente, todas estas são posições que, do ponto de vista dos valores, desnaturam a visão e não contribuem para completar o herói e assegurar-lhe o acabamento; em todos esses casos, os valores da vida triunfam sobre aqueles que são seus depositários. A vida do herói é vivida pelo autor numa categoria de valores diferente daquela que ele conhece em sua própria vida e na vida dos outros — participantes reais do acontecimento ético aberto, singular e único, da existência —, é pensada num contexto de valores absolutamente diferente.

Mencionarei três casos típicos do recuo que se introduz na relação simples do autor com o herói, os quais aparecem quando o herói coincide com o autor na vida, ou seja, quando no essenXXXXcial o herói é autobiográfico.

De acordo com uma relação simples, o autor deve situar-se fora de si mesmo, viver a si mesmo num plano diferente daquele em que vivemos efetivamente nossa vida; essa é a condição expressa para que ele possa completar-se até formar um todo, graças a valores que são transcendentes à sua vida, vivida internamente, e que lhe asseguram o acabamento. Ele deve tornar-se outro relativamente a si mesmo, ver-se pelos olhos de outro. A bem dizer, na vida, agimos assim, julgando-nos do ponto de vista dos outros, tentando compreender, levar em conta o que é transcendente à nossa própria consciência: assim, levamos em conta o valor conferido ao nosso aspecto em função da impressão que ele pode causar em outrem -— para a pura autoconsciência, de maneira imediata, tal valor não existe (para uma autoconsciência real e pura); levamos em conta o fundo ao qual damos as costas, o que não vemos nem conhecemos de maneira imediata, cujo valor não existe para nós e não é visível, significante, cognoscível senão para os outros; e, finalmente, presumimos, levamos em conta, o que se passará após nossa morte, o que é o resultado global da nossa vida e não existe, claro, senão para os outros; em suma, estamos constantemente à espreita dos reflexos de nossa vida, tais como se manifestam na consciência dos outros, quer se trate de aspectos isolados, quer do todo da nossa vida; chegamos a levar em conta o coeficiente de valor com que a nossa vida se apresenta aos outros, o qual difere profundamente daquele que a acompanha quando a vivemos para nós mesmos, em nós mesmos. Mas o que conhecemos e presumimos de nós mesmos através da visão do outro se torna totalmente imanente à nossa consciência, parece ser traduzido para a linguagem da nossa consciência, sem nela alcançar consistência e autonomia, sem romper a unidade de nossa vida orientada para frente de si mesma, para o acontecimento por-vir e que não fica em repouso e jamais coincide com a sua própria atualidade dada, presente; e quando esses reflexos chegam a consolidar-se na nossa vida, o que pode acontecer, põem em ponto morto, freiam qualquer realização e às vezes se adensam até nos fornecer nosso duplo saído da noite da nossa vida — voltaremos a isso mais adiante. Tudo quanto pode nos assegurar um acabamento na consciência de outrem, logo presumido na nossa autoconsciência, perde a faculdade de efetuar nosso acabamento e apenas amplia em nossa consciência a orientação que lhe é própria; ainda que conseguíssemos apreender o todo de nossa consciência, no acabamento que ele adquire no outro, esse todo não poderia impor-se a nós e assegurar nosso próprio acabamento, nossa consciência o registraria e o superaria, assimilando-o a uma modalidade de sua unidade que, no essencial, é pré-dada e por-vir; a última palavra pertencerá sempre à nossa consciência e não à consciência do outro; quanto à nossa consciência, ela nunca dará a si mesma a ordem de seu próprio acabamento. Na vida, depois de vermos a nós mesmos pelos olhos de outro, sempre regressamos a nós mesmos; e o acontecimento último, aquele que parece-nos resumir o todo, realiza-se sempre nas categorias de nossa própria vida. Numa auto-objetivação estética do homem-autor em forma de herói, esse regresso a si mesmo não deve ocorrer; para o autor-outro, o todo do herói deve permanecer o todo último, é preciso separar o autor do herói/si mesmo de modo contundente, determinar a si mesmo em termos de valores puros para o outro, mais exatamente, ver em si mesmo o outro até o fim; pois, de fato, o fundo possível, imanente à consciência, não é em absoluto a combinação estética da consciência de um herói com seu fundo: este deve ressaltar uma consciência em seu todo, por mais profunda e vasta que ela seja, ainda que ela percebesse o mundo inteiro e nela o tornasse imanente, o processo estético deve proporcionar-lhe um fundo que lhe seja transcendente, o autor deve encontrar um ponto de apoio fora dessa consciência para que ela se torne um fenômeno esteticamente acabado —um herói. Assim também, meu próprio aspecto físico refletido através do outro não é, de maneira imediata, o aspecto físico de um herói.

E quando o autor perde essa posição de valores que lhe assegura sua exotopia ao herói, observam-se três tipos básicos de relação com o herói, com grande número de variantes no interior de cada um desses tipos. Sem antecipar a seqüência de nossa exposição, assinalaremos aqui apenas seus traços mais genéricos.

Primeiro caso: o autor fica sob o domínio do herói cuja orientação emotivo-volitiva material, cuja postura cognitivo-ética no mundo possuem tanto prestígio para o autor que este não pode ver o mundo e as coisas a não ser pelos olhos do herói e não pode viver sua própria vida a não ser pelo interior do herói; o autor não encontra, entre seus próprios valores, um ponto de apoio estável e convincente fora do herói. Claro, para que o todo artístico, ainda que inacabado, possa mesmo assim se concluir, serão necessários fatores de acabamento, e, por conseguinte, o autor deverá necessariamente encontrar um meio de situar-se fora do herói (em geral, o herói não está sozinho e, no caso que analisamos, a relação do autor só se estabelece com o herói principal), senão obteremos um tratado de filosofia ou uma introspecção-confissão* ou então, finalmente, a tensão ético-cognitiva encontrará sua resolução na vida através do ato-ação. Contudo, esses pontos de apoio situados fora do herói, aos quais o autor, queira ou não queira, deve recorrer, não terão um caráter fundamental, serão aleatórios e indecisos; esses pontos de apoio de uma exotopia movediça flutuarão, sendo ocupados apenas relativamente a certas fases da evolução do herói que não tardará a desalojar o autor da posição que este ocupava provisoriamente, obrigando-o a procurar outra às cegas; esses pontos de apoio aleatórios costumam ser fornecidos ao autor pelas outras personagens com as quais o autor se identificar, reproduzindo-lhes o enfoque emotivo-volitivo que as liga ao herói autobiográfico, na esperança de se libertar de seu herói, ou seja, dele próprio. Num processo desse tipo, as modalidades de acabamento são díspares e pouco convincentes. Por vezes, quando logo de saída o combate é desesperado, o autor, para manter-se fora de seu herói, contenta-se com pontos de apoio convencionais que se prendem às técnicas puramente formais de narração e de composição; o resultado é uma obra de produção mecânica e não de criação, o estilo como conjunto operante de procedimentos de acabamento degenera em convencionalismo. Precisemos que isso não se deve a uma concordância ou discordância entre as idéias do autor e as do herói: para encontrar um ponto de apoio fora do herói, não é necessário nem suficiente combater seus pontos de vista; a tensão de uma discordância vivida de maneira interessada e peremptória é tão ineficaz, em termos de estética, quanto uma adesão interessada ao herói. O necessário e encontrar, a respeito do herói, uma posição tal que sua visão do mundo, com o que ela pode ter de certo ou de errado, de bem ou de mal — indiferentemente — se reduza a não ser mais que um componente do todo concreto existencial, intuitivamente perceptível, que ele constitui; o necessário é centrar os valores no dado maravilhoso da existência do herói, após tê-los subtraído às coerções do pré-dado; é, não o escutar e concordar com ele, mas vê-lo por inteiro, em toda a plenitude de sua atualidade presente, e admirá-lo — o que não compromete em nada a importância de uma postura ético-cognitiva suscetível de acarretar uma concordância ou discordância que, longe de se perderem, guardam toda a sua importância, limitando-se, todavia, a não ser mais que um componente do todo constituído pelo herói; a admiração é pensada e se organiza em tensão; a concordância e a discordância só significam a integridade, sem com isso a esgotar, da posição ocupada pelo autor a respeito do herói. No caso que analisamos, essa posição singular é a única de onde é possível ver o todo do herói e o mundo enquanto componente que o cerca, o delimita, e contra o qual ele se destaca; essa posição exotópica ao herói não tira a estabilidade e a força de convicção de uma visão completa de que pode beneficiar-se um autor, da qual decorre, entre outras coisas, uma particularidade específica ao todo artístico do caso preciso que estudamos; o fundo não é trabalhado, não é visto distintamente pelo autor-contemplador e

---

* *Introspecção~confissâo* traduz, aqui e mais adiante, uma palavra composta bakhtiniana *(samootchiot-ispoved’,j,* literalmente, auto-relato-confissão

nos é dado de modo hipotético, incerto, de dentro do herói, do mesmo modo que nos é dado o da nossa própria vida. Às vezes esse fundo está totalmente ausente: fora do herói e de sua consciência, nenhum elemento da realidade está estabilizado; o herói não é aparentado com o fundo do qual ele se destaca (com um ambiente e com um modo de vida, com a natureza, etc.), não se insere num todo artístico necessário, não se movimenta como todo ser vivo se movimenta contra o fundo de um cenário inerte e imóvel; não haverá fusão orgânica entre a posição interior, ético-cognitiva, do herói e sua expressividade externa (seu aspecto físico, sua voz, sua maneira de ser, etc.), pois como esta o envolve como uma máscara, fortuita e não-essencial, ou então não atinge relevo algum, o herói não fica voltado para nós, só o vivemos de dentro dele; os diálogos, tais como sucedem entre seres orgânicos, concretos — cujas modalidades significantes, necessárias à execução artística, estão a cargo dos rostos, das roupas, da mímica, da ambiência da vida, e que ultrapassam o contexto de uma dada cena — começam a degenerar em debates interessados cujos valores são centralizados no objeto debatido; e, finalmente, os constituintes que funcionam como elementos de acabamento não ficam unificados, os traços do autor se dispersam e não lhe asseguram a unidade, o autor pode ser substituído por uma figura convencional. E a esse tipo que pertencem quase todos os heróis de Dostoievski, certos heróis de Tolstoi (Pedro, Levin), de Kierkegaard, de

Stendhal e de outros escritores cujos heróis tendem em parte aos extremos desse tipo de personagem.

Segundo caso: o autor tem o domínio do herói, introduz nele princípios de acabamento, a relação do autor com o herói se torna, em parte, a relação do herói consigo mesmo. O herói empreende determinar a si mesmo, a autoprojeção do autor se entranhou na alma do herói e nas suas palavras.

Esse tipo de herói pode evoluir em duas direções. Primeiro, o herói não é autobiográfico e o princípio de autoprojeção que o autor insuflou nele é apto para assegurar-lhe o acabamento; se, no primeiro caso que analisamos, era a forma que se perdia, neste, é o realismo da postura emotivo-volitiva do herói em sua vida que perde sua força de convicção. Assim é o herói do pseudoclassicismo cuja postura interior é submetida a um acabamento exclusivamente artístico: na menor de suas manifestações — ato, mímica, sentimento, fala — o herói jamais se desvia do princípio estético de que emana. Segundo, o herói é autobiográfico: tendo assimilado a autoprojeção do autor que lhe assegura o acabamento, a reação global que lhe assegura uma forma, o herói a incorpora à sua própria vivência e a supera; esse tipo de herói é refratário a qualquer acabamento interno, supera interiormente tudo o que poderia determiná-lo totalmente e que ele considera inadequado a si mesmo, vivência qualquer integridade acabada como uma limitação e lhe opõe um mistério interior indizível. “Você acredita que estou inteiro aqui”, parece dizer, “você acredita estar vendo tudo o que sou? O essencial, em mim, você não pode nem ver, nem ouvir, nem conhecer.” Um herói assim é infinito para o autor, ou seja, ele sempre renasce e sempre exige novas formas de acabamento que ele próprio destrói com sua autoconsciência. É o herói do romantismo: o romântico teme trair-se através de seu herói e deixa-lhe sempre em alguma parte, dentro dele, uma espécie de respiradouro por onde o herói poderá escapulir para elevar-se acima de sua própria forma de acabamento.

Terceiro caso: o herói é seu próprio autor, pensa sua vida esteticamente, parece representar um papel; diferentemente do herói romântico infinito e do herói impenitente de um Dostoievski, tal herói é auto-satisfeito e seu acabamento repleto de segurança.

A relação do autor com o herói, tal como a caracterizamos em linhas muito gerais, fica mais complexa e varia de acordo com os fatores de ordem ético-cognitiva que determinam o todo do herói e que, como vimos, são indissociáveis da forma artística em que um herói se encarnará. Assim, a orientação emotivo-volitiva material de um herói pode ser valiosa para o autor de um ponto de vista cognitivo, ético, religioso, e então teremos a heroificação; essa orientação pode ser denunciada pelo fato de pretender indevidamente ser importante, e então teremos a sátira, a ironia, etc. Tudo o que é transcendente à autoconsciência do herói e que serve para seu acabamento pode ser utilizado para um ou outro desses fins (satírico, heróico, humorístico, etc.). Assim, encontraremos uma satirização que joga com o aspecto físico, uma zombaria das ambições ético-cognitivas que jogam com a expressividade externa determinada pelo que em geral ela tem de demasiado humano, mas encontraremos, da mesma forma, uma heroificação que se fundamenta no aspecto físico (a monumentalidade na escultura); o plano de fundo, o que se passa às costas do herói e não lhe é visível nem conhecido, pode tornar risíveis sua vida e suas pretensões: um pequeno homem contra o fundo imenso do universo, um pequeno saber contra um fundo de ignorância, a certeza de ser o centro de tudo, de ser excepcional, confrontada com uma idêntica certeza nos outros — em todos esses casos, o fundo é utilizado para desnudar, mas também pode adornar, ser utilizado para heroificar o herói que sobe ao palco. *Mais adiante veremos como a satirizaçâo e a ironia sempre supõem uma possibilidade de serem vividas, ou seja, possuem um grau menor de exotopia.*

Trataremos de demonstrar, antes de mais nada, que os elementos que asseguram o acabamento estético do herói são valores que lhe são transcendentes, que esses elementos são inorgânicos na autoconsciência do herói e não participam do mundo da sua vida que procede de seu interior, que não participam, em outras palavras, do mundo que é o do herói vivo fora do autor — que esses elementos não são vivenciados como valores estéticos pelo herói — e, para terminar, de estabelecer a relação existente entre esses constituintes e os constituintes formais externos: a imagem e o ritmo.

Um único e mesmo participante não pode ocasionar o

acontecimento estético; uma consciência absoluta que não conta com nada que lhe seja transcendente, que esteja situado fora dela mesma e a delimite por fora, não se presta a um processo estético, só é possível participar dela, mas não vê-la como um todo acabado. O acontecimento estético, para realizar-se, necessita de dois participantes, pressupõe duas consciências que não coincidem. Quando o herói e o autor coincidem ou então se situam lado a lado, compartilhando um valor comum, ou ainda se opõem como adversários, o acontecimento estético termina e é o acontecimento ético que o substitui (panfleto, manifesto, requisitório, panegírico e elogio, injúria, confissão, etc.); quando não há herói, ainda que potencial, teremos o acontecimento cognitivo (tratado, lição); quando a outra consciência é a de um deus onipotente, teremos o acontecimento religioso (oração, culto, ritual).

II

A forma espacial do herói

1. *[O excedente da visão* estética.]

Quando contemplo um homem situado fora de mim e à minha frente, nossos horizontes concretos, tais como são efetivamente vividos por nós dois, não coincidem. Por mais perto de mim que possa estar esse outro, sempre verei e saberei algo que ele próprio, na posição que ocupa, e que o situa fora de mim e à minha frente, não pode ver: as partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar — a cabeça, o rosto, a expressão do rosto —, o mundo ao qual ele dá as costas, toda uma série de objetos e de relações que, em função da respectiva relação em que podemos situar-nos, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele. Quando estamos nos olhando, dois mundos diferentes se refletem na pupila dos nossos olhos.

Graças a posições apropriadas, é possível reduzir ao mínimo essa diferença dos horizontes, mas para eliminá-la totalmente, seria preciso fundir-se em um, tornar-se um único homem.

Esse *excedente* constante de minha visão e de meu conhecimento a respeito do outro, é condicionado pelo lugar que sou o único a ocupar no mundo: neste lugar, neste instante preciso, num conjunto de dadas circunstâncias — todos os outros se situam fora de mim. A exotopia concreta que beneficia só a mim, e a de todos os outros a meu respeito, sem exceção, assim como o excedente de minha visão que ela condiciona, em comparação a cada um dos outros (e, correlativamente, uma certa carência — o que vejo do outro é precisamente o que só o outro vê quando se trata de mim, mas isso não é essencial para nosso propósito pois, em minha vida, a inter-relação *“eu-o outro”* é concretamente irreversível); tudo isso é compensado pelo conhecimento que constrói um mundo de significados comuns, independente dessa posição concreta que um indivíduo é o único a ocupar, e onde a relação *“eu* e *todos os Outros”* não é absolutamente não-invertível, pois a relação *“eu* e *o outro”* é, no abstrato, relativa e invertível, porque o sujeito cognoscente como tal não ocupa um lugar concreto na existência. Porém esse mundo unificado do conhecimento não poderia ser percebido como o único todo concreto que abarcasse toda a diversidade das propriedades existenciais, do mesmo modo que percebemos o que temos diante dos olhos, pois a percepção efetiva de um todo concreto pressupõe um contemplador único e encarnado, situado num dado lugar; o mundo do conhecimento e cada um de seus elementos só podem ser pensados. Da mesma forma, uma emoção interior e o todo da vida interior podem ser vivenciados concretamente — percebidos internamente — seja na categoria do *eu-para-mim,* seja na categoria do *outro-para-mim;* em outras palavras, seja como vivência própria, seja como vivência desse outro único e determinado.

A contemplação estética e o ato ético não podem abstrair o fato de que o sujeito desse ato e dessa contemplação artística ocupa na existência um lugar concreto, único.

O excedente de minha visão, com relação ao outro, instaura uma esfera particular da minha atividade, isto é, um conjunto de atos internos ou externos que só eu posso pré-formar a respeito desse outro e que o completam justamente onde ele não pode completar-se. Esses atos podem ser infinitamente variados em função da infinita diversidade das situações em que a vida pode colocar-nos, a ambos, num dado momento. Mas em toda parte e sempre o excedente da minha atividade existe e seus componentes tendem a uma constância estável. O que nos interessa aqui não são atos que, em virtude de seu sentido externo, implicam a mim e ao outro no acontecimento singular e único da existência e visam à modificação efetiva do acontecimento e do outro que nele se inscreve enquanto constituinte do acontecimento — estes são atos-ações propriamente éticos; o que nos importa são os atos de *contemplação* — atos, pois a contemplação é algo ativo e produtivo — que não ultrapassam o âmbito do dado representado pelo outro e se limitam a unificar e a ordenar esse dado; os atos de contemplação, que decorrem do excedente da minha visão interna e externa do outro, são, precisamente, atos propriamente estéticos. O excedente da minha visão contém em germe a forma acabada do outro, cujo desabrochar requer que eu lhe complete o horizonte sem lhe tirar a originalidade. Devo identificar-me com o outro e ver o mundo através de seu sistema de valores, tal como ele o vê; devo colocar-me em seu lugar, e depois, de volta ao meu lugar, completar seu horizonte com tudo o que se descobre do lugar que ocupo, fora dele; devo emoldurá-lo, criar-lhe um ambiente que o acabe, mediante o excedente de minha visão, de meu saber, de meu desejo e de meu sentimento. Quando tenho diante de mim um homem que está sofrendo, o horizonte da sua consciência se enche com o que lhe causa a dor e com o que ele tem diante dos olhos; o tom emotivo-volitivo que impregna esse mundo das coisas é o da dor. Meu ato estético consiste em vivenciá-lo e proporcionar-lhe o acabamento (os atos éticos —ajudar,

socorrer, consolar — não estão em questão aqui). O primeiro momento da minha atividade estética consiste em identificar-me com o outro: devo experimentar — ver e conhecer — o que ele está experimentando, devo colocar-me em seu lugar, coincidir com ele (como, de que forma é possível essa identificação? Vamos deixar este problema psicológico de lado, limitemo-nos a admitir como incontestável o fato de que, até certo ponto, essa identificação é possível). Devo assumir o horizonte concreto desse outro, tal como ele o vive; faltará, nesse horizonte, toda uma série de fatos que só são acessíveis a partir do lugar onde estou; assim, aquele que sofre só terá, de sua expressividade externa, uma percepção parcial que ele, por sinal, só conhecerá através da linguagem de suas sensações internas: ele não vê a dolorosa tensão de seus músculos, o finito plástico de seu corpo, a expressão dolorosa de seu rosto, e não vê o céu azul contra o qual se desenha para mim sua imagem externa marcada de dor. E mesmo que ele visse o que vejo
— se se encontrasse na frente de um espelho, por exemplo —, não teria um enfoque emotivo-volitivo apropriado a essa visão que, em sua consciência, não se situaria como ela se situa na consciência do contemplador. No meu processo de identificação, devo abstrair-me do significado autônomo dos fatos que são transcendentes à consciência do outro e que utilizarei a ti-

tulo de informação, como dispositivo técnico que me permite identificar-me com ele; a expressividade externa abre-me o acesso ao interior do outro, permite-me fundir-me com ele por dentro. Mas será a fusão interna o objetivo principal da atividade estética para a qual a expressividade externa não seria mais que um meio, uma fonte de informação? De modo algum: para dizer a verdade, a atividade propriamente estética nem sequer começou. Com efeito, vivida internamente, a situação daquele que sofre pode levar a um ato ético — ajuda, reconforto, especulação cognitiva — e, de qualquer modo, após nos termos identificado com o outro, devemos voltar a nós mesmos, recuperar nosso próprio lugar fora daquele que sofre, sendo somente então que o material recolhido com a identificação poderá ser pensado nos planos ético, cognitivo ou estético. Se não houver essa volta a si mesmo, fica-se diante de um fenômeno patológico que consiste em viver a dor alheia como a própria dor, de um fenômeno de contaminação pela dor alheia, e nada mais. A rigor, uma identificação com o outro que acarrete a perda do lugar que somos os únicos a ocupar fora do outro é quase impossível e, em todo caso, totalmente desprovida de utilidade e de sentido. Quando me identifico com o outro, vivencio *sua* dor precisamente na categoria do *outro,* e a reação que ela suscita em mim não é o grito de dor, e sim a palavra de reconforto e o ato de assistência. Relacionar o que se viveu ao outro é a condição necessária de uma identificação e de um conhecimento produtivo, tanto ético quanto estético. A atividade estética propriamente dita começa justamente quando estamos de volta a nos mesmos, quando estamos no nosso próprio lugar, fora da pessoa que sofre, quando damos forma e acabamento ao material recolhido mediante a nossa identificação com o outro, quando o completamos com o que é transcendente à consciência que a pessoa que sofre tem do mundo das coisas, um mundo que desde então se dota de uma nova função, não mais de informação, mas de *acabamento:* a postura do corpo que nos transmitia a sua dor tornou-se um valor puramente plástico, uma expressão que encarna e acaba a dor expressa e num tom emotivo-volitivo que já não é o da dor; o céu azul que o emoldura tornou-se um componente pictural que traz solução à dor.

E todos esses valores que acabam a imagem do outro, eu

os extraio do excedente de minha visão, vontade e sentimento. Cumpre assinalar que os processos que nos levam à identificação com o outro, a completá-lo e a acabá-lo, não se situam necessariamente numa sucessão cronológica e apenas estamos procurando salientar a distinção de sentido que diferencia essas operações, estreitamente entrelaçadas na nossa vivência do outro. Uma obra de criação verbal conserva esses dois aspectos na menor de suas palavras que tem uma função dupla: guia o processo de identificação e proporciona o princípio de acabamento ao outro, sendo possível o predomínio de um desses dois aspectos. Procuraremos, em primeiro lugar, examinar os valores plástico-picturais de ordem espacial que são transcendentes à consciência do herói e de seu mundo, à sua orientação ético-cognitiva, e que se prendem a um acabamento efetuado de fora, a partir da consciência que o outro terá dele —o autor-contemplador.

2. [A *exterioridade (o aspecto físico).]*

Vamos examinar, em primeiro lugar, o problema do *aspecto físico* enquanto conjunto dos componentes expressivos que constituem o corpo humano. Como vivemos o nosso próprio aspecto físico e como vivemos o aspecto físico do outro? Em que plano da vivência se situa seu valor estético? Estas são as questões em que basearemos a nossa análise.

Não há dúvida de que meu aspecto físico não entra no horizonte concreto de minha visão efetiva, com exceção dos raros casos em que, como Narciso, contemplo meu reflexo na água ou no espelho. Meu aspecto físico, a expressividade do meu corpo, são vividos por mim internamente; é somente como fragmentos díspares, ligados à minha percepção interna, que minha exterioridade é captada no campo das minhas sensações externas e, acima de tudo, no campo da minha visão; mas essas sensações externas não representam a minha última instância, mesmo quando me acontece perguntar-me se trata realmente de meu próprio corpo, e a resposta só me é fornecida por minha percepção interna que assegura também a unidade das imagens fragmentárias que tenho da minha expressividade externa e as traduz em linguagem interna. A percepção é feita

assim: num mundo constituído em um todo que me é visível, audível e tangível, não encontro minha exterioridade expressa enquanto objeto que constitui um todo igualmente externo, objeto entre os outros objetos; encontro-me na fronteira do mundo que vejo e aí não sou aparentado com o nível plástico-pictural. Se meu pensamento situa meu corpo no mundo exterior como um objeto entre os outros objetos, minha visão efetiva não pode vir em auxílio do meu pensamento fornecendo-lhe uma imagem correspondente.

Ë só nos voltarmos para a imaginação criadora, para o devaneio sobre nós mesmos, e logo nos convenceremos de que ela não utiliza o aspecto físico, não evoca sua imagem finita. O mundo de meu devaneio se dispõe à minha frente, semelhante ao horizonte que se oferece à minha visão efetiva, e eu figuro nesse mundo como personagem principal que seduz os corações, cobre-se de glória, etc., sem ter, com isso, a menor representação da minha imagem externa, ao passo que a imagem das outras personagens que povoam meu devaneio, ainda que sejam personagens secundárias, se apresenta com uma nitidez em geral impressionante, que chega a transmitir a expressão dos seus rostos — espanto, admiração, medo, amor —, mas aquele a quem se dirige o medo, a admiração, o amor, ou seja, eu, este não o vejo, vivo meu eu por dentro. Mesmo quando sonho com meus encantos externos, não tenho necessidade de uma representação de mim mesmo, registro apenas o resultado da impressão sobre os outros. De um ponto de vista plásticopictural, o mundo do devaneio se assemelha ao mundo da percepção efetiva; nele tampouco, a personagem principal não é expressa externamente, não se situa no mesmo plano das outras personagens: enquanto estas últimas são expressas *externamente,* a personagem principal, por sua vez, é vivida *por dentro.* O devaneio não preenche as lacunas da percepção efetiva e não tem de preenchê-las. O escalonamento dos planos em que se situam as personagens do devaneio aparece com especial clareza no caso do devaneio erótico: a heroína, objeto do desejo, atinge nele um grau supremo de nitidez externa, o herói — a personagem do devaneador —, tomado em seu desejo e em seu amor, vive a si mesmo por dentro, sem a menor expressividade externa. Encontramos a mesma multiplicidade no sonho (onírico). Ora, se começo a contar meu devaneio ou meu sonho a alguém, sou levado a transpor a personagem principal para o plano em que se situam as outras personagens (mesmo quando a narrativa é feita na primeira pessoa), ou, pelo menos, preciso levar em conta o fato de que todas as personagens da minha narrativa, inclusive eu, serão percebidas num mesmo plano plástico-pictural pelo ouvinte, para quem todas as personagens são *o outro*. Ë isso que diferencia o mundo da criação artística do mundo do devaneio e da vida real: num dos casos, todas as personagens são representadas num mesmo plano plástico-pictural da visão, no outro, o herói principal — eu —não é representado externamente e não necessita de sua imagem. Revestir de uma carne externa essa personagem principal da vida e do devaneio é a principal tarefa do artista. Por vezes, à leitura primária de um romance, o leitor ingênuo substitui a percepção artística pelo devaneio, um devaneio que não é mais seu devaneio livre, e sim o devaneio passivo, determinado pelo romance, que o leva a identificar-se com o protagonista cujo acabamento e, acima de tudo, o aspecto físico vai ignorar e cuja vida vivenciará como se ele próprio fosse o herói.

Podemos tentar imaginar a nossa própria imagem externa, perceber-nos de fora, traduzir-nos em termos de expressividade externa a partir da sensação interna que temos de nós mesmos: está longe de ser fácil e requer um esforço específico, diferente daquele que fazemos quando tentamos evocar o rosto meio esquecido de alguém que conhecemos pouco; o problema que se coloca não é o de uma memória insuficiente de nosso aspecto físico, mas o do princípio segundo o qual a nossa imagem externa nos opõe uma espécie de resistência. Ë simples convencer-se, mediante uma auto-observação, de que o primeiro resultado dessa tentativa será o seguinte: minha imagem, que represento para mim visualmente, vai de início adquirir um contorno indeciso e fixar-se ao meu lado, vivida internamente, e, quando muito, ela se destaca da minha autopercepção interna e desvia-se um pouco para longe de mim; tal como um baixo-relevo, ela se destaca do plano da minha percepção interna sem conseguir separar-se totalmente dela; é um pouco como se eu me tivesse desdobrado sem me dividir completamente: o cordão umbilical da minha percepção liga a expressividade externa à sensação interna que tenho de mim mesmo. Será necessário um novo esforço para imaginar minha pessoa *diante de*

mim mesmo e para separar-me completamente de minha percepção interna. Por menos que se consiga essa representação, o que mais impressiona nessa imagem externa de si mesmo é ela ser *vazia*, *ilusória* e solitária. Como explicar isso? A explicação é simples: não temos, a respeito dessa imagem, a abordagem emotivo-volitiva adequada que poderia dar-lhe vida e incluí-la na unidade exterior do mundo plástico-pictural. As reações que percebem e estruturam a expressividade do outro— admiração, amor, ternura, piedade, inimizade, ódio, etc. —estão orientadas para a nossa frente e não são diretamente aplicáveis a nós mesmos; estruturo meu eu interior — meu eu que ama, quer, sente, vê, conhece — de dentro, em categorias de valores totalmente diferentes e que não são diretamente aplicáveis à minha expressividade externa. Ora, minha percepção interna e minha própria vida se inserem em meu eu que imagina e vê, não no eu imaginado e visto; não disponho em mim de uma reação emotivo-volitiva capaz de dar vida ao meu próprio aspecto externo e de contê-lo, daí esse vazio e essa solidão que o caracterizam.

Para dar vida à minha imagem externa e para fazê-la participar do todo visível, devo reestruturar de alto a baixo a arquitetônica do mundo de meu devaneio introduzindo-lhe um fator absolutamente novo, o da validação emotivo-volitiva da minha imagem a partir do outro e para o outro; porque, dentro de mim mesmo, tenho apenas a minha própria validação interna, uma validação que não posso projetar sobre minha expressividade externa, pois esta é separada da minha percepção interna, o que faz com que me pareça ilusória, num vazio absoluto de valores. Entre minha percepção interna — de onde procede minha visão *vazia* — e minha imagem externa, é absolutamente necessário introduzir, tal como um filtro transparente, o filtro da reação emotivo-volitiva — amor, espanto, piedade, etc. — que um outro pode ter para comigo. E a visão que obterei através desse filtro interno de outra alma, reduzida à categoria de instrumento, que dará vida à minha exterioridade e a fará participar do mundo plástico-pictural. Não devo transformar o possível depositário dessa reação de valor do outro a mim mesmo num ser determinado; este eliminaria no mesmo instante minha imagem externa do campo da minha representação e ocuparia o lugar dela, pois é a ele que eu verei-

eu que estou, normalmente, situado na fronteira do campo de minha visão — com a reação a mim mesmo que ele expressa, e ele introduziria, ademais, uma determinação ficcional em meu devaneio no qual ele se dotaria de um papel de participante; ora, eu preciso é de um autor que não participe do acontecimento imaginário. O que importa é transpor-me da linguagem interna de minha percepção para a linguagem externa da expressividade externa e entrelaçar-me por inteiro, sem resíduo, na textura plástico-pictural da vida, enquanto homem entre outros homens, enquanto herói entre outros heróis. É fácil substituir essa tarefa por uma tarefa especulativa: não há nada mais simples para meu pensamento do que me situar no mesmo plano que os outros, pois em meu pensamento abstraio-me do lugar que eu — único homem a podê-lo — ocupo na existência e abstraio-me também da unicidade visível-concreta do mundo; é por isso que o pensamento não conhece as dificuldades inerentes à auto-objetivação ética e estética.

A objetivação ética e estética necessita de um poderoso ponto de apoio, situado fora de si mesmo, de uma força efetiva, real, de cujo interior seja possível ver-se enquanto outro.

Na realidade, quando contemplo minha imagem externa naquilo que a faz viver e participar de um todo exterior vivo- pelo prisma dos valores da alma do outro possível, essa alma do outro, despojada de autonomia, essa alma-escrava, introduz algo de falso e de totalmente alheio ao acontecimento-existência ético: não é uma geração produtiva e enriquecedora na medida em que carece de qualquer valor autônomo, é um produto fictício que turva a pureza óptica da existência; nesse caso opera-se como que uma substituição óptica, cria-se uma alma sem lugar, um participante sem nome e sem papel. É óbvio que não é pelos olhos de qualquer outro fictício que verei meu verdadeiro rosto; captarei apenas uma máscara. Devo dar a esse filtro de uma reação viva do outro uma consistência e uma autonomia fundamentadas, substanciais, autorizadas, devo convertê-lo num autor responsável. A operação é comprometida pela gratuidade que ela comporta para mim: de volta a mim mesmo, não devo fazer um uso pessoal de seu julgamento. Não está na hora de aprofundar esses problemas num ponto em que tratamos exclusivamente do aspecto físico. É óbvio que meu aspecto físico, enquanto valor estético, não é um fato

imediato de minha consciência e se situa na fronteira do mundo plástico-pictural. Na qualidade de protagonista de minha vida — real ou imaginária — vivencio-me, por princípio, num plano diferente daquele em que se situam as outras personagens da minha vida e do meu devaneio.

A visão que temos de nosso aspecto físico quando nos olhamos no espelho é de natureza totalmente particular. Visivelmente, vemo-nos sem mediação. Ora, não é nada disso; permanecemos em nós mesmos e só vemos o nosso reflexo, um reflexo que não poderia, de maneira imediata, tornar-se um componente de nossa visão e de nossa vivência do mundo: vemos o reflexo de nosso aspecto físico, mas não vemos a nós mesmos em nosso aspecto físico, o aspecto físico não nos engloba por inteiro, estamos diante do espelho, mas não estamos dentro do espelho; o espelho só pode fornecer o material de uma auto-objetivação — um material que não é, para ser exato, sequer um material. De fato, nossa situação na frente do espelho é sempre deturpada pois, na ausência de um meio de abordagem de nós mesmos, também nesse caso identificamo-nos com o outro possível, indeterminado, com cuja ajuda tentamos encontrar uma posição de valores a respeito de nós mesmos; ou seja, é a partir do outro que, mais uma vez, tentamos dar-nos vida e forma; daí essa expressão particular de nosso rosto tal como a vemos no espelho e que não temos na vida. Essa expressão de nosso rosto refletido no espelho se compõe de certo número de expressões que remetem a planos totalmente diferentes de nossa postura emotivo-volitiva, os quais são: 1) a expressão de nossa postura emotivo-volitiva real, tal como está manifesta no momento dado e está fundamentada no contexto da nossa vida; 2) a expressão do julgamento do outro possível, da alma fictícia, não localizada; 3) a expressão de nossa atitude para com um julgamento desse outro possível: satisfação, insatisfação. A relação que temos com nosso aspecto físico não é de ordem estética e só se refere ao efeito que eventualmente podemos causar nos outros — naqueles que nos vêem de maneira imediata — em outras palavras, nosso julgamento não é feito para nós mesmos, mas para os outros e através dos outros. Finalmente, a esses três tipos de expressão, pode-se ainda acrescentar aquela que desejaríamos ver em nosso rosto, não para nós mesmos, naturalmente, mas para os outros: na frente de um espelho, quase sempre posamos, adotando esta ou aquela expressão que nos parece essencial e desejável. Tais são as diversas expressões que, no nosso rosto refletido no espelho, entram em luta e em simbiose fortuita. Nunca é nossa alma, singular e única, que se encontra expressa no acontecimento-contemplação: sempre se introduz um segundo participante —o outro fictício, o autor não fundamentado e não autorizado; não estou sozinho quando me olho no espelho, estou sob o domínio de outra alma. Acontece até que essa outra alma se condense até atingir uma espécie de autonomia: minha frustração, à qual vem juntar-se a insatisfação motivada por meu próprio aspecto físico, dá consistência ao outro — ao autor possível do meu aspecto físico; podemos desconfiar desse outro, odiá-lo, querer destruí-lo: ao tentar lutar contra seu julgamento, condensamo-lo até instaurar sua autonomia, seu ser localizado na existência.

A primeira tarefa do artista que trabalha no auto-retrato consiste precisamente em *eliminar a expressão do rosto refletido*, o que só é possível porque o artista se situa fora de si mesmo, encontra um autor autorizado e fundamentado em seu princípio: trata-se do autor-artista que como tal triunfa sobre o artista-homem. Em todo caso, parece que sempre é possível distinguir o auto-retrato do retrato a partir das características do rosto que conserva algo de ilusório e que dá a impressão de não englobar o homem em sua totalidade. O homem que ri no auto-retrato de Rembrandt sempre provoca em mim uma impressão quase aterrorizante, assim como o auto-retrato de Vrubel, estranhamente imbuído de distanciamento.

Dar uma imagem completa do seu próprio aspecto físico é muito mais difícil para o herói autobiográfico de uma obra de criação verbal, quando essa imagem se insere no desenvolvimento polimorfo da dinâmica romanesca, quando ela deve cobrir o homem inteiro. Que eu saiba, não há uma única obra importante em que tentativas desse tipo tenham chegado a bom termo, mas são muitas as tentativas parciais: algumas delas são o auto-retrato infantil de Puchkin, Irtenev de Tolstoi, Levin também de Tolstoi, o homem do subterrâneo de Dostoievski, etc. A criação verbal não apresenta (o que aliás é impossível) a perfeição pictural do aspecto físico suscetível de entrelaçar-se aos outros aspectos do homem constituído em um todo, tal como o estudaremos mais adiante.

Uma fotografia oferece apenas material para o cotejo, e, também nela, o que vemos é o nosso reflexo sem autor. Esse reflexo, é verdade, não reproduz a expressão do outro fictício, ou seja, é mais puro do que nosso reflexo no espelho, mas nem por isso é menos fortuito, artificial, e não expressa nossa postura emotivo-volitiva na existência. E um material bruto que não se Incorpora à unidade de nossa própria experiência da vida, por falta do princípio que lhe permitiria a incorporação.

Não sucede o mesmo com o retrato executado por um artista que tem prestígio para nós. Nele temos realmente uma janela que se abre para o mundo onde nunca vivemos, nele vemos realmente no mundo do outro, através do outro impregnado de pureza e de integridade, desse outro que é o artista, e esta é uma visão que equivale a uma adivinhação e comporta algo de determinante. Pois o aspecto físico deve englobar-conter e acabar o todo da alma — o todo da postura emotivo-volitiva e ético-cognitiva no mundo —,, e essa função, o aspecto físico só a assume para outrem; para mim, é-me impossível sentir me englobado e expresso pelo aspecto físico, e minhas reações emotivo-volitivas não se alojam numa imagem concluída de mim. Não é na categoria do *eu* mas na categoria do outro que posso vivenciar meu aspecto físico como valor que me engloba e me acaba, e devo insinuar-me nessa categoria para ver a mim mesmo como elemento de um mundo exterior que constitui um todo plástico-pictural.

O aspecto físico não deve ser considerado isoladamente na obra de criação verbal. Certa lacunosidade do retrato pictural nela se encontra compensada por fatos que se relacionam com o aspecto físico e são pouco acessíveis, ou inacessíveis, às artes plásticas, tais como: o andar, os modos, a expressão cambiante do rosto ou do corpo num ou noutro momento de uma vida, a expressão do tempo irreversível de uma vida em seu desenrolar, a expressão do crescimento paulatino do homem que passa pela expressividade externa das idades; as imagens da juventude, da maturidade, da velhice, em sua continuidade plástico-pictural — todos estes aspectos que a expressão pode englobar e que constituem a história do homem exterior. Para a minha consciência, essa imagem global está dispersa na vida e não penetra no campo da minha visão do mundo exterior senão fortuitamente, de forma fragmentária, pois faltam-lhe precisamente a unidade externa e a continuidade. O homem não pode juntar a si mesmo num todo exterior relativamente concluído, porque vive a sua vida na categoria de seu eu. Não é por falta de material no plano de sua visão externa — ainda que sua insuficiência seja considerável- mas por falta de um principio valorativo interno que lhe permitisse, de dentro de si, ter uma abordagem para sua expressividade externa. Espelho, fotografia, auto-observação nada mudarão. Na melhor das hipóteses, obtém-se uma falsificação, um produto estético criado de modo interesseiro, a partir do outro possível, desprovido de autonomia.

É nesse sentido que o homem tem uma necessidade estética absoluta do outro, da sua visão e da sua memória; memória que o junta e o unifica e que é a única capaz de lhe proporcionar um acabamento externo. Nossa individualidade não teria existência se o outro não a criasse. A memória estética é produtiva: ela gera o homem *exterior* pela primeira vez num novo plano da existência.

3. [A *exterioridade da configuração espacial.]*

Uma importante particularidade da visão exterior, plástico-pictural, refere-se à percepção das *fronteiras exteriores que configuram* o homem. Essa percepção é indissociável do aspecto físico: registra uma relação com o homem exterior e com o mundo exterior que engloba e circunscreve o homem no mundo. A consciência vive suas próprias fronteiras exteriores de uma maneira diferente, vive-as numa relação consigo mesma. Apenas o outro pode, de maneira convincente, no plano estético (e ético), fazer-me viver o finito humano, sua materialidade empírica delimitada. Num mundo que me é exterior, o outro se oferece por inteiro à minha visão, enquanto elemento constitutivo deste mundo. A cada instante, vivo distintamente todas as fronteiras do outro, posso captá-lo por inteiro com a visão e o tato; vejo o traçado que lhe delimita a cabeça, o corpo contra o fundo do mundo exterior; no mundo exterior, o outro se mostra por inteiro à minha frente e minha visão pode esgotá-lo enquanto objeto entre os outros objetos, sem que nada venha ultrapassar o limite de sua configuração, venha romper sua unidade plástico-pictural, visível e tangível.

Não sucede o mesmo com a experiência que tenho de mim, que nunca me propiciará uma visão assim, nitidamente delimitada, de minha própria configuração externa. Faltam-me não só os meios de uma percepção efetiva, mas também as noções que permitiriam construir um horizonte onde eu possa figurar por inteiro, sem resíduo, de modo totalmente circunscrito. No tocante à percepção efetiva, nada há que provar: situo-me *na fronteira* do horizonte da minha visão, o mundo visível estende-se à minha frente. Ao virar a cabeça em todas as direções, obtenho uma visão do espaço que me cerca de todos os lados e em cujo centro eu me situo, mas não verei a mim mesmo cercado por esse espaço. No tocante às noções, as coisas são um tanto mais complexas. Já vimos que, embora eu não esteja habituado a representar-me a minha própria imagem, consigo, à custa de certo esforço, representar-me essa imagem, delimitada de todos os lados, claro, como se se tratasse de outro. Porém essa imagem não é, internamente, convincente: não deixei de vivenciar-me por dentro, e essa vivência não me larga, ou, mais exatamente, permaneço nela e não a introduzi na imagem da minha própria representação. Justamente essa idéia de que estou aqui por inteiro, e que, fora desse objeto assim delimitado, não existo, é que nunca é convincente em mim mesmo: o coeficiente necessário a uma percepção e a uma representação da minha própria expressividade externa é igual àquele vinculado à minha consciência de não estar aqui por inteiro. Enquanto a representação que tenho do outro corresponde à visão total que tenho efetivamente dele, a representação que tenho de mim é uma construção da mente e não corresponde a nenhuma percepção efetiva. O essencial daquilo que constitui a vivência real de mim mesmo permanece além da minha visão exterior.

Essa diferença entre a percepção que tenho de mim e a percepção que tenho do outro é compensada pelo conhecimento, ou, mais exatamente, o conhecimento ignora essa diferença, do mesmo modo que ignora a singularidade do sujeito cognoscente. No mundo *unificado* do conhecimento, não posso colocar-me enquanto *eu-para-mim* em oposição a todos os homens do passado, do presente e do futuro concebidos como *outros* para mim. Muito pelo contrário, sei que sou delimitado, tanto como todos os outros, e que o outro se vivencia por dentro, sem poder, por força de princípio, encarnar-se para si mesmo em sua própria expressividade externa. Esse conhecimento é, entretanto, inapto para fundamentar a realidade de uma visão e de uma percepção efetivas que faria com que o mundo concreto se tornasse mundo de um único sujeito. A forma concreta da vivência real do homem emana de uma correlação entre as categorias representativas do *eu* e do *outro;* as formas do *eu* através das quais sou o único a vivenciar-me se distinguem fundamentalmente das formas do *outro* através das quais vivencio a todos os outros sem exceção. Vivencio o *eu* do outro de um modo totalmente diferente daquele como vivencio meu próprio *eu.* Trata-se de uma distinção essencial não só para a estética, mas também para a ética. Basta lembrar o princípio da disparidade dos valores entre *eu* e o *outro* do ponto de vista da moral cristã: não se deve amar a si mesmo, mas deve-se amar ao outro, não se deve ser indulgente consigo mesmo, mas deve-se ser indulgente com o outro; de uma maneira geral, deve-se aliviar o outro de seus fardos e assumi-los para si mesmo. Dá-se o mesmo com o altruísmo que confere à felicidade do outro um valor totalmente diferente do conferido à felicidade pessoal. Teremos a ocasião de voltar ao solipsismo ético no prosseguimento de nossa exposição.

Do ponto de vista da estética, o importante é que sou, para mim mesmo, o sujeito de qualquer atividade, seja ela qual for — visão, audição, percepção, pensamento, sentimento, etc. —, e procedo, por assim dizer, de mim mesmo em minha vivência que é orientada para a frente de mim, para o mundo, para o objeto. Para o objeto com que estou confrontado, sou o sujeito. Não se trata da correlação gnosiológica entre o sujeito e o objeto, mas da correlação existente entre mim — que sou o único sujeito — e todo o resto do mundo que, para mim, é não só objeto de conhecimento e de sentimento, mas também objeto de vontade e de emoção. Para mim, o outro está inteiro no objeto, e seu *eu* não passa de objeto para mim. Posso recordar-me de mim mesmo, posso perceber-me parcialmente através de um sentimento externo, posso converter-me em meu próprio objeto de desejo e de sentimento, ou seja, converter-me em meu próprio objeto. Mas, nesse ato de auto-objetivação, não coincidirei comigo: meu *eu-para-mim* estará no ato de objetivação e não no produto; estará no ato da minha visão, da minha sensação, do meu pensamento, e não no objeto visto ou sentido. Não me alojo por inteiro no objeto, supero qualquer objeto na qualidade de sujeito ativo. O que nos interessa aqui não é o aspecto cognitivo dessa posição que forneceu a base ao idealismo, mas a vivência concreta de uma subjetividade que o objeto é inapto para esgotar — o que foi perfeitamente compreendido e assimilado pela estética romântica (a ironia em Schlegel) — em oposição à objetividade pura do outro. O conhecimento introduz uma correção segundo a qual eu, que sou o único a ser, não sou, para mim, um *eu* absoluto ou um sujeito gnosiológico. O que faz que eu seja eu mesmo, que seja um homem determinado — determinado no espaço, no tempo, no meu destino, etc. — em oposição a todos os outros homens, é igualmente objeto e não sujeito do conhecimento (Rickert). Em todo caso, o idealismo torna intuitivamente convincente a vivência de si mesmo e não a vivência do outro, sendo esta mais convincente no espírito do realismo e do materialismo. O solipsismo, que aloja o mundo inteiro dentro da minha consciência, pode ser intuitivamente convincente, ou ao menos compreensível, mas seria intuitivamente de todo incompreensível alojar o mundo inteiro e a mim mesmo na consciência do outro que, de modo não menos evidente, é somente uma parte ínfima do mundo imenso. Não posso vivenciar-me por inteiro no interior de um objeto visível e tangível, externamente delimitado, e não posso coincidir completamente com esse objeto; mas quando se trata do outro, é realmente assim que mo represento: tudo quanto conheço de seu interior, e que parcialmente vivencio, alojo-o na imagem externa que tenho dele, como num receptáculo que conteria seu eu, sua vontade, seu conhecimento. Para mim, o outro está concentrado e contido por inteiro em sua imagem externa, enquanto à minha própria consciência, percebo-a como algo que engloba e abarca o mundo e não como algo alojado nele [il...] Quando se trata de outrem, a imagem externa pode ser vivenciada como uma imagem exaustiva e acabada, quando se trata de mim, essa imagem não será nem exaustiva nem acabada.

Para afastar qualquer mal-entendido, salientamos mais uma vez que não estamos tratando aqui dos problemas de cog-

nição — da relação da alma com o corpo, da consciência com a matéria, do idealismo com o realismo, etc. O que nos importa é a vivência concreta, seu poder de convicção puramente estética. Poderíamos dizer que, do ponto de vista de uma vivência pessoal, o idealismo é intuitivamente convincente e que, do ponto de vista de uma vivência que tenho do outro, o materialismo é que seria intuitivamente convincente (sem levantar novamente a questão dos fundamentos filosófico-cognitivos dessas correntes). Em termos de valores, o traçado das fronteiras do corpo basta para proporcionar a configuração e o acabamento *ao outro,* ao passo que esse mesmo traçado não basta para circunscrever-me, pois minha vivência engloba qualquer fronteira, qualquer corporalidade, ampliando-me mais além de qualquer delimitação, e minha consciência elimina o poder de convicção plástica da minha imagem.

Donde se segue que, na minha experiência, apenas o outro é vivenciado por mim como algo aparentado, entrelaçado ao mundo e concordante com ele. O homem enquanto fenômeno natural é vivenciado de forma intuitivamente convincente apenas no outro. Para mim mesmo, não sou inteiramente aparentado ao mundo exterior, e há sempre algo em mim que posso opor a ele. E precisamente minha atividade interna, minha subjetividade, que se opõe ao mundo exterior percebido como objeto, sem que eu possa situar-me nele; minha atividade interna opera fora do mundo. Para minha vivência interior disponho sempre dessa saída que é o ato [il...] tenho como que uma saída de emergência que me permite escapar ao dado integral da natureza. *O outro* [il...] é intimamente ligado ao mundo, quanto a *mim,* sou ligado à minha atividade interior, fora do mundo. Nos momentos em que me pertenço, tudo o que é objetivo em mim — os fragmentos da minha expressividade externa, o que, em mim, é *já-aqui,* atual, presente, o eu que contém meu pensamento sobre mim, meu sentimento de mim- deixa de expressar-me para mim, começo a incluir-me integralmente no próprio ato de pensamento que contém minha visão e meu sentimento. Não me alojo por inteiro em nenhum contexto exterior capaz de conter-me. Encontro-me, por assim dizer, na tangente relativamente a qualquer contexto dado. O espaço que me é dado tende para um centro interior a-espacial; no outro, tudo tende a ocupar seu próprio dado espacial.

60

Em vista dessa particularidade específica da minha vivência concreta do outro, coloca-se o problema estético de proporcionar a razão de ser a uma finitude dada, circunscrita, sem sair dos limites de um mundo exterior espácio-sensorial, igualmente dado; é apenas no tocante ao outro que a apreensão cognitiva e o sentido de uma razão de ser ética são vividos em sua insuficiência e em sua indiferença à singularidade concreta da imagem, na medida em que a expressividade externa, substancial em minha vivência do outro e não-substancial em mim mesmo, encontra-se aí contornada.

A atividade estética que me é própria — não a do artista-criador, mas a que me compete na vida em que a estética e a não-estética se confundem — e que encobre sincreticamente algo como uma imagem plástica criativa, expressa-se em toda uma série de atos irreversíveis que só podem proceder de mim e estabelecem o outro em seus valores e em seu acabamento externo — atos tais como o abraço, o beijo, etc. E através da vivência de tais atos que aparece melhor a propriedade criadora e a irreversibilidade deles. Através desses atos, atualizo o privilégio de minha posição fora do outro, e em virtude disso a consistência que ele adquire em seus valores se torna uma realidade tangível. De fato, só ao outro eu posso abraçar, beijar e só dele posso captar amorosamente todas as fronteiras: o finito frágil do outro, seu acabamento, sua existência-aqui-e-agora são internamente perceptíveis para mim e parecem assumir a forma de meu abraço; nesse ato, a existência exterior do outro ganha vida nova, adquire novo sentido, alcança novo plano de existência. Só ao outro eu posso cobrir com minha atividade, só dele posso aflorar os lábios com meus lábios, só dele posso abraçar o corpo inteiro e a alma alojada *nele.* Tudo isso, não me é dado viver no tocante a mim mesmo, e, aliás, trata-se menos da impossibilidade física do que da *falsidade* emotivo-volitiva da transferência de tais atos a si mesmo. Enquanto objeto exterior a ser abraçado, beijado, a existência circunscrita do outro se torna, na ordem dos valores, um material resistente e pesado, que tem peso interior [il...] um material para ser trabalhado e moldado com o intuito de proporcionar a forma plástica a determinado ser, não como espaço físico finito e circunscrito de forma igualmente física, mas como espaço de acontecimentos vivo, estético, esteticamente finito e circunscrito.

61

É claro que abstraímos aqui o elemento sexual que turva a pureza estética desses atos irreversíveis que estimamos serem reações simbólico-estéticas ao todo constituído pelo ser humano de quem, quando lhe abraçamos o corpo, abraçamos também a alma encerrada nesse corpo e que se expressa por ele.

4. [A *exterioridade do ato.]*

Vamos examinar agora o comportamento do homem, o *ato,* tal como ele se desenrola no mundo espacial. De que modo são vividos o ato e o espaço na consciência do sujeito? De que modo é vivido o ato do outro? Em que plano da consciência se situa seu valor estético? Tais são as questões que serão objeto de nossa análise.

Já apontamos anteriormente que os fragmentos da expressividade externa só são incorporados ao eu através de uma vivência interior que corresponde a eles. De fato, quando, por uma razão qualquer, minha própria realidade é questionada, quando já não sei se estou sonhando ou não, a visão do meu corpo não basta para resolver essa dúvida, precisarei fazer um movimento qualquer, beliscar-me; ou seja, para verificar minha realidade devo traduzir minha corporalidade na linguagem das sensações internas. Se um acidente vier a privar-me do uso de um membro, da perna por exemplo, esta me parecerá alheia, embora, na imagem externa, visual, de meu corpo, ela sem dúvida alguma pertença ao meu todo. Um fragmento do meu corpo, que me é dado de fora, deve ser vivido por mim de dentro, sendo somente com essa condição que ele pode fazer parte de mim; e se a tradução na linguagem das sensações internas não ocorrer, não estou longe de rejeitar o dado fragmento como não pertencente ao meu corpo, e sua relação íntima comigo é rompida. Essa vivência puramente interna do corpo e de seus membros é particularmente importante na realização de um ato que sempre estabelece um vínculo entre mim e o objeto exterior, amplia o alcance da minha ação física.

È fácil verificar em si mesmo que, no momento da realização de um ato, a expressividade externa é o que menos fixa a atenção: pegar um objeto não implica a imagem externamente acabada da mão, mas a sensação muscular, vivida internamente,

que corresponde à mão — o objeto não implica a imagem externamente acabada, mas a vivência perceptível, a sensação muscular que corresponde à resistência do objeto, ao seu peso, à sua consistência, etc. O visível apenas completa o que é vivido no interior e não tem, muito provavelmente, senão uma importância secundária para a realização do ato. A consciência é orientada pelo objetivo e por seus meios de realização. Os meios empregados para atingir tal objetivo são vividos internamente. As vias utilizadas pela realização de um ato são vias puramente internas e a continuidade dessa via também é puramente interna (Bergson). Se eu faço qualquer movimento determinado da mão — pego um livro na estante, por exemplo— não sou o movimento externo da minha mão, a via visível que ela utiliza, a posição que adota durante seu movimento relacionado com os objetos que estão no meu escritório, tudo isso entra na minha consciência em forma de fragmentos fortuitos, de pouca utilidade ao ato, e comando minha mão de dentro. Quando caminho na rua, estou internamente orientado para frente, calculo e avalio internamente todos os meus movimentos. Acontece-me, claro, de ter necessidade de ver certas coisas com nitidez, até mesmo coisas que fazem parte de mim mesmo, mas essa visão externa que acompanha a realização do ato é sempre interessada: ela só capta o que é diretamente vinculado ao ato e, por isso, destrói a plenitude do dado visível das coisas, O presente, o dado, o determinado peculiar a um objeto visível que se situa em meu raio de ação é, quando da realização do meu ato, desagregado e decomposto pelo que está por-vir, pelo que é futuro, pelo que ainda está apenas por realizar-se, no tocante ao objeto dado, por meu ato: o objeto é registrado na ótica de minha vivência interna futura; ora, é a ótica mais injusta para com o acabamento externo próprio do objeto. Vamos desenvolver o exemplo dado há pouco: estou caminhando na rua, vejo que alguém vem direto ao meu encontro, depressa pulo para o lado para evitar o choque; na minha visão dessa pessoa, havia para mim, no primeiro plano, a presunção de um possível choque, que eu vivi internamente—sendo essa própria presunção feita na linguagem das sensações internas — e daí resultou, diretamente, o pulo para o lado, comandado de dentro. O objeto, situado no raio de uma ação intensa, é percebido quer como um possível obstáculo,

uma pressão, como uma possível dor, quer como um possível apoio, para a mão, para o pé, etc. — sendo tudo isso registrado na linguagem das sensações internas; é justamente isso que decompõe o dado externo, acabado, do objeto. Assim, a realização de um ato externo tem como base a sensação interna que dissolve ou então anexa a si tudo o que tem a sua própria expressão externa e ela impede qualquer acabamento do objeto exterior em um dado visível, tanto em mim como fora de mim.

A fixação na exterioridade própria pode até ser fatal à realização de um ato que ela pode comprometer. Por ocasião de um salto difícil e arriscado, nada mais perigoso do que seguir o movimento das pernas: é preciso concentrar-se no interior e prever os movimentos de dentro. A primeira regra, no esporte, e olhar para frente e não olhar a si mesmo. No momento de um ato difícil e perigoso, retraio-me inteiro até não ser mais do que pura unidade interior, deixo de ver e de ouvir o que quer que seja exterior, reduzo-me a uma pura auto-percepção.

A imagem externa do ato, em sua relação com as coisas do mundo exterior, nunca é dada ao executante. Se tais elementos se insinuam na consciência do executante, é infalivelmente para frear o ato, para deixá-lo em ponto morto.

O ato, procedente do interior da consciência atuante, nega qualquer autonomia aos valores do que é dado, já-aqui, atual, acabado, e elimina o presente das coisas em nome do seu próprio futuro presumido de dentro. O ato se insere no mundo de um futuro presumido internamente . O *objetivo* do ato, situado no futuro, desagrega as coisas do mundo exterior, o *plano* da realização futura desagrega o *corpo* das coisas na sua atualidade. Todo o horizonte da consciência fica impregnado e dissolvido em sua estabilidade pela presunção da realização futura.

Daí se segue que a verdade artística do ato expresso e percebido do exterior, o entrelaçamento orgânico que o incorpora à textura externa da existência, a relação harmoniosa que o integra a um fundo, enquanto conjunto das coisas do mundo, que tudo isso é, por principio, transcendente à consciência do próprio executante e só se realiza numa consciência situada fora dele e que não participa do ato marcado por seu próprio objetivo e por seu próprio sentido. Só posso compreender e dar forma artística ao ato do outro; dentro de mim, meu ato não se presta a uma forma e a um acabamento artístico. Tratamos aqui, claro, da concepção puramente plástico-pictural do ato.

As caracterizações plástico-picturais do ato exterior — epítetos, metáforas, comparações, etc. — jamais se realizam na consciência do executante e jamais coincidem com a verdade interna do objetivo e do sentido do ato. Todas as caracterizações artísticas transpõem o ato para outro plano, para outro contexto de valores, onde o sentido e o objetivo do ato se tornam imanentes ao acontecimento da sua realização, ficam a cargo do processo que pensa a expressividade externa do ato, que, em outras palavras, transpõe o ato do horizonte inerente ao executante para o horizonte inerente ao contemplador exotópico.

Se as caracterizações plástico-picturais tivessem de estar presentes na consciência do próprio executante, o ato imediatamente perderia a seriedade coerciva de seu objetivo, de sua necessidade real, a novidade e a produtividade do que está por realizar-se, e degeneraria em *jogo* e em *gesto.*

Quando analisamos a descrição de um ato, constatamos que a perfeição e a força de convicção de sua imagem plástico-pictural se situam num contexto de sentido tornado caduco, transcendente à consciência do executante no momento do ato, e nós mesmos, leitores, não ficamos internamente envolvidos pelo objetivo e pelo sentido do ato — senão, o mundo das coisas se introduziria na consciência do executante que vivemos internamente, e sua expressividade externa se encontraria desagregada — nada esperamos do ato e não temos nenhuma expectativa dele no futuro *real* que é substituído pelo futuro *artístico,* sempre artisticamente predeterminado. A forma artística do ato é vivenciada fora do tempo do acontecimento da minha vida, de um tempo marcado pela fatalidade. E no interior desse tempo, não há ato que se me apresente sob seu aspecto artístico. Uma caracterização plástico-pictural desativa o futuro real no qual se insere a fatalidade de meu destino, pois ela só introduz um passado e um presente delimitados, a partir dos quais não há acesso ao futuro vivo, incerto.

As modalidades de acabamento plástico-pictural de um ato são, por princípio, transcendentes ao objetivo e ao sentido irremediavelmente marcados pela necessidade e pela gravidade. O ato artístico opera seu acabamento sem levar em conta o objetivo e o sentido, numa esfera em que estes deixam de ser as únicas forças motrizes de minha atividade; ora, isso só é possível, e internamente fundamentado, no tocante ao ato do outro, quando meu horizonte completa e acaba seu horizonte desagregado pelas necessidades coercivas do objetivo que o ato persegue.

5. [O corpo interior.]

Examinamos o que caracteriza, no tocante ao outro, a vivência peculiar à autoconsciência no que diz respeito a: 1) a exterioridade física, 2) as fronteiras externas — a configuração espacial — do corpo, 3) a exterioridade do ato físico. Temos agora de fazer uma síntese desses três constituintes, que isolamos abstratamente, para reuni-los no todo único dos valores que é o corpo do homem, ou seja, temos de colocar o problema do corpo pelo ângulo dos valores. Pela própria razão de se referir aos valores, está claro que o problema não poderia ser colocado do ponto de vista das ciências naturais, da biologia ou da psicologia que se interessam pela relação entre a psicologia e a fisiologia, tampouco poderia ser relacionado com os problemas correspondentes da *Filosofia natural.* O problema só pode ser colocado nos planos ético, estético e, em parte, religioso **[...]**

O que tem extrema importância para a problemática de que tratamos é a posição única que o corpo, enquanto valor, ocupa num mundo concreto, único, relativamente ao sujeito. Meu corpo é, basicamente, um corpo interior, o corpo do outro é, basicamente, um corpo exterior.

Meu corpo interior — por fazer parte da minha autoconsciência — oferece um conjunto de sensações orgânicas internas, de necessidades e de desejos reunidos ao redor de um centro interior: o que é exterior é registrado de forma fragmentária, não alcança autonomia e pertence à minha unidade interna por intermédio de um equivalente interno. Não posso reagir de modo imediato ao meu corpo exterior: o tom emotivo-volitivo daquilo que se relaciona com meu corpo está sempre vinculado às possibilidades e aos seus estados internos —dor, prazer, paixão, satisfação, etc. Posso amar meu próprio corpo, sentir por ele algo como ternura, mas isso apenas significa o desejo constante que tenho dos estados e das emoções que se realizam através do meu corpo, e esse amor nada tem em comum com o amor que tenho pela exterioridade individualizada do outro. O caso de Narciso é interessante por ser a exceção que caracteriza e esclarece uma lei. Posso viver o amor do outro por mim, posso querer ser amado, posso imaginar e presumir o amor do outro por mim, mas não posso, de maneira imediata, amar a mim mesmo enquanto outro. Do fato de eu importar-me comigo da mesma forma que me importo com o outro que amo, não decorre que minha relação emotivo-volitiva comigo mesmo seja da mesma natureza de minha relação com o outro, ou seja, que me amo enquanto outro: o tom emotivo-volitivo que, em ambos os casos, leva a uma ação idêntica — importar-se com — é radicalmente diferente. Não se pode amar ao próximo como a si mesmo, ou, mais exatamente, não se conseguiria *amar* a si mesmo como se ama ao próximo, apenas se pode transferir o conjunto dos atos que, normalmente, são realizados em benefício de si mesmo. O direito e a moral jurídica não se estendem à minha reação emotivo-volitiva interna e exigem somente que certo número de atos exteriores, realizados em meu próprio beneficio o sejam igualmente em benefício de outrem. Não se trata de transferir para o outro a relação axiológica interna mantida consigo mesmo, trata-se de elaborar uma relação emotivo-volitiva absolutamente nova com o outro como tal — uma relação a que chamamos amor e que é impossível viver a respeito de si mesmo. Há uma diferença qualitativa entre meus sofrimentos, meus temores, minhas alegrias e os sofrimentos, os temores e as alegrias que sinto pelo outro. Daí a distinção de princípio que aparece na classificação moral desses sentimentos. O egoísta age *como* se seus atos emanassem do amor que tem por si mesmo, ora, é claro que ele não vive nada que se assemelhe ao amor ou à ternura para consigo mesmo pelo próprio fato de não conhecer esses sentimentos. O instinto de conservação prende-se a um escopo emotivo-volitivo frio e duro que não comporta o menor elemento de caridade-misericórdia ou de estética.

O valor da minha pessoa exterior, em seu todo (e, principalmente, meu corpo exterior, o único ponto que nos interessa

aqui) não passa de um valor de empréstimo que estruturo, mas não vivo de maneira imediata.

Assim como posso tender, de maneira imediata, à minha preservação, ao meu bem-estar, defender minha vida a qualquer preço, até mesmo aspirar ao poder e à submissão dos outros, ao passo que não posso viver-me de maneira imediata, enquanto pessoa jurídica, pelo próprio fato de que a pessoa jurídica nada mais significa senão a segurança de ser reconhecido pelos outros, uma segurança que vivo como uma obrigação que lhes compete (uma coisa é defender, por vias de fato, a própria vida contra a agressão — isso, os animais também fazem —, outra é viver o *direito* à vida, à segurança e à obrigação que os outros têm de respeitar esse direito) — do mesmo modo, a vivência interna do meu corpo se distingue de um reconhecimento de seu valor externo pelos outros e de meu direito a ser aceito e amado pelos outros através da minha exterioridade. Ora, é isso que me vem dos outros como uma dádiva, como uma graça que não poderia ser fundamentada ou compreendida internamente; é possível ter a segurança desse valor, mas é impossível vivenciar intuitiva e evidentemente esse valor externo de meu corpo a que só posso pretender. Dispersos em minha vida, todos os atos de atenção, de amor, que me vêm dos outros e reconhecem meu valor, como que modelam para mim o valor plástico de meu corpo exterior. Com efeito, assim que o homem começa a viver-se por dentro, encontra na mesma hora os atos — os de seus próximos, os de sua mãe— que se dirigem a ele: tudo quanto a determina em primeiro lugar, a ela e a seu corpo, a criança o recebe da boca da mãe e dos próximos. E nos lábios e no tom amoroso deles que a criança ouve e começa a reconhecer seu *nome*, ouve denominar seu corpo, suas emoções e seus estados internos; as primeiras palavras, as mais autorizadas, que falam dela, as primeiras a determinarem sua pessoa, e que vão ao encontro da sua própria consciência interna, ainda confusa, dando-lhe forma e nome, aquelas que lhe servem para tomar consciência de si pela primeira vez e para sentir-se enquanto *coisa-aqui*, são as palavras de um ser que a ama. As palavras amorosas e os cuidados que ela recebe vão ao encontro da sua percepção interna e nomeiam, guiam, satisfazem — ligam ao mundo exterior como a uma resposta, diríamos, que demonstra o interes-

se que é concedido a mim e à minha necessidade — e, por isso, diríamos que dão uma forma plástica ao infinito “caos movediço” da necessidade e da insatisfação no qual ainda se dilui todo o exterior para a criança, no qual se dilui e se afoga também a futura díade de sua pessoa confrontada com o mundo exterior. Essa díade, os atos amorosos e as palavras da mãe contribuem para revelá-la com seu tom emotivo-volitivo que impregna o clima em que se individualiza e se estrutura a personalidade da criança, um clima imbuído de amor no qual ela encontrará seu primeiro movimento, sua primeira postura no mundo. A criança começa a ver-se, pela primeira vez, pelos olhos da mãe, é no seu tom que ela começa também a falar de si mesma, como que se acariciando na primeira palavra pela qual expressa a si mesma; assim ela emprega, para falar da sua vida, das suas sensações internas, os hipocorísticos que lhe vêm da mãe: tem sua “babá”, faz sua “naninha”, tem “dodói”, etc., e, dessa maneira, determina a si mesma e a seu próprio estado através da mãe, através do amor que ela lhe traz na qualidade de destinatária de seus favores, de suas carícias, de seus beijos. Sua forma parece trazer a marca do abraço materno. De dentro de si mesmo, sem passar pelo outro que o ama, nunca o homem começaria a usar hipocorísticos, e estes, de qualquer modo, não expressariam fielmente o tom emotivo-volitivo real de uma vivência pessoal e de uma relação direta consigo mesmo: é acima de tudo de dentro de si mesmo que nunca se tem “dodói”, mas se tem “dor”. Só posso empregar uma forma hipocorística com referência ao outro, expressando com isso a relação — real ou desejada — desse outro comigo.

[il...] sinto uma necessidade absoluta de amor que apenas o outro, a partir do lugar que só ele pode ocupar *fora de* mim, é capaz de saciar, por dentro; esta necessidade, é verdade, desmantela por dentro minha auto-suficiência, sem me proporcionar ainda uma forma que me valide *por fora*. Sou, para comigo, profundamente *frio*, até em meu instinto de conservação.

Esse amor da mãe e dos próximos que desde a infância proporciona, de fora, a forma ao homem, proporciona, ao longo de toda a sua vida, consistência ao seu corpo interior, sem lhe dar, é verdade, uma imagem intuitivo-evidente de sua exterioridade; mas o torna, todavia, detentor de um valor poten-

cial desse corpo que não poderia ser atualizado senão pelo outro.

O corpo do outro é um corpo exterior e seu valor, que atualizo de modo intuitivo-visual, me é dado de maneira totalmente imediata. O corpo exterior se unifica e adquire forma mediante as categorias cognitivas, éticas e estéticas, mediante o conjunto de seus componentes externos visíveis e tangíveis que nele representam valores plásticos e picturais. Minhas relações emotivo-volitivas com o corpo exterior do outro são imediatas, e é apenas numa relação com o outro que vivo de maneira imediata a *beleza* do corpo humano, ou seja, esse corpo começa a viver para mim em um nível de valores totalmente diferentes, inacessíveis à percepção interna e à visão fragmentária que tenho de mim mesmo. Apenas o outro é *encarnado* para mim em termos de valores e de estética. A esse respeito, o corpo não é algo que baste a si mesmo, tem necessidade do *outro,* de outro que o reconheça e lhe proporcione sua forma. Apenas o corpo interior — a carne pesada — é dado ao homem, o corpo exterior do outro é apenas pré-dado e deve ser objeto de uma atividade criadora.

O enfoque sexual do corpo do outro é de um tipo particular e, como tal, é incapaz de desenvolver uma energia plástico-pictural que proporcione uma forma, incapaz de criar um corpo concebido como um todo exterior artístico, finito, autônomo. O corpo exterior do outro se desagrega para ser apenas uma modalidade de meu corpo interior, só tendo valor em função das possibilidades corporais internas que ele faz reluzir à minha frente — concupiscência, prazer, satisfação —, das possibilidades internas que diluem a resistência de seu acabamento externo. Num enfoque sexual, meu corpo e o do outro se fundem em uma carne, mas essa carne *una* só pode ser interior. E verdade que essa fusão em uma única carne é o limite ao qual tende minha relação sexual, em toda a sua pureza, mas, na realidade, intervém um fator estético, referente à admiração do corpo exterior, e, por conseguinte, uma energia criadora de formas; contudo, nesse caso, se essa energia cria valores artísticos é para um uso interessado e não com vistas à sua plenitude e à sua independência.

Pusemos em evidência o que distingue o corpo exterior do corpo interior — o corpo do outro e o meu próprio corpo -

no contexto fechado de uma vida concreta que um homem é o único a viver, para quem a relação “eu e o outro” é irreversível e dada de uma vez por todas.

Vamos agora examinar como se apresenta o problema dos valores ético-religiosos e estéticos do corpo do homem na sua história, tentando ver com clareza graças à distinção que estabelecemos.

Em todas as concepções éticas, religiosas e estéticas que atingiram certo desenvolvimento e perfeição e têm importância histórica, o corpo é antes generalizado do que diferenciado, e, quando o é, é infalivelmente em função da predominância do corpo interior ou do corpo exterior, do ponto de vista subjetivo ou objetivo, conforme nos baseamos em nossa própria vivência ou na vivência do outro; no primeiro caso, o fundamento é a categoria dos valores do *eu,* à qual se vinculará *o outro,* e, no segundo, a categoria do *outro,* que englobará a *mim* também.

No primeiro caso, o processo que preside à elaboração de uma concepção do homem (o homem como valor) pode expressar-se assim: o homem sou eu, tal como me vivo, e os outros são como eu. No segundo caso, o homem são os outros. Ora a singularidade da experiência pessoal é diminuída, sob a influência da experiência dos outros, ora a singularidade da experiência do outro é diminuída sob a influência e em proveito da experiência pessoal. Trata-se apenas, naturalmente, de uma predominância de um ou de outro desses princípios na elaboração dos valores, pois ambos os princípios fazem parte integrante do todo do homem.

É óbvio que nos casos em que a categoria do *outro* desempenha um papel determinante para a elaboração da concepção do homem, o que predomina é a apreciação positiva. e estética do *corpo:* o homem é um ser *encarnado* que tem um significado plástico-pictural; quanto ao corpo interior, ele está a reboque do corpo exterior do qual apenas reflete os valores e tira sua sacralidade. Assim é o homem na Antigüidade, na época de seu desabrochar. Então, todo o corporal é sacralizado através das categorias do *outro,* é vivido como algo valioso e com significado imediato; a determinação dos valores peculiares a si próprio é submetida a uma determinação exterior através do outro e para o outro, o *eu-para-mim* é dissolvido no *eu-para-o-outro.* Quanto ao corpo interior, ele é percebido como um valor biológico (o valor biológico do corpo sadio é vazio, carente de autonomia, e ele não gera nada produtivo na criação, nada significante no domínio da cultura, pode apenas refletir outro valor, de natureza diferente, particularmente um valor estético, ao passo que ele próprio se situa ´´aquém da cultura``) **.** A projeção gnosiológica e o puro idealismo estão ausentes (Husserl). Zelinski. O elemento sexual não predomina, pois é contrário à plasticidade. É somente com as bacantes que começa a afluir outra corrente, oriental em sua essência. No dionisismo, predomina a idéia de viver o corpo, porém não de modo *solitário.* O elemento sexual se fortalece. A configuração plástica começa a esfumar-se; o homem em seu acabamento plástico - o *outro* - fica imerso na percepção interna do corpo que, mesmo não sendo individualizada, é *una.* Contudo, o *eu-para-mim* ainda não se personaliza e ainda não se opõe ao outro enquanto categoria essencialmente diferente da percepção do homem. Ainda se está apenas preparando o terreno, mas os limites da configuração já não são sagrados e começam a pesar (o mal da individuação), o interior perdeu a sua autoritária forma exterior sem ter ainda, todavia, encontrado uma "forma" espiritual ("forma" num sentido inexato, pois deixou de ser uma forma estética, o espírito é pré-dado a si mesmo). O epicurismo ocupa uma posição intermediária particular; nele, o corpo se tornou organismo, é um corpo interior - conjunto de necessidades e de satisfações - que ainda nem sempre se separou, que ainda guarda o reflexo, já enfraquecido, é verdade, dos valores positivos da alteridade; mas todas as modalidades plásticas e picturais já se extinguiram. Um leve ascetismo assinala que, na concepção do homem percebido na categoria do eu-para-mim como espírito, nasce a presunção de uma consistência do corpo interior solitário. Essa idéia começa a despontar no estoicismo: o corpo exterior está morrendo e a luta é travada com o corpo interior (em si mesmo, para si mesmo) ao qual se nega a *ratio.* Um estóico abraça-se a uma estátua para se esfriar. Na base de uma concepção do homem, coloca-se sua vivência pessoal (o outro sou eu), daí a rigidez (o rigorismo) e a frieza, a ausência de amor no estóico. Finalmente, e para terminar, é o neoplatonismo que vai mais longe na negação do corpo - concebido como corpo próprio.

O valor estético desaparece quase totalmente. A idéia do nascimento vivo (a idéia do *alter)* é substituída pela autoprojeção do *eu-para-mim* numa cosmogonia em que engendro o outro no interior de mim sem sair de meus limites, permanecendo assim ainda solitário. A singularidade do outro não é afirmada. Impõe-se a teoria da emanação: penso-me, *meu eu pensado* (produto de minha autoprojeção) se separa de *meu eu pensante;* opera-se um desdobramento, cria-se uma nova pessoa que, por sua vez, se desdobra graças à autoprojeção, e assim por diante; todos os acontecimentos se concentram num único *eu-para-mim* sem que venha introduzir-se nele o novo valor do *outro.* Na díade *eu-para-mim* e *eu,* tal como apareço *ao outro,* o segundo termo é percebido como uma limitação nociva e um engodo, carente de qualquer realidade substancial. A relação pura consigo mesmo - que, sendo carente de qualquer princípio estético, só poderia ser ética ou religiosa - torna-se o único princípio fundador dos valores da vivência e da razão de ser do homem e do mundo. Ora, numa relação consigo mesmo, reações tais como ternura, indulgência, perdão, admiração não se poderiam tornar imperativas e a palavra “bondade” resume-as a todas: numa relação consigo mesmo, não se poderia entender ou fundamentar a bondade como princípio de uma relação com o dado; então é o domínio do puro pré-dado que vence tudo o que já é dado, atual e percebido como nocivo, vence todas as reações que constituem e sacralizam o dado. (A eterna superação de si mesmo no terreno da autoprojeção.) A existência se sacraliza com o inevitável arrependimento do corpo. O neoplatonismo apreendeu melhor a importância dos valores do homem e do mundo fundamentado na experiência de si mesmo: qualquer coisa - o universo, deus, os outros - não é mais que um *si-para-si* e representa a última instância, e a mais competente, de um juízo sobre si mesmo, o *outro* não tem voz ativa; e que uma coisa possa ser também um *si-para-o-outro,* trata-se de um caso fortuito, não substancial, que por princípio não gera um novo juízo de valor. Daí resulta também a negação mais conseqüente do corpo: meu corpo não pode ser um valor para mim mesmo. O reflexo de autoconservação, puramente instintivo, é incapaz de gerar um valor por si próprio. Tender à minha conservação ainda não significa atribuir-me um valor: isso é algo que se faz sem recorrer

a qualquer juízo de valor ou a qualquer razão de ser. O organismo se restringe a viver e, *dentro,* não necessita de uma razão de ser. E fora somente que uma razão de ser pode ser-lhe concedida como uma graça. Não posso ser o autor de meu próprio valor assim como não posso pegar-me pelos cabelos e içar-me. A vida biológica do organismo se torna um valor apenas mediante a simpatia e a compaixão que lhe demonstra o outro (a mãe), e em virtude disso essa vida é transposta para um novo contexto de valores. Do ponto de vista dos valores, minha fome difere profundamente da fome de outro ser humano: em mim mesmo, o desejo é “vontade de”, no outro, esse desejo é sagrado para mim, etc. Quando a relação com o outro como tal exclui a possibilidade e o fundamento de um juízo de valor que recuso a mim mesmo, quando o outro não usufrui o privilégio de sua alteridade, o corpo, concebido como depositário da vida corporal para o próprio sujeito, só pode ser negado (quando o outro não suscita um novo ponto de vista).

Na ótica que adotamos, o cristianismo apresenta uma liga heterogênea cujos elementos constitutivos são os seguintes:

uma sacralização profundamente original da corporalidade interna do homem - de suas necessidades corporais - tal como esta é aceita no judaísmo com base em uma experiência coletiva da corporalidade em que predomina a categoria do outro e uma percepção de si mesmo nessa categoria, sendo a experiência ética do próprio corpo quase inexistente (a unidade do organismo nacional). O elemento sexual (dionisíaco) da união corporal interna também é fraco. Valor do bem-estar corporal. Em virtude das condições particulares da vida religiosa, o campo plástico-pictural não conhecerá porém um desenvolvimento notável (a não ser na poesia). “Tu não farás ídolos para ti”; 2) a noção, essencialmente peculiar à Antigüidade, de deus se fazendo homem (Zelinski) e do homem se fazendo deus (Harnack); 3) o idealismo gnóstico e a ascese; 4) Cristo do Evangelho. Cristo apresenta-nos uma *síntese,* única por sua profundidade, do *solipsismo ético,* do infinito rigor do homem para consigo mesmo, ou seja, de uma relação perfeitamente pura consigo mesmo e da *bondade ético-estética* para com o outro. Foi então que, pela primeira vez, apareceu em sua infinita profundidade o *eu-para-mim,* que não é porém feito de frieza, mas de bondade para com o outro, que confere toda a verdade

ao outro enquanto tal, e revela e valida o outro em toda a plenitude e a singularidade de seus valores. Para Cristo, todos os homens se dividem entre ele mesmo, o único a ser ele mesmo, e todos os outros, entre ele, que perdoa, e os outros, perdoados; entre ele, o salvador, e todos os outros, salvos; entre ele que assume para si o fardo do pecado e da expiação, e todos os outros, libertos do fardo do pecado e expiados. Vêm daí que todas as normas de Cristo são marcadas pela oposição entre *eu* e *o outro:* para si mesmo, é o sacrifício absoluto, e para o outro, é o perdão. Ora, o *eu-para-mim* é também o outro para Deus. Deus já não se define, em sua substância, como a voz da minha consciência, como a pureza de minha relação comigo mesmo, como a pureza de minha negação arrependida de tudo quanto é dado em mim, não mais se define como Aquele em cujas mãos não é bom cair, Aquele de quem ver a face significa a morte (minha autocondenação imanente a mim mesmo), é agora o pai que está no céu, que está *acima de mim* e pode me validar e me perdoar quando no interior de mim mesmo sou, por princípio, impotente para me validar e para me perdoar, se eu quiser ficar limpo para comigo. O que devo ser para o outro, Deus o é para mim. O que o outro combate em si mesmo e rejeita enquanto dado nocivo será aceito, encontrará perdão junto de mim e se tornará carne preciosa do outro.

Tais são os elementos constitutivos do cristianismo No ângulo do problema que nos ocupa, constataremos que ele evolui em duas direções: *1)* a corrente neoplatônica triunfa - *o outro* é, acima de tudo, um *si-para-si* e a carne enquanto tal é o mal, tanto em mim como no outro; 2) os dois princípios de valores - a relação consigo mesmo e a relação com o outro - se manifestam em toda a particularidade que os caracteriza respectivamente. É claro que nesse caso se trata de duas tendências abstratamente isoladas, que não existem em estado puro, limitando-se a predominar em cada uma de suas manifestações concretas. É no terreno da segunda tendência que se desenvolveu a idéia da transfiguraçà0 do corpo em Deus, enquanto outro para ele. A Igreja é o corpo de Cristo, a noiva de Cristo. (Comentários do Cântico dos Cânticos de Bernardo de Clairvaux.) E, finalmente, a idéia da misericórdia que se difunde sobre nós de fora, como graça que nos valida e justifica

nosso dado marcado por princípio pelo pecado e que não poderíamos superar de dentro de nós mesmos. É a isso que se prende também a idéia da confissão (do arrependimento absoluto) e da absolvição. De dentro do meu arrependimento, e a negação de tudo quanto sou eu mesmo; de fora (Deus é o outro), é a redenção e a graça. O homem só tem seu arrependimento, o perdão só lhe pode vir do outro. Essa segunda tendência do cristianismo encontrou sua expressão mais profunda em São Francisco, Giotto e Dante. No paraíso, Dante confia a Bernardo a idéia de que nosso corpo não ressuscitará para nós mesmos, mas para aqueles que nos amam, nos amaram e conhecem de nós o rosto único que era o nosso.

Na época do Renascimento, a reabilitação da carne tem um caráter confuso e desordenado. A pureza e a profundidade da aceitação, tal como o encontrávamos em São Francisco, Giotto e Dante, perdeu-se e a que encontrávamos na Antigüidade já não podia ser restabelecida. O corpo procurava, sem o encontrar, um autor com autoridade e em cujo nome o artista pudesse ter criado. Daí essa *solidão* do corpo do Renascimento. Mas a corrente Francisco-Giotto-Dante se faz sentir nas mais importantes manifestações dessa época, tendo porém perdido algo de sua pureza (Leonardo da Vinci, Rafael, Michelangelo). Em compensação, a técnica de representação atinge imensa força em seu desenvolvimento, ainda que privada de uma figura que a marcasse com sua autoridade e com sua integridade. A visão ingênua da Antigüidade, na qual o corpo formava um só todo com a corporalidade do mundo exterior do outro, pois que a sua autoconsciência, enquanto *eu-para-mim,* ainda não se unificara e o homem ainda não desembocara numa relação pura consigo mesmo, diferente por princípio da relação com o outro, essa visão já não podia ser restabelecida após a experiência interior que a Idade Média conhecera (junto com os clássicos, era impossível não praticar Santo Agostinho, Petrarca, Boccaccio). O elemento sexual, com seu princípio desagregador, está fortemente presente, a morte epicurista também. Individualidade do *ego* na concepção do homem do Renascimento. Apenas a alma pode separar-se, não o corpo. Idéia da *glória*, que é uma apropriação parasitária do outro, carente de autoridade. Durante os dois séculos que se seguiram, a exotopia ao corpo perdeu-se definitivamente, antes de

degenerar numa concepção que faz do organismo um conjunto de necessidades peculiares ao homem natural no Século das Luzes. As concepções do homem evoluíam e se enriqueciam, mas sob relações diferentes daquelas que nos ocupam. O positivismo reduziu definitivamente a um denominador comum o eu e o outro. O pensamento político. A reabilitação da sexualidade na época do romantismo. A idéia do direito do homem, do homem-outro. Esta é, em linhas gerais, a história sumária e necessariamente incompleta do corpo nas concepções do homem.

Uma concepção do homem como tal sempre é um tanto monística, e sempre tende a superar o dualismo do *eu* e *do outro,* embora se prevaleça, é verdade, de uma ou outra dessas categorias. A crítica de uma concepção tão generalizada do homem não entra na tarefa que nos atribuímos; assim não levantaremos a questão de saber até que ponto é legítimo ou não superar esse dualismo e até mesmo ignorar, no mais das vezes, a distinção fundamental entre *eu* e *o outro.* Se quisermos compreender o mundo como acontecimento único e aberto, e orientarmo-nos nele, será possível abstrairmos o lugar que somos os únicos a ocupar nele, em oposição a todos os outros homens - passados, presentes e futuros? Também nesse caso, vamos deixar a questão aberta. O essencial para nós aqui não deixa a menor dúvida: viver o outro de modo real, concreto, valorizado, no interior do todo fechado da minha própria vida, singular e única, no horizonte real da minha vida, se assinala por essa bivalência, pois, eu e o outro, ambos evoluímos em níveis (planos) distintos da *visão* e do *juízo de valor* (um juízo de valor concreto, real e não uma construção da mente), e se quero operar uma transposição que nos coloque, eu e o outro, num único e mesmo nível, devo, em meus valores, situar-me fora da minha própria vida e perceber-me como outro entre os outros; a operação é fácil no abstrato, quando me coloco num ponto em que compartilho uma norma comum com os outros (na moral, no direito), uma lei estabelecida pelo conhecimento (fisiológica, psicológica, social); mas essa operação abstrata está longe daquela que consiste em vivenciar-me enquanto outro em toda a evidência concreta de valores, está longe de uma visão concreta de minha vida e de mim mesmo- seu herói- que me colocaria na mesma categoria dos outros homens e das suas vidas, no mesmo plano deles. Porém

isso pressupõe uma posição de valores situada fora de mim e autorizada por mim. É graças a uma percepção da minha vida na categoria do outro que meu corpo pode tornar-se esteticamente significante e não no contexto da minha vida para mim mesmo, no contexto da minha autoconsciência.

Na ausência dessa posição autorizada a partir da qual eu possa obter uma visão concreta, valorizada - a percepção de mim como outro _, minha exterioridade - a minha existência para o outro - tende a concentrar-se na minha autoconsciência; ocorre uma volta a mim mesmo para um uso interessado da minha existência tal como ela aparece ao outro. Então meu próprio reflexo no outro, o que sou para o outro, transforma-se em meu duplo, um duplo que força a entrada na minha consciência, turva-lhe a limpidez, e me desvia de uma relação direta comigo mesmo. O medo do duplo. O homem que, em seu desejo de representar-se a sua imagem externa, habituou-se a sonhar-se de uma forma concreta, que se apega doentiamente à impressão externa que ele provoca, sem jamais poder confiar nela, e que se entrega ao seu amor-próprio - esse homem perde a ótica certa, puramente interna, acerca do seu corpo; ele se torna acanhado, não sabe o que fazer com as mãos, fica desconcertado porque o outro, indeterminado, se infiltra em seus gestos e introduz um segundo princípio em sua relação de valor consigo mesmo, o contexto da sua autoconsciência é confundido pelo contexto da consciência que o outro tem dele, o corpo interior é confrontado com o corpo exterior que se separou dele e vive sob o olhar do outro.

Para compreender essa diferenciação dos valores do corpo na minha vivência pessoal e na minha vivência do outro, é bom evocar uma imagem global da própria vida, tão completa e concreta quanto possível, numa tonalidade emotivo-volitiva, sem intenção de transmiti-la ao outro, de encarná-la para o outro. Essa vida, assim reconstituída na imaginação, será animada pelas imagens finitas e indeléveis dos outros que nela figurarão com toda a sua exterioridade visível, pelos rostos dos que me são próximos, da minha família e mesmo daqueles com quem cruzei ocasionalmente na vida; mas, entre elas, não encontrarei minha própria imagem exterior, entre todos esses rostos únicos faltará meu rosto; o que corresponderá a meu *eu*, serão as recordações - a vivência reconstituída, puramente interior de minhas alegrias, de meus sofrimentos, de meus arrependimentos, de meus desejos, de meus arroubos que impregnam esse mundo *visível* dos *outros*, em outras palavras, terei evocado minha ótica interna em determinadas circunstâncias da minha vida, e não minha imagem externa. Todos os valores plásticos e picturais - cores, tonalidades, formas, linhas, imagens, gestos, rostos, etc. - se distribuirão entre o mundo das coisas e dos seres, ao passo que eu farei parte dele enquanto depositário *invisível* do que dá colorido emotivo-volitivo a esse mundo e que emana da posição de valores que sou o único a ocupar.

Se, com minha atividade, crio o corpo exterior do outro em termos de valores, é graças a essa ótica determinada precisamente pela alteridade do outro, uma ótica que é orientada para a frente de mim mesmo e não é invertível para a minha direção. A vivência que o herói tem de seu corpo - corpo interior a partir dele mesmo - envolve-se em seu corpo exterior para o outro, para o autor, encontra sua consistência estética através da reação de valor deste. Todos os componentes desse corpo exterior que envolve o corpo interior, enquanto fenômeno estético, são dotados de uma dupla função, uma função expressiva e impressiva, à qual corresponde a dupla orientação ativa do autor e do contemplador.

6. [O corpo exterior.]

Função expressiva e função impressiva. Uma das tendências mais vigorosas e mais elaboradas da estética do século XIX, particularmente em sua segunda metade, e do início do século XX é aquela que assimila a atividade estética a um ato de simpatia ou de empatia. O que nos interessa aqui não são as diversas facetas dessa tendência, mas a sua idéia básica em sua forma mais genérica. A idéia é a seguinte: o objeto estético - os produtos da arte, os fenômenos da natureza e da vida - expressa certo estado interior cujo conhecimento estético consiste em vivenciar esse estado interior. A diferença entre a empatia e a simpatia não é essencial - por mais que tentemos inserir nosso próprio estado interior no objeto, ainda assim continuaremos, no nível da sensação imediata, a senti-lo *alheio a nós*, ao passo que o estado contemplativo nos fará vivenciar o objeto. A empatia explica melhor a sensação vivida (fenomenologia da sensação), a simpatia tende a explicar a gênese psicológica dessa sensação. A elaboração de uma estética deve ser independente das teorias propriamente psicológicas (salvo quando se trata de uma descrição psicológica, de uma fenomenologia); por isso não nos indagaremos como se opera a empatia, se é possível uma vivência imediata da vida espiritual do outro (Lossky), se é indispensável identificar-se exteriormente com o rosto contemplado (reprodução direta de uma mímica), que papel é reservado às associações, à memória, se é possível a reprodução do sentimento (Gomperz o nega, Witasek o afirma). Do ponto de vista fenomenológico, vivenciar a vida interior de outro é incontestavelmente possível, seja qual for a técnica inconsciente dessa operação.

Para a tendência que vamos examinar, a atividade estética consiste em vivenciar o estado interior ou em contemplar o objeto: homem, coisa inanimada, ou ainda linhas e cores. Enquanto a geometria (conhecimento) define a linha relativamente a uma outra linha, a um ponto, a uma superfície que será vertical, oblíqua, paralela, etc., a atividade estética define a linha relativamente a um estado interior (mais exatamente, ela não a define, a vivencia) como linha dirigida para cima, para baixo, etc. A partir de uma formulação tão genérica dos fundamentos de uma estética, essa corrente se vincula não só à estética da simpatia no sentido próprio (já presente parcialmente em T. Vischer, Lotze, R. Vischer, Volkelt, Wundt e Lipps), mas também à estética da imitação interna (Groos), do jogo e da ilusão (Groos e Lange), à estética de Cohen, em parte à de Schopenhauer e de seus discípulos (a imersão no objeto), e, finalmente, à estética de Bergson. Designaremos a estética dessa tendência pelo termo arbitrariamente forjado de *"estética expressiva"*, opondo-a às tendências para as quais o centro de gravidade se situa nos componentes externos e que chamaremos de *"estética impressiva"* (Fiedler, Hildebrand, Hanslick, Riegl, etc., a estética do simbolismo, etc.). Para a primeira dessas escolas, o objeto estético é expressivo enquanto tal, é a representação externa de um estado interior: o que se expressa não é objetivamente significante (não tem valor objetivo), o significante é a vida interior do objeto *expressando-se* a si mesmo;

esta é a condição que permite vivenciar o objeto com empatia. Se o objeto estético expressa, tal qual, uma idéia ou um conjunto circunstancial objetivo -- como acontece com o simbolismo e com a estética do conteúdo (Hegel, Schelling), já não se trata de empatia e lidamos com a outra escola. O objeto estético da estética expressiva é o homem e todo o resto será animado e personalizado (mesmo a cor e a linha). Nesse sentido, pode-se dizer que para a estética expressiva qualquer valor estético espacial é conceitualizado num corpo que expressa uma alma (um estado interior), a estética é mímica e fisionômica. Perceber esteticamente o corpo significa vivenciar os estados interiores do corpo e da alma a partir de uma expressividade exterior. Podemos formulá-lo assim: o valor estético se realiza quando o contemplador se aloja dentro do objeto contemplado, quando vivencia a vida do objeto de seu interior e quando, no limite, contempl*ante* e contempl*ado* coincidem. O objeto estético é o sujeito de sua própria vida interior e é no nível dessa vida interior do objeto estético, entendido como sujeito, que se realiza o valor estético, no plano de uma única consciência, no plano em que o sujeito se situa na categoria do eu. Esses pontos de vista não são inteiramente conseqüentes: assim, para explicar o trágico e o cômico, é insuficiente dizer que se vivencia o sofrimento do herói trágico ou a tolice do herói cômico. Mas o princípio básico tende a que o valor estético se realize integralmente, de maneira imanente a uma única consciência, não sendo admitida uma oposição entre *eu* e *o outro.* O sentimento de compaixão (para com o herói trágico), o sentimento de sua própria superioridade (diante do herói cômico), de sua própria insignificância ou de sua superioridade moral (diante do sublime), todos esses sentimentos são banidos como extra-estéticos, e, se o são, é justamente porque se relacionam com o outro como tal, supõem uma oposição valorativa entre o *eu* (contemplante) e *o outro* (contemplado) e a estanqueidade fundamental deles. A noção da representação e da ilusão é particularmente característica a esse respeito. De fato, na representação vivo outra vida sem sair dos limites de minha vivência e de minha consciência, sem lidar com o outro como tal. Dá-se o mesmo com a ilusão: embora continuando a ser eu mesmo, vivo outra vida. Ora, o ato de *contemplação* está ausente dessas vivências (contemplo meu parceiro de re-

presentação com olhos de participante e não com olhos de espectador), e isso, esquece-se. Nos casos desse tipo, meu sentimento possível para com o outro não intervém, enquanto, ao mesmo tempo, vivo essa outra vida. A estética expressiva recorre habitualmente a essas noções para descrever sua posição (quer eu sofra como o herói, quer eu seja, como espectador, livre ante os sofrimentos do herói; o que predomina é a relação consigo, a vivência na categoria do *eu,* e todos os valores relacionam-se com o *eu)* - uma posição que, para a realização de um valor estético, implica uma vivência interior, uma vivência na categoria de um *eu,* inventado ou real. (As categorias estruturais de um objeto estético - a beleza, a grandeza, o trágico - tornam-se formas possíveis de uma vivência em si: auto-suficiência da beleza, etc. - sem correlação com o outro como tal. Liberdade absoluta da vivência de si mesmo, de sua vida, segundo Lipps.)

Crítica dos fundamentos da estética expressiva. A estética expressiva parece-nos falsa em seu fundamento. O ato de simpatia ou de empatia é um ato extra-estético. Que a empatia existe, não só na percepção estética, mas também na vida (na vida corrente, ética, psicológica, etc.), nenhum partidário dessa tendência o nega, sem contudo fornecer os índices que particularizam o ato de empatia estética (a empatia pura em Lipps, intensiva em Cohen, sublime em Volkelt, a imitação simpática em Groos).

E, por sinal, é impossível especificar essa distinção se permanecermos no terreno da empatia. As seguintes observações podem fundamentar as restrições inspiradas pelas teorias da estética expressiva:

1) A estética expressiva é impotente para esclarecer o *todo* de uma obra. Tomemos *A ceia,* por exemplo. Para compreender a figura central de Cristo e a de cada um dos apóstolos, devo vivenciar cada uma das personagens baseando-me em sua expressividade externa. Devo vivenciar o estado interior de cada apóstolo. Passando de um para outro, posso efetivamente vivenciar e compreender cada figura isoladamente. Mas de que maneira poderei viver o todo estético da obra? Esse todo não poderia ser igual à soma das vivências que terei experimentado a partir de cada uma das personagens. Será que deveria sentir

o movimento interior de conjunto do grupo? Sim, mas esse movimento interior não existe. O que tenho à minha frente não é um movimento de massa que forme um só todo que possa ser compreendido como um único e mesmo sujeito. Muito pelo contrário, a orientação emotivo-volitiva de cada uma das personagens é profundamente individual, havendo, entre elas, uma relação de tensão: estou diante de um acontecimento que forma um conjunto complexo, em que cada personagem ocupa uma posição única, a qual é a única a ocupar no todo do acontecimento. Por mais que eu vivencie cada uma delas, não compreenderei melhor o todo do acontecimento que implica um ponto de vista exotópico a cada uma das personagens em particular e ao conjunto que constituem. Em casos desse tipo, em geral fazemos o autor intervir: vivenciar o autor é alcançar o todo da obra. Cada uma das personagens expressa a si mesma, o todo da obra expressa o autor. Porém, com isso, colocamos o autor ao lado de seus heróis (o que ocorre, às vezes, ainda que não seja a modalidade normal e não se aplique ao nosso exemplo). Mas qual é a relação da vivência do autor com a vivência de seus heróis, qual é sua posição emotivo-volitiva a respeito da posição deles? Lançar mão do autor compromete os próprios fundamentos da teoria expressiva. Vivenciar o autor, na própria medida em que este se expressou através de uma obra, não é participar de sua vida interior (suas alegrias, seus sofrimentos, seus desejos, suas aspirações) no sentido em que vivenciamos o herói, mas é participar do escopo que orienta sua atividade com relação ao objeto expresso, ou seja, é co-criar; o que se trata de explicar é precisamente a relação propriamente estética que consiste em viver a relação criadora de um autor, e, é óbvio, essa relação não pode ser explicada em termos de empatia; mas daí decorre que também a contemplação não pode ser explicada dessa forma. O erro fundamental da estética expressiva é ter elaborado seu princípio básico a partir de elementos estéticos ou de imagens consideradas isoladamente, no mais das vezes na natureza, e não a partir do todo da obra. De uma maneira geral, toda a estética contemporânea peca pela predileção pelos elementos. Um elemento ou uma imagem natural, considerados isoladamente, não têm autor e suscitam uma contemplação estética de caráter passivo e híbrido. Quando tenho à minha frente uma figura simples, uma

cor ou uma reunião de duas cores, um rochedo real ou o refluxo do mar na praia, e tento adaptar-lhes uma abordagem estética qualquer, devo antes de mais nada dar-lhes vida, convertê-los em heróis em potencial, marcados por um destino, devo dotá-los de uma orientação emotivo-volitiva, personificá-los; esse é o meio que permite instaurar uma abordagem estética, condição principal de uma visão estética, mas a atividade propriamente estética ainda não começou, na medida em que apenas estou vivendo a imagem a que dei vida (minha atividade também pode enveredar-se noutra direção: posso sentir pavor perante um mar que animei de modo temível, piedade perante uma rocha comprimida em suas gargantas, etc.). Devo, ainda que seja apenas em minha imaginação, pintar um quadro ou escrever um poema, construir um mito no qual o fenômeno dado será o herói de um acontecimento acabado que o engloba, o que é impossível se permaneço no interior da imagem dada, e implica que eu me situe fora do acontecimento. O quadro ou o poema que criei constituirá, por si só, um *todo* artístico onde estarão presentes os *elementos* estéticos necessários. Sua análise será produtiva. A imagem externa do rochedo *representado* não vai somente exprimir-lhe a alma, os estados interiores possíveis - tenacidade, orgulho, firmeza, independência, tristeza, solidão -, vai também conferir-lhe o acabamento, graças aos valores possíveis da vivência peculiar a essa alma e que lhe são transcendentes; e essa alma receberá sua graça estética, sua razão de ser - o que ela não pode receber do interior de si mesma. Ao seu lado virão dispor-se coisas que contêm valor estético, artisticamente significantes, mas carentes de uma posição interior autônoma, pois, no todo artístico, cada um dos constituintes esteticamente significantes nem sempre possui vida interior e não é acessível ao ato de empatia, ao qual se prestam apenas os heróis-participantes. O *todo* estético não é algo para ser vivido, mas algo para ser criado (tanto pelo autor como pelo contemplador; sendo nesse sentido que se pode dizer, com certo exagero, que o espectador vive a atividade criadora do autor), apenas o herói deve viver, embora aí não se trate de uma operação propriamente estética, já que esta reside apenas no ato de *acabamento.*

2) A estética expressiva é impotente para fornecer fundamento à forma. O mais coerente feito a esse respeito consistia

em reduzir a forma à limpidez de uma expressão (Lipps, Cohen, Volkelt): a forma tem por função favorecer, com sua clareza, o ato de empatia, expressar, de forma tão completa e transparente quanto possível, um mundo interior (o do herói? o do autor?). Tal é a compreensão da forma peculiar à teoria expressiva; a forma não assegura acabamento a um conteúdo - no sentido do todo vivido por ato de empatia ou de simpatia -, ela se limita a expressá-lo, também pode aprofundá-lo, esclarecê-lo, mas não introduz nada que, em princípio, seria uma contribuição nova, seria transcendente à vida interior expressa. A forma expressa unicamente o interior de quem ela reveste, é pura *auto-expressão.* A forma do herói apenas expressa a ele mesmo, a sua alma, e não a relação do autor com o herói; a forma deve ser fundamentada pelo interior do herói que parece gerar por si só a sua forma enquanto expressão adequada dele. Este é um raciocínio que não é aplicável ao artista. A forma da *Madona Sistina* expressa a Madona, a mãe de Deus. Quando dizemos que ela expressa Rafael e a sua compreensão da Madona, entendemos *expressão* num sentido diferente, num sentido que é alheio à estética expressiva, pois, nesse caso, a expressão não exprime de modo algum o homem-Rafael, sua vida interior, assim como uma formulação bem-sucedida de um ponto teórico não poderia expressar minha vida interior. A estética expressiva, de uma maneira que lhe é fatal, só vê em toda parte o herói e o autor - percebido como herói ou percebido como tal em função de seu grau de coincidência com o herói. A forma é mímica e fisionômica, só expressa o sujeito para um outro, ou seja, para o ouvinte-contemplador; mas este é passivo, restringe-se a perceber e, se influi na forma, é só porque um eu que se enuncia leva sempre em conta o ouvinte (quando enuncio a mim mesmo - pela mímica ou pela fala - adapto minha linguagem às particularidades de meu destinatário). A forma não é dada ao objeto como que por encanto, ela emana do objeto, como expressão desse objeto, no limite, como autodeterminação desse objeto. A forma deve levar-nos a viver o objeto interiormente, proporciona-nos apenas o meio de viver idealmente a vivência própria do objeto. A forma do rochedo nada mais exprime senão sua solidão interior, sua independência, sua postura emotivo-volitiva no mundo e resta-nos somente vivê-la. Podemos formulá-lo da seguinte ma-

neira: expressamos a *nós mesmos,* expressamos *nossa própria* vida interior através da forma desse rochedo, fazendo viver nele o sentimento de nosso *próprio eu;* em qualquer circunstância, a forma não é mais que *auto*-expressão da alma, expressão pura de um interior.

É raro que a estética expressiva permaneça fiel a uma concepção rigorosamente conseqüente da forma. Insuficiências flagrantes obrigam-na a introduzir outros fundamentos da forma e, portanto, outros princípios formais que não se integram, e não poderiam integrar-se, ao princípio básico; eles parecem acréscimos anexados mecanicamente à teoria expressiva. Explicar a forma de um *todo* como expressão da postura interior do herói - ora, o autor só se expressa através do herói ao qual se esforça em dar uma forma de expressão adequada inserindo-lhe, no máximo, o elemento subjetivo de sua própria *compreensão* do herói -i é como que uma empreitada impossível. O princípio formal de Lipps (a escola de Pitágoras, Aristóteles), sobre a unidade na multiplicidade, não passa de um apêndice anexado ao significado da expressividade. Essa função acessória da forma adquire inevitavelmente um matiz hedônico na medida em que é separada do vínculo necessário que a une à coisa expressa. Assim, para explicar a tragédia, leva-se em consideração o prazer experimentado ao viver o sofrimento; essa explicação vem juntar-se àquela que valoriza o sentimento de superioridade experimentado ao se viver o valor de seu próprio *eu* (Lipps) proporcionado pela forma, o prazer puramente formal produzido pelo *processo* de empatia enquanto tal, independentemente do conteúdo dessa vivência. O vício intrínseco que macula a estética expressiva é situar num único e mesmo plano, numa única e mesma consciência, os elementos do conteúdo (do conjunto das vivências interiores) e os elementos da forma, é tentar deduzir a forma do conteúdo. O conteúdo, em sendo vida interior, cria sozinho sua própria forma enquanto expressão de si. Podemos nos perguntar se a vida interior, a postura interior de uma vida pode tornar-se autora de sua própria forma estética externa, [...] pode gerar espontaneamente uma forma *estética* e uma expressão *artística.* E, inversamente, podemos perguntar-nos se a forma artística leva *unicamente* a essa postura interior e se é a sua *única* expressão. Nossa resposta é necessariamente negativa. Um sujeito como tal, que

expressa sua vida interior, pode encontrar uma expressão imediata para ela, e o faz, através do *ato;* ele pode também *enunciá-la,* de dentro de si mesmo, através da introspecção-confissão (sua própria autodeterminação), e, finalmente, pode *transmitir* sua orientação cognitiva, sua visão do mundo, através das categorias do discurso cognitivo, teórico. O ato e a introspecção-confissão são formas através das quais sua postura emotivo-volitiva pode expressar-se no mundo, a partir do interior dele mesmo, sem que venham insinuar-se aí valores que, em princípio, são transcendentes à postura de sua vida (é de dentro de si mesmo que o herói procede ao ato, ao arrependimento, à cognição). De dentro, a vida não pode gerar uma forma esteticamente significante sem ultrapassar os limites que lhe são próprios, sem deixar de ser ela mesma.

Tomemos o caso de Édipo. Não há nada em sua vida, pelo próprio fato de ser ele que a vive, que não lhe seja significante no interior do contexto de valores e do sentido dessa vida; sua postura emotivo-volitiva sempre encontra um meio de i~ expressar-se no ato (o ato-ação e o ato-palavra), de refletir-se na confissão e no arrependimento; dentro de si mesmo, ele *não é trágico*, se tomarmos essa palavra em seu *significado estritamente estético:* o sofrimento, tal como é vivido concretamente, de dentro, pelo sujeito que sofre, não é trágico; a vida não poderia encontrar, dentro de si mesma, uma expressão e uma forma que fossem as da tragédia. Se começarmos a coincidir interiormente com Édipo, perderemos de imediato a categoria < estética do trágico. No interior do contexto dos valores e do sentido em que Édipo vive a sua vida, não há nada que possa estruturar a forma da tragédia. Dentro de si mesma, uma vida não é nem trágica, nem cômica, nem bela, nem sublime para quem a vive pessoalmente e para quem a vive através do ato de empatia. E somente com a condição de eu ficar fora dos limites em cujo interior a alma vive a vida, de ocupar uma posição que me coloque fora dessa alma, de dar-lhe uma carne exterior significante e de cercá-la dos valores que são transcendentes à sua própria orientação no mundo das coisas (seu fundo, seu âmbito de vida como ambiente e não como campo de ação, ou horizonte), que a vida dessa alma me aparecerá numa luz trágica, assumirá uma expressão cômica, tornar-se-á bela e sublime. Se eu me contentar em viver Édipo (admitindo que seja possível a empatia pura), em ver o que ele vê, em ouvir o que ele ouve, assistirei sem demora à desintegração de sua expressividade externa, de seu corpo, e dos valores plástico-picturais que serviram para revestir e acabar sua vida para mim: após me terem feito vivenciar Édipo, esses valores ficam inaptos para penetrar dentro dele, pois no mundo de Édipo, tal como ele próprio o vive, não há seu próprio corpo exterior, não há o valor pictural-individual de seu rosto, não há a posição plasticamente significante que seu corpo ocupa nesta ou naquela circunstância de sua vida. No mundo de Édipo, apenas as outras personagens de sua vida são revestidas de carne externa, e esses comparsas, rostos e objetos, não o cercam, não constituem seu ambiente esteticamente significante, mas entram em seu horizonte, o horizonte do sujeito da ação. E é precisamente nesse mundo do próprio Edipo que deve realizar-se seu valor estético, segundo a teoria expressiva [il...] pois sua construção em nós mesmos é o objetivo final da atividade estética, para o que deve concorrer a forma. Em outras palavras, a contemplação estética deve levar-me a reconstruir o mundo da vida, do devaneio ou do sonho, tal como eu mesmo o vivo, e no qual eu, que sou seu herói, não estou exteriormente expresso (ver acima). Mas esse mundo só se estrutura a partir de categorias cognitivo-éticas, e a estrutura da tragédia, da comédia, etc., é-lhe profundamente alheia. Se me fundo com Edipo, se perco a posição que ocupo fora dele, o que, segundo a estética expressiva, representa o limite a que tende a atividade estética, perco imediatamente o “trágico”, e esta atividade deixará de ser, para mim/Edipo, uma expressão e uma forma um tanto quanto adequadas da vida com a qual me identifico; ela se encontrará expressa mediante as palavras e os atos que o próprio Édipo realiza, mas essas palavras e esses atos, eu os viverei apenas por dentro, do ponto de vista do sentido real que eles têm nos acontecimentos da minha vida e não mais do ponto de vista do seu significado estético - enquanto componente do todo artístico de uma tragédia. Se eu me fundo com Édipo, se perco o lugar que ocupo fora dele, deixo de enriquecer o acontecimento de sua vida, pois abandono esse novo ponto de vista que lhe é inacessível a partir do lugar que ele é o único a ocupar, deixo de enriquecer o acontecimento da sua vida da qual já não serei o autor-contemplador; mas, por isso mesmo, é abolida a tragédia que resulta precisamente desse *enriquecimento fundamental* que o autor-contemplador introduz no acontecimento da vida de Édipo. Porque o acontecimento-tragédia no que a tragédia é gesto-ato artístico (e religioso) - não coincide com o acontecimento-vida de Édipo, e seus participantes não são apenas Edipo, Jocasta e as outras personagens, mas também o autor-contemplador. Na tragédia, em seu todo concebido como acontecimento artístico, é o autor-contemplador que é ativo, enquanto os heróis são passivos, salvos e redimidos pela *redenção estética.* Se o autor-contemplador perde a posição firme e ativa que o situa fora da personagem, se começa a fundir-se com ela, o acontecimento artístico é destruído, assim como o *todo* artístico enquanto tal, do qual ele é, na qualidade de personagem criadora autônoma, um componente necessário; Edipo ficará sozinho consigo mesmo, não se terá beneficiado da salvação e da redenção *estética,* a vida não terá recebido o acabamento e a razão de ser em um plano de valores diferente daquele em que ela se desenvolvia efetivamente para quem a vivia [...] A criação estética não tende à repetição incessantemente recomeçada de uma vida real ou possível, que se desenrolaria de novo em companhia dos mesmos participantes e nas mesmas categorias em que ela tivesse sido vivida. Devemos precisar que nossas objeções não incidem sobre o realismo e o naturalismo e que não pretendemos defender o idealismo, a transfiguração idealista da realidade pela arte, como se poderia pensar. Não nos colocamos no plano do debate que opõe o idealismo ao realismo. E muito fácil explicar a obra idealista que transfigura a vida apoiando-se nas teorias da estética expressiva, porque podemos supor que tal transfiguração se opera na mesma categoria do *eu,* ao mesmo tempo que a mais exata reprodução naturalista da vida pode ser percebida na categoria dos valores do *outro,* como vida de um outro. Tratamos do problema da relação entre o herói e o autor-espectador; a questão é saber se a atividade estética do autor-espectador consiste em viver o herói e tende ao limite de uma coincidência entre eles e se a forma pode ser compreendida de dentro do herói enquanto expressão de sua vida que tende ao limite de uma auto-expressão de sua vida. Vimos que, segundo a teoria expressiva, a estrutura do mundo à qual nos leva a obra de arte (propriamente o objeto estético), entendida a partir da expressividade, é semelhante à estrutura do mundo da vida tal como a vivo realmente, onde o protagonista - eu - não está expresso, mas, em igual medida, é também semelhante ao mundo do devaneio mais desenfreado sobre si mesmo no qual o herói não está tampouco expresso, e no qual não há, para ser exato, um ambiente mas somente um horizonte. Veremos mais adiante que a teoria expressiva se justifica precisamente para o romantismo.

O erro radical da teoria expressiva, que leva à desintegração do *todo* estético, aparece com toda clareza no exemplo do espetáculo teatral (da representação cênica). A teoria expressiva deveria ter utilizado modalidades estéticas específicas ao acontecimento da peça teatral (ou seja, o objeto propriamente estético) - no teatro, o espectador perde sua posição *fora* e *diante* do acontecimento que representa a vida das personagens da peça, pois ele se situa no interior de uma personagem cuja vida vive por dentro, vendo a cena e ouvindo as demais personagens como as vê e as ouve a dada personagem de quem vive também cada um dos atos. Não temos espectador, mas não temos tampouco autor enquanto participante ativo do acontecimento, pois o espectador não se serve dele em seu ato de empatia que o aloja por inteiro no interior do herói, no interior daquilo que vive conjuntamente com o herói. Não temos tampouco diretor - este apenas preparou a forma expressiva dos atores, facilitando assim o acesso do espectador ao interior dos atores com os quais ele próprio coincide, de sorte que já não há lugar para ele. Quem permanece? Empiricamente, claro, permanecem os espectadores sentados em seus lugares na platéia e nos camarotes, permanecem os atores no palco e o diretor, emocionado e atento, nos bastidores, e também, talvez, em algum lugar em seu camarote, o homem-autor. Essas não são, porém, modalidades do acontecimento *artístico* constituído pela peça. O que fica do *objeto estético?* Uma vida vivida por dentro? Sim, mas não há apenas uma, há tantas vidas quantas são as personagens. E uma pena que a teoria expressiva não tenha uma resposta para a questão de saber se o ato de empatia deve exercer-se unicamente acerca do protagonista ou estender-se a todas as outras personagens na mesma proporção - não sendo esta última exigência muito realizável. Seja como for, essas vivências múltiplas não poderiam constituir o *todo* do acontecimento por falta de uma posição fundamenta da em seu princípio e não aleatória. Ora, é isso que a teoria expressiva não admite. Não temos a peça de teatro, tampouco temos o acontecimento artístico. Eis no que redundaria a teoria expressiva se fosse aplicada até o fim. Na medida em que não há coincidência absoluta entre o espectador e o herói, e entre o ator e a personagem representada, o que ocorre é que *representamos* ao viver - como postulam certos teóricos da estética expressiva.

Está na hora de nos determos no problema da correlação real existente entre a representação e a arte, sem levar em conta, claro, o ponto de vista genético. A estética expressiva, que em seu limite tende a excluir o autor e o princípio de autonomia que marca sua relação com o herói, para conceder-lhe uma função exclusivamente técnica relativa à expressividad4 dá provas da maior conseqüência quando defende a teoria da *representação*, numa ou noutra forma; e, se os teóricos mais marcantes dessa escola não o fazem (Volkelt, Lipps), é justamente porque a custa desta inconseqüência eles salvam a coesão da teoria deles. O que constitui precisamente a diferença entre a representação e a arte é, em princípio, a ausência de espectador e de autor. Do ponto de vista de quem está representando, a representação não pressupõe um espectador situado fora dela, a quem se dirigiria a realização do acontecimento-vida representado pela interpretação; de uma maneira geral, na representaçao, aqueles que representam não interpretam a si mesmos, limitam-se a imaginar-se. O garoto que representa o chefe dos bandidos vive sua vida de bandido por dentro: é pelos olhos do bandido que ele vê um segundo garoto passar correndo na frente de um terceiro garoto que, por sua vez, é o viajante. Seu horizonte é o horizonte do bandido representado. O mesmo ocorre também com seus companheiros de representação. A relação mantida por cada um deles com o acontecimento da vida que decidiram representar - o ataque à diligência - nada mais é senão o desejo de tomar parte do acontecimento, o desejo de viver essa vida na qualidade de participante: um quererá ser o bandido, outro o viajante, outro ainda o policial, etc. Essa relação com a vida que se manifesta no desejo de vivê-la em pessoa não é uma relação estética com a vida; nesse sentido, a representação é da mesma natureza que o devaneio ou a leitura ingênua de um romance que leva a pessoa a se identificar com o protagonista para viver, na categoria do *eu*, sua realidade e sua vida interessante, ou seja, a simplesmente sonhar, sob a direção de um autor, mas isso nada tem a ver com o acontecimento artístico. A representação, é verdade, aproxima-se da arte, da ação dramática precisamente, mas é só com o aparecimento de um novo participante, exterior, não envolvido pela representação - o espectador, que começa a admirar a representação das crianças do ponto de vista do *todo* do acontecimento da representação, que é portanto seu contemplador dotado de uma atividade estética e é, parcialmente, seu criador (por tê-la transposto a um novo plano, estético, e convertido num todo estético significante) - não obstante, com isso o acontecimento inicial se transforma, enriquece-se de um elemento - do espectador-autor - o que acarreta a modificação de todos os outros elementos, na medida em que estes são integrados a um novo todo: as crianças que representavam são agora heróis, em outras palavras, estamos diante de um acontecimento que já não é representação e sim teatro embrionário, ou seja, um acontecimento artístico. O acontecimento voltará a ser uma representação se o participante, renunciando à sua função estética, deixar-se envolver por ela, pelo fato de haver ali uma vida interessante para ser vivida, e começar a participar dela na qualidade de segundo viajante ou de bandido, embora seja necessário bem menos para anular o acontecimento artístico - basta que o espectador, mesmo permanecendo empiricamente em seu lugar, identifique-se com uma das personagens em particular e que, formando um só todo com ela, trate de viver essa vida imaginária.

Assim, o que é imanente à representação é a própria representação e não a modalidade estética que pode ser introduzida nela pela atividade contemplativa do espectador-contemplador, mas a própria representação e os meninos que brincam nada têm a ver com isso, pois esse valor propriamente estético é alheio ao jogo. Se eles se encontrassem na pele de um “herói”, talvez tivessem sentido o que Devuchkine sentia, ele que fora profundamente humilhado e ofendido por se reconhecer em pessoa na imagem cuja representação Gogol fornecera em *O capote*, onde ele se vira subitamente herói de uma obra satírica. O que há, afinal de contas, em comum entre a representação e a arte?

Há apenas o aspecto negativo: em ambos os casos, temos uma vida representada e não a vida real, ainda que ela, para - sermos exatos, somente seja representada na arte, ao passo que na interpretação é imaginada, pois a representação só é instaurada pela contemplação ativa e criativa do espectador. Que ela possa ser objeto de uma atividade estética não constitui privilégio, pois a vida real também pode ser objeto de uma atividade estética. A imitação interior (Groos) tende ao limite de uma vivência efetiva da vida e pode-se dizer que é um sucedâneo da vida - é ainda e sempre a representação e, em larga medida, o devaneio -, mas não é uma relação estética, ativa com a vida, uma relação que, por sua vez, ame a vida diferentemente e, sobretudo, de uma maneira mais ativa; em virtude disso se estabelece *fora* da vida que poderemos por conseguinte socorrer quando, dentro de si mesma, ela for basicamente impotente. Trata-se ainda e sempre da representação. Para dar certo crédito à teoria da representação na estética, adaptam-lhe, com toda boa-fé, a posição do contemplador-autor com base nas associações fornecidas pelo teatro. Está na hora de nos interrogarmos sobre a atividade criadora do ator. Este ocupa uma situação complexa na relação existente entre o herói e o autor. Em que fase e até que ponto o ator pratica ato de criação estética? Não é na fase em que ele vive o herói e se exprime pelo interior do herói, pelo ato e a palavra correspondentes — sendo o ato e a palavra pensados e julgados a partir dessa posição interior, não é na fase em que ele só vive por dentro este ou aquele ato, esta ou aquela postura de seu corpo e em que, no contexto de sua vida - a vida do herói -, ele pensa o ato e a postura sempre a partir de uma posição interior, ou seja, não é na fase em que, tendo-se já *encarnado,* ele vive, na imaginação, a vida do herói como se fosse a sua própria -uma vida cujo horizonte se compõe das outras personagens, do cenário, dos objetos, etc. - e em que, em sua consciência, não há *nada* que seja transcendente à consciência do herói cuja representação ele garante. O ator pratica ato de criação estética quando, *de fora,* cria e dá forma à imagem do herói em quem, depois disso, vai encarnar-se, quando cria esse herói como um todo que não é considerado isoladamente, mas que se insere, como elemento, no todo da obra; em outras palavras, quando é autor, ou, mais exatamente, co-autor ao mesmo tempo que diretor e espectador ativo (e podemos, com a exceção de certos aspectos técnicos, pôr um sinal de igualdade entre estas funções: autor = diretor = espectador = ator) do herói que ele representará e da peça em seu todo, porque o ator, como o autor e o diretor, cria o herói isoladamente, em função do todo da peça, que não é, por sua vez, senão um elemento do todo que o herói constitui. Por conseguinte, o todo da peça será percebido não de dentro do herói - enquanto acontecimento de sua vida -, não enquanto horizonte de sua vida, mas do ponto de vista exotópico do autor-contemplador dotado de sua própria atividade estética, enquanto ambiente, sendo aí que se situa tudo quanto é transcendente ao herói. O ator cria a imagem artística do herói na frente de um espelho, na frente de um diretor, com base na experiência externa que tem de si mesmo. É a isso que se correlacionam: a maquilagem (mesmo que o ator não se maquie, conta com a maquilagem que é um elemento significante da imagem), as roupas, ou seja, a criação da imagem plástico-pictural, o gestual, a configuração dos movimentos e das posturas do corpo no tocante aos outros objetos e à tela de fundo, a articulação da voz que ele julgará do exterior, e, afinal, a criação de um caráter (o caráter, enquanto componente artístico, é transcendente à consciência de quem é caracterizado, como veremos mais adiante) - e tudo isso é feito em função do todo artístico da peça (e não com o acontecimento da vida); aqui, o ator é um artista. Aqui, sua atividade estética tende para a constituição do homem-herói e da sua vida. Mas na hora da representação, quando ele encarnar a figura do herói, todas essas modalidades serão transcendentes à sua consciência e à sua vivência de herói (se a encarnação for consumada em toda a sua pureza): a forma externa que ele dará ao corpo, aos movimentos, às posturas, etc., tudo isso se tornará significante unicamente para a consciência do contemplador, no todo artístico da peça, e não na vida que a personagem vive. Por ocasião do trabalho que o ator efetua, as modalidades abstratamente isoladas ficam, claro, entrelaçadas, e é nesse sentido que a representação do ator é um acontecimento estético concreto, vivo; o ator é, em todos os pontos, um artista: cada uma das modalidades de um todo artístico está representada em seu trabalho, mas na hora da representação, o centro de gravidade se situa no interior daquilo que o herói viven-

cia pessoalmente, enquanto sujeito na vida; em outras palavras, esse centro de gravidade é transferido ao material extra-estético previamente moldado pelos próprios cuidados desse mesmo ator que desempenhou as funções de autor e de diretor; no momento da encarnação (relativamente à atividade estética), ele *é* material passivo, é a vida do todo artístico que ele próprio previamente construiu e que, agora, se realiza através do espectador; no tocante à atividade estética do espectador, o ator, enquanto herói, tem uma atividade passiva. Em sua interpretação, o ator representa uma vida que, simultaneamente, imagina para si. Se ele apenas a imaginasse para si, se só representasse movido pelo interesse que ela suscita por si só, e se ela não lhe tivesse dado uma forma, à custa da atividade que ele exerceu sobre ela de fora, se ele representasse como representam as crianças, não seria um artista - na melhor das hipóteses seria um instrumento passivo nas mãos de um artista (do diretor, do autor ou do espectador ativo). Mas voltemos à estética expressiva (tratamos aqui apenas da espacialidade, sendo por isso que insistimos no aspecto plástico-pictural do herói tal como ele se manifesta na criação estética do ator, enquanto o essencial reside na introdução de um caráter e de um ritmo interior que, como veremos mais adiante, são transcendentes à vida vivida internamente pelo próprio herói e pelo ator que os cria *de fora* e não no instante em que encarna o herói e coincide com ele. Às vezes o ator se identifica com um herói lírico e vive-se esteticamente enquanto autor do herói - esta é uma modalidade propriamente lírica da criação de ator). Do ponto de vista da estética expressiva, as operações que, do nosso ponto de vista, são propriamente estéticas (o trabalho do ator-diretor-espectador) resumem-se à criação de uma forma puramente expressiva que visa à realização mais concreta e mais pura da empatia-simpatia; o valor propriamente estético se realiza apenas mais tarde, no momento em que se supõe que o espectador se funde com o ator. A atitude ingênua do homem bom que acautela o herói contra a cilada que é armada para ele, que está pronto para voar em seu socorro quando é atacado, parece muito mais próxima da situação estética real do espectador: o espectador ingênuo situa-se num ponto fixo *fora* do herói, e em virtude disso ele tem uma única pressa, é aproveitar o privilégio da posição que ocupa *fora* do herói para socorrê-lo

quando este, a partir do lugar que ocupa, é impotente. A atitude do bom homem para com o herói é correta. Seu erro reside em não saber encontrar uma posição identicamente fixa fora do todo do acontecimento representado, e apenas isso poderia transformar sua atividade de espectador num sentido estético e não ético, ele interferiu na vida como participante e quis ajudá-la de seu interior, no nível da vida em que se exerce a atividade ético-cognitiva, passou para o outro lado da rampa e se colocou *ao lado* do herói, num único e mesmo plano da vida concebida como acontecimento ético aberto e, com isso, destruiu o acontecimento estético de que deixou de ser o espectador-autor. Ora, o acontecimento da vida, em seu todo, não comporta solução; de dentro, a vida pode expressar-se pelo ato, pelo arrependimento-confissão, pelo grito, mas a remissão e o perdão lhe vêm do autor. A solução não é imanente à vida, é-lhe concedida como um dádiva que emana da atividade do outro, do outro que vai ao encontro dela.

Certos teóricos da estética expressiva (a estética schopenhauriana de Hartmann), para explicar o caráter específico da empatia e da simpatia, introduzem a noção de sentimentos ideais, ou ilusórios, que nos são suscitados pela forma estética, e que eles distinguem dos sentimentos efetivamente experimentados na vida real. Experimentar o prazer estético é um sentimento real, vivenciar os sentimentos do herói é apenas um sentimento ideal. O sentimento ideal é aquele que não desperta a vontade de agir. Semelhante definição não resiste ao exame crítico. Não vivencio isoladamente este ou aquele sentimento do herói (tais sentimentos, aliás, não existem), mas o *todo* interior do herói, nossos *horizontes* coincidem, e por isso pratico por dentro, junto com o herói, todos os seus atos, percebidos como necessários em sua vida com a qual me identifico: ao vivenciar seu sofrimento, por dentro, vivencio também seu grito, ao vivenciar seu ódio, por dentro, vivencio também seu ato de vingança, etc.; se me restrinjo a identificar-me com ele e a coincidir com ele, não posso intervir em sua vida, pois essa intervenção supõe minha exotopia em relação a ele - era o caso de nosso bom homem. Outros teóricos explicam as particularidades estéticas da empatia da seguinte maneira: ao transencarnar-nos, ampliamos os valores do nosso *eu*, participamos (por dentro) do que é significante no humano, etc. -

ficamos no círculo de uma consciência, da empatia e da simpatia vivenciadas relativamente a nós mesmos, e a categoria dos valores do *outro* nunca intervém. No âmbito de uma aplicação estrita da teoria expressiva, a empatia ou a simpatia para com uma vida consiste em vivenciá-la, em duplicá-la tal qual, sem enriquecê-la com valores novos que lhe seriam transcendentes, em vivenciá-la nas categorias que são as do sujeito efetivo de uma vida. A arte possibilita-me viver várias vidas em vez de uma só, e com isso enriquecer minha experiência pessoal, possibilita-me participar internamente de outra vida, em nome mesmo dessa outra vida, em nome do significado que ela comporta (de seu “significado humano” segundo Lipps e Volkelt).

Procedemos ao exame crítico do princípio básico da estética expressiva, considerado em estado puro e numa aplicação conseqüente. Mas essa pureza e conseqüência não aparecem nos trabalhos efetivos dos teóricos da estética expressiva; como já assinalamos, é apenas à custa de desvios do princípio básico e de inconseqüência que a teoria expressiva consegue manter seu vínculo com a arte e preservar-se, apesar de tudo, como teoria estética. Esses desvios do princípio básico, a estética expressiva volta a acrescentá-los a si servindo-se de uma experiência estética efetiva que ela possui, claro, mas da qual dá uma interpretação teórica falsa, e esses acréscimos efetivos nos dissimulam o que falseia o princípio básico considerado em estado puro - dissimulando-o também aos próprios adeptos da teoria. O maior desvio que notamos no tocante ao princípio básico na maioria dos teóricos da estética expressiva e que nos leva a uma compreensão mais exata da atividade estética é o fato de a empatia ser determinada como simpática - o que ora é expressamente formulado (em Cohen, em Groos), ora é tacitamente implicado. A noção de empatia *simpática,* desenvolvida até o fim, destruiria o princípio básico da teoria expressiva e nos levaria à noção de *amor* estético e à exata posição de um autor com relação ao herói. O que será, então, a empatia simpática? A empatia simpática “aparentada com o amor” (Cohen) não é mais esse ato de empatia pura que faz penetrar no objeto, no herói. Quando vivenciamos os sofrimentos de Édipo, em seu mundo interior, não encontramos nada aparentado com o *amor* por si mesmo; seu amor-de-si ou egoísmo é algo totalmente diferente, e, claro, o que está em questão quando se fala de empatia simpática não é a vivência desse amor-próprio e amor-de-si, e sim a criação de uma nova relação emocional com o todo da sua vida interior. Essa simpatia aparentada com o amor modifica radicalmente toda a estrutura emotivo-volitiva mediante a qual vivencio internamente um herói, dá-lhe um colorido e uma tonalidade totalmente diferentes. Entrelaçamo-la com o que vive o herói, e de que forma? Pode-se dizer que nosso ato de empatia introduzirá esse amor também no objeto, como sucede com os outros estados interiores: o sofrimento, a paz, a alegria, a tensão, etc. Dizemos que uma coisa ou uma pessoa é agradável, simpática, ou seja, atribuímo-lhe pessoalmente, como propriedades interiores, as qualidades que exprimem nosso relacionamento com ela. Efetivamente, o sentimento de amor parece penetrar no objeto, modificar sua aparência para nós, mas mesmo assim essa penetração difere totalmente da incorporação operada pelo ato de empatia, o qual faz passar para o objeto outra vivência na qualidade de estado interior próprio desse objeto, introduz o sentimento da alegria no homem com sorriso feliz, o sentimento da paz no mar calmo e imóvel, etc. Enquanto estes últimos animam o objeto *exterior,* criando essa vida interior que dá sentido à sua exterioridade, o amor penetra tanto a vida exterior quanto a vida interior que foi incorporada ao objeto pelo ato de empatia e embeleza, transfigura para nós o objeto em sua totalidade, converte-o num objeto vivo, constituído de alma e corpo. Pode-se tentar dar uma interpretação da simpatia aparentada com o amor no âmbito da estética expressiva e dizer que a simpatia é a condição da empatia: para que comecemos a vivenciar alguém, é preciso que este nos seja simpático e não vivenciamos o objeto antipático, não o penetramos, preferimos evitá-lo a vivenciá-lo. A expressividade, se se pretende efetivamente expressiva, se quer introduzir-nos no mundo interior do expressante, deve ser simpática. A simpatia pode, realmente, ser uma das condições da empatia, sem contudo ser sua condição única e necessária; mas seu papel está longe de ser esgotado pelo ato da empatia estética, ela acompanha e impregna todo o processo de contemplação estética do objeto, transformando todo o material do contemplado e da vivência. A empatia simpática faz viver a vida do herói de uma forma totalmente diferente daquela em que essa vida foi ou poderia ter sido vivida pelo próprio sujeito; e essa forma não tende ao limite de uma coincidência total, de uma fusão com a vida do herói, pois tal fusão significaria a perda do coeficiente de simpatia, de amor e, conseqüentemente, a perda da forma que esses sentimentos criavam. A empatia simpática não dá a essa vida uma forma a partir da categoria do *eu,* mas a partir da categoria do *outro,* enquanto vida do outro, de outro *eu,* e é, em sua essência, a vida do outro vivida *por fora,* quer se trate de sua vida *exterior,* quer de sua vida *interior* (no tocante à vivência *de fora* de uma vida *interior,* ver o capítulo seguinte).

É justamente a empatia simpática - e apenas ela - que possui o poder de operar uma combinação harmoniosa, num único e mesmo nível, entre o *interior* e o *exterior.* Do próprio interior da vida vivenciada pelo ato de empatia, não há acesso ao valor estético do que lhe é exterior (seu corpo); apenas o amor, por ser aproximação ativa do outro, pode operar a combinação da vida interior (a orientação material do próprio sujeito na vida) vivenciada de fora, com o corpo, em seu valor, vivido de fora, para fundi-los no homem singular e único, como fenômeno estético; apenas ele pode operar a combinação do que orienta um escopo com o que é sua orientação, do horizonte com o que está à volta. O homem, concebido em sua integridade, é o produto de uma ótica estética criadora, e apenas dela; a cognição é indiferente aos valores e não nos oferece o homem concreto e singular; o sujeito ético, por princípio, não é único (o imperativo propriamente ético é vivido na categoria do eu), o homem, em sua integridade, pressupõe um sujeito esteticamente ativo, situado fora dele (abstraímos a vivência religiosa do homem). Desde o início, a empatia simpática introduz numa vida vivida por ato de empatia os valores que lhe são transcendentes, desde o início transfere essa vida para um novo contexto de valores e de sentido, desde o início pode dar-lhe um ritmo temporal e uma forma espacial *(Bilden, Gestalten).* Ao passo que a empatia pura carece de qualquer outro ponto de vista além daqueles que só são possíveis do interior da vida; ora, dentre eles, não há um esteticamente produtivo. Não é do interior da vida que se constrói e se fundamenta a forma estética como expressão adequada que tenderia ao limite de sua pura auto-expressão (à formulação da relação ima-

nente que a consciência mantém consigo mesma), é *de fora,* pelos desvelos da simpatia e do amor que lhe são dirigidos e que são esteticamente produtivos; nesse sentido, a forma expressa efetivamente a vida do outro, mas o que nessa expressão corresponde à atividade criadora, não é a expressão em si mesma, mas *o outro,* situado *fora-de:* o autor; a vida, por sua vez, fica *passiva* na expressão estética que ela reveste. Numa acepção assim, o termo "expressão" parece mal escolhido e seria preciso abandoná-lo, reservando-o a uma compreensão puramente expressiva que ele explica melhor (em particular o alemão *Ausdruck);* o que corresponde muito melhor à realidade do acontecimento estético é, na terminologia da estética impressiva, o termo "representação", válido na arte tanto para o espaço como para o tempo - um termo que transfere o centro de gravidade do herói para o sujeito da atividade estética, ou seja, para o autor.

A forma expressa a atividade do autor a respeito do herói - do outro; nesse sentido, podemos dizer que ela é o resultado da interação entre o herói e o autor. Entretanto, nessa interação o herói é passivo: ele não é o expres*sante,* é o expres*so*; porém, como tal, determina a forma, pois esta deve precisamente corresponder-lhe, e deve, precisamente de fora, assegurar um acabamento à orientação material interna de sua vida; é por isso que a forma deve ser-lhe adequada e não por ser uma possível auto-expressão dele. Mas essa passividade do herói a respeito da forma não é dada de imediato, é apenas pré-dada, sendo objeto de uma atividade que a realiza no interior da obra onde ela constitui o móbil do combate travado pelo autor e pelo espectador - e estes nem sempre saem vencedores. Esse empreendimento só é possível graças à posição exotópica do autor-contemplador a respeito do herói, posição esta impregnada de tensão e de amor. A orientação interna da vida do herói, a partir de dentro dele, comporta sua necessidade imanente, que pode nos levar a viver as coerções do devir dessa vida carente de resolução estética, pode levar-nos a um ponto tal que perdemos nossa posição firme fora do herói e nos expressamos a partir de dentro dele e coincidimos com ele. Quando o autor se funde com seu herói, a forma não é, de fato, senão pura expressão expressiva do herói, resultado da atividade do herói em cujo exterior não soubemos situar-nos; ora, a atividade do próprio

herói não pode ser uma atividade estética; podemos encontrar nele (ouvir nele) sua necessidade, seu arrependimento, sua prece, sua súplica, e, finalmente, sua reivindicação dirigida a um possível autor, mas ela permanecerá impotente para gerar uma forma estética acabada.

Essa necessidade interior, imanente à vida do herói, deve ser compreendida e vivida por nós em toda a sua importância e significado, no que tem razão a teoria expressiva; mas cumpre que seja na forma estética significante que essa vida revestir, que lhe é transcendente e vale por seu princípio de *acabamento* e não pelas modalidades de sua *expressão.* Precisamos enfrentar a necessidade imanente (não se trata, naturalmente, de psicologia, mas de sentido) de uma consciência viva (ou consciência da própria vida), exercendo nossa atividade de fora e proporcionar-lhe sua razão de ser e seu acabamento que lhe virão como dádivas, e essas dádivas não devem situar-se no plano em que essa vida é vivenciada internamente e se encontraria enriquecida de um material (de um conteúdo) colhido na mesma categoria em que é vivenciada - apenas o devaneio procede assim, e o ato na vida prática (de ajuda, por exemplo) — e sim no plano em que essa vida, se quiser permanecer ela própria, é, por princípio, impotente. A atividade estética que se desenvolve sempre nas fronteiras (a forma é uma fronteira) da vida vivida do interior, ali onde essa vida está voltada *para fora*, ali onde ela termina (o fim do sentido, do espaço e do tempo) e onde começa outra vida, aquela onde se estende, inacessível a ela mesma, a esfera de atividade do outro. Minha vivência própria e minha consciência própria da vida, e, conseqüentemente, a *auto-expressão* que ela reveste (a expressividade da minha expressão) enquanto algo unificado, possuem fronteiras estáveis que delimitam, acima de tudo, meu corpo exterior: este, enquanto valor estético evidente-visível, suscetível de entrar em combinação harmoniosa com a orientação material interna da minha vida, situa-se mais além das fronteiras da minha vivência própria unificada; na vivência que tenho da minha vida, o corpo exterior não pode ocupar o lugar que ele ocupa para mim através da empatia simpática que me faz vivenciar a vida do outro, no todo da sua vida, tal como ele se apresenta para mim; mesmo que a sua beleza exterior fosse um componente de suma importância para a minha vida e para

mim mesmo, a verdade é que por principio isso não equivale *a* vivenciá-lo integralmente, de modo intuitivo-visível, num único e mesmo plano de valores com minha vida interior, como sua forma; não equivale a viver-me, de modo visível-evidente, integralmente encarnado num corpo exterior, assim como vivo essa encarnação quando se trata do outro. Estou por inteiro *dentro* da minha vida e, se eu de alguma maneira pudesse ver o *exterior* da minha vida, esse exterior se integraria imediatamente à minha vivência interna, a enriqueceria de um modo imanente, ou seja, deixaria de ser exterioridade que, de fora, proporciona acabamento à minha vida, deixaria de ser a fronteira eventual de um finito estético que me proporcionaria, de fora, meu próprio acabamento. Supondo-se que eu possa situar-me fisicamente fora de mim - admitamos que eu receba a possibilidade física de dar-me uma forma de fora -, ainda assim eu não terei nenhum princípio segundo o qual eu poderia dar-me essa forma, modelar minha própria exterioridade, proporcionar-lhe o acabamento estético, se eu não souber situar-me *fora de* minha vida, se não souber percebê-la como vida do outro. Para tanto, preciso encontrar uma posição firme que seja fundamentada no sentido externo e também no sentido interno e que esteja situada não só *fora de* minha vida tal como ela se manifesta em seu enfoque do objeto e do sentido, em seus desejos, em suas aspirações, em suas aquisições - coisas que precisarei perceber noutra categoria. O que é indispensável para a criação de um todo artístico (inclusive no caso de uma obra lírica), não é expressar sua vida e sim expressar-se *sobre* sua vida pela boca do outro. [...]

Vemos, portanto, que a relação simpática ou amorosa com a vida, que vem acrescentar-se à empatia, ou seja, a noção de empatia simpática, desenvolvida de modo conseqüente, destrói o princípio básico da estética expressiva: o acontecimento artístico da obra se apresenta sob outro aspecto, evolui noutra direção, e o ato de empatia vem a ser apenas um de seus componentes, além do mais extra-estético; a atividade propriamente estética intervém com o amor criador no conteúdo vivenciado por ato de empatia, um amor preocupado em criar para essa vida, vivenciada por ato de empatia, uma forma estética que lhe seja transcendente. A criação estética não poderia ser ex-

plicada ou pensada como imanente a uma única e mesma consciência, o acontecimento estético não pode ter um único participante que, simultaneamente, viveria a vida e expressaria sua vivência pessoal através de uma forma artística significante; o sujeito da vida e o sujeito da atividade estética, que lhe dá a sua forma, não podem por princípio coincidir. Há acontecimentos que, por princípio, não podem desenvolver-se no plano de uma única e mesma consciência e pressupõem *duas* consciências estanques; pois o componente essencial do acontecimento é essa relação de *uma* consciência com *outra* consciência, caracterizada justamente por sua alteridade - é isso que sucede com todo acontecimento criativamente positivo, que veicula o novo, que é único e irreversível. A teoria expressiva é apenas uma das inúmeras teorias filosóficas, éticas, filosófico-históricas, metafísicas, religiosas que qualificamos de empobrecedoras na medida em que, para explicarem um acontecimento produtivo, o empobrecem reduzindo principalmente o número de seus participantes: para explicar o acontecimento, transpõem-no para o plano de uma única consciência em cuja unidade todos os componentes do acontecimento serão compreendidos e deduzidos; obtêm assim a transcrição puramente teórica de um acontecimento já realizado, mas perdem as forças motrizes que presidiam à criação do acontecimento na fase de sua realização (quando ainda era acontecimento aberto) e perdem também seus participantes vivos que, por princípio, não se fundem. A idéia do *enriquecimento formal* fica incompreendida - em oposição ao enriquecimento da matéria, do conteúdo; ora, esta é a idéia fundamental, a idéia motriz na criação cultural que, em nenhuma de suas áreas, tende para um enriquecimento do objeto por meio de um material que lhe é imanente, mas o transpõe para outro plano de valores, gratifica-o com o dom da *forma,* trans*forma-o,* e esse enriquecimento formal é impossível se há fusão com o objeto trabalhado. Em que se enriqueceria o acontecimento se eu fundir-me com o outro: se de *dois,* passamos a *um?* Que vantagem teria eu em que o outro se funda comigo? Ele só verá e só saberá o que eu mesmo vejo e sei, ele somente reproduzirá em si mesmo o que em minha vida continua sem solução; é preferível que ele permaneça fora de mim, pois é a partir da sua posição que pode ver e saber o que, a partir da minha posição, não posso nem ver

nem saber, sendo assim que ele poderá enriquecer o acontecimento da minha vida. Ao *somente* fundir-me com a vida do outro, limito-me a acentuar o que continua sem solução nessa vida, limito-me a duplicá-la numericamente. Do ponto de vista da produtividade efetiva do acontecimento, quando somos dois, o que importa não é o fato de que, além de mim, haja *mais outro* homem, *semelhante a mim (dois homens),* e sim que, para mim, ele seja *o outro;* é nisso que sua simpatia por minha vida não é nossa fusão num único ser, não é uma duplicação numérica da minha vida, e sim um enriquecimento do acontecimento da minha vida, pois ele a vive de uma nova forma, numa nova categoria de valores - como vida de outro que é percebida diferentemente e recebe uma razão de ser diferente da sua própria. A produtividade do acontecimento não consiste na fusão de todos em um, mas na exploração da exotopia que permite à pessoa situar-se num lugar que é a única a poder ocupar fora dos outros.

Essas teorias empobrecedoras que fundamentam a criação cultural na rejeição do principio exotópico, que situa fora do outro, e para as quais tudo se reduz a *participar de uma consciência,* a ser solidário e até mesmo a fundir-se com ela, todas essas teorias - e, sobretudo a teoria expressiva na estética - explicam-se pela natureza gnosiológica da cultura filosófica dos séculos XIX e XX. A teoria do conhecimento tornou-se o modelo de todas as teorias referentes aos domínios da cultura: tanto a ética quanto a teoria do comportamento são substituídas pela teoria do conhecimento dos atos já concluídos, tanto a estética quanto a teoria da atividade estética são substituídas pela teoria do conhecimento de uma atividade já concluída — ou seja, o que é considerado objeto não é, em toda a sua imediatez, o próprio fato da realização estética, mas sua eventual transposição teórica; por isso , a unidade do acontecimento em realização é substituída pela unidade da consciência, da compreensão do acontecimento; o sujeito - o participante - do acontecimento torna-se o sujeito do conhecimento puramente teórico do acontecimento no qual ele não toma parte. A consciência gnosiológica, a consciência científica, é uma consciência única e singular; tudo com que essa consciência lidar será definido por ela própria, toda definição será do âmbito da sua própria atividade: toda definição do objeto será definição da consciência. Nesse sentido, a consciência gnosiológica não poderia ter outra consciência situada fora dela, não poderia estabelecer uma relação com outra consciência que fosse autônoma e não se fundisse com ela. Toda unidade é sua própria unidade e não pode admitir ao seu lado outra unidade, independente dela (a unidade da natureza, a unidade da outra consciência), uma unidade soberana que lhe faria frente com seu próprio destino e não seria definida por ela. Essa consciência cria e forma seu objeto somente enquanto objeto e não enquanto sujeito. Para ela, o sujeito não passa de um objeto. O sujeito não é compreendido, conhecido, senão na qualidade de objeto - apenas um valor poderia convertê-lo num sujeito, no portador de uma vida regida por suas próprias leis e que vive seu próprio destino. Enquanto a consciência estética é uma consciência amorosa que postula o valor, ela é consciência de uma consciência, é a consciência que o *eu*-autor tem da consciência do herói-*outro*; o acontecimento estético reside no encontro de duas consciências que, por princípio, não se fundem:

a consciência do autor encara a consciência do herói não do ponto de vista de seus componentes materiais e de sua importância objetiva, mas do ponto de vista da unidade subjetiva constituída pela vida do herói, e é essa consciência do herói que encontra uma localização concreta (sendo o grau de concretização variável, claro), uma encarnação e recebe seu acabamento em virtude de um ato de amor. Quanto à consciência do próprio autor, assim como a consciência gnosiológica, ela permanece inacabável [...]

Assim, a forma espacial não é, no sentido exato, a forma da obra como objeto, mas a forma do herói e de seu mundo - a forma de um sujeito; nisto a estética expressiva tem razão (pode-se dizer, com uma margem de inexatidão, que a forma de uma vida representada no romance tem a forma do romance, mas o romance, considerando-se também o princípio do isolamento - da invenção -, é justamente uma forma destinada a dominar a vida), mas, contrariamente às opiniões da estética expressiva, a forma não é a expressão pura de uma vida porque, ao expressá-la, ela expressa também a relação do autor com o herói, que é, precisamente, o elemento propriamente estético da forma. A forma estética não pode ser fundamentada de dentro do herói, a partir de seu enfoque do objeto e do sentido na vida, em outras palavras, a partir da significação pura e simples de sua vida; a forma é fundamentada no interior do *outro* - do autor, isto é, a partir de uma reação geradora de valores que são, por princípio, transcendentes ao herói e à sua vida, mas todavia ligados a ele. Essa reação criadora é o amor estético. A relação mantida pela forma estética, transcendente ao herói e à sua vida, considerada por dentro, reproduz a relação - única em seu gênero - do am*ante* com o am*ado* (abstraindo-se, é óbvio, o aspecto sexual), a relação do juízo de valor imotivado com o objeto (“tal como ele é, agrada-me e amo-o”, e é somente depois disso que ocorre a idealização ativa, o *dom* de uma forma), a relação de abonação valid*ante* com o abonado valid*ado*, a relação do dom com a necessidade, do perdão *gratuito* com o crime, da graça com o pecador - todas essas relações (a lista poderia ser aumentada) são análogas à relação estética do autor com o herói ou da forma com o herói e sua vida. O elemento essencial, comum a todas essas relações, é, de um lado, o dom, transcendente por princípio ao beneficiário do dom, e, do outro, a *relação* profunda do dom com quem é seu beneficiário - o fato de que *não* seja *ele* mas seja *para ele.* Daí decorre que o enriquecimento reveste um caráter formal, transfigurativo - o beneficiário do dom é transposto para um novo plano de existência. O que é transposto para um novo plano, não é o material (o objeto), mas o sujeito - herói; e é apenas no tocante a ele que serão possíveis o dever estético, o amor estético e o dom do amor.

A forma deve utilizar essa particularidade, transcendente à consciência do herói (à consciência que ele pode ter de sua própria vivência e ao juízo de valor concreto sobre si mesmo), mas todavia ligada a ele, segundo a qual ele é determinado *enquanto todo* pelo exterior, ou seja, está voltado para fora, sendo suas fronteiras as de seu todo. *A forma é uma* *fronteira* que resulta de um tratamento estético [...] Trata-se tanto das fronteiras do corpo como das fronteiras da alma e das fronteiras do espírito (da orientação do sentido). As fronteiras são vividas de maneiras essencialmente diferentes: por dentro, pela autoconsciência e por fora pela vivência do outro. Cada um dos meus atos, tanto interior como exterior, na orientação material da minha vida, procede de dentro de mim, jamais encontro alguma fronteira *significante em seus valores* que me asse-

gure um acabamento *positivo,* avanço e atravesso minhas fronteiras que posso internamente perceber como obstáculo, mas não como acabamento; as fronteiras do outro, que vivo no plano estético, asseguram-lhe o acabamento positivo, abarcam-no por inteiro, concentram toda a sua atividade, fecham-se sobre esta. O escopo do herói em sua vida é inteiramente investido em seu corpo concebido como fronteira estética significante, é *encarnado.* Esse significado bivalente das fronteiras ficará mais claro no prosseguimento da nossa exposição. Abrimos as fronteiras do herói quando o vivenciamos do interior e as fechamos quando, do exterior, asseguramos seu acabamento estético. Se no primeiro movimento, interno, somos passivos, no segundo movimento, externo, que nos leva ao encontro do herói, somos ativos, edificamos algo absolutamente novo, excedente. É justamente esse encontro de dois movimentos operando-se na superfície do homem que dá consistência aos valores de suas fronteiras, acende a centelha do valor estético.

Segue-se daí que a existência estética - o homem em sua integridade - não é fundamentada de dentro, a partir de uma eventual autoconsciência, sendo esta a razão por que também a beleza, se abstraímos o autor-contemplador ativo, parece passiva, ingênua e inorgânica; a beleza nada sabe de si mesma, não pode fundamentar a si mesma, atém-se *a ser,* é o dom que abstrai o doador e sua atividade fundamentada internamente (pois o dom é fundamentado do interior da atividade doadora) [...]

A teoria da estética impressiva, com a qual relacionamos todas as concepções estéticas que situam o centro de gravidade na atividade do artista, produtora de formas, tais como aparecem em Fiedler, Hildebrand, Hanslick, Riegl, Witasek e naqueles chamados de formalistas (Kant ocupa uma posição ambivalente), perde a noção do herói como constituinte autônomo, ainda que passivo, do acontecimento artístico, contrariamente ao que se passa com a estética expressiva na qual é a noção de autor que se perde. É precisamente o acontecimento, enquanto relação viva entre duas consciências, que também não existe para a estética impressiva. Nela igualmente, a criação do artista é considerada como um ato unilateral, confrontado unicamente com o objeto, com o material e não com outro sujei-

to. A forma se deduz das especificidades do material: visual, auditivo, etc. Tal abordagem não permite fundamentar profundamente a forma e só redunda numa explicação hedônica mais ou menos sutil. O amor estético perde o objeto, torna-se processo de amor sem conteúdo, representação de amor. Os extremos se tocam: também a estética expressiva só podia desembocar na representação, mas é uma representação diferente: deixa de ser a representação de viver por amor de uma vida - como representam as crianças - é a representação de abonar, sem conteúdo, uma vida possível, de produzir o fundamento e o acabamento estético de uma vida somente possível. Para a teoria impressiva, o que existe é o autor sem herói, cuja atividade, que só visa ao material, torna-se uma atividade puramente técnica.

Assim, elucidado o significado dos aspectos expressivos e impressivos do corpo exterior no acontecimento artístico da obra, fica claro que o corpo *exterior* é o centro dos valores da forma espacial. Falta-nos agora desenvolver essa noção no que tange à criação *verbal.*

7. *O todo espacial do herói. Teoria do “horizonte” e do “ambiente”.*

Em que medida a criação verbal está relacionada com a *forma* espacial do herói e do seu mundo? Que a criação verbal esteja relacionada com a exterioridade (o aspecto externo) do herói e com o mundo espacial no qual se desenrola o acontecimento da sua vida, isto está fora de dúvida; mas estará ela também relacionada com a *sua forma espacial enquanto forma artística?* É isso que levanta dúvidas e, em geral, resolve-se o problema num sentido negativo. Para resolvê-lo corretamente, cumpre levar em conta o significado bivalente da forma estética. Esta, como já vimos, pode ser uma forma empírica, tanto externa como interna, em outras palavras, ser forma do objeto estético, forma do mundo que se elabora a partir da obra artística sem coincidir com esta, e também forma da própria obra artística, isto é, forma material. Com base nessa distinção, é claro que não poderíamos afirmar a similitude dos objetos estéticos pertencentes às diversas áreas da arte - pintura, poesia, música, etc. - no que se refere somente à diferença dos meios de realização, de construção do objeto estético, isto é, reduzindo a arte apenas às modalidades técnicas. A forma material que faz com que uma obra seja pictórica, poética ou musical determina também a estrutura correspondente do objeto estético ao qual ela dará certa *uni*formidade, do qual acentuará certos aspectos. Nem por isso o objeto estético deixa de ser *multi*forme, *concreto,* semelhante à realidade ético-cognitiva (o mundo vivido) que o objeto fundamenta e acaba artisticamente; atingindo esse mundo do objeto artístico sua forma mais concreta e mais completa na criação verbal (ao contrário da criação musical). A criação verbal não cria uma forma espacial *externa* pois não lida com um material espacial como sucede com as artes picturais, plásticas, gráficas; seu material - a palavra (a forma espacial da disposição do texto - estrofes, capítulos, figuras complexas da poesia escolástica, etc. — é quase insignificante) — não é um material espacial em sua substância (o som na música o é ainda menos); mas o objeto estético não é, naturalmente, constituído somente de palavras, ainda que a parte verbal seja importante nele, e esse *objeto da visão estética possui uma forma espacial interna artisticamente signjficante* que é representada pelas palavras da obra (essa forma, na pintura, é representada pelas cores, pelo desenho, pelas linhas, e daí não decorre que o objeto estético seja constituído apenas de linhas e de cores; trata-se precisamente de construir um objeto concreto a partir das linhas e das cores).

A forma espacial contida dentro do objeto estético, expressa por meio das palavras de uma obra verbal, não levanta dúvidas. A segunda questão era saber como se realizava essa forma espacial interna: deverá ela produzir-se de modo puramente *visual,* detalhado e completo? Deverá ela oferecer um equivalente emotivo-volitivo que lhe realize a tonalidade sensorial, o colorido emocional, numa representação que poderá ser descontínua, fugidia, até mesmo ausente e compensada pela palavra? (O tom emotivo-volitivo apesar de ser vinculado à palavra e como que fixado à sua imagem fônico-entonacional, não se refere, claro, à palavra, mas ao objeto expresso pela palavra, mesmo que este não se realize, na consciência, na forma de imagem visual; apenas o objeto possibilita pensar o tom emocional, mesmo que este se desenvolva junto com a acústica da palavra.) Um estudo detalhado desse problema ultrapassaria o âmbito de nossa análise e pertence a uma estética geral da criação verbal. Algumas indicações sumárias serão suficientes para o problema de que tratamos. A forma espacial interna nunca se realiza completamente numa plenitude *visual* (o mesmo se passa com a forma temporal cuja realização acústica nunca fica completa e plena) até no campo das artes plásticas. A forma *visual* completa e plena só é própria da forma material externa da obra, cujas qualidades parecem ser transferidas para a forma interna (a imagem visual da forma interna, mesmo nas artes plásticas, é subjetiva). A forma visual interna é vivenciada, no plano emotivo-volitivo, como se fosse perfeita e acabada, mas tais perfeição e acabamento nunca são realizados de modo efetivo numa representação. É óbvio que o grau de realização da forma interna varia conforme os modos da criação verbal e conforme as obras.

Esse grau atinge o ponto culminante na epopéia (a descrição do aspecto físico do herói no romance deve necessariamente levar a uma reconstituição visual, ainda que a imagem obtida a partir do material verbal não deixe de ser visualmente subjetiva, variando conforme os leitores) e o ponto mais baixo no lirismo, particularmente no lirismo romântico, onde um grau elevado de atualização visual, hábito inculcado pelo romance, compromete a impressão estética; mas em todos esses casos teremos sempre um equivalente emotivo-volitivo da exterioridade, um escopo emotivo-volitivo que aspira a essa exterioridade, mesmo quando ela não se presta a uma representação visual; e essa aspiração elabora sua exterioridade como valor artístico. É por isso que precisamos reconhecer e compreender o *princípio plástico-pictural* da criação artística verbal.

O corpo exterior do homem, suas fronteiras exteriores e seu mundo são uma coisa dada (no dado extra-estético da vida), necessária e inalienável do dado existencial; por isso esses fatos exigem o direito de figurar na estética, exigem ser reproduzidos e fundamentados; é para isso que são empregados todos os meios de que a arte dispõe: cores, linhas, volumes, palavras, sons. Na medida em que o artista lida com a existência do homem e com seu mundo, lida também com os seus dados espaciais, com suas fronteiras exteriores e, quando fornece uma transposição estética dessa existência, precisa também transpor a exterioridade do homem em função do tipo de material de que dispõe (cores, sons, etc.).

O poeta cria o aspecto físico, a forma espacial do herói e do seu mundo mediante o material verbal: essa exterioridade - que internamente é carente de sentido e externamente é votada a um conhecimento factual - é pensada e fundamentada no plano estético pelo poeta que a torna artisticamente significante.

A imagem externa expressa pelas palavras, quer se preste a uma representação visual (no caso do romance, por exemplo), quer seja vivenciada no modo emotivo-volitivo, tem por função dar forma e remate, ou seja: ela não só é expressiva, mas também artisticamente impressiva. As opiniões que expusemos encontram aqui sua aplicação plena: em se tratando tanto do retrato verbal quanto do retrato pictural. Também aqui, apenas uma posição exotópica pode garantir o valor estético à exterioridade e a forma espacial expressa a relação do autor com o herói.

A obra de criação verbal considera cada um dos heróis de fora, e, na leitura, é de fora que devemos seguir os heróis - e não de dentro. Ora, é justamente na criação verbal (e, acima de tudo, na música), que uma interpretação puramente expressiva da exterioridade parece mais sedutora e convincente, porque a exotopia do autor-espectador não é confirmada no espaço como o é nas artes plásticas (a representação visual é substituída pelo equivalente emotivo-volitivo fixado na palavra). Por outro lado, o material que a língua fornece não é suficientemente neutro no que tange à esfera ético-cognitiva onde é utilizado para a auto-expressão e para fins informativos; ou seja, quando é utilizado num emprego expressivo, e transferimos esses usos expressivos da linguagem (expressar a si mesmo e indicar o objeto) para a percepção que temos da obra artística de criação verbal. A isso vem acrescentar-se, enfim, a passividade espacial e visual que acompanham nossa percepção: a palavra serve para representar uma espécie de dado espacial já pronto, e não há nada aí que se assemelhe à criação de uma forma espacial, evidentemente amorosa, operada de fora mediante linhas e cores pelo movimento da mão e do corpo inteiro, o movimento-gesto que imita e triunfa. A articulação lingüística e a mímica, na medida em que têm, da mesma maneira que a língua, seu lugar na vida, são fortemente marcadas por uma tendência à expressividade (a articulação e o gestual expressam ou imitam); o tom que preside à criação do autor-contemplador encontra-se facilmente absorvido pelo tom peculiar à vida do herói.

Portanto, convém salientar que o conteúdo (o que está *entranhado* num herói, sua vida por dentro) e a forma não podem ser fundamentados nem explicados do ponto de vista de uma única e mesma consciência, sendo somente nas fronteiras de duas consciências, nas fronteiras do corpo, que se realizam o encontro e o dom da forma artística. Sem essa relação com o outro, beneficiário do dom que lhe proporciona a razão de ser e o acabamento (imanência de sua razão de ser estética), a forma que não for fundamentada internamente pela atividade interior do autor-contemplador não deixará de degenerar em algo hedônico, pura e simplesmente "belo" que me agrada imediatamente, da mesma maneira que, também imediatamente, posso sentir frio ou calor: o autor constrói tecnicamente o objeto de prazer que o contemplador se oferece passivamente. O tom emotivo-volitivo do autor que cria e fundamenta a exterioridade enquanto valor artístico não poderia ser diretamente coordenado ao escopo que marca, por dentro, a vida do herói sem passar pela categoria do *outro;* é apenas através dessa categoria que se torna possível fazer com que o aspecto físico seja uma forma que engloba e acaba o herói, uma forma na qual se depositou o escopo de sua vida e de seu sentido, uma forma plena e viva, e criar o homem em sua integridade como unidade de valores.

Como serão representadas, na obra de criação verbal, as *coisas do mundo exterior* relativamente ao herói? Qual será o lugar que essas coisas ocuparão nesse mundo?

São possíveis dois modos combinatórios: 1) *de dentro* do herói, e teremos seu *horizonte;* 2) *de fora,* e teremos seu *ambiente.* De dentro de mim, no contexto dos valores e do sentido da minha vida, as coisas *se situam diante de mim,* vinculam-se à minha vida na orientação que lhe é peculiar (ético-cognitiva e prática), e estão presentes ai na qualidade de constituintes do acontecimento singular e único, aberto, da minha existência, do qual participo e cuja solução me concerne em toda sua coerção. O mundo de que participo realmente é, de dentro, o horizonte da minha consciência ativa e atuante. Só consigo (se

ficar dentro de mim) orientar-me nesse mundo concebido como acontecimento, ordenar os componentes materiais desse mundo, através das categorias cognitivas éticas e práticas (as do bem, da verdade e das finalidades práticas) e é isso que condiciona para mim a face externa de qualquer coisa, o que lhe dá sua tonalidade, seu valor, seu significado. De dentro da minha consciência participante da existência, o mundo é o objeto do meu ato, do ato-pensamento, do ato-sentimento, do ato-ação; seu centro de gravidade situa-se no futuro, no desejo, no dever e não no dado auto-suficiente do objeto, em sua atualidade, em seu presente, em seu ser-aqui já realizado. Minha relação com o objeto situado em meu horizonte nunca é uma relação acabada, mas uma relação pré-dada, pois o acontecimento existencial em seu todo é um acontecimento aberto; minha situação se modifica a todo momento, eu não posso demorar ou ficar em repouso. O objeto, no espaço e no tempo, situa-se à minha frente, sendo isso que instaura o princípio de *meu horizonte.* As coisas não me rodeiam — eu, meu corpo exterior — em sua atualidade e nos valores de seu dado, mas situam-se à minha frente e são integradas à postura ético-cognitiva da minha vida, no acontecimento aberto e aleatório da existência, cuja unidade de sentido e cujo valor não são dados, e sim pré-dados.

Ao analisar uma obra de arte, constatamos que a unidade e a estrutura do mundo das coisas não são a unidade e a estrutura do horizonte da vida do herói e que o próprio princípio de sua ordenação e de sua estrutura é transcendente à consciência real e possível do próprio herói. A paisagem verbal, a descrição do ambiente de vida, isto é, a natureza, a cidade, o cotidiano, etc., tudo isso não figura na obra como modalidades do acontecimento aberto da existência, como elementos incluídos no horizonte do herói e perceptíveis à sua consciência (em seu procedimento ético e cognitivo). As coisas reproduzidas na obra têm, incontestavelmente, e devem ter uma relação consubstancial com o herói, senão ficam fora da obra; em todo caso, essa relação, em seu princípio estético, só é dada de dentro da consciência que o herói tem de sua vida. O corpo exterior, assim como a alma, constitui o centro a partir do qual as coisas e os valores representados na obra se dispõem no espaço. As coisas situam-se em relação ao exterior do herói, às

113

suas fronteiras exteriores ou interiores (as fronteiras do corpo e da alma).

Na obra de arte, o mundo das coisas é pensado e relacionado com o herói a quem serve de *ambiente.* O que caracteriza o *ambiente* é, acima de tudo, a disposição formal, externa, plástico-pictural: harmonia das cores, das linhas, simetria e outras combinações extra-significantes, puramente estéticas. Na criação verbal, esse aspecto não alcança uma perfeição externa visual (na representação), mas equivalentes emotivo-volitivos de uma representação visual correspondem a esse todo plástico-pictural extra-significante (não levamos em conta aqui as combinações que aliam as modalidades picturais, gráficas e plásticas). O objeto, por ser combinação de cores e de linhas, goza de plena autonomia e sua ação se exerce ao mesmo tempo sobre nós, sobre o herói e sobre o que o *rodeia, sem se situar* defronte do herói em seu *horizonte;* ele é percebido em sua integridade e parece que podemos dar a volta à roda dele. É claro que esse princípio que dá forma e ordenação puramente plástico-pictórica ao mundo externo das coisas é transcendente à consciência do herói, pois as cores, as linhas e os volumes, em seu tratamento estético, são as fronteiras extremas da coisa, do corpo vivo, nos quais a coisa está voltada para fora de si mesma, não existe nos seus valores senão no outro e para o outro, participa desse mundo onde, dentro de si mesma, não existe [...]

114

115

III

O Todo temporal do herói

(O problema do homem interior, da alma)

1.[O herói e sua integridade na obra de arte.]

O homem, na arte, é um homem considerado em sua integridade. No capítulo anterior, determinamos que seu corpo exterior era um componente esteticamente significante e que o mundo das coisas constituía o ambiente do corpo exterior. Sabemos agora que, de um lado, o homem exterior (a parte externa do homem) em seu valor plástico- pictural e, do outro , o mundo ao qual ele está ligado e com o qual entra em combinação estética , são transcendentes à sua possível autoconsciência, ao seu *eu-para-mim*, à sua consciência viva e capaz de vivenciar. Pensar e organizar assim esteticamente o corpo exterior e o mundo é um *dom* concedido por outra consciência (pelo autor-contemplador ao seu herói), não é uma expressão do herói a partir de dentro de si mesmo, mas uma relação criadora do autor-*outro* com o herói. Neste capítulo, propomo-nos fundamentar uma visão análoga também no que concerne ao homem interior, ao *todo* interior da alma do herói enquanto fenômeno estético. Também a alma, na medida em que é um *todo dado* da vida interior do herói e é objeto de uma percepção artística, é transcendente à orientação do sentido em sua vida, à sua autoconsciência. Veremos que a alma, enquanto todo interior, um todo *dado, atual,* inserida *no tempo,* é estruturada através das categorias estéticas; é o espírito tal como ele aparece , visto de fora no outro.

O problema da alma, de um ponto de vista metodológico, pertence à estética e não à psicologia, ciência que opera fora do julgamento e se fundamenta na causalidade, pois a alma, ainda que seu desenvolvimento e sua formação se façam no tempo, constitui um todo valorizado, individual e livre; é um problema que também não pertence *à* ética, pois o sujeito ético é pré-dado a si mesmo como valor, e por princípio não pode ser dado, atual, não pode ser contemplado. Igualmente pré-dado é o espírito do idealismo, que *é* estruturado a partir da sensação de si mesmo e de uma relação solitária Consigo mesmo; o *eu* transcendental da gnosiología tem um caráter puramente formal (também fundamentado na sensação de Si). Deixamos de lado o problema metafísico-religioso (a metafísica só pode ser religiosa), mas não há a menor dúvida de que o problema da imortalidade concerne precisamente à alma e não ao espírito, concerne ao todo valorizado individual de uma vida interior, que transcorre no tempo, que vivenciamos no *outro,* que é representado na arte por meio da palavra, da cor, do som, concerne à alma situada num mesmo plano de valores que o Corpo exterior do outro, um corpo de que não é separada na morte e na imortalidade (a ressurreição da carne). Dentro de mim, não tenho uma alma como um todo valorizado, dado e já atual em mim, em minha relação comigo mesmo, não lido com a alma; minha autoprojeção, na medida em que emana de mim, não pode gerar a alma, mas apenas uma subjetividade nociva e desordenada, apenas algo que deveria não ser; minha vida interior, que transcorre no tempo, não pode adquirir para mim a consistência de algo de valor e que devo preservar e perpetuar eternamente (o que, dentro de mim, numa relação pura comigo mesmo, é intuitivamente evidente, é a condenação eterna da alma e, internamente, posso ser solidário apenas dessa condenação), a alma me é concedida como a graça ao pecador, como um dom imerecido e inesperado. No espírito, só poderia perder minha alma, esta só pode ser salva-guardada por uma força que não vem *de mim.*

Segundo quais princípios a alma receberá ordenação, estrutura, forma (sua integridade) numa visão artística ativa?

2. *A relação emotivo-volitiva com a determinação interior. Problema da morte (da morte de dentro e da morte de fora).*

O principio que proporciona forma *à* alma é o princípio que proporciona, *de fora* forma *à* vida interior, a partir do *outro.* Mais uma vez, o trabalho do artista se efetua *nas fronteiras da* vida interior, no ponto em que a alma está inteiramente voltada (se volta) *para fora.* O outro situa-se fora de mim e à minha frente não só exterior, mas também interiormente. Podemos recorrer ao oxímoro e falar de uma posição *internamente fora de* e *em frente de* relativamente ao outro. Toda a vivência interior do outro (sua alegria, seu sofrimento, seu desejo, suas aspirações, e, finalmente, sua orientação do sentido), ainda que essa vivência não transparecesse no exterior, não se expressasse, não se refletisse em seu rosto, na expressão do seu olhar, e fosse apenas adivinhada por mim (graças ao contexto da vida), mesmo assim eu só encontraria essa vivência a partir da posição que me situa *fora de* meu mundo interior (mesmo que, de certo modo, eu viva essa vivência do outro, ela não se refere a mim, não me pertence em particular), fora de meu *eu-para-mim;* ela existe *para mim, na existência,* é componente valorativo da existência do outro.

Quando a vivo fora de mim, no outro, essa vivência comporta uma exterioridade interna voltada para mim, apresenta-me uma face interna que posso e devo contemplar com amor, guardar em minha memória, assim como guardo a lembrança de um rosto (e não do modo que guardo a lembrança de minha própria vivência passada), devo validar, modelar, amar, acariciar com um olhar interior e não com um olhar fisiológico, externo. Essa exterioridade da alma do Outro, semelhante a um tênue invólucro carnal, é precisamente o que constitui a individualidade artística, intuitivamente perceptível: o caráter, o tipo, etc., a refração do sentido da existência, a refração e a condensação do sentido na individualidade, a carne interna mortal de que se reveste o sentido — tudo o que pode ser idealizado, heroificado, ritmizado, etc. Dá-se habitualmente o nome de *compreensão simpática* a essa atividade que emana de dentro de nós ante o mundo interior do outro. Cumpre salientar o caráter absolutamente lucrativo, produtivo e enriquecedor da compreensão simpática. A palavra “compreensão” em sua acepção usual, ingênua e prática, sempre se presta porém à confusão. Não se trata de dar um reflexo exato, passivo, uma duplicação da vivência do outro em mim (aliás, tal duplicação é impossível), mas da transferência de uma vivência que será situada num plano diferente de valores, numa categoria nova do juízo e da forma. O sofrimento *do outro* que vivencio da forma mais concreta se distingue, por princípio, do sofrimento que o outro mesmo vive, ou do meu próprio sofrimento. Só tem em comum a noção abstrata de sofrimento, logicamente idêntica a si mesma, e jamais ela se atualiza em parte alguma — nem sequer através da palavra “sofrimento” que, até na idéia corrente, é marcada por sua entonação própria. Vivenciar o sofrimento do outro é iniciar um fato *existencial* novo que só pode ser realizado por mim, a partir da posição que sou o único a ocupar e que me coloca *interiormente* fora do outro. A compreensão simpática não é um reflexo, mas um juízo de valor novo, um aproveitamento da situação que, na arquitetônica da existência, coloca-me *fora da* vida interior do outro. A compreensão simpática reconstrói o homem interior por inteiro, em categorias estéticas compassivas, para uma nova existência, numa nova dimensão do mundo.

Importa, em primeiro lugar, precisar a natureza da relação emotivo-volitiva com a minha própria determinação interna e com a determinação interna do outro, e, acima de tudo, com o próprio *ser-existência* dessas determinações, ou seja, quando se trata do dado da alma, importa proceder à descrição fenomenológica da minha vivência pessoal e da minha vivência do outro, como acontecia quando se tratava do corpo concebido como valor.

A vida interior, do mesmo modo que o dado exterior do homem — seu corpo — não é algo indiferente à forma. A vida interior — a alma — adquire sua forma quer na minha autoconsciência, quer na consciência que tenho do outro; em ambos os casos, o que é propriamente empírico é superado de uma maneira idêntica. O dado empírico da alma, neutro no tocante à forma — é uma construção do espírito dos psicólogos. A alma tem uma forma substancial. Como, através de quais categorias se constituirá essa forma da vida interior na minha auto-conciência (da minha vida interior) e na consciência que tenho do outro (da vida interior do outro)?

Como sucedia com a forma espacial do homem, a forma *temporal*, esteticamente significante de sua vida interior, desenvolve-se a partir do *excedente* da visão temporal que tenho de outra alma, um excedente que abarca o que lhe é transcendente e assegura o acabamento do *todo* da sua vida interior — e é isso mesmo que corresponde às *fronteiras* da vida interior, onde ela está voltada *para fora* e deixa de ser ativa a partir de dentro de si mesma, que corresponde, acima de tudo, às fronteiras *temporais:* o princípio e o fim da vida não se prestam concretamente à autoconsciência, esta (na ausência de uma visão axiológica e emotivo-volitiva apropriada) não dispõe de qualquer abordagem para os fenômenos do nascimento e da morte que lhes proporcione um valor de acabamento (em termos de argumento romanesco, de lirismo, etc.).

Em minha vida, vivida por dentro, não posso vivenciar os acontecimentos do meu nascimento e da minha morte; o nascimento e a morte, enquanto *meu* nascimento e *minha* morte, não podem tornar-se eventos da minha vida. Como no caso do aspecto externo, trata-se menos da impossibilidade física de viver esses acontecimentos do que da inaptidão para encontrar uma abordagem axiológica para eles. Ter medo de morrer e ter vontade de *viver-ser* neste mundo são sentimentos que diferem substancialmente do medo que sinto ante a morte do outro, de quem me é próximo, e dos cuidados em que me desdobrarei para salvaguardar-lhe a vida. Falta ao primeiro caso o que e o essencial no segundo, a saber: o procedimento que registra a perda e o desaparecimento da pessoa do outro, determinado por propriedades que ele é o único a apresentar, que registra o empobrecimento do mundo da minha vida onde esse outro *estava* e onde, agora, ele *não está* — esse outro único, determinado por suas propriedades (uma perda que, claro, não vivo de maneira egoísta já que toda a minha vida pode perder seu valor depois que o outro a abandonou). Por mais fundamental que seja esse aspecto do desaparecimento, a verdade é que o coeficiente moral vinculado à morte varia profundamente conforme se trate da minha morte ou da do outro (como já acontecia com o instinto de conservação diferenciado da salvaguarda que asseguramos ao outro), e essa diferença não pode ser eliminada. A perda, quando se trata de mim, não significa uma separação de mim mesmo — de um eu amado e determinado por suas propriedades — já que viver-ser neste mundo não é tampouco a felicidade de estar comigo mesmo — um eu amado e determinado por suas propriedades. Sou incapaz de vivenciar a imagem do mundo onde vivi e já não estou. Posso, claro, imaginar o mundo depois da minha morte, mas não posso vivenciá-lo internamente no tom emocional que minha morte, minha ausência, introduzirão. Precisarei vivenciar o outro, ou os outros, aqueles para quem minha morte, minha ausência, será um acontecimento na sua vida. Quando tento perceber, em termos de emoção (de valor), o evento da minha morte no mundo, fico sob o domínio da alma de outro possível, jg não estou sozinho, entregue à contemplação do todo da minha vida no espelho da história (da mesma maneira que não estou sozinho quando contemplo minha imagem externa no espelho). O todo da minha vida não tem significado no contexto dos valores da minha vida. Nascer, viver-ser neste mundo, e, finalmente, morrer — tudo isso não se realiza em mim e para mim. O peso emocional da minha vida, *em seu todo,* não existe para mim mesmo.

Os valores vinculados *à* existência da pessoa, determinada por suas propriedades, só concernem ao outro. Apenas o outro torna possível a alegria que sentirei ao encontrá-lo, ao estar com ele, o pesar que sentirei ao deixá-lo, a dor que sentirei ao perdê-lo; e é somente com ele que posso encontrar-me e somente dele que posso separar-me no espaço temporal. Quanto a mim, estou sempre comigo, para mim não poderia haver vida sem mim. Todos esses valores emotivo-volitivos só são possíveis com relação ao outro, e eles dão à sua vida um peso de acontecimento particular que minha própria vida não tem. Não se trata de graus de um valor, mas da natureza das propriedades desse valor. O tom emotivo-volitivo parece contribuir para dar consistência ao outro e particulariza a vivência que tenho do todo da sua vida, dá colorido emocional a esse todo. Em minha vida, os seres nascem, passam e morrem, e a vida/morte deles é muitas vezes o acontecimento mais importante da minha vida, o acontecimento que determina seu conteúdo (o que é o essencial do romanesco na literatura universal). Esse caráter de acontecimento significante não é concedido à minha própria vida: minha vida é o que engloba, no tempo, a existência do outro.

Supondo-se que a existência do outro determine incontestavelmente, de uma vez por todas, caráter de acontecimento (o enredo) da minha vida, supondo-se que a fronteira traçada entre a existência e a inexistência do outro esteja inserida no interior das minhas fronteiras que, por sua vez, nunca me são dadas e, em princípio, escapam à minha própria vivência, supondo-se que eu vivencie o outro (que minhas fronteiras temporais englobam) desde o *natus est anno Dom mi* até o *mortuus est anno Domini,* fica evidente o fato de que esse *natus/mortuus*, em toda a sua concretude e força, não pode ser vivenciado por mim no que diz respeito à minha própria existência; e já que minha vida não pode corresponder a tal acontecimento, minha vida é para mim totalmente diferente da vida do outro e fica evidente que, em seu próprio contexto, o peso do caráter de acontecimento estético da minha vida se apaga, e que seu valor e seu sentido se situam num plano totalmente diferente. Sou a própria condição da minha vida, mas não sou seu herói no plano dos valores. Como no caso do espaço que me engloba, não posso vivenciar o tempo que engloba minha vida. Meu tempo e meu espaço são o tempo e o espaço do autor e não o do herói, e essa espácio-temporalidade que engloba o outro implica, não minha passividade, mas minha atividade estética ante o outro, implica que eu lhe assegure a razão de ser e o acabamento (e não o meu).

É claro que isso não atenua em nada o significado da consciência que tenho da minha própria natureza mortal e da função biológica que faz com que eu tema a morte e fuja dela. Essa morte que presumo de dentro se distingue totalmente da morte que vivencio de fora, da morte do outro e do mundo onde esse outro, determinado por suas propriedades, já não está, e se distingue pela ótica em que eu fundamento os valores desse acontecimento. Ora, apenas esta última ótica é esteticamente produtiva.

Minha atividade prossegue ainda depois da morte do outro, e o princípio estético prevalece (sobre o princípio moral e prático). Tenho à minha frente o todo de sua vida, liberta do futuro temporal, dos objetivos e dos imperativos. Depois do enterro, depois da lápide funerária, vem a *memória*. Possuo *toda* a vida do outro fora *de* mim e é aí que começa o processo estético significante em cujo fim o Outro se encontrará fixado e acabado numa imagem estética significante. O enfoque emotivo-volitivo que preside à evocação do finado engendra as categorias estéticas mediante as quais se elabora a forma do homem interior (e do homem exterior), pois é somente graças a tal ótica que posso ter uma abordagem axiológica para o *todo* temporal já concluído da vida exterior e interior do homem. Repetimos, o importante não é dispor de um material completo sobre a vida (de todos os fatos de uma biografia), mas dispor de uma abordagem axiológica que permita dar forma estética ao material (o caráter de acontecimento da vida de uma dada pessoa). A *memória* que tenho do outro e de sua vida difere, em sua essência, da contemplação e da lembrança da minha vida: essa memória vê a vida e seu conteúdo de uma forma diferente, e apenas ela é produtiva (a lembrança e a observação da minha própria vida podem fornecer-me os elementos de um conteúdo, mas não podem suscitar uma atividade geradora da forma e do acabamento). A memória de uma vida passada (a antecipação de seu fim não é excluída) possui a chave de ouro que assegura o acabamento estético do outro. A abordagem estética da pessoa antecipa-lhe, poderíamos dizer, a morte, predetermina-lhe o futuro e oculta o destino imanente a toda determinação interior. A memória faz com que a abordagem se opere numa ótica de valores e de acabamento. Até certo ponto, a memória não tem esperança, mas, em compensação, só ela é capaz de formular, sem levar em conta a finalidade e o sentido, um juízo sobre uma vida inteiramente presente em sua realização e seu acabamento.

As fronteiras temporais da vida, ainda que virtuais, instauram o valor que, entre todos, proporciona uma abordagem da vida acabada do outro, mesmo que esse outro, na realidade, for chamado a sobreviver a mim: se a percepção que tenho dele for marcada com a chancela da sua morte ou da sua virtual ausência, esse dado introduzirá uma modificação das formas mediante as quais se condensará sua vida, no desenvolvimento temporal que o insere dentro de tais fronteiras (a presunção moral e biológica dessas fronteiras, do interior de mim, é desprovida de semelhante alcance transfigurador e, *afortiori*, desprovida do conhecimento teórico de meus próprios limites temporais que ela implica). Quando as fronteiras são dadas, a vida pode ser redistribuída e modelada de modo totalmente diferente, assim como um desenvolvimento especulativo se estrutura diferentemente conforme a solução já for adquirida (é O dogma que é adquirido) ou for o próprio objeto da investigação. Uma vida determinada, livre das garras do por-vir, do futuro, da finalidade e do sentido, torna-se emocionalmente mensurável, musicalmente expressiva, basta-se a si mesma e à sua própria atualidade no mundo: o que nela constitui o já-determinado assume valor de determinação. O sentido não nasce nem morre: a seqüência de sentido (ou seja, a tensão ético-cognitiva peculiar *à* vida no interior dela mesma) que a vida representa não pode ser nem iniciada nem acabada. A morte não pode ser um princípio de acabamento dessa seqüência de sentido e não pode receber uma importância que a converta em um princípio positivo de acabamento; dentro de si mesma, essa seqüência não conhece o acabamento positivo e não pode voltar-se para si mesma com o intuito de coincidir tranqüilamente com sua própria atualidade-presença no mundo; é apenas quando essa seqüência está voltada para fora de si mesma, quando não existe para si mesma, que pode ser gratificada com a aceitação proporcionada por seu acabamento.

Do mesmo modo que as fronteiras espaciais, as fronteiras temporais da minha vida não têm para mim o significado *formal*, organizador do sentido que elas têm para a vida do outro. Vivo — penso, sinto, ajo — dentro da seqüência de sentido da minha vida e não dentro do todo temporal potencialmente acabado de minha presença no mundo. Este último ponto não pode determinar e organizar meu pensamento ou meu ato dentro de mim, na medida em que estes têm um significado ético e cognitivo extratemporal. Nesta vida e neste mundo, não sei ao que se assemelha minha alma vista de fora, e mesmo que eu o soubesse, a imagem que teria dela seria impotente para fundamentar e organizar, dentro de mim, o menor dos meus atos, pois, no nível dos valores, o significado estético dessa imagem me é transcendente. (Podemos conceber uma falsificação que contudo ultrapassará os limites de uma imagem que ela não fundamenta mas elimina.) Todo acabamento é o *deus ex machina* para uma vida que, de dentro de si mesma, tende para o sentido da sua existência.

É quase total a analogia entre o significado das fronteiras temporais e o significado das fronteiras espaciais na autoconsciência e na consciência que se tem do outro. A descrição fenomenológica dessas experiências — contanto que a descrição não seja perturbada por leis genéricas ou por considerações teóricas externas (o homem em geral, o nivelamento das respectivas posições do *eu* e do *outro*, o esquecimento dos valores) esclarece a diferença fundamental que a importância e organização da temporalidade comporta conforme se trate da experiência que tenho de mim ou da experiência que tenho do outro. O outro é mais ultimamente ligado ao tempo (não se trata, claro, do tempo regulado pela matemática e pelas ciências exatas, o que nos levaria de volta a outra generalidade sobre o homem), ele está por inteiro inserido no tempo, assim como se alojava por inteiro no espaço. Na vivência que posso ter dele, nada virá perturbar a continuidade temporal de sua existência. Quanto a mim, não estou por inteiro no tempo, e “minha maior parte”, de um modo intuitivo, evidente, vivo-a fora do tempo: uma base imediata me é dada no sentido. Essa *base imediata* não me é dada quando se trata do outro que eu alojo por inteiro no tempo, enquanto vivo a mim mesmo no ato que *engloba* o tempo. Na qualidade de sujeito de um ato que pressupõe o tempo, estou fora do tempo. O outro sempre se situa à minha frente na qualidade de objeto, sua imagem externa se insere no espaço, sua vida interior se insere no tempo. Na qualidade de sujeito, jamais coincido comigo mesmo: eu, como sujeito do ato pelo qual tomo consciência de mim, ultrapasso os limites do conteúdo desse ato; e, longe de ser uma visão do espírito, é uma perspectiva intuitivamente vivida que adquiro, de que disponho, que me faz evadir fora do tempo, fora do dado, fora da atualidade finita: evidentemente, não me vivencio por inteiro no tempo. E óbvio, por conseguinte, que eu não disponho de minha vida, de meu pensamento, de meus atos, que não os organizo *no tempo* (num certo todo temporal) — o emprego do tempo não organiza a vida, claro —, mas *no sentido* (abstraímos aqui a psicologia especializada relativa ao conhecimento da vida interior e a psicologia da introspecção — a vida interior, enquanto objeto de um conhecimento teórico, é o que Kant tinha em vista). Não vivo a temporalidade da minha vida, e essa temporalidade não é o princípio diretivo do ato prático mais elementar, O tempo, para mim, se prende a uma técnica, assim como o espaço (e domino a técnica do tempo e do espaço). A vida do outro, concreto e determinado, organizo-a no tempo (quando, claro, não abstraio seu ato ou seu pensamento), não num tempo cronológico ou matemático, mas num tempo mensurável em termos de valores e de emoção, um tempo que pode alcançar um ritmo-música. Minha unidade é uma unidade de sentido (a transcendência me é dada em minha experiência espiritual), a unidade do Outro é uma unidade espácio-temporal. Aqui também podemos dizer que o idealismo é intuitivamente convincente no tocante à sensação que temos de nós mesmos: o idealismo é uma fenomenologia da sensação de si e não pode aplicar-se à experiência que se tem do outro; a concepção naturalista da consciência e do homem no mundo é uma fenomenologia do outro. Está claro que abstraímos a importância filosófica dessas concepções das quais retemos apenas a experiência fenomenológica em que se fundamentam essas concepções e da qual estas são o produto teórico.

Vivencio a vida interior do outro enquanto alma, ao passo que em mim mesmo vivo no espírito. A alma é a imagem vivida que globaliza tudo o que foi efetivamente vivido, tudo o que faz a atualidade da alma no tempo, ao passo que o espírito globaliza todos os significados de sentidos, todos os enfoques existenciais, os atos que fazem sair de si mesmo (sem abstrair o *eu).* Na sensação que tenho de mim, o que é intuitivamente convincente é a imortalidade de sentido do espírito, na sensação que tenho do outro, o convincente é o postulado da imortalidade da alma, ou seja, da imortalidade da determinação interna do outro — de sua face interna (a memória), objeto de amor, sem levar em conta o sentido (o que se iguala ao postulado da imortalidade da carne, objeto de amor em Dante).

A alma vivida de dentro é espírito, e este é extra-estético (assim como o corpo vivido de dentro é extra-estético): o espírito não pode ser depositário do caráter de acontecimento, pelo próprio fato de não existir, de ser sempre apenas pré-dado, de ainda estar sempre por-vir; ele não conhece a tranqüilidade que lhe viria de dentro de si mesmo pois não oferece base, nem fronteiras, nem ponto de apoio para um ritmo ou para uma mensuração absoluta da emoção, e não pode ser o depositário do ritmo (ou de outra transcrição estética). A alma é o espírito que não se materializou e encontra seu reflexo na consciência amorosa do outro (homem ou deus); é aquilo com que eu mesmo não tenho nada que fazer, no que sou passivo, receptivo (dentro de si mesma, a alma só pode envergonhar-se de si mesma, é de fora que pode ser bela e ingênua).

A determinação interna - a carne mortal do sentido-engendrada pelo mundo e que morre no mundo e para o mundo, que está inteiramente dada e acabada no mundo, reunida num objeto finito, pode ser acompanhada de um caráter de acontecimento significante e ter um estatuto de herói.

Assim como o caráter de acontecimento da minha vida é elaborado pelos outros que nela são heróis — é apenas na exposição que faço de minha vida para o outro, apenas através do olhar e do tom emotivo-volitivo do outro, que me torno o herói dela — assim também a visão estética do mundo, a imagem do mundo é elaborada pela vida acabada e suscetível de acabamento dos outros que são seus heróis. Compreender esse mundo como mundo dos outros, que nele concluem suas vidas — o mundo de Cristo, de Sócrates, de Napoleão, de Puchkin, etc. — é a primeira condição para uma abordagem estética do mundo. Cumpre sentir-se em casa no mundo dos outros para poder passar da confissão para a contemplação estética objetiva, da discussão sobre o sentido e da busca do sentido para o dado maravilhoso do mundo. Cumpre compreender que tudo o que dá valor ao dado do mundo, tudo o que atribui um valor autônomo à presença no mundo, está vinculado ao outro que é seu herói, fundamentado em seu acabamento: é a respeito do outro que se inventam histórias, é pelo outro que se derramam lágrimas, é ao outro que se erigem monumentos; apenas os outros povoam os cemitérios; a memória só conhece, 50 preserva e reconstitui o outro; e tudo isso é feito a fim de que minha própria memória das coisas do mundo e da vida se torne, por sua vez, memória estética. Somente no mundo dos outros é possível a dinâmica estética, com caráter de acontecimento, em seu valor autônomo — uma dinâmica operante no passado que tem seu valor sem levar em conta o futuro, no passado em que todas as obrigações e as dívidas estão perdoadas, todas as esperanças abandonadas, O interesse artístico é o interesse que uma vida acabada suscita fora do sentido. Cumpre sair de si mesmo se quiser libertar o herói para o movimento livre de seu caráter de acontecimento no mundo.

3. *[O ritmo.]*

Analisamos, do ponto de vista de sua especificidade, o valor conferido à determinação interna do homem, e chegamos à conclusão de que minha vida-existência não era um valor estético em si, não tinha um caráter de acontecimento significante em si — assim como minha existência física não tinha um valor plástico-pictural significante. Não sou o herói da minha própria vida. Agora, temos de examinar as condições em que se efetua o trabalho estético que molda a determinação interna: uma emoção considerada isoladamente, um estado interior e, finalmente, o todo da vida interior. Neste capítulo, só trataremos das condições gerais nas quais a vida interior se elabora para tornar-se uma “alma” e, mais particularmente, as condições (as condições do sentido) nas quais se elabora o *ritmo* enquanto ordenação temporal. As formas específicas da criação verbal adotadas pela expressão dessa alma — confissão, autobiografia, caráter, tipo, etc. — serão o objeto do capítulo seguinte (O todo significante).

Como no caso da sensação interna do movimento físico externo, o movimento interno — a postura, a emoção — também é desprovido de um significado que o determine e só é vivido através de sua própria atualidade. A vivência, enquanto algo determinado, não é vivenciada por aquele que a vive, ela é orientada para o sentido, para o objeto, e não para si mesma, ela não tende a determinar-se e a instaurar sua presença total na alma. Vivencio o objeto de meu pavor como objeto apavorante, o objeto de meu amor como objeto agradável, o objeto de meu sofrimento como objeto penoso (o grau da determinação cognitiva não é, claro, essencial para nosso intuito), mas não vivencio meu pavor, meu amor, meu sofrimento. A vivência corresponde a uma postura axiológica de *todo* o meu eu a respeito do objeto, e a “posição” que eu tomarei em função dessa postura não me é dada. Para viver minha sensação, devo torná-la o objeto especial de minha atividade. Para viver minha vivência, devo abstrair-me das coisas, dos objetivos e dos valores para os quais estava orientada minha vivência viva e dos quais ela recebia seu sentido. Para viver meu pavor em sua determinação interna (e não em sua materialidade), devo deixar de ter medo; para viver meu amor em sua atualidade interna, devo deixar de amar. Não se trata de uma impossibilidade psicológica, de uma exigüidade da consciência, mas de uma impossibilidade situada no nível dos valores e do sentido: para fazer que minha vivência em si, minha carne interna, se torne meu próprio objeto, devo sair dos limites do contexto de valores no qual se efetuava minha vivência, devo situar-me noutro horizonte de valores. Terei de tornar-me o outro relativamente a mim mesmo — a mim mesmo cuja vida é vivida em meu próprio mundo dos valores —, e esse outro deverá ocupar uma posição de valores que seja fundamentada, que seja situada fora de mim, fora do que sou (psicólogo, artista, etc.). Poderíamos formulá-lo assim: não é no contexto dos valores da minha própria vida que minha vivência pode adquirir seu significado próprio enquanto determinação interna. Em minha vida, esse contexto não existe para mim. Preciso de um ponto de fixação do sentido que esteja situado fora do contexto da minha vida, que seja vivo e criador — e, por isso mesmo, fundamentado *de direito* — para poder extrair minha vivência para fora do acontecimento singular e .único da minha vida — e, por isso mesmo, do acontecimento único da existência, pois esta só me é dada do meu interior — para poder perceber-lhe a determinação enquanto caracterização de mim mesmo, enquanto traço específico de meu todo interior, enquanto fisionomia de minha face interna (que se trate de um caráter ou de um tipo, ou então somente de um estado interior).

É verdade que é possível uma auto-projeção moral que não ultrapasse os limites do contexto da vida; essa projeção não se abstrai do objeto e do sentido que são o motor da vivência é justamente a partir do ponto de vista do objeto pré-dado que a projeção moral refrata o dado nocivo da vivência. A auto-projeção moral ignora o dado positivo, a atualidade em seu valor próprio, pois, do ponto de vista do pré-dado, o dado é sempre nocivo, inconveniente; o que *me* cabe no dado da vivência é a subjetividade nociva do ponto de vista do objeto significante para o qual está orientada a vivência; é isso que explica que, na auto-projeção moral, o dado interior só pode ser percebido através do tom do arrependimento, ora, uma reação de arrependimento não cria uma imagem estética significante da vida interior em sua integridade; do ponto de vista da significação coerciva do próprio pré-dado, tal como ela se me defronta em toda sua seriedade, a existência interior não encarna, mas distorce (subjetiva) o sentido (ante o sentido, a vivência não pode tranqüilizar-se e bastar-se a si mesma de um modo justi-

ficado). A projeção gnosiológica, e, mais geralmente, a projeção filosófica (filosofia da cultura) ignora o dado individual, positivo, da vivência, o que a interessa não é a forma individual que a vivência do objeto pode assumir — o qual é um dado individual do todo interior da alma — o que lhe interessa é a transcendência das formas do objeto (e não da vivência) e sua unidade ideal (pré-dada). O que me é próprio em minha vivência é da alçada da psicologia; ora, esta abstrai totalmente o peso axiológico do *eu* e do *outro,* o que os singulariza; a psicologia só conhece a individualidade possível *(Ebbinghaus).* O dado interior não se destina a uma contemplação, mas a uma investigação que opera sem levar em consideração valores na unidade de um conjunto pré-dado regido pelas leis psicológicas.

A minha vivência só se torna um dado positivo, suscetível de ser contemplada, graças a uma abordagem estética, porém ela não é *minha,* não está em mim e para mim, mas no outro; porque em mim a luz imediata que lhe proporcionam o sentido e o objeto impede que sua atualidade fique tranqüila, fixe-se e condense-se, e impede que ela se torne o centro de valores de uma contemplação que lhe conferirá direitos com um estatuto que não a abonará na qualidade de uma finalidade (no sistema das finalidades práticas), mas na qualidade de uma *não-finalidade* interior. Apenas a determinação interna atende tal atribuição, pois opera por amor e sem levar em conta o sentido. A contemplação estética deve abstrair-se das coerções da significação do sentido e da finalidade. O objeto, o sentido e a finalidade deixam de ser valores imperativos para tornarem-se mera caracterização do dado de uma vivência indexada de seu valor intrínseco. A vivência é o rastro do sentido na existência, o reflexo do sentido refratado pela existência; em seu interior, a vivência não vive por si mesma, mas desse sentido situado fora dela e que é o objeto de sua apreensão, sem o que ela não existiria. A vivência é uma relação com o sentido e com o objeto e não existe fora dessa relação. Ela nasce enquanto carne (carne interior) espontânea e ingenuamente e, por conseguinte, não para si mesma mas para o outro, para quem se torna objeto de contemplação, sem levar em conta a significação do sentido, torna-se uma forma que tem valor e cujo conteúdo é o sentido. O sentido se submete aos valores da existência individual, à carne mortal da vivência. A vivência, claro, leva consigo o reflexo do sentido que lhe é pré-dado, sem o que ficaria vazia, mas encontra o acabamento positivo sem levar em conta esse sentido marcado pela coerção de sua própria irrealização (da irrealização existencial).

Para conseguir a consistência estética, para conseguir determinar-se de modo positivo, a vivência deve ser purificada de todos os acréscimos não solúveis do sentido, de tudo o que é transcendentalmente significante, de tudo o que pensa a vivência no contexto objetivo, sempre pré-dado do mundo e da cultura e não no contexto de valores de um dado indivíduo e e de uma vida suscetível de acabamento; todos esses elementos devem ser imanentes à vivência, reunidos numa alma concluída, acabada, devem ser encerrados e fechados nesta, na unidade individual interna que ela constitui de modo visível. Apenas tal alma pode ser alojada na atualidade do mundo e combinar com esse mundo, apenas uma alma assim condensada pode tornar-se herói esteticamente significante no mundo.

Essa libertação que me liberta do pré-dado que me sobrecarrega é impraticável a respeito da minha própria vivência, da minha aspiração, da minha ação. A presunção do futuro que marca minha vivência, minha ação, em sua finalidade e sentido, desagrega a determinação interna que enrijece meu esforço; em meu caminhar, nenhuma vivência se torna para mim uma vivência autônoma, determinada, suscetível de ser adequadamente descrita e expressa através da palavra ou mesmo através da ressonância de uma tonalidade determinada (em meu interior, não poderia haver outra tonalidade senão a da prece, da suplica e do arrependimento); ademais, essa inaptidão para a tranqüilidade e para a determinação tem um caráter de princípio: demorar-se amorosamente em uma vivência, em minha tensão interna, a fim de aclará-la e determiná-la, e também investir uma energia emotivo-volitiva para aclará-la e determiná-la, tudo isso seria trair a seriedade coerciva do sentido finalidade da tensão interna, seria fazer o ato passar do nível do pré-dado vivo para o nível do dado. Se quiser perceber-lhe a carne significante, devo ir além dos limites de minha tensão interna, situar-me fora dela. Para consegui-lo, não me basta ir além dos limites de uma vivência dada, temporalmente isolada das outras (a demarcação de um sentido dependeria de uma sistematização ou de uma imanentização estética do sentido que tivéssemos amputado de seu significado), o que é possível quando uma vivência se afasta de mim para o *passado temporal* e situo-me, então, *temporalmente fora de/a*; quando se trata de determinar a vivência e de dar-lhe uma forma estética, essa exotopia temporal não basta; é necessário ir além dos limites do dado que vive, pensa essas vivências isoladas de um todo, em outras palavras, é necessário ir além dos limites da alma dada que as vive. A vivência deve retirar-se ao passado absoluto, ao *passado do sentido*, sem nada perder do contexto de sentido ao qual era intimamente imbricada e no qual era pensada. Somente com essa condição será possível insuflar a duração à vivência de uma tensão interna, fazer dela um conteúdo quase perceptível à contemplação, fazer com que o caminho do ato possa ser transcrito, determinado, amorosamente condensado e medido pelo *ritmo*; ora, tudo isso só sucede graças à atividade de outra alma, no contexto englobante de seus próprios valores-finalidades. Para mim mesmo, nenhuma das minhas vivências, nenhuma das minhas tensões internas poderiam retirar-se ao tempo absoluto, ao passado do sentido, ao abrigo do futuro, tendo recebido sua razão de ser e seu acabamento sem levar em conta esse futuro, pois é precisamente a mim que encontro em uma vivência dada; não recuso reconhecê-la como *minha* na unidade única da minha vida, ligo-a ao *futuro do sentido*, torno-a não indiferente a esse futuro, transponho sua razão de ser e sua realização últimas para o por-vir (que ainda não pode ter solução); na medida em que estou vivo nela, ela ainda não existe inteiramente. Chegamos assim ao problema do *ritmo.*

O ritmo é uma ordenação dos valores do dado interno, de sua atualidade. O ritmo não é expressivo no sentido exato do termo, não expressa a vivência, não é fundamentado do interior dessa vivência, não é uma reação emotivo-volitiva ao objeto e ao sentido, mas uma reação a essa reação. O ritmo não é figurativo, pois não está em relação direta com o objeto, mas com a vivência do objeto, com a reação a este, sendo por isso que a importância material dos elementos se acha diminuída nele.

O ritmo pressupõe uma imanentização de seu próprio sentido à vivência como tal, de sua própria finalidade à tensão interna como tal: o sentido e a finalidade devem ser apenas um

elemento da vivência-tensão em seu valor próprio. O ritmo pressupõe uma imanentização de seu próprio sentido à vivência como tal, de sua própria finalidade à tensão interna como tal: o sentido e a finalidade devem ser apenas um elemento da vivência-tensão em seu valor próprio. O ritmo pressupõe certa *predeterminação* da tensão interna, do ato, da vivência (certa *desesperança do sentido*). O ritmo supera o futuro real, absoluto, irremediável, incerto, e supera a própria fronteira entre o passado e o futuro (e o presente, claro) em proveito do passado. O futuro do sentido se dissolve num passado e num presente que lhe predeterminam o princípio artístico (pois, de fato, o autor-contemplador engloba sempre um *todo temporal:* situa-se *mais tarde* não só *no tempo*, mas também *mais tarde no sentido).* A passagem enquanto tal que leva do passado e do presente ao futuro (ao futuro absoluto do sentido e não a um futuro que deixa todas as coisas no lugar, ao futuro que deve, enfim, concluir e realizar, ao futuro que *opomos* ao presente e ao passado e que encerra salvação, transfiguração, redenção; em outras palavras, ao futuro que não é uma categoria de tempo, mas uma categoria de sentido – a categoria daquilo que, no plano dos valores, ainda não aconteceu, não está predeterminado, não está *desacreditado* pela existência, maculado pelo dado-existência e que, isento dessa impureza, não pode ser traído e beneficia-se de uma descontinuidade. ideal, não gnosiológica e teórica e sim prática – no sentido de dever ser), essa passagem corresponde ao meu puro caráter de acontecimento, situa-se onde, de dentro de mim, participo do acontecimento único da minha existência, onde o resultado do acontecimento é incerto e não está predeterminado (o que não está predeterminado é o sentido e não o caráter de acontecimento – este, do mesmo modo que o ritmo e que toda vivência estética, é orgânico e interiormente predeterminado, e ele pode e deve ser apreendido em sua totalidade, do começo até o fim, por um olhar interior que o engloba, pois apenas um *todo*, ainda que potencial, é esteticamente significante); é aí, justamente, que passa a fronteira absoluta que demarca o domínio refratário, o domínio que por princípio é extra-rítmico, inadequado ao ritmo. O ritmo torna-se aí distorção e mentira. É o domínio onde, em mim mesmo, a existência deve ser superada em nome do dever ser, onde o dever ser e a existência entram

em conflito, no interior de mim mesmo, onde "ser" e "dever ser" excluem-se mutuamente. É aí o ponto de uma dissonância fundamental, pois a existência e o dever ser, o dado e o pré-dado, não podem, *dentro de mim*, no meu interior, juntar-se no ritmo, não podem situar-se em um único e mesmo plano de valores, não podem tornar-se uma fase de evolução numa mesma seqüência de valores positivos (tornar-se ársis e tese do ritmo, dissonância e cadência, pois essas duas modalidades se situam num mesmo plano de valores positivos – já que a dissonância no ritmo é sempre convencional). Mas é precisamente nesse domínio que, no meu interior, sou confrontado com o dever ser (que percebo como outro mundo) que é o domínio da minha criatividade mais séria e da minha produtividade mais pura. Assim, o ato criador (a vivência, a tensão, o ato) que enriquece o acontecimento existencial, que inicia o novo, é por princípio um ato extra-rítmico (por ocasião de sua realização, claro, pois uma vez realizado, ele se afasta e retorna à existência onde, em mim mesmo, adquirirá um tom penitente e, no outro, um tom heróico).

O livre-arbítrio e a atividade são fatos incompatíveis com o ritmo. A vida (a vivência, a tensão, o ato, o pensamento), vivida nas categorias da liberdade moral e da atividade, não pode ser ritmizada. A liberdade e a atividade criam um ritmo para uma existência passiva e que não é livre (no plano ético). O criador é livre e ativo, a coisa que se cria é passiva e não é livre. O que é verdadeiro, necessário, e não é livre, numa vida à qual o ritmo deu sua forma, não se prende a uma necessidade nociva, a uma necessidade indiferente aos valores (a uma necessidade cognitiva) – é uma necessidade que se relaciona com o dom, com o amor pelo belo. A existência ritmizada tem uma “finalidade sem finalidade” (gratuidade), uma finalidade que não emana de uma escolha, de um julgamento, que não implica responsabilidade; o lugar que ela ocupa no *todo* estético do acontecimento aberto da existência não é objeto de um julgamento, não entra em linha de conta. Esse *todo*, no plano dos valores, não está sob a dependência do futuro incerto do acontecimento existencial, e tem sua razão de ser, sem levar em conta o futuro. Mas o que responde pela escolha da finalidade, pelo lugar ocupado no acontecimento existencial, é a atividade moral, e, nessa ótica, ela é livre. Nesse sentido, a liberdade ética (o livre arbítrio) não é somente liberdade no que se refere às necessidades cognitivas (causais), é também liberdade no que se refere às necessidades estéticas, liberdade de meu ato, no interior de mim, no que se refere à existência – a uma existência que pode não estar validada no plano dos valores (a existência da visão artística). Onde quer que eu esteja, sou sempre livre, e não posso libertar-me do dever ser: tomar consciência de si mesmo ativamente significa aclarar-se à luz do sentido por-vir, fora do qual não existo para mim mesmo. A relação consigo mesmo não pode ser de ordem rítmica. É impossível encontrar-se a si mesmo no ritmo. A vida que reconheço como *minha*, na qual minha atividade faz com que eu me encontre, não pode ser expressa pelo ritmo que só lhe insufla um sentimento de vergonha. E é aqui que todo ritmo deve interromper-se, esta é a área da sobriedade e do silêncio (desde as zonas inferiores da vida prática até os ápices ético-religiosos). Eu só posso ser possuído pelo ritmo. No ritmo, como na narcose, não tenho consciência de mim mesmo. A vergonha do ritmo e da forma é o que dá origem ao inocente-iluminado e ao altivo solitário, é o que dá origem à consciência de si hostil ao outro e que, tendo ultrapassado suas fronteiras, quer traçar ao redor de si mesma um círculo infrangível.

Na existência interior do outro, tal como é vivida por mim (vivida de modo ativo, na categoria da *alteridade*), o que, de um lado, pertence à existência e, do outro lado, ao dever ser, não se situa numa relação conflituosa de hostilidade, mas se constitui num conjunto de fatos que entram em fusão orgânica num único e mesmo plano dos valores; *o outro* se beneficia de um crescimento orgânico do sentido. Sua atividade é heróica para mim e se encontra agraciada pelo ritmo (pois para mim ele pode inserir-se por inteiro no passado e sinto-me autorizado a libertá-lo do dever ser que não opõe seu imperativo categórico senão a mim mesmo, dentro de mim). O ritmo é uma forma de relação possível com o outro mas não consigo mesmo (não me sendo possível nenhuma postura axiológica). Através do ritmo, abraço e amo a temporalidade que condensou os valores da vida mortal do outro. Quando há ritmo, há duas almas (mais exatamente, alma e espírito), há duas atividades: uma está ocupada em viver a vida e tornou-se atividade passiva para o outro que, permanecendo ativo, ocupa-se em dar uma forma a essa vida e celebrá-la.

Às vezes, saio de mim mesmo no plano dos valores, vivo no outro e para o outro, e então posso participar do ritmo, mas nele sou, de um ponto de vista ético, passivo para mim mesmo. Na vida, participo do cotidiano, dos costumes, da nação, da humanidade, do mundo terreno - em toda parte, vivo aí os valores no outro e para o outro, eu revesti os valores do outro, e aí minha vida pode submeter-se a um ritmo (submeto-me lucidamente ao ritmo), aí minha vivência, minha tensão interna, minha palavra, tomam lugar *no coro* dos outros. Porém, *no coro*, meu canto não se dirige à mim, sou ativo só a respeito do outro e passivo ante a atitude do outro para comigo; estou ocupado em trocar dons e faço-o com desinteresse; sinto em mim o corpo e a alma do outro. (Quando a finalidade do movimento e do ato se encarna no outro ou então é coordenada com o ato do outro — durante um trabalho em comum, por exemplo —,, também minha ação entra no ritmo que não criei para mim, mas do qual participo para o outro.) Não é minha natureza, mas a natureza humana em mim que pode ser bela, e a alma humana, harmoniosa.

Nesse ponto de nossa análise, podemos desenvolver com mais detalhes o que dissemos anteriormente acerca da diferença existente entre minha própria temporalidade e a temporalidade do outro. Na relação comigo mesmo, vivo o tempo de modo extra-estético. O dado imediato dos significados do sentido, fora dos quais jamais posso perceber ativamente algo como *meu*, não me proporciona um princípio de acabamento da minha temporalidade. Não é que, nessa experiência vivida de mim mesmo, o sentido ideal, extra-temporal, seja indiferente ao tempo, mas ele lhe opõe um futuro do sentido a título daquilo que deve ser, em oposição ao que já é. A temporalidade e a duração se opõem ao sentido como algo que *ainda-não-está-realizado,* que ainda não é definitivo, *ainda-não-é-todo*:
é a única maneira que temos de viver a temporalidade, o dado da existência diante do sentido. A consciência que percebesse seu total acabamento temporal — que percebesse que *o que é, é tudo o que há* — tal consciência, não saberíamos o que fazer com ela nem como viver com ela. A respeito da minha própria vida que já fosse assim concluída, eu não poderia ter o menor escopo ativo. Essa consciência concluída pode estar presente na minha alma (a consciência da minha natureza concluída)

sem que me organize a vida; muito pelo contrário, o *viver* vivente de que essa consciência é objeto (lucidez, pressão dos valores) extrai os recursos de sua atividade nas coerções do pré-dado com os quais ele é confrontado e é o único a organizar a realização interior da vida (transformando o possível em real). Esse futuro absoluto do sentido que me opõe seus valores e faz frente a toda a minha temporalidade (a tudo o que é já-aqui em mim) não é o futuro temporal que continua a *mesma vida*, mas um futuro em que é sempre possível e necessário transformar *formalmente* essa vida, atribuir a ela um novo sentido (a última palavra da consciência).

O futuro do sentido é hostil ao presente e ao passado como ao que é insensato, hostil como é a tarefa ao fato de estar ir-realizada-ainda, como é o dever ser à existência, como a remissão ao pecado. Nada na atualidade-já-aqui pode tornar-se, para mim, algo de auto-satisfeito, que já recebeu sua razão de ser; minha razão de ser situa-se sempre no futuro, e essa razão de ser, assim perpetuamente situada à minha frente, arrebata-me meu passado e meu presente em sua pretensão de serem uma atualidade-já-aqui, instalada, de ficarem tranqüilos no dado, de bastarem-se a si mesmos, de serem a verdadeira realidade da existência, de serem substancial e inteiramente meu eu, de determinarem-me exaustivamente na existência (a pretensão de meu dado de ser todo meu eu, todo meu verdadeiro eu em pessoa — o dado usurpador de identidade). A realização futura não é para mim uma continuação orgânica, um crescimento de meu passado e de meu presente e o coroamento deles, ela representa, pelo contrário, a eliminação, o cancelamento deles, da mesma maneira que a graça não é motivo de um crescimento orgânico da natureza pecadora do homem. O que no *outro* é aperfeiçoamento (categoria estética), em mim é novo nascimento. Em mim mesmo, vivo sempre perante a exigência-tarefa absoluta que me é atribuída, e aproximo-me dela segundo modalidades que são nada graduais, relativas, parciais. A exigência que me faria viver de tal modo que cada momento da minha vida pudesse ser também seu momento derradeiro, o momento de seu acabamento e, ao mesmo tempo, ser também o momento inicial de uma nova vida, é para mim uma exigência irrealizável por princípio, porque ela se prende - de uma forma atenuada, decerto, mas que não deixa de ser vigorosa — a uma categoria estética (a relação com *o outro*). Para mim mesmo, não há nada que possa ser impregnado de uma satisfação tal que eu possa conceber um acabamento fundamentado da minha vida e um começo justificado de uma nova vida. Aliás, em que nível dos valores poderiam situar-se este fim e este começo? A própria exigência, assim que a admito, torna-se uma tarefa basicamente irrealizável a cujo respeito sempre ficarei numa necessidade absoluta. Para mim mesmo, só é possível a história da minha queda, ao passo que a história de meu reerguimento gradual é por princípio impossível. O mundo do futuro do sentido não é da mesma natureza que o mundo de meu passado e de meu presente. Cada um dos meus atos, cada uma das minhas ações internas ou externas - o ato-sentimento, o ato cognitivo — situa-se perante esse futuro porque ele é puro sentido significante e porque meu ato que dele procede jamais se realiza nele, sendo sempre pura exigência para meu eu, um eu circunscrito no tempo e na história.

Ë na medida em que se trata, não do valor que a vida tem para mim, mas do meu próprio valor para mim mesmo — e não para os outros — que introduzo esse valor no futuro do sentido. Minha autoprojeção nunca é realista, não conheço a forma do dado a respeito de mim mesmo: a forma do dado deturpa radicalmente a imagem de minha existência interior. Sou — no que tange ao sentido e ao valor que tenho para mim mesmo — lançado ao mundo do sentido infinitamente exigente. Assim que tento determinar-me *para mim mesmo* (não para o outro e a partir do outro), encontro-me apenas nesse mundo do pré-dado, fora do tempo em que sou já-aqui, encontro-me apenas como algo que ainda está por-vir em seu sentido e valor, ao passo que, no tempo (se me abstraio totalmente do pré-dado), encontro apenas meu escopo desordenado, minha aspiração e meu desejo irrealizados - os *membra disjecta* de minha integridade possível; o que poderia reuni-los, dar-lhes vida e forma — a alma, a unidade de meu *eu-para-mim* — isso ainda não tem existência, é apenas pré-dado, está ainda apenas por-vir. Minha determinação de mim mesmo não me é dada nas categorias da existência temporal, mas nas categorias do que *é ainda-in-existência*, na categoria das finalidades e do sentido, no futuro do sentido, hostil a qualquer forma de minha atualidade no passado e no presente. Ser, para mim mesmo, significa estar ainda por-vir (*deixar de ser por-vir para si mesmo, ser-aqui-já por inteiro significa morrer espiritualmente*).

Na determinação de minha vivência para mim mesmo (determinação do sentimento, da aspiração, do desejo, do pensamento), nada pode ter valor, a não ser o objeto e o sentido pré-dados que se realizavam através de minha vivência. A determinação do conteúdo de minha existência interior não é mais que o reflexo do objeto e do sentido com os quais me confronto, não é mais que o rastro deles. Qualquer antecipação do sentido, por mais completa e perfeita que seja (determinação para o outro e no outro), de dentro de mim, é sempre subjetiva; a condensação, a determinação desse sentido — quando não lhe introduzimos do exterior categorias estéticas que nos validem e nos acabem com formas peculiares à categoria do outro — é uma condensação nociva que limita o sentido, uma condensação espácio-temporal que, por assim dizer, ficou para trás do objeto e do sentido. Por pouco que a existência interior se separe do sentido que lhe está contraposto e que é por-vir — que é o único a criá-la em sua totalidade — por pouco que ela se oponha ao sentido, valendo-se da autonomia de seus próprios valores, do contentamento que conhece diante do sentido, ela não deixará de cair em contradição profunda consigo mesma, de desembocar em sua própria negação, de negar o conteúdo de sua existência que se prevalece de seu *ser-aqui-jd*, e se tornará mentira — existência da mentira ou mentira da existência. É, vivida no interior da existência, a queda imanente à existência: ela faz parte da tendência da existência de bastar-se a si própria; é a contradição interna da existência — na medida em que pretende ser-aqui-já em sua continuidade em nome de seu próprio contentamento, diante do sentido — é a autovalidação da existência que se opera para com e contra o sentido de que emana (a ruptura com as origens), é o movimento que se detém de repente, sem razão, imobiliza-se e vira as costas à finalidade de que procedia. (A matéria que de repente se cristaliza numa rocha de uma forma determinada.) É o acabamento incongruente e inapto que descobre de repente a vergonha de sua própria forma.

No *outro*, entretanto, vivo essa determinação da existência interior e exterior como uma passividade infeliz e necessitada, como uma aspiração a existir, a estar neste mundo, como uma sede ingênua de existir custe o que custar; situada fora de mim, a existência como tal, com suas mais monstruosas pretensões, só me aparece em sua ingenuidade, feminilidade, passividade, e minha atividade estética pensa, aclara e modela suas fronteiras de fora, e assegura-lhe os valores de seu acabamento (se me jogo por inteiro na existência, deixo de aclarar o acontecimento que a existência é para mim e torno-me um seu obscuro participante inorgânico-passivo).

Uma efetiva vivência interior minha — na qual tomo parte ativa — não pode ser tranqüila, deter-se, terminar-se, findar-se, acabar-se, não pode escapar à minha atividade, cristalizar-se de repente numa existência autônoma, concluída, com a qual minha atividade nada mais teria a ver, pois o que vivo é vinculado às coerções do pré-dado, e, de dentro, nunca pode deixar de ser vivido, ou seja, não posso livrar-me da minha responsabilidade para com o objeto e o sentido. Não posso deixar de ser ativo no objeto, pois isso seria subtrair-me ao que constitui meu próprio sentido, seria transformar-me numa máscara da minha própria existência, seria pregar-me a mentira de mim mesmo. Posso esquecer o objeto e então ele deixa de existir para mim, mas, se o guardo na memória (em seu valor), será no nível do que lhe é pré-dado e não do que o faz já-aqui. Para mim, a memória é memória do futuro, para o outro, memória do passado.

Minha consciência está sempre ativa, perpassa de modo contínuo todas as vivências por elas serem m*inhas* e ela nunca abandona nada, re-animando as vivências que tendem a separar-se e a procurar o seu acabamento — é nisso que reside a responsabilidade que me cabe, a fidelidade que provo a mim mesmo em meu futuro, em meu escopo.

Tenho de minha vivência uma memória ativa que se exerce no nível de valores do objeto e do sentido pré-dado, e não no nível de seu conteúdo atual, tomado isoladamente, ou seja, no nível daquilo que havia pensado sua emergência em mim; com isso renovo indefinidamente o que era pré-dado a cada uma das minhas vivências, junto-as todas, junto todo meu eu no futuro perpetuamente por-vir e não no passado. Para mim, minha unidade é uma unidade perpetuamente por-vir; ela me é a um só tempo dada e não dada; conquisto-a à viva força à custa de minha atividade; não é a unidade de meu haver e

de minhas posses, mas a unidade de meu não-haver e minhas não-posses; não é a unidade segundo a qual *eu já-existo*, mas a unidade segundo a qual *eu ainda-não-existo.* Tudo quanto é positivo nessa unidade vem do pré-dado, sendo o dado constituído pelo negativo; tal unidade só me é dada no momento em que todo valor me é pré-dado.

Só com a condição expressa de não me insular do sentido pré-dado é que tenho o domínio indefectível de mim no futuro absoluto, mantenho-me em meu próprio pré-dado, governo me realmente a partir do remoto infinito de meu futuro absoluto. Posso demorar-me em minha existência somente em forma de arrependimento, porque essa demora se realiza à luz do pré-dado. Basta que esse pré-dado se perca de vista no campo de meus valores para que caia a tensão que me fazia estar comigo mesmo no futuro, para que meu dado perca sua unidade por-vir e se desfaça, se quebre em fragmentos embotadamente atuais de existência. Então nada mais resta senão buscar refúgio no *outro*, e, a partir do outro, ajuntar os pedaços desparceirados de meu próprio dado que servirão para criar uma unidade que terei parasitariamente acabado na alma do outro à custa de sua energia. Em mim mesmo, o espírito terá desagregado a alma.

Assim é que é vivenciada a temporalidade numa percepção de si que tenha conseguido alcançar a pureza absoluta da relação consigo mesmo, o escopo dos valores do espírito. De resto, numa consciência mais ingênua em que o *eu-para-mim* ainda não se diferenciou nitidamente (a consciência da Antigüidade, no campo da cultura), determino-me também em termos de futuro.

Ao que se deve então essa segurança interior que me *faz* olhar de frente, me faz levantar a cabeça, me faz manter-me erguido? Seria ao dado puro — não completado nem prolongado pelo esperado e pelo pré-dado? Também nesse caso, vemos o orgulho e o contentamento se apoiarem na antecipação deles mesmos, e o centro dos valores na autodeterminação interna é transferido para o futuro. Tenho vontade de parecer maior do que o sou na realidade, é um fato, mas também é um fato que não posso ver-me em meu presente, não posso jamais acreditar até o fim que sou somente o que sou efetivamente aqui e agora, e completo-me com o que está no por-vir, com o que deve ser, com o que é esperado; é somente no futuro que se situa o centro de gravidade efetivo de minha própria autodeterminação. Por mais ingênua e aleatória que seja a forma que o-que-deve-ser e o-que-é-esperado podem revestir, o importante *é* que eles não se situam *aqui*, nem no *passado*, nem no *presente*. E o que quer que eu obtenha no futuro, mesmo que seja tudo o que anteriormente eu antecipara, o centro de gravidade de minha determinação não deixará de ser arrastado numa evolução que o impelirá para a frente, para o futuro, e eu me apoiarei em meu próprio *por-vir*. Não há nada no presente, mesmo o orgulho e o contentamento, que não se complete por conta do futuro (o que se revela através de um discurso satisfeito, seria a tendência de se antecipar a si mesmo).

A consciência que tenho de ainda não existir no que é o essencial de mim mesmo vem a ser o princípio organizador de minha vida vivida em meu interior (em minha relação comigo). O fundamento insensato do princípio que faz com que eu não coincida comigo condiciona a forma de minha *vida-por-dentro*. Não aceito a minha atualidade; creio insensata e implicitamente em minha não-coincidência com esta minha atualidade interior. Eu não poderia fazer a conta de mim mesmo e, ao chegar ao total, dizer: pronto, *está tudo aqui* e não falta *nada* onde quer que seja e no quer que seja, *já estou aqui* por inteiro. O que está em questão não é a morte, pois morrerei de qualquer modo, mas o sentido. No mais fundo de mim, vivo na fé e na esperança do milagre de um novo nascimento. Não sei alojar toda a minha vida no tempo, não sei inserir-lhe sua razão de ser e seu acabamento integral. Uma vida que recebeu seu acabamento temporal fica desesperançada do ponto de vista do sentido que lhe insufla sua dinâmica. Dentro de si mesma, a vida é desesperançada, e a graça de uma razão de ser só pode vir-lhe de fora, sem levar *em* conta o sentido que ela não tiver atingido. Enquanto a vida não se interrompe no tempo (para si mesma, ela não termina, interrompe-se), ela continua vivendo em seu interior na fé e na esperança em sua não-coincidência consigo mesma, em seu sentido por-vir; é isso que torna a vida insensata, pelo ângulo de sua atualidade real, pois essa fé e essa esperança não são fundamentadas em nada. Daí o caráter suplicante dessa fé e dessa esperança (do interior da própria vida, só há tom suplicante ou arrependido). Dentro de mim mesmo também essa fé e essa esperança insensatas são minha última palavra na vida, e diante de meu dado, só tenho a oração e o arrependimento, em outras palavras, é na necessidade que se acaba o dado (ao qual só resta, em última instância, a oração e o arrependimento — e a última palavra que nos é dada vem de Deus: é a redenção ou a condenação). Minha última palavra carece de qualquer energia positiva capaz de dar-me minha razão de ser, meu acabamento; esteticamente ela é improdutiva. Com ela volto-me para fora de mim mesmo e entrego-me ao perdão do *outro* (é o sentido da confissão nos últimos sacramentos). Sei perfeitamente que há no outro esse mesmo princípio insensato de não-coincidência consigo mesmo, esse mesmo inacabamento da vida; porém, para mim, esta não é sua última palavra: situo-me fora dele e a última palavra, a palavra do acabamento, me pertence. Essa palavra é exigível de minha exotopia concreta — uma exotopia no tempo, no espaço e no sentido, a respeito da vida do outro em seu todo, com sua orientação de valores e sua responsabilidade. Graças a essa posição exotópica, o que era possível na ordem das coisas físicas e impossível de operar em si mesmo e para si mesmo, torna-se possível também na ordem moral, a saber: torna-se possível validar valores, aceitar todo o dado da existência interior do outro em sua atualidade. Para mim, sua não-coincidência consigo mesmo, enquanto tal, e sua tendência para situar-se fora de seu próprio dado apenas comprovam sua existência interior, são apenas componentes do dado e da atualidade em sua alma, que me parece condensar-se em uma carne muito tênue que eu abraço com meu carinho. Situados num ponto exotópico, *eu* e *o outro* nos encontramos mutuamente numa contradição factual absoluta: onde, dentro de si mesmo, o outro nega a si mesmo, nega seu dado-existência, eu, a partir do lugar que sou o único a ocupar na existência, fixo como valor e valido essa mesma atualidade que é objeto de sua negação — uma negação que não é, para mim, senão uma modalidade de sua atualidade. Aquilo que o outro tem direito de negar em si mesmo é o que tenho direito de validar e de salvaguardar nele; por isso, sou a causa da geração de sua alma num novo plano de valores da existência. O centro dos valores na visão que o outro tem de sua própria vida e na visão que eu tenho dela não coincide. No acontecimento existencial, essa con-

tradição recíproca dos valores não pode ser eliminada. Ninguém poderia ocupar uma posição neutra acerca de *mim* e do *outro*; o ponto de vista abstrato-cognitivo ignora os valores; ora, uma orientação axiológica implica que ocupemos, relativamente a ela, o lugar que somos os únicos a poder ocupar no acontecimento único da existência — implica que nos encarnemos. O juízo de valor é sempre uma tomada de posição individual na existência; o próprio Deus teve de encarnar-se para amar, sofrer e *perdoar*, teve, por assim dizer, de abandonar um ponto de vista abstrato sobre a justiça. A existência se instaura, de uma vez por todas, entre mim, que sou único, e todos aqueles que são os outros para mim; a posição está tomada e, daí em diante, qualquer ato e qualquer juízo só podem ser feitos a partir dessa posição que eles postulam enquanto tais. Sou o único em toda a existência a ser *eu-para-mim*, e todos os demais são os *outros-para-mim* — tal é a posição fora da qual, para mim mesmo, não há, e não poderia haver, um valor qualquer, fora da qual não tenho acesso ao acontecimento existencial: é aí que teria começado, para mim, e começa sempre, qualquer acontecimento, seja ele qual for. Um ponto de vista abstrato não capta a dinâmica factual da existência, sua realização axiológica ainda aberta. No acontecimento singular e único da existência, é impossível ser neutro. O sentido do acontecimento em processo de realização só pode aclarar-se a partir do lugar que sou o único a ocupar, e quanto mais forte for a tensão que me implanta nele, maior, sempre maior será a clareza.

Para mim, o outro coincide consigo mesmo, e eu o enriqueço de fora em virtude dessa coincidência-integridade que lhe assegura um acabamento positivo, sendo assim que ele fica esteticamente significante, fica herói. E por isso que, pelo ângulo da forma, o herói sempre é ingênuo e espontâneo, por mais desdobrado e profundo que seja em seu interior; a ingenuidade e a espontaneidade são modalidades da forma estética como tal. Quando elas estão ausentes, o herói não alcança uma objetividade completa, pois o autor não conseguiu ocupar uma posição firme fora do herói que continua a exercer sua autoridade no nível do significado de seu sentido. Uma forma estética significante não procura fazer descobertas de sentido no terreno do herói; sua última palavra, ela a diz com o acabamento que proporciona à existência concebida basicamen-

te como finda (passada). Perceber, *em sua existencialidade*, *a* mais profunda contradição, não participar dela mas englobá-la numa visão que a converte numa modalidade da existência isso significa devolver a essa contradição a ingenuidade e a espontaneidade.

Quando *o outro*, voltado à obtenção do sentido, interna mente serve de norma para nós, quando nos associamos ao seu enfoque do sentido, torna-se-nos difícil termos seu domínio estético e os meios de seu acabamento; seus valores de sentido, que servem de norma para nós, decompõem-lhe a carne externa e interna, destroem-lhe a forma significante ingênua e espontânea. (É-me difícil transpô-lo para a categoria da existência já que estou nele.) A antecipação da morte tem essencial importância para o acabamento estético da pessoa. É essa antecipação da morte que é justamente introduzida, como constituinte necessário, na forma signifícante da existência interior do homem, na forma de sua alma. Nossa presunção da morte do outro, concebida como uma inevitável irrealização do sentido, como um fracasso de toda a sua vida, faz com que criemos para ele formas tais que ele mesmo, a partir da posição que ocupa, é por princípio impotente para encontrar. Numa abordagem estética do outro, este deve constantemente Coincidir consigo mesmo e devemos vê-lo *por inteiro*, ainda que só potencialmente por inteiro. A abordagem artística da existência interior do homem o predetermina: a alma é sempre predeterminada (ao contrário do espírito). Ver meu retrato interior equivale a ver meu retrato exterior; é mergulhar o olhar no mundo onde, por força de princípio, não existo, com o qual não tenho nada a ver, se quiser permanecer eu mesmo; minha face interna, esteticamente significante, é uma espécie de horóscopo (com o qual também não tenho nada a ver; o homem que conhecesse efetivamente todo o seu horóscopo, ficaria num estado absurdo de contradição interna: o lado sério e arriscado da vida desapareceria, assim como desapareceria o enfoque correto de seu ato).

Para uma abordagem estética da existência interior do outro, é preciso, em primeiro lugar, não crer ou ter esperanças nele, mas aceitá-lo em seus valores; é preciso não estar com ele e nele, mas fora dele (pois nele, dentro dele, não há outra dinâmica além da fé e da esperança). A memória, que reúne e acaba, põe-se de pronto em ação no mesmo momento em que o herói aparece: este é engendrado por essa memória (da morte); o processo de formação é um processo de recordação. A encarnação estética do homem interior presume desde o início a desesperança do sentido do herói; a visão artística dá-nos todo o herói, um herói calculado e medido até o fim; ele não deve apresentar-nos um mistério de sentido, nossa fé e nossa esperança devem calar-se. Desde o início devemos determinar, às apalpadelas as fronteiras de seu sentido, admirar a qualidade formal de seu acabamento e não esperar dele revelações de sentido; desde o início devemos vivenciá-lo por inteiro, lidar com seu todo, e, *no sentido*, ele deve estar morto para nós, formalmente morto. É isso que permite dizer que a morte é a forma estética de acabamento da pessoa. A morte enquanto falência de uma validação, enquanto fracasso do sentido, contabiliza o sentido, coloca um problema e propõe métodos para a validação estética efetuada fora do sentido. Quanto mais profunda e perfeita for a encarnação, melhor ouviremos os sons intensos do acabamento operado pela morte, ao mesmo tempo que a vitória estética sobre a morte, o combate da memória contra a morte (a memória entendida como tensão que se exerce sobre os valores e como fixação e aceitação que se operam sem levar em conta o sentido). Uma tonalidade de réquiem acompanha ao longo de toda a vida o herói que se encarnou. Daí essa desesperança particular ao ritmo, sua tonalidade como que ligeira no queixume-alegria, o alívio que ele introduz na seriedade do sentido que não conhece solução. O ritmo abarca a vida já passada em que, desde o acalanto, se fazem ouvir os acentos do réquiem final. Mas a arte salvaguarda e valida essa vida passada que ela vota à memória perpétua. Daí a bondade desesperançada, misericordiosa do ritmo.

Nos casos em que somos levados pela dinâmica do sentido como tal através do aspecto do herói que nos entrega seu pré-dado e não o dado individual de sua existência interior, a forma e o ritmo ficam mais complexos; a vida do herói tende a traspassar a forma e o ritmo, a receber um significado autoritário de seu sentido que, do ponto de vista da refração do sentido da existência na alma, do ponto de vista da atualidade do sentido encarnado, só apresenta sua distorção; todo acabamento artístico convincente torna-se impossível: a alma do herói, deixando a categoria do o*utro*, passa para a categoria do *eu* para nela desagregar-se e perder-se no espírito.

4. [*A alma*.]

Este é o todo esteticamente significante da vida interior do homem, de sua alma, que só recebe uma forma e um acabamento positivo na categoria do *outro* através da qual sua atualidade é validada, sem levar em conta o sentido-dever-ser. A alma é o todo fechado, encerrado em si mesmo, da vida interior, um todo que coincide consigo mesmo, é igual a si mesmo e postula a atividade do outro amoroso cuja posição é exotópica. A alma é o dom de meu espírito ao *outro.*

Na arte, o mundo das coisas onde vive e evolui a alma do herói é esteticamente significante a título de ambiente dessa alma. Na arte, o mundo não é o *horizonte* do espírito atuante e sim o *ambiente* da alma que se retirou ou está se retirando. A relação do mundo com a alma (relação esteticamente significante e combinação entre o mundo e a alma) é análoga à relação da imagem visual do mundo com o corpo: o mundo não se situa defronte da alma, mas a rodeia e a engloba, combinando-se com suas fronteiras; o dado do mundo entra em combinação com o dado da alma.

A atualidade-já-aqui, difundida por toda a existência, a *face* da existência *já-determinada* em seu conteúdo, o *eu sou-aqui* da existência necessita receber sua razão de ser sem levar em conta o sentido por ser apenas pura *factualidade* (atualidade que se impõe) em relação à plenitude pré-dada do sentido de acontecimento. Mesmo quando se presume que o sentido e o dever ser são um conteúdo determinado, contido na imagem ou no conceito, essa própria *determinação* da presunção se retira imediatamente do campo da existência, do já-aqui. Qualquer encarnação do sentido por-vir do acontecimento existencial, em sua determinação, no que *já* está expresso de sua face, é apenas factual e não tem sua razão de ser justamente pelo fato de ele *ser já-aqui.* Tudo o que *já* é, o é sem razão de ser — tendo ousado, por assim dizer, já determinar-se e instalar-se (impor-se) com sua própria determinação num mundo que, em sua totalidade, é *ainda* por-vir, em seu sentido, em sua razão de ser, *da mesma maneira que uma palavra que quisesse determinar-se por completo na frase que ainda não foi dita e pensada até o fim.* O mundo inteiro, pelo fato de ele já-*ser,* é *já-aqui* (quando ele pretende coincidir consigo mesmo, com seu próprio dado, ficar tranqüilo e independente do por-vir, quando a existência é auto-suficiente), não suporta uma crítica do sentido que lhe seja imanente.

"O pensamento enunciado é mentira" — o mundo *real* (abstraindo-se o que é por-vir e pré-dado e ainda não está enunciado) é um sentido já enunciado, já expresso do acontecimento existencial, o mundo em sua atualidade (em seu *já-aqui*) é expressão, é uma palavra já proferida, já emitida. A palavra proferida envergonha-se de si mesma à vista do sentido que lhe competia expressar (se, afora esse sentido com que ela se confrontava, não existir nenhum outro valor). Enquanto a palavra não fora proferida, podia-se crer e ter esperanças — ora, ela enfrentava uma amplidão de sentido muito coerciva — mas eis que ela é proferida, que está aqui por inteiro, com toda a sua carga de uma concretude existencial que se impõe — e aí está, é tudo, não há nada mais! Na palavra proferida, ouvem-se os acentos do desespero de já haver sido pronunciada, a palavra proferida é a carne mortal do sentido. A existência, já-aqui no passado e no presente, é apenas a carne mortal do sentido por-vir que o acontecimento existencial comporta — do futuro absoluto; é desesperançada (fora de sua realização futura). Porém o outro está por inteiro neste mundo, é seu herói, e sua vida se realiza inteiramente neste mundo. Ele é osso dos ossos e carne da carne do mundo atual, já-aqui, fora do qual ele não existe. Em torno do outro — enquanto mundo desse outro — a atualidade da existência encontra sua validação e seu acabamento positivo sem levar em conta o sentido. A alma se funde com o dado do mundo, entrelaça-se a ele e o sacraliza. A mim, o mundo apresenta a face de seu pré-dado, do que ainda é sua irrealização; é o horizonte da minha consciência atuante (voltada para frente): à vista do futuro, a carne do passado e do presente é atacada em sua firmeza e em seu valor intrínseco. O mundo, em seu dado, não adquire um significado positivo para mim senão enquanto *ambiente* do outro. Todas as determinações e as caracterizações do mundo que lhe asseguram o acabamento, nas artes e numa filosofia da estética, são feitas através dos valores do *outro* - do outro que é seu herói. Esse mundo, essa natureza, essa história, essa cultura, essa visão do mundo decorrente daí, tudo isso, enquanto validado, sem levar em conta o sentido, enquanto reunido e acabado pela memória eterna, é apenas mundo, natureza, cultura *do homem-outro*. Tudo o que determina e caracteriza a existência em sua atualidade que lhe insufla sua dinâmica dramática - desde o ingênuo antropomorfismo do mito (cosmogonia, teogonia) até as modalidades da arte contemporânea e até as categorias de uma filosofia intuitivamente estetizante: o princípio e o fim, nascimento/aniquilamento, existência/devir, vida, etc - arde com o fogo emprestado da *alteridade*. O nascimento e a morte, assim como todos os elos intermediários da vida, representam a amplitude dos valores segundo os quais se enunciará a atualidade da existência. A carne mortal do mundo só tem seus valores significantes se é animada pela alma mortal d*o outro*; o espírito a desagrega (o espírito não a vivifica, julga-a).

Daí se segue que a alma e todas as formas assumidas pela encarnação estética da vida interior (o ritmo), assim como as formas do mundo dado, esteticamente relacionado com a alma, não podem por principio ser formas da pura expressão de *um si* e do que é peculiar *ao si*, mas são apenas as formas de uma relação com *o outro* e com sua própria auto-expressão. Todas as determinações estéticas significantes do mundo, vividas do interior, são transcendentes à própria vida e ao dado do mundo, vivido do interior dessa vida, e apenas isso produz sua força e seu significado (assim como a força e o significado do perdão e da remissão dos pecados só existem através do outro que os realiza; não posso perdoar a mim mesmo, nem redimir meus pecados — semelhantes perdão e remissão não teriam importância do ponto de vista dos valores), uma força e um significado que de outro modo seriam vazios. A atividade supra-existencial do autor é a condição necessária para que a atualidade existencial possa receber uma forma estética. Devo ser ativo para que a existência possa exercer-se passivamente, em toda confiança; devo ver mais que a existência (e para obter esse excedente de valores em minha visão, tenho de ocupar uma posição exterior relativamente à existência que recebe assim sua forma estética) para que a existência possa ser ingê-

nua para mim. Devo colocar o ato ria minha atividade criadora num terreno que ignore as pretensões à beleza, para que a existência possa parecer-me bela. A atividade propriamente criadora que procede de mim mesmo começa onde terminam os valores da atualidade em mim, onde termina a existência como tal em mim. Na medida em que encontro ativamente e em que penso algo como dado e atual, determinado por esse mesmo ato que o determina, já me situo acima dele (e é nesta medida que uma determinação axiológica lhe é axiologicamente superior); é nisso que reside meu privilégio arquitetônico: procedente de mim mesmo, encontro um mundo situado fora de mim, que procede de meu ato. Por isso, por situar-me fora da existência, sou o único a poder *aboná-la* e acabá-la sem levar em conta o sentido. É o ato absolutamente lucrativo, produtivo, que emana apenas de minha atividade. Mas, para ser efetivamente produtivo, para enriquecer a existência, esse ato deve ser inteiramente supra-existencial. Devo abandonar inteiramente a existência, de tal modo que não reste para mim nenhum valor residual de meu *eu* nem de *meu* ato estético pelo qual eu abono e acabo a existência; preciso purificar todo o campo da existência dada que se oferece ao outro, preciso orientar toda a minha atividade para frente de mim (a fim de que ela não se desvie para mim, tendendo a colocar-me também no campo visual e a englobar-me); é somente então que a existência se revelará em sua necessidade, em sua fraqueza e em sua debilidade, como a criança, sozinha e desamparada, em sua passividade e em sua santa ingenuidade. *Ser-já* significa estar na necessidade: necessitar ser validado de fora, ser amado, salvaguardado, de fora; estar em sua atualidade (exterior) significa abrir-se, de modo feminino, à atividade puramente validante do *eu*. Mas para que a existência se abra a mim em toda a sua passividade e sua feminilidade, devo situar-me inteiramente fora dessa existência e ser inteiramente ativo.

A existência, sendo já-aqui em sua atualidade, expressa, enunciada, já me é dada numa atmosfera de necessidade e de vazio que não pode ser preenchido de dentro dela mesma, mediante sua própria energia, e sua atividade se reduz a ser passivamente oferecida à atividade procedente de mim; toda a configuração das fronteiras de seu sentido me é dada com uma evidência tangível: a existência, em sua atualidade, solicita, implora, exige de mim essa tensão com que é marcada a relação exotópica que posso estabelecer com ela; e essa atividade, que se deve à minha exotopia, deve realizar-se através de uma validação completa da existência, sem levar em conta o sentido apenas em proveito da existência — e é este o ato pelo qual a passividade feminina e a ingenuidade da atualidade existencial se tornam beleza. Mas se eu tivesse, com essa atividade que me é peculiar, de jogar-me na existência, sua beleza assim expressa seria de imediato aniquilada. É claro que é possível minha participação passiva no dado fundamentado da existência, no dado que é a *alegria*. Uma relação ativa com a existência não conhece a alegria; para ficar alegre, devo tornar-me ingênuo. Dentro de mim, em minha atividade, não posso ser ingênuo, *por* isso não posso ser alegre. Apenas a existência é ingênua e alegre, mas não a atividade: esta é desesperadamente séria, desprovida de solução. A alegria é o estado mais passivo, mais indefeso e lastimável da existência. Até o mais sábio sorriso é lamentável e feminino (ou então, se for auto-satisfeito, é o do usurpador). Apenas em Deus e no seio do mundo é-me possível a alegria, isto é, quando me sinto no direito de participar da existência através do outro e para o outro, quando sou passivo e sou o beneficiário do dom. É minha alteridade que se alegra em mim e não para mim. E apenas a força ingênua e passiva da existência pode conhecer o triunfo, o triunfo é sempre irrupção inorgânica; é em Deus e no seio do mundo que posso viver o triunfo e não em mim mesmo. Posso apenas refletir a alegria da existência validada dos outros. O sorriso do espírito é *reflexo* de sorriso e não sorriso que aflui de dentro (reflexo da alegria e do sorriso na hagiografia e na pintura de ícones).

É na medida que tenho direito de participar do mundo da alteridade que sou passivamente ativo nele. A dança oferece uma imagem clara dessa atividade passiva. Na dança, minha exterioridade, que só é visível ao outro e só existe para os outros, funde-se com minha atividade orgânica interna que se percebe a si mesma; na dança, tudo o que é interior em mim tende ao exterior, tende a coincidir com a exterioridade; é na dança que me consolido mais na existência, que participo mais da existência dos outros; o que dança em mim é minha *atualidade* (validada em seu valor do exterior), é minha *sofianidade,* é *o outro* que dança em mim. O domínio é claramente vivido na dança, o domínio da existência. Daí o significado ritual da dança nas religiões da existência. A dança é o limite extremo da minha atividade passiva, que se exerce todavia em quase toda parte da vida. Sou passivamente ativo quando meu ato não é condicionado pela pura atividade operante sobre o sentido exercida pelo meu *eu-para-mim,* mas que tem sua razão de ser *na* própria atualidade da existência, da natureza, quando não é o espírito — ou seja, o que ainda não existe, não é predeterminado, o que é insensato do ponto de vista da atualidade existencial — mas essa atualidade existencial que faz sua atividade inorgânica irromper em mim. A atividade passiva é condicionada pelas forças já dadas, atuais, é predeterminada pela existência; ela não enriquece a existência com o que é por princípio inacessível de dentro da própria existência, não modifica o sentido da face que a existência apresenta. A atividade passiva não transfigura nada do ponto de vista formal.

Isso que expusemos acentua o traçado das fronteiras entre o autor e o herói, entre o portador do conteúdo de sentido da vida e o portador de seu acabamento estético.

O que havíamos formulado acima sobre a combinação estética entre a alma e o corpo fica assim inteiramente fundamentado. O espírito e o corpo interior podem entrar em conflito, mas não pode haver conflito entre a alma e o corpo que se estruturam nas mesmas categorias de valores e expressam uma única e mesma relação, criadora, ativa, com o dado do homem.

IV

O Todo significante do herói

A arquitetônica do mundo da visão artística não organiza só o espaço e o tempo, organiza também o sentido; a forma não é só forma do *espaço* e do *tempo,* é também forma do *sentido.* Até agora, estudamos as condições em que o espaço e o tempo do homem e da sua vida se tornam esteticamente significantes; mas também o enfoque do sentido peculiar ao herói recebe um significado estético: o lugar interior que ele ocupa no acontecimento da existência, sua posição de valores será extraída do acontecimento e receberá acabamento artístico; a escolha dos elementos significantes, que se opera no acontecimento, determina também a escolha dos elementos correspondentes que lhe são transcendentes e lhe proporcionam o acabamento, o que se expressa pela diversidade das formas do todo significante que o herói apresenta. É isso que vamos examinar neste capítulo. Cumpre notar que os *componentes* espaço-tempo-sentido que constituem o *todo* do herói não existem isoladamente: assim como na arte o corpo é sempre animado pela alma (ainda que ela esteja morta- nas representações mortuárias), a alma é percebida somente através da posição de valores e de sentido que ocupa, independentemente do que a particulariza como caráter, tipo, etc.

1. *O ato e a introspecção-confissão.*

Dentro de si mesmo, o homem adota uma postura ativa no mundo; sua vida consciente é sempre ato; atuo mediante o ato, a palavra, o pensamento, o sentimento; vivo, venho a

ser através do ato. Contudo, não me expresso nem me determino de maneira imediata pelo ato; se o ato realiza certo significado do objeto e do sentido, não realiza a mim mesmo enquanto objeto determinado ou que se determina: apenas o objeto e o sentido podem ser contrapostos ao ato. *A* autoprojeção da pessoa atuante está ausente do ato que evolui num contexto objetivo significante: no mundo das finalidades estritamente práticas dos valores políticos, sociais, dos significados cognitivos (no ato de cognição), dos valores estéticos (no ato de criação ou de percepção artística) e, finalmente, no campo da moral (no mundo dos valores estritamente éticos, numa *relação imediata com o bem e o mal).* Todos esses mundos materiais determinam totalmente os valores do ato para o sujeito atuante. A consciência atuante como tal não necessita ter um herói (uma pessoa determinada), só necessita finalidades e valores que pensem e dirijam o ato. Minha consciência atuante só formula perguntas deste tipo: por quê? como? está errado/está certo? útil/inútil? oportuno/inoportuno? eficaz/ineficaz? Ela nunca formula perguntas tais como: quem sou? o que Sou? como sou? O que me determina (sou como sou) não entra, para mim, ria motivação do ato. Na consciência atuante, não há pessoa determinada que atua (para os clássicos, o ato é sempre motivado pelo caráter determinado do herói; o herói não age somente porque assim é preciso, porque deve, mas porque ele mesmo é o que e, em outras palavras, o ato se determina tanto pela situação quanto pelo caráter, expressa a situação do caráter, não para o herói do ato, claro, mas para o autor-contemplador exotópico. É isso que sucede sempre na obra artística que cria o caráter ou o tipo). A ausência de uma determinação da pessoa (sou como sou), no contexto das motivações dos ato, não levanta a menor dúvida quando se trata dos atos ligados à criação cultural: assim, o ato de cognição ou o ato de pensamento é determinado e motivado unicamente pelos significados do objeto para o qual meu pensamento está dirigido. Com isso, claro, posso atribuir o sucesso às minhas aptidões, o fracasso à minha incapacidade - de uma maneira geral, recorrer a esse tipo de determinação de mim mesmo-,acontece que, no contexto das motivações do ato, esses fatos não podem ter função de determinantes e a consciência atuante os ignora. O ato de criação artística também só está relacionado

com as significações do objeto para o qual o artista tende e, se o artista procura introduzir sua própria individualidade em sua criação, trata-se de uma individualidade que não lhe é dada enquanto determinante de seu ato, mas que está pré-dada no objeto, é um valor à espera de sua realização no objeto — ela não é portadora do ato, é seu objeto, e somente através do objeto ela entra no contexto das motivações da criação. Está claro que o ato estritamente técnico, político, social, encontra-se na mesma situação.

A questão se complica quando se trata da vida corrente em que, aparentemente, o ato se encontra motivado pela determinação do sujeito atuante. Também aí, contudo, *tudo o que é eu* se insere no pré-dado material do ato, opõe-lhe sua finalidade determinada; também aí, o contexto das motivações do ato não tem herói. Em suma, o ato expresso em sua pureza, desde que não intervenham valores que lhe são transcendentes e alheios, não tem herói que o determine, o encarne. Se reconstituirmos com exatidão o mundo em que o ato se determinava e era pensado em termos de valores, o mundo em que ele se orientava responsavelmente, e fizermos a descrição desse mundo, não encontraremos herói, não encontraremos os valores de uma ação romanesca, de um caráter, de um tipo, etc. O ato necessita ser determinado por sua finalidade e por seus meios, e não pelo sujeito atuante, o herói. O ato fala-nos do mundo das coisas que rodeia o executante, o único mundo que engendra o valor do ato, e não do sujeito atuante, do herói. A análise de *um* ato é totalmente objetiva. Daí a idéia da liberdade ética do ato: o que o determina é o fato de ele *ainda-não* existir, o fato de ser pré-dado em sua finalidade e em seu objeto; ele nasce *antes* e não *depois,* no que *ainda-não-é,* e não no que *já-é.* É por isso que a projeção incidente sobre o ato já consumado não esclarece seu autor (não nos diz o que é, quem é) e não é mais que uma crítica imanente do ato do ponto de vista de sua própria finalidade; e se lhe acontece ir além do âmbito da consciência atuante, é para destacar o que por princípio é transcendente à consciência atuante, e que, na realidade, estava ausente dela, não era levado em consideração mas que poderia, *de um* ponto de vista geral, ter estado presente no ato e poderia ter sido levado em consideração, (quando não fazemos intervir valores alheios ao ato, tais como: com que se parece meu ato visto pelo outro?). A consciência atuante, mesmo quando relata a si mesma, expressa-se, não tem herói concebido como fator determinante, significante, ela é concreta e não psicológica ou estética (não é guiada por uma causalidade factual ou estética-romanesca, caracterológica, etc.). Se meu ato e guiado pelo dever, se comporta um juízo de valores sobre seu objeto, baseado diretamente nas categorias do bem e do mal (com a exceção dos valores mecanicamente colhidos na série dos valores culturais); em outras palavras, se é um ato moral, a projeção e a análise que ele suscita em mim determinam-me a mim também e implicam minha determinação.

A contrição (agastamento) é transposta do plano psicológico para o plano formal-criativo (arrependimento, autocrítica), tornando-se princípio organizador e formador da vida interior, princípio que instaura uma visão de si mesmo geradora de valores. É então que se vê aparecer a tentativa que visa fixar *um eu* numa tonalidade arrependida, numa ótica de dever moral, então é que se vê aparecer a forma inicial de uma objetivação verbal da vida e da pessoa (da vida pessoal no sentido em que ela não abstrai o sujeito da vida), então é que se vê aparecer a *introspecção-confíssão.* O princípio *construtivo* dessa forma deve-se precisamente ao fato de ser uma auto-objetivação da qual *o outro,* com sua abordagem específica, privilegiada, é excluído; apenas a relação pura de um *eu* consigo mesmo pode ser o princípio organizador do discurso. Na introspecção-confissão, entra somente o que eu mesmo posso dizer de minha pessoa (no fundamental, claro, e não nos fatos); ela é imanente à consciência atuante e não ultrapassa o contexto que a configura; no fundamental tudo quanto é transcendente *à* autoconsciência se acha excluído. A respeito do que lhe é transcendente, ou seja, a respeito da possível consciência que o outro poderia ter dela, a introspecção-confissão adota uma atitude negativa: ela o combate em nome da pureza de sua autoconsciência, em nome da pureza da relação solitária que mantém consigo mesma. Pois, com efeito, a abordagem estética e a validação que o outro introduziria em minha relação axiológica comigo mesmo poderiam turvar-lhe a pureza (a glória mundana, a Opinião dos outros, a vergonha diante dos outros, o favor que me vem do outro, etc.). Uma relação axiológica solitária consigo mesmo — tal é o extremo para o qual tende

a introspecção-confissão que supera o juízo de valor do outro possível; e, nesse caminho, *o outro* pode servir-me na qualidade de juiz que me julgaria como eu me julgo, sem me estetizar, servir-me para suprimir a modificação que ele poderia introduzir no juízo que faço de mim, servir-me para rebaixar-me diante dele com o intuito de livrar-me dessa influência do juízo de valor decorrente de sua posição exotópica- fora de mim- e das possibilidades relacionadas com essa exotopia (não temer a opinião dos outros, superar a vergonha de si mesmo). A esse respeito, a menor tranqüilidade, a menor pausa em minha autocondenação, o menor juízo de valor positivo (estou tornando-me melhor) são registrados como um empanamento da pureza de minha relação comigo mesmo, como um domínio do juízo do outro sobre mim (o discurso restritivo de Tolstoi em seu diário íntimo).

Essa luta contra o eventual juízo de valores do outro coloca o problema específico da forma externa que adquirirá a introspecção-confissão; é inevitável o conflito, pois a forma e a própria linguagem da expressão são a um só tempo indispensáveis e por princípio inadequadas, uma vez que elas comportam, como tais, modalidades estéticas baseadas na consciência do sistema de valores do outro (a origem do inocente-iluminado que opta por uma forma que recusa a forma de expressão significante). A introspecção-confissão não pode receber acabamento, pois ela não comporta, como tal, aspectos que lhe sejam transcendentes e que possam assegurar-lhe o acabamento; ainda que tais aspectos se inserissem na consciência, mesmo assim careceriam dos valores que lhes são peculiares e seriam inaptos para proporcionar a tranqüilidade e o acabamento; tudo o que se determinou e já se concluiu, se terá determinado mal e será indigno. Nenhuma projeção de mim mesmo pode assegurar-me meu total acabamento pois, sendo imanente apenas à minha consciência, essa projeção se tornará um fator dos valores e do sentido na evolução subseqüente de minha consciência: minha palavra sobre mim mesmo não poderia em princípio ser a última, não poderia ser a palavra que me assegura o acabamento; para mim, minha palavra é um ato, e esse ato só vive no acontecimento singular e único da minha existência; e se nenhum ato pode assegurar o acabamento da minha própria vida é porque ele vincula minha vida à infinidade aberta do acontecimento existencial. A introspecção-confissão não se isola desse acontecimento, e por isso é potencialmente infinita; ela é, por excelência, o ato da não-atualidade e da não-coincidência consigo mesmo (por falta de uma exotopia capaz de realizar essa coincidência, de uma posição de valores que só é peculiar ao outro), o ato da pura superação de si mesmo (desprovido, em seu interior, de um fim que lhe dê sua razão de ser); é o ato que combate todos os valores capazes de fazer coincidir consigo mesmo, e esse próprio combate não conhece realização, não pode encontrar um fim justificado e ficar em paz; isso, entretanto, é apenas um dos aspectos da introspecção-confissão, apenas um dos extremos para o qual ela tende em seu desenvolvimento. A negação de uma razão de ser neste mundo se transforma em necessidade religiosa de uma razão de ser — necessidade de um perdão e de uma redenção concedidos como um *dom puro,* absoluto (sem levar em conta os méritos), necessidade de uma graça e de uma absolvição cujos valores são integralmente os do outro mundo. Tal razão de ser não é imanente à introspecção-confissão situa-se fora das fronteiras da introspecção-.confjssão no futuro não determinado, incerto, do acontecimento real; enquanto realização real da prece e da súplica que depende da vontade do outro, ela situa-se fora das fronteiras das próprias prece e súplica, e as transcende; mesmo a prece e a súplica permanecem num estado de abertura e de inacabamento, parecem chocar-se e quebrar-se contra o futuro não predeterminado do acontecimento. Esta é a modalidade da confissão pura no interior da introspecção-confissão. O discurso introspectivo como um discurso de valores dirigido à própria pessoa, numa solidão absoluta, é impossível e situa-se num extremo que é contrabalançado por outro extremo constituído pela confissão-súplica dirigida para fora da própria pessoa, a Deus. O tom do arrependimento se entrelaça com o tom da prece-súplica.

O exame introspectivo puro e solitário é impossível: quanto mais o individuo se aproxima desse extremo, mais o outro extremo, a ação do outro extremo, se faz sentir; quanto mais profunda é a solidão (axiológica) consigo mesmo, e, conseqüentemente, o arrependimento e a superação de si mesmo, mais evidente é sua relação consubstancial com Deus. No vazio absoluto de valores, não é possível nenhum discurso e a própria consciência é impossível. Fora de Deus, fora da confiança numa *alteridade absoluta,* são impossíveis a autoconsciência e o discurso sobre si mesmo, e isto não porque na prática estas sejam operações absurdas, mas porque a confiança em Deus é um elemento constitutivo, imanente à pura autoconsciência e ao discurso sobre si mesmo. (Quando eu superar os valores que tornam a atualidade auto-suficiente, superarei também o que dissimulava Deus; é quando não coincido comigo que se desvela *o* lugar destinado a *Deus.)* E preciso que a atmosfera de valores em que estou imerso atinja certo grau de calor para que a autoconsciência e o discurso sobre si mesmo possam realizar-se nela, para que sejam asseguradas condições de vida. O simples fato de eu conceder um significado, se bem que infinitamente negativo, ao que me determina, e de questioná-lo, ou seja, de eu tomar consciência de mim mesmo na existência, esse simples fato atesta que não estou sozinho em minha introspecção-confissão que meus valores são refratados em alguém, que há alguém para quem apresento interesse, que há alguém que necessita que eu seja bom.

Porém, esse princípio de *alteridade* é transcendente à autoconsciência, e *não é garantido,* pois a *garantia* o rebaixaria ao nível da atualidade-existência (estetizada, no melhor das hipóteses, como o é na metafísica). Só se pode viver e ter autoconsciência *na fé,* e não *na garantia* ou *no vazio* (nos valores da garantia e do vazio). A vida (e a consciência), em seu interior, não é nada mais que a realização da fé. Tomar consciência da vida é tomar consciência da fé e da esperança, da insatisfação e do possível. A vida é ingênua quando nada sabe do ar que respira. O novo tom da fé e da esperança, que vem mesclar-se ao tom do arrependimento e da súplica, desvia a introspecção-confissão para o sentido da oração. Encontramos, em uma forma idealmente condensada, os modelos mais profundos e mais puros dos componentes da introspecção-confissão que acabamos de examinar na invocação do publicano oposto ao fariseu ("Ó Deus, perdoai ao pecador que sou!") e na da cananéia ("Tenho fé! vinde socorrer minha incredulidade"); mas estes são componentes que nunca estão concluídos, são eternamente repetidos, não conhecem interiormente um acabamento e não passam de movimento como tal (o repetitivo na oração).

160

Quanto mais atual se torna o elemento de *confiança*, de fé e de esperança, mais certas modalidades estéticas acentuam-lhes a penetração. Quando a função organizadora desempenhada pelo arrependimento é transferida à confiança, torna-se possível uma forma estética. Graças à fé, presumo minha razão de ser em Deus, e isso faz com que, pouco a pouco, meu *eu-para-mim* se torne *o outro* para Deus, ingênuo em Deus. Ë nessa etapa de *ingenuidade religiosa* que se situam os Salmos (assim como grande número de cânticos e orações cristãs), *que se torna possível um ritmo que acaricia e sublima a imagem, etc., a pacificação, a estrutura e a medida da presunção da beleza em Deus.* Os salmos penitenciais de Davi nos oferecem o modelo, de rara profundidade, da introspecção-confissão em que a função organizadora é transferida do arrependimento à confiança e à esperança (a confissão ingênua) - neles um tom puramente suplicante dá origem à imagem estética: *"Criai em mim, ó Deus, um coração puro"*, *"aspergi-me* com o hissope e serei purificado, lavai-me e ficarei mais alvo que a neve!" Santo Agostinho oferece-nos o modelo de um sistema fundamentado nos componentes da introspecção-confissão propriamente dita: a inaptidão para o bem, a não-liberdade do bem, a graça, a predeterminação. Bernardo de Clairvaux nos oferece o modelo de uma concepção estética (o comentário do Cântico dos Cânticos): a beleza em Deus, a alma noiva de Cristo. Entretanto, a oração não é tampouco uma obra, e sim um ato. (O poder organizador do *eu* é substituído pelo poder organizador de Deus: supero o que me determina no mundo, o nome que trago no mundo, e elucido aquele que está inscrito no céu, no livro da vida — é a *memória* do futuro.

A correlação entre o valor e o sentido que acabamos de examinar na introspecção-confissão às vezes passa por modificações notáveis e o modelo básico torna-se complexo. Podem introduzir-se nele elementos de teomaquia* ou de antropomaquia - a rejeição de um juízo divino ou humano - daí resultará um tom colérico, desconfiado, cínico, sarcástico e desafiante. (Elementos de antropomaquja são quase inerentes ao discurso do inocente-iluminado; a reviravolta cínica; a provocação e o desafio da sinceridade.)

- Palavras formadas a partir do grego: teomaquia, luta contra Deus; antropomaquia, luta contra o homem. (N. T.)

161

Esta é a forma que assumem a confissão e a sinceridade diante do indivíduo a quem se despreza em Dostoievski, (presente, de uma maneira geral, na confissão-confidência de quase todos os seus heróis). A alteridade (do outro possível, do ouvinte, do leitor), tal como é formulada pelos românticos, é quase sempre marcada de antropomaquia (a atitude muito particular de Hipólito em *O Idiota* de Dostoievski, assim como a do homem do subterrâneo). Os acentos de teomaquia e de antropomaquia (resultado do desespero) tornam impossível a ordem estética (e acontece que a paródia venha paliá-la). O que é possível é a auto-isenção infinita de uma contrição, e essa modalidade tem analogia com o ódio inspirado pela dominação do espelho: a imagem refletida do rosto pode também ser a da alma. Voltaremos a essas variações a partir do modelo básico da introspecção-confissão quando analisarmos a relação existente entre o herói e o autor na obra de Dostoievski. Encontramos uma distorção particular da introspecção-confissão no insulto, em suas manifestações mais profundas e, conseqüentemente, as piores. É a introspecção-confissão ao contrário. O pior insulto procura dizer ao outro o que só este é capaz de poder e de *dever* dizer sobre si mesmo (“atingir o ponto fraco”); O pior insulto é um insulto justo que expressa no tom da cólera e da irrisão o que o outro poderia dizer sobre si mesmo no tom do arrependimento-súplica, e que se aproveita de sua posição privilegiada fora do outro para finalidades diametralmente opostas (“fica na solidão, não há *outro* para ti”).É assim que o pior insulto encontra seu lugar no salmo penitencial.

Vamos agora fazer um balanço e tirar conclusões. Na introspecção-confissão, não teremos nem herói nem autor, por não haver uma exotopia, uma posição de valor que lhes permitiria a correlação: o herói e o autor se fundem, formam apenas um; é o espírito que prevalece sobre a alma num devir em que ele é inapto para encontrar o acabamento e mal pode ter a presunção de encontrar um pouco de consistência imperfeita em Deus (o espírito tornado ingênuo). É evidente que nenhum caráter de acontecimento romanesco é possível aqui a título de componente estético significante (auto-suficiente e circunscrita, a carne do acontecimento fechado em si mesmo, possui princípio e fim que têm uma razão de ser positiva); o mundo das coisas também não é possível aqui, a título de ambiente esteticarnente significante, de componente descritivo-artístico (paisagem, contexto e modo de vida, etc.). O todo biográfico da vida, com suas peripécias-acontecimentos não é auto-suficiente nem representa um valor (esse valor da vida só poderia ser artístico); não entra nos desígnios da introspecção-confissão construir o todo biográfico de uma vida vivida (potencialmente) que tem seu próprio valor. A forma da relação consigo mesmo torna impossíveis esses valores.

De que modo o leitor percebe a introspecção-confissão ? A partir de que ponto de vista vai efetuar-se a leitura? Nossa percepção dela tenderá a um procedimento estético; em tal abordagem, a introspecção-confjssão assumirá a aparência de matéria bruta suscetível de tornar-se objeto de um tratamento estético, de conteúdo suscetível de tornar-se uma obra artística (biográfica, antes de mais nada). A partir do nosso ponto de vista, introduziremos na leitura valores que se devem à nossa posição exotópica relativa ao sujeito da introspecção-confissão, com todas as possibilidades atinentes a essa posição: vamos atribuir o significado de um acabamento ao seu final e a certos desenvolvimentos (pois estamos no exterior no tempo), vamos introduzir um pano de fundo (pois percebemos o sujeito como determinado por uma época e um clima históricos — quando os conhecemos - e, de uma maneira geral, percebemo-lo simplesmente contra o fundo daquilo que sabemos complementarmente), vamos situá-lo num espaço que engloba as seqüências desunidas de sua realização, etc. Tudo quanto introduzimos assim do exterior, graças ao excedente de nossa percepção, poderá constituir a forma estética da obra. O contemplador tende a tornar-se o autor cujo herói será o sujeito da introspecção-confissão (é claro que o espectador, nesses casos, não é co-criador, como o é na percepção de uma obra de arte, e que realiza um ato criador primário). Tal abordagem da introspecção-confissão não corresponde ao seu desígnio deliberadamente não artístico. Qualquer documento humano pode, claro, ser objeto de uma percepção artística, *a fortíori* no caso do documento constituído por uma vida que já se retirou ao passado (o acabamento que a memória estética é apta para proporcionar torna isso até uma obrigação para nós), mas nem sempre essa percepção corresponde ao desígnio fundamental implicado e determinado pelo dado documento, e há mais: a profundidade e a perfeição do procedimento estético pressupõem que tenhamos compreendido previamente o desígnio extra-estético imanente ao documento, em sua integridade e em seu próprio funcionamento. *Qual* será, por conseguinte, o leitor de uma introspecção-confissão? E *qual* será sua leitura, da qual depende a realização do desígnio extra-estético que lhe é imanente? O essencial é que não há um autor que poderia solicitar-nos uma co-criação e não há tampouco um herói que poderia solicitar nossa atividade exclusivamente estética e fazer-nos participar, junto com o autor, em seu acabamento. O sujeito da introspecção-confissão situa-se à minha frente no acontecimento existencial, ocupado na realização do seu ato, um ato que não implica, de minha parte, uma reprodução (mimética) ou uma contemplação artística, e sim uma reação-resposta correspondente (do mesmo modo que uma petição que me é dirigida não implica que eu a reproduza - que eu a vivencie, que a imite, nem que lhe perceba o aspecto artístico -, mas implica que eu lhe reaja com um ato-resposta: eu a acatarei ou a rejeitarei; ato este que não é imanente à petição, ao passo que a contemplação estética, a co-criatividade, é imanente à obra artística — não na forma de um dado empírico, por certo). Diante de mim, tenho um sujeito situado no interior do contexto do acontecimento existencial que nos engloba a ambos, e meu ato-resposta não deve isolá-lo no acontecimento; o futuro por-vir do acontecimento nos liga um ao outro e determina nossa correlação (estamos um em frente do outro neste mundo). A posição exotópica, claro, é preservada - e até ganha em tensão (sem o que ela não seria criativamente produtiva)--mas está a serviço da moral-religião e não mais a serviço da estética. Pois, além da memória estética e da memória histórica, há ainda a memória eterna proclamada pela Igreja, a memória que não realiza o acabamento da pessoa (no plano fenomênico), há o *memento* da Igreja (para aquele “que adormeceu no Senhor”), e a prece que implora o descanso para essa alma, O primeiro ato implicado pelo desígnio da introspecção-confissão é a *prece*, uma prece que implora o perdão e a remissão dos pecados (uma prece séria que pressupõe um estado interior correspondente ao perdão que eu mesmo concedo, em minha alma). Um ato mundano, cultural, será sempre insuficiente, terra a terra. A análise dessa modalidade ultrapassa o âmbito do nosso trabalho, que se situa exclusivamente no plano da mundanalidade, Há outro aspecto no desígnio da introspecção-confjssão, é o da *edificação* (o conhecimento ético-religioso, puramente prático) que implica que vivenciemos o sujeito, que nos identifiquemos com ele, que reproduzamos em nós mesmos o acontecimento interior do sujeito, mas essas operações não pretendem proporcionar-lhe o acabamento e a libertação, elas se efetuam com vistas a um crescimento espiritual, com vistas a um enriquecimento pessoal tirado de uma experiência espiritual; a introspecção-confissão instrui e informa sobre Deus na medida em que, como já vimos, é mediante uma análise introspectiva solitária de si mesmo que se entende Deus, que a fé, já viva na própria vida (a vida-fé), penetra na consciência. (O significado puramente edificante da parábola do fariseu e, parcialmente, dos Salmos.) Esta é, no essencial, a tarefa que a introspecção-confissão implica para o leitor, o que não exclui uma abordagem estética ou cognitiva; mas esses dois procedimentos não realizam o desígnio desse gênero no que ele tem de essencial.

2. *ÍA autobiografia e a biografia.]*

Vamos agora examinar a *autobiografia*, seu herói e seu autor. Formas intermediárias originais, marcadas de contradições internas, que levam da confissão à autobiografia, aparecem no fim da Idade Média (que ignorava os valores biográficos) e no início do Renascimento. Encontramos essa forma mista já em Abelardo, em sua *História calamitum mearum* onde, sobre uma base de confissão matizada de antropomaquia, manifestam-se os primeiros valores biográficos e onde a alma adquire consistência em outro lugar que não Deus. Em Petrarca, o escopo biográfico vence a confissão, não sem dificuldade. A confissão ou a biografia, os descendentes ou Deus, Santo Agostinho ou Plutarco, o herói ou o monge - este é o dilema que, com uma leve inclinação para o segundo termo, perpassa toda a vida e a obra de Petrarca e encontra sua expressão mais clara (um tanto primitiva) em *Secretum* (notamos esse mesmo dilema na segunda metade da vida de Boccaccio). No início do Renascimento, não é raro que a confissão irrompa numa biografia que

não se basta a si mesma. Mas a vitória caberá ao valor biográfico. (É um combate análogo, feito de compromisso ou do triunfo de um ou outro dos princípios, que observamos no diário íntimo tal como ele aparece na época moderna. O diário se inspira quer na confissão, quer na biografia: todos os escritos íntimos, tardios, de Tolstoi parecem-se com a confissão, a julgar pelo que conhecemos deles; o diário de Puchkin é totalmente autobiográfico, como acontece, no conjunto, com o diário entre os clássicos, que nenhum tom penitente vem turvar.)

Não existe em princípio uma demarcação nítida entre a *autobiografia* e a *biografia*, e este é um ponto essencial. A distinção existe, claro, e pode até ser considerável, mas não se situa no plano de valores da orientação da consciência. Na biografia ou na autobiografia, a relação consigo mesmo - com o *eu-para-mim* — não é um elemento constitutivo e organizador da forma artística.

Entendo por biografia ou autobiografia (narrativa de uma vida) uma forma tão imediata quanto possível, e que me seja transcendente, mediante a qual posso objetivar meu eu e minha vida num plano artístico. Vamos examinar a forma da biografia somente nos seus aspectos que possam servir para a auto-objetivação, ou seja, no que pode ser autobiográfico no plano de uma eventual coincidência entre o herói e o autor ou, mais exatamente (pois, na verdade, a coincidência entre o herói e o autor é uma *contradictio in adjecto*, na medida em que o autor é parte integrante do todo artístico e como tal não poderia, dentro desse todo, coincidir com o herói que também é parte integrante dele. A coincidência de pessoas “na vida”, entre a pessoa de que se fala e a pessoa que fala, não elimina a distinção existente dentro do todo artístico; e, de fato, pode-se formular a pergunta: como me represento a mim mesmo? Pergunta esta que se distinguirá desta outra: quem sou?), no que particulariza o autor em sua relação com o herói. A autobiografia, no sentido de uma comunicação, de uma informação sobre si mesmo, ainda que se apresente na forma de uma narrativa organizada, mas que não realiza seus valores biográficos num plano artístico e persegue qualquer outra finalidade prática ou objetiva, não reterá nossa atenção neste trabalho. Em sua forma científica - na biografia de um grande homem, por exemplo - a biografia não se atribui uma tarefa artística. Essa tarefa,

puramente histórico-científica, também não reterá, portanto, nossa atenção. No que concerne aos elementos chamados autobiográficos dentro de uma obra, eles podem variar ao infinito e relacionar-se seja com a confissão, seja com a exposição pratica, puramente objetiva que expõe um ato (ato cognitivo, especulativo, político, prático, etc.), ou, enfim, podem ser líricos; eles só nos apresentam interesse quando são precisamente biográficos, ou seja, quando servem para realizar o valor biográfico.

O valor biográfico é, entre todos os valores artísticos, o menos transcendente à autoconsciência; por isso o autor, na biografia, como em nenhum outro lugar, situa-se muito próximo de seu herói: eles parecem ser intercambiáveis nos lugares que ocupam respectivamente e é por esta razão que é possível a coincidência de pessoas entre o herói e o autor (fora dos limites do todo artístico). O valor biográfico pode ser o princípio organizador da narrativa que conta a vida do outro, mas também pode ser o princípio organizador do que eu mesmo tiver vivido, da narrativa que conta minha própria vida, e pode dar forma à consciência, à visão, ao discurso, que terei sobre a minha própria vida.

A forma biográfica é a forma mais “realista”, pois é nela que de fato transparecem menos as modalidades de acabamento, a atividade transfiguradora do autor, a posição que, no plano dos valores, situa-o fora do herói - limitando-se a exotopia a ser quase que só espácio-temporal; não existe uma fronteira nítida para delimitar um caráter; não há uma ficção romanesca marcada por sua conclusão e pela tensão que exerce. Os valores biográficos são valores comuns compartilhados pela vida e a arte; em outras palavras, eles podem determinar os atos práticos e a suas finalidades; são as formas e os valores de uma *estética* da vida. O autor da biografia é o outro possível, cujo domínio sobre mim na vida admito com a maior boa vontade, que se encontra ao meu lado quando me olho no espelho, quando sonho com a glória, quando reconstruo uma vida exterior para mim; é o outro possível que penetrou em minha consciência e que com freqüência me governa a conduta, o juízo de valor e que, na visão que tenho de mim, vem colocar-se ao lado de meu *eu-para-mim;* é o outro instalado em minha consciência, com quem minha vida exterior pode conservar uma sufi-

ciente maleabilidade (a vida interior - sobre a qual o domínio do outro exerce sua tensão- tornou-se, claro, impossível, e é aí que é travado o combate contra o outro, para libertar o meu *eu-para-mim* em toda a sua pureza), é o outro que também poderia tornar-se meu duplo-usurpador se eu deixasse, se não o vencesse; é o outro com quem, não obstante, posso viver, com toda espontaneidade-ingenuidade, uma vida movimentada e feliz (é verdade que esse outro também pode entregar-me ao poder da fatalidade - o domínio sempre pode tornar-se fatal). Na recordação que temos habitualmente de nosso passado, esse outro é muito ativo e marca o tom dos valores em que se efetua a evocação de si mesmo (nas recordações da infância, é a mãe incorporada a nós mesmos). O modo tranqüilo em que se efetua a rememoração de meu passado remoto é de natureza estética e a evocação se aproxima formalmente da narrativa (as recordações aclaradas pelo futuro do sentido são recordações penitentes). A memória do passado é submetida a um processo estético, a memória do futuro é sempre de ordem moral.

Esse outro que exerce seu domínio sobre mim não entra em conflito com meu *eu-para-mim,* uma vez que, no plano dos valores, continuo a ser solidário com o mundo dos outros, uma vez que me percebo dentro de uma coletividade — de minha família, de meu país, da cultura universal; a posição de valor do outro tem *autoridade* sobre mim, ele pode conduzir a narrativa da minha própria vida e estarei interiormente de pleno acordo com ele. Enquanto minha vida participa dos valores que compartilho com os outros, está inserida num mundo que compartilho com os outros, essa vida é pensada, estruturada, organizada no plano da possível consciência que o outro terá dela, percebida e estruturada como a possível narrativa que o outro poderia fazer dela dirigida a outros (descendentes); a consciência do possível narrador e o contexto de valores desse narrador organizarão meu ato, meu pensamento e meu sentimento quando estes participarem do mundo dos outros; cada um dos aspectos da minha vida poderá ser percebido no todo da narrativa (da história relatada dessa vida, e que pode encontrar-se em todas as bocas); a contemplação da minha própria vida não é mais que a antecipação da recordação que essa vida deixará na memória dos outros — dos meus descendentes, da mi-

nha família, ou simplesmente dos meus próximos (a amplitude do caráter biográfico de uma vida é variável); valores idênticos presidirão à organização da vida e à organização da recordação. Na medida em que O outro não é um produto da minha *lavra* destinado a um uso interessado, na medida em *que* ele é efetivamente validado por mim e seus valores são determinantes para a minha vida (assim como os valores da mãe são determinantes para a infância), é que ele pode tornar~se o autor da minha vida, um autor que me é interiormente inteligível e tem *autoridade* sobre mim. O outro, estabelecido por minha livre e espontânea vontade em mim mesmo, com toda a sua autoridade, serve-me de orientação e não me sirvo dele como de um meio (não é o mundo *dos outros* em mim, sou eu no mundo dos outros, um eu que participa desse mundo); não há nada de parasitárjo. O herói e o narrador são intercambiáveis; qual dentre nós - serei eu? será o outro?- começou a narrativa que conta o outro, esse outro com quem vivo uma mesma vida, com quem compartilho os mesmos valores, no seio de uma família, de uma nação, da humanidade. Pouco importa: entrelaço-me com a narrativa num tom e numa linha formal que nos são comuns. Se não me separo da vida cujo herói são os outros, com um mundo que lhes serve de ambiente, eu próprio - o narrador dessa vida - pareço estar incorporado aos heróis dessa vida. Se estou narrando minha vida cujos heróis são outros para mim, encaixo-me pouco a pouco na estrutura formal da vida (não sou o herói da minha vida, apenas tomo parte nela) e alcanço o estatuto de herói, anexando-me à minha narrativa; as formas pelas quais percebo os valores do outro se transferem para mim quando sou solidário com os outros. É assim que o narrador se torna herói. Quando o mundo dos outros, em seus valores, tem autoridade sobre mim, assimila-me enquanto outro (claro, nos momentos em que ele pode, precisamente, ter autoridade). Uma parte considerável da minha biografia só me é conhecida através do que os outros - meus próximos— me contaram, com sua própria tonalidade emocional: meu nascimento, minhas origens, os eventos ocorridos em minha família, em meu país quando eu era pequeno (tudo o que não podia ser compreendido, ou mesmo simplesmente percebido, pela criança). Esses elementos são necessários à reconstituição um tanto quanto inteligível e coerente

de uma imagem global da minha vida e do mundo que a rodeia; ora, todos esses elementos só me são conhecidos – a mim, o narrador da minha vida - pela boca dos outros heróis dessa vida. Sem a narrativa dos outros, minha vida seria, não só incompleta em seu conteúdo, mas também internamente desordenada, desprovida dos valores que asseguram a *unidade biografica. Os fragmentos* da vida vivida internamente *(fragmentos* do ponto de vista da unidade do *todo* biográfico) podem assegurar apenas a unidade interior do *eu-para-mim* (que constitui a unidade futura do desígnio), apenas a unidade da introspecção-confissão, mas não a unidade da biografia, pois apenas a unidade pré-dada do *eu-para-mim* é imanente à vida que estou vivendo interiormente. Um princípio interno de unidade é inútil à narrativa biográfica, meu *eu-para-mim* é inapto para narrar seja lá o que for; mas a posição de valor inerente ao outro é necessária à biografia — uma posição que seja tão próxima quanto possível de mim — e insinuo-me nela de modo imediato através dos heróis da minha vida, os outros, *através dos seus narradores.* É assim que o herói pode tornar-se o narrador da sua vida. Logo, é com a condição de participar dos valores do mundo dos outros que uma objetivação biográfica pessoal poderá ter autoridade e ser produtiva, poderá fazer com que a posição do outro em mim — desse outro que é o possível autor da minha vida — se consolide e escape ao aleatório, poderá fazer com que a base da minha própria exotopia se consolide, que se apóie sobre o mundo dos outros de que não me separo, e sobre a força e o poder dos valores da alteridade em mim, da *natureza humana* em mim, que não será uma matéria bruta e indiferente e sim uma matéria que recebeu de mim sua validação e sua forma, sem que, por isso, esteja necessariamente isenta de elementos inorganizados e anárquicos.

Temos dois tipos biográficos básicos segundo os quais se estabelecem a consciência dos valores e a estruturação do mundo, de acordo com a amplitude do mundo biográfico (a dimensão do contexto dos valores que podem ser percebidos na consciência) e da autoridade que marca a alteridade; diremos do primeiro tipo que ele pertence à *aventura-heróica* (época do Renascimento, do *Sturm und Drang*, do nietzscheísmo) e, do segundo tipo, que é *sócio-doméstico* (o sentimentalismo e, em

parte, o realismo). Examinemos inicialmente as particularidades do primeiro tipo dos valores biográficos. Na base dos valores biográficos que assinalam a aventura-heróica, encontram se: 1) a vontade de ser herói, de ter importância no mundo dos outros, 2) a vontade de ser amado, e, finalmente, 3) a vontade de viver o acontecer romanesco, a diversidade da vida interior e exterior. Esses três valores que organizam a vida e os atos do herói biográfico são valores estéticos para ele mesmo e podem ser também os valores que organizam a representação artística de sua vida pelo autor. São valores de natureza individualista, mas trata-se de um individualismo ingênuo, que não se isola do mundo dos outros e participa da alteridade existencial de que necessita e de cuja autoridade ele extrai sua própria força (o *eu-para-mim* solitário não se opõe ao *outro* enquanto tal, como no caso da confissão marcada de antropomaquia). Esse individualismo ingênuo e espontâneo se correlaciona com um funcionamento parasitário ingênuo, espontâneo. Vamos agora deter-nos no primeiro desses valores biográficos — o desejo de ser um herói na vida, de ter importância no mundo dos outros, de atingir a glória.

A aspiração de *glória* organiza a vida do herói, e é a glória que organiza a narrativa da sua vida: sua exaltação. Aspirar à glória é ter consciência de pertencer à história da humanidade cultural (que pode ser a de uma nação), é validar e construir sua vida na consciência que se pode ter dessa humanidade, é crescer e engrandecer no outro e para o outro, e não em si mesmo e para si mesmo, é ocupar no mundo um lugar muito próximo dos contemporâneos e dos descendentes. O futuro, claro, conserva sua importância organizadora para a pessoa que vê seus valores no futuro e se governa baseando-se nesse futuro; não se trata, porém, do futuro absoluto do sentido, mas do futuro (o amanhã) temporal, histórico, aquele que não nega, mas prolonga organicamente o presente; é o futuro dos outros - dos descendentes - e não o do *eu-para-mim* (quando o futuro absoluto do sentido governa sozinho, o princípio estético se separa da pessoa como tal, perde seu significado e, por conseguinte, o valor biográfico é eliminado). Trata-se de heroificar os outros, de edificar um panteão de heróis do qual a pessoa participará, onde se alojará, de onde governará a imagem futura que tem de si mesmo, que é criada à imagem dos outros. A percepção orgânica de si mesmo integrado à história da humanidade heroificada, da qual o indivíduo participa, na qual se engrandece, através da qual pensará seus trabalhos e seus dias, eis o que constitui o principio heróico dos valores biográficos (as modalidades parasitárias variam de acordo com o peso que os valores de sentido puramente objetivos podem ter para a pessoa; o desejo de glória e a sensação de estar integrado na existência heróico-histórica podem ser apenas um acompanhamento de reconforto, pois os trabalhos e os dias permanecem governados por puros significados de sentido; em outras palavras, o futuro temporal só projetará uma leve sombra sobre o futuro do sentido, e em virtude disso a biografia se desagregará, sendo substituida por uma análise introspectiva que será um relato prático e objetivo, ou pela introspecção-confissão).

O *amor* é o segundo aspecto dos valores biográficos do primeiro tipo. O desejo de ser amado, a consciência, a visão e a forma que se pode ter na consciência amorosa do outro, a vontade de fazer desse amor almejado do outro a força organizadora e motriz da vida, tudo isso é ainda uma maneira de crescer e de se engrandecer no clima da consciência amorosa do outro. Se os valores heróicos determinam os momentos fundamentais e os acontecimentos da vida privado-social, privado-cultural e privado-histórica (a *gesta)* - a orientação volitiva básica na vida -,, o amor determina-lhes a tensão emocional na medida em que pensa e condensa os detalhes internos e externos dessa vida.

Meu corpo, meu aspecto externo, meu traje, toda a série de pormenores internos e externos da minha alma, os pequenos detalhes da minha vida que não podem ter valor e refletir no contexto heróico-histórico — na humanidade, na nação (tudo o que, do ponto de vista histórico, é insignificante e só tem atualidade no contexto da minha vida) -, tudo isso recebe um peso valorativo, um sentido e ganha forma na consciência amorosa do outro; todos os elementos estritamente privados são ordenados e governados por aquilo que desejo ser na cqnsciência do outro, pela minha imagem presumida que construí a partir dos valores dessa consciência (com a exceção, claro, de tudo o que é determinado e predeterminado em minha exterioridade — minha maneira de ser, meu modo de vida, etc. -, pelos costumes, pela etiqueta, ou seja, pela consciência de valores próprios, mais uma vez, do outro). O amor introduz, nesses aspectos extra-históricos da vida, formas individuais marcadas de uma tensão emocional mais forte.

No amor, o homem tende a superar a si mesmo, orientando-se pelos valores determinados e governados pela ascendência alheia - do outro que ele deixou estabelecer-se em si mesmo (a organização formal da vida interior e exterior, a expressão lírica da vida, o papel da bem-amada no *do/ce stil nuovo:*a escola de Bolonha de Guido Guinicelli, Dante, Petrarca). Para o próprio herói, a vida tende a tornar-se bela e chega a proporcionar-lhe o sentimento de sua beleza graças à tensão suscitada pela almejada ascendência da consciência amorosa do outro. Mas o amor repercute também na esfera histórico- heróica da vida do herói - o nome de Laura se entrelaça com o loureiro (Laura - louro), a imagem de si mesmo destinada aos descendentes entrelaça-se com a imagem de si mesmo tal como ela se imprime na alma da bem-amada, as formas geradas pela força dos valores da descendência entrelaçam-se com a força dos valores da bem-amada, reforçando-se mutuamente na vida, fundindo-se em um motivo único na biografia (mormente no lirismo) - é isso que sucede na autobiografia poética de Petrarca.

Passemos agora ao terceiro aspecto dos valores biográficos do primeiro tipo — à necessidade do *caráter de acontecimento romanesco.* Trata-se do desejo de viver até o fim o que o acontecimento tem de sensacional (em Oposição ao fracionamento do episódico, sempre determinado e concluído), de viver o cotidiano em toda a variedade de suas situações e não através dos episódios determinantes e acabados; o caráter de acontecimento romanesco recusa o acabamento e permanece inteiramente aberto. Essa alegria de viver que acompanha o caráter de acontecimento romanesco não corresponde, claro, a uma pura vitalidade biológica; a mera concupiscência, a atração biológica, só poderiam gerar a *factualidade* de um ato e não a consciência de seus valores (e, menos ainda, dar-lhe uma forma). É quando o processo da vida é percebido como valor, quando se enche de conteúdo, que o caráter de acontecimento romanesco se alinha na série de fatos que asseguram a realização dos valores do dado implicada pelo conteúdo de uma vida

em devir. É no plano de valores da consciência, onde se situa igualmente a luta pela vida (a conservação biológica, a adaptação da espécie), nas condições determinadas de um mundo cujos valores estão adquiridos (neste-mundo, sob-o-sol, etc.), que se situam os valores da aventura (quase totalmente isentos dos significados do objeto e do sentido: trata-se, pura e simplesmente, de interpretar a vida como um valor romanesco e livre de qualquer responsabilidade no acontecimento único da existência). O individualismo do aventureiro é um individualismo espontâneo e ingênuo, o valor atribuído à aventura pressupõe o mundo validado dos outros no qual o herói da aventura se enraíza e do qual admite os valores que fundamentam sua existência: basta que o privem deste solo, desta atmosfera (deste mundo) estabelecida pelos valores do outro para que pereçam os valores da aventura, por não ter mais com que respirar; a aventura critica é impossível; os significados do sentido a desagregam, ou então ela se torna desesperançada (é a corda bamba, a cabeça quente). Na vida terrena (aqui embaixo, sob o olhar do céu) onde transcorre a existência, os valores da aventura também são impossíveis. O caráter de acontecimento romanesco depende do oxímoro inconsciente: a alegria e a dor, a verdade e a mentira, o bem e o mal estão indissociavelmente fundidos na unidade da corrente que carrega o aventureiro ingênuo cujo ato não se determina pelo contexto do sentido que oporia suas coerções ao *eu-para-mim,* mas pelo contexto do outro que se apodera de mim (não se trata, claro, da força cega da natureza, mas da *natureza no homem* que recebeu sua razão de ser e sua forma; é nesse sentido que o bem, o mal, a alegria, o sofrimento têm seus respectivos pesos de valores como tais, que são porém contrabalançados pelo peso superior dos valores de que é indexado o conteúdo da vida como tal, da alteridade existencial como tal, e que faz com que o significado deles deixe de remeter às coerções irredutíveis que seriam a única força decisiva e determinante de uma vida, pois, em sua base, não está presente a consciência de ser o único a ocupar um dado lugar no acontecimento singular e único da existência, ante o futuro do sentido).

Esse romanesco da aventura, cujos valores organizam a vida e os atos-peripécias do herói, organiza igualmente a narrativa dessa vida através do enredo romanesco que se desenrola sem cessar e sem razão na forma pura da aventura: o interesse suscitado pelo romanesco e pela aventura no leitor-autor ingênuo não é transcendente ao interesse que ele apresenta na vida do herói ingênuo.

Tais são os três componentes básicos dos valores biográficos na aventura-heróica.Um deles pode, claro, predominar numa determinada forma, concreta, mas os três estão sempre presentes na biografia do primeiro tipo. É a modalidade que mais se aproxima daquela peculiar ao devaneio sobre a vida. No entanto, o sonhador (o tipo do herói de *Noites brancas*) é um herói biográfico que perdeu sua espontaneidade, sua ingenuidade e começou a refletir sobre si mesmo.

O herói biográfico do primeiro tipo possui uma escala de valores e virtudes biográficas: coragem, honra, magnanimidade, generosidade, etc. Trata-se de uma moral ingênua que atinge a consistência de um dado: suas virtudes são destinadas a superar uma existência natural e neutra em sua força cega (biológica) em nome da própria existência, mas validada num sistema de valores (os da alteridade) da existência cultural, da existência histórica (o rastro petrificado do sentido na existência que tem seu valor no mundo dos outros; o crescimento orgânico do sentido na existência).

A vida biográfica do primeiro tipo parece-se com uma dança em ritmo lento (o ritmo acelerado corresponde ao lirismo). Tudo o que é interior e tudo o que é exterior tendem a coincidir na consciência com os valores do outro: o interior tende a exteriorizar-se e o exterior tende a interiorizar-se. Encontramos as concepções filosóficas surgidas com base neste primeiro tipo biográfico na filosofia estética de Nietzsche; encontramo-las, em parte, nas concepções de Jacobi (para quem, porém, o elemento religioso decorre da fé); a filosofia contemporânea, de orientação biológica, nutre-se igualmente dos valores que lhe vêm deste primeiro tipo biográfico.

Passemos à análise da biografia do segundo tipo (sócio-doméstico). Neste segundo tipo, a história não é uma força organizadora da vida; a humanidade dos outros de que participa e na qual se situa a vida do herói é dada por um ângulo não mais histórico (a humanidade da história) e sim social (a humanidade social); é a humanidade dos vivos (dos vivos do presente) e não a humanidade dos heróis mortos e dos descendentes

prometidos à vida, uma humanidade em que os vivos do presente - com as relações que se estabelecem entre eles - só figuram de modo passageiro. Numa concepção histórica da humanidade, o que constitui o centro dos valores são os valores históricos, culturais, que organizam a forma do herói e da vida heróica (a grandeza, o poder, a importância histórica, a proeza, a glória, etc., e não a felicidade e a abundância, a pureza e a honra); numa concepção social da humanidade, o que constitui o centro dos valores são os valores sociais e, acima de tudo, familiares (a “bom nome” junto aos contemporâneos, o “homem bom e honesto”, e não a fama histórica junto aos descendentes), que organizam a vida privada e familiar em seu dia a dia, em seus pormenores rotineiros, cotidianos (o comum e não o incomum) - uma vida cujo evento mais importante não ultrapassa o âmbito dos valores incluídos no contexto familiar ou privado que basta para contê-la do ponto de vista das felicidades ou das infelicidades experimentadas pela própria pessoa ou por seus próximos (cujo círculo pode ser indiferentemente amplo ou restrito no seio da humanidade social). Nesse tipo biográfico, também não encontraremos a aventura e o que predomina é o elemento descritivo - o apego às coisas e pessoas comuns que valorizam a uniformidade da vida e dão-lhe conteúdo (na biografia do primeiro tipo, tínhamos os grandes contemporâneos, as figuras históricas e os grandes eventos). O amor à vida, na biografia do segundo tipo, é o prazer da duração prolongada que abrange coisas e pessoas amadas, o prazer da relação (não estar no mundo e ter importância nele, mas estar com o mundo, observá-lo, vivê-lo e revivê-lo outra vez). O amor, no contexto de valores da biografia social, passa, correlativamente, por metamorfoses que lhe asseguram um vínculo, não mais com o louro, mas com os valores próprios desse contexto, não obstante, ele conserva a função de ordenar e de dar forma aos pequenos detalhes (extra-significantes) da vida no plano dos valores veiculados pela consciência do outro (que, no plano da autoconsciência, não poderiam ser pensados nem receber uma forma).

No segundo tipo biográfico, as modalidades da narrativa são em geral mais individualizadas, mas o protagonista, o narrador, só se ocupa em amar e em observar e, por assim dizer, não age; não se presta muito ao caráter de acontecimento romanesco; ele vive o "cotidiano" e sua atividade é totalmente solicitada pela observação e pela narração.

Neste segundo tipo, distinguimos muitas vezes dois planos: 1) O próprio herói-narrador é representado do interior, de um modo igual ao que vivemos o mundo de nosso devaneio e de nossas recordações, onde figuramos como herói, um herói pouco assimilado aos outros que o rodeiam, com a diferença de que o narrador (distinguindo-se nisto do outro) está situado num plano interior - ainda que a distinção dos planos não seja normalmente muito nítida -, parece situar-se bem na fronteira da narração: ora ele está incorporado a ela representando o herói biográfico, ora tende a coincidir com o autor (o portador da forma), ora aproxima-se do sujeito da confissão (é o que encontramos na trilogia de Tolstoi, *Infância, Adolescência, Juventude:* em *Infância,* a distinção dos planos é quase imperceptível, em *Adolescência,* e particularmente em *Juventude,* ela se torna sensivelmente marcante - a autoprojeção e a estupidez psíquica do herói; o autor e o herói se aproximam). 2) No tocante às outras personagens, sua representação comporta grande número de traços que lhes são transcendentes: eles podem corresponder não só ao *caráter* mas também ao *tipo* (esses traços que lhes são transcendentes nos são dados através da consciência do herói - do narrador - e o herói iguala-se então ao autor). Sua vida se apresenta em forma de episódios concluídos, desde que não se entrelace estreitamente demais com o todo concluído de uma ação romanesca, com a vida do herói biográfico - do narrador.

A duplicidade dos planos na estrutura da biografia mostra que o mundo biográfico começa a desagregar-se: o autor adquire espírito crítico, a posição exotópica que ele ocupa em relação a todos os outros torna-se uma posição consubstancial; ele participa menos do mundo dos valores do outro, e o sistema dos valores do outro perde sua autoridade. O herói biográfico se limita a ser aquele que vê e ama o outro, mas não o vivencia: o outro se situa à sua frente, começa a separar-se e assume uma forma transcendente a si mesmo. Estes são os dois tipos biográficos básicos. (Acrescentarei alguns elementos complementares específicos dos valores biográficos: a genealogia, a família, a nação; a validação da determinação nacional, da tipicidade nacional extra-significante, a classe social, a época e sua tipicidade extra-significante; a idéia da paternidade, da maternidade e da condição de filho no mundo biográfico; a biografia sócio-doméstica e o que a vincula ao realismo: fazer com que sua própria vida possa ser contida no contexto da contemporaneidade; isolar o contexto de valores da contemporaneidade em sua relação com o passado e o futuro; "a vida" tirada do contexto de valores tal como ele se manifesta na imprensa semanal, na imprensa diária, na vulgarização científica, nas conversas sobre questões de atualidade, etc. Os valores biográficos do tipo sócio-doméstico e a crise das formas autorais - sua unidade comprometida, a de um autor, de um estilo.)

Esta é a forma biográfica em suas variantes fundamentais. Vamos agora analisar as modalidades da relação entre o herói e o autor que se estabelece na biografia.

Quando o autor cria o herói e sua vida, é guiado pelos valores em que o herói se inspira nesta vida; o autor, por princípio, não sabe mais que o herói e não dispõe de elementos excedentes e transcendentes para a criação que o próprio herói não possua para sua vida; em sua criação, somente continua o que é iniciado através da vida do herói. Não há oposição fundamental entre o ponto de vista estético e o ponto de vista a partir do qual a vida do herói é percebida: a biografia é sincrética. Tudo o que o autor vê em seu herói e quer para ele é o que este vê e quer em si mesmo e para si mesmo em sua vida. Se o herói da aventura viver suas peripécias com interesse, o autor, na representação que lhes dá, será guiado por um interesse idêntico ao que ele sentir pelas peripécias do herói; se o herói der mostras de heroísmo, o autor heroificará seu herói. Os valores e as possibilidades interiores que guiam o autor em sua representação do herói são os mesmos que guiam o herói em sua vida, pois a vida deste é espontânea e ingenuamente estética (os valores que a guiam são valores estéticos ou, mais exatamente, sincréticos), e é com igual espontaneidade e ingenuidade que o ato de criação será sincrético (os valores do autor não são valores puramente estéticos e não se opõem aos valores da vida, isto é, aos valores ético-cognitivos); o autor não é puro artista, assim como o herói não é puro sujeito ético. O autor, como artista, tem as mesmas convicções do herói, aprova o que o herói aprova, sem opor a este seu próprio senso ético do bem; para o autor, em princípio, o herói não sofre

um fracasso do sentido e, por conseguinte, não tem de ser salvo no plano de valores que for transcendente à sua vida. A morte do herói é levada em consideração, mas não tira o sentido da vida na medida em que não é o ponto de apoio que serve para fundamentar, em princípio, uma razão de ser extra-significante; a vida, a despeito da morte, não recorre a nenhum valor novo: ela só quer ser guardada na memória e fixada tal como sucedeu. Assim, na biografia, o autor está de acordo com o herói não só quando compartilha sua fé, suas convicções, seu amor, mas também quando pratica o ato de criação (sincrético), guiado pelos mesmos valores do próprio herói em sua vida estética. A biografia é o produto orgânico de épocas orgânicas.

Na biografia, o autor é ingênuo, aparenta-se com o herói: podem inverter seus respectivos lugares (daí a possibilidade de uma coincidência de pessoas na vida, isto é, da autobiografia). O autor, claro, como um elemento constitutivo da obra de arte, jamais coincide com o herói: eles *são dois,* sem entrar todavia numa relação de oposição, já que o contexto de seus respectivos valores é da mesma natureza; o portador da unidade da vida - o herói -, e o portador da unidade da forma - o autor - pertencem ambos a um mesmo mundo de valores. O autor, como portador da unidade formal acabada, não tem de superar a *resistência do herói* no nível do sentido da vida (ético-cognitivo), o herói em sua vida encontra-se sob o domínio do autor-*outro* potencial. Ambos, o herói e o autor, são *os outros,* e pertencem a um mesmo mundo de valores dos *outros* que serve de norma. Na biografia, não saímos fora dos limites do mundo dos outros, e a atividade criadora do autor não nos leva além desses limites: ela se situa inteiramente dentro da alteridade e é solidária com o herói em sua passividade ingênua. A criação do autor não se prende ao ato, mas à existência, o que a deixa na insegurança e na necessidade. O ato de biografia é, em certa medida, um ato unilateral: há duas consciências, sem haver duas posições de valores; há duas pessoas e, em vez de *eu* e *o outro, há dois outros.* O princípio de alteridade do herói não se acha expresso: a tarefa não impunha assegurar o resgate do passado sem levar em conta o sentido. Observamos, claro, o encontro de duas consciências, mas ambas estão de acordo, e o mundo de seus respectivos valores

quase coincide: o mundo do autor não se beneficia do princípio que lhe assegura seu excedente; falta igualmente o princípio segundo o qual duas consciências se autodeterminam uma em relação à outra (uma delas é passiva no plano da vida, ao passo que a outra é ativa no plano estético).

No mais fundo de si mesmo, claro, também o autor da biografia vive sua não-coincidência consigo mesmo e com seu herói, pois ele não se entrega plenamente na biografia, preservando para si uma saída interior que lhe permite fugir para fora das fronteiras do dado e o que o faz viver é, naturalmente, esse excedente que o beneficia no tocante ao dado-existencial; porém, no interior da biografia, esse excedente só encontra certa expressão negativa, sem poder alcançar uma expressão positiva: o excedente do autor é transferido ao herói e a seu mundo, e, por conseguinte, compromete-lhe a conclusão e o acabamento.

O mundo da biografia não é fechado nem concluído, e o princípio de fronteiras firmes não o isola no interior do acontecimento da existência. A biografia, decerto, participa do acontecimento, mas é só pela tangente, pois sua participação direta ocorre o mais perto possível do mundo da família, da nação, da cultura; o mundo imediato a que pertencem o herói e o autor, o mundo da alteridade, apresenta certa condensação dos valores e, por conseguinte, ele é até certo ponto isolado; mas o é de uma forma natural-ingênua, totalmente relativa, de uma forma que, em princípio, não diz respeito à estética. A biografia não é uma obra, é um ato orgânico e ingênuo que se realiza na tonalidade estética, no interior de um mundo em principio aberto, mas que tem seus próprios valores autoritários e é organicamente auto-suficiente. A vida biográfica e o discurso biográfico sobre a vida estão imersos na fé e no calor que dela emana; a biografia é profundamente confiante, contudo de modo ingênuo (sem questionamento); ela pressupõe uma atividade benevolente exterior que se exerce em seu favor, mas que não pode ser assumida pelo autor por este se situar dentro da vida onde, conjuntamente com o herói, tem necessidade dessa atividade (vale lembrar que ambos são passivos e ambos se encontram no mesmo mundo da existência); é uma atividade que se situa fora das fronteiras da obra em seu todo (um todo que não está completamente acabado e isolado); a biografia, da mesma forma que a confissão, repercute fora de suas próprias fronteiras. (Como os valores biográficos estão submetidos ao domínio da alteridade, eles não são garantidos e nada os mantém, pois não podem ser internamente fundamentados por completo; na hora em que o espírito desperta, eles só podem manter-se à custa da insinceridade consigo mesmo.)

O desígnio biográfico conta com a intimidade de um leitor que participe do mesmo mundo da alteridade; esse leitor ocupa a posição do autor. O leitor crítico percebe a biografia como material quase bruto suscetível de receber a forma e o acabamento artístico. Tal percepção compensa a lacunosidade das posições do autor e pode levar à exotopia completa, introduzindo na obra elementos que lhes são transcendentes e lhe asseguram o acabamento.

E óbvio que a biografia assim entendida é uma forma ideal extrema à qual tendem uma obra de caráter biográfico ou as partes biográficas de uma obra não biográfica. Naturalmente, é possível uma estilização da forma biográfica, na tonalidade de um autor crítico.

O autor pode tornar-se puro artista quando deixa de ser ingênuo, quando já não se enraíza inteiramente no mundo da alteridade, quando *já rompeu seu laço congênito* com o herói, quando se tornou cético ante a vida do herói; aos *valores da vida* do herói, ele oporá sem cessar os *valores de acabamento* que são transcendentes aos heróis; ele lhe assegurará o acabamento a partir do ponto de vista que se distingue por princípio daquele que o herói tinha ao viver sua vida do interior; a todo momento o narrador tenderá a utilizar o excedente fundamental inerente à sua visão *e que falta ao* herói cuja razão de ser, que lhe é transcendente, será com isso fundamentada; o olhar e a atividade do autor consistirão essencialmente em *englobar* e em elaborar o que por princípio constitui justamente as *fronteiras de sentido do herói,* o lugar onde sua vida está voltada para fora; é assim que ficará traçada uma demarcação decisiva entre o herói e o autor. É claro que a biografia não oferece o todo do herói, pois este não pode ser acabado no âmbito dos valores biográficos.

A biografia é uma dádiva que recebo dos outros e para os outros, mas disponho dela com toda ingenuidade e tranqüilidade (daí os acentos de fatalidade que se fazem ouvir numa vida valiosa biograficamente). É evidente que, na biografia, a diferenciação entre *horizonte* e *ambiente* é instável e não tem uma importância decisiva; o ato de *empatia* terá nela sua importância máxima. É isso que se pode dizer sobre a biografia.

3. *O herói lírico.*

A objetivação lírica do homem interior pode tornar-se auto-objetivação. Aqui também o herói e o autor ficam muito próximos, mas o autor disporá de um leque maior de elementos transcendentes à vida interior do herói. No capítulo anterior, vimos que o ritmo transcende fundamentalmente à alma viva. Dentro de si mesma, a vida interior não se presta ao ritmo, assim como não se presta ao lirismo. A forma lírica se introduz nela de fora e expressa não a relação da alma consigo mesma, mas a relação de valor que o outro, como tal, mantém com ela; é por isso que no lirismo a exotopia do autor é tão fundamental e tão intensa, e este deve aproveitar ao máximo o privilégio que o situa fora do herói. Ainda assim, o herói e o autor ficam tão próximos na obra lírica como na obra biográfica. Entretanto, se na obra biográfica, como já vimos, o mundo dos outros, dos heróis da minha vida, assimila-me totalmente, a mim que sou seu autor - o autor que não tem nada a opor ao herói, poderoso e forte em sua autoridade, a não ser um acordo (o autor parece ser mais pobre que o herói) -, na obra lírica observamos um fenômeno inverso: o herói não tem, por assim dizer, nada a opor ao autor; o autor penetra-o completamente, não lhe deixando, bem no fundo do herói, senão uma autonomia puramente potencial. É total a vitória que o autor obtém sobre um herói desarmado (essa vitória é ainda mais sensível na música em que o princípio de alteridade é exercido de uma forma quase pura e a resistência de um possível herói é praticamente nula). Tudo quanto é interior no herói parece inteiramente voltado para o exterior, para o autor, e entregue à elaboração que este lhe dará. O objeto e o sentido, tais como seriam vivenciados pelo herói e tais como poderiam opor-se a um acabamento estético, estão ausentes na obra lírica; daí a facilidade com que *o herói coincide consigo mesmo, é igual a si mesmo* (até no lirismo filosófico o objeto e o sentido são

imanentes à vivência e se concentram numa vivência que exclui a não-coincidência consigo mesmo e impede desembocar no acontecimento aberto da existência; encontramo-nos diante de um pensamento já vivenciado que crê apenas em sua própria atualidade e não presume nem vê nada fora de Si mesmo). O que confere a um autor plenos poderes sobre o herói? O que faz com que o herói seja interiormente tão fraco (diríamos, tão pouco sério)? O que faz com que a vivência possa ficar tão totalmente isolada dentro do acontecimento existencial? Em outras palavras, em virtude de que os valores vinculados à posição criadora *têm tanta autoridade* no lirismo, a ponto de tornar possível a auto-objetivação lírica (a coincidência de pessoas entre o herói e o autor, fora do âmbito da obra)? (Pode-se ter a impressão de que o discurso lírico depende de uma única instância e não de duas; as configurações do autor e do herói se sobrepõem e seus centros coincidem.) Essa autoridade se deve a dois fatores:

1) No lirismo, não encontramos as modalidades que expressam o homem no espaço e o incluem nele, o herói não é localizado nem delimitado no mundo exterior e, por conseguinte, ele não dá a sensação do finito do homem no mundo (o infinito do espírito na formulação romântica corresponde melhor às manifestações da forma lírica); a vida do herói não é tampouco determinada e delimitada pelo finito de uma ficção romanesca, e, enfim, o herói não tem a conclusão de um caráter, e fronteiras nítidas não lhe demarcam a vida interior em seu todo (o lirismo só diz respeito a um momento dessa vida). Esse primeiro aspecto cria a ilusão de que o herói se mantém em sua integridade, de que conservou sua posição interior, sua própria prática de percepção de si mesmo, de que só tem de se haver consigo mesmo e com mais ninguém, de que é *independente, livre de qualquer* domínio, e graças a essa ilusão, o autor penetra no âmago do herói e o mantém totalmente sob seu domínio, impregna-o totalmente de sua atividade à qual o herói se abandona de livre e espontânea vontade. O autor, todavia, a fim de exercer seu poder sobre o herói nesse nível interior íntimo, deve apurar-se até alcançar uma *exotopia* puramente

interior a respeito do herói, tem de renunciar a aproveitar sua exotopia espacial e sua exotopia temporal exterior (a exotopia exterior só é útil para a concepção clara de uma ficção romanesca concluída) e do *excedente* de visão e de conhecimento relacionado com elas, até ocupar uma posição exclusivamente axiológica, situada *fora da trajetória do escopo interior do herói* (e não fora do homem em seu todo), fora do *eu,* deixado tenso por esse escopo, fora da trajetória da relação pura que o herói eventualmente poderia estabelecer consigo mesmo. E o herói, independente exteriormente, não o é no interior de si mesmo, em seus valores: *o outro,* que o penetrou, o mantém afastado de uma trajetória que poderia desembocar numa relação de valor consigo mesmo, e impede que essa relação se torne a única força capaz de dar uma forma ao herói e de organizar-lhe a vida interior (ele o impedirá de arrepender-se, de suplicar, de superar a si mesmo) — *o* que o entregaria ao pré-dado do acontecimento singular e único da existência, que não conhece solução, e no qual a vida do herói só pode expressar-se pelo ato, pelo discurso introspectivo objetivo, pela confissão e pela prece (no lirismo, mesmo a confissão ou a prece parecem dirigir-se a si mesmas e tendem a ser tranqüilamente auto-suficientes, a coincidir alegremente, com sua atualidade pura, sem nada pressupor fora de si mesmas, no acontecimento por-vir; o arrependimento se faz num tom que já não é o da contrição mas o de uma validação, a súplica se faz sem a necessidade real de uma satisfação). Assim, esse primeiro fator revela o domínio interior exercido sobre o herói pela posição de valores, igualmente interior, do outro.

2) A autoridade do autor é a autoridade do *coro.* No lirismo, o domínio, em sua base, é o *domínio do coro* (a existência encontrou sua validação, sua sustentaçào no coro). O que canta e se exprime em mim não é a natureza indiferente (que só pode engendrar fatos de concupiscência, fatos transitivos, e não pode expressar seus valores, seja qual for a espontaneidade de sua manifestação); o que confere à minha expressão força e poder - uma força e um poder referentes aos valores e não à natureza física -, o que faz com que ela exerça seu poder e obtenha a vitória é o fato de ela pertencer ao coro. Aí, em vez de situada no plano da pura factualidade, da atualidade física, minha voz se encontra transposta para outro plano, para o plano de uma existência que é validada de fora, sancionada em sua emocionalidade O lirismo proporciona uma visão e uma audição de si mesmo, de seu interior, através do olhar emocional e da *voz* emocional do outro: ouço-me no outro, com os outros e para os outros. Objetivar-me num modo lírico é consentir que *o espírito da música* me mantenha em seu poder, me penetre e me impregne. O espírito da música, o coro possível: eis no que reside a autoridade da posição exotópica que o autor interior ocupa em relação à minha vida interior. Encontro-me na emoção de uma voz alheia, encarno-me na voz alheia que me canta, encontro nela uma abordagem válida para minha própria emoção interior; através do canto de uma alma amorosa canto a mim mesmo. Essa voz alheia, que me chega de fora e organiza minha vida interior, é a do coro possível; é uma voz harmonizada com esse coro e que percebe, no exterior de si mesma, a possível sustentação do coro (no silêncio e no vazio absolutos, essa voz não poderia ter tanta ressonância; a violação individual e totalmente solitária do silêncio absoluto tem algo de assustador e de ímpio, e degenera num grito que dá medo a si mesmo e se irrita consigo mesmo em sua atualidade bruta e enervante; a violação solitária e totalmente arbitrária do silêncio implica uma responsabilidade infinita ou um cinismo que nada funda. A voz pode cantar somente numa *atmosfera cá/ida,* na atmosfera de uma possível sustentação do coro, na *não-solidão sonora).* O devaneio sobre si mesmo pode

ocorrer no lirismo, mas só se torna produtivamente criador com a condição de saber dominar a música da alteridade. Também o lirismo é profundamente confiante, de uma confiança imanentizada à pessoa poderosa, autorizada, amorosamente validada do autor - portador de minha unidade formalmente acabada. Minha emoção só adquirirá ressonância lírica na medida em que eu não me sentir solitariamente responsável por ela, mas em que me sentir solidário com os valores do outro em mim, em que sentir minha passividade no possível coro dos outros, um coro que me terá rodeado de todos os lados e que parece proteger-me contra o pré-dado *imediato* e premente do acontecimento existencial. Eu ainda não saí do coro na qualidade de herói-protagonista que, mesmo guardando condensados em sua alma os valores do coro, da alteridade, já percebeu sua solidão: sua qualidade de herói trágico (de *outro* solitário); no lirismo ainda participo integralmente *do* coro e é dele que tomo a palavra. Nas formas líricas, naturalmente, o amor possui um poder organizador considerável, mais do que em qualquer outro lugar: é o amor desprovido de qualquer materialidade, de qualquer significado de objeto e de sentido, que organiza uma vida interior auto-suficiente, é o *amor* à *mulher*, que está acima da compreensão da humanidade social e histórica (a Igreja e Deus). Uma atmosfera amorosa pesada e ardente é necessária para condensar o movimento da alma, puramente interior, quase desprovido de qualquer materialidade, por vezes caprichoso (só notamos seu capricho no amor do outro, é o jogo do desejo na atmosfera carregada e capitosa do amor; o pecado é muitas vezes o capricho nocivo em Deus). O lirismo do amor desesperançado, por sua vez, só se move e vive num amor possível, na antecipação do amor. (Formas típicas do lirismo do amor e da morte. A imortalidade concebida como postulado do amor.)

O lirismo conhece sua forma particular de degenerescência que resulta da diminuição da autoridade exterior, dos valores que eu reconhecia interiormente no outro, da diminuição da minha c*onfiança* numa esperada sustentação potencial do coro - daí nascerá a vergonha lírica de si mesmo, a *vergonha do patos lírico, a* vergonha da sinceridade lírica *(a reviravolta lírica* — a ironia — e o *cinismo lírico).* Julgaríamos ouvir uma *voz que se parte,* sentindo-se de repente fora *do coro.* (Do nosso ponto de vista, não há uma demarcação rígida entre o lirismo coral e o lirismo individual; o lirismo sempre se alimenta da sua confiança na sustentação potencial do coro; as diferenciações ocorrem em função das variações estilísticas e das particularidades técnicas da forma; aparece uma diferença somente quando diminui a confiança no coro, quando começa a degenerescência do lirismo. O individualismo pode determinar a si mesmo de modo positivo e sem ter vergonha de sua própria determinação, tão-somente na atmosfera de confiança, de amor e de sustentação potencial que o coro inspira. O indivíduo não existe fora da alteridade.) E isso que se observa na época do decadismo e no lirismo dito realista (Heine). Encontramos exemplos em Baudelaire, Verlaine, Laforgue. Mais particularmente na poesia russa, há Slutchevski e Annenski que são *vozes fora do coro.* Também no lirismo encontram-se formas específicas do inocente-iluminado. É no momento em que o herói começa a libertar-se do domínio do outro (que perdeu a autoridade), no momento em que o objeto e o sentido se tornam *imediatamente significantes* para ele (que se encontra de repente perante si mesmo, no interior do acontecimento existencial, à luz do sentido pré-dado), que ele não pode mais alcançar o equilíbrio, não pode mais coincidir consigo mesmo e vê de repente a sua nudez de que terá vergonha - e o paraíso se desfaz. (O lirismo na prosa de Biely prende-se, em parte, à corrente vinculada ao inocente-iluminado. Encontramos em Dostoievski exemplos de lirismo prosaico em que a força organizadora reside na vergonha de si mesmo. É uma forma que se aproxima da confissão matizada de antropomaquia.) É isso que se pode dizer do lirismo e da relação que se estabelece entre o herói e o autor. O autor ocupa uma posição forte e autoritária, a independência do herói, e o escopo que marca sua vida são reduzidos ao mínimo: o herói mal tem uma *vida* e apenas se reflete na alma do autor ativo, do outro que o mantém sob seu domínio. O autor praticamente não tem de vencer nenhuma resistência que emane do herói. Mais um passo, e o discurso lírico se torna forma puramente imaterial de uma virtual graça concedida a um virtual herói (que permanece o portador do conteúdo, do contexto de valores transliterários que apenas um herói é suscetível de ser). O discurso lírico se encontra num total isolamento dentro do acontecimento existencial. O que distingue o lirismo declamatório do lirismo encantatório não é essencial para nós. É uma diferença de grau na independência que o herói usufrui no tocante ao objeto e ao sentido, e não uma diferença de natureza.

4. O caráter.

Vamos agora examinar o *caráter*, pelo ângulo da relação que se estabelece entre o herói e o autor. Afastaremos da nossa análise, naturalmente, o princípio estético que preside à estrutura do caráter, uma vez que ele não concerne diretamente ao nosso problema. Por isso nosso exame da estética do caráter ficará incompleto.

O caráter se distingue claramente de todas as formas de expressão do herói que estudamos até agora. Em nenhum lugar, quer se trate da introspecção-confissão, quer da biografia, quer do lirismo, o *todo do herói* não integrava o desígnio artístico, não era o centro de valores e da visão artística (o herói está sempre no centro da visão, mas não o seu todo, a completitude e o finito de sua determinação). A introspecção-confissão, de uma maneira geral, é isenta de um desígnio artístico e nela não se encontram os valores propriamente estéticos do todo, do todo em sua atualidade. A *bio*grafia se atribui como tarefa artística fundamental representar a *vida* em seus valores biográficos, a vida do herói, mas não visa determiná-lo interior e exteriormente, dar-lhe uma imagem concluida; o importante não é saber *quem* ele era, mas *o que viveu,* o que fez. A biografia, claro, comporta também aspectos que determinam a imagem do herói (a heroificação), mas nenhum desses aspectos assegura o acabamento da pessoa; o herói é significante a título de portador de uma vida histórica notável e determinada, plena e rica; é essa vida que constitui o centro dos valores da visão e não o todo do herói, cuja vida pessoal, em suas determinações, não passa de uma caracterização sua.

O desígnio que visa criar o todo do herói também está ausente do lirismo: o centro dos valores da visão é constituído por um estado interior ou por um acontecimento que não caracteriza o herói, sendo este apenas o portador de uma vivência que não lhe assegura o acabamento necessário a um todo. Se, na diversidade das formas de correlação que ligam o herói ao autor - por nós analisadas -, só enfatizamos a proximidade mais ou menos acentuada entre o herói e o autor (e uma coincidência de pessoas fora do âmbito da obra), foi porque a atividade do autor não visava o estabelecimento e a elaboração *de fronteiras nítidas* para o herói e, conseqüentemente, das *fronteiras fundamentais* que separam o autor do herói (o que importava era o mundo que englobava conjuntamente o herói e o autor).

Denominamos *caráter* uma forma de correlação entre o autor e o herói que visa a realização do todo do herói concebido como pessoa determinada: desde o início o herói nos é dado como um todo, e desde o início a atividade do autor se exerce nas fronteiras que circunscrevem o herói; todas as coisas têm por função caracterizá-lo, resumem-se a formular a pergunta (e a respondê-la): *quem* é ele. É evidente que teremos dois planos de percepção dos valores, dois contextos de valores para a consciência (um deles engloba os valores do outro e prevalece sobre o outro): 1) o horizonte do herói e o significado de seu procedimento ético-cognitivo tal como ele é para o próprio herói; 2) o contexto do autor-contemplador para quem esse procedimento se torna uma caracterização do todo do herói e adquire um significado determinante e organizador (a vida é modo de vida). O autor é *crítico* (enquanto autor, claro): lança mão de todos os privilégios da sua exotopia completa em relação ao herói. Nessa forma de inter-relação o herói é independente, vivo, consciente e resoluto no escopo de sua vida, em seus valores éticos e cognitivos; o autor situa-se diante dessa atividade do herói e dá sua transposição em linguagem estética; cada um dos aspectos da atividade que o herói desenvolve em sua vida encontra sua determinação artística, transcendente a essa vida. *A relação entre o autor e o herói tem aqui um cunho sempre intenso e fundamental.*

A construção do caráter pode ser feita segundo duas tendências principais: a construção *clássica* e a construção *romântica.* O fundamental para o primeiro tipo de construção é o valor artístico do *destino* (damos aqui a esta palavra uma significação inteiramente definida e delimitada que se esclarecerá com o prosseguimento de nossa explanação).

1) O *destino,* na existência, corresponde a uma determinação total da pessoa marcada por uma necessidade que predetermina todos os acontecimentos de sua vida; desse modo, a vida é somente a realização (o cumprimento) daquilo que desde o início se encontrava na determinação da existência. A pessoa constrói sua vida de seu interior (ela pensa, sente, age) em função dos objetivos, realizando os significados do objeto e do sentido pelos quais se orienta sua vida: age como deve agir por ser o correto, por ser o necessário, por ela ter vontade, etc. Ora, ela apenas cumpre a necessidade de seu destino, em outras palavras, determina-se na existência, determina sua própria face na existência. O destino é a transcrição artística do rastro deixado na existência por uma vida regulada de seu interior por seus objetivos, é a expressão artística do *depósito* deixado na existência por uma vida que é *completamente pensada* de seu interior. Esse depósito na existência também deve ter sua lógica, mas não é a *lógica dos objetivos* da própria vida, e sim a lógica puramente artística que governa a unidade e a necessidade interna da imagem. O destino é a individuali-

dade, isto é, a determinação substancial vinculada à existência da pessoa, determinante para toda a vida e todos os atos da pessoa: nesse sentido, também o ato-pensamento não se determina do ponto de vista de seu significado teórico-objetivo, mas do ponto de vista da individualidade — enquanto algo característico, precisamente para a pessoa determinada dada, enquanto algo predeterminado pela existência dessa pessoa dada; é da mesma maneira que todos os atos possíveis são predeterminados pela individualidade, realizam-na. Todo o curso da vida com seus acontecimentos, e por fim a morte, tudo será percebido como necessário e predeterminado pela individualidade determinada da pessoa - por seu destino; e no plano do destino-caráter, a morte do herói não é um final mas um acabamento e, de um modo geral, cada um dos aspectos de sua vida recebe um significado artístico, torna-se artisticamente necessário. Está claro que nossa concepção do destino difere da concepção habitual, que é muito ampla. O destino vivido do interior como uma força externa irracional que nos determina a vida, sem levar em conta os objetivos, os sentidos e as aspirações dela, não corresponde ao valor artístico do destino na acepção que lhe damos, pois este é um destino que não ordena a vida em um todo necessário e artístico e, pelo contrário, tem a função puramente negativa de desordenar a vida que aspira à ordenação que lhe proporcionam os objetivos e as significações do objeto e do sentido. Essa força pode, sem dúvida, inspirar uma profunda confiança quando é percebida como o desígnio de Deus; o desígnio divino me encontra aquiescente, mas não pode tornar-se a forma que me ordena minha vida. (Pode-se amar abstratamente um destino sem rosto, mas não é possível encará-lo como um todo necessário, com sua unidade interior, seu finito artístico, como se contempla o destino de um herói.) Não compreendemos a lógica do desígnio divino, apenas cremos, temos fé nele, ao passo que compreendemos perfeitamente bem a lógica do destino do herói e não lhe damos fé (naturalmente, trata-se da compreensão artística e da força de convicção do destino, e não de cognição). O destino, como valor artístico, é transcendente à autoconsciência. O destino é um valor básico que regula, ordena e reduz à unidade tudo o que é transcendente ao herói; tiramos proveito de nossa exotopia a respeito do herói para compreender e ver o todo de seu destino. O destino não é o *eu-para-mim* do herói, mas sua existência, é o que lhe é dado, o que ele resultou ser; não é a forma de seu pré-dado, mas a forma de seu dado. O caráter clássico elabora-se justamente como um destino. (O herói clássico ocupa um lugar determinado no mundo, no que é o essencial de si mesmo, já está determinado e, conseqüentemente, está perdido. Depois disso, *toda* a sua vida será explicada no sentido de um desempenho possível. Tudo quanto o herói realiza não é motivado artisticamente por sua vontade moral e livre, mas por sua existência determinada: ele age *assim* porque é *assim.* Nele não deve haver nada de indeterminado para nós; tudo quanto se realiza desenvolve-se dentro das fronteiras previamente dadas e predeterminadas: realiza-se o que devia realizar-se e não podia deixar de realizar-se.) O destino é a forma em que se ordena o passado do sentido: contemplamos o herói clássico desde o início no passado, um passado em que não poderia haver nem descobertas nem revelações.

Cumpre assinalar que para a construção do caráter clássico, marcado pelo destino, o autor não deve dominar muito o herói e deve usar com moderação dos privilégios de uma exotopia puramente temporal e conjuntural. O autor clássico utiliza sua exotopia numa ótica de eternidade; por isso o passado do herói é o passado *eterno* do homem. A posição exotópica não deve ser excepcional, segura e original.

(O laço congênito ainda não está rompido, o mundo é límpido, não se crê no milagre.)

O autor clássico é dogmático acerca da visão do mundo de seu herói. Sua posição ético-cognitiva deve ser incontestável ou, mais exatamente, não deve ser questionada; caso contrário, introduzir-se-ia o momento de *culpa e de responsabilidade* - a unidade artística e a integridade do destino seriam aniquiladas. O herói ficaria livre, poderíamos fazê-lo comparecer perante um tribunal de honra: se lhe tirarmos a necessidade, nada o impedirá de ser diferente. Quando lhe introduzimos a culpa moral e a responsabilidade (e, conseqüentemente, a liberdade moral, a liberdade no tocante à necessidade natural e estética) ele deixa de coincidir consigo mesmo, e a posição exotópica do autor, no que tem de essencial (isentar o outro da culpa e da responsabilidade, contemplá-lo *fora do sentido),* fica desorientada, o acabamento artístico fica impossível.

A *culpa,* claro, está presente no caráter clássico (o herói da tragédia quase sempre é culpado), porém não é uma culpa moral mas a culpa da existência: a culpa é investida pela *força da existência* e não pela *força do sentido* da *auto*condenação moral (o pecado contra a pessoa divina e não contra o sentido). O conflito, no interior do caráter clássico, é um conflito e um combate das *forças da existência* (das forças de uma existência da alteridade, claro, de uma axiologia dos valores naturais e não das grandezas psicológicas e físicas); não é o conflito das significações do sentido (o dever e a obrigação são relativos a uma axiologia dos valores naturais); esse combate é um *processo dramático* interno que nunca vai além dos limites do dado-existência e não o *processo* dialético do sentido da consciência moral. A culpa trágica situa-se inteiramente no nível dos valores do dado-existência e é imanente ao destino do herói; é por essa razão que a culpa pode ser totalmente transposta para fora dos limites da consciência e do conhecimento do herói (a culpa moral deve ser imanente à autoconsciência, nela devo perceber-me enquanto *eu),* no passado de suas origens (as origens representam uma categoria de valores naturais); o herói poderia ter cometido a falta sem suspeitar do significado do que era cometido; de qualquer modo, a culpa se encontra na existência como força e não se origina pela primeira vez na consciência moral livre do herói, que não é o iniciador absolutamente livre da culpa; não se sai dos limites da categoria dos valores da existência.

Qual é o terreno dos valores em que se enraizará o caráter clássico? Qual é o contexto dos valores culturais em que poderá manifestar-se o destino como força positiva capaz de acabar e de ordenar artisticamente a vida do outro? O *valor genealógico,* concebido como uma categoria em que a existência da alteridade encontra sua validação e me implica, também a mim, em sua realização — eis o terreno em que podem crescer os valores do destino (para o autor). *Eu não iniciei a vida,* não sou seu iniciador responsável por seus valores, e não disponho sequer dos valores susceptíveis de abrir-me um acesso ao que me converteria no *iniciador ativo da vida em que se encontraria a responsabilidade dos valores do sentido;* meus atos e meus juízos de valor só podem efetuar-se com base em uma vida já dada e já abonada em seus valores; *a seqûência dos meus atos*

vem alinhar-se numa série que eu não iniciei, e que apenas continuo (quer se trate do ato-pensamento, quer do ato-sentimento, quer do ato-realização); uma *relação de filiação* liga-me indissoluvelmente à paternidade e à maternidade genealógicas (no sentido estrito de origem-povo, de origem-espécie humana). Na pergunta: “Quem sou?” ouve-se a pergunta: “Quem são meus pais, quais são minhas origens?” Sou somente o que já sou; não posso negar meu *já-aqui* existencial pois não é a mim que ele pertence, mas à mãe, ao pai, às origens, à nação, à humanidade.

Se minhas origens (pai, mãe) constituem um valor, não é por *elas me pertencerem;* em outros termos, não sou *eu* que as torno valiosas (não é isso que dá valor à minha existência), e sim porque *eu pertenço* às minhas origens (à família da minha mãe, do meu pai); no plano dos valores, não me pertenço, não existo em valores pessoais que eu poderia opor a minhas origens. (Eu não posso negar e combater em mim senão valores que me pertençam pessoalmente, o que é só meu, o que é intervenção minha em meu patrimônio.)

É incontestável que a existência se determina na categoria dos valores genealógicos; essa determinação me é dada dentro de mim e eu não poderia opor-me a ela dentro de mim mesmo: em termos de valores, não existo *fora da genealogia.* Um *eu-para-mim moral* é a-genealógico (o cristão se sentia a-genealógico e o caráter imediato de uma filiação que o ligava ao céu abolia a autoridade da paternidade terrena). É nesse campo que se origina a força valorativa do destino para o autor. O autor e o herói pertencem entretanto a um mesmo mundo onde os valores genealógicos conservam toda a sua importância (de uma forma ou de outra - nação, tradição, etc.). A exotopia do autor encontra uma limitação e não se estende até ser exotópica à visão do mundo e à percepção do mundo do herói; o herói e o autor não têm nada para se contestar mutuamente, mas essa exotopia ganha em estabilidade (a contestação a desestabiliza). Os valores genealógicos convertem o destino num fator positivo na visão estética e no processo de acabamento do homem (a quem não é exigido ter uma iniciativa moral); quando o homem inicia uma seqüência de atos marcada por uma axiologia e um sentido, quando ele é moralmente culpado e responsável por si mesmo, por sua determinação, a

categoria dos valores do destino não lhe é aplicável e não lhe assegura o acabamento (Block e seu poema *A vingança).* (Nesse terreno dos valores, o arrependimento não pode penetrar-me e impregnar-me totalmente, não pode manifestar-se como introspecção-confissão pura; apenas o homem a-genealógico pode, ao que parece, conhecer um arrependimento absoluto.) Estes são os traços fundamentais do caráter clássico.

2) Passemos ao segundo tipo de construção do caráter: a construção *romântica.* O caráter romântico se distingue do caráter clássico pela arbitrariedade e pela iniciativa. O que é de suma importância é o fato de que o herói assume a *responsabilidade de iniciar* a seqüência dos atos da sua vida marcada pelos valores e pelo sentido. É precisamente essa orientação dos valores e do sentido que procede unicamente do herói e é objeto de sua atividade, essa posição ético-cognitiva no mundo, que o autor deve superar e acabar em sua

atividade estética. Os valores do destino, que pressupõem genealogia e tradição, já não podem servir para o acabamento artístico. O que irá conferir unidade e coesão artísticas, necessidade interior, a tudo o que determina o herói romântico e lhe é transcendente? É o termo da própria estética romântica, o *“valor da idéia”*, que explica melhor isso. A individualidade do herói não se revela como destino, mas como uma idéia, ou, mais exatamente, como uma encarnação da idéia. O herói que de seu interior age em função de uma finalidade, realizando os valores do objeto e do sentido, na verdade realiza certa idéia, certa verdade necessária da sua vida, certo protótipo de si mesmo, o desígnio que Deus concebera para ele. Daí resulta que os caminhos dessa vida, com seus acontecimentos e om o mundo das coisas que a rodeia, tudo isso recebe certa *simbolização.* O herói será um vagabundo, um errante (os heróis de Byron, de Chateaubriand, Fausto, Werther, Heinrich von Ofterdingen, etc.), e sua busca dos valores e do sentido (ele quer, ama, crê, etc.) encontra uma determinação que lhe é transcendente como etapas simbólicas do caminho artístico utilizado pela realização da idéia. Os componentes líricos ocupam, necessariamente, uma posição de destaque (o amor a uma mulher, como no caso do lirismo). A orientação do sentido, tal como se moldara no caráter romântico, deixou de ter autoridade e já não é percebida senão liricamente.

A posição exotópica do autor a respeito do herói romântico é, sem dúvida alguma, menos estável do que o era a respeito do herói clássico. O enfraquecimento dessa posição leva à desintegração do caráter, as fronteiras começam a pulverizar-se, o centro dos valores é transferido: em vez de situar-se nas fronteiras, situa-se dentro da própria vida (da orientação ético-cognitiva) do herói. O romantismo produz a própria forma do *herói infinito:* a autoprojeção do autor introduz-se no interior do herói e o reestrutura; o herói arrebata do autor todas as determinações que lhe eram transcendentes para apropriar-se elas vistas à sua própria evolução e à sua própria determinação, e em conseqüência disso se torna infinito. Paralelamente, apaga-se a demarcação entre as áreas culturais (idéia do homem e da sua integridade). É aí que se encontram os germes do inocente-iluminado e da ironia. O mais das vezes a unidade da obra coincide com a unidade do herói, e o que lhe é transcendente se torna aleatório e desarticulado, privado de sua unidade. Ou então, é a unidade do autor que se encontra salientada de um modo convencional e *estilizado.* O autor se põe a esperar revelações por parte de seu herói. Tenta-se extrair de dentro de uma consciência o reconhecimento de si mesmo que só se pode obter do outro, tenta-se fazer sem Deus, sem ouvinte, sem autor.

A degenerescência do caráter clássico desembocou no sentimentalismo e no realismo. Aqui, o que é transcendente ao herói compromete-lhe a autonomia. Isso se deve ao fato de a exotopia estar impregnada de um elemento moral ou de um elemento cognitivo (o autor, do alto de novas idéias e teorias, empreende examinar seu herói que incorreu em erro). No sentimentalismo a exotopia serve não só ao ponto de vista artístico, mas também ao ponto de vista moral (em detrimento da execução artística, claro). A piedade, o enternecimento, a indignação, etc. - todas estas reações de valor são de ordem ética e colocam o herói fora do âmbito da obra, comprometem-lhe o acabamento artístico; começamos a reagir ao herói como reagiríamos a uma pessoa real (a reação dos leitores aos primeiros heróis do sentimentalismo - a pobre Lisa, Clarissa, Grandison, etc., e, em parte, Werther - é impossível diante do herói clássico), a despeito de ele ser, do ponto de vista da execução artística, infinitamente menos vivo do que o herói clássico. O que preside às desventuras do herói já não é o destino, são simplesmente pessoas más que lhas ocasionam, que lhas infligem; o herói é passivo, só sabe sofrer, sem sequer precisar encaminhar-se à sua perda, são os outros que o perdem. O herói do sentimentalismo é o que melhor convém à obra tendenciosa, pois é o mais apto para suscitar sentimentos extra-estéticos de simpatia ou de ódio social. O essencial da exotopia artística está perdido para o autor que resvala para uma exotopia ética a respeito de *seu próximo* (aqui abstraímos totalmente o humorismo que é uma linha de força, puramente artística, do sentimentalismo). No realismo, o excedente cognitivo do autor reduz o caráter à situação de simples ilustração das teorias (sociais ou outras) do autor; fundamentando-se no exemplo do seu herói às voltas com os conflitos da sua própria vida (ora, um herói se ri das teorias), ele procura soluções para problemas cognitivos pessoais (na melhor das hipóteses, o autor utilizará o herói para colocar um problema). O elemento conflituoso não é incorporado ao herói e constitui um excedente da atividade cognitiva peculiar ao conhecimento do próprio autor, transcendente ao herói. Todas essas modalidades enfraquecem a autonomia do herói.

A forma que serve para uma representação da *situação* coloca problemas específicos, ainda que ela seja, às vezes, apenas o produto da degenerescência do caráter. Quando se lida com a situação propriamente dita, quando a visão artística se empenha em determinar o sentido contido num dado conjunto, abstraindo aquele que é seu portador - o herói - a situação sai do âmbito da nossa análise. Quando ela não é, efetivamente, senão o produto da degenerescência do caráter, ela não apresenta nada de novo. Estes são os traços fundamentais do caráter, pelo ângulo da relação do autor com o herói.

5. O tipo.

Se o caráter, em todas as suas variantes, é essencialmente plástico - acima de tudo plástico, no caso do caráter clássico-, o *tipo*, por sua vez, é pitoresco. Se o caráter estabelece uma relação com os valores últimos de uma visão do mundo e se vincula diretamente com esses valores últimos, expressa o es-

copo ético-cognitivo do homem no mundo e parece situar-se bem nas próprias fronteiras da existência, o tipo estabelece-se longe das fronteiras do mundo e expressa o escopo do homem acerca dos valores de um tempo e de um meio já concretizados e delimitados, acerca dos *bens;* em outras palavras, acerca de um sentido já transformado em existência (nos atos do caráter, o sentido ainda está preso ao processo que o transforma em existência). O caráter se situa no passado, o tipo, no presente; o ambiente do caráter recebe certa simbolização, o mundo material que rodeia o tipo se parece com um inventário. O tipo representa a posição *passiva* de uma pessoa coletiva. O essencial da forma de relação entre o herói e o autor é o seguinte: no excedente do autor proporcionado por sua exotopia, o elemento cognitivo tem uma importância capital, embora esse elemento não seja de ordem puramente científico-cognitiva ou discursiva (ainda que receba, às vezes, um desenvolvimento discursivo). Definiremos esse uso do excedente cognitivo, de um lado, como *generalização intuitiva* e, do outro, como *dependência intuitiva funcional.* Com efeito, é nessas duas direções que se desenvolve o princípio cognitivo que o autor deve à sua exotopia. É evidente que a generalização intuitiva que preside à criação de uma imagem típica do homem pressupõe uma posição exotópica autoritária, estável, tranqüila e segura. O que assegura essa autoridade e essa estabilidade à posição do autor que constrói um tipo? Será o fato de ele deixar totalmente de ser solidário com o mundo que ele representa? O fato de esse mundo se lhe aparecer como um mundo morto no plano dos valores? Para o autor este é um mundo que, desde o início, está totalmente entranhado na existência, limita-se a *ser-aqui* e *nada significar;* é completamente transparente, e por isso perde toda a autoridade; ele não tem nada a opor ao autor que tenha o menor peso valorativo; o escopo ético-cognitivo de seus heróis é totalmente inaceitável. É por essa razão que a tranqüilidade, a força e a segurança do autor são análogas à tranqüilidade e à força do sujeito de um ato de cognição, ao passo que o herói, o objeto da atividade estética *(*o outro *sujeito),* começa a aproximar-se do *objeto* de um ato de cognição. É um extremo que, claro, não é atingido no tipo, sendo por isso que este permanece uma forma artística; a atividade do autor visa, apesar de tudo, a criação de um homem enquanto tal e, conseqüentemente, o acontecimento permanece acontecimento estético. Os traços que servem para a generalização do tipo lhe são, naturalmente, completamente transcendentes: não temos muita capacidade de nos representar como um tipo; o tipo, se for relacionado consigo mesmo, será percebido como injurioso; a esse respeito, a tipificação é um fator mais operante do que o destino no que concerne aos elementos transcendentes à personagem. Pelo ângulo dos valores, não sou capaz de perceber minha tipicidade, e menos ainda de admitir que meus atos, minhas palavras, que visam os significados do objetivo e do objeto (ainda que fosse no imediato, só tocariam nos *bens),* se resumem à realização de certo tipo, só sejam necessariamente determinados pela minha tipicidade. Essa modalidade da caracterização do tipo segundo a qual ela se torna quase injuriosa e, por isso, transcendente a este, é particularmente bem adaptada ao intuito satírico que, de uma maneira geral, procura na existência o cunho exagerado e ultrajante daquilo que é transcendente ao homem em sua vida, uma vida dirigida para seus objetivos e pensada de seu interior e que pretende um significado objetivo. Mas a sátira pressupõe, da parte do herói, com quem entretanto cumprirá lutar, uma resistência maior do que a que convém à contemplação tranqüila e segura da qual emana o tipo.

Além da generalização, há o que chamamos de *dependência intuitiva funcional.* O tipo não só é profundamente entrelaçado com o mundo material que o rodeia, mas também é representado como condicionado por esse mundo: o tipo é o componente necessário de um dado ambiente (não é um todo, é somente parte de um todo). O princípio cognitivo vinculado à exotopia do autor pode atingir uma grande força que pode chegar a desvelar os fatores que condicionam a causalidade dos atos do herói (seus pensamentos, seus sentimentos, etc.): fatores econômicos, sociais, psicológicos, até mesmo fisiológicos (o artista é um médico, e o herói-homem é um animal doente). Estes são, claro, os extremos do processo que dá origem ao tipo, mas a verdade é que o tipo é representado naquilo que o associa inextricavelmente a um conjunto material (a um contexto, a um modo de vida, etc.) que necessariamente o condiciona. O tipo pressupõe a superioridade do autor que se separa totalmente do mundo a que pertence o herói; portanto, o autor será apenas crítico. A independência do herói, concebido como tipo, fica consideravelmente reduzida; os problemas são suprimidos do contexto em que evolui o herói para serem anexados ao contexto do autor - é aí que encontrarão seu desenvolvimento a propósito do herói, com relação a ele mas não nele, e a unidade virá do autor e não do herói, *o portador da unidade ético-cognitiva existencial que no tipo se mostra muito diminuída.* As modalidades líricas são, claro, absolutamente impossíveis. Eis o que se pode dizer sobre a relação que se estabelece entre o herói e o autor, durante a criação do tipo.

6. A hagiografia.

Não nos poderemos deter detalhadamente nesta forma, pois ela vai além do âmbito da nossa problemática. A hagiografia se realiza diretamente no mundo do divino em que cada um dos elementos representados encontra seu significado. A vida do santo é uma vida significante *em Deus.*

Essa vida significante em Deus deve revestir formas tradicionais; um piedoso respeito não deixa espaço à iniciativa individual, à escolha individual da expressão: o autor renuncia a si mesmo, renuncia a responder individualmente por sua atividade; daí resulta uma forma tradicional e convencional (o convencional se fundamenta naquilo que por princípio é inadequado ao objeto e que, consciente dessa inadequação, renuncia a ela; mas tal renúncia, assim deliberadamente tida por aceita, a uma adequação está muito longe do inocente-iluminado porque a opção deste é *individual* e nele estão presentes elementos de antropomaquia; a forma hagiográfica é convencional por tradição, mantida por autoridade inconteste e é com amor que ela reconhece a *existência de uma expressão,* que, mesmo inadequada, se mostra, por isso mesmo, adaptada). Assim, portanto, a unidade dos elementos transcendentes à vida do santo não corresponde à unidade individual do autor que utiliza ativamente sua exotopia; a exotopia é feita de uma humildade que renuncia à iniciativa - na ausência de um princípio efetivo de acabamento - e que, por conseguinte, recorre às formas consagradas pela tradição. Uma análise das formas tradicionais da hagiografia não faz parte de nosso empreendimento; limitar-nos-emos a uma observação genérica: a hagiografia, da mesma maneira que a pintura de ícones, evita os elementos transcendentes à personagem, que levariam a concretizá-la e a delimitá-la, na medida em que estes são fatores de enfraquecimento da autoridade; cumpre excluir tudo o que é típico de uma época, de uma nação (o que, por exemplo, tornasse Cristo típico de uma nação, na pintura de ícones), de uma classe social, de uma idade, o que é concreto numa fisionomia, no pormenor de uma vida, o que é precisão espácio-temporal da ação - tudo o que acentua os *aspectos determinados da existência* da pessoa (o que é típico, o que é característico, até mesmo o que é concretamente biográfico) e lhe diminui a autoridade (a vida do santo parece desde o início transcorrer na eternidade). Há que notar que o tradicionalismo e o convencionalismo dos elementos transcendentes à personagem, e que concorrem para seu acabamento, contribuem para reduzir sua função limitativa. Existe também toda uma tradição simbólica na elaboração hagiográfica (o problema da representação do milagre e do acontecimento religioso supremo; aí, teremos a renúncia infinitamente humilde a qualquer adequação ou individualização e uma submissão total à tradição estrita). Quando se trata de representar e de expressar a revelação do sentido último, é indispensável uma humildade que cai no convencionalismo puramente tradicional (os românticos terminavam a obra ora com uma ruptura, ora com a ajuda das formas tradicionais da hagiografia ou do mistério). Assim, portanto, a *renúncia* a uma posição exotópica a respeito da personagem do santo e a humildade que atinge o puro tradicionalismo *(na Idade Média, até o realismo)* são características da hagiografia *(a idéia da venerabilidade em Dostoievskí).*

Estas são as formas do todo significante do herói. Elas não correspondem, claro, às formas concretas de obras existentes. Formulamos seus princípios abstratos, os extremos para os quais tendem as modalidades concretas de uma obra. Seria difícil encontrar uma obra onde se realizem, numa forma pura, os princípios da *biografia,* do *lirismo,* do *caráter,* do *tipo.* Temos o amálgama de certo número de traços, a ação que exercem certos extremos, com uma predominância deste ou daquele princípio ativo (ficando claro que é impossível o amálgama entre certas formas dadas). Nesse sentido podemos dizer que a interação que se exerce entre o autor e o herói, dentro de uma obra concreta, considerada isoladamente, constitui um acontecimento em vários atos: o autor e o herói travam um combate durante o qual ora se aproximam, ora se separam; mas o princípio de acabamento da obra implica uma separação nítida e a vitória do autor.

V

O problema do autor

Nesta parte, vamos começar recapitulando o que estabelecemos acerca da relação do autor com o herói, depois tentaremos definir com mais detalhes o autor enquanto participante do acontecimento artístico.

1. *[O problema do herói (recapitulação).]*

Já nas primeiras páginas de nosso estudo, havíamos chegado à idéia de que o homem é o centro do conteúdo-forma a partir do qual se organiza a visão artística, e de que se trata de um *homem dado* nos valores de sua atualidade-presença no mundo. O mundo da visão artística está organizado, ordenado e acabado, sem levar em conta o pré-dado e o sentido, ao redor do homem de quem constitui o ambiente de valores: vemos as coisas e as relações - de tempo, de espaço, de sentido - existentes ao seu redor, tornarem-se constituintes artísticos significantes. Essa ótica axiológica e essa consistência adquirida pelo mundo ao redor do homem criam sua realidade estética, que se distingue de sua realidade cognitiva e ética (a realidade do ato, a realidade moral do acontecimento singular e único da existência), mas não é, claro, indiferente a ela. Depois, chegamos à idéia de que há, no plano de valores, uma diferença fundamental entre *eu* e *o outro,* uma diferença de caráter de acontecimento: fora dessa distinção, nenhum ato poderia ter seu peso de valores. O *eu* e *o outro* constituem as *categorias fundamentais de valores* que pela primeira vez originam *um juízo de valor real,* e esse juízo, ou, mais exatamente, a óti-

ca axiológica da consciência, manifesta-se não só pelo ato, mas também pela menor vivência, pela mais simples sensação: viver significa ocupar uma posição de valores em cada um dos aspectos da vida, significa *ser* numa ótica axiológica. Depois, procedemos à descrição fenomenológica da consciência dos valores - a que tenho de mim mesmo e a que tenho do outro no acontecimento da existência (o acontecimento *existência* é um conceito fenomenológico, pois a existência se apresenta como acontecimento para a consciência viva, e é no acontecimento que a consciência orienta sua atividade e vive), e chegamos à idéia de que apenas o outro, como tal, pode ser o centro de valores da visão artística e, por conseguinte, ser o herói de uma obra; apenas o outro pode receber uma forma *substancial* e um acabamento, pois todas as modalidades de acabamento - no espaço, no tempo, no sentido - são valores transcendentes à autoconsciência ativa e não fazem parte de uma relação de valor consigo mesmo: se quero continuar eu mesmo para mim, não posso ser ativo num espaço e num tempo esteticamente significantes nos quais não existo enquanto valor para mim: neles não me crio, não assumo uma forma e não me determino; no mundo da minha autoconsciência, entre meus valores, não figura o valor estético significante de meu *corpo* e de minha *alma* e da unidade artística orgânica deles que confere *integridade* ao homem; meu corpo e minha alma se inserem em minha atividade que se desenvolve em meu horizonte, e esse horizonte não pode fechar-se e abarcar um eu tranqüilizado, e constituir um ambiente de valores para mim: *ainda não* existo no mundo de meus valores enquanto dado positivo, tranqüilo, igual a si mesmo. A relação de valor consigo mesmo é esteticamente improdutiva, e, para mim, sou esteticamente irreal. Eu não posso ser mais do que o portador do desígnio artístico que me dará forma e acabamento, não posso ser o objeto dessa constituição e acabamento, ou seja, seu herói. A visão estética encontra sua expressão nas artes, mormente na criação artística verbal; nela aparecem um severo isolamento, cujas potencialidades já estavam presentes na visão, como já assinalamos, e um desígnio formal determinado e demarcado que se realiza através de um determinado material, neste caso, verbal. O desígnio artístico fundamental se efetua com base no material que é a *palavra* (que se torna artística na medida em

que é governada por esse desígnio) através de determinadas formas da obra de criação verbal e de determinados procedimentos condicionados não só pelo desígnio artístico inicial, mas também pela natureza do material dado: a palavra; esse material deve ser adaptado às finalidades estéticas (é ai que começam os domínios de uma estética especializada que leva em conta particularidades do material de uma dada arte). (Assim efetua-se a passagem que leva da visão estética à arte.) Uma estética especializada não deve, claro, apartar-se do desígnio artístico, da relação criadora do autor com o herói que determina o desígnio artístico no que este tem de essencial. Vimos que eu mesmo, em minha determinação, só posso tornar-me sujeito (e não herói) de um único tipo de discurso: o da introspecção-confissão, cuja força organizadora se deve a essa relação de valor mantida consigo mesmo e que, por isso, é um gênero totalmente extra-estético.

Em todas as formas estéticas, a força organizadora é a categoria de valores do *outro*, uma relação com o outro enriquecida do excedente de valores inerente à visão exotópica que tenho do outro e que permite assegurar-lhe o acabamento. O autor só se aproxima do herói quando sua própria consciência está incerta de seus valores, quando está sob o domínio da consciência do outro, quando reconhece seus próprios valores no outro que tem autoridade sobre ela (através do amor e do interesse desse outro), quando o excedente da visão (o conjunto dos elementos transcendentes) está reduzido ao mínimo, está isento de tensão e não tem um caráter de princípio. O acontecimento que ocorre se realiza entre duas almas (quase dentro dos limites de uma única e mesma consciência de valores) e não entre o espírito e a alma.

Com base nesses fatos, pode-se colocar que a obra de arte é um acontecimento artístico vivo, significante, no acontecimento único da existência, e não uma coisa, um objeto de cognição puramente teórico, carente de um caráter de acontecimento significante e de um peso de valores. A compreensão e a cognição devem operar não sobre o todo verbal previamente necrosado e reduzido à sua atualidade empírica, bruta, mas sobre o acontecimento, em função dos princípios que lhe fundamentam os valores e a vida, dos participantes que o vivem (não é a relação do autor com o material, mas a relação do

autor com o herói que é significante e tem caráter de acontecimento). Ë isso também que determina a posição do autor - portador da visão artística e do ato criador - no acontecimento existencial que é o único suscetível de dar peso a uma criação séria, significativa e responsável. O autor ocupa uma posição responsável no acontecimento existencial; ele lida com componentes desse acontecimento, e por isso também sua obra é um componente do acontecimento.

O herói, o autor-espectador: estes são os elementos fundamentais, os participantes do acontecimento da obra, são os únicos a responder por ela, a dar-lhe sua unidade no acontecer, a fazê-la participar do acontecimento único da existência. Definimos suficientemente o herói e as formas que ele reveste: sua alteridade, seu corpo, sua alma, sua integridade. Vamos, agora, deter-nos mais detalhadamente no autor.

O objeto estético abarca todos os valores do mundo, que possuem contudo um coeficiente estético determinado; a posição do autor e seu desígnio artístico devem ser avaliados em função de todos esses valores. Não são as palavras nem o material que se beneficiam de um princípio de acabamento, é o conjunto multiforme da existência, vivida em todos os seus componentes; o desígnio artístico estrutura o mundo concreto: no espaço, cujo centro de valores é o corpo; no tempo, cujo centro de valores é a alma; e, finalmente, no sentido, no qual se insere a unidade concreta da interpenetração do corpo e da alma.

A relação estética produtiva que estabeleço com o herói e seu mundo baseia-se no fato de eu encará-lo como alguém que deve morrer *(moriturus)*, no fato de eu opor um princípio de acabamento libertador à tensão que o ímpeto do sentido exerce nele; para tanto, cumpre ver no homem e no seu mundo o que ele mesmo, por princípio, não pode ver dentro de si, se quiser permanecer em si mesmo e viver sua vida com seriedade; cumpre saber aproximar-se dele de um ponto de vista que não seja o da vida, mas de um ponto de vista diferente, que traz uma atividade situada fora da vida. O artista é precisamente aquele que sabe situar sua atividade fora da vida cotidiana, aquele que não se limita a participar da vida (prática, social, política, moral, religiosa) e a compreendê-la apenas do seu interior, mas aquele que também a ama do exterior - no

ponto em que ela não existe para si mesma, em que está voltada para fora e requer uma atividade situada fora de si mesma e do sentido. A divindade do artista reside em sua participação na exotopia suprema. Mas essa exotopia aos outros e ao seu mundo não é, claro, senão uma maneira específica e fundamentada de participar do acontecimento existencial. Encontrar o meio de aproximar-se da vida pelo lado de fora, é esta a tarefa do artista. Ë assim que o artista e a arte em geral criam uma visão do mundo absolutamente nova, uma imagem do mundo, uma realidade da carne mortal do mundo que nenhuma outra atividade criadora poderia produzir. E essa determinação exterior (interiormente exterior) do mundo, que encontra sua mais alta expressão e validação na arte, acompanha sempre nossa visão emocional do mundo e da vida. A atividade estética reúne o mundo disperso em seu sentido e o condensa numa imagem concluída e autônoma, encontra para o efêmero do mundo (em seu presente, em seu passado, em sua atualidade) um equivalente emocional que o reanima e o preserva, encontra a posição de valores a partir da qual o efêmero do mundo adquire seu peso de valores no nível do acontecimento, recebe um significado e uma determinação estável. O ato estético engendra a existência num novo plano de valores do mundo; nasce um novo homem e um novo contexto de valores — um novo plano do pensamento do homem sobre o mundo.

O autor, em seu ato criador, deve situar-se na fronteira do mundo que está criando, porque sua introdução nesse mundo comprometeria a estabilidade estética deste. Sempre podemos determinar a atitude do autor para com o mundo que representou pela forma como ele lhe representa a exterioridade, e vemos se a imagem que dá dele lhe é transcendente, se tem coesão pelo fato de que suas fronteiras são vivas, reais, sólidas, de que o herói está entranhado no mundo que o rodeia, o acabamento e a solução estão impregnados de sinceridade e de tensão emocional, a ação é serena e plástica, as almas dos heróis são vivas (ou então se não passam dos vãos esforços do espírito procurando transformar-se em alma). Ë a esse preço que o mundo estético fica estável e autônomo, que coincide consigo mesmo na visão que teremos dele através do exercício da nossa atividade artística.

2. *O conteúdo, a forma, o material*

O autor é orientado pelo conteúdo (pela tensão ético-cognitiva do herói em sua vida) ao qual ele dá forma e acabamento por meio de um material determinado - verbal, no caso de que tratamos - que submete ao seu desígnio artístico, ou seja, ao desígnio que consiste em dar acabamento à tensão ético-cognitiva do herói. Com base nisso, distinguiremos na obra de arte, mais exatamente no desígnio artístico, três elementos: o conteúdo, o material, a forma. A forma não pode ser compreendida independentemente do conteúdo, mas ela não é tampouco independente da natureza do material e dos procedimentos que este condiciona. A forma depende, de um lado, do conteúdo e, do outro, das particularidades do material e da elaboração que este implica. Um desígnio artístico puramente material pertence à experimentação técnica. O procedimento artístico não pode reduzir-se apenas a um processo de elaboração do material verbal (do dado lingüístico), ele deve ser, acima de tudo, processo de elaboração de um conteúdo determinado que, todavia, recorre a um material determinado. Seria ingênuo imaginar que o artista somente necessite conhecer a língua e os processos de elaboração dela, e que esta língua lhe seja dada precisamente enquanto língua e nada mais, em outros termos, que ela lhe venha do lingüista (pois apenas o lingüista lida com a língua como tal), e que seja justamente essa língua que inspira o artista a quem nada mais resta senão servir-se dela para executar tudo o que quer, sem sair do âmbito em cujo interior a língua se insere *enquanto língua somente* - o que entra nos desígnios da semasiologia, da fonética, da sintaxe, etc. Realmente, o artista trabalha a língua, mas não enquanto língua; ele a supera enquanto língua, pois não é em sua determinação lingüística (morfológica, sintática, lexicológica, etc.) que ela deve ser percebida, mas no que a torna um recurso para a expressão artística. (A palavra deve deixar de ser sentida como palavra.) A criação do poeta não se situa no mundo da língua, o poeta apenas serve-se da língua. No tocante ao material, a tarefa do artista, que é condicionada pelo desígnio artístico, consiste em *superar um material.* Superar o material não é um processo somente negativo que visaria instalar uma ilusão. No material, supera-se a eventual determina-

ção extra-estética que lhe é inerente: o mármore deve deixar de opor sua resistência em sua qualidade de mármore, ou seja, enquanto determinado fenômeno físico, e deve expressar a plasticidade das formas do corpo, porém sem criar a ilusão do corpo; o que é físico no material é justamente superado no que tem de físico. Será que devemos perceber as palavras na obra de arte enquanto tais, ou seja, no que causa sua determinação lingüística? A forma morfológica enquanto tal? A sintaxe enquanto tal? A semântica enquanto tal? Será que o todo da obra é um todo verbal? A obra, claro, também deve ser estudada como todo verbal, e é tarefa dos lingüistas; mas um todo verbal que for percebido como todo verbal deixará de ser um todo artístico. Superar a língua como se supera a matéria física só pode ser feito de forma imanente; não se supera a língua negando-a e sim propiciando-lhe um *aperfeiçoamento imanente* em função de uma necessidade determinada. (A língua em si mesma é indiferente, é sempre auxiliar e não tem finalidade, serve indiferentemente à cognição, à arte, à comunicação prática, etc.) A ingenuidade dos primeiros que colocaram a ciência em estudo foi acreditar que também o mundo da criação compunha-se de elementos científicos abstratos; ora, acontece que falamos todo o tempo em prosa sem nem desconfiar. O positivismo ingênuo aventa que no mundo - ou seja, no acontecimento do mundo pois, de fato, é nele que vivemos, agimos e criamos - lidamos com a matéria, com o psiquismo, com o número matemático em sua relação com o sentido e com o objetivo de nosso ato, e que é por aí que se pode explicar qualquer ato e qualquer criação enquanto tal *(*o exemplo de Sócrates em Platão). Ora, tais noções explicam apenas o material do mundo, o aparato técnico do acontecimento do mundo. O ato e a criação superam o material do mundo de uma forma imanente. Esse positivismo ingênuo repercutiu nas ciências humanas (a concepção ingênua do cientismo, tal como ela é aceita em nossos dias). O que se trata de compreender não é o aparato técnico, mas a *lógica imanente à criação,* e, acima de tudo, a estrutura dos valores do sentido na qual a criação se desenvolve e toma consciência de seus próprios valores, o contexto em que o ato criador é pensado. A consciência criadora do autor-artista *jamais coincide* com sua consciência lingüística; a consciência lingüística é governada pelo desígnio artísti-

co. O que eu imaginava ser uma estrada, um caminho no mundo, resultaria somente de uma série semântica (que, claro, tem seu lugar, mas resta saber qual). Série semântica, seja, desde que se opere fora do desígnio artístico, fora da obra de arte, ou então a semasiologia não é mais que uma palavra vã e não é um campo da ciência da linguagem. Mesmo quando se tiver composto um dicionário analítico das matérias, não se terá aperfeiçoado uma abordagem da criação artística. A tarefa essencial consiste em determinar o desígnio artístico recolocado no contexto dos valores que preside à sua realização. De que é composto o mundo em que vivemos, agimos, criamos? De matéria e de psiquismo? De que é composta a obra de arte? De palavras, orações, capítulos, ou será que de páginas, de papel? No contexto da atividade criadora do artista, todos esses elementos não ocupam o primeiro lugar - vêm em segundo e não determinam essa atividade, mas são determinados por ela. Isso não equivale a contestar o direito de estudar tais elementos, mas equivale simplesmente a recolocá-los nos respectivos lugares quando se trata de apreender a criação enquanto tal.

Assim, portando, a consciência criadora do autor não decorre de uma consciência lingüística (no sentido lato da palavra) que não é mais do que uma fase passiva da criação: a fase em que o material é superado de modo imanente.

3. *O contexto de valores (autor e contexto literário).*

Estabelecemos que a relação do artista com a palavra era uma relação secundária, funcional, condicionada por uma relação primária com o conteúdo, ou seja, com o dado imediato da vida e do mundo da vida, em sua tensão ético-cognitiva. O artista utiliza a palavra para trabalhar o mundo, e para tanto a palavra deve ser superada de forma imanente, para tornar-se expressão do mundo dos outros e expressão da relação de um autor com esse mundo. A escrita (a relação do autor com a língua e a utilização da língua que ela implica) é o reflexo impresso no dado do material por seu estilo artístico (sua relação com a vida e com o mundo da vida e, condicionado por essa relação, sua elaboração do homem e do seu mundo); o estilo

artístico não trabalha com as palavras, mas com os componentes do mundo, com os valores do mundo e da vida; podemos defini-lo como o conjunto dos procedimentos de formação e de acabamento do homem e do seu mundo, e esse estilo determina também a relação com o material, com a palavra, cuja natureza deve, naturalmente, ser conhecida para se compreender essa própria relação. O artista estabelece uma relação imediata com o objeto, concebido como componente do acontecimento do mundo; e é isso que determina em seguida (não se trata, é óbvio, de uma ordem cronológica, mas de uma hierarquia de valores) sua relação com a significação material da palavra, concebida como componente do contexto puramente verbal, determina a utilização dos elementos fônicos (da imagem acústica), emocionais (a emoção como tal se relaciona com o objeto, está orientada para o objeto e não para à palavra, mesmo que o objeto não seja dado fora da palavra), pitorescos, etc.

A substituição do conteúdo pelo material (ainda que fosse apenas a tendência a tal substituição) suprime o desígnio artistico, reduzindo-o a uma etapa secundária, em que ele é integralmente condicionado pela natureza do material - a uma relação com a palavra (e com isso, claro, não se deixa de se prevalecer de uma etapa primária, de uma relação não crítica com o mundo - sem o quê não se teria muito que dizer).

O que se pratica também é a substituição do contexto de valores real do autor por um contexto que já não é o contexto verbal lingüístico, mas o contexto literário, ou seja, o contexto artístico-verbal, o contexto de uma linguagem já elaborada com vistas a algum desígnio artístico primário (somos, claro, obrigados a admitir em algum lugar, num passado absoluto, o primeiro ato criador que não se realizou num contexto literário, porquanto este ainda não existia). Em tal concepção, o ato criador do autor realiza-se inteiramente apenas no contexto dos valores literários, sem ultrapassar o âmbito que o configura, e todos os seus aspectos só são pensados através desse contexto que abrange sua realização; é aí que ele nasce, é aí também que encontra seu acabamento, é também aí que morre. O autor encontrou a língua literária e as formas literárias - o mundo da literatura e nada mais - e é este o terreno onde nascerão sua inspiração, o ímpeto criador que o leva a iniciar novas combinações e formas nesse mundo da literatura, sem sair dos seus limites. É verdade que há obras concebidas e geradas unicamente no mundo da literatura, mas é raro que sejam discutidas em vista de sua absoluta nulidade artística (ademais, não me atreveria a afirmar categoricamente que sejam possíveis obras desse tipo).

O autor supera a resistência puramente literária que lhe opõem as formas antiquadas puramente literárias, os costumes e as tradições (o que, incontestavelmente, ocorre), sem jamais encontrar uma resistência de uma ordem diferente (a resistência ético-cognitiva do herói e do seu mundo) e, com isso, seu objetivo é criar uma nova combinação literária a partir de elementos igualmente literários, e também o leitor é solicitado a “sentir” o ato criador unicamente contra um fundo de convenção literária habitual; em outras palavras, sem que tampouco ele necessite sair dos limites do contexto de valores e de sentido da literatura entendida como realidade material. O contexto real de valores que dá sentido à obra do autor nunca coincide com o contexto estritamente literário, e menos ainda se este é entendido de um modo real-material; este contexto, claro, insere-se com seus valores no primeiro, onde entretanto figura na qualidade de determinado e não na de determinante; o ato-criador deve determinar-se também nesse contexto literário real-material, deve ocupar nele também uma posição de valor, mas nem por isso essa posição deixa de determinar-se em função de uma posição mais fundamental do autor no acontecimento da existência, nos valores do mundo; é acima de tudo a respeito do herói e do seu mundo (do mundo de sua vida) que *o* autor orienta seu escopo de valores, e é esse escopo artístico que determina também sua posição na literatura real-material. Poderíamos dizer que são as formas da visão artística e do processo de acabamento do mundo que determinam os procedimentos literarios externos, e não o inverso, é a arquitetônica do mundo artístico que determina a composição da obra (a ordem, a disposição, o acabamento, a combinação das massas verbais), e não o inverso. E cumpre lutar contra as formas literárias, velhas ou menos velhas, utilizá-las em combinações novas, superar-lhes a resistência ou encontrar nelas um suporte, mas na base desse empreendimento, está, determinante, a *primeira luta artística* contra a orientação ético-cognitiva da vida e contra sua tenacidade significante; é esteo ponto de maior tensão do ato criador (tudo o mais sendo apenas meios) de todo artista, se este é seriamente o *primeiro artista*, ou seja, se combate de frente as forças inorgânicas em estado bruto da vida ético-cognitiva, o caos (caos do ponto de vista estético), e apenas tal enfrentamento fará surgir a centelha artística. Cada artista, em cada obra sua, é obrigado a reconquistar artisticamente [...] a fundamentar novamente o ponto de vista estético enquanto tal. O autor entra em contato direto com o herói e seu mundo, e é somente através de sua relação de valores com o herói que ele determina sua posição enquanto posição artística, somente através dessa relação de valores com o herói é que os procedimentos literários formais alcançam pela primeira vez sua importância, seu sentido e seu peso de valores (tornam-se acontecimentos importantes e necessários), e que a dinâmica do acontecer penetra também na esfera da literatura entendida como realidade material (o contexto jornalístico, seu combate, sua vida, etc.).

Nenhuma combinação concreta de procedimentos formais da literatura real-material (e, menos que qualquer outra, de elementos lingüísticos, tais como a palavra, a oração, o símbolo, a série semântica, etc.) pode ser entendida pelo ângulo estritamente estético do funcionamento das leis literárias (que sempre tem um caráter secundário, indireto, fabricado), como estilo e composição (salvo quando se trata de uma experiência artística deliberada); em outras palavras, não pode ser entendida apenas a partir do autor e de sua energia puramente estética (o que também se aplica ao lirismo e à música), pois cumpre também levar em consideração as séries do sentido, *o* funcionamento autônomo das leis internas do sentido da vida ético-cognitiva do herói, o funcionamento das leis do sentido que regem sua *consciência atuante*, porque tudo quanto é esteticamente significante não abarca o vazio e sim a orientação irredutível do sentido, regido pelas leis autônomas (inexplicável pela estética) de uma *vida atuante.* Uma obra não se divide em uma série de constituintes puramente estéticos, compositivos (menos ainda lingüísticos: palavras-símbolos com uma aura emocional que se combinam segundo leis de associatividade verbal-simbólica) que se relacionam segundo leis puramente estéticas, compositivas; não, o todo artístico é a culminação de um processo que visava a dominação de certo todo necessário do sen-

tido (o todo de uma vida possível que pode ser significante). No todo artístico existem dois poderes e duas legislações, instauradas por esses poderes, que se condicionam mutuamente; cada componente se determina através de dois sistemas de valores, e em cada um dos componentes observamos a tensão dos valores instaurada pela inter-relação dos dois sistemas: é um par de força que cria o peso de valores do acontecer de cada um dos componentes e do todo em seu conjunto.

O artista jamais inicia desde o princípio na qualidade de artista, ou seja, no começo ele não pode lidar com elementos estéticos. Dois sistemas de leis regem a obra de arte: as leis do herói e as leis do autor - as do conteúdo e as da forma. Quando o artista lida desde o início com grandezas estéticas, obtém-se uma obra vazia e forçada, que não domina nada e que, no essencial, nada cria no mundo dos valores. O herói não pode ser criado do começo até o fim a partir de elementos puramente estéticos, não se pode "fazer" um herói - ele não seria vivo, não seria "sentido" em seu significado puramente estético. O autor não pode *inventar* um herói desprovido de qualquer autonomia com relação ao ato criador que lhe dá validação e forma. O autor-artista encontra seu herói preexistente, já dado independentemente de seu ato criador puramente artístico e ele não pode parir um herói (que seria pouco convincente). Consideramos, claro, o caso do herói *possível* que ainda não se tornou herói, que ainda não recebeu a forma estética, pois o herói de uma *obra* já assumiu uma forma artística significante que corresponde ao dado do *homem-outro*, preexistente, que o autor, enquanto artista*, encontrou, e é somente no que diz respeito a esse dado que o acabamento estético recebe seu peso de valores. O ato do artista é confrontado a uma realidade que lhe opõe certa resistência (uma realidade firme, refratária) com a qual ele tem de contar e que não é integralmente solúvel. É essa realidade extra-estética do herói que, tendo recebido uma forma, tomará lugar na obra como algo já constituído. E essa realidade do herói - da outra consciência - que é *objeto* da visão artística e proporciona *objetividade estética* à visão. É óbvio que não é uma realidade referente às ciências

---

* Não se trata, claro, da preexistência empírica de um herói em algum lugar ou tempo dado.

naturais (real ou possível, física ou psíquica) confrontada à livre fantasia criativa do autor, é a realidade interior do escopo dos valores e do sentido na vida. É a esse respeito que exigimos do autor que suas imagens tenham verossimilhança e peso de valores do acontecer, que sua realidade seja, não uma realidade cognitiva ou prático-empírica, mas uma *realidade* do acontecer (uma dinâmica possível não física, mas do acontecer): pode ser um acontecimento da vida *no sentido de peso axiológico,* mesmo que seja absolutamente impossível e inverossímil do ponto de vista físico e psicológico (a psicologia entendida como ramo das ciências naturais) - é assim que se avalia a verossimilhança artística, a objetividade, isto é, a fidelidade ao objeto constituído pelo escopo ético-cognitivo do homem em sua vida, a verossimilhança da ficção, do caráter, do motivo lírico, etc. Devemos sentir na obra a resistência da realidade do acontecer da existência; quando falta essa resistência, quando não se desemboca nos valores do acontecimento do mundo, temos uma obra inventada e carente de qualquer força artística de convicção. Naturalmente, não há critérios objetivos, comumente acatados, que permitam detectar a objetividade estética, e a convicção é de ordem intuitiva. Por trás do acabamento e da forma artística, devemos sentir a possível consciência à qual todo esse processo é transcendente, que lhe concede a graça e o acabamento; além de nossa consciência criadora ou co-criadora, devemos sentir a *outra* consciência a que se dirige nossa atividade criadora, precisamente por ela ser outra; sentir isso significa sentir a forma que traz a salvação, o valor - a beleza. (Disse mesmo: sentir, e podemos sentir sem praticar ato de consciência num nível teórico ou cognitivo.) Não se pode relacionar uma forma consigo mesmo; quando fazemos isso tornamo-nos outro para nós mesmos, ou seja, deixamos de ser nós mesmos, de viver a partir de nós mesmos, ficamos dominados; de resto, em todas as formas de arte, com a exceção de certas formas líricas ou musicais, relacionar a forma a si mesmo é destruir-lhe o significado e o peso dos valores; torna-se impossível aprofundar e ampliar a contemplação artística, pois a falsidade aparece logo, e a percepção se torna passiva e estiolada. O acontecimento artístico conta com dois participantes: um é passivo-real, o outro é ativo (o autor-contemplador); se um dos participantes desaparece, *o* acontecimento artístico se desfaz, nada mais nos resta senão a Ilusão incongruente de um acontecimento artístico – a falsidade (o logro artístico para consigo mesmo); o acontecimento artístico é irreal, na verdade não se realiza. A objetividade artística é a *bondade* artística; a bondade não pode dispensar o objeto, não pode ter um peso no vazio, e precisa ser confrontada aos valores do outro. Certas formas de arte são ditas não-figurativas *(o* ornato, o arabesco, a música); isso é correto no sentido em que neles o conteúdo não é um objeto *determinado,* diferenciado e delimitado, mas no sentido em que o entendemos, no sentido em que ele produz a objetividade artística, *o* objeto esta ali, claro. Na música, sentimos a resistência de uma possível consciência, viva, que não dispõe de um princípio de acabamento em seu interior, e é somente na medida em que lhe percebemos a força, o peso dos valores, é que percebemos, em cada um dos graus subseqüentes que ela transpõe, a vitória que ela obtém sobre o que lhe compete superar; quando sentimos essa tensão que não comporta em seu interior seu próprio principio de acabamento, e que se exerce na dimensão efêmera de um procedimento cognitivo-ético (no *infinito de seu arrependimento e de sua súplica,* na perspectiva de uma inquietude eterna que lhe cabe por princípio e de direito), sentimos também a grandeza do privilégio do acontecer, de ser *o* outro, de encontrarmo-.nos *fora* da outra consciência possível, sentimos nossa aptidão para conceder a graça, para proporcionar a solução, somos detentores do princípio de seu acabamento e estamos habilitados para realizar sua forma estética: *não criamos a forma musical num vazio de valores ou entre outras formas, igualmente musicais (uma música dentro da música),* nós a criamos *no acontecimento* da vida, sendo apenas isso que lhe confere seriedade, caráter de acontecimento significante e peso. (Arabesco puro do estilo e, por trás do estilo, sentimos sempre a alma possível.) Assim a arte não-figurativa tem conteúdo, ou seja, comporta a tensão exercida pela resistência e pelo caráter de acontecimento de uma vida possível, mas o conteúdo não é diferenciado e não se determina no objeto.

Assim, a forma não é significante apenas no mundo das formas. O contexto de valores em que se realiza e é pensada a obra literária não se reduz apenas ao contexto literário. A obra de arte deve procurar às apalpadelas a realidade em seus valores, a realidade do acontecer do herói. (A psicologia não é da ordem do acontecer e se resume a um procedimento técnico.)

4. *A tradição e o estilo.*

Chamamos *estilo* a *unidade* constituída pelos procedimentos empregados para dar forma e acabamento ao herói e ao seu mundo e pelos recursos, determinados por esses procedimentos, empregados para elaborar e adaptar (para superar de modo imanente) um material. Qual é a relação existente entre o estilo e o autor em sua individualidade? Qual é a relação do estilo com o conteúdo, ou seja, com *o* mundo dos outros, objeto de acabamento? Qual é *o* significado da tradição no contexto de valores do autor-contemplador?

A *unidade* segura do estilo (o grande estilo) só é possível quando a tensão ético-cognitiva da vida constitui uma unidade inconteste em virtude do pré-dado que a rege; esta é a primeira condição; a segunda é que a posição exotópica seja segura, inconteste (afinal de contas, como veremos, é a confiança religiosa no fato de que a vida não é solitária e de que sua dinâmica não a faz atravessar um vazio de valores), e que *o* lugar da arte no todo cultural seja incontestável e sólido. Uma exotopia aleatória não pode dar segurança; ora, um estilo não pode ser aleatório. Estas duas condições são estreitamente ligadas e interdependentes. Um grande estilo abrange todos os campos da arte ou então não *o* é, pois representa acima de tudo uma visão do mundo e somente depois é meio de elaborar um material. Claro, *o* estilo exclui qualquer novidade na criação do conteúdo, pelo próprio fato de apoiar-se na unidade estável do contexto ético-cognitivo dos valores da vida. (Assim, o classicismo que só tende à criação de novos valores ético-cognitivos, de uma nova tensão na vida, empenha toda a sua energia nas modalidades do acabamento estético e no aprofundamento imanente ao escopo tradicional da vida.) (A novidade do conteúdo entre os românticos, sua contemporaneidade entre os realistas.) Uma renovação do conteúdo assinala, na maioria dos casos, uma crise na criação estética. A crise do autor é o questionamento do próprio lugar da arte no todo cultural, no acontecimento existencial; *o* lugar tradicionalmente acatado deixa de ser justificado: o artista é *algo determinado* – não se pode ficar artista, não se pode entrar nessa esfera delimitada; não se trata de superar os outros na arte, mas de superar a própria arte; rejeitam-se os critérios imanentes a dado campo cultural, rejeitam-se os campos da cultura na sua própria determinação, O romantismo e sua idéia sobre a totalidade da criação e do homem. A aspiração a agir e a criar em contato imediato com *o* acontecimento existencial do qual a pessoa se sente a única e singular participante; a inaptidão para descer à categoria do artesão, para determinar seu próprio lugar no acontecimento através dos outros, para vir alinhar-se entre eles.

A crise da função de autor pode enveredar também para outra direção. Ë a própria posição de exotopia que fica abalada e parece inconsistente: contesta-se o direito do autor de situar-se fora da vida e de trabalhar para seu acabamento. Todas as formas da exotopia começam a desintegrar-se (em primeiro lugar na prosa -– a começar por Dostoievski, para chegar até Biely; no lirismo, a crise do autor sempre tem menor importância - Annenski e outros); a vida só se torna inteligível e recebe seu peso de acontecer do interior, a partir do lugar onde vivo enquanto *eu*, na forma da relação que tenho comigo mesmo, nas categorias de valores de meu *eu-para-mim;* compreender significa vivenciar o objeto, olhá-lo pelos seus próprios olhos, renunciar à substancialidade de uma posição exotópica a respeito dele; todas as forças capazes de condensar a vida pelo exterior parecem inconsistentes e fortuitas; desenvolve-se uma profunda desconfiança para com qualquer exotopia (podemos relacionar com esse fato, no campo da vida religiosa, a imanentização de Deus, a psicologização de Deus e da religião, a incompreensão da Igreja como instituição externa e, de uma maneira geral, a revalorização de tudo o que é *interior-do-interior).* A vida tende a ensimesmar-se, a retirar-se em seu infinito interior, ela *teme as fronteiras,* busca degradá-las, pois não acredita na substancialidade e na bondade de uma força que lhe proporcione uma forma do exterior; qualquer ponto de vista exterior é rejeitado. A *cultura das fronteiras* - condição indispensável de um estilo profundo e seguro - fica, claro, impossível. As fronteiras da vida? Justamente, não temos nada que fazer com elas, todas as forças criadoras batem em retirada, abandonando as fronteiras às veleidades da sorte. A cultura estética é uma cultura das fronteiras e por isso pressupõe uma atmosfera cujo clima seja favorável à confiança profunda que instaura condições de vida. A instalação das *fronteiras externas e internas* do homem e do seu mundo só pode efetuar-se num clima de certeza, em que esteja sólido o fundamento de uma posição exotópica, em que o espírito possa permanecer em plena posse de suas forças e agir livremente. Quando a posição de exotopia é aleatória e instável, quando a percepção dos valores é integralmente imanente à vida vivenciada (a vida prática-egoísta, social, moral, etc.), quando o peso dos valores da vida é vivido só de interior, na categoria do *eu*, não há lugar para o tempo desacelerado da criação dos valores, para essa duração dos valores que faz com que nos atardemos nas fronteiras entre o homem e sua vida, então só podemos imitar o homem e a vida (utilizar negativamente a exotopia). A utilização negativa dos elementos transcendentes, isto é, do excedente de visão, de conhecimento e de valores, tal como é praticada na sátira e no cômico (não no humorismo, claro), é condicionada pelo peso excepcional que uma vida confere, em seu interior, aos seus valores (moral, social, etc.) e pela diminuição do peso (até mesmo a desvalorização total) de valores dado à exotopia, pela perda de tudo o que fundamentava e firmava a posição exotópica e, conseqüentemente, do que fundamentava a exterioridade da vida fora do sentido; essa exotopia situada fora do sentido torna-se absurda e recebe uma forma negativa no que tange ao sentido possível, não estético (num processo positivo de acabamento, a exterioridade fundamentada fora do sentido adquire valor estético), torna-se uma força que desmascara. O elemento transcendente à vida é estruturado pela tradição (a exterioridade, o aspecto físico, as maneiras, etc., os costumes, a etiqueta, etc.); a perda das tradições revela sua insanidade, a vida rompe todas as formas por dentro. A forma como usamos as categorias do informe - da fealdade. No romantismo, encontramos *o* oxímoro da imagem: a contradição enfatizada entre o interior e o exterior, entre a posição social e o ser, entre o infinito de um conteúdo e o finito de uma encarnação. Não se sabe bem onde alojar a exterioridade do homem e da vida, por falta de uma posição fundamentada que permita estruturá-la. O estilo como imagem unificada e concluída da exterioridade do mundo: a combinação do homem exterior, de seu traje, de suas maneiras com *o* seu ambiente de vida. A visão do mundo estrutura o ato (do interior, tudo pode ser compreendido como ato), assegura unidade ao escopo ativo do sentido que a própria vida persegue, assegura unidade ao que faz com que a vida responda por si mesma, ultrapasse a si mesma, supere a si mesma; o estilo confere unidade à exterioridade do mundo, ao que faz com que ele se reflita fora, volte-se para fora, confere unidade às fronteiras do mundo (elaboração e combinação das fronteiras). A visão do mundo estrutura e unifica *o* horizonte do homem, o estilo estrutura e unifica seu ambiente. Um exame mais detalhado do uso que se faz do excedente da visão (rebaixamento que se serve da existência) na sátira e no cômico, assim como a situação particular do humorismo, fogem do âmbito do nosso trabalho.

A crise da função de autor também pode enveredar por um caminho diferente: a posição de exotopia pode pender a uma exotopia ética, perdendo sua especificidade puramente estética. Enfraquece o interesse pela pura fenomenalidade, pelo puro ser-aqui da vida, por seu acabamento tranqüilo no presente e no passado; não é o futuro absoluto e sim o futuro social (até mesmo político) imediato, o plano forçosamente moral do futuro imediato, que desagrega a estabilidade das fronteiras do homem e do seu mundo. A exotopia torna-se doentiamente ética (os humilhados e os ofendidos, como tais, tornam-se os heróis de uma visão que desde então já não é, claro, uma visão propriamente artística). Falta uma exotopia segura, tranqüila e firme. Falta também o que lhe é indispensável, ou seja, a *tranqüilidade axiológica* (a sabedoria interior que conhece a morte e o desespero, amenizado pela confiança, de toda tensão ético-cognitiva). Não temos em vista a noção psicológica da tranqüilidade (estado psíquico), o estado de tranqüilidade, tal qual, e sim a tranqüilidade enquanto ótica axiológica fundamentada da consciência que é a condição da criação estética; a tranqüilidade enquanto expressão da confiança dentro do acontecimento existencial, a tranqüilidade responsável, a tranqüilidade tranqüila. Algumas palavras sobre o que distingue a exotopia estética da exotopia ética (moral, social, política, prática). Exotopia estética e processo de isolamento, exotopia à existência, daí a existência se tornar pura fenomenalidade; o que liberta do futuro.

O infinito interior irrompe e não encontra tranqüilidade; a seriedade da vida. A estética cobre o vazio - a outra face das crises. A perda do herói; o jogo com os elementos puramente estéticos. A estilização de um possível escopo estético essencial. Fora do estilo, a individualidade do criador perde sua segurança, é percebida como irresponsável. A responsabilidade da criação individual só é possível no estilo, só é fundamentada e sustentada pela tradição.

A crise da vida, em oposição à crise da função de autor, embora amiúde a acompanhe, reside no fato de a vida se povoar de heróis literários, de se separar do futuro absoluto, de se transformar em tragédia sem coro nem autor.

Estas são as condições para a participação do autor no acontecimento existencial, para a força e a fundamentação da sua posição criadora. Ninguém jamais provará seu *álibi* no acontecimento da existência. Quando esse álibi serve de premissa para a criação e para o discurso, nada de responsável, de sério e de significante pode produzir-se. Uma responsabilidade especial é necessária (no domínio autônomo da cultura) – não se pode começar a criar tal e qual, completamente sozinho, sem nada; mas essa especialização da responsabilidade só pode edificar-se sobre a profunda confiança numa instância suprema que abençoa a cultura, confiança em que outro - acima de mim - responde pela minha responsabilidade especial, em que não atuo no vazio dos valores. Fora dessa confiança, haverá apenas vã pretensão.

O ato realmente criador (e todo ato, aliás) evolui nas fronteiras (nas fronteiras dos valores) do mundo estético, da realidade do dado (a realidade do dado é uma realidade estética), nas fronteiras do corpo, nas fronteiras da alma, evolui no espírito; quanto ao espírito, ele ainda não existe; para o espírito, tudo ainda está por-vir e o que *já* é, para ele, *já foi.*

Falta-nos examinar brevemente a relação do espectador com o autor, de que já falamos nos capítulos anteriores. O autor tem autoridade e o leitor precisa dele não como uma pessoa, como o outro, como um herói, mas como um *princípio* ao qual cumpre adequar-se (apenas o exame da biografia do autor o converte em herói, num homem determinado na existência e que podemos contemplar). A individualidade do autor enquanto criador é uma individualidade criadora e de uma ordem particular, não estética; é a individualização ativa de uma visão, de uma formação e não uma individualidade visível e com uma forma. O autor só se torna uma individualidade propriamente dita quando relacionamos a ele *o* mundo individual dos heróis, que ele criou e ao qual deu uma forma, ou também quando ele se objetivou parcialmente como narrador. O autor não pode, nem deve, determinar-se para nós como pessoa, pois estamos nele, vivemos sua visão ativa; é somente no término da contemplação artística, ou seja, quando o autor deixar de dirigir ativamente nossa visão, que poderemos objetivar nossa própria atividade vivida sob a sua direção (nossa atividade é sua atividade), objetivá-lo como um rosto, como uma face individual de autor que alojamos com prazer no mundo dos heróis criado por ele. Mas esse autor objetivado, que deixa de ser o principio da visão para tornar-se o objeto da visão, distingue-se do autor como herói de uma biografia (que é uma forma carente de princípios possíveis). A tentativa que consiste em fundamentar-se na individualidade do autor para determinar sua criação, para explicar a atividade criadora a partir da existência -até que ponto será possível? Ë isso que determina a situação e os métodos da biografia enquanto forma científica. O autor deve ser compreendido, acima de tudo, a partir do acontecimento da obra, em sua qualidade de participante, de guia autorizado pelo leitor. Compreender o autor no mundo histórico de sua época, compreender seu lugar na sociedade, sua condição social. Aqui saímos dos limites de uma análise do acontecimento da obra e entramos no domínio da história; o estudo puramente histórico tem de levar em conta todos esses fatos. A metodologia da história da literatura está fora do âmbito do nosso trabalho. Para o leitor, no interior da obra, o autor corresponde ao conjunto dos princípios criadores que devem ser realizados, à unidade dos constituintes da visão exotópica que sua atividade relacionou com o herói e seu mundo. Sua individuação enquanto homem é um ato criador secundário, um ato do leitor, do crítico, do historiador, um ato que é independente do autor enquanto princípio ativo de uma visão -e é um ato que *o* torna passivo.

O romance de educação na história do realismo

Titulo da edição original: *O romance de educaçdo e seu significado na história do realismo.*

– Texto de arquivos (1936-1938).

– Fragmentos de trabalhos preparatórios que serviram para a realização de um vasto estudo cuja publicação foi comprometida pela guerra. O manuscrito não foi encontrado.

I

Para uma tipologia histórica do romance

O problema do gênero do romance do ponto de vista histórico (e não de um ponto de vista formal-estatístico ou normativo). Multiplicidade dos aspectos do gênero. Tentativa de uma classificação histórica destes aspectos, baseada nos princípios estruturais da imagem do herói principal — no *romance de viagem, romance de provas, romance biografico* (auto-biográfico) e no *romance de educação ou formação.* O principio geral não aparece de forma pura em nenhuma das variantes concretas historicamente atestadas, manifestando-se na predominância de um ou outro princípio estrutural do herói. Dada a interdependência de todos os elementos, um determinado princípio de estruturação do herói se relaciona com determinado tipo de tema, com uma concepção do mundo e com uma composição romanesca.

1. *O romance de viagem.*

O herói, carente de traços particulares, é um ponto móvel no espaço e não constitui, por si só, o centro de atenção do romancista. Os deslocamentos no espaço — as viagens e, em parte, as aventuras e peripécias (de preferência de um tipo que põe à prova o herói) — possibilitam ao romancista mostrar e evidenciar a diversidade estática do mundo através do espaço e da sociedade (países, cidades, etnias, grupos sociais, condições especificas de vida). Esse tipo de estruturação do herói e de composição do romance é característico do naturalismo antigo (Petrônio, Apuleio — as peregrinações de Encólpio e de outros, as peregrinações de Lúcio, o asno) e do romance picaresco europeu: *Lazarillo de Tormes, Guzmdn de Alfarache, Francion, Gil Blas,* etc. Este mesmo princípio estrutural do herói, numa forma mais rica de fatos imprevistos, predomina no romance picaresco de aventuras de Defoe *(O capitão Singleton, Molt Flanders,* etc.), no romance de aventuras e peripécias de Smollett *(As aventuras de Roderick Random, A expedição de Humphry Clinker).* E, finalmente, este mesmo princípio, acompanhado de outros fatos imprevistos, se encontra em certas variantes do romance de aventuras e peripécias do século XIX, que continua a linha do romance picaresco.

O que caracteriza o tipo do romance de viagem é uma concepção puramente espacial e estática da diversidade do mundo. O mundo apresenta-se como uma justaposição espacial de diferenças e contrastes; a vida é formada de uma sucessão de situações diferenciadas e contrastantes: sucesso-insucesso, felicidade-infelicidade, vitória-derrota, etc.

Nesse tipo de romance, as categorias temporais são pouquíssimo acentuadas. O tempo por si só carece de sentido consubstancial e também de cor histórica: o próprio “tempo biográfico” — o homem e suas idades que vão da juventude à velhice passando pelos anos da maturidade -— não é representado ou, quando o é, é de modo puramente formal. Apenas o tempo da aventura é elaborado: é constituído pela justaposição de momentos contíguos (instantes, horas, dias) que se organizam numa unidade da progressão temporal. Esse tipo de romance se caracteriza por observações temporais tais como:
‘‘no mesmo instante’’, ‘‘um segundo depois’’, ‘‘adiantando—se uma hora”, “no dia seguinte”, “um minuto mais cedo ou mais tarde”, “chegando tarde demais, cedo demais”, e assim por diante (na descrição de lutas, de batalhas, de duelos, de brigas, de assaltos, de fugas e de outras peripécias), e “de dia”, “de manhã”, “à noite”, que servem para situar a ação. (Significado específico da noite na aventura, etc.)

A ausência do tempo histórico faz que a ênfase recaia unicamente nas diferenças e nos contrastes. Os vínculos consubstanciais são quase inexistentes. Fatos socioculturais tais como etnia, país, cidade, grupo social, grupo profissional, não são percebidos no conjunto integrado que constituem. É isso que explica uma característica particular desse tipo de romance: o

grupo social, a etnia, o país, os costumes são registrados num espírito “exótico”, ou seja, as distinções e os contrastes, a alteridade, são objeto de uma percepção bruta. E isso que explica também o caráter naturalista dessa variante romanesca: o mundo se desagrega em coisas isoladas, fenômenos e acontecimentos, que são justapostos ou se sucedem. A imagem do homem — apenas esboçada — é inteiramente estática, como é estático o mundo que o rodeia. Esse tipo de romance ignora o devir, a evolução do homem. E mesmo quando a situação do homem se modifica (no romance picaresco, em que o mendigo fica rico, o plebeu se torna nobre), ele mesmo continua inalterado.

2. *O romance de provas.*

Este segundo tipo de romance é construído como uma série de provas às quais o protagonista é submetido. Serão postas à prova: sua lealdade, suas virtudes, suas façanhas, sua magnanimidade, sua santidade, etc. Esta representa a variante mais difundida na literatura européia e inclui a maior parte de toda a produção romanesca. Nos romances deste tipo, o mundo é apenas o teatro das lutas e das provas do herói. Os acontecimentos, as peripécias são a pedra de toque do herói; este é sempre dado como uma imagem concluída, e possui desde o início suas qualidades que, ao longo de todo o romance, só são verificadas e postas à prova.

O romance de provas já aparece na literatura clássica antiga em duas variantes principais: a primeira variante é representada pelo romance grego *(A Etiópica, Leucipe e Cleitofon,* etc.), a segunda variante, pela hagiografia do início do cristianismo (em particular pela vida dos mártires).

Na primeira variante —- o romance grego -—, são postas à prova a fidelidade no amor e a pureza ideal do herói e da heroína. As peripécias organizam-se principalmente em torno das tentações a que são expostas a inocência, a pureza e a fidelidade dos protagonistas. O caráter dos heróis, estáticos e imutáveis, e seu idealismo abstrato, excluem qualquer devir, qualquer evolução; o que acontece, o que é percebido, o que é vivido, não pode servir de experiência capaz de modificar e de formar o herói.

No romance. A imagem do herói é muito unificada, mas a unidade integrada daí resultante é muito específica: é essencialmente estática. O romance grego, que nasceu no terreno do neo-sofismo e absorveu a casuística retórica, elabora uma concepção basicamente retórico-jurídica do homem. A imagem do homem é profundamente impregnada pelas categorias jurídico-retóricas e pelas noções de culpabilidade-inocência, julgamento-justificação, acusação, criminalidade, virtudes, méritos, etc. Essas categorias influenciaram por muito tempo o romance, determinando um modo de colocar o herói que o destinava à acusação ou à defesa, e transformava o romance numa espécie de tribunal designado a julgar o homem. No romance grego, essas categorias têm ainda um caráter formal, mas já convertem o homem numa *unidade integrada* oferecida ao julgamento (à defesa e à acusação) e portadora de crimes ou de méritos. As categorias jurídico-retóricas, no romance grego, foram muitas vezes estendidas ao mundo, transformando o acontecimento em auto de instrução, as coisas em provas, etc. Todas essas considerações se fundamentam numa análise do material concreto oferecido pelo romance grego.

Na segunda variante do romance de provas, que também surge no terreno da literatura clássica antiga, o conteúdo ideológico se modifica sensivelmente, tanto no tocante à imagem do homem como no tocante à noção de prova. E uma variante que se prepara, já nos primeiros tempos do cristianismo, nas hagiografias — vidas de mártires e outros santos (Díon Crisóstomo, as lendas do ciclo *clementina,* etc.). Seus elementos encontram-se também nas *Metamorfoses (O asno de ouro)* de Apuleio. Na base dessa variante encontra-se o santo sendo posto à prova pelo sofrimento e pela tentação. Entretanto, essa noção já não tem o caráter externo, formal, que tinha no romance grego. A vida interior, o *habitus* integra-se à imagem do herói. O tipo de provas se aprofunda e se apura do ponto de vista nocional, em especial quando se trata da fé às voltas com a dúvida. De uma maneira geral, essa variante do romance de provas apresenta uma combinação do romance de aventuras e do romance psicológico, conflituoso. Em todo caso, a prova

continua a realizar-se a partir de um ideal preestabelecido e dogmaticamente acatado. Este ideal não implica qualquer dinâmica ou devir. O herói posto à prova é predeterminado. As provas (sofrimento, tentação, dúvida) não constituem uma experiência formadora, não modificam o herói; para ele toda a questão se resume em conservar, justamente, uma firmeza imutável.

O *romance de cavalaria* da Idade Média (no que tem de essencial), sucederá às variantes precedentes do romance de provas, do qual sofre, claro, a influência. Certa diversidade dos tipos, no romance de cavalaria, será determinada pelos matizes do conteúdo ideológico da noção de provas (sua predominância no romance cortês e no romance eclesiástico-cristão ou místico). Seria útil uma análise que versasse sobre os tipos fundamentais de estruturação do romance de cavalaria, em versos
—- dos séculos XII e XIII -, e em prosa - dos séculos XIII e XIV — (até *Amadis* e os *Palmeirins* inclusive).

E, finalmente, o *romance barroco* é a variante mais pura, a mais importante, e historicamente a mais influente, do romance de provas (d’Urfé, Scudéry, La Calprenède, Lohenstein e outros). O romance barroco soube extrair da noção de prova os enredos nela latentes e que eram propícios à construção do grande romance. Por isso o romance barroco, melhor do que qualquer outro, revela as propriedades organizadoras da idéia de educação, ao mesmo tempo que revela as limitações e a pobreza de seus meios de penetração ante a realidade. O romance barroco é o tipo mais conseqüente do *romance heróico,* evidencia as particularidades da *heroificação romanesca* no que a diferencia da *heroificação épica.* O Barroco não admite nada que seja mediano, normal, típico, corrente; tudo é encarado na escala do grandioso. O patos retórico-jurídico também se expressa nele com uma lógica e um ardor magistrais. A imagem do homem se organiza em torno da escolha de seus traços característicos, sendo submetida a um processo de integração que a torna um todo: os atos e os acontecimentos (o "destino") se vinculam à imagem do herói em função da defesa (apologia) que este último suscita, em função de sua justificação, de sua glorificação, ou, pelo contrário, das necessidades de uma acusação, de um desmascaramento.

O romance barroco de provas evoluiu em duas direções para originar: 1) o romance heróico de aventuras (Lewis, Radcliffe, Walpole e outros); 2) o romance sentimental patético-psicológico (Richardson, Rousseau). As características do romance de provas modificam-se sensivelmente nessas variantes, em particular na última delas, em que aparece a heroificação especifica do fraco, a heroificação das "pessoas simples".

Apesar de suas diferenças, as variantes históricas do romance de provas que acabamos de enumerar apresentam todas um conjunto de *traços comuns* que determinam o significado deste tipo na história do romance europeu.

1) *O enredo.* O enredo, no romance de provas, é sempre construído sobre um desvio em relação ao curso normal da vida dos heróis, sobre acontecimentos excepcionais e situações tais que não existem na biografia típica, normal e habitual dos homens. Assim, no romance grego, temos peripécias que se situam entre os esponsais e as bodas ou então entre o casamento e a primeira noite de núpcias, etc., ou seja, episódios que, na realidade, não deveriam ocorrer, que estão presentes apenas para introduzir distância entre dois momentos contíguos de uma biografia, para refrear o desenvolvimento normal da vida sem modificá-la — os amantes sempre acabam por unir-se, e a vida biográfica volta ao seu curso normal, depois que sai do âmbito que lhe é proporcionado pelo romance. É isso que caracteriza o tempo romanesco que carece da duração biográfica real. Isso explica o papel excepcional do acaso no romance em geral e no romance barroco em particular. Os acontecimentos, que no romance barroco se organizam como aventuras, estão isentos de qualquer significado biográfico ou social e de qualquer tipicidade: são inesperados, inéditos, extraordinários. Isso também explica o papel do crime, da anomalia, nos enredos do romance barroco, seu lado sangrento e amiúde perverso (este aspecto continua a ser característico do romance de aventuras que continua a linha do romance barroco, passando por Lewis, Walpole, Radcliffe — o romance negro e o romance gótico).

O romance de provas sempre começa onde começa o desvio em relação ao curso biográfico e social da vida, e termina onde a vida retoma seu curso habitual. É por isso que os acontecimentos do romance de provas, sejam eles quais forem, não criam um novo tipo de vida, uma nova biografia do homem, determinada por condições modificadas de vida. Fora dos limites do romance, a biografia e a vida social se preservam imutáveis, habituais e inalteradas.

2) *O tempo* (o tempo da aventura, das aventuras em série: ilimitado, infinito). No romance de provas, estamos diante de uma fase de elaboração posterior, mais detalhada, do *tempo da aventura* (separado da história e da biografia). Cumpre acrescentar-lhe, sobretudo no romance de cavalaria, o *tempo fabuloso* (sob a influência do Oriente). Esse tempo se caracteriza precisamente pela transgressão das categorias temporais normais: numa noite, por exemplo, produz-se um trabalho de vários anos ou então, pelo contrário, os anos

passam num instante (o motivo do sono encantado).

As particularidades do enredo, que se organiza a partir de desvios em relação ao curso histórico e biográfico, determinam os traços específicos do tempo no romance de provas — de um tempo que não se mede segundo os critérios reais (históricos ou biográficos). Também aqui, falta a localização histórica, em outras palavras, o tempo não se relaciona consubstancialmente com uma determinada época histórica, com seus acontecimentos e com suas condições históricas próprias. Aliás, não existia o problema de uma localização histórica, como tal, para o romance de provas.

É verdade que o barroco constrói também o *romance histórico de provas* (por exemplo, *Cyrus* de Scudéry, *Arminius e Thusnelda* de Lohenstein). Mas estes são romances pseudo--históricos e o tempo é igualmente pseudo-histórico.

O romance de provas, no que diz respeito às categorias temporais, logra um grande sucesso na elaboração do tempo psicológico (sobretudo no romance barroco): é um tempo dotado de percepção subjetiva e de duração (na representação do perigo, da espera cansativa, da paixão inextinguível, etc.). Acontece que esse tempo concreto, com sua cor psicológica, carece da menor localização, mesmo quando se trata do processo inteiro de uma vida individual.

3) *A representação do mundo.* Diferentemente do romance de viagem, o romance de provas se concentra no herói. O mundo que o rodeia, e as personagens secundárias, na maioria dos casos, servem de pano de fundo, de cenário. Mesmo assim, o ambiente do herói não deixa de ocupar um grande lugar no romance (em particular no romance barroco). Esse mundo exterior, que serve assim de pano de fundo a um herói imóvel, é no entanto desprovido de autonomia e de historicidade. No romance de provas (aspecto em que se distingue do romance de viagens), o exotismo geográfico prevalece sobre o exotismo social. Os costumes, que ocupavam um grande lugar no romance de viagem, estão quase ausentes do romance de provas (se o exotismo não estiver representado). Entre o herói e o mundo não existe interação verdadeira: o mundo é impotente para modificar o herói e restringe-se a pô-lo à prova, e o herói por sua vez não atua sobre o mundo, não lhe muda a face, ocupado como está em agüentar as provas, em afastar seus inimigos, etc. O herói não toca em nada no mundo, não modifica a face social do mundo, não o reconstrói, o que, aliás, não pretende. No romance de provas, não existe o problema da interação entre o sujeito e o objeto, entre o homem e o mundo. Daí o caráter estéril e improdutivo do heroismo nesse tipo de romance (mesmo naqueles em que estiverem representados heróis históricos).

Depois de atingir o apogeu de seu desenvolvimento na variante barroca, o romance de provas dos séculos XVIII e XIX perde sua pureza, mas o tipo de construção do romance, baseado na noção de pôr à prova o herói, continua a existir, ganha complexidade, claro, com tudo o que foi adquirido pelo romance biográfico e pelo romance de educação. A força organizadora da noção de prova, que permitira tratar com profundidade o material heterogêneo que rodeava o herói, e associar aos aspectos cativantes da aventura os problemas internos e as complexidades psicológicas, confere grande importância a essa noção de prova na história posterior do romance. Assim, a noção de prova, tornada mais complexa e rica pelas aquisições do romance biográfico (principalmente do romance de educação), encontra-se na base do romance realista francês. Os romances de Stendhal e de Balzac, por seu tipo fundamental de construção, são romances de provas (a tradição barroca em Balzac é particularmente profunda). Entre os outros fenômenos importantes do século XIX, é preciso citar Dostoievski, cujos romances, pelo tipo de construção, são romances de provas.

A própria noção de prova ganha posteriormente um conteúdo ideológico muito variado. Temos, no romantismo tardio, a vocação e a genialidade postas à prova, bem como o fato de ser um eleito. Uma outra variante, no romantismo francês, apresenta o *parvenu* napoleônico, a saúde biológica e a aptidão para a vida (Zola) postos à prova, a genialidade do artista e, paralelamente, a sua aptidão para a vida *(Künstlerroman)* postos à prova, e, por fim, o reformador liberal, o nietzschiano, o amoralista, a mulher emancipada, etc., postos à prova (toda uma gama de variantes perpassa a produção romanesca de segunda ordem na segunda metade do século XIX). O romance russo passa por variante do romance de provas, em que se põe à prova o homem em seu valor e em sua aptidão social (o tema do *homem inútil).*

3. *O romance biográfico.*

O romance biográfico também já se prepara sobre o terreno da literatura clássica antiga — na biografia e na autobiografia antiga e na confissão dos primeiros tempos do cristianismo (até Santo Agostinho). Entretanto, trata-se apenas de uma fase preparatória. E, aliás, de uma maneira geral, nunca houve forma pura no romance biográfico. Há um princípio biográfico (autobiográfico) de estruturação do herói no romance e de uma estruturação correspondente em certos aspectos do romance.

As formas biográficas no romance apresentam-se nas seguintes variantes: a forma ingênua, antiga (já atestada na Antigüidade) do sucesso-insucesso; os trabalhos e as obras; as confissões (a biografia-confissão); a forma hagiográfica; e, finalmente, elabora-se, no século XVIII, a variante mais importante: o romance biográfico familiar.

De todas essas variantes da composição biográfica — incluindo a mais primitiva delas que se constrói sobre a enumeração dos sucessos e insucessos de uma vida - , reteremos um conjunto de características particularmente importantes.

1) *O enredo* do romance biográfico (diferentemente do que se passa no romance de viagem e no romance de provas) não se baseia em desvios em relação ao curso típico e normal de uma vida, mas em momentos típicos e fundamentais de qualquer vida humana: o nascimento, a infância, os anos de estudo, o casamento, a organização de um destino humano, os trabalhos e as obras, a morte, etc. Em outras palavras, baseia-se exatamente nos momentos que se situam antes do início ou depois do fim do romance de provas.

2) Conquanto a biografia do herói constitua o enredo do romance biográfico, nele a imagem do próprio herói carece de um verdadeiro devir, de uma evolução: a vida do herói (seu destino) se modifica, se elabora, evolui, ao passo que o herói permanece inalterado. A atenção se concentra quer em suas obras, façanhas, méritos, atos, quer nas formas assumidas por seu destino, por sua felicidade, etc. A única modificação conhecida pelo romance biográfico (sobretudo na autobiografia e na confissão) é a crise e a regeneração do herói (a hagiografia biográfica dos santos do tipo conflituoso — as *Confissões* de Santo Agostinho, etc.). A concepção da vida (a idéia da vida) que está na base do romance biográfico reside no fato de a vida se definir pelos resultados objetivos (pelas obras, méritos, trabalhos, façanhas) ou então pelas categorias da felicidade-infelicidade (com todas as variantes dessa categoria).

3) A particularidade essencial do romance biográfico é que nele vemos aparecer o *tempo* biográfico. Diferentemente do tempo biográfico da aventura e do tempo fabuloso, é com um realismo absoluto que todos os elementos se relacionam com o processo geral da vida, sendo esse processo circunscrito, não reproduzível e irreversível. Cada acontecimento da vida está localizado nesse processo global, e com isso deixa de ser uma aventura. O instante, o dia, a noite, a justaposição de breves instantes, tudo isso perde a importância no romance biográfico que opera com períodos longos, com partes orgânicas (as idades, etc.) do todo de uma vida. Sobre essa base temporal, o romance biográfico apresenta em primeiro plano os acontecimentos particulares e as peripécias. Acontece que os instantes, as

horas e os dias assim situados com destaque já não se subordinam à aventura, mas dependem do tempo biológico em que estão imersos e que os imbui de realidade.

O tempo biográfico, enquanto tempo real, não pode deixar de ser incluído no processo mais amplo do tempo histórico (do qual participa), ainda que só seja histórico de um modo embrionário. A vida biográfica não pode dar-se fora de uma época, ela estende-se além dos limites de uma vida cuja duração é representada, acima de tudo, pelas gerações. Não há lugar para as gerações no romance de viagem e no romance de provas. As gerações introduzem um aspecto novo, essencial, na representação do mundo, introduzem o contato entre vidas diacrônicas (a relação entre as gerações *versus* o encontro no romance de aventuras). Desemboca-se na duração histórica. Mas o próprio romance biográfico ainda não conhece o verdadeiro tempo histórico.

4) De acordo com as particularidades que acabamos de distinguir, também o *mundo* reveste, no romance biográfico, um caráter particular. Já não é um pano de fundo para o herói. O contato e o vinculo do herói com o mundo não se organizam como um encontro casual, fortuito e inesperado (nem como meio de pôr à prova). As personagens secundárias, o país, a cidade, as coisas ocupam um lugar funcional no romance biográfico e têm uma relação não menos funcional com a vida do protagonista. E isso que permite a essa representação do mundo superar tanto a desordenação naturalista do romance de viagem como o exotismo e a idealização abstrata do romance de provas. Graças ao vínculo que liga a um tempo histórico, a uma época, fica possível refletir a realidade de modo mais realista (a situação, a profissão, o nascimento serviam de máscaras no romance de viagem; no romance biográfico, esses elementos determinam consubstancialmente a vida). (O vínculo que liga às personagens secundárias, às instituições, ao país, perde seu caráter superficial peculiar à aventura.) Esses traços se manifestam com muitíssima clareza no romance biográfico familiar (do tipo de *Tom Jones* de Fielding).

5) A imagem do herói no romance biográfico. A heroificação é quase inexistente (só se preserva parcialmente, e numa forma modificada, na hagiografia. O herói tampouco é o ponto móvel no espaço que era no romance de viagem, privado de traços particulares. Em vez de uma heroificação abstrata e sistemática, tal como a encontrada no romance de provas, há um herói que se caracteriza indiferentemente por traços positivos ou negativos (não é posto à prova, mas tende para resultados concretos e reais). Porém esses traços têm um caráter estratificado, preconcebido, são dados enquanto tal desde o início e, em toda a duração do romance, o homem permanece inalterado. Os acontecimentos não modelam o homem, mas seu destino (ainda que este seja criador).

Estes são os princípios fundamentais da estruturação do herói romanesco que foram elaborados e praticados na segunda metade do século XVIII, ou seja, antes do momento em que se edificava o romance de educação. Todos esses princípios estruturais do herói prepararam o desenvolvimento das formas sincréticas do romance no século XIX, e, acima de tudo, do romance realista (Stendhal, Balzac, Flaubert, Dickens, Thackeray). Para compreender o romance do século XIX, é indispensável conhecer a especificidade e o valor dos princípios de estruturação do herói que, em maior ou menor grau, presidem à criação do romance realista. O romance de educação, tal como surgiu na Alemanha na segunda metade do século XVIII, tem uma importância primordial para o romance realista (e em parte para o romance histórico).

II

O romance de educação

O tema fundamental de nosso trabalho é a espácio-temporalidade e a imagem do homem no romance. Adotamos como critério o grau de assimilação entre o tempo histórico real e o homem nessa temporalidade. Nossa tarefa, no essencial, refere-se aos problemas teóricos que se colocam nas áreas da literatura. Uma análise teórica necessita recorrer a um material histórico concreto. Por outro lado, essa tarefa por si só é demasiado vasta e necessita ser delimitada tanto em seus aspectos teóricos como em seus aspectos históricos. Daí nossa escolha de uma problemática mais especializada e mais concreta que concerne ao *homem em formação* (em devir) no romance.

O tema assim delimitado acarreta novas restrições e precisões.

Existe uma variante específica do gênero romanesco que se chama "romance de educação ou de formação" *(Erziehungsroman* ou *Bildungsroman).* Costuma-se relacionar a essa variante do gênero (numa ordem cronológica) os seguintes tipos básicos: *Ciropedia* de Xenofonte (Antigüidade), *Parzival* de Wolfram von Eschenbach (Idade Média), *Gargantua e Pantagruel* de Rabelais, *Simplicissimus* de Grimmelshausen (Renascimento), *Telêmaco* de Fénelon (Neoclassicismo), *Emflio* de Rousseau (na medida em que este tratado pedagógico comporta muitos elementos romanescos), *Agathon* de Wieland, *Tobias Knaut* de Wetzel, *Correntes de vida por linhas ascendentes* de Hippel, *Wilhelm Meister* de Goethe (os dois romances), *Titã* de Jean Paul (e alguns outros romances seus), *David Copperfield* de Dickens, *O pastor da fome* de Raabe, *Henrique, o Verde* de

~kkkkkkk

Gottfried KelIer, *Pedro, o afortunado* de Pontoppidan, *Infância, adolescência e juventude* de Tolstoi, *Uma história comum* de Gontcharov, *Jean-Christophe* de Romain Rolland, *Os Buddenbrook* e *A montanha mágica* de Thomas Mann, etc.

Certos teóricos, guiados por princípios puramente compositivos (pelo conjunto do tema romanesco concentrado no processo de formação do herói), restringem consideravelmente essa série (e excluem Rabelais, por exemplo). Outros, pelo contrário, contentam-se com que o princípio de formação do herói esteja presente no romance, e ampliam consideravelmente essa série, incluindo obras tais como *Tom Jones, o enjeitado* de Fielding, *A feira das vaidades* de Thackeray, etc.

À primeira vista, está claro que a série que acabamos de mencionar contém fenômenos por demais heterogêneos, tanto de um ponto de vista teórico como de um ponto de vista histórico. Certos romances têm um caráter puramente biográfico e autobiográfico, outros não; uns organizam-se em torno da idéia pedagógica da educação do homem, outros se desinteressam dela; uns seguem um plano rigorosamente cronológico, uma evolução no aprendizado do protagonista, e são quase totalmente isentos de enredo romanesco, outros, pelo contrário, organizam-se em torno de um enredo feito de aventuras elaboradas. As diferenças são ainda mais substanciais quando se trata da relação existente entre esses romances e o realismo e, sobretudo, com o tempo histórico real.

Essas constatações obrigam-nos a introduzir um corte diferente, não só na série citada, mas também em toda a problemática do romance chamado de educação.

Trata-se, acima de tudo, de isolar o princípio determinante da *formação do homem.* Na maioria dos casos, o romance (e as variantes romanescas) conhece apenas a imagem *pre-estabelecida* do herói. A dinâmica do romance, os acontecimentos e episódios nele representados, consiste em movimentar o herói no espaço, na hierarquia social: ele é mendigo, fica rico, é plebeu, torna-se nobre. O herói ora se aproxima, ora se afasta de seu objetivo - da noiva, da vitória, da riqueza, etc. Os acontecimentos modificam-lhe o destino, a situação na vida e na sociedade, ao passo que ele permanece inalterado, sempre igual a si mesmo.

Na maioria das variantes do gênero romanesco, o enredo, a composição e toda a estrutura interna do romance postulam a imutabilidade, a firmeza da imagem do herói, a unidade estática que ele representa. O herói é uma *grandeza constante* na fórmula do romance; as outras grandezas - o ambiente espacial, a situação social, a fortuna, em suma, todos os aspectos da vida e do destino do herói - são *grandezas variáveis.*

O conteúdo dessa *grandeza constante* (do herói preestabelecido e imutável) e os indícios de sua unidade, de sua constância e de sua própria identidade podem ser muito variados — a começar pela identidade zero do nome dado ao herói (em certas variantes do romance de aventuras) para terminar em seu caráter que pode ser complexo e ter alguns de seus aspectos revelados apenas progressivamente, ao longo do romance. O que também pode ser variável são os princípios da seleção dos traços essenciais e os princípios de combinação e de organização do conjunto da imagem do herói, e, afinal, os princípios compositivos que regem a revelação dessa imagem.

No entanto, sejam quais forem as diferenças estruturais da própria imagem, o herói não tem mobilidade nem devir. O herói é o ponto imóvel e imutável em torno do qual se efetua toda a dinâmica do romance. A constância e a imobilidade interna do herói são as premissas do movimento romanesco. A análise dos enredos romanescos típicos mostra que estes pressupõem um herói preestabelecido, imutável, pressupõem a *unidade estática* do herói. É o desenrolar do destino e da vida do herói preestabelecido que confere conteúdo ao enredo. O próprio caráter do homem, suas modificações e sua evolução não se transformam em enredo romanesco. Este é o tipo predominante de romance.

Ao lado desse tipo predominante e muito difundido, há outro tipo de romance, muito mais raro, que apresenta a imagem do homem em devir. A imagem do herói já não é uma *unidade estática* mas, pelo contrário, uma *unidade dinâmica.* Nesta fórmula de romance, o herói e seu caráter se tornam uma *grandeza variável.* As mudanças por que passa o herói adquirem importância para o enredo romanesco que será, por conseguinte, repensado e reestruturado. O tempo se introduz no interior do homem, impregna-lhe toda a imagem, modificando a importância substancial de seu destino e de sua vida. Pode-se chamar este tipo de romance, numa acepção muito ampla, de *romance de formação* do homem.

A *formação* (a transformação) do homem varia, porém, muito conforme o grau de assimilação do tempo histórico real.

Na organização temporal do romance de aventuras, a transformação do homem é, claro, impossível (voltaremos a este ponto), ao passo que é totalmente possível na temporalidade cíclica. No idílio, por exemplo, o tempo se presta a uma representação do desenrolar da vida humana (desde a infância até a velhice, passando pelos anos de juventude e de maturidade) e a uma representação das modificações internas do caráter e da mentalidade, que se realizam no homem à medida que vão passando os anos. E um tipo de evolução cíclica que cada vida reproduz. O romance cíclico de tipo puro (puramente articulado sobre a idade) não é comprovado, mas os elementos constitutivos desse tipo abundam no idílio do século XVIII e entre os representantes do regionalismo e do *Heimatkunst* do século XIX. Por outro lado, na ramificação humorística do romance de educação (no sentido estrito), representada por Hippel e Jean Paul (em parte também por Sterne), o ingrediente idílio-ciclo tem enorme importância. Este ingrediente está presente, em maior ou menor grau, nos outros romances de formação (é muito acentuado em Tolstoi que, a esse respeito, se vincula diretamente às tradições do século XVIII).

Um segundo tipo de temporalidade cíclica, observado no romance de formação, e que se relaciona (se bem que menos estreitamente) com as idades do homem, consiste em representar um certo modo de desenvolvimento típico, repetitivo, que transforma o adolescente idealista e sonhador num adulto sóbrio e prático - uma trajetória que, no final, é acompanhada de graus variáveis de cepticismo e resignação. Este tipo de romance de formação se caracteriza por uma representação que assimila o mundo e a vida a uma *experiência*, a uma *escola* pelas quais todos os homens devem passar para retirar delas um único e mesmo resultado: a sobriedade acompanhada de um grau variável de resignação. Este tipo, em sua forma mais pura, é representado pelo romance clássico de formação da segunda metade do século XVIII, acima de tudo por Wieland e Wetzel. É a esse tipo que também pertence, em larga medida, *Henrique, o Verde* de Keller. Elementos desse tipo aparecem também em Hippel, em Jean Paul e sobretudo em Goethe.

O terceiro tipo do romance de formação é representado pelo tipo biográfico (e autobiográfico). Nele está ausente o elemento cíclico. A transformação se insere no tempo biográfico, atravessa fases individuais não generalizáveis. Tal romance pode ser típico, mas a tipificação desse tempo já não é cíclica. A transformação é o resultado de um conjunto de circunstâncias, de acontecimentos, de atividades, de empreendimentos, que modificam a vida. É o destino do homem que se constrói, e, ao mesmo tempo, este se constrói, constrói seu caráter. A elaboração da vida-destino se confunde com a formação do próprio homem. E o caso de *Tom Jones* de Fielding, de *David Copperfleld* de Dickens.

O quarto tipo do romance de formação é representado pelo romance didático-pedagógico. Fundamenta-se numa idéia pedagógica determinada, concebida com maior ou menor amplitude. Ele apresenta o processo pedagógico da educação no sentido estrito da palavra. É ao tipo puro deste romance que se vinculam obras como: *Ciropedia* de Xenofonte, *Telêmaco* de Fénelon, *Emílio* de Rousseau. Elementos desse tipo encontram-se também em outras variantes do romance de formação (mesmo em Goethe, em Rabelais).

O quinto e último tipo do romance de formação é o mais importante. Nele a evolução do homem é indissolúvel da evolução histórica. A formação do homem efetua-se no *tempo histórico* real, necessário, com seu futuro, com seu caráter profundamente cronotópico. Nos quatro tipos anteriormente mencionados, a formação do homem se operava contra o pano de fundo imóvel de um mundo já concluído e, no essencial, totalmente estável. Mesmo quando ocorriam mudanças, estas eram secundárias e não atingiam os fundamentos do mundo. O homem se formava, se desenvolvia, mudava, no interior de uma época. O que esse mundo concreto e estável esperava do homem em sua atualidade era que este se adaptasse, conhecesse as leis da vida e se submetesse a elas. Era o homem que se formava e não o mundo: o mundo, pelo contrário, servia de ponto de referência para o homem em desenvolvimento. A evolução do homem era por assim dizer assunto pessoal seu, e os frutos dessa evolução pertenciam à sua biografia privada; no mundo, nada mudava. A própria noção de um mundo servindo de experiência, de escola era muito produtiva no romance de educação: imprimia certa aparência ao mundo e apresentava sua outra face ao homem — a face que, justamente, era desconhecida antes desse romance; isso levava a repensar os elementos do enredo romanesco e abria ao romance novos pontos de vista, realistas e produtivos sobre o mundo. Ainda assim o mundo, mesmo quando concebido como experiência e escola, continuava a ser um dado preestabelecido, imutável, que só mudava graças ao processo de investigação de quem o estudava (na maioria dos casos, esse mundo se revelava mais pobre e mais seco do que parecia no princípio).

Em romances como *Gargantua e Pantagruel, Simplicissimus, Wilhelm Meister*, a formação do homem apresenta-se de modo diferente. Já não é um assunto particular. O homem se forma *ao mesmo tempo que* o mundo, reflete em si mesmo a formação histórica do mundo. O homem já não se situa no interior de uma época, mas na fronteira de duas épocas, no ponto de passagem de uma época para outra. Essa passagem efetua-se nele e através dele. Ele é obrigado a tornar-se um novo tipo de homem, ainda inédito. É precisamente a formação do novo homem que está em questão. A força organizadora do futuro desempenha portanto um importante papel, na mesma medida em que o futuro não é relativo à biografia privada, mas concernente ao futuro histórico. São justamente os *fundamentos* da vida que estão mudando e compete ao homem mudar junto com eles. Não é de surpreender que, nesse tipo de romance de formação, os problemas sejam expostos em toda a sua envergadura, pois que se trata da realidade e das possibilidades do homem, da liberdade e da necessidade, da iniciativa criadora. A imagem do homem em devir perde seu caráter privado (até certo ponto, claro) e desemboca numa esfera totalmente diferente, na esfera espaçosa da existência histórica. Este é o último tipo do romance de formação, o tipo realista.

O princípio de tal formação histórica do homem encontra-se na quase totalidade dos grandes romances realistas, o que equivale a dizer que sempre estarão presentes quando o tempo histórico for assimilado.

É precisamente este último tipo de romance realista de formação que constitui o tema do nosso estudo. Este tipo de romance oferece um material particularmente adaptado à problemática teórica mais genérica do nosso trabalho cujo propó-

sito é tornar claro o grau de assimilação do tempo histórico nas fases essenciais do romance.

É evidente que o romance de formação do quinto tipo não pode ser compreendido independentemente dos quatro outros tipos do romance de formação, principalmente do segundo tipo - do romance de educação na acepção exata do termo (Wieland é seu fundador) que prepara diretamente o romance tal como será praticado por Goethe. Esse romance é o evento mais característico do Século das Luzes na Alemanha. Foi nesse tipo de romance que já foram colocados, de uma forma embrionária, os problemas da realidade e das possibilidades do homem e o problema da iniciativa criadora. Por outro lado, o romance de educação se relaciona diretamente com os primeiríssimos romances de formação de tipo autobiográfico, especialmente com *Tom Jones* de Fielding (já nas primeiras palavras de seu célebre “prefácio”, Wieland vincula seu *Agathon* ao tipo de romance - mais exatamente ao tipo de herói — iniciado por *Tom Jones).* Para compreender os problemas suscitados pelo tempo na formação do homem, cumpre também levar em conta o tipo cíclico de formação encontrado no idílio, tal como está presente em Hippel e Jean Paul (em relação com elementos de formação mais complexos vinculados à influência de Wieland e de Goethe). E, finalmente, para compreender a imagem do homem em formação em Goethe, cumpre também levar em conta a idéia de educação tal como ela se constituiu no Século das Luzes, e, em particular, tal como se apresenta através das variantes específicas que encontramos na Alemanha, na noção de uma educação da espécie humana em Lessing e em Herder.

Assim, portanto, mesmo limitando-nos ao estudo do quinto tipo do romance de formação, também teremos de aludir aos outros tipos desse romance; isso entretanto não quer dizer que busquemos abarcar o material histórico em sua totalidade (nosso objetivo permanece principalmente teórico) e estabelecer todas as conexões e todas as relações históricas, ainda que fundamentais. Nosso trabalho não visa uma análise histórica exaustiva desse problema.

Uma posição particular na evolução do romance realista de formação cabe a Rabelais (e, em parte, a Grimmelshausen). Nestes casos o romance representa um vasto empreendimento

que visa a construção de uma imagem do homem em evolução, localizado num tempo folclórico histórico-popular. Daí a imensa importância de Rabelais, tanto para o problema geral da assimilação do tempo histórico no romance quanto para o problema particular da imagem do homem em evolução. E por esta razão que dedicamos em nosso trabalho um espaço considerável a Rabelais assim como a Goethe.

III

O espaço e o tempo

A aptidão para *ver o tempo*, para *ler o tempo* no espaço, e, simultaneamente, para perceber o preenchimento do espaço como um todo em formação, como um acontecimento, e não como um pano de fundo imutável ou como um dado preestabelecido. A aptidão para ler, em tudo — tanto na natureza quanto nos costumes do homem e até nas suas idéias (nos seus conceitos abstratos) -, os *indícios da marcha do tempo*. O tempo se revela acima de tudo na natureza: no movimento do sol e das estrelas, no canto do galo, nos indícios sensíveis e visuais das estações do ano. Tudo isso é relacionado com os momentos que lhe correspondem na vida do homem (com seus costumes, sua atividade, seu trabalho) e que constituem o tempo cíclico. O crescimento das árvores e do rebanho, as idades do homem, todos eles indícios visíveis que se referem a períodos mais amplos. Por outro lado, teremos os sinais visíveis, mais complexos, do tempo histórico propriamente dito, as marcas visíveis da atividade criadora do homem, as marcas impressas por sua mão e por seu espírito: cidades, ruas, casas, obras de arte e de técnica, estrutura social, etc. O artista decifra nelas os desígnios mais complexos do homem, das gerações, das épocas, dos povos, dos grupos e das classes sociais. O trabalho dos olhos que vêem combina-se aqui com um processo muito complexo do pensamento. Quaisquer que sejam, porém, o nível de profundidade e o grau de generalização desse processo cognitivo, este nunca se separa totalmente do trabalho a que se dedicam os olhos, não se separa do indício sensível e concreto, não se separa da palavra viva e imaginativa. Por fim, temos as contradições sócio-econômicas — essas forças motrizes da evolução

— que vão do contraste elementar, imediatamente visível (a diversidade social do país natal tal como a observamos da estrada) até as manifestações mais profundas e complexas tais como aparecem nas relações e nas idéias do homem. Essas contradições abrem necessariamente uma janela para o tempo futuro. E quanto mais profundamente se revelarem essas contradições, mais plena e substancial será a visão do tempo através das imagens do artista-romancista.

Na literatura mundial, um dos ápices da visão do tempo histórico é atingido por Goethe.

A visão e a representação do tempo histórico se preparam no Século das Luzes (a esse respeito, foi-se muito injusto para com o Século das Luzes. E nele que se especificam os indícios e as categorias do tempo cíclico - o tempo natural, cotidiano e agrário do idílio, depois de este tempo ter sido, claro, preparado pelo Renascimento e pelo século XVII, sem contar a influência da tradição da Antigüidade clássica). O tema das “estações do ano”, dos “ciclos agrários”, das “idades do homem” atravessa todo o século XVIII e tem muita importância na produção poética. Este tema, aliás- o que é muito importante -, não se restringe estritamente a uma temática, tem um valor estruturante e organizador (em Thomson, Gessner, e em outros representantes do idílio). É preciso reavaliar a famosa não--historicidade do Século das Luzes. Em primeiro lugar, não se pode esquecer que a historicidade do primeiro terço do século XIX, que desdenhosamente qualificou o Século das Luzes de anti-histórico, foi preparada pelo último. Em segundo lugar, a historicidade do século XVIII não deve ser julgada em comparação com essa fase de historicidade tardia (que, repetimos, foi justamente preparada por este século), mas em comparação com as épocas que o precederam. Nessa ótica, o século XVIII revela-se ser a época de um poderoso *despertar da sensibilidade ao tempo* da natureza e da vida humana. Até o último terço do século, verifica-se a predominância dos tempos cíclicos, mas aqui ainda, apesar de suas limitações, esses tempos revolvem o terreno que servia de base ao mundo imutável das épocas anteriores. E é nesse terreno revolvido pelos tempos cíclicos que começam a surgir os indícios do tempo histórico. As contradições internas da época, perdendo seu caráter absoluto, eterno, adquirido, revelam, no interior da época, uma plu-

ritemporalidade histórica: o remanescente do passado e os germes, as tendências do futuro. Simultaneamente, o tema das idades do. homem, que se amplificará até englobar o tema das gerações, começa a perder seu caráter cíclico e a preparar uma ótica histórica. Esse processo de preparação que leva à descoberta do tempo histórico era mais rápido, mais complexo, mais profundo na *criação literária* do que nas especulações abstrato-filosóficas e nas especulações propriamente histórico-ideológicas dos iluministas.

Em Goethe, que a esse respeito é o sucessor e a conclusão do Século das Luzes, a visão artística do tempo histórico, como já dissemos, atinge um ápice que continua inigualável.

O problema do tempo e do desenvolvimento histórico (especialmente a imagem do homem em devir) na obra de Goethe nos deterá mais detalhadamente na segunda parte deste trabalho. Por ora, aplicaremos nossa atenção ao exame de certos traços específicos da percepção do tempo em Goethe, o que nos permitirá esclarecer as idéias que adiantamos sobre os cronotopos e sobre o domínio dos fatos de temporalidade na literatura.

Antes de mais nada, salientamos (e isso é amplamente conhecido) a excepcional importância do *visível* para Goethe. Os sentimentos externos, as emoções internas, as especulações e os conceitos abstratos se concentram em torno do olho que vê, como centro, como primeira e última instância. Tudo o que é substancial pode e deve ser visível; tudo o que é invisível não é substancial. Todos sabem a importância que Goethe atribuía à *cultura do olho* e em que profundidade situava esta cultura. Em seu modo de compreender o *olho* e o *visível*, Goethe estava tão afastado do sensualismo rudimentar como do estetismo tacanho. O visível representava para ele não só a primeira, mas também a última instância, aquela em que o visível já está enriquecido e imbuído de toda a complexidade do sentido e do conhecimento.

Goethe detestava as palavras que não manifestavam uma experiência propriamente visual. Depois de visitar Veneza, exclama: “Assim, portanto, graças a Deus, Veneza já não é para mim uma palavra vã, um nome vazio, que tantas vezes me angustiou, a mim que sou o inimigo mortal dos sons vazios” *(Viagem à Itália,* “Veneza”).

Para Goethe, as noções a as idéias mais complexas e elaboradas sempre podem ser representadas de uma *forma visível,* por meio de um esboço, de um desenho esquemático ou simbólico. Todas as idéias propriamente científicas e as construções do espírito estão expressas em Goethe em forma de esquemas, de esboços e de desenhos precisos. As idéias dos outros, Goethe as assimila depois de revesti-las de uma forma visível. Na noite em que se aproximou de Schiller, enquanto lhe expõe a idéia da *Metamorfose das plantas,* Goethe, com alguns traços da pena, faz surgir ante os olhos de seu interlocutor uma flor simbólica *(Anais).* Mais tarde, durante meditações a que se entregam juntos “sobre a natureza, a arte e os costumes”, Goethe e Schiller sentem a necessidade vital de recorrer a esquemas, a esboços simbólicos *(“die Notwendigkeit von tabellarischer und symbolischer Behandlung”).* Juntos compõem uma “rosa dos temperamentos”, um quadro das influências boas ou nefastas do diletantismo, desenham esquemas da teoria goethiana das cores: *“Farbenlehre” (Anais).*

Não há fundamentos de uma visão filosófica do mundo que não possam expressar-se na forma de uma imagem visual, simples e clara. Durante a viagem que o leva de Nápoles à Sicília, quando Goethe se encontra em alto mar pela primeira vez, vê a linha do horizonte fechar-se ao seu redor, e escreve: “Quem nunca se viu inteiramente rodeado de mar, não tem a menor idéia do mundo e de suas próprias relações com *ele”(Viagem à Itália,* “Na Sicília”).

A *palavra,* para Goethe, sempre coincidia com o visível. Em *Poesia e verdade,* relatanos o “procedimento bastante estranho” ao qual costuma recorrer: quando um objeto ou um lugar o interessa, traça-o no papel por meio de alguns traços e insere os detalhes no desenho por meio de *palavras.* Esses surpreendentes híbridos artísticos lhe permitiam reconstituir com precisão na memória qualquer localidade *(Lokalitãt)* de que podia necessitar para um poema ou uma narrativa *(Poesia e verdade,* livro XIX).

Assim, portanto, Goethe queria — e sabia — perceber tudo com os olhos. O invisível não existe para ele. Mas, ao mesmo tempo, seus olhos não queriam (nem podiam) ver nada como *já concluído* e *imóvel.* Seus olhos não reconheciam uma justaposição pura e simplesmente espacial, uma simples coe-

xistência das coisas e dos fenômenos. Por trás de qualquer diversidade estática, ele via a multitemporalidade: a diversidade incluía-se, para ele, no escalonamento das épocas e da evolução, ou seja, continha um sentido temporal. Numa curta nota intitulada “Ainda sobre meu relacionamento com Schiller”, eis como Goethe define essa particularidade sua: “Eu dispunha de um método de desenvolvimento que me revelava a evolução *(die entwickelnde entfaltende Methode),* e não de um método que ordenasse as coisas mediante oposições; eu não sabia o que fazer com fenômenos justapostos, ou melhor, só podia estabelecer a filiação deles” *(Anais).*

A simples contigüidade espacial *(neben einander)* dos fenômenos era profundamente alheia a Goethe; ele costumava preenchê-la, penetrá-la com o *tempo,* descobria nela o processo de formação, o desenvolvimento, distribuía as coisas que se encontram juntas no *espaço* segundo os elos temporais, segundo as épocas de geração. Para ele, o contemporâneo, tanto na natureza como na vida humana, se manifesta como uma diacronia essencial: ou como remanescentes ou relíquias de diversos graus de evolução e das formações do passado, ou então como germes de um futuro mais ou menos remoto.

Sabe-se bem como Goethe lutou para introduzir as noções de formação, de evolução nas ciências naturais. Não cabe comentar aqui seus trabalhos propriamente científicos. Observaremos somente que neles o visível concreto está isento de estatismo e correlaciona-se com o tempo. Em toda parte *o olho que vê* procura e encontra o *tempo:* a evolução, a formação, a história. Por trás do que está *concluído,* transparece, com excepcional evidência, o que está em evolução e em preparação. Quando Goethe atravessa os Alpes, contempla o movimento das nuvens e da atmosfera ao redor das montanhas e inventa uma teoria meteorológica. No vale, os habitantes recebem o bom e o mau tempo como algo já concluído, na montanha, assiste-se à sua formação.

Eis uma pequena ilustração dessa “visão da formação” na *Viagem à Itália:* “Quando observamos de perto ou de longe as montanhas, quando vemos seus cumes ora brilhantes à luz do sol, ora rodeados de bruma, cercados de nuvens tempestuosas, chicoteadas pela chuva, ou cobertos de neve, atribuímos tudo isso à atmosfera, pois vemos e distinguimos mui-

to bem com os olhos seus movimentos e suas mudanças. As montanhas, em contrapartida, estendem-se ante nossos sentidos externos, imóveis, em sua forma usual. Julgamo-nas mortas, porque estão imóveis, inativas, porque estão quietas. Eu, entretanto, faz muito tempo que não posso deixar de atribuir em grande parte as mudanças que se mostram na atmosfera a uma ação interior, calma e secreta das montanhas” (“De Carlsbad a Brenner”).

Mais adiante, Goethe desenvolve a hipótese segundo a qual a força de atração da massa terrestre, e sobretudo de suas partes salientes (os picos das montanhas), longe de ser constante e invariável, está em constante pulsação e, por diversas razões, ora se reduz, ora se intensifica. E precisamente a própria massa da montanha que influencia as mudanças atmosféricas. Dessa atividade interior da própria montanha, resulta o tempo meteorológico que é recebido, como algo concluído, pelos habitantes do vale.

Pouco nos importa que essa hipótese científica não esteja comprovada. O que importa é a particularidade da visão de Goethe tal como se revela. Há que convir que as montanhas, para quem as contempla, são habitualmente a própria imagem do estatismo, a encarnação da imobilidade e da imutabilidade. Ora, as montanhas não são algo inerte, estão apenas imobilizadas, não são inativas e apenas aparentam sê-lo porque estão quietas, descansam *(sie ruhen),* e a força de atração de uma massa não é uma grandeza constante, sempre igual a si mesma, ela muda, vibra, oscila. É por isso que também as montanhas, onde essa força parece intensificar-se, são cambiantes, ativas, criadoras do tempo meteorológico.

Daí resulta que o quadro iniciado por Goethe passa por uma transformação nítida e *profunda.* Basta realmente lembrar-nos de que, no princípio, havia mudanças acentuadas da atmosfera (o brilho sob um sol forte, as nuvens, os temporais, a chuva violenta, a neve) situada contra o fundo imóvel dos montes eternamente imutáveis; no final, *nada resta* desse fundo imóvel e imutável que ganhou um movimento mais profundo do que o evidente, mas secundário da atmosfera; esse fundo tornou-se ativo, ou melhor, é nele que se situam o verdadeiro movimento e a atividade.

Essa particularidade da visão de Goethe, que se revela em nosso curto exemplo, manifesta-se em tudo, numa ou noutra forma (conforme o material), com maior ou menor evidência. O que, antes dele, servia de fundo sólido e imutável para todos os tipos de movimentos e mudanças, implica para Goethe um processo de evolução, encontra-se inteiramente penetrado de temporalidade e mostra-se mesmo essencialmente criador de movimento. Veremos mais adiante, na análise de *Wilhelm Meister,* que o que constituía habitualmente o pano de fundo sólido do romance, a grandeza constante, as premissas imóveis para a dinâmica de um enredo romanesco, torna-se consubstancialmente portador do movimento, seu iniciador, torna-se centro organizador da dinâmica do enredo, graças ao qual o próprio enredo romanesco se modifica radicalmente. E precisamente aí, nesse fundo imóvel dos fundamentos do mundo (sócio-econômicos, políticos e morais), que ele, "tacanho filisteu", costumava aliás proclamar imutável e eterno, que Goethe descobre o movimento. Em *Wilhelm Meister,* esses fundamentos do mundo começam a pulsar, semelhantes aos maciços montanhosos que citamos como exemplo, sendo essa pulsação profunda que determina o movimento superficial e a mudança dos destinos humanos, das vidas humanas. Mas voltaremos a esse ponto.

Chegamos assim à surpreendente aptidão de Goethe para ver o tempo no espaço. O que impressiona é o frescor e a vivacidade excepcional dessa visão do tempo (corrente, aliás, entre os escritores do século XVIII que pareciam ver o tempo pela primeira vez), que se explica em parte, é verdade, pelo fato de esta visão ser ainda relativamente simples e elementar, e por isso comportar um relevo mais sensível. Goethe tinha a vista aguda para todos os indícios e sinais do tempo na natureza:determinava muito depressa, a olho, a idade de uma árvore, conhecia o tempo de crescimento de diversas espécies de árvores, sabia ver as épocas e as idades. Tinha vista aguçadíssima para os indícios visíveis do tempo da vida humana (desde o tempo cotidiano de uma jornada do homem medido pelo sol e pela ordem das coisas até o tempo de uma vida humana inteira), das idades e das épocas da formação do homem. A substancialidade do *tempo biográfico* para Goethe, e a profundidade da visão desse tempo são comprovadas por suas próprias autobiografias - seus trabalhos biográficos que têm muito peso em sua criação ´~~ assim como pelo interesse constante que ele tem pela literatura autobiográfica e biográfica, interesse que compartilha, aliás, com sua época. (O método autobiográfico de Goethe faz parte da nossa problemática.)

No que se refere ao tempo do cotidiano em Goethe, lembremos com que amor e cuidado ele analisa o tempo do cotidiano entre os italianos em sua *Viagem à Itália:* "Num país onde apreciam o dia, mas usufruem especialmente a noite, o anoitecer é um momento muito importante. Então cessa o trabalho, o passeante regressa, o pai quer ver a filha de volta a casa, o dia acaba. Mas nós, cimérios, mal sabemos o que é o dia. Envolvidos em névoa e bruma eternas, pouco nos importa que seja dia ou noite; com efeito, por quanto tempo podemos realmente passear e nos divertir ao ar livre? Aqui, quando cai a noite, o dia, que se compõe da manhã e da tarde, acabou de uma vez, vinte e quatro horas se passaram, começa um novo cálculo, os sinos tocam, reza-se o terço. A criada entra na sala com um candeeiro aceso e diz: *‘Felicissima notte!’* Este momento muda com as estações do ano e o homem que, aqui, tem uma vida realmente viva, não pode ficar desorientado, pois todos os gozos de sua existência não se relacionam com a hora, mas com um momento do dia. Se fosse imposta ao povo a hora alemã ele ficaria confuso, pois a sua é intimamente ligada à sua natureza. Uma hora e meia ou uma hora antes da noite, a nobreza começa a sair de carruagem...” (“De Verona a Veneza”).

Mais adiante, Goethe desenvolve com detalhes o meio que escolheu para traduzir o tempo orgânico do italiano para o tempo alemão, ou seja, para um tempo familiar, e propõe um esboço onde, com a ajuda de círculos concêntricos, oferece a imagem visual das relações entre as horas (“De Verona a Veneza”).

Esse tempo italiano orgânico (o cálculo do tempo é feito a partir do *efetivo* pôr-do-sol que, conforme as estações, ocorre em horas diferentes) se entrelaça inextricavelmente com todo o modo de vida italiano, e, depois, Goethe volta a ele muitas vezes. A sua descrição do modo de vida italiano é impregnada do sentido da hora cotidiana que se mede pelos prazeres e pelos trabalhos da vida humana. Este sentido do tempo impregna profundamente a célebre descrição do carnaval romano.

Sobre o fundo desse tempo da natureza, do cotidiano e

da vida (que até certo ponto ainda permanece cíclico), Goethe descobre, entrelaçados com esse tempo, os indícios do tempo histórico: a marca perceptível impressa pelas mãos e pelo espírito do homem, e, em compensação, o reflexo dessa atividade do homem sobre seus costumes e suas idéias. Goethe procura e encontra, antes de mais nada, o *movimento visível do tempo histórico,* indissociável da ordenação natural de uma localidade *(Lokalität)* e do conjunto dos objetos criados pelo homem, consubstancialmente vinculados a essa ordenação natural. Aqui também, Goethe dá provas de uma excepcional perspicácia e de uma grande faculdade de visualização concreta.

Eis um exemplo que ilustra a perspicácia histórica característica da visão de Goethe. Dirigindo-se a Pirmont, ao atravessar a aldeia de Einbeck, Goethe vê, de imediato, que uns trinta anos antes a aldeia tivera um excelente burgomestre *(Anais).*

O que afinal vira ele de especial? Vira áreas verdes e árvores, e descobrira o caráter não fortuito delas. Vira a marca de uma *vontade do homem que se exercia de acordo com uma fina/idade,* e, segundo a idade das árvores — idade que soubera avaliar a olho -, soubera localizar essa atividade voluntária do homem.

Conquanto o fato que relatamos seja ínfimo e circunstancial, não deixa de revelar a estrutura de uma visão histórica. Vamos deter-nos nela um momento.

No fato que citamos, o que importa é a marca *substancial e viva* do passado no presente. O que temos aqui, não é uma ruína, talvez pitoresca porém morta, destituída de qualquer vínculo consubstancial com a contemporaneidade viva e sem ação sobre esta. Goethe não gostava do aspecto de “antigüidade” das ruínas que ele qualificava de fantasmas *(Gespenster)* e das quais fugia[1]. Esses vestígios, tal como um corpo estranho, incrustavam-se no presente, no qual eram inúteis e ininteligíveis. Goethe era hostil à confusão mecânica do presente com o passado que ignora o vínculo autêntico entre as épocas. E por essa razão que ele não gostava do culto dos sítios históricos ao qual se entregam os turistas; não suportava ouvir as narrativas dos guias sobre os grandes acontecimentos históricos que haviam ocorrido outrora. Tudo aquilo não passava de fantasmas, desprovidos de qualquer vinculo *necessário e visível* com a realidade viva que o rodeava.

---

[1] Goethe e a grande admiração da época pela antigüidade arqueológica. Basta lembrar o prestígio mundial desfrutado pelo romance “arqueológico’’, de Barthélemy, *Voyage du jeune Anarcharsis en Grèce* (1788), que inaugurou o gênero do romance arqueológico.

Um dia, na Sicília, não longe de Palermo, num vale luxuriante, um guia contava com muitos pormenores a Goethe as terríveis batalhas travadas e as extraordinárias façanhas praticadas outrora por Aníbal naqueles lugares. “De mau humor, critiquei-lhe a maldita evocação daqueles falecidos fantasmas *(das fatale Herverrufen solcher abgeschieden Gespenster).”* De fato, que vínculo necessário e criador (historicamente produtivo) poderia haver entre campos transbordantes de fertilidade e a recordação dos elefantes e dos cavalos de Anibal que os haviam pisoteado? O guia ficou espantado com a indiferença de Goethe para com recordações imbuídas de tradição. “E não pude explicar-lhe claramente meu estado de espírito ante tal *mistura do passado com o presente.”* O guia ficou ainda mais espantado quando Goethe, menosprezando aquelas recordações “clássicas”, se pôs a apanhar cuidadosamente pedrinhas na margem do rio. “Não consegui explicar-lhe que o modo mais rápido de ter uma idéia de uma região montanhosa é examinar as espécies de pedras que os rios arrastam consigo, e que também naquele caso tratava-se de formar, através das ruínas, uma noção daqueles cumes eternamente clássicos da antigüidade terrestre” *(Viagem à Itália,* “Na Sicília”, Palermo, 2 de abril de 1787).

O trecho que citamos tem uma importância especial, que não se deve aos poucos elementos de rousseaunismo (oposição entre o tempo da natureza e da criação e o tempo “daqueles cumes eternamente clássicos da antigüidade terrestre”, entre o vale fértil e a história dos homens feita de guerras e de devastações), mas a outra coisa: é a primeira vez que se manifesta a hostilidade característica de Goethe pelo passado *desvinculado,* o passado em si e para si, o passado que será, justamente, o predileto dos românticos. Goethe procura perceber os *vínculos necessários* que ligam o passado ao presente vivo, procura compreender o *lugar necessário* do passado na *continuidade da evolução histórica.* Um segmento isolado, desvinculado do passado, é um “fantasma” que inspira a Goethe um movimento de rejeição e chega a aterrorizá-lo. A esses “fantasmas desaparecidos”, Goethe opõe as pedrinhas apanhadas na margem do rio pois, a partir desses fragmentos, é possível formar uma *idéia global* sobre o caráter de toda uma região montanhosa e sobre o passado necessário da terra. Goethe tem uma concepção clara da duração em cujo termo tais fragmentos se encontram necessariamente ali, hoje, e ali, na margem do rio, tem uma concepção clara da natureza, da idade geológica, do lugar que essas pedrinhas ocupam na *evolução contínua* da terra. O passado e o presente já não estão mecanicamente confundidos: tudo tem seu lugar *estável e necessário no tempo.*

Outra característica da visão histórica do tempo em Goethe é a criatividade do passado, de um passado que deve estar *ativo* no presente (ainda que seja numa perspectiva negativa, indesejável). O passado determina o presente de um modo criador, e juntamente com o presente, dá dimensão ao futuro que ele predetermina. Atinge-se assim uma *plenitude temporal* que é sensível, visível. Tal é o passado que Goethe, numa escala microscopicamente desproporcionada, experimenta diante da aldeia de Einbeck: o passado - a vegetação, as árvores - continua a viver no presente (neste caso, literalmente) pois as árvores que foram plantadas estão vivas e continuam a crescer; essas árvores determinam a aldeia e lhe conferem uma fisionomia e, claro, na mesma escala microscopicamente desproporcionada, a ação delas estende-se também ao futuro.

Nosso pequeno exemplo anódino oferece outro traço característico. A visão histórica de Goethe sempre se apóia numa percepção profunda, concreta e atenta, dos lugares. O passado criador deve revelar-se *necessário e produtivo* nas condições específicas de uma localidade, como uma humanização criadora dessa localidade, que transforma uma parcela do espaço terrestre num lugar histórico de vida para o homem, num espaço histórico do mundo.

Uma localidade, ou uma paisagem, que não reserva um lugar ao homem e à sua atividade criadora, que não é habitada e urbanizada não pode servir de teatro para a história do homem, e isto é algo que Goethe não entende nem suporta.

Na época, as pessoas eram apaixonadas pela natureza selvagem e pelas paisagens agrestes, virgens, inacessíveis ao homem, tanto na literatura como na pintura, o que Goethe não

suportava. Mais tarde, ele manifestará sua desaprovação às tendências análogas que aparecem também no terreno realista.

Em 1820, F.Gmelin envia a Weimar as gravuras em cobre que executou para uma luxuosa edição da *Eneida*, de Virgílio, traduzida por Annibale Caro. O artista representou, num estilo realista, as regiões desertas e pantanosas da campina romana. Ao mesmo tempo que reconhece o talento do artista, Goethe condena-lhe a orientação: “Haverá algo mais aflitivo que esse jeito de secundar uma poesia com a representação de regiões desérticas, que a imaginação é impotente para reorganizar e repovoar?” *(Anais).*

A imaginação criativa de Goethe preocupa-se, acima de tudo, em povoar e organizar uma região, sendo este o único ângulo pelo qual Goethe podia considerar um lugar. Se tiram-lhe o homem e sua atividade criadora, uma localidade perde seu sentido visível e sua importância porque todos os critérios vivos de avaliação que lhe são aplicáveis referem-se ao *homem construtor,* sendo pelas mãos dele que ela se torna um espaço histórico da vida. Na análise de *Wilhelm Meister*, veremos a aplicação artística desse ponto de vista.

Estas são as particularidades estruturais da visão do tempo histórico em Goethe, tais como já se revelam no exemplo simples que demos acima.

Vamos agora fundamentar nossas opiniões num material mais complexo.

Em *Poesia e verdade* Goethe faz uma observação que é muito importante para o problema que nos ocupa:

“Mas um sentimento que prevalecia vigorosamente em mim, e nunca assumia formas demasiado estranhas, era a impressão de que o presente e o passado formam um todo, e essa noção introduzia algo de fantástico no presente. Ela está expressa em inúmeros trabalhos meus, grandes e pequenos, e seu efeito é sempre benéfico num poema, se bem que, no mesmo instante em que ela se expressava diretamente sobre a vida e na vida, parecesse forçosamente a todos *estranha,* inexplicável e talvez desagradável.

“Colônia era o lugar onde o passado podia exercer sobre mim essa influência incalculável. As ruínas da catedral (pois uma obra inacabada equivale a uma obra destruída) despertaram os sentimentos com que me acostumara em Estrasburgo” (livro XIV).

Essa extraordinária observação introduz certa correção ao que dizíamos acima sobre a prevenção de Goethe contra os sentimentos românticos inspirados pelo passado, pelos “fantasmas do passado”, que confundem o presente. Fica patente que ele mesmo não era insensível a eles.

A *fusão* entre o passado e o presente que se amalgamam num todo, a julgar pela confissão de Goethe, era um sentimento *complexo.* O “fantasma” participava dele a título de componente *romântico* (como vamos designá-lo convencionalmente). Em certas épocas precoces de sua criação (principalmente durante o período de Estrasburgo), esse componente prevalecia. É isso que determina o romantismo das obras correspondentes de Goethe (sobretudo as obras em versos de pequeno volume).

Junto com esse sentimento da *fusão* entre o passado e o presente que qualificamos convencionalmente de *romântico,* verificamos, logo de saída, um componente *realista* (como vamos designá-lo também de modo convencional). Esse componente realista presente desde o início na percepção de Goethe explica a ausência total de uma sensibilidade ao tempo que fosse puramente romântica. O componente realista vai se fortalecendo, eliminando o componente romântico, sendo quase predominante já no período de Weimar. Já se manifesta então a profunda aversão de Goethe ao componente romântico, que atinge uma intensidade especial durante a viagem à Itália. A evolução da percepção do tempo em Goethe, a qual se resume a uma eliminação progressiva do componente romântico e à vitória total do componente realista, perpassa toda a obra de Goethe - desde seu período precoce até seu período de maturidade, tal como aparece em *Fausto* e, em parte, em *Egmont.*

No decorrer dessa evolução, Goethe supera os aspectos aterrorizantes *(unerfreuliches)* e irracionais *(unzuberechnendes)* presentes nos “fantasmas” *(Gespensternãssiges)* que, no início, marcavam profundamente a sensação dessa fusão entre o passado e o presente num todo. Porém essa mesma sensação da fusão dos tempos, conservando um frescor imperecível que se vai desabrochando até chegar a uma autêntica plenitude do tempo, é sentida por Goethe ao longo de toda a sua vida. Os fantasmas aterrorizantes e irracionais são superados pelas propriedades estruturais da visão do tempo que apontamos: o *vínculo substancial* entre o passado e o presente, a *necessidade* do passado e sua posição na continuidade de uma evolução, a *atividade criadora* do passado e, por fim, o *vínculo* entre o passado, o presente e o futuro *necessário.*

Os eflúvios do futuro penetram cada vez mais o sentimento do tempo de Goethe e o libertam dos fantasmas; decerto é em *Os anos de viagem de Wilhelm Meister* (e também nas últimas cenas da segunda parte de *Fausto)* que sentimos melhor esse sopro purificador. Assim, a sensação perturbadora e quase aterrorizante que Goethe experimenta ante a fusão entre o passado e o presente se transformará nessa percepção realista do tempo cujas força e lucidez permanecem excepcionais na literatura universal.

Vamos deter-nos no caráter *cronotópico* que marca a visão de uma região, de uma paisagem que, sob os olhos de Goethe, se impregnam de um tempo histórico criador, produtivo. Como já observamos, o ponto de vista do *homem construtor* determina a contemplação e a percepção da paisagem por Goethe que, longe de soltar as rédeas de sua imaginação criativa, antes a submete à *necessidade* do local, à lógica inexorável de sua existência histórico-geográfica. Goethe aspira, acima de tudo, a penetrar nessa lógica geológica e histórica da existência de uma região, lógica que deve estar totalmente *visível,* e impor seu relevo ao espírito. Para tanto, Goethe dispõe de um meio que lhe é particular.

Em *Poesia e verdade,* ao falar de sua viagem pela Alsácia, Goethe escreve: “Já no decorrer de algumas excursões que fizera pelo mundo, eu observara como é importante, nas viagens, informar-se sobre o curso das águas e até perguntar para onde corre o menor riacho. Adquirimos assim uma idéia geral da região fluvial onde nos encontramos nesse momento, uma noção da correlação entre as alturas e as profundidades, e, mediante esses fios condutores, que vêm ajudar tanto a vista como a memória, desembaraçamo-nos com maior facilidade da confusão geológica e política das regiões” (livro X). E, bem nas primeiras páginas de *Viagem à Itália,* lemos:

“Até as cercanias de Tirschenreuth, o solo vai elevando-se. As águas vêm ao encontro do viajante e afluem para o Eger e para o Elba. A partir de Tirschenreuth desce-se para o sul e as águas correm para o Danúbio. Oriento-me muito depressa em qualquer região quando me informo sobre a direção do menor riacho e sobre a vertente fluvial a que ele pertence. Então, mesmo nas regiões que não podemos abarcar com a vista, o pensamento capta o encadeamento das montanhas e dos vales” (“De Carlsbad a Brenner”, 3 de setembro de 1786). E é ainda este mesmo método de observação que Goethe menciona nos *Anais.*

O fantasma vivo dos córregos e riachos sempre em movimento oferece uma representação concreta das redes fluviais, da região, de seu relevo, de suas fronteiras naturais, da comunicação natural de suas vias terrestres e aquáticas e de seus desfiladeiros, das zonas férteis ou áridas, etc. O que se descobre a Goethe não é um panorama abstrato, geológico e geográfico, mas um potencial de vida histórica, o palco do acontecimento histórico em sua atividade, a fronteira firmemente traçada do leito onde corre, no espaço, o rio do tempo histórico. É no interior do sistema vivo, *visível, sensível,* constituído pelas águas, montanhas, vales, fronteiras e vias de comunicação que se situa o homem construtor em sua atividade histórica: ele saneia os pântanos, constrói caminhos que atravessam os montes e os rios, explora as entranhas da montanha e lavra o vale irrigado, etc. A *materialidade e a necessidade* da atividade histórica do homem é um fato acatado. E se acontecer ao homem empreender guerras, o *modo* como as travou também estará visível (ou seja, também nesse caso estará presente uma necessidade).

Nos *Anais* de 1817, Goethe relata: “A grande compreensão que tenho da geologia e da geografia, devo-a ao mapa do relevo da Europa composto por Sorriot. Assim, portanto, para mim ficou claro desde o início quão traiçoeiro é o solo da Espanha para um chefe militar com exército regular e quão favorável é o mesmo solo para as guerrilhas. Tracei em meu mapa da Espanha a linha divisória das águas, e logo entendi cada estrada, cada campanha militar, cada empreendimento de caráter regular ou irregular” *(Anais,* p. 303).

Goethe não quer nem pode ver ou pensar um lugar ou uma paisagem natural de modo abstrato, poder-se-ia dizer que, por sua natureza, ele necessita vê-los aclarados pela atividade do homem e pelo acontecimento histórico; qualquer rincão da terra deve estar incluído na história da humanidade, fora da qual não passa de espaço morto e ininteligível, fora da qual não serve

para nada. Porém, por outro lado, o acontecimento histórico constituído de recordações abstratas não é inteligível (não é visível) se não está localizado num espaço onde está gravada a *necessidade* de sua realização num *tempo* e num *lugar determinados.*

Goethe quer precisamente ressaltar essa necessidade visível e concreta da criatividade humana e do acontecimento histórico. Toda fantasia, toda invenção, toda recordação sonhadora devem ser refreadas, reprimidas, eliminadas, devem ser substituídas pelo trabalho dos olhos que contemplam a necessidade da realização e a criação num *determinado lugar* e também num *determinado tempo.*

“Mantenho os olhos sempre abertos e memorizo bem os objetos. Não gostaria de formular nenhum juízo, se isso fosse possível.” E um pouco mais adiante, observando quão difícil é formar uma idéia sobre a Antigüidade a partir das suas ruínas que se conservaram, acrescenta: “Quanto ao que se chama a terra clássica, é muito diferente. Se consideramos a região em sua realidade, tal como é, ela permanece o cenário decisivo, que condiciona os maiores feitos; é assim que, até agora, sempre utilizei minha visão de geólogo e de paisagista para abafar a imaginação e o sentimento e conservar uma visão livre e clara dos locais. Então, estranhamente, a história se relaciona com ele de um modo vivo, não compreendemos o que se passa conosco e tenho o maior desejo de ler Tácito em Roma” *(Viagem à Itália,* “De Ferrara a Roma”, Terni, 27 de outubro à tarde).

Uma compreensão correta e uma visão objetiva (ao abrigo da fantasia e do sentimento) revelam a necessidade interna, visível, da história (de um determinado processo histórico, de um acontecimento).

Para Goethe, a criação dos povos antigos assume o mesmo caráter de necessidade interna:

“Subi a Espoleto, e estive no aqueduto que ao mesmo tempo serve de ponte de uma montanha para a outra. Os dez arcos que atravessam o vale erguem-se com seus tijolos tão calmamente faz séculos, e a água surde ainda em Espoleto de todos os lados. É a terceira obra dos antigos que vejo e mostra-se sempre o mesmo caráter de grandeza. Sua arquitetura é uma segunda natureza que age para objetivos civis, assim são o anfiteatro, o templo e o aqueduto. Somente agora sinto como tinha razão de odiar tudo o que é arbitrário, como, por exemplo, o Winterkasten em Weiszenstein, um nada ao redor do nada, uma monstruosa peça montada, e assim são mil outras coisas. Tudo isso é natimorto, pois o que não tem uma verdadeira existência interior não tem vida, e não pode ser nem se tornar grande" *(Viagem à Itália,* "De Ferrara a Roma", Terni, 27 de outubro à tarde).

A criação do homem possui suas leis internas; deve ser humana (e ter uma finalidade cívica), mas deve também ser *necessária,* coerente e autêntica, como a natureza. Goethe não suporta o que decorre da arbitrariedade, da invenção, da fantasia abstrata.

O importante para Goethe não é a retidão moral (a justiça, a ideologia, etc., abstratas), mas a *necessidade* de qualquer criação e de qualquer fenômeno histórico. É aí que passa a linha de demarcação que o distingue de Schiller e da maioria dos iluministas, que operam a partir dos critérios de uma moral e de uma racionalidade abstratas.

A necessidade, como já o assinalamos, tornou-se o centro organizador da percepção do tempo de um Goethe que procurava estreitar o vínculo de necessidade entre o presente, o passado e o futuro. Essa necessidade goethiana está, entretanto, tão afastada da necessidade relacionada com a fatalidade como da necessidade natural, mecânica (na acepção naturalista do termo). É uma necessidade *visível,* concreta, material e histórica.

Os vestígios autênticos, os indícios da história remetem sempre ao humano e à necessidade- é onde o espaço e o tempo estão unidos num vínculo indissolúvel. Na visão completa, totalizadora de Goethe, o espaço terrestre e a história humana são inseparáveis, e isso se transmite à obra, conferindo intensidade e materialidade ao tempo histórico, humanidade impregnada de pensamento ao espaço.

Essa é a característica essencial da *necessidade* na obra de arte. Comentando as cartas italianas de Winckelmann, Goethe escreve:

"Afora os objetos da natureza, que é verdadeira e conseqüente em todas as suas partes, nada fala tão alto como o legado de um homem bom e inteligente, como a arte autêntica,

tão conseqüente como os objetos da natureza. Isso é algo que se pode sentir bem aqui em Roma, onde grassou tanta arbitrariedade, onde tantas insanidades foram eternizadas pelo poder e pela riqueza" *(Viagem à Itália,* "Roma", Roma, 13 de dezembro).

É justamente em Roma que Goethe percebe de um modo agudíssimo essa impressionante densidade do tempo histórico e sua aderência ao espaço terrestre:

"A história, sobretudo, tem aqui uma leitura completamente diferente que nos outros lugares do mundo. Nos outros lugares, compreendemo-la de fora, aqui parece que a lemos de seu interior: tudo se estende ao nosso redor, e tem em nós seu ponto de partida. E isto não vale apenas para a história romana, mas para toda a história universal. Partindo daqui posso acompanhar os conquistadores até o Weser e até o Eufrates..." *(Viagem à Itália,* Roma, 29 de dezembro). Ou ainda: "O que me sucedeu em relação à história natural sucede-me aqui também, pois a este lugar se vincula toda a história universal, e meu segundo nascimento, um verdadeiro renascimento, data do dia em que entrei em Roma" *(Viagem à Itália,* Roma, 3 de dezembro).

Em outro trecho, explicando-se sobre sua intenção de visitar a Sicília, escreve: "A Sicília me mostrará o caminho da Ásia e da África, e estar pessoalmente no ponto prodigioso para o qual convergem tantos raios da história universal não é uma bagatela" *(Viagem à Itália,* Nápoles, 26 de março de 1787).

A realidade do tempo histórico no interior de um pequeno espaço em Roma, a coexistência *visível* de diversas épocas, fazem o contemplador sentir-se participante do grande conselho dos destinos universais. Roma é o grande cronotopo da história humana: "Quando se considera tal existência, que remonta a mais de dois mil anos, que a vicissitude dos tempos transformou de modo tão diverso e subverteu de alto a baixo, quando se pensa que ainda é porém o mesmo solo, a mesma montanha, muitas vezes a mesma coluna e o mesmo muro, e no povo se conservam ainda os vestígios do antigo caráter, vemo-los tomar parte das grandes decisões do destino e, desde o início, fica difícil ao observador discernir como Roma sucedeu a Roma, não simplesmente a cidade moderna à Roma antiga, mas mesmo as diferentes épocas da antiga e da nova" *(Viagem* à *Itália,* Roma, 5 de novembro).

A sincronia, a coexistência dos tempos num único ponto do espaço, revela para Goethe a “plenitude do tempo” tal como ele a percebia durante seu período clássico (a viagem à Itália é o ponto culminante deste período:

“Seja como for, cada qual deve ter completa liberdade para perceber a seu modo as obras de arte. Durante nosso trajeto veio-me um sentimento, uma noção, uma concepção completa acerca do que poderia ser chamado, num sentido superior, a presença do solo clássico. Chamo-o convicção *sensorial e supra-sensorial* de que aqui *houve, há* e *haverá coisas grandes.* O fato de que o maior e o mais belo seja perecível faz parte da natureza do tempo e dos elementos morais e físicos, permanentemente antagônicos. Durante nossa breve visita não experimentamos sentimento de tristeza ao passar perto das ruínas, pelo contrário, sentíamos alegria ao pensar que tanto fora conservado, tanto fora reconstruído de forma ainda mais luxuosa e grandiosa do que o fora outrora.

“A idéia realizada na catedral de São Pedro foi, sem dúvida alguma, desta envergadura grandiosa, mais majestosa e ousada do que todos os templos da Antigüidade, e perante nossos olhos estava não só o que fora aniquilado por dois milênios, mas aparecia ao mesmo tempo o que pode ter feito surgir uma cultura mais elevada.

“A mesma oscilação do gosto artístico, a busca de uma simplicidade majestosa, o regresso a uma insignificância exagerada; tudo aquilo indicava a vida e o movimento; a história da arte e da humanidade encontrava-se sincronicamente perante nossos olhos.

“Não nos deve entristecer a inevitável dedução de que tudo o que é grande perece; pelo contrário, se consideramos que o passado foi majestoso, isto deve incitar-nos à criação de algo significativo, algo que posteriormente, mesmo convertido em ruínas, ainda continuará incitando nossos descendentes a uma atividade generosa, assim como souberam fazer em seu tempo nossos antepassados (XI, pp. 481-482).”

Transcrevemos esta longa citação para concluir com ela toda uma série de paisagens. Infelizmente, neste resumo das impressões romanas Goethe não repetiu o motivo da necessidade que para ele funcionou como um verdadeiro elo de ligação na cadeia do tempo. Por isso a paisagem conclusiva da citação que introduz o motivo das gerações históricas (o qual se encontra tratado profundamente em *Wilhelm Meister)* simplifica e reduz a visão histórica de Goethe (ao estilo de *Idéias* de Herder).

Façamos agora um balanço da análise a que submetemos a visão do tempo em Goethe. As características essenciais desta visão são as seguintes: a fusão do tempo (entre o passado e o presente), a marca nitidamente visível do tempo inscrita no espaço, a união indissolúvel do tempo do acontecimento ao lugar concreto de sua realização *(Lokalitàt und Geschichte),* o vínculo *substancial* e visível que liga os tempos (o presente ao passado), a atividade criadora do tempo (do passado no presente e do próprio presente), a necessidade que penetra o tempo, que liga o tempo ao espaço e os tempos entre si, e, finalmente, com base na necessidade que impregna o tempo espacializado, a inserção do futuro que assegura a plenitude ao tempo tal como ele aparece nas imagens de Goethe.

Convém distinguir, muito particularmente, e salientar os aspectos relacionados com as duas características dessa visão do tempo: a *necessidade* e a *plenitude.* Goethe, que é intimamente ligado à percepção do tempo tal como ela se manifesta no século XVIII na Alemanha (em Lessing, Winckelmann e Herder), supera, graças a essas duas características, as limitações do Iluminismo, com sua moral abstrata, sua racionalidade e seu utopismo. Por outro lado, a *necessidade* concebida como atividade criadora do homem e como necessidade histórica (a “segunda natureza”, o aqueduto “que serve de ponte de uma montanha para a outra”) separa-o do materialismo mecânico de Holbach e outros (cf. o que Goethe escreve do *Sistema da natureza* em *Poesia e verdade*, livro XI). Essas duas características separam-no também do historicismo romântico em voga no século seguinte.

Tudo o que mencionamos da visão e do pensamento de Goethe atesta o caráter cronotópico excepcional que se manifesta nas áreas e esferas múltiplas em que se exercia sua atividade. Para Goethe, as coisas estavam no tempo e *em poder do tempo*, e ele não as via, como seu mestre Spinoza, *"Sub specie aeternitatis"*. O poder desse tempo é todavia um poder produtivo e criador. Todas as coisas, desde o conceito abstrato até o fragmento mineral-até o cascalho na margem de um rio -,

São marcadas com a chancela do tempo, são impregnadas de um tempo que lhes dá forma e *sentido*. Por isso, tudo tem intensidade no universo de Goethe, onde não há lugares amorfos, imóveis, estratificados, não há um pano de fundo imutável, um cenário que não participem da ação e da evolução. Por outro lado, este tempo está concretamente localizado num espaço onde se encontra gravado. Em Goethe, não há acontecimentos, enredos romanescos, motivos temporais que sejam indiferentes aos locais de sua realização e que pudessem realizar-se em outros lugares ou em nenhuma parte (os enredos e os motivos "eternos"). Tudo, neste universo, é *espácio-temporal*, tudo é *cronotopo* autêntico.

Obtém-se assim o mundo concreto, visível e único do espaço humano e da história humana, ao qual se referem todas as imagens nascidas da imaginação criativa de Goethe, e que serve de fundo vivo, representa a fonte inesgotável de sua visão e de sua representação artística. Tudo é visível, concreto, material nesse mundo, e, ao mesmo tempo, tudo nele está marcado por um pensamento e por uma atividade necessária.

A grande forma épica (a grande epopéia), que abrange também o romance, deve proporcionar uma imagem de conjunto do mundo e da vida, deve refletir o mundo e a vida *por inteiro*. O romance deve apresentar a imagem global do mundo e da vida pelo ângulo de uma *época considerada em sua integridade*. Os acontecimentos representados no romance devem, de um modo ou de outro, *substituir* toda a vida de uma época. E nessa aptidão para fornecer um substituto ao *todo da realidade* que reside sua *substancialidade artística*. Os graus dessa substancialidade e, por conseguinte, de um significado artístico, variam consideravelmente conforme os romances, que se caracterizam pelo grau de penetração realista no *todo da realidade* do qual procede a substancialidade que adquire forma no *todo do romance*. O "mundo inteiro", e sua história, concebido como uma realidade que o artista-romancista afronta, era, na época de Goethe, uma realidade que se transformara profundamente. O "mundo inteiro", três séculos antes, era um símbolo particular que não podia ser refletido adequadamente mediante um modelo qualquer, mediante um atlas ou um globo. Nesse símbolo do "mundo inteiro", o visível e o conhecido, o amálgama concreto do real era um fragmento ínfimo e des-

contínuo do *espaço* terrestre, assim como era um fragmento não menos ínfimo e descontínuo do *tempo* da realidade, ao passo que tudo o mais era movediço, perdia-se no vago, enredava-se nos mundos do além, nos mundos das idéias, no fantástico e no útópico. O além e o fantástico não se limitavam a completar a indigente realidade, a constituir um todo mitológico a partir dos fragmentos da realidade. O além desorganizara essa realidade em sua atualidade e a deixara exangue. A realidade concreta do mundo se decompunha sob a ação de um além que impedia o mundo real e a história real de se condensarem num todo completo, sólido e unificado. O futuro do além, separado de seu eixo horizontal no espaço e no tempo, erguia-se para o além como um eixo vertical em relação ao tempo real, fazia com que o futuro e o espaço terrestre fossem impotentes para servir de teatro ao futuro real e conferia a tudo um significado simbólico, desvalorizando o que não se prestava a uma interpretação simbólica.

Na época do Renascimento, o "mundo inteiro" começou a solidificar-se num todo compacto de realidade. A terra arredondara-se e ocupava um lugar determinado no espaço real do universo, e recebia um início de definição geográfica (que estava longe de ser completa) e de concepção histórica (ainda incompleta). E é aí que aparece, em Rabelais e em Cervantes, a densidade substancial de uma realidade que já não é exangue e já não é completada pelo além, embora se destaque sobre o fundo de um mundo evanescente e nebuloso.

O processo que estava em andamento e do qual ia emanar o mundo real, arredondado, completo e total, atingiu uma primeira fase de conclusão no século XVIII, precisamente na época de Goethe. Fora determinada a posição do globo terrestre no sistema solar, bem como sua relação com os outros mundos desse sistema, definiram-se suas dimensões, seus mares e seus continentes, bem como a constituição geológica dos países, das espécies, das vias de comunicação, etc. O mundo fora conceituado e adquirira realidade histórica. Não se trata tanto da *quantidade* dos grandes descobrimentos, das explorações e dos novos conhecimentos quanto da *qualidade* nova que surge na compreensão do mundo real: a nova unidade *real* do mundo em sua integridade deixava de ser obra de uma consciência abstrata, oriunda de construções teóricas e de *livros raros,* para tornar-se uma obra da consciência concreta (comum), obra proveniente de livros usuais (corriqueiros) e de reflexões cotidianas; e essa unidade se unia às imagens visuais que permaneceram familiares e adquiriam um relevo atual, visível; era possível encontrar equivalentes visuais para o que não era visível. Essa concretização, essa visualização do mundo, é favorecida pelo contato real, material, consideravelmente maior (o contato econômico que serviu de base para o contato cultural) com quase todo o mundo geográfico e também pelo contato técnico com as forças complexas da natureza (o efeito visível da aplicação dessas forças). Além de seu significado científico, a lei da gravidade descoberta por Newton contribui, com extraordinária eficácia, para a visualização do mundo; ela confere um relevo visível e perceptível à nova unidade do mundo real, às leis naturais que o regem.

O século XVIII, o mais abstrato e anti-histórico possível, foi o século da concretização e da visualização da nova realidade do mundo e de sua história. O mundo do sábio e do cientista tornou-se o mundo da consciência cotidiana do homem em sua atividade.

A luta filosófica e ideológica travada no Século das Luzes contra tudo o que pertencia ao além servia de norma e impregnara as idéias, a arte, o cotidiano, etc., desempenhou um papel relevante no processo que conferiu densidade à realidade. No imediato, o mundo resultante da atitude crítica peculiar aos iluministas parecia ter-se tornado qualitativamente mais pobre, e dir-se-ia que comportava menos realidade efetiva do que antes se pensara; a massa absoluta do real e da existência efetiva parecia ter diminuído, encolhido; o mundo tornara-se mais pobre e mais seco. Mas sob o efeito dessa crítica abstrata e negativa, dissipava-se o resíduo da junção que se efetuara com o além e o mítico com o intuito de assegurar a unidade do mundo, e a realidade condensava-se num todo visível. A realidade, que assim recebia sua densidade, revelava novos aspectos e perspectivas infinitas. E essa atividade positiva do Século das Luzes atinge um de seus pontos culminantes na obra de Goethe.

O processo que culmina no arredondamento e na totalização do mundo pode ser seguido passo a passo na biografia da obra de Goethe. Este não é o lugar de analisar esse assunto com detalhes. Simplesmente assinalaremos que um bom mapa das zonas montanhosas da Europa era um acontecimento para Goethe. Era grande o espaço ocupado pelas explorações, pelos livros de geografia (já na biblioteca paterna), de arqueologia e de história (particularmente de história da arte) na biblioteca de *trabalho* de Goethe.

Repetimos que esse processo que levava a uma percepção concreta e visível do mundo em sua integridade ainda não estava concluído. Daí o frescor e o destaque que se nota em Goethe. Tudo era novo: novos os “raios da história” em Roma e na Sicília, nova a própria percepção da história universal em sua plenitude (Herder).

Os romances de Goethe *(Os anos de aprendizagem* e *Os anos de viagem de Wilhelm Meister)* foram os primeiros a captar o mundo e a vida de uma época na ótica desse novo mundo real, concreto, visível. O todo do romance se destaca sobre o todo do mundo real e da história. O grande romance sempre foi enciclopédico, em todas as etapas de seu desenvolvimento. Enciclopédicos, *Gargantua* e *Pantagruel*, *Dom Quixote* o são, enciclopédico, o romance barroco o é (e, é óbvio, *Amadis* e os *Palmeirins).* Entretanto, nos romances do Renascimento, nos romances tardios de cavalaria *(Amadis)* e no romance barroco, o que há é um enciclopedismo abstrato-livresco que não se apóia sobre um *modelo* do todo do mundo.

É isso que explica os critérios de seleção dos fatos essenciais e os modos de constituição do todo romanesco, até meados do século XVIII (até Fielding, Sterne, Goethe).

Esse todo da vida cujo essencial se encontra condensado no verdadeiro romance (e, de uma maneira geral, na grande epopéia) não é, claro, um compêndio do todo e um resumo das suas partes. Longe de nós tal idéia. E tampouco é isso que se encontra nos romances de Goethe. A ação romanesca neles está circunscrita a um lugar delimitado do espaço terrestre e abarca um lapso de tempo reduzido no tempo histórico. Mas no entanto, por trás do universo do romance distingue-se o todo do novo mundo cujos representantes-delegados penetram, de todas as partes, no romance para refletir nele a nova plenitude e a concretude (geográfica e histórica no sentido lato desses termos). O todo não figura no interior do romance, mas percebe-se a integridade condensada do mundo real através de cada uma de suas imagens; é precisamente nesse mundo que as ima-

gens ganham vida e forma; mesmo a substancialidade delas é determinada pela plenitude do mundo real. O romance, por certo, inclui elementos utópicos e simbólicos, mas a natureza e a função deles estão agora totalmente modificadas. A natureza da imagem é determinada pela nova relação que se estabeleceu com a nova integridade do mundo.

Vamos agora analisar brevemente essa nova relação com um novo mundo baseando-nos no material apresentado nas obras que foram projetadas por Goethe.

Em suas obras autobiográficas - *Poesia e verdade, Viagem à Itália* e *Anais* -, Goethe relata com detalhes toda uma série de projetos que ora não foram levados adiante, ora foram realizados só de modo fragmentário. É o caso de *Maomé, O judeu errante, Nausicaa, Tell, Pirmont* (como o designamos convencionalmente), o conto para crianças *O novo Páris,* e o "romance epistolar heterólogo", também para crianças. Vamos deter-nos em certos projetos que são particularmente característicos do caráter cronotópico da imaginação criativa de Goethe.

O novo Páris, conto infantil (cf. *Poesia e verdade,* livro II), já é característico pelo simples fato de designar com precisão o lugar onde transcorre o acontecimento fabuloso representado no conto: um local, nos muros de Frankfurt, conhecido pelo nome de "Muro maligno"; lá havia, efetivamente, um nicho, um chafariz, uma inscrição engastada no muro, e, atrás do muro, erguiam-se velhas nogueiras. A esses objetos reais, o conto acrescentava uma portinha misteriosa e relacionava o nicho, o chafariz e a inscrição. Depois, essas três coisas se movimentavam no espaço, ora aproximando-se, ora afastando-se uma da outra. A mescla entre os indícios espaciais da realidade e os do conto criava o encanto especial do conto: o enredo fabuloso entrelaçava-se com a realidade visível, parecia brotar diretamente daquele velho "Muro maligno" cercado de lendas, com seu chafariz, seu nicho profundo, sua inscrição e suas velhas nogueiras. E esse traço particular do conto tinha muita influência sobre os jovens ouvintes de Goethe: cada um deles dirigia-se em peregrinação ao "Muro maligno" e contemplava as coisas reais: o nicho, o chafariz, as nogueiras. O conto iniciara uma espécie de "lenda local" que deu origem a uma espécie de "culto local" (a peregrinação ao "Muro maligno").

Goethe compôs esse conto em 1757-1758. Naquela mesma época surgia um "culto local" similar - em maior escala -— às margens do lago Léman, onde se desenrolava a ação de *A nova Heloísa* de Rousseau. Um "culto local" análogo fora inspirado um pouco antes por *Clarissa Harlow* de Richardson; mais tarde haverá um "culto local" de Werther; tivemos, na Rússia, um culto semelhante referente à *A pobre Lisa* de Karamzin.

Esses "cultos locais" suscitados pela obra literária são uma particularidade da segunda metade do século XVIII e revelam-nos a ótica modificada em que a imagem artística é percebida com relação à realidade efetiva. Observa-se como que uma necessidade orgânica de a imagem ser localizada num tempo determinado e, principalmente, num ponto determinado do espaço concreto e visível. Não se trata do realismo da imagem artística enquanto tal (o que, naturalmente, não exige um lugar de localização geográfica determinado, exato, não inventado). O que é característico dessa época é precisamente a realidade geográfica concreta que não é tão importante para a verossimilhança que ela introduz na ação quanto para a idéia que se faz do acontecimento que poderá ser situado num tempo real e num lugar real (isso explica a atitude característica do sentimentalismo para com a imagem artística do herói que é percebido como uma pessoa real, assim como o "realismo ingênuo", que marca a intenção artística da imagem e a acolhida que lhe dá o público). A relação que a imagem artística mantêm com o novo mundo, geográfica e historicamente concreto e visível, manifesta-se de uma forma decerto elementar, mas clara e evidente. Os "cultos locais" atestam acima de tudo uma sensibilidade totalmente nova ao espaço e ao tempo na obra de arte.

A. necessidade de uma localização geográfica concreta manifesta-se também no "romance epistolar heterólogo" em que Goethe trabalha um pouco mais tarde (cf. *Poesia e verdade,* livro IV). "Para essa forma singular, procurei um pouco de base estudando a geografia das regiões em que residiam meus heróis; a esse seco conhecimento dos lugares, acrescentei todas as espécies de acontecimentos humanos imaginários, que tivessem alguma afinidade com o caráter das personagens e suas

ocupações." Aqui também observamos essa mesma tendência característica de humanizar locais geográficos concretos.

Em *Viagem à Itália,* Goethe conta como lhe viera a intenção de escrever o drama *Nausicaa.* O projeto fora concebido na Sicília onde as imagens da *Odisséia* surgiam tais quais diante de Goethe, na paisagem oferecida pelo mar e as ilhas. "Aquela simples fábula se tornaria agradável com a grande riqueza de motivos subordinados e sobretudo com a cor marítima e insular da execução propriamente dita, e com o tom particular da peça" *(Viagem à Itália,* "Na Sicília", de memória). E, um pouco mais adiante: "Agora que todas essas costas, e esses promontórios, esses golfos e baías, essas ilhas e istmos, esses rochedos e faixas de areias, essas colinas cobertas de arbustos, esses doces prados, esses campos férteis, esses jardins enfeitados, essas árvores cuidadas, essas parreiras pendentes, essas montanhas de nuvens e essas planícies sempre serenas, esses recifes e bancos de areias e o mar que rodeia tudo com tanta variedade e diversidade estão presentes em meu espírito, a *Odisséia* é para mim um verbo vivo" *(Viagem à Itália,* "A Herder", Nápoles, 17 de maio de 1787).

A idéia de *Guilherme Tell* é ainda mais característica a esse respeito. As imagens desse projeto surgiram na contemplação dos lugares históricos da Suíça. Nos *Anais* Goethe relata: "Quando, durante minha viagem (à Suíça, em 1797), contemplei de novo, com vagar, o lago de Vierwaldstadt, Schwyz, Fluelen e Altdorf, aquela visão me impeliu a povoar com personagens os locais que ofereciam uma paisagem tão grandiosa *(ungeleure).* E que outras imagens poderiam ter aparecido em minha imaginação com mais prontidão que a de Tell e seus intrépidos contemporâneos?" Para Goethe, Guilherme Tell encarna o povo *(ein Art von Demos),* na figura do carregador de força colossal que passou a vida toda transportando pesadas peles de animais e outras mercadorias através das suas montanhas natais.

Para terminar, vamos deter-nos no projeto que Goethe concebera durante sua estada em Pirmont.

A região de Pirmont está imbuída de tempo histórico. E mencionada pelos escritores romanos. Os postos avançados de Roma chegavam até lá; por lá passava um dos "raios da história" universal que Goethe percebia em Roma. As suas muralhas antigas estavam preservadas; os montes e os vales evocam as batalhas ali travadas; os vestígios dos tempos antigos sobrevivem na etimologia dos nomes dos lugares e nos costumes da população; em toda parte os indícios do passado impregnam o espaço. "Sentimo-nos aqui literalmente encerrados dentro de um círculo mágico, identificamos o passado ao presente, contemplamos o espaço total através do prisma de um ambiente imediato, e, para dizer a verdade, sentimo-nos num estado muito agradável, pois por um momento começamos a acreditar que o que há de mais fugidio pode tornar-se objeto de uma contemplação imediata" *(Anais).*

Estas são as circunstâncias precisas que propiciam o nascimento da idéia de uma obra que Goethe projetava escrever no estilo do final do século XVI. O esquema do enredo, tal como Goethe o anota, entrelaça intimamente os motivos da região com os da sua transformação histórica. Nele encontra-se o movimento espontâneo de um povo que se desloca para a fonte milagrosa de Pirmont. Encabeça o movimento um cavaleiro que o organiza e o conduz. A diversidade social e caracterológica das massas populares está representada no enredo. O momento essencial deste reside na implantação de uma população nova e na diferenciação social concomitante que destaca "os nobres". O tema é representado pela atividade criadora da vontade humana que organiza o material bruto de um movimento de massa espontâneo. Daí resulta o surgimento de uma nova cidade sobre o local histórico da antiga Pirmont. Como conclusão, Goethe introduz o motivo da futura grandeza de Pirmont na forma de uma profecia feita por três estranhos recém-chegados: um adolescente, um adulto e um velho (símbolo das gerações históricas). O projeto, em seu conjunto, atesta o desejo de transformar em enredo romanesco a vontade histórica criadora e espontânea de um povo e o poder organizador dos chefes, cuja marca era visível em Pirmont; em outras palavras, o desejo de captar o curso "mais fugidio" do tempo histórico e de fixá-lo mediante "uma contemplação imediata".

Tais são os projetos não realizados de Goethe. Todos eles são profundamente cronotópicos. O tempo e o espaço se fundem num todo indissolúvel, tanto no nível do enredo romanesco como no das imagens isoladas. O que serve de ponto de partida para a imaginação criativa de Goethe é uma localidade precisa e concreta e não uma paisagem abstrata impregnada do espírito do contemplador, é um fragmento da história humana condensado no espaço do tempo histórico. Por isso, o enredo (o conjunto dos fatos representados) e as personagens não penetram na paisagem do exterior, não são inventadas para ser inseridas nela, mas revelam-se nela, como pessoas presentes nela desde o início, como forças criadoras que darão forma a essa paisagem, a humanizarão, imprimirão as pegadas do movimento da história (do tempo histórico), e, até certo ponto, predeterminarão seu curso posterior, quer na qualidade de forças criadoras que a localidade necessitava, quer na qualidade de forças organizadoras e continuadoras do processo histórico que nela se encarna.

Se tal abordagem do espaço e da história, de sua indissolúvel unidade e de sua interpenetração se tornou possível, foi porque o local deixou de ser uma parte da natureza abstrata, uma parte de um mundo indeterminado, descontínuo e arredondado apenas simbolicamente, e porque o acontecimento deixou de ser o fragmento de um tempo indeterminado, reversível e completo apenas simbolicamente. O local tornou-se parte irremovível (geográfica e historicamente determinada) do mundo, de um mundo concreto, real, visível, e parte da história humana; o acontecimento tornou-se um componente essencial e irremovível do tempo dessa história determinada do homem, que se realiza *neste mundo,* e somente neste mundo humano, geograficamente determinado. Como resultado desse processo de concretização e de interpenetração, o mundo e a história não ficaram mais pobres nem mais reduzidos; ao contrário, o mundo e a história ganharam densidade e receberam as possibilidades criadoras de uma evolução e de um desenvolvimento posterior infinito. O mundo de Goethe é a *semente que germina*, real do começo ao fim, visível em sua atualidade presente e, ao mesmo tempo, prenhe de um futuro igualmente real que cresce nela.

Essa nova percepção do espaço e do tempo levava a uma modificação do escopo das *imagens artísticas* que sofrem a atração irresistível de um local e de um tempo determinados no mundo tornado concreto e real. Esse novo escopo se manifesta tanto pelas formas elementares (porém claras) dos "cultos locais", ingenuamente realistas, que se consagram aos heróis

literários, como pelas formas mais profundas e mais complexas de uma obra como *Wilhelm Meister* que se situa na fronteira do romance e da nova grande epopéia.

Agora nos deteremos brevemente numa fase anterior do desenvolvimento da percepção do tempo no século XVIII tal como ela se manifesta em J.-J. Rousseau.

A imaginação criadora de Rousseau também é cronotópica. Foi ele que descobriu para a obra literária (precisamente para o romance) um cronotopo específico e importante: a "Natureza" (é verdade que esta descoberta, como acontece com toda verdadeira descoberta, fora preparada pelos séculos anteriores). Rousseau percebe com profundidade o tempo na natureza; nele as estações do ano estão em estreita interpenetração com o tempo da vida humana. A historicidade real do tempo permanece todavia pouquíssimo sensível. No caráter cíclico do tempo da natureza, Rousseau só soube isolar o tempo próprio do idílio (que ainda permanece cíclico) e o tempo biográfico que já domina o caráter cíclico sem contudo desembocar no tempo histórico real. É por isso que o princípio histórico-criador, com sua necessidade, é alheio a Rousseau.

Quando contempla uma paisagem, Rousseau, assim como Goethe, a humaniza, mas a povoa com uma imagem do homem que não é o construtor, mas o homem dedicado à vida idílica, o homem individualmente biográfico. É isso que explica a fraqueza da construção do enredo romanesco (que, no mais das vezes, reduz-se a tratar o tema do amor acompanhado de seus sofrimentos e de suas alegrias e o tema do trabalho idílico), e a impregnação do futuro pela utopia da "idade de ouro" (pela inversão histórica) e sua carência de necessidade criadora.

Enquanto se encaminha a pé para Turim, Rousseau admira a paisagem campestre e dá-lhe vida com quadros imaginários. Relata nas *Confissões:* "Dentro das casas eu imaginava festins rústicos, nos prados brincadeiras alegres, ao longo das águas, os banhos, passeios, a pesca, nas árvores frutas deliciosas, sob suas sombras voluptuosas conversas a dois, nas montanhas latões de leite e de nata, um ócio encantador, a paz, a simplicidade, o prazer de ir sem saber aonde" (livro II).

Numa carta a Malesherbes (de 26 de janeiro de 1762), o princípio utópico da imaginação criativa própria de Rousseau se revela com maior nitidez:

"Minha imaginação não deixou deserta por muito tempo a terra assim adornada. Povoei-a logo de seres de meu agrado e, enxotando para bem longe a opinião, os preconceitos, todas as paixões artificiais, transportei aos asilos da natureza homens dignos de habitá-los. Formei-me uma sociedade encantadora de que não me sentia indigno. Minha fantasia me fez um Século de ouro e, preenchendo aqueles lindos dias com todas as cenas da minha vida que me haviam deixado doces recordações e com todas as que meu coração ainda pode desejar, enternecia-me até as lágrimas com os verdadeiros prazeres da humanidade, prazeres tão deliciosos, tão puros e que agora estão tão longe dos homens."

Essas confissões de Rousseau já são muito esclarecedoras, mas se tornam ainda mais se as confrontamos com as confissões de Goethe acerca de pontos correspondentes. Em vez do homem ocupado em criar e em construir, temos o homem entregue ao idílio, à voluptuosidade, ao passatempo, ao amor. A natureza parece passar ao largo da história com seu passado e seu presente, dando azo à “idade de ouro”, ou seja, ao passado utópico transposto para um futuro utópico. A natureza pura e benfazeja acolhe o homem puro e bem-aventurado, O objeto do desejo, do ideal, é separado do tempo real e da necessidade: não é objeto de uma necessidade, mas objeto do desejo. Por isso, o tempo dos passatempos, dos festins campestres, dos encontros apaixonados, etc., não se inclui na realidade de um desenvolvimento específico. Se, no interior do dia idílico, a manhã, a tarde e a noite se sucedem, mesmo assim todos os dias idílicos se parecem e se repetem. Está claro que, nessa forma de contemplação, o objeto contemplado se impregna de desejo, de emoção, de recordação, de fantasia subjetiva, ou seja, de tudo aquilo que Goethe refreava e abafava em sua contemplação, aspirando a perceber a necessidade de uma realização objetiva, independentemente de seus desejos e sentimentos.

Estamos longe de haver esgotado, por certo, o que produz a particularidade da percepção do tempo de Rousseau (inclusive do tempo da natureza). A criação ficcional e autobiográfica de Rousseau comporta outros aspectos infinitamente mais profundos. Rousseau conhecia o tempo dos trabalhos no idílio, o tempo biográfico e o tempo biográfico-familiar, in-

troduziu novos elementos na compreensão das idades do homem, etc. (voltaremos ao conjunto dessas questões).

A segunda metade do século XVIII, na Inglaterra e na Alemanha, caracteriza-se por um interesse crescente pelo folclore. Pode-se até mesmo falar de uma *descoberta do folclore* ocorrida nessa época. Dito isto, tratava-se acima de tudo de um folclore nacional e local (no âmbito de uma nação). A canção popular, o conto, a lenda heróica e histórica e a saga eram um meio novo e eficaz de conseguir uma humanização e uma condensação do espaço que a pátria representa. Junto com o folclore, penetrava na literatura a forte onda do tempo histórico-popular que exerceu enorme influência sobre o desenvolvimento da visão do mundo histórico em geral e sobre o desenvolvimento do romance histórico em particular.

O folclore, de uma maneira geral, está saturado de temporalidade; todas as suas imagens são profundamente cronotópicas. O tempo no folclore — a plenitude temporal, o futuro, as medidas do tempo do homem — colocam importantes problemas que nada têm de inatual. Não podemos tratá-los aqui, se bem que o tempo folclórico tenha influenciado muito a criação literária.

Aqui nos interessa mais diretamente outro aspecto da questão: o uso do folclore local (particularmente da lenda e da saga heróica e histórica que visam a intensificação da percepção da terra natal) tal como ele aparece no processo que culmina no romance histórico. O folclore local pensa e informa o espaço, satura-o de tempo e incorpora-lhe a história.

A esse respeito, na Antigüidade a utilização dos mitos locais é muito característica de Píndaro. Graças ao entrelaçamento complexo e hábil dos mitos locais com os mitos helênicos em geral, Píndaro introduzia no menor rincão da Grécia, preservando-lhe ao mesmo tempo a sua riqueza local, a *unidade* do mundo grego. Não há fonte, colina, enseada na costa que não tenha suas lendas, suas recordações, seus eventos, seus heróis. Píndaro, com a ajuda de hábeis associações, de correspondências metafóricas, de laços genealógicos’, entrelaça esses mitos

---

1. O tronco ou o ramo de que se irradiam os fios de associações e de vinculos no epinicio de Píndaro é representado pela própria figura do herói glorificado, vencedor nos jogos, por seu nome, sua raça, sua cidade.

locais com os mitos de toda a Grécia, criando uma textura densa que abarca inteiramente as terras gregas e que, dir-se-ia, substitui uma unidade política insuficiente pela unidade da poesia popular.

Encontramos, em Walter Scott, uma utilização idêntica do folclore local em outras circunstâncias históricas (e com outras finalidades, é verdade).

A característica de Walter Scott é precisamente o movimento que o leva ao folclore local. Percorre toda a Escócia natal, e, em especial, as regiões limítrofes com a Inglaterra, conhece os menores meandros do Tweed, as menores ruínas de um castelo, e tudo isso é percebido à luz das lendas e das canções. O espaço para ele está impregnado de acontecimentos precisos contados nas lendas locais, está condensado no tempo legendário. Um acontecimento sempre é rigorosamente localizado e se imprime nos indícios que marcam o espaço. Os olhos de W. Scott sabem ver o tempo no espaço.

Mas esse tempo em Walter Scott, em suas primeiras obras, na época em que compõe as *Canções da fronteira escocesa* e seus poemas *(A balada do último menestrel, A noite de São João, A dama do lago,* etc.) tem ainda o caráter de um passado fechado, no que se distingue do passado tal como é percebido por Goethe. O passado que W. Scott lia nas ruínas de castelos e nos detalhes de uma paisagem escocesa é desprovido de atividade criadora no presente, pertence a um mundo fechado; quanto ao presente *visível*, este apenas suscita a recordação do passado; o presente é o receptáculo das recordações do passado e não encerra o próprio passado em sua forma sempre viva e ativa. E por isso que, até em seus melhores poemas folclóricos, W. Scott não confere plenitude ao tempo.

Mais tarde, em seu período do “romance”, W. Scott supera essa limitação (sem vencê-la por completo, é verdade). Fica-lhe de seu período anterior o caráter profundamente cronotópico de seu pensamento de artista, a aptidão para ler o tempo no espaço, os elementos do colorido folclórico do tempo (do tempo histórico-popular). Todos estes aspectos mostram-se extraordinariamente produtivos para o romance histórico. Ao mesmo tempo, W. Scott assimila as inúmeras formas de romances que balizam a evolução anterior desse gênero, sobretudo as formas do romance gótico e do romance biográfico-familiar,

e, por fim, assimila o drama histórico. È justamente nesse terreno que ele supera o fechamento do passado e domina a plenitude do tempo indispensável ao romance histórico.

Esboçamos sumariamente uma das etapas mais importantes que a literatura transpôs na assimilação do tempo histórico real, uma etapa marcada acima de tudo pela imponente figura de Goethe. Com isso, esperamos, o problema suscitado pela assimilação do tempo na literatura e, sobretudo, no romance se tenha revelado em toda sua amplitude.

Os gêneros do discurso

– Titulo da edição original: *O problema dos géneros do discurso.*

– Texto de arquivos (1952-1953), não revisto pelo autor.

– Fragmento de um estudo mais abrangente que se intitulava “Os gêneros do discurso”, cujo projeto não foi realizado.

I

Problemática e definição

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua. A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissoluvelmente no *todo* do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso.*

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. Cumpre salientar de um modo especial a *heterogeneidade* dos gêneros do discurso (orais e escritos), que incluem indiferentemente: a curta réplica do diálogo cotidiano (com a

diversidade que este pode apresentar conforme os temas, as situações e a composição de seus protagonistas), o relato familiar, a carta (com suas variadas formas), a ordem militar padronizada, em sua forma lacônica e em sua forma de ordem circunstanciada, o repertório bastante diversificado dos documentos oficiais (em sua maioria padronizados), o universo das declarações públicas (num sentido amplo, as sociais, as políticas). E é também com os gêneros do discurso que relacionaremos as variadas formas de exposição científica e todos os modos literários (desde o ditado até o romance volumoso). Ficaríamos tentados a pensar que a diversidade dos gêneros do discurso é tamanha que não há e não poderia haver um terreno comum para seu estudo: com efeito, como colocar no mesmo terreno de estudo fenômenos tão díspares como a réplica cotidiana (que pode reduzir-se a uma única palavra) e o romance (em vários tomos), a ordem padronizada que é imperativa já por sua entonação e a obra lírica profundamente individual, etc.? A diversidade funcional parece tornar os traços comuns a todos os gêneros do discurso abstratos e inoperantes. Provavelmente seja esta a explicacão para que o problema geral dos gêneros do discurso nunca tenha sido colocado. Estudaram-se, mais do que tudo, os *gêneros literários.* Mas estes, tanto na Antigüidade como na época contemporânea, sempre foram estudados pelo ângulo artístico-literário de sua especificidade, das distinções diferenciais intergenéricas (nos limites da literatura), e não enquanto tipos particulares de enunciados que se diferenciam de outros tipos de enunciados, com os quais contudo têm em comum a natureza *verbal* (lingüística). O problema de lingüística geral colocado pelo enunciado, e também pelos diferentes tipos de enunciados, quase nunca foi levado em conta. Estudaram-se também — a começar pelos da Antigüidade - os *gêneros retóricos* (e as épocas posteriores não acrescentaram nada de relevante à teoria antiga). Então dava-se pelo menos maior atenção à natureza verbal do enunciado, a seus princípios constitutivos tais como: a relação com o ouvinte e a influência deste sobre o enunciado, a conclusão verbal peculiar ao enunciado (diferente da conclusão do pensamento), etc. A especificidade dos gêneros retóricos (jurídicos, políticos) encobria porém a natureza lingüística do enunciado. E, por fim, estudaram-se os *gêneros do discurso cotidiano* (principalmente a réplica do diálogo cotidiano), e fazia-se-o justamente do ponto de vista da lingüística geral (a escola de Saussure e seus continuadores mais recentes — os estruturalistas, os behavioristas americanos, os discípulos de Vossler que, aliás, tinham uma base totalmente diferente). Mas, também nesse caso, o estudo não podia conduzir à definição correta da natureza lingüística do enunciado, na medida em que se limitava a pôr em evidência a especificidade do discurso cotidiano oral, operando no mais das vezes com enunciados deliberadamente primitivos (os behavioristas americanos).

Não há razão para minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso e a conseqüente dificuldade quando se trata de definir o caráter genérico do enunciado. Importa, nesse ponto, levar em consideração a diferença essencial existente entre o gênero de discurso *primário* (simples) e o gênero de discurso *secundário* (complexo). Os gêneros secundários do discurso — o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. - aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica. Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. Os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios - por exemplo, inseridas no romance, a réplica do diálogo cotidiano ou a carta, conservando sua forma e seu significado cotidiano apenas no plano do conteúdo do romance, só se integram à realidade existente através do romance considerado como um todo, ou seja, do romance concebido como fenômeno da vida literário-artística e não da vida cotidiana. O romance em seu todo é um enunciado, da mesma forma que a réplica do diálogo cotidiano ou a carta pessoal (são fenômenos da mesma natureza); o que diferencia o romance é ser um enunciado secundário (complexo).

A distinção entre gêneros primários e gêneros secundários tem grande importância teórica, sendo esta a razão pela qual

a natureza do enunciado deve ser elucidada e definida por uma análise de ambos os gêneros. Só com esta condição a análise se adequaria à natureza complexa e sutil do enunciado e abrangeria seus aspectos essenciais. Tomar como ponto de referência apenas os gêneros primários leva irremediavelmente a trivializá-los (a trivialização extrema representada pela lingüística behaviorista). A inter-relação entre os gêneros primários e secundários de um lado, o processo histórico de formação dos gêneros secundários do outro, eis o que esclarece a natureza do enunciado (e, acima de tudo, o difícil problema da correlação entre língua, ideologias e visões do mundo).

O estudo da natureza do enunciado e da diversidade dos gêneros de enunciados nas diferentes esferas da atividade humana tem importância capital para todas as áreas da lingüística e da filologia. Isto porque um trabalho de pesquisa acerca de um material lingüístico concreto - a história da língua, a gramática normativa, a elaboração de um tipo de dicionário, a estilística da língua, etc. - lida inevitavelmente com enunciados concretos (escritos e orais), que se relacionam com as diferentes esferas da atividade e da comunicação: crônicas, contratos, textos legislativos, documentos oficiais e outros, escritos literários, científicos e ideológicos, cartas oficiais ou pessoais, réplicas do diálogo cotidiano em toda a sua diversidade formal, etc. É deles que os pesquisadores extraem os fatos lingüísticos de que necessitam. Uma concepção clara da natureza do enunciado em geral e dos vários tipos de enunciados em particular (primários e secundários), ou seja dos diversos gêneros do discurso, é indispensável para qualquer estudo, seja qual for a sua orientação específica. Ignorar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo lingüístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida. A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua. O enunciado situa-se no cruzamento excepcionalmente importante de uma problemática. Ë deste ângulo que vamos agora abordar algumas áreas e alguns problemas da lingüística.

Em primeiro lugar, vejamos a estilística. O estilo está indissoluvelmente ligado ao enunciado e a formas típicas de enunciados, isto é, aos gêneros do discurso. O enunciado - oral e escrito, primário e secundário, em qualquer esfera da comunicação verbal - é individual, e por isso pode refletir a individualidade de quem fala (ou escreve). Em outras palavras, possui um estilo individual. Mas nem todos os gêneros são igualmente aptos para refletir a individualidade na língua do enunciado, ou seja, nem todos são propícios ao estilo individual. Os gêneros mais propícios são os literários - neles o estilo individual faz parte do empreendimento enunciativo enquanto tal e constitui uma das suas linhas diretrizes -; se bem que, no âmbito da literatura, a diversidade dos gêneros ofereça uma ampla gama de possibilidades variadas de expressão à individualidade, provendo à diversidade de suas necessidades. As condições menos favoráveis para refletir a individualidade na língua são as oferecidas pelos gêneros do discurso que requerem uma forma padronizada, tais como a formulação do documento oficial, da ordem militar, da nota de serviço, etc. Nesses gêneros só podem refletir-se os aspectos superficiais, quase biológicos, da individualidade (e principalmente na realização oral de enunciados pertencentes a esse tipo padronizado). Na maioria dos gêneros do discurso (com exceção dos gêneros artístico-literários), o estilo individual não entra na intenção do enunciado, não serve exclusivamente às suas finalidades, sendo, por assim dizer, seu epifenômeno, seu produto complementar. A variedade dos gêneros do discurso pode revelar a variedade dos estratos e dos aspectos da personalidade individual, e o estilo individual pode relacionar-se de diferentes maneiras com a língua comum. O problema de saber o que na língua cabe respectivamente ao uso corrente e ao indivíduo é justamente problema do enunciado (apenas no enunciado a língua comum se encarna numa forma individual). A definição de um estilo em geral e de um estilo individual em particular requer um estudo aprofundado da natureza do enunciado e da diversidade dos gêneros do discurso.

O vínculo indissolúvel, orgânico, entre o estilo e o gênero mostra-se com grande clareza quando se trata do problema de um estilo lingüístico ou funcional. De fato, o estilo lingüístico ou funcional nada mais é senão o estilo de um gênero peculiar a uma dada esfera da atividade e da comunicação humana. Cada esfera conhece seus gêneros, apropriados à sua especificidade, aos quais correspondem determinados estilos. Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico. O estilo é indissociavelmente vinculado a unidades temáticas determinadas e, o que é particularmente importante, a unidades composicionais: tipo de estruturação e de conclusão de um todo, tipo de relação entre o locutor e os outros parceiros da comunicação verbal (relação com o ouvinte, ou com o leitór, com o interlocutor, com o discurso do outro, etc.} O estilo entra como elemento na unidade de gênero de um enunciado. Isso não equivale a dizer, claro, que o estilo lingüístico não pode ser objeto de um estudo específico, especializado. Tal estudo, ou seja, uma estilística da língua, concebida como uma descrição autônoma, é possível e necessário. Porém, para ser correto e produtivo, este estudo sempre deve partir do fato de que os estilos da língua pertencem por natureza ao gênero e deve basear-se no estudo prévio dos gêneros em sua diversidade. Até agora, a estilística da língua ignorou tais fundamentos, daí sua debilidade. Não existe uma classificação comumente reconhecida dos estilos lingüísticos. A falha dos autores de classificações é esquecer a necessidade primordial de uma classificação: a necessidade de uma unidade de base. As classificações são surpreendentemente pobres e não apresentam o menor critério diferencial. A *Gramática* da Academia recém-publicada enumera as seguintes variedades estilísticas: linguagem livresca, popular, científico-abstrata, científico-oficial, falada, familiar, vulgar, etc. Ao lado dessa nomenclatura dos estilos lingüísticos, como variantes estilísticas, encontram-se: palavras dialetais, palavras antiquadas, locuções profissionais. Tal classificação dos estilos é totalmente fortuita e fundamenta-se em princípios (ou bases) díspares no inventário dos estilos (sem contar que é uma classificação pobre e não diferencial)!. Tal estado de coisas resulta de uma in-

1. E uma classificação igualmente pobre, confusa e mal fundamentada dos estilos da língua que se encontra no livro de A. N. Gvozdev, *Ensaios de estilística da língua russa* (Moscou, *1952).* As classificações se baseiam em noções tradicionais, adotadas sem o menor espírito critico.

compreensão da natureza dos gêneros dos estilos da língua e de uma ausência de classificação dos gêneros do discurso por esferas de atividade humana, assim como de uma ausência de diferenciação entre os gêneros primários e os secundários.

A separação entre o estilo e o gênero repercute de um modo muitíssimo nefasto sobre a elaboração de toda uma série de problemas históricos. As mudanças históricas dos estilos da língua são indissociáveis das mudanças que se efetuam nos gêneros do discurso. A língua escrita corresponde ao conjunto dinâmico e complexo constituído pelos estilos da língua, cujo peso respectivo e a correlação, dentro do sistema da língua escrita, se encontram num estado de contínua mudança. É a um sistema ainda mais complexo, e que obedece a outros princípios, que pertence a língua literária, cujos componentes incluem também os estilos da língua não escrita. Para deslindar a complexa dinâmica histórica desses sistemas, para passar da simples (e em geral superficial) descrição dos estilos que se sucedem, e chegar à explicação histórica dessas mudanças, é indispensável colocar o problema específico dos gêneros do discurso (e não só dos gêneros secundários mas também dos gêneros primários) que, de uma forma imediata, sensível e ágil, refletem a menor mudança na vida social. Os enunciados e o tipo a que pertencem, ou seja, os gêneros do discurso, são as correias de transmissão que levam da história da sociedade à história da língua. Nenhum fenômeno novo (fonético, lexical, gramatical) pode entrar no sistema da língua sem ter sido longamente testado e ter passado pelo acabamento do estilo-gênero[2].

Em cada época de seu desenvolvimento, a língua escrita é marcada pelos gêneros do discurso e não só pelos gêneros secundários (literários, científicos, ideológicos), mas também pelos gêneros primários (os tipos do diálogo oral: linguagem das reuniões sociais, dos círculos, linguagem familiar, cotidiana, linguagem sociopolítica, filosófica, etc.). A ampliação da língua escrita que incorpora diversas camadas da língua popular acarreta em todos os gêneros (literários, científicos, ideológicos, familiares, etc.) a aplicação de um novo procedimento

2. Esta tese que defendemos nada tem em comum com os princípios defendidos pela escola de Vossler, que coloca a estilística antes da gramática. A continuação de nossa exposição o demonstrará com toda clareza.

na organização e na conclusão do todo verbal e uma modificação do lugar que será reservado ao ouvinte ou ao parceiro, etc., o que leva a uma maior ou menor reestruturação e renovação dos gêneros do discurso. Quando a literatura, conforme suas necessidades, recorre às camadas correspondentes (não literárias) da literatura popular, recorre obrigatoriamente aos gêneros do discurso através dos quais essas camadas se atualizaram. Trata-se, em sua maioria, de tipos pertencentes ao gênero falado-dialogado. Daí a dialogização mais ou menos marcada dos gêneros secundários, o enfraquecimento do princípio monológico de sua composição, a nova sensibilidade ao ouvinte, as novas formas de conclusão do todo, etc. Quando há estilo, há gênero. Quando passamos o estilo de um gênero para outro, não nos limitamos a modificar a ressonância deste estilo graças à sua inserção num gênero que não lhe é próprio, destruímos e renovamos o próprio gênero.

Assim, portanto, tanto os estilos individuais como os que pertencem à língua tendem para os gêneros do discurso. Um estudo mais ou menos profundo e extenso dos gêneros do *discurso é absolutamente indispensável para uma elaboração produtiva de todos os problemas da estilística.*

O problema geral dos princípios metodológicos aplicáveis ao estudo das correlações existentes entre o léxico e a gramática de um lado, e entre o léxico e a estilística do outro, baseia-se nesse mesmo problema do enunciado e dos gêneros do discurso.

A gramática (e o léxico) se distingue radicalmente da estilística (alguns chegam a opô-las), e, ao mesmo tempo, não há um único estudo de gramática (ainda mais a gramática normativa) que não incorpore a estilística. Em toda uma série de casos, a fronteira entre a gramática e a estilística parece apagar-se totalmente. Há fenômenos que, para uns, estão relacionados com a gramática, para outros, com a estilística. E o caso do sintagma, por exemplo.

Pode-se dizer que a gramática e a estilística se juntam e se separam em qualquer fato lingüístico concreto que, encarado do ponto de vista da língua, é um fato gramatical, encarado do ponto de vista do enunciado individual, é um fato estilístico. Mesmo a seleção que o locutor efetua de uma forma gramatical já é um ato estilístico. Esses dois pontos de vista sobre um único e mesmo fenômeno concreto da língua não devem porém excluir-se mutuamente, substituir-se mecanicamente um ao outro, devem combinar-se organicamente (com a manutenção metodológica de sua diferença) sobre a base da unidade real do fato lingüístico. Apenas uma compreensão profunda da natureza do enunciado e da particularidade dos gêneros do discurso pode permitir a solução desse complexo problema de metodologia.

O estudo da natureza do enunciado e dos gêneros do discurso tem uma importância fundamental para superar as noções simplificadas acerca da vida verbal, a que chamam o “fluxo verbal”, a comunicação, etc., noções estas que ainda persistem em nossa ciência da linguagem. Irei mais longe: o estudo do enunciado, em sua qualidade de *unidade real da comunicação verbal*, também deve permitir compreender melhor a natureza das *unidades da língua* (da língua como sistema): as palavras e as orações.

E precisamente para este problema, que é o mais geral, que vamos passar agora.

II

O enunciado, unidade da comunicação verbal

A lingüística do século XIX - a começar por W. Humboldt-, sem negar a função comunicativa da linguagem, empenhou- se em relegá-la ao segundo plano, como algo acessório; passava-se para o primeiro plano a função formadora sobre o pensamento, independente da comunicação. Eis a célebre fórmula de Humboldt: “Abstraindo-se a necessidade de comunicação do homem, a língua lhe é indispensável para pensar, mesmo que tivesse de estar sempre sozinho.” A escola de Vossler passa a função dita expressiva para o primeiro plano. Apesar das diferenças que os teóricos introduzem nessa função, ela, no essencial, resume-se à expressão do universo individual do locutor. A língua se deduz da necessidade do homem de expressar-se, de exteriorizar-se. A essência da língua, de uma forma ou de outra, resume-se à criatividade espiritual do indivíduo. Aventaram-se, e continuam-se a aventar, outras variantes das funções da linguagem, mas o que permanece característico é não uma ignorância absoluta, por certo, mas uma estimativa errada das funções comunicativas da linguagem; a linguagem é considerada do ponto de vista do locutor como se este estivesse *sozinho*, sem uma forçosa relação com os outros parceiros da comunicação verbal. E, quando o papel do outro é levado em consideração, é como um destinatário passivo que se limita a compreender o locutor. O enunciado satisfaz ao seu próprio objeto (ou seja, ao conteúdo do pensamento enunciado) e ao próprio enunciador. A língua só requer o locutor - apenas o locutor - e o objeto de seu discurso, e se, com isso, ela também pode servir de meio de comunicação, esta é apenas uma função acessória, que não toca à sua essência. É óbvio que a coletividade lingüística, a multiplicidade dos locutores são fatos que não podem ser ignorados quando se trata da língua, mas esse aspecto não é necessário ou determinante quando se trata de definir a natureza da língua em sua essência. Ás vezes a coletividade lingüística é encarada como uma espécie de personalidade coletiva - o “espírito de um povo”, etc. —e é-lhe atribuída uma importância capital (na “psicologia dos povos”), mas a verdade é que, mesmo nesses casos, a multiplicidade dos locutores - os *outros* para cada determinado locutor - perde sua substância.

Na lingüística, até agora, persistem *funções* tais como o “ouvinte” e o “receptor” (os parceiros do “locutor”). Tais funções dão uma imagem totalmente distorcida do processo complexo da comunicação verbal. Nos cursos de lingüística geral (até nos cursos sérios como os de Saussure), os estudiosos comprazem-se em representar os dois parceiros da comunicação verbal, o locutor e o ouvinte (quem recebe a fala), por meio de um esquema dos processos *ativos* da fala no locutor e dos processos *passivos* de percepção e de compreensão da fala no ouvinte. Não se pode dizer que esses esquemas são errados e não correspondem a certos *aspectos* reais, mas quando estes esquemas pretendem representar o *todo* real da comunicação verbal se transformam em ficção científica. De fato, o ouvinte que recebe e compreende a significação (lingüística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude *responsiva ativa:* ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor. A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude *responsiva ativa* (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor. A compreensão passiva das significações do discurso ouvido é apenas o elemento abstrato de um fato real que é o todo constituído pela *compreensão responsiva ativa* e que se materializa no ato real da resposta fônica subseqüente. Uma resposta fônica, claro, não sucede infalivelmente ao enunciado fônico que a suscita: a compreensão responsiva ativa do que foi ouvido (por exemplo, no caso de uma ordem dada) pode realizar-se diretamente como um ato (a execução da ordem compreendida e acatada), pode permanecer, por certo lapso de tempo, compreensão responsiva muda (certos gêneros do discurso fundamentam-se apenas nesse tipo de compreensão, como, por exemplo, os gêneros líricos), mas neste caso trata-se, poderíamos dizer, de uma compreensão responsiva de ação retardada: cedo ou tarde, o que foi ouvido e compreendido de modo ativo encontrará um eco no discurso ou no comportamento subseqüente do ouvinte. Os gêneros secundários da comunicação verbal, em sua maior parte, contam precisamente com esse tipo de compreensão responsiva de ação retardada. O que acabamos de expor vale também, *mutatis mutandis,* para o discurso lido ou escrito. A compreensão responsiva nada mais é senão a fase inicial e preparatória para uma resposta (seja qual for a forma de sua realização). O locutor postula esta compreensão responsiva ativa: o que ele espera, não é uma compreensão passiva que, por assim dizer, apenas duplicaria seu pensamento no espírito do outro, o que espera é uma resposta, uma concordância, uma adesão, uma objeção, uma execução, etc. A variedade dos gêneros do discurso pressupõe a variedade dos escopos intencionais daquele que fala ou escreve. O desejo de tornar seu discurso inteligível é apenas um *elemento* abstrato da intenção discursiva em seu *todo.* O próprio locutor como tal é, em certo grau, um respondente, pois não é o primeiro locutor, que rompe pela primeira vez o eterno silêncio de um mundo mudo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que utiliza, mas também a existência dos enunciados anteriores —emanantes dele mesmo ou do outro — aos quais seu próprio enunciado está vinculado por algum tipo de relação (fundamenta-se neles, polemiza com eles), pura e simplesmente ele já os supõe conhecidos do ouvinte. Cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados. O ouvinte dotado de uma compreensão passiva, tal como é representado como parceiro do locutor nas figuras esquemáticas da lingüística geral, não corresponde ao protagonista real da comunicação verbal. O que é representado é o elemento abstrato do fato real da compreensão responsiva ativa em seu todo, geradora de uma resposta (resposta com que conta o locutor). Esse tipo de abstração científica é justificado, mas com a condição expressa de ser concebido como uma abstração e de não ser tomado por um fenômeno real e concreto, com o risco de cair na ficção. Ora, não é isso que se passa na lingüística, na medida em que tais esquemas abstratos, embora não sejam apresentados como o reflexo da comunicação verbal, não deixam de omitir a referência à complexidade maior do fenômeno real. O resultado é que o esquema distorce o quadro real da comunicação verbal cujos princípios essenciais são eliminados. O papel ativo do *outro* no processo da comunicação verbal fica minimizado ao extremo.

A utilização incerta e ambígua de termos tais como "fala" ou "fluxo verbal" revela o mesmo menosprezo pelo papel ativo do outro no processo de comunicação verbal e a tendência de passar ao largo desse processo. Esses termos deliberadamente vagos costumam designar aquilo que está submetido a uma segmentação em unidades de língua concebidas como frações da língua: fônicas (o fonema, a sílaba, o grupo acentuado) e significantes (a oração e a palavra). "O fluxo verbal se subdivide...", "*Nosso discurso* se divide em...", eis como costumam, nos cursos de lingüística geral e de gramática, e também nos estudos especializados de fonética, de lexicologia, introduzir as seções de gramática consagradas à análise das unidades lingüísticas correspondentes. E uma pena que a *Gramática* da Academia, publicada há tão pouco tempo, também utilize esta mesma formulação ambígua. E o que é então "nosso discurso"? Eis como é introduzida a seção que corresponde à fonética: "*Nosso discurso* se divide acima de tudo em orações que, por sua vez, podem dividir-se em combinações de palavras e em palavras. As palavras se decompõem em unidades fônicas menores, as sílabas. As sílabas em sons distintos ou fonemas..."

O que é então esse "fluxo verbal", o que é então o "nosso discurso"? Qual é seu campo de ação? Terão eles um princípio e um fim? Se esses fenômenos possuem uma duração indeterminada, qual é a fração que usamos para dividi-la em unidades? Todos esses problemas estão imersos numa completa indeterminação e num conhecimento fragmentário. A vaga *palavra* "discurso" que se refere indiferentemente à língua, ao processo da fala, ao enunciado, a uma seqüência (de comprimento variável) de enunciados, a um gênero preciso do discurso, etc., esta palavra, até agora, não foi transformada pelos lingüistas num *termo* rigorosamente definido e de significação restrita (fenômenos análogos ocorrem também em outras línguas). Esse estado de coisas explica-se pelo fato de que os problemas do enunciado e dos gêneros do discurso (e, por conseguinte, os da comunicação verbal) ficaram quase intocados. Em quase toda parte, os estudiosos divertem-se em jogar com o enredamento de todas essas significações. Geralmente, aplica-se a expressão "nosso discurso" a qualquer enunciado de qualquer locutor; mas tal acepção jamais é sustentada até o fim[1].

Ora, se aquilo que se divide e subdivide em unidades de língua é indeterminado e vago, a indeterminação e a confusão se transmitem igualmente às unidades assim obtidas.

A indeterminação e a confusão terminológicas acerca de um ponto metodológico tão central no pensamento lingüístico resultam de um menosprezo total pelo que é a *unidade* *real* da comunicação verbal: *o enunciado.* A fala só existe, na realidade, na forma concreta dos enunciados de um indivíduo: do sujeito de um discurso-fala. O discurso se molda sempre à forma do enunciado que pertence a um sujeito falante e não pode existir fora dessa forma. Quaisquer que sejam o volume, o conteúdo, a composição, os enunciados sempre possuem, como unidades da comunicação verbal, características estruturais que lhes são comuns, e, acima de tudo, *fronteiras* claramente delimitadas. E neste problema das fronteiras, cujo princípio é essencial, que convém deter-se com vagar.

As fronteiras do enunciado concreto, compreendido como uma unidade da comunicação verbal, são determinadas pela

---

1. E, aliás, como se poderia sustentá-la até o fim? Um enunciado do tipo "Ah!" (réplica de diálogo) não é divisível em orações, em combinações de palavras, em sílabas. Portanto, fica evidente que nem todo enunciado é um discurso. Depois disso, os estudiosos dividem o enunciado (o discurso) e obtêm unidades da língua. Em seguida, definem a oração como o enunciado mais simples que, conseqüentemente, já não pode mais ser uma unidade do enunciado. Tacitamente, pressupõem a fala de um locutor só, sendo descartados os matizes dialógicos.

Comparadas com as fronteiras do enunciado, todas as outras fronteiras (as que delimitam as orações, as combinações de palavras) são apenas relativas e convencionais.

alternância dos sujeitos falantes, ou seja, pela alternância dos locutores. Todo enunciado - desde a breve réplica (monolexemática) até o romance ou o tratado científico -comporta um começo absoluto e um fim absoluto: antes de seu início, há os enunciados dos outros, depois de seu fim, há os enunciados-respostas dos outros (ainda que seja como uma compreensão responsiva ativa muda ou como um ato-resposta baseado em determinada compreensão). O locutor termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar à compreensão responsiva ativa do outro. O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, estritamente delimitada pela alternância dos sujeitos falantes, e que termina por uma transferência da palavra ao outro, por algo como um mudo "*dixi*" percebido pelo ouvinte, como sinal de que o locutor terminou.

Essa alternância dos sujeitos falantes que traça fronteiras estritas entre os enunciados nas diversas esferas da atividade e da existência humana, conforme as diferentes atribuições da língua e as condições e situações variadas da comunicação, é diversamente caracterizada e adota formas variadas. É no diálogo real que esta alternância dos sujeitos falantes é observada de modo mais direto e evidente; os enunciados dos interlocutores (parceiros do diálogo), a que chamamos de réplicas, alternam-se regularmente nele. O diálogo, por sua clareza e simplicidade, é a forma clássica da comunicação verbal. Cada réplica, por mais breve e fragmentária que seja, possui um acabamento específico que expressa a *posição do locutor,* sendo possível responder, sendo possível tomar, com relação a essa réplica, uma *posição responsiva.* Este acabamento específico do enunciado será objeto de análises posteriores, pois é um dos traços fundamentais do enunciado. Ao mesmo tempo, as réplicas são ligadas umas às outras. Ora, a relação que se estabelece entre as réplicas do diálogo — relações de pergunta-resposta, asserção-objeção, afirmação-consentimento, oferecimento-aceitação, ordem-execução, etc. — é impossível entre as unidades da língua (entre as palavras e as orações), tanto no sistema da língua (no eixo vertical), quanto no interior do enunciado (no eixo horizontal). Esta relação específica que liga as réplicas do diálogo é apenas uma variante da relação específica que liga enunciados completos durante o processo da comunicação verbal. Esta relação só é possível entre enunciados provenientes de diferentes sujeitos falantes. Pressupõe *o outro* (em relação ao locutor) membro da comunicação verbal. Esta relação entre enunciados completos não se presta a uma gramaticalização porque, como já dissemos, ela não existe entre as unidades da língua — não só no interior do sistema da língua, mas também no interior do enunciado.

Nos gêneros secundários do discurso, sobretudo nos gêneros retóricos, encontramos fenômenos que parecem contradizer o princípio que colocamos. Observa-se de fato que, nos limites de um enunciado, o locutor (ou o escritor) formula perguntas, responde-as, opõe objeções que ele mesmo refuta, etc. Porém esses fenômenos não são mais que a simulação convencional da comunicação verbal e dos gêneros primários do discurso. E um jogo característico dos gêneros retóricos (que incluem certos modos de vulgarização científica); aliás, todos os gêneros secundários (nas artes e nas ciências) incorporam diversamente os gêneros primários do discurso na construção do enunciado, assim como a relação existente entre estes (os quais se transformam, em maior ou menor grau, devido à ausência de uma alternância dos sujeitos falantes). Tal é a natureza dos gêneros secundários. Mas todos esses fenômenos em que é reproduzida a relação específica com os gêneros primários, ainda que se realizem nos limites de *um único* enunciado, não se prestam a uma gramaticalização: sua natureza específica difere por princípio da natureza das relações existentes entre as palavras e as orações (e as outras unidades da língua: a combinação das palavras, etc.) e se preserva dentro do enunciado.

Tendo chegado a este ponto, e baseando-nos no material do diálogo e das réplicas, devemos analisar o problema da *oração* entendida como uma *unidade da língua* e ver o que a distingue do *enunciado* entendido como uma *unidade da comunicação verbal.*

(O problema acerca da natureza da oração é o problema mais complexo e difícil para a lingüística. Não faz parte de nosso intuito tratar deste problema em toda sua complexidade, propomo-nos somente tratar de um dos seus aspectos que, ao que nos parece, é essencial para a totalidade do problema. O que nos importa é determinar a relação existente entre a oração e o enunciado. Tal elucidação deverá contribuir para esclarecer tanto o enunciado quanto a oração.)

Voltaremos a este problema mais tarde. Por ora, basta-nos observar que as fronteiras da oração (unidade da língua) nunca são marcadas pela alternância dos sujeitos falantes que, se enquadrassem a oração em suas duas extremidades, a converteriam num enunciado. De fato, a oração adquiriria novas propriedades e seria percebida de uma maneira absolutamente diferente, que a distinguiria de uma oração idêntica, enquadrada por outras orações, no contexto de um único enunciado proveniente de um único e mesmo locutor. A oração representa um pensamento relativamente acabado, diretamente relacionado com outros pensamentos do mesmo locutor, dentro do todo do enunciado; uma vez terminada a oração, o locutor faz uma pausa, antes de passar para o pensamento que dá seguimento ao seu próprio pensamento, que continua, completa, fundamenta o pensamento anterior. O contexto da oração é o contexto do discurso de um único e mesmo sujeito falante (do locutor); a relação existente entre a oração e o contexto transverbal da realidade (a situação, as circunstâncias, a pré-história), e os enunciados de outros locutores não é uma relação direta ou pessoal, é intermediada por todo o contexto que a rodeia, ou seja, pelo enunciado em seu todo. Mas, se a oração não se insere no contexto da fala de *um único e mesmo* locutor, em outras palavras, se representa um enunciado completo e acabado (uma réplica de diálogo), então se encontra numa relação direta (e pessoal) com a realidade (com o contexto trans-verbal da fala) e com os outros enunciados *alheios;* o que lhe sucede, portanto, já não é a pausa decidida pelo próprio locutor (as pausas, enquanto fatos gramaticais, calculadas e deliberadas, só são possíveis no interior do discurso de um único locutor, ou seja, dentro de um único enunciado; a pausa entre os enunciados é um fato real e não um fato gramatical, e este tipo de pausa — que se prende à psicologia ou a alguma circunstância externa — pode introduzir uma ruptura no todo do enunciado; é uma pausa que, nos gêneros secundários, provém de um cálculo do artista, do diretor, do ator, e distingue-se, por princípio, tanto da pausa gramatical como da pausa estilística, tal como ocorre, por exemplo, entre os sintagmas, dentro de um enunciado), o que lhe sucede é a resposta ou a compreensão responsiva de outro locutor. A oração passa então à categoria de enunciado completo, implica uma atitude responsiva:

pode-se concordar com ele ou discordar dele, pode-se executar, julgar, etc. A oração enquanto tal, em seu contexto, não tem capacidade de determinar uma resposta; adquire essa propriedade (mais exatamente: participa dela) apenas no todo de um enunciado.

A oração que se torna enunciado completo adquire novas qualidades e particularidades que não pertencem à oração, mas ao enunciado, que não expressam a natureza da oração mas do enunciado e que, achando-se associadas à oração, completam-na até torná-la um enunciado completo. A oração, como unidade da língua, é desprovida dessas propriedades; não é delimitada em suas duas extremidades pela alternância dos sujeitos falantes, não está em contato imediato com a realidade (com a situação transverbal) e tampouco está em relação imediata com os enunciados do outro, não possui uma significação plena nem uma capacidade de suscitar a atitude responsiva do *outro* locutor, ou seja, de determinar uma resposta. A oração, como unidade da língua, é de natureza gramatical e tem fronteiras, um acabamento, uma unidade que se prendem à gramática (é no interior do todo do enunciado e do ponto de vista desse todo que a oração alcança propriedades estilísticas). Onde a oração figura a título de enunciado completo, parece encravada num material de natureza totalmente estranha. Ao se ignorar esses fatos na análise da oração, deforma-se a natureza da oração (e, portanto, do enunciado que se gramaticaliza). Muitos lingüistas (no campo da sintaxe) são prisioneiros dessa confusão: o que estudam como oração é, na verdade, uma espécie de *híbrido* da oração (unidade da língua) e do enunciado (unidade da comunicação verbal). As pessoas não trocam orações, assim como não trocam palavras (numa acepção rigorosamente lingüística), ou combinações de palavras, trocam enunciados constituídos com a ajuda de unidades da língua — palavras, combinações de palavras, orações; mesmo assim, nada impede que o enunciado seja constituído de uma única oração, ou de uma única palavra, por assim dizer, de uma única unidade da fala (o que acontece sobretudo na réplica do diálogo), mas não é isso que converterá uma unidade da língua numa unidade da comunicação verbal.

Na falta de uma teoria baseada no enunciado entendido como unidade da comunicação verbal, permanece incerta a distinção entre a oração e o enunciado, que geralmente são confundidos.

Voltemos ao diálogo real. Como já dissemos, é a forma mais simples e mais clássica da comunicação verbal. A alternância dos sujeitos falantes (dos locutores) que determina a fronteira entre os enunciados apresenta-se no diálogo com excepcional clareza. Ora, o mesmo sucede nas outras esferas da comunicação verbal, mesmo nas áreas com organização complexa da comunicação cultural (nas ciências e nas artes). As fronteiras do enunciado são sempre da mesma natureza.

As obras de construção complexa e as obras especializadas pertencentes aos vários gêneros das ciências e das artes, apesar de tudo o que as distingue da réplica do diálogo, são, por sua natureza, unidades da comunicação verbal: são identicamente delimitadas pela alternância dos sujeitos falantes e as fronteiras, mesmo guardando sua nitidez *externa,* adquirem uma característica *interna* particular pelo fato de que o sujeito falante — o *autor* da obra — manifesta sua individualidade, sua visão do mundo, em cada um dos elementos estilísticos do desígnio que presidia à sua obra. Esse cunho de individualidade aposto à obra é justamente o que cria as fronteiras internas específicas que, no processo da comunicação verbal, a distinguem das outras obras com as quais se relaciona dentro de uma dada esfera cultural — as obras dos antecessores, nas quais o autor se apóia, as obras de igual tendência, as obras de tendência oposta, com as quais o autor luta, etc.

A obra, assim como a réplica do diálogo, visa a resposta do outro (dos outros), uma compreensão responsiva ativa, e para tanto adota todas as espécies de formas: busca exercer uma influência didática sobre o leitor, convencê-lo, suscitar sua apreciação crítica, influir sobre êmulos e continuadores, etc. A obra predetermina as posições responsivas do outro nas complexas condições da comunicação verbal de uma dada esfera cultural. A obra é um elo na cadeia da comunicação verbal; do mesmo modo que a réplica do diálogo, ela se relaciona com as outras obras-enunciados: com aquelas a que ela responde e com aquelas que lhe respondem, e, ao mesmo tempo, nisso semelhante à réplica do diálogo, a obra está separada das outras pela fronteira absoluta da alternância dos sujeitos falantes.

A alternância dos sujeitos falantes que compõe o contexto do enunciado, transformando-o numa massa compacta rigorosamente circunscrita em relação aos outros enunciados vinculados a ele, constitui a primeira particularidade do enunciado concebido como unidade da comunicação verbal e que distingue esta da unidade da língua. Passemos agora à segunda particularidade, indissociável da primeira, a saber: o *acabamento* específico do enunciado. O acabamento do enunciado é de certo modo a alternância dos sujeitos falantes vista do interior; essa alternância ocorre precisamente porque o locutor disse (ou escreveu) *tudo* o que queria dizer num preciso momento e em condições precisas. Ao ouvir ou ao ler, sentimos claramente o fim de um enunciado, como se ouvíssemos o *"dixi"* conclusivo do locutor. É um acabamento totalmente específico e que pode ser determinado por meio de critérios particulares. O primeiro e mais importante dos critérios de acabamento do enunciado é a *possibilidade de responder* — mais exatamente, de adotar uma atitude responsiva para com ele (por exemplo, executar uma ordem). Esse critério vale tanto para a curta pergunta banal, por exemplo: "Que horas são?" (pode-se respondê-la) ou para o pedido banal ao qual se pode aceder ou não aceder, quanto para a exposição científica, com a qual se pode concordar ou discordar (total ou parcialmente), e para o romance (no âmbito artístico), sobre o qual se pode formular um juízo de conjunto. É necessário o acabamento para tornar possível uma reação ao enunciado. Não basta que o enunciado seja inteligível no nível da *língua.* Uma oração totalmente inteligível e acabada, se for uma oração e não um enunciado—constituído de uma única oração—não poderá suscitar uma reação de resposta: é inteligível, está certo, mas ainda não é um *todo.* Este *todo*—indício da *totalidade* de um enunciado—não se presta a uma definição de ordem gramatical ou pertencente a uma entidade do sentido.

A totalidade acabada do enunciado que proporciona a possibilidade de responder (de compreender de modo responsivo) é determinada por três fatores indissociavelmente ligados no todo orgânico do enunciado: 1) o tratamento exaustivo do objeto do sentido; 2) o intuito, o querer-dizer do locutor; 3) as formas típicas de estruturação do gênero do acabamento.

O primeiro fator—o tratamento exaustivo do tema do enunciado- varia profundamente conforme as esferas da comunicação verbal. O tratamento exaustivo pode ser quase total em certas esferas: na vida cotidiana (as perguntas de ordem puramente factual e as respostas igualmente factuais que elas suscitam), na vida prática, na vida militar (os comandos e as ordens), na vida profissional, em suma, nas esferas em que os gêneros do discurso são padronizados ao máximo e a criatividade é quase inexistente. Nas esferas criativas (em particular, claro, nas ciências), em compensação, o tratamento exaustivo será muito relativo—exatamente um mínimo de acabamento capaz de suscitar uma atitude responsiva. Teoricamente, o objeto é inesgotável, porém, quando se torna *tema* de um enunciado (de uma obra científica, por exemplo), recebe um acabamento relativo, em condições determinadas, em função de uma dada abordagem do problema, do material, dos objetivos por atingir, ou seja, desde o início ele estará dentro dos limites de um *intuito definido pelo autor.* Eis-nos assim diante do segundo fator indissoluvelmente ligado ao primeiro.

Em qualquer enunciado, desde a réplica cotidiana monolexemática até as grandes obras complexas científicas ou literárias, captamos, compreendemos, sentimos o *intuito discursivo* ou o *querer-dizer* do locutor que determina o todo do enunciado: sua amplitude, suas fronteiras. Percebemos o que o locutor *quer* dizer e é em comparação a esse intuito discursivo, a esse querer-dizer (como o tivermos captado) que mediremos o acabamento do enunciado. Esse intuito determina a escolha, enquanto tal, do objeto, com suas fronteiras (nas circunstâncias precisas da comunicação verbal e necessariamente em relação aos enunciados anteriores) e o tratamento exaustivo do objeto do sentido que lhe é próprio. Tal intuito vai determinar também, claro, a escolha da forma do gênero em que o enunciado será estruturado (mas este é o terceiro fator de que trataremos mais adiante). O intuito, o elemento *subjetivo* do enunciado, entra em combinação com o objeto do sentido — *objetivo* — para formar uma unidade indissolúvel, que ele limita, vincula à situação concreta (única) da. comunicação verbal, marcada pelas circunstâncias individuais, pelos parceiros individualizados e suas intervenções anteriores: seus enunciados. É por isso que os parceiros diretamente implicados numa comunicação, conhecedores da situação e dos enunciados anteriores, cap-

tam com facilidade e prontidão o *intuito discursivo,* o querer-dizer do locutor, e, às primeiras palavras do discurso, percebem o *todo* de um enunciado em processo de desenvolvimento.

Passemos agora ao terceiro fator, que é o mais importante para nós, a saber: as formas estáveis do *gênero do enunciado.* O querer-dizer do locutor se realiza acima de tudo na *escolha de um gênero do discurso.* Essa escolha é determinada em função da especificidade de uma dada esfera da comunicação verbal, das necessidades de uma temática (do objeto do sentido), do conjunto constituído dos parceiros, etc. Depois disso, o intuito discursivo do locutor, sem que este renuncie à sua individualidade e à sua subjetividade, adapta-se e ajusta-se ao gênero escolhido, compõe-se e desenvolve-se na forma do gênero determinado. Esse tipo de gênero existe sobretudo nas esferas muito diversificadas da comunicação verbal oral da vida cotidiana (inclusive em suas áreas familiares e íntimas).

Para falar, utilizamo-nos sempre dos gêneros do discurso, em outras palavras, todos os nossos enunciados dispõem de uma *forma padrão* e relativamente estável *de estruturação de um todo.* Possuímos um rico repertório dos gêneros do discurso orais (e escritos). Na *prática,* usamo-los com segurança e destreza, mas podemos ignorar totalmente a sua existência *teórica.* Como Jourdain de Molière, que falava em prosa sem suspeitar disso, falamos em vários gêneros sem suspeitar de sua existência. Na conversa mais desenvolta, moldamos nossa fala às formas precisas de gêneros, às vezes padronizados e estereotipados, às vezes mais maleáveis, mais plásticos e mais criativos. A comunicação verbal na vida cotidiana não deixa de dispor de gêneros criativos. Esses gêneros do discurso nos são dados quase como nos é dada a língua materna, que dominamos com facilidade antes mesmo que lhe estudemos a gramática. A língua materna — a composição de seu léxico e sua estrutura gramatical —, não a aprendemos nos dicionários e nas gramáticas, nós a adquirimos mediante enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos durante a comunicação verbal viva que se efetua com os indivíduos que nos rodeiam. Assimilamos as formas da língua somente nas formas assumidas pelo enunciado e juntamente com essas formas. As formas da língua e as formas típicas de enunciados, isto é, os gêneros do discurso, introduzem-se em nossa experiência e em nossa consciência con-

juntamente e sem que sua estreita correlação seja rompida. Aprender a falar é aprender a estruturar enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, menos ainda, é óbvio, por palavras isoladas). Os gêneros do discurso organizam nossa fala da mesma maneira que a organizam as formas gramaticais (sintáticas). Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (a extensão aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja, desde o inicio, somos sensíveis ao todo discursivo que, em seguida, no processo da fala, evidenciará suas diferenciações. Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível.

As formas do gênero às quais modelamos nossa fala se distinguem substancialmente das formas da língua, do ponto de vista de sua estabilidade e de suas leis normativas para o locutor. De um modo geral, elas são mais maleáveis, mais plásticas e mais livres do que as formas da língua. Também nesse caso, a variedade dos gêneros do discurso é muito grande.

Há toda uma gama dos gêneros mais difundidos na vida cotidiana que apresenta formas tão padronizadas que o querer-dizer individual do locutor quase que só pode manifestar-se na escolha do gênero, cuja expressividade de entonação não deixa de influir na escolha. E o caso, por exemplo, dos diversos gêneros fáticos, das felicitações, dos votos, das trocas de novidades — sobre a saúde, os negócios, etc. A diversidade desses gêneros deve-se ao fato de eles variarem conforme as circunstâncias, a posição social e o relacionamento pessoal dos parceiros: há o estilo elevado, estritamente oficial, deferente, como há o estilo familiar que comporta vários graus de familiaridade e de intimidade (distinguindo-se esta da familiaridade)[2]. Trata-se de gêneros que implicam também um tom determinado, ou seja, comportam em sua estrutura uma dada entonação expressiva. Estes gêneros, em particular os gêneros elevados, oficiais, são muito estáveis e muito prescritivos (normativos). O querer-dizer deve limitar-se à escolha de um determinado gênero e apenas ligeiros matizes na entonação expressiva (pode-se adotar um tom mais deferente, mais frio ou então mais caloroso, introduzir uma entonação prazerosa, etc.) podem expressar a individualidade do locutor (o aspecto emocional de seu intuito discursivo). Mas aqui também, no nível dos gêneros, pode intervir o jogo das inflexões, característico da comunicação verbal: por exemplo, a forma do gênero do cumprimento pode ser transferida da esfera oficial para a esfera familiar da comunicação, que será então utilizada com uma inflexão irônico-paródica; com finalidades análogas, podem-se confundir deliberadamente os gêneros pertencentes a esferas diferentes.

Ao lado dos gêneros padronizados, existiram, e continuam a existir, claro, gêneros mais livres e mais criativos da comunicação verbal oral: os gêneros das reuniões sociais, da intimidade amigável, da intimidade familiar, etc. (Até agora nenhuma nomenclatura dos gêneros do discurso oral foi criada e mesmo o princípio dessa nomenclatura não é claro.) A maior parte desses gêneros se presta a uma reestruturação criativa (de um modo semelhante aos gêneros literários e, alguns deles, num grau ainda mais acentuado), mas um uso criativo livre não significa ainda a recriação de um gênero: para usá-los livremente, é preciso um bom domínio dos gêneros.

São muitas as pessoas que, dominando magnificamente a língua, sentem-se logo desamparadas em certas esferas da comunicação verbal, precisamente pelo fato de não dominarem, na prática, as formas do gênero de uma dada esfera. Não é raro o homem que domina perfeitamente a fala numa esfera da comunicação cultural, sabe fazer uma explanação, travar uma discussão científica, intervir a respeito de problemas sociais, calar-se ou então intervir de uma maneira muito desajeitada numa conversa social. Não é por causa de uma pobreza de vocabulário ou de estilo (numa acepção abstrata), mas de uma inexperiência de dominar o repertório dos gêneros da conversa social, de uma falta de conhecimento a respeito do que é o todo do enunciado, que o indivíduo fica inapto para moldar com facilidade e prontidão sua fala e determinadas formas estilísticas e composicionais; é por causa de uma inexperiência de tomar a palavra no momento certo, de começar e terminar no tempo correto (nesses gêneros, a composição é muito simples).

É de acordo com nosso domínio dos gêneros que usamos com desembaraço, que descobrimos mais depressa e melhor nossa individualidade neles (quando isso nos é possível e útil), que refletimos, com maior agilidade, a situação irreproduzível da comunicação verbal, que realizamos, com o máximo de perfeição, o intuito discursivo que livremente concebemos.

---

[2] Esse tipo de fenômenos e tipos análogos chamaram a atenção dos lingüistas (sobretudo dos historiadores da língua) de um ângulo puramente estilístico, na medida em que a língua refletia as formas históricas variáveis da etiqueta, da cortesia, do decoro. (Cf. F Brunot, *Histoire de la langue française des origines à 1900,* Paris, 1905-1943.)

Portanto, o locutor recebe, além das formas prescritivas da língua comum (os componentes e as estruturas gramaticais), as formas não menos prescritivas do enunciado, ou seja, os gêneros do discurso, que são tão indispensáveis quanto as formas da língua para um entendimento recíproco entre locutores. Os gêneros do discurso são, em comparação com as formas da língua, muito mais fáceis de combinar, mais ágeis, porém, para o indivíduo falante, não deixam de ter um valor normativo: eles lhe são dados, não é ele que os cria. E por isso que o enunciado, em sua singularidade, apesar de sua individualidade e de sua criatividade, não pode ser considerado como uma *combinação absolutamente livre* das formas da língua, do modo concebido, por exemplo, por Saussure (e, na sua esteira, por muitos lingüistas), que opõe o enunciado (a fala), como um ato puramente individual, ao sistema da língua como fenômeno puramente social e prescritivo para o indivíduo[3]. A grande maioria dos lingüistas compartilha a mesma posição, se não na teoria, na prática: no enunciado, vêem apenas a combinação individual de formas puramente lingüísticas (lexicais e gramaticais) e, na prática, não vêem nem estudam nenhuma outra forma normativa.

O menosprezo dos gêneros do discurso como formas de enunciados relativamente estáveis e normativos devia irreme-

---

[3] Saussure definiu o enunciado (a fala) como “ato individual de vontade e de inteligência, no qual convém distinguir: 1) as combinações pelas quais o sujeito falante utiliza o código da língua a fim de expressar seu pensamento pessoal; 2) o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações’ (Saussure, ***Cours de linguistique générale,*** cap. 111-2). Saussure ignora portanto o fato de que, além das formas da língua, há também as ***formas de combinação*** dessas formas da língua, ou seja, ignora os gêneros do discurso.

diavelmente levar os lingüistas a confundirem, como já mencionamos acima, o enunciado e a oração, a afirmarem (sem que, é verdade, isso jamais tenha sido defendido de modo conseqüente) que nossa fala se molda a formas estáveis da oração; mas não se perguntaram qual é o número de orações inter-relacionadas emitidas consecutivamente por nós e em que momento nos detemos; tudo isso é deixado à arbitrariedade absoluta do querer-dizer do locutor ou ao capricho de um “fluxo verbal” mítico.

Quando escolhemos um determinado tipo de oração, não escolhemos somente uma determinada oração em função do que queremos expressar com a ajuda dessa oração, selecionamos um tipo de oração em função do *todo* do enunciado completo que se apresenta à nossa imaginação verbal e determina nossa opção. A idéia que temos da forma do nosso enunciado, isto é, de um gênero preciso do discurso, dirige-nos em nosso processo discursivo. O intuito de nosso enunciado, em seu todo, pode não necessitar, para sua realização, senão de uma oração, mas pode também necessitar de um grande número delas e o gênero escolhido dita-nos o seu tipo com suas articulações composicionais.

Uma das razões para que a lingüística ignore as formas de enunciados deve-se à extrema heterogeneidade da estrutura composicional delas e às particularidades de seu volume (a extensão do discurso): que vai da réplica monolexemática ao romance em vários tomos. A grande variabilidade do volume é válida também para os gêneros discursivos orais. Por isso, os gêneros do discurso parecem incomensuráveis e inoperantes enquanto unidades do discurso.

É por isso que muitos lingüistas (sobretudo no campo da sintaxe) empenham-se em encontrar formas particulares que sejam um meio-termo entre a oração e o enunciado e que se assinalem pelo caráter acabado, do mesmo modo que o enunciado, e continuem comensuráveis, do mesmo modo que a oração. É o caso da “frase” (em Karcevski, por exemplo), da “comunicação” (em Chakhmatov e outros). Entre os pesquisadores que utilizam essas unidades, não há um conceito em comum, pois na vida da língua, não há nenhum fato real, determinado e circunscrito que lhes corresponda. Todas essas unidades artificiais e convencionais não levam em conta a alternância dos sujeitos falantes que se dá durante qualquer comunicação verbal real e viva. Isso provoca, em todas as esferas de atividade da língua, um esmaecimento das fronteiras mais importantes: as fronteiras entre enunciados. Daí se segue (dai resulta) que a noção de acabamento, critério principal do enunciado, entendido como unidade efetiva da comunicação verbal, é perdida ou seja, a noção da aptidão do enunciado para condicionar uma atitude responsiva ativa nos outros parceiros da comunicação.

Para concluir esta parte, acrescentarei algumas observações sobre a oração (deixando para voltar com detalhes ao problema na parte final deste trabalho).

A oração, como unidade da língua, não consegue condicionar diretamente uma atitude responsiva ativa. É só ao tornar-se enunciado completo que adquire tal capacidade. Uma oração pode substituir um enunciado acabado, mas nesse caso, como já vimos, encontra-se completada por uma importante série de fatos não gramaticais que lhe modificam a natureza. É isso que acarreta uma aberração sintática de um tipo especial: ao analisar uma oração isoladamente, fora de seu contexto, esta é conceitualizada até tornar-se um enunciado completo; em conseqüência desse fato, a oração atinge o grau de acabamento que a torna apta para suscitar uma resposta.

A oração, assim como a palavra, é uma unidade significante da língua; por isso, considerada isoladamente — por exemplo, “Saiu o sol” —, é totalmente inteligível, ou seja, compreendemo-lhe a *significação* lingüística, a *eventual* função num enunciado. Não obstante, é impossível adotar, a respeito dessa oração isolada, uma atitude responsiva ativa, a não ser que saibamos que o locutor, mediante essa oração, disse *tudo* o que queria dizer, que essa oração não é precedida nem seguida de outras orações provenientes do mesmo locutor. Mas assim, já não é uma oração e sim um enunciado com todos os seus direitos, composto de uma única oração — ele está enquadrado e delimitado pela alternância dos sujeitos, sendo o reflexo imediato da realidade (situação) transverbal. Tal enunciado pode receber uma resposta.

Ao contrário, se a oração está dentro de um contexto, alcança sua plenitude de *sentido* unicamente no interior desse contexto, ou seja, unicamente dentro do todo do enunciado, e será possível responder a esse enunciado completo cujo elemento significante é a dada oração. Tomemos, por exemplo, o seguinte enunciado: “Já saiu o sol. Vamos! Levante-se! Está na hora”, cuja compreensão responsiva (ou a resposta fônica) poderia ser: “É, realmente, está na hora”, embora também possa ser: “O sol já saiu, mais ainda é cedo, vou dormir de novo.” Aqui há outro *sentido* do enunciado e outra resposta. Essa mesma oração pode, igualmente, entrar na composição de uma obra literária, na qualidade de elemento de paisagem. Haverá então uma reação de resposta — apreciação e impressão de ordem estética — que se referirá somente à paisagem em seu todo. Dentro de outra obra, essa oração pode receber um significado simbólico. Em todos esses casos, a oração é elemento significante do enunciado em seu todo e adquire sentido definitivo somente dentro desse todo.

Se nossa oração serve de enunciado completo, dota-se então de um sentido global, nas condições concretas, delimitadas da comunicação verbal. Ela pode ser a resposta à pergunta: “Será que o sol já saiu?” (em virtude, claro, de circunstâncias determinadas). Temos um enunciado que é a asserção de um fato preciso — asserção que pode ser verdadeira ou falsa, com a qual se pode estar ou não de acordo. Uma oração assertiva por sua *forma* não se torna asserção da *realidade* senão no contexto de um enunciado determinado.

Ao analisar uma oração assim, isoladamente, costuma-se considerá-la como um enunciado completo, referente a uma situação simplificada ao extremo: o sol realmente saiu, e o locutor constata: “Já saiu o sol”; o locutor vê que a grama esta verde, e ei-lo declarando: “A grama está verde.” Tais “comunicações”, sem sentido, são em geral consideradas como puras ocorrências clássicas da oração. Ora, na realidade, uma informação desse tipo se dirige a alguém, é provocada por algo, persegue uma finalidade qualquer, ou seja, é um elo real na cadeia da comunicação verbal, no interior de uma dada esfera da realidade humana ou da vida cotidiana.

A oração, assim como a palavra, possui completitude em sua significação, completitude na sua forma *gramatical,* mas a completitude de sua significação é de natureza abstrata, sendo precisamente isso que a deixa tão clara; é a completitude característica do *elemento* e não o acabamento do *todo.* A oração,

enquanto unidade da língua, assim como a palavra, não tem autor; não é de *ninguém* (como a palavra), sendo somente quando funciona como *enunciado completo* que se torna expressão individualizada da instância locutora, numa situação concreta da comunicação verbal. Chegamos assim à terceira particularidade constitutiva do enunciado, concernente à relação do enunciado com *o próprio locutor* (com o autor do enunciado), e *com os outros* parceiros da comunicação verbal.

O enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal. Representa a instância ativa do locutor numa ou noutra esfera do objeto do sentido. Por isso, o enunciado se caracteriza acima de tudo pelo conteúdo preciso do objeto do sentido. A escolha dos recursos lingüísticos e do gênero do discurso é determinada principalmente pelos problemas de execução que o objeto do sentido implica para o locutor (o autor). E a fase inicial do enunciado, a qual lhe determina as particularidades de estilo e composição.

A segunda fase do enunciado, que lhe determina a composição e o estilo, corresponde à necessidade de *expressividade* do locutor ante o objeto de seu enunciado. A importância e a intensidade dessa fase expressiva variam de acordo com as esferas da comunicação verbal, mas existe em toda parte: um enunciado absolutamente neutro é impossível. A relação valorativa com o objeto do discurso (seja qual for esse objeto) também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado. O estilo individual do enunciado se define acima de tudo por seus aspectos expressivos. Isto é comumente admitido no domínio da estilística — chega-se, aliás, a reduzir o estilo aos aspectos emotivo-valorativos do discurso.

Pode-se considerar que o princípio expressivo do discurso é um fenômeno da *língua* enquanto sistema? Pode-se falar de aspectos expressivos quando se trata de unidades da língua, ou seja, de palavras e de orações? A resposta a tais perguntas é categoricamente negativa. A língua enquanto sistema dispõe, claro, de um rico arsenal de recursos lingüísticos — lexicais, morfológicos e sintáticos - para expressar a posição emotivo-valorativa do locutor, mas todos esses recursos, na qualidade de recursos lingüísticos, são absolutamente *neutros* no plano dos valores da realidade. Uma palavra como "pequerrucho"

é um diminutivo hipocorístico, tanto pela significação de seu radical quanto por sua estrutura morfológica, no entanto, como unidade da língua, é tão neutra como a palavra "longe". Trata-se apenas de um recurso lingüístico virtual suscetível de expressar uma atitude emotivo-valorativa ante a realidade e não se refere a nenhuma realidade determinada; apenas um locutor pode estabelecer essa espécie de relação, ou seja, um juízo de valor a respeito da realidade, que ele realizará mediante um enunciado concreto. As palavras não são de ninguém e não comportam um juízo de valor. Estão a serviço de qualquer locutor e de qualquer juízo de valor, que podem mesmo ser totalmente diferentes, até mesmo contrários.

A oração, como unidade da língua, também é neutra, e não comporta aspectos expressivos: ela os recebe (mais exatamente, participa deles) somente dentro do enunciado concreto. E encontramo-nos sempre perante a mesma aberração: uma oração como "Ele morreu" implica, com toda evidência, uma expressão definida, e, *a fortiori,* uma oração como: "Que alegria!" A verdade é que percebemos essas orações como enunciados, e, ademais, como enunciados de uma situação típica, ou seja, pertencentes a um gênero do discurso marcado por sua expressão típica. A oração enquanto tal carece de expressão típica, é neutra. Conforme o contexto do enunciado, a oração “Ele morreu” pode também corresponder a uma expressão positiva, feliz, até jubilosa. E a oração “Que alegria!” no contexto de um enunciado pode assumir um tom irônico ou sarcástico.

A entonação expressiva, que se entende distintamente na execução oral[4], é um dos recursos para expressar a relação emotivo-valorativa do locutor com o objeto do seu discurso. No sistema da língua, ou seja, fora do enunciado, essa entonação não existe. A oração e a palavra, enquanto *unidades da língua,* não têm entonação expressiva. Se uma palavra isolada é proferida com uma entonação expressiva, já não é uma palavra, mas um enunciado completo, realizado por uma única palavra (não há razão alguma de convertê-la numa oração). Na comunicação verbal, há muitíssimos tipos de enunciados ava-

4. É óbvio que percebemos a entonação, e ela existe como fator estilístico na leitura silenciosa do discurso escrito.

liatórios, bastante padronizados, ou seja, um gênero do discurso valorativo que expressa o elogio, o encorajamento, o entusiasmo, a reprovação, a injúria: “Ótimo!”, “Ânimo!”, “Bravíssimo!”, “Que horror!”, “Burro!”, etc. A palavra que adquire, em dadas circunstâncias da vida sociopolítica, uma importância especial, torna-se enunciado exclamativo-expressivo: “Paz!”, “Liberdade!”, etc. (este é um gênero específico do discurso, referente à vida público-política). Numa determinada situação, a palavra pode adquirir um sentido profundamente expressivo em forma de enunciado exclamativo (“Mar!”, exclamam dez mil gregos em Xenofonte).

Em todos esses casos, não lidamos com a palavra isolada funcionando como unidade da língua, nem com a *significação* dessa palavra, mas com o enunciado acabado e com um *sentido concreto:* o conteúdo desse enunciado. A significação da palavra se refere à realidade efetiva nas condições reais da comunicação verbal. É por esta razão que não só compreendemos a significação da palavra enquanto palavra da língua, mas também adotamos para com ela uma atitude responsiva ativa (simpatia, concordância, discordância, estímulo à ação). A entonação expressiva não pertence à palavra, mas ao enunciado. Mesmo assim é difícil descartar a idéia de que a palavra da língua comporta (ou pode comportar) um “tom emocional”, um “juízo de valor”, uma “aura estilística”, etc., e que, por conseguinte, comporta também a entonação expressiva que lhe seria inerente em sua qualidade de palavra. Ficamos tentados a acreditar que, ao escolher as palavras de um enunciado, deixamos-nos justamente guiar pelo tom emocional inerente à palavra considerada isoladamente: adotaríamos aquelas que, por seu tom, correspondem à expressão do nosso enunciado, rejeitando as outras palavras. É assim que os próprios poetas concebem seu trabalho com a palavra, e é assim que também a estilística interpreta esse processo (a “experimentação estilística” de Pechkovski, por exemplo).

Ora, não é nada disso. É sempre a mesma aberração que já detectamos. Ao escolher a palavra, partimos das intenções que presidem ao todo do nosso enunciado[5], e esse todo inten-

5. Quando construímos nosso discurso, sempre conservamos na mente o todo do nosso enunciado, tanto em forma de um esquema correspondente a um gênero definido como em forma de uma intenção discursiva individual.

cional, construído por nós, é sempre expressivo. E esse todo que irradia sua expressividade (ou melhor, nossa expressividade) para cada uma das palavras que escolhemos e que, de certo modo, inocula nessa palavra a expressividade do todo. Escolhemos a palavra de acordo com sua significação que, por si só, não é expressiva e pode ou não corresponder ao nosso objetivo expressivo em relação com as outras palavras, isto é, em relação com o todo de nosso enunciado. A significação neutra de uma palavra, relacionada com uma realidade efetiva, nas condições reais de uma comunicação verbal, sempre provoca o lampejo da expressividade. E precisamente isso que se dá no processo de criação de um enunciado. Repetimos: apenas o contato entre a significação lingüística e a realidade concreta, apenas o contato entre a língua e a realidade — que se dá no enunciado — provoca o lampejo da expressividade. Esta não está no sistema da língua e tampouco na realidade objetiva que existiria fora de nós.

A emoção, o juízo de valor, a expressão são coisas alheias à palavra dentro da língua, e só nascem graças ao processo de sua utilização ativa no enunciado concreto. A *significação* da palavra, por si só (quando não está relacionada com a realidade), como já dissemos, é extra-emocional. Há palavras que designam especificamente a emoção, o juízo de valor: “alegria”, ‘‘aflição”, ‘‘belo”, ‘‘alegre’’, “triste’’, etc. Mas essas significações são tão neutras como qualquer outra significação. O colorido expressivo lhes vem unicamente do enunciado, e tal colorido não depende da significação delas considerada isoladamente. Teremos, por exemplo: “Toda alegria neste momento é amarga para mim”, onde a palavra “alegria”, a bem dizer, é ignorada do ponto de vista da expressão, apesar de sua significação.

O que acabamos de expor está longe de esgotar um problema que é muito mais complexo. Quando escolhemos uma palavra, durante o processo de elaboração de um enunciado, nem sempre a tiramos, pelo contrário, do sistema da língua, da neutralidade *lexicográfica*. Costumamos tirá-la de *outros*

Não alinhavamos as palavras, passando de uma para outra. Pelo contrário, é como se preenchêssemos um todo com as palavras úteis. Alinhavam-se palavras na primeira fase do estudo de uma língua estrangeira, e isso sempre se deve a um método errado na direção do trabalho. [continuação da nota 5.]

enunciados, e, acima de tudo, de enunciados que são aparentados ao nosso pelo gênero, isto é, pelo tema, composição e estilo: selecionamos as palavras segundo as especificidades de um gênero. O gênero do discurso não é uma forma da língua, mas uma forma do enunciado que, como tal, recebe do gênero uma expressividade determinada, típica, própria do gênero dado. No gênero, a palavra comporta certa expressão típica. Os gêneros correspondem a circunstâncias e a temas típicos da comunicação verbal e, por conseguinte, a certos pontos de contato típicos entre as *significações* da palavra e a realidade concreta. Daí se segue que as possibilidades de expressões típicas formam como que uma supra-estrutura da palavra. Essa expressividade típica do gênero, claro, não pertence à palavra como unidade da língua e não entra na composição de sua significação, mas apenas reflete a relação que a palavra e sua significação mantêm com o gênero, isto é, com os enunciados típicos. A expressividade e a entonação típicas que lhe correspondem não possuem a força normativa própria das formas da língua.

É a força normativa do gênero, mais livre, que é exercida aqui. Em nosso exemplo “Toda alegria neste momento é amarga para mim”, o tom expressivo da palavra “alegria”, determinado pelo contexto, não é típico da palavra. Os gêneros do discurso, de uma maneira geral, prestam-se facilmente a uma modificação da inflexão - o triste passa a ser alegre — mas daí resulta algo novo (por exemplo, o gênero de epitáfio engraçado). É possível assimilar essa expressividade típica do gênero a “aura estilística” da palavra, mas nem por isso esta pertence à palavra da língua e sim ao gênero em que a palavra costuma funcionar. O que se ouve soar na palavra é o eco do gênero em sua totalidade.

A expressividade do gênero na palavra (e a entonação expressiva do gênero) é de ordem impessoal, da mesma maneira que os gêneros do discurso, como tais, são impessoais. (Temos aqui formas típicas de enunciado individual, mas não o próprio enunciado.) Posto o quê, a palavra que participa de nosso discurso e que nos vem dos enunciados individuais dos outros pode ter preservado, em maior ou menor grau, o tom e a ressonância desses enunciados individuais.

As palavras da língua não são de ninguém, porém, ao mesmo tempo, só as ouvimos em forma de enunciados individuais,

só as lemos em obras individuais, e elas possuem uma expressividade que deixou de ser apenas típica e tornou-se também individualizada (segundo o gênero a que pertence), em função do contexto individual, irreproduzível, do enunciado.

As significações lexicográficas das palavras da língua garantem sua utilização comum e a compreensão mútua de todos os usuários da língua, mas a utilização da palavra na comunicação verbal ativa é sempre marcada pela individualidade e pelo contexto. Pode-se colocar que a palavra existe para o locutor sob três aspectos: como *palavra neutra* da língua e que não pertence a ninguém; como *palavra do outro* pertencente aos outros e que preenche o eco dos enunciados alheios; e, finalmente, como palavra *minha*, pois, na medida em que uso essa palavra numa determinada situação, com uma intenção discursiva, ela já se impregnou de minha expressividade. Sob estes dois últimos aspectos, a palavra é expressiva, mas esta expressividade, repetimos, não pertence à própria palavra: nasce no ponto de contato entre a palavra e a realidade efetiva, nas circunstâncias de uma situação real, que se atualiza através do enunciado individual. Neste caso, a palavra expressa o juízo de valor de um homem individual (aquele cuja palavra serve de norma: o homem de ação, o escritor, o cientista, o pai, a mãe, o amigo, o mestre, etc.) e apresenta-se como um aglomerado de enunciados.

A época, o meio social, o micromundo—o da família, dos amigos e conhecidos, dos colegas — que vê o homem crescer e viver, sempre possui seus enunciados que servem de norma, dão o tom; são obras científicas, literárias, ideológicas, nas quais as pessoas se apóiam e às quais se referem, que são citadas, imitadas, servem de inspiração. Toda época, em cada uma das esferas da vida e da realidade, tem tradições acatadas que se expressam e se preservam sob o invólucro das palavras, das obras, dos enunciados, das locuções, etc. Há sempre certo número de idéias diretrizes que emanam dos "luminares" da época, certo número de objetivos que se perseguem, certo número de palavras de ordem, etc. Sem falar do modelo das antologias escolares que servem de base para o estudo da língua materna e que, decerto, são sempre expressivas.

E por isso que a experiência verbal individual do homem toma forma e evolui sob o efeito da interação contínua e per-

manente com os enunciados individuais do outro. É uma experiência que se pode, em certa medida, definir como um processo de *assimilação,* mais ou menos criativo, das *palavras do outro* (e não *das palavras da língua).* Nossa fala, isto é, nossos enunciados (que incluem as obras literárias), estão repletos de palavras *dos outros,* caracterizadas, em graus variáveis, pela alteridade ou pela assimilação, caracterizadas, também em graus variáveis, por um emprego consciente e decalcado. As palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos.

A expressividade da palavra isolada não é pois propriedade da própria palavra, enquanto unidade da língua, e não decorre diretamente de sua significação. Ela se prende quer à expressividade padrão de um gênero, quer à expressividade individual do outro que converte a palavra numa espécie de representante do enunciado do outro em seu todo—um todo por ser instância determinada de um juízo de valor.

O que acabamos de dizer aplica-se também à oração que é uma unidade da língua e que, enquanto tal, é desprovida de expressividade. Falamos disso no início de nossa explanação. Falta completar o que já foi dito. Existem tipos de orações que costumam funcionar como enunciados completos e pertencem a um gênero determinado. É o caso das orações interrogativas, exclamativas e exortativas. Existem muitíssimos gêneros referentes à vida cotidiana ou a funções (por exemplo, os comandos e as ordens na vida militar ou na vida profissional) que, via de regra, são expressos por uma oração de tipo apropriado. Por outro lado, esse tipo de oração é pouco encontrado no contexto de uma consecução organizada de enunciados. Quando, contudo, orações desse tipo se acham inseridas num contexto coerente de enunciados, sobressaem sensivelmente na composição, e, por isso, em princípio, tendem a ser oração inicial ou final do enunciado (ou então a constituir uma parte relativamente autônoma do enunciado)[6]. Este tipo de oração apresenta um interesse especial para a ótica em que colocamos os problemas, e voltaremos a ele mais adiante. Por ora, o que nos

6. As orações iniciais e finais de um enunciado são, em geral, de uma natureza especial e comportam um princípio de complementaridade. São, de fato, orações de “vanguarda”, a bem dizer, situadas em cheio na linha de demarcação onde se realiza a alternância (o revezamento) dos sujeitos falantes.

importa é assinalar que as orações desse tipo aderem estreitamente à expressividade do gênero que lhes é próprio e que absorvem, com grande facilidade, a expressividade individual. Este tipo de oração contribuiu muito para consolidar as ilusões sobre a natureza expressiva da oração.

Acrescentarei mais uma observação. A oração, enquanto unidade da língua, possui uma entonação gramatical particular que não tem nada a ver com a expressividade. A entonação gramatical específica é a que marca a conclusão, a explicação, a demarcação, a enumeração, etc. Reserva-se um lugar especial à entonação narrativa, interrogativa, exclamativa e exortativa: é nesse ponto que se cruzam a entonação gramatical e a entonação do gênero (mas não a entonação expressiva no sentido estrito da palavra). Uma oração só atinge a entonação expressiva no todo do enunciado. Quando se dá um exemplo de oração para ser analisado, costuma-se atribuir-lhe certo tipo de entonação que transforma a oração num enunciado (se ela é tirada de um dado texto, conserva, claro, a entonação correspondente à expressividade do texto).

Portanto, a expressividade aparece como uma particularidade constitutiva do enunciado. O sistema da língua possui as formas necessárias (isto é, os recursos lingüísticos) para manifestar a expressividade, mas na própria língua as unidades significantes (palavras e orações) carecem, por sua natureza, de expressividade, são neutras. É isso que possibilita que elas sirvam de modo igualmente satisfatório a todos os valores, os mais variados e opostos e a todas as instâncias do juízo de valor.

O enunciado, seu estilo e sua composição são determinados pelo objeto do sentido e pela expressividade, ou seja, pela relação valorativa que o locutor estabelece com o enunciado. A estilística ignora este terceiro ponto e, para determinar o estilo de um enunciado, leva em conta unicamente os seguintes fatores: o sistema da língua, o objeto do sentido e a pessoa do locutor com seu juízo de valor a respeito desse objeto. A escolha dos recursos lingüísticos, de acordo com a concepção estilística habitual, efetua-se a partir de considerações acerca do objeto do sentido e da expressividade. É com base nesses aspectos que se determina um estilo, tanto um estilo da língua, quanto o estilo de um movimento ou o estilo individual. Assim temos, de um lado, o locutor com sua visão do mundo, seu juízo de valor e suas emoções, e, do outro, o objeto do seu discurso e o sistema da língua (os recursos lingüísticos) — a partir daí se definirão o enunciado, seu estilo e sua composição. Tal é a concepção que reina absoluta.

Na realidade, o problema é muito mais complexo. Um enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação verbal de uma dada esfera. As fronteiras desse enunciado determinam-se pela alternância dos sujeitos falantes. Os enunciados não são indiferentes uns aos outros nem são auto-suficientes; conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente. São precisamente esses reflexos recíprocos que lhes determinam o caráter. O enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal. O enunciado deve ser considerado acima de tudo como uma resposta a enunciados anteriores dentro de uma dada esfera (a palavra “resposta” é empregada aqui no sentido lato): refuta-os, confirma-os, completa-os, baseia-se neles, supõe-nos conhecidos e, de um modo ou de outro, conta com eles. Não se pode esquecer que o enunciado ocupa uma posição *definida* numa dada esfera da comunicação verbal relativa a um dado problema, a uma dada questão, etc. Não podemos determinar nossa posição sem correlacioná-la com outras posições. É por esta razão que o enunciado é repleto de reações-respostas a outros enunciados numa dada esfera da comunicação verbal. Estas reações assumem formas variáveis: podemos introduzir diretamente o enunciado alheio no contexto do nosso próprio enunciado, podemos introduzir-lhe apenas palavras isoladas ou orações que então figuram nele a título de representantes de enunciados completos. Nesses casos, o enunciado completo ou a palavra, tomados isoladamente, podem conservar sua alteridade na expressão, ou então ser modificados (se imbuírem de ironia, de indignação, de admiração, etc.); também é possível, num grau variável, parafrasear o enunciado do outro depois de repensá-lo, ou simplesmente referir-se a ele como a opiniões bem conhecidas de um parceiro discursivo; é possível pressupô-lo explicitamente; nossa reação-resposta também pode refletir-se unicamente na expressão de nossa própria fala — na seleção dos recursos lingüísticos e de entonações, determinados não pelo objeto de nosso discurso e sim pelo enunciado do outro acerca do mesmo objeto. Este

é um caso típico e importante: com muita freqüência, a expressividade do nosso enunciado é determinada — às vezes nem tanto — não só pelo teor do objeto do nosso enunciado, mas também pelos enunciados do outro sobre o mesmo tema aos quais respondemos, com os quais polemizamos; são estes últimos que determinam igualmente a insistência sobre certos pontos, a reiteração, a escolha de expressões mais contundentes (ou, pelo contrário, menos contundentes), o tom provocante (ou, pelo contrário, conciliatório), etc. A expressividade de um enunciado nunca pode ser compreendida e explicada até o fim se se levar em conta somente o teor do objeto do sentido. A expressividade de um enunciado é sempre, em menor ou maior grau, uma *resposta*, em outras palavras: manifesta não só sua própria relação com o objeto do enunciado, mas também a relação do locutor com os enunciados do outro[7]. As formas de reações-respostas que preenchem o enunciado são sumamente variadas e, até agora, nunca foram estudadas. Essas formas se diferenciam nitidamente segundo as particularidades das esferas da atividade e da vida cotidiana do homem nas quais se efetua a comunicação verbal. Por mais monológico que seja um enunciado (uma obra científica ou filosófica, por exemplo), por mais que se concentre no seu objeto, ele não pode deixar de ser também, em certo grau, uma resposta ao que já foi dito sobre o mesmo objeto, sobre o mesmo problema, ainda que esse caráter de resposta não receba uma expressão externa bem perceptível. A resposta transparecerá nas tonalidades do sentido, da expressividade, do estilo, nos mais ínfimos matizes da composição. As *tonalidades dialógicas* preenchem um enunciado e devemos levá-las em conta se quisermos compreender até o fim o estilo do enunciado. Pois nosso próprio pensamento — nos âmbitos da filosofia, das ciências, das artes — nasce e forma-se em interação e em luta com o pensamento alheio, o que não pode deixar de refletir nas formas de expressão verbal do nosso pensamento.

O enunciado do outro e a palavra do outro, conscientemente percebidos e distinguidos em sua alteridade, e introduzidos em nosso enunciado, incutem-lhe algo que se poderia qualificar de irracional do ponto de vista do sistema da língua, e

7.A entonação é um fato particularmente sensível e se refere sempre a mais além do contexto.

em particular, do ponto de vista da sintaxe. A inter-relação que se estabelece entre o discurso do outro assim inserido e o resto do discurso (pessoal) não tem analogia com as relações sintáticas existentes dentro dos limites de um conjunto sintático simples ou complexo, nem tampouco tem analogia com a relação com o objeto do sentido, existente entre os conjuntos sintáticos distintos não vinculados gramaticamente, dentro dos limites de um único enunciado. Em compensação, essas inter-relações têm analogia (sem serem, é evidente, idênticas) com as relações existentes entre as réplicas do diálogo. A entonação que demarca o discurso do outro (assinalada pelas aspas no discurso escrito) é um fenômeno de um tipo particular: é como que a transposição da *alternância dos sujeitos falantes* para o interior do enunciado. As *fronteiras* que essa alternância edifica são nesse caso tênues e específicas: a expressão do locutor se infiltra através dessas fronteiras e se difunde no discurso do outro que poderá ser transmitido num tom irônico, indignado, simpático, admirativo (essa expressão é transmitida por uma entonação expressiva, e no discurso escrito nós a adivinhamos e a percebemos graças ao contexto que envolve o discurso do outro, ou graças à situação transverbal que sugere a expressão apropriada). Desse modo, o discurso do outro possui uma expressão dupla: a sua própria, ou seja, a do outro, e a do enunciado que o acolhe. Observam-se esses fatos acima de tudo nos casos em que o discurso do outro (ainda que se reduza a uma única palavra, que terá valor de enunciado completo) é abertamente citado e nitidamente separado (entre aspas) e em que a alternância dos sujeitos falantes e de sua inter-relação dialógica repercute claramente. Mas em todo enunciado, contanto que o examinemos com apuro, levando em conta as condições concretas da comunicação verbal, descobriremos as palavras do outro ocultas ou semi-ocultas, e com graus diferentes de alteridade. Dir-se-ia que um enunciado é sulcado pela ressonância longínqua e quase inaudível da alternância dos sujeitos, falantes e pelos matizes dialógicos, pelas fronteiras extremamente tênues entre os enunciados e totalmente permeáveis à expressividade do autor. O enunciado é um fenômeno complexo, polimorfo, desde que o analisemos não mais isoladamente, mas em sua relação com o autor (o locutor) e enquanto elo na cadeia da comunicação verbal, em sua relação com

os outros enunciados (uma relação que não se costuma procurar no plano verbal, estilístico-composicional, mas no plano do objeto do sentido).

O enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal. Tem fronteiras nítidas, determinadas pela alternância dos sujeitos falantes (dos locutores), mas dentro dessas fronteiras, o enunciado, do mesmo modo que a mônada de Leibniz, reflete o processo verbal, os enunciados dos outros e, sobretudo, os elos anteriores (às vezes os próximos, mas também os distantes, nas áreas da comunicação cultural).

O objeto do discurso de um locutor, seja ele qual for, não e objeto do discurso pela primeira vez neste enunciado, e este locutor não é o primeiro a falar dele. O objeto, por assim dizer, já foi falado, controvertido, esclarecido e julgado de diversas maneiras, é o lugar onde se cruzam, se encontram e se separam diferentes pontos de vista, visões do mundo, tendências. Um locutor não é o Adão bíblico, perante objetos virgens, ainda não designados, os quais é o primeiro a nomear. A idéia simplificada que se faz da comunicação, e que é usada como fundamento lógico-psicológico da oração, leva a evocar a imagem desse Adão mítico. Na mente do locutor encontram-se associadas duas representações (ou melhor, é o inverso: uma representação complexa se divide em duas representações simples), e o locutor profere orações do tipo: “O sol brilha”, “A grama é verde”, “Estou sentado”, etc. Tais orações são totalmente possíveis, mas ou são fundamentadas e pensadas através do contexto de um enunciado completo que as faz participar da comunicação verbal (como réplicas de diálogo, artigos de vulgarização científica, discurso do professor dando aula, etc.), ou são enunciados completos e se encontram, de um modo ou de outro, fundamentadas por uma situação discursiva que as insere na cadeia da comunicação verbal. Na realidade, como já dissemos, todo enunciado, além do objeto de seu teor, sempre responde (no sentido lato da palavra), de uma forma ou de outra, a enunciados do outro anteriores. O locutor não é um Adão, e por isso o objeto de seu discurso se torna, inevitavelmente, o ponto onde se encontram as opiniões de interlocutores imediatos (numa conversa ou numa discussão acerca de qualquer acontecimento da vida cotidiana) ou então as visões do mundo, as tendências, as teorias, etc. (na esfera da comunicação cultural).

A visão do mundo, a tendência, o ponto de vista, a opinião têm sempre sua expressão verbal. E isso que constitui o discurso do outro (de uma forma pessoal ou impessoal), e esse discurso não pode deixar de repercutir no enunciado. O enunciado está voltado não só para o seu objeto, mas também para o discurso do outro acerca desse objeto. A mais leve alusão ao enunciado do outro confere à fala um aspecto dialógico que nenhum tema constituído puramente pelo objeto poderia conferir-lhe. A relação com a palavra do outro difere radicalmente por princípio da relação com o objeto, mas sempre acompanha esta última. Repetimos, o enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal e não pode ser separado dos elos anteriores que o determinam, por fora e por dentro, e provocam nele reações-respostas imediatas e uma ressonância dialógica.

Entretanto, o enunciado está ligado não só aos elos que o precedem mas também aos que lhe sucedem na cadeia da comunicação verbal. No momento em que o enunciado está sendo elaborado, os elos, claro, ainda não existem. Mas o enunciado, desde o início, elabora-se em função da eventual reação-resposta, a qual é o objetivo preciso de sua elaboração. O papel dos *outros,* para os quais o enunciado se elabora, como já vimos, é muito importante. Os outros, para os quais meu pensamento se torna, pela primeira vez, um pensamento real (e, com isso, real para mim), não são ouvintes passivos, mas participantes ativos da comunicação verbal. Logo de início, o locutor espera deles uma resposta, uma compreensão responsiva ativa. Todo enunciado se elabora como que para ir ao encontro dessa resposta.

O índice substancial (constitutivo) do enunciado é o fato de *dirigir-se* a alguém, de estar voltado *para o destinatário.* Diferentemente das unidades significantes da língua—palavras e orações—que são de ordem impessoal, não pertencem a ninguém e não se dirigem a ninguém, o enunciado tem autor (e, correlativamente, uma expressão, do que já falamos) e destinatário. Este destinatário pode ser o parceiro e interlocutor direto do diálogo na vida cotidiana, pode ser o conjunto diferenciado de especialistas em alguma área especializada da comunicação cultural, pode ser o auditório diferenciado dos contemporâneos, dos partidários, dos adversários e inimigos, dos

subalternos, dos chefes, dos inferiores, dos superiores, dos próximos, dos estranhos, etc.; pode até ser, de modo absolutamente indeterminado, *o outro* não concretizado (é o caso de todas as espécies de enunciados monológicos de tipo emocional). Essas formas e concepções do destinatário se determinam pela área da atividade humana e da vida cotidiana a que se reporta um dado enunciado. A quem se dirige o enunciado? Como o locutor (ou o escritor) percebe e imagina seu destinatário? Qual é a força da influência deste sobre o enunciado? É disso que depende a composição, e sobretudo o estilo, do enunciado. Cada um dos gêneros do discurso, em cada uma das áreas da comunicação verbal, tem sua concepção padrão do destinatário que o determina como gênero.

O destinatário do enunciado pode coincidir *em pessoa,* poderíamos dizer, com aquele (ou aqueles) a quem o enunciado responde. No diálogo da vida cotidiana ou na troca de cartas, essa coincidência é normal: aquele a quem respondo também vem a ser meu destinatário de quem, por minha vez, espero uma resposta (ou, pelo menos, uma compreensão responsiva ativa). Contudo, nessas coincidências de pessoas, um dos protagonistas desempenha dois papéis diferentes e o que importa é precisamente essa diferenciação de papéis: o enunciado daquele a quem respondo (aquiesço, contesto, executo, anoto, etc.) é *já-aqui,* mas sua resposta (sua compreensão responsiva) é *por-vir.* Enquanto elaboro meu enunciado, tendo a determinar essa resposta de modo ativo; por outro lado, tendo a presumi-la, e essa resposta presumida, por sua vez, influi no meu enunciado (precavenho-me das objeções que estou prevendo, assinalo restrições, etc.). Enquanto falo, sempre levo em conta o fundo aperceptivo sobre o qual minha fala será recebida pelo destinatário: o grau de informação que ele tem da situação, seus conhecimentos especializados na área de determinada comunicação cultural, suas opiniões e suas convicções, seus preconceitos (de meu ponto de vista), suas simpatias e antipatias, etc.; pois é isso que condicionará sua compreensão responsiva de meu enunciado. Esses fatores determinarão a escolha do gênero do enunciado, a escolha dos procedimentos composicionais e, por fim, a escolha dos recursos lingüísticos, ou seja, o estilo do meu enunciado. Por exemplo, o gênero de divulgação científica dirige-se a um círculo preciso de leitores, com certo fundo aperceptivo de compreensão responsiva; é a outro leitor que se dirigem os textos que tratam de conhecimentos especializados, e é a um leitor muito diferente que se dirigirão as obras de pesquisas especializadas. Em todos esses casos, levar-se-á em conta o destinatário (e seu fundo aperceptivo), e a influência dele sobre a estrutura do enunciado é muito simples: tudo se resume à amplitude relativa de seus conhecimentos especializados.

Em outros casos, tudo pode ser muito mais complexo. Levar-se-á em conta o destinatário, cuja reação-resposta será presumida de modo pluridimensional, o que introduz uma dramaticidade interna especial no enunciado (dentro de certas modalidades do diálogo cotidiano, nas cartas, nos gêneros autobiográficos e confessionais). Nos gêneros retóricos, esses fenômenos se assinalam por uma acuidade que conserva contudo um caráter externo. Nas esferas da vida cotidiana ou da vida oficial, a situação social, a posição e a importância do destinatário repercutem na comunicação verbal de um modo todo especial. A estrutura da sociedade em classes introduz nos gêneros do discurso e nos estilos uma extraordinária diferenciação que se opera de acordo com o título, a posição, a categoria, a importância conferida pela fortuna privada ou pela notoriedade pública, pela idade do destinatário e, de modo correlato, de acordo com a situação do próprio locutor (ou escritor). Posto o quê, apesar da grande riqueza nas diferenciações, tanto no plano das formas básicas como no plano das nuanças, tais fenômenos têm um caráter de clichê e são exteriores, não são capazes de infundir a menor dramaticidade interior no âmago do enunciado. Só têm interesse como exemplos, bastante rudimentares decerto, mas esclarecedores, para ilustrar a influência do destinatário sobre a estrutura e o estilo do enunciado[8].

8. Citarei uma tirada de Gogol que diz respeito ao nosso tema: “Impossível enumerar as nuanças e as sutilezas de nossas maneiras... Parecemos com aqueles ladinos que vão falar com o proprietário de duzentas almas numa linguagem totalmente diferente da que usarão com o proprietário de trezentas almas; e com o proprietário de trezentas almas, usarão, por sua vez, uma linguagem totalmente diferente da que usarão com o proprietário de quinhentas almas; e com o proprietário de quinhentas almas, usarão, mais uma vez, uma linguagem totalmente diferente da que usarão com o proprietário de oitocentas almas. Enfim, em suma, se formos até um milhão, teremos ainda nuanças” *(Almas mortas,* cap. III).

As nuanças do estilo são mais sutis quando se devem ao caráter *pessoal* e ao grau de proximidade do relacionamento existente entre o destinatário e o locutor nos gêneros do discurso familiar, de um lado, e íntimo, do outro. Apesar da enorme diferença existente entre os gêneros familiares e os gêneros íntimos (e entre seus respectivos estilos), em ambos os casos o destinatário é percebido de modo idêntico, fora dos âmbitos da hierarquia e das convenções sociais (em maior ou menor grau), “sem a graduação”, poderíamos dizer. Daí resulta uma *franqueza* específica da fala, que pode, nos estilos familiares, chegar ao cinismo. Nos estilos íntimos, notamos como que um esforço que tende à fusão plena entre o locutor e o destinatário. No discurso familiar, com a abolição das proibições e convenções discursivas, torna-se possível uma atitude pessoal, informal, para com a realidade[9]. E por essa razão que os gêneros e os estilos familiares puderam desempenhar um papel positivo e importante na época do Renascimento quando se tratava de destruir a imagem oficial do mundo corrente na Idade Media. Isso também é válido para outras épocas: assim que se trata de destronar os estilos e as visões do mundo que gozam de um estatuto tradicional e oficial, que se necrosam e ficam convencionais, os estilos familiares adquirem grande importância para a literatura. Acrescentemos que um estilo que deriva para o estilo familiar deixa penetrar na literatura estratos da língua que, até então, nela se encontravam proibidos. A importância dos gêneros e dos estilos familiares na história da literatura não foi, até agora, apreciada em seu valor exato. Os gêneros e os estilos íntimos repousam numa máxima proximidade interior entre o locutor e o destinatário da fala (no limite, numa espécie de fusão entre eles). O discurso íntimo ~é impregnado de uma confiança profunda no destinatário, na sua simpatia, na sensibilidade e na boa vontade de sua compreensão responsiva. Nesse clima de profunda confiança, o locutor desvela suas profundezas interiores. É isso que determina a expressividade particular e a franqueza interior desses estilos (diferentemente da linguagem franca da rua, tal como a encontramos no discurso familiar). A partir dos exemplos oferecidos pelos gêneros e pelos estilos familiares e íntimos (até agora pouco estudados), vê-se como o estilo depende do modo que o locutor percebe e compreende seu destinatário, e do modo que ele presume uma compreensão responsiva ativa. Tais estilos revelam com muita clareza a estreiteza e os erros da estilística tradicional que tenta compreender e definir o estilo baseando-se unicamente no conteúdo do discurso (no nível do objeto do sentido) e na relação expressiva do locutor com esse conteúdo. Quando se subestima a relação do locutor com *o outro* e com seus enunciados (existentes ou presumidos), não se pode compreender nem o gênero nem o estilo de um discurso. O estilo chamado neutro ou objetivo, o estilo das exposições essencialmente concentradas no seu objeto e que, ao que parece, deveriam ignorar *o outro,* não deixa de implicar certa idéia do destinatário. Esse estilo objetivo-neutro seleciona os recursos lingüísticos em função não só de uma adequação ao objeto do discurso, mas também do pressuposto fundo aperceptivo do destinatário do discurso, ainda que esse fundo seja levado em consideração de um modo muito generalizado, com a abstração dos aspectos expressivos (a expressividade do locutor num estilo objetivo também é reduzida ao extremo). O estilo objetivo-neutro pressupõe uma espécie de identificação entre o destinatário e o locutor, uma comunhão de pontos de vista, o que ocorre à custa de uma recusa de expressividade. Cumpre observar que as características do estilo objetivo-neutro (e, por conseguinte, a concepção do destinatário que lhe serve de base) variam, conforme as áreas da comunicação verbal.

9.A linguagem franca da rua—chamar as coisas pelo próprio nome- sempre foi característica desse estilo.

A concepção que o locutor (ou o escritor) faz do destinatário do seu discurso é um problema importantíssimo na história da literatura. Cada época, cada movimento literário, cada estilo artístico-literário, cada gênero literário, nos limites de uma época e de um movimento, se caracteriza por sua concepção particular do destinatário da obra literária, por uma percepção e uma compreensão particulares do leitor, do ouvinte, do público, da audiência popular. O estudo histórico das mudanças que ocorrem nessas concepções é uma tarefa importante de grande interesse. Sua elaboração, para ser produtiva, exige uma absoluta clareza teórica até na maneira de colocar o problema.

Cumpre assinalar que, ao lado da percepção e da representação real do destinatário que, efetivamente, determinam o estilo dos enunciados (das obras), existem também, na história da literatura, formas convencionais ou semiconvencionais de dirigir-se aos leitores, ouvintes, descendentes etc.; assim como existe, ao lado do autor, a imagem não menos convencional ou sermiconvencional de um autor interposto: os editores, os narradores de todas as espécies. Em sua grande maioria, os gêneros literários *são* gêneros secundários, complexos, que são compostos de diversos *gêneros* primários transformados (réplicas de diálogo, narrativas de costumes, cartas, diários íntimos, documentos, etc.). Esses gêneros secundários, que pertencem à comunicação cultural complexa, *simulam* em princípio as várias formas da comunicação verbal primária. E precisamente isso que gera todas essas personagens literárias convencionais de autores, de narradores, de locutores e de destinatários. Mas a obra do gênero secundário, quaisquer que sejam sua complexidade e a multiplicidade de seus componentes, não deixa de ser em *seu* todo (e como todo) um único e mesmo enunciado *real* que tem um autor real e destinatários que *o* autor percebe e imagina realmente.

Ter um destinatário, dirigir-se a alguém, é uma particularidade constitutiva do enunciado, sem a qual não há, e não poderia haver, enunciado. As diversas formas típicas de dirigir-se a alguém e as diversas concepções típicas do destinatário são as particularidades constitutivas que determinam a diversidade dos gêneros do discurso.

Diferentemente dos *enunciados* e dos gêneros do discurso, as unidades significantes da língua (a palavra e a oração), *por* sua *natureza, não* podem ter um destinatário: elas não pertencem *a* ninguém assim como não se dirigem a ninguém. Melhor ainda: como tais, carecem de qualquer relação com o enunciado do outro, com a palavra do outro. Se uma palavra isolada ou uma oração isolada se dirige a alguém, trata-se de um enunciado constituído de uma palavra ou de uma oração, e o fato de poder dirigir-se a alguém *não* lhes cabe na qualidade de unidade da língua. Se, rodeada de um contexto, a oração fica vinculada a um destinatário, é somente através do todo de um enunciado, enquanto parte constitutiva desse enunciado (enquanto *elemento)*10.

10.Assinalemos que *as orações de* tipo interrogativo e exortativo têm em princípio um estatuto de enunciado completo (nos gêneros do discurso correspondentes)

O sistema da língua dispõe de uma reserva imensa de recursos puramente lingüísticos para expressar formalmente o ato vocativo: recursos lexicais, morfológicos (as flexões correspondentes, os pronomes, as formas pessoais do verbo), sintáticos (os diferentes clichês e as modificações de orações). Essas formas porém só podem implicar um destinatário real no todo de um enunciado concreto. Esses recursos especializados da língua (recursos gramaticais) jamais abrangem, claro, todas as expressões pelas quais a fala se dirige a um destinatário. Certos recursos lingüísticos podem até estar completamente ausentes; ainda assim o enunciado refletirá, com grande agudeza, a influência do destinatário e de sua presumida reação-resposta. É sob uma maior ou menor influência do destinatário e da sua presumida resposta que o locutor seleciona *todos* os recursos lingüísticos de que necessita.

Quando se analisa uma oração isolada, tirada de seu contexto, encobrem-se os indícios que revelariam seu caráter de dirigir-se a alguém, a influência da resposta pressuposta, a ressonância dialógica que remete aos enunciados anteriores do outro, as marcas atenuadas da alternância dos sujeitos falantes que sulcaram o enunciado por dentro. Tudo isso, sendo alheio à natureza da oração como unidade da língua, perde-se e apaga-se. Esses fenômenos se relacionam com o todo do enunciado e deixam de existir desde que esse *todo* é perdido de vista. E isso que explica a perspectiva estreita da estilística tradicional que assinalamos. Uma análise estilística que queira englobar todos os aspectos do estilo deve obrigatoriamente analisar o *todo* do enunciado e, obrigatoriamente, analisá-lo dentro da cadeia da comunicação verbal de que o enunciado é apenas um *elo* inalienável.

O problema do texto

_Título da edição original: *O problema do texto nas áreas da lingüística, da filologia, das ciências humanas _ Tentativa de uma análise filosófica.*
_Texto de arquivos (1959-1961), não revisto pelo autor.
_Notas de trabalho para estudos projetados que não foram realizados.

Nosso estudo poderá ser classificado de filosófico sobretudo por razões negativas. Na verdade, não se trata de uma análise lingüística, nem filológica, nem literária, ou de alguma outra especialização. No tocante às razões positivas, são as seguintes: nossa investigação se situa nas zonas limítrofes, nas fronteiras de todas as disciplinas mencionadas, em sua junção, em seu cruzamento.

O texto (oral ou escrito) como dado primário de todas essas disciplinas, e, de um modo mais geral, de qualquer pensamento filosófico-humanista (que inclui o pensamento religioso e filosófico em suas origens), o texto representa uma realidade imediata (do pensamento e da emoção), a única capaz de gerar essas disciplinas e esse pensamento. Onde não há texto, também não há objeto de estudo e de pensamento.

O texto "implícito". Se tomarmos o texto no sentido amplo de conjunto coerente de signos, então também as ciências da arte (a musicologia, a teoria e a história das artes plásticas) se relacionam com textos (produtos da arte). Pensamentos sobre pensamentos, uma emoção sobre a emoção, palavras sobre as palavras, textos sobre os textos. Ë nisto que reside a diferença fundamental entre nossas ciências (humanas) e as ciências naturais (que versam sobre a natureza), embora também aqui a separação não seja estanque. No campo das ciências humanas, o pensamento, enquanto pensamento, nasce no pensamento do outro que manifesta sua vontade, sua presença, sua expressão, seus signos, por trás dos quais estão as revelações divinas ou humanas (leis dos poderosos, mandamentos dos an-

tepassados, ditados anônimos). O que se poderia chamar de uma definição científica e a crítica dos textos são fenômenos mais tardios (significam toda uma revolução do pensamento nas ciências humanas, é o nascimento da *dúvida).* No início, havia *a fé* que só exigia compreensão e *exegese. Logo se recorre a textos profanos.* Não é nossa intenção mergulharmos na história das ciências humanas, e, em particular, na história da filologia ou da lingüística. O que nos interessa, nas ciências humanas, é a história do pensamento orientada para o pensamento, o sentido, o significado do outro, que se manifestam e se apresentam ao pesquisador somente em forma de *texto.* Quaisquer que sejam os objetivos de um estudo, o ponto de partida só pode ser o texto.

Aqui nos interessa unicamente o problema do texto *verbal,* que é o dado primário de todas as disciplinas das ciências humanas, em particular nas áreas da lingüística, da filologia, da literatura.

Todo texto tem um sujeito, um autor (que fala, escreve). Formas, aspectos e subaspectos que o ato do autor pode assumir. O estudo lingüístico pode, até certo ponto, abstrair-se completamente da autoria. Análise de um texto tomado como *modelo* (modelo de raciocínio, de silogismo na lógica, de oração na gramática, de "comutação" na lingüística, etc.). Os textos imaginários (textos modelos e outros). Os textos construídos (com finalidades de experimentação lingüística ou estilística, ou outras). Em todos estes casos, temos tipos particulares de autores - inventores de exemplos, experimentadores com sua responsabilidade específica de autor (temos também um segundo sujeito: aquele que poderia expressar-se assim).

Problema das fronteiras do texto. O texto enquanto *enunciado.* Problema das funções do texto e dos gêneros do texto.

Dois fatores determinam um texto e o tornam um enunciado: seu projeto (a intenção) e a execução desse projeto. Inter-relação dinâmica desses dois fatores, a luta entre eles que imprime o caráter no texto. Uma divergência entre os dois fatores pode ser muito significativa. *O exemplo de Tolstoi.* O lapso escrito e oral, segundo Freud (expressão do inconsciente). A modificação do projeto ao longo de execução. O descumprimento da intenção fônica.

Problema do segundo sujeito que reproduz (com uma ou

outra finalidade, inclusive a de análise) um texto do outro e cria outro texto-padrão (comentário avaliação, reconstituição, etc.).

Os dois planos e os dois sujeitos do pensamento nas ciências humanas. A textologia entendida como teoria e prática da reconstituição científica dos textos literários. O sujeito textológico (o textólogo) e suas particularidades.

Problema do ponto de vista (da localização espácio - temporal) do observador na Astronomia e na Física.

O texto como enunciado na comunicação verbal (na cadeia de textos) de uma dada esfera. O texto como mônada específica que refrata (no limite) todos os textos de uma dada esfera. Interdependência do sentido (na medida em que se realiza através do enunciado).

As relações dialógicas intertextuais e intratextuais. Seu caráter específico (extralingüístico). Diálogo e dialética.

Bipolaridade do texto. Cada texto pressupõe um sistema compreensível para todos (convencional, dentro de uma dada coletividade) — uma língua (ainda que seja a língua da arte). Se por trás do texto não há uma língua, já não se trata de um texto, mas de um fenômeno natural (não pertencente à esfera do signo); por exemplo, uma combinação de gritos e de gemidos, desprovida de reprodutibilidade lingüística (própria do signo). Qualquer texto (tanto oral como escrito) comporta, claro, grande quantidade de elementos heterogêneos, naturais, primários, alheios ao signo e que escapam ao campo das Ciências *hu*manas (à análise lingüística, filológica ou outra) e que, não obstante, a análise leva em conta (defectividade de um manuscrito, má dicção, etc.). Não há textos Puros, nem poderia haver. Qualquer texto comporta, por outro lado, elementos que se poderiam charnar técnicos (aspecto técnico da grafia, da elocução, etc.).

Assim, por trás de todo texto, encontra-se o sistema da língua; no texto, corresponde lhe tudo quanto é repetitivo e reproduzível, tudo quanto pode existir fora do texto. Porém, ao mesmo tempo, cada texto (em sua qualidade de enunciado) é individual, único e irreproduzível, sendo nisso que reside seu sentido (seu desígnio, aquele para o qual foi criado). É com isso que ele remete à verdade, ao verídico, ao bem, à beleza, à história. Em relação a esta função, tudo o que é repetitivo e reproduzível é da ordem do meio, do material. O texto é o que não entra no âmbito lingüístico e filológico. Este segundo aspecto (pólo) pertence ao próprio texto, mas só se manifesta na situação e na cadeia dos textos (na comunicação verbal dentro de uma dada esfera). Este pólo não o vincula aos elementos reproduzíveis de um sistema da língua (dos signos) e sim aos outros textos (irreproduzíveis) numa relação específica, dialógica (e dialética, quando se abstrai o autor).

Este segundo pólo é inseparável do autor, e não decorre de uma singularidade fortuita, primária e natural; realiza-se totalmente através do sistema de signos da língua. Relatividade de todas as fronteiras (o problema, por exemplo, de saber com que relacionar o timbre da voz de um leitor, de um locutor). Uma modificação das funções acarreta uma modificação das fronteiras. Diferença entre fonologia e fonética.

Problema da interdependência do sentido (dialética) e do diálogo dos textos, dentro de uma dada esfera. Problema específico de interdependência dos textos históricos. Esses problemas encarados pelo ângulo do segundo pólo. Problema dos limites da explicação causal. O mais importante é não se afastar do texto (ainda que potencial, imaginário, construído).

As ciências que tratam do espírito. O espírito (o próprio e o do outro) não pode ser dado enquanto objeto (objeto diretamente observável nas ciências naturais), mas somente na expressão que lhe dará o signo, na realização que lhe dará o texto — em se tratando de si mesmo ou do outro. Os problemas levantados pela auto-observação. Uma teoria do texto implica uma compreensão penetrante, profunda, do texto. Teoria do texto. -

O gesto natural na representação do ator que adquire valor de signo (a título de gesto deliberado, representado, submetido ao desígnio do papel).

Singularidade natural (por exemplo, a impressão digital) e irreprodutibilidade significante (pertencente ao signo) do texto. Apenas é possível a reprodução mecânica da impressão digital (em qualquer quantidade de exemplares). Dá-se o mesmo com a reprodução, igualmente mecânica, de um texto (a reimpressão, por exemplo), mas a reprodução do texto pelo sujeito (volta ao texto, releitura, nova execução, citação) é um acontecimento novo, irreproduzível na vida do texto, é um novo elo na cadeia histórica da comunicação verbal.

Um sistema de signos (ou seja, uma língua), por mais reduzida que seja a coletividade em que repousa sua convenção, sempre pode em princípio ser decifrado, isto é, pode ser traduzido noutro sistema de signos (noutra língua); por conseguinte, existe uma lógica comum a todos os sistemas de signos, uma língua potencial única, uma língua das línguas (que, claro, nunca pode tornar-se uma língua singular, uma das línguas). Mas um texto (diferentemente da língua enquanto sistema de recursos) nunca pode ser traduzido até o fim, pois não existe um texto dos textos, potencial e único.

O acontecimento na vida do texto, seu ser autêntico, sempre sucede nas fronteiras de *duas consciências,* de *dois sujeitos.*

O estenograma do pensamento humano é sempre o estenograma de um diálogo de tipo especial: a complexa interdependência que se estabelece entre o *texto* (objeto de análise e de reflexão) e o *contexto* que o elabora e o envolve (contexto interrogativo, contestatório, etc.) através do qual se realiza o pensamento do sujeito que pratica ato de cognição e de juízo. Há encontro de dois textos, do que está concluído e do que está sendo elaborado em reação ao primeiro. Há, portanto, encontro de dois sujeitos, de dois autores.

O texto não *é* um objeto, sendo por esta razão impossível eliminar ou neutralizar nele a segunda consciência, a consciência de quem toma conhecimento dele.

Pode-se tender para o primeiro pólo, isto é, para a língua - a língua de um autor, a língua de um gênero, de um movimento literário, de uma época, a língua natural (o procedimento da lingüística) — e, por fim, para a língua potencial (o procedimento do estruturalismo, da glossemática). Pode-se tender para a o segundo pólo, para o acontecimento irreproduzível do texto.

É entre esses dois pólos que se situam todas as disciplinas das ciências humanas, fundamentadas no dado primário do texto.

Os dois pólos são incontestáveis, quer se trate da língua, das línguas potenciais, quer se trate do texto único e irreproduzível.

Um texto autenticamente criativo é em certa medida sempre livre, e não emana de uma descoberta predeterminada por uma necessidade empírica individual. É por isso que o texto

(em seu núcleo de liberdade) não admite nem explicação causal nem predicação científica. Isso não exclui, claro, a necessidade interna, a lógica interna do núcleo de liberdade do texto (sem elas, o texto não poderia ser compreendido; nem reconhecido, nem ser operante).

Problema do texto nas ciências humanas. As ciências humanas não se referem a um objeto mudo ou a um fenômeno natural, referem-se ao homem em sua especificidade. O homem tem a especificidade de expressar-se sempre (falar), ou seja, de criar um texto (ainda que potencial). Quando o homem é estudado fora do texto e independentemente do texto, já não se trata de ciências humanas (mas de anatomia, de fisiologia humanas, etc.).

Problema do texto na textologia. Aspecto filosófico deste problema.

As tentativas feitas para estudar o texto como "reflexo verbal" (o behaviorismo).

A cibernética, a teoria da informação, a estatística e o problema do texto. Problema da reificação do texto. Os problemas desta reificação.

O ato humano é um texto potencial e não pode ser compreendido (na qualidade de ato humano distinto da ação física) fora do contexto dialógico de seu tempo (em que figura como réplica, posição de sentido, sistema de motivação).

"O sublime e o belo" — o que temos aqui não é uma unidade fraseológica no sentido habitual, mas uma combinação de palavras de um gênero particular, com entonação e expressividade; é o testemunho de um estilo, de uma visão do mundo, de um tipo humano. Nele sentimos os contextos, ouvimos duas vozes, dois sujeitos (o que diria isso seriamente e o que parodia o primeiro). Tomadas isoladamente (fora de sua combinação), a palavra "belo" e a palavra "sublime" estão isentas de bivocalidade; a segunda voz só é ouvida na combinação que as converte num enunciado (e que recebe portanto um sujeito falante sem o qual não poderia haver segunda voz). Mesmo uma palavra isolada pode tornar-se bivocal em se tornando abreviação de enunciado (recebendo, pois, um autor). A unidade fraseológica não é criada pela primeira voz, mas pela segunda.

Língua e discurso, oração e enunciado. O sujeito falante (a individualidade "natural" generalizada) e o autor do enunciado. A alternância dos sujeitos falantes e a alternância dos locutores (dos autores de um enunciado). Pode-se estabelecer um princípio de identidade entre a língua e o discurso, porque no discurso se apagam os limites dialógicos do enunciado, mas jamais se pode confundir língua e comunicação verbal (entendida como comunicação dialógica efetuada mediante enunciados). É possível a identidade absoluta entre duas ou mais orações (sobrepostas, como duas figuras geométricas, elas coincidem). Há mais: qualquer oração, mesmo complexa, dentro do fluxo ilimitado do discurso pode ser repetida ilimitadamente e de uma forma perfeitamente idêntica, mas, enquanto enunciado (ou fragmento de enunciado), nenhuma oração, ainda que constituída de uma única palavra, jamais pode ser repetida, reiterada, duplicada: sempre teremos um novo enunciado (mesmo que em forma de citação).

Coloca-se o problema de saber se a ciência pode tratar de uma individualidade tão absolutamente irreproduzível como o enunciado, que estaria fora do âmbito em que opera o conhecimento científico propenso à generalização. Não há dúvida de que pode. Em primeiro lugar, qualquer ciência, em seu ponto de partida, lida com singularidades irreproduzíveis e, em toda a sua trajetória, permanece ligada a elas. Em segundo lugar, a ciência, e acima de tudo a filosofia, pode e deve estudar a forma específica e a função dessa individualidade. A absoluta necessidade de uma correção permanente que previna de uma pretensão a uma análise abstrata totalmente exaustiva (lingüística, por exemplo) de um enunciado concreto. Estudo dos aspectos e das formas da relação dialógica que se estabelece entre os enunciados e entre suas formas tipológicas (os fatores do enunciado). Estudo dos aspectos extra-lingüísticos e não significantes (artísticos, científicos e outros) do enunciado. Estende-se todo um campo entre a análise da língua e a análise do sentido; é um campo que pertence à ciência.

Dentro dos limites de um único e mesmo enunciado, uma oração pode ser reiterada (repetição, autocitação), porém, cada ocorrência representa um novo fragmento de enunciado, pois sua posição e sua função mudaram no todo do enunciado.

O todo do enunciado se constitui como tal graças a elementos extra-lingüísticos (dialógicos), e este todo está vinculado aos outros enunciados. O enunciado é inteiramente perpassado por esses elementos extra-lingüísticos (dialógicos).

A expressão geral do locutor na *língua* (pronomes pessoais, formas pessoais dos verbos, formas gramaticais e lexicais da expressão modal e expressão da relação existente entre o locutor e seu discurso) e o sujeito falante. O autor do enunciado.

Do ponto de vista das finalidades extra-lingüísticas do enunciado, tudo o que é lingüístico são apenas recursos.

Problema do autor e da sua expressividade na obra. Será possível falar de uma "imagem" do autor?

Encontramos o autor (percebemo-lo, entendemo-lo, sentimo-lo) em qualquer obra de arte. Na obra pictórica, por exemplo, sentimos sempre o autor (o pintor), mas jamais o *vemos* do mesmo modo que vemos as imagens que ele representa. Por toda parte, nós o percebemos como princípio ativo da representação (sujeito representador) e não como imagem representada (visível). O mesmo sucede com o auto-retrato: o que vemos não é o autor representando-se, mas unicamente a representação do pintor. Estritamente falando, a imagem do autor é *contradictio in adjeto*. A imagem do autor é, na verdade, de um tipo especial, distinta das outras imagens da obra, mas apesar disso é uma *imagem*, com um autor: o autor que a criou. Imagem do narrador no relato na primeira pessoa. Imagem do herói na obra autobiográfica (autobiografia, confissão, diário, memórias, etc.), o herói autobiográfico, o herói lírico, etc. Ainda que possam ser medidas e determinadas em função de sua relação com o homem-autor (objeto específico de uma representação), não deixam de ser imagens representadas que têm um autor, portador do princípio representativo. Só é possível falar de um autor *puro* com a condição de distingui-lo do autor parcialmente representado, mostrado na obra de que é parte integrante.

Problema do autor do enunciado mais padronizado, comum, banal. Não nos é difícil construir a imagem de qualquer locutor, de perceber como objeto qualquer palavra ou discurso, mas essa *imagem-objeto* não entra nem na intenção nem no projeto do próprio locutor, não é ele quem a cria enquanto autor de seu próprio enunciado.

Não se trata de contestar a existência de um caminho que leva do autor puro ao homem-autor. Tal caminho existe, claro, e leva às próprias profundezas do homem. Mas essa “profundeza” não poderia tornar-se uma das imagens da própria obra. O autor está no todo da obra — e está no mais alto grau —, mas nunca poderia tornar-se parte integrante dela no plano das imagens (objetos). Não é a *natura creata,* e tampouco a *natura naturata et creans,* mas puramente a *natura creans et non creata.*

Até que ponto a palavra pura, sem objeto, unívoca, é possível na literatura? Uma palavra na qual o autor não ouvisse a voz do outro, na qual houvesse *somente* ele, e ele *por inteiro* - tal palavra pode tornar-se material de construção de uma obra literária? A qualidade de objeto, em certo grau, não é a condição necessária de todo estilo? O autor não se mantém sempre *fora* da língua que lhe serve de material para a obra? O escritor (mesmo no lirismo puro) não é sempre um “dramaturgo”, no sentido de que redistribui todas as palavras entre as vozes dos outros, incluindo-se nelas a imagem do autor (assim como as outras máscaras do autor)? É quase certo que a palavra sem objeto, unívoca, é ingênua e inapta para uma criação autêntica. Uma voz criadora sempre pode ser apenas a *segunda* voz no discurso. Apenas a segunda voz — a *relação pura* - pode ser não objetivada até o fim, pode não projetar a sombra da sua imagem, da sua substância. O escritor é aquele que sabe trabalhar a língua situando-se fora da língua, é aquele que possui o dom do *dizer indireto.*

Exprimir-se a si mesmo significa fazer de si um objeto para o outro e para si mesmo (“a realidade da consciência”). Esta é a primeira fase da objetivação. Mas pode-se também expressar a relação pessoal consigo mesmo enquanto objeto (é a segunda fase da objetivação). Com isso, minha própria palavra se torna objeto e adquire uma segunda voz — a voz que me pertence pessoalmente. E essa segunda voz, desde então, deixa de projetar uma sombra (vinda de mim) pois expressa uma relação pura, ao passo que toda a substância objetivante, materializante da palavra é entregue à primeira voz.

Indicamos nossa atitude para com aquele que fala dessa maneira. Na prática cotidiana da língua, tal atitude expressa-se por uma entonação levemente irônica ou zombeteira (Karenin em Tolstoi: “... no tom de zombaria de alguém que falasse, efetivamente, assim”), por uma entonação admirada, perplexa, interrogativa, dubitativa, aprovadora, reprovadora, indignada, exaltada, etc. Trata-se de uma manifestação elementar e comum da bivocalidade da linguagem falada usada na comunicação verbal cotidiana, nos debates científicos, ideológicos, e outros. É uma bivocalidade rudimentar, sem caráter generalizante, às vezes diretamente personalizada: reproduzem-se, com uma inflexão modificada, as palavras do interlocutor. É a forma que apresentam certos tipos de estilização paródica. A voz do outro é limitada, passiva, e a inter-relação das vozes se exerce sem profundidade nem produtividade (artística, enriquecedora). Na literatura, é o caso das personagens negativas ou positivas.

Todas essas formas manifestam a bivocalidade no sentido literal e quase físico.

A situação se complica quando se trata da voz do autor no teatro, onde ela não se realiza através da palavra.

Ver e compreender o autor de uma obra significa ver e compreender outra consciência: a consciência do outro e seu universo, isto é, outro sujeito (um *tu).* A *explicação* implica uma única consciência, um único sujeito; a *compreensão* implica duas consciências, dois sujeitos. O objeto não suscita relação dialógica, por isso a explicação carece de modalidades dialógicas (outras que não puramente retóricas). A compreensão sempre é, em certa medida, dialógica.

Diversidade de formas e de aspectos da compreensão. Compreensão (domínio) da linguagem dos signos, ou seja, de um dado sistema de signos (de uma dada língua, por exemplo). Compreensão da obra numa língua já conhecida, ou seja, já compreendida. Na prática, não há fronteiras, e passa-se de uma forma de compreensão para a outra.

Pode-se dizer que a língua, como sistema, perde qualquer sujeito e fica totalmente desprovida de propriedades dialógicas? Em que medida pode-se falar do sujeito da língua enquanto sistema? Decifrar uma língua desconhecida é substituir eventuais locutores indefinidos, é construir enunciados possíveis nessa língua.

A compreensão de uma obra qualquer, numa língua muito familiar (a língua materna por exemplo), enriquece igualmente a compreensão da língua em seu sistema.

Passar do sujeito da língua para os sujeitos das obras. Variedade *dos* graus intermediários. O sujeito dos estilos da língua (o funcionário, o negociante, o cientista). Máscaras do autor (as imagens do autor) e o próprio autor.

Imagem sócio-estilística do funcionário subalterno, do escriturário (Devuchkín, por exemplo). A imagem, embora se manifeste de um modo auto-revelador, é, não obstante, apresentada como *ele* (terceira pessoa) e não como *tu*. Ela é objeto e exemplo. A relação com essa imagem ainda não é realmente dialógíca.

A redução da distância entre os meios de representação e o objeto representado, concebido como um sinal de realismo (autocaracterização, vozes, estilos sociais — não mais representar, mas citar o herói a título de enunciador).

Os elementos de ordem material e os elementos de ordem puramente funcional de todo estilo.

Problema da compreensão de um enunciado. É precisamente com vistas a esta compreensão que é necessário traçar as fronteiras que por princípio delimitam o enunciado: alternância dos sujeitos falantes, aptidão para presumir uma res*posta*, todo ato de compreensão implica uma resposta.

Quando existe uma vontade consciente de representar uma *variedade de* estilos, estabelece-se sempre uma relação dialógica *entre* eles. Esta inter-relação não se presta a uma compreensão puramente linguística (ou mecânica).

Um inventário e uma definição puramente lingüístjca (e também puramente descritiva) das variedades dos estilos no interior de uma única e mesma obra não permitem revelar sua inter-relação do sentido (inclusive do sentido artístico). Importa é compreender o sentido global desse diálogo dos estilos a partir do ponto de vista do autor (em sua função e não em sua imagem). Quando se fala de aproximar os meios de representação à coisa representada, toma-se esta última por objeto e não por segundo sujeito *(tu).*

Representação de uma *coisa* e representação do *homem* (ente falante, em sua essência) O realismo coisifica o homem; ora, esta não é uma maneira de aproximação. O naturalismo, com sua propensão para a explicação causal do ato e do pensamento do homem *(sua* postura de sentido no mundo), coisifica ainda mais o homem. O presumido procedimento "indutivo" próprio do naturalismo nada mais é senão uma explicação causal, coisificante do homem. Por isso, as vozes (no sentido de materialização dos estilos sociais) se tornam simples indício de uma coisa (ou sintoma de processo), excluindo qualquer resposta, qualquer discussão, e nenhuma relação dialógica é possível para tais vozes.

Na literatura, o homem representado é objeto e sujeito, em graus muito variáveis (conforme o dialogismo da relação que o autor estabelece com o herói). A imagem de Devuchkin, nesse ponto, é fundamentalmente diferente da imagem-objeto do funcionário subalterno de outros autores. A imagem é polêmica, exatamente o contrário de outras imagens que carecem de um *tu* dialógico autêntico. Em geral, o romance exibe um debate (se debate houver) que é terminado e decidido do ponto de vista do autor. Em Dostoievski, temos o estenograma de um debate inacabado e inacabável. Em todo caso, todo romance é repleto de orquestrações dialógicas (sem que sejam, necessariamente, com os heróis). Depois de Dostoievski, a polifonia invade a literatura universal.

Em relação ao homem, a emoção em geral — amor, ódio, compaixão, piedade — é, num grau variável, dialógica.

Na dialogicidade (de acordo com o estatuto de sujeito usufruído por seus heróis), Dostoievski ultrapassa certo nível, e sua dialogicidade atinge uma qualidade nova (superior).

A imagem-objeto do homem não se reduz a uma pura coisificação. Pode despertar o amor, a piedade, etc. Mas o importante é que ela seja (e deve ser) compreendida. Na obra literária (como em todas as artes), tudo, até mesmo as coisas inertes (correlacionadas com o homem), é marcado de subjetividade.

O discurso cujo objeto é compreendido (e o discurso-objeto requer a compreensão — senão não seria discurso —, mas e da mesma forma o discurso no qual a compreensão enfraquece o fator dialógico) pode ser incluído num encadeamento causal explicativo. Um discurso sem objetos (fundamentado puramente no sentido, na função) permanece um diálogo factual inacabado (um estudo científico, por exemplo).

Confrontação dos enunciados-exposições na física.

O texto como reflexo subjetivo de um mundo objetivo. O texto é a expressão de uma consciência que reflete algo. Quando o texto se torna objeto de cognição, podemos falar do reflexo de um reflexo. A compreensão de um texto é precisamente o reflexo exato do reflexo. Através do reflexo do outro, chega-se ao objeto refletido.

Um fenômeno natural não comporta uma “significação” apenas os signos (inclusive as palavras) tem uma significação. É por isso que qualquer estudo dos signos, seja qual for o procedimento adotado, começa necessariamente pela compreensão.

O texto é o dado primário (a realidade) e o ponto de partida de todas as disciplinas nas ciências humanas. Conglomerado de conhecimentos e de métodos heterogêneos chamados filologia, lingüística ciência da literatura, do conhecimento, etc. Partindo de um texto, perambulam-se nas mais variadas direções, recolhendo-se fragmentos heterogêneos na natureza, na vida social, no psiquismo, na história, que serão unidos numa relação ora de causalidade, ora de sentido, confundindo-se a constatação e os valores. Em vez de designar o objeto real, é indispensável se proceder a uma nítida delimitação das coisas que se prestam a um estudo científico, O objeto real é o homem social (e público), que fala e se expressa por outros meios. Quando se trata do homem em sua existência (em seu trabalho, em sua luta, etc.), será possível encontrar uma abordagem diferente daquela que consiste em passar pelos textos de signos que ele criou ou cria? Será possível observá-lo e estudá-lo enquanto fenômeno natural, enquanto coisa? A ação física do homem deve ser compreendida como um ato; ora, o ato não pode ser compreendido fora do signo virtual (reconstruído por nós) que o expressa (motivações, finalidades estímulos, níveis de consciência). É como se fizéssemos o homem falar (construímos suas asserções essenciais, suas explicações, suas confissões, suas confidências levamos a cabo um discurso interior potencial ou real, etc.). Em toda parte temos o texto virtual ou real e a compreensão que ele requer. O estudo torna-se interrogação e troca, ou seja, diálogo. Não interrogamos a natureza e ela não nos responde. Interrogamos a nós mesmos, e nós, de certa maneira, organizamos nossa observação ou nossas experiências a fim de obtermos uma resposta.

Quando estudamos o homem, buscamos e encontramos o signo em toda parte e devemos tentar compreender sua significação.

O que nos interessa aqui são as formas concretas dos textos e as condições concretas da vida dos textos, sua interdependência e sua inter-relação.

A relação dialógica entre os enunciados, cujo percurso também passa por dentro do enunciado considerado isoladamente, compete à metalingüística. Essa relação difere, por natureza, das relações lingüísticas existentes entre os elementos dentro do sistema da língua ou dentro do enunciado isolado.

Caráter metalingüístico do enunciado (produto do discurso).

As relações do sentido, dentro de um enunciado (ainda que fosse potencialmente infinito, como no sistema da ciência, por exemplo), são de ordem factual-lógica (no sentido lato do termo), ao passo que as relações do sentido entre enunciados distintos são de ordem dialógica (ou, pelo menos, têm um matiz dialógico). O sentido se distribui entre as diversas vozes. Importância excepcional da voz, da individualidade.

Os elementos lingüísticos são neutros a respeito da segmentação em enunciados e se movem livremente, ignorando os limites de um enunciado, sem reconhecer nem respeitar a soberania das vozes.

Como circunscrever o enunciado? Com o auxílio de fatores metalingüísticos.

O enunciado transliterário e seus limites (a réplica, a carta, o diário, o discurso interior) e sua transposição para a obra literária (para o romance, por exemplo) — modifica-se seu sentido global. Nela ele reflete as outras vozes, e a do próprio autor o penetra.

Dois enunciados distintos confrontados um com o outro, ignorando tudo um do outro, apenas ao tratar superficialmente um único e mesmo tema entabulam, inevitavelmente, uma relação dialógica entre si. Ficam em contato, no território de um tema comum, de um pensamento comum.

Epigrafia. Problema de gênero colocado pela inscrição da alta Antigüidade. Autor e destinatário da inscrição. O modelo obrigatório. Inscrição funerária (“alegra-te”). O defunto dirige-se ao passante vivo. As formas padronizadas e obrigatórias das invocações nominais, dos exorcismos, das preces, etc. As formas das loas, das exaltações. As formas das objurgações, das imprecações (rituais). Problema da relação entre a palavra e o pensamento, entre a palavra e o desejo, a injunção. A concepção mágica da palavra. A palavra enquanto ato. Há toda uma revolução na história da palavra no momento em que ela se torna expressão e informação (comunicação) pura (sem princípio ativo). Percepção daquilo que, na palavra, é *pessoal* e é *do outro.* Nascimento tardio da consciência de autor.

O autor de uma obra literária (de um romance) cria um produto verbal que é um todo único (um enunciado). Porém ele a cria com enunciados heterogêneos, com enunciados do outro, a bem dizer. E até o discurso direto do autor é, conscientemente, preenchido de palavras do outro. O *dizer indireto,* a relação com sua própria língua concebida como uma das línguas possíveis (e não como se a sua língua fosse a única língua incondicionalmente possível).

O rosto concluído ou “encerrado” na pintura (inclusive no retrato). Faces que revelam o homem de maneira exaustiva: este já está ali, por inteiro, e não pode mais se tornar outro. Faces de homens que já disseram tudo, que já estão mortos, ou que já estão como mortos. O artista concentra sua atenção nos traços que acabam, determinam, concluem. Vemos o homem inteiro, e dele nada mais esperamos, nada mais (nada diferente). Ele não pode refazer-se, viver uma metamorfose. Esta é sua fase conclusiva (última e definitiva).

A atitude do autor para com o que representa sempre entra na composição da imagem. A atitude do autor é constitutiva da imagem. É uma atitude complexa, que não se poderia resumir a um simples juízo de valor. Na arte, esse tipo de juízo de valor destrói a imagem. Não a encontramos nem sequer na boa sátira (em Gogol, em Chtchedrin). Ver uma coisa, tomar consciência dela pela primeira vez, significa estabelecer uma relação dialógica com a coisa: ela não existe mais só em si e para si, mas para algum outro (já há uma relação de duas consciências). A compreensão por si só inicia uma relação importante (a compreensão não é uma tautologia ou uma duplicação, implica duas entidades às quais se junta uma terceira entidade potencial). O estado de não-audibilidade e de não-compreensão (cf. Thomas Mann). “Não sei”, “é, foi assim, mas não tenho nada com isso...” — trata-se de relações importantes. A eliminação do juízo de valor imediato, que quer incorporar-se à coisa, e, de uma maneira geral, a eliminação de uma relação qualquer estabelece uma nova relação. Especificidade da relação emotivo-valorativa. Sua diversidade e sua complexidade.

O autor não pode ser dissociado de suas imagens e de suas personagens, uma vez que entra na composição dessas imagens das quais é parte integrante, inalienável (as imagens são bivalentes e, às vezes, bivocais). Não há dúvida de que a *imagem* do autor é dissociável da imagem das personagens, mas na verdade esta imagem emana do autor, e, por isso, também é bivalente. Substituem-se muitas vezes as personagens por uma espécie de seres vivos.

Níveis distintos do sentido nos quais se situam o discurso das personagens e o discurso do autor. As personagens falam como participantes da vida representada, falam, por assim dizer, a partir de posições privadas, e seus pontos de vista, de um modo ou de outro, são limitados (elas sabem menos do que o autor). O autor, por sua vez, situa-se fora do universo representado (fruto de sua criação). Ele pensa todo esse universo a partir de uma posição dominante e qualitativamente diferente. Por fim, todas as personagens e seus discursos não são mais que objetos que demonstram a atitude do autor (e do discurso do autor). Contudo, os planos do discurso das personagens e do discurso do autor podem entrecruzar-se, em outras palavras, pode estabelecer-se uma relação dialógica. Em Dostoievski, as personagens são defensoras de idéias e, com isso, o autor e suas personagens encontram-se no mesmo plano. Há uma diferença essencial entre o contexto dialógico, de um lado, e as instâncias discursivas das personagens e do autor, do outro. O discurso das personagens faz parte do diálogo representado dentro da obra em seu todo, e não entra diretamente no diálogo ideológico tal como ele se manifesta na realidade contemporânea, ou seja, na comunicação verbal real em que a obra participa e através da qual a obra é pensada, em seu todo (os diálogos participam nela apenas como elementos de uma obra que constitui um todo). Quanto ao autor, ele se situa dentro do diálogo real e determina-se em função da situação real que ocupa em sua contemporaneidade. Diferentemente do *autorreal*, a *imagem do autor* (emanante do próprio autor) não tem participação direta no diálogo real (no qual só participa por intermédio de sua obra que constitui um todo). Em compensação, ele pode ter participação no interior do enredo da obra e entrar no diálogo representado, entre as personagens (conversa do “autor” com Oneguin). O discurso do autor (real), daquele que representa (caso exista tal discurso), é por princípio um discurso de tipo especial que não pode situar-se no mesmo plano que o discurso das personagens. E precisamente este discurso que determina a última unidade da obra e é sua última instância de sentido, é, por assim dizer, a sua última palavra.

A imagem do autor e a imagem das personagens são determinadas, segundo V. V. Vinogradov, pelos estilos-linguagens; a diferenciação delas se resume a diferenças de linguagem e de estilo, ou seja, a diferenças lingüísticas. A *interdependência metalingüística* em que se encontram essas imagens não é explicitada por Vinogradov. O problema é que essas imagens (linguagem-estilo) não aparecem numa obra colocadas uma ao lado da outra, enquanto dados lingüísticos. Entabula-se entre elas uma relação de sentido sutil e dinâmica, de um tipo especial. Esse tipo de relação pode ser definido como dialógico. A *relação dialdgica* tem de específico o fato de não depender de um sistema relacional de ordem lógica (ainda que dialética) ou lingüística (sintático-composicional). Ela só é possível entre enunciados concluídos, proferidos por sujeitos falantes distintos (o diálogo consigo mesmo tem um caráter secundário, e, na maioria dos casos, é fingido). Não trataremos aqui da questão referente à origem do termo “diálogo” (cf. R. Hirzel).

Quando não há palavras, não há língua, não pode haver relação dialógica. Esta pode estabelecer-se apenas entre as coisas ou entre as categorias lógicas (conceitos, juízos, etc.). A relação dialógica pressupõe uma língua, mas não existe no sistema da língua. Não pode estabelecer-se entre os elementos da língua. (A especificidade da relação dialógica necessita um estudo especial.)

Concepção estreita do dialogismo compreendido como uma das formas composjcjonais do discurso (discurso monológico ou dialógico). Pode-se dizer que toda réplica é, por si só, monológica (monólogo reduzido ao extremo) e que todo monólogo é réplica de um grande diálogo (da comunicação verbal) dentro de uma dada esfera. O monólogo, concebido como discurso que não se dirige a ninguém e não pressupõe resposta. Diversos graus de monologismo são possíveis.

A relação dialógica é uma relação (de sentido) que se estabelece entre enunciados na comunicação verbal. Dois enunciados quaisquer, se justapostos no plano do sentido (não como objeto ou exemplo lingüístico), entabularão uma relação dialógica. Porém, esta é uma forma particular de dialogicidade não intencional (por exemplo, a reunião de diversos enunciados emanantes de diferentes cientistas e pensadores ao se pronunciarem, em várias épocas, sobre um dado problema).

“Fome, frio!” — matéria do enunciado de um único e mesmo *sujeito falante. “Fome!”, “Frio!”-* — matéria de dois enunciados dialogicamente relacionados e produzidos por dois sujeitos distintos; surge uma relação dialógica, que não existia anteriormente. E o mesmo caso de duas orações desenvolvidas (encontrar um exemplo convincente).

Quando consideramos um enunciado com o intuito de análise lingüística, abstraímos a sua natureza dialógica, consideramo-lo dentro do sistema da língua (a título de realização da língua) e não no grande diálogo da comunicação verbal.

A imensa variedade dos gêneros do discurso que ficou inexplorada: desde o discurso interior, que não pode ser registrado, até as obras literárias e tratados científicos. A variedade dos gêneros vulgares (cf. Rabelais), dos gêneros íntimos, etc. Nas diversas épocas, nos diversos gêneros, forma-se a língua.

A língua, a palavra, são quase tudo na vida do homem. Essa realidade polimorfa e onipresente não pode ser da competência apenas da lingüística e ser apreendida apenas pelos métodos lingüísticos. O objeto da lingüística é tão-somente o material e os recursos da comunicação verbal, e não a própria comunicação verbal — o enunciado em sua essência, a relação (dialógica) que se estabelece entre os enunciados, as formas da comunicação verbal e os gêneros do discurso.

A lingüistica estuda somente a relação existente entre os elementos dentro do sistema da língua, e não a relação existente entre o enunciado e a realidade, entre o enunciado e o locutor (o autor).

Em comparação com os enunciados reais, e com os locutores reais, o sistema da língua tem um caráter puramente potencial. Só para determinar a significação de uma palavra, uma vez que ela é estudada no plano lingüístico (semasiologia lingüística), temos necessidade das outras palavras da mesma língua (ou de outra língua) e da relação existente entre elas; a palavra estabelece uma relação com um conceito ou com uma imagem artística, ou com a realidade unicamente dentro do enunciado e através do enunciado. É a palavra concebida como objeto da lingüística (e não a palavra real concebida como enunciado concreto ou parte de enunciado, uma parte e não um meio).

Partir do problema da produção verbal por ela ser a realização primária da existência verbal. Partir da réplica tirada da vida cotidiana e ir até o romance volumoso e o tratado científico. Interação das produções verbais nas diferentes esferas do processo verbal. A "vida literária", o enfrentamento das opiniões nas ciências, o enfrentamento das ideologias, etc. Dois tipos de produções verbais, dois enunciados confrontados um com o outro entabulam uma relação específica de sentido a que chamamos dialógica. Sua natureza específica. Os elementos da língua dentro do sistema da língua ou do "texto" (numa acepção rigorosamente lingüística) não podem encetar uma relação dialógica. Tal relação pode estabelecer-se entre as línguas, os dialetos (dialetos territoriais, sociais, jargões), os estilos (funcionais) da língua (limitando-nos à língua falada e à linguagem científica), em outras palavras: podem estes elementos falar um com o outro? Isto é possível, mas somente mediante uma abordagem não lingüística, ou seja, somente mediante uma transformação que os torne uma "visão do mundo" (ou um tipo de percepção do mundo, realizada pela língua ou pela fala), um "ponto de vista", uma "voz social", etc.

E a transformação efetuada pelo artista ao criar enunciados típicos ou característicos de personagens típicas (mesmo que estas não sejam totalmente modeladas e não tenham nome), é a transformação (num plano diferente) efetuada pela lingüística estética (a escola de Vossler e, abertamente, os últimos trabalhos de L. Spitzer). Este tipo de transformação proporciona à língua seu "autor" original, seu sujeito falante, seu depositário coletivo (povo, nação, profissão, grupo social, etc.). É uma transformação que sempre marca a *saída dos limites da lingüística* (numa acepção rigorosa e exata). Será uma transformação lícita? Sim, mas deve ser realizada em condições estritamente determinadas (na literatura, por exemplo, e em particular no caso do romance onde encontraremos um diálogo entre "linguagens" e "estilos") e com grande rigor e clareza metodológicos. É uma transformação inadmissível quando, de um lado, sustenta-se que a língua, por ser um sistema lingüistico, é um fenômeno extra-ideológico (e extra-individual) e, do outro, introduzem-se à socapa características sócio-ideológicas das linguagens e dos estilos (o que ocorre, em parte, em V. V. Vinogradov). O problema não é simples, e é interessante (por exemplo, até que ponto pode-se falar do sujeito da língua ou do sujeito falante quando se trata de um estilo lingüístico, ou então da imagem do cientista que transparece por trás da linguagem científica, da imagem do administrador que transparece por trás da linguagem administrativa, etc.).

Natureza específica da relação dialógica. O problema do dialogismo interior. As fronteiras do enunciado. O problema da palavra bivocal. A compreensão concebida como diálogo. Aproximamo-nos aqui dos postos avançados da filosofia da linguagem e, de um modo mais geral, do pensamento humano, aproximamo-nos de terras virgens. Nova forma de colocar o problema do autor (da individualidade criadora).

O *dado* e o *criado* no enunciado verbal. O enunciado nunca é simples reflexo ou expressão de algo que lhe preexistisse, fora dele, dado e pronto. O enunciado sempre cria algo que, antes dele, nunca existira, algo novo e irreproduzível, algo que está sempre relacionado com um valor (a verdade, o bem, a beleza, etc.). Entretanto, qualquer coisa criada se cria sempre a partir de uma coisa que é dada (a língua, o fenômeno observado na realidade, o sentimento vivido, o próprio sujeito falante, o que é já concluído em sua visão do mundo, etc.). O *dado* se transfigura no *criado*. Análise do diálogo cotidiano mais simples ("Que horas são? — Sete horas"). A situação mais ou menos complexa nascida da pergunta. Será preciso consultar o relógio. A resposta que pode ser correta ou incorreta, pode ter ou não significado, etc. Ela se ajustará à qual medida do tempo? A mesma pergunta feita no espaço cósmico, etc.

As palavras e as formas concebidas como abreviatura ou representante de um enunciado, de uma visão do mundo, de um ponto de vista, etc., reais ou virtuais. As possibilidades e as perspectivas que estão latentes na palavra; na verdade, são infinitas.

Os limites dialógicos entrecruzam-se por todo o campo do pensamento vivo do homem. Monologismo do pensamento nas ciências humanas. O lingüista está acostumado a perceber tudo num contexto fechado (dentro do sistema da língua ou do texto compreendido lingüisticamente, sem levar em conta a relação dialógica que se estabelece com o outro texto, o texto que responde), e, como lingüista, sem dúvida tem razão. Dialogismo do nosso pensamento sobre as obras, as teorias, os enunciados, e, de uma maneira geral, do nosso pensamento sobre o homem.

Como é possível admitir a existência do discurso indireto livre sem querer admitir que o verbo seja bivocal?

É mais fácil estudar, no *criado*, o que é o *dado* (por exemplo: a língua, os elementos já prontos, e de um modo mais geral, os elementos de conjunto de uma visão do mundo, os fenômenos refletidos da realidade, etc.) do que estudar o *criado*. Toda análise científica se resume, no mais das vezes, a descobrir o que já estava dado, já presente e pronto antes da obra (o preexistente que o artista aproveitou e não o que criou). É como se todo o dado se reconstruísse de novo no criado, se transfigurasse nele. Reduz-se ao dado prévio e ao já pronto. As coisas estão ali, inteiramente prontas: o objeto, os recursos lingüísticos de sua representação, o próprio artista, com sua visão do mundo. Então, mediante recursos já prontos, à luz de uma visão do mundo já pronta, o poeta reflete um objeto já pronto. Ora, a a verdade é que o objeto vai edificando-se durante o processo criador, e o poeta também se cria, assim como sua visão do mundo e seus meios de expressão.

A palavra empregada entre aspas, isto é, percebida e utilizada como palavra do outro, e essa mesma palavra (ou alguma outra) sem aspas. Graduação infinita nos graus da alteridade (ou da assimilação) da palavra. A distância variável que a separa do locutor. A palavra situa-se em níveis variados, em distâncias variadas em relação ao nível em que se situa a palavra do autor.

Não há somente o discurso indireto livre, mas também todas as formas do discurso do outro, oculto, semi-oculto, difuso. Tudo isto permanece inexplorado.

Quando nas linguagens, nos jargões e estilos, ouvem-se as vozes, todos eles deixam de ser um meio potencial de expressão para tornar-se uma expressão atualizada, realizada; a voz penetrou neles, apoderou-se deles. Compete-lhes desempenhar um papel único e irreproduzível na comunicação verbal (criadora).

Linguagem e estilo se esclarecem mutuamente. A relação com a *coisa* e a relação com o *sentido* encarnado na palavra ou em algum outro signo. A relação com a coisa (em sua pura materialidade) não pode ser dialógica (ou seja, não pode assumir a forma da conversação, da discussão, da concordância, etc.). A relação com o sentido é sempre dialógica. O ato de compreensão já é dialógico.

Reificação do sentido com o intuito de incluí-lo numa ordem causal.

A compreensão estreita do dialogismo concebido como discussão, polêmica, paródia. Estas são formas externas, visíveis, embora rudimentares, do dialogismo. O crédito concedido à palavra do outro, a acolhida fervorosa dada à palavra sacra (de autoridade), a iniciação, a busca do sentido profundo, a *concordância*, com suas infinitas graduações e matizes (sem restrições de ordem lógica ou reticências de ordem puramente factual), a estratificação de um sentido que se sobrepõe a outro sentido, de uma voz que se sobrepõe a outra voz, o fortalecimento pela fusão (mas não a identificação), a compreensão que completa, que ultrapassa os limites da coisa compreendida, etc. Estas relações específicas não podem ser resumidas a uma relação puramente lógica, ou a uma relação puramente factual. É aqui que se encontram, em toda a sua *integridade*, posições, pessoas (a pessoa prescinde de revelação extensiva: pode manifestar-se por um único som, revelar-se por uma única palavra), justamente vozes.

A palavra (e em geral, o signo) é interindividual. Tudo o que é dito, expresso, situa-se fora da "alma", fora do locutor, não lhe pertence com exclusividade. Não se pode deixar a palavra para o locutor apenas. O autor (o locutor) tem seus direitos imprescritíveis sobre a palavra, mas também o ouvinte tem seus direitos, e todos aqueles cujas vozes soam na palavra têm seus direitos (não existe palavra que não seja de alguém). A palavra é um drama com três personagens (não é um dueto, mas um trio). E representado fora do autor, e não se pode introjetá-lo (introjeção) no autor.

Se nada esperamos da palavra, se sabemos de antemão tudo quanto ela pode dizer, esta se separa do diálogo e se coisifica.

A auto-objetivação (no lirismo, na confissão, etc.), concebida como procedimento de distanciamento e que permite,

em certa medida, superar-se. Ao objetivar-me (ao situar-me fora), adquiro a possibilidade de uma relação dialógica comigo mesmo.

Apenas o enunciado comporta uma relação *imediata* com a realidade e com o locutor vivo (com o sujeito). Na língua, existem apenas as potencialidades (os esquemas) dessa relação (formas pronominais, modais, recursos lexicais, etc.). Mas o enunciado se determina não só por sua relação com o objeto e com o sujeito-"autor" falante (e pela relação deste com a língua como sistema de potencialidades, e como dado), mas também, sendo isso que nos interessa, por sua relação imediata com os outros enunciados dentro dos limites de uma esfera de comunicação. Fora dessa relação, o enunciado não tem realidade (a não ser como *texto).* Apenas o enunciado pode ser correto (ou incorreto), verdadeiro, verídico (mentiroso), belo, etc.

Compreensão da língua e compreensão do enunciado (que implica uma *responsividade,* e, por conseguinte, um juízo de valor).

O que nos interessa não é o aspecto psicológico da relação com o enunciado do outro (e da sua compreensão), mas o seu reflexo na estrutura do próprio enunciado.

Em que medida as definições da lingüística (pura) acerca da língua e dos seus elementos podem ser utilizadas para uma análise estilística no campo artístico? Elas quase só têm serventia para a terminologia básica de uma descrição. O essencial, porém, não é abrangido por tais definições, não se inclui nelas. Pois já não se trata de elementos (das unidades) da língua, que se tornaram elementos de um texto, mas de elementos do enunciado.

O enunciado concebido como um *todo de sentido.*

A relação com o enunciado do outro não pode ser separada nem da relação com a coisa (que é objeto de uma discussão, de uma concordância, de um encontro), nem da relação com o próprio locutor. **É** uma tríade viva cujo terceiro membro até agora não foi, entretanto, levado muito em conta. E mesmo onde é levado em conta (na análise da vida literária, dos debates ideológicos de publicistas e de polemistas, das batalhas entre as teorias científicas), a natureza especifica da relação com o enunciado do outro em sua qualidade de enun-

dado (de totalidade de um sentido) continua ignorada e inexplorada (compreende-se-na abstratamente, permanecendo-se num nível lógico-factual, ou psicológico, até mesmo mecânico-causal). A natureza especifica, dialógica, deste *todo de sentido,* desta postura do sentido que é o enunciado, continua incompreendida.

O experimentador é parte integrante de um sistema experimental (a microfísica). Pode-se dizer que praticar ato de compreensão é tornar-se parte integrante do enunciado, do texto (mais precisamente, dos enunciados, da dialogicidade entre eles na qual participa um novo parceiro). Encontro dialógico de duas consciências nas ciências humanas. Envolvimento do enunciado do outro pelo contexto dialogizante. Mesmo quando damos uma explicação causal ao enunciado do outro, de certo modo o refutamos. A coisificação dos enunciados do outro é um meio particular (falso) de refutá-los. Se consideramos que o enunciado é uma reação mecânica e o diálogo uma reação em cadeia (o que sucede na lingüística descritiva dos behavioristas), somos forçados a admitir que tal acepção abarca indiferentemente enunciados verdadeiros ou falsos, obras geniais ou obras medíocres (a diferença se reduzirá aos efeitos mecanicamente produzidos, à utilidade, etc.). Este é um ponto de vista relativamente correto, assimilável a um ponto de vista que fosse puramente lingüístico (apesar da diferença entre eles), mas que não atinge a essência do enunciado entendido como totalidade do sentido, como ponto de vista do sentido, como postura do sentido. Todo enunciado tem a pretensão de ser correto, verdadeiro, belo, etc. E esses valores do enunciado não se determinam por sua relação com a língua (enquanto sistema), mas pelas formas de sua relação com a realidade, com o sujeito falante, com os outros enunciados — com os enunciados alheios — (em particular com aqueles que os colocam como valores da verdade, da beleza, etc.).

A lingüística lida com o texto, não com a obra. O que ela diz da obra é reintroduzido à socapa e não decorre de uma análise puramente lingüística. Por certo, a lingüística se apresenta desde o início como um conglomerado e está saturada de elementos extralingüísticos. Pode-se dizer, simplificando, que a abordagem puramente lingüística (ou seja, o objeto lingüístico) encara a relação do signo com o signo e com os signos dentro dos limites do sistema de uma língua ou de um texto (relações com o interior de um sistema ou relações lineares entre os signos). A relação de um enunciado com a realidade existente, com o sujeito falante real e com os outros enunciados reais (relação que faz que um enunciado seja o primeiro a articular o verdadeiro ou o falso, o belo, etc.), esta relação não poderia tornar-se objeto da lingüística. Os signos tomados isoladamente, o sistema de uma língua ou o texto (enquanto unidade de signos) não podem ser verdadeiros, nem falsos, nem belos.

Todo conjunto verbal, se for grande e criativo, constitui um sistema de relações marcado pela complexidade e pela pluralidade de seus níveis. Uma atitude fecunda para com a língua exclui a palavra separada da voz, a palavra da pessoa. Em cada palavra há vozes, vozes que podem ser infinitamente longínquas, anônimas, quase despersonalizadas (a voz dos matizes lexicais, dos estilos, etc.), inapreensíveis, e vozes próximas que soam simultaneamente.

Uma observação viva, competente, imparcial, sempre conserva, de qualquer posição, de qualquer ponto de vista, seu valor e sua importância. A parcialidade e a limitação de um ponto de vista (de um observador) são algo que sempre pode ser retificado, completado, transformado (reavaliado) mediante essa mesma observação realizada de um ponto de vista diferente. O ponto de vista neutralizado (sem observação nova, viva) é estéril.

O aforismo de Puchkin sobre o léxico e os livros*.

Sobre a relação dialógica. É uma relação marcada por uma profunda originalidade e que não pode ser resumida a uma relação de ordem lógica, lingüística, psicológica ou mecânica, ou ainda a uma relação de ordem natural. Estamos perante uma relação específica de *sentido* cujos elementos constitutivos só podem ser *enunciados completos* (ou considerados completos, ou ainda potencialmente completos) por trás dos quais está (e pelos quais *se expressa)* um sujeito real ou potencial, o autor do determinado enunciado. O diálogo real (conversa comum, discussão científica, controvérsia política, etc.). A relação existente entre as réplicas de tal diálogo oferece o aspecto externo mais evidente e mais simples da relação dialógica. Não obstante, a relação dialógica não coincide de modo algum com a relação existente entre as réplicas de um diálogo real, por ser mais extensa, mais variada e

---

*“... A razão é inesgotável em sua concepção de noções, assim como a língua é inesgotável na combinação das palavras. Todas as palavras estão num léxico; os livros, porém, que não param de surgir, não são a repetição de um léxico” *(Dos deveres do homem,* artigo de 1836).

mais complexa. Dois enunciados, separados um do outro no espaço e no tempo e que nada sabem um do outro, revelam-se em relação dialógica mediante uma confrontação do sentido, desde que haja alguma convergência do sentido (ainda que seja algo insignificante em comum no tema, no ponto de vista, etc.). No exame de seu histórico, qualquer problema científico (quer seja tratado de modo autônomo, quer faça parte de um conjunto de pesquisas sobre o problema em questão) enseja uma confrontação dialógica (de enunciados, de opiniões, de pontos de vista) entre os enunciados de cientistas que podem nada saber uns dos outros, e nada podiam saber uns dos outros. O problema comum provocou uma relação dialógica. Na literatura, temos o "diálogo dos mortos" (em Luciano, e no século XVII), em virtude das modalidades especificas da literatura, encontramos aí a situação imaginária de um encontro no além-túmulo. Um exemplo oposto é a situação amplamente explorada na comédia, que encena o diálogo de dois surdos, no qual o contexto dialógico real é acessível, mas não é possível (ou imaginável) nenhum contato de sentido entre as réplicas. O grau zero da relação dialógica. É então que aparece claramente o ponto de vista do *terceiro* no diálogo (daquele que não participa do diálogo, mas o *compreende).* A compreensão do todo do enunciado é sempre dialógica.

Também não convém compreender a relação dialógica de modo simplista e unívoco e resumi-lo a um procedimento de refutação, de controvérsia, de discussão, de discordância. A *concordância* é uma das formas mais importantes da relação dialógica. A concordância é rica em diversidade e em matizes. Dois enunciados idênticos em todos os aspectos ("O tempo está lindo!" — "O tempo está lindo!"), quando se trata realmente de *dois* enunciados (e não de um só) pertencentes a duas vozes *distintas,* estão unidos por uma *relação dialógica de concordância.* E um acontecimento dialógico determinado, que se situa no interior das relações mútuas de duas pessoas e não é um eco. Isto porque a concordância poderia igualmente não existir ("Não, o tempo não está tão lindo", etc.).

A relação dialógica tem uma amplitude maior que a fala dialógica numa acepção estrita. Mesmo entre produções verbais profundamente monológicas, observa-se sempre uma relação dialógica.

Entre as unidades lingüísticas, seja qual for o modo que as compreendamos e seja qual for o nível de estrutura em que as consideremos, não poderá estabelecer-se uma relação dialógica (fonemas, morfemas, lexemas, orações, etc.). O enunciado (como *todo* verbal) não pode ser reconhecido como unidade de um nível superior, último, da estrutura da língua (situado acima da sintaxe), pois entra num mundo de relações totalmente diferentes (dialógicas), sem paralelos possíveis com as relações lingüisticas que se estabelecem em outros níveis (em certo plano, é possível fazer um paralelo entre o *todo do enunciado* e *a palavra).* O todo do enunciado já não é uma unidade da língua (nem uma unidade do "fluxo verbal" ou da "cadeia discursiva"), é uma unidade da comunicação verbal que não possui uma significação, mas um *sentido* (um sentido total relacionado com um valor: a verdade, a beleza, etc.; que implica uma compreensão responsiva, comporta um juízo de valor). A compreensão responsiva de um todo verbal é sempre dialógica.

A compreensão do todo do enunciado e da relação dialógica que se estabelece é necessariamente dialógica (é também o caso do pesquisador nas ciências humanas); aquele que pratica ato de compreensão (também no caso do pesquisador) passa a ser participante do diálogo, ainda que seja num nível especifico (que depende da orientação da compreensão ou da pesquisa). Analogia com a inclusão do experimentador num sistema experimental (enquanto parte desse sistema) ou do observador incluído no mundo observado em microfísica (teoria dos quanta). O observador não se situa em parte alguma fora do mundo observado, e sua observação é parte integrante do objeto observado.

Isto é inteiramente válido para o todo do enunciado e para a relação que ele estabelece. Não podemos compreendê-lo do exterior. A própria compreensão é de natureza dialógica num sistema dialógico, cujo sistema global ela modifica. Compreender é, necessariamente tornar-se o *terceiro* num diálogo (não no sentido literal, aritmético, pois os participantes do diálogo,

356

além do terceiro, podem ser em número ilimitado), mas a posição dialógica deste terceiro é uma posição muito específica. O enunciado sempre tem um destinatário (com características variáveis, ele pode ser mais ou menos próximo, concreto, percebido com maior ou menor consciência) de quem o autor da produção verbal espera e presume uma compreensão responsiva. Este destinatário é o *segundo* (mais uma vez, não no sentido aritmético). Porém, afora esse destinatário (o segundo), o autor do enunciado, de modo mais ou menos consciente, pressupõe um *superdestinatário* superior (o terceiro), cuja compreensão responsiva absolutamente exata é pressuposta seja num espaço metafísico, seja num tempo histórico afastado. (O destinatário de emergência.) Em diferentes épocas, graças a uma percepção variada do mundo, este superdestinatário, com sua compreensão responsiva, idealmente correta, adquire uma identidade concreta variável (Deus, a verdade absoluta, o julgamento da consciência humana imparcial, o povo, o julgamento da história, a ciência, etc.).

O autor nunca pode entregar-se totalmente e entregar toda a sua produção verbal unicamente à vontade absoluta e *definitiva* de destinatários atuais ou próximos (sabe-se que mesmo os descendentes mais próximos podem enganar-se) e sempre pressupõe (com maior ou menor consciência) alguma instância de compreensão responsiva que pode estar situada em diversas direções. Todo diálogo se desenrola como se fosse presenciado por um terceiro, invisível, dotado de uma compreensão responsiva, e que se situa acima de todos os participantes do diálogo (os parceiros). (Cf. o cárcere fascista, ou o inferno, em Thomas Mann, sentido como *in-audição* absoluta, ausência absoluta do *terceiro.)*

O terceiro em questão não tem nada de místico ou de metafísico (ainda que possa assumir tal expressão em certas percepções do mundo). Ele é momento constitutivo do todo do enunciado e, numa análise mais profunda, pode ser descoberto. O fato decorre da natureza da palavra que sempre quer ser ouvida, busca a compreensão responsiva, não se detém numa compreensão que se efetua *no imediato* e impele sempre mais adiante (de um modo ilimitado).

Para a palavra (e, por conseguinte, para o homem), nada é mais terrível do que a *irresponsividade* (a falta de resposta).

357

Mesmo a palavra que sabemos, de antemão, ser falsa, não é falsa de um modo absoluto e sempre pressupõe uma instância que a compreenderá e a justificará, ainda que seja da seguinte forma: “qualquer um, *no meu lugar,* teria mentido”.

K. Marx dizia que, somente ao ser enunciado na palavra, um pensamento torna-se real para o outro e, portanto, para si mesmo. Mas esse outro não é unicamente o outro no imediato (destinatário, segundo). Em sua busca de uma compreensão responsiva, a palavra sempre vai mais longe.

O fato de ser ouvido, por si só, estabelece uma relação dialógica. A palavra quer ser ouvida, compreendida, respondida e quer, por sua vez, responder à resposta, e assim *ad infinitum.* Ela entra num diálogo em que o *sentido* não tem fim (entretanto ele pode ser fisicamente interrompido por qualquer um dos participantes). Fica claro que as finalidades puramente materiais e operatórias da palavra, sua faculdade de concentrar-se num objeto, não são de modo algum enfraquecidas por isso. Os dois princípios são as duas faces de uma única e mesma coisa, e estão indissoluvelmente ligados. A ruptura entre eles ocorre apenas na palavra que sabemos, de antemão, ser falsa, ou seja, na palavra que quer enganar (a ruptura entre a finalidade material e a finalidade que visa a audição e a compreensão).

A palavra que teme o terceiro e busca ser reconhecida apenas no imediato (busca uma compreensão responsiva apenas num nível de profundidade limitada), junto aos destinatários imediatos.

Critério do nível de *profundidade,* enquanto critério principal do conhecimento nas ciências humanas. A palavra, se não for de antemão mentirosa, não tem fundo. Tomar em profundidade e não em altura e em largura. Micromundo da palavra.

O enunciado (a produção verbal), enquanto *todo* historicamente individual e único, irreproduzível.

O que acabamos de dizer não exclui, claro, uma tipologia estilísticocomposicional das produções verbais. Existem alguns *gêneros do discurso* (o discurso cotidiano, retórico, científico, literário, etc.). Os gêneros do discurso são modelos padrões da construção de um todo verbal. Mas esses modelos do gênero se distinguem por princípio do modelo *lingüistico* das *orações.*

As unidades da língua, objeto de conhecimento para a lingüistica, são em princpio reproduzíveis em um número ilimitado de vezes, através de um número ilimitado de enunciados (o que inclui também os modelos de orações, igualmente reproduzíveis). É verdade que a freqüência de reprodução varia conforme as unidades (a maior é a dos fonemas, a menor e a das frases). E é graças a essa reprodutibilidade que elas podem ser *unidades da língua* e cumprir sua função. De qualquer maneira que se definam as relações entre essas unidades reproduzíveis (oposição, comutação, distribuição, etc.), estas relações nunca podem ser dialógicas pois isso destruiria suas funções lingüísticas (da língua).

As *unidades da comunicação verbal,* os enunciados completos, são irreproduzíveis (embora possam ser citados), e estão ligados entre si por uma relação dialógica.

[Os estudos literários hoje]

– Titulo da edição original: *Resposta ao Novy Mir.*
– Texto publicado na revista *Novy Mir,* 1970, n^0 11.

A redação de *Novy Mir* pediu minha opinião sobre o estado atual da pesquisa no campo da literatura.

Uma resposta a este tipo de pergunta não poderia ser, claro, nem categórica nem segura. Quando nos pronunciamos sobre nosso tempo, estamos expostos ao erro (num sentido ou noutro), e convém levar isso em conta. Não obstante, vou tentar responder.

Nossa ciência literária dispõe de consideráveis recursos:
temos inúmeros pesquisadores sérios, dentre os quais figuram jovens muito talentosos; temos grandes tradições científicas, tanto no passado (Potebnia, Veselovski) quanto na época atual (Tynianov, Tomachevski, Eikhenbaum, Gukovski, para citar apenas alguns); temos também, por certo, condições externas favoráveis (institutos de pesquisas, equipes de trabalho, financiamento, meios de publicação). A verdade é que, ao longo dos últimos anos (desta última década), a pesquisa parece não ter explorado as possibilidades que lhe são oferecidas e não atende às exigências que temos direito de apresentar-lhe. Por falta de audácia, nenhuma descoberta permitiu colocar problemas gerais numa ótica nova, nenhum leque de fatos específicos nasceu no imenso universo da literatura, nenhum combate sério e benéfico foi travado para defender uma teoria. Predomina na pesquisa algo como o medo do risco, o medo de arriscar uma hipótese. Ora, a ciência literária é uma ciência jovem que não dispõe de métodos sólidos e comprovados pela prática, como os das ciências exatas. Por isso, a ausência da menor luta entre as tendências e o medo ante a menor hipótese

audaciosa levam ao reinado do truísmo e do clichê, o que não nos falta.

É isto que, de uma maneira *geral*, caracteriza atualmente a nossa pesquisa. Mas uma característica geral nunca é justa. Também em nossos dias, publicam-se obras úteis e satisfatórias (em particular as que tratam da histórica da literatura). Publicam-se igualmente estudos especializados, interessantes e aprofundados. Finalmente, há os grandes acontecimentos a que minha característica geral não concerne. Refiro-me a obras tais como *O Oeste e o Leste*, de N. Konrad, *Poética da literatura russa antiga* de D. Likhatchev, e os *Trabalhos sobre os sistemas semióticos*, que foram objeto de quatro publicações (escola dos jovens pesquisadores agrupada à volta de J. M. Lotman). Fatos estes alentadores, que marcam os últimos anos. Talvez tenha, nestas páginas, a ocasião de voltar a estes trabalhos.

Quanto à minha opinião sobre as tarefas prioritárias que competem à ciência literária, limitar-me-ei a assinalar duas delas que se referem apenas à literatura das épocas passadas e darei somente uma visão muito geral sobre elas. Deixarei de lado os problemas do estudo da literatura *contemporânea* e da crítica literária, conquanto se trate de campos onde se impõem tarefas de grande importância e muita urgência. As duas tarefas de que me proponho falar, escolhi-as porque, a meu ver, amadureceram o suficiente e já ensejaram um trabalho frutuoso que convém prosseguir.

A ciência literária deve, acima de tudo, estreitar seu vínculo com a história da cultura. A literatura é uma parte inalienável da cultura, sendo impossível compreendê-la fora do contexto global da cultura numa dada época. Não se pode separar a literatura do resto da cultura e, passando por cima da cultura, relacioná-la diretamente com os fatores sócio-econômicos, como é prática corrente. Esses fatores influenciam a cultura e somente através desta, e junto com ela, influenciam a literatura. Por muito tempo, concedeu-se uma atenção especial ao problema da especificação da literatura. Cumpre reconhecer que uma especificação estrita é totalmente alheia à nossa tradição científica no que ela tem de melhor. Basta lembrar a abertura do horizonte dos estudos de Potebnia, de Veselovski. Tomados de entusiasmo pela especificação, alguns deliberadamente ignoraram os problemas de interdependência e de interação entre os diferentes campos da cultura, esquecendo muitas vezes que as fronteiras entre esses campos não são absolutas, que cada época as traça a seu modo; ignoraram que não é dentro de campos fechados em sua própria especificidade, mas por onde passa a fronteira entre campos distintos que o fenômeno cultural é vivido com mais intensidade e produtividade. Nossa pesquisa costuma operar com base nas características da época a que pertencem os fatos literários em estudo sem distingui-las, na maioria das vezes, daquelas que se aplicam à história em geral e sem introduzir a menor análise diferencial do campo cultural, nem de sua interação com a literatura. Tais análises demonstram, aliás, uma total ausência de metodologia. A chamada vida literária de uma época, cujo estudo se efetua sem referência ao estudo da cultura, resume-se a uma luta superficial de tendências literárias, e, quando se trata dos tempos modernos (sobretudo do século XIX), o processo se resume às lutas verbais das revistas e jornais que ficaram sem grande influência sobre a literatura da época. A intensa ação exercida pela cultura (principalmente a das camadas profundas, populares) e que determina a obra de um escritor ficou inexplorada e, muitas vezes, totalmente insuspeita. Semelhante procedimento barra o acesso à profundidade das grandes obras. A literatura adquire ares de algo insignificante e frívolo.

A tarefa de que estou falando — e os problemas com ela relacionados (problema das fronteiras de uma época concebida como um conjunto cultural, problema da tipologia das culturas, etc.) — surgiu com toda a sua complexidade quando se discutiu o problema da literatura barroca nos países eslavos e, sobretudo, quando se iniciou o debate, que nada perdeu de sua atualidade, sobre o Renascimento e o Humanismo nos países do Leste. Foi então que se sentiu a necessidade aguda de um estudo mais aprofundado dos vínculos indissolúveis que unem a literatura à cultura de uma época.

Os trabalhos de ótima qualidade que mencionei e que surgiram ao longo dos últimos anos (Konrad, Likhatchev, Lotman e sua escola), apesar da variedade de seus princípios metodológicos, manifestam todos o mesmo cuidado de não separar a literatura da cultura e de buscar compreender o fato literário em sua diferenciação, dentro da totalidade da cultura de uma época. Cumpre salientar que, sendo a literatura um fenômeno muito complexo e a pesquisa literária uma ciência muito jovem, não se pode valorizar uma metodologia qualquer que seja um remédio milagroso. A diversidade dos procedimentos é justificada, até mesmo indispensável, contanto que tais procedimentos dêem provas de seriedade e descubram novos aspectos no fenômeno literário, contanto que contribuam para aprofundar sua compreensão.

Não é muito desejável estudar a literatura independentemente da totalidade cultural de uma época, mas é ainda mais perigoso encerrar a literatura apenas na época em que foi criada, no que se poderia chamar sua contemporaneidade. Temos tendência em explicar um escritor e sua obra a partir da sua contemporaneidade e de seu passado imediato (em geral nos limites da época tal como a entendemos). Receamos aventurar-nos no tempo, afastar-nos do fenômeno estudado. Ora, uma obra deita raízes no passado remoto. As grandes obras da literatura levam séculos para nascer, e, no momento em que aparecem, colhemos apenas o fruto maduro, oriundo do processo de uma lenta e complexa gestação. Contentar-se em compreender e explicar uma obra a partir das condições de sua época, a partir das condições que lhe proporcionou o período contíguo é condenar-se a jamais penetrar as suas profundezas de *sentido.* Encerrar uma obra na sua época também não permite compreender a vida futura que lhe é prometida nos séculos vindouros, e esta vida fica parecendo um paradoxo. As obras rompem as fronteiras de seu tempo, vivem nos séculos, ou seja, na *grande temporalidade,* e, assim, não é raro que essa vida (o que sempre sucede com uma grande obra) seja mais intensa e mais plena do que nos tempos de sua contemporaneidade. De um modo muito esquemático, digamos que, se devêssemos resumir o significado de uma obra ao papel que pôde, por exemplo, desempenhar na luta contra a servidão (é assim que procedem no ensino secundário), tal obra deveria perder todo o significado com o desaparecimento da servidão e de suas seqüelas. Ora, muitas vezes a obra aumenta em importância mais tarde, ou seja, insere-se na *grande temporalidade.* Uma obra não pode viver nos séculos futuros se não se nutriu dos séculos passados. Se ela nascesse por *inteiro* hoje (em sua contemporaneidade), se não mergulhasse no passado e não fosse consubstancialmente ligada a ele, não poderia viver no futuro. Tudo quanto pertence somente ao presente morre junto com ele.

A sobrevivência de uma grande obra nas épocas que lhe sucedem, próximas e distantes, parece, como estava dizendo, um paradoxo. No processo de sua vida póstuma, a obra se enriquece de novos significados, de um novo sentido; a obra parece superar a si mesma, superar o que era na época de sua criação. Pode-se dizer que nem sequer Shakespeare, nem seus contemporâneos, conheciam o “grande Shakespeare” que conhecemos hoje. E impossível fazer o nosso Shakespeare entrar na época elisabetana. Bielinski, em seu tempo, declarava que cada época sempre descobre algo novo nas grandes obras do passado. O que dizer disto? Fazemos acréscimos à obra de um Shakespeare? Introduzimo-lhe algo que não havia, modernizamo-lo, desnaturamo-lo? Modernizar e desnaturar, sempre o fizeram e o farão ainda. Não foi à custa disso que Shakespeare cresceu. Cresceu à custa do que realmente se encontrava e se encontra em sua obra, mas que nem ele nem seus contemporâneos podiam, lucidamente, perceber e avaliar no contexto cultural da época.

Os fenômenos do sentido podem existir de uma forma latente, potencial, e revelar-se somente num contexto de sentido que lhes favoreça a descoberta, na cultura das épocas posteriores. Os tesouros de sentido colocados por Shakespeare em sua obra foram elaborados e acumulados no correr dos séculos, e até dos milênios; estavam ocultos na língua — e não só na língua escrita, mas também naqueles estratos da língua popular que, antes de Shakespeare, não haviam penetrado na literatura —, ocultos na variedade dos gêneros e das formas da comunicação verbal, nas formas poderosas da cultura popular (sobretudo na carnavalesca) que se moldava ao longo dos milênios, nos gêneros do espetáculo teatral (mistérios, farsas, etc.), nos temas que remontam a uma antigüidade pré-histórica, e, finalmente, nas formas do pensamento. Shakespeare, como todo artista, construía sua obra a partir de formas carregadas de sentido, repletas desse sentido, e não a partir de elementos mortos, de tijolos prontos. Ademais, mesmo o tijolo possui sua forma espacial delimitada e, por conseguinte, expressa algo entre as mãos do construtor.

Os gêneros, principalmente, têm uma importância especial. Os gêneros (tanto da literatura como da língua), ao longo dos séculos de sua existência, acumulam as formas de uma vi-

são do mundo e de um pensamento. Se o escritor-artesão serve-se do gênero como clichê externo, o grande artista, por sua vez, revela as virtualidades do sentido latentes no gênero. Shakespeare explorou e passou à sua obra os imensos tesouros de um sentido potencial que, em sua época, não podia ser descoberto nem compreendido em sua plenitude. O autor e seus contemporâneos vêem, compreendem e julgam, acima de tudo, o que está mais perto de sua atualidade presente. O autor é um prisioneiro de sua época, de sua contemporaneidade. Os tempos que lhe sucedem o libertam dessa prisão e a ciência literária tem a vocação de contribuir para esta libertação.

O que acabamos de dizer não autoriza a deduzir que se possa, de algum modo, ignorar a época contemporânea do escritor, que se possa devolver sua obra ao passado ou então projetá-la ao futuro. A contemporaneidade conserva toda a sua importância, em muitos aspectos decisiva. Uma análise científica só pode basear-se nela, e, em seus desenvolvimentos subseqüentes, deve referir-se constantemente a ela para verificação. Uma obra literária, como já dissemos, revela-se principalmente através de uma diferenciação efetuada dentro da totalidade cultural da época que a vê nascer, mas nada permite encerrá-la nessa época: a plenitude de seu sentido se revela tão-somente na *grande temporalidade.*

Tampouco se deve encerrar em si mesma a cultura de uma época, por mais afastada que esteja no tempo, como se se tratasse de algo concluído, inteiramente acabado e irreversivelmente afastado no passado, morto. As idéias de Spengler sobre os mundos culturais fechados e acabados continuam até agora a exercer uma forte influência sobre os pesquisadores dos campos da história e da literatura. Tais idéias precisam contudo de sérias correções. Spengler imaginava a cultura de uma época como um circulo fechado. Ora, a unidade de uma cultura determinada é uma unidade *aberta.*

Cada uma dessas unidades (a Antigüidade, por exemplo), sem nada perder de sua originalidade, toma parte (ainda que indiretamente) do processo único da elaboração da cultura da humanidade. Toda cultura encerra inumeráveis virtualidades de sentido que não foram descobertas, elucidadas ou exploradas durante a vida histórica dessa cultura. A Antigüidade nada sabia de si mesma, nada da Antigüidade tal como a conhecemos

agora. Havia uma brincadeira escolar: os gregos antigos ignoravam o essencial de si mesmos __ não sabiam que eram gregos *antigos* e jamais se denominavam assim. E é verdade que a distância temporal, que transformou os gregos em gregos *antigos,* teve uma considerável importância modificadora: esta distância é marcada pela descoberta de sentidos de valores sempre novos que os gregos efetivamente não conheciam, embora fossem seus próprios criadores. Spengler, dando provas de uma magnífica análise da cultura antiga, soube descobrir nela novas profundidades do sentido. Está certo que lhe fez alguns acréscimos, mas era para obter um conjunto mais redondo, mais perfeito, e trabalhou para a nobre causa da libertação da Antigüidade prisioneira de seu próprio tempo.

Fazemos questão de salientar que tratamos aqui dos estratos profundos onde o sentido é depositado pelas culturas das épocas passadas, e não de uma ampliação do conhecimento factual e material que podemos ter delas, à luz das sucessivas contribuições que devemos às escavações arqueológicas, à descoberta de novos textos e ao aperfeiçoamento de sua decifração, às reconstruções, etc. Isto nos proporciona novos suportes materiais do sentido, poderíamos dizer a carne do sentido. Na esfera da cultura, todavia, não há fronteira absoluta entre a carne e o sentido: a cultura não se edifica a partir de elementos mortos, e o vulgar tijolo, como já dissemos, entre as mãos do construtor, expressa algo através da forma que lhe é própria. Por isso, a descoberta de novos suportes materiais do sentido introduz correções nas concepções do sentido e pode até acarretar uma reestruturação fundamental destas concepções.

Existe uma idéia que tem vida longa, mas que é limitada e, portanto, incorreta. E a idéia segundo a qual, para melhor compreender uma cultura alheia, cumpriria transplantar-se nela e, esquecendo a sua própria cultura, ver o mundo pelos olhos da cultura alheia. E uma idéia que, como disse, é limitada. Que devamos nos implantar numa cultura alheia, contemplar o mundo por seus olhos, concordo! É uma fase indispensável no processo de compreensão de uma cultura. Mas se a compreensão se reduzisse apenas a esta fase, nada mais ofereceria senão uma duplicação da dada cultura, e não comportaria nada novo ou enriquecedor. Uma *compreensão ativa* não renuncia a si mesma, ao seu próprio lugar no tempo, à sua cultura, e nada es-

quece. O importante no ato de compreensão é a *exotopia* do compreendente no tempo, no espaço, na cultura, a respeito do que ele quer compreender. O mesmo não ocorre com o simples *aspecto externo* do homem, que este não pode ver nem pensar em sua totalidade, e não há espelho, nem fotografia que possa ajudá-lo; seu aspecto externo, apenas *o outro* pode captá-lo e compreendê-lo, em virtude de sua exotopia e do fato de ser *outro.*

Na cultura, a exotopia é o instrumento mais poderoso da compreensão. A cultura alheia só se revela em sua completitude e em sua profundidade aos olhos de *outra* cultura (e não se entrega em toda a sua plenitude, pois virão outras culturas que verão e compreenderão ainda mais). Um sentido revela-se em sua profundidade ao encontrar e tocar outro sentido, um sentido alheio; estabelece-se entre eles como que um diálogo que supera o caráter fechado e unívoco, inerente ao sentido e à cultura considerada isoladamente. Formulamos a uma cultura alheia novas perguntas que ela mesma não se formulava. Buscamos nela uma resposta a perguntas nossas, e a cultura alheia nos responde, revelando-nos seus aspectos novos, suas profundidades novas de sentido. Se não formulamos nossas próprias perguntas, não participamos de uma compreensão ativa de tudo quanto é outro e alheio (trata-se, claro, de perguntas sérias, autenticas).

O encontro dialógico de duas culturas não lhes acarreta a fusão, a confusão; cada uma delas conserva sua própria unidade e sua totalidade aberta, mas se enriquecem mutuamente.

Quanto à minha opinião acerca da evolução posterior de nossa ciência literária, penso que as suas perspectivas são inteiramente favoráveis, uma vez que dispomos de grandes possibilidades. O que nos falta é a audácia científica do pesquisador, sem a qual seria vão acreditar que atingiremos pontos culminantes ou penetraremos nas profundezas.

Apontamentos 1970-1971

– Titulo da edição original: *Apontamentos de 1970-1971.*

– Texto de arquivos, não revisto pelo autor.

Notas preparatórias para uma obra global que não foi realizada; reduzemse às vezes à menção de um título (cf. *Dostoievski e* o *sentimentalismo,* p. 371); apresentam (na parte final pp. 376-377j o projeto de um prefácio que o autor pretendia executar para uma

371

A ironia penetrou em todas as Línguas modernas (sobretudo no francês); introduziu-se nas palavras e nas formas (sobretudo nas formas sintáticas: a ironia destruiu, por exemplo, a pesada oração enfática do discurso). A ironia insinuou-se em toda parte, é atestada em todos os seus aspectos: desde a ironia ínfima, imperceptível, até a zombaria declarada, O homem moderno já não proclama, nem declama, fala, e fala com restrições. Os gêneros declamatórios se preservam principalmente nos momentos constitutivos do romance, nos momentos paródicos ou semiparódicos A língua de Puchkin oferece o exemplo desta língua moderna, restritiva, perpassada (em diversos graus) pela ironia.

Os sujeitos falantes dos gêneros declamatórios nobres —sacerdotes, profetas, pregadores, juizes, chefes, patriarcas, etc.- desapareceram da vida. Todos eles foram substituídos pelo escritor, pelo simples escritor, que se tornou herdeiro do estilo deles. O escritor ora os estiliza (assume uma postura de profeta, de pregador, etc.), ora os parodia (em menor ou maior grau). Falta-lhe ainda encontrar seu estilo, o estilo do escritor. Para o aedo, o rapsodo, o trágico (para o sacerdote de Dionisio), e ainda para o poeta da corte, tal problema não existia. Também, a situação lhes era propiciada: celebrações de todos os gêneros, cultos, banquetes. Mesmo a palavra, na época pré-romanesca tinha sua situação: as festividades de tipo carnavalesco. Ao passo que o escritor está privado do estilo e da situação. Realizou-se uma secularização completa da literatura. O romance privado de estilo e de situação não é, em sua essência, um gênero: ele deve imitar (simular) um gênero qualquer meta~artístico: a narrativa de costumes, a carta, o diário, etc.

372

Existe um ângulo específico de sobriedade, simplicidade, democratismo, liberdade, que é próprio de todas as línguas modernas. Pode-se dizer, com certas reservas, que todas as línguas modernas (sobretudo o francês) são oriundas dos gêneros populares e profanadores. Todas elas se determinaram ao longo de um processo lento e complexo de expulsão da palavra sacralizada do outro, e, de um modo mais geral, da palavra sacralizada e dotada de autoridade, infalível, incontestável, irrevogável. A palavra que, protegida em suas fronteiras sagradas, intransponíveis, é inerte, com possibilidades limitadas de contato e de combinação. Palavra que refreia e congela o pensamento. Palavra que exige a reiteração piedosa e não o desenvolvimento, a retificação, o complemento. Palavra exilada do diálogo. Só pode ser citada dentro do conjunto das réplicas, sem poder atingir a qualidade de réplica, em pé de igualdade com as outras réplicas. Tal palavra foi semeada em toda parte, limitando, orientando, refreando o pensamento e a experiência viva. Foi no processo de luta contra esta palavra, no processo de exclusão desta palavra (com o auxilio dos anticorpos populares) que se formaram as línguas modernas. Fronteiras da palavra do outro. Vestígios presentes na estrutura sintática.

Natureza da palavra sacralizada (que tem autoridade). A especificidade de seu comportamento no contexto da comunicação verbal e no contexto dos gêneros folclóricos (orais) e literários (sua inércia, sua não-dialogicidade, suas propriedades limitadas de combinação em geral, e, em particular, de associação às palavras profanas — não sacralizadas) não compete a uma definição lingüística; esta especificidade é de ordem metalingüística. A metalingüística se interessa pelas diversas formas e graus de *alteridade* da palavra do outro e pelas diversas modalidades do comportamento que lhe é reservado (estilização, paródia, polêmica, etc.). Os diferentes meios empregados para sua exclusão da existência verbal. Todos esses fenômenos e processos (entre os quais figura igualmente o processo secular de exclusão da palavra do outro sacralizada), encontram seu reflexo (seu sedimento) nos aspectos lingüísticos da língua, em particular na estrutura sintática e léxico-semântica das línguas modernas. A estilística deve encontrar sua própria aplicação no estudo metalingüístico dos grandes acontecimentos (dos acontecimentos seculares) da existência verbal dos povos. *Ti-*

pos de palavras conforme as mudanças, de acordo com a cultura e a época (por exemplo, nomes e sobrenomes, etc.).

O silêncio e o som. Percepção do som (contra o fundo do silêncio). O *silêncio* e o *mutismo* (a ausência do som). A pausa e o início da palavra. A ruptura do silêncio pelo som é de natureza fisiológica e mecânica (condição da percepção), ao passo que a ruptura do mutismo pela palavra se relaciona com a pessoa e com o pensamento: é um mundo totalmente diferente. No silêncio, nada soa (não há algo que soe); no mutismo, ninguém fala (não há ninguém que fale). O mutismo só é possível no mundo humano (e possível somente para o homem). O silêncio e o mutismo são, claro, inteiramente relativos.

Condições que presidem à percepção do som, à compreensão-reconhecimento de um signo. Condições da compreensão pensada da palavra.

Mutismo, som pensado (a palavra), pausa, são estes os constituintes de uma logosfera específica, de uma estrutura *una* e *contínua*, de uma totalidade aberta e que não pode ser fechada.

A compreensão-reconhecimento das unidades reproduzíveis do discurso (ou da língua), e a compreensão-pensamento do enunciado irreproduzível. Cada unidade do discurso é percebida em dois planos: o plano da reprodutibilidade da língua e o plano da irreprodutibilidade do enunciado. Através do enunciado, a língua participa da irreprodutibilidade histórica e da totalidade aberta da logosfera.

A palavra como meio (na língua), e a palavra como algo pensado. A palavra pensante pertence ao domínio das finalidades. A palavra enquanto última e suprema finalidade.

Cronotopicidade do pensamento do artista (em particular na arte antiga). Um ponto de vista é cronotópico, ou seja, inclui tanto o momento espacial como o temporal. Nisso se vincula diretamente ao ponto de vista dos valores (hierarquizado)— a relação com o acima e o abaixo. Cronotopo do acontecimento representado, cronotopo do narrador e cronotopo do autor (da última instância). Espaço real e espaço ideal nas artes plásticas. A pintura de cavalete situa-se fora do espaço construído (hierarquicamente), fica no ar.

O tom único é inaceitável (o sério). Cultura da multiplicidade de tons. As esferas do tom sério. A ironia como forma de mutismo. A ironia (e o riso) servindo para superar situações, elevar-se acima delas. Apenas as culturas dogmáticas e autoritárias são unilateralmente sérias. A violência não conhece o riso. Análise da personagem séria (o medo ou o sobreaviso). Análise da personagem risonha. Lugar do patético. Passagem do patético para o piegas. A entonação de sobreaviso anônimo no tom do locutor de rádio que transmite uma informação grave. A seriedade deixa mais pesadas as situações sem saída, o riso eleva-se acima delas. O riso não entrava o homem, libera-o.

Caráter social, coral, do riso, sua aspiração à comunidade, ao universal. As portas do riso estão abertas a todos. A irritação, a cólera, a indignação são sentimentos unilaterais:excluem aquele contra quem a cólera está dirigida, provocam a cólera como resposta; eles separam. O riso só pode unir, não pode separar. O riso sabe associar-se às profundas emoções íntimas (Sterne, Jean Paul, e outros). O riso e a festa. A cultura do dia comum. O riso e o domínio das finalidades. Tudo o que é autenticamente grande deve comportar um elemento de riso, caso contrário fica ameaçador, aterrorizante ou grandiloqüente e, em qualquer caso, limitado. O riso levanta as barreiras, abre o caminho.

O riso alegre, aberto, festivo. O riso fechado, puramente negativo da sátira. Não é um riso risonho. O riso de Gogol éalegre. O riso e a liberdade. O riso e a igualdade. O riso proporciona a aproximação e a familiaridade. O riso, a festa, estes não se implantam. A festa é sempre original ou sem origem.

Numa cultura com multiplicidade de tons, mesmo o tom sério adquire uma ressonância diferente: beneficia-se dos reflexos próprios do tom do riso, perde sua exclusividade e sua preponderância, completa-se com a tonalidade do riso.

Estudar a cultura (ou uma de suas áreas) no nível do sistema e no nível superior da unidade orgânica: uma unidade aberta, em evolução, não determinada nem predeterminada, capaz de se perder ou de se renovar, transcendendo a si mesma (ultrapassando seus próprios limites). Ao compreender a multiplicidade de tons de *Eugênio Oneguin* (cf. Lotman) como uma *transcodificaçào* perde-se o seu aspecto essencial, ou seja, seu aspecto *dialógico,* e transforma-se o diálogo dos estilos numa mera coexistência de variantes de uma única e mesma coisa. O que há por trás do estilo é o ponto de vista total de uma individualidade total. O código pressupõe uma espécie de conteúdo já pronto e a concretização de uma escolha entre códigos *dados.*

Oenunciado (a produção verbal), enquanto *todo,* instala-se numa esfera inteiramente nova da comunicação verbal (como unidade dessa nova esfera) e não se presta a uma descrição e a uma definição feita mediante métodos da lingüística e, de um modo mais geral, da semiótica. Ë uma esfera regida por leis particulares, e seu estudo requer uma metodologia particular, a bem dizer, uma ciência particular (uma disciplina científica). O enunciado concebido como um todo não é definível em termos lingüisticos (ou semióticos). A noção de “texto” não corresponde *à* essência do *todo* do enunciado.

Não pode haver enunciado isolado. Um enunciado sempre pressupõe enunciados que o precederam e que lhe sucederão; ele nunca é o primeiro, nem o último; é apenas o elo de uma cadeia e não pode ser estudado fora dessa cadeia. Existe entre os enunciados uma relação impossível de definir por termos de categorias mecânicas ou lingüísticas. Esta relação não tem analogia.

Podem-se abstrair aspectos transtextuais, mas não outros textos ligados a um dado texto na cadeia da comunicação verbal. Associatividade interna. Encontro de duas consciências no processo de compreensão e de análise de um enunciado. Personalização da relação entre os enunciados. Definição do enunciado e de suas fronteiras.

Segunda consciência e metalinguagem. A metalinguagem não é simplesmente um código: sempre há um comportamento dialógico para com a língua descrita e analisada. Postura do experimentador e do observador na teoria dos quanta. A presença dessa postura ativa modifica toda a situação e, por conseguinte, os resultados da experimentação. O acontecimento que tem um observador, seja ele distante, oculto e passivo, é um acontecimento totalmente diferente (cf. o “visitante misterioso” de Zossima). Problema da segunda consciência nas ciências humanas. As perguntas (de uma pesquisa) que modificam a consciência das pessoas interrogadas.

Inesgotabilidade da segunda consciência, isto é, da consciência do sujeito que compreende e responde: neste há um potencial infinito de respostas, de línguas, de códigos. Uma infinidade ante uma infinidade.

Primeiro uma delimitação conciliadora, depois a cooperação. Em vez de ratificar a descoberta (positiva) da relatividade (da verdade parcial) da própria posição e do próprio ponto de vista, tende-se para a refutação absoluta e para o aniquilamento do adversário, para *o* aniquilamento total do ponto de vista do outro — é nisso que se gasta toda a energia.

Não há uma orientação científica (a não ser que seja charlatanismo) [il...] que se preserve em sua forma primitiva, inalterada. Nas ciências, não houve uma época em que existisse uma mesma e única orientação (uma orientação predominante, quase sempre existe). Não é uma questão de ecletismo: a fusão de todas as orientações numa única e mesma orientação seria fatal à ciência (se a ciência fosse mortal). Não há mal algum em que as delimitações sejam muito marcadas, mas devem ser conciliadoras. Sem brigas na demarcação. A cooperação. O reconhecimento das zonas fronteiriças (é nelas que costumam aparecer as novas orientações e disciplinas).

Juiz e testemunha. Com o aparecimento da consciência. no mundo (na existência), e talvez já com o aparecimento da vida biológica (quiçá, não só o animal, mas também a árvore e a erva julguem e testemunhem), o mundo (a existência) se modifica radicalmente. A pedra permanece pedra, o sol permanece sol, mas o acontecimento da existência em seu todo (inacabável) torna-se inteiramente diferente, pois sobe ao palco da existência terrena, pela primeira vez, a personagem principal, nova: o juiz e testemunha. E o sol, mesmo permanecendo fisicamente o mesmo, tornou-se outro, porque tinha consciência de ser juiz e testemunha. Deixou de ser pura e simplesmente, e passou a *ser em si* e *para* si (aqui aparecem pela primeira vez estas categorias), e *para o outro*, porque se achou refratado na consciência do outro (o juiz e testemunha); com isso, transformou-se em sua essência, enriquecido, transfigurado. (Não se trata de uma “hipostasia”).

Não se deve entender isso da seguinte maneira: a existência (a natureza) começou a ter consciência de si mesma através do homem, a captar seu próprio reflexo. Neste caso, a existência teria ficado a sós consigo mesma, simplesmente duplicaria a si mesma (teria ficado *solitária*, assim como era o mundo antes do aparecimento da consciência — juiz e testemunha). Não, apareceu algo absolutamente novo, apareceu a *sobre-existência*. Nessa sobre-existência, já não resta um pingo de existência, mas é toda a existência que vive nela e para ela.

Encontramos sua analogia na consciência que o homem adquire de si mesmo. Haverá coincidência entre o *sujeito* que tem consciência e o objeto tomado em consciência? Em outras palavras, o homem fica a sós consigo mesmo, isto é, solitário? Não será nesse ponto que se modifica radicalmente todo o acontecimento existencial para o homem? E efetivamente o que ocorre. Aqui surge algo absolutamente novo: um sobre-homem, um sobre-eu, ou seja, um juiz e testemunha de *todo* homem (de todo *eu)* e, por conseguinte, não mais um homem, um *eu,* e sim *o outro.* Minha própria refração no outro empírico pelo qual tenho de passar para desembocar no *eu-para-mim* (poderá ser solitário este *eu-para-mim?).* A absoluta liberdade desse *eu.* Mas esta liberdade não pode modificar a existência em sua materialidade (poderia, aliás, desejá-lo?), só pode modificar o *sentido* da existência (reconhecê-la, dar-lhe sua razão de ser, etc.). É a liberdade do juiz e testemunha. Ela expressa-se na *palavra.* A verdade, o direito seguramente não são propriedades da existência como tal, mas somente da existência conhecida e verbalizada.

Problema da liberdade relativa, ou seja, de uma liberdade que se exerce na existência e modifica seus componentes sem tocar em seu sentido. Tal liberdade modifica a existência em sua materialidade e pode tornar-se violência por ter-se separado do sentido e tornado força material bruta. A criação sempre se relaciona com a modificação do sentido e não pode tornar-se força material bruta.

Ainda que a *testemunha* possa ver e conhecer apenas uma fração ínfima da existência, mesmo assim toda a existência que ela não pôde ter visto ou conhecido tem sua qualidade (seu sentido) modificada, tornando-se existência não-conhecida e não-vista e deixando de ser a existência tal como era sem sua relação com a testemunha.

Tudo o que me diz respeito, a começar por meu nome, e que penetra em minha consciência, vem-me do mundo exterior, da boca dos outros (da mãe, etc.), e me é dado com a entonação, com o tom emotivo dos valores deles. Tomo consciência de mim, originalmente, através dos outros: deles recebo a palavra, a forma e o tom que servirão para a formação original da representação que terei de mim mesmo. Elementos de infantilismo na autoconsciência (“Será que mamãe gostaria de mim assim...”) às vezes persistem até os nossos últimos dias (a percepção e a representação de si, do próprio corpo, do próprio rosto, do seu passado, num tom enternecido). Assim como o corpo se forma originalmente dentro do seio (do corpo) materno, a consciência do homem desperta envolta na consciência do outro. E mais tarde que o indivíduo começa a reduzir seu eu a palavras e a categorias neutras, a definir-se enquanto homem, independentemente da relação do *eu* com o *outro.*

Três tipos de relações.

1. Relações entre os objetos: entre coisas, entre fenômenos físicos, químicos, relações causais, relações matemáticas, lógicas, lingüísticas, etc.

2. Relações entre o sujeito e o objeto.

3. Relações entre os sujeitos, que são relações individualizadas, personalizadas: relações dialógicas entre os enunciados, relações éticas, etc. Estas relações abarcam todo tipo de relações personalizadas de sentido (semânticas). Relações entre as consciências, entre as verdades — influência mútua, aprendizagem, amor, ódio, mentira, amizade, respeito, admiração, confiança, desconfiança, etc.

Porém, se essas relações são despersonalizadas (como as relações entre os enunciados e os estilos, numa abordagem lingüística, ou outra), tornam a passar ao primeiro tipo. Por outro lado, é possível uma personalização de muitas relações entre os objetos e sua transição ao terceiro tipo. Reificação e personalização.

Definição do sujeito (pessoa) em suas relações entre os sujeitos: seu caráter concreto (nome), sua totalidade, sua responsabilidade, etc., seu caráter inesgotável, inconcluso, aberto.

Passagem de um tipo de relação para o outro e confusão deles. Por exemplo, o critico discute com o autor e com o herói e ao mesmo tempo explica este último como algo determinado causalmente por inteiro (social, psicológica e biologicamente). Os dois pontos de vista se justificam, mas dentro de seus respectivos limites, metodologicamente circunscritos e com a condição de não serem confundidos. Não se pode proibir o médico de trabalhar com cadáveres com o pretexto de que deve tratar dos vivos e não dos mortos. A análise necrosante se justifica inteiramente dentro de seus próprios limites. Quanto mais o homem compreende que é determinado (reificado), mais perto está de compreender também, e de realizar, a sua verdadeira liberdade.

Petchorin, com toda sua complexidade e contradições, em comparação com Stavroguin, aparece como um ser íntegro e ingênuo. Não provou da árvore do conhecimento. Nenhum herói da literatura russa, antes de Dostoievski, provara da árvore do bem e do mal. E por isso que, no âmbito da literatura romanesca, a poesia, ingênua e íntegra, o lirismo, a paisagem poética eram possíveis. Os heróis (antes de Dostoievski) ainda tinham acesso a parcelas de paraíso terrestre, do qual os heróis de Dostoievski foram expulsos de uma vez por todas.

Estreiteza dos horizontes históricos de nossa ciência literária. Encerram-se na época mais próxima. Incerteza (metodológica) mesmo na definição da categoria de época. Explica-se um fenômeno a partir de sua contemporaneidade e de seu passado imediato (dentro dos limites da “época”). No primeiríssimo plano, fica o já pronto e o acabado. Mesmo na Antigüidade, valoriza-se o pronto e o acabado, e não a germinação e a evolução. Não se estudam os germes pré-literários da literatura (na língua e no rito). Compreensão estrita (“especializante”) da especificidade. O possível e o necessário. É pouco provável que se possa invocar a *necessidade* nas ciências humanas. Nelas a ciência quase que só pode esperar descobrir as *possibilidades* e a realização de uma delas. Reprodutibilidade e irreprodutibilidade.

As opiniões de Vernadski sobre a lenta elaboração histórica das categorias fundamentais (não só nas ciências, mas também nas artes). A literatura, em sua etapa histórica, desembocou no já estabelecido: tudo estava pronto — as línguas, as formas fundamentais da visão e do pensamento. Ora, estas formas continuam a evoluir, se bem que lentamente (dentro dos limites de uma época, é quase impossível seguir-lhe as pegadas). O vínculo entre o estudo da literatura e o da cultura (cultura entendida não como uma soma de fenômenos, mas como um conjunto). É nisto que consiste a força de Veselovski (na semiótica). A literatura constitui uma parte inalienável do conjunto cultural e não pode ser estudada fora do contexto total da cultura. É impossível separá-la do resto da cultura e vinculá-la diretamente (por cima da cultura) a fatores sócio-econômicos e outros. Estes fatores influem na cultura em seu conjunto, e só através dela, e junto com ela, é que influem na literatura. A vida literária é parte integrante da vida cultural.

No mundo infinito da literatura, a ciência (e a consciência cultural) do século XIX isolou um mundo muito pequeno, que nós estreitamos ainda mais. O Oriente quase não está representado nele. O mundo da cultura e da literatura é, em sua essência, tão ilimitado como o universo. Não estamos falando de sua amplidão geográfica (nisto, é limitado), mas de suas profundidades de sentido que são tão insondáveis como as da matéria. Infinita diversidade da ideação, das imagens, das combinações figurativas do sentido, dos materiais e da idéia que fazemos deles, etc. Estreitamos terrivelmente tudo isso com nossa seleção e com a modernização do que foi selecionado. Empobrecemos o passado sem nos enriquecer. Estamos sufocando, prisioneiros de idéias tacanhas e uniformizadas.

As grandes artérias da evolução literária que prepararam o advento deste ou daquele escritor, desta ou daquela tendência, no correr dos vários séculos (e entre vários povos).

O que conhecemos é o escritor, sua visão do mundo e sua contemporaneidade. *Eugênio Oneguin* foi escrito ao longo de sete anos. Está certo. Contudo, o que o havia preparado e tornado possível foram os séculos (e talvez mesmo os milênios). Grandes fatos marcantes da realidade literária estão longe de ser avaliados em seu justo valor, dentre eles o gênero.

Problema do tom na literatura (o riso e as lágrimas). Problema da tipologia (a unidade orgânica dos motivos e das imagens). *Problema do realismo sentimental (diferentemente do romantismo sentimental; Veselovski).* Importância das lágrimas e do desgosto numa visão do mundo. O aspecto lacrimoso do mundo. A comiseração. Descoberta deste aspecto em Shakespeare (sua combinação de motivos). *Os espirituais. Sterne.* O culto da fraqueza, da impotência, da bondade, etc. — o animal, a criança, a mulher fraca, o imbecil e o idiota, a florzinha, tudo quanto é pequeno, e assim por diante. A visão do mundo naturalista: pragmatismo, utilitarismo, positivismo, compõem o cinzento da seriedade monocromática. Empobrecimento dos tons na literatura mundial. Nietzsche combatendo a comiseração. Culto da força e do triunfo. A comiseração rebaixa o homem, etc. A verdade não pode triunfar e vencer. Elementos de sentimentalismo em Romain Rolland. As lágrimas (do mesmo modo que o riso) como situação extrema (quando a ação prática é impossível). As lágrimas são antioficiais (o sentimento também). O otimismo oficial. A bravata. Os matizes burgueses do sentimentalismo. A fraqueza, a tolice, a trivialidade intelectuais (Emma Bovary e a compaixão que inspira — os animais). Degenerescência no maneirismo. O sentimentalismo nas formas líricas e nas partes líricas do romance. Elementos de sentimentalismo no melodrama. O idílio sentimental. Gogol e o sentimentalismo. Turgueniev. Grigorovitch. O cotidiano sentimental. Apologia sentimental da vida familiar. Sentimentalidade da romança. Compaixão, piedade, enternecimento. A nota falsa. O verdugo sentimental. Complexas associações entre o carnavalesco e o sentimentalismo (Sterne, Jean Paul e outros). Os aspectos da vida e do homem que só podem ser pensados e fundamentados sob uma luz sentimental. O sentimental não pode ser universal e cósmico. Estreita o mundo, deixa-o pequeno e isola-o. Patético do pequeno e do particular. Natureza confinada do sentimentalismo. Alphonse Daudet. O tema do “funcionário subalterno” na literatura russa. Recusa de abarcar a história em sua amplitude espácio-temporal. Retração ao micromundo das emoções singelas do homem. A viagem sem viagem (Sterne). Reação ao heroísmo neoclássico e ao racionalismo do Iluminismo. O culto dos sentimentos. Reação ao realismo crítico em seus grandes escopos. Rousseau e o wertherismo na literatura russa.

A tendência errônea que leva a resumir tudo a uma só consciência, apenas à dissolução nesta da consciência do outro (objeto do ato de compreensão). As vantagens do princípio de exotopia (espacial, temporal, nacional). Não se deve entender a compreensão em termos de identificação e de colocação de si mesmo no lugar ocupado pelo outro (perda do próprio lugar). *Isto é necessário apenas nos momentos periféricos da compreensão.* Não se deve entender a compreensão em termos de tradução de uma língua pertencente ao outro para a pessoal.

Compreender o texto como o compreendia o próprio autor. Mas a compreensão pode e deve ser superior à dele. Uma obra, poderosa e profunda, é, sob muitos aspectos, inconsciente e portadora de sentidos múltiplos. A compreensão faz com que a obra se complete com consciência e revela a multiplicidade de seus sentidos. A compreensão completa o texto: exerce-se de uma maneira ativa e criadora. Uma compreensão criadora prossegue o ato criador, aumenta as riquezas artísticas da humanidade. Co-criatividade do compreendente.

Compreensão e juízo de valor. Compreender sem julgar é impossível. As duas operações são inseparáveis: são simultâneas e constituem um ato total. A pessoa aproxima-se da obra com uma visão do mundo já formada, a partir de um dado ponto de vista. Esta situação em certa medida determina o juízo sobre a obra, mas nem por isso permanece inalterada: ela é submetida à ação da obra que sempre introduz algo novo. Somente nos casos de inércia dogmática é que nada de novo é revelado pela obra (o dogmático atém-se ao que já conhecia, não pode enriquecer-se). Compreender não deve excluir a possibilidade de uma modificação, ou até de uma renúncia, do ponto de vista pessoal. O ato de compreensão supõe um combate cujo móbil consiste numa modificação e num enriquecimento recíprocos.

O *encontro* com o que é grande, concebido como encontro com o que determina, obriga, envolve, é o momento supremo da compreensão.

Encontro e comunicação em K. Jaspers.

A concordância/discordância ativa (se não for predeterminada de modo dogmático) estimula e aprofunda a compreensão, dá à palavra alheia maior firmeza e autonomia, exclui uma dissolução e uma confusão mútuas. Separação clara entre duas consciências, contraposição e correlação delas.

Compreensão dos elementos reproduzíveis e do todo irreproduzível. Reconhecer e encontrar o novo, o desconhecido. Os dois aspectos (reconhecimento do reproduzível e descoberta do irreproduzível) devem fundir-se indissoluvelmente no ato vivo da compreensão: com efeito, a irreprodutibilidade de um todo se reflete também em cada um dos elementos reproduzíveis que participam do todo (cada elemento seu é, por assim dizer, reproduzivelmente irreproduzível). Quando se tende exclusivamente a reconhecer, quando se busca unicamente o conhecido (o que já ocorreu), impede-se a revelação do novo (daquilo que constitui o essencial, o conjunto irreproduzível). As modalidades de explicação e de interpretação se reduzem com muita freqüência à revelação do reproduzível, ao reconhecimento do já conhecido, ao passo que o novo, se porventura é entrevisto, sempre será apenas de uma forma abstrata e empobrecida que, claro, elimina totalmente a personalidade individual do criador (locutor). O reproduzível e o reconhecido se dissolvem e se assimilam completamente na consciência receptora, que só sabe ver e compreender na consciência do outro sua própria consciência e não se enriquece com nada. No outro, reconhece apenas a si mesma.

Por *palavra do outro* (enunciado, produção verbal) entendo qualquer palavra de qualquer outra pessoa, pronunciada ou escrita em minha língua (minha língua materna), ou em qualquer outra língua, ou seja: qualquer outra palavra que não seja a minha. Nesse sentido, todas as palavras (os enunciados, as produções verbais, assim como a literatura), com a exceção de minhas próprias palavras, são palavras do outro. Vivo no universo das palavras do outro. E toda a minha vida consiste em conduzir-me nesse universo, em reagir às palavras do outro (as reações podem variar infinitamente), a começar pela minha assimilação delas (durante o andamento do processo do domínio original da fala), para terminar pela assimilação das riquezas da cultura humana (verbal ou outra). A palavra do outro impõe ao homem a tarefa de compreender esta palavra (tarefa esta que não existe quando se trata da palavra própria, ou então existe numa acepção muito diferente). Essa redistribuição de tudo o que está expresso na palavra, e que dota cada ser humano do pequeno mundo constituído de suas palavras pessoais (percebidas como pessoais), representa o fato primário da consciência humana e da vida humana que, como tudo que é primário e evidente, até agora foi pouco estudado (pouco conscientizado), ou, pelo menos, não se conscientizou a enorme importância desse principio. Enorme importância desses fatos para a pessoa, para o *eu* do homem (em sua irreprodutibilidade). A complexa relação com a palavra do outro, em todas as esferas da cultura e da atividade, impregna toda a vida do homem. Apesar disso, a palavra encarada pelo ângulo dessa relação, e o *eu* do locutor, posto nesta mesma relação, nunca foram estudados.

As palavras se dividem, para cada um de nós, em palavras pessoais e palavras do outro, mas as fronteiras entre essas categorias podem ser flutuantes, sendo nas fronteiras que se trava o duro combate dialógico. Mas é um fato que se esquece, ao estudar a língua e as diferentes áreas da criação ideológica, pois existe a abstrata *posição do terceiro* que é identificada com a “posição objetiva” como tal, com o “conhecimento científico”. A posição do terceiro é inteiramente justificada quando o indivíduo pode pôr-se no lugar de outro indivíduo, quando os indivíduos são absolutamente intercambiáveis, o que é possível e justificado somente nos casos em que se busca uma solução para problemas que não requerem a pessoa em sua totalidade e irreprodutibilidade, ou seja, quando o homem se especializa, expressando apenas uma parte separada de seu todo, de sua pessoa, quando seu *eu* é substituído pela sua qualidade de “engenheiro”, de “físico”, etc.

Esta substituição do homem pelo homem, esta abstração do *eu* e do *tu*, é possível (embora seja provavelmente possível só até certo ponto) no campo do conhecimento científico abstrato, do pensamento abstrato. Na vida, concebida como objeto do pensamento (abstrato), existe o homem em geral, existe o terceiro, porém na vivência viva da vida só há: *eu, tu, ele.* É somente nessa vivência que se revelam realidades primárias tais como *minha palavra* e a *palavra do outro,* e, em geral, as realidades primárias que ainda não se prestam ao conhecimento (à abstração generalizante) e que por isso escapam à sua atenção.

O complexo acontecimento do encontro e da interação com a palavra do outro foi totalmente ignorado pelas ciências humanas relacionadas com ele (e em particular pela ciência da literatura). As ciências que versam sobre o espírito têm por objeto não um, mas dois “espíritos” (o analis*ante* e o analis*ado*, que não devem fundir-se num único espírito). Seu verdadeiro objeto é a inter-

O complexo acontecimento do encontro e da interação com a palavra do outro foi totalmente ignorado pelas ciências hu-

relação e a interação dos “espíritos”.

As tentativas de compreender a interação com a palavra do outro, mediante uma abordagem psicanalítica e o “inconsciente coletivo”. O que os psicólogos descobrem (sobretudo os psiquiatras) não é o que se teria conservado no inconsciente (ainda que coletivo), mas o que já sucedeu, que se fixou na memória das línguas, dos gêneros, dos ritos, e, através deles, penetrou na fala e nos sonhos (que são contados, conscientemente rememorados) do homem, ser humano dotado de uma determinada constituição física e que se encontra num determinado estado. Papel da psicologia e da chamada psicologia da cultura.

Numa primeira etapa, o problema consiste em compreender a obra como o próprio autor a compreendia, dentro dos limites da compreensão que lhe era própria. Cumprir essa tarefa é difícil e requer em geral a utilização de um material considerável.

Numa segunda etapa, o problema consiste em tirar partido da exotopia temporal e cultural: incluir a obra no nosso contexto (alheio ao autor).

A primeira etapa é a compreensão (aqui há dois problemas), a segunda etapa é o estudo cientifico (descrição cientifica, generalização, localização histórica).

Diferença entre as ciências humanas e as ciências naturais. Recusar a idéia de uma fronteira intransponível. O procedimento de contraposição (Dilthey, Rickert) foi desmentido pela evolução posterior das ciências humanas. A introdução de métodos matemáticos e outros é um processo irreversível, porém, simultaneamente, desenvolvem-se — e devem desenvolver-se —métodos específicos e, de uma maneira geral, a especificação (por exemplo, a abordagem axiológica). Distinção rigorosa entre a compreensão e o estudo científico.

A pseudociência baseada numa troca não vivida, ou seja, na ausência do dado primário do objeto autêntico. Graus de perfeição desse dado (de uma vivência autêntica na arte). Nos graus inferiores, a análise científica terá necessariamente um caráter superficial, até mesmo falso.

A palavra do outro deve transformar-se em palavra minha-alheia (ou alheia-minha). Distância (exotopia) e respeito. O objeto, durante o processo da comunicação dialógica que ele enseja se transforma em sujeito (em outro *eu).*

Sincronia da vivência da obra de arte e de seu estudo científico. Não se podem dissociar essas operações, que passam, contudo, por diferentes fases e graus que nem sempre são sincrônicos.

Chamo sentido ao que é *resposta* a uma pergunta. O que não responde a nenhuma pergunta carece de sentido.

É possível compreender não só a individualidade única e irreproduzível, mas também o princípio de uma causalidade individualizada.

O sentido assimilável a uma resposta. O sentido sempre responde a uma pergunta. O que não responde a nada parece-nos insensato, separa-se do diálogo. Sentido e significação. A significação é separada do diálogo, mas separada deliberadamente, suprimida convencionalmente do diálogo. Ela contém um potencial de sentido.

Universalismo do sentido, que abarca os mundos e os tempos.

O sentido é potencialmente infinito, mas só se atualiza no contato com outro sentido (o sentido do outro), mesmo que seja apenas no contato com uma pergunta no discurso interior do compreend*ente*. Ele deve sempre entrar em contato com outro sentido para revelar os novos momentos de sua infinidade (assim como a palavra revela suas significações somente num contexto). O sentido não se atualiza sozinho, procede de dois sentidos que se encontram e entram em contato. Não há um “sentido em si”. O sentido existe só para outro sentido, com o qual existe conjuntamente. O sentido não existe sozinho (solitário) Por isso não pode haver um sentido primeiro ou último, pois o sentido se situa sempre entre os sentidos, elo na cadeia do sentido que é a única suscetível, em seu todo, de ser uma realidade. Na vida histórica, essa cadeia cresce infinitamente; é por essa razão que cada um dos seus elos se renova sempre; a bem dizer, renasce outra vez.

387

Sistema impessoal das ciências (e do conhecimento em geral) e a totalidade orgânica da consciência (ou da individualidade).

Problema do locutor (do homem, do sujeito falante, do autor de enunciados, etc.). A lingüística só conhece o sistema da língua e do texto, enquanto cada enunciado, mesmo a fórmula estereotipada de cumprimento, possui uma forma determinada de autor (e de destinatário).

Notas sobre a antropologia filosófica.

Minha própria imagem de mim. Quais são as características da representação que se tem de si mesmo, do todo do seu *eu?* Em que consiste a diferença fundamental entre essa representação e a representação do *outro?* A imagem do *eu,* ou a idéia, a percepção, a sensação que se tem da existência desta imagem. Quais são seus componentes (como figuram nela, por exemplo, a representação de meu próprio corpo, de minha aparência, de meu passado, etc.)? O que entendo por *eu,* em minha fala, em minha vivência: “Eu vivo”, “Eu morrerei”, etc. (“Eu sou”, “Eu não serei mais”, “Eu não fui”)? O *eu-para-mim,* o *eu-para-o-outro, o-outro-para-mim.* O que em mim me é dado de modo imediato, e o que me é dado através do outro. O mínimo e o máximo — a autopercepção primitiva e a autoconsciência complexa. Mas o máximo apenas desenvolve o que já estava latente no mínimo. Evolução histórica da autoconsciência, que está vinculada à evolução dos meios de expressão pelo signo (principalmente a língua). A história da autobiografia (G. Misch). Componentes heterogêneos da minha imagem. O homem em frente do espelho. O *não-eu* em mim, ou seja, a existência em mim, a presença em mim do maior do que eu. Até que ponto é possível a união entre o *eu* e o *outro* numa imagem neutra do homem? Entre os sentimentos, os que só são possíveis para com o outro (o amor por exemplo) e os que só são possíveis para consigo mesmo (o amor-próprio, a abnegação, etc.). Minhas fronteiras temporais e espaciais não me são dadas, ao passo que o outro me é dado por inteiro nesse espaço. O universo espacial — eu penetro nele, ao passo que o outro sempre se encontra nele. A distinção entre o espaço e o tempo do meu *eu* e a espácio-temporalidade do *outro* está

388

registrada na sensação vivida, mas o pensamento abstrato a apaga. O pensamento cria um mundo comum a todos os homens, independentemente de uma relação com o *eu* e *o outro.* Na sensação primitiva e natural de *si,* o *eu* e *o outro* se confundem. Ainda não existe egoísmo nem altruísmo.

O *eu* se esconde no *outro,* nos *outros,* quer ser o outro para os outros, entrar até o fim no mundo dos outros como outro, rejeitar o fardo do *eu* único no mundo (o *eu-para-mim).*

A semiótica se ocupa principalmente de assegurar a comunicação de uma mensagem já concluída, mediante um código já concluído. Ora, no discurso vivo, a mensagem se cria pela primeira vez no processo de comunicação e, na realidade, não há código. Problema da mudança de código no discurso interior (Jidkin).

Diálogo e dialética. No diálogo, tiram-se-lhe as vozes (separação das vozes), a entonação (emotivo-personalizada), as palavras vivas e as réplicas, extraem-se dele noções abstratas e raciocínios. Põe-se tudo numa consciência abstrata e obtém-se a dialética.

Contexto e código. O contexto é, potencialmente, inacabável, o código deve ser acabado. O código não passa de um recurso técnico da informação, não tem valor operatório e criador na aquisição de conhecimentos. O código é o contexto deliberadamente estabelecido, necrosado.

Em busca de sua própria voz (da sua voz de autor). Encarnar-se, fazer-se mais determinado, menor, mais limitado, mais imbecil. Não ficar na tangente, mergulhar na vida, tornar-se um homem entre os outros. Rejeitar as restrições, rejeitar a ironia. Também Gogol, em busca da palavra séria, do terreno sério: convencer (instruir), e, por conseguinte, ficar por sua vez convencido. A ingenuidade de Gogol, sua extrema inexperiência no *sério;* é por isso que lhe parece ter de superar o riso. A salvação e a transfiguração do herói cômico. O direito à palavra séria. Não pode haver palavra separada do locutor, da situação deste e da sua relação com o ouvinte, separada da situação que os liga (palavra do chefe, do sacerdote, etc.). Palavra do homem em sua vida privada. O poeta. O prosador. O “escritor”. Simular o profeta, o chefe, o mestre, o juiz, o promotor (a acusação), o advogado (a defesa). O cidadão. O jornalista. Materialidade pura da palavra científica.

A busca de Dostoievski. O jornalista. O *Diário de um escritor.* A participação. Palavra do povo. Palavra do inocente-iluminado (Lebiadkin, Mychkin). Palavra do monge, do eremita profeta, do errante (Makar). Há o justo, o iniciado, o santo. “E o eremita em sua escura cela” (Puchkin). Dimitri, o czaréviche assassinado. Pequena lágrima do menino torturado. Há muito em Puchkin (ainda por descobrir). A palavra concebida como pessoal. Cristo concebido como a verdade. E a ele que interrogo. Compreensão profunda da natureza pessoal da palavra. O discurso de Dostoievski sobre Puchkin. Palavra de qualquer um dirigindo-se a qualquer outro. A redução da distância entre a língua escrita e a língua falada acentua o problema da palavra do autor. Uma argumentação puramente material e científica, na literatura, só pode ser paródica, num grau maior ou menor. Os gêneros literários na literatura da Rússia antiga (hagiografjas, sermões, etc.), e, de um modo mais geral, os gêneros literários da Idade Média. A verdade não proferida em Dostoievski (o beijo de Cristo). Problema do mutismo. A ironia como substituto de um tipo especial de mutismo. A palavra apartada da vida: a do idiota, do inocente-iluminado, do louco, da criança, do agonizante, e, em parte, a da mulher. O delírio, o sonho, a iluminação (a inspiração), a inconsciência, o alogismo, o involuntário, a epilepsia, etc.

O problema da imagem do autor. O autor *primário* (não criado) e o autor *secundário* (a imagem do autor criada pelo autor primário). O autor primário é: *natura non creata quae creat.* O autor secundário *é: natura creata quae creat.* A imagem do herói é: *natura creata quae non creat.* O autor primário não pode ser uma imagem: escapa a qualquer representação figurativa. Quando tentamos imaginar figurativamente o autor primário, somos nós mesmos que construímos sua imagem, *ou seja, tornamo-nos autores primários dessa imagem.* Aquele que cria a imagem (o autor primário) não pode entrar na imagem criada por ele mesmo. A palavra do autor primário não pode ser uma palavra *própria* dele, pois esta palavra exige ser esclarecida por algo superior, impessoal (por uma argumentação científica, uma experimentação, dados objetivos, a inspiração, a iluminação, o poder, etc.). O autor primário, quando se manifesta por *sua palavra direta,* não pode simplesmente ser escritor: em seu próprio nome, o escritor não pode dizer nada (o escritor se transforma em publicista, moralista, cientista, etc.). E por isso que o autor primário fica *mudo,* o que pode ocorrer em diferentes formas de expressão: redução ao riso (ironia), à parábola, etc.

O problema do escritor e da sua postura de escritor primário foi colocado com muitíssima acuidade no século XVIII (em relação ao declínio das instâncias autoritárias e das formas autoritárias, e também à rejeição das formas autoritárias da linguagem).

A forma da narração simples, impessoal, feita numa língua escrita, embora próxima da língua falada. Este tipo de narração não mantém o herói nem o leitor médio a distância. A paráfrase do romance na carta ao editor; a paráfrase do desígnio. Não se trata de uma máscara, mas da personagem comum encarnando o homem comum (a personagem do autor primário não pode ser o homem comum). E a própria existência que fala pela boca do escritor (Heidegger).

Na pintura, o artista às vezes representa a si mesmo (normalmente num canto do quadro). Auto-retrato. O artista representa a si mesmo, na qualidade de personagem comum e não na qualidade de artista, autor do quadro.

A busca da palavra pessoal é, na verdade, uma busca da palavra não pessoal, da palavra maior que a própria pessoa; é um desejo de fugir das suas próprias palavras, mediante as quais não se pode dizer nada substancial. Eu mesmo só posso ser personagem e não autor primário. Na maioria dos casos, o autor que busca a palavra pessoal é o autor que busca um gênero e um estilo, que busca uma postura de autor. Este é o principal problema que se apresenta à literatura contemporânea e que leva o autor a agastar-se com o gênero romanesco e a substituí-lo pela montagem de documentos, a dar preferência à descrição das coisas: desemboca-se no letrismo, e, em certa medida, na literatura do absurdo. Pode-se definir o conjunto desses fenômenos como uma variedade das formas do mutismo. O romance polifônico era o término de uma busca dessa ordem em Dostoievski, que não soube encontrar a palavra do romance monológico. Observa-se um procedimento paralelo em Tolstoi que culminou na narrativa popular (primitivismo), na inserção de citações do Evangelho (nas partes conclusivas). Há outro procedimento que consiste em obrigar o mundo a tomar a palavra para pôr-se a escutar as palavras do próprio mundo (Heidegger).

Dostoievski e o sentimentalismo. Tentativa de uma análise tipológica.

Polifonia e retórica. O jornalismo, com seus gêneros, concebido como retórica contemporânea. A palavra da retórica e a palavra do romance. Força persuasiva da arte e força persuasiva da retórica.

A discussão retórica e o diálogo acerca das grandes questões (sobre o todo, no todo). Vencer ou compreender-se mutuamente. Minha palavra e a palavra do outro. Caráter *primário* dessa oposição. O ponto de vista (a posição) do terceiro. Finalidades limitadas da palavra retórica. O discurso retórico argumenta a partir do ponto de vista de um terceiro: os estratos profundos da pessoa não participam dele. Na Antigüidade, as fronteiras entre a retórica e a literatura seguiam outro traçado e não eram tão definidas, pois ainda não havia a individualidade profunda da pessoa, no sentido moderno. A individualidade se origina no limite com a Idade Média *(Meditações,* de Marco Aurélio, Epicteto, Santo Agostinho e os *soliloquia,* etc.). E então que se inicia a demarcação entre a palavra pessoal e a palavra do outro.

Na retórica, há o direito incontestável e o erro incontestável, há a vitória total e o aniquilamento do adversário. No diálogo, o aniquilamento do adversário aniquila também a esfera dialógica que assegura a vida da palavra. A Antigüidade clássica ainda não conhecia essa esfera superior. Esta esfera é muito frágil, fácil de aniquilar (uma ínfima violência, uma referência a alguma autoridade, e acabou-se). Razumikhin falando da mentira como via de acesso à verdade. Oposição entre a verdade e Cristo em Dostoievski. Trata-se de uma verdade objetiva, impessoal, ou seja, da verdade do ponto de vista do terceiro. O juízo do terceiro é o juízo retórico. A atitude de Dostoievski para com os jurados. Imparcialidade e parcialidade *superior.* Refinamento extraordinário de todas as categorias pessoais. Estas se situam numa esfera mediana, entre o ético e o estético.

O "terreno" em Dostoievski concebido como algo intermediário (médio) entre o impessoal e o pessoal. Chatov como representante desse tipo. O desejo de encarnação. A maioria dos artigos do *Diário de um escritor* estão imersos nessa esfera mediana, entre a retórica e a esfera personalizada (a esfera de Chatov, do "terreno", etc.). Esta esfera mediana em *Bobok*. A incompreensão das esferas que dizem respeito ao direito, ao Estado, à economia, aos negócios, e da esfera de objetividade científica (uma herança do romantismo), e também das esferas cujos representantes eram os liberais (Kavelin e outros). A utopia que fazia acreditar ser possível instaurar o paraíso na terra com meios puramente internos. A sobriedade. Os esforços para libertar-se da embriaguez do êxtase (epilepsia). *Os beberrões* (sentimentalismo), Marmeladov e Fiodor Karamazov.

Dostoievski e Dickens. Semelhança e diferença (os *Contos de Natal* e *Bobok* ou ainda o *Sonho de um homem ridículo); Pobre gente, Humilhados e ofendidos, Os beberrões:* o sentimentalismo.

A negação (a incompreensão) dessa esfera de necessidade através da qual deve passar a liberdade (tanto no plano histórico como no plano individual e pessoal), dessa esfera mediana que se estende entre o grande inquisidor (com seu sentido do Estado, sua retórica, seu poder) e Cristo (com seu mutismo e seu beijo).

Raskolnikov queria tornar-se algo como o grande inquisidor (assumir os pecados e o sofrimento).

Particularidade da polifonia. O caráter inacabável do diálogo polifônico (diálogo acerca das grandes questões). São individualidades inacabáveis que travam semelhantes diálogos e não sujeitos psicológicos. Desencarnação dessas individualidades (excedente gratuito).

Todos os grandes escritores participam de tal diálogo; participam com sua obra como uma das partes deste diálogo; eles mesmos não criam romances polifônicos. Suas réplicas neste diálogo têm uma forma monológica, cada um deles tem um mundo próprio, os outros participantes do diálogo, com seus mundos pessoais, ficam fora da obra. Cada qual se mostra com seu mundo pessoal e com sua palavra pessoal, direta. Mas o prosador, e em particular o romancista, esbarra no problema da palavra pessoal. Esta palavra não pode ser simplesmente sua própria palavra (vinda do *eu*). Palavra do poeta, do profeta, do chefe, do cientista, e palavra do "escritor". A palavra tem de ser fundamentada. A obrigação de ser o representante de alguém. O cientista dispõe de suas teorias, de sua experiência, de suas experimentações. O poeta se apóia na inspiração e numa linguagem *poética* particular. O prosador não dispõe de tal linguagem poética.

Apenas o grande polifonista que foi Dostoievski soube captar na confusão das lutas de opiniões e de ideologias (das diversas épocas) a natureza inacabada do diálogo sobre as grandes questões (na escala da grande temporalidade). Os outros ocupam-se de questões que podem ser solucionadas, dentro dos limites da época.

O jornalista é acima de tudo um contemporâneo. É realmente obrigado a sê-lo. Vive na esfera das questões que podem ser resolvidas na contemporaneidade (ou, pelo menos, num tempo próximo). Participa de um diálogo que pode ser concluído, de um diálogo que pode passar à ação, pode converter-se em força empírica. E justamente a esfera onde a "palavra pessoal" é possível. Fora dessa esfera, a "palavra pessoal" não é pessoal (a pessoa é sempre superior a si mesma); a "palavra pessoal" não pode ser a última palavra.

A palavra retórica é a palavra do próprio homem de ação ou então a palavra voltada para o homem de ação.

A palavra do jornalista, se introduzida no romance polifônico, fica humilde ante o diálogo infinito e inacabável.

Quando se penetra no campo do jornalismo de Dostoievski, observa-se um brusco estreitamento do horizonte, mesmo quando os problemas sociais e políticos vêm substituir os problemas da vida pessoal dos heróis. Estes viviam e agiam (e pensavam) perante o mundo inteiro (perante a terra e o céu). As grandes questões que se originavam em sua pequena vida pessoal e cotidiana abriam-na muito, e também faziam com que seus heróis participassem da “vida divinamente universal”.

Tal representatividade de toda a humanidade, do mundo inteiro pelo herói, se assemelha à tragédia antiga (e a Shakespeare), mas ao mesmo tempo se distingue profundamente dela.

Na discussão retórica, o objetivo é triunfar sobre o adversário e não se aproximar da verdade. É a forma inferior da retórica. Em suas formas superiores, busca-se resolver um problema que pode receber uma solução histórica temporal, e não resolver os grandes problemas (nos quais a retórica é impraticável).

Metalingüística e filosofia da palavra. O ensino antigo acerca do logos. São João. Língua, discurso, comunicação verbal, enunciado. Especificidade da comunicação verbal.

O homem falante. Em que qualidade e como (isto é, em que situação) se manifesta o homem falante? Diversas formas assumidas pelo autor do discurso, desde o simples enunciado corrente até os grandes gêneros literários. Costumam-se invocar as máscaras do autor. Mas pode-se imaginar um enunciado produzido por uma personagem, sem que haja máscara, sem que haja autor? A forma que o autor reveste depende do gênero do enunciado. O gênero, por sua vez, é determinado pelo objeto, pela finalidade e posição do enunciado. As formas do autor e a posição hierárquica (situação) do locutor (chefe, czar, juiz, guerreiro, sacerdote, mestre, homem em sua vida privada, pai, filho, marido, mulher, irmão, etc.); a correlativa posição hierárquica do destinatário do enunciado (subalterno, acusado, aluno, filho, etc.). Quem fala e a quem se fala. Eis o que determina o gênero, o tom e o estilo do enunciado: a palavra do chefe, a palavra do juiz, a palavra do mestre, a palavra do pai, etc. Eis o que determina a forma do autor. Uma única e mesma pessoa real pode manifestar-se em diversas formas de autor. Em que formas e como se revela a personagem do locutor?

Os tempos modernos viram desenvolver-se uma grande variedade de formas profissionais de autor. A forma de autor de um escritor se profissionalizou e se subdividiu numa variedade de gêneros (o romancista, o poeta lírico, o dramaturgo, o poeta épico, etc.). A forma de autor pode ser usurpada e convencional. O romancista, por exemplo, pode adotar o tom do

profeta, do sacerdote, do juiz, do mestre, do pregador, etc. Complexo processo de elaboração das formas extra-hierárquicas nos gêneros. A forma de autor e, sobretudo, o tom dessa forma, são essencialmente tradicionais e remontam à alta Antigüidade. Renovam-se em novas situações. Não se os inventa (assim como não se inventa uma língua).

Infinita variedade dos gêneros do discurso e das formas de autor na comunicação verbal cotidiana (comunicamos fatos que achamos interessantes ou que são íntimos, pedimos e reclamamos todas espécies de coisas, fazemos declarações de amor, discutimos e brigamos, trocamos amabilidades, etc.). Estes gêneros se diferenciam de acordo com as esferas hierárquicas: a esfera da familiaridade, a esfera oficial, e suas variantes.

Existirão gêneros de pura auto-expressão (sem uma forma de autor tradicional)? Existirão gêneros sem destinatário?

Gogol. O mundo sem nomes, onde só há apelidos e alcunhas. O nome das coisas é também um apelido. Não da coisa à palavra, mas da palavra à coisa, a palavra dá origem à coisa. Fundamentar indiferentemente o aniquilamento e o nascimento. Elogio e insulto — passagem de um para o outro. Entre o cotidiano e o fantástico, uma fronteira que se apaga:

Poprichtchin é rei da Espanha, Akaki Akakiévitch é o fantasma que rouba um capote. Categoria do inepto. “Do engraçado ao grandioso...” A festividade dá a medida da trivialidade e do rotineiro do cotidiano. O estilo hiperbólico. A hipérbole é sempre festiva (inclusive a hipérbole injuriosa).

Recorrer à prosa é recorrer à linguagem da familiaridade, à linguagem da rua. Narejny. Gogol. O medo e o riso. A festividade perpassa inteiramente *O inspetor*. Festividade que acompanha a chegada e as visitas de Tchitchikov. Os bailes, os jantares (transparecem as máscaras). A volta às origens da vida verbal (elogio-injúria) e da vida material (comida, bebida, corpo e vida corporal dos órgãos — assoar-se, bocejar, dormir, etc.). A esse respeito, a tróica com seus guizos.

Distanciamento entre o modo de vida real e o rito simbólico. Artifício desse distanciamento. Oposição falsa. Afirmarão: naquela época todos circulavam em tróica com guizos, fazia parte do cotidiano. O que não impede que, no cotidiano real, a cadência carnavalesca permaneça uma cadência, ao passo que na literatura ela pode tornar-se tom fundamental. O cotidiano puro é uma ficção, uma invenção de intelectuais. O cotidiano do homem sempre possui uma forma, e esta forma é sempre ritualizada (pelo menos “esteticamente”). E justamente nessa ritualização que a imagem artística pode apoiar-se. A memória e o consciente no ritual do cotidiano e na imagem.

Reflexo das relações inter-humanas e de sua hierarquia social no discurso. Inter-relação das unidades do discurso. Percepção aguda do que é *pessoal* e do que é do *outro* na vida verbal: Papel sumamente importante do tom. O mundo da injúria e o mundo do elogio (e seus derivados: lisonja, adulação, hipocrisia, humilhação, alusões, indiretas, etc.). O mundo quase imaterial no qual se refrata a inter-relação dos locutores (grau, hierarquia, etc.). É o aspecto menos estudado da vida verbal. Já não é o mundo dos tropos, mas q mundo dos tons pessoais e dos matizes que se exerce, porém não a respeito das coisas (fenômenos, idéias), e sim a respeito do mundo dos outros, do mundo da pessoa. O tom não é determinado pelo material do conteúdo do enunciado ou pela vivência do locutor, mas pela atitude do locutor para com a pessoa do interlocutor (a atitude para com sua posição social, para com sua importância, etc.).

Apagamento das fronteiras entre o que dá medo e o que faz rir nas imagens da cultura popular (e, até certo ponto, em Gogol). Entre o trivial e o terrível, o comum e o maravilhoso, o pequeno e o grandioso.

A cultura popular e as condições de uma nova época (gogoliana). Os elos intermediários. A justiça. A dialética. Gogol busca uma justificação (um “objetivo”, uma “utilidade”, um “direito”) para o quadro risível que o mundo apresenta. A “carreira”, o “serviço”, a “vocação”, etc. A verdade, em certa medida, sempre emite um julgamento. Mas o julgamento da verdade não se assemelha ao julgamento costumeiro.

Uma negação pura não poderia gerar a imagem, sempre há um momento positivo (amor-admiração). Block falando da sátira. Stanislavski falando da beleza do jogo-representação que o ator realiza de uma imagem negativa. E inaceitável uma separação mecânica: a fealdade e a personagem negativa, a beleza e o ator que a representa. *O universalismo do mundo do riso em Gogol.*

O que garante a unidade da projetada coletânea de meus artigos é a unidade de tema, tal como ele aparece nas diversas etapas de seu desenvolvimento.

A unidade de uma idéia em processo de formação e desenvolvimento acarreta certo inacabamento interno de meu pensamento. Não gostaria entretanto de converter um defeito em virtude. Em meus trabalhos, há muito inacabamento externo, um inacabamento que se deve menos ao próprio pensamento do que ao modo de expressão e de exposição. Às vezes é difícil separar estes dois aspectos. Não se pode resumir isso a uma orientação (ao estruturalismo). Meu fraco pela variação e pela variedade terminológica que abrange um único e mesmo fenômeno. As variedades das sínteses. Aproximações remotas sem indicações dos elos intermediários.

Observações sobre a epistemologia das ciências humanas

– Titulo da edição original: *A propósito da metodologia das ciências humanas.*

– Texto de 1974. Último escrito do autor, inspirado nas notas de trabalho de um estudo que era dedicado (em 1940) aos "fundamentos filosóficos das ciências humanas

A compreensão. Articulação da compreensão em atos distintos. Na compreensão efetiva, real e concreta, esses atos se fundem indissoluvelmente num único e mesmo processo de compreensão; no entanto, cada ato distinto tem uma autonomia ideal de sentido (de conteúdo) e pode ser isolado do ato empírico concreto. 1) A percepção psicofisiológica do signo físico (palavra, cor, forma espacial). 2) O *reconhecimento* do signo (como algo conhecido ou desconhecido); a compreensão de sua *significação* reproduzível (geral) na língua. 3) A compreensão de sua *significação* em dado contexto (contíguo ou distante). 4) A compreensão dialógica ativa (concordância-discordância); a inserção num contexto dialógico; o juízo de valor, seu grau de profundidade e de universalidade.

A passagem da imagem para o símbolo revela-lhe a *profundidade* e a perspectiva de sentido. Relação dialética entre identidade e não-identidade. A imagem deve ser compreendida pelo que ela é e pelo que significa. O conteúdo do símbolo autêntico aparece através do encadeamento mediador de um sentido que foi correlacionado com a idéia da totalidade universal (do conjunto universal cósmico e humano). O mundo tem um sentido — "a imagem do mundo manifestada na palavra" (Pasternak). Todo fenômeno particular está imerso no caos dos *princivios primários da existência.* Diferentemente do mito, aqui fica-se consciente de sua própria não-coincidência com o sentido.

No símbolo, há "o calor do mistério em fusão" (Averintsev). Momento da oposição entre o que é *pessoal* e o que é *do*

outro. Calor do amor e frio da singularidade. Oposição e confrontação. Uma interpretação do símbolo continua sendo ela mesma símbolo, apenas um pouco racionalizada, ou seja, um pouco mais próxima do conceito.

Definição do *sentido* em toda a profundidade e a complexidade de sua essência. O ato de compreensão concebido como descoberta do que existe, mediante o ato da visão (contemplação), e como adjunção, mediante a elaboração criadora a que o submetemos. Presunção do contexto posterior em sua extensibilidade, cotejo com o todo acabado e cotejo com o contexto inacabado. O sentido assim entendido (no contexto inacabado) não é pacífico nem cômodo (não se pode tranqüilizar-se nem morrer nele).

Significação e sentido. *Preenchimento* da rememoração e *presunção* do possível (a compreensão em contextos distantes). Na rememoração, levamos em conta os acontecimentos que se sucederam (dentro dos limites do passado), ou seja, percebemos e compreendemos o que é rememorado no contexto de um passado inacabado. Em que forma o todo está presente na consciência? (Platão e Husserl.)

Até que ponto é possível descobrir e comentar o *sentido* (da imagem ou do símbolo) unicamente mediante outro sentido isomorfo (símbolo ou imagem)? O sentido não é solúvel no conceito. Papel do comentário. Teremos quer uma racionalização *relativa* do sentido (a análise científica habitual), quer um aprofundamento do sentido, com a ajuda dos outros sentidos (a interpretação filosófico-artística). O aprofundamento mediante ampliação das distâncias contextuais.

Uma explicação das estruturas simbólicas tem de entranhar-se na infinidade dos sentidos simbólicos; por isso não pode tornar-se urna ciência na acepção desta palavra quando se trata das ciências exatas.

Uma interpretação dos sentidos não pode ser de ordem científica, mas mesmo assim conserva seu valor profundamente cognitivo. Pode servir diretamente à prática que concerne às coisas.

“Cumpre reconhecer que a simbologia não é uma forma *não-científica* do conhecimento, mas uma forma *científica-diferente* do conhecimento, dotada de suas próprias leis internas e de seus critérios de exatidão” (Averintsev).

O autor de uma obra está presente somente no *todo* da obra. Não será encontrado em nenhum elemento separado do todo, e menos ainda no *conteúdo* da obra, se este estiver isolado do todo. O autor se encontra no momento inseparável em que o conteúdo e a forma se fundem, e percebemo-lhe a presença acima de tudo *na forma.* A crítica costuma procurar o autor no conteúdo separado do todo; conteúdo que é associado naturalmente ao autor, homem de um tempo definido, de uma biografia definida e de uma visão do mundo definida (a imagem do autor fica confundida com a imagem do homem real).

O autor, em pessoa, não pode tornar-se uma imagem, pois é o criador das imagens e do sistema de imagens da obra. É por esta razão que a chamada imagem do autor não pode ser uma das imagens da obra (uma imagem muito especial, é verdade). Não é raro que o pintor se represente no quadro (num canto deste), mas ele também faz seu auto-retrato. Ora, no auto-retrato, não *vemos* o autor como tal (não se pode vê-lo), assim como não o vemos noutra obra do autor. E nos melhores quadros do artista que a imagem do autor melhor se revela. O autor-criador não pode ser criado na esfera em que ele próprio é criador. Trata-se da *natura naturans,* e não da *natura naturata.* Vemos o criador apenas em sua criação, jamais fora desta criação.

As ciências exatas são uma forma monológica de conhecimento: o intelecto contempla uma coisa e pronuncia-se sobre ela. Há um único sujeito: aquele que pratica o ato de cognição (de contemplação) e fala (pronuncia-se). Diante dele, há a *coisa muda.* Qualquer objeto do conhecimento (incluindo o homem) pode ser percebido e conhecido a título de coisa. Mas o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado a título de coisa porque, como sujeito, não pode, permanecendo sujeito, ficar mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser *dialógico.* Dilthey e o problema da compreensão. Os múltiplos aspectos da *eficácia* na atividade cognitiva. A atividade eficaz do sujeito na cognição da coisa muda e na cognição de outro sujeito, ou seja, a atividade *dialógica* do *cognoscente.* A atividade dialógica (e seus graus) do sujeito submetido ao ato de cognição. A coisa e a pessoa (o sujeito) como

limites do conhecimento. Graus de reificação e de personalização. Caráter de acontecimento da cognição dialógica. O encontro. O juízo de valor como elemento necessário da cognição dialógica.

Ciências humanas — ciências que tratam do espírito — e ciências das letras (a *palavra* que é ao mesmo tempo parte constitutiva delas e objeto comum de estudo).

Historicidade. Caráter imanente. A análise (a compreensão e a cognição) fechando-se num dado *texto.* Problema das fronteiras do texto e do contexto. Toda palavra (todo signo) de um texto conduz para fora dos limites desse texto. A compreensão é o cotejo de um texto com os outros textos. O comentário. Dialogicidade deste cotejo.

Lugar da filosofia. Ela começa onde acaba a exatidão da cientificidade e onde começa uma cientificidade diferente. Pode-se defini-la como metalinguagem de todas as ciências (e de todos os modos de cognição e de consciência).

Compreender é cotejar com outros textos e pensar num contexto novo (no meu contexto, no contexto contemporâneo, no contexto futuro). Contextos presumidos do futuro: a sensação de que estou dando um novo passo (de que me movimentei). Etapas da progressão dialógica da *compreensão;* o ponto de partida — o texto dado, para trás — os contextos passados, para frente — a presunção (e o início) do contexto futuro.

A dialética nasceu do diálogo para retornar ao diálogo num nível superior (ao diálogo das *pessoas).*

Monologismo hegeliano na *Fenomenologia do espírito.*

Monologismo de Dilthey, não sustentado até o fim.

O pensamento sobre o mundo e o pensamento no mundo. O pensamento que tende a abarcar o mundo, e o pensamento que se sente no mundo (parte deste mundo). O acontecimento no mundo, do qual participamos. O mundo como acontecimento (e não como algo que existe já concluído).

O texto só vive em contato com outro texto (contexto). Somente em seu ponto de contato é que surge a luz que aclara para trás e para frente, fazendo que o texto participe de um diálogo. Salientamos que se trata do contato dialógico entre os textos (entre os enunciados), e não do contato mecânico “opositivo”, possível apenas dentro das fronteiras de um texto (e não entre texto e contextos), entre os elementos abstratos desse texto (entre os *signos* dentro do texto), e que é indispensável somente para uma primeira etapa da compreensão (compreensão da significação e não do sentido). Por trás desse contato, há o contato de pessoas e não de coisas. Assim que convertermos o diálogo num texto compacto, ou seja, assim que apagarmos a distinção das vozes (a alternância dos sujeitos falantes) — o que é em princípio possível (a dialética monológica de Hegel) - o sentido profundo (infinito) desaparecerá (teremos batido no fundo, ficaremos em ponto morto).

A reificação completa, extrema, levaria inevitavelmente ao desaparecimento do que não tem fim nem fundo no sentido (de qualquer sentido).

O pensamento que, como o peixe dentro do aquário, toca o fundo e as paredes, e não pode ir mais longe nem mais fundo. O pensamento dogmático.

O pensamento só conhece os pontos convencionais; o pensamento dessubstancia todos os pontos colocados com anterioridade.

Aclaramento do texto não pelos outros textos (contextos), mas pela realidade das coisas extratextuais. E isso que costuma ocorrer na explicação que opera com uma base sociológica vulgarizada, com uma base biográfica, ou com uma base causal (calcada nas ciências naturais), e também a baseada num historicismo despersonalizado (a história anônima). A compreensão verdadeira nos campos da literatura é sempre histórica e personalizada. Lugar e fronteiras da realidade. *As coisas são prenhes da palavra.*

Unidade do monólogo e unidade particular do diálogo.

A epopéia pura e o lirismo puro não conhecem o discurso restritivo. Este só aparece no romance.

Influência da realidade extratextual sobre a formação da visão artística e sobre o pensamento artístico do escritor (e do artista em geral no campo da cultura).

As influências extratextuais têm uma importância especial nas primeiras fases da evolução do homem. Essas influências se envolvem na palavra (ou noutros signos), e tal palavra é a dos outros, e, acima de tudo, a da mãe. Depois disso, a “palavra do outro” se transforma, dialogicamente, para tornar-se “palavra pessoal-alheia” com a ajuda de outras “palavras do outro”, e depois, palavra pessoal (com, poder-se-ia dizer, a perda das aspas). A palavra já tem, então, um caráter criativo. Papel do encontro, da visão, da "iluminação", da "revelação", etc. Reflexo desse processo no romance de educação e de formação, na autobiografia, no diário, na confissão, etc. Entre outros: André Remizov, *Os olhos tosquiados. Livre dos nós e dos meandros da memória.* Papel desempenhado aí pelo desenho como signos que servem à expressão pessoal. A esse respeito, o interesse de Klim Sanguin (o homem concebido como sistema de frases). O "não-dito", seu caráter especial e seu papel. As primeiras fases da consciência verbal. O "inconsciente" que se torna fator de criação somente no limiar do consciente e da palavra (consciência constituída meio a meio pela palavra e pelo signo). De que modo minha consciência recebe as impressões da natureza. Estas são prenhes da palavra, da palavra potencial. O "não-dito" concebido como *limite flutuante,* como "idéia reguladora" (no sentido kantiano) da consciência criadora.

O processo de esquecimento paulatino dos autores, depositários da palavra do outro. A palavra do outro torna-se anônima, familiar (numa forma reestruturada, claro); a consciência se *monologiza.* Esquece-se completamente a relação dialógica original com a palavra do outro: esta relação parece incorporar-se, assimilar-se à palavra do outro tornada familiar (tendo passado pela fase da palavra "pessoal-alheia"). A consciência criadora, durante a monologização, completa-se com palavras anônimas. Este processo de monologização é muito importante. Depois, a consciência monologizada, na sua qualidade de *todo* único e singular, insere-se num novo diálogo (daí em diante, com novas vozes do outro, externas). Com freqüência, a consciência criadora monologizada unifica e personaliza as palavras do outro, tornadas vozes do outro anônimas, na forma de símbolos especiais: "voz da própria vida", "voz da natureza", "voz do povo", "voz de Deus", etc. Papel da palavra com autoridade cujo portador, via de regra, não se perde, e que não fica anônima.

A tendência em reificar os contextos anônimos transverbais (em rodear-se de uma vida não verbal). Sou o único a mostrar-me como pessoa que cria, fala, e tudo o mais é apenas estado das coisas que têm a função de *causas,* que suscitam e determinam minha fala. Não converso com essas coisas,

407

reajo mecanicamente, como a coisa reage a um estímulo externo.

Os fenômenos verbais tais como a ordem, a injunção, a prédica, a proibição, a promessa (a jura), a ameaça, o elogio, a invectiva, a injúria, a maldição, a bênção, etc., constituem uma parte importante da realidade extracontextual. Todos esses fenômenos implicam uma *entonação* muito marcada, que pode enxertar-se (transferir-se) em palavras e expressões que não significam a ordem, a ameaça, etc.

O que conta é o *tom,* separado dos elementos fônicos e semânticos da palavra (e de outros signos). Estes determinam a complexa *tonalidade* de nossa consciência, que serve de contexto emocional dos valores para o ato de compreensão (de uma compreensão total do sentido) do texto que estamos lendo (ou ouvindo) e também, numa forma mais complexa, para o ato de criação (de geração) do texto.

Trata-se de fazer de tal modo que as *coisas,* que atuam mecanicamente sobre a pessoa, comecem a falar, em outras palavras, trata-se de descobrir, nesse meio das coisas, a palavra e o tom potencial, de transformá-lo num contexto de *sentido* para a pessoa — ente pensante, falante e atuante (e criador). É o que sucede com qualquer forma séria e profunda de autobiografia, de introspecção-confissão, de discurso lírico, etc. Entre os escritores, quem conseguiu a maior profundidade nessa transmutação de coisa em sentido foi Dostoievski, ao desvelar os atos e os pensamentos de seus heróis principais. A coisa, que continua sendo coisa, influi somente sobre as coisas. Para influir sobre a pessoa, ela deve revelar *seu potencial de sentido,* tornar-se palavra, ou seja, participar de um contexto virtual do sentido verbal.

Na análise das tragédias de Shakespeare percebemos que toda a realidade que influi sobre seus heróis é sistematicamente transmutada em contexto de sentido para os atos, os pensamentos e as emoções dos heróis: podem ser palavras (palavras das feiticeiras, as palavras do fantasma, etc.) ou então acontecimentos e circunstâncias traduzidos na linguagem da palavra potencial que os pensa.

Cumpre salientar que não se trata de uma redução pura e simples a um denominador comum: a coisa continua a ser coisa e a palavra continua a ser palavra, ambas preservam sua essência e apenas se completam com sentido.

408

Não se deve esquecer que a coisa e a pessoa são apenas *extremos*, e não substâncias absolutas. O sentido não pode (nem quer) modificar os fenômenos físicos, materiais; o sentido não pode operar como força material. E, aliás, nem precisa: ele é mais forte do que qualquer força, modifica o sentido global do acontecimento e da realidade, sem modificar o mais ínfimo de seus componentes reais (existenciais). Tudo continua a ser como era, adquirindo um sentido absolutamente diferente (transfiguração do sentido na existência). A palavra de um texto se transfigura num contexto novo.

Inclusão do ouvinte (do leitor, do contemplador) no sistema (na estrutura) da obra. O autor (depositário da palavra) e o *sujeito compreendente*. O autor, ao criar uma obra, não a destina aos especialistas de literatura e não pressupõe uma *compreensão* científica dela, não almeja a criação de uma equipe de pesquisadores. Não convida os teóricos literários ao seu festim.

A pesquisa literária contemporânea (essencialmente o estruturalismo) costuma definir o ouvinte imanente à obra como ouvinte ideal, *onicompreensivo* — o próprio tipo de ouvinte postulado na obra. Está claro que não se trata de um ouvinte empírico, de uma entidade psicológica, é a imagem do ouvinte na alma do autor. Esta é uma construção do espírito, abstrata. Opõe-se-lhe um autor identicamente abstrato, ideal. Assim entendido, o ouvinte ideal será o reflexo do autor num espelho, um reflexo que será sua duplicação; não se poderia introduzir nada de pessoal, nada de novo na obra compreendida de uma maneira ideal, nem no desígnio, idealmente completado, do autor; ele se situa no mesmo espaço-tempo que o próprio autor, mais exatamente, ele está, a exemplo do autor, fora do tempo e do espaço (é o caso de qualquer construção do espírito, abstrata); por isso, ele não pode ser *o outro* (outrem) para o autor, não pode possuir o *excedente* inerente à sua *alteridade*. Entre o autor e tal ouvinte, não se estabelece nenhuma interação, nenhuma relação ativa, dramática, pois já não são vozes, mas noções abstratas intra- e inter-iguais. É quando ocorrem abstrações tautológicas, matematizadas ou mecanizadas. Quando ocorre a despersonalização.

409

O conteúdo concebido como algo *novo*, a forma concebida como conteúdo antigo (conhecido), estratificado, estereotipado. A forma serve de ponte necessária para um conteúdo novo, ainda desconhecido. A forma há pouco tempo era uma visão do mundo estabilizada, conhecida e comumente admitida. Nas épocas pré-capitalistas, a transição entre a forma e o conteúdo era menos abrupta, mais harmoniosa; a forma ainda era um conteúdo não estratificado, não fixado, não trivializado; relacionava-se com as aquisições de uma criação coletiva em comum (tal como a mitologia). A forma era uma espécie de conteúdo implícito; o conteúdo da obra, por exemplo, desenvolvia um conteúdo já envolvido numa forma e não o criava enquanto algo novo, decorrente de uma iniciativa criadora individual. Por conseguinte, o conteúdo em certa medida precedia a obra, o autor não inventava o conteúdo de sua obra, mas apenas desenvolvia o que já estava presente na tradição.

Os símbolos são os elementos mais estáveis e, ao mesmo tempo, os mais emocionais; referem-se à forma e não ao conteúdo.

O aspecto propriamente semântico da obra, ou seja, a *significação* de seus elementos (primeira fase da compreensão), é, em princípio, acessível a qualquer consciência individual. Mas o que constitui seus valores e seu sentido (símbolos inclusive) só é significante para indivíduos ligados por condições comuns de vida, em suma, ligados por laços de *fraternidade*, num nível superior. É neles, nos estratos superiores, que se efetua a *participação*, é neles que se participa de um *valor superior* (no limite, absoluto).

Significado da exclamação emocional que assinala os valores na vida verbal dos povos. Há que observar que a expressão emocional dos valores pode não ter um caráter explicitamente verbal e pode estar implícita, manifestar-se pela *entonação*. As entonações mais substanciais e mais estáveis constituem um fundo entonacional determinado por um grupo social (uma nação, uma classe social, uma classe profissional, um meio, etc.). Em certa medida, pode-se falar apenas por entonações, tornando quase indiferente, relativa e intercambiável, a parte do discurso verbalmente expressa. E freqüente o emprego de palavras inúteis em sua significação verbal, ou então a repetição de uma única e mesma palavra, de uma única e mesma frase, que então servem somente de suporte material para a entonação desejada.

Na leitura (na execução) de um dado texto, o contexto extratextual, entonacional, dos valores pode realizar-se apenas parcialmente, ficando em sua maior parte, particularmente em suas camadas mais substanciais e profundas, fora do texto dado para a percepção ao qual ele confere um fundo dialogizante. É a isto que se resume, até certo ponto, o problema do condicionamento *social* (transverbal) de uma obra.

Um texto — impresso, manuscrito ou oral, isto é, atualizado — não é igual à obra em seu todo (ou ao “objeto estético"). A obra também engloba necessariamente seu contexto extratextual. A obra parece envolver-se na música entonacional e valorativa do contexto em que é compreendida e julgada (este contexto, claro, varia conforme as épocas da percepção da obra, o que cria sua nova ressonância).

A compreensão recíproca dos séculos e dos milênios, dos povos, das nações e das culturas, assegura a complexa unidade de toda a humanidade, de todas as culturas humanas (a complexa unidade da cultura humana), assegura a complexa unidade da literatura da humanidade. Todos esses fatos se desvelam tão-somente na dimensão da *grande temporalidade*, sendo nela que cada obra deve receber seu sentido e seu valor. As análises costumam escarafunchar no espaço acanhado da *pequena temporalidade*, ou seja, na contemporaneidade, no passado imediato e no futuro presumido, desejado ou temido. As formas emotivo-valorativas da presunção do futuro tais como se manifestam na língua-fala (a ordem, o desejo, a advertência, o conjuro). Futilidade da atitude do homem para com o futuro (o desejo, a esperança, o medo); fica-se insensível ao inesperado, ao indeciso, à “surpresa”, poder-se-ia dizer, à novidade absoluta do milagre, etc. Particularidades da atitude *profética* para com o futuro. A abstração de si mesmo numa representação do futuro (o futuro sem mim).

O tempo do espetáculo teatral e suas leis. Percepção do espetáculo nas épocas em que existiam e predominavam as formas litúrgico-religiosas e oficial-cerimoniosas. A etiqueta dos costumes no teatro.

Oposição entre a natureza e o homem. Os sofistas. Sócrates (“O que me interessa não são as árvores da floresta, mas os homens da cidade”).

Dois extremos: o pensamento e a prática (o ato), ou dois tipos de relação (a coisa e a pessoa). Quanto mais profunda for a pessoa, isto é, quanto mais se aproximar de seu próprio extremo, menos lhe será aplicável um método generalizante, pois a generalização e a formalização apagam as fronteiras entre o homem genial e a mediocridade.

Experimentação e tratamento matemático. Formular uma pergunta e receber uma resposta já representa, nas ciências exatas, uma interpretação personalizada do processo cognitivo e do seu sujeito (o experimentador). A história do conhecimento em seus resultados e a história dos homens que se aplicam ao conhecimento (M. Bloch).

Processo de reificação e processo de personalização, mas esta jamais poderá ser uma subjetivação. O limite não é o *eu,* porém o *eu* em correlação com outras pessoas, ou seja, *eu* e *o outro, eu* e *tu.*

Haverá algo que corresponda ao "contexto" nas ciências naturais? O contexto está sempre vinculado à pessoa (diálogo infinito em que não há nem a primeira nem a última palavra); nas ciências naturais, há um sistema objetal (a-sujeital).

Nosso *pensamento* e nossa *prática,* não a técnica, mas a moral (nossos atos responsáveis), exercem-se entre dois extremos: entre a relação com a *coisa* e a relação com a *pessoa. Reificação* e *personalização.* Dentre os nossos atos, uns (de ordem cognitiva e moral) tendem para o pólo da reificação, sem jamais o atingir, os outros, para o pólo da personalização, sem o atingir plenamente.

Perguntas e *respostas* não pertencem a uma mesma relação (categoria) lógica; não podem ser contidas numa única e mesma consciência (única e fechada em si mesma); toda resposta gera uma nova pergunta. Perguntas e respostas supõem uma exotopia recíproca. Se a resposta não dá origem a uma nova pergunta, separa-se do diálogo e junta-se a um sistema cognitivo, im-pessoal em sua essência.

Cronotopos diferentes de quem pergunta e de quem responde e universos diferentes do sentido *(eu* e *o outro).* A pergunta e a resposta do ponto de vista da *terceira* consciência e

do seu universo "neutro" onde tudo se despersonaliza inevitavelmente, onde tudo é *intercambiável.*

Diferença entre o *tolo* (ambivalente) e o obtuso (unívoco).

As palavras do outro assimiladas ("pessoal-alheia") e que, eternamente vivas, renovam-se criativamente nos novos contextos, e as palavras do outro, inertes, mortas, "palavras-múmias".

O problema fundamental de Humboldt: a multiplicidade das línguas (premissa e fundamento da problemática: a unidade da espécie humana). Fica-se na esfera das línguas e de suas estruturas formais (fonéticas e gramaticais). Ora, na esfera da *fala* (no âmbito de uma única língua — qualquer uma), coloca-se o problema da *palavra pessoal* e da *palavra do outro.*

1) Reificação e personalização. Distinção entre a reificação e a "alienação". Os dois extremos do pensamento. Aplicação do princípio de complementaridade.

2) Palavra *do outro* e palavra *pessoal.* A compreensão concebida como transmutação em *"alheio-pessoal".* O princípio de exotopia. A complexa correlação entre o sujeito compreend*ente* e o sujeito compreend*ido,* entre o cronotopo do criado e o cronotopo do compreend*ente* que introduz a renovação. A importância de atingir o núcleo criador da pessoa (é em seu núcleo criador que a pessoa continua a viver, ou seja, é imortal).

3) Exatidão e profundidade nas ciências humanas. O limite da exatidão nas ciências naturais é a identidade *(a= a).* Nas ciências humanas, a exatidão consiste em superar a alteridade do que é *alheio* sem o transformar em algo que é *pessoal* (os substitutos de toda espécie: moderniza-se, não se entende o que é alheio, etc.).

A fase antiga da personificação (a personificação mitológica, ingênua). Época da reificação da natureza (e do homem). A fase contemporânea de personificação da natureza (e do homem), sem que haja, porém a perda da reificação. *Ver acerca da natureza em Prichvin, segundo o artigo de V. V. Kochinov.* Nessa fase, a personificação não tem o caráter do mito, conquanto não lhe seja hostil e utilize habitualmente a sua linguagem (transformada em linguagem de símbolos).

4) Contextos da compreensão. Problema dos *contextos distantes.* Renovação ilimitada do sentido em qualquer contexto novo. A pequena temporalidade (a contemporaneidade, o pas-

sado imediato e o futuro previsível — desejado) e a *grande temporalidade:* o diálogo infinito e inacab*ável* em que nenhum sentido morre. O vivente na natureza (o *orgânico).* Tudo o que é *inorgânico* é trazido, ao longo do processo de um intercâmbio, à vida (a oposição só pode efetuar-se no abstrato, quando essas duas entidades são tiradas da vida).

Minha atitude ante o formalismo? Tenho uma compreensão diferente da especificação. Ignorar o conteúdo leva a uma "estética material" (a crítica dele que fiz em 1924); não à "fabricação", mas à criação (um material sempre proporciona apenas um "produto fabricado"); uma incompreensão da historicidade e da consecução (percepção mecânica da consecução). O valor positivo do formalismo: novos problemas e novos aspectos na arte; o novo, em suas fases iniciais, as mais criativas de seu desenvolvimento, sempre adota formas unilaterais e extremas.

Minha atitude ante o estruturalismo? Sou contra o fechamento dentro do texto, contra as categorias mecânicas de "oposição" e de "transcodificação" (a pluralidade dos estilos em *Eugênio Oneguin,* tal como a interpreta Lotman e como eu a interpreto), contra uma formalização e uma despersonalização sistemática: todas as relações têm um caráter lógico (no sentido lato do termo). De minha parte, em todas as coisas, ouço as *vozes* e sua relação dialógica. No tocante ao princípio de complementaridade, também o entendo de maneira dialógica. As altas apreciações do estruturalismo. Problemas da "exatidão" e da "profundidade". Profundidade de penetração na *coisa* (reificação) e profundidade de penetração no *sujeito* (personalismo).

No estruturalismo, existe apenas um *único sujeito:* o próprio pesquisador. As coisas se transformam em *conceitos* (com um grau variável de abstração); o sujeito não pode tornar-se um conceito (ele mesmo fala e responde). O sentido é personalista; sempre comporta uma pergunta — dirige-se a alguém e presume uma resposta, sempre implica que existam dois (o mínimo dialógico). Este personalismo não é um fato de psicologia, mas um fato de *sentido.*

Não há uma palavra que seja a primeira ou a última, e não há limites para o contexto dialógico (este se perde num passado ilimitado e num futuro ilimitado). Mesmo os sentidos passados, aqueles que nasceram do diálogo com os séculos passados, nunca estão estabilizados (encerrados, acabados de uma vez por todas). Sempre se modificarão (renovando-se) no desenrolar do diálogo subseqüente, futuro. Em cada um dos pontos do diálogo que se desenrola, existe uma multiplicidade inumerável, ilimitada de sentidos esquecidos, porém, num determinado ponto, no desenrolar do diálogo, ao sabor de sua evolução, eles serão rememorados e renascerão numa forma renovada (num contexto novo). Não há nada morto de maneira absoluta. Todo sentido festejará um dia seu renascimento. O problema da *grande temporalidade.*

Índice remissivo

O índice contém:

1. Nomes próprios acompanhados, quando for o caso, das obras (ou trabalhos) a que Bakhtin se refere implicitamente.
2. Títulos de obras e personagens (em itálico) que Bakhtin menciona sem referência.
3. Citações (em itálico entre aspas) sem referência no texto.

A

ABELARDO, 1079-1142. Teólogo e filósofo francês: 164.

AGOSTINHO, Santo, 354-430. Pensador cristão: 75, 160, 164, 231, 232, 391.

Akaki Akakiévitch. Personagem de *O capote (ver* Gogol).
ALEMÃN, Mateo, 1547-1614. Escritor espanhol: 224.
Amadis de Gaula (*ver* Montalvo).
ANNENSKI, 1856-1909. Poeta russo:185, 216.
APULEIO. Escritor latino do século II: 223, 226.
ARISTOTELES, 3 84-322 a.C. Filósofo grego: 85.
AVERINTSEV, nascido em 1937. Filólogo soviético: 401, 402.

B

BALZAC, 1799-1850. Escritor francês: 230, 234.
BARTHÉLEMY, abade Jean-Jacques, 1716-1795. Escritor francês: 251.

BAUDELAIRE, 1821-1867. Poeta francês: 185.
Beberrões, Os. Titulo inicial de *Crime e castigo* (*ver* Dostoievski).
BERGSON, 1859-1941. Filósofo francês: 62, 79.
BERNARDO DE CLAIRVAUX, 1090-1153: 74, 160 *(Sermões sobre o Cântico dos Cânticos).*
BIELINSKI, 1811-1848. Crítico russo: 365.
BIELY, 1880-1934. Escritor russo: 186, 216.
BLOCH, Marc, 1886-1944. Historiador francês: 396, 411.
BLOK, Aleksandr, 1880-1921. Poeta russo: 193, 376.
Artigo: *A arte e a cultura* (1920): 376.
Bobok (*ver* Dostoievski).
BOCCACCIO, 1313-1375. Escritor italiano: 75, 164.
Bovary (*ver* Flaubert).
BRUNOT, 1860-1938. Lingüista francês: 302.

Profes
Nosle

Guia do Enem 2020

NONÔ EXPLICA

Professor
Noslen

Enem 2020

Sumário

01. O que é o Enem...04
02. Como funciona o Enem...04
03. Como é a prova do Enem..04
04. Por que o Enem é importante................................05
05. Quem pode participar do Enem...........................06
06. Como se inscrever no Enem..................................06
07. Edital do Enem 2020...07
08. Cronograma do Enem 2020...................................07
09. Locais de prova do Enem 2020............................08
10. O que levar no Enem 2020......................................08
11. O que não levar no Enem 2020..............................09
12. A dificuldade da prova do Enem..........................09
13. O que fazer para ir bem no Enem 2020..............10
14. Como a nota do Enem é calculada.....................10
15. Como usar a nota do Enem.....................................11
16. Resultado do Enem 2020..12
17. O que estudar para o Enem 2020..........................13
18. Como estudar para o Enem 2020.........................16
Conclusão...18

NONÔ EXPLICA

Guia do Enem 2020

O exame Nacional do Ensino Médio (Enem) é a principal maneira para ingressar nas instituições públicas de ensino superior do Brasil. Hoje, muitas universidades e institutos de educação utilizam o Enem como um substituto do vestibular e, por esse motivo, os dias de prova são cercados de expectativa e ansiedade por vestibulandos de todo o país.

Para se ter uma ideia da dimensão do exame, em 2019 o Ministério da Educação (MEC) registrou mais de 5 milhões de inscritos! Mas não se assuste com esse número. Apesar de ser bastante concorrido, o Enem é uma ferramenta que pode abrir muitas portas para o seu futuro.

Neste guia, nós vamos repassar os principais detalhes dessa prova tão importante, além de dicas valiosas para você se dar bem no fim do ano.

Vamos lá?

1 – O que é o Enem

O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) foi criado em 1998 como uma maneira de avaliar a qualidade do Ensino Médio brasileiro com base na performance dos estudantes. Em 2009, o Enem passou a ter outra função importante e se tornou também critério de seleção para quem busca entrar em Instituições federais de Ensino Superior ou participar do Fies, ProUni ou Sisu, que são programas do governo federal que ajudam os estudantes a acessarem a universidade.

2 – Como funciona o Enem

Hoje em dia, as universidades públicas selecionam os estudantes por meio do Sistema de Seleção Unificada (Sisu), que é um sistema do MEC informatizado que oferece vagas aos alunos que prestaram o Enem. São feitos dois processos seletivos a cada ano, um em cada semestre letivo.

A lógica do Sisu é fácil de entender: as universidades oferecem as vagas conforme a disponibilidade de cada curso, e os alunos fazem a inscrição online. Você pode escolher até duas alternativas de curso em qualquer instituição de ensino que quiser. Você também pode optar pelas vagas de ampla concorrência ou pelas vagas destinadas a grupos definidos pelas políticas de cotas.

Depois, é só ficar de olho nas notas de corte (notas mínimas para entrar) dos cursos selecionados. Se for preciso, dá para trocar de curso enquanto o prazo de inscrição estiver em curso. Após isso, é só esperar o resultado.

3 – Como é a prova do Enem

O Enem possui uma divisão em 4 provas de múltipla escolha, que abordam conhecimentos dos campos do exame – Ciências da natureza e suas Tecnologias; Ciências Humanas e suas Tecnologias; Linguagens, Códigos e suas Tecnologias; e Matemática e suas Tecnologias –, além de uma redação.

Cada prova objetiva possui 45 questões, e cada questão possui 5 opções de resposta, que são divididas nas alternativas A, B, C, D e E. Só uma delas é correta. Assim, se você assinalar duas alternativas da mesma questão no gabarito, essa questão é anulada em sua prova.

O Enem é dividido em 4 cadernos – amarelo, azul, branco e rosa – que são versões diferentes do mesmo exame. Em outras palavras, em cada caderno as questões estão organizadas de um modo diferente na prova: elas são apresentadas em ordem diferente em cada uma das versões, para que os candidatos não tentem colar dos participantes que sentam próximos.

4 – Por que o Enem é importante

O Enem é importante porque é ele que vai possibilitar que você ingresse no curso que você deseja. Se você quer entrar em uma universidade pública, é fundamental saber que a maioria dessas instituições já aderiram ao Enem como única forma de ingresso por meio do Sisu.

Se você quer ingressar numa universidade privada, mas quer uma bolsa ou financiamento estudantil, o Enem também dá essa oportunidade por meio de programas como Fies e ProUni (falaremos sobre todos eles mais tarde).

Há também outras instituições que não fazem parte desses programas, mas que ainda assim aceitam a nota do Enem para substituir o vestibular tradicional ou para complementá-lo, ajudando no ingresso.

E, se você se pergunta por que é importante entrar em um curso superior, saiba que ele representa uma oportunidade sem igual de expandir seus conhecimentos, desenvolver seu futuro e transformar sua vida. O Enem pode ser a porta de entrada para isso.

Aprenda mais:

Clique aqui ››

QUAL A DIFERENÇA ENTRE “VIM” E “VIR”?

5 – Quem pode participar do Enem

Qualquer pessoa pode fazer a prova do Enem. Contudo, há algumas regras específicas para quem tem menos de 18 anos até o dia da prova e não tiver terminado o Ensino Médio. Caso essa seja sua condição, considera-se que você está fazendo o Enem como um jeito de "treinar" para as próximas edições. Nessa situação, você apenas poderá usar a nota do Enem para avaliar seus conhecimentos.

Para os participantes que possuem necessidades especiais, como gestantes e pessoas com deficiência física, consigam fazer o exame sem problemas, o Enem oferece atendimento especializado. Veja aqui se você tem direito a esse atendimento e como solicitá-lo.

6 – Como se inscrever no Enem

As inscrições para o Enem ficam abertas por um período específico (por enquanto, de 11 a 22 de maio de 2020), e são 100% online, feitas no site do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais). Entretanto, devido ao surto de coronavírus que está em andamento, é possível que haja alterações no cronograma.

Quando for fazer a inscrição, você precisará cadastrar uma senha que será usada para acompanhar sua inscrição, consultar local de prova, ver o resultado e se inscrever para Fies, ProUni ou Sisu.

É nesse momento que você também pode pedir por atendimento especializado ou específico, direcionado a deficientes físicos, idosos, gestantes e lactantes, e também pelo uso do nome social, se necessário. Na inscrição, você também indicará em que cidade quer fazer as provas e escolherá qual é a prova do idioma estrangeiro (espanhol ou inglês).

A inscrição do Enem tem uma taxa que costuma variar a cada ano. Em 2019, foi de R$ 85. Mas, segundo o Inep, há 3 perfis de pessoas que têm direito à isenção da taxa do Enem:

- Quem cursou todo o Ensino Médio em escola pública ou como bolsista integral em escola particular e tem renda familiar igual ou inferior a 1 salário mínimo e meio por pessoa;

- Quem está cursando o terceiro ano do Ensino Médio no ano de realização do Enem em escola pública declarada ao Censo Escolar;

- Quem está em situação de vulnerabilidade socioeconômica, sendo de família que tem Número de Identificação Social (NIS) único e válido e renda familiar mensal de até meio salário mínimo por pessoa ou de até 3 salários mínimos.

Se você se encaixa nesses requisitos, pode solicitar a isenção no prazo estipulado pelo cronograma do Enem. Fique atento às datas, pois o Inep divulga se sua solicitação foi aprovada, Se não for, você pode recorrer da decisão. Caso seja reprovada novamente, será preciso pagar a taxa para confirmar a inscrição.

7 – Edital do Enem 2020

O edital do Enem 2020 é o documento oficial que traz as informações sobre o Exame Nacional do Ensino Médio, especificamente para a edição de 2020. Elaborado pelo Inep, órgão ligado ao MEC, neste ano ele foi lançado no dia 31 de março. Consulte o edital para ficar por dentro das regras do exame e tirar quaisquer dúvidas que tenha sobre a realização da prova.

8 – Cronograma do Enem 2020

Para você não se perder nas datas, siga o cronograma do Enem 2020 abaixo:

- Publicação do edital: março de 2020
- Solicitação de isenção da taxa de inscrição: abril de 2020
- Justificativa de ausência no Enem 2019: abril de 2020
- Período de inscrições: maio de 2020
- Solicitação de atendimento especial ou específico: maio de 2020
- Divulgação dos locais de prova: outubro de 2020
- Aplicação das provas: novembro de 2020
- Divulgação dos resultados individuais: janeiro de 2021
- Resultado dos treineiros: março de 2021
- Divulgação dos espelhos da redação: março de 2021

Para mais detalhes, consulte o site do cronograma do Enem 2020.

Aprenda mais: **7 DICAS PARA PRODUZIR UMA RESENHA**

Clique aqui ››

---

9 – Locais de prova do Enem 2020

Para conferir o local onde você vai fazer a prova do Enem, você precisará acessar seu cartão de confirmação da inscrição do Enem depois que esta for efetuada. O cartão de confirmação da inscrição estará disponível na Página do Participante, e você precisará do seu CPF e senha para acessá-lo. Ali, você poderá ver as informações necessárias sobre o endereço e o horário da sua prova.

10 – O que levar no Enem 2020

Na época em que você for fazer o Enem, é indispensável levar alguns itens, como:

- Caneta esferográfica de tinta preta e fabricada em material transparente;
- Documento oficial de identificação – original e com foto.

Há também itens que não são indispensáveis, mas recomendados:

- Cartão de Confirmação da Inscrição, para você ir ao endereço e horário certos;
- Garrafa com água, que precisa ser transparente e estar sem rótulo;
- Lanche para se alimentar durante a prova (são 5h30 de exame), que precisa estar com a embalagem fechada.

Se precisar de comprovação que foi realizar a prova, lembre-se de levar a Declaração de Comparecimento impressa.

11 – O que não levar no Enem 2020

Por outro lado, também há algumas coisas que você não deve levar para a prova, por exemplo:

- Bonés, boinas e chapéus;
- Borracha, lápis, lapiseira e corretivo;
- Caneta de material que não seja transparente;
- Chave com alarme;
- Fones de ouvido;
- Livros e manuais;
- Óculos escuros;
- Régua.

Ou seja: deixe em casa o que não for necessário para a prova.

12 – A dificuldade da prova do Enem

Existem alguns aspectos do Enem que o tornam uma prova complexa: a disciplina necessária para fazer o exame, a quantidade de questões, o tempo do exame etc. No entanto, os conhecimentos exigidos são os que você está vendo no Ensino Médio.

Assim, embora o Enem não seja um exame fácil, também não se pode dizer que seja impossível. O que você precisa é estar bem preparado emocional, física e mentalmente, para buscar a pontuação que precisa para o seu curso.

Por isso, além de estudar o conteúdo que vai cair na prova, concentre-se também em se organizar para resolver as questões nas 5h30 que você tem.

Aprenda mais:
Clique aqui ››
QUAL O CORRETO: “ABAIXO” OU “A BAIXO”?

13 – O que fazer para ir bem no Enem 2020

Não há uma fórmula mágica para ir bem no Enem. No entanto, é possível seguir algumas diretrizes que vão ajudar você a ter resultados positivos. São elas:

- **Iniciar pelas questões mais fáceis:** comece resolvendo as questões que você tem certeza da resposta, deixando as mais complexas para o fim. Assim, você garante as que sabe responder e evita deixar muitas questões para o fim da prova – o que aumenta sua chance de ficar nervoso e errar questões por bobeira.

- **Refazer as provas dos anos anteriores:** embora as questões mudem a cada ano, boa parte das disciplinas abordadas são as mesmas. Assim, fazendo as provas anteriores, você consegue se preparar para a prova deste ano.

- **Ser organizado:** tenha uma rotina de estudos organizada para conseguir cobrir todos os conteúdos que caem na prova. Crie um cronograma, tenha horários de estudo fixos e faça simulados para treinar para o grande dia.

14 – Como a nota do Enem é calculada

A pontuação das provas objetivas do Enem é calculada segundo a teoria de resposta ao Item (TRI). Essa metodologia considera o grau de dificuldade das questões para dar a nota aos participantes da prova. É assim que ela procura descobrir como está a performance dos estudantes.

Por isso, as questões não têm o mesmo valor, e pessoas que acertaram o mesmo número de questões podem ter notas diferentes. Conforme a metodologia da TRI, espera-se que você acerte as questões fáceis, médias e difíceis, nesta ordem, e o cálculo da nota considera essa lógica.

Para classificar quais são as mais fáceis e as mais difíceis, as questões são testadas antes e serem aplicadas na prova oficial. De acordo com a performance que têm no teste, essas questões são calibradas, ou seja, são aprimoradas para que não haja problemas de entendimento, e também são classificadas como fáceis, médias ou difíceis.

Quando as questões estão na prova, o que vai definir sua nota é a coerência dos seus acertos. Dessa forma, é possível avaliar sua performance e detectar pessoas que fizeram a prova só no "chute".

Já a redação é avaliada de forma mais simples. Ao ler o texto, o avaliador analisa seu desempenho segundo competências definidas pelo próprio Enem, que são:

- Competência I: domínio da norma culta da língua portuguesa;
- Competência II: compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema dentro dos limites estruturais do texto argumentativo-dissertativo;
- Competência III: interpretar, organizar e relacionar argumentos, fatos, informações e opiniões em defesa de um ponto de vista;
- Competência IV: conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a criação da argumentação;
- Competência V: proposta de solução para o problema proposto, mostrando respeito aos valores humanos e considerando a diversidade sociocultural.

Cada competência vale 200 pontos, que totalizam os 1000 pontos da redação. Cada uma delas é considerada individualmente para determinar sua pontuação, que pode ser:

- Desclassificada, se você zerar a competência;
- Precária, se você conseguir até 40 pontos na competência;
- Insuficiente: se fizer até 80 pontos;
- Mediana: se obtiver 120 pontos;
- Boa: se você chegar a 160 pontos na competência;
- Ótimo: se você atingir 200 pontos (nível máximo).

15 – Como usar a nota do Enem

Como dissemos, é possível utilizar a nota do Enem 2020 em diferentes programas do ensino superior. São eles:

- **Faculdades particulares:** muitas faculdades privadas no País permitem que os candidatos usem a nota do Enem para entrar em seus cursos, sem necessitar do vestibular interno. Várias dessas instituições oferecem bolsas de até 100% e descontos para quem usa a nota do Enem como forma de entrar. Basta procurar uma faculdade que aceite a nota do Enem e fazer a inscrição no processo seletivo. Em geral, é só apresentar o boletim do Enem.

- **Fies:** para participar do Fies (Fundo de Financiamento Estudantil), você precisa ter feito alguma edição do Enem a partir de 2010, com nota igual ou maior que 450 pontos e não ter zerado a redação. Os candidatos são selecionados para as vagas pela nota do Enem. O Fies exige que o candidato tenha renda familiar mensal por pessoa de no máximo 3 salários mínimos ou 5 salários mínimos, dependendo do tipo de financiamento. As inscrições devem ser feitas no site do programa.

- **ProUni:** O ProUni (Programa Universidade para Todos) permite que participantes do Enem com nota média das provas igual ou superior a 450 pontos e nota acima de zero na redação usem o ProUni, desde que estejam dentro dos critérios do programa. Entre os critérios estão: ter feito Ensino Médio completo em escola pública ou como bolsista integral em escola privada ter renda familiar mensal por pessoa de até um salário mínimo e meio (bolsas de 100%) ou até 3 salários mínimos (bolsas de 50%). Os candidatos são escolhidos pela nota do Enem e as notas de corte mudam de acordo com o curso.

- **Sisu:** O Sisu (Sistema de Seleção Unificada) escolhe candidatos pela nota do Enem para vagas em universidades públicas pelo Brasil. Candidatos com nota acima de zero podem se inscrever. A concorrência costuma ser bem alta para a maioria dos cursos, e a nota de corte do Enem para o Sisu pode ser mais de 800 pontos.

16 – Resultado do Enem 2020

O resultado do Enem 2020 deve sair em janeiro de 2020, embora a data ainda esteja a confirmar. Para quem está fazendo o Enem 2020 como teste, a espera é um pouco mais longa, e a liberação da nota é apenas em março.

Como as universidades podem colocar pesos diferentes nas provas, o Inep não divulga a média das notas, mas somente as notas individuais do participante em cada prova. Se você for participar dos processos seletivos do ProUni ou Sisu, o sistema gera sua média automaticamente, com base nos pesos da universidade que você selecionou.

Aprenda mais:

Clique aqui ››

CONCORDÂNCIA VERBAL: TUDO QUE VOCÊ PRECISA SABER!

17 – O que estudar para o Enem 2020

É bastante difícil determinar o que estudar para o Enem 2020, já que a quantidade de conteúdo que cai no exame é realmente muito grande. Mas há, de fato, algumas disciplinas que são abordadas com mais frequência, e que merecem pelo menos um pouco da sua atenção.

Com base nisso, você pode desenvolver um planejamento de estudos segundo o grau de dificuldade para você e o tempo que você tem disponível, identificando pontos que necessitam de mais atenção para focar nele de forma eficaz. Veja abaixo alguns dos temas mais frequentes em cada campo de estudo:

Ciências da Natureza e suas Tecnologias

Biologia

- Ciclos do carbono, nitrogênio e água;
- Citologia;
- Ecologia, Sustentabilidade e problemas ambientais;
- Evolução;
- Genética e mutações;
- Imunização.

Física

- Acústica;
- Calorimetria;
- Eletricidade;
- Hidrostática;
- Mecânica;
- Ondas;
- Óptica;
- Usinas e instalações residenciais.

Química

- Cadeias carbônicas;
- Eletroquímica;
- Estequiometria;
- Oxidações; pH e pOH;
  Radioatividade;
- Soluções;
- Unidades de concentração.

Ciências Humanas e suas Tecnologias

Filosofia e Sociologia

- Contratualismo;
- Cultura de massa;
- Existencialismo;
- Fé e Razão: São Tomás e Santo Agostinho;
- Globalização e suas consequências;
- Iluminismo;
- Marxismo;
- Movimentos sociais;
- Pensadores da Grécia Antiga.;
- Relações de Trabalho.

Geografia

- Agricultura Brasileira;
- Desenvolvimento humano e social;
- Geopolítica mundial;
- Impactos no meio ambiente;
- Migrações;
- Planos e blocos econômicos.

História do Brasil

- Ditadura Militar;
- Era populista;
- Era Vargas;
- Período Colonial;
- Período de escravidão;
- República.

História Geral

- Guerra Fria;
- Liberalismo;
- Nazismo/Holocausto e Fascismo;
- Período de Idade Média e Moderna;
- Primeira e Segunda Guerra Mundiais;
- Revolução Industrial.

Linguagens, Códigos e suas Tecnologias

Educação Física e Artes

- Artes marciais;
- Cubismo;
- Esportes;
- Grafite;
- Movimentos artísticos e culturais;
- Música;
- Obras artísticas;
- Renascimento.

Língua Portuguesa

- Compreensão e interpretação de texto;
- Funções de linguagem e gramática;
- Gêneros textuais;
- Linguística;
- Morfologia;
- Norma culta e coloquial;
- Semântica;
- Sintaxe.

Literatura

- Figuras de linguagem;
- Literatura Contemporânea;
- Movimentos literários: barroco, quinhentismo, modernismo, naturalismo e realismo;
- Obras literárias, em especial clássicos brasileiros;
- Poesias Concretas.

Matemática e suas Tecnologias

Educação Física e Artes

- Leitura e interpretação de gráficos;
- Medidas para dados simples;
- Porcentagem;
- Prismas;
- Razões e proporções;
- Regra de três.

Mesmo estes temas sendo recorrentes em provas do Enem, não significa que somente eles estão presentes no exame. Assim, não prenda-se somente a eles.

18 – Como estudar para o Enem 2020

Por causa do volume de conteúdo, preparar-se para o Enem pode parecer algo assustador, mas não é tão ruim assim. E, para auxiliar você nessa missão, elencamos alguns conselhos para você estudar e dominar os assuntos mais facilmente:

Crie resumos

Criar suas próprias anotações sobre o assunto que você está estudando é uma boa maneira de gravar o conteúdo e se prepara para o Enem. Quando for fazê-lo, tente explicar a matéria com suas próprias palavras, e organize tudo do modo mais visual que for possível. Vale colocar comentários e cores, criar mapas mentais, destacar conceitos e palavras-chave e dividir as informações em tópicos.

Escreva muitas redações

Não tem como saber o assunto da redação até o dia da prova. Então, quanto maior for sua capacidade de argumentação, mais chances você tem de ir bem. Assim, tente escrever com frequência sobre diferentes temas.

Por exemplo, você pode intercalar assuntos dos anos anterior, temas atemporais e acontecimentos importantes do ano. Qualquer que seja a escolha, crie uma argumentação com coerência, que solucione o problema proposto pelo tema da redação.

Monte um planejamento de estudos

Um ótimo jeito de otimizar seu tempo e não se esquecer de nenhum tema é criar um planejamento de estudos que atenda às suas necessidades. Para começar, liste todas as atividades importantes da sua semana (aula, trabalho, cursos etc.) e depois distribua os horários de estudo e exercícios entre seu tempo livre. Quando for organizar o planejamento, dedique pelo menos um momento para cada disciplina, mesmo as que você não gosta.

Planeje-se para fazer simulados

O Enem é um exame único, com questões que relacionam disciplinas e pedem habilidade de interpretação. Assim, para dominar essa estrutura, é preciso ter um tempo para fazer simulados – e se planejar para fazê-los.

Resolvendo os simulados, você passa a compreender a lógica das questões, como são escritas, quais são os padrões, testar seu conhecimento e treinar sua concentração e tempo de prova.

Quando não tiver tempo para fazer um simulado, coloque algumas questões ao estilo Enem em seus estudos. Quando resolver essas questões, tente imaginar que está o dia da prova: não faça pausas e não ultrapasse o tempo limite.

Revise os conteúdos

Depois de um dia de estudos, certifique-se de que você absorveu o assunto fazendo uma revisão dos conteúdos, lendo seus resumos e fazendo questões de simulados e provas passadas. Caso veja que alguma matéria ainda não está muito firme na mente, insira-a de novo no planejamento. Essa revisão ajudará você a fixar melhor o tema, deixando você mais seguro para o Enem.

Conclusão

O Enem é um dos momentos mais importantes na vida de um estudante e, para ter sucesso, é preciso estar bem preparado. No entanto, não se cobre demais nem se sobrecarregue: afinal, além de estudar, é preciso cuidar da sua saúde física e mental para estar bem para a prova.

Boa sorte e bom Enem!

obrigado por baixar meu e-book!

Gostou do conteúdo?

Conheça a PLATAFORMA DE ESTUDO DO PROFESSOR NOSLEN, turbine seu aprendizado em língua portuguesa e alcance seus objetivos!

Sobre o professor Noslen

O professor Noslen é formado em Letras Português/Espanhol pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), leciona em diversos cursos pré-vestibular de Curitiba e região, bem como cursos preparatórios para Concursos.
Com uma didática diferenciada, procura ser um facilitador no ensino da Língua Portuguesa, tanto na gramática, quanto na redação! Hoje, Professor Noslen tem o maior canal de Língua Portuguesa do YouTube Brasil, figurando entre os maiores do mundo em sua disciplina com mais de 2 milhões de inscritos e 100 milhões de visualizações.

Redes Sociais

Blog **Plataforma**

Aula 00

Português p/ PRF - Policial - 2017 (Com videoaulas)

Professor: Felipe Luccas

00000000000 - DEMO

APRESENTAÇÃO

Olá, pessoal!

É com muito prazer que estamos iniciando mais um curso de Língua Portuguesa!

Meu nome é Felipe Luccas Rosas, sou carioca, tenho 29 anos, sou **Auditor-Fiscal da Receita Federal do Brasil**, **Professor** de Português e **Coach** aqui no Estratégia Concursos.

Sou **graduado em Letras-Inglês pela UFRJ**, tenho pós-graduação em Direito Tributário e já tenho quase 10 anos de experiência nesse mundo dos concursos. Antes de ser Auditor, fui servidor do **T**ribunal **R**egional do **T**rabalho do Rio de Janeiro por vários anos.

Espero poder contribuir para sua aprovação! Vamos trabalhar com uma teoria sucinta e muitas questões recentes!!!

O concurso da Polícia Rodoviária Federal é um dos mais desejados do país, a remuneração é muito atraente e o órgão tem tradição de convocar centenas de aprovados. Vejam:

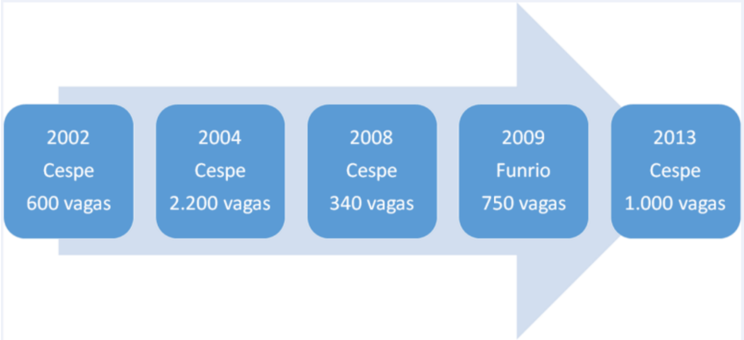

A banca que tradicionalmente organiza o concurso é o CESPE/UNB, o que nos permite ter uma noção muito boa de como virá a prova. Há grande quantidade de questões e resolveremos centenas delas aqui no nosso curso.

Tentaremos aqui trazer um enfoque prático e direto aos pontos do edital, o tempo do candidato vale ouro!

Agora, chega de conversa e vamos ao que interessa! Projeto PRF 2017!!! Vamos!

POLÍCIA
1928
RODOVIÁRIA
FEDERAL

Escreva seu nome nesse escudo, visualize sua aprovação!!!

AULA 00

ACENTUAÇÃO GRÁFICA E ORTOGRAFIA

Sumário

Sumário 2
1 - Considerações Iniciais 3
2 – Regras Principais 6
  2.1) Oxítonas e Monossílabos tônicos: 6
  2.2) Paroxítonas: 6
  2.3) Proparoxítonas: 6
3- Acentuação do Hiato: 9
4- Acentos Diferenciais: 12
5- Outras regras relevantes: 17
6- Hífen 17
  6.1- Regras Gerais: 17
  6.2- Regras especiais: 21
Ortografia 25
Expressões problemáticas 32
Mais questões comentadas 37
Lista de questões 47
Mais questões 54
Gabaritos 58

AULA 00 - ACENTUAÇÃO GRÁFICA E ORTOGRAFIA

1 - Considerações Iniciais

Vou condensar várias regras num simples esquema. Observem o gráfico abaixo, há 3 posições para uma sílaba tônica: última (oxítona), penúltima (paroxítona) e antepenúltima (proparoxítona). Ele mostra onde a sílaba tônica vai estar e que terminações vão ser acentuadas.

Vamos olhar bem esse quadro, pois nele trago as terminações que justificam as principais regras de acentuação e, por exclusão, as demais regras.

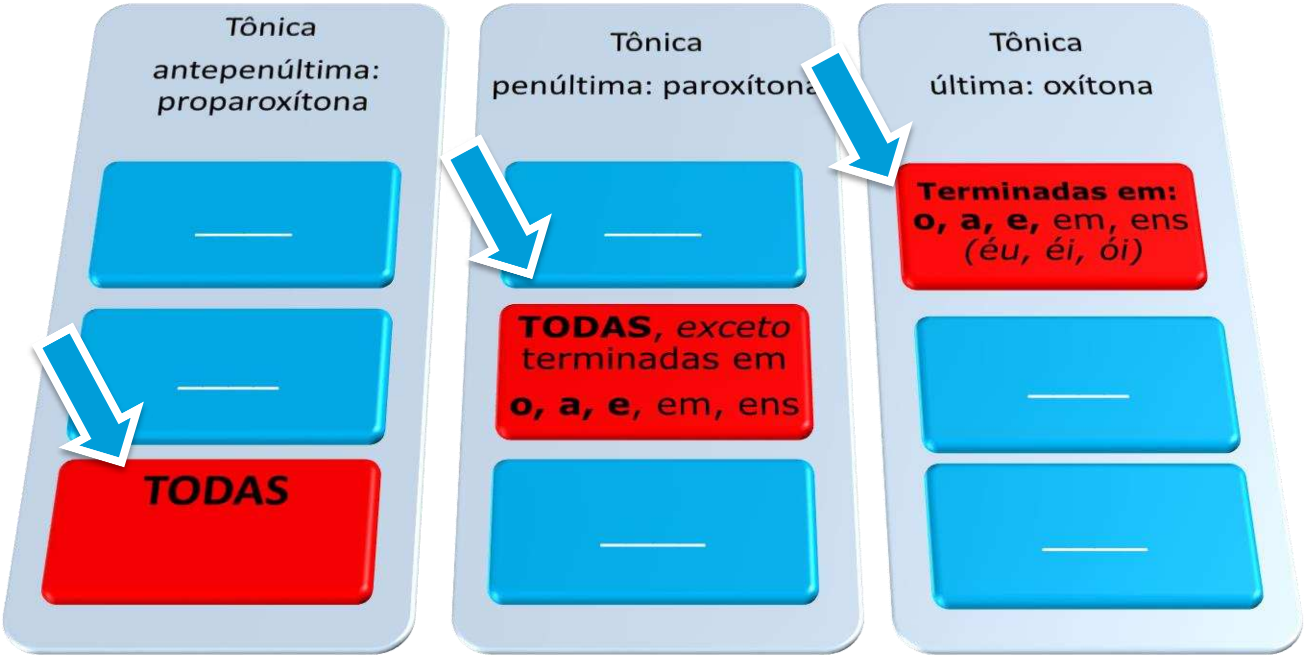
Tônica antepenúltima: proparoxítona
TODAS
Tônica penúltima: paroxítona
TODAS, exceto terminadas em o, a, e, em, ens
Tônica última: oxítona
Terminadas em: o, a, e, em, ens (éu, éi, ói)

O primeiro detalhe é que eu fundi na última posição da primeira linha a regra dos monossílabos tônicos e das oxítonas, pois as terminações são praticamente as mesmas:

2.1) Oxítonas e Monossílabos tônicos:

São acentuados os monossílabos tônicos terminados em A, E, O, e também em ditongos abertos: ***éu, éi, ói*** ***(seguidos ou não de S, pois o plural não afeta a regra) e as oxítonas terminadas A, E, O, em, ens*** e também em ditongos abertos: ***éu, éi, ói.***

Observe então que as terminações acentuadas das oxítonas são as mesmas dos monossílabos tônicos, com exceção de "em" e "ens".

O monossílabo terminado em "o" é acentuado assim como a oxítona terminada em "o": **Pó e Cipó**, do mesmo modo, **Dói** e **Herói** são acentuados por serem, respectivamente, um monossílabo tônico e uma oxítona terminados em ditongo aberto. Ressalto que **são regras diferentes**, mas as reuni para ser mais fácil de gravar as regras principais antes de entrar nas especiais. Para efeito de cobrança em prova, temos saber que **para duas palavras serem acentuadas pela mesma regra, devem compartilhar a mesma classificação quanto à tonicidade**. Ou seja, uma oxítona não poderá ser acentuada pela mesma regra de um monossílabo tônico ou de uma paroxítona. Com esse raciocínio você acerta muitas questões. Porém, fique atento à regra do hiato, que **independe da posição da sílaba tônica**. Como veremos à frente, Ju**í**zes e Aça**í**, são acentuadas pela mesma regra, mesmo sendo uma paroxítona e outra oxítona.

Mas Felipe, existe alguma exceção que fuja desse quadro?

Sim, mas ela não vai te atrapalhar. Veja bem, somente os monossílabos tônicos terminados em O, E, A são acentuados. Os **monossílabos terminados por "em" ou "ens" não são acentuados**, pois essas são as terminações das oxítonas. Mas pense! Você teria vontade de acentuar palavras como Bem ou Bens? Não né... então essa exceção não desabona o "macete" do quadro ok? Vamos seguir...

2.2) Paroxítonas:

Na segunda linha, por oposição, teremos que **todas as paroxítonas são acentuadas, exceto aquelas terminadas em o, a, e, em, ens**. Bem mais fácil decorar essa oposição do que decorar que são acentuadas as paroxítonas terminadas em ***l, n, um, r, ns, x, i, is, us, ps, ão...***

*Ex: fácil, **hífen**, álbum, cadáver, álbuns, tórax, júri, lápis, vírus, bíceps, **órfão**.*

Relembremos uma regra **importantíssima**:

Acentuam-se as paroxítonas terminadas em ditongo!

Exemplos de prova:

Indivíduos, precárias, série, história, homogênea, médio, bromélia, imóveis, água, distância, primário, indústria, rádio, brasília, cenário, próprio

Por outro lado, já em consonância com a nova ortografia, as paroxítonas que tragam ditongo aberto **não são acentuadas**: **heroico, assembleia, ideia, androide, debiloide, colmeia, boia, estoico, ideia, asteroide, paranoico**... Para não precisar decorar isso, pense no nosso quadro e na oposição às oxítonas terminadas nesses ditongos abertos, que são acentuadas, como herói, chapéu, anéis... Grave bem esses pares: **herói/heroico; pastéis/pasteizinhos; anéis/colmeia**.

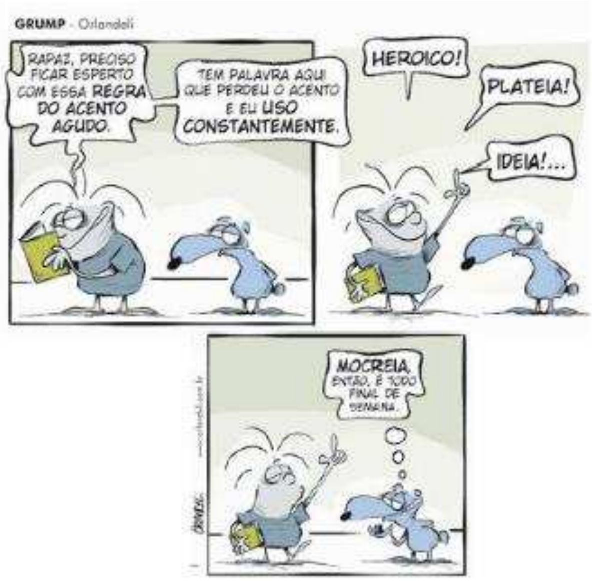
GRUMP - Orlandeli
RAPAZ, PRECISO FICAR ESPERTO COM ESSA REGRA DO ACENTO AGUDO.
TEM PALAVRA AQUI QUE PERDEU O ACENTO E EU USO CONSTANTEMENTE.
HEROICO!
PLATEIA!
IDEIA!...
MOCREIA, ENTÃO, É TODO FINAL DE SEMANA.

Novamente, há exceções, como os verbos terminados em **-AM.** Palavras como **Cantam** e **Choram** não são acentuadas e dificilmente um candidato pensaria que são. Elas não são acentuadas porque são terminadas em ditongo nasal -am (=ãu), soam como /can/ /ta/ /um/.

Os **prefixos** paroxítonos terminados em **r** ou **i** também não são acentuados, como **hiper, super, mini, anti, semi**.

Esclarecendo

1) **As paroxítonas não precisam terminar exatamente na mesma letra para estarem na mesma regra**. Pense que é uma grande regra residual, as paroxítonas com terminação diferente das oxítonas são acentuadas pela mesma regra. As terminadas em ditongo também são acentuadas pela mesma regra, mesmo que terminem em letras diferentes.

2) ***Item*** e ***itens*** não são acentuados porque são paroxítonas terminadas por **Em** e **Ens**

Hífen é acentuado porque é paroxítono terminado por **En** (Veja que não está no quadro)

Se estiver no plural, ***Hifens***, sua terminação cai na regra acima (Em, **Ens**), e, portanto, não será acentuado.

2.3) Proparoxítonas:

Por último, temos **as proparoxítonas**, com a tônica na antepenúltima sílaba. A regra é simples: **todas são acentuadas**. Essa regra prevalece sobre qualquer outra.

Então, a palavra, por exemplo, **Ve-í-cu-los**, é acentuada por ser proparoxítona e não por apresentar um "i" tônico no hiato. Fique atento!!

HORA DE
PRATICAR!

1. (CESPE/UNB- Defensoria Pública da União- 2016)

> *Presentes no texto, os vocábulos "caráter", "intransferível" e "órgãos" são acentuados em decorrência da regra gramatical que classifica as palavras paroxítonas.*

Comentários

As 3 palavras têm sua sílaba tônica na penúltima sílaba, são paroxítonas e todas as paroxítonas são acentuadas, exceto aquelas terminadas em **o, a, e, em, ens, (éu, éi, ói)**. Poderia causar dúvida a palavra órgão, mas ela não termina em ***O***, termina em ***ão***. *Item correto.*

2. (CESPE/UNB - DEPEN- 2015)

> *Julgue o próximo item, relativo às ideias e às estruturas linguísticas do texto II.*
>
> *As palavras "indivíduos" e "precárias" recebem acento gráfico com base em justificativas gramaticais diferentes.*

Comentários

Para dizermos se duas palavras têm a mesma regra de acentuação, devemos observar se elas compartilham a mesma classificação. Essas palavras são paroxítonas terminadas em ditongo, logo são acentuadas pela mesma regra. Item incorreto.

3. (CESPE/UNB - Auditor do TCU- 2015)

> *No que se refere às ideias e aos aspectos linguísticos do texto acima, julgue o item.*
>
> *As palavras "líquida", "público", "órgãos" e "episódicas" obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.*

Comentários:

Órgão é paroxítona terminada em **ão**. Todas as outras são proparoxítonas e todas as proparoxítonas são acentuadas. Simples assim. Questão incorreta.

4. (CESPE/UNB- FUB- 2015)

> *Com relação às ideias e às estruturas do texto acima, julgue o item que se segue.*
>
> *Os acentos gráficos das palavras "bioestatística" e "específicos" têm a mesma justificativa gramatical.*

Comentários:

Novamente, temos duas proparoxítonas e, por serem proparoxítonas, são todas acentuadas. Item Correto.

5. (Ministério Público da União/2015)

> *Com relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto I, julgue o item que se segue.*
>
> *A palavra "cível" recebe acento gráfico em decorrência da mesma regra que determina o emprego de acento em amável e útil.*

Comentários:

Todas são paroxítonas e terminam em L. Portanto, são acentuadas pela mesma regra. Saliento que as paroxítonas não precisam terminar na mesma letra para estarem na mesma regra. Pense que é uma grande regra residual, as paroxítonas com terminação diferente das oxítonas são acentuadas pela mesma regra. Não saia decorando terminações! Item Correto.

6. (TELEBRÁS/2015)

> *Julgue o próximo item, a respeito das ideias e estruturas linguísticas do texto Os territórios inteligentes.*
>
> *A palavra "está" recebe acento gráfico em decorrência da mesma regra que determina o emprego do acento no vocábulo "três".*

Comentários:

Três é monossílabo tônico terminado em **e**. Está é uma oxítona terminada em **a**. Pelo quadro, sabemos que são acentuadas, mas por **regras diferentes**. Lembre-se de que palavras que não tem a mesma classificação tônica não são acentuadas pela mesma regra, **salvo os hiatos**. Questão errada.

7. (Quadrix- CRM-ES- Agente Administrativo/2016)

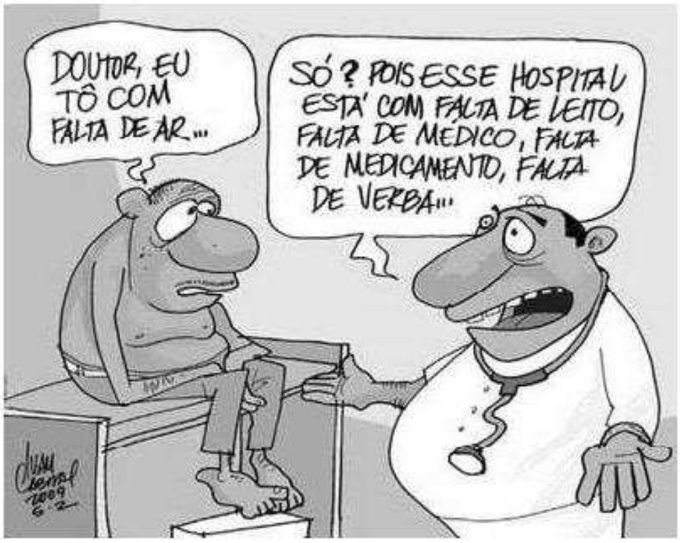
DOUTOR, EU TÔ COM FALTA DE AR...
SÓ? POIS ESSE HOSPITAL ESTÁ COM FALTA DE LEITO, FALTA DE MÉDICO, FALTA DE MEDICAMENTO, FALTA DE VERBA...

(bp.blogspot.com/_hEx5sJz32ds/TH9ALqmupUI/AAAAAAAACF8/I5pBiMI-NL8/s400/MEDICO.jpg)

As palavras "só", "está" e "médico" aparecem acentuadas no segundo balão da charge. Sobre elas, assinale a alternativa correta.

a) A acentuação é adequada nos três casos devido à mesma regra.

b) O uso do acento agudo é obrigatório nos três casos, mas cada uma dessas palavras segue uma regra diferente.

c) Duas dessas palavras são acentuadas pela mesma regra.

d) Uma das três palavras não deveria ter sido acentuada.

e) O uso do acento agudo está correto nos três casos, mas em um deles também se poderia usar o circunflexo.

Comentários:

Vejamos a palavra e sua justificativa, isso já responde todas alternativas:

“só”: acentuada por ser monossílabo tônico terminado em “o”.

“está”: acentuada por ser oxítona terminada em “a”.

“Médico”: acentuada por ser proparoxítona.

Gaabrito letra b.

3- Acentuação do Hiato:

O hiato é o encontro de duas vogais. Lembrando que vogal, para efeito de acentuação, é aquela que é pronunciada com tonicidade, em oposição a uma semivogal, que é átona, fraca. Observe a diferença: Eu Ca-**í**, ele c**ai**. A razão do acento nesses hiatos é impedir que se leia como um ditongo, que é o encontro de vogal (som vocálico forte) com uma semivogal (som vocálico átono).

Regra: Devemos acentuar o **i** e o **u** tônicos, em hiato com vogal ou ditongo anterior, **formando sílaba sozinhos ou com s**: ca**í**, fa**í**sca, Para**í**ba, ego**í**sta, ru**í**do, sa**ú**de, sa**ú**va, bala**ú**stre. Essa é a principal regra fora daquele quadro.

Em sentido contrário, os **hiatos não são acentuados** quando formam sílaba com letra que não seja **s**: cair (ca - ir), sa**i**rmos, sa**in**do, ju**iz**, a**in**da, di**ur**no, Ra**ul**, ru**im**, cau**im**, amendo**im**, sa**iu** (sa - iu), contribu**iu**, instru**iu** etc.

EXCEÇÃO$_1$:

A exceção que sempre cai em prova é o **Hiato seguido de NH na próxima sílaba, que não deve ser acentuado**: Ra**i**nha, Ba**i**nha, Mo**i**nho.

Não há como ser lido como um ditongo aqui, assim como nos casos de hiato de letras repetidas, como S**aa**ra, M**oo**ca, sem**ee**mos, x**ii**ta, vad**ii**ce... por isso não há necessidade de acentuar esses hiatos.

EXCEÇÃO$_2$:

O "U" tônico que venha após um ditongo **na paroxítona** não é acentuado:

Fei-u-ra, Bai-u-ca, Bo-cai-u-va. Grave que essas palavras não são acentuadas, pela nova ortografia.

EXCEÇÃO da EXCEÇÃO$_2$:

Contudo, se a palavra for uma oxítona, ou seja, quando o "i" e "u" tônico após ditongo estiver na última sílaba (Ex:Piauí), **HAVERÁ ACENTO!**

Observe que **a regra do hiato se sobrepõe à das oxítonas** nas palavras *Piau**í***, *tuiui**ú***, *tei**ú***, *tuiui**ú**s*, o "u" está após ditongo, no final da palavra. Veja que, se fôssemos seguir a regra das oxítonas terminadas em **o(s), a(s), e(s), em, ens**, tais palavras não deveriam acentuadas, pois não têm as terminações acima. Mesmo assim, **são excepcionalmente acentuadas**.

FIQUE atento!

Nova ortografia: não se acentuam os hiatos êem e ôo(s)

Ex: **Creem, deem, leem, enjoo, voo, doo, zoo.**

	Grave: ***Fei-u-ra, Bai-u-ca, Bo-cai-u-va*** não são acentuadas, pela nova ortografia. Estranho, não? Mas agora é erro acentuar! Muito cuidado.

Vamos ver a cobrança da regra do hiato?

8. (SUFRAMA/2014)

> *No que diz respeito ao texto, julgue o item.*
>
> *A palavra "prejuízos" recebe acento gráfico porque todas as proparoxítonas devem ser acentuadas.*

Comentários:

Em primeiro lugar, prejuízo é paroxítono. Em segundo lugar, é acentuado por trazer I tônico em hiato, não seguido de NH. Item errado.

9. (CAIXA ECONÔMICA FEDERAL- MÉDICO/2014)

> *O emprego do acento gráfico em "incluíram" e "número" justifica-se com base na mesma regra de acentuação.*

Comentários:

Novamente, temos em "incluíram" um **I** tônico formando hiato. "Número" é acentuado por ser proparoxítona. São regras diferentes. Item errado.

10. (TRIBUNAL DE JUSTIÇA-CE/2014)

> *O emprego do acento gráfico nos vocábulos "reúnem" e "fenômeno" justifica-se com base na mesma regra de acentuação.*

Comentários:

Se você identificar o hiato, já mata a questão. **Re-ú-nem** traz um **u** tônico em hiato. "Fenômeno" é proparoxítona e, por isso, acentuada. São regras diferentes. Item errado.

11. (FUB/2015)

> *Em relação ao fragmento de texto acima, julgue os próximos itens. Os acentos gráficos das palavras "países" e "políticas" têm a mesma justificativa gramatical.*

Comentários:

Se você identificar o hiato, já mata a questão. **Pa-í-ses** traz um **i** tônico em hiato. "Políticas" é proparoxítona e, por isso, acentuada. São justificativas gramaticais diferentes. Item errado.

12. (CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA/2013)

> *A mesma regra de acentuação gráfica justifica o emprego de acento gráfico nas palavras "construída" e "possíveis".*

Comentários:

Essa é boa. A regra do hiato se sobrepõe à das paroxítonas. Constru-**í**-da traz **i** tônico formando hiato, por essa razão, acentuado. Possíveis é uma paroxítona terminada em ditongo, também acentuada. Só lembrando nosso quadro: qualquer paroxítona que não termine em **A(s), E(s), O(s),** ***em, ens*** será acentuada. Aquelas terminadas em ditongo nasal, **–am**, como *cantam*, não são acentuadas. Item errado.

13. (TRT DF e TO/2013)

> *As palavras "países", "famílias" e "níveis" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.*

Comentários:

Vejam como se repetem os padrões. A regra do hiato se sobrepõe à das paroxítonas. Pa-**í**-ses traz **i** tônico formando hiato, por essa razão, acentuado. Fa**mí**lias e **Ní**veis são paroxítonas terminadas em ditongo oral, também acentuadas. Item errado.

14. (ANAC- Técnico Administrativo- 2016)

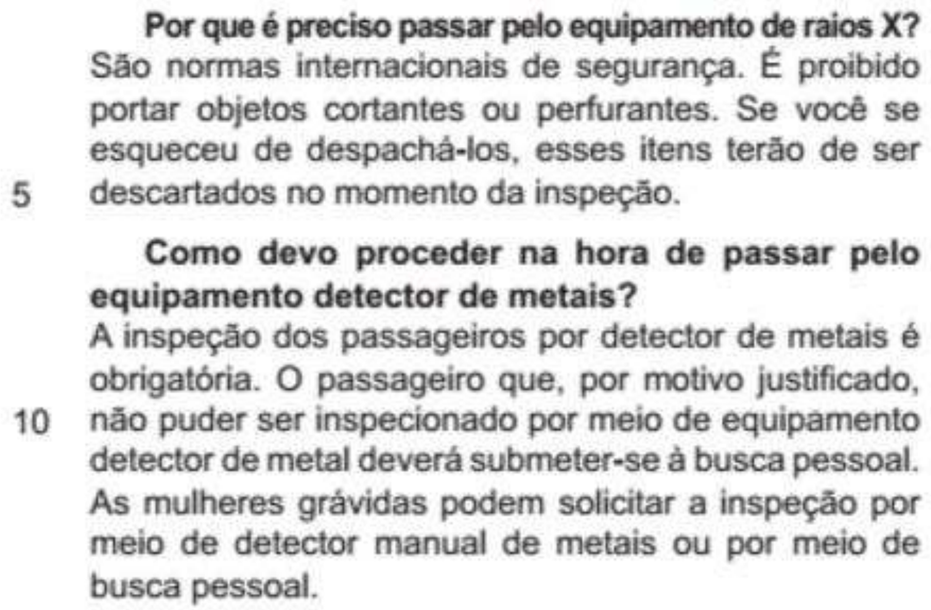

Por que é preciso passar pelo equipamento de raios X?
São normas internacionais de segurança. É proibido portar objetos cortantes ou perfurantes. Se você se esqueceu de despachá-los, esses itens terão de ser descartados no momento da inspeção.

Como devo proceder na hora de passar pelo equipamento detector de metais?
A inspeção dos passageiros por detector de metais é obrigatória. O passageiro que, por motivo justificado, não puder ser inspecionado por meio de equipamento detector de metal deverá submeter-se à busca pessoal. As mulheres grávidas podem solicitar a inspeção por meio de detector manual de metais ou por meio de busca pessoal.

> *a) Acentua-se o verbo "é" (l.1), quando átono, para diferenciá-lo da conjunção "e".*
>
> *b) "Você" (l. 3) é palavra acentuada por ser paroxítona terminada na vogal "e" fechada.*

> *c) "Despachá-los" (l.4) se acentua pelo mesmo motivo de "deverá" (l.11).*
>
> *d) Ocorre acento grave em "à busca pessoal" (l.11) em razão do emprego de locução com substantivo no feminino.*
>
> *e) O acento agudo em "grávidas" (l.12) se deve por se tratar de palavra paroxítona terminada em ditongo.*

Comentários:

a) Acentua-se o verbo "é" (l.1), quando **TÔNICO**, para diferenciá-lo da conjunção "e". Os monossílabos **tônicos** terminados em a(s), e(s), o(s) são acentuados. Essa é a regra que explica o acento.

b) "Você" é palavra acentuada por ser oxítona terminada na vogal "e".

c) "Despachá-los" (l.4) se acentua pelo mesmo motivo de "deverá" (l.11).

Exato. Quando uma palavra tem um pronome preso a ela por hífen, devemos ignorar o pronome e acentuá-la como se estivesse sozinha: Despachá=deverá, oxítona terminada em A, logo, obrigatoriamente acentuada.

d) Ocorre acento grave em "à busca pessoal" (l.11) em razão da regência do verbo "submeter-se", que demanda a preposição "a".

e) O acento agudo em "grávidas" (l.12) ocorre por se tratar de palavra proparoxítona. Gabarito Letra C.

NÃO CONFUNDA!	**NOVIDADE NA ÁREA: Em paroxítonas, não se usa mais o acento no i e no u tônicos quando vierem depois de um ditongo. Exemplos: baiuca, bocaiuva.** Os **hiatos acentuados são aqueles que trazem I e U tônicos, SOZINHOS, ou acompanhados de S:** ✚ **Se a palavra for oxítona e o *i* ou o *u* estiverem em posição final (ou seguidos de s), o acento permanece. Exemplos: tuiuiú, tuiuiús, Piauí;** ✚ **Se o *i* ou o *u* forem precedidos de ditongo crescente, o acento permanece. Exemplos: guaíba, Guaíra.** ✚ **Por não estarem sozinhos nem com S, não se acentuam os hiatos em Juiz, Ruim, Raul, Ainda...**

4- Acentos Diferenciais:

A maioria dos acentos diferenciais caiu com o advento definitivo da nova ortografia. Não aconselho nem mencionar como era antes, para não confundir. Guarde estes que permaneceram válidos com a nova ortografia e saiba que qualquer outro constituirá desvio da norma culta.

Utilizaremos o acento diferencial para diferenciar **Pôde** (3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo do verbo poder) de **Pode** (3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo poder).

Ex: Ele não pôde comparecer ontem./ Ele não pode comparecer agora.

Além disso, a **forma verbal pôr** mantém o acento circunflexo para se diferenciar da **preposição por**;
Ex: A galinha não quer **pôr** ovos./ A saída é **por** aqui.

Por fim, aspecto muitíssimo cobrado na parte de concordância verbal, temos o **acento diferencial de número nos verbos *ter* e *vir* e seus derivados (*manter, entreter, intervir, advir*...).**

Ex: Ele tem um carro./ Eles têm um carro. Ela vem a pé/Elas vêm a pé.

Ex: O governo intervém na economia/ Os governos intervêm na economia.

FIQUE
atento!

Gostaria de chamar-lhes a atenção para os 3 principais acentos diferenciais que permanecem:

1) Pôde (pretérito) Vs. Pode (presente)

2) Pôr (verbo) Vs. Por (preposição)

3) Têm e vêm (plural) Vs. Tem e Vem (singular)

Há ainda acentos diferenciais **facultativos**, como nas palavras forma/fôrma, demos/dêmos.

Agora segue uma lista de palavras que **NÃO trazem mais acentos diferenciais** e são cobradas em prova para confundir o candidato desatualizado:

⊘ *pela (do verbo pelar) e pela (a união da preposição com o artigo);*
⊘ *polo (o esporte) e polo (a união antiga e popular de por e lo);*
⊘ *pelo (do verbo pelar) e pelo (o substantivo);*
⊘ *pera (a fruta) e pera (preposição arcaica)*

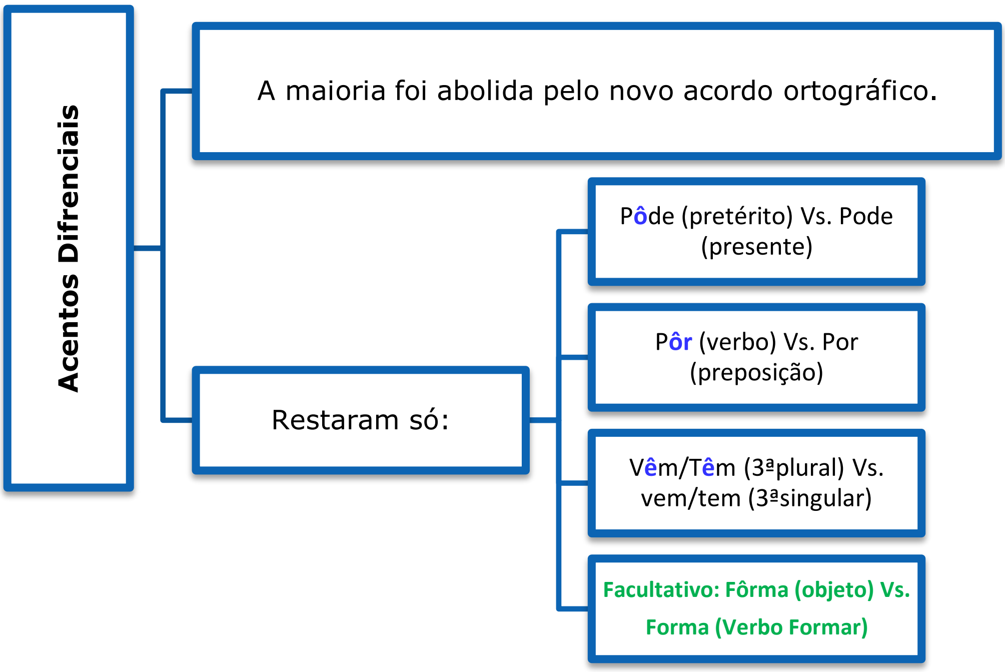

Acentos Difrenciais

A maioria foi abolida pelo novo acordo ortográfico.

Restaram só:

- Pôde (pretérito) Vs. Pode (presente)
- Pôr (verbo) Vs. Por (preposição)
- Vêm/Têm (3ªplural) Vs. vem/tem (3ªsingular)
- **Facultativo: Fôrma (objeto) Vs. Forma (Verbo Formar)**

Vamos analisar questões recentes que cobraram vários aspectos da nova ortografia.

15. (CESPE/UNB- Diplomata-Instituto Rio Branco/2016)

> *O Sr. Menotti del Picchia ainda não* ***pôde*** *naturalmente desvendar o segredo da arte. Se no buscar a expressão natural do seu lirismo* ***alcançou*** *a arte, não se* ***despojou*** *ainda das incertezas dessa procura, de certa fraqueza de técnica. Defeitos são todos estes transitórios, quase necessários em quem apenas se inicia.*
>
> Julgue (C ou E) o item seguinte, relativo a acentuação de palavras e a aspectos gramaticais do texto.
>
> A forma "pôde" (l.22) poderia ser corretamente substituída por pode, visto que o seu tempo verbal é depreendido pelo contexto do parágrafo e que o acento nela empregado é opcional.

Comentários:

Pessoal, não precisamos recorrer ao texto. Não há essa história de acento diferencial opcional. "Pode" é presente do verbo poder, enquando "Pôde" é o passado. São palavras diferentes e trocar uma pela outra muda totalmente a referência temporal.

Além disso, o tempo verbal não é "depreendido", ele está expresso, com vários verbos no passado. Portanto, o tempo do parágrafo é passado e então temos que usar o acento diferencial de tempo passado. Não é opcional. Questão incorreta.

16. (MPE SC – 2014/adaptada)

> *Assinale a alternativa em que todas as palavras estão escritas corretamente, de acordo com o sistema ortográfico vigente.*
>
> *a) Os corruptos não vêm que o dia do basta chegou!*

> *b) Foi uma grande idéia levar o povo as ruas para chamar a atenção.*
>
> *c) De nada adianta gritar "Basta!" se as pessoas mantem seus atos corruptivos.*
>
> *d) A corrupção não vai parar só porque as pessoas têm saído pelas ruas do país.*

Comentários:

A letra D é o gabarito e traz o acento diferencial de número nos verbos ter, vir e seus derivados: pessoa**s** t**ê**m saído...O erro da letra A é o acento diferencial equivocado, pois o verbo correto seria *ver* e então teríamos um hiato não acentuado: *veem*. O Erro da letra B é grafar ideia, com acento. Na nova ortografia, é grafada como **ideia**, por ser paroxítona que traz ditongo aberto, portanto, não é acentuada. Na letra C, falta o acento diferencial de número, pois pessoas é plural: as pessoa**s** mant**ê**m.

17. (Auditor Rio Grande do Sul- 2014/adaptada)

> *Desde o início da década passada, os diversos governos que se alternaram no Estado vêm (IV) fechando postos fiscais...*
>
> *IV. Acentua-se a palavra 'vêm' (l.16) para diferenciá-la, em situação de uso, quanto à flexão de número*

Comentários:

É isso mesmo. "Governos" está no plural e requer o acento diferencial de número. Questão correta.

18. (GUARDA MUNICIPAL-PREFEITURA DE PAULÍNIA-2016)

> *As duas palavras do texto 2 que recebem acento gráfico por razões diferentes são:*
>
> *a) homicídio/média;*
>
> *b) país/juízes;*
>
> *c) histórico/pública;*
>
> *d) secretários/relatório;*
>
> *e) está/é.*

Comentários:

a) homicídio/média –ambas paroxítonas terminadas em ditongo.

b) pa-ís/ju-í-zes- ambas "i" tônico no hiato;

c) histórico/pública-ambas proparoxítonas;

d) secretários/relatório- ambas paroxítonas terminadas em ditongo.

e) es-tá (oxítona terminada em "a")/é (monossílabo tônico terminado em "e"). São razões diferentes. Gabarito letra e.

19. (IF-MS- Técnico de Laboratório/2016)

> *Em 16 de dezembro de 1990 foi assinado em Lisboa o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, por Portugal, Brasil, Angola, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e, posteriormente, por Timor Leste. No Brasil, o Acordo foi aprovado pelo Decreto Legislativo nº 54, de 18 de abril de 1995. Segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa algumas palavras perderam o acento agudo. Assinale a opção que apresenta uma palavra que não é mais acentuada devido ao Acordo Ortográfico referido e que está em vigor desde 2013.*
>
> *a) Chapeus. b) Papeis. c) Trofeu. d) Feiura. e) Piaui.*

Comentários:

A palavra que não é mais acentuada é "feiura", pois há "u" tônico após ditongo numa paroxítona. Trata-se de uma exceção à regra do hiato. Nessa linha, também são cobradas as palavras "baiuca", "bocaiuva", "sauipe'.

As palavras "chapéus", "papéis" e "troféu" são acentuadas por serem oxítonas terminadas em ditongo aberto. "Piauí" recebe normalmente acento pela regra do hiato. A exceção da regra só afeta as paroxítonas, isto é, somente nelas "i" ou "u" tônico após ditongo deixaram de ser acentuados. Não se preocupe, não tem como uma questão de acentuação ir mais fundo que essa rs...Gabarito letra D.

20. (IBFC-TCM RJ- Técnico de Controle Externo-out/2016)

> *Analise as afirmativas abaixo, dê valores Verdadeiro (V) ou Falso (F) quanto ao emprego do acento circunflexo estabelecido pelo Novo Acordo Ortográfico.*
>
> *( ) O acento permanece na grafia de 'pôde' (o verbo conjugado no passado) para diferenciá-la de 'pode' (o verbo conjugado no presente).*
>
> *( ) O acento circunflexo de 'pôr' (verbo) cai e a palavra terá a mesma grafia de 'por' (preposição), diferenciando-se pelo contexto de uso.*
>
> *( ) a queda do acento na conjugação da terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos crer, dar, ler, ter, vir e seus derivados.*
>
> *Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta de cima para baixo.*
>
> *a) V F F*
>
> *b) F V F*
>
> *c) F F V*
>
> *d) F V V*

Comentários:

Permanecem os acentos diferenciais pode/pôde; por/pôr; tem/têm; vem/vêm. Então o primeiro item está certo e o segundo, errado.

Creem, deem, leem, de fato, não são mais acentuados. Porém, permanece o acento diferencial de terceira pessoa do plural em tem/têm; vem/vêm.

Assim, temos V, F, F. Gabarito letra a.

5- Outras regras relevantes:

O trema morreu! Foi erradicado pelo novo acordo ortográfico. Apenas permanece em palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros, como Müller e Mülleriano.

Acostume-se, então, a ler as palavras: *arguir, cinquenta, delinquente, eloquente, ensanguentado, frequente, linguiça, quinquênio, sequestro* e *tranquilo*, assim mesmo, **sem trema**!

Além das regras que vimos acima, é importante salientar que os verbos terminados em **–guar**, **-quar**, e **–quir** admitem mais de uma pronúncia:

- *Enxaguar pode ser pronunciado como Enx**á**guo ou Enxag**u**o (Sem acento e sem trema!)*
- *Delinquir pode ser pronunciado como Del**í**nquo ou Delinq**u**o (Sem acento e sem trema!)*
- *Antiquar pode ser pronunciado como Ant**í**quo ou Antiq**u**o (Sem acento e sem trema!)*

Novidades da nova ortografia:

- † *O **trema** morreu!*
- † *Morreram a maioria dos **acentos diferenciais**!*
- † *Morreram os acentos de ditongo aberto em paroxítonas*
- † *Também **morreu o acento agudo no U** tônico do verbo **arguir** e seu derivado redarguir. Agora devemos escrever: eles arguem, ele argui, sem trema e sem acento, como no verbo usufruir...*

6- Hífen

6.1- Regras Gerais:

Há dezenas de regras para o uso do hífen, dezenas de sufixos e expressões cristalizadas. Não há muito custo-benefício em transcrevê-las todas aqui como se fosse uma gramática de mil páginas. Atenho-me, portanto, às principais regras e às novidades trazidas pelo novo acordo ortográfico. Ressalto que há exceções e divergências até entre dicionários, mas vamos focar no que ajuda a resolver questões na hora prova! Respire fundo, vamos lá! $$$$$$$

O hífen deve ser usado para unir **prefixos** (ou palavras que possam funcionar como prefixos a radicais). Veja os principais.

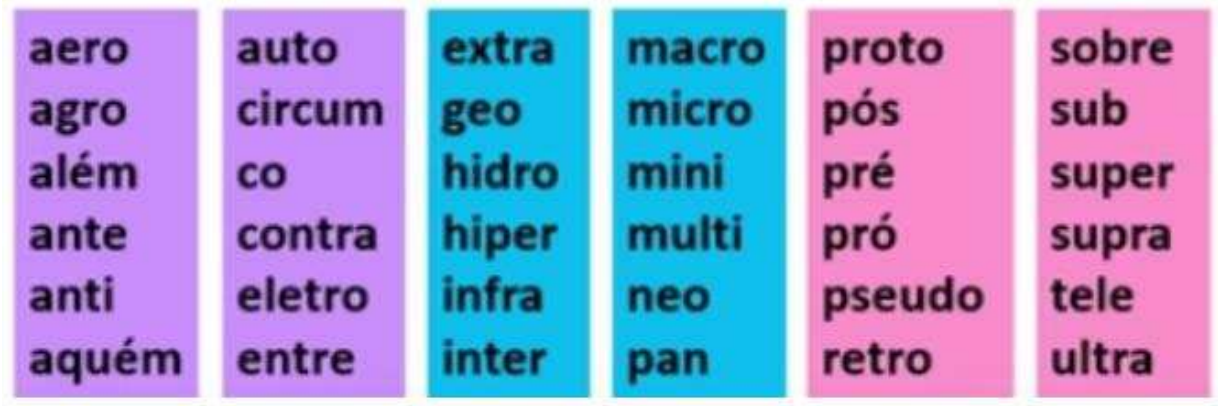

aero
agro
além
ante
anti
aquém

auto
circum
co
contra
eletro
entre

extra
geo
hidro
hiper
infra
inter

macro
micro
mini
multi
neo
pan

proto
pós
pré
pró
pseudo
retro

sobre
sub
super
supra
tele
ultra

Para memorizar alguns, vamos trabalhar aqui com o exemplo dos prefixos **P**seudo, **I**ntra, **S**emi, **C**ontra, **A**uto, **P**roto, **N**eo, **E**xtra, **U**ltra, **S**uper...

Observem que formam um mnemônico, **PiscaPneus**, um macete muito bom, que não é de minha autoria, mas também me ajudou a gravar alguns prefixos=)

Para entender a lógica do hífen, pense o seguinte: ***"os diferentes se atraem".***

Vogais diferentes, consoantes diferentes se unem diretamente, não podendo ser "separadas" por hífen. Por serem "diferentes", as vogais e consoantes também "se atraem" e não podemos inserir um hífen entre elas, ou separaríamos essa união, essa atração natural.

⊘ Não se usa hífen para unir vogais diferentes:

autoestrada, agroindustrial, anteontem, extraoficial, videoaulas, autoaprendizagem, coautor, infraestrutura, semianalfabeto

Usa-se hífen para separar vogais iguais:

Micro-ondas; contra-ataque; anti-inflamatório; auto-observação

**Exceção: *Prefixo "CO": não tem hífen, mesmo que a próxima letra seja igual:
Ex:: Cooperativa, coobrigado...**

⊘ Não se usa hífen para unir consoantes diferentes:

Não se usa hífen para unir consoantes diferentes:

Hipermercado, superbactéria, intermunicipal

Usa-se hífen para separar consoantes iguais:
Super-romântico; hiper-resistente; sub-bibliotecário

⊘ Não se usa hífen para unir consoante com vogal:

Hiperativo; interescolar; supereconômico; interação

Cuidado: Além da aplicação da regra acima, temos que saber que se a consoante após a vogal for **S** ou **R**, esta deve ser duplicada.

Minissaia; contrarregra; contrarrazões; contrassenso; ultrassom
Antissocial; antirracismo; antirrugas

Como a maioria dos prefixos termina em vogal, essas primeiras regras já resolvem a maioria das questões. Essa regra de "SS" e "RR" é uma das mais cobradas!!

Feita essa observação, vamos ver outros casos de ***não uso*** do hífen:

⊘ Não se usa hífen após "não" e "quase":

Ex: não agressão; não beligerante; não fumante; não violência

Ex: não participação; não periódico;

Ex: quase delito; quase equilíbrio; quase morte

⊘ Não se usa hífen entre palavras com elemento de ligação:

A lógica é que a preposição já é um elemento conector, não há necessidade de outro.

Ex: Mão de obra; dia a dia; café com leite; cão de guarda; pai dos burros; ponto e vírgula; camisa de força; bicho de 7 cabeças; pé de moleque; cara de pau

Contrariamente, se não houver elemento de ligação, há hífen: boa-fé; arco-íris; guarda-chuva; vaga-lume; porta-malas; bate-boca; pega-pega; pingue-pongue; corre-corre;

Exceções: mais-que-perfeito; cor-de-rosa; água-de-colônia; pé-de-meia; gota-d'água. Também recebem hífen algumas espécies botânicas: pimenta-do-reino, cravo-da-índia; bico-de-papagaio...

- ✓ Outra hipótese de uso do hífen é o **"Encadeamento"**, que é a união de duas palavras que formam uma unidade de **sentido particular, sem se tornar um substantivo composto**:

Encadeamentos: Ponte Rio-Niterói; Eixo Rio-São Paulo; Percurso casa-trabalho...

- ⊘ **Não usamos hífen entre palaz vras repetidas**, *dia a dia; corpo a corpo; face a face; porta em porta.* ***Porém****, se as palavras repetidas não tiverem elemento de ligação, aí sim* ***temos que separar com hífen****: Corre-corre; pega-pega; cri-cri; glu-glu...*

Regras especiais:

- ✓ Regra do além-túmulo: com os prefixos ***Recém, além, aquém, sem, pós, pre, ex, vice*** **HÁ HÍFEN!**

Ex: Recém-nascido, recém-casado, pré-datado, além-túmulo, pós-graduação, vice-presidente, ex-presidente, sem-terra, pré-vestibular

- ✓ **Antes de palavra com H, HÁ HÍFEN!**

Ex: anti-higiênico, circum-hospitalar, contra-harmônico, extra-humano, pré-história, sub-hepático, super-homem, ultra-hiperbólico, geo-história, neo-helênico, pan-helenismo, semi-hospitalar

- ✓ **Com os prefixos "pre","pro" e "pos": HÁ HÍFEN!!**

Ex: Pré-escolar, pró-americano, pós-graduação

Exceto se for átono, já aglutinado na palavra seguinte, que não é vista como "independente".

Ex: Preestabelecer, preexistente, promover, pospor

- ✓ **Antes de palavra com H, HÁ HÍFEN!**

anti-higiênico, circum-hospitalar, co-herdeiro, contra-harmônico, extra-humano, pré-história, sub-hepático, super-homem, ultra-hiperbólico,, geo-história, neo-helênico, pan-helenismo, semi-hospitalar

- ✓ **Com os prefixos: "Sub" e "sob" + R/B: HÁ HÍFEN!!**

Ex: Sub-região, Sub-raça, Sub-reitor, sub-reptício

- ✓ **Com os prefixos: "Circum" e "pan" + Vogal/"m"/"n": HÁ HÍFEN!!**

Ex: Pan-americano; Pan-europeu; Circum-adjacente; circum-navegação

- ✓ **Com os prefixos: Bem e Mal + Palavra iniciada por vogal (ou H): HÁ HÍFEN**

Essa regra é polêmica, pois alguns dicionários ainda grafam palavras de forma conflitante; mas, para sanar as dúvidas, veja o parecer da autoridade máxima em grafia de vocábulos:

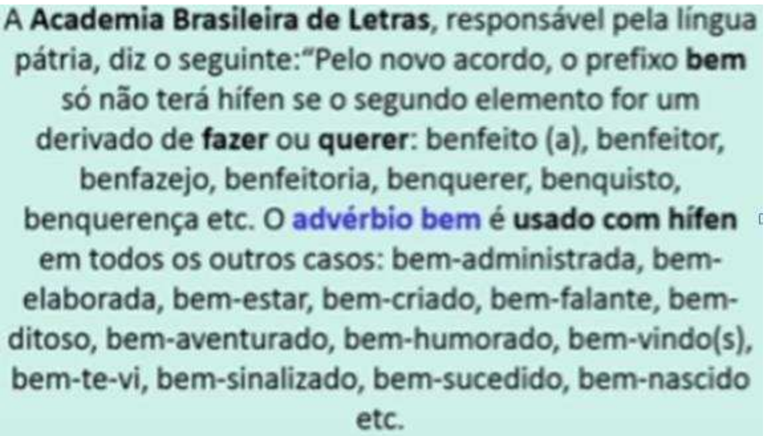

A **Academia Brasileira de Letras**, responsável pela língua pátria, diz o seguinte:"Pelo novo acordo, o prefixo **bem** só não terá hífen se o segundo elemento for um derivado de **fazer** ou **querer**: benfeito (a), benfeitor, benfazejo, benfeitoria, benquerer, benquisto, benquerença etc. O **advérbio bem** é **usado com hífen** em todos os outros casos: bem-administrada, bem-elaborada, bem-estar, bem-criado, bem-falante, bem-ditoso, bem-aventurado, bem-humorado, bem-vindo(s), bem-te-vi, bem-sinalizado, bem-sucedido, bem-nascido etc.

Moral da História: para concursos, **grave as exceções**: com o prefixo **Bem, HÁ HÍFEN**, **exceto** em palavras derivadas de **querer** ou **fazer**.

Já com o prefixo **Mal, HÁ HÍFEN, exceto** se palavra seguinte se iniciar por consoante.

Ex: Bem-vindo; Benquerer... Mal-educado; Mal-humorado; Malfeito; bem-aventurado, bem-estar, bem-humorado; mal-afortunado, mal-estar; bem-criado (malcriado), bem-ditoso (malditoso), bem-nascido (malnascido), bem-visto (cf. malvisto).

21. (CESPE/UNB- PC GO- OUT/2016)

> *O emprego do hífen no vocábulo "bem-estar" justifica-se pela mesma regra ortográfica que justifica a grafia do antônimo desse vocábulo: mal-estar.*

Comentários:

Os advérbios "bem" e "mal", se usados como prefixo, pedem hífen quando a próxima palavra é iniciada por vogal (ou H, porque tem som de vogal). Essa é a regra que justifica "bem-estar" e "mal-estar e faz o item estar correto.

Porém, acrescento que, no caso de "bem", não há hífen quando a palavra seguinte for derivada de "querer" ou "fazer": *benquerer, benfeito.*
No caso de "mal", não há hífen quando a palavra seguinte for iniciada por consoante: *malcriado, malfeito*. Questão correta.

Palavras que perderam a "noção de composição".

Por último, há uma regra polêmica do uso do hífen que deve ser decorada, pois caiu recentemente no concurso do TCM RJ/2016. Veja a questão e faça um esforço de decorar os exemplos, pois as bancas se copiam o tempo todo!

ATENÇÃO
DECORE!

22. (Questão TCM RJ/Outubro-2016)

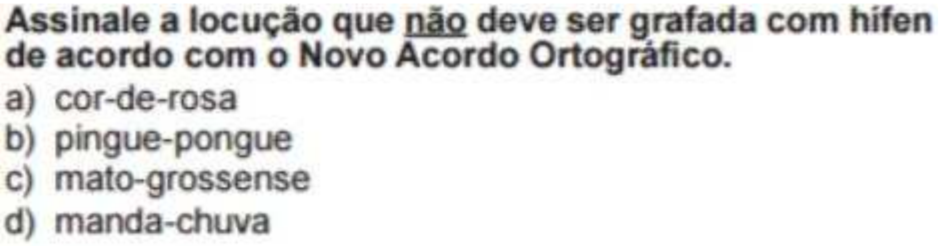

Assinale a locução que não deve ser grafada com hífen de acordo com o Novo Acordo Ortográfico.

a) cor-de-rosa
b) pingue-pongue
c) mato-grossense
d) manda-chuva

Comentários:

Questão de hífen bastante difícil. Não pediu as tradicionais regras. Pediu decoreba de quais palavras compostas "perderam" a noção de palavra composta. Essa noção é bem subjetiva e discutível, mas aparece no decreto da nova ortografia e a cobrança foi covarde.

"Certos compostos (???), em relação aos quais se perdeu, em certa medida (???), a noção de composição, grafam-se aglutinadamente: girassol, madressilva, **mandachuva**, pontapé, *paraquedas, paraquedista"*

Contudo, no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, referência máxima de ortografia, consta a grafia conforme o decreto:

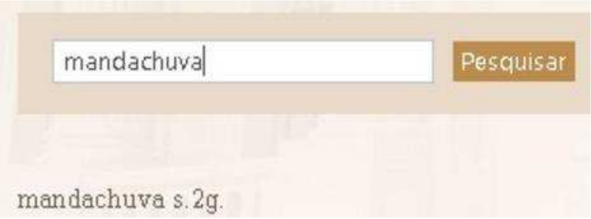

mandachuva

mandachuva s.2g.

Gabarito letra d.

Obs: ***Mato*** não é prefixo! Então, numa palavra composta, tem hífen!

FIQUE ESPERTO

Se bater aquela dúvida, pense sempre na regra geral: o hífen separa vogais e consoantes iguais! Os diferentes se atraem e não devem ser "separados" por hífen.

Portanto: entre vogais e consoantes diferentes não deve haver hífen, nem entre vogal e consoante.

23. (IF-MS- Secretário Executivo/2016)

> *Assinale o segmento do texto inteiramente correto quanto às normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (2009):*
>
> *a) Há inclusive uma teoria sobre o que acontece com a comedia: as pessoas usam a comunicação de uma forma divertida, e é por isso que rimos.*
>
> *b) O Governo de Chipre fala em "esforços intensos", o Banco Central em "esforços sobre-humanos". Seja qual for a expressão, as autoridades cipriotas dizem-se fortemente empenhadas em permitir que as agências dos bancos reabram na quinta-feira.*
>
> *c) Parte da nova geração chega às empresas mal educada. Ela não chega mal-escolarizada, chega mal educada. Não tem noção de hierarquia, de metas e prazos e acha que você é o pai dela.*
>
> *d) Os bovinos vêem e percebem o mundo que os rodeia de uma maneira diferente e peculiar.*
>
> *e) O mandatário alviverde revelou achar um absurdo a idéia de um possível gramado sintético no Allianz Parque.*

Comentários:

a) Faltou acento na palavra "comédia", que deve ser acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo.

b) Tudo certinho! A palavra "agências" é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo. "Sobre-humanos" leva hífen porque a regra geral é que deve haver hífen quando próxima palavra começa com "h".

Veja de onde a banca tirou esse exemplo, foi do decreto da nova ortografia. Aproveite para gravar os exemplos, muito cobrados em prova:

3º) O h inicial mantém-se, no entanto, quando, numa palavra composta, pertence a um elemento que está ligado ao anterior por meio de hífen: anti-higiênico, contra-haste; pré-história, sobre-humano.

"Quinta-feira" recebe hífen por ser um substantivo composto. Cuidado, não se aplica aquela regra de "vogal e consoante" não se unem por hífen, pois aqui, não há prefixo, é apenas uma palavra composta.

c) "Bem" e "Mal" levam hífen com vogal! Então a grafia é "mal-educada".

d) Os hiatos com vogais repetidas não são mais acentuados: a grafia correta é: veem, creem, leem, deem...

e) As paroxítonas que tragam digongos abertos não são mais acentuadas. Então, a grafia correta é "ideia". Acostume-se rs...

Mandatário é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo. *Sintético* leva acento por ser proparoxítona.

Gabarito letra B.

24. (FGV- TNS- Revisor- 2014)

> *As opções a seguir apresentam vocábulos grafados segundo as regras do Acordo Ortográfico anterior. Assinale a opção que indica o vocábulo que não teve sua grafia alterada, segundo as novas regras.*
>
> *a) Anti-simbólico b) Colmeia c) Co-réu d) Freqüência e) Jibóia*

Comentários:

Pela nova ortografia, não se acentuam mais as paroxítonas em que ocorram ditongo aberto, em oposição às oxítonas, que continuam sendo acentuadas quando terminadas em éu, ói, éi. Logo, a grafia correta é mesmo "colmeia", essa foi a única palavra que não teve a grafia alterada pela banca. Por essa mesma razão, a letra *e*, ***Jiboia***, está errada, pois não é acentuada.

A chave da questão era saber que uma palavra estava escrita de forma correta e as outras não. Letra a) prefixo antes de palavra terminada em R ou S, duplicamos a letra: antissimbólico. Letra c) o prefixo Co, antes de R ou S, também faz a próxima letra se duplicar: Corréu. Letra d) o trema foi abolido, a grafia correta é frequência. Gabarito letra B.

25. (IF-MS- Técnico de Laboratório/2016)

> *Segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, algumas regras do uso do hífen foram alteradas. Assinale a opção que apresenta uma palavra corretamente grafada segundo o Acordo Ortográfico referido.*
>
> *a) Sub-reino.*
>
> *b) Infra-estrutura*

> *c) Anti-rábico*
>
> *d) Microondas*
>
> *e) Hiperrequintado.*

Comentários:

Para responder essa questão, teríamos que saber da regra "**SUB**u**RB**io". Essa regra diz basicamente que há hífen com "sub" + R ou B. Então, "sub-reino" está perfeito. Contudo, era perfeitamente possível "matar" pelo raciocínio da regra geral de não unir "vogais e consoantes e iguais" nem separar "vogal com consoante".

Infraestrutura e ***antirrábico (****dobra consoante diante de R e S***)** não têm hífen, por estar na regra geral de não haver hífen entre vogal e consoante.

Micro-ondas *e* ***Hiper-requintado*** trazem hífen por haver vogais e consoantes idênticas, respectivamente. Gabarito letra A.

Ortografia

As regras de ortografia são muitas e somente a leitura habitual permite assimilar a grafia de tantas palavras de modo natural e seguro. Veremos algumas regras aqui bastante cobradas.

Regra fundamental: a palavra derivada mantém as letras da palavra primitiva. Sempre procure a palavra originária ou uma do mesmo radical para se orientar.

Uso da letra Ç

Escrevem-se com **-ção** as palavras derivadas de vocábulos terminados em **-to**, **-tor**, **-tivo** e os substantivos derivados de ações

- ✓ erudito = erudi**ção**
- ✓ exceto = exce**ção**
- ✓ setor = se**ção**
- ✓ intuitivo = intui**ção**
- ✓ redator = reda**ção**
- ✓ ereto = ere**ção**
- ✓ educar - r + ção = educa**ção**
- ✓ exportar - r + ção = exporta**ção**
- ✓ repartir - r + ção = reparti**ção**

Escrevem-se **-tenção** os substantivos correspondentes aos verbos derivados do verbo ter e com **-çar** os verbos derivados de substantivos terminados em **-ce**.

- ✓ manter = manuten**ção**
- ✓ reter = reten**ção**

- ✓ deter = deten**ção**
- ✓ conter = conten**ção**
- ✓ alcance = alcançar
- ✓ lance = lançar

26. (ESAF - Contador (FUNAI)/2016)

> *A mata preservada do Parque Indígena do Xingu segue **previlegiando [1]** os chamados "serviços sistêmicos". A natureza **contribue [2]** para o equilíbrio do clima e o **bem-estar [3]** das pessoas, seja na forma de umidade do ar, que leva chuva pelo Brasil **a fora [4]**, seja na manutenção da biodiversidade, da polinização, da **absorsão [5]** de carbono.*
>
> *(Adaptado de Planeta/abr.2016, p.20.)*
>
> *Assinale a opção cujo número corresponde ao segmento corretamente grafado.*
>
> *a) 1 b) 2 c) 3 d) 4 e) 5*

Comentários:

Cuidado, a grafia correta é "pr**I**vilégio".

Usamos "I" na segunda e na terceira pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos terminados em -air, -oer e -**uir**: atrais, atrai, corróis, corrói, possuis, possui...

O verbo é contribuir, então a terceira pessoa do singular segue o padrão **–UI**, como influi, substitui, constitui. Logo, a natureza "contribu**I**".

Os prefixos "bem" e "mal" se unem às palavras COM HÍFEN, salvo quando em palavras derivadas de querer ou fazer. Dessa forma, a grafia é mesmo "bem**-**estar" com hífen. "Afora" é preposição, se escreve tudo junto. Substantivos derivados de ação são grafados com final –ção. "Absor**Ç**ão" é derivado de absorver. Gabarito letra C.

Uso da letra S

Escrevem-se com **-S-** as palavras derivadas de verbos terminados em **-nder** e **-ndir**

- ✓ pretender = pretensão
- ✓ defender=defesa, defensivo
- ✓ despender = despesa
- ✓ compreender=compreensão
- ✓ fundir = fusão
- ✓ expandir = expansão

Escrevem-se com **-s-** as palavras derivadas de verbos terminados em **-erter**, **-ertir** e **-ergir**.

- perverter = perversão
- converter = conversão
- reverter = reversão
- divertir = diversão
- aspergir = aspersão
- imergir = imersão

Verbos terminados em **–pelir** formarão substantivos terminados em **–puls-**

Verbos terminados em **-correr** formarão substantivos terminados em -**curs**-

- expelir = expul***s***ão
- impelir = impul***s***o
- compelir = compul***s***ório
- concorrer = concur***s***o
- discorrer = discur***s***o
- percorrer = percur***s***o

Usa-se **-s-** para grafar todas as palavras terminadas em **-oso e –osa**. Também se grafam com S palavras terminadas em **-ase, -ese, -ise, –ose, -isa:**

Exceções: gozo, gaze, deslize.

- gostosa
- glamorosa
- saboroso
- horroroso
- fase
- crase
- tese
- osmose
- poetisa
- profetisa
- Heloísa
- Marisa

A conjugação dos verbos pôr, querer e usar se grafa com –S- (Cai muito!)

- Eu pu**s**
- Ele qui**s**
- Nós usamos
- Eles qui**s**eram
- Quando nós qui**s**ermos/pusermos/compusermos
- Se eles usassem

Ç ou S?

Após ditongo, escreveremos com ***-ç-***, quando houver ***som de s***, e escreveremos com -s-, quando houver som de z.

- eleição
- traição
- Neusa
- coisa

S ou Z?

Palavras terminadas em ***-ês*** e ***-esa*** que indicarem nacionalidades, títulos ou nomes próprios devem ser grafadas com ***–S***.

- ✓ português
- ✓ norueguesa
- ✓ marquês
- ✓ duquesa
- ✓ Inês
- ✓ Teresa

Por outro lado, palavras terminadas em **-ez** e **-eza**, substantivos abstratos que provêm de adjetivos, ou seja, palavras que indicam a existência de uma qualidade devem ser grafadas com **–Z**.

- ✓ embriaguez
- ✓ limpeza
- ✓ lucidez
- ✓ nobreza
- ✓ acidez
- ✓ pobreza

Os verbos terminados em **-isar**, quando a **palavra primitiva já possuir o -s-**, também serão grafados com –S. Se a palavra ***não possuir –S***, grafa-se com **-Z**

- ✓ análise = analisar
- ✓ pesquisa = pesquisar
- ✓ paralisia = paralisar

- ✓ economia = economizar
- ✓ terror = aterrorizar
- ✓ frágil = fragilizar

Exceções:

- ❖ catequese = catequizar
- ❖ síntese = sintetizar
- ❖ hipnose = hipnotizar
- ❖ batismo = batizar

Se palavra primitiva possuir –s, devem-se grafar com **-s-** os diminutivos terminados em **-sinho** e **–sito**. Caso não haja –s na palavra primitiva, grafam-se com –Z os diminutivos.

- ✓ casinha
- ✓ asinha
- ✓ portuguesinho
- ✓ camponesinha
- ✓ Teresinha
- ✓ Inesita

- ✓ mulherzinha
- ✓ arvorezinha
- ✓ alemãozinho
- ✓ aviãozinho
- ✓ pincelzinho
- ✓ corzinha

Palavras Grafadas com SS

Palavras derivadas de verbos terminados em –ceder geram substantivos com terminação **- cess-**

- ✓ anteceder = antecessor
- ✓ exceder = excesso
- ✓ conceder = concessão

Fique muito atento à palavra: E**XC**E**Ç**ÃO!!!

Vocábulos derivados de verbos terminados em –primir são grafados com **-press-**

- ✓ imprimir = impressão
- ✓ comprimir = compressa
- ✓ deprimir = depressivo

Escrevem-se com **-gress-** as palavras derivadas de verbos terminados em **–gredir** e com **-miss-** ou **-mess-** as palavras derivadas de verbos terminados em **-meter**.

- ✓ agredir = agressão
- ✓ progredir = progresso
- ✓ transgredir = transgressor
- ✓ comprometer = compromisso
- ✓ intrometer = intromissão
- ✓ *prometer = promessa*
- ✓ remeter = remessa

São grafadas com **SC**: *acrescentar, acréscimo, adolescência, adolescente, ascender (subir), ascensão, ascensor, ascensorista, ascese, ascetismo, ascético, consciência, crescer, descender, discente, disciplina,* ***discípulo,*** *fascículo, fascínio, fascinante, piscina, piscicultura, imprescindível, intumescer, irascível, miscigenação, miscível, nascer, obsceno, oscilar, plebiscito, recrudescer, reminiscência, rescisão, ressuscitar, seiscentos,* ***suscitar****, transcender.*

Na conjugação desses verbos o SÇ permanece: na**sç**o, na**sç**a; cre**sç**o, cre**sç**a.

Palavras derivadas dos verbos terminados em –jar mantêm o –J.

- ✓ trajar = traje, eu trajei.
- ✓ encorajar = que eles encorajem
- ✓ viajar = que eles viajem
- ✓ loja = lojista
- ✓ gorja = ***gorjeta***
- ✓ canja = canjica

Palavras de origem tupi, africana ou popular (desconhecida) devem ser grafadas com **J**.

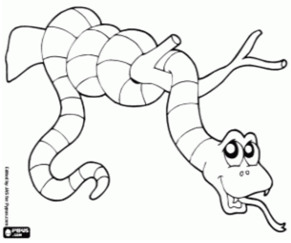

- ✓ jeca
- ✓ ~~jibóia~~ ***jiboia***
- ✓ jiló
- ✓ pajé

Por outro lado, palavras terminadas em ***-ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio, -gem*** são grafadas com **G**.

- ✓ pedá***g***io
- ✓ colé***g***io
- ✓ sacrilé***g***io
- ✓ prestí***g***io
- ✓ reló***g***io
- ✓ refú***g***io
- ✓ a via***g***em
- ✓ a cora***g***em
- ✓ a persona***g***em
- ✓ a vernissa***g***em
- ✓ a ferru***g***em
- ✓ a penu***g***em

Viagem
SEM PERRENGUE

Exceções: pajem, lambujem e a conjugação dos verbos terminados em –jar (que eles viajem). Grave também a palavra **"Ojeriza", cai muito em prova.**

27. (ANAC- TÉCNICO ADMINISTRATIVO- 2016)

a) No caso de sentir-se prejudicado ou de ter seus direitos desrespeitados, o passageiro de avião deve dirigir-se primeiro à empresa aérea contratada, para reinvindicar seus direitos como consumidor.

b) É possível, também, registrar reclamação contra a empresa aérea na ANAC, que analizará o fato.

c) Se a ANAC constatar descomprimento de normas da aviação civil, poderá aplicar sanção administrativa à empresa.

d) No entanto, a ANAC não é parte na relação de consumo firmada entre o passageiro e a empresa aérea, razão pela qual não é possível buscar indenização na Agência.

e) Para exijir indenização por danos morais e/ ou materiais, consulte os órgãos de defesa do consumidor, e averigúe antecipadamente se está de posse dos comprovantes necessários.

Comentários:

a) No caso de sentir-se prejudicado ou de ter seus direitos desrespeitados, o passageiro de avião deve ~~dirijir-se~~ **dirigir-se** primeiro à empresa aérea contratada, para ~~reinvindicar~~ **reivindicar** seus direitos como consumidor.

b) É possível, também, registrar reclamação contra a empresa aérea na ANAC, que ~~analizará~~ **analisará** o fato.

c) Se a ANAC constatar ~~descomprimento~~ **descumprimento** de normas da aviação civil, poderá aplicar sanção administrativa à empresa.

d) No entanto, a ANAC não é parte na relação de consumo firmada entre o passageiro e a empresa aérea, razão pela qual não é possível buscar indenização na Agência.

Questão correta!

e) Para ~~exijir~~ **exigir** indenização por danos morais e/ ou materiais, consulte os órgãos de defesa do consumidor, e ~~averigúe~~ **averigue** antecipadamente se está de posse dos comprovantes necessários.

O acento e o trema em “averigue” morreram. Acostume-se com essa nova grafia, as bancas estão cobrando! Gabarito letra D.

28. (ANAC- ANALISTA ADMINISTRATIVO- 2016)

> *Assinale a opção correspondente a erro de grafia inserido no texto.*
>
> *a) controvérsia*
>
> *b) converjências*
>
> *c) intensa*
>
> *d) convencer*

> *e) inesquecível*

Comentários:

A grafia correta é "convergência", derivada de "convergir". Gabarito letra B.

X ou Ch

Palavras iniciadas por **mex-** ou **-enx**, com **exceção de mecha e enchova,** são escritas com **X**.

- ✓ mexilhão
- ✓ mexer
- ✓ mexerica
- ✓ México
- ✓ mexerico
- ✓ mexido
- ✓ enxada
- ✓ enxerto
- ✓ enxerido
- ✓ enxurrada

Palavra muuuuito cobrada: ***Enxergar!***

Atenção:

- ✓ cheio = encher, enchente
- ✓ charco = encharcar
- ✓ chiqueiro = enchiqueirar

Ocorre -x- após ditongo:

- ✓ amei**x**a
- ✓ dei**x**ar
- ✓ quei**x**a
- ✓ fei**x**e
- ✓ pei**x**e
- ✓ guei**x**a

Exceções: recauchutar e guache.

Expressões problemáticas

Pessoal, agora vamos ver algumas expressões que, por serem parecidas, causam muita dúvida ao candidatos. Veremos outros casos na aula de parônimos. A banca ama explorar isso!

- ✓ **Mal x Mau**

Ma**l**: oposto de "bem". Advérbio. Geralmente acompanha um verbo ou adjetivo.

Ex: Não passou porque estava mal preparado.

Ex: Mal cheguei, fui interrogado. (sentido de tempo)

Ma**u**: oposto de "bom". Adjetivo. Acompanha um substantivo, dando a ele a qualidade de "maligno".

Ex: Não passou porque era um mau candidato.

✓ Porque x Por que x Por quê x Porquê

Porque: *conjunção explicativa ou causal, ou seja, introduz uma explicação ou causa da oração anterior.*

Ex: Estudo porque sei que minha hora vai chegar.

Por que: *é usado em frases interrogativas, diretas ou indiretas (com ou sem ponto de interrogação), ou pode ser Por (preposição) + (Que) pronome relativo, equivalente a "pelo qual", "pela qual".*

Ex: Por que você é grosseiro? (por que motivo)

Ex: Não sei por que você se foi... (por que motivo)

Ex: Só eu sei as esquinas por que passei. (pelas quais passei)

Por quê: *É o mesmo caso acima, quando ocorre em final de período. O macete* ***é pensar que pontuação final atrai o circunflexo.***

Ex: Nunca fumou e morreu de câncer. Por quê?

Porquê: *É substantivo, equivale a "motivo", "razão"; vem com artigo.*

Ex: Não foi aprovado e ninguém sabe o porquê. (ninguém sabe o motivo)

29. (DPE MT 2015 – Assistente Administrativo)

> *Na frase "Não entendo por que não se legaliza o jogo no Brasil", o termo sublinhado tem a grafia em dois termos exatamente pelo mesmo motivo que em*
>
> *(A) "A legalização do jogo é o motivo por que luta a leitora."*
>
> *(B) "Por que razão não se legaliza o jogo?"*
>
> *(C) "Desconheço por que a legalização do jogo é proibida."*
>
> *(D) "Esse é o caminho por que ele veio."*
>
> *(E) "O projeto por que me empenho é de grande utilidade."*

Comentários:

"Por que" separado equivale a "por qual motivo" numa interrogativa indireta; ou pode equivaler a **por** (preposição) + **que** (pronome relativo, substituível por "pelo qual"). Vamos ver qual é cada caso.

(A) "A legalização do jogo é o motivo **pelo qual** luta a leitora."

(B) "**por qual** razão não se legaliza o jogo?"

(C) "Desconheço **por que (motivo)** a legalização do jogo é proibida."

Aqui temos uma interrogativa indireta. Essa é a única alternativa em que se pode subentender a palavra "motivo". Veja que a banca só trocou "não entendo" por "desconheço" e manteve a mesma estrutura.

(D) "Esse é o caminho **pelo qual** ele veio."

(E) "O projeto **pelo qual** me empenho é de grande utilidade."

Gabarito letra C.

Há x a

Há: Verbo impessoal haver, sentido de existir; tempo passado

Ex: Há dias em que sinto falta de fumar. Há dez anos não fumo.

A: preposição, sentido de limite, distância ou futuro.

Ex: O cinema fica a 2km daqui. Chegaremos daqui a 15 minutos.

Onde x Aonde

Onde: Usado para verbos que pedem a preposição "em".

Ex: Onde você mora? Moro em Caxias.

Aonde: Usado para verbos que pedem a preposição "a".

Ex: Aonde quer que eu vá, eu levo você no olhar.

Mas x Mais

Mas: Conjunção adversativa, com "porém".

Ex: Ela come muito, mas não engorda.

Mais: Oposto de menos

Ex: Estudei um pouco de manhã; à noite estudei mais.

A fim x afim

A fim de: locução prepositiva com sentido de "propósito", "para".

Ex: Estou aqui a fim de te orientar sobre seu estudo.

Afim: Semelhante, correlato.

Ex: Matemática e estatística são matérias afins.

A par x Ao par

A par: Informado

Ex: Não estou a par desse novo edital.

Ao par: Equivalente em valor

Ex: Sonhei que o dólar estava ao par do real.

Acerca x A cerca:

Acerca: Sobre, assunto.

Ex: Discutiremos acerca do aumento de seu salário.

A cerca: Artigo **a** + substantivo **cerca**.

Ex: A cerca não resistiu ao vento e desabou.

Cessão x Sessão x Seção

Cessão: Ato de ceder

Ex: Vou assinar um contrato de cessão de direitos com você.

Sessão: Período de tempo que dura uma reunião.

Ex: A sessão legislativa vai atrasar de novo.

Seção: ponto ou local onde algo foi cortado ou dividido

Ex: Procure seu liquidificador na seção de eletrodomésticos.

HORA DE
PRATICAR!

30. (PROFESSOR- PREFEITURA DE CUIABÁ- 2016)

> *"Mas os desafios permanecem, pouco antes do início da Conferência do Clima de Paris, que em dezembro reunirá 195 delegações a fim de manter o aumento constante da temperatura global."*
>
> *Nesse segmento do texto, o vocábulo "a fim" é grafado em duas palavras, o que tem um sentido diferente do vocábulo "afim", grafado como uma só palavra.*

> *Assinale a opção que indica a frase cujo termo sublinhado apresenta grafia correta.*
>
> *a) Todo o Congresso discutia a cerca do desmatamento.*
>
> *b) Por ventura o desmatamento diminuiu no Brasil?*
>
> *c) Discutiu-se muito, sobre tudo, o essencial para a proteção do meio ambiente.*
>
> *d) O motivo por que ocorreu o desmatamento é que não houve fiscalização.*
>
> *e) Houve uma calamidade natural, por tanto ninguém é culpado.*

Comentários:

a) Todo o Congresso discutia ~~a cerca~~ **ACERCA**(SOBRE) do desmatamento.

b) ~~Por ventura~~ **PORVENTURA** o desmatamento diminuiu no Brasil?

c) Discutiu-se muito, ~~sobre tudo~~ **SOBRETUDO**, o essencial para a proteção do meio ambiente.

d) O motivo por que ocorreu o desmatamento é que não houve fiscalização.

Motivo por que= motivo pelo qual. Questão correta.

e) Houve uma calamidade natural, ~~por tanto~~ **PORTANTO** ninguém é culpado.

Gabarito letra d.

Ao invés de x Em vez de

Ao invés de: fazer o contrário, o inverso, usado com antônimos

Ex: Ao invés de se entregar ao nervosismo, permaneceu calmo.

Em vez de: uma coisa no lugar da outra

Ex: Em vez de você ficar pensando nele, pense em mim!

De mais x Demais

De mais: oposto a "de menos";

Ex: Não acho nada de mais desse filme.

Demais: muito; o restante

Ex: Esse filme é bom demais!

Ex: O líder fala, os demais ouvem.

A banca também gosta de pedir verbos ***derivados de ter, ver, vir e pôr***, que faz conjugação com a base "puse", conforme veremos na aula de verbo.

Fique atento: Eles tiveram>Eles detiveram; Eles puseram>Eles propuseram.

Mais questões comentadas

31. (CESPE/UNB/PRF/2013)

> *No que se refere aos sentidos e às estruturas linguísticas do texto acima, julgue o item a seguir.*
>
> *O emprego do acento nas palavras "ciência" e "transitório" justifica-se com base na mesma regra de acentuação.*

Comentários:

Ambas são paroxítonas terminadas em ditongo, logo, são acentuadas pela mesma regra. Questão correta.

32. (CESPE/UNB/AUFC/CONTROLE EXTERNO-2013)

> *Em relação ao texto apresentado, julgue o seguinte item.*
>
> *Os vocábulos "assistência", "potável" e "elétrica" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.*

Comentários:

Assistência é uma paroxítona terminada em ditongo. Potável é paroxítona terminada em L. Elétrica é uma proparoxítona. São acentuadas por uma regra diferente. À exceção da regra do hiato, se duas palavras não partilham sequer a mesma posição da tônica, não podem ser acentuadas pela mesma razão. Incorreto.

33. (CESPE/UNB/SUFRAMA/2014)

> *Julgue o seguinte item, relativo às ideias e aos aspectos semânticos do texto apresentado.*
>
> *O emprego do acento gráfico nas palavras "fenômeno" e "próximo" atende à mesma regra de acentuação gráfica.*

Comentários:

Ambas são proparoxítonas. Por isso, são acentuadas. Correto.

34. (CESPE/SUFRAMA/2014)

> *No que se refere a elementos textuais e linguísticos do texto acima, julgue o item seguinte.*
>
> *O emprego de acento nos vocábulos "amazônicas", "altíssimas" e "pássaros" atende à mesma regra de acentuação gráfica.*

Comentários:

As 3 palavras são acentuadas por serem proparoxítonas. Item certo.

35. (CESPE/UNB/MDIC/2014)

> *Com relação a aspectos linguísticos e aos sentidos do texto acima, julgue o item a seguir.*
>
> *O emprego do acento gráfico nos vocábulos "índice" e "período" justifica-se com base na mesma regra de acentuação gráfica.*

Comentários:

As palavras são acentuadas por serem proparoxítonas. Atente para a separação de Pe-rí-o-do. Questão correta.

36. (CESPE - PT (PM CE)/2014)

> *Com relação às ideias e às suas estruturas linguísticas do texto apresentado, julgue o item a seguir.*
>
> *O emprego do acento gráfico na palavra "atrás" justifica-se com base na mesma regra que justifica o emprego do acento gráfico em "fiéis".*

Comentários:

A-trás: Oxítona terminada em a(s). Fi-éis: Oxítona terminada em ditongo aberto. Não são terminadas da mesma forma, nem são acentuadas pela mesma regra. Item errado.

37. (CESPE - AA ICMBio/2014)

> *Julgue o item seguinte, relativo às ideias e aos aspectos estruturais do texto acima.*
>
> *A mesma regra de acentuação gráfica se aplica aos vocábulos "homogênea", "médio" e "bromélias".*

Comentários:

Homogê-nea; mé-dio; bromé-lias. Repare que as 3 palavras terminam em ditongo e são paroxítonas. Logo, são acentuadas e pela mesma razão. Questão correta.

38. (CESPE - AA (ICMBio)/2014)

> *Acerca dos aspectos estruturais e interpretativos do texto acima, julgue o item a seguir.*
>
> *A mesma regra de acentuação gráfica se aplica aos vocábulos "Brasília", "cenário" e "próprio".*

Comentários:

Novamente, todas elas são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo. Questão correta.

39. (CESPE - Ag Adm (CADE)/2014)

> *Julgue o item a seguir, relativo às estruturas linguísticas e às ideias do texto acima.*
>
> *Justifica-se com base na mesma regra de acentuação gráfica o emprego do acento gráfico nos vocábulos "sabíamos" e "procurávamos".*

Comentários:

A acentuação dessas palavras se justifica na regra das proparoxítonas, que são todas acentuadas. Questão correta.

40. (CESPE – Anatel/ administrativo/2014)

> *O emprego do acento gráfico em "indústria" e "rádio" justifica-se com base na mesma regra de acentuação.*

Comentários:

In-dús-tria e Rá-dio são paroxítonas terminadas em ditongo. São, portanto, acentuadas e pela mesma regra. Questão correta.

41. (CESPE - Eng (CEF)/Engenharia Agronômica/2014)

> *O emprego do acento gráfico nas palavras "metálica", "acúmulo" e "imóveis" justifica-se com base na mesma regra de acentuação.*

Comentários:

Metálica e acúmulo são proparoxítonas. Imóveis é uma paroxítona terminada em ***eis***. Logo, não poderiam ser acentuadas pela mesma regra. Lembremos, por oportuno, que todas as paroxítonas são acentuadas, exceto aquelas terminadas em **A, E, O, Em, Ens e as que tragam ditongos abertos**. Essas são justamente as terminações que justificam a acentuação das oxítonas. Questão incorreta.

42. (CESPE – APF – Polícia Federal/2014)

> *Os termos "série" e "história" acentuam-se em conformidade com a mesma regra ortográfica.*

Comentários:

A essa altura, você já cansou de saber que essas palavras são **paroxítonas terminadas em ditongo** e, por isso, **são acentuadas**. Questão correta.

43. (CESPE – ANTAQ/2014)

> *O emprego de acento gráfico em "água", "distância" e "primário" justifica-se pela mesma regra de acentuação.*

Ambas as palavras são **paroxítonas terminadas em ditongo oral** e, por isso, **são acentuadas**. Aproveito para relembrar que o ditongo também pode ser nasal, como em cantam, mas aí não haveria acentuação, por ser exceção. Questão correta.

44. (CESPE - PT (CBM CE)/2014)

> *As palavras "meteorológica", "científico" e "contêineres" são acentuadas segundo diferentes regras de acentuação gráfica.*

Comentários:

As 3 palavras são acentuadas por serem proparoxítonas. Não são regras diferentes. Item incorreto.

45. (CESPE - Sold (CBM CE)/2014)

> *As palavras "idiomática", "construída" e "língua" são acentuadas em razão da mesma regra ortográfica.*

Comentários:

i-di-o-má-tica é **proparoxítona** e todas elas são acentuadas. Cons-tru-í-da é acentuada por trazer ***I* tônico formando um hiato sozinho** numa sílaba (ou seguido de s). Língua é acentuada por ser uma **paroxítona terminada em ditongo**. Logo, cada palavra tem uma classificação quanto à tonicidade e é acentuada por uma regra distinta. Questão incorreta.

46. (CESPE – AUFC- Controle Externo/2005)

> *O vocábulo de que se derivaram formas como polar, polarizar, "polarizadas" tem acento diferencial.*

Comentários:

Não existe mais o acento diferencial entre as palavras pólo (esporte) e o pôlo (contração arcaica). Relembre os acentos diferenciais que permaneceram após a reforma ortográfica:

1) P**ô**de (pretérito) Vs. Pode (presente); **2)** P**ô**r (verbo) Vs. Por (preposição); **3)** T**ê**m e vêm (plural) Vs. Tem e Vem (singular). Questão incorreta.

47. (CESPE - AUFC/Controle Externo/2005)

> *Os vocábulos "prejuízo" e atraí acentuam-se atendendo à mesma regra.*

Comentários:

Preju-í-zo e atra-í são acentuados pela mesma regra: aquela do I e U tônicos em hiatos. Item correto.

48. (CESPE-TJ TRE ES/Adm/"Sem Especialidade"/2011)

> *Em "contribuíram", o emprego do acento gráfico justifica-se pela presença de ditongo em sílaba tônica.*

Comentários:

Con-tri-bu-í-ram. Observe o I tônico, sozinho na sílaba, formando hiato. Essa é a regra que justifica a acentuação, como vimos. Questão incorreta.

49. (CESPE - TJ TRE ES/Adm/"Sem Especialidade"/2011)

> *As palavras "catástrofe" e "climática" recebem acento gráfico com base em justificativas gramaticais diferentes.*

Comentários:

As palavras são ambas proparoxítonas e por isso são obrigatoriamente acentuadas, pela mesma razão. Item incorreto.

50. (CESPE - TA (ANCINE)/2012)

> *Os vocábulos "indivíduo", "diária" e "paciência" recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação gráfica.*

Comentários:

Clássica do CESPE/UNB. Todas são paroxítonas terminadas em ditongo. Item correto.

51. (CESPE - AUFC/Controle Externo/2005)

> *É correta a forma variante de grafia do vocábulo "projeto de lei" com hífen.*

Comentários:

O hífen tem uma justificativa fonológica, no sentido de preservar a pronúncia das palavras. Por isso, em regra, **não usamos hífen entre palavras repetidas e termos com elementos de ligação**, sendo esse último o caso da expressão objeto da questão: projeto-de-lei. Não há necessidade de ligar essas palavras por hífen e há uma regra expressa pela nova ortografia proibindo essa ligação. Pelo mesmo motivo, não são ligadas por hífen as expressões *mão de obra, pé de meia, pé de moleque, café com leite, cão de guarda*... Questão incorreta.

52. (CESPE – PRF Agente Administrativo-2012)

> *As palavras "Polícia", "Rodoviária" e "existência" recebem acento gráfico porque são paroxítonas terminadas em ditongo crescente.*

Comentários:

De fato, as três são paroxítonas terminadas em ditongo. Não se preocupe com essa classificação, pois tanto o crescente quanto o decrescente são acentuados!

Ditongo é o encontro de uma vogal com um semivogal. Sabemos que a "vogal" é forte, enquanto a "semivogal" é fraca. O ditongo crescente é aquele que "cresce", em termos fonéticos, isto é, vai da semivogal para a vogal, da átona para a tônica: iA, iE, iO...: histór**iA**, barbár**iE**, sacrifíc**iO**. O ditongo decrescente segue o caminho contrário: a vogal (forte) é seguida da semivogal (fraca): **Au**to, c**Ai**-xa, fa-l**Ei**, F**Ei**-xe, fug**Iu**, l**Ei**, **Oi**to, p**Ai**-xão, pas-t**Éi**s, per-d**Eu**, sal-m**Ou**-ra, s**Eu**, v**Ai**, v**Ai**-da-de etc.

Questão correta.

53. (CESPE – IBAMA -2012)

> *As palavras "pó", "só" e "céu" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.*

Comentários:

"Pó" e "só" são monossílabos tônicos acentuados por serem terminados em "O".

Já "céu" é acentuado por terminar em ditongo aberto. Questão incorreta.

54. (CESPE – Correios 2011)

> *Em decorrência do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (atualmente em sua fase de transição, que vai até 31/12/2012), que eliminou o trema — mantido apenas em palavras estrangeiras como "Müller" —, a palavra "cinquenta" não apresenta mais esse sinal diacrítico.*

Comentários:

Exato. O trema foi eliminado, tendo permanecido apenas em raros casos em que a palavra estrangeira já tem o trema. Questão correta.

55. (CESPE – TJ ES- 2011)

> *Os vocábulos "analítica" e "teríamos" recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação.*

Comentários:

Questão boa! "analí-ti-ca" e "terí-a-mos" são proparoxítonas. Observe que, mesmo havendo hiato, prevalece a regra da proparoxítona. Questão correta.

56. (CESPE – TJ ES- 2011)

> *Os vocábulos "público" (L.9) e "caótico" (L.12), que foram empregados no texto como adjetivos, obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.*

Comentários:

Sim. "público" e "caótico" são proparoxítonas. Questão correta.

57. (CESPE – ANAC 2012)

> *As palavras "início" e "série" recebem acento gráfico com base em regras gramaticais distintas.*

Comentários:

Ambas são paroxítonas terminadas em ditongo. Questão incorreta.

58. (CESPE – ANAC 2012)

> *Os termos "Três" e "Vã" são acentuados em decorrência de igual justificativa gramatical.*

Comentários:

A banca inicialmente considerou o item correto, enquadrando as palavras na regra dos monossílabos tônicos. Depois, argumentou-se em recursos que o til não é considerado acento tônico; então, a questão foi ANULADA. Veja bem, a questão não foi alterada para "incorreta", foi ANULADA, o que mostra a verdadeira posição da banca em pensar que estão na mesma regra.

59. (CESPE – TJ AC 2012)

> *As palavras "conteúdo", "calúnia" e "injúria" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.*

Comentários:

As palavras "calúnia" e "injúria" são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo. "conteúdo" é acentuada pela regra do hiato. Questão incorreta.

60. (CESPE – ANS 2013)

> *Em relação ao texto acima, julgue o item subsequente. A palavra "acúmulo" recebe acento gráfico porque é proparoxítona; sem o acento, constituiria nova palavra, que se diferencia da primeira no que se refere à classificação gramatical.*

Comentários:

Exato: "acúmulo" é substantivo proparoxítono. Retirando o acento, teríamos: "acuMUlo", verbo paroxítono. Questão correta.

Acentuação diferencia palavras: sabi***á***/s***á***bia/sab***i***a **>** Muda Classes: a***cú***mulo (substantivo) x acu***mu***lo (verbo) > nem toda sílaba tônica é acentuada>átono=fraco

Resumo

Monossílabo Tônico

- Terminados em ***A(s),E(s),O(s)*** : pá, três, pós
- Terminadas em Ditongo Aberto***: éu, éi, ói***: céu, réis, dói

oxítona

- Terminadas em ***A(s)*,*E(s)*,*O(s)***),***Em(s)***. sofá, café,
- Terminadas em Ditongo Aberto***: éu, éi, ói***: chapéu, anéis, herói

paroxítona

- Todas, exceto terminadas em ***A(s),E(s),O(s)***),***Em(s)***. Ex: ***fácil, hífen, álbum, cadáver, álbuns, tórax, júri, lápis, vírus, bíceps, órfão***
- Terminadas em ditongo (Regra cobradíssima) Ex: ***Indivíduos, precárias, série, história, imóveis, água, distância, primário, indústria, rádio***
- Se tiver Ditongo Aberto: não acentua mais!Ex: ***boia, jiboia, proteico, heroico***

Proparoxítona

- Todas. Sempre. Ex: ***líquida, pública, episódica, anencéfalo, período***

Regra do Hiato: Acentuam-se o "i" ou "u" tônico sozinho na sílaba (ou com s): ba***ú***, ju***í***zes, bala***ús***tre, pa***ís***, re***ú***nem, sa***ú***de, ego***ís***mo. Caso contrário, não acentue: juiz, raiz, ruim, cair.

Não se acentuam também hiatos com vogais repetidas: voo, enjoo, creem, leem, saara, xiita, semeemos.

Exceção$_1$: "i" seguido de NH: rainha, bainha, tainha,

Exceção$_2$: "i" ou "u" antecedido de ditongo, se a palavra não for oxítona: bocaiuva, feiura, sauipe, Piau***í***, tuiui***ú***. **Decore**: *Guaíba e Guaíra* são acentuados.

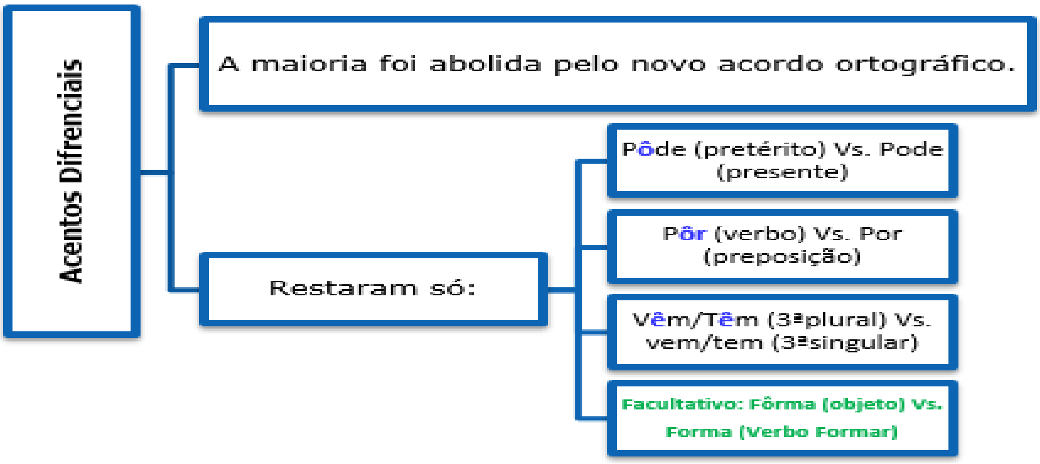
Acentos Difrenciais
A maioria foi abolida pelo novo acordo ortográfico.
Restaram só:
Pôde (pretérito) Vs. Pode (presente)
Pôr (verbo) Vs. Por (preposição)
Vêm/Têm (3ªplural) Vs. vem/tem (3ªsingular)
Facultativo: Fôrma (objeto) Vs. Forma (Verbo Formar)

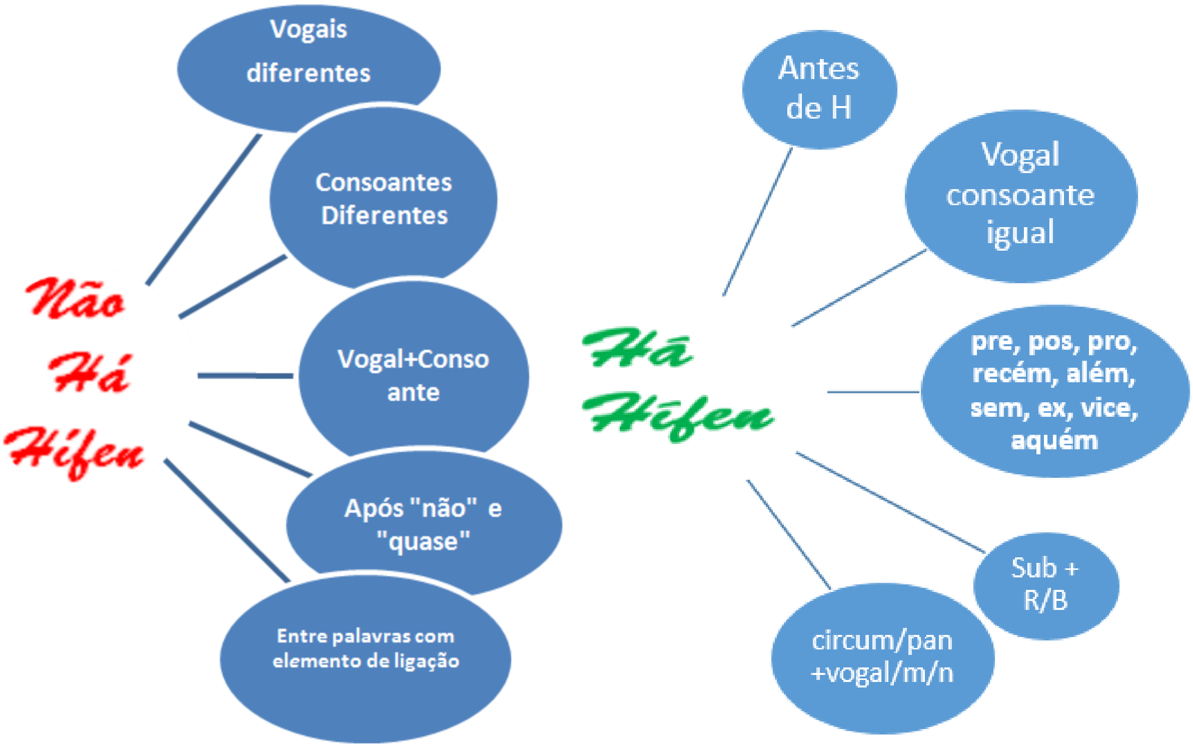
Não Há Hífen
Vogais diferentes
Consoantes Diferentes
Vogal+Consoante
Após "não" e "quase"
Entre palavras com elemento de ligação
Há Hífen
Antes de H
Vogal consoante igual
pre, pos, pro, recém, além, sem, ex, vice, aquém
Sub + R/B
circum/pan +vogal/m/n

Regras Gerais para (não) uso do hífen:

Não se usa hífen para unir vogais diferentes: aut**o**estrada, agr**o**industrial, ant**e**ontem, extr**a**oficial, vide**o**aulas, aut**o**aprendizagem, c**o**autor, infr**a**estrutura, sem**i**analfabeto**>** **Usa-se para vogais iguais**: Micr**o**-ondas; contr**a**-ataque; ant**i**-inflamatório; aut**o**-observação

Não se usa hífen para unir consoantes diferentes: Hipe**r**mercado, supe**r**bactéria, inte**r**municipal> **Usa-se para consoantes iguais**: Super-romântico; hiper-resistente; sub-bibliotecário

Não se usa hífen para entre palavras com elementos de ligação: Mão de obra; dia a dia; café com leite; cão de guarda; pai dos burros; ponto e vírgula; camisa de força; bicho de sete cabeças; pé de moleque; cara de pau.

Contrariamente, se **não houver elemento de ligação, há hífen**: boa-fé; arco-íris; guarda-chuva; vaga-lume; porta-malas; bate-boca; pega-pega; corre-corre

Recém, além, aquem, sem, pós, pre, ex, vice. ***HÁ HÍFEN:*** Recém-nascido, recém-casado, pré-datado, além-túmulo, pós-graduação, vice-presidente, ex-presidente, sem-terra, pré-vestibular

Antes de palavra com H, SEMPRE HÁ HÍFEN: *anti-higiênico, circum-hospitalar, co-herdeiro, contra-harmônico, extra-humano, pré-história, sub-hepático, super-homem, ultra-hiperbólico, geo-história, neo-helênico, pan-helenismo, semi-hospitalar*

Prefixos "Sub" e "sob" + R/B: HÁ HÍFEN**:** Sub-região, Sub-raça, Sub-reitor

****Exceções:*** mais-que-perfeito; cor-de-rosa; água-de-colônia; pé-de-meia; gota-d'água; espécies botânicas: pimenta-do-reino, cravo-da-índia; **cooperar**...

Lista de questões

1. (Defensoria Pública da União- 2016)

Presentes no texto, os vocábulos "caráter", "intransferível" e "órgãos" são acentuados em decorrência da regra gramatical que classifica as palavras paroxítonas.

2. (DEPEN- 2015)

Julgue o próximo item, relativo às ideias e às estruturas linguísticas do texto II.

As palavras "indivíduos" e "precárias" recebem acento gráfico com base em justificativas gramaticais diferentes.

3. (Auditor do TCU- 2015)

No que se refere às ideias e aos aspectos linguísticos do texto acima, julgue o item.

As palavras "líquida", "público", "órgãos" e "episódicas" obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.

4. (FUB- 2015)

Com relação às ideias e às estruturas do texto acima, julgue o item que se segue.

Os acentos gráficos das palavras "bioestatística" e "específicos" têm a mesma justificativa gramatical.

5. (Ministério Público da União/2015)

Com relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto I, julgue o item que se segue.

A palavra "cível" recebe acento gráfico em decorrência da mesma regra que determina o emprego de acento em amável e útil.

6. (TELEBRÁS/2015)

Julgue o próximo item, a respeito das ideias e estruturas linguísticas do texto Os territórios inteligentes.

A palavra "está" recebe acento gráfico em decorrência da mesma regra que determina o emprego do acento no vocábulo "três".

7. (Quadrix- CRM-ES- Agente Administrativo- /2016)

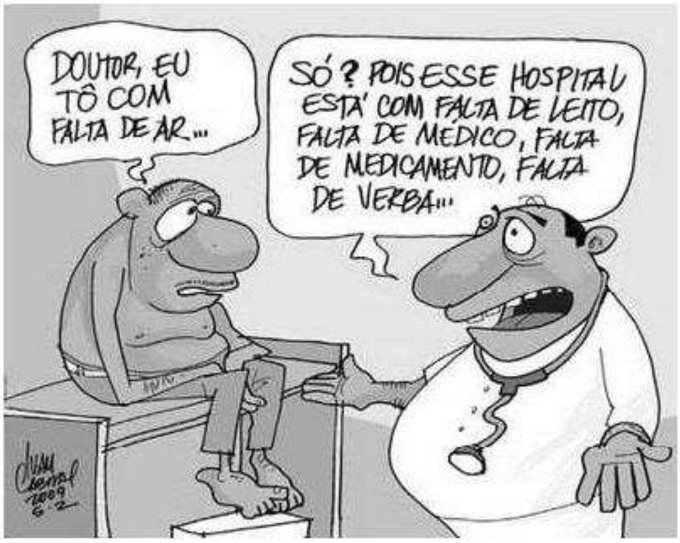
DOUTOR, EU TÔ COM FALTA DE AR...
SÓ? POIS ESSE HOSPITAL ESTÁ COM FALTA DE LEITO, FALTA DE MÉDICO, FALTA DE MEDICAMENTO, FALTA DE VERBA...

(bp.blogspot.com/_hEx5sJz32ds/TH9ALqmupUI/AAAAAAAACF8/I5pBiMI-NL8/s400/MEDICO.jpg)

As palavras "só", "está" e "médico" aparecem acentuadas no segundo balão da charge. Sobre elas, assinale a alternativa correta.

a) A acentuação é adequada nos três casos devido à mesma regra.

b) O uso do acento agudo é obrigatório nos três casos, mas cada uma dessas palavras segue uma regra diferente.

c) Duas dessas palavras são acentuadas pela mesma regra.

d) Uma das três palavras não deveria ter sido acentuada.

e) O uso do acento agudo está correto nos três casos, mas em um deles também se poderia usar o circunflexo.

8. (SUFRAMA/2014)

No que diz respeito ao texto, julgue o item.

A palavra "prejuízos" recebe acento gráfico porque todas as proparoxítonas devem ser acentuadas.

9. (CAIXA ECONÔMICA FEDERAL- MÉDICO/2014)

O emprego do acento gráfico em "incluíram" e "número" justifica-se com base na mesma regra de acentuação.

10. (TRIBUNAL DE JUSTIÇA-CE/2014)

O emprego do acento gráfico nos vocábulos "reúnem" e "fenômeno" justifica-se com base na mesma regra de acentuação.

11. (FUB/2015)

Em relação ao fragmento de texto acima, julgue os próximos itens. Os acentos gráficos das palavras "países" e "políticas" têm a mesma justificativa gramatical.

12. (CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA/2013)

> *A mesma regra de acentuação gráfica justifica o emprego de acento gráfico nas palavras "construída" e "possíveis".*

13. (TRT DF e TO/2013)

> *As palavras "países", "famílias" e "níveis" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.*

14. (ANAC- Técnico Administrativo- 2016)

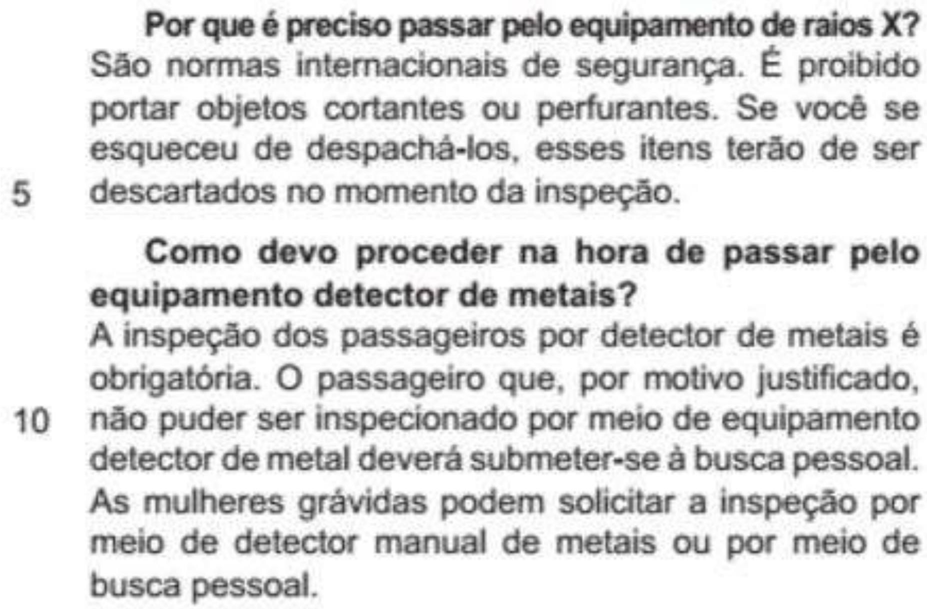

Por que é preciso passar pelo equipamento de raios X?
São normas internacionais de segurança. É proibido portar objetos cortantes ou perfurantes. Se você se esqueceu de despachá-los, esses itens terão de ser descartados no momento da inspeção.

Como devo proceder na hora de passar pelo equipamento detector de metais?
A inspeção dos passageiros por detector de metais é obrigatória. O passageiro que, por motivo justificado, não puder ser inspecionado por meio de equipamento detector de metal deverá submeter-se à busca pessoal. As mulheres grávidas podem solicitar a inspeção por meio de detector manual de metais ou por meio de busca pessoal.

> *a) Acentua-se o verbo "é" (l.1), quando átono, para diferenciá-lo da conjunção "e".*
>
> *b) "Você" (l. 3) é palavra acentuada por ser paroxítona terminada na vogal "e" fechada.*
>
> *c) "Despachá-los" (l.4) se acentua pelo mesmo motivo de "deverá" (l.11).*
>
> *d) Ocorre acento grave em "à busca pessoal" (l.11) em razão do emprego de locução com substantivo no feminino.*
>
> *e) O acento agudo em "grávidas" (l.12) se deve por se tratar de palavra paroxítona terminada em ditongo.*

15. (CESPE/UNB- Instituto Rio Branco/2016)

> *O Sr. Menotti del Picchia ainda não pôde naturalmente desvendar o segredo da arte. Se no buscar a expressão natural do seu lirismo **alcançou** a arte, não se **despojou** ainda das incertezas dessa procura, de certa fraqueza de técnica. Defeitos são todos estes transitórios, quase necessários em quem apenas se inicia.*
>
> *Julgue (C ou E) o item seguinte, relativo a acentuação de palavras e a aspectos gramaticais do texto.*

> *A forma "pôde" (l.22) poderia ser corretamente substituída por pode, visto que o seu tempo verbal é depreendido pelo contexto do parágrafo e que o acento nela empregado é opcional.*

16. (MPE SC – 2014/adaptada)

> *Assinale a alternativa em que todas as palavras estão escritas corretamente, de acordo com o sistema ortográfico vigente.*
>
> *a) Os corruptos não vêm que o dia do basta chegou!*
>
> *b) Foi uma grande idéia levar o povo as ruas para chamar a atenção.*
>
> *c) De nada adianta gritar "Basta!" se as pessoas mantem seus atos corruptivos.*
>
> *d) A corrupção não vai parar só porque as pessoas têm saído pelas ruas do país.*

17. (Auditor Rio Grande do Sul- 2014/adaptada)

> *Desde o início da década passada, os diversos governos que se alternaram no Estado vêm (IV) fechando postos fiscais...*
>
> *IV. Acentua-se a palavra 'vêm' (l.16) para diferenciá-la, em situação de uso, quanto à flexão de número*

18. (GUARDA MUNICIPAL-PREFEITURA DE PAULÍNIA-2016)

> *As duas palavras do texto 2 que recebem acento gráfico por razões diferentes são:*
>
> *a) homicídio/média;*
>
> *b) país/juízes;*
>
> *c) histórico/pública;*
>
> *d) secretários/relatório;*
>
> *e) está/é.*

19. (IF-MS- Técnico de Laboratório/2016)

> *Em 16 de dezembro de 1990 foi assinado em Lisboa o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, por Portugal, Brasil, Angola, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e, posteriormente, por Timor Leste. No Brasil, o Acordo foi aprovado pelo Decreto Legislativo nº 54, de 18 de abril de 1995. Segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa algumas palavras perderam o acento agudo. Assinale a opção que apresenta uma palavra que não é mais acentuada devido ao Acordo Ortográfico referido e que está em vigor desde 2013.*
>
> *a) Chapeus. b) Papeis. c) Trofeu. d) Feiura. e) Piaui.*

20. (IBFC-TCM RJ- Técnico de Controle Externo-out/2016)

> *Analise as afirmativas abaixo, dê valores Verdadeiro (V) ou Falso (F) quanto ao emprego do acento circunflexo estabelecido pelo Novo Acordo Ortográfico.*

( )   O acento permanece na grafia de 'pôde' (o verbo conjugado no passado) para diferenciá-la de 'pode' (o verbo conjugado no presente).

( )   O acento circunflexo de 'pôr' (verbo) cai e a palavra terá a mesma grafia de 'por' (preposição), diferenciando-se pelo contexto de uso.

( )   a queda do acento na conjugação da terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos crer, dar, ler, ter, vir e seus derivados.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta de cima para baixo.

a) V F F

b) F V F

c) F F V

d) F V V

21. (CESPE/UNB- PC GO- OUT/2016)

O emprego do hífen no vocábulo "bem-estar" justifica-se pela mesma regra ortográfica que justifica a grafia do antônimo desse vocábulo: mal-estar.

22. (Questão TCM RJ/Outubro-2016)

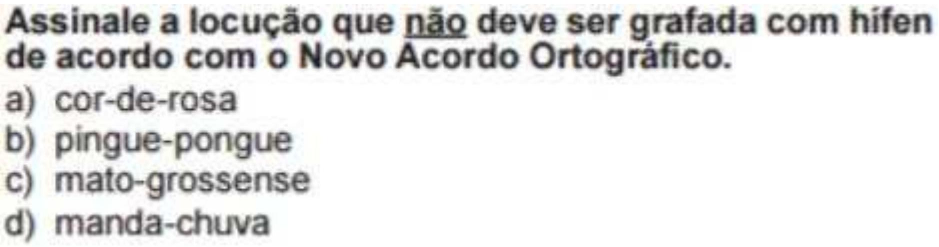

Assinale a locução que não deve ser grafada com hífen de acordo com o Novo Acordo Ortográfico.

a) cor-de-rosa
b) pingue-pongue
c) mato-grossense
d) manda-chuva

23. (IF-MS- Secretário Executivo/2016)

Assinale o segmento do texto inteiramente correto quanto às normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (2009):

a) Há inclusive uma teoria sobre o que acontece com a comedia: as pessoas usam a comunicação de uma forma divertida, e é por isso que rimos.

b) O Governo de Chipre fala em "esforços intensos", o Banco Central em "esforços sobre-humanos". Seja qual for a expressão, as autoridades cipriotas dizem-se fortemente empenhadas em permitir que as agências dos bancos reabram na quinta-feira.

c) Parte da nova geração chega às empresas mal educada. Ela não chega mal-escolarizada, chega mal educada. Não tem noção de hierarquia, de metas e prazos e acha que você é o pai dela.

d) Os bovinos vêem e percebem o mundo que os rodeia de uma maneira diferente e peculiar.

e) O mandatário alviverde revelou achar um absurdo a idéia de um possível gramado sintético no Allianz Parque.

24. (TNS- Revisor- 2014)

As opções a seguir apresentam vocábulos grafados segundo as regras do Acordo Ortográfico anterior. Assinale a opção que indica o vocábulo que não teve sua grafia alterada, segundo as novas regras.

a) Anti-simbólico b) Colmeia c) Co-réu d) Freqüência e) Jibóia

25. (IF-MS- Técnico de Laboratório/2016)

Segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, algumas regras do uso do hífen foram alteradas. Assinale a opção que apresenta uma palavra corretamente grafada segundo o Acordo Ortográfico referido.

a) Sub-reino.

b) Infra-estrutura

c) Anti-rábico

d) Microondas

e) Hiperrequintado.

26. (ESAF - Contador (FUNAI)/2016)

A mata preservada do Parque Indígena do Xingu segue ***previlegiando [1]*** *os chamados "serviços sistêmicos". A natureza* ***contribue [2]*** *para o equilíbrio do clima e o* ***bem-estar [3]*** *das pessoas, seja na forma de umidade do ar, que leva chuva pelo Brasil* ***a fora [4]****, seja na manutenção da biodiversidade, da polinização, da* ***absorsão [5]*** *de carbono.*

(Adaptado de Planeta/abr.2016, p.20.)

Assinale a opção cujo número corresponde ao segmento corretamente grafado.

a) 1 b) 2 c) 3 d) 4 e) 5

27. (ANAC- TÉCNICO ADMINISTRATIVO- 2016)

a) No caso de sentir-se prejudicado ou de ter seus direitos desrespeitados, o passageiro de avião deve dirijir-se primeiro à empresa aérea contratada, para reinvindicar seus direitos como consumidor.

b) É possível, também, registrar reclamação contra a empresa aérea na ANAC, que analizará o fato.

c) Se a ANAC constatar descomprimento de normas da aviação civil, poderá aplicar sanção administrativa à empresa.

d) No entanto, a ANAC não é parte na relação de consumo firmada entre o passageiro e a empresa aérea, razão pela qual não é possível buscar indenização na Agência.

e) Para exijir indenização por danos morais e/ ou materiais, consulte os órgãos de defesa do consumidor, e averigúe antecipadamente se está de posse dos comprovantes necessários.

28. (ANAC- ANALISTA ADMINISTRATIVO- 2016)

Assinale a opção correspondente a erro de grafia inserido no texto.

a) controvérsia

b) converjências

c) intensa

d) convencer

e) inesquecível

29. (DPE MT 2015 – Assistente Administrativo)

Na frase "Não entendo por que não se legaliza o jogo no Brasil", o termo sublinhado tem a grafia em dois termos exatamente pelo mesmo motivo que em

(A) "A legalização do jogo é o motivo por que luta a leitora."

(B) "Por que razão não se legaliza o jogo?"

(C) "Desconheço por que a legalização do jogo é proibida."

(D) "Esse é o caminho por que ele veio."

(E) "O projeto por que me empenho é de grande utilidade."

30. (PROFESSOR- PREFEITURA DE CUIABÁ- 2016)

"Mas os desafios permanecem, pouco antes do início da Conferência do Clima de Paris, que em dezembro reunirá 195 delegações a fim de manter o aumento constante da temperatura global."

Nesse segmento do texto, o vocábulo "a fim" é grafado em duas palavras, o que tem um sentido diferente do vocábulo "afim", grafado como uma só palavra.

Assinale a opção que indica a frase cujo termo sublinhado apresenta grafia correta.

a) Todo o Congresso discutia a cerca do desmatamento.

b) Por ventura o desmatamento diminuiu no Brasil?

c) Discutiu-se muito, sobre tudo, o essencial para a proteção do meio ambiente.

d) O motivo por que ocorreu o desmatamento é que não houve fiscalização.

e) Houve uma calamidade natural, por tanto ninguém é culpado.

Mais questões comentadas

31. (CESPE/UNB/PRF/2013)

> *No que se refere aos sentidos e às estruturas linguísticas do texto acima, julgue o item a seguir.*
>
> *O emprego do acento nas palavras "ciência" e "transitório" justifica-se com base na mesma regra de acentuação.*

32. (CESPE/UNB/AUFC/CONTROLE EXTERNO-2013)

> *Em relação ao texto apresentado, julgue o seguinte item.*
>
> *Os vocábulos "assistência", "potável" e "elétrica" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.*

33. (CESPE/UNB/SUFRAMA/2014)

> *Julgue o seguinte item, relativo às ideias e aos aspectos semânticos do texto apresentado.*
>
> *O emprego do acento gráfico nas palavras "fenômeno" e "próximo" atende à mesma regra de acentuação gráfica.*

34. (CESPE/SUFRAMA/2014)

> *No que se refere a elementos textuais e linguísticos do texto acima, julgue o item seguinte.*
>
> *O emprego de acento nos vocábulos "amazônicas", "altíssimas" e "pássaros" atende à mesma regra de acentuação gráfica.*

35. (CESPE/UNB/MDIC/2014)

> *Com relação a aspectos linguísticos e aos sentidos do texto acima, julgue o item a seguir.*
>
> *O emprego do acento gráfico nos vocábulos "índice" e "período" justifica-se com base na mesma regra de acentuação gráfica.*

36. (CESPE - PT (PM CE)/2014)

> *Com relação às ideias e às suas estruturas linguísticas do texto apresentado, julgue o item a seguir.*
>
> *O emprego do acento gráfico na palavra "atrás" justifica-se com base na mesma regra que justifica o emprego do acento gráfico em "fiéis".*

37. (CESPE - AA ICMBio/2014)

> *Julgue o item seguinte, relativo às ideias e aos aspectos estruturais do texto acima.*

> *A mesma regra de acentuação gráfica se aplica aos vocábulos "homogênea", "médio" e "bromélias".*

38. (CESPE - AA (ICMBio)/2014)

> *Acerca dos aspectos estruturais e interpretativos do texto acima, julgue o item a seguir.*
>
> *A mesma regra de acentuação gráfica se aplica aos vocábulos "Brasília", "cenário" e "próprio".*

39. (CESPE - Ag Adm (CADE)/2014)

> *Julgue o item a seguir, relativo às estruturas linguísticas e às ideias do texto acima.*
>
> *Justifica-se com base na mesma regra de acentuação gráfica o emprego do acento gráfico nos vocábulos "sabíamos" e "procurávamos".*

40. (CESPE – Anatel/ administrativo/2014)

> *O emprego do acento gráfico em "indústria" e "rádio" justifica-se com base na mesma regra de acentuação.*

41. (CESPE - Eng (CEF)/Engenharia Agronômica/2014)

> *O emprego do acento gráfico nas palavras "metálica", "acúmulo" e "imóveis" justifica-se com base na mesma regra de acentuação.*

42. (CESPE – APF – Polícia Federal/2014)

> *Os termos "série" e "história" acentuam-se em conformidade com a mesma regra ortográfica.*

43. (CESPE – ANTAQ/2014)

> *O emprego de acento gráfico em "água", "distância" e "primário" justifica-se pela mesma regra de acentuação.*

44. (CESPE - PT (CBM CE)/2014)

> *As palavras "meteorológica", "científico" e "contêineres" são acentuadas segundo diferentes regras de acentuação gráfica.*

45. (CESPE - Sold (CBM CE)/2014)

> *As palavras "idiomática", "construída" e "língua" são acentuadas em razão da mesma regra ortográfica.*

46. (CESPE – AUFC- Controle Externo/2005)

> *O vocábulo de que se derivaram formas como polar, polarizar, "polarizadas" tem acento diferencial.*

47. (CESPE - AUFC/Controle Externo/2005)

> *Os vocábulos "prejuízo" e atraí acentuam-se atendendo à mesma regra.*

48. (CESPE-TJ TRE ES/Adm/"Sem Especialidade"/2011)

> *Em "contribuíram", o emprego do acento gráfico justifica-se pela presença de ditongo em sílaba tônica.*

49. (CESPE - TJ ES/Adm/"Sem Especialidade"/2011)

> *As palavras "catástrofe" e "climática" recebem acento gráfico com base em justificativas gramaticais diferentes.*

50. (CESPE - TA (ANCINE)/2012)

> *Os vocábulos "indivíduo", "diária" e "paciência" recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação gráfica.*

51. (CESPE - AUFC/Controle Externo/2005)

> *É correta a forma variante de grafia do vocábulo "projeto de lei" com hífen.*

52. (CESPE – PRF Agente Administrativo-2012)

> *As palavras "Polícia", "Rodoviária" e "existência" recebem acento gráfico porque são paroxítonas terminadas em ditongo crescente.*

53. (CESPE – IBAMA -2012)

> *As palavras "pó", "só" e "céu" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.*

54. (CESPE – Correios 2011)

> *Em decorrência do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (atualmente em sua fase de transição, que vai até 31/12/2012), que eliminou o trema — mantido apenas em palavras estrangeiras como "Müller" —, a palavra "cinquenta" não apresenta mais esse sinal diacrítico.*

55. (CESPE – TJ ES- 2011)

> *Os vocábulos "analítica" e "teríamos" recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação.*

56. (CESPE – TJ ES- 2011)

> *Os vocábulos "público" (L.9) e "caótico" (L.12), que foram empregados no texto como adjetivos, obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.*

57. (CESPE – ANAC 2012)

> *As palavras "início" e "série" recebem acento gráfico com base em regras gramaticais distintas.*

58. (CESPE – ANAC 2012)

> *Os termos "Três" e "Vã" são acentuados em decorrência de igual justificativa gramatical.*

59. (CESPE – TJ AC 2012)

> *As palavras "conteúdo", "calúnia" e "injúria" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.*

60. (CESPE – ANS 2013)

> *Em relação ao texto acima, julgue o item subsequente.*
> *A palavra "acúmulo" recebe acento gráfico porque é proparoxítona; sem o acento, constituiria nova palavra, que se diferencia da primeira no que se refere à classificação gramatical.*

Gabaritos

1.	CORRETA	**31.**	CORRETA
2.	INCORRETA	**32.**	INCORRETA
3.	INCORRETA	**33.**	CORRETA
4.	CORRETA	**34.**	CORRETA
5.	CORRETA	**35.**	CORRETA
6.	INCORRETA	**36.**	INCORRETA
7.	LETRA B	**37.**	CORRETA
8.	INCORRETA	**38.**	CORRETA
9.	INCORRETA	**39.**	CORRETA
10.	INCORRETA	**40.**	CORRETA
11.	INCORRETA	**41.**	INCORRETA
12.	INCORRETA	**42.**	CORRETA
13.	INCORRETA	**43.**	CORRETA
14.	LETRA C	**44.**	INCORRETA
15.	INCORRETA	**45.**	INCORRETA
16.	LETRA D	**46.**	INCORRETA
17.	CORRETA	**47.**	CORRETA
18.	LETRA E	**48.**	INCORRETA
19.	LETRA D	**49.**	INCORRETA
20.	LETRA A	**50.**	CORRETA
21.	CORRETA	**51.**	INCORRETA
22.	LETRA D	**52.**	CORRETA
23.	LETRA B	**53.**	INCORRETA
24.	LETRA B	**54.**	CORRETA
25.	LETRA A	**55.**	CORRETA
26.	LETRA C	**56.**	CORRETA
27.	LETRA D	**57.**	INCORRETA
28.	LETRA B	**58.**	Anulada
29.	LETRA C	**59.**	INCORRETA
30.	LETRA D	**60.**	CORRETA

00000000000 - DEMO

ESSA LEI TODO MUNDO CONHECE:
PIRATARIA É CRIME.

Mas é sempre bom revisar o porquê e como você pode ser prejudicado com essa prática.

1 Professor investe seu tempo para elaborar os cursos e o site os coloca à venda.

2 Pirata divulga ilicitamente (grupos de rateio), utilizando-se do anonimato, nomes falsos ou laranjas (geralmente o pirata se anuncia como formador de "grupos solidários" de rateio que não visam lucro).

3 Pirata cria alunos fake praticando falsidade ideológica, comprando cursos do site em nome de pessoas aleatórias (usando nome, CPF, endereço e telefone de terceiros sem autorização).

4 Pirata compra, muitas vezes, clonando cartões de crédito (por vezes o sistema anti-fraude não consegue identificar o golpe a tempo).

5 Pirata fere os Termos de Uso, adultera as aulas e retira a identificação dos arquivos PDF (justamente porque a atividade é ilegal e ele não quer que seus fakes sejam identificados).

6 Pirata revende as aulas protegidas por direitos autorais, praticando concorrência desleal e em flagrante desrespeito à Lei de Direitos Autorais (Lei 9.610/98).

7 Concurseiro(a) desinformado participa de rateio, achando que nada disso está acontecendo e esperando se tornar servidor público para exigir o cumprimento das leis.

8 O professor que elaborou o curso não ganha nada, o site não recebe nada, e a pessoa que praticou todos os ilícitos anteriores (pirata) fica com o lucro.

Deixando de lado esse mar de sujeira, aproveitamos para agradecer a todos que adquirem os cursos honestamente e permitem que o site continue existindo.

MANUAL DE REDAÇÃO DA

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

3ª edição, revista, atualizada e ampliada

MANUAL DE REDAÇÃO

DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

3ª edição, revista, atualizada e ampliada

Michel Temer
Presidente da República

Eliseu Padilha
Chefe da Casa Civil da Presidência da República

Gustavo do Vale Rocha
Subchefe para Assuntos Jurídicos

Jandyr Maya Faillace Neto
Subchefe Adjunto de Gestão Pública

Fernanda Rodrigues Saldanha Azevedo
Coordenadora do Centro de Estudos Jurídicos

Comissão encarregada de elaborar, sem ônus, a primeira Edição do Manual de Redação da Presidência da República (Portaria SG nº 2, de 11.1.1991, DOU de 15.1.1991): Gilmar Ferreira Mendes (Presidente), Nestor José Forster Júnior, Carlos Eduardo Cruz de Souza Lemos, Heitor Duprat de Brito Pereira, Tarcisio Carlos de Almeida Cunha, João Bosco Martinato, Rui Ribeiro de Araújo, Luis Fernando Panelli César, Roberto Furian Ardenghy.

Revisão: Professor Celso Pedro Luft.

Colaboraram com a 1ª Edição do Manual: Luiz Augusto da Paz, Professor Hermes Moreira dos Santos, Sergio Braune Solon de Pontes, Fábio Carvalho, Cibel Ribeiro Teles, Jônatas do Vale Santos, Tânia Azeredo Casagrande, Marlene Vera Mourão, Zilene Maria Wanderley Galiza, Marino Alves Magalhães Junior.

Colaboraram com a 2ª Edição: Maurício Vieira Bracks, Jandyr Maya Faillace Neto, Maria Estefania Ponte Pinheiro, Sergio Braune Solon de Pontes, Fábio Carvalho, José Levi Mello do Amaral Júnior, Paulo Fernando Ramos Serejo, Fernando Luiz Albuquerque Faria, Marisa de Souza Alonso, Cleso José da Fonseca Filho, Mônica Mazon de Castro Pinto, Eulina Gomes Rocha, Venáuria da Silva Batista.

Organizadores da 3ª Edição: Gustavo do Vale Rocha, Jandyr Maya Faillace Neto, Fernanda Rodrigues Saldanha de Azevedo, Karina Gomes Mansur Costa, Daniela de Souto Inocêncio.
Colaboraram com a 3ª Edição: Suely Cobucci, Paula Cobucci, Daienne Amaral Machado, Mariana Figueiredo Cordeiro da Silva.

Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos

MANUAL DE REDAÇÃO
DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

3ª edição, revista, atualizada e ampliada

Brasília
Presidência da República
2018

Copyright © 1991 – Presidência da República
3ª edição, revista, atualizada e ampliada pela Subchefia para Assuntos Jurídicos da Casa Civil da Presidência da República.

Capa: Filipe do Nascimento Pires
Editoração: Matheus Moreira Torres; Filipe do Nascimento Pires

As sugestões para o aperfeiçoamento deste trabalho podem ser encaminhadas à Casa Civil da Presidência da República, por meio do Centro de Estudos Jurídicos da Presidência: centroestudos.saj@presidencia.gov.br.

Permitida a reprodução sem fins lucrativos, parcial ou total, por qualquer meio, se citada a fonte e o sítio da internet onde pode ser encontrado o original (www.planalto.gov.br/legislacao).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B823m Brasil. Presidência da República. Casa Civil
Manual de redação da Presidência da República / Casa Civil, Subchefia de Assuntos Jurídicos ; coordenação de Gilmar Ferreira Mendes, Nestor José Forster Júnior [et al.]. – 3. ed., rev., atual. e ampl. – Brasília: Presidência da República, 2018.
189 p.

ISBN 978-85-85142-96-4

1. Redação oficial. 2. Língua portuguesa. 3. Técnica legislativa.
I. Mendes, Gilmar Ferreira. II. Forster Júnior, Nestor José. III. Título.

CDD 469.5
CDU 808.1 (044.4)

SUMÁRIO

Prefácio 12

Sinais e abreviaturas empregados 13

PARTE I — AS COMUNICAÇÕES OFICIAIS ______________________________ 14

Capítulo I — ASPECTOS GERAIS DA REDAÇÃO OFICIAL ____________________ 15

1 Panorama da comunicação oficial 16

2 O que é redação oficial 16

3 Atributos da redação oficial 16

- 3.1 Clareza e precisão 17
- 3.2 Objetividade 18
- 3.3 Concisão 18
- 3.4 Coesão e coerência 19
- 3.5 Impessoalidade 20
- 3.6 Formalidade e padronização 20

Capítulo II — AS COMUNICAÇÕES OFICIAIS ___________________________ 22

4 Introdução 23

- 4.1 Pronomes de tratamento 23
  - 4.1.1 Concordância com os pronomes de tratamento 24
- 4.2 Signatário 25
  - 4.2.1 Cargos interino e substituto 25
  - 4.2.2 Signatárias do sexo feminino 25
- 4.3 Grafia de cargos compostos 25
- 4.4 Vocativo 26

5 O padrão ofício 27

- 5.1 Partes do documento no padrão ofício 27
  - 5.1.1 Cabeçalho 27
  - 5.1.2 Identificação do expediente 28
  - 5.1.3 Local e data do documento 28
  - 5.1.4 Endereçamento 29
  - 5.1.5 Assunto 29
  - 5.1.6 Texto do documento 30
  - 5.1.7 Fechos para comunicações 30
  - 5.1.8 Identificação do signatário 31
  - 5.1.9 Numeração das páginas 32
- 5.2 Formatação e apresentação 32

6 Tipos de documentos 36

- 6.1 Variações dos documentos oficiais 36
- 6.2 Exposição de Motivos 37

6.2.1 Definição e finalidade 37
6.2.2 Forma e estrutura 37
6.2.3 Sistema de Geração e Tramitação de Documentos Oficiais (Sidof) 41
6.3 Mensagem 41
6.3.1 Definição e finalidade 41
6.3.2 Forma e estrutura 43
6.4 Correio eletrônico (*e-mail*) 46
6.4.1 Definição e finalidade 46
6.4.2 Valor documental 46
6.4.3 Forma e estrutura 46
6.4.4 Anexos 47
6.4.5 Recomendações 48
Capítulo III — ELEMENTOS DE ORTOGRAFIA E GRAMÁTICA ___________________ 49
7 Breve esclarecimento 50
8 Ortografia 50
9 Uso de sinais 51
9.1 Hífen 51
9.1.1 Hífen em compostos, locuções e encadeamentos vocabulares 51
9.1.2 Hífen nas formações por prefixação, recomposição e sufixação 53
10 Formatação 54
10.1 Aspas 54
10.1.1 Posição das aspas em frase contendo Citação 55
10.2 Itálico 56
10.3 Negrito e sublinhado 56
10.4 Parênteses 57
10.5 Travessão 57
10.6 Uso de siglas e acrônimos 57
10.6.1 Siglas e acrônimos em atos normativos 59
11 Sintaxe 59
11.1 Problemas de construção de frases 60
11.2 Sujeito preposicionado 61
11.3 Frases fragmentadas 62
11.4 Erros de paralelismo 62
11.5 Erros de comparação 65
11.6 Ambiguidade 65
11.7 Concordância 66
11.7.1 Concordância verbal 67
11.7.2 Concordância nominal 72

11.8 Regência 73
11.8.1 Regência de alguns verbos de uso frequente 74
11.9 Pontuação 78
11.9.1 Vírgula 78
11.9.2 Ponto e vírgula 80
11.9.3 Dois-pontos 80
11.9.4 Ponto de interrogação 81
11.9.5 Ponto de exclamação 81
11.10 Pronomes demonstrativos 81
11.10.1 Situação no espaço 81
11.10.2 Situação no tempo 82
11.10.3 Situação no texto 82
12 Semântica 83
12.1 Homônimos e parônimos 84
12.2 Expressões a evitar e expressões de uso recomendável 95
PARTE II — OS ATOS NORMATIVOS ____ 101
Capítulo IV — FUNDAMENTOS DA ELABORAÇÃO NORMATIVA _________________ 102
13 Questões fundamentais da elaboração normativa 103
13.1 Considerações preliminares 103
13.2 Funções das normas jurídicas 104
13.3 O Caráter subsidiário da atividade legislativa 104
13.4 Vinculação normativa do legislador e controle de constitucionalidade 105
14 Requisitos da elaboração normativa 106
14.1 Clareza e determinação das normas 106
14.2 Princípio da reserva legal 107
14.2.1 Reserva legal qualificada 107
14.2.2 Princípio da legalidade nos âmbitos penal, tributário e administrativo 107
14.2.3 Reserva legal e princípio da proporcionalidade 108
14.2.4 Densidade da norma 108
14.2.5 A lei e o respeito ao direito adquirido, ao ato jurídico perfeito e à coisa julg 108
14.2.6 As remissões legislativas 108
15 Desenvolvimento de uma lei 109
15.1 Considerações preliminares 109
15.2 O processo legislativo interno 110
15.2.1 Identificação e definição do problema 110
15.2.2 Análise da situação questionada e de suas causas 111
15.2.3 Definição dos objetivos pretendidos 111
15.2.4 Crítica das propostas 111

15.2.5 Controle dos resultados 112
15.3 Elaboração de atos normativos no âmbito do Poder Executivo federal 113
Capítulo V — TÉCNICA LEGISLATIVA E ATOS NORMATIVOS ____________________ 122
16 Técnica legislativa 123
16.1 Sistemática interna da lei 123
16.2 Sistemática externa da lei 123
16.2.1 Artigo 124
16.2.2 Parágrafo (§) 125
16.2.3 Incisos, alíneas e itens 126
16.2.4 Agrupamento de dispositivos 127
16.2.5 Critérios de sistematização 129
17 Tópicos de técnica legislativa 131
17.1 Alteração normativa 131
17.1.1 Artigo de alteração da norma 131
17.1.2 Alteração parcial de artigo 132
17.2 Retificação e republicação 132
18 Apostila 133
18.1 Definição e finalidade 133
18.2 Forma e estrutura 133
19 Atos normativos 134
19.1 Forma e estrutura 134
19.1.1 Ordem legislativa 134
19.1.2 Matéria legislada: texto ou corpo da lei 137
19.1.3 Assinatura e referenda 141
20 Lei ordinária 142
20.1 Definição 142
20.2 Objeto 142
21 Lei complementar 142
21.1 Definição 143
21.2 Objeto 143
22 Lei delegada 144
22.1 Definição 144
22.2 Objeto 144
23 Medida provisória 144
23.1 Definição 144
23.2 Objeto 145
24 Decreto 145
24.1 Definição 145

24.2 Decretos singulares ou de efeitos concretos 146
24.3 Decretos regulamentares 146
24.4 Decretos autônomos 146
25 Portaria 147
25.1 Definição e objeto 147
Capítulo VI — O PROCESSO LEGISLATIVO ___________________________________ 150
26 Introdução 151
27 Iniciativa 151
27.1 Iniciativa comum ou concorrente 152
27.2 Iniciativa reservada 152
27.2.1 Iniciativa reservada do Presidente da República 152
27.2.2 Iniciativa reservada da Câmara dos Deputados e do Senado Federal 153
27.2.3 Iniciativa reservada dos tribunais 153
27.2.4 Iniciativa reservada do Ministério Público 153
27.2.5 Iniciativa vinculada 153
28 Discussão 154
29 Emenda 154
29.1 Titularidade do direito de emenda 154
29.1.1 Emendas ao projeto de lei de orçamento anual e ao de lei de diretrizes 154
29.1.2 Emendas aos projetos de lei de conversão de medidas provisórias 154
29.2 Espécies de emendas 155
30 Votação 155
31 Sanção 155
31.1 Sanção expressa 156
31.2 Sanção tácita 157
31.3 Sanção e vício de iniciativa 157
32 Veto 157
32.1 Motivação e prazo do veto 158
32.2 Extensão do veto 158
32.3 Efeitos do veto 158
32.4 Irretratabilidade do veto 159
32.5 Rejeição do veto 159
32.6 Ratificação parcial do projeto vetado 160
32.7 Ratificação parcial de veto total 161
32.8 Tipologia do veto 161
33 Promulgação 161
33.1 Obrigação de promulgar 161
33.2 Casos e formas de promulgação 162

34 Publicação 163
  34.1 Modalidade de publicação 163
  34.2 Obrigação de publicar e prazo de publicação 163
  34.3 Publicação e entrada em vigor da lei 163
  34.4 *Vacatio legis* 163
    34.4.1 *Vacatio legis* e as normas complementares, suplementares e regulament 164
    34.4.2 *Vacatio legis* e republicação do texto 164
  34.5 Não edição do ato regulamentar reclamado e a vigência da lei 164
35 Procedimento legislativo 165
  35.1 Procedimento legislativo normal 165
  35.2 Procedimento legislativo abreviado 166
  35.3 Procedimento legislativo sumário 166
  35.4 Procedimento legislativo sumaríssimo 167
  35.5 Procedimento legislativo concentrado 168
    35.5.1 Leis financeiras 168
    35.5.2 Leis delegadas 168
  35.6 Procedimento legislativo especial 169
    35.6.1 Emendas à Constituição 169
    35.6.2 Códigos 169
  35.7 Medidas provisórias 169
  35.8 Consolidações da Legislação 171
Bibliografia 173
Índice analítico-remissivo 185

Prefácio

É com grande entusiasmo que recebo a incumbência de prefaciar a terceira edição do Manual de Redação da Presidência da República, vinte e sete anos após presidir a Comissão encarregada da primeira edição desta obra. A Comissão era composta por profissionais exemplares e empenhados no sucesso da tarefa assumida, a quem agradeço nominalmente: Nestor José Forster Júnior, Carlos Eduardo Cruz de Souza Lemos, Heitor Duprat de Brito Pereira, Tarcisio Carlos de Almeida Cunha, João Bosco Martinato, Rui Ribeiro de Araújo, Luís Fernando Panelli César e Roberto Furian Ardenghy.

Instaurada, na primeira oportunidade, pelo Decreto nº 100.000, de 11 de janeiro de 1991, a iniciativa possuía o condão de rever, atualizar, uniformizar e simplificar as normas de redação de atos e comunicações oficiais. Foram nove meses de trabalho e dedicação, que resultaram em um texto conciso e didático.

O Manual conferiu maior segurança no seio da administração pública, uma vez que se trata de ferramenta teórico-referencial, que permite maior clareza e padronização tanto na produção dos atos de comunicação oficial quanto em seu cumprimento. Garante-se, nesse contexto, maior acessibilidade e assertividade aos atos administrativos.

Inspirado pelo êxito do Manual¸ o próprio Congresso Nacional editou lei complementar que dispunha sobre a elaboração, redação, alteração e consolidação de leis, bem como sobre normas para a consolidação de determinados atos normativos – a Lei Complementar nº 95, de 1998. Posteriormente, o diploma passou por reforma concretizada pela Lei Complementar nº 107, de 2001, que visou à modernização do texto.

Outrossim, no interregno entre a publicação da versão original do Manual e o presente momento, essa obra já passou por uma primeira revisão. A segunda edição do Manual de Redação da Presidência da República manteve a divisão do documento em duas partes: a primeira voltada a comunicações oficiais, a sistematização de seus aspectos essenciais, a padronização de expedientes e a simplificação de fechos; enquanto a segunda versava a respeito dos atos normativos do Poder Executivo e sua conceituação.

A primeira revisão ocorreu em 2002, motivada pelas alterações tecnológicas e legislativas da época. Por motivos semelhantes, passados dezesseis anos, verificou-se a necessidade de revisitar os termos postos no Manual, a fim de manter sua pertinência com as práticas e disposições atuais.

Muitas mudanças ocorreram. O Brasil inseriu-se na era da revolução digital, razão pela qual o uso da inteligência artificial e a automatização de processos alcançaram níveis surpreendentes. Os veículos de comunicação social foram alguns dos principais afetados por esse fenômeno, o que, definitivamente, impacta os meios e atos de comunicação oficial.

As alterações de ordem legislativa também foram substanciosas. A partir de 2003, foram publicadas sessenta emendas constitucionais, sobre os mais diversos assuntos.

Além disso, os órgãos de controle passaram a atuar de forma cada vez mais energética, visando ao fiel cumprimento da lei e fiscalizando os atos executivos. Práticas anteriormente usuais já não são mais aceitas.

Nessa conjuntura, a partir de modificações fáticas e legislativas, bem como de maior fiscalização estatal, instaurou-se um novo método de se fazer administração pública no Brasil. Pretende-se, pois, que a terceira edição do Manual de Redação da Presidência República possa refletir as evoluções ocorridas nas últimas duas décadas, repetindo o legado de êxito deixado pelas edições anteriores na construção de uma cultura administrativa profissional e obediente às normas da Constituição da República.

Gilmar Ferreira Mendes

Sinais e abreviaturas empregados

*****	indica forma (em geral sintática) inaceitável ou agramatical
§	parágrafo
adj. adv.	adjunto adverbial
arc.	arcaico
art.; arts.	artigo; artigos
cf.	confronte
CN	Congresso Nacional
Cp.	compare
EM	Exposição de Motivos
f.v.	forma verbal
fem.	feminino
ind.	indicativo
ICP-Brasil	Infraestrutura de Chaves Públicas Brasileira
masc.	masculino
obj. dir.	objeto direto
obj. ind.	objeto indireto
p.	página
p. us.	pouco usado
pess.	pessoa
pl.	plural
pref.	prefixo
pres.	presente
Res.	Resolução do Congresso Nacional
RICD	Regimento Interno da Câmara dos Deputados
RISF	Regimento Interno do Senado Federal
s.	substantivo
s.f.	substantivo feminino
s.m.	substantivo masculino
SEI!	Sistema Eletrônico de Informações
sing.	singular
tb.	também
v.	ver ou verbo
v. g.	*verbi gratia*
var. pop.	variante popular

PARTE I

AS COMUNICAÇÕES OFICIAIS

Capítulo I

ASPECTOS GERAIS DA REDAÇÃO OFICIAL

1

1 Panorama da comunicação oficial

A finalidade da língua é comunicar, quer pela fala, quer pela escrita. Para que haja comunicação, são necessários:

a) alguém que comunique;
b) algo a ser comunicado;
c) alguém que receba essa comunicação.

No caso da redação oficial, quem comunica é sempre o serviço público (este/esta ou aquele/aquela Ministério, Secretaria, Departamento, Divisão, Serviço, Seção); o que se comunica é sempre algum assunto relativo às atribuições do órgão que comunica; e o destinatário dessa comunicação é o público, uma instituição privada ou outro órgão ou entidade pública, do Poder Executivo ou dos outros Poderes. Além disso, deve-se considerar a intenção do emissor e a finalidade do documento, para que o texto esteja adequado à situação comunicativa.

A necessidade de empregar determinado nível de linguagem nos atos e nos expedientes oficiais decorre, de um lado, do próprio caráter público desses atos e comunicações; de outro, de sua finalidade. Os atos oficiais, aqui entendidos como atos de caráter normativo, ou estabelecem regras para a conduta dos cidadãos, ou regulam o funcionamento dos órgãos e entidades públicos, o que só é alcançado se, em sua elaboração, for empregada a linguagem adequada. O mesmo se dá com os expedientes oficiais, cuja finalidade precípua é a de informar com clareza e objetividade.

2 O que é redação oficial

Em uma frase, pode-se dizer que redação oficial é a maneira pela qual o Poder Público redige comunicações oficiais e atos normativos. Neste Manual, interessa-nos tratá-la do ponto de vista da administração pública federal.

A redação oficial não é necessariamente árida e contrária à evolução da língua. É que sua finalidade básica – comunicar com objetividade e máxima clareza – impõe certos parâmetros ao uso que se faz da língua, de maneira diversa daquele da literatura, do texto jornalístico, da correspondência particular etc.

Apresentadas essas características fundamentais da redação oficial, passemos à análise pormenorizada de cada um de seus atributos.

3 Atributos da redação oficial

A redação oficial deve caracterizar-se por:

- clareza e precisão;
- objetividade;
- concisão;
- coesão e coerência;
- impessoalidade;
- formalidade e padronização; e
- uso da norma padrão da língua portuguesa.

Fundamentalmente, esses atributos decorrem da Constituição, que dispõe, no art. 37: “A administração pública direta, indireta, de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência (...)”. Sendo a publicidade, a impessoalidade e a eficiência princípios fundamentais de toda a administração pública, devem igualmente nortear a elaboração dos atos e das comunicações oficiais.

3.1 Clareza e precisão

CLAREZA

A clareza deve ser a qualidade básica de todo texto oficial. Pode-se definir como claro aquele texto que possibilita imediata compreensão pelo leitor. Não se concebe que um documento oficial ou um ato normativo de qualquer natureza seja redigido de forma obscura, que dificulte ou impossibilite sua compreensão. A transparência é requisito do próprio Estado de Direito: é inaceitável que um texto oficial ou um ato normativo não seja entendido pelos cidadãos. O princípio constitucional da publicidade não se esgota na mera publicação do texto, estendendo-se, ainda, à necessidade de que o texto seja claro.

Para a obtenção de clareza, sugere-se:

a) utilizar palavras e expressões simples, em seu sentido comum, salvo quando o texto versar sobre assunto técnico, hipótese em que se utilizará nomenclatura própria da área;
b) usar frases curtas, bem estruturadas; apresentar as orações na ordem direta e evitar intercalações excessivas. Em certas ocasiões, para evitar ambiguidade, sugere-se a adoção da ordem inversa da oração;
c) buscar a uniformidade do tempo verbal em todo o texto;
d) não utilizar regionalismos e neologismos;
e) pontuar adequadamente o texto;
f) explicitar o significado da sigla na primeira referência a ela; e
g) utilizar palavras e expressões em outro idioma apenas quando indispensáveis, em razão de serem designações ou expressões de uso já consagrado ou de não terem exata tradução. Nesse caso, grafe-as em itálico, conforme orientações do subitem 10.2 deste Manual.

PRECISÃO

O atributo da precisão complementa a clareza e caracteriza-se por:
a) articulação da linguagem comum ou técnica para a perfeita compreensão da ideia veiculada no texto;
b) manifestação do pensamento ou da ideia com as mesmas palavras, evitando o emprego de sinonímia com propósito meramente estilístico; e
c) escolha de expressão ou palavra que não confira duplo sentido ao texto.

É indispensável, também, a releitura de todo o texto redigido. A ocorrência, em textos oficiais, de trechos obscuros provém principalmente da falta da releitura, o que tornaria possível sua correção. Na revisão de um expediente, deve-se avaliar se ele será de fácil compreensão por seu destinatário. O que nos parece óbvio pode ser desconhecido por terceiros. O domínio que adquirimos sobre certos assuntos, em decorrência de nossa experiência profissional, muitas vezes, faz com que os tomemos como de conhecimento geral, o que nem sempre é verdade. Explicite, desenvolva, esclareça, precise os termos técnicos, o significado das siglas e das abreviações e os conceitos específicos que não possam ser dispensados.

A revisão atenta exige tempo. A pressa com que são elaboradas certas comunicações quase sempre compromete sua clareza. “Não há assuntos urgentes, há assuntos atrasados”, diz a máxima. Evite-se, pois, o atraso, com sua indesejável repercussão no texto redigido.

A clareza e a precisão não são atributos que se atinjam por si sós: elas dependem estritamente das demais características da redação oficial, apresentadas a seguir.

3.2 Objetividade

Ser objetivo é ir diretamente ao assunto que se deseja abordar, sem voltas e sem redundâncias. Para conseguir isso, é fundamental que o redator saiba de antemão qual é a ideia principal e quais são as secundárias.

Procure perceber certa hierarquia de ideias que existe em todo texto de alguma complexidade: as fundamentais e as secundárias. Essas últimas podem esclarecer o sentido daquelas, detalhá-las, exemplificá-las; mas existem também ideias secundárias que não acrescentam informação alguma ao texto, nem têm maior relação com as fundamentais, podendo, por isso, ser dispensadas, o que também proporcionará mais objetividade ao texto.

A objetividade conduz o leitor ao contato mais direto com o assunto e com as informações, sem subterfúgios, sem excessos de palavras e de ideias. É errado supor que a objetividade suprime a delicadeza de expressão ou torna o texto rude e grosseiro.

3.3 Concisão

A concisão é antes uma qualidade do que uma característica do texto oficial. Conciso é o texto que consegue transmitir o máximo de informações com o mínimo de palavras. Não se deve de forma alguma entendê-la como economia de pensamento, isto é, não se deve eliminar passagens substanciais do texto com o único objetivo de reduzi-lo em tamanho. Trata-se, exclusivamente, de excluir palavras inúteis, redundâncias e passagens que nada acrescentem ao que já foi dito.

Detalhes irrelevantes são dispensáveis: o texto deve evitar caracterizações e comentários supérfluos, adjetivos e advérbios inúteis, subordinação excessiva. A seguir, um exemplo[1] de período mal construído, prolixo:

Exemplo:

> Apurado, com impressionante agilidade e precisão, naquela tarde de 2009, o resultado da consulta à população acriana, verificou-se que a esmagadora e ampla maioria da população daquele distante estado manifestou-se pela efusiva e indubitável rejeição da alteração realizada pela Lei nº 11.662/2008. Não satisfeita, inconformada e indignada, com a nova hora

---

[1] O exemplo de período mal construído foi elaborado, para fins didáticos, a partir do exemplo de período bem construído, por sua vez, extraído da Exposição de Motivos Interministerial nº 51/MCTI/MRE/MPOG, de 21 de dezembro de 2011 (BRASIL, 2011a).

legal vinculada ao terceiro fuso, a maioria da população do Acre demonstrou que a ela seria melhor regressar ao quarto fuso, estando cinco horas a menos que em Greenwich.

Nesse texto, há vários detalhamentos desnecessários, abusou-se no emprego de adjetivos (impressionante, esmagadora, ampla, inconformada, indignada), o que lhe confere carga afetiva injustificável, sobretudo em texto oficial, que deve primar pela impessoalidade. Eliminados os excessos, o período ganha concisão, harmonia e unidade:

Exemplo:

Apurado o resultado da consulta à população acreana, verificou-se que a maioria da população manifestou-se pela rejeição da alteração realizada pela Lei nº 11.662/2008. Não satisfeita com a nova hora legal vinculada ao terceiro fuso, a maioria da população do Acre demonstrou que a ela seria melhor regressar ao quarto fuso, estando cinco horas menos que em Greenwich.

3.4 Coesão e coerência

É indispensável que o texto tenha coesão e coerência. Tais atributos favorecem a conexão, a ligação, a harmonia entre os elementos de um texto. Percebe-se que o texto tem coesão e coerência quando se lê um texto e se verifica que as palavras, as frases e os parágrafos estão entrelaçados, dando continuidade uns aos outros.

Alguns mecanismos que estabelecem a coesão e a coerência de um texto são: referência, substituição, elipse e uso de conjunção.

A referência diz respeito aos termos que se relacionam a outros necessários à sua interpretação. Esse mecanismo pode dar-se por retomada de um termo, relação com o que é precedente no texto, ou por antecipação de um termo cuja interpretação dependa do que se segue.

Exemplos:

O Deputado evitou a instalação da CPI da corrupção. Ele aguardou a decisão do Plenário.
O TCU apontou estas irregularidades: falta de assinatura e de identificação no documento.

A substituição é a colocação de um item lexical no lugar de outro(s) ou no lugar de uma oração.

Exemplos:

O Presidente assinou o acordo. O Chefe do Poder Executivo federal propôs reduzir as alíquotas.
O ofício está pronto. O documento trata da exoneração do servidor.
Os governadores decidiram acatar a decisão. Em seguida, os prefeitos fizeram o mesmo.

A elipse consiste na omissão de um termo recuperável pelo contexto.

Exemplo:

O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. (Na segunda oração, houve a omissão do verbo “regulamenta”).

Outra estratégia para proporcionar coesão e coerência ao texto é utilizar conjunção para estabelecer ligação entre orações, períodos ou parágrafos.

Exemplo:

O Embaixador compareceu à reunião, pois identificou o interesse de seu Governo pelo assunto.

3.5 Impessoalidade

A impessoalidade decorre de princípio constitucional (Constituição, art. 37), e seu significado remete a dois aspectos: o primeiro é a obrigatoriedade de que a administração pública proceda de modo a não privilegiar ou prejudicar ninguém, de que o seu norte seja, sempre, o interesse público; o segundo, a abstração da pessoalidade dos atos administrativos, pois, apesar de a ação administrativa ser exercida por intermédio de seus servidores, é resultado tão-somente da vontade estatal.

A redação oficial é elaborada sempre em nome do serviço público e sempre em atendimento ao interesse geral dos cidadãos. Sendo assim, os assuntos objetos dos expedientes oficiais não devem ser tratados de outra forma que não a estritamente impessoal.

Percebe-se, assim, que o tratamento impessoal que deve ser dado aos assuntos que constam das comunicações oficiais decorre:

a) da ausência de impressões individuais de quem comunica: embora se trate, por exemplo, de um expediente assinado por Chefe de determinada Seção, a comunicação é sempre feita em nome do serviço público. Obtém-se, assim, uma desejável padronização, que permite que as comunicações elaboradas em diferentes setores da administração pública guardem entre si certa uniformidade;

b) da impessoalidade de quem recebe a comunicação: ela pode ser dirigida a um cidadão, sempre concebido como público, ou a uma instituição privada, a outro órgão ou a outra entidade pública. Em todos os casos, temos um destinatário concebido de forma homogênea e impessoal; e

c) do caráter impessoal do próprio assunto tratado: se o universo temático das comunicações oficiais se restringe a questões que dizem respeito ao interesse público, é natural não caber qualquer tom particular ou pessoal.

Não há lugar na redação oficial para impressões pessoais, como as que, por exemplo, constam de uma carta a um amigo, ou de um artigo assinado de jornal, ou mesmo de um texto literário. A redação oficial deve ser isenta da interferência da individualidade de quem a elabora. A concisão, a clareza, a objetividade e a formalidade de que nos valemos para elaborar os expedientes oficiais contribuem, ainda, para que seja alcançada a necessária impessoalidade.

3.6 Formalidade e padronização

As comunicações administrativas devem ser sempre formais, isto é, obedecer a certas regras de forma (BRASIL, 2015a). Isso é válido tanto para as comunicações feitas em meio eletrônico (por exemplo, o *e-mail* , o documento gerado no SEI!, o documento em html etc.), quanto para os eventuais documentos impressos.

É imperativa, ainda, certa formalidade de tratamento. Não se trata somente do correto emprego deste ou daquele pronome de tratamento para uma autoridade de certo nível, mais do que isso: a formalidade diz respeito à civilidade no próprio enfoque dado ao assunto do qual cuida a comunicação.

A formalidade de tratamento vincula-se, também, à necessária uniformidade das comunicações. Ora, se a administração pública federal é una, é natural que as comunicações que expeça sigam o mesmo padrão. O estabelecimento desse padrão, uma das metas deste Manual, exige que se atente para todas as características da redação oficial e que se cuide, ainda, da apresentação dos textos.

A digitação sem erros, o uso de papéis uniformes para o texto definitivo, nas exceções em que se fizer necessária a impressão, e a correta diagramação do texto são indispensáveis para a padronização. Consulte o Capítulo II, “As comunicações oficiais”, a respeito de normas específicas para cada tipo de expediente.

Em razão de seu caráter público e de sua finalidade, os atos normativos e os expedientes oficiais requerem o uso do padrão culto do idioma, que acata os preceitos da gramática formal e emprega um léxico compartilhado pelo conjunto dos usuários da língua. O uso do padrão culto é, portanto, imprescindível na redação oficial por estar acima das diferenças lexicais, morfológicas ou sintáticas, regionais; dos modismos vocabulares e das particularidades linguísticas.

Recomendações:

- a língua culta é contra a pobreza de expressão e não contra a sua simplicidade;
- o uso do padrão culto não significa empregar a língua de modo rebuscado ou utilizar figuras de linguagem próprias do estilo literário;
- a consulta ao dicionário e à gramática é imperativa na redação de um bom texto.

Pode-se concluir que não existe propriamente um padrão oficial de linguagem, o que há é o uso da norma padrão nos atos e nas comunicações oficiais. É claro que haverá preferência pelo uso de determinadas expressões, ou será obedecida certa tradição no emprego das formas sintáticas, mas isso não implica, necessariamente, que se consagre a utilização de uma forma de linguagem burocrática. O jargão burocrático, como todo jargão, deve ser evitado, pois terá sempre sua compreensão limitada.

Capítulo II

AS COMUNICAÇÕES OFICIAIS

2

4 Introdução

A redação das comunicações oficiais deve, antes de tudo, seguir os preceitos explicitados no Capítulo I, “Aspectos gerais da redação oficial”. Além disso, há características específicas de cada tipo de expediente, que serão tratadas em detalhe neste capítulo. Antes de passarmos à sua análise, vejamos outros aspectos comuns a quase todas as modalidades de comunicação oficial.

4.1 Pronomes de tratamento

Tradicionalmente, o emprego dos pronomes de tratamento adota a segunda pessoa do plural, de maneira indireta, para referenciar atributos da pessoa à qual se dirige. Na redação oficial, é necessário atenção para o uso dos pronomes de tratamento em três momentos distintos: no endereçamento, no vocativo e no corpo do texto. No vocativo, o autor dirige-se ao destinatário no início do documento. No corpo do texto, pode-se empregar os pronomes de tratamento em sua forma abreviada ou por extenso. O endereçamento é o texto utilizado no envelope que contém a correspondência oficial.

A seguir, alguns exemplos de utilização de pronomes de tratamento no texto oficial.

Autoridade	**Endereçamento**	**Vocativo**	**Tratamento no corpo do texto**	**Abreviatura**
Presidente da República	A Sua Excelência o Senhor	Excelentíssimo Senhor Presidente da República,	Vossa Excelência	Não se usa
Presidente do Congresso Nacional	A Sua Excelência o Senhor	Excelentíssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional,	Vossa Excelência	Não se usa
Presidente do Supremo Tribunal Federal	A Sua Excelência o Senhor	Excelentíssimo Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal,	Vossa Excelência	Não se usa
Vice-Presidente da República	A Sua Excelência o Senhor	Senhor Vice-Presidente da República,	Vossa Excelência	V. Exa.
Ministro de Estado	A Sua Excelência o Senhor	Senhor Ministro,	Vossa Excelência	V. Exa.
Secretário-Executivo de Ministério e demais ocupantes de cargos de natureza especial	A Sua Excelência o Senhor	Senhor Secretário-Executivo,	Vossa Excelência	V. Exa.

Autoridade	Endereçamento	Vocativo	Tratamento no corpo do texto	Abreviatura
Embaixador	A Sua Excelência o Senhor	Senhor Embaixador,	Vossa Excelência	V. Exa.
Oficial-General das Forças Armadas	A Sua Excelência o Senhor	Senhor + Posto,	Vossa Excelência	V. Exa.
Outros postos militares	Ao Senhor	Senhor + Posto,	Vossa Senhoria	V. Sa.
Senador da República	A Sua Excelência o Senhor	Senhor Senador,	Vossa Excelência	V. Exa.
Deputado Federal	A Sua Excelência o Senhor	Senhor Deputado,	Vossa Excelência	V. Exa.
Ministro do Tribunal de Contas da União	A Sua Excelência o Senhor	Senhor Ministro do Tribunal de Contas da União,	Vossa Excelência	V. Exa.
Ministro dos Tribunais Superiores	A Sua Excelência o Senhor	Senhor Ministro,	Vossa Excelência	V. Exa.

Os exemplos acima são meramente exemplificativos. A profusão de normas estabelecendo hipóteses de tratamento por meio do pronome “Vossa Excelência” para categorias especifícas tornou inviável arrolar todas as hipóteses.

4.1.1 Concordância com os pronomes de tratamento

Os pronomes de tratamento apresentam certas peculiaridades quanto às concordâncias verbal, nominal e pronominal. Embora se refiram à segunda pessoa gramatical (à pessoa com quem se fala), levam a concordância para a terceira pessoa. Os pronomes Vossa Excelência ou Vossa Senhoria são utilizados para se comunicar diretamente com o receptor.

Exemplo:

Vossa Senhoria designará o assessor.

Da mesma forma, os pronomes possessivos referidos a pronomes de tratamento são sempre os da terceira pessoa.

Exemplo:

Vossa Senhoria designará seu substituto. (E não “Vossa Senhoria designará vosso substituto”)

Já quanto aos adjetivos referidos a esses pronomes, o gênero gramatical deve coincidir com o sexo da pessoa a que se refere, e não com o substantivo que compõe a locução.

Exemplos:

Se o interlocutor for homem, o correto é: Vossa Excelência está atarefado.
Se o interlocutor for mulher: Vossa Excelência está atarefada.

O pronome Sua Excelência é utilizado para se fazer referência a alguma autoridade (indiretamente).

Exemplo:

A Sua Excelência o Ministro de Estado Chefe da Casa Civil (por exemplo, no endereçamento do expediente)

4.2 Signatário

4.2.1 Cargos interino e substituto

Na identificação do signatário, depois do nome do cargo, é possível utilizar os termos interino e substituto, conforme situações a seguir: interino é aquele nomeado para ocupar transitoriamente cargo público durante a vacância; substituto é aquele designado para exercer as atribuições de cargo público vago ou no caso de afastamento e impedimentos legais ou regulamentares do titular. Esses termos devem ser utilizados depois do nome do cargo, sem hífen, sem vírgula e em minúsculo.

Exemplos:

Diretor-Geral interino
Secretário-Executivo substituto

4.2.2 Signatárias do sexo feminino

Na identificação do signatário, o cargo ocupado por pessoa do sexo feminino deve ser flexionado no gênero feminino.

Exemplos:

Ministra de Estado
Secretária-Executiva interina
Técnica Administrativa
Coordenadora Administrativa

4.3 Grafia de cargos compostos

Escrevem-se com hífen:

a) cargos formados pelo adjetivo “geral”: diretor-geral, relator-geral, ouvidor-geral;

b) postos e gradações da diplomacia: primeiro-secretário, segundo-secretário;
c) postos da hierarquia militar: tenente-coronel, capitão-tenente;

Atenção: nomes compostos com elemento de ligação preposicionado ficam sem hífen: general de exército, general de brigada, tenente-brigadeiro do ar, capitão de mar e guerra;

d) cargos que denotam hierarquia dentro de uma empresa: diretor-presidente, diretor-adjunto, editor-chefe, editor-assistente, sócio-gerente, diretor-executivo;
e) cargos formados por numerais: primeiro-ministro, primeira-dama;
f) cargos formados com os prefixos “ex” ou “vice”: ex-diretor, vice-coordenador.

O novo Acordo Ortográfico tornou opcional o uso de iniciais maiúsculas em palavras usadas reverencialmente, por exemplo para cargos e títulos (exemplo: o Presidente francês ou o presidente francês). Porém, em palavras com hífen, após se optar pelo uso da maiúscula ou da minúscula, deve-se manter a escolha para a grafia de todos os elementos hifenizados: pode-se escrever “Vice-Presidente” ou “vice-presidente”, mas não “Vice-presidente”.

4.4 Vocativo

O vocativo é uma invocação ao destinatário. Nas comunicações oficiais, o vocativo será sempre seguido de vírgula.

Em comunicações dirigidas aos Chefes de Poder, utiliza-se a expressão Excelentíssimo Senhor ou Excelentíssima Senhora e o cargo respectivo, seguidos de vírgula.

Exemplos:

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,
Excelentíssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional,
Excelentíssimo Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal,

As demais autoridades, mesmo aquelas tratadas por Vossa Excelência, receberão o vocativo Senhor ou Senhora seguido do cargo respectivo.

Exemplos:

Senhora Senadora,
Senhor Juiz,
Senhora Ministra,

Na hipótese de comunicação com particular, pode-se utilizar o vocativo Senhor ou Senhora e a forma utilizada pela instituição para referir-se ao interlocutor: beneficiário, usuário, contribuinte, eleitor etc.

Exemplos:

Senhora Beneficiária,
Senhor Contribuinte,

Ainda, quando o destinatário for um particular, no vocativo, pode-se utilizar Senhor ou Senhora seguido do nome do particular ou pode-se utilizar o vocativo “Prezado Senhor” ou “Prezada Senhora”.

Exemplos:

Senhora [Nome],
Prezado Senhor,

Em comunicações oficiais, está abolido o uso de Digníssimo (DD) e de Ilustríssimo (Ilmo.).

Evite-se o uso de “doutor” indiscriminadamente. O tratamento por meio de Senhor confere a formalidade desejada.

5 O padrão ofício

Até a segunda edição deste Manual, havia três tipos de expedientes que se diferenciavam antes pela finalidade do que pela forma: o ofício, o aviso e o memorando. Com o objetivo de uniformizá-los, deve-se adotar nomenclatura e diagramação únicas, que sigam o que chamamos de padrão ofício.

A distinção básica anterior entre os três era:

a) aviso: era expedido exclusivamente por Ministros de Estado, para autoridades de mesma hierarquia;
b) ofício: era expedido para e pelas demais autoridades; e
c) memorando: era expedido entre unidades administrativas de um mesmo órgão.

Atenção: Nesta nova edição ficou abolida aquela distinção e passou-se a utilizar o termo ofício nas três hipóteses.

A seguir, será apresentada a estrutura do padrão ofício, de acordo com a ordem com que cada elemento aparece no documento oficial.

5.1 Partes do documento no padrão ofício

5.1.1 Cabeçalho

O cabeçalho é utilizado apenas na primeira página do documento, centralizado na área determinada pela formatação (ver subitem “5.2 Formatação e apresentação”).

No cabeçalho deverão constar os seguintes elementos:

a) brasão de Armas da República[2]: no topo da página. Não há necessidade de ser aplicado em cores. O uso de marca da instituição deve ser evitado na correspondência oficial para não se sobrepor ao Brasão de Armas da República.

---

[2] O desenho oficial atualizado do Brasão de Armas da República pode ser localizado no sítio eletrônico da Presidência da República, na seção Símbolos Nacionais. Disponível em: <http://www2.planalto.gov.br/acervo/simbolos-nacionais/brasao/brasao-da-republica>. No caso de documento a ser impresso, exclusivamente quando o signatário for o Presidente da República, Ministro de Estado ou a autoridade máxima de autarquia, será utilizado timbre em relevo branco, nos termos do disposto no Decreto nº 80.739, de 14 de novembro de 1977.

b) nome do órgão principal;
c) nomes dos órgãos secundários, quando necessários, da maior para a menor hierarquia; e
d) espaçamento: entrelinhas simples (1,0).

Exemplo:

[Nome do órgão]
[Secretaria/Diretoria]
[Departamento/Setor/Entidade]

Os dados do órgão, tais como endereço, telefone, endereço de correspondência eletrônica, sítio eletrônico oficial da instituição, podem ser informados no rodapé do documento, centralizados.

5.1.2 Identificação do expediente

Os documentos oficiais devem ser identificados da seguinte maneira:

a) nome do documento: tipo de expediente por extenso, com todas as letras maiúsculas;
b) indicação de numeração: abreviatura da palavra "número", padronizada como Nº;
c) informações do documento: número, ano (com quatro dígitos) e siglas usuais do setor que expede o documento, da menor para a maior hierarquia, separados por barra (/); e
d) alinhamento: à margem esquerda da página.

Exemplo:

OFÍCIO Nº 652/2018/SAA/SE/MT

5.1.3 Local e data do documento

Na grafia de datas em um documento, o conteúdo deve constar da seguinte forma:

a) composição: local e data do documento;
b) informação de local: nome da cidade onde foi expedido o documento, seguido de vírgula. Não se deve utilizar a sigla da unidade da federação depois do nome da cidade;
c) dia do mês: em numeração ordinal se for o primeiro dia do mês e em numeração cardinal para os demais dias do mês. Não se deve utilizar zero à esquerda do número que indica o dia do mês;
d) nome do mês: deve ser escrito com inicial minúscula;
e) pontuação: coloca-se ponto-final depois da data; e
f) alinhamento: o texto da data deve ser alinhado à margem direita da página.

Exemplo:

Brasília, 2 de fevereiro de 2018.

5.1.4 Endereçamento

O endereçamento é a parte do documento que informa quem receberá o expediente. Nele deverão constar os seguintes elementos:

a) vocativo: na forma de tratamento adequada para quem receberá o expediente (ver subitem “4.1 Pronomes de tratamento”);
b) nome: nome do destinatário do expediente;
c) cargo: cargo do destinatário do expediente;
d) endereço: endereço postal de quem receberá o expediente, dividido em duas linhas:
    primeira linha: informação de localidade/logradouro do destinatário ou, no caso de ofício ao mesmo órgão, informação do setor;
    segunda linha: CEP e cidade/unidade da federação, separados por espaço simples. Na separação entre cidade e unidade da federação pode ser substituída a barra pelo ponto ou pelo travessão. No caso de ofício ao mesmo órgão, não é obrigatória a informação do CEP, podendo ficar apenas a informação da cidade/unidade da federação; e
e) alinhamento: à margem esquerda da página.

O pronome de tratamento no endereçamento das comunicações dirigidas às autoridades tratadas por Vossa Excelência terá a seguinte forma: “A Sua Excelência o Senhor” ou “A Sua Excelência a Senhora”.

Quando o tratamento destinado ao receptor for Vossa Senhoria, o endereçamento a ser empregado é “Ao Senhor” ou “À Senhora”. Ressalte-se que não se utiliza a expressão “A Sua Senhoria o Senhor” ou “A Sua Senhoria a Senhora”.

Exemplos:

A Sua Excelência o Senhor
[Nome]
Ministro de Estado da Justiça
Esplanada dos Ministérios Bloco T
70064-900 Brasília/DF

À Senhora
[Nome]
Diretora de Gestão de Pessoas
SAUS Q. 3 Lote 5/6 Ed Sede I
70070-030 Brasília. DF

Ao Senhor
[Nome]
Chefe da Seção de Compras
Diretoria de Material, Seção
Brasília — DF

5.1.5 Assunto

O assunto deve dar uma ideia geral do que trata o documento, de forma sucinta.

Ele deve ser grafado da seguinte maneira:

a) título: a palavra Assunto deve anteceder a frase que define o conteúdo do documento, seguida de dois-pontos;
b) descrição do assunto: a frase que descreve o conteúdo do documento deve ser escrita com inicial maiúscula, não se deve utilizar verbos e sugere-se utilizar de quatro a cinco palavras;
c) destaque: todo o texto referente ao assunto, inclusive o título, deve ser destacado em negrito;
d) pontuação: coloca-se ponto-final depois do assunto; e
e) alinhamento: à margem esquerda da página.

Exemplos:

Assunto: Encaminhamento do Relatório de Gestão julho/2018.
Assunto: Aquisição de computadores.

5.1.6 Texto do documento

O texto do documento oficial deve seguir a seguinte padronização de estrutura:

I – nos casos em que não seja usado para encaminhamento de documentos, o expediente deve conter a seguinte estrutura:

a) introdução: em que é apresentado o objetivo da comunicação. Evite o uso das formas: Tenho a honra de, Tenho o prazer de, Cumpre-me informar que. Prefira empregar a forma direta: Informo, Solicito, Comunico;
b) desenvolvimento: em que o assunto é detalhado; se o texto contiver mais de uma ideia sobre o assunto, elas devem ser tratadas em parágrafos distintos, o que confere maior clareza à exposição; e
c) conclusão: em que é afirmada a posição sobre o assunto.

II – quando forem usados para encaminhamento de documentos, a estrutura é modificada:

a) introdução: deve iniciar com referência ao expediente que solicitou o encaminhamento. Se a remessa do documento não tiver sido solicitada, deve iniciar com a informação do motivo da comunicação, que é **encaminhar**, indicando a seguir os dados completos do documento encaminhado (tipo, data, origem ou signatário e assunto de que se trata) e a razão pela qual está sendo encaminhado; e

Exemplos:

Em resposta ao Ofício nº 12, de 1º de fevereiro de 2018, encaminho cópia do Ofício nº 34, de 3 de abril de 2018, da Coordenação-Geral de Gestão de Pessoas, que trata da requisição do servidor Fulano de Tal.

Encaminho, para exame e pronunciamento, cópia do Ofício nº 12, de 1º de fevereiro de 2018, do Presidente da Confederação Nacional da Indústria, a respeito de projeto de modernização de técnicas agrícolas na região Nordeste.

b) desenvolvimento: se o autor da comunicação desejar fazer algum comentário a respeito do documento que encaminha, poderá acrescentar parágrafos de desenvolvimento. Caso contrário, não há parágrafos de desenvolvimento em expediente usado para encaminhamento de documentos.

III – tanto na estrutura I quanto na estrutura II, o texto do documento deve ser formatado da seguinte maneira:

a) alinhamento: justificado;
b) espaçamento entre linhas: simples;
c) parágrafos:
    i espaçamento entre parágrafos: de 6 pontos após cada parágrafo;
    ii recuo de parágrafo: 2,5 cm de distância da margem esquerda;
    iii numeração dos parágrafos: apenas quando o documento tiver três ou mais parágrafos, desde o primeiro parágrafo. Não se numeram o vocativo e o fecho;
d) fonte: Calibri ou Carlito;

    - i corpo do texto: tamanho 12 pontos;
    - ii citações recuadas: tamanho 11 pontos; e
    - iii notas de Rodapé: tamanho 10 pontos;

e) símbolos: para símbolos não existentes nas fontes indicadas, pode-se utilizar as fontes *Symbol* e *Wingdings*;

5.1.7 Fechos para comunicações

O fecho das comunicações oficiais objetiva, além da finalidade óbvia de arrematar o texto, saudar o destinatário. Os modelos para fecho anteriormente utilizados foram regulados pela Portaria nº 1, de 1937, do Ministério da Justiça, que estabelecia quinze padrões.

Com o objetivo de simplificá-los e uniformizá-los, este Manual estabelece o emprego de somente dois fechos diferentes para todas as modalidades de comunicação oficial:

a) Para autoridades de hierarquia superior a do remetente, inclusive o Presidente da República:

Respeitosamente,

b) Para autoridades de mesma hierarquia, de hierarquia inferior ou demais casos:

Atenciosamente,

Ficam excluídas dessa fórmula as comunicações dirigidas a autoridades estrangeiras, que atendem a rito e tradição próprios.

O fecho da comunicação deve ser formatado da seguinte maneira:

a) alinhamento: alinhado à margem esquerda da página;
b) recuo de parágrafo: 2,5 cm de distância da margem esquerda;
c) espaçamento entre linhas: simples;
d) espaçamento entre parágrafos: de 6 pontos após cada parágrafo; e
e) não deve ser numerado.

5.1.8 Identificação do signatário

Excluídas as comunicações assinadas pelo Presidente da República, todas as demais comunicações oficiais devem informar o signatário segundo o padrão:

a) nome: nome da autoridade que as expede, grafado em letras maiúsculas, sem negrito. Não se usa linha acima do nome do signatário;
b) cargo: cargo da autoridade que expede o documento, redigido apenas com as iniciais maiúsculas. As preposições que liguem as palavras do cargo devem ser grafadas em minúsculas; e
c) alinhamento: a identificação do signatário deve ser centralizada na página.

Para evitar equívocos, recomenda-se não deixar a assinatura em página isolada do expediente. Transfira para essa página ao menos a última frase anterior ao fecho.

Exemplo:

(espaço para assinatura)
NOME
Ministro de Estado Chefe da Casa Civil da Presidência da República

(espaço para assinatura)
NOME
Coordenador-Geral de Gestão de Pessoas

5.1.9 Numeração das páginas

A numeração das páginas é obrigatória apenas a partir da segunda página da comunicação.

Ela deve ser centralizada na página e obedecer à seguinte formatação:

a) posição: no rodapé do documento, ou acima da área de 2 cm da margem inferior; e
b) fonte: Calibri ou Carlito.

5.2 Formatação e apresentação

Os documentos do padrão ofício devem obedecer à seguinte formatação:

a) tamanho do papel: A4 (29,7 cm x 21 cm);
b) margem lateral esquerda: no mínimo, 3 cm de largura;
c) margem lateral direita: 1,5 cm;
d) margens superior e inferior: 2 cm;
e) área de cabeçalho: na primeira página, 5 cm a partir da margem superior do papel;
f) área de rodapé: nos 2 cm da margem inferior do documento;
g) impressão: na correspondência oficial, a impressão pode ocorrer em ambas as faces do papel. Nesse caso, as margens esquerda e direita terão as distâncias invertidas nas páginas pares (margem espelho);
h) cores: os textos devem ser impressos na cor preta em papel branco, reservando-se, se necessário, a impressão colorida para gráficos e ilustrações;
i) destaques: para destaques deve-se utilizar, sem abuso, o negrito. Deve-se evitar destaques com uso de itálico, sublinhado, letras maiúsculas, sombreado, sombra, relevo, bordas ou qualquer outra forma de formatação que afete a sobriedade e a padronização do documento;
j) palavras estrangeiras: palavras estrangeiras devem ser grafadas em itálico;
k) arquivamento: dentro do possível, todos os documentos elaborados devem ter o arquivo de texto preservado para consulta posterior ou aproveitamento de trechos para casos análogos. Deve ser utilizado, preferencialmente, formato de arquivo que possa ser lido e editado pela maioria dos editores de texto utilizados no serviço público, tais como DOCX, ODT ou RTF.
l) nome do arquivo: para facilitar a localização, os nomes dos arquivos devem ser formados da seguinte maneira:

tipo do documento + número do documento + ano do documento (com 4 dígitos) + palavras-chaves do conteúdo

Exemplo:
Ofício 123_2018_relatório produtividade anual

Seguem exemplos de Ofício:

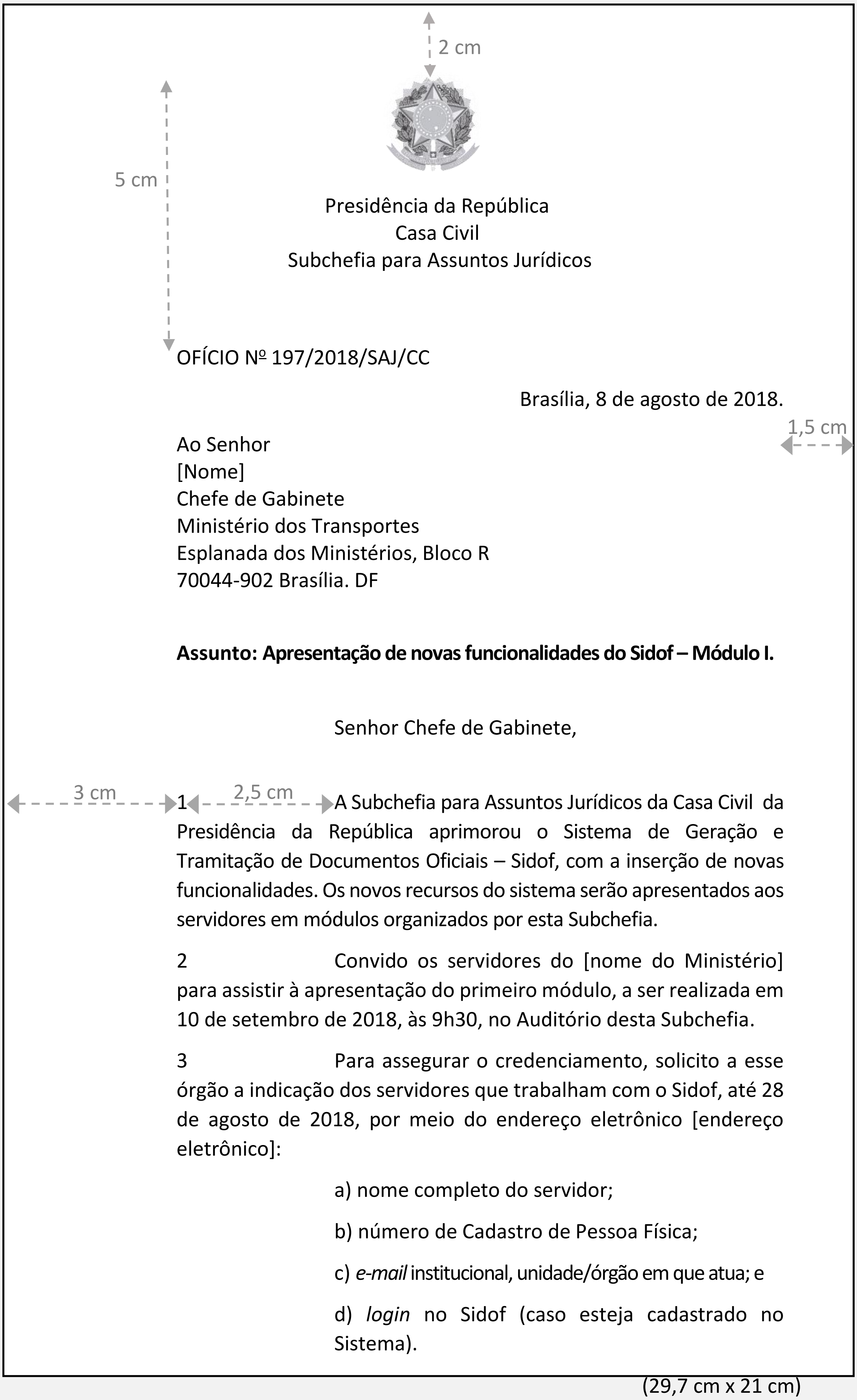
2 cm
5 cm
1,5 cm
3 cm
2,5 cm

Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos

OFÍCIO Nº 197/2018/SAJ/CC

Brasília, 8 de agosto de 2018.

Ao Senhor
[Nome]
Chefe de Gabinete
Ministério dos Transportes
Esplanada dos Ministérios, Bloco R
70044-902 Brasília. DF

Assunto: Apresentação de novas funcionalidades do Sidof – Módulo I.

Senhor Chefe de Gabinete,

1 A Subchefia para Assuntos Jurídicos da Casa Civil da Presidência da República aprimorou o Sistema de Geração e Tramitação de Documentos Oficiais – Sidof, com a inserção de novas funcionalidades. Os novos recursos do sistema serão apresentados aos servidores em módulos organizados por esta Subchefia.

2 Convido os servidores do [nome do Ministério] para assistir à apresentação do primeiro módulo, a ser realizada em 10 de setembro de 2018, às 9h30, no Auditório desta Subchefia.

3 Para assegurar o credenciamento, solicito a esse órgão a indicação dos servidores que trabalham com o Sidof, até 28 de agosto de 2018, por meio do endereço eletrônico [endereço eletrônico]:

a) nome completo do servidor;

b) número de Cadastro de Pessoa Física;

c) *e-mail* institucional, unidade/órgão em que atua; e

d) *login* no Sidof (caso esteja cadastrado no Sistema).

(29,7 cm x 21 cm)

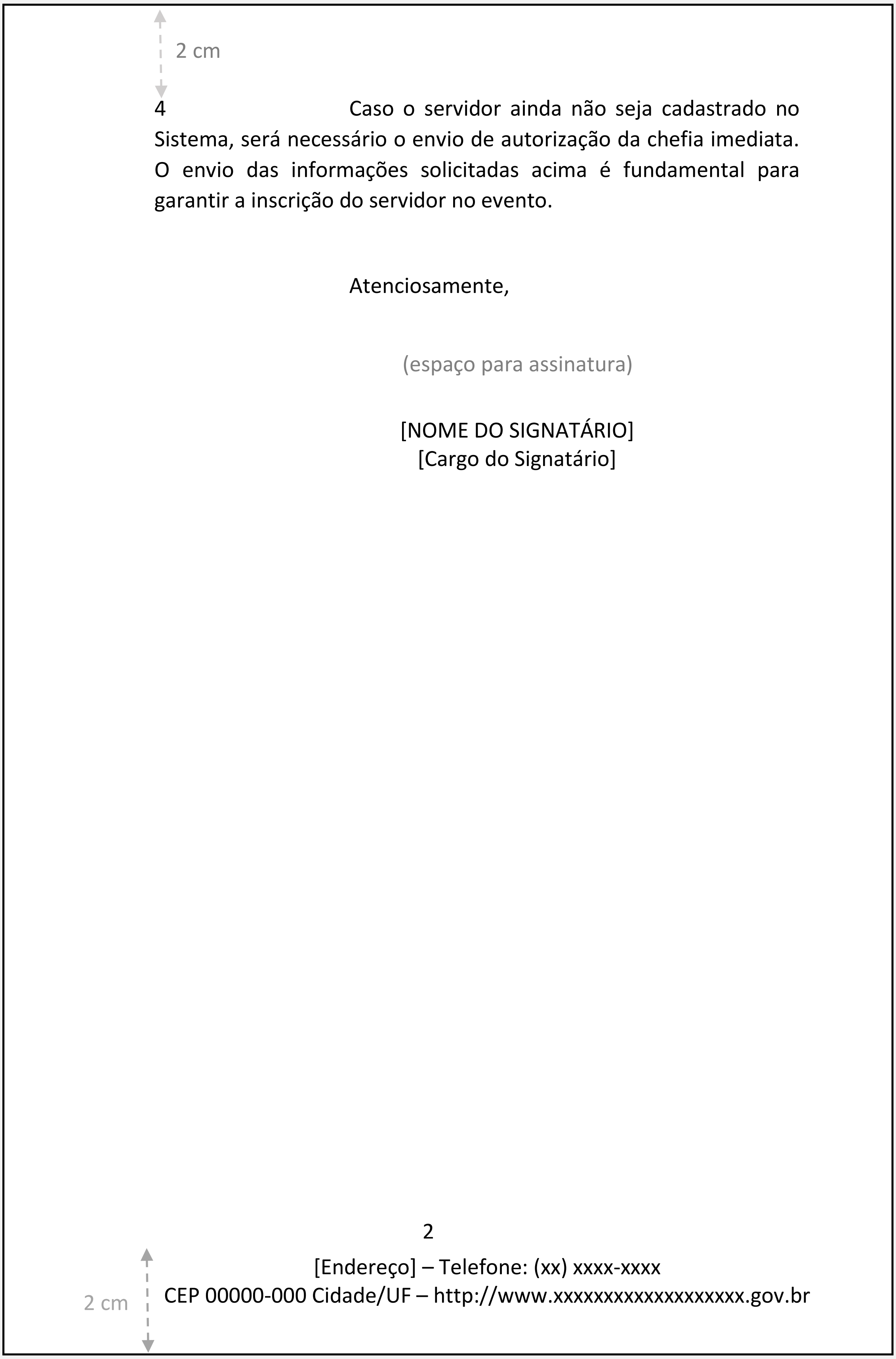

4 Caso o servidor ainda não seja cadastrado no Sistema, será necessário o envio de autorização da chefia imediata. O envio das informações solicitadas acima é fundamental para garantir a inscrição do servidor no evento.

Atenciosamente,

(espaço para assinatura)

[NOME DO SIGNATÁRIO]
[Cargo do Signatário]

2

[Endereço] – Telefone: (xx) xxxx-xxxx
CEP 00000-000 Cidade/UF – http://www.xxxxxxxxxxxxxxxxxxx.gov.br

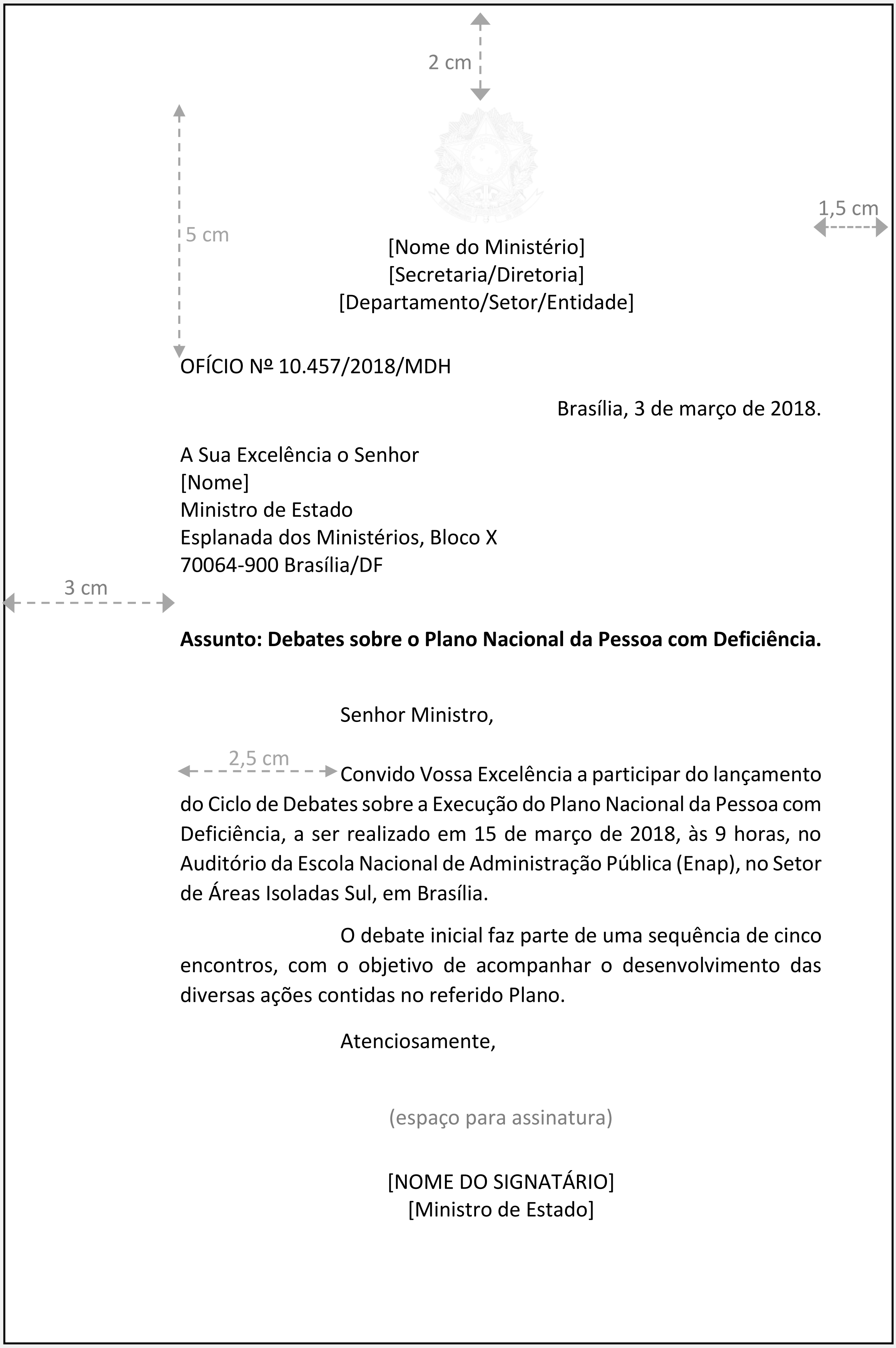
2 cm
5 cm
1,5 cm
3 cm
2,5 cm

[Nome do Ministério]
[Secretaria/Diretoria]
[Departamento/Setor/Entidade]

OFÍCIO Nº 10.457/2018/MDH

Brasília, 3 de março de 2018.

A Sua Excelência o Senhor
[Nome]
Ministro de Estado
Esplanada dos Ministérios, Bloco X
70064-900 Brasília/DF

Assunto: Debates sobre o Plano Nacional da Pessoa com Deficiência.

Senhor Ministro,

Convido Vossa Excelência a participar do lançamento do Ciclo de Debates sobre a Execução do Plano Nacional da Pessoa com Deficiência, a ser realizado em 15 de março de 2018, às 9 horas, no Auditório da Escola Nacional de Administração Pública (Enap), no Setor de Áreas Isoladas Sul, em Brasília.

O debate inicial faz parte de uma sequência de cinco encontros, com o objetivo de acompanhar o desenvolvimento das diversas ações contidas no referido Plano.

Atenciosamente,

(espaço para assinatura)

[NOME DO SIGNATÁRIO]
[Ministro de Estado]

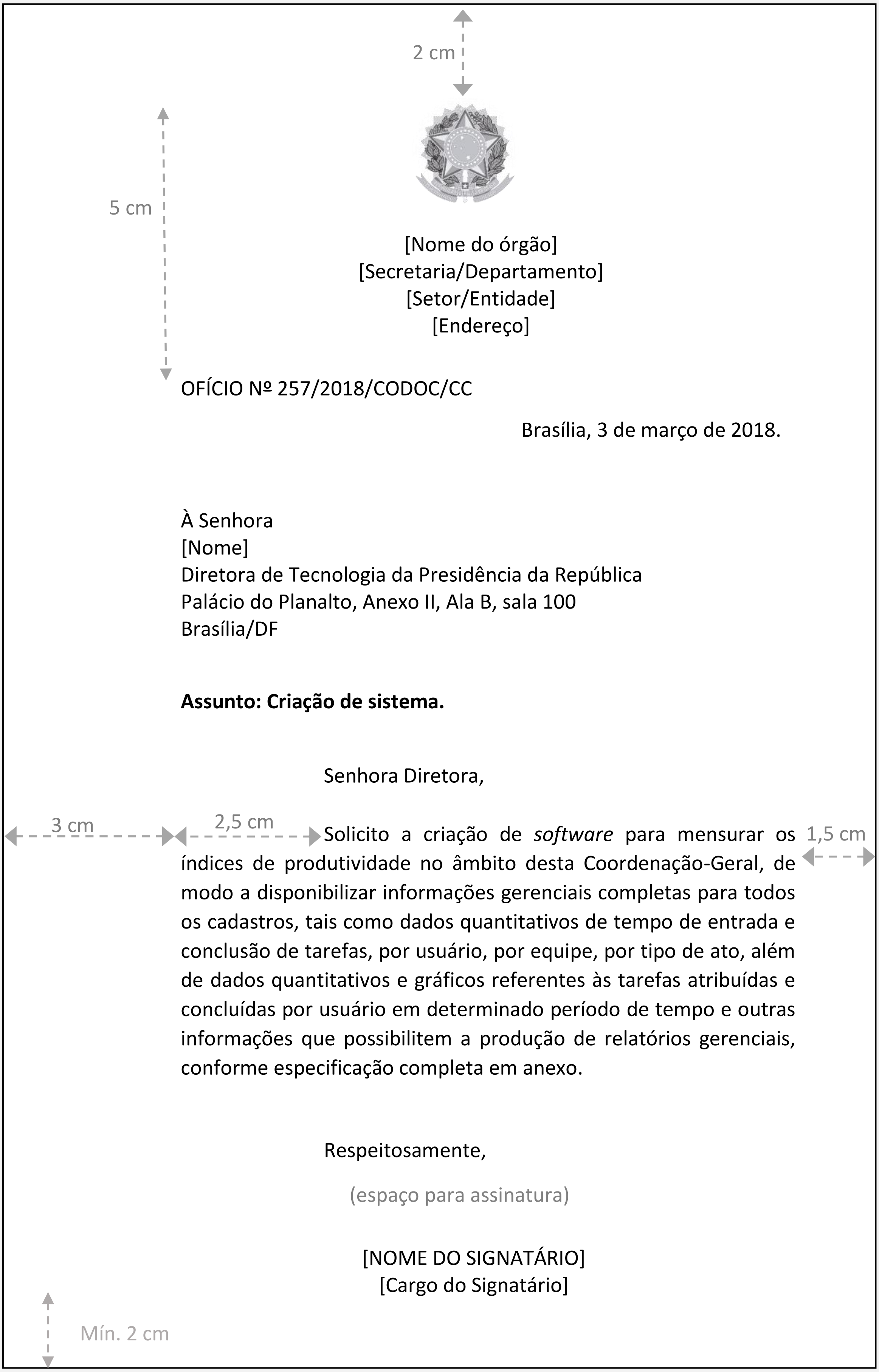
2 cm
5 cm
3 cm
2,5 cm
1,5 cm
Mín. 2 cm

[Nome do órgão]
[Secretaria/Departamento]
[Setor/Entidade]
[Endereço]

OFÍCIO Nº 257/2018/CODOC/CC

Brasília, 3 de março de 2018.

À Senhora
[Nome]
Diretora de Tecnologia da Presidência da República
Palácio do Planalto, Anexo II, Ala B, sala 100
Brasília/DF

Assunto: Criação de sistema.

Senhora Diretora,

Solicito a criação de *software* para mensurar os índices de produtividade no âmbito desta Coordenação-Geral, de modo a disponibilizar informações gerenciais completas para todos os cadastros, tais como dados quantitativos de tempo de entrada e conclusão de tarefas, por usuário, por equipe, por tipo de ato, além de dados quantitativos e gráficos referentes às tarefas atribuídas e concluídas por usuário em determinado período de tempo e outras informações que possibilitem a produção de relatórios gerenciais, conforme especificação completa em anexo.

Respeitosamente,

(espaço para assinatura)

[NOME DO SIGNATÁRIO]
[Cargo do Signatário]

6 Tipos de documentos

6.1 Variações dos documentos oficiais

Os documentos oficiais podem ser identificados de acordo com algumas possíveis variações:

a) [NOME DO EXPEDIENTE] + CIRCULAR: Quando um órgão envia o mesmo expediente para mais de um órgão receptor. A sigla na epígrafe será apenas do órgão remetente.
b) [NOME DO EXPEDIENTE] + CONJUNTO: Quando mais de um órgão envia, conjuntamente, o mesmo expediente para um único órgão receptor. As siglas dos órgãos remetentes constarão na epígrafe.
c) [NOME DO EXPEDIENTE] + CONJUNTO CIRCULAR: Quando mais de um órgão envia, conjuntamente, o mesmo expediente para mais de um órgão receptor. As siglas dos órgãos remetentes constarão na epígrafe.

Exemplos:

OFÍCIO CIRCULAR Nº 652/2018/MEC
OFÍCIO CONJUNTO Nº 368/2018/SECEX/SAJ
OFÍCIO CONJUNTO CIRCULAR Nº 795/2018/CC/MJ/MRE

Nos expedientes circulares, por haver mais de um receptor, o órgão remetente poderá inserir no rodapé as siglas ou nomes dos órgãos que receberão o expediente.

6.2 Exposição de Motivos

6.2.1 Definição e finalidade

Exposição de motivos (EM) é o expediente dirigido ao Presidente da República ou ao Vice-Presidente para:

a) propor alguma medida;
b) submeter projeto de ato normativo à sua consideração; ou
c) informá-lo de determinado assunto.

A exposição de motivos é dirigida ao Presidente da República por um Ministro de Estado. Nos casos em que o assunto tratado envolva mais de um ministério, a exposição de motivos será assinada por todos os ministros envolvidos, sendo, por essa razão, chamada de interministerial.

Independentemente de ser uma EM com apenas um autor ou uma EM interministerial, a sequência numérica das exposições de motivos é única. A numeração começa e termina dentro de um mesmo ano civil.

6.2.2 Forma e estrutura

As exposições de motivos devem, obrigatoriamente:

a) apontar, na introdução: o problema que demanda a adoção da medida ou do ato normativo proposto; ou informar ao Presidente da República algum assunto;

b) indicar, no desenvolvimento: a razão de aquela medida ou de aquele ato normativo ser o ideal para se solucionar o problema e as eventuais alternativas existentes para equacioná-lo; ou fornecer mais detalhes sobre o assunto informado, quando for esse o caso; e

c) na conclusão: novamente, propor a medida a ser tomada ou o ato normativo a ser editado para solucionar o problema; ou apresentar as considerações finais no caso de EMs apenas informativas.

As Exposições de Motivos que encaminham proposições normativas devem seguir o prescrito no Decreto nº 9.191, de 1º de novembro de 2017. Em síntese, elas devem ser instruídas com parecer jurídico e parecer de mérito que permitam a adequada avaliação da proposta.

O atendimento dos requisitos do Decreto nº 9.191, de 2017, nas exposições de motivos que proponham a edição de ato normativo, tem como propósito:

a) permitir a adequada reflexão sobre o problema que se busca resolver;

b) ensejar avaliação das diversas causas do problema e dos efeitos que podem ter a adoção da medida ou a edição do ato, em consonância com as questões que devem ser analisadas na elaboração de proposições normativas no âmbito do Poder Executivo;

c) conferir transparência aos atos propostos;

d) resumir os principais aspectos da proposta; e

e) evitar a devolução a proposta de ato normativo para complementação ou reformulação da proposta.

A exposição de motivos é a principal modalidade de comunicação dirigida ao Presidente da República pelos ministros. Além disso, pode, em certos casos, ser encaminhada cópia ao Congresso Nacional ou ao Poder Judiciário.

Exemplo de exposição de motivos:

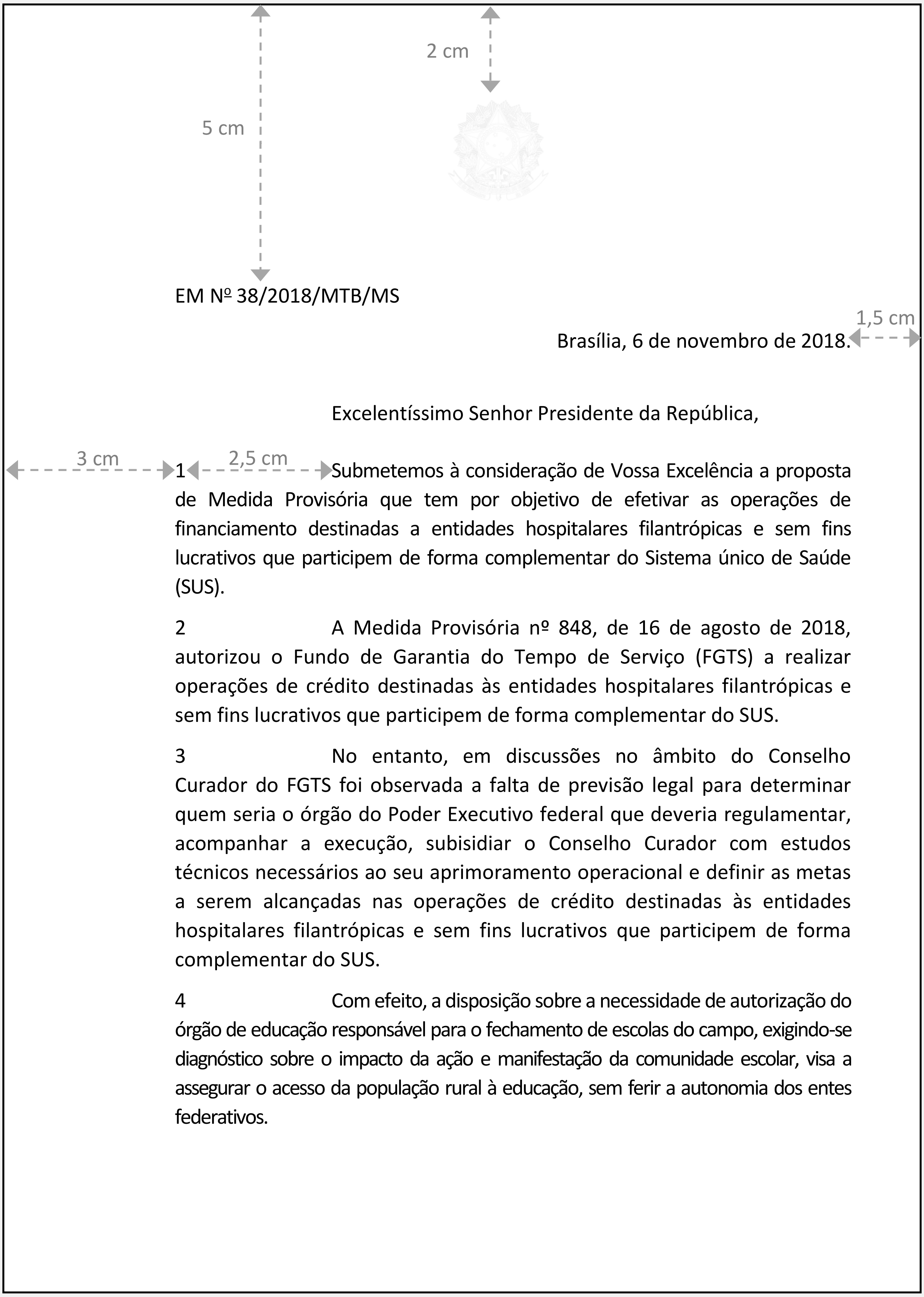

EM Nº 38/2018/MTB/MS

Brasília, 6 de novembro de 2018.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,

1 Submetemos à consideração de Vossa Excelência a proposta de Medida Provisória que tem por objetivo de efetivar as operações de financiamento destinadas a entidades hospitalares filantrópicas e sem fins lucrativos que participem de forma complementar do Sistema único de Saúde (SUS).

2 A Medida Provisória nº 848, de 16 de agosto de 2018, autorizou o Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) a realizar operações de crédito destinadas às entidades hospitalares filantrópicas e sem fins lucrativos que participem de forma complementar do SUS.

3 No entanto, em discussões no âmbito do Conselho Curador do FGTS foi observada a falta de previsão legal para determinar quem seria o órgão do Poder Executivo federal que deveria regulamentar, acompanhar a execução, subisidiar o Conselho Curador com estudos técnicos necessários ao seu aprimoramento operacional e definir as metas a serem alcançadas nas operações de crédito destinadas às entidades hospitalares filantrópicas e sem fins lucrativos que participem de forma complementar do SUS.

4 Com efeito, a disposição sobre a necessidade de autorização do órgão de educação responsável para o fechamento de escolas do campo, exigindo-se diagnóstico sobre o impacto da ação e manifestação da comunidade escolar, visa a assegurar o acesso da população rural à educação, sem ferir a autonomia dos entes federativos.

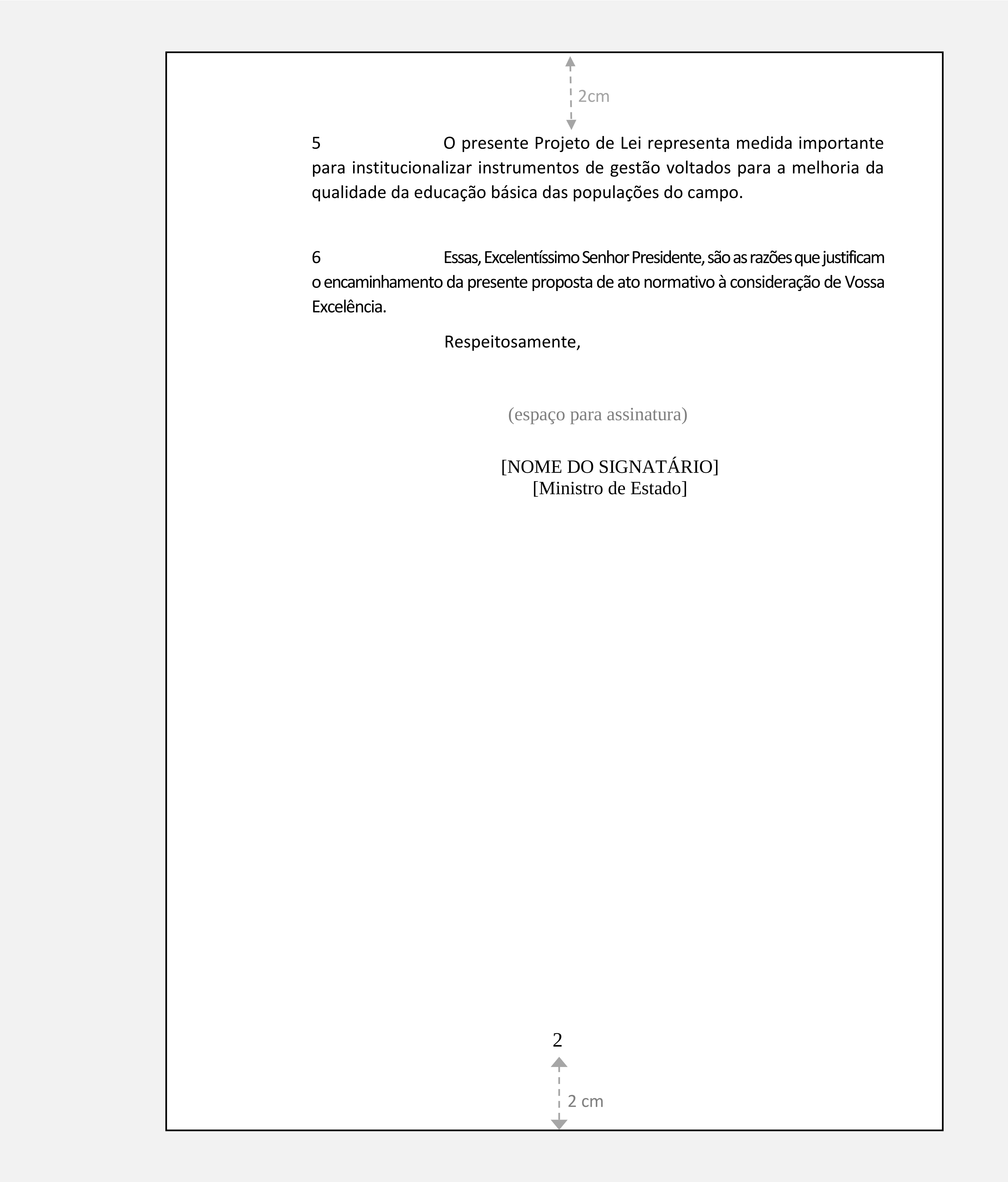

5 O presente Projeto de Lei representa medida importante para institucionalizar instrumentos de gestão voltados para a melhoria da qualidade da educação básica das populações do campo.

6 Essas, Excelentíssimo Senhor Presidente, são as razões que justificam o encaminhamento da presente proposta de ato normativo à consideração de Vossa Excelência.

Respeitosamente,

(espaço para assinatura)

[NOME DO SIGNATÁRIO]
[Ministro de Estado]

2

6.2.3 Sistema de Geração e Tramitação de Documentos Oficiais (Sidof)

O Sistema de Geração e Tramitação de Documentos Oficiais (Sidof) é a ferramenta eletrônica utilizada para a elaboração, a redação, a alteração, o controle, a tramitação, a administração e a gerência das exposições de motivos com as propostas de atos a serem encaminhadas pelos Ministérios à Presidência da República.

Ao se utilizar o Sidof, a assinatura, o nome e o cargo do signatário, apresentados no exemplo do item 6.2.2, são substituídos pela assinatura eletrônica que informa o nome do ministro que assinou a exposição de motivos e do consultor jurídico que assinou o parecer jurídico da Pasta.

6.3 Mensagem

6.3.1 Definição e finalidade

A Mensagem é o instrumento de comunicação oficial entre os Chefes dos Poderes Públicos, notadamente as mensagens enviadas pelo Chefe do Poder Executivo ao Poder Legislativo para informar sobre fato da administração pública; para expor o plano de governo por ocasião da abertura de sessão legislativa; para submeter ao Congresso Nacional matérias que dependem de deliberação de suas Casas; para apresentar veto; enfim, fazer comunicações do que seja de interesse dos Poderes Públicos e da Nação.

Minuta de mensagem pode ser encaminhada pelos ministérios à Presidência da República, a cujas assessorias caberá a redação final.

As mensagens mais usuais do Poder Executivo ao Congresso Nacional têm as seguintes finalidades:

a) Encaminhamento de proposta de emenda constitucional, de projeto de lei ordinária, de projeto de lei complementar e os que compreendem plano plurianual, diretrizes orçamentárias, orçamentos anuais e créditos adicionais:

Os projetos de lei ordinária ou complementar são enviados em regime normal (Constituição, art. 61) ou de urgência (Constituição, art. 64, §§ 1º a 4º). O projeto pode ser encaminhado sob o regime normal e, mais tarde, ser objeto de nova mensagem, com solicitação de urgência.

Em ambos os casos, a mensagem se dirige aos membros do Congresso Nacional, mas é encaminhada com ofício do Ministro de Estado Chefe da Casa Civil da Presidência da República ao Primeiro-Secretário da Câmara dos Deputados, para que tenha início sua tramitação (Constituição, art. 64, *caput*).

Quanto aos projetos de lei que compreendem plano plurianual, diretrizes orçamentárias, orçamentos anuais e créditos adicionais, as mensagens de encaminhamento dirigem-se aos membros do Congresso Nacional, e os respectivos ofícios são endereçados ao Primeiro-Secretário do Senado Federal. A razão é que o art. 166 da Constituição impõe a deliberação congressual em sessão conjunta, mais precisamente, “na forma do regimento comum”. E, à frente da Mesa do Congresso Nacional, está o Presidente do Senado Federal (Constituição, art. 57, § 5º), que comanda as sessões conjuntas.

b) Encaminhamento de medida provisória:

Para dar cumprimento ao disposto no art. 62 da Constituição, o Presidente da República encaminha Mensagem ao Congresso, dirigida a seus Membros, com ofício para o Primeiro-Secretário do Senado Federal, juntando cópia da medida provisória.

c) Indicação de autoridades:

As mensagens que submetem ao Senado Federal a indicação de pessoas para ocuparem determinados cargos (magistrados dos tribunais superiores, ministros do Tribunal de Contas da União, presidentes e diretores do Banco Central, Procurador-Geral da República, chefes de missão diplomática, diretores e conselheiros de agências etc.) têm em vista que a Constituição, incisos III e IV do *caput* do art. 52, atribui àquela Casa do Congresso Nacional competência privativa para aprovar a indicação.

O *curriculum vitae* do indicado, assinado, com a informação do número de Cadastro de Pessoa Física, acompanha a mensagem.

d) Pedido de autorização para o Presidente ou o Vice-Presidente da República se ausentarem do país por mais de 15 dias:

Trata-se de exigência constitucional (Constituição, art. 49, *caput*, inciso III e art. 83), e a autorização é da competência privativa do Congresso Nacional. O Presidente da República, tradicionalmente, por cortesia, quando a ausência é por prazo inferior a 15 dias, faz uma comunicação a cada Casa do Congresso, enviando-lhes mensagens idênticas.

e) Encaminhamento de atos de concessão e de renovação de concessão de emissoras de rádio e TV:

A obrigação de submeter tais atos à apreciação do Congresso Nacional consta no inciso XII do *caput* do art. 49 da Constituição. Somente produzirão efeitos legais a outorga ou a renovação da concessão após deliberação do Congresso Nacional (Constituição, art. 223, § 3º). Descabe pedir na mensagem a urgência prevista na Constituição, art. 64, uma vez que o § 1º do art. 223 já define o prazo da tramitação. Além do ato de outorga ou renovação, acompanha a mensagem o correspondente processo administrativo.

f) Encaminhamento das contas referentes ao exercício anterior:

O Presidente da República tem o prazo de 60 dias após a abertura da sessão legislativa para enviar ao Congresso Nacional as contas referentes ao exercício anterior (Constituição, art. 84, *caput,* inciso XXIV), para exame e parecer da Comissão Mista permanente (Constituição, art. 166, § 1º), sob pena de a Câmara dos Deputados realizar a tomada de contas (Constituição, art. 51, *caput,* inciso II) em procedimento disciplinado no art. 215 do seu Regimento Interno.

g) Mensagem de abertura da sessão legislativa:

Deve conter o plano de governo, exposição sobre a situação do País e a solicitação de providências que julgar necessárias (Constituição, art. 84, inciso XI). O portador da mensagem é o Chefe da Casa Civil da Presidência da República. Esta mensagem difere das demais, porque vai encadernada e é distribuída a todos os congressistas em forma de livro.

h) Comunicação de sanção (com restituição de autógrafos):

Esta mensagem é dirigida aos Membros do Congresso Nacional, encaminhada por ofício ao Primeiro-Secretário da Casa onde se originaram os autógrafos. Nela se informa o número que tomou a lei e se restituem dois exemplares dos três autógrafos recebidos, nos quais o Presidente da República terá aposto o despacho de sanção.

i) Comunicação de veto:

Dirigida ao Presidente do Senado Federal (Constituição, art. 66, § 1º), a mensagem informa sobre a decisão de vetar, se o veto é parcial, quais as disposições vetadas, e as razões do veto. Seu texto é publicado na íntegra no Diário Oficial da União, ao contrário das demais mensagens, cuja publicação se restringe à notícia do seu envio ao Poder Legislativo.

j) Outras mensagens remetidas ao Legislativo:

- Apreciação de intervenção federal (Constituição, art. 36, § 2º).
- Encaminhamento de atos internacionais que acarretam encargos ou compromissos gravosos (Constituição, art. 49, *caput*, inciso I);
- Pedido de estabelecimento de alíquotas aplicáveis às operações e prestações interestaduais e de exportação (Constituição, art. 155, § 2º, inciso IV);
- Proposta de fixação de limites globais para o montante da dívida consolidada (Constituição, art. 52, *caput*, inciso VI);
- Pedido de autorização para operações financeiras externas (Constituição, art. 52, *caput*, inciso V);
- Convocação extraordinária do Congresso Nacional (Constituição, art. 57, § 6º);
- Pedido de autorização para exonerar o Procurador-Geral da República (Constituição, art. 52, inciso XI, e art. 128, § 2º);
- Pedido de autorização para declarar guerra e decretar mobilização nacional (Constituição, art. 84, inciso XIX);
- Pedido de autorização ou referendo para celebrar a paz (Constituição, art. 84, inciso XX);
- Justificativa para decretação do estado de defesa ou de sua prorrogação (Constituição, art. 136, § 4º);
- Pedido de autorização para decretar o estado de sítio (Constituição, art. 137);
- Relato das medidas praticadas na vigência do estado de sítio ou de defesa (Constituição, art. 141, parágrafo único);
- Proposta de modificação de projetos de leis que compreendem plano plurianual, diretrizes orçamentárias, orçamentos anuais e créditos adicionais (Constituição, art. 166, § 5º);
- Pedido de autorização para utilizar recursos que ficarem sem despesas correspondentes, em decorrência de veto, emenda ou rejeição do projeto de lei orçamentária anual (Constituição, art. 166, § 8º);
- Pedido de autorização para alienar ou conceder terras públicas com área superior a 2.500 ha (Constituição, art. 188, § 1º).

6.3.2 Forma e estrutura

As mensagens contêm:

a) brasão: timbre em relevo branco

b) identificação do expediente: MENSAGEM Nº, alinhada à margem esquerda, no início do texto;

c) vocativo: alinhado à margem esquerda, de acordo com o pronome de tratamento e o cargo do destinatário, com o recuo de parágrafo dado ao texto;

d) texto: iniciado a 2 cm do vocativo; e

e) local e data: posicionados a 2 cm do final do texto, alinhados à margem direita.

A mensagem, como os demais atos assinados pelo Presidente da República, não traz identificação de seu signatário.

Exemplo de mensagem:

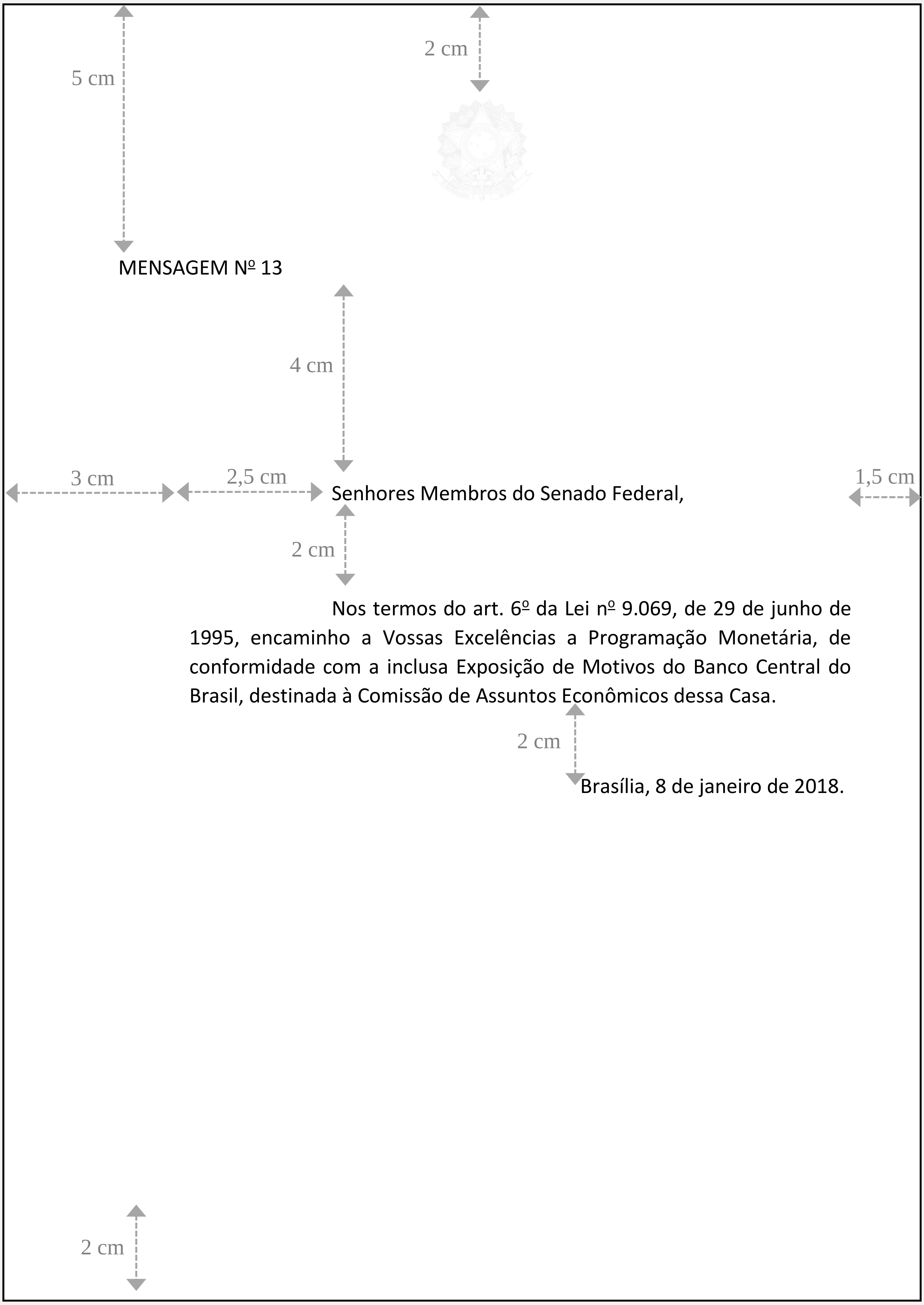

MENSAGEM Nº 13

Senhores Membros do Senado Federal,

Nos termos do art. 6º da Lei nº 9.069, de 29 de junho de 1995, encaminho a Vossas Excelências a Programação Monetária, de conformidade com a inclusa Exposição de Motivos do Banco Central do Brasil, destinada à Comissão de Assuntos Econômicos dessa Casa.

Brasília, 8 de janeiro de 2018.

6.4 Correio eletrônico (*e-mail*)

6.4.1 Definição e finalidade

A utilização do *e-mail* para a comunicação tornou-se prática comum, não só em âmbito privado, mas também na administração pública. O termo *e-mail* pode ser empregado com três sentidos. Dependendo do contexto, pode significar gênero textual, endereço eletrônico ou sistema de transmissão de mensagem eletrônica.

Como gênero textual, o *e-mail* pode ser considerado um documento oficial, assim como o ofício. Portanto, deve-se evitar o uso de linguagem incompatível com uma comunicação oficial.

Como endereço eletrônico utilizado pelos servidores públicos, o *e-mail* deve ser oficial, utilizando-se a extensão ".gov.br", por exemplo.

Como sistema de transmissão de mensagens eletrônicas, por seu baixo custo e celeridade, transformou-se na principal forma de envio e recebimento de documentos na administração pública.

6.4.2 Valor documental

Nos termos da Medida Provisória nº 2.200-2, de 24 de agosto de 2001, para que o *e-mail* tenha valor documental, isto é, para que possa ser aceito como documento original, é necessário existir certificação digital que ateste a identidade do remetente, segundo os parâmetros de integridade, autenticidade e validade jurídica da Infraestrutura de Chaves Públicas Brasileira – ICP-Brasil.

O destinatário poderá reconhecer como válido o *e-mail* sem certificação digital ou com certificação digital fora ICP-Brasil; contudo, caso haja questionamento, será obrigatório a repetição do ato por meio documento físico assinado ou por meio eletrônico reconhecido pela ICP-Brasil.

Salvo lei específica, não é dado ao ente público impor a aceitação de documento eletrônico que não atenda os parâmetros da ICP-Brasil.

6.4.3 Forma e estrutura

Um dos atrativos de comunicação por correio eletrônico é sua flexibilidade. Assim, não interessa definir padronização da mensagem comunicada. No entanto, devem-se observar algumas orientações quanto à sua estrutura.

6.4.3.1 Campo "Assunto"

O assunto deve ser o mais claro e específico possível, relacionado ao conteúdo global da mensagem. Assim, quem irá receber a mensagem identificará rapidamente do que se trata; quem a envia poderá, posteriormente, localizar a mensagem na caixa do correio eletrônico.

Deve-se assegurar que o assunto reflita claramente o conteúdo completo da mensagem para que não pareça, ao receptor, que se trata de mensagem não solicitada/lixo eletrônico. Em vez de "Reunião", um assunto mais preciso seria "Agendamento de reunião sobre a Reforma da Previdência".

6.4.3.2 Local e data

São desnecessários no corpo da mensagem, uma vez que o próprio sistema apresenta essa informação.

6.4.3.3 Saudação inicial/vocativo

O texto dos correios eletrônicos deve ser iniciado por uma saudação. Quando endereçado para outras instituições, para receptores desconhecidos ou para particulares, deve-se utilizar o vocativo conforme os demais documentos oficiais, ou seja, “Senhor” ou “Senhora”, seguido do cargo respectivo, ou “Prezado Senhor”, “Prezada Senhora”.

Exemplos:

Senhor Coordenador,
Prezada Senhora,

6.4.3.4 Fecho

Atenciosamente é o fecho padrão em comunicações oficiais. Com o uso do *e-mail*, popularizou-se o uso de abreviações como “Att.”, e de outros fechos, como “Abraços”, “Saudações”, que, apesar de amplamente usados, não são fechos oficiais e, portanto, não devem ser utilizados em *e-mails* profissionais.

O correio eletrônico, em algumas situações, aceita uma saudação inicial e um fecho menos formais. No entanto, a linguagem do texto dos correios eletrônicos deve ser formal, como a que se usaria em qualquer outro documento oficial.

6.4.3.5 Bloco de texto da assinatura

Sugere-se que todas as instituições da administração pública adotem um padrão de texto de assinatura. A assinatura do *e-mail* deve conter o nome completo, o cargo, a unidade, o órgão e o telefone do remetente.

Exemplo:

Maria da Silva
Assessora
Subchefia para Assuntos Jurídicos da Casa Civil
(61)XXXX-XXXX

6.4.4 Anexos

A possibilidade de anexar documentos, planilhas e imagens de diversos formatos é uma das vantagens do *e-mail*. A mensagem que encaminha algum arquivo deve trazer informações mínimas sobre o conteúdo do anexo.

Antes de enviar um anexo, é preciso avaliar se ele é realmente indispensável e se seria possível colocá-lo no corpo do correio eletrônico.

Deve-se evitar o tamanho excessivo e o reencaminhamento de anexos nas mensagens de resposta.

Os arquivos anexados devem estar em formatos usuais e que apresentem poucos riscos de segurança. Quando se tratar de documento ainda em discussão, os arquivos devem, necessariamente, ser enviados, em formato que possa ser editado.

6.4.5 Recomendações

- Sempre que necessário, deve-se utilizar recurso de confirmação de leitura. Caso não esteja disponível, deve constar da mensagem pedido de confirmação de recebimento;
- Apesar da imensa lista de fontes disponíveis nos computadores, mantêm-se a recomendação de tipo de fonte, tamanho e cor dos documentos oficiais: Calibri ou Carlito, tamanho 12, cor preta;
- Fundo ou papéis de parede eletrônicos não devem ser utilizados, pois não são apropriados para mensagens profissionais, além de sobrecarregar o tamanho da mensagem eletrônica;
- A mensagem do correio eletrônico deve ser revisada com o mesmo cuidado com que se revisam outros documentos oficiais;
- O texto profissional dispensa manifestações emocionais. Por isso, ícones e *emoticons* não devem ser utilizados;
- Os textos das mensagens eletrônicas não podem ser redigidos com abreviações como "vc", "pq", usuais das conversas na internet, ou neologismos, como "naum", "eh", "aki";
- Não se deve utilizar texto em caixa alta para destaques de palavras ou trechos da mensagem pois denota agressividade de parte do emissor da comunicação.
- Evite-se o uso de imagens no corpo do *e-mail*, inclusive das Armas da República Federativa do Brasil e de logotipos do ente público junto ao texto da assinatura.
- Não devem ser remetidas mensagem com tamanho total que possa exceder a capacidade do servidor do destinatário.

Capítulo III

ELEMENTOS DE ORTOGRAFIA E GRAMÁTICA

3

7 Breve esclarecimento

Nesta seção, aplicam-se os princípios da ortografia e de certos capítulos da gramática à redação oficial. Em sua elaboração, levou-se em consideração amplo levantamento feito das dúvidas mais frequentes com relação à ortografia, à sintaxe e à semântica. Buscou-se, assim, dotar o manual de uma parte prática, à qual se possa recorrer sempre que houver incerteza quanto à grafia de determinada palavra, à melhor forma de estruturar uma frase, ou à adequada expressão a ser utilizada.

As noções gramaticais apresentadas neste capítulo referem-se à gramática padrão, entendida como o conjunto de regras fixado a partir das gramáticas normativas da Língua Portuguesa. Optou-se, assim, pelo emprego de certos conceitos da gramática dita tradicional (ou normativa). Sublinhemos, no entanto, que a gramática tradicional, ou mesmo toda teoria gramatical, são sempre secundárias em relação à gramática natural, ao saber intuitivo que confere competência linguística a todo falante nativo. Não há gramática que esgote o repertório de possibilidades de uma língua, e raras são as que contemplam as regularidades do idioma.

Saliente-se, por fim, que o mero conhecimento das regras gramaticais não é suficiente para que se escreva bem. No entanto, o domínio da ortografia, do vocabulário e da maneira de estruturar as frases certamente contribui para uma melhor redação. Tenha sempre presente que só se aprende ou se melhora a escrita escrevendo.

Cada uma das três seções seguintes apresenta uma breve exposição do assunto tratado, acompanhada dos exemplos correspondentes. Consulte-as sempre que tiver alguma dúvida. Se não for possível resolver sua dificuldade, recorra ao dicionário ou à obra específica.

8 Ortografia

A correção ortográfica é requisito elementar de qualquer texto, e ainda mais importante quando se trata de textos oficiais. Muitas vezes, uma simples troca de letras pode alterar não só o sentido da palavra, mas de toda uma frase. O que na correspondência particular seria apenas um lapso na digitação pode ter repercussões indesejáveis quando ocorre no texto de uma comunicação oficial ou de um ato normativo. Assim, toda revisão que se faça em determinado documento ou expediente deve sempre levar em conta também a correção ortográfica.

Sugere-se consultar o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (Volp)[3] ou outro dicionário para verificar a ortografia das palavras.

---

[3] Disponível em: <http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>.

9 Uso de sinais

9.1 Hífen

O hífen é um sinal usado para:

a) ligar os elementos de palavras compostas: vice-ministro;
b) para unir pronomes átonos a verbos: agradeceu-lhe; e
c) para, no final de uma linha, indicar a separação das sílabas de uma palavra em duas partes (a chamada translineação): com-/parar, gover-/no.

O hífen de composição vocabular ou de ênclise e mesóclise é repetido quando coincide com translineação:

Exemplo:

decreto-/-lei, exigem-/-lhe, far-/-se-á.

Analisamos, a seguir, o uso do hífen em alguns casos frequentes na redação oficial, conforme as regras do Acordo Ortográfico que entrou em vigor em 2009.

9.1.1 Hífen em compostos, locuções e encadeamentos vocabulares

Usa-se hífen em compostos, locuções e encadeamentos vocabulares, como:

a) na composição de palavras em que os elementos constitutivos mantêm sua acentuação própria, compondo, porém, novo sentido:

Exemplos:

abaixo-assinado
(abaixo assinado, sem hífen, tem o sentido de aquele que assina o documento em seu final: João Alves, abaixo assinado, requer...)
decreto-lei
matéria-prima
papel-moeda
salário-família

Observação: Certos compostos, em relação aos quais se perdeu, em certa medida, a noção de composição, grafam-se aglutinadamente:

Exemplos:

girassol
madressilva
mandachuva
pontapé
paraquedas
paraquedista

b) nos adjetivos gentílicos (que indicam nacionalidade, pátria, país, lugar ou região de procedência) quando derivados de nomes de lugar (topônimos) compostos:

Exemplos:

belo-horizontino
norte-americano
porto-riquenho
rio-grandense-do-norte

c) nas palavras compostas em que os adjetivos “geral” e “executivo” são acoplados a substantivo que indica função, lugar de trabalho ou órgão:

Exemplos:

Advocacia-Geral da União
Diretor-Geral
Secretaria-Geral
Procurador-Geral
Secretaria-Executiva

d) nos compostos com os advérbios “bem” e “mal”, quando estes formam com a palavra seguinte uma unidade semântica e tal elemento começa por vogal ou “h”:

Exemplos:

bem-estar
bem-alinhado
mal-estar
mal-alinhado

No entanto, o advérbio “bem”, ao contrário de “mal”, pode não se aglutinar com palavras iniciadas por consoantes:

Exemplos:

bem-criado
bem-visto
malcriado
malvisto

e) nos compostos com os elementos “além”, “aquém”, “recém” e “sem”:

Exemplos:

além-Atlântico
além-mar
além-fronteiras
aquém-mar
aquém-Pireneus
aquém-fronteiras
recém-casado
recém-nascido
recém-operado
sem-cerimónia
sem-número
sem-vergonha

Não se usa hífen nas demais locuções de qualquer tipo:

Exemplos:

fim de semana
capitão de mar e guerra
cor de café com leite
cor de vinho
sala de jantar

9.1.2 Hífen nas formações por prefixação, recomposição e sufixação

Os prefixos utilizados na Língua Portuguesa provieram do latim e do grego, línguas em que funcionavam como preposições ou advérbios, isto é, como vocábulos autônomos. Por essa razão, os prefixos têm significação precisa e exprimem, em regra, circunstâncias de lugar, modo, tempo etc. Grande parte das palavras de nossa língua é formada a partir da utilização de um prefixo associado a outra palavra. Em muitos desses casos, é de rigor o emprego do hífen, seja para preservar a acentuação própria (tônica) do prefixo ou sua evidência semântica, seja para evitar pronúncia incorreta do vocábulo derivado. É comum o uso do hífen em:

- Formações com prefixos, como, por exemplo: ante-, anti-, circum-, co-, contra-, entre-, extra, hiper-, infra-, intra-, pós-, pré-, pró-, sobre-, sub-, super-, supra-, ultra- etc.
- Formações por recomposição, isto é, com elementos não autônomos ou falsos prefixos, de origem grega e latina, tais como: aero-, agro-, arqui-, auto-, bio-, eletro-, geo-, hidro-, inter, macro-, maxi-, micro-, mini-, multi-, neo-, pan-, pluri-, proto-, pseudo-, retro-, semi-, tele- etc.

A junção dos termos se dá com o uso do hífen apenas nos seguintes casos:

a) nas formações em que o segundo elemento começa por "h":

Exemplos:

anti-higiênico extra-humano super-homem

Atenção: Não se usa o hífen em formações que contêm os prefixos "des-" e "in-" nas quais o segundo elemento perdeu o "h" inicial:

Exemplos:

desumano	inábil
desumidificar	inumano

b) nas formações em que o prefixo ou pseudoprefixo termina na mesma vogal com que se inicia o segundo elemento:

Exemplos:

anti-ibérico contra-almirante auto-observação

Atenção: Nas formações com o prefixo "co-", este aglutina-se em geral com o segundo elemento mesmo quando iniciado por "o":

Exemplos:

coobrigação	coordenar
coocupante	cooperar, cooperação

c) nas formações com os prefixos “circum-” e “pan-”, quando o segundo elemento começa por vogal, “m” ou “n” (além de “h”, caso já considerado):

Exemplos:

circum-escolar
circum-murado
circum-navegação

pan-africano
pan-mágico
pan-negritude

d) nas formações com os prefixos “ex-” e “vice-”:

Exemplos:

ex-almirante
ex-diretor
ex-hospedeira
ex-presidente
ex-primeiro-ministro

vice-diretora
vice-presidente
vice-reitor

e) nas formações com os prefixos tônicos acentuados graficamente “pós-”, “pré-” e “pró-”, quando o segundo elemento tem vida à parte (ao contrário do que acontece com as correspondentes formas átonas que se aglutinam com o elemento seguinte):

Exemplos:

pós-graduação
pós-tónico
pós-operatório
pré-escolar
pré-natal

pré-vestibular
pró-africano
pró-ativo
pró-europeu

10 Formatação

10.1 Aspas

As aspas têm os seguintes empregos:

a) antes e depois de uma citação textual direta, quando esta tem até três linhas, sem utilizar itálico:

Exemplo:

A Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, no parágrafo único de seu art. 1º afirma: “Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente”.

Se o texto original já contiver aspas, estas serão substituídas por aspas simples:

Exemplo:

“As citações são os elementos retirados dos documentos pesquisados durante a leitura da documentação e que se revelaram ‘úteis’ para corroborar as ideias desenvolvidas pelo autor no decorrer do seu raciocínio” (SEVERINO, 2000, p. 110).
O servidor informou: “O cidadão deverá assinalar ‘concordo’ ou ‘discordo’”.

Atenção: Quando a citação ocupar quatro ou mais linhas, deve-se optar pelo parágrafo recuado, sem aspas e sem itálico:

Exemplo:

> Já é tempo de zelarmos com mais assiduidade não só pelo polimento da frase, mas também, e principalmente, pela sua carga semântica, procurando dar aos jovens uma orientação capaz de levá-los a pensar com clareza e objetividade para terem o que dizer e poderem expressar-se com eficácia. (GARCIA, 1995).

b) quando necessário, para diferenciar títulos, termos técnicos, expressões fixas, definições, exemplificações e assemelhados:

Exemplo:

O maior inteiro que divide simultaneamente cada membro de um conjunto é o “máximo divisor comum”.

Não confundir o prefixo “ante”, que significa “anterior”, com “anti”, “contra”.
Para efeitos deste estudo, entenda-se por “pessoa com altas habilidades” aquela que...
Nem sempre se pode aplicar uma “normal ideal” no lugar de uma “norma real”.

10.1.1 Posição das aspas em frase contendo citação

Quanto à correta posição das aspas em frase contendo citação, valem as seguintes regras:

a) quando o fim da citação, assinalado por ponto-final, ponto-de-interrogação ou ponto-de-exclamação, coincidir com o término da frase, as aspas se colocam após esses pontos e não se usa mais nenhum sinal de pontuação:

Exemplos:

O Presidente anunciou: “Está encerrada a sessão.”
O Deputado perguntou: “Haverá sessão extraordinária amanhã?”
O Ministro declarou, indignado: “Isto não pode acontecer!”

b) quando não fizerem parte da citação, o ponto-de-interrogação e o ponto-de-exclamação deverão vir depois das aspas:

Exemplos:

De quem é a famosa frase “Conhece-te a ti mesmo”?
É dos dominicanos ou dos beneditinos o lema “*Ora et labora*”?

c) quando a frase continuar após a citação, deve-se utilizar o ponto-de-interrogação ou de-exclamação desta, mas não o ponto-final:

Exemplos:

A máxima “Todo poder emana do povo” nunca deve ser esquecida pelos governantes.
A indagação histórica “Até tu?” ainda hoje é usada para indicar grande surpresa e indignação com alguém.

10.2 Itálico

Emprega-se itálico em:

a) títulos de publicações (livros, revistas, jornais, periódicos etc.) ou títulos de congressos, conferências, slogans, lemas sem o uso de aspas (com inicial maiúscula em todas as palavras, exceto nas de ligação):

Exemplos:

Foi publicada a nova edição da *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara.
O documento foi aprovado na *II Conferência Mundial para Pessoas com Deficiência*.

b) palavras e as expressões em latim ou em outras línguas estrangeiras não incorporadas ao uso comum na língua portuguesa ou não aportuguesadas.

Exemplos:

Détente, Mutatis mutandis,.e-mail, show, *check-in*, *caput*, *réveillon*, *site*,
status, juridificação, *print*.

Em palavras estrangeiras ou de formação híbrida de uso comum ou aportuguesadas, não há necessidade de destaque, como, por exemplo: internet, mouse, déficit.

10.3 Negrito e sublinhado

Usa-se o negrito para realce de palavras e trechos.
Deve-se evitar o uso de sublinhado para realçar palavras e trechos em comunicações oficiais.

Atenção: Os recursos para destaque devem ser empregados com critério, pois o uso abusivo, além de poluir a página visualmente, pode retirar o efeito de destaque.

10.4 Parênteses

São empregados para intercalar, em um texto, explicações, indicações, comentários, observações, como por exemplo, indicar uma data, uma referência bibliográfica, uma sigla.

Exemplos:

Na última reunião (10 de novembro de 2018), tomou-se a decisão.
O Estado de Direito (Constituição, art. 1º) define-se pela submissão de todas as relações ao Direito.
A Presidência da República assinou o Acordo.

10.5 Travessão

O travessão, que é representado graficamente por um hífen prolongado (–), substitui parênteses, vírgulas, dois-pontos:

Exemplos:

O controle inflacionário – meta prioritária do Governo – será ainda mais rigoroso.
As restrições ao livre mercado – especialmente o de produtos tecnologicamente avançados – podem ser muito prejudiciais para a sociedade.

Não se usa hífen (-) no lugar de travessão (–).

10.6 Uso de siglas e acrônimos

Para padronizar o uso de siglas e acrônimos nos atos normativos, serão adotados os conceitos sugeridos pelo Manual de Elaboração de Textos da Consultoria Legislativa do Senado Federal (1999), em que:

a) sigla: constitui-se do resultado das somas das iniciais de um título; e

Exemplo:

Caixa Econômica Federal – CEF

b) acrônimo: constitui-se do resultado da soma de algumas sílabas ou partes dos vocábulos de um título.

Exemplo:

Agência Nacional de Vigilância Sanitária – Anvisa

Observa-se que:

- Não se deve fazer uso indiscriminado de siglas e acrônimos. Seu uso deverá restringir-se às formas já existentes e consagradas. No caso de atos normativos, recomenda-se desprezar as formas popularizadas que não estejam previstas em algum dispositivo legal.

- As siglas e os acrônimos devem ser escritos no mesmo corpo do texto, sem o uso de pontos intermediários ou finais.

- Dispensa-se o uso da expressão designada por extenso unicamente para representar nome de partidos políticos e de empresas comerciais quando a forma abreviada já se tornou sinônimo do próprio nome. Exceto quando tratar-se de empresas públicas ou estatais.

- Na primeira citação, a expressão designada deve vir escrita por extenso, de forma completa e correta, sempre antes de sua sigla ou acrônimo respectivo, separados por travessão.

Exemplo:

Imposto Predial e Territorial Urbano – IPTU

A grafia das siglas deverá obedecer às seguintes regras:

a) siglas compostas por até três letras devem ser escritas em letras maiúsculas;

Exemplos:

Organização das Nações Unidas – ONU
Ordem dos Advogados do Brasil – OAB

b) siglas compostas por mais de três letras pronunciadas separadamente devem ser escritas em letras maiúsculas;

Exemplos:

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE
Instituto Nacional de Seguridade Social – INSS

c) siglas compostas por mais de três letras pronunciadas formando uma palavra devem ser escritas apenas com a inicial maiúscula;

Exemplo:

Agência Nacional de Aviação Civil – Anac

d) siglas em que haja leitura mista (parte é pronunciada pela letra e parte como palavra) podem ser grafadas com todas as letras maiúsculas;

Exemplos:

Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes – DNIT
Hospital Regional da Asa Norte – HRAN

Atenção: Excepcionalmente, pode haver a concorrência de letras maiúsculas e minúsculas na estrutura de sigla e acrônimo, a fim de evitar confusão com outros termos assemelhados.

Exemplo:

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq

e) uso de siglas e acrônimos de órgãos estrangeiros

Devem-se empregar as siglas e os acrônimos dos órgãos estrangeiros na sua versão em português, que corresponde à expressão original traduzida. Entretanto, adota-se a forma abreviada original quando o seu uso for disseminado internacionalmente.

Exemplo:

Organização dos Países Exportadores de Petróleo – Opep

f) plural de siglas

Com sigla empregada no plural, admite-se o uso de s (minúsculo) de plural, sem apóstrofo:

Exemplo:

TREs (Tribunais Regionais Eleitorais), e não *TRE's*.

Esta regra não se aplica a siglas terminada com a letra *s,* caso em que o plural é definido pelo artigo.

Exemplo:

DVS (Destaques para Votação em Separado).

10.6.1 Siglas e acrônimos em atos normativos

Nos textos de atos normativos, o uso de siglas e acrônimos deve respeitar o disposto na alínea "e" do inciso II, do art. 14 do Decreto nº 9.191, de 2017:

1 não utilizar para designar órgãos da administração pública direta;
2 para entidades da administração pública indireta, utilizar apenas se previsto em lei;
3 não utilizar para designar ato normativo;
4 usar apenas se consagrado pelo uso geral e não apenas no âmbito de setor da administração pública ou de grupo social específico; e
5 na primeira menção, utilizar acompanhado da explicitação de seu significado.

Observe-se que as siglas e acrônimos utilizados para designar entidades da administração pública indireta devem ser postas segundo o previsto na lei de criação do ente.

11 Sintaxe

É a parte da Gramática que estuda a palavra, não em si, mas em relação às outras, que, com ela, se unem para exprimir o pensamento. É o capítulo mais importante da Gramática, porque, ao disciplinar as relações entre as palavras, contribui de modo fundamental para a clareza da exposição e para a ordenação do pensamento.

É importante destacar que o conhecimento das regras gramaticais, sobretudo neste capítulo da sintaxe, é condição necessária para a boa redação, mas não constitui condição suficiente. A concisão, a clareza, a formalidade e a precisão, propriedades da redação oficial, somente serão alcançadas mediante a prática da escrita e a leitura de textos escritos em bom português.

Dominar bem o idioma, seja na forma falada, seja na forma escrita, não significa apenas conhecer exceções gramaticais: é imprescindível, isso sim, conhecer em profundidade as regularidades da língua. No entanto, como interessa aqui aplicar princípios gramaticais à redação oficial, trataremos, forçosamente, das referidas exceções e dos problemas sintáticos que com mais frequência são encontrados nos textos oficiais.

Veremos, a seguir, alguns pontos importantes da sintaxe, relativos à construção de frases, concordância, regência, pontuação e ao uso de pronomes demonstrativos.

11.1 Problemas de construção de frases

A clareza e a concisão na forma escrita são alcançadas principalmente pela construção adequada da frase, “a menor unidade autônoma da comunicação”, na definição de Celso Pedro Luft (1989, p. 11).

A função essencial da frase é desempenhada pelo predicado, que, para Adriano da Gama Kury (1959, p. 153), pode ser entendido como “a enunciação pura de um fato qualquer”. Sempre que a frase possuir pelo menos um verbo, recebe o nome de período, que terá tantas orações quantos forem os verbos não auxiliares que o constituem.

Outra função relevante é a do sujeito – mas não indispensável, pois há orações sem sujeito, ditas impessoais –, de quem se diz algo, cujo núcleo é sempre um substantivo. Sempre que o verbo o exigir, teremos nas orações substantivos (nomes ou pronomes) que desempenham a função de complementos (objetos direto e indireto, predicativo e complemento adverbial). Função acessória desempenham os adjuntos adverbiais, que vêm geralmente ao final da oração, mas que podem ser ou intercalados aos elementos que desempenham as outras funções, ou deslocados para o início da oração.

Temos, assim, a seguinte ordem de colocação dos elementos que compõem uma oração (os parênteses indicam os elementos que podem não ocorrer):

(sujeito) – verbo – (complementos) – (adjunto adverbial)

Podem ser identificados seis padrões[4] básicos para as orações pessoais, isto é, com sujeito, na Língua Portuguesa (a função que vem entre parênteses é facultativa e pode ocorrer em ordem diversa):

a) sujeito – verbo intransitivo – (adjunto adverbial);

Exemplo:

O Presidente – regressou – (ontem).

---

[4] A respeito de padrões oracionais, cf. LUFT, 2010, p. 7 ss.

b) sujeito – verbo transitivo direto – objeto direto – (adjunto adverbial);

Exemplo:

O Chefe da Divisão – assinou – o termo de posse – (na manhã de terça-feira).

c) sujeito – verbo transitivo indireto – objeto indireto – (adjunto adverbial);

Exemplo:

O Brasil – precisa – de gente honesta – (em todos os setores).

d) sujeito – verbo transitivo direto e indireto – obj. direto – obj. indireto – (adjunto adverbial);

Exemplo:

Os desempregados – entregaram – suas reivindicações – ao Deputado – (no Congresso).

e) sujeito – verbo transitivo indireto – complemento adverbial – (adjunto adverbial); e

Exemplo:

O Presidente – voltou – da Europa – (na sexta-feira).

f) sujeito – verbo de ligação – predicativo – (adjunto adverbial).

Exemplo:

O problema – será – resolvido – (prontamente).

Esses seriam os padrões básicos para as orações, ou seja, as frases que possuem apenas um verbo conjugado. Na construção de períodos, as várias funções podem ocorrer em ordem inversa às mencionadas, misturando-se e confundindo-se. Não interessa aqui a análise exaustiva de todos os padrões existentes na Língua Portuguesa. O que importa é fixar a ordem direta normal dos elementos nesses seis padrões básicos. Acrescente-se que períodos mais complexos, compostos por duas ou mais orações, em geral, podem ser reduzidos aos padrões básicos (de que derivam).

Os problemas mais frequentemente encontrados na construção de frases dizem respeito à má pontuação, à ambiguidade da ideia expressa, à elaboração de falsos paralelismos, erros de comparação etc. Decorrem, em geral, do desconhecimento da ordem das palavras na frase. Indicam-se, a seguir, alguns desses defeitos mais comuns e recorrentes na construção de frases, registrados em documentos oficiais.

11.2 Sujeito preposicionado

Como dito, o sujeito é o ser de quem se fala ou que executa a ação enunciada na oração. De acordo com a gramática normativa, o sujeito da oração não pode ser preposicionado. Ele pode ter complemento, mas não ser complemento. Devem ser evitadas, portanto, construções com sujeito preposicionado, como:

Errado: É tempo do Congresso votar a emenda.
Certo: É tempo de o Congresso votar a emenda.

Errado: Apesar das relações entre os países estarem cortadas, (...).
Certo: Apesar de as relações entre os países estarem cortadas, (...).

Errado: Não vejo mal no Governo proceder assim.
Certo: Não vejo mal em o Governo proceder assim.

Errado: Antes destes requisitos serem cumpridos, (...).
Certo: Antes de estes requisitos serem cumpridos, (...).

Errado: Apesar da Assessoria ter informado em tempo, (...).
Certo: Apesar de a Assessoria ter informado em tempo, (...).

11.3 Frases fragmentadas

A fragmentação de frases "consiste em pontuar uma oração subordinada ou uma simples locução como se fosse uma frase completa" (MORENO; GUEDES, 1988, p. 68). Decorre da pontuação errada de uma frase simples. Embora seja usada como recurso estilístico na literatura, a fragmentação de frases deve ser evitada nos textos oficiais, pois muitas vezes dificulta a compreensão.

Errado: O Programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional. Depois de ser longamente debatido.
Certo: O Programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional, depois de ser longamente debatido.
Certo: Depois de ser longamente debatido, o Programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional.

Errado: O Projeto de Convenção foi oportunamente submetido ao Presidente da República, que o aprovou. Consultadas as áreas envolvidas na elaboração do texto legal.
Certo: O Projeto de Convenção foi oportunamente submetido ao Presidente da República, que o aprovou, consultadas as áreas envolvidas na elaboração do texto legal.

11.4 Erros de paralelismo

Uma das convenções estabelecidas na linguagem escrita "consiste em apresentar ideias similares numa forma gramatical idêntica"(MORENO; GUEDES, 1988, p. 74), o que se chama de paralelismo. Assim, incorre-se em erro ao conferir forma não paralela a elementos paralelos.

Errado: Pelo ofício circular, recomendou-se aos Ministérios economizar energia e que elaborassem planos de redução de despesas.

Nessa frase, temos, nas duas orações subordinadas que completam o sentido da principal, duas estruturas diferentes para ideias equivalentes: a primeira oração (economizar energia) é reduzida de infinitivo, enquanto a segunda (que elaborassem planos de redução de despesas) é uma oração desenvolvida introduzida pela conjunção integrante “que”.

Há mais de uma possibilidade de escrevê-la com clareza e correção; uma seria a de apresentar as duas orações subordinadas como desenvolvidas, introduzidas pela conjunção integrante “que”:

Certo: Pelo ofício circular, recomendou-se aos Ministérios que economizassem energia e (que) elaborassem planos para redução de despesas.

Outra possibilidade: as duas orações são apresentadas como reduzidas de infinitivo:

Certo: Pelo ofício circular, recomendou-se aos Ministérios economizar energia e elaborar planos para redução de despesas.

Nas duas correções, respeita-se a estrutura paralela na coordenação de orações subordinadas.

Mais um exemplo de frase inaceitável na norma padrão:

Errado: No discurso de posse, mostrou determinação, não ser inseguro, inteligência e ter ambição.

O problema aqui decorre de coordenar palavras (substantivos) com orações (reduzidas de infinitivo). Para tornar a frase clara e correta, pode-se optar ou por transformá-la em frase simples, substituindo as orações reduzidas por substantivos:

Certo: No discurso de posse, mostrou determinação, segurança, inteligência e ambição.
Ou pode-se optar por empregar a forma oracional reduzida uniformemente:
Certo: No discurso de posse, mostrou ser determinado e seguro, ter inteligência e ambição.

Atentemos, ainda, para o problema inverso, o falso paralelismo, que ocorre ao se dar forma paralela (equivalente) a ideias de hierarquia diferente ou, ainda, ao se apresentar, de forma paralela, estruturas sintáticas distintas:

Errado: O Presidente visitou Paris, Bonn, Roma e o Papa.

Nessa frase, colocou-se em um mesmo nível cidades (Paris, Bonn, Roma) e uma pessoa (o Papa). Uma possibilidade de correção é transformá-la em duas frases simples, com o cuidado de não repetir o verbo da primeira (visitar):

Certo: O Presidente visitou Paris, Bonn e Roma. Nesta última capital, encontrou-se com o Papa.
Errado: O projeto tem mais de cem páginas e muita complexidade.

Aqui repete-se a equivalência gramatical indevida: estão em coordenação, no mesmo nível sintático, o número de páginas do projeto (um dado objetivo, quantificável) e uma avaliação sobre ele (subjetiva). Pode-se reescrever a frase de duas formas: ou faz-se nova oração com o acréscimo do verbo ser, rompendo, assim, o desajeitado paralelo:

Certo: O projeto tem mais de cem páginas e é muito complexo.

Ou se dá forma paralela harmoniosa transformando-se a primeira oração também em uma avaliação subjetiva:

Certo: O projeto é muito extenso e complexo.

O emprego de expressões correlativas como não só ...mas (como) também, tanto ... quanto (ou como), nem ... nem, ou ... ou etc. costuma apresentar problemas quando não se mantém o obrigatório paralelismo entre as estruturas apresentadas.

Nos dois exemplos abaixo, rompe-se o paralelismo pela colocação do primeiro termo da correlação fora de posição.

Errado: Ou Vossa Senhoria apresenta o projeto, ou uma alternativa.
Certo: Vossa Senhoria ou apresenta o projeto, ou propõe uma alternativa.
Errado: O interventor não só tem obrigação de apurar a fraude como também a de punir os culpados.
Certo: O interventor tem obrigação não só de apurar a fraude, como também de punir os culpados.

Mencionemos, por fim, o falso paralelismo provocado pelo uso inadequado da expressão e que num período que não contém nenhum que anterior.

Errado: O novo procurador é jurista renomado, e que tem sólida formação acadêmica.

Para corrigir a frase, ou suprimimos o pronome relativo:

Certo: O novo procurador é jurista renomado e tem sólida formação acadêmica.
Ou suprimimos a conjunção, que está a coordenar elementos díspares:
Certo: O novo procurador é jurista renomado, que tem sólida formação acadêmica.

Outro exemplo de falso paralelismo com e que:

Errado: Neste momento, não se devem adotar medidas precipitadas, e que comprometam o andamento de todo o programa.

Da mesma forma como corrigimos o exemplo anterior, aqui podemos ou suprimir a conjunção:

Certo: Neste momento, não se devem adotar medidas precipitadas, que comprometam o andamento de todo o programa.

Ou podemos estabelecer forma paralela coordenando orações adjetivas, recorrendo ao pronome relativo que e ao verbo ser:

Certo: Neste momento, não se devem adotar medidas que sejam precipitadas e que comprometam o andamento de todo o programa.

11.5 Erros de comparação

A omissão de certos termos, ao fazermos uma comparação, omissão própria da língua falada, deve ser evitada na língua escrita, pois compromete a clareza do texto: nem sempre é possível identificar, pelo contexto, o termo omitido. A ausência indevida de um termo pode impossibilitar o entendimento do sentido que se quer dar a uma frase:

Errado: O salário de um professor é mais baixo do que um médico.

A omissão de termos provocou uma comparação indevida: o salário de um professor com um médico.

Certo: O salário de um professor é mais baixo do que o salário de um médico.
Certo: O salário de um professor é mais baixo do que o de um médico.

Novamente, a não repetição dos termos comparados confunde.

Errado: O alcance do Decreto é diferente da Portaria.
Certo: O alcance do Decreto é diferente do alcance da Portaria.
Certo: O alcance do Decreto é diferente do da Portaria.

A seguir, a omissão da palavra outros (ou demais) acarretou imprecisão:

Errado: O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os Ministérios do Governo.
Certo: O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os outros Ministérios do Governo.
Certo: O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os demais Ministérios do Governo.

11.6 Ambiguidade

Ambígua é a frase ou oração que pode ser tomada em mais de um sentido. Como a clareza é requisito básico de todo texto oficial, deve-se atentar para as construções que possam gerar equívocos de compreensão.

A ambiguidade decorre, em geral, da dificuldade de identificar-se a que palavra se refere um pronome que possui mais de um antecedente na terceira pessoa. Pode ocorrer com:

a) Pronomes pessoais:

Ambíguo: O Ministro comunicou a seu secretariado que ele seria exonerado.
Claro: O Ministro comunicou a própria exoneração a seu secretariado.

Ou então, caso o entendimento seja outro:

Claro: O Ministro comunicou a seu secretariado a exoneração deste (o pronome deste retoma o último elemento citado, no caso, o secretariado).

b) Pronomes possessivos e pronomes oblíquos:

Ambíguo: O Deputado saudou o Presidente da República, em seu discurso, e solicitou sua intervenção no seu Estado, mas isso não o surpreendeu.

Observe-se que o excesso de ambiguidade no exemplo acima dificulta a compreensão da frase.

Claro: Em seu discurso, o Deputado saudou o Presidente da República. No pronunciamento, solicitou a intervenção federal no Estado de Minas Gerais, o que não surpreendeu o Chefe do Poder Executivo.

c) Pronome relativo:

Ambíguo: Roubaram a mesa do gabinete em que eu costumava trabalhar.

Não fica claro se o pronome relativo da segunda oração se refere à mesa ou ao gabinete. Essa ambiguidade se deve ao pronome relativo "que", sem a marca de gênero. A solução é recorrer às formas "o qual", "a qual", "os quais", "as quais", que marcam gênero e número.

Claro: Roubaram a mesa do gabinete no qual eu costumava trabalhar.

Se o entendimento é outro, então:

Claro: Roubaram a mesa do gabinete na qual eu costumava trabalhar.

Há, ainda, a ambiguidade decorrente da dúvida sobre a que se refere a oração reduzida:

Ambíguo: Sendo indisciplinado, o Chefe advertiu o funcionário.

Para evitar a ambiguidade do exemplo acima, deve-se deixar claro qual o sujeito da oração reduzida.

Claro: O Chefe advertiu o funcionário por ser este indisciplinado.
Ambíguo: Depois de examinar o paciente, uma senhora chamou o médico.
Claro: Depois que o médico examinou o paciente, foi chamado por uma senhora.

11.7 Concordância

A concordância é o processo sintático segundo o qual certas palavras se acomodam, na sua forma, às palavras de que dependem. Essa acomodação formal se chama flexão e se dá quanto a gênero e número (nos adjetivos – nomes ou pronomes), números e pessoa (nos verbos). Daí, a divisão: concordância nominal e concordância verbal.

11.7.1 Concordância verbal

Regra geral: o verbo concorda com seu sujeito em pessoa e número.

Exemplo:

Os novos recrutas mostraram muita disposição.
(Concordância com a pessoa: eu mostrei, você (ou ele) mostrou, nós (eu e...) mostramos...)

Se o sujeito for simples, isto é, se tiver apenas um núcleo, com ele concorda o verbo em pessoa e número:

Exemplos:

O Chefe da Seção pediu maior assiduidade.
A inflação deve ser combatida por todos.
Os servidores do Ministério concordaram com a proposta.

Quando o sujeito for composto, ou seja, possuir mais de um núcleo, o verbo vai para o plural e para a pessoa que tiver primazia, na seguinte ordem: a 1ª pessoa tem prioridade sobre a 2ª e a 3ª; a 2ª sobre a 3ª; na ausência de uma e outra, o verbo vai para a 3ª pessoa.

Exemplos:

Eu e Maria queremos viajar em maio.
Eu, tu e João somos amigos.
O Presidente e os Ministros chegaram logo.

Observação: Por desuso do pronome "vós" e respectivas formas verbais no Brasil, "tu e ..." leva o verbo para a 3ª pessoa do plural:

Tu e o teu colega devem (e não deveis) ter mais calma.

A seguir, são analisadas algumas questões que costumam suscitar dúvidas quanto à correta concordância verbal.

a) oração sem sujeito:

I Verbos de fenômenos meteorológicos:

Exemplo:

Choveu (geou, ventou...) ontem.

II Verbo haver é empregado no sentido de existir ou de tempo transcorrido:

Exemplos:

Haverá descontentes no governo e na oposição.
Havia cinco anos, não ia a Brasília.
Errado: Se houverem dúvidas, favor perguntar.
Certo: Se houver dúvidas, favor perguntar.

Para certificar-se de que esse haver é impessoal, basta recorrer ao singular do indicativo: Se há (e nunca: *hão) dúvidas... Há (e jamais: *Hão) descontentes...

III Verbo fazer é empregado no sentido de tempo transcorrido:

Exemplos:

Faz dez dias que não durmo.
Semana passada fez dois meses que iniciou a apuração das irregularidades.
Errado: Fazem cinco anos que não vou a Brasília.
Certo: Faz cinco anos que não vou a Brasília.

São muito frequentes os erros de pessoalização dos verbos haver e fazer em locuções verbais (ou seja, quando acompanhados de verbo auxiliar). Nesses casos, os verbos haver e fazer transmitem sua impessoalidade ao verbo auxiliar:

Errado: Vão fazer cinco anos que ingressei no serviço público.
Certo: Vai fazer cinco anos que ingressei no serviço público.

Errado: Depois das últimas chuvas, podem haver centenas de desabrigados.
Certo: Depois das últimas chuvas, pode haver centenas de desabrigados.

Errado: Devem haver soluções urgentes para estes problemas.
Certo: Deve haver soluções urgentes para estes problemas.

b) concordância facultativa com sujeito mais próximo: quando o sujeito composto figurar após o verbo, pode este flexionar-se no plural ou concordar com o elemento mais próximo.

Exemplos:

Venceremos eu e você.
ou: Vencerei eu e você.
ou, ainda: Vencerá você e eu.

c) sujeito composto por palavras sinônimas ou similares: quando o sujeito composto for constituído de palavras sinônimas (ou quase), formando um todo indiviso, ou de elementos que simplesmente se reforçam, a concordância é facultativa, ou com o elemento mais próximo ou com a ideia plural contida nos dois ou mais elementos:

Exemplos:

A sociedade, o povo une-se para construir um país mais justo.

A sociedade, o povo unem-se para construir um país mais justo.

d) expressão “um e outro”: O substantivo que se segue à expressão “um e outro” fica no singular, mas o verbo pode empregar-se no singular ou no plural:

Exemplos:

Um e outro decreto trata da mesma questão jurídica.
ou: Um e outro decreto tratam da mesma questão jurídica.

e) locuções “um ou outro” ou “nem um, nem outro”, seguidas ou não de substantivo, exigem o verbo no singular:

Exemplos:

Uma ou outra opção acabará por prevalecer.
Nem uma, nem outra medida resolverá o problema.

f) locução “um dos que”: admite-se dupla sintaxe, verbo no singular ou verbo no plural (prevalece este no uso atual):

Exemplos:

Um dos fatores que influenciaram (ou influenciou) a decisão foi a urgência de obter resultados concretos.
A adoção da trégua de preços foi uma das medidas que geraram (ou gerou) mais impacto na opinião pública.

g) pronome relativo “quem” como sujeito: O verbo que tiver como sujeito o pronome relativo quem tanto pode ficar na terceira pessoa do singular, como pode concordar com a pessoa gramatical do antecedente a que se refere o pronome:

Exemplos:

Fui eu quem resolveu a questão.
ou: Fui eu quem resolvi a questão.

h) verbo apassivado pelo pronome “se” deve concordar com o sujeito que, no caso, está sempre expresso e vem a ser o paciente da ação ou o objeto direto na forma ativa correspondente:

Exemplos:

Vendem-se apartamentos funcionais e residências oficiais.
Para obterem-se resultados, são necessários sacrifícios.

Compare: “apartamentos são vendidos” e “resultados são obtidos”; “vendem apartamentos” e “obtiveram resultados”.

i) verbo transitivo indireto (isto é, que rege preposição) fica na terceira pessoa do singular; o "se", neste caso, não é apassivador, pois verbo transitivo indireto não é apassivável:

Exemplos:

*O prédio é carecido de reformas.
*É tratado de questões preliminares.

Assim, o correto é:

Exemplos:

Assiste-se a mudanças radicais no País. (E não *Assistem-se a...)
Precisa-se de homens corajosos para mudar o País. (E não *Precisam-se de...)
Trata-se de questões preliminares ao debate. (E não *Tratam-se de...)

j) expressões de sentido quantitativo (grande número de, grande quantidade de, parte de, grande parte de, a maioria de, a maior parte de, etc.) acompanhadas de complemento no plural admitem concordância verbal no singular ou no plural. Nesta última hipótese, temos concordância ideológica, por oposição à concordância lógica, que se faz com o núcleo sintático do sintagma (ou locução) nominal (a maioria + de...):

Exemplos:

A maioria dos condenados acabou (ou acabaram) por confessar sua culpa.
Um grande número de Estados aprovaram (ou aprovou) a Resolução da ONU.
Metade dos Deputados repudiou (ou repudiaram) as medidas.

k) verbo "ser": a concordância segue a regra geral (concordância com o sujeito em pessoa e número), mas, nos seguintes casos, é feita com o predicativo[5]:

I Quando inexiste sujeito :

Exemplos:

Hoje são dez de julho.
Agora são seis horas.
Do Planalto ao Congresso são duzentos metros.
Hoje é dia quinze.

II Quando o sujeito refere-se a coisa e está no singular e o predicativo é substantivo no plural:

Exemplos:

Minha preocupação são os despossuídos.

---

[5] O roteiro utilizado para os casos especiais de concordância do verbo "ser" foi baseado principalmente em KASPARY, 1985.

O principal erro foram as manifestações extemporâneas.

III Quando os pronomes demonstrativos “tudo”, “isto”, “isso”, “aquilo” ocupam a função de sujeito:

Exemplos:

Tudo são comemorações no aniversário do município.
Isto são as possibilidades concretas de solucionar o problema.
Aquilo foram gastos inúteis.

IV Quando a função de sujeito é exercida por palavra ou locução de sentido coletivo: a maioria, grande número, a maior parte, etc.

Exemplos:

A maioria eram servidores de repartições extintas.
Grande número (de candidatos) foram reprovados no exame de redação.
A maior parte são pequenos investidores.

V Quando um pronome pessoal desempenhar a função de predicativo:

Exemplos:

Naquele ano, o assessor especial fui eu.
O encarregado da supervisão és tu.
O autor do projeto somos nós.

VI Nos casos de frases em que são empregadas as expressões “é muito”, “é pouco”, “é mais de”, “é menos de” o verbo ser fica no singular:

Exemplos:

Três semanas é muito.
Duas horas é pouco.
Trezentos mil é mais do que eu preciso.

l) a concordância com expressões de tratamento. Esse tema é tratado em detalhe no subitem “4.1.1. Concordância com os pronomes de tratamento”.

m) concordância do infinitivo. Uma das peculiaridades da Língua Portuguesa é o infinitivo flexionável: esta forma verbal, apesar de nominalizada, pode flexionar-se concordando com o seu sujeito. Simplificando o assunto, controverso para os gramáticos, valeria dizer que a flexão do infinitivo só cabe quando ele tem sujeito próprio, em geral distinto do sujeito da oração principal:

Exemplos:

Chegou ao conhecimento desta Repartição estarem a salvo todos os atingidos pelas enchentes. (sujeito do infinitivo: todos os atingidos pelas enchentes)
A imprensa estrangeira noticia sermos nós os responsáveis pela preservação da Amazônia. (sujeito do infinitivo: nós)
Não admitimos sermos nós... Não admitem serem eles...
O Governo afirma não existirem tais doenças no País. (sujeito da oração principal: o governo; sujeito do infinitivo: tais doenças)
Ouvimos baterem à porta. (sujeito do infinitivo) indefinido plural, como em Batem (ou Bateram) à porta.

O infinitivo é não flexionável nas combinações com outro verbo de um só e mesmo sujeito – a esse outro verbo é que cabe a concordância:

Exemplos:

As assessoras podem (ou devem) ter dúvidas quanto à medida.
Os sorteados não conseguem conter sua alegria.
Queremos (ou precisamos) destacar alguns pormenores.

Nas combinações com verbos factitivos (fazer, deixar, mandar...) e sensitivos (sentir, ouvir, ver...) o infinitivo pode concordar com seu sujeito próprio, ou deixar de fazê-lo pelo fato de esse sujeito (lógico) passar a objeto direto (sintático) de um daqueles verbos:

Exemplos:

O Presidente fez (ou deixou, mandou) os assessores entrarem (ou entrar).
Sentimos (ou vimos, ouvimos) os colegas vacilarem (ou vacilar) nos debates.

Naturalmente, o sujeito semântico ou lógico do infinitivo que aparece na forma pronominal acusativa (o,-lo, -no e flexões) só pode ser objeto do outro verbo:

Exemplos:

O Presidente fê-los entrar (e não *entrarem)
Sentimo-los (ou Sentiram-nos, Sentiu-os, Viu-as) vacilar (e não *vacilarem).

11.7.2 Concordância nominal

Regra geral: adjetivos (nomes ou pronomes), artigos e numerais concordam em gênero e número com os substantivos de que dependem.

Exemplos:

Todos os outros duzentos processos examinados...
Todas as outras duzentas causas examinadas...

Alguns casos que suscitam dúvida:

a) anexo, incluso, leso: como adjetivos, concordam com o substantivo em gênero e número:

Exemplos:

Anexa à presente Exposição de Motivos, segue minuta de Decreto.
Vão anexos os pareceres da Consultoria Jurídica.
Remeto incluso fotocópia do Decreto.
Silenciar nesta circunstância seria crime de lesa-pátria (ou de leso-patriotismo).

b) possível: em expressões superlativas, este adjetivo ora aparece invariável, ora flexionado (embora no português moderno se prefira empregá-lo no plural):

Exemplos:

As características do solo são as mais variadas possíveis.
As características do solo são as mais variadas possível.

11.8 Regência

Regência é, em gramática, sinônimo de dependência, subordinação. Assim, a sintaxe de regência trata das relações de dependência que as palavras mantêm na frase. Dizemos que um termo rege o outro que o complementa. Numa frase, os termos regentes ou subordinantes (substantivos, adjetivos, verbos) regem os termos regidos ou subordinados (substantivos, adjetivos, preposições) que lhes completam o sentido.

Termos Regentes	Termos Regidos
amar, amor	a Deus
insistiu, insistência	em falar
persuadiu	o Senador a que votasse
obediente, obediência	à lei
cuidado, cuidadoso	com a revisão do texto
ouvir	música

Como se vê pelos exemplos acima, os termos regentes podem ser substantivos e adjetivos (regência nominal) ou verbos (regência verbal), e podem reger outros substantivos e adjetivos ou preposições. As dúvidas mais frequentes quanto à regência dizem respeito à necessidade de determinada palavra reger preposição, e qual deve ser essa preposição.

Considerando que, em regra, a regência dos nomes segue a dos verbos que lhes correspondem (viajar de trem: viagem de trem; anotar no caderno: anotação no caderno...), analisaremos, a seguir, alguns casos de regência verbal que costumam criar dificuldades na língua escrita.

11.8.1 Regência de alguns verbos de uso frequente

Anuir: concordar, condescender; verbo transitivo indireto com a preposição “a”:

Exemplos:

Todos anuíram àquela proposta.
O Governo anuiu de boa vontade ao pedido do sindicato.

Aproveitar: aproveitar alguma coisa ou aproveitar-se de alguma coisa.

Exemplos:

Aproveito a oportunidade para manifestar repúdio ao tratamento dado a esta matéria.
O relator aproveitou-se da oportunidade para emitir sua opinião sobre o assunto.

Aspirar: no sentido de respirar, é verbo transitivo direto:

Exemplo:

Aspiramos o ar puro da montanha. Aspirá-lo.

No sentido de desejar ardentemente, de pretender, é transitivo indireto, regendo a preposição “a”:

Exemplos:

O projeto aspira à estabilidade econômica da sociedade. Aspira a ela.
Aspirar a um cargo. Aspirar a ele.

Assistir: no sentido de auxiliar, ajudar, socorrer, pode ser transitivo direto ou indireto:

Exemplo:

Procuraremos assistir os/aos atingidos pela seca (assisti-los/assistir-lhes).

No sentido de estar presente, comparecer, ver é transitivo indireto, regendo a preposição “a”:

Exemplos:

Não assisti à reunião ontem. Não assisti a ela.
Assisti a um documentário muito interessante. Assisti a ele.
Nesta acepção, o verbo não pode ser apassivado; assim, na norma padrão, é incorreta a frase:
A reunião foi assistida por dez pessoas.

Atender:

Exemplos:

O Prefeito atendeu ao pedido (atendeu a algo) do vereador.
ou: O Prefeito atendeu o telefone (atendeu algo).

O Presidente atendeu o Ministro (atendeu-o) em sua reivindicação.
ou: O Presidente atendeu ao Ministro (atendeu a alguém) em sua reivindicação.

Avisar: avisar alguém (avisá-lo) de alguma coisa:

Exemplo:

O Tribunal Eleitoral avisou os eleitores da necessidade do recadastramento.

Comparecer: comparecer a (ou em) algum lugar ou evento:

Exemplos:

Compareci ao (ou no) local indicado nas instruções.
A maioria dos delegados compareceu à (ou na) reunião

Compartilhar: compartilhar alguma (ou de alguma) coisa:

Exemplo:

O povo brasileiro compartilha os (ou dos) ideais de preservação ambiental do Governo.

Consistir: consistir em alguma coisa (consistir de é anglicismo):

Exemplo:

O Plano consiste em promover uma trégua de preços por tempo indeterminado.

Constar: no sentido de ser composto, constituído, rege a preposição "de":

Exemplo:

O Relatório consta de dez itens.

No sentido de estar escrito, registrado, mencionado, rege a preposição "de" ou "em":

Exemplo:

O referido Projeto consta da/na Ordem do Dia.

Custar: no sentido usual de ter valor, valer:

Exemplo:

A casa custou um milhão de cruzeiros.

No sentido de ser difícil, este verbo se usa na 3ª pessoa do sing., na norma padrão:

Exemplos:

Custa-me entender esse problema. (Eu) custo a entender esse problema – é linguagem oral, escrita informal etc.
Custou-lhe aceitar a argumentação da oposição. (Como sinônimo de demorar, tardar – Ele custou a aceitar a argumentação da oposição – também é linguagem oral, informal.)

Declinar: declinar de alguma coisa (no sentido de rejeitar):

Exemplo:

Declinou das homenagens que lhe eram devidas.

Implicar: no sentido de acarretar, produzir como consequência, é transitivo direto – implicá-lo:

Exemplos:

O Convênio implica a aceitação dos novos preços para a mercadoria.
O Convênio implica na aceitação... – é inovação sintática bastante frequente no Brasil. Mesmo assim, aconselha-se manter a sintaxe originária: implica isso, implica-o.

Incumbir: incumbir alguém (incumbi-lo) de alguma coisa:

Exemplo:

Incumbi o Secretário de providenciar a reserva das dependências.

Ou incumbir a alguém (incumbir-lhe) alguma coisa:

Exemplo:

O Presidente incumbiu ao Chefe do Cerimonial preparar a visita do dignitário estrangeiro.

Informar: informar alguém (informá-lo) de alguma coisa:

Exemplos:

Informo Vossa Senhoria de que as providências solicitadas já foram adotadas.

Ou informar a alguém (informar-lhe) alguma coisa:

Exemplo:

Muito agradeceria informar à autoridade interessada o teor da nova proposta.

Obedecer: obedecer a alguém ou a alguma coisa (obedecer-lhe):

Exemplos:

As reformas obedeceram à lógica do programa de governo.
É necessário que as autoridades constituídas obedeçam aos preceitos da Constituição.
Todos lhe obedecem.

Participar: no sentido de tomar parte, rege as preposições “de” ou “em”:

Exemplos:

Os servidores participaram da reunião.
Alguns participaram na conspiração contra a empresa.

No sentido de comunicar, é transitivo direto e indireto:

Exemplo:

Participamos a decisão a quem pudesse interessar.

No sentido de compartilhar, rege a preposição “de”:

Exemplo:

Participamos das suas decisões.

Pedir: pedir a alguém (pedir-lhe) alguma coisa:

Exemplos:

Pediu ao assessor o relatório da reunião.
Ou pedir a alguém (pedir-lhe) que faça alguma coisa:
Pediu aos interessados (pediu-lhes) que (e não *para que) procurassem a repartição do Ministério da Saúde.
(Pedir a alguém para fazer alguma coisa é linguagem oral, informal.)

Preferir: preferir uma coisa (preferi-la) a outra (evite: preferir uma coisa do que outra):

Exemplos:

Prefiro a democracia ao totalitarismo.
Vale para a forma nominal preferível: Isto é preferível àquilo (e não preferível do que...).

Propor-se: propor-se (fazer) alguma coisa ou a (fazer) alguma coisa:

Exemplo:

O decreto propõe-se disciplinar (ou a disciplinar) o regime jurídico das importações.

Referir: no sentido de relatar, é transitivo direto:

Exemplo:

Referiu as informações (referiu-as) ao encarregado.

Visar: com o sentido de ter por finalidade, a regência originária é transitiva indireta, com a preposição a. Tem-se admitido, contudo, seu emprego com o transitivo direto com essa mesma acepção:

Exemplos:

O projeto visa ao estabelecimento de uma nova ética social (visa a ele).
ou: visa o estabelecimento (visa-o).
As providências visavam ao interesse (ou o interesse) das classes desfavorecidas.

Observação: Na norma padrão, os verbos que regem determinada preposição, ao serem empregados em orações introduzidas por pronome relativo, mantêm essa regência, embora a tendência da língua falada seja aboli-la.

Exemplos:

Esses são os recursos de que o Estado dispõe (e não recursos que dispõe, próprio da linguagem oral ou escrita informal).
Apresentou os pontos em que o Governo tem insistido (e não pontos que o Governo...).

11.9 Pontuação

Os sinais de pontuação, ligados à estrutura sintática, têm as seguintes finalidades:

a) assinalar as pausas e as inflexões da voz (a entoação) na leitura;
b) separar palavras, expressões e orações que, segundo o autor, devem merecer destaque; e
c) esclarecer o sentido da frase, eliminando ambiguidades.

11.9.1 Vírgula

A vírgula serve para marcar as separações breves de sentido entre termos vizinhos, as inversões e as intercalações, quer na oração, quer no período. A seguir, indicam-se alguns casos principais de emprego da vírgula:

a) Para separar palavras ou orações paralelas justapostas, isto é, não ligadas por conjunção:

Exemplos:

Chegou a Brasília, visitou o Ministério das Relações Exteriores, levou seus documentos ao Palácio do Buriti, voltou ao Ministério e marcou a entrevista.
Simplicidade, clareza, objetividade, concisão são qualidades a serem observadas na redação oficial.

b) As intercalações, por cortarem o que está sintaticamente ligado, devem ser colocadas entre vírgulas:

Exemplos:

O processo, creio eu, deverá ir logo a julgamento.
A democracia, embora (ou mesmo) imperfeita, ainda é o melhor sistema de governo.

c) Expressões corretivas, explicativas, escusativas, tais como “isto é”, “ou melhor”, “quer dizer”, *data venia*, “ou seja”, “por exemplo” etc., devem ser colocadas entre vírgulas:

Exemplos:

O político, a meu ver, deve sempre usar uma linguagem clara, ou seja, de fácil compreensão.
As Nações Unidas decidiram intervir no conflito, ou por outra, iniciaram as tratativas de paz.

d) Conjunções coordenativas intercaladas ou pospostas devem ser colocadas entre vírgulas:

Exemplos:

Dedicava-se ao trabalho com afinco; não obtinha, contudo, resultados.O ano foi difícil; não me queixo, porém.
Era mister, pois, levar o projeto às últimas consequências.

e) Vocativos, apostos, orações adjetivas não-restritivas (explicativas) devem ser separados por vírgula:

Exemplos:

Brasileiros, é chegada a hora de buscar o entendimento.
Aristóteles, o grande filósofo, foi o criador da Lógica.
O homem, que é um ser mortal, deve sempre pensar no amanhã.

f) A vírgula também é empregada para indicar a elipse (ocultação) de verbo ou outro termo anterior:

Exemplos:

O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. (A vírgula indica a elipse do verbo regulamenta.)
Às vezes, procura assistência; outras, toma a iniciativa. (A vírgula indica a elipse da palavra vezes.)

g) Nas datas, separam-se os topônimos:

Exemplos:

São Paulo, 22 de março de 2018.
Brasília, 15 de agosto de 2018.

É importante registrar que constitui erro usar a vírgula entre termos que mantêm entre si estreita ligação sintática – por exemplo, entre sujeito e verbo, entre verbos ou nomes e seus complementos.

Errado: O Presidente da República, indicou, sua posição no assunto.
Certo: O Presidente da República indicou sua posição no assunto.

11.9.2 Ponto e vírgula

O ponto e vírgula, em princípio, separa estruturas coordenadas já portadoras de vírgulas internas. É também usado em lugar da vírgula para dar ênfase ao que se quer dizer.

Exemplos:

Sem virtude, perece a democracia; o que mantém o governo despótico é o medo.
As leis, em qualquer caso, não podem ser infringidas; mesmo em caso de dúvida, portanto, elas devem ser respeitadas.

Art. 15. É vedada a cassação de direitos políticos, cuja perda ou suspensão só se dará nos casos de:I – cancelamento da naturalização por sentença transitada em julgado;

II – incapacidade civil absoluta;
III – condenação criminal transitada em julgado, enquanto durarem seus efeitos;
IV – recusa de cumprir obrigação a todos imposta ou prestação alternativa, nos termos do art. 5º, VIII;
V – improbidade administrativa, nos termos do art. 37, § 4º.

11.9.3 Dois-pontos

Emprega-se este sinal de pontuação para introduzir citações, marcar enunciados de diálogo e indicar um esclarecimento, um resumo ou uma consequência do que se afirmou.

Exemplos:

Como afirmou o Marquês de Maricá em suas Máximas: “Todos reclamam reformas, mas ninguém se quer reformar.”
Encerrado o discurso, o Ministro perguntou:
– Foi bom o pronunciamento?
– Sem dúvida: todos parecem ter gostado.
Mais que mudanças econômicas, a busca da modernidade impõe sobretudo profundas alterações dos costumes e das tradições da sociedade; em suma: uma transformação cultural.

11.9.4 Ponto de interrogação

O ponto de interrogação, como se depreende de seu nome, é utilizado para marcar o final de uma frase interrogativa direta:

Exemplos:

Até quando aguardaremos uma solução para o caso?
Qual será o sucessor do Secretário?

Não cabe ponto de interrogação em estruturas interrogativas indiretas (em geral em títulos): O que é linguagem oficial – Por que a inflação não baixa – Como vencer a crise.

11.9.5 Ponto de exclamação

O ponto de exclamação é utilizado para indicar surpresa, espanto, admiração, súplica etc. Seu uso na redação oficial fica geralmente restrito aos discursos e às peças de retórica:

Exemplos:

Povo deste grande País!
Com nosso trabalho chegaremos lá!

11.10 Pronomes demonstrativos

O uso do pronome demonstrativo obedece às seguintes circunstâncias:

11.10.1 Situação no espaço

a) Emprega-se este(a)/isto quando o termo referente estiver próximo ao emissor, ou seja, de quem fala ou redige.

Exemplos:

Este Departamento solicita dispensa de licitação.
Este Relatório trata da sindicância realizada em julho.

b) Emprega-se esse(a)/isso quando o termo referente estiver próximo ao receptor, ou seja, a quem se fala ou para quem se redige.

Exemplos:

Solicito esclarecimentos a esse Ministério sobre irregularidades no Contrato.
Encaminhamos os documentos a essa Coordenação para que sejam tomadas as providências necessárias.

c) Emprega-se aquele(a)/aquilo quando o termo referente estiver distante tanto do emissor quanto do receptor da mensagem.

Exemplos:

O Ministério Público já apurou irregularidades ocorridas naquela Fundação.
Informamos que a documentação foi encaminhada àquele Departamento.

11.10.2 Situação no tempo

a) emprega-se este(a) para referir-se ao tempo presente;

Exemplos:

O acordo foi assinado nesta semana (na semana presente).
Os deputados serão eleitos neste ano (no ano presente).

b) emprega-se esse(a) para se referir ao tempo passado; e

Exemplos:

As provas foram aplicadas nesse fim de semana.
Estive no Senado na semana e verifiquei nessa ocasião que programas tinham sido debatidos.

c) emprega-se aquele(a)/aquilo em relação a um tempo passado mais longínquo, ou histórico.

Exemplos:

Naquela época, a inflação do País era maior.
Brasília foi construída há mais de cinquenta anos. Naquela ocasião, não havia tanto trânsito.

11.10.3 Situação no texto

a) Usa-se este(a)/isto para introduzir referência que, no texto, ainda será mencionado.

Exemplos:

O Diretor iniciou o discurso com esta informação: a partir de amanhã, o uso do crachá será obrigatório.
Para se cadastrar no Programa do Governo, os interessados deverão apresentar estes documentos: Identidade e comprovante de renda.

b) Usa-se este(a)para se referir ao próprio texto.

Exemplos:

As regras apresentadas neste manual podem ser usadas para outros documentos.
Esta ata estará disponível em nosso sítio eletrônico.

c) Emprega-se esse(a)/isso quando a informação já foi mencionada no texto.

Exemplos:

Nós já discutimos sobre as falhas na execução do Projeto. Esses fatos(as falhas no Projeto) causaram grandes prejuízos.

O ofício já está pronto. Esse documento trata da nomeação dos novos servidores.

12 Semântica

A Semântica estuda o sentido das palavras, expressões, frases e unidades maiores da comunicação verbal, os significados que lhe são atribuídos. Ao considerarmos o significado de determinada palavra, levamos em conta sua história, sua estrutura (radical, prefixos, sufixos que participam da sua forma) e, por fim, o contexto em que se apresenta.

Sendo a clareza um dos requisitos fundamentais de todo texto oficial, deve-se atentar para a tradição no emprego de determinada expressão com determinado sentido. O emprego de expressões ditas de uso consagrado confere uniformidade e transparência ao sentido do texto. Mas isso não quer dizer que os textos oficiais devam limitar-se à repetição de chavões e de clichês.

Verifique sempre o contexto em que as palavras estão sendo utilizadas. Certifique-se de que não há repetições desnecessárias ou redundâncias. Procure sinônimos ou termos mais precisos para as palavras repetidas; mas se sua substituição for comprometer o sentido do texto, tornando-o ambíguo ou menos claro, não hesite em deixar o texto como está.

É importante lembrar que o idioma está em constante mutação. A própria evolução dos costumes, das ideias, das ciências, da política, enfim da vida social em geral, impõe a criação de novas palavras e de formas de dizer. Na definição de Serafim da Silva Neto, a língua:

> [...] é um produto social, é uma atividade do espírito humano. Não é, assim, independente da vontade do homem, porque o homem não é uma folha seca ao sabor dos ventos veementes de uma fatalidade desconhecida e cega. Não está obrigada a prosseguir na sua trajetória, de acordo com leis determinadas, porque as línguas seguem o destino dos que as falam, são o que delas fazem as sociedades que as empregam. (SILVA NETO, 1986, p. 18).

A redação oficial não pode alhear-se dessas transformações, nem incorporá-las acriticamente. Quanto às novidades vocabulares, por um lado, elas devem sempre ser usadas com critério, evitando-se aquelas que podem ser substituídas por vocábulos já de uso consolidado sem prejuízo do sentido que se lhes quer dar.

De outro lado, não se concebe que, em nome de suposto purismo, a linguagem das comunicações oficiais fique imune às criações vocabulares ou a empréstimos de outras línguas. A rapidez do desenvolvimento tecnológico, por exemplo, impõe a criação de inúmeros novos conceitos e termos, ditando de certa forma a velocidade com que a língua deve incorporá-los. O importante é usar o estrangeirismo de forma consciente, buscar o equivalente português quando houver ou conformar a palavra estrangeira ao espírito da Língua Portuguesa.

O problema do abuso de estrangeirismos inúteis ou empregados em contextos em que não cabem, é em geral causado ou pelo desconhecimento da riqueza vocabular de nossa língua, ou pela incorporação acrítica do estrangeirismo.

12.1 Homônimos e parônimos

Muitas vezes, temos dúvidas no uso de vocábulos distintos provocadas pela semelhança ou mesmo pela igualdade de pronúncia ou de grafia entre eles. É o caso dos fenômenos designados como homonímia e paronímia.

A homonímia é a designação geral para os casos em que palavras de sentidos diferentes têm a mesma grafia (os homônimos homógrafos) ou a mesma pronúncia (os homônimos homófonos).

Os homógrafos podem coincidir ou não na pronúncia, como nos exemplos: quarto (aposento) e quarto (ordinal), manga (fruta) e manga (de camisa), em que temos pronúncia idêntica; e apelo (pedido) e apelo (com e aberto, 1a pess. do sing. do pres. do ind. do verbo apelar), consolo (alívio) e consolo (com o aberto, 1a pess. do sing. do pres. do ind. do verbo consolar), com pronúncia diferente.

Os homógrafos de idêntica pronúncia diferenciam-se pelo contexto em que são empregados. Não há dúvida, por exemplo, quanto ao emprego da palavra “são” nos três sentidos:

a) verbo ser, 3ª pess. do pl. do pres.;
b) saudável; e
c) santo.

Palavras de grafia diferente e de pronúncia igual (homófonos) geram dúvidas ortográficas. Caso, por exemplo, de acento/assento, coser/cozer, dos prefixos ante-/anti- etc. Aqui o contexto não é suficiente para resolver o problema, pois sabemos o sentido, a dúvida é quanto à(s) letra(s). Sempre que houver incerteza, não hesite em consultar a lista adiante, o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (Volp)[6], algum dicionário ou manual de ortografia.

Já o termo paronímia designa o fenômeno que ocorre com palavras semelhantes (mas não idênticas) quanto à grafia ou à pronúncia. É fonte de muitas dúvidas, como entre descrição (ato de descrever) e discrição (qualidade do que é discreto), retificar (corrigir) e ratificar (confirmar).

Como não interessa aqui aprofundar a discussão teórica da matéria, restringimo-nos a uma lista de palavras que costumam suscitar dúvidas de grafia ou sentido. Procuramos incluir palavras e expressões que, com mais frequência, provocam dúvidas na elaboração de textos oficiais, com o cuidado de agregá-las em pares ou em pequenos grupos formais.

---

[6] Disponível em: <http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>. Acesso em 24 out. 2018.

A: A preposição é utilizada em expressões que indicam futuro ou distâncias relativas.
Há: O verbo haver é usado em expressões que indicam tempo transcorrido.

Exemplos:

Terminaremos daqui a duas horas.
O lançamento do satélite ocorrerá daqui a duas semanas.
O estacionamento fica a um quilômetro daqui.
Tais fatos aconteceram há dez anos.
Terminamos há duas horas.
Quando empregado para designar tempo passado, o verbo haver dispensa o uso da palavra atrás: *Há dois anos ~~atrás~~ estive em Brasília. (forma pleonástica)

Absolver: inocentar, relevar da culpa imputada.
Absorver: embeber em si, esgotar.

Exemplos:

O júri absolveu o réu.
O solo absorveu lentamente a água da chuva.

Acender: atear (fogo), inflamar.
Ascender: subir, elevar-se.

Acento: sinal gráfico; inflexão vocal.
Assento: banco, cadeira.

Exemplos:

Vocábulo sem acento.
Esse assento está vago.

Acerca de: sobre, a respeito de.
A cerca de: a uma distância aproximada de ou a um tempo aproximado de.
Há cerca de: faz aproximadamente (tanto tempo), existe aproximadamente.
Cerca de: deve ser usada para indicar números aproximados, arredondamento de valores. Não deve aparecer em números que não sejam redondos.

Exemplos:

No discurso, o Presidente falou acerca de seus planos.
O anexo fica a cerca de trinta metros do prédio principal.
Estamos a cerca de um mês das eleições.
Estamos a cerca de 30 minutos do local do evento.
Há cerca de um ano, tratamos de caso idêntico.
Há cerca de mil títulos no catálogo.
A lista possui cerca de trezentos convidados. (e não “cerca de 297 convidados”)

Acidente: acontecimento casual; desastre.
Incidente: episódio; que incide, que ocorre.

Exemplos:

A derrota foi um acidente na sua vida profissional.
O súbito temporal provocou terrível acidente no parque.
O incidente da demissão já foi superado.

Adotar: escolher, preferir; assumir; pôr em prática.
Dotar: dar em doação, beneficiar.
Afim: que apresenta afinidade, semelhança, relação (de parentesco).
A fim de: para, com a finalidade de, com o fito de.

Exemplos:

Se o assunto era afim, por que não foi tratado no mesmo parágrafo?
O projeto foi encaminhado com quinze dias de antecedência a fim de permitir a necessária reflexão sobre sua pertinência.

Alto: de grande extensão vertical; elevado, grande.
Auto: ato público, registro escrito de um ato, peça processual.

Aleatório: casual, fortuito, acidental.
Alheatório: que alheia, alienante, que desvia ou perturba.

Amoral: desprovido de moral, sem senso de moral.
Imoral: contrário à moral, aos bons costumes, devasso, indecente.

Ante (preposição): diante de, perante.
Ante- (prefixo): expressa anterioridade.
Anti- (prefixo): expressa contrariedade; contra.

Exemplos:

Ante tal situação, não teve alternativa.
Antepor, antever, anteprojeto, antediluviano.
Anti-inflacionário, antibiótico, anti-higiênico, antissocial.

Ao encontro de: para junto de; favorável a.
De encontro a: contra; em prejuízo de.

Exemplos:

Foi ao encontro dos colegas.
O projeto salarial veio ao encontro dos anseios dos trabalhadores.
O carro foi de encontro a um muro.
O governo não apoiou a medida, pois vinha de encontro aos interesses dos menores.

Ao invés de: ao contrário de.
Em vez de: em lugar de.

Exemplos:

Ao invés de demitir dez funcionários, a empresa contratou mais vinte.
(Inaceitável o cruzamento “ao em vez de”.)
Em vez de demitir dez funcionários, a empresa demitiu vinte.

A par: informado, ao corrente, ciente.
Ao par: de acordo com a convenção legal.

Exemplos:

O Ministro está a par do assunto. (var.: ao par) ao lado, junto; além de.
Fez a troca de mil dólares ao par.

Aparte: interrupção, comentário à margem.
À parte: em separado, isoladamente, de lado.

Exemplos:

O deputado concedeu ao colega um aparte em seu pronunciamento.
O anexo ao projeto foi encaminhado por expediente à parte.

Aresto: acórdão, caso jurídico julgado.
Arresto: apreensão judicial, embargo.

Exemplos:

Neste caso, o aresto é irrecorrível.
Os bens do traficante preso foram todos arrestados.

Atuar: agir, pôr em ação; pressionar.
Autuar: lavrar um auto; processar.

Auferir: obter, receber.
Aferir: avaliar, cotejar, medir, conferir.

Exemplos:

Auferir lucros, vantagens.
Aferir valores, resultados.

Avocar: atribuir-se, chamar.
Evocar: lembrar, invocar.
Invocar: pedir (a ajuda de); chamar; proferir.

Exemplos:

Avocou a si competências de outrem.

Evocou no discurso o começo de sua carreira.
Ao final do discurso, invocou a ajuda de Deus.

Caçar: perseguir, procurar, apanhar (geralmente animais).
Cassar: tornar nulo ou sem efeito, suspender, invalidar.

Censo: alistamento, recenseamento, contagem.
Senso: entendimento, juízo, tino.

Cessão: ato de ceder.
Seção: setor, subdivisão de um todo, repartição, divisão.
Sessão: espaço de tempo que dura uma reunião, um congresso; reunião; espaço de tempo durante o qual se realiza uma tarefa.

Exemplos:

A cessão do local pelo município tornou possível a realização da obra.
Em qual seção do ministério ele trabalha?
A próxima sessão legislativa será iniciada em 1º de agosto.

Cível: relativo à jurisdição dos tribunais civis.
Civil: relativo ao cidadão; cortês, polido (daí civilidade); não militar nem, eclesiástico.

Colidir: trombar, chocar; contrariar.
Coligir: colecionar, reunir, juntar.

Exemplos:

A nova proposta colide frontalmente com o entendimento havido.
As leis foram coligidas pelo Ministério da Justiça.

Comprimento: medida, tamanho, extensão, altura.
Cumprimento: ato de cumprir, execução completa; saudação.

Concelho: circunscrição administrativa ou município (em Portugal).
Conselho: aviso, parecer, órgão colegiado.

Concerto: acerto, combinação, composição, harmonização (cp. concertar).
Conserto: reparo, remendo, restauração (cp. consertar).

Exemplos:

O concerto das nações. O concerto de Guarnieri.
Certos problemas crônicos aparentemente não têm conserto.

Conje(c)tura: suspeita, hipótese, opinião.
Conjuntura: acontecimento, situação, ocasião, circunstância.

Contravenção: transgressão ou infração a normas estabelecidas.
Contraversão: versão contrária, inversão.

Costear: navegar junto à costa, contornar.
Custear: pagar o custo de, prover, subsidiar.
Custar: valer, necessitar, ser penoso.

Exemplos:

> A fragata costeou inúmeras praias do litoral baiano antes de partir para alto-mar.
> Qual a empresa disposta a custear tal projeto?
> Quanto custa o projeto? Custa-me crer que funcionará.

Deferir: consentir, atender, despachar favoravelmente, conceder.
Diferir: ser diferente, discordar; adiar, retardar, dilatar.

Degradar: deteriorar, desgastar, diminuir, rebaixar.
Degredar: impor pena de degredo, desterrar, banir.

Delatar (**delação**): denunciar, revelar crime ou delito, acusar.
Dilatar (**dilação**): alargar, estender; adiar, diferir.

Exemplos:

> Os traficantes foram delatados por membro de quadrilha rival.
> A dilação do prazo de entrega das declarações depende de decisão do Diretor da Receita Federal.

Derrogar: revogar parcialmente (uma lei), anular.
Derrocar: destruir, arrasar, desmoronar.

Descrição: ato de descrever, representação, definição.
Discrição: discernimento, reserva, prudência, recato.

Descriminar: absolver de crime, tirar a culpa de.
Discriminar: diferençar, separar, discernir.

Despensa: local em que se guardam mantimentos, depósito de provisões.
Dispensa: licença ou permissão para deixar de fazer algo a que se estava obrigado; demissão.

Despercebido: que não se notou, para o que não se atentou.
Desapercebido: desprevenido, desacautelado.

Exemplos:

> Apesar de sua importância, o projeto passou despercebido.
> Embarcou para a missão na Amazônia totalmente desapercebido dos desafios que lhe aguardavam.

Dessecar: secar bem, enxugar, tornar seco.
Dissecar: analisar minuciosamente, dividir anatomicamente.
Destratar: insultar, maltratar com palavras.
Distratar: desfazer um trato, anular.

Distensão: ato ou efeito de distender, torção dos ligamentos de uma articulação.
Distinção: elegância, nobreza, boa educação.
Dissensão: desavença, diferença de opiniões ou interesses.

Exemplos:

> Todos devem portar-se com distinção.
> A dissensão sobre a matéria impossibilitou o acordo.

Elidir: suprimir, eliminar.
Ilidir: contestar, refutar, desmentir.

Emenda: correção de falta ou defeito, regeneração, remendo.
Ementa: apontamento, súmula de decisão judicial ou do objeto de uma lei.

Exemplos:

> Ao torná-lo mais claro e objetivo, a emenda melhorou o projeto.
> Procuro uma lei cuja ementa dispõe sobre a propriedade industrial.

Emergir: vir à tona, manifestar-se.
Imergir: mergulhar, afundar (submergir), entrar.

Emigrar: deixar o país para residir em outro.
Imigrar: entrar em país estrangeiro para nele viver.

Eminente (eminência): alto, elevado, sublime.
Iminente (iminência): que está prestes a acontecer, pendente, próximo.

Emitir (emissão): produzir, expedir, publicar.
Imitir (imissão): fazer entrar, introduzir, investir.

Empoçar: reter em poço ou poça, formar poça.
Empossar: dar posse a, tomar posse, apoderar-se.

Espectador: aquele que assiste a qualquer ato ou espetáculo, testemunha.
Expectador: que tem expectativa, que espera.

Esperto: inteligente, vivo, ativo.
Experto: perito, especialista.

Espiar: espreitar, observar secretamente, olhar.

Expiar: cumprir pena, pagar, purgar.

Estada: ato de estar, permanência.
Estadia: prazo para carga e descarga de navio ancorado em porto.

Exemplos:

Nossa estada em São Paulo foi muito agradável.
O Rio de Janeiro foi autorizado a uma estadia de três dias.

Estância: lugar onde se está, morada, recinto.
Instância: solicitação, pedido, rogo; foro, jurisdição, juízo.

Estrato: cada camada das rochas estratificadas.
Extrato: coisa que se extraiu de outra; pagamento, resumo, cópia; perfume.
Flagrante: ardente, acalorado; diz-se do ato que a pessoa é surpreendida a praticar (flagrante delito).
Fragrante: que tem fragrância ou perfume; cheiroso.

Folhar: produzir folhas, ornar com folhagem, revestir lâminas.
Folhear: percorrer as folhas de um livro, compulsar, consultar.

Incerto: não certo, indeterminado, duvidoso, variável.
Inserto: introduzido, incluído, inserido.

Incipiente: iniciante, principiante.
Insipiente: ignorante, insensato.

Induzir: causar, sugerir, aconselhar, levar a.
Aduzir: expor, apresentar.

Exemplos:

O réu declarou que havia sido induzido a cometer o delito.
A defesa, então, aduziu novas provas.

Inflação: ato ou efeito de inflar; emissão exagerada de moeda, aumento persistente de preços.
Infração: ato ou efeito de infringir ou violar uma norma.

Infligir: cominar, aplicar (pena, castigo, repreensão, derrota).
Infringir: transgredir, violar, desrespeitar (lei, regulamento, etc.) (cp. infração).

Exemplos:

O juiz infligiu pesada pena ao réu.
A condenação decorreu de ter ele infringido um sem número de artigos do Código Penal.

Inquerir: apertar (a carga de animais), encilhar.
Inquirir: procurar informações sobre, indagar, investigar, interrogar.

Intercessão: ato de interceder.
Interse(c)ção: ação de se(c)cionar, cortar; ponto em que se encontram duas linhas ou superfícies.

Inter- (prefixo): entre; preposição latina usada em locuções.
Intra- (prefixo): interior, dentro de.

Exemplos:

Inter alia (entre outros), *inter pares* (entre iguais).
Intragrupo, intra-histórico

Judicial: que tem origem no Poder Judiciário ou que perante ele se realiza.
Judiciário: relativo ao direito processual ou à organização da Justiça.

Liberação: ato de liberar, quitação de dívida ou obrigação.
Libertação: ato de libertar ou libertar-se.

Lista: relação, catálogo; var. pop. de listra.
Listra: risca de cor diferente num tecido (var. pop. de lista).

Locador: que dá de aluguel, senhorio, arrendador.
Locatário: alugador, inquilino.

Exemplo:

O locador reajustou o aluguel sem a concordância do locatário.

Magistrado: juiz, desembargador, ministro.
Magistral: relativo a mestre (latim: *magister*); perfeito, completo; exemplar.

Mandado: garantia constitucional para proteger direito individual líquido e certo;
ato de mandar; ordem escrita expedida por autoridade judicial ou administrativa: um mandado de segurança, mandado de prisão.
Mandato: autorização que alguém confere a outrem para praticar atos em seu nome; procuração; delegação: o mandato de um deputado, senador, do Presidente.

Mandante: que manda; aquele que outorga um mandato.
Mandatário: aquele que recebe um mandato, executor de mandato, representante, procurador.
Mandatório: obrigatório.

Ordinal: numeral que indica ordem ou série (primeiro, segundo, milésimo, etc.).
Ordinário: comum, frequente, trivial, vulgar.

Original: com caráter próprio; inicial, primordial.
Originário: que provém de, oriundo; inicial, primitivo.

Preceder: ir ou estar adiante de, anteceder, adiantar-se.
Proceder: originar-se, derivar, provir; levar a efeito, executar.
Pós- (prefixo): posterior a, que sucede, atrás de, após.
Pré- (prefixo): anterior a, que precede, à frente de, antes de.
Pró (advérbio): em favor de, em defesa de.

Exemplos:

> Pós-moderno, pós-operatório.
> Pré-modernista, pré-primário.
> A maioria manifestou-se contra, mas dei meu parecer pró.

Preeminente: que ocupa lugar elevado, nobre, distinto.
Proeminente: alto, saliente, que se alteia acima do que o circunda.

Preposição: ato de prepor, preferência; palavra invariável que liga constituintes da frase.
Proposição: ato de propor, proposta; máxima, sentença; afirmativa, asserção.

Prescrever: fixar limites, ordenar de modo explícito, determinar; ficar sem efeito, anular-se.
Proscrever: abolir, extinguir, proibir, terminar; desterrar.

Exemplos:

> O prazo para entrada do processo prescreveu há dois meses.
> O uso de várias substâncias psicotrópicas foi proscrito por recente portaria do Ministro.

Prever: ver antecipadamente, profetizar; calcular.
Prover: providenciar, dotar, abastecer, nomear para cargo.
Provir: originar-se, proceder; resultar.

Exemplos:

> A assessoria previu acertadamente o desfecho do caso.
> O chefe do departamento de pessoal proveu os cargos vacantes.
> A dúvida provém (Os erros provêm) da falta de leitura.

Prolatar: proferir sentença, promulgar.
Protelar: adiar, prorrogar.

Ratificar: validar, confirmar, comprovar.
Retificar: corrigir, emendar, alterar:

Exemplos:

> A diretoria ratificou a decisão após o texto ter sido retificado em suas passagens ambíguas.

Reincidir: tornar a incidir, recair, repetir.
Rescindir: dissolver, invalidar, romper, desfazer.

Exemplos:

Como ele reincidiu no erro, o contrato de trabalho foi rescindido.

Remição: ato de remir, resgate, quitação.
Remissão: ato de remitir, intermissão, intervalo; perdão, expiação.

Repressão: ato de reprimir, contenção, impedimento, proibição.
Repreensão: ato de repreender, enérgica admoestação, censura, advertência.

Sanção: confirmação, aprovação; pena imposta pela lei ou por contrato para punir sua infração.
Sansão: nome de personagem bíblico; certo tipo de guindaste.

Sedento: que tem sede; sequioso (var. p. us.: sedente).
Cedente: que cede, que dá.

Sobrescritar: endereçar, destinar, dirigir.
Subscritar: assinar, subscrever.

Subentender: perceber o que não estava claramente exposto; supor.
Subintender: exercer função de subintendente, dirigir.
Subtender: estender por baixo.

Sustar: interromper, suspender; parar, interromper-se (sustar-se).
Suster: sustentar, manter; fazer parar, deter.

Tacha: pequeno prego; mancha, defeito, pecha.
Taxa: espécie de tributo, tarifa.

Tachar: censurar, qualificar, acoimar.
Taxar: fixar a taxa de; regular, regrar.

Exemplos:

Tachar alguém (tachá-lo) de subversivo.
Taxar mercadorias.

Tráfego: trânsito de veículos, percurso, transporte.
Tráfico: negócio ilícito, comércio, negociação.

Trás: atrás, detrás, em seguida, após (cf. em locuções: de trás, por trás).
Traz: 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo trazer.

Vultoso: de grande vulto, volumoso.
Vultuoso (p. us.): atacado de vultuosidade (congestão da face).

12.2 Expressões a evitar e expressões de uso recomendável

Como mencionado na introdução deste capítulo, o sentido das palavras liga-se intimamente à tradição e ao contexto de seu uso. Assim, temos vocábulos e expressões (locuções) que, por seu continuado emprego com determinado sentido, passam a ser usados sempre em tal contexto e de tal forma, tornando-se expressões de uso consagrado. Mais do que do sentido das palavras, trata-se, aqui, também da regência de determinados verbos e nomes.

O esforço de classificar expressões como de uso a ser evitado ou como de uso recomendável atende, primordialmente, aos princípios da clareza e da transparência que deve nortear a elaboração de todo texto oficial. Não se trata, pois, de mera preferência ou de gosto por determinada forma.

A linguagem dos textos oficiais deve sempre pautar-se pela norma padrão. Não é aceitável, portanto, que, nesses textos, constem coloquialismos ou expressões de uso restrito a determinados grupos, que comprometeriam sua própria compreensão pelo público. Acrescente-se que é também indesejável a repetição excessiva de uma mesma palavra quando há outra que pode substituí-la sem prejuízo ou alteração de sentido.

Quanto a determinadas expressões que devem ser evitadas, mencionem-se aquelas que formam cacófatos, ou seja, "o encontro de sílabas em que a malícia descobre um novo termo com sentido torpe ou ridículo" (SAID ALI, 1964, p. 224). Não há necessidade, no entanto, de estender a preocupação de evitar a ocorrência de cacófatos a um sem-número de locuções que produzem terceiro sentido, como "por cada", "vez passada" etc. Trata-se, sobretudo, de uma questão de estilo e da própria sensibilidade do autor do texto. Não faz sentido eliminar da língua inúmeras locuções que só causam espanto ao leitor que está à procura do duplo sentido.

À medida que: (locução proporcional) – à proporção que, ao passo que, conforme.
Na medida em que: (locução causal) – pelo fato de que, uma vez que.
Evite os cruzamentos "à medida *em* que", "na medida que".

Exemplos:

Os preços deveriam diminuir à medida que diminui a procura.
Na medida em que se esgotaram as possibilidades de negociação, o projeto foi integralmente vetado.

A partir de: deve ser empregado preferencialmente no sentido temporal.
Evite repeti-la com o sentido de com base em, preferindo considerando, tomando-se por base, fundando-se em, baseando-se em.

Exemplo:

A cobrança do imposto entra em vigor a partir do início do próximo ano.

A princípio: no começo, inicialmente.
Em princípio: antes de qualquer consideração; de maneira geral; em tese.

Exemplo:

A princípio, todos esperavam que a lei seria votada pelo Congresso Nacional.
Em princípio, a democracia visa ao bem comum.

Ambos/Todos os dois: "ambos" significa os dois ou um e outro.
Evite expressões pleonásticas como "ambos dois", "ambos os dois", "ambos de dois", "ambos a dois". Quando for o caso de enfatizar a dualidade, empregue "todos os dois".

Exemplo:

Todos os dois Ministros assinaram a Portaria.

Anexo: o adjetivo "anexo" concorda em gênero e em número com o substantivo ao qual se refere. Use também os termos junto, apenso.
Em anexo: a locução adverbial "em anexo", como é próprio aos advérbios, é invariável. Empregue também os termos conjuntamente, juntamente com.

Exemplos:

Encaminho as minutas anexas.
Dirigimos os anexos projetos à Chefia.

Ao nível de: a locução tem o sentido de à mesma altura de.
Evite seu uso com o sentido de em nível, com relação a, no que se refere a.
Em nível (de): significa nessa instância. "A nível (de)" constitui modismo que é melhor evitar.

Exemplos:

Fortaleza localiza-se ao nível do mar.
A decisão foi tomada em nível Ministerial.
Em nível político, será difícil chegar-se ao consenso.

Assim: Use após a apresentação de alguma situação ou proposta para ligá-la à ideia seguinte. Alterne com: dessa forma, desse modo, diante do exposto, diante disso, consequentemente, portanto, por conseguinte, assim sendo, em consequência, em vista disso, em face disso.

Bem como: evite o uso, polêmico para certos autores, da locução "bem assim" como equivalente. Alterne com: e, como (também), igualmente, da mesma forma.

Cada: este pronome indefinido deve ser usado em função adjetiva.
Evite a construção coloquial "foi distribuída uma cesta básica a cada".

Exemplo:

Quanto às famílias presentes, foi distribuída uma cesta básica a cada uma.

Causar: evite repetir. Use também: originar, motivar, provocar, produzir, gerar, levar a, criar.

Constatar: evite repetir. Alterne com: atestar, apurar, averiguar, certificar-se, comprovar, evidenciar, observar, notar, perceber, registrar, verificar.

De forma que, de modo que/de forma a, de modo a: "De forma (ou maneira, modo) que" nas orações desenvolvidas. "De forma (maneira ou modo) a" nas orações reduzidas de infinitivo. São descabidas na língua escrita as pluralizações "de formas (maneiras ou modos) que..."

Exemplos:

Deu amplas explicações, de forma que tudo ficou claro.
Deu amplas explicações, de forma (maneira ou modo) a deixar tudo claro

Devido a: evite repetir. Utilize igualmente: em virtude de, por causa de, em razão de, graças a, provocado por.

Dirigir: quando empregado com o sentido de encaminhar, alterne com transmitir, mandar, encaminhar, remeter, enviar, endereçar.

Enquanto: conjunção proporcional equivalente a "ao passo que", "à medida que".
Evitar a construção coloquial "enquanto que".

Especialmente: use também: principalmente, notadamente, sobretudo, nomeadamente, em especial, em particular.

Face a / em face de: a expressão "em face de" é empregada para significar "diante de":

Exemplo:

Em face da ameaça, retirou-se. (não: "Face à ameaça, retirou-se")

Inclusive: advérbio que indica inclusão; opõe-se a exclusive.
Evite-se o seu abuso com o sentido de "até"; nesse caso utilize o próprio "até" ou: ainda, igualmente, mesmo, também, ademais.

Informar: alterne com: comunicar, avisar, noticiar, participar, inteirar, cientificar, instruir, confirmar, levar ao conhecimento, dar conhecimento; ou perguntar, interrogar, inquirir, indagar.

junto a: significa proximidade física.
Embora usual nos meios forenses, é impróprio o uso das expressões "junto a" e "junto o", em frases como: Declaramos junto à Receita Federal do Brasil. Use Declaramos à Receita Federal do Brasil.

Exemplo:

Ele está sentado junto à porta. (próximo à porta)

Mesmo: quando equivale a “próprio”, “idêntico” ou “igual” é variável.

Exemplos:

Ela mesma (própria) entregou o documento.
O mesmo fato (fato idêntico) ocorreu comigo.
Eles debateram os mesmos problemas. (problemas iguais, idênticos)

Como advérbio, equivalente a de fato, realmente.

Exemplos:

Eles não virão mesmo (realmente) à reunião.
Ele apresentou mesmo (de fato) o relatório.

Substantivado no singular, precedido do artigo definido, equivalente a mesma coisa.

Exemplo:

Aceitar não é o mesmo que permitir.

A expressão “o(a) mesmo(a)” , “os(as) mesmos(as)” pode gerar ambiguidade na frase.

Exemplo:

Doou em vida seu coração. Espero que o mesmo possa salvar uma pessoa. Doou em vida seu coração. Espero que o órgão/o gesto/o doador possa salvar uma pessoa.

Para evitar esse uso, prefira:

a) eliminá-lo:

Exemplo:

Os diretores se reuniram e (~~os mesmos~~) decidiram aceitar a proposta.

b) substituí-lo por uma palavra ou expressão equivalente:

Exemplo:

Eram duas metralhadoras. As (~~mesmas~~) armas foram deixadas no porta-malas.

c) substituí-lo por pronome.

Exemplos:

O réu foi até a vítima e falou (~~com a mesma~~) com ela.
Leu o relatório e tirou (~~do mesmo~~) dele várias conclusões.
O advogado ofereceu ajuda ao réu, mas (~~o mesmo~~) este não aceitou.

Não se deve empregar a expressão “o(a) mesmo(a)”, “os(as) mesmos(as)” no lugar de pronome pessoal.

Exemplo:

Chamei a secretária e a mesma não atendeu.
Prefira: Chamei a secretária e ela não atendeu.

Nem: conjunção aditiva que significa "e não", "e tampouco", dispensando, portanto, a conjunção "e". Evite a dupla negação "não nem", "nem tampouco", etc.

Exemplo:

Não foram feitos reparos à proposta inicial, nem à nova versão do projeto.
Uso equivocado: Não pode encaminhar o trabalho no prazo, nem não teve tempo para revisá-lo.
O correto é: Não pode encaminhar o trabalho no prazo, nem teve tempo para revisá-lo.

No sentido de: empregue também: com vistas a, a fim de, com o fito (objetivo, intuito, fim) de, com a finalidade de, tendo em vista ou mira, tendo por fim.

Objetivar/ter por objetivo: ter por objetivo pode ser alternado com pretender, ter por fim, ter em mira, ter como propósito, no intuito de, com o fito de. Objetivar significa antes materializar, tornar objetivo (objetivar ideias, planos, o abstrato), embora possa ser empregado também com o sentido de ter por objetivo. Evite-se o emprego abusivo alternando-o com sinônimos como os referidos.

Onde: como pronome relativo significa "em que (lugar)".
Evite construções como: "a lei onde é fixada a pena" ou "o encontro onde o assunto foi tratado".
Nesses casos, substitua "onde" por em que, na qual, no qual, nas quais, nos quais.
O correto é, portanto: "a lei na qual é fixada a pena", "o encontro no qual (em que) o assunto foi tratado".

Exemplo:

A cidade onde nasceu.
O país onde viveu.

Operacionalizar: neologismo verbal de que se tem abusado. É da mesma família de agilizar, objetivar e outros cujo problema está antes no uso excessivo do que na forma, pois o acréscimo dos sufixos "-izar" e "-ar" é uma das possibilidades normais de criar novos verbos a partir de adjetivos (ágil + izar = agilizar; objetivo + ar = objetivar).
Evite, pois, a repetição, que pode sugerir indigência vocabular ou ignorância dos recursos do idioma.
Prefira: realizar, fazer, executar, levar a cabo ou a efeito, pôr em obra, praticar, cumprir, desempenhar, produzir, efetuar, construir, compor, estabelecer.

Opinião/"opinamento": como sinônimo de parecer, prefira opinião a opinamento. Alterne com: parecer, juízo, julgamento, voto, entendimento, percepção.

Opor veto (e não apor): Vetar é opor veto. Apor é acrescentar (daí aposto, que significa (o) que vem junto). O veto, a contrariedade são opostos, nunca apostos.

Pertinente: (derivado do verbo latino *pertinere*) significa pertencente ou oportuno.

Pertencer: se originou do latim *pertinescere*, derivado sufixal de *pertinere*. Esta forma não sobreviveu em português; não empregue, pois, formas inexistentes como “no que pertine ao projeto”; nesse contexto use no que diz respeito, no que respeita, no tocante, com relação.

Posição: pode ser alternado com: postura, ponto de vista, atitude, maneira, modo.

Posicionamento: significa “disposição”, “arranjo”, e não deve ser confundido com posição.

Posto que: é conjunção concessiva (sinônimo de embora, apesar de que, ainda que, se bem que).

O uso da locução “posto que” como causal não é registrado em Aurélio, e Houaiss registra como regionalismo brasileiro de uso informal, observando que é **rejeitado pelos gramáticos**, o que desaconselha o seu uso nesta acepção na linguagem formal.

Exemplo:

Vivia modestamente, posto que (embora) tivesse muito dinheiro .

Relativo a: empregue também: referente a, concernente a, tocante a, atinente a, pertencente a, que diz respeito a, que trata de, que respeita.

Ressaltar: varie com: destacar, sublinhar, salientar, relevar, distinguir, sobressair.

Pronome “se”: evite abusar de seu emprego como indeterminador do sujeito. O simples emprego da forma infinitiva já confere a almejada impessoalidade.

Exemplo:

Para atingir esse objetivo há que evitar o uso de coloquialismo.
(e não: Para (se) atingir-se ... Há que se evitar...).

Tratar (de): empregue também: contemplar, discutir, debater, discorrer, cuidar, versar, referir-se, ocupar-se de.

Viger: significa “vigorar”, “ter vigor”, “funcionar”. Verbo defectivo, sem forma para a primeira pessoa do singular do presente do indicativo, nem para qualquer pessoa do presente do subjuntivo, portanto.

Exemplos:

O Decreto prossegue vigendo.
A portaria vige.
A lei tributária vigente naquele ano.

PARTE II

OS ATOS NORMATIVOS

Capítulo IV

FUNDAMENTOS DA ELABORAÇÃO NORMATIVA

4

13 Questões fundamentais da elaboração normativa

13.1 Considerações preliminares

O Estado de Direito submete todas as relações ao regime da lei. Para tanto, as decisões fundamentais para a vida da sociedade devem ser tomadas pelo Poder Legislativo, instituição fundamental do regime democrático representativo. O legislador se vê confrontado constantemente com demanda por novas normas. A competência legislativa demanda responsabilidade e impõe ao legislador a obrigação de tomar providências. O legislador deve não apenas concretizar a vontade constitucional, mas também preencher as lacunas ou corrigir os defeitos na legislação. Então, o *poder de legislar* converte-se em *dever de legislar.*

De um lado, a instituição de mecanismos especiais destinados ao controle judicial da omissão legislativa – como o mandado de injunção (Constituição, art. 5º, *caput,* inciso LXXI) e a ação direta de controle da omissão (Constituição, art. 103, § 2º) – revela que o próprio sistema constitucional reconhece a existência de pretensão de edição de um ato normativo [7].

Por outro lado, as exigências da vida moderna não só impõem ao legislador o dever de agir, mas também lhe cobram resposta rápida e eficaz aos problemas (dever de agir com a possível presteza e eficácia). É exatamente a formulação apressada (e, não raras vezes, irrefletida) de atos normativos que acaba ocasionando as suas maiores deficiências: a incompletude, a incompatibilidade com a sistemática vigente, a incongruência, a inconstitucionalidade, etc.

A tarefa do legislador é delicada. A generalidade, a abstração e o efeito vinculante que caracterizam a lei revelam não só a grandeza, mas também a problemática que marcam a atividade legislativa. A despeito dos cuidados tomados na feitura da lei (os estudos minudentes, os prognósticos realizados com base em levantamentos cuidadosos, etc.), não há como deixar de caracterizar o seu afazer como uma experiência. Trata-se, porém, da mais difícil das experiências, a "experiência com o destino humano" (JAHRREIS, 1953, p. 5).

Essas peculiaridades do processo de elaboração normativa foram percebidas por Victor Nunes Leal:

---

[7] Antes, quanto à ação direta de inconstitucionalidade por omissão, o Supremo Tribunal Federal entendia que não haveria omissão inconstitucional do legislador caso desencadeado o processo legislativo (BRASIL, 2002d). No entanto, em 2007, o Supremo Tribunal Federal passou a reconhecer a mora legislativa no caso da Lei Complementar prevista no art. 18, § 4º, da Constituição, fixando o prazo de 18 meses para a disciplina legislativa (BRASIL, 2007a). Quanto ao mandado de injunção, o caso paradigmático envolvia o pleito de um oficial do Exército quanto à prestação de serviço temporário em que a postura do Supremo Tribunal Federal foi apenas a de reconhecer a inconstitucionalidade e requerer providências ao legislador (BRASIL, 1989). No entanto, a jurisprudência foi revista para estipular prazo para que fosse sanada a lacuna legislativa sob pena de pleito judicial de indenização por perdas e danos (BRASIL, 1991). Em outro caso, o Supremo Tribunal Federal reconheceu que, passados seis meses sem que o Congresso Nacional editasse a lei, o requerente passaria a gozar da imunidade (BRASIL, 1992). Houve, ainda, o reconhecimento da aplicação analógica da Lei nº 8.213, de 1991, art. 57, § 1º, para regular o disposto no § 4º do art. 40 da Constituição (BRASIL, 2010c). No entanto, a mudança paradigmática sobre o tema ocorreu de fato no julgamento do Mandado de Injunção nº 670, em que o Supremo Tribunal Federal alterou seu entendimento para uma solução normativa concreta quanto ao direito de greve dos servidores públicos (BRASIL, 2007b).

> Tal é o poder da lei que a sua elaboração reclama precauções severíssimas. Quem faz a lei é como se estivesse acondicionando materiais explosivos. As consequências da imprevisão e da imperícia não serão tão espetaculares, e quase sempre só de modo indireto atingirão o manipulador, mas podem causar danos irreparáveis. (LEAL, 1960, p. 7-8)

Os riscos envolvidos na elaboração normativa exigem cautela daqueles que se ocupam desse processo. Eles estão obrigados a colher informações variadas sobre a matéria que deve ser regulada e a realizar uma pesquisa que não pode ficar limitada a aspectos estritamente jurídicos. É necessário realizar minuciosa investigação nos âmbitos legislativo, doutrinário e jurisprudencial. A análise da repercussão econômica, social e política do ato legislativo é igualmente imprescindível. Somente a realização dessa pesquisa, que demanda a utilização de conhecimentos interdisciplinares, poderá fornecer elementos seguros para a escolha dos meios adequados para atingir os fins almejados.

A utilização de fórmulas obscuras ou criptográficas, motivadas por razões políticas ou de outra ordem, contraria princípios básicos do próprio Estado de Direito, como os da segurança jurídica e os postulados de clareza e de precisão da norma jurídica (DEGENHART, 1987, p. 102).

13.2 Funções das normas jurídicas

No Estado de Direito, as normas jurídicas cumprem a tarefa de concretizar a Constituição. Elas devem criar os fundamentos de justiça e de segurança que assegurem um desenvolvimento social harmônico em um contexto de paz e de liberdade.

Esses complexos objetivos da norma jurídica são expressos nas funções:

a) de integração: a lei cumpre função de integração ao compensar as diferenças jurídico-políticas no quadro de formação da vontade do Estado (desigualdades sociais, regionais, etc.);
b) de planificação: a lei é o instrumento básico de organização, de definição e de distribuição de competências;
c) de proteção: a lei cumpre função de proteção contra o arbítrio ao vincular os próprios órgãos do Estado;
d) de regulação: a lei cumpre função reguladora ao direcionar condutas por meio de modelos; e
e) de inovação: a lei cumpre função de inovação na ordem jurídica e no plano social (HILL, 1982, p. 22).

13.3 O Caráter subsidiário da atividade legislativa

É certo que a lei exerce um papel deveras relevante na ordem jurídica do Estado de Direito. Assinale-se, porém, que os espaços não ocupados pelo legislador não são dominados pelo caos ou pelo arbítrio.

Embora a competência para editar normas, no tocante à matéria, quase não conheça limites (*universalidade da atividade legislativa*), a atividade legislativa é, e deve continuar sendo, uma atividade subsidiária. Significa dizer que o exercício da atividade legislativa está submetido ao *princípio da necessidade*, isto é, que a promulgação de leis supérfluas ou iterativas configura abuso do poder de legislar (PESTALOZZA, 1981, p. 2082-2083). É que a *presunção de liberdade*, que lastreia o Estado de Direito democrático, pressupõe um *regime legal mínimo*, que não reduza ou restrinja, imotivada ou desnecessariamente, a liberdade de ação no âmbito social. As leis hão de ter, pois, um *fundamento objetivo*, devendo mesmo ser reconhecida a inconstitucionalidade das normas que estabelecem restrições dispensáveis.[8]

13.4 Vinculação normativa do legislador e controle de constitucionalidade

A atividade legislativa deve ser exercida conforme as normas constitucionais (Constituição, art. 1º, parágrafo único, e art. 5º). Da mesma forma, o poder regulamentar (Cosntituição, art. 84, *caput*, inciso IV) deve ser exercido dentro dos limites estabelecidos pela lei. Isso significa que a ordem jurídica não tolera contradições entre normas jurídicas, ainda que situadas em planos diversos.

Apesar disso, os limites normativos não são sempre observados. Fatores políticos, razões econômico-financeiras ou questões de outra índole, às vezes, podem prevalecer no processo legislativo com a aprovação de leis inconstitucionais ou de regulamentos ilegais. No entanto, a aprovação da lei não garante sequer a sua aplicação, pois é muito provável que as questões controvertidas sejam submetidas ao Poder Judiciário.

A Constituição de 1988 ampliou as possibilidades de questionar a constitucionalidade das leis e dos atos normativos do Poder Púbico. O constituinte preservou o sistema de controle incidental de normas para permitir que qualquer juiz ou tribunal afastasse a aplicação da lei inconstitucional no caso concreto.

Além de manter o controle de constitucionalidade difuso, o constituinte ampliou, de forma significativa, o chamado controle abstrato de normas. Em primeiro lugar, criou a ação declaratória de constitucionalidade – ADC (Emenda Constitucional nº 3, de 17 de março de 1993). Em segundo lugar, ampliou o rol de legitimados a propositura de ações no controle concentrado de constitucionalidade (Emenda Constitucional nº 45, de 30 de dezembro de 2004). Antes, o controle abstrato de normas só poderia ser iniciado pelo Procurador-Geral da República. Com a nova redação constitucional, podem propor a Ação Direta de Inconstitucionalidade e a Ação Direta de Constitucionalidade os seguintes órgãos ou autoridades:

a) Presidente da República;
b) Mesa do Senado Federal;
c) Mesa da Câmara dos Deputados;
d) Mesa de Assembleia Legislativa ou da Câmara Legislativa do Distrito Federal;
e) Governador de Estado ou do Distrito Federal;
f) Procurador-Geral da República;
g) Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil;
h) partido político com representação no Congresso Nacional; e
i) confederação sindical ou entidade de classe de âmbito nacional.

---

[8] Sobre o assunto, cf. as decisões da Corte Constitucional Alemã (BverfGE,17,306 (313); 55, 159 (165)).

Tal como a Constituição de 1967/1969 (art. 119, *caput*, inciso I, alínea “p”), a Constituição de 1988 (art. 102, *caput*, inciso I, alínea “p”) outorgou ao Supremo Tribunal Federal a competência para conceder medida cautelar nas ações diretas de inconstitucionalidade. Assim, o Supremo Tribunal Federal poderá suspender, liminarmente, a execução de ato normativo, caso considere presentes os pressupostos relativos à plausibilidade jurídica da arguição (fumaça do bom direito) e à possibilidade de que a aplicação da lei venha acarretar danos irreparáveis ou de difícil reparação (perigo da demora). Outrossim, o STF entendeu possível a concessão de liminar nas ações declaratórias de, apesar de não estar expresso na Constituição (BRASIL, 1998b).

Posteriormente, a Lei nº 9.882, de 3 de dezembro de 1999, que regulamentou o art. 102, § 1º, da Constituição, instituiu a arguição de descumprimento de preceito fundamental, cabível quando houver relevante fundamento em controvérsia constitucional, sobre lei ou ato normativo federal, estadual, distrital ou municipal, incluídos os anteriores à Constituição, e não houver qualquer outro meio eficaz para sanar a lesividade. Diz-se, por isso, tratar-se de uma ação subsidiária.

Com o advento da Emenda Constitucional nº 45, de 2004, foi criada a súmula vinculante (Constituição, art. 103-A). Após reiteradas decisões sobre a matéria constitucional, por voto de dois terços dos membros do Supremo Tribunal Fedeal, poderá ser editada súmula que, a partir de sua publicação na imprensa oficial, terá efeito vinculante em relação aos demais órgãos do Poder Judiciário e às administrações públicas direta e indireta, nas esferas federal, estadual e municipal. A delimitação e as formas de sua revisão ou cancelamento foram dadas pela Lei nº 11.417, de 19 de dezembro de 2006.

O controle de constitucionalidade recomenda a todos os partícipes do processo de elaboração de leis cautela no exame da constitucionalidade das proposições normativas. Mesmo aqueles que se orientam por parâmetros de índole marcadamente pragmática devem estar advertidos de que, já do prisma estritamente prático, eventual ofensa à Constituição não deverá trazer qualquer utilidade, pois é possível que se suspenda a eficácia do dispositivo questionado antes mesmo de sua aplicação.

14 Requisitos da elaboração normativa

Alguns princípios constitucionais balizam a formulação das disposições normativas. Algumas orientações para a elaboração normativa podem ser inferidas a partir do princípio do Estado de Direito. Nesse sentido, as normas jurídicas devem ser dotadas de alguns atributos, como precisão ou determinabilidade, clareza e densidade suficiente (CANOTILHO, 2003) para permitir a definição do objeto da proteção jurídica e o controle de legalidade da ação administrativa.

14.1 Clareza e determinação das normas

O princípio da segurança jurídica, elemento fundamental do Estado de Direito, exige que as normas sejam precisas e claras para que o destinatário das disposições possa identificar a nova situação jurídica e as consequências que dela decorrem.

As formulações obscuras, imprecisas, confusas ou contraditórias devem ser evitadas.

14.2 Princípio da reserva legal

A Constituição consagra, em seu art. 37, a ideia de que a administração pública está submetida, dentre outros princípios, ao da legalidade, que abrange postulados de supremacia da lei e o princípio da reserva legal.

A supremacia da lei expressa a vinculação da administração pública ao Direito, o postulado de que o ato administrativo que contraria norma legal é inválido. Esse princípio está sintetizado na Constituição (art. 5º, *caput*, inciso II) pela fórmula: "Ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei."

Os postulados do Estado de Direito (art. 1º) e o princípio da reserva legal (art. 5º, *caput*, inciso II) impõem que as decisões normativas fundamentais sejam tomadas diretamente pelo legislador.

14.2.1 Reserva legal qualificada

Além do princípio da legalidade, consagrado no art. 5º, *caput*, inciso II, da Constituição, o texto constitucional exige, de forma expressa, que algumas providências sejam precedidas de específica autorização legislativa, vinculada à determinada situação ou destinada a atingir determinado objetivo (reserva legal qualificada).

Assim, a Constituição estabelece, em seu art. 5º, XIII, ser "*livre o exercício de qualquer trabalho, ofício ou profissão, atendidas as qualificações profissionais que a lei estabelecer*". Pode, no entanto, o legislador infraconstitucional impor restrições ao exercício de determinadas profissões se não "atendidas as qualificações profissionais que a lei estabelecer", mas sempre com objetivo de evitar algum dano social decorrente do exercício da profissão por pessoa sem qualificação. Já decidiu o Supremo Tribunal Federal que "Essa limitação há que ser posta, entretanto sempre, com vistas ao interesse público. Nunca aos interesses de grupos profissionais"(BRASIL, 2011b).

Da mesma, forma, consagra-se no art. 5º, XXIII, que "*a propriedade atenderá a sua função social*". Eventuais restrições à liberdade de exercício profissional somente podem ser levadas a efeito no tocante às qualificações profissionais. Assim, as restrições ao direito de propriedade somente se legitimam, igualmente, se tiverem por escopo assegurar a sua função social.

14.2.2 Princípio da legalidade nos âmbitos penal, tributário e administrativo

A Constituição consagra, no art. 5º, *caput*, inciso XXXIX, exigência expressa de previsão legal para a definição de crime e a cominação de pena, e proíbe a retroatividade da lei penal (Constituição, art. 5º, *caput*, inciso XL). Exige que o crime seja previsto em lei escrita e veda a utilização de analogia em relação às normas incriminadoras, e o emprego de fórmulas vagas ou indeterminadas.

Da mesma forma, segundo a Constituição, art.150, a instituição ou a elevação de tributos somente pode ocorrer por lei formal – princípio da legalidade (COELHO, 2006, p.280-281).

Tem-se, ainda, outras hipóteses de reserva legal qualificada, entre as quais cabe destacar a reserva legal em matéria de Direito Administrativo (art. 37, *caput*), como suas derivações tais quais a reserva legal em fixação de remuneração (art. 37, inciso X), criação de entidades (art. 37, inciso XIX), criação de cargos (art. 61, § 1º, inciso II, alínea “a”) ou criação de órgãos (art. 61, § 1º, inciso II, alínea “e”).

14.2.3 Reserva legal e princípio da proporcionalidade

A simples existência de lei não é suficiente para legitimar a intervenção no âmbito dos direitos e das liberdades individuais. É preciso também que as restrições sejam proporcionais, isto é, que sejam *adequadas e justificadas pelo interesse público* e atendam *ao critério de razoabilidade* (BRASIL, 1976). Em outros termos, tendo em vista a observância ao princípio da proporcionalidade, cabe analisar não só a legitimidade dos objetivos do legislador, mas também a adequação dos meios empregados, a necessidade de sua utilização, e a *razoabilidade*, isto é, a ponderação entre a restrição a ser imposta aos cidadãos e os objetivos pretendidos (MENDES, 1990, p. 48; CASTRO, 1989. p. 153).

14.2.4 Densidade da norma

O princípio da reserva legal exige não só expressa autorização legislativa para intervenção no âmbito dos direitos individuais, mas pressupõe também que a previsão legal contenha uma disciplina suficientemente concreta (densa, determinada) (CANOTILHO, 2003, p. 258). É essa *densidade suficiente* que, de um lado, há de definir as posições juridicamente protegidas e, de outro, pautar a ação do Estado.

A exigência relativa à adequada densidade da norma tem especial importância no âmbito do Direito Penal, pois eventual incriminação vaga ou imprecisa de certos fatos poderia reduzir a segurança jurídica, nulificando a garantia que se pretende alcançar com o princípio da reserva legal.

14.2.5 A lei e o respeito ao direito adquirido, ao ato jurídico perfeito e à coisa julgada

A Constituição diz, no art. 5º, *caput,* inciso XXXVI, que “a lei não prejudicará o direito adquirido, o ato jurídico perfeito e a coisa julgada”. Trata-se de postulado fundamental de segurança jurídica, pedra angular do Estado de Direito. Com a consagração dessa fórmula, o constituinte impõe que o legislador não só respeite as situações jurídicas individuais consolidadas, mas que também preserve os efeitos que se prolonguem. Da mesma forma, exige que a lei respeite a coisa julgada, abrangida tanto a coisa julgada formal, que impede a discussão da questão decidida no mesmo processo, quanto à coisa julgada material, que obsta à discussão da questão decidida em outro processo (MIRANDA, 1987; BASTOS, 1990, p. 199).

14.2.6 As remissões legislativas

A remissão constitui técnica legislativa conhecida. Enquanto a remissão à norma de um mesmo texto legislativo não se afigura problemática (*remissão interna*), as remissões a outros textos legislativos (*remissão externa*) são passíveis de sofrer objeções de índole constitucional, pois podem afetar a clareza e precisão da norma jurídica (HILL, 1982. p. 115. BIELSA, 1987. p. 223). Particularmente problemáticas afiguram-se as *remissões encadeadas*, isto é, a remissão a dispositivos que, por sua vez, remetem a outras proposições.

A remissão pura e simples a disposições constantes de outra lei pode preparar dificuldades adicionais, uma vez que, em caso de revogação ou alteração do texto a que se fez referência, subsistirá, quase inevitavelmente, a dúvida sobre o efetivo conteúdo da norma (HILL, 1982. p. 115. BIELSA, 1987. p. 223).

Recomenda-se, por isso, que, se as remissões forem inevitáveis, sejam elas formuladas de tal modo que permitam ao intérprete apreender o seu sentido sem ter de compulsar o texto referido.

Acentue-se, ademais, que a remissão a atos secundários, como regulamentos ou portarias, pode configurar afronta aos princípios da reserva legal e da independência entre os poderes.

Por fim, deve-se indicar expressamente o dispositivo objeto de remissão interna, em vez de usar as expressões *“anterior”*, *“seguinte”* ou equivalentes.

15 Desenvolvimento de uma lei

15.1 Considerações preliminares

A atividade legislativa não constitui um sistema linear e unidimensional em que os atores procedem de forma previsível ou planejada. Ao contrário, a atividade legislativa é formada por um conjunto de interesses diferenciados e de relações de força no complexo campo político (HILL, 1982, p. 53). Embora os procedimentos relacionados com a formação da lei estejam previstos de modo mais ou menos detalhado na Constituição, a metodologia empregada na elaboração das leis não observa, necessariamente, um programa previamente definido. É possível, todavia, fixar planos para a elaboração legislativa, como ocorre, normalmente, nos Planos de Governo, nos quais se estabelecem as diretrizes para a legislatura futura.

Não obstante, nem tudo pode ser planejado. Muitas iniciativas, no plano legislativo, são determinadas por circunstâncias ou eventos imprevistos ou imprevisíveis, que exigem uma pronta ação do legislador. Assim, apesar de toda a boa vontade e a organização, não é possível planejar, de forma absolutamente satisfatória, a ação legislativa. Conclui-se que a impossibilidade de um planejamento rigoroso da atividade legislativa acaba por fazer com que o desenvolvimento da lei dependa, não raras vezes, de impulsos isolados.

Os impulsos de índole jurídica devem ser diferenciados daqueles de caráter marcadamente político. Os primeiros decorrem, normalmente, de uma exigência expressamente estabelecida na Constituição, isto é, de um dever constitucional de legislar. Alguns exemplos de deveres impostos ao legislador podem ser mencionados:

a) Constituição, art. 5º, *caput*, inciso XXIX:

> [...] a lei assegurará aos autores de inventos industriais privilégio temporário para sua utilização, bem como proteção às criações industriais, à propriedade das marcas, aos nomes de empresas e a outros signos distintivos, tendo em vista o interesse social e o desenvolvimento tecnológico e econômico do País.

b) Constituição, art. 5º, *caput*, inciso XXXII:

> [...] o Estado promoverá, na forma da lei, a defesa do consumidor.

c) Constituição, art. 7º:

> São direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, além de outros que visem à melhoria de sua condição social:
> I – relação de emprego protegida contra despedida arbitrária ou sem justa causa, nos termos de lei complementar, que preverá indenização compensatória, dentre outros direitos;
> [...]
> IV – salário mínimo, fixado em lei, nacionalmente unificado, capaz de atender a suas necessidades vitais básicas e às de sua família, com moradia, alimentação, educação, saúde, lazer, vestuário, higiene, transporte e previdência social, com reajustes periódicos que lhe preservem o poder aquisitivo, sendo vedada sua vinculação para qualquer fim;
> [...]
> XI – participação nos lucros, ou resultados, desvinculada da remuneração, e, excepcionalmente, participação na gestão da empresa, conforme definido em lei.

Às vezes, um dever constitucional de legislar pode se derivar de princípios gerais consagrados na Constituição, como os postulados da democracia, do Estado de Direito e Social e da Dignidade da Pessoa Humana. Outras vezes, esse dever torna-se manifesto em decorrência de uma decisão judicial do Supremo Tribunal Federal nos processos de mandado de injunção ou de ação direta de controle da omissão (Constituição, art. 5º, *caput*, inciso LXXI, e art. 103, § 2º).

A decisão política de deflagrar o processo legislativo decorre, muitas vezes, de iniciativas de órgãos da sociedade civil, tais como:

a) as resoluções aprovadas nas convenções partidárias;
b) as propostas formuladas por associações, órgãos de classe, sindicatos, igrejas etc.; e
c) a discussão nos órgãos de opinião pública.

15.2 O processo legislativo interno

Além do processo legislativo disciplinado na Constituição (processo legislativo externo), a doutrina identifica o chamado processo legislativo interno, que se refere à forma de fazer adotada para a tomada da decisão legislativa.

Apesar de sua relativa informalidade, o processo legislativo interno traduz um esforço de racionalização dos procedimentos de decisão, uma exigência do próprio Estado de Direito. A doutrina esforça-se por identificar o roteiro básico observado na definição de uma decisão legislativa.

15.2.1 Identificação e definição do problema

Antes de decidir sobre as providências a serem tomadas, é essencial identificar o problema a ser enfrentado. Realizada a identificação do problema em decorrência de impulsos externos (manifestações de órgãos de opinião pública, críticas de segmentos especializados) ou graças à atuação dos mecanismos próprios de controle, o problema deve ser delimitado de forma precisa. A reunião de informações exatas sobre uma situação considerada inaceitável ou problemática é imprescindível para evitar a construção de falsos problemas (HILL, 1982, p. 62) e para afastar o perigo de uma avaliação errônea (superestimação ou subestimação).

15.2.2 Análise da situação questionada e de suas causas

A complexidade do processo de elaboração de lei e as consequências que podem advir do ato legislativo exigem que a instauração do processo de elaboração normativa seja precedida de rigorosa análise dos fatos relevantes (apontamento das distorções existentes e as suas eventuais causas); do exame de todo o complexo normativo em questão (análise de julgados, pareceres, críticas doutrinárias, etc.); e de levantamento de dados sobre a questão (audiência de entidades representativas e dos atingidos ou afetados pelo problema etc.) (NOLL, 1971).

A análise da situação questionada deve contemplar as causas ou o complexo de causas que eventualmente determinaram ou contribuíram para o seu desenvolvimento. Essas causas podem ter influências diversas, tais como condutas humanas, desenvolvimentos sociais ou econômicos, influências da política nacional ou internacional, consequências de novos problemas técnicos, efeitos de leis antigas, mudanças de concepção etc. (HILL, 1982).

15.2.3 Definição dos objetivo pretendidos

Para verificar a adequação dos meios a serem utilizados, deve-se realizar uma análise dos objetivos que se esperam com a aprovação da proposta. A ação do legislador, nesse âmbito, não difere, fundamentalmente, da atuação do homem comum, que se caracteriza mais por saber exatamente o que não quer, sem precisar o que efetivamente pretende.

A avaliação emocional dos problemas, a crítica generalizada e, às vezes, irrefletida sobre o estado de coisas dominante acabam por permitir que predominem as soluções negativistas, que têm por escopo, fundamentalmente, suprimir a situação questionada sem contemplar, de forma detida e racional, as alternativas possíveis ou as causas determinantes desse estado de coisas negativo. Outras vezes, deixa-se orientar por sentimento inverso, buscando, pura e simplesmente, a preservação do *status quo*.

Essas duas posições podem levar, nos seus extremos, a uma imprecisa definição dos objetivos. A definição da decisão legislativa deve ser precedida de uma rigorosa avaliação das alternativas existentes, seus prós e contras. A existência de diversas alternativas para a solução do problema não só amplia a liberdade do legislador, como também permite a melhoria da qualidade da decisão legislativa.

15.2.4 Crítica das propostas

Antes de decidir sobre a alternativa a ser positivada, devem-se avaliar e contrapor as alternativas existentes sob dois pontos de vista:

a) De uma perspectiva puramente objetiva: verificar se a análise sobre os dados fáticos e prognósticos se mostra consistente;
b) De uma perspectiva axiológica: aferir, com a utilização de critérios de probabilidade (prognósticos), se os meios a serem empregados mostram-se adequados a produzir as consequências desejadas. Devem-se contemplar, igualmente, as suas deficiências e os eventuais efeitos colaterais negativos (NOLL, 1971; HILL, 1982).

A crítica das proposições formuladas deve questionar se as medidas a implementar são compatíveis com o princípio da proporcionalidade, o qual exige que a intervenção no âmbito do direito individual seja não só indispensável, mas também adequada e razoável[9]. É exatamente a observância do princípio da proporcionalidade que recomenda que, no conjunto de alternativas existentes, seja eleita aquela que, embora tenha a mesma efetividade, afete de forma menos intensa a situação individual.

Na avaliação das alternativas, não se devem perder de vista aspectos relevantes da aplicação e da execução da lei (análises das repercussões econômico-financeiras, exame da relação custo-benefício, testes e experimentos relacionados com as possíveis consequências da aplicação do novo modelo legal, etc.).

Na comparação das alternativas, deve-se dar preferência àquelas que se mostrem compatíveis com todo o sistema jurídico (harmonia com o sistema jurídico).

Finalmente, compete avaliar o grau de aceitabilidade pelos cidadãos das medidas propostas e de sua factibilidade ou exequibilidade. A possibilidade de resistência séria contra a aplicação de determinada norma por parte dos eventuais atingidos e a probabilidade de que ela venha a ser objeto de impugnações judiciais fundadas devem ser levadas em conta na formulação das proposições normativas.

15.2.5 Controle de resultados

O processo de decisão normativa estará incompleto caso se entenda que a tarefa do legislador se encerre com a edição do ato normativo. Uma planificação mais rigorosa do processo de elaboração normativa exige um cuidadoso controle das diversas consequências produzidas pelo novo ato normativo.

Mencionem-se algumas formas de controle posterior dos resultados da lei:

a) afirma-se, ordinariamente, que o legislador está submetido não só ao dever de legislar, mas também a um dever geral de aferição e de adequação dos atos legislativos já em vigor. Esse dever de adequação manifesta-se, especialmente, naquelas decisões legislativas tomadas com base em prognósticos ou em juízos de probabilidade, tal como ocorre com os planos econômicos e com as leis que disciplinam realidades técnico-científicas;

b) outra forma convencional de controle são os chamados relatórios de experiências, elaborados para avaliar e sistematizar os resultados e as experiências colhidos com a aplicação da lei. No tocante à execução orçamentária, o próprio constituinte estabeleceu exigência de elaboração e de publicação de relatório circunstanciado (Constituição, art. 165, § 3º). A elaboração desses relatórios pode ser prevista, igualmente, em lei ou ser requerida por iniciativa parlamentar (Constituição, art. 58, § 2º, inciso III);

c) a análise das decisões judiciais, proferidas no âmbito do controle judicial da constitucionalidade das leis e da legitimidade dos atos administrativos, permite, igualmente, aferir os resultados obtidos na aplicação e na execução da lei;

d) outras modalidades de controle devem ser contempladas, tais como as críticas científicas, as manifestações dos cidadãos, por meio de órgãos de representação ou isoladamente, críticas de órgãos de imprensa etc.;

---

[9] Sobre o assunto ver subitítulo “14.2.3 Reserva legal e princípio da proporcionalidade”.

A falta de um efetivo controle de resultados pode ensejar a configuração de inconstitucionalidade por omissão, uma vez que o legislador está obrigado a realizar a atualização e a adequação permanentes das normas.

15.3 Elaboração de atos normativos no âmbito do Poder Executivo federal

Devem ser examinadas, sobretudo, as questões apresentadas no Anexo ao Decreto nº 9.191, de 2017:

QUESTÕES A SEREM ANALISADAS QUANDO DA ELABORAÇÃO DE ATOS NORMATIVOS NO ÂMBITO DO PODER EXECUTIVO FEDERAL

Diagnóstico

1 Alguma providência deve ser tomada?

1.1 Qual é o objetivo pretendido?

1.2 Quais foram as razões que determinaram a iniciativa?

1.3 Neste momento, como se apresenta a situação no plano fático e no plano jurídico?

1.4 Que falhas ou distorções foram identificadas?

1.5 Que repercussões tem o problema que se apresenta no âmbito da economia, da ciência, da técnica e da jurisprudência?

1.6 Qual é o conjunto de destinatários alcançados pelo problema e qual é o número de casos a resolver?

1.7 O que poderá acontecer se nada for feito? (Exemplo: o problema se agravará? Permanecerá estável? Poderá ser superado pela própria dinâmica social, sem a intervenção do Estado? Com que consequências?)

Alternativas

2 Quais são as alternativas disponíveis?

2.1 Qual foi o resultado da análise do problema? Onde se situam as causas do problema? Sobre quais causas pode incidir a ação que se pretende executar?

2.2 Quais são os instrumentos da ação que parecem adequados para alcançar os objetivos pretendidos, no todo ou em parte? (Exemplo: medidas destinadas à aplicação e à execução de dispositivos já existentes; trabalhos junto à opinião pública; amplo entendimento; acordos; investimentos; programas de incentivo; auxílio para que os próprios destinatários alcançados pelo problema envidem esforços que contribuam para sua resolução; instauração de processo judicial com vistas à resolução do problema.)

2.3 Quais instrumentos de ação parecem adequados, considerando-se os seguintes aspectos:

2.3.1 desgastes e encargos para os cidadãos e a economia;

2.3.2 eficácia (precisão, grau de probabilidade de consecução do objetivo pretendido);

2.3.3 custos e despesas para o orçamento público;

2.3.4 efeitos sobre o ordenamento jurídico e sobre as metas já estabelecidas;

2.3.5 efeitos colaterais e outras consequências;

2.3.6 entendimento e aceitação por parte dos interessados e dos responsáveis pela execução; e

2.3.7 possibilidade de impugnação no Poder Judiciário.

Competência legislativa

3 A União deve tomar alguma providência? A União dispõe de competência constitucional ou legal para fazê-lo?

3.1 Trata-se de competência privativa?

3.2 Trata-se de caso de competência concorrente?

3.3 Na hipótese de competência concorrente, a proposta está formulada de modo que assegure a competência substancial do Estado-membro?

3.4 A proposta não apresenta formulação extremamente detalhada que acaba por exaurir a competência estadual?

3.5 A matéria é de fato de iniciativa do Poder Executivo federal? Ou estaria ela afeta à iniciativa exclusiva do Supremo Tribunal Federal, dos Tribunais Superiores, do Procurador-Geral da República ou do Defensor-Geral da União?

Necessidade de lei

4 Deve ser proposta edição de lei?

4.1 A matéria a ser regulada está submetida ao princípio da reserva legal?

4.2 Por que a matéria deve ser submetida ao Congresso Nacional?

4.3 Se não for o caso de se propor edição de lei, a matéria deve ser disciplinada por decreto? Por que não seria suficiente portaria?

4.4 Existe fundamento legal suficiente para a edição de ato normativo secundário? Qual?

Reserva legal

5 Estão sendo utilizadas fórmulas legais excessivamente genéricas?

5.1 Configura-se violação ao princípio da legalidade?

5.2 Há conteúdo abdicatório ou demissionário na norma proposta?

5.3 Configura-se violação ao princípio da legalidade?

5.4 Está havendo indevida delegação legislativa?

Norma temporária

6 A norma deve ter prazo de vigência limitado?

6.1 Seria o caso de editar norma temporária?

Medida provisória:

7 Deve ser proposta a edição de medida provisória?

7.1 O que acontecerá se nada for feito de imediato?

7.2 A proposta pode ser submetida ao Congresso Nacional sob a forma de projeto de lei em regime de urgência (art. 64, § 1º, da Constituição)?

7.3 Trata-se de matéria que pode ser objeto de medida provisória, tendo em vista as vedações estabelecidas no § 1º do art. 62 e no art. 246 da Constituição?

7.4 Estão caracterizadas a relevância e a urgência necessárias?

7.5 Em se tratando da abertura de crédito extraordinário, está atendido o requisito da imprevisibilidade?

Oportunidade do ato normativo

8 O momento é oportuno?

8.1 Quais são as situações-problema e os outros contextos correlatos que devem ainda ser considerados e pesquisados? Por que, então, deve ser tomada alguma providência neste momento?

8.2 Por que não podem ser aguardadas outras alterações necessárias, que se possam prever, para que sejam contempladas em um mesmo ato normativo?

Densidade do ato normativo

9 A densidade que se pretende conferir ao ato normativo é a apropriada?

9.1 A proposta de ato normativo está isenta de disposições programáticas, simbólicas, discursivas ou expletivas?

9.2 É possível e conveniente que a densidade da norma (diferenciação e detalhamento) seja flexibilizada por fórmulas genéricas (tipificação e utilização de conceitos jurídicos indeterminados ou atribuição de competência discricionária)?

9.3 Os detalhes ou eventuais alterações podem ser confiados ao poder regulamentar da União ou de outros entes federativos?

9.4 A matéria já não teria sido regulada em outras disposições de hierarquia superior (regras redundantes que poderiam ser evitadas)? Por exemplo, em:

9.4.1 tratado aprovado pelo Congresso Nacional;

        - 9.4.2 lei federal, em relação a regulamento; ou
        - 9.4.3 regulamento, em relação a portaria.
    - 9.5 Quais são as regras já existentes que serão afetadas pela disposição pretendida? São regras dispensáveis?

Direitos fundamentais

- 10 As regras propostas afetam direitos fundamentais? As regras propostas afetam garantias constitucionais?
    - 10.1 Os direitos de liberdade podem ser afetados?
        - 10.1.1 Direitos fundamentais especiais podem ser afetados?
        - 10.1.2 Qual é o âmbito de proteção do direito fundamental afetado?
        - 10.1.3 O âmbito de proteção sofre restrição?
        - 10.1.4 A proposta preserva o núcleo essencial dos direitos fundamentais afetados?
        - 10.1.5 Cuida-se de direito individual submetido a simples reserva legal?
        - 10.1.6 Cuida-se de direito individual submetido a reserva legal qualificada?
        - 10.1.7 Qual seria o outro fundamento constitucional para a aprovação da lei? (Exemplo: regulação de colisão de direitos.)
        - 10.1.8 A proposta não abusa de formulações genéricas? (Exemplo: conceitos jurídicos indeterminados.)
        - 10.1.9 A fórmula proposta não se afigura extremamente casuística?
        - 10.1.10 Observou-se o princípio da proporcionalidade ou do devido processo legal substantivo?
        - 10.1.11 Pode o cidadão prever e aferir as limitações ou os encargos que lhe poderão advir?
        - 10.1.12 As normas previstas preservam o direito aos princípios do contraditório e da ampla defesa no processo judicial e administrativo?
    - 10.2 Os direitos de igualdade foram afetados?
        - 10.2.1 Observaram-se os direitos de igualdade especiais? (Exemplo: proibição absoluta de diferenciação)
        - 10.2.2 O princípio geral de igualdade foi observado?
        - 10.2.3 Quais são os pares de comparação?
        - 10.2.4 Os iguais foram tratados de forma igual e os desiguais de forma desigual?
        - 10.2.5 Existem razões que justifiquem as diferenças decorrentes ou da natureza das coisas ou de outros fundamentos de índole objetiva?
        - 10.2.6 As diferenças existentes justificam o tratamento diferenciado? Os pontos em comum legitimam o tratamento igualitário?

10.3 A proposta pode afetar situações consolidadas? Há ameaça de ruptura ao princípio de segurança jurídica?

    10.3.1 Observou-se o princípio que determina a preservação de direito adquirido?

    10.3.2 A proposta pode afetar ato jurídico perfeito?

    10.3.3 A proposta contém possível afronta à coisa julgada? ”

    10.3.4 Trata-se de situação jurídica suscetível de mudança? (Exemplos: institutos jurídicos, situações estatutárias, garantias institucionais.)

    10.3.5 Seria recomendável a adoção de cláusula de transição entre o regime vigente e o regime proposto?

Norma penal

11.1 Trata-se de norma de caráter penal?

    11.1.1 O tipo penal está definido de forma clara e objetiva?

    11.1.2 A norma penal é necessária? Não seria mais adequado e eficaz a previsão da conduta apenas como ilícito administrativo?

    11.1.3 A proposta respeita a irretroatividade?

    11.1.4 A pena proposta é compatível com outras figuras penais existentes no ordenamento jurídico?

    11.1.5 Tem-se agravamento ou melhoria da situação do destinatário da norma?

    11.1.6 Trata-se de pena mais grave?

    11.1.7 Trata-se de norma que gera a despenalização da conduta?

    11.1.8 Eleva-se ou reduz-se o prazo de prescrição do crime?

Norma tributária

12 Pretende-se instituir ou aumentar tributo? Qual é o fundamento constitucional?

12.1 Está sendo respeitado a estrita legalidade tributária de que trata o art. 150, *caput*, inciso I, da Constituição?

12.2 Há definição clara de todos os elementos da obrigação tributária? Qual a hipótese de incidência, a base de cálculo, o sujeito passivo e as consequências no caso de não pagamento ou de pagamento em atraso?

12.3 A lei afeta fatos geradores ocorridos antes de sua vigência (lei retroativa)?

12.4 A cobrança de tributos será realizada no mesmo exercício financeiro da publicação da lei?

12.5 O princípio da imunidade recíproca está sendo observado?

12.6 As demais imunidades tributárias foram observadas?

12.7 Há disposição que assegure o princípio da anterioridade (cobrança somente a partir do exercício financeiro seguinte ao da publicação) e o princípio da anterioridade especial (cobrança apenas após noventa dias, contados da data da publicação)?

12.8 No caso de imposto instituído ou majorado por medida provisória:, foi observado que o ato só produzirá efeitos no exercício financeiro seguinte se aprovada a medida provisória até o último dia daquele exercício em que foi editada?

12.9 O tributo que se pretende instituir tem caráter confiscatório?

12.10 No caso de taxa, cuida-se de exação a ser cobrada em razão do exercício de poder de polícia ou da prestação de serviço público específico e divisível prestados ou postos à disposição do contribuinte? Há equivalência razoável entre o custo da atividade estatal e a prestação cobrada?

Norma de regulação profissional

13 Existe necessidade social da regulação profissional?

13.1 Quais danos concretos para a vida, a saúde ou a ordem social podem advir da ausência de regulação profissional?

13.2 A limitação para o "livre exercício de qualquer trabalho, ofício ou profissão" (art. 5º, inciso XIII, da Constituição), é realmente necessária?

13.3 As exigências de qualificação profissional ou de registro em conselho profissional decorrem de necessidade da sociedade ou são tentativa de fechar o mercado?

13.4 É necessária a inscrição em conselho profissional?

13.4.1 Precisa-se criar novo conselho profissional? Não bastaria aproveitar a estrutura de conselho profissional já existente?

13.4.2 O conselho profissional exercerá efetiva fiscalização do trabalho prestado pelos inscritos ou se limitará ao controle formal do registro?

13.5 Há clareza na delimitação da área de atuação privativa da profissão regulamentada? Não se está incluindo atividades que podem ser exercidas por outras profissões regulamentadas ou por qualquer pessoa?

13.6 Com quais outras profissões, regulamentadas ou não, há possibilidade de conflito de área de atuação? Esse conflito poderá causar dano ao restante da sociedade?

Compreensão do ato normativo

14 O ato normativo corresponde às expectativas dos cidadãos e é inteligível para todos?

14.1 O ato normativo proposto será entendido e aceito pelos cidadãos?

14.2 Os destinatários da norma podem entender o vocabulário utilizado, a organização e a extensão das frases e das disposições, a sistemática, a lógica e a abstração?

Exequibilidade

15 O ato normativo é exequível?

15.1 Por que não se renuncia a novo sistema de controle por parte da administração pública federal?

15.2 As disposições podem ser aplicadas diretamente?

15.3 As disposições administrativas que estabelecem normas de conduta ou proíbem determinadas práticas podem ser aplicadas com os meios existentes?

15.4 É necessário incluir disposições sobre proteção jurídica? Por que as disposições gerais não são suficientes?

15.5 Por que não podem ser dispensadas:

15.5.1 as regras sobre competência e organização;

15.5.2 a criação de novos órgãos e comissões consultivas;

15.5.3 a intervenção da autoridade;

15.5.4 as exigências relativas à elaboração de relatórios; ou

15.5.5 outras exigências burocráticas?

15.6 Quais órgãos ou instituições devem assumir a responsabilidade pela execução das medidas?

15.7 Quais conflitos de interesse o executor da medida terá de administrar?

15.8 O executor das medidas dispõe da necessária discricionariedade?

15.9 Qual é a opinião das autoridades incumbidas de executar as medidas quanto à clareza dos objetivos pretendidos e à possibilidade de sua execução?

15.10 A regra pretendida foi submetida a testes sobre a possibilidade de sua execução com a participação das autoridades encarregadas de aplicá-la? Por que não? A que conclusão se chegou?

Análise de custos envolvidos

16 Existe relação equilibrada entre custos e benefícios? Procedeu-se a análise?

16.1 Qual o ônus a ser imposto aos destinatários da norma?

16.1.1 Que gastos diretos terão os destinatários?

16.1.2 Que gastos com procedimentos burocráticos serão acrescidos? (Exemplo: calcular, ou, ao menos, avaliar os gastos diretos e os gastos com procedimentos burocráticos, incluindo verificação do tempo despendido pelo destinatário com atendimento das exigências formais)

16.2 Os destinatários da norma, em particular as pessoas naturais, as microempresas e as empresas de pequeno porte, podem suportar esses custos adicionais?

16.3 As medidas pretendidas impõem despesas adicionais ao orçamento da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios? Quais são as possibilidades existentes para enfrentarem esses custos adicionais?

16.4 Quais são as despesas indiretas dos entes públicos com a medida? Quantos servidores públicos terão de ser alocados para atender as novas exigências e qual é o custo estimado com eles? Qual o acréscimo previsto para a despesa de custeio?

16.5 Os gastos previstos podem ser aumentados por força de controvérsias judiciais ou administrativas? Qual é o custo potencial com condenações judiciais e com a estrutura administrativa necessária para fazer face ao contencioso judicial e ao contencioso administrativo?

16.6 Há previsão orçamentária suficiente e específica para a despesa? É necessária a alteração prévia da legislação orçamentária?

16.7 Há compatibilidade entre a proposta e os limites individualizados para as despesas primárias de que trata o art. 107 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias?

Simplificação administrativa

17 O ato normativo implicará redução ou ampliação das exigências procedimentais?

17.1 Em que medida os requisitos necessários à formulação de pedidos perante autoridades podem ser simplificados?

17.2 Qual a necessidade das exigências formuladas? Qual o dano concreto no caso da dispensa?

17.3 Quais os custos que os atingidos pelo ato normativo terão com as exigências formuladas?

17.4 Qual será o tempo despendido pelos particulares com as exigências formuladas? O que pode ser feito para reduzir o tempo despendido?

17.5 As exigências formuladas são facilmente compreensíveis pelos atingidos?

17.6 Foram observadas as garantias legais de:

17.6.1 não reconhecer firma e não autenticar documentos em cartório (art. 22 da Lei nº 9.784, de 29 de janeiro de 1999)?

17.6.2 não apresentar prova de vida, residência, pobreza, dependência econômica, homonímia ou bons antecedentes (Lei nº 7.115, de 29 de agosto de 1983)?

17.6.3 não apresentar documentos já existentes no âmbito da administração pública federal ou apresentar nova prova sobre fato já comprovado perante o ente público (art. 37 da Lei nº 9.784, de 1999, e inciso XV do *caput* do art. 5º da Lei nº 13.460, de 26 de junho de 2017)?

17.7 obter decisão final a respeito do requerimento no prazo de trinta dias (art. 49 da Lei nº 9.784, de 1999)?

17.8 O interessado poderá cumprir as exigências por meio eletrônico?

17.8.1 Os sistemas eletrônicos utilizados atendem os requisitos de autenticidade, integridade, validade jurídica e interoperabilidade da ICP-Brasil?

17.8.2.Na hipótese de dificuldade no uso ou de os meios eletrônicos não atenderem os requisitos da ICP-Brasil, está garantida a possibilidade de realização das formalidades por meio físico?

Prazo de vigência e de adaptação

18 Há necessidade de *vacatio legis* ou de prazo para adaptação da administração e dos particulares?

- 18.1 Qual o prazo necessário para:
  - 18.1.1 os destinatários tomarem conhecimento da norma e analisarem os seus efeitos?
  - 18.1.2 a edição dos atos normativos complementares essenciais para a aplicação da norma?
  - 18.1.3 a administração pública adaptar-se às medidas?
  - 18.1.4 a adequação das estruturas econômicas de produção ou de fornecimento dos produtos ou serviços que serão atingidos?
  - 18.1.5 a adaptação dos sistemas de informática utilizados pela administração pública ou por particulares?
- 18.2 Qual a redução de custos possível para a administração pública e para os particulares se os prazos de adaptação forem ampliados?
- 18.3 Qual é o período do mês, do ano ou da semana mais adequado para o início da aplicação das novas regras?
- 18.4 Para o cumprimento da nova obrigação, foi especificado tratamento diferenciado, simplificado e favorecido ou prazo especial para as microempresas e empresas de pequeno porte, observado o disposto nos § 3º ao § 6º do art. 1º da Lei Complementar nº 123, de 14 de dezembro de 2006?

Avaliação de resultados

19 Como serão avaliados os efeitos do ato normativo?

- 19.1 Qual a periodicidade da avaliação de resultados do ato normativo?
- 19.2 Como ocorrerá a reversão das medidas em caso de resultados negativos ou insuficientes?

Capítulo V

TÉCNICA LEGISLATIVA E ATOS NORMATIVOS

5

16 Técnica legislativa

É recomendável que o legislador redija as leis dentro de um espírito de sistema, tendo em vista não só a coerência e a harmonia interna de suas disposições, mas também a sua adequada inserção no sistema jurídico como um todo (LEAL, 1960, p. 7). Essa sistematização expressa uma característica da cientificidade do Direito e corresponde às exigências mínimas de segurança jurídica, à medida que impedem uma ruptura arbitrária com a sistemática adotada na aplicação do Direito.

Costuma-se distinguir a sistemática da lei em sistemática interna (compatibilidade teleológica e ausência de contradição lógica) e sistemática externa (estrutura da lei).

16.1 Sistemática interna da lei

A existência de um sistema interno deve, sempre que possível, evitar contradições lógicas, teleológicas, ou valorativas. Tem-se uma contradição lógica se, por exemplo, a conduta autorizada pela norma A é proibida pela norma B. Verifica-se uma contradição valorativa se identificam-se incongruências de conteúdo axiológico dentro do sistema. É o que resulta, por exemplo, da edição de normas discriminatórias dentro de um sistema que estabelece a igualdade como princípio basilar. Constata-se uma contradição teleológica se há uma contradição entre os objetivos de disposições diversas, de modo que a observância a um preceito importa a nulificação dos objetivos visados pela outra.

16.2 Sistemática externa da lei

O exame da estrutura básica de uma lei talvez constitua a forma mais adequada de apreender aspectos relevantes de sua sistemática externa.

Exemplo da estrutura:

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988

PREÂMBULO
TÍTULO I
DOS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS
TÍTULO II
DOS DIREITOS E GARANTIAS FUNDAMENTAIS
CAPÍTULO I
DOS DIREITOS E DEVERES INDIVIDUAIS E COLETIVOS
CAPÍTULO II
DOS DIREITOS SOCIAIS
CAPÍTULO III
DA NACIONALIDADE
CAPÍTULO IV
DOS DIREITOS POLÍTICOS
CAPÍTULO V
DOS PARTIDOS POLÍTICOS

TÍTULO III
DA ORGANIZAÇÃO DO ESTADO
CAPÍTULO I
DA ORGANIZAÇÃO POLÍTICO-ADMINISTRATIVA
CAPÍTULO II
DA UNIÃO
CAPÍTULO III
DOS ESTADOS FEDERADOS
CAPÍTULO IV
DOS MUNICÍPIOS
CAPÍTULO V
DO DISTRITO FEDERAL E DOS TERRITÓRIOS
Seção I
Do Distrito Federal
Seção II
Dos Territórios
CAPÍTULO VI
DA INTERVENÇÃO
CAPÍTULO VII
DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA
Seção I
Disposições Gerais
Seção II
Dos Servidores Públicos
Seção III
Dos Militares dos Estados, do Distrito Federal e dos Territórios
Seção IV
Das Regiões
(...)

A sistematização das leis mais complexas observa o seguinte esquema básico: livros, títulos, capítulos, seções, subseções e artigos.

O exemplo acima, cumpre ressaltar, não é aplicável à maioria dos atos normativos. A regra geral é a organização dos atos normativos em torno de meros artigos. Portanto, é equivocada a tendência de se pretender realizar divisão de atos normativos diminutos e de baixa complexidade em capítulos e seções, de modo a gerar anomalias como vários capítulos compostos de apenas um artigo.

16.2.1 Artigo

Artigo é a unidade básica para apresentação, divisão ou agrupamento de assuntos em um texto normativo. A Lei Complementar nº 95, de 26 de fevereiro de 1998, apresenta as regras para a numeração dos artigos, de maneira que, até o artigo nono (art. 9º), deve-se adotar a numeração ordinal. A partir do artigo dez, emprega-se a numeração cardinal correspondente, seguida de ponto-final (art. 10.). Os artigos serão designados pela abreviatura "Art.", com inicial maiúscula, sem traço antes do início do texto e, ao longo do texto, designados pela abreviatura – art. –, com inicial minúscula. Os textos dos artigos serão iniciados com letra maiúscula e encerrados com ponto-final, exceto quando tiverem incisos, hipótese em que serão encerrados por dois-pontos.

Na elaboração dos artigos, devem ser observadas algumas regras básicas, como recomendado por Hesio Fernandes Pinheiro (1962, p. 84):

- Cada artigo deve tratar de um único assunto;
- O artigo conterá, exclusivamente, a norma geral, o princípio. As medidas complementares e as exceções deverão ser expressas por meio de parágrafos;
- Quando o assunto requerer discriminações, o enunciado comporá o *caput* do artigo, e os elementos de discriminação serão apresentados sob a forma de incisos;
- As expressões devem ser usadas em seu sentido corrente, exceto quando se tratar de assunto técnico, hipótese na qual será preferida a nomenclatura técnica, peculiar ao setor de atividades sobre o qual se pretende legislar;
- As frases devem ser concisas;
- Nos atos extensos, os primeiros artigos devem ser reservados à definição dos objetivos perseguidos pelo legislador, à limitação de seu campo de aplicação e à definição de conceitos fundamentais que auxiliem a compreensão do ato normativo.

Exemplo de artigo:

> Art. 70. O domicílio da pessoa natural é o lugar onde ela estabelece a sua residência com ânimo definitivo.
>
> (BRASIL, 2002c)

Os artigos podem desdobrar-se, por sua vez, em parágrafos e incisos; os parágrafos em incisos; estes, em alíneas; e estas, em itens.

Dispositivo	Desdobramento
Artigos	Parágrafos ou incisos
Parágrafos	Incisos
Incisos	Alíneas
Alíneas	Itens
Itens	Subitens (excepcionalmente)

16.2.2 Parágrafo (§)

O parágrafos constitui, na técnica legislativa, a imediata divisão de um artigo, ou, como anotado por Arthur Marinho, “(...) parágrafo sempre foi, numa lei, disposição secundária de um artigo em que se explica ou modifica a disposição principal” (MARINHO, 1944, p. 227-229; PINHEIRO, 1962, p. 100).

O parágrafo é representado pelo sinal gráfico § (*signum sectionis*, em português, sinal de seção ou sinal de corte).

Também em relação ao parágrafo, existe a prática da numeração ordinal até o nono (§ 9º) e cardinal a partir do parágrafo dez (§ 10.). Na hipótese de haver apenas um parágrafo, adota-se a grafia “Parágrafo único.” (e não “§ único”), com a primeira letra em maiúsculo quando inicia o texto e minúscula quando citada ao longo do texto. Os textos dos parágrafos serão iniciados com letra maiúscula e encerrados com ponto-final.

Neste ponto, se precisa alertar para equívoco, largamente disseminado, de se organizar o ato normativo com número reduzido de artigos e elevado de parágrafos sem que se identifique a relação direta entre a matéria dos *capita* e a matéria tratada nos inúmeros parágrafos. São casos em que o parágrafo não está explicando, excepcionando ou detalhando o *caput*, mas dispondo sobre regra meramente subsequente. O equívoco parece decorrer da errada tendência de se considerar má técnica legislativa o número excessivo de *artigos* e, paradoxalmente, exemplo de esmero na elaboração normativa artigos estruturados de modo complexo, com vários parágrafos além de parágrafos divididos em incisos, alíneas, itens e, até mesmo, subitens.

Assim, cumpre ressaltar que a *regra geral* é o artigo limitar-se a frase curta compondo o *caput* e as ideias subsequentes serem expressas em outros artigos. A subdivisão dos artigos na forma aqui expressa pode ser conveniente e, dependendo da natureza da norma, exigência de boa técnica legislativa, mas não deve ser vista como regra geral ou como exigência aplicável, de modo invariável, a todos os casos.

Exemplo de parágrafo:

Art. 14 (...)
§ 1ºNão serão objeto de consolidação as medidas provisórias ainda não convertidas em lei.

(Lei complementar n° 95, de 26 de fevereiro de 1998)

Exemplo de parágrafo único:

Art. 8º Na hipótese de dissolução da sociedade conjugal por morte de um dos cônjuges, serão tributadas, em nome do sobrevivente, as importâncias que este perceber de seu trabalho próprio, das pensões de que tiver gozo privativo, de quaisquer bens que não se incluam no monte a partilhar e cinquenta por cento dos rendimentos produzidos pelos bens comuns enquanto não ultimada a partilha.

Parágrafo único. Na hipótese de separação judicial, divórcio ou anulação de casamento, cada um dos contribuintes terá o tratamento tributário previsto no art. 2º.

(Constituição de 1988)

16.2.3 Incisos, alíneas e itens

Os incisos são utilizados como elementos discriminativos de artigo ou parágrafo se o assunto nele tratado não puder ser condensado no próprio artigo ou não se mostrar adequado a constituir parágrafo. Os incisos são indicados por algarismos romanos seguidos de travessão ou meia-risca, que é separado do algarismo e do texto por um espaço em branco: I – ; II – ; III – etc.

Exemplo de incisos:

> Art. 26. A margem de *dumping* será apurada com base na comparação entre:
> I - o valor normal médio ponderado e a média ponderada dos preços de todas as transações comparáveis de exportação; ou
> II - os valores normais e os preços de exportação, comparados transação a transação.
>
> (BRASIL, 2013d)

As alíneas são representadas por letras e constituem desdobramentos dos incisos e dos parágrafos. A alínea ou a letra será grafada em minúsculo, seguida de parêntese e separada do texto por um espaço em branco: a) ; b) ; c) etc. Quando iniciar o texto e, quando citada ao longo do texto, será grafada em minúsculo, entre aspas e sem o parêntese.

Exemplo de alíneas:

> Art. 15 (...)
> XII – o texto da alínea inicia-se com letra minúscula, salvo quando se tratar de nome próprio, e termina com:
> a) ponto e vírgula;
> b) dois-pontos, quando se desdobrar em itens; ou
> c) ponto-final, caso seja a última e anteceda artigo ou parágrafo.
>
> (BRASIL, 2017a)

Os itens são desdobramentos de alíneas e são representados por números cardinais, seguidos de ponto-final e separados do texto por um espaço em branco: 1. ; 2. ; 3 etc.

Exemplo de itens:

> Art. 14. As disposições normativas serão redigidas com clareza, precisão e ordem lógica, e observarão o seguinte:
> (...)
> II - para a obtenção da precisão:
> (...)
> j) empregar nas datas as seguintes formas:
> 1. “4 de março de 1998”;
> 2. “1º de maio de 1998”;
> (...)
>
> (BRASIL, 2002b)

16.2.4 Agrupamento de dispositivos

Para a organização e a sistematização externa do texto do ato normativo, pode ser adotado o agrupamento de dispositivos.

A praxe da técnica legislativa no âmbito federal indica que a denominação do assunto tratada em cada unidade de agrupamento será iniciada pela preposição “De”, combinada com o artigo definido apropriado. Essa praxe deriva do raciocínio de que cada agrupamento trata de determinado tema. Assim, no Título II da Constituição, por exemplo, trata-se “Dos direitos e garantias fundamentais”.

Os dispositivos podem ser agrupados das seguintes formas:

a) seções:

A seção é o conjunto de artigos que versam sobre o mesmo tema. As seções são indicadas por algarismos romanos e grafadas em letras iniciais maiúsculas e as demais minúsculas em negrito. Eventualmente, as seções subdividem-se em subseções que serão indicadas da mesma forma.

Exemplo de seção:

Seção II
Da sociedade conjugal e das pensões

(Decreto nº 9.580, de 2018)

b) capítulos:

O capítulo é formado por um agrupamento de seções ou de artigos. Sua designação e seu nome são grafados em letras maiúsculas, sem o uso de negrito, e identificados por algarismos romanos.

Exemplo de capítulo:

CAPÍTULO II
DOS DIREITOS SOCIAIS

(Constituição de 1988)

c) título:

O título engloba um conjunto de capítulos. A sua designação deve ser grafada em letras maiúsculas e algarismos romanos.

Exemplo de título:
TÍTULO V
DA DEFESA DO ESTADO E DAS INSTITUIÇÕES DEMOCRÁTICAS
(Constituição de 1988)

d) livro:

Nas leis mais extensas, como os códigos, os conjuntos de títulos são reunidos em livros, podendo estes ser agrupados em parte, que pode ser classificada em parte geral e parte especial.

Exemplo de livro:

PARTE GERAL
LIVRO I

DAS PESSOAS

(Lei nº 10.406, de 2002 – Código Civil)

e) especificação temática simplificada:

Pode ser adotada a especificação temática do conteúdo de grupo de artigos ou de um artigo mediante denominação que preceda o dispositivo, grafada em letras minúsculas em negrito, alinhada à esquerda, sem numeração.

A especificação temática simplificada, ao contrário do Livro, não comporta a regra de utilização da preposição "de".

Exemplo de especificação temática simplificada:

Competência para propor

Art. 22. Incumbe aos Ministros de Estado a proposição de atos normativos, conforme as áreas de competências dos órgãos.

(Decreto nº 9.191, de 2017)

16.2.5 Critérios de sistematização

Embora o legislador disponha de margem relativamente ampla de discricionariedade para eleger os critérios de sistematização da lei, esses critérios devem guardar adequação com a matéria regulada (NOLL, 1973, p. 223). A seguir, estão previstas as regras básicas a serem observadas para a sistematização do texto do ato normativo, com o objetivo de facilitar sua estruturação:

a) matérias que guardem afinidade objetiva devem ser tratadas em um mesmo contexto ou agrupamento;
b) os procedimentos devem ser disciplinados segundo a ordem cronológica, se possível;
c) a sistemática da lei deve ser concebida de modo a permitir que ela forneça resposta à questão jurídica a ser disciplinada; e
d) institutos diversos devem ser tratados separadamente.

A natureza e as peculiaridades de cada disciplina jurídica têm influência decisiva sobre o modelo de sistematização a ser adotado, como se pode depreender de alguns exemplos:

I. Classificação segundo os bens tutelados:

Exemplo:

PARTE ESPECIAL
TÍTULO I
DOS CRIMES CONTRA A PESSOA
TÍTULO II – DOS CRIMES CONTRA O PATRIMÔNIO
TÍTULO III – DOS CRIMES CONTRA A PROPRIEDADE IMATERIAL
TÍTULO IV – DOS CRIMES CONTRA A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

TÍTULO V – DOS CRIMES CONTRA O SENTIMENTO RELIGIOSO E CONTRA O RESPEITO AOS MORTOS
TÍTULO VI – DOS CRIMES CONTRA A DIGNIDADE SEXUAL
TÍTULO VII – DOS CRIMES CONTRA A FAMÍLIA
TÍTULO VIII – DOS CRIMES CONTRA A INCOLUMIDADE PÚBLICA
TÍTULO IX – DOS CRIMES CONTRA A PAZ PÚBLICA
TÍTULO X – DOS CRIMES CONTRA A FÉ PÚBLICA
TÍTULO XI – DOS CRIMES CONTRA A ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

(Parte Especial do Decreto-Lei nº 2.848, de 1940 – Código Penal)

II. Classificação segundo os institutos jurídicos e as relações jurídicas:

Exemplo:

PARTE ESPECIAL

LIVRO I
DO DIREITO DAS OBRIGAÇÕES

TÍTULO I
Das Modalidades das Obrigações
TÍTULO II
Da Transmissão das Obrigações
TÍTULO III
Do Adimplemento e Extinção das Obrigações
TÍTULO IV
Do Inadimplemento das Obrigações
TÍTULO V
Dos Contratos em Geral
TÍTULO VI
Das Várias Espécies de Contrato
TÍTULO VII
Dos Atos Unilaterais
(...)

(BRASIL, 2002c)

III. Classificação segundo a ordem cronológica dos procedimentos:

Exemplo:

PARTE ESPECIAL
LIVRO I
DO PROCESSO DE CONHECIMENTO E DO CUMPRIMENTO DE SENTENÇA
TÍTULO I
DO PROCEDIMENTO COMUM

CAPÍTULO I
DISPOSIÇÕES GERAIS
CAPÍTULO II
DA PETIÇÃO INICIAL
CAPÍTULO III
DA IMPROCEDÊNCIA LIMINAR DO PEDIDO
CAPÍTULO V
DA AUDIÊNCIA DE CONCILIAÇÃO OU DE MEDIAÇÃO
CAPÍTULO VI
DA CONTESTAÇÃO

(BRASIL, 2015b)

17 Tópicos de técnica legislativa

A atividade de elaboração normativa faz uso de alguns instrumentos essenciais para a construção de textos normativos marcados pela precisão, pela densidade e pela clareza.

A norma jurídica, em sua acepção abstrata, se, por um lado, compreende a previsão genérica de atos e fatos da vida social, por outro, tem por missão informar ao cidadão sobre direitos e deveres por ela criados ou disciplinados, de forma clara e objetiva.

Dessa forma, são recomendados, a seguir, alguns recursos redacionais para a elaboração dos textos normativos.

17.1 Alteração normativa

17.1.1 Artigo de alteração da norma

O artigo de alteração da norma deve fazer menção expressa ao ato normativo que está sendo alterado, conforme a formulação apresentada nos exemplos a seguir:

Exemplo:

Art. 1º A Lei nº 11.350, de 5 de outubro de 2006, passa a vigorar com as seguintes alterações:

(Lei nº 13.708, de 14 de agosto de 2018)

Art. 1º O Decreto nº 3.520, de 21 de junho de 2000, passa a vigorar com as seguintes alterações: (...)

(Decreto nº 9.061, de 5 de dezembro de 2018)

É vedado dispor sobre alterações de mais de uma norma no mesmo artigo ou dividir alterações do mesmo ato normativo em diversos artigos da norma alteradora. Também não deve ser feita distinção na norma alteradora entre dispositivos *alterados* e dispositivos *acrescidos*.

O texto de cada artigo acrescido ou alterado será transcrito entre aspas, com a indicação de nova redação, representada pela expressão “(NR)”.

17.1.2 Alteração parcial de artigo

Na hipótese de alteração parcial de artigo, os dispositivos que não terão o seu texto alterado serão substituídos por linha pontilhada, cujo uso é obrigatório para indicar a manutenção e a não alteração do trecho do artigo.

O Decreto nº 9.191, de 2017, estabelece as seguintes regras para o uso de linha pontilhada:

> 1. no caso de manutenção do texto do *caput*, a linha pontilhada empregada será precedida da indicação do artigo a que se refere;
> 2. no caso de manutenção do texto do *caput* e do dispositivo subsequente, duas linhas pontilhadas serão empregadas e a primeira linha será precedida da indicação do artigo a que se refere;
> 3. no caso de alteração do texto de unidade inferior dentro de unidade superior do artigo, a linha pontilhada empregada será precedida da indicação do dispositivo a que se refere; e
> 4. a inexistência de linha pontilhada não dispensará a revogação expressa de parágrafo.

Observe-se que inexistência de linha pontilhada pode ser interpretada como revogação do dispositivo ou como manutenção; portanto, para evitar grave insegurança jurídica é essencial, em especial no caso de parágrafos, ter o cuidado de colocar a linha pontilhada deixando explícita a manutenção do dispositivo ou, se a intenção for a revogação, não colocar linha pontilhada e, simultaneamente, incluir o dispositivo na cláusula de revogação.

Exemplo de alteração de dispositivo:

Art. 2º O Decreto nº 3.035, de 27 de abril de 1999, passa a vigorar com as seguintes alterações:

"Art. 1º ....

....

§ 1º O Ministro de Estado Chefe da Casa Civil da Presidência da República exercerá a delegação de competência prevista neste artigo quanto aos órgãos diretamente subordinados ao Presidente da República cujos titulares não sejam Ministros de Estado.

...." (NR)

(Decreto nº 9.533, de 2018)

17.2 Retificação e republicação

Os termos "retificação" e "republicação" foram utilizados sem uniformidade até a definição adotada pelo Decreto nº 9.191, de 2017 (art. 55 e art. 56).

O termo "republicação" agora é utilizado para designar apenas a hipótese de o texto publicado não corresponder ao original assinado pela autoridade. Não se pode cogitar essa hipótese por motivo de *erro* já constante do documento subscrito pela autoridade ou, muito menos, por motivo de alteração na opinião da autoridade.

Considerando que os atos normativos somente produzem efeitos após a publicação no Diário Oficial da União, mesmo no caso de *republicação*, não se poderá cogitar a existência de efeitos retroativos com a publicação do texto corrigido. Contudo, o texto publicado sem correspondência com aquele subscrito pela autoridade poderá ser considerado inválido com efeitos retroativos.

Já a *retificação* se refere aos casos em que texto publicado corresponde ao texto subscrito pela autoridade, mas que continha lapso manifesto.

A *retificação* requer nova assinatura pelas autoridades envolvidas e, em muitos casos, é menos conveniente do que a mera alteração da norma segundo o procedimento previsto no subitem 17.1.

18 Apostila

18.1 Definição e finalidade

A correção de erro material que não afete a substância do ato singular de caráter pessoal e as retificações ou alterações da denominação de cargos, funções ou órgãos que tenham tido a denominação modificada em decorrência de lei ou de decreto superveniente à expedição do ato pessoal a ser apostilado são realizadas por meio de *apostila*.

O *apostilamento* é de competência do setor de recurso humanos do órgão, autarquia ou fundação, e dispensa nova assinatura da autoridade que subscreveu o ato originário.

Deve-se ter especial atenção quando do uso do *apostilamento* para os atos relativos à vacância ou ao provimento decorrentes de alteração de estrutura de órgão, autarquia ou fundação pública. O apostilamento não se aplica aos casos nos quais a essência do cargo em comissão ou da função de confiança tenham sido alterados, tais como nos casos de alteração do nível hierárquico, transformação de atribuição de assessoramento em atribuição de chefia (ou vice-versa) ou transferência de cargo para unidade com outras competências. Também deve-se alertar para o fato que a praxe atual tem sido exigir que o apostilamento decorrente de alteração em estrutura regimental seja realizadas na mesma data da entrada em vigor de seu decreto.

18.2 Forma e estrutura

A apostila tem a seguinte estrutura:

a) título: o termo “APOSTILA” escrito em letra maiúscula, com alinhamento centralizado ;
b) texto: o conteúdo do texto deve apresentar a correção do erro material constante do ato original;
c) local e data: por extenso e alinhado à esquerda; e

Exemplo:

Brasília, 12 de agosto de 2018.

d) identificação do signatário: abaixo da assinatura e com alinhamento à esquerda.

Exemplo:

NOME (em maiúsculas)
Cargo (somente as iniciais em maiúsculas)

No original do ato normativo, próximo à apostila, deverá ser mencionada a data de publicação da apostila no boletim de serviço ou no boletim interno.

Exemplo de apostila:

APOSTILA

No Decreto de nomeação de FULANO DE TAL, de 29 de julho de 2018, para o cargo de Secretário-Executivo do Ministério da Educação, onde se lê: "M", leia-se: "N".
Brasília, 30 de julho de 2018.
NOME
Ministro de Estado da Educação

19 Atos normativos

19.1 Forma e estrutura

A estrutura dos atos normativos é composta por dois elementos básicos: a ordem legislativa e a matéria legislada. A ordem legislativa compreende a parte preliminar e o fecho da lei ou do decreto; a matéria legislada diz respeito ao texto ou ao corpo do ato.

19.1.1 Ordem legislativa

19.1.1.1 Das partes do ato normativo

O projeto de ato normativo é estruturado em três partes básicas:

a) parte preliminar, com:
  1. a epígrafe
  2. a ementa; e
  3. o preâmbulo, com:
  3.1. a autoria;
  3.2. o fundamento de validade; e
  3.3. quando couber, a ordem de execução, o enunciado do objeto e a indicação do âmbito de aplicação da norma;

b) parte normativa, com as normas que regulam o objeto; e

c) parte final, com:
  1. disposições sobre medidas necessárias à implementação das normas constantes da parte normativa;
  2. as disposições transitórias;
  3. a cláusula de revogação, quando couber; e
  4. a cláusula de vigência. A ementa, a autoria, a parte normativa e a cláusula de vigência são elementos essenciais para a adequada redação de todo o ato normativo. Os demais elementos podem ou não constar no ato, conforme a natureza e o objeto do ato normativo.

19.1.1.2 Epígrafe

A epígrafe é a parte do ato que o qualifica na ordem jurídica e o situa no tempo, por meio da denominação, da numeração e da data, devendo ser grafadas em maiúsculas e sem ponto final.

Exemplos de epígrafe:

LEI COMPLEMENTAR Nº 95, DE 26 DE FEVEREIRO DE 1998
DECRETO Nº 9.191, DE 1º DE NOVEMBRO DE 2017

19.1.1.3 Ementa

A ementa é a parte do ato que resume o conteúdo do ato normativo para permitir, de modo objetivo e claro, o conhecimento da matéria legislada.

Exemplo de ementa:

Estabelece as normas e as diretrizes para elaboração, redação, alteração, consolidação e encaminhamento de propostas de atos normativos ao Presidente da República pelos Ministros de Estado.

(Decreto nº 9.191, de 2017)

A síntese contida na ementa deve resumir o tema central ou a finalidade principal da lei. Deve-se evitar, portanto, mencionar apenas um tópico genérico da lei acompanhado da expressão “e dá outras providências”, que somente em atos normativos de excepcional extensão, com multiplicidade de temas e, paralelamente, se a questão não expressa for pouco relevante e estiver relacionada com os demais temas explícitos na ementa.

19.1.1.4 Preâmbulo

O preâmbulo contém a declaração do nome da autoridade, do cargo em que se encontra investida e da atribuição constitucional em que se funda, quando for o caso, para promulgar o ato normativo e a ordem de execução ou mandado de cumprimento, a qual prescreve a força coativa do ato normativo.

Exemplo de preâmbulo de medida provisória:

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 62 da Constituição, adota a seguinte medida provisória, com força de lei:

Exemplo de preâmbulo de lei:

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Observe-se que o modelo mencionado aplica-se apenas para *leis sendo remetidas à publicação*. Quando a lei ainda está na fase de tramitação legislativa, a formulação do preâmbulo é a seguinte:

Exemplo de preâmbulo de decreto:

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso das atribuições que lhe confere o art. 84, *caput*, incisos IV e VI, alínea "a", da Constituição, e tendo em vista o disposto na Lei Complementar nº 95, de 26 de fevereiro de 1998,

DECRETA:

É necessário ter cuidado na redação do *fundamento de validade* quando da elaboração de *decretos*.

Nos casos mais comuns, os decretos precisam ser classificados como *regulamentares* ou como *organizacionais* (autônomos).

O decreto organizacional deve estar fundamentado no art. 84, inciso VI, alínea "a". O fundamento de validade é a própria norma constitucional e não cabe mencionar ato normativo infraconstitucional como fundamento de validade.

Já o decreto regulamentar extrai seu fundamento de validade da Constituição, art. 84, inciso IV,combinado com (*e tendo em vista*) lei, em sentido estrito. Constitui-se em equívoco grave pretender que determinado decreto tenha como fundamento de validade o art. 84, inciso IV, da Constituição de modo isolado.

Convém salientar que, no preâmbulo dos decretos regulamentares devem ser citadas apenas as normas que dão *fundamento de validade para o ato*, não cabendo mencionar atos normativos meramente *relacionados com o conteúdo do ato*.

Por fim, registre-se que, exceto na hipótese de atos internacionais, não é mais admitida a colocação de *considerandos* em atos normativos. Os esclarecimentos sobre o pretendido com o ato normativo deve constar da Exposição de Motivos e dos pareceres técnicos e jurídicos.

19.1.1.5 Objeto e âmbito de aplicação

O primeiro artigo do ato normativo indicará o seu objeto e o seu âmbito de aplicação, de forma específica, em conformidade com o conhecimento técnico ou científico da área. Os primeiros artigos devem indicar, quando necessário, o objeto e o âmbito de aplicação do ato normativo.

Cumpre não confundir a indicação do âmbito de aplicação do ato normativo com a mera especificação do tema central da lei, já constante da ementa. Especificar o âmbito de aplicação significa indicar relações jurídicas para as quais a norma se destina. Toda a norma de maior complexidade necessita de especificação sobre se sua aplicação está voltada a relações de Direito público ou de Direito privado, à esfera federal ou a todos os entes da Federação, apenas ao Poder Executivo ou também aos outros Poderes, a servidores regidos pelo Regime Jurídico ou a servidores regidos pela Consolidação das Leis do Trabalho, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, a relações contratuais em geral ou apenas a relações de consumo, à administração direta ou à administração indireta, entre outras situações que necessitam ser esclarecidas, sob pena de controvérsias em sua aplicação.

Exemplo de especificação de objeto e âmbito de aplicação:

> Art. 1º Esta Lei disciplina a recuperação judicial, a recuperação extrajudicial e a falência do empresário e da sociedade empresária, doravante referidos simplesmente como devedor.
>
> Art. 2º Esta Lei não se aplica a:
>
> I – empresa pública e sociedade de economia mista;
>
> II – instituição financeira pública ou privada, cooperativa de crédito, consórcio, entidade de previdência complementar, sociedade operadora de plano de assistência à saúde, sociedade seguradora, sociedade de capitalização e outras entidades legalmente equiparadas às anteriores.
>
> (Lei nº 11.101, de 2005)

19.1.1.6 Fecho de lei ou de decreto

Existe a tradição de colocar, no fecho de leis e de decretos, referência à contagem dos anos em relação a dois acontecimentos marcantes de nossa história: a Declaração da Independência e a Proclamação da República.

Exemplo:

> Brasília, 1º de dezembro de 2018; 197º da Independência e 130º da República.

19.1.2 Matéria legislada: texto ou corpo da lei

O texto ou corpo do ato normativo contém a matéria legislada, isto é, as disposições que alteram a ordem jurídica. É composto por artigos, que, em ordem numérica crescente, enunciam as regras sobre a matéria legislada.

Na tradição legislativa brasileira, o artigo constitui a unidade básica para a apresentação, a divisão ou o agrupamento de assuntos de um texto normativo. Os artigos podem desdobrar-se, por sua vez, em parágrafos e incisos; os parágrafos em incisos; estes, em alíneas; e estas, em itens.

Exemplo:

> Art. 487. Haverá resolução de mérito quando o juiz:
>
> I - acolher ou rejeitar o pedido formulado na ação ou na reconvenção;
>
> II - decidir, de ofício ou a requerimento, sobre a ocorrência de decadência ou prescrição;
>
> III - homologar:
>
> a) o reconhecimento da procedência do pedido formulado na ação ou na reconvenção;
>
> b) a transação; e
>
> c) a renúncia à pretensão formulada na ação ou na reconvenção.
>
> Parágrafo único. Ressalvada a hipótese do § 1º do art. 332, a prescrição e a decadência não serão reconhecidas sem que antes seja dada às partes oportunidade de manifestar-se.
>
> (BRASIL, 2015b)

19.1.2.1 Agrupamento de dispositivos

Como assinalado no subitem “16.2 Sistemática externa da lei”, a dimensão de determinados textos legais exige uma sistematização adequada. No direito brasileiro, consagra-se a seguinte prática para a divisão das leis mais extensas:

a) um conjunto de artigos compõe uma seção ou subseção;
b) uma seção é composta por várias subseções;
c) um conjunto de seções constitui um capítulo;
d) um conjunto de capítulos constitui um título; e
e) um conjunto de títulos constitui um livro.

Se a estrutura do texto requerer agrupamento, adotam-se as partes, que se denominam parte geral e parte especial (PINHEIRO, 1962, p. 110).

Exemplo:

PARTE GERAL
LIVRO I
DAS PESSOAS
TÍTULO I
DAS PESSOAS NATURAIS
CAPÍTULO I
DA PERSONALIDADE E DA CAPACIDADE
CAPÍTULO II
DOS DIREITOS DA PERSONALIDADE
CAPÍTULO III
DA AUSÊNCIA
Seção I
Da Curadoria dos Bens do Ausente
Seção II
Da Sucessão Provisória
Seção III
Da Sucessão Definitiva

(BRASIL, 2002c)

19.1.2.2 Cláusula de revogação

Até a edição da Lei Complementar nº 95, de 1998, a cláusula de revogação podia ser específica ou geral. Desde então, admite-se somente a cláusula de revogação específica. Dessa maneira, atualmente é vedado o uso de cláusula revogatória assim expressa: “Revogam-se as disposições em contrário.”

A revogação é específica quando precisa o ato normativo ou os dispositivos dele que ficam revogados.

O padrão atual determina que cláusula de revogação seja subdividida em incisos e, eventualmente, em alíneas, quando se tratar de revogação de mais de um ato normativo ou, até mesmo, quando se tratar de dispositivos não sucessivos de um mesmo ato normativo. A providência é relevante para facilitar a rápida e precisa dos dispositivos revogados.

Exemplos de cláusulas de revogação específicas:

Art. 4º Fica revogado o Decreto nº 7.965, de 21 de março de 2013.

(Decreto nº 8.208, de 2014)

Art. 2º Fica revogado o inciso VIII *caput* do art. 7º do Anexo I do Decreto nº 9.260, de 2017.

(Decreto nº 7.664, de 2012)

Art. 3º Ficam revogados os seguintes dispositivos do Regulamento do Serviço de Retransmissão de Televisão e do Serviço de Repetição de Televisão, ancilares ao Serviço de Radiodifusão de Sons e Imagens, aprovado pelo Decreto nº 5.371, de 2005:

I – o parágrafo único do art. 13;
II – o § 3º do art. 14;
III – o inciso II do *caput* do art. 41; e
IV – o art. 46.

(Decreto nº 9.479, de 2018)

Art. 10. Ficam revogados os seguintes dispositivos do Anexo I ao Decreto nº 9.003, de 13 de março de 2017:

I – em relação ao art. 2º:
  a) a alínea "b" do inciso I do *caput*;
  b) os itens 1 e 2 da alínea "e" do inciso II do *caput*;
  c) o item 3 da alínea "f" do inciso II do *caput*; e
  d) o item 4 da alínea "g" do inciso II do *caput*;
II – o art. 4º;
III – os incisos II e III do *caput* e o parágrafo único do art. 28;
IV – os incisos VIII, XI e XII do *caput* do art. 35;
V – os incisos VII, X e XI do *caput* do art. 36;
VI – o art. 41; e
VII – o art. 42.

(Decreto nº 9.266, de 2018)

19.1.2.3 Cláusula de vigência

Caso a lei não defina data ou prazo para entrada em vigor, aplica-se o preceito do art. 1º do Decreto-Lei nº 4.657, de 4 de setembro de 1942 – Lei de Introdução às Normas do Direito Brasileiro, segundo o qual, exceto se houver disposição em contrário, a lei começa a vigorar em todo o país 45 dias após a data de sua publicação. Contudo, não é de boa técnica legislativa deixar de prever, de modo expresso, a data de entrada em vigor do ato normativo.

No âmbito do Poder Executivo federal, a tendência atual é reduzir as hipóteses de entrada em vigor imediata de atos normativos; portanto, a cláusula padrão *"Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação"* não deve ser posta, de modo acrítico e automático, ao final de todas as normas.

É natural que os interessados na matéria queiram a rápida produção de efeitos, mas sempre convém analisar se a aplicação imediata e incondicionada de ato normativo recém-publicado não causará danos para a organização da administração pública e para as atividades dos particulares maiores do que as pretensas vantagens dos efeitos imediatos.

O art. 23 do Decreto nº 9.191, de 2017, estabelece a adoção de *vacatio legis para* os atos normativos:

> I – de maior repercussão;
>
> II – que demandem tempo para esclarecimentos ou exijam medidas de adaptação pela população;
>
> III – que exijam medidas administrativas prévias para a aplicação de modo ordenado; ou
>
> IV – em que não convenha a produção de efeitos antes da edição de ato normativo inferior ainda não publicado.

Além de se estudar o *prazo* necessário para a *vacatio legis* convém atentar para o período do ano, do mês ou da semana no qual norma entrará em vigor. Por exemplo, caso a norma afete questões de cálculo de pagamentos deve-se evitar a entrada em vigor no meio do mês. Já caso a norma exija medidas a serem tomadas no dia da entrada em vigor convém evitar a vigência fora de dia útil.

Outa recomendação relevante é evitar utilizar a data de 1º de janeiro para início da vigência ou da produção de efeitos sem análise da conveniência de os particulares e a administração terem de tomar providência em dia que é feriado e, muitas vezes, coincide com troca de governo.

Estes são alguns exemplos de formulações que, segundo os novos padrões, podem ser adotadas na cláusula de vigência:

a) Formulação padrão para *medidas provisórias*, nas quais, considerando a urgência e relevância inerentes ao ato, a *vacatio legis* ou a postergação de efeitos somente podem ser admitidas em situações excepcionais.

Exemplo:

> Art. 7º Esta Medida Provisória entra em vigor na data de sua publicação.
>
> (Medida Provisória nº 858, de 23 de novembro de 2018)

b) Formulação própria para *decretos*, nos quais se tem administração da data exata de publicação; portanto, pode-se definir o dia exato de entrada em vigor.

Exemplo:

> Art. 60. Este Decreto entra em vigor em 1º de fevereiro de 2018.
>
> (Decreto nº 9.191, de 2017)

No caso de *decretos*, a praxe atual consiste em órgão proponente encaminhar proposta à Presidência da República contendo o tempo necessário de *vacatio legis*, e a indicação do momento mais oportuno de entrada em vigor. Com base nessas informações, a Casa Civil da Presidência da República arbitra data de entrada em vigor imediatamente antes de submeter o ato ao Presidente da República.

c) Exemplo de formulação para *leis* nas quais não se é possível antever a data de publicação.

Observe-se que, como consta do exemplo, a vigência não precisa ser a mesma para todos os dispositivos.

Exemplo:

Art. 80. Esta Lei entra em vigor:
I – no 1º dia do sexto mês após a data de sua publicação, quanto aos arts. 41 a. 79; e
II – no 1º dia do mês subsequente à data de sua publicação, quanto aos demais dispositivos.

(exemplo fictício)

A fixação de *vacatio legis* utilizando a fórmula *“Esta Lei [Este Decreto] entra em vigor X dias [semanas/meses/anos] após a data de sua publicação”*, como se observa dos exemplo anteriores, não é mais a fórmula preferencial.

Na contagem do prazo para entrada em vigor dos atos normativos que estabeleçam período de vacância considera-se o dia da publicação como dia zero e a data de entrada em vigor como o dia da consumação integral do prazo. A contagem não é interrompida ou suspensa em fins de semana ou feriados. Pode ocorrer, inclusive, se a entrada em vigor do ato normativo ocorrer em dia não útil.

Caso a *vacatio legis* seja estabelecida em *semanas*, *meses* ou *anos* considera-se que a entrada em vigor ocorrerá no dia de igual número do de início, ou no imediatamente posterior, se faltar exata correspondência.

19.1.3 Assinatura e referenda

Os atos normativos devem ser assinados pela autoridade competente.

Todos os atos submetidos ao Presidente da República devem ser referendadas pelos Ministros de Estado que respondam pela matéria (Constituição, art. 87, parágrafo único, inciso I), que assumem, assim, a corresponsabilidade por sua execução e observância (PINHEIRO, 1962, p. 189-190).

No caso dos atos de nomeação de Ministro de Estado, a referenda será do Ministro de Estado da Justiça, ao qual também compete referendar de atos cuja matéria não seja afeta a nenhum outro Ministério.

A referenda de atos propostos por autoridades subordinadas diretamente ao Presidente da República, mas que não sejam *Ministros de Estado,* é da competência do Ministro de Estado Chefe da Casa Civil da Presidência da República.

Cumpre observar que a referenda é competência privativa de *Ministros de Estado*, não podendo ser exercida por outras autoridades (dirigentes de entidades da administração indireta, secretários especiais, secretários-executivos etc. que não estejam no exercício da interinidade como Ministros de Estado) ou delegada. Considerando que a competência é, constitucionalmente, de *Ministros de Estado*, nem mesmo autoridades equiparadas a *Ministros de Estado*, mas que, em sentido estrito, não sejam *Ministros de Estado*, podem exercer a competência.

20 Lei ordinária

20.1 Definição

A lei ordinária é ato normativo primário e contém, em regra, normas gerais e abstratas. Embora as leis sejam definidas, normalmente, pela generalidade e pela abstração (lei material), estas contêm, não raramente, normas singulares (lei formal ou ato normativo de efeitos concretos).

São exemplos de lei formal:

a) Lei Orçamentária Anual (Constituição, art. 165, § 5º);
b) leis que autorizam a criação de empresas públicas, sociedades de economia mista, autarquias e fundações (Constituição, art. 37, *caput*, inciso XIX).

Trata sobre assuntos diversos da área penal, civil, tributária, administrativa e da maior parte das normas jurídicas do país, regulando quase todas as matérias de competência da União, com sanção do Presidente da República. O projeto de lei ordinária é aprovado por maioria simples.

Pode ser proposto pelo Presidente da República, por deputados, senadores, Supremo Tribunal Federal , tribunais superiores e Procurador-Geral da República. Os cidadãos também podem propor tal projeto, desde que seja subscrito por, no mínimo, um por cento do eleitorado do País, distribuído pelo menos por cinco estados, com não menos de 0,3% dos eleitores de cada um deles.

Acentue-se, por outro lado, que existem matérias que somente podem ser disciplinadas por lei ordinária[10], sendo, aliás, vedada a delegação (Constituição, art. 68, § 1º, incisos I, II e III).

20.2 Objeto

O Estado de Direito (Constituição, art. 1º) define-se pela submissão de diversas relações da vida ao Direito. Assim, não deveria haver, em princípio, domínios vedados à lei. Essa afirmativa é, todavia, apenas parcialmente correta. Existem matérias que, por força constitucional, não serão objeto de lei ordinária. Nesse sentido, a Constituição define matérias de competência exclusiva do Congresso Nacional (art. 49), a serem disciplinadas mediante decreto legislativo. Há, ainda, por exemplo, competências privativas do Senado Federal e da Câmara dos Deputados (Constituição, arts. 51 e 52). Por fim, a Emenda Constitucional nº 32, de de 2001, permitiu a disciplina de matérias por decreto do Presidente da República (art. 84, *caput*, inciso VI, alíneas “a” e “b”).

Por outro lado, existem matérias que somente podem ser disciplinadas por lei ordinária, sendo, aliás, vedada a delegação (Constituição, art. 68, § 1º, incisos I, II, III).

21 Lei complementar

---

[10] Na edição anterior do Manual de Redação da Presidência, havia referência ao entendimento do Supremo Tribunal Federal quanto a não sujeição dos atos normativos de efeito concreto ao controle abstrato de constitucionalidade. Ocorre que, com o julgamento da medida cautelar na Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 4.048/DF, a Corte mudou seu posicionamento, passando a aceitar a submissão de normas orçamentárias ao controle abstrato de constitucionalidade. (BRASIL, 2008)

21.1 Definição

As leis complementares são um tipo de lei que não têm a rigidez dos preceitos constitucionais, e tampouco comportam a revogação por força de qualquer lei ordinária superveniente[11]. Com a instituição de lei complementar, o constituinte buscou resguardar determinadas matérias contra mudanças céleres ou apressadas, sem deixá-las exageradamente rígidas, o que dificultaria sua modificação.

A lei complementar deve ser aprovada pela maioria absoluta de cada uma das Casas do Congresso Nacional (Constituição, art. 69).

21.2 Objeto

Caberia indagar se a lei complementar tem matéria própria. Pode-se afirmar que, sendo toda e qualquer lei uma complementação da Constituição, a sua qualidade de lei complementar seria atribuída por um elemento de índole formal, que é a sua aprovação pela maioria absoluta de cada uma das Casas do Congresso. A qualificação de uma lei como complementar dependeria, assim, de um elemento aleatório. Essa não é a melhor interpretação. Ao estabelecer um terceiro tipo, o constituinte pretendeu assegurar certa estabilidade e um mínimo de rigidez às normas que regulam certas matérias. Dessa forma, elimina-se eventual discricionariedade do legislador, e se entende que leis complementares propriamente ditas são aquelas exigidas expressamente pelo texto constitucional (ATALIBA, 1971, p. 28; FERREIRA FILHO, 2012, p. 240-241).

Disso decorre que:

a) Pode-se identificar as matérias reservadas à lei complementar pela expressa menção no texto constitucional. Não se pode pretender estender as matérias reservadas à lei complementar com base em argumentos de maior importância da matéria ou de conveniência política;

b) A utilização de lei complementar nas hipóteses constitucionalmente prescritas é obrigação e não faculdade. Não existe a possibilidade de se dispor por meio de lei ordinária sobre a matéria *enquanto não editada a lei complementar*.

c) Não existe entre lei complementar e lei ordinária (ou medida provisória:) uma relação de hierarquia, pois seus campos de abrangência são diversos. Assim, a lei ordinária que invadir matéria de lei complementar é inconstitucional, e não ilegal[12];

d) Norma pré-constitucional de qualquer espécie que verse sobre matéria que a Constituição de 1988 reservou à lei complementar foi recepcionada pela nova ordem constitucional como lei complementar[13];

---

[11] Sobre o assunto, cf. FERREIRA FILHO, 2012, p. 239. Cabe, no entanto, uma ressalva, pois existem leis formalmente complementares, mas materialmente ordinárias. (cf. BRASIL, 2008b; BRASIL, 2006b)

[12] "3. Inexistência de relação hierárquica entre lei ordinária e lei complementar. Questão exclusivamente constitucional, relacionada à distribuição material entre as espécies legais." (BRASIL, 2008b). No mesmo sentido, cf. BRASIL, 2010d; BRASIL, 2010b; BRASIL, 2009b; BRASIL, 2009d.

[13] "A recepção de lei ordinária como lei complementar pela Constituição posterior a ela só ocorre com relação aos seus dispositivos em vigor quando da promulgação desta, não havendo que se pretender a ocorrência de efeito repristinatório, porque o nosso sistema jurídico, salvo disposição em contrário, não admite a repristinação (Lei de Introdução ao Código Civil, art. 2º, § 3º)". (BRASIL, 1999b).

e) Lei votada com o procedimento de lei complementar e denominada como tal, ainda assim, terá efeitos jurídicos de lei ordinária, podendo ser revogada por lei ordinária posterior, se versar sobre matéria não reservada constitucionalmente à lei complementar[14]; e

f) Dispositivos de uma lei complementar que não tratarem de matéria constitucionalmente reservada à lei complementar possuem efeitos jurídicos de lei ordinária. Contudo, apesar de constitucionalmente legítimo, não é tecnicamente recomendável misturar no corpo de lei complementar matéria de lei ordinária.

22 Lei delegada

22.1 Definição

Lei delegada é o ato normativo elaborado e editado pelo Presidente da República em decorrência de autorização do Poder Legislativo, expedida por meio de resolução do Congresso Nacional e dentro dos limites nela traçados (Constituição, art. 68).

Trata-se de espécie normativa em desuso no âmbito federal. Apenas duas leis delegadas foram promulgadas após a Constituição de 1988, a Lei Delegada nº 12, de 7 de agosto de 1992, e a Lei nº 13, de 27 de agosto de 1992.

22.2 Objeto

A Constituição (art. 68, § 1º) estabelece que não podem ser objeto de delegação os atos de competência exclusiva do Congresso Nacional, os de competência privativa da Câmara dos Deputados ou do Senado Federal, a matéria reservada à lei complementar, nem a legislação sobre:

> "I – organização do Poder Judiciário e do Ministério Público, a carreira e a garantia de seus membros;
> II – nacionalidade, cidadania, direitos individuais, políticos e eleitorais; e
> III – planos plurianuais, diretrizes orçamentárias e orçamentos."

23 Medida provisória

23.1 Definição

Medida provisória é ato normativo com força de lei que pode ser editado pelo Presidente da República em caso de relevância e urgência. Na hipótese de medida provisória destinada à abertura de crédito extraordinário (Constituição, art. 167, § 3º), também existe o requisito da *imprevisibilidade* da situação que motivou a sua edição.

---

[14] "1. A norma revogada – embora inserida formalmente em lei complementar – concedia isenção de tributo federal e, portanto, submetia-se à disposição de lei federal ordinária, que outra lei ordinária da União, validamente, poderia revogar, como efetivamente revogou. 2. Não há violação do princípio da hierarquia das leis – *rectius*, da reserva constitucional de lei complementar – cujo respeito exige seja observado o âmbito material reservado pela Constituição às leis complementares. 3. Nesse sentido, a jurisprudência sedimentada do Tribunal, na trilha da decisão da ADC 1, 1º.12.93, Moreira Alves, RTJ 156/721, e também pacificada na doutrina". (BRASIL, 2006b)

A medida provisória deve ser submetida de imediato à deliberação do Congresso Nacional.

As medidas provisórias perdem a eficácia desde a edição se não forem convertidas em lei no prazo de 60 dias, prorrogável por mais 60 dias. Nesse caso, o Congresso Nacional deverá disciplinar, por decreto legislativo, as relações jurídicas decorrentes da medida provisória. Se tal disciplina não for feita no prazo de 60 dias após a rejeição ou a perda de eficácia de medida provisória, as relações jurídicas constituídas e decorrentes de atos praticados durante a vigência da medida provisória permanecem regidas por ela.

23.2 Objeto

As medidas provisórias têm por objeto, basicamente, a mesma matéria das leis ordinárias; contudo, não podem ser objeto de medida provisória as seguintes matérias:

a) Nacionalidade, cidadania, direitos políticos, partidos políticos e direito eleitoral;
b) Direitos Penal, Processual Penal e Processual Civil;
c) Organização do Poder Judiciário e do Ministério Público, a carreira e a garantia de seus membros;
d) Planos plurianuais, diretrizes orçamentárias, orçamento e créditos adicionais e suplementares, ressalvada a abertura de crédito extraordinário, a qual é expressamente reservada à medida provisória (Constituição, art. 167, § 3º);
e) Aquelas que visem à detenção ou ao sequestro de bens, de poupança popular ou de qualquer outro ativo financeiro;
f) Aquelas reservadas à lei complementar;
g) Já disciplinada em projeto de lei aprovado pelo Congresso Nacional e pendente de sanção ou veto do Presidente da República;
h) Aprovação de Código; e
i) Regulamentação de artigo da Constituição, cuja redação tenha sido alterada por meio de emenda constitucional promulgada no período compreendido entre 1º de janeiro de 1995 até a promulgação da Emenda Constitucional nº 32, de 11 de setembro de 2001.

Além disso, o Decreto nº 9.191, de 2017, recomenda que não seja objeto de medida provisória a matéria “que possa ser aprovada sem dano para o interesse público nos prazos estabelecidos pelo procedimento legislativo de urgência previsto na Constituição” (art. 35, *caput,* inciso V).

24 Decreto[15]

24.1 Definição

Decretos são atos administrativos de competência exclusiva do Chefe do Executivo, destinados a prover as situações gerais ou individuais, abstratamente previstas, de modo expresso ou implícito, na lei (MEIRELLES, 2013, p. 189-190). Essa é a definição clássica, que não se aplica aos decretos autônomos, tratados adiante.

---

[15] Nesta versão do Manual da Presidência, optou-se por não discorrer a respeito do decreto legislativo, por se tratar de ato normativo de competência exclusiva do Congresso Nacional (Constituição, art. 49).

24.2 Decretos singulares ou de efeitos concretos

Os decretos podem conter regras singulares ou concretas (por exemplo, decretos referentes à questão de pessoal, de abertura de crédito, de desapropriação, de cessão de uso de imóvel, de indulto, de perda de nacionalidade, etc.).

Os decreto singulares costumavam não ser numerados, numa prática que foi abolida com o Decreto nº 9.191, de 2017. Atualmente, apenas os decreto relativas às questões de pessoal não são numerados e também não possuem ementa.

24.3 Decretos regulamentares

Os decretos regulamentares são atos normativos subordinados ou secundários. A diferença entre a lei e o regulamento, no Direito brasileiro, não se limita à origem ou à supremacia daquela sobre este. A distinção substancial é de que a lei inova originariamente o ordenamento jurídico, enquanto o regulamento não o altera, mas fixa, tão-somente, as:

> [...] regras orgânicas e processuais destinadas a pôr em execução os princípios institucionais estabelecidos por lei, ou para desenvolver os preceitos constantes da lei, expressos ou implícitos, dentro da órbita por ela circunscrita, isto é, as diretrizes, em pormenor, por ela determinadas. (MELLO, 1969, p. 314-316).

Como observa Celso Antônio Bandeira de Mello, a generalidade e o caráter abstrato da lei permitem particularizações gradativas quando não têm como fim a especificidade de situações insuscetíveis de redução a um padrão qualquer (MELLO, 1981, p. 83). Disso resulta, não raras vezes, margem de discrição administrativa a ser exercida na aplicação da lei.

24.4 Decretos autônomos

Com a edição da Emenda Constitucional nº 32, de 2001, introduziu-se no ordenamento pátrio ato normativo conhecido doutrinariamente como decreto autônomo, decreto que decorre diretamente da Constituição, possuindo efeitos análogos ao de uma lei ordinária.

Tal espécie normativa, contudo, limita-se às hipóteses de organização e funcionamento da administração pública federal, quando não implicar aumento de despesa nem criação ou extinção de órgãos públicos, e de extinção de funções ou cargos públicos, quando vagos (Constituição, art. 84, *caput,* inciso VI).

25 Portaria

25.1 Definição e objeto

É o instrumento pelo qual Ministros ou outras autoridades expedem instruções sobre a organização e o funcionamento de serviço, sobre questões de pessoal e outros atos de sua competência.

Tal como os atos legislativos, a portaria contém parte preliminar, parte normativa e parte final, dessa forma, as considerações do subitem "19.1 Forma e estrutura" são válidas. Porém a portaria não possui fecho e, além disso, as portarias relativas às questões de pessoal não contêm ementa.

Exemplo de portaria:

PORTARIA Nº 936, DE 8 DE AGOSTO DE 2018

Delega competência para autorização de concessão de diárias e passagens no âmbito da Casa Civil da Presidência da República.

O MINISTRO DE ESTADO CHEFE DA CASA CIVIL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 87, parágrafo único, incisos I e II, da Constituição, e tendo em vista o disposto no art. 12 da Lei nº 9.784, de 29 de janeiro de 1999, e no art. 6º e art. 7º do Decreto nº 7.689, de 2 de março de 2012, resolve:

Art. 1º A competência para autorizar a concessão de diárias e passagens aos servidores fica delegada aos dirigentes máximos das seguintes unidades:

I – Assessoria Especial;

II – Secretaria-Executiva;

III – Subchefia de Análise e Acompanhamento de Políticas Governamentais;

IV – Subchefia de Articulação e Monitoramento;

V – Subchefia para Assuntos Jurídicos;

VI – Secretaria do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social;

VII – Secretaria-Executiva da Comissão de Ética Pública;

VIII – Imprensa Nacional;

IX – Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário;

X – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA;

XI – Instituto Nacional de Tecnologia da Informação – ITI; e

XII – Gabinete de Intervenção Federal no Estado do Rio de Janeiro.

§ 1º A concessão de diárias e passagens dos servidores lotados no Gabinete do Ministro será autorizada pelo Secretário-Executivo da Casa Civil.

§ 2º Os dirigentes mencionados no *caput* designarão, aos gestores setoriais do Sistema de Concessão de Diárias e Passagens (SCDP), os servidores que realizarão os procedimentos de concessão e de autorização de diárias e passagens.

Art. 2º Fica delegada ao Secretário-Executivo da Casa Civil, vedada a subdelegação, salvo nas hipóteses em que o deslocamento exigir manutenção do sigilo, observado o § 8º do art. 7º do Decreto nº 7.689, de 2012, a competência para autorizar a concessão de diárias e passagens referentes à:

I – deslocamentos de servidores ou militares por prazo superior a dez dias contínuos;

II – mais de quarenta diárias intercaladas por servidor no ano;

III – deslocamentos de mais de dez pessoas para o mesmo evento; e

IV – deslocamentos para o exterior, com ônus.

Parágrafo único. A competência para autorizar a concessão das diárias e passagens de que tratam os incisos I a III do *caput* fica delegada, nos respectivos órgãos e entidades:

I – ao Secretário Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário;

II – aos presidentes do INCRA e do ITI; e

III – ao Interventor Federal.

Art. 3º A concessão de diárias e passagens do Secretário-Executivo da Casa Civil será autorizada pelo Ministro de Estado Chefe da Casa Civil.

Art. 4º A autoridade responsável pela autorização da concessão das diárias e passagens ficará responsável pela aprovação da respectiva prestação de contas.

Art. 5º Os limites de gastos com diárias e passagens de que trata o § 3º do art. 6º do Decreto nº 7.689, de 2012, deverão ser distribuídos entre as unidades elencadas no art. 1º.

Parágrafo único. O Secretário-Executivo da Casa Civil deverá, em ato próprio a ser publicado no Boletim Interno, definir os limites de gastos com diárias e passagens anualmente.

Art. 6º Ficam convalidados os atos de autorização de concessão de diárias e passagens relativos ao Gabinete de Intervenção Federal no Estado do Rio de Janeiro até a data de entrada em vigor desta Portaria.

Art. 7º Ficam revogadas:

I – a Portaria nº 964, de 5 de outubro de 2017; e

II – a Portaria nº 1.031, de 13 de novembro de 2017.

Art. 8º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

ELISEU LEMOS PADILHA

Capítulo VI

O PROCESSO LEGISLATIVO

6

26 Introdução

O processo legislativo abrange não só a elaboração das leis propriamente ditas (leis ordinárias, leis complementares, leis delegadas), mas também a elaboração das emendas constitucionais, das medidas provisórias, dos decretos legislativos e das resoluções (BRASIL, 1988, art. 59).

O decreto legislativo e a resolução são utilizados pelo Congresso Nacional ou por uma de suas Casas para tratar de matéria de sua competência exclusiva. Não estão sujeitos à sanção pelo Presidente da República. Em geral, aplicam-se as regras de elaboração da lei ordinária, mas o detalhamento do procedimento compete aos regimentos internos. Por decreto legislativo, o Congresso Nacional:

a) resolve sobre tratados internacionais (BRASIL, 1988, art. 49);
b) disciplina relações ocorridas na vigência de medida provisória não convertida em lei (BRASIL, 1988, art. 62); e
c) susta atos do Poder Executivo que exorbitem do poder regulamentar (BRASIL, 1988, art. 49).

A resolução, a seu turno, é utilizada principalmente pelo Senado Federal para se desincumbir de suas competências relacionadas ao Imposto sobre Operações relativas à Circulação de Mercadorias – ICMS (BRASIL, 1988, art. 155), para dispor sobre limites de endividamento dos entes e suspender a execução de lei declarada inconstitucional pelo Supremo Tribunal Federal no controle difuso de constitucionalidade (BRASIL, 1988, art. 52).

O processo de elaboração das leis ordinárias e complementares segue o mesmo itinerário (FERREIRA FILHO, 2012, p. 217, 241), ressalvada a exigência de aprovação por maioria absoluta em cada uma das Casas do Congresso Nacional, aplicável às leis complementares (BRASIL, 1988, art. 69). O processo pode ser desdobrado nas seguintes etapas:

a) iniciativa;
b) discussão;
c) deliberação ou votação;
d) sanção ou veto;
e) promulgação; e
f) publicação.

27 Iniciativa

A iniciativa é a proposta de edição de direito novo. A discussão e a votação dos projetos de lei de iniciativa do Presidente da República, do Supremo Tribunal Federal e dos Tribunais Superiores terão início na Câmara dos Deputados (BRASIL, 1988, art. 64). Da mesma forma, a iniciativa popular será exercida pela apresentação à Câmara dos Deputados do projeto de lei (BRASIL, art. 61). A Constituição não tratou expressamente a respeito, mas, por força regimental (RICD, art. 109, § 1º, inciso VII), os projetos de lei de iniciativa do Ministério Público também começam a tramitar na Câmara dos Deputados.

A iniciativa põe em marcha o processo legislativo e determina a possibilidade de a Casa Legislativa destinatária de submeter o projeto de lei a uma deliberação definitiva[16].

27.1 Iniciativa comum ou concorrente

A iniciativa comum ou concorrente compete ao Presidente da República, a qualquer Deputado ou Senador, a qualquer comissão de qualquer das Casas do Congresso, e aos cidadãos – iniciativa popular (BRASIL, 1988, art. 61).

A iniciativa popular em matéria de lei federal está condicionada à manifestação de pelo menos "um por cento do eleitorado nacional, que deverá estar distribuído em, no mínimo, cinco Estados, exigida em cada um deles a manifestação mínima de três décimos por cento de seus eleitores" (BRASIL, 1988, art. 61).

Sob a classificação de iniciativa concorrente, tem-se também a relativa à proposta de emenda à Constituição. O processo de emenda à Constituição pode ser deflagrado (i) por um terço, no mínimo, dos membros da Câmara dos Deputados ou do Senado Federal, (ii) pelo Presidente da República, e (iii) por mais da metade das Assembleias Legislativas dos Estados-Membros, manifestando-se, cada uma delas, pela maioria relativa de seus membros (BRASIL, 1988, art. 60).

27.2 Iniciativa reservada

A Constituição confere a iniciativa da legislação sobre certas matérias, privativamente, a determinados órgãos.

27.2.1 Iniciativa reservada do Presidente da República

Está reservada ao Presidente da República a iniciativa das leis ordinárias ou complementares que (BRASIL, 1988, art. 61):

a) fixem ou modifiquem os efetivos das Forças Armadas;
b) criem cargos, funções ou empregos públicos, ou aumentem sua remuneração;
c) com relação aos Territórios, disponham sobre organização administrativa e judiciária, matéria tributária e orçamentária, serviços públicos e servidores[17];
d) disponham sobre servidores da União e Territórios: provimento de cargos, regime jurídico (estabilidade e aposentadoria);
e) disponham sobre a organização do Ministério Público e da Defensoria Pública da União;
f) disponham sobre normas gerais para a organização do Ministério Público e da Defensoria Pública dos Estados, do Distrito Federal e dos Territórios;
g) criem e extingam órgãos da administração pública;
h) disponham sobre militares das Forças Armadas, provimento de cargos, regime jurídico (promoção, estabilidade, remuneração, reforma e transferência para a reserva.

---

[16] "A iniciativa legislativa aparece, pois, como poder de estabelecer a formação do Direito objetivo e de poder de escolha dos interesses a serem tutelados pela ordem jurídica em forma de lei em sentido técnico. Por isso, torna-se um ato fundamental do processo legislativo. Sem iniciativa, os órgãos incumbidos do poder de legislar não podem exercer tal função" (SILVA, 2007, p. 136)

[17] Cf. BRASIL, 1992b; BRASIL, 2006a; BRASIL, 1988 (especialmente, o art. 61, § 1º, inciso II, alínea b, que se aplica exclusivamente aos Territórios).

27.2.2 Iniciativa reservada da Câmara dos Deputados e do Senado Federal

A remuneração dos servidores da Câmara dos Deputados e do Senado Federal – segundo a Constituição, em seus art. 51 e art.52 – é estabelecida em lei cuja iniciativa é reservada à respectiva Casa. A organização dos serviços administrativos é feita, em regra, por resolução da respectiva Casa, sem que, como na lei que fixa a remuneração, tenha de ir à sanção do Presidente da República.

27.2.3 Iniciativa reservada dos tribunais

Compete privativamente ao Supremo Tribunal Federal e aos Tribunais Superiores (BRASIL, 1988, art. 96) propor a criação ou a extinção dos tribunais inferiores, a alteração do número de membros destes, a criação e a extinção de cargos e a fixação de vencimentos de seus membros, dos juízes, inclusive dos tribunais inferiores, dos serviços auxiliares dos juízos que lhes forem vinculados, e a alteração da organização e da divisão judiciária.

Os tribunais, em geral, detêm competência privativa para propor a criação de novas varas judiciárias. Podem propor tanto a criação e a extinção de cargos e a remuneração dos serviços auxiliares e dos juízos que lhe forem vinculados, bem como a fixação do subsídio de seus membros e dos juízes. Podem, também, propor alteração da organização administrativa e da divisão judiciárias.

A iniciativa da lei complementar sobre o Estatuto da Magistratura (BRASIL, 1988, art. 93) também compete privativamente ao Supremo Tribunal Federal.

27.2.4 Iniciativa reservada do Ministério Público

A iniciativa privativa para apresentar projetos de lei sobre a criação ou a extinção de seus cargos ou de seus serviços auxiliares é assegurada ao Ministério Público (BRASIL, 1988, art. 127)[18].

27.2.5 Iniciativa vinculada

A Constituição prevê, ainda, sistema de iniciativa vinculada, na qual a apresentação do projeto é obrigatória. Nesse caso, o Chefe do Executivo Federal deve encaminhar ao Congresso Nacional os projetos referentes às leis orçamentárias (plano plurianual, lei de diretrizes orçamentárias e o orçamento anual).

---

[18] "No § 5º, do art. 128, a Lei Maior faculta ao Chefe do Ministério Público a iniciativa de lei complementar que estabeleça a organização, as atribuições e o estatuto de cada Ministério Público. Pelo art. 61, § 1º, II, d, o constituinte reserva ao Presidente da República a iniciativa de lei sobre organização do Ministério Público. O STF reconheceu a impropriedade terminológica, mas conciliou os dispositivos, entendendo que, no caso, 'essa *privatividade* [da iniciativa do Presidente da República] só pode ter um sentido, que é o de eliminar a iniciativa parlamentar' (Voto do Min. Sepúlveda Pertence na ADI 400/ES, RTJ 139/453)". (MENDES; BRANCO, 2013, p. 867.)

28 Discussão

A disciplina sobre a discussão e a instrução do projeto de lei é confiada, fundamentalmente, aos Regimentos das Casas Legislativas.

O projeto de lei aprovado por uma Casa será revisto pela outra em um só turno de discussão e votação. Não há tempo prefixado para deliberação, salvo quando o projeto for de iniciativa do Presidente da República e este formular pedido de apreciação sob regime de urgência (Constituição, art. 64, § 1º). Nesse caso, se ambas as Casas não se manifestarem cada qual, sucessivamente, em até 45 dias, o projeto deve ser incluído na Ordem do Dia, e ficam suspensas as deliberações sobre outra matéria até que seja votada a proposição do Presidente (Constituição, art. 64, §§ 1º e 2º).

29 Emenda

Segundo o Regimento Interno da Câmara dos Deputados, emenda é a proposição apresentada como acessória de outra proposição (proposta de emenda à Constituição, projetos de lei ordinária e complementar, projetos de decreto legislativo e projetos de resolução – RICD, art. 118).

29.1 Titularidade do direito de emenda

Nem todo titular de iniciativa tem poder de emenda. Essa faculdade é reservada aos parlamentares. Se, entretanto, for de iniciativa do Poder Executivo ou do Poder Judiciário, o seu titular também pode apresentar modificações, acréscimos, o que fará por meio de mensagem aditiva, dirigida ao Presidente da Câmara dos Deputados, que justifique a necessidade do acréscimo.

Ao contrário do Texto Constitucional de 1967/69, a Constituição de 1988 veda somente a apresentação de emendas que aumentem a despesa prevista nos projetos de iniciativa reservada (Constituição, art. 63, incisos I e II). A apresentação de emendas a qualquer projeto de lei oriundo de iniciativa reservada ficou autorizada, desde que não implique aumento de despesa e que tenha estrita pertinência temática.

29.1.1 Emendas ao projeto de lei de orçamento anual e ao de lei de diretrizes orçamentárias

A Constituição não impede a apresentação de emendas ao projeto de lei orçamentária. Elas devem ser, todavia, compatíveis com o plano plurianual e com a lei de diretrizes orçamentárias e devem indicar os recursos necessários, sendo admitidos apenas aqueles provenientes de anulação de despesa (Constituição, art. 166, § 3º).

A Constituição veda a propositura de emendas ao projeto de lei de diretrizes orçamentárias que não guardem compatibilidade com o plano plurianual (Constituição, art. 166, § 4º).

29.1.2 Emendas aos projetos de lei de conversão de medidas provisórias

Na Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 5.127/DF, julgada pelo Plenário Supremo Tribunal Federal em 15 de outubro de 2018, foi firmado o entendimento de que não poderia ser incluído em *projeto de lei de conversão de medida provisória* matéria estranha o objeto original porque isso implicaria uso indevido de processo legislativo especial[19].

Diante do novo entendimento, a inclusão de emendas sem pertinência temática com o texto original da medida provisória no projeto de lei de conversão deixou de ser mera questão de técnica legislativa e tornou-se problema de inconstitucionalidade.

29.2 Espécies de emendas

As propostas de modificação de um projeto em tramitação no Congresso Nacional podem ter escopos diversos. Elas podem buscar a modificação, a supressão, a substituição, o acréscimo ou a redistribuição de disposições do projeto. Nos termos do Regimento Interno da Câmara dos Deputados, "as emendas são supressivas, aglutinativas, substitutivas, modificativas, ou aditivas". Pode-se, ainda, adotar a seguinte classificação das emendas (RICD, art. 118):

a) emenda supressiva: manda erradicar qualquer parte de outra proposição;
b) emenda aglutinativa: resulta da fusão de outras emendas, ou destas com o texto, por transação tendente à aproximação dos respectivos objetos;
c) emenda substitutiva: apresentada como sucedânea a parte de outra proposição;
d) emenda modificativa: altera a proposição sem a modificar substancialmente;
e) emenda aditiva: acrescenta-se a outra proposição;
f) subemenda: emenda apresentada em Comissão a outra emenda, e pode ser supressiva, substitutiva, ou aditiva; e
g) emenda de redação: emenda modificativa que visa a sanar vício de linguagem, incorreção de técnica legislativa ou lapso manifesto.

30 Votação

A votação da matéria legislativa constitui ato coletivo das Casas do Congresso. Realiza-se, normalmente, após a instrução do projeto nas comissões e dos debates no plenário. Essa decisão é tomada por:

a) Maioria simples (maioria dos membros presentes) para aprovação dos projetos de lei ordinária – desde que presente a maioria absoluta de seus membros: 257 Deputados na Câmara dos Deputados e 41 Senadores no Senado Federal (Constituição, art. 47);
b) Maioria absoluta dos membros para aprovação dos projetos de lei complementar – 257 Deputados e 41 Senadores – (Constituição, art. 69) e maioria de três quintos dos membros das Casas, para aprovação de emendas constitucionais – 308 Deputados e 49 Senadores – (Constituição, art. 60, § 2º).

31 Sanção

---

[19] Conforme a ementa: *"*1. Viola a Constituição da República, notadamente o princípio democrático e o devido processo legislativo (arts. 1º, *caput*, parágrafo a prática da inserção, mediante emenda parlamentar no processo legislativo de conversão de medida provisória em lei, de matérias de conteúdo temático estranho ao objeto originário da medida provisória.*"*

A sanção é o ato pelo qual o Chefe do Executivo manifesta a sua anuência ao projeto de lei aprovado pelo Poder Legislativo. Verifica-se aqui a fusão da vontade do Congresso Nacional com a do Presidente, da qual resulta a formação da lei. A sanção pode ser expressa ou tácita.

31.1 Sanção expressa

A sanção será expressa quando o Presidente da República manifestar a sua concordância com o projeto de lei aprovado pelo Congresso Nacional, no prazo de 15 dias úteis.

Na contagem do prazo de 15 dias úteis, devem ser desconsiderados apenas os fins de semana e os feriados previstos em lei federal. Dias de *ponto facultativo* devem ser contados como dia útil, inclusive o Carnaval, pois, apesar de ser tradição não trabalhar no período, não existe lei federal estabelecendo ser feriado a segunda ou a terça-feira de Carnaval.

Existe tradição no sentido de contar o período não segundo os critérios tradicionais, segundo os quais *"computam-se os prazos, excluído o dia do começo, e incluído o do vencimento"*[20], mas incluindo no cômputo tanto o dia do recebimento na Presidência da República quanto o último dia do prazo e considerando este último como o prazo limite para ser despachado pelo Presidente da República. Já a publicação da decisão presidencial, *i. e.* a sanção, o veto integral ou o veto parcial, tem como prazo limite a data em que circular a próxima edição regular do Diário Oficial da União.

Exemplo de fórmula utilizada no caso de sanção expressa:

> **O PRESIDENTE DA REPÚBLICA** Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei: (...)

---

[20] Conforme Lei nº 10.406, de 2002 – Código Civil, em seu art. 131, *caput*, essa orientação de prazo pode ser dita de modo invertido, como no art. 8º, § 1º, da Lei Complementar nº 95, de 2002, ou seja, *"*com a inclusão da data da publicação e do último dia do prazo, entrando em vigor no dia subseqüente à sua consumação integral*"*. (BRASIL, 2002c, art.131)

31.2 Sanção tácita

A Constituição confere ao silêncio do Presidente da República o significado de uma declaração de vontade de índole positiva. Assim, decorrido o prazo de 15 dias úteis sem manifestação expressa do Chefe do Poder Executivo, considera-se sancionada tacitamente a lei (Constituição, art. 66, § 3º).

31.3 Sanção e vício de iniciativa

A questão sobre o eventual caráter convalidatório da sanção de projeto resultante de usurpação de iniciativa reservada ao Chefe do Poder Executivo já ocupou tribunais e doutrinadores. Ainda que haja Súmula do STF nº 5, de 13 de dezembro de 1953, a afirmar que "a falta de iniciativa do Poder Executivo fica sanada com a sanção do projeto de lei" (BRASIL, 1953), o Tribunal afastou-se, ainda na década de 1970, dessa orientação (BRASIL, 1974), assentando que a sanção não supre vício de iniciativa, posicionamento que se mantém consolidado[21].

32 Veto

O veto é o ato pelo qual o Chefe do Poder Executivo nega sanção ao projeto – ou a parte dele –, obstando à sua conversão em lei (Constituição, art. 66, § 1º). Trata-se de ato de natureza legislativa, que integra o processo de elaboração das leis no Direito brasileiro (SILVA, 2007, p. 215).

Dois são os fundamentos para a recusa de sanção (Constituição, art. 66, § 1º):

a) inconstitucionalidade; ou
b) contrariedade ao interesse público.

Exemplo de veto por inconstitucionalidade:

Senhor Presidente do Senado Federal,

Comunico a Vossa Excelência que, nos termos do § 1º do art. 66 da Constituição, decidi vetar parcialmente, por contrariedade ao interesse público e inconstitucionalidade, o Projeto de Lei de Conversão nº 18, de 2018(MP nº 827/2018), que "Altera a Lei nº 11.350, de 5 de outubro de 2006, para modificar normas que regulam o exercício profissional dos Agentes Comunitários de Saúde e dos Agentes de Combate às Endemias".

Ouvidos, os Ministérios do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão, da Justiça, da Fazenda e da Saúde manifestaram-se pelo veto aos seguintes dispositivos:

§§ 1º, 5º e 6º do art. 9º-A da Lei nº 11.350, de 5 de outubro de 2006, alterados pelo art. 1º do projeto de lei de conversão

---

[21] "A sanção do projeto de lei não convalida o vício de inconstitucionalidade resultante da usurpação do poder de iniciativa. A ulterior aquiescência do chefe do Poder Executivo, mediante sanção do projeto de lei, ainda quando dele seja a prerrogativa usurpada, não tem o condão de sanar o vício radical da inconstitucionalidade. Insubsistência da Súmula 5/STF. Doutrina. Precedentes." (BRASIL, 2003). No mesmo sentido, cf. BRASIL, 2009a; BRASIL, 2009c; BRASIL, 1999c; BRASIL, 2001.

“§ 1º O piso salarial profissional nacional dos Agentes Comunitários de Saúde e dos Agentes de Combate às Endemias é fixado no valor de R$ 1.550,00 (mil quinhentos e cinquenta reais) mensais, obedecido o seguinte escalonamento:

I - R$ 1.250,00 (mil duzentos e cinquenta reais) em 1º de janeiro de 2019;

II - R$ 1.400,00 (mil e quatrocentos reais) em 1º de janeiro de 2020;

III - R$ 1.550,00 (mil quinhentos e cinquenta reais) em 1º de janeiro de 2021.”

“§ 5º O piso salarial de que trata o § 1º deste artigo será reajustado, anualmente, em 1º de janeiro, a partir do ano de 2022.

§ 6º A lei de diretrizes orçamentárias fixará o valor reajustado do piso salarial profissional nacional dos Agentes Comunitários de Saúde e dos Agentes de Combate às Endemias.”

Razões dos vetos

“Os dispositivos violam a iniciativa reservada do Presidente da República em matéria sobre ‘criação de cargos, funções ou empregos públicos na administração direta e autárquica ou aumento de sua remuneração’, a teor do art. 61, § 1º, inciso II, ‘a’, da Constituição, na medida em que representaria aumento remuneratório para servidores, e tendo em vista que este dispositivo constitucional alcança qualquer espécie de servidor público, não somente os federais. Além disso, há violação de matéria reservada à Lei de Diretrizes Orçamentárias (Constituição, art. 165, § 2º) pelo §6º do projeto sob sanção, pois se determina inserir na LDO matéria estranha ao objeto que lhe foi constitucionalmente atribuído. Ademais, há também violação do art. 113 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, por se criar despesa obrigatória sem nenhuma estimativa de impacto, incorrendo-se, pelo mesmo fundamento, em violação dos artigos 15, 16 e 17 da Lei de Responsabilidade Fiscal. Por fim, observa-se descumprimento do artigo 21, parágrafo único, da LRF, pois haveria ‘ato de que resulte aumento de despesa com pessoal’ dentro dos cento e oitenta dias anteriores ao final do mandato do titular do Poder Executivo, o que poderia, inclusive, enquadrar-se como conduta tipificada no artigo 359-G do Código Penal.”

Essas, Senhor Presidente, as razões que me levaram a vetar os dispositivos acima mencionados do projeto em causa, as quais ora submeto à elevada apreciação dos Senhores Membros do Congresso Nacional.

(Mensagem nº 228, de 5 de junho de 2013)

Exemplo de veto por contrariedade ao interesse público:

Senhor Presidente do Senado Federal,

Comunico a Vossa Excelência que, nos termos do § 1º do art. 66 da Constituição, decidi vetar integralmente, por contrariedade ao interesse público, o Projeto de Lei nº 59, de 2016 (nº 7.691/14 na Câmara dos Deputados), que “Acrescenta parágrafo ao art. 1º da Lei nº 11.668, de 2 de maio de 2008”.

Ouvidos, os Ministérios da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão, da Fazenda e a Advocacia-Geral da União manifestaram-se pelo veto ao projeto pelas seguintes razões:

"O projeto contempla alteração normativa que poderia resultar em substancial redução de receita da empresa que exerce, em nome da União, o monopólio postal estatal, face à ampliação do escopo dos contratos de franquia postal. Ademais, sob o prisma tributário, não alcançaria o fim projetado, podendo, ao contrário, gerar novas controvérsias, judicialização do tema e insegurança jurídica. Por fim, poderia representar redução da base de cálculo de tributos municipais e federais ora arrecadados, sem estimar o montante de tal redução potencial de receita tributária."

Essas, Senhor Presidente, as razões que me levaram a vetar o projeto em causa, as quais ora submeto à elevada apreciação dos Senhores Membros do Congresso Nacional.

(MENSAGEM Nº 179, de 2017)

32.1 Motivação e prazo do veto

O veto deve ser expresso e motivado, e oposto no prazo de 15 dias úteis, contado da data do recebimento do projeto, e comunicado ao Congresso Nacional nas 48 horas subsequentes à sua oposição (Constituição, art. 66, § 1º).

32.2 Extensão do veto

Nos termos do disposto na Constituição, o veto pode ser total ou parcial (Constituição, art. 66, § 1º). O veto total incide sobre o projeto de lei na sua integralidade. O veto parcial somente pode abranger texto integral de artigo, de parágrafo, de inciso ou de alínea (Constituição, art. 66, § 2º). Não é possível, portanto, o veto de trecho do *caput*, de inciso, de parágrafo ou de alínea, mesmo que dentro do dispositivo, de modo atécnico, tenham sido postas várias disposições autônomas.

Não está expresso em nenhuma norma e não existe precedente jurisprudencial a respeito; contudo, já está consolidada a tradição no sentido da possibilidade de o veto abranger *item*, *subitem*, linha de tabela no anexo, coluna de tabela no anexo ou o *caput* do artigo sem extensão aos parágrafos.

Quanto aos artigos que efetuam alterações em outras leis, já existe tradição quanto à possibilidade de veto abranger apenas dispositivo específico entre os vários cuja alteração esteja sendo proposta.

32.3 Efeitos do veto

A principal consequência jurídica do exercício do poder de veto é a de suspender a transformação do projeto – ou de parte dele – em lei. Na hipótese de veto parcial, a parte do projeto que logrou obter a sanção presidencial converte-se em lei e passa a obrigar desde a sua entrada em vigor. A parte vetada depende, porém, da manifestação do Poder Legislativo. Se o veto for mantido pelo Congresso Nacional, o projeto, ou parte dele, há de ser considerado rejeitado, podendo a sua matéria ser objeto de nova proposição, na mesma sessão legislativa, somente se for apresentada pela maioria absoluta dos membros de quaisquer das Casas do Congresso Nacional (Constituição, art. 67).

32.4 Irretratabilidade do veto

Uma das mais relevantes características do veto é a sua irretratabilidade. Tal como já acentuado pelo Supremo Tribunal Federal, manifestado o veto, o Presidente da República não pode retirá-lo ou retratar-se para sancionar o projeto vetado (BRASIL, 1960).

32.5 Rejeição do veto

O veto não impede a conversão do projeto em lei, podendo ser superado por deliberação do Congresso Nacional. Daí afirma-se, genericamente, ter sido adotado, no Direito Constitucional brasileiro, o sistema de veto relativo.

Feita a comunicação do motivo do veto, dentro do prazo de 48 horas, o Congresso Nacional poderá rejeitá-lo, em sessão conjunta, no prazo de 30 dias a contar do recebimento, em escrutínio secreto, pela manifestação da maioria absoluta dos Deputados e Senadores. Comunicado o veto ao Presidente do Senado Federal, este designará Comissão Mista que deverá relatá-lo e estabelecerá o calendário de sua tramitação no prazo de 72 horas. O prazo de que trata o artigo deverá ser contado da protocolização do veto na Presidência do Senado Federal[22]. Esgotado sem deliberação o prazo estabelecido no art. 66, § 4º, o veto será colocado na Ordem do Dia da sessão imediata, sobrestadas as demais proposições, até sua votação final (Constituição, art. 66, § 6º).

Se o veto não for mantido, o projeto será enviado, para promulgação, ao Presidente da República (Constituição, art. 66, § 5º). Se a lei não for promulgada no prazo de 48 horas pelo Presidente da República, o Presidente do Senado Federal a promulgará, e, se este não o fizer em igual prazo, caberá ao Vice-Presidente do Senado fazê-lo (Constituição, art. 66, § 7º).

32.6 Ratificação parcial do projeto vetado

Em se tratando de vetos parciais, o Congresso Nacional poderá acolher certas objeções contra partes do projeto e rejeitar outras. No caso de rejeição parcial dos vetos, verificado nos termos do disposto no art. 66, § 4º, da Constituição, compete ao Presidente da República a promulgação da lei (Constituição, art. 66, § 5º) e, se este não a fizer, caberá ao Presidente ou ao Vice-Presidente do Senado Federal fazê-lo (Constituição, art. 66, § 7º).

---

[22] Art. 104, § 1º do Regime Comum do Congresso Nacional – Resolução nº 1, de 1970, CN, com redação dada pela Resolução no 1, de 2013 – CN.

32.7 Ratificação parcial de veto total

A possibilidade de rejeição parcial de veto total é uma questão menos pacificada. Themistocles Brandão Cavalcanti, por exemplo, considera que "o veto total se possa apresentar como um conjunto de vetos parciais, tal a disparidade e a diversidade das disposições que constituem o projeto". Também o Supremo Tribunal Federal já reconheceu admissibilidade de rejeição parcial de veto total[23]. Essa parece ser a posição mais adequada. A possibilidade de veto parcial legitima a concepção de que o veto total corresponde a uma recusa singular de cada disposição do projeto.

32.8 Tipologia do veto

Pode-se afirmar, em síntese, que, no Direito brasileiro, o veto observa a seguinte tipologia:

a) quanto à extensão, o veto pode ser total ou parcial;
b) quanto à forma, o veto deverá ser expresso;
c) quanto aos fundamentos, o veto pode ser jurídico (por inconstitucionalidade) ou político (por contrariedade ao interesse público);
d) quanto ao efeito, o veto é relativo, pois apenas suspende, até à deliberação definitiva do Congresso Nacional, a conversão do projeto em lei; e
e) quanto à devolução, a atribuição para apreciar o veto é confiada, exclusivamente, ao Poder Legislativo (veto legislativo) (SILVA, 2007; MELO FILHO, 1986, p. 226).

33 Promulgação

A promulgação e a publicação constituem fases essenciais da eficácia da lei. A promulgação atesta a existência da lei, produzindo dois efeitos básicos:

a) reconhece os fatos e atos geradores da lei; e
b) indica que a lei é válida.

33.1 Obrigação de promulgar

A promulgação das leis compete ao Presidente da República (Constituição, art. 66, § 7º). Ela deverá ocorrer dentro do prazo de 48 horas, decorrido da sanção ou da superação do veto. Nesse último caso, se o Presidente não promulgar a lei, competirá a promulgação ao Presidente do Senado Federal, que disporá, igualmente, de 48 horas para fazê-lo; se este não o fizer, deverá fazê-lo o Vice-Presidente do Senado Federal, em prazo idêntico.

---

[23] "Representação de inconstitucionalidade relativa à Lei 4.962, de 20 de dezembro de 2006, do estado de São Paulo – Lei que se adstringe a disciplina de matéria concernente ao comercio estadual, bem como contém norma de natureza administrativa. Inexistência de invasão de competência legislativa em face da resolução 7/85 do Conselho Nacional do Petróleo. Por outro lado, não há, na Constituição Federal, qualquer norma que impeça a rejeição parcial de veto total. No caso, a rejeição parcial do veto não alterou, em sua substância, o sentido da Lei Estadual em causa. Representação julgada improcedente". (BRASIL, 1987)

33.2 Casos e formas de promulgação

A complexidade do processo legislativo, também na sua fase conclusiva – sanção, veto, promulgação , faz que haja a necessidade de desenvolverem-se formas diversas de promulgação da lei.

Podem ocorrer as seguintes situações:

a) o projeto é expressamente sancionado pelo Presidente da República, verificando-se a sua conversão em lei. Nesse caso, a promulgação ocorre concomitantemente à sanção;

b) o projeto é vetado, mas o veto é rejeitado pelo Congresso Nacional, que converte o projeto em lei. Não há sanção, nesse caso, e a lei deve ser promulgada mediante ato solene (Constituição, art. 66, § 5º); e

c) o projeto é convertido em lei mediante sanção tácita. Nessa hipótese, compete ao Presidente da República – ou, no caso de sua omissão, ao Presidente ou ao Vice-Presidente do Senado Federal – proceder à promulgação solene da lei.

A seguir, alguns exemplos de atos promulgatórios de Lei.

a) sanção expressa e solene:

Exemplo:

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA: Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte lei: (...)

b) promulgação pelo Presidente da República de lei resultante de veto total rejeitado pelo Congresso Nacional:

Exemplo:

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA: Faço saber que o Congresso Nacional manteve e eu promulgo, nos termos do art. 66, § 5º, da Constituição, a seguinte Lei: (...)

c) promulgação pelo Presidente do Congresso Nacional de lei resultante de veto total rejeitado:

Exemplo:

O Presidente do SENADO FEDERAL promulga, nos termos do art. 66, § 7º, da Constituição, a seguinte Lei, resultante de Projeto vetado pelo Presidente da República e mantido pelo Congresso Nacional: (...)

d) parte vetada pelo Presidente da República e mantida pelo Congresso Nacional:

Exemplo:

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA: Faço saber que o Congresso Nacional manteve e eu promulgo, nos termos do art. 66, § 5º, da Constituição, o seguinte [ou seguintes dispositivos] da Lei nº ..., de..., de ..., de 1991: (...)

e) promulgação pelo Presidente do Senado Federal de parte vetada pelo Presidente da República e mantida pelo Congresso Nacional:

Exemplo:

O Presidente do Senado Federal: Faço saber que o CONGRESSO NACIONAL manteve, e eu, ___________, Presidente do Senado Federal, nos termos do § 7º, do art. 66, da Constituição, promulgo as seguintes partes da Lei nº ____, de ____ de ____ de ___: (...)

f) promulgação pelo Presidente do Senado Federal de lei sancionada tacitamente pelo Presidente da República:

Exemplo:

Faço saber que o CONGRESSO NACIONAL aprovou, o Presidente da República, nos termos do § 3º do art. 66 da Constituição, sancionou, e eu, ____________, Presidente do Senado Federal, nos termos do § 7º do mesmo artigo promulgo a seguinte Lei: (...)

g) Promulgação pelo Presidente do Senado Federal de lei resultante de medida provisória integralmente aprovada pelo Congresso Nacional:

Exemplo:

Faço saber que o Presidente da República adotou a Medida Provisória nº 293, de 1991, que o Congresso Nacional aprovou e eu, ___________, Presidente do Senado Federal, para os efeitos do disposto no parágrafo único do art. 62 da Constituição, promulgo a seguinte Lei: (...)

34 Publicação

A publicação constitui a forma pela qual se dá ciência da promulgação da lei aos seus destinatários. É condição de vigência e eficácia da lei.

34.1 Modalidade de publicação

No plano federal, as leis e os demais atos normativos são publicados no Diário Oficial da União.

34.2 Obrigação de publicar e prazo de publicação

A autoridade competente para promulgar o ato tem o dever de publicá-lo. Isso não significa, porém, que o prazo de publicação esteja compreendido no de promulgação, porque, do contrário, haveria a redução do prazo assegurado para a promulgação.

Tradicionalmente, é que a publicação deve ser feita na edição regular do Diário Oficial da União do primeiro dia útil subsequente.

34.3 Publicação e entrada em vigor da lei

A entrada em vigor da lei subordina-se aos seguintes critérios:

a) o da data de sua publicação;
b) o do dia prefixado ou do prazo determinado, depois de sua publicação;
c) o do momento em que ocorrer certo acontecimento ou se efetivar dada formalidade nela previstos, após sua publicação; e
d) o da data que decorre de seu caráter.

34.4 *Vacatio legis*

O período entre a publicação da lei e a sua entrada em vigor é chamado de período de vacância ou *vacatio legis*. Na falta de disposição especial, vigora o princípio que reconhece o decurso de um lapso de tempo entre a data da publicação e o termo inicial da obrigatoriedade (45 dias). Portanto, enquanto não vencer o prazo da *vacatio legis*, considera-se em vigor a lei antiga sobre a mesma matéria.

34.4.1 V*acatio legis* e normas complementares, suplementares e regulamentares

A *vacatio legis* não ocorre apenas durante o prazo que a própria lei estabelece para sua entrada em vigor. Ocorre também quando, para ser executada, a lei demanda ou exige a edição de normas complementares, suplementares ou regulamentares (RÁO, 2003, p. 334-335). Nesse caso, há um intervalo de tempo entre a publicação da lei e o início de sua obrigatoriedade, que se encerra, em princípio, com a entrada em vigor dessas normas derivadas ou secundárias.

34.4.2 *Vacatio legis* e republicação do texto

Se tiver de ser republicada a lei antes de entrar em vigor, a parte republicada terá prazo de vigência contado a partir da data da nova publicação (BRASIL, 1942, art. 1º).

As emendas ou as correções à lei que já tenham entrado em vigor são consideradas lei nova (BRASIL, 1942, art. 1º). Sendo lei nova, deve obedecer aos requisitos essenciais e indispensáveis a sua existência e realidade (BRASIL, 1951).

34.5 Não edição do ato regulamentar reclamado e a vigência da lei

A tese dominante no Direito brasileiro era a de que lei, ou parte dela, cuja execução dependesse de regulamento, deveria aguardar a edição do regulamento para obrigar (BRASIL, 1890, art.4º; BEVILACQUA, 1944, p. 24). Essa concepção, que poderia parecer inquestionável em um regime que admite a delegação de poderes, revela-se problemática no atual ordenamento constitucional brasileiro, que consagra a separação dos Poderes como um dos seus princípios basilares (SILVA, 1953, p. 408; MIRANDA, 1987, p. 318).

Como proceder, então, se o titular do poder regulamentar não edita os atos secundários imprescindíveis à execução da lei no prazo estabelecido? Além de eventual responsabilidade civil da pessoa jurídica de Direito público cujo agente político ocasionou a "omissão regulamentar" (CAHALI, 2012, p. 538), significativa corrente doutrinária considera que, quando a lei fixa prazo para sua regulamentação, se não houver a publicação do decreto regulamentar, os destinatários da norma legislativa podem invocar utilmente os seus preceitos e auferir as vantagens dela decorrentes, desde que se possa prescindir do regulamento (MELLO, 2010, p. 378; MEIRELLES, 2013, p. 138; SILVA, 1953, p. 409; MENDES, 1989, p. 125).

A não publicação em tempo razoável de regulamento exigido pela lei é situação problemática que deve ser evitada. De modo a evitar essa situação, ao redigir proposta de lei ou de medida provisória já se devem ter presentes os parâmetros gerais do futuro decreto regulamentar.

Não é aceitável que posteriormente se analise os termos da proposta de decreto regulamentar para, só então, constatar que não há o mínimo de acordo político quanto à regulamentação da lei ou, como já observado em alguns casos, que a aplicação prática da lei revela-se inviável.

35 Procedimento legislativo

O processo legislativo compreende a elaboração dos seguintes atos normativos: emendas à Constituição, leis complementares, leis ordinárias, leis delegadas, medidas provisórias, decretos legislativos e resoluções.

A matéria-prima sobre a qual trabalha o Congresso Nacional assume a forma de proposição*,* estágio embrionário da norma legal. Segundo o Regimento Interno da Câmara dos Deputados, proposição é toda matéria sujeita à sua deliberação (RICD, art. 100). Para o Senado Federal, as proposições compreendem também os requerimentos, as indicações, os pareceres e as emendas (RISF, art. 211).

Podem-se distinguir seis tipos de procedimento legislativo:

a) procedimento legislativo normal;
b) procedimento legislativo abreviado;
c) procedimento legislativo sumário;
d) procedimento legislativo sumaríssimo;
e) procedimento legislativo concentrado; e
f) procedimento legislativo especial.

35.1 Procedimento legislativo normal

Trata da elaboração das leis ordinárias (excluídas as leis financeiras e os códigos) e complementares. Tem lugar nas Comissões Permanentes e no Plenário de cada uma das Casas Legislativas. Inicia-se com a apresentação e a leitura do projeto, realizadas em Plenário; prossegue nas Comissões Permanentes, que, após estudos e amplo debate, e também possíveis alterações, emitem parecer; volta a transcorrer no plenário, depois do pronunciamento de todas as Comissões a que tenha sido distribuído o projeto, com as fases de discussão e de votação.

Excetuadas as proposições oferecidas por senador ou Comissão do Senado Federal (além das medidas provisórias e projetos de leis financeiras, como se verá adiante), todos os demais projetos de lei têm seu procedimento legislativo iniciado na Câmara dos Deputados (Constituição, art. 61, § 2º, e art. 64).

O procedimento legislativo pode findar antecipadamente se ocorrer alguma das diversas hipóteses que ensejam declaração de prejudicialidade ou de arquivamento. Considera-se prejudicada a proposição idêntica a outra aprovada ou rejeitada na mesma sessão legislativa; aquela que tiver substitutivo aprovado ou for semelhante a outra considerada inconstitucional;

aquela cujo objeto perdeu a oportunidade, dentre outras hipóteses (RICD, arts. 163 e 164). O arquivamento ocorre por sugestão da Comissão (RICD, art. 57, *caput*, inciso IV); quando todas as comissões de mérito dão parecer contrário (RICD, art. 133); ao fim da legislatura (RICD, art. 105, *caput*), dentre outras situações.

Os projetos de lei ordinária sujeitam-se, em regra, a turno único de discussão e votação; os de lei complementar, a dois turnos, exceto quando houverem passados à Casa revisora.

Quando a discussão é encerrada e todos os prazos e interstícios cabíveis são cumpridos, o projeto será votado. Na hipótese de ser projeto de lei ordinária, as deliberações serão tomadas por maioria simples de votos, presente a maioria absoluta dos membros da Casa onde esteja tramitando a proposição. O *quorum* exigido para aprovação do projeto de lei complementar é o da maioria absoluta dos votos dos membros da Casa onde esteja no momento da votação, ou seja, o número inteiro imediatamente superior à metade.

Aprovada a redação final, o projeto, em forma de autógrafo, segue para a Casa revisora. Lá se repete todo o procedimento e, se receber novas emendas, a proposição retornará à Casa de origem, que, então, se restringirá a aprovar ou a rejeitar as emendas, sem possibilidade de subemendar. Quando as emendas são rejeitadas ou aprovadas, a instância de origem envia o projeto à sanção. Se a Casa revisora não emendar a proposição, a ela caberá remeter o projeto à sanção.

35.2 Procedimento legislativo abreviado

Este procedimento dispensa a competência do Plenário, ocorrendo, por isso, a deliberação terminativa sobre o projeto de lei nas próprias Comissões Permanentes (Constituição, art. 58, § 2º, inciso I).

Do Regimento Interno da Câmara dos Deputados (art. 24, *caput*, II) e do Regimento Interno do Senado Federal (art. 91), se extrai a informação de que esse rito não se aplica a:

a) projetos de lei complementar;
b) projetos de códigos;
c) projetos de lei de iniciativa popular;
d) matéria não delegável, elencada no § 1º do art. 68 da Constituição;
e) projetos de lei de Comissões;
f) projetos de lei oriundos da outra Casa do Congresso Nacional, onde tenha ido a Plenário;
g) projeto de lei com pareceres divergentes; e
h) projetos de lei em regime de urgência.

Além desses, o Regimento Interno da Câmara dos Deputados (art. 213, § 6º) obriga a submissão ao Plenário dos projetos de lei de consolidação.

A própria Constituição diminui as oportunidades de se concluir nas Comissões o procedimento, quando, em seu art. 58, § 2º, inciso I, faculta a um décimo dos membros da Casa Legislativa recorrer da decisão das Comissões, levando o assunto para o Plenário.

35.3 Procedimento legislativo sumário

Entre as prerrogativas regimentais das Casas do Congresso Nacional, existe a de conferir urgência a certas proposições. Existe um regime de urgência estabelecido pela própria Constituição, o que se aplica aos projetos de lei de iniciativa do Presidente da República, excluídos os códigos (Constituição, art. 64, § 1º). A solicitação de urgência por parte do Presidente da República pode vir consignada na própria mensagem de encaminhamento do projeto de lei ou, também por mensagem, depois de sua remessa (RICD, art. 204, § 1º).

Solicitada a urgência pelo Presidente da República, a Constituição estipula o prazo de 45 dias de tramitação em cada Casa e determina que, decorrido esse prazo, a proposição seja incluída na Ordem do Dia, sobrestando a deliberação sobre outros assuntos até que se ultime a votação (Constituição, art. 64, § 2º).

Uma vez concluída a votação do projeto de lei com urgência constitucional na Câmara dos Deputados, ele é remetido ao Senado Federal. Este, por sua vez, também tem 45 dias para apreciar o projeto sem que haja sobrestamento das demais matérias de sua pauta. Havendo alteração do texto no Senado Federal (Casa revisora), a Câmara dos Deputados passa a ter mais 10 dias para votação, sob pena de sobrestamento de sua pauta.

Para não prejudicar a celeridade, o Senado Federal fixou a apreciação simultânea do projeto pelas Comissões, reservando-lhes apenas 25 dos 45 dias para apresentarem parecer (RISF, art. 375, incisos II e III).O procedimento sumário serve também para o exame, pelo Congresso Nacional, dos atos de outorga ou de renovação das concessões de emissoras de rádio e TV (Constituição, art. 223, § 1º).

35.4 Procedimento legislativo sumaríssimo

Além do regime de urgência, que pode ser atribuído às proposições para seu andamento ganhar rapidez, existe nas duas Casas do Congresso Nacional mecanismo que assegura deliberação instantânea sobre matérias submetidas à sua apreciação. Trata-se do regime informalmente denominado de "urgência urgentíssima". No Regimento Interno da Câmara dos Deputados, está previsto no art. 155; no Regimento Interno do Senado Federal, no art. 353, *caput*, inciso I[24].

Com exceção das exigências estabelecidas para *quorum*, pareceres e publicações, todas as demais formalidades regimentais, dentre elas os prazos, são dispensadas com a adoção do regime de urgência urgentíssima.

Se a matéria for considerada de relevante e de inadiável interesse nacional, basta, na Câmara dos Deputados, que líderes com representação de metade mais um dos deputados, ou a maioria absoluta destes, requeiram a *urgência urgentíssima* para a proposição entrar automaticamente na Ordem do Dia, em discussão e votação imediatas – ainda que já iniciada a sessão em que for apresentada (RICD, art. 155).

Igualmente, no Senado Federal, quando se cuide de matéria que envolva perigo para a segurança nacional ou calamidade pública, ou ainda simplesmente quando se pretenda incluir a matéria na mesma sessão, tudo pode ser resolvido no mesmo dia, praticamente, sob o regime sumaríssimo.

---

[24] A tese dos 45 dias como prazo total de tramitação, defendida por alguns – embora a Constituição use o termo "sucessivamente" para esclarecer que cada Casa terá 45 dias – esbarra em mais um óbice: o Regimento Interno da Câmara dos Deputados, cujo inciso I do art. 204 dispõe: "I – findo o prazo de 45 dias de seu recebimento pela Câmara sem a manifestação definitiva do Plenário, o projeto será incluído na Ordem do Dia (...)".

35.5 Procedimento legislativo concentrado

O procedimento legislativo concentrado tipifica-se, basicamente, pela apresentação das matérias em reuniões conjuntas de deputados e senadores.

As leis financeiras e as leis delegadas seguem esse procedimento. Com mais precisão, pode-se dizer que há um procedimento concentrado para as leis financeiras e outro ainda para as leis delegadas.

35.5.1 Leis financeiras

O plano plurianual, as diretrizes orçamentárias, os orçamentos anuais e os projetos de abertura de crédito adicional subordinam-se a trâmite próprio, disciplinado no art. 166 da Constituição.

Nota-se certa provisoriedade quanto a prazos de apresentação e de elaboração das principais leis financeiras. Isso porque a Constituição – em seu art. 165 § 9º e no art. 166, § 7º – estipula que a organização, a elaboração, o encaminhamento, os prazos e a vigência dessas leis, serão disciplinados em lei complementar. Como essa lei complementar ainda não se materializou, prevalecem os prazos assinalados no § 2º do art. 35, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, quanto à época de envio das leis financeiras ao Congresso Nacional e do prazo do processo legislativo.

A deliberação sobre os projetos de leis financeiras ocorrerá em sessão conjunta do Congresso Nacional, após a emissão de parecer por uma Comissão Mista. Os §§ 3º e 4º do art. 166, da Constituição, disciplinam a possibilidade de emendar esses projetos nessa Comissão.

Se o Presidente da República, após enviar as proposições ao Congresso Nacional, desejar modificá-las, poderá dirigir-lhe mensagem nesse sentido no caso de Comissão Mista não houver ainda votado a parte a ser alterada (Constituição, art. 166, § 5º).

35.5.2 Leis delegadas

A Constituição atual manteve as leis delegadas (art. 68) que constavam da anterior, embora não tenha reiterado a competência concorrente das comissões do Poder Legislativo para elaborá-las, assegurada na Carta substituída. Afora isso, pouco mudou quanto a essas leis.

A proposta de delegação será encaminhada ao Presidente do Senado Federal, que convocará sessão conjunta para, no prazo de 72 horas, o Congresso Nacional tomar conhecimento (Regimento Comum, art. 119). Na sessão conjunta, distribuída a matéria em avulsos, Comissão Mista será constituída para emitir parecer sobre a proposta.

O parecer concluirá pela apresentação de projeto de resolução, no qual se especificarão o conteúdo da delegação, os termos para o seu exercício e a fixação de prazo, não superior a 45 dias, para remessa do projeto de lei delegada à apreciação do Congresso Nacional (Regimento Comum, art. 119, § 2º; e Constituição, art. 68).

A discussão do parecer ocorrerá em sessão que deve ser realizada 5 dias após a distribuição dos avulsos com o seu texto. Quando a discussão se encerrar, se houver emendas, a matéria retorna à Comissão Mista. Caso contrário, vai a votação. Proferido parecer sobre as emendas, convoca-se a sessão de votação.

Depois que o projeto de resolução for aprovado, a resolução deve ser promulgada no prazo de 24 horas, comunicando-se o fato ao Presidente da República (Regimento Comum, art. 122).

Se a resolução do Congresso Nacional houver determinado a votação do projeto pelo Plenário, este, ao recebê-lo, examinará sua conformidade com o conteúdo da delegação. O Plenário votará o projeto em globo, admitido o destaque de partes que, segundo a Comissão, tenham extrapolado o ato delegatório, não podendo, no entanto, emendá-lo (Constituição, art. 68, § 3º).

Não realizada a remessa do projeto pelo Presidente da Rpública ao Congresso Nacional no prazo assinalado pelo § 2º do art. 119, do Regimento Comum, a delegação será considerada insubsistente (Regimento Comum, art. 127).

35.6 Procedimento legislativo especial

Nesse procedimento, englobam-se dois ritos distintos com características próprias: um destinado à elaboração de emendas à Constituição; outro, à de códigos. Em ambos os casos, a apreciação cabe a uma Comissão especial, que, na Câmara dos Deputados, também é designada para dar parecer sobre projetos suscetíveis de serem examinados no mérito por mais de três comissões permanentes (RICD, art. 34, *caput*, II).

35.6.1 Emendas à Constituição

A Constituição pode ser modificada a qualquer tempo, pelo voto de três quintos dos congressistas, desde que não esteja em vigor intervenção federal, estado de defesa ou de sítio, nem se pretenda abolir a federação, o voto direto, secreto, universal e periódico, a separação dos Poderes e os direitos e as garantias individuais. Além disso, é preciso que o objeto da emenda não constitua matéria rejeitada ou prejudicada na mesma sessão legislativa (Constituição, art. 60, § 1º a §5º).

A iniciativa, no caso, é concorrente, e compete aos membros da Câmara dos Deputados ou do Senado Federal (um terço dos membros), ao Presidente da República e às Assembleias Legislativas – mais da metade delas, com o voto da maioria relativa de seus membros (Constituição, art. 60, *caput*, incisos I a III).

A emenda constitucional tramitará em dois turnos em cada uma das Casas do Congresso. Se aprovada, ao contrário do projeto de lei, não irá à sanção, e será promulgada pelas Mesas da Câmara dos Deputados e Senado Federal.

No Regimento Interno da Câmara dos Deputados, o rito a ser imprimido ao procedimento de Emenda Constitucional vem descrito em seu art. 202, aplicável também quando a Emenda tenha sido originada no Senado Federal ou quando este tenha subemendado aquela iniciada na Câmara dos Deputados (RICD, art. 203).

À luz do art. 212 do Regimento Interno do Senado Federal, a tramitação de emenda constitucional só não se iniciará na Câmara dos Deputados, e, sim, no Senado Federal, quando proposta por, no mínimo, um terço dos seus membros ou se proposta por mais da metade das Assembleias Legislativas das unidades federativas.

35.6.2 Códigos

O procedimento de elaboração de códigos, dada a complexidade e a extensão da matéria de que geralmente se ocupam, segue rito bastante lento, que possibilita amplo e profundo debate. Basta dizer que os prazos na sua tramitação podem ser quadruplicados e mesmo suspensos por até 120 sessões, desde que a necessidade de aprofundamento das análises a serem efetuadas recomende.

O Regimento Interno do Senado Federal considera que esse trâmite se aplica exclusivamente “aos projetos de códigos elaborados por juristas, comissão de juristas, comissão ou subcomissão especialmente criada com esta finalidade e que tenham sido antes amplamente divulgados” (RISF, art. 374, parágrafo único).

Já o Regimento Interno da Câmara dos Deputados é taxativo: só receberá projetos de lei com o procedimento aqui tratado quando a matéria, por sua complexidade e abrangência, deva ser apreciada como código (RICD, art. 205, § 8º).

O procedimento especial de elaboração de códigos se inicia com a instalação de órgão específico para cuidar do assunto. Na Câmara dos Deputados, chama-se Comissão Especial; no Senado Federal, Comissão Temporária. Depois, há eleição do seu presidente e de três vice-presidentes (apenas um vice-presidente no Senado Federal). O presidente, por sua vez, designará um relator-geral e tantos relatores parciais quantos sejam necessários para as diversas partes do código.

Durante os trabalhos da Comissão, seus integrantes disporão de prazos bem flexíveis para debater a matéria, apresentar emendas, dar pareceres, sempre intercalados por regulares intervalos para publicação em avulsos. Na fase de Plenário, a tônica é a mesma. Geralmente, novas emendas são apresentadas, com consequente retorno do projeto à Comissão. Todo esse ritual repete-se na Casa revisora.

Em razão dessa lentidão indispensável ao tratamento de matéria relevante, mas não urgente, o Senado Federal não permite a tramitação simultânea de projetos de códigos (RISF, art. 374, *caput*, inciso XV), em contrapartida a Câmara dos Deputados admite, no máximo, dois projetos nessa situação (Constituição art. 205, § 7º).

35.7 Medidas provisórias

Inspirado no art. 77 da Constituição italiana de 1947, o Constituinte brasileiro incorporou à Constituição de 1988 a medida provisória (Constituição, art. 62), ato legislativo primário – isto é, fundado diretamente na Constituição – emanado pelo Presidente da República, com força de lei (ordinária), condicionada à sobrevida da disciplina normativa nela contida à conversão da medida em lei formal.

Com o advento da Emenda Constitucional nº 32, de 2001, o procedimento legislativo concentrado da medida provisória (vale dizer, deliberação e votação em reunião conjunta das duas Casas do Congresso Nacional) foi abandonado. O § 9º do art. 62, acrescentado pela Emenda Constitucional nº 32, de 2001, deixa a alteração bastante evidente: “(...) apreciadas, em sessão separada, pelo plenário de cada uma das Casas do Congresso Nacional.”

O Congresso Nacional inicia a tramitação ao ter notícia, pelo Diário Oficial da União e mensagem presidencial concomitante, da publicação da medida provisória. Nas 48 horas seguintes à publicação, o Presidente do Congresso Nacional faz distribuir avulsos com o texto da medida provisória e designa comissão mista para estudá-la e dar parecer (Resolução nº1, de 2002, do Congresso Nacional, art. 2º).

O Supremo Tribunal Federal, no julgamento da Ação Direta de Inconstitucinalidade nº 4029 (BRASIL, 2012), considerou inconstitucionais o art. 5º, *caput* e o art. 6º, *caput* e §§ 1º e 2º da Resolução nº 1, de 2002, do Congresso Nacional. Tais dispositivos permitiam que a tramitação de uma medida provisória avançasse à Câmara dos Deputados ainda que não se tivesse constituído comissão mista ou que esta terminasse seus trabalhos. A partir de então, a obrigatoriedade de manifestação das comissões mistas tem alterado o ritmo de tramitação das medidas provisórias no Congresso Nacional.

Na fase preliminar, os pressupostos de constitucionalidade, urgência, relevância e adequação financeira e orçamentária são examinados. Ou seja, a admissibilidade da medida provisória é analisada (Constituição, art. 62, § 5º, combinado com Resolução nº 1, de 2002, do Congresso Nacional, art. 5º).

Qualquer alteração no texto da medida provisória :implicará apresentação de projeto de lei de conversão (Resolução nº1 de 2002, do Congresso Nacional, art. 5º, § 4º).

Superada a fase preliminar em comissão, a votação da medida provisória inicia-se pela Câmara dos Deputados (Constituição, art. 62, § 8º), e segue , se aprovada, ao Senado Federal.

Caso aprovado o texto como editado pelo Presidente da República, o Presidente do Congresso Nacional o promulgará, e enviará autógrafo para publicação na Imprensa Oficial (Resolução nº1, de 2002, do Congresso Nacional, art. 12).

Por outro lado, se a medida provisória originar projeto de lei de conversão – que somente surge se acaso sugerida modificação – e se aprovado, vai à sanção presidencial (Constituição, art. 62, § 12, combinado com Resolução nº1, de 2002, do Congresso Nacional, art. 13). No período de sanção ou veto (isto é, 15 úteis, conforme disposto na Constituição, art. 66, § 1º), permanece em vigor o texto original da medida provisória (Constituição, art. 62, § 12).

Sobre o sobrestamento da pauta das Casas do Congresso Nacional pelas medidas provisórias, destaca-se o precedente do Mandado de Segurança 27.931-MC (BRASIL, 2009d), que referendou entendimento do então Presidente da Câmara dos Deputados. Segundo ele, apenas os projetos de lei ordinária que tenham por objeto matéria passível de edição de medida provisória estariam por ela sobrestados. Com isso, as medidas provisórias continuam a sobrestar as sessões deliberativas da Câmara dos Deputados, mas não a pauta das sessões extraordinárias.

Com a perda da eficácia da medida provisória, quer pela rejeição, quer pela não apreciação, a comissão mista elaborará projeto de decreto legislativo que discipline as relações jurídicas decorrentes da vigência da medida provisória (Constituição, art. 62, § 3º, combinado com Resolução nº 1, de 2002, do Congresso Nacional, art. 11). Se o decreto legislativo não for editado até 60 dias após a rejeição ou perda de eficácia da medida provisória, as relações jurídicas constituídas e decorrentes de atos praticados durante sua vigência permanecem regidas pela medida (Constituição, art. 62, § 11, combinado com Resolução nº 1 de 2002 do Congresso Nacional, art.11 § 2º). A esse respeito, cumpre ressaltar que são raros os casos práticos de edição do decreto legislativo previsto no art. 62, § 1º, da Constituição.

Por último, assinale-se que o procedimento aqui abordado vale para a abertura de crédito extraordinário (Constituição, art. 62, § 1º, inciso I, alínea “d”, combinado com o art. 167, § 3º).

35.8 Consolidações da Legislação

A Lei Complementar nº 95, de 1998, em seu Capítulo III, determinou a elaboração da Consolidação da Legislação Federal, que consiste “na integração de todas as leis pertinentes a determinada matéria num único diploma legal, revogando-se formalmente as leis incorporadas à consolidação, sem modificação do alcance nem interrupção da força normativa dos dispositivos consolidados” (BRASIL, 1998, art.13) ou “declaração de revogação de leis e dispositivos implicitamente revogados ou cuja eficácia ou validade encontre-se completamente prejudicada” (BRASIL, 1998, art. 14).

O projeto de lei de consolidação terá, assim, de manter o conteúdo normativo original dos dispositivos consolidados, e não é meio hábil para alterar opções políticas anteriormente tomadas. Isso, no entanto, não significa vedação de alteração no texto das normas. Pelo contrário, a consolidação deverá efetuar a divisão do texto legal segundo os critérios atualmente adotados, atualizar termos e denominações, retificar e homogeneizar o vernáculo, eliminar ambiguidades decorrentes do mau uso da linguagem, fundir dispositivos análogos, atualizar valores monetários, suprimir dispositivos implicitamente revogados ou cuja eficácia ou validade encontre-se completamente prejudicada e suprimir dispositivos declarados inconstitucionais pelo Plenário do Supremo Tribunal Federal (BRASIL, 1998, art. 13 e art.14).

Denomina-se matriz de consolidação a lei geral básica, à qual se integrarão os demais atos normativos de caráter extravagante que disponham sobre matérias conexas ou afins àquela disciplinada na matriz (BRASIL, 2017a, art. 48).

A Consolidação não pode abranger medidas provisórias não convertidas em lei, e nem podem ser combinadas na mesma matriz de consolidação leis ordinárias e leis complementares.

A iniciativa do projeto de consolidação pode ser tanto do Poder Executivo federal quanto do Poder Legislativo. O procedimento legislativo adotado, segundo a Lei Complementar nº 95, de 1998, será simplificado, na forma do Regimento Interno de cada uma das Casas. O Regimento Interno da Câmara dos Deputados disciplinou a matéria em seus arts. 212 e 213.

Bibliografia

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**. Disponível em: <http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>. Acesso em 19 dez. 2018.

ALEMANHA, República Federal da. **Bundesverfassungsgericht entscheidungen (BverfGE)**. Decisões da Corte Constitucional Alemã, v. 17, p. 306-313; v. 55, p. 159-165.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 46. ed. rev. São Paulo: Saraiva, 2009.

______. **Dicionário de questões vernáculas**. São Paulo: Caminho Suave, 1981.

ANDRÉ, Hildebrando Afonso de. **Gramática ilustrada**. 3. ed. rev. e aum. São Paulo: Moderna, 1982.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6030**: apresentação de ofício ou carta formato A-4: procedimento. Rio de Janeiro, 1980.

ATALIBA, Geraldo. **Lei Complementar na Constituição**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1971.

BASTOS, Celso Ribeiro. **Curso de Direito Constitucional**. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 19. ed. São Paulo: Nacional, 1974.

BECHARA, Evanildo; CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da Língua Portuguesa**. 14. ed. rev. e atual. São Paulo: Nacional, 1976.

BEVILACQUA, Clovis. **Código Civil brasileiro**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1944.

BIELSA, Rafael. **Los conceptos jurídicos y su terminología**. 3. ed. Buenos Aires: Depalma, 1993.

BRASIL. Congresso Nacional. Resolução nº 1, de 2002-CN. **Diário do Congresso Nacional.** Brasília, 8 maio 2002a. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/rescon/2002/resolucao-1-8-maio-2002-497942-normaatualizada-pl.html>. Acesso em 17 dez. 2018.

______. Congresso Nacional. Resolução nº 1, de 1970-CN. **Diário do Congresso Nacional**. Brasília, 12 ago. 1970. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/rescon/1970-1979/resolucao-1-11-agosto-1970-497934-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em 5 nov. 2014.

______. Congresso Nacional. Resolução nº 1, de 2013-CN. **Diário Oficial da União**. Brasília, 12 jul. 2013a. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=1&data=12/07/2013>. Acesso em 5 nov. 2014.

______. Constituição da República Federativa do Brasil, de 5 de outubro de 1988. **Diário Oficial da União**. Brasília, 1988. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em 5 nov. 2014.

______. Decreto nº 572, de 12 de julho de 1890. **Diário Oficial da União**. Rio de Janeiro, 1890. Disponível em: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoSigen.action?norma=388318&id=14443939&idBinario=15777214&mime=application/rtf> . Acesso em 12 dez. 2018.

______. Decreto nº 4.176, de 28 de março de 2002. **Diário Oficial da União**. Brasília, 2002b. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/D4176.htm>. Acesso em: 28 dez. 2018.

______. Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008. **Diário Oficial da União**. Brasília, 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6583.htm>. Acesso em 12 dez. 2018.

______. Decreto nº 8.051, de 11 de julho de 2013. **Diário Oficial da União**. Brasília, 2013b. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/decreto/D8051.htm>. Acesso em 12 dez. 2018.

______. Decreto nº 8.058, de 26 de julho de 2013. **Diário Oficial da União**. Brasília, 2013c. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Decreto/D8058.htm>. Acesso em: 27 dez. 2018.

______. Decreto nº 8.061, de 29 de julho de 2013. **Diário Oficial da União**. Brasília, 2013d. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Decreto/D8061.htm>. Acesso em: 12 dez. 2018.

______. Decreto nº 8.243, de 23 de maio de 2014. **Diário Oficial da União**. Brasília, 2014. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=26/05/2014&jornal=1&pagina=6&totalArquivos=172>. Acesso em: 4 nov. 2014.

______. Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015. **Diário Oficial da União**. Brasília, 2015a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Decreto/D8539.htm>. Acesso em: 11 dez. 2018.

______. Decreto nº 9.191, de 1º de novembro de 2017. **Diário Oficial da União**. Brasília, 2017a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/D9191.htm>. Acesso em: 13 dez. 2018.

______. Decreto nº 80.739, de 14 de novembro de 1977. **Diário Oficial da União**. Brasília, 1977. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D80739.htm>. Acesso em: 11 dez. 2018.

______. Decreto-lei nº 4.657, de 4 de setembro de 1942. **Diário Oficial da União**. Rio de Janeiro, 1942. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/Del4657.htm>. Acesso em: 11 dez. 2018.

______. Exposição de Motivos Interministerial nº 51/MCTI/MRE/MPOG, de 21 de dezembro de 2011a. **Arquivo da Presidência da República**, Brasília, DF.

______. Lei nº 9.882, de 3 de dezembro de 1999. **Diário Oficial da União**. Brasília, 1999. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9882.htm>. Acesso em: 11 dez. 2018.

______. Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002c. **Código Civil**. Diário Oficial da União. Brasília, 1999. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10406.htm>. Acesso em: 13 dez. 2018.

______. Lei nº 11.101, de 9 de fevereiro de 2005. **Diário Oficial da União**. Brasília, 2005a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11101.htm>. Acesso em: 17 dez. 2018.

______. Lei nº 13.105, de 16 de março de 2015. **Código Proceso Civil**. Diário Oficial da União. Brasília, 2015b. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13105.htm>. Acesso em: 13 dez. 2018.

______. Lei Complementar nº 95, de 26 de fevereiro de 1998. **Diário Oficial da União**. Brasília, 1998b. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/Lcp95.htm>. Acesso em: 13 dez. 2018.

______. Lei Complementar nº 123, de 14 de dezembro de 2006. **Diário Oficial da União**. Brasília, 2006c. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/LCP/Lcp123.htm>. Acesso em: 13 dez. 2018.

______. Medida Provisória nº 2.200-2, de 24 de agosto de 2001. **Diário Oficial da União**. Brasília, 2001. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/MPV/Antigas_2001/2200-2.htm>. Acesso em: 11 dez. 2018.

______. Mensagem de Veto nº 179, de 30 de maio de 2017. **Diário Oficial da União**. Brasília, 2017b. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/msg/vet/VET-179.htm>. Acesso em: 24 dez. 2018.

______. Ministério da Justiça. **Manual de redação e correspondência oficial**. Brasília: Secretaria de Modernização Administrativa, 1982.

______. Presidência da República. Conselho Nacional de Justiça. **Resolução nº 7**, de 18 de outubro de 2005b. Disponível em: <http://www.cnj.jus.br/atos-administrativos/atos-da-presidencia/323-resolucoes/12121-resolu-no-7-de-18-de-outubro-de-2005->. Acesso em: 4 nov. 2014.

______. Presidência da República. Mensagem nº 13, de 8 de janeiro de 2018. **Diário Oficial da União**. Brasília, 2018. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=7353761&ts=1544036950914&disposition=inline>. Acesso em: 13 dez. 2018.

______. **Representação nº 432**. Relator: Ministro Ari Franco, Tribunal Pleno, Brasília, DF, 22 jan. 1960a. Disponível em:

<http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=263425>. Acesso em: 5 nov. 2014.

______. **Representação nº 890**. Relator: Ministro Oswaldo Trigueiro, Tribunal Pleno, Brasília, DF, 27 mar. 1974. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=263667>. Acesso em: 5 nov. 2014.

______. **Representação nº 1385**. Relator: Ministro Moreira Alves, Tribunal Pleno, Brasília, DF, 21 maio 1987. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=264101>. Acesso em: 5 nov. 2014.

______. Senado Federal. Consultoria Legislativa. **Manual de elaboração de Textos**. Brasília: Senado Federal, Consultoria Legislativa, 1999a.

______. Superior Tribunal de Justiça. **Recurso em Mandado de Segurança nº 29.073-AC**. Relator: Ministro Benedito Gonçalves, 1ª Turma, Brasília, DF, 25 de maio de 2010a. Disponível em: <https://ww2.stj.jus.br/processo/revista/documento/mediado/?componente=ITA&sequencial=906686&num_registro=200900478675&data=20100628&formato=PDF>. Acesso em: 31 out. 2014.

______. Supremo Tribunal Federal. Ação Declaratoria de Constitucionalidade com Medida Cautelar nº 4. Relator: Ministro Sydney Sanches. **Diário da Justiça**, 21 de abr – 1998b. ed. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=372905>. Acesso em: 14 dez. 2018.

______. Supremo Tribunal Federal. **Ação Declaratória de Constitucionalidade nº 12**. Relator: Ministro Carlos Britto, Tribunal Pleno, Brasília, DF, 20 ago. 2008d. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=606840>. Acesso em: 4 nov. 2014.

______. Supremo Tribunal Federal. **Agravo de Instrumento nº 235.800**. Relator: Ministro Moreira Alves, Primeira Turma, Brasília, DF, 25 maio 1999b. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=290554>. Acesso em: 5 nov. 2014.

______. Supremo Tribunal Federal. **Agravo de Instrumento nº 348.800**. Relator: Ministro Celso de Mello, Tribunal Pleno, Brasília, DF, 5 out. 2009a. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/jurisprudencia/listarJurisprudencia.asp?s1=%28%28ai+348800%29%29+NAO+S%2EPRES%2E&base=baseMonocraticas>. Acesso em: 4 nov. 2014.

______. Supremo Tribunal Federal. **Agravo de Instrumento nº 591.353**. Relatora: Ministra Ellen Gracie, Segunda Turma, Brasília, DF, 27 ago. 2009b. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/processo/verProcessoAndamento.asp>. Acesso em: 4 nov. 2014.

______. Supremo Tribunal Federal. **Agravo de Instrumento nº 603.649**. Relator: Ministro Dias Tóffoli, Primeira Turma, Brasília, DF, 5 fev. 2010b. Disponível em:

<http://www.stf.jus.br/portal/processo/verProcessoAndamento.asp?incidente=2406095>. Acesso em: 4 nov. 2014.

______. Supremo Tribunal Federal. **Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 724 MC**. Relator: Ministro Celso de Mello, Tribunal Pleno, Brasília, DF, 7 maio 1992b. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=346561>. Acesso em: 5 nov. 2014.

______. Supremo Tribunal Federal. **Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 1.070**. Relator: Ministro Sepúlveda Pertence, Tribunal Pleno, Brasília, DF, 29 mar. 2001. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=266649>. Acesso em: 5 nov. 2014.

______. Supremo Tribunal Federal. **Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 1.963 MC**. Relator: Ministro Maurício Corrêa, Tribunal Pleno, Brasília, DF, 18 mar. 1999c. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=347353>. Acesso em: 5 nov. 2014.

______. Supremo Tribunal Federal. **Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 2.113**. Relatora: Ministra Cármen Lúcia, Tribunal Pleno, Brasília, DF, 4 mar. 2009c. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=601131>. Acesso em: 5 nov. 2014.

______. Supremo Tribunal Federal. **Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 2.495**. Relator: Ministro Ilmar Galvão, Tribunal Pleno, Brasília, DF, 2 maio 2002d. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=375411>. Acesso em: 4 nov. 2014.

______. Supremo Tribunal Federal. **Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 2.867**. Relator: Ministro Celso de Mello, Tribunal Pleno, Brasília, DF, 3 dez. 2003. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=404096>. Acesso em: 5 nov. 2014.

______. Supremo Tribunal Federal. **Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 3.682**. Relator: Ministro Gilmar Mendes, Tribunal Pleno, Brasília, DF, 9 maio 2007a. Disponível em: < http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=485460>. Acesso em: 4 nov. 2014.

______. Supremo Tribunal Federal. **Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 3.205**. Relator: Ministro Sepúlveda Pertence, Tribunal Pleno, Brasília, DF, 29 out. 2006a. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=391380>. Acesso em: 5 nov. 2014.

______. Supremo Tribunal Federal. **Ação Direta de Inconstitucionalidade nº** 4.029. Relator: Ministro Luiz Fux, j. Brasília, DF, 8 de março de 2012.

______. Supremo Tribunal Federal. **Mandado de Injunção nº 107**. Relator: Ministro Moreira Alves, Tribunal Pleno, Brasília, DF, 23 nov. 1989. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=81908>. Acesso em: 4 nov. 2014.

______. Supremo Tribunal Federal. **Mandado de Injunção nº 232**. Relator: Ministro Moreira Alves, Tribunal Pleno, Brasília, DF, 27 mar. 1992a. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=81759>. Acesso em: 4 nov. 2014.

______. Supremo Tribunal Federal. **Mandado de Injunção nº 283**. Relator: Ministro Sepúlveda Pertence, Tribunal Pleno, Brasília, DF, 14 nov. 1991. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=81766>. Acesso em: 4 nov. 2014.

______. Supremo Tribunal Federal. **Mandado de Injunção nº 670**. Relator para o Acórdão: Ministro Gilmar Mendes, Tribunal Pleno, Brasília, DF, 25 out. 2007b. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=558549>. Acesso em: 4 nov. 2014.

______. Supremo Tribunal Federal. **Mandado de Injunção nº 758**. Relator: Ministro Marco Aurélio, Tribunal Pleno, Brasília, DF, 8 abr. 2010c. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=610996>. Acesso em: 4 nov. 2014.

______. Supremo Tribunal Federal. **Mandado de Segurança nº 17.145**. Relator: Ministro Gonçalves de Oliveira. Brasília, DF, 28 set. 2011. Revista Trimestral de Jurisprudência, n. 50, p. 472.

______. Supremo Tribunal Federal. **Mandado de Segurança nº 27.931-1-DF**. Relator: Ministro Celso de Mello. Brasília, DF, 27 mar. 2009d Disponível em: <http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/noticianoticiastf/anexo/ms27_931cm.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2018.

______. Supremo Tribunal Federal. **Medida Cautelar em Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 4.048**. Relator: Ministro Gilmar Mendes, Tribunal Pleno, Brasília, DF, 14 maio 2008a. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=542881>. Acesso em: 4 nov. 2014.

______. Supremo Tribunal Federal. **Recurso Extraordinário nº 43.995**. Relator: Ministro Vilas Boas, Segunda Turma, Brasília, DF, 9 ago. 1960b. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=143712>. Acesso em: 5 nov. 2014.

______. Supremo Tribunal Federal. **Recurso Extraordinário nº 76.629**. Relator: Ministro Aliomar Baleeiro. Revista Trimestral de Jurisprudência, n. 71. p. 477.

______. Supremo Tribunal Federal. **Recurso Extraordinário nº 377.457**. Relator: Ministro Gilmar Mendes, Tribunal Pleno, Brasília, DF, 17 set. 2008b. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=570335>. Acesso em: 4 nov. 2014.

______. Supremo Tribunal Federal. **Recurso Extraordinário nº 414.426**. Relatora: Ministra Ellen Gracie, j. 1º-8-2011, Plenário, DJE de 10 out. 2011b. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=628395>. Acesso em: 14 dez. 2018.

______. Supremo Tribunal Federal. **Recurso Extraordinário nº 419.629**. Relator: Ministro Sepúlveda Pertence, Tribunal Pleno, Brasília, DF, 23 maio 2006b. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=368438>. Acesso em: 4 nov. 2014.

______. Supremo Tribunal Federal. **Recurso Extraordinário nº 551.553**. Relator: Ministro Marco Aurélio, Primeira Turma, Brasília, DF, 25 jun. 2009d. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/geral/verPdfPaginado.asp?id=391382&tipo=DJ&descricao=DJE%20N%BA%20119%20-%2026/06/2009>. Acesso em: 5 nov. 2014.

______. Supremo Tribunal Federal. **Recurso Extraordinário nº 522.719**. Relator: Ministro Ayres Britto, Segunda Turma, Brasília, DF, 23 nov. 2010e. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=620103>. Acesso em: 5 nov. 2014.

______. Supremo Tribunal Federal. **Representação nº 930**. Relator: Ministro Rodrigues Alckmin, Tribunal Pleno, Brasília, DF, 5 maio 1976. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=263707>. Acesso em: 4 nov. 2014.

______. Supremo Tribunal Federal. **Súmula da Jurisprudência STJ nº 5**. Rio de Janeiro, 13 dez. 1953. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/jurisprudencia/listarJurisprudencia.asp?s1=5.NUME.%20NAO%20S.FLSV.&base=baseSumulas>. Acesso em: 26 dez. 2018.

______. Tribunal Federal de Recursos. Apelação Cível nº 2.012. Relator: Ministro Sampaio Costa. **Revista de Direito Administrativo**, n. 24, 1951. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rda/article/view/11991/10911>. Acesso em: 5 nov. 2014.

______. Tribunal Regional Federal, 1ª região. **Apelação em Mandado de Segurança nº 0026995-31.2004.4.01.3400-DF**. Relatora: Selene Maria de Almeida, 5ª Turma, Basília, DF, 15 out. 2009e. Disponível em: <http://arquivo.trf1.jus.br/PesquisaMenuArquivo.asp?p1=269953120044013400&pA=200434000270617&pN=269953120044013400>. Acesso em: 31 out. 2014.

______. Tribunal Regional Federal, 2ª região. **Apelação Cível nº 2006.51.02.004486-0-RJ**. Relator: Poul Erik Dyrlund, 8ª Turma, Rio de Janeiro, RJ, 19 jan. 2010e. Disponível em: <http://jurisprudencia.trf2.jus.br/v1/search?q=cache:k_E2QsF04rAJ:trf2nas.trf.net/iteor/TXT/RJ0108810/1/123/290824.rtf+AC+N%C2%BA+200651020044860+&client=jurisprudencia&outp

ut=xml_no_dtd&proxystylesheet=jurisprudencia&lr=lang_pt&ie=UTF-8&site=acordao&access=p&oe=UTF-8>. Acesso em: 31 out. 2014.

______. Tribunal Regional Federal, 4ª região. **Apelação Cível nº 2007.71.03.002667-1-RS**. Relatora: Marga Inge Barth Tessler, 4ª Turma, Porto Alegre, RS, 1º dez. 2010f. Disponível em: <http://www2.trf4.gov.br/trf4/processos/visualizar_documento_gedpro.php?local=trf4&documento=3762818&hash=3a8c9f9e97ce54afc13232cbeaa0865c>. Acesso em: 31 out. 2014.

______. Tribunal Regional Federal, 5ª região. **Apelação em Mandado de Segurança nº 0003166-83.2006.4.05.8300-PE**. Relator convocado: Élio Wanderley de Siqueira Filho, 3ª Turma, Recife, PE, 29 maio de 2008c. Disponível em: <http://www.trf5.jus.br/data/2008/07/200683000031667_20080731.pdf>. Acesso em: 31 out. 2014.

______. Tribunal Regional do Trabalho, 2ª região. **Processo nº 02360-2003-035-02-00-0-SP**. Relator: Rafael E. Pugliese Ribeiro, 6ª Turma, São Paulo, SP, 13 dez. 2005c. Disponível em: <http://gsa2.trtsp.jus.br/search?q=cache:pQRlyU-ywywJ:trtcons.trtsp.jus.br/dwp/consultas/acordaos/consacordaos_turmas_aconet_gsa.php%3Fselacordao%3D20050843855++20050843855&client=trt2Acordao&output=xml_no_dtd&proxystylesheet=trt2Acordao&ie=UTF-8&site=acordao&access=p&oe=UTF-8&http://trtcons.trtsp.jus.br/dwp/consultas/acordaos/consacordaos_turmas_aconet_gsa.php?selacordao=20050843855>. Acesso em: 29 out. 2014.

CAHALI, Yussef Said. **Responsabilidade civil do estado**. 4. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2012.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**: referente à língua portuguesa. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

______. **Estrutura da língua portuguesa**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

______. **História e estrutura da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

______. **Manual de expressão oral e escrita**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

______. **Problemas de linguística descritiva**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

CANOTILHO, J. J. Gomes. **Direito Constitucional e Teoria de Constituição**. 7 ed. Coimbra: Almedina, 2003. p. 258.

CASTRO, Carlos Roberto Siqueira. **O devido processo legal e a razoabilidade das leis na nova Constituição do Brasil**. Rio de Janeiro: Forense, 1989.

CAVALCANTI, Themístocles Brandão. Parecer. RDA, v. 72. Rio de Janeiro.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 29. ed. São Paulo: Nacional, 1985.

CHOMSKY, Noam. **Aspectos da teoria da sintaxe**. 2. ed. Coimbra: Arménio Amado Editor, 1978.

______. **Linguística cartesiana**. Petrópolis: Vozes, 1972.

______. **Reflexões sobre a linguagem**. Lisboa: Edições 70, 1977.

______. **Regras e representações**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

COÊLHO, Sacha Calmon Navarro. **Comentários à Constituição de 1988**: sistema tributário. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2006.

CRISAFULLI, Vezio. **Lezione di Diritto Constituzionale.** v. II. Casa Editrice Doit, 1984.

CRYSTAL, David. **Dicionário de linguística e fonética**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

CUNHA, Celso Ferreira da. **Língua, nação, alienação**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do Português contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DEGENHART, Christoph. **Staatsrecht**. 3. ed. Heidelberg: C. F. Müller, 1987.

DUBOIS, Jean. **Dicionário de linguística**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1988.

ESPÍNOLA, Eduardo; ESPÍNOLA FILHO, Eduardo **A introdução ao Código Civil brasileiro.** v. III. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1944.

ESPOSITO, Carlo. Decreto-Legge. In: **Enciclopedia del Diritto**. v. XI. Varese: Giuffré, 1962.

FERNANDES, Francisco. **Dicionário de sinônimos e antônimos da língua portuguesa**. 31.ed. São Paulo: Globo, 1990.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Luiz Pinto. Técnica legislativa como a arte de redigir leis. **Revista de Informação Legislativa**, n. 89, 1986.

FERREIRA FILHO, Manoel Gonçalves. **Curso de Direito Constitucional**. 38.ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

FRAGOSO, Heleno. **Lições de Direito Penal**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1985.

GARCIA, Othon Moacyr. **Comunicação em prosa moderna**. 27. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2010.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. **Dicionário de etimologias da língua portuguesa**. São Paulo: Nacional, 1979.

HILL, Hermann. **Einführung in die Gesetzgebungslehre**. Heidelberg, 1982.

JAHRREISS, Hermann. **Groesse und Not der Gesetzgebung**. Bremen: Schünemann, 1953.

JUCÁ FILHO, Cândido. **Dicionário escolar das dificuldades da língua portuguesa**. 5. ed. Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1982.

KASPARY, Adalberto José. **O Português das comunicações administrativas**. 9. ed. Porto Alegre: Fundação para o Desenvolvimento de Recursos Humanos, 1985.

______. **Redação oficial**: normas e modelos. Porto Alegre: Fundação para o Desenvolvimento de Recursos Humanos, 1976.

KURY, Adriano da Gama. **Para falar e escrever melhor o Português**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

______. **Pequena Gramática**. 4. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1959.

______. **Português básico**. 15. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

LACERDA, Paulo de. Da lei em geral, sua retroatividade, revogação e interpretação. In: **Manual do Código Civil Brasileiro**. V. I. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos, 1929.

LAPA, M. Rodrigues. **Estilística da língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

LEAL, Victor Nunes. Técnica Legislativa. In: **Estudos de direito público**. Rio de Janeiro: Forense, 1960, p. 7-8.

______. **Problemas de Direito Público**. Rio de Janeiro: Forense, 1960.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 22. ed. Rio de Janeiro: José Olympio,1982.

LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro. **Sintaxe gerativa do Português**: da teoria padrão à teoria da regência e ligação. Belo Horizonte: Vigília, 1986.

LUFT, Celso Pedro. **Grande manual de ortografia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1989a.

______. **Moderna gramática brasileira**. 9. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1989b.

______. **Dicionário prático de regência verbal**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2010.

______. **Língua e liberdade**. 11. ed.. Porto Alegre: L&PM, 1985.

______. **Novo manual de Português**. 6. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

MARINHO, Arthur de Sousa. Sentença de 29 de setembro de 1944. **Revista de Direito Administrativo**. v. I, p. 227-229.

MARINONI, Luiz Guilherme; ARENHART, Sérgio Cruz. **Curso de Processo Civil v. 2**: Processo de Conhecimento. 8 ed. rev. e atual. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2010, p. 347.

MAXIMILIANO, Carlos. **Comentários à Constituição brasileira de 1946**. v. I, 5. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1954.

MEIRELLES, Hely Lopes. **Direito Administrativo**. 39. ed. São Paulo: Malheiros, 2013.

MELLO, Celso Antonio Bandeira de. **Ato administrativo e direito dos administrados**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1981.

MELLO, Oswaldo Aranha Bandeira de. **Princípios gerais de Direito Administrativo**. v. I. Rio de Janeiro: Forense, 1969.

______. **Princípios gerais de Direito Administrativo**. 3. ed.. São Paulo: Malheiros, 2010.

MELLO FILHO, José Celso de. **Constituição federal anotada**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1986.

MELO, Gladstone Chaves de. **Ensaio de estilística da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

MENDES, Gilmar Ferreira. **Controle de constitucionalidade**: aspectos jurídicos e políticos. São Paulo: Saraiva, 1990.

______. Aplicabilidade da Lei Complementar. **Revista de Direito Público**, n. 92, 1982.

MENDES, Gilmar Ferreira; BRANCO, Paulo Gustavo Gonet. **Curso de Direito Constitucional**. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

MIRANDA, Pontes de. **Comentários à Constituição de 1967, com a emenda nº 1, de 1969**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

MORENO, Claudio; GUEDES, Paulo Coimbra. **Curso básico de redação**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1988.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário de sinônimos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

______. **O problema da regência**. 3. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1967.

NOLL, Peter. **Gesetzgebungslehre**. Munique: Reimbeck bei Hamburg, 1971.

PERINI, Mário Alberto. **A gramática gerativa**: introdução ao estudo da sintaxe portuguesa. 2. ed. Belo Horizonte: Vigília, 1985.

______. **Sintaxe portuguesa**: metodologia e funções. São Paulo: Ática, 1988.

PESTALOZZA, Christian. Gesetzgebung im Rechetsstaat. **Neue Juristische Wochenschrift**. [s.l.]: 1981.

PINHEIRO, Hesio Fernandes. **Técnica legislativa**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1962.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Sítio oficial. **Símbolos nacionais**. Disponível em: <http://www2.planalto.gov.br/acervo/simbolos-nacionais/brasao/brasao-da-republica>. Acesso em: 2 set. 2014.

RÁO, Vicente. **O Direito e a vida dos direitos**. 7. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2003.

SAID ALI, Manoel. **Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa**. 3. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1964.

SANDEMANN, Antônio José. **Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo**. Curitiba: Scientia et Labor/Ícone, 1988.

SILVA, Carlos Medeiros da. Funcionário Público – Concurso – Lei cuja execução depende de regulamento – Delegação legislativa. **Revista de Direito Administrativo**, v. 34, 1953.

SILVA, José Afonso da. **Princípios do processo de formação das leis no Direito Constitucional**. 2. ed. São Paulo: Malheiros, 2007. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rda/article/view/13390/12299>. Acesso em: 5 nov. 2014.

SILVA NETO, Serafim da. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1986.

______. **História da língua portuguesa**. 5. ed. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1988.

Índice analítico-remissivo

A

A fim de/afim 86

À medida que/na medida em que 95

A partir de 95

Ação

  Declaratória de Constitucionalidade 105

  Direta de Controle da Omissão 103, 110

  Direta de Inconstitucionalidade 105

Ambiguidades 17, 61, 65, 66, 78, 98

Ambos/todos os dois 96

Anexo, incluso, leso 73

Anexo/em anexo 96

Anuir 74

Ao nível de/em nível (de) 96

Apor 99

Apresentação

  Sobriedade do documento 32

Aproveitar 74

Arquivo (de computador)

  Armazenamento 32

  Nome 32

Aspas 54

Aspirar 74

Assim 96

Assinatura 31, 41, 47, 48, 141

Assistir 74

Atender 74

Ato jurídico perfeito 108

Ato normativo 16, 37, 103, 106

  Com força de lei 144

  Controle de resultados 113

  De efeitos concretos 142

  Espécies constitucionalmente previstas 165

  Partes 134

  Primário 142

  Publicação 163

  Secundário 146

Atos internacionais 43

Avisar 75

B

Bem como 96

C

Cacófatos 95

Cada 96

Câmara dos Deputados ... 42, 151, 155, 165, 167, 170

Causar 97

Citação 80

Clareza 16, 17, 83

Clareza e determinação das normas 106

Cláusula de revogação 132, 134, 138

  Específica 138

  Genérica 138

Cláusula de vigência 134, 139, 140, 164

Clichês 83

Código Civil 129, 130

Códigos 169

Coisa julgada 108, 117

Comparecer 75

Compartilhar 75

Comunicação de veto 43

Concisão 16, 18

Concordância

  Nominal 72

  Verbal 67

  Verbo apassivado pelo pronome "se".................. 69

Congresso Nacional 38, 41, 42, 43, 142, 144, 145, 151, 153, 155, 156, 159, 160, 161, 162, 163, 165, 167, 168, 169

Consistir 75

Consolidação da legislação 166, 171

Constatar 97

Controle de constitucionalidade.......................... 105

  Ação declaratória de constitucionalidade 105

  Ação direta de inconstitucionalidade 105

  Concentrado 105

  Difuso 105

  Medida cautelar 106

Corpo da lei.. 137

Correio eletrônico.. 46

Custar 75

D

De forma que, de modo que/de forma a, de modo a 97

Decreto 145

  Autônomos... 146

  Regulamentares 146

  Singulares 146

Decreto nº 9.191, de 2017............113, 132, 145, 146

Democracia..107, 110

Dever de legislar 103, 112

Devido a.. 97

Diário Oficial da União 43, 163

Dignidade da Pessoa Humana 110

Digníssimo *27*

Dirigir 97

E

Em face de 97

Emenda Constitucional nº 32 ....142, 145, 146, 170

Emendas 154, 169

  Espécies de emendas 155

Ementa 135

Enquanto 97

Entrada em vigor da lei.................................139, 163

Epígrafe 135

Especialmente 97

Especificação temática simplificada 129

Estado de Direito 104, 106, 107, 108, 110, 142

Exposição de Motivos...37

Expressões a evitar 95

F

Fecho da lei..134, 137

Forças Armadas 152

Formatação 32

G

Governador de Estado..105

Gramática...50, 59

H

Hífen 25, 26, 51, 52, 53, 57

  Hífen e prefixos 53

Homófonos..84

Homógrafos...84

Homônimos 84

I

Ilustríssimo *27*

Impessoalidade...16

Implicar..76

Incisos..126

Inclusive...97

Incumbir 76

Informar...76, 97
Iniciativa 152
    Comum ou concorrente 152
    Conceito 151
    Direito de emenda 154
    Do Ministério Público 153
    Do Presidente da República 152, 154, 157, 166
    Do Supremo Tribunal Federal........................ 153
    Emenda constitucional.................................... 169
    Popular 151, 152, 166
    Projeto de consolidação 172
    Vinculada 153
Itálico 32, 56

J

Jargão 21
Junto a 97

L

Lei Complementar 142
Lei Complementar nº 95.................................124, 138
Lei Delegada 144
Lei Formal 142
Lei ordinária... 142,144
Leis Financeiras.. 168

M

Mandado de injunção...................................103, 110
Matriz de consolidação.. 172
Medida provisória.. 115, 118, 143, 144, 145, 163, 171
    Consolidação 172
    Encaminhamento ao Congresso Nacional 42
    Procedimento legislativo 170
Mensagem 41
Mesmo.. 98
Ministério das Relações Exteriores......................... 31
Ministério Público.........................144, 145, 152, 153
Ministro de Estado da Justiça 141
Ministros de Estado.......................................27, 141

N

Negrito...32, 56, 128
Nem 99
No sentido de 99

O

O mesmo 98
Obedecer 76
Objetivar/ter por objetivo 99
Ofício 27, 37
Onde 99
Operacionalizar *99*
Opinião/"opinamento" 99
Opor veto 99
Ortografia...50

P

Padrão culto de linguagem.....................................16
Parênteses 57
Paronímia..84
Partido político 105
Pedir 77
Pertinente/pertencer 100
Poder Executivo 41
Poder Judiciário 38, 144, 145
Poder Legislativo 41, 43, 103, 144, 156, 161, 168
Pontuação...78
    Dois-pontos 29, 80, 125, 127
    Ponto de exclamação 55, 81
    Ponto de interrogação......................................55
    Ponto e vírgula 80
    Ponto-de-interrogação.....................................81

Ponto-final 28, 29, 55, 124, 126, 127

Vírgula 25, 26, 78, 79, 80

Portaria 96, 147

Posição/posicionamento 100

Posto que 100

Preâmbulo 134, 135

Preferir 77

Prefixos 53

Presidente da República 26, 31, 37, 38, 42, 43, 44, 144, 145, 151, 152, 156, 157, 160, 161, 162, 163, 166, 168, 169

Princípio da Legalidade

Direito Penal,Direito Tributário e Direito Administrativo 107

Princípio da reserva legal 107, 114

Procedimento legislativo 165

Processo legislativo 105, 110

Procurador-Geral da República 42, 43, 105

Promulgação 160, 161, 162, 163

Pronomes de Tratamento 23, 24, 29

Propor-se 77

Publicação 163

R

Redação Oficial

Definição 16

Referenda 141

Referir 77

Regência 73, 74

Nominal 73

Verbal 73

Regulamento 146

Relativo a 100

Remissões legislativas 108

Ressaltar 100

S

Se 100

Semântica 83

Homônimos e paranônimos 84

Senado Federal . 42, 43, 144, 155, 161, 163, 165, 167, 168, 170

Siglas 18

Sintaxe 59

Erros de comparação 65

Frases fragmentadas 62

Problemas de construção de frases 60

Sistemática da lei 123, 129

Artigo 124

Capítulos 128

Incisos 126

Livro 128

Parágrafos 125

Seções 128

Títulos 128

Sujeito 60, 61, 66, 67, 70

Supremo Tribunal Federal 106, 110, 151, 153

T

Tratar (de) 100

Travessão 57

U

Urgência constitucional 154, 166

V

Valor documental 46

Veto 157, 159, 160, 161

Vice-Presidente da República 42

Vício de iniciativa 157

Vigência 141, 164

Viger 100

Visar 77

Vocativo 26

Vossa Excelência 25, 29

Vossa Senhoria 24, 29

Verbos

Professora Simone Silva

Conceito

Verbos são palavras que indicam ações, estados, processos ou fenômenos, ou seja, que indicam acontecimentos representados no tempo.

Modos Verbais

Indicativo (exprime certeza):

Já compraram os brinquedos para a festa das crianças.

Faremos uma reunião com os sócios na próxima terça-feira.

Subjuntivo (exprime dúvida, condição, possibilidade, hipótese, desejo)

Se você fosse ao local, ficaria impressionada!

Que você celebre com muita alegria este dia tão especial!

Imperativo (exprime ordem, pedido, conselho, advertência, sugestão, convite)

Não conte a ele, pois a festa é uma surpresa! (Imperativo Negativo)

Tempos Verbais

Os tempos, como o próprio nome evidencia, expressam o momento em que ocorre o fato indicado pelo verbo.

São três tempos verbais:

- o presente (o fato ocorre no momento da fala);
- o pretérito ou passado (o fato ocorre antes do momento da fala)
- o futuro (o fato ocorre depois do momento da fala). Vale frisar que os tempos pretérito e futuro se ramificam nos modos indicativo e subjuntivo, conforme veremos a seguir:

Tempos do modo indicativo

Tempo presente
escrevo
escreves
escreve
escrevemos
escreveis
escrevem

Tempo Pretérito		
Pretérito imperfeito (fato inacabado no passado)	**Pretérito perfeito (fato concluído no passado)**	**Pretérito mais-que-perfeito (fato anterior a outro passado)**
escrevia	escrevi	escrevera
escrevias	escreveste	escreveras
escrevia	escreveu	escrevera
escrevíamos	escrevemos	escrevêramos
escrevíeis	escrevestes	escrevêreis
escreviam	escreveram	escreveram

Tempo futuro	
Futuro do presente (fato que acontecerá)	**Futuro do pretérito (fato que poderia ter acontecido)**
escreverei	escreveria
escreverás	escreverias
escreverá	escreveria
escreveremos	escreveríamos
escrevereis	escreveríeis
escreverão	escreveriam

Tempos do modo subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
escreva	escrevesse	escrever
escrevas	escrevesses	escreveres
escreva	escrevesse	escrever
escrevamos	escrevêssemos	escrevermos
escrevais	escrevêsseis	escreverdes
escrevam	escrevessem	escreverem

Formas nominais do verbo

O infinitivo

- **pessoal (tem sujeito):**

  Se *estudarmos* bastante, seremos aprovados.

- **impessoal (não tem sujeito):**

Lutar, apesar das adversidades, é um desafio.

Formas nominais do verbo

O Gerúndio (terminação “ndo”)

Estamos *lutando* para sermos aprovados!

O Particípio (terminação “do”, – forma regular); (terminação “vo”, “go”, “to”, “so” – forma irregular)

O professor havia *lutado* muito pelos alunos!

As conjugações verbais

- **Verbos da 1ª conjunção (aqueles que terminam em “ar”):**

aproveitar, imaginar, jogar, etc.

- **Verbos da 2ª conjunção (aqueles que terminam em “er”):**

beber, correr, erguer, etc.

- **Verbos da 3ª conjunção (aqueles que terminam em “ir”):**

agir, ouvir, sugerir, etc.

Verbos regulares, irregulares, anômalos, defectivos e abundantes

- Os verbos são **regulares** quando a conjugação segue um radical (elemento básico de uma palavra):

“cantar”, “vender”, “dividir”, etc.

- Os verbos são irregulares quando passam por modificações no radical e/ou terminações, ao serem conjugados em algumas formas:

“dar”, “fazer”, “medir”, etc.

- Os verbos anômalos são aqueles que apresentam radicais diferentes quando conjugados:

“ir” e “ser”.

- **Os verbos defectivos são os que não apresentam conjugação completa. A defectividade ocorre, normalmente, em verbos da 3ª conjugação:**

“colorir”, “demolir”, “falir”, etc.

- **Os verbos abundantes são aqueles que apresentam mais de uma forma para exprimir a mesma ideia e exercer a mesma função. A abundância ocorre de modo predominante nos particípios:**

“aceito/aceitado”, “ganho/ganhado”, “pago/pagado”, etc.

Vozes Verbais

- ✓ *O rapaz feriu com a faca. (Voz ativa)*
- ✓ *O rapaz foi ferido com a faca. (Voz passiva)*
- ✓ *O rapaz feriu-se com a faca. (Voz reflexiva)*

Verbos

Professora Simone Silva

Conceito

Verbos são palavras que indicam ações, estados, processos ou fenômenos, ou seja, que indicam acontecimentos representados no tempo.

Modos Verbais

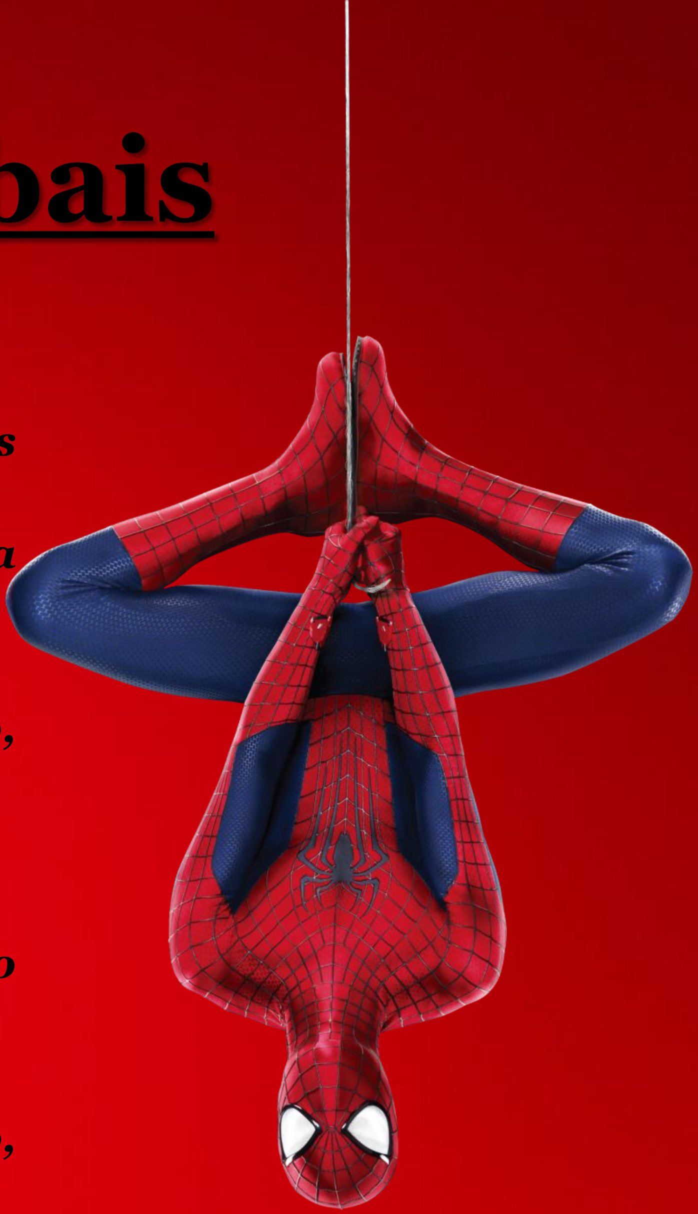

***Indicativo* (exprime certeza):**

Já compraram os brinquedos para a festa das crianças.

Faremos uma reunião com os sócios na próxima terça-feira.

***Subjuntivo* (exprime dúvida, condição, possibilidade, hipótese, desejo)**

Se você fosse ao local, ficaria impressionada!

Que você celebre com muita alegria este dia tão especial!

***Imperativo* (exprime ordem, pedido, conselho, advertência, sugestão, convite)**

Não conte a ele, pois a festa é uma surpresa! (Imperativo Negativo)

Tempos Verbais

Os tempos, como o próprio nome evidencia, expressam o momento em que ocorre o fato indicado pelo verbo.

São três tempos verbais:

- o presente (o fato ocorre no momento da fala);
- o pretérito ou passado (o fato ocorre antes do momento da fala)
- o futuro (o fato ocorre depois do momento da fala). Vale frisar que os tempos pretérito e futuro se ramificam nos modos indicativo e subjuntivo, conforme veremos a seguir:

Tempos do modo indicativo

Tempo presente
escrevo escreves escreve escrevemos escreveis escrevem

Tempo Pretérito		
Pretérito imperfeito (fato inacabado no passado)	**Pretérito perfeito (fato concluído no passado)**	**Pretérito mais-que-perfeito (fato anterior a outro passado)**
escrevia escrevias escrevia escrevíamos escrevíeis escreviam	escrevi escreveste escreveu escrevemos escrevestes escreveram	escrevera escreveras escrevera escrevêramos escrevêreis escreveram

Tempo futuro	
Futuro do presente (fato que acontecerá)	**Futuro do pretérito (fato que poderia ter acontecido)**
escreverei escreverás escreverá escreveremos escrevereis escreverão	escreveria escreverias escreveria escreveríamos escreveríeis escreveriam

Tempos do modo subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
escreva	escrevesse	escrever
escrevas	escrevesses	escreveres
escreva	escrevesse	escrever
escrevamos	escrevêssemos	escrevermos
escrevais	escrevêsseis	escreverdes
escrevam	escrevessem	escreverem

Formas nominais do verbo

O infinitivo

- **pessoal (tem sujeito):**

  Se *estudarmos* bastante, seremos aprovados.

- **impessoal (não tem sujeito):**

***Lutar*, apesar das adversidades, é um desafio.**

Formas nominais do verbo

O Gerúndio (terminação "ndo")

Estamos *lutando* para sermos aprovados!

O Particípio (terminação "do", – forma regular); (terminação "vo", "go", "to", "so" – forma irregular)

O professor havia *lutado* muito pelos alunos!

As conjugações verbais

- **Verbos da 1ª conjunção (aqueles que terminam em “ar”):**

aproveitar, imaginar, jogar, etc.

- **Verbos da 2ª conjunção (aqueles que terminam em “er”):**

beber, correr, erguer, etc.

- **Verbos da 3ª conjunção (aqueles que terminam em “ir”):**

agir, ouvir, sugerir, etc.

Verbos regulares, irregulares, anômalos, defectivos e abundantes

- Os verbos são **regulares** quando a conjugação segue um radical (elemento básico de uma palavra):

  “cantar”, “vender”, “dividir”, etc.

- Os verbos são irregulares quando passam por modificações no radical e/ou terminações, ao serem conjugados em algumas formas:

  “dar”, “fazer”, “medir”, etc.

- Os verbos anômalos são aqueles que apresentam radicais diferentes quando conjugados:

  “ir” e “ser”.

- **Os verbos defectivos são os que não apresentam conjugação completa. A defectividade ocorre, normalmente, em verbos da 3ª conjugação:**

“colorir”, “demolir”, “falir”, etc.

- **Os verbos abundantes são aqueles que apresentam mais de uma forma para exprimir a mesma ideia e exercer a mesma função. A abundância ocorre de modo predominante nos particípios:**

“aceito/aceitado”, “ganho/ganhado”, “pago/pagado”, etc.

Vozes Verbais

✓ ***O rapaz feriu com a faca.***
(Voz ativa)

✓ ***O rapaz foi ferido com a faca.***
(Voz passiva)

✓ ***O rapaz feriu-se com a faca.***
(Voz reflexiva)

Português para Concursos
Professor Ferraz

EXERCÍCIOS DE PORTUGUÊS

POR ASSUNTO
COM GABARITO

PROFESSORES
José Afonso Ferraz
e
Luciana de Souza Barros

CADASTRE-SE NO SITE:
www.professorferraz.com.br

FAÇA CONTATO:
lusouferraz@gmail.com

Querido candidato, esse material foi preparado para você estudar cada assunto até se sentir seguro. São aproximadamente quatro mil questões, que contemplam todos os assuntos pertinentes aos editais de todos os concursos públicos. Alguns exercícios terão gabarito com respostas comentadas e outros não. Reunimos também no fim dessa apostila, uma revisão com todos os assuntos e o último capítulo dedicamos à interpretação de textos, para consolidar o seu aprendizado. Obrigado por confiar-nos o seu aprendizado.

LISTAGEM DOS ASSUNTO:

1. SUJEITO
2. PREDICADO
3. TRANSITIVIDADE
4. TERMOS INTEGRANTES E ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO
5. CRASE
6. PERÍODO COMPOSTO
7. QUESTÕES SOBRE AS PALAVRAS QUE, SE E COMO
8. QUESTÕES DE ORAÇÕES REDUZIDAS
9. COLOCAÇÃO DO PRONOME
10. EMPREGO DOS PRONOMES
11. REGÊNCIA NOMINAL E VERBAL
12. ESTUDO DA CONCORDÂNCIA NOMINAL E VERBAL
13. ESTUDO DA PONTUAÇÃO
14. VERBOS
15. EXERCICIOS DE APROFUNDAMENTO DE SINTAXE
16. FLEXÃO NOMINAL
17. PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS
18. CLASSIFICAÇÃO DE PALAVRAS
19. REVISÃO GERAL
20. INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

QUESTÕES POR ASSUNTO

1. SUJEITO:

1. (UF-MG) Em todas as alternativas, o termo em negrito exerce a função de sujeito, exceto em:
a) Quem sabe de que será capaz a mulher de seu sobrinho?
b) Raramente se entrevê o céu nesse aglomerado de edifícios.
c) Amanheceu um dia lindo, e por isso todos correram às piscinas.
d) Era somente uma velha, jogada num catre preto de solteiros.
e) É preciso que haja muita compreensão para com os amigos.

2. (EPCAR) A partícula apassivadora está exemplificada na alternativa:
a) Fala-se muito nesta casa.
b) Grita-se nas ruas.
c) Ouviu-se um belo discurso.

d) Ria-se de seu próprio retrato.
e) Precisa-se de um dicionário.

3. (EPCAR) O se é índice de indeterminação do sujeito na frase:
a) Não se ouvia o sino.
b) Assiste-se a espetáculos degradantes.
c) Alguém se arrogava o direito de gritar.
d) Perdeu-se um cão de estimação.
e) Não mais se falsificará tua assinatura.

4. (EPCAR) O se é pronome apassivador em:
a) Precisa-se de uma secretária.
b) Proibiram-se as aulas.
c) Assim se vai ao fim do mundo.
d) Nada conseguiria, se não fosse esforçado.
e) Eles se propuseram um acordo.

5. (FMU) Observe a estrofe: "Lembra-me que, em certo dia / Na rua, ao sol de verão, envenenado morria / Um pobre cão." Aparece aí a inversão do:
a) objeto direto: um pobre cão
b) sujeito: um pobre cão
c) sujeito: certo dia
d) predicado: lembra-me
e) predicativo do sujeito: me

6. (MACK) Na oração "Esboroou-se o balsâmico indianismo de Alencar ao advento dos Romanos", a classificação do sujeito é:
a) oculto
b) inexistente
c) simples
d) composto
e) indeterminado

7. (PUC) "Nesse momento começaram a feri-lo nas mãos, a pau." Nessa frase o sujeito do verbo é:
a) nas mãos
b) indeterminado
c) eles (determinado)
d) inexistente ou eles: dependendo do contexto
e) n.d.a

8. (FMU) "Ouviram do Ipiranga as margens plácidas / De um povo heróico o brado retumbante..." O sujeito desta afirmação com que se inicia o Hino Nacional é:
a) indeterminado
b) um povo heróico
c) as margens plácidas do Ipiranga
d) do Ipiranga
e) o brado retumbante

(FGV) Texto para as questões: "Não faças a outrem o que não queres que te façam."
9. O sujeito de "faças" na primeira oração é:
a) agente
b) indeterminado
c) paciente
d) inexistente
e) a oração "que te façam"

10. Na oração "que não queres" o sujeito é a palavra:
a) que
b) o
c) tu

d) te
e) outrem

(FGV) Texto para a questão 11 :
"Minha alva Dinamene, a Primavera, / Que os campos deleitosos pinta e veste, / E, rindo-se, uma cor aos olhos gera / Com que na terra vem o Arco celeste / O cheiro, rosas, flores, a verde hera, / Com toda formosura amena agreste, / Não é para meus olhos, tão formosa / Como a tua, que abate o lírio e a rosa" (Camões)

11. No segundo verso da primeira estrofe, o sujeito dos verbos "pinta e veste" é:
a) os campos deleitosos
b) Minha alva Dinamene
c) indeterminado
d) a Primavera
e) Que
(FGV) Texto para as questão 12:
"Quem diz o que quer ouve o que não quer."
12. No trecho final do período "... que não quer", o sujeito é:
a) que
b) ele
c) o
d) você
e) inexistente

13. (FGV) Leia atentamente: "O vigilante guarda-noturno e o seu valente auxiliar, nunca esmoreceram no cumprimento do dever." No período acima, a vírgula está mal colocada, pois separa:
a) o sujeito e o objeto direto
b) o sujeito e o predicado
c) a oração principal e a oração subordinada
d) o sujeito e o seu adjunto adnominal
e) o predicado e o objeto direto

14. (FGV) Leia atentamente: "A maior parte dos funcionários classificados no último concurso, optou pelo regime de tempo integral." Na frase acima, há um erro de pontuação, pois a vírgula está separando de modo incorreto:
a) o sujeito e o predicado
b) o aposto e o objeto direto
c) o adjunto adnominal e o predicativo do sujeito
d) o sujeito e o predicativo do objeto direto
e) o objeto indireto e o complemento da agente da passiva

15. (PUC-RJ) Dentre as palavras sublinhadas abaixo, apenas uma tem a mesma função sintática de hoje em "O hoje é aquela lixeira de bem aventurança (...)".
"(...) onde o tempo tem outra dimensão, (...)".
"(...) é um tempo rural e agrícola, (...) ".
"(...) todas as aflições e encargos são de um amanhã que custará muito a chegar".
"(...) tinha até uma certa graça viver nessa nova dimensão, (...)".
"(...) Até hoje nenhuma daquelas tesouras funcionou mais, (...)".

16. (ESAN) Na frase: "Trabalhou-se com prazer.", a palavra se é:
partícula de realce
b) conjunção integrante
c) pronome reflexivo
d) índice de indeterminação do sujeito
e) conjunção coordenativa explicativa

17. (FMU) Na oração: Mas uma diferença houve, o sujeito é:
a) agente
b) indeterminado
c) paciente
d) inexistente

e) oculto

18. (UF-UBERLÂNDIA) Éramos três velhos amigos na praia quase deserta. O sujeito desta oração é:
a) subentendido
b) claro, composto e determinado
c) indeterminado
d) inexistente
e) claro, simples e determinado

19. (UNIRIO) Em "Na mocidade, muitas coisas lhe haviam acontecido", temos oração:
a) sem sujeito
b) com sujeito simples e claro
c) com sujeito oculto
d) com sujeito composto
e) com sujeito indeterminado

20. (FCMSC-SP) Observe as orações seguintes:
1. Dizem por aí tantas coisas...
2. Nesta faculdade acolhem muito bem os alunos.
3. Obedece-se aos mestres.
O sujeito está indeterminado:
a) somente na 1
b) na 2 somente
c) na 3 somente
d) em duas delas somente
e) nas três orações

21. (FAENQUIL-SP) No período: "Ser amável e ser egoísta são coisas distintas", o sujeito é:
a) indeterminado
b) "ser amável"
c) "coisas distintas"
d) "ser amável e ser egoísta"
e) n.d.a

22. (UF-PR) Qual a oração sem sujeito?
a) Falaram mal de você.
b) Ninguém se apresentou.
Precisa-se de professores.
A noite estava agradável.
e) Vai haver um campeonato.

23. (FAAP) Qual a alternativa em que há sujeito indeterminado?
a) Comecei a estudar muito tarde para o exame.
b) Em rico estojo de veludo, jazia uma flauta de prata.
c) Soube-se que o proprietário estava doente.
d) Houve muitos feridos no desastre.
Julgaram-no incapaz de exercer o cargo.

24. (FMU) Há crianças sem carinho / Disseram-me a verdade / Construíram-se represas. Os sujeitos das orações acima são, respectivamente:
a) inexistente, indeterminado, simples
b) indeterminado, implícito, indeterminado
c) simples, indeterminado, indeterminado
d) inexistente, inexistente, simples
e) indeterminado, simples, inexistente

25. (PUC) "Em 1949 reuniram-se em Perúgia, Itália, a convite da quase totalidade dos cineastas italianos, seus colegas de diversas partes do mundo." O núcleo do sujeito de "reuniram-se" é:
a) cineastas
b) convite

c) colegas
d) totalidade
e) se

26. (OMEC-SP) Assinale a frase em que há sujeito indeterminado:
a) Compram-se jornais velhos.
b) Confia-se em suas palavras.
c) Chama-se José o sacerdote.
d) Choveu muito.
e) É noite.

27. (UM-SP) O sujeito é simples e determinado em:
a) Há somente um candidato ao novo cargo, doutor?
b) Vive-se bem ao ar livre.
c) Na reunião de alunos, só havia pais.
d) Que calor, filho!
e) Viam-se eleitores indecisos durante a pesquisa.

28. (UM-SP) Preencha a segunda coluna conforme o código estabelecido na primeira e assinale a alternativa correta de acordo com essa relação:
(1) sujeito determinado simples
(2) sujeito indeterminado
(3) sujeito desinencial (implícito na terminação verbal)
(4) sujeito paciente
(5) sujeito inexistente
( ) Era um mistério curioso aquela vida.
( ) No auge da rebelião, houve um tiroteio de quinze minutos entre policiais e bandidos.
( ) Quando se dispõe de força interna, vive-se melhor.
( ) Corrigiram-se os artigos após a última emenda do jornalista.
( ) Nemquererá despejá-lo imediatamente.
a) 5 - 3 - 2 - 1 - 4
b) 5 - 3 - 2 - 4 - 1
c) 1 - 5 - 2 - 4 - 3
d) 1 - 3 - 5 - 2 - 4
e) 1 - 5 - 3 - 2 - 4

29. (UNIMEP) Quando a oração não tem sujeito, o verbo fica na terceira pessoa do singular. Esta afirmação pode ser comprovada em:
a) Chegou o pacote de livros.
b) Existe muita gente amedrontada.
c) Ainda há criança sem escola.
d) Não procede a acusação contra ele.
e) É proibida a entrada.

30. (UM-SP) Assinale a alternativa em que o pronome se está apassivando o verbo:
a) Tempo não se mede pelos ponteiros do relógio, mas pelo vácuo da comunicação entre amigos.
b) Ao entrar no recinto novo da confeitaria, muitos clientes se sentiam enleados com o local de conhecida modéstia.
c) Vão-se embora os mais coloridos sonhos com a chegada de um só momento de maturidade.
d) Esqueceu-se dos fardos diários, enquanto olhava para a inexpressiva lista dos pratos do dia.
e) Precisa-se de muita calma e jeito para o consolo de um singular amigo.

31. (BANESPA) Assinale a alternativa em que o sujeito é inexistente:
a) Precisa-se de empregados.
b) Chamaram-no às pressas.
c) Precisamos permanecer atentos.
d) Vai fazer dois anos que ele partiu.
e) Chegaram notícias do exterior.

32. (CESCEA) Assinale a alternativa em que ocorre sujeito composto:

a) Deus, Deus que farei?
b) Os livros contemplei, os quadros e as outras obras.
c) Nós, os homens do futuro, venceremos.
d) Foram João e Maria.
e) Ontem foi João e José, hoje.

33. (PUC) "Que há entre a vida e a morte?"
a) O sujeito do verbo haver é o pronome interrogativo que
b) Tem-se uma oração sem sujeito
c) O sujeito é indeterminado
d) O sujeito está oculto
e) O sujeito é "uma certa ponte"

(FMU) Texto para as questões: "De tudo ao meu amor serei atento /
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto / Que mesmo em face do maior encanto / Dele se encante mais meu pensamento"

34. O sujeito do verbo encantar é:
a) que
b) encanto
d) dele pensamento
e) ele

35. (ETF-SP) Na oração "Contam-se casos curiosos sobre os índios", o se é:
a) pronome pessoal oblíquo
b) índice de indeterminação do sujeito
c) pronome apassivador
d) pronome reflexivo
e) pronome possessivo

COMENTÁRIOS DAS QUESTÕES:

1ª PARTE: SUJEITO:
1. Opção d - "Era somente uma velha..." a expressão em negrito exerce a função de predicativo do sujeito que está oculto.
2.Opção C - Transformando a oração em passiva analítica, o sujeito (um belo discurso) aparece. O pronome SE nesse caso, é partícula apassivadora.
3. Opção b - O pronome SE é índice de indeterminação do sujeito porque não se pode a partir dela, construir uma oração na voz passiva analítica, o sujeito não aparece porque está indeterminado.
4. Opção b - O pronome SE é apassivador porque é possível achar o sujeito (as aulas) transformando-a em passiva analítica: As aulas foram proibidas.
5. opção b - Transpondo o texto para a ordem natural da sintaxe, teremos: sujeito do verbo morrer (um pobre cão):
"Lembra-me que, em certo dia / Na rua, ao sol de verão, / Um pobre cão morria envenenado."
6. opção c – O núcleo do sujeito aqui é o substantivo "indianismo":
"O balsâmico indianismo de Alencar esboroou-se ao advento dos Romanos"
7. opção b - A forma verbal começaram está na 3ª pessoa do plural e não há sujeito expresso.
8. opção c - Transpondo o texto nessa ordem, teremos o sujeito:
"As margens plácidas do Ipiranga ouviram de um povo heróico o brado retumbante"
"Não faças a outrem o que não queres que te façam."
9. opção a - Agente da ação de acordo com a forma verbal faças (Futuro do subjuntivo): Que tu não faças a outrem..."
10. opção c - Está na 2ª pessoa do singular, no presente do indicativo: eu quero, tu queres, ele quer...
(FGV) Texto para a questão 11 :
"Minha alva Dinamene, a Primavera, / Que os campos deleitosos pinta e veste, / E, rindo-se, uma cor aos olhos gera / Com que na terra vem o Arco celeste / O cheiro, rosas, flores, a verde hera, / Com toda formosura amena agreste, / Não é para meus olhos, tão formosa / Como a tua, que abate o lírio e a rosa" (Camões)
11. opção e - O sujeito dos verbos pinta e veste na oração é o pronome anafórico que retoma o sujeito no primeiro verso Minha alva Dinamene.
(FGV) Texto para as questão 12:

"Quem diz o que quer ouve o que não quer."
12. opção b - O sujeito ele está implícito. “que não (ele) quer.”
13. opção b- "O vigilante guarda-noturno e o seu valente auxiliar (sujeito) nunca esmoreceram (verbo).” Não se separa sujeito do predicado.
14. opção a. Não se separa sujeito do predicado.
15. Opção a - A função sintática da palavra hoje é de sujeito que poderia ser substituído pelo pronome reto ele, assim como tempo na opção.
16. opção d - “Em trabalhou-se com prazer” não é possível fazer a passiva analítica e identificar o sujeito, então o sujeito está indeterminado, além disso, o verbo é intransitivo e está acompanhado do adjunto adverbial de modo “com prazer”.
17. opção d – Na verdade, a ordem natural da oração: “Mas uma diferença houve” é “Mas houve uma diferença”, assim pode-se perceber que o verbo “haver” está no sentido de existir por isso a oração não tem sujeito e “uma diferença” é o objeto direto. Veja que não é possível colocar o pronome em: “Mas (ele) houve uma diferença”, ficaria sem sentido.
18. opção a - O sujeito NÓS está elíptico, oculto, implícito, desinencial e subentendido na oração.
19. opção b - O sujeito é simples: “muitas coisas” por conter um núcleo “coisas” e está claro e expresso acompanhado de verbo e termos anexos na oração.
20. opção e - Na primeira oração não se pode determinar o sujeito (verbo dizem - 3ªp.plural), na segunda idem (verbo acolhem - 3ªp.plural) e na terceira não é possível transformar a oração em passiva analítica por isso o se é indeterminante do sujeito, além disso, o verbo obedecer é transitivo indireto acompanhado de objeto indireto: “aos mestres”.
21. opção d - "ser amável e ser egoísta" é sujeito composto por dois núcleos amável e egoísta.
22. Opção e - Não há sujeito na oração quando o verbo haver, mesmo na forma composta, como verbo principal, estiver no sentido de existir, acontecer e ocorrer.
23. Opção e - Não se pode identificar o sujeito e o verbo que está na 3ª p. singular.
24. opção a - “Há crianças sem carinho.” O sujeito é inexistente com o verbo haver no sentido de existir; “Disseram-me a verdade” O sujeito não está expresso e o verbo está na 3ª pes. do plural, e “Construíram-se represas” O sujeito é simples: “represas” e pode ser identificado, passando a oração para a passiva analítica: Represas são construídas.)
25. opção c - Mudando a ordem da oração, o núcleo (colegas) é localizado no sujeito que está sublinhado: "Seus colegas de diversas partes do mundo, em 1949 reuniram-se em Perúgia, Itália, a convite da quase totalidade dos cineastas italianos."
26. Opção b - não é possível fazer a passiva analítica e identificar o sujeito, então o sujeito está indeterminado, além disso, o verbo é transitivo indireto e está acompanhado do objeto indireto “em suas palavras”.
27. Opção e - Transformando a oração para a passiva analítica: Eleitores indecisos eram vistos durante a pesquisa. Observamos: o sujeito simples e determinado e o núcleo é eleitores.
28. opção c - 1 - 5 - 2 - 4 - 3
(1) Era um mistério curioso aquela vida.
sujeito determinado simples - Aquela vida era um mistério curioso.
(5) No auge da rebelião, houve um tiroteio de quinze minutos entre policiais e bandidos.
sujeito inexistente - com o verbo haver no sentido de existir, acontecer e ocorrer.
(2) Quando se dispõe de força interna, vive-se melhor.
sujeito indeterminado - Não é possível a transformação em voz passiva analítica.
(4) Corrigiram-se os artigos após a última emenda do jornalista.
sujeito paciente - Transpondo para a voz passiva analítica o sujeito sofre a ação, logo é paciente:
Os artigos foram corrigidos após a última emenda do jornalista.
(3) *Nem quererá despejá-lo imediatamente.*
sujeito desinencial (implícito na terminação verbal do verbo querer 3ª p.singular do futuro do presente do indicativo) - (ELE) nem quererá despejá-lo imediatamente.
29. Opção c - O verbo haver na 3ª p. singular com o sentido de existir, torna-a sem sujeito.
30. Opção a - É possível transformar a oração em passiva analítica: “Tempo não é medido pelos ponteiros do relógio, mas pelo vácuo da comunicação entre amigos e o sujeito é Tempo.”
31. Opção d - É inexistente o sujeito com o verbo fazer impessoal no sentido de tempo passado.
32. Opção d - Núcleo do sujeito composto João e Maria.
33. opção b - A oração é sem sujeito pois o verbo haver está no sentido de existir.
(FMU) Texto para as questões: "De tudo ao meu amor serei atento /
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto / Que mesmo em face do maior encanto / Dele se encante mais meu pensamento"
34. opção d – Ordenando a oração, temos: “meu pensamento se encante mais dele”, dessa forma teríamos para sujeito: “meu pensamento” e a questão aponta na opção d, apenas o núcleo do sujeito.

35. opção c - É possível a passagem para a passiva analítica: “Casos curiosos sobre os índios são contados.”

2. PREDICADO:

1. (CESGRANRIO) Assinale a frase cujo predicado é verbo-nominal:
a) "Que segredos, amiga minha, também são gente ..."
b) "... eles não se vexam dos cabelos brancos ..."
c) "... boa vontade, curiosidade, chama-lhe o que quiseres ..."
d) "Fiquemos com este outro verbo."
e) "... o assunto não teria nobreza nem interesse ..."

2. (FTM-ARACAJU) Das expressões sublinhadas abaixo, com as idéias de tempo ou lugar, a única que tem a função sintática do adjunto adverbial é:
a) "Já ouvi os poetas de Aracaju"
b) "atravessar os subúrbios escuros e sujos"
c) "passar a noite de inverno debaixo da ponte"
d) "Queria agora caminhar com os ladrões pela noite"
ui e) "sentindo no coração as pancadas dos pés das mulheres da noite"

3. (UF-UBERLÂNDIA) "Ele observou-a e achou aquele gesto feio, grosseiro, masculinizado." Os termos sublinhados são:
a) predicativos do objeto
b) predicativos do sujeito
c) adjuntos adnominais
d) objetos diretos
e) adjuntos adverbiais de modo

4. (MACK) Em "O hotel virou catacumba":
a) o predicado é nominal
b) o predicado é verbo-nominal
c) o predicado é verbal
d) o verbo é transitivo direto
e) estão corretas c e d

5. (CESCEA) Aponte a alternativa em que ocorre o adjunto adverbial de causa:
a) Comprou livros com dinheiro
b) O poço secou com o calor
c) Estou sem amigos.
d) Vou ao Rio.
e) Pedro é efetivamente bom.

6. (FGV) Aponte a correta análise do termo destacado: "Ao fundo, as pedrinhas claras pareciam tesouros abandonados."
predicativo do sujeito
b) adjunto adnominal
c) objeto direto
d) complemento nominal
e) predicativo do objeto direto

7. (SANTA CASA) Quando chamar tem o sentido de qualificar, pode-se construir o período, por exemplo, com objeto direto mais predicativo. Tudo isso se observa na alternativa:
a) João é alto, mas treinador nenhum chama-o para jogar.
b) Era a viúva a chamar pelo falecido.
c) Os inimigos chamam-lhe de traidor do povo.
d) Chamei pelo colega em voz alta.
e) Alguns chamam-no de fiscal.

8. (UF-UBERLÂNDIA) "O sol entra cada dia mais tarde, pálido, fraco, oblíquo." "O sol brilhou um pouquinho pela manhã." Pela ordem, os predicados das orações acima classificam-se como:
a) nominal e verbo-nominal

b) verbal e nominal
c) verbal e verbo-nominal
d) verbo-nominal e nominal
e) verbo-nominal e verbal

9. (UE-BA) Assinale a alternativa correspondente ao período onde há predicativo do sujeito:
a) Como o povo anda tristonho!
b) Agradou ao chefe o novo funcionário.
c) Ele nos garantiu que viria.
d) No Rio, não faltam diversões.
e) O aluno ficou sabendo hoje cedo de sua aprovação.

10. (FMU) Assinale uma das alternativas em que aparece um predicado verbo-nominal:
a) Os viajantes chegaram cedo ao destino.
b) Demitiram o secretário da instituição.
c) Nomearam as novas ruas da cidade.
d) Compareceram todos atrasados à reunião.
e) Estava irritado com as brincadeiras.

11. (PUC) Na oração: "A inspiração é fugaz, violenta", podemos afirmar que o predicado é:
a) verbo-nominal, porque o verbo é de ligação e vem seguido de dois predicativos;
b) nominal, porque é verbo de ligação;
c) verbal, porque o verbo é de ligação e são atribuídas duas caracterizações ao sujeito
d) verbo-nominal, porque o verbo é de ligação e vem seguido de dois advérbios de modo
e) nominal, porque o verbo tem sua significação completada por dois nomes que funcionam como adjuntos adnominais

12. (UM-SP) "Na manhã seguinte, desci um pouco amargurado, outro pouco satisfeito." Indique a alternativa que contém o predicado do mesmo tipo que o do período acima:
a) Esta injúria merecia ser lavada com sangue dos inimigos.
b) Na tarde de uma segunda-feira, anunciei-lhe um pouco de minha tristeza, outro de minha satisfação.
c) Recebeu convicto e com certa afeição as verdades do filósofo.
d) Mas eu era moço à semelhança de meu tio Neves.
e) Naquele dia, eram tantos os castelos e tantos os sonhos esboroados...

13. (UNIMEP)
I - Paulo está adoentado.
II - Paulo está no hospital.
a) O predicado é verbal em I e II
b) O predicado é nominal em I e I
c) O predicado é verbo-nominal em I e II
d) O predicado é verbal em I e nominal em II
e) O predicado é nominal em I e verbal em II

14. (FCMPA-MG) Assinale a alternativa em que apareça predicado verbo-nominal:
a) A chuva permanecia calma.
b) A tempestade assustou os habitantes da vila.
c) Paulo ficou satisfeito.
d) Os meninos saíram do cinema calados.
e) Os alunos estavam preocupados.

15. (UF-GO) Em uma das alternativas, o predicativo inicia o período. Assinale-a:
A dificílima viagem será realizada pelo homem.
Em suas próprias inexploradas entranhas descobrirá a alegria de conviver.
Humanizado tornou-se o sol com a presença humana.
Depois da dificílima viagem, o homem ficará satisfeito?
O homem procura a si mesmo nas viagens a outros mundos.

16. (F-ARARAQUARA) O professor entrou apressado. O destaque indica:
a) predicado nominal

b) predicado verbo-nominal
c) predicado verbal
d) adjunto adverbial
e) n.d.a.

17. (CÂNDIDO MENDES) "Angélica, animada por tantas pessoas, tomou-lhe o pulso e achou-o febril." Febril, sintaticamente é:
a) objeto direto
b) complemento nominal
c) predicativo do objeto
d) predicativo do sujeito
e) adjunto adverbial

18. (FESP) "A compreensão é a necessidade do fraco." Temos aí:
a) predicado nominal e complemento nominal
b) sujeito simples e verbo transitivo
c) oração sem sujeito e complemento nominal
d) sujeito simples e objeto direto
e) n.d.a

19. (PUC) No período: "Não brincara, não pandegara, não amara - todo esse lado da existência que parecia fugir um pouco à sua tristeza necessária, ele não vira, ele não provara, ele não experimentara", as últimas orações - "não vira", "não provara", "não experimentara" - têm a mesma organização sintática, e seus predicados são:
a) verbais, formados por verbos transitivos diretos, complementados por um objeto explícito no período
b) verbais, formados por verbos intransitivos
c) verbais, formados por verbos transitivos indiretos, complementados por um objeto indireto não explícito no período
d) verbais, formados por verbos transitivos direto e indireto
e) verbo-nominais, formados por verbos e predicativos do sujeito

20. (TTN) Observe as duas orações abaixo:
I - Os fiscais ficaram preocupados com o alto índice de sonegação fiscal.
II - Houve uma sensível queda na arrecadação do ICM em alguns Estados.
Quanto ao predicado, elas classificam-se, respectivamente, como:
a) nominal e verbo-nominal
b) verbo-nominal e verbal
c) nominal e verbal
d) verbal e verbo-nominal
e) verbal e nominal

COMENTÁRIO DAS QUESTÕES:
1. opção c - Invertendo a ordem dos elementos da oração, teremos: verbo transitivo indireto, objeto indireto e predicativo do objeto.
"...chama-lhe o que quiseres: boa-vontade, curiosidade..."
VERBO TRANSITIVO INDIRETO: CHAMA
OBJETO INDIRETO: PRONOME LHE
PREDICATIVO DO OBJETO (LHE): BOA-VONTADE E CURIOSIDADE (Qualidades atribuídas a todo o objeto *a ele=lhe*).
2. opção d - Aqui o adjunto adverbial está próximo ao verbo caminhar indica circunstância de lugar, responde à pergunta: caminhar por onde? Pela noite.
3. opção a - É necessário destacar os seguintes elementos :
objeto direto - aquele gesto
qualidades atribuídas ao objeto: feio, grosseiro e masculinizado.
O predicado é verbo-nominal com predicativo do objeto, pois as qualidades, o sujeito (ele) atribui ao objeto do verbo achar (aquele gesto).
4. opção b - O predicado é nominal: "virou catacumba" com predicativo do sujeito: "catacumba". A qualidade é atribuída ao sujeito "o hotel", embora catacumba seja substantivo, sintaticamente torna-se adjetivo e por isso predicativo do sujeito.
5. Opção b - A circunstância aqui é de causa. Por que o poço secou? Por causa do calor.

6. opção a - A qualidade (tesouros abandonados) é atribuída ao sujeito da oração (as pedrinhas claras), nesse caso, o verbo "parecer" é de ligação.
7. Opção e - Objeto direto: no (=a ele) e o predicativo do objeto e a (qualidade atribuída ao objeto): de fiscal.
8. opção e - Na primeira oração, o predicado é verbo-nominal por indicar a qualidade do sujeito: (o sol)
"O sol entra cada dia mais tarde, pálido, fraco, oblíquo."
Na segunda oração, o predicado é verbal, há um adjunto adverbial de intensidade e um de tempo. Observe que no predicado não consta nenhum adjetivo.
"O sol brilhou um pouquinho pela manhã."
9. Opção a - O adjetivo "tristonho" qualifica o sujeito "o povo".
10. Opção d - A qualificação de (atrasados) é feita ao sujeito (todos).
11. opção b - O predicado sempre será nominal quando o verbos de ligação: ser, estar, permanecer, ficar, andar, continuar e parecer vierem seguidos de adjetivo.
12. Opção c - O predicado é verbo-nominal, o adjetivo (convicto) qualifica o sujeito oculto (ele), tal como ocorre com a frase do enunciado, na qual os adjetivos "amargurado" e "satisfeito" qualificam o sujeito oculto "eu".
13. opção e - I - Paulo está adoentado. O verbo é de ligação e adoentado refere-se a Paulo (sujeito). E no caso da frase II - Paulo está no hospital. O verbo não é mais de ligação, agora tornou-se um verbo intransitivo, porque depois dele vem um adjunto adverbial de lugar "no hospital", isso transforma o predicado em verbal.
14. Opção d- "calados" é o predicativo do sujeito "os meninos" e o verbo é saíram, que não consta na lista dos verbos de ligação. Perceba que se no lugar de "saíram" estivesse o verbo "estavam", teríamos um verbo de ligação e o predicado seria nominal pela presença do mesmo adjetivo "calados".
15. Opção c - Os elementos na oração estão invertidos, caso fossem reordenados teríamos o predicativo em maior evidência: "O sol tornou-se humanizado com a presença humana."
16. opção b - Predicado verbo-nominal com predicativo do sujeito, referindo-se o adjetivo "apressado", ao sujeito.
17. opção c - O termo é predicativo do objeto por referir-se ao objeto do verbo achar(o). Há que se observar também que o predicativo do objeto é atribuição que o sujeito "Angélica" dá ao objeto pronome "o".
18. opção e - Nessa oração há apenas predicado nominal "a necessidade do fraco" e adjunto adnominal "do fraco".
19. opção a - São predicados verbais, sintaticamente funcionam como verbos transitivos diretos e têm como objeto "todo esse lado da existência que parecia fugir um pouco à sua tristeza necessária."
20. opção c - I - o predicado é nominal: verbo de ligação (ficaram) e adjetivo (preocupados) atribuído ao sujeito. Na oração II – temos o predicado verbal com verbo transitivo direto. Note a ausência do adjetivo na função de predicativo, o que temos em realidade é o adjetivo "sensível" como adjunto adnominal de "queda" porque quando o predicado é verbal, nele não se encontram predicativos.

3. TRANSITIVIDADE

1. (UF-UBERLÂNDIA) Todos os itens abaixo apresentam o pronome relativo com função de objeto direto, exceto:
a) "Aurélia não se deixava inebriar pelo culto que lhe rendiam."
b) "Está fadigada de ontem? perguntou a viúva com a expressão de afetada ternura que exigia o seu cargo."
c) "... com a riqueza que lhe deixou seu avô, sozinha no mundo, por força que havia de ser enganada."
d) "... O Lemos não estava de todo restabelecido do atordoamento que sofrera."
e) "Não o entendiam assim aquelas três criaturas, que se desviviam pelo ente querido."

2. (UC-MG) A classificação dos verbos sublinhados, quanto à predicação, foi feita corretamente em:
a) "Não nos olhou o rosto. A vergonha foi enorme." - transitivo direto e indireto
b) "Procura insistentemente perturbar-me a memória." - transitivo direto
c) "Fiquei, durante as férias, no sítio de meus avós." - de ligação
d) "Para conseguir o prêmio, Mário reconheceu-nos imediatamente." - transitivo indireto
e) "Ela nos encontrará, portanto, é só fazer o pedido" – transitivo indireto.

3. (FMU) Observe os termos sublinhados na passagem: "O rio vai às margens. Vem com força de açude arrombado." Os termos sublinhados são, respectivamente:
a) predicativo do sujeito e adjunto adnominal de modo
b) adjunto adverbial de modo e adjunto adnominal
c) adjunto adverbial de lugar e adjunto adverbial de modo
d) adjunto adverbial de modo e objeto indireto
e) adjunto adverbial de lugar e complemento nominal

4. (UF-GO) "O corpo, a alma do carpinteiro não podem ser mais brutos do que a madeira." A função sintática dos termos sublinhados é, pela ordem:
a) objeto direto - predicativo do sujeito
b) sujeito - sujeito
c) predicativo do sujeito - sujeito
d) objeto direto - predicativo do sujeito
e) predicativo do sujeito - predicativo do sujeito

5. (MACK) Em "E quando o brotinho lhe telefonou, dias depois, comunicando que estudava o modernismo, e dentro do modernismo sua obra, para que o professor lhe sugerira contato pessoal com o autor, ficou assanhadíssimo e paternal a um tempo", os verbos assinalados são, respectivamente:
a) transitivo direto, transitivo indireto, de ligação, transitivo direto e indireto
b) transitivo direto e indireto, transitivo direto, transitivo indireto, de ligação
c) transitivo indireto, transitivo direto e indireto, transitivo direto, de ligação
d) transitivo indireto, transitivo direto, transitivo direto e indireto, de ligação
e) transitivo indireto, transitivo direto e indireto, de ligação, transitivo direto

6. (MACK) Nas frases abaixo, o pronome oblíquo está corretamente classificado, exceto em:
a) "Fugia-lhe é certo, metia o papel no bolso ..." (objeto indireto)
b) "... ou pedir-me à noite a bênção do costume" (objeto indireto)
c) "Todas essas ações eram repulsivas: eu tolerava-as ..." (objeto direto)
d) "... que vivia mais perto de mim que ninguém" (objeto indireto)
e) "... eu jurava matá-los a ambos ..." (objeto direto)

7. (MACK) Na frase "Fugia-lhe, e certo, metia o papel no bolso, corria a casa, fechava-se, não abria as vidraças, chegava a fechar os olhos", são adjuntos adverbiais:
a) no bolso - a casa - não
b) no bolso - não
c) certo - no bolso - a casa - se - não
d) lhe - certo - no bolso - a casa - se - não
e) certo - no bolso - a casa - não - a fechar

8. (MACK) Entre as alternativas abaixo, aponte a única em que um dos termos corresponde à análise dada: "Pareciam infinitas as combinações de cores no azul do céu."
a) Pareciam é um verbo intransitivo
b) Infinitas é objeto direto
c) Cores é o núcleo do sujeito
d) Do céu é o complemento nominal
e) n.d.a

9. (PUC) Em: "... principiou a segunda volta do terço."; "Carrocinhas de padeiro derrapavam nos paralelepípedos."; "Passavam cestas para o Largo do Arouche."; "Garoava na madrugada roxa." Os verbos são, respectivamente:
a) transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto, intransitivo
b) intransitivo, transitivo indireto, transitivo direto, intransitivo
c) transitivo direto, intransitivo, transitivo direto, intransitivo
d) transitivo direto, intransitivo, intransitivo, intransitivo-impessoal
e) transitivo indireto, intransitivo, transitivo indireto, transitivo indireto

"Minha alva Dinamene, a Primavera, / Que os campos deleitosos pinta e veste, / E, rindo-se, uma cor aos olhos gera / Com que na terra vem o Arco celeste / O cheiro, rosas, flores, a verde hera, / Com toda formosura amena agreste, / Não é para meus olhos, tão formosa / Como a tua, que abate o lírio e a rosa" (Camões)

10. No mesmo verso da primeira estrofe a função sintática de "os campos deleitosos" é:
a) sujeito
b) adjunto adverbial
c) aposto
d) objeto direto
e) objeto indireto

11. (FGV) Leia atentamente: "Vi o acidente da estação." Na frase ao lado, a expressão sublinhada é ambígua, pois pode ser interpretada como:
a) objeto indireto ou adjunto adnominal
b) adjunto adverbial de modo ou predicativo do sujeito
c) predicativo do sujeito ou predicativo do objeto direto
d) adjunto adnominal ou adjunto adverbial
e) adjunto adverbial de tempo ou objeto indireto

12. (FGV) Em "Motoristas, mantenham à direita!", há um erro de acentuação gráfica, pois o termo direita é:
a) objeto direto
b) objeto indireto
c) adjunto adnominal
d) adjunto adverbial de lugar
e) aposto do sujeito

13. (FGV) Leia atentamente: "O funcionário referiu o incidente a Diretoria. "Na frase acima, o termo a deve levar um acento gráfico grave, pois Diretoria tem função de:
a) adjunto adverbial de finalidade
b) objeto direto
c) sujeito
d) adjunto adnominal preposicionado
e) objeto indireto

14. (UF-UBERLÂNDIA) "São José da Costa Rica, coração civil / me inspire no meu sonho de amor Brasil", a palavra me exerce a função de:
a) objeto direto
b) objeto indireto
c) predicativo
d) partícula de realce
e) complemento nominal

15. (FEI-SP) Em "Usando do direito que lhe confere a Constituição", as palavras grifadas exercem a função, respectivamente, de:
a) objeto direto e objeto direto
b) sujeito e objeto indireto
c) objeto indireto e sujeito
d) sujeito e sujeito
e) objeto direto e objeto indireto

16. (MACK) No período: "O homem andava triste porque não conseguiu que seu irmão lhe desse apoio naquela difícil empresa.", os verbos andar, conseguir, dar classificam-se, respectivamente, em:
a) intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto
b) de ligação, transitivo direto, transitivo direto e indireto
c) de ligação, transitivo direto e indireto, transitivo direto e indireto
d) transitivo direto, transitivo direto, transitivo direto e indireto

17. (PUC) No trecho: "Se eu convencesse Madalena de que ela não tem razão... Se lhe explicasse que é necessário vivermos em paz...", os verbos destacados são, respectivamente:
a) transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto, transitivo indireto
b) transitivo direto e indireto, transitivo direto, transitivo direto e indireto, intransitivo
c) intransitivo indireto, transitivo direto, transitivo direto, intransitivo
d) transitivo direto e indireto, transitivo direto, intransitivo, transitivo indireto
e) transitivo direto, transitivo direto, intransitivo, intransitivo

18. (OBJETIVO) Em "Se descobrissem a desmoralização que reina dentro de mim", temos, respectivamente, verbos:
a) transitivo direto e indireto
b) transitivo indireto e intransitivo
c) intransitivo e transitivo indireto
d) transitivo direto e intransitivo

e) intransitivo e intransitivo

19. (ESPM-SP) "Sorvete Kibon decora sua cozinha. E dá nome às latas." Os termos destacados são, respectivamente:
- a) sujeito, objeto direto e objeto indireto
- b) objeto direto, sujeito, objeto indireto
- c) sujeito, objeto indireto, objeto direto
- d) sujeito, sujeito, objeto indireto
- e) objeto direto, sujeito, objeto direto

20. (PUCC) Dê a função sintática do termo destacado em: "Voltaremos pela Via Anhangüera":
- a) sujeito
- b) objeto direto
- c) agente da passiva
- d) adjunto adverbial
- e) aposto

21. No verso Que nessa janela está, o verbo é:
- a) transitivo direto
- b) de ligação
- c) transitivo indireto
- d) transobjetivo
- e) intransitivo

22. (ETF-SP) Na oração "Esperei-o até tarde", o pronome o tem a mesma função sintática do termo grifado na frase:
- a) "Estamos confiantes em você"
- b)"Não me perguntaram nada"
- c) "Emprestei-lhe o carro"
- d) "É amado pelos pais"
- e) "Acompanharam o menino"

23. (FARIAS BRITO) "Ser feliz! Ser feliz estava em mim, Senhora... / Esse sonho que ergui, o poderia pôr / onde quisesse, longe até da minha dor, / em um lugar qualquer onde a ventura mora". (Menotti del Picchia: Juca Mulato)

Há um termo pleonástico nesse texto. Esse termo é:
- a) "feliz"
- b) "que"
- c) "onde"
- d) "o"
- e) "sonho"

24. Assinale a classificação correta de te (segundo verso), única alma (terceiro verso), numerosa (quarto verso), nessa ordem:
- a) objeto indireto - objeto direto - sujeito
- b) objeto direto - sujeito - predicativo do sujeito
- c) objeto indireto - sujeito - predicativo do sujeito
- d) objeto direto - objeto direto - sujeito
- e) objeto indireto - objeto direto - sujeito

25. "Eu possa me dizer do amor (que tive): / Que não seja imortal, posto que é chama / mas que seja infinito enquanto dure" O objeto direto do verbo dizer é:
- a) me
- b) do amor
- c) que tive
- d) que não seja imortal
- e) posto que é chama

(TRE-MG) A questão 26 refere-se ao seguinte período: "Através de medida provisória, decidiu-se que todos os novos bacharéis no País farão uma prova final, para se saber se estão aptos ao exercício profissional."

26. No período acima não se encontra:
a) adjunto adverbial
b) adjunto adnominal
c) complemento nominal
d) objeto indireto
e) predicativo do sujeito

(MACK) Texto para as questões 27 a 28:
"Tempo-será"
A Eternidade está longe
(Menos longe que o estirão
Que existe entre o meu desejo
E a palma da minha mão).
Um dia serei feliz?
Sim, mas não há de ser já:
A Eternidade está longe
Brinca de tempo-será."
(Manuel Bandeira)

27. A função sintática do Que em "Que existe entre o meu desejo" é:
a) objeto direto
b) objeto indireto
c) predicativo do sujeito
d) adjunto adverbial
e) sujeito

28. Os termos "longe e feliz", são respectivamente:
a) sujeito e sujeito
b) predicativo do sujeito e predicativo do sujeito
c) adjunto adverbial e adjunto adverbial
d) adjunto adverbial e predicativo do sujeito
e) predicativo do sujeito e adjunto adverbial

29. (OMECE-SP) Assinale o que na função de objeto indireto:
a) A casa que você viu é minha.
b) O homem que trabalha vence na vida.
c) Que aconteceu com você?
d) O cargo a que aspiras é nobre.
e) O rapaz que chegou é meu conhecido.

30. (BB) No provérbio Antes tarde do que nunca:
a) Existe oração coordenada
b) Há um único substantivo
c) Não há oração, apenas frase nominal
d) O sujeito está oculto
e) Há dois adjetivos

(MACK) Texto para as questões 31 e 32:
"Pássaro"
Aquilo que ontem cantava
já não canta.
Morreu de uma flor na boca:
não de espinho na garganta
Ele amava a água sem sede,
e, em verdade,
tendo asas, fitava o tempo,
livre de necessidade.
Não foi desejo ou imprudência:
não foi nada.

E o dia toca em silêncio
a desventura causada.
Se acaso isso é desventura:
ir-se a vida
sobre uma rosa tão bela,
por uma tênue ferida.
(Cecília Meirelles)

31. Em "Morreu de uma flor na boca", o termo grifado é:
a) adjunto adverbial de causa
b) adjunto adverbial de modo
c) adjunto adverbial de instrumento
d) adjunto adverbial de meio
e) adjunto adverbial de dúvida

32. Em "ir-se a vida", o se é:
a) partícula apassivadora
b) índice de indeterminação do sujeito
c) pronome reflexivo
d) pronome recíproco
e) partícula expletiva

COMENTÁRIOS DAS QUESTÕES:
1.Opção e - Adiante na parte 5, você encontrará o estudo das funções e emprego dos pronomes. Nesse caso o antecedente (aquelas três criaturas), que ocupará o lugar do pronome relativo, exercerá a função de sujeito da forma verbal desviviam.
2.opção b - O pronome me é objeto direto preposicionado = a mim. O verbo perturbar é transitivo direto.
3. opção e - "O rio vai às margens. Vem com força de açude arrombado."
às margens - adjunto adverbial de lugar e o verbo vai é intransitivo.
de açude arrombado - açude é o termo paciente, não indica posse. Além disso, força é substantivo abstrato sendo assim, os termos sublinhados compõem complemento nominal.
4.opção c - O corpo, a alma do carpinteiro não podem ser mais brutos do que a madeira.
Predicativo do sujeito - brutos é adjetivo que faz referência ao sujeito composto *o corpo, a alma do carpinteiro.*
Sujeito - A oração subordinada adverbial comparativa "do que a madeira" tem o verbo ser oculto por isso madeira é sujeito do verbo. A oração ficaria assim: "do que a madeira é."
5.opção d - (telefonou) transitivo indireto, (estudava) transitivo direto, (sugerira) transitivo direto e (ficou) verbo de ligação.
6. Opção d - o verbo viver é intransitivo e o pronome oblíquo (mim) não está classificado corretamente, porque "de mim" completa o advérbio "perto" e por isso é complemento nominal.
7. opção b - no bolso (adjunto adverbial de lugar) - não (adjunto adverbial de negação).
8. opção e - Em nenhuma das opções os termos estão classificados corretamente: pareciam é verbo de ligação; infinitas é predicativo do sujeito, cores núcleo do adj. adnominal e do céu é adjunto adnominal.
9. opção c - transitivo direto (principiou), intransitivo (derrapavam), transitivo direto(passavam) e intransitivo (garoava).
10. opção d - "...Que os campos deleitosos pinta e veste,..."
Invertendo-se a ordem, o objeto direto fica nítido:
A Primavera que pinta e veste os campos deleitosos.
11. opção d - Pode ser: Vi da estação o acidente(seria adjunto adverbial ligado ao verbo intransitivo), mas se for Vi o acidente da estação (da estação está ligado à acidente, seria adjunto adnominal).
12. opção a - Porque o verbo é transitivo direto, mas se fosse "Motoristas, mantenham-se à direita." se é pronome reflexivo e o verbo pronominal é transitivo indireto que constrói objeto indireto.
13. opção e - O verbo referiu é transitivo direto e indireto e seu objeto indireto, no caso, é regido de preposição contraída com artigo feminino, por isso deve-se usar o à.
14. opção a - O verbo inspirar (inspirar significa introduzir o ar atmosférico nos pulmões por meio dos movimentos do tórax) é transitivo direto, então o pronome me é objeto direto. A questão não menciona mas o pronome me corresponde a a mim, que seria objeto direto preposicionado.
15. opção e - que é pronome relativo cujo antecedente direito é objeto direto - É conferido o direito a ele (=lhe objeto indireto).

16. opção b - andar - embora signifique ação, nesse contexto equivale a ficar, estar verbo de ligação, conseguir-transitivo direto e dar- transitivo direto (dar algo=apoio) e indireto (a alguém=lhe).
17. opção b - convencer (alguém de algo) transitivo direto e indireto, tem – transitivo direto, explicasse - transitivo direto e indireto, vivermos - intransitivo.
"Se eu convencesse Madalena de que ela não tem razão... Se lhe explicasse que é necessário vivermos em paz...",
18. opção d - descobrissem (transitivo direto) e reina (intransitivo).
19. opção a - sorvete Kibon (sujeito), dar nome às latas (objeto direto - nome e objeto indireto às latas).
20. opção d - Adjunto adverbial de lugar.
21. opção e - Embora estar seja verbo de ligação, nesse contexto ele é verbo intransitivo e está acompanhado do adjunto adverbial nessa janela.
22. opção e - No enunciado o verbo esperar é transitivo direto seguido do objeto direto *o(=ele)*. Na opção e "Acompanharam o menino" ocorre o mesmo, o verbo acompanhar é transitivo direto necessitando do objeto direto (o menino).
23. opção d - O pronome *o* faz alusão repetitiva ao objeto direto (esse sonho).
"Esse sonho que ergui, o poderia pôr"
24. "Sei que me esperavas desde o início / que eu te dissesse hoje o meu canto solene, / Sei que a única alma que eu possuo / é mais numerosa que os cardumes do mar." (Jorge de Lima). opção c - O verbo dizer pede objeto indireto te=a ti, "A única alma que eu possuo..." (sujeito do verbo ser =única alma) e numerosa predicativo do sujeito, adjetivo que faz referência à única alma.
25. opção d - Trata-se de um objeto direto em forma de oração subordinada substantiva objetiva direta.
26. opção d - Se nenhum dos verbos é transitivo indireto, não há objeto indireto, por outro lado, todos os verbos das outras opções são transitivos diretos.
27. opção e - O pronome relativo que refere-se ao antecedente estirão (sujeito). (A palavra estirão no texto significa distância).
28. opção d – feliz é predicativo do sujeito oculto eu e longe é adjunto adverbial de lugar.
29. opção d - O verbo aspirar no sentido de desejar, pretender é transitivo indireto. "O cargo a que aspiras..." = aspiras ao cargo.
30. opção c. Nas frases nominais o núcleo pode ser advérbio (como nesse caso), substantivo, adjetivo ou numeral.
31. opção a - Adjunto adverbial de causa porque "de uma flor na boca" indica a causa da morte (do pássaro).
32. opção e - Trata-se da partícula de realce ou expletiva (SE) que pode ser retirada sem alterar o sentido da oração. Normalmente acompanha os verbos ir, sair e rir.

4. TERMOS INTEGRANTES E ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

1. (FMU) Em "Eu era enfim, senhores, uma graça de alienado.", os termos da oração grifados são respectivamente, do ponto de vista sintático:
a) adjunto adnominal, vocativo, predicativo do sujeito
b) adjunto adverbial, aposto, predicativo do objeto
c) adjunto adverbial, vocativo, predicativo do sujeito
d) adjunto adverbial, vocativo, objeto direto
e) adjunto adnominal, aposto, predicativo do sujeito

2. (PUC) "O homem está imerso num mundo ao qual percebe ..." A palavra em negrito é:
a) objeto direto preposicionado d) agente da passiva
b) objeto indireto e) adjunto adnominal
c) adjunto adverbial

3. (U-UBERLÂNDIA) Classifique o "se" na frase: "Ele queixou-se dos maus tratos recebidos".
a) partícula integrante do verbo
b) conjunção condicional
c) pronome apassivador
d) conjunção integrante
e) símbolo de indeterminação do sujeito

4. (EPCAR) Em relação à função da partícula se, numere a segunda de acordo com a primeira e depois assinale a numeração correta:
1. Partícula apassivadora ( ) Veja se falta alguém.
2. Índice de indeterminação do sujeito ( ) "Vai-se a primeira pomba despertada..."
do sujeito ( ) Daqui se assiste ao desfile.

3. Objeto direto reflexivo ( ) Ele arroga-se o direito de reclamar.
4. Objeto indireto ( ) Ainda se ouvem gemidos.
5. Conjunção ( ) A jovem olhava-se no espelho.
6. Partícula de realce

a) 5, 4, 2, 6, 1, 3
b) 5, 6, 2, 4, 1, 3
c) 2 ,6, 5, 1, 4, 3
d) 5, 6, 2, 1, 3, 4
e) 2, 6, 5, 4, 1, 3

5. (BB) "Ande ligeiro, Pedro".
a) sujeito
b) objeto direto
c) vocativo
d) aposto
e) adjunto

6. (FMU) Na passagem: "O receio é substituído pelo pavor, pelo respeito, pela emoção, que emudece e paralisa." Os termos sublinhados são:
a) complementos nominais; orações subordinadas adverbiais concessivas, coordenadas entre si
b) adjuntos adnominais; orações subordinadas adverbiais comparativas
c) agentes da passiva; orações subordinadas adjetivas, coordenadas entre si
d) objetos diretos; orações subordinadas adjetivas, coordenadas entre si
e) objetos indiretos; orações subordinadas adverbiais comparativas

7. (FM-SANTOS) "Não se sabe se é verdade ou não." Os dois "ses" que aparecem no texto acima são, conforme a sua colocação:
a) partícula apassivadora - pronome reflexivo, sujeito
b) partícula apassivadora - conjunção integrante
c) partícula integrante do verbo - conjunção condicional
d) índice de indeterminação do sujeito - partícula de realce
e) partícula integrante do verbo - conjunção integrante

8. (MACK) No período "... a nacionalidade viveu da mescla de três raças que os poetas xingaram de tristes: as três raças tristes", as unidades sublinhadas exercem, respectivamente, as funções sintáticas de:
a) adjunto adverbial - objeto direto - predicativo do objeto - aposto
b) objeto indireto - sujeito - predicativo do objeto - adjunto adverbial
c) objeto direto - objeto direto - adjunto adnominal - adjunto adverbial
d) adjunto adverbial - objeto direto - adjunto adnominal - aposto
e) adjunto adverbial - sujeito - adjunto adverbial - adjunto adverbial

9. (MACK) "Não serei o poeta de um mundo caduco."; "Entre eles considero a enorme realidade."; "Não serei o cantor de uma mulher"; "O tempo é a minha matéria." As expressões sublinhadas nos versos do texto exercem, respectivamente, as funções de:
a) adjunto adnominal - adjunto adverbial - complemento nominal - predicativo do sujeito
b) complemento nominal - adjunto adverbial - complemento nominal - predicativo do sujeito
c) predicativo do sujeito - núcleo do predicado - adjunto adnominal - núcleo do predicativo do sujeito
d) predicativo do sujeito - núcleo do predicado - complemento nominal - predicativo do sujeito
e) complemento nominal - adjunto adverbial - adjunto adnominal - núcleo do predicativo do sujeito

10. (PUC) No sintagma verbal: "... foi espantar as moscas do rosto do anjinho.", temos três sintagmas nominais que funcionam respectivamente como:
a) objeto direto, objeto indireto, adjunto adnominal do objeto indireto
b) objeto direto, adjunto adverbial de lugar, complemento nominal
c) objeto indireto, complemento nominal, adjunto adnominal do complemento nominal
d) objeto indireto, objeto indireto, complemento nominal
e) objeto direto, adjunto adverbial de lugar, adjunto adnominal do adjunto adverbial

11. (PUC) Em: "Os sururus em família têm por testemunha a Gioconda", as expressões sublinhadas são:
a) complemento nominal - objeto direto
b) predicativo do objeto - objeto direto
c) objeto indireto - complemento nominal
d) objeto indireto - objeto indireto

e) complemento nominal - objeto direto preposicionado

12. (CESCEM) Assinale a análise do termo destacado: "A terra era povoada de selvagens."
a) objeto direto d) complemento nominal
b) objeto indireto e) adjunto adverbial
c) agente da passiva

13. (FGV) Leia atentamente: "É oportuno, um conselho." Na oração ao lado, há um erro de pontuação, pois a vírgula está separando:
a) o adjunto adnominal e o objeto direto
b) o predicativo do sujeito e o adjunto adverbial de modo
c) o sujeito e o adjunto adnominal
d) o predicado verbal e o objeto direto
e) predicado nominal e o sujeito

(FGV) "Não faças a outrem o que não queres que te façam."
14. Na oração "não faças a outrem o", a expressão em negrito é:
a) objeto indireto d) adjunto adverbial de modo
b) objeto direto preposicionado e) predicativo do sujeito
c) sujeito da passiva

15. Na oração "não faças a outrem o", a expressão em negrito é:
a) objeto indireto d) predicativo
b) objeto direto e) sujeito
c) aposto

16. Na oração "que te façam", o objeto direto do verbo fazer é:
a) a palavra te que se encontra na mesma oração
b) a palavra que da mesma oração
c) a palavra que da oração antecedente
d) inexistente, pois o verbo é transitivo indireto
e) a palavra "tu" elíptica

(FGV)
"Minha alva Dinamene, a Primavera, / Que os campos deleitosos pinta e veste, / E, rindo-se, uma cor aos olhos gera / Com que na terra vem o Arco celeste / O cheiro, rosas, flores, a verde hera, / Com toda formosura amena agreste, / Não é para meus olhos, tão formosa / Como a tua, que abate o lírio e a rosa" (Camões)

17. No mesmo verso da primeira estrofe a função sintática de "os campos deleitosos" é:
a) sujeito d) objeto direto
b) adjunto adverbial e) objeto indireto
c) aposto

18. No último verso da segunda estrofe "como a tua" sintaticamente é:
a) adjunto adnominal de modo
b) adjunto adverbial de modo
c) oração subordinada substantiva indireta
d) oração subordinada adverbial consecutiva
e) oração subordinada adverbial comparativa

"Minha alva Dinamene, a Primavera, / Que os campos deleitosos pinta e veste, / E, rindo-se, uma cor aos olhos gera / Com que na terra vem o Arco celeste / O cheiro, rosas, flores, a verde hera, / Com toda formosura amena agreste, / Não é para meus olhos, tão formosa / Como a tua, que abate o lírio e a rosa" (Camões)

19. "Para meus olhos", no terceiro verso da segunda estrofe é:
a) complemento nominal
b) objeto indireto
c) oração subordinada substantiva predicativa
d) oração subordinada substantiva objetiva indireta
e) predicativo

20. "Com toda formosura amena" é:
a) complemento nominal d) adjunto adverbial de modo
b) adjunto adnominal e) agente da passiva
c) aposto

(FGV) Texto para as questões 21 e 22
"Quem diz o que quer ouve o que não quer."

21. Observe a palavra sublinhada: "Quem diz o que quer ouve o que não quer." A função sintática dela é:
a) sujeito d) predicativo
b) complemento nominal e) objeto direto
c) partícula expletiva

22. Observe a palavra sublinhada: "Quem diz o que quer ouve o que não quer." Sua função sintática é:
a) sujeito d) aposto
b) objeto indireto e) objeto direto
c) pronome relativo

23. (U-BAURU) Assinale a alternativa em que a expressão grifada tem a função de complemento nominal:
a) A curiosidade do homem incentivava-o à pesquisa.
b) A cidade de Londres merece ser conhecida por todos.
c) O respeito ao próximo é dever de todos.
d) O coitado do velho mendigava pela cidade.
e) O receio de errar dificulta o aprendizado das línguas.

24. (FCE-SP) A recordação da cena persegue-me até hoje. Os termos em destaque são, respectivamente:
a) objeto indireto, objeto indireto
b) complemento nominal, objeto direto
c) complemento nominal, objeto indireto
d) objeto indireto, objeto direto
e) n.d.a

25. (FEI-SP) Assinale a alternativa correta quanto à função sintática do termo destacado: "A aldeia era povoada de indígenas":
a) agente da passiva d) objeto indireto
b) complemento nominal e) objeto direto
c) adjunto adverbial

26. (UM-SP) Em "Não eram tais palavras compatíveis com a sua posição", o termo em destaque é:
a) complemento nominal d) sujeito
b) objeto indireto e) agente da passiva
c) objeto direto

27. (FMU) Em: Tinha grande amor à humanidade / As ruas foram lavadas pela chuva / Ele é rico em virtudes. Os termos destacados são, respectivamente:
a) complemento nominal, agente da passiva, complemento nominal
b) objeto indireto, agente da passiva, objeto indireto
c) complemento nominal, objeto indireto, complemento nominal
d) objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva
e) n.d.a

28. (UF-MG) Assinale o item em que a função não corresponde ao termo em destaque:
a) Comer demais é prejudicial à saúde. (complemento nominal)
b) Jamais me esquecerei de ti. (objeto indireto)
c) Ele foi cercado de amigos sinceros. (agente da passiva)
d) Não tens interesse pelos estudos. (complemento nominal)
e) Tinha grande amor à humanidade. (objeto indireto)

29. (PUCC) Não revelou o que descobrira a ninguém. Assinale a alternativa em que se analisa a classe gramatical e a função sintática das palavras destacadas, respeitando a ordem em que elas ocorrem:

a) artigo, adjunto adnominal, conjunção integrante, conectivo
b) pronome demonstrativo, sujeito, conjunção integrante, conectivo
c) artigo, adjunto adnominal, pronome relativo, sujeito
d) pronome demonstrativo, objeto direto, pronome relativo, objeto direto
e) artigo, adjunto adnominal, pronome relativo, objeto direto

30. (UEPG-PR) A oração que apresenta complemento nominal é:

a) Os pobres necessitam de ajuda.
b) Sejamos úteis à sociedade.
c) Os homens aspiram à paz.
d) Os pedidos foram feitos por nós.
e) A leitura amplia nossos conhecimentos.

31. (UF-PR) Na oração "O alvo foi atingido por uma bomba formidável", a locução por uma bomba formidável tem a função de:

a) objeto direto
b) agente da passiva
c) adjunto adverbial
d) complemento nominal
e) adjunto adnominal

32. (UNIMEP) Em "... as empregadas das casas saem apressadas, de latas e garrafas na mão, para a pequena fila do leite", os termos destacados são, respectivamente:

a) adjunto adverbial de modo e adjunto adverbial de matéria
b) predicativo do sujeito e adjunto adnominal
c) adjunto adnominal e complemento nominal
d) adjunto adverbial de modo e adjunto adnominal
e) predicativo do objeto e complemento nominal

33. (UNIRIO) Em "Passamos então nós dois, privilegiadas criaturas, a regalar-nos com a mesa...", a função sintática do termo sublinhado é:

a) sujeito
b) objeto direto
c) aposto
d) adjunto adverbial
e) vocativo

34. (UF-PA) Os termos sublinhados no trecho "O pobre índio, tímido, não se animava a chegar-se a casa, senão quando via de longe a D. Antônio de Mariz passeando sobre a explanada", desempenham, respectivamente, as funções de:

a) objeto direto, sujeito e adjunto adverbial
b) sujeito, objeto direto preposicionado e objeto indireto
c) sujeito, objeto direto e adjunto adverbial
d) sujeito, objeto indireto e adjunto adverbial
e) sujeito, objeto indireto e objeto indireto

35. (FCMSC-SP) Na oração "Você ficará tuberculoso, de tuberculose morrerá, as palavras destacadas são, respectivamente:

a) adjunto adverbial de modo, adjunto adverbial de causa
b) objeto direto, objeto indireto
c) predicativo do sujeito, adjunto adverbial
d) ambas predicativas
e) n.d.a

36. (FCMSC-SP) Observe as duas frases seguintes:

I - O proprietário da farmácia saiu.

II - O proprietário saiu da farmácia.

Sobre elas são feitas as seguintes considerações:

Na I, "da farmácia" é adjunto adnominal.

Na II, "da farmácia" é adjunto adverbial.

Ambas as frases têm exatamente o mesmo significado.

Tanto em I como em II, "da farmácia" tem a mesma função sintática.

Destas quatro considerações:

a) apenas uma é verdadeira d) as quatro são verdadeiras

b) apenas duas são verdadeiras e) nenhuma é verdadeira

c) apenas três são verdadeiras

37. (UNESP) "De resto não é bem uma greve, é um *lock-out*, greve dos patrões, que suspenderam o trabalho noturno."; "Muitas vezes lhe acontecera bater à campainha de uma casa e ser atendido por uma empregada ou por outra pessoa qualquer"; "E, às vezes, me julgava importante." Assinalar a alternativa em que os termos em destaque aparecem corretamente analisados quanto à função sintática:

a) predicativo, sujeito, objeto direto
b) aposto, agente da passiva, predicativo
c) objeto direto, objeto indireto, adjunto adverbial
d) complemento nominal, adjunto adverbial, aposto
e) vocativo, adjunto adnominal, predicativo

38. (UM-SP) Apesar de vistosa, a construção acelerada daquele edifício deixou-nos insatisfeitos novamente. Os termos em destaque no período são, respectivamente:

a) adjunto adnominal, objeto indireto, adjunto adverbial
b) complemento nominal, objeto direto, adjunto adverbial
c) adjunto adnominal, objeto direto, predicativo do objeto
d) complemento nominal, objeto direto, predicativo do objeto
e) adjunto adnominal, objeto indireto, adjunto adnominal

39. (F. TIBIRIÇA-SP) Na oração "José de Alencar, romancista brasileiro, nasceu no Ceará", o termo destacado exerce a função sintática de:

a) aposto d) complemento nominal
b) vocativo e) n.d.a
c) predicativo do objeto

40. (CARLOS CHAGAS) Dê a função sintática do termo em destaque em: "Uniu-se à melhor das noivas, a Igreja, e oxalá vocês se amem tanto.":

a) aposto d) pleonasmo
b) adjunto adnominal e) vocativo
c) adjunto adverbial

41. (CARLOS CHAGAS) Dê a função sintática do termo destacado em: "Amanhã, sábado, não sairei de casa."

a) objeto direto d) complemento nominal
b) objeto indireto e) aposto
c) agente da passiva

42. (PUCC) Dê a função sintática do termo destacado em: "Não digo nada de minha tia materna, Dona Emerenciana":

a) sujeito d) adjunto adverbial
b) objeto direto e) aposto
c) objeto indireto

43. (FEI-SP) "Estou seguro de que a sabedoria dos legisladores saberá encontrar meios para realizar semelhante medida." A oração em destaque é substantiva:

a) objetiva indireta d) subjetiva
b) completiva nominal e) apositiva
c) objetiva direta

44. (PUC-RIO) ANULADA

45. (UF-MG) Em todas as alternativas, o termo destacado está corretamente classificado, exceto em:
a) Ele sabia o que ignorava e não se atrevia a julgar tudo. (sujeito)
b) O padeiro ofereceu-lhe alguma coisa e perguntou amavelmente o que havia de novo. (objeto direto)
c) Eu não sei que mal me faz essa mulher com seu rosto à Botticelli (adjunto adnominal)
d) É um sentimento perfeitamente imbecil, de que até hoje não me pude libertar. (objeto indireto)
e) Era um galope para a riqueza, em que se atropelava a todos, os amigos e inimigos. (adjunto adverbial)

46. (UM-SP) Uma das alternativas apresenta o pronome reflexivo se:
a) "Capitu deixou-se fitar e examinar." (Machado de Assis)
b) Voltarei cedo se quiseres.
c) Queixou-se das questões do concurso.
d) Alugam-se apartamentos.
c) Precisa-de de pedreiros.

47. (FCMPA-MG) "O herdeiro, longe de compadecer-se, sorriu e, por esmola, atirou-lhe três grãos de milho." O se na oração acima é:
a) índice de indeterminação do sujeito d) partícula de realce
b) pronome apassivador e) parte integrante do verbo
c) pronome reflexivo

(UM-SP) As questões 186 e 187 referem-se ao texto seguinte. Leia-o atentamente antes de respondê-las: "- Muito bom dia, senhora, / Que nessa janela está; / sabe dizer se é possível / algum trabalho encontrar?" (João Cabral de Melo Neto)

48. No primeiro verso, senhora vem entre vírgulas porque o termo é:
a) um aposto d) um predicativo
b) um sujeito deslocado e) um sujeito simples
c) um vocativo

49. (BANESPA) Assinale a alternativa em que o termo grifado é complemento nominal:
a) A enchente alagou a cidade.
b) Precisamos de mais informações.
c) A resposta ao aluno não foi convincente.
d) O professor não quis responder ao aluno.
e) Muitos caminhos foram abertos pelos bandeirantes.

50. (CESCEA) Assinale a alternativa que contenha vocativo:
a) Choraram amargamente o seu destino.
b) Nós, os verdadeiros patriotas...
c) Eu vou!
d) Os doces comi, as frutas e algo mais.
e) Beijo-vos as mãos, senhor rei.

51. (TFC) Assinale a letra em que a função sintática indicada pelo termo do texto não está correta:

Com franqueza, estava arrependido de ter vindo. Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora, e recapitulava o campo e o morro, pensava nos outros meninos vadios, o Chico Telha, o Américo, o Carlos das Escadinhas, a fina flor do bairro e do gênero humano. Para cúmulo de desespero, vi através das vidraças da escola, no claro azul do céu, por cima do morro do Livramento, um papagaio de papel, alto e largo, preso de uma corda imensa, que bojava no ar, uma cousa soberba. E eu na escola, sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a gramática nos joelhos.

a) com franqueza (l. 1) .... adjunto adverbial
b) o campo e o morro (l. 2) .... objetos diretos
c) um papagaio de papel (l.5) .... sujeito
d) alto e largo (l. 5) .... adjuntos adnominais

e) a fina flor do bairro (l. 3) .... aposto

(MACK) As questões 203 e 204 referem-se ao trecho do texto Morte e vida Severina, de João Cabral de Mello Neto. Leia-o atentamente para respondê-las: "- Muito bom dia, senhora, / que nessa janela está; / sabe dizer se é possível / algum trabalho encontrar?"

52. No primeiro verso, senhora vem entre vírgulas porque o termo é:
a) um aposto **d) um vocativo**
b) um sujeito deslocado **e) um sujeito simples**
c) um predicativo

53. (FUVEST) "Se você sair agora, nunca saberá se dissemos a verdade a eles e qual foi sua reação ao se verem diante daquela descoberta." No texto acima a partícula se é, respectivamente:
a) conjunção condicional - conjunção condicional - partícula apassivadora
b) conjunção integrante - partícula expletiva - partícula apassivadora
c) conjunção integrante - pronome reflexivo - pronome reflexivo
d) conjunção condicional - conjunção integrante - pronome reflexivo
e) conjunção condicional - conjunção integrante - partícula apassivadora

54. (TRE-MG) A função sintática do termo sublinhado está incorretamente indicada entre parênteses em:
a) Cometeu-se uma injustiça naquela ocasião. (sujeito)
b) Provavelmente deveriam existir outros depoimentos. (objeto direto)
c) Para combater o mal, não se dispõe de um meio adequado. (objeto indireto)
d) A vitória deixará os torcedores animadíssimos. (predicativo do objeto)
e) A leitura do texto será importante para o seminário. (complemento nominal)

55. (ETF-SP) Em "O casal de índios levou-os a sua aldeia, que estava deserta, onde ofereceu frutas aos convidados", os termos grifados são respectivamente:
a) sujeito, objeto direto, adjunto adnominal e objeto indireto
b) adjunto adnominal, objeto direto, predicativo do sujeito e objeto indireto
c) adjunto adnominal, objeto direto, adjunto adnominal e objeto indireto
d) sujeito, objeto indireto, predicativo do sujeito e objeto indireto
e) adjunto adnominal, objeto indireto, predicativo do sujeito e objeto indireto

56. (FMU) Assinale a alternativa em que aparece um complemento nominal:
a) Sanches esteve frio.
b) Tive medo de perdê-lo.
c) Exprimia-se brevemente.
d) O caso era outro.
e) Manobrava, então, para voltar à carga.

57. (LICEU)
I - "(...) minha carne estremece na certeza de tua vinda."
II - "(...) entretanto eu te diviso, ainda tímida, inexperiente das luzes que vais acender."
III - "Havemos de amanhecer. O mundo se tinge com as tintas da antemanhã (...)"

A função sintática das palavras grifadas nos períodos dos itens I, II e III é, respectivamente:
a) adjunto adnominal, objeto indireto, complemento nominal
b) objeto indireto, objeto direto, adjunto adnominal
c) complemento nominal, objeto direto, adjunto adnominal
d) complemento nominal, objeto direto, complemento nominal
e) objeto indireto, objeto indireto, complemento nominal

58. (FUVEST) Nos enunciados abaixo, há adjuntos adnominais e apenas um complemento nominal. Assinale a alternativa que contém complemento nominal:
a) faturamento das empresas **d) história do mundo**
b) distribuição de poderes de renda **e) ciclo de graves crises**
c) energia desta nação

59. (UF-SC) Numere a 2ª coluna de acordo com a 1ª, estabelecendo a correspondência entre as palavras grifadas e os termos da oração:

coluna 1
1. "Que diz você, mano Bento?"
2. "... meu tio Ildefonso, então simples padre, farejava-me cônego".
3. "... e certamente os dizia com muita graça".
4. Aqui foram-se botões.
5. Crianças e velhos são úteis à Pátria.

coluna 2
( ) sujeito simples
( ) aposto
( ) vocativo
( ) complemento nominal
( ) objeto direto

a) 2, 5, 1, 4, 3
b) 2, 5, 3, 4, 1
c) 4, 2, 3, 5 ,1
d) 3, 2, 4, 5, 1
e) 4, 2, 1, 5, 3

60. (TRE-MG) "Através de medida provisória, decidiu-se que todos os novos bacharéis no País farão uma prova final, para se saber se estão aptos ao exercício profissional."

No período acima não se encontra:

a) adjunto adverbial

b) adjunto adnominal

c) complemento nominal

d) objeto indireto

e) predicativo do sujeito

COMENTÁRIOS DAS QUESTÕES:
1. opção c - adjunto adverbial (enfim=finalmente adv.modo), vocativo (termo independente na oração que invoca o leitor) e (uma graça de alienado) objeto direto do verbo (ser) era.
2. opção a - O verbo percebe é transitivo direto com objeto direto seguido de preposição opcional ao (preposição e artigo) qual (antecedente mundo, substituível por pronome relativo que).
3. opção a - Queixar-se está dentre os verbos essencialmente reflexivos que não existem sem a partícula SE.
4. opção b - 5, 6, 2, 4, 1, 3
2. Índice de indeterminação ( ) "Vai-se a primeira pomba despertada..."
do sujeito ( ) Daqui se assiste ao desfile.
3. Objeto direto reflexivo ( ) Ele arroga-se o direito de reclamar.
4. Objeto indireto ( ) Ainda se ouvem gemidos.
5. Conjunção (3) A jovem olhava-se no espelho.
6. Partícula de realce
(5) Veja se falta alguém. Conjunção subordinativa condicional SE .
(6) "Vai-se a primeira pomba despertada...". Partícula de realce SE desnecessária, podendo ser retirada sem alterar o sentido da oração. Geralmente (SE como partícula de realce) acompanha o verbos ir, sair ou rir.
(2) Daqui se assiste ao desfile. Índice de indeterminação do sujeito, não há objeto direto.
(4) Ele arroga-se o direito de reclamar. Objeto indireto porque o verbo arrogar é transitivo direto (arroga-se=a si).
(1) Ainda se ouvem gemidos.Partícula apassivadora, pois é possível transformar em passiva analítica: Os gemidos ainda são ouvidos.
(3) A jovem olhava-se no espelho. Objeto direto reflexivo (=a si mesmo)
5. opção c - Trata-se de uma vocativo, uma invocação, um termo independente da oração.
6. opção c - agentes da passiva: Passando para a voz ativa teremos:
O pavor, o respeito e a emoção substituem o receio.
- orações subordinadas adjetivas: restritiva que particulariza e restringe o sentido do termo emoção.
- coordenadas entre si (tratam-se de duas orações independente e coordenadas pela conjunção aditiva E) Emudece e paralisa.
7. opção b - "Não se sabe se é verdade ou não."
partícula apassivadora - É possível transformar em voz ativa: "Não é sabido..."
conjunção integrante - O SE introduz uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

8. opção a - adjunto adverbial(de modo): “viveu da mescla...” - objeto direto (Reescrevendo as frases, o objeto direto fica explícito: Os poetas xingaram as três raças - antecedente do pronome relativo que), predicativo do objeto (de tristes refere-se ao objeto três raças) e aposto (as três raças tristes) que resume o termo anterior (raças).
9. opção b - complemento nominal (poeta de um mundo caduco o termo em negrito preposicionado completa o sentido do substantivo poeta), "Entre eles considero... adjunto adverbial (de assunto), “...cantor de uma mulher”- o termo em negrito preposicionado completa o sentido do substantivo cantor, por isso é complemento nominal minha matéria é predicativo do sujeito , pois refere-se ao sujeito o tempo.
10. opção e - objeto direto do verbo espantar: as moscas, adjunto adverbial de lugar (de onde? do rosto), do anjinho é adjunto adnominal (com valor possessivo) do adjunto adverbial do rosto.
11. opção b - Reescrevendo o período, ficam nítidas as funções sintáticas: Os sururus em família têm a Gioconda (objeto direto do verbo ter) por testemunha (termo referente ao objeto direto).
12. opção c - Os termos de selvagens completam o sentido do adjetivo povoada.
13. opção e - predicado nominal (É oportuno) e o sujeito (um conselho). Atente para o verbo de ligação.
14. opção a - O verbo fazer nessa oração é transitivo direto e indireto, então há dois objetos e um deles (indireto) é a expressão a outrem.
15. opção b - O verbo fazer nessa oração é transitivo direto e indireto, então há dois objetos e um deles (direto) é a expressão o.
16. opção d - "que te façam" - O objeto direto é inexistente, o pronome obliquo te (=a ti) é objeto indireto do verbo fazer (transitivo indireto).
17. opção d – A primavera pinta e veste os campos deleitosos.
18. opção e - oração subordinada adverbial comparativa iniciada pela conjunção comparativa como. “Como a tua, que abate o lírio e a rosa”.
19. opção a - ...” Com toda formosura amena agreste, /Não é para meus olhos,” O termo em negrito preposicionado completa o sentido do adjetivo formosura.
20. opção d - adjunto adverbial de modo que indica circunstâncias de modo dos termos anteriores:
“O cheiro, rosas, flores, a verde hera, / Com toda formosura amena agreste,”
21. opção e - Que na oração é objeto direto do verbo dizer.
22. opção e - Que na oração é objeto direto do verbo ouvir.
23. opção e - de errar termo preposicionado que completa o sentido do substantivo receio.
24. opção b - da cena é complemento nominal pois completa o sentido do substantivo recordação.
me=a mim objeto direto do verbo perseguir.
25. opção a - agente da passiva porque é possível transformá-lo em voz ativa (os indígenas tornaram-se agentes da ação): Os indígenas povoavam a aldeia.
26. opção a - complemento nominal pois está preposicionado e completa o sentido do adjetivo compatíveis.
27. opção a - complemento nominal(à humanidade, termo preposicionado que completa o sentido do substantivo amor), agente da passiva (localiza-se após o verbo da oração na voz passiva e é possível a transformação para a voz ativa: A chuva lavou as ruas.) e complemento nominal (em virtudes termo preposicionado que completa o sentido do adjetivo rico).
28. opção e - Tinha grande amor à humanidade. (é complemento nominal).
29. opção d - pronome demonstrativo (o), objeto direto(do verbo transitivo direto revelar o que?), pronome relativo (que substituível por qual e antecedente o), objeto direto (do verbo transitivo direto revelar o que?).
30. opção b - à sociedade é complemento nominal que completa o sentido do adjetivo úteis.
31. opção b - O termo localiza-se após o verbo e vem introduzido pela preposição por. Além disso, passando para a voz ativa, teremos: Uma bomba formidável atingiu o alvo.
32. opção b - apressadas refere-se às empregadas das casas por isso é predicativo do objeto e do leite é adjunto adnominal que modifica o substantivo leite.
33. opção c - O termo privilegiadas criaturas é aposto que identifica o termo nós dois.
34. opção c - sujeito simples (O pobre índio), objeto direto preposicionado (a D. Antonio de Mariz - preposição em negrito não necessária)e (sobre a esplanada) adjunto adverbial de lugar.
35. opção c - (tuberculoso) predicativo do sujeito do predicado nominal e de tuberculose é adjunto adverbial de causa.
36. opção b - apenas duas são verdadeiras:
142. (FCMSC-SP) Observe as duas frases seguintes:
I - O proprietário da farmácia saiu.
II - O proprietário saiu da farmácia.
Sobre elas são feitas as seguintes considerações:
Na I, "da farmácia" é adjunto adnominal.
Na II, "da farmácia" é adjunto adverbial.
Ambas as frases têm exatamente o mesmo significado. (errado)

Tanto em I como em II, "da farmácia" tem a mesma função sintática. (errada, na oração I é adjunto adnominal e na II é adjunto adverbial de lugar.)

37. opção b - aposto explicativo da expressão lock-out, agente da passiva por uma empregada e predicativo importante.
38. opção d - (daquele edifício - é complemento nominal por completar o sentido do adjetivo acelerada e por ser preposicionado), objeto direto(o termo grifado é objeto direto do verbo deixou-nos) e insatisfeitos predicativo do objeto (refere-se ao objeto da oração nos).
39. opção a - romancista brasileiro é aposto que identifica José de Alencar.
40. opção a - a Igreja é aposto especificativo.
41. opção e - Sábado é aposto especificativo que individualiza o termo anterior amanhã.
42. opção e - Dona Emerenciana é aposto explicativo do termo anterior tia materna.
43. opção b - de que a sabedoria dos legisladores saberá encontrar meios oração subordinada substantiva completiva nominal porque desempenha função de complemento nominal da oração anterior com adjetivo (seguro).
44. opção a - Em todas as orações há predicativo, execto nessa que não há predicativo na oração sem sujeito.
45. opção a - Ele sabia o que ignorava e não se atrevia a julgar tudo. (sujeito). Está incorreta a classificação porque o termo é objeto direto do verbo sabia.
46. opção a - O pronome SE é reflexivo porque equivale a si mesmo.
47. opção e - O verbo compadecer é reflexivo e sempre é acompanhado do pronome SE.
48. opção c - Senhora é um vocativo, termo independente cuja finalidade é chamar, invocar e interpelar.
49. opção c - Trata-se de um termo preposicionado que completa o sentido do substantivo resposta.
50. opção e - Senhor rei na oração é um chamamento, uma invocação.
51. opção c - Não está correta porque o termo é objeto direto do verbo ver (vi).
"Para cúmulo de desespero, vi através das vidraças da escola, no claro azul do céu, por cima do morro do Livramento, um papagaio de papel,"
52. opção d - Senhora é um vocativo que chama, invoca o personagem do texto. Normalmente o vocativo aparece entre vírgulas.
53. opção d - conjunção condicional (=caso você sair agora) - conjunção integrante (introduz uma oração subordinativa substantiva: se dissemos a verdade a eles) e pronome reflexivo (ao se verem=ao verem a si mesmos).
54. opção b - Outros depoimentos é sujeito da oração
55. opção b - adjunto adnominal (modifica o substantivo casal), objeto direto(do verbo levar-levou), predicativo do sujeito (refere-se ao substantivo aldeia) e objeto indireto (= aos convidados, objeto indireto do verbo transitivo indireto oferecer).
56. opção b - de perdê-lo é um termo preposicionado que completa o sentido do substantivo abstrato medo.
57. opção c - complemento nominal (completa o sentido do substantivo abstrato certeza), objeto direto (te - objeto direto do verbo transitivo diviso-divisar), adjunto adnominal
(modifica o substantivo tintas).
58. opção b - ciclo de graves crises- o termo preposicionado em negrito completa o sentido do substantivo ciclo.
59. opção e - e) 4, 2, 1, 5, 3

1. "Que diz você, mano Bento?"	**(4) sujeito simples**
2. "... meu tio Ildefonso, então simples padre, farejava-me cônego".	**(2) aposto**
3. "... e certamente os dizia com muita graça".	**(1) vocativo**
4. Aqui foram-se botões.	**(5) complemento nominal**
5. Crianças e velhos são úteis à Pátria.	**(3) objeto direto**

60. opção d – Todos os verbos são transitivos diretos e seus respectivos complementos objetos diretos.

5. CRASE

1. (IBGE) Assinale a opção incorreta com relação ao emprego do acento indicativo de crase:

O pesquisador deu maior atenção à cidade menos privilegiada.

☐ **Este resultado estatístico poderia pertencer à qualquer população carente.**

☐ **Mesmo atrasado, o recenseador compareceu à entrevista.**

☐ **A verba aprovada destina-se somente àquela cidade sertaneja.**

- Veranópolis soube unir a atividade à prosperidade.

2. (IBGE) Assinale a opção em que o A sublinhado nas duas frases deve receber acento grave indicativo de crase:

a. Fui a Lisboa receber o prêmio. / Paulo começou a falar em voz alta.
b. Pedimos silêncio a todos. Pouco a pouco, a praça central se esvaziava.
c. Esta música foi dedicada a ele. / Os romeiros chegaram a Bahia.
d. Bateram a porta fui atender. / O carro entrou a direita da rua.
e. Todos a aplaudiram. / Escreve a redação a tinta.

3. (UF-RS) Disse ..... ela que não insistisse em amar ..... quem não ..... queria.

a) a - a - a d) à - à - à

b) a - a - à e) a - à - à

c) à - a - a

4. (UF-RS) Quanto ..... suas exigências, recuso-me ..... levá-las ..... sério.

a) às - à - a d) à - a - à

b) a - a - a e) as - a - a

c) as - à - à

5. (UC-BA) Já estavam ..... poucos metros da clareira, ... qual foram ter por um atalho aberto ..... foice.

a) à - à - a d) à - a - à

b) a - à - a e) à - à - à

c) a - a - à

6. (UC-BA) Afeito ..... solidão, esquivava-se ..... comparecer ..... comemorações sociais.

a) à - a - a d) a - à - a

b) à - à - a e) a - a - à

c) à - a - à

7. (TTN) Preencha as lacunas da frase abaixo e assinale a alternativa correta:

"Comunicamos ..... Vossa Senhoria que encaminhamos ..... petição anexa ..... Divisão de Fiscalização que está apta ..... prestar ..... informações solicitadas."

a) a, a, à, a, as d) à, à, a, à, às

b) à, a, à, a, às e) à, a, à, à, as

c) a, à, a, à, as

8. (UF-RS) Somente ..... longo prazo será possível ajustar-se esse mecanismo ..... finalidade ..... que se destina.

a) a - à - a d) à - a - a

b) à - a - à e) à - à - a

c) à - à - à

9. (UF-RS) Entregue a carta ..... homem ..... que você se referiu ..... tempos.

a) aquele - à - á d) àquele - à - à

b) àquele - à - há e) àquele - a - há

c) aquele - a - a

10. (BB) Há crase:

a) Responda a todas as perguntas.

b) Avise a moça que chegou a encomenda.

c) Volte sempre a esta casa.

d) Dirija-se a qualquer caixa.

e) Entregue o pedido a alguém na portaria.

11. (CARLOS CHAGAS-BA) A casa fica ..... direita de quem sobe a rua, ... duas quadras da avenida do Cortorno.

a) à - há d) à - a

b) a - à e) à - à

c) a - há

12. (CARLOS CHAGAS-BA) Não nos víamos ..... tanto tempo, que ..... primeira vista não ..... reconheci.

a) a - à - a d) há - à - a

b) a - à - há e) a - a - a

c) há - a - há

13. (SANTA CASA) Aconselhei-o ..... que, daí ..... pouco, assististsse .... novela.

a) a - à - a d) à - à - a

b) a - a - à e) à - a - à

c) a - a - a

14. (CESESP-PE) Observe as alternativas e assinale a que não contiver erro em relação à crase:

a. Rabiscava todos os seus textos à lápis para depois escrevê-los à máquina.
b. Sem dúvida que, com novos óculos, ele veria a distância do perigo, aquela hora do dia.

c. Referia-se com ternura ao menino, afeto às meninas e, com respeito, a várias pessoas menos íntimas.
d. Àquela distância, os carros só poderiam bater; não obedeceram as regras do trânsito.
e. Fui à Maceió provar um sururu à região.

15. (FUVEST) .... noite, todos os operários voltaram .... fábrica e só deixaram o serviço .... uma hora da manhã.

a) Há, à, à d) À, a, há

b) A, a, a e) A, à, a

c) À, à, à

16. (CESCEM) Garanto .... você que compete .... ela, pelo menos .... meu ver, tomar as providências para resolver o caso.

a) a, a, a d) a, à, a

b) à, à, a e) à, a à

c) a, à, à

17. (CESCEM) Sentou .... máquina e pôs-se .... reescrever uma .... uma as páginas do relatório.

a) a - a - à d) à - à - à

b) a - à - a e) à - à - a

c) à - a - a

18. (MACK) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas no seguinte período: "Agradeço .... Vossa Senhoria .... oportunidade para manifestar minha opinião .... respeito."

a) à - a - à d) a - a - a

b) à - a - a e) à - à - a

c) a - a - à

19. (SANTA CASA) .... dias não se conseguem chegar .... nenhuma das localidades .... que os socorros se destinam.

a) Há - à - a d) Há - a - a

b) A - a - à e) À - a - à

c) À - à - a

20. (SANTA CASA) Fique .... vontade; estou .... seu inteiro dispor para ouvir o que tem .... dizer.

a) a - à - a d) à - à - à

b) à - a - a e) a - a - à

c) à - à - a

21. (FMU) Assinale a alternativa em que não deve haver o sinal da crase:

a) O sonho de todo astronauta é voltar a Terra.

b) As vezes, as verdades são duras de se ouvir.

c) Enriqueço, a medida que trabalho.

d) Filiei-me a entidade, sem querer.

e) O sonho de todo marinheiro é voltar a terra.

22. (FUVEST) De ..... muito, ele se desinteressou em chegar a ocupar cargo tão importante. ..... coisas mais simples na vida e que valem mais que a posse momentânea de certos postos de relevo ..... que tantos ambiciosos por amor ..... ostentação.

a) a - Há - à - à d) a - Hão - a - à

b) há - As - a - a e) há - A - a - a

c) há - Há - a - à

23. (FGV) ..... tarde, acampadas já ..... horas, as tropas verificaram ..... perdas sofridas.

a) Há - a - às d) Há - à - as

b) À - há - as e) A - há - as

c) À - a - às

24. (BB) Dizer .... toda gente o que pensava .... respeito das coisas era sua maior ambição, mas não .... confessava sequer .... sua melhor amiga.

a) a, à, a, à d) a, à, à, à

b) à, à, a, a e) à, a, a, a

c) a, a, a, a

25. (BB) A amiga, ... quem devia tanta atenção, não chegou .... ouvir os agradecimentos que .... muito esperava.

a) a, a, a d) à, à, a

b) a, a, há e) à, a, a

c) à, à, há

26. (BB) Estarei .... frente do prédio, ... poucos metros daqui; chegue, exatamente .... uma hora.

a) à, há, à d) à, a, a

b) a, à, à e) à, há, a

c) à, a, à

27. (BB) Dizem que vencer .... si mesmo é mais do que vencer o mundo; portanto, vençamos, pela prática da virtude, ... todos os nossos defeitos e atingiremos .... perfeição.

a) à, a, à d) a, a, a

b) a, a, à e) à, à, à

c) a, à, à

28. (BB) Quando for .... Bahia, quero visitar .... igreja do Bonfim e assistir .... uma missa para dar cumprimento .... promessa que fiz.

a) a, a, à, à d) à, a, a, à

b) à, à, a, a e) a, a, a, a

c) a, à, a, à

29. (BB) Qual das alternativas completa corretamente os espaços vazios?

"E entre o sono e o medo, ouviu como se fosse de verdade o apito de um trem igual .... que ouvia em Limoeiro." (José Lins do Rego)

"Habituara-se .... boa vida, tendo de tudo, regalada." (J. Amado)

"Os adultos são gente crescida que vive sempre dizendo pra gente fazer isso e não fazer ...." (M. Fernandes)

a) àquele, aquela, aquilo d) aquele, àquela, aquilo

b) àquele, àquela, àquilo e) aquele, aquela, aquilo

c) àquele, àquela, aquilo

30. (UF SANTA MARIA-RS) Assinale a alternativa que completa, corretamente, as lacunas da frase inicial: Nesta oportunidade, volto .... referir-me .... problemas já expostos .... Vossa Senhoria .... alguns dias.

a) à, àqueles, a, há d) à, àqueles, a, a

b) a, àqueles, a, há e) a, aqueles, à, há

c) a, aqueles, à, a

31. (FUND. SANTO ANDRÉ-SP) A alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase, é: "....... muito tempo, devido .... condições político-econômicas do país, não é dado .... população o direito de viver .... salvo de sobressaltos financeiros", é:

a) a, as, à, à d) há, às, à, à

b) à, às, à, a e) à, as, à, a

c) há, às, à, a

32. (CEFET-PR) O pobre homem fica .... meditar, ... tarde, indiferente .... que acontece ao seu redor.

a) à, a, aquilo d) à, à, aquilo

b) a, a, aquilo e) à, à, àquilo

c) a, à, àquilo

33. (FCL BRAGANÇA PAULISTA) Não me refiro .... essa peça, mas .... a que assistimos sábado .... noite.

a) a, àquela, à d) à, àquela, a

b) a, aquela, a e) à, àquela, à

c) à, aquela, à

34. (FUEL-PR) Fique .... vontade e confie .... mim tudo que tem .... dizer.

a) a, a, à d) à, à ,à

b) à, a, a e) a, à, a

c) à, a, à

35. (ACAFE-SC) Assinale a alternativa que completa a frase: Trouxe .... mensagem .... Vossa Senhoria e aguardo .... resposta, ... fim de levar .... pessoa que me enviou.

a) a, a, à, a, a d) a, a, a, a, à

b) a, à, a, à, a e) à, a, a, a, a

c) à, à, à, à, a

36. (PUC-RS) Foi .... mais de um século que, numa região de escritores, se propôs a maldição do cientista que reduziria o arco-íris .... simples matéria: era uma ameaça .... poesia.

a) a, a, à d) a, a, a

b) há, à, a e) há, a, à

c) há, à, à

37. (FUVEST) Assinale a alternativa que preenche adequadamente as lacunas do texto: "Chegar cedo ..... repartição. Lá ..... de estar outra vez o Horácio conversando ..... uma das portas com Clementino."

a) à - há - a d) à - a - a

b) à - há - à e) a - a - à

c) a - há - a

38. (FUVEST) O progresso chegou inesperadamente .... subúrbio. Daqui .... poucos anos, nenhum dos seus moradores se lembrará mais das casinhas que, ... tão pouco tempo, marcavam a paisagem familiar.

a) aquele, a ,a d) àquele, a, há

b) àquele, à, há e) aquele, à, há

c) àquele, à, à

39. (FUVEST) Diga .... elas que estejam daqui .... pouco .... porta da biblioteca.

a) à, há, a d) à, a, a

b) a, há, a e) a, a, à

c) a, a, a

40. (FUVEST) Assinale a frase gramaticalmente correta:

a) O papa caminhava a passo firme.

b) Dirigiu-se ao tribunal disposto à falar ao juiz.

c) Chegou à noite, precisamente as 10 horas.

d) Esta é a casa à qual me referi ontem às pressas.

e) Ora aspirava a isto, ora aquilo, ora a nada.

41. (UM-SP)

I - Em relação a renda familiar, o emprego intensivo de mão-de-obra não é a melhor solução.

II - Desde a última década, sinistros presságios atormentavam-lhe a mente.

III - Os investidores americanos, habituados à lentidão do ritmo inflacionário, conseguem acumular fortuna. De acordo com o emprego adequado da crase, deduz-se que:

a) todos os períodos estão corretos

b) nenhum dos três períodos estão corretos

c) estão corretos os períodos I e II

d) estão corretos os períodos II e III

e) somente o período III está correto

42. (UM-SP) Marque o período em que o uso da crase é permitido:

a) Enviei à Roma suas fotografias.

b) Foi à Lapa para inaugurar a gráfica.

c) Alô, franceses, chegamos à Paris.

d) Viajou à Londres, a fim de rever antigo amor.

e) Referimo-nos à Niterói, em nossa excursão pelo interior.

43. (FESP) Assinale a alternativa que completa a frase: "Após .... reunião, todos foram .... sala, para assistir .... chegada dos hóspedes".

a) a, à, a d) à, a, a

b) à, à, à e) a, a, a

c) a, à, à

44. (FESP) Refiro-me .... atitudes de adultos que, na verdade, levam as moças .... rebeldia insensata e .... uma fuga insensata.

a) às, à, à d) à, a, a

b) as, à, à e) à, a, à

c) às, à, a

45. (FCMSC-SP) Dê ciência .... todos de que não mais se atenderá .... pedidos que não forem dirigidos .... diretoria.

a) a, a, a d) à, à, a

b) a, à, a e) à, a, à

c) a, a, à

46. (FCMSC-SP) Estamos .... poucas horas da cidade .... que vieram ter, ... tempos, nossos avós.

a) a, a, há d) à, a, a

b) há, a, a e) a, à, há

c) há, à, há

47. (FCMSC-SP) Assinale a sentença onde a crase foi empregada corretamente:

a. Não se esqueça de chegar à casa cedo.
b. Prefira isto aquilo, já que ao se fazer o bem não se olha à quem.
c. Já que pagaste àquelas dívidas, à que situação aspiras?
d. Chegaram até a região marcada e daí avançaram até à praia.
e. Suas previsões não deixaram de ter razão, pois à uma hora da madrugada é um perigo andar à pé, sozinho.

48. (UF-PR) Quais as formas que completam, pela ordem, as lacunas das frases seguintes? Daqui ..... pouco vai começar o exame; Compareci ..... cerimônia de posse do novo governador; Não tendo podido ir ..... faculdade hoje, prometo assistir ..... todas as aulas amanhã.

a) à, a, a, à d) a, na, à, à

b) há, na, à, a e) a, à, à, a

c) a, há, na, à

49. (ETF-SP) Não é mais possível, ... esta altura, descobrir ..... que se deve a falha, nem cabe atribuir culpa ..... ninguém.

a) a - a - a d) à - à - à

b) a - à - a e) à - a - à

c) à - à - a

50. (BB) Quanto à crase: 1. Feche à porta 2. à chave e 3. volte à trabalhar

4. Informe à todas 5. que iremos à Brasília

a) corretos os segmentos 1 e 2 d) todos estão corretos

b) corretos os segmentos 3 e 4 e) todos estão incorretos

c) corretos os segmentos 2 e 5

51. (BB) Opção que completa corretamente a frase: Daqui .... dois dias retornarei .... Belém.

a) há, a d) há, à

b) à, à e) a, a

c) à, a

52. (BB) Opção que preenche corretamente as lacunas: O gerente dirigiu-se .... sua sala e pôs-se .... falar .... todas as pessoas convocadas.

a) à, à, à d) a, a, à

b) a, à, à e) à, a, à

c) à, a, a

53. (BB) Forma incorreta:

a) Partirei daqui à uma hora.

b) O teste visa à verificar a qualidade do produto.

c) Ele vive à margem da comunidade.

d) O funcionário foi chamado à responsabilidade.

e) Estou à procura de um ideal.

54. (BANESPA) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas do texto ao lado: "Recorreu .... irmã e .... ela se apegou como .... uma tábua de salvação."

a) à - à - a d) à - à - à

b) à - a - à e) à - a - a

c) a - a - a

55. (ESAF) Assinale a frase em que o acento indicativo de crase foi empregado incorretamente:

a) Ao voltar das férias, devolverei tudo à Vossa Senhoria.

b) O candidato falou às classes trabalhadoras.

c) Fiquei à espera de meus amigos.

d) Sua maneira de falar é semelhante à de Paulo.

e) Você só poderá ser atendido às 9 horas.

56. (CARLOS CHAGAS) O fenômeno .... que aludi é visível .... noite e .... olho nu.

a) a - a - a d) à - a - à

b) a - à - à e) à - à - a

c) a - à - a

57. (FMU) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase: ..... anos, ... ecologia alerta ..... quem se interessar, que, ... vezes, ... ganância é um risco para a cidade.

a) A - a - à - há - às d) Há - a - à - as - à

b) Há - a - a - às - a e) A - há - à - as - a

c) A - a - à - as - a

58. (CARLOS CHAGAS) Já estavam .... poucos metros da clareira .... qual foram por um atalho aberto .... foice.

a) à - à - a d) à - a - à

b) a - à - a e) à - à - à

c) a - a - à

59. (FUND. LUSÍADA) Assinale a alternativa que completa corretamente o período: .... noite estava clara e os namorados foram .... praia ver a chegada dos pescadores que voltavam .... terra.

a) À - à - a d) À - a - à

b) A - à - à e) A - à - a

c) A - a - à

60. (FAAP) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas da seguinte frase: Ficaram frente .... frente, ... se olharem, pensando no que dizer uma .... outra.

a) à, à, a d) à, a, a

b) a, à, a e) à, a, à

c) a, a, a

61. (FUVEST) "Daqui ..... vinte quilômetros, o viajante encontrará, logo ..... entrada do grande bosque, uma estátua que ..... séculos foi erigida em homenagem ..... deusa da floresta."

a) a - à - há - à d) a - à - à - à

b) há - a - à - a e) há - a - há - a

c) à - há - à - à

62. (FUVEST) Assinale a frase que pode ser completada por Há - a - à, nessa ordem:

a. .... tempos não .... via, mas sempre estive .... espera de um encontro.
b. Aqui .... beira do rio, ... muitos anos, existiu .... casa-grande do engenho.
c. Em resposta .... essa solicitação, só posso dizer que não .... vaga .... disposição.
d. Fiz ver, ... quem de direito, que não .... possibilidades de atender .... solicitação.
e. .... esperança de obtermos, ... custa de muito empenho, ... vaga de servente.

63. (TFC) Marque o item que se completa de forma correta com a seqüência seguinte - há; à(s):

a. ..... algum tempo, a tecnologia revolucionária em áreas que vão da cirurgia plástica ..... armas nucleares.
b. O raio laser se revela ..... altura de um bisturi de alta precisão ..... anos.
c. ..... quem afirme que ..... áreas da medicina em que o uso do raio laser é imprescindível.
d. ..... A novidade surgiu na França onde o laser está sendo usado na restauração da Catedral de Amiens, recuperando vestígios das cores aplicadas ..... sete séculos.
e. Debaixo da fuligem que conferiu um tom acinzentalado ..... igreja, o laser revelou uma gama de dourados, azuis e vermelhos existentes ..... épocas da feitura de obras góticas.

(Adap. de Veja, 10/03/93)

64. (FUVEST) Na frase: "tende a satisfazer as exigências do mercado", substituindo-se satisfazer por satisfação, tem-se a forma correta:

a) tende à satisfação as exigências do mercado.

b) tende a satisfação das exigências do mercado.

c) tende a satisfação das exigências ao mercado.

d) tende a satisfação às exigências do mercado.

e) tende à satisfação das exigências do mercado.

65. (TRE-SP) Disposto ..... recomeçar, o auxiliar judiciário referiu-se ..... palavras de apoio que ouviu, ... entrada do serviço.

a) à - as - a d) a - às - à

b) à - às - a e) a - as - à

c) a - as - a

66. (TRE-SP) Ele aprendeu ...... tempo que a obediência ...... leis dignifica o cidadão devotado ...... pátria.

a) há - as - a d) à - às - à

b) a - às - a e) há - às - à

c) há - as - à

67. (TRE-SP) Daqui ..... pouco, ele chegará ..... este Tribunal para encaminhar suas reclamações ..... quem de direito.

a) a - a - à d) a - a - a

b) à - à - à e) à - a - a

c) a - à - a

68. (TRE-SP) Isso se refere ..... fatos que ocorreram ..... muito tempo e, como tal, não vêm mais ..... lembrança de ninguém.

a) a - à - a d) à - há - à

b) a - há - à e) à - à - a

c) à - à - à

69. (TRE-MT) O uso do acento grave (indicativo de crase ou não) está incorreto em :

a) Primeiro vou à feira, depois é que vou trabalhar.

b) Às vezes não podemos fazer o que nos foi ordenado.

c) Não devemos fazer referências àqueles casos.

d) Sairemos às cinco da manhã.

e) Isto não seria útil à ela.

70. (TRE-MG) O acento grave, indicador de crase, está empregado incorretamente em:

a. Tal lei se aplica, necessariamente, à mulheres de índole violenta.
b. As novelas, às quais assisti, problematizam a questão da droga.
c. Entregou as chaves da loja àquele senhor que nos desacatou na praça.
d. O delegado disse ao prefeito e aos vereadores que estava à procura dos foragidos.
e. O bom atendimento às pessoas pobres deve ser prioridade da nova administração.

71. (TRE-RJ) "a tensão social poderia levar-nos a duas extremas posições." Das expressões que substituem a sublinhada na passagem acima, aquela cujo a pode ter o acento grave indicativo de crase é:

a) a mesma posição d) a qualquer posição

b) a certa posição e) a posições distintas

c) a alguma posição

72. (TRE-RO)

I - O povo da região vai votar à pé ou à cavalo;

II - Pedimos à V. Excelência que não se esqueça do povão, que não o elegeu à toa.

III - O cabo eleitoral dirigiu-se à ela e ensinou-lhe a copiar o nome.

IV - Permaneceram reunidos à noite, face a face, a conversar. A ocorrência de crase está corretamente indicada:

a) somente na I d) somente na IV

b) somente na II e) somente na II e na IV

c) somente na III

73. (TRE-MT) A única frase em que o a sublinhado deveria ser grafado com o acento grave indicativo de crase é:

a) Estou pronto a discutir o novo projeto.

b) Pelé fará uma viagem a Roma.

c) O presidente não fez alusão a qualquer ministro.

d) Vamos a sala vizinha, disse o ministro.

e) Preferiu morrer a entregar-se.

74. (TRE-RJ) O "a" (sublinhado) que deverá levar o acento grave indicativo de crase está na seguinte alternativa:

a) Eles entregam "pizza" a domicílio.

b) O menino não quis ir a casa dos tios.

c) A encomenda foi entregue a uma pessoa estranha.

d) As moças começaram a gritar logo no início do filme.

e) O fiscal não se referia a candidatas, mas a candidatos.

75. (TRE-MG) O uso da crase está incorreto em:

a) Chegaram a argumentar cara à cara que não aceitariam sugestões.

b) Já demos nossa contribuição à associação beneficente do bairro.

c) À custa de sacrifício, os estudantes conseguiram ser aprovados.

d) Transmita àqueles jovens nossa mensagem de esperança no futuro.

e) Esta construção é igual à que meu primo construiu na periferia.

76. (ETF-SP) Assinalar a alternativa em que está correto o uso da crase:

a) Tenho um carro à álcool e outro à gasolina.

b) Os turistas ficaram um bom tempo à contemplar a praia.

c) Escreva sempre à tinta, nunca a lápis.

d) Andávamos às escuras, à procura dos índios.

e) Aquela expedição esteve à andar pelas selvas durante muito tempo.

77. (ETF-SP) Assinalar a alternativa que completa corretamente as lacunas em: "..... duas horas estamos ..... espera de sermos apresentados ..... aquele escritor".

a) a, à, a d) a, há, a

b) há, à, a e) há, a, a

c) há, à, à

78. (TTN) Assinale o item que preenche corretamente as lacunas da frase:"Em virtude de investigações psicológicas .... que me referi, nota-se crescente aceitação de que é preciso pôr termo .... indulgência e .... inação com que temos assistido .... escalada da pornoviolência." (S. Pfrom)

a) à, a, à, a d) à, à, a, a

b) a, à, à, à e) a, à, a, à

c) a, a, a, à

79. (TTN) Marque a letra cuja seqüência preenche corretamente, pela ordem de aparecimento, as lacunas abaixo: O exame das propostas da reforma fiscal, ... primeira abordagem, leva .... conclusão de que .... carga tributária continuará .... incidir mais sobre salários e menos sobre lucros e grandes fortunas.

a) à - à - a - a d) a - à - a - a

b) à - a - à - a e) a - a - à - a

c) a - a - a - à

80. (AFTN) Assinale a frase na qual a palavra não deve receber o acento indicativo de crase:

a. Os apelos a internacionalização da Amazônia ganham contornos de avalanche.
b. Toda manhã a esta hora, depois de ler o jornal do dia, fico deprimida.
c. Aquela hora morta da madrugada todos estavam recolhidos ao leito.
d. Muitas das reivindicações dos sindicatos trabalhistas, são semelhantes as da classe patronal.
e. Os petroleiros apresentaram ao Ministro uma pauta de reivindicações igual a que haviam divulgado no ano anterior.

1 - B 18 - D 35 - D 52 - C 69 - E

2 - D 19 - D 36 - E 53 - B 70 - A

3 - A 20 - B 37 - A 54 - E 71 - A

4 - B 21 - E 38 - D 55 - A 72 - D

5 - B 22 - C 39 - E 56 - C 73 - D

6 - A 23 - B 40 - D 57 - B 74 - B

7 - A 24 - C 41 - D 58 - B 75 - A

8 - A 25 - B 42 - B 59 - E 76 - D

9 - E 26 - C 43 - C 60 - C 77 - C

10 - B 27 - D 44 - C 61 - A 78 - B

11 - D 28 - D 45 - C 62 - A 79 - A

12 - D 29 - C 46 - A 63 - A 80 - B

13 - B 30 - B 47 - D 64 - E

14 - C 31 - C 48 - E 65 - D

15 - C 32 - C 49 - A 66 - E

16 - A 33 - A 50 - E 67 - D

17 - C 34 - B 51 - E 68 - B

MAIS EXERCICIOS

EM CADA QUESTÃO, ASSINALE A ÚNICA FRASE ONDE SE EMPREGA O ACENTO DA CRASE:

1. (A) Refiro-me a alunas estudiosas.
(B) Refiro-me a esta aluna aqui.
(C) Refiro-me a todas as alunas.
(D) Refiro-me a uma aluna em especial.
(E) Refiro-me àquela aluna.

2. (A) Dirigi a palavra a você.
(B) Dirigi a palavra a Vossa Majestade.
(C) Dirigi a palavra à Senhora.
(D) Dirigi a palavra a minhas tias.
(E) Dirigi a palavra a quem reclamava.

3. (A) Faço alusão a meu pai.
(B) Faço alusão a várias cidades.
(C) Faço alusão à primeira aluna da turma.
(D) Faço alusão a alguma aluna.
(E) Faço alusão a essa cidade aí.

4. (A) No verão, vamos à casa de meus tios.
(B) No verão, vamos a Minas Gerais ou a Goiás.
(C) No verão, vamos a Fortaleza e a Manaus.
(D) No verão, vamos a terra.
(E) No verão, vamos para a Bolívia e para a Venezuela.

5. (A) Saiu a andar a pé.
(B) Levam as moças a uma fuga.
(C) Ficou a discorrer a respeito dos estudos.
(D) A professora não chegou a tempo.
(E) Só às primeiras horas da noite pôde assistir a cerimônia.

6. (A) Ele doou a sua coleção a mim.
(B) Perdoamos a quem faltou.
(C) Ele escreveu uma carta a V. Sª.
(D) Leve-o àquele salão e não a este.
(E) Ela aspirava a uma carreira rendosa.

7. (A) Entreguei os convites a essa senhora.
(B) Não me refiro à tua casa, mas a de tua irmã.
(C) Estavam ali, frente a frente.
(D) Os marinheiros desceram a terra.
(E) Os filhos retornaram a casa.

GABARITO DAS QUESTÕES:
1. E, 2. C, 3. C, 4. A, 5. E, 6. D, 7. B

EXERCÍCIOS SOBRE CRASE

Use, quando necessário, a crase e escrevam dentro dos parênteses, à esquerda, apalavra - SIM (S) no caso **de o "A" ser craseado e a palavra NÃO (N) no caso de o "A" não ser craseado.**

01 (   ) O funcionário **veio a chamado do Diretor**

02 (   ) De 1970 a 1975 estiveram por conta do Governo

03 (   ) Dei a ela todo o dinheiro disponível

04 (   ) O professor foi a casa

05 (   ) Prestou significativas homenagens a Caxias

06 (   ) Remeto, anexo, a V. Exa. o relatório dos acontecimentos

07 (   ) A folha 57 verifica-se que o termo é outro

08 (   ) O diretor do DETRAN foi, ontem, a Petrópolis

09 (   ) A namorada estava em frente a janela

10 (   ) São válidas as emendas a tinta encarnada

11 (   ) As questões foram distribuídas as candidatas inscritas

12) O anteprojeto foi enviado Câmara

13) Agrediram o sargento a tiro

14) Foi feito o pagamento a vista

15) O requerimento não tem direito a remuneração

16) Maria chegou a hora certa

17) Comprei um motor a gasolina

18) Élton tinha um romance a publicar

19) A procissão foi para a igreja

20) A família foi aquele sítio

Escrevam dentro do parêntesis, à esquerda, a letra "C" no caso de a crase estar certa e "E" no caso de a crase estar errada.

21 ( ) Eis a matéria referente às provas

22 ( ) Esta história está ligada à dos Jesuítas

23 ( ) As pessoas da família foram morrendo uma à uma

24 ( ) A sua figura, Maria, me vem à lembrança

25 ( ) Os professores ofereceram livros às alunas aplicadas

26 ( ) Escreveram um belíssimo poema à Brasília

27 ( ) O funcionário será submetido à inspeção

28 ( ) O soldado foi ferido à metralhadora

29 ( ) O deputado, falou, ontem, às classes trabalhadoras

30 ( ) Refiro-me à mulher da pensão

31 ( ) O tribunal negou provimento àquele agravo

32 ( ) Vendi à casa de Pedro

33 ( ) O prêmio coube às jovens vitoriosas

34 ( ) Lápis é um objeto destinado à escrita

35 ( ) Comprei à sua casa

36 ( ) Quanto à aplicação do aviso...

37 ( ) Homenagens à gloriosa Joana D'Arc

38 ( ) Manuel e Pedro ficaram de frente à frente

39 ( ) Os livros foram remetidos às unidades militares.

40 ( ) Estes livros se destinaram às meninas pobres.

Às questões de 41 a 50, marque

a) se 1, 2 e 3 estiverem certas

b) se 2 e 3 estiverem certas

c) se 1 e 2 estiverem certas

d) se 1 e 3 estiverem erradas

e) se nenhuma das afirmativas for adequada.

41 ( ) 1 O documento foi encaminhado a esta repartição

( ) 2 Ele estava a espera da namorada.

( ) 3 Dê a ela o dinheiro que está sobre a mesa

42 ( ) 1 Manuel trabalha de Segunda à Sábado

( ) 2 O homem entregou-se a apatia.

( ) 3 Literatura a Machado de Assis

43 ( ) 1 A brilhante professora Léia ofereço...

( ) 2 Giovani tem multas à pagar.

( ) 3 Os bandoleiros andam a rédea solta.

44 ( ) 1 O coronel foi promovido a general.

( ) 2 É esta soma a transportar.

( ) 3 Irei, Domingo, à Belém das belas mangueiras.

45 ( ) 1 Vendas somente à varejo.

( ) 2 Falei, ontem, a dona da casa.

( ) 3 As folhas 12 e 13 do processo consta que...

46 ( ) 1 Ela aspirava à alegria de viver.

( ) 2 O relógio batia à certa hora.

( ) 3 O desenho foi feito a pena.

47 ( ) 1 O Estado obedece à disposição estatutária

( ) 2 A Maria José foi à igreja.

( ) 3 Em resposta à carta que você me escreveu, informo.

48 ( ) 1 À ti desejo felicidades.

( ) 2 José, Pedro, Antônio foram à Quitandinha.

( ) 3 O preso foge às declarações

49 ( ) 1 A firma tem caminhões a frete.

( )2 O juiz atendeu a exigência processual

( ) 3 A correspondência está sujeita a selo

Use, quando necessário, a crase e escrevam dentro dos parênteses, à esquerda, apalavra - SIM (S) no caso **de o "A" ser craseado e a palavra NÃO (N) no caso de o "A" não ser craseado.**

50 ( ) 1 O relógio batia à certa hora.

( ) 2 O sargento foi promovido à tenente.

( ) 3 Ireis, amanhã, à casa dos Artistas?

Escrevam dentro dos parênteses, à esquerda a letra "C" se a crase estiver correta e a letra "I" se a crase estiver incorreta.

Questões de 51 a 70.

51 ( ) A obra acha-se à venda na Editora.

52 ( ) Deram o prêmio àquele menino que está na esquina.

53 ( ) Demos .o dinheiro à nossa mãe.

54 ( ) O tiro foi à queima-roupa.

55 ( ) Taxas à pagar.

56 ( ) A casa é boa, refiro-me à que comprei.

57 ( ) As provas terão início à 20 do mês em curso**.**

58 ( ) Refiro-me a questões outras.

59 ( ) O funcionário **à que se refere o Governo...**

60 ( ) A polícia foi recebida à bala.

61 ( ) Os noivos estavam de face à face.

62 ( ) A idéia me veio à mente.

63 ( ) É conveniente dar à esta aluna o prêmio que prometemos.

64 ( ) Desejam à vossa senhoria feliz entrada de ano.

65 ( ) Pedro II pertenceu à casa dos Bragança

66 ( ) Graças à Deus consegui o que desejava

67 ( ) Josefa chegou à certa hora.

68 ( ) No Salesiano, camisas à R$ 25, 00

69 ( ) O criminoso foi detido à força

70 (   ) Vou à terra, logo que o navio chegue.

INSTRUÇÕES

Às questões de 71 a 80, marque:

a) se 1, 2 e 3 estão erradas.

b) Se 1 e 3 estão corretas.

c) Se 2 e 3 estão corretas

d) Se 1, 2 e 3 estão corretas.

e) Se nenhuma das opções acima for adequada.

71 (   ) 1 Iremos (Pedro, José e eu) Domingo à capela

(   ) 2 Não esqueça de que os ricos vivem à larga.

(   ) 3 A esta data, os negócios estão resolvidos.

72 (   ) 1 de Segunda à Sábado teremos carne com fartura

(   ) 2 O presidente não atende à conveniências pessoais.

(   ) 3 Entregas à domicílio.

73 (   ) 1 Compete a União providenciar sobre o reajustamento

(   ) 2 Desenhos à Walt-Disney.

(   ) 3 Façam os exercícios das folhas 20 a 82.

74 (   ) 1 Submeto o caso a vossa reverendíssima.

(   ) 2 O assunto se prende à fatos já discutidos.

(   ) 3 O deputado fez brilhante oração à Bandeira.

75 (   ) 1 Ovos a R$ 1, 00 a dúzia.

(   ) 2 Devotemo-nos a nobres causas.

(   ) 3 Refiro-me à mulher da loja.

76 (   ) 1 O jardim fica próximo à Praça da Matriz.

(   ) 2 O funcionário será submetido à inspeção médica.

(   ) 3 Pedro voltou para à Bahia.

77 (   ) 1 Dediquei-me à tarefas árduas.

(   ) 2 estou disposto a cumprir um dever.

( ) 3 Isto se refere a coisas úteis.

78 ( ) 1 A moça ateou fogo às vestes.

( ) 2 Obedecemos a leis honestas.

( ) 3 A polícia em feliz diligência pôs fim à lenda.

79 ( ) 1 O material recebido era impróprio às necessidades da companhia.

( ) 2 O menino foi recebido, à porta, gritando: Papai, papai.

( ) 3 O Manuel, presidente, dirigiu-se à fábrica.

80 ( ) 1 Ele contou tudo a filha.

( ) 2 Magna falou, ontem, à professora.

( ) 3 José e Antônio foram à Grécia.

Use, quando necessário, a crase (de 81 a 91)

81 - Dalvinha vai a bela Campinas.

82 - Os professores foram, depois das aulas, as casas.

83 - Dediquei um livro a minha mãe.

84 - Deixai vir a mim os pequeninos.

85 - Fomos as fazendas distantes.

86 - Os meninos obedeceram a esta ordem.

87 - Refiro-me a cada questão.

88 - Os soldados não se dirigiram a nenhuma pessoa

89 - Não dissemos nada a essa menina.

90 - A quantas pessoas você respondeu?

91 - Os meninos, Pedro e José, ficaram de ponta a ponta

92 - A noitinha, voltamos.

93 - Visitei a casa paterna

94 - As vacas, do curral, foram saindo duas a duas.

95 - Vendi aquele sítio

96 - O poeta ofereceu um poema a V. Exa.

97 - Eis o material referente aquele prédio.

98 - Rezemos um terço a Nossa Senhora.

99 - Peço a senhora a fineza de trazer-me o livro.

Use, quando necessário, a crase e escrevam dentro dos parênteses, à esquerda, apalavra - SIM (S) no caso **de o "A" ser craseado e a palavra NÃO (N) no caso de o "A" não ser craseado.**

100 - Vocês compraram aqueles livros.

INSTRUÇÕES

Às questões de 101 a 110, responda:

a) se 1 e 2 estão corretas.
b) Se 2 e 3 estão erradas.
c) Se 1 e 3 estão corretas
d) 1, 2e 3 estão corretas.
e) Se nenhuma das opções acima for adequada.

101 ( ) 1 Ele tinha barbas à Tamandaré
( ) 2 Esta história está ligada à dos jesuítas.
( ) 3 Não obedecemos à esta ordem.
102 ( ) 1 O professor não deu satisfação a essa calúnia.
( ) 2 Daremos sempre o bom conselho a qualquer criatura.
( ) 3 é preferível isto a fazer o trabalho
103 ( ) 1 À partir do dia 20 não haverá aulas**.**
( ) 2 O sino principiou a badalar.
( ) 3 Peço um conselho a você.
104 ( ) 1 Fui a antiga Madri.
( ) Irei a casa assombrada.
( ) 3 Pedro e Paulo foram àquela fazenda.
105 ( ) 1 Dirigiu-se àquilo que lhe interessava.
( ) 2 Compraremos àqueles livros e cadernos.
( ) 3 A polícia foi a cas do reú.
106 ( ) 1 Deixai vir a mim os pequeninos.
( ) 2 Peço um conselho a mamãe.
( ) 3 venha a nós o vosso reino.
107 ( ) 1 Convido o senhor deputado a sentar-se.
( ) 2 Ora, às ocultas, eu trazia no seio, um livro e lia, lia...
( ) 3 Às ordens. Que deseja?
108 ( ) 1 A cidade ficou as escura.
( ) 2 O José anda as voltas com a polícia.
( ) 3 O ladrão entrou as escondidas.
109 ( ) 1 Estou a espera de Josefa.
( ) 2 Marte está a distância.
( ) 3 O salitre é apanhado à flor da terra.
110 ( ) 1 Vêem-se navios a distância de 30 metros.
( ) 2 Caminhando a toa chegará ao tronco do ipê.
( )3 José saiu a sorrelfa

Para as questões de 111 a 130.
Se a colocação da crase estiver certa, marque "C" e se estiver errada, marque "E "

111 ( ) Temos fogões a lenha.

112 (   ) O menino foi amarrado a cadeira.
113 (   ) Praza aos céus que ele veja em situação análoga a do Mandarim.
114 (   ) A questão é igual à dos servidores da Câmara.
115 (   ) O atleta andava muito bem, entregava-se aquilo com prazer e alegria.
116 (   ) Em entrevista a imprensa, o Presidente declarou guerra ao inimigo
117 (   ) A vítima não resistindo à gravidade dos ferimentos...
118 (   ) Ele é um jovem dedicado à música e ao esporte.
119 (   ) Estudem os verbos quanto a regência.
120 (   ) Pedestre, conserve-se a esquerda.
121 (   ) O Governo deu assistência às classes menos favorecidas.
122 (   ) Eis aqui, onde a amante paixão cede a prudência.
123 (   ) A sua figura me vem à lembrança.
124 (   ) Os meninos e as meninas pediram a senhora este favor.
125 (   ) Estamos bem longe de dar à literatura a importância que merece.
126 (   ) Iremos, não tenha dúvida, a festa dos meninos.
127 (   )A lei é extensiva as viúvas dos heróis da F.E.B..
128 (   ) O sentido da vida se adapta à vida.
129 (   ) O combate as moscas é um dever da prefeitura.
130 (   ) O amor à arte é tudo na vida.

Escreva, como convier, nos espaços: a., as, à, às,

131 - O meu processo correu____revelia.
132 - Cortou o amigo____canivete.
133 - Ele vive____fidalga
134 - Eles estão frente____frente.
135 - Peguei-o____jeito.
136 - Vão____favas
137 - Partiu rumo____Bélgica.
138 - Bebo____saúde de todos.
139 - Realizei a excursão____Petrópolis.
140 - Queremos bem____essa menina.
141 - Mando rosas____menina
142 - Refiro-me____atrizes
143 - Abrem-se as portas____qualquer hora.
144 - Partirão____uma hora.
145 - Deixo____meu pai tal tarefa.
146 - Condenaram-no____morte
147 - Começou____chover
148 - Salvou-se, graças____provas apresentada.
149 - Iremos! Gritavam todos____uma

Use, quando necessário, a crase e escrevam dentro dos parênteses, à esquerda, apalavra - SIM (S) no caso de o "A" ser craseado e a palavra NÃO (N) no caso de o "A" não ser craseado.

150 - É construção idêntica____que Machado escreveu

151 - Será feliz a mulher____quem ele amar.

152 - Zanga-se____toa.

153 - Casou-se____capucha.

154 - A água cai gota____gota

155 - Atacam____mão armada.

156 - Morriam as ilusões uma____uma.

157 - Permaneceu junto____cruz.

158 - Compro____prestações

159 - Rubriquei a aprova____lápis.

160 - Vai____frente do pelotão

161 - Pôs termo____vida.

162 - Contou tudo____noiva

163 - "É crítica atinente____Vossa Excelência, "

164 - Não falou nada____ninguém.

165 - Sairemos____5 horas.

166 - Daremos____cada aluna **a nota merecida.**

167 - Comeremos bife____milanesa

168 - Morreu____míngua..

169 - "E as aves____voar"

170 - Andaremos____cavalo.

171 - Fez cópias____máquina.

172 - Houve ofensas de parte____parte.

173 - É homem____direitas

174 - Estou sujeito____falhas.

175 - Quero tudo____claras.

176 - Vive____moda da casa.

177 - Estamos____cata de informações.

178 - Corre tudo____velas pandas.

179 - Progridem____chanchadas.

180 - Eles ficaram face____face.

181 - Será feliz a mulher____quem amar.

182 - Explica____sorrelfa.

183 - Andam____cegas.

184 - Procedem____imitações .do tio.

185 - Aludiram____Sua Santidade.

186 - Parou____pouca distância.

187 - Saiu____4 horas e 30 minutos.

188 - Não se referem____nós.

189 - Homenagens sejam dadas____sua majestade.

190 - Devolveram as cartas____mesa.

RESPOSTAS DOS EXERCÍCIOS SOBRE CRASE

- **1 - N**
- **2 - N**
- **3 – N**
- **4 - N**
- **5 - N**
- **6 - N**
- **7 - S**
- **8 - N**
- **9 - S**
- **10 - N**
- **11 - S**
- **12 - S**
- **13 - N**
- **14 - S**
- **15 - N**
- **16 - S**
- **17 - N**
- **18 – N**
- **19 - N**
- **20 – S**
- **21 - E**
- **22 - C**
- **23 - E**
- **24 - C**
- **25 - C**
- **26 - E**
- **27 - E**
- **28 - E**
- **29 - C**
- **30 - C**
- **31 - C**
- **32 – E**

- **65 – C**
- **66 - I**
- **67 - I**
- **68 - I**
- **69 - C**
- **70 - I**
- **71 - D**
- **72 - A**
- **73 - C**
- **74 - B**
- **75 - D**
- **76 - E**
- **77 – C**
- **78 – D**
- **79 – D**
- **80 – C**
- **81 - (tem)**
- **82 - (não tem)**
- **83 - (facultativo)**
- **84 - (não tem)**
- **85 - (tem)**
- **86 - (não tem)**
- **87 - (não tem)**
- **88 - (não tem)**
- **89 - (não tem)**
- **90 - (não tem)**
- **91 - (não tem)**
- **92 - (tem)**
- **93 - (tem)**
- **94 - (não tem)**
- **95 - (não tem)**
- **96 - (não tem)**

- **129 - E**
- **130 - C**
- **131 - à**
- **132 - a**
- **133 - à**
- **134 - a**
- **135 - a**
- **136 – às**
- **137 - à**
- **138 – à**
- **139 – a**
- **140 – a**
- **141 - às**
- **142 - às**
- **143 - a**
- **144 - à**
- **145 - a**
- **146 - à**
- **147 - a**
- **148 - às**
- **149 - à**
- **150 – à**
  151 - a
- **152 - à**
- **153 - à**
- **154 – a**
- **155 - à**
- **156 - a**
- **157 - à**
- **158 - à**

- **33 - C**
- **34 - C**
- **35 - E**
- **36 - C**
- **37 - C**
- **38 - E**
- **39 - C**
- **40 - A**
- **41 - E**
- **42 - E**
- **43 – E**
- **44 – A**
- **45 – E**
- **46 – E**
- **47 – A**
- **48 – C**
- **49 – E**
- **50 – C**

51 – C

- **52 – C**
- **53 – C**
- **54 – C**
- **55 – I**
- **56 – C**
- **57 – I**
- **58 – C**
- **59 – I**
- **60 – C**
- **61 – I**
- **62 – C**
- **63 – I**
- **64 – I**
- **97 - (tem)**
- **98 - (não tem)**
- **99 - (tem)**
- **100 - (não tem)**

101 - A

- **102 - D**
- **103 - E**
- **104 - E**
- **105 - B**
- **106 - C**
- **107 - D**
- **108 – E**
- **109 – E**
- **110 – E**
- **111 – E**
- **112 – E**
- **113 – E**
- **114 – C**
- **115 – E**
- **116 – E**
- **117 – C**
- **118 – C**
- **119 – E**
- **120 – E**
- **121- E**
- **122 - E**
- **123 - C**
- **124 - E**
- **125 - C**
- **126 - E**
- **127 - E**
- **128 - C**
- **159 - a**
- **160 – à**
- **161 - à**
- **162 - à**
- **163 - a**
- **164 - a**
- **165 - à**
- **166 - a**
- **167 - à**
- **168 - à**
- **169 - a**
- **170 - a**
- **171 - a**
- **172 - a**
- **173 - às**
- **174 - a**
- **175 - às**
- **176 - à**
- **177 - à**
- **178 - a**
- **179 - a**
- **180 - a**
- **181 - a**
- **182 - à**
- **183 - às**
- **184 - à**
- **185 - à**
- **186 - a**
- **187 - às**
- **188 - a**
- **189 - a**
- **190 - à**

6. PERÍODO COMPOSTO

1. (UF-MG) A oração sublinhada está corretamente classificada, EXCETO em:

a. Casimiro Lopes pergunta se me falta alguma coisa / oração subordinada adverbial condicional
b. Agora eu lhe mostro com quantos paus se faz uma canoa / oração subordinada substantiva objetiva direta
c. Tudo quanto possuímos vem desses cem mil réis / oração subordinada adjetiva restritiva
d. Via-se muito que D. Glória era alcoviteira / oração subordinada substantiva subjetiva
e. A idéia é tão santa que não está mal no santuário / oração subordinada adverbial consecutiva

2. (UF-MG) Na frase: "Maria do Carmo tinha a certeza de que estava para ser mãe", a oração destacada é:

a) subordinada substantiva objetiva indireta

b) subordinada substantiva completiva nominal

c) subordinada substantiva predicativa

d) coordenada sindética conclusiva

e) coordenada sindética explicativa

3. (FM-SANTOS) A segunda oração do período? "Não sei no que pensas", é classificada como:

a) substantiva objetiva direta d) coordenada explicativa

b) substantiva completiva nominal e) substantiva objetiva indireta

c) adjetiva restritiva

4. (MACK) "Na 'Partida Monção', não há uma atitude inventada. Há reconstituição de uma cena como ela devia ter sido na realidade." A oração sublinhada é:

a) adverbial conformativa d) adverbial proporcional

b) adjetiva e) adverbial causal

c) adverbial consecutiva

5. (AMAN) No seguinte grupo de orações destacadas:

1. É bom que você venha.

2. Chegados que fomos, entramos na escola.

3. Não esqueças que é falível.

Temos orações subordinadas, respectivamente:

a) objetiva direta, adverbial temporal, subjetiva

b) subjetiva, objetiva direta, objetiva direta

c) objetiva direta, subjetiva, adverbial temporal

d) subjetiva, adverbial temporal, objetiva direta

e) predicativa, objetiva direta, objetiva indireta

6. (UF-UBERLÂNDIA) "Lembro-me de que ele só usava camisas brancas." A oração sublinhada é:

a) subordinada substantiva completiva nominal

b) subordinada substantiva objetiva indireta

c) subordinada substantiva predicativa

d) subordinada substantiva subjetiva

e) subordinada substantiva objetiva direta

7. (UF-GO) Neste período "não bate para cortar", a oração "para cortar" em relação a "não bate", é:

a) a causa d) a explicação

b) o modo e) a finalidade

c) a conseqüência

8. (UF-MG) Em todos os períodos há orações subordinadas substantivas, exceto em:

- **a. O fato era que a escravatura do Santa Fé não andava nas festas do Pilar, não vivia no coco como a do Santa Rosa.**
- **b. Não lhe tocara no assunto, mas teve vontade de tomar o trem e ir valer-se do presidente.**
- **c. Um dia aquele Lula faria o mesmo com a sua filha, faria o mesmo com o engenho que ele fundara com o suor de seu rosto.**
- **d. O oficial perguntou de onde vinha, e se não sabia notícias de Antônio Silvino.**
- **e. Era difícil para o ladrão procurar os engenhos da várzea, ou meter-se para os lados de Goiana**

9. (FCS ANHEMBI) Em - "Há enganos que nos deleitam", a oração grifada é:

a) substantiva subjetiva d) substantiva apositiva

b) substantiva objetiva direta e) adjetiva restritiva

c) substantiva completiva nominal

10. (MACK)

- **I. No período "Seus olhos se encheram de alegria, vendo salvo o guerreiro branco", os termos sublinhados são, pela ordem, objeto direto, adjunto adnominal, e predicativo do objeto direto;**
- **II. No fragmento do texto: " - Mas o cão é teu companheiro e amigo fiel. Mais amigo e companheiro será de Poti, servindo a seu irmão que a ele." Sintaticamente, "teu companheiro e amigo fiel" está para "cão", assim como "mais amigo e companheiro" está para "Poti";**
- **III. No período "Tu o chamarás Japi; e será o pé ligeiro com que de longe corramos um para o outro", os elementos sublinhados são respectivamente: predicado verbo-nominal e oração subordinada adjetiva.**

Assinale:

a) se estiverem corretas apenas as alternativas I e II

b) se estiverem corretas apenas as alternativas I e III

c) se estiverem corretas apenas as alternativas II e III

d) se todas as alternativas estiverem corretas

e) se todas as alternativas estiverem incorretas

(FGV) Texto para as questões 11 a 14:

"Tomo a liberdade de perguntar a V. Exª. se as locuções repolhudas do ilustre colega são parlamentares; e, se o são, peço ainda a mercê de se me dizer onde se estudam aquelas farfalhices." (Camilo Castelo Branco)

11. "de perguntar a V. Exª." é oração subordinada:

a) substantiva objetiva indireta, reduzida de infinitivo

b) substantiva completiva nominal, reduzida de infinitivo

c) adverbial causal, reduzida de infinitivo

d) adjetiva explicativa, reduzida de infinitivo

e) substantiva apositiva

12. A oração "se as locuções repolhudas do ilustre colega são parlamentares", é:

a) subordinada substantiva objetiva direta

b) subordinada substantiva predicativa

c) subordinada adverbial causal

d) subordinada adverbial condicional

e) subordinada adverbial consecutiva

13. A oração "se o são" é:

a) subordinada substantiva objetiva direta

b) subordinada substantiva predicativa

c) subordinada adverbial consecutiva

d) subordinada adverbial causal

e) subordinada adverbial condicional

14. A oração "de se me dizer" é:

a) subordinada substantiva objetiva direta

b) subordinada substantiva objetiva indireta

c) subordinada adverbial condicional

d) subordinada substantiva apositiva

e) subordinada substantiva completiva nominal

15. (FUVEST) Classifique as orações em destaque do período seguinte: "Ao analisar o desempenho da economia brasileira, os empresários afirmaram que os resultados eram bastante razoáveis, uma vez que a produção não aumentou, mas também não caiu."

a) principal, subordinada adverbial final

b) principal, subordinada substantiva objetiva direta

c) subordinada adverbial temporal, subordinada adjetiva restritiva

d) subordinada adverbial temporal, subordinada objetiva direta

e) subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva subjetiva

16. (FUVEST) No período: "Era tal a serenidade da tarde, que se percebia o sino de uma freguesia distante, dobrando a finados.", a segunda oração é:

a) subordinada adverbial causal

b) subordinada adverbial consecutiva

c) subordinada adverbial concessiva

d) subordinada adverbial comparativa

e) subordinada adverbial subjetiva

17. (FUVEST) "Sabendo que seria preso, ainda assim saiu à rua."

a) reduzida de gerúndio, conformativa

b) subordinada adverbial condicional

c) subordinada adverbial causal

d) reduzida de gerúndio, concessiva

e) reduzida de gerúndio, final

18. (PUC) Assinale a alternativa em que a subordinada não traduza idéia de conseqüência, comparação, concessão e causa:

a. Porquanto, não fosse um ancião convencional, enterrou-se de sobrecasaca e polainas.
b. Desde que era um ancião convencional, enterrou-se de sobrecasaca e polainas.
c. Ele era um ancião tão convencional que se enterrou de sobrecasaca e polainas
d. Ele era um ancião mais convencional do que o que se enterrou de sobrecasaca e polainas
e. Ele era um ancião convencional, na medida em que se enterrou de sobrecasaca e polainas

19. (FUVEST) Na frase "Entrando na faculdade, procurarei emprego.", a oração subordinada indica idéia de:

a) concessão d) lugar

b) oposição e) conseqüência

c) condição

20. (UM-PIRACICABA)

I - Apresento-lhe Lúcia.

II - Faço tudo por um sorriso de Lúcia.

Se juntarmos as duas orações num só período, usando um pronome relativo, teremos:

a) Apresento-lhe Lúcia, a quem faço tudo pelo sorriso dela.

b) Apresento-lhe Lúcia, que pelo sorriso dela faço tudo.

c) Apresento-lhe Lúcia, a qual faço tudo pelo seu sorriso.

d) Apresento-lhe Lúcia, por cujo sorriso faço tudo por ele.

e) Apresento-lhe Lúcia, por cujo sorriso faço tudo.

21. (EFOA-MG) "Quando vejo certos colegas mostrando com orgulho aquela rodela imbecil no pescoço ..." O período que apresenta uma oração com a mesma classificação da sublinhada na citação acima é:

a) "Mal o sol fugia, começavam as toadas das cantigas."

b) "Caso o encontre, dê-lhe o recado."

c) "Dado que a polícia venha, prenderemos o assassino."

d) "Uma vez que cheguem os reforços, atacaremos a praça."

e) "Contar-lhe-ei o caso, conquanto você guarde segredo."

22. (UF SANTA MARIA-RS) Leia, com atenção, os períodos abaixo:

Caso haja justiça social, haverá paz.

Embora a televisão ofereça imagens concretas, ela não fornece uma reprodução fiel da realidade.

Como todas aquelas pessoas estavam concentradas, não se escutou um único ruído.

Assinale a alternativa que apresenta, respectivamente, as circunstâncias indicadas pelas orações sublinhadas:

a) tempo, concessão, comparação

b) tempo, causa, concessão

c) condição, conseqüência, comparação

d) condição, concessão, causa

e) concessão, causa, conformidade

23. (UE PONTA GROSSA-PR) Em "É possível que comunicassem sobre políticos", a segunda oração é:

a) subordinada substantiva subjetiva

b) subordinada adverbial predicativa

c) subordinada substantiva predicativa

d) principal

e) subordinada substantiva objetiva direta

24. (UE PONTA GROSSA-PR) Quando o enterro passou / Os homens que se achavam no café / Tiraram o chapéu maquinalmente (Manuel Bandeira)

A oração que se achavam no café é:

a) subordinada adverbial condicional

b) coordenada sindética adversativa

c) subordinada substantiva subjetiva

d) subordinada substantiva objetiva direta

e) subordinada adjetiva restritiva

25. (UE-BA) Meu pai, que havia arrancado três dentes, não pôde viajar naquele dia. A oração grifada classifica-se como subordinada:

a) adverbial temporal d) substantiva apositiva

b) substantiva predicativa e) adjetiva explicativa

c) adjetiva restritiva

26. (UNIRIO) Assinale o item em que há uma oração, quanto à classificação, idêntica à segunda do período: "Pernoitamos depois junto a um açude lamacento, onde patos nadavam.":

- **a. "As virilhas suadas ardiam-me, o chouto do animal sacolejava-me..."**
- **b. "De onde vinham as figuras desconhecidas para encontrar-nos?"**
- **c. "Fiz o resto da viagem com um moço alegre, que tentou explicar-me as chaminés dos bangüês..."**
- **d. "Os mais graúdos percebiam que a viagem era alegre."**
- **e. "Surgiram regatos, cresceram tanto que se transformaram em rios..."**

27. (UNIMEP)

I - Mário estudou muito e foi reprovado!

II - Mário estudou muito e foi aprovado.

Em I e II, a conjunção e tem, respectivamente, valor:

a) aditivo e conclusivo d) adversativo e conclusivo

b) adversativo e aditivo e) concessivo e causal

c) aditivo e aditivo

28. (UC-MG) A classificação da oração grifada está correta em todas as opções, exceto em:

- **a. Ela sabia que ele estava fazendo o certo - subordinada substantiva objetiva indireta**
- **b. Era a primeira vez que ficava assim tão perto de uma mulher - subordinada substantiva subjetiva**
- **c. Mas não estava neles modificar um namoro que nascera difícil, cercado, travado - subordinada adjetiva**
- **d. O momento foi tão intenso que ele teve medo - subordinada adverbial consecutiva**
- **e. Solta que você está me machucando - coordenada sindética explicativa**

GABARITO E COMENTÁRIOS:

1.opção a – A palavra se é conjunção integrante que inicia uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

2.opção b – Trata-se de um caso de complemento nominal no período composto. A oração “de que estava para ser mãe" completa o sentido do nome certeza na oração principal.

3. opção e – A oração é substantiva objetiva indireta, pois assume função de objeto indireto da oração principal com verbo transitivo indireto saber.

4.opção a – A oração destacada é iniciada por uma conjunção conformativa como.

5. opção d - veja:

1. É bom que você venha. (oração subordinada substantiva subjetiva, pois é sujeito da oração principal “É bom”)

2. Chegados que fomos, entramos na escola. (oração subordinada adverbial temporal reduzida do particípio)

3. Não esqueças que é falível. (oração subordinada substantiva objetiva direta da oração principal)

6. opção b – A oração é objeto indireto oracional da oração principal “Lembro-me” que em função do pronome me o verbo é transitivo indireto.

7.opção e – A relação expressa é de finalidade, ou seja bater ou não bater com que propósito, com que finalidade?”

8. opção c – O que é pronome relativo anafórico, que inicia oração subordinada adjetiva restritiva.

9.opção e – A oração restringe o termo enganos que é antecedente do pronome relativo que.

10. opção b - se estiverem corretas apenas as alternativas I e III

I. No período "Seus olhos se encheram de alegria, vendo salvo o guerreiro branco", objeto direto: salvo o guerreiro / adjunto adnominal: o e predicativo do objeto direto: branco

III. No período "Tu o chamarás Japi; e será o pé ligeiro com que de longe corramos um para o outro", os elementos sublinhados são respectivamente: predicado verbo-nominal e oração subordinada adjetiva.

11. opção b - substantiva completiva nominal (porque trata-se do complemento nominal oracional) e reduzida de infinitivo (iniciada pelo verbo perguntar no infinitivo).

12.opção a -Trata-se do objeto direto oracional da oração principal.

13. opção e – É oração subordinada adverbial condicional porque a relação expressa é de condição e pela presença da conjunção se no início da oração.

14.opção e – “peço ainda a mercê de se me dizer” O nome mercê é completado com a preposição que se localiza na oração subordinada.

15. opção d - Ao analisar o desempenho da economia brasileira oração subordinada adverbial temporal reduzida do gerúndio e que os resultados eram bastante razoáveis é subordinada objetiva direta.

16. opção b – “que se percebia o sino de uma freguesia distante” é oração que expressa

17. opção d - reduzida de gerúndio (por ser iniciada por verbo no gerúndio) e concessiva (por causa da locução adverbial concessiva “ainda assim”).

18. opção b – A oração é subordinada adverbial condicional, desde que expressa condição.

19. opção c – A relação expressa é de condição, ou seja, caso entre na faculdade, procurará emprego.

20. Opção e – Equivale dizer: Faço tudo pelo sorriso de Lúcia.

A preposição antes do pronome relativo justifica-se pelo verbo transitivo direto e indireto fazer alguma coisa por alguém.

21. Opção a – "Mal o sol fugia" é o mesmo que "Logo que o sol fugia" oração subordinada adverbial temporal, a mesma classificação serve para oração do enunciado, também iniciada por advérbio de tempo.

22.opção d – As conjunção caso, embora e como expressam consecutivamente condição, concessão e causa.

23 .opção a – A segunda oração funciona como sujeito da oração principal.

24. opção e – A oração restringe o antecedente "homens".

25.opção e – A oração está separada por vírgulas e acrescenta uma informação sobre o antecedente "meu pai".

26. Opção C – Ambas são orações adjetivas porque possuem antecedente/referente que podem ocupar o lugar dos pronomes relativos onde (açude lamacente) que (moço alegre).

27. opção B – No item I a conjunção é adversativo, pois a segunda oração expressa oposição com relação à primeira. No item II a conjunção é aditiva, pois a o sentido da segunda oração é de adição.

28.Opção a – A classificação correta é oração subordinada substantiva objetiva direta.

7. QUESTÕES SOBRE AS PALAVRAS QUE, SE E COMO

1. (SANTA CASA) A palavra "se" é conjunção integrante (por introduzir oração subordinada substantiva objetiva direta) em qual das orações seguintes?
a) Ele se mordia de ciúmes pelo patrão.
b) A Federação arroga-se o direito de cancelar o jogo.
c) O aluno fez-se passar por doutor.
d) Precisa-se de operários.
e) Não sei se o vinho está bom.

2. (UF-SC) No período "Avistou o pai, que caminhava para a lavoura", a palavra que classifica-se morfologicamente como:
a) conjunção subordinativa integrante
b) pronome relativo
c) conjunção subordinativa final
d) partícula expletiva
e) conjunção subordinativa causal

3. (FECAP) Classifique as palavras como nas construções seguintes, numerando, convenientemente, os parênteses:
1) preposição 2) conj. subord. causal 3) conj. subord. conformativa
4) conj. coord. aditiva 5) adv. interrogativo de modo
( ) Perguntamos como chegaste aqui.
( ) Percorrera as salas como eu mandara.
( ) Tinha-o como amigo.
( ) Como estivesse frio, fiquei em casa.
( ) Tanto ele como o irmão são meus amigos.
a) 2 - 4 - 5 - 3 - 1 d) 3 - 1 - 2 - 4 - 5
b) 4 - 5 - 3 - 1 - 2 e) 1 - 2 - 4 - 5 - 3
c) 5 - 3 - 1 - 2 - 4

4. (FATEC) Considerando como conjunção integrante aquela que inicia uma oração subordinada substantiva, indique em qual das opções nenhum se tem esta função:

a) Se subiu, ninguém sabe, ninguém viu.
b) Comenta-se que ele se feria de propósito.
c) Se vai ou fica é o que eu gostaria de saber.
d) Saberia me dizer se ele já foi?
e) n.d.a

5. (UM-SP) "Ó tu / Que és presidente / Do Conselho Municipal / Se é que tens mulher e filhos, / Manda tapar os buracos da / Rua dos Junquilhos. (Artur Azevedo) A palavra que aparece duas vezes no texto com a seguinte classificação morfológica, respectivamente:

a) pronome relativo e partícula expletiva
b) partícula expletiva e pronome relativo
c) pronome relativo e conjunção integrante
d) conjunção integrante e pronome relativo
e) partícula expletiva e conjunção integrante

6. (UFSCAR) O que não é pronome relativo na opção:
Não há mina de água que não o chame pelo nome, com arrulhos de namorada.
Não há porteira de curral que não se ria para ele, com risadinha asmática de velha regateira.
"Me espere em casa, que eu ainda vou dar uma espiada na novilhada parida da vereda."
"Tenho uma corrente de prata lá em casa que anda atrás de uma trenheira destas para pendurar na ponta."
"Quem seria aquele sujeito que estava de pé, encostado ao balcão, todo importante no terno de casimira?"

7. (UM-SP) "Este apartamento é o sítio em que as potências da fé e da vontade marcaram um encontro profundo"; "Não peço à vida que me dê fortuna, ganância, nem valores superficiais."
Com relação às palavras em destaque nos dois períodos acima, pode-se afirmar que:
A primeira dá origem a uma oração subordinada adjetiva e a segunda, a uma adversativa
A primeira marca o início de uma oração subordinada adjetiva e a segunda, de uma substantiva
A primeira principia uma oração subordinada substantiva e a segunda, uma adjetiva
Ambas iniciam orações subordinadas adjetivas
Ambas introduzem orações subordinadas substantivas

8. (FUVEST) "A cláusula mostra que tu não queres enganar." A classe gramatical da palavra que no trecho acima é a mesma da palavra que na seguinte frase:

a) Ficam desde já excluídos os sonhadores, os que amem o mistério.
b) Não foi a religião que te inspirou esse anúncio.
c) Que não pedes um diálogo de amor, é claro.
d) Que foi então, senão a triste, longa e aborrecida experiência?
e) Quem és tu que sabes tanto?

(MACK) Texto para as questões 9 a 11:
"Tempo-será"
A Eternidade está longe
(Menos longe que o estirão
Que existe entre o meu desejo
E a palma da minha mão).
Um dia serei feliz?
Sim, mas não há de ser já:
A Eternidade está longe
Brinca de tempo-será."
(Manuel Bandeira)

9. Na relação estabelecida pelo que em "menos longe que o estirão", o valor semântico da conjunção é de:
a) causalidade d) explicação
b) comparação e) modo
c) condição

10. (FUVEST) "É da história do mundo que (1) as elites nunca introduziram mudanças que (2) favorecessem a sociedade como um todo. Estaríamos nos enganando se achássemos que (3) estas lideranças empresariais aqui reunidas teriam motivação para fazer a distribuição de poderes e rendas que (4) uma nação equilibrada precisa

ter." O vocábulo que está numerado em suas quatro ocorrências, nas quais se classifica como conjunção integrante e como pronome relativo. Assinalar a alternativa que registra a classificação correta em cada caso, pela ordem:

1. pronome relativo, 2. conjunção integrante, 3. pronome relativo, 4. conjunção integrante
conjunção integrante, 2. pronome relativo, 3. pronome relativo, 4. conjunção integrante
1. pronome relativo, 2. pronome relativo, 3. conjunção integrante, 4. conjunção integrante
1. conjunção integrante, 2. pronome relativo, 3. conjunção integrante 4. pronome relativo
1. pronome relativo, 2. conjunção integrante, 3. conjunção integrante, 4. pronome relativo

11. (FUVEST) "Vivemos mais uma grave crise, repetitiva dentro do ciclo de graves crises que ocupa a energia desta nação. A frustração cresce e a desesperança não cede. Empresários empurrados à condição de liderança oficial se reúnem, em eventos como este, para lamentar o estado de coisas. O que dizer sem resvalar para o pessimismo, a crítica pungente ou a auto-absolvição?

É da história do mundo que as elites nunca introduziram mudanças que favorecessem a sociedade como um todo. Estaríamos nos enganando se achássemos que estas lideranças empresariais aqui reunidas teriam motivação para fazer a distribuição de poderes e rendas que uma nação equilibrada precisa ter. Aliás, é ingenuidade imaginar que a vontade de distribuir renda passe pelo empobrecimento da elite. É também ocioso pensar que nós, de tal elite, temos riqueza suficiente para distribuir. Faço sempre, para meu desânimo, a soma do faturamento das nossas mil maiores e melhores empresas, e chego a um número menor do que o faturamento de apenas duas empresas japonesas. Digamos, a Mitsubishi e mais um pouquinho. Sejamos francos. Em termos mundiais somos irrelevantes como potência econômica, mas o mesmo tempo extremamente representativos como população."

("Discurso de Semler aos empresários", Folha de São Paulo, 11/9/91)

Dentre os períodos transcritos do texto acima, um é composto por coordenação e contém uma oração coordenada sindética adversativa. Assinalar a alternativa correspondente a este período:

A frustração cresce e a desesperança não cede.
o que dizer sem resvalar para o pessimismo, a crítica pungente ou a auto-absolvição.
É também ocioso pensar que nós, da tal elite, temos riqueza suficiente para distribuir.
Sejamos francos.
Em termos mundiais somos irrelevantes como potência econômica, mas ao mesmo tempo extremamente representativos como população.

12. (MACK) No verso "Que suaves coisas que tu murmuravas", a segunda palavra que é:
a) pronome relativo d) conjunção subordinada integrante
b) interjeição e) conjunção coordenativa explicativa
c) palavra de realce

13. (LICEU) Na frase "A verdade é que só em abstrato me havia queixado de baratas, que nem minhas eram...", o que assume as respectivas funções de:
a) conjunção integrante, conjunção integrante
b) pronome relativo, conjunção integrante
c) conjunção integrante, pronome relativo
d) pronome relativo, pronome relativo
e) partícula expletiva, conjunção integrante

GABARITO E COMENTÁRIOS

1. Opção e - Introduz o objeto direto oracional da forma verbal sei (não sei o quê?)
2. opção b – O pronome relativo substitui o antecedente "pai".
3. opção c –
1) preposição 2) conj. subord. causal 3) conj. subord. conformativa
4) conj. coord. aditiva 5) adv. interrogativo de modo

(5) Perguntamos como chegaste aqui. (Trata-se de uma pergunta indireta com o advérbio interrogativo de modo)

(3) Percorrera as salas como eu mandara. (equivale às conjunções conformativas segundo; consoante; conforme)

(1) Tinha-o como amigo. (equivale à preposição por)
(2) Como estivesse frio, fiquei em casa. (conjunção subordinativa causal que equivale a porque)
(4) Tanto ele como o irmão são meus amigos. (equivale à conjunção aditiva E)

4. opção b – O primeiro se é pronome apassivador e pronome reflexivo, respectivamente.
5. opção a - O primeiro que é pronome relativo e refere-se ao antecedente tu, a segunda é conjunção integrante e inicia oração subordinada substantiva predicativa.
6. Opção c – Aqui equivale a porque (explicativo) e inicia uma oração coordenada sindética explicativa.
7. Opção b – A primeira funciona com adjunto adnominal da oração principal, por isso oração subordinada adverbial restritiva. A segunda é oração subordinada substantiva objetiva direta.
8. Opção c – São orações subordinadas substantivas iniciadas por conjunções integrantes: a oração do enunciado é objetiva direta e a da opção c é subjetiva.
9. opção b – Há intenção em comparar a eternidade e o estirão.
10. Opção d - "É da história do mundo que (1-conjunção integrante que introduz oração substantiva subjetiva) as elites nunca introduziram mudanças que (2-pronome relativo com antecedente) favorecessem a sociedade como um todo. Estaríamos nos enganando se achássemos que (3-introduz oração subordinada substantiva objetiva direta) estas lideranças empresariais aqui reunidas teriam motivação para fazer a distribuição de poderes e rendas que (4-pronome relativo com antecedente) uma nação equilibrada precisa ter."
11. Opção e – São orações independentes, sendo a segunda introduzida pela conjunção MAS, que é adversativa.
12. opção a – O pronome refere-se ao antecedente suaves coisas.
13. opção c – A primeira é conjunção integrante que introduz oração subordinada substantiva predicativa; a segunda pronome relativo ao antecedente “baratas”.

8. QUESTÕES DE ORAÇÕES REDUZIDAS

1. (Escola de Marinha Mercante) No período: "Convém evitar sempre a injustiça", a oração subordinada é:
a) substantiva objetiva direta;
b) substantiva subjetiva;
c) substantiva objetiva indireta;
d) substantiva completiva nominal;
e) substantiva predicativa.

2. (Objetivo-SP) Classifique a oração destacada: "*Sem estudar*, você será reprovado".
a) oração reduzida de infinitivo, concessiva;
b) oração reduzida de infinitivo, conformativa;
c) oração reduzida de infinitivo, condicional;
d) oração subordinada causal;
e) oração subordinada temporal.

3. (UFRJ/UERJ/CEFET-RJ) "... únicas moradias erguidas no Rio para abrigar flagelados."
Substitua a oração reduzida de infinitivo do trecho acima por uma construção nominal.

4. (UM-SP)
A- Sua palavra foi a primeira *a perder o significado naquele agitado contexto.*
B - Tenho necessidade *de me apoiares nesta complicada situação.*
C - *Antes de repelir seus mestres,* procure compreende-los.

Analisando os períodos A, B e C, concluímos que as frases neles destacadas são três orações reduzidas. Desdobrando-as, obteremos, respectivamente:
a) uma adjetiva, uma substantiva, uma adverbial;
b) uma adjetiva, uma adverbial, uma substantiva;
c) três adverbiais;
d) uma adjetiva, duas adverbiais;
e) uma adverbial, duas adjetivas.

5. (CESGRANRIO-RJ) Assinale a alternativa em que se altera o sentido da oração destacada em:
"Agindo indiscriminadamente sobre a maioria dos insetos..., (os inseticidas) produziram graves desequilíbrios biológicos."
a) Por agirem indiscriminadamente sobre a maioria dos insetos.
b) Como agissem indiscriminadamente sobre a maioria dos insetos.
c) Além de agirem indiscriminadamente sobre a maioria dos insetos.
d) Em razão de agirem indiscriminadamente sobre a maioria dos insetos.
e) Em virtude de agirem indiscriminadamente sobre a maioria dos insetos.

6. (UF S. Carlos-SP) Assinale a alternativa em que não há correspondência adequada entre a oração reduzida e a desenvolvida de cada par:
a) *Contendo as despesas,* o governo reduzirá a inflação. / *Desde que contenha as despesas,* o governo reduzirá a inflação.
b) "Abomina o espírito de fantasia, *sendo dos que mais possuem.*" (Carlos Drummond de Andrade) / Abomina o espírito da fantasia, *embora seja um dos que mais o possuem.*
c) *Equacionado o problema,* a solução será mais fácil. / *Depois que se equaciona o problema,* a solução é mais fácil.
d) "*Julgando inúteis as cautelas,* curvei-me à fatalidade." (Graciliano Ramos) / *Como julguei inúteis as cautelas,* curvei-me à fatalidade.
e) *Tendo tantos amigos,* não achou quem o apoiasse. / *Quando tinha muitos amigos,* não achou quem o apoiasse.

7. (PUC-SP) Leia com atenção:
"As nuvens são cabelos
crescendo como rios;
são os gestos brancos
da cantora muda."

Nessa estrofe de João Cabral de Melo Neto, há uma oração reduzida de gerúndio.
a) Identifique essa oração e classifique-a em relação à oração principal.
b) Reescreva essa oração, tornando-a desenvolvida.

8. (UM-SP) Assinale o período que contenha uma oração reduzida com valor de adjetivo.
a) O ônibus parou na rua transversal para assustar passageiros.
b) Correndo assustado, o menino foi chamar o guarda.
c) Os garotos vestindo camisetas velhas reclamavam apenas uma penca de bananas meio amassadas.
d) Faça das entranhas coração para obter, um dia, a rara felicidade dos humanos.
e) Moleques de carrinho dirigiam-se a várias direções, atropelando-se uns aos outros.

9. (UF-MG) A oração reduzida está corretamente desenvolvida em todas as alternativas, exceto em:
a) Mesmo correndo muito, não alcançarás o expresso da meia-noite.
***Se correres muito,* não alcançarás o expresso da meia-noite.**
b) Assentando-te aqui, não verás os jogadores.
***Se te assentares aqui,* não verás os jogadores.**
c) Estando ela de bom humor, a noite era das melhores.
***Quando ela estava de bom humor,* a noite era das melhores.**
d) Chegando a seca, não se colheria um só fruto.
***Quando chegasse a seca,* não se colheria um só fruto.**
e) No princípio, querendo impor-se, adotava atitudes postiças.
No princípio, *porque queria impor-se,* adotava atitudes postiças.

10. (Méd. Pouso Alegre - MG) Assinale o item em que há oração subordinada adverbial condicional reduzida de particípio.
a) Feita a partilha, o leão tomou a palavra.
b) Armado com tais provas, até eu o enfrentaria.
c) A tropa, acampada às margens do Iguaçu, foi surpreendida.
d) Ernestina estava certa de ser a escolhida.
e) Transposto o rio, seguimos viagem

MAIS EXERCÍCIOS

Classifique as orações reduzidas em negrito, conforme as opções abaixo:
(1) de gerúndio adverbial causal

(2) de gerúndio adverbial concessiva

(3) de infinitivo adverbial final

(4) de gerúndio adjetiva restritiva

(5) de infinitivo adverbial temporal

(6) de particípio adverbial causal

(7) de infinitivo adverbial consecutiva

a) Viemos para colaborar ( ). Ou viemos a fim de incomodar. ( )

b) Pulavam, cantavam, gritavam, para acordar toda vizinhança.( )

c) Há muita gente reclamando da administração pública. ( )

d) Não dispondo de combustíveis, os países escandinavos utilizam energia elétrica em grande escala. ( )

e) Aborrecido com as crianças, xinguei-as. ( )

f) Era tão valente, que, estando malferido ( ) , continuou a lutar. ( )

2. Desenvolva e classificar as seguintes orações reduzidas:

01) Construída a estrada, tornar-se-á fácil ir ao Norte.

____

____

02) Insisto em seres leal.

____

____

03) Sabemos estar você muito triste.

____

____

04) Terminado o recital, o artista foi aplaudido.

____

____

05) Preparando-se para o jogo, os meninos não irão sair.

____

____

06) Todos fizeram o firme propósito de não mais falar da vida alheia.

____

____

07) Era preciso rezarmos àquela hora.

____

____

08) Já pedi dinheiro para comprar mais selos.

____

____

09) A velhinha, arrastando a cesta pesada, agradeceu a caridade...

____

____

10) Descoberto o perigo, procurou-se evitá-lo.

____

____

11) As crianças, brincando pelas ruas, alegravam os transeuntes.

12) Estas são as entradas obtidas no clube.

13) É necessário você entender isto.

14) Meu consolo era alegrar aquela menina.

15) Disse não saber de nada.

16) Convém apurares a verdade.

17) Fazer o bem é um dever.

18) O pai pediu ao filho para brincar menos.

19) Tenho certeza de ser bem sucedido.

20) O essencial é salvarmos nossa alma.

21) O diretor concordou em realizar o concurso.

22) Nada farei sem você ordenar.

23) Não obtendo resultado, fustigou-o com a bainha da faca.

24) O mais certo é não dirigires sem carteira.

25) É possível começarmos no próximo sábado.

26) Suponho serem eles os responsáveis.

27) O êxito depende de teres confiança em ti mesmo.

28) Tenho esperança de ser eleito este ano.

29) O mais certo é desistires desta loucura.

30) Uma coisa me assombrava: terem eles mentido.

31) Nossa teoria fora a primeira a cair por terra.

32) Não iremos hoje, apesar de já termos as passagens.

33) Ao entrar o diretor, os alunos se levantaram.

34) Em vista de achar-me endividado, não pude aproveitar o negócio.

35) Ergueu a lanterna para iluminar-nos a estrada.

36) O pregador encareceu a necessidade de sermos amantes da paz.

37) Rogo-te responderes à carta urgentemente.

VI. Separe as orações dos períodos e classifique-as:

01) Em alguns pontos, a areia é tão fofa e movediça que os animais das tropas viajeiras arquejam de cansaço quando vencem aquele terreno incerto.

02) Ele falou de minha mãe com tanto carinho que me cativou, embora eu ficasse enciumada.

____

____

03) Depois que ele partiu, tão grandes foram as mudanças que terá surpresas quando voltar.

____

____

04) Quando o Oceano arremessa a fúria de suas águas contra o Amazonas, o rei dos rios ruge furioso se os vagalhões ameaçam seu colossal império.

____

==

GABARITO E COMENTÁRIOS

1. opção B - oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de gerúndio.
2. Opção C – A oração é reduzida do infinitivo (verbo estudar) e condicional, pois equivale a se você não estudar, você será reprovado.
3. RESPOSTA: Únicas moradias erguidas no Rio para abrigo dos flagelados.
4.opção A – uma adjetiva, uma substantiva, uma adverbial;
A - A oração *a perder o significado naquele agitado contexto funciona como adjunto adnominal do termo primeiro*, por isso é adjetiva.
B – "*de me apoiares nesta complicada situação*" funciona como complemento nominal oracional da oração principal, por isso é oração subordinada substantiva completiva nominal. Porque a preposição liga-se ao nome da oração principal.
C – "Antes *de repelir seus mestres*" é uma oração subordinada adverbial temporal, atua como advérbio que exprime tempo.
5. Opção c – O oração é subordinada adverbial temporal reduzida do gerúndio. A locução "além de" expressa um sentido diferente do original.
6. opção E – A correspondência correta estabelece concessão: "Embora tivesse muitos amigos, não achou quem o apoiasse."
7 A - Crescendo - Reduzida de Gerúndio - Subordinada adjetiva – Restritiva
7 B - Que crescem como rios.
8.opção C –A oração é subordinada adjetiva restritiva e equivale a: Os garotos que vestiam camisetas velhas reclamavam apenas uma penca de bananas meio amassadas.
9.opção A – Não há equivalência porque a primeira é concessiva e a outra é condicional.
10.opção B – Equivale a: Se estivesse armado com tais provas, até eu o enfrentaria.

EXERCÍCIOS
Classifique as orações reduzidas em negrito, conforme as opções abaixo:
(1) de gerúndio adverbial causal
(2) de gerúndio adverbial concessiva
(3) de infinitivo adverbial final
(4) de gerúndio adjetiva restritiva
(5) de infinitivo adverbial temporal
(6) de particípio adverbial causal
(7) de infinitivo adverbial consecutiva

a) Viemos para colaborar (3). Ou viemos a fim de incomodar. (3) – Indicam intenção, finalidade do que se declara da oração principal.

b) Pulavam, cantavam, gritavam, para acordar toda vizinhança. (3) – Indicam intenção, finalidade do que se declara da oração principal.

c) Há muita gente reclamando da administração pública. (4) – restringe o antecedente e equivale a "que reclama da administração pública"

d) Não dispondo de combustíveis, os países escandinavos utilizam energia elétrica em grande escala. (1) – Há relação de causa entre as orações “porque na dispunham de combustíveis, os países escandinavos utilizam energia elétrica em grande escala.”

e) Aborrecido com as crianças, xinguei-as. (6) – Há relação de causa entre as orações: “porque estava aborrecido com as crianças, xinguei-as.”

f) Era tão valente, que, estando malferido (2) , continuou a lutar. (7)
Na primeira há relação concessiva: “Era tão valente, que apesar de malferido,...”
A segunda é conseqüência da primeira: “Era tão valente que continuou a lutar.”

2. Desenvolva e classifique as seguintes orações reduzidas:

01) Construída a estrada, tornar-se-á fácil ir ao Norte.
Subordinada adverbial temporal reduzida de particípio
Assim que construírem a estrada, tornar-se-á fácil ir ao Norte.

02) Insisto em seres leal.
Subordinada substantiva objetiva indireta reduzida de infinitivo
Insisto em que sejas leal.

03) Sabemos estar você muito triste.
Subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo
Sabemos que você está muito triste.

04) Terminado o recital, o artista foi aplaudido.
Subordinada adverbial temporal reduzida de particípio.
Quando terminou o recital, o artista foi aplaudido.

05) Preparando-se para o jogo, os meninos não irão sair.
Subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio.
Porque estão se preparando para o jogo, os meninos não irão sair.

06) Todos fizeram o firme propósito de não mais falar da vida alheia.
Subordinada substantiva completiva nominal, reduzida de particípio.
Todos fizeram o firme propósito de que não mais falariam da vida alheia.

07) Era preciso rezarmos àquela hora.
Subordinada substantiva subjetiva reduzida de particípio.
Era preciso que rezássemos àquela hora.

08) Já pedi dinheiro para comprar mais selos.
Já pedi dinheiro a fim de que comprasse mais selos.

09) A velhinha, arrastando a cesta pesada, agradeceu a caridade...
Oração subordinada adjetiva explicativa reduzida de gerúndio
A velhinha, que arrastava a cesta pesada, agradeceu a caridade.

10) Descoberto o perigo, procurou-se evitá-lo.
Oração subordinada adverbial temporal reduzida de particípio.
Quando se descobriu o perigo, procurou-se evitá-lo.

11) As crianças, brincando pelas ruas, alegravam os transeuntes.
Subordinada adjetiva explicativa, reduzida de gerúndio.
As crianças, que brincavam pelas ruas, alegravam os transeuntes.

12) Estas são as entradas obtidas no clube.
Subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio
Estas são as entradas que foram obtidas no clube

13) É necessário você entender isto.
Subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo.
É necessário você entender isto.

14) Meu consolo era alegrar aquela menina.
Subordinada substantiva predicativa, reduzida de infinitivo.
Meu consolo era que alegrasse aquela menina

15) Disse não saber de nada.
Subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo.
Disse que não sabia de nada.

16) Convém apurares a verdade.
Subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo
Convém que apures a verdade.

17) Fazer o bem é um dever.
Subordinada substantiva subjetiva, reduzida de infinitivo
Que se faça o bem é um dever

18) O pai pediu ao filho para brincar menos.
Subordinada adverbial final, reduzida de infinitivo
O pai pediu ao filho para que brincasse menos.

19) Tenho certeza de ser bem sucedido.
Subordinada substantiva completiva nominal, reduzida de infinitivo
Tenho certeza de que serei bem sucedido.

20) O essencial é salvarmos nossa alma.
Subordinada substantiva predicativa, reduzida de infinitivo.
O essencial é que salvemos nossa alma

21) O diretor concordou em realizar o concurso.
Subordinada substantiva objetiva indireta reduzida de infinitivo.
O diretor concordou em que realizássemos o concurso.

22) Nada farei sem você ordenar.
Subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo
Nada farei sem que você ordene.

23) Não obtendo resultado, fustigou-o com a bainha da faca.
Subordinada adverbial temporal, reduzida de gerúndio.
Porque não obteve resultado, fustigou-o com a bainha da faca

24) O mais certo é não dirigires sem carteira.
Subordinada substantiva predicativa, reduzida de infinitivo.
O mais certo é que não dirijas sem carteira

25) É possível começarmos no próximo sábado.
Subordinada substantiva subjetiva, reduzida de infinitivo.
É possível que comecemos no próximo sábado

26) Suponho serem eles os responsáveis.
Subordinada substantiva objetiva direta, reduzida de infinitivo.
Suponho que eles sejam os responsáveis.

27) O êxito depende de teres confiança em ti mesmo.
Subordinada substantiva objetiva indireta, reduzida de infinitivo
O êxito depende de que tenhas confiança em ti mesmo.

28) Tenho esperança de ser eleito este ano.
Subordinada substantiva completiva nominal, reduzida de infinitivo
Tenho esperança de que serei eleito este ano.

29) O mais certo é desistires desta loucura.
Subordinada substantiva predicativa, reduzida de infinitivo.
O mais certo é que desistas desta loucura

30) Uma coisa me assombrava: terem eles mentido.
Subordinada substantiva apositiva, reduzida de infinitivo.
Uma coisa me assombrava: que eles tivessem mentido.

31) Nossa teoria fora a primeira a cair por terra.
Subordinada adjetiva restritiva, reduzida de infinitivo.
Nossa teoria fora a primeira que caiu por terra

32) Não iremos hoje, apesar de já termos as passagens.
Subordinada adverbial concessiva, reduzida de infinitivo
Não iremos hoje, apesar de que já temos as passagens

33) Ao entrar o diretor, os alunos se levantaram.
Subordinada adverbial temporal, reduzida de infinitivo.
Quando entrou o diretor, os alunos se levantaram.

34) Em vista de achar-me endividado, não pude aproveitar o negócio.
Subordinada adverbial causal, reduzida de infinitivo.
Porque achava-me endividado, não pude aproveitar o negócio.

35) Ergueu a lanterna para iluminar-nos a estrada.
Subordinada adverbial final, reduzida de infinitivo
Ergueu a lanterna para que iluminasse a estrada

36) O pregador esclareceu a necessidade de sermos amantes da paz.
Subordinada substantiva completiva nominal, reduzida de infinitivo
O pregador esclareceu a necessidade de que sejamos amantes da paz

37) Rogo-te responderes à carta urgentemente.
Subordinada substantiva objetiva direta, reduzida de infinitivo.
Rogo-te que respondas à carta urgentemente

VI. Separe as orações dos períodos e classifique-as:

01) Em alguns pontos, a areia é tão fofa e movediça / que os animais das tropas viajeiras arquejam de cansaço / quando vencem aquele terreno incerto.
Oração principal
Oração subordinada adverbial consecutiva
Oração subordinada adverbial temporal

02) Ele falou de minha mãe com tanto carinho / que me cativou, / embora eu ficasse enciumada.
1. Oração principal
  2. Oração subordinada adverbial consecutiva
  3. Oração subordinada adverbial concessiva

03) Depois que ele partiu, / tão grandes foram as mudanças / que terá surpresas quando voltar.
1. Subordinada adverbial temporal
  2. Oração Principal
  3. Subordinada adverbial consecutiva

04) Quando o Oceano arremessa a fúria de suas águas contra o Amazonas, / o rei dos rios ruge furioso / se os vagalhões ameaçam seu colossal império.
Subordinada adverbial temporal
Oração Principal
Subordinada adverbial condicional

9. COLOCAÇÃO DO PRONOME

1. (IBGE) Assinale a opção que apresenta o emprego correto do pronome, de acordo com a norma culta:

a) O diretor mandou eu entrar na sala.

b) Preciso falar consigo o mais rápido possível.

c) Cumprimentei-lhe assim que cheguei.

d) Ele só sabe elogiar a si mesmo.

e) Após a prova, os candidatos conversaram entre eles.

1. opção D – O pronome si é reflexivo e está corretamente e refere-se ao sujeito "ele".

Vejamos os erros das outras opções:

a- O correto seria mandou-me;
b- O correto seria contigo (2ª pessoa) , consigo refere-se a si mesmo;
c- O correto seria cumprimentei-o (-o é objeto direto);

e- O correto seria conversaram entre si (reflexivo)

2. (IBGE) Assinale a opção em que houve erro no emprego do pronome pessoal em relação ao uso culto da língua:

a) Ele entregou um texto para mim corrigir.

b) Para mim, a leitura está fácil.

c) Isto é para eu fazer agora.

d) Não saia sem mim.

e) Entre mim e ele há uma grande diferença.

2. opção A – O correto seria para EU corrigir, já que a norma culta determina que se após o pronome, vier o infinitivo, será usado o pronome eu: preposição /EU / infinitivo

3. (U-UBERLÂNDIA) Assinale o tratamento dado ao reitor de uma Universidade:

a) Vossa Senhoria d) Vossa Magnificência

b) Vossa Santidade e) Vossa Paternidade

c) Vossa Excelência

3. opção D – De acordo com a norma culta, o pronome a ser utilizado é Vossa Magnificência.

4. (BB) Colocação incorreta:

a) Preciso que venhas ver-me. d) Sempre negaram-me tudo.

b) Procure não desapontá-lo. e) As espécies se atraem.

c) O certo é fazê-los sair.

4. opção D – Está errado porque a próclise (pronome antes do verbo) é obrigatória quando houver a presença do advérbio sempre.

5. (EPCAR) Imagine o pronome entre parênteses no lugar devido e aponte onde não deve haver próclise:

a) Não entristeças. (te)

b) Deus favoreça. (o)

c) Espero que faças justiça. (se)

d) Meus amigos, apresentem em posição de sentido. (se)

e) Ninguém faça de rogado. (se)

5. opção D – A próclise só obrigatória: com palavras negativas, com conectivos (conjunções subordinativas e pronomes relativos); com alguns advérbios; com palavras interrogativas; com palavras interrogativas.

6. (TTN) Assinale a frase em que a colocação do pronome pessoal oblíquo não obedece às normas do português padrão:

a. Essas vitórias pouco importam; alcançaram-nas os que tinham mais dinheiro.
b. Entregaram-me a encomenda ontem, resta agora a vocês oferecerem-na ao chefe.
c. Ele me evitava constantemente!... Ter-lhe-iam falado a meu respeito?
d. Estamos nos sentindo desolados: temos prevenido-o várias vezes e ele não nos escuta.
e. O Presidente cumprimentou o Vice dizendo: - Fostes incumbido de difícil missão, mas cumpriste-la com denodo e eficiência.

6. opção D – O correto seria : Estamos sentindo-nos...(posição correta do pronome, embora seja aceita a próclise): temos prevenido-lhe (lhe é objeto indireto do verbo prevenir).

7. (FTU) A frase em que a colocação do pronome átono está em desacordo com as normas vigentes no português padrão do Brasil é:

a) A ferrovia integrar-se-á nos demais sistemas viários.

b) A ferrovia deveria-se integrar nos demais sistemas viários.

c) A ferrovia não tem se integrado nos demais sistemas viários.

d) A ferrovia estaria integrando-se nos demais sistemas viários.

e) A ferrovia não consegue integrar-se nos demais sistemas viários.

7. opção B – Embora a próclise (pronome antes do verbo) seja aceita, a norma culta determina que seja a ênclise(posição dos pronomes após o verbo).

8. (FFCL-SANTO ANDRÉ) Assinale a alternativa correta:

a) A solução agradou-lhe. d) Darei-te o que quiseres.

b) Eles diriam-se injuriados. e) Quem contou-te isso?

c) Ninguém conhece-me bem.

8. opção A – O pronome –lhe funciona como objeto indireto. Vejamos os erros das outras:

B – Também está correta.

C – O correto seria Ninguém me conhece bem. (como vimos a próclise é obrigatória com alguns advérbios);

D - O correto seria Dar-te-ei (o verbo está no futuro do presente, há mesóclise);

9. (CESGRANRIO) Indique a estrutura verbal que contraria a norma culta:

a) Ter-me-ão elogiado. d) Temo-nos esquecido.

b) Tinha-se lembrado. e) Tenho-me alegrado.

c) Teria-me lembrado.

9.opção C -

10. (MACK) A colocação do pronome oblíquo está incorreta em:

a) Para não aborrecê-lo, tive de sair.

b) Quando sentiu-se em dificuldade, pediu ajuda.

c) Não me submeterei aos seus caprichos.

d) Ele me olhou algum tempo comovido.

e) Não a vi quando entrou.

10. opção B – O correto é a próclise "Quando se sentiu em dificuldade..."

11. (MACK) Assinale a alternativa que apresenta erro de colocação pronominal:

a) Você não devia calar-se.

b) Não lhe darei qualquer informação.

c) O filho não o atendeu.

d) Se apresentar-lhe os pêsames, faço-o discretamente.

e) Ninguém quer aconselhá-lo.

11. opção D – Na primeira oração, correto seria a próclise: Se lhe apresentar os pêsames.

12. (EPCAR) O que é pronome interrogativo na frase:

a) Os que chegaram atrasados farão a prova?

b) Se não precisas de nós, que vieste fazer aqui?

c) Quem pode afiançar que seja ele o criminoso?

d) Teria sido o livro que me prometeste?

e) Conseguirias tudo que desejas?

12. opção B – O que nessa frase interrogativa substitui um substantivo.

13. (TFT-MA) "O individualismo não a alcança." A colocação do pronome átono está em desacordo com a norma culta da língua, na seguinte alteração da passagem acima:

a) O individualismo não a consegue alcançar.

b) O individualismo não está alcançando-a.

c) O individualismo não a teria alcançado.

d) O individualismo não tem alcançado-a.

e) O individualismo não pode alcançá-la.

13. opção D – O correto seria a alcançado, pois a ênclise do particípio nunca será aceita.

14. (SANTA CASA) Há um erro de colocação pronominal em:

a) "Sempre a quis como namorada."

b) "Os soldados não lhe obedeceram as ordens."

c) "Todos me disseram o mesmo."

d) "Recusei a idéia que apresentaram-me."

e) "Quando a cumprimentaram, ela desmaiou."

14. opção D – O correto é Recusei a idéia que me apresentaram (próclise obrigatória se houver conjunção que).

15. (BB) Pronome empregado incorretamente:

a) Nada existe entre eu e você.

b) Deixaram-me fazer o serviço.

c) Fez tudo para eu viajar.

d) Hoje, Maria irá sem mim.

e) Meus conselhos fizeram-no refletir.

15. opção A – É entre mim e você (não há verbo infinitivo que justifique a presença do pronome eu)

17. (SANTA CASA) Do lugar onde ...., ... um belo panorama, em que o céu ...... com a terra.

a) se encontravam - divisava-se - se ligava

b) se encontravam - divisava-se - ligava-se

c) se encontravam - se divisava - ligava-se

d) encontravam-se - divisava-se - se ligava

e) encontravam-se - se divisava - se ligava

17. opção A – Os casos de próclise justificam-se pelos pronomes e a ênclise é a posição normal para a norma culta.

18. (UF-RJ) Numa das frases, está usado indevidamente um pronome de tratamento. Assinale-a:

a. Os Reitores das Universidades recebem o título de Vossa Magnificência.
b. Sua Excelência, o Senhor Ministro, não compareceu à reunião.
c. Senhor Deputado, peço a Vossa Excelência que conclua a sua oração.
d. Sua Eminência, o Papa Paulo VI, assistiu à solenidade.
e. Procurei o chefe da repartição, mas Sua Senhoria se recusou a ouvir as minhas explicações.

18,opção D – O pronome de tratamento para referir-se ao Papa é Vossa Santidade.

20. (CARLOS CHAGAS) "Se é para .... dizer o que penso, creio que a escolha se dará entre ...."

a) mim, eu e tu d) eu, mim e tu

b) mim, mim e ti e) eu, eu e ti

c) eu, mim e ti

20. opção C – para eu dizer / entre mim e ti (Se após a preposição e o pronome vier o infinitivo, o pronome correto será eu, se não vier o verbo, deve-se utilizar os pronome mim)

21. (MACK) A única frase em que há erro no emprego do pronome oblíquo é:

a) Eu o conheço muito bem.

b) Devemos preveni-lo do perigo.

c) Faltava-lhe experiência.

d) A mãe amava-a muito.

e) Farei tudo para livrar-lhe desta situação.

21. opção E – O certo é para livra-lo, pois o verbo é transitivo direto.

COLOCAÇÃO DOS PRONOMES

1 - D 23 - D 45 - D 67 - D 89 - A

2 - A 24 - D 46 - D 68 - B 90 - E

3 - D 25 - D 47 - E 69 - E 91 - D

4 - D 26 - E 48 - C 70 - C 92 - A

5 - D 27 - E 49 - E 71 - B 93 - B

6 - D 28 - C 50 - A 72 - D 94 - B

7 - B 29 - B 51 - E 73 - A 95 - A

8 - A 30 - E 52 - A 74 - B 96 - D

9 - C 31 - D 53 - A 75 - C 97 - C

10 - B 32 - B 54 - A 76 - C 98 - B

11 - D 33 - B 55 - B 77 - A 99 - D

12 - B 34 - E 56 - A 78 - B 100 - B

13 - D 35 - C 57 - D 79 - E

14 - D 36 - B 58 - E 80 - C

15 - A 37 - E 59 - C 81 - A

16 - A 38 - C 60 - A 82 - D

17 - A 39 - D 61 - E 83 - A

18 - D 40 - C 62 - B 84 - E

19 - B 41 - D 63 - C 85 - B

20 - C 42 - D 64 - C 86 - A

21 - E 43 - A 65 - A 87 - C

22 - E 44 - A 66 - B 88 – E

10. EMPREGO DOS PRONOMES

26. (FGV) Assinale o item em que há erro quanto ao emprego dos pronomes se, si ou consigo:

a) Feriu-se quando brincava com o revólver e o virou para si.

b) Ele só cuidava de si.

c) Quando V. S^{a} vier, traga consigo a informação pedida.

d) Ele se arroga o direito de vetar tais artigos.

e) Espere um momento, pois tenho de falar consigo.

26. opção E – Consigo é reflexivo, o correto é contigo que se refere a 2ª pessoa.

27. (PUC) Assinale a alternativa que preencha corretamente as lacunas da frase ao lado: "........................... da terra natal, ... para as antigas sensações adormecidas."

a) Nos lembrando - despertamos-nos

b) Nos lembrando - despertamo-nos

c) Lembrando-nos - despertamos-nos

d) Nos lembrando - nos despertamos

e) Lembrando-nos - despertamo-nos

28. (FATEC) Indique em que alternativa os pronomes estão bem empregados:

a) Deixou ele sair.

b) Mandou-lhe ficar de guarda.

c) Permitiu-lhe, a ele, fazer a ronda.

d) Procuram-o por toda a parte.

e) n.d.a

28. opção C - -lhe é objeto indireto.

29. (FATEC) Assinale o mau emprego do pronome:

a) Aquela não era casa para mim, comprá-la com que dinheiro?

b) Entre eu e ela nada ficou acertado.

c) Estava falando com nós dois.

d) Aquela viagem, quem não a faria?

e) Viram-no mas não o chamaram.

29. opção B – O certo é entre mim e ela já que não há infinitivo.

30. (SANTA CASA) Os técnicos .... bem para os jogos, mas, ... contra nova derrota, pediam que treinasse ainda mais.

a) o haviam preparado - se tentando precaver

b) haviam preparado-o - se tentando precaver

c) haviam preparado-o - tentando precaver-se

d) haviam-no preparado - se tentando precaver

e) haviam-no preparado - tentando precaver-se

31. (SANTA CASA) Nas frases abaixo:

I. Os miúdos corriam barulhentos, me pedindo dinheiro.
II. Dizia ele cousas engraçadas, coçando-se todo.
III. Ficarei no lugar onde encontro-me. Tem sombra.
IV. Quando me vi sozinho, tremi de medo.

A ênclise e a próclise foram corretamente empregadas:

a) nas orações I e II d) nas orações II e IV

b) nas orações III e IV e) em todas as orações

c) nas orações I e III

32. (SANTA CASA) Devemos .... da tempestade.

a) resguardar-mo-nos d) resguardarmo-nos

b) resguardar-nos e) resguardar-mos

c) resguardarmos-nos

33. (FAAP) Assinale a alternativa em que a colocação pronominal não corresponde ao que preceitua a gramática:

a. Há muitas estrelas que nos atraem a atenção.
b. Jamais dar-te-ia tanta explicação, se não fosses pessoa de tanto merecimento.
c. A este compete, em se tratando do corpo da Pátria, revigorá-lo com o sangue do trabalho.
d. Não o realizaria, entretanto, se a árvore não se mantivesse verde sob a neve.
e. n.d.a

34. (CARLOS CHAGAS) Os projetos que .... estão em ordem; .... ainda hoje, conforme ....

a) enviaram-me, devolvê-los-ei, lhes prometi

b) enviaram-me, os devolverei, lhes prometi

c) enviaram-me, os devolverei, prometi-lhes

d) me enviaram, os devolverei, prometi-lhes

e) me enviaram, devolvê-los-ei, lhes prometi

35. (CARLOS CHAGAS) Quando .... as provas, ... imediatamente.

a) lhes entregarem, corrijam-as

b) lhes entregarem, corrijam

c) lhes entregarem, corrijam-nas

d) entregarem-lhes, corrijam-as

e) entregarem-lhes, as corrijam

36. (CARLOS CHAGAS) Quem .... estragado que .... de ....

a) o trouxe - encarregue-se - consertá-lo

b) o trouxe - se encarregue - consertá-lo

c) trouxe-o - se encarregue - o consertar

d) trouxe-o - se encarregue - consertá-lo

e) trouxe-o - encarregue-se - o consertar

37. (BRÁS CUBAS) Apontar a sentença que deverá ser corrigida:

a) Poderá resolver-se o caso imediatamente.

b) Sabes o que se deverá dizer ao professor?

c) Poder-se-á resolver o caso imediatamente.

d) Sabe o que deverá dizer-se ao professor?

e) Poderá-se resolver o caso imediatamente.

38. (FMU) Assinale a única alternativa em que haja erro no emprego dos pronomes:

a) Vossa Excelência e seus convidados.

b) Mandou-me embora mais cedo.

c) Vou estar consigo amanhã.

d) Vós e vossa família estais convidados para a festa.

e) Deixei-o encarregado da turma.

39. (UF-SC) Observe os períodos abaixo:

I. Nunca soubemos quem roubava-nos nas medidas.
II. Pouco se sabe a respeito de novas fontes energéticas.
III. Nada chegava a impressioná-lo na juventude.
IV. Dar-lhe-emos novas oportunidades.
V. Eles apressaram-se a convidar-nos para a festa.

a) Estão corretas I, II, III d) Estão corretas II, III, IV

b) Estão corretas II, III, V e) Estão corretas I, III, IV

c) Estão corretas III, IV, V

40. (SÃO JUDAS) Assinale a alternativa errada quanto à colocação pronominal:

a) Apesar de se contrariarem não me fariam mudar de idéia.

b) Que Deus te acompanhe por toda a parte.

c) Isso não me admira: eu também contrariei-me com o caso.

d) Conforme foi decidido espero que todos se compenetrem de seu dever.

e) n.d.a

41. (FECAP) Assinale a frase gramaticalmente correta:

a) Quando recebe-o em minha casa, fico feliz.

b) Tudo fez-se como você mandou.

c) Por este processo, teriam-se obtido melhores resultados.

d) Em se tratando disto, podemos contar com ele.

e) Me levantei assim que você saiu.

42. (UNB) Assinale a melhor resposta - O resultado das combinações: "põe + o", "reténs + as", "deduz + a", é:

a) pões-lo, reténs-la, dedu-la d) põe-no, retém-las, dedu-la

b) põe-no, retém-nas, dedu-la e) põe-lo, retém-las, dedu-la

c) pões-lo, retém-las, deduz-la

43. (UM-SP) Ninguém atinge a perfeição alicerçado na busca de valores materiais, nem mesmo os que consideram tal atitude um privilégio dado pela existência. Os pronomes destacados no período acima classificam-se, respectivamente, como:

a) indefinido - demonstrativo - relativo - demonstrativo

b) indefinido - pessoal oblíquo - relativo - indefinido

c) de tratamento - demonstrativo - indefinido - demonstrativo

d) de tratamento - pessoal oblíquo - indefinido - demonstrativo

e) demonstrativo - demonstrativo - relativo - demonstrativo

44. (UEPG-PR) "Toda pessoa deve responder pelos compromissos assumidos." A palavra destacada é:

a) pronome adjetivo indefinido

b) pronome substantivo indefinido

c) pronome adjetivo demonstrativo

d) pronome substantivo demonstrativo

e) nenhuma das alternativas acima é correta

45. (BB) O funcionário que se inscrever, fará prova amanhã.

Colocação do pronome - no texto:

1. Ocorre próclise em função do pronome relativo. 2. Deveria ocorrer ênclise.

3. A mesóclise é impraticável. 4. Tanto a ênclise como a próclise são

aceitáveis.

a) correta apenas a primeira afirmativa

b) apenas a terceira é correta

c) somente a segunda é correta

d) são corretas a primeira e a terceira

e) a quarta é a única correta

46. (BB) Pronome mal colocado:

a) Lá disseram-me que entrasse logo.

b) Aqui me disseram que saísse. Chamem-me.

c) Posso ir, se me convidarem.

d) Irei, se quiserem-me.

e) Estou pronto.

47. (BB) Opção com pronome oblíquo colocado incorretamente:

a) Devemos lhe contar isto.

b) Devemos contar-lhe isto.

c) Não lhe devemos contar isso.

d) Deveríamos ter-lhe contado isto

e) Deveríamos ter contado-lhe isto.

48. (EECAR) Imagine o pronome entre parênteses no devido lugar e aponte a opção em que não deve haver próclise:

a) Não desobedeças. (me)

b) Deus pague. (lhe)

c) Caro amigo, dize a verdade. (me)

d) A mão que estendemos é amiga. (te)

e) Assim que sentiu prejudicado, saiu. (se)

49. (ITA) Dada as sentenças:

1. Seria-nos mui conveniente receber tal orientação.

2. Em hipótese alguma enganaria-te.

3. Você é a pessoa que delatou-me.

Constatamos que está (estão) correta(s):

a) apenas a sentença número 1

b) apenas a sentença número 2

c) apenas a sentença número 3

d) todas as sentenças

e) n.d.a

50. (UF-PR) Quais são as frases que têm o pronome oblíquo mal empregado?

1. Ninguém falou-me jamais dessa maneira.

2. Bons ventos o levem!

3. Ele recordar-se-á com certeza do vexame sofrido.

4. As pastas que perderam-se, não foram as mais importantes.

5. Confesso que tudo me pareceu confuso.

6. Me empreste o livro!

7. Por que permitir-se-iam esses abusos?

a) 1 - 4 - 6 - 7 d) 3 - 4 - 5 - 6

b) 2 - 3 - 5 - 7 e) 1 - 3 - 5 - 7

c) 1 - 2 - 3 - 6

51. (UF-PR) Aponte a alternativa que contém o período correto quanto à colocação do pronome pessoal:

a) Se encontrá-lo, não lhe diga que viu-me.

b) Se o encontrar, não lhe diga que viu-me.

c) Se encontrá-lo, não diga-lhe que me viu.

d) Se o encontrar, não diga-lhe que me viu.

e) Se o encontrar, não lhe diga que me viu.

52. (UC-PR) Marque a alternativa que indicar as posições a serem ocupadas pelos pronomes entre parênteses:

I - Não 1 enviar 2 ão 3 tais mercadorias. (me)

II - Em 1 tratando 2 de neuróticos, esta deve ser a solução. (se)

III - Já de pé, 1 banhando 2, ouço a campainha. (me)

IV - Não 1 tinhas falado 2 disto! (me)

V - 1 vais contar 2 o que se passou. (me)

a) 1, 1, 2, 1, 2 d) 1, 2, 1, 1, 2

b) 1, 1, 1, 1, 1 e) 2, 1, 2, 2, 2

c) 3, 1, 2, 2, 1

53. (UE LONDRINA-PR) Admirou-me a despesa por que não .... que o presente .... tão caro.

a) me havias dito - iria custar-te

b) havias-me dito - iria te custar

c) me havias dito - iria-te custar

d) havias me dito - te iria custar

e) havias me dito - iria-te custar

54. (MEDICINA SANTOS-SP) Assinale a alternativa que corresponde às frases com erro de colocação pronominal:

I - Acho que não o encontrá-lo-emos mais.

II - Em se concluindo o expediente, cerraram-se as portas.

III - Não devemos ensinar-lhe a lição.

IV - Ela havia acenado-lhe com a mão.

V - Havia-me ela acenado com a mão.

VI - Muitos foram-se para o estrangeiro.

a) IV - I - VI d) III - I - V

b) IV - II - VI e) todas

c) III - V - II

55. (CATANDUVA-SP) Assinale as frases incorretas quanto à colocação dos pronomes:

1. Quando lhe deram o prêmio, por que você não o aceitou?

2. Aqueles jornais, onde os colocaste?

3. Muitos foram-se para o estrangeiro em busca de emprego.

4. Se afastares-te do local, perdê-lo-ás.

5. Faça-o como te ordenaram.

Qual a alternativa correta?

a) 2 e 3 estão incorretas d) só a 4 está incorreta

b) 3 e 4 estão incorretas e) 3, 4 e 5 estão incorretas

c) 4 e 5 estão incorretas

56. (DIREITO DE CURITIBA-PR) Marque com um V a colocação verdadeira e com um F a colocação falsa dos pronomes oblíquos nas orações abaixo:

( ) Não lhe quero chamar agora.

( ) Dir-se-ia que todos preferem lhe ocultar os fatos.

( ) Já notavam-se diferenças sensíveis nas primeiras horas.

( ) Todos querem-lhe perguntar sobre a viagem.

( ) Ele tem preocupado-se bastante com as provas.

( ) Alguém me havia falado do teu caso.

( ) Ninguém interessou-se pelo programa.

A seqüência correta de letras, de cima para baixo, é:

a) V - F - F - F - F - V - F d) V - F - F - V - F - F - V

b) F - F - F - V - V - V - F e) F - V - V - F - V - F - V

c) V - V - F - F - V - V - F

57. (PUC-RS) Complete convenientemente as lacunas: Logo que ...., ... cientes de que não ....

a) os vir - os farei - os poderemos contratar

b) os ver - fá-los-ei - poderemo-los contratar

c) vê-los - fá-los-ei - podemos contratá-los

d) os vir - fá-los-ei - podemos contratá-los

e) os ver - far-lhes-ei - poderemos contratá-los

58. (AGENTE FISCAL-PR) Distingua o item no qual a colocação dos pronomes está exata:

- **a. Vender-no-la-íamos por quê? Devolvida-me a carta, partirei. Eles e elas se desculparam. Deram-nos. O que não deve dizer-me?**
- **b. Tenho queixado-me com razão. Deram-nos. Depois de devolvido-lhe o recibo, ficarei sossegado. O que não se deve dizer? Tens a obrigação de me pagares tudo.**
- **c. Deus te abençoe! Será proveitoso estudando a lição e não decorando-a. O que não deve-se dizer? Irei quando convidar-me-ão. Se se quiser, tudo irá bem.**
- **d. Valha-me Jesus! Ó João, se levante! Tenho alcançado-te nas provas. Não se as procuram. O que me preocupa, é esta prova.**
- **e. Peça e dar-se-lhe-á. Por que vo-las venderíamos? O livro, meus amigos, hei de devolver-lho. A carta e o dinheiro não os remeterei logo. O que se não deve dizer?**

59. (UDESC) Assinale com V a colocação verdadeira e com F a colocação falsa dos pronomes oblíquos átonos, nos períodos abaixo:

( ) Ele tem dado-se muito bem com esse nosso clima.

( ) Talvez a luz contínua e ofuscante tenha-me afetado a visão.

( ) Ninguém retirara-se antes do encerramento do conclave.

( ) Tudo me parecia bem até que me alertaram do perigo que corria.

( ) Em se tratando de artes, preferimos sempre a divina música.

( ) Dir-se-ia que fatos dessa natureza não mais ocorreriam.

A seqüência correta de letras, de cima para baixo, é:

a) F, F, V, F, V, V d) F, V, V, F, V, V

b) V, V, F, V, F, F e) V, F, F, V, F, F

c) F, V, F, V, V, V

60. (ITA) O pronome pessoal oblíquo átono está bem colocado em um só dos

períodos. Qual?

- **a. Isto me não diz respeito! respondeu-me ele, afetadamente.**
- **b. Segundo deliberou-se na sessão, espero que todos apresentem-se na hora conveniente.**
- **c. Me entenda! Lhe não disse isto!**
- **d. O conselho que dão-nos os pais, levamo-los em conta mais tarde.**
- **e. Amanhã contar-te-ei por que peripécias consegui não envolver-me.**

61. (TRE-MT) Segundo a norma culta, a colocação do pronome pessoal sublinhado está incorreta em:

a) Companheiros, escutai-me!

b) Não nos iludamos, o jogo está feito.

c) Dir-se-ia que os amigos tinham prazer em falar difícil.

d) Queria convidá-lo a participar da festa.

e) Não entreguei-lhe a carta.

62. (FGV) Leia atentamente as seguintes frases:

I - João deu o livro para mim ler.

II - João deu o livro para eu ler.

A respeito das frases anteriores assinale a afirmação correta:

a. A frase I está certa, pois a preposição exige o pronome oblíquo mim.
b. A frase II está certa, pois o sujeito de ler dever ser o pronome do caso reto eu.
c. A frase I está certa, pois mim é objeto direto de deu.
d. A frase II está certa, pois para exige o pronome do caso reto eu.
e. Ambas as frases estão corretas, pois a preposição para pode exigir tanto o forma mim quanto a forma eu.

63. (CESGRANRIO) Assinale a opção que completa as lacunas da seguinte frase: Ao comparar os diversos rios do mundo, defendia com azedume e paixão a proeminência .... sobre cada um ....

a) desse, daquele d) deste, desse

b) daquele, destes e) deste, desses

c) deste, daqueles

64. (UEPG-PR) Assinale a alternativa em que a palavra onde funciona como pronome relativo:

a) Não sei onde eles estão.

b) "Onde estás que não respondes?"

c) A instituição onde estudo é a UEPG.

d) Ele me deixou onde está a catedral.

e) Pergunto onde ele conheceu esta teoria.

65. (UEPG-PR) "Toda pessoa deve responder pelos compromissos assumidos." A palavra destacada é:

a) pronome adjetivo indefinido

b) pronome substantivo indefinido

c) pronome adjetivo demonstrativo

d) pronome substantivo demonstrativo

e) nenhuma das alternativas é correta

66. (UNIRIO) Assinale o item que completa convenientemente as lacunas do trecho: A maxila e os dentes denotavam a decrepitude do burrinho; ...., porém, estavam mais gastos que ....

a) esses, aquela d) aqueles, esta

b) estes, aquela e) estes, esses

c) estes, esses

67. (LONDRINA-PR) Foram divididos .... próprios os trabalhos que .... em equipe.

a) conosco - se devem realizar

b) com nós - devem-se realizar

c) conosco - devem realizar-se

d) com nós - se devem realizar

e) conosco - devem-se realizar

68. (CARLOS CHAGAS-PR) Se ninguém .... a verdade, e se precisei lutar para ...., nada .... a respeito.

a) disse-me, a encontrar, se falou

b) disse-me, encontrá-la, se falou

c) me disse, a encontrar, falou-se

d) disse-me, encontrá-la, falou-se

e) disse-me, a encontrar, se falou

69. (CARLOS CHAGAS-PR) Quanto .... se .... no ponto que ....!

a) alegrar-nos-íamos, atendêsseis, solicitamo-vos

b) alegraríamos-nos, atendêsseis-nos, solicitamos-vos

c) alegrar-nos-íamos, atendêssei-nos, solicitamo-vos

d) nos alegraríamos, atendêsseis-nos, vos solicitamos

e) nos alegraríamos, nos atendêsseis, vos solicitamos

70. (CARLOS CHAGAS-PR) Nada .... sem que .... a ....

a) far-se-á, nos disponhamos, lhe perdoar

b) se fará, disponhamo-nos, perdoar-lhe

c) se fará, nos disponhamos, perdoar-lhe

d) far-se-á, disponhamo-nos, lhe perdoar

e) far-se-á, nos disponhamos, perdoar-lhe

71. (FIUBE-MG) Assinale o item em que não aparece pronome relativo:

a) O que queres não está aqui.

b) Temos que estudar mais.

c) A estrada por que passei é estreita.

d) A prova que faço não é difícil.

e) A festa a que assisti foi ótima.

72. (FUVEST) Conheci que (1) Madalena era boa em demasia... A culpa foi desta vida agreste que (2) me deu uma alma agreste. Procuro recordar o que (3) dizíamos. Terá realmente piado a coruja? Será a mesma que (4) piava há dois anos? Esqueço que (5) eles me deixaram e que (6) esta casa está quase deserta. Nas frases acima o que aparece seis vezes; em três delas é pronome relativo. Quais?

a) 1, 2, 4 d) 2, 3, 4

b) 2, 4, 6 e) 2, 3, 5

c) 3, 4 ,5

73. (PUC-C) Assinale a alternativa onde a palavra em destaque é pronome:

a) O homem que chegou é meu amigo.

b) Notei um quê de tristeza em seu rosto.

c) Importa que compareçamos.

d) Ele é que disse isso?

e) Vão ter que dizer a verdade.

74. (ETF-SP) Estamos certos de que V. Exa. .... merecedor da consideração que......... dispensam .... funcionários.

a) é - lhe - vossos d) sois - lhe - seus

b) é - lhe - seus e) sois - vos - vossos

c) é - vos - vossos

75. (TRT) Indique a opção incorreta:

a. Receba Vossa Excelência os cumprimentos de seus subordinados.
b. Sua Excelência, o Ministro da Justiça, chegou acompanhado de outras autoridades.
c. Reiteramos nosso apreço a Vossa Senhoria e vossos subordinados.
d. Solicitamos a Sua Senhoria que encaminhasse suas sugestões por escrito.
e. Concordamos com Vossa Excelência e com seus subordinados.

76. (TRT) Marcar o único caso de mesóclise obrigatória:

a) Sempre diria a verdade. (te)

b) Alguns arrependerão. (se) c) Contarás tudo. (me)

d) O menino não ajudará. (nos)

e)Quem resolverá a ir conosco? (se)

77. (BANESPA) Assinale a alternativa em que o uso da mesóclise é incorreto:

a) Nunca sujeitar-me-ia a tal exigência.

b) Dir-se-ia que ela tem menos de 40 anos.

c) Convencê-lo-ei, se puder.

d) Dize-me com quem andas, dir-te-ei quem és.

e) Perdoar-te-ia mil vezes, se preciso.

78. (ESAF) O pronome pessoal está empregado incorretamente em:

a) Não consegui entendê-lo naquela confusão.

b) É para mim fiscalizar aqueles volumes.

c) Tudo ficou esclarecido entre mim e ti.

d) Por favor, mande-o entrar e sentar-se.

e) Fizeram-no esperar demais hoje.

79. (ESAF) Assinale a frase em que o pronome oblíquo átono está colocado incorretamente:

a) O guarda chamou-nos a atenção para os pivetes.

b) Quantas lágrimas se derramaram pelo jovem casal!

c) Ninguém nos convencerá de que esta notícia seja verdade.

d) As pessoas afastaram-se daquele pacote suspeito.

e) O vizinho cumprimentou o casal, se retirando imediatamente.

80. (UFP-CURITIBA) Complete com os pronomes e indique a opção correta, dentre as indicadas abaixo:

1. De repente, deu-lhe um livro para .... ler.

2. De repente, deu um livro para ....

3. Nada mais há entre .... e você.

4. Sempre houve entendimentos entre .... e ti.

5. José, espere vou ....

a) ele, mim, eu, eu, consigo d) ela, mim, eu, eu, consigo

b) ela, eu, mim, eu, contigo e) ela, mim, eu, mim, contigo

c) ela, mim, mim, mim, com você

81. (CARLOS CHAGAS) Acredito que todos .... dizer que não ....

a) lhe irão - se precipite d) irão lhe - precipite-se

b) lhe irão - precipite-se e) ir-lhe-ão - se precipite

c) irão-lhe - se precipite

82. (SANTA CASA) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase inicial: Vossa Excelência .... que eu .... traga .... jornal?

a) quer - lhe - vosso d) quer - lhe - seu

b) quer - vos - seu e) quereis - lhe - vosso

c) quereis - vos - vosso

83. (FATEC) O pronome pessoal oblíquo átono está bem colocado em:

a) Certos pormenores não te interessam.

b) Queremos que todos sintam-se felizes.

c) Me empresta o lápis?

d) As cartas que enviaram-nos serão respondidas brevemente.

e) Não contar-te-ei a última novidade.

84. (SANTA CASA) Examinar as frases:

I - Aqui, despedimo-nos.

II - Nada me preocupa.

III - Aqui se arruma tudo.

IV - Contei sem magoar-te os ouvidos!

Ocorre erro na colocação dos pronomes:

a) na I e na II, apenas d) na II e na IV, apenas

b) na III e na IV, apenas e) em nenhuma delas

c) em todas as frases

85. (MACK) "Este inferno de amar - como eu amo! - / Quem mo pôs aqui n'alma ... quem foi? / Esta chama que alenta e consome, / Que é a vida - e que a vida destrói - / Como é que se veio a atear, / Quando - ai quando se há-de apagar? (Almeida Garret)

No texto, os pronomes eu - quem - este, são, respectivamente:

a) indefinido - pessoal - indefinido

b) pessoal - interrogativo - demonstrativo

c) pessoal - indefinido - demonstrativo

d) interrogativo - pessoal - indefinido

e) indefinido - pessoal - interrogativo

86. (TRE-SP) Ninguém .... àquela árdua tarefa, antes, ... a outros.

a) dedicar-se-á - passam-na d) se dedicará - passam-na

b) se dedicará - passam-a e) dedicar-se-á - passam-a

c) dedicar-se-á - passam-la

87. (TRE-SP) O auxiliar judiciário discutiu .... mesmos a respeito de possíveis desentendimentos entre .... e ....

a) conosco - eu - ti d) conosco - eu - tu

b) com nós - mim -tu e) conosco - mim - ti

c) com nós - mim - ti

88. (TRE-SP) V. Excelência .... fazer o que .... for possível, para que .... prestígio se mantenha.

a) deveis - vos - vosso d) deve - vos - seu

b) deveis - lhe - seu e) deve - lhe - seu

c) deveis - lhe - vosso

89. (TRE-SP) Traga os relatórios ainda hoje, para .... com vagar.

a) eu lê-los d) mim ler-lhes

b) mim ler-los e) eu ler-los

c) mim lê-los

90. (TRE-SP) Quando V. Senhoria .... que .... auxilie, bastar chamar-me pelo interfone que está sobre a .... mesa.

a) desejardes - vos - vossa d) desejar - vos - vossa

b) desejar - o - vossa e) desejar - o - sua

c) desejardes - vos - sua

91. (TRE-MT) A alternativa em que o emprego do pronome pessoal não obedece à norma culta brasileira é:

a) Fizeram tudo para eu ir lá.

b) Ninguém lhe ouvia as queixas.

c) O vento traz consigo a tempestade.

d) Trouxemos um presente para si.

e) Não vá sem mim.

92. (TRE-MT) Segundo a norma culta, há erro (de uso ou de colocação) na substituição do termo sublinhado por um pronome, em:

a. O ministro não teve muitos escrúpulos naquela hora. / O ministro não teve-os naquela hora.
b. Ele estava pronto para salvar a Itália. / Ele estava pronto para salvá-la.
c. Eles terminaram as provas hoje. / Eles terminaram-nas hoje.
d. Todos queriam que o professor entregasse o livro ao melhor aluno. / Todos queriam que o professor lhe entregasse o livro.
e. Ele nunca perdoaria ao irmão aquela omissão. / Ele nunca lhe perdoaria aquela omissão.

93. (TRE-MG) Assinale a opção em que a colocação do pronome sublinhado esteja correta, segundo o registro escrito culto:

a. Os vizinhos haviam pedido-me muita atenção ao atravessar a rua.
b. Mesmo considerando que éramos famosos, ninguém veio receber-nos.
c. Faria-me um grande favor não contando as novidades a meus pais.
d. Pelo que pudemos entender, ninguém vai-nos denunciar ao delegado.
e. O aluno logo interessou-se pelo assunto, assim que a argüição começou.

94. (TRE-RO) Observe as frases:

I - "política só se ganha com muito dinheiro."

II - "acaba logo esquecendo-se do pouco que aprendeu."

III - "que a mão não me pára mais quieta."

IV - "Pé-de-Meia prefere carregar-lhe a mão durante o serviço todo."

A colocação do pronome oblíquo átono não está de acordo com a preferência da norma culta da língua:

a) somente na I d) somente na II e na IV

b) somente na II e) somente na III e na IV

c) somente na III

95. (FUVEST) "Ensinar-me-lo-ias, se o soubesses, mas não sabes-o."A frase acima estaria de acordo com a norma gramatical, usando-se, onde estão as formas sublinhadas:

a) Ensinar-mo-ias - o soubesses - o sabes

b) Ensinarias-mo - soubesse-lo - sabe-lo

c) Ensinarias-mo - soubesses-lo - o sabes

d) Ensinar-mo-ias - soubesses-o - sabe-lo

e) Ensinarias-mo - soubesse-lo - o sabes

96. (TRE-MT) A substituição do termo sublinhado por um pronome pessoal está correta em todas as alternativas, exceto em:

a. **O governo deu ênfase às questões econômicas. O governo deu ênfase a elas.**
b. **Os ministros defenderam o plano de estabilização. Os ministros defenderam-no.**
c. **A companhia recebeu os avisos. A companhia recebeu-os.**
d. **Ele diz as frases em tom bem baixo. Ele diz-las em tom baixo.**
e. **Ele recusou a dar maiores explicações. Ele recusou a dá-las.**

97. (TRE-RJ) A frase em que há erro quanto ao emprego do pronome lhe é:

a) Nunca lhe diria mentira.

b) Ter-lhe-iam falado a meu respeito?

c) Louvemos-lhe, porque ele o merece.

d) De Fernando só lhe conhecia a fama.

e) Sei que não lhe agrada essa conversa.

98. (TRE-MG) Assinale a opção em que a colocação do pronome oblíquo está incorreta quanto à norma culta da língua:

a) Não pude dar-lhe os cumprimentos, por estar fora da cidade.

b) Agora tem-se dado muito apoio técnico ao pequeno empresário.

c) Ter-lhe-íamos pedido ajuda, se o víssemos antes do resultado.

d) Como me propiciou momentos agradáveis, fui bastante paciente.

e) Quem o levará a tomar decisões tão importantes para o País?

99. (IBGE) Assinale a opção em que o pronome lhe não está convenientemente empregado:

a) Uma auto-avaliação bem feita sempre lhe trará algum benefício.

b) O auto-retrato parece que lhe significou críticas severas.

c) Ao motorista que se torna um selvagem, ninguém lhe quer bem.

d) Numa análise rápida, acharam-lhe inteligente e alegre.

e) Ao brasileiro, não lhe agrada a falta injustificada ao trabalho.

100. (ETF-SP) Em "O casal de índios levou-os à sua aldeia, que estava deserta, onde ofereceu frutas aos convidados", temos:

a. **dois pronomes possessivos e dois pronomes pessoais**
b. **um pronome pessoal, um pronome possessivo e dois pronomes relativos**

- **c. dois pronomes pessoais e dois pronomes relativos**
- **d. um pronome pessoal, um pronome possessivo, um pronome relativo e um pronome interrogativo**
- **e. dois pronomes possessivos e dois pronomes relativos**

EMPREGO DOS PRONOMES

1 - D 23 - D 45 - D 67 - D 89 - A

2 - A 24 - D 46 - D 68 - B 90 - E

3 - D 25 - D 47 - E 69 - E 91 - D

4 - D 26 - E 48 - C 70 - C 92 - A

5 - D 27 - E 49 - E 71 - B 93 - B

6 - D 28 - C 50 - A 72 - D 94 - B

7 - B 29 - B 51 - E 73 - A 95 - A

8 - A 30 - E 52 - A 74 - B 96 - D

9 - C 31 - D 53 - A 75 - C 97 - C

10 - B 32 - B 54 - A 76 - C 98 - B

11 - D 33 - B 55 - B 77 - A 99 - D

12 - B 34 - E 56 - A 78 - B 100 - B

13 - D 35 - C 57 - D 79 - E

14 - D 36 - B 58 - E 80 - C

15 - A 37 - E 59 - C 81 - A

16 - A 38 - C 60 - A 82 - D

17 - A 39 - D 61 - E 83 - A

18 - D 40 - C 62 - B 84 - E

19 - B 41 - D 63 - C 85 - B

20 - C 42 - D 64 - C 86 - A

21 - E 43 - A 65 - A 87 - C

22 - E 44 - A 66 - B 88 - E

11. REGÊNCIA NOMINAL E VERBAL

1. **(UFPA) Assinale a alternativa que contém as respostas corretas.**

I. Visando apenas os seus próprios interesses, ele, involuntariamente, prejudicou toda uma família.
II. Como era orgulhoso, preferiu declarar falida a firma a aceitar qualquer ajuda do sogro.
III. Desde criança sempre aspirava a uma posição de destaque, embora fosse tão humilde.
IV. Aspirando o perfume das centenas de flores que enfeitavam a sala, desmaiou.

a) II, III, IV
b) I, II, III
e) I, III, IV
d) I, III
e) I, II

2. **(UFAM) Assinale o item em que há** erro **quanto à regência:**

a) São essas as atitudes de que discordo.
b) Há muito já lhe perdoei.
c) Informo-lhe de que paguei o colégio.
d) Costumo obedecer a preceitos éticos.
e) A enfermeira assistiu irrepreensivelmente o doente.

3. **(UNIMEP-SP) Quando** implicar **tem sentido de "acarretar", "produzir como conseqüência", constrói-se a oração com objeto direto, como se vê em:**

a) Quando era pequeno, todos sempre implicaram comigo.
b) Muitas patroas costumam implicar com as empregadas domésticas.
c) Pelo que diz o assessor, isso implica em gastar mais dinheiro.
d) O banqueiro implicou-se em negócios escusos.
e) Um novo congelamento de salários implicará uma reação dos trabalhadores.

4. **(FMU-SP) Assinale a única alternativa incorreta quanto à regência do verbo.**

a) Perdoou nosso atraso no imposto.
b) Lembrou ao amigo que já era tarde.
c) Moraram na rua da Paz.
d) Meu amigo perdoou ao pai.
e) Lembrou de todos os momentos felizes.

05. **(FGV-SP) Assinale a alternativa em que há erro de regência verbal.**

a) Os padres das capelas que mais dependiam do dinheiro desfizeram-se em elogios à garota.
b) As admoestações que insisti em fazer ao rábula acabaram por não produzir efeito algum.
e) Nem sempre o migrante, em cujas faces se refletia a angústia que lhe ia na alma, tinha como resolver a situação.
d) Era uma noite calma que as pessoas gostavam, nem fria nem quente demais.
e) Nem sempre o migrante, cujas faces refletiam a angústia que lhe ia na alma, tinha como resolver a situação.

06. **(UFG) Indique a alternativa correta.**

a) Sempre pago pontualmente minha secretária.
b) Você não lhe viu ontem.
e) A sessão fora assistida por todos os críticos.
d) Custei dois anos para chegar a doutor.
e) O ideal a que visavam os parnasianos era a perfeição estética.

07. **(UFSCar-SP) Assinale a alternativa correta quanto à regência:**

a) A peça que assistimos foi muito boa.
b) Estes são os livros que precisamos.
c) Esse foi um ponto que todos se esqueceram.
d) Guimarães Rosa é o escritor que mais aprecio.
e) O ideal que aspiramos é conhecido por todos.

08. **(Mack-SP) Assinale a alternativa incorreta quanto à regência verbal:**

a) Ele custará muito para me entender.
b) Hei de querer-lhe como se fosse minha filha.
c) Em todos os recantos do sítio, as crianças sentem-se felizes, porque aspiram o ar puro.
d) O presidente assiste em Brasília há quatro anos.
e) Chamei-lhe sábio, pois sempre soube decifrar os enigmas da vida.

09. **(CEFET-PR) Assinale a alternativa que apresenta incorreção quanto à regência:**

a) Nós nos valemos dos artifícios que dispúnhamos para vencer.
b) Ele preferiu pudim a groselha.
c) O esporte de que gosto não é praticado no meu colégio.
d) Sua beleza lembrava a mãe, quando apenas casada.
e) Não digo com quem eu simpatizei, pois não lhe interessa.

10. **(Conc. Investigador de Policia) Assinale a alternativa que apresenta um desvio em relação à regência verbal.**

a) Simpatizei com toda a diretoria e com as novas orientações.
b) Há alguns dos novos diretores com os quais não simpatizamos.
c) A firma toda não se simpatizou com a nova diretoria.
d) Somente o tesoureiro não simpatizou com a nova diretoria.

11. **(Conc. Escrivão de Polícia) Assinale a alternativa em que o significado do verbo apontado entre parênteses não corresponde à sua regência.**

a) Com sua postura séria, o diretor assistia todos os funcionários dos departamentos da empresa. (ajudar)
b) No grande auditório, o público assistiu às apresentações da Orquestra Experimental. (ver)
c) Esta é uma medida que assiste aos moradores da Vila Olímpia. (caber)
d) Estudantes brasileiros assistem na Europa, durante um ano. (observar)

12. **(Conc. Analista de Sistemas - Banco Central) Os trechos a seguir constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro de regência.**

a) Desde abril, já é possível perceber algum decréscimo da atividade econômica, com queda da produção de bens de consumo duráveis, especialmente eletrodomésticos, e do faturamento real do comércio varejista.
b) Apesar da queda da inflação em maio, espera-se aceleração no terceiro trimestre, fenômeno igual ao observado nos dois últimos anos, em decorrência da concentração de aumentos dos preços administrados.
c) Os principais focos de incerteza em relação às perspectivas para a taxa de inflação nos próximos anos referem-se a evolução do preço internacional do petróleo, o comportamento dos preços administrados domésticos e o ambiente econômico externo.
d) Desde maio, porém, entraram em foco outros fatores: o racionamento de energia elétrica, a intensificação da instabilidade política interna e a depreciação acentuada da taxa de câmbio.
e) A mais nova fonte de incerteza é o choque derivado da limitação de oferta de energia elétrica no País, pois há grande dificuldade em se avaliar seus efeitos com o grau de precisão desejável.
(Trechos adaptados do Relatório de Inflação - Banco Central do Brasil, junho de 2001- v. 3, 1° 2, p. 7 e 8)

1A, 2C, 3E, 4E, 5D, 6E, 7D, 8A, 9A, 10C, 11C, 12C

MAIS EXERCÍCIOS:

1. **(IBGE) Assinale a opção que apresenta a regência verbal incorreta, de acordo com a norma culta da língua:**

   a) Os sertanejos aspiram a uma vida mais confortável.

   b) Obedeceu rigorosamente ao horário de trabalho do corte de cana.

c) O rapaz presenciou o trabalho dos canavieiros.

d) O fazendeiro agrediu-lhe sem necessidade.

e) Ao assinar o contrato, o usineiro visou, apenas, ao lucro pretendido.

2. (IBGE) Assinale a opção que contém os pronomes relativos, regidos ou não de preposição, que completam corretamente as frase abaixo: Os navios negreiros, ... donos eram traficantes, foram revistados. Ninguém conhecia o traficante .... o fazendeiro negociava.

a) nos quais / que d) de cujos / com quem

b) cujos / com quem e) cujos / de quem

c) que / cujo

3. (IBGE) Assinale a opção em que as duas frases se completam corretamente com o pronome lhe:

a) Não ..... amo mais. / O filho não ..... obedecia.

b) Espero-..... há anos. / Eu já ..... conheço bem.

c) Nós ..... queremos muito bem. / Nunca ..... perdoarei, João.

d) Ainda não ..... encontrei trabalhando, rapaz. / Desejou-..... felicidades.

e) Sempre ..... vejo no mesmo lugar. / Chamou-..... de tolo.

4. (IBGE) Assinale a opção em que todos os adjetivos devem ser seguidos pela mesma preposição:

a) ávido / bom / inconseqüente d) orgulhoso / rico / sedento

b) indigno / odioso / perito e) oposto / pálido / sábio

c) leal / limpo / oneroso

5. (UF-FLUMINENSE) Assinale a frase em que está usado indevidamente um dos pronomes seguintes: o, lhe.

a) Não lhe agrada semelhante providência?

b) A resposta do professor não o satisfez.

c) Ajudá-lo-ei a preparar as aulas.

d) O poeta assistiu-a nas horas amargas, com extrema dedicação.

e) Vou visitar-lhe na próxima semana.

6. (BB) Regência imprópria:

a) Não o via desde o ano passado.

b) Fomos à cidade pela manhã.

c) Informou ao cliente que o aviso chegara.

d) Respondeu à carta no mesmo dia.

e) Avisamos-lhe de que o cheque foi pago.

7. (BB) Alternativa correta:

a) Precisei de que fosses comigo.

b) Avisei-lhe da mudança de horário.

c) Imcumbiu-me para realizar o negócio.

d) Recusei-me em fazer os exames.

e) Convenceu-se nos erros cometidos.

8. (EPCAR) O que devidamente empregado só não seria regido de preposição na opção:

a) O cargo .... aspiro depende de concurso.

b) Eis a razão .... não compareci.

c) Rui é o orador .... mais admiro.

d) O jovem .... te referiste foi reprovado.

e) Ali está o abrigo .... necessitamos.

9. (UNIFIC) Os encargos .... nos obrigaram são aqueles .... o diretor se referia.

a) de que - que d) cujos - cujo

b) a cujos - cujos e) a que - a que

c) por que - que

10. (FTM-ARACAJU) As mulheres da noite .... o poeta faz alusão ajudam a colorir Aracaju, ... coração bate de noite, no silêncio.

A alternativa que completa corretamente as lacunas da frase acima é:

a) as quais / de cujo d) às quais / cujo

b) a que / no qual e) que / em cujo

c) de que / o qual

11. (SANTA CASA) É tal a simplicidade .... se reveste a redação desse documento, que ele não comporta as formalidades .... demais.

a) que - os d) em que - nos

b) de que - aos e) a que - dos

c) com que - para os

12. (PUC-RS) Diferentes são os tratamentos .... se pode submeter o texto literário. Sempre se deve aspirar, no entanto, ... objetividade científica, fugindo .... subjetivismo.

a) à que, a, do d) a que, a, do

b) que, a, ao e) a que, à, ao

c) à que, à, ao

13. (PUC-RS) Alguns demonstram verdadeira aversão ..... exames, porque nunca se empenharam o suficiente ..... utilização do tempo ..... dispunham para o estudo.

a) com - pela - de que d) com - na - que

b) por - com - que e) a - na - de que

c) a - na - que

14. (BB) "Ele não ..... viu". não cabe na frase:

a) nos d) te

b) lhe e) o

c) me

15. (BB) Emprego indevido de o:

a) O irmão o abraçou. d) O irmão o obedeceu.

b) O irmão o encontrou. e) O irmão o ouviu.

c) O irmão o atendeu.

16. (UF-RS) Isso ..... autorizava ..... tomar a iniciativa.

a) o - à d) o - a

b) lhe - de e) lhe - a

c) o - de

17. (CESESP-PE) "... trepado numa rede afavelada cujas varandas serviam-lhe de divisórias do casebre". Em qual das alternativas o uso de cujo não está conforme a norma culta?

a) Tenho um amigo cujos filhos vivem na Europa.

b) Rico é o livro cujas páginas há lições de vida.

c) Naquela sociedade, havia um mito cuja memória não se apagava.

d) Eis o poeta cujo valor exaltamos.

e) Afirmam-se muitos fatos de cuja veracidade se deve desconfiar.

18. (CESGRANRIO) Assinale a opção cuja lacuna não pode ser preenchida pela preposição entre parênteses:

a. uma companheira desta, ... cuja figura os mais velhos se comoviam. (com)
b. uma companheira desta, ... cuja figura já nos referimos anteriormente. (a)
c. uma companheira desta, ... cuja figura havia um ar de grande dama decadente. (em)
d. uma companheira desta, ... cuja figura andara todo o regimento apaixonado. (por)
e. uma companheira desta, ... cuja figura as crianças se assustavam. (de)

19. (UF-PR) Assinale a alternativa que substitui corretamente as palavras sublinhadas:

1. Assistimos à inauguração da piscina.

2. O governo assiste os flagelados.

3. Ele aspirava a uma posição de maior destaque.

4. Ele aspirava o aroma das flores.

5. O aluno obedece aos mestres.

a) lhe, os, a ela, a ele, lhes d) a ela, a eles, lhe, lhe, lhes

b) a ela, os, a ela, o, lhe e) lhe, a eles, a ela, o, lhes

c) a ela, os, a, a ele, os

20. (CESGRANRIO) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase: Toda comunidade, ... aspirações e necessidades devem vincular-se os temas da pesquisa científica, possui uma cultura própria, ... precisa ser preservada.

a) cujas / de que d) cuja / que

b) a cujas / que e) a cujas / de que

c) cujas / pela qual

21. (FUVEST) Assinale a alternativa gramaticalmente correta:

a) Não tenham dúvidas que ele vencerá.

b) O escravo ama e obedece o seu senhor.

c) Prefiro estudar do que trabalhar.

d) O livro que te referes é célebre.

e) Se lhe disserem que não o respeito, enganam-no.

22. (UF-UBERLÂNDIA) Assinale o período em que foi empregado o pronome relativo inadequado:

a) O livro a que eu me refiro é *Tarde da Noite*.

b) Ele é uma pessoa de cuja honestidade ninguém duvida.

c) O livro em cujos dados nos apoiamos é este.

d) A pessoa perante a qual comparecemos foi muito agradável.

e) O moço de cujo lhe falei ontem é este.

23. (PUC) Assinale a alternativa que preencha corretamente as lacunas abaixo:

1. Veja bem estes olhos .... se tem ouvido falar.

2. Veja bem estes olhos .... se dedicaram muitos versos.

3. Veja bem estes olhos .... brilho fala o poeta.

4. Veja bem estes olhos .... se extraem confissões e promessas.

a) de que - a que - sobre o qual - dos quais

b) que - que - sobre o qual - que

c) sobre os quais - que - de que - de onde

d) dos quais - aos quais - sobre cujo - dos quais

e) em quais - aos quais - a cujo - que

24. (SANTA CASA) São excelentes técnicos, ... colaboração não podemos prescindir.

a) cuja d) de que a

b) de cuja e) dos quais a

c) que a

25. (FUVEST) Indique a alternativa correta:

a) Preferia brincar do que trabalhar.

b) Preferia mais brincar a trabalhar.

c) Preferia brincar a trabalhar.

d) Preferia brincar à trabalhar.

e) Preferia mais brincar que trabalhar.

26. (FUVEST) Destaque a frase em que o pronome relativo está empregado corretamente:

a) É um cidadão em cuja honestidade se pode confiar.

b) Feliz o pai cujos filhos são ajuizados.

c) Comprou uma casa maravilhosa, cuja casa lhe custou uma fortuna.

d) Preciso de um pincel delicado, sem o cujo não poderei terminar meu quadro.

e) Os jovens, cujos pais conversei com eles, prometeram mudar de atitude.

27. (CESCEM) Sendo o carnaval uma das festas ..... mais gosto, achei preferível ir ao baile ..... viajar para a praia.

a) que - à d) de que - a

b) que - do que e) de que - do que

c) das quais - que

28. (CESCEM) Embora pobre e falto ..... recursos, foi fiel ..... ele, que ..... queria bem com igual constância.

a) em - a - o d) de - a - lhe

b) em - para - o e) de - para - lhe

c) de - para - o

29. (CESCEA) As palavras ansioso, contemporâneo e misericordioso regem, respectivamente, as preposições:

a) em - de - para d) de - com - para com

b) de - a - de e) com - a - a

c) por - com - de

30. (MACK) Indique a alternativa que completa corretamente as lacunas do seguinte período: "Era um tique peculiar ..... cavalariço o de deixar caído, ... canto da boca, o cachimbo vazio ..... fumo, enquanto alheio ..... tudo e solícito apenas ..... animais, prosseguia ..... seu serviço."

a) ao - ao - de - a - com os - em

b) do - no - em - de - dos - para

c) para o - no - de - com - pelos - a

d) ao - pelo - do - por - sobre - em

e) do - para o - no - para - para com os - no

31. (FMU) Observe o verbo que se repete: "aspirou o ar" e "aspirou à glória". Tal verbo:

a. apresenta a mesma regência e o mesmo sentido nas duas orações
b. embora apresente regências diferentes, ele tem sentido equivalente nas duas orações
c. poderia vir regido de preposição também na primeira oração sem que se modificasse o sentido dela
d. apresenta regência e sentidos diferentes nas duas orações
e. embora tenha o mesmo sentido nas duas orações, ele apresenta regência diferente em cada uma delas

32. (CESGRANRIO) Assinale o item em que a regência do verbo proceder contraria a norma culta da língua:

a) O juiz procedeu ao julgamento.

b) Não procede este argumento.

c) Procedo um inquérito.

d) Procedia de uma boa família.

e) Procede-se cautelosamente em tais situações.

33. (UM-SP)

I - Certifiquei-o .... que uma pessoa muito querida aniversaria neste mês;

II - Lembre-se .... que, baseada em caprichos, não obterá bons resultados;

III - Cientificaram-lhe .... que aquela imagem refletia a alvura de seu mundo interno. De acordo com a regência verbal, a preposição de cabe:

a) nos períodos I e II d) em nenhum dos três períodos

b) apenas no período II e) nos três períodos

c) nos períodos I e III

34. (PUCC) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada: O projeto, ... realização sempre duvidara, exigiria toda a dedicação .... fosse capaz.

a) do qual a, que d) que sua, de cuja

b) cuja a, da qual e) cuja, a qual

c) de cuja, de que

35. (UNIMEP-SP) Quando implicar tem sentido de "acarretar", "produzir como

conseqüência", constrói-se a oração como objeto direto, como se vê em:

a) Quando era pequeno, todos sempre implicavam comigo.

b) Muitas patroas costumam implicar com as empregadas domésticas.

c) Pelo que diz o assessor, isso implica em gastar mais dinheiro.

d) O banqueiro implicou-se em negócios escusos.

e) Um novo congelamento de salários implicará uma reação dos trabalhadores.

36. (FMU) Assinale a única alternativa incorreta quanto à regência do verbo:

a) Perdoou nosso atraso no imposto.

b) Lembrou ao amigo que já era tarde.

c) Moraram na rua da Paz.

d) Meu amigo perdoou ao pai.

e) Lembrou de todos os momentos felizes.

37. (UF-PA) Assinale a alternativa que contém as respostas certas:

I. Visando apenas os seus próprios interesses, ele, involuntariamente, prejudicou toda uma família.
II. Como era orgulhoso, preferiu declarar falida a firma a aceitar qualquer ajuda do sogro.
III. Desde criança sempre aspirava a uma posição de destaque, embora fosse tão humilde.
IV. Aspirando o perfume das centenas de flores que enfeitavam a sala, desmaiou.

a) II - III - IV d) I - III

b) I - II - III e) I - II

c) I - III - IV

38. (TTN) Há erro de regência no item:

a. Algumas idéias vinham ao encontro das reivindicações dos funcionários, contentando-os, outras não.
b. Todos aspiravam a uma promoção funcional, entretanto poucos se dedicavam àquele trabalho, por ser desgastante.
c. Continuaram em silêncio, enquanto o relator procedia à leitura do texto final.
d. No momento este Departamento não pode prescindir de seus serviços devido ao grande volume de trabalho.
e. Informamos a V. Senhoria sobre os prazos de entrega das novas propostas, às quais devem ser respondidas com urgência.

39. (FFCL SANTO ANDRÉ) Assinale a alternativa em que a regência verbal está correta:

a) Prefiro mais a cidade que o campo.

b) Chegamos finalmente em Santo André.

c) Esta é a cidade que mais gosto.

d) Assisti ao concerto de que você tanto gostou.

e) Ainda não paguei o médico.

40. (AMAN) Escolha, abaixo, a exata regência do verbo chamar:

a) Chamamo-lo inteligente.

b) Chamamo-lo de inteligente.

c) Chamamos-lhe inteligente.

d) Chamamos-lhe de inteligente.

e) Todas as regências acima estão corretas.

41. (UFF) Assinale a frase que apresenta um erro de regência verbal:

a) Este autor tem idéias com que todos nós simpatizamos.

b) Eis a ordem de que nos insurgimos.

c) Aludiram a incidentes de que já ninguém se lembrava.

d) Qual o cargo a que aspiras?

e) Há fatos que nunca esquecemos.

42. (CARLOS CHAGAS-BA) Quanto a amigos, prefiro João .... Paulo, ... quem sinto .... simpatia.

a) a, por, menos d) do que, com, menos

b) do que, por, menos e) do que, para, menos

c) a, para, menos

43. (CARLOS CHAGAS-BA) O projeto .... estão dando andamento é incompatível .... tradições da firma.

a) de que, com as d) à que, às

b) a que, com as e) que, com as

c) que, as

44. (CARLOS CHAGAS-BA) Como não .... vi, chamei o contínuo e mandei-.........., então, ...

a) o - o - procurá-lo d) o - ele - procurar-lhe

b) lhe - o - procurá-lo e) lhe - lhe - procurá-lo

c) lhe - lhe - procurar-lhe

45. (UF-PR) Preencha convenientemente as lacunas das frases seguintes, indicando o conjunto obtido:

1. A planta .... frutos são venenosos foi derrubada.

2. O estado .... capital nasci é este.

3. O escritor .... obra falei morreu ontem.

4. Este é o livro .... páginas sempre me referi.

5. Este é o homem .... causa lutei.

a) em cuja, cuja, de cuja, a cuja, por cuja

b) cujos, em cuja, de cuja, cujas, cuja

c) cujos, em cuja, de cuja, a cujas, por cuja

d) cujos, cujas, cuja, a cujas, por cuja

e) cuja, em cuja, cuja, cujas, cuja

46. (TTN) Considere o texto abaixo:

- "Eu queria saber é quem está no aparelho.

- Ah, sim. No aparelho não está ninguém.

- Como não está, se você está me respondendo?

- Eu estou fora do aparelho. Dentro do aparelho não cabe ninguém.

- Engraçadinho! Então, quem está ao aparelho?

- Agora melhorou. Estou eu, para servi-lo."

(C. Drummond de Andrade)

Marque o par de verbos com problema de regência idêntico ao do texto:

a) Meditar um assunto - meditar sobre um assunto

b) Sentar à mesa - sentar na mesa

c) Estar em casa - estar na casa

d) Assistir o doente - assistir ao doente

e) Chamar o padre - chamar pelo padre

47. (SANTA CASA) Assinale a alternativa correta quanto à regência:

a) Fomos ao cinema e assistimos um filme.

b) Prefiro mais trabalhar do que estudar.

c) Iremos para o Rio de Janeiro nas próximas férias.

d) Ele está curioso em saber a resposta.

e) Ele aspira a um cargo de chefia.

48. (SANTA CASA) Observe as frases seguintes:

I - Pedro pagou os tomates.

II - Pedro pagou o feirante.

III - Pedro pagou os tomates ao feirante.

Assinale a alternativa que teve considerações corretas sobre tais frases:

a. Estão corretas apenas a I e II porque o verbo pagar é transitivo direto.
b. A II está errada, porque pagar tem por objeto um nome de pessoa, é transitivo indireto (o certo seria "ao feirante").
c. Apenas a I está correta.
d. A frase III é a única correta e pagar é transitivo direto nesta frase.
e. Todas as frases estão construídas conforme as regras de regência do verbo pagar.

49. (FUVEST)

I - A arma .... se feriu desapareceu.

II - Estas são as pessoas .... que lhe falei.

III- Aqui está a foto .... que me referi.

IV - Encontrei um amigo de infância .... nome não me lembrava.

V- Passei por uma fazenda .... se criavam búfalos.

a) que, de que, à que, cujo, que

b) com que, que, a que, cujo qual, onde

c) com que, das quais, a que, de cujo, onde

d) com a qual, de que, que, do qual, onde

e) que, cujas, as quais, do cujo, na cuja

50. (TTN) Assinale a alternativa incorreta quanto à regência:

a. Creio que os trabalhadores estão muito conscientes de suas obrigações para com a Pátria.
b. O filme a que me refiro aborda corajosamente a problemática dos direitos humanos.
c. Esta nova adaptação teatral do grande romance não está agradando ao público; eu, porém, prefiro esta àquela.
d. O trabalho inovador de Gláuber Rocha que lhe falei chama-se Deus e o Diabo na Terra do Sol.
e. José crê que a classe operária está em condições de desempenhar um papel importante na condução dos problemas nacionais.

51. (FUVEST) Indique a alternativa na qual a regência utilizada desobedece ao padrão da gramática normativa:

a) Esta alternativa obedece o padrão da gramática normativa.

b) Entretanto, não costuma haver distúrbios na fila.

c) Jamais poderão existir tantos recursos para tantos planos.

d) Só lhe faltou mandar-me embora de casa.

e) Quando Lígia entrou, bateram onze horas no relógio da sala.

52. (CESGRANRIO) A linguagem especial, ... emprego se opõe o uso da comunidade, constitui um meio .... os indivíduos de determinado grupo dispõem para satisfazer o desejo de auto-afirmação.

a) a cujo, de que d) o qual, a que

b) do qual, ao qual e) de cujo, do qual

c) cujo, que

53. (CESGRANRIO) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase: "O controle biológico de pragas, ... o texto faz referência, é certamente o mais eficiente e adequado recurso .... os lavradores dispõem para proteger a lavoura sem prejudicar o solo."

a) do qual, com que d) ao qual, cujos

b) de que, que e) a que, de que

c) que, o qual

54. (CESGRANRIO) Assinale a opção em que o verbo exige a mesma preposição que referir-se em "... a boneca de pano a que me referi":

a) O homem .... quem conversei há pouco.

b) O livro .... que lhe falei há pouco.

c) A criança .... quem aludi há pouco.

d) O tema .... que escrevi há pouco.

e) A fazenda .... que estive há pouco.

55. (UFV-MG) Assinale a alternativa correta:

a) Preferia antes morrer que fugir como covarde.

b) A cortesia mandava obedecer os desejos da minha antiga dama.

c) A legenda ficou, mas a lição esqueceu.

d) O país inteiro simpatizou-se com esse princípio.

e) Jesus perdoou o pecador.

56. (FUMEG-MG) Com referência à regência do verbo assistir, todas as alternativas estão corretas, exceto em:

a) Assistimos ontem um belo filme na televisão.

b) Os médicos assistiram os doentes durante a guerra.

c) O técnico assistiu os jogadores no treino.

d) Assistiremos amanhã a uma missa de sétimo dia.

e) Machado de Assis assistia em Botafogo.

57. (UEPG-PR) A alternativa incorreta de acordo com a gramática da língua culta é:

a) Obedeça o regulamento.

b) Custa crer que eles brigaram.

c) Aspiro o ar da montanha.

d) Prefiro passear a ver televisão.

e) O caçador visou o alvo.

58. (UFPEL-RS) A frase que não apresenta problema(s) de regência, levando-se em consideração a língua escrita, é:

a) Preferiu sair antes do que ficar até o fim da peça.

b) O cargo a que todos visavam já foi preenchido.

c) Lembrou de que precisava voltar ao trabalho.

d) As informações que dispomos não são suficientes para esclarecer o caso.

e) Não tenho dúvidas que ele chegará breve.

59. (CFET-PR) Assinale a alternativa que apresenta incorreção quanto à regência:

a) Nós nos valemos dos artifícios que dispúnhamos para vencer.

b) Ele preferiu pudim a groselha.

c) O esporte de que gosto não é praticado no meu colégio.

d) Sua beleza lembrava a mãe, quando apenas casada.

e) Não digo com quem eu simpatizei, pois não lhe interessa.

60. (ITA) Assinale a alternativa correta:

a) Antes prefiro aspirar uma posição honesta que ficar aqui.

b) Prefiro aspirar uma posição honesta que ficar aqui.

c) Prefiro aspirar a uma posição honesta que ficar aqui.

d) Prefiro antes aspirar a uma posição honesta que ficar aqui.

e) Prefiro aspirar a uma posição honesta a ficar aqui.

61. (FESP) Sua avidez .... lucros, ... riquezas, não era compatível .... seus sentimentos de amor .... próximo.

a) por, por, em, do d) para, para, de, pelo

b) de, de, com, para o e) por, por, com, ao

c) de, de, por, para com o

62. (UM-SP) Em qual das alternativas ocorre erro de regência verbal?

a) Esqueceu-me o desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

a. Lembrou-me a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira.
b. Prefiro os casos que a inteligência discute a formas tecnocráticas da resolução dos problemas.
c. Aqui se jogam as sementes para informar-lhes de que a cultura não deve ser acadêmica.
d. Procede-se com brandura quando querem detectar falhas no relacionamento humano.

63. (UM-SP) Assinale a alternativa incorreta quanto à regência verbal:

a) Ele custará muito para me entender.

b) Hei de querer-lhe como se fosse minha filha.

- **a. Em todos os recantos do sítio, as crianças sentem-se felizes, porque aspiram o ar puro.**
- **b. O presidente assiste em Brasília há quatro anos.**
- **c. Chamei-lhe sábio, pois sempre soube decifrar os enigmas da vida.**

64. (PUC-RS) Obedeça-............, estime-............ e sempre que precisar ....

a) os, os, recorra a eles d) os, lhes, recorra-lhes

b) lhes, os, recorra a eles e) os, lhes, recorra a eles

c) lhes, lhe, recorra-lhes

65. (GAMA FILHO) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas da frase: "As mulheres, ... olhos as lágrimas caíam, assistiram a uma cena .... não gostavam."

a) cujos - que d) cujos - de que

b) em cujos - que e) de cujos - que

c) de cujos - de que

66. (BB) Opção que completa corretamente os claros: Obedeceu ..... instruções ..... tratam as normas.

a) a, que d) à, de que

b) às, que e) às, de que

c) as, de que

67. (BB) Complete corretamente o texto: Em atenção .... sua carta, envio-lhe o pedido.

1. à 2. a 3. de 4. com 5. para

a) 5 e 1 d) 4 e 5

b) 2 e 4 e) 1 e 2

c) 3 e 1

68. (BB) Única frase com regência verbal incorreta:

a) Trata-se do ideal a que me referi.

b) As leis que carecemos são outras.

c) Encerrou-se o inquérito a que se procedeu.

d) São justas as punições de que se queixam?

e) Empenhemo-nos em produzir mais.

69. (BB) Opção incorreta:

a) Prefiro ganhar a perder. d) Assisti a um filme.

b) Esqueceram-se de tudo. e) Eu lhe estimo muito.

c) Há muito que não o vejo.

70. (TRT) Assinale a alternativa que completa convenientemente as lacunas abaixo:

I - Certifiquei .... de que o prazo esgotara-se.

II - Recebi .... em meu escritório.

III - Informo .... que as notas fiscais estão rasuradas.

IV - Avisei .... de que tudo fora resolvido.

a) o - o - lhe - o d) o - lhe - lhe - o

b) o - o - o - o e) lhe - lhe - o - o

c) lhe - lhe - lhe - o

71. (TTN) Assinale o trecho que apresenta sintaxe de regência correta:

- **a. A rigorosa seca que assola os estados do Nordeste impede que essa região desenvolva e atinja os níveis de crescimento sócio-econômicos desejados.**
- **b. Se o Brasil tornasse independente dos empréstimos externos, poderia voltar a crescer no mesmo ritmo de desenvolvimento das décadas anteriores.**
- **c. Surpreende-nos o fato de o Estado de São Paulo, que muito se difere do sul do país, ter engrossado as estatísticas favoráveis à criação de um Brasil do sul.**
- **d. É reducionista atribuirmos apenas à seca a razão que leva a população do norte e nordeste a se migrar para o sul.**
- **e. A pretendida separação que pleiteiam os estados do sul acarretará, se vier a se concretizar, a perda da identidade nacional.**

72. (BANESPA) Assinale a alternativa em que o pronome relativo está empregado corretamente:

a) Aqui está o dinheiro de que te prometera.

b) Preciso de um livro, sem o cujo não poderei fazer a prova.

c) É um cidadão em cuja honestidade se pode confiar.

d) Voltou à terra em que nasceu.

e) Aquele é o homem que me referi.

73. (BANESPA) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas do período ao lado: "Não nos interessa .... eles vêm, ... moram, nem .... pretendem ir."

a) donde - onde - aonde d) de onde - aonde - onde

b) aonde - onde - aonde e) donde - aonde - onde

c) donde - aonde - aonde

74. (BANESPA) Assinale a alternativa em que a regência verbal é incorreta:

a) É saudável aspirar o ar da manhã.

b) Concentrei-me, visei o alvo ... e errei.

c) Informe a ele que o trem já partiu.

d) Os torcedores assistiram um grande jogo de futebol.

e) Chegou cedo a casa, e logo dormiu.

75. (ESAF) Observe as palavras sublinhadas e indique a frase que apresenta regência nominal correta:

a) Por ser muito estudioso, ele tinha grande amor a seus livros.

a. Havia muitos anos que não via o filho, por isso estava ansioso em vê-lo.
b. Alheio para com o julgamento, o réu permanecia calado.
c. Coitado! Foi preso porque era suspeito por um crime que não cometeu.
d. Tínhamos o propósito em dizer toda a verdade, mas nos impediram de fazê-lo.

76. (ESAF) A frase que apresenta erro de regência do verbo ASSISTIR é:

a) Não fui ver o filme, embora quisesse assistir-lhe.

b) Não lhe assiste o direito de humilhar ninguém.

c) Ele assiste às aulas sempre com muita serenidade.

d) Aqueles médicos assistem os doentes com dedicação.

e) Assistiu aos jogos da Seleção sem nenhum entusiasmo.

77. (ESAF) Observe, nos períodos abaixo, a regência dos verbos e dos nomes:

I. As constantes faltas ao trabalho implicaram a sua demissão.
II. Procederemos à abertura do inquérito.
III. O cargo a que aspiramos é disputado por todos.
IV. Prefiro mais estudar do que trabalhar.
V. Sua atitude é incompatível ao ambiente.

Assinale a seqüência que corresponde aos períodos corretos:

a) I, II e IV d) I, II e III

b) II, III e IV e) I, III e IV

c) II, IV e V

78. (CARLOS CHAGAS) Preveniu- .... logo .... perigos que .... ameaçavam.

a) lhe - dos - o d) o - dos - o

b) o - face os - lhe e) lhe - dos - lhe

c) lhe - face os - o

79. (CARLOS CHAGAS) O funcionário ...... ele se referiu é pessoa ...... se pode confiar.

a) que - da qual d) do qual - que

b) a que - quem e) o qual - em que

c) a quem - em que

80. (FUVEST) Assinale a alternativa que preencha corretamente os espaços. Posso informar ..... senhores ..... ninguém, na reunião, ousou aludir ..... tão delicado assunto.

a) aos - de que - o d) os - que - à

b) aos - de que - ao e) os - de que - a

c) aos - que - à

81. (CEET) Assinale a alternativa que apresenta erro:

a) Esqueci o nome dele.

b) Esqueci de meu irmão.

c) Esqueceu-me o nome dele.

d) Nunca me esqueceu esse fenômeno.

e) Esqueci-me do nome dele.

82. (AFTN) Assinale a única frase cuja lacuna não deve ser preenchida por um pronome relativo preposicionado:

a. O relator da emenda constitucional apresentou proposições ..... todos simpatizavam.
b. Recordaram com carinho a ponte ..... trocaram o primeiro beijo.
c. Fui ver hoje o filme ..... mais gosto.
d. Guimarães Rosa é o escritor brasileiro ..... mais gosto.
e. Esta é a região .... fronteira agrícola deve ser aplicada.

83. (MACK) Indique a alternativa correta:

a) Prefiro correr do que nadar. d) Prefiro correr a nadar.

b) Prefiro mais correr que nadar. e) Prefiro correr à nadar.

c) Prefiro mais correr a nadar.

84. (FATEC) Indique a alternativa que completa corretamente as lacunas das frases abaixo:

1. Não foi essa a pessoa .... aludi.

2. Há certos acontecimentos .... nunca nos esquecemos.
3. Itaipu foi uma das obras .... construção mais se comprometeu o orçamento nacional.
4. A conclusão .... chegou não tem o menor fundamento.
5. O conferencista, ... conhecimentos desconfiávamos, foi infeliz em suas colocações.

a) à qual de que em cuja a que de cujos

b) à que que cuja à que em cujos

c) a qual dos quais com cuja a qual dos quais

d) a quem que em cuja à qual em cujos

e) a que de que cuja à que de cujos

85. (FATEC) Aponte a alternativa incorreta quanto à regência nominal:

a) Este caso é análogo ao que foi discutido ontem.

b) É preferível remodelar o antigo projeto a contratar um novo projeto.

c) Foi reintegrado no Ministério que ocupava.

d) Pretendemos estar presentes na reunião.

e) Sua situação profissional é caracterizada pelo interesse de projetar-se a qualquer custo.

86. (TRE-SP) Convenceram-..... .... contrário.

a) no - do d) lhe - o

b) lhe - do e) lhe - ao

c) no - o

87. (TRE-SP) O auxiliar judiciário, ... méritos não se discutem, merece confiança.

a) de cujos d) cujos os

b) em cujos e) por cujos

c) cujos

88. (TRE-MT) Há erro de regência verbal, de acordo com a norma culta, em:

a) O informante não precisou do dinheiro ganho.

b) Eles se referiram sobre o outro governo.

c) Todos preferiram o elogio à censura.

d) Eis o ponto de que discordo.

e) Seu telefone não atende às chamadas.

89. (TRE-MT)

I - O livro .... me refiro não está traduzido.

II - Os candidatos .... cartões foram extraviados, poderão fazer a

prova. Os termos que completam, respectivamente, as lacunas das

frases acima são:

a) que - cujos os d) a que - cujos

b) ao qual - dos quais e) que - dos quais

c) onde - cujos

90. (TRE-MG) Observe a regência dos verbos das frases reescritas nos itens a seguir:

I - Chamaremos os inimigos de hipócritas. Chamaremos aos inimigos de hipócritas;

II - Informei-lhe o meu desprezo por tudo. Informei-lhe do meu desprezo por tudo;

III - O funcionário esqueceu o importante acontecimento. O funcionário esqueceu-se o importante acontecimento. A frase reescrita está com a regência correta em:

a) I apenas d) I e III apenas

b) II apenas e) I, II e III

c) III apenas

91. (TRE-RJ) A desigualdade jurídica do feudalismo ..... alude o autor se faz presente ainda hoje nos países ..... terras existe visível descompasso entre a riqueza e a pobreza. Tendo em vista o emprego dos pronomes relativos, completam-se corretamente as lacunas da sentença acima com:

a) a qual / cujas d) o qual / por cujas

b) a que / em cujas e) ao qual / cuja as

c) à qual / em cuja as

92. (TRE-RJ) "porque implica em cobrar o tempo" / porque implica cobrar o tempo. A construção do verbo implicar com a preposição em resulta, provavelmente, de um cruzamento sintático com verbo sinônimo (importar), sendo considerada errônea por alguns gramáticos. A alternativa em que há erro de regência na segunda das sentenças é:

a. **Preferimos pagar juros a ficar sem o produto. / Preferimos pagar juros do que ficar sem o produto.**
b. **Esquecemos facilmente o belo arrazoado aquiniano. / Esquecemo-nos facilmente do belo arrazoado aquiniano.**
c. **Queremos informar-lhes que nossos juros são baixos. / Queremos informá-los de que nossos juros são baixos.**
d. **Ainda nos lembramos da belíssima aula de filosofia tomista. / Ainda nos lembra a belíssima aula de filosofia tomista.**
e. **Se cobrar juros é pecado, chamamos de pecadores todos os banqueiros... / Se cobrar juros é pecado, chamamos pecadores a todos os banqueiros.**

93. (TRE-RO)

I - Pé-de-Meia é cabo eleitoral .... mostra serviço;

II - O homem .... te referiste é alistador de gente.

III - Eis os documentos .... necessitamos para o registro do candidato. A opção que completa corretamente as frases é:

a) que / o qual / os quais d) a que / a que / que

b) que / o qual / de que e) cujo / a que / que

c) que / a que / de que

94. (TRE-MT) A lacuna da frase "A situação .... aspiro começou a se delinear" é preenchida, de acordo com a norma culta, por:

a) onde d) que

b) cujo e) a qual

c) a que

95. (TRE-MG) A preposição nos parênteses não preenche corretamente a lacuna do período em:

a. O perigo .... o qual informaram a mulher era conhecido de quase todos. (sobre)
b. A menina .... que ele deparou trouxe-lhe muita esperança. (com)
c. O triste acontecimento .... que lembramos esclareceu a verdade. (de)
d. O jovem .... que chamamos de imprudente saiu às pressas. (a)
e. A verdade .... que ansiávamos surgiria a qualquer momento. (por)

96. (IBGE) Assinale a opção correta quanto à regência:

a) Os autores fazem referências desabonadoras as características do brasileiro.

b) A atenção à modernidade é indispensável àqueles comentários.

c) As pessoas são críticas no tocante as virtudes que possuem.

d) Os entrevistados se põem a responder as perguntas feitas.

e) Será pedida à entrevistada àquela resposta relativa a profissão.

97. (ETF-SP) .... você estima o orçamento .... solicitei?

a) Quanto - em que lhe d) Em quanto - de que o

b) Quanto - por que lhe e) Em quanto - que o

c) Em quanto - que lhe

98. (MACK) Visando ..... objetivo, visou ..... cheque e retirou-se. De acordo com a regência do verbo visar, o preenchimento adequado das lacunas seria:

a) o - ao d) ao - ao

b) a - ao e) o - o

c) ao - o

99. (PUC) Assinale a alternativa que preencha, pela ordem, corretamente, às lacunas:

1. A aurora é o terceiro tom .... fala o poeta.

2. A aurora é o terceiro tom .... se refere o poeta.

3. A aurora é o terceiro tom .... propõe o poeta.

4. A aurora é o terceiro tom .... faz menção o poeta.

a) de que, a que, a que, que

b) que, a que, que, a que

c) de que, a que, que, a que

d) a que, a que, que, que

e) de que, que, de que, a que

100. (TTN) Marque a alternativa incorreta quanto à regência verbal:

a. Na verdade, não simpatizo com suas idéias inovadoras.
b. Para trabalhar, muitos preferem a empresa privada ao serviço público.
c. Lamentavelmente, não conheço a lei que te referes.
d. Existem muitos meios a que podemos recorrer neste caso.
e. Se todos chegam à mesma conclusão, devem estar certos.

REGÊNCIA NOMINAL E VERBAL

1 - D 21 - E 41 - B 61 - E 81 - B

2 -B 22 - E 42 - A 62 - B 82 - E

3 - C 23 - D 43 - B 63 - A 83 - D

4 - D 24 - B 44 - A 64 - B 84 - A

5 - E 25 - C 45 - C 65 - C 85 - D

6 - E 26 - A 46 - B 66 - E 86 - A

7 - A 27 - D 47 - E 67 - E 87 - C

8 - E 28 - D 48 - B 68 - B 88 - B

9 - E 29 - C 49 - C 69 - E 89 - D

10 - D 30 - A 50 - D 70 - A 90 - D

11 - B 31 - D 51 - A 71 - E 91 - A

12 - E 32 - C 52 - A 72 - C 92 - A

13 - E 33 - A 53 - E 73 - A 93 - C

14 - B 34 - C 54 - C 74 - D 94 - C

15 - D 35 - E 55 - C 75 - A 95 - C

16 - D 36 - E 56 - A 76 - A 96 - B

17 - B 37 - A 57 - A 77 - D 97 - C

18 - E 38 - E 58 - B 78 - D 98 - C

19 - B 39 - D 59 - A 79 - C 99 - C

20 - B 40 - E 60 - E 80 - E 100 - C

MAIS EXERCICIOS

1) UFRJ – TRIB. REG. FEDERAL – TAQUÍGRAFO

Entre as frases abaixo aquela em que a regência verbal está em desacordo com as normas em vigor é:

a) **Aspiro ao cargo de taquígrafo judiciário;**
b) **Os técnicos procederam à análise da documentação;**
c) **Adverti-as de que o número de vagas não era muito elevado;**
d) **Ele me perguntou se o espetáculo fora interessante e eu o respondi que sim;**
e) **Não lhe desobedecerei jamais.**

2) UFRJ – TRIB. REG. FEDERAL – EXECUÇÃO DE MANDADOS

A frase em que a regência do verbo NÃO está de acordo com a norma gramatical é:

a) **“A prova de conhecimento será realizada de acordo com o disposto no inciso III do artigo 11, obedecido o seguinte:” (trecho de um regulamento);**
b) **Avisamo-lo de que poderia haver algumas desistências de última hora;**
c) **Eduardo esqueceu os disquetes;**
d) **Informamos-lhe de que o candidato da oposição renunciara à candidatura;**
e) **Os estudantes costumam assistir às defesas de tese.**

3) UFRJ – TRIB. REG. FEDERAL – SEM ESPECIALIDADE

Das frases abaixo, a que contém erro de regência verbal é:

a) **Quem desobedece ao regulamento demonstra que não é disciplinado;**
b) **Aproveitamos para lembrá-la que essa conduta é prevista na Consolidação das Leis Trabalhistas;**
c) **A reincidência poderá acarretar-lhe penalidades mais severas, que vão desde a suspensão do contrato de trabalho até a demissão por justa causa;**
d) **Essas medidas visam à reabilitação da imagem do nosso município no contexto nacional;**
e) **Procedeu-se à leitura dos autos.**

4) UFRJ – TRIB. REG. FEDERAL – SEM ESPECIALIDADE

O item que, no que se refere à regência verbal, está em desacordo com a gramática normativa é:

a) **Aproveitamos para lembrá-lo que essa conduta irregular, segundo a legislação trabalhista vigente, pode acarretar demissão por justa causa;**
b) **O fim desta é informar-lhe que seu carnê se encontra disponível em nossa filial de Icaraí;**
c) **É estranho não o terem avisado de que as inscrições para o concurso estavam abertas;**
d) **Os amigos e parentes preveniram-na do risco que corria;**
e) **Diante da preocupação dos membros da outra equipe com aspectos que poderiam ter impacto sobre o sistema ecológico da região, respondemos-lhes que estávamos dispostos a rever tais itens.**

5) ***UFRJ – TRIB. DE ALÇADA CÍVEL – AUXILIAR JUDICIÁRIO***

" ... nos damos conta da precariedade de tudo."
Após a expressão *dar-se conta* deve-se empregar a preposição de; a alternativa em que há erro de preposição (regência verbal) é:

a) **Eis a ordem de que nos insurgimos.**
b) **Este autor tem idéias com que todos simpatizamos.**
c) **Aludiram a incidentes de que já ninguém se lembrava.**
d) **Qual o cargo a que aspiras?**
e) **Há fatos que nunca esquecemos.**

6) ACCESS – TRIB. REG. DO TRABALHO – AGENTE ADMINISTRATIVO

Ela conhecera o poeta, _____ versos gostava e _____ estava apaixonada, na cidade _____ nascera.

As lacunas da frase acima são completadas, respectivamente, por:
a) **dos quais – por quem – que**
b) **de quem – por que – onde**
c) **por cujos – com quem – em que**
d) **de cujos – por quem – onde**
e) **os quais – pelo qual – em que**

7) ACCESS – TRIB. REG. DO TRABALHO – ATENDENTE JUDICIÁRIO

A substituição do termo grifado por um pronome pessoal está INCORRETA em:

a) **A empresa recebe os incentivos.**
A empresa recebe-os.
b) **O governo deu prioridade às questões ecológicas.**
O governo deu prioridade a elas.
c) **Eles destacaram o problema do desemprego.**
Eles destacaram-no.
d) **As autoridades do governo não queriam nenhuma discussão.**
As autoridades do governo não lhe queriam.
e) **O país não quis realizar políticas compensatórias.**
O país não quis realizá-las.

08) ***ACCESS – TRIB. REG. DO TRABALHO – ATENDENTE JUDICIÁRIO***

A lacuna da frase *"Fui visitar o lugar _____ nasci"* só pode ser preenchida, CORRETAMENTE, por:

a) **do qual**
b) **no qual**
c) **o qual**
d) **na qual**
e) **que**

9) FESP – TRIB. DE ALÇADA CÍVEL – AUXILIAR JUDICIÁRIO

A alternativa em que se pode condenar a construção que envolve o pronome relativo é:

a) **Ligue o rádio para ouvir as canções que gosta.**
b) **Não são poucas as pessoas que visitastes.**
c) **O filme a que assistiremos é imperdível.**
d) **O livro que li está esgotado.**

10) ACCESS – TRIB. REG. DO TRABALHO – OFICIAL DE JUSTIÇA AVALIADOR

Os termos sublinhados foram CORRETAMENTE substituídos por um pronome pessoal, EXCETO na frase da alternativa:

a) **Deixaram as chaves no carro.**
Deixaram-nas no carro.
b) **Comuniquei o fato ao diretor ontem.**
Comuniquei o fato a ele ontem.
c) **Já pagaram ao empregado o salário?**
Já pagaram-no o salário?
d) **Ele tem de permitir a saída do carro.**
Ele tem de permiti-la.
e) **Pusemos o livro na estante.**
Pusemo-lo na estante.

11) ACCESS – TRIB. REG. DO TRABALHO – AGENTE DE SEGURANÇA JUDICIÁRIA

Segundo a norma culta, há ERRO de regência com o verbo sublinhado na alternativa:

a) **Eu devo obedecer ao meu amigo.**
b) **Esqueci-me do nome dele.**
c) **Ao falarem de Imortalidade disse que aspirava a ela.**
d) **Prefiro ouvir música do que ver televisão.**
e) **Os deputados acusados já não podiam renunciar a seus mandatos.**

12) *ACCESS – TRIBUNAL REGIONAL DO TRABALHO – AGENTE DE SEGURANÇA JUDICIÁRIA*

A substituição do termo sublinhado por um pronome pessoal só está CORRETA, de acordo com a norma culta, na seguinte alternativa:

a) **O movimento visa encontrar soluções.**
O movimento visa encontrar elas.
b) **A campanha apresentou vários desdobramentos.**
A campanha apresentou-lhes.
c) **Esses momentos históricos apresentam facetas negativas.**
Esses momentos históricos apresentam-as.
d) **Assistimos ao desfile de corruptos.**
Assistimo-lo.
e) **O movimento busca reverter a deterioração social.**
O movimento busca revertê-la.

13) ACCESS – TRIB. REG. DO TRABALHO – AUXILIAR JUDICIÁRIO

A regência nominal está INCORRETA em:

a) **Fiquei próximo da entrada do edifício.**
b) **Esta determinação era contrária das anteriores.**
c) **Tal tarefa era incompreensível a todos.**
d) **Era um romance vazio de emoções.**

e) **Não estava atento às explicações do mestre.**

14) *ACCESS – TRIB. REG. DO TRABALHO – AUXILIAR JUDICIÁRIO*

1. Apresentaram provas ______ importância nos referimos.
2. Apresentaram soluções ______ eu não acreditava.

As lacunas são preenchidas, respectivamente, por:

a) **cuja – em que**
b) **a cuja – nas quais**
c) **a que – que**
d) **a qual – que**
e) **da qual – que**

15) *FESP – TRIB. DE ALÇADA CRIMINAL – AUXILIAR JUDICIÁRIO*

"Eis o motivo profundo pelo qual as favelas seguem – e prosseguem."

Sem alteração de sentido, a expressão sublinhada acima pode ser substituída por:

a) **como**
b) **porque**
c) **pelo que**
d) **por que**
e) **por onde**

16) *FESP – TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL – TÉCNICO JUDICIÁRIO – ÁREA FIM*

De acordo com a norma culta, a regência do verbo sublinhado está incorreta em:

a) **O sucesso, quem não o aspira?**
b) **Ele prefere ser preso a ir para a guerra.**
c) **Os objetivos a que eles visam são torpes.**
d) **Você assistiu a todos os jogos do Flamengo?**
e) **Ninguém tinha coragem de desobedecer a ele.**

17) *FESP – TRIB. REG. ELEITORAL – TÉCNICO JUDICIÁRIO – ÁREA FIM*

Há erro no emprego do pronome sublinhado, de acordo com a regência verbal, em:

a) **Os cheques que ele visava eram de outra agência.**
b) **Os prêmios a que ele aspirava não serão concedidos.**
c) **São várias as cláusulas do contrato das quais ele desconfia.**
d) **Os programas a cuja elaboração ele assistira foram elogiados.**
e) **As propostas que o advogado se refere não explicitam as condições de venda.**

18) *FESP – TRIB. REG. ELEITORAL – AUXILIAR JUDICIÁRIO*

Das alternativas abaixo, a que apresenta o termo sublinhado substituído, incorretamente, por um pronome pessoal é:

a) **Basta seguir o exemplo do Supremo.**
Basta seguir-lhe.
b) **Lembremos o caso da nomeação de parentes.**
Lembremo-lo.
c) **Os magistrados solicitaram recursos extras ao Tesouro**
Os magistrados solicitaram-nos ao Tesouro.

d) **Os juízes tentaran repor as perdas do plano Bresser.**
Os juízes tentaram repô-las.

e) **O julgamento do mérito da ação talvez acate a acusação do Procurador-Geral.**
O julgamento do mérito da ação talvez a acate.

19) *FESP – TRIB. REG. ELEITORAL – AUXILIAR JUDICIÁRIO*

Há erro no emprego do pronome relativo sublinhado (preposicionado ou não) na seguinte frase:

a) **Desconheço a artista de que falas.**
b) **Este é o livro de cujo autor ele faz alusão.**
c) **Os crimes pelos quais ele foi julgado eram antigos.**
d) **O juiz de cujas sentenças ele recorreu vai entrar de licença.**
e) **As decisões do STF às quais ele se referia eram todas de grande utilidade.**

20) FESP – TRIB. REG. ELEITORAL – AUXILIAR JUDICIÁRIO

De acordo com norma culta, há erro de regência do termo sublinhado em:

a) **Meu apartamento é contíguo ao do meu irmão.**
b) **O candidato julgou estar apto a fazer um bom exame.**
c) **A sociedade não pode ficar imune a essas solicitações.**
d) **A tolerância, mesmo exagerada, é preferível do que o ódio.**
e) **A Justiça do Trabalho é que julga os dissídios entre trabalhadores e patrões.**

21) FESP – TRIB. REG. ELEITORAL AUXILIAR JUDICIÁRIO

De acordo com a norma culta, há erro de regência, quanto ao verbo sublinhado, em:

a) **Quem ofende, não perdoa.**
b) **Não devemos chamá-lo de herói.**
c) **É preciso informar-lhes da nova legislação.**
d) **O diretor não queria visar aquele documento.**
e) **Os candidatos aspiravam a um cargo mais elevado.**

22) FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS – TRIB. REG. FEDERAL – TÉCNICO JUDICIÁRIO

O taquígrafo _____ rapidez admiramos, foi feliz no exame.

a) **cuja**
b) **por cuja**
c) **em cuja**
d) **cuja a**
e) **de cuja**

23) FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS – TRIB. REG. FEDERAL – TÉCNICO JUDICIÁRIO

É preciso _____ função de bibliotecário,

a) **desobrigar-lhe a**
b) **desobrigá-lo da**
c) **desobrigá-lo à**
d) **desobrigar-lhe à**
e) **desobrigar-lhe da**

24) VUNESP – SEC. DE ESTADOS DE NEGÓCIOS DA FAZENDA – SP – AGENTE FISCAL DE RENDAS

O emprego de pronomes relativos precedidos de preposição está correto apenas em:

a) **Recebeu promoção a servidora a cuja dedicação tanto deve nosso setor.**
b) **Olhem as notícias de cujas vocês vão saber os detalhes no jornal das cinco.**
c) **Esse é o tipo de assunto sobre o que não temos certeza nenhuma.**
d) **Já se vislumbra o prejuízo do qual sua atitude acarretaria.**
e) **Verificou-se a procedência do recurso ao qual os contribuintes pedem revisão dos cálculos.**

25) VUNESP – BANCO CENTRAL DO BRASIL – PROCURADOR

Assinale a alternativa em que o pronome oblíquo está de acordo com o padrão culto da língua.

a) **O pai ou responsável adquire o plano e coloca a criança como sua beneficiária. Quando o jovem completar vinte e um anos, transfere-o o plano.**
b) **O Presidente definiu a sua próxima viagem ao exterior e os especialistas que lhe assessoram já preparam a agenda de entrevistas.**
c) **Talvez a grande meta da educação no próximo milênio venha a ser a formação de profissionais que, ao lado da profundidade de seus conhecimentos específicos, desenvolvam idéias que os garantam uma visão generalista do mundo.**
d) **Espera-se que os franceses, com toda a diplomacia que lhes é inerente, recebam bem os estrangeiros que assistirão à Copa.**
e) **Ao longo dos últimos anos, o Brasil superou problemas e equívocos que lhe colocavam à margem da modernidade.**

26) FUNDAÇÃO JOÃO GOULART – SEC. MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO – AGENTE ADMINISTRATIVO

"Da janela de seu quarto, aberta para todos os quadrantes, o homem indaga o mundo, olha as razões do mundo, fareja os motivos e as conseqüências dessa ou daquela atitude, dessa ou daquela omissão, refletindo a vasta massa informe dos acontecimentos, das situações estacionárias, revolucionárias, ou reacionárias. Das promessas ou das mentiras universais."

Paulo Mendes Campos

Quanto à regência, os verbos *indaga*, *olha* e *fareja* classificam-se como verbos:

a) **transitivos diretos**
b) **transitivos diretos e indiretos**
c) **transitivos indiretos**
d) **de ligação**
e) **impessoais**

27) FESP – MAGISTÉRIO – PROFESSOR

Se se levar em conta que "regência verbal é a maneira de um verbo relacionar-se com seus complementos", a resposta adequada às exigências da gramática normativa encontram-se na opção

a) **O aluno vai na escola e desaprende a argumentar.**
b) **O aluno respeita quem lhe ensina a viver.**
c) **Alunos aspiram a uma escola de melhor qualidade.**
d) **A escola prefere mais alunos passivos do que contestadores.**
e) **A turma assistiu o torneio mundial de vôlei.**

28) EMAP – PREFEITURA MUNICIPAL DE NITERÓI – FISCAL DE POSTURA

De acordo com a norma culta contemporânea, a alteração da regência dos verbos das frases abaixo só é indevida na seguinte alternativa:

a) ***"O guarda-noturno olha para as casas ..."* / O guarda-noturno olha as casas ...**
b) ***"Às dez e meia, o guarda-noturno entra de serviço."* / Às dez e meia, o guarda-noturno entra em serviço.**
c) ***" Passo a passo, o guarda-noturno vai subindo a rua."* / Passo a passo, o guarda-noturno vai subindo pela rua.**

d) ***“O guarda-noturno caminha com delicadeza, para não acordar ninguém.”* / O guarda-noturno caminha com delicadeza, para não acordar a ninguém.**
e) ***“E as pessoas adormecidas sentem, dentro de seus sonhos, que o guarda-noturno está tomando conta da rua ...”* / E as pessoas adormecidas sentem, dentro de seus sonhos, de que o guarda-noturno está tomando conta da rua.**

29) UFRJ – MINISTÉRIO DA SAÚDE – AGENTE DE SAÚDE PÚBLICA

Na frase: “ ... assistindo a um bom Vasco X Flamengo ...”, o verbo *assistir* necessita da preposição *a*, adquirindo, assim, o significado de *presenciar*, *observar*; caso não houvesse essa preposição o mesmo verbo teria o sentido de *auxiliar*, *ajudar*. O verbo a seguir que varia de sentido conforme a sua regência é:

a) **gostar/gostar de**
b) **amar/amar a**
c) **ver/ver a**
d) **aspirar/aspirar a**
e) **observar/observar a**

30) FUNDAÇÃO JOÃO GOULART – CÂMARA MUNICIPAL – RJ – TAQUÍGRAFO

“ ... que a percebe apenas como meio de ascensão social ...”

A forma sublinhada é do pronome pessoal oblíquo átono de terceira pessoa. Que frase a seguir usa indevidamente um dos pronomes destacados?

a) **Não lhe agrada semelhante profecia?**
b) **A resposta do professor não o satisfez.**
c) **Ajudá-lo-ei a preparar as aulas.**
d) **O poeta assistiu-a nas horas amargas.**
e) **Eu lhe lembrarei das datas.**

31) FUNDAÇÃO JOÃO GOULART – CÂMARA MUNICIPAL – RJ – AGENTE DE PROCURADORIA

A questão agrária custa ao país sangue e lágrimas.
A regência do verbo custar é idêntica à do trecho acima em:

a) **Custa-me crer em tais arbitrariedades.**
b) **O sonho de justiça não deveria custar tanto.**
c) **A dignidade, por vezes, custa caro.**
d) **A terra custou aos lavradores a vida.**
e) **A luta pela terra muito nos custou.**

32) FESP – DETRAN – RJ – VISTORIADOR/EMPLACADOR

O verbo partir é classificado como transitivo direto e indireto em:

a) **Eu também gostaria de partir amanhã bem cedo.**
b) **Às vezes dá vontade de descer e partir para a briga.**
c) **Curiosamente, o novo viaduto parecia partir a cidade.**
d) **Ele costuma partir todos os seus ganhos entre os familiares.**
e) **Deve-se ter cuidado para não se partir de falsas afirmações.**

33) FESP – PREFEITURA MUNICIPAL DE ITABORAÍ – FISCAL DE TRIBUTOS

Ninguém _____ pediu nada, nem _____ ajudou, ninguém _____ julgou e nem_____ condenou por isso.

Os pronomes que completam adequadamente as lacunas da frase acima são, respectivamente:

a) **lhe, lhe, o, o**

b) **lhe, o, lhe, o**
c) **o, lhe, o, lhe**
d) **lhe, o, o, o**
e) **o, lhe, o, o**

34) CESGRANRIO – TELERJ – AGENTE ADMINISTRATIVO

A regência verbal está CORRETA apenas na opção:

a) **Procedeu-se às ligações recomendadas pelo chefe do departamento.**
b) **A aprovação que aspiram se concretizará, para um número considerável de candidatos.**
c) **Proibiram o porteiro em ausentar-se durante a tarde.**
d) **O regulamento da Companhia, obedeci-o integralmente.**
e) **Alguns preferem antes usar o telefone convencional, com fio, do que o moderno celular.**

35) CESGRANRIO – TELERJ – AGENTE ADMINISTRATIVO

Em relação à regência verbal, marque a alternativa em que se CONTRARIA a norma culta da língua:

a) **É necessário proceder à distribuição dos folhetos explicativos.**
b) **O empregado atendia a um e a outro; atendia-os ininterruptamente.**
c) **O funcionário aspira, desde muito tempo, um cargo melhor.**
d) **Prefiro ler cuidadosamente as críticas a certos textos a incorrer nas mesmas falhas.**
e) **Esforçavam-se os diretores para pôr um fim àquelas infindáveis discussões.**

36) CESGRANRIO – TELERJ – AUXILIAR ADMINISTRATIVO

Assinale a única frase correta quanto ao emprego do pronome relativo, tendo em vista a norma culta da língua.

a) **O melhor negócio do mundo, aonde se pode encontrar lucro fácil, vale ouro.**
b) **A matéria-prima cujo refino independe de artifícios é mais lucrativa.**
c) **A aplicação de tecnologia ultrapassada, de cuja prática nos livramos, colocou-nos em posição ímpar.**
d) **O uso de que a empresa lhe dá torna-o digno de figurar entre os grandes bens de consumo.**

37) CESGRANRIO – PETROBRÁS – AGENTE COMERCIAL E DE SERVIÇOS

Assinale a opção que se completa corretamente com o pronome colocado entre parênteses.

a) **Apenas alguns funcionários _____ desobedeceram, chefe. (o)**
b) **Todos nós _____ vimos no dia da entrevista. (a)**
c) **O médico _____visitou com mais assiduidade. (lhe)**
d) **Até os adversários mais inflamados _____ cumprimentaram. (lhe)**
e) **As palavras duras e impensadas _____ desagradaram profundamente. (o)**

38) FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS – CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

Assinale a alternativa em que há regência INCORRETA.

a) **O empenho com que G. M. Trevelyan dedicou-se à sua causa foi reconhecido por outros, principalmente pelo autor do texto.**
b) **A crise em que passa a civilização contemporânea é visível em muitos aspectos, inclusive na relação do homem com a natureza selvagem.**
c) **O homem sempre esteve disposto a dialogar com a natureza, mas esse diálogo nem sempre se deu segundo os mesmos interesses ao longo dos séculos.**
d) **Muitos consideram ofensivo à natureza considerá-la como algo à disposição das necessidades humanas.**
e) **Acompanhar a relação do ser humano com o campo através dos séculos propicia ao estudioso observar situações de que o homem nem sempre pode orgulhar-se.**

39) FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS – CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

Do século XVII ao XX circulou na Europa, com bastante intensidade, o mito de uma arcádia campestre. Muitos escritores ingleses sustentaram também esse mito durante séculos; os textos desses autores ingleses são até hoje bastante populares.

Reescrevendo-se o segundo período e substituindo-se os termos grifados acima por pronomes correspondentes, obtém-se corretamente:

a) **Muitos escritores ingleses, os quais textos são até hoje bastante populares, o sustentaram também durante séculos.**
b) **Muitos escritores ingleses, cujos textos são até hoje bastante populares, sustentaram-lhe também durante séculos.**
c) **Muitos escritores ingleses, cujos os textos são até hoje bastante populares, sustentaram-no também durante séculos.**
d) **Muitos escritores ingleses, cujos textos são até hoje bastante populares, sustentaram-no também durante séculos.**
e) **Muitos escritores ingleses, que os textos deles são até hoje bastante populares, sustentaram-lhe também durante séculos.**

40) FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS – MARE – ESPECIALISTA EM POLÍTICAS PÚBLICAS E GESTÃO GOVERNAMENTAL

Há ERRO de construção no segmento sublinhado na frase:

a) **Tais medidas não são relevantes para a classe patronal.**
b) **Sua reclusão a um cárcere foi considerada injusta.**
c) **Creio que foi inoportuna minha recondução ao cargo.**
d) **Sua irreverência para com o magistrado é constrangedora.**
e) **O político paga caro por seu divórcio com a vontade popular.**

41) FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS – MARE – ESPECIALISTA EM POLÍTICAS PÚBLICAS E GESTÃO GOVERNAMENTAL

A frase construída de forma inteiramente correta é:

a) **Não apreciei o filme que tantos dizem ter gostado.**
b) **A exposição a que resolvi prestigiar era um desastre.**
c) **A peça cuja execução ele mais se esmerou foi a de Mozart.**
d) **Ainda que comigo venham a discordar, editarei o livro.**
e) **Não é um romance por cujo estilo me sinta atraído.**

42) ESAF – TRIB. REG. FEDERAL – ATENDENTE JUDICIÁRIO

A regência verbal está correta na frase da opção:

a) **Eles preferiam mais música do que cinema.**
b) **Antônio, eu lhe vejo amanhã lá no clube.**
c) **O secretário informou ao candidato o resultado da prova.**
d) **A humanidade aspira dias melhores de existência.**
e) **É preciso seguir ao regulamento.**

43) ESAF – TÉCNICO DO TESOURO NACIONAL

Marque a alternativa incorreta quanto à regência verbal.

a) **Na verdade, não simpatizo com suas idéias inovadoras.**
b) **Para trabalhar, muitos preferem a empresa privada ao serviço público.**

c) **Lamentavelmente, não conheço a lei que te referes.**
d) **Existem muitos meios a que podemos recorrer neste caso.**
e) **Se todos chegam à mesma conclusão, devem estar certos.**

44) ESAF – AUDITOR FISCAL DO TESOURO NACIONAL

Indique a letra que completa com correção gramatical e com coerência as lacunas do trecho abaixo, pela ordem de aparecimento.

Diante do aumento da população de idosos, a sociedade brasileira começa a tomar consciência de que a questão exige uma política social imediata e enérgica, que permita não só __________ e __________ condições de sobrevivência, mas __________ à comunidade e à força produtiva, __________ a completa dimensão de cidadania.

a) **sustentá-los, fornecer-lhes, inserir-lhes, restituindo-lhes**
b) **ampará-los, dar-lhes, reintegrá-los, devolvendo-lhes**
c) **asilá-los, garantir-lhes, recolhê-los, subtraindo-lhes**
d) **acolher-lhes, garantir-lhes, introduzi-los, recambiando-lhes**
e) **assisti-los, prover-lhes, readmiti-los, alijando-lhes**

45) ESAF – MINISTÉRIO PÚBLICO – ASSISTENTE ATIVIDADE FIM

Aponte o trecho correto quanto à regência.

a) **Quando se desativa uma linha de trem, estão-se isolando muitas localidades que perderão o único meio de transporte que dispõem.**
b) **Em muitas cidades pequenas, no interior do país, prevalece a idéia, a qual se desconfia o próprio Prefeito seja adepto, de que o trem é meio de transporte obsoleto.**
c) **Como é interesse do País de que o preço do frete diminua, são urgentes e imprescindíveis investimentos em nosso sistema ferroviário.**
d) **A partir dos anos 50, o baixo custo do petróleo justificou a opção do transporte de carga por rodovias, às quais foram ganhando cada vez mais preferência.**
e) **No Brasil, dadas suas dimensões continentais, deve-se dar preferência às ferrovias para a movimentação de cargas.**

46) ESAF – TÉCNICO DO TESOURO NACIONAL

Assinale a alternativa incorreta quanto à regência.

a) **Creio que os trabalhadores estão muito conscientes de suas obrigações para com a Pátria.**
b) **O filme a que me refiro aborda corajosamente a problemática dos direitos humanos.**
c) **Esta novo adaptação teatral do grande romance não está agradando ao público; eu, porém, prefiro esta àquela.**
d) **O trabalho inovador de Gláuber que lhe falei chama-se Deus e o Diabo na Terra do Sol.**
e) **José crê que a classe operária está em condições de desempenhar um papel importante na condução dos problemas nacionais.**

47) ESAF – MINISTÉRIO PÚBLICO – AUXILIAR SERVIÇOS GERAIS

Considerando o emprego do pronome, assinale a sentença correta.

a) **Visitamos a antiga fábrica e lembramo-nos de muitos colegas de trabalho.**
b) **Para mim atender a um chamado por anúncio, certifico-me do endereço.**
c) **Enviaram as encomendas e os técnicos receberam-as logo.**
d) **Enquanto esperávamos o professor, lemos e se distraímos muito.**
e) **Tenha certeza, Vossa Excelência, de que vosso pedido será atendido por mim.**

48) ESAF – TÉCNICO DO TESOURO NACIONAL

Assinale o trecho que apresenta sintaxe de regência correta.

a) **A rigorosa seca que assola os estados do Nordeste impede que essa região desenvolva e atinja os níveis de crescimento sócio-econômicos desejados.**
b) **Se o Brasil tornasse independente dos empréstimos externos, poderia voltar a crescer no mesmo ritmo de desenvolvimento das décadas anteriores.**
c) **Surpreende-nos o fato de o Estado de São Paulo, que muito se difere do sul do país, ter engrossado as estatísticas favoráveis à criação de um Brasil do Sul.**
d) **É reducionista atribuirmos apenas à seca a razão que leva a população do norte e nordeste a se migrar para o sul.**
e) **A pretendida separação que pleiteiam os estados do Sul acarretará, se vier a se concretizar, a perda da identidade nacional.**

49) CESGRANRIO - SUPERITENDÊN CIA DE SEGUROS PRIVADOS – AGENTE EXTERNO

Observe as frases abaixo, quanto à regência.

I. O brasileiro prefere atualmente samba do que bolero.
II. Tal atitude implicou na sua demissão.
III. Ele sempre obedecia a ordens superiores.
IV. Assistimos emocionados àquele espetáculo de cores.

Estão corretas:

a) **somente I e IV**
b) **somente II e III**
c) **somente II e IV**
d) **somente III e IV**
e) **somente I, II e III**

50) CESGRANRIO – SUPERITENDÊNCIA DE SEGUROS PRIVADOS – ANALISTA TÉCNICO – CONTROLE E FISCALIZAÇÃO

Analise as frases abaixo, de acordo com a norma culta da língua.

1. **Aquele cidadão aspira a convivências amáveis.**
2. **O magistrado conferiu àqueles infratores pena capital.**
3. **Preferimos conduzir o povo à conscientização do que à degradação social.**
4. **O juiz informou-os de sua resolução.**
5. **Os parlamentares de cujo apoio reivindicamos mantiveram-se fiéis.**
6. **Quero muito bem a meus companheiros.**

As frases totalmente corretas são:

a) **somente 1 e 2.**
b) **somente 1, 3 e 6.**
c) **somente 2, 3 e 6.**
d) **somente 3, 4 e 5.**
e) **somente 1, 2, 4 e 6.**

51) UFRJ – CÂMARA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO – ASSISTENTE ADMINISTRATIVO

O pronome lhe está empregado em desacordo com as normas da língua culta em:

a) **O instinto lhe diz ser essa a causa da discórdia.**
b) **O cavaleiro estava aborrecido com o camponês, pelo medo que este lhe havia causado.**
c) **O patrão respondeu-lhe que podia estar descansada.**
d) **Fora ele mesmo quem lhe criara condições para chegar àquele ponto.**
e) **Os amigos lhe esperavam para iniciar o passeio.**

52) UFRJ – CÂMARA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO – REDATOR-REVISOR

Segundo Celso Cunha, o verbo visar – no sentido de "ter em vista", "ter como objetivo", "pretender" – pode construir-se com objeto indireto ou direto: "visando à noite de gala" ou "visando a noite de gala".

A dupla regência verbal é, igualmente, um fato da língua culta contemporânea em:

a) **Todos aspiramos a um bom emprego / um bom emprego;**
b) **Vários municípios aderiram à campanha / a campanha;**
c) **Nem todo mundo consegue recorrer à Justiça no Brasil / a Justiça;**
d) **A vida pública implica em responsabilidade / responsabilidade;**
e) **Todos anuíram em aprovar o estatuto / aprovar ao estatuto.**

53) UFRJ – CÂMARA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO – REDATOR-REVISOR

A alternativa em que a regência do verbo empregado na oração adjetiva contraria as normas da sintaxe culta é:

a) **Este é um país a cujo clima de euforia cultural muitos se opõem.**
b) **Este é um país de cujo clima de euforia cultural alguns se insurgem.**
c) **Este é um país com cujo clima de euforia cultural nem todos conseguem conviver.**
d) **Este é um país sobre cujo clima de euforia cultural o autor nos fala.**
e) **Este é um país em cujo clima de euforia cultural sobrevivemos.**

54) UFRJ – CÂMARA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO – REDATOR-REVISOR

A regência do nome empregado na oração adjetiva contraria as normas da sintaxe culta na opção:

a) **a estabilidade da moeda, a que está ligado o presente clima cultural;**
b) **este otimismo, de que são capazes apenas os *mass-media*;**
c) **a dimensão mercadológica, para que ficou reduzida a cultura;**
d) **um "país diferente", por que não sentimos tanto orgulho;**
e) **essa "cultura de massa das elites artísticas", com que o país vive satisfeito.**

55) UFRJ – CÂMARA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO – REDATOR-REVISOR

Do ponto de vista da língua culta, a opção em que se propõe alternativa inaceitável a uma regência empregada no texto é:

a) **"dimensão verdadeira dos problemas a enfrentar" / por enfrentar;**
b) **"todos os outros relacionados ao desenvolvimento" / com o desenvolvimento;**
c) **"crescimento em bases sólidas" / sob base sólida;**
d) **"resistência política dos possíveis perdedores às reformas" / contra as reformas;**
e) **"coisa parecida com a placidez do *ceteris paribus*" / à placidez**

56) UFRJ – CÂMARA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO – AUXILIAR DE SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

Observando-se as normas da língua culta, há inadequação no emprego do pronome pessoal oblíquo na frase:

a) **Prevenimos-lhe de que os resultados das pesquisas podem variar muito num curto espaço de tempo.**
b) **A nova descoberta, comunicamo-la a Vossa Senhoria, movidos pelo desejo de contribuir para a ciência.**
c) **Avisamos-lhe que suas pesquisas estão aquém das expectativas.**
d) **A equipe de cientistas obedece-lhe naquilo que for importante para as novas descobertas.**
e) **Aos críticos, os cientistas perdoaram-lhes porque, apesar dos erros de análise, a intenção foi boa.**

57) UFRJ – CÂMARA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO – AUXILIAR DE SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

Considerando-se as normas de regência da língua culta, observa-se que há INCORREÇÃO na frase:

a) **O homem de bem usufrui seus direitos sem prejudicar os outros.**
b) **Já o advertimos do inconveniente de contratar, agora, técnicos nessa área.**
c) **Esse cliente ainda não respondeu ao questionário de sondagem.**
d) **A secretária o preveniu que havia pouca reserva de tinta para impressora no almoxarifado.**
e) **Já o avisamos de que não conseguiremos tomar esse tipo de decisão na ausência dele.**

58) UFRJ – CÂMARA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO – ASSESSOR TÉCNICO PARLAMENTAR

O pronome lhe está em desacordo com as normas da língua culta em:

a) **O irmão do capitão pôs-lhe a mão no peito.**
b) **Tudo quanto o amigo lhe relatara não passava de ficção.**
c) **Pediu ao irmão que lhe visitasse na fazenda.**
d) **De repente veio-lhe uma vontade imensa de chorar.**
e) **Não era possível proibi-lo de fazer o que lhe era necessário.**

59) UFRJ – CÂMARA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO – ASSESSOR TÉCNICO PARLAMENTAR

Considerando-se as normas de regência da língua escrita culta, pode-se afirmar que está INCORRETA a frase:

a) **Não há quem não aspire a um emprego seguro, como bom salário.**
b) **O fiscal procedeu à leitura da lista de empregados.**
c) **Daniel tem uma atividade que o distrai, graças à qual faz amigos e esquece um pouco suas preocupações.**
d) **A noção de polissemia, à qual está associado o conceito de conotação, é fundamental em teoria semântica.**
e) **O fim desta é informar a Vossa Senhoria sobre as novas regras vigentes na instituição.**

60) UFRJ – CÂMARA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO – ASSESSOR TÉCNICO PARLAMENTAR

A opção em que o emprego do pronome relativo contraria as normas de regência da língua culta é:

a) **A língua estrangeira de que mais necessitamos é o espanhol.**
b) **O ideal por que este grupo luta é atingível.**
c) **O sintoma de que o cirurgião se referia é muito raro.**
d) **A falha que perdoamos não foi grave.**
e) **O funcionário a que perdoamos tem prestado bons serviços à instituição.**

GABARITO

1) D	2) D	3) B	4) A	5) A
6) D	7) D	8) B	9) A	10) C
11) D	12) E	13) E	14) B	15) D
16) A	17) E	18) A	19) B	20) D
21) C	22) A	23) B	24) A	25) D
26) A	27) C	28) E	29) F	30) E
31) D	32) D	33) D*	34) A	35) C
36) D	37) B	38) B	39) D	40) C
41) C	42) C	43) C	44) B	45) D
46) D	47) A	48) E	49) D	50) E
51) E	52) D	53) B	54) C	55) C
56) A	57) D	58) C	59) E	60) C

Questão 33: O verbo ajudar tem emprego preferencial transitivo direto. Entretanto, pode-se observar que seu emprego transitivo indireto já é viável, no atual estágio da língua, como se comprova em:

1. **LUFT, Celso Pedro, Dicionário de Regência Verbal, Editora Ática, 7ª edição, Rio de Janeiro, RF, 1999, p. 45.**
2. **BECHARA, Evanildo, Moderna Gramática Portuguesa, Editora Lucerna, 37ª edição, Rio de Janeiro, RJ, 1999, p. 572.**

Desta forma, o item “a” também é resposta válida para a questão.

12. ESTUDO DA CONCORDÂNCIA NOMINAL E VERBAL

1. (IBGE) Indique a opção correta, no que se refere à concordância verbal, de acordo com a norma culta:

a) Haviam muitos candidatos esperando a hora da prova.

b) Choveu pedaços de granizo na serra gaúcha.

c) Faz muitos anos que a equipe do IBGE não vem aqui.

d) Bateu três horas quando o entrevistador chegou.

e) Fui eu que abriu a porta para o agente do censo.

2. (IBGE) Assinale a frase em que há erro de concordância verbal:

a) Um ou outro escravo conseguiu a liberdade.

b) Não poderia haver dúvidas sobre a necessidade da imigração.

c) Faz mais de cem anos que a Lei Áurea foi assinada.

d) Deve existir problemas nos seus documentos.

e) Choveram papéis picados nos comícios.

3. (IBGE) Assinale a opção em que há concordância inadequada:

a) A maioria dos estudiosos acha difícil uma solução para o problema. b) A maioria dos conflitos foram resolvidos.

c) Deve haver bons motivos para a sua recusa.

d) De casa à escola é três quilômetros.

e) Nem uma nem outra questão é difícil.

4. (CESGRANRIO) Há erro de concordância em:

a) atos e coisas más

b) dificuldades e obstáculo intransponível

c) cercas e trilhos abandonados

d) fazendas e engenho prósperas

e) serraria e estábulo conservados

5. (MACK) Indique a alternativa em que há erro:

a) Os fatos falam por si sós.

b) A casa estava meio desleixada.

c) Os livros estão custando cada vez mais caro.

d) Seus apartes eram sempre o mais pertinentes possíveis.

e) Era a mim mesma que ele se referia, disse a moça.

6. (UF-PR) Enumere a segunda coluna pela primeira (adjetivo posposto):

(1) velhos ( ) camisa e calça ....

(2) velhas ( ) chapéu e calça ....

( ) calça e chapéu ....

( ) chapéu e paletó ....

( ) chapéu e camisa ....

a) 1 - 2 - 1 - 1 - 2 d) 1 - 2 - 2 - 2 - 2

b) 2 - 2 - 1 - 1 - 2 e) 2 - 1 - 1 - 1 - 2

c) 2 - 1 - 1 - 1 - 1

7. (UF-FLUMINENSE) Assinale a frase que encerra um erro de concordância nominal:

a) Estavam abandonadas a casa, o templo e a vila.

b) Ela chegou com o rosto e as mãos feridas.

c) Decorrido um ano e alguns meses, lá voltamos.

d) Decorridos um ano e alguns meses, lá voltamos.

e) Ela comprou dois vestidos cinza.

8. (BB) Verbo deve ir para o plural:

a) Organizou-se em grupos de quatro.

b) Atendeu-se a todos os clientes.

c) Faltava um banco e uma cadeira.

d) Pintou-se as paredes de verde.

e) Já faz mais de dez anos que o vi.

9. (BB) Verbo certo no singular:

a) Procurou-se as mesmas pessoas

b) Registrou-se os processos

c) Respondeu-se aos questionários

d) Ouviu-se os últimos comentários

e) Somou-se as parcelas

10. (BB) Opção correta:

a) Há de ser corrigidos os erros

b) Hão de ser corrigidos os erros

c) Hão de serem corrigidos os erros

d) Há de ser corrigidos os erros

e) Há de serem corrigidos os erros

11. (TTN) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal:

a. Soava seis horas no relógio da matriz quando eles chegaram.
b. Apesar da greve, diretores, professores, funcionários, ninguém foram demitidos.
c. José chegou ileso a seu destino, embora houvessem muitas ciladas em seu caminho.
d. Fomos nós quem resolvemos aquela questão.
e. O impetrante referiu-se aos artigos 37 e 38 que ampara sua petição.

12. (FFCL SANTO ANDRÉ) A concordância verbal está correta na alternativa:

a) Ela o esperava já faziam duas semanas.

b) Na sua bolsa haviam muitas moedas de ouro.

c) Eles parece estarem doentes.

d) Devem haver aqui pessoas cultas.

e) Todos parecem terem ficado tristes.

13. (MACK) Assinale a incorreta:

a) Dois cruzeiros é pouco para esse fim.

b) Nem tudo são sempre tristezas.

c) Quem fez isso foram vocês.

d) Era muito árdua a tarefa que os mantinham juntos.

e) Quais de vós ainda tendes paciência?

14. (PUC-RS) É provável que .... vagas na academia, mas não .... pessoas interessadas: são muitas as formalidades a .... cumpridas.

a) hajam - existem - ser d) haja - existe - ser

b) hajam - existe - ser e) hajam - existem - serem

c) haja - existem - serem

15. (CARLOS CHAGAS) .... de exigências! Ou será que não .... os sacrifícios que .... por sua causa?

a) Chega - bastam - foram feitos d) Chegam - basta - foram feitos

b) Chega - bastam - foi feito e) Chegam - bastam - foi feito

c) Chegam - basta - foi feito

16. (UF-RS) Soube que mais de dez alunos se .... a participar dos jogos que tu e ele ....

a) negou - organizou d) negou - organizaram

b) negou - organizasteis e) negaram - organizastes

c) negaram - organizaste

17. (EPCAR) Não está correta a frase:

a) Vai fazer cinco anos que ele se diplomou.

b) Rogo a Vossa Excelência vos digneis aceitar o meu convite.

c) Há muitos anos deveriam existir ali várias árvores.

d) Na mocidade tudo são flores.

e) Deve haver muitos jovens nesta casa.

18. (FTM-ARACAJU) A frase em que a concordância nominal contraria a norma culta é:

a) Há gritos e vozes trancados dentro do peito.

b) Estão trancados dentro do peito vozes e gritos.

c) Mantêm-se trancadas dentro do peito vozes e gritos.

d) Trancada dentro do peito permanece uma voz e um grito.

e) Conservam-se trancadas dentro do peito uma voz e um grito.

19. (SANTA CASA) Suponho que .... meios para que se .... os cálculos de modo mais simples.

a) devem haver - realize d) deve haver - realizem

b) devem haver - realizem e) deve haver - realize

c) deve haverem - realize

20. (FUVEST) Indique a alternativa correta:

a) Tratavam-se de questões fundamentais.

b) Comprou-se terrenos no subúrbio.

c) Precisam-se de datilógrafas.

d) Reformam-se ternos.

e) Obedeceram aos severos regulamentos.

21. (PUC-RJ) Indique a série que corresponde às formas apropriadas para os enunciados abaixo:

As diferenças existentes entre homens e mulheres .... ser um fato indiscutível.

1. parece 2. parecem

Alguns cientistas, desenvolvendo uma nova pesquisa sobre a estrutura do cérebro, os efeitos dos hormônios e a psicologia infantil, ... que as diferenças entre homens e mulheres não se devem apenas à educação.

3. propõe 4. propõem

.... diferenças cerebrais condicionadoras das aptidões tidas como tipicamente masculinas ou femininas.

5. Haveria 6. Haveriam

.... ainda pesquisadores que consideram os machos mais agressivos, em virtude de sua constituição hormonal.

7. Existe 8. Existem

Como sempre, discute-se se é a força da Biologia, ou meramente a Educação, que .... sobre o comportamento humano.

9. predomina 10. predominam

a) 2, 4, 5, 8, 9 d) 2, 3, 5, 8, 10

b) 1, 4, 6, 8, 9 e) 2, 4, 6, 7, 9

c) 2, 4, 6, 7, 10

22. (FUVEST) Num dos períodos seguintes não se observa a concordância prescrita pela gramática. Indique-o:

a) Não se apanham moscas com vinagre.

b) Casamento e mortalha no céu se talha.

c) Quem ama o feio, bonito lhe parece.

d) De boas ceias, as sepulturas estão cheias.

e) Quem cabras não tem e cabritos vende, de algum lugar lhe vêm.

23. (FUVEST) .... dez horas que se .... iniciado os trabalhos de apuração dos votos sem que se .... quais seriam os candidatos vitoriosos.

a) Fazia, haviam, previsse d) Faziam, havia, previssem

b) Faziam, haviam, prevesse e) Fazia, haviam, prevessem

c) Fazia, havia, previsse

24. (FUVEST) Aponte a alternativa correta:

a) Considerou perigosos o argumento e a decisão.

b) É um relógio que torna inesquecível todas as horas.

c) Já faziam meses que ela não a via.

d) Os atentados que houveram deixaram perplexa a população.

e) A quem pertence essas canetas?

25. (FUVEST) Indique a alternativa correta:

a. Filmes, novelas, boas conversas, nada o tiravam da apatia.
b. A pátria não é ninguém: são todos.
c. Se não vier, as chuvas, como faremos?
d. É precaríssima as condições do prédio.
e. Vossa Senhoria vos preocupais demasiadamente com a vossa imagem.

26. (FMU) Vão .... à carta várias fotografias. Paisagens as mais belas .... Ela estava .... narcotizada.

a) anexas - possíveis - meio d) anexo - possível - meio

b) anexas - possível - meio e) anexo - possível - meia

c) anexo - possíveis - meia

27. (FMU) Vai .... à carta minha fotografia. Essas pessoas cometeram crime de ....-patriotismo. Elas .... não quiseram colaborar.

a) incluso - leso - mesmo d) incluso - leso - mesmas

b) inclusa - leso - mesmas e) inclusas - lesa - mesmo

c) inclusa - lesa - mesmas

28. (MACK) Assinale a alternativa em que há erro de concordância:

a) Tinha os olhos e a boca abertos.

b) Haviam ratos no porão.

c) Tu e ele permanecereis na mesma sala.

d) Separamo-nos ela e eu.

e) Ouviam-se passos lá fora.

29. (UF-PELOTAS) No grupo, ... os trabalhos.

a) sou eu que coordena d) é eu quem coordeno

b) é eu que coordena e) sou eu que coordeno

c) é eu quem coordena

30. (UF-ES) O verbo está no plural porque o sujeito é composto em:

a. À autora e à maioria das pessoas não interessam as vantagens da morte.
b. Os sentimentos de gratidão e de amor só conseguem ser eternos enquanto duram.
c. Amigos e amigas, não me chamem de inesquecível.
d. Pedaços de dor e de saudade cobrem a minha alma esbagaçada.
e. Limpos estão os meus olhos e o meu coração.

31. (FRANCISCANAS-SP) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal:

a) Sou eu que primeiro saio.

b) É cinco horas da tarde.

c) Da cidade à praia é dois quilômetros.

d) Dois metros de tecido são pouco para o terno.

e) Nenhuma das anteriores está correta.

32. (UF-SC) Assinale o item que apresenta erro de concordância:

a. Prepararam-se as tarefas conforme havia sido combinado.
b. Deve haver pessoas interessadas na discussão do problema.

c. Fazem cem anos que Memórias Póstumas de Brás Cubas teve sua primeira edição.
d. Devem existir razões para ele retirar-se do grupo.
e. Um e outro descendiam de famílias ilustres.

33. (CESGRANRIO) Assinale o item que não apresenta erro de concordância:

a) Ainda resta cerca de vinte alunos.

b) Haviam inúmeros assistentes na reunião.

c) Tu e ele saireis juntos.

d) Foi eu quem paguei as suas dívidas.

e) Há de existir professores esforçados.

34. (UF-PR) Enumere (verbo posposto):

(1) cantamos (2) cantais (3) cantam

( ) Ele e ela .... / ( ) Eu e tu ....

( ) Ele e eu .... / ( ) Eu e ela ....

( ) Tu e ele ....

a) 3 - 1 - 1 - 1 - 2 d) 3 - 3 - 3 - 1 - 2

b) 3 - 2 - 1 - 1 - 2 e) 3 - 1 - 1 - 1 - 3

c) 1 - 2 - 3 - 1 - 2

35. (MED-SANTOS) Assinale a alternativa incorreta:

a) Precisam-se alunos especializados.

b) Precisa-se de alunos especializados.

c) Precisam-se de alunos competentes.

d) Assiste-se a filmes nacionais.

e) Obedeça-se aos regulamentos.

36. (MED-SANTOS) Apenas uma das frases está correta:

a. Nesta casa, consertam-se televisores e precisa-se de técnicos em eletrônica.
b. Nesta casa, conserta-se televisores e precisam-se de técnicos em eletrônica.
c. Nesta casa, conserta-se televisores e precisa-se de técnicos em eletrônica.
d. Nesta casa, consertam-se televisores e precisam-se de técnicos em eletrônica.
e. Nesta casa, consertam-se televisores e precisa-se técnicos em eletrônica.

37. (ITA) Dada as sentenças:

1. Eram duas horas da tarde. 2. Fui eu que resolvi o problema.

3. Hoje são sete de março.

Deduzimos que:

a) Apenas a sentença número 1 está correta d) Todas estão corretas

b) Apenas a sentença número 2 está correta e) n.d.a

c) Apenas a sentença número 3 está correta

38. (CARLOS CHAGAS)) Sr. Professor, peço ao Sr. a fineza de me .... a quinta lição, e .... a .... anterior decisão.

a) enviar - reconsiderar - sua

b) enviardes - reconsiderardes - vossa

c) enviar - reconsiderar - vossa

d) enviardes - reconsiderardes - sua

e) enviardes - reconsiderar - vossa

39. (CARLOS CHAGAS)) .... V. Excelência, se não me apresento pessoalmente ...., embora aqui esteja, sempre ....

a) Perdoai-me - a vós - a vosso dispor

b) Perdoe-me - ao Sr. - ao seu dispor

c) Perdoai-me - a V. Excelência - a seu dispor

d) Perdoe-me - a V. Excelência - a seu dispor

e) Perdoai-me - a V. Excelência - ao dispor de V. Excelência

40. (USP) Assinale a opção onde houver erro gramatical:

a) A maioria das mulheres é inteligente.

b) A maioria das mulheres são inteligentes.

c) Uma ou outra forma estão certas.

d) Ainda vai haver noites frescas.

e) Pedimos que Vossa Senhoria vos digneis receber-nos.

41. (OBJETIVO) Assinale a alternativa incorreta quanto à concordância nominal:

a) Os torcedores traziam em cada mão bandeira e flâmula amarela.

b) Um e outro aplicador indecisos.

c) Tinha as mãos e o rosto coloridos de púrpura.

d) Escolheste ótima ocasião e lugar para o churrasco.

e) Ele estava com o braço e a cabeça quebradas.

42. (OBJETIVO) Assinale a alternativa incorreta quanto à concordância nominal:

a) Vieira enriqueceu a literatura com sermões e cartas magníficas.

b) Mulheres nenhumas são santas.

c) Analisamos as literaturas portuguesa e brasileira.

d) Um e outro aluno estudioso compareceu.

e) Belas poesias e discursos marcaram as comemorações.

43. (OBJETIVO) "Envio-lhe .... os planos ainda em estudo e .... explicações dadas pelo candidato e secretária ...."

a) anexo - bastantes - atenciosos

b) anexos - bastante - atenciosos

c) anexos - bastantes - atenciosas

d) anexos - bastantes - atenciosos

e) anexo - bastante - atenciosa

44. (OBJETIVO) Assinale a alternativa incorreta:

a. "Repousavam bem perto um do outro a matéria e o espírito." (A. Herculano)
b. Mulher não foi talhada para homens indefesos.
c. É necessário cautela com a vida.
d. Para quem esta entrada é proibida?
e. Ela sempre namorava com a Júlia a tira-colo.

45. (OBJETIVO) Assinale a alternativa incorreta:

a) Olhos verde-mar são os que eu mais admiro.

b) Fernanda, a linda garota de olhos azuis é a alegria da casa.

c) Vossa Alteza foi generoso.

d) Paulo conhece bem as línguas gregas e latinas.

e) Comprei um carro verde-abacate.

46. (MED-ITAJUBÁ) Em todas as frases a concordância nominal se fez corretamente, exceto em:

a) Os soldados, agora, estão todos alerta.

b) Ela possuía bastante recursos para viajar.

c) As roupas das moças eram as mais belas possíveis.

d) Rosa recebeu o livro e disse: "Muito obrigada".

e) Sairei de São Paulo hoje, ao meio-dia e meia.

47. (UE-MARINGÁ) Assinale a alternativa em que a concordância nominal está correta:

a. Seguem anexas as certidões solicitadas.
b. As portas estavam meias abertas.
c. Os tratados lusos-brasileiros foram assinados.
d. Todos estavam presentes, menas as pessoas que deveriam estar.
e. Vossa Excelência deve estar preocupado, Senhor Ministro, pois não conseguiu a aprovação dos tratados financeiros-comerciais.

48. (FURG-RS) Nós .... providenciamos os papéis, que enviamos .... às procurações, como instrumentos .... para fins desejados. A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:

a) mesmas, anexas, bastante d) mesmos, anexos, bastantes

b) mesmos, anexo, bastante e) mesmos, anexos, bastante

c) mesmas, anexo, bastantes

49. (UNISINOS) O item em que ocorre concordância nominal inaceitável é:

a) Era uma árvore cujas folhas e frutos bem diziam de sua utilidade.

b) Vinha com bolsos e mãos cheios de dinheiro.

c) Ela sempre anda meia assustada.

d) Envio-lhe anexa as declarações de bens.

e) Elas próprias assim o queriam.

50. (OSEC) Assinale a frase que possua a mesma sintaxe de concordância de "É proibido entrada.":

a) É proibido a entrada. d) Proibi-se a entrada de cães.

b) Não se permite entrada de cães. e) É um homem de verdade.

c) No calor, cerveja é bom.

51. (MED-CATANDUVA) Assinale a alternativa correta:

a) É preciso coragem. d) Hoje são trinta de junho.

b) Antônio ou João será o presidente. e) Todas estão corretas.

c) E isso eram trevas da noite.

52. (PUC) Há muitas pessoas que .... a própria personalidade, tornando- se .... de objetos.

a) renega, escrava d) renegam, escravo

b) renegam, escravas e) renega, escravas

c) renega, escravos

53. (CARLOS CHAGAS)) Ainda .... furiosa, mas com .... violência, proferia injúrias .... para escandalizar os mais arrojados.

a) meia - menas - bastantes d) meio - menos - bastantes

b) meia - menos - bastante e) meio - menas - bastantes

c) meio - menos - bastante

54. (CARLOS CHAGAS)) Água às refeições é .... para a saúde. Essa é uma das minhas precauções que .... tomar, se se quer conservar a silhueta.

a) mau - é preciso d) má - são precisas

b) mau - são precisas e) má - é preciso

c) mal - é precisa

55. (CARLOS CHAGAS)) Deficiências de verbas não .... para desencorajar novas atividades ....

a) são o suficiente - técnico-científicas

b) são suficiente - técnicas-científicas

c) é o suficiente - técnico-científicas

d) são o suficiente - técnicas-científicas

e) basta - técnicos-científicas

56. (CARLOS CHAGAS)) Durante o comércio.......... .

a) fizeram-se ouvir pseudos-democratas

b) fez-se ouvir pseudo-democratas

c) fizeram-se ouvirem pseudodemocratas

d) fez-se ouvirem pseudos democratas

e) fizeram-se ouvir pseudodemocratas

57. (PUCC) Assinalar a concordância errada:

a) Ali se vendia pães.

b) Era meio-dia e meia.

c) Na exposição, venderam-se oito cavalos árabes.

d) Crime de leso-patriotismo.

e) Os soldados ficaram alerta.

58. (PUCC) Assinale a alternativa em que meio funciona como advérbio:

a) Fica no meio do quarto. d) Achei o meio de encontrar-te.

b) Quero meio quilo. e) n.d.a

c) Está meio triste.

59. (CESCEA) Assinale a correta:

a) Será proibido a entrada aos retardatários.

b) Dado as circunstâncias, retirou-se.

c) O Governo destinou bastantes recursos ao BNH.

d) Seguem anexo três certidões.

e) Eu mesmo, disse ela, cuidarei disso.

60. (CESCEA)

I - Correm .... aos processos vários documentos.

II - Paisagens as mais belas ....

III - É .... entrada às pessoas estranhas.

a) anexo, possíveis, proibida d) anexos, possível, proibido

b) anexos, possíveis, proibido e) anexo, possível, proibida

c) anexos, possível, proibida

61. (ITA) Assinale a frase cuja concordância não se pode defender:

a) A árvore crescia a olhos vista.

b) A árvore crescia a olhos vistos.

c) Vista a olhos a árvore crescia.

d) Não fosse os manuscritos como conheceríamos a Idade Média?

e) São preocupações bastantes para levar alguém ao desespero.

62. (SANTA CASA) Não há erro de concordância em:

a) "Ela era filha de um casal de velhos que a idolatravam."

b) "Foi proibido, no estádio, a entrada do repórter."

c) "Era duas horas da tarde, quando pude almoçar."

d) "Anexas ao pedido, seguem as necessárias informações."

e) "Saímos depressa porque já era meio-dia e meio."

63. (PUC-RS) Trajava à moda antiga, uma saia ...., uma blusinha .... e sorria timidamente para os rapazes, abrindo muito os olhos .... onde se via um brilho de malícia.

a) azul-marinho - verde-clara - castanho

b) azul-marinha - verde-claro - castanhos

c) azul-marinha - verde-clara - castanhos

d) azul-marinha - verde-claro - castanho

e) azul-marinho - verde-clara - castanhos

64. (MACK) Tercília, você está ...., mas como .... apenas dois dias para o encerramento das inscrições, é melhor você fazer um sacrifício e ir ao colégio.

a) meio resfriada - falta d) meio resfriado - faltam

b) meia resfriada - falta e) meia resfriada - faltam

c) meio resfriada - faltam

65. (CESGRANRIO) Assinale a opção em que a concordância verbal contraria a norma culta da língua:

a) Não se assistia a tais espetáculos aqui.

b) Podem-se respeitar essas convenções.

c) Pode-se perdoar aos exilados.

d) Há de se fazer muitas alterações.

e) Não se trata de problemas graves.

66. (FUVEST) "Eu não sou o homem que tu procuras, mas desejava ver-te, ou, quando menos, possuir o teu retrato." Se o pronome tu fosse substituído por Vossa Excelência, em lugar das palavras destacadas no texto acima transcrito teríamos, respectivamente, as seguintes formas:

a) procurais, ver-vos, vosso d) procurais, vê-la, vosso

b) procura, vê-la, seu e) procurais, ver-vos, seu

c) procura, vê-lo, vosso

67. (FUVEST) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas: Quantas semanas .... para eles .... o trabalho?

a) é necessário, terminassem d) são necessários, terminem

b) é necessário, terminar e) são necessárias, terminarem

c) são necessários, terminarem

68. (UM-SP) O período está expresso corretamente em:

a) Não se pensam em miséria com dinheiro no bolso.

b) Estudaram-se esta matéria.

c) Esclareceram-se as dúvidas.

d) Comentaram-se muito durante a estréia da peça.

e) Convocou-se os candidatos à Prefeitura.

69. (UM-SP) Assinale a oração em que o verbo não concorda em número e pessoa com o sujeito, ferindo os princípios da concordância:

a. Faltam ainda alguns passos seguros para a aquisição de uma vida pacífica.
b. Existem criações sensatas capazes de superar até as mais espantosas maldades.
c. As desilusões que a perturbam hoje já passaram alguns dias comigo.
d. De sinceras intenções, as pessoas estão saturadas.
e. Exatamente irreais, suas palavras só contém valores supérfluos.

70. (UM-SP) .... existir discos voadores, mas muitos testemunhos já .... que .... considerar-se absurdos.

a) Podem, houve, podem d) Pode, houve, pode

b) Pode, houve, podem e) Podem, houveram, podem

c) Podem, houveram, pode

71. (UM-SP) Indique a frase em que a palavra só é invariável:

a. Elas partiram sós, deixando-me para trás aborrecida e bastante magoada.
b. Chegaram sós, com o mesmo ar exuberante de sempre.
c. Sós, aquelas moças desapareceram, cheias de preocupações.
d. Aqueles jovens rebeldes provocaram sós essa movimentação.
e. Depois de tão pesadas ofensas, prefiro ficar a sós a conviver com essa agressiva companhia.

72. (AFTN) Indique o único segmento que apresenta concordância verbal condizente com as normas do português padrão:

a. O funcionamento dos dois hemisférios cerebrais são necessários tanto para as atividades artísticas como para as científicas.
b. As diferentes divisões e subdivisões a que se submetem a área de ciências humanas provocam uma indesejável pulverização de domínios do conhecimento.
c. Normalmente, a aplicação de métodos quantitativos e exatos acabam por distorcer as linhas de raciocínio em ciências humanas.
d. Uma das premissas básicas do conjunto de assunções teóricas e epistemológicas do trabalho que ora vem a lume é a concepção da Arte como uma entre as muitas formas por meio das quais o conhecimento humano se expressa.
e. Não existem fórmulas precisas ou exatas para avaliar uma obra de arte, não existe um padrão de medida ou quantificação, tampouco podem haver modelos rígidos pré-estabelecidos.

73. (UM-SP) Seguem .... as cópias e nelas há .... letras .... apagadas.

a) anexas, bastante, meias d) anexas, bastantes, meia

b) anexo, bastantes, meio e) anexas, bastantes, meio

c) anexo, bastante, meias

74. (OBJETIVO) Assinale a alternativa gramaticalmente correta:

a. O povo brasileiro anseia por uma Constituição digna.
b. Era necessário a permanência do médico no hospital.
c. Aconteceu, durante a discussão do processo, graves distúrbios entre os parlamentares.
d. Sua discrição era digna de elogios, pois todos estavam ao par das dificuldades de se manter secreta a negociação.
e. Não mais se lê bons autores naquela escola.

75. (FCMPA-MG) A concordância verbal não está correta em:

a) Isso são verdadeiros absurdos.

b) Os Andes ficam na América.

c) Entre nós não haviam segredos.

d) Isso não passa de absurdos comentários.

e) Menos de dois alunos disputam a vaga.

76. (FCMPA-MG) Todas as concordâncias nominais estão corretas, exceto em:

a) Seguem anexo as notas promissórias.

b) Escolhemos má hora e lugar para a festa.

c) A justiça declarou culpados o réu e a ré.

d) A moça usava uma blusa verde-clara.

e) Estou quite com meus compromissos.

77. (FCMSC-SP) Não chove .... meses; mas a esperança e o vigor que sempre .... no sertanejo não o ....

a) faz, existiu, abandonou d) fazem, existiram, abandonaram

b) faz, existiram, abandonaram e) fazem, existiu, abandonaram

c) fazem, existiu abandonou

78. (FCMSC-SP) Não .... ainda sete horas, e já .... muitas pessoas que .... o início do expediente.

a) seriam, haviam, aguardava d) seria, haviam, aguardavam

b) seriam, havia, aguardavam e) seria, havia, aguardavam

c) seria, haviam, aguardava

79. (FUEL-PR) Já .... uns doze anos que ele não voltava à terra natal, por isso não sabia que lá .... ocorrido mudanças.

a) deviam fazerem, havia d) deviam fazer, haviam

b) devia fazer, haviam e) deviam fazer, havia

c) devia fazer, havia

80. (FUEL-PR) A apuração dos dois crimes .... até que se .... provas decisivas.

a) vai continuar, encontrarem d) deviam fazer, haviam

b) vão continuar, encontre e) deviam fazer, havia

c) vão continuar, encontrem

81. (FMU) Assinale a alternativa que, na seqüência, completa corretamente as orações seguintes: I - Isto .... migalhas. II - Nossa vida .... loucuras. III - Vocês .... meu castigo. IV - As cores vermelha e negra .... a marca do brasão. V - Hoje .... doze de janeiro.

a) são, eram, serão, eram, são d) é, eram, serão, eram, são

b) é, eram, serão, era, é e) são, eram, serão, era, é

c) são, era, serão, era, são

82. (CARLOS CHAGAS-BA) Se V. Excelência .... partir, só me resta desejar-...... que .... feliz.

a) pensais, vos, seja d) pensa, vos, sejais

b) pensa, lhe, seja e) pensais, lhe, seja

c) pensais, vos, sejais

83. (CARLOS CHAGAS-BA) Em muito pouco tempo .... vários erros, e .... muitas horas para corrigi-los.

a) foram cometidos, serão necessárias

b) foi cometido, será necessário

c) foram cometidos, será necessárias

d) foi cometido, será necessárias

e) foram cometidos, será necessária

84. (CARLOS CHAGAS-BA) .... fazer cinco meses que não a vemos; .... existir motivos imperiosos para a sua ausência, pois, se não ...., ela já nos teria procurado.

a) Vai, deve, houvessem d) Vão, devem, houvesse

b) Vai, devem, houvessem e) Vão, devem, houvessem

c) Vão, deve, houvesse

85. (CARLOS CHAGAS) Não .... eu que .... ao desamparo um pai idoso, a quem a velhice ou a doença .... do sustento próprio.

a) foi - deixou - privaram d) foi - deixei - privou

b) fui - deixei - privou e) foi - deixei - privaram

c) fui - deixou - privou

86. (CARLOS CHAGAS-BA) A essa altura, não .... mais ingressos, pois já .... dias que a casa tem estado com a lotação esgotada.

a) deve haver, faz d) devem haver, fazem

b) deve haver, fazem e) devem haver, faz

c) deve haverem, faz

87. (CARLOS CHAGAS-BA) Já .... ser sete horas quando, ... a fumaça e o fogo, os bombeiros abandonaram o local do incêndio.

a) deveria, extinto d) deveriam, extinta

b) deveria, extinta e) deveriam, extintas

c) deveria, extintos

88. (PUC-RS) Asseguro a V. Excelência que não .... incomodar-.... com a elaboração dos testes; .... ficar tranqüilo.

a) precisa, se, pode d) precisais, vos, podeis

b) precisa, se, podes e) precisa, vos, pode

c) precisas, te, podes

89. (PUC-RS) .... meses que .... os resultados do concurso sobre poesia. .... muitos ganhadores e prêmios.

a) Faz, saíram, Houve d) Fazem, saiu, Houve

b) Fazem, saíram, Houveram e) Faz, saiu, Houve

c) Fazem, saiu, Houveram

90. (ITA) Assinale a alternativa correta: " .... muitos anos que compramos um compêndio e uma gramática .... para estudar a língua e a literatura.............. ."

a) Faz, volumoso, luso-brasileiras

b) Deve fazer, volumosos, portuguesa

c) Fazem, volumosos, portuguesa

d) Devem fazer, volumosa, portuguesa

e) Faz, volumosas, luso-brasileira

91. (ITA) Dadas as sentenças:

1. Reparem no que o conferencista está dizendo.

2. Devem haver muitas pessoas revoltadas naquele país.

3. Depois do que você me fez, acho que estamos quite.

Deduzimos que:

a) apenas a sentença número 1 está correta

b) apenas a sentença número 2 está correta

c) apenas a sentença número 3 está correta

d) todas estão corretas

e) n.d.a

92. (CARLOS CHAGAS-RJ) Elas ....providenciaram os atestados, que enviaram .... às procurações, como instrumentos .... para o fins colimados.

a) mesmas, anexos, bastantes d) mesmo, anexos, bastante

b) mesmo, anexo, bastante e) mesmas, anexos, bastante

c) mesmas, anexo, bastante

93. (CARLOS CHAGAS-RJ) Ela .... não sabia se as declarações deviam ou não .... ao processo.

a) mesma, ir anexas d) mesmo, ir anexos

b) mesmo, ir anexo e) mesma, ir anexa

c) mesma, irem anexas

94. (UF-PA) Naquela noite, ... pessoas .... magoadas .... porque não falaste a verdade sobre a programação da festa.

a) havia, bastantes, com você d) havia, bastante, consigo

b) havia, bastantes, consigo e) havia, bastante, contigo

c) haviam, bastante, contigo

95. (ETF-SP) Os vendedores .... aguardar aqui, enquanto você recolhe as ordens de entrada que lhes ....

a) podem - foram dadas d) pode - foram dadas

b) pode - foi dado e) podem - foi dado

c) podem - foram dados

96. (ETF-SP) Creio que .... existir meios capazes de solucionar estes problemas que nos .... já .... muitos anos.

a) deve - afligem - fazem d) devem - afligem - faz

b) deve - afligem - faz e) devem - afligem - fazem

c) devem - aflige - fazem

97. (BB) Concordância verbal incorreta:

a) V. Excelência é generoso.

b) Mais de um jornal comentou o jogo.

c) Elaborou-se ótimos planos.

d) Eu e minha família fomos ao mercado.

e) Os Estados Unidos situam-se na América do Norte.

98. (BB) Concordância verbal correta:

a) Foi aí que todos entramos na sala.

b) As pessoas esquecem-se de mandarem mensagens aos amigos.

c) Cada um dos alunos receberam seus cadernos.

d) Três mil cruzados são pouco pelo serviço.

e) Não me consta tais informações.

99. (BB) Concordância verbal incorreta:

a) Poderá haver problemas. d) Você e ele ficarão de guarda.

b) V. Senhoria já se decidiu? e) Quando chegares, telefone-me. c) Eu e tu iremos hoje.

100. (BB) Concordância verbal correta:

a) Cala-te e ouça! d) Cala-te e ouves!

b) Cala-te e ouve! e) Cala-se e ouça!

c) Cala-se e ouve!

101. (AFTN) Assinale o segmento que desrespeita a concordância da norma padrão:

a. Caim, antes e depois de ter matado seu irmão Abel, aparece sempre como superior: sem dúvidas antes, sem arrependimento depois.

b. Nas grandes cidades, o excesso de veículos de passageiros congestiona o trânsito principalmente por volta de meio-dia e meia, visto que bastantes pessoas deixam seu trabalho para almoçar em casa.
c. Tirante os presbíteros e acólitos, compareceram à cerimônia menos mulheres que homens.
d. Feitas as pazes, marido e mulher sentaram-se à mesa do bar da esquina e pediram duas Brahmas tão geladas quanto possíveis.
e. Os setores público e privado devem estar integrados harmonicamente no nível federal, no estadual e no municipal.

102. (BB) Opção incorreta quanto à concordância nominal:

a) O bilhete e as cartas estavam anexos ao processo.

b) Vão anexos os documentos.

c) Seguem anexos as cópias.

d) Os documentos devem ser enviados.

e) Remetemos anexas as cópias.

103. (BB) Única alternativa correta quanto à concordância verbal:

a) Os responsáveis haveremos de encontrar solução para o caso.

b) Ainda existe candidatos nas salas de aula.

c) Devem haver razões suficientes para tal decisão.

d) Iniciar-se-á as aulas na próxima semana.

e) Era cinco horas da tarde quando saí.

104. (BB) Na ordem, preencha corretamente as lacunas:

1. Justiça entre os homens é ....

2. É .... a entrada de pessoas estranhas.

3. A água gelada sempre é ....

a) necessário, proibida, gostosa d) necessária, proibido, gostoso

b) necessária, proibida, gostoso e) necessário, proibido, gostosa

c) necessário, proibida, gostoso

105. (BB) Única opção que completa corretamente a frase: .... as providências a............ no caso, ... sua urgência.

a) Decidiu-se, ser tomadas, dada

b) Decidiram-se, serem tomadas, dada

c) Decidiram-se, serem tomadas, dado à

d) Decidiu-se, serem tomadas, dada

e) Decidiram-se, serem tomadas, dado

106. (BB) Opção com a concordância verbal incorreta:

a) Espero que seja você o escolhido. d) Sê bondoso e auxilia-o.

b) Se quiser, acredite no que te contei. e) Este livro ser-lhe-á muito útil.

c) Foste o aprovado no teste.

107. (TRT) Já .... anos, ... neste local árvores e flores. Hoje, só .... ervas daninhas.

a) fazem, haviam, existe d) faz, havia, existem

b) fazem, havia, existe e) faz, havia, existe

c) fazem, haviam, existem

108. (TRT) Assinale a incorreta:

a) Ela está meio triste. d) Parou no meio da rua.

b) É meio-dia e meia. e) Comprei meia dúzia de maçãs.

c) Ela está meia triste.

109. (BANESPA) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas dos períodos abaixo:

Pedrinho .... as esperanças dos pais.

.... fazer horas que eles saíram.

Dez quilos .... suficiente para a viagem.

Joaquim ou Manoel .... com Maria.

a) são - Devem - são - casarão d) são - Deve - são - casará

b) são - Devem - é - casarão e) é - Deve - é - casará

c) é - Deve - são - casarão

110. (BANESPA) Assinale a alternativa em que a concordância nominal é incorreta:

a) Gostava de usar roupas meio desbotadas.

b) Ele já está quites com o serviço.

c) Estejam alerta, pois os ladrões são perigosos.

d) Todos foram aprovados, salvo João e Maria.

e) Ela mesma datilografou o requerimento.

111. (ESAF) Levando em consideração as regras de concordância nominal, escreva (1) para as frases corretas e (2) para as incorretas:

( ) Quando a senhora terminou de abrir as malas, já era meio-dia e meia.

( ) A própria sogra presenciou a abertura das malas; sim, ela mesmo.

( ) Anexo àquela carta destinada ao pai da moça, foram remetidas as jóias.

( ) Ao final da tarde, a senhora mostrava-se meio apreensiva.

( ) Naquelas bagagens havia jóias muito preciosas.

A seqüência correta é:

a) 1, 1, 2, 2, 1 d) 2, 2, 1, 1, 2

b) 2, 1, 1, 2, 2 e) 1, 2, 2, 1, 1

c) 1, 2, 1 ,2 , 1

112. (ESAF) Aponte o trecho correto, no tocante à concordância:

a. Muitos com certeza ficaram surpresos com a quantidade de cartazes que, de uma hora para outra, foi espalhado pelos quatro cantos da universidade.
b. Mais uma vez as chapas se formaram às escondidas dos estudantes, sem que se tivessem qualquer acesso às informações.
c. Nossa postura sempre foi a de procurar ampliar as possibilidades da participação do maior número possíveis de estudantes neste processo.
d. O caminho mais correto seria a formação de uma chapa ampla que englobasse todas as posições e correntes de pensamento, e que estas representassem o fruto das discussões que foi levado nas reuniões de cada departamento.
e. Obedecendo ao prazo legal, a discussão será restrita e o espaço destinado às campanhas eleitorais será expressamente curto; não concordamos em limitações ou restrições às discussões necessariamente sérias.

113. (AFTN) Marque o conjunto que apresenta uma concordância não compatível com a norma padrão:

a. atitudes e gestos belicosos / belicosas atitudes e gestos.
b. amor e ira eternos / eterna ira e vingança.
c. os preocupados pai e mãe / os famosos Machado e Alencar.
d. Seguem em anexo as fotos / Seguem anexas as fotos.
e. Os candidatos não eram nenhum bobocas / Não votaram em candidato nenhum.

114. (CARLOS CHAGAS)) Pedimos a V. S^a que .... auxiliares sobre o novo horário de trabalho.

a) informe seus d) informeis seus

b) informe vossos e) informeis vossos

c) informes vossos

115. (CARLOS CHAGAS)) Não .... o malote.

a) foi eu quem recebi d) foi eu que recebi

b) fui eu que recebeu e) fui eu quem recebeu

c) foi eu que recebeu

116. (FRANCISCANAS-SP) A relação dos verbos que completam, convenientemente e respectivamente, as lacunas dos períodos abaixo é:

I - Hoje .... 24 de janeiro.

II - 30 quilômetros .... muito.

III - Já .... uma e vinte.

IV - .... ser duas horas.

a) são - são - eram - devem d) são - é - era - deve

b) é - são - era - deve e) são - é - eram - deve

c) é - é - era - devem

117. (MACK) Este ano, ... as festas que ...., que eu não comparecerei a nenhuma.

a) pode haver, haver d) pode haver, houverem

b) podem haver, houverem e) pode haverem, houver

c) pode haver, houver

118. (MED-ABC) O verbo concorda em número e pessoa com o sujeito. Portanto, não está correta a alternativa:

a) Faltam ainda seis meses para o vencimento.

b) Existem fortes indícios de melhoria geral.

c) Não provém daí os males sofridos.

d) Os fatos que o perturbam são bem poucos.

e) Serão considerados válidos tais argumentos?

119. (FUVEST) O termo sublinhado na frase "Outrora houve bondes em São Paulo" tem o mesmo sentido em:

a) O professor houve por bem reconsiderar a decisão.

b) Houve um desagradável incidente ontem.

c) Sempre houve homens de bem.

d) Não sei como ele se houve com a justiça.

e) O sentenciado houve do poder público a suspensão de sua pena.

120. (MACK) Assinale a alternativa correta:

a) Os Lusíadas é um poema épico.

b) Naquela época, haviam muitos poemas.

c) As Minas Gerais são um belo Estado.

d) Embora hajam vários problemas por lá ...

e) Tu e ele sabem as respostas.

121. (FATEC) "É .... discussão entre homens e mulheres .... ao mesmo ideal, pois já se disse .... vezes que da discussão, ainda que .... acalorada, nasce a luz."

a) bom voltados bastantes meio

b) bom voltadas bastante meia

c) boa voltadas bastantes meio

d) boa voltados bastante meia

e) bom voltadas bastantes meia

122. (FATEC) Assinale a alternativa que apresente concordância verbal incorreta:

- **a. As árvores parece que se transformam em objetos de museu.**
- **b. O fato é um só: há de existir sempre manifestações contrárias à sua pretensão.**
- **c. O mais desagradável foram as mentiras que lhe disseram.**
- **d. Estes são os dado a que se devem examinar.**
- **e. Os que reclamam injustamente não haverão de conseguir nada.**

123. (TFC) Marque o item que apresenta erro de concordância nominal:

- **a. O que queima mais calorias, meia hora de flexões ou duas horas de um bom jogo de carteado entre amigos?**
- **b. O corpo gasta mais de 70% de toda a sua energia na manutenção da atividade celular.**
- **c. Os pesquisadores americanos atribuíram valores médios à queima de calorias provocada pelas atividades físicas.**
- **d. Verificou-se, entre indivíduos tensos ou agitados, a queima de 800 calorias diárias.**
- **e. Só para se manterem vivos, indivíduos de 70 quilos queima cerca de 63 calorias por hora.**

124. (TFC) Assinale a opção em que não há erro:

- **a. Seguem anexo os formulários pedidos.**
- **b. Não vou comprar esta camisa. Ela está muito caro!**
- **c. Estas questões são bastantes difíceis.**
- **d. Eu lhes peço que as deixem sós.**
- **e. Estando pronto os preparativos para o início da corrida, foi dada a largada.**

125. (FUVEST) Qual a frase com erro de concordância?

- **a. Para o grego antigo a origem de tudo se deu com o caos.**
- **b. Do caos, massa informe, nasceu a terra, ordenadora e mãe de todos os seres.**
- **c. Com a terra tem-se assim o chão, a firmeza de que o homem precisava para seu equilíbrio.**

d. Ela mesma cria um ser semelhante que a protege: o céu.
e. Do céu estrelado, em amplexo com a terra, é que nascerá todos os seres viventes.

126. (FUVEST) Para a gramática normativa, a única frase correta é:

a. Para quem gosta de cinema, é necessário presença de filmes nacionais.
b. As homenagens se sucediam: não parava de chegar ramalhetes e ramalhetes.
c. Ele acredita que os laudos assinados em banco tratam-se de recurso para trocar de turno.
d. São neles que você se mede, se reflete, se encontra.
e. Em teoria, alguns dos livros a ser traduzidos já tem suas edições críticas.

127. (FMU) "Havia um trajo de modéstia". Com trajo no plural, poderíamos escrever corretamente:

a) Haviam uns trajos de modéstia.

b) Existia uns trajos de modéstia.

c) Haviam de existir uns trajos de modéstia.

d) Havia de existir uns trajos de modéstia.

e) Haviam de haver uns trajos de modéstia.

128. (TRE-SP) Ainda que .... imprevistos, não .... motivos para que se mantenham .... os acordos.

a) hajam - faltará - presentes d) hajam - faltarão - presentes

b) haja - faltarão - presentes e) hajam - faltará - presente

c) haja - faltará - presente

129. (TRE-SP) Se não .... justas provas, ele tornaria .... os motivos .... pelo infrator da lei.

a) existisse - discutíveis - apontados

b) existissem - discutível - apontado

c) existisse - discutível - apontado

d) existissem - discutível - apontados

e) existissem - discutíveis - apontados

130. (TRE-SP) .... os editais do concurso.

a) Acabam de ser impressos d) Acaba de serem impressos

b) Acaba de ser impressos e) Acabam de serem impresso

c) Acabam de ser impresso

131. (TRE-SP).......... providências .... de solucionar problemas .... à economia do país.

a) Urgem - capaz - relativo d) Urge - capaz - relativos

b) Urge - capazes - relativo e) Urgem - capazes - relativo

c) Urgem - capazes - relativos

132. (TRE-SP) .... ainda apurar os votos de três municípios para que se .... a divulgação dos resultados finais.

a) Faltam - possa começar d) Faltam - possam começar

b) Falta - possa começarem e) Falta - possam começar

c) Falta - possa começar

133. (TRE-SP) Não sei o que .... tão insistentes a respeito de questões que já .... relevantes.

a) os tornam - foi considerado

b) os torna - foram consideradas

c) o tornam - foi consideradas

d) os tornam - foram consideradas

e) os torna - foi considerado

134. (TRE-SP) Cada uma dessas pessoas .... muitas oportunidades de trabalho e só não .... por incompetência.

a) teve - o aproveitaram d) teve - as aproveitou

b) tiveram - as aproveitaram e) tiveram - os aproveitou

c) teve - a aproveitaram

135. (TRE-SP) .... que .... ao mínimo a quantidade de papéis necessários para obter esse documento.

a) Foi noticiado está reduzida

b) Foram noticiados estão reduzidos

c) Foi noticiado estão reduzida

d) Foram noticiados está reduzido

e) Foi noticiado estão reduzidos

136. (TRE-SP) Que .... de nós se não .... os direitos que nos .... em qualquer circunstância?

a) seria - fossem - defende

b) seríamos - fosse - defende

c) seria - fosse - defendem

d) seríamos - fossem - defendem

e) seria - fossem - defendem

137 . (TRE-MT) Tendo em vista as regras de concordância verbal, a forma do verbo sublinhado está incorreta em:

a) Existem pessoas que não sabem fazer discurso de improviso.

b) A maioria dos ministros prestigiou a posse de Pelé.

c) Ficaram na sala eu e o ministro.

d) Nessa solenidade estão o presidente e o chefe de Gabinete.

e) Há pessoas que sempre falam mal do Governo.

138. (TRE-MT) De acordo com a norma culta, só está incorreta a concordância do termo sublinhado em:

a) Remeto-lhe anexo as certidões.

b) No Shopping ela comprou vestidos e roupas caras.

c) Na reunião foi discutida a política latino-americana.

d) É meio-dia e meia.

e) Bons argumentos foram apresentados na exposição do conferencista.

139. (TRE-MT) A única concordância verbal correta está na afirmativa:

a) O que fizeram Capitu e eu?

b) No relógio deu duas horas.

c) Fazem, hoje, dois meses de sua morte.

d) Houveram muitas discussões naquela reunião.

e) Os Estados Unidos são o país mais poderoso do mundo.

(TRE-MG) Nas questões 140 e 141, assinale a opção em que a palavra está com a concordância incorreta:

140.

a) O médico disse que à noite é que se farão outros exames.

b) Ainda deve existir boas razões para ele agir assim.

c) Afinal, quais de nós deveriam ficar em casa?

d) Fui eu quem ressaltou a importância dos estudos.

e) Perto de cinqüenta pessoas não concordaram com o diretor.

141.

a) Bastantes famílias perderam o apoio dos filhos no seminário.

b) A aluna estava meio desgastada com os colegas da escola.

c) É necessário justiça, para a paz acontecer ainda neste século.

d) Os professores consideraram inoportunos as atitudes e os palpites do rapaz.

e) Anexos aos requerimentos foram as listas dos convocados.

142. (TRE-RJ) "Calvino fez da cobrança de juros um esporte legítimo" Das alterações feitas na sentença acima, aquela em que há erro de concordância é:

a) Calvino tornou legítimo cobrarem-se juros.

b) Calvino tornou legítimos os juros cobrados.

c) Calvino tornou legítima a cobrança de juros.

d) Calvino tornou a aquisição de títulos e propriedades legítimas.

e) Calvino tornou a aquisição de títulos e propriedades algo legítimo.

143. (TRE-RO) Marque a opção em que está correta a concordância:

a. Informatizou-se algumas juntas apuradoras.
b. Ler o quê? Escrever o quê? Aí as coisas ficaram bastantes esquisitas.
c. Fazem alguns anos que a fraude eleitoral se instalou em alguns Estados.
d. Seria necessário os computadores para se evitar as fraudes das eleições passadas.
e. Deveriam existir, em todos os Estados, eleições informatizadas.

144. (LICEU) I - "As estratégias usuais de combate às drogas - leia-se, a repressão - vêm-se mostrando infrutíferas..."; II - "Os EUA chegam a gastar anualmente bilhões de dólares..." Observando-se os processos de concordância verbal aplicados nas orações acima, preencha as lacunas das frases indicadas e assinale a alternativa correta:

I - Estes sintomas .... de problemas psicossomáticos. II - "Mas Vassouras é que não o .... tão cedo." (Raimundo Correia)

a) advém - esquecerá d) advém - esqueceram

b) advêm - esquecerá e) advêem - esquecerão

c) advêm - esqueceram

145. (CICE) Marque a opção que não pode ser completada com o verbo indicado entre parênteses:

a) 3/5 da turma .... à aula. (compareceram)

b) 55% dos candidatos .... classificação. (obtiveram)

c) Mais de um problema .... sem solução (ficou)

d) Já .... cerca de duzentos excursionistas. (voltaram)

e) 1/4 dos alunos .... à prova. (faltaram)

146. (AFTN) Indique a única frase que passaria a apresentar erro de concordância verbal, se tivesse o verbo sublinhado no singular:

a. "Um dos soldadinhos que me acompanhavam chorava como um desgraçado." (G. Ramos)
b. "Os sentenciados houveram do poder público a comutação da pena." (G. Góis)
c. "E quanto enfim cuidava e quanto via, eram tudo memórias de alegria." (Camões)
d. "O conselho se reuniu, e decidiram recomeçar a guerra." (B. Guimarães)
e. "Um turbilhão de sentimentos nos acodem." (L. Coelho)

147. (TRE-RJ) Com relação ao adjetivo sublinhado, há erro de concordância nominal em:

a) Estavam atrasados a irmã e o irmão.

b) A loja vendera carros e moto usadas.

c) Ele comprou mamões e mangas maduras.

d) As listas de preço seguiam anexas a esta carta.

e) Os trabalhadores não quiseram fazer horas extras.

148. (TRE-RJ) Há erro de concordância em relação ao verbo sublinhado em:

a) Grande parte dos jovens desaprovou o orador.

b) Fui eu que joguei o jornal para que ele o pegasse.

c) Choviam reclamações de todos os lados do salão.

d) Ficaremos os alunos e eu à espera do sinal combinado.

e) Embora ninguém notasse, haviam vários erros na tradução.

149. (TRE-MG) Assinale a opção em que a concordância do verbo destacado está incorreta:

a) Informa o funcionário que hoje é dia 24 de setembro.

b) Só à tarde é que se definiram os objetivos da reunião.

c) Devem fazer poucos dias que ele abandonou o curso.

d) Luta-se bravamente contra os desmandos dos ditadores.

e) Haviam discutido os pontos mais importantes do programa.

150. (TRE-MG) Leia com atenção os itens a seguir:

I. A multidão, mesmo com a nova ordem econômica, exigiam uma realidade social mais justa.
II. Sua excelência sempre se mostrou interessado em encaminhar projetos ao Congresso.
III. Os mineiros com freqüência nos preocupamos com a organização política do País.

Ocorre concordância ideológica ou silepse em:

a) I e II apenas d) I, II e III

b) I e II apenas e) III apenas

c) I e III apenas

151. (IBGE) Quanto à concordância, assinale a opção correta:

a. Naquela pesquisa era proibida resposta dúbia.
b. As mulheres, na luta por seus direitos, estavam só, sem apoio.
c. Certos entrevistados ficam meio confusos diante de indagações um tanto insuficiente.
d. Pessoas de excessiva vaidade nem sempre fornecem dados e informações corretos.
e. Os entrevistados darão respostas o mais sensatas e verdadeiras possíveis.

152. (CEETEPS) "Com um pouco de sorte, poderá haver um luar agradável...". Outra construção correta para a frase acima é:

a) Com um pouco de sorte, existirá luares agradáveis.

b) Luares agradáveis haverá, com um pouco de sorte.

c) Com um pouco de sorte, luares agradáveis existirá.

d) Haverão, com um pouco de sorte, luares agradáveis.

e) Luares agradáveis, com um pouco de sorte, existirá.

153. (ETF-SP) Assinalar a alternativa incorreta quanto à concordância verbal:

a) Havia índios desconhecidos na região.

b) Existem indícios de que já tinham visto homens brancos.

c) Passaram-se vários anos desde a última expedição.

d) Mesmo fora dessa área haverão índios?

e) Não se encontraram vestígios de índios.

154. (TTN) A concordância nominal está incorreta no item:

a. "É um filme para aquelas pessoas que têm uma certa curiosidade sobre si mesmas." (Spielberg)
b. "Salvo alguns desastres, obtêm-se bons resultados, desde que não se tente filosofar no palco de maneira confusa." (T. Guimarães)
c. Ficavam bastantes contrariados com a negligência de algum companheiro durante o treinamento.
d. A folhas vinte e uma do processo, encontra-se o comprovante de pagamento.
e. Estando o carnê e a procuração anexos ao processo, faltavam-lhe dados para explicar o caso.

155. (TTN) Assinale o período que apresenta erro de concordância verbal:

a. As relações dos ecologistas com uma grande empresa que desrespeitava as normas de preservação ambiental, começa a melhorar, para o benefício da humanidade.
b. Até 1995, 50% de recursos energéticos e de matéria-prima serão economizados por uma empresa que pretende investir 160 milhões de dólares no projeto.
c. Hoje não só o grupo dos ecologistas carrega a bandeira ambientalista, mas também aqueles empresários que centram seus objetivos no uso racional dos recursos naturais.

d. Os Estados Unidos são o país mais rico e poluidor do mundo, entretanto não defendem a tese do "desenvolvimento sustentável", a exemplo de muitas nações ricas.
e. É preciso ver que águas contaminadas, ar carregado de poluentes e florestas devastadas exigem o manejo correto da natureza, num país povoado de miseráveis.

156. (TTN) Indique o texto que contém defeito na estrutura sintática:

a. O culto dos deuses africanos no Brasil abrangem diferentes ritos, aos quais se convencionara denominar "nações".
b. As culturas negras que mais contribuíram para a consolidação das religiões africanas no Brasil vieram de diferentes regiões, cada uma com deuses, rituais e línguas próprias.
c. As nações, são portanto, organizações originárias de diferentes etnias, troncos lingüísticos e regiões africanas, que se constituíram no Brasil através de agrupamentos de escravos de diversas origens, em processos de sincretismo às vezes originados na África.
d. Hoje, em São Paulo, podem ser encontradas casas de três vertentes básicas. As matrizes culturais predominantes são banto, ioruba e fon. Há também variações angolas do tipo congo.
e. Num terreiro pode ser encontrado mais de um rito, além da umbanda e do candomblé, este em geral incorporado como rito paralelo.

(Reginaldo Prandi e Vagner Gonçalves, com adaptações)

157. (TTN) Marque o trecho que contém erro quanto à sintaxe de concordância:

a. O projeto de integração que vêm realizando as frágeis democracia uruguaia, argentina e brasileira é um esforço inegavelmente significativo para o cone sul.
b. Há registros de um sistema de exames competitivos elaborado por chineses, há mais de 2.000 anos antes de Cristo, para selecionar crianças superdotadas.
c. Grande número de programas têm sido direcionados, nos EUA, para áreas consideradas prioritárias pelo Estado, como matemática e ciências.
d. Ignorância, preconceito e tradição mantêm vivas uma série de idéias que dificultam a implementação de programas direcionados às crianças superdotadas.
e. São extremamente importantes, para se criar um ambiente favorável ao desenvolvimento dos superdotados, a criação de uma variedade de experiências de aprendizagem enriquecedoras e estimulantes.

158. (TTN) Assinale, entre os pares a seguir, o único que desrespeita as regras de concordância da norma culta:

a. No Brasil, na década de 60, o educador Paulo Freire foi as vozes das massas analfabetas a clamar por mudanças. / No Brasil, na década de 60, o educador Paulo Freire foram as vozes das massas analfabetas a clamar por mudanças.
b. A maior parte das preocupações educacionais gravita em torno dos limites entre a formação do trabalhador e a formação do cidadão. / A maior parte das preocupações educacionais gravitam em torno dos limites entre a formação do trabalhador e a formação do cidadão.
c. Quais entre nós passamos incólumes pelas rápidas transformações sociais desta "aldeia global"? / Quais dentre nós passaram incólumes pelas rápidas transformações sociais desta "aldeia global"?
d. Desde os acidentes de Ímola, a maior parte dos pilotos insiste na reformulação das regras da Fórmula 1. / Desde os acidentes de Ímola, a maior parte dos pilotos insistem na reformulação das regras de Fórmula 1.
e. Não só um país de terceiro mundo como também uma potência capitalista luta hoje contra graves problemas econômicos. / Não só um país de terceiro mundo como também uma potência capitalista lutam hoje contra graves problemas econômicos.

159. (TTN) Indique o trecho em que ocorre erro de concordância verbal, segundo o padrão culto da Língua Portuguesa:

a. O momento é grave. Cabe aos políticos a obrigação de manter a serenidade e o equilíbrio nos debates; que certamente passarão para o plenário da Câmara e do Senado. (Jornal de Brasília, 27-08-92)

b. A outra das terras por elas exploradas, pela mesma época, os portugueses deram o nome de Brasil, porque havia ali muito do pau conhecido por esse nome. Foi sorte. Havia também muitos macacos, nessa mesma terra, e muitos papagaios. (Veja, nº 134, 06-07-94)
c. Os cheques pré-datados, que permite aos lojistas financiar seus clientes nas compras a prazo, em alguns casos representam até a metade dos cheques recebidos pelo comércio. (O Globo, 15-01-94)
d. Os desarranjos na economia se expressam na ordem social por desequilíbrios calamitosos. São o desemprego generalizado, as pressões inflacionárias, a queda do produto, a depressão das massas e, síntese dialética, a violência (Correio Brasiliense, 08-07-94)
e. Mas, se, para além das palavras, se considerarem os atos do Executivo e as atuais negociações, parecem que as pressões já começam a ter efeito. Há dez dias o país foi surpreendido com a nova versão do Orçamento que prevê uma elevação de mais de U$ 10 bilhões nos gastos do governo e igual aumento na estimativa das receitas. (Folha de São Paulo, 13-05-94)

160. (AFTN) Está correta a concordância verbal na sentença:

a. As discussões que se trata sobre a questão do endividamento externo serão o tema central do encontro.
b. Durante o seminário, apresentou-se três propostas diferentes de revisão da lei salarial.
c. Incluir-se no parecer do relator as alterações aceitas de comum acordo para todos os partidos.
d. Seria ingênuo pensar que as restrições palacianas ao projeto decorre apenas de idiossincrasias pessoais.
e. Positivamente falta clareza e seriedade na condução dos negócios públicos.

CONCORDÂNCIA NOMINAL E VERBAL

1 - C 29 - E 57 - A 85 - B 113 - E 141 - E

2 - D 30 - E 58 - C 86 - A 114 - A 142 - D

3 - D 31 - A 59 - C 87 - D 115 - E 143 - E

4 - D 32 - C 60 - B 88 - A 116 - C 144 - B

5 - D 33 - C 61 - D 89 - A 117 - C 145 - E

6 - C 34 - A 62 - D 90 - B 118 - C 146 - B

7 - A 35 - C 63 - E 91 - A 119 - B 147 - B

8 - D 36 - A 64 - C 92 - A 120 - C 148 - E

9 - C 37 - D 65 - D 93 - A 121 - A 149 - C

10 - B 38 - A 66 - B 94 - E 122 - B 150 - D

11 - D 39 - D 67 - E 95 - A 123 - E 151 - D

12 - C 40 - E 68 - C 96 - D 124 - D 152 - B

13 - D 41 - E 69 - E 97 - C 125 - E 153 - D

14 - C 42 - D 70 - A 98 - A 126 - A 154 - C

15 - A 43 - D 71 - E 99 - E 127 - C 155 - A

16 - E 44 - B 72 - D 100 - B 128 - B 156 - A

17 - B 45 - D 73 - E 101 - D 129 - E 157 - E

18 - E 46 - B 74 - A 102 - C 130 - A 158 - A

19 - D 47 - A 75 - C 103 - A 131 - C 159 - C

20 - D 48 - D 76 - A 104 - A 132 - A 160 - E

21 - A 49 - C 77 - B 105 - B 133 - D

22 - B 50 - C 78 - B 106 - B 134 - D

23 - A 51 - E 79 - B 107 - D 135 - A

24 - A 52 - B 80 - A 108 - C 136 - D

25 - B 53 - D 81 - A 109 - E 137 - C

26 - A 54 - A 82 - B 110 - B 138 - A

27 - B 55 - C 83 - A 111 - E 139 - E

28 - B 56 - E 84 - B 112 - E 140 - B

13. ESTUDO DA PONTUAÇÃO

1. (UF-PR) Na oração "Pássaro e lesma, o homem oscila entre o desejo de voar e o desejo de arrastar", Gustavo Corção empregou a vírgula:

a) por tratar-se de antíteses

b) para indicar a elipse de um termo

c) para separar vocativo

d) para separar uma oração adjetiva de valor restritivo

e) para separar aposto

1. opção c – Todo vocativo deve ser separado por vírgulas.

2. (UF VIÇOSA) A respeito do seguinte texto, faça o que se pede:

"O lotação ia de Copacabana para o centro, com lugares vazios, cada passageiro pensando na vida; é o gênero de transporte onde menos viceja a flor da comunicação humana. Quando, em Botafogo, ouvia-se a voz de um senhor atrás:

- Olhe aqui, vou atender a você, mas não faça mais isso, ouviu? É muito feio pedir dinheiro para os outros. Na sua idade eu já dava duro e ajudava em casa." (Drummond)

A vírgula separando a expressão em Botafogo foi usada para separar:

a) palavra de mesma função sintática

b) uma expressão explicativa

c) o aposto

d) oração adverbial com verbo oculto

e) o adjunto adverbial

2.opção E – Separa um adjunto adverbial de lugar, todos os adjuntos adverbiais são separados por vírgula.

178. (CESGRANRIO) Assinale a opção em que a vírgula está empregada para separar dois termos que possuem a mesma função na frase:

a. "Minhas senhoras, seu Mendonça pintou o diabo enquanto viveu."
b. "Respeitei o engenho do Dr. Magalhães, juiz."
c. "E fui mostrar ao ilustre hóspede a serraria, o descaroçador e o estábulo."
d. "Depois da morte do Mendonça, derrubei a cerca ..."
e. "Não obstante essa propaganda, as dificuldades surgiram."

3. Opção C – A função dos termos é separar os objetos diretos serraria, o descaroçador e o estábulo.

179. (FGV) "Considerando as razões apresentadas, penso, que a solicitação será deferida." Nesse texto, uma das vírgulas separa erradamente:

a) A oração principal e a oração subordinada objetiva direta

b) O sujeito e o objeto indireto

c) O predicativo e a oração subordinada objetiva indireta

d) O predicativo do sujeito e o gerúndio

e) A oração subordinada adverbial causal e a oração principal

4. opção A – Não se separam a oração principal da oração subordinada objetiva direta.

202. (TFC) Assinale a opção em que a supressão da(s) vírgula(s) não altera o sentido da frase:

a. As crianças, com as caras lambuzadas, divertiram-se à beça.
b. Todos os dias, ele sai, tranqüilamente, de casa.
c. O trabalho foi feito, conforme você pediu.
d. Os funcionários, que querem sair cedo, vão iniciar logo seu trabalho.
e. Os filhos do seu João, que foram criados com a avó, formaram-se em Engenharia.

5. Opção b – O sentido não é alterado. As vírgulas separam respectivamente o adjunto adverbial de tempo e de modo deslocados.

247. (AFTN) Indique o período em que as vírgulas não isolam oração subordinada adjetiva:

a. Entre a história romanceada, que teve nova voga entre 1920 e 1940, situa-se parte da obra do escritor.
b. Dentre os numerosos dialetos regionais usados no Sul da França, não há nenhum que, desde o início da Idade Média, tenha adquirido importância decisiva como língua literária.
c. No fim do século XI constituiu-se uma língua de civilização, cujo o berço é a França Meridional, hoje denominada "provençal clássico."

d. Os comediantes italianos, que vinham com freqüência a Paris, representavam a comédia improvisada em torno de um esquema: a "commedia dell'arte."

e. Como conseqüência de tudo isso os gramáticos, que eram senhores absolutos da língua, impunham arbitrariamente regras cerebrinas.

6. Opção B – A vírgula separa adjunto adverbial de lugar.

7. (EPCAR) "Bem-aventurado, pensei eu comigo, aquele em que os afagos de uma tarde serena de primavera no silêncio da solidão produzem o torpor dos membros."

No período em apreço, usaram-se vírgulas para separar:

a) uma oração pleonástica d) elementos paralelos

b) uma oração coordenada assindética e) uma oração intercalada

c) um adjunto deslocado

7. opção E – As orações intercaladas sempre vêm separadas por vírgula.

8. (IBGE) Assinale a opção que apresenta erro de pontuação:

a) Sem reforma, social, as desigualdades entre as cidades brasileiras, crescerão sempre...

b) No Brasil, a diferença social é motivo de constante preocupação.

c) O candidato que chegou atrasado fez um ótimo teste no IBGE.

d) Tenho esperanças, pois a situação econômica não demora a mudar.

e) Ainda não houve tempo, mas, em breve, as providências serão tomadas.

8. Opção a – Não se separa o substantivo do adjunto adnominal.

9. (IBGE) Assinale a seqüência correta dos sinais de pontuação que devem preencher as lacunas da frase abaixo. Não havendo sinal, O indicará essa inexistência. Na época da colonização ..... os negros e os indígenas escravizados pelos brancos ..... reagiram ..... indiscutivelmente ..... de forma diferente.

a) O - O - vírgula - vírgula

b) O - dois pontos - O - vírgula

c) O - dois pontos - vírgula - vírgula

d) vírgula - vírgula - O - O

e) vírgula - O - vírgula - vírgula

9. opção E – As vírgulas separam respectivamente: adjunto adverbial de tempo e uma expressão deslocada.

10. (BB) "Os textos são bons e entre outras coisas demonstram que há criatividade". Cabem no máximo:

a) 3 vírgulas d) 1 vírgula

b) 4 vírgulas e) 5 vírgulas

c) 2 vírgulas

10. opção C – As duas vírgulas caberiam para separar os termos deslocados “entre outras coisas” da frase que visam realce.

11. (CESGRANRIO) Assinale o texto de pontuação correta:

- **a. Não sei se disse, que, isto se passava, em casa de uma comadre, minha avó.**
- **b. Eu tinha, o juízo fraco, e em vão tentava emendar-me: provocava risos, muxoxos, palavrões.**
- **c. A estes, porém, o mais que pode acontecer é que se riam deles os outros, sem que este riso os impeça de conservar as suas roupas e o seu calçado.**
- **d. Na civilização e na fraqueza ia para onde me impeliam muito dócil muito leve, como os pedaços da carta de ABC, triturados soltos no ar.**
- **e. Conduziram-me à rua da Conceição, mas só mais tarde notei, que me achava lá, numa sala pequena.**

11. opção C – Separam: conjunção,

12. (TTN) Das redações abaixo, assinale a que não está pontuada corretamente:

- **a. Os candidatos, em fila, aguardavam ansiosos o resultado do concurso.**
- **b. Em fila, os candidatos, aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.**
- **c. Ansiosos, os candidatos aguardavam, em fila, o resultado do concurso.**
- **d. Os candidatos ansiosos aguardavam o resultado do concurso, em fila.**
- **e. Os candidatos, aguardavam ansiosos, em fila, o resultado do concurso.**

12. Opção E – Estão incorretas as vírgulas: entre o sujeito e o verbo e entre o verbo e o predicativo do sujeito.

(CARLOS CHAGAS-BA) Instruções para a questão de número 13: Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação, assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta:

- **a. Pouco depois, quando chegaram, outras pessoas a reunião ficou mais animada.**
- **b. Pouco depois quando chegaram outras pessoas a reunião ficou mais animada.**
- **c. Pouco depois, quando chegaram outras pessoas, a reunião ficou mais animada.**
- **d. Pouco depois quando chegaram outras pessoas a reunião, ficou mais animada.**
- **e. Pouco depois quando chegaram outras pessoas a reunião ficou, mais animada.**

13.Opção c – As vírgulas separam a oração subordinada adverbial temporal.

14. (SANTA CASA) Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta:

a) José dos Santos paulista, 23 anos vive no Rio.

b) José dos Santos paulista 23 anos, vive no Rio.

c) José dos Santos, paulista 23 anos, vive no Rio.

d) José dos Santos, paulista 23 anos vive, no Rio.

e) José dos Santos, paulista, 23 anos, vive no Rio.

14.Opção E – São termos em série separados por vírgula.

(CESCEM) Nas questões 12 a 24, os períodos foram pontuados de cinco formas diferentes. Leia-os todos e assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta:

15.

a. Entra a propósito, disse Alves, o seu moleque, conhece pouco os deveres da hospitalidade.
b. Entra a propósito disse Alves, o seu moleque conhece pouco os deveres da hospitalidade.
c. Entra a propósito, disse Alves o seu moleque conhece pouco os deveres da hospitalidade.
d. Entra a propósito, disse Alves, o seu moleque conhece pouco os deveres da hospitalidade.
e. Entra a propósito, disse Alves, o seu moleque conhece pouco, os deveres da hospitalidade.

15. Opção d – A oração intercalada deve estar separada por vírgulas.

16.

a. Prima faça calar titio suplicou o moço, com um leve sorriso que imediatamente se lhe apagou.
b. Prima, faça calar titio, suplicou o moço com um leve sorriso que imediatamente se lhe apagou.
c. Prima faça calar titio, suplicou o moço com um leve sorriso que imediatamente se lhe apagou.
d. Prima, faça calar titio suplicou o moço com um leve sorriso que imediatamente se lhe apagou.
e. Prima faça calar titio, suplicou o moço com um leve sorriso que, imediatamente se lhe apagou.

16. Opção b – A s vírgulas separam respectivamente: vocativo e a oração deslocada da frase.

17.

a. Era um homem de quarenta e cinco anos, baixo, meio gordo, fisionomia insinuante, destas que mesmo sérias, trazem impresso constante sorriso.
b. Era um homem de quarenta e cinco anos, baixo, meio gordo, fisionomia insinuante, destas que mesmo sérias trazem, impresso constante sorriso.
c. Era um homem de quarenta e cinco anos, baixo, meio gordo, fisionomia insinuante, destas que, mesmo sérias, trazem impresso, constante sorriso.
d. Era um homem de quarenta e cinco anos, baixo, meio gordo, fisionomia insinuante, destas que, mesmo sérias trazem impresso constante sorriso.
e. Era um homem de quarenta e cinco anos, baixo, meio gordo, fisionomia insinuante, destas que, mesmo sérias, trazem impresso constante sorriso.

17. Opção e – As vírgulas separam respectivamente: termos de uma série e expressões deslocadas da frase e aposto explicativo.

18.

a. Deixo ao leitor calcular quanta paixão a bela viúva, empregou na execução do canto.
b. Deixo ao leitor calcular quanta paixão a bela viúva empregou na execução do canto.
c. Deixo ao leitor calcular quanta paixão, a bela viúva, empregou na execução do canto.
d. Deixo ao leitor calcular, quanta paixão a bela viúva, empregou na execução do canto.
e. Deixo ao leitor, calcular quanta paixão a bela viúva, empregou na execução do canto.

18. Opção b – Não há necessidade do emprego da vírgula.

19.

a. Bem te dizia eu, que não iriam a bons resultados as tuas paixões simuladas.
b. Bem te dizia eu que, não iriam a bons resultados as tuas paixões simuladas.

c. Bem te dizia eu que não iriam a bons resultados, as tuas paixões simuladas.
d. Bem te dizia eu que não iriam, a bons resultados as tuas paixões simuladas.
e. Bem te dizia eu que não iriam a bons resultados as tuas paixões simuladas.

19. Opção e – Idem à questão 15.

20.

a. E, tornou a olhar para a rua, inclinando-se, sorrindo enquanto na sala o pai continuava a guiar o Rubião para a porta, sem violência, mas tenaz.
b. E tornou a olhar para a rua inclinando-se, sorrindo, enquanto na sala, o pai continuava a guiar o Rubião para a porta, sem violência, mas tenaz.
c. E tornou a olhar para a rua, inclinando-se, sorrindo, enquanto na sala o pai continuava a guiar o Rubião para a porta, sem violência, mas tenaz.
d. E tornou a olhar para a rua, inclinando-se, sorrindo, enquanto na sala o pai continuava a guiar o Rubião para a porta, sem violência, mas, tenaz.
e. E tornou a olhar para a rua, inclinando-se, sorrindo, enquanto, na sala o pai continuava a guiar o Rubião para a porta sem violência, mas tenaz.

20. opção c – As vírgulas separam respectivamente: as orações reduzidas do gerúndio, o advérbio de tempo e a conjunção adversativa.

21.

a) Esqueceu-me apresentar-lhe, minha mulher, acudiu, Cristiano.

b) Esqueceu-me, apresentar-lhe minha mulher, acudiu Cristiano.

c) Esqueceu-me, apresentar-lhe: minha mulher acudiu Cristiano.

d) Esqueceu-me apresentar-lhe minha mulher, acudiu Cristiano.

e) Esqueceu-me, apresentar-lhe; minha mulher acudiu, Cristiano.

21. Opção d – A oração intercalada “acudiu Cristiano” está separada por vírgula.

22.

a. Em suma poderia haver algumas atenções, mas, não devia um real ninguém.
b. Em suma, poderia dever algumas atenções, mas não devia um real a ninguém.
c. Em suma poderia dever algumas atenções, mas não devia um real a ninguém.
d. Em suma poderia dever, algumas atenções, mas não devia um real a ninguém.
e. Em suma, poderia dever, algumas atenções, mas, não devia um real a ninguém.

22. Opção b – A vírgula separa respectivamente: expressão deslocada da frase e a oração adversativa iniciada pela conjunção mas.

23.

a. A velhice ridícula é, porventura, a mais triste e derradeira surpresa da natureza humana.
b. A velhice ridícula é porventura a mais triste e, derradeira surpresa da natureza humana.
c. A velhice ridícula é, porventura a mais triste, e derradeira surpresa da natureza humana.
d. A velhice ridícula é porventura, a mais triste e, derradeira surpresa da natureza humana.
e. A velhice ridícula é, porventura, a mais triste e, derradeira surpresa da natureza humana.

23. Opção a – A vírgula separa o advérbio deslocado.

24.

a. Um deles muito menor, que todos, apegava-se às calças de outro taludo.
b. Um deles, muito menor que todos, apegava-se às calças de outro, taludo.
c. Um deles, muito menor que todos apegava-se, às calças de outro, taludo.
d. Um deles - muito menor - que todos, apegava-se às calças de outro taludo.
e. Um deles muito menor que todos, apegava-se, às calças de outro taludo.

24. Opção b - ?

25.

a) Ensina-o a, converter cada espinho, em flor.

b) Ensina-o, a converter, cada espinho em flor.

c) Ensina-o a converter, cada espinho em flor.

d) Ensina-o, a converter cada espinho, em flor.

e) Ensina-o a converter cada espinho em flor

26. opção e – A oração não necessita do emprego de vírgulas.

(CARLOS CHAGAS-SP) Instruções para os exercícios de 25 a 28.

Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta:

27.

a) Precisando de meu auxílio por favor não hesite em chamar-me.

b) Precisando, de meu auxílio, por favor não hesite em chamar-me.

c) Precisando de meu auxílio, por favor, não hesite em chamar-me.

d) Precisando de meu auxílio por favor não hesite, em chamar-me.

e) Precisando, de meu auxílio por favor, não hesite, em chamar-me.

27.Opção c – A expressão deslocada “por favor” deve estar separada por vírgulas.

28. a) Cada qual tem o ar que Deus lhe deu.

b) Cada qual, tem o ar que Deus, lhe deu.

c) Cada qual, tem o ar, que Deus lhe deu.

d) Cada qual tem o ar, que Deus, lhe deu.

e) Cada qual tem, o ar que Deus lhe deu.

28. Opção a- Não há necessidade de vírgulas na oração.

29. a) Apesar de toda a atenção o fato passou despercebido a todos.

b) Apesar de, toda a atenção, o fato, passou despercebido a todos.

c) Apesar de, toda a atenção o fato passou, despercebido a todos.

d) Apesar de toda a atenção o fato, passou despercebido, a todos.

e) Apesar de toda a atenção, o fato passou despercebido a todos.

29. Opção e - A vírgula separa a oração subordinada substantiva concessiva.

30. (FUVEST) Assinale a alternativa em que o texto está pontuado corretamente:

a. Matias, cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.
b. Matias cônego honorário, e pregador efetivo estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.
c. Matias, cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão, quando começou o idílio psíquico.
d. Matias cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão, quando começou, o idílio psíquico.
e. Matias, cônego honorário e, pregador efetivo, estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.

30. Opção c – As vírgulas separam respectivamente: aposto e oração adverbial temporal.

31. (FUVEST) Assinale o período que está pontuado corretamente:

a. Solicitamos aos candidatos que respondam às perguntas a seguir, importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.
b. Solicitamos aos candidatos, que respondam, às perguntas a seguir importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.
c. Solicitamos aos candidatos, que respondam às perguntas, a seguir importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.
d. Solicitamos, aos candidatos que respondam às perguntas a seguir importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.
e. Solicitamos aos candidatos, que respondam às perguntas, a seguir, importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.

31. Opção a – A vírgula separa o aposto da oração.

32. (FUVEST) Assinale a alternativa em que o texto esteja corretamente pontuado:

a. Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.
b. Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito, baixo, sem chapéu, trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.
c. Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.
d. Enquanto eu, fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.
e. Enquanto eu fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito baixo, sem chapéu trazendo, pela mão, uma menina de quatro anos.

32. Opção c – As vírgulas separam respectivamente: a oração subordinada adverbial temporal, termos em série e uma oração reduzida do gerúndio.

33. (PUCC) Observe as frases:

I - Ele foi, logo eu não fui;

II - O menino, disse ele, não vai;

III - Deus, que é Pai, não nos abandona;

IV - Saindo ele e os demais, os meninos ficarão sós. Assinale a afirmativa correta:

a) Em I há erro de pontuação

b) Em II e III as vírgulas podem ser retiradas sem que haja erro.

c) Na I, se se mudar a vírgula de posição, muda-se o sentido da frase

d) Na II, faltam dois pontos depois de disse

e) n.d.a

33. opção c – No item I, o sentido da conjunção logo é conclusivo, mudando a vírgula de posição "logo" será advérbio de tempo e o sentido será alterado: "Ele foi logo, eu não fui."

34. (FUVEST) Assinale a alternativa em que o período proposto está corretamente pontuado:

- **a. Neste ponto viúva amiga, é natural que lhe perguntes, a propósito da Inglaterra como é que se explica, a vitória eleitoral de Gladstone.**
- **b. Neste ponto, viúva amiga, é natural que lhe perguntes, a propósito da Inglaterra, como é que se explica a vitória eleitoral de Gladstone.**
- **c. Neste ponto, viúva amiga é natural que, lhe perguntes a propósito da Inglaterra, como é que se explica a vitória eleitoral, de Gladstone?**
- **d. Neste ponto, viúva amiga, é natural, que lhe perguntes a propósito da Inglaterra, como é que, se explica a vitória eleitoral de Gladstone.**
- **e. Neste ponto viúva amiga, é natural que lhe perguntes a propósito da Inglaterra como é, que se explica, a vitória eleitoral de Gladstone?**

34. Opção b – As vírgulas separam: vocativo (viúva amiga) e oração interrogativa indireta deslocada (como é que se explica a vitória eleitoral de Gladstone.)

(CARLOS CHAGAS-SP) Instruções para os exercícios de 37 a 47. Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta:

35. a) Cada qual, busca a salvar-se , a si próprio.

b) Cada qual busca, a salvar-se a si próprio.

c) Cada qual, busca a salvar-se a si, próprio.

d) Cada qual busca, a salvar-se, a si próprio.

e) Cada qual busca a salvar-se a si próprio.

35. Opção e – Não há necessidade de vírgula(s) na oração.

36.

a. **Justamente no momento em que as coisas iam melhorar, ele pôs tudo a perder.**
b. **Justamente no momento em que as coisas iam melhorar, ele pôs tudo, a perder.**
c. **Justamente, no momento, em que as coisas iam melhorar, ele pôs tudo a perder.**
d. **Justamente no momento, em que as coisas iam melhorar, ele pôs tudo, a perder.**
e. **Justamente, no momento em que as coisas iam melhorar ele pôs tudo, a perder.**

36. Opção a – A vírgula separa a oração subordinada adverbial temporal.

37. a) Tu meu amigo, se não me engano, estás atrasado.

b) Tu meu amigo se não me engano, estás atrasado.

c) Tu, meu amigo se não me engano estás atrasado.

d) Tu meu amigo, se não me engano estás atrasado.

e) Tu, meu amigo, se não me engano, estás atrasado.

37. Opção e – As vírgulas separam: vocativo e a oração deslocada.

38. a) Imagine, comadre quem é que morreu?

b) Imagine comadre, quem é que morreu?

c) Imagine comadre, quem é, que morreu?

d) Imagine, comadre, quem é que morreu?

e) Imagine comadre quem é, que morreu?

38. Opção d – As vírgulas separam o vocativo “comadre”.

39. a) Tantos fatos agradáveis, guardo-os a todos na memória.

b) Tantos fatos agradáveis guardo-os a todos na memória.

c) Tantos fatos agradáveis, guardo-os, a todos na memória.

d) Tantos fatos, agradáveis, guardo-os, a todos na memória.

e) Tantos fatos, agradáveis guardo-os, a todos na memória.

39. Opção a – A vírgula separa os termos deslocados que visam ao pleonasmo.

40. a) Ainda não sabemos quando se realizarão as provas.

b) Ainda não sabemos, quando se realizarão as provas.

c) Ainda, não sabemos quando, se realizarão, as provas.

d) Ainda não sabemos, quando se realizarão, as provas.

e) Ainda não sabemos, quando, se realizarão as provas.

40. Opção a – Não há necessidade de emprego da vírgula na frase.

41.

a. E, palavra, no caso desta última, senti profundamente o que aconteceu.
b. E palavra, no caso, desta última senti, profundamente o que aconteceu.
c. E palavra no caso desta última: senti profundamente, o que aconteceu.
d. E, palavra, no caso desta última senti profundamente o que, aconteceu.
e. E palavra: no caso desta última senti, profundamente o que aconteceu.

41. Opção a – A vírgula separa a expressão que visa ao realce (palavra) e a expressão de realce.

42. (CESCEM) Assinale a alternativa em que ocorre erro de pontuação:

a) Cada livro, dele de parte, o estilo traz uma novidade.

b) Cada livro dele, de parte o estilo traz, uma novidade.

c) Cada livro, dele de parte, o estilo, traz uma novidade.

d) Cada livro, dele, de parte, o estilo traz uma novidade.

e) Cada livro dele, de parte o estilo, traz uma novidade.

42. Opção e – A expressão deslocada "de parte"deveria estar separada por vírgulas.

43. (CESCEM) Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta:

a) A questão, porém, não é de pão, é de manteiga.

b) A questão porém, não é de pão é de manteiga.

c) A questão, porém, não é de pão é de manteiga.

d) A questão porém não é de pão, é de manteiga.

e) A questão, porém não é de pão, é de manteiga.

43. Opção a – As vírgulas separam respectivamente: a conjunção adversativa e a oração intercalada.

44. (FUND. LUSÍADA) Assinale a frase de pontuação errada:

a) José, venha cá.

b) Paulo, o mais moço da família, é o mais esperto.

c) Ao acabar as aulas, os alunos se retiraram.

d) Os professores, os alunos, o diretor e os funcionários saíram.

e) São Paulo 22 de março de 1952.

44. Opção e – Nas datas a vírgula separa o nome do lugar.

45. (FUVEST) Aponte a alternativa pontuada corretamente:

a) Com as graças de Deus vou indo mestre José Amaro!

b) Com as graças de Deus, vou indo mestre José Amaro!

c) Com as graças de Deus, vou indo, mestre José Amaro!

d) Com as graças de Deus vou indo, mestre José Amaro!

e) Com as graças, de Deus, vou indo mestre, José Amaro!

45. opção c – As vírgulas separam: a oração reduzida do gerúndio e o vocativo.

46. (FMU) Assinale a alternativa que contenha emprego incorreto da vírgula:

a. Arrumou as malas, saiu, lançou-se na vida.
b. Os visados éramos nós, e eles foram violentamente torturados.
c. Eu contesto, a justiça que mata.
d. Preciso ouvir, disse o velho ao menino, a causa desse ressentimento.
e. O período consta de dez orações, porque esse é o número exato de verbos.

46. opção c – A vírgula separa a oração intercalada “Eu contesto”.

47. (FMU) Em "A menina, conforme as ordens recebidas, estudou":

a) há erro na colocação das vírgulas

b) a primeira vírgula deve ser omitida

c) a segunda vírgula deve ser omitida

d) a forma de colocação das vírgulas está correta

e) n.d.a

47. opção d – A vírgula separa o adjunto deslocado da frase.

48. (CESGRANRIO) Das seguintes redações, assinale a que não está pontuada corretamente:

a) Os meninos, inquietos, esperavam o resultado do pedido.

b) Inquietos, os meninos esperavam o resultado do pedido.

c) Os meninos esperavam, inquietos, o resultado do pedido.

d) Os meninos inquietos esperavam o resultado do pedido.

e) Os meninos, esperavam inquietos, o resultado do pedido.

48. opção e – Está errado separar sujeito do predicado.

49. (CARLOS CHAGAS-PR) Assinale a alternativa em que o texto está corretamente pontuado:

a) Bem te dizia eu, que não iriam a bons resultados as tuas paixões.

b) Bem te dizia eu que, não iriam a bons resultados as tuas paixões.

c) Bem te dizia eu que não iriam a bons resultados, as tuas paixões.

d) Bem te dizia eu que não iriam a bons resultados as tuas paixões.

e) Bem te dizia eu que não iriam, a bons resultados as tuas paixões.

49. opção d – A oração dispensa o uso de vírgula(s).

50. (CARLOS CHAGAS-PR) Assinale o período de pontuação correta:

a. Se alguém vier com perguntas a que você não sabe responder, será mais honesto dizer que vai estudar o assunto.
b. Se alguém, vier com perguntas a que você não sabe, responder, será mais honesto dizer que vai estudar o assunto.
c. Se alguém vier, com perguntas a que você não sabe responder será, mais honesto, dizer que vai estudar o assunto.
d. Se, alguém vier com perguntas, a que você não sabe responder, será, mais honesto, dizer que vai estudar o assunto.
e. Se alguém vier com perguntas a que, você não sabe responder, será mais honesto dizer, que vai estudar o assunto.

50. opção a – A vírgula separa a oração principal da oração subordinada adverbial condicional.

GABARITO E COMENTÁRIOS:

1. opção c – Todo vocativo deve ser separado por vírgulas.

2.opção E – Separa um adjunto adverbial de lugar, todos os adjuntos adverbiais são separados por vírgula.

3. Opção C – A função dos termos é separar os objetos diretos serraria, o descaroçador e o estábulo.

4. opção A – Não se separam a oração principal da oração subordinada objetiva direta.

5. Opção b – O sentido não é alterado. As vírgulas separam respectivamente o adjunto adverbial de tempo e de modo deslocados.

7. opção E – As orações intercaladas sempre vêm separadas por vírgula.

8. Opção a – Não se separa o substantivo do adjunto adnominal.

9. opção E – As vírgulas separam respectivamente: adjunto adverbial de tempo e uma expressão deslocada.

10. opção C – As duas vírgulas caberiam para separar os termos deslocados "entre outras coisas" da frase que visam realce.

11. opção C – Separam: conjunção,

12. Opção E – Estão incorretas as vírgulas: entre o sujeito e o verbo e entre o verbo e o predicativo do sujeito.

13.Opção c – As vírgulas separam a oração subordinada adverbial temporal.

14.Opção E – São termos em série separados por vírgula.

15. Opção d – A oração intercalada deve estar separada por vírgulas.

16. Opção b – A s vírgulas separam respectivamente: vocativo e a oração deslocada da frase.

17. Opção e – As vírgulas separam respectivamente: termos de uma série e expressões deslocadas da frase e aposto explicativo.

18. Opção b – Não há necessidade do emprego da vírgula.

19. Opção e – Idem à questão 15.

20. opção c – As vírgulas separam respectivamente: as orações reduzidas do gerúndio, o advérbio de tempo e a conjunção adversativa.

21. Opção d – A oração intercalada "acudiu Cristiano" está separada por vírgula.

22. Opção b – A vírgula separa respectivamente: expressão deslocada da frase e a oração adversativa iniciada pela conjunção mas.

23. Opção a – A vírgula separa o advérbio deslocado.

24. Opção b - ?

26. opção e – A oração não necessita do emprego de vírgulas.

27.Opção c – A expressão deslocada "por favor" deve estar separada por vírgulas.

28. Opção a- Não há necessidade de vírgulas na oração.

29. Opção e - A vírgula separa a oração subordinada substantiva concessiva.

30. Opção c – As vírgulas separam respectivamente: aposto e oração adverbial temporal.

31. Opção a – A vírgula separa o aposto da oração.

32. Opção c – As vírgulas separam respectivamente: a oração subordinada adverbial temporal, termos em série e uma oração reduzida do gerúndio.

33. opção c – No item I, o sentido da conjunção logo é conclusivo, mudando a vírgula de posição "logo" será advérbio de tempo e o sentido será alterado: "Ele foi logo, eu não fui."

34. Opção b – As vírgulas separam: vocativo (viúva amiga) e oração interrogativa indireta deslocada (como é que se explica a vitória eleitoral de Gladstone.)

35. Opção e – Não há necessidade de vírgula(s) na oração.

36. Opção a – A vírgula separa a oração subordinada adverbial temporal.

37. Opção e – As vírgulas separam: vocativo e a oração deslocada.

38. Opção d – As vírgulas separam o vocativo "comadre".

39. Opção a – A vírgula separa os termos deslocados que visam ao pleonasmo.

40. Opção a – Não há necessidade de emprego da vírgula na frase.

41. Opção a – A vírgula separa a expressão que visa ao realce (palavra) e a expressão de realce.

42. Opção e – A expressão deslocada "de parte"deveria estar separada por vírgulas.

43. Opção a – As vírgulas separam respectivamente: a conjunção adversativa e a oração intercalada.

44. Opção e – Nas datas a vírgula separa o nome do lugar.

45. opção c – As vírgulas separam: a oração reduzida do gerúndio e o vocativo.

46. opção c – A vírgula separa a oração intercalada "Eu contesto".

47. opção d – A vírgula separa o adjunto deslocado da frase.

48. opção e – Está errado separar sujeito do predicado.

49. opção d – A oração dispensa o uso de vírgula(s).

50. opção a – A vírgula separa a oração principal da oração subordinada adverbial condicional.

14. VERBOS

1. (IBGE) Todos se .... à espera dos resultados que .... em breve. Preenche corretamente as lacunas da frase acima a opção:

a) detêem - viriam d) detiveram - vêem

b) detêm - virão e) deteram - vêm

c) detém - vêem

2. (IBGE) Preencha as lacunas com as formas adequadas dos verbos entre parênteses e assinale a seqüência correta:

Quando eles ....I.... (refazer) o relatório, ...II.... (receber) a primeira parcela do pagamento.

Se você ....III.... (poder) cumprir os prazos, ...IV.... (ficar) liberado mais cedo.

I II III V

a) refazerem receberiam puder ficara

b) refazerem receberão pode ficou

c) refizerem receberão pudesse ficaria

d) refizerem receberiam pôde ficava

e) refizessem receberão podia ficará

3. (FTU) "Pensemos no avião, pensemos no caminhão, pensemos no navio, mas não esqueçamos o trem." Das alterações feitas no final da frase acima, a inaceitável, por apresentar a forma verbal em modo ou tempo diferente do da forma em negrito, é:

a) mas não receemos o trem

b) mas não nos riamos do trem

c) mas não renunciemos ao trem

d) mas não descreiamos do trem

e) mas não nos olvidamos do trem

4. (MACK) A forma verbal correta é:

a) interviu d) entretesse

b) reavenha e) manteram

c) precavesse

5. (TFT-MA) "se a queremos legítima." Das alterações feitas na passagem ao lado, a que tem erro de flexão verbal é:

a) se virmos sua legitimidade

b) se propormos sua legitimidade

c) se reouvermos sua legitimidade

d) se mantivermos sua legitimidade

e) se requerermos sua legitimidade

6. (EPCAR) Há uma forma verbal errada na alternativa:

a) queixai-vos d) queixáveis-vos

b) queixamos-nos e) queixásseis-vos

c) queixávamo-nos

7. (CESESP-PE) Assinale a alternativa que estiver incorreta quanto à flexão dos verbos:

a) Ele teria pena de mim se aqui viesse e visse o meu estado.

b) Paulo não intervém em casos que requeiram profunda atenção.

c) O que nós propomos a ti, sinceramente, convém-te.

d) Se eles reouverem suas forças, obterão boas vitórias.

e) Não se premiam os fracos que só obteram derrotas.

8. (CARLOS CHAGAS-BA) Transpondo para a voz passiva a frase: "Haveriam de comprar, ainda, um trator maior", obtém-se a forma verbal:

a) comprariam d) ter-se-ia comprado

b) comprar-se-ia e) haveria de ser comprado

c) teria sido comprado

9. (CESGRANRIO) Assinale o período em que aparece forma verbal incorretamente empregada em relação à norma culta da língua:

a) Se o compadre trouxesse a rabeca, a gente do ofício ficaria exultante.

b) Quando verem o Leonardo, ficarão surpresos com os trajes que usava.

c) Leonardo propusera que se dançasse o minuete da corte.

d) Se o Leonardo quiser, a festa terá ares aristocráticos.

e) O Leonardo não interveio na decisão da escolha do padrinho do filho.

10. (CESGRANRIO) Assinale a opção que não completa corretamente as lacunas da frase abaixo:

Quando os convidados da comadre .... Leonardo .... para dançar o

minuete da corte.

a) chegarem - teve de chamá-los

b) tivessem chegado - teve de chamá-los

c) chegaram - foi chamá-los

d) chegassem - haveria de chamá-los

e) tiverem chegado - deverá chamá-los

11. (FMU) Leia a seguinte passagem na voz passiva: "O receio é substituído pelo pavor, pelo respeito, pela emoção ..." Se passarmos para a voz ativa, teremos:

a) O pavor e o respeito substituíram-se pela emoção e o receio.

b) O pavor e o receio substituem a emoção e o respeito.

c) O pavor, o respeito e a emoção são substituídos pelo receio.

d) O pavor, o respeito e a emoção substituem-se.

e) O pavor, o respeito e a emoção substituem o receio.

12. (FUVEST) .... em ti; mas nem sempre .... dos outros.

a) Creias - duvidas d) Creia - duvide

b) Crê - duvidas e) Crê - duvides

c) Creias - duvida

13. (UF-UBERLÂNDIA) Assinale a frase que não está na voz passiva:

a. "Esperavam-se manifestações de grupos radicais japoneses de esquerda e de direita... ."
b. "Foram salvos pelo raciocínio rápido de um agente do serviço secreto... ."
c. "Vocês se dão pouca importância nessa tarefa."
d. "Documentos inúteis devem ser queimados em praça pública."
e. "Devem-se estudar estas questões."

14. (SANTA CASA) Os mesários ....-se de votar, mas não .... dispensa. Se você os ...., peça que venham aqui imediatamente.

a) absteram - requereram - vir

b) absteram - requiseram - ver

c) abstiveram - requereram - vir

d) abstiveram - requereram - ver

e) abstiveram - requiseram - ver

15. (PUC) Uma das alternativas abaixo está errada quando à correspondência no emprego dos tempos verbais. Assinale qual é esta alternativa:

a) Porque arrumara carona, chegou cedo à cidade.

b) Se tivesse arrumado carona, chegaria cedo à cidade.

c) Embora arrume carona, chegará tarde.

d) Embora tenha arrumado carona, chegou tarde.

e) Se arrumar carona, chegaria cedo à cidade.

16. (SANTA CASA) Transpondo para a voz ativa a frase: "Os ingressos haviam sido vendidos com antecedência", obtém-se a forma verbal:

a) venderam d) haviam vendido

b) vendeu-se e) havia vendido

c) venderam-se

17. (SANTA CASA) Transpondo para a voz passiva a frase: "Eu estava revendo, naquele momento, as provas tipográficas do livro", obtém-se a forma verbal:

a) ia revendo d) comecei a rever

b) estava sendo revisto e) estavam sendo revistas

c) seriam revistas

18. (UNIMEP-SP) "Assim eu quereria a minha última crônica: que fosse pura como este sorriso." (Fernando Sabino) Assinale a série em que estão devidamente classificadas as formas verbais em destaque:

a) futuro do pretérito, presente do subjuntivo

b) pretérito mais-que-perfeito, pretérito imperfeito do subjuntivo

c) pretérito mais-que-perfeito, presente do subjuntivo

d) futuro do pretérito, pretérito imperfeito do subjuntivo

e) pretérito perfeito, futuro do pretérito

19. (CESCEM) Se você ...., e o seu amigo ...., talvez você .... esses bens.

a) requisesse - intervisse - reavesse

b) requeresse - intervisse - reavesse

c) requeresse - interviesse - reouvesse

d) requeresse - interviesse - reavesse

e) requisesse - interviesse - reouvesse

20. (CEE TECNOLÓGICA-SP) Aponte a frase correta:

a) Avançaram sobre ele, não se conteram.

b) Não repilais quem de vós se aproxima.

c) Se você não prever a ocasião, como agarrá-la?

d) Requiseram inutilmente, não lhe deferiram o pedido.

e) Busquei por muito tempo, mas não reavi o que perdera.

21. (UNB-DF) Assinale o item que contém as formas verbais corretas:

a) reouve - intervi d) reavi - intervi

b) reouve - intervim e) rehavi - intervim

c) rehouve - intervim

22. (CESGRANRIO) Assinale a frase em que há erro de conjugação verbal:

a) Os esportes entretêm a quem os pratica.

b) Ele antevira o desastre.

c) Só ficarei tranqüilo, quando vir o resultado.

d) Eles se desavinham freqüentemente.

e) Ainda hoje requero o atestado de bons antecedentes.

23. (ITA) Assinale o caso em que o verbo sublinhado estiver correto:

a) Eu me precavo deve ser substituído por eu me precavejo.

b) Eu me precavenho contra os dias de chuva.

c) Eu reavi o que perdera há dois anos.

d) Problemas graves me reteram no escritório.

e) Nenhuma das frases acima.

24. (UF-PB) Transpostos para a voz passiva, os verbos do texto "Que miragens vê o iluminado no fundo de sua iluminação? (...) E por que nos seduz a ilha?" (Carlos Drummond de Andrade), assumem, respectivamente, as formas:

a) eram vistas e somos seduzidos

b) são vistas e fomos seduzidos

c) foram vistas e somos seduzidos

d) são vistas e somos seduzidos

e) foram vistas e fomos seduzidos

25. (UF SÃO CARLOS) Indique a alternativa que completa corretamente as lacunas das frases:

I - Se nos .... a fazer um esforço conjunto, teremos um país sério.

II - .... o televisor ligado, para te informares dos últimos acontecimentos.

III - Não havia programa que .... o povo, após o último noticiário.

a) propormos - Mantenha - entretesse

b) propusermos - Mantém - entretesse

c) propormos - Mantém - entretivesse

d) propormos - Mantém - entretesse

e) propusermos - Mantém - entretivesse

26. (UF-MA) O verbo da oração: Os pesquisadores orientarão os alunos" terá, na voz passiva, a forma:

a) haverão de orientar d) terão orientado

b) haviam orientado e) serão orientados

c) orientaram-se

27. (CESGRANRIO) Não há devida correlação temporal das formas verbais em:

a) Seria conveniente que o leitor ficasse sem saber quem era Miss Dollar.

b) É conveniente que o leitor ficaria sem saber quem é Miss Dollar.

c) Era conveniente que o leitor ficasse sem saber quem é Miss Dollar.

d) Será conveniente que o leitor fique sem saber quem era Miss Dollar.

e) Foi conveniente que o leitor ficasse sem saber quem era Miss Dollar.

28. (MACK) Que alternativa contém as palavras adequadas para o preenchimento das lacunas?

"Ao lugar de onde eles ...., ... diversas romarias."

a) provém, afluem d) provêem, afluem

b) provém, aflue e) provêm, afluem

c) provém, aflui

29. (BB) Se .... que não sabes, ... outra questão.

a) vires, faz d) vir, faz

b) veres, faças e) vires, faze

c) ver, faça

30. (PUC) Dê, na ordem em que aparecem nesta questão, as seguintes formas verbais:

advertir - no imperativo afirmativo, segunda pessoa do plural

compor - no futuro do subjuntivo, segunda pessoa do plural

rever - no perfeito do indicativo, segunda pessoa do plural

prover - no perfeito do indicativo, segunda pessoa do singular

a) adverti, componhais, revês, provistes

b) adverti, compordes, revestes, provistes

c) adverte, compondes, reveis, proviste

d) adverti, compuserdes, revistes, proveste

e) n.d.a

31. (PUC) No trecho: "Agora vire a página e olhe o anjo que ele possuiu, veja esta mantilha sobre este ombro puro (...)", alterando-se o sujeito dos verbos destacados para tu e depois nós, teríamos a seguinte modificação das formas verbais:

a) vira, olhe, vê / viremos, olhamos, vemos

b) vire, olhe, veja / viremos, olhemos, vejamos

c) vira, olha, vês / viramos, olhamos, vemos

d) viras, olhas, vês / viramos, olhamos, vemos

e) vira, olha, vê / viremos, olhemos, vejamos

32. (FAAP) Assinale a resposta correspondente à alternativa que completa corretamente os espaços em branco: Se você o ...., por favor ....-lhe que .... para apressar o processo.

a) ver - peça - intervenha d) ver - pede - intervenha

b) vir - peça - intervém e) vir - peças - interviesse

c) vir - peça - intervenha

33. (FUVEST) "Eu não sou o homem que tu procuras, mas desejava ver-te, ou, quando menos, possuir o teu retrato." Se o pronome tu fosse substituído por Vossa Excelência, em lugar das palavras destacadas no texto acima transcrito teríamos, respectivamente, as seguintes formas:

a) procurais, ver-vos, vosso d) procurais, vê-la, vosso

b) procura, vê-la, seu e) procurais, ver-vos, seu

c) procura, vê-lo, vosso

34. (FAAP) Assinale a resposta correspondente à alternativa que completa corretamente os espaços em branco: Não .... Você não acha preferível que ele se .... sem que você o ....?

a) interfere - desdiz - obriga

b) interfira - desdisser - obrigue

c) interfira - desdissesse - obriga

d) interfere - desdiga - obriga

e) interfira - desdiga - obrigue

35. (FAAP) "Os infantes não chegariam lá, ou, se chegassem, seria a duras penas ..." As formas verbais compostas correspondentes às formas simples destacadas são, respectivamente:

a) tinha chegado - tivessem chegado

b) não há - tinha chegado

c) teriam chegado - têm chegado

d) terão chegado - tivessem chegado

e) teriam chegado - não há

36. (CESCEM) Se ao menos .... a confusão que aquilo ia dar! Mas não pensou, não se ...., e .... na briga que não era sua.

a) prevesse - continha - interveio

b) previsse - conteve - interveio

c) prevesse - continha - interviu

d) previsse - conteve - interviu

e) prevesse - conteve - interveio

37. (FUVEST) Ele .... a seca e .... a casa de mantimentos.

a) preveu - proveu d) preveu - provera

b) provera - provira e) previu - proveu

c) previra - previera

38. (FMU) Que alternativa possui as formas verbais adequadas para o preenchimento das lacunas da oração abaixo: Sempre que há vagas, ... candidatos que .... de todos os lugares do Brasil.

a) afluem - provém d) aflui - provêem

b) aflue - provém e) afluem - provêem

c) afluem - provêm

39. (UNESP) "Explicou que aprendera aquilo de ouvido." Transpondo para a voz passiva, o verbo assume a seguinte forma:

a) tinha sido aprendido d) tinha aprendido

b) era aprendido e) aprenderia

c) fora aprendido

40. (FGV) Assinale o item em que há erro quanto à flexão verbal:

a) Quando eu vir o resultado, ficarei tranqüilo.

b) Aceito o lugar para o qual me proporem.

c) Quando estudar o problema, ficará sabendo a verdade.

d) Sairás assim que te convier.

e) O fato está patente a quem se detiver a observá-lo.

41. (CARLOS CHAGAS) Para nós, tanto .... vocês .... ficar aqui como .... a fronteira.

a) faria - quisessem - transporem

b) faz - quererem - transpossem

c) faz - quererem - transporem

d) faria - queressem - transpusessem

e) faria - quiserem - transporem

42. (FUVEST) Em "Queria que me ajudasses", o trecho destacado pode ser substituído por:

a) a sua ajuda d) a ajuda deles

b) a vossa ajuda e) a tua ajuda

c) a ajuda de você

43. (PUC) Assinale a alternativa que traga indicativo de ação do sujeito:

a) Passavam cestas para a feira do Largo do Arouche.

b) Carrocinhas de padeiro derrapavam nos paralelepípedos.

c) A Aída levantou-se ...

d) Garoava na madrugada roxa.

e) Padre Nosso, que estais no céu ...

44. (BB) Flexão verbal incorreta:

a) Se vir o tal colega, falar-lhe-ei.

b) Se eu pôr o verbo no plural, erro de novo.

c) Se eu vier cedo, aguardo-o.

d) Se a duplicata estiver certa, paguem-na.

e) Se eu for tarde, esperem-me.

45. (DASP) Assinale a única alternativa em que há erro de flexão verbal:

a) Quando eu o vir, acertarei as contas.

b) Se ele propor um aumento de verba, direi que não teremos recursos.

c) O governo interveio na região.

d) Os funcionários vêm aqui hoje.

e) Na tentativa de solucionar o problema, eles se desavieram.

46. (DASP) Assinale a única alternativa que contém erro na passagem da forma verbal, do imperativo afirmativo para o imperativo negativo:

a) parti vós - não partais vós

b) amai vós - não ameis vós

c) sede vós - não sejais vós

d) ide vós - não vais vós

e) perdei vós - não percais vós

47. (BNH) Assinale a forma correta do verbo vir no presente do indicativo:

a) Chefe, viemos mostrar a todos este trabalho.

b) Vim comunicar ao amigo minha decisão.

c) Vimos, através desta, comunicar-lhe o ocorrido.

d) Viesse ele, ora, tudo estaria bem.

e) Vindo Paulo, não há mais nada.

48. (CESGRANRIO) Assinale a forma errada do verbo pontear:

a) ponteias d) ponteiam

b) ponteiamos e) ponteie

c) pontearei

49. (ITA) Examinando as afirmações de que a terceira pessoa do singular do presente do Indicativo de: Progredir é progrede / Ansiar é ansia / Remediar é remedia / Transgredir é Transgride

Verifica-se que:

a) apenas uma está correta d) três estão corretas

b) apenas duas estão corretas e) nenhuma está correta

c) todas estão corretas

50. (ITA) Vi, mas não ....; o policial viu, e também não ...., dois agentes secretos viram, e não .... Se todos nós .... , talvez .... tantas mortes.

a. intervir - interviu - tivéssemos intervido - teríamos evitado
b. me precavi - se precaveio - se precaveram - nos precavíssemos - não teria havido
c. me contive - se conteve - contiveram - houvéssemos contido - tivéssemos impedido
d. me precavi - se precaveu - precaviram - precavêssemo-nos não houvesse
e. intervim - interveio - intervieram - tivéssemos intervindo - houvéssemos evitado

51. (EEAER) Para completar corretamente as frases:

.... (pôr - imperativo afirmativo) mais atenção no que você faz.

.... (pôr - imperativo afirmativo) mais atenção no que tu fazes.

.... (pôr - imperativo afirmativo) mais atenção no que vós fazeis.

.... (requerer - primeira pessoa do singular do presente do indicativo) licença.

a) ponha, põe, ponde, requeiro

b) ponhas, põe, ponde, requeiro

c) ponde, ponde, punhas, requero

d) ponhe, ponde, punhas, requero

e) n.d.a

52. (EEAER) Completar: "Pedrinho .... seus pertences, embora o delegado lhe pedisse que .... a ação do assalto."

a) reaveu, recomposse d) reaveu, recompusesse

b) reouve, recomposse e) n.d.a

c) reouve, recompusesse

53. (ECPAR) Marque o item que está em desacordo com a gramática:

a) Se fores lá, põe a carta no correio.

b) Não intervenhais no que não vos diz respeito.

c) Sê prudente: não fale da vida alheia.

d) Faze o que te pedem e não reclames.

e) Mede tuas palavras e não te desanimes.

54. (UFF) Das frases que seguem, uma traz errado o emprego da forma verbal. Assinale-a:

a) Cumpre teus deveres e terás a consciência tranqüila.

b) Suporta-se com paciência a cólica do próximo.

c) Nada do que se possui com gosto se perde sem desconsolação.

d) Não voltes atrás, pois é fraqueza desistir-se da empresa começada.

e) Dizia Rui Barbosa: "Fazei o que vos manda a consciência, e não fazei o que vos convém aos apetites."

55. (UC-PR) Transforme pelo modelo: Procurei o livro / Procura-o também.

1. Pus o carro na garagem / ...., também

2. Trouxe o livro / ...., também

3. Medi as conseqüências / ...., também

4. Ouvi suas queixas / ...., também

5. Mandei um presente ao nosso filho / ...., também

A alternativa correta é:

a) Põe-no, Traze-o, Mede-as, Ouve-as, Mande-o

b) Põe-lo, Traze-o, Mede-as, Ouve-as, Mande-o

c) Ponha-o, Traga-o, Meça-s, Ouça-s, Mande-o

d) Põe-no, Traze-o, Mede-as, Ouve-as, Manda-o

e) Ponha-o, Traga-o, Meça-s, Ouça-as, Manda-o

56. (UC-PR) Faça conforme o modelo: Peço-te que me perdoes / Perdoa-me

1. Peço-te que acudas a menina / .... a menina

2. Peço-te que frijas o ovo / .... o ovo

3. Peço-te que meças o quarto / .... o quarto

4. Peço-te que leias meu artigo / .... meu artigo

5. Peço-te que provejas o cargo / .... o cargo

Assinale a alternativa correta:

a) Acuda, Frija, Meça, Leia, Provede

b) Acode, Frege, Mede, Lê, Provê

c) Acuda, Frija, Mede, Lê, Proveja

d) Acode, Frija, Mede, Lê, Provede

e) Acuda, Frege, Medi, Lê, Provê

57. (FAE-PR) Soldado! .... a cabeça, ... teu fuzil, ... o que lá vês. Mas não te ....!

a) Levanta, ergue, destrua, firas

b) Levante, ergue, destrua, fira

c) Levanta, ergue, destrói, firas

d) Levantai, erguei, destruí, firais

e) Levanteis, ergueis, destruais, firais

58. (FCHS TOLEDO-PR) Assinale a frase correta:

a) Busque e acharás, peça e receberás.

b) Busque e achará, peça e receberá.

c) Busca e acharás, pede e receberá.

d) Busque e achará, peça e receberás.

e) Busca e achareis, pede e receberás.

59. (DIREITO DE CURITIBA) Indique a seqüência abaixo que preenche corretamente as lacunas das orações abaixo:

1. .... o que te mandou o diretor.

2. .... à festa assim que você estiver pronta.

3. .... alguma coisa em sua própria defesa.

4. .... alguma coisa, em tua própria vantagem.

5. .... Todos nós vos pedimos.

a) Faça, Venha, Dize, Diga, Partai

b) Faze, Vem, Diga, Dize, Parti

c) Faze, Vinde, Dize, Diga, Parti

d) Faça, Vem, Diga, Dizei, Parta

e) Faze, Venha, Diga, Dize, Parti

60. (EPCAR) Em apenas uma das frases a forma verbal está incorreta. Assinale-a:

a) Desejo que me ouçais com atenção.

b) Se eles se precavessem, não sofreriam o acidente.

c) Se intervissem, o conflito cessaria.

d) Não odieis vosso irmão.

e) Trá-lo-ei assim que me pedires.

61. (UNIMEP-SP) "Não fales! Não bebas! Não fujas!" Passando tudo para a forma afirmativa, teremos:

a) Fala! Bebe! Foge! d) Fale! Beba! Fuja!

b) Fala! Bebe! Fuja! e) Fale! Bebe! Foge!

c) Fala! Beba! Fuja!

62. (FESP) Assinale a alternativa em que todas as formas estejam na segunda pessoa do plural do imperativo afirmativo:

a) ouvi, vinde, ide, traze d) ouça, vinde, vá, tragais

b) ouvi, vinde, ide, trazei e) ouça, venhas, vás, tragais

c) ouvi, venhas, ide, trazei

63. (CARLOS CHAGAS-PR) Mesmo que você lhe .... um acordo amigável, ele não ....

a) proponha - aceitará d) proporá - aceitará

b) propor - aceitava e) propôs - aceitava

c) proporia - aceitaria

64. (CARLOS CHAGAS-PR) Se você .... chegado a tempo .... visto o que ....

a) tem - tenha - acontece d) tivesse - teria - aconteceu

b) tiver - terá - acontecesse e) tinha - tem - acontecia

c) teria - tinha - aconteça

65. (FUVEST) "Se ele .... (ver) o nosso trabalho .... (fazer) um elogio." Assinale a alternativa em que as formas dos verbos ver e fazer preenchem corretamente as lacunas da frase acima:

a) ver - fará d) vir - fará

b) visse - fará e) vir - faria

c) ver - fazerá

66. (MED-SANTOS) Assinale a letra correspondente à frase inteiramente correta para tratamento "o senhor": "Quando .... nos debates, ... ser moderado nas .... expressões e .... bem nas suas idéias."

a) intervier, procure, suas, coloque

b) intervier, procure, suas, coloca

c) intervir, procura, tuas, coloques

d) intervieres, procure, suas, coloque

e) intervier, procures, suas, coloque

67. (MED-SANTOS) Assinale a alternativa em que o imperativo está empregado corretamente:

a) Não ide lá, eu vo-lo proíbo.

b) Não vades lá, eu to proíbo.

c) Não vades lá, eu vo-lo proíbo.

d) Não ides lá, eu vos proíbo.

e) Não vade lá, eu vo-lo proíbo.

68. (FEB) Complete com ei ou i: Copiar - ele cop...a / Odiar - ele od...a / Ansiar: ele ans...a

a) ei - ei - ei d) i - ei - ei

b) i - i - i e) nenhuma das anteriores

c) ei - ei - i

69. (CARLOS CHAGAS) Não .... diante de nenhum sacrifício que você de mim ....

a) recuei - exija d) recuara - exigiu

b) recuo - exigisse e) recuei - exigir

c) recuo - exija

70. (CARLOS CHAGAS) Para que você .... isso, precisa ser ambicioso; quem .... sem que ...., certamente é ambicioso.

a) deseja - deseja - estima d) deseja - deseje - estime

b) deseje - deseja - estime e) deseje - deseje - estima

c) deseje - deseja - estima

71. (MED-ABC) Assinale a construção correta:

a) Tu viestes de Santos ontem.

b) Nós vimos de Santos ontem. ontem.

c) Nós viemos de Santos ontem.

d) Vós vieste de Santos ontem.

e) Vós vindes de Santos

72. (FURG-RS) A alternativa em que todas as formas correspondem ao exemplo: Pagar - paga, é:

Verbos: manter - ir - ser - pôr - rir

a) mantém - vá - sê - põe - ria

b) manténs - vá - seja - pões - ri

c) mantenha - vai - seja - ponha - ris

d) mantém - vai - sê - ponha - ris

e) mantém - vai - sê - põe - ri

73. (UE-BA) Os alunos que .... revisão de provas .... com a rigidez da correção.

a) pleiteiam - indiguinam-se

b) pleiteam - indignam-se

c) pleiteiam - indignam-se

d) pleiteam - indiguinam-se

e) pleiteam - indignam-se

74. (AMAM) Há uma frase com incorreção de flexão verbal. Assinale-a:

a) É preciso que nos penteamos bem para a cerimônia.

b) Convém que vades ver vosso pai doente.

c) Ele freou o carro bem perto da criança que corria.

d) Desavieram-se os dois amigos, ante a vitória do Corinthians.

e) Todas as frases acima estão incorretas.

75. (ESAN-SP) Assinale a alternativa em que há um verbo defectivo:

a) Demoliram vários prédios naquele local.

b) Eles se correspondem freqüentemente.

c) Estampava no rosto um sorriso, um sorriso de criança.

d) Compramos muitas mercadorias remarcadas.

e) Coube ao juiz julgar o réu.

76. (OBJETIVO) Dos verbos seguintes, assinale o único que não apresenta duplo particípio:

a) abrir d) morrer

b) imprimir e) enxugar

c) eleger

77. (UFSCAR-SP) Assinale a opção que preencha as lacunas corretamente:

I - Ficareis maravilhados, se .... o resultado. (ver)

II - Sereis perdoados, se .... o que tirastes. (repor)

III - Não dê atenção a quem lhe .... negócios ilícitos. (propor)

IV - Nós lhe daremos o recado assim que o .... (ver)

a) virdes, repuserdes, propuser, virmos

b) vires, repordes, propor, vermos

c) veres, repuserdes, propuserdes, virmos

d) vês, repordes, propordes, vermos

e) ver, repuseres, propor, vemos

78. (FUEL-PR) Pode ser que eu .... levar as provas, se você .... tudo para que eu .... onde estão.

a) consiga, fará, descobriria d) consigo, fizer, descubro

b) consiga, fizer, descubra e) consigo, fará, descobrirei

c) consigo, fizer, descobrir

79. (FUEL-PR) Ele .... com muita prudência, na esperança de que se .... o tempo perdido.

a) interviu, reavesse d) interveio, reouvesse

b) interveio, reavesse e) interviu, rehavesse

c) interviu, rehouvesse

80. (FUEL-PR) Transpondo para a voz ativa a frase "Os livros seriam postos em um líqüido desinfetante", obtém-se a forma verbal:

a) vão pôr d) vão ser postos

b) íamos pôr e) poriam

c) põem-se

81. (FUVEST) Assinale a alternativa em que uma forma verbal foi empregada incorretamente:

a) O superior interveio na discussão, evitando a briga.

b) Se a testemunha depor favoravelmente, o réu será absolvido.

c) Quando eu reouver o dinheiro, pagarei a dívida.

d) Quando você vir Campinas, ficará extasiado.

e) Ele trará o filho, se vier a São Paulo.

82. (FUVEST) Assinale a frase que não está na voz passiva:

a) O atleta foi estrondosamente aclamado.

b) Que exercício tão fácil de resolver!

c) Fizeram-se apenas os reparos mais urgentes.

d) Escolheu-se, infelizmente, o homem errado.

e) Entreolharam-se agressivamente os dois competidores.

83. (CARLOS CHAGAS-BA) Não te .... com essas mentiras que .... da ignorância.

a) aborreces, provêem d) aborreça, provêem

b) aborreça, provém e) aborreças, provém

c) aborreças, provêm

84. (CARLOS CHAGAS-BA) Transpondo para a voz passiva a oração "Os colegas o estimavam por suas boas qualidades", obtém-se a forma verbal:

a) eram estimadas d) era estimado

b) tinham estimado e) foram estimadas

c) fora estimado

85. (CARLOS CHAGAS-BA) Transpondo para a voz passiva a frase: "A assembléia aplaudiu com vigor as palavras do candidato", obtém-se a forma verbal:

a) foi aplaudido d) estava aplaudindo

b) aplaudiu-se e) tinha aplaudido

c) foram aplaudidas

86. (CESGRANRIO) A frase negativa que corresponde a "Põe nela todo o incêndio das auroras" é:

a) Não põe nela todo o incêndio das auroras.

b) Não ponhas nela todo o incêndio das auroras.

c) Não põem nela todo o incêndio das auroras.

d) Não ponha nela todo o incêndio das auroras.

e) Não pondes nela todo o incêndio das auroras.

87. (FCMSC-SP) Mesmo que a direção o .... para o lugar e ele .... nomeado, duvido que .... a exercer o cargo.

a) indicar, for, chega d) indique, seja, chegue

b) indicaria, seja, chega e) indicar, ser, chegue

c) indique, for, chega

88. (UNESP) Aponte a alternativa em que o verbo reaver está correto:

a) É necessário que você reavenha aquele dinheiro.

b) É necessário que você reaveja aquele dinheiro.

c) É necessário que você reaja aquele dinheiro.

d) É necessário que você reava aquele dinheiro.

e) n.d.a

89. (UM-SP) Qual o valor do futuro do pretérito na frase seguinte: "Quando chegamos ao colégio em 1916, a cidade teria apenas um cinqüenta mil habitantes"?

a) fato futuro, anterior a outro fato futuro

b) fato futuro, relacionado com o passado

c) suposição, relativamente a um momento futuro

d) suposição, relativamente a um momento passado

e) configuração de um fato já passado

90. (UM-SP) Assinale a alternativa em que o emprego do infinitivo está incorreto:

a) Todos acreditam sermos os causadores da desordem.

b) Cometeres tamanha injustiça, tu não o farias.

c) Amar é viver.

d) Não podeis fazerdes a prova com tanta pressa.

e) Não estacionar na pista.

91. (CESESP-PE) Assinalar o único item em que o emprego do infinitivo está errado:

a) Deixei-os sair, mas procurei orientá-los bem.

b) De hoje a três meses podes voltar aqui.

c) Disse ser falsas aquelas assinaturas.

d) Depois de alguns instantes, eles parecia estarem mais conformados.

e) Viam-se brilhar as primeiras estrelas.

92. (ETF-SP) Se ele .... o requerimento, posso mostrar-lhe a prova quando ....

a) troxer - querer d) trouxer - querer

b) trouxer - quiser e) trazer - quiser

c) trazer - querer

93. (ETF-SP) Se vocês não .... os mais exaltados, creio que eles se .... seriamente.

a) contessem - desaveriam d) contivessem - desaveriam

b) contessem - desaviriam e) contivessem - desaviriam

c) contessem - desaviam

94. (BB) Enquanto uns trabalhavam, outros .... televisão.

a) se entretiam na d) entretinham com a

b) entretiam na e) se entretinham com a

c) entretinham na

95. (TRT) Observe:

I - Eu venho pensando em exercer atividades no campo da fiscalização.

II - Vi quando você apreendeu a mercadoria.

III - Não vá dizer que não foi orientado no tocante às formas tributárias.

Os verbos sublinhados acima têm, no plural, as seguintes formas:

a) vimos, vimos, ide d) vimos, vimos, vão

b) viemos, vimos, vades e) vimos, viemos, vão

c) viemos, vimos, ides

96. (TRT) Assinale a alternativa incorreta quanto à forma verbal:

a) Ele reouve os objetos apreendidos pelo fiscal.

b) Se advierem dificuldades, confia em Deus.

c) Se você o vir, diga-lhe que o advogado reteve os documentos.

d) Eu não intervi na contenda porque não pude.

e) Por não se cumprirem as cláusulas propostas, as partes desavieram-se e requereram rescisão do contrato.

97. (TRT) Indique a incorreta:

a. Estão isentados das sanções legais os citados no artigo 6º.
b. Estão suspensas as decisões relativas ao parágrafo 3º do artigo 2º.
c. Fica revogado o ato que havia extinguido a obrigatoriedade de apresentação dos documentos mencionados.
d. Os pareceres que forem incursos na Resolução anterior são de responsabilidade do Governo Federal.
e. Todas estão incorretas.

98. (BANESPA) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas do período ao lado: "Se você os .... , não .... no que lhe .... ".

a) ver - creia - disser d) vir - creia - disserem

b) ver - creias - dizerem e) vir - creias - disserem

c) ver - crê - disserem

99. (BANESPA) "O farol guiava os navegantes". Transpondo esta frase para a voz passiva, o verbo apresentará a forma:

a) guiava-se d) guiavam

b) iam guiando e) foram guiados

c) eram guiados

100. (BANESPA) Assinale a alternativa em que é incorreto flexionar o infinitivo:

a) Importa entendermos a situação.

b) Devemos provarmos o que dizemos.

c) Para chegardes à igreja, ainda tereis de caminhar muito.

d) É tempo de saberes de teus direitos.

e) Vi os escravos se curvarem perante seu amo.

101. (ESAF) Assinale a alternativa que apresenta um verbo incorretamente flexionado:

a) O enxoval conviria às noivas dos bairros mais pobres.

b) Não despeças os carregadores antes do desembarque.

c) Os policiais interviram nos protestos dos grevistas.

d) A noiva precaveu-se contra os prejuízos da mudança.

e) Eu expeço, primeiramente, as malas dos estudantes.

102. (ESAF) Assinale o trecho que não contém erro na voz passiva:

a. Lamentamos que o pouco tempo disponível venha a prejudicar o processo que foi iniciado de forma tão incorreta.
b. No quarto, já tinham sido espalhados vários colchões pelo chão, para acomodar os parentes que vinham de longe.
c. À distância, viam-se pequenos pontos de luz, a denunciar a presença de casas por ali.
d. Assim que começou a cursar medicina, sentiu-se atraído para a área de neurologia.
e. A lembrança de sua convivência conosco ia sendo afastada à medida que os afazeres iam nos absorvendo.

103. (ESAF) Os verbos das orações "ao prestar-nos as informações que lhe solicitamos" são, respectivamente:

a) transitivo direto e indireto, transitivo indireto

b) transitivo indireto, transitivo direto e indireto

c) ambos transitivos indiretos

d) ambos transitivos diretos

e) ambos transitivos diretos e indiretos

104. (ADM POSTAL CORREIOS) "Não sabemos qual será nossa reação quando .... a chegada do adversário."

a) vemos d) virmos

b) vimos e) vermos

c) veremos

105. (PUC) Assinale a forma verbal errada na relação abaixo:

a) verbo vir - pres. do ind. 1ª p.p. : vimos

b) verbo vir - particípio: vindo

c) verbo ver - imperativo afirmativo, 2 ª p.p. : vede

d) verbo aprazer - pret. perf. do ind., 3 ª p. sing. : aprouve

e) verbo intervir - pret. perf. do ind., 3 ª p.p. : interviram

106. (PUC) Trazendo-os é o gerúndio do verbo trazê-los. Nas formas abaixo, do imperativo, assinale a única incorreta:

a) traze-os tu d) trazei-los vós

b) traga-os você e) tragam-nos vocês

c) tragamo-los nós

107. (PUC) "Com o último trompejo do berrante, engarrafam no curral da estrada-de-ferro o rebanho" (Guimarães Rosa). A forma verbal engarrafam se encontra no tempo:

a) presente do subjuntivo d) presente do indicativo

b) imperfeito do indicativo e) imperativo afirmativo

c) pretérito perfeito do indicativo

108. (GAMA FILHO) Há, na conjugação dos seguintes verbos, um tempo errado. Assinale-o:

a. crer - pret. perf. Ind.: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram.
b. entupir - pres. subj.: entupa, entupas, entupa, entupamos, entupais, entupam.
c. polir - pres. Ind.: pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem.
d. reter - mais-que-perf. Ind.: retera, reteras, retera, retéramos, retêreis, reteram.
e. saudar - imperativo afirmativo: saúda, saúde, saudemos, saudai, saúdem.

109. (FARIAS BRITO) "Um prólogo a um livro de versos é cousa que se não lê, e quase sempre com razão." (Sílvio Romero) O verbo "lê":

a. está na voz passiva e seu sujeito é "que"
b. está na voz ativa, seu sujeito é "cousa" e seu objeto direto é "versos"
c. está na voz reflexiva, e o sujeito "versos" pratica e recebe a ação, ao mesmo tempo
d. sugere reciprocidade de ação, pois há troca de ações entre os "versos" e quem os lê

e. funciona acidentalmente como verbo de ligação, com predicativo oculto

110. (FARIAS BRITO) "Ontem à noite / Eu procurei / Ver se aprendia / Como é que se fazia / Uma balada / Antes d'ir / Pro meu hotel" (Oswald de Andrade: "Balada da Esplanada") Há uma locução verbal nesse texto. Essa locução é:

a) "procurei Ver" d) "é que se fazia"

b) "Ver se aprendia" e) "Antes de ir"

c) "aprendia como é"

111. (CARLOS CHAGAS) Conforme o médico nos ...., seu organismo agora já .... o cálcio.

a) prevenira - retem d) previnira - retem

b) previnira - retém e) prevenira - retém

c) provenira - retém

112. (CARLOS CHAGAS) Sem que ninguém tivesse ...., o próprio menino ....-se contra os falsos amigos.

a) intervindo - precaviu d) intervido - precaveio

b) intervindo - precaveio e) intervindo - precaveu

c) intervido - precaveu

113. (CARLOS CHAGAS) Caso .... realmente interessado, ele não .... de faltar.

a) estiver - haja d) estivesse - havia

b) esteja - houve e) estiver - houve

c) estivesse - houvesse

114. (CARLOS CHAGAS) Se algum dia a .... chegar arrependida, ... o teu ódio num forte abraço de perdão.

a) veres - esqueça d) vires - esqueça

b) vires - esquecei e) vires - esquece

c) veres - esquece

115. (CARLOS CHAGAS) Quem .... o Pedro, ou, pelo menos, ... falar com ele, ...-o em meu nome.

a) ver - poder - advirta d) ver - puder - adverta

b) vir - puder - adverta e) vir - poder - adverta

c) vir - puder - advirta

116. (CARLOS CHAGAS) Se você .... no próximo domingo e .... de tempo .... assistir à final do campeonato.

a) vir - dispor - vá d) vier - dispuser - vá

b) vir - dispuser - vai e) vier - dispor - vai

c) vier - dispor - vá

117. (CARLOS CHAGAS) Ele .... que lhe .... muitas dificuldades, mas enfim .... a verba para a pesquisa.

a) receara - opusessem - obtera

b) receara - opusessem - obtivera

c) receiara - opossem - obtivera

d) receiara - oposessem - obtera

e) receara - opossem - obtera

118. (FUNDAÇÃO LUSÍADA) Assinale a alternativa que se encaixe no período seguinte: "Se você .... e o seu irmão ...., quem sabe você .... o dinheiro."

a) requeresse - interviesse - reouvesse

b) requisesse - intervisse - reavesse

c) requeresse - intervisse - reavesse

d) requeresse - interviesse - reavesse

e) requisesse - interviesse - reouvesse

119. (PUC) Indique a frase onde houver uma forma verbal incorreta:

a) Os vegetais clorofilados sintetizam seu próprio alimento.

b) Se ela vir de carro, chame-me.

c) Lembramos-lhes que o eucalipto é uma excelente planta para o reflorestamento.

d) Há rumores de que pode haver novo racionamento de gasolina.

e) n.d.a

120. (MACK) Assinale a alternativa em que não há erro na forma verbal:

a) Minha mãe hesitou; tu não hesitastes.

b) Esta página vale por meses; quero que valha para sempre.

c) Tu tiveste dezessete anos; vós tivesteis sempre a mesma idade.

d) A análise das minhas emoções é que entrava no meu plano; vós não entravais.

e) Achavam-se lindo e diziam-no; achaveis-me lindo e dizieis-mo.

121. (FUVEST) Assinale a alternativa gramaticalmente correta:

a) Não chores, cala, suporta a tua dor.

b) Não chore, cala, suporta a tua dor.

c) Não chora, cale, suporte a sua dor.

d) Não chores, cales, suportes a sua dor.

e) Não chores, cale, suporte a tua dor.

122. (FUVEST) Aponte a alternativa em que a segunda forma está incorreta como plural da primeira:

a) tu ris - vós rides d) ele vem - eles vêem

b) ele lê - eles lêem e) eu ceio - nós ceamos

c) ele tem - eles têm

123. (FUVEST) Assinale a frase em que está correta a correlação verbal:

a) Se você não interferisse, ele faria o trabalho sozinho.

b) Se você não interferir, ele fazia o trabalho sozinho.

c) Se você não interferir, ele faria o trabalho sozinho.

d) Se você não interfere, ele faria o trabalho sozinho.

e) Se você não interferisse, ele faz o trabalho sozinho.

124. (FUVEST) Assinale a frase em que aparece o pretérito-mais-que-perfeito do verbo ser:

a) Não seria o caso de você se acusar?

b) Quando cheguei, ele já se fora, muito zangado.

c) Se não fosses ele, tudo estaria perdido.

d) Bem depois se soube que não fora ele o culpado.

e) Embora não tenha sido divulgado, soube-se do caso.

125. (EEAER) Leia com atenção:

I. Pôr, eu ponho, mas e se na hora eu não pôr?
II. Valer eu valho, mas e se na hora eu não valer?
III. Poder eu posso, mas e se na hora eu não poder?
IV. Caber eu caibo, mas e se na hora eu não couber?

Quanto aos verbos, estão corretos os períodos:

a) I e IV d) I, II e IV

b) II e IV e) I, II e III

c) III e IV

126. (FATEC) Assinale a alternativa em que a forma verbal grifada do período II não substitui corretamente a do período I:

a) I - Economistas afirmaram que já foi descoberto o remédio para a inflação no Brasil.

II - Economistas afirmaram já ter sido descoberto o remédio para a inflação no Brasil.

b) I - Não souberam ou não me quiseram dizer para onde você tinha ido.

II - Não souberam ou não me quiseram dizer para onde você fora.

c) I - Eram passados já muitos anos, desde o acidente.

II - Haviam passado já muitos anos, desde o acidente.

d) I - Honrarás a teu pai e a tua mãe.

II - Honra a teu pai e a tua mãe.

e) I - Ao chegar à sua casa, o seu amigo já terá partido.

II - Ao chegar à sua casa, o seu amigo já partirá.

127. (TFC) A forma passiva correspondente ao enunciado "Vi, no claro azul do céu, um papagaio de papel, alto e largo", é:

a) O garoto viu, no claro azul do céu, um papagaio de papel, alto e largo.

b) Um papagaio de papel, alto e largo, estava sendo visto pelo menino, no claro azul do céu.

c) No claro azul do céu, era visto um papagaio de papel, alto e largo, por mim.

d) Alto e largo, um papagaio de papel foi visto por mim no claro azul do céu.

e) Foi visto pelo menino, no claro azul do céu, um papagaio de papel.

(TFC) Nas questões 128 a 130, assinale a opção cujo período apresente erro na sintaxe ou morfologia das formas verbais:

128.

- **a. Se não prevessem os estoques do governo com a necessária antecedência, dificuldades maiores adviriam na entressafra.**
- **b. Se eles interporem um novo recurso contra a decisão do diretor, é possível que seja aceita a argumentação que apresentaram.**
- **c. Exige-se que as amostras não difiram significativamente do padrão oficial e que se expeça o respectivo laudo de fiscalização.**

d. Por não se preverem as conseqüências do novo decreto, deixaram de ser tomadas medidas que contivessem o aumento de custos.
e. O governo não interveio nem pretende intervir no mercado, embora as informações se contradissessem.

129.

a. Haviam, entre os meses de outubro e dezembro, ocorrido pancadas de chuva tão violentas que as estradas estavam em péssimas condições.
b. Se houver desistências, as vagas poderão ser preenchidas por candidatos sem habilitação legal.
c. Embora muitas dificuldades houvessem surgido, os trabalhos foram concluídos em tempo hábil.
d. Todas as opiniões que houvesse entre os participantes do encontro seriam debatidas democraticamente.
e. Ninguém sabe se vão haver ou não novas inscrições para o concurso anunciado há duas semanas.

130.

a. É necessário que se intermedeiem os conflitos étnicos para que a paz seja preservada.
b. Segundo pressupuseram especialistas, novas bactérias, de extrardinária resistência, estão surgindo nos hospitais.
c. Ao não se aterem aos liames previstos para a pesquisa, corriam o risco de falsear os resultados.
d. Sem que se trasgridam os modelos convencionais, os prejuízos jamais poderão ser reavidos.
e. Se não sobrevirem novos problemas, serão satisfeitas todas as exigências do contrato assinado.

131. (FUVEST) Em "Se aceitas a comparação distinguirás...", se a forma aceitas for substituída por aceitasses, a forma distinguirás deverá ser alterada para:

a) vais distinguir d) distinguirias

b) distinguindo e) terás distinguido

c) distingues

132. (FUVEST) "Quanto a mim, se vos disser que li o bilhete três ou quatro vezes, naquele dia, acreditai-o, que é verdade; se vos disser mais que o reli no dia seguinte, antes e depois do almoço, podeis crê-lo, é a realidade pura. Mas se vos disser a comoção que tive, duvidai um pouco da asserção, e não a aceitei sem provas." Mudando o tratamento para a terceira pessoa do plural, as expressões sublinhadas passam a ser:

a) lhes disser; acreditem-no; podem crê-lo; duvidem; não a aceitem.

b) lhes disserem; acreditem-lo; podem crê-lo; duvidam; não a aceitem.

c) lhe disser; acreditam-no; podem crer-lhe; duvidam; não a aceitam.

d) lhe disserem; acreditem-no; possam crê-lo; duvidassem; não a aceites.

e) lhes disser, acreditem-o; podem crê-lo; duvidem; não lhe aceitem.

133. (FUVEST) "... e antes nunca houvesse aberto o bico..."; "Assim da tua vanglória há muitos que se ufanam." Nestas passagens, o verbo haver é, respectivamente:

a) auxiliar e auxiliar d) principal e auxiliar

b) auxiliar e impessoal e) principal e impessoal

c) impessoal e impessoal

134. (FUVEST) A transformação passiva da frase: "A religião te inspirou esse anúncio", apresentará o seguinte resultado:

a) Tu te inspiraste na religião para esse anúncio.

b) Esse anúncio inspirou-se na tua religião.

c) Tu foste inspirado pela religião nesse anúncio.

d) Esse anúncio te foi inspirado pela religião.

e) Tua religião foi inspirada nesse anúncio.

135. (FUVEST) "Ficam desde já excluídos os sonhadores, os que amem o mistério e procurem justamente esta ocasião de comprar um bilhete na loteria da vida." Se a primeira frase fosse volitiva, e o segundo e terceiro verbos grifados conotassem ação no plano da realidade, teríamos, respectivamente, as seguintes formas verbais:

a) fiquem, amassem, procurassem

b) ficavam, tenham amado, tenham procurado

c) ficariam, amariam, procurariam

d) fiquem, amam, procuram

e) ficariam, tivessem amado, tivessem procurado

136. (FUVEST) Passando-se o verbo do trecho: "aquilo que o auditório já sabe" para o futuro composto do subjuntivo, obtém-se a forma verbal:

a) terá sabido d) tenha sabido

b) ter sabido e) souber

c) tiver sabido

137. (FMU) Na voz passiva, escreve-se "Deu-me as lições sem uma só das intragáveis ternuras", da seguinte forma:

a) As lições me são dadas...

b) As lições me eram dadas...

c) As lições me foram dadas...

d) A mim deu-me ele as lições

e) A mim as lições deu-as ele

138. (TRE-SP) Ele .... que a sensatez dos convidados .... a euforia geral e .... as dúvidas.

a) supusera - freasse - desfizesse

b) supora - freasse - desfizesse

c) supusera - freiasse - desfazesse

d) supora - freiasse - desfizesse

e) supora - freiasse - desfazesse

139. (TRE-SP) Tendo .... na operação, os funcionários se .... a serviços essenciais e executaram as tarefas que lhes ....

a) intervido - ativeram - caberam

b) intervido - ateram - couberam

c) intervindo - ateram - caberam

d) intervindo - ativeram - couberam

e) intervido - ativeram - couberam

140. (TRE-SP) Transpondo para a voz passiva a frase "O auxiliar judiciário estava organizando os arquivos", obtém-se a forma verbal:

a) foram sendo organizados

b) estavam sendo organizados

c) foram organizados

d) tinham sido organizados

e) eram organizados

141. (TRE-SP) Transpondo para a voz ativa a frase "Os pretendentes ao cargo teriam sido cadastrados pelo coordenador", obtém-se a forma:

a) cadastraria

b) terá cadastrado

c) seriam cadastrados

d) teria cadastrado

e) tinha cadastrado

142. (TRE-SP) Não se .... e .... bem cada palavra que ....

a) precipite - pesa - pronunciares

b) precipite - pese - pronunciar

c) precipita - pesa - pronunciar

d) precipita - peses - pronunciares

e) precipite - peses - pronunciar

143. (TRE-SP) Assim que .... encaminhados ao arquivo e .... colhido todos os dados, é provável que já .... prontos para iniciar o trabalho.

a) sermos - termos - estejamos

b) formos - tivermos - estejamos

c) formos - tivermos - estejemos

d) formos - termos - estejamos

e) sermos - tivermos - estejemos

144. (TRE-MT) I - Os leitores de jornal não .... os artigos mais longos.

II - Se eles .... a programação, já será ótimo.

III - Quando ele ...., receba-o com delicadeza.

As formas que preenchem, corretamente, as lacunas das frases acima são:

a) leem - obtiverem - vir d) lêem - obterem - ver

b) lêem - obtiverem - vier e) lêm - obtiverem - vir

c) leem - obterem - vier

145. (TRE-MT) Só está correta a forma verbal grifada na frase:

a) Embora ele esteje indicado, o Senado ainda não o aprovou.

b) Ele passeiava diariamente no parque.

c) Quando eles trouxerem a permissão, poderão entrar.

d) Se mantermos as posições, o inimigo não avançará.

e) Os deputados se entretiam com esses discursos.

146. (TRE-MT) O único verbo sublinhado cuja conjugação é regular está na alternativa:

a) "............ pois só se contradisse".

b) "............ também não teve escrúpulos".

c) "Os heróis de janeiro são os vilões de dezembro."

d) "E Ricupero também acaba como símbolo de perdão ....".

e) "........ o Brasil ia dar vexame na Copa".

147. (UF CAXIAS-RS) Não se .... dias melhores, os problemas de ordem econômica .... preocupando muitas pessoas: .... que as dificuldades não são problemas para poucos.

a) entrevêm - vem - conclue-se

b) entrevêem - vêem - conclui-se

c) entrevêm - vêm - conclui-se

d) entrevêem - vêm - conclui-se

e) entrevêem - vêm - conclue-se

(TRE-MG) Nas questões de 148 a 150, tendo em vista a flexão das formas verbais sublinhadas, assinale:

a) se estiver correto apenas o item I

b) se estiver correto apenas o item II

c) se estiver correto apenas o item III

d) se estiverem corretos os itens I e II

e) se estiverem corretos os itens II e III

148.

I - A partir de hoje, os funcionários que virmos fora do ambiente de trabalho serão demitidos.

II - A fim de que ele reavenha o tempo perdido, é necessário que os amigos o ajudem.

III - Os pacientes se entreteram a olhar a paisagem e não viram a noite chegar.

149.

I - Para que nós requeiramos a recompensa, será preciso que vocês nos ajudem.

II - O livro só foi impresso após a autorização de todos os diretores da gráfica.

III - Se ele não entrever nossas dificuldades, o recurso é não o acompanhar.

150.

I - O bêbado que descompor nossos amigos será convidado a retirar-se.

II - Alguns alunos haviam trazido a notícia de que não haverá recesso na próxima semana.

III - É bem provável que agora eles nomeiem a pessoa certa para o cargo.

151. (TRE-RJ) "E quando os mórmons se viram frente ao problema de povoar um deserto, não hesitaram em sancionar a poligamia." Das sentenças abaixo, construídas com verbos derivados de ver, aquela cuja lacuna se completa corretamente com a forma entre parênteses é:

a. Os mórmons .... as dificuldades a serem enfrentadas. (anteveram)
b. Quando os mórmons .... as dificuldades a enfrentar, agem corajosamente. (entrevêm)
c. Os mórmons já se tinham ...... dos recursos necessários para seguir para o deserto. (provisto)
d. Se os mórmons .... as dificuldades que enfrentariam, talvez tivessem desistido. (prevessem)
e. Sempre que os mórmons .... a história da colonização do deserto, sentir-se-ão honrados. (revirem)

152. (TRE-RO) Assinale a única opção em que o verbo não se encontra na voz passiva:

a) Far-se-ão registros e títulos eleitorais.

b) O cabo eleitoral e o candidato elogiaram-se durante a votação.

c) Apuraram-se rapidamente os votos daquela região.

d) Em outras épocas já se fizeram experiências semelhantes.

e) Ouvia-se do lado de fora o sussurro dos eleitores.

153. (TRE-RO) Observe a frase: Se tu .... que os eleitores chegam para votar, ... a porta e .... -os entrar.

a) veres / abre / deixa d) vires / abre / deixa

b) veres / abra / deixe e) virdes / abri / deixai

c) vires / abra / deixa

154. (FUVEST) Considerando a necessidade de correlação entre tempos e modos verbais, assinale a alternativa em que ela foge às normas da língua escrita padrão:

- **a. A redação de um documento exige que a pessoa conheça uma fraseologia complexa e arcaizante.**
- **b. Para alguns professores, o ensino da língua portuguesa será sempre melhor, se houver o domínio das regras de sintaxe.**
- **c. O ensino de Português tornou-se mais dinâmico depois que textos de autores modernos foram introduzidos no currículo.**
- **d. O ensino de Português já sofrera profundas modificações, quando se organizou um Simpósio Nacional para discutir o assunto.**
- **e. Não fora a coerção exercida pelos defensores do purismo lingüístico, todos teremos liberdade de expressão.**

155. (FUVEST) "A ferida foi reconhecida grave. " A transposição acima para a voz ativa está corretamente indicada em:

a) Reconheceu-se a ferida como grave.

b) Reconheceu-se uma grave ferida.

c) Reconheceram a gravidade da ferida.

d) Reconheceu-se que era um ferida grave.

e) Reconheceram como grave a ferida.

156. (TRE-RJ) Alguns tempos do modo indicativo podem ser utilizados com valor imperativo. Está neste caso o verbo sublinhado na seguinte alternativa:

a) Não matarás, diz a Biblía.

b) Faça logo esse serviço!

c) Saiam logo depois do sinal.

d) Prestem atenção ao que foi dito.

e) Não desçam correndo a escada.

157. (TRE-RJ) A alternativa que não apresenta perfeita concordância quanto à conversão da voz ativa para passiva é:

a) Viram-me. / Fui visto.

b) Vamos fazer a lição. / A lição vai ser feita por nós.

c) Abri o caderno. / O caderno tem sido aberto por mim.

d) Devemos preparar tudo. / Tudo deve ser preparado por nós.

e) Meu amigo fazia os trabalhos. / Os trabalhos eram feitos por meu amigo.

158. (TRE-RJ) A alternativa correta quanto à conjugação do verbo sublinhado é:

a) A chegada do projeto detive os políticos.

b) Os políticos desaviram-se por causa das emendas.

c) A comissão de juristas antevira as sugestões animadoras.

d) A emenda contêm margem de fraudes de difícil apuração.

e) O ministro solicitou que o Congresso proposse na decisão.

159. (TRE-RJ) Está correta a forma verbal grifada na seguinte frase:

a) Só poderemos opinar sobre o filme, se o vermos.

b) Os guardas intervieram na luta entre os assistentes.

c) Os policiais mantiam os ladrões sob a mira dos revólveres.

d) Nós passeiávamos diariamente pelas principais praças da cidade.

e) Embora ele seje considerado inteligente raramente faz boas provas.

160. (TRE-RJ) A frase que apresenta erro quanto à conjugação do verbo é:

a) A Justiça Eleitoral compôs com cidadãos as mesas de votação.

b) A Justiça Eleitoral comporia com cidadãos as mesas de votação.

c) A Justiça Eleitoral compusera com cidadãos as mesas de votação.

d) A Justiça se fará quando a Justiça Eleitoral compor com cidadãos as mesas de votação.

e) A Justiça se fará quando a Justiça Eleitoral compuser com cidadãos as mesas de votação.

(TRE-MG) Tendo em vista a flexão dos verbos sublinhados, responda às questões 161 e 162, assinalando para cada questão:

a) se os itens I, II e III estiverem incorretos

b) se apenas os itens I e III estiverem incorretos

c) se apenas os itens II e III estiverem incorretos

d) se apenas o item I estiver incorreto

e) se apenas o item II estiver incorreto

161.

a. Para que não agridamos as pessoas mais próximas, a empresa contratou um psicólogo.
b. O exercício que eu refazer em casa será cobrado, mais tarde, em outra avaliação.
c. Talvez a professora anseie por uma medida que não implique sua demissão.

162.

a. Apesar das informações, acredito que ele possue as qualidades necessárias para ocupar o cargo.
b. Só requeiro um emprego melhor, casa haja apoio total de meus familiares.
c. É possível que estejem preocupados com o resultado das eleições passadas.

163. (IBGE) Assinale a opção que apresenta erro na forma verbal:

a) Os brasileiros mantêm opiniões divergentes a respeito destes assuntos.

b) Nem todos crêem nos resultados de certas pesquisas.

c) Pessoas treinadas intervêm positivamente para dar esclarecimentos.

d) Os recenseadores revêem as respostas dos questionários.

e) Muitos entrevistadores provêem de lugares distantes do país.

164. (CEETEPS) A eletricidade era empregada para acender lâmpadas. Redigiu-se, de outra forma, a frase acima. Assinale a alternativa em que se verifica uma perfeita correspondência entre as duas formas de redação:

a) Empregou-se a eletricidade para acender lâmpadas.

b) A eletricidade poderia ser empregada para acender lâmpadas.

c) Empregava-se a eletricidade para acender lâmpadas.

d) Para acender lâmpadas, emprega-se a eletricidade.

e) A eletricidade será empregada para acender lâmpadas.

165. (CEETEPS) "Ouviam-se os apitos." Substituindo-se o sujeito "apitos" pelo correspondente singular "apito", obtém-se:

a) Ouviam o apito. d) Ouviram o apito.

b) Ouvia o apito. e) Ouvia-se o apito.

c) Ouvi o apito.

166. (CEETEPS) "O controle de várias formas de energia deu ao homem um enorme poder..." No trecho acima, o verbo "dar" pode causar a impressão de que o homem é um ser passivo. Na realidade, porém, sabe-se que o homem procura ser agente. Que alternativa mostra mais claramente o caráter ativo do homem?

a. O controle de várias formas de energia concedeu ao homem um enorme poder.
b. Ao homem foi dado poder pelo controle de várias formas de energia.
c. O homem conquistou um enorme poder com o controle de várias formas de energia.
d. Deu-se ao homem um enorme poder de controlar várias formas de energia.
e. O homem herdou o controle de várias formas de energia.

167. (FATEC) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas: ...., entre analistas políticos que, se o governo .... essa política salarial e se o empresariado não .... as perdas salariais, ... sérios problemas estruturais a serem resolvidos e, quando os sindicatos .... estará instalado o caos total.

a) Comentam-se; manter; repor; haverão; intervierem

b) Comenta-se; mantiver; repuser; haverão; intervirem

c) Comenta-se; mantesse; repuser; haverão; intervierem

d) Comenta-se; mantiver; repuser; haverá; intervierem

e) Comentam-se; manter; repor; haverá; intervirem

168. (FCL-BRAGANÇA) Transpondo para a voz ativa a frase "As testemunhas

seriam ouvidas pelo corregedor", obtém-se a forma verbal:

a) irão ser ouvidas d) deviam ser ouvidas

b) estaria ouvindo e) vai ouvir

c) ouviria

169. (UF-MG) Em todas as alternativas, a lacuna pode ser preenchida pelo verbo indicado entre parênteses, no subjuntivo, exceto em:

a) Olhou para o cão, enquanto esperava que lhe .... a porta. (abrir)

b) Por que foi que aquela criatura não .... com franqueza? (proceder)

c) É preciso que uma pessoa se .... para encurtar a despesa. (trancar)

d) Deixa de luxo, minha filha, será o que Deus .... (querer)

e) Se isso me .... possível, procuraria a roupa. (ser)

170. (UE PONTA GROSSA-PR) Nesse fragmento poético: "Cantando espalharei por toda parte / Se a tanto me ajudar o engenho e arte", encontram-se, respectivamente, formas verbais nominais:

a) participial e infinitiva d) infinitiva e gerundial

b) gerundial e infinitiva e) gerundial e participial

c) infinitiva e participial

171. (MACK)

I - Embora o jogo estivesse monótono, a torcida se exaltou muito;

II - O torcedor gritou tanto que ficara rouco;

III - É preciso que se evita gritar muito. Com relação ao uso dos tempos verbais:

a) somente a I está adequada

b) I, II e III estão adequadas

c) somente a II está adequada

d) somente a I e III estão adequadas

e) I, II e III estão inadequadas

172. (UC-PR) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

1. O intruso já tinha sido .... 2. Não sabia se já haviam .... a casa.

3. Mais de uma vez lhe haviam .... a vida. 4. A capela ainda não havia

sido ....

a) expulsado, coberto, salvo, benzida

b) expulso, cobrido, salvo, benzida

c) expulsado, cobrido, salvado, benta

d) expulso, coberto, salvado, benta

e) expulsado, cobrido, salvo, benzida

173. (MACK) Assinale a alternativa que completa corretamente a seguinte frase: "Quando .... mais aperfeiçoado, o computador certamente .... um eficiente meio de controle de toda a vida social."

a) estivesse - será d) estivesse - era

b) estiver - seria e) estiver - será

c) esteja - era

174. (TTN) Na resposta de um médico a seu paciente, há erro do emprego verbal. Assinale-o: - Doutor, eu preciso tomar o remédio?

a) Convém que você o tome.

b) Se você tomar o remédio, sarará mais rapidamente.

c) É preciso que você tome o remédio.

d) Tome o remédio por mais uma semana.

e) É bom que você toma o remédio.

175. (TTN) Marque a frase em que o verbo está empregado no futuro do pretérito (Frases extraídas da Folha de SP, 05/10/89):

- **a. "O exército dos EUA em horas poria Noriega para fora do Panamá".**
- **b. "Em Santa Catarina, as concessionárias de transportes coletivos tiveram seus contratos prorrogados sem a necessidade de novas licitações".**
- **c. "Um dos 84 deputados estaduais vai estar ausente da assinatura da Constituição Paulista".**
- **d. "A campanha de Brizola vai entrar em crise daqui a alguns dias".**
- **e. "A visita de Gorbatchev poderá causar manifestações políticas".**

176. (TTN) Assinale a alternativa que apresenta incorreção verbal:

- **a. Observa-se que muitos boatos provêm de algumas pessoas insensatas.**
- **b. Se você quiser reaver os objetos roubados, tome as providências com urgência.**
- **c. Prevendo novos aumentos de preços, muitos consumidores proveram suas casas.**
- **d. O Ministro da Fazenda previu as despesas com o funcionalismo público, em 1989.**
- **e. No jogo de domingo, quando o juiz interviu numa cobrança de falta, foi inábil.**

177. (TTN) Assinale a sentença que contém erro na forma verbal:

- **a. "Examinai todas as coisas e retende o que for melhor". (Extraído de um marcador de páginas)**
- **b. Detenhamo-nos nos aspectos centrais do pensamento marxista para que saibamos extrair dele o que melhor se aproveita para os dias atuais.**
- **c. Para que elaboremos propostas inovadoras, é preciso que ponhamos nossa criatividade a serviço da geração de idéias inusitadas.**
- **d. Mas não caiamos na tentação de julgar todos os dirigentes políticos como se fossem uns aproveitadores, que usam os cargos apenas para se locupletarem.**
- **e. Se almejardes o saber, vades aos livros e conviveis com os sábios.**

178. (AFTN) Indique o período correto:

a) Se você reaver seus cruzados retidos, empreste-me algum dinheiro.

- **a. Se tu reaveres teus cruzados retidos, poderás me emprestar uma parte?**
- **b. Caso você reaveja seus cruzados retidos, pode emprestar-me uns cem mil?**
- **c. Se eu reavesse meus cruzados retidos, emprestar-te-ia uma parte.**
- **d. Todos neste país reaveremos os cruzados bloqueados, nos prazos estipulados pela lei.**

179. (UF-MG) Em todas as frases, os verbos estão na voz ativa, exceto em:

- **a. Ele, que sempre vivera órfão de afeições legítimas e duradouras, como então seria feliz!...**
- **b. O quinhão de ternura que a ela pretendia, estava intacto no coração do filho.**
- **c. Os dois quadros tinham sido ambos bordados por Mariana e Ana Rosa, mãe e filha.**
- **d. E dizia as inúmeras viagens que tinha feito até ali; contava episódios a respeito do boqueirão.**
- **e. Sobre a banca de Madalena estava o envelope de que ele tinha falado**

180. (PUC-RJ) "Se eu soubesse ... não tinha aceitado! Indique a opção em que o verbo está flexionado no mesmo tempo, modo e voz de tinha aceitado:

a) "Desse lado do sobrado apoiava-se a uma escarpa da colina. (...)"

b) "Se não fosse isso teria eu vindo?"

c) "(...) como uma riqueza que Deus dá para ser prodigalizada".

d) "(...) nunca a palavra amor fora proferida em referência a nós".

e) "(...) e assumira para comigo o despotismo da mulher amada com paixão".

GABARITO

1 - B 38 - C 75 - A 112 - E 149 - D

2 - C 39 - C 76 - A 113 - D 150 - E

3 - E 40 - B 77 - A 114 - E 151 - E

4 - C 41 - C 78 - B 115 - C 152 - B

5 - B 42 - E 79 - D 116 - D 153 - D

6 - B 43 - C 80 - E 117 - B 154 - E

7 - E 44 - B 81 - B 118 - A 155 - E

8 - E 45 - B 82 - E 119 - B 156 - A

9 - B 46 - D 83 - C 120 - B 157 - C

10 - A 47 - C 84 - D 121 - A 158 - C

11 - E 48 - B 85 - C 122 - D 159 - B

12 - E 49 - A 86 - B 123 - A 160 - D

13 - C 50 - E 87 - D 124 - D 161 - E

14 - C 51 - A 88 - E 125 - B 162 - B

15 - E 52 - C 89 - D 126 - E 163 - E

16 - D 53 - C 90 - D 127 - D 164 - C

17 - E 54 - E 91 - C 128 - B 165 - E

18 - D 55 - D 92 - B 129 - E 166 - C

19 - C 56 - B 93 - E 130 - E 167 - D

20 - B 57 - C 94 - E 131 - D 168 - C

21 - B 58 - B 95 - D 132 - A 169 - B

22 - E 59 - E 96 - D 133 - B 170 - B

23 - E 60 - C 97 - A 134 - D 171 - A

24 - D 61 - A 98 - D 135 - D 172 - D

25 - E 62 - B 99 - C 136 - C 173 - E

26 - E 63 - A 100 - B 137 - C 174 - E

27 - B 64 - D 101 - C 138 - A 175 - A

28 - E 65 - D 102 - D 139 - D 176 - E

29 - E 66 - A 103 - E 140 - B 177 - E

30 - D 67 - D 104 - D 141 - D 178 - E

31 - E 68 - D 105 - E 142 - B 179 - D

32 - C 69 - C 106 - D 143 - B 180 - E

33 - B 70 - B 107 - D 144 - B

34 - E 71 - C 108 - D 145 - C

35 - E 72 - E 109 - A 146 - D

36 - B 73 - C 110 - A 147 - D

37 - E 74 - E 111 - E 148 - A

15. EXERCICIOS DE APROFUNDAMENTO DE SINTAXE

1. (UF-MG) Em todas as alternativas, o termo em negrito exerce a função de sujeito, exceto em:

a) Quem sabe de que será capaz a mulher de seu sobrinho?

b) Raramente se entrevê o céu nesse aglomerado de edifícios.

c) Amanheceu um dia lindo, e por isso todos correram às piscinas.

d) Era somente uma velha, jogada num catre preto de solteiros.

e) É preciso que haja muita compreensão para com os amigos.

2. (FMU) Em "Eu era enfim, senhores, uma graça de alienado.", os termos da oração grifados são respectivamente, do ponto de vista sintático:

a) adjunto adnominal, vocativo, predicativo do sujeito

b) adjunto adverbial, aposto, predicativo do objeto

c) adjunto adverbial, vocativo, predicativo do sujeito

d) adjunto adverbial, vocativo, objeto direto

e) adjunto adnominal, aposto, predicativo do sujeito

3. (PUC) "O homem está imerso num mundo ao qual percebe ..." A palavra em negrito é:

a) objeto direto preposicionado d) agente da passiva

b) objeto indireto e) adjunto adnominal

c) adjunto adverbial

4. (CESGRANRIO) Assinale a frase cujo predicado é verbo-nominal:

a) "Que segredos, amiga minha, também são gente ..."

b) "... eles não se vexam dos cabelos brancos ..."

c) "... boa vontade, curiosidade, chama-lhe o que quiseres ..."

d) "Fiquemos com este outro verbo."

e) "... o assunto não teria nobreza nem interesse ..."

5. (UF-UBERLÂNDIA) Todos os itens abaixo apresentam o pronome relativo com função de objeto direto, exceto:

a. "Aurélia não se deixava inebriar pelo culto que lhe rendiam."
b. "Está fadigada de ontem? perguntou a viúva com a expressão de afetada ternura que exigia o seu cargo."
c. "... com a riqueza que lhe deixou seu avô, sozinha no mundo, por força que havia de ser enganada."
d. "... O Lemos não estava de todo restabelecido do atordoamento que sofrera."
e. "Não o entendiam assim aquelas três criaturas, que se desviviam pelo ente querido."

6. (UF-MG) A oração sublinhada está corretamente classificada, EXCETO em:

a. Casimiro Lopes pergunta se me falta alguma coisa / oração subordinada adverbial condicional
b. Agora eu lhe mostro com quantos paus se faz uma canoa / oração subordinada substantiva objetiva direta
c. Tudo quanto possuímos vem desses cem mil réis / oração subordinada adjetiva restritiva
d. Via-se muito que D. Glória era alcoviteira / oração subordinada substantiva subjetiva
e. A idéia é tão santa que não está mal no santuário / oração subordinada adverbial consecutiva

7. (UF-MG) Na frase: "Maria do Carmo tinha a certeza de que estava para ser

mãe", a oração destacada é:

a) subordinada substantiva objetiva indireta

b) subordinada substantiva completiva nominal

c) subordinada substantiva predicativa

d) coordenada sindética conclusiva

e) coordenada sindética explicativa

8. (FM-SANTOS) A segunda oração do período? "Não sei no que pensas", é classificada como:

a) substantiva objetiva direta d) coordenada explicativa

b) substantiva completiva nominal e) substantiva objetiva indireta

c) adjetiva restritiva

9. (MACK) "Na 'Partida Monção', não há uma atitude inventada. Há reconstituição de uma cena como ela devia ter sido na realidade." A oração sublinhada é:

a) adverbial conformativa d) adverbial proporcional

b) adjetiva e) adverbial causal

c) adverbial consecutiva

10. (AMAN) No seguinte grupo de orações destacadas:

1. É bom que você venha. 2. Chegados que fomos, entramos na escola.

3. Não esqueças que é falível.

Temos orações subordinadas, respectivamente:

a) objetiva direta, adverbial temporal, subjetiva

b) subjetiva, objetiva direta, objetiva direta

c) objetiva direta, subjetiva, adverbial temporal

d) subjetiva, adverbial temporal, objetiva direta

e) predicativa, objetiva direta, objetiva indireta

11. (UF-PR) Na oração "Pássaro e lesma, o homem oscila entre o desejo de voar e o desejo de arrastar", Gustavo Corção empregou a vírgula:

a) por tratar-se de antíteses

b) para indicar a elipse de um termo

c) para separar vocativo

d) para separar uma oração adjetiva de valor restritivo

e) para separar aposto

12. (EPCAR) "Bem-aventurado, pensei eu comigo, aquele em que os afagos de uma tarde serena de primavera no silêncio da solidão produzem o torpor dos membros."

No período em apreço, usaram-se vírgulas para separar:

a) uma oração pleonástica d) elementos paralelos

b) uma oração coordenada assindética e) uma oração intercalada

c) um adjunto deslocado

13. (EPCAR) A partícula apassivadora está exemplificada na alternativa:

a) Fala-se muito nesta casa. d) Ria-se de seu próprio retrato.

b) Grita-se nas ruas. e) Precisa-se de um dicionário.

c) Ouviu-se um belo discurso.

14. (U-UBERLÂNDIA) Classifique o "se" na frase: "Ele queixou-se dos maus tratos recebidos".

a) partícula integrante do verbo

b) conjunção condicional

c) pronome apassivador

d) conjunção integrante

e) símbolo de indeterminação do sujeito

15. (EPCAR) O se é índice de indeterminação do sujeito na frase:

a) Não se ouvia o sino.

b) Assiste-se a espetáculos degradantes.

c) Alguém se arrogava o direito de gritar.

d) Perdeu-se um cão de estimação.

e) Não mais se falsificará tua assinatura.

16. (EPCAR) O se é pronome apassivador em:

a) Precisa-se de uma secretária.

b) Proibiram-se as aulas.

c) Assim se vai ao fim do mundo.

d) Nada conseguiria, se não fosse esforçado.

e) Eles se propuseram um acordo.

17. (SANTA CASA) A palavra "se" é conjunção integrante (por introduzir oração subordinada substantiva objetiva direta) em qual das orações seguintes?

a) Ele se mordia de ciúmes pelo patrão.

b) A Federação arroga-se o direito de cancelar o jogo.

c) O aluno fez-se passar por doutor.

d) Precisa-se de operários.

e) Não sei se o vinho está bom.

18. (EPCAR) Em relação à função da partícula se, numere a segunda de acordo com a primeira e depois assinale a numeração correta:

1. Partícula apassivadora ( ) Veja se falta alguém.

2. Índice de indeterminação ( ) "Vai-se a primeira pomba despertada..."

do sujeito ( ) Daqui se assiste ao desfile.

3. Objeto direto reflexivo ( ) Ele arroga-se o direito de reclamar.

4. Objeto indireto ( ) Ainda se ouvem gemidos.

5. Conjunção ( ) A jovem olhava-se no espelho.

6. Partícula de realce

a) 5, 4, 2, 6, 1, 3 d) 5, 6, 2, 1, 3, 4

b) 5, 6, 2, 4, 1, 3 e) 2, 6, 5, 4, 1, 3

c) 2 ,6, 5, 1, 4, 3

19. (UF-SC) No período "Avistou o pai, que caminhava para a lavoura", a palavra que classifica-se morfologicamente como:

a) conjunção subordinativa integrante

b) pronome relativo

c) conjunção subordinativa final

d) partícula expletiva

e) conjunção subordinativa causal

20. (FTM-ARACAJU) Das expressões sublinhadas abaixo, com as idéias de tempo ou lugar, a única que tem a função sintática do adjunto adverbial é:

a) "Já ouvi os poetas de Aracaju"

b) "atravessar os subúrbios escuros e sujos"

c) "passar a noite de inverno debaixo da ponte"

d) "Queria agora caminhar com os ladrões pela noite"

e) "sentindo no coração as pancadas dos pés das mulheres da noite"

21. (BB) "Ande ligeiro, Pedro".

a) sujeito d) aposto

b) objeto direto e) adjunto

c) vocativo

22. (UC-MG) A classificação dos verbos sublinhados, quanto à predicação, foi feita corretamente em:

- **a. "Não nos olhou o rosto. A vergonha foi enorme." - transitivo direto e indireto**
- **b. "Procura insistentemente perturbar-me a memória." - transitivo direto**
- **c. "Fiquei, durante as férias, no sítio de meus avós." - de ligação**
- **d. "Para conseguir o prêmio, Mário reconheceu-nos imediatamente." - transitivo indireto**
- **e. "Ela nos encontrará, portanto é só fazer o pedido." - transitivo indireto**

23. (UF-UBERLÂNDIA) "Ele observou-a e achou aquele gesto feio, grosseiro, masculinizado." Os termos sublinhados são:

a) predicativos do objeto d) objetos diretos

b) predicativos do sujeito e) adjuntos adverbiais de modo

c) adjuntos adnominais

24. (UF-UBERLÂNDIA) "Lembro-me de que ele só usava camisas brancas." A oração sublinhada é:

a) subordinada substantiva completiva nominal

b) subordinada substantiva objetiva indireta

c) subordinada substantiva predicativa

d) subordinada substantiva subjetiva

e) subordinada substantiva objetiva direta

25. (FMU) Na passagem: "O receio é substituído pelo pavor, pelo respeito, pela emoção que emudece e paralisa." Os termos sublinhados são:

- **a. complementos nominais; orações subordinadas adverbiais concessivas, coordenadas entre si**
- **b. adjuntos adnominais; orações subordinadas adverbiais comparativas**
- **c. agentes da passiva; orações subordinadas adjetivas, coordenadas entre si**
- **d. objetos diretos; orações subordinadas adjetivas, coordenadas entre si**
- **e. objetos indiretos; orações subordinadas adverbiais comparativas**

26. (FMU) Observe os termos sublinhados na passagem: "O rio vai às margens. Vem com força de açude arrombado." Os termos sublinhados são, respectivamente:

a) predicativo do sujeito e adjunto adnominal de modo

b) adjunto adverbial de modo e adjunto adnominal

c) adjunto adverbial de lugar e adjunto adverbial de modo

d) adjunto adverbial de modo e objeto indireto

e) adjunto adverbial de lugar e complemento nominal

27. (UF-GO) Neste período "não bate para cortar", a oração "para cortar" em relação a "não bate", é:

a) a causa d) a explicação

b) o modo e) a finalidade

c) a conseqüência

28. (UF-GO) "O corpo, a alma do carpinteiro não podem ser mais brutos do que a madeira." A função sintática dos termos sublinhados é, pela ordem:

a) objeto direto - predicativo do sujeito

b) sujeito - sujeito

c) predicativo do sujeito - sujeito

d) objeto direto - predicativo do sujeito

e) predicativo do sujeito - predicativo do sujeito

29. (UF-MG) Em todos os períodos há orações subordinadas substantivas, exceto em:

a. O fato era que a escravatura do Santa Fé não andava nas festas do Pilar, não vivia no coco como a do Santa Rosa.
b. Não lhe tocara no assunto, mas teve vontade de tomar o trem e ir valer-se do presidente.
c. Um dia aquele Lula faria o mesmo com a sua filha, faria o mesmo com o engenho que ele fundara com o suor de seu rosto.
d. O oficial perguntou de onde vinha, e se não sabia notícias de Antônio Silvino.
e. Era difícil para o ladrão procurar os engenhos da várzea, ou meter-se para os lados de Goiana

30. (FM-SANTOS) "Não se sabe se é verdade ou não." Os dois "ses" que aparecem no texto acima são, conforme a sua colocação:

a) partícula apassivadora - pronome reflexivo, sujeito

b) partícula apassivadora - conjunção integrante

c) partícula integrante do verbo - conjunção condicional

d) índice de indeterminação do sujeito - partícula de realce

e) partícula integrante do verbo - conjunção integrante

31. (FECAP) Classifique as palavras como nas construções seguintes, numerando, convenientemente, os parênteses:

1) preposição 2) conj. subord. causal 3) conj. subord. conformativa

4) conj. coord. aditiva 5) adv. interrogativo de modo

( ) Perguntamos como chegaste aqui.

( ) Percorrera as salas como eu mandara.

( ) Tinha-o como amigo.

( ) Como estivesse frio, fiquei em casa.

( ) Tanto ele como o irmão são meus amigos.

a) 2 - 4 - 5 - 3 - 1 d) 3 - 1 - 2 - 4 - 5

b) 4 - 5 - 3 - 1 - 2 e) 1 - 2 - 4 - 5 - 3

c) 5 - 3 - 1 - 2 - 4

32. (UF VIÇOSA) A respeito do seguinte texto, faça o que se pede:

"O lotação ia de Copacabana para o centro, com lugares vazios, cada passageiro pensando na vida; é o gênero de transporte onde menos viceja a flor da comunicação humana. Quando, em Botafogo, ouvia-se a voz de um senhor atrás:

- Olhe aqui, vou atender a você, mas não faça mais isso, ouviu? É muito feio pedir dinheiro para os outros. Na sua idade eu já dava duro e ajudava em casa." (Drummond)

A vírgula separando a expressão em Botafogo foi usada para separar:

a) palavra de mesma função sintática

b) uma expressão explicativa

c) o aposto

d) oração adverbial com verbo oculto

e) o adjunto adverbial

33. (FCS ANHEMBI) Em - "Há enganos que nos deleitam", a oração grifada é:

a) substantiva subjetiva d) substantiva apositiva

b) substantiva objetiva direta e) adjetiva restritiva

c) substantiva completiva nominal

34. (FMU) Observe a estrofe: "Lembra-me que, em certo dia / Na rua, ao sol de verão, envenenado morria / Um pobre cão." Aparece aí a inversão do:

a) objeto direto: um pobre cão d) predicado: lembra-me

b) sujeito: um pobre cão e) predicativo do sujeito: me

c) sujeito: certo dia

35. (FATEC) Considerando como conjunção integrante aquela que inicia uma oração subordinada substantiva, indique em qual das opções nenhum se tem esta função:

a) Se subiu, ninguém sabe, ninguém viu.

b) Comenta-se que ele se feria de propósito.

c) Se vai ou fica é o que eu gostaria de saber.

d) Saberia me dizer se ele já foi?

e) n.d.a

36. (MACK) Na oração "Esboroou-se o balsâmico indianismo de Alencar ao advento dos Romanos", a classificação do sujeito é:

a) oculto d) composto

b) inexistente e) indeterminado

c) simples

37. (MACK) Em "O hotel virou catacumba":

a) o predicado é nominal d) o verbo é transitivo direto

b) o predicado é verbo-nominal e) estão corretas c e d

c) o predicado é verbal

38. (MACK) Em "E quando o brotinho lhe telefonou, dias depois, comunicando que estudava o modernismo, e dentro do modernismo sua obra, para que o professor lhe sugerira contato pessoal com o autor, ficou assanhadíssimo e paternal a um tempo", os verbos assinalados são, respectivamente:

a. transitivo direto, transitivo indireto, de ligação, transitivo direto e indireto
b. transitivo direto e indireto, transitivo direto, transitivo indireto, de ligação
c. transitivo indireto, transitivo direto e indireto, transitivo direto, de ligação
d. transitivo indireto, transitivo direto, transitivo direto e indireto, de ligação
e. transitivo indireto, transitivo direto e indireto, de ligação, transitivo direto

39. (MACK) Nas frases abaixo, o pronome oblíquo está corretamente classificado, exceto em:

a) "Fugia-lhe é certo, metia o papel no bolso ..." (objeto indireto)

b) "... ou pedir-me à noite a bênção do costume" (objeto indireto)

c) "Todas essas ações eram repulsivas: eu tolerava-as ..." (objeto direto)

d) "... que vivia mais perto de mim que ninguém" (objeto indireto)

e) "... eu jurava matá-los a ambos ..." (objeto direto)

40. (MACK) Na frase "Fugia-lhe, e certo, metia o papel no bolso, corria a casa, fechava-se, não abria as vidraças, chegava a fechar os olhos", são adjuntos adverbiais:

a) no bolso - a casa - não

b) no bolso - não

c) certo - no bolso - a casa - se - não

d) lhe - certo - no bolso - a casa - se - não

e) certo - no bolso - a casa - não - a fechar

41. (MACK) Entre as alternativas abaixo, aponte a única em que um dos termos corresponde à análise dada: "Pareciam infinitas as combinações de cores no azul do céu."

a) Pareciam é um verbo intransitivo

b) Infinitas é objeto direto

c) Cores é o núcleo do sujeito

d) Do céu é o complemento nominal

e) n.d.a

42. (MACK)

I. No período "Seus olhos se encheram de alegria, vendo salvo o guerreiro branco", os termos sublinhados são, pela ordem, adjunto adnominal, predicativo do objeto direto e objeto direto;
II. No fragmento do texto: " - Mas o cão é teu companheiro e amigo fiel. Mais amigo e companheiro será de Poti, servindo a seu irmão que a ele." Sintaticamente, "teu companheiro e amigo fiel" está para "cão", assim como "mais amigo e companheiro" está para "Poti";
III. No período "Tu o chamarás Japi; e será o pé ligeiro com que de longe corramos um para o outro", os elementos sublinhados são respectivamente: predicado verbo-nominal e oração subordinada adjetiva.

Assinale:

a) se estiverem corretas apenas as alternativas I e II

b) se estiverem corretas apenas as alternativas I e III

c) se estiverem corretas apenas as alternativas II e III

d) se todas as alternativas estiverem corretas

e) se todas as alternativas estiverem incorretas

43. (MACK) No período "... a nacionalidade viveu da mescla de três raças que os poetas xingaram de tristes: as três raças tristes", as unidades sublinhadas exercem, respectivamente, as funções sintáticas de:

a) adjunto adverbial - objeto direto - predicativo do objeto - aposto

b) objeto indireto - sujeito - predicativo do objeto - adjunto adverbial

c) objeto direto - objeto direto - adjunto adnominal - adjunto adverbial

d) adjunto adverbial - objeto direto - adjunto adnominal - aposto

e) adjunto adverbial - sujeito - adjunto adverbial - adjunto adverbial

44. (MACK) "Não serei o poeta de um mundo caduco."; "Entre eles considero a enorme realidade."; "Não serei o cantor de uma mulher"; "O tempo é a minha matéria." As expressões sublinhadas nos versos do texto exercem, respectivamente, as funções de:

a. adjunto adnominal - adjunto adverbial - complemento nominal - predicativo do sujeito
b. complemento nominal - adjunto adverbial - complemento nominal - predicativo do sujeito
c. predicativo do sujeito - núcleo do predicado - adjunto adnominal - núcleo do predicativo do sujeito
d. predicativo do sujeito - núcleo do predicado - complemento nominal - predicativo do sujeito

e. complemento nominal - adjunto adverbial - adjunto adnominal - núcleo do predicativo do sujeito

45. (PUC) "Nesse momento começaram a feri-lo nas mãos, a pau." Nessa frase o sujeito do verbo é:

a) nas mãos

b) indeterminado

c) eles (determinado)

d) inexistente ou eles: dependendo do contexto

e) n.d.a

46. (PUC) No sintagma verbal: "... foi espantar as moscas do rosto do anjinho.", temos três sintagmas nominais que funcionam respectivamente como:

a. objeto direto, objeto indireto, adjunto adnominal do objeto indireto
b. objeto direto, adjunto adverbial de lugar, complemento nominal
c. objeto indireto, complemento nominal, adjunto adnominal do complemento nominal
d. objeto indireto, objeto indireto, complemento nominal
e. objeto direto, adjunto adverbial de lugar, adjunto adnominal do adjunto adverbial

47. (PUC) Em: "... principiou a segunda volta do terço."; "Carrocinhas de padeiro derrapavam nos paralelepípedos."; "Passavam cestas para o Largo do Arouche."; "Garoava na madrugada roxa." Os verbos são, respectivamente:

a) transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto, intransitivo

b) intransitivo, transitivo indireto, transitivo direto, intransitivo

c) transitivo direto, intransitivo, transitivo direto, intransitivo

d) transitivo direto, intransitivo, intransitivo, intransitivo-impessoal

e) transitivo indireto, intransitivo, transitivo indireto, transitivo indireto

48. (PUC) Em: "Os sururus em família têm por testemunha a Gioconda", as expressões sublinhadas são:

a) complemento nominal - objeto direto

b) predicativo do objeto - objeto direto

c) objeto indireto - complemento nominal

d) objeto indireto - objeto indireto

e) complemento nominal - objeto direto preposicionado

49. (FUVEST) No texto: "Acho-me tranqüilo - sem desejos, sem esperanças. Não me preocupa o futuro", os termos destacados são, respectivamente:

a) predicativo, objeto direto, sujeito

b) predicativo, sujeito, objeto direto

c) adjunto adnominal, objeto direto, objeto indireto

d) predicativo, objeto direto, objeto indireto

e) adjunto adnominal, objeto indireto, objeto direto

50. (FUVEST) "No mar, tanta tormenta e tanto dano, / Tantas vezes a morte apercebida; / Na terra, tanta guerra, tanto engano, / Tanta necessidade aborrecida! / Onde pode acolher-se um fraco humano, / Onde terá segura a curta vida, / Que não se arme e se indigne o Céu sereno / Contra um bicho da terra tão pequeno?"

Na oração "Onde terá segura a curta vida...":

a) o adjetivo segura é predicativo do objeto vida

b) o adjetivo curta é adjunto adnominal do sujeito vida

c) os dois adjetivos - segura e curta - são adjuntos do substantivo vida

d) o adjetivo segura está empregado com valor de adjunto adverbial

e) os adjetivos - segura e vida - são predicativos do sujeito vida

51. (CESCEA) Aponte a alternativa em que ocorre o adjunto adverbial de causa:

a) Comprou livros com dinheiro d) Vou ao Rio.

b) O poço secou com o calor e) Pedro é efetivamente bom.

c) Estou sem amigos.

52. (CESCEM) Assinale a análise do termo destacado: "A terra era povoada de selvagens."

a) objeto direto d) complemento nominal

b) objeto indireto e) adjunto adverbial

c) agente da passiva

53. (FMU) "Ouviram do Ipiranga as margens plácidas / De um povo heróico o brado retumbante..." O sujeito desta afirmação com que se inicia o Hino Nacional é:

a) indeterminado d) do Ipiranga

b) um povo heróico e) o brado retumbante

c) as margens plácidas do Ipiranga

54. (FGV) Aponte a correta análise do termo destacado: "Ao fundo, as pedrinhas claras pareciam tesouros abandonados."

a) predicativo do sujeito d) complemento nominal

b) adjunto adnominal e) predicativo do objeto direto

c) objeto direto

55. (FGV) Leia atentamente: "É oportuno, um conselho." Na oração ao lado, há um erro de pontuação, pois a vírgula está separando:

a) o adjunto adnominal e o objeto direto

b) o predicativo do sujeito e o adjunto adverbial de modo

c) o sujeito e o adjunto adnominal

d) o predicado verbal e o objeto direto

e) predicado nominal e o sujeito

(FGV) Texto para as questões 56 a 60: "Não faças a outrem o que não queres que te façam."

56. O sujeito de "faças" na primeira oração é:

a) agente d) inexistente

b) indeterminado e) a oração "que te façam"

c) paciente

57. Na oração "não faças a outrem o", a expressão em negrito é:

a) objeto indireto d) adjunto adverbial de modo

b) objeto direto preposicionado e) predicativo do sujeito

c) sujeito da passiva

58. Na oração "não faças a outrem o", a expressão em negrito é:

a) objeto indireto d) predicativo

b) objeto direto e) sujeito

c) aposto

59. Na oração "que te façam", o objeto direto do verbo fazer é:

a) a palavra te que se encontra na mesma oração

b) a palavra que da mesma oração

c) a palavra que da oração antecedente

d) inexistente, pois o verbo é transitivo indireto

e) a palavra "tu" elíptica

60. Na oração "que não queres" o sujeito é a palavra:

a) que d) te

b) o e) outrem

c) tu

(FGV) Texto para as questões 61 a 65:

"Minha alva Dinamene, a Primavera, / Que os campos deleitosos pinta e veste, / E, rindo-se, uma cor aos olhos gera / Com que na terra vem o Arco celeste / O cheiro, rosas, flores, a verde hera, / Com toda formosura amena agreste, / Não é para meus olhos, tão formosa / Como a tua, que abate o lírio e a rosa" (Camões)

61. No segundo verso da primeira estrofe, o sujeito dos verbos "pinta e veste" é:

a) os campos deleitosos d) a Primavera

b) Minha alva Dinamene e) Que

c) indeterminado

62. No mesmo verso da primeira estrofe a função sintática de "os campos deleitosos" é:

a) sujeito d) objeto direto

b) adjunto adverbial e) objeto indireto

c) aposto

63. No último verso da segunda estrofe "como a tua" sintaticamente é:

a) adjunto adnominal de modo

b) adjunto adverbial de modo

c) oração subordinada substantiva indireta

d) oração subordinada adverbial consecutiva

e) oração subordinada adverbial comparativa

64. "Para meus olhos", no terceiro verso da segunda estrofe é:

a) complemento nominal

b) objeto indireto

c) oração subordinada substantiva predicativa

d) oração subordinada substantiva objetiva indireta

e) predicativo

65. "Com toda formosura amena" é:

a) complemento nominal d) adjunto adverbial de modo

b) adjunto adnominal e) agente da passiva

c) aposto

(FGV) Texto para as questões 66 a 68:

"Quem diz o que quer ouve o que não quer."

66. No trecho final do período "... que não quer", o sujeito é:

a) que d) você

b) ele e) inexistente

c) o

67. Observe a palavra sublinhada: "Quem diz o que quer ouve o que não quer." A função sintática dela é:

a) sujeito d) predicativo

b) complemento nominal e) objeto direto

c) partícula expletiva

68. Observe a palavra sublinhada: "Quem diz o que quer ouve o que não quer." Sua função sintática é:

a) sujeito d) aposto

b) objeto indireto e) objeto direto

c) pronome relativo

69. (FGV) Leia atentamente: "Vi o acidente da estação." Na frase ao lado, a expressão sublinhada é ambígua, pois pode ser interpretada como:

a) objeto indireto ou adjunto adnominal

b) adjunto adverbial de modo ou predicativo do sujeito

c) predicativo do sujeito ou predicativo do objeto direto

d) adjunto adnominal ou adjunto adverbial

e) adjunto adverbial de tempo ou objeto indireto

70. (FGV) Em "Motoristas, mantenham à direita!", há um erro de acentuação gráfica, pois o termo direita é:

a) objeto direto d) adjunto adverbial de lugar

b) objeto indireto e) aposto do sujeito

c) adjunto adnominal

71. (FGV) Leia atentamente: "O vigilante guarda-noturno e o seu valente auxiliar, nunca esmoreceram no cumprimento do dever." No período acima, a vírgula está mal colocada, pois separa:

a) o sujeito e o objeto direto

b) o sujeito e o predicado

c) a oração principal e a oração subordinada

d) o sujeito e o seu adjunto adnominal

e) o predicado e o objeto direto

72. (FGV) Leia com atenção: "Nesta empresa, todos os cargos que aspiro estão ocupados." Na frase acima, há um erro de regência verbal, pois o verbo aspirar, neste caso pede:

a) objeto direto

b) predicativo do sujeito

c) objeto indireto

d) oração subordinada substantiva subjetiva

e) adjunto adverbial de finalidade

73. (UM-SP) "Ó tu / Que és presidente / Do Conselho Municipal / Se é que tens mulher e filhos, / Manda tapar os buracos da / Rua dos Junquilhos. (Artur Azevedo) A palavra que aparece duas vezes no texto com a seguinte classificação morfológica, respectivamente:

a) pronome relativo e partícula expletiva

b) partícula expletiva e pronome relativo

c) pronome relativo e conjunção integrante

d) conjunção integrante e pronome relativo

e) partícula expletiva e conjunção integrante

74. (FGV) Leia atentamente: "A maior parte dos funcionários classificados no último concurso, optou pelo regime de tempo integral." Na frase acima, há um erro de pontuação, pois a vírgula está separando de modo incorreto:

a) o sujeito e o predicado

b) o aposto e o objeto direto

c) o adjunto adnominal e o predicativo do sujeito

d) o sujeito e o predicativo do objeto direto

e) o objeto indireto e o complemento da agente da passiva

75. (FGV) Leia atentamente: "O funcionário referiu o incidente a Diretoria. "Na frase acima, o termo a deve levar um acento gráfico grave, pois Diretoria tem função de:

a) adjunto adverbial de finalidade

b) objeto direto

c) sujeito

d) adjunto adnominal preposicionado

e) objeto indireto

(FGV) Texto para as questões 76 a 79:

"Tomo a liberdade de perguntar a V. Exª. se as locuções repolhudas do ilustre colega são parlamentares; e, se o são, peço ainda a mercê de se me dizer onde se estudam aquelas farfalhices." (Camilo Castelo Branco)

76. "de perguntar a V. Exª." é oração subordinada:

a) substantiva objetiva indireta, reduzida de infinitivo

b) substantiva completiva nominal, reduzida de infinitivo

c) adverbial causal, reduzida de infinitivo

d) adjetiva explicativa, reduzida de infinitivo

e) substantiva apositiva

77. A oração "se as locuções repolhudas do ilustre colega são parlamentares", é:

a) subordinada substantiva objetiva direta

b) subordinada substantiva predicativa

c) subordinada adverbial causal

d) subordinada adverbial condicional

e) subordinada adverbial consecutiva

78. A oração "se o são" é:

a) subordinada substantiva objetiva direta

b) subordinada substantiva predicativa

c) subordinada adverbial consecutiva

d) subordinada adverbial causal

e) subordinada adverbial condicional

79. A oração "de se me dizer" é:

a) subordinada substantiva objetiva direta

b) subordinada substantiva objetiva indireta

c) subordinada adverbial condicional

d) subordinada substantiva apositiva

e) subordinada substantiva completiva nominal

80. (FUVEST) Classifique as orações em destaque do período seguinte: "Ao analisar o desempenho da economia brasileira, os empresários afirmaram que os resultados eram bastante razoáveis, uma vez que a produção não aumentou, mas também não caiu."

a) principal, subordinada adverbial final

b) principal, subordinada substantiva objetiva direta

c) subordinada adverbial temporal, subordinada adjetiva restritiva

d) subordinada adverbial temporal, subordinada objetiva direta

e) subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva subjetiva

81. (FUVEST) No período: "Era tal a serenidade da tarde, que se percebia o sino de uma freguesia distante, dobrando a finados.", a segunda oração é:

a) subordinada adverbial causal

b) subordinada adverbial consecutiva

c) subordinada adverbial concessiva

d) subordinada adverbial comparativa

e) subordinada adverbial subjetiva

82. (FUVEST) "Sabendo que seria preso, ainda assim saiu à rua."

a) reduzida de gerúndio, conformativa

b) subordinada adverbial condicional

c) subordinada adverbial causal

d) reduzida de gerúndio, concessiva

e) reduzida de gerúndio, final

83. (SANTA CASA) Quando chamar tem o sentido de qualificar, pode-se construir o período, por exemplo, com objeto direto mais predicativo. Tudo isso se observa na alternativa:

a) João é alto, mas treinador nenhum chama-o para jogar.

b) Era a viúva a chamar pelo falecido.

c) Os inimigos chamam-lhe de traidor do povo.

d) Chamei pelo colega em voz alta.

e) Alguns chamam-no de fiscal.

84. (PUC) Assinale a alternativa em que a subordinada não traduza idéia de conseqüência, comparação, concessão e causa:

- **a. Porquanto, não fosse um ancião convencional, enterrou-se de sobrecasaca e polainas.**
- **b. Desde que era um ancião convencional, enterrou-se de sobrecasaca e polainas.**
- **c. Ele era um ancião tão convencional que se enterrou de sobrecasaca e polainas**
- **d. Ele era um ancião mais convencional do que o que se enterrou de sobrecasaca e polainas**
- **e. Ele era um ancião convencional, na medida em que se enterrou de sobrecasaca e polainas**

85. (FUVEST) Na frase "Entrando na faculdade, procurarei emprego.", a oração subordinada indica idéia de:

a) concessão d) lugar

b) oposição e) conseqüência

c) condição

86. (ESAN) Na frase: "Trabalhou-se com prazer.", a palavra se é:

a) partícula de realce d) índice de indeterminação do sujeito

b) conjunção integrante e) conjunção coordenativa explicativa

c) pronome reflexivo

87. (UFSCAR) O que não é pronome relativo na opção:

- **a. Não há mina de água que não o chame pelo nome, com arrulhos de namorada.**
- **b. Não há porteira de curral que não se ria para ele, com risadinha asmática de velha regateira.**
- **c. "Me espere em casa, que eu ainda vou dar uma espiada na novilhada parida da vereda."**
- **d. "Tenho uma corrente de prata lá em casa que anda atrás de uma trenheira destas para pendurar na ponta."**
- **e. "Quem seria aquele sujeito que estava de pé, encostado ao balcão, todo importante no terno de casimira?"**

88. (FMU) Na oração: Mas uma diferença houve, o sujeito é:

a) agente d) inexistente

b) indeterminado e) oculto

c) paciente

89. (UF-UBERLÂNDIA) Éramos três velhos amigos na praia quase deserta. O sujeito desta oração é:

a) subentendido

b) claro, composto e determinado

c) indeterminado

d) inexistente

e) claro, simples e determinado

90. (UF-UBERLÂNDIA) "São José da Costa Rica, coração civil / me inspire no meu sonho de amor Brasil", a palavra me exerce a função de:

a) objeto direto d) partícula de realce

b) objeto indireto e) complemento nominal

c) predicativo

91. (UF-UBERLÂNDIA) "O sol entra cada dia mais tarde, pálido, fraco, oblíquo." "O sol brilhou um pouquinho pela manhã." Pela ordem, os predicados das orações acima classificam-se como:

a) nominal e verbo-nominal d) verbo-nominal e nominal

b) verbal e nominal e) verbo-nominal e verbal

c) verbal e verbo-nominal

92. (FGV) Leia com atenção: "Infelizmente, vocês enviaram uma carta ao diretor sem assinatura." Na frase acima, há ambigüidade, pois a expressão sublinhada pode ser entendida como adjunto adnominal:

a) do sujeito ou do objeto direto

b) do adjunto adverbial de modo ou do objeto direto

c) do objeto direto ou do aposto

d) do objeto direto ou do objeto indireto

e) do sujeito ou do predicativo do objeto direto

93. (FEI-SP) Em "Usando do direito que lhe confere a Constituição", as palavras grifadas exercem a função, respectivamente, de:

a) objeto direto e objeto direto d) sujeito e sujeito

b) sujeito e objeto indireto e) objeto direto e objeto indireto

c) objeto indireto e sujeito

94. (U-BAURU) Assinale a alternativa em que a expressão grifada tem a função de complemento nominal:

a) A curiosidade do homem incentivava-o à pesquisa.

b) A cidade de Londres merece ser conhecida por todos.

c) O respeito ao próximo é dever de todos.

d) O coitado do velho mendigava pela cidade.

e) O receio de errar dificulta o aprendizado das línguas.

95. (UM-PIRACICABA) I - Apresento-lhe Lúcia. II - Faço tudo por um sorriso de Lúcia. Se juntarmos as duas orações num só período, usando um pronome relativo, teremos:

a) Apresento-lhe Lúcia, a quem faço tudo pelo sorriso dela.

b) Apresento-lhe Lúcia, que pelo sorriso dela faço tudo.

c) Apresento-lhe Lúcia, a qual faço tudo pelo seu sorriso.

d) Apresento-lhe Lúcia, por cujo sorriso faço tudo por ele.

e) Apresento-lhe Lúcia, por cujo sorriso faço tudo.

96. (EFOA-MG) "Quando vejo certos colegas mostrando com orgulho aquela rodela imbecil no pescoço ..." O período que apresenta uma oração com a mesma classificação da sublinhada na citação acima é:

a) "Mal o sol fugia, começavam as toadas das cantigas."

b) "Caso o encontre, dê-lhe o recado."

c) "Dado que a polícia venha, prenderemos o assassino."

d) "Uma vez que cheguem os reforços, atacaremos a praça."

e) "Contar-lhe-ei o caso, conquanto você guarde segredo."

97. (UFE-PA) No trecho "Cecília ... viu do lado oposto do rochedo Peri, que a olhava com uma admiração ardente", a oração grifada expressa uma:

a) causa d) lugar

b) oposição e) explicação

c) condição

98. (UF SANTA MARIA-RS) Leia, com atenção, os períodos abaixo:

Caso haja justiça social, haverá paz.

Embora a televisão ofereça imagens concretas, ela não fornece uma reprodução fiel da realidade.

Como todas aquelas pessoas estavam concentradas, não se escutou um único ruído.

Assinale a alternativa que apresenta, respectivamente, as circunstâncias indicadas pelas orações sublinhadas:

a) tempo, concessão, comparação

b) tempo, causa, concessão

c) condição, conseqüência, comparação

d) condição, concessão, causa

e) concessão, causa, conformidade

99. (UE PONTA GROSSA-PR) Em "É possível que comunicassem sobre políticos", a segunda oração é:

a) subordinada substantiva subjetiva

b) subordinada adverbial predicativa

c) subordinada substantiva predicativa

d) principal

e) subordinada substantiva objetiva direta

100. (UE PONTA GROSSA-PR) Quando o enterro passou / Os homens que se achavam no café / Tiraram o chapéu maquinalmente (Manuel Bandeira)

A oração que se achavam no café é:

a) subordinada adverbial condicional

b) coordenada sindética adversativa

c) subordinada substantiva subjetiva

d) subordinada substantiva objetiva direta

e) subordinada adjetiva restritiva

101. (UE-BA) Assinale a alternativa correspondente ao período onde há predicativo do sujeito:

a) Como o povo anda tristonho!

b) Agradou ao chefe o novo funcionário.

c) Ele nos garantiu que viria.

d) No Rio, não faltam diversões.

e) O aluno ficou sabendo hoje cedo de sua aprovação.

102. (UE-BA) Meu pai, que havia arrancado três dentes, não pôde viajar naquele dia. A oração grifada classifica-se como subordinada:

a) adverbial temporal d) substantiva apositiva

b) substantiva predicativa e) adjetiva explicativa

c) adjetiva restritiva

103. (UNIRIO) Assinale o item em que há uma oração, quanto à classificação, idêntica à segunda do período: "Pernoitamos depois junto a um açude lamacento, onde patos nadavam.":

a. "As virilhas suadas ardiam-me, o chouto do animal sacolejava-me..."
b. "De onde vinham as figuras desconhecidas para encontrar-nos?"
c. "Fiz o resto da viagem com um moço alegre, que tentou explicar-me as chaminés dos bangüês..."
d. "Os mais graúdos percebiam que a viagem era alegre."
e. "Surgiram regatos, cresceram tanto que se transformaram em rios..."

104. (UNIMEP) I - Mário estudou muito e foi reprovado! II - Mário estudou muito e foi aprovado. Em I e II, a conjunção e tem, respectivamente, valor:

a) aditivo e conclusivo d) adversativo e conclusivo

b) adversativo e aditivo e) concessivo e causal

c) aditivo e aditivo

105. (UC-MG) A classificação da oração grifada está correta em todas as opções, exceto em:

a. Ela sabia que ele estava fazendo o certo - subordinada substantiva objetiva indireta
b. Era a primeira vez que ficava assim tão perto de uma mulher - subordinada substantiva subjetiva
c. Mas não estava neles modificar um namoro que nascera difícil, cercado, travado - subordinada adjetiva
d. O momento foi tão intenso que ele teve medo - subordinada adverbial consecutiva
e. Solta que você está me machucando - coordenada sindética explicativa

106. (FUVEST) No período: "Ainda que fosse bom jogador, não ganharia a partida", a oração destacada encerra idéia de:

a) causa d) condição

b) concessão e) proporção

c) fim

107. (PUC) No período: "Apesar disso a palestra de Seu Ribeiro e D. Glória é bastante clara", a palavra grifada veicula uma idéia de:

a) concessão d) condição

b) comparação e) modo

c) conseqüência

108. (UNIRIO) Em "Na mocidade, muitas coisas lhe haviam acontecido", temos oração:

a) sem sujeito d) com sujeito composto

b) com sujeito simples e claro e) com sujeito indeterminado

c) com sujeito oculto

109. (FCMSC-SP) Observe as orações seguintes:

1. Dizem por aí tantas coisas...

2. Nesta faculdade acolhem muito bem os alunos.

3. Obedece-se aos mestres.

O sujeito está indeterminado:

a) somente na 1 d) em duas delas somente

b) na 2 somente e) nas três orações

c) na 3 somente

110. (FAENQUIL-SP) No período: "Ser amável e ser egoísta são coisas distintas", o sujeito é:

a) indeterminado d) "ser amável e ser egoísta"

b) "ser amável" e) n.d.a

c) "coisas distintas"

111. (MACK) No período: "O homem andava triste porque não conseguiu que seu irmão lhe desse apoio naquela difícil empresa.", os verbos andar, conseguir, dar classificam-se, respectivamente, em:

a) intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto

b) de ligação, transitivo direto, transitivo direto e indireto

c) de ligação, transitivo direto e indireto, transitivo direto e indireto

d) transitivo direto, transitivo direto, transitivo direto e indireto

e) intransitivo, transitivo direto, transitivo direto

112. (UF-PR) Qual a oração sem sujeito?

a) Falaram mal de você. d) A noite estava agradável.

b) Ninguém se apresentou. e) Vai haver um campeonato.

c) Precisa-se de professores.

113. (FAAP) Qual a alternativa em que há sujeito indeterminado?

a) Comecei a estudar muito tarde para o exame.

b) Em rico estojo de veludo, jazia uma flauta de prata.

c) Soube-se que o proprietário estava doente.

d) Houve muitos feridos no desastre.

e) Julgaram-no incapaz de exercer o cargo.

114. (FMU) Há crianças sem carinho / Disseram-me a verdade / Construíram-se represas. Os sujeitos das orações acima são, respectivamente:

a) inexistente, indeterminado, simples

b) indeterminado, implícito, indeterminado

c) simples, indeterminado, indeterminado

d) inexistente, inexistente, simples

e) indeterminado, simples, inexistente

115. (FMU) Assinale uma das alternativas em que aparece um predicado verbo-nominal:

a) Os viajantes chegaram cedo ao destino.

b) Demitiram o secretário da instituição.

c) Nomearam as novas ruas da cidade.

d) Compareceram todos atrasados à reunião.

e) Estava irritado com as brincadeiras.

116. (PUC) "Em 1949 reuniram-se em Perúgia, Itália, a convite da quase totalidade dos cineastas italianos, seus colegas de diversas partes do mundo." O núcleo do sujeito de "reuniram-se" é:

a) cineastas d) totalidade

b) convite e) se

c) colegas

117. (PUC) No trecho: "Se eu convencesse Madalena de que ela não tem razão... Se lhe explicasse que é necessário vivermos em paz...", os verbos destacados são, respectivamente:

a. transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto, transitivo indireto
b. transitivo direto e indireto, transitivo direto, transitivo direto e indireto, intransitivo
c. intransitivo indireto, transitivo direto, transitivo direto, intransitivo
d. transitivo direto e indireto, transitivo direto, intransitivo, transitivo indireto
e. transitivo direto, transitivo direto, intransitivo, intransitivo

118. (PUC) Na oração: "A inspiração é fugaz, violenta", podemos afirmar que o predicado é:

a. verbo-nominal, porque o verbo é de ligação e vem seguido de dois predicativos
b. nominal, porque é verbo de ligação
c. verbal, porque o verbo é de ligação e são atribuídas duas caracterizações ao sujeito
d. verbo-nominal, porque o verbo é de ligação e vem seguido de dois advérbios de modo
e. nominal, porque o verbo tem sua significação completada por dois nomes que funcionam como adjuntos adnominais

119. (OMEC-SP) Assinale a frase em que há sujeito indeterminado:

a) Compram-se jornais velhos. d) Choveu muito.

b) Confia-se em suas palavras. e) É noite.

c) Chama-se José o sacerdote.

120. (UM-SP) O sujeito é simples e determinado em:

a) Há somente um candidato ao novo cargo, doutor?

b) Vive-se bem ao ar livre.

c) Na reunião de alunos, só havia pais.

d) Que calor, filho!

e) Viam-se eleitores indecisos durante a pesquisa.

121. (UM-SP) Preencha a segunda coluna conforme o código estabelecido na primeira e assinale a alternativa correta de acordo com essa relação:

(1) sujeito determinado simples (2) sujeito indeterminado

(3) sujeito desinencial (implícito na terminação verbal) (4) sujeito paciente

(5) sujeito inexistente

( ) Era um mistério curioso aquela vida.

( ) No auge da rebelião, houve um tiroteio de quinze minutos entre policiais e bandidos.

( ) Quando se dispõe de força interna, vive-se melhor.

( ) Corrigiram-se os artigos após a última emenda do jornalista.

( ) Nem quererá despejá-lo imediatamente.

a) 5 - 3 - 2 - 1 - 4 d) 1 - 3 - 5 - 2 - 4

b) 5 - 3 - 2 - 4 - 1 e) 1 - 5 - 3 - 2 - 4

c) 1 - 5 - 2 - 4 - 3

122. (UM-SP) "Na manhã seguinte, desci um pouco amargurado, outro pouco satisfeito." Indique a alternativa que contém o predicado do mesmo tipo que o do período acima:

a. Esta injúria merecia ser lavada com sangue dos inimigos.
b. Na tarde de uma segunda-feira, anunciei-lhe um pouco de minha tristeza, outro de minha satisfação.
c. Recebeu convicto e com certa afeição as verdades do filósofo.
d. Mas eu era moço à semelhança de meu tio Neves.
e. Naquele dia, eram tantos os castelos e tantos os sonhos esboroados...

123. (UNIMEP) Quando a oração não tem sujeito, o verbo fica na terceira pessoa do singular. Esta afirmação pode ser comprovada em:

a) Chegou o pacote de livros.

b) Existe muita gente amedrontada.

c) Ainda há criança sem escola.

d) Não procede a acusação contra ele.

e) É proibida a entrada.

124. (UNIMEP)

I - Paulo está adoentado.

II - Paulo está no hospital.

a) O predicado é verbal em I e II

b) O predicado é nominal em I e I

c) O predicado é verbo-nominal em I e II

d) O predicado é verbal em I e nominal em II

e) O predicado é nominal em I e verbal em II

125. (OBJETIVO) Em "Se descobrissem a desmoralização que reina dentro de mim", temos, respectivamente, verbos:

a) transitivo direto e indireto d) transitivo direto e intransitivo

b) transitivo indireto e intransitivo e) intransitivo e intransitivo

c) intransitivo e transitivo indireto

126. (FCMPA-MG) Assinale a alternativa em que apareça predicado verbo- nominal:

a) A chuva permanecia calma.

b) A tempestade assustou os habitantes da vila.

c) Paulo ficou satisfeito.

d) Os meninos saíram do cinema calados.

e) Os alunos estavam preocupados.

127. (UF-GO) Em uma das alternativas, o predicativo inicia o período. Assinale-a:

a. A dificílima viagem será realizada pelo homem.
b. Em suas próprias inexploradas entranhas descobrirá a alegria de conviver.
c. Humanizado tornou-se o sol com a presença humana.
d. Depois da dificílima viagem, o homem ficará satisfeito?
e. O homem procura a si mesmo nas viagens a outros mundos.

128. (F-ARARAQUARA) O professor entrou apressado. O destaque indica:

a) predicado nominal d) adjunto adverbial

b) predicado verbo-nominal e) n.d.a

c) predicado verbal

129. (FCE-SP) A recordação da cena persegue-me até hoje. Os termos em destaque são, respectivamente:

a) objeto indireto, objeto indireto

b) complemento nominal, objeto direto

c) complemento nominal, objeto indireto

d) objeto indireto, objeto direto

e) n.d.a

130. (FEI-SP) Assinale a alternativa correta quanto à função sintática do termo destacado: "A aldeia era povoada de indígenas":

a) agente da passiva d) objeto indireto

b) complemento nominal e) objeto direto

c) adjunto adverbial

131. (UM-SP) Em "Não eram tais palavras compatíveis com a sua posição", o termo em destaque é:

a) complemento nominal d) sujeito

b) objeto indireto e) agente da passiva

c) objeto direto

132. (FMU) Em: Tinha grande amor à humanidade / As ruas foram lavadas pela chuva / Ele é rico em virtudes. Os termos destacados são, respectivamente:

a) complemento nominal, agente da passiva, complemento nominal

b) objeto indireto, agente da passiva, objeto indireto

c) complemento nominal, objeto indireto, complemento nominal

d) objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva

e) n.d.a

133. (UF-MG) Assinale o item em que a função não corresponde ao termo em destaque:

a) Comer demais é prejudicial à saúde. (complemento nominal)

b) Jamais me esquecerei de ti. (objeto indireto)

c) Ele foi cercado de amigos sinceros. (agente da passiva)

d) Não tens interesse pelos estudos. (complemento nominal)

e) Tinha grande amor à humanidade. (objeto indireto)

134. (PUCC) Não revelou o que descobrira a ninguém. Assinale a alternativa em que se analisa a classe gramatical e a função sintática das palavras destacadas, respeitando a ordem em que elas ocorrem:

a) artigo, adjunto adnominal, conjunção integrante, conectivo

b) pronome demonstrativo, sujeito, conjunção integrante, conectivo

c) artigo, adjunto adnominal, pronome relativo, sujeito

d) pronome demonstrativo, objeto direto, pronome relativo, objeto direto

e) artigo, adjunto adnominal, pronome relativo, objeto direto

135. (UEPG-PR) A oração que apresenta complemento nominal é:

a) Os pobres necessitam de ajuda.

b) Sejamos úteis à sociedade.

c) Os homens aspiram à paz.

d) Os pedidos foram feitos por nós.

e) A leitura amplia nossos conhecimentos.

136. (UF-PR) Na oração "O alvo foi atingido por uma bomba formidável", a locução por uma bomba formidável tem a função de:

a) objeto direto d) complemento nominal

b) agente da passiva e) adjunto adnominal

c) adjunto adverbial

137. (ESPM-SP) "Sorvete Kibon decora sua cozinha. E dá nome às latas." Os termos destacados são, respectivamente:

a) sujeito, objeto direto e objeto indireto

b) objeto direto, sujeito, objeto indireto

c) sujeito, objeto indireto, objeto direto

d) sujeito, sujeito, objeto indireto

e) objeto direto, sujeito, objeto direto

138. (UNIMEP) Em "... as empregadas das casas saem apressadas, de latas e garrafas na mão, para a pequena fila do leite", os termos destacados são, respectivamente:

a) adjunto adverbial de modo e adjunto adverbial de matéria

b) predicativo do objeto e adjunto adnominal

c) adjunto adnominal e complemento nominal

d) adjunto adverbial de modo e adjunto adnominal

e) predicativo do objeto e complemento nominal

139. (UNIRIO) Em "Passamos então nós dois, privilegiadas criaturas, a regalar- nos com a mesa...", a função sintática do termo sublinhado é:

a) sujeito d) adjunto adverbial

b) objeto direto e) vocativo

c) aposto

140. (UF-PA) Os termos sublinhados no trecho "O pobre índio, tímido, não se animava a chegar-se a casa, senão quando via de longe a D. Antônio de Mariz passeando sobre a explanada", desempenham, respectivamente, as funções de:

a) objeto direto, sujeito e adjunto adverbial

b) sujeito, objeto direto preposicionado e objeto indireto

c) sujeito, objeto direto preposicionado e adjunto adverbial

d) sujeito, objeto indireto e adjunto adverbial

e) sujeito, objeto indireto e objeto indireto

141. (FCMSC-SP) Na oração "Você ficará tuberculoso, de tuberculose morrerá, as palavras destacadas são, respectivamente:

a) adjunto adverbial de modo, adjunto adverbial de causa

b) objeto direto, objeto indireto

c) predicativo do sujeito, adjunto adverbial

d) ambas predicativas

e) n.d.a

142. (FCMSC-SP) Observe as duas frases seguintes:

I - O proprietário da farmácia saiu. II - O proprietário saiu da farmácia.

Sobre elas são feitas as seguintes considerações:

Na I, "da farmácia" é adjunto adnominal.

Na II, "da farmácia" é adjunto adverbial. Ambas as frases têm exatamente o mesmo significado.

Tanto em I como em II, "da farmácia" tem a mesma função sintática.

Destas quatro considerações:

a) apenas uma é verdadeira d) as quatro são verdadeiras

b) apenas duas são verdadeiras e) nenhuma é verdadeira

c) apenas três são verdadeiras

143. (UNESP) "De resto não é bem uma greve, é um *lock-out*, greve dos patrões, que suspenderam o trabalho noturno."; "Muitas vezes lhe acontecera bater à campainha de uma casa e ser atendido por uma empregada ou por outra pessoa qualquer"; "E, às vezes, me julgava importante." Assinalar a alternativa em que os termos em destaque aparecem corretamente analisados quanto à função sintática:

a) predicativo, sujeito, objeto direto

b) aposto, agente da passiva, predicativo

c) objeto direto, objeto indireto, adjunto adverbial

d) complemento nominal, adjunto adverbial, aposto

e) vocativo, adjunto adnominal, predicativo

144. (UM-SP) Apesar de vistosa, a construção acelerada daquele edifício deixou-nos insatisfeitos novamente. Os termos em destaque no período são, respectivamente:

a) adjunto adnominal, objeto indireto, adjunto adverbial

b) complemento nominal, objeto direto, adjunto adverbial

c) adjunto adnominal, objeto direto, predicativo do objeto

d) complemento nominal, objeto direto, predicativo do objeto

e) adjunto adnominal, objeto indireto, adjunto adnominal

145. (F. TIBIRIÇA-SP) Na oração "José de Alencar, romancista brasileiro, nasceu no Ceará", o termo destacado exerce a função sintática de:

a) aposto d) complemento nominal

b) vocativo e) n.d.a

c) predicativo do objeto

146. (CARLOS CHAGAS) Dê a função sintática do termo em destaque em: "Uniu-se à melhor das noivas", a Igreja, e oxalá vocês se amem tanto.":

a) aposto d) pleonasmo

b) adjunto adnominal e) vocativo

c) adjunto adverbial

147. (CARLOS CHAGAS) Dê a função sintática do termo destacado em: "Amanhã, sábado, não sairei de casa."

a) objeto direto d) complemento nominal

b) objeto indireto e) aposto

c) agente da passiva

148. (PUCC) Dê a função sintática do termo destacado em: "Não digo nada de minha tia materna, Dona Emerenciana":

a) sujeito d) adjunto adverbial

b) objeto direto e) aposto

c) objeto indireto

149. (PUCC) Dê a função sintática do termo destacado em: "Voltaremos pela Via Anhangüera":

a) sujeito d) adjunto adverbial

b) objeto direto e) aposto

c) agente da passiva

150. (F. TIBIRIÇA-SP) No período "Penso, logo existo", oração em destaque é:

a) coordenada sindética conclusiva

b) coordenada sindética aditiva

c) coordenada sindética alternativa

d) coordenada sindética adversativa

e) n.d.a

151. (FCE-SP) "Os homens sempre se esquecem de que somos todos mortais." A oração destacada é:

a) substantiva completiva nominal d) substantiva objetiva direta

b) substantiva objetiva indireta e) substantiva subjetiva

c) substantiva predicativa

152. (FEI-SP) "Estou seguro de que a sabedoria dos legisladores saberá encontrar meios para realizar semelhante medida." A oração em destaque é substantiva:

a) objetiva indireta d) subjetiva

b) completiva nominal e) apositiva

c) objetiva direta

153. (UC-MG) Há oração subordinada substantiva apositiva em:

a. Na rua perguntou-lhe em tom misterioso: onde poderemos falar à vontade?
b. Ninguém reparou em Olívia: todos andavam como pasmados.
c. As estrelas que vemos parecem grandes olhos curiosos.
d. Em verdade, eu tinha fama e era valsista emérito: não admira que ela me preferisse.
e. Sempre desejava a mesma coisa: que a sua presença fosse notada.

154. (UF-PA) Qual o período em que há oração subordinada substantiva predicativa?

a) Meu desejo é que você passe nos exames vestibulares.

b) Sou favorável a que o aprovem.

c) Desejo-te isto: que sejas feliz.

d) O aluno que estuda consegue superar as dificuldades do vestibular.

e) Lembre-se de que tudo passa nesse mundo.

155. (UF-PA) Há no período uma oração subordinada adjetiva:

a) Ele falou que compraria a casa.

b) Não fale alto, que ela pode ouvir.

c) Vamos embora, que o dia está amanhecendo.

d) Em time que ganha não se mexe.

e) Parece que a prova não está difícil.

156. (PUC) Nos trechos: "... não é impossível que a notícia da morte me deixasse alguma tranqüilidade, alívio e um ou dois minutos de prazer" e "Digo-vos que as lágrimas eram verdadeiras". A palavra "que" está introduzindo, respectivamente, orações:

a. subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva objetiva direta
b. subordinada substantiva objetiva direta, subordinada substantiva objetiva direta
c. subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva predicativa
d. subordinada substantiva completiva nominal, subordinada adjetiva explicativa
e. subordinada adjetiva explicativa, subordinada substantiva predicativa

157. (PUC) Assinale a alternativa que apresenta um período composto onde uma das orações é subordinada adjetiva:

a. "... a nenhuma pedi ainda que me desse fé: pelo contrário, digo a todas como sou".
b. "Todavia, eu a ninguém escondo os sentimentos que ainda há pouco mostrei."
c. "... em toda a parte confesso que sou volúvel, inconstante e incapaz de amar três dias um mesmo objeto".
d. "Mas entre nós há sempre uma grande diferença; vós enganais e eu desengano."
e. " - Está romântico!... está romântico... - exclamaram os três..."

158. (F. TIBIRIÇA-SP) No período "Todos tinham certeza de que seriam aprovados", a oração destacada é:

a) substantiva objetiva indireta d) substantiva subjetiva

b) substantiva completiva nominal e) n.d.a

c) substantiva apositiva

159. (UFSCAR) Marque a opção que contém oração subordinada substantiva completiva nominal:

a. "Tanto eu como Pascoal tínhamos medo de que o patrão topasse Pedro Barqueiro nas ruas da cidade."
b. "Era preciso que ninguém desconfiasse do nosso conluio para prendermos o Pedro Barqueiro."
c. "Para encurtar a história, patrãozinho, achamos Pedro Barqueiro no rancho, que só tinha três divisões: a sala, o quarto dele e a cozinha."
d. "Quando chegamos, Pedro estava no terreiro debulhando milho, que havia colhido em sua rocinha, ali perto."

e. "Pascoal me fez um sinalzinho, eu dei a volta e entrei pela porta do fundo para agarrar o Barqueiro pelas costas."

160. (CESGRANRIO) Assinale o período em que ocorre a mesma relação significativa indicada pelos termos destacados em: "A atividade científica é tão natural quanto qualquer outra atividade econômica."

a) Ele era tão aplicado, que em pouco tempo foi promovido.

b) Quanto mais estuda, menos aprende.

c) Tenho tudo quanto quero.

d) Sabia a lição tão bem como eu.

e) Todos estavam exaustos, tanto que se recolheram logo.

161. (UMC-SP) Assinale o período em que há oração subordinada adverbial consecutiva:

a) Diz-se que você não estuda. d) Comeu que ficou doente.

b) Falam que você não estuda. e) Quando saíres, irei contigo.

c) Fala-se tanto que você não estuda.

162. (F. LUIZ MENEGUEL-PR) No período "Embora lhe desaprovassem a forma, justificavam-lhe a essência", podemos afirmar que ocorre uma oração:

a) coordenada explicativa

b) coordenada adversativa

c) subordinada adverbial conformativa

d) subordinada adverbial concessiva

e) subordinada integrante

163. (OBJETIVO) "A verdade é que a gente não sabia de nada..." Classifica-se a segunda oração como:

a) subordinada substantiva objetiva direta

b) subordinada adverbial conformativa

c) subordinada substantiva objetiva indireta

d) subordinada substantiva predicativa

e) subordinada substantiva apositiva

164. (FAAP) "Não compreendíamos a razão por que o ladrão não montava o cavalo". A oração em destaque é:

a) subordinada adjetiva restritiva

b) subordinada adjetiva explicativa

c) subordinada adverbial causal

d) substantiva objetiva indireta

e)substantiva completiva nominal

165. (FGV) "Nota-se facilmente que nunca perceberam o papel secundário que exerciam naquele período." A oração em destaque é:

a) substantiva objetiva direta d) substantiva subjetiva

b) substantiva completiva nominal e) n.d.a

c) substantiva predicativa

166. (UM-SP) "Este apartamento é o sítio em que as potências da fé e da vontade marcaram um encontro profundo"; "Não peço à vida que me dê fortuna, ganância, nem valores superficiais."

Com relação às palavras em destaque nos dois períodos acima, pode-se afirmar que:

- **a. A primeira dá origem a uma oração subordinada adjetiva e a segunda, a uma adversativa**
- **b. A primeira marca o início de uma oração subordinada adjetiva e a segunda, de uma substantiva**
- **c. A primeira principia uma oração subordinada substantiva e a segunda, uma adjetiva**
- **d. Ambas iniciam orações subordinadas adjetivas**
- **e. Ambas introduzem orações subordinadas substantivas**

167. (UM-SP) "Enquanto a universidade não se refizer da reforma universitária, que deixou de lado a formação humanística, haverá espaço para este tipo de curso que vê na completa diversidade do público uma prova de que não só a falência da universidade empurra multidões para as novas salas de aula?"

O período acima, composto por subordinação, constitui-se de:

- **a. cinco orações: duas adjetivas, duas substantivas e uma principal**
- **b. quatro orações: duas substantivas, uma adjetiva e uma principal**
- **c. cinco orações: uma adverbial, duas substantivas, uma adjetiva e uma principal.**
- **d. duas orações: uma adjetiva e uma principal**
- **e. cinco orações: uma adverbial, duas adjetivas, uma substantiva e uma principal**

168. (UM-SP) Qual das orações subordinadas pode ser considerada adverbial causal?

- **a. Mesmo que partas antes, precisarei do resultado das provas.**
- **b. Chegamos tão cedo, que o portão da faculdade ainda estava fechado.**
- **c. Já que possuo pouco dinheiro tomarei apenas um lanche.**
- **d. O público aplaudia euforicamente para que o circense bisasse o número.**
- **e. Realizou os exercícios de acordo com as instruções do mestre.**

169. (UM-SP) Assinale a alternativa em que as orações destacadas no texto "Vou agradecer-lhe a esmola que me fez, logo que possa sair" estão classificadas corretamente:

a) subordinada substantiva objetiva direta, subordinada adjetiva

b) subordinada adverbial concessiva, subordinada adverbial temporal

c) subordinada adverbial consecutiva, subordinada adverbial concessiva

d) subordinada adjetiva, subordinada adverbial concessiva

e) subordinada adjetiva, subordinada adverbial temporal

170. (UM-SP) "... e eu ficava só, sem o perdão de sua presença a todas as aflições do dia, como a última luz na varanda." A oração em destaque no período acima classifica-se como:

a) subordinada substantiva objetiva direta

b) subordinada adverbial causal

c) subordinada adverbial comparativa

d) subordinada adverbial conformativa

e) coordenada sindética explicativa

171. (UM-SP) A. Sua palavra foi a primeira a perder o significado naquele agitado contexto. B. Tenho necessidade de me apoiares nesta complicada situação. C. Antes de repelir seus mestres, procure compreendê-los. Analisando os períodos A, B e C, concluímos que as frases neles destacadas são três orações reduzidas. Desdobrando-as, obteremos, respectivamente:

a) uma adjetiva, uma substantiva e uma adverbial

b) uma adjetiva, uma adverbial e uma substantiva

c) três adverbiais

d) uma adjetiva e duas adverbiais

e) uma adverbial e duas adjetivas

172. (UNIMEP) Assinale a alternativa que, embora tenha valor de causa-conseqüência, não contém oração adverbial causal:

a) Cheguei tarde, porque choveu muito.

b) Como estava doente, não fui à escola.

c) Estava tanto frio, que não saí de casa.

d) Fiquei chateado, pois fui despedido.

e) Devo ir mal na prova, já que não estudei.

173. (FCMPA-MG) Nos períodos seguintes aparece, entre as orações, uma relação de concessão. Assinale a letra correspondente ao período em que a relação é outra:

a) Embora estivesse doente, fiz tudo o que me era possível.

b) Fiz tudo o que me era possível, apesar de estar doente.

c) Mesmo estando doente, fiz tudo o que me era possível.

d) Fiz tudo o que me era possível, conquanto estivesse doente.

e) Fiz tudo o que me era possível, mas estava doente.

174. (UEPG-PR) Marque a alternativa onde se encontra a oração reduzida de infinitivo, substantiva objetiva direta:

a) Tenho esperança de seres aprovado.

b) Ao chegar, o candidato foi ovacionado.

c) Nada me impedirá de ir embora.

d) Recomendo-te seres paciente.

e) n.d.a

175. (FMU) No texto: "Um se encarrega de comprar camarões", a oração destacada é uma:

a) subordinada substantiva completiva nominal, reduzida de gerúndio

b) subordinada substantiva objetiva direta, reduzida de infinitivo

c) subordinada substantiva subjetiva, reduzida de gerúndio

d) subordinada substantiva objetiva indireta, reduzida de infinitivo

e) subordinada substantiva apositiva, reduzida de infinitivo

176. (UM-SP) Assinale o período que contenha uma oração reduzida com valor de adjetivo:

a. O ônibus parou na rua transversal para assustar passageiros.
b. Correndo assustado, o menino foi chamar o guarda.
c. Os garotos vestindo camisetas velhas reclamavam apenas uma penca de bananas meio amassadas.
d. Faça das entranhas coração para obter, um dia, a rara felicidade dos humanos.
e. Moleques de carrinho dirigiram-se a várias direções, atropelando-se uns aos outros.

177. (FUVEST) "Maria das Dores entra e vai abrir o comutador. Detenho-a: não quero luz." Os dois pontos (:) usados acima estabelecem uma relação de subordinação entre as orações. Que tipo de subordinação?

a) temporal d) concessiva

b) final e) conclusiva

c) causal

178. (CESGRANRIO) Assinale a opção em que a vírgula está empregada para separar dois termos que possuem a mesma função na frase:

a. "Minhas senhoras, seu Mendonça pintou o diabo enquanto viveu."
b. "Respeitei o engenho do Dr. Magalhães, juiz."
c. "E fui mostrar ao ilustre hóspede a serraria, o descaroçador e o estábulo."
d. "Depois da morte do Mendonça, derrubei a cerca ..."
e. "Não obstante essa propaganda, as dificuldades surgiram."

179. (FGV) "Considerando as razões apresentadas, penso, que a solicitação será deferida." Nesse texto, uma das vírgulas separa erradamente:

a) A oração principal e a oração subordinada objetiva direta

b) O sujeito e o objeto indireto

c) O predicativo e a oração subordinada objetiva indireta

d) O predicativo do sujeito e o gerúndio

e) A oração subordinada adverbial causal e a oração principal

180. (PUC-RIO) Aponte a opção em que a expressão sublinhada não tem a mesma função sintática de "(...) esses são os piores avarentos!"

a. "Era uma hora da noite."
b. "(...)! balbuciei trêmulo e frio de susto".
c. "Pouco depois estava junta de mim, calma, risonha, sem a menor fadiga."
d. "... se ela fosse uma cadeira?"
e. "A senhora o é, D. Emília!"

181. (UF-MG) Em todas as alternativas, o termo destacado está corretamente classificado, exceto em:

a. Ele sabia o que ignorava e não se atrevia a julgar tudo. (sujeito)
b. O padeiro ofereceu-lhe alguma coisa e perguntou amavelmente o que havia de novo. (objeto direto)
c. Eu não sei que mal me faz essa mulher com seu rosto à Botticelli (adjunto adnominal)
d. É um sentimento perfeitamente imbecil, de que até hoje não me pude libertar. (objeto indireto)
e. Era um galope para a riqueza, em que se atropelava a todos, os amigos e inimigos. (adjunto adverbial)

182. (UM-SP) Assinale a alternativa em que o pronome se está apassivando o verbo:

a. Tempo não se mede pelos ponteiros do relógio, mas pelo vácuo da comunicação entre amigos.
b. Ao entrar no recinto novo da confeitaria, muitos clientes se sentiam enleados com o local de conhecida modéstia.
c. Vão-se embora os mais coloridos sonhos com a chegada de um só momento de maturidade.
d. Esqueceu-se dos fardos diários, enquanto olhava para a inexpressiva lista dos pratos do dia.
e. Precisa-se de muita calma e jeito para o consolo de um singular amigo.

183. (UM-SP) Uma das alternativas apresenta o pronome reflexivo se:

a) "Capitu deixou-se fitar e examinar." (Machado de Assis)

b) Voltarei cedo se quiseres.

c) Queixou-se das questões do concurso.

d) Alugam-se apartamentos.

c) Precisa-de de pedreiros.

184. (PUC-RJ) Dentre as palavras sublinhadas abaixo, apenas uma tem a mesma função sintática de hoje em "O hoje é aquela lixeira de bem aventurança (...)".

a. "(...) onde o tempo tem outra dimensão, (...)".
b. "(...) é um tempo rural e agrícola, (...) ".
c. "(...) todas as aflições e encargos são de um amanhã que custará muito a chegar".
d. "(...) tinha até uma certa graça viver nessa nova dimensão, (...)".
e. "(...) Até hoje nenhuma daquelas tesouras funcionou mais, (...)".

185. (FCMPA-MG) "O herdeiro, longe de compadecer-se, sorriu e, por esmola, atirou-lhe três grãos de milho." O se na oração acima é:

a) índice de indeterminação do sujeito d) partícula de realce

b) pronome apassivador e) parte integrante do verbo

c) pronome reflexivo

(UM-SP) As questões 186 e 187 referem-se ao texto seguinte. Leia-o atentamente antes de respondê-las: "-Muito bom dia, senhora, / Que nessa janela está; / sabe dizer se é possível / algum trabalho encontrar?"

(João Cabral de Melo Neto)

186. No primeiro verso, senhora vem entre vírgulas porque o termo é:

a) um aposto d) um predicativo

b) um sujeito deslocado e) um sujeito simples

c) um vocativo

187. No verso Que nessa janela está, o verbo é:

a) transitivo direto d) transobjetivo

b) de ligação e) intransitivo

c) transitivo indireto

188. (ETF-SP) A oração grifada em "Concordo em fazer o serviço, desde que forneça o material", classifica-se, sintaticamente, como adverbial:

a) conformativa d) concessiva

b) final e) proporcional

c) condicional

189. (ETF-SP) Na oração "Esperei-o até tarde", o pronome o tem a mesma função sintática do termo grifado na frase:

a) "Estamos confiante em você" d) "É amado pelos pais"

b)"Não me perguntaram nada" e) "Acompanharam o menino"

c) "Emprestei-lhe o carro"

190. (BANESPA) Assinale a alternativa em que o sujeito é inexistente:

a) Precisa-se de empregados.

b) Chamaram-no às pressas.

c) Precisamos permanecer atentos.

d) Vai fazer dois anos que ele partiu.

e) Chegaram notícias do exterior.

191. (BANESPA) Assinale a alternativa em que o termo grifado é complemento nominal:

a) A enchente alagou a cidade.

b) Precisamos de mais informações.

c) A resposta ao aluno não foi convincente.

d) O professor não quis responder ao aluno.

e) Muitos caminhos foram abertos pelos bandeirantes.

192. (BANESPA) "Tamanho foi seu espanto, que não pôde falar". A oração sublinhada classifica-se como subordinada:

a) substantiva apositiva d) substantiva subjetiva

b) adverbial consecutiva e) adverbial causal

c) substantiva objetiva direta

193. (FARIAS BRITO) "Os antigos pintaram o amor cego, talvez para mostrar que o amor, para ser constante é preciso que seja incapaz de ver, e que a falta de luz lhe sirva de prisão." (Matias Aires: Reflexões sobre a vaidade dos homens) Nesse texto ocorrem:

a. duas orações subordinadas substantivas e uma oração subordinada adjetiva
b. duas orações subordinadas adjetivas e uma oração subordinada substantiva
c. três orações subordinadas substantivas
d. três orações subordinadas adjetivas
e. só orações subordinadas adverbiais

194. (FARIAS BRITO) "Ser feliz! Ser feliz estava em mim, Senhora... / Esse sonho que ergui, o poderia pôr / onde quisesse, longe até da minha dor, / em um lugar qualquer onde a ventura mora". (Menotti del Picchia: Juca Mulato)

Há um termo pleonástico nesse texto. Esse termo é:

a) "feliz" d) "o"

b) "que" e) "sonho"

c) "onde"

195. (FARIAS BRITO) "O homem que cala e ouve não dissipa o que sabe e aprende o que ignora." (Marquês de Maricá: Máximas) Separando por barras (/) as orações desse período, teremos:

a. O homem que cala / e ouve / não dissipa o que sabe / e aprende o que ignora .
b. O homem / que cala e ouve / não dissipa / o que sabe e aprende / o que ignora.
c. O homem que / cala e ouve / não dissipa o que sabe / e aprende o que ignora.
d. O homem que cala e ouve / não dissipa o que sabe / e aprende o que ignora.
e. O homem / que cala / e ouve / não dissipa o / que sabe / e aprende o / que ignora.

196. (CESCEA) Assinale a alternativa em que ocorre sujeito composto:

a) Deus, Deus que farei?

b) Os livros contemplei, os quadros e as outras obras.

c) Nós, os homens do futuro, venceremos.

d) Foram João e Maria.

e) Ontem foi João e José, hoje.

197. (CESCEA) Assinale a alternativa que contenha vocativo:

a) Choraram amargamente o seu destino.

b) Nós, os verdadeiros patriotas...

c) Eu vou!

d) Os doces comi, as frutas e algo mais.

e) Beijo-vos as mãos, senhor rei.

198. (PUC) "Que há entre a vida e a morte?"

a) O sujeito do verbo haver é o pronome interrogativo que

b) Tem-se uma oração sem sujeito

c) O sujeito é indeterminado

d) O sujeito está oculto

e) O sujeito é "uma certa ponte"

199. (CÂNDIDO MENDES) "Angélica, animada por tantas pessoas, tomou-lhe o pulso e achou-o febril." Febril, sintaticamente é:

a) objeto direto d) predicativo do sujeito

b) complemento nominal e) adjunto adverbial

c) predicativo do objeto

200. (FESP) "A compreensão é a necessidade do fraco." Temos aí:

a) predicado nominal e complemento nominal

b) sujeito simples e verbo transitivo

c) oração sem sujeito e complemento nominal

d) sujeito simples e objeto direto

e) n.d.a

201. (TFC) Assinale a letra em que a função sintática indicada pelo termo do texto não está correta:

Com franqueza, estava arrependido de ter vindo. Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora, e recapitulava o campo e o morro, pensava nos outros meninos vadios, o Chico Telha, o Américo, o Carlos das Escadinhas, a fina flor do bairro e do gênero humano. Para cúmulo de desespero, vi através das vidraças da escola, no claro azul do céu, por cima do morro do Livramento, um papagaio de papel, alto e largo, preso de uma corda imensa, que bojava no ar, uma cousa soberba. E eu na escola, sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a gramática nos joelhos.

a) com franqueza (l. 1) .... adjunto adverbial

b) o campo e o morro (l. 2) .... objetos diretos

c) um papagaio de papel (l.5) .... sujeito

d) alto e largo (l. 5) .... adjuntos adnominais

e) a fina flor do bairro (l. 3) .... aposto

202. (TFC) Assinale a opção em que a supressão da(s) vírgula(s) não altera o sentido da frase:

a. As crianças, com as caras lambuzadas, divertiram-se à beça.
b. Todos os dias, ele sai, tranqüilamente, de casa.
c. O trabalho foi feito, conforme você pediu.
d. Os funcionários, que querem sair cedo, vão iniciar logo seu trabalho.
e. Os filhos do seu João, que foram criados com a avó, formaram-se em Engenharia.

(MACK) As questões 203 e 204 referem-se ao trecho do texto Morte e vida Severina, de João Cabral de Mello Neto. Leia-o atentamente para respondê-las: "- Muito bom dia, senhora, / que nessa janela está; / sabe dizer se é possível / algum trabalho encontrar?"

203. Nos versos "sabe dizer se é possível / algum trabalho encontrar?", a oração grifada é:

a) subordinada substantiva subjetiva

b) subordinada substantiva objetiva direta

c) subordinada substantiva objetiva indireta

d) subordinada substantiva predicativa

e) subordinada substantiva completiva nominal

204. No primeiro verso, senhora vem entre vírgulas porque o termo é:

a) um aposto d) um vocativo

b) um sujeito deslocado e) um sujeito simples

c) um predicativo

205. (FUVEST) "Se você sair agora, nunca saberá se dissemos a verdade a eles e qual foi sua reação ao se verem diante daquela descoberta." No texto acima a partícula se é, respectivamente:

conjunção condicional - conjunção condicional - partícula apassivadora

conjunção integrante - partícula expletiva - partícula apassivadora

conjunção integrante - pronome reflexivo - pronome reflexivo

conjunção condicional - conjunção integrante - pronome reflexivo

conjunção condicional - conjunção integrante - partícula apassivadora

(FUVEST) Texto para as questões 206 e 207: "Sei que me esperavas desde o início / que eu te dissesse hoje o meu canto solene, / Sei que a única alma que eu possuo / é mais numerosa que os cardumes do mar." (Jorge de Lima)

206. As orações grifadas são orações subordinadas, respectivamente:

a) substantiva subjetiva - adjetiva - adverbial consecutiva

b) adjetiva - substantiva objetiva direta - adverbial consecutiva

c) substantiva objetiva direta - adjetiva - adverbial comparativa

d) adjetiva - substantiva subjetiva - adverbial correlativa

e) substantiva predicativa - adjetiva - adverbial consecutiva

207. Assinale a classificação correta de te (segundo verso), única alma (terceiro verso), numerosa (quarto verso), nessa ordem:

a) objeto indireto - objeto direto - sujeito

b) objeto direto - sujeito - predicativo do sujeito

c) objeto indireto - sujeito - predicativo do sujeito

d) objeto direto - objeto direto - sujeito

e) objeto indireto - objeto direto - sujeito

208. (FUVEST) "Ao dia seguinte, o vigia solitário recolocou a tabuleta: "Precisa-se de operários", enquanto o construtor, de braços cruzados, amaldiçoava a chuva que devia estar caindo no Nordeste." (Aníbal Machado, Cadernos de João) As orações cujos núcleos verbais são recolocou, amaldiçoava e devia estar caindo, são, respectivamente:

principal, subordinada adverbial e subordinada adjetiva

subordinada adverbial, subordinada adverbial e subordinada substantiva

coordenada, coordenada e subordinada adjetiva

principal, subordinada adverbial e subordinada substantiva

principal, coordenada e subordinada adverbial

209. (TRE-MG) A função sintática do termo sublinhado está incorretamente indicada entre parênteses em:

Cometeu-se uma injustiça naquela ocasião. (sujeito)

Provavelmente deveriam existir outros depoimentos. (objeto direto)

Para combater o mal, não se dispõe de um meio adequado. (objeto indireto)

A vitória deixará os torcedores animadíssimos. (predicativo do objeto)

A leitura do texto será importante para o seminário. (complemento nominal)

210. (TRE-MG) "Ainda que argumentasse com eficiência, optamos pelo silêncio." A oração subordinada, no período acima, exprime circunstância de:

a) proporção d) condição

b) conseqüência e)concessão

c) conformidade

211. (ETF-SP) Em "O casal de índios levou-os a sua aldeia, que estava deserta, onde ofereceu frutas aos convidados", os termos grifados são respectivamente:

sujeito, objeto direto, adjunto adnominal e objeto indireto

adjunto adnominal, objeto direto, predicativo do sujeito e objeto indireto

adjunto adnominal, objeto direto, adjunto adnominal e objeto indireto

sujeito, objeto indireto, predicativo do sujeito e objeto indireto

adjunto adnominal, objeto indireto, predicativo do sujeito e objeto indireto

212. (MACK) Sem prestar atenção, dirigia-se à sala da coordenação. A relação semântica que se estabelece entre as orações acima é de:

a) medicação d) temporalidade

b) modo e) finalidade

c) causalidade

213. (FUVEST) "A cláusula mostra que tu não queres enganar." A classe gramatical da palavra que no trecho acima é a mesma da palavra que na seguinte frase:

a) Ficam desde já excluídos os sonhadores, os que amem o mistério.

b) Não foi a religião que te inspirou esse anúncio.

c) Que não pedes um diálogo de amor, é claro.

d) Que foi então, senão a triste, longa e aborrecida experiência?

e) Quem és tu que sabes tanto?

214. (FUVEST) "Saí, afastando-me do grupo, e fingindo ler os epitáfios." Dando nova redação a essa frase, sem alterar as relações sintáticas e semânticas nela presentes, obtém-se:

Quando me afastei dos grupos, fingi ler os epitáfios e pensei.

Enquanto me afastava dos grupos e fingia ter os epitáfios, saí correndo.

Fingi ler os epitáfios, afastei-me dos grupos e saí.

Ao afastar-me dos grupos, fingi ler os epitáfios, antes de sair.

Ao sair, fingia ler os epitáfios e afastei-me dos grupos.

215. (FUVEST) No período: "É possível discernir no seu percurso momentos de rebeldia contra a estandardização e o consumismo", a oração grifada é:

a) subordinada adverbial causal, reduzida de particípio

b) subordinada objetiva direta, reduzida de infinitivo

c) subordinada objetiva direta, reduzida de particípio

d) subordinada substantiva subjetiva, reduzida de infinitivo

e) subordinada substantiva predicativa, reduzida de infinitivo

(FMU) Texto para as questões 216 a 218: "De tudo ao meu amor serei atento /

Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto / Que mesmo em face do maior encanto / Dele se encante mais meu pensamento"

216. A oração destacada guarda em relação à anterior, uma idéia de:

a) causa d) conseqüência

b) finalidade e) concessão

c) condição

217. O sujeito do verbo encantar é:

a) que d) pensamento

b) encanto e) ele

c) dele

218. "Eu possa me dizer do amor (que tive): / Que não seja imortal, posto que é chama / mas que seja infinito enquanto dure" O objeto direto do verbo dizer é:

a) me d) que não seja imortal

b) do amor e) posto que é chama

c) que tive

219 (FMU) Assinale a alternativa em que aparece um complemento nominal:

a) Sanches esteve frio.

b) Tive medo de perdê-lo.

c) Exprimia-se brevemente.

d) O caso era outro.

e) Manobrava, então, para voltar à carga.

(TRE-MG) As questões 220 e 221 referem-se ao seguinte período: "Através de medida provisória, decidiu-se que todos os novos bacharéis no País farão uma prova final, para se saber se estão aptos ao exercício profissional."

220. No período acima não se encontra:

a) adjunto adverbial d) objeto indireto

b) adjunto adnominal e) predicativo do sujeito

c) complemento nominal

221. A classificação das orações do período dado, na ordem em que ocorrem, está correta em:

coordenada assindética - subordinada substantiva subjetiva - subordinada adverbial final reduzida de infinitivo - subordinada substantiva objetiva direta

coordenada assindética - subordinada substantiva objetiva direta - subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo - subordinada substantiva subjetiva

principal - subordinada substantiva subjetiva - subordinada adverbial final reduzida de infinitivo - subordinada substantiva subjetiva

principal - subordinada substantiva objetiva direta - subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo - subordinada substantiva objetiva direta

principal - subordinada substantiva subjetiva - subordinada adverbial final reduzida de infinitivo - subordinada substantiva objetiva direta

222. (LICEU) No segmento "Enquanto aquela ali, a de antena marrom suja de branco terá adivinhado tarde demais que se mumificara exatamente por não ter sabido usar as coisas com a graça gratuita do em vão...", temos, respectivamente:

a. **duas orações: oração subordinada adverbial comparativa e oração subordinada adverbial consecutiva reduzida de infinitivo**
b. **duas orações: oração subordinada adverbial temporal e oração subordinada substantiva objetiva diret**
c. **três orações: oração subordinada adverbial comparativa, oração subordinada adjetiva restritiva e oração subordinada adverbial condicional**
d. **três orações: oração subordinada adverbial temporal, oração subordinada substantiva objetiva direta e oração subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo**
e. **três orações: oração subordinada adverbial, oração subordinada substantiva objetiva direta e oração subordinada adverbial consecutiva reduzida de infinitivo**

223. (LICEU)

I - "(...) minha carne estremece na certeza de tua vinda."

II - "(...) entretanto eu te diviso, ainda tímida, inexperiente das luzes que vais acender."

III - "Havemos de amanhecer. O mundo se tinge com as tintas da antemanhã (...)"

A função sintática das palavras grifadas nos períodos dos itens I, II e III é, respectivamente:

a) adjunto adnominal, objeto indireto, complemento nominal

b) objeto indireto, objeto direto, adjunto adnominal

c) complemento nominal, objeto direto, adjunto adnominal

d) complemento nominal, objeto direto, complemento nominal

e) objeto indireto, objeto indireto, complemento nominal

(MACK) Texto para as questões 224 a 226:

"Tempo-será"

A Eternidade está longe

(Menos longe que o estirão

Que existe entre o meu desejo

E a palma da minha mão).

Um dia serei feliz?

Sim, mas não há de ser já:

A Eternidade está longe

Brinca de tempo-será."

(Manuel Bandeira)

224. A função sintática do Que em "Que existe entre o meu desejo" é:

a) objeto direto d) adjunto adverbial

b) objeto indireto e) sujeito

c) predicativo do sujeito

225. Na relação estabelecida pelo que em "menos longe que o estirão", o valor semântico da conjunção é de:

a) causalidade d) explicação

b) comparação e) modo

c) condição

226. Os termos "longe e feliz", são respectivamente:

a) sujeito e sujeito

b) predicativo do sujeito e predicativo do sujeito

c) adjunto adverbial e adjunto adverbial

d) adjunto adverbial e predicativo do sujeito

e) predicativo do sujeito e adjunto adverbial

227. (PUC) No período: "Não brincara, não pandegara, não amara - todo esse lado da existência que parecia fugir um pouco à sua tristeza necessária, ele não vira, ele não provara, ele não experimentara", as últimas orações - "não vira", "não provara", "não experimentara" - têm a mesma organização sintática, e seus predicados são:

a. **verbais, formados por verbos transitivos diretos, complementados por um objeto explícito no período**
b. **verbais, formados por verbos intransitivos**
c. **verbais, formados por verbos transitivos indiretos, complementados por um objeto indireto não explícito no período**
d. **verbais, formados por verbos transitivos direto e indireto**
e. **verbo-nominais, formados por verbos e predicativos do sujeito**

228. (FUVEST) Nos enunciados abaixo, há adjuntos adnominais e apenas um complemento nominal. Assinale a alternativa que contém complemento nominal:

a) faturamento das empresas d) história do mundo

b) ciclo de graves crises e) distribuição de poderes de renda

c) energia desta nação

229. (FUVEST) "É da história do mundo que (1) as elites nunca introduziram mudanças que (2) favorecessem a sociedade como um todo. Estaríamos nos enganando se achássemos que (3) estas lideranças empresariais aqui reunidas teriam motivação para fazer a distribuição de poderes e rendas que (4) uma nação equilibrada precisa ter." O vocábulo que está numerado em suas quatro ocorrências, nas quais se classifica como conjunção integrante e como pronome relativo. Assinalar a alternativa que registra a classificação correta em cada caso, pela ordem:

a. **1. pronome relativo, 2. conjunção integrante, 3. pronome relativo, 4. conjunção integrante**
b. **conjunção integrante, 2. pronome relativo, 3. pronome relativo, 4. conjunção integrante**
c. **1. pronome relativo, 2. pronome relativo, 3. conjunção integrante, 4. conjunção integrante**
d. **conjunção integrante, 2. pronome relativo, 3. conjunção integrante 4. pronome relativo**
e. **1. pronome relativo, 2. conjunção integrante, 3. conjunção integrante, 4. pronome relativo**

230. (TTN) Observe as duas orações abaixo:

I - Os fiscais ficaram preocupados com o alto índice de sonegação fiscal.

II - Houve uma sensível queda na arrecadação do ICM em alguns Estados. Quanto ao predicado, elas classificam-se, respectivamente, como:

a) nominal e verbo-nominal d) verbal e verbo-nominal

b) verbo-nominal e verbal e) verbal e nominal

c) nominal e verbal

231. (UF-CE) Considere o enunciado: Quantos homens que se mostram sadios e venturosos levam a tuberculose no pulmão ou o inferno moral no peito, morrendo aos poucos, no estoicismo sobre-humano de esconder às multidões a sua infelicidade.

I. Quantos homens levam a tuberculose no pulmão ou o inferno moral no peito é oração principal
II. que se mostram sadios e venturosos é substantiva subjetiva
III. morrendo aos poucos, no estoicismo sobre-humano é adverbial concessiva
IV. esconder às multidões a sua infelicidade é subordinada completiva nominal

Das classificações acima, são corretas:

a) todas d) nenhuma está correta

b) apenas a II e) apenas a III

c) I, III e IV

232. (ITA) Em qual dos períodos abaixo há uma oração subordinada adverbial que expressa idéia de concessão?

a) Diz-se que a obra de arte é aberta; possibilita, portanto, várias leituras.

b) Pode criticar, desde que fundamente sua crítica em argumentos.

c) Tamanhas são as exigências da pesquisa científica, que muitos desistem de realizá-la.

d) Os animais devem ser adestrados, ao passo que os seres humanos devem ser educados, visto que possuem a faculdade de inteligência.

e) Não obstante haja concluído dois cursos superiores, é incapaz de redigir uma carta.

233. (OMECE-SP) Assinale o que objeto indireto:

a) A casa que você viu é minha.

b) O homem que trabalha vence na vida.

c) Que aconteceu com você?

d) O cargo a que aspiras é nobre.

e) O rapaz que chegou é meu conhecido.

234. (BB) No provérbio Antes tarde do que nunca:

a) Existe oração coordenada d) O sujeito está oculto

b) Há um único substantivo e) Há dois adjetivos

c) Não há oração, apenas frase nominal

235. (UF-SC) Numere a 2ª coluna de acordo com a 1ª , estabelecendo a correspondência entre as palavras grifadas e os termos da oração:

coluna 1 coluna 2

1. "Que diz você, mano Bento?" ( ) sujeito simples

2. "... meu tio Ildefonso, então simples padre,

farejava-me cônego". ( ) aposto

3. "... e certamente os dizia com muita graça". ( ) vocativo

4. Aqui foram-se botões. ( ) complemento nominal

5. Crianças e velhos são úteis à Pátria. ( ) objeto direto

a) 2, 5, 1, 4, 3 d) 3, 2, 4, 5, 1

b) 2, 5, 3, 4, 1 e) 4, 2, 1, 5, 3

c) 4, 2, 3, 5 ,1

236. (TRE-RJ) "todos os animais sejam em princípio iguais perante a lei, conquanto alguns sejam mais iguais que outros". Das alterações processadas na oração sublinhada, aquele que, além de apresentar substancial mudança de sentido, se classifica diferentemente das demais:

a) malgrado alguns sejam mais iguais

b) posto que alguns sejam mais iguais

c) a menos que alguns sejam mais iguais

d) não obstante alguns sejam mais iguais

e) a despeito de alguns sejam mais iguais

237. (ETF-SP) Na oração "Contam-se casos curiosos sobre os índios", o se é:

a) pronome pessoal oblíquo d) pronome reflexivo

b) índice de indeterminação do sujeito e) pronome possessivo

c) pronome apassivador

238. (OBJETIVO) No período "É necessário que todos se esforcem ", a oração destacada é:

a) substantiva objetiva direta d) substantiva subjetiva

b) substantiva objetiva indireta e) substantiva predicativa

c) substantiva completiva nominal

239. (FCMSC-SP) Por definição, oração coordenada que seja desprovida de conectivo é denominada assindética. Observando os períodos seguintes:

I. Não caía um galho, não balançava uma folha.
II. O filho chegou, a filha saiu, mas a mãe nem notou.
III. O fiscal deu o sinal, os candidatos entregaram a prova. Acabara o exame.

Nota-se que existe coordenação assindética em:

a) I apenas d) I e III

b) II apenas e) nenhum deles

c) III apenas

240. (MACK) Com relação ao texto: "Examinei-a enquanto me mostrava um tapete que tecera nos dias em que ficou no hospital. E a fulgurante? Os olhos continuavam bem abertos, a boca descontraída." Assinale a alternativa que contém a análise errada:

a) em que tecera, que é o objeto direto

b) ficou no hospital é um predicado verbal

c) descontraída é predicativo do objeto

d) continuavam bem abertos é um predicado nominal

e) me em me mostrava é objeto indireto

241. (MACK) "A reação do adversário foi tamanha que assustou o campeão." A oração em destaque é:

a) subordinada adverbial causal

b) coordenada sindética explicativa

c) subordinada adverbial consecutiva

d) subordinada adverbial concessiva

e) subordinada adjetiva explicativa

(MACK) Texto para as questões 242 e 243:

"Pássaro"

Aquilo que ontem cantava

já não canta.

Morreu de uma flor na boca:

não de espinho na garganta

Ele amava a água sem sede,

e, em verdade,

tendo asas, fitava o tempo,

livre de necessidade.

Não foi desejo ou imprudência:

não foi nada.

E o dia toca em silêncio

a desventura causada.

Se acaso isso é desventura:

ir-se a vida

sobre uma rosa tão bela,

por uma tênue ferida.

(Cecília Meirelles)

242. Em "Morreu de uma flor na boca", o termo grifado é:

a) adjunto adverbial de causa d) adjunto adverbial de meio

b) adjunto adverbial de modo e) adjunto adverbial de dúvida

c) adjunto adverbial de instrumento

243. Em "ir-se a vida", o se é:

a) partícula apassivadora d) pronome recíproco

b) índice de indeterminação do sujeito e) partícula expletiva

c) pronome reflexivo

244. (FUVEST) "Vivemos mais uma grave crise, repetitiva dentro do ciclo de graves crises que ocupa a energia desta nação. A frustração cresce e a desesperança não cede. Empresários empurrados à condição de liderança oficial se reúnem, em eventos como este, para lamentar o estado de coisas. O que dizer sem resvalar para o pessimismo, a crítica pungente ou a auto-absolvição?

É da história do mundo que as elites nunca introduziram mudanças que favorecessem a sociedade como um todo. Estaríamos nos enganando se achássemos que estas lideranças empresariais aqui reunidas teriam motivação para fazer a distribuição de poderes e rendas que uma nação equilibrada precisa ter. Aliás, é ingenuidade imaginar que a vontade de distribuir renda passe pelo empobrecimento da elite. É também ocioso pensar que nós, de tal elite, temos riqueza suficiente para distribuir. Faço sempre, para meu desânimo, a soma do faturamento das nossas mil maiores e melhores empresas, e chego a um número menor do que o faturamento de apenas duas empresas japonesas. Digamos, a Mitsubishi e mais um pouquinho. Sejamos francos. Em termos mundiais somos irrelevantes como potência econômica, mas o mesmo tempo extremamente representativos como população."

("Discurso de Semler aos empresários", Folha de São Paulo, 11/9/91)

Dentre os períodos transcritos do texto acima, um é composto por coordenação e contém uma oração coordenada sindética adversativa. Assinalar a alternativa correspondente a este período:

a. A frustração cresce e a desesperança não cede.
b. o que dizer sem resvalar para o pessimismo, a crítica pungente ou a auto-absolvição.
c. É também ocioso pensar que nós, da tal elite, temos riqueza suficiente para distribuir.
d. Sejamos francos.
e. Em termos mundiais somos irrelevantes como potência econômica, mas ao mesmo tempo extremamente representativos como população.

245. (MACK) No verso "Que suaves coisas que tu murmuravas", a segunda palavra que é:

a) pronome relativo d) conjunção subordinada integrante

b) interjeição e) conjunção coordenativa explicativa

c) palavra de realce

246. (LICEU) Na frase "A verdade é que só em abstrato me havia queixado de baratas, que nem minhas eram...", o que assume as respectivas funções de:

a) conjunção integrante, conjunção integrante

b) pronome relativo, conjunção integrante

c) conjunção integrante, pronome relativo

d) pronome relativo, pronome relativo

e) partícula expletiva, conjunção integrante

247. (AFTN) Indique o período em que as vírgulas não isolam oração subordinada adjetiva:

a. Entre a história romanceada, que teve nova voga entre 1920 e 1940, situa-se parte da obra do escritor.
b. Dentre os numerosos dialetos regionais usados no Sul da França, não há nenhum que, desde o início da Idade Média, tenha adquirido importância decisiva como língua literária.
c. No fim do século XI constituiu-se uma língua de civilização, cujo o berço é a França Meridional, hoje denominada "provençal clássico."
d. Os comediantes italianos, que vinham com freqüência a Paris, representavam a comédia improvisada em torno de um esquema: a "commedia dell'arte."
e. Como conseqüência de tudo isso os gramátcios, que eram senhores absolutos da língua, impunham arbitrariamente regras cerebrinas.

248. (AFTN) Há oração subordinada substantiva subjetiva no período:

a. Decidiu-se que a microinformática será implantada naquele Município.
b. Um sistema tributário obsoleto não permite que haja conscientização dos contribuintes.
c. A prefeitura necessitava de que os computadores fossem instalados com urgência.
d. Ninguém tem dúvida de que a microinformática racionaliza o sistema tributário.
e. Alguns prefeitos temiam que a utilização do computador gerasse desemprego.

249. (AFTN) Leia o trecho abaixo e identifique a opção que faz correspondência incorreta entre as duas colunas: "Ainda quando a vida mais não fosse que a urna da saudade, o sacrário da memória dos bons, isso bastava para a reputarmos um benefício celeste, e cobrirmos de reconhecimento a generosidade de quem no-la doou." (Ruy Barbosa)

Termos destacados Função sintática da oração

a) a objeto direto

b) um benefício celeste predicativo do objeto direto

c) a generosidade objeto direto

d) quem objeto indireto

e) no objeto indireto

250. (UFV-MG) As orações subordinadas substantivas que aparecem nos períodos abaixo são todas subjetivas, exceto:

a) Decidiu-se que o petróleo subiria de preço.

b) É muito bom que o homem, vez por outra, reflita sobre sua vida.

c) Ignoras quanto custou meu relógio?

d) Perguntou-se ao diretor quando seríamos recebidos.

e) Convinha-nos que você estivesse presente à reunião.

1 - D 43 - A 85 - C 127 - C 169 - E 211 - B

2 - C 44 - B 86 - D 128 - B 170 - C 212 - B

3 - A 45 - B 87 - C 129 - B 171 - A 213 - C

4 - C 46 - E 88 - D 130 - A 172 - D 214 - B

5 - E 47 - C 89 - A 131 - A 173 - E 215 - D

6 - A 48 - B 90 - A 132 - A 174 - D 216 - D

7 - B 49 - A 91 - E 133 - E 175 - D 217 - D

8 - E 50 - A 92 - D 134 - D 176 - C 218 - D

9 - A 51 - B 93 - E 135 - B 177 - C 219 - B

10 - D 52 - C 94 - E 136 - B 178 - C 220 - D

11 - E 53 - C 95 - E 137 - A 179 - A 221 - C

12 - E 54 - A 96 - A 138 - B 180 - A 222 - D

13 - C 55 - E 97 - E 139 - C 181 - A 223 - C

14 - A 56 - A 98 - D 140 - C 182 - A 224 - E

15 - B 57 - A 99 - A 141 - C 183 - A 225 - B

16 - B 58 - B 100 - E 142 - B 184 - A 226 - D

17 - E 59 - D 101 - A 143 - B 185 - E 227 - A

18 - B 60 - C 102 - E 144 - D 186 - C 228 - B

19 - B 61 - E 103 - C 145 - A 187 - E 229 - D

20 - D 62 - D 104 - B 146 - A 188 - C 230 - C

21 - C 63 - E 105 - A 147 - E 189 - E 231 - C

22 - B 64 - A 106 - B 148 - E 190 - D 232 - B

23 - A 65 - D 107 - A 149 - D 191 - C 233 - D

24 - B 66 - B 108 - B 150 - A 192 - B 234 - C

25 - C 67 - E 109 - E 151 - B 193 - C 235 - E

26 - E 68 - E 110 - D 152 - B 194 - D 236 - C

27 - E 69 - D 111 - B 153 - E 195 - E 237 - C

28 - C 70 - A 112 - E 154 - A 196 - D 238 - D

29 - C 71 - B 113 - E 155 - D 197 - E 239 - D

30 - B 72 - C 114 - A 156 - A 198 - B 240 - E

31 - C 73 - A 115 - D 157 - B 199 - C 241 - C

32 - E 74 - A 116 - C 158 - B 200 - E 242 - A

33 - E 75 - E 117 - B 159 - A 201 - C 243 - E

34 - D 76 - B 118 - B 160 - D 202 - B 244 - E

35 - B 77 - A 119 - B 161 - D 203 - B 245 - A

36 - C 78 - E 120 - E 162 - D 204 - D 246 - C

37 - B 79 - E 121 - C 163 - D 205 - D 247 - B

38 - D 80 - D 122 - C 164 - A 206 - C 248 - A

39 - D 81 - B 123 - C 165 - E 207 - C 249 - D

40 - B 82 - D 124 - E 166 - B 208 - A 250 - C

41 - E 83 - E 125 - D 167 - E 209 - B

42 - B 84 - E 126 - D 168 - C 210 - E

16. FLEXÃO NOMINAL

1. (CESGRANRIO) Assinale o par de vocábulos que formam o plural como órfão e mata-burro, respectivamente:

a) cristão / guarda-roupa d) tabelião / sexta-feira

b) questão / abaixo-assinado e) cidadão / salário-família

c) alemão / beija-flor

2. (U-UBERLÂNDIA) Relativamente à concordância dos adjetivos compostos indicativos de cor, uma, dentre as seguintes, está errada. Qual?

a) saia amarelo-ouro d) caixa vermelha-sangue

b) papel amarelo-ouro e) caixas vermelho-sangue

c) caixa vermelho-sangue

3. (ITA) Indique a frase correta:

a) Mariazinha e Rita são duas leva-e-trazes.

b) Os filhos de Clotilde são dois espalhas-brasas.

c) O ladrão forçou a porta com dois pés-de-cabra.

d) Godofredo almoçou duas couves-flor.

e) Alfredo e Radagásio são dois gentilhomens.

4. (BB) Flexão incorreta:

a) os cidadãos d) os tóraxes

b) os açúcares e) os fósseis

c) os cônsules

5. (BB) Mesma pronúncia de "bolos":

a) tijolos d) fornos

b) caroços e) rostos

c) olhos

6. (BB) Não varia no plural:

a) tique-taque d) pára-lama

b) guarda-comida e) cola-tudo

c) beija-flor

7. (EPCAR) Está mal flexionado o adjetivo na alternativa:

a) Tecidos verde-olivas

b) Festas cívico-religiosas

c) Guardas noturnos luso-brasileiros

d) Ternos azul-marinho

e) Vários porta-estandartes

8. (UF-UBERLÂNDIA) Na sentença "Há frases que contêm mais beleza do que verdade", temos grau:

a) comparativo de superioridade

b) superlativo absoluto sintético

c) comparativo de igualdade

d) superlativo relativo

e) superlativo por meio de acréscimo de sufixo

9. (MACK) Assinale a alternativa em que a flexão do substantivo composto está errada:

a) os pés-de-chumbo d) os cavalos-vapor

b) os corre-corre e) os vaivéns

c) as públicas-formas

10. (UM-SP) Aponte a alternativa em que haja erro quanto à flexão do nome composto:

a) vice-presidentes, amores-perfeitos, os bota-fora

b) tico-ticos, salários-família, obras-primas

c) reco-recos, sextas-feiras, sempre-vivas

d) pseudo-esferas, chefes-de-seção, pães-de-ló

e) pisca-piscas, cartões-postais, mulas-sem-cabeças

11. (UF-PR)

I - O cônjuge se aproximou.

II - O servente veio atender-nos.

III - O gerente chegou cedo.

Não está claro se é homem ou mulher:

a) no primeiro período

b) no segundo período

c) no terceiro período

d) no primeiro e no segundo períodos

e) no segundo e no terceiro períodos

12. (UM-SP) Em qual das alternativas colocaríamos o artigo definido feminino para todos os substantivos?

a) sósia - doente - lança-perfume

b) dó - telefonema - diabetes

c) clã - eclipse - pijama

d) cal - elipse - dinamite

e) champanha - criança - estudante

13. (CFET-PR) Assinale a alternativa que contém o superlativo dos seguintes adjetivos: nobre, pobre, doce, amável, sagrado:

a) nobérrimo, paupérrimo, docíssimo, amabilíssimo, sagradíssimo

b) nobilíssimo, paupérrimo, dulcíssimo, amabilíssimo, sacratíssimo

c) nobilíssimo, pobréssimo, docíssimo, amavelíssimo, sagradíssimo

d) nobérrimo, paupérrimo, docérrimo, amabilíssimo, sagradíssimo

e) nobilíssimo, pobríssimo, docíssimo, amavelíssimo, sagradíssimo

14. (MACK) Os plurais de vice-rei, porta-estandarte, navio-escola e baixo-relevo são:

a) vice-reis, porta-estandartes, navios-escola, baixos-relevo

b) vice-reis, portas-estandartes, navios-escola, baixos-relevo

c) vices-reis, porta-estandartes, navios-escola, baixo-relevos

d) vice-reis, porta-estandartes, navio-escolas, baixos-relevos

e) vice-reis, porta-estandartes, navios-escola, baixos-relevos

15. (ITA) Especifique o que estiver totalmente correto (quanto ao grau):

- **a. "cruíssimo" é o grau superlativo de "cruel" e de "cru".**
- **b. Muitas vezes o diminutivo tem valor depreciativo: mãezinha, papelucho, rapazelho, casulo, camisola.**
- **c. Deixaram de ter valor de grau aumentativo ou diminutivo: portão, cordel, cafezinho, mocinho, pequenininho.**
- **d. Em linguagem precisa são aceitáveis as expressões mais paralelo que, mais oval, redondíssimo.**
- **e. Em todas as alternativa há erros.**

16. (PUC) Adjetivo no grau superlativo relativo ocorre em:

a. Acrescento que nada mais bonito existe do que um barco a vela.
b. E havia também as casas dos pobres do outro lado, construções muito admiráveis no ar.
c. O milagre da pobreza é sempre o mais novo e o mais cálido de todos os milagres.
d. O maior barco a vela seguia o caminho invisível do vento.
e. O domingo se aquietara, quando passou zunindo um automóvel vermelho.

17. (FMU) Os plurais álcoois, caracteres e anões, respectivamente de álcool, caráter e anão são:

a) todos corretos d) incorretos os dois últimos

b) todos incorretos e) correto o primeiro e o último

c) corretos os dois últimos

18. (UF-PR) As frases deverão ter suas lacunas preenchidas conforme o modelo: A lua não é constante - é inconstante. Assim:

Apresentou uma redação sem mácula: uma redação ....

Um argumento sem defesa: um argumento ....

Aquela casa não é habitada: é ....

Meu amigo não tem habilidade: é ....

O rapaz não foi escrupuloso: foi ....

a) imaculada, indefensável, inabitável, inabilitado, desescrupuloso

b) imaculável, indefensível, inabitável, inabilitado, desescrupuloso

c) imaculada, indefensível, inabitada, inábil, desescrupuloso

d) imaculável, indefensável, inabitável, inábil, inescrupuloso

e) imaculada, indefensável, inabitada, inábil, inescrupuloso

19. (FMU) Nas orações: "Este livro é melhor do que aquele"; "Este livro é mais lido que aquele", há os graus comparativos:

a) de superioridade, respectivamente sintético e analítico

b) de superioridade, ambos analíticos

c) de superioridade, ambos sintéticos

d) relativos

e) superlativos

20. (CESGRANRIO) Assinale a opção em que ambos os termos não admitem flexão de gênero:

a) inglesa pálida d) semelhante criatura

b) jovem leitor e) moça ideal

c) alguns mestres

21. (OBJETIVO) Uma das palavras apresenta erro de flexão, indique a alternativa:

a) porta-bandeiras, mapas-múndi d) guarda-civis, afro-brasileiros

b) salvos-condutos, papéis-moeda e) mãos-de-obra, obras-primas

c) salários-família, vice-diretores

22. (OBJETIVO) O plural de "qualquer capitão-mor português" é:

a) quaisquer capitães-mores portugueses

b) quaisquer capitãos-mores portugueses

c) quaisquer capitão-mores portugueses

d) qualquer capitãos-mores portugueses

e) quaisquer capitães-mor portugueses

23. (UBERLÂNDIA) Dentre os plurais de nomes compostos aqui relacionados, há um que está errado. Qual?

a) escolas-modelo d) guardas-noturnos

b) quebra-nozes e) redatores-chefes

c) chefes-de-sessões

24. (ETF-SP) Assinalar a forma correta do plural de "O cristão vê, no cesto, apenas um peixinho e um pãozinho":

a) Os cristãos vêem nos cestos apenas uns peixinhos e uns pãezinhos.

b) Os cristões vêm nos cestos apenas uns peixinhos e uns pãezinhos.

c) Os cristãos vêm nos cestos apenas uns peixinhos e uns pãozinhos.

d) Os cristãos vêem nos cestos apenas uns peixinhos e uns pãozinhos.

e) Os cristães vêem nos cestos apenas uns peixinhos e uns pãozinhos.

25. (UFF) Assinale a única série de duplas singular-plural em que existe uma forma incorreta:

a) cidadão - cidadões d) corrimão - corrimões

b) cônsul - cônsules e) olho-de-sogra - olhos-de-sogra

c) projetil - projetis

26. (CARLOS CHAGAS) Assinale a alternativa em que as formas do plural de todos os substantivos se apresentam de maneira correta:

a) alto-falantes, coraçãozinhos, afazeres, víveres

b) espadas, frutas-pão, pé-de-moleques, peixe-bois

c) vaivéns, animaizinhos, beija-flores, águas-de-colônia

d) animalzinhos, vaivéns, salários-família, pastelzinhos

e) guardas-chuvas, guarda-costas, guardas-civis, couves-flores

27. (TRE-RJ) Segue a mesma regra de formação do plural de cidadão o seguinte substantivo:

a) botão d) tabelião

b) vulcão e) escrivão

c) cristãos

28. (TRE-MG) O elemento mórfico sublinhado não é desinência de gênero, que marca o feminino, em:

a) tristonha d) perdedoras

b) mestra e) loba

c) telefonema

29. (SÃO JUDAS) O plural de blusa verde-limão, calça azul pavão e blusão vermelho-cereja é:

a) blusas verde-limões, calças azul-pavões, blusões vermelho-cerejas

b) blusas verde-limões, calças azul-pavões, blusões vermelhos-cerejas

c) blusas verde-limão, calças azul-pavão, blusões vermelho-cereja

d) blusas verde-limão, calças azuis-pavão, blusões vermelhas-cereja

e) blusas verde-limão, calças azuis-pavão, blusões vermelho-cereja

30. (UM-SP) Aponte a frase que não contenha um substantivo empregado no grau diminutivo:

a. Coleciono corpúsculos significativos por princípios óbvios da minha natureza.
b. Faça questiúnculas somente se forem suficientes para a formação de idéias essenciais.
c. Os silvícolas optaram pelo uso da linguagem fundamental em gestos e expressões.
d. O chuvisco contínuo de gracejos sentimentais perturba-me a mente cansada.
e. Esses versículos poderão complicar sua relação com os visitantes de má política.

31. (UM-SP) Em qual das alternativas todas as palavras pertencem ao gênero masculino?

a) dinamite, agiota, trema, cal

b) dilema, perdiz, tribo, axioma

c) eclipse, telefonema, dó, aroma

d) estratagema, bílis, omoplata, gengibre

e) sistema, guaraná, rês, anátema

32. (UM-SP) Os femininos de monge, duque, papa e profeta são:

a) monja, duqueza, papisa, profetisa

b) freira, duqueza, papiza, profetisa

c) freira, duquesa, papisa, profetisa

d) monja, duquesa, papiza, profetiza

e) monja, duquesa, papisa, profetisa

33. (UM-SP) Assinale o período que não contém um substantivo sobrecomum:

- **a. Ele foi a testemunha ocular do crime naquela polêmica reunião.**
- **b. Aquela jovem ainda conserva a ingenuidade meiga e dócil da criança.**
- **c. A intérprete morreu mantendo-se como um ídolo indestrutível na memória de seus admiradores.**
- **d. As famílias desestruturam-se quando os cônjuges agem sem consciência.**
- **e. O pianista executou com melancolia e suavidade a sinfonia preferida pela platéia.**

34. (UM-SP) Assinale a alternativa correta quanto ao gênero das palavras:

a) A lança-perfume foi proibida no carnaval.

b) Os observadores terrestres esperavam atentos a eclipse da Lua.

c) A gengibre é uma erva de grande utilidade medicinal.

d) A dinamite é um explosivo à base de nitroglicerina.

e) n.d.a.

35. (UM-SP) Indique o período que não contém um substantivo no grau diminutivo:

- **a. Todas as moléculas foram conservadas com as propriedades particulares, independentemente da atuação do cientista.**
- **b. O ar senhoril daquele homúnculo transformou-o no centro das atenções na tumultuada assembléia.**
- **c. Através da vitrine da loja, a pequena observava curiosamente os objetos decorativos expostos à venda, por preço bem baratinho.**
- **d. De momento a momento, surgiam curiosas sombras e vultos apressados na silenciosa viela.**
- **e. Enquanto distraía as crianças, a professora tocava flautim, improvisando cantigas alegres e suaves.**

36. (UM-SP) Numa das seguintes frases, há uma flexão de plural errada:

a) Os escrivães serão beneficiados por esta lei.

b) O número mais importante é o dos anõezinhos.

c) Faltam os hifens nesta relação de palavras.

d) Fulano e Beltrano são dois grandes caráteres.

e) Os répteis são animais ovíparos.

37. (FESP) Nesta relação de palavras: cônjuge, criança, cobra e cliente, temos:

a) dois substantivos sobrecomuns, dois epicenos e um comum de dois

b) dois substantivos sobrecomuns, um epiceno e um comum de dois

c) um substantivo sobrecomum, dois epicenos e um comum de dois

d) dois substantivos comum de dois e dois sobrecomuns

e) três substantivos comum de dois e um epiceno

38. (FMU) O plural dos substantivos de couve-flor, pão-de-ló e amor-perfeito é:

a) couves-flores, pães-de-ló, amores-perfeitos

b) couves-flor, pão-de-lós, amores-perfeitos

c) couves-flores, pão-de-lós, amores-perfeitos

d) couves-flores, pães-de-lós, amor-perfeitos

e) couves-flores, pão-de-lós, amor-perfeitos

39. (FUVEST) Assinale a alternativa em que está correta a forma do plural:

a) júnior júniors d) mal maus

b) gavião gaviães e) atlas atlas

c) fuzil fusíveis

40. (UEPG-PR) Palavras que, originalmente diminutivos ou aumentativos, perderam essa acepção e se constituem hoje em formas normais, independentes do termo derivante:

a) pratinho, papelzinho, livreco, barcaça

b) tampinha, cigarrilha, estantezinha, elefantão

c) cartão, flautim, lingüeta, cavalete

d) chapelão, bocarra, vidrinho, martelinho

e) palhacinho, narigão, beiçorra, boquinha

41. (CESGRANRIO) Assinale a opção em que todos os adjetivos não se flexionam em gênero:

a) delgado, móbil e forte d) brilhante, agradável e esbelto

b) oval, preto e simples e) imóvel, curto e superior

c) feroz, exterior e enorme

42. (TTN) Há erro de flexão no item:

a. "A pessoa humana é vivência das condições espaço-temporais." (L.M. de Almeida)
b. A família Caymmi encontra paralelo com dois clãs do cinema mundial.
c. Hábeis artesãos utilizam técnicas sofisticadíssimas no trabalho com metais.
d. Nos revés da vida precisa-se de coragem para manter a vontade de ser feliz.
e. Ainda hoje alguns cânones da Igreja são discutidos por muitos fiéis.

43. (UEPG-PR) A frase em que o adjetivo está no grau superlativo relativo de superioridade é:

a) Estes operários são capacíssimos.

b) O quarto estava escuro como a noite!

c) Não sou menos digno que meus pais.

d) Aquela mulher é podre de rica!

e) Você foi o amigo mais sincero que eu tive.

44. (UNIRIO) Assinale o item em que houve erro na flexão do nome composto:

a) As touceiras verde-amarelas enfeitavam a campina.

b) Os guarda-roupas são de boa qualidade.

c) Na fazenda, havia muitos tatus-bola.

d) No jogo de contra-ataques, vence a melhor equipe física.

e) Os livros iberos-americanos são de fácil importação.

45. (FEI-SP) Assinale a alternativa errada quanto ao superlativo erudito:

a) amargo - amaríssimo / cruel - crudelíssimo

b) pobre - paupérrimo / livre - libérrimo

c) negro - negríssimo / doce - dulcíssimo

d) sagrado - sacratíssimo / feroz - ferocíssimo

e) magro - macérrimo / nobre - nobilíssimo

46. (CESGRANRIO) Assinale a opção em que um dos termos não admite flexão de gênero e número:

a) qualquer estudioso d) nenhum pesquisador

b) cidadão inadvertido e) cientista alienado

c) menos desenvolvido

47. (FATEC) Indique a alternativa em que não é atribuída a idéia de superlativo ao adjetivo:

a) É uma idéia agradabilíssima.

b) Era um rapaz alto, alto, alto.

c) Saí de lá hipersatisfeito.

d) Almocei tremendamente bem.

e) É uma moça assustadoramente alta.

48. (TRE-SP) As crianças colhiam .... e .... no jardim.

a) amor-perfeitos - sempres-vivas

b) amor-perfeitos - sempre-vivas

c) amores-perfeitos - sempre-vivas

d) amores-perfeitos - sempres-vivas

e) amor-perfeitos - sempres-viva

49. (TRE-SP) Os .... requereram aumento dos ....

a) escrivãos - salários-família

b) escrivães - salários-famílias

c) escrivães - salário-famílias

d) escrivães - salários-família

e) escrivãos - salários-famílias

50. (TRE-SP) Será que esses .... precisam ter as firmas reconhecidas por ....?

a) abaixo-assinados - tabeliães

b) abaixos-assinados - tabeliães

c) abaixos-assinado - tabeliões

d) abaixos-assinados - tabeliões

e) abaixo-assinados - tabeliãos

51. (TRE-SP) Sua carreira foi sempre muito desigual e cheia de ....

a) vaisvéns d) vais-e-vens

b) vaisvém e) vai-vens

c) vaivéns

52. (TRE-RJ) A alternativa em que o substantivo e o adjetivo composto formam o plural, respectivamente, como "além-mar" e "anglo-saxão" , é:

a) furta-cor / verde-oliva

b) alto-falante / surdo-mudo

c) cola-tudo / sino-soviético

d) guarda-civil / azul-marinho

e) abaixo-assinado / vermelho-claro

53. (FALM-PR) Identifique o substantivo que só se usa no plural:

a) lápis d) ônibus

b) pires e) idos

c) tênis

54. (TRE-MT) O termo que não faz o plural como cidadão é:

a) limão d) espertalhão

b) órgão e) balão

c) guardião

55. "... o tupi-guarani, língua originalíssima, aglutinante, é verdade, mas a que o polissintetismo dá muitas feições de riqueza...". Originalíssima é adjetivo no grau:

a) absoluto analítico d) comparativo de superioridade

b) absoluto sintético e) comparativo de igualdade

c) relativo de superioridade

GABARITO

1 - A 15 - E 29 - C 43 - E

2 - D 16 - C 30 - C 44 - E

3 - C 17 - A 31 - C 45 - C

4 - D 18 - E 32 - E 46 - C

5 - E 19 - A 33 - E 47 - D

6 - E 20 - D 34 - D 48 - C

7 - A 21 - D 35 - C 49 - D

8 - A 22 - A 36 - D 50 - A

9 - B 23 - C 37 - B 51 - C

10 - E 24 - A 38 - A 52 - E

11 - A 25 - A 39 - E 53 - E

12 - D 26 - C 40 - C 54 - E

13 - B 27 - C 41 - C 55 - B

14 - E 28 - C 42 - D

17. PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

1. (IBGE) Assinale a opção em que todas as palavras se formam pelo mesmo processo:

a) ajoelhar / antebraço / assinatura

b) atraso / embarque / pesca

c) o jota / o sim / o tropeço

d) entrega / estupidez / sobreviver

e) antepor / exportação / sanguessuga

2. (BB) A palavra "aguardente" formou-se por:

a) hibridismo d) parassíntese

b) aglutinação e) derivação regressiva

c) justaposição

3. (AMAN) Que item contém somente palavras formadas por justaposição?

a) desagradável - complemente

b) vaga-lume - pé-de-cabra

c) encruzilhada - estremeceu

d) supersticiosa - valiosas

e) desatarraxou - estremeceu

4. (UE-PR) "Sarampo" é:

a) forma primitiva

b) formado por derivação parassintética

c) formado por derivação regressiva

d) formado por derivação imprópria

e) formado por onomatopéia

5. (EPCAR) Numere as palavras da primeira coluna conforme os processos de formação numerados à direita. Em seguida, marque a alternativa que corresponde à seqüência numérica encontrada:

( ) aguardente 1) justaposição

( ) casamento 2) aglutinação

( ) portuário 3) parassíntese

( ) pontapé 4) derivação sufixal

( ) os contras 5) derivação imprópria

( ) submarino 6) derivação prefixal

( ) hipótese

a) 1, 4, 3, 2, 5, 6, 1 d) 2, 3, 4, 1, 5, 3, 6

b) 4, 1, 4, 1, 5, 3, 6 e) 2, 4, 4, 1, 5, 3, 6

c) 1, 4, 4, 1, 5, 6, 6

6. (CESGRANRIO) Indique a palavra que foge ao processo de formação de chapechape:

a) zunzum d) tlim-tlim

b) reco-reco e) vivido

c) toque-toque

7. (UF-MG) Em que alternativa a palavra sublinhada resulta de derivação imprópria?

a. Às sete horas da manhã começou o trabalho principal: a votação.
b. Pereirinha estava mesmo com a razão. Sigilo... Voto secreto ... Bobagens, bobagens!
c. Sem radical reforma da lei eleitoral, as eleições continuariam sendo uma farsa!
d. Não chegaram a trocar um isto de prosa, e se entenderam.
e. Dr. Osmírio andaria desorientado, senão bufando de raiva.

8. (AMAN) Assinale a série de palavras em que todas são formadas por parassíntese:

a) acorrentar, esburacar, despedaçar, amanhecer

b) solução, passional, corrupção, visionário

c) enrijecer, deslealdade, tortura, vidente

d) biografia, macróbio, bibliografia, asteróide

e) acromatismo, hidrogênio, litografar, idiotismo

9. (FFCL SANTO ANDRÉ) As palavras couve-flor, planalto e aguardente são formadas por:

a) derivação d) composição

b) onomatopéia e) prefixação

c) hibridismo

10. (FUVEST) Assinale a alternativa em que uma das palavras não é formada por prefixação:

a) readquirir, predestinado, propor d) irrestrito, antípoda, prever

b) irregular, amoral, demover e) dever, deter, antever

c) remeter, conter, antegozar

11. (LONDRINA-PR) A palavra resgate é formada por derivação:

a) prefixal d) parassintética

b) sufixal e) imprópria

c) regressiva

12. (CESGRANRIO) Assinale a opção em que nem todas as palavras são de um mesmo radical:

a) noite, anoitecer, noitada d) festa, festeiro, festejar

b) luz, luzeiro, alumiar e) riqueza, ricaço, enriquecer

c) incrível, crente, crer

13. (SANTA CASA) Em qual dos exemplos abaixo está presente um caso de derivação parassintética?

a) Lá vem ele, vitorioso do combate.

b) Ora, vá plantar batatas!

c) Começou o ataque.

d) Assustado, continuou a se distanciar do animal.

e) Não vou mais me entristecer, vou é cantar.

14. (UF-MG) Em todas as frases, o termo grifado exemplifica corretamente o processo de formação de palavras indicado, exceto em:

a) derivação parassintética - Onde se viu perversidade semelhante?

b) derivação prefixal - Não senhor, não procedi nem percorri.

c) derivação regressiva - Preciso falar-lhe amanhã, sem falta.

d) derivação sufixal - As moças me achavam maçador, evidentemente.

e) derivação imprópria - Minava um apetite surdo pelo jantar.

15. (UF-MG) Em "O girassol da vida e o passatempo do tempo que passa não brincam nos lagos da lua", há, respectivamente:

a) um elemento formado por aglutinação e outro por justaposição

b) um elemento formado por justaposição e outro por aglutinação

c) dois elementos formados por justaposição

d) dois elementos formados por aglutinação

e) n.d.a

16. (UF-SC) Aponte a alternativa cujas palavras são respectivamente formadas por justaposição, aglutinação e parassíntese:

a) varapau - girassol - enfaixar

b) pontapé - anoitecer - ajoelhar

c) maldizer - petróleo - embora

d) vaivém - pontiagudo - enfurece

e) penugem - plenilúdio - despedaça

17. (UF SÃO CARLOS) Considerando-se os vocábulos seguintes, assinalar a alternativa que indica os pares de derivação regressiva, derivação imprópria e derivação sufixal, precisamente nesta ordem:

1. **embarque**
2. **histórico**
3. **cruzes!**
4. **porquê**
5. **fala**
6. **sombrio**

a) 2-5, 1-4, 3-6 d) 2-3, 5-6, 1-4

b) 1-4, 2-5, 3-6 e) 3-6, 2-5, 1-4

c) 1-5, 3-4, 2-6

18. (VUNESP) Em "... gordos irlandeses de rosto vermelho..." e "... deixa entrever o princípio de uma tatuagem.", os termos grifados são formados, respectivamente, a partir de processos de:

a) derivação prefixal e derivação sufixal

b) composição por aglutinação e derivação prefixal

c) derivação sufixal e composição por justaposição

d) derivação sufixal e derivação prefixal

e) derivação parassintética e derivação sufixal

19. (FURG-RS) A alternativa em que todas as palavras são formadas pelo mesmo processo de composição é:

a) passatempo - destemido - subnutrido

b) pernilongo - pontiagudo - embora

c) leiteiro - histórico - desgraçado

d) cabisbaixo - pernalta - vaivém

e) planalto - aguardente - passatempo

20. (UNISINOS) O item em que a palavra não está corretamente classificada quanto ao seu processo de formação é:

a) ataque - derivação regressiva

b) fornalha - derivação por sufixação

c) acorrentar - derivação parassintética

d) antebraço - derivação prefixal

e) casebre - derivação imprópria

21. (FUVEST) Nas palavras: atenuado, televisão, percurso temos, respectivamente, os seguintes processos de formação das palavras:

a) parassíntese, hibridismo, prefixação

b) aglutinação, justaposição, sufixação

c) sufixação, aglutinação, justaposição

d) justaposição, prefixação, parassíntese

e) hibridismo, parassíntese, hibridismo

22. (UF-UBERLÂNDIA) Em qual dos itens abaixo está presente um caso de derivação parassintética:

a) operaçãozinha d) assustadora

b) conversinha e) obrigadinho

c) principalmente

23. (OBJETIVO) "O embarque dos passageiros será feito no aterro". Os dois termos sublinhados representam, respectivamente, casos de:

a) palavra primitiva e palavra primitiva

b) conversão e formação regressiva

c) formação regressiva e conversão

d) derivação prefixal e palavra primitiva

e) formação regressiva e formação regressiva

24. (UFF-RIO) O vocábulo catedral, do ponto de vista de sua formação é:

a) primitivo d) parassintético

b) composto por aglutinação e) derivado regressivo de catedrático

c) derivação sufixal

24. (PUC) Assinale a classificação errada do processo de formação indicado:

a) o porquê - conversão ou derivação imprópria

b) desleal - derivação prefixal

c) impedimento - derivação parassintética

d) anoitecer - derivação parassintética

e) borboleta - primitivo

25. (UF-PR) A formação do vocábulo sublinhado na expressão "o canto das sereias" é:

a) composição por justaposição d) derivação sufixal

b) derivação regressiva e) palavra primitiva

c) derivação prefixal

26. (ES-UBERLÂNDIA) Todos os verbos seguintes são formados por parassíntese (derivação parassintética), exceto:

a) endireitar d) desvalorizar

b) atormentar e) soterrar

c) enlouquecer

27. (FUVEST) Assinalar a alternativa em que a primeira palavra apresenta sufixo formador de advérbio e, a segunda, sufixo formador de substantivo:

a) perfeitamente varrendo d) atrevimento ignorância

b) provavelmente erro e) proveniente furtado

c) lentamente explicação

28. (FUVEST) As palavras adivinhar - adivinho e adivinhação - têm a mesma raiz, por isso são cognatas. Assinalar a alternativa em que não ocorrem três cognatos:

a) alguém - algo - algum

b) ler, leitura - lição

c) ensinar - ensino, ensinamento

d) candura - cândido - incandescência

e) viver - vida - vidente

29. (FCMSC-SP) As palavras expatriar, amoral, aguardente, são formadas por:

a) derivação parassintética, prefixal, composição por aglutinação

b) derivação sufixal, prefixal, composição por aglutinação

c) derivação prefixal, prefixal, composição por justaposição

d) derivação parassintética, sufixal, composição por aglutinação

e) derivação prefixal, prefixal, composição por justaposição

30. (MACK) As palavras entardecer, desprestígio e oneroso, são formadas, respectivamente, por:

a) prefixação, sufixação e parassíntese

b) sufixação, prefixação e parassíntese

c) parassíntese, sufixação e prefixação

d) sufixação, parassíntese e prefixação

e) parassíntese, prefixação e sufixação

31. (FUVEST) Foram formadas pelo mesmo processo as seguintes palavras:

a) vendavais, naufrágios, polêmicas

b) descompõem, desempregados, desejava

c) estendendo, escritório, espírito

d) quietação, sabonete, nadador

e) religião, irmão, solidão

32. (TRE-ES) Quem possui inveja é:

a) invejozo d) invejoso

b) invejeiro e) invejador

c) invejado

33. (ETF-SP) Assinalar a alternativa que indique corretamente o processo de formação das palavras sem-terra, sertanista e desconhecido:

a. composição por justaposição, derivação por sufixação, derivação por prefixação e sufixação
b. composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por parassíntese
c. composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por sufixação
d. composição por justaposição, derivação por sufixação e composição por aglutinação
e. composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por prefixação

34. (FUVEST) Assinalar a alternativa que registra a palavra que tem o sufixo formador de advérbio:

a) desesperança d) extremamente

b) pessimismo e) sociedade

c) empobrecimento

35. (CESGRANRIO) Os vocábulos aprimorar e encerrar classificam-se, quanto ao processo de formação de palavras, respectivamente, em:

a) parassíntese - prefixação

b) parassíntese - parassíntese

c) prefixação - parassíntese

d) sufixação - prefixação e sufixação

e) prefixação e sufixação - prefixação

36. (PUC) Considerando o processo de formação de palavras, relacione a coluna da direita com a da esquerda:

(1) derivação imprópria ( ) desenredo

(2) prefixação ( ) narrador

(3) prefixação e sufixação ( ) infinitamente

(4) sufixação ( ) o voar

(5) composição por justaposição ( ) pão de mel

a) 3, 4, 2, 5, 1 d) 2, 4, 3, 5, 1

b) 2, 4, 3, 1, 5 e) 4, 1, 5, 2, 3

c) 4, 1, 5, 3, 2

37. (ETF-SP) Assinalar a alternativa em que as duas palavras são formadas por parassíntese:

a) indisciplinado - desperdiçar

b) incineração - indescritível

c) despedaçar - compostagem

d) endeusado - envergonhar

e) descamisado - desonestidade

38. (ETF-SP) Assinalar a alternativa correta quanto à formação das seguintes palavras: girassol; destampado; vinagre; irreal.

a) sufixação; parassíntese; aglutinação; prefixação

b) justaposição; prefixação e sufixação; aglutinação; prefixação

c) justaposição; prefixação e sufixação; sufixação; parassíntese

d) sufixação; parassíntese; derivação regressiva; sufixação

e) aglutinação; prefixação; aglutinação; justaposição

39. (CESGRANRIO) As palavras esquartejar, desculpa e irreconhecível foram formadas, respectivamente, pelos processos de:

a) sufixação - prefixação - parassíntese

b) sufixação - derivação regressiva - prefixação

c) composição por aglutinação - prefixação - sufixação

d) parassíntese - derivação regressiva - prefixação

e) parassíntese - derivação imprópria - parassíntese

40. (PUC-RJ) A palavra engrossar apresenta o mesmo processo de formação de:

a) embalançar d) encobrir

b) abstrair e) perfurar

c) encaixotar

1 - B 11 - C 21 - A 31 - D

2 - B 12 - B 22 - D 32 - D

3 - B 13 - E 23 - E 33 - A

4 - C 14 - A 24 - C 24-C 34 - D

5 - E 15 - C 25 - B 35 - A

6 - E 16 - D 26 - D 36 - B

7 - D 17 - C 27 - C 37 - D

8 - A 18 - D 28 - C 38 - B

9 - D 19 - B 29 - A 39 - D

10 - E 20 - E 30 - E 40 - C

18. CLASSIFICAÇÃO DE PALAVRAS

1. (IBGE) Assinale o par de frases em que as palavras sublinhadas são substantivo e pronome, respectivamente:

A imigração tornou-se necessária. / É dever cristão praticar o bem.

- A Inglaterra é responsável por sua economia. / Havia muito movimento na praça.
- Fale sobre tudo o que for preciso. / O consumo de drogas é condenável.
- Pessoas inconformadas lutaram pela abolição. / Pesca-se muito em Angra dos Reis.
- Os prejudicados não tinham o direito de reclamar. / Não entendi o que você disse.

2. (U-BRASÍLIA) Assinale o item que só contenha preposições:

a) durante, entre, sobre d) em, caso, após

b) com, sob, depois e) após, sobre, acima

c) para, atrás, por

3. (TTN) Observe as palavras grifadas da seguinte frase: "Encaminhamos a V. Senhoria cópia autêntica do Edital nº 19/82." Elas são, respectivamente:

a) verbo, substantivo, substantivo d) pronome, adjetivo, substantivo

b) verbo, substantivo, advérbio e) pronome, adjetivo, adjetivo

c) verbo, substantivo, adjetivo

4. (CESGRANRIO) Assinale a opção em que a locução grifada tem valor adjetivo:

a. "Comprei móveis e objetos diversos que entrei a utilizar com receio."
b. "Azevedo Gondim compôs sobre ela dois artigos."
c. "Pediu-me com voz baixa cinqüenta mil réis."
d. "Expliquei em resumo a prensa, o dínamo, as serras..."
e. "Resolvi abrir o olho para que vizinhos sem escrúpulos não se apoderassem do que era delas."

5. (EPCAR) Aponte a alternativa em que a palavra em negrito é conjunção explicativa:

a) Como estivesse cansado, não foi trabalhar.

b) Assim que fores ao Rio, não te esqueças de avisar-me.

c) Retirou-se antes, já que assim o quis.

d) Não se aborreça, que estamos aqui para ouvi-lo.

e) Não compareceu, porque não foi avisado.

6. (SANTA CASA) O "que" está com função de preposição na alternativa:

a) Veja que lindo está o cabelo da nossa amiga!

b) Diz-me com quem andas, que eu te direi quem és.

c) João não estudou mais que José, mas entrou na Faculdade.

d) O Fiscal teve que acompanhar o candidato ao banheiro.

e) Não chore que eu já volto.

7. (BB) "Saberão que nos tempos do passado o doce amor era julgado um crime."

a) 1 preposição d) 7 palavras átonas

b) 3 adjetivos e) 4 substantivos

c) 4 verbos

8. (UC-MG) Em "Orai porque não entreis em tentação", o valor da conjunção do período é de:

a) causa d) explicação

b) condição e) finalidade

c) conformidade

9. (UF-MG) As expressões sublinhadas correspondem a um adjetivo, exceto em:

a) João Fanhoso anda amanhecendo sem entusiasmo.

b) Demorava-se de propósito naquele complicado banho.

c) Os bichos da terra fugiam em desabalada carreira.

d) Noite fechada sobre aqueles ermos perdidos da caatinga sem fim.

e) E ainda me vem com essa conversa de homem da roça.

10. (ITA) Assinalar a alternativa que corretamente preenche a lacuna da sentença: "....... meus conselhos, ele pediu demissão."

a) Entrementes d) Malgrado

b) Máxime e) Destarte

c) Mormente

11. (PUC) No trecho: "E o azul, o azul virginal onde as águias e os astros gozam, tornou-se o azul espiritualizado...", as palavras destacadas correspondem morfologicamente, pela ordem, a:

a) adjetivo - pronome relativo - substantivo - pronome relativo

b) substantivo - pronome relativo - substantivo - pronome reflexivo

c) adjetivo - advérbio - substantivo - pronome reflexivo

d) substantivo - advérbio - advérbio - pronome relativo

e) adjetivo - conjunção - substantivo - pronome

12. (UM-SP) Na frase "As negociações estariam meio abertas só depois de meio período de trabalho", as palavras destacadas são, respectivamente:

a) adjetivo, adjetivo d) numeral, adjetivo

b) advérbio, advérbio e) numeral, advérbio

c) advérbio, adjetivo

13. (UFJF-MG) Assinale a alternativa onde aparecem substantivos simples, respectivamente, concreto e abstrato:

a) água, vinho d) Jesus, abaixo-assinado

b) Pedro, Jesus e) Nova Iorque, Deus

c) Pilatos, verdade

14. (UNESP) Assinale o caso em que não haja expressão numérica de sentido indefinido:

a) Ele é o duodécimo colocado.

b) Quer que veja este filme pela milésima vez?

c) "Na guerra os meus dedos dispararam mil mortes."

d) "A vida tem uma só entrada; a saída é por cem portas."

e) n.d.a

15. (UN-UBERLÂNDIA) Das frase seguintes, uma contém uma locução adjetiva. Marque-a:

a) Esta é a torneira de água quente. d) Esta boneca é muito feia.

b) Comprei uma lâmpada vermelha. e) Ela é uma mulher corajosa.

c) O piano dela é alemão.

16. (CESGRANRIO) Nas frases: "faz-lhes mal a escuridão" e "... que mal se adivinhará..." a palavra "mal" é, respectivamente, substantivo e advérbio. Pode ela ainda ter outra classificação, como numa das frases seguintes. Assinale-a:

a) Que mal há em ser idealista?

b) Tudo, tudo vai mal, meu bom amigo.

c) A chuva começou a cair, mal saímos.

d) Os namorados agora estão de mal.

e) Provou os frutos da árvore do mal.

17. (UF-ES) Milhão tem como ordinal correspondente milionésimo. A relação entre cardinais e ordinais se apresenta inadequada na opção:

a. cinqüenta - qüinquagésimo, novecentos e um - nongentésimo primeiro
b. setenta - setuagésimo, quatrocentos e trinta - quadringentésimo trigésimo
c. oitenta - octingentésimo (oitenta - octogésimo), trezentos e vinte - trecentésimo vigésimo
d. quarenta - quadragésimo, duzentos e quatro - ducentésimo quarto
e. noventa - nonagésimo, seiscentos e sessenta - sexcentésimo sexagésimo

18. (UNIFOR-CE) Na frase: "Passaram dois homens a discutir, um a gesticular e o outro com a cara vermelha", o termo a está empregado, sucessivamente, como:

a) artigo, preposição preposição

b) pronome, preposição, artigo

c) preposição, preposição, artigo

d) preposição, pronome, preposição

e) preposição, artigo, preposição

19. (ITA) Nos trechos: "A menina conduz-me diante do leão..."; "... sobre o focinho contei nove ou dez moscas..."; "... a juba emaranhada e sem brilho."

Sob o ponto de vista gramatical, os termos destacados são, respectivamente:

a) locução adverbial, locução adverbial, locução adverbial

b) locução conjuntiva, locução adjetiva, locução adverbial

c) locução adjetiva, locução adverbial, locução verbal

d) locução prepositiva, locução adverbial, locução adjetiva

e) locução adverbial, locução prepositiva, locução adjetiva

20. (UE PONTA GROSSA-PR) As formas que traduzem vivamente os sentimentos súbitos, espontâneos e instintivos dos falantes são denominados:

a) conjunções d) locuções

b) interjeições e) coordenações

c) preposições

21. (UNB-DF) Assinale a frase em que "meio" funciona como advérbio:

a) Só quero meio quilo. d) Parou no meio da rua.

b) Achei-o meio triste. e) Comprou um metro e meio.

c) Descobri o meio de acertar.

22. (ITA) Assinale o que estiver correto:

a. Seiscentismo se refere ao século XVI.
b. O algarismo romano da frase anterior se lê: décimo sexto.
c. Duodécuplo significa duas vezes; dodécuplo, doze vezes.
d. Ambos os dois é forma enfática correta.
e. Quadragésimo, quarentena, quadragésima, quaresma só aparentemente se referem a quarenta.

23. (FUVEST) "Podem acusar-me: estou com a consciência tranqüila." Os dois pontos do período acima poderiam ser substituídos por vírgula, explicando-se o nexo entre as duas orações pela conjunção:

a) portanto d) pois

b) e e) embora

c) como

24. (FECAP) Classifique as palavras como nas construções seguintes, numerando, convenientemente, os parênteses:

1) preposição

2) conj. subord. causal

3) conj. subord. conformativa

4) conj. coord. aditiva

5) adv. interrogativo de modo

( ) Perguntamos como chegaste aqui.

( ) Percorrera as salas como eu mandara.

( ) Tinha-o como amigo.

( ) Como estivesse frio, fiquei em casa.

( ) Tanto ele como o irmão são meus amigos.

a) 2 - 4 - 5 - 3 - 1 d) 3 - 1 - 2 - 4 - 5

b) 4 - 5 - 3 - 1 - 2 e) 1 - 2 - 4 - 5 - 3

c) 5 - 3 - 1 - 2 - 4

25. (MACK) Em "A maneira como respondeu é estranha", a palavra grifada é:

a) advérbio d) conjunção subordinada causal

b) pronome relativo e) conjunção subordinada comparativa

c) pronome indefinido

26. (UFUB-MG) Talvez seja bom que o proprietário do imóvel possa desconfiar de que ele não é tão imóvel assim. A palavra destacada é, respectivamente:

a) substantivo e substantivo d) advérbio e adjetivo

b) substantivo e adjetivo e) adjetivo e advérbio

c) adjetivo e verbo

27. (FESP) Assinale a alternativa correspondente à classe gramatical da palavra a, respectivamente: Esta gravata é a que recebi; Estou disposto a tudo; Fiquei contente com a nota; Comprei-a logo que a vi.

a) artigo - artigo - preposição - preposição

b) preposição - artigo - pronome demonstrativo - artigo

c) pronome demonstrativo - preposição - artigo - pronome pessoal

d) pronome pessoal - preposição - artigo - pronome pessoal

e) nenhuma das alternativas

28. (PUC) No trecho: "Todo romancista, todo poeta, quaisquer que sejam os rodeios que possa fazer a teoria literária, deve falar de ... o mundo e o escritor fala, eis a literatura." A palavra destacada é:

a) advérbio de inclusão d) palavra denotadora de inclusão

b) advérbio de designação e) palavra denotadora de designação

c) conjunção subordinativa

29. (FESP) Assinale a opção em que o A é, respectivamente, artigo, pronome pessoal e preposição:

a) Esta é a significação a que me referi e não a que entendeste.

b) A dificuldade é grande e sei que a resolverei a curto prazo.

c) A escrava declarou que preferia a morte à escravidão,

d) Esta é a casa que comprei e não a que vendi a ele.

e) A que cometeu a falta receberá a punição.

30. (FAAP) Assinale a alternativa cuja relação é incorreta:

a) Sorria às crianças que passavam - pronome relativo

b) Declararam que nada sabem - conjunção integrante

c) Que alegre manifestação a sua - advérbio de intensidade

d) Que enigmas há nesta vida - pronome adjetivo indefinido

e) Uma ilha que não consta no mapa - conjunção coord. explicativa

31. (FMU) Procure e assinale a única alternativa em que há erro, quanto ao problema do emprego do artigo:

a) Nem todas opiniões são valiosas.

b) Disse-me que conhece todo o Brasil.

c) Leu todos os dez romances do escritor.

d) Andou por todo Portugal.

e) Todas cinco, menos uma, estão corretas.

32. (FMU) Triplo e tríplice são numerais:

a) ordinal o primeiro e multiplicativo o segundo

b) ambos ordinais

c) ambos cardinais

d) ambos multiplicativos

e) multiplicativo o primeiro e ordinal o segundo

33. (CESGRANRIO) Assinale a oração em que o termo cego(s) é um adjetivo:

a. Os cegos habitantes de um mundo esquemático, sabem onde ir...
b. O cego de Ipanema representava naquele momento todas as alegorias da noite escura da alma ...
c. Todos os cálculos do cego se desfaziam na turbulência do álcool.
d. Naquele instante era só um pobre cego.
e. ... da Terra que é um globo cego girando no caos.

34. (FATEC) Indique o erro quanto ao emprego do artigo:

a) Em certos momentos, as pessoas as mais corajosas se acovardam.

b) Em certos momentos, as pessoas mais corajosas se acovardam.

c) Em certos momentos, pessoas as mais corajosas se acovardam.

d) Em certos momentos, as mais corajosas pessoas se acovardam.

e) n.d.a

35. (PUC) Assinale a alternativa em que aparece a conjunção final que:

a) Não sei que digo a você.

b) Cinco dias são passados que dali saímos.

c) Peço a Deus que te faça venturoso.

d) Crio estas crianças, que vês, que refrigério sejam da minha velhice.

e) n.d.a

36. (PUC) Em "A gente não pode dormir / com os oradores e os pernilongos", a expressão sublinhada pode indicar idéia de:

a) companhia d) modo

b) instrumento e) causa

c) conseqüência

37. (FAU-SANTOS) Em "Vem caindo devagar / Tão devagar vem caindo / Que dá tempo a um passarinho... . " A palavra que dá idéia de:

a) comparação d) causa

b) oposição e) conseqüência

c) condição

38. (PUCC) Assinale a alternativa onde a palavra em destaque é pronome:

a) O homem que chegou é meu amigo.

b) Notei um quê de tristeza em seu rosto.

c) Importa que compareçamos.

d) Ele é que disse isso!

e) Vão ter que dizer a verdade.

39. (UNIMEP) "Ele era um bom profissional, no entanto, não o contrataram." Comece com: "Não o contrataram, ..."

a) por isso d) entretanto

b) mas e) ainda que

c) uma vez que

40. (UFE VIÇOSA-MG) Ele assumiu a chefia do cargo, embora não estivesse preparado para isso. Comece com: Ele não estava ...

a) todavia d) desde que

b) de forma que e) conforme

c) porquanto

41. (UFE VIÇOSA-MG) Você entregou a carta ao meu correspondente? Comece com: Perguntei-lhe desconfiado ...

a) que d) se

b) como e) para que

c) quanto

42. (UM-SP) Assinale a alternativa em que há erro:

a) Li a notícia no *Estado de São Paulo*.

b) Li a notícia em *O Estado de São Paulo*.

c) Esta notícia, eu a vi em *A Gazeta*.

d) Vi essa notícia em *A Gazeta*

e) Foi em *O Estado de São Paulo* que li a notícia.

43. (ESAN-SP) Em qual dos casos o artigo denota familiaridade:

a) O Amazonas é um rio imenso.

b) D. Manoel, o Venturoso, era bastante esperto.

c) O Antônio comunicou-se com o João.

d) O professor João Ribeiro está doente.

e) Os Lusíadas são um poema épico.

44. (ITA) Determine o caso em que o artigo tem valor de qualificativo:

a) Estes são os candidatos de que lhe falei.

b) Procure-o, ele é o médico.

c) Certeza e exatidão, estas qualidades não as tenho.

d) Os problemas que o afligem não me deixam descuidado.

e) Muita é a procura; pouca a oferta.

45. (UFUB-MG) Em uma das frases, o artigo definido está empregado erradamente. Em qual?

a) A velha Roma está sendo modernizada.

b) A "Paraíba" é uma bela fragata.

c) Não reconheço agora a Lisboa do meu tempo.

d) O gato escaldado tem medo de água fria.

e) O Havre é um porto de muito movimento.

46. (UNISINOS) O item em que a locução adjetiva não corresponde ao adjetivo dado é:

a) hibernal - de inverno d) docente - do professor

b) filatélico - de folhas e) onírico - de sonho

c) discente - de aluno

47. (FUPE) Indique o item em que os numerais estão corretamente empregados:

a) Ao papa Paulo Seis sucedeu João Paulo primeiro.

b) Após o parágrafo nono, virá o parágrafo décimo.

c) Depois do capítulo sexto, li o capítulo décimo primeiro.

d) Antes do artigo dez vem o artigo nono.

e) O artigo vigésimo segundo foi revogado.

48. (FMU) Sabendo-se que os numerais podem ser cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários, podemos dar os seguintes exemplos:

a. um (cardinal), primeiro (ordinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário)
b. um (cardinal), milésimo (ordinal), undécuplo (multiplicativo) e meio fracionário)
c. um (ordinal), primeiro (cardinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário)
d. um (ordinal), primeiro (cardinal), cêntuplo (multiplicativo) e centésimo (fracionário)
e. um (cardinal), primeiro (ordinal), duplo (multiplicativo), não existindo numeral denominado fracionário

49. (UEPG-PR) Na oração: "Certos amigos não chegaram a ser jamais amigos certos", o termo destacado é sucessivamente:

a) adjetivo e pronome

b) pronome adjetivo e adjetivo

c) pronome substantivo e pronome adjetivo

d) pronome adjetivo e pronome indefinido

e) adjetivo anteposto e adjetivo posposto

50. (UFUB-MG) "foram intimados a comparecer ..."; "... não a fizeram..."; "... a sua oração.." As três ocorrências do a são, respectivamente:

a) preposição, pronome, preposição d) preposição, pronome, artigo

b) artigo, artigo, preposição e) artigo, pronome, pronome

c) pronome, artigo, preposição

51. (UM-SP) Embora todas as conjunções sejam aditivas, uma oração apresenta idéia de adversidade:

a) Não achou os documentos e nem as fotocópias.

b) Queria estar atento à palestra e o sono chegou.

c) Não só aprecio a Medicina como também a Odontologia.

d) Escutei o réu e lhe dei razão.

e) Não só escutei o réu mas também lhe dei razão.

52. (UM-SP) Assinale a alternativa em que a palavra como assume valor de conjunção subordinativa conformativa:

- **a. Como ele mesmo afirmou, viveu sempre tropeçando nos embrulhos da vida.**
- **b. Como não tivesse condições necessárias para competir, participou com muita insegurança, das atividades esportivas.**
- **c. As frustrações caminham rápidas como as tempestades das matas devastadoras.**
- **d. Indaguei-me apreensiva como papai tinha assumido aquela contínua postura de contemplação.**
- **e. Como as leis eram tentativas naquele vilarejo, todos os moradores entavam um meio de obediência às normas morais.**

53. (UM-SP) Indique a oração que apresenta locução prepositiva:

- **a. Havia objetos valiosos sobre a pequena mesa de mármore.**
- **b. À medida que os inimigos se aproximavam, as tropas inglesas recuavam.**
- **c. Seguiam a maneira militar devido à influência do pai.**
- **d. Agiu de caso pensado, quando se afastou de você.**
- **e. De repente, riscou e reescreveu o texto.**

54. (UM-SP) No período "O povoado século XX está a bordo de uma vida desgastante, cheia de imprevistos inconvenientes", a preposição em realce está indicando relação de:

a) fim d) modo

b) lugar e) meio

c) causa

55. (FAZLES-SP) Assinale a função morfológica de caro em "Ele vendeu caro as mercadorias".

a) substantivo d) pronome

b) adjetivo e) preposição

c) advérbio

56. (OBJETIVO) Assinale a opção em que o termo destacado, quando posposto ao substantivo, muda de significado e passa a pertencer a outra classe de palavras:

a) complicada solução d) certos lugares

b) inapreciável valor e) engenhosos métodos

c) extraordinária capacidade

57. (FUVEST) "... levaram a adotar"; "a sua morte..."; "... não a pôs..." As três ocorrências do a são, respectivamente:

a) preposição, pronome, preposição d) artigo, artigo, preposição

b) pronome, artigo, preposição e) artigo, pronome, pronome

c) preposição, artigo, pronome

58. (CESGRANRIO) Assinale a opção em que a substituição efetuada não altera o sentido fundamental do enunciado: "Não obstante essa propaganda, as dificuldades surgiram."

a) Através dessa propaganda, as dificuldades surgiram.

b) Em razão dessa propaganda, as dificuldades surgiram.

c) A despeito dessa propaganda, as dificuldades surgiram.

d) Diante dessa propaganda, as dificuldades surgiram.

e) Depois dessa propaganda, as dificuldades surgiram.

59. (UM-SP) Aponte o período em que a palavra se seja uma conjunção subordinada integrante:

a. A tristeza daquela jovem se funda em problemas sociais.
b. Em suas palavras, não se separam mentiras e verdades.
c. Se essa obra fosse impressa no Brasil, teria o valor de oito mil cruzeiros.
d. Os dirigentes indagaram se seriam ordens adequadas a seus subalternos.
e. Os chefes administrativos mantêm-se atualizados quanto a questões existenciais das mais complexas.

60. (UM-SP) Na frase: "Você é que pensa que a vida flui segundo as leis do poder!", a palavra que classifica-se, respectivamente, como:

a) palavra de realce, pronome relativo

b) advérbio de intensidade, conjunção integrante

c) advérbio de intensidade, pronome relativo

d) conjunção integrante, pronome relativo

e) palavra de realce, conjunção integrante

61. (MACK) "Tempo-será"

A Eternidade está longe / (Menos longe que o estirão / Que existe entre o meu desejo / E a palma da minha mão). /

Um dia serei feliz? / Sim, mas não há de ser já: / A Eternidade está longe / Brinca de tempo-será." (Manuel Bandeira)

Em "Brinca de tempo-será", podemos afirmar que, morfologicamente, tempo-será é:

a) adjetivo composto d) locução adjetiva

b) advérbio e) substantivo composto

c) locução adverbial

62. (BB) Não contém locução adjetiva:

a) Só há tristezas na guerra. d) Olha a beleza do céu.

b) Vede a majestade do mar. e) Fala da situação da economia.

c) Admirai a grandeza do Universo.

63. (BB) Ele discursou de improviso. O termo sublinhado é locução:

a) adverbial d) adjetiva

b) conjuntiva e) prepositiva

c) explicativa

64. (BB) Morfologicamente, a expressão sublinhada na frase abaixo é classificada como locução - Estava à toa na vida ...

a) adjetiva d) conjuntiva

b) adverbial e) substantiva

c) prepositiva

65. (BB) O João é jogador indisciplinado. O artigo transmite idéia de:

a) admiração d) inferioridade

b) indeterminação e) superioridade

c) intimidade

66. (BB) Única oração contendo, simultaneamente, pronome, advérbio e preposição:

a) João viajou ontem com a esposa.

b) Não queremos partir agora.

c) Ele é muito bom quando sóbrio.

d) O que me pede está muito difícil de conseguir.

e) Hoje os atletas correrão por aqui.

67. (BANESPA) Assinale a alternativa em que é incorreta a correspondência entre a locução adjetiva equivalente:

a) investimento de vulto: investimento vultuoso.

b) azul do céu: azul celeste.

c) calor de verão: calor estival.

d) ilha de gelo: ilha glacial.

e) empréstimo com usura: empréstimo usurário.

68. (BANESPA) Assinale a alternativa em que o termo grifado é artigo indefinido:

a) As amigas não puderam ajudá-la.

b) Anime-se, meu amigo, a garrafa ainda não está cheia.

c) Uma árvore caiu na estrada.

d) Por favor, abra a porta.

e) O pobre homem entregou-se ao vício.

69. (BANESPA) Assinale a alternativa em que o numeral está empregado incorretamente:

a) Transcreva a página vinte e duas.

b) Moro na Rua Vinte e Cinco, casa 8.

c) A vigésima quarta hora acabara de soar.

d) Deram-se alguns saltos tríplices.

e) Meu avô tem o triplo da minha idade.

70. (BANESPA) "Que altas são as montanhas daqui!" Nesta frase, o termo grifado classifica-se como:

a) conjunção subordinativa causal d) pronome interrogativo

b) conjunção subordinativa integrante e) advérbio de intensidade

c) pronome relativo

71. (ADM. POSTAL CORREIOS) Indique a frase com mau emprego da preposição:

a) Encontramos com os antigos colegas na conferência.

b) Recebemos autorização para sair.

c) Nestas férias fomos em cidades e recantos maravilhosos.

d) O chefe acusou o funcionário por mau procedimento.

e) Este homem é querido de todos.

72. (FARIAS BRITO) "Por que viver d'amor e amar a vida, / se para o bem amar a vida é breve, / se para o bem viver é breve o amor?" (Guilherme de Almeida: "Soneto VIII", em Toda a Poesia) Uma palavra que pertence a certa classe gramatical passou, no texto, a pertencer a outra classe. Essa palavra é:

a) "Por que" d) "viver"

b) "amar" e) "bem"

c) "amor"

73. (FAC. FRANCISCANAS) Assinale a alternativa em que meio funciona como advérbio e adjetivo, respectivamente.

a. Só quis meio quilo. Era já meio caminho andado.
b. Ficou meio triste, porque o professor lhe havia tirado meio ponto.
c. Descobri o meio de acertar o carro no meio-fio da calçada.
d. Usara de um meio, que me deixou meio indeciso.

e. Comprou somente um metro e meio de pano, porque não tinha outro meio de pegá-lo.

(CARLOS CHAGAS) As questões 74 a 78 apresentam um período em que você deverá modificar, iniciando-o conforme se sugere, mas sem alterar a idéia contida no primeiro. Em conseqüência, outras partes da frase sofrerão alterações. Assinale a alternativa que contém o elemento adequado ao novo período.

74. Penso, logo existo. Comece com: Existo ....

a) na medida em que d) enquanto

b) conforme e) à medida que

c) pois

75. Não chegue tarde, pois muita gente virá procurá-lo. Comece com: Muita gente virá ...

a) porquanto d) dado que

b) entretanto e) visto que

c) por conseguinte

76. Logo que entrou em casa, foi pedindo o jantar em altos brados. Comece com: Foi pedindo ...

a) somente quando d) já que

b) tanto quanto e) apenas

c) segundo

77. Eu gritei, mas ninguém ouviu. Comece com: Ninguém me ouvir ...

a) visto que d) ainda que

b) portanto e) por isso

c) então

78. Já vou distribuir as provas; portanto, guardem os livros e os cadernos. Comece com: Guardem ...

a) por conseguinte d) todavia

b) que e) logo

c) mesmo que

79. (FAC. RUI BARBOSA) Assinale a alternativa em que ocorre combinação de uma preposição com um pronome demonstrativo:

a) Estou na mesma situação.

b) Neste momento, encerramos nossas transmissões.

c) Daqui não saio.

d) Ando só pela vida.

e) Acordei num lugar estranho.

80. (PUC) Em: "... esses merecem perdão ou reparação total?" O conectivo ou encerra a idéia de:

a) exclusão d) condição

b) alternância e) simultaneidade

c) adição

81. (PUC) A vida transcorre entre o sucesso e o insucesso. É importante, ..., que o adolescente enfrente adversidades, fracassos e frustrações para que possa, segundo a canção popular, "sacudir a poeira e dar a volta por cima". A conjunção que introduz uma idéia de conclusão é:

a) porquanto d) contudo

b) porém e) conquanto

c) pois

82. (TFC) Assinale a única opção que provoca mudança de sentido, se colocada no lugar da palavra sublinhada no texto ao lado: "Malgrado fosse muito inteligente, não obteve bons resultados nas provas do Concurso."

a) Embora d) Ainda que

b) Se bem que e) Não obstante

c) Dado que

83. (UNIRIO) A palavra sublinhada em Que fim levou o saca-rolhas?, pertence à mesma classe daquela destacada numa das opções abaixo. Assinale-a:

a) Não recitou o poema que pedíramos.

b) Saia, que promessas não nos comovem.

c) Queria saber que dificuldades ainda enfrentaremos.

d) E se repetisse que tudo não passara de um engano?

e) Que lindo dia!

84. (FUVEST) "Foi um técnico de sucesso mas nunca conseguiu uma reputação no campo à altura da sua reputação de vestiário. "Começando a frase por "Nunca conseguiu uma reputação no campo à altura da sua reputação de vestiário", para manter a mesma relação lógica expressa na frase dada inicialmente deve-se continuar com:

a) enquanto foi... d) desde que fosse...

b) na medida em que era... e) porquanto era...

c) ainda que tenha sido...

85. (FUVEST) Nas frase abaixo, cada espaço pontilhado corresponde a uma conjunção retirada.

1. "Porém já cinco sóis eram passados .... dali nos partíramos..."

2. .... estivesse doente faltei à escola.

3. .... haja maus nem por isso devemos descrer dos bons.

4. Pedro será aprovado .... estude.

5. .... chova sairei de casa.

As conjunções retiradas são, respectivamente:

a) quando, ainda que, sempre que, desde que, como

b) que, como, embora, desde que, ainda que

c) como, que, porque, ainda que, desde que

d) que, ainda que, embora, como, logo que

e) que, quando, embora, desde que, já que

86. (FUVEST) "Pois venha de lá esse primor."; "Não está cá o artista"; "... pois venha daí um dueto comigo." Nos trechos acima, as expressões de lá, cá, daí podem equivaler, respectivamente a:

a) de mim, contigo, dele

b) de ti, comigo, de ti

c) daquele lugar, neste lugar, dos paços

d) daquele lugar, nesse lugar, do artista

e) da inspiração do gênio, aqui, das catedrais

87. (FUVEST) "Que não pedes um diálogo de amor, é claro, desde que impões a cláusula da meia-idade." O segmento grifado poderia ser substituído, sem alterar o sentido da frase, por:

a) desde que imponhas d) conquanto imponhas

b) se bem que impões e) porquanto impões

c) contanto que imponhas

88. (TRE-RJ) O conectivo sublinhado estabelece uma ligação mal feita (coesão inadequada), quanto ao sentido, em:

a) Li este livro, mas não o entendi.

b) Como chegou atrasado, proibiram-no de entrar.

c) Ainda que ele queira, ninguém o ajudará em suas tarefas.

d) Estudou muito pouco para o concurso, pois conseguiu passar.

e) Tudo terminará bem, desde que o chefe permita a saída de todos.

89. (FUVEST) I - "As palavras, paralelamente, iam ficando sem vida. Já a oração era morna, depois fria, depois inconsciente..." (Machado de Assis, Entre Santos); II - "Nas feiras, praças e esquinas do Nordeste, costumava-se ferir a madeira com o que houver à mão; gilete, canivete ou prego. Já nos ateliês sediados entre Salvador e o Chuí, artistas cultivados preferem a sutileza da goiva ou do buril." (Veja, 17/8/94, p. 122); III - "Ele só se movimenta correndo e perdeu o direito de brincar sozinho na rua onde mora - por diversas vezes já atravessou-a com o sinal fechado para pedestres, desviando-se de motoristas apavorados." (Veja, 24/8/94, p. 60)

Nos textos acima, o tempo já exprime, respectivamente, a idéia de:

a) tempo, causalidade, intensificação

b) oposição, espaço, tempo

c) tempo, oposição, intensificação

d) intensificação, oposição, tempo

e) tempo, espaço, tempo

90. (TRE-MG) "É difícil enfrentar ausência de uma pessoa querida, mas nada se compara à dor e à incerteza dos familiares das vítimas de seqüestro." No período acima, não se encontra exemplo de:

a) pronome d) preposição

b) adjetivo e) advérbio

c) conjunção

91. (FUVEST) Ao ligar dois termos de uma oração, a preposição pode expressar, entre outros aspectos, uma relação temporal, espacial ou nocional. Nos versos: "Amor total e falho... Puro e impuro... Amor de velho adolescente...", a preposição de estabelece uma relação nocional. Essa mesma relação ocorre em:

a) "Este fundo de hotel é um fim de mundo."

b) "A quem sonha de dia e sonha de noite, sabendo todo sonho vão."

c) "depois fui pirata mouro, flagelo da Tripolitânia."

d) "Chegarei de madrugada, quando cantar a seriema."

e) "Só os roçados da morte compensam aqui cultivar."

92. (CEETEPS) "Esse progresso mecânico, porém, baseado apenas no domínio..." Assinale a alternativa em que não aparece palavra ou expressão que substitui, com perfeição, a conjunção "porém":

a) entretanto d) porque

b) no entanto e) contudo

c) todavia

93. (FUVEST) A classe gramatical da expressão ao contrário, em "mas, ao contrário, tende a satisfazer as exigências do mercado", é:

a) locução prepositiva d) conjunção coordenativa adversativa

b) locução adverbial e) conjunção subordinada concessiva

c) advérbio de negação

94. (TRE-MT) Na frase "De um ano que, afinal, também não teve muitos escrúpulos, pois só se contradisse", a palavra pois pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:

a) portanto d) caso

b) por conseguinte e) ainda que

c) visto que

95. (TRE-ES) "Poeta" e "gente humilde" pertencem a classes gramaticais diferentes. A frase que comprova isso é:

a) "Tem certos dias em que eu penso em minha gente"

b) "E sinto assim todo o meu peito se apertar"

c) "Que vai em frente sem nem ter com quem contar"

d) "E aí me dá uma tristeza no meu peito"

e) "E eu que não creio peço a Deus por minha gente"

96. (TRE-ES) Escrever encima da fachada é escrever .... ela.

a) sobre d) em baixo de

b) sob e) ao lado

c) sub

97. (TRE-MG) A classe da palavra destacada está incorretamente indicada nos parênteses em:

a. O que se observa são as vãs tentativas da polícia de seguir seus rastros. (adjetivo)
b. As pessoas a quem me refiro certamente aprovaram medidas mais nérgicas. (pronome relativo)
c. São muitas as pessoas que já experimentaram o que estou vivendo. (conjunção integrante)
d. Intimaram o suspeito a comparecer perante o delegado, para dar utras explicações (preposição)
e. Novos telefonemas aconteceram, sempre com as provas de que o seqüestro estava vivo. (advérbio)

98. (TRE-RJ) "porque naqueles perduraram por mais tempo hábitos feudais, quer nas relações jurídicas, quer nas econômicas". Das alternativas processadas na passagem acima, aquela em que ocorre substancial mudança de sentido é:

a. ....., seja nas relações jurídicas, seja nas econômicas.
b. ....., não nas relações jurídicas, mas sim nas econômicas.
c. ....., tanto nas relações jurídicas, quanto nas econômicas.
d. ....., não só nas relações jurídicas, mas ainda nas econômicas.
e. ....., não apenas nas relações jurídicas, senão também nas econômicas.

99. (TRE-RJ) "todos os animais sejam em princípio iguais perante a lei, conquanto alguns sejam mais iguais que outros." Das alterações processadas na oração sublinhada, aquela que, além de apresentar substancial mudança de sentido, se classifica diferentemente das demais:

a) malgrado alguns sejam mais iguais

b) posto que alguns sejam mais iguais

c) a menos que alguns sejam mais iguais

d) não obstante alguns serem mais iguais

e) a despeito de alguns serem mais iguais

100. (TRE-RJ) Apesar da mudança da ordem das palavras em passagens do texto, o sentido permanece basicamente o mesmo na seguinte alternativa:

a. "a qual pressupõe, evidentemente, como diria Orwell, que todos os animais sejam em princípio iguais perante a lei" / a qual pressupõe, omo evidentemente diria Orwell, que todos os animais sejam em princípio iguais perante a lei
b. "a 'Comman Law' é uma coletânea de casos e precedentes, antes que um sistema apriorístico e formal de relações." / a "Common Law" é antes uma coletânea de casos e precedentes, que um sistema apriorístico e formal de relações.
c. "a lei pode ser obedecida, porque ordinariamente apenas codifica o costume corrente." / a lei pode ser obedecida, apenas porque rdinariamente codifica o costume corrente.
d. "é possível configurar-se então a existência de dolo ou crime praticado por pequena minoria social." / é possível configurar-se a existência de dolo ou crime praticado então por pequena minoria social.
e. "e que às vezes transplantam formas jurídicas importadas de além-mar" / e que transplantam formas jurídicas às vezes importadas de além-mar.

1 - E 22 - D 43 - C 64 - B 85 - B

2 - A 23 - D 44 - B 65 - C 86 - B

3 - C 24 - C 45 - D 66 - D 87 - E

4 - E 25 - B 46 - B 67 - A 88 - D

5 - D 26 - B 47 - B 68 - C 89 - C

6 - D 27 - C 48 - B 69 - C 90 - E

7 - E 28 - E 49 - B 70 - E 91 - E

8 - E 29 - E 50 - D 71 - C 92 - D

9 - B 30 - E 51 - B 72 - B 93 - B

10 - D 31 - A 52 - C 73 - B 94 - C

11 - B 32 - D 53 - C 74 - C 95 - B

12 - B 33 - E 54 - B 75 - C 96 - A

13 - C 34 - A 55 - C 76 - E 97 - C

14 - A 35 - D 56 - D 77 - D 98 - B

15 - A 36 - E 57 - C 78 - B 99 - C

16 - C 37 - E 58 - C 79 - B 100 - B

17 - C 38 - A 59 - D 80 - B

18 - C 39 - E 60 - E 81 - C

19 - D 40 - A 61 - E 82 - C

20 - B 41 - D 62 - A 83 - C

21 - B 42 - A 63 - A 84 - C

SE VOCÊ AINDA NÃO SE SENTE SEGURO TENTE MAIS UMA VEZ

19. REVISÃO GERAL

1. (IBGE) Assinale a frase cuja lacuna pode ser preenchida corretamente por qualquer um dos dois termos entre parênteses:

As meninas e os meninos ficaram .... (alarmados / alarmadas)

☐ **Os sapatos e as meias .... devem estar sempre bem limpos. (brancos / brancas)**

☐ **São descabidas .... ameaças. (qualquer / quaisquer)**

☐ **O Brasil ainda não está .... com o negro. (quite / quites)**

☐ **Índios pescariam nas águas .... do rio tranqüilo. (azul-céu / azuis-céus)**

2. (UC-BA) Você sabe .... razão o chefe pediu para .... fazer o serviço.

a) por que - mim d) porque - eu

b) porque - mim e) por que - eu

c) por quê - mim

3. (FUVEST) Dentre as seguintes frases, assinale aquela que não contém ambigüidade:

a) Peguei o ônibus correndo.

b) Esta palavra pode ter mais de um sentido.

c) O guarda deteve o suspeito em sua casa.

d) O menino viu o incêndio do prédio.

e) Deputado fala da reunião do Canal 2.

4. (ITA) Dada as sentenças:

1. Doeu-lhe fundo a perca do inestimável amigo.

2. Escolhi João para ser meu testemunha.

3. Se você não pode resolver o problema, tão pouco o posso eu.

Deduzimos que:

a) apenas a sentença nº 1 está correta d) todas estão corretas

b) apenas a sentença nº 2 está correta e) n.d.a

c) apenas a sentença nº 3 está correta

5. (MACK) Assinale a alternativa que completa o período: .... anos que não .... vejo e só daqui .... um mês poderei ....

a) Fazem - a - a - lhe abraçar d) Faz - lhe - há - abraçá-la

b) Faz - lhe - - te abraçar e) Faz - a - a - abraçá-la

c) Fazem - a - - abraçá-la

6. (SANTA CASA) A carta vinha endereçada para .... e para ....; .... é que a abri.

a) mim - tu - por isso d) eu - ti - porisso

b) mim - ti - porisso e) eu - tu - por isso

c) mim - ti - por isso

7. (OSEC) Assinalar a frase gramaticalmente correta:

a) Quando ele vir esse documento, reagirá imediatamente.

b) Quando ele ver esse documento, reagirá imediatamente.

c) Quando ele vir este documento, reagirá imediatamente.

d) Quando ele ver este documento, reagirá imediatamente.

e) Quando ele vir esse documento, reajirá imediatamente.

(FGV) Instruções para as questões 8 a 11. Verifique em cada questão qual é a alternativa correta, considerando, também, erros de ortografia e acentuação. Não há erros de pontuação.

8.

a. Qualquer que fossem as conseqüências desse ato tresloucado, sempre restaria as dores da separação por ele provocada.

b. Qualquer que fosse as conseqüências desse ato tresloucado, sempre restaria as dores da separação por ele provocada.
c. Qualquer que fossem as conseqüências desse ato tresloucado, sempre restariam as dores da separação por ele provocadas.
d. Quaisquer que fossem as conseqüências desse ato tresloucado, sempre restariam as dores da separação por ela provocado.
e. Quaisquer que fossem as conseqüências desse ato tresloucado, sempre restariam as dores da separação por ele provocadas.

9.

a. Quedava-se prostada e exangue, mòrmente nos dias mais quentes do verão.
b. Quedava-se prostada e exangüe, mormente nos dias mais quentes do verão.
c. Quedava-se prostada e exangue, mormente nos dias mais quentes do verão.
d. Quedava-se prostrada e exangue, mormente nos dias mais quentes do verão.
e. Quedava-se prostrada e exangüe, mòrmente nos dias mais quentes do verão.

10.

a. As pessoas tem normalmente a vontade cerceada e vêm com maus olhos as tentativas de liberação política.
b. As pessoas tem normalmente a vontade cerceiada e vêm com maus olhos as tentativas de liberação política.
c. As pessoas tem normalmente a vontade cerceada e vêem com maus olhos as tentativas de liberação política.
d. As pessoas têm normalmente a vontade cerceada e vêm com maus olhos as tentativas de liberação política.
e. As pessoas têm normalmente a vontade cerceada e vêem com maus olhos as tentativas de liberação política.

11.

a. As vezes, lá em casa, um simples telefonema podia suscitar a ocorrência de um cataclisma.
b. Às vezes, lá em casa, uma simples telefonema podia suscitar a ocorrência de um cataclismo.
c. As vezes, lá em casa, um simples telefonema podia sucitar a ocorrência de uma cataclisma.
d. Às vezes, lá em casa, um simples telefonema podia suscitar a ocorrência de um cataclismo.
e. As vezes, lá em casa, um simples telefonema podia sucitar a ocorrência de um cataclisma.

12. (PUC-RS) A alternativa com redação correta é:

a. A correspondência a que veio anexa a lista de livros à respeito dos problemas da comunicação extraviou-se.
b. A correspondência à qual veio anexo a lista de livros a respeito dos problemas da comunicação extraviou-se.
c. A correspondência a que veio anexa a lista de livros a respeito dos problemas da comunicação extraviou-se.
d. A correspondência a que veio anexa a lista de livros a respeito dos problemas da comunicação extraviou-se.
e. A correspondência, a qual veio em anexo a lista de livros a respeito dos problemas da comunicação, extraviou-se.

13. (PUC-RS) A alternativa com melhor redação, considerando correção, clareza e concisão, é:

a. A única medida para melhorar o desempenho lingüístico do aluno é que deveria ser exigido em todos os níveis aulas práticas de língua portuguesa.
b. Deveria ser exigido, em todos os níveis, aulas práticas de língua portuguesa. Esta seria a única medida para melhorar o desempenho lingüístico dos alunos.

c. Ministrar aulas práticas de língua portuguesa em todos os níveis é a única medida para melhorar o desempenho lingüístico dos alunos.
d. Aulas práticas de língua portuguesa deveriam ser ministradas como única medida em todos os níveis para melhorar o desempenho lingüístico dos alunos.
e. Para melhorar o desempenho lingüístico dos alunos em todos os níveis deveriam ser ministradas aulas práticas de língua portuguesa. Esta seria a única medida.

14. (SANTA CASA) Esta questão apresenta cinco propostas diferentes de redação. Assinale a letra que corresponde à melhor redação, considerando correção, clareza e concisão:

a) Mesmo que me peçam não vou, pois, tenho mais que fazer.

b) Mesmo que me peçam, não vou, pois tenho mais que fazer.

c) Mesmo que me peçam, não vou, pois tenho: mais que fazer.

d) Mesmo que me peçam: não vou pois tenho mais, que fazer.

e) Mesmo que me peçam não vou pois tenho mais que fazer.

15. (CESESP-PE) Assinale o único item em que o emprego do infinito está errado:

a) Deixei-os sair, mas procurei orientá-los bem.

b) De hoje a três meses podes voltar aqui.

c) Disse ser falsas aquelas assinaturas.

d) Depois de alguns instantes, eles parecia estarem mais conformados.

e) Viam-se brilhar as primeiras estrelas.

16. (FUVEST) Das frases adiante, a única inteiramente de acordo com as normas gramaticais é:

a. Os votos e as sentenças do ministro, por mais que se os vejam de prismas diversos, atestam cultura jurídica indiscutível.
b. Soltam rojões contra o gabinete do ministro e depois se cotizam para pagar os vidros que a explosão dos rojões quebraram.
c. O maestro diz que lhe dói os ouvidos quando escuta uma nota desafinada.
d. Deve haver uma lei geral e devem haver leis especiais.
e. Nós é que, senhor Presidente, não podemos concordar com tal ilegalidade.

17. (CESCEM) Até hoje não fizemos .... ao talento .... artista.

a) juz / dêsse d) jús / desse

b) júz / desse e) jus / desse

c) jus / dêsse

18. (FUVEST) Era para .... falar .... ontem, mas não .... encontrei em parte alguma.

a) mim - consigo - o d) mim - contigo - te

b) eu - com ele - lhe e) eu - com ele - o

c) mim - consigo - lhe

19. (FUVEST) Assinale a alternativa que preencha corretamente os espaços: Posso informar ..... senhores ..... ninguém, na reunião, ousou aludir ..... tão delicado assunto.

a) aos - de que - o d) os - que - à

b) aos - de que - ao e) os - de que - a

c) aos - que - à

20. (CESCEM) Imbuído ..... preconceitos, com tendência ..... intolerância, era impermeável ..... qualquer influência.

a) com - pela - contra d) com - para - à

b) por - à - a e) de - pela - ante

c) de - à - a

21. (MACK) Apontar, entre as alternativas abaixo, a que relaciona os elementos que preenchem corretamente as lacunas do seguinte texto: "A ida dos meninos ..... casa da fazenda fez ..... que o velho, sempre intolerante ..... crianças e fiel ..... seu costume de assustá-las, persistisse ..... busca ..... um plano para pô-las ..... fuga."

a) à - com - com - a - na - de - em

b) para - a - às - em - na - a - na

c) na - em - das - do - com - por - de

d) a - em - de - com a - para - com

e) à - com - nas - à - com - por - em

22. (FGV) Assinale a alternativa correta:

a) Vá, mulher, mexa-te, já faz duas horas que te aguardo.

b) Vai, mulher, mexe-se, já fazem duas horas que a aguardo.

c) Vai, mulher, mexe-te, já faz duas horas que te aguardo.

d) Vá, mulher, mexa-se, já fazem duas horas que te aguardo.

e) Vai, mulher, mexe-te, já fazem duas horas que aguardo-te.

23. (FGV) Logo ..... salões muito amplos e ainda ..... o gemer dos cativos.

a) atrás se vêm / ouve-se d) atras se vem / houve-se

b) atrás se vêem / se ouve e) atras se vêem / se ouvem

c) atraz se vêm / se houve

24. (FGV) Quando as beatas, ... fiéis, ... de escrúpulos, ...

a) que eram-no / iam falar-lhe / escandalisava-se

b) cujas o eram / iam-no falar / escandalizava-lhes

c) que lhe eram / lhe iam falar / escandalizava-se

d) que o eram / iam falá-lo / escandalizava-se

e) que lhe eram / iam-no falar / escandalisava-se

25. (FGV) Esta circunstância ....., tornando ..... uma manobra arrojada, ... irrealizável.

a) o salvou / factível / quasi d) salvou-o / factível / quase

b) salvou-lhe / factivel / quase e) salvou-lhe / factível / quase

c) salvou-o / factivel / quase

26. (FGV) E cortadas, deste modo, as guarnições das que ..... a espaços pela linha de ....., ... inesperadamente.

a) se sucediam / cumeadas / abandonaram-nas

b) se sucediam / comiadas / abandonaram-nas

c) sucediam-se / comeadas / as abandonaram

d) se sucediam / cumiadas / as abandonaram

e) sucediam-se / cumeadas / abandonaram-nas

27. (FGV) ..... a falar-....., como se ..... aqui.

a) Cingirei-me / vos / estivesses

b) Cingir-me-ei / vos / estivésseis

c) Cinjir-me-ei / lhes / estaríeis

d) Me cingirei / vos / estásseis

e) Cingir-me-ei / lhes / estivesses

28. (FGV) Assinale a correta:

a. Dizei o que quiserem! Filhas minhas é que eu não lhes dava a esses malandros.
b. Digam o que quizerem! Filhas minhas são que eu não os dava a esses malandros.
c. Dizei o que quiserdes! Filhas minhas é que eu não dava-lhes a esses malandros.
d. Dizei o que quizerdes! Filhas minhas são que eu lhes não dava a esses malandros.
e. Digam o que quiserem! Filhas minhas é que eu lhes não dava a esses malandros.

29. (FUVEST) Assinale a alternativa gramaticalmente correta:

a) Não o conheço; como se atreve a falar-me?

b) Não lhe conheço; como se atreve a falar-me?

c) Não lhe conheço; como te atreves a me falar?

d) Não o conheço; como atreves-te a me falar?

e) Não o conheço; como se atreves a falar-me?

30. (FGV) Não, não! Que ..... favor, ...; ..... sorrindo.

a) a - a - acrescentou d) a - há - acrecentou

b) há - há - acrescentou e) há - a - acrescentou

c) à - há - acrescentou

(FGV) Instruções para as questões 31 a 45: Verifique em cada uma, a alternativa correta, considerando, também, erros de ortografia e acentuação. Não há erros de pontuação.

31.

a. Todo o que a mãe goza é bem do filho, espêlho em que mira-se a afortunada, luz que põe-lhe nos olhos novo brilho.
b. Todo o que a mãe goza é bem do filho, espelho em que se mira a afortunada, luz que lhe põe nos olhos novo brilho.
c. Todo o que a mãe goza é bem do filho, espêlho em que se mira a afortunada, luz que lhe põe nos olhos novo brilho.
d. Todo o que a mãe goza é bem do filho, espelho em que mira-se a afortunada, luz que lhe põe nos olhos novo brilho.
e. Todo o que a mãe goza é bem do filho, espelho em que se mira a afortunada, luz que põe-lhe nos olhos novo brilho.

32.

a. As palavras saíam-lhe da boca engroladas: eram como um murmúrio, todos tinham os olhos extáticos.
b. As palavras saiam-lhe da boca engroladas: eram como um murmúrio, todos tinham os olhos extáticos.
c. As palavras saíam-lhe da bôca engroladas: eram como um murmúreo, todos tinham os olhos estáticos.
d. As palavras saíam-lhe da boca engroladas: eram como um murmúreo, todos tinham os olhos extáticos.
e. As palavras saíam-lhe da bôca engroladas: eram como um murmúrio, todos tinham os olhos extatícos.

33.

a. Que conste-me, ainda ninguém relatou o seu próprio delírio: faço-o eu, a ciência mo agradecerá.
b. Que me conste, ainda ninguém relatou o seu próprio delírio: faço-o eu, a ciência agradecerá-me.
c. Que conste-me, ainda ninguém relatou o seu próprio delírio: o faço eu, a ciência mo agradecerá.
d. Que me conste, ainda ninguém relatou o seu próprio delírio: faço-o eu, a ciência mo agradecerá.
e. Que conste-me, ainda ninguém relatou o seu próprio delírio: faço-o eu, a ciência o agradecer-me-á.

34.

a. Vives; agora mesmo que ensandecestes, vives; e se a tua consciência rehouver um instante de sagacidade, tu dirás que queres viver.

b. Vives; agora mesmo que ensandeceste, vives; e se a vossa consciência rehouver um instante de sagacidade, tu dirás que quereis viver.
c. Vives; agora mesmo que ensandeceste, vives; e se a tua consciência reouver um instante de sagacidade, tu dirás que quereis viver.
d. Vives; agora mesmo que ensandecestes, vives; e se a tua consciência reaver um instante de sagacidade, tu dirás que quereis viver.
e. Vives; agora mesmo que ensandeceste, vives; e se a vossa consciência reouver um instante de sagacidade, tu dirás que queres viver.

35.

a. Não vou à casa de ninguém, vivo aqui metido, nem à janela chego e estou sempre com a casa cheia.
b. Não vou a casa de ninguém, vivo aqui metido, nem a janela chego e estou sempre com a casa cheia.
c. Não vou à casa de ninguém, vivo aqui metido, nem a janela chego e estou sempre com à casa cheia.
d. Não vou a casa de ninguém, vivo aqui metido, nem à janela chego e estou sempre com à casa cheia.
e. Não vou à casa de ninguém, vivo aqui metido, nem à janela chego e estou sempre com à casa cheia.

36.

a. A lua circular, pasma, evanescente, surge vaga detraz do nevoeiro denso.
b. A lua circular, pasmada, evanescente, surge vaga detras do nevoeiro denso.
c. A lua circular, pasmada, evanescente, surge vaga detrás do nevoeiro denso.
d. A lua circular, pasma, evanecente, surge vaga detraz do nevoeiro denso.
e. A lua circular, pasmada, evanecente, surge vaga detrás do nevoeiro denso.

37.

a. Nesta prova, nem tudo são questões de sintaxe que possam serem respondidas facilmente.
b. Nesta prova, nem tudo são questões de sintaxe que possam ser respondidas facilmente.
c. Nesta prova, nem tudo é questões de sintaxe que possa serem respondidas facilmente.
d. Nesta prova, nem tudo é questões de sintaxe que possa ser respondida facilmente.
e. Nesta prova, nem tudo é questões de sintaxe que possa ser respondidas facilmente.

38.

a. Fazem muitos anos que não se via tantas manobras políticas destinadas a ganhar o voto dos eleitores.
b. Fazem muitos anos que não se viam tantas manobras políticas destinadas a ganhar o voto dos eleitores.
c. Fazem muitos anos que não se viam tantas manobras políticas destinadas à ganhar o voto dos eleitores.
d. Faz muitos anos que não se via tantas manobras políticas destinadas a ganhar o voto dos eleitores.
e. Faz muitos anos que não se viam tantas manobras políticas destinadas a ganhar o voto dos eleitores.

39.

a. Para coibir o uso indevido de prerrogativas todas as estrategias são válidas.
b. Para coebir o uso indevido de prerrogativas todas as estratégias são válidas.
c. Para coibir o uso indevido de prerrogativas todas as estratégias são válidas.
d. Para coebir o uso individo de prerrogativas todas as estrategias são válidas.
e. Para coebir o uso indevido de prerrogativas todas as estrategias são válidas.

40.

a. Agora eu sei que ele caminha incólome pela vida, sem que ninguém possa atingi-lo.
b. Agora eu sei que ele caminha incólome pela vida, sem que ninguém possa atingí-lo.
c. Agora eu sei que ele caminha incólume pela vida, sem que ninguém possa atingí-lo.
d. Agora eu sei que ele caminha incôlome pela vida, sem que ninguém possa atingi-lo.
e. Agora eu sei que ele caminha incólume pela vida, sem que ninguém possa atingi-lo.

41.

a. Ainda haveriam de chegar os dias em que ela saberia por que razão tinha sido rejeitada.
b. Ainda haveria de chegar os dias em que ela saberia porque razão tinha sido rejeitada.
c. Ainda haveria de chegar os dias em que ela saberia por que razão tinha sido regeitada.
d. Ainda haveriam de chegar os dias em que ela saberia porque razão tinha sido regeitada.
e. Ainda haveria de chegar os dias em que ela saberia por quê razão tinha sido rejeitada.

42.

a. Pensou afinal que ficaria com a pexa de impetuoso e audaz, mas não desistiria de seus projetos mirabolantes.
b. Pensou afinal que ficaria com a pecha de impetuoso e audaz, mas não desistiria de seus projetos mirabolantes.
c. Pensou a final que ficaria com a pecha de impetuoso e audaz, mas não desistiria de seus projetos mirambolantes.
d. Pensou afinal que ficaria com a pexa de impetuoso e audaz, mas não desistira de seus projetos mirambolantes.
e. Pensou afinal que ficaria com a pecha de impetuoso e audás, mas não desistiria de seus projetos mirambolantes.

43.

a) A quem foi permitida a faculdade de julgar o reu à revelia dos fatos?

b) A quem foi permitido a faculdade de julgar o reu à revelia dos fatos?

c) A quem foi permitida a faculdade de julgar o réu a revelia dos fatos?

d) A quem foi permitida a faculdade de julgar o réu à revelia dos fatos?

e) A quem foi permitida a faculdade de julgar o reu a revelia dos fatos?

44.

a. As facetas estranhas da obra, em virtude de seu carater hermético, são dificilmente compreensivas para o leigo.
b. As facetas estranhas da obra, em virtude de seu caráter hermético, são dificilmente compreensivas para o leigo.
c. As facetas estranhas da obra, em virtude de seu caráter hermético, são dificilmente compreensíveis para o leigo.
d. As facetas estranhas da obra, em virtude de seu caráter ermético, é dificilmente compreensível para o leigo.
e. As facetas estranhas da obra, em virtude de seu caráter ermético, é dificilmente compreensiva para o leigo.

45.

a. Navegamos à esmo, sem pensar no dia em que nossas ações desabarão sobre nossas cabeças, fazendo nos pagar pela imprevidência.
b. Navegamos a esmo, sem pensar no dia em que nossas ações desabarão sob nossas cabeças, fazendo nos pagar pela imprevidência.
c. Navegamos a esmo, sem pensar no dia em que nossas ações desabarão sobre nossas cabeças, fazendo nos pagar pela imprevidência.
d. Navegamos à esmo, sem pensar no dia em que nossas ações desabarão sob nossas cabeças, fazendo-nos pagar pela imprevidência.
e. Navegamos a esmo, sem pensar no dia em que nossas ações desabarão sobre nossas cabeças, fazendo-nos pagar pela imprevidência.

(FGV) Leia as questões de números 46 a 67. Elas estão incompletas, isto é, em cada uma houve supressão de uma ou mais palavras no lugar indicado pelos pontilhados. Logo abaixo da frase incompleta aparecem cinco formas diferentes para completá-la. Apenas uma é correta. Verifique qual é a forma correta e assinale-a. Devem ser considerados, também, erros de ortografia e acentuação.

46. São Paulo é a cidade que .... uma desconhecida harmonia de violências humanas, de ascensões e desastres, de lutas, de ódios e amores, a propor às receptividades de .... o riquíssimo material das suas sugestões e a .... imperativa das suas cores e linhas.

a) polula, atol, percussão d) opina, ralé, peroração

b) postula, arromba, perdição e) transborda, supimpa, precisão

c) ulula, escol, persuasão

47. No caso, focos como os constituídos por esses .... soltos podem assumir o monopólio da representação nacional e, na transição .... com o seguimento matriz, ou o casulo para .... ordenação na vida social.

a) estratos, se identificarem, ulterior

b) estados, identificando-se, posterior

c) extratos, se identificares, pregressa

d) status, identificados, anterior

e) êxtases, identificarem-se, prévia

48. Não temos monumentos literários, como .... todos os povos, porque somos um ...., a matéria cósmica ....

a) hão, caso, informal d) hajam, caule, poliforme

b) terem, caus, disforme e) têem, causo, infernal

c) têm, caos, informe

49. Um artista diante de um gato não poderá "sentir" .... um gato, e é falsa a "interpretação" que do bichano .... um totó, um .... ou um amontoado de cubos transparentes.

a) se não, fazer, estrôncio

b) senão, fizer, escaravelho

c) se tanto, faça, excremento

d) sequer, fizesse, escorpião

e) se quer, fazia, esqueleto

50. E sonhou, um instante, que, ... de soldados, ... pela emancipação da colônia e libertação da pátria.

a) ao invés, pungia d) além, periclitava

b) avante, pulsava e) à frente, pugnava

c) a testa, pressionava

51. Dizem que a avareza é um vício; mas .... não peço perdão a Deus, que me deu o meu tesouro, mesmo para que o escondesse do mundo, e não o .... a ....

a) dele, espuzesse, mau-olhados

b) desse, expusesse, maus-olhados

c) daquilo, espusesse, mal-olhados

d) deste, expuzesse, mal-olhados

e) daquele, espusesse, mausolhados

52. Se o consultavam, limitava-se a aconselhar que .... a primeira pedra .... que se julgasse isento de pecado.

a) atirasses, naquele d) atirasse, aquele

b) atirassem, qualquer e) atirássemos, àquele

c) atirásseis, daquele

53. .... homem! .... à criatura que me deixe, que ....

a) Corre, dize, se não aflija d) Corra, diz, não se aflija

b) Corre, diz, se não aflija e) Corre, dizei, não aflija

c) Corre, dize, não aflija-se

54. Bem sei que entre a minha e a sua pessoa não resistira o juízo do povo; e não pelo muito que eu ...., mas pela nenhuma conta .... o tem.

a) valho, que d) valhia, em que

b) valhe, na qual e) valera, se lhe

c) valha, em que

55. E ...., ali .... entregava logo, essas provas que .... estavam enchendo .... algibeiras.

a) se entendessem, lhe, o, nas

b) se entendessem, lhas, elas, as

c) se entendessem-se, lhe, o, às

d) se se entendessem, lhas, lhe, as

e) se entendesse, as, lhas, as

56. "Criança .... com fé e orgulho a terra em que ....: não .... jamais outro loteamento como este".

a) amai, nascestes, veras d) ama, nasceste, verás

b) ame, naceste, veráz e) amas, naçeste, veraz

c) ames, nasseste, verais

57. ".......... buscar do Indo a grã corrente, / Por onde .... lei divina ...."

a) Vemos, à, acrescente d) Vimos, a, se acrescente

b) Vimos, há acrecente e) Virmos, há, acressente

c) Vamos, a, se acrescente

58. Enquanto os estranhos não .... conseguido apagar do mapa estes dois nomes gloriosos, não poderão .... dos fatos modernos a memória dos nossos descobrimentos.

a) hajam, estiar d) houvessem, estalar

b) houveram, explodir e) haverem, exprimir

c) houverem, expungir

59. .... chegamos .... só queremos, sinal .... nosso rei .... levemos.

a) Há ti, porque, que do, há ti d) A ele, de quem, que, a ti

b) À ti, cujo, que o, à ti e) A ti, de quem, que ao, de ti

c) A vós, pois, que, a vós

60. Percebeu que .... muito não ouvia, como se .... várias paredes acústicas ....

a) a, houvessem, o envolvendo

b) há, ouvessem, envolvendo-lhe

c) há, houvesse, envolvendo-o

d) à, houvesse, lhe envolvendo

e) a, houvesse, envolvendo

61. Teve excelente recepção, ... a viúva, sem deixar de ser cortês e graciosa, parecia um pouco reservada e preocupada.

a) posto que d) desde que

b) como que e) com que

c) contanto que

62. Um garfo .... O garçom .... palavras amáveis .... para ....

a) caíu, suçurrou, abaixando, apanhar-lhe

b) caiu, sussurrou, abaixando-se, apanhá-lo

c) caío, sussurrou, abaixando-se, apanhar-lho

d) caiu, suçurrou, abaixando-se, apanhá-lo

e) caiú, sussurou, abaixando-se, apanhar

63. O que o parlamentar devia ter feito era mostrar .... consiste a prega do pulgão, como ela .... plantações.

a) de que, infere d) que, encrespa

b) o que, enfesta e) em que, infesta

c) a que, incensa

64. .... um esfregaço com água e sabão que .... as sujidades todas.

a) Daria-lhe, se lhe arrancariam

b) Dar-lhe-ia, arrancar-se-lhe-iam

c) Dar-lhe-ía, arrancar-se-lhe-íam

d) Dar-lhe-ia, se lhe arrancaria

e) Dar-lhe-ia, se lhe arrancariam

65. ".......... o melhor que ...., sem me .... amigos." (Machado de Assis)

a) Vivi, poude, faltar d) Viveram, pôde, faltarem

b) Vivi, pude, faltarem e) Vivi, possa, fautarem

c) Viveu, pude, faltar

66. "Dessa fonte .... mana a .... e a ...." (Alexandre Herculano)

a) inesáurivel, resignação, pas

b) inexáurivel, resiguinação, paz

c) inexaurivel, resignação, pas

d) inesáurivel, resiguinação, pas

e) inexaurível, resignação, paz

67. "Queres .... que .... acordar Carlos, para que me faça o favor de .... minhas prendas?" (Júlio Dantas)

a) talves, vá, aceitar

b) talvez, vá, asseitar

c) talvez, ide, aceitar

d) talvez, vá, aceitar

e) talves, vá, asceitar

68. (ITA)

I - Ele foi à seção das 6h

II - Ele foi à sessão das 6h

III - Ele foi a sessão das 6h

IV - Ele foi à cessão das 6h

Qual ou quais alternativas são corretas:

a) I - II d) I

b) II - III e) apenas a segunda é correta

c) I - II - IV

69. (UNIMEP) Visitei o sítio da amiga de Paula, o qual muito me encantou. Usou-se o qual em vez de que:

a) por uma questão de estilo

b) pois só o qual é conectivo

c) pois a segunda oração é adjetiva

d) pois ali só caberia um pronome relativo

e) para se evitar ambigüidade

70. (FUVEST) Assinale a frase gramaticalmente correta:

a) Fazem dois anos que cheguei.

b) Ela pediu para mim esperar um pouco.

c) Já estou a par do caso.

d) Podes ir, não há nenhum empecílio.

e) Derrepente a porta se abriu.

71. (FUVEST) Assinale a frase gramaticalmente correta:

a) Há menas pessoas hoje.

b) Ele comportou-se muito mau durante a entrevista.

c) Esperava-se menos perguntas na prova.

d) Os atletas apresentavam-se afim de iniciarem a corrida.

e) Cristina viajou há três semanas.

72. (FGV) Aponte a frase gramaticalmente correta:

a) Existem uma serie de problemas insolúveis.

b) Existem uma série de problemas inssolúveis.

c) Existe uma serie de problemas insolúveis.

d) Existem uma série de problemas insolúveis.

e) Existe uma série de problemas insolúveis.

73. (FGV) Estamos ..... apenas onze anos do .... XXI e ainda não se .... os preparativos para a grande viagem.

a) há, séc., fizeram d) há, século, fez

b) à, seculo, fiseram e) a, século, fizeram

c) a, seculo, fiseram

74. (UF-RS) O grupo obedece ..... comando de um pernambucano, radicado ..... tempos em São Paulo, e se exibe diariamente ..... hora do almoço.

a) o, a, à d) o, há, a

b) ao, há, à e) o, a, a

c) ao, a, a

75. (UNESP) Emprega-se o termo solecismo para indicar o uso errado da concordância, regência ou colocação. Aponte a única alternativa em que tal erro não ocorre:

a) Faz cinco anos completos que não visito o Rio.

b) Devem haver explicações satisfatórias para este fato.

c) Haviam vários objetos espalhados sobre a mesa.

d) Se lhe amas, deves declarar-te depressa.

e) Fazem já vinte minutos que começaste a prova.

76. (FGV) Leia com atenção: "Apesar da insistência dos repórteres, o candidato não respondeu as perguntas." Nessa frase, uma falha de acentuação gráfica indica erro de:

a) regência nominal d) silepse de grau

b) concordância nominal e) regência verbal

c) concordância verbal

77. (ETF-SP) Você pode .... suas malas aqui e .... da casa como lhe ....

a) por - dispor - convir d) pôr - dispor - convier

b) por - dispor - convier e) pôr - dispôr - convir

c) por - dispôr - convier

78. (ETF-SP) .... você estima o orçamento .... solicitei?

a) Quanto - em que lhe d) Em quanto - de que o

b) Quanto - por que lhe e) Em quanto - que o

c) Em quanto - que lhe

79. (ETF-SP) Eu sempre .... aqueles que não .... as normas do grupo.

a) auxílio - infringem d) auxílio - inflingem

b) auxilio - infrigem e) auxilio - infringem

c) auxílio - infligem

80. (ETF-SP) Este é o texto .... suas dúvidas.

a) onde explicam-se d) de que se explicam

b) em que explicam-se e) em que se explicam

c) no qual explicam-se

81. (ETF-SP) Devotada ..... amiga, ... nutria tanta afeição, não se conformava com sua ausência.

a) à - da qual d) na - a quem

b) à - por quem e) pela - de quem

c) pela - a qual

82. (BB) Afirmativa incorreta:

a) Culto / Sábio não são antônimos

b) A parte grifada em Presença é prefixo

c) Benquisto é o mesmo que estimado

d) Paupérrimo é superlativo de pobre

e) Célere e ligeiro são sinônimos

83. (BB) Única opção correta:

a) Chapéu contém sufixo

b) Provação contém prefixo

c) Diligente e Ativo são sinônimos

d) Eminente e excelente são antônimos

e) Em Vocabulário o segmento sublinhado representa sufixo

84. (BB) Afirmativa incorreta:

a) Telefonema é vocabulário masculino

b) Problema não contém prefixo

c) Pneu é palavra dissílaba

d) Caráter inflexível é o mesmo que caráter irredutível

e) Irrecusável / Inaceitável não são sinônimos

85. (BB) .... falasse, haveria problemas. Opção que não cabe no texto acima:

a) Sempre que ela d) Logo que V.Sa.

b) Assim que ela e) Depois que eu

c) Mesmo que tu

86. (BB) Eu fui para casa, eles não.

1. Período com duas orações 2. Eu e eles são pronomes 3. Para é

preposição

a) Apenas a primeira afirmativa é correta

b) Apenas a segunda é correta

c) Apenas a terceira é correta

d) Todas são corretas

e) Incorreta a primeira

87. (TRT) Vão .... aos processos várias fotografias. Paisagens as mais belas .... Ela estava .... informada.

a) anexos - possíveis - mal d) anexo - possíveis - mau

b) anexas - possíveis - mal e) anexo - possível - mal

c) anexa - possível - mau

88. (FUVEST) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada: Dessa forma, ... estimular as obras do metrô, uma solução não poluente, ... eficácia supera a de outras modalidades de transporte.

a) impõem-se - da qual a d) impõe-se - a qual a

b) impõe-se - que a e) impõe-se - cuja

c) impõem-se - cuja

89. (BANESPA) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas do período ao lado: "Era um caçador ....: ao .... de espingarda, usava arco e ...."

a) ecêntrico - invéz - flexa d) ecêntrico - invés - flexa

b) ecêntrico - invez - flexa e) excêntrico - invés - flecha

c) ecêntrico - invés - flecha

(CARLOS CHAGAS) Instruções para as questões 90 e 91: Os períodos abaixo apresentam quatro segmentos grifados, que podem estar corretos ou conter um erro. Assinale a letra correspondente ao segmento incorreto. Se não houver erro, assinale a alternativa E.

90. Não houve (A) meios de dissuadi-lo (B) da viagem (C) que há (D) meses planeja empreender. Sem erro. (E)

91. Todos, sem exceção, (A) reivindicam (B) providências urgentes (C) para evitar o mal (D) funcionamento do elevador. Sem erro (E)

92. (FUVEST) Quando você .... o ...., ... em meu nome.

a) ver - dignitário - saúde-o d) vir - dignitário - saúde-o

b) vir - dignitário - saudai-lhe e) vir - dignatário - saudai-o

c) ver - dignatário - saúde-o

93. (CARLOS CHAGAS) Use .... de .... diferentes para .... na lousa a relação de materiais.

a) gis - côres - dispôr d) gis - côres - dispor

b) giz - côres - dispôr e) giz - cores - dispor

c) gis - cores - dispor

(FUVEST) Nas questões 94 a 96, assinale a alternativa em que ambas as frases estejam gramaticalmente corretas:

94.

a) 1. Os abaixos-assinados aguardam decisão de Vossa Senhoria.

2. O menino mau criado não inspira simpatia.

b) 1. Enviou um romance de Alencar para mim ler.

2. Um grupo de jovens gritavam e protestavam.

c) 1. Em face das perguntas indiscretas, acordamos em nada responder.

2. Hoje em dia se vêem objetos estranhos no céu.

d) 1. Os artistas parecem pressentirem realidades que só muito depois a ciência comprovará.

2. Entre eu, tu e ele não haverá qualquer constrangimento.

e) 1. Comunico a Vossa Excelência que vosso pedido já mereceu nossa atenção.

2. A sociedade lusa-brasileira defende sua unidade lingüística.

95.

a) 1. Se tivéssemos pensado melhor, daríamos-lhes a resposta correta.

2. Assiste-lhe o direito de reclamar.

b) 1. Ele lembrou, naquele momento de solidão, de sua infância distante.

2. Ao pobre amigo, não o abandonarei nesta triste conjectura.

c) 1. Os homens cuja a maior preocupação é o dinheiro não tem olhos para as estrelas.

2. Se houvesse verdadeiro espírito cristão, só deveriam haver razões para perdoar e nunca para condenar.

d) 1. Aos maus, pouco lhes importa que se destrua o Universo.

2. Eu, também me parece que as conheço, mas vou sempre dizendo que não.

e) 1. O último campeonato trouxe novas esperanças, haja visto os atletas que revelaram-se.

2. Decidimos não esperar mais, pois já faziam dois anos que partiu, sem enviar-nos notícias.

96.

a) 1. No salão havia cadeiras para todos os convidados.

2. O ensino visa ao progresso social.

b) 1. Durante a discussão, ele não interviu uma só vez.

2. Se vocês virem o meu colega, avisem-me, por favor.

c) 1. O Eduardo foi a Itália, mas não foi a Roma.

2. Não quero te ver brincando com coisas sérias.

d) 1. Chegou o mapa e o dicionário que encomendamos.

2. Não se dá esmolas a quem pode trabalhar.

e) 1. Estudou muito e, porisso, não receiava a dificuldade do exame.

2. É tempo de ele mudar de vida, antes que seja tarde.

97. (FUVEST) Assinale a frase gramaticalmente correta:

a) Eram estes os dispositivos que estavam vigindo naquela época.

b) Deve existir ainda muitos conhecedores de grego.

c) Recordo bem de que você esteve aqui em Janeiro.

d) Tudo dar-lhe-ei, se ele casar-se ainda neste ano.

e) Ele terá surpresa quando eu revir as provas.

98. (FUVEST) Assinale a frase gramaticalmente correta:

a) Houve muita discreção em toda a conversa.

b) Tenho convicção de que ele deixou os pais para sempre.

c) Sempre andei à par de que êle fazia por lá.

d) O professor não deixou eu fazer prova a lápis.

e) Não cheguei a mais tempo por causa do trânsito.

99. (MACK) "Este inferno de amar - como eu amo! - / Quem mo pôs aqui n'alma ... quem foi? / Esta chama que alenta e consome, / Que é a vida - e que a vida destrói - / Como é que se veio a atear, / Quando - ai quando se há-de apagar? (Almeida Garret) A palavra mo no segundo verso da estrofe acima se refere a:

a) em mim - este inferno de amar d) em mim - n'alma

b) em mim - esta chama e) em mim - vida

c) este inferno de amar - esta chama

100. (FATEC) Nas alternativas, procurou-se reestruturar o período inicial (I) em outro (II) que conservasse a mesma idéia. Assinale a alternativa em que o período II não conservou a idéia do período I:

a) I - Não é que fosses ruim, porém tinha seus carnegões.

II - Embora tivesse seus carnegões, não era ruim.

b) I - Percebendo que os outros abusavam do Tino, não deixava mais

que o irmão se empregasse isolado.

II - Percebeu que os outros abusavam do Tino, por isso não deixava

mais que o irmão se empregasse isolado.

c) I - Alguém pede continuadamente uma flor, e essa flor não existisse

mais para lhe ser dada.

II - Alguém pede continuadamente uma flor que não existe mais para

lhe ser dada.

d) I - Naquele dia escutei, certamente porque era a amiga quem falava.

II - Naquele dia escutei, certamente, então, era a amiga quem falava.

e) I - Toda hora está passando enterro, e a gente acaba por se

interessar por ele.

II - Toda hora está passando enterro, pelo qual a gente se acaba por

se interessar

(TFC) Nas questões 101 e 102, indique o período construído inteiramente dentro da norma padrão da língua portuguesa (frag. de jornais):

101.

- **a. Surpreendendo aos próprios correligionários de partido, Erundina aceitou ser ministra de Itamar.**
- **b. As más línguas dizem que ela o fez por aspirar o governo de São Paulo, ao qual pretende se candidatar no próximo pleito para governador.**
- **c. Mas Itamar já advertiu-lhe de que não quer ninguém no governo fazendo campanha eleitoral.**
- **d. A posse de Erundina está provocando nova crise no PT, que vê aprofundar as divergências entre a cúpula e a base do partido.**
- **e. Membros da cúpula do partido já se articulam para alterar o sistema de eleição de dirigentes, diminuindo o poder de fogo dos parlamentares e facilitando a ascensão de candidatos dos núcleos de base.**

102.

- **a. Única fonte de renda da Associação, é a anuidade que permite pagar as despesas pertinentes ao intercâmbio permanente mantido com todos os sócios.**
- **b. Será concedido 50% de desconto aos sócios que efetuar o pagamento até o dia 31 de janeiro.**
- **c. Os que preferirem deixar o pagamento para fevereiro poderão fazer, mas serão onerados com um acréscimo de 30%.**
- **d. Após o recebimento da anuidade, será remetido ao associado a nova Carteira e o recibo.**
- **e. Com este Comunicado, estamos enviando informações importantes aos associados, que pedimos a sua imediata atenção.**

103. (TFC) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase ao lado: "Jornais .... diariamente .... notícias tendenciosas não .... prestigiados."

a) em que - se lêem - devem ser

b) onde - lê-se - deve serem

c) nos quais - se lêem - devem serem

d) que - se lê - devem ser

e) aonde - lêem-se - deve serem

104. (TFC) Marque a opção em que aparece erro gramatical ou ortográfico: Prestará contas qualquer pessoa ou entidade pública (1) que se utilize, (2) arrecade, guarde, gerencie (3) ou administre dinheiros, (4) bens ou valores públicos ou pelos quais a União responda, ou que, em nome desta, assuma (5) obrigações de natureza pecuniária.

a) 1 d) 4

b) 2 e) 5

c) 3

105. (FUVEST) Selecione a forma adequada ao preenchimento das lacunas: O .... aluno foi .... na prova de Inglês, ... não sabe; se você o ...., é bom avisá-lo.

a) mau - mal - mas - vir d) mau - mau - mais - vir

b) mal - mau - mas -ver e) mau - mal - mais - vir

c) mal - mal - mais - ver

106. (FUVEST) Assinale a frase correta:

a) Por que motivo preferiu vim aqui, do que me esperar na rua?

b) Por que você preferiu vim aqui, do que me esperar na rua?

c) Porque você preferiu mais vir aqui que me esperar na rua?

d) Porque motivo você preferiu vir aqui, antes que me esperar na rua?

e) Por que motivo você preferiu vir aqui a me esperar na rua?

107. (FUVEST) Eu .... desconheço. / Roubaram-....... o carro. / Os carros? Roubaram-....... . / Não .... era permitido ficar na sala. / Obrigaram-....... a sair daqui.

a) o, lhe, nos, lhe, nos d) lhe, lhe, lhe, se, os

b) lhe, o, o, o, no e) o, o, os, lhe, no

c) o, os, lhe, lhe, lhe

108. (FUVEST) Assinalar a alternativa em que a acentuação e a pontuação estejam corretas:

a. Multidão, cujo amor cobicei, até à morte, era assim que eu me vingava, às vezes, de ti, deixava burburinhar em volta do meu corpo a gente humana sem a ouvir como o Prometeu de Esquilo fazia aos seus verdugos.
b. Multidão cujo amor cobicei, até à morte, era assim que eu me vingava as vezes de ti, deixava burburinhar, em volta do meu corpo, a gente humana sem a ouvir, como o Prometeu de Ésquilo, fazia aos seus verdugos.
c. Multidão, cujo amor cobicei até à morte; era assim que eu me vingava as vezes de ti; deixava burburinhar em volta do meu corpo a gente humana; sem a ouvir como o Prometeu de Esquilo fazia, aos seus verdugos.
d. Multidão, cujo amor cobicei até à morte, era assim que eu me vingava às vezes de ti; deixava burburinhar em volta do meu corpo a gente humana, sem a ouvir, como o Prometeu de Ésquilo fazia aos seus verdugos.
e. Multidão, cujo amor cobicei até à morte, era assim que eu me vingava, às vêzes, de ti, deixava burburinhar em volta do meu corpo, a gente humana, sem a ouvir, como o Prometeu de Ésquilo fazia aos seus verdugos.

109. (FUVEST) "Disse o sabiá à flauta: Eu, tu e o artista .... de modo diferente; mas o artista e tu .... de modo igual. Portanto, entre .... e .... há uma grande diferença." Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas do hipotético texto acima:

a) cantam, cantais, mim, tu d) cantamos, cantais, mim, ti

b) cantemos, cantam, eu, ti e) cantais, cantam, eu, você

c) cantamos, cantas, eu, tu

110. (FMU) "... Os muros com os quais me comunicava com todos os quintais do quarteirão, sem solução de continuidade". A expressão grifada é, respectivamente, morfológica e sintaticamente:

a) locução adjetiva, adjunto adnominal

b) locução adjetiva, objeto indireto

c) locução adverbial, adjunto adverbial

d) locução adjetiva, complemento nominal

e) locução adverbial, complemento nominal

111. (TRE-SP).......... ao que se esperava daquela reunião, não se verificou .... dos fatos.

a) Contràriamente - distorsão

b) Contrariamente - distorção

c) Contráriamente - distorsão

d) Contràriamente - distorção

e) Contrariamente - distorsão

112. (TRE-SP) ...., o auxiliar judiciário explicou os motivos .... não .... o negócio.

a) Ancioso - porque - fez d) Ansioso - porque - fez

b) Ancioso - porque - fêz e) Ansioso - por que - fez

c) Ancioso - por que - fêz

113. (TRE-SP) Ninguém .... àquela árdua tarefa, antes, ... a outros.

a) dedicar-se-á - passam-na

b) se dedicará - passam-a

c) dedicar-se-á - passam-la

d) se dedicará - passam-na

e) dedicar-se-á - passam-a

(TRE-SP) Instruções para as questões de números 114 a 117

Os períodos abaixo apresentam quatro segmentos grifados, que podem estar corretos ou conter um erro. Assinale a letra correspondente ao segmento incorreto. Se não houver erro, assinale a letra E.

114. Em face ao sucesso, os auxiliares judiciários solidarizaram-se com os

A B

colegas e cumprimentaram-nos em meio a festas. Sem erro.

C D E

115. Tudo contribuía para o apoio ao Presidente, haja vista os fatos que lhe

A B C D

antecederam a posse. Sem erro.

E

116. Não foram atendidas nenhuma de suas reivindicações, apesar de ele ter

A B C

entrado com os papéis a tempo. Sem erro.

D E

117. Não acredito que se realizem outros concursos este semestre, ainda que

A B

hajam vagas remanescentes. Sem erro.

C D E

(TRE-SP) Instruções para as questões de números 118 a 121

Cada uma dessas questões apresenta cinco propostas de redação. Assinale a letra que corresponde à melhor redação, considerando correção, clareza e concisão:

118.

a. Em suas tarefas, para estas serem perfeitas, deve ter disponibilidade, conforme se espera de um bom funcionário.
b. Um perfeito cumprimento de suas tarefas, isto é, do bom funcionário, é isto que se espera: sua disponibilidade.
c. As tarefas cuja disponibilidade e cumprimento deve ser perfeito é o que é esperado de um bom funcionário.
d. O que se espera de um bom funcionário é a disponibilidade para um perfeito cumprimento de suas tarefas.
e. Espera-se a disponibilidade no cumprimento de suas tarefas de um bom funcionário.

119.

a. Resultará em detrimento da comunidade, e isto não é justo, os favores exagerados que vierem a ser concedidos ao indivíduo.
b. Os favores são exagerados; não devem, portanto, ser concedidos ao indivíduo, tendo em vista o detrimento da comunidade.
c. Não é justo que, em detrimento da comunidade, se concedam favores exagerados ao indivíduo.
d. Não é justo que para o indivíduo, em detrimento da comunidade, seja concedido favores em exagero.
e. Em detrimento da comunidade, não é justo que com exagero ao indivíduo se conceda favores.

120.

a. A fim que a máquina administrativa do Tribunal funcione à contento, é extremamente necessário o trabalho eficiente dos atendentes judiciários.
b. O trabalho eficiente dos atendentes judiciários, que se tem extrema necessidade, é para o bom funcionamento da máquina administrativa do Tribunal.
c. O trabalho eficiente dos atendentes judiciários, é extremamente necessário para o bom funcionamento da máquina administrativa do Tribunal.
d. É extremamente necessário de que os atendentes judiciários trabalhem com eficiência, ao bom funcionamento da máquina administrativa do Tribunal.
e. A eficiência dos atendentes judiciários com seu trabalho fazem-se necessários para o bom funcionamento da máquina administrativa do Tribunal.

121.

a. Ainda que eles sejem muito dedicados ao trabalho, têm alguns defeitos que não se pode perdoarem.
b. É imperdoável alguns defeitos que eles têem, embora muito dedicados ao trabalho.
c. Embora se dedique muito ao trabalho, não se pode perdoar alguns defeitos que eles têm.
d. O trabalho é-lhes muito dedicado; porém, há neles alguns defeitos impossível de se perdoar.
e. Eles são muito dedicados ao trabalho; têm, entretanto, alguns defeitos imperdoáveis.

122. (TRE-SP) Era um rapaz ...., cuja .... escondia uma enorme capacidade de trabalho.

a) despretencioso - timidez d) despretensioso - timidêz

b) despretensioso - timidês e) despretensioso - timidez

c) despretencioso - timidês

123. (TRE-SP) Este texto não é só .... estruturado como apresenta erros de gramática ....

a) mau - inadimissiveis d) mau - inadmissíveis

b) mal - inadimissiveis e) mau - inadmissiveis

c) mal - inadmissíveis

124. (TRE-SP) Não sei ...., até hoje, ninguém foi .... desses papéis extraviados.

a) por quê - atraz d) por que - atraz

b) por que - atrás e) porquê - atrás

c) porque - atrás

125. (LICEU) Assinale a alternativa que melhor se enquadre na norma culta:

- **a. "Só vou poder namorar você, às segundas e sextas, das 2 e meia às 5 da tarde..."**
- **b. Tenho de levar a Bia todo dia na escola, depois, volto correndo para trabalhar, porque, a Bia tem ginástica, balé, analista, inglês; e o tempo vai embora..."**
- **c. "Tenho de levar a Bia, todo dia, à escola. Depois volto correndo para trabalhar, porque ela têm ginástica, balé, analista, inglês. E o tempo vai embora..."**
- **d. "Só vou poder namorá-la segunda e sexta, das 2 e meia até 5 da tarde..."**
- **e. "Tenho que levar a Bia, todo dia, à escola. Depois, volto correndo para trabalhar, porque ela tem ginástica, balé, analista, inglês... E o tempo vai embora..."**

126. (LICEU) "E quando ouvir o silêncio sorridente de São Paulo / Diante da chacina / 111 presos indefesos, mas presos são quase todos pretos / Ou quase pretos, ou quase brancos, quase pretos de tão podres / E pobres são como podres e todos sabem como se tratam os Pretos." A partir do trecho acima, percebemos que existe uma repetição constante de uma classe gramatical. Indique qual é essa classe e qual sua relevância para o entendimento do texto:

- **a. Substantivo, pois o autor trabalha com uma tentativa de concretizar os problemas sociais.**
- **b. Adjetivo, pois o autor realça, de forma irônica, os matizes da problemática social, superlativando-os.**
- **c. Substantivo, pois o autor realça, de forma irônica, através de um jogo sonoro de "pobre", "podres" e "pretos", a problemática social.**
- **d. Adjetivo, pois o autor exprime uma qualidade distintiva e individual de um substantivo que conota a problemática social dos presos.**
- **e. Verbo, pois o autor reitera ações gradativas da problemática racial.**

127. (CEETEPS) "As ruas, completamente escuras." Nesta frase, a vírgula:

a) está empregada de modo inadequado, pois separa sujeito e verbo

b) está corretamente empregada, por causa da inversão existente

c) não é necessária para o perfeito entendimento da mensagem

d) é um simples enfeite da frase

e) é valioso recurso de linguagem, equivalendo a um verbo oculto

128. (ETF-SP) Assinalar a alternativa que preenche corretamente as lacunas da seguinte frase: Quando você .... seu irmão, ...-o aqui para nos ....

a) ver, traze, cumprimentarmos

b) vir, traga, cumprimentarmos

c) vir, traze, comprimentarmos

d) ver, traga, cumprimentarmos

e) ver, traze, comprimentarmos

129. (ETF-SP) Na oração "Contam-se casos curiosos sobre os índios", o se é:

a) pronome pessoal oblíquo d) pronome reflexivo

b) índice de indeterminação do sujeito e) pronome possessivo

c) pronome apassivador

130. (FATEC) Assinale a alternativa que obedece rigorosamente à norma culta:

- **a. "Nada, juro-lhe, aconteceu entre eu e os alunos do 1º ano, Senhor Diretor."**
- **b. "A secretária pediu-me que te perguntasse se você recebeu o bilhete que, em anexo, o gerente colocou junto ao relatório."**
- **c. "Consideram inverídicas aquelas informações. No entanto, não fostes tu que afirmastes aqui, mas fomos nós que o fizemos."**
- **d. "Os eleitores demonstraram que preferem candidatos de centro-esquerda a representantes da esquerda radical."**
- **e. "Os parágrafos primeiro e segundo referiam-se as alíneas duas e três, concordou o advogado."**

(TTN) Nas questões 131 a 138, cada um dos textos contém um erro, que pode ser de natureza gramatical, de propriedade vocabular ou de adequação ao estilo culto e formal da língua. Identifique, entre os itens sublinhados, aquele que deve ser corrigido para que a sentença onde ele ocorre se torne correta e adequada:

131. "A ficção científica é, ainda que pareça paradoxal, um viés (1) previlegiado (2) para retratar a pós-modernidade. Como uma época marcada pelo fim das grandes empresas e utopias pode pensar o (3) futuro? Em primeiro lugar, como catástrofe, (4) um mundo em ruínas, saturado de lixo, onde (5) a mais sofisticada tecnologia convive com a decadência urbana absoluta." (M. Peixoto & M. Alalquiaga)

a) 3 d) 1

b) 4 e) 2

c) 5

132. Dispomos hoje de uma previsão nada confortável: estima-se (1) que entre não votantes, nulos e em brancos, (2) chegaremos a ter perto de 20 milhões. São cidadãos (3) que, diante da algaravia (4) dos candidatos, permaneceram sem saber em quem votar. (5)

a) 4 d) 2

b) 5 e) 3

c) 1

133. A (1) cerca (2) de uma dezena de matérias jornalísticas, só (3) na última edição do matutino de circulação nacional, acerca (4) das suspeitas de corrupção nas adjacências (5) do Governo.

a) 5 d) 2

b) 4 e) 1

c) 3

134. Estou me dirigindo àqueles (1) que pretendem reativar a usina de Angra dos Reis para dizer-lhes (2) que nós (3) não concordaremos com tal ação, e que ressacharemos (4) qualquer tentativa de tirar o direito de manifestarmo-nos. (5)

a) 5 d) 3

b) 1 e) 4

c) 2

135. Todo o texto está aberto a uma atribuição de significados, que depende da experiência prévia de leitura de quem o (1) lê. No entanto, (2) qualquer significado que seja atribuído ao texto, independentemente de quão (3) ambíguo ou provisório, é sempre adequado, pois vai ao (4) encontro das expectativas (5) de um leitor específico.

a) 3 d) 1

b) 4 e) 2

c) 5

136. "Vão (1) para dez anos assisti de perto ao (2) trabalho criador de alguns doentes mentais; neles, (3) o processo de pintar ou de criar se (4) fazia, realmente, sem controle consciente (5) ou intelectual." (M. Pedrosa - adaptação)

a) 4 d) 2

b) 5 e) 3

c) 1

137. A sociedade tem clamado contra a injustiça que aos pobres se fazem (1) de vedar-lhes (2) o acesso (3) às (4) universidades públicas, por não poderem (5) eles cursar escolas de boa qualidade e cursinhos preparatórios aos vestibulares.

a) 5 d) 2

b) 4 e) 1

c) 3

138. "Conforme prometemos, estamos enviando novas informações sobre a excursão (1) a Ouro Preto, e ratificando as que já foram enviadas. Embora tenha (2) havido duas desistências, conseguimos manter os preços. No entanto, se ocorrer (3) novas desistências, haverá necessidade de fazermos (4) o repasse para os demais alunos devido aos (5) compromissos já assumidos." (Carta de uma escola aos pais)

a) 5 d) 3

b) 1 e) 4

c) 2

(TTN) Nas questões 139 a 141, indique o conjunto de palavras que preencha de forma correta as lacunas do texto dado.

139. É pouco provável que o ministro se .... a polemizar com funcionários que .... eram .... Principalmente, como era o caso, se a razão não .... do seu lado.

a) puzesse - lhe - subordinados - tivesse

b) dispusesse - dele - submissos - tivesse

c) dispusesse - lhe - subalternos - estivesse

d) pusesse - dele - inferiores - teria estado

e) dispuzesse - a ele - subservientes - tivesse estado

140. "Nos casos de administração prolongada e posologia ...., ... alterações ...., em alguns casos isolados. Essas alterações desapareceram completamente após a .... do tratamento." (Bula de "Bactrim")

a) excessiva - observaram-se - hematológicas - suspensão

b) execissa - observou-se - homeopáticas - suspensão

c) escessiva - percebeu-se - omeopáticas - interrupção

d) recessiva - foram notadas - ematológicas - interrupção

e) escessiva - observaram-se - hematológicas - suspensão

141. "Mas não foi .... pelo entusiasmo que o texto competente e exemplar de Moacir me provocou que redigi .... artigo, ... pela certeza da sua ...." (O. Niemeyer)

a) tãopouco - esse - mas também - importância

b) tão-somente - este - portanto - insignificância

c) tampouco - este - mas - importância

d) tão pouco - esse - porém - relevância

e) tão-só - aquele - contudo - insígnia

142. (TTN) O trecho abaixo contém um erro de natureza gramatical. Indique o item correspondente: "Vê (1) Vossa Excelência como é fácil erguer este país. Desde que se cortem todos aqueles empecilhos (2) que eu apontei no memorial, (...) desde que se corrijam (3) os erros de uma legislação defeituosa e inadaptável às condições do país, Vossa Excelência vereis (4) que tudo isto muda, que, em vez (5) de tributários, ficaremos com a nossa independência feita...". (Lima Barreto, adaptado)

a) 1 d) 4

b) 2 e) 5

c) 3

(TTN) Nas questões 143 a 146, identifique o item sublinhado que contém erro de natureza ortográfica ou gramatical ou, ainda, impropriedade vocabular, e marque a letra correspondente:

143. Tendo em vista que apenas uma interessada retirou o edital referente à concorrência número 006 / 92-PR, a (1) Centrais Elétricas de Goiás - CELG - torna pública (2) que resolveu adiar a concorrência para contratação, sob regime de administração contratada, de alocação de recursos destinados à (3) complementação das obras da IV Etapa da UHE Cachoeira Dourada, com pagamento mediante cessão (4) de direitos sobre

energia elétrica para entrega futura, mantidos (5) os contratos de construção, montagem e fornecimento já celebrados com terceiros.

a) 1 d) 4

b) 2 e) 5

c) 3

144. A Guerra dos Meninos, livro-reportagem (1) do jornalista Gilberto Dimenstein e da fotógrafa Paula Simas, introduz (2) o leitor num (3) dos mais terríveis e bárbaros fenômenos em curso no Brasil desde a década de 70: o assassinato de crianças e adolescentes por grupos de estermínio (4), com a participação direta ou a conivência (5) de policiais. (Benedito Rodrigues dos Santos, com adaptações)

a) 1 d) 4

b) 2 e) 5

c) 3

145. Oficialmente, a cidade do Rio de Janeiro é apenas o palco da Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento e o Meio Ambiente. Na prática, porém, a cidade do Rio de Janeiro vem sendo a catalisadora (1) de uma ação política que mobiliza (2) as maiores cidades do mundo e une as várias entidades que as representam. Paralelamente à reunião de cúpula de Chefes de Estado, haverão (3) eventos, encontros e congressos promovidos pelas organizações não-governamentais, as ONGs. Os povos, hoje, já não se fazem representar apenas pelos respectivos governos centrais, até porque (4), na chamada onda neoliberal, os governos centrais pouco podem conceder às reivindicações (5) de caráter social. (José Augusto Ribeiro, com adaptações)

a) 1 d) 4

b) 2 e) 5

c) 3

146. A contribuição dos fertilizantes para a produção agrícola já foi muito discutida, mas finalmente chegou-se à (1) conclusão de que (2) entre 30% e 50% do rendimento físico alcançado em uma lavoura deve-se (3) a eles, quando os demais estiverem minimamente atendidos. Trata-se, porém, de um valor médio, a ser entendido dentro de um universo maior. Por isso, não só a quantidade de fertilizantes, mas também a forma e a conveniência de sua aplicação merece (4) ênfase. Em alguns casos específicos, outros fatores - como o solo e a semente - adquirem (5) maior relevância para a produtividade. (Carlos E. Calmonovici, et. al., com adaptações)

a) 1 d) 4

b) 2 e) 5

c) 3

147. (TTN) Assinale o único trecho inteiramente correto:

a. As regiões de um país funcionam como os jogadores de um time de futebol. Sempre há um que aparece mais; porém, ele não é nada sem os outros.
b. O país está doente e os sinais confirmam que a cada dia: a fome, a miséria, a corrupção estão cada vez mais piores em todos os setores.
c. O Brasil é um país muito grande, não só em extensão territorial mas em diversidade étnico-cultural.
d. O que seria da música brasileira sem Gil, Caetano, Mílton Nascimento e, tantos outros grandes compositores espalhados pelo país à fora?

e. A crise política, econômica e social, afeta interesses de desenvolvimento cultural, de forma à variar as conotações e denotações da linguagem falada e escrita.

148. (TTN) Assinale o segmento que apresenta defeito de estruturação sintática:

a. Ligadas ou não ao mundo oficial, as pessoas envolvidas com a cultura têm de capacitar-se de que lhes cumpre atuar na divulgação das produções literárias mais expressivas.
b. Os escritores têm a consciência de um compromisso com a palavra, com a língua e também com o povo a que estão ligados, que procuram entender e cujo destino preocupa a todos.
c. Tem-se visto que os parlamentares mais ativos, devido à própria evidência a que os expõe a sua produção, atraem incumbências paralelas, como presidências de comissões, lideranças e outras.
d. A escolha da profissão, para os jovens, não é um ato simples, o qual se possa chegar sem hesitações e dúvidas.
e. Os promotores da nossa cultura devem levar a outros povos o Brasil imaginário, elaborado através de seus poetas, dos seus narradores, e sem o qual o país chamado real é quase se como não existisse.

149. (TTN) Indique o período em que a estrutura sintática está defeituosa:

a. A escola se instaura como local em que, na relação com o professor, o aluno constrói seu instrumento teórico.
b. Caberá à escola, sobre cujo papel a discussão aqui se coloca, uma participação específica na preparação para a cidadania.
c. O processo de integração por que passa o ser humano na escola atinge a dimensão política no exercício de sua capacidade crítica.
d. Somos levados a desconsiderar o fato de que o processo de educação se realiza tanto na escola quanto na sociedade.
e. De outra perspectiva, devemos considerar de que o resultado desse processo repercute mais diretamente na sociedade.

150. (TTN) Indique a letra que corresponde a erro de natureza ortográfica ou gramatical ou a alguma impropriedade vocabular: Um dia, quem aparece no Sítio da Lagoa, onde (A) morávamos? O preto Sambola com o conspícuo (B) cavanhaque e a prosápia (C). Vinha oferecer seus préstimos ao Dr. Pedro, que teve de dissuadí-lo (D), posto que na capital, onde agora vivia, aquelas funções não eram mais de uso e passou-lhe uns cobres para ajudar a persuasão. (E) (Mário Pedrosa, com adaptações)

a) A d) D

b) B e) E

c) C

151. (TTN) Indique o trecho que contém erro de estruturação sintática:

a. Os direitos humanos não são uma preocupação nova. O Cristianismo sempre defendeu a igualdade entre os homens. No plano jurídico é que o problema é mais ou menos recente.
b. A mais importante das Declarações e que teve repercussão universal foi a da Revolução Francesa. Entretanto, o tema era visto como pertencendo à jurisdição doméstica dos estados.
c. Somente no século XX começa a sua internacionalização. Tentativas são realizadas no período de 1919-1939. Apenas em 1945, em um mundo chocado com o aspecto bárbaro do conflito mundial, é que os direitos do homem são consagrados em um tratado internacional: a Carta da ONU.
d. O progresso é lento e tímido. Começa-se por uma Declaração de 1948. Elabora-se os Pactos de Direitos Humanos em 1966. Sucedem-se inúmeras convenções, como a que proíbe a tortura e a da proteção à criança.
e. Entretanto, os mecanismos de implantação são fracos. No plano regional, os resultados são mais palpáveis, como no Conselho da Europa, ou ainda no âmbito da OEA. Como os direitos do homem visam à própria relação política estado-pessoa, são difíceis de aceitar. (Arquivos, do Ministério da Justiça, com adaptações)

(AFTN) Nas questões de números 152 a 159, cada um dos textos contém um erro, que pode ser de natureza gramatical, de propriedade vocabular ou de adequação ao estilo culto e formal da língua. Identifique, entre os itens sublinhados, aquele que deve ser corrigido para que a sentença onde ele ocorre se torne correta e adequada:

152. "Encontrar seu meio de expressão próprio (1) é problema sério para um artista. Casos têm havido (2) em que, até o (3) envelhecer, o artista não o encontra. Em nossos dias, isso é menos freqüente, (4) pela simples razão de que a tendência dominante não é a do confinamento individual em um só gênero ou ramo, mas a da experimentação generalizada de todos ou de muitos, simultaneamente. (5) (Mário Pedrosa - adaptação)

a) 5 d) 2

b) 4 e) 1

c) 3

153. Uma das coisas que impacientava (1) o insigne mestre era a infinita multiplicação, banalizadora e insípida, de textos que tentam justificar-se pelas referências acumuladas a outro e outros, (2) como se o simples número dos ecoados (3) pudesse (4) emprestar-lhes algum valor e revestir-lhes (5) da eredição.

a) 3 d) 4

b) 2 e) 5

c) 1

154. Brasileiros e latino-americanos (1) fazemos (2) constantemente a crítica da prevalecência (3) dos modismos estrangeiros nas nossas manifestações culturais cotidianas, de (4) que é exemplo notório o Papai Noel enfrentando a canícula (5) em roupa de esquimó.

a) 4 d) 1

b) 3 e) 5

c) 2

155. A (1) beleza clássica, única e soberana, sancionada (2) pela consagração dos tempos, o século XVIII contrapõe, a um só tempo, a diversidade dos estilos, a originalidade do gênio e a individualidade do gosto. Força inesgotável, o poder criador suscita (3) uma multiplicidade de formas que

não se deixam (4) reduzir. Avalizado (5) pelo sentimento, o elo torna-se aquilo que agrada a mim e aos homens de uma determinada época: o moderno.

a) 2 d) 4

b) 1 e) 3

c) 5

156. Não (1) raras vezes nos acreditamos a sós (2) com a obra que admiramos. Mas isso é ilusório. Entre eu (3) e a obra há sempre uma presença: as outras e meu conceito de arte. Julgo amar sem razão; contudo, saiba-o (4) eu ou o ignore, a percepção artística equivale sempre às (5) vozes de uma consciência.

a) 5 d) 2

b) 4 e) 1

c) 3

157. Os ensaios de Celso Cunha sobre o ritmo poético das cantigas trovadorescas vêm (1) prestando grande serviço aos editores de textos medievos, (2) de (3) que, se por vezes discordaram de algumas afirmações nele contidas, o (4) fizeram em questões de somenos. (5)

a) 3 d) 5

b) 2 e) 4

c) 1

158. Nas reuniões da APM os pais se mostram mais ansiosos por (1) saber do (2) desempenho escolar de seus filhos do que por (3) conhecer os objetivos que se pretendem (4) sejam (5) alcançados pelos alunos no processo de sua aprendizagem.

a) 4 d) 1

b) 3 e) 5

c) 2

159. "Ao receber dos seus colegas da França a informação de (1) que Nahas estivera (2) em Paris e, em seguida obtera (3) da Justiça francesa a ajuda de uma ordem de prisão do foragido, imediatamente Romeu Tuma revelou esses (4) fatos em uma (5) entrevista". (Folha de São Paulo, 01/10/89, p. A-5)

a) 2 d) 4

b) 1 e) 3

c) 5

(AFTN) Nas questões 160 e 161, marque o conjunto de palavras que preenche as lacunas do texto, com correção gramatical e adequação à modalidade padrão da língua:

160. "Como profissional de comunicação, com alguma experiência em seu uso na política, tenho dificuldade em compreender o que pretendem os candidatos. Enganar-nos? Creio que é isso. Não.......... basta nada .... Dizem .... Uns, ..., de fato, nada têm a propor ou oferecer. Outros, ... sabem falar." (S. Farhat)

a) lhes - terem a dizer - mal - porquê - mal

b) lhes - ter a dizer - mal - porque - mal

c) nos - termos a dizer - mau - porque - mal

d) lhos - ter a dizerem - mau - porquê - mau

e) lhos - terem a dizer - mau - porque - mau

161. "............ existir nos homens um sentimento profundo que corresponde a essa palavra liberdade, pois .... se .... escrito poemas e hinos, ... se .... levantado estátuas e monumentos, ... se .... até morrido com alegria e felicidade." (Cecília Meirelles)

a) Deve - dela - tem - por ela - tem - para ela - tem

b) Deve - sobre ela - têm - a ela - têm - por ela - tem

c) Devem - sobre ela - têm - para ela - têm - por ela - tem

d) Parece - com ela - tem - com ela - tem - por causa dela - tem

e) Devem - dela - têm - para ela - têm - por causa dela - têm

162. (AFTN) Assinale, entre as substituições propostas, a que corrige adequadamente o erro do trecho seguinte:

"Se alguém se deter em olhar na tevê, detalhadamente, o rosto do presidente Fernando Collor, vai verificar que estão aparecendo alguns fios de cabelos brancos em sua cabeça." (Jornal de Brasília, 26/03/91, p. 7)

SUBSTITUIR: POR:

a) alguns fios de cabelos brancos algumas cãs

b) em sua cabeça em suas têmporas

c) deter detiver

d) tevê televisão

e) em olhar a observar

163. (AFTN) Assinale o trecho construído em linguagem escorreita, segundo o padrão oficial da Língua Portuguesa:

a. **Ontem, a Câmara Legislativa suspendeu o pagamento da taxa de Licenciamento. Agora, todo veículo que tiver com o IPVA em dia, seguro obrigatório e nenhuma multa pendente estará automaticamente licenciado.**
b. **Por um erro de avaliação, o lugar reservado para a cerimônia foi o auditório da Faculdade de Ciências da Saúde, com capacidade máxima para 500 pessoas, embora houvessem mil.**
c. **Ao prestar depoimento, Carlos Fernando disse que agia com outro traficante, que a polícia prefere manter sigilo, para não prejudicar as investigações.**
d. **O manifesto defende a universidade pública e gratuita, pois é esta que pode, junto com o ensino de primeiro e segundo graus e outros setores da sociedade brasileira, oferecer os conhecimentos e meios para as transformações necessárias.**
e. **Se ver atendidas essas reivindicações, Genebaldo acha que dá para negociar os atuais patamares de reajustes, No entanto, o parlamentar acha pouco os 20 por cento oferecidos aos servidores.**

164. (AFTN) Marque o segmento que apresenta completa correção gramatical, adequação aos princípios de coerência e consistência de argumentos:(Extraído de documento de uma Associação de Servidores)

a. **O convênio com empresas é de grande valia, inclusive durante a greve de Rodoviários, pois permite a que os usuários cheguem normalmente ao local de trabalho.**
b. **O nível de participantes nas atividades desportivas tem sido bastante satisfatório, isto é, em grande quantidade / qualidade e dedicação, onde as pessoas que dirigem os eventos possuem larga experiência no assunto.**
c. **Temos procurado trabalhar de forma séria e dedicada, buscando sempre a satisfação da coletividade, pois, possuímos mais de 2.000 (dois mil) associados.**
d. **Ao se associar V. Sa. imediatamente gozará de todos os benefícios, como por exemplo quando é feita uma consulta médica o ganho é claro e evidente.**
e. **Esta Associação é uma entidade de caráter eminentemente social, sem fins lucrativos, que baseia seus serviços precipuamente nas áreas de saúde, comércio, transporte e lazer.**

165. (AFTN) Indique a opção que melhor reformula o trecho abaixo, em termos de adequação à norma culta, concisão e eficiência comunicativa: "Ao final de cada exercício apresentamos balanço para após minuciosa

apresentação / explicação e aprovação em assembléia." (Extraído de comunicado de uma Associação de Servidores)

- a. **Ao final de cada exercício, apresentamos o balanço financeiro para apreciação dos sócios e posterior aprovação em assembléia.**
- b. **Ao fim de cada exercício, apresentamos um balanço para, após minuciosa explicação, sua aprovação em assembléia.**
- c. **No final de cada gestão administrativa, é divulgado balanço cuja apresentação e explicação minuciosa é aprovado em assembléia.**
- d. **Ao término de cada gestão administrativa, apresentamos balanço financeiro para após aprovação em assembléia, com minuciosa apresentação e explicação dos sócios.**
- e. **É compromisso desta Associação apresentar aos seus digníssimos sócios, ao final de cada mandato de sua direção, um balanço minucioso de todo o dinheiro que entrou e saiu, para após apresentação / explicação, votação em assembléia.**

(AFTN) Nas questões 166 a 168, marque o texto que contém erro de estruturação sintática:

166.

- a. **Duas escolas do pensamento econômico tiveram grande influência no desenvolvimento das teorias demográficas a partir do início do século XIX até 1870, aproximadamente: a Escola Clássica da Inglaterra e seus equivalentes na Europa Continental e na América, e os escritores ou tratadistas socialistas e marxistas.**
- b. **A teoria dos tratadistas da Escola Clássica fundamentavam-se em argumentos mais objetivos que os de Malthus, como a tese de que o crescimento da população tende a diminuir os salários e a criar a pobreza.**
- c. **Os argumentos desses estudiosos baseavam-se geralmente nas leis de rendimento dos diversos ramos da atividade econômica, particularmente no rendimento decrescente da agricultura.**
- d. **Entretanto, para alguns, como James Mill, os avanços tecnológicos nos processos de produção exerceria uma ação compensadora na relação população-salários e permitira aumentos demográficos sem se agravasse a situação econômica e social da população.**
- e. **Esta continuaria a desfrutar um nível de bem-estar médio aceitável.**

(Manuel Augusto Costa, com adaptações)

167.

- a. **A partir da segunda metade do século XVIII, foi cada vez maior o número de autores de estudos econômicos e sociais que se opunham à teoria de que o crescimento da população era vantajoso e de que o Estado deveria fomentá-lo.**
- b. **Os principais estudos e opiniões de que a população dependia dos meios de subsistência partiram principalmente da Inglaterra, França e Itália, onde os opositores das teorias mercantilistas não confiavam em geral na capacidade de ação do Estado para aumentar os meios de subsistência e melhorar a sorte da população.**
- c. **Surgiu assim um amplo debate, durante o qual alguns autores ingleses se opuseram a que se adotasse medidas para socorrer os pobres, argumentando que, dessa forma, estariam aumentando a irresponsabilidade da mão-de-obra, a má utilização dos recursos e aumentando a pressão demográfica sobre os meios de subsistências.**
- d. **Nessa ocasião, Malthus escreveu o primeiro ensaio sobre princípios de população.**
- e. **Essa obra foi basicamente uma crítica às teses do perfeccionismo do homem elaboradas por Condorcet, e à proposta do sistema igualitário de Godwin, que opinava terem os vícios da humanidade suas origens nas instituições sociais. (Manuel Augusto Costa, com adaptações)**

168.

- a. **A escassa literatura existente sobre o desenvolvimento da urbanização brasileira no século XIX tem enfatizado quase que exclusivamente os aspectos quantitativos ligados à evolução e às mudanças, no número e no tamanho das suas cidades.**

b. Alguns poucos ensaios que pretendem ser mais abrangentes procuram inter-relacionar o processo da urbanização com as mudanças de natureza sócio-econômica ocorridas durante o mesmo período.
c. Outros estudos existem e a rigor só tratam do fenômeno da urbanização de forma subsidiária, apesar das reais contribuições que trazem para o avanço dos conhecimentos da área.
d. Nos trabalhos sobre a urbanização, é mais comum encontrar análises do fenômeno da América Latina, como um todo, onde o Brasil aparece diluído nas tabelas e interpretações genéricas, que se buscam para a região toda.
e. Por outro lado, as pesquisas realizadas sobre a demografia histórica urbana do Brasil não ultrapassam a dezena, apesar de a crescente aceitação dos estudos de demografia retrospectiva que é evidenciada nos últimos anos. (Maria Luiza Marcílio, com adaptações)

(AFTN) Nas questões 169 a 171, identifique o item sublinhado que contém erro de natureza ortográfica ou impropriedade vocabular e marque a letra correspondente:

169. O fortalecimento dos estados nacionais, quando o estudo de territórios tornou-se um dos pilares dos estudos geográficos, e o sistema escolar, que serviu de local para a incultação (A) da ideologia patriótica e nacionalista constituíram (B) a base sobre a qual se construiu a geografia. Nessa perspectiva, a ciência geográfica fez repousar sua tradição no estudo das áreas (continentes, países, regiões) diferenciadas (C), e isto (D) lhes (E) garantiu grande importância no século passado e nas primeiras décadas deste século. (João Rua, com adaptações)

a) A d) D

b) B e) E

c) C

170. A cada dia cresce em intensidade o interesse mundial em torno da proteção aos direitos humanos. E, em conseqüência, novas teorias humanitárias e conceitos sobre hipóteses emergentes (A) de violação dessas prerrogativas essenciais irrompem (B) em sucessão surpreendente. Ainda a pouco (C), no âmbito do seminário "Os direitos humanos após Viena: a incorporação das normas internacionais de proteção ao Direito Brasileiro", promovido pelo Instituto Interamericano (D) de Direitos Humanos, diversas abordagens originais ao tema (E) despertaram grande atenção dos participantes do evento. (Josemar Dantas, com adaptações)

a) A d) D

b) B e) E

c) C

171. Podemos diferenciar os interesses meta-individuais (A) a serem (B) defendidos pelo Ministério Público nas ações civis públicas em três espécies: I) interesses difusos - caracterizados pela impossibilidade de determinação da coletividade atingida pelo ato ou procedimento lesivo ao ordenamento jurídico, das quais (C) decorre inexistência de vínculo jurídico entre os membros da coletividade atingida ou entre estes e a parte contrária, autora da lesão; II) interesses coletivos - caracterizados pela existência de vínculo jurídico entre os membros da coletividade afetada pela lesão e a parte contrária, origem do procedimento genérico continuativo que afeta potencialmente todos os membros dessa coletividade, presentes e futuros, passíveis (D) de determinação; III) interesses individuais homogêneos - decorrentes de uma origem comum, fixa no tempo, correspondente a ato concreto lesivo ao ordenamento jurídico, que permite a determinação imediata de quais (E) membros da coletividade foram atingidos. (Ives Gandra da Silva Martins, com adaptações)

a) A d) D

b) B e) E

c) C

(AFTN) Leia o trecho abaixo para responder às questões 172 e 173:

O lazer era parte integrante da cultura caipira; condição sem a qual não se caracterizava, não devendo, portanto, ser julgado no terreno ético, isto é, ser condenado ou desculpado, segundo é costume.

Ele se encontrava, aliás, por assim dizer racionalizado graças à observância dos dias de guarda - os dias desastrosos, nos quais se acredita que o trabalho pode causar prejuízo grave, devido ao desrespeito pela norma religiosa. Menos a ela, porém, do que a um calendário especial, nem sempre coincidindo com o estabelecido pela Igreja, pois quando esta restringiu o número de dias santificados, o caipira continuou a seguir a tradição. (Antônio Cândido. Os Parceiros do Rio Bonito - Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida, SP, Duas Cidades, 1977)

172. Indique a substituição proposta para os segmentos sublinhados que resulta em erro morfossintático ou semântico:

a. O lazer era parte integrante da cultura caipira; condição sem a qual não se caracterizava, ... (sem cuja condição não se caracterizava, ...)
b. ... segundo é costume (... conforme é usual)
c. - os dias desastrosos, nos quais se acredita que o trabalho pode causar prejuízo grave, ... (em que o trabalho, acredita-se, pode causar prejuízo grave, ...)
d. ... pois quando esta restringiu o número de dias santificados, ... (limitou)
e. Ele se encontrava racionalizado graças à observância dos dias de guarda ... (em virtude do hábito de não se trabalhar nos feriados religiosos...)

173. Indique a afirmação errada:

a. O sujeito de "não se caracterizava" é lazer.
b. O termo "portanto" equivale, no trecho, a por conseguinte.
c. "dias desastrosos" é expressão sinônima de "dias de guarda".
d. em "Menos a ela", o pronome se refere a "observância dos dias de guarda".
e. "esta" refere-se ao termo "Igreja".

174. (FGV) Leia atentamente: "Têm havido algumas advertências aos civis ou à sociedade civil..." Há um erro de acentuação no termo sublinhado, pois na frase acima:

a) o sujeito é sociedade civil

b) o verbo haver é impessoal

c) o sujeito de ter é advertência

d) o verbo ter é pronominal

e) o verbo haver foi empregado impessoalmente

175. (UNIP) Em "Ainda havia riscos de racionamento de combustíveis, por que já fazia alguns meses que o mau desempenho da produção era sentido pelos plantadores de cana", há um erro que será corrigido, se trocarmos:

a) havia por existiam d) mal por mau

b) porque por porquê e) por que por porque

c) fazia por faziam

176. (CESGRANRIO) Assinale a única opção gramaticalmente correta:

a) Os caminhos porque passamos eram sombrios.

b) Assististe ao espetáculo? Assisti-lhe.

c) Volte que o país está lhe ordenando.

d) Refiro-me à opinião dele e não a dela.

e) Eis os países à que fizemos restrições.

177. (UNIRIO) Assinale a opção inadequada, quanto à sintaxe, na frase: "(...) a pilha dos jornais ali no chão, ninguém os guardou debaixo da escada":

- **a. O pronome os está mal empregado: deveria ser a, para concordar com pilha**
- **b. O sujeito do verbo guardou é simples**
- **c. De jornais é adjunto adnominal**
- **d. Os é complemento de verbo transitivo direto**
- **e. Ali e no chão são modificadores de um verbo elíptico**

178. (TRE-ES) "Eu passo no subúrbio. Se eu .... lá, ...

a) passei d) passace

b) passava e) paçasse

c) passasse

179. (BB) Havia pobres e ricos na festa de ontem. Na frase, o verbo está no singular porque:

a) a concordância é facultativa

b) concorda com o sujeito oculto

c) há um erro de concordância

d) é impessoal

e) o sujeito é indeterminado

180. (FARIAS BRITO) "O resto eram festas de igreja, em que o Estado não se metia, ou datas pessoais que encorajavam o menino a faltar à escola...". (Carlos Drummond de Andrade: Fala, Amendoeira) O verbo "eram", nesse texto:

- **a. concorda com "festas", porque é sujeito e está no plural**
- **b. concorda com o predicativo, no plural, por atração**
- **c. está no plural porque "o resto" tem valor coletivo e significa "as outras coisas"**
- **d. está no plural porque deve ter havido erro de revisão tipográfica**
- **e. está no plural porque esse período se refere às "datas pessoais", no plural**

181. (FUVEST) Leia as frases seguintes e assinale a que está correta:

a) A jovem que eu lhe falei à pouco vai ser entrevistada.

b) A jovem que a pouco foi entrevistada é aquela que eu lhe falei.

c) A jovem de cuja eu lhe falei há pouco é aquela que foi entrevistada.

d) A jovem que há pouco foi entrevistada é aquela de que eu lhe falei.

e) A jovem que há pouco foi entrevistada é aquela que eu lhe falei.

182. (TTN) Indique a letra que corresponde a erro de natureza ortográfica ou gramatical ou a alguma impropriedade vocabular: Os que proclamaram os chamados direitos do homem e recomendaram a sua disseminação (A) na face da Terra, principalmente no seio da mocidade, deviam estar bem seguros da própria sinceridade e da pureza dos seus propósitos. Porque (B) os que muito sofreram podem aceitar um consolo, mas não suportam um engano. Devemos ter bem presente de que (C) a mocidade que (D), enlevada e confiante, ouve falar em direitos humanos, é a mesma mocidade que lutou numa guerra total para que a humanidade desfrutasse mil anos de paz, e já agora começa a ouvir rumores de guerra. É a mesma mocidade que conserva vivas (E) as promessas que ouviu. (Alcides Carneiro, com adaptações)

183. (TTN) Indique o trecho que contém erro de estruturação sintática:

a. O que é a sociedade brasileira enquanto sociedade autoritária? É uma sociedade que conheceu e conserva a cidadania como privilégio de classe, fazendo-a ser uma concessão regulada e periódica da classe dominante às classes sociais.
b. É uma sociedade na qual as diferenças e assimetrias sociais e pessoais são imediatamente transformadas em desigualdades, e estas, em relação de hierarquia, mando e obediência.
c. É uma sociedade na qual as leis sempre foram armas para conservar privilégios e o melhor instrumento para repressão e a opressão, situação claramente reconhecida pelos trabalhadores, quando afirmam que "a justiça só existe para os ricos".
d. Nessa sociedade não existem nem a idéia nem a prática da representação política autêntica, o que marca profundamente a vida intelectual e artística, os intelectuais - na maioria oriundo das classes médias urbanas - oscilando entre a posição de ilustrados e de revolucionários, mas sempre fascinados pelo poder.
e. É uma sociedade, conseqüentemente, na qual a esfera pública nunca chega constituir-se como pública, donde o fascínio dos teóricos pelos modelos tecnocráticos que lhes parecem dotados de impessoalidade necessária para definir o espaço público. (Marilena Chauí, com adaptações)

184. (AFTN) Assinale o período que tem melhor redação considerando correção, clareza, concisão e ênfase:

a. Temos maquinária que V. S^{a}. necessita. Não compre sem consultar nossos preços. Enviaremos a V. S^{a}., detalhado projeto com o orçamento respectivo, pelo correio.
b. Não compre sem consultar nossos preços. Queira comunicar-nos o que lhe falta e, pela volta do correio, terá um detalhado projeto com o respectivo orçamento.
c. Se V. S^{a}. comunicar-nos o que vos falta, atenderemos com a máxima presteza e a maior boa vontade. Nossos preços são sem concorrência e nosso serviço é rápido e perfeito. Enviaremos catálogo de material com o respectivo orçamento.
d. Via postal, enviaremos a V. S^{a}. um detalhado projeto de orçamento respectivo para que os Senhores verifiquem a competitividade de nosso material. Não compre sem consultar nossos preços.
e. Preços sem concorrência! Serviço rápido e perfeito! É o que lhe oferecemos, juntamente com um detalhado projeto e respectivo orçamento, via postal. Comunique-nos o que falta a V. S^{a}! Não compre sem consultar nossos preços.

(AFTN) Nas questões 185 a 187, identifique o item sublinhado que contém erro de natureza ortográfica ou gramatical ou impropriedade vocabular, e marque a letra correspondente:

185. Os estudiosos de nossa língua nem sempre se revelam concordes no que se refere ao enquadramento de alguns fatos do português do Brasil atual como sendo, necessariamente, remanescências do português arcaico. São de Ruy Barbosa, por exemplo, essas palavras: "Costumam todos os filólogos designar por brasileirismo (e em tal conta sempre o tive) (A), até não há (B) muito o uso do pronome pessoal ele, ela, eles, elas como objeto do verbo: 'Eu vi ele. Eu deixei ele.' Dessa prática, entretanto, bastantes casos (C) se me depararam (D) nos clássicos mais antigos." Ruy acabara chegando, portanto, a conclusão de que (E) essa sintaxe popular não passa de uma sobrevivência, no Brasil, de antiga construção lusitana. (Luís Carlos Lessa, com adaptações)

a) A d) D

b) B e) E

c) C

186. Hoje que a ciência da linguagem investiga os fatos sem deixar-se pear por antigos preconceitos, já não podemos levar as chamadas partículas de realce à conta de superfluidades (A) nem ainda atribuir-lhes papel decorativo, o que seria contra-senso (B), uma vez que rareiam no discurso eloqüente e retórico e se usam (C) a cada instante justamente no falar desativado de todos os dias.

Uma cousa é dirigirmo-nos à coletividade, a pessoas desconhecidas, de condições diversas, e que nos ouvem caladas; outra cousa é tratar alguém de perto, falar e ouvir, e ajeitar a cada momento a linguagem em atenção a essa pessoa que está diante de nós, para que fique sempre bem impressionada com as nossas palavras.

É esta situação, ou melhor, são as várias cambiantes de situação existentes no diálogo, na conversação, no trato familiar, que determinam o uso dessas expressões concisas, alheias, talvez, à parte informativa, mas capaz (D) de conseguir intuitos que palavras formais não conseguiram. Chamemos-lhes (E) expressões de situação. (Manuel Said Ali; com adaptações)

a) A d) D

b) B e) E

c) C

187. Não reside o estilo na beleza ou na graça, mas na força e ainda na grosseria e rudeza da força. Suave ou rústica, polida ou tosca, pouco importa. Almas que sofrem são de si mesmas (A) sonoras, como cordas que, se acaso tremem e vibram, apagam-se e fundem-se indecisas no ar. As dores que o espírito tornou mudas para os profanos não emudeceram; em seu recolhimento espalharam-se pelo cristal d'alma as suas ressonâncias.

O nosso exemplo clássico é Frei Luís de Souza, reputado o maior dos nossos estilistas e também um dos homens de mais férrea vontade e caráter da nossa raça. Até hoje ignora-se a causa que levara aquele homem de guerra, como ele o foi, a ele e a esposa (B), a separarem-se ambos e buscarem, cada um, a soledade dos claustros (C).

A música e a sonoridade da sua arte sempre nos diz (D) alguma cousa daquele mistério.

A sua alma é numerosa, musical, afinada a todos os sopros, como harpa eólia; qualquer assunto que a toque quebra-se e desfaz-se em ritmos; idéias que por ela passem saem já com as suas curvas e suas eclipses curtas, como se foram (E) mundos despegados de um sol, no momento da criação deles. (João Ribeiro; com adaptações)

a) A d) D

b) B e) E

c) C

188. (AFTN) Indique a letra que contém a proposição correta em relação aos três trechos abaixo (adaptados de Folha de São Paulo, de 26.07.93):

1. **Auditoria do TCU revela que o coordenador de merenda escolar do Estado X criou duas empresas particulares. Em uma aparecia como proprietário e em outra como procurador, dotado de plenos poderes.**
2. **Em auditoria efetuada pelo TCU, verificou-se que o coordenador de merenda escola do Estado X criara duas empresas particulares, das quais uma era o proprietário e da outra era o procurador, com plenos poderes.**

3. Equipe de auditores do TCU constataram que o coordenador de merenda escolar do Estado X criou duas empresas particulares, cujo proprietário e procurador plenipotenciário de uma delas era ele próprio.

a) Nenhum dos três segmentos apresenta erro de linguagem

b) Apenas o trecho 1 está vazado em linguagem escorreita

c) Há erro de linguagem nos trechos 1 e 2

d) Todos os trechos contêm erro de linguagem

e) O trecho 3 é o único que apresenta erro de linguagem

(AFTN) Nas questões 189 e 190, marque o segmento do texto que contém erro de estruturação sintática ou semântica:

189.

a. Eis uma realidade fortemente provável: os homens devem falar desde que existem como homens, ter-se-ão multiplicado e progressivamente dividido em grupos, grupos que, falando ao tempo da divisão a mesma língua, em breve, por não mais se intercomunicarem, modificam sua língua, nova, temporalmente, em relação às outras;
b. A partir de certo momento da ocupação do planeta pelo homem, esse processo de contínua diferenciação lingüística (com desaparecimentos conjunturais de línguas e seus usuários) se saturou, em alguns pontos do ecúmeno, coexistindo, nesses lugares e a partir de então, com o processo de unificação lingüística;
c. Essa expressão pode induzir à suposição de que, confrontando-se povos com línguas diferentes (oriundas ou não da mesma genealogia), ocorra a fusão de duas línguas numa só;
d. Isso, a ter ocorrido, parece ter sido exceção, e exceção muito rara. O "normal" aos processos de unificação lingüística parece ter sido que um grupo - povo, nação, gente, clã - acabasse por sobrepor a sua língua a dois, cinco, dez, grupos cujas línguas desapareciam mais ou menos, deixando elementos vestigiais na língua perdurante, sobretudo no léxico;
e. Unificações desse tipo, mais ou menos numerosas, ocorreram na história humana pelo menos a mais de oito mil anos, mais ou menos documentadas diretamente. (Antônio Houaiss, com adaptações)

190.

a. É de crer que o fenômeno de emergência de uma "língua geral" tenha ocorrido em mais de um ponto do território brasileiro;
b. Dois casos são incontroversamente documentados: um é de José de Anchieta, a Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil, só publicada em 1595 em Coimbra, quando se sabe que tivera elaborações e prestava serviço bem antes;
c. Outra é de Luís Vicêncio Mamiami, Arte de gramática da língua brasílica da nação cariri só publicada em Lisboa em 1699, embora hajam levantamentos de gramáticas e léxicos de muitas outras línguas indígenas, que Darcy Ribeiro balanceou em l954;
d. Mas há referências a línguas gerais de base africana em vários pontos do País, línguas essas que, por forte presunção, eram a dos quilombos, que desde o século XVI se multiplicaram no território, quilombos que, quando não intercomunicantes, não teriam por que ter a mesma língua geral de base africana;
e. E na Bahia, em Salvador em particular, o nagô chegou a ser língua comum dos escravos, ou, pelo menos, de muitos escravos. (Antônio Houaiss, com adaptações)

GABARITO

1 - B 34 - C 67 - D 100 - D 133 - E 166 - D

2 - E 35 - A 68 - E 101 - E 134 - E 167 - C

3 - B 36 - C 69 - E 102 - A 135 - E 168 - E

4 - E 37 - B 70 - C 103 - A 136 - C 169 - E

5 - E 38 - E 71 - E 104 - B 137 - E 170 - C

6 - C 39 - C 72 - D 105 - A 138 - D 171 - C

7 - C 40 - C 73 - E 106 - E 139 - C 172 - A

8 - E 41 - A 74 - B 107 - A 140 - A 173 - D

9 - D 42 - B 75 - A 108 - D 141 - C 174 - E

10 - E 43 - D 76 - E 109 - D 142 - D 175 - E

11 - D 44 - C 77 - D 110 - D 143 - B 176 - C

12 - C 45 - E 78 - C 111 - B 144 - D 177 - A

13 - A 46 - C 79 - E 112 - E 145 - C 178 - C

14 - B 47 - B 80 - E 113 - D 146 - D 179 - D

15 - C 48 - C 81 - B 114 - A 147 - A 180 - B

16 - E 49 - B 82 - B 115 - E 148 - D 181 - D

17 - E 50 - E 83 - C 116 - A 149 - E 182 - C

18 - E 51 - B 84 - C 117 - C 150 - D 183 - D

19 - E 52 - B 85 - C 118 - D 151 - D 184 - B

20 - C 53 - A 86 - D 119 - C 152 - D 185 - E

21 - A 54 - A 87 - B 120 - C 153 - D 186 - D

22 - C 55 - D 88 - E 121 - E 154 - B 187 - B

23 - B 56 - D 89 - E 122 - E 155 - B 188 - B

24 - C 57 - D 90 - E 123 - C 156 - C 189 - E

25 - D 58 - C 91 - D 124 - B 157 - A 190 - C

26 - A 59 - D 92 - D 125 - E 158 - A

27 - B 60 - C 93 - E 126 - B 159 - E

28 - E 61 - A 94 - C 127 - E 160 - B

29 - A 62 - B 95 - D 128 - B 161 - B

30 - B 63 - E 96 - A 129 - C 162 - C

31 - B 64 - E 97 - E 130 - D 163 - D

32 - A 65 - B 98 - B 131 - E 164 - E

33 - D 66 - E 99 - A 132 - D 165 - A

20. INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

(IBGE) Texto para as questões 1 a 6:

1º - Uma diferença de 3.000 quilômetros e 32 anos de vida separa as margens do abismo entre o Brasil que vive muito, e bem, e o Brasil que vive pouco, e mal. Esses números, levantados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, e pela Fundação Joaquim Nabuco, de Pernambuco, referem-se a duas cidades situadas em pólos opostos do quadro social brasileiro. Num dos extremos está a cidade de Veranópolis, encravada na Serra Gaúcha. As pessoas que nascem ali têm grandes possibilidades de viver até os 70 anos de idade. Na outra ponta fica Juripiranga, uma pequena cidade do sertão da Paraíba. Lá, chegar à velhice é privilégio de poucos. Segundo o IBGE, quem nasce em Juripiranga tem a menor esperança de vida do país: apenas 38 anos.

§2ºA estatística revela o tamanho do abismo entre a cidade serrana e a sertaneja. Na cidade gaúcha, 95% das pessoas são alfabetizadas, todas usam água tratada e comem, em média, 2.800 calorias por dia. Os moradores de Juripiranga não têm a mesma sorte. Só a metade deles recebe água tratada, os analfabetos são 40% da população e, no item alimentação, o consumo médio de calorias por dia não passa de 650.

§3ºO Brasil está no meio do trajeto que liga a dramática situação de Juripiranga à vida tranqüila dos veranenses. A média que aparece nas estatísticas internacionais dá conta de que o brasileiro tem uma expectativa de vida de 66 anos.

§4ºVeranópolis, como é comum na Serra Gaúcha, é formada por pequenas propriedades rurais em que se planta uva para a fabricação de vinhos. Tem um cenário verdejante. Seus moradores - na maioria descendentes de imigrantes europeus - plantam e criam animais para o consumo da família. Na cidade paraibana, é óbvio, a realidade é bem diferente. Os sertanejos vivem em cenário árido. Juripiranga não tem calçamento e o esgoto corre entre as casas, a céu aberto. Não há hospitais. A economia gira em torno da cana-de-açúcar. Em época de entressafra, a maioria das pessoas fica sem trabalho.

§5ºNo censo de 1980, os entrevistadores do IBGE perguntaram às mulheres de Juripiranga quantos de seus filhos nascidos vivos ainda sobreviviam. O índice geral de sobreviventes foi de 55%. Na cidade gaúcha, o resultado foi bem diferente: a sobrevivência é de 93%.

§6ºContrastes como esses são comuns no país. A estrada entre o país rico e o miserável está sedimentada por séculos de tradições e culturas econômicas diferentes. Cobrir esse fosso custará muito tempo e trabalho.

(Revista Veja - 11/05/94 - pp. 86-7 - com adaptações)

1. Os 32 anos referidos no texto como um dos indicadores do abismo existente entre as cidades de Veranópolis e Juripiranga corresponde à diferença entre:

a) suas respectivas idades, considerando a época da fundação

b) as idades do morador mais velho e do mais jovem de cada cidade

c) as médias de idade de seus habitantes

d) a expectativa de vida das duas populações

e) os índices de sobrevivência dos bebês nascidos vivos.

2. Segundo o texto, Veranópolis e Juripiranga encontram-se em pólos opostos. Assinale a única opção cujos elementos não caracterizam uma oposição entre essas duas cidades:

a) Norte x Sul d) Verdejante x Árido

b) Serra x Sertão e) Plantação x Consumo

c) Dramática x Tranqüila

3. Analise as afirmações abaixo e assinale V para as que, de acordo com o texto, considerar verdadeiras e F para as falsas:

( ) A cidade paraibana não tem sequer a metade dos privilégios de que goza

a cidade gaúcha.

( ) O Brasil, como um todo, encontra-se numa posição intermediária entre as

duas cidades.

( ) Apesar de afastadas pelas estatísticas, Veranópolis e Juripiranga se

unem pelas tradições culturais.

( ) Embora com resultados diferentes, a base da economia das duas cidades

é a agricultura.

( ) De seus ancestrais europeus os sertanejos adquiriram as técnicas rurais.

A seqüência correta é:

a) V - V - V - F - F d) F - F - V - F - V

b) V - V - F - F - F e) F - F - V - V - V

c) V - V - F - V - F

4. "Cobrir esse fosso custará muito tempo e trabalho." O fosso mencionado no texto diz respeito ao (à):

a) abismo entre as duas realidades

b) esgoto que corre a céu aberto

c) calçamento deficiente das estradas brasileiras

d) falta de trabalho durante a entressafra

e) distância geográfica entre os dois pólos

5. Numa análise geral do texto, podemos classificá-lo como predominantemente:

a) descritivo d) narrativo

b) persuasivo e) sensacionalista

c) informativo

6. Em "a cidade de Veranópolis, encravada na Serra Gaúcha"... e "A estrada ... está sedimentada por séculos...", os termos sublinhados alterariam o sentido do texto se fossem substituídos, respectivamente, por:

a) cravada e assentada d) enfiada e fixada

b) fincada e estabilizada e) escavada e realçada

c) encaixada e firmada

(IBGE) Texto para as questões 7 a 11:

A ABOLIÇÃO DO TRÁFICO NEGREIRO

§1º A extinção do tráfico negreiro não foi um fato isolado na vida econômica do Brasil; ao contrário, ela correspondeu às exigências da expansão industrial da Inglaterra.

§2º Depois que esse país conseguiu dar o salto qualitativo - o da mecanização da produção - não lhe interessava mais a existência da escravidão na América, pois, com a implantação do capitalismo industrial, tornava-se necessária a ampliação de mercados consumidores. A escravidão passou, então, a ser um entrave aos interesses ingleses, visto que os escravos estavam marginalizados do consumo.

§3º Com relação ao Brasil, a Inglaterra usou mais do que a simples pressão: só reconheceu a independência daquele país mediante tratado, no qual o Brasil se comprometia a abolir o tráfico de negros.

§4º Todavia, não foi tomada qualquer medida efetiva, o que levou a aprovação da Lei de 1831 que, na prática, deveria acabar com o tráfico, pois estabelecia a liberdade de todos os africanos que entrassem no país a partir daquela data.

§5º Esta lei, contudo, ficou "para inglês ver". Ela serviu para refrear um pouco a pressão britânica. Esta, porém, nunca cessou de todo e, em 1845, o Parlamento inglês aprovou o "Bill Aberdeen", que concedia à marinha inglesa o direito de revistar os navios suspeitos de tráfico e, mais ainda, permitia a prisão de navios acusados de praticarem pirataria e o julgamento dos traficantes por tribunais ingleses.

§6º A partir daí, a pressão sobre o governo brasileiro tornou-se muito maior e a situação chegou a ficar insustentável, pois os navios brasileiros começaram a ser revistados, embora navegassem ao longo da costa ou, ainda, quando ancorados nos portos.

§7º Finalmente, em 1850, o Parlamento brasileiro aprovou a Lei Eusébio de Queirós, que proibia, definitivamente, o tráfico negreiro para o Brasil.

(Ana Maria F. da Costa Monteiro e outros. História. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Educação, 1988, p.181, com pequenas adaptações.)

7. A leitura dos dois primeiros parágrafos do texto nos permite concluir que:

a. a Inglaterra necessitava da ampliação de mercado consumidor e, portanto, fomentou o fim da escravidão na América.
b. a escravidão na América foi resultado da mecanização da produção na Inglaterra.
c. o capitalismo industrial gerou consumidores marginalizados: os escravos.
d. o Brasil, ao mecanizar sua produção, definiu o fim do tráfico de escravos.
e. A Inglaterra apoiava a escravidão na América porque necessitava dar um salto qualitativo em sua economia.

8. A expressão "para inglês ver" (5§º) significa que:

a) a Inglaterra estava vigiando os navios negreiros

b) o Brasil obedeceu ao Bill Alberdeen, do Parlamento inglês

c) os ingleses viram a Lei de 1831, que terminou com o tráfico negreiro

d) a Lei de 1831, criada e anunciada aos ingleses, não foi cumprida

e) em 1831, a Inglaterra viu que a abolição do tráfico era uma realidade

9. A Lei de 1831 foi uma tentativa para extinguir o tráfico negreiro porque (§4º):

a. proibia a entrada de negros no país
b. permitia o confisco dos navios negreiros que aqui aportassem
c. dava aos negros o direito à liberdade, desde que a desejassem
d. considerava livres os negros que entrassem no Brasil após aquela data
e. não permitindo que os navios negreiros aportassem, gerava prejuízo aos traficantes

10. Assinale a afirmativa incorreta a respeito do fim do tráfico de escravos:

a. Levou a economia brasileira ao caos
b. Chegou a afetar a soberania brasileira
c. Só ocorreu quando a pressão britânica chegou ao máximo
d. Demorou dezenove anos para se efetivar, após a primeira tentativa em 1831
e. Gerou alterações na economia brasileira

11. Após a leitura do texto, concluímos que o Brasil:

a. preocupado com sua independência em relação a Portugal, esquecia-se dos direitos humanos
b. necessitava dos escravos como mão-de-obra assalariada na lavoura para fazer-se independente
c. cedeu às pressões inglesas porque obedecia a instruções de Portugal, do qual era colônia
d. só teria sua independência reconhecida pela Inglaterra se extinguisse o tráfico negreiro
e. resistiu às pressões, pois o tráfico de escravos era fundamental para a sua economia

12. (IBGE) Nos textos abaixo, os parágrafos foram colocados, de propósito, fora de sua seqüência normal. Numere os parênteses de 1 a 5, de acordo com a ordem em que os parágrafos devem aparecer para que o texto tenha sentido:

( ) "Não conseguindo fazer a reposição da energia física e mental, os

trabalhadores de baixa renda tornam-se as maiores vítimas de doenças,

comprometendo até mesmo a sua força de trabalho.

( ) Quando realizamos um trabalho, gastamos certa quantidade de energia

física e mental.

( ) E a situação torna-se ainda mais grave quando o trabalhador se vê forçado

a prolongar sua jornada de trabalho a fim de aumentar seus rendimentos e

atender às suas necessidades.

( ) Portanto, quanto maior a jornada de trabalho, maior será seu desgaste

físico e mental, afetando, desse modo, ainda mais, a sua saúde.

( ) A energia despendida precisa ser reposta através de uma alimentação

adequada, do descanso em moradia ventilada e higiênica e outros fatores."

(Melhem Adas. Geografia. Vol. 2. São Paulo, Moderna, 1984,

p. 33)

A seqüência correta é:

a) 3 - 5 - 1 - 4 - 2 d) 1 - 4 - 5 - 3 - 2

b) 3 - 1 - 4 - 5 - 2 e) 2 - 1 - 4 - 5 - 3

c) 2 - 3 - 1 - 5 - 4

(IBGE) Texto para as questões 13 a 16:

§1º O Brasil é um país cuja história e cultura foram e seguem sendo uma construção do trabalho de "três raças": os índios, habitantes originais de todo o território nacional, os pretos trazidos da África e os brancos vindos de Portugal a partir de 1500.

§2º De acordo com a maioria dos estudiosos do assunto na atualidade, os fragmentos de "contribuição cultural" de diferentes grupos étnicos não são o mais relevante. Pretender mensurar a participação do indígena ou do negro brasileiros em uma cultura dominantemente branca e de remota origem européia, através do seu aporte à culinária, à tecnologia agrícola, ao artesanato, ou à vida ritual do país, é ocultar, sob o manto da pitoresca aparência, aquilo que é fundamentalmente essencial.

§3º Isto porque em toda a nação que, como o Brasil, resulta do encontro, dos conflitos e das alianças entre grupos nacionais e étnicos, sempre a principal lição que se pode tirar é o aprendizado da convivência cotidiana com a diferença, com o direito "do outro" e com o fraterno respeito pelas minorias quaisquer que sejam. Não é possível esquecermos que negros e indígenas participaram sempre da vida brasileira com servos e escravos, como sujeitos e povos espoliados e que, apesar de tudo souberam lutar e resistir. Sepé Tiaraju, um líder guerreiro indígena, e Zumbi, um guerreiro tornado escravo e que preferiu morrer guerreiro no seu Quilombo dos Palmares a voltar a ser um escravo, talvez sejam os melhores exemplos de contribuição dos povos minoritários à cultura brasileira, do que todos os pequenos produtos que negros e índios acrescentaram a uma cultura nacional.

(Carlos Rodrigues Brandão. Índios, negros e brancos: a construção do Brasil. In: Correio, Rio de janeiro, Fundação Getúlio Vargas, ano 15, fevereiro de 1987)

13. Assinale a opção que está de acordo com as idéias expressas no texto:

a. A construção da história e da cultura do Brasil resulta do trabalho de índios, pretos e brancos.
b. A influência de índios e negros deu-se especialmente na culinária e no artesanato.
c. É possível detectar, com relativa facilidade, a participação do indígena ou do negro na cultura branca de origem européia.
d. Os conflitos entre os três grupos étnicos nacionais geram uma necessidade de convivência fraterna entre os indivíduos.
e. Negros e indígenas escravizados uniram-se para lutar e resistir, participando, assim da vida brasileira.

14. Com relação ao parágrafo anterior, o último parágrafo expressa uma:

a) advertência d) justificativa

b) condição e) oposição

c) contradição

15. O vocábulo "originais" (1º parágrafo) pode ser interpretado como:

a) diferentes d) peculiares

b) excêntricos e) primitivos

c) exóticos

16. O vocábulo "mensurar" (2º parágrafo) pode ser interpretado como:

a) averiguar d) regular

b) examinar e) sondar

c) medir

17. (CESGRANRIO) Assinale a opção em que a inversão dos termos altera o sentido fundamental do enunciado:

a) Era uma poesia simples / Era uma simples poesia

b) Possuía um sentimento vago / Possuía um vago sentimento

c) Olhava uma parasita mimosa / Olhava uma mimosa parasita

d) Havia um contraste eterno / Havia um eterno contraste

e) Vivia um drama terrível / Vivia um terrível drama

(TST) As questões de números 18 a 21 baseiam-se no texto que se segue:

A racionalidade comunicativa se tornou possível com o advento da modernidade, que emancipou o homem do jugo da tradição e da autoridade, e permitiu que ele próprio decidisse, sujeito unicamente à força do melhor argumento, que proposições são ou não aceitáveis, na tríplice dimensão: da verdade (mundo objetivo), da justiça (mundo social) e da veracidade (mundo subjetivo). Ocorre que simultaneamente com a racionalização do mundo vivido, que permitiu esse aumento de autonomia, a modernidade gerou outro processo de racionalização, abrangendo a esfera do Estado e da Economia, que acabou se automatizando do mundo vivido e se incorporou numa esfera "sistêmica", regida pela razão instrumental. A racionalização sistêmica, prescindido da coordenação comunicativa das ações e impondo aos indivíduos uma coordenação automática, independente de sua vontade, produziu uma crescente perda de liberdade.

18. De acordo com o texto, na modernidade:

a. a racionalização comunicativa valorizou o trabalho
b. o homem pôde decidir quais seriam os novos valores aceitáveis
c. o advento da racionalidade emancipou o homem do jugo da tradição e da autoridade
d. o homem, ao perder a tradição, perdeu a autoridade
e. a racionalidade impeliu o homem ao jugo da tradição

19. A racionalização do mundo vivido permitiu:

a) a tríplice dimensão da verdade d) um aumento da autonomia

b) a aceitação da autoridade e) a busca da justiça social

c) a valorização do trabalho

20. A modernidade gerou dois processos da racionalização:

a) a do mundo vivido e a sistêmica

b) a subjetiva e a objetiva

c) a instrumental e a da Economia

d) a da tradição e a da autoridade

e) a da comunicação e a do mundo vivido

21. A racionalização regida pela razão institucional:

a) veio explicar a tradição e a autoridade

b) é imprescindível para a comunicação humana

c) impõe aos indivíduos a comunicação das ações

d) ganhou dimensão maior por causa do Estado

e) fez decrescer a liberdade

(ETF-SP) Instruções para as questões de números 22 e 23. Essas questões referem-se a compreensão de leitura. Leia atentamente cada uma delas e assinale a alternativa que esteja de acordo com o texto apresentado. Baseie-se exclusivamente nas informações nele contidas.

Para fazer uma boa compra no ramo imobiliário, não basta ter dinheiro na mão. É imprescindível que o comprador seja frio, calculista e bem informado. Na hora de comprar um imóvel, a emoção é um dos maiores inimigos de um bom negócio. Assim, por mais que se goste de uma casa, convém manter sempre um certo ar de contrariedade. Se o vendedor perceber qualquer sinal de emoção, isso poderá custar dinheiro ao comprador. Não é por outra razão que quem compra para especular ou apenas para investir costuma conseguir um melhor negócio do que quem está à procura de um lugar para morar.

22. Segundo o texto:

- **a. Os vendedores, via de regra, buscam ludibriar os compradores, e vice-versa.**
- **b. O vendedor costuma aumentar o preço do imóvel quando o comprador não está bem informado sobre o mercado de valores.**
- **c. O mercado imobiliário oferece bons investimentos apenas para quem pretende especular.**
- **d. No ramo imobiliário, uma atitude que aparente indiferença pode propiciar negócio mais vantajoso para o comprador.**
- **e. No mercado imobiliário, o comprador realiza melhor negócio adquirindo uma propriedade de que não tenha gostado muito.**

23. Segundo o mesmo texto:

- **a. Quanto maior a disponibilidade financeira do comprador, maior a probabilidade de sucesso no negócio imobiliário.**

b. Disponibilidade econômica não é o único fator que possibilita a realização de um bom negócio.
c. O vendedor, por preferir negociar com investidores, desfavorece o comprador da casa própria.
d. Gostar de uma casa é psicologicamente importante em qualquer tipo de compra, seja ela para residência ou para investimento.
e. O mercado imobiliário oferece oportunidades mais seguras para o investidor que para o especulador.

(TRT) As questões 24 a 27 referem-se ao texto abaixo:

"Sete Quedas por nós passaram / E não soubemos amá-las / E todas sete foram mortas, / E todas sete somem no ar. / Sete fantasmas, sete crimes / Dos vivos golpeando a vida / Que nunca mais renascerá." (Carlos Drummond de Andrade

24. Por fantasmas, no texto, entende-se:

a) entes sobrenaturais que aparecem aos vivos

b) imagens dos que existem no além

c) imagens de culpa que iremos carregar

d) imagens que assombram e causam medo

e) frutos da imaginação doentia do homem

25. A repetição do conectivo "e" tem efeito de marcar:

a. que existe uma seqüência cronológica dos fatos
b. um exagero do conectivo
c. que existe uma descontinuidade de fatos
d. que existe uma implicação natural de conseqüência dos dois últimos fatos em relação ao primeiro
e. que existe uma coordenação entre as três orações

26. A afirmação: "Sete Quedas por nós passaram / E não soubemos amá-las."

Faz-nos entender que:

a) só agora nos damos conta do valor daquilo que perdemos

b) enquanto era possível, não passávamos por Sete Quedas

c) Sete Quedas pertence agora ao passado

d) Todos, antigamente, podiam apreciar o espetáculo; agora não

e) Os brasileiros costumam desprezar a natureza

27. Na passagem: "E todas sete foram mortas, / E todas sete somem no ar." O uso de todas sete se justifica:

a) como referência ao número de quedas que existiram no rio Paraná

b) para representar todo conjunto das quedas que desaparece

c) para destacar o valor individual de cada uma das quedas

d) para confirmar que a perda foi parcial

e) pela necessidade de concordância nominal

28. (FARIAS BRITO) "Nada há mais velho que a moda, nada mais fácil que a originalidade das desobediências". (João Ribeiro: Páginas de Estética) A palavra sublinhada apresenta conotação:

a) de absoluto aplauso d) irônica

b) de censura impiedosa e) de irrestrita co-participação

c) de constrangido aplauso

29. (CESCEM) "O homem-momento desempenha, na História, papel semelhante ao do pequeno holandês que tapou com o dedo um buraco no dique, e assim salvou a cidade. Sem querer reduzir o encanto da lenda, podemos salientar que, praticamente, qualquer pessoa naquela situação poderia ter feito o mesmo (...) Aqui, por assim dizer, tropeça-se na grandeza, exatamente como se poderia tropeçar num tesouro que salvasse uma cidade. A grandeza, entretanto, é algo que deve exigir algum talento extraordinário, e não apenas a sorte de existir e, num momento feliz estar no lugar certo."

Assinale a alternativa que melhor resume a idéia principal do texto:

a. Se tiver sorte, qualquer pessoa pode salvar uma cidade, mas isso não é sinal de grandeza
b. É encantadora a lenda do menino holandês que salvou sua cidade, mas não podemos transpor seu caso para outras situações
c. O homem-momento pode ser comparado ao menino holandês que salvou sua cidade, isto é, ambos têm a sorte de estar no lugar certo no momento exato
d. Na história, somos enganados por lendas que atribuem a uma pessoa o que poderia ser realizado por qualquer outra
e. Algumas pessoas tornam-se grandes por acaso, mas a grandeza real exige qualidades individuais

(CESCEM) Texto para as questões 30 e 31:

"A MENTE" ou a "ALMA" ou a "PSIQUÊ" são imateriais demais para serem investigadas por algum método científico. Aquilo com que os psicólogos lidam de fato é o comportamento, que é bastante palpável para ser observado, registrado e analisado. Este ponto de vista é muitas vezes criticado por pessoas que dizem que esta maneira de ver as coisas omite importantes qualidades e aspectos da natureza humana. Tal objeção pode ou não ser verdadeira a longo prazo, e se transforma quase numa questão mais filosófica que científica. Não adianta discuti-la aqui. Vamos simplesmente concordar em que poderemos avançar até certo ponto, considerando apenas o comportamento, deixando para depois a demonstração das possíveis limitações dessa posição."

30. O texto só nos apresenta elementos suficientes para afirmarmos que:

a. Não há método científico aplicável em psicologia, porque a MENTE é material e não pode ser sujeita a experimentos materiais.
b. Não podendo estudar cientificamente a "PSIQUÊ", os psicólogos estudam o comportamento; mas o comportamento não é a pessoa toda, por isso a psicologia não pode ser científica.
c. A psicologia não tem por objeto o estudo da ALMA, mas sim do comportamento, que é mensurável.
d. Para haver ciência, é preciso haver observação e medida; não se pode medir diretamente a MENTE, logo, não há CIÊNCIA DA MENTE.
e. É suficientemente conhecido pela maioria das pessoas que o estudo do comportamento não abrange importantes qualidades da natureza humana; a Psicologia é, pois, questão mais filosófica que científica.

31. Assinale a alternativa que se baseia exclusivamente nas informações que o

texto lhe dá:

a. A objeção de que o estudo do comportamento não abrange todos os aspectos da natureza humana pode ser verdadeira por muito tempo ainda.

b. Se é verdade que o estudo do comportamento não abrange todos os aspectos da natureza, a psicologia pode ser considerada de natureza mais filosófica do que científica.
c. Não adianta discutir se a psicologia é filosófica ou ciência; o melhor é concordar que há limitações no estudo do comportamento.
d. Verdadeiro ou não o estudo do comportamento impõe limitações ao conhecimento da natureza humana, certo é que há muito campo para estudo científico, considerando-se apenas o comportamento.
e. Muitas pessoas não acreditam na psicologia porque ela não consegue estudar importantes qualidades e aspectos da natureza humana.

(USP) Texto para as questões 32 e 33:

A vaidade me faz marcar uma corrida de cem metros, que eu já sei de antemão que posso correr; corro, venço, e a vaidade se satisfaz, pequenina. O orgulho não: é audacioso e me faz marcar uma corrida de quilômetro, que eu ainda não sei se poderei correr; corro, e só consigo alcançar 600 metros. Torno a correr e faço 620. Corro outra vez e espantadamente faço 720! E continuarei correndo. Se conseguir quilômetro, imediatamente meu orgulho ficará descontente e dirá que foi pouco, e transporá a meta para 2 quilômetros. E hei de morrer um dia tendo apenas (apenas!) conseguido um quilômetro e meio.

32. Segundo o texto:

a. Vaidade e orgulho são sentimentos negativos, porque fazem o homem agir apenas em função de seus espectadores e não de seus sentimentos íntimos.
b. O homem vaidoso é um ser insatisfeito, pois sempre acha que pode ir além do que realizou.
c. A vaidade faz-nos estabelecer objetos que estão além do nosso nível de realização; daí ser ela fonte contínua de insatisfação.
d. Movido pela vaidade, o homem estabelece para si objetivos que sabe poder realizar.
e. O orgulho, ao contrário da vaidade, impulsiona o homem à ação.

33. Segundo o mesmo texto:

a. O orgulho, por despertar necessidades muito ambiciosas, faz do homem um escravo de seus desejos.
b. O orgulho impulsiona o homem a estabelecer níveis de realização cada vez mais altos.
c. A vaidade é sentimento antagônico ao orgulho, pois enquanto este conduz ao progresso aquela destrói o desenvolvimento do homem.
d. O orgulho, diferentemente da vaidade, faz que o homem se prepare emocionalmente a fim de evitar sentimentos de frustração.
e. Vaidade e orgulho são sentimentos positivos, pois levam o homem à realização plena de seus desejos.

(FUVEST) Leia com atenção e responda as questões de números 34 a 36:

"Quando os jornais anunciaram para o dia 1º deste mês uma parede de açougueiros, a sensação que tive foi mui diversa da de todos os meus concidadãos. Vós ficastes aterrados; eu agradeci ao céu. Boa ocasião para converter esta cidade ao vegetarianismo.

Não sei se sabem que eu era carnívoro por educação e vegetariano por princípio. Criaram-me a carne, mais carne, ainda carne, sempre carne. Quando cheguei ao uso da razão e organizei o meu código de princípios, incluí nele o vegetarianismo; mas era tarde para a execução. Fiquei carnívoro. Era sorte humana; foi a minha. Certo, a arte disfarça a hediondez da matéria. O cozinheiro corrige o talho. Pelo que respeita ao boi, a ausência do vulto inteiro faz esquecer que a gente come um pedaço do animal. Não importa, o homem é carnívoro. Deus, ao contrário, é vegetariano. Para mim a questão do paraíso terrestre explica-se clara e singelamente pelo vegetarianismo. Deus criou o homem para os vegetais, e os vegetais para o homem; fez o paraíso cheio de amores e frutos, e pôs o homem nele." (Machado de Assis)

34. Segundo o texto a população ficou aterrorizada porque:

a. o autor queria convertê-la ao vegetarianismo.
b. a parede poderia alastrar-se e vir a prejudicar o abastecimento geral da cidade.
c. a Teologia condenava o uso da carne; Deus é vegetariano.

d. os jornais incentivavam a prática do vegetarianismo.
e. sabia que a carne iria faltar.

35. Do texto ainda se pode deduzir que:

a) a arte dos cozinheiros facilita ao homem ser carnívoro.

b) o autor considera-se homem de sorte por ser carnívoro.

c) o uso da razão não aconselhava ao autor alimentar-se de vegetais.

d) o autor preferia o vegetarianismo por uma razão estética.

e) os vegetais são o principal alimento do homem.

36. Em "Criaram-me a carne...", o termo sublinhado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:

a) para a d) segundo a

b) à maneira de e) conforme a

c) com

(FUVEST) Texto para as questões 37 a 41:

"Fim de tarde.

No céu plúmbeo

A Lua baça

Paira

Muito cosmograficamente

Satélite

Desmetaforizada,

Desmistificada,

Despojada do velho segredo de melancolia

Não é agora o golfão das cismas,

O astro dos loucos e dos enamorados.

Mas tão somente

Satélite.

Ah Lua deste fim de tarde,

Demissionária de atribuições românticas

Sem show para as disponibilidades sentimentais!

Fatigado de mais-valia,

Gosto de ti assim:

Coisa em si

- Satélite."

37. Nesse texto, o poeta:

- **a. restringe-se a uma descrição de um fim de tarde.**
- **b. lamenta a morte das noites de sua juventude, pois já não pode contemplar a lua.**
- **c. reduz à lua a um "golfão de cismas".**
- **d. manifesta seu afeto à lua, independentemente de significações sentimentais que outros atribuíram a ela.**
- **e. limita-se à narração de um episódio que ocorreu num fim de tarde.**

38. O poeta afirma sua afeição à lua:

- **a. para fazer a apologia do progresso científico.**
- **b. para advertir que não estamos mais em tempo de dar vazão aos nossos sentimentos.**
- **c. porque ela ainda é "o astro dos loucos e dos enamorados".**
- **d. para criticar a ausência de sentimento do mundo contemporâneo.**
- **e. apesar de despojada de metáfora e de mito.**

39. Indique qual dos seguintes trechos do poema contradiz a passagem "Sem show para disponibilidades sentimentais":

a) "Gosto de ti assim"

b) "Despojada do velho segredo de melancolia"

c) "Não é agora o golfão de cismas"

d) "A Lua baça / Paira"

e) "Demissionária das atribuições românticas"

40. Assinale a alternativa em que a expressão extraída do texto pode ser substituída por "exclusivamente", mantendo-se a máxima fidelidade ao sentido do poema:

a) "cosmograficamente" d) "Sem show"

b) "agora" e) "assim"

c) "tão somente"

41. No contexto do poema as palavras "plúmbeo" e "baça" devem ser entendidas respectivamente como:

a) cinzento e fosca d) opaco e baixa

b) lustrosos e brilhante e) emplumado e embaçada

c) molesto e brilhante

42. (FUVEST) Leia atentamente: "Nas carreiras em que o número de inscritos for inferior ao triplo do número de vagas oferecidas, todos os candidatos inscritos serão convocados para a 2ª fase, independentemente do comparecimento à 1ª fase ou do resultado obtido." (Manual de Informações da Fuvest, 1980). Segundo o texto acima, pode-se dizer que:

- **a. Todos os candidatos serão convocados para a 2ª fase, independentemente do resultado obtido na prova da 1ª fase**
- **b. Serão impedidos de comparecer à prova da 1ª fase os candidatos às carreiras em que o número de inscritos for inferior ao triplo do número de vagas**
- **c. Os candidatos serão convocados tanto na 1ª quanto na 2ª fase desde que correspondam à terça parte do total de inscritos**
- **d. O candidato pode comparecer tão-somente a 2ª fase dos exames, desde que, na carreira por ele escolhida, o número de inscritos não seja superior ao triplo do número de vagas**
- **e. O número de vagas oferecidas na 2ª fase é o triplo do número oferecido na 1ª fase, independentemente das notas obtidas na carreira escolhida**

43. (FUVEST)

I - Uma andorinha não faz verão.

II - Nem tudo que reluz é ouro.

III - Quem semeia ventos, colhe tempestades.

IV - Quem não tem cão caça com gato.

As idéias centrais dos provérbios acima são, respectivamente:

a) solidariedade - aparência - vingança - dissimulação

b) cooperação - aparência - punição - adaptação

c) egoísmo - ambição - vingança - falsificação

d) cooperação - ambição - conseqüência - dissimulação

e) solidão - prudência - punição - adaptação

(FUVEST) Texto para as questões 44 a 46:

"Podemos gostar de Castro Alves ou Gonçalves Dias, poetas superiores a ele; mas ele só é dado amar ou repelir. Sentiu e concebeu demais; escreveu em tumulto, sem exercer devidamente o senso crítico, que possuía não obstante mais vivo do que qualquer poeta romântico, excetuado Gonçalves Dias.

Mareiam a sua obra poemas sem relevo nem músculo, versalhada que escorre desprovida de necessidade artística. O que resta, porém, basta não só para lhe dar categoria, mas, ainda, revelar a personalidade mais rica da geração."

(Antônio Cândido, Formação da Literatura Brasileira)

44. Com relação a gostar e amar ou repelir, podemos depreender que:

- **a. gostar de, não pressupõe, no texto, nenhuma diferença quanto a amar.**
- **b. é possível gostar de Castro Alves ou Gonçalves Dias, mas não se pode apreciar o autor não nomeado.**
- **c. amor ou repulsa implicam envolvimento mais afetivo que racional.**
- **d. se gosta de Castro Alves ou Gonçalves Dias porque são superiores ao autor em questão.**

e. se ama ou se repele ao autor não citado por ele ser inferior aos dois citados.

45. Assinale a expressão que melhor denota o juízo pejorativo de Antônio Cândido acerca de boa parte da poesia do autor não nomeado:

a) "a ele só nos é dado (...) repelir" d) "versalhada"

b) "sentiu e concebeu demais" e) "o que resta"

c) "escreveu em tumulto"

46. Com respeito ao senso crítico de que fala o texto, pode-se dizer que:

a. o poeta não citado não possuía o menos senso crítico, a julgar pelas suas poesias.
b. Castro Alves possuía pouco senso crítico.
c. o poeta não nomeado não exercia na realização de suas poesias o senso crítico manifesto fora delas.
d. entre Gonçalves Dias, Castro Alves e o autor subentendido, o que possuiria maior senso crítico é este último.
e. dos três poetas referidos é Gonçalves Dias quem possui o senso crítico mais vivo.

(TFC) Leia o trecho reproduzido abaixo para responder às questões 47 a 49:

Com franqueza, estava arrependido de ter vindo. Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora, e recapitulava o campo e o morro, pensava nos outros meninos vadios, o Chico Telha, o Américo, o Carlos das Escadinhas, a fina flor do bairro e do gênero humano. Para cúmulo de desespero, vi através das vidraças da escola, no claro azul do céu, por cima do morro do Livramento, um papagaio de papel, alto e largo, preso de uma corda imensa, que bojava no ar, uma cousa soberba. E eu na escola, sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a gramática nos joelhos.

- Fui um bobo em vir, disse eu ao Raimundo.

- Não diga isso, murmurou ele.

("Conto de escola". Machado de Assis In: Contos, São Paulo, Ática, 1992, 9ª ed., p. 25-30)

47. Indique o segmento que completa, de acordo com o texto, o enunciado formulado a seguir: No trecho transcrito, o narrador-personagem é um menino que relata:

a. as dificuldades que experimenta nas aulas de leitura e gramática.
b. o desespero por não possuir um papagaio de papel tão soberbo como aquele que via no céu.
c. os temores de ficar de castigo, sentado, os livros no joelho.
d. o arrependimento por não ter acompanhado Raimundo nas estripulias com os meninos do morro.
e. suas emoções em um dia de escola.

48. Indique o segmento que completa, de acordo com o texto, o enunciado formulado a seguir: O menino se confessava "arrependido de ter vindo" porque:

a. os outros meninos vadios passariam a chamá-lo de bobo.
b. não gostava que os outros meninos empinassem seu papagaio de papel.
c. preferia ter ficado com os outros meninos, a brincar na rua.
d. tivera de cumprir a promessa de que viria, feita a Raimundo.
e. sentia dor nas pernas, ao ficar muito tempo sentado, com os livros nos joelhos.

49. Indique a letra que não apresenta uma relação semântica correta entre os termos emparelhados:

a) menino-narrador - arrependimento de ter vindo

b) menino-narrador - preso de uma corda imensa

c) papagaio de papel - uma cousa soberba

d) papagaio de papel - bojava no ar

e) papagaio de papel - alto e largo

50. (TFC) Abaixo você tem cinco frases que formam o parágrafo inicial de um texto. Ordene-as de maneira a obter um parágrafo coeso e coerente:

1. **Assim também, se você decidir chamar a rosa por um outro nome, ainda assim ela continuará sendo uma rosa.**
2. **Quem quiser dizer o contrário que o faça.**
3. **Em resumo, o nosso país é o que é.**
4. **Isso em nada mudará essa realidade.**
5. **O Brasil é um país de Terceiro Mundo.**

a) 1, 2, 3, 4, 5 d) 5, 2, 4, 1, 3

b) 3, 5, 1, 4, 2 e) 2, 4, 3, 5, 1

c) 4, 5, 1, 2, 3

(FUVEST) Texto para as questões 51 a 54:

Fantasmas primitivos e superstições cibernéticas

O Brasil é um país de contrastes. Enquanto diplomatas do Itamaraty pretendiam explicar aos americanos do Departamento de Estado como funciona a reserva de mercado para fabricantes brasileiros de equipamentos de informática, políticos ilustres - entre os quais um governador, um ministro de Estado, um prefeito e dois candidatos ao governo de um grande Estado da Federação - reuniram-se num ato público impressionante: o enterro da Mãe Menininha do Gantois.

Mãe Menininha do Gantois era a mais famosa sacerdotisa de cultos espíritas de origem africana, no Brasil. Sua morte foi pranteada por compositores de rock, romancistas cotados para o Prêmio Nobel, artistas plásticos respeitados, cantores de música popular, boêmios notórios e notáveis do poder das repúblicas Nova e Velha. Seu enterro parou a vida de uma das maiores cidades do Pais, Salvador, capital da Bahia, ao som dos atabaques e sob os olhares comovidos de milhares de pessoas que se enfileiraram nas calçadas das ruas do centro da cidade, por onde o cortejo passou.

Diante do cortejo imenso e da importância política que presenças ilustres deram ao ato, resta-nos raciocinar sobre o imenso esforço de educação que é necessário para que o Brasil se transforme numa nação moderna, em condições de competir com os maiores países do mundo. A importância exagerada dada a uma sacerdotisa de cultos afro-brasileiros é a evidência mais chocante de que não basta ao Brasil ser catalogado como a oitava maior economia do mundo, se o País ainda está preso a hábitos culturais arraigadamente tribais. Na era do *chip*, no tempo da desenfreada competição tecnológica, no momento em que a tecnologia desenvolvida pelo homem torna a competição de mercados uma guerra sem quartel pelas inteligências mais argutas e pelas competências mais especializadas, o Brasil, infelizmente, exibe a face tosca de limitações inatas, muito dificilmente corrigíveis por processos normais de educação a curto prazo. Enquanto o mundo lá fora desperta para o futuro, continuamos aqui presos a conceitos culturais que datam de antes da existência da civilização. (O Estado de São Paulo - 17/08/86)

51. De acordo com o texto:

a. **a reserva de mercado de equipamentos de informática pertence a políticos ilustres.**
b. **o ato público impressionou os políticos ilustres.**

c. Mãe Menininha do Gantois era uma política ilustre.
d. o Itamaraty explicou que o Brasil é um país de contrastes.
e. o enterro de Mãe Menininha do Gantois foi um ato público.

52. Segundo o texto:

a) reserva de mercado é bom para políticos ilustres.

b) Mãe Menininha do Gantois era africana.

c) alguns romancistas foram cortados do Prêmio Nobel.

d) milhares de pessoas assistiram ao enterro.

e) Salvador é a maior cidade do País.

53. Conforme o texto:

a. presenças ilustres deram importância política ao enterro.
b. a guerra pelo mercado se desenvolve nos quartéis.
c. os hábitos culturais do Brasil fazem dele a oitava maior economia do mundo.
d. com a informática, os processos de educação serão corrigidos a curto prazo.
e. para que o Brasil se transforme em nação moderna, precisa competir com os maiores países do mundo.

54. Pelo texto, o Brasil "está preso a hábitos culturais arraigadamente tribais", porque:

a. ainda faz reserva de mercado para fabricantes brasileiros de equipamentos de informática.
b. seus políticos vão a funerais de todas as figuras públicas do País.
c. continuamos presos a valores culturais anteriores à civilização.
d. os diplomatas insistem em explicar aos americanos o funcionamento da reserva de mercado de equipamentos de informática.
e. os políticos tiram proveito das cerimônias fúnebres.

(FUVEST) Texto para as questões 55 a 58:

"Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no intróito, mas no cabo: a diferença radical entre este livro e o *Pentateuco*."

(Machado de Assis, Memórias Póstumas de Brás Cubas)

55. O autor afirma que:

a. vai começar suas memórias pela narração de seu nascimento.
b. vai adotar uma seqüência narrativa vulgar.
c. o que o levou a escrever suas memórias foram duas considerações sobre a vida e a morte.
d. vai começar suas memórias pela narração de sua morte.
e. vai adotar a mesma seqüência narrativa utilizada por Moisés.

56. Definindo-se como um "defunto autor", o narrador:

a) pôde descrever sua própria morte.

b) escreveu suas memórias antes de morrer.

c) obteve em vida o reconhecimento de sua obra.

d) ressuscitou na sua obra após sua morte.

e) descreveu a morte após o nascimento.

57. Segundo o narrador, Moisés, contou sua morte no:

a) promontório d) intróito

b) meio do livro e) começo da missa

c) fim do livro

58. O tom predominante no texto é de:

a) luto e tristeza d) mágoa e hesitação

b) humor e ironia e) surpresa e nostalgia

c) pessimismo e resignação

(FUVEST) Texto para as questões 59 a 62:

"Na última laje de cimento armado, os trabalhadores cantavam a nostalgia da terra ressecada.

De um lado era a cidade grande: de outro, o mar sem jangadas.

O mensageiro subiu e gritou:

- Verdejou, pessoal!

Num átimo, os trabalhadores largaram-se das redes, desceram em debandada, acertaram as contas e partiram.

Parada a obra.

Ao dia seguinte, o vigia solitário recolocou a tabuleta: "Precisa-se de operários", enquanto o construtor, de braços cruzados, amaldiçoava a chuva que devia estar caindo no Nordeste." (Aníbal Machado, Cadernos de João)

59. "... os trabalhadores cantavam ...", porque:

a) trabalhavam na cidade grande.

b) estavam alegres por terminar a última laje.

c) contemplavam o mar sem jangadas.

d) estavam saudosos da terra natal.

e) iriam acertar as contas e partir.

60. Por que é que o pessoal desceu em debandada quando o mensageiro gritou " - Verdejou, pessoal!"?:

a) O mensageiro deu um sinal de perigo.

b) Havia chegado o dinheiro do pagamento.

c) O pessoal entendeu que tinha chovido.

d) Foram lançar as redes de pesca.

e) Ia começar a festa da cobertura.

61. O construtor "amaldiçoava a chuva" porque:

a) ela impedia a saída das jangadas para o mar.

b) chovia no Nordeste e não no local da construção.

c) a chuva fizera o construtor perder os trabalhadores.

d) não seria possível tocar a obra debaixo de chuva.

e) num átimo, os trabalhadores largaram-se das redes.

62. Indique a alternativa em que todas as palavras ou expressões se referem a um mesmo tema presente no texto:

a) cimento armado, nostalgia, trabalhadores

b) terra ressecada, cimento armado, construtor

c) mar sem jangadas, vigia solitário, construtor

d) cantavam, construtor, operários

e) chuva, terra ressecada, verdejou

(FUVEST) Texto para as questões 63 e 64:

- Primo Argemiro!

E, com imenso trabalho, ele gira no assento, conseguindo pôr-se de-banda, meio assim.

Primo Argemiro pode mais: transporta uma perna e se escancha no cocho.

- Que é, Primo Ribeiro?

- Lhe pedir uma coisa... Você faz?

- Vai dizendo, Primo.

- Pois então, olha: quando for a minha hora, você não deixe me levarem p'ra o arraial... Quero ir mas é p'ra o cemitério do povoado... Está desdeixado, mas ainda é chão de Deus... Você chama o padre, bem em-antes... E aquelas coisinhas que estão numa capanga bordada, enroladas em papel-de-venda e tudo passado com cadarço,

no fundo da canastra... se rato não roeu... você enterra junto comigo... Agora eu não quero mexer lá... Depois tem tempo... Você promete?...

- Deus me livre e guarde, Primo Ribeiro... O senhor ainda vai durar mais do que eu.

- Eu só quero saber é se você promete...

- Pois então, se tiver de ser desse jeito de que Deus não há-de querer, eu prometo.

- Deus lhe ajude, Primo Argemiro.

E Primo Ribeiro desvira o corpo e curva ainda mais a cara.

Quem sabe se ele não vai morrer mesmo? Primo Argemiro tem medo do silêncio.

- Primo Argemiro, o senhor gosta d'aqui?...

- Que pergunta! Tanto faz... É bom, p'ra se acabar mais ligeiro... O doutor deu prazo de um ano... Você lembra?

- Lembro! Doutor apessoado, engraçado... Vivia atrás dos mosquitos, conhecia as raças lá deles, de olhos fechados, só pela toada da cantiga... Disse que não era das frutas e nem da água... Que era o mosquito que punha um bichinho amaldiçoado no sangue da gente... Ninguém não acreditou... Nem o arraial. Eu estive lá, com ele...

- Primo Argemiro, o que adianta...

- ... E então ele ficou bravo, pois não foi? Comeu goiaba, comeu melancia da beira do rio, bebeu água do Pará, e não teve nada...

- Primo Argemiro...

- ... Depois dormiu sem cortinado, com janela aberta... Apanhou a intermitente; mas o povo ficou acreditando..

- Escuta! Primo Argemiro... Você está falando de-carreira, só para não me deixar falar!

- Mas, então, não fala em morte, Primo Ribeiro!... Eu, por nada que não queria ver o senhor se ir primeiro do que eu...

- P'ra ver!... Esta carcaça bem que está agüentando... Mas, agora, já estou vendo o meu descanso, que está chega-não-chega, na horinha de chegar...

- Não fala isso, Primo!... Olha aqui: não foi pena ele ter ido s'embora? Eu tinha fé em que acabava com a doença...

- Melhor ter ido mesmo... Tudo tem de chegar e de ir s'embora outra vez... Agora é a minha cova que está me chamando... Aí é que eu quero ver! Nenhumas ruindades deste mundo não têm poder de segurar a gente p'ra sempre, Primo Argemiro...

- Escutas, Primo Ribeiro: se alembra de quando o doutor deu a despedida p'ra o povo do povoado? Foi de manhã cedo, assim como agora... O pessoal estava todo sentado nas portas das casas, batendo queixo. Ele ajuntou a gente... Estava muito triste... Falou: - "Não adianta tomar remédio, porque o mosquito torna a picar... Todos têm de se mudar daqui... Mas andem depressa, pelo amor de Deus!"... - Foi no tempo da eleição de seu Major Vilhena... Tiroteio com três mortes...

64. "Disse que não era das frutas e nem da água... Que era o mosquito que punha um bichinho amaldiçoado no sangue da gente..." "O pessoal estava todo sentado nas portas das casas, batendo o queixo." Estas duas passagens apresentam a causa e os sintomas da doença nomeada: "Apanhou a intermitente". Qual das alternativas identifica a doença?

a) febre amarela d) esquistossomose

b) maleita e) doença de Chagas

c) tifo

(FUVEST) Texto para as questões 65 a 70:

A FLAUTA E O SABIÁ

Em rico estojo de veludo, pousado sobre uma mesa de charão, jazia uma flauta de prata. Justamente por cima da mesa, em riquíssima gaiola suspensa ao teto, morava um sabiá. Estando a sala em silêncio, e descendo um raio de sol sobre a gaiola, eis que o sabiá, contente, modula uma ária.

Logo a flauta escarninha põe-se a casquinar no estojo como a zombar do módulo cantor silvestre.

- De que te ris? indaga o pássaro.

E a flauta em resposta:

- Ora esta! pois tens coragem de lançar guinchos diante de mim?

- E tu quem és? ainda que mal pergunte.

- Quem sou? Bem se vê que és um selvagem. Sou a flauta. Meu inventor, Mársias, lutou com Apolo e venceu-o. Por isso o deus despeitado o imolou. Lê os clássicos.

- Muito prazer em conhecer... Eu sou um mísero sabiá da mata, pobre de mim! fui criado por Deus muito antes das invenções. Mas deixemos o que lá foi. Dize-me: que fazes tu?

- Eu canto.

- O ofício rende pouco. Eu que o diga que não faço outra coisa. Deixarei, todavia, de cantar - e antes nunca houvesse aberto o bico porque, talvez, sendo mudo, não me houvessem escravizado - se, ouvindo a tua voz, convencer-me de que és superior a mim. Canta! Que eu aprecie o teu gorjeio e farei como for de justiça.

- Que eu cante?!...

- Pois não te parece justo o meu pedido?

- Eu canto para regalo dos reis nos paços; a minha voz acompanha hinos sagrados nas igrejas. O meu canto é a harmoniosa inspiração dos gênios ou a rapsódia sentimental do povo.

- Pois venha de lá esse primor. Aqui estou para ouvir-te e para proclamar-te, sem inveja, a rainha do canto.

- Isso agora não é possível.

- Não é possível! por quê?

- Não está cá o artista.

- Que artista?

- O meu senhor, de cujos lábios sai o sopro que transformo em melodia. Sem ele nada posso fazer.

- Ah! é assim?

- Pois como há de ser?

- Então, minha amiga - modéstia à parte - vivam os sabiás! Vivam os sábias e todos os pássaros dos bosques, que cantam quando lhes apraz, tirando do próprio peito o alento com que fazem a melodia. Assim da tua vanglória há muitos que se ufanam. Nada valem se os não socorre o favor de alguém; não se movem se os não amparam; não cantam se lhes não dão sopro; não sobem se os não empurram. O sabiá voa e canta - vai à altura porque tem asas, gorjeia porque tem voz. E sucede sempre serem os que vivem do prestígio alheio, os que mais alegam triunfos. Flautas, flautas... cantam nos paços e nas catedrais... pois venha daí um dueto comigo.

E, ironicamente, a toda a voz, pôs-se a cantar o sabiá, e a flauta de prata, no estojo de veludo... moita.

Faltava-lhe o sopro.

(Coelho Neto)

65. Do texto, pode-se inferir que a cena começa:

a. num recinto em silêncio.
b. ao ar livre, numa varanda iluminada pelo sol.
c. no paço real, com um festa oferecida pelos cortesãos para regalar o monarca.
d. no adro de uma igreja, ao som dos hinos sagrados.
e. na prateleira de uma das salas ensolaradas de uma ruidosa loja de instrumentos musicais.

66. Dentre as seguintes expressões proverbiais, indique aquela que melhor se aplica ao texto "A flauta e o sabiá":

a) Gato escaldado tem medo de água fria.

b) Não se deve fazer continência com o chapéu alheio.

c) Patrão fora, feriado na loja.

d) Mais vale um pássaro na mão que dois voando.

e) Santo de casa não faz milagre.

67. Dentre as seguintes passagens do texto, assinale a que justifica o contentamento do sabiá:

a. "... riquíssima gaiola suspensa ao teto...".
b. "... sobre uma mesa de charão, jazia uma flauta... por cima da mesa... morava um sabiá...".
c. "... descendo um raio de sol sobre a gaiola ...".
d. "Estando a sala em silêncio...".
e. "... o sabiá, contente, modula uma ária".

68. No texto, a expressão o deus refere-se a:

a) Apolo (o deus do sol) d) Deus (criador do sabiá)

b) Mársias (o gênio da flauta) e) o Senhor da flauta

c) Orfeu (o deus da música)

69. Com a frase Lê os clássicos, a flauta está sugerindo que o sabiá:

- **a. conheça os autores que foram contemplados com o Prêmio Nobel de literatura.**
- **b. desconhece os compositores de música clássica.**
- **c. deve ler os principais "best-sellers".**
- **d. ignora a cultura greco-latina.**
- **e. lê os clássicos brasileiros.**

70. O sabiá desafiou a flauta a cantar porque:

- **a. quem canta para reis devotos nas igrejas canta para qualquer pessoa.**
- **b. as flautas foram inventadas para cantar.**
- **c. cantar era uma arte própria da flauta.**
- **d. ele mesmo não conseguiria abrir o bico.**
- **e. a flauta havia menosprezado o talento dele.**

(FUVEST) Texto para as questões 71 a 78:

Um dia desta semana, farto de vendavais, naufrágios, boatos, mentiras, polêmicas, farto de ver como se descompõem os homens, acionistas e diretores, importadores e industriais, farto de mim, de todos, de um tumulto sem vida, de um silêncio sem quietação, peguei de uma página de anúncios, e disse comigo:

- Eia, passemos em revistas as procuras e ofertas, caixeiros desempregados, pianos, magnésias, sabonetes, oficiais de barbeiro, casas para alugar, amas-de-leite, cobradores, coqueluche, hipotecas, professores, tosses crônicas...

E o meu espírito, estendendo e juntando as mãos e os braços, como fazem os nadadores, que caem do alto, mergulhou por uma coluna abaixo. Quando voltou à tona trazia entre os dedos esta pérola:

"Uma viúva interessante, distinta, de boa família e independente de meios, deseja encontrar por esposo um homem de meia-idade, sério, instruído, e também com meios de vida, que esteja como ela, cansado de viver só, resposta por carta ao escritório desta folha, com as iniciais M.R. ... anunciando, a fim de ser procurada essa carta."

Gentil viúva, eu não sou o homem que procuras, mas desejava ver-te, ou, quando menos, possuir o teu retrato, porque tu não és qualquer pessoa, tu vales alguma cousa mais que o comum das mulheres. Ai de quem está só! dizem as sagradas letras; mas não foi a religião que te inspirou esse anúncio. Nem motivo teológico, nem metafísico. Positivo também não, porque o positivismo é infenso às segundas núpcias. Que foi então, senão a triste, longa e aborrecida experiência? Não queres amar, estás cansada de viver só.

E a cláusula de ser esposo outro aborrecido, farto de solidão, mostra que tu não queres enganar, nem sacrificar ninguém. Ficaram desde já excluídos os sonhadores, os que amem o ministério e procurem justamente esta ocasião de comprar um bilhete na loteria da vida. Que não pedes um diálogo de amor, é claro, desde que impões a cláusula da meia-idade, zona em que as paixões arrefecem, onde as flores vão perdendo a cor purpúrea e o viço eterno. Não há de ser um náufrago, à espera de uma tábua de salvação, pois que exiges que também, possua. E há de ser instruído, para encher com as cousas do espírito as longas noites do coração, e contar (sem as mãos presas) a tomada de Constantinopla.

Viúva dos meus pecados, quem és tu que sabes tanto? O teu anúncio lembra a carta de certo capitão da guarda de Nero. Rico, interessante, aborrecido, como tu, escreveu um dia ao grave Sêneca, perguntando-lhe como se havia de curar do tédio que sentia, e explicava-se por figura: "Não é a tempestade que me aflige, é o enjôo do mar." Viúva minha, o que tu queres realmente, não é um marido, é um remédio contra o enjôo. Vês que a travessia ainda é longa, - porque a tua idade está dentre trinta e dous e trinta e oito anos, - o mar é agitado, o navio joga muito; precisas de um preparado para matar esse mal cruel e indefinível. Não te contenta com o remédio de Sêneca, que era justamente a solidão, "a vida retirada, em que a lama acha todo o seu sossego". Tu

já provaste esse preparado; não te fez nada. Tentas outro; mas queres menos um companheiro que uma companhia.

(Machado de Assis, A Semana, 1882)

71. Em qual dos elementos abaixo se baseia a imagem mais recorrente no texto?

a) água d) fogo

b) terra e) sol

c) ar

72. No trecho "Ficam desde já excluídos os sonhadores..." (§6º), entende-se que os sonhadores ficam excluídos do grupo dos que:

a) têm condições de serem escolhidos.

b) desejam comprar um bilhete da loteria.

c) sacrificam os outros.

d) querem um diálogo de amor.

e) amam o mistério.

73. No trecho "... precisas de um preparado para matar esse mal cruel e indefinível." (§7º), o "mal" é:

a) a falta de amor d) a saudade do casamento

b) o tédio da solidão e) a aproximação da velhice

c) o enjôo do mar

74. De acordo com o texto, o cronista teve desejo de ver a viúva porque:

a) ela era distinta e interessante.

b) ela possuía bens que a tornavam independente.

c) ela lhe parecia superior às outras mulheres.

d) ela estava triste e precisava de consolo.

e) ele também estava cansado de viver só.

75. De acordo com o texto, o capitão:

a. pretendia, por motivos pessoais, deixar suas funções de guarda do imperador.
b. não suportava mais a solidão das prolongadas viagens marítimas.
c. tinha a saúde abalada pelo sacudir constante do navio.
d. estava aborrecido porque tinha conflitos com seus companheiros de trabalho.
e. devia procurar a solução para seu problema dentro de si mesmo.

76. Infere-se do texto que, na opinião do cronista:

a. a viúva, tendo sido feliz no primeiro casamento, desejava retomar no segundo o ritmo daqueles dias que se haviam ido.
b. o primeiro marido da viúva fora uma pessoa séria e aborrecida, que poucas alegrias lhe dera enquanto vivo.
c. a viúva pretendia encontrar, no segundo casamento, uma vida mais cheia de aventuras e viagens emocionantes.
d. o verdadeiro objetivo da viúva era constituir uma fortuna razoável, juntando suas posses às do futuro marido.
e. a morte do primeiro marido deixara na vida de sua mulher um vazio que ela desejava preencher com outro casamento.

77. De acordo com o texto:

a. o eventual pretendente à viúva deve procurar resposta a sua carta na redação do jornal.
b. a viúva, ou alguém em seu lugar, procurará na redação a carta do eventual pretendente.
c. o jornal veiculará novo anúncio, em resposta aos eventuais pretendentes da viúva.
d. a viúva deixará na redação do jornal uma carta, em resposta ao pretendente eventualmente escolhido.
e. um novo anúncio fará saber ao eventual pretendente que a viúva oportunamente o procurará.

78. Entre os excertos abaixo, assinale aquele que o autor cria uma metáfora de "vida":

a. ... como se descompõem os homens, acionistas e diretores, importadores e industriais...
b. ... o meu espírito, estendendo e juntando as mãos e os braços, como fazem os nadadores, que caem do alto, mergulhou por uma coluna abaixo.
c. ... a meia-idade, zona em que as paixões arrefecem, onde as flores vão perdendo a cor purpúrea e o viço eterno.
d. ... a travessia ainda é longa, o mar é agitado, o navio joga muito.
e. ... o remédio é a solidão, a vida retirada, em que a alma acha todo o seu sossego.

(FUVEST) Texto para as questões 79 e 80:

Os principais problemas da agricultura brasileira referem-se muito mais à diversidade dos impactos causados pelo caráter da modernização, do que à persistência de segmentos que dela teriam ficado imunes. Se hoje existem milhões de estabelecimentos agrícolas marginalizados, isso se deve muito mais à natureza do próprio processo de modernização, do que à sua suposta falta de abrangência. (Folha de São Paulo, 13/9/94, 2-2)

79. Segundo o texto:

a. o processo de modernização deve tornar-se mais abrangente para implementar a agricultura.
b. os problemas da agricultura resultam do impacto causado pela modernização progressiva do setor.
c. os problemas da agricultura resultam da inadequação do processo de modernização do setor.
d. segmentos do setor agrícola recusam-se a adotar processos de modernização.
e. os problemas da agricultura decorrem da não-modernização de estabelecimentos agrícolas marginalizados.

80. No texto "à persistência de segmentos que dela teriam ficado imunes.", a expressão teriam ficado exprime:

a. o desejo de que esse fato não tenha ocorrido.
b. a certeza de que a imunidade à modernização é própria de estabelecimentos agrícolas marginalizados.
c. a hipótese de que esse fato tenha ocorrido.
d. a certeza de que esse fato não ocorreu.
e. a possibilidade de a imunidade à modernização ser decorrente da persistência de certos segmentos.

81. (FUVEST)"Haveis de entender, começou ele, que a virtude e o saber têm duas existências paralelas, uma no sujeito que a possui, outra no espírito dos que a ouvem ou contemplam. Se puserdes as mais sublimes virtudes

e os mais profundos conhecimentos em um sujeito solitário, remoto de todo contato com outros homens, é como se eles não existissem. Os frutos de uma laranjeira, se ninguém os gostar, valem tanto como as urges e plantas bravias, e, se ninguém os vir, não valem nada; ou, por outras palavras mais energéticas, não há espetáculo sem espectador. Um dia, estando a cuidar nestas cousas, considerei que, para o fim de alumiar um pouco o entendimento, tinha consumido os meus longos anos, e, aliás, nada chegaria a valer sem a existência de outros homens que me vissem e honrassem; então cogitei se não haveria um modo de obter o mesmo efeito, poupando tais trabalhos, e esse dia posso agora dizer que foi o da regeneração dos homens, pois me deu a doutrina salvadora." (Machado de Assis, O segredo do bonzo)

No texto acima, ao afirmar "então cogitei se não haveria um modo de obter o mesmo efeito, poupando tais trabalhos", a personagem:

a. expressa a intenção de divulgar seus conhecimentos, aproximando-se dos outros homens.
b. procura convencer o leitor a poupar esforços na busca do conhecimento.
c. demonstra que a virtude e o saber exigem muito trabalho dos homens.
d. resume o conceito da doutrina salvadora, desenvolvida no parágrafo.
e. exprime a idéia de que a admiração dos outros é mais importante que o conhecimento em si.

(FUVEST) Texto para as questões 82 a 85:

Condicionada fundamentalmente pelos veículos de massa, que a coagem a respeitar o "código" de convenções do ouvinte, a música popular não apresenta, senão em grau atenuado, o contraditório entre informação e redundância, produção e consumo. Desse modo, ela se encaminha para o que Umberto Eco denomina de música "gastronômica": um produto industrial que não consegue nenhum objetivo artístico, mas, ao contrário, tende a satisfazer as exigências do mercado, e que tem, como característica principal, não acrescentar nada de novo, redizendo sempre aquilo que o auditório já sabe e espera ansiosamente ver repetido. Em suma: o servilismo ao "código" apriorístico - assegurando a comunicação imediata com o público - é o critério básico de sua confecção. "A mesma praça. O mesmo banco. As mesmas flores, o mesmo jardim." O mesmismo. Todo mundo fica satisfeito. O público. A TV. Os anunciantes. As casas de disco. A crítica. E, obviamente, o autor. Alguns ganham com isso (financeiramente falando). Só o ouvinte-receptor não "ganha" nada. Seu repertório de informações permanece, mesmissimamente, o mesmo.

Mas nem tudo é redundância na música popular. É possível discernir no seu percurso momentos de rebeldia contra a estandardização e o consumismo.

Assim foi com o Jazz Moderno e a Bossa-Nova.

(Augusto de Campos. O Balanço da Bossa).

82. O texto discute:

a. a nulidade da ação dos veículos de massa sobre a música popular.
b. a invariabilidade da mensagem transmitida pela música popular.
c. o entusiasmo do auditório em relação à música popular.
d. a adesão ao consumismo representada pelo Jazz Moderno e a Bossa-Nova.
e. o objetivo artístico a que se propõe a música popular.

83. De acordo com o texto, a música popular:

a) não persegue nenhum objetivo artístico.

b) oferece um repertório de informações sempre igual.

c) nem sempre se curva às pressões consumistas.

d) tem que ser servil ao "código" apriorístico.

e) é sempre uma música "gastronômica".

84. De acordo com o texto, o autor produz a música "gastronômica" porque:

a) gosta de progredir, volta-se para o futuro.

b) sente-se inseguro diante do novo.

c) é rebelde, contrário à estandardização.

d) quer satisfazer os veículos de massa.

e) tem espírito crítico muito desenvolvido.

85. Segundo o autor, a boa música popular deve:

a) garantir a sobrevivência de seu autor.

b) privilegiar a redundância.

c) assegurar a comunicação imediata com o público.

d) voltar-se contra o consumismo.

e) apresentar o contraditório entre informação e redundância.

(TRE-SP) Instruções para as questões 86 a 91

Essas questões referem-se a compreensão de leitura. Leia atentamente cada uma delas e assinale a alternativa que esteja de acordo com o texto. Baseie-se exclusivamente nas informações nele contidas:

86.Quando conjugam três fatores - tecnologia, investimento e mercado - o país é rico, ainda que sem recursos naturais, como é o caso do Japão ou da Noruega. Se não se conjugam, o país pode ter recursos mas não tem riquezas, como é o caso do Brasil e da Indonésia. Isso ocorre também dentro do mesmo país. Minas Gerais, por exemplo, tem mais recursos minerais e menos riqueza do que São Paulo.

De acordo com o texto:

- **a. A conjugação dos três fatores - tecnologia, investimento e mercado - é condição indispensável para homogeneizar a situação econômica dos diferentes países.**
- **b. O Japão e a Noruega, assim como o Brasil e a Indonésia, igualam-se em condições naturais de crescimento.**
- **c. Existe uma diferença entre os recursos extraídos do solo e a riqueza provinda da economia.**
- **d. A coexistência da tecnologia, do investimento e do mercado garante a sustentação dos recursos naturais.**
- **e. Dentro do mesmo país podem ocorrer profundas diferenças na maneira de exploração do solo.**

87.Em jornal idôneo, a seção que abriga as cartas dos leitores é precioso reflexo do que pensa o povo. Descontadas as restrições impostas pela ética profissional e as conveniências eventuais da natureza empresarial, as cartas dos leitores, pelo seu conteúdo reivindicatório, representam valiosa colaboração aos que se esfalfam no exercício diário da informação criteriosa.

De acordo com o texto:

- **a. Em jornal não idôneo, não existem cartas dos leitores.**
- **b. As restrições impostas pela ética profissional inibem a inspiração dos leitores.**

c. As conveniências eventuais de natureza empresarial condicionam negativamente a iniciativa dos leitores.
d. O exercício de informações criteriosa é própria dos bons jornais.
e. As cartas dos leitores funcionam como termômetro da opinião pública.

88. Cada indivíduo tem sua configuração espiritual, e ele não muda com os anos. É tão constante quanto nossos cromossomos ou as nossas impressões digitais. As circunstâncias é que variam, permitindo por vezes que certos tipos ofereçam de si imagem nova e até surpreendente, num desmentido a julgamentos anteriores. Só em determinadas circunstâncias é que se pode medir bem a têmpera de um indivíduo, sua inteligência, sua poesia, sua capacidade de amar. Mas o indivíduo não muda. Mudam os ângulos e as luzes com que o vemos.

Infere-se do texto que:

a) Se opera a cada instante um aprimoramento do homem.

b) Nossas opiniões a respeito das pessoas são relativas.

c) A complexidade de comportamento torna penosa a vida do indivíduo.

d) Nada é permanente na conduta do homem.

e) Se mede a têmpera do indivíduo por sua capacidade de amar.

89.Poder atribuído a uma autoridade para fazer cumprir determinada categoria de leis e punir quem as infrinja em determinada área, a jurisdição confere ao magistrado judicial a faculdade de julgar segundo a prova dos autos e segundo o direito.

De acordo com o texto:

a. Fazer cumprir determinada categoria de leis é direito de toda autoridade.
b. A prova dos autos e o direito são os fundamentos para o julgamento do juiz.
c. A infração da lei é um ato do cidadão, que deve ser punido.
d. Sem a prova dos autos o juiz arrisca-se a dar sentenças injustas.
e. O magistrado judicial é a autoridade máxima no processo de aplicação da penalidade.

90.Na nossa vida consciente estamos expostos a todos os tipos de influência. As pessoas estimulam-nos ou deprimem-nos, ocorrências na vida profissional ou social desviam a nossa atenção. Todas essas influências podem levar-nos a caminhos opostos à nossa individualidade; e quer percebamos ou não o seu efeito, nossa consciência é perturbada e exposta, quase sem defesas, a estes incidentes. Isto ocorre em especial com pessoas de atitude mental extrovertida, que dão todo relevo a objetos exteriores, ou com as que abrigam sentimentos de inferioridade e de dúvida, envolvendo o mais íntimo de sua personalidade.

O texto enfatiza que os elementos externos:

a) Podem abalar a personalidade do ser humano.

b) Podem tornar o homem inconsciente.

c) Possibilitam uma atitude mental voltada para fora.

d) Podem comprometer a moral humana.

e) São capazes de expor a mente a lesões internas.

91.No regime democrático, o direito de votar não se deve reduzir a um gesto mecânico. No espírito dos teóricos do sufrágio universal, o voto implica, para cada eleitor, a obrigação de se manter permanentemente

informado dos negócios públicos, de julgar refletidamente as soluções propostas para as questões vitais do país, estudando-as com objetividade e com a única preocupação do bem coletivo. O exercício da soberania popular, que o voto materializa, consiste também em, após ter escolhido um candidato, vigiar a maneira como desempenha o mandato.

Infere-se do texto que:

a) O eleitor é responsável pela carreira política de seus candidatos.

b) A responsabilidade do eleitor não termina no momento da votação.

c) O exercício da democracia obriga todos os cidadãos a votarem.

d) O eleitor vota mecanicamente quando sabe escolher seu candidato.

e) O candidato que decepcionar o seu eleitor não será reeleito.

(TRE-MT) Texto para as questões 92 a 96:

(Trecho do discurso de posse do Ministro Édson Arantes do Nascimento - PELÉ)

Bom dia.

Pela primeira vez na minha vida, nesses 40 anos de vida pública, eu vou ler um discurso incluindo o discurso que eu fiz quando recebi o título de embaixador da Unesco, quando fiz, com muita honra, parte da equipe que organizou a Eco-92 aqui no Brasil.

De toda maneira, bom dia. Neste primeiro dia como ministro Extraordinário de Esporte eu quero dizer algumas poucas palavras ao meu País.

Em primeiro lugar, eu quero falar do meu orgulho em fazer parte da equipe do governo Fernando Henrique Cardoso. Estou me sentindo como na época em que defendi a seleção brasileira, em 1958, apreensivo, nervoso. Eu ainda menino ao lado de feras como Didi, Zito, Nílton Santos, Bellini, Gilmar, Mané Garrincha e outros craques. É como eu me sinto hoje. Inexperiente como ministro mas cercado de craques, e com uma vantagem: ter um técnico ainda mais forte do que o nosso glorioso Vicente Feola. Esse nosso técnico foi aprovado por todo o Brasil.

O nosso técnico, agora, tem 34 milhões de votos e tem uma biografia tão acima de qualquer suspeita que fez pela primeira vez na minha vida aceitar um posto no governo. Tenho certeza absoluta de que, com esse time, vamos repetir o sucesso daquela seleção que ganhou a primeira Copa do Mundo, na Suécia.

E, por falar em futebol, antes de mais nada, eu devo deixar bem claro que na condição de ministro eu não posso, eu não devo e eu não quero ter ressentimentos pessoais. O Brasil está acima de tudo. Eu já disse o que tinha de dizer e não preciso ficar repetindo. Temos um governo comprometido com a ética na política e uma Secretaria de Esportes comprometida com o esporte.

Em segundo lugar, eu quero dizer que sei exatamente do que sou capaz. Eu não vim para Brasília para começar nenhuma carreira política. Eu vim apenas para retribuir ao meu país aquilo que ele me deu. Eu não sou um administrador e não pretendo passar meus dias envolvido em questões burocráticas. Vim ajudar o presidente a fazer um governo melhor. Eu vim dar a minha contribuição, a minha imagem para que tenhamos, sem dúvida nenhuma, um bom governo.

Ao lado do presidente Fernando Henrique Cardoso e meus colegas de Ministério, eu quero criar uma política que leve a prática esportiva ao país inteiro. Vamos privilegiar as crianças e os adolescentes. Prioridades absolutas, como está escrito no artigo 227 da nossa Constituição. E, aliás, eu já venho falando isso há mais de 20 anos.

Nós queremos desenvolver um trabalho, em conjunto com o Ministério da Educação para, por exemplo, aprimorar o esporte nas escolas e nos grêmios estudantis. Quero a parceria do Ministério do Trabalho para levar o esporte ao trabalhador, via sindicatos, Seabras, etc. Quero trabalhar com o Ministério das Relações Exteriores para promover, por exemplo, os jogos afro-brasileiros ou os jogos do Mercosul. Quero, enfim, promover o intercâmbio esportivo do Brasil e o mundo. Quero agir em conjunto com o Ministério da Cultura para difundir os esportes típicos brasileiros, como a capoeira, por exemplo, e tantos outros esportes. Eu quero atuar com o Ministério da Justiça na difusão dos valores éticos que o esporte ensina, assim como para impedir a violência, que tanto nos preocupa. Eu quero revigorar o esporte entre os idosos, os portadores de deficiências.

Minha função, em resumo, será a de ajudar a governar. Onde eu estiver - e nada me prenderá a lugar algum - eu estarei levando a política do governo do meu país, abrindo portas, buscando investimento, pondo a favor do Brasil a imagem que construí em mais de 40 anos de vida pública.

Quero lembrar a todos que, se não tenho experiência de governo, também não cheguei ontem ao mundo do esporte, e que, além do mais - detalhe que muita gente desconhece -, vou poder contar com o apoio dos meus colegas formados em Educação Física. Eles vão ser fundamentais para que nossos projetos dêem certo. E vão ter o meu esforço para que tenham o respeito que merecem.

(...)

92. Várias interpretações possíveis podem ser feitas, de acordo com a seqüência do texto, sobre a primeira frase do Pelé, um simples "Bom dia" (retomado no terceiro parágrafo). A única interpretação incoerente e inadequada está na alternativa:

a. A simplicidade inicial procura dar um tom informal ao discurso.
b. O "bom dia" pode conotar um bom momento para a vida do país, e particularmente, para o novo ministro.
c. Pelé não destaca, desse modo, nenhuma autoridade presente à sua posse.
d. Ao omitir os termos tradicionais ("Senhoras e Senhores"), Pelé mostra seu constrangimento por ter sido escolhido ministro.
e. O dia é propício para o novo ministro deixar patentes, para todo o país, seus planos de ação na pasta dos Esportes.

93 . A comparação da situação atual de Pelé (posse como ministro) com a sua participação na seleção brasileira de 1958 se justifica de vários modos. O único inaceitável é o da alternativa:

a. Hoje, como anteriormente, Pelé apareceu como o mais inexperiente da "equipe".
b. Na "equipe" atual há "craques" (na Política) como na de 1958.
c. Agora (como em 1958) Pelé está (estava) apreensivo e nervoso por causa da responsabilidade assumida.
d. A equipe atual tem "técnico", como a anterior, embora o deste momento seja "mais forte".
e. Agora (como anteriormente), ele foi escolhido por pressão dos outros ministros sobre o "técnico".

94. Segundo Pelé, ele foi levado a aceitar - pela primeira vez - um cargo em um Governo, pela seguinte razão:

a. A certeza de que a vida pregressa do presidente abonava, politicamente, a conduta ética do novo governo.
b. A necessidade de buscar novos interesses para divulgar sua imagem de "rei" do futebol.
c. A consciência de que a equipe governamental obterá sucesso absoluto em todos os setores.
d. A vontade de resgatar, de um certo modo, um sonho real dos menores abandonados.
e. A possibilidade de opinar sobre os problemas esportivos e tomar decisões sem provocar ressentimentos dos dirigentes esportivos.

95. A idéia de que participar do governo é, como no futebol, um trabalho de equipe, transparece, principalmente, na referência:

a. à difusão dos valores éticos do esporte.
b. às prioridades que serão dadas para as crianças e os adolescentes.

c. às diversas ações que serão desenvolvidas em conjunto com outros ministérios.
d. à sua preocupação em promover a realização dos jogos afro-brasileiros.
e. ao desejo de revigorar o esporte entre os idosos e os deficientes físicos.

96. O ministro Pelé deixa antever que, para realizar com êxito seus projetos, ele contará, especialmente com a colaboração:

a) de todos os ministros

b) do próprio Presidente da República

c) dos professores de Educação Física

d) dos investidores particulares

e) dos seus assessores mais íntimos

(TRE-MT) Texto para as questões 97 a 101:

VICE-VERSA

VERÍSSIMO

Homem do ano. Ricupero. O que dormiu santo e acordou diabo.

Num ano que se dobrou ao meio e terminou como começou, só que ao contrário, Ricupero foi a dobradiça. Sentiu a reversão no próprio corpo. É um símbolo perfeito para um ano em que nada era o que parecia ou aconteceu como se esperava. Os heróis de janeiro são os vilões de dezembro, os vencedores de janeiro são os derrotados de dezembro. E vice-versa.

O ano começou com Lula eleito e terminou com o PT em depressão pós-eleitoral. Começou com tropas russas esmagando a resistência à abertura e termina com tropas russas contra dissidentes, naquele lugar. Começou com Berlusconi pronto para salvar a Itália e termina com Berlusconi corrido do governo. Começou com Pedro Collor triunfante e Fernando Collor liquidado e terminou com Fernando Collor por cima e Pedro por baixo, inclusive da terra. Começou com Bisol acusando e termina com Bisol acusado, começou com Jarbas Passarinho imbatível e termina com Passarinho abatido. Começou com Itamar e Maurício Correa ridicularizados pelos seus desempenhos no Carnaval, Itamar pela cantada na moça sem calças e Maurício Correa pelo conjunto de trapalhadas, e com Aristides Junqueira como nosso modelo de sóbria eficiência. Termina com Itamar consagrado como o melhor presidente acidental da nossa história e noivo de uma moça direita, Aristides Junqueira como exemplo de trapalhão - e Maurício Correa no Supremo. No começo do ano ninguém duvidava que com Parreira e Dunga o Brasil ia dar vexame na Copa, e o Brasil termina o ano tetra. O ano também começou com o Congresso brasileiro se autoflagelando pelo escândalo dos anões do Orçamento e termina com o Congresso brasileiro querendo se auto-anistiar.

Enfim, Ricupero foi a síntese do ano das surpresas e do muito antes pelo contraditório. De um ano que, afinal, também não teve muitos escrúpulos, pois só se contradisse. E Ricupero acaba como símbolo de perdão, esquecimento e recomeço, pois está em Roma, onde, o seu único castigo é ter que receber em dólar - que, por sinal, também começou o ano por cima e termina por baixo. (Jornal do Brasil - 31.12.94)

97. O título do artigo de Veríssimo (VICE-VERSA) se justifica porque:

a. fala de fatos ocorridos no ano passado que marcaram instavelmente o nosso desenvolvimento social.
b. o governo de Itamar foi, em termos de honestidade, o oposto ao do Collor.
c. durante o ano personagens e instituições positivas se tornaram negativas, e as negativas converteram-se em positivas.
d. os irmãos Collor trocaram acusações recíprocas durante esse período.
e. os eleitores poderão julgar os acontecimentos do ano de modos diferentes e ambíguos.

98. A afirmativa "O ano começou com Lula eleito" está correlacionada:

a. ao maior preparo desse candidato em relação aos demais.
b. às pesquisas eleitorais que colocaram Lula, disparadamente, na frente dos outros candidatos.
c. à participação mais visível da militância do PT nos comícios políticos.
d. à vitória de Lula nas eleições para a presidência do Partido dos Trabalhadores.
e. ao fato de ser ele o único candidato que poderia estabilizar a nossa moeda e combater a inflação.

99. Dos personagens abaixo o único que sofre uma mudança (reabilitação parcial) é:

a) Aristides Junqueira d) Ricupero

b) Parreira e) Berlusconi

c) Maurício Correa

100. A anistia a que se refere a frase "e termina com o Congresso brasileiro querendo se auto-anistiar" se relaciona, particularmente, com o seguinte fato:

a. a corrupção dos chamados "anões do Orçamento".
b. a ausência freqüente às sessões do Senado e da Câmara de muitos senadores e deputados.
c. a não-votação do orçamento para o ano de 1995, em tempo hábil.
d. a recusa de votar o aumento do salário-mínimo.
e. a utilização da gráfica do Senado para fins eleitorais.

101. O acontecimento que justificou o autor do artigo apresentar Aristides Junqueira "como o exemplo de trapalhão" foi a seguinte:

a) a acusação - julgada inconsistente - contra o ex-presidente Collor.

b) a participação no escândalo do Orçamento.

c) a conivência com as "trapalhadas" de Maurício Correa.

d) a autoria do anteprojeto da anistia de Humberto Lucena.

e) a participação involuntária nas crises do Congresso Nacional.

(TRE-ES) Texto para as questões 102 a 107:

GENTE HUMILDE

Tem certos dias em que eu penso em minha gente

E sinto assim todo o meu peito se apertar

Porque parece que acontece de repente

Como um desejo de eu viver sem me notar.

Igual a como quando eu passo no subúrbio

Eu muito bem vindo de trem de algum lugar

E aí me dá como uma inveja dessa gente

Que vai em frente sem nem ter com quem contar.

São casas simples com cadeiras na calçada

E na fachada escrito em cima que é um lar

Pela varanda flores tristes e baldias

Como alegria que não tem onde encostar.

E aí me dá uma tristeza no meio peito

Feito um despeito de eu não ter como lutar

E eu que não creio peço a Deus por minha gente

É gente humilde - que vontade de chorar.

(Garoto, Vinícius de Morais e Chico Buarque de Hollanda)

102. "Tem certos dias em que eu penso em minha gente." Gramaticalmente o verbo ter não está corretamente empregado neste verso: "Tem certos dias..." O certo seria: Há certos dias ..... Entretanto, o autor preferiu empregar o verbo ter no lugar de haver, pois

a. desconhecia a regra gramatical
b. queria transmitir idéia de simplicidade, deixando-se levar pela linguagem popular
c. sua intenção era transmitir e não oferecer acertos gramaticais
d. usou a licença poética
e. não valorizava muito a gramática

103. "Tem certos dias em que eu penso em minha gente." O poeta usou a expressão "minha gente" porque

a. gostava muito daquela gente
b. tratava-se de seus admiradores
c. também descendia de gente humilde e se achava parte daquela gente
d. sentia muita pena daquela gente
e. era um rei e aquela gente lhe pertencia

104. As cadeiras nas calçadas nos transmitem a idéia de

a) abandono

b) relaxo

c) desocupação

d) familiaridade, espírito comunitário

e) aquecimento ao sol

105. É correto a respeito do texto:

a) O poeta pensa todos os dias em sua gente

b) Ao pensar em sua gente o poeta se alegra

c) Apesar da falta de apoio dos mais fortes, o povo não se deixa abater

d) O poeta crê em Deus

e) Não existe um sentimento de solidariedade entre o poeta e a gente humilde a que se refere

106. Pode-se afirmar a respeito do texto que:

a. O poeta é totalmente realizado
b. O poeta sente-se feliz por se identificar com o povo simples
c. O poeta sente-se frustrado por sua impotência em não poder ajudar sua gente
d. O poeta não se sente realizado, por ser pobre como seu povo
e. O poeta não possui qualquer identificação com o povo que descreve

107. O poeta inveja a "gente humilde", sobretudo, por sua (dela):

a) força de vontade d) alegria

b) humildade e) honestidade

c) simplicidade

(TRE-MG) As questões 108 a 116 referem-se ao texto abaixo. Quando das perguntas, volte ao texto sempre que necessário:

SAINDO DE COMA

Filas de doentes à espera de um médico e pacientes agonizando em corredores de hospital aguardando um leito. Essas são imagens correntes quando se fala em saúde pública. Em algumas cidades brasileiras, porém, com soluções alternativas foi possível suavizar esse quadro. Nesses lugares, o cidadão recebe em sua própria casa a visita de médicos, os doentes mentais não são afastados do convívio familiar e recebem salários em razão da laborterapia. Os diversos programas alternativos desenvolvidos no País mostram que é possível oferecer qualidade nos serviços ao mesmo tempo em que se economizam recursos públicos.

Em Campinas, no interior de São Paulo, a prefeitura começa, em agosto, a atender em casa pacientes com Aids. Esse é o segundo passo de um projeto de sucesso de atendimento a doentes com dificuldades de locomoção, que há dois anos recebem periodicamente a visita de uma equipe formada por médicos, terapeutas e enfermeiros. O Serviço de Atendimento Domiciliar (SAD) cuida atualmente de 108 pacientes. "Não sei o que faria sem esse serviço", avalia Irene Albuquerque, filha de Maria Antonieta Nogueira, 98 anos, portadora do mal de Alzheimer, doença que afeta o sistema nervoso. Maria Antonieta passa o tempo todo na cama e desenvolveu uma enorme ferida na região lombar. Os enfermeiros do SAD fazem curativos diários na paciente. Para manter todo o programa, a prefeitura gasta R$ 112 mil por ano, o equivalente a 0,1% do orçamento municipal destinado à saúde.

O atendimento domiciliar também vem sendo aplicado em Santos (SP). Lá, gestantes e recém-nascidos são beneficiados por um trabalho preventivo de sucesso. A mortalidade infantil caiu de 33 para 22 a cada mil nascidos, nos últimos cinco anos, graças ao Sistema de Vigilância do Recém-Nascido de Risco. Programa semelhante foi adotado em Porto Alegre (RS), onde todo recém-nascido que apresenta algum tipo de problema passa a receber visitas médicas periódicas, caso a mãe não compareça ao posto de saúde nas datas estipuladas. Na capital gaúcha, a partir deste mês, os contribuintes poderão, por telefone, agendar dia e hora para receber a visita do doutor. Os doentes mentais foram os primeiros a ser beneficiados com as formas alternativas de tratar a saúde pública. A palavra de ordem é esvaziar os sanatórios. As guias de internação emitidas pela prefeitura de Betim (MG) aos manicômios praticamente desapareceram. Em 1992, o Hospital Galba Veloso, de Belo Horizonte, registrava uma média de 52 dessas guias por mês. Hoje, são apenas três. Os pacientes passam o dia em três Centros de Referência e à noite vão para casa. Os frutos da maior convivência social dos doentes mentais são marcantes, também em Santos. No litoral paulista, os ex-internos da Casa de Saúde Anchieta fazem a produção e locução do *Rádio Tam-Tam,* um programa que vai ao ar diariamente na Rádio Cacique. Alguns ex-internos hoje trabalham na Usina de Reciclagem de Alemoa e recebem um salário mínimo por mês. "Essa

experiência permite uma redução de 40% nos gastos com a saúde", diz o secretário de Higiene e Saúde de Santos, Cláudio Maierovitch.

Mas a grande novidade prevista para o sistema de saúde pública está empacada. Trata-se do Plano de Assistência à Saúde (PAS), do prefeito paulista Paulo Maluf. Ele quer transferir a gerência dos hospitais e postos de saúde municipais para cooperativas médicas licenciadas pela prefeitura. O problema é que Maluf resolveu começar o projeto antes de ele ser aprovado pela Câmara de Vereadores. O resultado foi uma pendenga jurídica e a paralisia do programa, que só deverá ser votado pelos vereadores este mês. O governo estadual também patina na implantação de políticas alternativas de saúde pública. A administração Mário Covas está liquidando o Programa Médico de Família, implantado em 1989 pelo então secretário de Saúde e hoje deputado federal (PMDB) José Aristodemo Pinotti. "O Estado alugava uma casa onde o médico deveria morar e atender a 400 famílias daquele bairro", explica o deputado. Foram instaladas 20 unidades na capital. Hoje, restam dez. O projeto foi copiado por outros Estados e chegou a ser premiado pela ONU.

(Isto É 1348 - 2/8/95)

108. O texto focaliza:

a. as conseqüências da política de saúde do governo sobre esse setor
b. um programa de saúde alternativo que vem tratando dos doentes com qualidade
c. os desvios de verba destinada à saúde por prefeituras do interior
d. um programa de revitalização dos hospitais públicos através de compra de equipamentos
e. um tratamento pioneiro para pacientes que se apresentam em estado de coma em hospitais públicos

109. Todas as afirmações abaixo, basadas no texto, estão corretas, exceto:

a. Há humanização no tratamento dos doentes mentais, por não serem privados do convívio social.
b. Houve redução na mortalidade infantil em Santos, o que prova a efetividade e eficiência do programa.
c. Ao contrário do que se poderia imaginar, saúde com qualidade não implica onerar os cofres públicos.
d. O texto fala de uma situação de saúde pública que se opõe à encontrada na maioria das cidades do país.
e. Os programas têm revelado qualidade de operação e pouca originalidade de concepção.

110. De acordo com o texto, a saúde pública está marcada pela:

a) insuficiência d) humanização

b) praticidade e) coerência

c) incompreensão

111. São características dos diversos programas alternativos da saúde, exceto:

a) o atendimento domiciliar

b) a permanência do doente junto à família

c) a modernização dos hospitais

d) o esvaziamento dos manicômios

e) os gastos pouco significativos

112. Todas as passagens abaixo, extraídas do texto, referem-se a um mesmo quadro, exceto:

a. "A mortalidade infantil caiu de 33 para 22 a cada mil nascidos."
b. "Não sei o que faria sem esse serviço."
c. "os ex-internos (...) fazem a produção e a locução do *Rádio Tam-Tam*."
d. "Maria Antonieta passa o tempo todo na cama e desenvolveu enorme ferida."
e. Alguns ex-internos trabalham hoje na Usina de Reciclagem de Alemoa."

113. No trecho "... a prefeitura começa, em agosto, a atender em casa pacientes com Aids", o texto mostra que:

a. os hospitais não têm estrutura para atender os aidéticos
b. o sistema de saúde não se responsabiliza pelo tratamento dos aidéticos
c. os aidéticos terão acesso a um atendimento de qualidade através do programa alternativo
d. a discriminação contra aidéticos chega ao ponto de não se permitir que saiam de casa
e. a prefeitura de Campinas se preocupa em não contaminar os hospitais com o vírus da Aids

114. No programa adotado em Porto Alegre, observa-se que:

a. é dada assistência a todos os recém-nascidos
b. a queda da mortalidade infantil passou de 33 para 22 a cada mil nascidos
c. a mãe é obrigada a comparecer aos postos de saúde municipais
d. todos os recém-nascidos recebem visitas médicas periódicas
e. a assistência é dada, mesmo sem que a mãe obedeça aos prazos

115. Aponte a passagem que não realça os benefícios obtidos pelos doentes mentais com o programa alternativo:

a. "... os doentes mentais não são afastados do convívio familiar"
b. "A palavra de ordem é esvaziar os sanatórios"
c. "... os contribuintes poderão, por telefone, agendar dia e hora para receber a visita do doutor"
d. "Os pacientes passam o dia em três centros de referência e à noite vão para casa"
e. "Alguns ex-internos hoje trabalham na Usina de Reciclagem de Alemoa"

116. Em relação ao seu autor, o Programa Médico de Família, revela, hoje:

a) injustiça d) desonra

b) favorecimento e) punição

c) reconhecimento

(LICEU) O texto abaixo refere-se às questões 117 a 120:

A Quinta História

Esta história poderia chamar-se "As Estátuas". Outro nome possível é: "O Assassinato". E também "Como Matar Baratas". Farei então pelo menos três histórias, verdadeiras porque nenhuma delas mente a outra. Embora uma única, seriam mil e uma, se mil e uma noites me dessem.

A primeira, "Como Matar Baratas", começa assim: queixei-me de baratas. Uma senhora ouviu-me a queixa. Deu-me a receita de como matá-las. Que misturasse em partes iguais açúcar, farinha e gesso. A farinha e o açúcar as atrairiam, o gesso esturricaria o de-dentro delas. Assim fiz. Morreram.

A outra história é a primeira mesmo e chama-se "O Assassinato". Começa assim: queixei-me de baratas. Uma senhora ouviu-me. Segue-se a receita. E então entra o assassinato. A verdade é que só em abstrato me havia queixado de baratas, que nem minhas eram: pertenciam ao andar térreo e escalavam os canos do edifício até o nosso lar. Só na hora de preparar a mistura é que elas se tornaram minhas também. Em nosso nome, então, comecei a medir e pesar ingredientes numa concentração um pouco mais intensa. Um vago rancor me tomara,

um senso de ultraje. De dia as baratas eram invisíveis e ninguém acreditaria no mal secreto que roía casa tão tranqüila. Mas se elas, como os males secretos, dormiam de dia, ali estava eu e preparar-lhes o veneno da noite. Meticulosa, ardente, eu aviava o elixir da longa morte. Um medo excitado e meu próprio mal secreto me guiavam. Agora eu só queria gelidamente uma coisa: matar cada barata que existe. Baratas sobem pelos cantos enquanto a gente dorme, cansada, sonha. E eis que a receita estava pronta, tão branca. Como para baratas espertas como eu, espalhei habilmente o pó que este mais parecia fazer parte da natureza. De minha cama, no silêncio do apartamento, eu as imaginava subindo uma a uma até a área de serviço onde o escuro dormia, só uma toalha alerta no varal. Acordei horas depois em sobressalto de atraso. Já era de madrugada. Atravessei a cozinha. No chão da área estavam elas, duras, grandes. Durante a noite eu matara. Em nosso nome, amanhecia. No morro um galo cantou.

A terceira história que ora se inicia é a das "Estátuas". Começa dizendo que eu me queixara de baratas. Depois vem a mesma senhora. Vai indo até o ponto em que, de madrugada, acordo e ainda sonolenta atravesso a cozinha. Mais sonolenta que eu está a área na sua perspectiva de ladrilhos. E na escuridão da aurora, um arroxeado que distancia tudo, distingo a meus pés sombras e brancuras: dezenas de estátuas se espalham rígidas. As baratas que haviam endurecido de dentro para fora. Algumas de barriga para cima. Outras no meio de um gesto que não se completaria jamais. Na boca de umas um pouco de comida branca. Sou a primeira testemunha do alvorecer de Pompéia. Sei como foi esta última noite. Sei da orgia do escuro. Em algumas o gesso terá endurecido tão lentamente como num processo vital, e elas, com movimentos cada vez mais penosos, terão sofregamente intensificado as alegrias da noite, tentando fugir de dentro de si mesmas. Até que de pedra se tornam, em espanto de inocência, e como tal, tal olhar de censura magoada. Outras - subitamente assaltadas pelo próprio âmago, sem nem sequer ter tido a intuição de um molde interno que se petrificava! - essas de súbito se cristalizam, assim como a palavra é cortada da boca: eu te...

Elas que, usando o nome de amor em vão, na noite de verão cantavam. Enquanto aquela ali, a de antena marrom suja de branco terá adivinhado tarde demais que se mumificara exatamente por não ter sabido usar as coisas com a graça gratuita do em vão: "é que olhei demais para dentro de mim" é que olhei demais para dentro de..." - de minha fria altura de gente olho a derrocada de um mundo. Amanhece. Uma ou outra antena de barata morta freme seca à brisa. Da história anterior canta o galo.

A quarta narrativa inaugura nova era no lar. Começa como se sabe: queixei-me de baratas. Vai até o momento em que vejo os monumentos de gesso. Mortas, sim. Mas olho para os canos, por onde esta mesma noite renovar-se-á uma nova população lenta e viva em fila indiana. Eu iria então renovar todas as noites o açúcar letal? como quem já não dorme sem a avidez de um rito. E todas as madrugadas me conduziria sonâmbula até o pavilhão? no vício de ir ao encontro das estátuas que minha noite suada erguia. Estremeci de mau prazer à visão daquela vida dupla de feiticeira. E estremeci também ao aviso do gesso que seca: o vício de viver que rebentaria meu molde interno. Áspero instante de escolha entre dois caminhos que, pensava eu, se dizem adeus, e certa de que qualquer escolha seria do sacrifício: eu ou minha alma. Escolhi. E hoje ostento secretamente no coração uma placa de virtude: "Esta casa foi dedetizada".

A quinta história chama-se "Leibnitz e a Transcendência do Amor na Polinésia". Começa assim: queixei-me de baratas. (Clarice Lispector)

117. No trecho "Farei então pelo menos três histórias, verdadeiras porque nenhuma delas mentem a outra. Embora uma única, seriam mil e uma, se mil e uma noite me dessem.", o narrador:

a. apresenta sua história como quadros que, embora formem uma unidade, podem se multiplicar infinitamente
b. conta histórias que não mentem uma a outras, pois de estruturam na sua experiência cotidiana
c. compara seu texto à história das "Mil e uma Noites", somente em um processo de gradação dos fatos
d. lamenta o fato de não ter mil e uma noites para desenvolver sua história, pois não lhe deram tempo suficiente
e. afirma que irá escrever três histórias. No entanto, ao longo do texto, cinco histórias são apresentadas. Isso denota uma falta de coerência entre a introdução e o desenvolvimento do conto

118. De acordo com o texto, o narrador, ao contar a história:

a. coloca-se como observador dos fatos, conferindo uma superficialidade na análise da personagem

b. participa dos fatos, portanto personagem e observador, conferindo uma visão parcial da realidade presente no texto
c. é, ao mesmo tempo, personagem e observador, pois relata fatos seqüenciais dos quais foi participante
d. é onisciente, personagem e, a partir da sua experiência do cotidiano, relata os fatos de maneira detalhista e profunda
e. é personagem, mas passa a ser também observador ao relatar a multiplicidade de histórias dentro de uma mesma história

119. A partir da leitura do texto, pode-se afirmar que:

a. o assunto é banal, pois se restringe a contar o cotidiano de uma personagem envolvida com os problemas do extermínio de baratas
b. através de um assunto trivial, o conto busca mostrar a banalidade da existência humana de uma maneira trágica, principalmente na quarta narrativa
c. a primeira história, "Como Matar Baratas", confirma a banalidade do conto, pois se resume a um receituário sobre como eliminá-las
d. o conto distancia-se de sua temática principal para remeter a um fato real, pois, através de um processo metafórico, compara a morte das baratas ao trágico destino das pessoas de Pompéia, o que é irrelevante ao contexto da história
e. percebemos, no conto, um processo ritualístico, repetitivo - adquirido através de um fluxo psicológico - o que acarreta uma narrativa lenta e monótona, só dinamizada na primeira história

120. Observa-se a partir do final "A quinta história chama-se ‘Leibnitz e a Transcendência do Amor na Polinésia’. Começa assim: queixei-me de baratas", que:

a) a constante repetição da frase "queixei-me de baratas" torna o final inesperado e inconsistente, pois o narrador não concluiu a história

b) o título escolhido, que centra a história na Polinésia, mostra que o problema do extermínio de baratas encontra-se no mundo inteiro

c) o responsável pela quinta história é o leitor, uma vez que o narrador já não tem mais nada a dizer

d) há um processo cíclico, visto que inexiste uma conclusão convencional percebida através da retomada constante da frase "queixei-me de baratas"

e) inexiste uma conclusão convencional, pois, sendo uma narrativa moderna, já é esperado um final abrupto e desconectado com o restante da história

121. (LICEU) "Os horrores por que passa uma pessoa dependente da ingestão diária de alguma droga são inenarráveis. Vão-se, nesta ordem, emprego, família, auto-estima, os cuidados com o próprio corpo e, por fim, a vida. Alguns ainda conseguem se reerguer, com muito sacrifício, e abandonar o vício. São, porém, uma pequena minoria.

As estratégias usuais de combate às drogas - leia-se, a repressão - vêm-se mostrando infrutíferas diante da crescente ousadia e sofisticação dos barões da droga. Os EUA chegam a gastar anualmente bilhões de dólares na repressão ao tráfico. Os resultados deixam a desejar. Pesquisas indicam que o número de viciados não decresce e que os norte-americanos estão tendo seu primeiro contato com as drogas cada vez mais jovens". (Folha de São Paulo, 30 de julho de 1995) Nesse trecho, a postura do autor, em relação aos temas, é:

a. contrária ao combate repressor às drogas, pois há um aparato ousado e sofisticado, usado pelos traficantes, que o governo não consegue acompanhar
b. contrária ao combate às drogas, pois são gastos bilhões de dólares na repressão ao tráfico
c. contrária ao combate às drogas, pois não adianta reprimir os jovens que buscam cada vez mais a primeira experiência
d. favorável ao combate às drogas, apesar de lamentar que só uma pequena minoria consiga desvencilhar-se do vício
e. favorável ao combate às drogas, apesar das estratégias atuais mostrarem-se infrutíferas.

(TRE-RJ) Texto para as questões 122 a 129:

A SOCIOLOGIA DO JEITO

(...)

(1) O jeito não é uma instituição legal nem ilegal, é "paralegal".

(...)

(2) Em primeiro lugar, essa instituição viceja assaz nos países latinos e é quase desconhecida nos anglo-saxões, porque naqueles perduraram por mais tempo hábitos feudais, quer nas relações jurídicas, quer nas econômicas. O feudalismo é um sistema de profunda desigualdade jurídica, em que a lei a rigor só é aplicável ao servo e aos vassalos, porém extremamente flexível para o barão e o suserano. Estes se governam por relações voluntarísticas; aqueles por fórmulas impositivas.

(3) Na Inglaterra, graças ao precoce desenvolvimento de sua burguesia mercantil, que se afirmou contra o Rei e os nobres, estabelecendo formas jurídicas de validade mais universal, feneceu muito antes que na Europa Latina o molde feudal.

(4) Isso cerceou barbaramente as possibilidades de florescimento da instituição "paralegal" do jeito, a qual pressupõe, evidentemente, como diria Orwell, que todos os animais sejam em princípio iguais perante a lei, conquanto alguns sejam mais iguais que outros. Ou, como praticam, entre nós, os mineiros e os gaúchos: "Para os amigos tudo, para os indiferentes nada, para os inimigos a lei!"

(5) A segunda explicação sociológica reside na diferença de atitudes entre latinos e anglo-saxões, no tocante às relações entre a lei e o fato social. Para o empiricismo jurídico anglo-saxão, a lei é muito menos uma construção lógica que uma cristalização de costumes. Ao contrário do Direito Civil, a "Common Law" (1) é uma coletânea de casos e precedentes, antes que um sistema apriorístico e formal de relações.

(6) Até mesmo na Lex Magna - a Constituição - prevalece essa diferença de atitudes. A Constituição inglesa, por exemplo, nunca foi escrita e a americana se cinge a três admiráveis páginas. Já as Constituições de tipo latino são miudamente norminativas e regulamentares. Com isso nos arriscamos, quase sempre, a um descompasso em relação ao fato social, o que nos leva ora à solução elegante e proveitosa (para os juristas) da mudança da Constituição, ora a interregnos deselegantes de ditaduras inconstitucionais.

(7) As conseqüências sociológicas dessa díspar atitude - de um lado a tradição interpretável, do outro o preceito incontroverso - são profundas. No caso anglo-saxão, a lei pode ser obedecida, porque ordinariamente apenas codifica o costume corrente. Torna-se menos provável a ocorrência de grave tensão institucional por desadaptação da norma legal ao comportamento aceito. Não há grande necessidade de se dar um jeito, pois que a lei raramente é inexeqüível; nos casos em que é violada, é possível configurar-se, então, a existência de dolo ou crime praticado por pequena minoria social.

(8) Dentro do formalismo jurídico latino, freqüentemente o descumprimento da lei é uma condição de sobrevivência do indivíduo, e de preservação do corpo social sem inordinato atrito. Como dizia um meu criado português: "Esta lei não pegou, senhor doutor." Pois, audiant omnes (2), há leis que "pegam" e leis que não "pegam". Estas, ordinariamente, são construções teóricas que não nasceram do costume e que às vezes transplantam formas jurídicas importadas de além-mar, sem relevância para as possibilidades econômicas de nosso ambiente. Textos fora de contexto.

(9) Resta saber se não há uma terceira explicação, em termos de atitudes religiosas. No catolicismo, rígido é o dogma, e a regra moral, intolerante. No protestantismo, complacente é a doutrina, e a moral, utilitária. Há menos beleza e também menos angústia.

(10) É bem verdade que numa visão mais comprida da história e do tempo, o catolicismo tem revelado surpreendente plasticidade para se adaptar à evolução dos povos e instituições. A curto prazo, entretanto, pode gerar intolerável tensão institucional, que não fora a válvula de escape do jeito, arriscaria perturbar o funcionamento da sociedade.

(11) Já o protestantismo nasceu sob o signo revisionista. Elidiu-se praticamente a doutrina revelada ab alto (3), e quando as necessidades institucionais criam a ameaça de uma generalização do pecado, é muito mais fácil o protestantismo entortar as normas éticas. Assim, quando as exigências de um emergente capitalismo mercantil impuseram a organização de um mercado financeiro, Calvino fez da cobrança de juros um esporte legítimo, lançando às urtigas o preconceito aristotélico de que o dinheiro é estéril e o belo arrazoado aquiniano de ser o juro ilegítimo porque implica em cobrar o tempo, coisa que pertence a Deus e não aos homens. Ante a revolução trazida pelas grandes descobertas marítimas e a necessidade de acumulação para financiar investimentos na exploração comercial e industrial, os puritanos passaram a enxergar a opulência como manifestação exterior da bênção divina e não um desvario cúpido. E quando os mórmons se viram frente ao problema de povoar um deserto, não hesitaram em sancionar a poligamia. Ainda hoje, desaparecida a questão do povoamento acelerado, e proibida a bigamia simultânea, permanece legal a poligamia sucessiva, através do divórcio.

(12) Procurou-se evitar a tensão social mediante uma frontal modificação das normas éticas, ao invés de recorrer-se ao instituto do jeito.

(13) Não se tome a disquisição acima, entretanto, como uma justificação indiscriminada e licenciosa do jeito. Assim como há rua e rua, há jeito e jeito; em muitos casos não passa ele de molecagem de inadaptados sociais que ao invés de jeitosos são rematados facínoras.

(14) Mas forçoso é reconhecer que há raízes sociológicas mais profundas; e que, se amputada essa instituição "paralegal", dado o irrealismo de nossas formulações legais, a tensão social poderia levar-nos a duas extremas posições: a da sociedade paralítica, por obediente, e da sociedade explosiva, pelo descompasso entre a lei, o costume e o fato.

(15) Daí, irmãos, a essencialidade do jeito.

(1) "Common Law" - denominação genérica dos fundamentos do Direito inglês

(2) audiant omnes - todos ouvem falar

(3) ab alto - do alto

(Roberto Campos, A sociologia do jeito. Senhor, Rio de Janeiro, n. 7, p. 28-9, jul. 1960.)

122. Das expressões abaixo, aquelas que não se referem no texto a aspectos, respectivamente, da tradição latina e anglo-saxônica são:

a. "fórmulas impositivas"/ "relações voluntarísticas" (§2)
b. "construção lógica" / "cristalização de costumes" (§5)
c. "sistema apriorístico e formal de relações" / "coletânea de casos e precedentes" (§5)
d. "preceito incontroverso" / "tradição interpretável" (§7)
e. "moral, intolerante" / "moral, utilitária" (§9)

123. Dentre os fatores abaixo, aquele que não cerceou o florescimento do jeito nos países anglo-saxões foi:

a) o precoce desenvolvimento de uma burguesia mercantil

b) a codificação dos costumes correntes em normas jurídicas

c) o estabelecimento de formas jurídicas de validade mais universal

d) a grande necessidade da lei ser obedecida, mesmo sendo raramente inexeqüível

e) a menor duração dos hábitos feudais, quer nas relações jurídicas, quer nas econômicas

124. Dos pares abaixo, aquele que pode ilustrar a "díspar atitude" referida pelo autor no parágrafo 7 é:

a. solução elegante das mudanças constitucionais / interregnos deselegantes de ditaduras inconstitucionais
b. desadaptação da norma legal / lei inexeqüível
c. tensão inconstitucional / inexeqüibilidade da lei
d. Constituição inglesas / Constituição americana
e. "Common Law" / Direito Civil

125. A atitude de Calvino, citada no parágrafo 11, não pode servir de exemplo para a seguinte passagem do texto:

a. "a lei é muito menos uma construção lógica que uma cristalização de costumes" (§5)
b. "a lei pode ser obedecida, porque ordinariamente apenas codifica o costume corrente" (§7)
c. "No protestantismo, complacente é a doutrina, e a mora, utilitária" (§9)
d. "pode gerar intolerável tensão inconstitucional, que não fora a válvula de escape do jeito, arriscaria perturbar o funcionamento da sociedade" (§10)
e. "Procurou-se evitar a tensão social mediante uma frontal modificação das normas éticas" (§12)

126. A função do parágrafo 13, em relação ao pensamento exposto nos anteriores, é:

a) concluir d) contradizer

b) explicar e) exemplificar

c) ressalvar

127. As expressões "relações voluntarísticas" e "fórmulas impositivas (§2) dizem respeito, respectivamente, a:

a) países latinos / países anglo-saxões

b) barões e vassalos / servos e suseranos

c) barões e suseranos / servos e vassalos

d) relações jurídicas / relações econômicas

e) países desenvolvidos / países subdesenvolvidos

128. Na visão do autor, a instituição do jeito favorece:

a. a transformação das leis em construções teóricas
b. adoção de uma doutrina complacente e de uma moral utilitária
c. a implantação de normas jurídicas importadas, em desacordo com a nossa realidade econômica
d. a preservação do corpo social, tendo em vista o descompasso entre o fato social e a rigidez normativa das leis
e. a adaptação da norma legal ao comportamento aceito, de modo a tornar mais improvável a ocorrência de grave tensão institucional

129. O objetivo principal do texto é:

a. expor os motivos pelos quais o jeito se institucionalizou no Brasil
b. analisar as conseqüências da institucionalização do jeito no Brasil
c. provar a erradicação do jeito é fundamental para o desenvolvimento do Brasil
d. enumerar as principais decorrências de ter o jeito se institucionalizado no Brasil
e. propor a reformulação do sistema jurídico para possibilitar a erradicação do jeito no Brasil

(TRE-RO) Texto para as questões 130 a 132:

João Soares estava com a razão: política só se ganha com muito dinheiro. A começar pelo alistamento, que é trabalhoso e caro: tem-se de ir atrás de eleitor por eleitor, convencê-los a se alistarem, e ensinar tudo, até a copiar o requerimento. Cabo de enxada engrossa as mãos - e o sedenho das rédeas, o laço de couro cru, machado e foice também. Caneta e lápis são ferramentas muito delicadas. A lida é outra: labuta pesada, de sol a sol, nos campos e nos currais. E quem perdeu tempo com leitura e escrita, em menino, acaba logo esquecendo-se do pouco que aprendeu. Ler o quê? Escrever o quê? Mas agora é preciso: a eleição vem aí, e o título de eleitor rende a estima do patrão, a gente vira pessoa. Acontece, também, que Pé-de-Meia não quer saber de histórias: é cabo eleitoral alistador de gente, pago por cabeça, e tem de mostrar serviço. Primeiro, a conversa pacienciosa, amaciando o terreno; a luta, depois: "- Minha vista anda que é uma barbaridade. E de uns tempos para cá, apanhei uma tremedeira que a mão não me pára mais quieta... "O novato sua, desiste:" - Vai não, Pé-de-Meia." Mas o cabo é jeitoso: não força, não insiste - espera. Tempo só de passar a gastura que a caneta sempre dá no principiante. Tão fácil... - o requerimento já está pronto, rascunhado no papel almaço a lápis fininho, macio de apagar: "João Francisco de Oliveira, abaixo assinado, brasileiro, residente ... "Qual ... minha vista não presta mesmo mais não. Besteira teimar ... "Pé-de-Meia não deixa afrouxar o embalo: "- Me dá licença, seu João." E pega no mãozão cascudo, pesado tal um caminhão de tora. Vai choferando a bicha, para cima e para baixo, caminhando com ela por sobre o papel; o rastro fica: primeiro, a foice espigada do jota; depois, a laçada bamba do ó; em seguida, mais duas voltas grandes, repassadas e atreladas uma à outra. Aos poucos João Francisco aprende a relaxar a mão, descobre que não carece de fazer tanta força, já não molha de suor o papel. Animal bom de sela, agora, maneiro de queixo e ligeiro de rédea, a mão passeia pela dúzia e tanto dos trechos alinhados, um sob o outro, no comprido requerimento.

Quando o caboclo é ruim de ensino, Pé-de-meia é quem enche todo o papel, borrando-o de propósito, errando de velhaco, completando um perfeito e indiscutível requerimento de eleitor da roça. Mas, quando o cujo é jeitoso de moda do João Francisco, Pé-de-Meia prefere carregar-lhe a mão durante o serviço todo - do "Exmo. Sr. Doutor Juiz de Direito" até o "P.D." que precede a assinatura (...) "- Pois está ficando um serviço de gente, Seu João. O senhor até que tem jeito - um letraço!

(Mário Palmério - Vila dos Confins - Adaptado)

130. O texto põe em evidência a(s):

a) obrigatoriedade do voto

b) elegibilidade do voto

c) preparação do eleitor

d) resistência do eleitor ao processo eleitoral

e) sanções estabelecidas pela justiça eleitoral

131. A remuneração do cabo eleitoral depende da(o):

a) sua produtividade no trabalho

b) vitória do candidato

c) generosidade do eleito

d) capacidade de aprendizagem do caboclo

e) prestígio político do candidato

132. (...) "borrando-o de propósito, errando de velhaco" (l. 28). O objetivo de Pé-de-Meia era:

a) invalidar de vez o requerimento

b) forjar a autenticidade do documento

c) menosprezar a capacidade do eleitor

d) dificultar o alistamento do eleitor

e) facilitar a identificação do documento

133. (FUVEST) "O Ministério da Fazenda descobriu uma nova esperteza no Instituto de Resseguros do Brasil. O Instituto alardeou um lucro no primeiro semestre de 3,1 bilhões de cruzeiros, que esconde na verdade um prejuízo de 2 bi. Brasil, Cuba e Costa Rica são os três únicos países cujas empresas de resseguros são estatais.(Veja, 1/9/93, pág. 31)

Conclui-se do texto que seu autor:

a. acredita que a esperteza do Instituto de Resseguros gerou lucro e não prejuízo.
b. dá como certo que o prejuízo do Instituto é maior do que o lucro alardeado.
c. julga que o Instituto de Resseguros agiu de boa fé.
d. dá a entender que é contrário ao fato de o Instituto de Resseguros ser estatal.
e. tem informação de que em Cuba e na Costa Rica os Institutos de Resseguros camuflam seus prejuízos.

(FUVEST) O texto abaixo refere-se às questões de números 134 a 136:

GOLS DE COCURUTO

O melhor momento do futebol para um tático é o minuto de silêncio. É quando os times ficam perfilados, cada jogador com as mãos nas costas mais ou menos no lugar que lhes foi designado no esquema - e parados. Então o tático pode olhar o campo como se fosse um quadro negro e pensar no futebol como alguma coisa lógica e diagramável. Mas aí começa o jogo e tudo desanda. Os jogadores se movimentam e o futebol passa a ser regido pelo imponderável, esse inimigo mortal de qualquer estrategista. O futebol brasileiro já teve grandes estrategistas cruelmente traídos pela dinâmica do jogo. O Tim, por exemplo. Tático exemplar, planejava todo o jogo numa mesa de botão. Da entrada em campo até a troca das camisetas, incluindo o minuto de silêncio. Foi um técnico de sucesso mas nunca conseguiu uma reputação no campo à altura da sua reputação de vestiário. Falava um jogo e o time jogava outro. O problema do Tim, diziam todos, era que seus botões eram mais inteligentes do que seus jogadores.

(L.F. Veríssimo. O Estado de São Paulo, 23/08/93)

134. A tese que o autor defende é a de que, em futebol:

a) o planejamento tático está sujeito à interferência do acaso.

b) a lógica rege as jogadas.

c) a inteligência dos jogadores é que decide o jogo.

d) os momentos iniciais decidem como será o jogo.

e) a dinâmica do jogo depende do planejamento que o técnico faz.

135. No texto, a comparação do campo com um quadro negro aponta:

a) o pessimismo do tático em relação ao futuro do jogo.

b) um recurso utilizado no vestiário.

c) a visão do jogo como movimento contínuo.

d) o recurso didático preferido pelo técnico Tim.

e) um meio de pensar o jogo como algo previsível.

136. As expressões que retomam, no texto, o segmento "o melhor momento do futebol" são:

a) os times ficam perfilados - aí

b) é quando - então

c) aí - os jogadores se movimentam

d) o tático pode olhar o campo - aí

e) é quando - começa o jogo

(FUVEST) Texto para as questões de 137 e 138:

Além de parecer não ter rotação, a Terra parece também estar imóvel no meio dos céus. Ptolomeu dá argumentos astronômicos para tentar mostrar isso. Para entender esses argumentos, é necessário lembrar que, na antigüidade, imaginava-se que todas as estrelas (mas não os planetas) estavam distribuídas sobre uma superfície esférica, cujo raio não parecia ser muito superior a distância da Terra aos planetas. Suponhamos agora que a Terra esteja no centro da esfera das estrelas. Nesse caso, o céu visível à noite deve abranger, de cada vez, exatamente a metade da esfera das estrelas. E assim parece realmente ocorrer: em qualquer noite, de horizonte a horizonte, é possível contemplar, a cada instante, a metade do zodíaco.

Se, no entanto, a Terra estivesse longe do centro da esfera solar, então o campo de visão à noite não seria, em geral, a metade da esfera: algumas vezes poderíamos ver mais da metade, outras vezes poderíamos ver menos da metade do zodíaco, de horizonte a horizonte. Portanto, a evidência astronômica parece indicar que a Terra está no centro da esfera de estrelas. E se ela está sempre nesse centro, ela não se move em relação às estrelas.

(Roberto de A. Martins, Introdução geral ao Commentariolus de Nicolau Copérnico)

137. O terceiro período ("Para entender esses... da Terra aos planetas") representa, no texto:

a) o principal argumento de Ptolomeu.

b) o pressuposto da teoria de Ptolomeu.

c) a base para as teorias posteriores de Ptolomeu.

d) a hipótese suficiente para Ptolomeu retomar as teorias anteriores.

e) o fundamento para o desmentido da teoria de Ptolomeu.

138. Expressões, que no texto, denunciam subjetividade na apresentação dos fatos são:

a) parece também estar imóvel - dá argumentos - é necessário lembrar

b) é necessário lembrar - imaginava-se - suponhamos

c) imaginava-se - esteja - deve abranger

d) tentar mostrar - suponhamos - parece realmente ocorrer

e) parece realmente ocorrer - é possível contemplar - não se move

(TRE-RJ) Texto para as questões 139 a 143:

VELHOS VÍCIOS

Está anunciada para hoje na Câmara a votação de mais uma Lei Eleitoral. Ainda não é a definitiva, mas outra parte para atender à conveniências do casuísmo político que o autoritarismo exacerbou. Além do retrocesso, o que se prenuncia como disposição de espírito é assustador. Entre outras barbaridades, fala-se em garantir o anonimato dos doadores de dinheiro para a campanha eleitoral. Reconhecimento legal da corrupção, claro. No primeiro semestre, ninguém acreditaria que a representação política se sentisse mal na eficiência que conquistou com a aprovação das emendas constitucionais e se lançasse de volta aos braços da imagem desacreditada. Deve ter sido por distração.

Tudo que se sabe a respeito da Lei Eleitoral é que as melhores intenções perderam-se no percurso legislativo da matéria. A chegada do projeto ao plenário foi precedida de vozes que trombeteiam exatamente o oposto do indispensável para dotar o país de normas moralizadoras cujo coroamento seria a informatização nacional do pleito e da apuração. Compreende-se que os velhos vícios políticos tenham arautos, mas o estranhável é a ausência de desautorizações frontais a essas provocações.

O presidente do Tribunal Superior Eleitoral, ministro Carlos Velloso, é de opinião que a nova lei eleitoral, como está, desacredita os políticos. Cita como exemplo deplorável a iniciativa de transferir para os partidos políticos a indicação dos mesários, retirando da Justiça Eleitoral que a exerce há meio século a prerrogativa de compor com cidadãos as mesas de votação. Falar ao mesmo tempo em informatizar eleições e deferir aos partidos a escolha dos mesários é fazer pouco dos cidadãos e da consciência política brasileira. Indicação de partidos equivale, na comparação do presidente do TSE, a usar cabritos para tomar conta da horta.

Não há justificativa para o retrocesso eleitoral que ameaça, por dentro, a democracia no Brasil; nos últimos anos a Justiça Eleitoral vem estudando o aperfeiçoamento das normas que regulam os pleitos, com o objetivo de reduzir a margem de fraudes de difícil apuração e, sobretudo, com mínima punição. A comissão de juristas e cientistas políticos, com o que de melhor existe no país, preparou um levantamento completo e fez sugestões animadoras. O Congresso recebeu o material e desconversou. Sabe-se agora, às vésperas da votação, que foi em vão: o desejo de oficializar a corrupção tomou conta da cena política.

Fica difícil acreditar que, depois de tudo que se viu na última eleição (no Rio o pleito para deputado estadual e federal foi anulado), seja considerada digna de debate a proposta para que o dinheiro grosso circule por baixo da lei, sem que o candidato ou o doador tenham que declarar a quantia e a procedência. Ou seja: a eleição será uma lavagem de dinheiro da contravenção, da sonegação e do narcotráfico. Pior, em nome da democracia, que ficaria em débito. (Editorial do Jornal do Brasil, setembro / 1995.)

139. Segundo o texto, o ponto alto da adoção de normas normalizadoras seria:

a) a votação de mais de uma Lei Eleitoral

b) a informatização das eleições e da apuração

c) a indicação dos mesários de forma aleatória

d) a participação efetiva dos partidos na apuração

e) a aprovação de diversas emendas constitucionais

140. De acordo com o texto, o "ministro Carlos Velloso" (L. 15) acredita que a nova Lei se caracteriza por:

a) ser nociva à imagem dos políticos

b) dotar o país de normas normalizadoras

c) trombetear o oposto do indispensável

d) atender às conveniências do casuísmo político

e) extinguir a corrupção ocupada pela cena política

141. Ao empregar, como crítica, a imagem "usar cabritos para tomar conta da horta (L. 22), o editorial traduz, na prática, a seguinte idéia:

a) corruptos podem reabilitar-se, desde que incentivados

b) os políticos precisam entender melhor os problema eleitorais

c) os homens mal-educados não podem ser tomados como modelo

d) os partidos políticos costumam prejudicar o que já está organizado

pessoas desonestas não devem ser escolhidas para guarda de valores

142. Os avanços e os velhos vícios na Legislação Eleitoral são o tema do texto. A seqüência que evidencia essa dicotomia é:

a) democracia no Brasil / retrocesso eleitoral

b) eficiência conquistada / imagem desacreditada

c) normas moralizadoras / desautorizações frontais

d) respeito à lei eleitoral / oficialização da corrupção

informatização das eleições / deferimento aos partidos da escolha dos mesários

143. A frase que fecha o primeiro parágrafo do texto tem, de toda evidência, um caráter do tipo:

a) crítico e irônico d) imparcial e reacionário

b) político e alienado e) assustador e jornalístico

c) normativo e ferino

(TRE-MG) As questões 144 a 150 referem-se ao texto abaixo. Quando das perguntas, volte ao texto sempre que necessário.

Encontro

Meu pai perdi no tempo e ganho em sonho.

Se a noite me atribui poder de fuga,

sinto logo meu pai e nele ponho

o olhar, lendo-lhe a face ruga a ruga.

Está morto, que importa? Inda madruga

e seu rosto, nem triste nem risonho,

é o rosto antigo, o mesmo. E não enxuga

suor algum, na calma de meu sonho.

Ó meu pai arquiteto e fazendeiro!

Faz casas de silêncio, e suas roças

de cinza estão maduras, orvalhadas

por um rio que corre o tempo inteiro

e corre além do tempo, enquanto as nossas

murcham num sopro fontes represadas.

(Carlos Drummond de Andrade. Reunião. 10 livros de poesia.

Rio: José Olympio, 1971. p. 193)

144. A sugestão expressa no primeiro verso do poema indica que o poeta e seu pai estão:

a) separados no tempo e no espaço

b) separados apenas no tempo

c) separados apenas no espaço

d) perdidos sem conseguirem encontrar-se

e) próximos de um encontro definitivo

145. Os termos "vida" e "morte", no texto, estão expressos nas palavras:

a) fuga e noite d) madruga e triste

b) olhar e ruga e) suor e calma

c) tempo e sonho

146. Segundo o texto, uma das possibilidades que se pode determinar na noite, é que ela:

a) facilita a vontade de fugir

b) permite o uso da razão

c) consegue ampliar a visão da realidade

d) oferece a chance de o indivíduo compreender-se

e) propicia o exercício da imaginação

147. Pode-se perceber que o texto trata do poder transfigurador da poesia. O verso que expressa isso é:

a) "Está morto, que importa? Inda madruga"

b) "e seu rosto, nem triste nem risonho"

c) "Ó meu pai arquiteto e fazendeiro"

d) "e corre além do tempo, enquanto as nossas"

e) "murcham num sopro fontes represadas"

148. De acordo com o texto, a figura do pai está marcada pela condição de:

a) cansaço d) alegria

b) placidez e) tristeza

c) velhice

149. Em todas as partes do texto, indicadas abaixo, há elementos suficientes para indicar as atividades que o pai exercia, exceto:

a) "Está morto que importa? Inda madruga"

b) "e seu rosto, nem triste nem tristonho"

c) "E não enxuga / suor algum, na calma de meu sonho"

d) "Ó meu pai arquiteto e fazendeiro!"

e) "Faz casas de silêncio, e suas roças / de cinza estão maduras"

150. A condição em que o poeta diz encontrar seu pai pode ser caracterizada por todos os termos abaixo, exceto:

a) "casas de silêncio" d) "rosto antigo"

b) "perdi no tempo" e) "roças de cinza"

c) "está morto"

151. (FUVEST) De acordo com o ditado popular "invejoso nunca medrou, nem quem perto dele morou":

a) o invejoso nunca teve medo, nem amedronta seus vizinhos.

b) enquanto o invejoso prospera, seus vizinhos empobrecem.

c) o invejoso não cresce e não permite o crescimento dos vizinhos.

d) o temor atinge o invejoso e também seus vizinhos.

e) o invejoso não provoca medo em seus vizinhos.

(FUVEST) Texto para a questão 152:

- Ah, não sabe? Não o sabes? Sabes-lo não?

- Esquece.

- Não. Como "esquece"? Você prefere falar errado? E o certo é "esquece" ou "esqueça"? Ilumine-me. Mo digas. Ensines-lo-me, vamos.

- Depende.

- Depende. Perfeito. Não o sabes. Ensinar-me-lo-ias se o soubesses, mas não sabes- o.

- Está bem. Está bem, desculpe. Fale como quiser.

(L.F. Veríssimo, Jornal do Brasil, 30/12/94)

O texto tem por finalidade:

satirizar a preocupação com o uso e a colocação das formas pronominais átonas.

ilustrar ludicamente várias possibilidades de combinação de formas pronominais.

esclarecer pelo exemplo certos fatos da concordância de pessoa gramatical.

exemplificar a diversidade de tratamentos que é comum na fala corrente.

valorizar a criatividade na aplicação de uso das formas pronominais.

(FUVEST) Texto para a questão 153:

A triste verdade é que passei as férias no calçadão do Leblon, nos intervalos do novo livro que venho penosamente perpetrado. Estou ficando cobra em calçadão, embora deva confessar que o meu momento calçadônico mais alegre é quando, já no caminho de volta, vislumbro o letreiro do hotel que marca a esquina da rua onde finalmente terminarei o programa-saúde do dia. Sou, digamos, um caminhante resignado. Depois dos 50, a gente fica igual a carro usado, todo o dia tem uma coisa dando errado, é a suspensão, é a embreagem, é o radiador, é o contraplano do rolabrequim, é o contrafarto do mesocárdio epidítico, a falta de sorotorpina folimolecular, é o que mecânicos e médicos disseram. Aí, para conseguir ir segurando a barra, vou acatando os conselhos. Ainda é bom para mim, digo sem muita convicção a meus entediados botões, é bom para todos.

(João Ubaldo Ribeiro, O Estado de São Paulo, 06/08/95).

No período que se inicia em "Depois dos 50...", o uso de termos (já existentes ou inventados) referentes a áreas diversas têm como resultado:

a. um tom de melancolia, pela aproximação entre um carro usado e um homem doente.
b. um efeito de ironia, pelo uso paralelo de termos da medicina e da mecânica.
c. um certa confusão no espírito do leitor, devido à apresentação de termos novos e desconhecidos.
d. a invenção de uma metalinguagem, pelo uso de termos médicos em lugar de expressões corriqueiras.
e. a criação de uma metáfora existencial, pela oposição entre o ser humano e objetos.

(FUVEST) Texto para as questões 154 e 155:

Eu considerei a glória de um pavão ostentando o esplendor de suas cores; é um luxo imperial. Mas andei lendo livros, e descobri que aquelas cores todas não existem na pena do pavão. Não há pigmentos. O que há são minúsculas bolhas d'água em que a luz se fragmenta, como em um prisma. O pavão é um arco-íris de plumas.

Eu considerei que este é o luxo do grande artista, atingir o máximo de matizes com um mínimo de elementos. De água e luz ele faz seu esplendor; seu grande mistério é a simplicidade.

Considerei, por fim, que assim é o amor, oh minha amada; de tudo que ele suscita e esplende e estremece e delira em mim existem apenas meus olhos recebendo a luz do teu olhar. Ele me cobre de glórias e me faz magnífico. (Rubem Braga, 200 Crônicas Escolhidas)

154. Nas três "considerações" do texto, o cronista preserva, como elemento comum, a idéia de que a sensação de esplendor:

a) ocorre de maneira súbita, acidental e efêmera.

b) é uma reação mecânica dos nossos sentidos estimulados.

c) decorre da predisposição de quem está apaixonado.

d) projeta-se além dos limites físicos do que a motivou.

e) resulta da imaginação com que alguém se vê a si mesmo.

155. Atente para as seguintes afirmações:

I. O esplendor do pavão e o da obra de arte implicam algum grau de ilusão.
II. O ser que ama sente refletir-se em si mesmo um atributo do ser amado.
III. O aparente despojamento da obra de arte oculta os recursos complexos de sua elaboração.

De acordo com o que o texto permite deduzir, apenas

a) as afirmações I e III estão corretas d) a afirmação I está correta

b) as afirmações I e II estão corretas e) a afirmação II está correta

c) as afirmações II e III estão corretas

(FUVEST) Texto para as questões 156 e 157:

"Vivemos mais uma grave crise, repetitiva dentro do ciclo de graves crises que ocupa a energia desta nação. A frustração cresce e a desesperança não cede. Empresários empurrados à condição de liderança oficial se reúnem, em eventos como este, para lamentar o estado de coisas. O que dizer sem resvalar para o pessimismo, a crítica pungente ou a auto-absolvição? É da história do mundo que as elites nunca introduziram mudanças que favorecessem a sociedade como um todo. Estaríamos nos enganando se achássemos que estas lideranças empresariais aqui reunidas teriam motivação para fazer a distribuição de poderes e rendas que uma nação equilibrada precisa ter. Aliás, é ingenuidade imaginar que a vontade de distribuir renda passe pelo empobrecimento da elite. É também ocioso pensar que nós, de tal elite, temos riqueza suficiente para distribuir. Faço sempre, para meu desânimo, a soma do faturamento das nossas mil maiores e melhores empresas, e chego a um número menor do que o faturamento de apenas duas empresas japonesas. Digamos, a Mitsubishi e mais um pouquinho. Sejamos francos. Em termos mundiais somos irrelevantes como potência econômica, mas ao mesmo tempo extremamente representativos como população."

("Discurso de Semler aos empresários", Folha de São Paulo, 11/9/91)

156. O texto permite afirmar que:

a. potência mundial de peso, o Brasil está entre as maiores economias do primeiro mundo.
b. economicamente, o Brasil não tem relevo como potência de primeira ordem.
c. as dificuldades do Brasil são conjunturais e se devem especialmente às pressões internacionais.

d. as indústrias de ponta no Brasil estão entre as que têm mais alto faturamento universal.
e. só o idealismo do empresariado brasileiro pode reerguer nosso potencial econômico.

157. O ciclo de crises vivido pelo Brasil, segundo o texto, constitui:

a) um componente instigante para vender nossas dificuldades.

b) fator conhecido e repetitivo, desimportante de nossa história.

c) algo que não passa de invenção de pessimistas desocupados.

d) recurso eficaz para chamar a atenção para a nossa realidade.

e) outra forma de desgaste e de consumo de nossas energias.

(IBGE) Texto para as questões 158 a 163:

O brasileiro segundo ele mesmo

..

§1º O cidadão dos anos 90 está otimista, mas muito preocupado. Essa foi uma das conclusões da pesquisa realizada em outubro passado sobre como o brasileiro percebe a si próprio e ao país. O seu primeiro pensamento a respeito do Brasil refere-se à fome e à miséria. Depois vêm-lhe à cabeça a corrupção e a crise econômica. Já disseram que o brasileiro era alienado. Agora, ele aparece como uma pessoa muito atenta.

§2º O brasileiro também já foi tachado de mole e de atrasado. O escritor Mário de Andrade criou a figura de Macunaíma, o "herói de nossa gente", cuja característica era a preguiça. O escritor Monteiro Lobato deu o nome de Jeca Tatu ao caipira brasileiro. O Jeca era um símbolo do atraso, da alienação e da ignorância. Perto do ano 2000 o brasileiro parece ter-se livrado desses espectros pesados, o Jeca e o Macunaíma, e faz um auto-retrato bom - até mesmo em contraste com o estrangeiro. Além de mais alegre, hospitaleiro e carinhoso, ele se tacha também mais inteligente e esforçado. Mas, nessa auto-avaliação, alguma coisa ficou da moleza de Macunaíma e do atraso de Jeca Tatu. Os entrevistados não se colocam em tão boa posição quando os termos comparativos são a modernidade e a preguiça.

§3º Esse auto-retrato generoso não significa que as pessoas tenham ficado pouco críticas a seu próprio respeito. Estão críticas, e muito. Sabem que as virtudes nacionais não são coisas tão consolidadas assim.

§4º O brasileiro também identifica pontos mais frágeis no seu comportamento. Cita, por exemplo, o trânsito, no qual o motorista deixa a educação de lado e se torna um selvagem que não respeita o sinal vermelho, a conversão proibida ou a faixa de pedestres. É claro que os entrevistados reprovam esse tipo de comportamento. No plano ético, o brasileiro não tolera falta sem motivo ao trabalho, incômodo aos vizinhos com barulho ou o comportamento com atraso a compromissos. No plano prático, faz tudo isso e de noite dorme com a maior serenidade. Só que agora o brasileiro está cansado dessa desorganização e deseja ser mais sério nesses pontos. (Ricardo Grinbaum - trechos com adaptações, Veja, 10/01/96)

158. "...o brasileiro parece ter-se livrado desses espectros pesados ..." (§2º). De acordo com o texto, a expressão que substitui convenientemente "espectros pesados" é:

a) aspectos paliativos d) personagens monstruosos

b) fantasmas sombrios e) elementos contagiantes

c) aspectos injustificados

159. "Os entrevistados não se colocam em tão boa posição quando os termos comparativos são a modernidade e a preguiça." (§2º). Isso significa que, em relação aos estrangeiros, eles se consideram:

a) mais inteligentes e esforçados

b) mais alienados e ignorantes

c) mais antiquados e menos ágeis

d) menos atrasados e mais afáveis

e) menos evoluídos e mais flexíveis

160. Sem alterar-lhe o sentido, a palavra "alienação" (§2º) só não pode ser substituída, no texto, por:

a) alheamento d) inconsciência

b) apatia e) indiferentismo

c) desalento

161. "Sabem que as virtudes nacionais não são coisas tão consolidadas assim." (§3º) Assinale a afirmação do texto que expressa corretamente o sentido do trecho citado acima:

a. "O seu primeiro pensamento a respeito do Brasil refere-se à fome e à miséria." (§1º)
b. "Agora, ele aparece como uma pessoa muito atenta." (§1º)
c. "Perto do ano 2000 o brasileiro parece ter-se livrado desses espectros pesados." (§2º)
d. "No plano prático, faz tudo isso e de noite dorme com a maior serenidade." (§2º)
e. "Só que agora o brasileiro está cansado dessa desorganização e deseja ser mais sério nesses pontos." (§4º)

162. O último parágrafo do texto mostra que o brasileiro é:

a) incoerente, mas pretende tornar-se um cidadão melhor.

b) inconsciente, pois não percebe suas falhas.

c) incorrigível, já que nunca conseguirá modificar-se.

d) intolerante, ao não aceitar erros seus ou dos outros.

e) contraditório e está satisfeito assim.

163. Marque a afirmativa que está de acordo com as idéias expressas no texto:

a. Para a população, no momento, sobressaem os aspectos negativos do país.
b. Atualmente, já não há mais, no povo, vestígios de Macunaíma e Jeca Tatu.
c. No Brasil, as boas qualidades estão definitivamente firmadas.
d. A esperança de um futuro melhor tolda a visão crítica das pessoas.
e. Nem em circunstâncias adversas o brasileiro abandona seus valores positivos.

(CEETEPS) Texto para as questões 164 a 170:

O HOMEM ENERGÉTICO

Imagine uma cidade antiga, sem energia elétrica. Vamos passear por ela, à noite. As ruas completamente escuras. Com um pouco de sorte, poderá haver um luar agradável, permitindo enxergar o contorno das casas e a torre da igreja.

Na sala de uma casa qualquer, após o jantar, um grande lampião de gasolina ilumina todo o ambiente. Produz uma luz intensa, muito branca, por causa de uma pequena rede de titânio que envolve a chama. Esta, aquecida, emite uma luz muito mais forte e clara que a chama tremeluzente amarelo-avermelhada de um simples lampião de querosene ou de uma lamparina.

Nessa sala, cada membro da família se entrega a um passatempo favorito: tricô, vitrola de corda, jogo de cartas, leitura. Não existe televisão, rádio, videofilmes ou outros passatempos eletrônicos. Tampouco a enorme variedade de eletrodomésticos que substituem o esforço físico na realização dos trabalhos de rotina.

Sem muito que fazer, dormem demasiado cedo. A falta de luz castiga a vista; é grande o consumo de querosene, de gasolina e de velas. Toda atividade é penosa. Durante a noite, fica acesa apenas uma ou outra lamparina. O silêncio é completo. Não existem buzinas nem roncos de motores acelerados. Ouve-se apenas o ruído compassado dos cascos ferrados de cavalos batendo nas pedras do calçamento.

Parece uma cidade fictícia, mas não é. É São Paulo do século passado. O Brasil teve sua primeira usina hidrelétrica em 1889. Em 1900, quando começaram os bondes elétricos, em São Paulo já existia gerador a vapor. Próximo de 1930, era, preponderantemente, a gás a iluminação das ruas. Nas casas, a eletricidade era empregada apenas para acender umas poucas lâmpadas.

Como as locomotivas, as máquinas industriais eram movidas, principalmente, a vapor obtido de grandes caldeiras aquecidas pela queima de carvão inglês. De manhã, ouviam-se os apitos emitidos pelas caldeiras das fábricas, anunciando a hora da entrada para o trabalho. À tarde, os acendedores de lampiões, funcionários públicos, acendiam os postes de iluminação da cidade.

Para uma pessoa nascida no final deste século, é difícil sequer imaginar a vida na cidade sem eletricidade. Quase não se vê uma casa, modesta que seja, sem ter sobre o telhado, uma arborescente antena de televisão e, na cozinha, pelo menos um liquidificador. É o progresso, dizemos. Sem energia, não há civilização, não há desenvolvimento!

O controle de várias formas de energia deu ao homem um enorme poder sobre a natureza - de construir ou destruir. O progresso dos últimos cem anos foi superior ao que aconteceu nos cinqüenta séculos da conhecida história da humanidade.

Esse progresso mecânico, porém, baseados apenas no domínio da energia, pode ser sempre considerado benéfico à espécie humana? Foi o resultado do real aumento da inteligência ou da capacidade de compreensão humana? Não poderá o emprego das diversas fontes de energia, em larga escala, gerar algum prejuízo, alguma conseqüência negativa para a própria natureza?

(Adaptado de BRANCO, Samuel Murgel. Energia e Meio Ambiente. São Paulo. Moderna, 1991, Coleção Polêmica)

164. De acordo com o texto, pode-se afirmar que:

a) o progresso só traz conseqüências benéficas à humanidade.

b) a tecnologia, ao lado bem, pode trazer o mal.

c) o homem possui inteligência para somente produzir o bem.

d) as técnicas humanas nem sempre são bem entendidas por todos.

e) jamais o homem, usando a eletricidade, proporcionará apenas o bem.

165. O texto afirma que:

- **a. com o progresso, a cidade de São Paulo, não mais viveu na escuridão.**
- **b. uma cidade sem eletricidade não proporciona o conforto de hoje.**
- **c. um paulistano de hoje, nem imagina sua cidade sem eletricidade.**
- **d. a energia elétrica resolveu todos os problemas dos paulistanos.**
- **e. as fontes de energia são a salvação do homem de hoje.**

166. Pelo texto, pode-se concluir, unicamente, com certeza, que:

a) a história da humanidade é conhecida há pelo menos 5000 anos.

b) a eletricidade apenas foi conhecida no final do século XX.

c) o homem não consegue viver sem as fontes de energia elétrica.

d) sem energia elétrica, não há progresso humano.

e) as antenas de TV indicam progresso em benefício da humanidade.

167. Na antiga cidade de São Paulo, antes da chegada da energia elétrica, vivia-se, segundo o texto:

a) com mais intensidade familiar, no ambiente doméstico.

b) com problemas de visão, decorrentes da falta de luminosidade.

c) sem ilusão e fantasia, porque não havia videofilmes.

d) sem fraternidades, porque cada família se fechava em si mesma.

e) com problemas de comunicação, pois as antenas eram precárias.

168. De acordo com o texto, é válido afirmar que, na antiga São Paulo:

a) os eletrodomésticos substituíam o esforço físico.

b) à noite, pela falta de luz elétrica, nada se podia ver ou enxergar.

c) apenas o querosene iluminava as casas de seus habitantes.

d) a luz proveniente da queima do querosene era a mais forte de todas.

e) por não existir muita atividade à noite, dormiam cedo.

169. Os bondes elétricos começaram a transitar em São Paulo:

a) na terceira década deste século.

b) no ano em que surgiu, em São Paulo, a primeira usina hidrelétrica.

c) no ano em que foi descoberta a energia elétrica.

d) após a iluminação das ruas com a energia elétrica.

e) no último ano do século XIX.

170. De acordo com o autor, com o controle de várias formas de energia, o homem sentiu-se de posse de enorme poder que permite:

a) dominar o mundo.

b) propiciar a toda humanidade mais conforto e progresso.

c) iluminar as cidades e mover as fábricas e veículos.

d) construir e destruir.

e) atuar na sociedade, diminuindo a distância entre as classes.

(ETF-SP) As questões de números 171 e 172 referem-se ao texto abaixo. Leia-o com atenção:

QUEM SÃO ELES

A Funai encontra índios isolados em Rondônia.

Foi um encontro emocionante, daquele tipo que faz pensar em tribos perdidas e filmes de Indiana Jones, embora as dúvidas que levante não tenham nada do romantismo fácil do cinema. Uma expedição liderada pelo sertanista Marcelo Santos, da Fundação Nacional do Índio, deparou na semana passada, em plena selva de Rondônia, com um casal que talvez pertença a um grupo indígena desconhecido. Ainda não se sabe se os índios encontrados pela Funai pertencem mesmo a uma nova etnia ou são apenas um ramo de uma tribo já identificada. "Vamos estudar sua língua e costumes e compará-los com os de outros grupos para saber quem são", diz Marcelo. O que se sabe sobre eles é que estavam isolados - o que, no jargão indigenista, indica um grupo sem contato freqüente com os brancos. O casal vive em terras de fazendas particulares perto de Corumbiara, cidade a cerca de 800 quilômetros da capital, Porto Velho.

Há dez anos Marcelo ouve histórias da existência de índios desconhecidos na região. Na mesma semana em que aconteceu a chacina dos sem-terra em Corumbiara, chegou a seus ouvidos que índios também teriam sido mortos. O sertanista resolveu agir rápido e, como não tinha autorização dos fazendeiros para passar por suas terras, entrou na mata por um caminho alternativo. A expedição de cinco pessoas andou cerca de 10 quilômetros a pé, seguindo sinais deixados pelos índios, até achá-los, no dia seguinte. Como os índios carregavam arcos e flechas, foram evitados gestos bruscos. Aos poucos acabaram estabelecendo um tipo de comunicação por meio de sinais e sorrisos, e até trocaram presentes. O casal de índios levou-os a sua aldeia, que estava deserta, onde ofereceu frutas aos convidados. Em troca, os dois ficaram com o relógio de Marcelo e uma fita com sacos para armazenamento de sementes e colares com enfeites de plástico, de grande efeito visual, especialmente quando combinados com saiote de palha. (Revista Veja de 13/9/95)

171. De acordo com o texto, podemos afirmar que:

a. A Funai encontrou uma tribo indígena completamente desconhecida.
b. o encontro com os índios desconhecidos se deu exatamente como nos filmes de Indiana Jones.
c. talvez a Funai tenha encontrado uma tribo indígena completamente desconhecida.
d. o encontro com os índios era na verdade, uma cena de filme.
e. foi um encontro, sem sombras de dúvidas, de cinema.

172. Em relação ao mesmo texto, só não é correto afirmar que:

a. foi fácil comunicarem-se, pois o sertanista já conhecia a língua dos índios.
b. a comunicação através de gestos e sorrisos foi suficiente para se entenderem inicialmente.
c. houve cuidado, por parte da expedição, com os gestos feitos para se comunicarem com os índios.
d. as vestimentas dos índios também comunicaram alguma coisa à expedição.
e. marcas deixadas pelos índios serviram como informação para a expedição.

(TTN) Nas questões 173 e 174, marque a opção que não completa, de forma lógica e gramaticalmente coesa, o trecho fornecido:

173. Até o ano 2.000 a espécie humana terá aumentado cerca de 270 por cento em relação a 1.900. Todo dia, 220 mil bebês vêm ao mundo, Apesar disso a:

a. a proliferação humana é a maior ameaça ao ambiente do planeta.
b. o aumento da concentração de dióxido de carbono na atmosfera não tem atingido índices preocupantes.
c. o ritmo de crescimento da população mundial está diminuindo.
d. poucos países têm adotado o planejamento familiar.
e. não há motivo para se temer uma escassez de alimentos.

174. Todo ano, nessa época, São Paulo festeja o Santo Genaro, padroeiro dos napolitanos. A rua São Genaro é pequena e apresenta riscos para os freqüentadores das atividades. Em virtude disso:

a. as barracas ficarão espalhadas pelas calçadas adjacentes.
b. a assessoria da prefeitura entrou em entendimentos com a comunidade de bairro visando à transferência do local.
c. recomenda-se aos pais que a presença de crianças na festa não ultrapasse as 21 horas.
d. Os festeiros definiram, para este ano, a realização dos festejos na Rua San Genaro.
e. A comunidade napolitana solicita seja indicado local alternativo para as festividades.

175. (TTN) Marque a única seqüência que, ao completar o trecho abaixo, atenda às exigências de coerência, adequação semântica e formulação de argumentos: "O uso que se faz das madeiras nobres é outra prova de insensatez, agravando o desmatamento indiscriminado, em si mesmo uma aberração. Ocorre que, na ânsia de promover o aumento da nossa receita cambial,"

a. os empresários do setor madeireiro alinham-se aos ecologistas contra a extinção das madeiras nobres.
b. deixa-se de exportar essa madeira, para usá-la na indústria de marcenaria nacional.
c. dificulta-se a exportação justamente para os países que mais remuneram essa madeira.
d. a indústria tem preferido desenvolver os projetos que exigem grande consumo de madeiras nobres.
e. facilita-se a exportação dessa madeira, em toras, o que é desvantajoso financeiramente, em relação à madeira elaborada.

176. (TTN) Leia:

"Esforçando-se pela apropriação e conhecimento do universo, o homem encontra sempre embaraços e dificuldades de toda ordem, sendo a própria fraqueza, em face da soberania inalterável da natureza, e sua necessidade de luta, frente à complexidade dos fatos do cotidiano, as maiores destas dificuldades." (Álvaro Lins - Fragmentado)

Marque a opção que expressa, coerentemente, as idéias do texto:

a. O esforço do homem pela apropriação e conhecimento do universo resulta sempre de embaraços e dificuldades de toda ordem, em face da fraqueza humana em alterar a soberania da natureza e em minimizar a complexidade dos acontecimentos do dia-a-dia.
b. A necessidade de luta diante da complexidade dos fatos do cotidiano e a fraqueza humana em face da soberania adulterável da natureza encontram no homem impedimentos e dificuldades que motivam o seu esforço pela apropriação e conhecimento do universo.
c. O conhecimento e a apropriação do universo fazem com que o homem encontre sempre embaraços e dificuldades de toda ordem nos fatos do cotidiano, sendo as maiores dificuldades aquelas provocadas pelo esforço e fraqueza humana em face da alteração da soberania da natureza.
d. A posse e o conhecimento do universo fazem com que o homem se esforce em lutar contra a própria fraqueza de alterar a soberania da natureza, resultando disto impedimentos e dificuldades de toda ordem encontrados por ele no cotidiano.

e. A fraqueza humana, diante da imutável supremacia da natureza, e a necessidade de luta, em face da complexidade dos acontecimentos do dia-a-dia, constituem as maiores dificuldades e obstáculos com que o homem depara, ao esforçar-se pela posse e conhecimento do universo.

177. (TTN) Leia:

"Não poderão ser consideradas, para os fins do disposto no parágrafo terceiro, a doença degenerativa, a inerente a grupo etário e a que não acarreta incapacidade para o trabalho." (Lei 6.367 - Acidentes do Trabalho).

Assinale a afirmativa falsa em relação ao texto:

a. A palavra "etário" significa "algo relativo à idade".
b. A palavra "inerente" significa "alheio a alguma coisa ou pessoa".
c. A palavra "degenerativa" significa "que faz perder as qualidades ou características primitivas".
d. A expressão "incapacidade para o trabalho" foi usada para generalizar impossibilidade física ou mental.
e. A expressão "para os fins do disposto no parágrafo terceiro" significa "para finalidade explicitada no parágrafo terceiro".

178. (TTN) Leia com atenção o seguimento abaixo para responder a questão:

As relações dos cidadãos com os dirigentes se pautaram, ao longo dos séculos, pelo assistencialismo e a subserviência. Os indivíduos nunca participaram de nada. E isso faz com que nosso espírito de mobilização seja mínimo e o de organização, caótico. Mais difícil mesmo que reunir as pessoas é conseguir ordenar, sistematizar a sua participação. A verborragia dissipa a capacidade de ação. E é crítica a nossa capacidade crítica; não fomos formados para a análise desapaixonada de fato ou situações; por isso mesmo, nossas opiniões são tão fluidas e nossas posições, tão personalistas.

(Do texto "Brasil: meio milênio", de Roberto B. Piscitelli, em Humanidades, nº 15, 87/88)

Marque o item que não completa corretamente a sentença abaixo, de acordo com o que se depreende do trecho lido. A dificuldade de arregimentação e de organização participativa dos cidadãos deve-se ao fato de:

a. nas reuniões, as pessoas falarem muitas coisas sem relevância para o que se está discutindo.
b. ao longo dos séculos, o povo ter sido excluído das decisões dos dirigentes.
c. no momento da ação, à vontade dos indivíduos sobrepor-se o interesse coletivo.
d. historicamente, a classe dirigente ter-se colocado como provedora dos seus subordinados.
e. a eles, faltar a capacidade de análise crítica e objetiva.

179. (TTN) Assinale a ordem em que os fragmentos abaixo devem ser dispostos para se obter um texto com coesão, coerência e correta progressão de idéias. (Trechos adaptados de Veja, 15/09/93).

a. Cada vez mais, surgem grupos de pessoas e entidades interessadas em recolher alimentos e distribuí-los aos 32 milhões de brasileiros que passam fome.
b. É o que demonstra a Campanha contra a Fome, lançada e incentivada pelo sociólogo Herbert de Souza.
c. Consideradas as coisas sob outro prisma, constata-se que os brasileiros não estão entregues ao imobilismo e à apatia.
d. Na visão dominante, o Brasil, por todos os seus problemas, é considerado um país viável.
e. Agir contra a miséria é uma atitude nobre e generosa, que demonstra quanto o cidadão pode e quer fazer para melhorar a situação do Brasil.

a) 1 - 2 - 5 - 4 - 3 d) 5 - 3 - 2 - 3 - 4

b) 4 - 2 - 1 - 3 - 5 e) 5 - 1 - 3 - 2 - 4

c) 4 - 3 - 2 - 1 - 5

180. (TTN) Leia:

De acordo com dados internacionais, o Brasil, que é a oitava economia mundial, apresenta-se no sexagésimo quarto posto em indicadores sociais, nos quais os índices de saúde têm peso fundamental. Assim, a idéia do Brasil Grande traz embutido também o tamanho de seus problemas sociais e, em especial, os de saúde, afastando qualquer hipótese de ufanismo e obrigando a uma profunda reflexão sobre a iniqüidade em que vive a maioria da população.

É bem verdade que a mortalidade infantil baixou nos últimos anos, estando ao redor dos setenta óbitos para cada mil crianças nascidas vivas. No entanto, isso não revela as imensas disparidades regionais, onde esses valores variam de vinte e cinco a quase duzentos, aproximando polarmente o país de outros em extremos de desenvolvimento e de atraso.

Em termos de América do Sul, apenas a Bolívia e o Paraguai apresentam valores piores que o Brasil.

... Outro indicador dramático é a esperança de vida ao nascer. Se a chance média de viver de um habitante da região Sul é de sessenta anos, a de um nordestino é de apenas quarenta e cinco.

A par dessas indignas e inaceitáveis diferenças regionais e sociais, outras questões ainda afligem os brasileiros. Sem que as doenças infecciosas tenham saído das primeiras causas de morte, já lhes fazem companhia doenças cardiovasculares, os cânceres e os acidentes. Isto é, além de ser campeão nas chamadas "doenças da pobreza", o Brasil já disputa espaço entre os países com elevados índices de doenças consideradas "do desenvolvimento", da urbanização. (Eleutério Rodriguez Neto, "O lucro perverso da doença", publicado em Humanidades, nº 15, 87/88).

Aponte o item que apresenta afirmação falsa em relação ao correto entendimento do texto:

a. Existe uma situação de desigualdade social no Brasil que penaliza a maior parte da população
b. As estatísticas de saúde no Brasil, são compatíveis com a posição que o país ocupa, segundo dados internacionais, na economia mundial
c. A dimensão grandiosa dos problemas brasileiros na área de saúde inibe qualquer sentimento ou atitude de jactância
d. O adjetivo da expressão "Brasil Grande" é aplicável à mensuração dos problemas de saúde que cabe ao país solucionar
e. A idéia de que existem "dois Brasis, um desenvolvido e outro subdesenvolvido" encontra comprovação nas taxas de mortalidade infantil encontradas ao longo do país

(TTN) As questões 181 a 183 têm apoio no seguinte texto, adaptado de a Folha de São Paulo, de 24/4/94:

A arte brasileira dos anos 60 começa com um movimento aparentemente conservador. A volta à figura depois do domínio dos abstratos na década de 50. Mas estava ali a senha para uma revolução. A pop arte não incorpora só os símbolos do consumo, tirados da propaganda, dos quadrinhos e das placas de trânsito. Tenta incorporar os objetos do mundo.

E o mundo não se reduz a quadros, esculturas e gravuras - suporte tradicional da arte.

181. Assinale o trecho que corresponde a uma conclusão coerente com a idéia central do texto:

a. Além disso, a reação à arte abstrata busca pintar imagens do inconsciente.
b. Assim, a arte brasileira dos anos 60 termina com a instalação da "Tropicália".
c. Dessa maneira, participação é a palavra chave para se entender a pop arte.
d. Enfim, a revolução da linguagem artística dessa década não é nem conservadora nem inovadora.
e. Começa, a partir daí, uma explosão de nova linguagem nas artes.

182. Interprete com (F) Falsas ou (V) Verdadeiras as seguintes afirmações a respeito do texto: a seguir, assinale a seqüência correta:

( ) A pop arte dos anos 60 rompeu com o suporte tradicional da arte.

( ) Os abstratos da década de 50 cederam lugar às figuras na década

de 60.

( ) Os anos 60 revelaram-se conservadores em relação à arte dos

anos 50.

a) V V V d) F V V

b) V V F e) F V F

c) V F F

183. Entre as seguintes afirmações de causa e conseqüência, assinale a única que não corresponde às idéias do texto:

- **a. A arte brasileira dos anos 60 começa com um movimento aparentemente conservador porque volta à figura depois do domínio dos abstratos.**
- **b. A pop arte faz uso de símbolos do consumo, tirados das propagandas, dos quadrinhos e das placas de trânsito, porque tenta incorporar os objetos do mundo.**
- **c. Na arte brasileira que dominou os anos 60 estava a senha para uma revolução porque os objetos do mundo passaram a ser encarados como objetos de arte.**
- **d. A arte brasileira dos anos 60 não é um movimento conservador porque a volta à figura foi a senha para uma revolução na linguagem artística.**
- **e. O mundo não se reduz a quadros, esculturas e gravuras porque o movimento dos anos 60, a pop arte, os utiliza com suporte tradicional.**

184. (AFTN) A revista Veja entrevistou um endocrinologista e sobre ele afirmou: "... acostumou-se a tratar de todo tipo de moléstia metabólica, desde disfunções hormonais até o diabetes - sem jamais ter perfilado entre aqueles que consideram um grama de peso na consciência". (27/09/89, p.5) Marque a declaração desse médico que segue a mesma direção argumentativa do trecho sublinhado:

- **a. "Mas a culpa da manipulação também é do próprio obeso, que quer resolver seus problemas através de fórmulas instantâneas."**
- **b. "O gordo é explorado por uma indústria que reúne médicos, indústrias farmacêuticas, institutos de beleza e autores de livros sobre dietas."**
- **c. "Os carboidratos têm a vantagem de ser uma alternativa mais saudável na dieta que as gorduras e proteínas."**
- **d. "A neurose das dietas está transformando em pecado o prazer de comer uma refeição saborosa."**
- **e. "Essa história de ter de comer em determinados horários quando se faz dieta é bastante questionável. Teoricamente, o ideal é que a pessoa coma várias vezes ao dia."**

185. (AFTN) Marque a alternativa que reproduz o mesmo significado do segmento sublinhado no texto abaixo:

"Universalizando o particular pelo apagamento das diferenças e contradições, a ideologia ganha coerência e força porque é um discurso lacunar que não pode ser preenchido. Em outras palavras, a coerência ideológica não é obtida malgrado as lacunas, mas, pelo contrário, graças a elas." (M. Chauí)

- **a. não obstante a presença de lacunas, mas, ao contrário, graças a elas, a coerência ideológica não é obtida.**
- **b. obtém-se a coerência ideológica a despeito do discurso lacunar, e não, ao contrário, graças às suas lacunas.**

c. a coerência ideológica é obtida não obstante as lacunas, mas, ao contrário, graças às suas diferenças e contradições.
d. malgrado as lacunas, mas, ao contrário, graças a elas, obtém-se a coerência ideológica.
e. obtém-se a coerência ideológica não a despeito das lacunas, mas devido a sua própria existência.

(AFTN) Considere o fragmento abaixo para as questões 186 e 187:

"Um dos mais respeitados colégios particulares da cidade de São Paulo está fechando suas portas por causa da briga crônica entre pais de alunos e donos de escolas em torno das mensalidades escolares." (Veja, 27/09/89, p. 114)

186. Assinale a alternativa que contém uma conseqüência do fato relatado:

a. Duas escolas se prontificaram a admitir os alunos da escola extinta. Uma delas está contratando boa parte de seu corpo docente.
b. A interferência do governo na fixação dos índices de reajuste das mensalidades escolares é conseqüência do "lobby" bem sucedido dos proprietários de escolas privadas junto ao MEC.
c. O triste desfecho desse fato é emblemático da situação da educação brasileira.
d. Dois meses depois que o governo federal liberou os preços das mensalidades escolares, a Justiça de São Paulo decidiu que os reajustes voltam a ser controlados, não podendo exceder os índices mensais de inflação.
e. O Sindicato dos Professores de São Paulo realizou um levantamento segundo o qual esta é a escola que melhor remunera os professores.

187. Assinale o trecho que constitui uma premissa do fato relatado:

a. As escolas que pagam salários baixos a seus professores e funcionários são as que mais dão lucros.
b. Para manter a qualidade do ensino requerida pela sociedade, as escolas privadas estão incrementando convênios com empresas e indústrias.
c. O ensino privado custa caro e tende a ficar mais caro com as necessidades tecnológicas impostas a cada dia pela moderna educação.
d. No vácuo criado pela ausência do Estado no ensino secundário proliferam as escolas privadas.
e. Como decorrência do crescimento populacional urbano, existe, hoje, nas grandes metrópoles, um grande déficit de salas de aula.

188. (AFTN) Indique o item em que o par de sentenças não apresenta erro de sentido:

a. "O despreparo do aluno, principalmente na parte de emissão de mensagens escritas, fez com que as autoridades educacionais decretassem a inclusão da redação no Vestibular." (E.T. Silva) / As autoridades educacionais instituíram nos exames vestibulares a prova de redação devido à falta de preparo do aluno mormente no tocante à produção literária.
b. "Quem diz cópia pensa nalgum original, que tem a precedência, está noutra parte, e do qual a primeira é o reflexo inferior." (R. Schivarz) / Falar em cópia implica tomar algo como primeiro, que antecede, que está alhures, cujo original é o reflexo inferior.
c. "Os estóicos constroem, afinal, aquela teoria da significação que vinha sendo preparada desde Platão e confirmam a tradição grega da reeminência do significado." (M. H. M. Neves) / Preparada desde a época de Platão, a teoria da significação é construída, igualmente pelos estóicos, que assim corroboram a tradição helênica da primazia do significado.
d. "As estórias ‘abertas’ - isto é, incompletas ou com um final a escolher - têm forma do problema fantástico: a partir de certos dados, decide-se sobre sua combinação resolutiva." (G. Rodari) / As estórias que não apresentam o fechamento de um fim explícito, ou que trazem várias possibilidades de finalização, têm a forma do problema fantástico, no qual se chega à resolução pela combinação de certos dados.
e. "Inventar estórias com os brinquedos é quase natural, é uma coisa que vem por si nas brincadeiras com as crianças: a estória não é senão um prolongamento, um desenvolvimento, uma alegre explosão do brinquedo." (G. Rodari) / Quando brincam, é comum, quase natural, as crianças inventarem estórias com os brinquedos - a estória passa a ser uma extensão, um prolongamento, um alegre transbordar do brinquedo.

189. (AFTN) Indique o único item que serve como argumento favorável à defesa da legalização da pena de morte no Brasil:

- **a. A incapacidade de um ser humano julgar o outro com isenção de ânimo.**
- **b. O sistema carcerário encontra-se privado das condições necessárias capazes de promover a reabilitação para a plena convivência social.**
- **c. A irreparabilidade do erro judiciário.**
- **d. O sensacionalismo da mídia ao expor o sentimento dos familiares e amigos do réu diante da consumação da pena.**
- **e. Os estados americanos que legalizaram a pena de morte apresentaram um recrudescimento no número de crimes violentos.**

190. (AFTN) Indique o único segmento que serve como argumento contrário à defesa da manutenção do ensino superior gratuito no Brasil. (Com base em texto de Roberto Leal Lobo e Silva Filho):

- **a. Há um princípio de justiça social segundo o qual o pagamento por bens e serviços deve se fazer desigualmente, conforme as desigualdades de ganho.**
- **b. A Europa Ocidental considera investimento a formação de quadros de nível superior.**
- **c. Nos EUA, a maior parte do orçamento das melhores universidades é composta por doações, convênios com empresas ou órgãos federais, fundos privados, cursos de atualização profissional.**
- **d. Nos EUA, o montante arrecadado pelas universidades de seus estudantes, a título de taxas escolares, não chega ao percentual de 20% de seu orçamento global.**
- **e. No Brasil, país com renda per capital de aproximadamente US$ 2 mil, uma taxa escolar de US$ 13 mil / ano por aluno, conforme estimativa do Banco Mundial, é quantia astronômica.**

191. (AFTN) Marque o item que representa uma ilustração confirmatória da tese postulada no seguinte texto: "Pode-se afirmar que a distribuição injusta de bens culturais, principalmente nas formas valorizadas de falar, é paralela à distribuição iníqua de bens materiais e de oportunidades." (S.M. Bortoni)

- **a. Prova disso são os modernos shopping centers, cujo espaço foi arquitetonicamente projetado para permitir a convivência da empregada e da madame, do porteiro e do ministro, enfim, de ricos e pobres.**
- **b. Temos na diversidade dos programas de televisão um exemplo de que diferença outrora marcante entre cultura de elite e cultura popular hoje está reduzida a uma mera questão de grau.**
- **c. A iniqüidade na distribuição de bens culturais no Brasil encontra demonstração inequívoca na oposição que ainda hodiernamente se faz entre casa-grande e senzala.**
- **d. Demonstra este fato o esforço que fazem dirigentes políticos e sindicais provenientes das camadas baixas da sociedade para dominar a variedade padrão da Língua Portuguesa.**
- **e. Os chamados "meninos de rua", menores abandonados e meninas prostituídas testemunham, no Brasil da modernidade, a falência das elites em dividir o bolo da economia.**

192. (AFTN) Marque, entre as opções propostas, aquela que não contém, ainda que parcialmente, as mesmas idéias expressas no texto abaixo:

"A reificação do escravo produzia-se objetiva e subjetivamente. Por um lado, tornava-se uma peça cuja necessidade social era criada e regulada pelo mecanismo econômico de produção. Por outro lado, o escravo auto-representava-se e era representado pelos homens livres como um ser incapaz de ação autonômica." (F.H. Cardoso. Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional, Rio, Paz e Terra, 1977)

- **a. "Do ponto de vista jurídico é óbvio que, no sul como no resto do país, o escravo era uma coisa, sujeita ao poder e à propriedade de outrem...".**
- **b. "... o escravo não encontra a condição de pessoa humana objetivada no respeito e nas expectativas formadas em torno de si pelos homens livres, pelos senhores".**
- **c. "A liberdade desejada e impossível apresentava-se, pois, como mera necessidade subjetiva da afirmação, que não encontrava condições para realizar-se concretamente".**
- **d. "... o escravo se apresentava, enquanto ser humano tornado coisa, como alguém que, embora fosse capaz de empreender ações com "sentido", pois eram ações humanas, exprimia, na própria consciência e nos atos que praticava, orientações sociais impostas pelos senhores".**
- **e. "... a consciência do escravo apenas registrava e espelhava, passivamente, os significados sociais que lhe eram impostos".**

193. (AFTN) Marque a opção que não constitui paráfrase do segmento abaixo:

"O abolicionismo, que logrou pôr fim à escravidão nas Antilhas Britânicas, teve peso ponderável na política anti-negreira dos governos britânicos durante a primeira metade do século passado. Mas tiveram peso também os interesses capitalistas, comerciais e industriais, que desejavam expandir o mercado ultramarino de produtos industriais e viam na inevitável miséria do trabalhador escravo um obstáculo para este desiderato." (P. Singer. A formação da classe operária, São Paulo, Atual, 1988, p. 44)

a. Na primeira metade do século passado, a despeito da forte pressão do mercado ultramarino em criar consumidores potenciais para seus produtos industriais, foi o movimento abolicionista um motor que pôs cobro à miséria do trabalhador escravo.
b. A política antinegreira da Grã-Bretanha na primeira metade do século passado foi fortemente influenciada não só pelo ideário abolicionista como também pela pressão das necessidades comerciais e industriais emergentes.
c. Os interesses capitalistas que buscavam ampliar o mercado para seus produtos industriais tiveram peso considerável na formulação da política antinegreira inglesa; mas, teve-o também a consciência liberal anti-escravista.
d. Teve peso considerável na política antinegreira britânica, o abolicionismo. Mas as forças de mercado tiveram também peso pois precisavam dispor de consumidores para seus produtos.
e. Ocorreu uma combinação de idealismo e interesses materiais, na primeira metade do século na formulação da política britânica de posição à escravidão negreira.

194. (AFTN) Leia:

Nas origens, a magia é inseparável da religião. Não se pode conceber uma sem a outra e torna-se difícil mesmo cindi-las. O sacerdote primitivo é ao mesmo tempo o mago, o advinho, o homem-medicina. Mas, se a religião é a crença em entidades extra-humanas, implicando uma atitude em face dessas divindades, a magia torna-se um fenômeno social comportando atos especiais que visam à sujeição dessas forças. "O ato religioso, diz Maxwell, é uma prece, o ato mágico é a expressão de uma vontade." Ora essa vontade se dirige aos seres sobrenaturais, e é o ritual mágico propriamente dito, ora se dirige às forças naturais e então temos as ciências ocultas. A primeira forma de magia, que Maxwell chama sobrenatural ou evocatória, confunde-se, entre os povos primitivos, com o próprio ritual religioso. Todas as formas elevadas ou degradadas do espiritualismo decorrem da magia evocatória. É o que descrevemos nos cultos de procedência banto e suas transformações sociais.

Alguns povos primitivos estabelecem, contudo, uma distinção entre o sacerdote, evocador de divindades benfazejas, e o feiticeiro clandestino, que tem pactos com os maus espíritos e usa de processos mágicos para malfazer ao grupo. Entre alguns povos bantos, essa distinção é marcada. O grão-sacerdote, Ganga, ou Quimbanda, não se confunde com o Mloge ou Meloge, o feiticeiro intruso. Todos os males advindos ao grupo - desastres, doenças, cataclismos ... - são atribuídos ao Mloge, cuja sorte fica dependendo da vontade do Quimbanda. Esse caráter proibido, privado, definiria mesmo, para alguns autores, o rito mágico. Mas, em geral, magia e ritual religioso se fusionam, com a única distinção do aspecto social da primeira, em função do grupo. O grão-sacerdote em prece simples às suas divindades está fazendo religião; mas se essa prece tem uma finalidade social, então se torna magia. (Artur Ramos, com adaptações)

As seguintes teses são apresentadas no texto, exceto:

a. Entre os bantos, o grão-sacerdote tem poder decisório sobre o feiticeiro.
b. Nos primórdios das civilizações, magia e religião apresentam-se como processos distintos.
c. O ritual mágico faz a evocação tanto dos entes sobrenaturais quanto das formas espirituais.
d. A magia evocatória é primordial no processo evolutivo das atividades espirituais.
e. O conceito de magia é inseparável do de religião porque tanto um quanto outro visam à sujeição de forças naturais.

195. (AFTN) Indique o trecho da entrevista na qual o Secretário da Receita Federal (Osíris Lopes Filho) apresenta as informações com o máximo de objetividade, sem emitir juízos de valor subjetivos:

a. "A Receita, hoje, está muito ruim em termos de recursos humanos, porque tem muito pouca gente."

b. "... os funcionários se superaram e conseguiram, numa escassez absoluta de recursos humanos, estes resultados fantásticos de 1993".
c. "E o terceiro ponto, que é importantíssimo, é a adesão da população ao combate à evasão de impostos."
d. "Antes da Constituição de 88, o Ministro da Fazenda podia decretar a prisão administrativa dos sonegadores. Após 88, estabeleceu-se que a pessoa só pode ser presa por ordem judicial ou em flagrante."
e. "... aí surgiram três pré-requisitos que considero fundamentais para o combate à evasão, num país da América Latina, como o nosso."

(Entrevista concedida ao Jornal de Brasília, de 16/01/94).

196. (AFTN) Indique a ordem em que os períodos devem-se organizar no texto, de modo a preservar-lhe a coesão e coerência:

1. O País não é um velho senhor desencantado com a vida que trata de acomodar-se.
2. O Brasil tem memória curta.
3. 3. É mais como um desses milhões de jovens mal-nascidos, cujo único dote é um ego dominante e predador, que o impele para frente e para cima, impedindo que a miséria onde nasceu e cresceu lhe sirva de freio.
4. "Não me lembro", responde, "faz muito tempo".
5. Lembra a personagem de Humphrey Bogart em *Casablanca*, quando lhe perguntaram o que fizera na noite anterior.
6. Mas esta memória curta, de que políticos e jornalistas reclamam tanto, não é, como no caso de Bogart, uma tentativa de esquecer os lances mais penosos de seu passado, um conjunto de desilusões e perdas que leva ao cinismo e à indiferença. (Baseado em texto de José Onofre)

a) 1, 2, 6, 5, 4, 3 d) 1, 5, 4, 6, 3, 2

b) 2, 5, 4, 6, 3, 1 e) 2, 5, 4, 1, 6, 3

c) 2, 6, 1, 3, 5, 4

197. (AFTN) Leia o trecho abaixo para responder a esta questão:

"O mais difícil Osíris conseguiu. Acordou uma parte da sociedade para o desmanche de um segmento segundo o qual é razoável que uma pessoa sonegue impostos, visto que o governo é um mau administrador. Se essa lorota fosse sincera, as pessoas doariam o dinheiro sonegado para as obras de Madre Teresa de Calcutá. Como o embolsam, felizmente apareceu um servidor público correndo-lhes atrás." (Veja, 26/0l/94, p. 81)

O entendimento correto para o fato conseguido pelo Secretário da Receita Federal, Osíris Lopes Filho é:

a. Despertou um segmento da sociedade para a desmontagem da lógica de que a sonegação de impostos é prática consentânea à má administração governamental dos recursos oriundos do contribuinte.
b. Convenceu grande parcela de brasileiros acerca da razoabilidade da sonegação de impostos, desde que esses valores fossem doados a obras de caridade, reconhecidamente filantrópicas, como as de Madre Teresa de Calcutá.
c. Fez com que parte significativa dos sonegadores acordasse para a veracidade da lorota de que a sonegação pode ser corolária da má aplicação dos recursos públicos, visto ser o governo um mau administrador.
d. Alertou grande parte da sociedade para a ilação falaciosa segundo a qual o perdão da dívida está em relação diretamente proporcional às doações a obras filantrópicas.
e. Mudou a visão da sociedade brasileira para referendar o silogismo da permissibilidade da sonegação, desde que condicionada à doação do montante sonegado para as obras de Madre Teresa de Calcutá.

198. (AFTN) Escolha o conjunto de palavras que completa o texto de maneira lógica e coerente: A agricultura de .... (1) do Brasil tradicional distinguiu-se por uma estrutura composta por alguns dos

segmentos essenciais. A primitiva agricultura da roça aberta na mata geralmente virgem era .... (2) (culturas dominantes: milho, mandioca, arroz, feijão), complementada pela criação doméstica de pequenos animais (galinhas, porcos) e pela .... (3) ou pousio de tipo florestal, ou seja, com repouso do solo de longa duração, geralmente de 20 a 30 anos. Nesse período a floresta se refaz e a roça é aberta mais adiante, num sistema de agricultura .... (4). (Maria Luiza Marcílio)

a) 1. subsistência; 2. monocultura; 3. mutação; 4. itinerante

b) 1. monopólio; 2. policultura; 3. rotatividade; 4. consorciada

c) 1. minifúndio; 2. consorciada; 3. mudança; 4. permanente

d) 1. latifúndio; 2. monocultura; 3. rotação; 4. permanente

e) 1. subsistência; 2. policultura; 3. rotação; 4. itinerante

199. (UF-PR) Isso pensava-se, mas não foi o que aconteceu. Longe de ir embora, os bois chegaram mais e em grande número. Ganharam as estradas, descendo. Atravessaram o rio, de um lado, o córrego de outro, convergindo sempre. Em pouco já lambiam as paredes das casas de arrebalde, mansos, gordos, displicentes. Encheram os becos, as ruas, desembocaram no largo. A ocupação foi rápida ... " (A Hora dos Ruminantes, José J. Veiga)

Trata-se de uma estranha invasão de bois na cidadezinha de Manarairema, no romance *A* Hora dos Ruminantes, de José J. Veiga. A atitude da população, diante dos sinais de chegada dos primeiros bois, revela:

a) preocupação e temor d) previdência e susto

b) pessimismo e aflição e) indecisão e covardia

c) indiferença e apatia

200. (SANTA CASA) "O princípio que, desde os tempos mais remotos de nossa colonização, norteara a criação de riqueza no país não cessou de valer um só momento para a produção agrária. Os portugueses buscavam extrair do solo benefícios desmedidos, sem grandes sacrifícios. Queriam servir-se da terra não como senhores, mas como usufrutuários, só para a desfrutarem e a deixarem destruída."

De acordo com o texto:

a. Porque, pouco rendosa, a atividade agrícola foi desdenhada pelos colonizadores portugueses.
b. O colonizador português vinha buscar uma riqueza que se originasse do menor trabalho possível.
c. Quando a terra se exauria, os colonos buscavam paragens mais férteis para a atividade agrícola.
d. Os portugueses não colonizavam regiões onde a atividade agrária se tornasse muito difícil.
e. A produção agrícola gerou riqueza suficiente para todo tipo de colonizador, fosse senhor ou apenas usufrutuário da terra.

201. (SANTA CASA) "É necessário partir para a dimensão universal, mas levando no bico ou nas patas o grão de terra com que alimentar o vôo." Infere-se do texto que:

a. As aves do céu e os animais da terra são os verdadeiros proprietários do grandioso universo que habitamos.
b. O homem, em sua desmedida ambição, quer conquistar os céus, a terra e todos os habitantes do universo.
c. O homem, ao atirar-se à conquista do universo, não deve perder o senso de sua própria realidade.
d. Não é possível alçar vôo para dominar outros mundos antes de resolver os problemas de seu próprio planeta.
e. As viagens interplanetárias oferecem ao homem a vastidão do universo, mas dificultam-lhe a alimentação adequada a suas necessidades.

(FGV) Com base no texto a seguir responda às questões 202 e 203:

Tratava-se de uma orientação pedagógica que acreditava no papel da instrução como base prévia das transformações sociais. Ela preconizava uma educação rigorosamente leiga em classes mistas, sem religião, com predomínio da ciência, apelando para a iniciativa do aluno e criando para ele condições atraentes de aprendizado, com o fim de formar cidadãos independentes não submetidos aos preconceitos. Ao mesmo tempo, Ferrer pregava a organização sindical dos professores e a sua solidariedade com o movimento operário, como conseqüência lógica do pressuposto segundo o qual a instrução leiga e científica leva necessariamente a desejar a transformação da sociedade.

(Antônio Cândido, Teresina etc., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980)

202. Com base no texto, pode-se afirmar que o modelo pedagógico aí defendido pretendia aliar:

a) ciência, participação do aluno e transformação da sociedade.

b) leigos, corpo docente e sindicalização dos discentes.

c) religião, obscurantismo e mudança política.

d) promiscuidade, nivelamento social e cidadania.

e) quebra dos preconceitos, identidade operária e revolução.

203. Depreende-se do texto que:

a. o fim de qualquer educação é a iniciação em assuntos sexuais em classes mistas.
b. o alvo de uma pedagogia revolucionária consistiria em transformar todo aluno em operário.
c. o intuito desse novo sistema de ensino era buscar conciliar o aprendizado com uma atitude favorável à mudança social.
d. o objetivo primeiro desse tipo de instrução era formar quadros militantes para o movimento sindical.
e. a preocupação maior dessa postura educacional voltava-se para uma ética leiga, secular e liberal, mas anticientífica.

(FATEC) Texto para as questões 204 a 206:

..

"Crônica tem esta vantagem: não obriga ao paletó-e-gravata do editorialista, forçado a definir uma posição correta diante dos grandes problemas; não exige de quem a faz o nervosismo saltitante do repórter, responsável pela apuração do fato na hora mesma em que ele acontece; dispensa a especialização suada em economia, finanças, política nacional e internacional, esporte, religião e o mais que imaginar se possa. Sei bem que existem o cronista político, o esportivo, o religioso, o econômico, etc, mas a crônica de que estou falando é aquela que não precisa entender de nada ao falar de tudo. Não se exige do cronista geral a informação ou os comentários precisos que cobramos dos outros. O que lhe pedimos é uma espécie de loucura mansa, que desenvolva determinado ponto de vista não ortodoxo e não trivial, e desperte em nós a inclinação para o jogo da fantasia, o absurdo e a vadiação de espírito. Claro que ele deve ser um cara confiável, ainda na divagação. Não se compreende, ou não compreendo, cronista faccioso, que sirva a interesse pessoal ou de grupo, porque a crônica é território livre da imaginação, empenhada em circular entre os acontecimentos do dia, sem procurar influir neles. Fazer mais do que isto seria pretensão descabida de sua parte. Ele sabe que seu prazo de atuação é limitado: minutos no café da manhã ou à espera do coletivo."

..

(Carlos Drummond de Andrade - "Ciao", in Shopping News - City News)

204. Segundo o que se depreende do texto, para Drummond a crônica poderia ser caracterizada como:

a. uma atividade literária em prosa, veículo de notícias sobre fatos da atualidade.
b. uma atividade jornalística, isto é, noticiário científico ou literário, apresentado em linguagem simples e agradável.
c. uma atividade literária que visa menos à especialidade e profundidade do assunto que ao entretenimento do leitor.
d. uma reportagem disfarçada, pois nela não se nota "o nervosismo saltitante do repórter".
e. uma reportagem, embora camuflada em atividade literária, na qual o jornalista não deve ser faccioso.

205. Segundo Drummond, não é exato afirmar que:

a. A crônica (geral) deve ser fruto da fantasia e da vadiação de espírito do cronista, embora não deva tratar de trivialidade.
b. O cronista geral não é obrigado a posicionar-se corretamente diante dos grandes problemas.
c. Embora haja cronistas especializados em economia, finanças, etc., não se obriga o cronista geral à especialização em determinado assunto.
d. O cronista geral não pode ser confundido com repórter, porque este visa à apuração de fatos, enquanto aquele deve "circular entre os acontecimentos do dia".
e. O cronista geral deve ser confiável, embora não precise entender de nada, ao falar de tudo.

206. Assinale a alternativa em que ambas as expressões não se relacionam com o modelo de crônica apresentado por Drummond:

a) paletó-e-gravata; ponto de vista não ortodoxo.

b) nervosismo saltitante; território livre da imaginação.

c) prazo de atuação limitado; ponto de vista não trivial.

d) informação ou comentário preciso; apuração imediata do fato.

e) inclinação para o jogo da fantasia; especialização suada.

207. (FATEC)

CONFIDÊNCIA DO ITABIRANO

Alguns anos vivi em Itabira

Principalmente nasci em Itabira.

Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.

Noventa por cento de ferro nas calçadas.

Oitenta por cento de ferro nas almas.

E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.

A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,

vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres e sem horizontes.

E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,

é doce herança itabirana.

De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:

esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil;

este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;

este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas;

este orgulho, esta cabeça baixa...

Tive ouro, tive gado, tive fazendas.

Hoje sou funcionário público.

Itabira é apenas uma fotografia na parede.

Mas como dói!

(Carlos Drummond de Andrade)

Após a leitura do poema acima, podemos afirmar que:

a. **passado e presente se contrapõem em toda a extensão do poema: o ontem e o hoje, o lá e o aqui são matéria-prima da saudade, cujo produto é a dor pela perda de um passado que ficou para trás e que não volta mais.**
b. **o passado retorna constantemente à memória do poeta, alimentado, com lembranças, o sentimento de paz e serenidade.**
c. **o poeta não continua, no presente, ligado emocionalmente à sua cidade natal, Itabira, apesar de orgulhar-se muito dela devido às suas riquezas naturais, como o ferro, o aço e a arte do seu povo.**
d. **as imagens do velho santeiro Alfredo Duval são as únicas lembranças que o prendem ao passado.**
e. **o poeta expressa grande revolta por ter perdido seus bens materiais e encontrar-se hoje na miséria.**

(PUC-RJ) Texto para as questões 208 e 209:

A GRANDE AVENTURA

Experimentem sair das grandes cidades em que moram, as tais urbs, e embicar o carro rumo a algum lugarejo distante e perdido, onde o tempo tem outra dimensão, é um tempo rural e agrícola, governado por chuvas, sóis, amanheceres e anoiteceres, granizo ou ventania. As pessoas falam manso e devagar, molham de cuspe o dedo indicador para dar a direção do vento, estudam a forma das nuvens, sabem o que quer dizer um "rabo de galo" (que não seja coquetel), deslizando pelos céus. O hoje é aquela leseira de bem aventurança, todas as aflições e encargos são de um amanhã que custará muito a chegar.

Vinda de longos anos de Londres e suas pontualidades a um Portugal ainda não entrado na CEE, tinha até uma certa graça viver nessa nova dimensão, trazida em português castiço e camoniano que se encontrava até nas nossas cozinhas e feiras. Tudo bom. Vassoura nova varre bem, saí disparada certa manhã do meu quinto andar chamada pelo apito antigo do amolador. Quanta lembrança, meu Deus! Juntei tesouras e facas e desci correndo para encontrar a própria infância de São Paulo que me batia à porta. Até hoje nenhuma daquelas tesouras funcionou mais e descobri, nas compras de televisão, que um jogo delas custava menos do que me custou a "amolação".

Televisão havia só duas, ainda antes do "satélite" ser instalado no prédio e que me dá a Europa, em várias línguas. Quando quero acertar o relógio ligo para a "Sky New", sem medo de errar. Às vezes atrasada de uma hora, nos horários de verão, outono, o que seja. Poucos programas ou em um pouco farta deles, fico muito em casa, leio, abro a tevê sem som para me fazer companhia, como a gata Chica. Tanto livro na estante, uma janela em que sobrou um pouco de verde dos "fogos postos" e nos dias claros, no longe horizonte azul do mar, areias do Cabo Espichel. Neste mundo em que ninguém acredita em relógio. O que me faz lembrar, senão o Brasil, ao

menos o meu Rio de Janeiro, que participa de idêntica filosofia existencial, a qual às vezes dói muito no pé. Pois a noção de tempo, em terras lusas, é coisa muito especial.

..

Elsie Lessa, in O Globo, 25/9/95

208. "(...), tinha até certa graça viver nessa nova dimensão, traduzida em português castiço e camoniano, (...)". No trecho acima a autora quer dizer que:

- **a. achava cômico o português falado naquela terra, originário de Camões**
- **b. gostava de viver com mais espaço numa terra onde se falava o português provinciano de Camões**
- **c. não era bom redimensionar a vida através da linguagem clássica e erudita**
- **d. era interessante passar pela nova experiência expressa num português clássico, à Camões**
- **e. era interessante viver este novo aspecto vertido para a língua portuguesa por autor castiço e camoniano**

209. Indique o trecho que não se relaciona com a idéia central do texto:

a) "(...) onde o tempo tem outra dimensão, (...)"

b) "As pessoas falam manso e devagar, (...)"

c) "Quanta lembrança, meu Deus!"

d) "Neste mundo em que ninguém acredita em relógio."

e) "Pois a noção de tempo, em terras lusas, é coisa muito especial."

(UNIRIO) Texto para as questões 210 a 217:

APELO

"Amanhã faz um mês que a Senhora está longe de casa. Primeiros dias, para dizer a verdade, não senti falta, bom chegar tarde, esquecido na conversa de esquina. Não foi ausência por uma semana: o batom ainda no lenço, o prato na mesa por engano, a imagem de relance no espelho.

Com os dias, Senhora, o leite primeira vez coalhou. A notícia de sua perda veio aos poucos: a pilha de jornais ali no chão, ninguém os guardou debaixo da escada. Toda a casa era um corredor deserto, e até o canário ficou mudo. Para não dar parte de fraco, ah, Senhora, fui beber com os amigos. Uma hora da noite e eles se iam e eu ficava só, sem o perdão de sua presença a todas as aflições do dia, como a última luz na varanda.

E comecei a sentir falta das pequenas brigas por causa do tempero da salada - o meu jeito de querer bem. Acaso é saudade, Senhora? Às suas violetas, na janela, não lhes poupei água e elas murcham. Não tenho botão na camisa, calço a meia furada. Que fim levou o saca-rolhas? Nenhum de nós sabe, sem a Senhora, conversar com os outros: bocas raivosas mastigando. Venha para casa, Senhora, por favor". (DALTON TREVISAN)

210. Assinale a opção que contém a frase que justifica o título do texto:

a) "Com os dias, Senhora, o leite primeira vez coalhou."

b) "Toda a casa era um corredor deserto."

c) "Acaso é saudade, Senhora?"

d) "Que fim levou o saca-rolhas?"

e) "Venha para casa, Senhora, por favor."

211. Considerando o sentido geral do texto, a significação de esquecido em esquecido na conversa de esquina, é:

a) não lembrado por Senhora

b) entretidos com os companheiros, na esquina

c) afastado da sensação de ausência de Senhora

d) absorto pela falta da mulher

e) pensativo por causa da conversa na esquina

212. Assinale a opção que justifica a afirmativa Primeiros dias, para dizer a verdade, não senti falta, (...):

a) A quebra da rotina traz a sensação de liberdade.

b) A relação amorosa estabelece limites para a liberdade de cada um.

c) A sensação de liberdade faz falta a algumas pessoas.

d) O estranhamento causado pela ausência do ser amado é acentuado pela rotina.

e) O novo tem um apelo encantatório, que afasta o sentimento de ausência.

213. Dimensionando-se a questão do tempo em Não foi ausência por uma semana, pode-se afirmar que essa ausência:

a) durou mais de um mês

b) tinha durado sempre apenas uma semana

c) começou a ser vivenciada após uma semana

d) só foi percebida durante uma semana

e) foi notada a partir do vigésimo nono dia

214. A marca da Senhora está contraditoriamente impressa em fatos que correm na sua ausência. Assinale a opção imprópria para exemplificar o que se afirma nesta questão:

a. "não senti falta"
b. "o leite primeira vez coalhou"
c. "a pilha de jornais ali no chão, ninguém os guardou debaixo da escada."
d. "o canário ficou mudo"
e. "Não tenho botão na camisa"

215. O caminho do homem pela mulher agora ausente manifestava-se através da(s):

a) falta de botão na camisa

b) bebida partilhada com os amigos

c) conversa demorada na esquina

d) presença aconchegante ao fim da jornada

e) discussões sem importância às refeições

216. No texto, o primeiro sinal do sentimento da ausência da mulher é indicado pelo trecho:

a) "o batom ainda no lenço" d) "o canário ficou mudo"

b) "a imagem de relance no espelho" e) "eu ficava só"

c) "o leite primeira vez coalhou"

217. O penúltimo período do texto dimensiona o papel de Senhora na família. Assim, ela pode ser definida como:

a) sublevadora d) dominadora

b) apaziguadora e) impostora

c) sofredora

218. (UE-RJ) Falei-lhe há pouco da excentricidade de certos aumentativos. Usa-se no Ceará um gracioso e especial diminutivo, que talvez seja empregado em outras províncias; mas com certeza se há de generalizar, apenas se vulgarize.

Não permite certamente a rotina etimológica aplicar o diminutivo ao verbo. Pois em minha província o povo teve a lembrança de sujeitar o particípio presente a esta fórmula gramatical, e criou de tal sorte uma expressão cheia de encanto.

A mãe diz do filho que acalentou ao colo: "Está dormindinho". Que riqueza de expressão nesta frase tão simples e concisa! O mimo e ternura do afeto materno, a delicadeza da criança e sutileza do seu sono de passarinho, até o receio de acordá-la com uma palavra menos doce; tudo aí está nesse diminutivo verbal.

Não faltariam, como de outras vezes tem acontecido, críticos de orelha, que depois de medido o livro pela sua bitola, escrevessem com importância magistral: "Este sujeito não sabe gramática". E têm razão; gramática para eles é a artinha que aprenderam na escola, ou por outra, uma meia dúzia de regras que se afogam nas exceções.

Nós, os escritores nacionais, se quisermos ser entendidos do nosso povo, havemos de falar-lhes em sua língua, com os termos ou locuções que ele entende, e que lhe traduzem os usos e sentimentos.

Não é somente no vocabulário, mas também na sintaxe da língua, que o nosso povo exerce o seu inauferível direito de imprimir o cunho de sua individualidade, abrasileirando o instrumento das idéias. (José de Alencar, Posfácio de Iracema, in: Obras Completas, vol. 4, Rio de Janeiro, J. Aguilar, 1964, pp. 965-6)

A afirmação que não corresponde ao texto é:

a. O povo tem o direito de abrasileirar a língua que recebeu dos portugueses
b. Os escritores brasileiros devem usar as expressões do povo para serem entendidos
c. A província do Ceará é uma das regiões criativas na produção de brasileirismos
d. Segundo os críticos, empregar o diminutivo em verbos é um erro grave de gramática
e. Uma das críticas que se podem fazer à gramática é a sua enorme quantidade de exceções

219. (UE-RJ) Entre os muitos méritos dos nossos livros nem sempre figura o da pureza da linguagem. Não é raro ver intercalados em bom estilo os solecismos da linguagem comum, defeito grave, a que se junta o da

excessiva influência da língua francesa. Este ponto é objeto de divergência entre os nossos escritores. Divergência digo, porque, se alguns caem naqueles defeitos por ignorância ou preguiça, outros há que os adotam por princípio, ou antes por uma exageração de princípio.

Não há dúvidas que as línguas se aumentam e alteram com o tempo e as necessidades dos usos e costumes. Querer que a nossa pare no século de quinhentos, é um erro igual ao de afirmar que a sua transplantação para a América não lhe inseriu riquezas novas. Há, portanto, certos modos de dizer locuções novas, que de força entram no domínio do estilo e ganham direito de cidade.

Mas se isso é um fato incontestável, e se é verdadeiro o princípio que dele se deduz, não me parece aceitável a opinião que admite todas as alterações da linguagem, ainda aquelas que destroem as leis da sintaxe e a essencial pureza do idioma. A influência popular tem um limite; e o escritor não está obrigado a receber e dar curso a tudo o que o abuso, o capricho e a moda inventam e fazem correr. Pelo contrário, ele exerce também uma grande parte de influência a este respeito, depurando a linguagem do povo e aperfeiçoando-lhe a razão. (Machado de Assis, Instinto de Nacionalidade. In: Obras Completas, vol. 3, Rio de janeiro, Nova Aguilar, l973, pp. 808-9.)

Em relação ao texto a afirmativa correta é:

a. A hegemonia do uso popular da língua deve ser incorporada pelos escritores.
b. O equilíbrio entre o erudito e o popular deve ser evitado por todo escritor de valor.
c. A influência francesa deve ser incorporada integralmente pelos escritores brasileiros.
d. A dedicação do escritor deve ser, sobretudo, valorizar as alterações morfossintáticas da língua.
e. O escritor, embora receba influência popular, também influi no uso do idioma, depurando a linguagem do povo.

220. (UE-RJ) A literatura não toma o nome da terra, toma o nome da língua: sempre assim foi desde o princípio do mundo, e sempre há de ser enquanto ele durar. (José da Gama e Castro: Jornal do Commercio, 29/01/1842.)

A prevalecer a opinião de Gama e Castro, a literatura produzida no Brasil deveria tomar o seguinte nome:

a) literatura ibero-americana d) literatura brasileira

b) literatura luso-brasileira e) literatura universal

c) literatura portuguesa

221. (TTN) Assinale a opção que mantém o mesmo sentido do trecho sublinhado a seguir: Uma das grandes dificuldades operacionais encontradas em planos de estabilização, é o conflito entre perdedores e ganhadores. Às vezes reais, outras fictícios, estes conflitos geram confrontos e polêmicas que, com freqüência, podem pressionar os formuladores da política de estabilização a tomar decisões erradas e, com isto, comprometer o sucesso das estratégias antiinflacionárias. (Folha de São Paulo, 7/5/94)

a. O sucesso das estratégias antiinflacionárias pode ficar comprometido se os formuladores da política de estabilização, pressionados pelos confrontos e polêmicas decorrentes de conflitos, tomarem decisões erradas.
b. Os formuladores da política de estabilização podem tomar decisões erradas se os conflitos, gerados por confrontos e polêmicas, os pressionarem; sucesso das estratégias antiinflacionárias fica, com isto, comprometido.
c. Estes conflitos, reais ou fictícios, geram confrontos e polêmicas que, freqüentemente, podem pressionar os formuladores da política de estabilização a tomar decisões erradas, sem, com isso, comprometer o sucesso das estratégias antiinflacionárias.
d. O sucesso das estratégias antiinflacionárias pode ficar comprometi se, pressionados por conflitos, reais ou fictícios, os formuladores da política de estabilização gerarem confrontos e polêmicas ao tornarem as decisões erradas.
e. Os conflitos, às vezes reais, outras fictícios, que podem pressionar os formuladores da política de estabilização a confrontos e polêmicas, comprometem o sucesso das estratégias antiinflacionárias, se as decisões tomadas forem erradas.

222. (TTN) Assinale a ordem em que os fragmentos a seguir devem ser dispostos para se obter um texto com coesão, coerência e correta progressão de idéias. (Adaptado do texto de Édson Lopes Cardoso)

1. Não apenas os manuais de história, mas todas as práticas educativas da escola são transmitidas a partir de uma visão etnocêntrica.
2. O sistema educacional brasileiro ignora a multiplicidade de etnias que habita o País.
3. A escola brasileira é branca não porque a maioria dos negros está fora dela.
4. Deve-se incluir na justificação da evasão escolar a violência com que se agride a dimensão étnica dos alunos negros.
5. Estes, se querem permanecer na escola branca, têm de afastar de si marcas culturais e históricas.
6. É branca porque existe a partir de um ponto de vista branco.

a) 1 - 2 - 3 - 6 - 5 - 4 d) 2 - 1 - 3 - 6 - 4 - 5

b) 4 - 5 - 2 - 1 - 6 - 3 e) 1 - 3 - 6 - 5 - 2 - 4

c) 2 - 1 - 3 - 5 - 4 - 6

223. (AFTN) Indique a afirmativa que interpreta corretamente o trecho transcrito abaixo: "... esta minha a que por aí chamam prolixidade, bem fora estaria de merecer os desprezilhos, que nesse vocábulo me torcem o nariz. A mais copiosa das orações não é, ainda assim, difusa, quando o assunto não comportara menos dilatado tratamento. Não haverá prolixidade, em não havendo sobejidão; e o discurso não entra a cair no vício de sobejo, senão quando excede a medida à matéria do seu tema. Só principia a superabundância, onde se começa a descobrir a superfluidade". (Ruy Barbosa)

☐ O conceito de prolixidade, em Ruy Barbosa, incorpora as noções de complexidade temática e seletividade do auditório.

☐ No trecho, Ruy Barbosa rebate as críticas dos que lhe impõem a pecha de orador sobejo em superficialidade.

☐ Ruy Barbosa desdenha dos vocábulos desprezíveis por fazerem eles o discurso cair no vício do sobejo.

☐ A caracterização de um discurso prolixo, para Ruy, deve considerar a largueza do assunto a ser tratado.

☐ Depreende-se do trecho que a medida da prolixidade é inversamente proporcional à medida da sobejidão.

224. (AFTN) Indique a opção que completa com coerência e coesão o trecho abaixo (extraído do Manifesto dos "Pioneiros da Educação Nova"): Na hierarquia dos problemas nacionais, nenhum sobreleva em importância e gravidade ao da educação. Nem mesmo os de caráter econômico lhe podem disputar a primazia dos planos de reconstrução nacional. Pois, se a evolução de um país depende de suas condições econômicas,

a. subordina-se o problema pedagógico à questão maior da filosofia da educação e dos fins a que devem se propor as escolas em todos os níveis de ensino;
b. é impossível desenvolver as forças econômicas ou de produção sem o preparo intensivo das forças culturais;
c. são elas as reais condutoras do processo histórico de arregimentação das forças de renovação nacional;
d. o entrelaçamento das reformas econômicas e educacionais constitui fator de somenos importância para o soerguimento da cultura nacional;
e. às quais se associam a projetos de reorganização do sistema educacional com vistas à renovação cultural da sociedade brasileira.

225. (AFTN) Indique a seqüência correta que transforma os fragmentos abaixo em um texto coeso e coerente:

1. Assiste-se hoje a um momento de superação do conceito de Estado-Nação.
2. Novembro de 1989. Anoitece em Berlim e milhares de pessoas se dirigem ao Muro de Berlim.

3. Em questão de horas, o Muro era desfigurado, e, com ele, a ordem internacional implantada no pós-guerra.
4. O fenômeno tem atraído a atenção de acadêmicas e analistas políticos de todo o mundo.
5. Na nova etapa histórica que se inaugurou a partir de então, o mundo assistiu, perplexo, à desintegração da União Soviética e da Iugoslávia.

a) 4 - 3 - 5 - 1 - 2 d) 4 - 1 - 5 - 2 - 3

b) 1 - 4 - 5 - 2 - 3 e) 2 - 3 - 4 - 1 - 5

c) 2 - 3 - 5 - 4 - 1

(FMU) Texto para as questões 226 a 230:

PETIÇÃO

§1º "Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil; certo também de que, por esse fato, o falar e o escrever em geral, sobretudo no campo das letras, se vêem na humilhante contingência de sofrer continuamente censuras ásperas dos proprietários da língua; sabendo, além que, dentro do nosso país, os autores e escritores, com especialidade os gramáticos, não se entendem no tocante à correção gramatical, vendo-se, diariamente, surgir azedas polêmicas entre os mais profundos estudiosos do nosso idioma - usando do direito que lhe confere a Constituição, vem pedir que o Congresso Nacional decrete o tupi-guarani, como língua oficial e nacional do povo brasileiro.

§2º O suplicante, deixando de parte argumentos históricos que militam em favor de sua idéia, pede vênia para lembrar que a língua é a mais alta manifestação da inteligência de um povo, é a sua criação mais viva e original; e, portanto, a emancipação política do país requer como complemento e conseqüência a sua emancipação idiomática.

§3º Demais, Senhores Congressistas, língua originalíssima, aglutinante, é verdade, mas a que o polissintetismo da múltipla feições de riqueza, é a única capaz de traduzir as nossas belezas, de pôr-nos em relação com a nossa natureza e adaptar-se perfeitamente aos nossos órgãos vocais e cerebrais, por ser criação de povos que aqui viveram e ainda vivem, portanto possuidores da organização fisiológica e psicológica para que tendemos, evitando-se dessa forma as estéreis controvérsias gramaticais, oriundas de uma difícil adaptação de uma língua de outra região à nossa organização cerebral e ao nosso aparelho vocal - controvérsias que tanto impedem o progresso da nossa cultura literária, científica e filosófica.

§4º Seguro de que a sabedoria dos legisladores saberá encontrar meios para realizar semelhante medida e cônscio de que a Câmara e o Senado pesarão o seu alcance e utilidade P. E. deferimento." (Lima Barreto, Triste Fim de Policarpo Quaresma)

226. Quaresma é o Emissor, o Receptor é:

a) a Câmara dos Deputados

b) a Câmara dos Vereadores

c) o Senado de Lisboa

d) os Congressistas da Assembléia Nacional Constituinte de 1934

e) o Congresso Nacional

227. O Emissor pede no requerimento que:

a. o tupi-guarani seja a língua oficial e nacional da nação brasileira
b. o falar e o escrever se aperfeiçoem

c. autores e escritores, especialmente os gramáticos, os quais quase nunca se entendem
d. se divulgue ser a língua a mais alta manifestação da inteligência de um povo
e. se declare o tupi-guarani, língua originalíssima e aglutinante

228. O juízo que Quaresma faz dos autores, escritores e gramáticos nasce:

a. de uma crítica apaixonada e do conhecimento superficial dos problemas da língua
b. de uma crítica absolutamente correta que faz dos gramáticos, os quais quase nunca se entendem
c. da maneira correta de como interpreta os fatos históricos
d. da beleza fonética do tupi-guarani, língua original e aglutinante
e. do conhecimento que demonstra ter do polissintetismo

229. "O suplicante, deixando de parte os argumentos históricos, que militam em favor de sua idéia, pede vênia para lembrar que a língua é mais alta manifestação da inteligência de um povo...". Suplicante, no texto, é:

a) o receptor d) o tema

b) a mensagem e) a testemunha

c) o peticionário

230. Vênia, no texto, é:

a) veneração d) licença

b) satisfação e) manifestação

c) lembrança

1 - D 40 - C 79 - C 118 - E 157 - E 196 - B

2 - E 41 - A 80 - C 119 - B 158 - B 197 - A

3 - C 42 - D 81 - E 120 - D 159 - C 198 - E

4 - A 43 - B 82 - B 121 - A 160 - C 199 - C

5 - C 44 - C 83 - C 122 - A 161 - D 200 - B

6 - E 45 - D 84 - D 123 - D 162 - A 201 - C

7 - A 46 - E 85 - E 124 - E 163 - A 202 - A

8 - D 47 - E 86 - C 125 - D 164 - B 203 - C

9 - D 48 - C 87 - E 126 - C 165 - C 204 - C

10 - A 49 - B 88 - B 127 - C 166 - A 205 - A

11 - D 50 - D 89 - B 128 - D 167 - A 206 - D

12 - B 51 - E 90 - A 129 - A 168 - E 207 - A

13 - A 52 - D 91 - B 130 - C 169 - E 208 - D

14 - D 53 - A 92 - D 131 - A 170 - D 209 - C

15 - E 54 - C 93 - E 132 - B 171 - C 210 - A

16 - C 55 - D 94 - C 133 - D 172 - A 211 - C

17 - A 56 - D 95 - C 134 - A 173 - A 212 - A

18 - B 57 - C 96 - C 135 - E 174 - D 213 - C

19 - D 58 - B 97 - C 136 - B 175 - E 214 - A

20 - A 59 - D 98 - B 137 - B 176 - E 215 - A

21 - E 60 - C 99 - D 138 - D 177 - B 216 - C

22 - D 61 - C 100 - E 139 - B 178 - C 217 - E

23 - B 62 - C 101 - A 140 - A 179 - C 218 - C

24 - C 63 - C 102 - B 141 - E 180 - B 219 - E

25 - D 64 - B 103 - C 142 - E 181 - E 220 - C

26 - A 65 - A 104 - D 143 - A 182 - B

27 - B 66 - B 105 - C 144 - A 183 - E

28 - D 67 - C 106 - C 145 - C 184 - D

29 - E 68 - A 107 - A 146 - E 185 - E

30 - C 69 - D 108 - B 147 - A 186 - A

31 - D 70 - E 109 - E 148 - B 187 - C

32 - D 71 - A 110 - A 149 - B 188 - B

33 - B 72 - A 111 - C 150 - D 189 - B

34 - E 73 - B 112 - D 151 - C 190 - A

35 - A 74 - C 113 - C 152 - A 191 - D

36 - C 75 - E 114 - E 153 - B 192 - C

37 - D 76 - E 115 - C 154 - A 193 - A

38 - E 77 - B 116 - A 155 - B 194 - E

39 - A 78 - D 117 - A 156 - B 195 - D

Morfologia do Português

2º
Período

Felício Wessling Margotti
Rita de Cássia Mello Ferreira Margotti

Florianópolis - 2011

Governo Federal
Presidência da República
Ministério de Educação
Secretaria de Ensino a Distância
Coordenação Nacional da Universidade Aberta do Brasil

Universidade Federal de Santa Catarina
Reitor: Alvaro Toubes Prata
Vice-Reitor: Carlos Alberto Justo da Silva
Secretário de Educação a Distância: Cícero Barbosa
Pró-Reitora de Ensino de Graduação: Yara Maria Rauh Müller
Pró-Reitora de Pesquisa e Extensão: Débora Peres Menezes
Pró-Reitor de Pós-Graduação: Maria Lúcia de Barros Camargo
Pró-Reitor de Desenvolvimento Humano e Social: Luiz Henrique Vieira da Silva
Pró-Reitor de Infra-Estrutura: João Batista Furtuoso
Pró-Reitor de Assuntos Estudantis: Cláudio José Amante
Diretor do Centro de Ciências da Educação: Wilson Schmidt

Curso de Licenciatura Letras-Português na Modalidade a Distância
Diretor da Unidade de Ensino: Felício Wessling Margotti
Chefe do Departamento: Izabel Christine Seara
Coordenadoras de Curso: Roberta Pires de Oliveira e Zilma Gesser Nunes
Coordenador de Tutoria: Renato Miguel Basso
Coordenação Pedagógica: LANTEC/CED
Coordenação de Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem: Hiperlab/CCE

Comissão Editorial
Tânia Regina Oliveira Ramos
Izete Lehmkuhl Coelho
Mary Elizabeth Cerutti Rizzati

Equipe de Desenvolvimento de Materiais

Laboratório de Novas Tecnologias - LANTEC/CED
Coordenação Geral: Andrea Lapa
Coordenação Pedagógica: Roseli Zen Cerny

Produção Gráfica e Hipermídia
Design Gráfico e Editorial: Ana Clara Miranda Gern; Kelly Cristine Suzuki
Coordenação: Thiago Rocha Oliveira, Laura Martins Rodrigues
Adaptação do Projeto Gráfico: Laura Martins Rodrigues, Thiago Rocha Oliveira
Diagramação: Pedro Augusto Gamba e Raquel Darelli Michelon
Figuras: Pedro Augusto Gamba e Raquel Darelli Michelon
Capa: Raquel Darelli Michelon
Tratamento de Imagem: Pedro Augusto Gamba e Raquel Darelli Michelon
Revisão gramatical: Sérgio Meira (Soma)
Design Instrucional
Coordenação: Vanessa Gonzaga Nunes
Designer Instrucional: Maria Luiza Rosa Barbosa

Copyright © 2011, Universidade Federal de Santa Catarina/LLV/CCE/UFSC
Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Coordenação Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras-Português na Modalidade a Distância.

Catalogação na fonte elaborada na DECTI da Biblioteca Universitária da

Ficha Catalográfica

X999y Sobrenome, Nome
Título do Livro / Nome Sobrenome, UFSC, UAB.— Florianópolis : LLV/CCE/UFSC, 2009.

XXXp. : XXcm
ISBN XXXXXXXX

1. xxxxxx. 2. xxxxxx. I. xxxxxx. II. xxxxxx.

CDD 410

Universidade Federal de Santa Catarina.

Sumário

Unidade A: ESTRUTURAS MORFOLÓGICAS 9

1 Delimitação do Objeto de Estudo 11

1.1 O que é morfologia 11

1.2 Palavra e vocábulo 13

1.3 Formas livres, formas presas e formas dependentes 16

1.4 Forma, função, significado e classe 18

2 Conceitos básicos de morfologia e princípios teóricos 25

2.1 Morfema, morfe e alomorfe 25

2.2 Classificação dos morfemas 35

2.3. Análise mórfica – princípios básicos e auxiliares 48

2.4 Mudança morfofonêmica 53

2.5 Sincronia e diacronia 55

Unidade B: FLEXÃO NOMINAL E VERBAL 63

3 Flexão Nominal 65

3.1 Morfemas flexionais (desinências) 65

3.2 Estrutura mórfica dos nomes 66

3.4 Flexão de gênero 69

3.5 Flexão de número 77

3.6 Estrutura pronominal 81

4 Flexão Verbal 87

4.1 Estrutura verbal 87

4.2 Padrão geral de flexão verbal 91

4.3 A lógica dos temas verbais 98

4.4 Verbos irregulares ou desvios do padrão geral 101

UNIDADE C: O LÉXICO 109

O Léxico 109

5 Formação dos Vocábulos 111

5.1 Os processos de formação de vocábulos..111
5.2 Tipos de derivação...113
5.3 Composição 126
5.4 Outros processos de formação de vocábulos 133
6 Classificação dos Vocábulos Formais 147
6.1 A classificação das palavras de acordo com a NGB 147
6.2 Revisando conceitos..148
6.3 A proposta de Mattoso Câmara Jr...150
Unidade D: MORFOLOGIA GERATIVA 157
7 Conceitos Básicos da Morfologia Gerativa.....................................159
7.1 A teoria gerativa transformacional..159
7.2 A morfologia gerativa 160
Referências 167
GLOSSÁRIO BÁSICO DE MORFOLOGIA LINGUÍSTICA 169

Apresentação

Quando elaboramos este texto, tivemos a intenção de oferecer a você, aluno de graduação em Letras, um guia de estudos da morfologia do português, seguindo de perto a orientação de Mattoso Câmara Jr. e as contribuições de José Lemos Monteiro. Visando a alcançar esse objetivo, fizemos um esforço para que os tópicos fossem apresentados e ordenados de forma didática, em linguagem acessível e complementados com outras referências e exercícios.

A nossa expectativa é que, no final do curso, o aluno esteja capacitado a utilizar os princípios de análise morfológica para descrever estruturas de palavras da língua portuguesa, identificando diferentes tipos de morfemas e sua distribuição, distinguindo os processos de flexão, composição e derivação. Também esperamos que o aluno seja capaz de reconhecer diferentes critérios utilizados na classificação de palavras.

De antemão alertamos que a adoção de um modelo descritivo, cuja perspectiva é a análise sincrônica, não está isenta de problemas, mas, de outro lado, temos a convicção de que outros modelos também apresentam restrições e não dão conta de todos os fatos. Nesse sentido, não temos a pretensão de esgotar todas as questões que fazem parte do programa da disciplina, mas, certamente, a leitura atenta das explicações, ancorada em exemplos diversos, a reflexão e o reforço de outros textos possibilitarão novos conhecimentos sobre a gramática da língua portuguesa, no que diz respeito à morfologia. Não temos a pretensão de oferecer um conhecimento pronto e acabado, dogmático e inquestionável, mas, sobretudo, instrumentalizar (– Olha um neologismo aí!) o aluno a descrever a língua, focalizando as palavras e suas estruturas, isto é, as formas.

Organizamos o material impresso em sete capítulos, a saber: Delimitação do objeto de estudo (Cap. I); Conceitos básicos e princípios teóricos (Cap. II); Flexão nominal (Cap. III); Flexão verbal (Cap. IV); Formação de palavras (Cap. V); Classificação dos vocábulos formais (Cap. VI); e Conceitos básicos da morfologia gerativa (Cap. VII). A ideia é, num primeiro momento, familiarizar o aluno com o instrumental teórico adotado e com os conceitos para, depois, fazer o caminho da descrição dos vocábulos, com informações sobre os mecanismos de flexão e sobre os processos de formação de palavras. Por fim, desenvolver uma reflexão crítica sobre a classificação tradicional dos vocábulos e introduzir alguns conceitos da chamada morfologia gerativa.

Para o melhor acompanhamento da disciplina, sugerimos que a leitura deste material impresso seja sempre subsidiada por consultas aos livros Estrutura da Língua Portuguesa, de Joaquim Mattoso Câmara Jr., e Morfologia Portuguesa, de José Lemos Monteiro. Além disso, sugerimos que os modelos aqui propostos sejam sempre confrontados com os modelos propostos pelas gramáticas escolares, pois os fatos, em muitos aspectos, podem ser descritos e explicados de forma conflitante, ou incompleta, abrindo espaço para questionamentos e reflexões.

Felício Wessling Margotti

Rita de Cássia Mello Ferreira Margotti

Unidade A

Estruturas Morfológicas

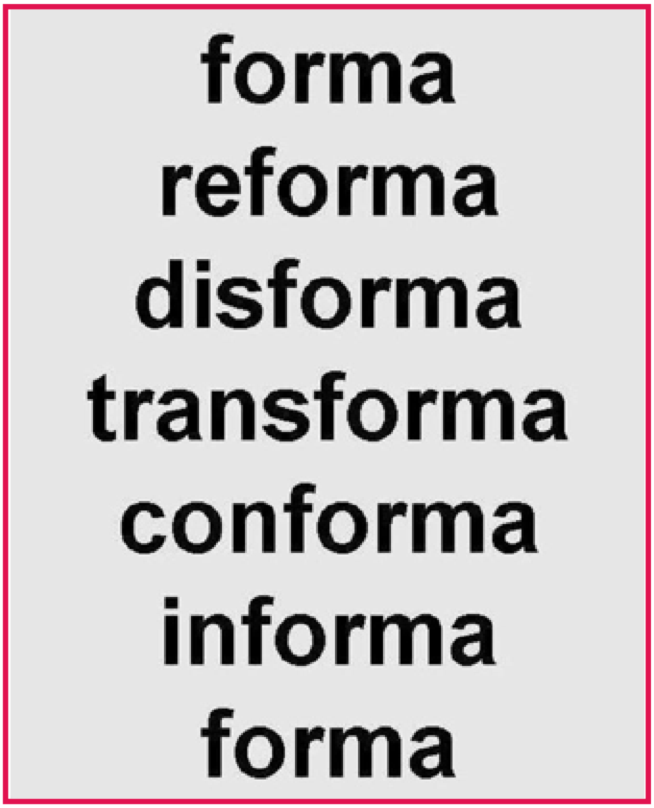

forma
reforma
disforma
transforma
conforma
informa
forma

1 Delimitação do Objeto de Estudo

Para iniciar nosso estudo, vamos delimitar as tarefas da morfologia e quais as unidades da língua que pretendemos descrever. Também vamos refletir sobre a relação que a morfologia tem com outras unidades da gramática.

1.1 O que é morfologia

Entre os diferentes níveis de análise linguística, que vão desde as unidades mais amplas do discurso, como as frases e as partes que a compõem, até as unidades menores, como os sons e as sílabas, há um nível intermediário que visa estudar as unidades da língua que apresentam certa autonomia formal, representadas concretamente pelas entradas lexicais nos dicionários, isto é, as palavras. Também é parte desse mesmo nível de análise o estudo das unidades de sentido que compõem as palavras. Trata-se do **nível morfológico**.

O termo morfologia foi inicialmente empregado nas ciências da natureza, como a botânica e a geologia. Na constituição do termo morfologia encontram-se os elementos [morf(o)] e [logia], do gr. morphé = "forma" e logía = "estudo". Em estudos linguísticos, morfologia é a parte da gramática que descreve a **forma das palavras**. Ou ainda: "morfologia é o estudo da estrutura interna das palavras" (JENSEN apud MONTEIRO, 2002, p. 11). Segundo Nida (1970, p. 1), a morfologia pode ser definida como "o estudo dos morfemas e seus arranjos na formação das palavras".

Ao final do livro você encontra um glossário dos termos de morfologia utilizados nes<t>e livro-texto!

Como se depreende das definições acima, saber de que se ocupa a morfologia implica saber o que se entende por *forma*, tomada como sinônimo de *estrutura*, cujas partes são os *morfemas*. Inicialmente, vamos adiantar que toda estrutura contém elementos relacionados. Nessa perspectiva, as palavras são formadas por unidades menores que, combinadas, produzem um significado. Essas unidades de sentido são combinadas de um certo modo para exercer determinadas funções na estrutura formal da qual fazem parte. O mesmo ocorre com as palavras, que, combinadas com outras palavras, exercem funções no enunciado em que são empregadas. Isso significa dizer que *forma, função* e *sentido* são elementos solidários e interdependentes, cuja existência em separado só é possível no plano abstrato.

A morfologia aborda, portanto, predominantemente os processos nos quais se acrescenta um segmento a outro(s) já existente(s) para modificar o sentido. No entanto, os processos morfológicos podem ser de outros tipos, como: alternância de um segmento por outro, subtração, reduplicação, ausência (morfema zero). Vejam-se exemplos de processos morfológicos por acréscimo em (1) e de alternância em (2).

1) legal < i + legal < i + legal + idade

plano > plano + s

diretor < diretor + a

estudar < estudar + re + mos

2) pude ≠ pôde

avô ≠ avó

fiz ≠ fez

Os processos morfológicos são realizados de acordo com certas regras gramaticais. Veja-se, por exemplo, que as unidades que marcam o número (singular e plural) ocorrem sempre na posição final das palavras. Nos verbos, as unidades têm uma distribuição fixa: a unidade básica do sentido + vogal temática + desinência modo-temporal + desinência número-pessoal. O gênero feminino às vezes é marcado pela desinência [-*a*], que ocorre na posição final, ou imediatamente antes do [-*s*], quando a palavra estiver no plural.

Atenção: A oposição de gênero “avô”/“avó”, no entanto, é feita através de um traço suprassegmental, isto é, pela alternância de vogais.

Nos casos em que não há oposição de gênero, as formas femininas não são marcadas. Em "casa", "face", "flor", entre outros vocábulos, nada existe para indicar que os mesmos pertencem ao gênero feminino.

Além dos processos que dizem respeito à formação de palavras e à flexão, temas que abordaremos adiante, cabe também à morfologia – apesar de não haver consenso sobre isso entre os especialistas – a classificação das palavras. A questão é que na classificação de palavras devem ser considerados, além dos critérios formais de competência da morfologia, também critérios sintáticos e semânticos. Isso porque nem sempre é possível classificar uma palavra examinando exclusivamente sua forma. O vocábulo **canto,** por exemplo, pode ser um substantivo ou um verbo, dependendo da função e do sentido em que é empregada. Nesse caso, o que conta é a relação sintagmática, isto é, a combinação com outros termos na frase, ou no sintagma. De outra parte, convém lembrar que qualquer forma pode ser um substantivo, como, por exemplo, "Não gosto do **intransigir**", em que o vocábulo **intransigir** tem a função de substantivo.

É possível que várias coisas ditas até aqui pareçam estranhas a você, ou de difícil compreensão. É natural, uma vez que estamos apenas iniciando a reflexão sobre os temas de interesse dessa disciplina. Lembramos, todavia, que essas questões serão retomadas oportunamente com mais profundidade e detalhamento.

Por enquanto, levando em consideração o que já foi dito, analise a frase citada em (3) e reflita sobre os tópicos relacionados a seguir.

3) Nós convocamos o encontro de amanhã para debater os temas relacionados às áreas de transporte, infraestrutura, equipamentos comunitários, educação, lazer, esporte e segurança nos municípios de Santa Catarina.

- A frase é formada por quantas palavras?
- Quais as palavras da frase que podem ser segmentadas em unidades de sentido menores?
- Em que palavras há elementos marcadores de plural?
- Em que palavras há elementos marcadores de gênero?
- Em que palavras há elementos marcadores de tempo?
- Em que palavras há elementos marcadores de pessoa?
- Há palavras que não aceitam acréscimo de elementos e, por isso, são classificadas como invariáveis?

1.2 Palavra e vocábulo

Como vimos, o centro de interesse da morfologia é a *palavra*. Mas o que se entende por palavra? Para os usuários da língua, parece mais ou menos claro que "a palavra é identificada como uma unidade formal da linguagem, que, sozinha ou associada a outras, pode constituir um enunciado" (PETTER, 2003, p. 59). No entanto, para os estudiosos da língua, não é tão simples caracterizar o que é uma palavra. Vejamos por quê.

Na escrita, a representação das palavras se faz pelo critério formal, deixando-se, entre elas, um espaço em branco. Deste modo, parece óbvio que em "Vi três crianças hoje" há quatro palavras, ao passo que em "Comprei livros interessantes" há uma sequência formada por três palavras. Mas, ao contrário do que parece à primeira vista, o critério gráfico, ou ortográfico, às vezes, gera indecisão quanto à delimitação de palavras. Em enunciados como os de (4), quantas palavras existem?

4) a) Ouvia, ouvias, ouvíamos e ouviam são formas do verbo ouvir.

b) Segunda-feira é dia de maria-vai-com-as-outras.

c) O Vice-Governador de Santa Catarina é sul-rio-grandense.

d) Trouxe-o à força.

Se na escrita, o espaço em branco entre as palavras é válido para identificar a maior parte delas, o mesmo não se presta para identificar palavras na fala, na qual é possível distinguir vocábulos formais e vocábulos fonológicos. Certas sequências de sons podem ser associadas a um só vocábulo formal, ou a mais de um, conforme o contexto e o significado que a elas se atribui. Vejamos alguns exemplos em (5).

5) a) detergente / deter gente

b) armarinho / ar marinho

c) barganhar / bar ganhar

d) contribuir / com tribo ir

e) danoninho / dá no ninho

f) habilidade / hábil idade

Em um dos jornais de Santa Catarina, certo colunista, ao escrever uma nota sobre o cantor sambista Zeca Pagodinho, não se sabe se propositalmente ou não, registrou a forma **Zeca Padinho** que, fonologicamente, pode ser interpretada como **Zé Capadinho**.

Para obter maiores informações sobre vocábulo fonológico, sugerimos ler o capítulo VII – A acentuação e o vocábulo fonológico – do livro A *Estrutura da Língua Portuguesa* (CÂMARA JR., 1972)

O vocábulo fonológico não só se distingue do vocábulo formal em razão da diferença de significado, mas também e, principalmente, devido à ausência de pausa ou de marca fonológica que indique a delimitação entre vocábulos na corrente da fala, como em (6). Nesses casos, em geral, ocorre um deslocamento do acento tônico, que perde, assim, sua capacidade de distinguir e delimitar palavras.

6) a) paz sólida [pazólida]

b) as asas azuis [azazazuis]

c) bonde andando [bondeandando]

d) as rosas amarelas [azrozazamarelas]

Apesar das diferenças citadas no quadro-destaque seguinte, a distinção entre **vocábulos** e **palavras** será mantida, neste livro-texto, somente nos casos em que se fizer necessária. De modo geral, empregaremos um termo pelo outro.

Até aqui, empregamos indistintamente palavra ou vocábulo para designar um conjunto ordenado de sons (fonemas) que expressam um significado. Analisemos, então, as sequências de sons expressadas em (7).

7) A janela de vidro.

Nesse caso, constata-se que **janela** significa, por exemplo, "abertura" de casas e **vidro** é o material de que é feita a "janela". Ambos os termos estão associados e ambos expressam ideias. Mas, ao contrário, **a** e **de** parecem vazios de significado, embora tenham uma função na combinação apresentada em (7).

Com base nessa distinção, o termo *palavra* costuma ser reservado somente para vocábulos que apresentam significação lexical, ou extralinguística. O princípio adotado é o seguinte: "Toda palavra é vocábulo, mas nem todo vocábulo é palavra" (MONTEIRO, 2002, p. 12). Há, portanto, vocábulos, tais como as preposições e conjunções, entre outros, que não são palavras. São apenas instrumentos gramaticais, cujo significado – que é meramente gramatical – só é possível perceber na relação com outros vocábulos.

1.3 Formas livres, formas presas e formas dependentes

A identificação dos chamados vocábulos formais e a consequente diferenciação entre palavras e vocábulos leva à distinção estabelecida por Bloomfield entre formas livres e formas presas. Para melhor compreender a diferença entre **formas livres e formas presas**, vamos examinar os vocábulos formais em (8).

FORMAS LIVRES: Quando constituem uma sequência que pode funcionar isoladamnte como comunicação suficiente (ex.: "Que vão fazer?". Resposta: "replantar". "Replantar o quê?" Resposta: "flores").

FORMAS PRESAS: Só funcionam ligadas a outras, como re- de replantar, rever, recriar etc. (CÂMARA JR., 1979, p. 69-70).

8) Juízes convocam servidoras públicas.

As **formas livres** aparecem sozinhas no discurso, especialmente como respostas a perguntas. São vocábulos formais que podem ser pronunciados isoladamente e, mesmo assim, expressam ideias. Por isso, são consideradas **palavras.** Exemplos: juízes, convocam, servidoras, públicas. Em contrapartida, as **formas presas** só têm valor (ou funcionam) quando combinadas com outras formas livres ou presas. Em *juíze-s*, o [*s*] é uma unidade formal que indica plural. Esse "sentido", isto é, a ideia de plural, só é atualizado na relação que a forma [s] tem com a forma [juíze]. Como [*s*], nesse caso, não funciona sozinho, diz-se que é forma presa. O mesmo pode-se dizer sobre as formas [juíze] e [e], ao passo que juiz é forma livre. Resumindo: Em *juízes*, distinguem-se duas formas livres (*juiz e juízes*) e três formas presas [*juize*], [*e*], [*s*].

Considerando então o que foi dito sobre o vocábulo *juízes* e a segmentação das unidades de sentido dos demais vocábulos, quantas *formas livres* e quantas *formas presas* existem em (8)?

Outros exemplos:

- *in-cert-ez-a* (2 formas livres = incerteza e certeza e 4 formas presas = [*in*], [*cert*], [*ez*] e [*a*])
- *des-leal* (2 formas livres = *leal* e *desleal* e 1 forma presa = [*des*])
- *des-lea-i-s* (2 formas livres = *leais* e *desleais* e 4 formas presas = [*des*], [*lea*], [*i*] e [*s*])
- *des-control-ad-a-s* (4 formas livres = *controlada, controladas, descontrolada e descontroladas* e 5 formas presas = [*des*], [*control*], [*ad*], [*a*] e [*s*])

Há, por outro lado, certos vocábulos formais que não têm significado próprio. Observe a frase (9).

9) No caderno com arame há três folhas de papel em branco.

Nesse caso, os vocábulos no (em + o), com, de, em não expressam ideias externas à língua. São, portanto, vocábulos formais, mas não são palavras. Para Mattoso Câmara Jr. (1972), vocábulos átonos (artigos, preposições, algumas conjunções e pronomes oblíquos átonos) que não podem constituir, por si só, um enunciado, são **formas dependentes.** Servem de exemplo: *em, o, te, se, quer* (conjunção), para (preposição) etc. Já vocábulos tônicos, como *já, si, quer* (verbo), *cem, caboclo, arma,: pára* (verbo) etc. são **formas livres**.

Resumindo: os vocábulos formais podem ser **formas livres** (são vocábulos com *status* de palavras) ou **formas dependentes** (são vocábulos, mas sem *status* de palavras).

As formas dependentes não se segmentam em outras unidades de sentido, isto é, são sempre formadas por um único morfema (veja, no Cap. II deste livro, o conceito de morfema), ao passo que as formas livres são constituídas de um ou mais morfemas, representados por formas livres ou formas presas.

1.4 Forma, função, significado e classe

A seguir, vamos tentar entender um pouco melhor o conceito de forma, uma vez que ela é o centro das atenções da morfologia (literalmente o *estudo das formas*, no caso, das formas linguísticas).

1.4.1 Forma

Macambira (1982, p. 17) define a **forma** como "um ou mais fonemas providos de significação"; a conjunção e é uma forma constituída por apenas um fonema, que sob o aspecto semântico exprime a ideia de adição; o adjetivo *só* é também uma forma constituída por um só morfema, que denota a ideia de solidão, ao passo que *sós* contém duas formas – só e s –, cujo segundo elemento acrescenta a noção de plural.

A rigor, a forma é um elemento linguístico do qual se abstrai a função e o sentido, mas, como observa Saussure (1975 [1916]), "as formas e as funções são solidárias e, para não dizer impossível, difícil é separá-las". Do mesmo modo, ainda conforme Saussure, não é possível separar o sentido, pois, "na língua não se pode isolar o som da ideia, nem a ideia do som".

A noção de **forma** remete para a noção de **estrutura** das palavras, isto é, um feixe de relações internas (articulação) que dá aos elementos sua função e sentido. Talvez seja mais fácil de entender o que é uma estrutura linguística através de um exemplo não linguístico.

Vejamos: tijolos, tábuas, cimento, pregos e outros materiais não são uma casa. Só serão se a essas **substâncias** for atribuída uma estrutura, isto é, um feixe de relações (**articulação**) que dá ao objeto casa sua realidade. O mesmo se pode dizer em relação a elementos da língua. Para a gramática da língua portuguesa, a sequência "a", "b", "c" não constitui uma sílaba do português, pois os fonemas não se articulam de acordo com padrões possíveis da língua. **BAC** é, no entanto, uma sequência adequada. Exemplo: **bac**-té-ria. Também não são possíveis, por exemplo, as sequências "s + a + bel", "livros + os" ou "os + alunas". A gramática do português prevê que as desinências de número ocorram após as desinências de gênero (quando houver), e que essas ocorram após os morfemas lexicais (*bel* + *a* + *s*). Os artigos, por sua vez, devem ocorrer obrigatoriamente antes dos substantivos, embora seja possível intercalar outros elementos entre o artigo e o substantivo (*os [bons] livros*). Por outro lado, o artigo tende a concordar em gênero e número com o substantivo (*a[s] aluna[s]*). Isso significa que não basta agrupar aleatoriamente as substâncias da língua para que tenhamos uma estrutura. É preciso fazê-lo de acordo com certos princípios, certas regras gramaticais. *Quando a combinação é feita de acordo com a gramática da língua, as substâncias linguísticas passam a ser formas, com função e sentido na estrutura de que fazem parte.*

A morfologia, como vimos, tem como foco de interesse a articulação das formas que se reportam ao significado, tanto externo à língua (morfemas lexicais), quanto interno (morfemas gramaticais). Em "alun-a-s", o segmento [alun] refere-se a um tipo de indivíduo que se coloca na condição de aprendiz em circunstâncias específicas, ao passo que os segmentos [a] e [s], após [alun], não representam nenhum significado externo à língua, pois as noções de gênero (masculino e feminino) e as de número (singular e plural) fazem parte da gramática, não das coisas que existem independentemente da língua. Devemos adiantar que a noção de gênero não se confunde com sexo, embora também se preste, eventualmente, para fazer tal distinção.

Trataremos melhor disso oportunamente, no Capítulo 3.

1.4.2 Função

Função é o papel exercido por um dos componentes linguísticos no conjunto em que há interdependência: sujeito (do verbo), objeto direto (do verbo), adjunto adnominal (de um nome) etc.

Função, então, é a relação que se estabelece entre dois elementos que se articulam. Essa relação, no entanto, só pode ser definida pela análise. Isto quer dizer que não há função fora do contexto frasal, ou seja, não há função fora da estrutura.

Em geral, **função** é uma relação sintática em que um termo da oração está subordinado a outro termo da oração. No entanto, em sentido mais largo, o fonema contrai uma função em relação a outro fonema, uma sílaba contrai uma função em relação a outra sílaba, um morfema contrai uma função em relação a outro morfema, um vocábulo contrai uma função em relação a outro vocábulo etc.

Para melhor entendermos a função dos componentes no nível morfológico da língua portuguesa, examinemos os exemplos dados em (10).

10) a) tom-a-re-mos

b) professor-a-s

c) in-feliz-mente

Observe que em "re-tom-a-re-mos", o [re] colocado no início do verbo tem função distinta do [re] colocado após a vogal temática [a].

Os constituintes mórficos (morfemas) de tomaremos são 4: [**tom**] representa o morfema básico ou raiz que se combina com outros morfemas derivacionais ou flexionais: [**a**] indica a primeira conjugação do verbo em oposição às segunda e terceira conjugações; [re] indica o tempo e o modo do verbo (futuro do presente do indicativo) em oposição a outros tempos verbais; [**mos**] indica a pessoa gramatical e o número.

Sendo assim, no caso dos vocábulos *professoras* e *infelizmente*, qual é a função dos constituintes (morfemas)?

1.4.3 Sentido

Dissemos antes que as formas se reportam ao sentido, tanto externo à língua (morfemas lexicais), quanto interno (morfemas gramaticais). ***Lexical*** é o sentido básico que se repete em todos os membros de um paradigma, como em *belo, bela, belos, belas, embelezar, embelezo,* *embelezas, embeleza, embelezamento, beleza, beldade, belamente*, entre outros, que se concretiza na forma [*bel*] e cujo sentido pode ser modificado pelos prefixos e sufixos. ***Gramatical*** é o sentido que distingue os diversos membros de um paradigma, como o singular e o plural, o masculino e o feminino, as pessoas e os tempos verbais.

1.4.4 Classe

As classes de palavras são constituídas com base nas **formas** que assumem, nas funções que exercem e, eventualmente, no **sentido** que expressam.

A classificação das palavras deve basear-se primariamente na **forma**, isto é, nas oposições formais ou mórficas que a palavra pode assumir para certas categorias gramaticais - o que se chama **flexão**, ou para criação de novas formas - o que se chama **derivação**.

O português é rico em construções formais. Veja-se: *pedra, pedras, pedrinha, pedrinhas, pedregulho, pedrada, pedreira* etc. Os verbos são os que apresentam maior riqueza.

Quando as indicações formais não forem suficientes, usa-se o critério **sintático** para fazer a classificação dos vocábulos. Neste caso, deve-se buscar na relação das formas linguísticas entre si, isto é, na função, a indicação da classe. Por exemplo, a diferença entre **de** (prep.) e **dê** (verbo) só é possível verificar na relação sintática. A forma **ele** pode ser pronome ou substantivo conforme a relação com outras formas. Todavia, quando é pronome, existem outras subcategorias, tais como pronome pessoal do caso reto ou pronome pessoal do caso oblíquo. E se for pronome oblíquo, pode ser oblíquo tônico ou oblíquo átono. Essas diferentes funções são dadas pela posição que a forma ocupa no sintagma ou pela relação com outros termos.

Analise os diferentes empregos em (11):

11) a)A letra *ele* se parece com uma língua. (substantivo)

b)*Ele* disse que as orelhas servem para ouvir vaias e aplausos. (pronome reto)

c)Mande a *ele* algumas fotos nossas. (pronome oblíquo tônico) d)Encontrei *ele* por acaso. (pronome oblíquo átono).

Como se observa, o critério sintático também é útil para determinar quais os empregos de cada classe gramatical. Assim, é possível estabelecer os empregos do substantivo, do verbo, do pronome, do adjetivo etc.

Além do critério **morfológico** e do critério **sintático**, a classificação dos vocábulos pode, ainda, valer-se do critério **semântico**, isto é, do sentido. Em (12), a classe da palavra **canto** só é possível pelo sentido.

12) Este *canto* me agrada muito. Ele parece imitar as vozes do sertão.

Este *canto* me agrada muito. Ele serve para destacar os móveis da sala.

Resumo do capítulo

De forma resumida, os principais tópicos deste capítulo são os seguintes:

- *Morfologia* é a parte da gramática que descreve a **forma das palavras.**
- A morfologia aborda predominantemente os processos nos quais se acrescenta um segmento a outro(s) já existente(s) – ou se substitui um elemento por outro – para modificar o sentido. No primeiro caso, o morfema é aditivo; no segundo, alternativo.
- Além dos processos que dizem respeito à formação de palavras e à flexão, cabe também à morfologia a classificação das palavras.
- Os vocábulos divergem quanto à estrutura e quanto ao significado: alguns se constituem de um só elemento, outros apresentam vários constituintes.
- O *vocábulo morfológico* nem sempre coincide com o *vocábulo fonológico*. O termo **vocábulo** tem sentido mais amplo do que o termo **palavra**, pois este costuma ser reservado somente para

vocábulos que apresentam significação lexical.

- **Formas livres** são aquelas que podem existir sozinhas num enunciado, ou podem servir de resposta a uma pergunta; **formas presas** são partes dos vocábulos formais (morfemas) que só funcionam quando associadas a outras partes (outros morfemas); **formas dependentes** são vocábulos formais que não podem, por si sós, constituir um enunciado.
- **Forma, função** e **sentido** são elementos linguísticos solidários e interdependentes, cuja separação só é possível no nível abstrato. Sendo assim, apesar de a morfologia centrar a atenção na forma, o estudo e a descrição dos vocábulos, assim como a classificação dos mesmos, não poderão ser feitos plenamente sem considerar os aspectos semânticos e os sintáticos.

Leia mais!

A Acentuação e o Vocábulo Fonológico. *In*: CÂMARA JR., J. Mattoso. *A Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1979. p. 62-68.

O Vocábulo Formal e a Análise Mórfica. *In*: CÂMARA JR., J. Mattoso. *A Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1979. p. 69-76.

Princípios Básicos. *In*: MACAMBIRA, José Rebouças. *A estrutura morfo-sintática do português*. São Paulo: Pioneira, 1982. p. 15-28.

2 Conceitos básicos de morfologia e princípios teóricos

Neste capítulo, vamos entrar em contato com um conjunto de conceitos comuns à morfologia. Além disso, apresentaremos alguns princípios teóricos e metodológicos que darão sustentação ao modelo de descrição e análise dos vocábulos formais adotado neste manual. Conhecer esses conceitos e saber lidar com eles é condição necessária para alcançar os objetivos da disciplina. Isso pode parecer um pouco cansativo, pois são diversos conceitos novos, alguns dos quais talvez você nunca tenha ouvido falar. Mas, com paciência e um pouco de esforço, aos poucos você ficará familiarizado com eles e aprenderá a utilizá-los de modo eficiente na análise mórfica.

2.1 Morfema, morfe e alomorfe

Na descrição mórfica dos vocábulos, é útil distinguir os conceitos de **morfema**, **morfe** e **alomorfe**, os quais, apesar da íntima relação de sentido, representam noções distintas.

De acordo com o que vimos até aqui, a morfologia estuda a forma ou a estrutura interna dos vocábulos. A estrutura é constituída de unidades formais menores associadas e dotadas de significado que se denominam *morfemas*.

Os morfemas são, em princípio, formados por um ou mais fonemas, mas diferem destes por apresentarem significado. Como se pode perceber facilmente, os fonemas, quando pronunciados isoladamente, nada significam. Exemplos: /m/, /a/, /r/, /i/, /s/ etc. Diferentemente disso, as combinações [mar], [ar], [mais] constituem unidades mínimas de significado.

Apresentamos, a seguir, algumas definições de morfema citadas por Monteiro (2002, p. 13-14). São elas:

a) Os morfemas são os elementos mínimos das emissões linguísticas que contêm um significado individual (Hockett).

b) Um morfema é a unidade mínima no sistema de expressão que pode ser correlacionada diretamente com alguma parte do sistema do conteúdo (Gleason).

c) Os morfemas são as menores unidades significativas que podem constituir vocábulos ou partes de vocábulos (Nida).

d) Morfema é a menor parte indivisível da palavra que, por sua vez, tem uma relação direta ou indireta com a significação (Dokulil).

Rigorosamente, no entanto, morfema é uma unidade abstrata de sentido, representada por uma ou mais formas, ou seja, na prática, um morfema pode apresentar variações formais. Assim, se observarmos os vocábulos **dizer**, **disse**, **digo** e **direi**, parece evidente que há em todos um mesmo morfema que se realiza nas formas [diz], [diss], [dig] e [di]. **A realização concreta de um morfema se denomina *morfe* e, quando há mais de um morfe para o mesmo morfema, ocorre *alomorfia*.**

Alomorfes são, portanto, as diversas realizações de um único morfema, ou vários morfes. O verbo **caber**, por exemplo, apresenta um morfema básico ou nuclear que se realiza concretamente nos alomorfes [cab], [caib], [coub]. Em **vida** e **vital**, o morfema básico se realiza nos alomorfes [vid] e [vit]. Todavia, a alomorfia não é um fenômeno exclusivo do morfema básico, ou raiz. Se considerarmos as formas verbais de terceira pessoa do plural do verbo **nascer**, por exemplo, veremos que predominam as formas que terminam em [m], como em **nascem**, **nasceriam**, **nasceram**, **nascessem**, **nascerem**, **nasçam** etc. Mas, no futuro do presente do indicativo, temos a forma **nascerão**. Conclui-se, então, que o morfema da terceira pessoa do plural desse verbo – isso vale também para a maioria dos verbos em português – é realizado concretamente através dos morfes [m] e [ão]. Nesse caso, a alomorfia ocorre na flexão.

Apresentamos a seguir alguns tipos de alomorfia, nos quais se percebe facilmente a identidade semântica, isto é, identidade de sentido, entre as formas aparentadas.

a) Alomorfia na raiz

lei / legal → [le] ~ [leg]

carvão / carbonífero → [carvã] ~ [carbon]

cabelo / capilar → [cabel] ~ [capil]

noite / noturno → [noit] ~ [not]

ouro / áureo → [our] ~ [aur]

b) Alomorfia no prefixo

ilegal / infeliz → [i] ~ [in]

aposto / adjunto → [a] ~ [ad]

subaquático / soterrar → [sub] ~ [so]

c) Alomorfia no sufixo

durável / durabilidade → [vel] ~ [bil]

cabrito / amorzito → [ito] ~ [zito]

facílimo / elegantérrimo → [imo] ~ [érrimo]

livrinho / pauzinho → [inho] ~ [zinho]

d) Alomorfia na vogal temática

corremos / corrido → [e] ~ [i]

peão / peões → [o] ~ [e]

menino / menina → [o] ~ [Ø]

mar / mares → [Ø] ~ [e]

e) Alomorfia na desinência nominal de gênero

menino / avô → [Ø] ~ [ô]

menina / avó → [a] ~ [ó]

Obs.: No par **avô** ≠ **avó**, os traços distintivos [ô] e [ó] podem ser considerados alomorfes das desinências [Ø] (masculino) e [a] feminino.

f) Alomorfes na desinência verbal

estudávamos / estudáveis → [va] ~ [ve]

cantarás / cantaremos→ [ra] ~ [re]

escreves / escreveste → [s] ~ [ste]

falo / estou → [o] ~ [ou]

ledes / cortais → [des] ~ [is]

Como você pode perceber, a adoção do conceito de *alomorfia* simplifica bastante a descrição mórfica, resolvendo grande parte dos problemas encontrados na segmentação dos vocábulos em suas unidades mínimas significativas. Como já foi dito, t**odo morfema apresenta uma forma e um significado**. Às vezes, no entanto, "em determinados ambientes, ocorrem variações na forma sem que o morfema deixe de ser o mesmo" (MONTEIRO, 2002, p. 32). Na lista dos cognatos de vinho, encontraremos os vocábulos **vinhateiro, vinháceo, vinhaço, vinhaça, vinhataria, vinhoto**, nos quais a raiz é [*vinh*]. Mas em **vinícola, vinífero, vinicultor, vinagre**, verifica-se que a forma anterior mudou para [vin-], conservando o mesmo significado. Conclui-se, então, que [vinh] e [vin] são variações mórficas de um mesmo morfema, ou seja, alomorfes.

Nos casos de alomorfia, quase sempre é possível distinguir o morfe mais produtivo, isto é, mais frequente, que representa a *norma*, do morfe menos produtivo, considerado um desvio da norma. Como exemplo, tomemos a desinência de segunda pessoa do singular dos verbos. Na maioria dos tempos verbais, ela é marcada pelo morfe [s]: *corre***s**, *vestia***s**, *fugisse***s**, *animará***s**, *digitare***s**, *vende***s** etc.; no pretérito perfeito do indicativo, no entanto, essa mesma pessoa é marcada pela desinência [ste], como em *corre***ste**, *vesti***ste**, *fugi***ste**, *anima***ste**, *digita***ste**, *vende***ste**, caracterizando-se, pois, como um desvio da norma.

Alguns autores consideram que apenas os morfes menos produtivos, classificados como desvios da norma, são considerados alomorfes. Essa posição, no entanto, pode apresentar dificuldades de aplicação, pois nem sempre é possível saber de pronto qual é a forma mais produtiva, como é o caso de [vinh] e [vin]. Por outro lado, a forma que se considera mais produtiva pode ser a mais nova, e, como tal, na perspectiva diacrônica, pode ser interpretada como desvio de uma norma anterior.

Na prática, a aplicação do conceito de alomorfia nem sempre é tranquila, principalmente quando as formas não se parecem aparentadas ou semelhantes fonologicamente. Em princípio, não há razão que impeça um morfema de ter alomorfes amplamente divergentes. Tomemos as formas verbais **sou, era, foste** do paradigma flexional do verbo **ser**. Será que é válido dizer que os morfes [s], [er] e [fo] são alomorfes de um mesmo morfema? Parece que sim, desde que se considere que as formas divergentes listadas sejam componentes do mesmo paradigma verbal.

É preciso, no entanto, distinguir formas heterônimas de formas sinônimas. No paradigma flexional dos verbos **ser** e **ir** existem raízes heterônimas, que podem ser consideradas formas alomórficas. Em se tratando de raízes sinônimas, o caso é mais delicado. Será válido dizer, por exemplo, que o primeiro componente de **datilografia** é alomorfe do primeiro componente de **dedo**? E o que dizer da raiz de **pai, padastro, padre, patrão, paterno, pátrio, pátria**?

Veremos isso mais adiante, quando tratarmos dos desvios do padrão geral dos verbos.

Você deve ter notado que os exemplos fornecidos até aqui indicam que o morfema sempre se realiza através de uma forma concreta, que denominamos de morfe. Pois bem, às vezes o morfema se realiza mesmo sem a existência de um morfe. Vamos ver como isso é possível?

2.1.1 Morfema zero

Já vimos que o *morfema* é uma entidade abstrata que se concretiza, na estrutura de uma palavra, através do *morfe*. O ideal seria que houvesse um único morfe para cada morfema, mas isso nem sempre acontece. Além das situações em que existem mais de um morfe para um único morfema – processos de alomorfia –, temos que considerar aquelas em que o morfema se realiza por meio da ausência de morfe. Não existir um morfe não significa que não exista morfema. Quando a ausência do morfe corresponde a um significado, diz-se que o morfema é zero. Vejamos alguns exemplos.

Formalmente representa-se o morfema zero com o símbolo [Ø].

a) A oposição de gênero se faz através de formas marcadas para o feminino pela desinência [a] e de formas não marcadas para o masculino. O que caracteriza o masculino é a ausência de qualquer marca, ou seja, o morfema zero.

- português + Ø ≠ português + a
- professor + Ø ≠ professor + a
- guri + Ø ≠ guri + a
- juiz + Ø ≠ juíz + a
- espanhol + Ø ≠ espanhol + a

b) O plural é marcado pelo [s], e o singular pela ausência significativa de um morfe, ou seja, pelo morfema zero.

- caneta + Ø ≠ caneta + s
- gramado + Ø ≠ gramado + s
- greve + Ø ≠ greve + s
- garagem + Ø ≠ garagen + s

c) Nas formas verbais são frequentes as oposições entre formas não marcadas e formas marcadas.

- (nós) estud + a + re + mos
- (ele) estud + a + rá + Ø
- (tu) estud + a + Ø + s
- (ele) estud + a + Ø + Ø

d) Também nas formas derivadas, o sufixo pode ser interpretado como zero. Vejamos, por exemplo, alguns verbos derivados de **flor**.

- flor + esc + e + r
- flor + ej + a + r
- flor + isc + a + r
- flor + e + a + r
- flor + Ø + i + r

- flor + Ø + a + r

Observe-se que, diferentemente de *florescer, florejar, floriscar* e *florear*, os verbos **florir** e **florar** não contêm um morfe derivacional, mas claramente são formas derivadas de **flor**. Nesse caso, a alternativa estruturalmente adequada é considerar que o morfema derivacional é zero.

Vejamos outros exemplos:

- chuva → chov + Ø + er
- data → dat + Ø + ar
- marca → marc + Ø + ar
- capim → capin + Ø + ar

e) Embora a **raiz** seja considerada o morfema básico (nuclear) que dá sustentação a todas as demais formas da mesma família, sejam elas flexionadas, derivadas ou compostas, também podemos afirmar que há vocábulos em que a raiz é representada por um morfema zero. Em português, o artigo definido e o pronome oblíquo átono [o] servem de exemplo.

- Ø + o + Ø + Ø = o
- Ø + o + Ø + s = os
- Ø + Ø + a + Ø = a
- Ø + Ø + a + s = as

Convém lembrar que historicamente o artigo definido em português é resultado de mudanças sofridas pelos pronomes latinos *ĭllu, ĭllos, ĭlla, ĭllas*. A evolução deu-se da seguinte forma: ĭllu > elo > lo > **o**; ĭlla > ela > la > **a**; ĭllos > elos > los > **os**; ĭllas > elas > las > **as**. Em outras línguas neolatinas, a raiz se manteve em formas como: *il, el, le, les, los, las* etc.

2.1.2 Morfes cumulativos

Em princípio, espera-se que a um morfe corresponda um significado. No entanto, nem sempre é isso que acontece. Nas formas verbais do português há morfes que representam a fusão de dois morfemas. Por isso, esses morfes são denominados **cumulativos**. É o caso das desinências modo-temporais, que simultaneamente contêm as noções de tempo e modo, e das desinências número-pessoais, que simultaneamente contêm as noções de número e pessoa. Em **cantá+sse+mos**, a desinência [sse] indica que o verbo está no *tempo* imperfeito do *modo* subjuntivo. Em razão disso, opõe-se a outros tempos verbais, como: *canta(va), canta(ria), canta(ra), canta(r)mos* etc. Ainda em **cantá+sse+mos**, a desinência [mos] indica primeira *pessoa plural*, opondo-se, portanto, a outras formas do singular ou mesmo do plural, como: *cantasse(Ø), cantasse(s), cantasse(is), cantasse(m)*. Observe que, no caso da desinência número-pessoal [mos], não é possível dizer que o [s] indica plural e [mo] indica primeira pessoa.

Na forma verbal **olhaste**, a segmentação possível é a seguinte: **olh + a + Ø + ste**. Concretamente, temos os morfes representativos da raiz (ou radical primário), da vogal temática e da desinência número-pessoal. Como podemos observar, não há um morfe que represente o tempo e o modo, razão por que esse morfema é zero. Por outro lado, a desinência [**ste**], que representa a pessoa e o número, só ocorre nesse tempo verbal. Em vista disso, pode-se atribuir ao segmento [**ste**] a função de representar cumulativamente as noções de pessoa e número e de tempo e modo (o mesmo vale para o segmento [**stes**] da segunda pessoa do plural).

Considerar a possível existência de morfes zeros na estrutura dos vocábulos evita o uso ampliado do conceito de cumulação. Se não utilizássemos o conceito de morfema zero, teríamos que admitir, por exemplo, que em **famoso** a vogal final [o] acumula as funções de vogal temática e desinência de gênero. O mesmo aconteceria em relação à vogal [e] na palavra **face**. No **artigo**, diríamos que raiz, vogal temática e desinência de gênero seriam representadas pelo mesmo fonema. Em **artista**, o [a] final acumularia as funções de vogal temática e desinência?

2.1.3 Morfes alternantes

Em português, o morfema se realiza predominantemente pelo acréscimo de um segmento fônico, isto é, por meio de um morfe aditivo. Assim, o plural dos nomes é formado pela adjunção de um [s] à direita; a terceira pessoa do plural é em geral formada pelo acréscimo de [m] também à direita. Vocábulos novos podem ser formados pelo acréscimo de prefixos ou de sufixos.

Mas também há casos em que a oposição morfológica se faz pela permuta de dois fones, como se pode verificar nos seguintes exemplos:

- avô ≠ avó
- pus ≠ pôs
- fiz ≠ fez
- pude ≠ pôde
- tive ≠ teve
- fui ≠ foi

Os morfes alternantes podem ser de natureza vocálica, consonantal ou suprassegmental (acentuais ou prosódicos), conforme se verifica nos exemplos listados a seguir.

a) *alternância vocálica*

- firo ≠ feres
- sinto ≠ sentes
- tudo ≠ todo
- bebo ≠ bebes
- famoso ≠ famosa
- porco ≠ porca

b) *alternância consonantal*

- digo ≠ dizes

- ouço ≠ ouves
- peço ≠ pedes
- trago ≠ trazes

c) *alternância acentual* (suprassegmental)

- retífica ≠ retifica
- exército ≠ exercito

2.1.4 Morfes redundantes

Quando a alternância é o único traço de oposição entre duas formas, diz-se que se trata de um mecanismo de flexão interna. Em geral, no entanto, os morfes alternantes são redundantes ou submorfêmicos, pois reforçam uma oposição marcada por morfes aditivos. Por exemplo, em p**o**ço ≠ p**o**ços, a alternância de /ô/ fechado para /ó/ aberto apenas reforça a oposição entre singular e plural, já marcada pelo verdadeiro morfema contrastivo [s]. Também em s**o**gro ≠ s**o**gra, fam**o**so ≠ fam**o**sa, porco ≠ porca, entre outros, a oposição de gênero se faz pela adição da desinência [a]. A alternância na raiz constitui um morfe redundante e, por isso, submorfêmico. O mesmo ocorre em algumas formas verbais como: ou**ç**o ≠ ou**v**es, tra**g**o ≠ tra**z**es, nas quais a oposição entre a primeira e a segunda pessoas do singular se faz prioritariamente pelo acréscimo dos morfes [o] ≠ [s]. A alternância na raiz reforça a oposição. Sem essa alternância, teríamos: *ouvo ≠ ouves, *trazo ≠ trazes.

2.1.5 Morfes homônimos

É comum um mesmo segmento representar diferentes morfemas. O [s], por exemplo, pode indicar o plural nos nomes (alicates, cachorros, gaiteiros, belos etc.) e a segunda pessoa do singular nos verbos ((tu) escreves, vês, enviarias, escutasses etc.). A vogal [a], por sua vez, pode indicar o gênero feminino (moç**a**, professor**a**, espert**a**, vadi**a** etc.) ou a vogal temática de nomes e de verbos (and**a**r, and**a**, and**a**mos, plant**a**, cas**a**, mal**a** etc.). Em (tu) **am-a-s**, temos: raiz [am-], vogal temática [-a-] e desinência de segunda pessoa do singular [-s]. Já em (as) **am-a-s**, temos: raiz [am-], desinência de gênero feminino [-a] e desinência de plural [-s].

Conclui-se, portanto, que existe homonímia sempre que houver coincidência de formas, mas diferença quanto ao sentido. Em (o) **canto** (musical), (o) **canto** (da sala) e (eu) **canto** (verbo cantar), os termos destacados são fonicamente iguais, ou seja, são homônimos, mas correspondem a significados diferentes. A forma **são** pode significar "santo", "sadio" ou verbo "ser" (terceira pessoa do plural).

Havendo homonímia lexical, a oposição das formas deixa de ser feita com base no plano morfológico, fazendo-se necessário recorrer ao plano sintático para esclarecer a ambiguidade. Quando o contexto é incapaz de desfazer a ambiguidade, a tendência da língua é eliminar uma das formas. É por isso, por exemplo, que não existe **cão** correspondente ao singular de **cãs**, ou **falo** do verbo falir, ou **pulo** de polir, ou **remo** de remir.

Pelo exposto, convém distinguir os casos de homonímia gramatical (morfes fonologicamente iguais) da homonímia lexical (vocábulos fonologicamente iguais).

Levando em conta as explicações sobre homonímia, quais são os morfes homônimos nos exemplos a seguir?

- (o) canto ≠ (eu) canto
- terrestre ≠ terrível
- vivemos ≠ amemos
- vivamos ≠ amamos

Será que você entendeu a diferença entre morfema, morfe e alomorfe? Também está clara a diferença entre diversos tipos de morfes? Se não, leia tudo outra vez com bastante atenção, identificando outros exemplos existentes no português. Cumprida essa etapa, é hora de você se inteirar das diversas classes de morfemas e das respectivas regras de ordenamento. Novamente, convém ler com bastante atenção, correlacionando os conceitos com os exemplos dados e com outros existentes na língua.

2.2 Classificação dos morfemas

Em princípio, todo vocábulo contém um morfema primitivo, também denominado morfema básico ou nuclear, ao qual podem se agregar outros morfemas. Apresentamos a seguir uma classificação dos morfemas que leva em conta a ordem de ocorrência, a função e o sentido.

2.2.1 Raiz

Raiz (R) é o "elemento irredutível comum a todos os vocábulos da mesma família" (SAUSSURE, 1975, p. 216). Equivale a *semantema* de Vendryes, ou *lexema* de André Martinet. Trata-se do morfema sobre o qual repousa a significação lexical básica. Também é conhecido por **radical primário**, ou **forma primitiva**. Em **cortin-a-s**, por exemplo, existem três morfemas: raiz, vogal temática, desinência de número.

Para melhor entender o conceito de raiz, analisemos os seguintes conjuntos:

1) terra, terreno, terrestre, aterrar, aterrissagem, aterramento

2) mar, maré, marinho, marinha, marujo, marinheiro, maresia, submarino, marola, marítimo, marisco

Em (1), o elemento comum é **terr-**, razão por que todos os vocábulos são aparentados, formando um conjunto de cognatos. Já em (2), o elemento comum é **mar**. Como se vê, não há nenhuma relação de forma e de significado entre os conjuntos (1) e (2), pois ambos se opõem: [terr-] ≠ [mar].

Por outro lado, a coincidência de forma não significa coincidência de significado. Vejamos o conjunto a seguir:

3) terror, terrível, aterrorizar... terrífico

Em (3), o morfema básico (raiz) também é [terr-], mas não é o mesmo morfema do conjunto (1), pois não há entre os dois qualquer vínculo de significação.

Analisemos, todavia, os seguintes conjuntos:

4) amor, amar, amável, amoroso, amizade, desamor, amigo... amante

5) inimigo, inimizade... inimizar

Nos conjuntos (4) e (5) há divergências quanto à forma, mas equivalência de significado, de tal modo que [am-] e [im-] são alomorfes de um mesmo morfema.

> Conclui-se, portanto, que o significado é essencial no conceito de raiz, pois a alteração na forma não cria nova raiz. Isso não quer dizer, todavia, que é desnecessário o vínculo formal para a caracterização da mesma raiz. A associação semântica existente entre, por exemplo, **casa, moradia, apartamento, alojamento, cabana, vivenda, chalé**, entre outros, formando uma série de sinônimos, não é uma série de cognatos, pois inexiste entre esses vocábulos qualquer relação mórfica (MONTEIRO, 2002, p. 44).

Para fixar a noção de raiz como "elemento irredutível e comum a todos os vocábulos de uma mesma família", destacamos os seguintes pontos:

- A raiz é a parte de onde origina-se a primeira operação morfológica.
- A raiz é, em geral, uma forma presa, portadora de significação nuclear.
- A raiz apresenta forma e significado, podendo agregar elementos diversos para a flexão e formação de cognatos.
- A raiz é irredutível, mas a forma pode sofrer variações em outros vocábulos (processo de alomorfia).

Considerando o exposto acima, a identificação da raiz de camisolinhas se faz através das seguintes segmentações:

a) camisolinha – s

b) camisolinh – a – s

c) camisol – inh – a – s

d) camis – ol – inh – a – s

2.2.2 Radical

O *radical* (Rd) de uma palavra inclui a raiz e os elementos afixais que entram na formação dos vocábulos. Assim, a série **mar, marinho, marinheiro, marinheiresco** apresenta, respectivamente, os seguintes radicais:

- [mar] → radical de primeiro grau (= raiz)
- [marinh] → radical de segundo grau
- [marinheir] → radical de terceiro grau
- [marinheiresc] → radical de quarto grau

Na perspectiva sincrônica, a raiz (R) coincide com o radical (Rd) primário.

Na descrição linguística, é necessário desprezar especulações de ordem etimológica ou histórica, pois entendemos, com base em Saussure (1975), que todas as partes devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica. A descrição dos elementos mórficos deve-se pautar na gramática internalizada dos falantes de uma língua, não em informações de ordem externa. Voltaremos a tratar disso mais adiante.

Tratando-se, no entanto, de palavra derivada, o radical é diferente da raiz. Infere-se daí a possibilidade de uma palavra ter vários radicais, como é demonstrado através do seguinte exemplo:

- nacion- (radical de primeiro grau ou raiz)
- nacional (radical de segundo grau)
- nacionaliz- (radical de terceiro grau)
- desnacionaliza- (radical de quarto grau)
- desnacionalizaçã- (radical de quinto grau)

Convém salientar que o verdadeiro radical de uma palavra é sempre o de grau mais elevado, que inclui todos os demais. “Essa orientação, além de simplificar o estudo descritivo da estrutura dos vocábulos, traz a vantagem de estabelecer uma espécie de oposição binária raiz x radical na formação vocabular, aclarando a delicada questão dos constituintes imediatos" (MONTEIRO, 2002, p. 46). Apesar de nos vocábulos primitivos haver coincidência entre ambos, o que deve ficar claro é que raiz e radical são conceitos bem distintos.

2.2.3 Vogal temática e tema

Vimos que, nos vocábulos primitivos, raiz e radical se confundem. Às vezes, o radical (primário ou derivado) vem acompanhado de uma vogal átona, que se denomina *vogal temática*. Esse conjunto formado por radical e vogal temática constitui o *tema*. Os vocábulos com vogal temática são temáticos; os que não contêm vogal temática são atemáticos. Em geral, são atemáticos os nomes que têm na posição final uma vogal tônica ou uma consoante.

Em português, os temas se classificam em nominais e verbais. Os temas nominais sempre terminam em vogal átona; os verbais, no entanto, podem apresentar vogais temáticas tônicas.

Os temas nominais predominantes em português são os seguintes:

a) Temas em /a/: conversa, alma, garrafa, geada

b) Temas em /o/: certo, afoito, repolho, cavalo, verão

c) Temas em /e/: alface, alicate, mestre, campestre

Os temas verbais também distribuem os verbos em três grupos:

a) Temas em /a/: emoldurar, falar, passear

b) Temas em /e/: ceder, esconder, anoitecer

c) Temas em /i/: corrigir, descobrir, esculpir

Pelo exposto, vocábulos como **bambu, amanhã, café, cipó, maracujá, abacaxi, caráter, feliz, agressor, convés, cartaz, lençol**, terminados em vogal tônica ou consoante, são atemáticos. Há, no entanto, uma ressalva a fazer em relação aos que terminam com as consoantes /l/, /s/, /r/ e /z/, tais como *cônsul, inglês, mar* e *rapaz*. Nesses casos, a vogal temática aparece no plural: *cônsules, ingleses, mares* e *rapazes*. Em razão disso, as formas no singular devem ser interpretadas teoricamente como ***cônsule,** ***inglese,** ***mare** e ***rapaze**. Às vezes, a vogal temática [e] transforma-se em [i] no plural em razão de processos morfofonêmicos. Exemplo: ***animale** > **animales** > **animaes** > **animais**. Há casos em que a vogal temática, depois de transformar-se em /i/, sofre crase com a vogal do radical, como em: ***fuzile** > **fuziles** > **fuzies** > **fuziis** > **fuzis**. O vocábulo **fuzis** deve, portanto, ser analisado como tendo apenas dois morfes: [**fuzi**]**s**].

Cabe ressaltar que nos processos de flexão, derivação e composição, a vogal temática, em contato com elementos mórficos iniciados por vogal, sofre elisão ou crase. Exemplos:

a) casa + ebre = casaebre → casebre

b) pedra + ada = pedraada → pedrada

c) menino + a = meninoa → menina

d) forte + íssimo = forteíssimo → fortíssimo

e) *finale + íssimo = finaleíssimo → finalíssimo

Quando a vogal temática se mantiver após o acréscimo de sufixos derivacionais, passando a ocupar uma posição pré-sufixal, deixa de ser vogal temática e passa a funcionar como vogal de ligação (ou infixo). Exemplos:

a) alegr**e**mente

b) mã**e**zinha

c) erv**a**teiro

d) legal**i**dade (de *legale)

O mesmo princípio se aplica aos nomes derivados de verbos. Exemplos:

a) louvar → louvável

b) punir → punível

c) perdoar → perdoável

Resumindo as informações sobre radical e temática, José Lemos Monteiro (2002, p. 51-52) lista as seguintes noções básicas:

- O tema é a parte da palavra que se opõe à flexão.
- O tema desprovido da vogal temática é o radical.
- O radical é formado pela raiz e morfemas derivacionais (prefixos e sufixos), se houver.
- Entre os elementos que formam o radical, às vezes aparecem morfes vazios.
- A vogal temática ocorre em posição final ou pré-desinencial; a vogal de ligação é pré-sufixal.

2.2.4 Morfema derivacional

São considerados morfemas derivacionais os afixos, através dos quais é possível criar (derivar) vocábulos novos. Os prefixos são morfes aditivos que precedem a raiz e, ao contrário, os sufixos são morfes aditivos que sucedem a raiz. Assim, de **cerveja** é possível formar cervej-**ada**, cervej-**aria**, cervej-**eiro** etc.; de **farra**, farr-**ista**; de **mole**, mol-**ejo**; de **fiel**, **in**-fiel; de **capaz**, **in**-capaz; de incapaz, incapac-**idade**. Normalmente a derivação se faz pela adição individual de prefixos e sufixos, de modo que uma palavra derivada se forma pelo acréscimo de um prefixo, ou de um sufixo, a uma forma livre já existente. A palavra **vergonhosa-mente** deriva de **vergonh-oso**, que, por sua vez, deriva de **vergonha**.

Os morfemas derivacionais e os categóricos são sempre formas presas que se combinam com o semantema. Dito de outra forma: são morfes agregados a uma base que constitui a entidade léxica.

Veja outros exemplos a seguir:

a) norma + al → normal

b) normal + izar → normalizar

c) normalizar + ação → normalização

d) normal + mente → normalmente

e) a + normal → anormal

f) normal + idade → normalidade

g) a + normalidade → anormalidade

2.2.4.1 Prefixos

Os prefixos, morfemas derivacionais que ocupam posição anterior à raiz, modificando o significado do vocábulo primitivo, apresentam as seguintes características:

a) Destacam-se facilmente da forma primitiva, e o que resta é, em geral, uma forma livre. Exemplos: **[in] + capaz, [dês] + confiança, [in] + [dis] + posto**;

Convém observar, no entanto, que muitos vocábulos formados historicamente por prefixação devem hoje ser considerados como primitivos, ou sem prefixo, uma vez que os falantes deixaram de perceber a relação de sentido com a forma primitiva. Servem de exemplo: **objeto, sujeito, oferecer, eclipse, biscoito, subterfúgio, derivar**. Nesses vocábulos, não há como separar, respectivamente, os elementos **[ob], [su], [o], [e], [bis], [sub]** e **[de]**, pois o que sobra não faz sentido.

b) Quase sempre alteram substancialmente o significado da raiz. Na palavra **correto**, a adição do prefixo [**in**] representará exatamente o sentido oposto;

c) Não se prestam para indicar categorias gramaticais, como gênero, número, tempo, modo e pessoa;

d) Comumente se agregam a verbos e a adjetivos;

e) Em geral, não mudam a classe gramatical dos vocábulos. O verbo continua sendo verbo, o nome continua sendo nome etc. Exemplos: **leitura** → [**re**] + **leitura, pôr** → [**com**] + **por, confor-**

to → [**des**] + **conforto, saciável** → [**in**] + **saciável**;

Os vocábulos parassintéticos, nos quais a derivação se faz pelo acréscimo simultâneo de prefixo e sufixo, são exceção a esse princípio. Todavia, nesses casos o novo sentido é dado pelo sufixo e não pelo prefixo.

f) Certos prefixos são empregados também como formas livres. Exemplos: **contra, extra, sobre**. Às vezes, essas formas correspondem a construções braquiológicas, isto é, construções nas quais os prefixos adquirem autonomia morfológica. Exemplos: Pagamentos **extras** (extraordinários); Cursar o **pré** (pré-vestibular); Participar do **pan** (pan-americano).

2.2.4.2 Sufixos

Em contraposição, os sufixos apresentam as seguintes características:

a) Nem sempre se destacam com facilidade. Em **condutor**, por exemplo, à primeira vista o sufixo poderá ser [**tor**]. Mas, após realizar uma série de oposições entre formas aparentadas, chega-se à conclusão de que o sufixo é de fato [**or**], principalmente devido à existência da forma precedente **conduto**;

b) Após destacar o sufixo, quase sempre o que sobra é uma forma presa: **dent** + [**uço**], **bol** + [**eto**], **significat** + [**iva**], **ded** + [**al**] etc.;

c) Nunca são empregados como formas livres, exceto os casos de derivação imprópria nos quais o morfema aditivo perde seu caráter de sufixo: O **imperialismo** e outros **ismos**;

d) Não alteram fundamentalmente a significação da raiz: **sapat(o)** + [**eiro**], **sapat(o)** + [**aria**], **sapat(o)** + [**ada**], **sapat(o)** + [**ão**], **sapat(o)** + [**inho**];

e) Muitos sufixos se prestam para mudar a classe ou a função da palavra. Assim, [**izar**] transforma nomes (substantivos e adjetivos) em verbos: **real** → **realizar**, **energia** → **energizar**, **canal** → **canalizar**. O sufixo [**mente**] modifica adjetivos em advérbios: **sábio** → **sabiamente, difícil** → **dificilmente**;

f) São assistemáticos, isto é, não se aplicam a todas as formas primitivas;

O sufixo [**udo**] serve para formar **barrigudo, orelhudo, bocudo, cabeçudo, peitudo, cabeludo** etc., mas é estranho em ***sobrancelhudo, *pernudo, *dedudo, *joelhudo, *sovacudo** etc.

g) Formam uma classe aberta que se presta à criação diária de neologismos, como é o caso dos verbos em [**iz**(**ar**)]: **otimizar, ambientalizar, descapitalizar, horizontalizar, criminalizar** etc. Foi com base neste princípio que Carlos Drummond de Andrade, no poema "Caso Pluvioso", criou os seguintes neologismos:

- "*chuvíssima* criatura",
- "*chuvadeira* maria",
- "*chuvil*, pluvimedonha",
- "as fontes de maria mais *chuvavam*",
- "atro *chuvido*",
- "tal *chuvência*" ;

h) Não são obrigatórios, pois os sentidos que representam podem ser expressos através de outros meios de natureza sintática: **solenemente** (de modo muito solene), **empreendedor** (quem empreende muito), **fofoqueiro** (que faz fofocas) etc.

Na segmentação dos sufixos, é preciso ter certa cautela para não incorrer em decisões arbitrárias. Convém sempre considerar o conteúdo semântico do sufixo para uma adequada segmentação. Quando surgem dificuldades de interpretação, deve-se recorrer ao princípio da alomorfia. Vejamos alguns exemplos:

- Do substantivo **rei** forma-se o adjetivo **real**, do qual se deriva o substantivo **realeza**. Em vista disso, a segmentação de **realeza** será [re] + [al] + [ez] + [a]. Mas o mesmo princípio não se aplica a **fortaleza**, porque inexiste a forma terminada em [al]. Por isso, a segmentação de **fortaleza** será [fort] + [alez] + [a], sendo [alez] alomorfe de [ez].
- Se em **luarada** temos [lu] + [ar] + [ad] + a, com dois sufixos derivacionais, em **cusparada** só é possível identificar o sufixo derivacional [arad] como alomorfe de [ad].
- Certos verbos, como vimos, são formados com o sufixo [iz(ar)] acrescido ao adjetivo. Assim, **ridículo** daria **ridiculizar**. No entanto, o que se tem é **ridicularizar**. O jeito é considerar a forma [ariz(ar)] um alomorfe de [iz(ar)]. Do mesmo modo, em **contemporizar** não é possível interpretar /or/ como sufixo. Por isso, [tempor] deve se considerado alomorfe de [temp(o)], justificando a seguinte segmentação: [con] + [tempor] + [iz] + [a] + [r].

Em geral, o termo **sufixo** é empregado para designar morfemas derivacionais, isto é, morfemas que se prestam para a formação de novos vocábulos, mas há autores que incluem entre os sufixos os morfemas flexionais. Entres esses autores, cita-se Monteiro (2002, p. 57), que afirma:

> quanto à função gramatical, há dois tipos de sufixo, conforme sirvam ao mecanismo da derivação ou da flexão. Os que formam novas palavras são denominados derivacionais (SD) ou lexicais (SL). Os que apenas permitem que os vocábulos variem em gênero e número (quando nomes) ou em modo, tempo, número e pessoa (quando verbos) são chamados flexionais (SF) ou desinências (D).

Considerando que os morfemas derivacionais e os morfemas flexionais têm características e funções distintas, preferimos considerá-los em separado.

2.2.5 Morfema categórico

Os morfemas categóricos, que incluem todos os sufixos flexionais

(SF) ou desinências (D), expressam as categorias gramaticais. Como tal, não derivam novos vocábulos, mas servem para traduzir noções gramaticais de gênero, número, pessoa, tempo e modo. Quando representam categorias de gênero ou de número, são desinências nominais; quando representam categorias de tempo e modo ou de número e pessoa, são desinências verbais. Em **peru-a-s**, o [a] é a desinência nominal de gênero feminino e o [s] é a desinência nominal de plural. Já em **vende-re-mos** o segmento [re] é a desinência verbal de futuro do presente do indicativo e [mos] é a desinência verbal de primeira pessoa do plural.

Em resumo, então, podemos dizer que os sufixos flexionais indicam as seguintes categorias gramaticais dos vocábulos:

velh + [a] – categoria de gênero

carta + [s] – categoria de número

vi + [mos] – categoria de número e pessoa

fize + [sse] – categoria de modo e tempo

De modo geral, os sufixos flexionais ou desinenciais, em contraste com os sufixos derivacionais, têm as seguintes características:

- Não criam vocábulos novos;
- São sistemáticos, isto é, aplicam-se a todos os vocábulos de uma determinada classe (por exemplo: todos os nomes são marcados quanto ao gênero e ao número e todos os verbos são marcados quanto ao modo, tempo, número e pessoa);
- São obrigatórios, pois não há alternativas para marcar certa categoria gramatical;
- Formam um grupo reduzido e fechado;
- Sujeitam-se ao vínculo da concordância: substantivo feminino plural impõe aos determinantes (artigos, adjetivos, pronomes adjetivos, numerais adjetivos) a concordância

no feminino e no plural; sujeito da oração na primeira pessoa do plural impõe concordância do verbo na primeira pessoa do plural;

- São morfes arbitrários cujo sentido só se revela no ambiente morfossintático no qual eles aparecem. O morfe [s] em posição final de nomes (moleque + [s], noviça + [s]) em geral representa o plural, ao passo que em final de verbos (tu fala + [s], tu finge + [s]) representa a segunda pessoa do singular.

2.2.6 Morfema relacional

Os morfemas relacionais caracterizam-se como formas dependentes, isto é, vocábulos sem autonomia mórfica, pois, como já vimos, não constituem por si só um enunciado. A classe dos morfemas relacionais é formada pelas preposições, conjunções e pronomes relativos. Exemplos: Viajei **de** carro; Vim, vi **e** venci; As regras **que** transcrevi estão obsoletas.

Os vocábulos relacionais não se segmentam morficamente, devendo ser considerados estruturas de um único morfema.

2.2.7 Morfema classificatório ou vogal temática

Fazem parte deste grupo os morfemas que nada parecem acrescentar ao significado. Tais morfemas são representados por segmentos formais aos quais não corresponde, aparentemente, nenhum significado e, por isso, são também designados de *morfes vazios*. Convém, no entanto, considerar que o fato de não traduzirem nenhuma ideia ou noção extralinguística não significa necessariamente não terem nenhum valor semântico, mesmo que esse valor seja meramente gramatical. Servem apenas para distribuir os vocábulos em classes ou categorias. São as vogais temáticas nominais, como em garot-**o**, canet-**a**, fac-**e** e as vogais temáticas verbais, como em cant-**a**-r, vend-**e**-r, ment-**i**-r. Assim, os três primeiros exemplos pertencem à classe dos nomes; e os três últimos, à classe dos verbos.

A função do morfema classificatório é situar o vocábulo num paradigma, que é um conjunto de unidades linguísticas que se excluem umas às outras por sistemas de oposição. Ou: paradigma é um conjunto de unidades ausentes que poderiam substituir aquela que está presente na cadeia sintagmática.

2.2.8 Vogal de ligação e consoante de ligação

Em português, as vogais e consoantes de ligação, de que servem de exemplo vocábulos como **cha-l-eir-a**, **louv-á-vel**, **vest-u-ári-o**, são consideradas casos de interfixação. Sendo assim, esses elementos não são tidos como morfemas, "havendo tendência de incorporá-los aos sufixos que os seguem ou aos radicais que os antecedem" (MONTEIRO, 2002, p. 60). No entanto, resta um problema: não existe critério definido e adequado para essa incorporação. Em **cafe-t-eir-a**, por exemplo, o [-t-] deve fazer parte do sufixo [-teir(a)] ou fazer parte do radical [cafet-]? Do mesmo modo, em **vend-í-vel**, o [-i-] deve fazer parte do sufixo [-ível] ou do radical [vendi-]?

Além disso, afirma Monteiro (2002, p. 60), "não se admitindo o interfixo como um morfe segmentável, o número de alomorfes cresce assustadoramente, o que contraria o princípio da economia e da simplicidade descritiva". Sendo assim, apesar da alegada falta de significação das vogais e consoantes de ligação, é preferível segmentá-las como morfes.

Estruturalmente, as vogais e consoantes de ligação ocupam um posição pré-sufixal, isto é, entre o radical e um sufixo derivacional. Em geral as vogais de ligação eram vogais temáticas no vocábulo que serviu de base para a derivação de outro vocábulo.

2.3. Análise mórfica – princípios básicos e auxiliares

As formas livres e as formas dependentes constituem, como vimos, os vocábulos mórficos. Do que se disse, deve ter ficado claro que o vocábulo mórfico tanto pode constituir-se de uma unidade indivisível (um só morfema, ou seja, vocábulo unimorfêmico), quanto pode ser composto de duas os mais unidades menores (dois ou mais morfemas).

Resta saber, então, como proceder para destacar cada um dos morfemas constitutivos do vocábulo mórfico. Primeiramente, é preciso considerar que os morfemas são unidades de *significação*, ou seja, só faz sentido segmentar se o segmento corresponder a uma *significação*. Em segundo lugar, deve-se fazer a *comutação* com outros vocábulos para identificar as unidades em contraste, segundo o princípio da oposição.

A seguir, veremos em que consiste a comutação, com vistas à segmentação dos morfemas.

2.3.1 Comutação

A comutação consiste numa operação contrastiva por meio de permuta de elementos para a qual são necessárias: a) a segmentação do vocábulo em subconjuntos e b) a pertinência paradigmática entre os subconjuntos que vão ser permutados. Comutação é troca de um elemento no plano da expressão de que resulta uma alteração no plano do conteúdo.

No exemplo a seguir a comutação é feita no nível fonológico.

/ l a r / (lar)

/ m a r / (mar)

/ m a l / (mal)

/ m e l / (mel)

/ f e l / (fel)

Na comutação, em qualquer nível (fonológico, morfológico ou sintático), a troca do significante implica a troca de significado.

Para melhor entender a técnica da comutação, imprescindível na análise mórfica, analise a comutação no nível morfológico representada a seguir:

a) desinências número-pessoais

cantava + **Ø**

cantava + **s**

cantava + **Ø**

cantáva + **mos**

cantave + **is**

cantava + **m**

b) desinências modo-temporais

tu canta + **Ø** + s

tu canta + **va** + s

tu canta + **rá** + s

tu canta + **ria** + s

tu canta + **ra** + s

tu canta + **sse** + s

tu canta + **re** + s

c) raiz ou semantema de verbos

cant + ar

estud + ar

cas + ar

alarm + ar

copi + ar

san + ar

cant + ar

govern + ar

Fazer análise mórfica é examinar e segmentar os vocábulos em partes providas de significação. Como tal, não se confunde com a análise dos fonemas e das sílabas, ou dos termos das orações, no nível sintático, embora certas informações fonético-fonológicas, sintáticas e mesmo semânticas possam ser úteis para a análise da estrutura mórfica.

Como vimos, a principal técnica de análise mórfica é a **comutação.**

Essa técnica impede que as segmentações dos vocábulos sejam feitas de modo arbitrário. "A comutação se baseia no princípio de que tudo no sistema linguístico é oposição e consiste na substituição, pelo confronto, de uma forma por outra" (MONTEIRO, 2002, p. 38). Trata-se de realizar a permuta de uma parte do vocábulo por outra e verificar se essa permuta produz alterações na significação.

Para demonstrar ainda melhor como funciona a técnica da comutação, examinaremos o adjetivo **novíssimo** e o verbo **olharemos**:

novíssimo

a) novíssimo + Ø ≠ novíssimo + s (Ø ≠ s)

b) novíssimo + Ø ≠ novíssimo + a (Ø ≠ a)

c) novíssim + o ≠ novíssim + a + mente (o ≠ a)

d) nov + íssimo ≠ nov + inho ≠ nov +iço ≠ nov + idade (íssimo ≠ inho ≠ iço ≠ idade etc.)

e) nov + íssimo ≠ bon + íssimo, bel + íssimo (nov ≠ bom ≠ bel etc.)

As formas mínimas encontradas foram:

a) Raiz – [nov]

b) Radical – [novíssim]

c) Vogal temática – [o]

d) Tema – [novíssimo]

e) Sufixo derivacional – [íssimo]

f) Desinência de gênero – [Ø]

g) Desinência de número – [Ø]

olharemos

a) olhare + mos ≠ olhare + i (mos ≠ i)

b) olha + re + mos ≠ olha + ria + mos (re ≠ ria)

c) olh + a + re + mos ≠ olh + Ø + e + mos (a ≠ Ø)

d) olh + a + re + mos ≠ corr + e + re + mos (a ≠ e)

e) olh + a + re + mos ≠ estud + a + re + mos (olh ≠ estud)

As formas mínimas encontradas foram:

a) Raiz – [olh]

b) Radical – [olh]

c) Vogal temática – [a]

d) Tema – [olha]

e) Desinência modo-temporal – [re]

f) Desinência número-pessoal – [mos]

2.3.2 Princípios da hierarquia

Na análise mórfica, devemos considerar que a ordem dos constituintes não é meramente linear, mas hierárquica. Para entender o que isso significa, vamos examinar a formação da palavra **reutilização**.

a) [útil] + [iz(ar)] → utilizar

b) [utilizar] + [ação] → utilização

c) [re] + [utilizar] → reutilizar

d) [reutilizar] + [ação] → reutilização

Pela ordem, do adjetivo **útil** forma-se o verbo **utilizar**, derivando-se daí o substantivo **utilização**; e do verbo **reutilizar** deriva-se o substantivo **reutilização**. Incorreto é considerar que o substantivo **reutilização** fosse derivado de **utilização** uma vez que o prefixo [re] em geral se acrescenta a bases verbais.

Vejamos outro exemplo.

a) suportar + ável → suportável

b) in + suportável → insuportável

O prefixo [in], com valor negativo, somente se acrescenta a bases adjetivais e não a bases verbais. Assim, haveria quebra de hierarquia se a derivação fosse feita na seguinte ordem: suportar → *insuportar → insuportável. Da mesma forma, a palavra **invariavelmente** é constituída de **invariável + mente** e não de **in + variavelmente**, visto que não existe o advérbio ***variavelmente**.

2.3.3 Redundância

Redundância é um conceito bastante difundido na semântica, sendo também conhecido por pleonasmo, o que significa repetição do significado: "ver com os próprios olhos", "subir para cima" etc.

Há, por outro lado, a redundância gramatical representada pela presença de um morfe segmental ou suprassegmental que repete o mesmo traço gramatical. Como já vimos, a pluralização do substantivo é realizada prioritariamente pelo acréscimo da desinência [s], mas, havendo combinação com determinantes (artigos, pronomes adjetivos, adjetivos), a concordância nominal "obriga" a repetição do [s]: "o + [s] seu + [s] belo + [s] olho + [s] verde + [s]".

Nos verbos, a presença do pronome reto – que identifica a pessoa e o número – não exclui a necessidade da flexão e, consequentemente, da concordância: eu fal + [o], nós fala + [mos] etc.

Em certos casos, a redundância gramatical é representada por três marcas distintas: o morfe flexional, a concordância e a alternância vocálica. Em **o sogro** → **a sogra**, a oposição de gênero é marcada pelo sufixo desinencial [Ø] ~ [a], pela concordância [Ø] = [Ø] / [a] = [a] e pela alternância das vogais [ô] ~[ó]. Em **o povo** → **os povos**, a oposição de número é marcada pelo sufixo desinencial [s], pela concordância [Ø] = [Ø] / [s] = [s] e pela alternância das vogais [ô] ~[ó].

2.4 Mudança morfofonêmica

Chama-se mudança morfofonêmica a alomorfia condicionada fonologicamente. São mudanças no sistema fonêmico do vocábulo, com repercussão no sistema mórfico. O prefixo **in**-, por exemplo, pode variar em **–i**, de acordo com o ambiente fonético: incapaz, infeliz; mas imutável (antes de consoante nasal), ilegal (antes da consoante "l") e irrelevante (antes da consoante "r").

Para melhor entender isso, vamos ler a explicação fornecida por Zanotto (1986, p. 40-41):

> O radical do verbo "passear" é "passe-", átono, sendo tônica a vogal temática "-a-" Nas formas em que o acento tônico se antecipa para o radical, formas ditas rizotônicas, o radical passa a ser "passei-", havendo o acréscimo do fonema "-i", desfazendo o hiato ("passeo") através da ditongação ("passEIo"). O acréscimo do fonema "-i" alterou o morfema, de "passe-" para "passei-". É, então, uma mudança morfofonêmica, uma alteração morfológica de origem fonológica.

Essas mudanças podem acontecer por supressão de fonemas, acréscimo, transformação, crase.

São exemplos de mudanças morfofonêmicas:

a) sa- + -o → saIo (acréscimo do fonema /i/ ao radical com formação do ditongo sai-);

b) escut- + -a- + -va- + -is → escutaVEis (vogal "i" assimila vogal "a" da desinência verbal, transformando-a em "e");

c) and- + -a- + -i → andEi (vogal "i" assimila vogal temática "a", transformando-a em "e");

d) ave + cultor → avIcultor (alteração da vogal temática "e" em "i");

e) viv + i + i → vivI (crase da vogal temática "i" e da desinência verbal "i");

f) in + legal → Ilegal (supressão da nasal "n");

g) do + e → dóI (alteração da vogal temática "e" em "i" e consequente formação do ditongo);

h) quintal + s → quintaIs (supressão da consoante "l" do radical e acréscimo de "i", com formação do ditongo);

i) garot + o + a → garota (supressão da vogal temática "o");

j) pé + al → peDal (acréscimo da consoante "d" ao radical);

k) animal + inho → animalZinho (acréscimo de "z" ao sufixo diminutivo "inho").

Entender os processos morfofonêmicos é importante, pois a maioria dos alomorfes deve a sua origem a esses processos.

2.5 Sincronia e diacronia

Antes de encerrarmos este capítulo, precisamos esclarecer um aspecto relevante, não só para a descrição morfológica, mas também para a descrição de outros níveis linguísticos.

No estudo da língua, é possível a evolução de um estágio a outro, com vistas a identificar e descrever as mudanças ao longo de um período de tempo. Trata-se da perspectiva *diacrônica*. Por outro lado, o estudo de um estado de língua, num determinado momento de sua evolução, representa a perspectiva *sincrônica*. Dito de outra maneira, "*sincronia* e *diacronia* designarão respectivamente um estado de língua e uma fase de evolução" (SAUSSURE, 1975 [1916], p. 96).

Nossa disciplina tem como objetivo *utilizar os princípios de análise morfológica para descrever a estrutura de vocábulos da língua portuguesa, distinguindo os processos de flexão, composição e derivação, além de identificar e utilizar aspectos da teoria lexical relacionados à classificação de vocábulos*. Nesse sentido, interessam os fatos linguísticos como eles se apresentam no momento atual, sem especulações de ordem histórica ou evolutiva. O que deve guiar o estudo do atual estado da língua portuguesa é a percepção que os falantes têm dos fatos, pois, para os usuários da língua, a sucessão desses fatos no tempo não existe.

Fica claro, então, que na descrição da estrutura dos vocábulos do português é desnecessário conhecer o latim ou quaisquer outras línguas que tenham influenciado a formação da língua portuguesa. Com isso, não estamos afirmando que os conhecimentos relativos ao latim e tudo aquilo que diz respeito à formação da língua portuguesa são inúteis. Na verdade, são altamente relevantes, mas para outros fins, distintos dos de nossa disciplina. Por outro lado, feita uma constatação de ordem sincrônica, nada impede que a convicção a respeito do fato seja reforçada por informações de ordem diacrônica. Aliás, teremos oportunidade de fazer isso em situações diversas ao longo de nosso texto.

A segmentação dos elementos mórficos deve se pautar pela consciência do significado, pois, perdida essa consciência, o morfema também se descaracteriza. Segundo Saussure, o linguista que queira descrever um estado de língua "deve fazer *tabula rasa* de tudo quanto produziu e ignorar a diacronia" (1975 [1916], p. 97).

Vamos ilustrar esse princípio metodológico com alguns exemplos fornecidos por José Lemos Monteiro (2002, p. 67-75).

Na palavra **livreiro**, é fácil reconhecer a raiz [livr] e o sufixo [eir(o)], indicador de profissão, sem necessidade de recorrer ao latim. Isso é sincronia. Nesse caso, como em muitos outros, se a identificação dos morfemas for feita com base no latim, o resultado não será diferente. Há muitos vocábulos, no entanto, cuja segmentação não é tão simples e a adoção de critérios diacrônicos ao invés de critérios sincrônicos muda totalmente os resultados.

Vejamos, então, alguns desses vocábulos:

a) **companheiro** – como não há consciência de que deriva de **pão** (aquele que come do mesmo pão), sendo **com** um prefixo, o correto é considerar que a raiz é [companh].

b) **marquês** – em **português**, **francês** e outros vocábulos, ocorre o sufixo [es]. O mesmo não se pode dizer de **marquês**, em que não se percebe mais a existência do sufixo. Do mesmo modo, em **lembrete** há consciência do sufixo [ete], mas a consciência desse sufixo deixou de existir em **bilhete**.

c) **comer** – se adotarmos critérios diacrônicos, veremos que a atual raiz [com] foi outrora um prefixo, uma vez que proveio de **comedere**, cujos elementos constitutivos eram [com[ed]e]re]]. A raiz [ed] desapareceu completamente na evolução para o português, em razão da queda da consoante sonora intervocálica e da crase das vogais. Por essa razão, a atual raiz do verbo comer é o que antes foi prefixo.

Esse exemplo foi citado por Câmara Jr. (1972, p. 14), segundo quem "muitas vezes o conhecimento histórico, aplicado à análise sincrônica, a torna absurda".

d) **ovelha, abelha, agulha** – esses vocábulos eram, em certo período da evolução do latim ao português, **ovicula, apicula** e **acucula**, com sufixo diminutivo igual ao que ainda se constata em **homúnculo, gotícula, partícula** etc. Se nestes vocábulos ainda há a percepção dos sufixos diminutivos, o mesmo não se pode afirmar sobre aqueles, sendo incorretas segmentações como [ov] + [elh] + [a], [ab] +[elh] + [a], [ag] + [ulh] + [a].

e) **relógio, embora, fidalgo, almoxarife, Geraldo** – esses vocábulos eram compostos, originalmente. Todavia, já não existe mais a consciência dos elementos constitutivos originais, devendo os mesmos serem considerados vocábulos simples, isto é, formados por uma única raiz. Só o estudioso de gramática histórica e de etimologia sabe que tais vocábulos foram formados respectivamente por: hora + lógio, em + boa + hora, filho + de + algo, al + moxarife, gerr (guerra) + hard (forte). Casos assim muitas vezes representam empréstimos lexicais de línguas estrangeiras, como **coquetel, nocaute, futebol**, cujos significados originais se perderam totalmente.

f) **rival, sadio** – originalmente, essas formas derivam de **rio** (rivus) e de **são** (sannativu), também raiz de **sanar**. Sincronicamente, no entanto, quem sabe disso?

A perda da consciência do significado pode explicar, também, a existência de inúmeras construções redundantes ou paradoxais.

a) **biênio, triênio, quadriênio, quinquênio e decênio** – Em todos esses vocábulos, encontra-se o semantema da raiz de **ano**, embora modificada na forma, significando, respectivamente, **dois anos, três anos, quatro anos, cinco anos** e **dez anos**. Mas, em **anuênio**, há um emprego redundante (ano + ano), como se [ênio] fosse sufixo. Como se observa, em **anuênio** é impossível recuperar a consciência do significado original em [ênio]. Do mesmo modo, quem diria que em **solene** há um morfema correspondente a ano. Etimologicamente, **solene** se refere ao que acontece uma **só** vez no **ano**.

b) **biquíni** – a partir da falsa percepção de que **biquíni** significa duas peças de um certo vestuário, formou-se **monoquíni**. Ocorre que **biquíni** é metonímia do nome de um atol. Do mesmo modo, **bermudas** é metonímia de um topônimo.

c) **preferir** – as restrições normativas ao emprego dos advérbios **mais** ou **antes** subordinados a esse verbo respaldam-se na formação latina do verbo, no qual ocorre o prefixo [pre]. No latim, de **ferre** formou-se **praeferre**. Em português, no entanto, não se interpreta o verbo **preferir** como derivado de **ferir**, pois este não existe com o significado que convém ao caso.

d) **caligrafia** – Etimologicamente, significa **bela letra**. Mas o emprego de expressões como **caligrafia bonita** e **caligrafia horrível** evidencia a perda do significado primitivo. Do mesmo modo, **antídoto** quer dizer **contraveneno**. Por que, então, alguém diz algo como "precisa de um antídoto contra picadas de mosquitos"?

e) **me, te, se, nos, vos** – em certas formas latinas, a preposição cum (com) aparecia posposta: **mecum, tecum, secum** etc. Daí mego (migo), **tego** (tigo), **seco** (sigo). Posteriormente, o desaparecimento dessa percepção (posposição da conjunção com, originalmente *cum*), fez repeti-la no início: com + migo = **comigo**, com + tigo = **contigo** etc.

Conclui-se, desse modo, que uma descrição coerente dos morfemas não pode apenas se pautar em dados histórico-etimológicos. Convém lembrar, no entanto, que uma descrição exclusivamente sincrônica é difícil de levar às últimas consequências, uma vez que a consciência dos falantes nem sempre apresenta a precisão desejável. Por exemplo, se perguntarmos a alguns falantes de português de onde deriva a palavra **mesada**, não faltará que diga derivar de **mesa**, quando na realidade deriva de **mês**. Igualmente, há falantes que relacionam **pequinês** a *pequeno*, quando, de fato, diz respeito a uma raça de cães originária de Pequim. Se em **boiada** é fácil destacar o sufixo [ada], o mesmo não se pode dizer de **manada**. Se **bananeira** deriva de **banana**, **mangueira** de **manga**, **abacateiro** de **abacate**, pode-se dizer que **macaxeira** deriva de [**macax**]?

Considerando, então, que a aplicação do princípio da "consciência coletiva" nem sempre é adequada, como proceder? A alternativa é aplicar a comutação, mas essa alternativa também é, às vezes, questionável.

Os verbos **receber, perceber** e **conceber** correspondem a oposições na base da permuta dos elementos [re], [per] e [com], mas isso só faz sentido para o estudioso. Qual o significado dos elementos prefixais? Além disso, resta a dúvida em relação a **ceber**, que não existe na língua como forma livre.

Situação semelhante ocorre com os vocábulos **excluir** e **incluir**, de um lado, e **explodir** e **implodir**, de outro. Há, no entanto, uma diferença em relação aos primeiros. Nestes fica clara a oposição entre os prefixos [ex] e [in], mesmo que **cluir** e **plodir** não sejam formas livres.

Do mesmo modo, se em **pedreiro, jornaleiro, sapateiro** é possível separar o sufixo [eiro], o mesmo pode ser feito em **carpinteiro**, ainda que inexista a forma primitiva.

Segundo Monteiro (2002, p. 72), na segmentação dos elementos mórficos, devem ser consideradas as seguintes situações:

a) Os morfes são elementos facilmente destacáveis quando se opõem formalmente e têm significados transparentes, como em: **peixaria, livraria** ou **peixinho, livrinho.**

b) Quando é possível estabelecer oposições mórficas, mas falta a base semântica, como em **preferir, referir, proferir**, convém não destacar os morfemas, pois os elementos que sobram não têm livre curso na língua. Neste caso, os prefixos históricos são incorporados à raiz.

c) Quando não há uma palavra primitiva, mas os cognatos são facilmente reconhecidos com base em oposições mórficas, deve-se destacar o semantema. Em **emergir e imergir**, a raiz (radical primário) [merg] é facilmente identificada, sem que haja concretamente uma palavra primitiva.

Em resumo, pode-se concluir que certos problemas de análise morfológica decorrem do modo como se vê a realidade linguística. Se a gramática for rigidamente mecanicista, excluindo qualquer interferência do significado, será suficiente fazer operações contrastivas para fazer segmentações mórficas estruturalmente válidas. Todavia, se levarmos em conta a relação intrínseca e solidária entre forma e significado, os problemas de identificação de morfemas devem se pautar na consciência coletiva. Como essa segunda alternativa pode levar a mero impressionismo, talvez o melhor a fazer é adotar uma posição intermediária, conciliando, sempre que possível, a sincronia e a diacronia.

Resumo do capítulo:

- *Morfema* é uma unidade abstrata de sentido, representada por uma ou mais formas.
- A realização concreta de um morfema se denomina *morfe* e, quando há mais de um morfe para o mesmo morfema, ocorre *alomorfia*.
- *Alomorfes* são, portanto, as diversas realizações de um único morfema, ou vários morfes correlacionados quanto à forma e com o mesmo significado.
- Quando a ausência do morfe corresponde a um significado, tem-se *morfema zero*.
- *Morfes cumulativos* são unidades formais que representam simultaneamente dois morfemas. Em português, são cumulativas as chamadas desinências verbais modo-temporais (Exemplos:

viajá-**sse**-mos, resolve-**re**-mos) e número-pessoais (Exemplos: viajá-sse-**mos**, viaja-sse-**m**).

- Nos casos em que a oposição morfológica se faz pela permuta de dois fones, os morfes são alternantes, como em: **avô** ≠ **avó**. Em geral, os morfes alternantes são redundantes ou submorfêmicos, pois reforçam uma oposição morfológica formada por morfe aditivo, como em: porc**o** (ô) ≠ porc**a** (ó); famoso (ô) ≠ famosos (ó).
- A coincidência de formas (morfe homônimo) não significa que o morfema é o mesmo. Em (eu) **cant**-o, (o) **cant**-o (da ave) e (o) cant-o (da sala), por exemplo, o morfe é o mesmo, mas cada um deles representa uma morfema distinto.

Os morfemas classificam-se em:

- *Raiz* (R), que é o "elemento irredutível comum a todos os vocábulos da mesma família" (SAUSSURE, 1975, p. 216). Trata-se do morfema sobre o qual repousa a significação lexical básica. Também é conhecido por *radical primário, forma primitiva, semantema ou lexema*.
- *Radical* (Rd), que inclui a raiz e os elementos afixais que entram na formação dos vocábulos. O radical pode ser *primário, secundário, terciário* etc.
- *Vogal temática*, que é a vogal sem valor semântico posicionada logo após o radical. Nos nomes, é átona; nos verbos infinitivos, é tônica. As vogais temáticas são consideradas morfemas classificatórios, pois servem para distribuir os vocábulos em certos grupos, como é o caso das conjugações verbais.
- *Tema*, que é o conjunto formado por radical e vogal temática.
- *Morfemas derivacionais*, que são também conhecidos como afixos: se ocorrem antes da raiz, são prefixos; se ocorrem depois, são sufixos.
- *Morfemas categóricos*, que são os morfemas indicadores de gênero e número nos nomes e indicadores de modo e tempo e

número e pessoa nos verbos. Recebem este nome porque servem para expressar as categorias gramaticais.

- *Morfemas relacionais*, que são as preposições, as conjunções e os pronomes relativos.

Para segmentar adequadamente os vocábulos em morfemas, deve-se usar técnicas de comutação, que é a troca de um elemento no plano da expressão com vistas à alteração no plano do conteúdo.

Na segmentação dos morfemas e na análise mórfica, deve-se levar em conta que existe uma ordem hierárquica, isto é, o acréscimo de dois ou mais morfemas derivacionais não acontece simultaneamente, a não ser em casos excepcionais. Existe uma ordem a ser seguida.

Se a alomorfia é condicionada pelo contexto fonológico, tal mudança é morfofonêmica. Trata-se de uma mudança no sistema fonético-fonológico do vocábulo, com repercussão no sistema mórfico.

Por fim, lembramos que o modelo descritivo que adotamos privilegia o estado atual da língua portuguesa, em detrimento das explicações de ordem histórica. Todavia, isso não significa que em casos de necessidade não se possa valer de argumentos histórico-etimológicos.

Leia mais!

A Conceituação Clássica do Morfema. *In*: ROSA, Maria Carlota. *Introdução à morfologia*. São Paulo: Contexto, 2000. p. 43-66.

O Vocábulo Formal e a Análise Mórfica. *In*: CÂMARA JR., J. Mattoso. *A estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1972. p. 69-76.

Unidade B

Flexão Nominal e Verbal

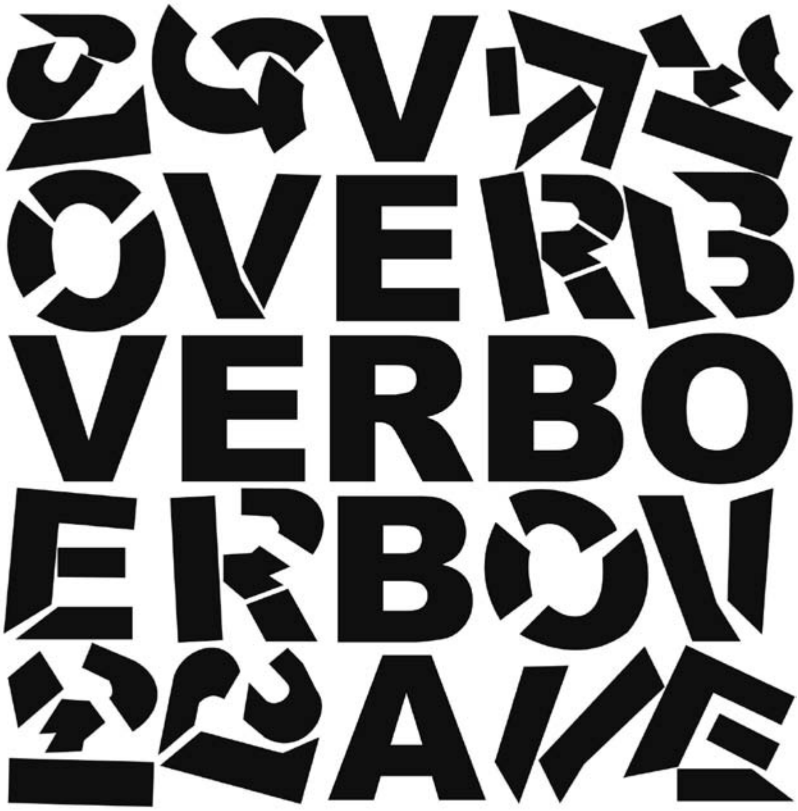
OVERB
VERBO
ERBOV

- *Verbo + Verba*, de Tchello d'Barros (2006)

3 Flexão Nominal

No capítulo II da Unidade A, estudamos os diferentes tipos de morfemas, as respectivas funções, a hierarquia e o ordenamento, entre outros aspectos relevantes na descrição e análise mórfica. Vamos agora focalizar uma característica específica dos nomes e pronomes, que é a flexão de gênero (masculino e feminino) e de número (singular e plural). Vamos demonstrar, também, que grau não é flexão.

3.1 Morfemas flexionais (desinências)

Já tivemos oportunidade de falar a respeito dos **morfemas flexionais,** ou simplesmente **desinências**. Esses morfemas constituem uma classe fechada, obrigatória, e se prestam para representar noções gramaticais de gênero, número, modo, tempo e pessoa. Como tal, podem ser listados exaustivamente.

Entre as classes de vocábulos que se submetem aos processos de flexão – por isso, considerados vocábulos variáveis – citam-se: de um lado, os **nomes** (substantivos, adjetivos, pronomes, artigos e numerais) e, de outro, os **verbos**.

As **desinências nominais** classificam-se em: **desinências de gênero** (masculino e feminino) e **desinências de número** (singular e plural).

As desinências verbais classificam-se em: desinências modo-temporais (tempo e modo do verbo) e desinências número-pessoais (número e pessoa da forma verbal).

Observe o seguinte esquema sinótico:

- Flexão
    - de nomes e pronomes
        - de gênero
            - masculino
            - feminino
        - de número
            - singular
            - plural
    - de verbos
        - de modo e tempo
        - de número e pessoa

No nível sintático, a flexão impõe normas de concordância, de tal modo que os vocábulos subordinados a um substantivo, por exemplo, devem com ele concordar em gênero e número. Combinado com um substantivo feminino plural só cabe um adjetivo, ou um artigo, ou um pronome adjetivo no feminino plural. Se o sujeito da oração estiver na terceira pessoa do plural, o verbo deverá obrigatoriamente flexionar-se na terceira pessoa do plural.

Ao contrário do que ocorre nos processos de formação de novos vocábulos, nos quais os falantes têm a liberdade de utilizar prefixos ou sufixos, no sistema flexional da língua há imposições gramaticais, sem opção de inovação ou criação.

Neste capítulo, trataremos em particular da flexão dos nomes, que se desdobra em flexão de gênero e flexão de número, e da flexão dos verbos, que se desdobra em flexão de modo e tempo e de pessoa e número.

3.2 Estrutura mórfica dos nomes

O nome às vezes é formado por um único morfema: o radical primário ou raiz. Esse radical, no entanto, pode ser ampliado por meio de morfemas derivacionais (prefixos e sufixos) e morfemas flexionais (desinências de gênero e de número). Além disso, podem ocorrer vogais temáticas e vogais de ligação.

Levando isso em consideração, observemos a estrutura mórfica dos nomes abaixo:

NOME	SD	RAIZ	VL	SD	SD	VT	DG	DN
1. anzol		anzol						
2. folhetins		folh-		-et-	-in-			-s
3. ele		el-				-e		
4. elas		el-					-a-	-s
5. finalzinho		fim-		-al-	-zinh-	-o		
6. desatualizados	des-	-atual-		-iz-	-ad-	-o-		-s
7. atualizada		atual-		-iz-	-ad-		-a	
8. afinadíssimos	a-	-fin-		-ad-	-íssim-	-o-		-s
9. florezinhas		flor-	-e-	-zinh-		-a-		-s
10. terceiro		terc-		-eir-		-o		

Em princípio, podemos dizer que os **nomes** caracterizam-se morficamente pela possibilidade de apresentar desinências de gênero e de número, o que é próprio dos **substantivos** e **adjetivos** (verdadeiros nomes), uma vez que pronomes, artigos e numerais ora são substantivos, ora são adjetivos, de acordo com o sentido e a função que exercem na estrutura sintagmática (ou frasal). Por outro lado, devemos considerar que qualquer palavra pode substantivar-se e, como tal, submeter-se aos processos flexionais e mesmo derivacionais específicos dos nomes, como: **os sins, os nãos, os prós, os contras, o fazer, uma mãozinha, agorinha, um quezinho, um ai, euzinha** etc.

Trataremos oportunamente da classificação dos vocábulos, com base em critérios mórficos, sintáticos e semânticos.

Também devemos observar que nem todo nome possui as subcategorias de gênero e número. Estruturalmente, só existe flexão se uma categoria se opuser a outras. Assim, uma palavra só pode apresentar a marca de feminino, isto é, a desinência [a], se existir uma forma masculina correspondente. Do mesmo modo, não há desinência de plural [s] se não houver a forma correspondente no singular.

3.3 Flexão e grau

A Nomenclatura Gramatical Brasileira afirma que os nomes (substantivos e adjetivos), além de flexionarem-se em gênero e número, também se flexionam em grau. Trata-se, a rigor, de um equívoco, pois os graus aumentativos e diminutivos dos substantivos, quando realizados através de sufixos, caracterizam-se como processos morfológicos derivacionais (**carrão, carrinho; bolão, bolinha**) e, quando realizados por meio de adjetivos **grande e pequeno**, caracterizam-se como processos sintáticos. Igualmente os adjetivos, que se submetem aos graus comparativo e superlativo, o fazem através de processos morfológicos derivacionais ou por meio de expedientes de natureza sintática.

Instituída pela Portaria nº 36, de 28-01-1959, do Ministério da Educação e Cultura. Esse documento encontra-se disponível nas páginas iniciais do *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, publicado pela Editora Nova Fronteira.

Exemplos:

- **Espertinho** (diminutivo)
- **Espertalhão** (aumentativo)
- Tão **esperto** quanto (comparação de igualdade)
- Mais **esperto** do que (comparação de superioridade)
- Menos **esperto** do que (comparação de inferioridade)

- **Espertíssimo** (superlativo)

Como se vê, o grau não se submete ao caráter obrigatório e sistemático próprio do mecanismo flexional. Além disso, como afirma Monteiro (2002, p. 81), existem diversas outras possibilidades de formação do grau superlativo, entre as quais:

a) **Repetição do adjetivo**: "Foi lindo, lindo, lindo!" (= lindíssimo);

b) **Uso de formas aumentativas**: "Que rapaz bonitão!" (bonitíssimo);

c) **Uso de formas diminutivas**: "Ele é o queridinho da mamãe." (= queridíssimo);

d) **Emprego de prefixos [super], [hiper], [ultra]** etc.: "Meu computador é hiper-rápido." (= rapidíssimo);

e) **Breves comparações**: "Grosso como porca de patrola." (= muito grosso);

f) **Expressões idiomáticas**: "Ela é linda de morrer!" (= lindíssima).

Por outro lado, devemos considerar que a formação do grau não se submete a qualquer vínculo de concordância entre adjetivos e substantivos. Em *moço educadíssimo*, o substantivo *moço* não apresenta qualquer marcação de grau. Do mesmo modo, podemos dizer **boneca lindíssima** ou **bonequinha linda**, ou seja, não existe obrigatoriedade de dizer **bonequinha lindíssima**.

Em resumo, "a expressão do grau não é um processo flexional em português, porque não é um mecanismo obrigatório e coerente, e não estabelece paradigmas exaustivos e de termos exclusivos entre si" (CÂMARA JR., 1979, p. 83).

Para finalizar essa questão, convém lembrar que os gramáticos que falam em *flexão de grau* encontram problemas em classificar os advérbios como palavra variável ou invariável, pois, a exemplo do adjetivo, têm os graus comparativo e superlativo. Ora, quando se considera que o grau não é flexão, tal problema deixa de existir, e o advérbio continua sendo invariável.

3.4 Flexão de gênero

Tradicionalmente, as gramáticas abordam com certa superficialidade a questão de gênero, limitando-se a afirmar que, em português, há dois gêneros (masculino e feminino) e fazendo certa confusão entre gênero e sexo.

Em vista disso, é preciso fazer alguns esclarecimentos prévios.

3.4.1 O que significa gênero

Para começar, gênero significa bem mais do que sexo. Trata-se de uma noção gramatical que se atribui a todos os substantivos, que são ou masculinos ou femininos, independentemente de se referirem a seres sexuados ou não. Assim é que **lápis, computador, relógio, cabelo, assoalho** são masculinos mesmo não tendo sexo; e, ao contrário, nas mesmas condições, **caneta, cebola, viola, maré, água** são femininos.

Isso quer dizer que ser masculino ou feminino é, para a maioria dos nomes, uma imposição gramatical que não interfere no significado. Tanto isso é verdade que, ao longo do tempo, certos substantivos mudaram de gênero, como é o caso de **carvalho** que, em latim, era feminino, e de **cor** e **honra** que, em latim, eram masculinos. Os neutros latinos passaram ao português ora como masculinos, ora como femininos.

Também há substantivos que, no português atual, têm gênero vacilante: **o/a soja, o/a cal, o/a chaminé, o/a dinamite, o/a cólera, o/a diabete, o/a grama, o/a champanhe (champanha), o/a ioga** etc. Pouco importa a imposição normativa, pois o uso é indiferente às preocupações dogmáticas, oscilando entre uma e outra alternativa conforme a região, o grupo social, o nível de escolaridade etc. Quem decide o uso são os falantes.

Outros substantivos são indiferentes quanto ao gênero, ou melhor, podem ser usados como masculinos ou femininos, sem haver flexão: **o/a analista, o/a personagem, o/a sentinela** etc. Nesses casos, a oposição de gênero se manifesta através da concordância. Há, ainda, os substantivos de gênero único, que designam tanto os seres do sexo masculino, quanto os do sexo feminino, não ocorrendo nem a flexão, nem a concordância: **a onça, o jacaré, a cobra** etc.

Acrescente-se, ainda, o fato de certos substantivos femininos mudarem para o gênero masculino quando empregados no grau aumentativo: **casarão, salão, facão**, entre outros. Isso ocorre, inclusive, com nomes que se referem a seres do sexo feminino: **mulherão, potrancão, cobrão** etc.

Existe um grupo de substantivos para os quais o gênero, indicado pela concordância, representa carga semântica, muda o significado, mas ainda sem se referir ao sexo. Nesses casos, em geral, o masculino tem uma aplicação mais genérica, e o feminino tem uma aplicação mais específica.

o braço	a braça
o cabeça	a cabeça
o capital	a capital
o porto	a porta
o chinelo	a chinela
o bolso	a bolsa
o ovo	a ova
o lotação	a lotação
o lenho	a lenha
o rádio	a rádio
o sapato	a sapata
o espinho	a espinha
o cinto	a cinta
o barco	a barca

As alterações de significado provocadas pela alteração de gênero vão além do interesse mórfico-descritivo, prestando-se, pois, para aprofundamentos de caráter semântico.

Por fim, há os substantivos que apresentam oposição de gênero com base em motivações de ordem sexual, pois se referem a seres do reino animal, como: **lobo ≠ loba, cachorro ≠ cachorra, gato ≠ gata** etc. Somente nesses casos devemos falar em **flexão de gênero**. Quando os indivíduos de sexos diferentes são representados por heterônimos, com **homem ≠ mulher, cavalo ≠ égua, boi ≠ vaca**, não ocorre flexão. Isso quer dizer que **mulher** não é o feminino de **homem**, mas tão somente um substantivo que tem a propriedade privativa de se referir às pessoas do sexo feminino.

Em resumo: gênero é classificação gramatical obrigatória para todos os substantivos; para muitos substantivos, o gênero não tem qualquer valor semântico, cumprindo apenas o preceito gramatical obrigatório; para outros substantivos, o gênero repercute na significação, de forma variada e imprevisível; e, finalmente, em certos substantivos pertinentes aos seres sexuados, o gênero apresenta relação com o sexo.

Já se disse que todos os nomes têm gênero, porém nem todos se flexionam em gênero. Com base na descrição de gênero que acabamos de apresentar, os nomes, diferentemente do que sugere a NGB e as gramáticas escolares, se distribuem em três grupos (CÂMARA JR., 1979, p. 92):

1) **nomes substantivos de gênero único**: (a) flor, (o) livro, (o) carro, (a) mão, (a) lua, (o) avião, (o) cônjuge, (a) cobra, (o) jacaré etc.

2) **nomes substantivos de dois gêneros sem flexão**: (o, a) artista, (o, a) personagem, (o, a) mártir, (o, a) diplomata, (o, a) aprendiz etc.

3) **nomes substantivos de dois gêneros com flexão**: (o) menino, (a) menina; (o) doutor, (a) doutora; (o) peru, (a) perua etc.

A determinação de gênero se faz, na maioria dos casos, pela concordância que se impõe aos determinantes (adjetivo, pronome adjetivo, numeral ou principalmente artigo). Secundariamente, e somente para os nomes substantivos do terceiro grupo, a determinação do gênero se faz pela flexão, com adição da desinência [a] para o feminino. Nesses casos, a desinência e a concordância tornam-se redundantes na função de explicitar o gênero.

Dito isso, cabe esclarecer que a classificação da NGB em i) *comuns de dois gêneros*, ii) *sobrecomuns* e iii) *epicenos pouco contribui para o assunto*. Na verdade, não são casos de flexão. Os primeiros pertencem ao grupo 2 anteriormente exposto; os outros incluem-se entre os do grupo 1, com a ressalva de que os sobrecomuns referem-se a homens e mulheres, e os epicenos a animais.

Além da concordância e da flexão, o gênero dos nomes pode ser determinado pela heteronímia, pela derivação sufixal e pela alomorfia no radical.

A heteronímia consiste em expressar o gênero-sexo através de vocábulos distintos.

Exemplos:

- pai –mãe
- homem – mulher
- genro – nora
- cão – cadela
- carneiro – ovelha
- zangão – abelha

Como você pode ver, esses heterônimos não são aparentados morfologicamente, isto é, não têm o mesmo semantema, nem são derivados uns dos outros.

Por outro lado, há certas oposições de gênero-sexo em que, além da desinência de feminino, ocorre um sufixo derivacional.

Exemplos:

- cônsul – consulesa
- galo – galinha
- profeta – profetisa
- herói – heroína
- czar – czarina

A alomorfia no radical também pode reforçar a oposição de gênero-sexo.

Exemplos:

- europeu – europeia
- teu – tua
- judeu – judia
- plebeu – plebeia
- ilhéu – ilhoa
- leão – leoa

3.4.2 A descrição do gênero

Na descrição do gênero, as formas masculinas são consideradas não marcadas, como acontece também com a maior parte dos nomes femininos. Somente os nomes aos quais se adiciona a desinência [a] para o feminino, estabelecendo uma oposição privativa com a forma correspondente masculina, são marcados quanto ao gênero. Por exemplo: **pata** em oposição a **pato**, **viúva** em oposição a **viúvo** etc.

"Há dois tipos de oposição na estrutura da língua: a *privativa* (ou *contraditória*) e a *equipolente* (ou *polar*). Oposição privativa é aquela em que a marca se opõe à ausência de marca numa forma correspondente. Em **bonito** ≠ **bonitos** há oposição privativa porque o [s] marca o plural em oposição ao vazio [Ø] no singular. A oposição equipolente é a que ocorre entre formas que apresentam marcas distintas, sem que nenhuma delas esteja ausente. Em **viverei** ≠ **viveremos**, o [mos] se opõe a [i] equipolentemente, uma vez que ambas as desinências estão presentes" (MONTEIRO, 2002, p. 80).

Lembre-se de que as vogais átonas finais, com exceção da desinência [a] indicadora do gênero feminino, são vogais temáticas, conforme se viu no tópico referente a esse assunto.

O esquema básico na descrição da estrutura flexional de gênero é, portanto, o acréscimo da DG (desinência de gênero). Se ocorrerem outras alterações formais, além da adição da desinência de feminino, são mudanças morfofonêmicas secundárias, em geral condicionadas fonologicamente. Há casos, no entanto, nos quais a oposição de gênero não se faz por flexão, mas através da heteronímia, o que se constitui em oposição equipolente, como explicamos alhures.

Para melhor explicitar as diferentes situações, apresentamos, com base em Zanotto (1986), onze esquemas descritivos. São eles:

Esquema 1:

R + DG (radical, mais desinência de gênero).

Refere-se aos nomes atemáticos. Exemplos: **autor** ≠ **autor-a, juiz** ≠ **juíz-a, peru** ≠ **peru-a, chinês** ≠ **chines-a, espanhol** ≠ **espanhol-a** etc.

Esquema 2:

R – VT + DG (radical, menos vogal temática, mais desinência de gênero).

Refere-se aos nomes temáticos. Neste caso, havendo acréscimo da desinência [a], a vogal temática é suprimida. Exemplos: **gato** ≠ **gat-a, nosso** ≠ **noss-a, aluno** ≠ **alun-a, mestre** ≠ **mestr-a, oitavo** ≠ **oitav-a, justo** ≠ **just-a** etc.

Esquema 3:

R – VT + DG + alternância vocálica (radical, menos vogal temática, mais desinência de gênero, mais alternância vocálica).

A alternância ocorre entre vogais fechadas e abertas. Trata-se de flexão interna submorfêmica. Exemplos: **sogro** ≠ **sogr-a, novo** ≠ **nov-a, famoso** ≠ **famos-a, este** ≠ **esta, ele** ≠ **el-a, horto** ≠ **hort-a, porco** ≠ **porc-a** etc.

Em **avô** ≠ **avó**, a alternância é morfêmica, pois é o único traço distintivo entre as duas formas.

Esquema 4:

R – VT + alternância /ê/ → /é/ + ditongação /é/ → /éy/ + DG (radical, menos vogal temática, mais troca da vogal do radical /ê/ pela vogal /é/, mais acréscimo da vogal /i/ no radical, mais desinência de gênero feminino).

Além da alternância vocálica submorfêmica, ocorre um alargamento (formação do ditongo [éi]). Exemplos: **ateu** ≠ **atei-a** (ateu → ateu-a → ate-a → ateia), **plebeu** ≠ **plebei-a, europeu** ≠ **europei-a, pigmeu** ≠ **pigmei-a** etc.

Esquema 5:

R – VT + alomorfia na raiz + DG (radical, menos vogal temática, mais alomorfia na raiz, mais desinência de gênero feminino).

A alomorfia na raiz ou em outros morfemas do radical funciona como um traço redundante na distinção entre gênero masculino e feminino. Exemplos: **judeu** ≠ **judi-a, ilhéu** ≠ **ilho-a, sandeu** ≠ **sandi-a, teu** ≠ **tu-a, frade** ≠ **freir-a, meu** ≠ **minh-a** etc.

Esquema 6:

R – VT + SD + DG (radical, menos vogal temática, mais sufixo derivacional, mais desinência de gênero).

Tratam-se de nomes temáticos em cujas formas femininas correspondentes, além da desinência de gênero, se adiciona um sufixo derivacional. Exemplos: **galo** ≠ **galinh-a, poeta** ≠ **poetis-a, duque** ≠ **duques-a, herói** ≠ **heroín-a, diácono** ≠ **diaconis-a, príncipe** ≠ **princes-a** etc.

A rigor, sincronicamente, o valor semântico de tais sufixos derivacionais se esvaziou completamente, razão por que julgamos ser mais apropriado não segmentá-los, tratando-os como alomorfes. Dessa forma, [**rainh**], [**abadess**] e [**profetis**] seriam, respectivamente, alomorfes de [**re**], [**abad**] e [**profet**].

Esquema 7:

R + SD + DG (radical, mais sufixo derivacional, mais desinência de gênero).

Tratam-se de nomes atemáticos. Exemplos: **cônsul** ≠ **consules-a, czar** ≠ **czarin-a, prior** ≠ **priores-a** etc.

Esquema 8:

R – VT + DG + crase (radical, menos vogal temática, mais desinência de gênero, mais crase).

Trata-se da subtração do morfema flexional de gênero em virtude de um condicionamento fonético-fonológico. Exemplos: **anão ≠ anã** (anão → anão-a → anã-a ≠ anã), **irmão ≠ irmã, órfão ≠ órfã, ermitão ≠ ermitã** etc.

Além desses casos de subtração, citam-se **réu ≠ ré**, **mau ≠ má**, embora não se enquadrem no mesmo esquema.

Esquema 9:

R – VT + alternância da vogal nasal /ã/ → /õ/ + desnasalização da vogal /õ/ + DG (radical, menos vogal temática, mais alternância da vogal nasal /ã/ em /õ/, mais desnasalização da vogal /õ/, mais desinência de gênero).

Ocorre com alguns nomes terminados pelo ditongo /ão/. Exemplos: **leão ≠ leo-a** (leão → *leon → leona → leõa → leoa), **leitão ≠ leito-a** etc.

Esquema 10:

R – VT + alternância da vogal nasal /ã/ → /õ + DG (radical, menos vogal temática, mais alternância da vogal nasal /ã/ em /õ/, mais desinência de gênero).

Ocorre com nomes terminados em /ão/ quando este corresponde a um sufixo aumentativo. Exemplos: **valentão ≠ valenton-a** (valentão → *valenton → valentona), **chorão ≠ choron-a, solteirão ≠ solteiron-a, sabichão ≠ sabichon-a** etc.

Esquema 11:

R – SD + SD (radical, mais troca de um sufixo derivacional por outro).

Exemplos: **at-or ≠ at-riz, imper(a)-dor ≠ imper(a)-triz, embaix(a)-dor ≠ embaix(a)-triz** etc.

Cabe ainda observar que certos substantivos masculinos não têm, em termos morfológicos, correspondentes femininos, embora se prestem para designar seres sexuados. Como inexistem na língua formas correspondentes no feminino para **homem, genro, cavalo**, usamos outra palavra (respectivamente, **mulher, nora e égua**) que possa suprir essa lacuna. Trata-se de um processo supletivo (ou heteronímico), segundo o qual uma forma supre a inexistência da outra.

3.5 Flexão de número

O número é uma noção gramatical que distingue um elemento (singular) e mais de um elemento (plural). Há, no entanto, certas situações na língua nas quais a realidade não é tão cristalina quanto parece à primeira vista. Vejamos:

3.5.1 O significado do número

Além da oposição simples entre singular (um só elemento) e plural (mais de um elemento), devemos distinguir outros casos.

a) Certos substantivos no plural não significam mais de uma unidade da referida espécie. Isso quer dizer que o plural é meramente gramatical, sem oposição de sentido. Exemplos: **os óculos, as calças, as trevas, os anais, os afazeres, as alvíssaras, as bodas** etc.

b) Outros substantivos mudam de significado quando se flexionam no plural. Pode-se afirmar, nesses casos, que o morfema de plural [s] acumula a função de morfema derivativo. Exemplos: **a honra** → **as honras, o bem** → **os bens, a féria** → **as férias** etc.

c) Há, ainda, os substantivos coletivos, que, embora morfologicamente no singular, expressam ideia de mais de um elemento, induzindo, às vezes, à concordância no plural, que se caracteriza como concordância ideológica, ou silepse de número.

Resta observar, quanto ao significado do número, que nos adjetivos, artigos, pronomes adjetivos e numerais (e mesmo no verbo), o número resulta da obrigação gramatical de o determinante concordar com o determinado: os adjuntos adnominais concordam com o substantivo e o verbo concorda com o sujeito.

3.5.2 A determinação do número

A flexão de número nos nomes variáveis (substantivos, adjetivos, pronomes, artigos e numerais) é determinada pela oposição, na qual a presença do morfema de plural [s] se opõe à ausência de morfema [Ø] no singular.

O morfema [s] de plural tem diferentes realizações fonéticas, entre as quais: /s/ em "aula[s]", /z/ em "aula[s] alegres", /ʃ/ [que se pronuncia como se fosse ch] em "aula[s] críticas".

Essa simplicidade descritiva do número só é quebrada por dois fatores, a saber:

a) ocorrência de morfema de plural [Ø] em nomes terminados em /s/, exceto se oxítonos. Exemplos:

- o lápis → os lápis
- o pires → os pires
- o cais → os cais
- o ônibus → os ônibus
- o xis → os xis
- o tórax → os tórax
- o ourives → os ourives

O /s/ final desses substantivos, bem como o /s/ final do adjetivo *simples*, não constitui um morfema. O plural, nesses casos, é marcado por recursos sintáticos, em que os determinantes se pluralizam. Em *os lápis pretos*, nos determinantes *os* e *pretos* ocorre morfema de plural [s]. Nesse caso, pode-se afirmar que *lápis* está no plural, mas só porque isso é marcado pelos determinantes, e não pelo/s/ final de *lápis*.

Em *problemas simples*, a pluralização do adjetivo *simples* é indicada pela pluralização do substantivo.

b) O segundo complicador da descrição mórfica de número é a ocorrência de mudanças morfofonêmicas simultâneas à pluralização, como em: **limão → limões, barril → barris, vez → vezes** etc. Essas mudanças são mais bem descritas no tópico 3.5.3, sobre descrição do número, a seguir.

3.5.3 A descrição do número

Esquema 1:

R (T) + DN (radical, mais desinência de número).

a) Após o radical, para vocábulos atemáticos: **guri-s, peru-s, café-s, gambá-s** etc.

b) Após o tema, para vocábulos temáticos: **sapo-s, dente-s, nosso-s, ostra-s** etc.

Esquema 2:

R – VT + DG + DN (radical, menos vogal temática, mais desinência de gênero, mais desinência de número).

Refere-se aos nomes temáticos. Neste caso, havendo acréscimo da desinência [a], a vogal temática é suprimida. Exemplos: **garota-s, aquela-s, esta-s, oitava-s, indireta-s** etc.

Esquema 3:

R + VT + DN (radical, mais vogal temática, mais desinência de número).

Ocorre com os nomes terminados pelas consoantes /l/, /s/, /r/ e /z/. Exemplos: **mal** → **males, mês** → **meses, mar** → **mares, algoz** → **algozes** etc.

Esquema 4:

T (R + VT) + DN + alomorfia da raiz + alomorfia da vogal temática (tema, mais desinência de número, alomorfia da raiz representada pela supressão do fonema /l/, mais mudança da vogal temática /e/ para /i/): ***animale** → **animales** → **animaes** → **animais**.

Ocorre com os nomes terminados em /al/, /el/, /ol/ e /ul/, que têm um tema teórico em *lê, tais como: bananal (*bananale), anel (*anele), anzol (*anzole), azul (*azule). Exemplos: **capital** → **capitai-s, final** → **finais, coronel** → **coronéis, anel** → **anéis, farol** → **faróis, anzol** → **anzóis, azul** → **azuis, paul** → **pauis** etc.

Esquema 5:

T (R + VT) + DN + alomorfia da raiz + alomorfia da raiz + alomorfia da vogal temática (tema, mais desinência de número, alomorfia da raiz representada pela supressão do fonema /l/, mais alomorfia da raiz representada pela alteração da vogal /i/ em /e/, mais alomorfia da vogal temática /e/ para /i/): ***facile** → **faciles** → **fácies** → **facees** → **fáceis**.

Ocorre com os nomes terminados em /il/, sendo /i/ uma vogal átona. Exemplos: **útil** → **úteis, fóssil** → **fésseis, ágil** → **ágeis, contábil** → **contábeis, provável** → **prováveis** etc.

Esquema 6:

T (R + VT) + DN + alomorfia da raiz + crase (tema, mais alomorfia da raiz representada pela supressão do /l/, mais alomorfia da vogal temática, mais crase): ***barrile** → **barriles** → **barries** → **barriis** → **barris**.

Ocorre com os nomes terminados em /il/, sendo /i/ uma vogal tônica. Exemplos: **funil** → **funis, estudantil** → **estudantis, hostil** → **hostis** etc.

Esquema 7:

T (R + VT) + DN + alomorfia da raiz + alomorfia da vogal temática (tema, mais desinência de número, mais alomorfia da raiz representada pela troca de /ã/ por /õ/, mais alomorfia da vogal temática /o/ para /e/.)

Ocorre com a maioria dos nomes terminados em "ão". Exemplos: **fogão** → **fogões, leitão** → **leitões, ladrão** → **ladrões, sapatão** → **sapatões, feijão** → **feijões** etc.

Esquema 8:

T (R + VT) + DN + alomorfia da vogal temática (tema, mais desinência de número, mais alomorfia da vogal temática /o/ para /e/.)

Ocorre com alguns nomes terminados em "ão". Exemplos: **pão** → **pães, cão** → **cães, alemão** → **alemães, capitão** → **capitães** etc.

Os nomes em "ão" que não se incluem nos esquemas 7 e 8 descrevem-se de acordo com os nomes do esquema 1.

3.6 Estrutura pronominal

Quanto à estrutura morfológica, nomes e pronomes são muito semelhantes. Sendo assim, pronomes flexionam-se em gênero (**ele** → **ela, teu** → **tua, nosso** → **nossa, algum** → **alguma, aquele** → **aquela** etc.) e em número (**você** → **vocês, minha** → **minhas, este** → **estes, qual** → **quais** etc.), podendo ser descritos de acordo com os mesmos esquemas. Às vezes, do mesmo modo que nos nomes, além da desinência que marca o gênero ou o número, podem ocorrer alomorfias na raiz, representadas da seguinte maneira:

a) **Na formação do feminino:**

- elisão da vogal temática e alternância vocálica redundante: **ele + a** = **elea** → **ela** (/ê/ ~ /é/);
- alomorfia na raiz: **teu** → **tua, seu** → **sua, meu** → **minha**.

b) **Na formação do plural:**

- simples acréscimo da desinência: **ele** → **eles, nosso** → **nossos**;
- acréscimo de vogal temática, acréscimo de desinência e síncope (supressão) da consoante /l/ intervocálica: **qual** – * **quale** → **quales** → **quaes** → **quais**.

Também cabe observar que certos pronomes não apresentam flexão (**outrem, que, quem, se, alguém, ninguém** etc.); em outros, a indicação de plural se faz por meio de formas supletivas: **eu** ≠ **nós, tu** ≠ **vós, me** ≠ **nos** etc.

3.6.1 Categorias pronominais

Se em tudo o que se disse até aqui nada difere os pronomes dos nomes, precisamos explicitar em que eles se diferenciam. Primeiramente, observamos que, diferentemente dos nomes, os pronomes não se submetem aos processos derivacionais, ou seja, aos pronomes não se pode adicionar prefixos e sufixos. Dito de outra forma, os pronomes são sempre constituídos de um morfema básico, primário. Além disso, de acordo com Monteiro (2002, p. 94), os pronomes podem ser distribuídos em três categorias inexistentes para os nomes, a saber:

a) gênero neutro

A oposição às formas do masculino e feminino se faz mediante flexão interna, representada pela alternância vocálica:

Neutro	Masculino	Feminino
isto	este(s)	esta(s)
isso	esse(s)	essa(s)
aquilo	aquele(s)	aquela(s)
tudo	todo(s)	toda(s)

b) caso

Segundo a função que exercem na frase, os pronomes podem ser retos (quando exercem a função de sujeito ou predicativo) ou oblíquos (quando exercem outras funções, como, por exemplo, as de **complemento verbal** e de **adjunto adnominal**). Nesses casos, a oposição pode se realizar mediante processos supletivos:

	PRONOMES	
Retos	**Oblíquos átonos**	**Oblíquos tônicos**
eu	me	mim, (com)igo
tu	te	ti, (com)tigo
nós	nos	nós, (com)vosco
vós	vos	vós, (com)vosco
ele(s), ela(s)	se, o(s), a(s), lo(s), la(s), no(s), na(s)	si, (com)sigo, lhe(s), ele(s), ela(s)

No português atual, especialmente na fala, inclusive na considerada culta, o paradigma dos pronomes pessoais está passando por um processo de mudança relevante, caracterizado, entre outros aspectos, pela alternância de **tu** e **você** no singular e substituição de **vós** por **vocês**. Além disso, o pronome **nós** alterna-se com a forma **a gente**. Essas mudanças trazem reflexos nos paradigmas dos pronomes oblíquos e na flexão dos verbos. **Você** e **vocês**, por exemplo, são pronomes de segunda pessoa, indicando a pessoa com quem se fala, mas a concordância de pronomes oblíquos e de verbos se faz com formas da terceira pessoa; **a gente**, por sua vez, quando na função de pronome, corresponde à primeira pessoa, pois indica a pessoa que fala, mas a concordância também se faz na terceira pessoa. Em resumo, têm-se realizações como: **eu me explico, tu te explicas, você se explica, a gente se explica, nós nos explicamos, vocês se explicam, eles se explicam**. E, em certos registros, **tu se explica, nós se explicamos, nós se explica**. As alterações no sistema pronominal de sujeito coocorrem com alterações no sistema flexional do verbo e no emprego de pronomes relativos e possessivos.

c) **pessoa**

As pessoas gramaticais são três: o falante (primeira pessoa), o ouvinte (segunda pessoa) e o assunto (terceira pessoa). As oposições entre as diferentes pessoas se efetivam mediante radicais distintos.

3.6.2 Significado dêitico

Além dessas três características típicas dos pronomes, devemos considerar que os pronomes e os nomes se diferenciam quanto à natureza semântica. "Os pronomes, ao contrário dos nomes, têm uma natureza ou função indicativa" (MONTEIRO, 2002, p. 96) e, por isso, são chamados **dêiticos**. Por exemplo, o referente do pronome *eu* muda conforme a situação de interação. O **eu** é a pessoa que fala, que está com o turno de fala. Assim, quem é **tu**, porque está na posição de escuta, torna-se **eu** quando toma a palavra.

Os pronomes demonstrativos têm o seguinte uso básico: **isto, este(s) e esta(s)** indicam coisas que estão próximas do falante; **isso, esse(s) e essa(s)**, coisas que estão próximas do ouvinte; **aquilo, aquele(s) e aquelas(s)**, coisas sobre as quais se está falando. O mesmo vale para certos advérbios, como **aqui, aí, lá** etc. O **aqui**, usado pelo falante, indica um lugar ao qual o ouvinte se refere como **aí**. É por isso que esses advérbios são classificados como **advérbios pronominais**.

Além do significado dêitico, os pronomes têm a função de retomar (indicar) algo que já foi dito (anáfora), ou ainda vai ser dito (catáfora), num determinado contexto.

Exemplos de indicação **anafórica**:

- **O governador** sequer mencionou a questão. Ele foi omisso.
- Moro em **Florianópolis**. Aqui há lindas praias.
- Li um **livro** que nunca foi citado na aula de Literatura Brasileira I.
- Já estou morando na **casa** nova. Levei dois anos para construí-la.

Exemplos de indicação **catafórica**:

- Esta é minha última proposta: **quinhentos e cinquenta reais por mês**.
- Em Grão-Pará, sucedeu algo muito estranho: **violaram um túmulo e cortaram a cabeça do cadáver**.
- Escuta isso: **mil reais não são dez**.

3.6.3 Pronomes substantivos e pronomes adjetivos

Por fim, resta observar que os pronomes, assim como os nomes, funcionam como substantivos ou adjetivos. No entanto, diferentemente dos nomes, que não distinguem as duas funções com base na estrutura mórfica, os pronomes têm formas substantivas e adjetivas que possibilitam esquemas opositivos. Vejamos como se processa essa correspondência:

PRONOMES	
Substantivos	**Adjetivos**
eu	meu
tu	teu
ele(s), ela(s)	dele
nós	nosso
vós	vosso
isto	este
isso	esse
aquilo	aquele

alguém	algum
ninguém	nenhum
outrem	outro
quem	qual
tudo	todo

Resumo do capítulo

- A flexão dos pronomes se realiza do mesmo modo que a flexão dos nomes.
- Os pronomes, ao contrário dos nomes, não se submetem aos processos derivacionais.
- Nos pronomes, há três categorias inexistentes nos nomes: gênero neutro, caso e pessoa.
- Os nomes representam as coisas e ideias (são símbolos), os pronomes apenas indicam a situação espacial (são sinais).
- Além da significação dêitica (indicar no tempo e no espaço), os pronomes podem se referir ao que já foi dito (anáfora) e ao que vai ser dito (catáfora).
- Os pronomes possibilitam esquemas opositivos entre formas substantivas (pronomes substantivos) e formas adjetivas (pronomes adjetivos).

Leia mais!

O Nome e suas Flexões. *In*: CÂMARA Jr, Joaquim M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1979. p. 87-96.

Pessoa e Número, de José Lemos Monteiro. Disponível em: <http://www.geocities.com/jolemos.geo/>. Acesso em: 29 maio 2008.

4 Flexão Verbal

Na língua portuguesa, não são apenas os nomes e pronomes que se submetem a processos de flexão. Verbos também se flexionam. Neste caso, as desinências servem para indicar o modo, tempo, número e pessoa. Vamos ver como isso acontece?

Primeiramente, veremos estruturas verbais que pertencem aos paradigmas mais gerais e padronizados, isto é, os verbos ditos regulares; depois, cuidaremos dos verbos que desviam do padrão geral. Para isso, apresentaremos um método de análise que visa a facilitar a flexão e a análise estrutural desses verbos. Veremos, então, que os verbos irregulares seguem paradigmas que, de certo modo, são também regulares, embora menos produtivos, no sentido de que existe um número menor de verbos que se flexionam dessa maneira.

4.1 Estrutura verbal

Os verbos formam uma classe rica em possibilidades flexionais, pois as oposições entre tempos e modos referem-se a, pelo menos, treze tempos verbais, distribuídos nos modos indicativo e subjuntivo e formas nominais, e, entre categorias de número e pessoa, referem-se a três pessoas no singular e três pessoas no plural.

Não incluímos os tempos do imperativo afirmativo e do imperativo negativo porque, a rigor, do ponto de vista morfológico, não são tempos verbais, mas verbos de situação, cujas formas são emprestadas pelo presente do subjuntivo e presente do indicativo. Como tal, as estruturas morfológicas do imperativo em nada se diferenciam das formas originais.

Apesar dessa complexidade, a estrutura básica dos verbos é relativamente simples, resumindo-se a: R + VT + DMT + DNP (radical, mais vogal temática, mais desinência modo-temporal, mais desinência número-pessoal), sempre nessa ordem. Isso não quer dizer, no entanto, que os morfemas estejam sempre presentes. Vejamos alguns exemplos:

	TEMA		DESINÊNCIAS	
Verbo	R	VT	DMT	DNP
falávamos	fal-	-a-	-va-	-mos
escrever	escrev-	-e-	-r	Ø
trocam	troc-	-a-	Ø	-m
servisse	serv-	-i-	-sse	Ø
levemos	lev-	Ø	-e-	-mos

Nos verbos, a vogal temática é geralmente tônica – ao contrário dos nomes, nos quais é átona – e tem a função de distribuir os verbos em conjugações, isto é, em paradigmas flexionais distintos, a saber:

a) **primeira conjugação**: salt-a-r, danç-a-r, amarel-a-r etc.;

b) **segunda conjugação**: corr-e-r, faz-e-r, escond-e-r etc.;

c) **terceira conjugação**: corrig-i-r, ouv-i-r, alud-i-r etc.

Como já vimos no **Capítulo 2**, as desinências verbais são cumulativas: as desinências modo-temporais expressam, de modo indissociável, as categorias de modo e tempo, ao passo que as desinências número-pessoais expressam as categorias de número e pessoa. Em **estud-a-ría-mos**, por exemplo, é impossível interpretar que em [mos] o segmento [s] indica plural e o segmento [mo] indica primeira pessoa do plural. O correto é afirmar que o morfe [mos] é indivisível e tem a função de marcar a pessoa (primeira) e o número (plural). Igualmente, não se pode dividir o segmento [ria] em [ri] e [a], “já que se torna impossível usar um tempo verbal, abstraindo o modo como se expressa a ação” (MONTEIRO, 2002, p. 102).

A depreensão dos morfemas de uma estrutura verbal é relativamente fácil, desde que se aplique adequadamente a técnica da comutação. Ao analisar uma forma verbal, podemos, por exemplo, compará-la com a forma de infinitivo e com a primeira pessoa do plural do tempo em que se encontra o verbo. O infinitivo sem o [r] apresenta radical e vogal temática. A primeira pessoa do plural exibe sempre a desinência [mos] (DNP). Após separar o tema (radical e vogal temática) e a desinência número-pessoal, o que sobra é a desinência modo-temporal.

Vamos, então, examinar a forma verbal **lavavam**.

O infinitivo impessoal é: **lav-a-r**.

A primeira pessoa do plural é: **lav-á-va-mos**.

Se compararmos essas duas formas com **lavavam**, fica fácil concluir que a segmentação é **lav-a-va-m**, sendo [lav] radical, [a] vogal temática, [va] desinência modo-temporal e [m] desinência número-pessoal.

Por outro lado, no lugar de [va] podemos ter lava[re]mos, lava[ría]mos, lavá[sse]mos, lava[r]mos, lavá[ra]mos, lava[Ø]mos, entre outras DMT; no lugar da DNP [m], além de [mos], podemos ter lavava[s], laváve[is] ou lavava[Ø]. O tema, que é formado pelo radical e pela vogal temática, pode ser ampliado por meio de prefixos e de sufixos. Exemplos: **descobrir, redescobrir, florescer, legalizar** etc.

Quanto à flexão, todos os tempos e modos apresentam desinências modo-temporais e desinências número-pessoais, exceto os tempos de infinitivo impessoal, particípio e gerúndio, nos quais não existem desinências número-pessoais. Às vezes as desinências estão ausentes e, por isso, correspondem ao morfema zero.

A **desinência modo-temporal** (DMT), como já vimos, presta-se para, cumulativamente, representar o tempo e o modo em que o verbo está. Neste sentido, cada um dos tempos verbais tem uma desinência modo-temporal, realizada por meio de um morfema concreto ou de um morfema zero. A **desinência número-pessoal** (DNP), por sua vez, representa, cumulativamente, a pessoa (primeira, segunda ou terceira) e o número (singular ou plural). Os tempos verbais são os seguintes:

a) **Modo indicativo**

- presente
- pretérito perfeito
- pretérito mais-que-perfeito
- pretérito imperfeito
- futuro do presente
- futuro do pretérito

b) **Modo subjuntivo**

- presente
- pretérito imperfeito
- futuro

c) **Formas nominais**

- infinitivo impessoal
- infinitivo pessoal
- particípio
- gerúndio

Os tempos verbais, além da ideia de tempo, correspondem a diferentes aspectos. O aspecto é a maneira de ser da ação, ou seja: "uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo" (BUREAU, *apud* CUNHA; CINTRA, 1985, p. 370). No caso do pretérito perfeito, por exemplo, o aspecto é conclusivo, pois se refere àquilo que começou e encerrou num certo momento do passado. Diferentemente, o pretérito imperfeito se refere a algo que começou no passado, mas é durativo. Nesse sentido, pode-se dizer, então, que as DMTs seriam, além de modo-temporais, também aspectivas. Saliente-se que o aspecto do verbo pode ser também indicado por meio de perífrases verbais. Exemplos:

- aspecto incoativo ou inceptivo: **começou a beber**;
- aspecto continuativo: **continua a beber**;
- aspecto conclusivo ou cessativo: **acabou de beber**;
- aspecto durativo, cursivo ou progressivo: **vou estar realizando**;
- aspecto resultativo ou consecutivo: **conseguiu realizar**;
- aspecto interativo ou frequentativo: **costuma tirar boas notas**;
- aspecto perfectivo ou obrigatório: **tenho de sair**.

4.2 Padrão geral de flexão verbal

A seguir, vamos examinar a segmentação dos verbos ditos regulares em todos os tempos verbais, nas três conjugações. O padrão geral caracteriza-se pela ausência de modificações na raiz e regularidade no uso de desinências modo-temporais e número-pessoais. Faremos uma segmentação com base na primeira pessoa do plural e, logo após, apresentaremos algumas observações importantes. As pessoas gramaticais serão numeradas de P1 a P6, sendo as três primeiras do singular e as três últimas do plural.

a) **Futuro do presente do indicativo**

P1	fal	a	re	i	vend	e	re	i	part	i	re	i
P2	fal	a	rá	s	vend	e	rá	s	part	i	rá	s
P3	fal	a	rá	Ø	vend	e	rá	Ø	part	i	rá	Ø
P4	fal	a	re	mos	vend	e	re	mos	part	i	re	mos
P5	fal	a	re	is	vend	e	re	is	part	i	re	is
P6	fal	a	rã	o	vend	e	rã	o	part	i	rã	o

Observações:

- No futuro do presente, a DMT é realizada por meio de três morfes: [re], [rá] e [rã]; trata-se, pois, de processo de alomorfia.
- As DNP são as mesmas para cada pessoa, nas três conjugações. Todas as formas são arrizotônicas, pois o acento tônico está fora do radical.

Também aqui valem as observações que fizemos no capítulo anterior sobre o paradigma dos pronomes retos, que são pronomes pessoais na função de sujeito. Evidentemente, as alterações que se fazem na flexão dos verbos em virtude do emprego de **você(s)** e **a gente** são perfeitamente segmentadas, seguindo os mesmos padrões aqui expostos, caracterizando-se como formas marcadas ou não. Sendo assim, em **(tu) fala-s**, a P2 é marcada pela desinência [s], mas, em **(você) fala**, não existe marca desinencial, ou seja, o morfema número-pessoal é zero, o que corresponde à estrutura verbal de terceira pessoa. O mesmo critério se aplica à forma associada ao pronome **nós**, como em **(nós) fala-mos**, cuja desinência é [mos]. Mas se no lugar do pronome **nós** usarmos **a gente**, o verbo perde a marca desinencial [mos], que passa a ser zero. Isso tudo, evidentemente, tem muitas implicações sobre o ensino de português, pois, como se observa, há um descompasso entre a descrição oferecida pela gramática normativa e o uso efetivo da língua. No caso da segunda pessoa do plural, o pronome vós é arcaico, tendo sido substituído integralmente pela forma **vocês**. Somente em certos textos escritos ainda encontramos estruturas com o pronome **vós**. Sendo assim, ensinar às crianças flexão de verbo na segunda pessoa do plural é o mesmo que ensinar uma regra de uma língua estrangeira, pois tal flexão não é mais parte da gramática internalizada desses falantes nativos de português.

b) Futuro do pretérito do indicativo

P1	fal	a	ria	Ø	vend	e	ria	Ø	part	i	ria	Ø
P2	fal	a	ria	s	vend	e	ria	s	part	i	ria	s
P3	fal	a	ria	Ø	vend	e	ria	Ø	part	i	ria	Ø
P4	fal	a	ria	mos	vend	e	ría	mos	part	i	ría	mos
P5	fal	a	ríe	is	vend	e	ríe	is	part	i	ríe	is
P6	fal	a	ria	m	vend	e	ria	m	part	i	ria	m

Observações:

- O quadro de DMT é praticamente uniforme, havendo apenas a alomorfia [ría] ~ [ríe] em razão do contexto fonético.
- Ocorre neutralização entre P1 e P3.
- As DNP são as mesmas do futuro do presente, exceto em P1 e P6.

c) Pretérito mais-que-perfeito

P1	fal	a	ra	Ø	vend	e	ra	Ø	part	i	ra	Ø
P2	fal	a	ra	s	vend	e	ra	s	part	i	ra	s
P3	fal	a	ra	Ø	vend	e	ra	Ø	part	i	ra	Ø
P4	fal	a	ra	mos	vend	e	ra	mos	part	i	ra	mos
P5	fal	a	re	is	vend	e	re	is	part	i	re	is
P6	fal	a	ra	m	vend	e	ra	m	part	i	ra	m

Observações:

- Os morfes [ra] e [re] no pretérito mais-que-perfeito são átonos, ao contrário de [re] e [rá] no futuro do presente, que são tônicos.
- Também nesse tempo verbal, verifica-se neutralização entre primeira e terceira pessoas do singular.
- No caso da desinência [m], consideramos que tal grafema representa as diferentes realizações fonéticas do segmento, sem entrar na discussão sobre a existência de um dígrafo formado por /ã/ ou de eventual vocalização. Para maiores esclarecimentos, sugerimos consultar Mattoso Câmara Jr. (1979, p. 46-47) e Monteiro (2002, p. 111-112).

d) Pretérito imperfeito do indicativo

P1	fal	a	va	Ø	vend	i	a	Ø	part	i	a	Ø
P2	fal	a	va	s	vend	i	a	s	part	i	a	s
P3	fal	a	va	Ø	vend	i	a	Ø	part	i	a	Ø
P4	fal	á	va	mos	vend	í	a	mos	part	í	a	mos
P5	fal	a	ve	is	vend	í	e	is	part	í	e	is
P6	fal	a	va	m	vend	i	a	m	part	i	a	m

Observações:

- Com verbos de primeira conjugação, a DMT é [va] com alomorfia [ve]; com verbos de segunda e terceira conjugação, a DMT é [a] com alomorfia [e]. Mattoso Câmara Jr. (1979, p. 109) ensina que, na segunda e terceira conjugações, a DMT é [ia] com alomorfe [ie]. Convém, todavia, considerar tão somente [a] ~ [e], pois é assim que se realiza mesmo nos verbos em que a vogal temática é suprimida: **vính + Ø + a + mos, ér + Ø + a + mos, púnh + Ø + a + mos** etc. O argumento de que, em assim se procedendo, há neutralização com as formas do presente do subjuntivo não procede, pois neste tempo verbal a vogal temática não se realiza.
- Nos verbos de segunda conjugação, a vogal temática sofre alomorfia. Em **vend-í-a-mos**, a vogal temática [i] é alomorfe da

vogal temática [e] do infinitivo **vend-e-r**.

e) Presente do indicativo

P1	fal	Ø	Ø	o	vend	Ø	Ø	o	part	Ø	Ø	o
P2	fal	a	Ø	s	vend	e	Ø	s	part	e	Ø	s
P3	fal	a	Ø	Ø	vend	e	Ø	Ø	part	e	Ø	Ø
P4	fal	a	Ø	mos	vend	e	Ø	mos	part	i	Ø	mos
P5	fal	a	Ø	is	vend	e	Ø	is	part	i	Ø	(i)s
P6	fal	a	Ø	m	vend	e	Ø	m	part	e	Ø	m

Observações:

- A DMT é zero em todas as pessoas e conjugações. Na P1, emprega-se a DNP [o], ao contrário do que ocorre na maioria dos tempos verbais, nos quais é [Ø]. Como veremos adiante, essa desinência está presente mesmo em verbos irregulares, como **ponh[o], venç[o], trag[o]** etc., podendo sofrer alomorfia em [ou]: **est[ou], s[ou], v[ou], d[ou]**.

- Também na P1 verifica-se, em todas as conjugações, a supressão da vogal temática.

- Exceto nas P4 e P5 (formas arrizotônicas), as vogais temáticas da segunda e terceira conjugações se neutralizam.

- Na P4 da terceira conjugação, a DNP reduz-se a [s] devido à crase com a vogal anterior tônica: **parti(i)s** > **partis**.

- Nas formas monossilábicas de segunda e terceira conjugações (exceto verbo ser), a DNP da P5 sofre alomorfia em [des]: vedes, credes, vindes, pondes etc.

f) Pretérito perfeito do indicativo

P1	fal	e	Ø	i	vend	i	Ø	Ø	part	i	Ø	Ø
P2	fal	a	Ø	ste	vend	e	Ø	ste	part	i	Ø	ste
P3	fal	o	Ø	u	vend	e	Ø	u	part	i	Ø	u
P4	fal	a	Ø	mos	vend	e	Ø	mos	part	i	Ø	mos
P5	fal	a	Ø	stes	vend	e	Ø	stes	part	i	Ø	stes
P6	fal	a	ra	m	vend	e	ra	m	part	i	ra	m

Observações:

- Entre as DNP, registram-se [ste] na P2, [stes] na P5 e [u] na P3, que são exclusivas deste tempo verbal. Considerando que a DMT é zero, exceto em P6, deduz-se que essas DNP exclusivas acumulam também a função de diferenciar o passado do presente.
- As formas da P4 neutralizam-se com as formas do presente do indicativo nos verbos ditos regulares, mas, em verbos irregulares fortes, os radicais são diferentes (cf. dizemos ≠ dissemos, sabemos ≠ soubemos, trazemos ≠ trouxemos, somos ≠ fomos, pomos ≠ pusemos etc.).
- As formas da P6 neutralizam-se com as formas do pretérito mais-que-perfeito, inclusive nos verbos irregulares.
- A VT da primeira conjugação modifica-se em [e] na P1 e em [o] na P3; a VT da segunda conjugação modifica-se em [i] na P1.
- Na P1 da segunda e da terceira conjugações, a DNP [i] é zero em virtude de ela ter sofrido crase com a VT: vendi + i → vendi; parti + i → parti.

g) **Presente do subjuntivo**

P1	fal	Ø	e	Ø	vend	Ø	a	Ø	part	Ø	a	Ø
P2	fal	Ø	e	s	vend	Ø	a	s	part	Ø	a	s
P3	fal	Ø	e	Ø	vend	Ø	a	Ø	part	Ø	a	Ø
P4	fal	Ø	e	mos	vend	Ø	a	mos	part	Ø	a	mos
P5	fal	Ø	e	is	vend	Ø	a	is	part	Ø	a	is
P6	fal	Ø	e	m	vend	Ø	a	m	part	Ø	a	m

Observações:

- A VT é zero em todas as conjugações.
- As DMT são [e] para primeira conjugação e [a] para a segunda e terceira conjugações.
- As DNP são as mesmas para todos os verbos.

h) **Pretérito imperfeito do subjuntivo**

P1	fal	a	sse	Ø	vend	e	sse	Ø	part	i	sse	Ø
P2	fal	a	sse	s	vend	e	sse	s	part	i	sse	s
P3	fal	a	sse	Ø	vend	e	sse	Ø	part	i	sse	Ø
P4	fal	á	sse	mos	vend	ê	sse	mos	part	í	sse	mos
P5	fal	á	sse	is	vend	ê	sse	is	part	í	sse	is
P6	fal	a	sse	m	vend	e	sse	m	part	i	sse	m

Observações:

- A VT se mantém em todas as pessoas.
- A DMT não sofre alomorfia.
- As DNP são iguais em todas as conjugações, havendo neutralização entre P1 e P3.

i) Futuro do subjuntivo

P1	fal	a	r	Ø	vend	e	r	Ø	part	i	r	Ø
P2	fal	a	re	s	vend	e	re	s	part	i	re	s
P3	fal	a	r	Ø	vend	e	r	Ø	part	i	r	Ø
P4	fal	a	r	mos	vend	e	r	mos	part	i	r	mos
P5	fal	a	r	des	vend	e	r	des	part	i	r	des
P6	fal	a	re	m	vend	e	re	m	part	i	re	m

Observações:

- As DMT e as DNP do futuro do subjuntivo são iguais às do infinitivo flexionado (ver a seguir). Em vista disso, nos verbos regulares costuma haver neutralização entre as formas verbais. A distinção, consequentemente, não se faz pela estrutura mórfica, mas por critérios sintáticos e semânticos. Por exemplo:

a) *Se tu **acabares** o serviço cedo, poderás ir embora* (futuro do subjuntivo);

b) Para acabares o serviço cedo, é preciso esforço (infinitivo flexionado).

Essa neutralização desaparece nos chamados verbos irregulares fortes. Por exemplo:

c) *Se tu **fizeres** o serviço cedo, poderás ir embora* (futuro do subjuntivo);

d) *Para **fazeres** o serviço cedo, é preciso esforço* (infinitivo flexionado).

- A DNP [des] da P5, entendida como alomorfe de [is], é própria do futuro do subjuntivo e do infinitivo flexionado, mas também ocorre no presente do indicativo com verbos monossilábicos, exceto com o verbo ser.

j) **Infinitivo pessoal (flexionado)**

P1	fal	a	r	Ø	vend	e	r	Ø	part	i	r	Ø
P2	fal	a	re	s	vend	e	re	s	part	i	re	s
P3	fal	a	r	Ø	vend	e	r	Ø	part	i	r	Ø
P4	fal	a	r	mos	vend	e	r	mos	part	i	r	mos
P5	fal	a	r	des	vend	e	r	des	part	i	r	des
P6	fal	a	re	m	vend	e	re	m	part	i	re	m

Observações:

- Para entender por que os morfes de P2 no infinitivo flexionado e no futuro do subjuntivo são segmentados em [re + s], invoca-se o critério da simplificação. Se a segmentação fosse [r + es], seria preciso considerar o [es] alomorfe de [s] e, na P6, [re] seria alomorfe de [r], uma vez que a segmentação [r + em] é difícil de sustentar. Em síntese: em vez de dois alomorfes, tem-se somente um.

- Tal como na maioria dos tempos verbais, existe neutralização entre P1 e P3.

l) **Formas nominais**

infinitivo pessoal			**particípio**			**gerúndio**		
Rd	**VT**	**DMT**	**Rd**	**VT**	**DMT**	**Rd**	**VT**	**DMT**
cant	a	r	cant	a	do	cant	a	ndo
vend	e	r	vend	i	do	vend	e	ndo
part	i	r	part	i	do	part	i	ndo

Observações:

- As formas nominais dos verbos são marcadas por DMT: [r] = infinitivo; [do] = particípio; [ndo] = gerúndio.

- Existe neutralização da vogal temática dos verbos de segunda e terceira conjugações, no particípio, em virtude de a vogal temática de segunda conjugação ter sofrido alomorfia em [i]. O [i] de **vendido** é alomorfe do [e] de **vender**.

- Às vezes a forma de particípio funciona como nome (substantivo ou adjetivo). Nesses casos, não existe DMT na segmentação. Exemplos: a) A menina tem **amado** muito seu pai. (verbo) = [am-a-do]; O **amado** não deu notícias. (substantivo) = [am-ad-o]; O pai mais **amado** do mundo é você (adjetivo) = [am-ad-o]. Observe que a segmentação mórfica de **amado** nas funções de substantivo e adjetivo é diferente da segmentação do mesmo vocábulo na função de verbo. Quando é nome, **amado** é uma forma derivada de amar; quando é verbo, não há derivação, mas flexão. Por outro lado, sendo nome, submete-se à flexão de gênero e número: **o amado, a amada, os amados, as amadas**.

4.3 A lógica dos temas verbais

Para melhor compreender o sistema flexional dos verbos, inclusive dos irregulares, convém considerarmos que os verbos apresentam mais de um tema. Esses temas básicos, formados pelo radical (que inclui prefixos e sufixos derivacionais) + vogal temática (que pode ser Ø), repetem-se num conjunto de tempos verbais, conforme demonstraremos adiante, formando subsistemas coerentes e lógicos.

Vamos, então, identificar os temas verbais e os tempos formados com base em cada um desses temas.

Tema 1 = Forma do verbo no infinitivo impessoal (não flexionado), menos a desinência modo-temporal [**r**]. Exemplos:

verbo no infinitivo impessoal	tema correspondente
cantar	[cant-a]
esconder	[escond-e]
sentir	[sent-i]
dizer	[diz-e]
haver	[hav-e]
ouvir	[ouv-i]
caber	[cab-e]

dar	[d-a]
passear	[passe-a]

Em geral, o Tema 1 tem a estrutura formada pelo radical e vogal temática, conforme o verbo seja de primeira, segunda ou terceira conjugação. Esse tema serve de base para a flexão dos seguintes tempos:

- Pretérito imperfeito do indicativo (T1 + va (ve) ou a (e)): **cant-a-va-Ø, cant-a-va-s** etc.
- Futuro do presente do indicativo (T1 + re, rá ou rã): **cant-a-re-i, cant-a-rá-s** etc.
- Futuro do pretérito do indicativo (T1 + ria (rie)): **cant-a-ria-Ø, cant-a-ria-s** etc.
- Infinitivo flexionado (T1 + r (re)): **cant-a-r-Ø, cant-a-re-s** etc.
- Particípio (T1 + do): **cant-a-do**
- Gerúndio (T1 + ndo): **cant-a-ndo**

Tema 2 = Forma do verbo na segunda pessoa do singular (P2) do pretérito perfeito do indicativo, menos a desinência número pessoal [**ste**]. Exemplos:

Verbo na P2 do pretérito perfeito do indicativo	Tema correspondente
canta-ste	[cant-a]
esconde-ste	[escond-e]
senti-ste	[sent-i]
disse-ste	[diss-e]
houve-ste	[houv-e]
ouvi-ste	[ouv-i]
coube-ste	[coub-e]
de-ste	[d-e]
passea-ste	[passe-a]

O Tema 2, acrescido das respectivas DMT e DNP já vistas, serve de base para a flexão de verbos regulares e irregulares dos seguintes tempos:

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo (T2 + ra (re)): **cant-a-ra, canta-ra-s** etc.

- Futuro do subjuntivo (T2 + r (re)): **cant-a-r, cant-a-re-s** etc.
- Pretérito imperfeito do subjuntivo (T2 + sse): **cant-a-sse, cant-a-sse-s** etc.

Podemos observar, então, que sendo o tema diferente do T1, como em [disse ≠ dize], [houve ≠ have], [coube ≠ cabe], [de ≠ da], essa alomorfia no tema se mantém nos tempos derivados. Usando esse princípio, vamos compreender, por exemplo, por que o verbo **vir** faz o futuro do subjuntivo **(eu) vier**, enquanto o verbo **ver** faz **(eu) vir**. O T2 de **vir** é **vie**(ste), que se mantém no futuro do subjuntivo, ao passo que o T2 de **ver** é **vi**(ste). Esse princípio se aplica a todos os verbos, sejam regulares ou irregulares, com a seguinte ressalva: nos verbos regulares e nos irregulares fracos, isto é, naqueles em que a irregularidade existe apenas no T3 – que veremos a seguir –, ocorre neutralização entre T1 e T2, isto é, Tema 1 e Tema 2 são iguais. Exemplos: **canta-r/canta-ste, esconde-r/esconde-ste, senti-r/senti-ste, ouvi-r/ouvi-ste e passea-r/passea-ste**.

Tema 3 = Forma do verbo na primeira pessoa do singular (P1) do presente do indicativo, menos a desinência número pessoal [**o**]. Exemplos:

Verbo na P1 do presente do indicativo	**Tema correspondente**
canto	[cant]
escondo	[escond]
sinto	[sint]
digo	[dig]
hajo	[haj]
ouço	[ouç]
caibo	[caib]
dou	[d]
passeio	[passei]

Como as formas do imperativo são emprestadas do presente do subjuntivo e do presente do indicativo (ver comentário sobre imperativo no início deste capítulo), a análise das estruturas verbais não se altera.

O T3, em que a vogal temática costuma ser zero, se repete nas formas do presente do subjuntivo, acrescida, obviamente, das respectivas DMT e DNP. Assim, temos:

- Presente do subjuntivo (T3 + e ou a): **cant-e, cant-e-s** etc.; **caib-a, caib-a-s** etc.

4.4 Verbos irregulares ou desvios do padrão geral

Já vimos que a flexão dos verbos retoma certos temas, a saber:

T1 = tema de infinitivo (verbo, menos a desinência modo-temporal [**r**]);

T2 = tema do pretérito perfeito (segunda pessoa do singular, menos desinência número-pessoal [**ste**]);

T3 = tema do presente do indicativo (primeira pessoa do singular, menos desinência número-pessoal [**o**]).

Apresentaremos, a seguir, de forma esquemática, uma síntese dos principais desvios do padrão geral na flexão dos verbos, seguindo de perto e de forma resumida o texto de Monteiro (2002, p. 121-134).

1) **estar** e **dar**

T1 = **esta**-r / **da**-r

T2 = **estive**-ste / **de**-ste

T3 = **est**-ou / **d**-ou

No pretérito perfeito, o tema é da segunda conjugação, com vogal temática (é) em vez de (ê): **estiv**-**e**-ste / **d**-**e**-ste.

No presente, a DNP [**ou**] é alomorfe de [**o**].

2) **caber**

T1 = **cabe**-r

T2 = **coube**-ste (daí **coubera, couber, coubesse** etc.)

T3 = **caib**-o (daí caiba etc.)

Há neutralização entre a primeira e a terceira pessoa do singular do pretérito perfeito: (eu) **coube** / (ele) **coube**. Isso acontece também com **haver, dizer, trazer, saber, querer**.

3) **cair**

A vogal temática se mantém na primeira pessoa do indicativo e presente do subjuntivo: T3 = **cai**-o (daí **cai-a** etc.). Também é assim com **trair, contrair, distrair, atrair, extrair, esvair, sair, retrair, subtrair**.

4) **crer** e **ler**

T1 = [cree] - cf. *creer → **cre** + Ø + r

T1 = [lee] - cf. *leer → **le** + Ø + r

A vogal temática fundiu-se com o [e] do radical, tornando-se zero. Assim devem ser entendidos outros verbos monossilábicos: **ser, ter, ver**.

T3 = **crei** - o / **crei** - a: o radical sofre ditongação. O mesmo ocorre em **lei** - o / **lei** - a.

A vogal temática reaparece em: **creem, leem, veem**.

Em (vós) **cre-des, le-des, pon-des, vin-des, ten-des** etc., [**des**] é alomorfe de [**is**], fenômeno próprio dos verbos monossilábicos, exceto do verbo **ser**.

No particípio e na primeira pessoa do singular do pretérito perfeito, os radicais [**cre**] e [**le**] reduzem-se a [**cr**] e [**l**], pois o [**i**] temático é alomorfe de [**e**], tal como em **vendi**. As desinências de **cri** e **li** são vazias, já que o [**i**] (DNP) se funde com o [**i**] temático:

cr + i + Ø + i = cr + i + Ø + Ø

5) **dar**

T1 = [**da**]

T2 = [**de**] (de-ste)

No presente do indicativo, ocorre alomorfe **-ou** em vez de **-o** (d-ou). Cf. estar (est-**ou**), ser (s-**ou**), ir (v-**ou**).

Na terceira pessoa do plural do presente do indicativo, a DNP é -o e a VT é nasal: **d-ã-o**.

6) **dizer, fazer, trazer**

T1 = [dize], [faze], [traze]

T2 = [disse], [fize], [trouxe]

T3 = [dig], [faç], [trag]

A vogal temática desaparece na terceira pessoa do singular do presente do indicativo: **(ele) diz, faz, traz**.

Nos tempos futuros, os radicais se reduzem (são alomorfes) e a VT é zero: **di-Ø-re-i / di-Ø-ria; fa-Ø-re-i / fa-Ø-ria; tra-Ø-re-i / tra-Ø-ria**.

7) estar

T1 = [esta]

T2 = [estive] (estive-ste)

T3 = [estej] (estej-a - presente do subjuntivo)

No presente do indicativo, registra os mesmos fatos do verbo **dar**. No presente do subjuntivo, além do radical **estej**- , apresenta DMT -**a**, acompanhando os verbos da segunda e terceira conjugações.

No pretérito perfeito, (eu) **estive** / (ele) **esteve**, apresenta alternância vocálica [**i**] ≠ [**ê**]. Convém considerar que não há DNP e o (**e**) é VT. Em casos semelhantes, não há VT: **pus / pôs; fiz / fez**.

8) verbos em -ear

As formas rizotônicas do presente do indicativo e presente do subjuntivo sofrem ditongação: **nomeio / nomeie; passeio / passeie**.

Cinco verbos em -iar, por analogia, mudam o (**i**) em (**ei**) nas formas rizotônicas: **ansiar, incendiar, mediar, odiar e remediar**.

9) ir

T1 = [i]

T2 = [fo]

T3 = [v] ~ [va]

presente do indicativo				presente do subjuntivo			
R	**VT**	**DMP**	**DNP**	**R**	**VT**	**DMP**	**DNP**
v	Ø	Ø	ou	v	Ø	á	Ø
va	i	Ø	s	v	Ø	á	s

va	i	Ø	Ø	v	Ø	á	Ø
va	Ø	Ø	mos	v	Ø	a	mos
i	Ø	Ø	des	v	Ø	a	des
vã	Ø	Ø	o	v	Ø	ã	o

10) poder

T1 = [pode]

T2 = [pude]

T3 = [poss]

No pretérito perfeito, ocorre alternância vocálica [**u**] ~ [**ô**] entre a primeira e a terceira pessoas do singular.

11) pôr

T1 = [po] Cf. *poer → pôr

T2 = [puse]

T3 = [ponh]

presente do indicativo			
R	**VT**	**DMT**	**DNP**
ponh	Ø	Ø	o
põ	e	Ø	s
põ	e	Ø	
po	Ø	Ø	mos
pon	Ø	Ø	des
põ	e	Ø	m

No imperfeito do indicativo, há alternância para [punh]. Ex.: **punh-Ø-a-Ø**. Esse fenômeno também ocorre com **venh-Ø-Ø-o / vinh-Ø-a-Ø**; **tenh-Ø-Ø-o / tinh-Ø-a-Ø**.

No pretérito perfeito, a primeira e a terceira pessoa do singular se opõem por alternância vocálica: [**u**] ~ [**ô**] (pus ~ pôs).

12) querer

T1 = quere

T2 = quise

No presente do subjuntivo, o radical é alargado com a ditongação do **e** → **ei**: **quer**(o) → **queir**(a). Note-se, no entanto, **requeir**(o), de requerer. Na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, a vogal temática é zero.

13) saber

T1 = [sabe]

T2 = [soube]

T3 = [sei]

No presente do subjuntivo, **saib-Ø-a-Ø**.

14) ser

T1 = [se]

Vogal temática é zero, pois fundiu-se com o (e) do radical: *seer → ser.

T2 = [fo]

T3 = [e]

presente do indicativo			
R	**VT**	**DMT**	**DNP**
s	Ø	Ø	ou
é	Ø	Ø	s
é	Ø	Ø	Ø
so	Ø	Ø	mos
so	Ø	Ø	is
sã	Ø	Ø	o

presente do subjuntivo			
R	**VT**	**DMT**	**DNP**
sej	Ø	a	Ø

No pretérito imperfeito: **er - Ø - a - Ø**

15) ter

T1 = [te] - cf. *teer

T2 = [tive] - cf. tiveste

T3 = [tenh] - cf. tenh+Ø+Ø+o

No particípio, o radical [te] reduz-se a [t]: **t+i+do**.

presente do indicativo			
R	**VT**	**DMT**	**DNP**
tenh	Ø	Ø	o
ten	Ø	Ø	s
tem	Ø	Ø	Ø
te	Ø	Ø	mos
ten	Ø	Ø	des
tê	Ø	Ø	m

16) Vir

T1 = [vi]   cf. vi+i+r

T2 = [tive] cf. tive+ste

T3 = [venh] cf. venh+o

presente do indicativo			
R	**VT**	**DMT**	**DNP**
venh	Ø	Ø	o
ven	Ø	Ø	s
vem	Ø	Ø	Ø
vi	Ø	Ø	mos
vin	Ø	Ø	des
vê	Ø	Ø	m

presente do subjuntivo			
R	**VT**	**DMT**	**DNP**
venh	Ø	a	Ø

pretérito perfeito			
R	**VT**	**DMT**	**DNP**
vim	Ø	Ø	Ø
vi	e	Ø	ste
vei	Ø	Ø	o
vi	e	Ø	mos
vi	e	Ø	stes
vi	e	ra	m

Nos futuros do indicativo, a vogal temática se funde com o (i) do radical: **vi+re+i / vi+ria+Ø**.

17) Outras alomorfias

Há verbos que se desviam do padrão geral porque sofrem alomorfia na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, estendendo-se para os tempos derivados dessa pessoa.

a) {val-} ~ {valh-}

b) {med-} ~ {meç-}

- **c)** {ped-} ~ {peç-}
- **d)** {perd-} ~ {perc-}
- **e)** {ouv-} ~ {ouç-}

Há casos de alternância vocálica, mas sem valor redundante com as desinências:

- **a)** [ê] ~ [é] : elejo / eleja ~ eleges, elege, elegem
- **b)** [ô] ~ [ó] : resolvo / resolva ~ resolves, resolve, resolvem
- **c)** [i] ~ [é] : repito / repita ~ repetes, repete, repetem
- **d)** [i] ~ [e] : sinto / sinta ~ sentes, sente, sentem
- **e)** [u] ~ [ó] : cubro / cubra ~ cobres, cobre, cobrem
- **f)** [u] ~ [õ] : sumo / suma ~ somes, some, somem

Idem consumir.

Leia mais!

Estrutura Verbal. *In*: ZANOTTO, Normélio. *Estrutura mórfica da língua portuguesa*. Caxias do Sul: EDUCS, 1986. p. 73-89.

Mecanismo da Flexão Verbal e Desvios do Padrão Geral. *In*: MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. Campinas/SP: Pontes, 2002.

UNIDADE C

O Léxico

ATO
?
13
TUDO MAIS BARATO
mensais
"Saber Viver, Saber Ser Preso, Saber Ser Solto"
DURA
PAZ
LIVRE
NOVO
BOMBA
vamos
falar
AME
de
PSIU
!
AÇA
dinheiro?
AMAR
AMANHÃ!
REVOLUÇÃO
SEM ENTRADA
LIQUIDAÇÃO

5 Formação dos Vocábulos

Nos capítulos anteriores, tratamos dos conceitos básicos da morfologia, dos princípios da análise mórfica, dos tipos e das classes de morfemas e da flexão nominal e verbal. Neste capítulo, enfocaremos a formação de vocábulos. Primeiramente, estudaremos a derivação em suas diversas modalidades; em seguida, trataremos da composição; e, por fim, apresentaremos outros processos de formação de palavras que, apesar de serem bastante produtivos em português, são, em geral, omitidos pelas gramáticas escolares.

5.1 Os processos de formação de vocábulos

Cotidianamente, como sabemos, novos vocábulos são incorporados ao léxico da língua. Isso ocorre no ritmo das mudanças pelas quais passa a sociedade e é, em parte, resultado da interação com outras culturas e línguas – inclusive o acesso a novas tecnologias e conhecimentos – e, em parte, resultado da criativa e inovadora combinação de formas, às vezes ao sabor de modismos e preferências idiossincráticas dos falantes. Quais são essas possibilidades? Vale tudo, ou as possibilidades de formação de novos vocábulos têm trilhas mais ou menos previsíveis a serem seguidas?

O acervo lexical da língua portuguesa é constituído em sua maioria por vocábulos herdados do latim, aos quais se acrescentaram outros emprestados de idiomas diversos.

Existem também na língua muitos vocábulos criados ao longo do tempo por meio de processos internos, combinando radicais e morfemas derivacionais. Esses processos de formação de vocábulos são basicamente dois: **derivação** e **composição**.

Se o vocábulo for formado por um único radical primário, a que se acrescentam afixos (prefixos e sufixos), tem-se **derivação**. Exemplos:

- **panela + aço → panelaço**

- **re + ter → reter**
- **fácil + mente → facilmente**

Por outro lado, quando se combinam dois ou mais radicais, temos composição. Exemplos:

- **dedo-duro**
- **pau-de-arara**
- **beija-flor**
- **auriverde**

Derivação e composição não se excluem mutuamente; ao contrário, podem combinar-se à vontade. Em "**Do lado do oriente o horizonte se cartãopostalizava clássico**" (ANDRADE apud CARONE, 1988, p. 40), o verbo é derivado por sufixação (**cart**[**ão**]**post**[**al**][**iz**]**ava**) sobre um substantivo composto (**cartão-postal**), que, por sua vez, formou-se de dois derivados de **carta e posta**.

Sugerimos que você releia, no Capítulo II, as características dos prefixos e dos sufixos.

A diferença entre prefixos e sufixos não é meramente distribucional. A análise de vocábulos formados pela adição de dois ou mais morfemas derivacionais requer a aplicação da chamada **lei dos constituintes imediatos (C.I.)**, pois, com raras exceções, a adição não é simultânea. A lei dos **C.I.** parte do princípio de que as estruturas são combinações binárias. Em se tratando de derivação, o processo se realiza mediante a adição de um afixo a um radical que pode ou não conter outros afixos. Assim, **legalização** é formado de **legalizar**, vocábulo derivado de **legal**, que por sua vez é derivado de **lei**. Há, portanto, uma ordem hierárquica. Igualmente, **portinholazinha** não é derivado de **porta**, mas de **portinhola**, que deriva de **portinha**, que deriva de **porta**. Há uma cadeia derivacional, como se demonstra a seguir.

+ [inha]

+ [ola]

+ [zinha]

Seguindo o mesmo princípio, **desrespeitosamente** é derivado de **desrespeitoso**, que é derivado de **respeitoso**, que é derivado de **res-**

peito, que é derivado de **respeitar**.

Em **formalização**, o sufixo [**çã(o)**], que exprime ação ou resultado da ação, só pode agregar-se a formas verbais. No caso, foi agregado ao verbo **formalizar**, com supressão da desinência modo-temporal de infinitivo [**r**]. Por sua vez, o sufixo [**iz(ar)**] forma verbos a partir de bases adjetivais: **formal** (adj.) + **izar** → **formalizar** (cf. **civil** + **izar** → **civilizar**, **real** + **izar** → **realizar**, **ágil** + **izar** → **agilizar** etc.). Por último, o sufixo [**al**] transforma o substantivo **forma** no adjetivo **formal**. Conclui-se que a base, nesse caso, é um substantivo (**forma**) que se transforma em adjetivo (**formal**), que se transforma em verbo (**formalizar**), que se transforma novamente em substantivo (**formalização**). Se o vocábulo fosse **reformalização**, ele seria derivado de **reformalizar** e não de **formalização**, pois na língua portuguesa os prefixos em geral são adicionados a verbos e a adjetivos.

Apesar de os C.I. contínuos serem mais frequentes na língua, também existem C.I. descontínuos, ou contíguos. Nos verbos parassintéticos (ver adiante "derivação parassintética"), não podemos excluir individualmente o prefixo ou o sufixo, uma vez que o sentido do sufixo é reforçado pelo prefixo. Em **a + pedr(a) + ej(ar)**, derivado de **pedra**, o prefixo exprime a ideia de movimento, direção, em reforço da noção frequentativa do sufixo. Não existem as formas ***pedrejar e** ***apedra**.

5.2 Tipos de derivação

O processo derivacional apresenta-se em várias modalidades. A rigor, dada uma forma primitiva, teremos as seguintes possibilidades de produzir derivados:

a) acrescentando prefixo(s): certo → in + certo = **incerto**

b) acrescentando sufixo(s): certo → cert + ez(a) = **certeza**

c) acrescentando prefixo(s) e sufixo(s): in + **certo** = **incerto** + eza =**incerteza**

d) mudando o tema: estudar → **estudo**

e) mudando a classe gramatical: dizer → o **dizer**

Quando ocorre acréscimo de sufixos, as gramáticas costumam usar a expressão **derivação progressiva**. O vocábulo primitivo tem seu volume aumentado, e o sufixo particulariza o significado da base. Ao contrário, se há perda de material fônico, com perda de elementos no fim do vocábulo, usa-se a expressão **derivação regressiva.**

Quando se emprega mais de um sufixo, temos casos de derivação primária, secundária, etc, resultando, portanto, na distinção entre radical primário ou raiz (forma primitiva), radical secundário (forma primitiva + sufixo), radical terciário (radical secundário + sufixo) etc. O mesmo se pode afirmar em relação ao acréscimo de mais de um prefixo.

Veja o item 2.2, no segundo capítulo deste livro-texto

Examinaremos, a seguir, todos esses tipos de derivação, sem perder de vista a sincronia. Lembremos que vocábulos outrora derivados, em que a depreensão dos morfemas derivacionais não é mais possível, devem ser considerados formas simples e primitivas.

5.2.1 Derivação prefixal

Há gramáticos e linguistas que consideram a prefixação um processo de composição. Isso se deve ao fato de que certos prefixos tornaram-se, ao longo do tempo, formas livres, como, por exemplo, **contra, extra**. Como tal, assumiram a condição de raiz, admitindo inclusive a flexão e a derivação (**contra** → **contras, contrário, contrariar, contrariedade, contrariamente, contrariado; extra** → **extras, extrazinho**). O mesmo se pode dizer de super, do qual se derivam os vocábulos **superar, superação**. Como veremos adiante, o uso de **super** para designar **supermercado** é um caso de **braquissemia**, ou **abreviação**, processo distinto da abreviatura.

A transformação de formas presas em formas livres também é atestada entre os sufixos. Veja-se, por exemplo, que o vocábulo **avos**, utilizado nas frações ordinais – um dezesseis avos (1/16), cinco doze avos (5/12) etc. – é também o sufixo de **oitavo**, desprendido de *oito*. Ao contrário, o sufixo **mente**, que se junta aos adjetivos para formar advérbios, corresponde à forma latina *mente* (= espírito). Deixou, portanto, de ser uma forma livre distinta de **mente** (substantivo que reporta a intelecto, pensamento, alma, entendimento) para ser uma forma presa, com sentido diverso do original.

Quando uma palavra autônoma, isto é, uma forma livre, assume atribuições gramaticais, diz-se que houve **gramaticalização** (NEVES, 2004, p. 18), ou dito de outra forma: um item lexical ou construção sintática assume funções referentes à organização interna do discurso (MARTELOTTA *et al.*, 1996, p. 12). É o que ocorre, por exemplo, com o adjetivo **capaz**, de que deriva o substantivo **capacidade**. No extremo sul do Brasil, registra-se o emprego desse vocábulo para outros fins, como negar algo, duvidar etc. Exemplos:

a) E os cachorros não passam fome? – **Capaz**! Deixei um vizinho cuidando deles;

b) Tu és gremista? – **Capaz**! Odeio esse time;

c) Disseram na televisão que o povo deseja um terceiro mandato para Lula. – **Capaz**! Quem pode dizer tamanha besteira?

Os fatos acima apontados não impedem que a prefixação seja considerada processo de derivação, tal como preconiza a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB). Evidentemente, quando se tornam formas livres, antigos prefixos devem ser considerados raízes, e não morfemas derivacionais. Neste sentido, certos constituintes que já se empregam como preposições ou como advérbios produzem vocábulos compostos (**sobreviver, contraproducente, maldizer, menosprezar, contragosto etc.**). Outros que não são nem preposições, nem advérbios, fazem parte do mecanismo da derivação.

5.2.2. Derivação sufixal

A derivação sufixal, como vimos alhures, consiste em acrescentar um sufixo a uma base, aumentando o volume fonético e particularizando o sentido. Exemplos:

- sal + [ado] → salgado (derivação primária)
- salgado + [íssimo] → salgadíssimo (derivação secundária)

- nome + [al] → nominal (derivação primária)
- nominal + [izar] → nominalizar (derivação secundária)
- nominalizar + [ação] → nominalização (derivação terciária)

5.2.2.1 Derivação por sufixo zero

Assim como existem formas flexionadas marcadas por morfema zero, do mesmo modo é possível estendê-lo ao mecanismo derivacional, uma vez que existem formas derivadas sem a presença de morfema aditivo.

Observemos, por exemplo, o vocábulo **fuzilar**. Vê-se logo que se trata de um derivado de **fuzil**, mas sem um sufixo derivacional concreto, pois a terminação **-ar** é formada pela vogal temática verbal [a] e pela desinência modo-temporal de infinitivo [r]. Deduz-se, então, que entre a forma primitiva **fuzil** e a forma derivada **fuzilar** existe um sufixo [Ø], que caracteriza o processo derivativo: **fuzil + Ø + a + r**.

Para que essa hipótese explicativa fique mais clara, vamos examinar alguns verbos derivados de **flor**. Observemos:

- flor + ej + ar → florejar
- flor + esc + er → florescer
- flor + isc + ar → floriscar
- flor + Ø + ar → florar
- flor + Ø + ir → florir

Os três primeiros verbos derivados de **flor** têm sufixo concreto, mas os dois últimos não. Como, então, explicar a derivação, senão pelo morfema zero?

Outros exemplos de derivação por morfema zero:

- capim → capim + Ø + ar
- espuma → espum(a) + Ø + ar
- confim → confin + Ø + ar

- cisco → cisc(o) + Ø + ar <//>

Também nesses exemplos é clara a relação semântica entre a forma à esquerda e a forma à direita, sendo uma derivada da outra, sem que exista um morfema derivacional a ser destacado na estrutura secundária.

O princípio do morfema derivacional zero se aplica eventualmente na derivação de formas terciárias, isto é, derivadas de estruturas com sufixo concreto na derivação primária. Observemos:

- forma → form(a) + ato (derivação primária)
- formato → format(o) + Ø + ar (derivação secundária)

No léxico existem outras formas associadas que, de modo semelhante, requerem explicação por meio da hipótese de morfema zero. É o caso, por exemplo, de **uno**, cuja derivação de **um** só pode ser explicada mediante morfema zero.

O morfema zero serve tanto para explicar formas derivadas de nomes (verbos **denominais**, *v.g.* **anel** → **anelar**), quanto formas derivadas de verbos (nomes **deverbais**, *v.g.* **saltar** → **salto**). Em ambos os casos, fica claro que uma forma é derivada da outra, apesar de não existir um sufixo derivacional concreto, razão por que é conveniente adotar-se o critério do morfema zero.

A essa altura, você deve ter percebido que resta um problema a resolver: ora o verbo é derivado do nome, ora é o nome que é derivado do verbo. Como saber o que é primitivo e o que é derivado? Será que **luta** origina-se de **lutar**, ou é o contrário que se verifica?

Segundo Mário Barreto (1982 *apud* KEHDI, 1992, p. 23), "se o substantivo denota ação, será palavra derivada, e o verbo palavra primitiva; mas, se o nome denota algum objeto ou substância, verificar-se-á o contrário". Antes disso, Mattoso Câmara Jr. já tinha definido os deverbais como "nomes de ação, isto é, substantivos abstratos que correspondem a verbos cognatos" (MONTEIRO, 2002, p. 133, nota 4). Assim, **dança, ataque** e **amparo** são vocábulos derivados, respectivamente, de **dançar, atacar** e **amparar.** Ao contrário, **ancorar, azeitar** e **escudar** são derivados de **âncora, azeite e escudo**.

Lembremos, todavia, que esse critério nem sempre resolve a questão, pois na língua certos substantivos abstratos transformam-se em concretos: o **almoço**, o **salto** (do sapato), o **alimento**, a **conta** etc.

5.2.2.2 Derivação regressiva e abreviação

Às vezes, como vimos, na derivação de **nomes deverbais** por sufixo zero, a forma derivada apresenta perda fonética na comparação com a forma primitiva. Exemplos:

- cortar → cort + Ø + e
- pescar → pesc + Ø + a
- tratar → trat + Ø + o
- estudar → estud + Ø + o
- abater → abat + Ø + e
- golpear → golp + Ø + e
- rodear → rodei + Ø + o
- rezar → rez + Ø + a
- tosar → tos + Ø + a

Há deverbais regressivos com duas formas paralelas: uma com tema em [a], outra em [o]. Exemplos:

- ameaçar → ameaç + Ø + a / ameaç + Ø + o
- trocar → troc + Ø + a / troc + Ø + o
- gritar → grit + Ø + a / grit + Ø + o

Em todos os exemplos acima, a forma derivada apresenta um volume fonético menor do que a forma primitiva, justificando o enquadramento como **derivação regressiva**.

Fenômeno semelhante à derivação regressiva é a **abreviação** ou **redução** (não confundir com **abreviatura**). Segundo Evanildo Bechara (1987, p. 185), "a abreviação consiste no emprego de uma parte da palavra pelo todo. É comum não só no falar coloquial, mas ainda na linguagem cuidada, por brevidade de expressão: *extra* por *extraordinário* ou *extrafino*".

Apesar de alguns autores incluírem a abreviação na derivação regressiva, convém distinguir os dois processos.

De modo geral, como vimos, na derivação regressiva ocorre mudança de classe gramatical: verbos passam a ser substantivos; na abreviação, embora haja redução do vocábulo, a forma derivada permanece na mesma classe gramatical.

- extraordinário (adj.) → extra (adj.)
- sarampão (subst.) → sarampo (subst.)
- fotografia (subst.) → foto (subst.)

Além disso, as formas abreviadas não mantêm um padrão homogêneo. Apesar de a supressão de elementos terminais (**apócope**) ser predominante, ela também pode ocorrer no meio (**síncope**) ou no começo da palavra (**aférese**). Exemplos:

- supermercado → super
- cinematógrafo → cinema
- cinema → cine
- Florianópolis → Floripa
- telefone → fone
- poliomielite → pólio
- quilograma → quilo
- motocicleta → moto
- automóvel → auto
- vice-presidente → vice
- pneumático → pneu
- panamericano → pan

- Belo horizonte → Belo
- Bilhão → bi

Na linguagem oral, são frequentes os vocábulos reduzidos. Os alunos costumam chamar o professor de profi, **fessô**, ou apenas de **sô**; **você** se transforma em **ocê**, ou simplesmente **cê**; em substituição a **obrigado** diz-se **brigado**; ou **tô** por **estou**; ou **tamo**(s) por **estamos** etc.

Ainda uma observação: a forma abreviada pode coexistir com a forma da qual deriva. Às vezes, estabelece-se uma diferença de sentido entre elas. Por exemplo, **cine** só é empregado precedendo o nome do cinema; na omissão deste, emprega-se **cinema**.

- O **cine** Guadalajara fechou as portas.
- Vai ao **cinema** (e não *Vai ao cine).

O emprego das duas formas é pautado por um critério distribucional.

5.2.3 Derivação parassintética

A derivação parassintética consiste na adjunção simultânea de prefixo e sufixo a um radical, de tal modo que a supressão de um ou de outro resulta em uma forma inexistente na língua. São vocábulos nos quais prefixo e sufixo apresentam solidariedade formal e semântica. Tomemos com exemplo a forma **envelhecer**, derivada de **velho** por meio do prefixo [**en**] e do sufixo [**ec(er)**]. Não existe ***velhecer**, tampouco ***envelho**. A parassíntese é, em geral, um processo de formação de verbos nos quais ocorrem, além de um sufixo real ou suposto (ver derivação por morfema zero), os prefixos [a] e [en], cujo valor semântico é meramente aspectual.

José Lemos Monteiro (2002, p. 135) considera que a parassíntese é um processo que se aplica exclusivamente aos verbos, uma vez que na formação dos nomes a adjunção de prefixos e sufixos nunca é simultânea. Para ele, ao contrário do que afirmam algumas gramáticas, o vocábulo **desalmado**, por exemplo, não tem formação parassintética. O fato de o prefixo ter valor semântico seria o bastante para descaracterizar a parassíntese, nesse caso. Por outro lado, argumenta que, com base no princípio da sincronia, é possível admitir a existência da prefixação nos casos em que, mesmo não existindo a base como forma livre, seja viável estabelecer comutações apoiadas no testemunho dos falantes ou na analogia com outras derivações. Ou como afirma Kehdi (1992, p. 19), "o exame do subsistema pode também revelar que um determinado vocábulo, aparentemente formado por parassíntese, é, na verdade, um derivado prefixal. Tome-se, por exemplo, o adjetivo **inquebrantável**. A inexistência de ***quebrantável** e * inquebrantar tem conduzido alguns a considerar **inquebrantável** como parassintético. No entanto, a ocorrência de inquebrável, indesejável, impensável, em que o prefixo se atrela ao adjetivo, e não ao verbo (*inquebrar, *indesejar, *impensar), mostra-nos que esses adjetivos são todos prefixais".

Situação distinta é aquela em que a adjunção de prefixos e sufixos não é simultânea. Antes de se ter **reflorescer**, tem-se **florescer**, que é derivado de **flor**. De **infelizmente**, pode-se subtrair o sufixo e temos **infeliz**; pode-se subtrair o prefixo e temos **felizmente**; ou podem-se subtrair prefixo e sufixo e tem-se **feliz**. A ordem derivacional prefixal ou sufixal em geral obedece a certos princípios hierárquicos, explicáveis com base na análise dos Constituintes Imediatos (C.I.), conforme já explicamos. Em **descobrimento** não se pode falar em derivação parassintética, pois de **cobrir** derivou-se **descobrir** e deste derivou-se **descobrimento**.

Relacionamos, a seguir, outros parassintéticos, variando o sufixo:

- mole → a + mol + ent + a + r
- pedra → a + pedr + ej + a + r

- tarde → en + tard + ec + e + r
- morte → a + mort + iz + a + r
- formoso → a + formos + e + a + r
- redondo → a + rredond + Ø + a + r

Também na derivação parassintética é útil a pressuposição do morfema derivacional zero. Tomemos como exemplo os verbos **adoçar** e **adocicar**, citados por Monteiro (2002, p. 139), ambos derivados do adjetivo **doce**. Em **adocicar**, constata-se a existência do prefixo [a] e do sufixo [**ic(ar)**]. Em **adoçar**, no entanto, o sufixo é zero. Assim:

- a + doc + ic + a + r
- a + doç + Ø + a + r

Esse critério permite explicar de modo coerente que adoçar é derivado de doce. O mesmo se aplica a inúmeros outros verbos parassintéticos, entre os quais, citam-se:

- pronto → a + pront + Ø + a + r
- largo → a + alarg + Ø + a + r
- terra → a + terr + Ø + a + r
- jardim → a + jardin + Ø + a + r
- grupo → a + grup + Ø + a + r
- vermelho → a + vermelh + Ø + a + r
- fino → a + fin+ Ø + a + r
- quente → re + quent + Ø + a + r
- fresco → re + fresc + Ø + a + r
- bainha → em + bainh + Ø + a + r
- azul → a + azul + Ø + a + r
- amarelo → a + amarel + Ø + a + r <//>

Nos dois últimos exemplos, admite-se que houve crase do /a/ do radical com o prefixo [a]. Observa-se, no entanto, que há outros derivados de adjetivos que indicam cor sem parassíntese: **branquear**, **verdejar** etc.

Não raro o morfema zero aparece depois de outro sufixo, devendo-se aplicar a lei dos constituintes imediatos para a correta análise. Nesses casos a parassíntese ocorre numa base já formada por derivação sufixal.

- mato → matuto → amatutar
- casa → casal → acasalar

Rigorosamente, a fim de evitar dúvidas quanto à interpretação de certos fatos, o morfema zero deve ser subtendido no radical do vocábulo parassintético mesmo quando ele passa a formar um novo derivado. Nessa direção, formam-se, por exemplo:

- grup(o) → a + grup + Ø + a + r → a + grup + Ø + a + ment + o
- cas(a) → cas + al → a + cas + al + Ø + a + r → a + cas + al + Ø + a + ment + o

Em síntese, os vocábulos parassintéticos apresentam as seguintes características:

a) Prefixo e sufixo, mesmo que seja zero, são adjuntados simultaneamente à base.

b) Em geral, o prefixo de um parassintético é assemântico, ou seja, é vazio de significação.

c) Retirando-se o prefixo de um parassintético, não restará uma forma livre em uso na língua. Isolando-se o [a] de **amanhecer**, resta ***manhecer**. Ao contrário, isolando-se o [re] de **recondicionar**, sobra **condicionar**.

d) Na formação dos parassintéticos, predominam os prefixos [a] e [em]. Por isso, é discutível afirmar que **reverdejar, requentar, subterrâneo, convocação**, entre outros, sejam considerados parassintéticos.

5.2.4 Derivação imprópria

Além da formação de vocábulos pelo acréscimo ou subtração de afixos a um radical, tem-se a formação de vocábulos por mudança de classe gramatical, sem que se processe qualquer alteração mórfica. Os casos mais frequentes são de *substantivação* (o **contra**, o **não**, consegui um **dez**, tu és o **máximo**, o **viajar**, este **a** é um artigo, se não houvesse o **se**..., disse um **ai** e mais nada etc.), mas também há *adjetivação* (comício **relâmpago**, navio **pirata**, pombo-**correio** etc.), *adverbialização* (ter celular custa **caro**, anda **rápido** etc.) e *gramaticalização* (todos foram atendidos, **salvo** meu pai). Valter Kehdi (1992, p. 29-30) lista as seguintes possibilidades:

a) de substantivo próprio a comum: **quixote, champanha, macadame;**

b) de substantivo comum a próprio: **Figueira, Fontes, Machado**;

c) de adjetivo a substantivo: (o) **circular**, (o) **brilhante**, (o) **ouvinte**;

d) de substantivo a adjetivo: (motorista) **burro**, (guerra)-**relâmpago**;

e) de substantivo/adjetivo/verbo a interjeição: **Silêncio!, Bravo!, Viva!**;

f) de verbo a substantivo: **estudar** (é necessário), (teu) **andar**, (o) **falar**;

g) de verbo e advérbio a conjunção: **quer... quer, seja... seja, ora... ora**;

h) de adjetivo a advérbio: (falar) **alto**, (custar) **caro**;

i) de particípio (presente/passado) a preposição: **mediante, salvo, exceto**;

j) de particípio passado a substantivo e adjetivo: **resoluto, vista, ferida**;

k) de vocábulos invariáveis a substantivos: (o) **sim**, (o) **não**, (o) **porquê**.

A NGB e a maioria dos gramáticos denominam este processo de *derivação imprópria*, mas há quem o denomine *conversão* (Bechara), *hipóstase* (Charles Bally) ou mesmo *translação* (Tesnière). Trata-se de um mecanismo especial que, a rigor, diz mais respeito a aspectos de estrutura sintática do que a mecanismos derivacionais. Na substantivação, por exemplo, os vocábulos admitem ser precedidos de artigo, que assume o papel de translativo. Ou seja, é no eixo sintagmático extravocabular que se marca a função substantiva. Mas ocorrendo a substantivação, o vocábulo se submete a procedimentos típicos do nome, como a pluralização (os **sins**, os **haveres** etc.).

Monteiro (2002, p. 146) sugere que os vocábulos substantivados sejam analisados morficamente de modo diverso da palavra primitiva. Sendo assim, **sete** (numeral) constitui radical atemático, mas, quando substantivo, é bipartível em R + VT: [set] + [e]. O princípio é de que a palavra convertida a outra classe gramatical passa a ser analisada morficamente de modo distinto da primitiva. Nesses casos, também se torna eficaz a alternativa de se considerar a hipótese do morfema zero. Sendo substantivo, **sete** teria os seguintes constituintes: raiz [set], sufixo derivacional zero [Ø], vogal temática [e], desinência de gênero [Ø], desinência de número [Ø].

Neste capítulo, examinamos, até aqui, os processos básicos de derivação. Em resumo, as noções essenciais sobre a derivação são as seguintes:

- As formas primitivas se opõem às derivadas. Estas, além do núcleo, apresentam morfes capazes de produzir novos vocábulos.
- Os morfes derivacionais acrescentam ao núcleo um significado acessório ou transferem a palavra de uma classe ou função gramatical para outra.
- Pelo princípio dos constituintes imediatos, um vocábulo com mais de um sufixo ou prefixo não deriva diretamente do núcleo, mas de formas secundárias.
- As modalidades principais de derivação são: a prefixação, a sufixação, a parassíntese, a regressiva e a imprópria.

- A derivação regressiva e a imprópria devem ser estruturalmente interpretadas como processos de derivação por sufixo zero.
- Os casos mais comuns de derivação imprópria são: a substantivação, a adjetivação, a adverbialização e a gramaticalização.

5.3 Composição

Vimos até aqui, neste capítulo, as diversas possibilidades de formar vocábulos novos por intermédio de prefixos e sufixos, ou mesmo alterando a classe gramatical, o que significa alterar o tema. A seguir, veremos que há outras possibilidades de formar vocábulos novos. Uma delas é a **composição**. Vamos ver como se configura essa questão?

Composição é um processo de formação de vocábulos novos pela combinação de vocábulos já existentes: **porco-espinho, quebra-nozes, girassol, pé-de-galinha** etc., ou pela combinação de bases não-autônomas, ou entre uma base autônoma e outra não-autônoma e vice-versa. Ao contrário dos processos de derivação, nos quais se registra um único semantema (raiz, radical primário), nos processos de composição, ocorrem dois ou mais semantemas (duas ou mais raízes).

Um aspecto relevante na composição é que os elementos primitivos perdem a significação própria em favor de um novo conceito, formado pela combinação de todas as partes. Um substantivo como **criado-mudo** designa um móvel que não é *criado* e é *mudo* tanto quanto uma **mesa**, uma **cadeira**, um **sofá** ou um **guarda-roupa**. Como se observa, vocábulos compostos comutam-se com vocábulos simples, e vice-versa. Há, todavia, vocábulos compostos que mantêm certa relação semântica com o significado dos vocábulos primitivos que entram na sua formação e outros que não apresentam nenhuma relação significativa. Por exemplo, **guarda-chuva** é um objeto que se presta a nos proteger da chuva; **pé-de-moleque**, ao contrário, nada tem a ver com pé ou com moleque.

Graficamente, os componentes dos compostos podem estar ligados (**pernalta**), hifenizados (**mãe-d'água**) ou soltos (**Idade Média, fim de semana**). Surge daí uma dificuldade: como distinguir certos vocábulos compostos de simples locuções?

Consideremos, as frases abaixo:

1) Na Idade Média surgiu a lenda do Santo Graal.

2) A idade média das pessoas aqui é 35 anos.

Abstraindo a indicação gráfica do uso das maiúsculas, em que nos basearemos para afirmar que em (1) **Idade Média** é composto e em (2) **idade média** é locução? Para auxiliar na caracterização dos compostos, veremos o que diz Kehdi (1992), com base em estudo de Herculano de Carvalho, na obra *Teoria da Linguagem*, sobre sintagmas fixos.

5.3.1 Traços linguísticos dos compostos

Os compostos são, a exemplo dos sintagmas fixos, elementos estereotipados que apresentam unidade semântica e morfossintática. Visto que sobre os aspectos semânticos dos compostos já falamos, vamos nos ater aos aspectos morfossintáticos.

São quatro as propriedades morfossintáticas dos compostos:

Primeira propriedade:

A ordem dos termos é rígida e entre eles não se pode introduzir nenhum outro elemento.

O substantivo **ganha-pão**, por exemplo, não aceita a inversão, e qualquer adjetivo só poderá ser usado à esquerda ou à direita:

bom ganha-pão

ganha-pão *bom*

*ganha-*bom*-pão (inaceitável)

É essa propriedade que esclarece o caráter de compostos para sintagmas como **estrada de ferro** e **bicho grilo**.

estrada de ferro *nova*

nova estrada de ferro

*estrada *nova* de ferro

bicho grilo *inconveniente*

inconveniente bicho grilo

*bicho *inconveniente* grilo

Por outro lado, um sintagma livre como **garota inteligente**, não só aceita a inversão, **inteligente garota**, como também possibilita a intercalação, **garota esperta e inteligente**.

É preciso considerar, no entanto, que existem compostos que mantêm a mesma significação, mesmo com a inversão dos componentes: planalto = altiplano, franco-italiano = ítalo-francês.

Segunda propriedade:

Os elementos dos compostos não podem, isoladamente, ser substituídos ou suprimidos.

Num sintagma livre, como **carro à gasolina**, pode alternar-se *gasolina* por *álcool*. O mesmo não acontece em **unha-de-fome**. Nesse caso, a única substituição possível é o composto por outro composto ou outra palavra simples: **mão-de-vaca**, **avarento** etc.

Do mesmo modo, não se admite a supressão de uma das partes: conheci um **mão**, conheci um **de-vaca**, conheci um **vaca**.

Convém, no entanto, considerar que em certos compostos nos quais um elemento é determinante e outro é determinado, o determinante pode assumir o lugar do todo: **circular** por **ônibus circular**, **capital** por **cidade capital**. Essa possibilidade também existe para certos compostos eruditos, como **foto** por **fotografia**, **fone** por **telefone**, **auto** por **automóvel**.

Terceira propriedade:

Os compostos podem apresentar construções sintáticas anômalas.

Em **porco-espinho**, por exemplo, o segundo elemento "espinho", que tem função restritiva em relação ao primeiro, está ligado ao outro substantivo "porco" sem auxílio de preposição (porco de espinho). Também não existe conector em **azul-marinho** (azul e marinho), **vaivém** (vai e vem).

Quarta propriedade:

O composto funciona sintaticamente como se fosse uma só palavra.

Essa propriedade assegura que o vocábulo composto seja substituído, no mesmo contexto, por um vocábulo simples:

Gosto de [**manga-rosa**].

Gosto de [**maçã**].

O [**joão-de-barro**] está feliz.

O [**tucano**] está feliz.

A [**Arábia Saudita**] se mantém neutra sobre o conflito.

O [**Brasil**] se mantém neutro sobre o conflito.

[**João Gilberto**] lembra [**Bossa Nova**].

[**Toquinho**] lembra [**samba**].

5.3.2 Estrutura do compostos

A estrutura dos compostos é bastante variada, como demonstramos a seguir:

1) substantivo + substantivo: **tamanduá-bandeira, peixe-boi, papel-moeda**;
2) substantivo + preposição + substantivo: **pé-de-vento, pai de família, arroz-de-festa**;
3) substantivo + adjetivo (ou vice-versa): **amor-perfeito, aguardente, belas-artes, alto-forno**;
4) adjetivo + adjetivo: l**uso-brasileiro, tragicômico, surdo-mudo**;
5) numeral + substantivo: **terça-feira, três-marias, trigêmeo**;
6) pronome + substantivo: **meu-bem, Nosso Senhor, Vossa Excelência**;
7) verbo + substantivo: **lança-perfume, beija-flor, guarda-roupa**;

8) verbo + verbo (ou verbo + conjunção + verbo): **corre-corre, vaivém, leva-e-traz**;

9) advérbio + substantivo (ou + adjetivo, ou + verbo, ou + pronome + verbo): **benquerença, sempre-viva, não-machadiana, bem-querer, vangloriar**(-se), **malmequer**;

10) verbo + advérbio: **pisa-mansinho, ganha-pouco**;

11) Grupos de vocábulos e construções oracionais: **Deus-nos-acuda, Maria-vai-com-as-outras, o mama-na-égua**.

Todos os exemplos mostram que a estrutura dos compostos é sintática, diferentemente do que ocorre com os derivados. Essa característica explica muitos casos de flexão de número dos compostos. Vamos tratar disso agora.

5.3.3 Flexão de número dos compostos

Se os compostos apresentam uma estrutura sintática, a flexão de número desses vocábulos segue os mesmos princípios da concordância nominal oracional. Trataremos dessas regras gerais, sem entrar no detalhamento das exceções e particularidades listadas pelas gramáticas escolares.

Isso significa que os elementos que fazem parte do vocábulo composto mantêm entre si uma relação sintagmática, que pode ser de coordenação ou de subordinação.

Há duas normas fundamentais de concordância nominal:

a) apenas o substantivo é regente de concordância;

b) um substantivo, ainda que determinante de outro, não se flexiona para concordar, ou seja, substantivo não concorda com substantivo.

A partir desses dois princípios interligados, destacamos as principais regras de flexão de número dos compostos:

- Substantivo + adjetivo e vice-versa: adjetivo concorda com substantivo (**guarda-civil** → **guardas-civis, alto-relevo** → **altos-relevos, peso-morto** → **pesos-mortos**).
- Substantivo + (preposição) + substantivo: o substantivo determinante não se pluraliza, exceto se já é pluralizado na forma-

ção da composição (**navio-escola** → **navios-escola, pão-de-ló** → **pães-de-ló, mula-sem-cabeça** → **mulas-sem-cabeça, gato-de-botas** → **gatos-de-botas**).

- Verbo determinado por complemento verbal: o complemento pode estar no singular ou no plural (**guarda-chuva** → **guarda-chuvas, saca-rolha** → **saca-rolhas**).
- Verbo determinado por advérbio ou outra palavra invariável: não há flexão nesses casos (**(o) bota-fora** → **(o)s bota-fora, (o) cola-tudo** → **(o)s cola-tudo**).
- Compostos sem hífen ou com o primeiro elemento apocopado: a falta de hífen impede a inserção de morfemas, por isso só o último elementos pode flexionar-se (**pontapé** → **pontapés, pernalta** → **pernaltas, bel-prazer** → **bel-prazeres, grão-mestre** → **grão-mestres**).
- Substantivos / adjetivos coordenados, sem determinância entre si: ambos se flexionam no plural (**aluno-mestre** → **alunos-mestres, cirurgião-dentista** → **cirugiões-dentistas, surdo-mudo** → **surdos-mudos**).

Se forem verbos repetidos ou nomes onomatopéicos coordenados, recomenda-se, por questões de eufonia, excluir o –s no primeiro elemento: **(o) treme-treme** → **(os) treme-tremes, (o) tico-tico** → **(os) tico-ticos**.

!

- Adjetivo formado por adjetivo-adjetivo: flexiona-se apenas o último elemento (**acordo luso-brasileiro** → **acordos luso-brasileiros, sessão lítero-musical** → **sessões lítero-musicais**).
- Adjetivo determinado por substantivo ou por outro adjetivo: não há flexão no composto, pois substantivo não concorda com nenhum termo e adjetivo não é regente de concordância, nem adjetivo concorda com adjetivo (**casa verde-musgo** → **casas verde-musgo, tecido azul-marinho** → **tecidos azul-marinho, piso branco-gelo** → **pisos branco-gelo**).

5.3.4 Tipos de composição

A Nomenclatura Gramatical Brasileira e as gramáticas em geral costumam apresentar a *aglutinação* e a *justaposição* como aspectos peculiares ou propriedades da composição. Neste sentido, diz-se que a composição por justaposição ocorre quando os elementos mantêm-se integralmente, inclusive o acento tônico: **passatempo, gira-mundo, cobra-cega**; ao contrário, na aglutinação os elementos fundem-se num todo fonético, com um único acento e há perda fonética no primeiro elemento: **boquiaberto, pernalta, cabisbaixo**. Em síntese, isso significa que na justaposição um só vocábulo mórfico corresponde a mais de um vocábulo fonológico; na aglutinação, ao contrário, um vocábulo mórfico corresponde a um só vocábulo fonológico.

De fato, a distinção entre justaposição e aglutinação é de ordem fonético-fonológica, não morfológica. Além disso, esses fatos não são exclusivos da composição: eles também ocorrem na derivação.

Dito isso, restam três observações finais sobre os compostos:

1) Se o processo de fusão for muito acentuado ou antigo, de tal modo que os falantes já não mais reconhecem os elementos que entraram na composição, convém considerar o vocábulo como primitivo, do ponto de vista sincrônico. Servem de exemplos os vocábulos **fidalgo** (filho + de + algo → filho + dalgo → fi + dalgo → fidalgo) e **embora** (em + boa + hora).

2) Compostos também são vocábulos dos quais se derivam outros por meio de prefixos e sufixos: **Porto Alegre** → **portoalegrense, Rio Grande do Sul** → **sul-rio-grandense, Nova York** → **novaiorquino, agricultura** → **agriculturável** etc.

3) Na literatura científica, técnica e literária, são frequentes os vocábulos formados por elementos greco-latinos. Em geral, esses elementos são formas presas que, combinadas, resultam em vocábulos eruditos, de uso especializado. Eis alguns exemplos com raízes latinas: **cruci**fixo (cruz), **sesqui**centenário (um e meio), **arborí**cola (árvore), **pisci**cultor (peixe), **oni**potente (todo), **ambi**destro (ambos), **igni**ção (fogo), centrí**fugo** (que

foge), matri**cida** (que mata), agrí**cola** (que cultiva), aurí**fero** (que produz). Alguns exemplos com raízes gregas: hexacampeão (seis), **hepta**ssílabo (sete), **oftalmo**logia (olho), **pan**teísmo (todos, tudo), **teo**cracia (deus), **topo**nímia (lugar), antropó**fago** (que come), bí**gamo** (que casa), megalo**mania** (loucura, tendência), olig**arquia** (comando, governo).

Para melhor conhecimento dos vocábulos eruditos, sugere-se o estudo dos radicais – mais propriamente raízes – gregos e latinos, bem como dos prefixos e sufixos gregos e latinos, listados pelas gramáticas. Sabendo o significado desses elementos, mais fácil é a compreensão dos vocábulos formados por eles, ou mesmo o uso de tais morfemas para a formação de neologismos. Por exemplo, sabendo que –**cida** quer dizer "que mata" e **uxor** quer dizer "esposa", então **uxoricida** é "o assassino de sua mulher". Trágico, não? Mas etimologicamente explicado.

5.4 Outros processos de formação de vocábulos

Além dos processos de derivação e de composição, há outros processos de formação de vocábulos que devem ser levados em conta. Vamos ver alguns deles, com base em Monteiro (2002) e Alves (2007).

5.4.1 Recomposição

A *recomposição* é uma espécie de composição em que se toma uma parte de um vocábulo composto que passa a valer pelo todo e se liga a outra base para formar um novo composto. Tomemos como exemplo **foto**, que passou a ser usado no lugar de **fotografia**. A partir dessa base, formam-se **fotocópia** (foto + cópia), **fotonovela** (foto + novela), **fotomontagem** (foto + montagem), entre outros recompostos.

O mesmo processo se verifica em **televisão** (tele + visão). O primeiro elemento tem o sentido de televisão em vocábulos recompostos, como: **telejornal, telenotícia, telecurso, telenovela**. De modo análogo, o substantivo **telecomunicações** reduz-se a **tele** em recompostos como **teleconferência, TELEBRÁS** etc. Em **telefone**, todavia, há composição apenas, pois nesse caso **tele** não significa televisão, nem **telecomunicações**, mas tão somente o significado herdado do grego: "a distância".

Vejamos outro exemplo de recomposição: **automóvel** (auto + móvel) pode ser simplesmente **auto**. Daí se formam **autódromo, autorama, autopista, autovia, autoestrada** etc.

5.4.2 Braquissemia

Braquissemia (ou truncação) é o emprego de parte de um vocábulo pelo vocábulo inteiro. É resultado da subtração, e o elemento restante passa a valer semanticamente pelo todo. Equivale ao que alguns autores classificam como *abreviação vocabular*, expressão que não deve ser confundida com *abreviatura*.

A subtração pode ocorrer nos elementos finais (apócope), iniciais (aférese) ou, mais raramente, mediais (síncope).

Exemplos:

- fotografia → foto
- telefone → fone
- motocicleta → moto
- panamericano → pan
- automóvel → auto
- quilograma → quilo
- pentacampeão → penta
- cinematógrago → cinema
- pneumático → pneu
- bilhão → bi
- extraordinário → extra

- poliomielite → pólio
- sarampão → sarampo
- inoxidável → inox
- São Paulo → Sampa
- Florianópolis → Floripa
- europeu → euro

A braquissemia é bastante comum na linguagem oral, por ser mais espontânea que a escrita e mais sujeita aos princípios da economia da linguagem. Servem de exemplo: **profi** ou **fessô** (por professor), **tá** (por está), **vamo** (por vamos), **corgo** (por córrego), **brigado** (por obrigado) **ocê** e **cê** (por você), **bá** (por barbaridade) etc.

Os colunistas sociais, com vistas a certos apelos e à criação de expressões inusitadas em suas páginas de jornais, utilizam criações léxicas com **coq, niver** e **su** como formas reduzidas de coquetel, aniversário e sucesso.

5.4.3 Acrossemia

Acrossemia (ou acronímia) é um processo de formação de vocábulos por meio da combinação de sílabas extraídas de compostos ou expressões. É um recurso bastante utilizado na formação de siglas. Servem de exemplo:

- ONU → Organização das Nações Unidas
- RAIS → Relação Anual de Informações Sociais
- UFSC → Universidade Federal de Santa Catarina
- EMBRATUR → Empresa Brasileira de Turismo
- DETRAN → Departamento Estadual de Trânsito

Incluem-se entre os acrossêmicos os vocábulos conhecidos como amálgamas, isto é, combinações de partes dos vocábulos, como **motel** (motorista e hotel), **portunhol** (português e espanhol), **democradura** (democracia e ditadura), **magistrípula** (magistra e discípula), **brasi-**

guaio (brasileiro e paraguaio), **novelha** (nova e velha), **gatosa** (gata e idosa), **pilantropia** (pilantra e filantropia), **informática** (de informação automática).

Comuns são os acrônimos produzidos em outras línguas e incorporados ao português como se fossem vocábulos simples. São exemplos:

- Transistor → (de **trans**fer re**sistor**)
- Bit → (de **bi**nary digi**t**)
- Laser → (de **L**ight **a**mplification by **s**timulated **e**mission of **ra**diation)
- NASA → (de **N**ational **A**eronautics and **S**pace **A**dministration)
- VIP → (de **v**ery **i**mportant **p**erson)
- AIDS → (de **A**cquired **I**mmunological **D**eficiency **S**yndrome)
- Radar → (de **Ra**dio **d**etecting **a**nd **r**anging)

Em Portugal, desenvolveu-se a forma SIDA a partir da tradução da expressão inglesa. Daí a forma derivada sidoso, que é sinônima de aidético.

Observamos que os acronímicos são vocábulos com autonomia de significante, pois são lidos e pronunciados como formas simples e não como as expressões que abreviam. **CONTRAN**, por exemplo, não se pronuncia *Conselho Nacional de Trânsito*.

Outro aspecto a considerar é que os acronímicos se organizam em padrões silábicos próprios do português, ao contrário de certas siglas que não constituem vocábulos autônomos. Por exemplo, **TSE** se pronuncia *Tribunal Superior Eleitoral*, e **INSS** se pronuncia *i-ene-esse-esse*.

Certos vocábulos formados por acrossemia podem receber afixos derivacionais: de USP forma-se uspiano; de MOBRAL, mobralense.

Os vocábulos acrossêmicos são muitas vezes associados a valores conotativos que as expressões originais não transmitem. Vejamos os seguintes exemplos:

GARRA → Grupo Armado de Repressão a Roubos e Assaltos

CORPOS → Centro de Orientação e Reprogramação Psicoorgânica

Por fim, resta observar que a abreviatura (ou acrografia) não constitui processo de formação de vocábulos, se tiver caráter de idiograma. Na acrografia, a letra não vale pelo fonema que costuma representar, mas como símbolo da palavra que evoca. Para km, por exemplo, lê-se *quilômetro*; para adj., lê-se *adjetivo*.

5.4.4 Fonossemia

A fonossemia consiste em combinar fonemas com o intuito de imitar ruídos naturais, ainda que não corra perfeita identidade. Quando dizemos **tique-taque**, por exemplo, sabemos que esse vocábulo não reproduz perfeitamente o som dos relógios, mesmo assim fazemos uma imediata associação com ele. Vocábulos assim formados são denominados de *onomatopeias*.

Outros exemplos: **au-au, blá-blá-blá, bem-te-vi, cocoricó, piopio, miau, gluglu, toc-toc, vuco-vuco, cri-cri, cuco, rataplan, nhenhenhen** etc.

Os vocábulos formados por fonossemia podem, com frequência, servir de base para formas derivadas. Isso ocorre, por exemplo, com os onomatopaicos que se referem a vozes de animais: **cacarejar, pipiar, coaxar, miar, trilar** etc.

Se as onomatopeias são constituídas com base em elementos repetidos, tem-se um processo específico que se chama *duplicação*, também denominado de *redobro*, *redobramento, reduplicação* ou *duplicação silábica*, ou tautossilabismo.

Quando os elementos são repetidos integralmente, sem alteração de fonemas, tem-se a *duplicação perfeita*: **reco-reco, Dudu, ioiô, cri-cri, iaiá, lufa-lufa, vovó, nhonhô, teco-teco, papá, nana, mamá** etc.

Quando ocorre alternância vocálica ou perda de fonemas, tem-se a *duplicação imperfeita*: **tique-taque, titia, papai, xexéu, zigue-zague, mamãe, teteia** etc.

5.4.5 Empréstimos ou estrangeirismos

Já tivemos oportunidade de ver que o léxico da língua não se amplia somente através dos processos de formação de vocábulos. Os empréstimos

mos de outras línguas também são fontes de enriquecimento do léxico, sem causar-lhe danos relevantes, uma vez que eles não interferem no sistema gramatical. Os empréstimos ocorrem devido aos contatos com outras línguas , ou são introduzidos através dos meios de comunicação. Nesse caso, prevalecem os empréstimos de línguas de prestígio. No século XIX e início do século XX, por exemplo, o francês tinha grande prestígio internacional. Nessa época, muitos galicismos foram incorporados ao português. Atualmente, no entanto, o inglês é a língua que se impõe, devido principalmente ao poder econômico dos americanos em relação a outros países. Nesse contexto, prevalecem os termos associados às ciências e às tecnologias, ao comércio e à produção industrial. Vejamos, por exemplo, quantos vocábulos ingleses relacionados à informática são cada vez mais familiares aos brasileiros: *chip, mouse, scanner, software, windows, dos, download, modem, blog, reset, enter, megabyte, internet, cd-rom* etc., além de neologismos derivados como **resetar, printar, interconectar, acessar, escanear, conectar** etc.

No Brasil, são ou foram relevantes os contatos com as línguas indígenas, com as línguas africanas, com o espanhol ao longo das fronteiras e com as línguas de imigrantes, notadamente o alemão e o italiano.

O aportuguesamento dos estrangeirismos consiste, em linhas gerais, numa adaptação do vocábulo à fonética, à grafia e aos paradigmas flexionais da nossa língua. Ao invés do /i/ arredondado no final da palavra **menu** (do fr.), pronunciamos /u/. A grafia também se ajusta à pronúncia e aos grafemas: **tape** (por *teipe*), **buquê** (por *bouquet*), **nocaute** (por *knock-out*), **futebol** (por *football*), **turnê** (por *tournée*), **buro**[cracia] (por *bureau*) etc. Os empréstimos também se ajustam às regras flexionais: **chef** → **chefe, chefa, chefes, chefas**. E assim também recebem morfes derivacionais: **chefia, chefiar, chefatura**.

Às vezes, a expressão estrangeira é traduzida literalmente, evitando-se as dificuldades da integração fonológica e morfológica: **high technology** → **alta tecnologia**. Tal recurso é denominado de *decalque*.

5.4.6 Hibridismos

Vocábulos híbridos são aqueles formados por elementos de línguas diferentes, seja por composição, seja por derivação. Em **televisão** e **automóvel**, os elementos gregos **tele** e **auto** se unem, respectivamente, aos elementos vernaculizados **visão** e **móvel**. O sufixo [ismo], de procedência grega, é um dos mais produtivos em português e se aplica a qualquer base nominal: **socialismo, indianismo, sectarismo, organismo, automobilismo** etc.

Certos vocábulos híbridos ditos eruditos apresentam formação simétrica com outros formados exclusivamente com elementos gregos, embora a significação não seja exatamente a mesma. **Decímetro** (do lat. *decem*), por exemplo, distingue-se de **decâmetro** (do gr. *deka*), **automóvel** (do lat. *mobile*) de **autômato** (do gr. *mão* "agir"), **televisão** (do lat. *visione*) de **telescópio** (do gr. *scópeo* "ver").

5.4.7 Hipocorísticos

O estudo dos nomes (prenomes e sobrenomes) de pessoas denomina-se antroponímia. Os processos de alteração morfofonêmica desses nomes na linguagem familiar para traduzir carinho, afetividade resultam em hipocorísticos. Exemplos:

- Antônio → Tonho, Tonico, Tinoco, Nhonhô, Nico, Totonho, Totônio etc.
- Maria → Mariazinha, Zinha, Marieta, Maroca, Maricota, Maricotinha, Cocota, Marica, Mariquinha, Marizita etc.
- Francisco → Chico, Chiquinho, Chiquito, Chicão, Francisquinho, Franquito, Cisco etc.

Os processos de formação dos hipocorísticos são:

- Braquissemia: Fernando → Nando, Gilberto → Gil, Anacleto → Cleto, Eduardo → Edu, Epitácio → Pita.
- Acrossemia: João Carlos → Joca, Maria Isabel → Mabel, Carlos Eduardo → Cadu.
- Duplicação: Augusto → Gugu, Cristina → Cricri, Eduardo → Dudu.
- Sufixação: Manuel → Maneco, João → Joãozito, Maria → Marinete.

Às vezes, hipocorísticos se transformam em prenomes: Marino, Claudino, Marcelino, Marieta, Rosita, Osvaldo → Valdo, Danilo → Nilo, Eugênio → Ênio etc.

Por fim, lembramos que nomes afetivos ou depreciativos que não resultam de alterações morfofonêmicas do nome ou prenome são apelidos, no sentido vulgar, termo geral de que os hipocorísticos são uma espécie.

Para outras informações sobre hipocorísticos, sugerimos consulta ao texto "Regras de produtividade dos hipocorísticos", disponível em: <http://www.geocities.com/jolemos.geo/>, acessado em 28 fev. 2008.

5.4.8 Oniônimos

Oniônimos são nomes próprios referentes a marcas industriais e comerciais. A crescente industrialização e a diversificação das atividades comerciais exigem cada vez mais a criação de neologismos para designar novos produtos e marcas. Muitos desses neologismos são estranhos aos dispositivos gerais das normas ortográficas e aos padrões silábicos do português.

Na formação dos oniônimos ocorrem os mesmos processos de formação dos nomes comuns, mas com certas peculiaridades. Vamos examinar alguns exemplos de derivação, composição, braquissemia e acrossemia.

Derivação prefixal:

- [re] repetição → **Recolor**
- [a] ~ [an] privação, ausência → **Agripan, Anfertil**

Derivação sufixal:

- [al] → **Melhoral**
- [ol] → **Fosfosol, Estomanol**
- [ox] → **Neutrox**
- [ax] → **Primax**
- [on] → **Diabeton**
- [ite] → **Marmorite**

Derivação imprópria (às vezes, com grafia alterada):

- **Elefante** (extrato de tomate)
- **Hollywood** (cigarro)

- **Perdigão** (frigorífico, aumentativo de perdiz)
- **Camelô** (confecções)
- **Q boa** (água sanitária)
- **Kibon** (sorvete)

Composição (às vezes com elementos greco-latinos):

- **Vinovita**
- **Capilotônico**
- **Madrevita**
- **Sal de Frutas Eno**
- **Doce Menor**
- **Conhaque de Alcatrão de São João da Barra**
- **Cachaça Amansa Corno**
- **Sonho de Valsa**

Braquissemia:

- **Fanta** (refrigerante, de fantasia)
- **Esbelt** (remédio para emagrecimento, de esbelto)
- **Liubrium** (tranquilizante, de aequilibrium)

Acrossemia:

- **Fiat** → (de Fabbrica Italiana di Automobili Torino)
- **Nescau** → (de Nestlé + cacau)
- **Neston** → (de Nestlé + tônico)
- **Brastemp** → (de Brasil + temperatura)
- **Cica** → Companhia Industrial de Conservas Alimentícias
- **Petrobrás** → Petróleo do Brasil

Lembramos que muitos oniônimos são estrangeirismos que mantêm a grafia original: **Phillips, Chevrolet, Citröen, Yashica, Hewlett Packard**.

Leia mais!

Formação de Palavras. *In*: CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. São Paulo: Ática, 1988. p. 36-45.

Regras de produtividade dos hipocorísticos, de José Lemos Monteiro. *In*: <http://www.geocities.com/jolemos.geo/>, acessado em 28 fev. 2008.

6 Classificação dos Vocábulos Formais

Já vimos que a *morfologia* é a parte da gramática que descreve a forma das palavras, ou mais especificamente a estrutura, os processos de flexão e a formação das palavras. Cabe-lhe, ainda, de acordo as gramáticas, a tarefa de classificar os vocábulos. Vamos tratar disso neste capítulo, mas de um ponto de vista crítico. A partir da classificação da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), discutiremos critérios formais, funcionais e semânticos que devem orientar a classificação dos vocábulos.

6.1 A classificação das palavras de acordo com a NGB

Logo no primeiro capítulo, vimos que as classes de palavras são constituídas com base nas **formas** que assumem, nas **funções** que exercem e, eventualmente, no sentido que expressam. Dito de outro modo, as classes de palavras (também conhecidas como partes do discurso ou categorias lexicais) podem ser definidas com base em critérios morfológicos (propriedades formais), sintáticos (função na sentença) e semânticos (significado).

A NGB, com base na tradição gramatical greco-latina, distribui os vocábulos em dez classes, a saber:

Variáveis {
substantivo
adjetivo
verbo
pronome
numeral
artigo

Invariáveis
- advérbio
- preposição
- conjunção
- interjeição

A classificação da NGB tem, todavia, recebido críticas devido a algumas incoerências. Monteiro (2002, p. 225-226) lista as seguintes:

a) Usa a expressão *classificação das palavras*, quando apropriadamente deveria usar *classificação dos vocábulos*, uma vez que inclui as formas dependentes, como os artigos e os conectivos (preposições e conjunções).

b) Cria uma classe para um único morfema (o artigo) e deixa inclassificáveis inúmeros vocábulos e expressões sob o rótulo de palavras denotativas, a exemplo de **eis**, **também, somente, inclusive** etc.

Os vocábulos em processo de gramaticalização, especialmente os chamados marcadores discursivos, incluem-se nessa categoria.

c) Considera as interjeições como palavras, quando a rigor são frases de situação: **Socorro! Valha-me Deus!**

d) Mistura critérios heterogêneos. Assim, estabeleceu duas classes distintas para substantivos e adjetivos, opostos a pronomes que, como sabemos, podem ser também substantivos e adjetivos.

e) Cria a classe dos numerais, como se fossem distintos dos substantivos e adjetivos.

f) Interpreta o grau como *flexão*, o que teria sido suficiente para enquadrar os advérbios entre as palavras variáveis.

6.2 Revisando conceitos

A mistura de conceitos e critérios heterogêneos tem levado a definições questionáveis. Vamos ver algumas delas:

- *Substantivo é a palavra que designa os seres em geral.*

Como se vê, o substantivo está sendo definido pelo critério semântico. O problema, nesse caso, é identificar o ser, uma questão de ordem filosófica. Por outro lado, há nomes que não se referem a seres (**fé, sentimento, emoção, choro, doença, ideia** etc.), além do fato de que qualquer vocábulo pode ser substantivado (o **aqui-e-agora,** o **sim,** o **b,** o **viver** etc.).

A propósito, reproduzimos um parágrafo de Macambira (1982, p. 35):

> O Joãozinho perguntou se nada era substantivo, e teve como resposta que sim. 'O nada é um ser', disse o mestre de português. 'É antes um não-ser', retrucou-lhe Joãozinho. 'É um ser negativo', esclareceu-lhe o professor. A esta altura seria necessário evocar o espírito de um grande filósofo para resolver um problema de... português!

- *O adjetivo é a palavra que expressa qualidade.*

O conceito "qualidade" é discutível quando aplicado a certos adjetivos. Por isso, alguns autores mencionam outras noções, como *estado, defeito, condição* etc. Há, por outro lado, certos vocábulos que podem ser tanto substantivos quanto adjetivos: É melhor amar o **bonito** (subst.) do que amar o **feio** (subst.). ≠ Quero um casaco **bonito** (adj.), não um sapato **feio** (adj.); Aqui valorizamos o **belo** (subst.) ≠ Que **belo** (adj.) discurso, heim!

Apesar de o significado dos adjetivos ser importante na estrutura linguística, ele tem natureza eminentemente sintática. Um adjetivo sempre pressupõe a existência de um substantivo, ao qual se vincula.

"[...] de certa maneira, o adjetivo tem a mesma razão de ser dos afixos, no sentido de permitir a expressão ilimitada de conceitos sem a exigência de uma sobrecarga de memória com rótulos particulares" (BASÍLIO, 1999, p. 80). Dado um substantivo, como **homem**, por exemplo, muitos podem ser os rótulos a ele atribuídos: **grande, pequeno, gordo, magro, alto, baixo, feliz, alegre, triste, moreno, estrangeiro, inteligente** etc.

- *Advérbio é a palavra que indica uma circunstância.*

O problema aqui é saber o que significa *circunstância*. Além disso, nem sempre as circunstâncias se traduzem por meio de advérbios. De certo modo, o advérbio é algo análogo ao adjetivo, com a diferença de que os advérbios especificam ações, estados ou fenômenos descritos pelo verbo.

As gramáticas normativas, mesmo utilizando todos os critérios, privilegiam o critério semântico na classificação das palavras. No estruturalismo, privilegiam-se os critérios morfológico e funcional, ao passo que na teoria gerativa, prevalecem as propriedades sintáticas. Conclui-se disso que a classificação dos vocábulos é tarefa bastante complexa e não é do âmbito restrito da morfologia. Se o vocábulo apresenta forma, função e sentido, os critérios mórfico, sintático e semântico entram em conflito em qualquer classificação.

Veja o capítulo Capítulo I

6.3 A proposta de Mattoso Câmara Jr.

Com base nos critérios morfossemânticos, Câmara Jr. (1979) distingue classes e funções. O nome, o pronome e o verbo seriam classes; o substantivo, o adjetivo e o advérbio seriam funções. As classes pertencem ao domínio da morfologia; as funções, ao domínio da sintaxe.

Monteiro (2002) e Macambira (1982) seguem também o modelo de Mattoso Câmara Jr., adotando critérios morfológicos, sintáticos e semânticos na classificação dos vocábulos.

Com base em critérios morfológicos, quais são, então, as oposições possíveis em português?

A mais evidente parece ser a que divide os vocábulos em variáveis e invariáveis. Entre os variáveis, verificam-se dois paradigmas distintos: o dos nomes e o dos verbos. Os nomes são identificados pelas desinências de gênero e número e os verbos pelas desinências modo-temporais e número-pessoais. É com base nas desinências que qualquer falante de português de mediana instrução dirá que **anfibiólicas** é nome e que **motejaremos** é verbo, mesmo sem saber o significado de ambos.

Em termos semânticos, nomes e verbos também dizem respeito a realidades distintas expressas pela linguagem. Os verbos atualizam representações dinâmicas; os nomes, visões estáticas. No fundo, no entanto, nomes e verbos seriam aspectos de uma só essência. Talvez seja por isso que os semantemas não se caracterizem como verbais ou nominais.

Apenas a flexão indica a dinamicidade dos verbos (temporalidade) ou a estaticidade para os nomes (ausência de variação no tempo e no espaço).

A terminologia *nome* é preferível a qualquer outra. Tanto é assim que as gramáticas costumam falar em *flexão nominal* e *forma nominal*. Em aceitando-a, estaremos facilitando o paralelo com o termo *pronome*, a palavra que substitui o *nome*.

Fica claro que a oposição entre nome e pronome é mais semântica do que mórfica. Enquanto os nomes *representam*, os pronomes *indicam* (têm significado dêitico ou anafórico). Os nomes são símbolos; os pronomes, sinais. Os nomes (substantivos e adjetivos) fixam o campo representativo da linguagem, constituem símbolos. Os pronomes, ao contrário, fixam o campo mostrativo da linguagem e valem sempre como sinais. No sintagma **panos quentes**, o primeiro (**panos**) representa um objeto; o segundo simboliza a temperatura a ele atribuída. Se ao sintagma antepusermos o vocábulo **estes**, perceberemos que estes nada simboliza, servindo apenas para situar (indicar) o objeto nas coordenadas de espaço e de tempo em relação ao falante.

Pelo paradigma flexional, as diferenças entre nomes e pronomes são mínimas, uma vez que as categorias de pessoa, de caso e de gênero neutro, próprias de certos pronomes, não se caracterizam pelos processos flexionais. Cabe, todavia uma ressalva: existe para os nomes, ao contrário dos pronomes, a possibilidade da expressão de grau.

Em resumo: uma palavra será um *nome* se a representação for estática, sem variações temporais; será um *verbo* se sofrer variações temporais, isto é, se expressar a representação dinâmica ou processual da realidade; será um *pronome* se apenas situar uma representação no espaço e no tempo.

Examinemos o enunciado a seguir:

Aquela cadeira estava aqui.

Como se pode ver, o único vocábulo que marca o tempo é **estava** (está, estará, estaria etc.). É um verbo. Morficamente, **aquela** e **cadeira** não se diferenciam, pois ambos se submetem às mesmas regras de flexão de gênero e número. **Cadeira**, no entanto, representa uma imagem mental, simboliza um objeto; **aquela** apenas indica que **cadeira** está afastada do falante, não correspondendo a nenhuma imagem mental. É, pois, tão somente um sinal. **Cadeira** é nome e **aquela** é pronome. Constatamos também que **aqui** traduz uma indicação de espaço e, como tal, é pronome. Mas, na relação entre os termos, **aqui** determina o verbo e, sendo assim, tem a função de advérbio. Trata-se, pois de um pronome adverbial, ou se preferirmos, de um advérbio pronominal.

As gramáticas costumam relacionar esse vocábulo exclusivamente como advérbio. Isso acontece porque não distinguem classe e função. A classe é identificada com base em critérios mórficos e semânticos. A função, ao contrário, com base em critérios sintáticos, ou seja, de acordo com a relação de interdependência que os termos estabelecem entre si.

Dito isso, conclui-se que são três as funções básicas: a do substantivo, a do adjetivo e a do advérbio. Dependendo do contexto, um mesmo nome poderá assumir cada uma dessas três funções. Exemplo:

O rápido sairá em três minutos. (substantivo)

O automóvel mais rápido do mundo custa uma fortuna. (adjetivo)

Saiu tão rápido que mal consegui vê-lo. (advérbio)

Observemos que o adjetivo (*determinante, regente*) se subordina ao substantivo (*determinado, regido*), enquanto o advérbio (*determinante, regente*) se subordina ao verbo (determinado, regido). É esse relacionamento entre os termos que constitui o sintagma, desde o mais simples (artigo e substantivo, por exemplo) até o mais complexo (sentença).

Cabe esclarecer que o verbo não determina (não se subordina) ao nome ou a um pronome em si, mas ao sintagma nominal sujeito. Em *Aquelas três cadeiras de madeira estavam aqui*, o verbo **estavam** determina o sintagma **aquelas três cadeiras de madeira**. No sintagma verbal, o nome (ou o pronome) determina o verbo, a que se associa como complemento verbal (objeto direto ou objeto indireto) ou como adjunto adverbial. Em *Plantei duas mudas de samambaia*, o verbo **plantei** é determinado pelo sintagma nominal **duas mudas de samambaia**. Da mesma forma, em *Plantei flores* e *Plantei-as*, o verbo é determinado, respectivamente, pelo nome **flores** e pelo pronome **as**.

As relações sintagmáticas podem ser representadas por palavras simples, palavras compostas, por locuções e por orações. Exemplo disso vemos a seguir, em que os termos referentes à **bandeira** são todos adjetivos:

Bandeira
amarela (adjetivo simples)
verde-amarela (adjetivo composto)
do Brasil (locução adjetiva)
que me encanta (oração adjetiva)

Dito isso, como ficam os numerais e os artigos que, como sabemos, constituem classes autônomas de acordo com a NGB?

Quanto aos numerais, não é difícil concluir que pertencem à classe dos nomes e, como tal, exercem as funções de substantivo e de adjetivo. **Em Dois é bom e três é demais**, os nomes que traduzem ideias de números são substantivos. Já em **Só tenho dois reais e três centavos**, são adjetivos.

A divisão dos numerais em *cardinais* (**um, dois, três**...), *ordinais* (**primeiro, segundo, terceiro**...), *multiplicativos* (**dobro, triplo, quíntuplo**...) e *fracionários* (**meio, um terço, dois quartos**...) diz respeito muito mais ao significado do que às características mórficas e sintáticas, embora os ordinais sejam essencialmente adjetivos, enquanto os fracionários sejam substantivos. Se não fossem tais incoerências, não haveria discussão a respeito de se saber se **milhão, dezena, dúzia**, entre outros quantitativos, são substantivos ou numerais.

A respeito do artigo, Monteiro (2002, p. 223) sustenta, após analisar aspectos de ordem diacrônica, que são pronomes.

O artigo o e suas flexões (os, a, as) têm origem nas formas pronominais latinas *illu* (illu - illo - ilo - lo - o), *illa, illos, illas*. A mesma origem têm os pronomes pessoais oblíquos átonos *o, os, a, as*.

O referido linguista arrola os seguintes argumentos favoráveis à interpretação sincrônica do artigo como pronome:

a) O artigo apresenta uma função dêitica que é percebida pelos falantes no ato de fala. Assim, por exemplo, **o amigo** é muito mais do que **um amigo**. O primeiro é conhecido, definido; o segundo é um qualquer, indefinido.

b) O artigo é considerado pronome demonstrativo pelas gramáticas quando antecede a preposição **de** ou o relativo **que**. Sendo assim, o que diferencia artigo e pronome demonstrativo é a presença e a ausência do substantivo.

Exemplo: "**A** (artigo) constância é **a** (artigo) virtude do homem e **a** (artigo) paciência **a** (pronome demonstrativo) do cristão." (GARRET). Notemos, contudo, que o "a" deixaria de ser pronome demonstrativo se o substantivo subjacente fosse explicitado.

Vejamos: **A** (artigo) constância é **a** (artigo) virtude do homem e **a** (artigo) paciência **a** (artigo) virtude do cristão.

Comentários análogos podem ser feitos a respeito do artigo indefinido. Com base nas gramáticas, **um** pode ser numeral, pronome ou artigo. Parece claro que, na perspectiva semântica, **um** equivale a um indefinido, sendo substituível por **algum, qualquer** etc. A frase *Um homem é capaz de amar* pode ser substituída por *Qualquer homem é capaz de amar*, sem prejuízo ou distorção do sentido.

Em resumo, não há razão de considerar os artigos uma classe porque vistos sob a perspectiva mórfica, comportam-se como os nomes (flexionam-se em gênero e número); quanto à perspectiva sintática, são sempre adjetivos (subordinam-se a um substantivo); quanto à perspectiva semântica, apresentam um significado dêitico. Ou seja, são de fato pronomes.

Com isso, ganha-se em coerência descritiva e evita-se ter uma classe para dois vocábulos.

Reveja este conceito no Capítulo I

Restam, ainda, certas formas dependentes, cuja função essencial é estabelecer relações entre palavras. Visto que promovem a conexão entre dois outros termos, são de fato conectivos. Esse é o papel das **preposições** e das **conjunções.**

Se a conexão faz com que um termo seja determinante de outro, sem que haja concordância nominal ou verbal, dizemos que o conectivo é **subordinativo**. A relação de subordinação entre vocábulos e locuções é feita por preposições: **óculos de grau, escrever a lápis, confia no amigo, jogar com vontade** etc. A relação de subordinação entre orações é feita por conjunções subordinativas: **Quero que venhas logo; A carga foi descarregada assim que chegou ao destino; Faz muito calor, embora a previsão de tempo fosse outra** etc.

Se, ao contrário, o conectivo se presta tão somente para agrupar um termo com outro, sem que um seja determinante do outro, dizemos que o conectivo é coordenativo: **tu e eu; falso ou verdadeiro; cozido, mas sem sabor** etc. Podemos observar que em *João e Maria* não existe qualquer relação de dependência sintática. O conectivo "e" está ligando vocábulos da mesma classe e função, estabelecendo entre eles uma relação de coordenação. De modo semelhante, em **Leia este livro e faça o resumo**, o conectivo liga duas orações coordenadas. Ou seja, havendo uma sequência ligada por conectivo, formada por vocábulos ou por orações, sem que haja dependência sintática, o elemento de ligação será uma conjunção coordenativa.

Sobre a classificação de vocábulos, Monteiro (2202, p. 235) faz o seguinte resumo das ideias:

- Sob o enfoque estritamente morfológico, é impossível explicar as classes de palavras.
- Há duas classes fundamentais, a dos nomes e a dos verbos, que se opõem pelos paradigmas flexionais. Semanticamente, os nomes correspondem a uma visão estática da realidade, enquanto os verbos traduzem representações dinâmicas.
- Os pronomes distinguem-se dos nomes porque aqueles expressam um significado dêitico ou anafórico.
- Substantivos, adjetivos e advérbios não são classes gramaticais. São, na verdade, funções que os nomes e pronomes exercem em contextos frasais.
- Os numerais fazem parte da classe dos nomes e, sendo assim, podem ser substantivos ou adjetivos.

- Os artigos são pronomes, sempre em função adjetiva.

- Os conectivos subordinam palavras (preposições) ou orações (conjunções subordinativas). Também podem relacionar elementos da mesma função (conjunções coordenativas).

Leia mais!

A Classificação dos Vocábulos. MACAMBIRA, José Rebouças. A estrutura morfo-sintática do português. São Paulo: Pioneira, 1982. p. 29-122.

A Classificação dos Vocábulos Formais. In: CÂMARA Jr., Joaquim M. Estrutura da língua portuguesa. Petrópolis/RJ: Vozes, 1979. p. 77-80.

Unidade D

Morfologia Gerativa

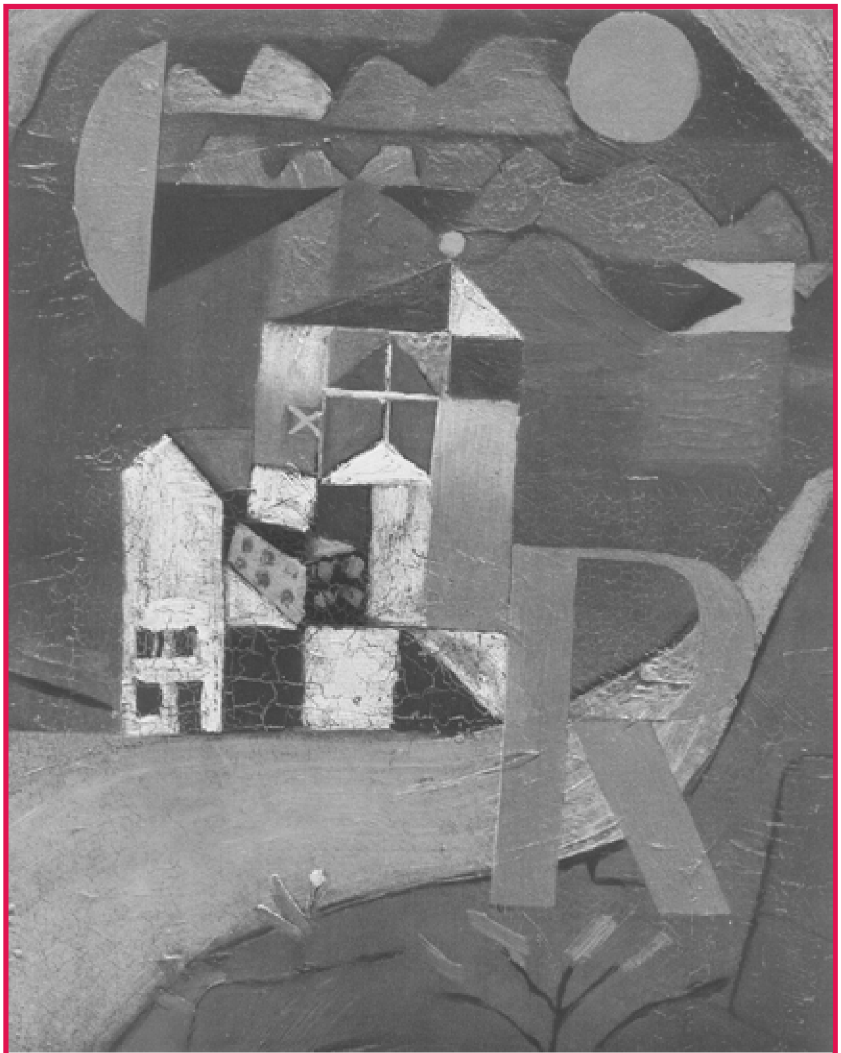

Villa R, de Paul Klee (1919). Fonte: Kunstmuseum Basel.

7 Conceitos Básicos da Morfologia Gerativa

A abordagem que fizemos até aqui foi conduzida predominantemente pelo princípio de que a língua é um objeto a ser descrito, o que, para a Morfologia, significa segmentar as palavras em morfemas e classificá-los. Essa operação se dá de fora para dentro. Neste último capítulo, vamos falar um pouco sobre a perspectiva gerativista, uma teoria que surgiu nos Estados Unidos a partir da década de 50 do século passado, cuja preocupação é a de explicar a capacidade (ou competência) que um falante nativo tem em relação ao léxico de sua língua; ou seja, a capacidade que esse falante tem de formar novas palavras, de aceitar ou rejeitar novas palavras e de reconhecer a estrutura de um vocábulo.

7.1 A teoria gerativa transformacional

A teoria gerativa transformacional não reconhecia, no início, a existência de um componente morfológico autônomo na gramática de uma língua (BASÍLIO, 1999, p. 18). Atualmente já não é assim. A consideração de que o objeto a ser descrito é a gramática da competência é fundamental para o estudo da formação das palavras.

Trata-se de uma teoria desenvolvida por Noam Chomsky, segundo o qual é tarefa do linguista descrever a competência do falante. Ele define competência como capacidade inata que o indivíduo tem de produzir, compreender e reconhecer a estrutura de todas as frases de sua língua. De acordo com essa teoria, uma língua é um conjunto infinito de frases e que se define não só pelas frases existentes, mas também pelas possíveis, aquelas que se podem criar a partir da interiorização das regras da língua, tornando os falantes aptos a produzir frases que até mesmo nunca foram ouvidas por eles. Já o desempenho (*performance* ou uso) é determinado pelo contexto onde o falante está inserido.

Diferentemente da gramática tradicional e do estruturalismo, que tinham como foco as formas já existentes, a gramática gerativa, ao considerar a competência linguística do falante como parâmetro para o estudo das relações lexicais, leva em conta também a possibilidade de pensar nas regras que correspondem à formação e à interpretação de novas formações, isto é, à formação e à interpretação de novos vocábulos.

> Na gramática tradicional, assim como no estruturalismo, a morfologia derivacional é definida como a parte da gramática de uma língua que descreve a formação e estrutura das palavras. Numa abordagem gerativa, podemos dizer que a morfologia derivacional é a parte da gramática que dá conta da competência do falante nativo no léxico de sua língua (BASÍLIO, 1980, p. 7).

Se na morfologia tradicional a preocupação era descrever as línguas, separando os morfemas e classificando-os, na teoria gerativa o objetivo é explicar a capacidade ou a competência do falante nativo para "formar novas palavras e rejeitar outras, de estabelecer relações entre itens lexicais, de reconhecer a estrutura de um vocábulo etc." (ROCHA, 2003, p. 30). Nessa perspectiva, a taxionomia e a classificação dos morfemas de uma língua perdem importância; o que importa são as relações entre formas lexicais ou processos (através dos quais uma forma lexical pode ser construída a partir de outra). Em síntese, para a teoria gerativa, de acordo com o modelo de descrição linguística denominado "Elemento e Processo", a morfologia consiste em um conjunto de regras que descrevem as modificações das formas existentes, levando em conta o fato de que as formas já existentes estão relacionadas com outras formas.

Na chamada teoria padrão da gramática gerativa transformacional, as regras de transformação eram todas sintáticas e fonológicas. Posteriormente, os gerativistas se deram conta de que existem certos fenômenos que resistem a uma descrição adequada nesses dois níveis. Foi o próprio Chomsky, por meio do artigo "Remarks on Nominalization" (CHOMSKY, 1970 *apud* BASÍLIO, 1980, p. 28) quem chamou a atenção para a possibilidade de independência da morfologia em face da sintaxe. Chomsky concluiu, por exemplo, que formas nominais derivadas não podem ser criadas através de transformações a partir de um verbo na estrutura profunda. Propõe, então, um tratamento "lexical" para tais verbos, isto é, uma explicação através de regras morfológicas que operam dentro do componente lexical.

Embora o texto "Remarks on Nominalization" não seja revolucionário em si mesmo, ele criou espaço técnico para o componente morfológico autônomo, uma possibilidade que foi excluída explicitamente dos primeiros trabalhos da gramática gerativa transformacional.

7.2 A morfologia gerativa

A morfologia gerativa postula alguns conceitos, que descreveremos nas subseções a seguir, com base em Rocha (2003, p. 33 e s.).

7.2.1 Gramática subjacente

Uma língua possui as suas estruturas e há algumas regras que devem ser seguidas se alguém quer se comunicar nessa língua. Os falantes nativos, mesmo os analfabetos, possuem no cérebro uma gramática internalizada, implícita, subjacente, que sabem manejar adequadamente, intuitivamente, embora não consigam descrevê-la ou explicá-la. Logo, o objetivo do gerativismo na morfologia lexical será explicar as regras da gramática subjacente.

7.2.2 Competência lexical

Por competência lexical entende-se o conhecimento que o falante tem do léxico de sua língua. Conhecer uma língua é saber usá-la, tanto para produzi-la quanto para entendê-la. Conhecer o léxico significa saber usar os itens lexicais e poder estabelecer relações entre eles.

Segundo Basílio (1980, p. 9), estão inclusos na competência lexical do falante:

- o conhecimento de uma lista de entradas lexicais;
- o conhecimento da estrutura interna dos itens lexicais, assim como relações entre vários itens;
- o conhecimento subjacente à capacidade de formar entradas lexicais gramaticais novas (e, naturalmente, rejeitar as agramaticais).

As relações das entradas lexicais constituem o léxico de uma língua. As palavras, as formas presas (por exemplo, *teo*-, -*grafia*) e os afixos (por exemplo, *in*-, *des*- -*eir*(*o*), -*vel*), dentre outros elementos, constituem a lista de entradas lexicais da língua.

Além de conhecer uma lista de itens lexicais, o falante pode identificar a estrutura interna de um vocábulo e criar palavras novas.

7.2.3 Regras morfológicas e regras sintáticas

O conhecimento que o falante tem do léxico de sua língua lhe facultará uma série de generalizações a respeito desse léxico: formação de palavras novas e análise estrutural de palavras.

Feita a caracterização da base (palavra primitiva) e do produto (nova palavra) tem-se a regra morfológica. Por exemplo, com base em "criar" é possível estabelecer relações paradigmáticas com "criador". Do mesmo modo, a partir de "contar", forma-se "contador". Assim, pode-se fazer uma lista de formas possíveis na língua, derivadas de verbos: *apertar* → *apertador*, *fabricar* → (?)*fabricador*, *pintar* → (?)*pintador*, *escrever* → (?)*escrevedor*, *pincelar* → (?)*pincelador*, *vender* → *vendedor*, *requerer* → (?)*requeredor* etc. No caso, todos os itens lexicais (antigos e novos) foram formados a partir de verbos. Isso não quer dizer que possa ser qualquer verbo. A regra não se aplica, por exemplo, para: *morrer* → **morredor*, *sorrir* → **sorridor*, *viajar* → **viajador*, *chegar* → **chegador*, *dormir* → **dormidor*. Por outro lado, palavras em –*eiro* são sempre formadas a partir de substantivos: *leite* → *leiteiro*, *pedra* → *pedreiro*, *sacola* → *sacoleiro*, *erva* → *ervateiro* etc. Mas não poderá ser qualquer substantivo: *cautela* → **cauteleiro*, *avião* → **avieiro*, *sobrinho* → **sobrinheiro* etc.

As formas precedidas de ponto de interrogação são possíveis (segundo as regras morfológicas da língua portuguesa), mas não existem como formas em uso, pois contamos com itens lexicalizados já especializados para tanto, como fabricante, pintor, escritor e requerente (mas nenhuma forma para pincelar).

O asterisco indica que se trata de uma forma agramatical.

Constitui uma das tarefas da morfologia gerativa a explicação das regras morfológicas, sendo que essas se diferem nitidamente das regras sintáticas. De acordo com Spencer (1991, p. 69), referindo-se ao artigo "Remarks ...", de Chomsky, a teoria da morfologia derivacional difere da teoria das transformações sintáticas. Essa constatação é reforçada por Anderson (1982 *apud* ROCHA, 2003, p. 37-38):

> A essência da Hipótese Lexicalista e da maioria dos mais recentes trabalhos em sintaxe se baseia na hipótese de que a estrutura interna das palavras não é estabelecida por princípios sintáticos, nem mesmo acessível a esses princípios. [...] Do ponto de vista da sintaxe, as estruturas produzidas no léxico são essencialmente opacas: elas podem ter estrutura interna, mas essa estrutura não está sujeita à manipulação ou à competência das regras da sintaxe, que tratam os itens lexicais como unidades integrais, atômicas. A essência da Hipótese Lexicalista, sob esse aspecto, está representada pela separação entre os componentes sintáticos e lexicais.

Uma distinção importante entre uma regra sintática e uma regra morfológica reside no fato de que a existência da sentença é efêmera, ou seja, ela desaparece logo após a enunciação. Ao contrário, uma palavra, após ser criada poderá se tornar perene. É por isso que toda língua tem

– ou poderá ter – um dicionário que, além de registrar as palavras antigas, acolhe também as formações novas. Em contrapartida, não existem dicionários de sentenças.

Isso não significa que todas as formações novas se tornam perenes. Há também formações esporádicas, ou seja, que têm existência passageira.

A consequência da perenização das palavras é que elas passam a ter existência autônoma, ou seja, elas passam a ser repetidas pelos falantes da língua, independentemente do acionamento da regra morfológica que a formou. Há um "congelamento" da palavra: uma vez registrada como palavra, ela toma, pelo menos potencialmente, uma existência lexical concomitantemente independente.

7.2.4 Regras de análise estrutural (RAEs) e Regras de formação de palavras (RFPs)

As chamadas regras morfológicas podem tanto se referir à estrutura de uma palavra existente na língua, quanto à produção de um novo item lexical. Seja na conversa, seja na escrita, a maioria das palavras é de formas institucionalizadas, isto é, palavras já conhecidas dos usuários: *carro, bola, vender, escola, uva, janela, perfume, supermercado* etc. Podem surgir, todavia, palavras novas, não-institucionalizadas, nunca usadas antes: "Logo em seguida, fez-se a (?)*sepultação* do cadáver".

A "Regra de análise estrutural" (RAE) é a que permite ao falante analisar a estrutura das palavras derivadas (formações complexas), como, por exemplo, saber que *colação* é derivada de *colar*, *armadura* é derivada de *arma*, *semanal* é derivada de *semana* etc.

Essa análise da estrutura das palavras que o falante tem a capacidade de fazer pode ser formalizada da seguinte maneira:

$$[\,[\,X\,]_{a}\ \ Y\,]_{b}$$

Formalmente temos então: [[X] a] Y] b, onde X representa a palavra primitiva (base), a representa a classificação gramatical da base, Y representa o sufixo a ser anexado a essa base para formar o produto e b representa a classificação gramatical do produto.

A RAE de *semanal* será:

$$[\,[\text{ semana }]_{s}\ -\text{al}\,]_{\text{adj}}$$

A "Regra de formação de palavras" (RFP) é estabelecida com base em processos já existentes na língua. Por exemplo, a formação de palavras novas como *chavista, carreirista, cotista, lulista, bairrista, fundista, conteudista* etc. se faz com base em uma relação paradigmática do tipo:

golpe → golpista
máquina → maquinista
equilíbrio → equilibrista
roteiro → roteirista
final → finalista
arte → artista
comum → comunista

Ao produzir novos itens lexicais, como (?)*sepultação*, (?)*mochilada*, etc., o falante estará fazendo uso de uma RFP, que pode ser formalizada da seguinte maneira:

$$[\ X\ ]_{a} \rightarrow [\ [\ X\ ]_{a}\ Y\ ]_{b}$$

A RFP de *sepultação* será:

$$[\ \text{sepultar}\ ]_{v} \rightarrow [\ [\ \text{sepultar}\ ]_{v}\ \text{–ção}\ ]_{s}$$

Toda RFP corresponde a uma RAE. Ao criar uma palavra nova ou ao interpretar um novo item lexical, o falante demonstra conhecer a estrutura do item recém-criado.

7.2.5 Produtividade lexical

Na língua, frequentemente aparecem novas formações, ou seja, na linguagem coloquial, formal, literária, científica; enfim, em qualquer modalidade de linguagem é possível deparar com formações não ouvidas ou escritas antes. Trata-se de itens não familiares. A essa possibilidade de surgimento de novos itens lexicais na língua dá-se o nome de produtividade.

Por essa razão é tão difícil de responder à pergunta: "Tal palavra existe?". Os dicionários deixam de assinalar vários termos familiares a uma comunidade linguística, do mesmo modo, registram palavras que não se usam mais (arcaísmos). Sob o ponto de vista exclusivamente científico, é difícil definir se uma palavra existe ou não em uma língua.

Para entender um pouco melhor essa questão, devemos considerar, primeiramente, que certas palavras não são possíveis de serem criadas na língua. Por exemplo, a formação de substantivos com o sufixo –*dor* só é possível se a base for um verbo (mesmo assim, não pode ser qualquer verbo). Ou seja, se a base for um substantivo, ou um adjetivo, a essa base não se pode adicionar o sufixo –*dor*, sob pena de ocorrer uma transgressão sufixal. Servem de exemplo: **luzdor*, **alegredor*, **felizdor*, **copodor* etc.

Por outro lado, existem palavras possíveis, mas que, por alguma razão, são rejeitadas pelos falantes. Isso geralmente ocorre quando já existe na língua uma palavra que dá conta do sentido que se quer expressar. Por exemplo, se já existe a palavra *descobrimento*, mesmo que a palavra (?)*descubrição* seja possível, os falantes tendem a rejeitar a palavra nova. Trata-se de um princípio de economia linguística.

Há, no entanto, palavras possíveis, sob o ponto de vistas da RFP, que podem ser criadas a qualquer momento. Embora essas palavras ainda não existam, nada impede que elas sejam criadas e incorporadas ao léxico da língua. Por exemplo: (?)*gramal*, (?)*penduramento*, (?)*ameixada*, (?)*abrimento* etc.

É preciso, também, considerar que existem palavras recém-criadas (neologismos), ou ainda não dicionarizadas, com existência real em certas comunidades de fala, ou grupo de usuários da língua. São exemplos: *lular, pefelista, fumódromo, tuitar, reitorável, carreata, videoconferência, blogueiro* etc.

Além disso, existem palavras dicionarizadas que não são conhecidas de uma comunidade linguística. Incluem-se, nesse caso, as palavras relativas a uma certa atividade ou especialidade, os regionalismos, os arcaísmos: *chibeiro, esgualepado, cafua, fonema, ajojo, canzil, bruaca, gibeira* etc.

Tanto em relação às palavras existentes quanto em relação às palavras possíveis de serem criadas, o que se observa é uma regularidade quase absoluta. "De fato, formações como *sequestrável, taxista, doleiro, sambódromo, malufar, carreata, buzinaço* etc. são transparentes, sob o ponto de vista morfológico e semântico" (ROCHA, 2003, p. 45). As eventuais irregularidades aparecem através da "permanência no léxico". São exemplos de irregularidades morfológicas:

Base	Derivação regular	Derivação irregular
expulsar	(?)expulsação	expulsão
eleger	(?)elegeção	eleição
confundir	(?)confundição	confusão
corromper	(?)corrompeção	corrupção
editar	(?)editador	editor
imprimir	(?)imprimidor	impressor
milho	(?)milhal	milharal
cana	(?)canal	canavial

Como exemplo de irregularidade semântica, citam-se entre outros exemplos:

- Palavra → *palavrão* (não é, no caso, não uma "palavra grande", mas uma "palavra inconveniente");
- Estudar → *estudante* (não é aquele "que estuda", mas "quem frequenta uma escola ou curso");
- Tratar → *tratante* (não é aquele "que trata", mas "quem não cumpre um trato").

As irregularidades morfológicas e semânticas, em número elevado na língua, são incompatíveis com as regras morfológicas, já que essas são intrinsecamente regulares e previsíveis. Para sair desse impasse, é preciso considerar a diferença entre formas cristalizadas e a possibilidade de os falantes criarem novas palavras. Ao analisar e reconhecer a RFP de uma palavra nova, observa-se, no mais das vezes, "[...] que muito do que era considerado imprevisível constituem, na realidade, possibilidades previstas por padrões morfológicos vigentes" (BASÍLIO, 1999, p. 24).

Resumo

Neste último capítulo, destacamos que os estudos atuais de gramática gerativa consideram a *morfologia* um ramo autônomo da Linguística. Além disso, vimos que a morfologia comporta diferentes abordagens teóricas, destacando-se a gramática tradicional, o estruturalismo e a gramática gerativa. A principal diferença entre os estudos tradicionais e a abordagem gerativa está no fato de que esta última estuda a morfologia a partir da competência do falante para formar palavras e reconhecer a estrutura dos vocábulos, seja dos já existentes, seja dos novos. Apresentamos também os conceitos básicos da morfologia gerativa, entre os quais, gramática subjacente, competência lexical, regras de formação de palavras (RFP's), regras de análise estrutural (RAE's) e produtividade lexical.

Leia mais!

BASÍLIO, Margarida. *Estruturas lexicais do português*: uma abordagem gerativa. Petrópolis: Vozes, 1980.

BASÍLIO, Margarida. *Teoria Lexical*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

ROCHA, L. C. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2003.

SPENCER, A. *Morphological Theory*. Oxford: Blackwell, 1993.

Referências

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo*: criação lexical. São Paulo: Ática, 2007.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo: Nacional, 1987.

BASÍLIO, Margarida. *Estruturas lexicais do português*: uma abordagem gerativa. Petrópolis: Vozes, 1980.

________.*Teoria Lexical*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

________. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

________. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.

CÂMARA Jr., Joaquim M. *Estrutura da língua portuguesa*. 9 ed. - Petrópolis/RJ: Vozes, 1979.

CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. São Paulo: Ática, 1988.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

KEHDI, Valter. *Formação de vocábulos em português*. São Paulo: Ática, 1992. Série Princípios, 215.

MACAMBIRA, J. Rebouças. A estrutura morfo-sintática do português. 4 ed. São Paulo: Pioneira, 1982.

MARTELOTTA, Mário Eduardo *et al*. *Gramaticalização no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. Fortaleza, EDUFC, 1987.

________. *Morfologia portuguesa*. Campinas,SP: Pontes, 2002.

NEVES, Maria Helena de Moura. Uma introdução ao funcionalismo: proposições, escolas, temas e rumos. *In*: CHRISTIANO, Maria Elizabeth A. *et al*. (Orgs.). *Funcionalismo e gramaticalização*: teoria, análise, ensino. João Pessoa: Ideia, 2004. p. 13-28.

NIDA, Eugene A. *Morphology*: the descriptive analysis of words. 2 ed. Ann Arbor, The University of Michigan Press, 1970.

PETTER, Margarida M. T. Morfologia. *In*: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à Linguística*: princípios de análise. São Paulo: Contexto, 2003.

ROCHA, L. C. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

ROSA, Maria Carlota. *Introdução à morfologia*. São Paulo: Contexto, 2000.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1975 [1916].

SPENCER, A. *Morphological Theory*. Oxford: Blackwell, 1991.

ZANOTTO, Normélio. *Estrutura mórfica da língua portuguesa*. Caxias do Sul: EDUCS, 1986.

Crédito das Imagens

Capa

KLEE, Paul. *17 IRR* (1923). Caneta e aquarela sobre papel, montado sobre papelão, 22,3 x 28,6 cm. Kunstmuseum Basel. Disponível em: <http://80.74.155.18/eMuseumPlus?service=direct/1/ResultDetailView/result.inline.list.t1.collection_list.$TspTitleImageLink.link&sp=13&sp=Sartist&sp=SfilterDefinition&sp=0&sp=1&sp=1&sp=SdetailVie

w&sp=10&sp=Sdetail&sp=0&sp=T&sp=0&sp=SdetailList&sp=25&sp=F&sp=Scollection&sp=l13355>. Acesso em: 10 abr. 2011.

Unidade A

GRÜNEWALD, Jose Lino. Forma-reforma (1959). *In*: CAMPOS, Augusto de; PIGNATARI, Décio; CAMPOS, Haroldo. *Teoria da poesia concreta*: textos críticos e manifestos 1950-1960. Cotia, SP: Ateliê, 2006. p. 178.

Unidade B

D'BARROS, Tchello. - Verbo + Verba [ca.2000]. *In*: Tchello D' Barros - *Poesia Visual*: <www.tchello.art.br>. Disponível em: <http://1.bp.blogspot.com/_sJHnBNWigiw/SWl5RA7tIfI/AAAAAAAACN8/2bc_Cmq_n5A/s1600-h/012+-+Poema+Visual+-+-+VERBO+%2B+VERBA+-+30+x+30+cm+JPG+-+Tchello+d%27Barros.jpg>. Acesso em: 17 abr. 2010.

Unidade C

CAMPOS, Augusto de. Psiu! (1966). *In*: CAMPOS, Augusto de. *Viva vaia* – poesia 1949-1979. 4. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/augustodecampos/04_03.htm>. Acesso em: 16 abr. 2011.

Unidade D

KLEE, Paul. *Villa R* (1919). Óleo sobre tela, 26,5 x 22 cm. Kunstmuseum Basel. Disponível em: <http://www.kunstmuseumbasel.ch/en/collection/collection-online/>. Acesso em: 16 abr. 2011.

GLOSSÁRIO BÁSICO DE MORFOLOGIA LINGUÍSTICA

1) **Acrossemia** – processo de formação de vocábulos por meio da combinação de sílabas extraídas de compostos ou expressões. É um recurso bastante utilizado na formação de siglas.

2) **Alomorfe** – variação na realização do morfe. Quando há mais de um morfe para o mesmo morfema, ocorre *alomorfia*.

3) **Alomorfia** – ocorrência de morfes diferentes para realizar o mesmo morfema.

4) **Braquissemia** – emprego de parte de um vocábulo pelo vocábulo inteiro. Equivale ao que alguns autores classificam como *abreviação vocabular*, expressão que não deve ser confundida com *abreviatura*.

5) **Classe** – distribuição dos vocábulos em grupos com base nas **formas** que assumem, nas **funções** que exercem e, eventualmente, no **sentido** que expressam.

6) **Competência** (linguística) – capacidade inata que o indivíduo tem de produzir, compreender e reconhecer a estrutura de todas as frases de sua língua.

7) **Competência lexical** – conhecimento que o falante tem do léxico de sua língua.

8) **Composição** – processo de formação de palavras pela combinação de dois ou mais radicais.

9) **Composição por aglutinação** – processo de composição no qual ocorre alteração fonética no(s) constituinte(s).

10) **Composição por justaposição** – processo de composição sem alterações fonéticas nos constituintes.

11) **Comutação** – operação contrastiva de elementos segmentados no plano da expressão de que resulta uma alteração no plano do conteúdo.

12) **Derivação** – processo de formação de palavras pelo acréscimo de prefixos (derivação prefixal) ou de sufixos (derivação sufixal).

13) **Derivação imprópria** – formação de palavras por mudança de classe gramatical, sem que se processe qualquer alteração mórfica.

14) **Derivação parassintética** – processo de formação de palavras pela adjunção simultânea de prefixo e sufixo a um radical, de tal modo que a supressão de um ou de outro resulta em uma forma inexistente na língua.

15) **Derivação por sufixo zero** – processo de derivação de palavras sem a presença de morfema aditivo.

16) **Derivação regressiva e abreviação** – processo de derivação de palavra no qual ocorre perda fonética na comparação com a forma primitiva.

17) **Desempenho** (linguístico) ou **performance** – é aquilo que o indivíduo realiza efetivamente quando fala, quando usa a língua.

18) **Desinência nominal** – morfe aditivo em posição final que representa, nos nomes, o gênero feminino em oposição ao morfema zero do masculino, ou o plural em oposição ao morfema zero do singular.

19) **Desinência verbal** – morfe aditivo em posição final que representa, nos verbos, o modo e o tempo (desinência modo-temporal) e o número e a pessoa gramatical (desinência número-pessoal).

20) **Diacronia** – estudo da língua na perspectiva da evolução de um estágio a outro, com vistas a identificar e descrever as mudanças ao longo de um período de tempo.

21) **Empréstimo ou estrangeirismo** – vocábulo emprestado de outras línguas e incorporado ao léxico.

22) **Estrutura linguística** – feixe de relações internas (articulação)

que dá aos elementos linguísticos (as formas) sua função e sentido.

23) **Flexão** – acréscimo de morfes em posição final para realizar oposições gramaticais entre os nomes e pronomes (flexão nominal) e entre os verbos (flexão verbal).

24) **Fonossemia** – formação de palavras pela combinação de fonemas com o intuito de imitar ruídos naturais, ainda que não ocorra perfeita identidade.

25) Forma – define-se como um ou mais fonemas providos de significação. Forma é um elemento linguístico do qual se abstrai a função e o sentido.

26) **Forma dependente** – vocábulo formal, mas não é palavra, pois não tem significado próprio. Não expressa ideia externa à língua. As preposições, as conjunções, os artigos e alguns pronomes pertencem a essa categoria.

27) **Forma livre** – constitui uma sequência que pode funcionar isoladamente como comunicação suficiente. É vocábulo classificado como palavra, porque tem significado por si só. Pode ser usado como resposta a uma pergunta.

28) **Forma presa** – forma que só tem função quando combinada (ligada) com outra(s) forma(s). É o caso, por exemplo, dos prefixos, dos sufixos e das desinências.

29) **Função** – é o papel que as formas linguísticas assumem na relação que se estabelece entre elas, ou seja, na estrutura linguística.

30) **Gênero** – noção gramatical que se atribui a todos os substantivos. Não se confunde com sexo, embora também se preste para opor seres assexuados.

31) **Gramática subjacente** – gramática internalizada (na mente), implícita, subjacente, que habilita o falante a manejar adequadamente, intuitivamente, a língua embora não consiga descrevê-la ou explicá-la.

32) **Gramaticalização** – processo de mudança linguística no qual um vocábulo autônomo, ou seja, uma forma livre, assume atribuições gramaticais.

33) **Hibridismo** – Vocábulo formado por elementos de línguas diferentes, seja por composição, seja por derivação.

34) **Hipocorístico** – alteração morfofonêmica de antropônimos (nomes de pessoas) na linguagem familiar para traduzir carinho, afetividade.

35) **Morfe** – realização concreta de um morfema. Pode ser um simples fonema, uma sílaba, ou uma combinação de fonemas e sílabas. Uma unidade formal será um *morfe* sempre que tiver um sentido lexical ou gramatical.

36) **Morfe alternante** – segmento do vocábulo que representa a oposição morfológica em relação a outro morfe.

37) **Morfe homônimo** – morfe que representa diferentes morfemas.

38) **Morfe redundante** – o morfe será redundante (ou submorfêmico) sempre que reforçar uma oposição marcada por morfe aditivo.

39) **Morfema** – unidade mínima da estrutura do vocábulo dotada de sentido. Os morfemas são as menores unidades significativas que podem constituir vocábulos ou partes de vocábulos. É uma entidade abstrata que se concretiza, na estrutura de uma palavra, através do *morfe*.

40) **Morfema categórico** – sufixo flexional (SF) ou desinencial (SD), que expressa categorias gramaticais.

41) **Morfema classificatório** – morfema representado pelas vogais temáticas.

42) **Morfema cumulativo** – morfe que representa a fusão de dois morfemas. Em português, os morfes cumulativos são representados, principalmente, pelas *desinências modo-temporais* e *desinências número-pessoais*.

43) **Morfema derivacional** – afixos (prefixos e sufixos), através dos quais é possível criar (derivar) vocábulos novos.

44) **Morfema relacional** – vocábulo dependente, isto é, vocábulo sem autonomia mórfica, que não constitui por si só um enunciado, tais como preposições, conjunções e pronomes relativos.

45) **Morfema zero** – morfema que se realiza por meio da ausência de morfe.

46) **Morfologia** – parte da gramática que descreve a forma das palavras. Estudo da estrutura interna das palavras. Estudo dos morfemas e seus arranjos na formação das palavras. Aborda os processos nos quais se acrescenta, se substitui, se subtrai, se duplica um segmento a outro(s) já existente(s) para modificar o sentido.

47) **Mudança morfofonêmica** – alomorfia condicionada fonologicamente, isto é, mudança no sistema fonêmico do vocábulo com repercussão no sistema mórfico.

48) **Número** – noção gramatical que distingue um elemento (singular) de mais de um elemento (plural).

49) **Oniônimo** – nome próprio referente a marcas industriais e comerciais.

50) **Palavra** – unidade formal da linguagem que, sozinha ou associada a outras, pode constituir um enunciado. Alguns autores reservam o termo palavra somente para vocábulos que apresentam significação lexical, ou extralinguística.

51) **Prefixos** – morfemas derivacionais que ocupam posição anterior à raiz, modificando o significado do vocábulo primitivo.

52) **Produtividade lexical** – possibilidade de surgimento de novos itens lexicais na língua.

53) **Radical** – parte do vocábulo formada pela raiz e pelos afixos derivacionais. Se o radical não tiver morfema derivacional (prefixo ou sufixo), será *radical primário*; caso contrário, se houver um morfema derivacional, será *radical secundário*; se

tiver dois morfemas derivacionais, será *radical terciário*, e assim sucessivamente.

54) **Raiz** – elemento irredutível comum a todos os vocábulos da mesma família . É o morfema sobre o qual repousa a significação lexical básica. Equivale a semantema, ou lexema, ou radical primário, ou forma primitiva.

55) **Recomposição** – espécie de composição em que se toma uma parte de um vocábulo composto que passa a valer pelo todo e se liga a outra base para formar um novo composto.

56) **Regra de análise estrutural** (RAE) – regra que permite ao falante analisar a estrutura das palavras derivadas (formações complexas), como, por exemplo, saber que *colação* é derivada de *colar, armadura* é derivada de *arma*, *semanal* é derivada de *semana* etc.

57) **Regra de formação de palavras (RFP)** – regra estabelecida com base em processos já existentes na língua. Por exemplo, a formação de palavras novas como *chavista, carreirista, cotista, lulista, bairrista, fundista, conteudista* etc. se faz com base em uma relação paradigmática com outras palavras formadas pela adição do sufixo [-ist(a)] a uma base nominal.

58) **Regra morfológica** – caracterização da base (palavra primitiva) e do produto (palavra derivada), com base em relações paradigmáticas.

59) **Sentido** – o sentido pode ser externo à língua (sentido lexical) ou interno (sentido gramatical).

60) **Significado dêitico** – atribuição própria dos pronomes e de certos advérbios pronominais de indicar sujeitos e objetos na interação discursiva.

61) **Sincronia** – estudo de um estado de língua, num determinado momento de sua evolução.

62) **Sufixo** – morfe aditivo que sucede a raiz. Pode ser derivacional ou categórico.

63) **Tema** – conjunto formado pelo radical do vocábulo mais a vogal temática. Nesse caso, o vocábulo será temático. Se o vocábulo não tiver vogal temática – radicais terminados por consoante ou vogal tônica –, então o vocábulo será atemático.

64) **Vocábulo** – tem sentido mais amplo do que *palavra*, pois além das formas que têm significação lexical ou extralinguística (*formas livres*), inclui as formas com significação gramatical (*formas dependentes*) e o conceito de *vocábulo fonológico*.

65) **Vocábulo fonológico** – inclui os vocábulos formais em geral e a combinação de vocábulos formais, sempre que ocorrer perda de marca fonológica que indique a delimitação entre vocábulos na corrente da fala.

66) **Vocábulo invariável** – aquele que não se submete aos processos de flexão.

67) **Vocábulo variável** – aquele que se submete aos processos de flexão nominal e verbal.

68) **Vogal temática** – vogal que ocorre depois do radical e antes das desinências. Essa vogal é sempre átona nos nomes e tônica nos verbos, quando no infinitivo

ANÁLISE SINTÁTICA DO PORTUGUÊS FALADO NO BRASIL - vol. 1

Márcia Santos Duarte de Oliveira

EDITORA MULTIFOCO
Simmer & Amorim Edição e Comunicação Ltda.
Av. Mem de Sá, 126, Lapa
Rio de Janeiro - RJ
CEP 20230-152

CAPA e DIAGRAMAÇÃO
Guilherme Peres

Análise sintática do português falado no Brasil vol. 1 - 1ª edição
Janeiro 2010
OLIVEIRA, Márcia
ISBN: 978-85-7961-098-1

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

O46a
v.1

Oliveira, Márcia Santos Duarte de, 1963-
Análise sintática do português falado no Brasil, (v.1) / Márcia Santos Duarte de Oliveira. - Rio de Janeiro : Multifoco, 2010.

Apêndice
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7961-098-1

1. Língua portuguesa - Sintaxe. 2. Língua portuguesa - Estudo e ensino. I. Título.

10-0669. CDD: 469.5
CDU: 811.134.3'36

12.02.10 12.02.10 017559

Todos os direitos reservados.
É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais sem
prévia autorização do autor e da Editora Multifoco.

Márcia Santos Duarte de Oliveira

ANÁLISE SINTÁTICA DO PORTUGUÊS FALADO NO BRASIL

(*vol. 1*)

luminária
academia

EDITORA MULTIFOCO
Rio de Janeiro, 2010

Pra meu pai (Carlos Santos),
minha mãe (Evanilde), minha tia Áurea
e meus filhos Hellena e Jonathan.

AGRADECIMENTOS

Este livro foi estruturado e escrito em 4 meses, em Portugal.
Neste espaço, remeto meus agradecimentos:

A John Holm, Universidade de Coimbra, por ter acolhido minha pesquisa de pós-doutoramento e me propiciar todas as condições pra que este projeto de livro pudesse ser realizado;

A Gabriel Antunes, Universidade de São Paulo, por sua amizade, parceria em vários projetos e por todo o apoio que me ofereceu durante minha ausência do Brasil;

A Lurdes Jorge, Universidade de Brasília, por uma amizade de anos que se solidificou por meio de uma parceria acadêmica que sempre me levou a pensar muito;

A Maria Aparecida Torres Morais, Universidade de São Paulo, que sempre acreditou neste trabalho e o apoiou;

A Ednalvo A. Campos e Eduardo F. dos Santos pelo apoio na revisão criteriosa da redação do texto e ainda pela parceria na organização e escrituração do volume 2 deste livro;

À TUDOCECA, na pessoa de Janaína Azevedo, que publicou "Cadernos de Sintaxe" e ainda, em parceria com a MULTIFOCO, "Sintaxe do Português" – este livro é resultado da reformulação e ampliação dessas publicações;

A Marco Antônio Pontes por seu companheirismo e por sua alegria que me faz lembrar que há vida além das fronteiras da Academia;

A Dália dos Santos por sua extrema amabilidade e amizade que me fazem, antes de ter saído, já querer voltar muitas vezes a Portugal;

A Ana Stella Cunha por sua amizade de anos e por todo o apoio que me ofereceu em Portugal.

Obrigada, meus amigos!

A Deus, meu Senhor, que "caminha" comigo desde a minha meninice. "Todas as coisas foram feitas por intermédio d'Ele, e sem Ele nada do que foi feito se fez" (São João 1:3); para Ele e por Ele são todas as coisas, incluindo esta 'tentativa de análise' de minha língua materna.

SUMÁRIO

PREFÁCIO 15

CAPÍTULO 1 – A LINGUA PORTUGUESA FALADA NO BRASIL 19

1. A Língua Portuguesa 21
2. A Questão do Português do Brasil – PB 23
2.1. A Percepção do Contato de Línguas Africanas (LAs) com o Português Falado no Brasil
    2.1.1. *O Debate Crioulização versus Deriva*
        2.1.1.1. *A Crioulização*
            2.1.1.1.1. *LAs Introduzidas no Brasil pelo Tráfico Negreiro*
        2.1.1.2. A Deriva Secular
    2.1.2. *O Conceito de Reestruturação Parcial de Línguas*
        2.1.2.1. *O Estudo Linguístico de Comunidades Afrobrasileiras*
3. A Gramática Brasileira Falada 38
4. Considerações Finais 40

CAPÍTULO 2 – FORMALISMOS EM LINGUÍSTICA E A ANÁLISE SINTÁTICA FORMAL DO PORTUGUÊS FALADO NO BRASIL 41

1. Formalismos em Linguística 41
  1.1**.** Estudos Formais e Ciência
  1.2. Diversos Formalistas em Sintaxe/Gramática
2. Gramática Gerativa: o Estudo da Sintaxe com Estatuto de Disciplina Autônoma 45
  2.1. As Propriedades da Linguagem Humana Segundo Noam Chomsky
    2.1.1. *A Abordagem Modular da Mente*
        2.1.1.1. *Competência e Desempenho*
        2.1.1.2. *Gramaticalidade e Aceitabilidade*
  2.2. Clássicos da Literatura Gerativa

3. O Tratamento Formal em Análise Sintática 53

3.1. Propostas de Codificação da Relação Gramatical "Objeto Direto"

3.2. A Estrutura de Constituinte e a Competência Linguística

3.3. Introdução ao Formalismo X-barra: Categorias Sintáticas e Árvores (Estruturas)

3.3.1. *Categorias Sintáticas Lexicais e Funcionais*

3.3.1.1. *Categorias Lexicais*

3.3.1.2. *Categorias Funcionais*

3.3.2. *A Projeção X-Barra – Alguns Fundamentos*

4. Considerações Finais 72

CAPÍTULO 3 – INTRODUZINDO O SINTAGMA VERBAL E FLEXIONAL 73

1. A Categoria Lexical Verbo 73

2. X-Barra: Construindo o Sintagma Verbal e o Sintagma Flexional 75

2.1. O Sintagma Verbal

2.2. O Sintagma Flexional

2.2.1. O Caso Nominativo

2.2.1.1. *A Noção de Sujeito*

2.2.1.1.1. *O Parâmetro do Sujeito Nulo*

2.2.2. O Caso Acusativo

2.2.3. O Caso Oblíquo

2.3. Traço Nuclear de Princípios e Parâmetros: o Modelo-T

3. Considerações Finais 97

CAPÍTULO 4 – O SINTAGMA VERBAL (E FLEXIONAL)
E O CONCEITO DE PREDICAÇÃO 99

1. A Classificação do Verbo Centrada no Conceito de Predicação 99

1.1. Verbos com mais de um Argumento

1.1.1. Verbos Transitivos

1.1.2. Verbos Bitransitivos

1.1.3. A Noção de Verbo Leve

1.1.3.1. *Diferenças entre Construções Bitransitivas e Construções com Verbos Leves*

        1.1.4. Estrutura Sv/SV Aplicada a Verbos com mais de um Argumento
            1.1.4.1. *Verbos Transitivos*
            1.1.4.2. *Verbos Bitransitivos*
            1.1.4.3. *Verbos do Tipo 'Psicológicos'*
    1.2. Verbos Monoargumentais
    1.2.1. Inergativos
    1.2.2. Construções CVLs
        1.2.3. Inacusativos
            1.2.3.1. *Verbos de Alçamento*
                1.2.3.1.1. Verbos Copulativos
                1.2.3.1.2. Verbos Auxiliares
            1.2.3.2. *Verbos de Alternância Causativa*
    1.3. Verbos sem Argumento

2. Considerações Finais 152

CAPÍTULO 5 – ANÁLISE DO SINTAGMA NOMINAL E DO SINTAGMA DETERMINANTE – AS ORAÇÕES COM FUNÇÃO [+N] 153

1. A Categoria 'Nome' 153
    1.1. Caso Morfológico
    1.2. 'Agreement' (Concordância verbal)

2. X-Barra e os Sintagmas Nominal e Determinante 156
    2.1. O Sintagma Nominal
        2.1.1. *Sintagmas Nominais com Núcleos Pronominais Clíticos*
            2.1.1.1. *Cliticização Pronominal no Português e nas Línguas Românicas*
            2.1.1.2. *Sintagmas Nominais Clíticos e X-Barra*
        2.1.2. *O Sintagma Nominal Maximamente Estendido*
    2.2. O Sintagma Determinante

3. Orações [+N] 176

4. Considerações Finais 189

CAPÍTULO 6 – ANÁLISE DO SINTAGMA 'ADJETIVO' – CONSIDERAÇÕES SOBRE AS ORAÇÕES ADJETIVAS 191

1. Introduzindo a Categoria 'Adjetivo' 191
1.1. O Sintagma Adjetivo
1.1.1. *O Sintagma Adjetivo Máximo*
1.1.2. *A Inserção de Adjetivos nas Sentenças*
1.1.2.1. *A Projeção 'Pequena Oração'*
2. Considerações sobre a Categoria Advérbio 208
2.1. A Gramática Tradicional e a Categoria Advérbio
2.2. A Teoria da Gramática e a Categoria Advérbio
2.2.1. *Advérbios: uma Subclasse de Adjetivos*
3. Orações com Função de Adjetivo 214
3.1. Análise Sintática das Relativas dentro da Literatura Gerativista
3.1.1. *A Relação da Relativa com o Pivô*
3.2. *Estratégias de Relativização no Português*
3.2.1. *Relativas Restritivas e Não-Restritivas (Apositivas)*
3.2.2. *Relativas Livres*
4. Considerações Finais 228

CAPÍTULO 7 – CONSIDERAÇÕES SOBRE O
SINTAGMA PREPOSICIONAL E O SINTAGMA QUANTIFICADOR 229

1. Introduzindo o Capítulo 229
2. O Sintagma Preposicional 229
2.1. Introduzindo a Categoria Preposição
2.2. A Categoria Preposição e a Teoria da Gramática
2.2.1. *Preposições como Núcleos Lexicais*
2.2.2. *Preposições como Núcleos Funcionais*
2.2.3. *Sintagmas Preposicionais 'Adjuntos' e 'Complementos'*
2.2.4. *O SP e a Estrutura X-Barra*
2.2.4.1. *SPs Selecionados/ Adjungidos ao Nome*
2.2.4.2. *SPs Selecionados/ Adjungidos ao Verbo*
2.2.4.3. *SPs Selecionados por SConc*
3. O Sintagma Quantificador 252
3.1. O Sintagma Quantificador e a Semântica Formal
3.2. O Sintagma Quantificador e a Teoria da Gramática
4. Considerações Finais 258

CAPÍTULO 8 – ASPECTOS DO SINTAGMA COMPLEMENTIZADOR – CONSIDERAÇÕES SOBRE O SINTAGMA CONJUNTIVO E SOBRE CONECTIVOS 259

1. A Categoria Complementizador 259
- 1.1. Complementizador versus Conjunção versus Conectivo
  - 1.1.1. *Conjunções e Estruturas de Coordenação*
  - 1.1.2. *Os Conectivos e as 'Estruturas Adverbiais'*
- 1.2. A Posição 'Especificador do Sintagma Complementizador'

2. Pronomes Q 266
- 2.1. Pronomes Interrogativos QU
- 2.2. Pronomes Relativos

3. Movimentos para a Posição 'Especificador de Sintagma Complementizador' 269
- 3.1. Movimento QU
- 3.2. Movimento do Pronome Relativo
  - 3.2.1. *Estratégias de Relativas no Português do Brasil – o Preenchimento da Posição Núcleo de SC*
    - 3.2.1.1. *Relativas Construídas com Pronome Resumptivo*
    - 3.2.1.2. *Relativas Construídas com Resumptivo Lexical*
    - 3.2.1.3. *Relativas Cortadoras*

4. A Interface Sintaxe/ Discurso – A Explosão do Sintagma Complementizador 277
- 4.1. A Categoria Foco
- 4.2. A Categoria Tópico
- 4.3. O SC Explodido

5. Considerações Finais 285

BIBLIOGRAFIA 287

APÊNDICE I – LEITURAS COMPLEMENTARES 307

APÊNDICE II - EXERCÍCIOS 317

PREFÁCIO

A obra *Análise sintática do português falado no Brasil* – Vol. 1 e 2, editado pela Multifoco, é resultado de um processo de revisão completa e ampliação do livro *Sintaxe do português – estudando formalmente a gramática de uma língua*, lançado em 2009 em pareceria com as Editoras Tudoteca e Multifoco.

Análise sintática do português falado no Brasil é, de fato, um livro novo, com capítulos antigos revistos, ampliados e reformulados e ainda com inserção de dois novos capítulos. A obra é constituída de mais um volume além deste.

No segundo volume, em pareceria com Ednalvo Apóstolo Campos e Eduardo Ferreira dos Santos, apresentam-se a chave de correção dos exercícios que constam ao final deste Vol. 1, além de exercícios-extras.

Os exercícios inseridos ao final deste Vol. 1 – e que são gabaritados no Vol. 2 – foram testados em sala de aula entre os anos de 2006, 2007, 2008 e 2009. São, portanto, fruto de minha docência, em sala de aula, no curso de *Sintaxe do Português* do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – DLCV/FFLCH/USP. Agradeço a muitos dos alunos que integraram o corpo discente destes anos citados, por sua colaboração na feitura destes exercícios e pela enorme contribuição ao solicitarem maiores explicações e até mesmo sugerirem 'ajustes'. Importante mencionar que a ementa do curso de *Sintaxe do Português* da FFLCH, e ainda de outros cursos nossos, direcionou-me ao *outline* deste livro. Ainda, o coleguismo dos professores que integram a equipe da Área de Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (FFLCH/USP) foi muito importante para que me sentisse à vontade para publicar este texto.

Preciso dizer ainda que o ensino do português me acompanha há cerca de 20 anos, quando iniciei, no Estado do Rio de Janeiro, minha carreira como docente. Por nove anos fui professora da Rede Pública de Ensino do Estado do Rio de Janeiro e aquele período marcou profundamente minha carreira. Outros momentos da docência me seguem como os meses em que estive na Universidade de Brasília, como professora temporária (por meio de um concurso) e ainda o início na USP, também como professora temporária (por meio de um concurso no ano de 2004). Logo, neste livro, há 'ecos' de muitos alunos, de diversos períodos, de diversos locais do Brasil, de diversos amigos. Há 'ecos' também da África, durante meus tempos de incursão na Nigéria. Nestes anos, mais de 10, em que tenho trabalhado com a pesquisa de uma língua tão distinta da minha – a língua ibíbio (e ainda, muitas vezes, feito isto por meio do inglês) –, a percepção das 'estruturas' do português brasileiro se fez ainda mais forte.

O livro que ora se apresenta: *Análise sintática do português falado no Brasil* – volumes 1 e 2 – foi construído a partir de um trabalho de escrituração desenvolvido em três etapas:

(i) primeiramente, elaborei *hand-outs* para as aulas do curso de *Sintaxe do Português*;

(ii) os *hand-outs*, em um segundo momento, foram desenvolvidos em forma de texto e impressos como 'cadernos' com o nome: *Cadernos de Sintaxe do Português* – 2007 – pela Tudoteca;

(iii) no ano de 2008, a Tudoteca, em pareceria com e Editora Multifoco, publicou *Sintaxe do português – estudando formalmente a gramática de uma língua.* Neste livro, foram revistos e reunidos os nove 'cadernos' que compuseram a edição de *Cadernos de Sintaxe do Português*, acrescidos ainda de um encarte de exercícios.

Em *Análise sintática do português falado no Brasil* – Vol. 1, foram reformuladas todas as estruturas sintáticas que constavam no livro *Sintaxe do português – estudando formalmente a gramática de uma língua*. A estrutura do sintagma verbal foi totalmente alterada e para tanto, foi necessário a organização de dois capítulos (capítulos 3 e 4) em que pude apresentar a evolução, em Teoria da Gramática, do que se considera atualmente a projeção de estruturas transitivas: a expansão do sintagma verbal nas camadas Sv/SV. Nesses dois capítulos, enfatizo a predicação verbal, tratando com mais detalhes sobre a posição de sujeito na gramática do português e 'olhando' para a análise do sintagma verbal a partir do número de seus argumentos. A inserção dos capítulos 3 e 4 me fizeram rever e ampliar todos os antigos capítulos que compunham o livro *Sintaxe do português – estudando formalmente a gramática de uma língua.*

No capítulo 1 deste livro (através de partes do 'antigo' capítulo 9 de *Sintaxe do português – estudando formalmente a gramática de uma língua*), introduzo a questão do português falado no Brasil (PB). Apresento, nesse capítulo, as grandes discussões acadêmicas que têm permitido a proposta de que nós brasileiros estamos a caminho de uma gramática cada vez mais diferenciada da gramática falada pelos portugueses (que tem sido referida como português europeu – PE). É preciso dizer, portanto, que, a variedade da língua contemplada nas páginas que se seguem a esta é o português culto falado no

Brasil. Sinto-me à vontade por fazê-lo, pois, no momento, já dois volumes da obra *Gramática do português culto falado no Brasil* estão publicados e mais três são esperados. Logo, não é fato novo que a Academia brasileira já considera o PB como uma realidade diferenciada da do PE e, nesta obra, tentamos, de uma forma o mais simples possível, apresentar as principais linhas de investigação sobre a sintaxe do PB para um público-alvo principalmente da Graduação.

É óbvio que, devido à brevidade destas páginas, 'pecamos', com certeza, na ausência de citações de trabalhos relevantes – afinal, nos últimos 10 a 15 anos, a investigação do PB foi alvo de numerosas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações de *papers* e de livros, tanto no Brasil quanto no exterior. Logo, as notas de rodapé, as indicações de leituras complementares e as referências bibliográficas são uma 'tentativa' de informar sobre parte desta enorme produção. Tentamos ainda indicar textos relevantes sobre a gramática moderna do português europeu (PE) com o objetivo de mostrar ao leitor as diferenças, se comparadas ao PB.

Não há como não mencionar a enorme contribuição de meus amigos em Portugal, brasileiros e portugueses, que me fizeram aguçar a vontade de analisar e comparar o PB com o PE. Este livro foi escrito em Portugal durante o segundo semestre de 2009 (período de meu pós-doutorado), e este fato me beneficiou enormemente, pois pude ver 'in loco' que minha gramática (a brasileira) não é a mesma que a dos lusitanos. Aliás, um lindo português de 4 anos, Francisco (Kiko), sumarizou isto muito bem quando eu tentava, infrutiferamente, falar como ele em PE. Kiko me respondeu:

"Ah! Você já está quase a falar português, hein!"

É com esta frase de Kiko que 'abro' o capítulo 1, e ainda este livro.

Durante o período de pós-doutorado em Portugal, na Universidade de Coimbra, fui enormemente beneficiada pelo contato direto com o Professor John Holm. O vastíssimo conhecimento acadêmico do professor John (sobretudo em 'Linguística do Contato'), sua generosidade em compartilhar comigo vários trabalhos que não conhecia e sua investigação de anos sobre o PB foram, sem dúvida, uma contribuição enorme à escrituração deste livro.

Ao término deste prefácio, algumas palavras sobre o caráter deste trabalho. *Análise sintática do português falado no Brasil* não é uma gramática normativa. O seu objetivo não é apresentar 'regras' sobre o 'uso correto' da língua. Objetivamos apresentar ao público universitário, de modo resumido, um conjunto de trabalhos que apontam para aspectos do falar dos brasileiros que precisam ser divulgados. Penso que precisamos ter a coragem de formar novos professores, e profissionais da língua, que 'olhem' para o enorme hiato entre a língua escrita, que estamos ensinando na(s) escola(s) – a partir da alfabetização – e a língua falada no país. Em muitas escolas, principalmente do Ensino Médio, e ainda em muitas Faculdades (e Universidades), o que se contempla (e se exige) é a norma culta do PE, sem se levar em conta que anos de estudo e pesquisa apontam para o fato de que nós, brasileiros, já temos a nossa própria 'norma'.

Durante as páginas deste livro não desprezamos, contudo, os compêndios gramaticais clássicos do português brasileiro, principalmente aqueles que têm se adequado aos conhecimentos linguísticos; buscamos exemplos e verificamos, na medida do possível, o que tem sido prescrito como "norma culta escrita e falada" na língua portuguesa. Portanto, textos como Bechara (1999), e outros, estão "à nossa mesa". No entanto, estamos cientes de que nossas gramáticas, em diferentes e diversos aspectos, se mostram afastadas da ciência linguística, isto porque seus objetivos não são a descrição e explicação da língua em sua complexidade.

Eu torço para que o leitor que se aproprie deste livro faça bom uso de suas páginas. Bem vindos à *Análise sintática do português falado no Brasil* – volumes 1 e 2.

Lisboa, dezembro de 2009

Márcia Santos Duarte de Oliveira

Capítulo 1

A língua portuguesa falada no Brasil

Cena em Lisboa, novembro de 2009

Márcia, uma brasileira, encontra-se em casa de sua amiga Dália, portuguesa. Dália está acompanhada de seu neto Francisco (Kiko) de quatro anos, que as ouve, atentamente, conversando à mesa do jantar. Márcia olha para Kiko e lhe pergunta:

– Kiko, queres isto?

Kiko lhe responde com ar surpreso!

– Ah! Já estás quase a falar português, hein!

Vários estudos apontam que: (i) o português brasileiro – PB – não possui a mesma gramática que o português europeu – PE;

(ii) a sintaxe pronominal do PB e PE é um dos tópicos linguísticos que apresenta distinções mais visíveis – ver, entre outros: Cyrino, S. M. L. (1994), Cyrino, Duarte & Kato (2000), Duarte (1996), Figueiredo e Silva (1996), Galves (1987, 1998, 2001), Kato (1999), Kato & Negrão (2000), Monteiro (1994), Negrão (1999), Nunes (2003), Tarallo (1983), Torres Moraes & Ribeiro (2005).

Voltando à cena que introduz este capítulo, e livro, apresentamos a pergunta de *Márci*a à *Kiko* abaixo, em duas versões:

(1) – Kiko, queres isto? *(português europeu)*

(2) – Kiko, você quer isto? *(português brasileiro)*

A surpresa de *Kiko* ao ouvir *Márcia* pronunciar a sentença (1) é que, de fato, a sentença (1) não faz parte da gramática de *Márcia* – e a inteligência de Kiko já havia constatado este fato.

À parte questões fonológicas, as sentenças (1) e (2), embora similares, exemplificam um distanciamento entre gramáticas:

(i) no PB, ocorre uma redução do paradigma de flexão – veja, em (2), a flexão de 3ª. pessoa do singular *quer* (concordância com *ele/a*) sendo usada para a concordância de 2ª. pessoa do singular (pronome *você*);

(ii) o uso da forma pronominal *você* em (2) não é o mesmo que a forma *você* em Portugal. Em Portugal, *você/tu* são formas alternantes, familiares, mas que são usadas em situações de menos intimidade (*você*) e mais intimidade (*tu*)[1]. No Brasil, à parte o norte do país (região do Pará), *você/tu* não são formas alternantes de um paradigma formal/informal. Kiko já havia ouvido várias vezes Márcia falando e, na interação com ele e sua avó Dália, usando *você*;

(iii) o preenchimento pronominal da posição de sujeito em situações em que o sujeito pode ser nulo, como em (1), é outra grande marca de diferenciação entre o PB e o PE. Pesquisas atestam que em PB, estamos cada vez mais preenchendo fonologicamente a posição de sujeito quando este sujeito é mais referencial, como pronomes de 1ª. e de 2ª. pessoas – cf. Cyrino, Duarte & Kato (2000). Kiko, já estava ouvindo, há cerca de dois meses, Márcia preencher a posição de sujeito como em (2), diferentemente do que ele e 'sua casa' fariam (veja sujeito nulo em (1)).

> *A inserção, principalmente no português do Brasil, de 'você' e 'a gente' no sistema pronominal criou uma série de repercussões gramaticais em diferentes níveis da língua. Por derivar de uma forma nominal que leva o verbo para a terceira pessoa do singular, o emprego de 'você' na interlocução acarretou, por exemplo, um rearranjo no sistema pronominal com a fusão de 2ª. pessoa do plural. Novas possibilidades combinatórias tornaram-se usuais [...]*
> *[...]*
> *Outra reestruturação ocorreu no paradigma verbal que perde sua riqueza em termos flexionais passando de seis para três formas básicas ("eu falo, "tu/ você/ ele/ a gente fala", "vocês/ eles falam". [...]"*
>
> *Lopes & Rumeu (2007: 419)*

É evidente que *Kiko* não interpretou teoricamente as diferenças entre as sentenças (1) e (2), descritas acima, linguisticamente, à luz de pesquisas atuais. No entanto, o que nos chama a atenção é que uma criança de quatro anos, bastante inteligente e que já fala com fluência o PE, ateste a seguinte conclusão, reproduzida em:

---

[1] Em Lisboa, ouvi o 'queixar' de Fernanda (uma portuguesa), referindo-se à amiga: "Anos de amizade e ela ainda se refere a mim usando você."

(3) – Ah! Já estás quase a falar português, hein!

Em nossa interpretação (aos risos) é como se Kiko dissesse: *"Ah! Finalmente Márcia já pode ser quase compreendida por nós, que falamos português"*.

A cena acima entre *Kiko* e *Márcia* constitui-se em uma prova enunciativa de que o PE e o PB caminham para duas variedades cada vez mais distantes.

> *As variedades do português faladas em Portugal (PE) e no Brasil (PB) apresentam algumas diferenças tanto nos níveis fonético e lexical (as diferenças mais facilmente apreensíveis) como nos níveis morfológico e sintáctico-semântico.*
>
> *Mateus (2003(b): 45)*

Note que o fato de podermos nos entender – brasileiros e portugueses – não é a base para ratificarmos que somos apenas duas variantes geográficas. Viaje à Portugal e verifique que, por todos os lados que você ouvir o português, você saberá diferenciar se ele é falado por brasileiros ou por portugueses. Nós brasileiros sabemos distinguir entre uma fala portuguesa e uma fala brasileira, assim como os portugueses também o sabem. E o interessante é que, nesta situação, as diferenças 'internas' das regiões (ou de Portugal, ou do Brasil) são anuladas.

Importante ressaltar, portanto, que as diferenças notadas entre o PB e o PE não se dão apenas na área lexical (o vocabulário) e na área fonológica (a pronúncia), mas também na morfossintaxe e na semântica – observe o diálogo entre Kiko e Márcia.

1. A Língua Portuguesa

A língua portuguesa, espalhada por todos os continentes, é a língua materna de mais de 190 milhões de pessoas, ocupando o quinto lugar entre as línguas mais faladas do mundo – cf. Mateus (2003(a): 29).

O português faz parte de um conjunto linguístico denominado de *línguas românicas*: vários falares locais, originários do *latim vulgar*, localizados em um "território linguístico" hoje denominado de *România*.

A literatura atesta as seguintes línguas românicas:

> *[...] o romeno, o italiano, o sardo, o reto-românico (falado na Suíça e em algumas regiões do norte da Itália), o occitano, o francês, o catalão, o espanhol, o galego e o português.*
>
> *Ilari & Basso (2006: 17).*

A especificidade da língua portuguesa, marcadamente diferenciada de outros falares românicos, se dá por volta do século VI:

> *[...] A partir dessa época longínqua, a língua falada no noroeste da Península Ibérica (atual Galiza e norte de Portugal) foi-se distanciando das variedades do latim vulgar que lhe eram vizinhas e adquiriu as características fonéticas que nos permitem identificá-la como o estádio primitivo da língua portuguesa. [...]*
>
> *Mateus (2003:25)*

A história da língua portuguesa está dividida em quatro períodos: (i) o português antigo; (ii) o português médio; (iii) o português clássico; (iv) o português moderno – cf. Mateus (2003(a): 26). Mateus (op. cit.) aponta que há transições entre um período e outro:

> *[...] Pode dizer-se ainda que entre o português antigo e médio se iniciou a separação do português e do galego, e entre o português clássico e moderno se iniciou a separação do português europeu do brasileiro.*
>
> *Mateus (2003(a):26[2])*

Em qualquer língua, principalmente entre aquelas que atestam certa expansão (que pode ser de ordem geográfica, mas também social), *falantes nativos* são capazes de perceberem *variação* entre falares e até mesmo *mudança*.

Neste livro, abordamos o português brasileiro não como um dialeto (uma variedade do português europeu), mas como língua nacional (a caminho de mudança completa), falada por cerca de 191.480.630 brasileiros[3]:

---

[2] O grifo é nosso.

[3] Cf. *Estimativas da população para 1º de julho de 2009.*

> *Em línguas com larga história de expansão mundial e de mobilidade dos seus falantes nativos, observa-se a existência de variedades que se vão progressivamente fixando e autonomizando, até ser possível caracterizá-las como variedades locais ou mesmo nacionais. É nessa perspectiva que distinguimos entre a variedade europeia do português que designamos de* **português europeu (PE)** *e a variedade brasileira do português ou* **português brasileiro (PB)**.
>
> *Faria (2003: 34)*

2. A QUESTÃO DO PORTUGUÊS DO BRASIL – PB

O Brasil abriga o maior número de falantes do português no mundo e estudos linguísticos descrevem (e explicam) mudanças sistemáticas no português brasileiro – PB – que distanciam esta língua de outras línguas românicas, incluindo o português de Portugal – PE.

Análises e hipóteses sobre o PB têm levado em conta[4]:

(i) processos importantes que o Brasil atravessou durante três séculos (alguns ainda em curso) como o crescimento demográfico do país, a urbanização e a ocupação do interior do país;

(ii) a complexidade linguística brasileira marcada em seus mais de 500 anos de história pela presença das línguas indígenas, pelas línguas faladas pelos escravos africanos e as línguas européias e asiáticas faladas pelos imigrantes;

(iii) a "deriva secular" – processos de mudança comuns a todas as línguas indo-européias.

No âmbito dessas discussões, uma pergunta que pode ser feita é:

Há no PB, características comuns que apontem para uma unidade caracterizadora que a distinga de outras variedades de português, como o PE?

Segundo Pagotto (2007: 469):

---

[4] Cf. Ilari & Basso (2006:. 60-80), Pagotto (2007: 463)

> *Dentre os fatos que mais impressionam no português do Brasil, temos que ele se caracteriza de norte a sul, por um conjunto de características comuns. A tão propalada unidade lingüística no Brasil é, assim, mais interessante não quando se tomam os falares cultos, mas especialmente quando se tomam os diletos populares das mais diversas regiões. É claro que há diferenças regionais entre os vários dialetos brasileiros, mas chama a atenção que em todo o Brasil os diversos dialetos populares se oponham ao português erudito segundo um mesmo conjunto de traços na morfologia e na sintaxe. É aqui que se localiza a unidade do português brasileiro. Dado o tamanho de nosso território é claro que se torna irresistível perguntar como esta unidade se teria dado historicamente.*

Algumas dessas características gramaticais apontadas por Pagotto (op. cit.) podem ser ressaltadas: (i) o quadro dos pronomes pessoais; (ii) mudanças para uma língua do tipo "explicite o sujeito" (língua de sujeito não-nulo) – compare os dados (1)-(2) acima; (iii) o processo de relativização que aponta para uma reorganização da gramática.

Outra característica dos falares populares do Brasil – PB – diz respeito à colocação dos pronomes clíticos e sua interação com outros fenômenos. Logo, "[...] *não se tem notícia de dialetos populares que realizem a ênclise em sentenças simples. [...]*[5]" como se vê em:

(4) Dê-me o livro!

A sentença (4) tipifica uma sentença do PE ou ainda do PB erudito. Os brasileiros, cultos ou não cultos, diriam[6]:

(5) Me dá o livro!

Ainda com relação aos clíticos, o PB vernacular perdeu os clíticos de 3ª. pessoa. Observe os dados abaixo[7]:

	PB	**PE**
(6)	as frases, ele tinha lido **(-)** nos livros	as frases, tinha-**as** lido nos livros
(7)	eu vi **ele** na rua	eu vi-**o** na rua
	deixa **ela** comigo	deixa-**a** comigo
	quero **lhe** conhecer	quero conhecê-**lo**

---

[5] Pagotto (2007: 469).

[6] Óbvio que a sentença (5) exemplifica uma 'ordem' no PB falado e não no escrito.

[7] Mateus (2003(b): 47); dados (1), (2), renumerados.

Observe que, em (6), o clítico de 3ª. *as* (PE) é substituído por um objeto nulo, representado por (-); em (7), os clíticos de 3ª. *o/a* (PE) são substituídos pelas formas pronominais *ele/a*. Ainda, percebe-se que a forma clítica *lo* (PE), em (7), é substituída por *lhe*, um clítico de 3ª. pessoa, recategorizado em PB como pronome clítico de 2ª. pessoa com traços de formalidade.

> *[...]Enfim, embora seja possível que os dialetos populares divirjam quanto a determinadas partes da estrutura gramatical (aliás, esse é um campo que precisa ser explorado), há um núcleo gramatical comum. É a este núcleo comum que tentam chegar trabalhos como o de Galves (1983, 1984, [...]), dos quais Tarallo (1993) lança mão, bem como tantos outros escritos na tradição gerativista.*
>
> *Pagotto (2007: 469)*

Para exemplos de fenômenos sintáticos típicos do PB a partir de textos, ver Ilari & Basso (2006: 129-133).

Portanto, se há então uma unidade linguística comum entre os vários dialetos brasileiros (unidade esta que se opõe ao português culto), concordamos com Pagotto (op. cit.) que *"[...] se torna irresistível perguntar como esta unidade se teria dado historicamente"*.

Em Pagotto (2007: 462), três momentos de estudos sobre a história do PB são apontados:

(1) segunda metade do século XIX;
(2) décadas de 30 e 40 do século XX;
(3) década de 90 do século XX.

Os 'momentos' (1) e (2) de estudos sobre a história do PB são, segundo o autor (op. cit.), marcados por temas nacionalistas de um lado, e de outro lado, por *"[...] preocupações com a manutenção de uma norma lingüística comum entre Brasil e Portugal* [8]*"*. O período (3) se inscreve:

> *[...] em um terceiro momento dos estudos sobre a história do português do Brasil, em que o debate ressurge com o desenvolvimento da sociolingüística no Brasil e do próprio renascer*

---

8. Pagotto (2007: 462).

> *dos estudos diacrônicos e tipológicos em diversas partes do mundo. Pode-se dizer que é um recolocar de problemas aparentemente mais neutro [...].”*
>
> *Pagotto (2007: 462)*

Tarallo (1983), (1993) são textos importantes deste terceiro momento da história do PB. Tarallo (1993: 50) afirma que, quanto ao PB e PE, estas variedades *“[...] encontram-se, na verdade, a tal distância sintática que seria muito incomum se seus caminhos tornassem a se cruzar.”*

A tradição linguística brasileira até então tem sido a de comparação entre PB e PE:

> *No Brasil, a maior parte dos estudos sobre a caracterização do PB desenvolve-se dentro de uma metodologia contrastiva, em que a identidade deste é evidenciada em comparação com o português europeu (PE), tanto de um ponto de vista sincrônico quanto diacrônico. [...].”*
>
> *Petter (2008(b): 8)*

No entanto, a tentativa de explicar os fatos linguísticos que apontam para uma “unidade do PB”, tem levado os estudiosos, além de examinar as diferenças entre o PB e o PE, a examinar o vasto fenômeno de contato linguístico que se deu no Brasil. Não há como não atestar a participação de línguas indígenas, africanas e, mais recentemente, outras línguas européias e ainda asiáticas na constituição do PB.

A seguir, centrados em Petter (2008a), discorremos sobre a percepção do contato das línguas africanas com o português falado no Brasil.

2.1. *A Percepção do Contato de Línguas Africanas (LAs) com o Português Falado no Brasil*[9]

Petter (2008(a): 1-2) apresenta marcos da literatura sobre aspectos do contato de línguas africanas com o português falado no Brasil, como se vê abaixo:

1.1 Renato Mendonça (1933) e Jaques Raimundo (1933) – propõem que a maior parte das características do PB pode ser explicada pela influência das línguas africanas, sobretudo as línguas kimbundu e yoruba;

---

[9] O título desta subseção pauta-se em Petter (2008(a): 1).

1.2 Melo (1946), Silva Neto (1963) [1950] e Elia (1979) [1940] reexaminam a influência africana e introduzem a hipótese da *crioulização* no debate.

A seguir, apresenta-se o *debate da crioulização* e sua principal contestação por meio da proposta de *deriva secular*.

2.1.1. *O Debate Crioulização versus Deriva*[10]

Duas hipóteses têm sido marcantes no conjunto de pesquisas sobre a história do PB. Tratam-se dos conceitos de *crioulização* e de *deriva*. O conceito de *crioulização* insere-se dentro do contexto de percepção do contato de línguas africanas com o português e o conceito de *deriva* apresenta uma contraproposta à proposta da crioulização[11].

2.1.1.1. *A Crioulização*

Guy (1981), (1989), Holm (1987), (1992) e Baxter (1992) são textos clássicos sobre a hipótese de que o PB tenha sido resultado do fenômeno de crioulização.

Duas propostas relacionam-se à propagação do português no Brasil, ligadas à questão da crioulização – cf. Pagotto (2007: 470):

(i) o português em contato com línguas indígenas em São Paulo, sofreu forte dialetação e se espalhou pelo Brasil, seguindo as trilhas dos Bandeirantes;

(ii) no Brasil, vários "crioulos" foram formados em vários pontos e *"[...] dada a gênese das línguas crioulas em geral, conservariam até hoje traços em comum. [...]"*.

Logo, a hipótese da crioulização (e 'pidginização') é uma hipótese largamente discutida na agenda dos pesquisadores da historiografia do PB.

Pagotto (2007) faz menção aos processos de formação de *pidgins* e *crioulos*, o que nos ajuda a sumarizar este intrigante fenômeno linguístico:

---

[10] Título baseado em Petter (2008(a): 1, (1.3.)).

[11] Por motivos de espaço e simplificação, neste livro, não tratamos das propostas de *pidginização* envolvendo o português e línguas indígenas brasileiras.

> *1. Pidgins e crioulos são línguas que surgem de situações de colonização em que o contato é pluringüe: falantes de línguas diferentes tomam a língua do colonizador como fonte.*
>
> *2. O que diferencia um pidgin de um crioulo é o fato de o segundo ser língua materna dos falantes. O pidgin seria, por isto, uma língua de caráter mais emergencial que o crioulo, ainda que se registrem casos em que perdure por longo período, desde que conservadas as condições sociais que propiciem a sua perenidade.*
>
> *3. Os crioulos (nem sempre os pidgins) surgem em comunidades insulares. As exceções – duas ou três – se explicam ou por um grande isolamento – mesmo no continente – ou por ter sido o crioulo transplantado após ter-se formado em alguma ilha.*
>
> *4. Tanto em pidgins quanto em crioulos é constatada uma série de simplificações na morfologia verbal e nominal, se comparados com a língua dominadora.*
>
> *5. Além das perdas morfológicas mencionadas, os pidgins e especialmente os crioulos operam processos de regramaticalização de formas (tanto da língua dominadora como das línguas do substrato) para atender processos gramaticais diversos. Tanto essas características quanto as simplificações mencionadas acima são atribuídas ou a influência das línguas que formam o substrato ou a processos lingüísticos diversos.*
>
> *Pagotto (2007: 472)*

2.1.1.1.1. *LAs Introduzidas no Brasil pelo Tráfico Negreiro* [12]

Durante três séculos de tráfico negreiro no Brasil – séculos XVII, XVIII e XIX – diversificadas línguas africanas (LAs) foram trazidas para o país.

As línguas concernentes ao tráfico podem ser repartidas, segundo Bonvini (2008: 30-31), em duas áreas de proveniência: (i) o*este-africana;* (b) *austral*, essencialmente do subgrupo banto.

As línguas da área oeste-africana são caracterizadas pelo maior número de línguas africanas – LAs – introduzidas no país; tipologicamente, são línguas muito diversificadas – cf. Bonvini (2008: 30):

---

[12] Esta subseção é parte da seção III de Oliveira (2008).

atlântica*: fula (fulfude), uolofe, manjaco, balanta;*
mandê *(sobretudo, o mandinga); bambara, maninca, diúla;*
gur*: subfamília gurúnsi;*
cuá*: (sugrupo gbe): eve, fon, gen, aja (designadas pelos termo jeje no Brasil);*
ijóide*: ijó;*
benuê-congolesa*:*
  defóide*: falares iorubás designados no Brasil pelo termo nagô-queto;*
  edóide*: edo;*
  nupóide*: nupe (tapa);*
  ibóide*: ibo;*
  Cross-River*: efique, ibíbio;*
afro-asiático: chádica*: hauçá;*
nilo-saariano: saariana*: canúri.*

As línguas austrais bantas formaram o maior número de falantes cativos no Brasil e são tipologicamente homogêneas. Estão limitadas à costa oeste africana (atuais repúblicas do Congo, República Democrática do Congo e Angola) – cf. Bonvini (2008: 30-31):

H. 10 ***congo*** *(quicongo): quissolongo, quissicongo (quissansala), quizombo, quisuundi (falada pelos bacongos, numa zona correspodente ao antigo Reino do Congo) e quivíli, iuoyo (fiote), quiombe (faladas em Cabinda e em Loango);*

H. 20 ***quimbundo*** *(falada pelos ambundos, na região central de Angola, correspondente ao antigo reino de Ndongo): quissama, quindongo;*

H. 30 ***iaca-holo*** *: yaca, imbangala, chinji;*

K. 10 ***chôkue*** *: ichôcue, ochinganguela, chilucazi, luena (luvale);*

L. 30 ***luba*** *: chiluba-cassai (lulua);*

L. 50 ***lunda*** *: chilunda, urunda;*

P. 30 ***macua*** *: omacua;*

R.10 ***umbundo*** *(falada pelos ovimbundos, na região de Benguela, em Angola): umbundo, olunianeca;*

R. 20 ***cuaniama****,* ***indonga*** *: ochicuaniama, cuambi;*

R. 30 **herero** : ochiherero.

O fato do número de línguas aportadas no Brasil parecer reduzido em relação à quantidade total de LAs, pode ser explicado, segundo Bonvini (op. cit.), pela razão de que, até o fim do século XVIII, o interior da África permaneceu praticamente desconhecido – os europeus só frequentavam, até então, as costas africanas, de onde recrutavam a mão de obra escrava.

Há que se observar, no entanto, que das LAs atestadas no Brasil, três tiveram um papel de destaque: (i) *quimbundo* – século XVII, (ii) *eve- fon* ('língua geral da mina' – século XVIII, (iii) *ioruba* – século XIX. Porém, essas línguas revelam, nos dizeres de Bonvini (2008: 59):

> *[...] um jogo de alternâncias e contatos lingüísticos em que as línguas africanas exerceram, sucessivamente, um papel cada vez menos determinante em face daquele preenchido pela língua portuguesa. Elas passaram de um estatuto inicial de língua plena e generalizada (quimbundo), primeiro, ao de língua veicular e pidginizada ("mina"), em seguida ao de língua veicular (ioruba) geograficamente circunscrita e limitada a um contexto plurilíngüe e africano, para acabar numa fase de extinção progressiva, por falta de renovação suficiente de seus falantes, sobrevivendo finalmente apenas em lugares confinados, sob forma de línguas cultuais ou secretas.*

O confinamento das LAs no Brasil, a partir do final do século XIX, está relacionado a dois fatos importantes: (i) à abolição da escravatura em 1888, (ii) à cultura do café que redistribuiu geograficamente os ex-escravos e seus descendentes – cf. Bonvini (2008: 50). As LAs passaram a ser faladas apenas como "uso interno" de grupos específicos: (i) grupos religiosos e (ii) comunidades negras isoladas – conhecidas como "comunidades quilombolas".

Sobre "línguas cultuais" e "línguas secretas" (que sobrevivem em comunidades quilombolas), ver Bonvini (2008: 51-52).

Levando-se em conta três séculos de tráfico negreiro no Brasil é mais que legítimo que especialistas – linguistas, etnolinguistas, filólogos e outros – lançassem hipóteses sobre a relação de LAs aportadas no Brasil com o português brasileiro – PB. Logo, desde o início do século XIX, vê-se, na literatura, a atenção de estudiosos voltada para as possíveis conexões entre o PB e as LAs.

As relações PB e LAs são pressupostas, afirmadas, negadas por meio de um amplo debate que, no século XX, é ratificado em torno de três expressões largamente empregadas na literatura: "influência", "semicrioulização" e "crioulização":

> *Esse debate, que já conta com mais de um século, está longe de acabar. As formulações sucessivamente propostas, umas depois das outras, modificadas ou rejeitadas, fazem transparecer o caráter claramente indeciso do caminho, assim como a incerteza quanto aos resultados. Tudo não parece ultrapassar o estágio das hipóteses. Impõe-se, por conseguinte, a necessidade de um prosseguimento da pesquisa, desde que ela seja conduzida por novas perspectivas teóricas e, sobretudo, por dados suplementares devidamente estabelecidos.*
>
> *Bonvini (2008: 21)*

A hipótese da crioulização do PB tem estado sobre grande debate. Muitos linguistas que a combate defendem que o PB seja resultado de mudanças paulatinas na língua a partir de mudanças em comum em todo o tronco das línguas indoeuropéias.

2.1.1.2. *A Deriva Secular*

Os proponentes da *deriva secular* afirmam que as línguas se desenvolvem a partir de mudanças internas e paulatinas. Veja a citação abaixo que apresenta um aspecto da hipótese da deriva para o PB:

> *[...] o português brasileiro seria apenas a continuação natural e gradual do processo de mudança que é comum a todas as línguas indo-européias e que no caso do português encontra eco nas perdas morfológicas do latim.*
>
> *Pagotto (2007: 463)*

Naro & Scherre (1993), (2007) são os principais defensores de que o PB seja parte da deriva secular do português, não tendo sido constituído, portanto, por um processo de crioulização.

Sobre deriva versus crioulização, ver Quint (2008).

No âmbito das investigações sobre a participação de línguas africanas na constituição do PB, Petter (2008) propõe a existência de um *continuum* afro-brasileiro de português, enfocando as variedades de português formadas na África e no Brasil:

> *A língua portuguesa chegou primeiro à África e quando aportou na América já trazia marcas do contato com línguas africanas. Por outro lado, o português que foi para Angola e Moçambique, no século XIX, já estava marcado pela convivência brasileira de três séculos.*

2.1.2. *O Conceito de Reestruturação Parcial de Línguas*

Holm (2004) aponta o português brasileiro, que denomina de *Brazilian Vernarcular Portuguese* (Português Brasileiro Vernacular), como uma língua de "reestruturação parcial". Além do **PB**, mais quatro variedades linguísticas recebem a denominação de *línguas de reestruturação parcial*: (i) *Nonstandard Caribbean Spanish* (Espanhol Caribenho Não Padrão)[13] – **ECNP**; (ii) *African American English* (Inglês Afroamericano) – **IA**[14]; (iii) *Afrikaans* e *Vernarcular Lects of Réunionnais French* (Francês Vernacular de Reuniões) – **FVR**[15]. Essas línguas, reestruturadas a partir do português, espanhol, holandês e francês, respectivamente, não são, segundo Holm (op cit.), línguas crioulas. No entanto não são meras variedades de suas línguas fontes.

As línguas parcialmente reestruturadas se distinguem das variedades de línguas que são suas línguas fontes e que não são reestruturadas: o **PB** se distingue do PE; **ECNP** se distingue do espanhol; **IA** se distingue do inglês; **Afrikaans** se distingue do holandês; **FVR** se distingue do francês.

Segundo Holm, PB, ECNP, IA, Afrikaans e FVR são ainda variedades distintas de variedades além mar (não reestruturadas) do português, espanhol, inglês, holandês e francês:

> *[...]Exemplo: o inglês de Ontário, o holandês extinto de Nova Iorque e Nova Jersey, o português da Madeira, o espanhol do Chile ou o francês de Quebec [...]*
>
> *Holm (2004: 135, traduzido)*

PB, ECNP, IA, Afrikaans e FVR se diferem ainda de línguas crioulas (línguas completamente reestruturadas):

> *[...] Exemplo: crioulo inglês da Guiana, o extinto crioulo holandês das Ilhas Virgem, o crioulo português de Guiné Bissau, o crioulo espanhol Palenquero ou o crioulo francês da Mauritânia [...]*
>
> *Holm (2004: 135, traduzido)*

---

[13] Holm (2004: 63), baseado na literatura, aponta evidências de que um pidgin relacionado a línguas do Oeste da África se desenvolveu em Cuba durante o século XIX: *Bozal Spanish*. Segundo o autor (op. cit.), este pidgin (que provavelmente não chegou a se tornar um crioulo – uma língua de reestruturação completa) foi resultado das enormes plantações de açúcar que se desenvolveram rapidamente em Cuba ao final do século XVIII e que ocasionaram o aumento rápido da importação de escravos. Logo, a língua de reestruturação parcial **ECNP** a que se refere Holm centra-se principalmente em Cuba.

[14] Atestado principalmente nos Estados de Virgínia e Carolinas – EE.UU.AA.

[15] **FVR** é falado na Ilha Reunião, um 'departamento francês' no Oceano Índico, localizado a leste da ilha de Madagascar (região leste da África).

Assim, embora línguas parcialmente reestruturadas sejam claramente relacionadas a línguas completamente reestruturadas (línguas crioulas), há fatores sociais e linguísticos que definem as línguas parcialmente reestruturadas.

O fator social mais importante, segundo a literatura, que determinou a estrutura das línguas parcialmente reestruturadas foi o balance demográfico, durante o primeiro século de desenvolvimento da nova língua, entre falantes nativos versus falantes não-nativos. Para Holm (2004: 136, traduzido):

> *[...] A reestruturação parcial de línguas ocorreu em novas sociedades onde nenhum grupo – nem falante nativo, nem falante não-nativo, que no começo significava nem europeu, nem não europeus – foi numeroso o suficiente para suplantar o outro grupo culturalmente. [...]*

O modelo de *língua reestruturada parcialmente*, como se vê em Holm (op. cit.), pressupõe uma população que possui línguas maternas x, y, z, mudando para uma língua alvo B, tipologicamente distinta (e essa língua alvo é um amálgama de variedades em contato, incluindo línguas completamente reestruturadas). Essa mudança paulatina em direção à língua alvo tem que ter ocorrido, ainda, sob circunstâncias sociais que restringiram parcialmente o acesso a ela, como o que ocorre normalmente com uma população de falantes nativos minoritários ou falantes nativos majoritários, mas fracos – cf. Holm (2004: 143).

No Brasil, a emergência de uma língua parcialmente reestruturada se explicaria então por uma situação linguística bastante heterogênea, marcada principalmente nos dois primeiros séculos de nossa colonização:

(i) Língua Geral

O colonizador português, ao alcançar o Brasil, encontrou uma situação diferente da de outros lugares onde *línguas totalmente reestruturadas* (línguas crioulas) se organizaram. As ilhas de São Tomé e Príncipe e Cabo Verde, por exemplo, eram totalmente desabitadas quando os portugueses lá chegaram e logo as povoaram com escravos trazidos da costa oeste africana. No Brasil, os portugueses encontraram uma costa habitada por indígenas, falantes de variedades do Tupi. À medida que os portugueses iam estabelecendo contato com os diversos grupos indígenas pela vasta costa brasileira, eles iam acrescentando novas palavras a uma língua franca que emergia com vocabulário

Tupi comum. Nascia a *Língua Geral*, uma *koine* (termo que se refere geralmente a uma língua aprendida, além de seus falantes nativos, para o comércio e outras interações mais extensas) que durante os primeiros dois séculos de colonização foi a língua principal de três quartos da população brasileira. Há que se notar que, mesmo em meio à expansão da Língua Geral, expandia-se também o bilinguismo em português.

(ii) Falantes de Línguas do Oeste da África

Possivelmente, muitos dos escravos trazidos da África tiveram que aprender, ao lado do português, a Língua Geral. Logo, segundo Holm (2004: 48, traduzido):

> *[...] durante a primeira geração linguisticamente crucial da Colônia houve pouca oportunidade para uma variedade do português completamente reestruturada estabelecer-se entre os escravos africanos, a menos que eles já tivessem trazido essa língua com eles da África. [...]*

Sobre as línguas africanas que foram transplantadas para o Brasil, ver subseção (2.1.1.1.1.).

(iii) Variedade Não Reestruturada do Português (de Influência Tupi)

Se os africanos aprenderam primeiro a Língua Geral como segunda língua e seus descendentes a aprenderam como língua materna, eles, mais tarde, mudaram para uma variedade não reestruturada do português (uma variedade não crioula) de influência Tupi. Isto ocorreu com o resto da população durante o século XVIII, que estabeleceu esse português como uma segunda língua para ser aprendida por escravos recém chegados da África – cf. Holm (2004: 48).

(iv) Variedade Reestruturada do Português Falado nas Plantações de Açúcar

Segundo Lucchesi (2000: 42), a expansão da língua portuguesa no Brasil até o século XVIII ocorreu paralelamente à expansão das sociedades de plantação de cana de açúcar.

> *[...] Evidências de que uma variedade do português fortemente reestruturada tenha sido a língua da costa brasileira onde se plantava açúcar, em vez da Língua Geral, pode ser*

> *deduzida do fato de que muitos dos primeiros plantadores portugueses e seus escravos vieram para o Brasil via São Tomé [...].*
>
> *Holm (2004: 51, traduzido)*

Os portugueses se estabeleceram em São Tomé desde o seu descobrimento em 1470 e lá nasceu, junto ao cultivo da cana de açúcar, uma variedade crioula do português. Na segunda metade do século XVI, uma rebelião, seguida de ataques, destruiu a economia da ilha, obrigando os portugueses a abandoná-la, vindo muitos para o Brasil. Logo, o português transplantado para muitas das sociedades canavieiras já era um português com forte influência da língua crioula são tomeense.

Para maiores detalhes sobre os fatos linguísticos e sociais presentes em línguas parcialmente reestruturadas como o PB, ver Holm (2004).

Retomando as palavras de Bonvini (2008: 21) sobre o debate 'crioulização' versus 'não crioulização', um trecho nos chama bastante a atenção:

> *[...] Tudo não parece ultrapassar o estágio das hipóteses. Impõe-se, por conseguinte, a necessidade de um prosseguimento da pesquisa, desde que ela seja conduzida por novas perspectivas teóricas e, sobretudo, por dados suplementares devidamente estabelecidos.*

A hipótese de *Reestruturação Parcial de Línguas* de Holm (2004) é um novo olhar sobre o PB, sem, contudo, abandonar a hipótese da participação de línguas africanas (línguas do substrato) na constituição de nossa língua.

Um maior número possível de informações sociais e linguísticas devem ser levantados a fim de providenciar uma real base teórica que abarque os fatos conhecidos até então sobre línguas parcialmente reestruturadas como o PB. Uma importante área de investigação são as comunidades afrobrasileiras.

2.1.2.1. *O Estudo Linguístico de Comunidades Afrobrasileiras*

Segundo Oliveira & Fernandes (Manuscrito):

> *A Constituição Federal de 1988 trouxe os quilombos para a agenda das políticas públicas ao instituir o direito de posse de terra aos "remanescentes de comunidades quilombo-*

las". O termo "remanescente de quilombos", desde o início, foi motivo de grande debate; atualmente é consensual que:

Comunidades afrobrasileiras com direito a posse de suas terras não são, necessariamente, comunidades:

(i) que se inserem em sítios arqueológicos comprovadamente ligados a quilombos da época da escravidão;
(ii) isoladas ou de população estritamente homogênea;
(iii) que têm, obrigatoriamente, de ter se constituído a partir de movimentos de insurreição.

Comunidades afrobrasileiras com direito a posse de suas terras são comunidades:

(i) que se auto-identificam como um grupo étnico, distinto do restante da sociedade. Nesse sentido, a auto-identificação étnica não se reduz, por exemplo, a cor de pele; há que se levar em conta que a miscigenação é uma característica importante na constituição étnica das inúmeras sociedades que formam o mosaico cultural brasileiro.

É notório o conjunto de pesquisas em afrobrasilidade que vêm sendo realizadas no Brasil ligadas: (i) às Ciências Humanas (Antropologia, Sociologia, História, Linguística); (ii) à geografia e caracterização cartográfica das comunidades quilombolas no país; (iii) aos órgãos de defesa e promulgação das identidades afrobrasileiras. No entanto, estudos linguísticos de comunidades quilombolas ainda são escassos.

O Grupo de Trabalho da Diversidade Linguística no Brasil – GTDL – (órgão ligado ao Ministério da Educação e Cultura), ao solicitar informações linguísticas sobre comunidades quilombolas à Fundação Cultural Palmares e ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), constatou a inexistência do quesito linguístico nos laudos antropológicos já realizados. Decide-se que é necessário um inventário de comunidades afrobrasileiras a fim de que se tenha um real conhecimento da realidade linguística dessas comunidades (que não são poucas). No norte do Brasil, por exemplo, há dezenas de comunidades já reconhecidas pelo Governo, no entanto, sem nenhum estudo linguístico.

Em 2009, o GTDL aprova o projeto-piloto: "Inventário Linguístico de Comunidades Afrobrasileiras: Minas Gerais e Pará" que objetiva verificar a permanência de línguas africanas em comunidades afrobrasileiras, conhecidas como quilombos/comunidades quilombolas. Objetiva-se:

(1) ratificar que o português brasileiro (PB) constitui uma unidade linguística inserida dentro do quadro das línguas românicas – cf., entre outros, Roberts & Kato (1996); Castilho et AL. (2007); Noll (2008);

(2) atestar possíveis traços linguísticos da participação de línguas africanas na constituição do PB – cf. Projeto CAPES/COFECUB nº. 511/05: "A participação das línguas africanas na constituição do português brasileiro" – Petter & Caron (2005); Fiorin & Petter (2008).

Um dos estudos que precisa ser levado em conta, relacionado ao PB, trata-se do levantamento de toda a complexidade linguística brasileira e, nesse quadro, a compreensão dos falares de comunidades afrobrasileiras não pode, de forma alguma, ser negligenciada.

Um estudo linguístico bastante divulgado pela comunidade científica é o divulgado em Baxter (1992) sobre Helvécia, uma comunidade afrobrasileira de descendentes de escravos no sul da Bahia. Baxter (op. cit.) aponta traços morfossintáticos no falar de seus habitantes que não são encontrados na maioria de outros dialetos rurais [16]:

(i) uso das formas da 3ª pessoa do singular do presente do indicativo para indicar estados e ações pontuais e contínuas que se situam no passado;
(ii) uso variável de formas da 3ª pessoa do singular do presente do indicativo em contextos em que normalmente se usam formas do infinitivo;
(iii) marcação variável da 1ª pessoa do singular;
(iv) dupla negação;
(v) variação de concordância de número e gênero do SN;
(vi) orações relativas não introduzidas por pronome;
(vii) presença variável do artigo definido em SN de referência definida.

Para Baxter (op. cit.), Helvécia corrobora a hipótese de que o PB tenha sido resultado de crioulização prévia. No entanto, Helvécia é um caso bem específico e isolado. O importante é que o maior número de comunidades afrobrasileiras sejam linguisticamente estudadas. Sem dúvida, elas podem auxiliar a corroborar, senão a crioulização prévia (hoje bastante negada pelos linguistas brasileiros), a hipótese de ser o PB uma língua que sofreu reestruturação parcial.

Sobre o *português afrobrasileiro*, ver Lucchesi, Baxter & Ribeiro (2009).

---

[16] Fatos linguísticos interessantes sobre Helvécia já tinham sido observados por Ferreira (1969).

3. A GRAMÁTICA BRASILEIRA FALADA[17]

Fernando Tarallo (1993a-b) retoma o debate sobre a crioulização do PB. A divulgação de seu texto *"On the alleged creole origin of Brazilian Portuguese: untarget syntatic changes"* (apresentado no *workshop* "Creole Located in Time and Space – LSA Institute, CUNY, Nova York, 1986 – ver Tarallo (1993a)) veicula novas e fortes contestações à hipótese da crioulização:

(i) se o português brasileiro tivesse de fato se originado de um crioulo de base lexical portuguesa, deveria estar agora em fase de descrioulização, seguindo na direção da 'língua alvo', o português europeu (PE);

(ii) as evidências de mudanças sintáticas no PE apontam no sentido de distanciamento do PE.

(iii) Tarallo conclui afirmando que a rigidez da língua escrita padrão tem mantido as variedades do PE e PB muito próximas. Foram as *gramáticas faladas* que tomaram rumos diferentes.

> *Tarallo, embasado em pesquisas dentro da Sociolingüística Variacionista, aponta que é na passagem do século XIX para o século XX que ocorrem grandes mudanças quantitativas no Brasil – ver Tarallo (1993b). Para o autor (op. cit.), essas mudanças já vinham ocorrendo há muito, no entanto, é somente no período acima mencionado que diversas circunstâncias sociais permitem o aflorar de uma gramática brasileira diferenciada da gramática do português europeu (PE).*
>
> *Campos & Oliveira (2008)*

A "gramática falada brasileira" será o foco de pesquisas em várias capitais do Brasil em fins da década de 80. A partir de 1987 se iniciam os trabalhos relacionados a um projeto auspicioso: a "Gramática do Português Culto Falado no Brasil".

Castilho (2002) marca a publicação dos primeiros resultados do "Projeto de Gramática do Português Falado". Este projeto objetiva que se chegue a uma gramática referencial da variante culta do português falado no Brasil.

A partir dos anos 60, pesquisadores afiliados a diversas instituições brasileiras iniciaram a documentação, descrição e análise sobre a língua falada levando em conta as características do acerco do Projeto NURC-Brasil (Norma Linguística Urbana Culta)[18]. Os dados para uma futura gramática, partem da documentação (coleta) das seguintes capitais brasileiras: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre[19]. Campos & Oliveira (2008) chamam a atenção para a representação das regiões sudeste, sul e nordeste do país e uma ausência marcante das regiões norte e centro-oeste. Como forma de organização de trabalho, a fim de se chegar a um plano geral da gramática, os pesquisadores do projeto foram distribuídos em GTs (grupos de trabalho) que hoje espelham a organização dos cinco volumes da gramática: (1) Fonética e Fonologia; (2) Morfologia Derivacional e Flexional; (3) Sintaxe das Classes de palavras; (4) Sintaxe das Relações Gramaticais; (5) Organização Textual-Interativa – cf. Castilho (2006: 12)[20].

---

[17] Nesta seção, resumimos trechos apresentados em Campos & Oliveira (2008).

Em 2000, iniciou-se a consolidação dos ensaios e teses publicados, resultando o 1º volume da "Gramática do Português Culto Falado no Brasil" (daqui em diante, GPCFB) – cf. Jubran & Kock (2006). Ilari & Moura Neves (2008) são o segundo volume publicado da gramática, que prevê ainda mais três volumes.

O público-alvo da GPCFB é o público universitário; professores de português do curso médio; alunos e professores dos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Letras e Linguística; pesquisadores pós-graduados; interessados nos desenvolvimentos da língua portuguesa ocorridos no Brasil na passagem do século XIX para o século XX.

Sobre *origens latinas do portuguê*s e *linguística histórica*, ver leituras complementares – capítulo 1 – ao final deste livro.

Sobre *português brasileiro*, ver leituras complementares – capítulo 1 – ao final deste livro.

Sobre o projeto *Gramática do Português Culto Falado no Brasil,* ver leituras complementares – capítulo 1 – ao final deste livro.

---

[18] *"O [...] Projeto NURC tem âmbito nacional e as gravações foram realizadas em cinco capitais brasileiras [...]. Cada uma dessas cidades gravou aproximadamente 300 horas com falantes cultos (entendidos como tal os de formação universitária completa) [...]; que deixaram seu testemunho oral da fala urbana [...]."* (Preti (2003: 7).

[19] Cf. Castro (2002: 9); Jubran & Kock (2006: 8).

[20] 48 pesquisadores, inseridos em GTs, atuaram na elaboração dos ensaios publicados nos oito volumes da "Coleção Gramática do Português Falado" – cf. Castilho (2006: 14). Essa Coleção precedeu o primeiro volume da "Gramática do Português Culto Falado no Brasil" – Jubran & Kock (2003).

4. Considerações Finais

Neste capítulo, foram abordadas breves considerações sobre as propostas e formação do português do Brasil, considerando hipóteses como as abordagens de crioulização e deriva. Relembrando as palavras do Professor Bonvini: "*[...] Tudo não parece ultrapassar o estágio das hipóteses. [...]*", no entanto, faz-se necessária "[...] *a necessidade de um prosseguimento da pesquisa, desde que ela seja conduzida por novas perspectivas teóricas e, sobretudo, por dados suplementares devidamente estabelecidos.*"

Tratamos sobre a *Gramática do Português Falado no Brasil* e enfatizamos que, neste livro, a análise sintática proposta enfoca a gramática do português culto falado no Brasil. Consideramos este fato importante, pois é a fala dos cultos que pode apontar para uma *norma*, imprescindível a qualquer comunidade linguística que detém a escrita.

Chamamos a atenção para o fato de que o termo PB, neste livro, refere-se, principalmente, à variedade brasileira mais amplamente descrita: a da região sudeste do país, abrangendo os estados do Rio de Janeiro e São Paulo e ainda a pesquisas corroboradas por dados do NURC – Norma Urbana Culta.

Nos próximos capítulos, desconsideramos abordagens introdutórias sobre sintaxe/ gramática como: (i) gramática tradicional/ normativa, (ii) conceitos do tipo 'certo/ errado', (iii) definições sobre sintaxe, (iv) história da disciplina, etc, por entendermos que nosso público-alvo já foi introduzido a cursos de Introdução à Linguística e que, portanto, esta abordagem seria repetitiva.

CAPÍTULO 2

Formalismos em linguística e análise sintática formal do português falado no Brasil

1. FORMALISMOS EM LINGUÍSTICA

Neste livro, o estudo da análise sintática do português falado no Brasil está apoiado em um arcabouço formal conhecido como *Gramática Gerativa*. Nesta seção, objetivamos: (i) tornar clara a expressão "estudos formais em sintaxe"; (ii) ratificar que o modelo teórico gerativo não é o único modelo formal em estudos sintático/ gramaticais. Portanto, queremos deixar claro que, apesar de estarmos seguindo o modelo teórico gerativo não advogamos que formalismo em sintaxe seja sinônimo de gerativismo. Pelo contrário, concordamos que fora do arcabouço gerativista há outros formalismos em linguística.

1.1. Estudos Formais e Ciência

Sobre o termo *formal/formalismo*, nos remetemos às ciências contemporâneas. Dessa forma, situamos o linguista e sua prática, qualquer que seja ela (sintaxe, morfologia, fonética, fonologia, pragmática, semântica), na prática científica.

O conceito de ciência e o de método científico têm sido controversos ao longo do tempo. Já foi proposto um método científico unificado que hoje não é bem visto, pois a metodologia em Ciências Exatas e Humanas, por exemplo, tem se mostrado diferentes. A tendência tem sido a aceitação de uma multiplicidade de métodos de investigação científica. Logo, perguntamos:

"que características fundamentais atribuem cientificidade ao estudo linguístico?"

Segundo Lobato (1986: 25):

> *As características de aceitação geral são: exigência de comprovação empírica, caráter não-preconceituoso, caráter explicativo e caráter explícito. [...]*

A seguir, definimos, de acordo com Lobato (op. cit.) essas características.

(i) Comprovação empírica: a característica científica de *comprovação empírica* relaciona-se à exigência de que qualquer hipótese teórica proposta seja comprovada por dados.

(ii) Caráter não-preconceituoso: a característica científica de *caráter não-preconceituoso* diz respeito à eliminação de conceitos como "certo/errado", "a língua literária é a melhor variedade de uma língua", etc[1].

(iii) Caráter explicativo: a característica científica de *caráter explicativo* diz respeito, novamente, à exigência de veracidade empírica para se propor hipóteses teóricas. Não sendo confirmada uma hipótese inicial por esta não ter sido validada por um dado, esta é reformulada até que se chegue a uma proposta que "cubra todos os fenômenos sob análise[2]".

(iv) Caráter explícito: a característica científica de *caráter explícito* é definida por Lobato (1986: 27):

> *[...] o caráter explícito da lingüística diz respeito à exigência de definição clara, precisa, coerente e pormenorizada dos pressupostos teóricos da análise, assim como dos termos nela usados, e de caracterização detalhada de todas as fases da argumentação, inclusive as intermediárias. Essa característica também esteve de modo geral ausente dos estudos da gramática tradicional. [...]*

Um bom exemplo de problemas de conceituação, ligados à característica científica de caráter explícito, é fornecido por Eunice Pontes. Pontes (1986) – nos Capítulos 5 e 6: "O problema dos conceitos em geral" e "O conceito de sujeito entre falantes" – apresenta o difícil problema do conceito de sujeito partindo do português coloquial brasileiro tal como é falado no dia-a-dia por pessoas da classe culta.

---

[1] Segundo Lobato (1986: 26, 27): *"[...] Exemplos sintáticos dessa perspectiva lingüística são os enunciados 'vende-se ovos', ' a moça que eu te falei não vem mais', 'ele falou pra mim fazer isso'. A gramática tradicional os condena, classificando-os como 'erros', mas o lingüista não os rejeita e nem lhes atribui caráter certo ou errado; apenas considera-os como fatos existentes na língua e como tal devem ser explicados. Mais ainda, o lingüista se preocupa com a adequação do uso desses enunciados, não querendo, como já se chegou a pensar, que qualquer variedade da língua seja usada em qualquer situação de comunicação; em outras palavras, o lingüista não quer o "caos lingüístico". [...]*

[2] Lobato (1986: 27) apresenta um exemplo dessa característica científica: *"[...] Por exemplo, se se está estudando a voz passiva, a hipótese teórica terá de explicar não só os enunciados passivos que serviram de base para a análise, mas qualquer enunciado na voz passiva na língua estudada. Isso tudo quer dizer que uma hipótese só tem validade se tem valor explicativo. Isto é, se transcender os dados, de modo que possa até predizê-los. [...]"*

O caráter científico da linguística só passou a ser creditado a partir da publicação do 'Cours de Linguistique Générale' (Curso de Linguística Geral) – 1916 – de Ferdinand de Saussurre que marca o início dos trabalhos linguísticos conhecidos como "Estruturalismo". O texto clássico de Saussure pode ser lido em português – ver Saussurre (1985).

Sobre "Estruturalismo" e os "Estudos Pré-Saussurianos", ver sugestão de leitura em *leituras complementares* – capítulo 2 – ao final deste livro.

1.2. *Diversos Formalistas em Sintaxe/ Gramática*

Duas grandes correntes de estudos sintático/gramaticais são bem atestadas no mundo acadêmico: Gerativismo e Funcionalismo. Registramos, nesta subseção, o que consideramos ser um equívoco que se pronuncia em nossas escolas de nível superior, em Universidades e em textos escritos no Brasil. Trata-se da 'disputa' entre estudos/ estudiosos gerativistas *versus* funcionalistas: o termo *formal* é endereçado apenas aos estudos gerativistas.

Em (1.1.), ao enfatizarmos que todo estudo linguístico é formal, concordamos com um grupo de acadêmicos que não corrobora a idéia de que somente os estudos sintático/ gramaticais dentro do quadro gerativista são formais (científicos).

Segundo Roberta Oliveira:

> *A disputa formalismo (=gerativismo) versus funcionalismo não apenas encobriu os consensos que constituem a base do conhecimento, como também ofuscou a existência de modos não-gerativistas de ser formalista, e que são certamente compatíveis com as teses do funcionalismo. [...]*
>
> *Oliveira (2004: 229)*

Portanto, como a disciplina 'sintaxe' tem sido estudada no Brasil por grandes expoentes dessas duas correntes teóricas, queremos, logo de início, deixar claro que nossa opção pelo enfoque gerativista, neste livro, não está relacionada ao fato de considerarmos os estudos funcionalistas como estudos não formais. Afirmar isto seria demonstrar um desconhecimento básico dos estudos funcionalistas. A chamada Gramática Funcional, por exemplo, desenvolvida por Simon Dik é um forte exemplo de formalização linguística dentro do arcabouço funcionalista – ver Pezatti (2004: 199-213).

Sobre "Funcionalismo", ver sugestão de leitura em *leituras complementares* – capítulo 2 – ao final deste livro.

É preciso dizer ainda que, mesmo assumindo uma opção teórica gerativista neste texto (centrado na sintaxe do português falado no Brasil), não podemos desconsiderar os significativos estudos que vêm sendo empreendidos sobre o português brasileiro dentro do quadro funcionalista.

O "Projeto da Gramática do Português Culto Falado no Brasil" reúne, há anos, pesquisadores funcionalistas (bem como gerativistas). Para detalhes sobre o projeto "Gramática do Português Culto Falado no Brasil" e seu quadro de pesquisadores e pesquisas, ver sugestão de leitura em *leituras complementares* – capítulo 1 – ao final deste livro.

Portanto, nossa opção pela formalização gerativista na disciplina de sintaxe não está centrada no fato de considerarmos o modelo gerativo como a única maneira formal de se "fazer sintaxe". Nossa opção por este modelo resume-se por:

(i) a teoria gerativa ser *mentalista;*

(ii) a *embalagem teórica* gerativa em sua versão de Princípios e Parâmetros (P&P) ser eficiente e clara para os propósitos a que nos destinamos neste livro.

Logo, ratificamos as palavras de Everett (1992: 14):

> *[...] a escolha de uma teoria (lingüística, física, etc.) é relativamente arbitrária em termos empíricos. Essa escolha é mais "metafísica" [...]. Escolhi uma teoria "mentalista", porque meus objetivos são mais mentalistas. A teoria gerativa tem, para mim, a "embalagem" mais bonita de todas as teorias mentalistas. Ao falar em "embalagem", não quero dizer que minha escolha seja trivial. Pelo contrário, acho que a maneira em que uma determinada teoria organiza o universo, sua ontologia, suas formalizações e sua "embalagem" – estilo e forma de apresentação, entre outras coisas – são aspectos importantes na escolha desta teoria. [...]"*

Após esta introdução sobre a opção pelo enfoque formal gerativista neste texto sobre sintaxe do português, passamos a uma breve exposição sobre a Gramática Gerativa.

2. GRAMÁTICA GERATIVA:

o Estudo da Sintaxe com Estatuto de Disciplina Autônoma

Na história recente da linguística, verifica-se uma grande discussão que vem dividindo a comunidade acadêmica. Trata-se do desacordo sobre a *autonomia da sintaxe*:

> *[...] Gerativistas afirmam que a sintaxe é um sistema autônomo, isto é, a sintaxe, uma máquina que gera sentenças bem formadas, independe da semântica (e certamente da pragmática) e tem um modo de operar característico (assim como o fígado tem um funcionamento próprio). A sintaxe é assim um módulo independente, logicamente anterior e mais central que a semântica. Funcionalistas acreditam que a sintaxe é resultado dos usos e funções a que a língua serve. Só há sintaxe porque há semântica/ pragmática. [...]*
>
> *Oliveira (2004: 225)*

Logo, gerativistas advogam que a sintaxe seja autônoma[3]; funcionalistas advogam que a sintaxe só existe porque há semântica/ pragmática[4].

Neste texto, assumimos a tese da autonomia da sintaxe sem entrarmos em discussões teóricas sobre o fato. Apenas entendemos que esta abordagem nos ajuda a "isolar" nosso objeto de estudo – a sintaxe –, tratando-o, na medida do possível, sem "interferência" de outros aspectos da língua(gem)[5]. Note que não estamos, com isso, dizendo que a fonética, fonologia, morfologia, semântica e pragmática não são partes dos estudos de uma língua.

A seguir, apresentamos alguns pontos importantes relacionados à teoria da gramática de base gerativista.

---

[3] Dentro das várias versões teóricas gerativistas há posições de autonomia pura e posições de autonomia suavizadas.

[4] *"Esse sistema* (a sintaxe)*, que pode inclusive ter adquirido certo grau de autonomia da semântica, resultou das gramaticalizações do uso. Funcionalistas, podem, pois aceitar que a sintaxe tenha se autonomizado e se constitua hoje um sistema autônomo ou quase-autônomo, o que importa é a história dessa autonomia. [...]"*– Oliveira (2004: 225).

[5] No entanto, no breve estudo que faremos do sintagma complementizador, SC (capítulo 8), não nos será possível isolar a sintaxe do discurso, como por exemplo, no caso dos estudos sobre as categorias *foco* e *tópico*.

2.1. As Propriedades da Linguagem Humana Segundo Noam Chomsky

Embora tenha tido toda a sua formação linguística dentro do estruturalismo americano, sobretudo a linha representada por Leonard Bloomfield, Avram Noam Chomsky tornou-se um ferrenho adversário da análise linguística behaviorista desta escola de linguística.

O processo de aquisição de língua é um dos principais pontos de divergência entre a linguística estruturalista e a chomskiana. Para os estruturalistas, a aquisição de língua estava atada a princípios uniformes de aprendizagem, de assimilação, de indução, característicos da escola da Psicologia chamada Behaviorismo. Para Chomsky, a aquisição de língua é parte da natureza da mente humana:

> *[...] Nessa perspectiva, a linguagem não é uma conseqüência da comunicação, não é um sistema de comunicação sofisticado; antes, ela surge de uma mutação genética que permitiu ao indivíduo a possibilidade de organizar melhor sua vida mental, tornando-o mais apto. Que a linguagem sirva a comunicação é uma conseqüência inesperada de termos linguagem, mas não essencial. [...]*
>
> *Oliveira (2005: 225, 226)*

Daí dizer-se que a teoria gerativa é *mentalista*:

> *[...] os comportamentos lingüísticos efetivos (enunciados) são, ao menos parcialmente, determinados por estados da mente/ cérebro.*
>
> *Borges Neto (2005: 96)*

Segundo Chomsky, a faculdade da linguagem humana é um subconjunto de um conjunto de *órgãos mentais*. Os sistemas mentais compartilham uma série de características com os sistemas físicos e, como estes, devem ser vistos como parte do dote genético do homem. Podem ser estudados nas mesmas bases em que se estudam os órgãos físicos: de *maneira modular*, pois são diferentes entre si, não homogêneos, e organizados segundo princípios a eles específicos.

A faculdade da linguagem encontra-se, nas línguas reais, em interação com os demais órgãos mentais. Alguns destes *órgãos*, além do da *faculdade da linguagem*, seriam: a compreensão matemática; a habilidade de identificar traços da personalidade dos indivíduos a partir de breves contatos; a habilidade artística; características ligadas à visão como a *perspectiva*, por exemplo; etc.

2.1.1. *A Abordagem Modular da Mente*

A abordagem modular da mente prevê:

(i) um estado inicial da mente, fixo, geneticamente determinado, comum à espécie, com no máximo pequenas variações, à parte casos patológicos, denominado *Gramática Universal* (GU);

(ii) um estado estável chamado Gramática Nuclear (GN) que se dá após uma sequência de estados sob as condições limitadoras impostas pela experiência.

Logo, a habilidade de falar uma língua pode ser vista através do esquema abaixo:

GU + Experiência = Habilidade para falar (aquisição de GN)

que demonstra que para uma criança adquirir a habilidade de falar um idioma (GN), além de nascer dotada geneticamente de GU, precisa ser *exposta* a este idioma:

Exposição à Língua Y = Ativa a experiência da Língua y

O modelo gerativista apresenta, à primeira vista, um aparente paradoxo: (i) as línguas do mundo são em essência idênticas porque todas são fruto de um mesmo *código genético*; (ii) é sabido que as línguas humanas apresentam diferenças. No entanto:

> *Nosso modelo tem uma solução para este aparente paradoxo, articulada a partir de duas noções:* **Princípios e Parâmetros**. *A faculdade da linguagem é composta por princípios que são leis gerais válidas para todas as línguas naturais; e por parâmetros que são propriedades que uma língua pode ou não exibir e que são responsáveis pela diferença entre as línguas. Uma sentença que viola um princípio não é tolerada em nenhuma língua natural provavelmente porque tem a ver com a forma como o cérebro/ a mente da espécie funciona; uma sentença que não atende a uma propriedade paramétrica pode ser gramatical em uma língua e agramatical em outra.*
>
> *Mioto et al (2004: 24)*

Para um exemplo de princípio e de parâmetro ver Mioto et al. (2002:24-25).

Um dos parâmetros mais discutidos na teoria da gramática é chamado de *Parâmetro do Sujeito Nul*o: o fato de o sujeito poder ou não ser nulo (foneticamente não pronunciado) em sentenças finitas. O português culto falado no Brasil vem apresentando evidências de mudança deste parâmetro se comparado ao português europeu. No capítulo 3, descrevemos o *Parâmetro do Sujeito Nul*o.

Com Chomsky e sua teoria da linguagem, a linguística toma novos rumos. Agora não se trata mais de dizer o que é que os estudos da mente humana podem dizer acerca da faculdade da língua humana, mas sim o oposto: os estudos da faculdade da língua podem aclarar sobre a própria natureza da mente. A noção é a de que o conhecimento que o falante nativo tem da sua língua é um conhecimento *inato,* organizado a partir de um rico sistema de princípios que impõe limites na variação possível entre as línguas, sendo por isso mesmo chamado de *esquema restritivo.* Essa matriz biológica, que fornece o arcabouço em que o desenvolvimento da língua pode ser feito, vem sendo denominada de *gramática universal* (GU).

Ao argumentar sobre as propriedades da linguagem humana, Chomsky substitui a clássica dicotomia *língua/ fala* de Saussure por *competência/ desempenho*, como se vê a seguir:

2.1.1.1. *Competência e Desempenho*

Segundo Ferdinand de Saussure, a faculdade da língua(gem) humana apresenta a seguinte dicotomia: (1) língua e (2) fala (*langue/parole*) – cf. Saussure (1985: 26-28). *Língua* (língua/ linguagem) refere-se ao sistema da língua, coletivo a uma comunidade de fala; *fala* refere-se aos enunciados concretos produzidos por um falante individual em situações reais[6]. Logo, para Saussure, sendo a *língua* um sistema coletivo representado no cérebro dos falantes, ela é um fato social, ao contrário da *fala* que é um ato individual.

Chomsky substitui a clássica dicotomia saussuriana por *competência/ desempenho*. Define o ato linguístico individual através da terminologia *desempenho,* que é próxima à terminologia saussuriana *fala.* Por *competência,* Chomsky define o conhecimento que o falante tem do sistema linguístico.

---

[6] Ver Saussure (1985: 22).

> *A substituição da dicotomia langue/parole pela dicotomia competência/desempenho pode ser vista como uma mudança na perspectiva filosófica da teoria lingüística: na visão saussuriana, as línguas são, antes de tudo, instituições humanas visando à interação social, ao passo que na visão chomskiana, antes de ter a função comunicativa, as línguas têm a função de ser expressão do pensamento (função cognitiva). Ao considerar que a função primordial das línguas naturais é a comunicação, o que ele faz implicitamente, Saussure insere a lingüística no contexto mais amplo das ciências sociais. Ao considerar que a função mais básica da língua é a expressão do pensamento, sendo a função de comunicação um uso posterior, Chomsky insere a lingüística no âmbito da psicologia cognitiva.*
>
> *Lobato (1976: 48)*

Em gramática gerativa, faz-se distinção entre gramaticalidade e aceitabilidade, como se vê abaixo:

2.1.1.2. *Gramaticalidade e Aceitabilidade*

O conceito de gramaticalidade é baseado no conhecimento gramatical que os falantes nativos têm da sua língua e está ligado ao modelo de competência. Cada falante, que, por definição, possui uma (ou mais de uma) GN(s), pode fazer julgamentos de gramaticalidade sobre os enunciados emitidos:

> *Ele pode dizer se uma frase feita de palavras de sua língua está bem formada, com relação a regras de gramática que ele tem em comum com todos os outros indivíduos que falam essa língua; essa aptidão pertence à competência dos falantes, não depende nem da cultura, nem do grupo social do falante. Assim, em português, "o menino gosta de chocolate" é uma frase gramatical; ao contrário *"Gostar chocolate menino" é uma frase agramatical (marcada por um asterisco).*
>
> *Dubois et al (1973: 318)*

Um termo sinônimo para *gramatical* em linguística é *bem-formado*. Para Dubois et al (op. cit.), o conceito de *aceitabilidade* é um conceito ligado ao modelo de *performance*:

> *[...] depende, portanto, não apenas da conformidade às regras da gramática (toda frase agramatical é inaceitável), mas também das regras definidas pela situação (contexto) ou pelas propriedades psicológicas [...].*
>
> *Dubois et al (1973: 14)*

Os falantes nativos de uma língua, como o português, por exemplo, muitas vezes discordam quanto ao uso, ou mesmo sobre a possibilidade de um enunciado. Um enunciado pode ser normal em um dialeto, mas inaceitável em outro, como se vê em:

(1) a. Eu vi ele
b. Eu o vi
c. Vendem-se casas
d. Vende-se casas

Nos dados em (1), todos os exemplos são *gramaticais*, mas (1a) e (1d) podem ser *não aceitáveis* para determinados grupos de falantes. Pode-se dizer, então, que há *graus* de gramaticalidade e de aceitabilidade, como se observa em:

(2) a . ? A criança não deveu ter tido chocolate
b. ? As idéias azuis faiscavam na parede

Quando um enunciado é considerado inaceitável é marcado por um asterisco; se for *marginalmente aceitável* é precedido por um ponto de interrogação:

(3) a. * As meninas bonitos moram lá
b. ? As meninas bonita moram lá.

Neste livro, procedemos a uma análise sintática do português culto falado no Brasil, logo, o leitor deve estar atento para o fato de que, em muitos casos, estaremos tratando de uma análise de dados perfeitamente aceitáveis pelos falantes brasileiros, mas que não fazem parte da modalidade escrita culta, como é o caso do exemplo (1d): *Vende-se casas*[7].

---

[7] Dados como este são analisados no capítulo 3.

2.2. *Clássicos da Literatura Gerativa*

Provar que o ser humano é *equipado geneticamente* para adquirir língua tem sido o principal objetivo da Gramática Gerativa. Este desafio mantém-se vivo desde os idos de 1950, descrito, formulado e reformulado por Chomsky por meio de publicações tidas como marcos desta Teoria, como se vêem abaixo[8]:

1957 - *Syntactic Structures*
1965 - *Aspects of the Theory of Syntax*
1968 - *Sound Pattern of English* (com Morris Halle)"
1970 - *Remarks on Nominalization*
1973 - *Conditions on Transformations*
1980 - *On Binding*
1981 - **Lectures on Government and Binding: The Pisa Lectures**
1983 - **Principles and Parameters Theory in Syntax (com H. Lasnik)**
1986 - *Barriers*
1988 - *Language and Problems of Knowledge: The Managua Lectures*
1995 - *The Minimalist Programm*
2000a - *Minimalist Inquiries: The Framework*
2000b - *Derivation by Phase*
2005- *Novos Horizontes nos Estudo da Linguagem e da Mente*

Os textos em negrito – Chomsky (1981)/ Chomsky & Lasnik (1983) – têm sido a base das disciplinas de sintaxe (com ênfase em teoria formal gerativista), ministradas em cursos de graduação (Letras e Linguística) no Brasil. Esses cursos são conhecidos como *Cursos em GB* (do nome "Government and Binding" – *Regência e Ligação*), ou *Cursos em Princípios e Parâmetros* (que é como se consagrou o nome da teoria a partir do final da década de 80) – daqui em diante, P&P.

A razão de não apresentarmos, neste livro, o que é hoje conhecido como *Minimalismo* – Chomsky (1995) – é que o *Minimalismo* tem sido definido pelos pesquisadores e teóricos como um *Programa de Investigação* e não como uma *Teoria*.

---

[8] A produção chomskyana é vasta e não referendamos também, aqui, nenhum de seus textos na área política, em que é amplamente citado. Chomsky é uma das personalidades mais conhecidas da política de esquerda norte-americana e vêm sendo um crítico marcante do governo dos EE.UU.AA.

Jairo Nunes, em parceria com outros dois autores, no livro "Understanding Minimalismo" (*Entendendo Minimalismo*), diz:

> *[...] Em particular, nós mostramos como considerações minimalistas repensam e substituem as abordagens em GB e seu maquinário técnico [...]. Antes de embarcarmos em nossas várias viagens minimalistas, nós sumariamos as principais abordagens de GB e de seu aparato técnico. Esses sumários pretendem ajudar o leitor a relembrar materiais relevantes 'de fundo' teórico em GB e providenciar indicadores para estudos mais adiante. [...] Se o leitor não teve ainda um curso em GB, seria muito útil olhar para seus 'indicadores' (GB, tida como a base para alguém se empreender nos estudos minimalistas) e ficar confortável com este relevante material.*
>
> *Hornstein, Nunes & Grohmann (2005: Preface)*[9]

Como dito acima, o *Minimalismo* repensa e substitui as abordagens em GB. No entanto, em nenhum momento, os gerativistas afirmam (ou afirmaram) que GB deva ser desconsiderado. Pelo contrário! Enfatizando o que lemos na citação acima, não se pode repensar ou mesmo substituir algo que não se conhece. Logo, conhecer o maquinário técnico, básico, de GB é imprescindível para todos aqueles que querem se empreender na tarefa de estudar sintaxe do ponto de vista formal gerativista.

A proposta do ensino do modelo GB em cursos de graduação (principalmente) nos leva a rebater críticas ouvidas "pelos corredores", advindas de pessoas não conhecedoras dos estudos em sintaxe gerativista. Duas delas têm sido muito comuns:

1. "não se pode estudar uma teoria que vive mudando";
2. "os professores de sintaxe no Brasil são retrógrados: ensinam GB ao invés de Minimalismo".

À primeira crítica, rebateríamos dizendo que os estudos em sintaxe formal são estudos de natureza científica. Uma ciência que não postula, reformula e se autocritica não é ciência. Logo, nós gerativistas, pensamos que:

---

[9] A citação foi traduzida; as aspas simples e os conteúdos entre parênteses são nossos.

(i) nunca soubemos tanto sobre língua, sobre a sintaxe das línguas, como nos últimos 60 anos, por meio de inúmeras pesquisas gerativistas, em inúmeras línguas. No entanto concluímos que ainda sabemos muito pouco e precisamos continuar com o empreendimento científico de testar e reformular dados;

(ii) é possível estudar gramática gerativa e a prova é que estamos ensinando as bases teóricas por meio de um modelo: o modelo-base *GB*.

À segunda crítica, rebateríamos dizendo que não estamos abordando o *Minimalismo*, neste livro, por opção metodológica. No entanto, na medida do possível, atentamos para uma abordagem mais atual à GB como: (i) não introduzir as 'árvores' em 'estrutura profunda' (*deep structure* – DS), (ii) não nomearmos categorias vazias como *pro*, *PRO*, *vestígio*, *variável*; (iii) apresentarmos, no sintagma verbal, a estrutura vP. Essas abordagens são pré-minimalistas (e minimalistas) e não abordagens típicas do modelo GB.

3. O TRATAMENTO FORMAL EM ANÁLISE SINTÁTICA

Nossos estudos sintáticos estarão centrados na estrutura sintagmática da língua portuguesa e seguiremos as generalizações simbólicas de uma subteoria da gramática gerativa denominada de *teoria X-barra (ou módulo X-barra)*; portanto, nosso objetivo, nesta seção, é apresentar o "maquinário" X-barra. No entanto, antes de lançarmos as bases deste módulo da gramática, exemplificamos duas possibilidades de tratamento formal de um termo sintático conhecido por *objeto direto*. Nosso objetivo é ratificarmos que, neste livro, fizemos escolhas entre diferentes tipos de formalismos para procedermos nossa análise sintática do português: (i) gerativismo (e não funcionalismo); (ii) teoria mentalista que advoga soluções em termos sintagmáticos como básicas para GU (gramática universal).

3.1. *Propostas de Codificação da Relação Gramatical "Objeto Direto"*

Segundo Payne, (1999:133, traduzido):

> *Uma observação empírica que se faz é que as línguas tendem a ter cerca de três distintas categorias nucleares de relações gramaticais (comumente 'sujeito', 'objeto' e 'objeto indireto'). Isto provavelmente reflete limitações cognitivas [...]. Em outras palavras, existem duas e possivel-*

> *mente três categorias necessárias para manter papéis participantes distintos em uma interação humana normal dentro do trabalho da mente.*

Nesta subseção tomemos por enfoque a relação gramatical envolvendo o termo *objeto direto*. A seguir, uma definição de objeto direto retirada de uma de nossas gramáticas:

> *[...]O predicado complexo acompanha-se de tipos diferentes de argumentos, conhecidos por complementos verbais.*
>
> *O primeiro deles é o complemento direto, também chamado de objeto direto, representado por um signo léxico de natureza substantiva (substantivo ou pronome) não introduzido por preposição necessária:*
>
> *Os vizinhos não viram o incêndio*
> *[...]*
>
> *Bechara (2006: 416; o grifo é nosso)*

A literatura aponta várias propostas relacionadas à codificação da relação gramatical *objeto direto*. A maneira mais simples e direta é fazer referência explícita à relação gramatical em si, como se vê na abordagem tradicional (ver citação acima), seguida pela teoria mentalista denominada de Gramática Relacional – “Arc-Pair Grammar (APG)[10]”.

Observe, a seguir, um dado com objeto direto em português do Brasil (dialeto falado na região serrana do Rio de Janeiro) e o tratamento da APG a esse dado:

(4)a. Isabel **me** gosta muito[11]

---

[10] Jonson, D.; Postal, P. (1980). *Arc-Pair Grammar*. Princeton: Princeton University Press.Frantz, D. (1981). *Grammatical Relations in Universal Grammar*. Bloomington, Ind.: Indiana University Linguistics Club. A APG opôs-se ao paradigma gerativo.

[11] Dado extraído por Márcia Oliveira na cidade de Paty do Alferes, RJ. Propositalmente, insere-se um dado considerado *não culto/não normatizado* com o intuito de ratificar que a preocupação, nesse livro, é considerar fatos existentes na língua e não rotulá-los como *certo/errado*. Ver “caráter não-preconceituoso da linguística” na seção (1).

b.
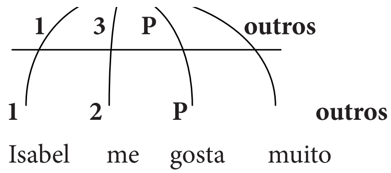

Em (4b) verificamos o modelo adotado pela APG – "R-graphs" (gráficos em raios). A linha horizontal – diagrama (4b) – divide a rede em *extratos*. No primeiro extrato (acima da linha), os números indicam a posição de sujeito (**1**), de objeto indireto (**3**), de predicado (**P**) e de adjunto (outros) da sentença (1a) – *Isabel gosta muito de mim*. No segundo extrato (abaixo da linha), os números indicam uma reavaliação da posição de objeto indireto (**3**), ascendendo para a posição de objeto direto (**2**): Isabel me gosta muito.

A abordagem gerativa em sua versão de Princípios e Parâmetros (P&P) – Chomsky (1981) – define relações gramaticais – como objeto direto – em termos estruturais, relacionando-os à propriedade de marcação sintagmática. Observe o exemplo (4), renumerado abaixo, e o tratamento dado por P&P:

(5)a. Isabel **me** gosta muito

b. [12]
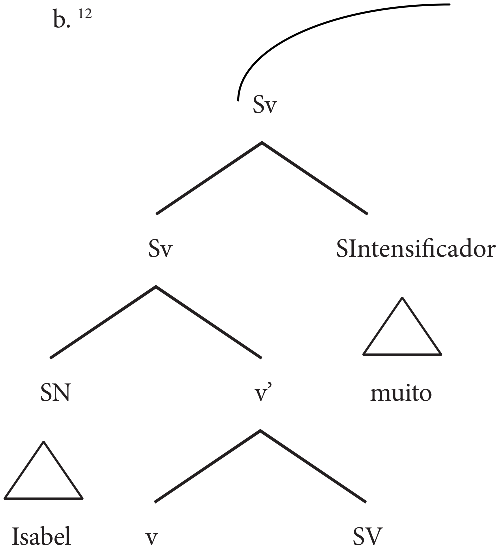

---

[12] A linha curva acima do sintagma verbal (Sv/SV) significa que, nesta estrutura, não estamos considerando o sintagma flexional – SF – que projeta a sentença, mas apenas enfatizando a estrutura interna da projeção sintagmática verbal, em que o objeto direto é projetado.

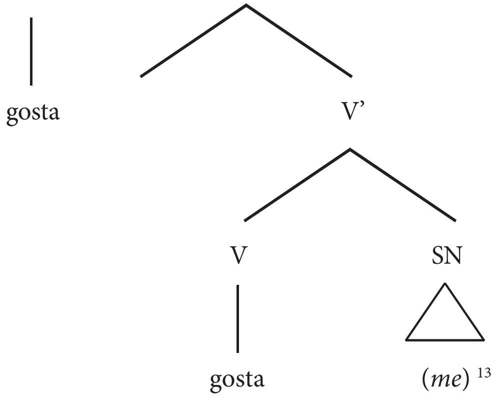

Em (5b) vê-se o verbo *gosta* com seus dois argumentos SNs (elementos exigidos pelo verbo): (i) o sintagma nominal *Isabel*, o argumento externo, na posição de especificador do verbo leve [Spec, Sv]; (ii) o SN pronominal *me*, o argumento interno, na posição de complemento do SV – objeto direto. O chamado advérbio de intensidade, *muito*, é tratado como um adjunto e projetado como um sintagma intensificador[14].

É sobre o tratamento sintagmático de categorias gramaticais (como o sintagma verbal, exemplificado em (5)), que trataremos neste livro, abordando o modelo de diagrama arbóreo (*árvores*), valorado em P&P. Detalhes iniciais sobre a estrutura X-Barra – como visto em (5b) acima – serão iniciados ainda neste capítulo.

Sobre Gramática Gerativa, ver sugestão de leituras em *leituras complementares* – capítulo 2 – ao final deste livro.

Sobre "Programas de Investigação Linguística Mentalista" ver sugestão de leituras em *leituras complementares* – capítulo 2 – ao final deste livro.

3.2. A Estrutura de Constituinte e a Competência Linguística

A abordagem gerativista em sua versão de Princípios e Parâmetros (P&P) prevê uma idealização abstrata para o conhecimento nativo que cada falante tem de sua língua materna. Esse conhecimento linguístico, que se desenvolve na primeira infância, independe dos ensinamentos da escola e é conhecido em P&P como *competência*. Segundo Trask (1993: 50-51, traduzido):

---

[13] Em outra fase da derivação sintática, **me** será movido para a posição de núcleo da flexão [**me** gosta] – ver capítulo 5.

[14] O detalhamento desta estrutura X-Barra (Sv/SV) será iniciado no capítulo 4.

> *[...] O termo é especificamente definido para excluir fatores como limitações de memória, lapsos verbais, interrupções e dificuldades de processamento resultantes de recursividades múltiplas, ambigüidade, mudança na duração da fala ou uma sentença pragmaticamente não plausível. As descrições feitas por gramáticos gerativistas pretendem ser descrições gramaticais da competência lingüística. [...]*

O conhecimento inato que temos de nossa língua foi desenvolvido por meio de um sistema representado em nossa mente/cérebro que é rico e poderoso o suficiente para nos proporcionar *adquirir língua(s)* mesmo em face às limitações e possíveis inadequações de nossa experiência linguística.

Seguindo os pressupostos de P&P, ratificamos que a competência dos falantes nativos de uma língua possibilita que esses falantes percebam que as palavras se estruturam em níveis hierárquicos. Por exemplo: cada falante do português, escolarizado ou não, tem uma noção que as palavras, em uma dada sentença, assumem relações próximas com outra(s) palavra(s) e estas relações são construídas hierarquicamente até que toda a sentença seja *projetada*. Observe a sentença abaixo:

(6) Os meninos saíram.

Podemos afirmar que, em (6), a palavra *os* parece estar mais atada ao significado de *meninos* que ao significado de *saíram* como se vê na estrutura em:

(7)

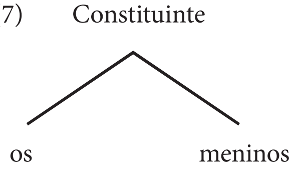

Portanto, as palavras *os meninos* em *os meninos saíram* (6) formam um constituinte, que por sua vez se tornará em uma unidade maior (um outro constituinte) ao se atar à palavra *saíram*:

(8)

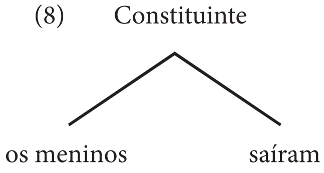

Veja a definição de constituinte em:

(9) Constituinte –
Um grupo de palavras que funcionam juntas como uma unidade[15].
Os constituintes são também conhecidos como *sintagmas*.
A noção de constituinte é a noção mais importante e básica da teoria sintática.

Negrão, Scher & Viotti (2003: 88-90) apresentam evidências para a estrutura de constituintes, baseadas nas possibilidades de distribuição de elementos sintáticos em diversas posições na sentença: (i) topicalização, (ii) clivagem, (iii) deslocamento para a posição final da sentença; (iv) passivização.

> *[...] Os movimentos evidenciam o fato de que a sentença é estruturada em constituintes, precisamente porque não é possível deslocarem-se partes de constituintes, nem seqüências que não formem um constituinte [...].*
>
> *Negrão, Scher & Viotti (2003: 90)*

A seguir, em (6b), veja um "fragmento" de constituinte sendo deslocado para a periferia da sentença tornando a sentença agramatical:

(10) a. O João vai comprar o último livro do Chomsky na Border's amanhã.[16]
b. *[Último], o João vai comprar o livro do Chomsky amanhã na Border's.[17]

Vejamos, a seguir, outros exemplos de Negrão, Scher & Viotti (op. cit.) – centrados em movimento de constituintes – que ratificam a proposta de que a sentença é estruturada em constituintes *(sintagmas)*.

(i) *Topicalização* – deslocamentos de constituinte, para fins discursivos, para o início da sentença[18]:

---

[15] Ver Carnie (2002: 30-31).
[16] Negrão, Scher & Viotti (2003: 90, exemplo (12), renumerado).
[17] Ibid. (2003: 90, exemplo (17a), renumerado).
[18] Negrão, Scher & Viotti (2003: 90, exemplos (13a-e), renumerados); os grifos são nossos. Para maiores detalhes sobre *tópico*, ver capítulo 8 deste livro.

(11) a. Amanhã, o João vai comprar o último livro do Chomsky na Border's.
b. Na Border's, o João vai comprar o último livro do Chomsky amanhã.
c. O último livro do Chomsky, o João vai comprar na Border's amanhã.
d. Do Chomsky, o João vai comprar o último livro na Border's amanhã.
e. Comprar o último livro do Chomsky, o João vai amanhã, na Border's.

(ii) *Clivagem* – constituintes que são movidos para o início da sentença 'ensanduichados' entre o verbo *ser* e a conjunção *que*[19]:

(12) a. É o João que vai comprar o último livro do Chomsky na Border's amanhã.
b. É o último livro do Chomsky que o João vai comprar na Border's amanhã.
c. É na Border's que o João vai comprar o último livro do Chomsky amanhã.
d. É amanhã que o João vai comprar o último livro Chomsky na Border's.

(iii) *Deslocamento para o final da sentença* – alguns elementos, principalmente aqueles ditos "pesados" (longos), podem ser deslocados para o final da sentença[20]:

(13) a. O João contou [toda a história sobre aquele terrível mal-entendido] [para a Maria].
b. O João contou [para a Maria] [toda a história sobre aquele terrível mal-entendido].

(iv) *Passiva* – um verbo transitivo direto permite que o objeto direto sofra movimento chamado de *passivação*:

(14) a. O João vai comprar o último livro do Chomsky na Border's amanhã[21].
b. O último livro do Chomsky vai ser comprado pelo João amanhã na Border's[22].

Além do teste de movimento para corroborar a noção de constituinte e checar os elementos pertencentes a um determinado sintagma, Negrão, Scher & Viotti (2003: 91-93) apresentam ainda outras evidências que corroboram que as sentenças são formadas por um conjunto(s) de sintagma(s): (v) fragmentos de sentenças; (vi) pronominalização; (vii) elipse.

---

19. Ibid. (p. 90, exemplos (14a-d), renumerados); os grifos são nossos.
20. Ibid.(p. 90, exemplos (15a-b), renumerados); os grifos são nossos.
21. Ibid. (p. 90, exemplo (12), renumerado); o grifo é nosso.
22. Ibid. (p. 90, exemplo (16a), renumerado); o grifo é nosso.

(v) *Fragmentos de sentenças* – só constituintes podem servir como fragmentos de sentenças em respostas:

(15) a. O João vai comprar o último livro do Chomsky amanhã?[23]
b. Vai

> *[...] Notem que em [(15)], conseguimos isolar um constituinte – o verbo auxiliar vai – que não havíamos conseguido separar pelas construções que envolvem movimento. É importante sempre ter em mente que nem todos os constituintes são evidenciados pelas mesmas construções."*
>
> *Negrão, Scher & Viotti (2003: 91)*[24]

(vi) *Pronominalização* – as línguas naturais utilizam *proformas* para retomar 'elementos' na sentença ou no discurso. *"As proformas, no entanto, só substituem constituintes sintáticos."* – Negrão, Scher & Viotti (2003: 91).

(16) a. O João vai comprar o último livro do Chomsky na Border's amanhã.[25]
b. Ele vai comprar o último livro do Chomsky amanhã (o João).

(vii) *Elipse* – esse recurso evidencia sintagmas que têm o verbo como núcleo[26]:

(17) a. O João vai comprar o último livro do Chomsky na Border's amanhã e a Maria também [~~vai comprar o último livro do Chomsky na Border's amanhã~~].

b. O João vai comprar o último livro do Chomsky na Border's amanhã e a Maria também vai [~~comprar o último livro do Chomsky na Border's amanhã~~].

c. O João vai comprar o último livro do Chomsky na Border's amanhã e a Maria vai [~~comprar o último livro do Chomsky na Border's~~] na segunda-feira.

d. O João vai comprar o último livro do Chomsky na Border's amanhã e a Maria vai [~~comprar o último livro do Chomsky~~] na Brentano's.

---

[23] Negrão, Scher & Viotti (2003: 91, exemplos (25 A-B), renumerados); os grifos são nossos.
[24] O exemplo entre colchetes foi renumerado.
[25] Ibid. (p. 91, exemplos (26a-b), renumerados); os grifos são nossos.
[26] Ibid. (p. 92, exemplos (28a-d), renumerados).

Uma outra grande evidência para a análise sintática por meio de "estruturas de constituintes" está em um fato sintático/semântico chamado de *ambiguidade estrutural*[27]. Franchi et al. (1998) apresentam exemplos de análise sintática envolvendo este tipo de ambiguidade e ratificam a posição de que quando reconhecemos mais de um tipo de significado para uma dada sentença *"[... estamos construindo uma hipótese a respeito da estrutura relacional da expressão inteira. [...]"*[28].

Atente para a ambiguidade existente na sentença abaixo:

(18) Márcia conhece [um artista de 'batik' africano]

Interpretação 1 – o artista de 'batik' é africano (de nacionalidade africana)
Interpretação 2 – o 'batik' é da África

Em (18), vê-se que o sintagma *[um artista de 'batik' africano]* permite uma dupla interpretação ao sentido final da sentença. Essas duas interpretações corroboram a hipótese de que o(s) significado(s) que apreendemos de uma dada sentença não advém/advêm de uma *interpretação linear das palavras*[29], mas sim de uma construção estrutural que efetuamos para organizar essas palavras e projetá-las em uma sentença. Observe, em (19) e (20), um esboço das duas projeções sintagmáticas de *[um artista de 'batik' africano]* que resultam as duas leituras interpretativas de (18):

(19) Márcia conhece [um artista de 'batik' africano]

Interpretação 1 – o artista de batik é africano (de nacionalidade africana)
Projeções do sintagma
Projeção Y (mais externa)

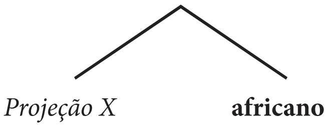

---

[27] Segundo Trask (1993: 13, traduzido), a ambiguidade estrutural pode ser definida como: *"[...] o fenômeno em que uma simples seqüência de palavras recebe dois ou mais significados distintamente nítidos. [...]"*.

[28] Franchi et. al. (1998: 38).

[29] Observe que as duas interpretações existentes em (18) são dadas a partir de uma única sequência linear de palavras.

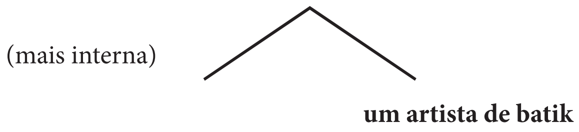
(mais interna)
um artista de batik

[$_{SN}$ um artista [$_{SP}$ de batik] [$_{SA}$ africano]] [30]

(20) Márcia conhece [um artista de 'batik' africano]

Interpretação 2 – o 'batik' é africano
Projeções do sintagma

Projeção Y (mais externa)

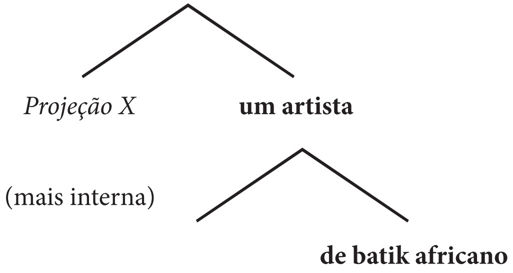
Projeção X
um artista
(mais interna)
de batik africano

[$_{SN}$ um artista [$_{SP}$ de batik [$_{SA}$ africano]]]

Logo, dependendo de como as palavras [*um, artista, de, batik, africano*] são combinadas internamente na formação de *[um artista de 'batik' africano]* teremos a interpretação (19) ou (20) como vistas acima.

Sobre "Estrutura de Constituinte e a Competência Linguística", ver sugestão de leituras em *leituras complementares* – capítulo 2 – ao final deste livro.

Após ratificarmos nossa posição de tratamento sintático por meio da análise de constituintes, passaremos a uma introdução do formalismo X-barra.

---

[30] Sobre estas abreviaturas, ver tabela em (31) neste capítulo.

3.3. *Introdução ao Formalismo X-barra: Categorias Sintáticas e Árvores (Estruturas)*

O módulo X-barra assume um papel importante na teoria da gramática em sua versão de Princípios e Parâmetros (P&P), pois apresenta a organização de uma proposta para a estrutura sintagmática[31]. Neste capítulo, introduzimos aspectos da Teoria X-Barra; em outros capítulos, que se seguem a este, enfatizaremos a construção sintagmática do português falado no Brasil, com ênfase no português falado culto.

3.3.1. *Categorias Sintáticas Lexicais e Funcionais*

A teoria X-barra arquiteta como as palavras podem ser agrupadas em unidades maiores tais como sintagmas e sentenças. 'Ao olhar' para tipos de palavras, a teoria X-Barra toma emprestado um conjunto de terminologias da gramática tradicional como *nome* e *verbo*. Essas palavras são denominadas de *classes de palavras* ou *categorias sintáticas*.

Uma tarefa importante nos estudos de gramática é perceber a distinção entre *categorias lexicais* e *funcionais*.

3.1.1. *Categorias Lexicais*

As categorias lexicais são aquelas que correspondem a palavras de conteúdo e a teoria gramatical assume que existem quatro categorias lexicais: N(ome), V(erbo), A(djetivo) e P(preposição) – advérbios são tidos como um tipo de adjetivo[32]. As categorias lexicais são definidas pela combinação de apenas dois traços distintivos: nominal [+N] e verbal [+V] que fornecem quatro possibilidades como se vêem no quadro abaixo explicitado em Mioto et al (2004):[33]

---

[31] Lembre-se de que a Teoria da Gramática assume uma visão modular de tratamento da sintaxe. Logo, o modelo P&P prevê várias subteorias, ou módulos, que tratam de aspectos específicos da sintaxe das línguas. A subteoria ou módulo X-barra é um desses módulos.

[32] Ver capítulo 6 deste livro.

[33] Miot et al. (2004: 53, (22), renumerado).

(21) Núcleos Lexicais

	[+N]	[-N]
[-V]	Nome	preposição
[+V]	Adjetivo	verbo

Mioto et al. (2004: 53) exemplificam os traços acima com o radical /am-/ que estabelece o sentido lexical da palavra *amor*, chamando nossa atenção para três classes de palavras derivadas desse radical[34]:

amar – identificada como verbo; traços [*-N, +V*]. Ex: (a) Eu a **amo**;

amor – identificada como nome; traços [*+N, -V*]. Ex.: (b) Ela é o meu **amor**.

amado – identificada como verbo ou adjetivo [*+N, +V*]. Exs.: (c) Aquela criança é muito **amada**; (d) Ele/a a/o teria **amado** para o resto da vida[35].

Os autores (op. cit.) apontam os traços nominais ou verbais nas palavras lexicais. Um dos traços nominais de uma palavra, por exemplo, é a exigência de concordância de gênero – veja **amada** no exemplo (c) acima. Um exemplo de traço verbal de uma palavra são os sufixos que apontam para categorias como tempo, número e pessoa – veja **amo** em (a).

Nomes, *verbos* e *adjetivos* têm pelo menos *um* valor positivo e se caracterizam nas línguas por geralmente possuírem um número indefinido de membros no dicionário mental dos falantes[36]. A *preposição* apresenta seus dois valores marcados como *negativo* e difere-se das outras classes por constituir um número bem reduzido de membros nas línguas[37]. As preposições, por seu duplo valor negativo, já apontam para uma distinção clara se comparadas às outras categorias lexicais – elas têm também valor de classe sintática funcional. Nós estudaremos as preposições com mais detalhes no capítulo 7.

---

[34] Os exemplos são nossos.

[35] Sobre formas participiais, ver capítulo 4 deste livro.

[36] A classe dos adjetivos foge à regra, pois é uma classe inexistente ou com número muito restrito de membros em algumas línguas do mundo.

[37] Linguisticamente deveríamos dizer *adposição*, pois esta categoria sintática pode, nas línguas do mundo combinar-se com 'nomes' ou 'verbos' de dois modos: (i) antes deles (preposição) – como em português; (ii) depois deles (posposição) – como em japonês. Adposições combinam-se a nomes e verbos a fim de construírem constituintes maiores.

Em sintaxe, uma característica das palavras lexicais – que formam núcleos sintagmáticos lexicais – é a de selecionar semanticamente seus argumentos – os elementos exigidos para sua composição sintática. Tomemos como exemplo os sintagmas verbais em:

(22) a. O ladrão pegou a polícia
b. A polícia foi pega pelo ladrão

Em (22a-b), o verbo *pegar* seleciona (exige) semanticamente dois argumentos: (i) um argumento interno, preenchido em (22a) por *a polícia* – o objeto direto da sentença; (ii) um argumento externo, preenchido em (22a) por *o ladrão* e em (22b) por *a polícia*.

Observe ainda o sintagma verbal abaixo:

(23) * A folha pegou a polícia

A composição do sintagma verbal em (23) tornou a sentença agramatical.

A agramaticalidade expressa em (23) nos ajuda a ratificar que um núcleo lexical impõe sérias restrições sobre seus argumentos e uma dessas restrições é a *s-seleção* (seleção semântica). O verbo *pegar* em (22-23), por exemplo, obriga que seus possíveis argumentos externos tenham a característica semântica [AGENTE/TEMA[38]]. Logo, a composição sintagmática de *pegar* em (23) tornou a sentença agramatical porque *a folha* não tem as especificações semânticas [AGENTE/TEMA], exigidas para o argumento externo de *pegou*, ferindo assim a *s-seleção* deste verbo.

Em teoria da gramática, as informações relativas à s-seleção foram cunhadas de *papel temático* e fazem parte de um dos módulos da gramática chamado de *Teoria dos Papéis Temáticos*.

Segundo Duarte & Brito (2003: 187):

> *A lista mínima de papéis temáticos relevantes para a descrição da estrutura argumental dos verbos da língua portuguesa inclui os papéis de Agente, Fonte, Experienciador, Locativo, Alvo e Tema.*

---

[38] Um argumento externo de um dado verbo tem o traço semântico 'Tema', quando exerce a função de adjunto 'Paciente' do verbo por meio da função conhecida como 'agente da passiva' – ver *pelo ladrão* em (22b).

As autoras (op. cit.) chamam a atenção para o fato de que a lista de papéis temáticos varia em extensão de autor para autor.

Abaixo, descreve-se e exemplifica-se (de forma sucinta) os papéis temáticos Agente, Fonte, Experienciador, Locativo, Alvo e Tema – cf. Duarte & Brito (2003: 188-190):

(24) Lista de Papéis Temáticos Relevantes em Português

(i) Agente – o argumento que aponta para uma entidade controladora de uma dada situação. Este papel temático é atribuído, geralmente, a SNs [+humano]. Ex: *(a)* "**A polícia** pegou o ladrão".

(ii) Fonte – designa o argumento que se encontra no ponto de origem de uma dada situação, mas não a controla. Ex.: *(b)* "Ele comprou o livro **do João**"; *(c)* "**Terremotos** têm atingido impiedosamente regiões da Ásia[39]".

(iii) Experienciador – papel temático de um argumento que *"[...] designa a entidade que é a sede psicológica ou física de uma dada propriedade ou relação [...]*[40].Ex: *(d)* "**Aquele professor** sempre tosse durante suas falas"; *(e)* "T**odos nós** ficamos chocados com aquele crime"; *(f)* "**Eu** amo meus dois filhos".

(iv) Locativo – designa o argumento que exprime o lugar espacial de uma dada entidade. Ex.: *(g)* "Joana vive **em São Paulo**"; *(h)* "Ester encheu **a mala** com livros[41]".

(v) Alvo – é o argumento que designa a entidade para a qual alguém ou algo se transfere. Ex.: *(i)* "O rapaz foi **por ali**"; *(j)* "Marina ofereceu chocolates **para a amiga**[42]".

(vi) Tema – é o argumento que designa a entidade que muda de lugar, de posse ou de estado em predicações do tipo 'dinâmicas'. *"[...] O argumento com este papel pode designar uma*

---

[39] *"[...] um argumento fonte pode designar uma força da Natureza, um lugar ou um ser animado que constituam o ponto de partida de uma mudança de estado, de lugar ou de posse."* – Duarte & Brito (2003: 189)

[40] Duarte & Brito (2003: 189)

[41] Observe que a sentença (h) "Ester encheu **a mala** com livros" pode ser parafraseada como: (h') "Ester colocou os livros **na mala** (enchendo-a)". Em (h') o SP [na mala] evidencia mais facilmente o papel temático locativo do SN "mala".

[42] *"[...] A expressão com o papel de Alvo pode designar um ser humano, quando as frases descrevem situações de mudança de posse ou de comunicação linguística, ou um lugar, quando as frases descrevem situações de mudança de lugar."* – Duarte & Brito (2003: 190).

entidade criada pela atividade expressa pelo verbo [...] ou afectada por tal actividade[43]". Ex.: *(k)* "O piloto conseguiu posar **o helicóptero**"; *(l)* "O tempo amarelou **os livros** completamente"; *(m)* "**Felipe** caiu da moto ontem"; *(n)* "Eu amo **meus dois filhos**"[44].

Ao dizermos que um núcleo lexical *s-seleciona* seu(s) argumento(s), é preciso ainda dizer que o núcleo semanticamente selecionado também sofre restrições de caráter categorial. Veja o exemplo abaixo:

(25) * a polícia pegou pelo ladrão

A composição do sintagma verbal em (25) – tal como ocorreu em (23) – tornou a sentença agramatical. Observe que os dois argumentos do verbo *pegar* em (25) obedecem ao critério semântico de restrição de argumentos do verbo. Logo, perguntamos: "O que causa a agramaticalidade da sentença (25)?". Intuitivamente, todo falante nativo percebe que o que ocasiona a agramaticalidade em (25) é o fato do argumento interno do verbo *pegar* estar sendo preenchido por uma categoria preposicional e não por uma categoria nominal. Resumindo: um núcleo lexical tem como característica impor uma série de restrições sobre seus argumentos. Mioto et al. (2004) nos apresentam um exemplo de restrições de seleção por meio do núcleo lexical *chutar* [45]:

(26) a. O menino chutou a bola.

b.		
	categoria	[-N, +V]
	nº de argumentos	[__ , __]
	c-seleção	[DP, DP][46]
	s-seleção	[AGENTE, TEMA/PACIENTE]

Sobre "Classes de Palavras" e "Teoria dos Papéis Temáticos", ver sugestão de leituras em *leituras complementares* – capítulo 2 – ao final deste livro.

---

[43] Duarte & Brito (2003: 190).

[44] *"O papel de Tema pode também ser atribuído à entidade não controladora nem experienciadora de uma situação não dinâmica [...]"*. – Duarte & Brito (2003: 190).

[45] Mioto et. al. (2004: 125); dado (13), renumerado.

[46] Tome DP – do inglês "determinant phrase" (sintagma determinante) – como sinônimo de SN (sintagma nominal). Para detalhes, ver capítulo 5.

3.3.1.2. *Categorias Funcionais*

Diferentemente das categorias sintáticas lexicais, existem categorias que não carregam consigo um significado lexical, logo não selecionam argumentos semanticamente (*s-seleção*). Vamos observar (introdutoriamente neste capítulo, e mais especificamente em outros) que as categorias funcionais, apesar de não *s-selecionarem* argumentos, elas os *c-selecionam*. Considere, por exemplo, a palavra grifada na sentença abaixo:

(27) Antônio perguntou se vocês querem prova de recuperação

Nós teremos problemas em descrever o significado da palavra *se* na sentença acima se tivermos de fazer essa descrição nos mesmos moldes em que descreveríamos uma categoria lexical como *amar*. A melhor maneira de pensar acerca de palavras como *se* em (27) é 'preenchê-la' em uma determinada função na sentença. Por exemplo: *se* em (27) ocorre em uma posição oracional que possibilita a união de duas orações. É chamada de *conjunção* pela gramática tradicional. Em P&P *se* é chamada de complementizador, uma categoria sintática funcional[47].

Observe que, em (27), *se* encabeça uma sentença. Logo, nos mesmos termos que fizemos com as categorias lexicais, vamos dizer que *se* (27) seleciona um argumento (exige certo tipo de complementação). No entanto, o argumento que o complementizador *se* exige não é de natureza semântica, mas sim de natureza categorial. Daí dizermos que classes de palavras funcionais *c-selecionam* seu complemento:

(28) a. *se* (27) – complementizador; introduz um sintagma complementizador – SC
b. SC c-seleciona (seleção de categoria) um complemento sentencial

Ao dizermos que o sintagma complementizador *se* (27) *c-seleciona* uma *categoria* estamos afirmando que o complementizador exige um argumento de um determinado valor categorial (e não semântico). Veja o exemplo (27), renumerado em:

(29) Antônio perguntou $[_{SC}$ se $[_{SF}$ vocês querem prova de recuperação]

---

[47] Ver capítulo 8.

Em (29) observamos que o sintagma complementizador exige que uma sentença entre em sua configuração sintática. Logo, o SC (como *se* em (29)) *c-seleciona* uma sentença:

(30) restrição de seleção da categoria funcional SC
c-seleção [SF]

O estudo do sintagma flexional – SF – será pormenorizado a partir do próximo capítulo. Quanto ao sintagma complementizador, nós o estudaremos com mais detalhes no capítulo 8. Em nossos estudos veremos ainda outras categorias funcionais como: *determinante* e *quantificador*.

3.3.2. *A Projeção X-Barra – Alguns Fundamentos*

Após termos introduzido as categorias lexicais e funcionais, estamos prontos para introduzir o esquema X-Barra que nos permite projetar sintagmaticamente todos os núcleos lexicais e funcionais que formam uma dada sentença. Começamos por dizer que o esquema X-Barra será exemplificado apenas com sentenças do português, mas lembramos ao leitor que este é um esquema que pretende ser único para qualquer língua do mundo. Logo, X-Barra prevê que a gramática universal possibilite que um ser humano, a princípio, tenha a possibilidade de falar todas as línguas do mundo, pois os humanos são dotados de um único esquema restritivo (sintático)[48].

X-Barra é um esquema restritivo que diz que todo sintagma é projeção de seu núcleo. Logo, um núcleo nominal, por exemplo, só pode gerar um sintagma nominal. A seguir, listamos os núcleos lexicais e funcionais que geram seus respectivos sintagmas. Apresentamos os nomes dos sintagmas em português e em inglês, pois boa parte da literatura gerativista no Brasil utiliza-se da terminologia sintagmática em língua inglesa, considerada como metalinguagem em X-Barra:

---

[48] Logo, o fato de uma pessoa, mesmo poliglota (ou genial), estar restrita a um número X de línguas como falante (nativo ou não) não está relacionado a fatos de *competência*, mas sim a fatos de *performance* e a limitações de natureza física.

(31)

Categoria	**Sintagma**	**Phrase**
Nome	Sintagma Nominal - SN	Nominal Phrase - NP
Verbo	Sintagma Verbal - SV	Verbal Phrase - VP
Adjetivo	Sintagma Adjetival - SA	Adjectival Phrase - AP
Preposição	Sintagma Preposicional - SP	Preposicional Phrase - PP
Advérbio	Sintagma Adverbial - AdvP	Adverbial Phrase - AdvP
Complementizador	Sintagma Complementizador- SC	Complementizer Phrase – CP
Flexão	Sintagma Flexional - SF	Inflection Phrase - IP
Determinante	Sintagma Determinante - SD	Determinant Phrase - DP
Quantificador	Sintagma Quantificador - SQ	Quantifier Phrase - QP

Ratificando que cada sintagma é projeção de seu núcleo, vê-se, abaixo, o seguinte esquema:

(32) X ➔ SX/XP[49]

Exemplifica-se o esquema (32) com o sintagma verbal em:

(33) a. Maria *comprou* pipoca
b. X = comprar/ verbo ➔ SX/XP = SV/VP

No entanto, X-Barra precisa prever um esquema sintagmático que possibilite captar a imposição de que todos os argumentos dos núcleos sejam projetados, como se vê em *comprar* (33): o núcleo *comprar* exige que sua estruturação sintagmática se organize projetando dois argumentos: (i) *Maria* e (ii) *pipoca*. Para que haja *espaço estrutural* para essas projeções, X-Barra prevê que, entre o núcleo X e sua projeção máxima SX haja a projeção estrutural de uma categoria intermediária X', como se vê no esquema abaixo apresentado por Mioto et al. (2004)[50]:

---

[49] SX= sintagma X; XP= X phrase.

[50] Mioto et. al. (2004: 47); dado (13), renumerado.

(34)

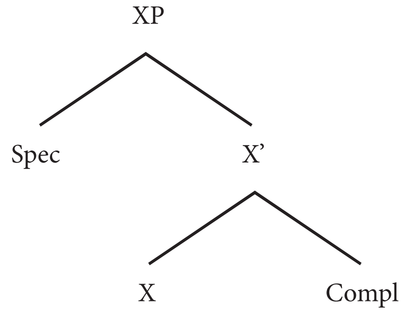

Onde se vê *Spec*, leia-se *especificador*. Essa é a posição de elementos como *Maria* em sintagmas verbais como em (34). Onde se vê *Compl*, leia-se *complemento*. Essa é a posição de elementos como *pipoca* no sintagma verbal em (34). Logo, podemos preencher a estrutura X-Barra (simplificada), proposta em (34), com o sintagma verbal (33), renumerado em:

(35) a. Maria *comprou* pipoca

b.

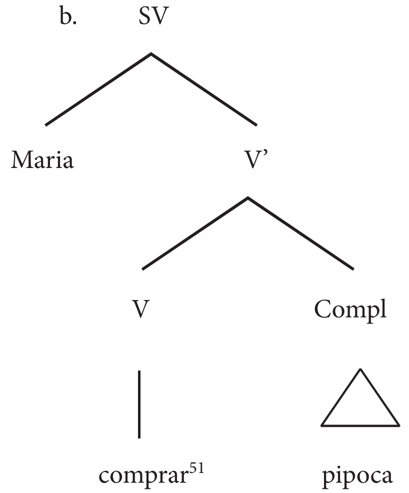

---

[51] Note que projetamos, no SV, o verbo *comprou* em sua forma infinitiva (a forma verbal livre de flexão(ões)). A razão disso é que as marcas de flexão do verbo não são dadas no SV, mas sim na projeção funcional flexional – SF –, como veremos no capítulo 3.

Finalizamos ratificando que o esquema X-Barra apontado em (34), e exemplificado em (35), é exatamente o mesmo para cada núcleo lexical ou funcional apontado na tabela (31). Por ora, fiquemos com estas informações. Nos capítulos que se seguem a este, preencheremos paulatinamente o esquema X-Barra para cada núcleo lexical e funcional em português.

4. Considerações Finais

Nas seções acima ratificamos que nossos estudos sintáticos do português estarão centrados nas generalizações simbólicas de uma subteoria da gramática gerativa denominada de *teoria X-barra;* introduzimos noções básicas deste módulo da gramática. Ratificamos que, neste curso, fizemos uma escolha por um modelo formalista mentalista que advoga soluções em termos sintagmáticos como básicas para GU (gramática universal).

Nos próximos capítulos, detalharemos a sintaxe do português por meio de X-Barra e apresentaremos, na medida do possível, aspectos da sintaxe do português culto falado no Brasil – PB. A sintaxe do PB atesta mudanças significativas em várias áreas se comparada à sintaxe do português falado na Europa.

CAPÍTULO 3

Introduzindo o sintagma verbal e flexional

1. A CATEGORIA LEXICAL VERBO

A classe de palavra 'verbo' pode ser caracterizada em termos (i) semânticos, (ii) morfológicos e (iii) sintático/distribucionais – ver Givón (1984: 64-73)[1]. O V(erbo) (assim como o N(ome)) foi concebido na Grécia, por Platão, e, independentemente, na Índia, por Panini, no século V a.C.[2].

Um termo gramatical importante é "predicado" e esse termo tem intrínseca relação com V e seus argumentos. Entende-se como argumento:

> *[...] um sintagma nominal que carrega uma relação gramatical e semântica específica com o verbo e cuja presença explícita ou implícita é requerida por questões de boa formação das estruturas que contêm esses verbos. Argumentos podem ser identificados em termos de relações gramaticais (sujeito, objeto direto, etc.) ou em termos de papéis semânticos (agente, paciente, etc.). Alguns modelos distinguem* **argumentos internos** *e* **argumentos externos** *[...].*
>
> *Trask (1993, p. 20, traduzido)*

A teoria sintática – seguindo Frege (o pai da lógica moderna)[3]– prioriza o tratamento: predicado + argumentos:

Os predicados classificam-se conforme o número de lugares (argumentos) que exigem para formar uma proposição. Os predicados não se limitam a verbos, mas podem ser também adjetivos ou até nomes. Assim, podemos ter:

---

[1] Sobre "classes de palavras" e a categoria verbo ver Shachter (1985).

[2] É com Aristóteles, na Grécia, que temos a descoberta de categorias como tempo (T) – ligada a V – e gênero (G) – ligada a N –, as primeiras categorias gramaticais (funcionais) na história da gramática.

[3] Friedrich Ludwig Gottlob Frege (1848-1925) foi um matemático, lógico e filósofo alemão que revolucionou a lógica matemática por meio do desenvolvimento do que se chamou de "cálculo de predicados" (ou "lógica de predicados"). Frege criou um sistema de representação simbólica para introduzir formalmente a estrutura dos enunciados lógicos e suas relações.

(10) a. predicados de um lugar: Sorrir x
Cair x
Homem x
Grande x

b. predicados de dois lugares: Ver x y
Matar x y
Pai x y
Orgulhoso x y

c. predicados de três lugares: Dar x y z
Colocar x y z
Doação (doação do dinheiro$_x$ ao
orfanato$_y$ pela viúva$_z$)

Kato & Mioto (a sair, (1.4))

Logo, sintaticamente, os verbos podem ser estruturados de acordo com o número de seus argumentos e de acordo com seus papéis temáticos[4]. Abaixo, apresentam-se dois esquemas arbóreos que retomam as intuições da gramática tradicional[5]:

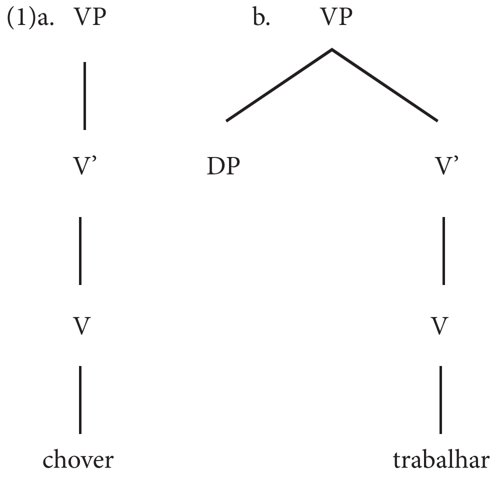

---

[4] Reveja esses conceitos no capítulo 2, seção (3.1.1.).

[5] Mioto et al. (2004: 146). Esquemas (43a-b), renumerados.

Em (1a), esquematiza-se um verbo que não possui argumento – como em *"Choveu ontem"*; em (1b), um verbo que possui apenas um argumento, no caso o externo (DP/NP) – como em *"Dália trabalha sem parar"*.

Em sintaxe do português, ao se tratar de V, trata-se também de F(lexão). No capítulo 2, introduzimos aspectos da composição da categoria lexical V e sua formação sintagmática – SV/VP –; introduzimos ainda a categoria funcional flexão – SF/IP. É a flexão verbal (expressa, em português, por meio de sufixos) que permite a organização do sintagma sentencial (em que vamos poder abordar conceitos funcionais como "sujeito", por exemplo).

2. X-BARRA:

Construindo o Sintagma Verbal e o Sintagma Flexional

Como abordado no capítulo 2, as categorias lexicais são definidas pela combinação de apenas dois traços distintivos: nominal [+N] e verbal [+V]. O *verbo* é a categoria lexical que carrega o traço [+V] por excelência. Dissemos sobre a existência de categorias funcionais e uma delas está diretamente ligada à morfossintaxe do verbo: a *flexão*.

> *Embora os gregos estivessem mais interessados em lógica e retórica, o vocabulário criado para tratar de juízos de verdade e de falsidade era o da gramática, donde sua contribuição enorme para a descoberta das classes de palavras e das primeiras palavras funcionais/gramaticais. Compreende-se também porque* **tempo** *chamou logo a atenção de Aristóteles. Quando se lida com verdade e falsidade de juízos, nota-se que é o* **tempo** *que lhes confere valor de verdade. Uma sentença no infinitivo não é nem verdadeira, nem falsa.*
>
> *Chomsky e seus seguidores, utilizando-se de argumentos sintáticos e não lógicos, trataram a categoria* **tempo***, desde o início, como um constituinte central da sentença. Como a categoria* **tempo** *se manifesta como flexão (Flex) em muitas línguas ocidentais, o núcleo sentencial passou a ser tratado ora como* **flexão** *ora como* **tempo**. *A categoria flexão pode abrigar não apenas a* **flexão de tempo***, mas também a* **flexão de concordância**.
>
> *Kato & Mioto (a sair, (1.5.1.); os negritos são nossos)*

No capítulo 2, introduzimos ainda o esquema X-Barra que nos possibilita projetar todas as categorias gramaticais (lexicais e funcionais). Neste capítulo, iniciaremos o preenchimento do esquema X-Barra por meio das categorias lexicais e funcionais do português. Para fins didáticos, repetimos, em (1), o esquema visto no capítulo 2 (29)[6]:

(1)

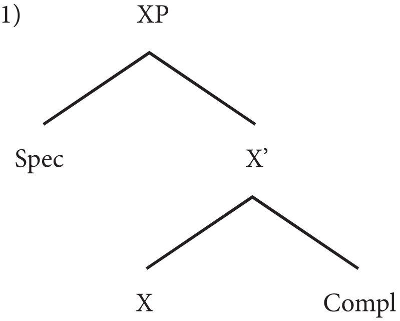

***2.1.** O Sintagma Verbal*

A fim de construirmos o sintagma verbal – SV/VP – dentro do esquema X-Barra, atentemos para o seguinte exercício: a construção do SV [Maria *comprou* pipoca]. Vamos seguir por etapas:

(i) Na construção do SV [Maria *comprou* pipoca], o ponto inicial é o léxico. Logo, o falante acessa uma dada *numeração (N)*[7]:

(2) a. $[_{SV}$ Maria *comprou* pipoca]
b. N = {Maria$_1$, comprou$_1$, pipoca$_1$}

A *N* (2b) possibilita que o SV (2a) seja construído sem riscos de agramaticalidade porque possui itens que preenchem as *restrições de seleção* do verbo *comprou*:

(2) c. *categoria* [-N, +V]; *nº de argumentos* [__ , __]; *c-seleção* [SN, SN];
s-seleção [AGENTE, TEMA/PACIENTE]

(ii) Iniciando a derivação sintática de (2a): (i) o verbo comprar (*comprou*) entra em composição sintática com seu argumento interno *pipoca*, formando uma categoria intermediária entre o núcleo da categoria – X' (V') – e sua projeção máxima, o sintagma – SV/VP. (ii) Os dois itens lexicais [*comprar*, *pipoca*] formam agora a *unidade V'*. V' entra em composição sintática com o argumento externo da projeção: *Maria*, possibilitando a realização da projeção máxima SV [Maria comprar pipoca]. O SV em (3) está *parcialmente projetado*[8].

---

[6] Esquema X-Barra: Mioto et. al. (2004, p. 47); dado (13), renumerado.

[7] Estamos usando o termo *numeração (N)*, proposto por Chomsky (1995, p. 225-235). A *N* é tida como o “ponto de partida” de qualquer derivação sintática; é um conjunto de itens lexicais com indicação do número de vezes que cada item lexical estará disponível para a computação (derivação sintática).

(3)

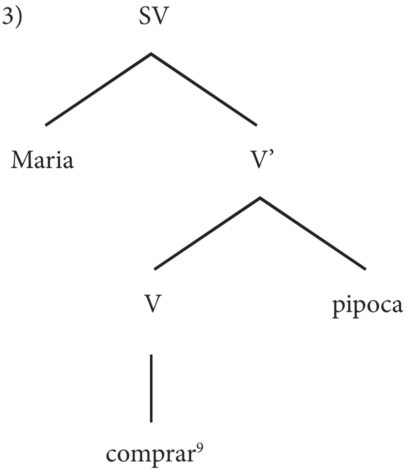

(iii) Acima dissemos que o SV [Maria comprar pipoca] (3) está *parcialmente* projetado. A razão é que os núcleos nominais em (3) precisam seguir o mesmo esquema X-Barra seguido pelo verbo – veja o esquema em (1). Logo, os núcleos [+N] *Maria* e *pipoca* devem também ser projetados sintagmaticamente. Eles são argumentos do verbo *comprar*, mas, na composição sintática, formam, cada um, sua própria projeção sintagmática[10]

(4)

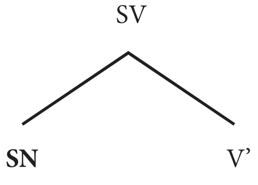

---

[8] A projeção SV em (3) segue modelo GB. No entanto, à frente, neste livro, estruturas transitivas serão apresentadas em versão pré-minimalista/minimalista.

[9] Note que projetamos, no SV, o verbo *comprou* no infinitivo (a forma não flexionada em português). A razão disso é que as marcas de flexão do verbo não serão dadas no SV, mas sim na projeção funcional flexional – SF –, que veremos mais à frente.

[10] Por ora, projetaremos os sintagmas nominais em *triângulos*. Os triângulos significam que houve uma 'simplificação' na projeção desses SNs. O objetivo, em (4), é enfatizarmos o SV.

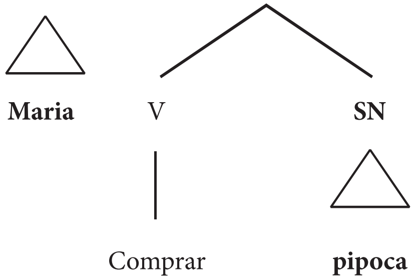

(iv) Antes de finalizarmos essas considerações iniciais sobre a projeção do SV, precisamos explicar como podemos, estruturalmente, prever que um sintagma verbal permita que, além de argumentos, termos adicionais, (conhecidos como *adjuntos*) entrem em sua composição sintagmática. Logo, atentemos para o seguinte SV abaixo e sua numeração:

(5) a. [$_{SV}$ Maria *comprou* pipoca no cinema]
b. N = {Maria$_1$, comprou$_1$, pipoca$_1$ no$_1$ cinema$_1$}

Em (5), o SV [Maria comprou pipoca no cinema] é formado a partir de uma numeração que, além de dois argumentos (*Maria* e *pipoca*), traz ainda itens lexicais que juntos se estruturam, no SV, como *adjuntos* – [$_{SP}$ *no* [$_{SN}$ *cimena*]]. Em X-Barra, adjuntos são explicados como elementos que estão *contidos* em um sintagma, mas não *incluídos* nesse sintagma[11]. Ao dizer que um *adjunto* não está incluído na projeção de um núcleo, prevê-se, em teoria X-Barra, que o *adjunto* está longe estruturalmente do núcleo da projeção onde se insere. Logo, *adjuntos* são projetados na parte mais alta de um sintagma – a projeção máxima – reduplicando-o a fim de serem inseridos. Vejamos como fica então a projeção X-Barra do SV [Maria *comprou* pipoca no cinema]:

(6) a. [$_{SV}$ Maria *comprou* pipoca no cinema]

---

[11] A projeção de um núcleo inclui apenas seus argumentos; os adjuntos são ditos *contidos*, mas não *incluídos* na projeção de um dado núcleo. Para detalhes estruturais sobre essas duas relações (*inclusão* e *continência*) ver Mioto et al. (2004, p. 65-67).

b.

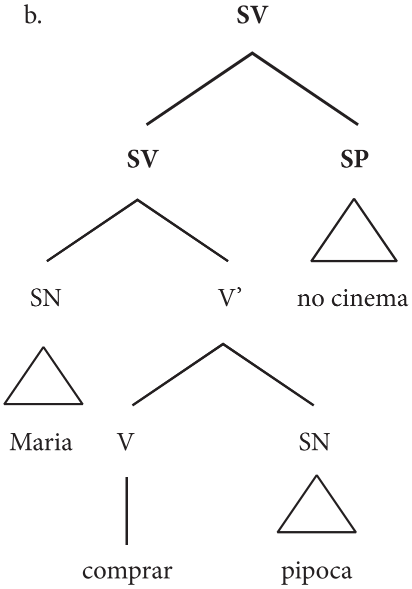

Observe que a projeção do *sintagma adjunto* [$_{SP}$ no cinema] no SV em (6) foi feita a partir da reduplicação da projeção máxima desse SV. Sobre "Adjunção" ver sugestão de leitura em *leituras complementares* (capítulo 3) ao final deste livro.

Um fato importante que se vê nos SVs em (4) e (6) é que o verbo foi projetado no infinitivo – *comprar*. Agora estamos no momento de pormenorizar a razão de não termos projetado a flexão *compr**ou*** nos SVs acima. Para tanto, introduzimos o sintagma funcional flexão – SF/ IP.

2.2. *O Sintagma Flexional*

Atente que na palavra *comprou/ compr-ou* há dois morfemas específicos: (i) um de natureza lexical [+V]: /**compr**/ (expresso pela raiz verbal); (ii) outro de natureza funcional [+Flex]: /-**ou**/ (expresso pelo sufixo). Logo, em *compr-ou* há uma junção de duas categorias de natureza lexical e funcional respectivamente.

Villalva (2003), descrevendo sobre a estrutura morfológica básica do português, apresenta a seguinte consideração sobre a flexão nessa língua românica[12]:

---

[12] Na citação a seguir, a chamada para a nota de rodapé tem, no original, o número (17). O número (13) é uma alteração adaptada para este capítulo.

> *Em português, a flexão verbal gera as chamadas formas simples*(13) *e opera em duas categorias morfo-sintácticas:* **tempo-modo-aspecto**, *que codifica morfologicamente informação sobre tempo, modo e aspecto, e* **pessoa-número**, *que codifica a concordância com o sujeito frásico. Os valores de tempo-modo-aspecto (TMA) repartem-se por dois grupos: o primeiro é constituído por paradigmas que também flexionam-se em pessoa-número (cf. 10a) e no segundo integram-se as chamadas formas nominais do verbo (cf. 10b):*

(10) (a) *Pretérito mais-que-perfeito do indicativo*
Pretérito perfeito do indicativo
Pretérito imperfeito do indicativo
Presente do indicativo
Futuro do indicativo
Pretérito perfeito do conjuntivo
Presente do conjuntivo
Futuro do conjuntivo
Condicional
Imperativo – forma afirmativa
Imperativo – forma negativa
Infinitivo flexionado

(b) *Infinitivo*
Gerúndio
Particípio passado

Villalva (2003: 933)

As categorias *tempo/modo/aspecto*, gramaticalizadas por meio da flexão sufixal em português, são referidas na literatura como categorias TMA/TAM:

(i) o *tempo:* presente, passado, futuro;
(ii) o *aspecto*, expresso pelas terminologias perfeito/imperfeito/mais-que-perfeito;
(iii) o *modo:* conjuntivo (ou subjuntivo), indicativo e imperativo.

---

13. *As formas compostas, que integram o auxiliar ter e o particípio passado, são construções sintáticas.*

> *Em termos gerais, a categoria* **Tempo** *serve para localizar as situações (eventos ou estados) expressas nas línguas em diferentes tipos de enunciados. [...]*
>
> *[...]*
>
> *O* **Aspecto***, por seu turno, fornece informações sobre a forma como é perspectivada ou focalizada a estrutura temporal interna de uma situação descrita pela frase, em particular, pela sua predicação. [...]*
>
> *Oliveira (2003a: 129)*

Ao se falar em *modo* é necessário abordar o conceito de *modalidade*: *"[...] a gramaticalização de atitudes e opiniões dos falantes [...]"* – Oliveira (2003b: 245).

Em português, há que se observar que as classes TMA e pessoa-número (PN) são amalgamadas em um único morfema. Em /-**ou**/ *compr-ou* (6), por exemplo, vê-se que um único traço formal refere-se às categorias funcionais: TEMPO PASSADO, ASPECTO PERFEITO, MODO INDICATIVO, 3ª. PESSOA, SINGULAR.

Como já dito acima, a categoria *tempo* é tida como um constituinte central da sentença e, em teoria da sintaxe, o núcleo sentencial passou a ser tratado ou como *tem*po ou como *flexão*. A terminologia *flexão*, amplamente usada em P&P (GB) deve-se ao fato de que, em muitas línguas ocidentais, o *tempo* se manifesta por meio da *flexão*.

Sobre "Categorias de Flexão no Português" ver sugestão de leituras em *leituras complementares* – capítulo 3 – ao final deste livro.

A fim de explicitarmos o sintagma flexional – SF/IP –, vamos continuar de onde paramos: da projeção do SV [Maria comprou pipoca no cinema] em (6).

Observe que o SV em (6) está organizado, mas não podemos dizer que temos ainda uma sentença. A fim de obtermos uma sentença é necessário que o verbo projete um sintagma – no mesmo esquema X-Barra – de natureza funcional: o sintagma flexional – SF/IP. A seguir, damos continuidade às etapas (**I-IV**) iniciadas em (2.1.):

(v) Na construção da sentença [Maria *comprou* pipoca no cinema] (6), é necessário que haja uma projeção sintagmática funcional (flexão) do sintagma lexical (verbal), seguindo o esquema restritivo X-Barra. Duas coisas precisam ser ressaltadas na projeção do SF: **(i)** o núcleo do SF é preenchido com a flexão do verbo compr-**ou** – veja (7b); (**ii**) a construção do sintagma sentencial exige que alguns movimentos ocorram (de SV para

SF) a fim de que: (**a**) a ordem da sentença possa ser expressa; (**b**) o argumento externo do verbo mova-se de uma categoria lexical para uma categoria funcional organizando-se como o sujeito do SF – veja (7c):

(7)a. $[_{SF}$ Maria *comprou* pipoca no cinema]

b.

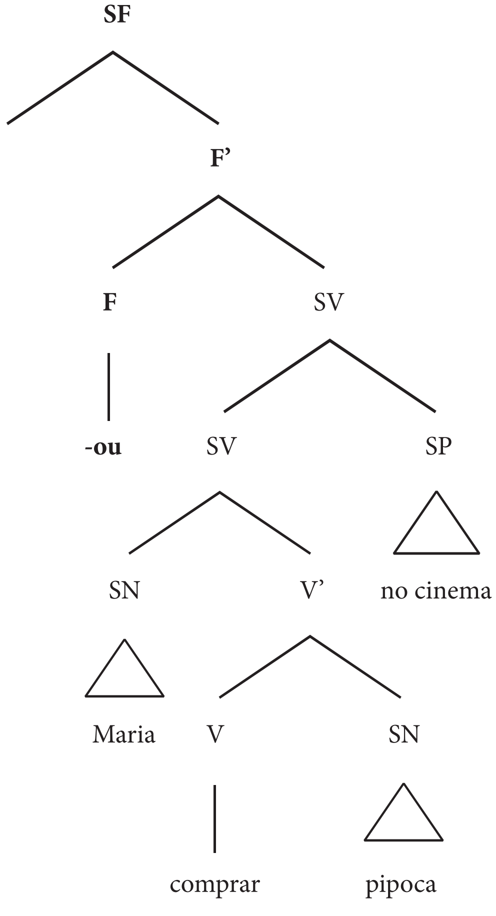
SF
F'
F
SV
-ou
SV
SP
SN
V'
no cinema
Maria
V
SN
comprar
pipoca

c.

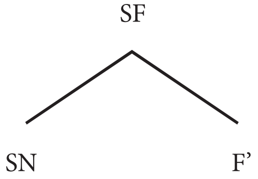

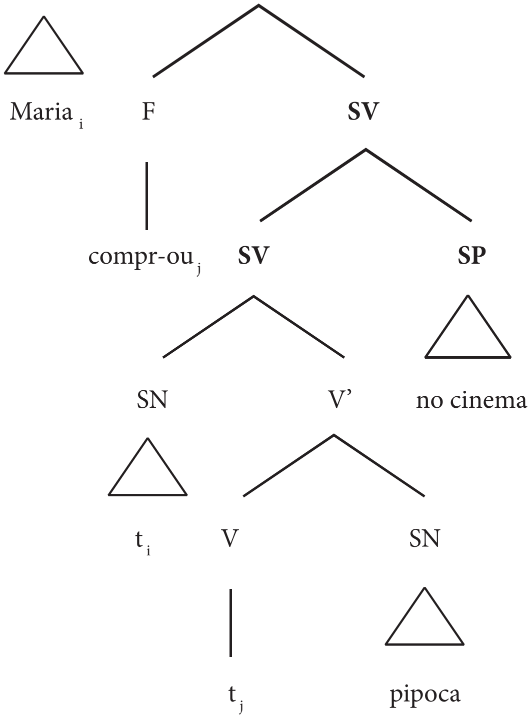

Compare as estruturas em (7b-c): ao olharmos para (7b) podemos justificar a projeção funcional flexão: o verbo *comprar* precisa checar seus traços formais de flexão (de tempo e de concordância). No entanto, (7b) não expressa a ordem como a sentença é pronunciada em português. Em jargão teórico: "os níveis de interface fonética (PF) e semântica (LF) não interagem com a etapa da computação sintática vista em (7b), mas sim com a etapa vista em (7c)"[14]. Logo, para que os níveis de interface PF e LF possam ler e interpretar [$_{\mathbf{SF}}$ Maria *comprou* pipoca no cinema]:

(i) o núcleo do verbo /compr/ é movido para o núcleo da flexão;

(ii) o argumento externo do verbo – [$_{SN}$ *Maria*] –, na posição de especificador (Spec) do VP, move-se para a posição [Spec, SF]. Nessa posição, Maria passa da função lexical de *argumento externo do verbo* para a função de *sujeito da sentença* – SF. Ver (2.2.1.).

---

[14] PF "Phonetic Form" (Forma Fonética)/ LF "Logical Form" (Forma Lógica) – Níveis de *interface* que dizem respeito às interpretações fonéticas e semânticas a partir da derivação sintática – ver subseção (2.3.).

> *[...] o elemento movido ganha um índice arbitrário subscrito* i, j, k *etc, e o lugar de onde o elemento foi movido vai conter um* vestígio *(*t, *do inglês trace) com o mesmo índice do elemento movido. [...]*
>
> *Mioto et al. (2004, p. 68)*

Em P& P, a computação sintática expressa duas estruturas[15]:

(i) DS – Estrutura Profunda: Estrutura que expressa as projeções sintagmáticas, como se vê em (7b);

(ii) SS – Estrutura Superficial: Estrutura que expressa todos os movimentos realizados como se vê em (7c).

Daqui em diante, neste livro, vamos sempre "desenhar" a sentença – SF/IP – na estrutura SS.

Ao falarmos sobre SF, que é a projeção sentencial, é importante que se diga que a teoria gramatical tem solidificado a proposta de marcação de Caso abstrato. Em breves palavras, assume-se, desde Chomsky (1981) que, em uma dada sentença, SNs/SDs só podem ser realizados se recebem marcação de Caso de algum atribuidor.

A partir de agora, vamos nomear, na sentença, a categoria [+N] por excelência de SD/DP. Isto porque a categoria funcional determinante – SD – deve ser pressuposta mesmo que não realizada fonologicamente. O português falado no Brasil, raramente admite SNs sem introdução de um SD, mesmo, no caso de SNs 'nomes próprios', como em "*A Maria* foi lá ontem[16]".

Abaixo, apresentam-se os atribuidores dos *Casos nominativo*, *acusativo* e *oblíquo*, responsáveis pela atualização de um SN/SD em uma dada sentença.

Sobre *Caso abstrato*, ver sugestão de leitura em "A teoria do Caso" – *Leituras complementares* (capítulo 3) – ao final deste livro.

---

[15] DS – "Deep Structure" (Estrutura Profunda); SS – "Superficial Structure" (Estrutura Superficial). O Programa Minimalista – a versão mais atual de P&P – aboliu esses níveis de representação da gramática.

[16] Há exceção à regra, como se vê em falares da Bahia, por exemplo: "Maria foi lá ontem" (e não "A Maria foi lá ontem), "Caetano é bom homem" (ao invés de "O Caetano é um bom homem").

2.2.1. *O Caso Nominativo*

Caso é uma categoria gramatical com longa tradição; é sabido que inúmeras línguas marcam *caso morfológico* como se vê abaixo em quechua:

Huánuco quechua[17]

(8) a. **Juan-** **aywan** "Juan vai"
Juan-Nom vai

b. **Juan-** **Pedro-ta** **maqan** "Juan machuca Pedro"
Juan-Nom Pedro-Ac machuca

Em (8a-b), o SN **Juan**, argumento externo dos verbos **aywan** "vai" (8a) e **maqan** "machuca" (8b) recebe marcação de caso nominativo por meio do morfema Ø [18]; diferentemente, em (8b), o SN **Pedro**, argumento interno do verbo **maqan** "machuca" tem marcação de caso acusativo (objeto direto) por meio do sufixo **–ta**.

A categoria caso é de caráter funcional e tem o papel de estabelecer funções gramaticais como, por exemplo: *sujeito*, *objeto direto* e *objeto indireto*. Logo, em teoria da gramática, prevê-se que, todas as línguas, mesmo as que não expressam o caso morfológico (como o que ocorre em quechua) tenham a marcação de *Caso abstrato* que é dado estruturalmente[19].

No capítulo 1 foi dito que o modelo de gramática que se está estudando é modular e que, neste livro, estaríamos centrados no módulo sintagmático. Afirmou-se ainda que outros módulos, ou subteorias, só seriam abordados (genericamente) à medida que apresentassem alguma intersecção com a Teoria X-Barra.

Nesta etapa de nossos estudos, após olharmos o sintagma flexional (SF) em sua projeção SS, é preciso dizer que, além de efetuar os movimentos que possibilitarão que a sentença possa ser lida e interpretada, a projeção SF permite que o argumento externo do verbo mova-se de sua posição de núcleo lexical, para uma posição de núcleo funcional. Esse movimento forma uma cadeia, como se vê em (7c): (*Maria*$_i$, *t*$_i$); logo, dizemos que o SD *Maria* recebe *Caso abstrato nominativo* em sua posição estrutural de especificador do SF:

---

[17] Payne (1999:134); dados (6a-b), renumerados e traduzidos.

[18] Chama-se de morfema Ø a uma ausência morfológica significativa. No caso, em quechua, o caso é marcado por sufixos; logo, a ausência de um sufixo em um dado N é significativa para atribuir-lhe uma marcação casual: nominativo.

[19] O Caso estrutural (abstrato) será marcado, neste livro, por letra maiúscula, diferindo-se do caso morfológico.

(9)

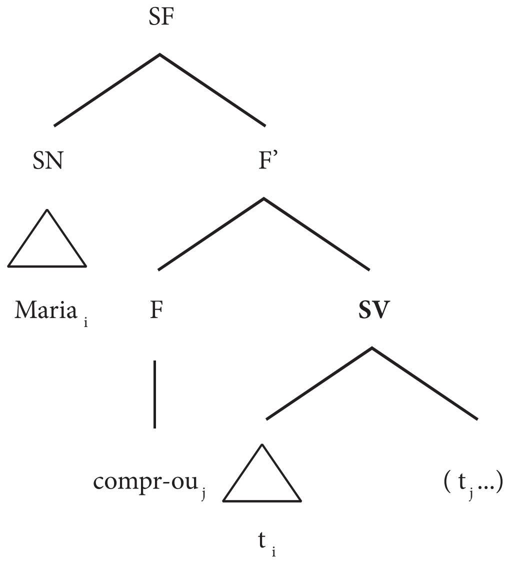

Maria, em sua posição estrutural [Spec, SF] (9), não é mais o argumento externo do verbo em (7c), mas sim o sujeito da sentença em (7c). Logo, a posição estrutural do SD *Maria* (9) permite que o núcleo do SF – a flexão *-ou* – lhe atribua *Caso nominativo*. Em outras palavras, a flexão do verbo aponta, para um dado SD em cada sentença, a função de *sujeito*.

2.2.1.1. *A Noção de Sujeito*

Abaixo, ratificamos a noção de *sujeito* que assumimos neste livro, de acordo com a teoria da gramática:

(10) Sujeito: o SD(SN) (DP(NP)) que ocupa a posição de especificador do SF (IP) – [Spec, SF] –, exibindo a concordância com o verbo, além de marcar o Caso nominativo.

O Caso nominativo (e outros Casos) é “visível” em português quando representado por um pronome, como se vê em (11a):

(11) a. **Eu** morei em Lisboa
b. Nalvo, Edu e Waninha **me** visitaram em Lisboa
c. Waninha entregou para **mim**, em Lisboa, as encomendas de Paulinha

Em (11), a 1ª. pessoa do singular é expressa por diferentes formas: (i) **eu** (11a) – posição de sujeito; **me** (11b) – posição de objeto direto; **mim** (11c) – posição de objeto indireto ou oblíquo.

Retomando a noção de sujeito, observe as palavras de Kato & Mioto (a sair, (1.6.))[20]:

> *[...] é preciso estar atento para não aplicar a noção de sujeito apenas ao que é argumento externo, nem confundir a noção de argumento interno com a de complemento (objeto direto). Um argumento interno (29a,b), parte de um argumento interno (29c,d) ou, no limite, mesmo um adjunto (29e,f) pode acabar sendo o sujeito da sentença:*

(29) *a. Maria chegou [__].*
b. Maria foi assaltada __.
c. Maria parece [__] cansada.
d. Maria parece ([__]) estar __ cansada.
e. A Belina cabe muita gente [__].
f. Este apartamento bate bastante sol [__].

Os sujeitos (e as estruturas verbais) apontados por Kato & Mioto (op. cit.) serão explicitados no capítulo 4.

Em Berlink, Duarte & Oliveira (a sair) vê-se que o *sujeito em português* pode:
(i) *ter referência definida* (podendo ser *explícito* ou *nulo*);
(ii) *ter referência indefinida ou arbitrária* (podendo ser *explícito* ou *nulo*)
(iii) *não ter qualquer referência* (sujeito nulo)

Observe exemplos no conjunto I-III a seguir:

---

[20] Na citação, o grifo é nosso; as palavras entre parênteses (objeto direto) são inserções nossas. Em (29a,b), *Maria* é argumento interno de *chegar* e *ser assaltada*, mas não é complemento (objeto) desses verbos. Para detalhes, ver *verbos inacusativos* no capítulo 4.

I – *Sujeito de Referência Definida*

(a) Sujeito Explícito

(12) a.[21] **os sindicatos** também devem levar... adiante... toda e qualquer... re reivindicação... dos seus... associados... (DID REC)

b. ... **essas representações** eram feitas sempre na parte escura das cavernas... (EF SP)

Os elementos em negrito nos dados (12a-b), de referências definidas e fonologicamente explícitos, ocupam a posição [Spec, SF]. São denominados de *sujeito simples* (ou *composto*, no caso de possuírem mais de um núcleo) pelas gramáticas normativas. Esses sujeitos, quando retomados no discurso, podem ser representados por um pronome pessoal, expresso ou nulo. Sendo nulos, são representados pelo símbolo **[ø]** como se vê em (13).

(b) Sujeito Nulo

(13) ***[ø]*** Queres comprar esta manteiga? ***[ø]*** É dos Açores![22]

Os símbolos **[ø]** em (13) representam sujeitos de referências definidas (**tu/ela** (manteiga) respectivamente). No entanto, ao contrário de (12a-b), os sujeitos não são expressos fonologicamente; esses sujeitos nulos são denominados de *sujeito oculto* em nossas gramáticas.

II – *Sujeito de Referência Indefinida (Arbitrária)*

(a) Sujeito Explícito

(14) a. mas falava-**se** muito sobre o o o alto custo de vida...(DID SP)[23]

b. **A gente** observa que as frutas de outros estados são totalmente diferentes (DID RJ)

---

[21] Berlink, Duarte & Oliveira (a sair); dados (31a-b), renumerados. Projeto NURC (Norma Urbana Culta): DID (Diálogo com Entrevistador); EF (Elocução Formal); SP (São Paulo).

[22] Exemplo típico de uma 'falante português' – dado apreendido em um mercado em Lisboa (setembro de 2009).

[23] Berlink, Duarte & Oliveira (a sair); dados (32a-c), renumerados. DID (Diálogo com Entrevistador); SP (São Paulo); RJ (Rio de Janeiro).

O pronome [**se**] e a expressão pronominal [**a gente**] em (14a-b) representam sujeitos de referências indefinidas. Em (14a), o argumento externo de *falava* está indeterminado (não se sabe quem falava). A estratégia para expressar a indeterminação em (14a) é o uso do verbo na terceira pessoa do singular com o pronome **se**, como se vêem nas gramáticas descritivas[24]. A sentença (14b) apresenta a expressão pronominal [**a gente**] que também veicula a noção de indeterminação – ver Berlink, Duarte & Oliveira (a sair; (3.3.)). Ainda segundo Berlink et al.:

> *[...] Tanto* a gente*, quanto* você*,* nós*,* tu *e* eu*, além do seu uso com referente definido, constituem importantes estratégias para indeterminar o sujeito [...]*[25]

(b) Sujeito Nulo

(15) ***[ø$_{arb}$]*** *dizem que o estatístico o estatístico é o homem que senta numa barra de gelo e bota a cabeça dele dentro do forno* (D2 REC)[26]

Em (15) apresenta-se sujeito de referência indefinida ou arbitrária, mas, diferentemente dos exemplos em (14a,b), em (15) o sujeito não é expresso fonologicamente. O símbolo ***[ø$_{arb}$]*** representa o sujeito nulo arbitrário.

III – *Sujeito sem Qualquer Referência*

(16) a. *...* ***[ø$_{expl}$]*** *choveu muito uma temporada quando a gente ia com o SESC.* (DID POA)[27]

b. ***[ø$_{expl}$]*** *Parece que o Brasil tem quinze ou dezoito impostos.* (D2 RJ)

c. *...então* ***[ø$_{expl}$]*** *havia restaurantes que eles serviam assim um pouquinho de cada coisa...* (DID RJ)

---

[24] Chama-se a atenção para o uso do pronome **se** também como elemento apassivador (passiva sintética). Neste caso, diferentemente de (14a) – em que o **se** ocorre com verbo intransitivo – o **se** apassivador ocorre com verbos tipicamente transitivos como em "Vendem-**se** frutas". Sobre verbos tipicamente transitivos (e intransitivos), ver capítulo 4.

[25] Berlink, Duarte & Oliveira (a sair (3.3.)). Os negritos são nossos.

[26] Berlink, Duarte & Oliveira (a sair); dado (33b), renumerado. D2 (Diálogo entre Informantes).

[27] Berlink, Duarte & Oliveira (a sair); dados (33a,b,c), renumerados. DID (Diálogo com Entrevistador); D2 (Diálogo entre Informantes); RJ (Rio de Janeiro).

Em (16), apresentam-se exemplos de sujeitos nulos em português, que, diferentemente dos conjuntos (I-II) acima, não têm qualquer referência semântica (nem definida, nem indefinida). O símbolo ***[ø$_{expl}$]*** representa o *sujeito nulo expletivo, sem referência,* em sentenças com verbos do tipo *chover, parecer*, *haver* e outros. Sujeitos nulos não referenciais ***[ø$_{expl}$]*** – como (16) – diferem-se de sujeitos nulos de referência definida/ indefinida ***[ø]***/ ***[ø$_{arb}$]*** – como (13) e (15) – pelo importante fato de não serem projetados na sintaxe como argumentos externos do verbo; ***[ø$_{expl}$]*** não é uma posição argumental[28].

O que queremos ressaltar por ora é que, diferente da tradição gramatical, não chamaremos o sujeito de sentenças com sujeito nulo do tipo ***[ø$_{expl}$]*** – como em (16a,c) – de *sujeito inexistente*. Ratificamos que o sujeito é uma categoria funcional que desencadeia a concordância do verbo e ocupa a posição [Spec, SF] – ver (10) –; os verbos em (16) são 'finitos' (estão flexionados/ conjugados) e manifestam concordância com um elemento nulo de terceira pessoa ***[ø$_{expl}$]***: um sujeito fonologicamente não expresso, sem referencialidade discursiva, mas de natureza estritamente funcional (gramatical): um *expletivo*.

Seguindo Berlink, Duarte & Oliveira (a sair; sumário/ símbolos), os *sujeitos nulos*: (i) de referência definida, (ii) de referência indefinida (arbitrária) e (iii) sem qualquer referência (os sujeitos nulos não argumentais) serão representados, neste livro, respectivamente, pelos símbolos:

(17) **[ø]** sujeito nulo de referência definida – ver (13);
[ø$_{arb}$] sujeito nulo de referência indeterminada/ arbitrária – ver (15);
[ø$_{exp}$] sujeito nulo não referencial/não argumental/expletivo – ver (16).

Ressaltamos ainda que, sentenças com verbos do tipo *parecer* como (16b), renumerada abaixo:

(18) **[ø$_{exp}$]** Parece [que o Brasil tem quinze ou dezoito impostos]

---

[28] Em outras palavras, **[ø$_{exp}$]** expressa que os verbos em (16a,b,c) não selecionaram semanticamente um argumento externo, como *Maria* em *"Maria comprou pipoca"* em (7c). Diferentemente de *comprar* (7c), as posições [Spec, SF] dos verbos em (16a,b,c) não foram preenchidas por SNs/SDs, movidos das posições [Spec, VP]; logo, as posições [Spec, SF] em (16a,b,c) projetam um elemento gramatical (funcional) de natureza 3ª. pessoa, fonologicamente nulo – ver subseção (2.2.1.1.1.).

não apresentam um sujeito do tipo oracional (chamado de "oração subordinada substantiva subjetiva" em nossa tradição gramatical). Em outras palavras, a sentença entre colchetes em (18) [*que o Brasil tem quinze ou dezoito impostos*] não é o sujeito do verbo *parece*; o sujeito do verbo *parece* em (18) é um sujeito nulo expletivo [$\emptyset_{exp}$]. O verbo *parecer* é do tipo inacusativo: não projeta um argumento externo, mas sim um argumento interno; no caso de (18), a sentença encaixada [*que o Brasil tem quinze ou dezoito impostos*] é o argumento interno (não objeto direto) do verbo *parecer* – para detalhes deste tipo de verbo, ver capítulo 4.

Sentenças como (18) tipificam um dos parâmetros mais citados na literatura: o Parâmetro do Sujeito Nulo; muitas línguas, diferentemente do português, não permitem que o sujeito seja fonologicamente nulo. Nessas línguas, como o inglês, por exemplo, o sujeito precisa sempre ser fonologicamente expresso.

2.2.1.1.1. *O Parâmetro do Sujeito Nulo*

Sujeitos nulos (fonologicamente não expressos) – referenciais ou não (ver (13), (15) e (16a,b,c)) – são atestados em um conjunto de línguas do mundo, diferindo-se de outro grande conjunto que somente atesta sujeitos explícitos. Logo, a possibilidade de ocorrência de um *sujeito pronominal nulo* na sentença, como em (18), não é uma característica geral das línguas:

> *[...]Pelo contrário, há línguas, como o francês e o inglês, que representam foneticamente o sujeito pronominal, utilizando mesmo um pronome sem conteúdo semântico (chamado expletivo) diante de verbos que não selecionam um argumento externo, como parecer (it seems that..., il semble que...) e chover (it rains..., il pleut...) [...]; por outro lado, há línguas que apresentam o sujeito não argumental/ não referencial categoricamente nulo como é o caso do italiano e do espanhol ([$\emptyset_{expl}$] piove, [$\emptyset_{expl}$] llueve) e preferem igualmente o sujeito referencial nulo, ([ø] parlo, [ø] hablo), exceto em casos de ênfase e contraste. Pode-se dizer que o sujeito nulo nessas últimas línguas é a forma não marcada, em termos de freqüência, para a representação do sujeito pronominal definido. O português brasileiro atual apresenta um comportamento híbrido: prefere sujeitos referenciais expressos e os não referenciais nulos.*
>
> *Berlink, Duarte & Oliveira (a sair; (3.3.))*

Logo, enquanto a função *sujeito* aponta para um Princípio das línguas, a possibilidade das línguas apresentarem sujeito nulo ou não aponta para um Parâmetro (uma escolha).

Atualmente, em teoria da gramática, fala-se em *Princípios Rígidos* e *Princípios Abertos* (os 'antigos' Parâmetros). Logo, o sujeito é um Princípio Rígido, imposto pela Gramática Universal (GU) a todas as línguas; no entanto, a opção de marcação desse sujeito como fonologicamente nulo ou não é um Princípio Aberto, uma parametrização de um Princípio Rígido[29].

Tecnicamente, a obrigatoriedade da posição *sujeito* nas línguas foi proposta por meio do chamado "Princípio da Projeção Estendida" – Chomsky (1982). Atente para a representação arbórea da sentença (18), renumerada, acrescida da sentença correlata em inglês:

(19) a. [**ø**$_{exp}$] Parece que o Brasil tem quinze ou dezoito impostos

b. [*que o Brasil tem quinze ou dezoito impostos*] = "oração subordinada substantiva subjetiva" de acordo com a gramática tradicional.

c. */? [que o Brasil tem quinze ou dezoito impostos] parece

(20) **It** seems that Brazil has fifteen or eighteen taxes

(21)[30]

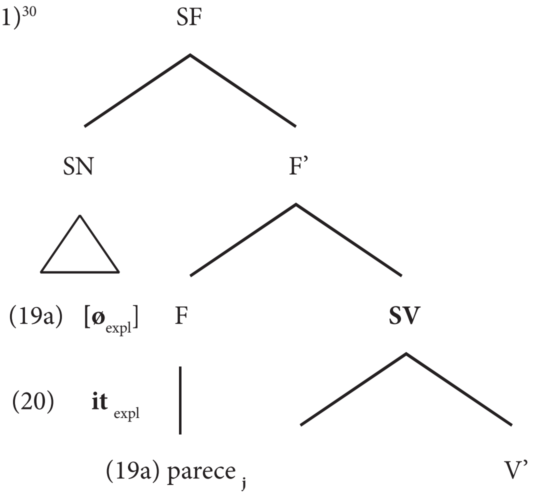

---

29. Os Princípios Abertos são bem limitados, assim como os Princípios Rígidos, e expressam dois valores (positivo e negativo). Logo, se uma criança nasce em um ambiente linguístico em que não ouve, por exemplo, na primeira infância, sentenças com sujeito nulo, do tipo apresentado em (16), ela marcará o 'valor negativo' ao Princípio Aberto de Sujeito Nulo. Esse é o caso de crianças expostas, na primeira infância, a línguas como o inglês e o francês, por exemplo.

30. Na árvore, **SC (CP)** é o sintagma complementizador que tem como núcleo um complementizador (a conjunção 'que') – veja capítulo 2, seção (3.2).

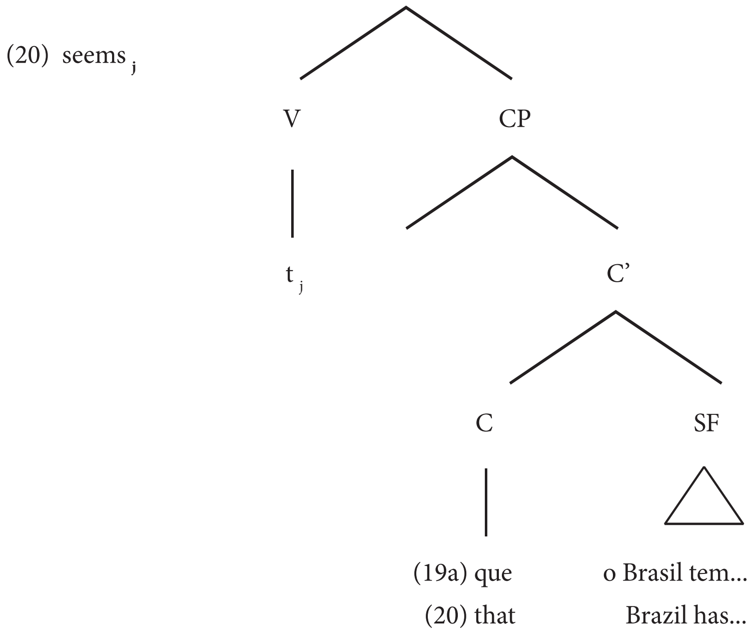

Segundo a gramática tradicional (GT), a oração encaixada [*que o Brasil tem quinze ou dezoito impostos*] (19a) deve ser analisada como sujeito do verbo *parecer* (subordinada substantiva subjetiva) (19b). No entanto, o verbo *parecer* é inacusativo; este verbo não *s-seleciona* um argumento externo, mas sim um argumento interno: a sentença subordinada (19b)[31]. Observe que não podemos considerar a sentença encaixada [*que o Brasil tem quinze ou dezoito impostos*] como sujeito sentencial do verbo *parecer*, pois essa sentença não ocupa a posição canônica de sujeito na língua – anteposição ao verbo[32]. Atente ainda para o fato de que, se colocarmos essa sentença encaixada na posição canônica de sujeito, a nossa sentença fica agramatical ou marginal como se vê em (19c).

O sujeito do verbo *parecer* (oração principal/ matriz) (19a) é uma *categoria nula,* de natureza pronominal, mas sem qualquer referencialidade; essa categoria nula tem traços de 3ª. pessoa, [$\boldsymbol{\varnothing}_{\mathbf{exp}}$] – reveja sentenças (16a,b,c). Observe ainda que a sentença (19a) apresenta, em inglês, um pronome explícito **it** (do tipo "expletivo" – um item funcional e não lexical) na posição de sujeito do verbo da matriz (19e). Logo o período composto (20), em inglês, corrobora o fato de que a sentença encaixada [*that she has learnt the lesson*] (*que ela aprendeu a lição*) não é o sujeito do verbo da matriz "seems" (*parece*). O sujeito do verbo da matriz é uma categoria pronominal expletiva, fonologicamente nula em português: **[ø$_{exp}$]** – (19a) – e fonologicamente preenchida em inglês: **it** – (20). Línguas como o inglês têm sido chamadas de *"línguas não pro-drop"* (línguas que não permitem a queda do pro(nome)/ sujeito); diferentemente, línguas como o português têm sido chamadas de *"línguas pro-drop"* (línguas que permitem a queda do pro(nome)/ sujeito).

---

[31] Para rever s-seleção, vá para o capítulo 2, seção (3.1.1.).

[32] Português é uma língua de ordem **S**(ujeito) **V**(erbo) **O**(bjeto). O português europeu permite sujeitos pospostos ao verbo em algumas situações discursivas como: (a) *Chegou a Maria*. No entanto, sentenças como (a) não são produtivas no português falado no Brasil.

2.2.2. *O Caso Acusativo*

Na subseção (2.2.), após detalharmos o sintagma verbal e flexional respectivamente, discutimos sobre a noção de Caso abstrato: em uma dada sentença, SDs só podem ser realizados se recebem marcação de Caso de algum atribuidor.

Observe a sentença (7a-c), renumerada abaixo em:

(22) a. [$_{SF}$ Maria *comprou* pipoca no cinema]

b.

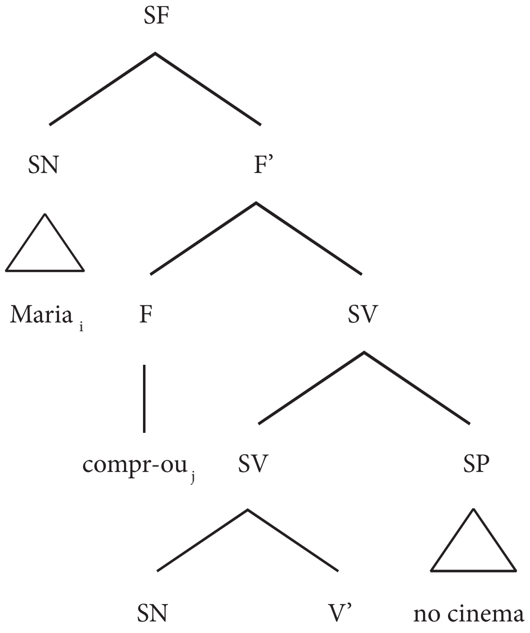

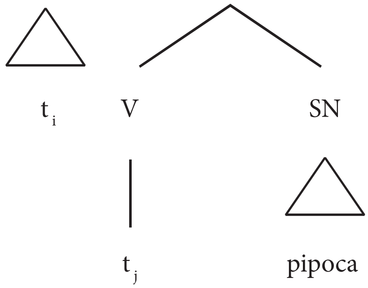

Na sentença em (22), três SNs são projetados: *Maria*, *pipoca* e *cinema*. Isolando, por hora, o SN *pipoca* (que é 'encabeçado' pelo SP *em*) vemos que o SN *Maria* teve Caso nominativo atribuído pela flexão sendo, portanto, o sujeito da sentença. Vejamos agora o SN *pipoca*: este SN, ao ser projetado e bem aceito na sentença, teve também atribuição de Caso. Estamos no momento de dizer que os argumentos internos dos verbos, como o SN *pipoca*, recebem marcação de *Caso abstrato acusativo* na posição em que é projetado do léxico na sintaxe: a posição interna ao verbo. Logo, enquanto a flexão é a marcadora de *Caso nominativo* a um SN na sentença (por movimento deste SN/SD), o verbo é, diretamente (localmente), o marcador de Caso acusativo a um SN na sentença. O SN *pipoca* é o argumento interno do verbo, mas é o complemento (objeto direto) da sentença – SF/IP. O verbo da sentença em (22) – na estrutura SS –, atribui *Caso acusativo* ao SN argumento interno não preposicionado[33].

Versões mais modernas de P&P passam a projetar o SV transitivo (que tem objeto direto e/ou indireto) por meio de uma estrutura conhecida como 'Sv'. Logo, neste tipo de estrutura, a marcação de caso acusativo a um SN se dá por meio de *verbo leve*. Este assunto será tratado no capítulo 4.

Na sentença em (22), além dos SNs *Maria* e *pipoca*, vê-se a presença de outro SN: *cinema*. *Cinema* não é argumento do verbo *comprar*, no entanto, segundo a Teoria dos Casos, SNs só podem ser realizados em uma dada sentença se receberem marcação de Caso de algum atribuidor. Logo, SNs sem marcação de Caso nominativo ou acusativo, precisam ser introduzidos na sentença por um sintagma preposicional – SP (PP) – que lhes atribuirá Caso oblíquo.

---

[33] Mioto et al. (2004, p. 178, exemplo (11)) apresenta a sentença "*A menina o viu no cinema*". Os autores chamam a atenção para o fato de que em sentenças como essa, a marcação de ACUSATIVO em português é explícita devido ao caso pronominal **o** (diferente do NOMINATIVO **ele)**. No entanto, falares populares no Brasil cada vez mais atestam a não marcação explícita do acusativo como: *"A menina viu ele no cinema"*.

2.2.3. *O Caso Oblíquo*

Em (2.2.1.) dissemos que a Teoria de Caso estabelece que todo SN pronunciado em uma dada sentença deve ser marcado com *Caso abstrato*. Vimos, naquela subseção, que a flexão atribui *Caso nominativo* ao SN que estiver na posição [Spec, SF]. Na subseção (2.2.2.) dissemos que o verbo transitivo atribui *Caso acusativo* ao SN que estiver em sua posição de complemento. Nesta subseção, ratificamos que um SN, projetado na sintaxe sem marcação de Caso nominativo ou acusativo, precisa ser introduzido por um SP (PP).

Logo, o SN *cinema* – (22) – tem marcação de Caso conhecida como *Caso oblíquo*. Voltaremos à marcação de Caso oblíquo quando tratarmos de: **(i)** verbos conhecidos como bitransitivos que exigem dois argumentos internos, um deles, SNs regidos por preposição (capítulo 4); **(ii)** sintagmas preposicionais (capítulo 8).

A seguir, apresentamos a organização da gramática de acordo com a teoria P&P.

2.3. *Traço Nuclear de Princípios e Parâmetros: o Modelo-T*

No capítulo 1, falamos sobre a autonomia da sintaxe; no capítulo 2, apresentamos a noção de constituinte introduzindo X-Barra; neste capítulo 3, olhamos um pouco mais detalhadamente a projeção sintagmática no português por meio do verbo e da flexão. Vimos, em (2.2.), que a sintaxe é expressa por dois estágios de derivação chamados de DS e SS e que a estrutura SS é a responsável por possibilitar as leituras de pronúncia e interpretação executadas pelos módulos de interface com a gramática: PF – forma fonética – e LF – forma fonológica. Logo, nosso modelo de teoria da gramática – P&P – defende que a relação entre a gramática (sintaxe) e os sistemas articulatórios e perceptuais não é direta[34]. A versão de P&P que estamos seguindo neste curso assume o que é conhecido como *Modelo T* de gramática[35]:

(21) *O Modelo-T da Teoria de Princípios e Parâmetros*

---

[34] Como visto no capítulo 1 – seção (3.2) – seguimos o modelo P&P em sua versão não minimalista.

[35] O esquema é uma adaptação de Hornstein et. al (2005, p. 23); esquema 6, renumerado.

$$\begin{tikzcd}
DS \arrow[d] & \\
SS \arrow[r] & PF \\
LF \arrow[u] &
\end{tikzcd}$$

Para exemplo de DS/SS ver (7b–c) na subseção (2.2.).

Sobre *estudos da gramática vistos por uma perspectiva internalizada* (visão mentalista), ver sugestão de leitura em *leituras complementares*, capítulo 3, ao final deste livro.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas seções acima vimos que, em teoria da gramática, prioriza-se o tratamento: predicado + argumentos: os predicados (os verbos por excelência) classificam-se conforme o número de lugares (argumentos) que exigem para formar uma proposição. Iniciamos, portanto, estudos sobre a classificação dos verbos em língua portuguesa, atentando para:

(i) o número de argumentos que os verbos requerem;
(ii) a natureza dos argumentos requeridos;
(iii) a distinção argumento externo/ interno.

Esses aspectos serão melhor desenvolvidos no capítulo que se segue a este.

Descrevemos ainda aspectos da categoria flexão em língua portuguesa, atentando para a teoria de Caso abstrato; esse fato nos possibilitou explicitar a noção de sujeito que se toma em teoria da gramática e que assumimos neste livro.

No próximo capítulo, apresentamos a classificação do verbo baseada no conceito de predicação.

CAPÍTULO 4

O sintagma verbal (e flexional) e o conceito de predicação

1. A CLASSIFICAÇÃO DO VERBO CENTRADA NO CONCEITO DE PREDICAÇÃO

No capítulo anterior, vimos que, em teoria da gramática, prioriza-se o tratamento predicado + argumentos. Neste capítulo, abordamos a classificação do verbo – o predicado sentencial por excelência – baseando-nos no conceito de *predicação*:

> Predicar *é [...] atribuir propriedades a entidades ou estabelecer relações entre entidades. Assim, tanto predicamos quando atribuímos a propriedade de "ser inteligente" a um indivíduo de nome "João" (O João é inteligente) como quando dizemos O João escreveu um artigo, caso em que estabelecemos uma relação entre "escrever" e "um artigo" ou entre "o João" e "um artigo" através de "escrever".*
>
> *Isso significa que a* predicação *abrange não só a relação entre o que tradicionalmente se designa "sujeito" e "predicado" de uma frase ou* oração *mas também a relação que se estabelece entre um núcleo lexical, como um verbo, e os seus* argumentos.
>
> *Duarte & Brito (2003: 182)*

A palavra *predicado* é utilizada em nossos compêndios gramaticais para referir-se aos elementos que, em uma dada sentença, apontam para uma entidade gramatical que ocupa a função de sujeito. Um exemplo de predicado seria: "*o João escreveu o livro*", em que *escreveu o livro* declara algo sobre o sujeito *o João*.

Neste capítulo (e neste livro), seguimos a tradição (em teoria da sintaxe) que utiliza o termo *predicado* para:

> *[...] referir a noção semântica de* predicado*,* predicador *ou* palavra predicativa*, recobrindo neste caso toda e qualquer palavra que tenha argumentos, lugares vazios ou valência própria.*
>
> *Duarte & Brito (2003: 183)*

No capítulo 2 (seção 3.1.1.) vimos que um núcleo lexical verbal (um predicador por excelência) tem como característica impor uma série de restrições sobre seus argumentos: (i) o traço categorial [-N, +V]; (ii) o número de argumentos; o tipo de seleção categorial e semântica dos argumentos (c/s-seleção) – reveja o exemplo (23) no capítulo 2.

Neste capítulo, a fim de descrevermos a predicação em português, centramo-nos na característica "número de argumentos que um *predicador* requer"; nossa ênfase recai sobre o verbo – o predicador por excelência – nos centrando nos seguintes tipos de predicados[1]:

(i) verbos com mais de um argumento
(ii) verbos monoargumentais
(iii) verbos sem argumento

1.1. *Verbos com mais de um Argumento*

1.1.1. *Verbos Transitivos*

No capítulo 3 apresentamos detalhes sobre a projeção do SV e do SF e verificamos que um verbo pode projetar do léxico mais de um argumento, como visto na sentença (22), renumerada abaixo:

(1) a. [$_{\text{SF}}$ Maria *comprou* pipoca no cinema]

b.

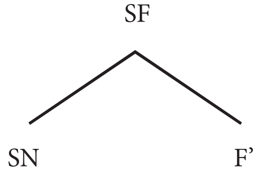

---

[1] Chamamos a atenção para a terminologia "predicados verbais" que não se refere, neste texto, à classificação conhecida nas Gramáticas Normativas como *predicado verbal* em oposição a *predicado nominal*. "Predicado verbal", neste texto, refere-se à descrição da estrutura argumental dos verbos.

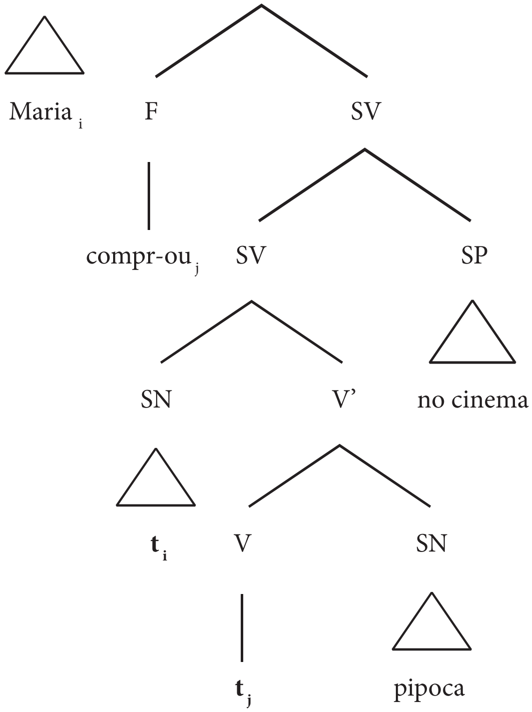
Maria $_i$
F
SV
compr-ou $_j$
SV
SP
SN
V'
no cinema
$\mathbf{t}_i$
V
SN
$\mathbf{t}_j$
pipoca

Verbos como *comprar* em (1) são "típicos verbos transitivos":

(2) Verbos transitivos: verbos de ação usados na voz ativa que projetam um argumento externo 'Agente' (como *Maria*) e um argumento interno 'Tema' (como *pipoca*).

Em português (e em outras línguas *pro-drop*[2]), o argumento externo pode ser um sujeito nulo arbitrário ou referencial como se vê em (3) e (4) respectivamente[3]:

(3) a. [$\boldsymbol{\varnothing}_{\mathbf{arb}}$] Dizem que eles não criaram nada sozinhos

b.

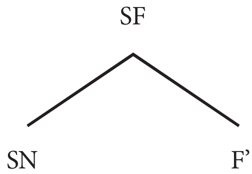

---

[2] Ver capítulo 3, subseção (2.2.1.1.1.).

[3] No modelo GB, a representação de sujeitos nulos arbitrários ou referenciais, como se vêem em (3)-(4), se dá por meio de uma categoria vazia denominada pro (pequeno pro/'prozinho').

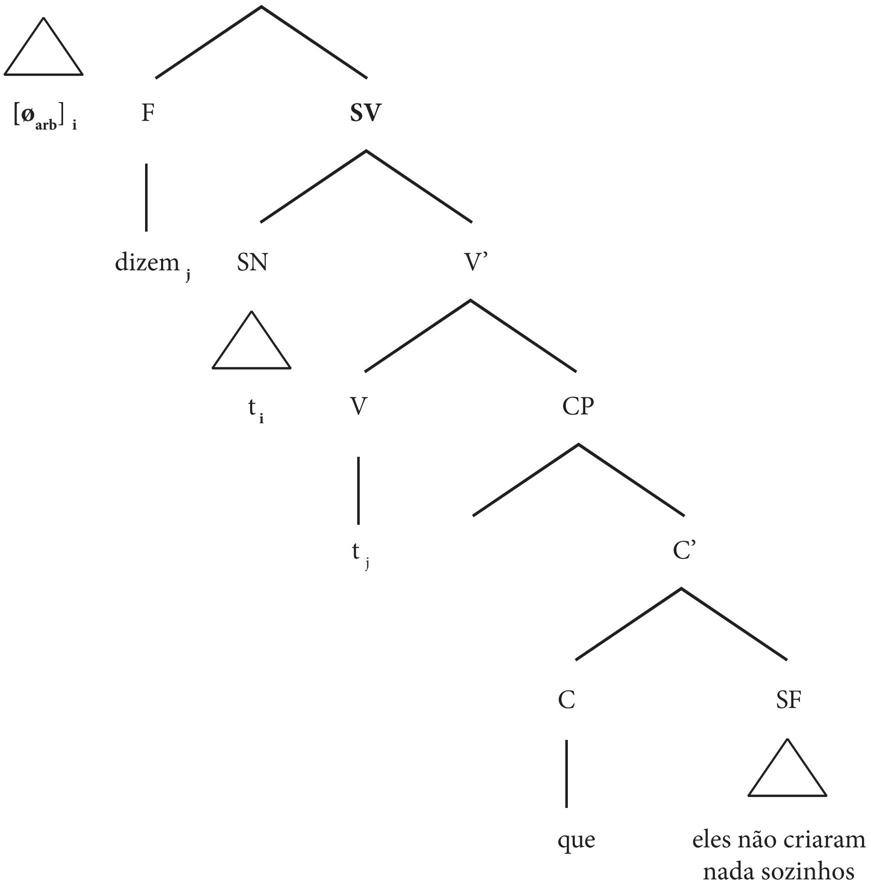
[ø$_{arb}$]$_i$
F
SV
dizem$_j$
SN
V’
t$_i$
V
CP
t$_j$
C’
C
SF
que
eles não criaram nada sozinhos

(4) a. **[ø]** Queres castanhas assadas? [4]

b.

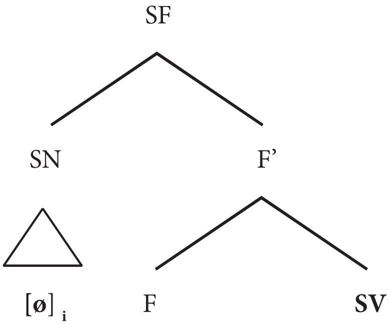
SF
SN
F’
[ø]$_i$
F
SV

---

[4] Sentença do português europeu.

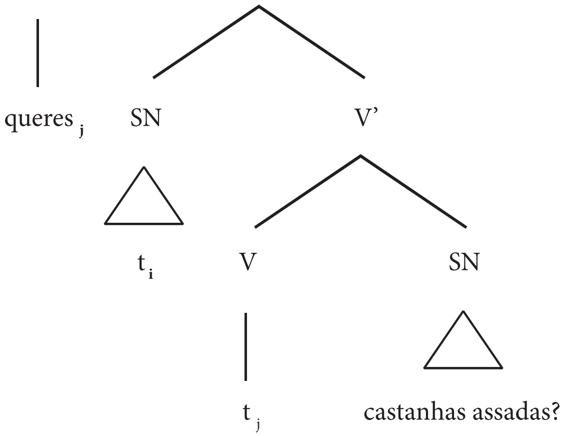

1.1.2. *Verbos Bitransitivos*

Verbos bitransitivos são denominados pela gramática tradicional de *transitivos diretos e indiretos*.

(5) Verbos bitransitivos: Verbos que exigem (i) um argumento externo SN 'Agente' e (ii) dois argumentos internos: um SN 'Tema' (objeto direto) e um SP 'Alvo'/'Meta' ou 'Fonte' (objeto indireto).

> *[...]Representantes típicos dessa classe são os verbos de transferência de posse e os verbos de posicionamento, como ilustrado em (17)[...]*
>
> *(17) a. aí eu fico trabalhando em casa mas tomando conta toda hora preciso interromper no meio de um negócio para::...levar um ao banheiro para* dar *uma comida para outro::... (D2 SP 360)*
>
> *b. há um determinado momento em que eu vou* colocar *resumo na translação (EF POA 278)*
>
> *Cyrino, Nunes & Pagotto (a sair), subseção (2.4.3.)*

Em construções bitransitivas, se um dos argumentos internos é um SN/SD, o outro SN/SD precisa, obrigatoriamente, ser introduzido por uma preposição como se vê no exemplo (6b) abaixo: *dar uma comida para o bebê*:

(6) a. "Vou dar-**lhe** comida ..."[5]
b. Vou dar comida [$_{SP}$ *para o bebê*]

O SN preposicionado em predicações bitransitivas é chamado de objeto indireto (OI) pela tradição gramatical. O único caso, em português, em que um dos dois complementos internos de um verbo aparece sem preposição é quando o OI realiza-se como um pronome clítico dativo como se vê em (6a).

Um dos testes para identificação do OI é justamente substituir o SP que parece ter essa função gramatical na sentença – como se vê em [$_{SP}$ *para o bebê*] (6b) – pela forma dativa do pronome pessoal: *lhe* (6a)[6]. Observe as sentenças abaixo:

(7) a. José deu flores [$_{SP}$ *para a amig*a]
b. José deu-**lhe** flores
(8) a. Eu dei uma espiada [$_{SP}$ *na TV*]
b.* Eu dei-**lhe** uma espiada

A agramaticalidade de (8b) aponta para o fato de que, embora (8a) tenha características de uma construção bitransitiva, essa sentença possui estrutura argumental diferenciada da de uma construção tipicamente bitransitiva – ver subseção (1.1.3.1.) neste capítulo.

Na Teoria P&P em sua versão 'Regência e Ligação' (GB), Chomsky (1981) propõe que os dois argumentos internos de verbos de três lugares, como *dar* em (7), sejam tratados como projeções intermediárias de V. Em outras palavras: entre o núcleo V e sua projeção máxima VP, haveria mais de um V' a fim de acomodar, além do objeto direto, o objeto indireto[7].

Observe, abaixo, a projeção do verbo *dar* com: (i) um argumento externo 'Agente' e (ii) dois argumentos internos: um SN 'Tema' (objeto direto) e um SP 'Alvo'/ 'Meta' (objeto indireto) :

---

[5] Sentenças como **lhe** dativo são cada vez menos atestadas no português brasileiro.
[6] Cf. Duarte (2003: 290).
[7] Essa proposta é exemplificada em Mioto et al. (2004, p. 146; estrutura (43d)).

(9) a. [$_{\text{AGENTE}}$*Jonathan*] *deu* [$_{\text{TEMA}}$ *um colar*] [$_{\text{ALVO/ META}}$ *para a Beatriz*]

b.

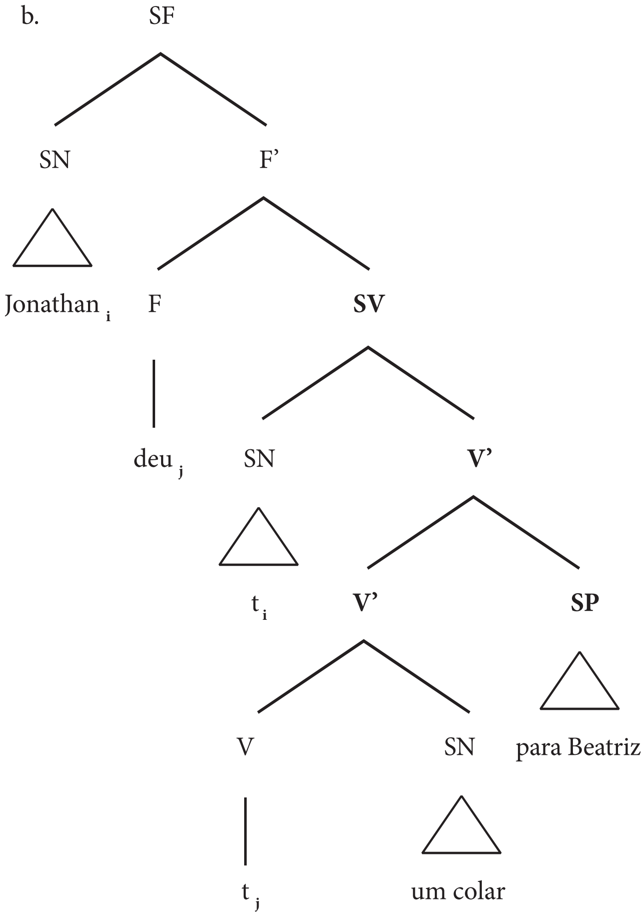

Note que, em (9b), os dois argumentos internos apresentam uma diferenciação na Teoria X-Barra no modo como a vimos até agora. O SP [$_{\text{ALVO/META}}$ *para a Beatriz*] não é um adjunto do núcleo V e sim seu complemento; logo, segundo o esquema arbóreo proposto por Chomsky (1981), este SP não pode ocorrer em adjunção a SV.

Segundo o esquema X-Barra visto até agora, a única forma de derivar o argumento do verbo [$_{\text{SP}}$ *para a Beatriz*] é projetá-lo a partir de uma duplicação da categoria intermediária V'. No entanto, a duplicação de categoria intermediária é problemática, pois o que ela informa é que um dos argumentos internos do verbo não é projetado diretamente por ele (o verbo), mas sim por uma categoria não lexical[8].

A informação que a projeção em (9b) fornece é a de que o SN [$_{\text{TEMA}}$ *um colar*], argumento interno, apresenta uma relação mais próxima com o verbo; o SP [$_{\text{ALVO/META}}$ *para a Beatriz*], nesta projeção, está mais afastado do núcleo verbal.

Larson (1988) apresenta uma contra-argumentação à proposta de estrutura do SV bitransitivo como vista em (9b). O autor (op. cit) propõe que o SP ("Alvo'/'Meta' ou 'Fonte') – como [$_{\text{SP ALVO/META}}$ *para a Beatriz*] – é o que mantém uma relação de proximidade maior com o núcleo verbal, diferentemente do que a estrutura em (9b) atesta[9].

Seguindo Larson (1988), os argumentos internos de natureza SP em português (objeto indireto), como *para a Beatriz* em (9), passam a ser projetados como sintagmas 'irmãos' do núcleo V. Larson (op. cit.) consolida a noção de *concha SV (VP)*, como se vê abaixo na estrutura (10b)[10]:

(10) a. Binha deu um sapo-travesseiro para o John

b. [11]

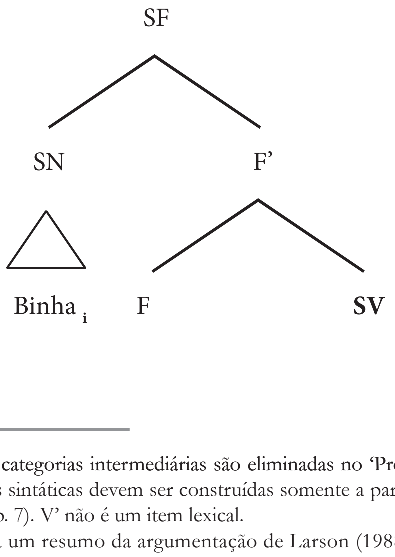

---

[8] As categorias intermediárias são eliminadas no 'Programa Minimalista'. Seus proponentes ratificam que estruturas sintáticas devem ser construídas somente a partir de itens lexicais – cf. Hornstein, Nunes & Grohmann (2005, p. 7). V' não é um item lexical.

[9] Para um resumo da argumentação de Larson (1988), ver Hornstein, Nunes e Grohmann (2005: 92-97).

[10] Larson (1988) implementa a proposta sobre 'estrutura dativa', apresentada em Chomsky (1975). De acordo com Chomsky (op. cit.), uma estrutura dativa (estrutura de objeto indireto) como "João enviou uma carta para Maria" deriva de uma forma 'underlying' em que o verbo e seu objeto indireto constroem um constituinte que exclui o objeto direto – cf. Larson (1988, p. 335).

[11] O esquema em (10b) é adaptado de Larson (1988, p. 384); estrutura (79), renumerada.

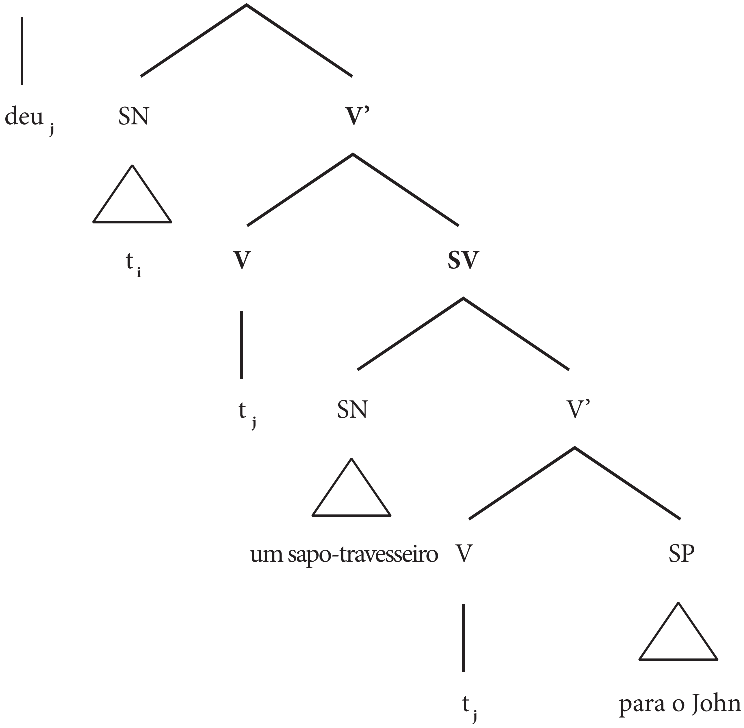

Como se observa na projeção (10b), a partir de Larson (op. cit.), sequências bitransitivas começam a ser tratadas como um tipo de constituinte em que SNs 'Tema', como *um sapo-travesseiro* (objeto direto), são iniciados na projeção como argumentos externos do verbo; SPs 'Alvo'/'Meta' ou 'Fonte', como [$_{ALVO}$ *para o John*], funcionam como os argumentos internos da projeção inicial do verbo[12].

Observando o SV da estrutura em (10b) depreendem-se as seguintes etapas:

(i) o verbo *dar* projeta o seu argumento interno SP *para o John*, formando o nível V-barra *deu para o John*;

(ii) o 'complexo V-barra' projeta o SN *um sapo-travesseiro*, formando o SV interno *um sapo-travesseiro para o John*;

---

[12] Note que, ao dizermos que o SN 'Tema' (objeto direto) é projetado como argumento externo do verbo, estamos dizendo que ele é projetado na posição de *sujeito estrutural* do SV: posição [*Espec, SV*]. Atente que não estamos dizendo que o SN *um sapo-travesseiro* (10) é o sujeito da sentença; o sujeito da sentença em (10) é o elemento que, ao final da derivação sintática, estiver na posição [Spec, SF] – no caso, o SN *Binha*.

(iii) o verbo *dar* (10) precisa ainda projetar mais um SN (*Binha*), visto ser este um verbo de três lugares;

(iv) o verbo se move da posição de núcleo do SV mais interno para a posição de núcleo do SV externo, onde assinala papel temático 'Agente' para o SN *Binha*, gerado em [Spec, VP (alto)]. O movimento do verbo, além de possibilitar a marcação de papel temático para o SN *Binha*, também possibilita a linearização, pois caso o verbo não sofresse movimento da posição de núcleo mais baixo para a posição de núcleo mais alto, a ordem final seria * [*Binha um sapo-travesseiro deu para o John*];

Larson (1988) possibilita, portanto, um tratamento estrutural para verbos de três lugares (bitransitivos).

Mais recentemente, a concha SV passou a ser relacionada a qualquer projeção transitiva por meio de uma estrutura que atribuirá à camada mais alta da 'concha' a função de *sintagma* '*verbo leve*' – Sv (vP) ("vepezinho") – ver subseção 1.1.4. neste capítulo.

1.1.3. *A Noção de Verbo Leve*

Acima, dissemos que a concha SV (proposta por Larson (1988)) passou a ser relacionada a qualquer projeção transitiva por meio de uma estrutura que atribui à camada mais alta do SV a função de *verbo leve* – ("vezinho"). A seguir, apresentamos a noção de *verbo leve* por meio de exemplificações em português.

Observe as construções abaixo[13]:

(11) a. A Maria deu bofetadas no João
b. A Maria esbofeteou o João

(12) a. A Maria deu beijos no João
b. A Maria beijou o João

As predicações em (11a)-(12a) apontam para similaridades com construções bitransitivas: vê-se um típico verbo bitransitivo – *dar* – que, 'aparentemente', projeta: (i) dois argumentos internos – SN/SP; (ii) um NP argumento externo. No entanto, o verbo *dar* em (11a)-(12a) não é um verbo de transferência de posse, nem de posicionamento; ainda, os argumentos internos do verbo *dar* em (11a)-(12a) não têm marcação de papel temático 'Tema', nem 'Alvo'/'Meta' ou 'Fonte' – ver (5) acima. Os 'candidatos' a argumentos internos não preposicionados nas predicações em (11a)-(12a) são nominalizações – *bofetadas*, *beijos*[14].

---

[13] Cyrino, Nunes & Pagoto (a sair: dados (94)-(95), renumerados).

A nominalização – como se vê (11a)-(12a), por exemplo – forma com o núcleo V uma relação semântica, organizando-se em uma "predicação complexa". Observe exemplos similares retirados da Gramática do Português Culto Falado no Brasil[15]:

(13) a. e olha quando eu começo a **dar** risada vou te contar (DID SP 234)

b. e eu aproveito pra... fazer minhas comprinhas **dar** um passeio também (DID POA 45)

c. quer dizer que **dá** trabalho (D2 SP 360)

d. às vezes a gente **dá** uma fugiDlnha:: até a casa deles bater um papinho assim né? (DID POA 45)

e. eu me lembro até que...quando nós fomos na:: (na viagem) era uma camionete... **dava** um cheiro de balaca queimada (DID POA 278)

f. então que que a gente fazia? a gente se agarrava NUM e **dava** impulso com pés para se agarrar com o outro né? (DID POA 278)

g. eu **dei** u::ma rápida olhada sabe? mas vi matérias assim interessantes para ela dentro de outras...ah:: carreiras (D2 SP 360)

h. do aumento do custo de vida, então **deu** quarenta e, quarenta e poucos por cento, né (D2 RJ 355)

i. a programação...havia sido planejada...mas não **deu** certo... (D2 SP 360)

(14) a. as duas coisas fazem parte do mundo e **têm** e passam a **ter** uma existência (EF SP 405)

b. ele vai **ter** poder sobre a vida dele (EF SP 405)

c. e eu pensei que ela fosse **ter** problema porque ela não fala muito... (D2 SP 360)

d. o professor não se relacionava com o estudante exatamente pro estudante **ter** medo **ter** pavor dele e respeitar... (DID SSA 231)

---

[14] Segundo Margarida Basílio, a nominalização *"[...] é determinada por uma relação paradigmática geral entre nomes e verbos na língua. (...) Mais especificamente, a nominalização consiste num processo de associação lexical sistemática entre nomes e verbos."* – Basílio (1980: 73-74).

[15] Cyrino, Nunes & Pagotto (a sair); subseção (2.4.6.); exemplos (35)-(36), renumerados.

e. então se eu comer muito na hora do café não vou **ter** vontade de almoçar... (DID RJ 328)

f. ele **tem** uma capacidade de usar ao máximo os recursos, ou deles ou conseguidos de fora (EF RJ 379)

g. uma coisa é dizer que a arte na época... **tinha** fun-ção... pragmática... porque é isso que a gente vem dizendo até agora certo? (EF SP 405)

h. não **tem** importância que a gente chama de análise ou chama de interpretação o importante é que o processo se realize (EF POA 278)

i. é FUNdo ali.., **tinha** uns três metros de profundidade... (DID POA 45)

Segundo Cyrino, Nunes & Pagotto (a sair); subseção (2.4.6.):

> *Verbos como dar e ter nas sentenças acima parecem adquirir sua significação quase que exclusivamente de seu complemento. Isso fica transparente nos casos em que a projeção de V´ nucleada por esses elementos pode ser parafraseada por um único verbo, como em dar uma risada ~ rir, dar um passeio ~ passear, ter existência ~ existir ou ter medo ~ temer, por exemplo. [...]*

Verbos como: **(i)** *dar* em construções como as exemplificadas em (11a), (12a), (13) e **(ii)** *ter* em construções como (14) são denominados de *verbos leves* na literatura.

Voltemos aos pares (11)-(12) renumerados em:

(15) a. A Maria deu bofetadas no João
b. A Maria esbofeteou o João

(16) a. A Maria deu beijos no João
b. A Maria beijou o João

Observa-se que os pares (15b)-(16b) são legítimas paráfrases dos pares (15a)-(16a). Logo, se esses pares sentenciais são correlatos semânticos eles devem ter a mesma configuração estrutural:

> *[...] Pesquisas recentes argumentam que estruturas transitivas como [(15b)] e [(16b)] também envolvem um verbo leve abstrato que pode ser ou não associado a algum morfema específico [...]*
>
> *Cyrino, Pagotto & Nunes (a sair: 28-29)*[16]

---

[16] A numeração, na citação, foi mudada: os números (15b)-(16b) correspondem aos números (94)-(95)

Predicações do tipo ‘transitivas’ passam, portanto, a ser associadas em P&P (em modelos recentes) a uma estrutura como em[17]:

(17)

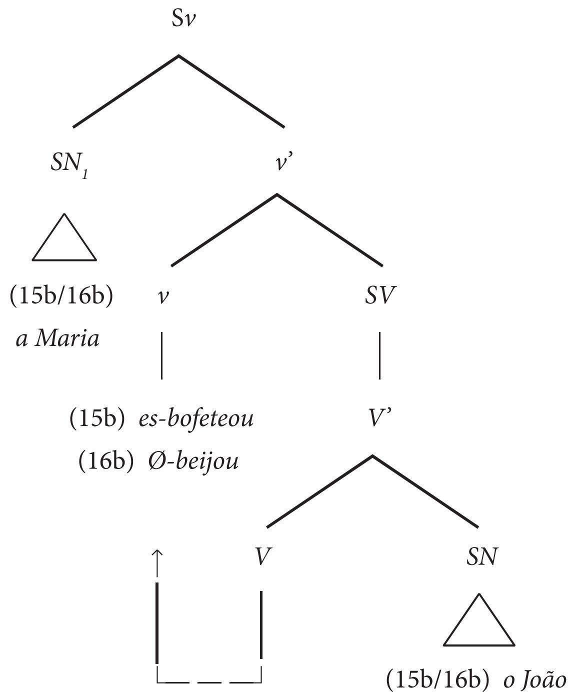

A estrutura em (17) permite que se apreenda o “paralelismo sintático e semântico” de sentenças como (15)-(16): o argumento externo do verbo leve – *v*(ezinho) – é o agente que desencadeia o evento: [*A Maria*] em (15)-(16).

Em português, o *verbo leve*:

(i) pode estar associado a um morfema específico – como *-es* em *A Maria esbofeteou o João* (15b);

(ii) pode ser um item lexical autônomo – como *beijou* em *A Maria beijou o João* (16b).

Como se vê na estrutura em (17), o verbo leve é analisado como um ‘afixo’ – Ø- ou es-. O afixo desencadeia “[...] o movimento do núcleo de seu complemento para que suas propriedades afixais sejam satisfeitas. [...]” – Cyrino, Pagotto & Nunes (a sair: 29).

---

no original.

[17] Cyrino, Pagotto & Nunes (a sair: 30); estrutura (100), renumerada (número dos dados na estrutura também renumerados).

Em português brasileiro, o verbo leve 'item lexical autônomo', seguido de nominalização – como *dar* em (15a)-(16a) – é uma construção cada vez mais atestada; ela vem sendo analisada como similar a construções bitransitivas. A seguir, propomos diferenças na estrutura desses dois tipos de predicação.

1.1.3.1. *Diferenças entre Construções Bitransitivas e Construções com Verbos Leves*

Como já dito, construções com *verbo leve,* seguido de nominalização – daqui em diante, CVLs – são bastante comuns em português brasileiro, especialmente as que se formam com o verbo *dar* – cf. Scher (2004).

Observe os exemplos (13a/d), renumerados em:

(18) a. ... e olha quando eu começo a **dar** risada vou te contar
b. às vezes a gente **dá** uma fugiDlnha:: até a casa deles pra bater um papinho assim né?

O verbo leve *dar* que forma as CVLs [*dar risada*] (18a) e [*dar uma fugiDInha*] (18b) tem conteúdo mais gramatical do que semântico. Esse verbo constrói predicações complexas com seu complemento, sendo o responsável pela atribuição de tempo da construção. A seguir apresentamos uma definição de CVLs:

(19) Construções com verbos leves (CVLs):

> *[...] CVLs têm a forma geral dar uma Xada em Y, ou seja, apresentam a forma V X PP, e admitem paráfrases com a forma verbal correspondente à nominalização que se associa a dar. Veja os exemplos em (1) e (2).*
>
> *(1) O Pedro deu uma incrementada na receita*
> *(2) O Pedro incrementou a receita*
>
> *Na sentença em (1) com a forma dar uma X***ada** *em Y, X se representa por increment- e Y por a receita – dar uma increment***ada** *na (em + a) receita. Essa sentença pode ser parafraseada por (2), em que o verbo tem a mesma raiz da nominalização em (1).*
>
> *Scher (2004: (2.2.))*

É preciso, na análise sintática do português, atentar para o fato de que CVLs, em muitos casos, assimilam-se grandemente a construções bitransitivas como se vêem nos pares em:

(20) Kiko deu uma florzinha [$_{SP}$ *para a avó Dália*]
(21) Kiko deu uma espiada [$_{SP}$ *no computador* da avó Dália]

Análises convencionais não diferenciam construções bitransitivas – daqui em diante, CBs – de CVLs. Em (21), o verbo *dar* apresenta – como em (20) – dois argumentos internos: um SN e um SP. No entanto, a literatura atesta que CBs – (como (20)) têm propriedades *aspectuais*, *temáticas* e de *subcategorização* diferenciadas dessas propriedades em CVLs (como (21)).

A seguir, apresentamos um resumo das principais diferenças entre CBs e CVLs apontadas em Scher (2004), tomando como foco o verbo *dar* [18].

DIFERENÇAS ASPECTUAIS ENTRE CBS E CVLS

Segundo Scher (2004), CBs – como *"Kiko deu uma florzinha para a avó Dália"* (20):

> *[...] denotam eventualidades dinâmicas, instantâneas e télicas, já que não se desenvolvem em um período único indiferenciado, não pressupõem nenhuma duração, e levam a uma mudança de estado que se realiza em um objeto afetado [...].*[19]
>
> *Scher (2004: 86)*

Em (20), *a avó Dália* é *"[...] um objeto afetado [...]"*, característica de um SP em posição de objeto indireto[20]. Diferentemente, CVLs – como *"Kiko deu uma espiada [$_{SP}$ no computador] da avó Dália"* (21) – expressam:

> *[...] uma eventualidade dinâmica, durativa e atélica [...]*
>
> *Scher (2004: 86)*

---

[18] Resumimos, a seguir, Scher (2004); subseções (2.3): "O que as CVLs não são"; (2.3.1.) "CVLs não são sentenças bitransitivas".

[19] *"As situações dinâmicas distinguem-se entre si por tenderem ou não para um fim (i.e. por serem, respectivamente,* télicas *ou* atélicas*), por terem ou não duração e por terem ou não estado resultante."* – Duarte & Brito (2003: 192).

[20] Cf. Scher (2004: 86).

Observe que, em (21), não há uma mudança de estado que se realiza em um objeto afetado como se dá em (20).

Em (21), é possível identificar uma estrutura interna de um período que consiste de *"[...] estágios sucessivos que ocorrem em momentos diferentes [21]"*.

DIFERENÇAS DE RELAÇÃO TEMÁTICA E ESTRUTURA ARGUMENTAL ENTRE CBs E CVLs

Observe as sentenças em:

(22) a. Carlos comprou um colar de capim dourado do feirante para presentear a amiga
b. Relações temáticas de *comprar*: [$_{\text{AGENTE}}$ *Carlos*] [$_{\text{TEMA}}$ *colar de ...*] [$_{\text{FONTE}}$ *do feirante*]

(23) a. Hellena desenhou a maquete para o cliente
b. Relações temáticas de *desenhar*: [$_{\text{AGENTE}}$ *Hellena*] [$_{\text{TEMA}}$ *a maquete*] [$_{\text{ALVO/META}}$ *para o cliente*]

Em (22b) e (23b), observa-se que verbos bitransitivos – como *comprar* e *desenhar* – associam-se a papéis temáticos relevantes para a sua predicação: (1) 'Agente'; (2) 'Tema'; (3)'Alvo/Meta' ou 'Fonte' – ver lista de papéis temáticos no capítulo 2.

Observe agora as sentenças em:

(24) José deu uma varrida na sala[22]
(25) A Maria deu uma empurrada no carrinho[23]

Em (24) e (25):

> *[...] A forma verbal 'deu' não estabelece a associação entre os papéis temáticos relevantes e os NPs das sentenças, por si só, ou seja (...) a interpretação não depende apenas do papel que o verbo 'dar' desempenha nessas sentenças, mas depende, crucialmente, das nominalizações [...]*
>
> *Scher (2004: 84)*

---

[21] Cf. Scher (2004: 86).

[22] Scher (2004: 84; sentença (14), renumerada).

[23] Scher (2004: 84; sentença (15), renumerada).

As diferenças de relação temática que se vêem entre paradigmas como (22)-(23) e (24)-(25) indicam que as estruturas que compõem essas predicações com verbo *dar* não sejam as mesmas[24].

Scher (2004: 90-91) destaca ainda que CBs e CVLs não têm as mesmas propriedades de subcategorização e que este fato pode ser atestado por meio de fenômenos como a 'passivização' e a 'formação de interrogativas'. Veja os dados (20)-(21) renumerados em (26a)-(27a):

(26) a. Kiko deu [$_{SN}$ uma florzinha] [$_{SP}$ para a avó Dália]
b. Uma florzinha foi dada (por Kiko) para a avó Dália
c. O que $_i$ o Kiko deu __t$_i$ para a avó Dália?

(27) a. Kiko deu [$_{SN}$ uma espiada no computador da avó Dália]
b. * Uma espiada no computador da avó Dália foi dada (por Kiko)
c. * O que$_i$ Kiko deu __t$_i$ no computador da avó Dália?

Como argumentado por Scher (op. cit.), CBs permitem a voz passiva – o sujeito da sentença apassivada é o complemento interno do verbo (o objeto direto na voz ativa) – ver *uma florzinha* em (26b). CBs também permitem que o complemento direto da predicação seja o foco de uma pergunta – ver *o quê? (Kiko deu ...)* em (26c). Diferentemente, não é possível o alçamento do candidato a complemento interno direto de uma CVL para a posição de sujeito por meio da apassivação – ver **uma espiada* em (27b). Ainda: em uma CVL, a nominalização não pode ser movida para a periferia da sentença a fim de se tornar o foco de uma pergunta – ver **o quê? (Kiko deu ...)* (27c).

O objetivo de Scher (op. cit.) – demonstrado por testes similares como os que se vêem em (26)-(27) – é apontar para o fato de que, em CVLs, o aparente argumento interno do verbo não apresenta um comportamento típico de 'complemento do verbo'. A nominalização que se segue ao verbo em uma CVL tem característica de elemento predicador e não de argumento interno (objeto direto).

---

[24] É importante dizer que, em Scher (2004), as diferenças entre CBs e CVLs, não são tratadas dentro do modelo P&P (módulo X-barra). Em sua tese de doutorado, Scher sugere a análise de CVLs a partir da associação de noções internas ao Modelo da *Morfologia Distribuída* – ver Halle & Marantz (1993). Logo, nossa proposta de 'árvore' para descrição de CVLs neste livro – ver estrutura (42b) em (1.2.2.) – não reproduz a proposta teórica de Scher (op. cit.). Assumimos, portanto, a inteira responsabilidade pela descrição teórica (X-barra) que fazemos de predicações do tipo CVLs neste livro.

Observe as palavras de Scher (2004: 92):

> *[...] Não quero dizer [...] que o verbo dar leve seja totalmente desprovido de propriedades predicativas, mas quero ressaltar a participação importante das nominalizações na formação dessas construções.*

Neste livro, corroboramos a proposta de Scher (2004) de que, em *verbos leves seguidos de nominalização*, a nominalização não é argumento interno do verbo leve. Logo, tratamos CVLs como uma estrutura do tipo monoargumental e não como uma estrutura transitiva – ver (1.2.2.).

1.1.4. *Estrutura Sv/SV Aplicada a Verbos com mais de um Argumento*

Vejamos agora como distintas predicações do tipo 'transitivas' – construções com verbos que projetam mais de um argumento – podem ser captadas dentro da estrutura transitiva de *verbo leve* como vista (17) acima.

1.1.4.1. *Verbos Transitivos*

Verbos transitivos, como definidos em (2), são verbos de dois lugares: projetam um argumento externo 'Agente' e um argumento interno 'Tema'.

A projeção de típicos verbos transitivos, que assumimos neste livro, é vista em:

(28) a. Fernanda dirigiu o carro de Dália

b.

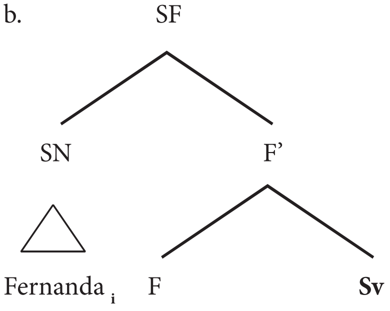

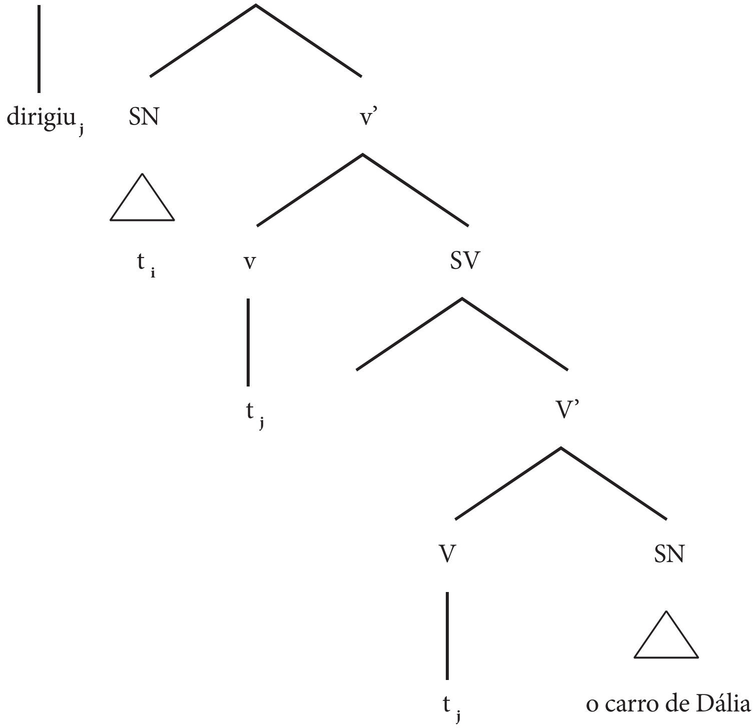

c. O carro de Dália foi dirigido por Fernanda

Observe que a projeção em (28b) está uniformizada de acordo com a proposta Sv/SV vista em (17).

Atente para as etapas da derivação apreendidas em (28):

(i) Em (28b), o SN *o carro de Dália* é projetado como um argumento interno do verbo *dirigir*;

(ii) o verbo *dirigir* sobe para o núcleo de Sv a fim de associar-se a um prefixo 'verbo leve' fonologicamente nulo – ver estrutura em (17);

(iii) o verbo leve *dirigir* marca Caso acusativo para o SN *o carro de Dália* – a prova disto é que o SN *o carro de Dália* pode aparecer em uma estrutura passiva – ver (28c)[25];

(iv) o verbo *dirigir* , em v(ezinho), projeta o argumento externo da predicação: o SN *Fernanda;*

---

[25] Estruturas de apassivação serão tratadas em (1.2.3.1.2.).

(v) os núcleos em Sv sobem para núcleo de flexão e para [Spec, SF] a fim de possibilitarem a checagem de traços funcionais que projetam a sentença.

1.1.4.2. *Verbos Bitransitivos*

Verbos bitransitivos, como definidos em (5), são verbos de três lugares: projetam um argumento externo SN 'Agente'; um argumento interno SN 'Tema'; um argumento interno SP 'Alvo'/'Meta' ou 'Fonte'.

A projeção de típicos verbos bitransitivos, que assumimos neste livro, é vista em:

(29) a. Marquinho deu um relógio lindo para Márcia

b.

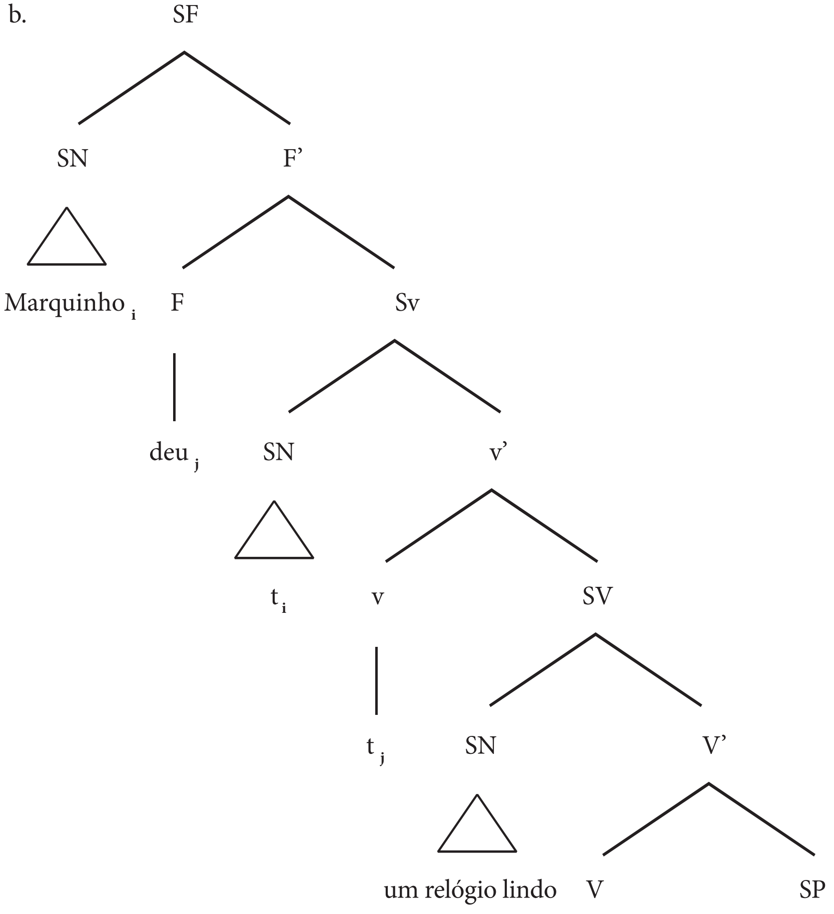
SF
SN
F'
Marquinho $_i$
F
Sv
deu $_j$
SN
v'
t $_i$
v
SV
t $_j$
SN
V'
um relógio lindo
V
SP

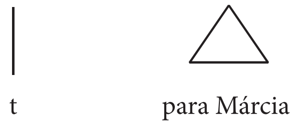

c. Um relógio lindo foi dado para Márcia (por Marquinho)

Observe que a projeção bitransitiva em (29b) está uniformizada de acordo com a proposta Sv/SV vista em (17).

Atente para as etapas da derivação apreendidas em (29b):

(i) o verbo *dar* projeta, a partir do núcleo SV, o seu argumento interno SP *para Márcia*, formando o nível V-barra *deu para Márcia*;

(ii) o 'complexo V-barra' projeta o SN *um relógio lindo*, formando o SV interno *um relógio lindo para Márcia*;

(iii) o verbo *dar* sobe de núcleo de SV para núcleo de Sv a fim de associar-se a um prefixo 'verbo leve' fonologicamente nulo – ver estrutura em (17);

(iv) o verbo leve *dar* marca Caso acusativo para o SN *um relógio lindo* – a prova disto é que o SN *um relógio lindo* pode aparecer em uma estrutura passiva – ver (29c);

(v) o verbo *dar* , em v(ezinho), projeta o argumento externo da predicação: o SN *Marquinho;*

(vi) os núcleos em Sv sobem para núcleo de flexão e para [Spec, SF] a fim de possibilitarem a checagem de traços funcionais que projetam a sentença.

A estrutura binária Sv/SV em construções bitransitivas permite que se capte o interessante fato de que o V(erbo) e o argumento interno SP formam um constituinte sintático. As 'expressões idiomáticas' envolvendo V(erbo) e seu argumento SP em construções bitransitivas, apontadas na literatura, são um forte argumento para a projeção do argumento SP como o argumento mais interno (e próximo ao verbo) nas projeções bitransitivas. Abaixo, exemplificam-se expressões idiomáticas formadas pelo verbo e seu argumento interno preposicionado[26]:

---

[26] Cyrino, Pagotto & Nunes (a sair: 33); dados (113a,b,c), renumerados.

(30) a. O João *levou* a firma *ao abismo*.
b. O João *mandou* a sogra *às favas*.
c. A Maria *mandou* o namorado *pra PQP*.

Note que a interpretação semântica dos SNs objetos diretos acima – *a firma*, *a sogra*, *o namorado* – é estreitamente dependente de V e SP – *levou ao abismo*, *mandou às favas*, *mandou pra PQP* – ver Cyrino, Pagotto & Nunes (a sair: 33).

1.1.4.3. *Verbos do Tipo 'Psicológicos'*

A literatura aponta ainda, além das estruturas transitivas e bitransitivas descritas acima, outra classe de verbos que projeta mais de um argumento: a dos "verbos psicológicos".

Observe os exemplos a seguir[27]:

(31) a. O João preocupou/entristeceu a Maria
b. *A Maria foi preocupada/entristecida pelo João

Segundo Cyrino, Pagotto & Nunes (a sair: 36), verbos como *preocupar* em (31) têm comportamento sintático bem distinto de verbos tipicamente transitivos como *beliscar*. Veja o exemplo fornecido pelos autores (op. cit.)[28]:

(32) a. O João beijou/beliscou a Maria
b. A Maria foi beijada/beliscada pelo João

> *[...] Verbos que prototipicamente demandam um argumento externo, como em [(32a)], geralmente admitem construções passivas, como ilustrado em [(32b)]. Verbos psicológicos como os de [(31a)], por outro lado, são bastante refratários à passivização, como se pode ver em [(31b)].*
>
> *Cyrino, Pagotto & Nunes (a sair: 36[29])*

---

[27] Cyrino, Pagotto & Nunes (a sair); dado (120), renumerado.
[28] Ibid. Dado (119), renumerado.
[29] Os dados em [ ] são renumerações dos dados (119) e (120) do original.

Logo, seguindo a literatura, descrevemos verbos do tipo psicológicos – como *preocupar/entristecer* (31a) – como verbos que projetam dois argumentos internos, mas não projetam argumento externo. Atente para o fato de que 'verbos psicológicos' não se inserem perfeitamente na descrição de típicos verbos transitivos como apontado em (2) ao início deste capítulo, pois não projetam argumento externo 'Agente'.

Observe o dado (31a) renumerado abaixo, seguido de sua estrutura:

(33) a. O João preocupou/entristeceu a Maria

b.

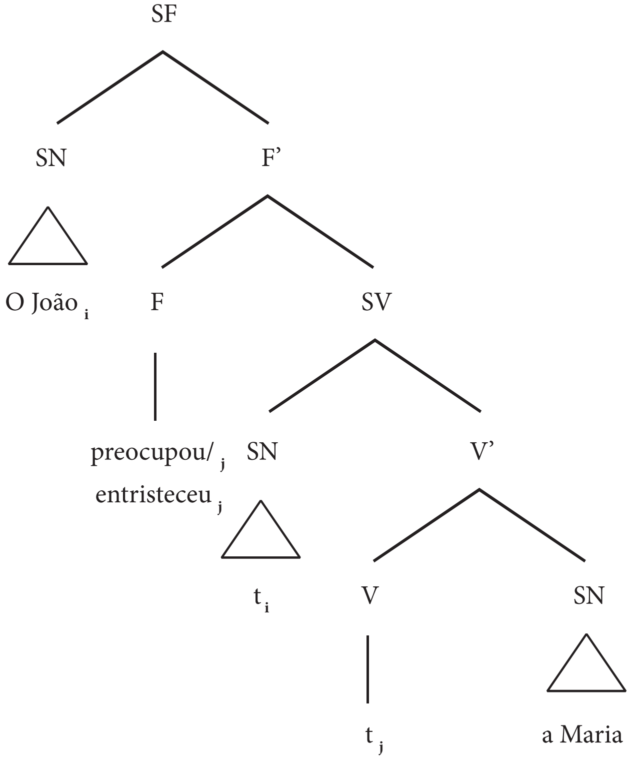

Em (33b), observa-se que verbos psicológicos não são projetados em uma estrutura Sv/SV; verbos do tipo psicológicos projetam apenas a estrutura interna SV. A camada Sv diz respeito apenas à inserção de SNs 'Agente' – argumento externo – em uma dada predicação, e SNs 'Agente' não ocorrem em predicações com verbo psicolégico. Pela estrutura em (33b), percebe-se que verbos psicológicos projetam dois argumentos internos de natureza SN.

Observe que ao dizermos que os verbos *preocupar/entristecer* (31) projetam dois argumentos internos, corroboramos que, na camada SV, projetam-se apenas argumentos internos – veja exemplo (29) e sua estrutura.

Ver lista de 'verbos psicológicos' no capítulo 5, abaixo do exemplo (47).

Ao finalizarmos esta seção (1.1.), chamamos a atenção do leitor para as palavras de Cyrino, Pagotto & Nunes (a sair: 36) no tocante ao preenchimento das posições de especificador e complemento dentro de SV:

> *[..] o preenchimento das posições de especificador e complemento dentro de SV depende fundamentalmente das relações semânticas estabelecidas e é em certa medida independente da presença de Sv na estrutura.*

A seguir, passamos à descrição dos verbos chamados 'monoargumentais': verbos que projetam apenas um argumento.

1.2. *Verbos Monoargumentais*

Os estudos gerativistas descrevem diferentes tipos de verbos ditos monoargumentais: verbos que projetam apenas um argumento. Alguns desses verbos têm sido chamados pela tradição gramatical de *verbos intransitivos*.

Neste livro apresentamos as seguintes subclasses de verbos monoargumentais:

(i) verbos inergativos
(ii) verbos leves seguidos de nominalização – CVLs
(iii) verbos inacusativos

Observe os exemplos a seguir:

(34) a. Verbo Inergativo: ele *tossiu*
b. CVL: ela *deu uma chorada* (para o feirante diminuir o preço da blusa)
c. Verbo Inacusativo: a pedra *rolou*

A seguir, observam-se estas três subclasses de verbos.

1.2.1. *Inergativos*

Verbos inergativos são verbos com “sujeito *agentivo*” e que, aparentemente, não manifestam nenhum complemento. Verbos como *correr*, *cantar*, *dançar*, *dormir* e *sonhar* são considerados os clássicos verbos *inergativos*. Observe a sentença abaixo:

(35) a. Ana Maura dormiu

b.

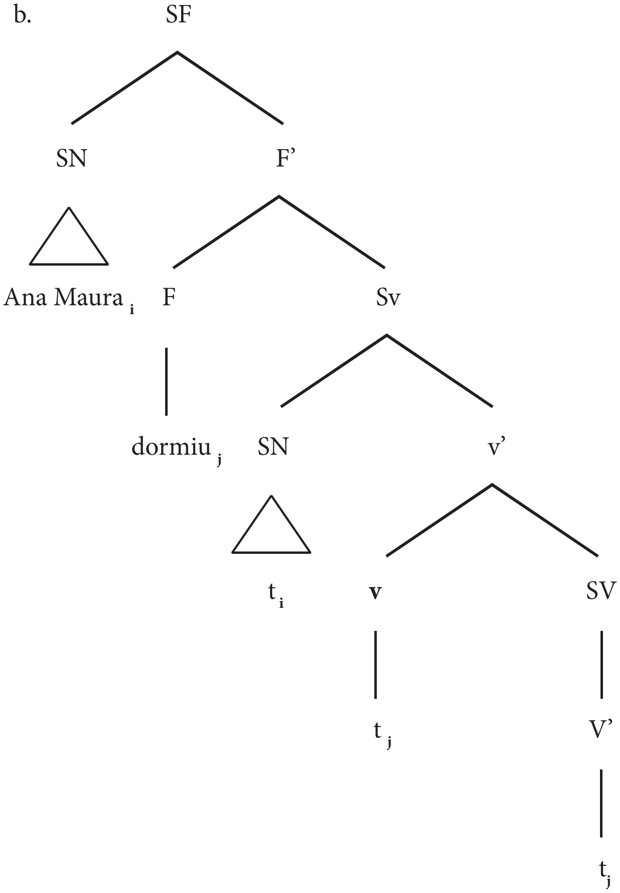

O verbo *dormir* (35) é um verbo *inergativo*. Trata-se de um *verbo leve* analisado como verbo com ‘afixo’ Ø- que desencadeia o movimento do núcleo de seu complemento (SV) para que suas propriedades afixais sejam satisfeitas – ver estrutura (17). O movimento do verbo do núcleo de SV para o núcleo da categoria funcional Sv abre ainda espaço para a projeção de um SN do tipo 'Agente' na posição de especificador de Sv – no caso de (35), o SN *Ana Maura*.

Observe que, pela estrutura em (35b), verbos inergativos são tratados como 'transitivos': projetam um argumento externo com papel temático 'Agente'.

Baker (1988) e Hale & Keyser (1993) propuseram que verbos inergativos são formados pela incorporação de um complemento dentro de um verbo agentivo. Esses autores basearam-se em muitas línguas em que estes verbos são transitivos e manifestam um SN argumento interno com a mesma base morfológica e/ou semântica do verbo.

Observe, em (36) e (37), a comparação entre um típico verbo inergativo em português e seu similar transitivo em ibíbio[30]:

(36) a. Eno fala (alto) (muito) (pouco)

b.

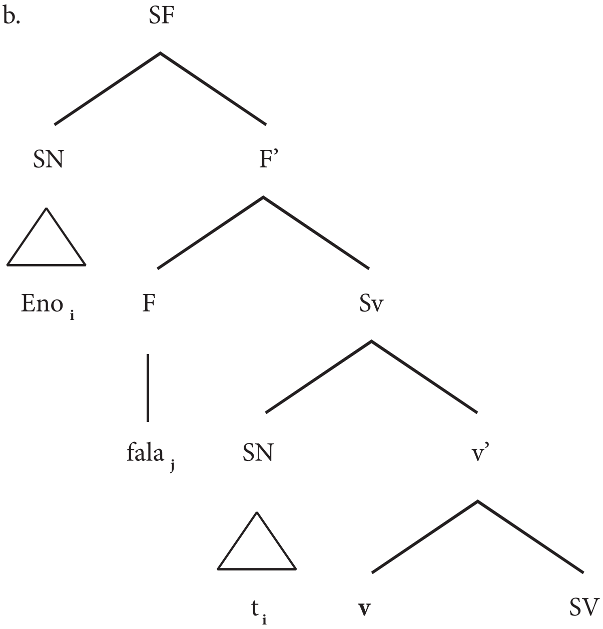

---

[30] A língua ibíbio é falada no sudeste da Nigéria. O dado (38) em ibíbio é *dado de trabalho de campo* da autora deste livro.

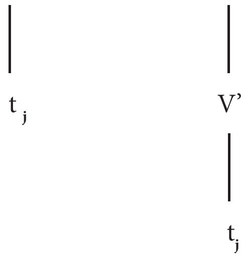

(37) a. **Eno̥ á-dó̥kkó̥ ńdó̥kkó̥**[31]

Eno̥ á- dó̥kkó̥ ńdó̥kkó̥

Eno 3sing/sujeito- falar fala

“Eno fala a fala/ Eno é falante”

b.

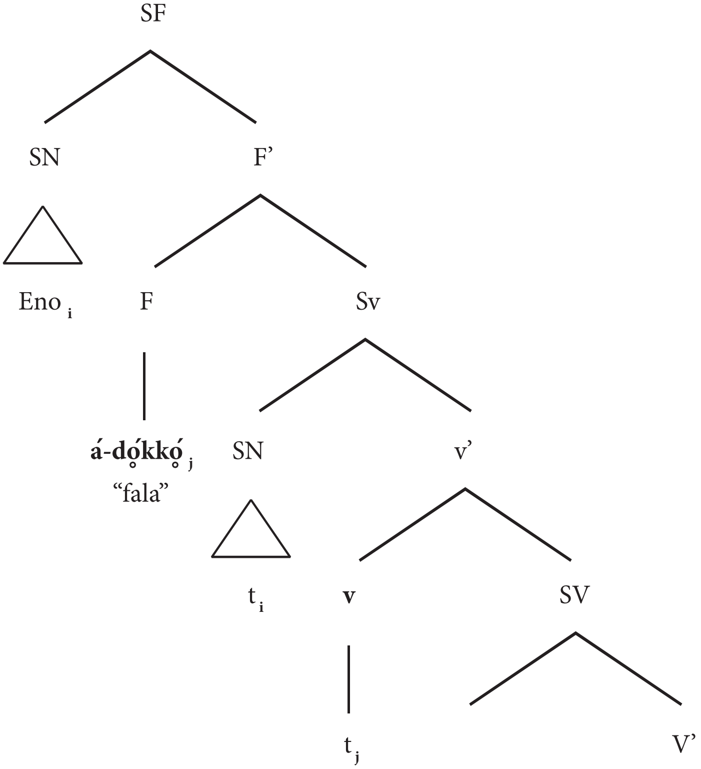
SF
SN
F’
Eno i
F
Sv
á-dó̥kkó̥ j
“fala”
SN
v’
t i
v
SV
t j
V’

---

[31] O dado, repetido na segunda linha visa a detalhar a *glosa*, apresentada na terceira linha. A glosa é a interpretação linguística dos morfemas nesta língua: **[3sing/suj]** significa a marca de concordância do verbo com o sujeito – 3ª. pessoa do singular. O diacrítico (́) significa tom alto.

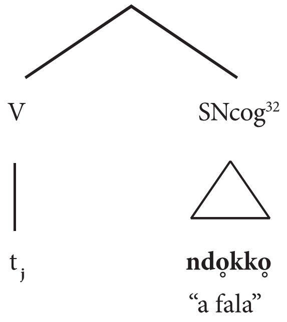

Em português, o verbo *falar* é um exemplar de verbo inergativo: possui argumento externo ('Agente'/'Ator') e não manifesta argumento interno (36b). Em ibíbio, este mesmo verbo *falar* manifesta dois argumentos: um externo ('Agente') e um interno (uma nominalização) – ver (37b). A língua ibíbio apresenta vários exemplos de complementos subcategorizados por verbos que seriam "intransitivos" em português. Estes tipos de complementos verbais em línguas africanas, como se vê em (37) acima, são chamados de "bound-complements" por alguns africanistas e geralmente são derivados ou relacionados semanticamente ao verbo[33]. Logo, a língua ibíbio é um dos exemplares de línguas que corroboram análises como as de Baker (op. cit.) e Hale & Keyser (op. cit.): verbos inergativos são *transitivos escondidos*, resultado da incorporação de um SN complemento em um verbo agentivo.

No entanto, mesmo em português, é possível encontrar estrutura como a vista acima em ibíbio (37b). São os ditos verbos inergativos seguidos de "objetos cognatos" como se vêem em[34]:

(38) a. O João tossiu uma tosse esquisita
b. O João espirrou um espirro escandaloso
c. O João riu uma risada escandalosa

(39)

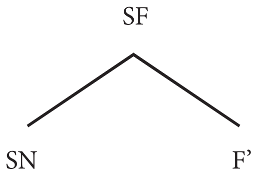

---

[32] SNcog – Sintagma Nominal Cognato; este SN argumento interno do verbo possui a mesma base morfológica e/ou semântica do verbo.

[33] Cf. Dickson (1995). "Bound-complements" – complementos atados/ ligados.

[34] Cyrino, Pagotto & Nunes (a sair); dados (109a,b,c), renumerados. A estrutura em (40) é nossa.

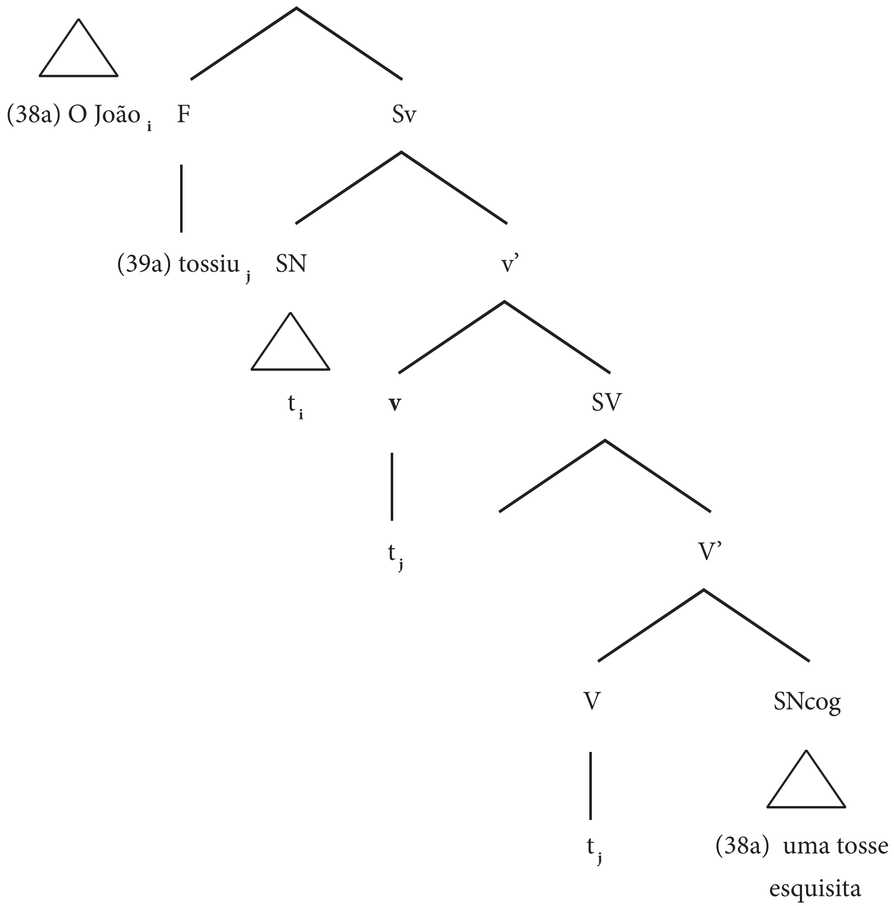

Segundo Cyrino, Pagotto & Nunes (a sair: 32), o fato de o verbo leve ser o responsável pela atribuição de Caso acusativo, a estrutura Sv permite que um verbo inergativo tome um complemento. Este fato é exemplificado por meio da estrutura (39) em que o verbo *tossir* toma o objeto cognato "uma tosse esquisita" como complemento. No entanto, em nossa estrutura em (39) – e em (37b) – optamos por denominar o argumento interno do verbo inergativo de sintagma nominal cognato – [SNcog].

A razão de denominarmos o argumento interno do verbo inergativo de [SNcog] deve-se ao fato de que esses SNs não podem ocorrer em construções passivas. Atente para a tentativa de apassivação das sentenças (38) em[35]:

---

[35] Sobre 'voz passiva', ver subseção (1.2.2.1.2.) neste capítulo.

(40) a. * Uma tosse esquisita foi tossida (pelo João)
b. * Um espirro escandaloso foi espirrado (pelo João)
c. * Uma risada escandalosa foi rida (pelo João)

Logo, apesar de o verbo inergativo ser tratado como verbo leve e permitir, portanto, um complemento, o complemento de um verbo inergativo não pode ser alçado para a posição de sujeito sentencial – possivelmente por este SN não ter atribuição de papel teta 'Tema'[36].

O teste sintático de 'apassivação' aplicado a SNs complementos internos de verbos inergativos aponta para o fato de que esses SNs não são 'argumentos internos plenos' como o são os SNs complementos de verbos transitivos; veja o exemplo do SN *pedra* em:

(41) a. João$_{\text{AGENTE}}$ atirou [SN$_{\text{TEMA}}$ a pedra]
b. [SN$_{\text{TEMA}}$ a pedra] foi atirada ($_{\text{AGENTE}}$ por João)

1.2.2. ***Construções CVLs***

Construções CVLs, como descritas em (1.1.3.1.), atestam um verbo leve seguido de nominalização. A nominalização que se segue a um verbo leve, nestas construções, apresenta características de predicador e não de argumento interno de um predicador.

A projeção de CVLs, que assumimos neste livro, é vista em[37]:

(42) a. Kiko deu [$_{\text{SN}}$ uma ajudada] [$_{\text{SP}}$ *na montagem da árvore de Natal*]

b.

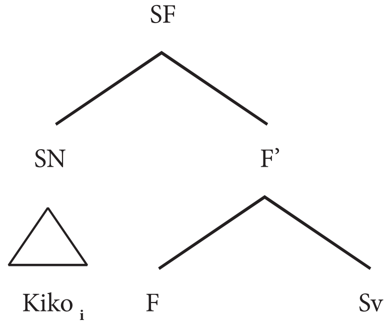

---

[36] A projeção de um SN cognato merece tratamento especial (e este vem sendo observado na literatura nos últimos anos). No entanto, dentro do escopo deste livro, apenas nos limitamos a descrever este SN complemento interno de verbo.

[37] Ver nota (24).

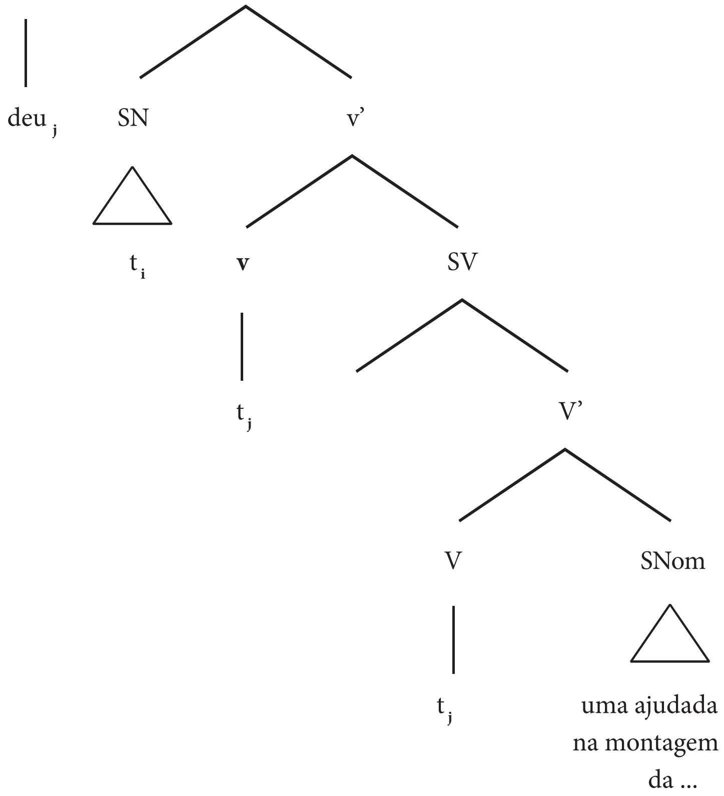

c. * Uma ajudada na montagem da Árvore de Natal foi dada por Kiko

Em (42), vê-se um caso de verbo leve (*dar*) que toma um SN 'Agente' como argumento externo: *Kiko*. No entanto, o candidato a argumento interno do verbo leve não é um típico SN, mas sim uma nominalização: *uma ajudada (na ...).*

SNs nominalizados não são atestados em construções passivas – ver (42c) – o que corrobora o fato de que essas nominalizações não sejam analisadas como argumentos internos não preposicionados do verbo leve.

Logo, inserimos as CVLs na classe dos predicados monoargumentais.

1.2.3. *Inacusativos*

Verbos inacusativos assemelham-se a CVLs e a verbos inergativos por serem do tipo monoargumentais. No entanto, verbos inacusativos diferem-se dessas outras construções com relação ao tipo de argumento que apresentam. Enquanto verbos inergativos e CVLs atestam um único argumento – externo – de natureza semântica 'Agente', verbos inacusativos atestam um complemento sem marcação temática. Observe as sentenças abaixo:

(43) a. O trem chegou
b. Chegou o trem
c.* O trem foi chegado

Diferentemente dos inergativos e das CVLs, verbos inacusativos, como *chegou* em (43a-c) – não projetam argumentos externos. Em outras palavras, o SN *o trem* (43) é projetado inicialmente no SV como complemento do verbo *chegar* – a ordem em (43b) atesta este fato. Observe, no entanto, que o argumento interno do verbo *chegar* – *trem* – não recebe atribuição de Caso acusativo não podendo, portanto, ser o sujeito em uma construção do tipo *apassivação* – ver (43c).

Veja a projeção da sentença (42a) renumerada em:

(44) a. O trem chegou

b.

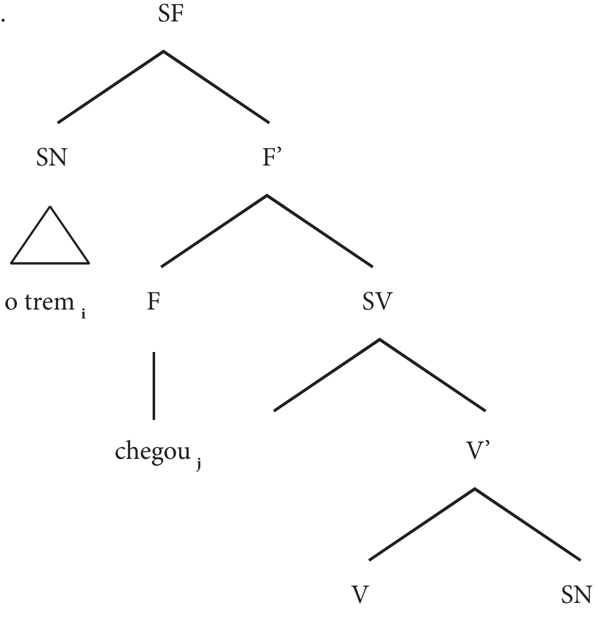

Observe, pela estrutura em (44b), que verbos inacusativos não preenchem a posição [Spec, VP]. Em outras palavras, verbos inacusativos não projetam argumento externo do tipo 'Agente' e este fato é evidenciado pela projeção em (44b). Já que não projetam argumentos externos, verbos inacusativos não são do tipo *verbos leves*: não se movem para uma camada funcional Sv.

O português é uma língua de ordem S(ujeito) V(erbo). A aparente ordem V(erbo) S(ujeito) expressa em (43b), renumerada abaixo, corrobora o fato de que o SN *o trem* em (43b) não é o sujeito da sentença, mas o complemento interno do verbo inacusativo *chegou*:

(45) a. Chegou o trem

b.

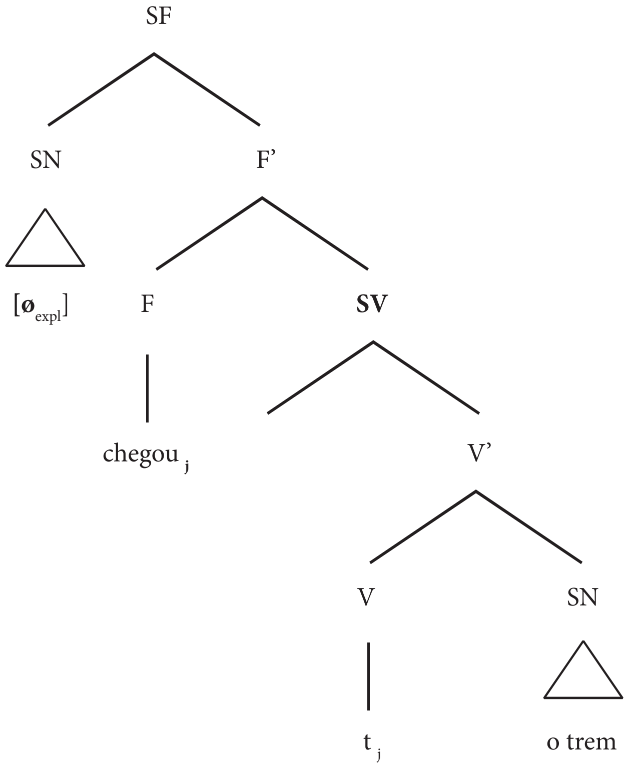

Observe que o sujeito da sentença em (45) é um sujeito nulo do tipo [**ø**$_{expl}$]; logo a ordem sentencial em (45) ainda é S(ujeito) V(erbo) – reveja a noção de sujeito no capítulo 3, subseção (2.2.1.1.).

Do exposto acima, percebe-se que SNs ligados a predicações do tipo monoargumentais têm relações distintas com os verbos aos quais se ligam.

Em verbos inacusativos:

> *[...] se um DP [(sintagma nominal)] aparece na posição de sujeito de um verbo desta classe, este DP não é o argumento externo deste verbo. Vemos aqui a necessidade de reforçar a diferença entre ser sujeito da sentença e ser argumento externo do verbo. [...].*
>
> *Mioto et al. (2004)*[38]

É preciso ainda apontar outra característica importante de verbos inacusativos: verbos inacusativos não marcam Caso acusativo a seus SNs complementos internos. Este fato é corroborado pelas estruturas inacusativas – como se vêem em (44b/45b) – em que o verbo não se projeta em uma camada Sv. Note que é o v(ezinho) o atribuidor de Caso acusativo a um dado SN. Logo, há uma diferença entre ser argumento interno de um verbo e ser argumento interno de um verbo com marcação de Caso acusativo.

Observe novamente o dado (19a) e sua estrutura em (21) – capítulo 3 –, renumerados em:

(46) a. [**ø**$_{exp}$] Parece que o Brasil tem quinze ou dezoito impostos

b.

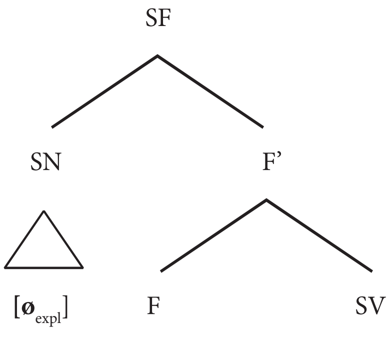

---

[38] Mioto et al. (2004, p.148; os parênteses são nossos).

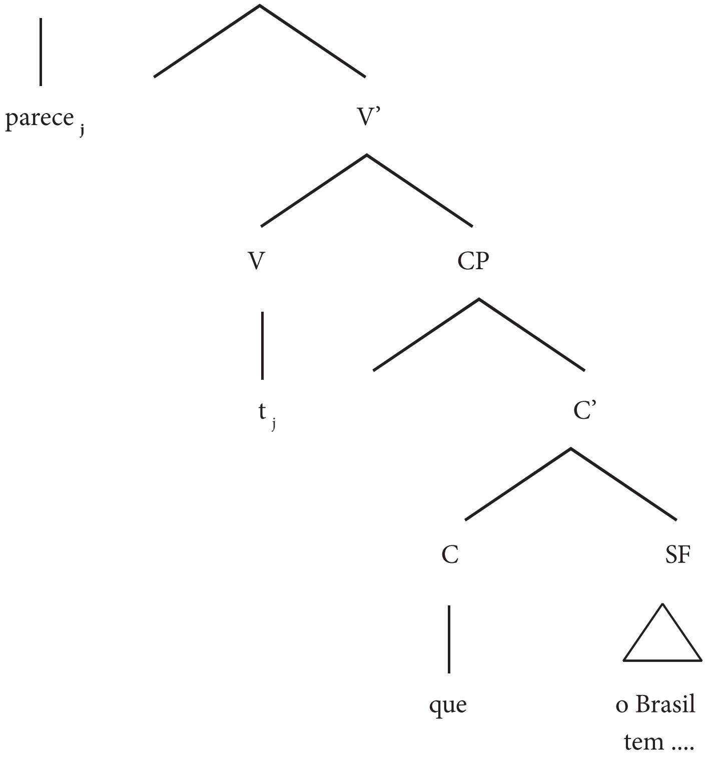

Em (46), exemplifica-se um típico verbo inacusativo. *Parece* projeta um argumento interno do tipo sentencial: o sintagma complementizador (SC) *que o Brasil tem quinze ou dezoito impostos*; no entanto, dada a impossibilidade de *parece* atribuir Caso acusativo ao SC interno, este SC não é um objeto direto (do tipo sentencial)[39].

Verbos como *parece* (46) enquadram-se na chamada hipótese inacusativa. Logo o nome inacusativo *"[...] deriva da inabilidade de este tipo de verbo atribuir Caso acusativo, mesmo tendo um DP (SN) complemento [...]"*[40].

Chama-se a atenção para o seguinte fato: em português, toda sentença chamada de *subordinada substantiva subjetiva* é exemplo de argumento interno (sentencial) de um verbo inacusativo da sentença matriz[41]. A fim de reiterarmos esta afirmação, observe as características de *sentenças subordinadas substantivas subjetivas*, dadas por Bechara (2006, p. 484):

---

[39] Este SC não é tampouco um sujeito oracional como afirmam nossos compêndios gramaticais. O verbo *parece* não projeta uma camada Sv, logo o SC interno não 'nasce' como argumento externo do verbo – sobre este aspecto, rever subseção (2.2.1.1.1.) no capítulo 3.

[40] Mioto et al. (2004, p.147-8); os parênteses são nossos.

> *"[...] A oração substantiva subjetiva apresenta as seguintes características: Estar o verbo da oração principal na 3ª. pessoa do singular e num destes quatro casos:*
>
> *a) verbo na voz reflexiva de sentido passivo:*
> *Sabe-se que tudo vai bem.*
> *b) verbo na voz passiva (ser, estar, ficar) seguidos de particípio:*
> *Ficou provado que estava inocente*
> *c) verbos ser, estar, ficar seguidos de substantivo ou adjetivo:*
> *É verdade que sairemos cedo.*
> *Foi bom que fugissem.*
> *Está claro que consentirei.*
> *Ficou claro que consentirei.*
> *Ficou certo que me telefonariam.*
> *d) verbo do tipo parece, consta, ocorre, urge, importa, convém, dói, punge, acontece:*
> *Parece que vai chover*
> *Urge que estudem.*
> *Cumpre que façamos com cuidado todos os exercícios.*
> *Acontece que todos já foram punidos."*

Note que, em todos os exemplos da citação acima – Bechara (op. cit.) – os verbos das sentenças matrizes são verbos do tipo inacusativo. As sentenças subordinadas a esses verbos não são geradas como seus argumentos externos, mas sim como seus argumentos internos.

Inserem-se na subclasse dos verbos monoargumentais inacusativos, o verbo *haver*, exprimindo 'existência' ou 'acontecimento'. Esse verbo é denominado de *verbo impessoal* pela tradição gramatical[42].

Observe o exemplo a seguir:

---

[41] Ratificamos que ao dizermos "argumento interno" não estamos necessariamente dizendo que este complemento é o objeto direto da sentença.

[42] Cf. Infante (1995: 354-355).

(47) a. Há bons livros na Editora Multifoco

b.

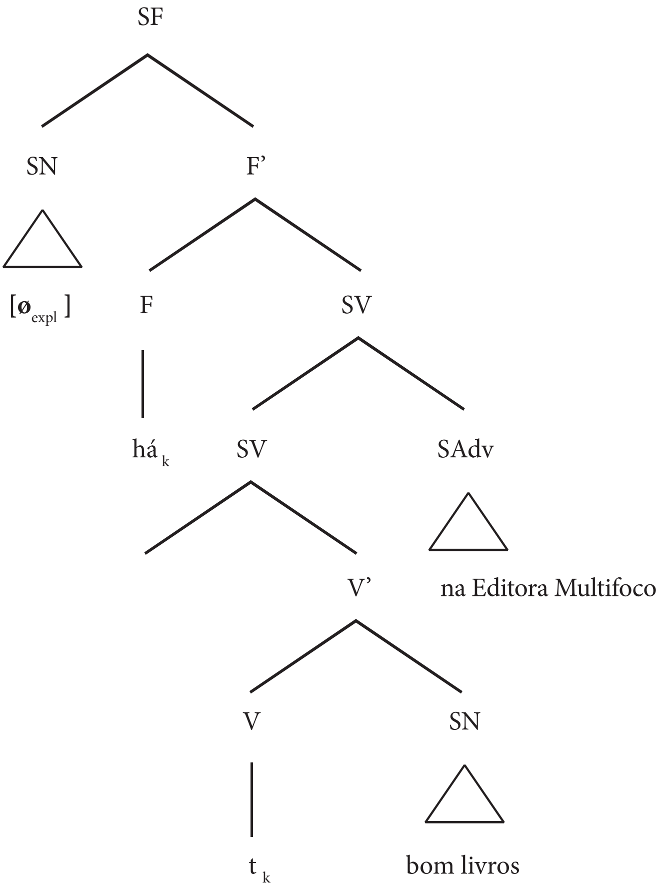
SF
SN
F’
[ø expl]
F
SV
há k
SV
SAdv
V’
na Editora Multifoco
V
SN
t k
bom livros

A seguir detalhamos uma grande subclasse de verbos inacusativos: os chamados *verbos de alçamento*.

1.2.3.1. *Verbos de Alçamento*

A grande maioria das construções monoargumentais do tipo inacusativas ocorre dentro da subclasse dos *verbos de alçamento*: (i) verbos de ligação (copulativos) e (ii) verbos auxiliares.

> *Os verbos de alçamento vão, portanto, englobar os chamados verbos de ligação, como os exemplificados em (32), e também os verbos auxiliares, como os exemplificados*

em (33), já que eles não estão associados a papéis temáticos e seus sujeitos são argumentos do verbo "principal".

*(32) a. eu **sou** assim meio chata pra essas coisas né? (DID RJ 328)*
*b. eu acho que teatro **está** bem mais caro (DID SP 234)*
*c. tem muita gente que **fica** chateada ou pelo menos desapontada...né? (D2 SP 360)*
*d. sei lá **ando** muito cansada não tenho ido mais a teatro (DID SP 234)*
*e. ele **permanece** fiel a essa comunicação, mas utilizando as suas palavras, sem alterar o sentido (EF POA 278)*

*(33) a. nós estamos aqui para esclarecer as dúvidas que **vão** surgindo (EF POA 278)*
*b. agora na escola ele aprendeu rapidamente a ler...e começou a ler os livros que nós já **tínhamos** lido para ele (D2 SP 360)*
*c. quando nós falamos em instrumentos de avaliação nós logo **devemos** pensar que níveis de pensamento esses instrumentos estão nos permitindo avaliar (EF POA 278)*
*d. mas realmente a cadeia de supermercados aqui é de de de de de Recife provavelmente é superior a qualquer uma do país...isso vocês **podem** julgar lá vendo... (D2 REC 05)*

Cyrino, Pagotto & Nunes (a sair: 13).

1.2.3.1.1. *Verbos Copulativos (Verbos de Ligação)*

Em português, os verbos *ser*, *estar*, *permanecer*, *parecer* (e alguns outros, em condições especiais) são chamados de *verbos de ligação*. Verbos de ligação são *cópulas*, ou *verbos copulativos,* que unem dois sintagmas de natureza [+N] com função de sujeito e predicado em uma oração chamada de *pequena oração*[43]. Logo, verbos copulativos não são o centro da predicação nas sentenças em que estão inseridos e este fato foi bem capturado pela 'gramática tradicional' que denomina esses predicados de *predicados nominais*.

É importante notar que, em muitas línguas, a cópula (COP) pode não ser verbo, como se vê abaixo com um exemplo em *hauçá* (Nigéria)[44]:

---

[43] Pequena oração é uma tradução do termo em inglês *Small Clause*.

[44] Schachter (1985:55). Dados (166a-b), renumerados e traduzidos. Os negritos são nossos.

(48) a. Ita yarinya **ce**
ela garota COP
"ela é uma garota"

b. Shi yaro **ne**
ele garoto COP
"ele é um garoto"

Em *hauçá*, o elemento copulativo não é um verbo, mas uma partícula funcional. '**Ce**' é a cópula usada com feminino singular e '**ne**' a usada em todos os outros casos[45].

As principais características de verbos copulativos, como as cópulas do português, são: (**i**) têm pouco significado independente; (**ii**) relacionam um *SN sujeito* a um *SADJ/ SN/SP predicado* – chamados de *predicativos* pela GT; (**iii**) os dois sintagmas de natureza [+N] (sujeito e predicado) formam uma predicação ou uma *pequena oração* – "small clause" (SC ou PO)[46]:

(49) a. Lucinda **é** bonita

b.

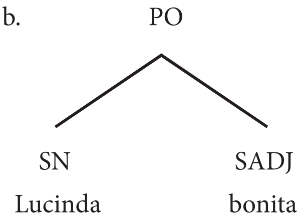

(50) a. Lucinda **é** uma gata

b.

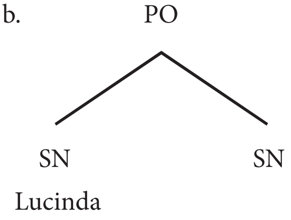

---

[45] Schachter (1985, p. 55).
[46] Sobre "Pequena Oração", ver Mioto et al. (2004, p.156-158).

(51) a. A Lucinda **é** de ouro

b.

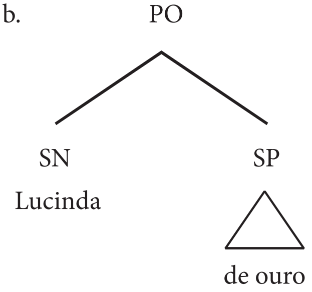

Observe que os diagramas (49b-51b) – POs – representam o fato de que o SADJ *bonita* (49a), o SN *uma gata* (50a) e o SP *de ouro* (51a) são predicações que se fazem sobre o SN *Lucinda* (sujeito dessas predicações). Logo, PO é uma noção introduzida na teoria gramatical a fim de expressar uma predicação que se estabelece entre um constituinte que é sujeito e outro que é predicado sem que o núcleo dessa predicação seja um verbo. Note, no entanto, que a presença do verbo copulativo *ser* nas sentenças (49)-(51) não pode ser ignorada. Chamamos a atenção do leitor para o fato de que, nos gráficos em (49b-51b), a projeção sintagmática é PO e não SF (sintagma flexional).

Verbos copulativos (de ligação) como *ser* em (49a)-(51a) devem ser inseridos na classificação de verbos inacusativos que selecionam uma sentença (mas não do tipo Sintagma complementizador (SC) como visto em (46)). As sentenças que os verbos inacusativos copulativos selecionam são sentenças do tipo PO – pequena-oração ("small clause").

Observe o diagrama simplificado das sentenças (49)-(51) renumeradas:

(52) a. Lucinda **é** bonita
b. Lucinda **é** uma gata
c. Lucinda **é** de ouro

(53) a-b-c'.

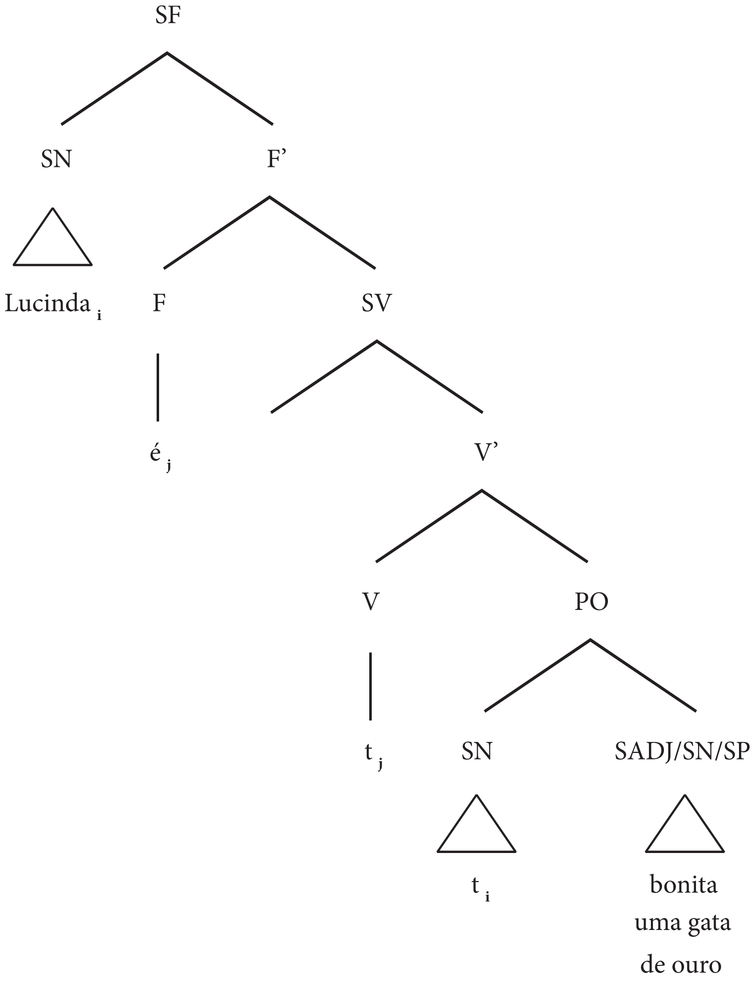

Note que o SN sujeito do sintagma sentencial (SF) – *Lucinda* –, em (53a-c'), não foi gerado, nessas sentenças, como argumento externo do verbo *ser*. Como os demais verbos inacusativos, verbos copulativos não geram um argumento externo, mas sim um argumento interno; logo, verbos copulativos não são movidos para uma camada Sv.

O SN *Lucinda* (53a-c') é gerado dentro de uma PO que é o complemento do verbo *ser*. Na posição interna a uma PO, *Lucinda* (53a-c') não recebe marcação de *Caso acusativo* pelo verbo *ser*, por este ser inacusativo; o SN *Lucinda* (53a-c') é movido para a posição [Spec, IP] a fim de receber o *Caso nominativo* por meio da flexão verbal. Em outras palavras, o SN *Lucinda* (53a-c') foi "alçado" para a posição de sujeito da sentença – posição [Spec, SF].

É preciso, no entanto, que o leitor esteja atento para o fato de que a estrutura PO, como apresentada nesta subseção, apresenta problemas quanto ao esquema X-Barra[47]. Voltaremos às projeções do tipo PO quando falarmos sobre o sintagma adjetivo no capítulo 6.

1.2.3.1.2. *Verbos Auxiliares*

Na subseção acima, vimos que os sujeitos manifestos em construções copulares são resultado da subida (alçamento) de um SN de dentro de uma predicação interna ao verbo. Outra subclasse típica de *verbos de alçamento* são os *verbos auxiliares*.

(54) Características de verbos auxiliares

(i) são verbos vazios de significado;

(ii) são verbos seguidos imediatamente por um verbo pleno em sua 'forma nominal': gerúndio, particípio ou infinitivo.

Observe a sentença abaixo com o verbo auxiliar *acabo*, seguida por seu respectivo esquema arbóreo[48]:

(55) a. eu se puder ainda **acabo** ca ...pedindo transferência pra Universidade *Federal do Paraná...* (D2 RJ 355)

b. [...] eu acabo pedindo transferência pra Universidade Federal do Paraná ...

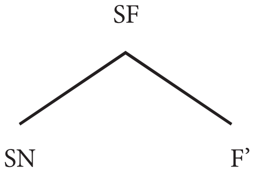

---

[47] Observe que POs, como apresentadas nos esquemas desta subseção, ferem X-Barra por não representarem uma estrutura sintagmática organizada a partir de um núcleo. "Qual seria o núcleo de um sintagma PO?"

[48] Cyrino, Pagotto & Nunes (a sair: 14); exemplo (34a). A estrutura em (52b) é nossa.

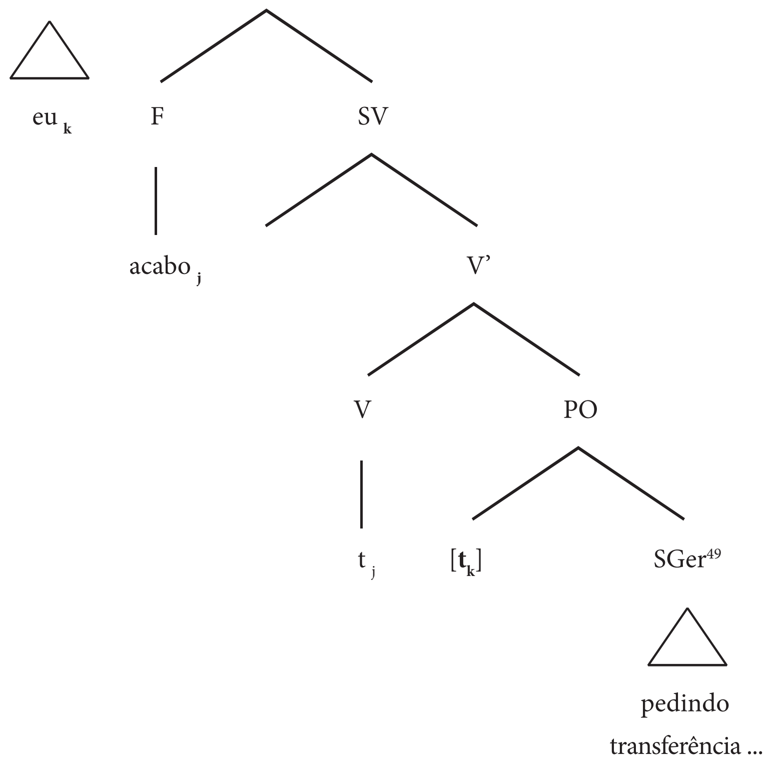

O exemplo (55) apresenta uma construção de alçamento. O *verbo inacusativo auxiliar acabar (acabo)* (esvaziado de significado) apresenta um complemento do tipo PO “pequena oração”. Observe que a PO organiza-se com um SN do tipo ‘sujeito’ – *eu* – e um predicado do tipo ‘*sentença reduzida de gerúndo*’[50]. O sujeito – *eu* – da PO é “alçado para a posição [Spec, SF] da sentença principal, que contém o verbo auxiliar *acabar*: “*eu acabo* ..”; nesta posição, há espaço para o alçamento do SN por ser uma posição apta para a marcação de Caso.

Note que estamos tomando o verbo *pedindo* (em sua forma no gerúndio) (55) como uma categoria do tipo [+N] e não [+V]. Por tratarmos *pedindo* como uma categoria [+N] é que podemos inseri-la em uma predicação do tipo PO.

Observe outro exemplo de estrutura de alçamento por meio de verbo auxiliar, seguido de verbo pleno em sua forma reduzida de infinitivo:

---

[49] SGer – Sintagma Gerúndio (uma oração do tipo reduzida, no sentido da gramática tradicional).

[50] A gramática tradicional chama esta oração de “oração subordinada reduzida de gerúndio”.

(56) a. Eu quero dormir[51]

b.

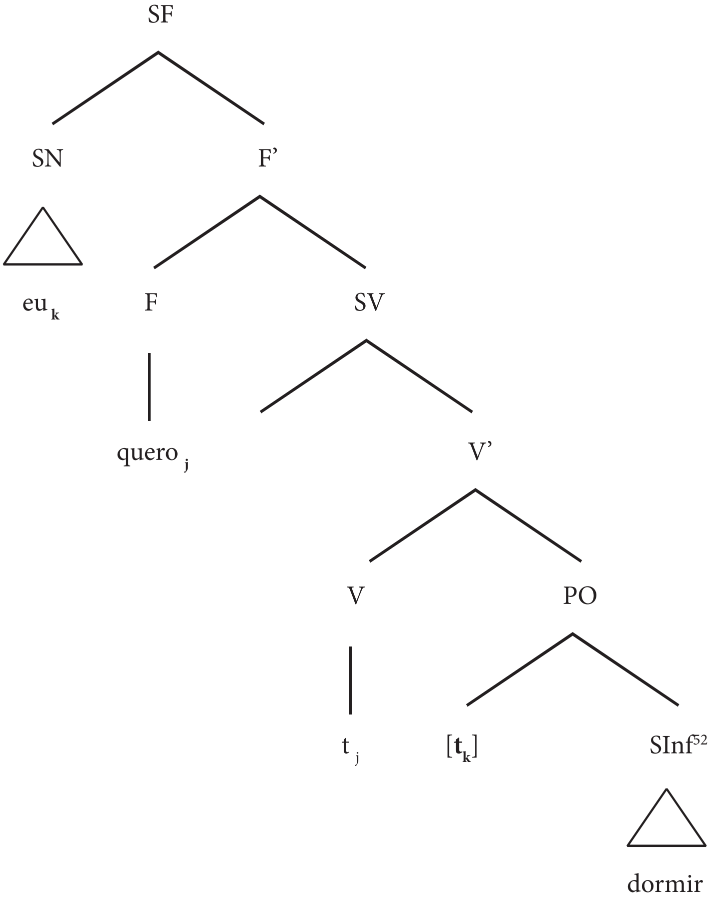
SF
SN
F'
eu k
F
SV
quero j
V'
V
PO
t j
[tk]
SInf52
dormir

Em (56), o verbo auxiliar (modal) *querer (quero)* apresenta um complemento oracional do tipo "oração reduzida" – sem conjunção e com o verbo em uma forma nominal do tipo infinitivo: "dormir"[53]. O sujeito da sentença reduzida *[eu]* em "*[eu] dormir*" será "alçado para a posição [Spec, SF] da sentença principal que contém o verbo auxiliar: *"eu quero"*; nesta posição, há espaço para o alçamento do SN por ser uma posição apta para a marcação de Caso.

---

[51] *Quero* em *"eu quero dormir"* é um auxiliar do tipo 'modal'. Outro auxiliar deste tipo é *poder* em *"eu não posso dormir"*. Observe, no entanto, que *quero* pode ser um verbo pleno como se exemplifica em construções do tipo *eu quero chocolate*.

[52] SGer – Sintagma Gerúndio (uma oração do tipo reduzida, no sentido da gramática tradicional).

[53] A gramática tradicional chama esta oração de "oração subordinada reduzida de infinitivo".

Note que estamos tomando o verbo *dormir* (em sua forma no infinitivo não flexionado) (56) como uma categoria do tipo [+N] e não [+V]. Por tratarmos *dormir* como uma categoria [+N] é que podemos inseri-la em uma predicação do tipo PO.

Ao tratarmos de verbos auxiliares, é preciso atentar para as *construções passivas*. Observe a sentença a seguir e sua representação arbórea:

(57) a. O livro foi comprado pelo professor

b.

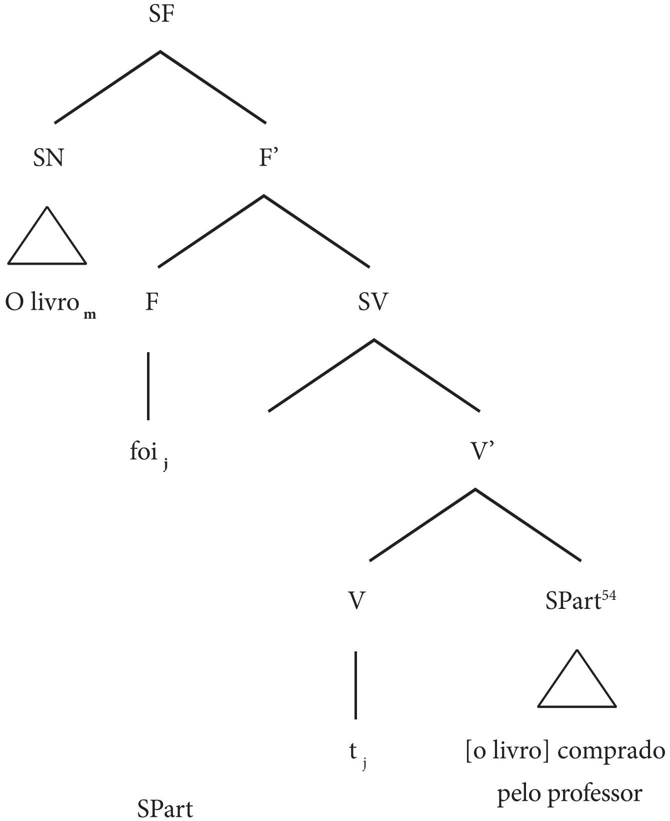

b'.

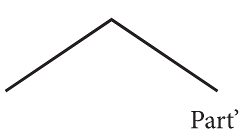

---

[54] SPart – Sintagma Particípio (uma oração do tipo reduzida, no sentido da gramática tradicional).

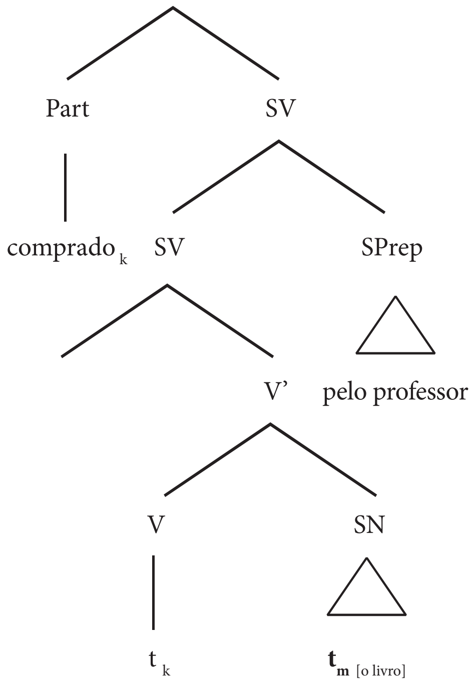

A sentença (57) exemplifica uma construção de alçamento. O verbo auxiliar *ser (foi)* (esvaziado de significado) apresenta um complemento oracional do tipo “oração reduzida” – sem conjunção e com o verbo em uma forma nominal do tipo particípio: “comprado”.

Note que, em (57b), o SN *o livro* é gerado dentro de uma sentença *particípio* (SPart) que funciona como argumento interno do verbo *ser* (*foi*) da sentença matriz. O verbo encaixado *comprar (comprado)*, como o auxiliar, é do tipo inacusativo, logo não assinala *Caso acusativo* para o SN *o livro*.

Como visto no início da subseção (1.2.3.), o SN interno a um verbo inacusativo pode ou não mover-se para a posição de sujeito de uma sentença – veja (43) renumerado:

(58) a. O trem chegou
b. Chegou o trem

Em (58a), o SN *o trem* sofreu movimento para a posição de sujeito sentencial.

Voltemos à estrutura passiva em (57).

De acordo com Cyrino, Pagotto & Nunes (a sair: 6):

> *[...] A distinção semântica mais fundamental entre ativas e passivas na verdade diz respeito ao argumento externo. Em construções ativas, o papel temático de agente é obrigatoriamente atribuído ao argumento externo; já em construções passivas, o papel temático de agente é opcional e, se presente, é realizado estruturalmente como um adjunto (o agente da passiva na terminologia tradicional). [...].*

Em (57) o SN *o livro*, argumento interno do verbo inacusativo *comprar* (*comprado*), move-se para a posição de sujeito do verbo auxiliar – movimento conhecido como 'alçamento'. Observe ainda que, em (57), [*o professor*] é o SN com papel teta 'Agente'; este SN é inserido na sentença passiva pelo SP [*pelo professor*], na posição de adjunto do verbo **comprado** – ver (57b').

A construção passiva realizada com verbo auxiliar e exemplificada em (57) é chamada de *passiva sintática* – cf. Duarte (2003b: 522-530).

(59) Passiva Sintática – uma construção *passiva sintática* é formada por verbo auxiliar mais verbo pleno em sua forma nominal conhecida como *particípio*. O verbo no particípio, em uma dada construção passiva sintática, tem uma forma alternante transitiva ou bitransitiva[55].

A característica de uma construção passiva sintática de atestar formas alternantes transitivas/bitransitivas pode ser vista em:

(60) a. Fernanda comprou duas botas na Feira da Ladra por 2 euros!
b. Duas botas foram compradas na Feira da Ladra (por Fernanda) (por 2 euros)!

(61) a. A amiga Dália emprestou a mesinha de computador para Márcia
b. A mesinha de computador foi emprestada para Márcia (pela amiga Dália)

Em (60b), (61b), os verbos *compradas*/*emprestada*, são formas alternantes das formas transitiva/bitransitiva, respectivamente, *comprar*/*emprestar* em (60a), (61a).

Similar às construções passivas sintáticas, estão as *passivas adjetivais*. As construções passivas adjetivais, tais como as sintáticas, são construções de alçamento.

---

[55] cf. Duarte (2003b: 522-530).

(62) Passiva Adjetivas – uma construção *passiva adjetival* é formada por verbo copulativo mais verbo pleno em sua forma nominal conhecida como *particípio*. O verbo no particípio, em uma dada construção passiva sintática, tem uma forma alternante inacusativa[56].

A característica de uma construção passiva adjetiva de atestar uma forma alternante inacusativa pode ser vista em:

(63) a. O neto de Evanilde cresceu bastante
b. O teu neto está (muito) crescido[57]

Em (63b), o verbo *crescido* é uma forma alternante da forma inacusativa *crescer (cresceu)* em (63a).

Neste livro, trataremos as estruturas das passivas adjetivais como estruturas similares a estruturas com verbos copulativos como se exemplifica abaixo por meio do dado (63b), renumerado:

(64) a. O teu neto está (muito) crescido

b.

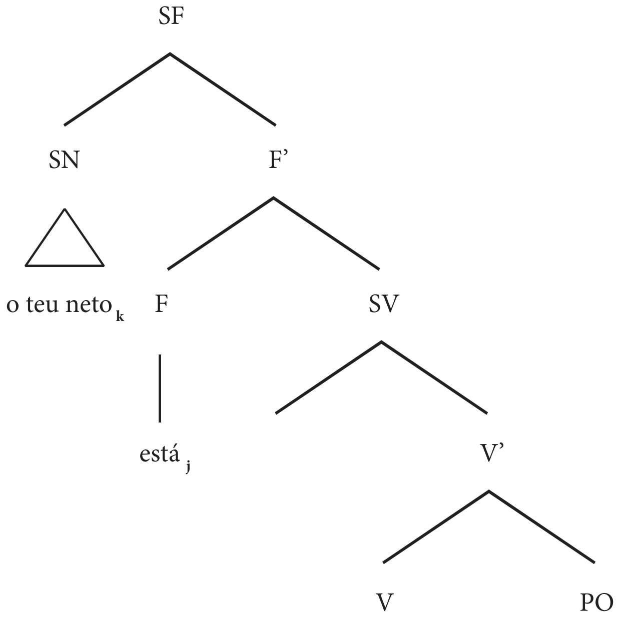

---

[56] cf. Duarte (2003b: 534).

[57] Duarte (2003b: 535); dado (57)(a), renumerado.

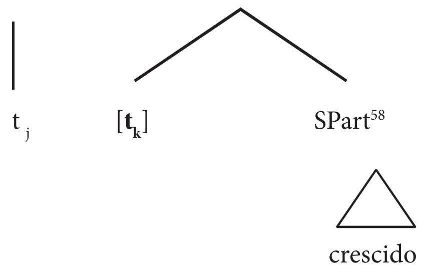

Observe que, em (64), o SN o *teu neto* é alçado da posição de sujeito da PO para a posição de sujeito do verbo copulativo *estar (está)*.

Abrimos um parêntese nesta subseção, dedicada a construções inacusativas com verbos de alçamento, para exemplificar outro tipo de construção passiva, que no português brasileiro, não atesta alçamento. Trata-se da *passiva reflexiva* ou *passiva de –se*:

> *Paralelamente às passivas sintácticas [...] existem em português (e nas restantes línguas românicas)* passivas de –se*, a que a tradição gramatical tem chamado passivas pronominais ou passivas reflexas [...].*
>
> *Duarte (2003b: 531)*

Observe uma construção *passiva de –se* em:

(65) a. Vende-se ovos

b.

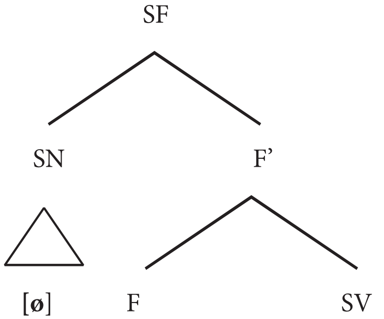

---

[58] SPart – Sintagma Particípio. Seguimos Duarte (2003b: 535) que assume que os verbos que ocorrem nas passivas adjetivais são **verbos copulativos** e não verbos auxiliares.

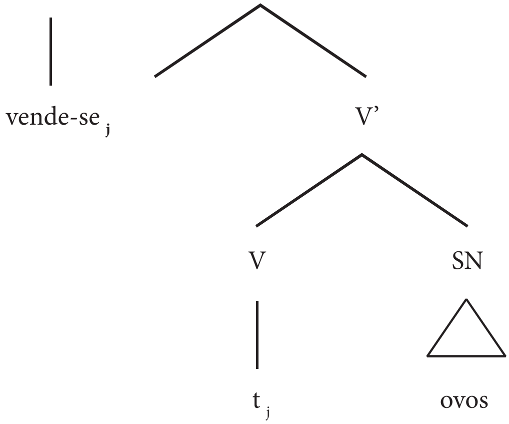

A sentença em (65) aponta para um clássico dilema entre a gramática normativa e o português falado no Brasil. No português brasileiro, opta-se pelo uso do verbo no singular em construções *passivas –se*, como se vê em (65); isso se dá mesmo que o SN ligado ao verbo seguido de *–se* esteja no plural. De acordo com a gramática normativa, a construção em (65) deveria ser: *vendem-se ovos*. Isto porque a gramática normativa entende que *ovos* em (65) é o sujeito da sentença[59]. No entanto, *ovos*, na construção em (65), não pode ser classificado como o sujeito da sentença, mas sim o argumento interno do verbo *vender*. Em (65), o argumento do verbo inacusativo permanece em sua posição original – posposto ao verbo – e o sujeito da sentença é um SN nulo de natureza 3ª. pessoa do singular.

Logo, pela descrição acima, percebe-se que o uso brasileiro opta pela posição interna ao VP de SNs complementos em construções do tipo *passivas –se*. O sujeito da sentença, nessas construções é então um sujeito nulo.

Em português europeu, os SNs complementos de verbos inacusativos, em passivas *–se*, têm sua ordem preferencial antepostos ao verbo; ou seja, os SNs em passivas *–se* são preferencialmente “alçados” para a posição de sujeito da sentença, como se vêem em dados de Duarte (2003b: 531)[60]:

(66) a. Os artigos publicaram-se propositadamente no último número da revista
b. O canivete usou-se para cortar o pão

---

[59] A gramática normativa, neste ponto, faz uma estreita relação (semântica) entre *passivas –se* com *passivas sintáticas*. Em *passivas sintáticas*, a sentença (65) seria *“ovos são vendidos”*.

[60] Dados (44a-b), renumerados.

Do exposto acima, aponta-se a seguinte definição para *passivas –se* no português brasileiro:

(67) Passivas –se: uma construção *passiva -se* é formada por uma formal verbal inacusativa alternante de uma forma verbal transitiva, como *vender*. O verbo inacusativo, em uma passiva –se, atesta um amálgama com um pronome clítico *se* e é seguido por um complemento.

Na descrição acima, observa-se que, na estrutura em (65b), o índice (**j**), subscrito ao verbo *vende-se,* aponta para uma *cadeia*, ou seja, para um movimento de um núcleo de verbo para uma posição de núcleo da flexão; nesta posição ocorre um tipo de incorporação de núcleo de pronome (*se*): há um 'amálgama' de um conjunto morfológico verbo+flexão na posição I. Este pronome *se* é um equivalente ao SN 'Agente' que pode se manifestar-se como adjunto adverbial em construções de passivas sintáticas.

Ao término desta subseção que trata sobre verbos auxiliares, é importante atentar para o fato de que as *passivas sintáticas* operam restrições sobre os verbos com que podem ocorrer:

> *Nas passivas sintácticas apenas podem ocorrer formas participiais de verbos ditransitivos e transitivos. Como a agramaticalidade dos exemplos (33) mostra, não podem ocorrer em passivas sintácticas formas participiais de verbos inergativos (cf. (33a)), de verbos inacusativos (cf. (33b)) e de verbos que selecionam argumentos internos preposicionados (cf. (33c)) ou que assumem superficialmente uma forma preposicional (cf. (33d)):*
>
> *(33) (a) *O João foi tossido (pelo fumo).*
> *(b) *O telhado foi caído (pelo vendaval).*
> *(c) *O João foi telefonado (pelo Pedro).*
> *(d) *O espetáculo foi gostado (pelos críticos).*
>
> *Duarte (2003b: 529)*

Logo, as passivas sintáticas constituem um importante papel para a checagem de um verbo transitivo ou bitransitivo.

Verbos inacusativos, tratados nesta subseção, podem apresentar uma característica interessante: exibir uma variante causativa transitiva como se vê a seguir.

1.2.3.2. *Verbos de Alternância Causativa*

Verbos de alternância exibem duas variantes: uma exibe menos um argumento do que a outra. Nesta subseção, apontamos os verbos de alternância causativa[61].

Verbos tipicamente *causativos de mudança de estado* são os verbos que aceitam alternância causativa. Os verbos *abrir, afundar, aumentar, derreter, fechar, reprovar, terminar* exibem uma variante causativa transitiva e uma variante não causativa inacusativa – ver Duarte (2003b: 306).

Abaixo, veja um exemplo de alternância causativa:

(68) a. Joana *abriu* aquela porta – *variante transitiva*
b. Aquela porta *abriu* – *variante inacusativa*

Em (68a), o verbo *abrir* apresenta a variante transitiva, exibindo argumento externo 'Agente' e argumento interno 'Tema'. Diferentemente, o verbo *abrir* em (68b) exibe a variante inacusativa, atestando apenas um argumento interno.

Sobre *construções inacusativas*, ver sugestão de leitura em *Leituras complementares* (capítulo 4) – ao final deste livro.

1.3. *Verbos sem Argumento*

Nas seções (1.2.) e (1.3.) tratamos sobre os verbos com mais de um argumento e sobre os verbos monoargumentais. Nesta seção, abordamos sobre os verbos que não selecionam argumentos.

Verbos sem argumentos são tratados, pela gramática normativa, dentro da classe dos chamados verbos impessoais. Esses verbos são apontados como[62]:

(i) verbos que exprimem fenômenos da natureza como *anoitecer*, *amanhecer*, etc[63];

(ii) os verbos *estar*, *fazer*, *haver* e *ser* quando se relacionam com tempo ou fenômeno natural – ex.: "Já é tarde"; "Há anos que estudo Lingüística".

---

[61] Em Duarte (2003b: 306-308) vê-se ainda *verbos de alternância locativa.*

[62] Cf. Infante (1995, p. 354-55).

[63] Observe as palavras de Infante (1995: 354):
"Quando usados de forma figurada, esses verbos podem ter sujeito determinado: Choviam *papéis sobre a multidão alvoroçada."*

O verbo *haver*, exprimindo existência ou acontecimento, também é tratado como verbo impessoal pelos gramáticos, no entanto, como apontado em (1.2.3.), este verbo é um verbo monoargumental do tipo inacusativo.

Observe um exemplo de *verbo impessoal* com seu respectivo diagrama:

(69) a. Choveu ontem

b.

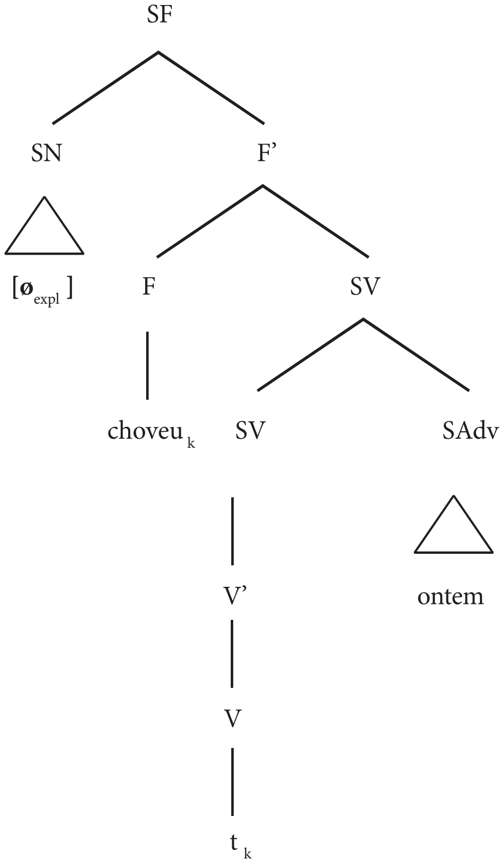

Observe que um verbo sem argumento não abre espaço para projeção, nem de argumento externo, nem de argumento interno. Como não projeta argumento externo, este verbo não se move para o núcleo de uma camada funcional Sv, projetando-se apenas na camada SV. A posição de sujeito de verbos sem argumento, como *chover* em (69), é preenchida com um sujeito nulo do tipo expletivo.

Sobre *aspectos da predicação em português*, ver sugestão de leitura em *Leituras complementares* (capítulo 4) – ao final deste livro.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo atentamos para a classificação do verbo, centrada no conceito de predicação. Tomando como critério de análise da predicação a característica: "número de argumentos que um *predicador* requer", descrevemos os verbos com mais de um argumento, os verbos monoargumentais e os verbos sem argumentos.

A análise sintática dos verbos em português centrou-se na projeção dos verbos em torno de camadas. Dependendo do tipo de argumentos que tomam e ainda da informação de papel teta que cada verbo apresenta, relacionada a seus argumentos, o sintagma verbal poderá ser projetado: **(i)** por duas camadas – uma camada nucleada por um verbo semanticamente pleno (SV) e uma camada nucleada por um verbo leve (Sv); **(ii)** por uma camada nucleada por um verbo semanticamente pleno (SV).

No próximo capítulo enfatizamos o sintagma nominal – SN –, uma categoria lexical importante na composição do verbo e da sentença; apresentamos ainda considerações sobre a projeção funcional do SN, o sintagma determinante – SD.

Capítulo 5

Análise do sintagma nominal e do sintagma determinante: *As orações com função [+N]*

1. A Categoria ‘Nome’

Neste livro, nossa ênfase recai sobre a predicação – ver capítulos 3 e 4 –, e neste capítulo, especificamente, tratamos sobre o *nome*, a categoria que se organiza como argumento de predicadores[1]. O termo *nome* é usado neste capítulo, e em todos os outros, no seu sentido tradicional, abrangendo a classe denominada pelos gramáticos de *substantivo*.

São três as categorias funcionais atestadas, morfologicamente, nas palavras [+N] – *nomes/ pronomes* – em nossa língua:

- em *nomes* e *pronomes* (1) *gênero*, (2) *número*
- em *pronomes pessoais* (3) *caso morfológico*

Abaixo, exemplificam-se as categorias *gênero* e *número*, marcadas a partir do núcleo da projeção do sintagma *menino*:

(1) a. $[_{SD}$ $[_{SN}$ O menino bonito]]
b. $[_{SD\ [SN}$ Os meninos bonitos]]
c. $[_{SD}$ $[_{SN}$ A menina bonita]]
d. $[_{SD}$ $[_{SN}$ As meninas bonitas]]

Tomando, em (1a), *menino* como a forma *default*, observam-se as raízes mais os afixos *menino(s)/a(s)* que referem-se às categorias funcionais *gênero* e *número*.

---

[1] Os *nomes*, como argumentos, podem ser inseridos na predicação por meio de *preposições*. No entanto, a categoria *preposição* está fora do escopo deste capítulo.

Neste capítulo consideraremos a ocorrência sintática dos sintagmas nominais – SNs –, atentando para outras categorias que entram na composição deste sintagma como se vê acima por meio das palavras chamadas de: determinante (SD) e adjetivo (SAdj). As categorias SD e SAdj manifestam o fenômeno de concordância de *gênero* e *número* com o núcleo *nome*, como se vêem nos exemplos (1) por meio das palavras *o(s)/a(s)* (SD) e *bonito(s)/a(s)* (SAdj). O ‘quantificador’ (SQ) também atesta concordância de gênero e número com o nome – ver subseção (2.1.2.).

Antes de prosseguirmos, queremos esclarecer que, nas predicações em português, dois tipos de ‘concordância’ são atestadas: a concordância nominal e a verbal. A concordância nominal, exemplificada em (1) é chamada de *Concord (Conc)* pela literatura em língua inglesa; já a concordância verbal, que trataremos brevemente em (1.2.), é chamada, pela literatura em língua inglesa, de *Agreement (Agr)*.

A seguir, apresentamos duas grandes características que os *nomes* apresentam em sua relação com o elemento predicador em uma dada sentença: *caso* e *concordância – Agreement (Agr)*.

1.1. *Caso Morfológico*

Uma categoria gramatical importante atrelada a *nomes* nas línguas é o *caso morfológico*[2]. Em línguas que marcam *caso morfológico*, os nomes carregam as relações gramaticais/semânticas, que os ligam à predicação, explicitamente marcadas em sua morfologia. *Quechua, alemão*, *russo*, *latim*, *basco*, *finlandês, turco, bikol* são alguns exemplos de línguas que exibem um elaborado sistema de *caso*.

Línguas casuais podem atestar cerca de três a seis formas distintas (algumas vezes uma dúzia ou mais); trata-se de um interessante fenômeno de flexão nos *nomes* dessas línguas. Veja o exemplo abaixo em *bikol* (Filipinas)[3]:

(2) nag-taʼó **‘ang**-laláke **ning**-líbro **sa**-babáye
ACT- dar Nom-homem Ac-livro Dat-mulher[4]
“O homem deu um livro para a mulher”

---

[2] No capítulo 3, subseção (2.2.1.), introduzimos a noção de *caso morfológico* com um exemplo da língua quechua – ver dado (8) naquele capítulo.

[3] Givón (1984, p. 62); as glosas e a tradução livre do dado foram versificadas para o português.

[4] Abreviaturas: *Ac* – caso acusativo (nome com função de objeto direto); *Nom* – caso nominativo (nome com função de sujeito); *Dat* – caso dativo (nome com função de objeto indireto). ACT (?) (não informado pelo autor).

Em (2), observam-se a marcação de caso morfológico em bikol: (i) nominativo – **‘ang**-; (ii)acusativo – **ning**- ;(iii) dativo – **sa**-. O caso nessa língua é lexicalizado por meio de prefixos atados à raiz de nomes.

A marcação de caso morfológico não se dá nos *nomes* em português, mas os pronomes pessoais exibem o fenômeno, como se vê em:

(3) a. Eu fui ao Rio no mês passado
    b. Meu irmão me levou à Rodoviária Novo Rio
    c. Tia Aurea entregou as encomendas para mim

Em (3), o pronome pessoal 1S (1ª. pessoa do singular) manifesta os casos nominativo (sujeito) *eu* (3a), acusativo (objeto direto) *me* (3b) e dativo (objeto indireto) *mim* (3c).

A marcação de caso morfológico no sistema pronominal do português pode ser explicada como um ‘resquício do sistema casual’ do latim[5]. No entanto, um dos fatos importantes a ser dito sobre o português falado no Brasil (PB) é que a marcação de caso pronominal está em franco processo de desaparecimento. As marcações de caso no sistema de pronomes pessoais em PB vêm sendo substituídas pelas formas ‘default nominativas’[6]. Veja os exemplos a seguir:

(4) a. _Você visitou seu irmão Marcelo no Rio?
    a’ _ Sim visitei **ø**/ _ Sim, eu visitei **ele** (PB)
    b. _ Sim, visitei-o (PE)
    b’_ Sim, eu o visitei (PB)

Em (4), percebe-se que o SN *Marcelo* ocorre como objeto direto da sentença. No português falado no Brasil – PB – ao se substituir um nome ‘objeto direto’ (como *Marcelo*) por um pronome, atesta-se a marcação de *caso default nominativo* como se vê em

---

[5] O latim antigo e clássico atestava um rico sistema de caso morfológico: *nominativo, acusativo, dativo, vocativo, ablativo, genitivo* – ver Melasso (2008). Nas *línguas românicas/latinas* – um grupo de idiomas provenientes da evolução do latim (especificamente do latim vulgar, falado pelas classes populares) – a marcação de caso morfológico deixou de ocorrer nos nomes, mas permaneceu no sistema pronominal.

[6] A expressão *default nominativa* (*caso default nominativo*) refere-se ao fato de que o caso nominativo, nas predicações em PB, tem sido o caso marcado nos pronomes pessoais, que vêm omitindo sistematicamente as outras marcações casuais como ‘acusativo’ e ‘dativo’. Exemplos do PB popular são: (i) “Martinha vai ajudar **ele**, tá?” (ao invés de *“Martinha vai* ajudá-lo*”);* (ii) *“Não judia d’*eu*”* (ao invés de *“Não judia* de mim*”***)**.

(4a'): **ele**. O falante brasileiro mais escolarizado, a fim de evitar a marca de nominativo *ele*, ainda bem estigmatizada (como exemplificado em (4a')), opta por apresentar um objeto nulo, representado por **ø**. O pronome pessoal objeto com marcação de caso acusativo – como exemplificado em (4b) *visitei-**o*** – é parte da gramática do português europeu (PE), mas não da do brasileiro. Em PB, pronomes pessoais com marcação do tipo acusativa são atestados na modalidade da língua escrita; na língua falada, o caso acusativo é atestado entre falantes em uma enunciação extremamente formal, como se exemplifica em (4b'). No entanto, neste caso, ainda, é preciso atentar para a posição do clítico, que em PB, é preferencialmente proclítica – compare os dados (4b) e (4b').

Como já apontado nos capítulos 3 e 4 deste livro, advoga-se, em teoria da sintaxe, que todas as línguas marcam a categoria *Caso* a NPs inseridos em uma dada predicação. Logo, tanto línguas com *morfologia explícita de cas*o, como línguas com *caso morfológico do tipo nulo* atestam Caso (abstrato)[7].

A seguir, tratamos resumidamente de uma relação importante entre *nomes argumentos* do tipo 'sujeito' com o predicador verbal: a relação *Agreement (Agr)* – concordância verbal.

1.2. *'Agreement' (Concordância verbal)*

Chamamos de *Agreement (Agr)* uma marca morfológica expressa no verbo, manifestando concordância com um dos nomes/pronomes argumentos da predicação.

Em português, o verbo manifesta o fenômeno *Agreement (Agr)* com o argumento que ocupa a posição de sujeito da sentença; esse nome pode ser fonologicamente preenchido ou não.

Sobre a definição de sujeito que tomamos neste livro e ainda sobre o "P*arâmetro do Sujeito Nulo*" ver subseções (2.21.1.) e (2.2.1.1.1.), respectivamente, no capítulo 3.

Sobre a projeção de *Agreement (Agr)* na sentença, ver *"O Sintagma Flexional"* em (2.2.) no capítulo 3.

2. X-BARRA E OS SINTAGMAS NOMINAL E DETERMINANTE

Como vimos no capítulo 2, as categorias lexicais são definidas pela combinação de apenas dois traços distintivos: [+N] e [+V]. O *nome* (e o *pronome*) é a classe de palavra que carrega o traço [+N] por excelência; neste capítulo, além do sintagma nominal –

---

[7] Ver subseções (2.2.1.) (2.2.2.) e (2.2.3.) no capítulo 3

projeção máxima de um nome, abordamos também uma outra categoria de natureza funcional que tem dominância sobre o SN: o sintagma determinante – SD.

2.1. *O Sintagma Nominal*

Ao iniciarmos nossas considerações sobre o sintagma nominal – SN/ NP –, vamos defini-lo por meio de suas propriedades de ocorrência sintática, ou seja, por meio de sua distribucionalidade.

Chamamos de SN um sintagma cujo núcleo é uma categoria *nome* – substantivo ou pronome – que ocorre nas seguintes posições sintáticas:

(5)
1. argumento externo do verbo;
2. sujeito da sentença;
3. argumento interno do verbo;
4. objeto da sentença;
5. elemento regido por preposição;
6. elemento predicador em uma predicação sem verbo.

Na estrutura abaixo, exemplificam-se as posições (1-5) do SN apresentadas acima:

(6) a. Jonathan estuda Economia na Universidade de Brasília

b.

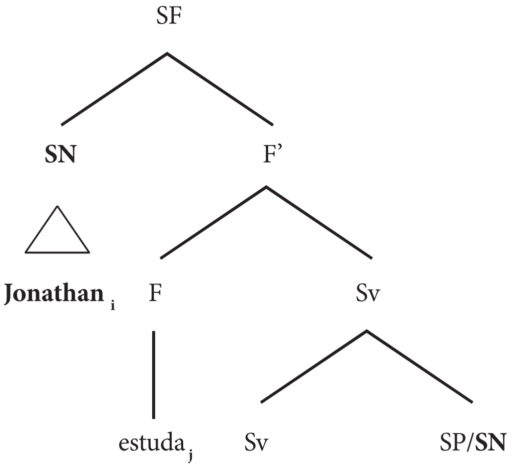

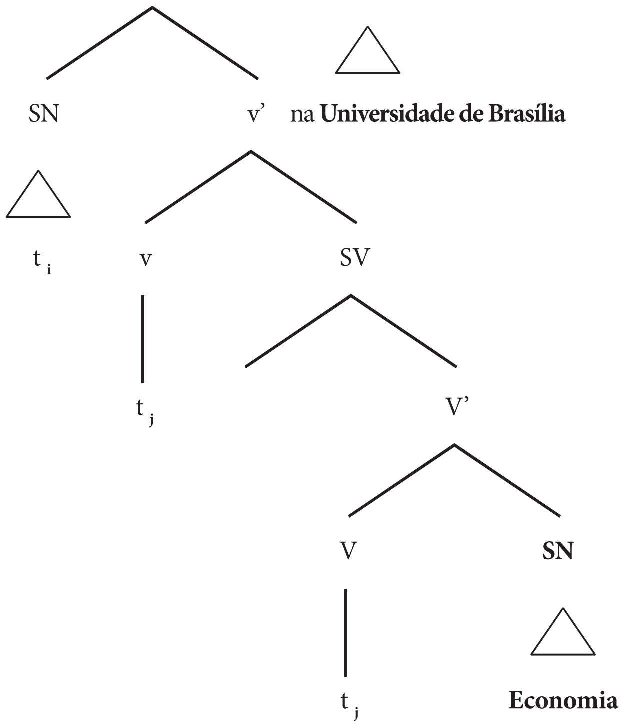

➧ SN *Jonathan* – gerado como argumento externo do verbo leve *estudar*; movido para a posição [Spec, SF] a fim de receber o Caso nominativo da flexão (sujeito). A cadeia [**Jonathan**$_i$, **t**$_i$] apresenta as duas posições do SN *Jonathan* – posições 1-2 apontadas em (5).

➧ SN *Economia* – gerado como argumento interno do verbo estudar; recebe Caso acusativo do verbo leve, assumindo a função de objeto da sentença – posições 3-4 apontadas em (4).

➧ SN *Universidade de Brasília* – gerado como complemento da preposição *em* – posição 5, apontada em (4).

Observe que o esquema (6b) demonstra que, como o verbo (e outras categorias), o SN segue o esquema X-Barra visto no capítulo 1, subseção (3.2.):

(7)

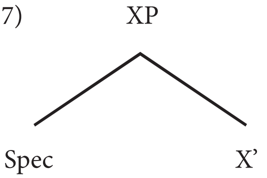

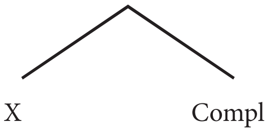

No entanto, em (6b), por questões de simplificação, por hora, apresentamos os SNs por meio de triangulações.

A seguir, exemplificamos o *nome* como núcleo de uma predicação – posição 6 apontada em (5):

(8) a. Amanda é uma gatinha

b.

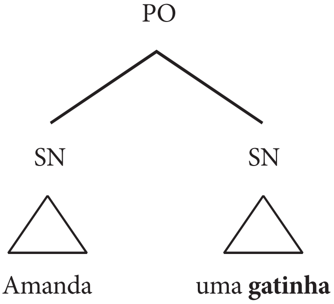

No capítulo 4, subseção (1.2.3.1.1.), vimos que *nomes* com a função de núcleos de uma predicação (PO) – como *gatinha* em (7) – ocorrem em sentenças com verbos copulativos – intransitivos inacusativos. No entanto, na PO, nomes como *uma gatinha* (8b) são os predicados de uma predicação que se dá sem verbo.

2.1.1. *Sintagmas Nominais com Núcleos Pronominais Clíticos*

Em (1.1.) apresentamos o *caso morfológico* em português, marcado no sistema de pronomes pessoais da língua. Veja, abaixo, exemplos dos *casos nominativo*, *acusativo* (objetivo) e *dativo* (oblíquo) por meio do pronome pessoal 1S:

(9) a. Eu fui ao Rio no mês passado
b. Meu irmão me levou à Rodoviária
c. Helena entregou as encomendas para mim

Lobato (1986: 450) apresenta o que chama de *"indícios de caso no repertório dos pronomes (manifestos)"* como se vê abaixo em[8]:

(10)[9] **Indícios de caso morfológico no repertório dos pronomes (manifestos) em português**

Pessoa / Número	Caso Nominativo	Caso Objetivo	Caso Oblíquo
1S	eu	me	mim
1P	nós	nos	-
2S	tu	te	ti
2S	você	você	lhe
3S	ele/ela	o, a	lhe
3P	eles/elas	os, as	lhes

Em (11)-(13), apresentamos exemplo da tabela em (10) por meio da categoria pronominal pessoal 3P:

Caso morfológico *3P*: **eles/ os/ lhes**

(11) *Caso Nominativo: 3P 'eles'*
a. [$_{SN}$ Cecília e Jair] enviaram os livros aos amigos
b. [$_{SN}$ **Eles**] enviaram os livros aos amigos

(12) *Caso Acusativo (Objetivo): 3P 'os'*
a. Cecília e Jair enviaram [$_{SD}$ os [$_{SN}$ livros]] aos amigos
b. Cecília e Jair enviram-**nos**[10] aos amigos

(13) *Caso Dativo (Oblíquo)): 3P 'lhes'*
a. Cecília e Jair enviaram os livros [$_{SP}$ **a** [$_{SD}$ **os** [$_{SN}$ **amigos**]]]
b. Cecília e Jair enviaram-**lhes** os livros[11]

---

[8] Diferentemente de Lobato (op. cit.), neste livro, o *caso morfológico* é escrito com letra minúscula. Reservaremos as letras maiúsculas para *Caso* quando nos referirmos ao *Caso abstrato*.

[9] O 'desenho' da tabela e a disposição das colunas é uma readaptação do que se vê em Lobato (op. cit.).

[10] Observe que o pronome acusativo é **os** e não **nos**. A forma **nos** é resultante da aplicação de uma regra ortográfica que obriga a inserção no fonema /n/ ao pronome acusativo **o** devido a sua proximidade com a consoante **m** que marca, na ortografia, a nasalidade da vogal /ã/.

[11] Expressões como estas são hoje raras no português falado em muitas regiões brasileiras que apontam um decréscimo ou mesmo um não uso do *lhe* dativo. Sentenças como (13b) são então substituídas pela expressão

Chamamos a atenção do leitor para um fato importante: formas clíticas 'objetivas' de 1ª/2ª. pessoas *me/te/nos* marcam outras funções sintáticas além da marcação de objeto direto (clítico objetivo).

Veja o exemplo abaixo:

(14)a. Ela **me/te** viu – (*caso objetivo/ acusativo*)

Em (14), *me/te*, 1ª./2ª. pessoas/ caso objetivo, marcam os pronomes em posição de objeto. No entanto em:

(15) Ela **me/te** deu o livro – (forma objetiva/acusativa marcando *caso dativo*)

As formas *me/te* marcam pronomes que funcionam como dativo, mas que por razões morfossintáticas são explicitados na sentença pela marca morfofonológica 'objetivo'. Em outras palavras, mesmo exibindo a marca de clítico objetivo, os pronomes *me/te* em (15) não podem ser analisados como objeto direto da sentença, mas sim como objeto indireto.

Veja ainda outro exemplo de uma forma clítica nomeada como 'clítico objetivo' – *me* – sendo inserida em uma sentença sem objeto direto:

(16) Eu **me** acordei cedo[12]

Em (16), o clítico é parte da realização morfológica do verbo *acordar* e não complemento (objeto) deste verbo.

Observe, na citação abaixo, a observação de Freire (2005) que ratifica o que apontamos acima acerca das formas pronominais clíticas de primeira e de segunda pessoas:

Quanto às formas pronominais átonas, no português padrão estabeleceu-se uma distinção entre a terceira pessoa e as demais. Na primeira e na segunda pessoas, os clíticos ***me***, ***te***, ***nos*** *e* ***vos*** *desempenham as funções acusativa, dativa e reflexiva, enquanto há uma especialização na terceira pessoa:* ***o*** *e flexões para a função acusativa;* ***lhe*** *e flexão para a função dativa;* ***se*** *para a função reflexiva. Vejam-se os exemplos:*

---

similar: *"Cecília e Jair enviaram os livros para eles"*.

[12] *Acordar* como verbo pronominal – *se acordar* – é parte da sintaxe de falantes do norte do Brasil. Ex.: falantes do Pará.

(35) A moça não me cumprimentou
A moça não te cumprimentou = *FUNÇÃO ACUSATIVA*
A moça não nos cumprimentou
A moça não vos cumprimentou

(36) Ninguém me emprestou o livro
Ninguém te emprestou o livro
Ninguém nos emprestou o livro = *FUNÇÃO DATIVA*
Ninguém vos emprestou o livro
Ninguém lhe emprestou o livro

(37) Eu me feri com a ferramenta
Tu te feriste com a ferramenta
Nós nos ferimos com a ferramenta = *FUNÇÃO REFLEXIVA*
Vós vos feristes com a ferramenta
Ele se feriu com a ferramenta

Freire (2005: 19)

Na citação acima, enfatiza-se o português ‘padrão’ escrito, o que se vê pela inserção da forma *vos*, já não mais atestada nem mesmo no português europeu.

Há ainda que se dizer que o português brasileiro vem atestando a não marcação do caso objetivo, que se vê no quadro em (10). Observe os exemplos (12a-b), renumerados abaixo, seguidos dos exemplos (c/c’):

(17) *Caso Acusativo (Objetivo): 3P ‘os’*
a. Cecília e Jair enviaram [$_{SD}$ os [$_{SN}$ livros]] aos amigos
b. Cecília e Jair enviram-**nos** aos amigos
c. Cecília e Jair enviaram **ø** aos amigos
c’. Cecília e Jair enviaram **eles** aos amigos

Em (17b), o clítico *nos* é um exemplo típico da modalidade escrita; quando visto na fala, é exemplo de uma fala culta ou extremamente policiada (ex.: professores universitários, jornalistas). Como já apontado na nota 6, a forma nominativa tem sido a forma *default* no português falado no Brasil que vem marcando esse caso nas aparições dos pronomes pessoais como se vê em (17c'). No entanto, uma recorrência grande em português do Brasil é o objeto nulo, como se vê em (17c). Uma das hipóteses de explicação do atestado número de ocorrências de casos de objeto nulo no português brasileiro é que os falantes que evitam o clítico objetivo, evitam também a sua substituição pela forma *default* nominativa, como (17c'), ainda muito estigmatizada na língua.

Sobre a forma *default* nominativa para casos de pronomes em posição de objeto – ver (17c') – Mattoso Câmara (1972) aborda o emprego do pronome *ele* (e suas variantes de feminino e plural) como um acusativo do PB. Embora o autor (op. cit.) afirme que esse uso consiste em um dos traços mais característicos de nossa língua, posiciona-se contrário a esse uso. Para Mattoso Câmara, trata-se de um "erro" visto na linguagem literária brasileira para a caracterização da "língua do povo", mas que consiste em um traço que se manifesta na linguagem oral em todos os níveis sociais. Convém ressaltar que este texto de Mattoso foi escrito em meados da década de 1950, quando não havia, no Brasil, muitos estudos linguísticos sobre o PB, principalmente sobre a questão do uso.

Ratificamos que, um fato importante atestado em PB no tocante ao marcador objetivo, mesmo na fala dos cultos, é a perda dos clíticos acusativos de terceira pessoa:

> *[...] Esse processo deu origem a uma extensão dos contextos em que o objeto nulo é aceito em português brasileiro quando comparado ao português europeu, (cf. Raposo, 1986), bem como ao aparecimento de pronomes tônicos na posição de objeto direto, construção agramatical em português europeu.*
>
> *Como os estudos variacionistas [...] têm evidenciado, os clíticos acusativos de terceira pessoa não fazem parte do vernáculo [...] do português brasileiro. Ao contrário, o uso dessas formas está associado a aprendizado escolar, revela grau de instrução elevado e é identificado com língua escrita e estilo formal.*
>
> *Nunes (2007: 207)*

Sobre "Objeto Nulo e Clíticos", ver sugestão de leituras em *leituras complementares* – capítulo 5 – ao final deste livro.

Atente, a seguir, para o dado (13a-b), renumerado, com inserção da sentença (13c):

(18) *Caso Dativo (Oblíquo)): 3P 'lhes'*

a. Cecília e Jair enviaram os livros [$_{SP}$ **a** [$_{SD}$ **os** [$_{SN}$ **amigos**]]]
b. Cecília e Jair enviaram-**lhes** os livros[13]
c. Cecília e Jair enviaram os livros **para os amigos**

Como já apontado na nota 13, expressões como (18b), com a expressão do clítico dativo *lhe* são hoje raras no português falado em muitas regiões brasileiras. O brasileiro opta pela expressão preposicionada do dativo como se vê em (18c). Sobre a expressão do dativo em PB, voltaremos ao assunto no capítulo 6.

Dados como os que se vêem em (14) e (15) exemplificam o fenômeno de marcação de *caso morfológico* no sistema pronominal do português, caso típico das línguas românicas, que por conta deste fenômeno exibem um aspecto sintático conhecido como "clitização pronominal".

2.1.1.1. *Clitização Pronominal no Português e nas Línguas Românicas*

As gramáticas normativas apresentam os clíticos como "pronomes oblíquos"/ "pronomes átonos" – cf. Bechara (2006, p. 173-181).

Vejamos uma definição linguística para a categoria pronominal 'clíticos' – Trask (1993)[14]:

> *Um item que exibe comportamento intermediário entre aquele de uma palavra e aquele de um afixo. Tipicamente, um clítico tem a forma fonológica de uma palavra separada, mas não pode receber acento e é obrigado a ocupar uma posição particular na sentença em que está fonologicamente atado a uma palavra adjacente a ele. Esta palavra recebe o nome de* palavra hóspede. *[...] Clíticos são, algumas vezes, divididos em* proclíticos*, que são atados a um hóspede que o segue [...], e em* enclíticos*, que são atados a um hóspede que o precede.*

A definição acima nos permite relembrar um tópico de nossas gramáticas chamado "colocação dos pronomes oblíquos átonos"/ "topologia pronominal".

Quanto à topologia pronominal, nossas gramáticas falam de *próclise*, de *ênclise* e ainda de *mesóclise*. Vejamos definições e exemplos a seguir retiradas de Nicola & Infante (1999)[15]:

---

[13] Expressões como estas são hoje raras no português falado em muitas regiões brasileiras que apontam um decréscimo ou mesmo um não uso do *lhe* dativo. Sentenças como (13b) são então substituídas pela expressão similar: *"Cecília e Jair enviaram os livros para eles"*.

[14] Trask (1993: 46-47); traduzido.

[15] Nicola & Infante (1999: 206-207); exemplos (a), (b), (c), renumerados.

[(19)] ***Ênclise*** *– Ocorre quando o pronome átono está colocado depois do verbo que complementa. É, no português europeu, a colocação mais normal, como nos exemplos:*

*a. Disseram-**me** a verdade*
*b. Conheci-**os** há pouco*
*c. A rapariga sentou-**se** à mesa*

[(20)] ***Próclise*** *– Ocorre quando o pronome átono está colocado antes do verbo que complementa. É a tendência do português brasileiro.*

*a. Não **nos** disseram a verdade*
*b. A moça **se** penteou*
*c. Eu **te** prometo sinceridade absoluta*

[(21)] ***Mesóclise*** *– Ocorre com as formas verbais do futuro do presente e do futuro do pretérito, em que o pronome surge no interior do verbo:*

*a. Dir-**se**-ia que tal construção é desusada no Brasil*
*b. Contar-**me**-ão a verdade quando chegar lá*

Pela definição e exemplos de *mesóclise* oferecidos em (21), na citação acima, chamamos a atenção para os seguintes aspectos:

(i) o fenômeno descrito como *mesóclise* não é previsto linguisticamente. Em outras palavras, as descrições de línguas do mundo não atestam *clíticos* que aparecem em uma posição que divide a raiz de sua flexão em uma *palavra hóspede*, como apontado em (21a-b);

(ii) a colocação *mesoclítica* descrita em nossas gramáticas é clara ao enfatizar que pronomes clíticos em português só ocorrem atados a formas verbais no futuro do presente e do pretérito o que nos suscita a seguinte pergunta: "por que a posição mesoclítica só é atestada nestes tempos verbais"?

Embora a mesóclise esteja fora da gramática falada dos brasileiros, ela é ainda bem atestada na modalidade da língua escrita dos brasileiros. Nosso objetivo, portanto, é apontar para argumentações linguísticas claras que evidenciam que a posição *mesoclíti-*

ca do pronome átono em português não é um caso de colocação de pronome clítico no "interior do verbo" – pois como já apresentado, clíticos não têm a característica de se interporem entre a raiz/radical de uma palavra e seu(s) afixo(s).

Observe, a seguir, a forma:

(22) *Amar-**te**-ei*

Em (22) temos claramente três morfemas: (i) *amar,* (ii) ***te***, (iii) *-ei*. O morfema -**ei** é um "sufixo baú" que carrega as marcas de TEMPO, ASPECTO, MODO, PESSOA e NÚMERO do verbo *amar* (a raiz da palavra *amarei*); **te** é o pronome clítico acusativo (objetivo) – ver (10). O pronome clítico em português só ocorre nesta posição "medial" – entre a raiz do verbo e sua flexão – quando a flexão do verbo expressa *tempo futuro*. Este fato pode ser explicado por um processo de mudança linguística, descrito por Chagas (2002: 159):

> *O verbo* haver *também se gramaticalizou na formação do futuro do indicativo na România ocidental, o que abrange a Itália, a França e a Península Ibérica. Em vez da forma latina amábó do futuro do indicativo ("amarei"), gradativamente ganhou espaço nas línguas românicas uma locução formada do verbo habeo e do infinitivo do verbo principal. Surge então a forma amare habeo. Inicialmente tínhamos aí duas palavras, mas com o passar do tempo elas se transformaram em uma única palavra. Isso é o que ocorreu plenamente no francês, no espanhol e no italiano, em que os dois elementos se soldaram de forma indissolúvel, produzindo, respectivamente,* amerai, amare e ameró.

A partir da informação acima de que o *tempo futuro* em línguas românicas, historicamente, foi marcado por uma perífrase verbal (*verbo principal* + *haver flexionado no futuro*), vejamos um possível estágio do processo de marcação do tempo futuro em português por meio da expressão verbal vista em (22) – *amar-**te**-ei* – renumerada em:

(23) a. Amar-te-ei
b. Amar-**te** haverei
b'. Amar-**te**-ei

O objetivo, em (23) é atestar que, o que chamaríamos de *mesóclise* do clítico **te** em (23a) seria, historicamente, uma forma *enclítica*, atada ao verbo principal *amar*.

O verbo *haver* (auxiliar) carrega, neste momento da história das línguas românicas, as marcas de flexão do tempo futuro da perífrase verbal, como se vê em (23b). Um dos processos da mudança linguística foi a perda de material morfofonológico na palavra haverei como se vê em (23b').

Chagas (2002), ao descrever o processo de mudança linguística na marcação de futuro das línguas românicas ocidentais, o faz por meio da abordagem teórica conhecida como "gramaticalização". Segundo esta teoria, a mudança linguística pode ser explicada por uma gradação em que temos palavras independentes em um extremo da linha de um determinado tempo e morfemas flexionais em um outro extremo. Abaixo, em (24), um exemplo de gradação da mudança apontada em (23b)-(23b'), renumerados em:

(24) a.Amar-**te** haverei
a'. Amar-**te**-ei

(25) gradação (>) de gramaticalidade do futuro em português[16]:
- elemento com conteúdo *haver* >
- palavra gramatical *haver* >
- clítico **ei*[17]
- *afixo flexional -ei*

Em português, atestam-se duas formas de expressão do tempo futuro (na língua falada); essas formas coocorrem em variedades diferentes:

(26) a. português europeu (PE): *Amar-**te**-ia*
b. português brasileiro (PB): *eu vou **te** amar/ eu **te** amarei*

Em PE, a terminação –**ia** (26a) pode ser separada da raiz verbal por meio do clítico **te** "*[...] o que indica que lá esse processo de "soldagem" dos dois elementos ainda não está terminado [...]*"Chagas (2002, p. 159).

Em PB:

---

[16] A "gradação" expressa em (25) é uma 'construção' da autora deste livro.

[17] O asterisco antes da forma ***ei** visa a indicar que tal palavra é uma proposta de reconstrução histórica. Esta é uma prática de linguistas da *linguística histórica.*

> *[...] Esse tipo de futuro tem uso muito restrito no vernáculo e praticamente já foi substituído pela forma perifrástica com o verbo ir como auxiliar, ou seja, formas como vou viajar são muito mais comuns do que viajarei.*
>
> *Chagas (2002: 159)*

Sobre *gramaticalização*, ver sugestão de leitura em *leituras complementares* – capítulo 5 – ao final deste livro.

2.1.1.2. *Sintagmas Nominais Clíticos e X-Barra*

A cliticização pronominal das línguas românicas apresenta uma mudança morfossintática significativa na expressão do sintagma nominal – SN. Veja o exemplo abaixo de Mioto et al. (2004)[18]:

(27) A Maria $\mathbf{me}_i$ encontrou $\mathbf{t}_i$ ontem

Em (27), o índice subscrito (**i**) aponta para uma *cadeia*, ou seja, para um movimento de um SN de uma posição de complemento do verbo para uma posição de núcleo da flexão. Em outras palavras: o verbo *encontrar* (27) exige um argumento interno de natureza pronominal 1S. No entanto, devido às características morfofonológicas e sintáticas da categoria 1S – clítico **me** – ocorre um tipo de incorporação de núcleo: *"[...] o clítico vai se amalgamar ao conjunto morfológico verbo+flexão na posição I (núcleo de IP – sintagma flexional (SF))."*[19]

Logo, *SNs pronomes clíticos* ocasionam sensíveis modificações na estrutura sintática em que se inserem; encerramos esta subseção com as palavras de Mioto et al (2004)[20]:

> *Não entraremos aqui na formulação exata do que está acontecendo com estes elementos (pois este é um curso introdutório), que saem da posição de complemento de V, uma posição de projeção máxima, e chegam a uma posição de núcleo, como I (F(lexão)). Salientaremos somente que esta propriedade – a de começar a sua história como XP e de terminar como X – que torna os clíticos os elementos especiais que eles são, e que nos faz reservar tratamento especial e muita literatura para eles.*

---

[18] Mioto et. al. (2004, p. 254, exemplo (7a), renumerado.)

[19] Ibid. Os parênteses são nossos.

[20] Ibid. Os parênteses são nossos.

Sobre *teoria do movimento,* ver sugestão de leitura em *leituras complementares* – capítulo 5 – ao final deste livro.

2.1.2. *O Sintagma Nominal Maximamente Estendido*

Lemle (1984: 97-99), Lobato (1986: 119-121) e Perini (1989: 155) descrevem um conjunto de categorias gramaticais que entram na composição sintagmática dos *nomes* possibilitando sua expansão. Logo, os autores (op. cit.) denominam de *SN maximamente estendido/ SN máximo/ SN expandido* o conjunto dessas categorias, mais a categoria *nome*.

Observe um exemplo de *SN expandido* oferecido por Perini (op. cit.)[21]:

(28) todos os meus muitos valentes amigos alagoanos

Em (28), percebe-se que, ao redor do núcleo [$_{SN}$ *amigos*], agregam-se várias categorias de comportamento sintático diverso como apontadas em:

(29) a. todos
  b. os
  c. meus
  d. muitos
  e. valentes
  f. alagoanos

A afirmação de que os termos agregados ao redor do núcleo [$_{SN}$ a*migos*] em (29) têm comportamento sintático diverso é ratificada pela distribuição desses elementos em torno do *nome*: a maioria apresenta uma posição rigidamente determinada dentro da sequência do SN. Perini (1984) nos fornece uma boa exemplificação[22]:

(30) a. *meus os amigos alagoanos
  b. * os meus alagoanos amigos
  c. * meus amigos alagoanos, etc.

---

[21] Perini (1984, p. 148, dado (5), renumerado). O grifo é nosso.

[22] Perini (1984: 148); dados (3)- (4), renumerados. Os grifos são nossos.

Por outro lado, em certos casos a transposição é possível, como em:

(31) a. todos os meus amigos
b. os meus amigos todos

Lemle (1984) cria um exemplo de SN maximamente estendido[23]:

(32) Todos aqueles meus outros dez primeiros estranhos poemas

O objetivo de Lemle (op. cit.) ao criar o *SN máximo* apontado em (32) é, segundo a autora, apresentar as sete posições pré-nominais possíveis de serem preenchidas, como se vêem abaixo:

(33)[24]

1 TODOS	2 AQUELES	3 MEUS	4 OUTROS	5 DEZ	6 PRIMEIROS	7 ESTRANHOS POEMAS
ambos	este(s)	teu(s)	mesmo(s)	um	segundo(s)	
	esse	seu		dois	terceiro	
	o	nosso		.	.	
	um	vosso		.	.	
	algum			.	.	
	nenhum			vário		
	cada			diverso		
				muito		
				pouco		

Lemle (1998: 98) chama a atenção para a nomenclatura gramatical tradicional atribuída às categorias em (33), argumentando sobre sua inadequação. Segundo a autora (op. cit.) a gramática tradicional: **(i)** reúne sobre uma mesma nomenclatura categorias distribucionalmente distintas; **(ii)** separa em categorias distintas elementos distribucionalmente idênticos. Abaixo, em (34)-(35), resumimos a argumentação apresentada em Lemle (1984: 98):

(34) *Categorias distribucionalmente distintas tratadas pela mesma nomenclatura*

---

[23] Lemle (1984: 98); exemplo (146). Dado renumerado e adaptado; o grifo é nosso.
[24] Lemle (1984: 98; (146)).

Categorias que se distribuem por quatro posições em (33) – **1** (*todos*), **2** (*algum*), **4** (*outros*) e **5** (*vário*) – são todas chamadas de pronomes indefinido pelos gramáticos.

(35) *Categorias distribucionalmente idênticas tratadas por nomenclaturas distintas*

a. Na posição **2** em (33), ocorrem termos tradicionalmente classificados em três classes de palavras distintas, segundo a gramática tradicional: (i) artigos (*o, um*), (ii) pronomes demonstrativos (*aqueles, estes, esse*), (iii) pronomes indefinidos (*algum, nenhum, cada*).

b. Na posição **5** em (33), ocorrem termos tradicionalmente classificados em duas classes de palavras distintas, segundo a gramática tradicional: (i) numerais cardinais (*dez, um, dois*), pronomes indefinidos (*vário, diverso, muito, pouco*).

Chamamos a atenção do leitor para a nomenclatura pronome indefinido usada pela gramática tradicional e apontada em (34) e (35a-b) acima. Segundo a gramática tradicional:

> *Os pronomes indefinidos referem-se à terceira pessoa do discurso de forma vaga, imprecisa ou genérica. [...] formam um grupo bastante numeroso. Alguns são variáveis, outros, invariáveis.*
>
> *Pasquale & Ulisses (2003: 288)*

Atente que a definição acima não pode ser dita científica, pois não apresenta *caráter explícito*: é imprecisa e não coerente. Imprecisa, por apresentar expressões como *forma vaga*, *grupo bastante numeroso*. Não é coerente, pois não atenta para o caráter sintático (distribucional) desses elementos, como apontado em (34)-(35)[25].

Segundo Lemle (1984: 97-99), Lobato (1986: 119-121) e Perini (1989: 155), as diversas categorias que organizam o *SN estendido,* como visto em (33), podem ser categorizadas em três classes sintagmáticas:

(36) a. **Sintagma Adjetivo – SAdj**:

> *[...] as colunas de 3 a 7 do sintagma nominal [(em (33))] são posicionalmente intercambiáveis com os adjetivos, tanto quanto antepostos, quanto quando pospostos ao nome. A conclusão a*

---

[25] Sobre o *Caráter Explícito da Linguística,* ver Capítulo 2, subseção (1.1).

> *que esta verificação nos leva é simplesmente a de que esses elementos devem ser considerados adjetivos. Como adjetivos podem vir numerosos deles enfileirados.*
>
> *Lemle (1984)*[26]

b. **Sintagma Quantificador – SQ**:

> *[...]os elementos da coluna 1 [(em (33))], todos e ambos serão chamados de quantificadores.*
>
> *Lemle (1984)*[27]

c. **Sintagma Determinte – SD**:

> *[...]os elementos da coluna 2 [(em (33))], ou seja, os artigos definidos, os artigos indefinidos, os demonstrativos e os indefinidos nenhum, algum, certo e cada. [...]*
>
> *Lemle (1984)*[28]

Voltaremos aos elementos das colunas **1**, **3-7**, em (33), em capítulos específicos. Neste capítulo, a categoria que enfocamos, relacionada ao chamado *SN estendido*, é o sintagma determinante – SD, expresso pelas palavras da coluna **2** em (33).

2.2. *O Sintagma Determinante*

Na subseção (2.1.2.) tratamos do *SN estendido*, descrevendo categorias que se organizam em torno do núcleo *nome*: uma delas é o determinante. Nesta subseção, enfocamos o sintagma determinante – SD.

O SD é um sintagma projetado a partir do núcleo determinante. Em português, como visto em (36c), chamamos de *determinantes* as seguintes classes de palavras e itens lexicais:

(37) a. **artigos** – *o(s), a(s), um(uns), uma(s)*

---

[26] Lemle (1984:99). Os parênteses são nossos; os grifos são nossos.

[27] Ibid. Os parênteses são nossos; os grifos são nossos.

[28] Ibid. Os parênteses são nossos; os grifos são nossos.

b. **pronomes demonstrativos adjetivos**[29]– *aquele(a)(s), esse(a)(s), estes(a)(s)*
c. **pronomes indefinidos adjetivos** – *nenhum, algum, certo e cada.*

O SD é um sintagma de natureza funcional, diferentemente do SN, que é um sintagma lexical. Segundo Mioto et al. (2004)[30]:

> *[...]O DP (SD) domina o NP (SN) atuando sobre ele de modo paralelo ao que faz o IP (SF) com o VP (SV): O DP constrói a referencialidade do NP (SN), conferindo-lhe estatuto de argumento. Esta é a razão pela qual chamamos os argumentos de DP (SD) em vez de NP (SN). A categoria lexical NP (SN) é dominada por uma categoria funcional DP (SD) de modo paralelo à categoria VP (SV), que é dominada por IP (SF). [...]*

Em P&P, mesmo em SNs que são projeção de nomes nus, postula-se um determinante do tipo nulo.

Abaixo, apresentamos um SDs, inseridos dentro do esquema X-Barra[31]:

(38) a. Cães são adoráveis

b.

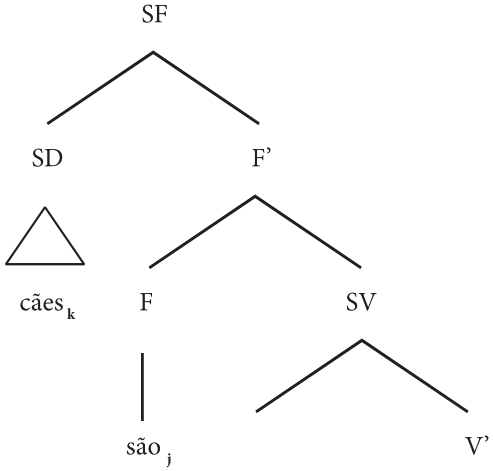

---

[29] São denominados pronomes demonstrativos/ indefinidos adjetivos os pronomes que acompanham um nome, como se vêem nos SDs: [$_{SD}$ aquele **menino**]; [[$_{SD}$ certa **pessoa**] **ficou de me entregar o livro e não o fez**].

[30] Mioto et al. (2004, p. 62). Os parênteses são nossos.

[31] Sobre o esquema X-Barra, ver Capítulo 2, seção (3.2.)

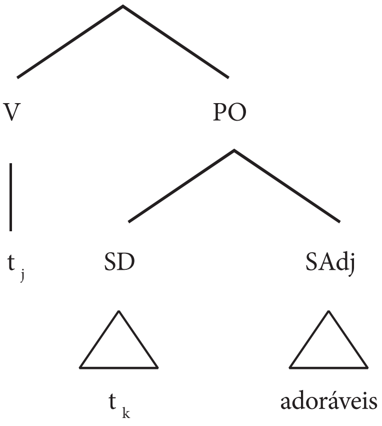

b’

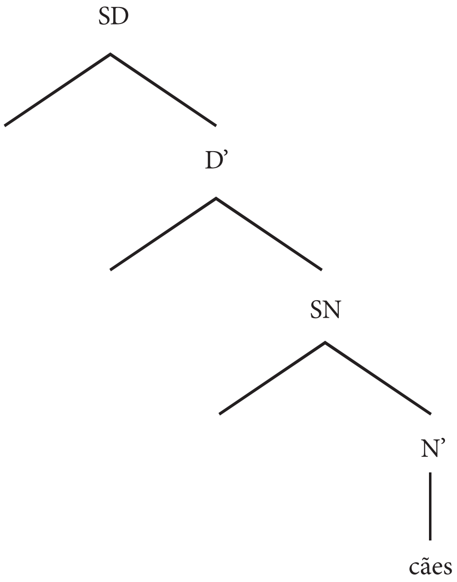

Oberve que *cães* em (38) é projetado como *nome nu (bare nouns)* – a ausência de determinante permite a leitura de genericidade do argumento ‘cães’. No entanto, seguindo a literatura em P&P, mesmo SN *nomes nus* são projetados pelo núcleo da categoria funcional determinante como desenvolvido em (38b’).

A seguir, apresentamos mais um exemplo da projeção SD/SN:

(39) a. **A** necessidade d**o** Marcos é enorme

b.

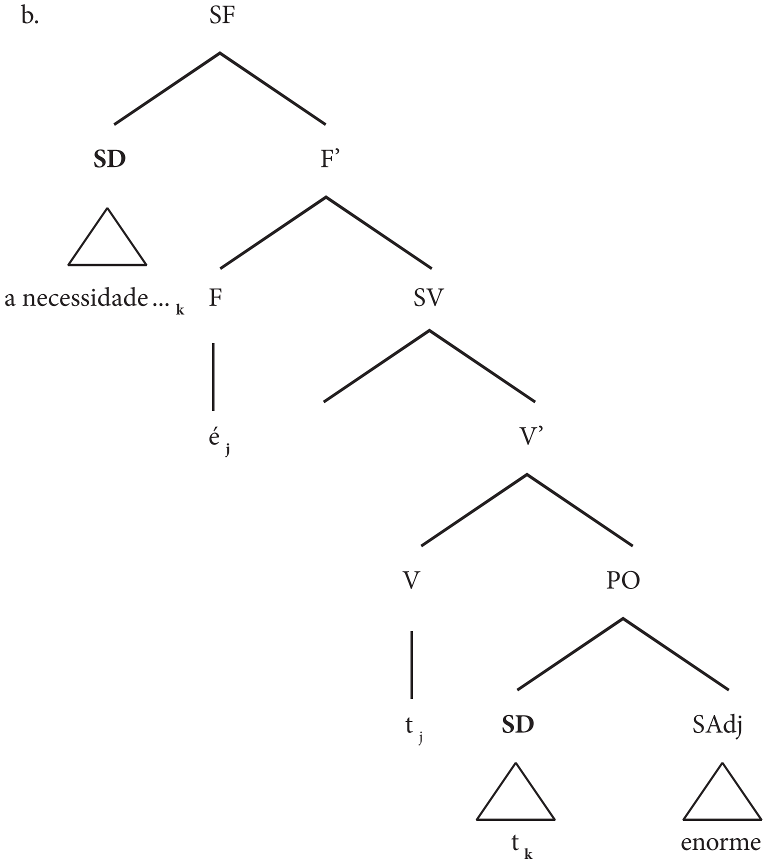
SF
SD
F'
a necessidade ... k
F
SV
é j
V'
V
PO
t j
SD
SAdj
t k
enorme

b'

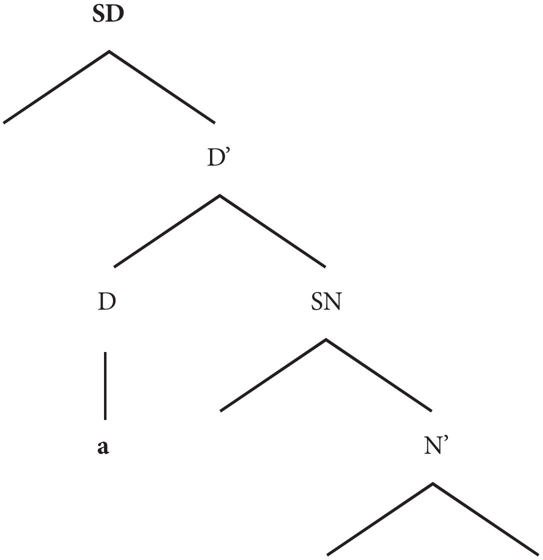
SD
D'
D
SN
a
N'

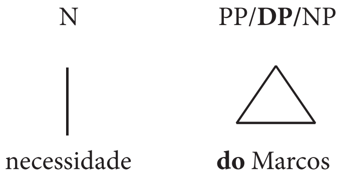

Em (39), o SN *necessidade* é projetado a partir do SD *a*; o SN *Marcos* é projetado a partir do SD *o*.

Na próxima seção, tratamos sobre as orações encaixadas (subordinadas) com valor de *nome*.

3. ORAÇÕES [+N]

Nesta seção tratamos brevemente de um conjunto de sentenças de valor [+N] que funciona como argumento de um núcleo sintagmático de uma oração matriz/ principal. Observe os exemplos abaixo:

(40) [*Helena disse* [*que enviou os documentos ontem*]]

Em (40), a sentença [*que enviou os documentos ontem*] funciona como *argumento interno* do verbo *disse* (sentença principal/ matriz), sendo o *objeto direto* da sentença matriz [*Helena disse*].

A tradição lusobrasileira denomina orações do tipo exemplificado em (40) de *orações subordinadas substantivas*; esta nomenclatura se dá porque essas orações têm uma distribuição aproximada da das expressões nominais[32]. Logo, neste livro, nos referimos a estas sentenças como orações [+N][33].

Orações [+N] ativam, em orações finitas, um sintagma de natureza funcional chamado de sintagma complementizador – SC/ CP.

O SC é uma projeção do núcleo C(omplementizador). O *complementizador* é o marcador da subordinação oracional, que segue, como qualquer núcleo (lexical ou funcional), o esquema X-Barra como se vê abaixo, por meio do SC (35) [*Helena disse* [***que*** *enviou os documentos ontem*]], renumerado:

---

[32] Sobre orações *subordinadas substantivas* no português brasileiro, ver: Bechara (2006); Luft (2005); Neto & Infante (2003); Pasqualle & Ulisses (2003). No português europeu, ver Duarte (2003c).

[33] Bechara (2006: 464), denomina tais sentenças de: "*orações complexas de transposição substantiva*".

(41)a. [...] [SC ***que*** [SF *enviou os documentos ontem*]]

b.

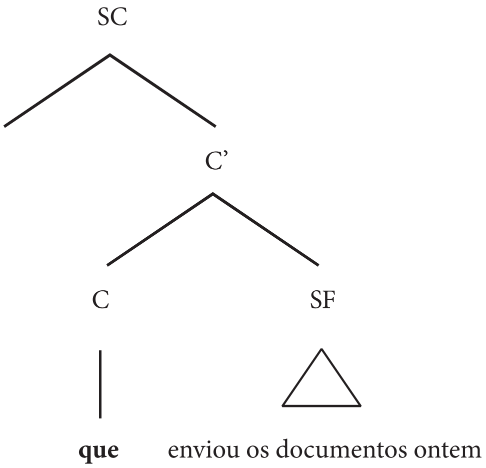

Em português, **que** é o complementizador que introduz a maioria das sentenças [+N] finitas (com flexão verbal).

Nossa língua atesta, ainda, em orações finitas, o complementizador **se** que ocorre em construções em que o verbo da oração matriz seleciona: (i) sentenças interrogativas do tipo não-QU[34]; (ii) sentenças que expressam dúvida (os verbos que as selecionam estão sob escopo da ‘Negação’) – cf. Duarte (2003c: 597).

Observe as orações [+N] a seguir, introduzidas por complementizador **se**:

Oração [+N] Pergunta Não-QU/ Pergunta Indireta

(42) a. Você sabe [$_{SC}$ **se** ele vai viajar amanhã]?
b. Hellena me perguntou [$_{SC}$ **se** está fazendo frio em Lisboa]

Oração [+N] que expressa dúvida (verbo da matriz sob escopo da ‘Negação’)

(43)a. Não sei [$_{SC}$ **se** Fernando voltará para aquele país]

---

[34] Sentenças [+N] do tipo QU não são introduzidas por complementizador como se vê em (i) *“Você sabe [quem vai viajar amanhã?]”*. Perguntas e sentenças QU serão tratadas no capítulo 8.

Que/se, introduzindo orações [+N], são, tradicionalmente, denominados de *conjunção integrante*. Ver (Bechara 2006: 463).

Sentenças [+N] podem ter a função de *complemento de verbos transitivos* como se vê por meio do esquema X-Barra da oração (40), renumerada em:

(44) a. [$_{SF}$ *Helena disse* [$_{SC}$ *que* [$_{SF}$ *enviou os documentos ontem*]]]

b.

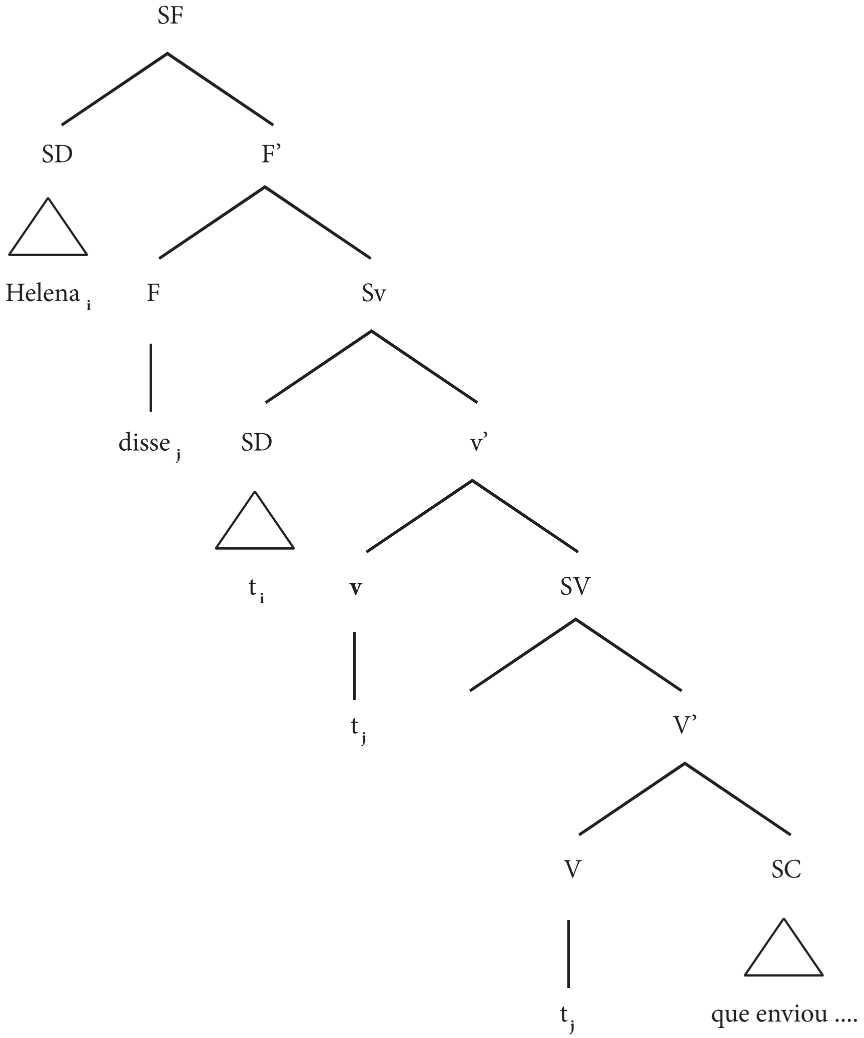
SF
SD
F'
Helena i
F
Sv
disse j
SD
v'
t i
v
SV
t j
V'
V
SC
t j
que enviou ....

b’

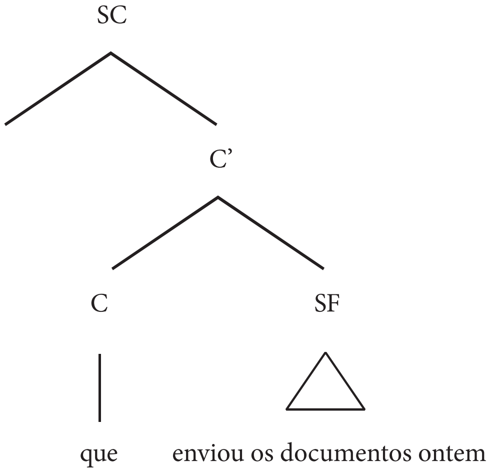

Observe que, em (44):

(a) a sentença [$_{SC}$ *que enviou os documentos ontem*] é gerada como argumento interno do verbo leve *dizer* (que é parte da sentença matriz/principal);

(b) a sentença [$_{SC}$ *que enviou os documentos ontem*] recebe *Caso acusativo* do verbo leve *dizer* (da sentença matriz); logo, essa sentença funciona como objeto da sentença matriz [*Helena disse*][35];

(c) a sentença [$_{SC}$ *que enviou os documentos ontem*] é denominada, em nossa tradição gramatical, de oração *subordinada substantiva objetiva direta*[36].

Sentenças [+N] podem ter a função de *complemento de verbos bitransitivos*, funcionando como o objeto indireto do verbo da matriz. Veja o esquema X-Barra da oração a seguir:

(45) a. [Eles nos autorizaram [$_{SP}$ a [$_{SC}$ que [$_{SF}$ consultássemos aqueles livros]]]]

b.

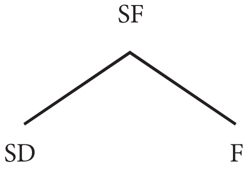

---

[35] Sobre *Caso (abstrato) Acusativo* ver capítulo 3, subseção (2.2.2.).

[36] Ver Nicola & Infante (1997: 314); Luft (2005: 112); Neto & Infante (2003: 405); Pasqualle & Ulisses (2003: 406).

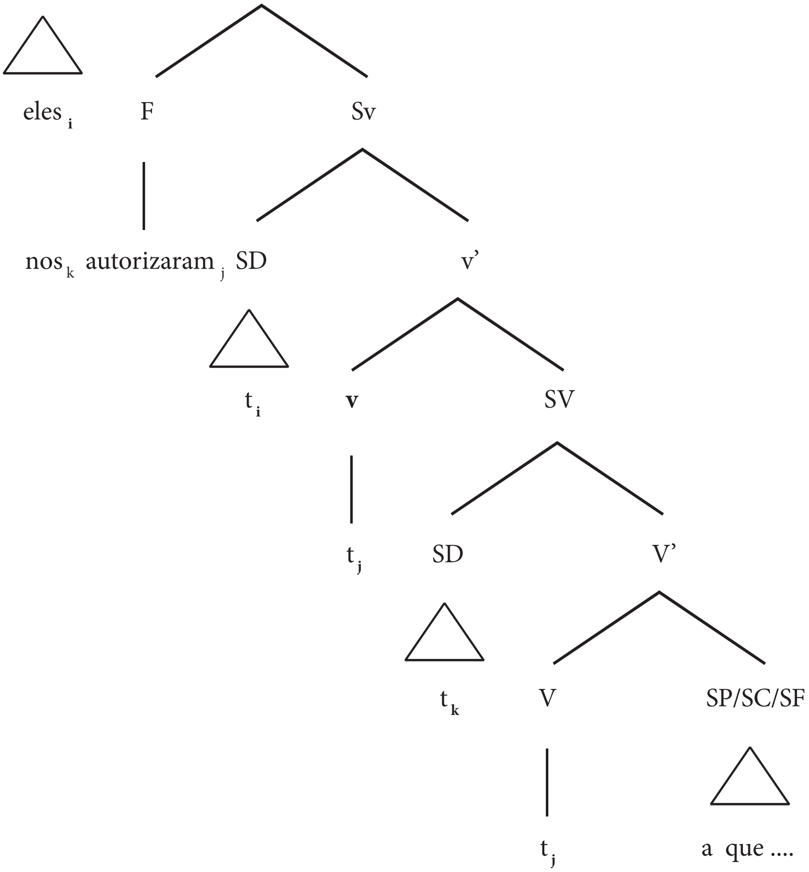
eles i
F
Sv
nos k autorizaram j
SD
v'
t i
v
SV
t j
SD
V'
t k
V
SP/SC/SF
t j
a que ....

b'

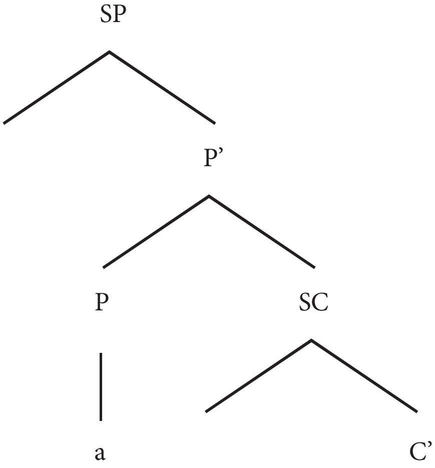
SP
P'
P
SC
a
C'

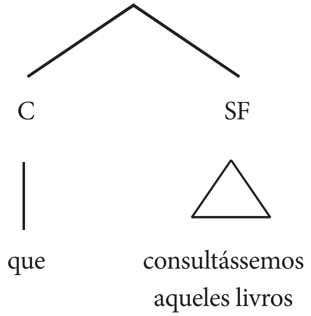

Em (45), observemos que:

a sentença [$_{SP}$ ***a*** [$_{SC}$ ***que*** *consultássemos aqueles livros*]] é gerada na camada interna da estrutura Sv/SV como *argumento interno preposicionado* do verbo; logo, funciona como *complemento preposicionado* (objeto indireto) da sentença matriz [*Eles nos autorizaram*];

(a) a sentença [$_{SP}$ ***a*** [$_{SC}$ ***que*** *consultássemos aqueles livros*]] é introduzida pelo SP [$_{SP}$ **a**] que precede o SC [$_{SC}$ ***que*** *consultássemos aqueles livros*]; o SC necessita de um índice funcional **a** (preposicional) que marque seu status de sentença nominal com marcação de "objeto indireto";

(b) a sentença [$_{SP}$ ***a*** [$_{SC}$ ***que*** *consultássemos aqueles livros*]] é denominada em nossa tradição gramatical de oração *subordinada substantiva objetiva indireta*[37]*;*

(c) o verbo *autorizar* é um verbo de três lugares – bitransitivo. Esse verbo projeta ainda, em SV, na posição [Spec, SV], o argumento interno não preposicionado *nos* – "objeto direto". Por ser, de natureza morfológica, um elemento clítico, este SD *nos* 'sobe' para núcleo do sintagma flexão (SF); nessa posição, amalgama-se com o núcleo do verbo leve, também movido para a posição de núcleo de SF;

(d) o verbo *autorizar* move-se para a camada Sv e nesta estrutura projeta o argumento externo *eles*.

Um fato interessante a ser observado com relação a sentenças [+N] do tipo objeto indireto (OI), como se vê em (45), é que elas são inseridas pela típica preposição **a** 'dativa'. No entanto, em português brasileiro, a literatura atesta que a preposição **a** 'dativa' vem sendo cada vez mais destituída da fala. Logo, uma dada sentença como em (40) *[Eles*

---

[37] Ver Nicola & Infante (1997: 315); Luft (2005: 113); Pasqualle & Ulisses (2003: 407).

nos autorizaram [$_{SP}$ a [$_{SC}$ que [$_{SF}$ consultássemos aqueles livros]]]], seria proferida, como: *[Eles nos autorizaram [$_{SP}$ pra [$_{SC}$ que [$_{SF}$ nós consultássemos aqueles livros]]]]*. A sentença em (45), introduzida por preposição **a** 'dativa' é um exemplo do português brasileiro culto 'escrito' e não falado.

Sentenças [+N] podem ter a função de *complemento de verbos transitivos que selecionam complemento preposicionado do tipo 'complemento oblíquo'*. Veja o esquema X-Barra da oração a seguir[38]:

(46) a. [*Todos gostam* [$_{SP}$ *de* [$_{SC}$ *que* [$_{SF}$ *sejam premiados*]]]]

b.

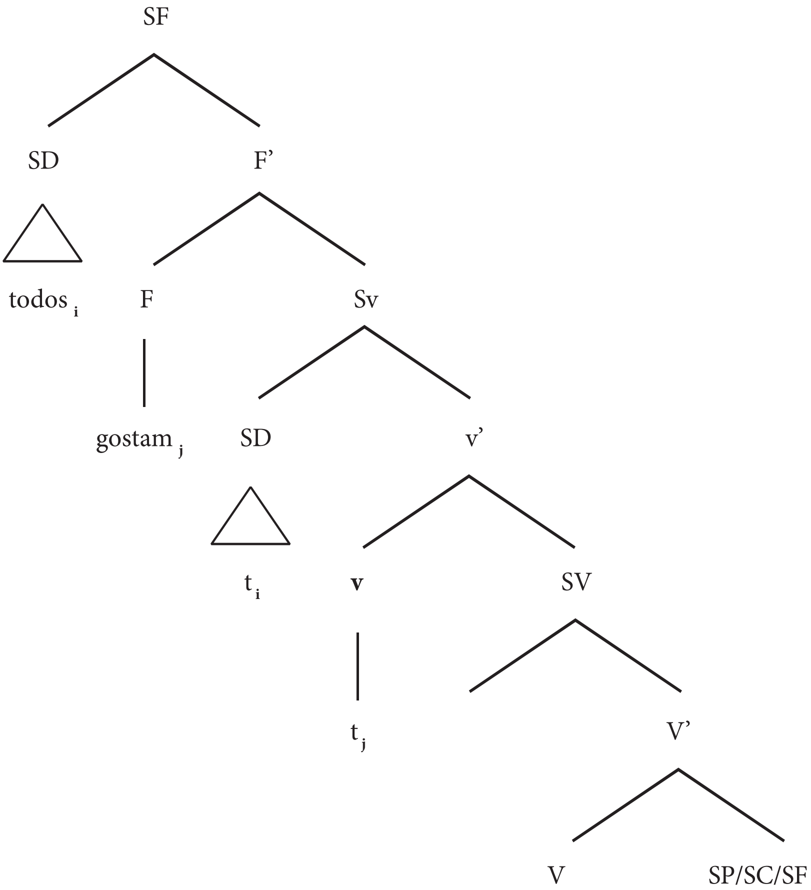

---

[38] Bechara (2006: 464, exemplo (c), renumerado); o gráfico, em (46b), é nosso.

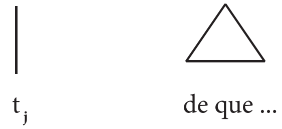

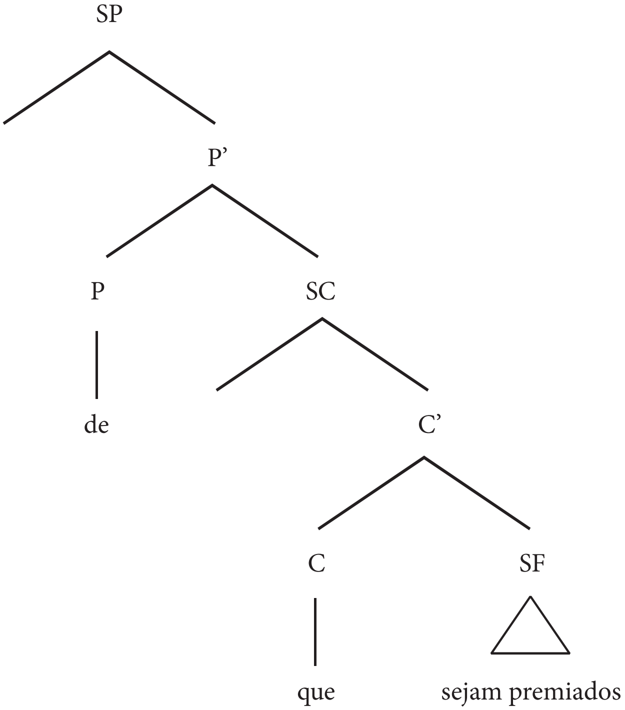

Observamos, em (46), que:

(a) a sentença [$_{SP}$ ***de*** [$_{SC}$ ***que*** *sejam premiados*]] é gerada como *argumento interno preposicionado* do verbo leve *gostar* (da sentença matriz);

(b) a sentença [$_{SP}$ ***de*** [$_{SC}$ ***que*** *sejam premiados*]] recebe *Caso oblíquo* da preposição **de** e funciona como *complemento relativo* da sentença matriz [t*odos gostam*].

Note que verbos transitivos como *gostar* (46) (e outros regidos por preposição como **de**) é considerado em muitas gramáticas normativas como *verbo transitivo indireto*; logo o complemento de verbos como *gostar* (46) é dito *objeto indireto* – cf Pasquale & Ulisses (2003: 407). Neste livro, seguimos a proposta que se vê em Bechara (2006: 464) de distinguir *complemento relativo* de *objeto indireto*. Chamamos de objeto indireto ao complemento preposicionado (incluindo o complemento oracional) em construções bitransitivas, que atestam os traços semânticos 'Alvo/Meta' ou 'Fonte' – ver capítulo 4. O complemento preposicionado sentencial [$_{SP}$ ***de*** [$_{SC}$ ***que*** *sejam premiados*] (46) não atesta nenhum dos dois papéis temáticos previstos para objeto indireto: 'Alvo/Meta' ou 'Fonte'.

Sentenças [+N] podem ser complemento de verbos psicológicos como se vê por meio do esquema X-Barra da oração em:

(47) a. [Eu me admiro [$_{SC}$ que [$_{SF}$ Mateus não tenha convidado você pra festa]]]]

b.

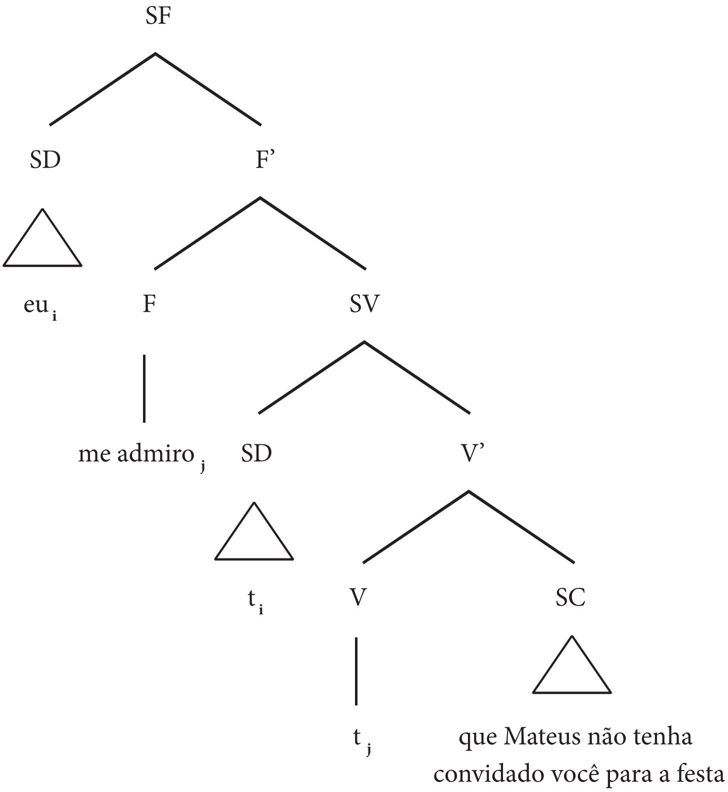
SF
SD
F'
eu$_i$
F
SV
me admiro$_j$
SD
V'
t$_i$
V
SC
t$_j$
que Mateus não tenha convidado você para a festa

Em (47), observamos que:

(a) a sentença *[$_{SC}$ que [$_{SF}$ Mateus não tenha convidado você pra festa]]* é gerada como um dos dois argumentos internos do verbo psicológico *se admirar* (um verbo pronominal). Verbos psicológicos não projetam argumentos externos 'Agente' e por esta razão sua projeção estrutural difere-se da projeção estrutural de verbos transitivos;

(b) quando dizemos que o verbo *se admirar* projeta dois argumentos internos, dizemos que esses argumentos são projetados em SV; logo, o argumento SD *eu* é o outro argumento interno do verbo *se admirar.*

Alguns exemplos de verbos psicológicos que podem exibir uma sentença [+N] como complemento, como se vê em (47), são: *aborrecer, agradar, admirar, afligir, alegrar, assustar, aterrorizar, cansar, comover, contrariar, desagradar, descontar, entristecer, espantar, incomodar, inquietar, irritar, impressionar, interessar, ofender, perturbar, preocupar, surpreender* – cf. Duarte (2003(c): 601; 607).

Orações [+N] podem funcionar como complemento de um verbo inacusativo, como exemplificamos em:

(48) a. [Basta [$_{SC}$ que [$_{SF}$ você comunique seu e-mail pra eles]]]

b.

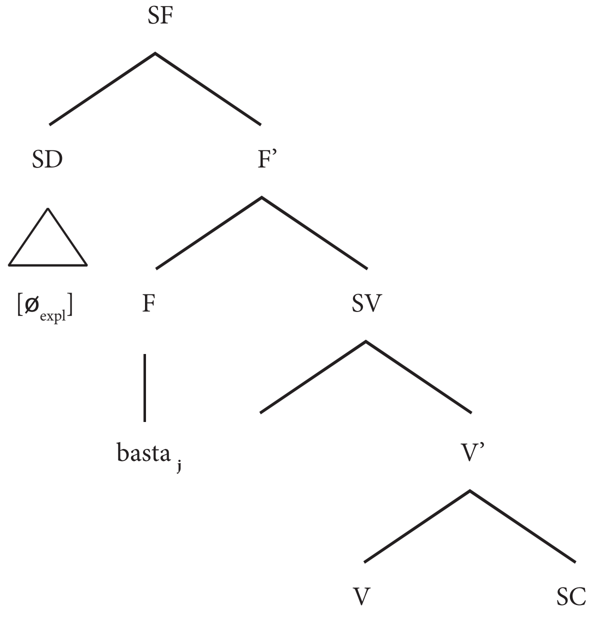

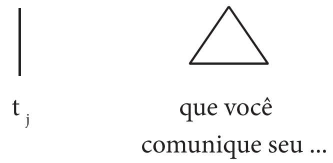

Em (48), observa-se que:

(a) o verbo *bastar* – oração principal – é um verbo do tipo monoargumental que seleciona apenas um argumento – não 'Agente'; esse argumento é interno. Portanto, *bastar* é um verbo inacusativo;

(b) o argumento interno do verbo *bastar* é a sentença [+N] *[$_{SC}$ que [$_{SF}$ você comunique seu e-mail pra eles]]* que não recebe marcação de Caso acusativo desse verbo. Logo, a sentença [+N], em (48), não pode ser considerada como objeto direto sentencial como se afirma em algumas gramáticas da língua.

Verbos inacusativos do tipo 'copulativos' podem ainda selecionar orações [+N]. Essas orações são organizadas estruturalmente como um dos sintagmas que compõem uma projeção do tipo *pequena oração* (PO). A seguir, vejamos um exemplo de sentença [+N] projetada em uma PO:

(49) a. [É certo [$_{SC}$ que [$_{SF}$ todos os alunos aplicados serão aprovados]]]]

b.

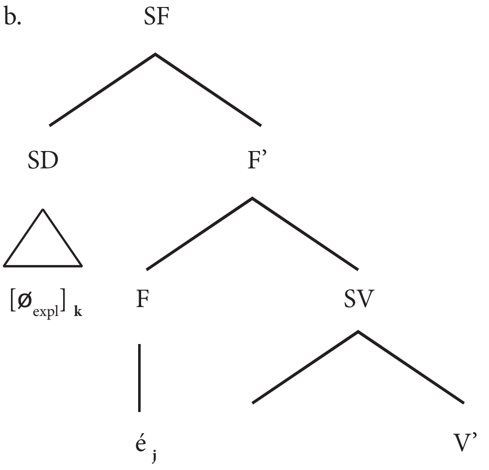

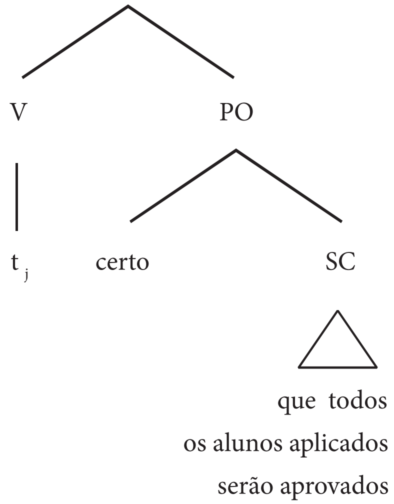

Em (49), observa-se que:

(a) o verbo inacusativo copulativo *é* – oração principal – é um verbo do tipo monoargumental que seleciona apenas um argumento interno – uma PO;

(b) a sentença [+N] *[$_{SC}$ que [$_{SF}$ todos os alunos aplicados serão aprovados]]* é projetada como um dos sintagmas organizadores da predicação PO; o outro elemento que compõe a PO é o sintagma *certo*.

No capítulo 4, subseção (1.2.3), reapresentamos o verbo inacusativo *parecer* que seleciona uma sentença [+N] como argumento interno[39]. Ratificamos, novamente, a análise já apresentada anteriormente que considera a sentença [+N], selecionada por este verbo, seu argumento interno sem marcação de Caso acusativo. Logo, sentenças [+N] ligadas a *parecer* e outros verbos inacusativos não funcionam como sujeito desses verbos.

Nos parágrafos acima, descrevemos orações [+N] selecionadas por verbos. No entanto, orações [+N] podem ainda ser selecionas por uma categoria [+N] como exemplificamos em:

(50) a. [*Eu tenho a impressão* [$_{SP}$ *de* [$_{SC}$ *que* [$_{SF}$ *vou voltar àquele lugar*]]]]

---

[39] Considerações sobre o verbo *parecer*, que seleciona uma sentença [+N], foram introduzidas, neste livro, no capítulo 3, subseção (2.2.1.1.1.), exemplo (19).

b.

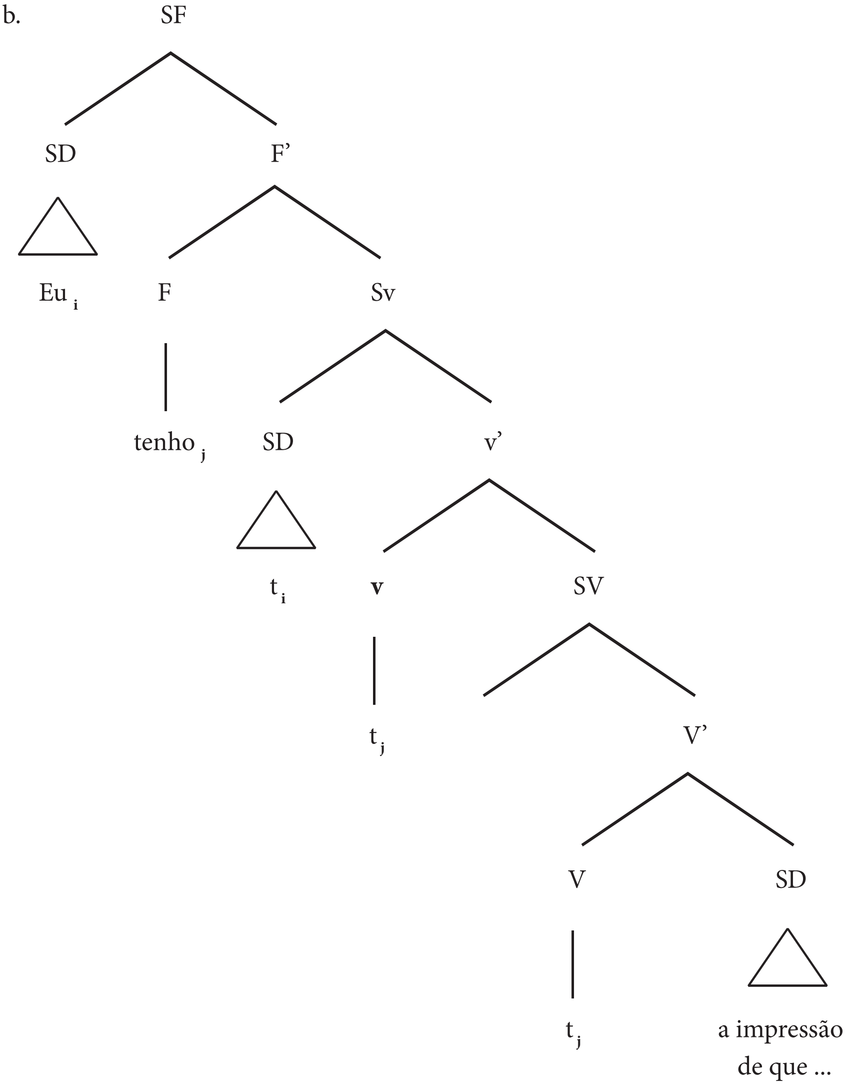
SF
SD
F'
Eu i
F
Sv
tenho j
SD
v'
t i
v
SV
t j
V'
V
SD
t j
a impressão
de que ...

b'

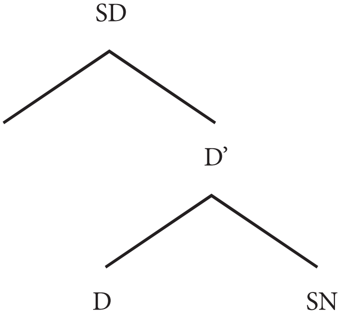
SD
D'
D
SN

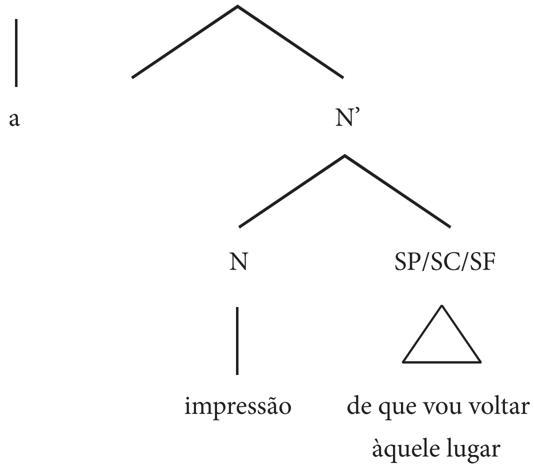

Pelo diagrama em (50), vê-se que:

(a) a sentença [$_{SP}$ ***de*** [$_{SC}$ ***que*** *vou voltar àquele lugar*]] é gerada como *argumento preposicionado* do nome *impressão* (objeto direto do verbo leve da sentença matriz);

(b) a sentença [$_{SC}$ ***que*** *vou voltar àquele lugar*]] recebe *Caso oblíquo* da preposição **de** e funciona como *complemento nominal* do objeto direto da sentença matriz [*eu tenho a impressão*];

(c) a sentença [$_{SP}$ ***de*** [$_{SP}$ ***que*** *vou voltar àquele lugar*]] é denominada em nossa tradição gramatical de oração *subordinada substantiva completiva nominal* [40].

Para ler mais sobre *nomes* e *pronomes*, ver indicação de ‘textos’ em leituras complementares – capítulo 5 – ao final deste livro.

4. Considerações Finais

Neste capítulo consideramos a ocorrência sintática dos sintagmas nominais (SNs), atentando para outras categorias que entram em sua composição: os sintagmas quantificador (SQ), determinante (SD) e adjetivo (SAdj). Enfatizamos o SD, ratificando análises que o tomam como uma categoria funcional do SN. Logo, mesmo em SNs em que o SD não esteja explícito, nossa análise segue a análise corrente na literatura que propõe que todo SN é projeção de uma categoria funcional determinante.

---

[40] Ver Nicola & Infante (1997: 315); Luft (2005: 113); Pasqualle & Ulisses (2003: 407).

Ainda, neste capítulo, apresentamos uma rápida descrição das sentenças complexas em português com valor [+N]. Propusemos, de modo geral, que tais sentenças funcionam como argumentos de verbos de mais de um lugar e de verbos inacusativos (de um lugar); essas sentenças podem também ser selecionadas por nomes, funcionado, portanto, como seus complementos.

No próximo capítulo, descrevemos com mais detalhes sobre a categoria sintagmática adjetivo.

CAPÍTULO 6

Análise do sintagma ‘adjetivo’:

Considerações sobre as orações adjetivas

1. INTRODUZINDO A CATEGORIA ‘ADJETIVO’

Neste capítulo, introduzimos a categoria *adjetivo* e sua projeção sintagmática – SAdj – além de apresentarmos algumas considerações sobre a categoria *advérbio*, analisada, neste livro, como um ‘tipo de adjetivo’. A descrição da categoria adjetivo em português precisa ainda atentar para a projeção oracional do tipo *oração adjetiv*a (ou *relativa*). Nesta seção, apresentamos a categoria *adjetivo*.

Em (1), apresentamos uma definição de adjetivo de acordo com Lemle (1984)[1]:

(1) Adjetivos

> *Os adjetivos se caracterizam morfologicamente por receberem as mesmas marcas de gênero e número que distinguem os nomes, com a diferença de que estas marcas, no adjetivo, resultam de regras de concordância. Sintaticamente os adjetivos se adjungem aos nomes (são colocados como adjuntos dos nomes) ou a eles se ligam por intermédio de um verbo copulativo, e seu papel semântico é o de expressarem uma qualidade do referente do nome.*

Veja, a seguir, um exemplo de *adjetivo* inserido dentro de um SN maximamente estendido:

(2) a.[[$_{\textbf{SD}}$ Aqueles] [$_{\textbf{SN}}$ **livros**] [$_{\textbf{SAdj}}$ *interessantes*] estão sobre a mesa][2]

---

[1] Lemle (1984: 97); os parênteses são nossos.

[2] Na árvore em (2b), não projetamos a sentença (o SF), mas sim o SN maximamente estendido a fim de enfatizarmos o **SAdj**.

b.

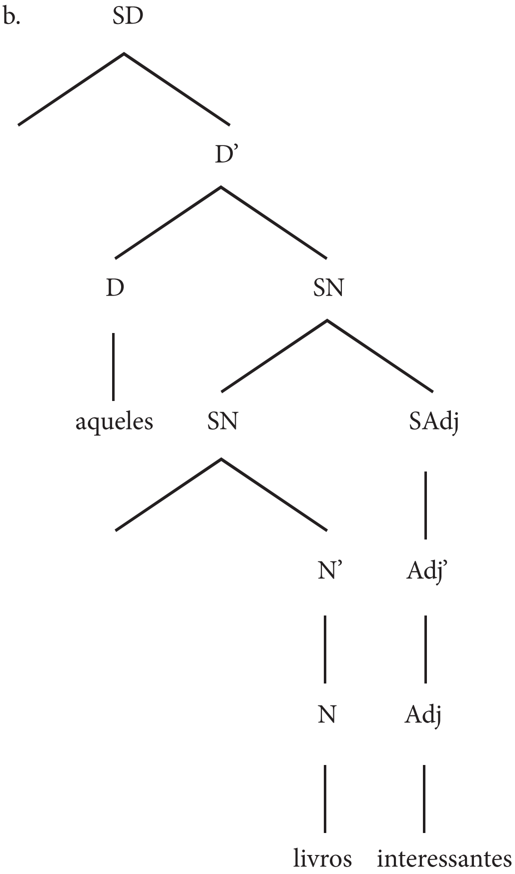
SD
D’
D
SN
aqueles
SN
SAdj
N’
Adj’
N
Adj
livros
interessantes

Em (2b), vê-se a projeção maximamente estendida do SN *livros*; nessa projeção, o adjetivo *interessantes* é adjunto do nome.

Observe agora a projeção sintagmática em que se insere o adjetivo *interessantes* na sentença em:

(3) a. Aqueles livros são *interessantes*

b.

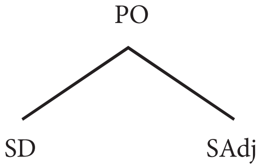

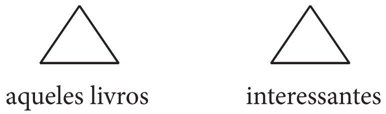

Em (3b), se vê que o adjetivo compõe uma projeção sem verbo, chamada de pequena oração – PO.

As projeções do SAdj *interessantes* em (2) e (3) exemplificam a definição dessa categoria apresentada em (1): adjetivos podem ser projetados em uma sentença como adjuntos de um nome ou como integrantes de uma PO.

Lemle (1984: 102) aponta outra característica dos *adjetivos*:

> *[...] todo adjetivo que pode modificar um nome referente a um ser humano pode exercer papel de nome, incorporando o conceito de pessoa ao seu próprio sentido, que passa a ser: uma pessoa com a qualidade expressa pelo adjetivo.*

Abaixo, vemos uma exemplificação oferecida por Lemle (op. cit.)[3]:

> *(4) os ricos, os pobres, os bons, os maus, o morto, o sábio, o avarento, os brasileiros, os cariocas, o careca.*

Neste livro, tomaremos como *SAdj* não apenas a categoria *adjetivo*, mas também outras categorias que exercem a função de *categorias modificadoras* do nome.

1.1. *O Sintagma Adjetivo*

No capítulo 5 – subseção (2.1.2.) – observamos sete posições pré-nominais que podem ser preenchidas em um dado SN chamado de *SN maximamente estendido*. Repetimos, abaixo, a tabela em (28), daquele capítulo, renumerada:

---

[3] Lemle (1984: 102); dado (155), renumerado.

(5)

1 TODOS	**2 AQUELES**	**3 MEUS**	**4 OUTROS**	**5 DEZ**	**6 PRIMEIROS**	**7 ESTRANHOS POEMAS**
ambos	este(s)	teu(s)	mesmo(s)	um	segundo(s)	
	esse	seu		dois	terceiro	
	o	nosso		.	.	
	um	vosso		.	.	
	algum			.	.	
	nenhum			vário		
	cada			diverso		
				muito		
				pouco		

Como abordado no capítulo 5, as categorias das colunas 3 a 7 – em (5) – são posicionalmente intercambiáveis com os *adjetivos* (colocados antes ou depois do *nome*). Logo, categorias nestas posições devem ser consideradas *adjetivos* – cf. Lemle (1984: 99). Revendo ainda o capítulo 5, consideramos que apenas três categorias sintagmáticas podem girar em torno do núcleo do sintagma nominal (SN) em uma dada projeção sintática:

(6) (i) Sintagma quantificador – SQ
(ii) Sintagma Determinante – SD
(iii) Sintagma Adjetivo – SAdj

As categorias SQ e SD só podem ser preenchidas apenas uma vez dentro de uma dada projeção nominal; no entanto, a categoria *adjetiv*o – SAdj – pode ser preenchida mais de uma vez dentro de um dado SN (um fato sintático particular da classe dos *adjetivos*).

Atente para o *SN maximamente estendido* (com as projeções SQ, SD e SAdj) em:

(7) a. [[[$_{\text{SQ}}$ *Todos*] [$_{\text{SD}}$ *aqueles*] [$_{\text{SAdj}}$ *interessantes*] [$_{\text{SN}}$ ***livros***]] estavam escritos nas referências bibliográficas do curso de gramática]

b. ... [$_{\text{SD}}$ Aqueles] [$_{\text{SAdj}}$ interessantes] [$_{\text{SN}}$ **livros**]] ...
[teus]
[mesmos]
[dois]
[primeiros]

c. ... [$_{SD}$ *Aqueles*] [$_{SAdj}$ *teus dois interessantes*] [$_{SN}$ **livros**]] ...
c”. ... [$_{SD}$ *Aqueles*] [$_{SAdj}$ *teus mesmos*] [$_{SN}$ **livros**]] ...
c’”. ... [$_{SD}$ *Aqueles*] [$_{SAdj}$ *teus primeiros interessantes*] [$_{SN}$ **livros**]] ...

Em (7), vê-se que a “posição canônica de adjetivo” – posição **7** em (5) – pode ser preenchida ou acompanhada por categorias gramaticais rotuladas por diversos nomes pela gramática tradicional – como “numeral” (*dois*), “pronomes possessivos” (*teus*), etc. Portanto, (7b) aponta para o seguinte fato sintático: o *SAdj* pode ser substituído por categorias que assumem a função de *modificador* do nome como se vê em (7) com os SAdjs modificadores de **livros**. Daí, assumirmos que, funcionalmente, todas as categorias exemplificadas em (7b) – as categorias que preenchem as colunas 3 a 7 em (5) – são *categorias adjetivais*. Observe ainda que os *adjetivos* têm a característica de poderem aparecer mais de uma vez, modificando o mesmo *nome*, e é exatamente isso que vemos em (7c).

Note que a gramática tradicional capta a noção de algumas categorias pronominais serem tratadas como *adjetivos*:

> *[...] Também há pronomes que acompanham os substantivos a fim de caracterizá-los ou determiná-los, atuando em funções típicas dos adjetivos. São, justamente por isso, chamados de* pronomes adjetivos. *[...]*
>
> *Pasquale & Ulisses (2003: 276)*

1.1.1. *O Sintagma Adjetivo Máximo*

A fim de descrevermos o *SAdj* com eficácia, trataremos das funções internas deste sintagma da mesma forma que o fizemos com o SN no capítulo 5. Veremos que o *SAdj* pode estabelecer um *SAdj máximo* – cf. Perini (1989: 123-196) – como se exemplifica em[4]:

(8) a. [$_{SInt}$ muito [$_{SAdj}$ satisfeito] [$_{SP}$ com o trabalho]]

---

[4] Perini (1989: 192); dado (138), renumerado. Os colchetes e nomes dos sintagmas em (8a) são inserções nossas. O gráfico em (8b) é nosso; (8b) visa a demonstrar apenas o *SAdj máximo* e não a oração em que está inserido – SF.

b.

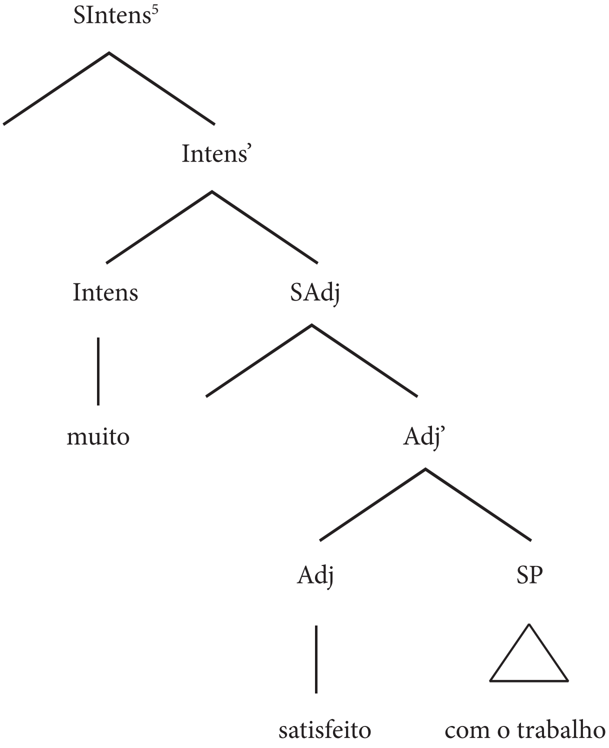

Em (8), vemos exemplo das três funções que compreendem o que chamamos de *SAdj máximo* – ver Perini (op. cit.): (i) o sintagma intensificador – *SInt – muito*, tratado como *advérbio* pela gramática tradicional; (ii) o núcleo do SAdj *satisfeito*; o complemento do SAdj, o sintagma preposicional (SP*) com o trabalho*.

Segundo Perini (1989:192)[6]:

> *[...] O intensificador [...] é desempenhado por uma classe provavelmente fechada, e relativamente pequena, embora não tão pequena [...]. Exemplos são:* muito, realmente, bem, bastante, um tanto, (um) pouco, algo, completamente, *etc. A função de Int se caracteriza por ocorrer em primeiro lugar no SAdj máximo.*
>
> *[..]*

---

[5] Sintens = Sintagma Intensificador.

[6] Perini (1989: 139); os parênteses são nossos.

> *O CSA (complemento do SAdj)[...] é sempre desempenhado por sintagma preposicionado, isto é, preposição + SN. Define-se posicionalmente por ocupar o terceiro lugar no SAdj máximo.*

Em (10), apresentamos a organização do sintagma adjetivo maximamente estendido em português:

(10) **SAj máximo** – *SInt + núcleo do SAdj + complemento do SAdj*

1.1.2. *A Inserção de Adjetivos nas Sentenças*

Como apontado em (1) e (2), as duas maneiras de se inserir um SAdj em uma sentença em português são como:

(i) adjunto de um nome;
(ii) participante de uma predicação do tipo *pequena oração* – PO

Observe o comportamento sintático do adjetivo *atrasado* nas sentenças (11) e (12) abaixo:

(11) a. $[_{\text{SD}}$ O aluno $[_{\text{SAdj}}$ atrasado]] chegou

b.

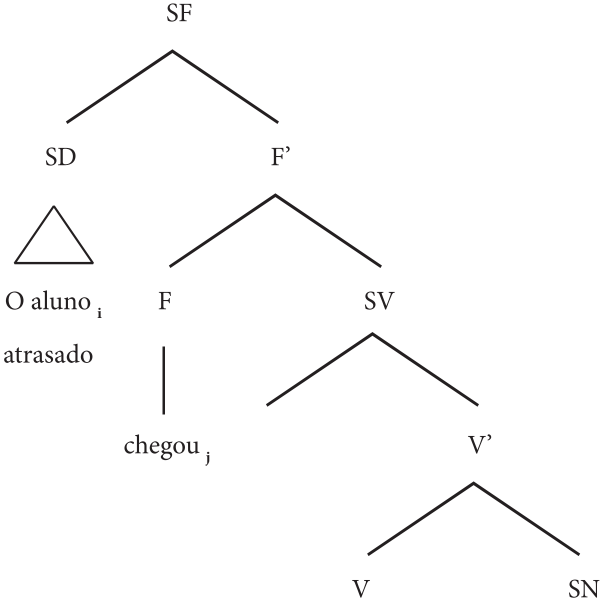

b'.

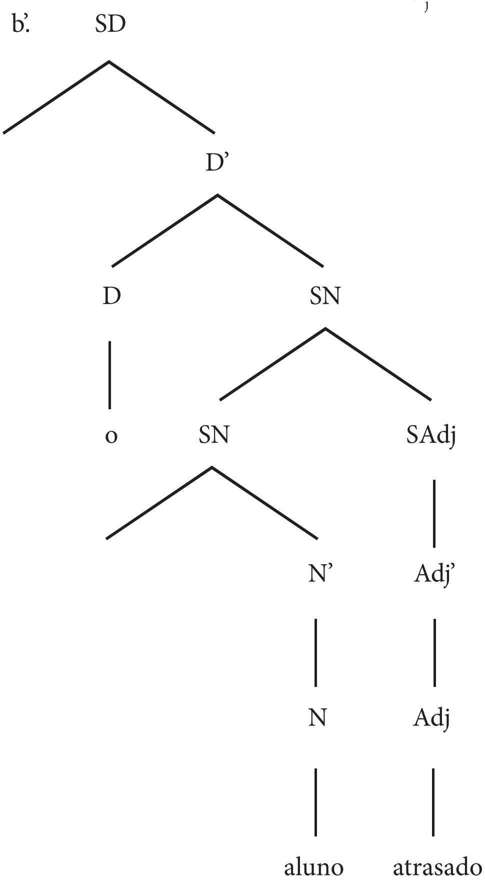
SD
D'
D
SN
o
SN
SAdj
N'
Adj'
N
Adj
aluno
atrasado

(12) a. O aluno$_i$ chegou [$_{SC}$ t$_i$ atrasado]

b.

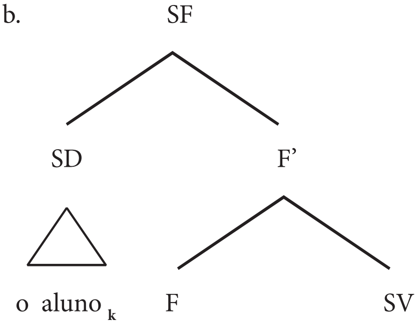
SF
SD
F'
o aluno k
F
SV

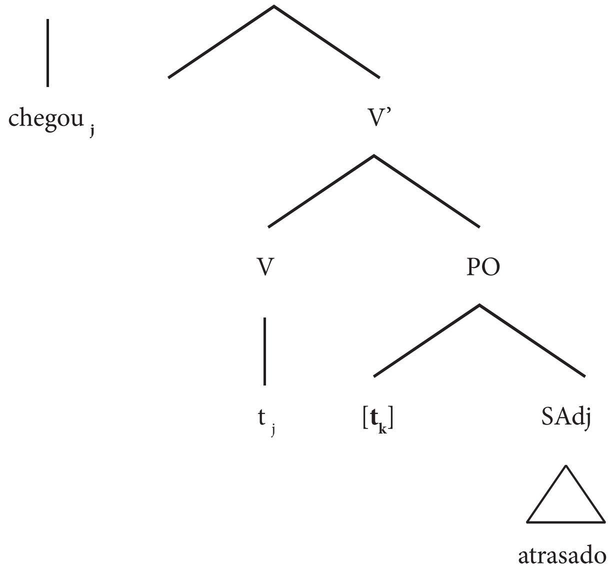
chegou j
V’
V
PO
t j
[tk]
SAdj
atrasado

Em (11), o adjetivo *atrasado* é projetado dentro do SN maximamente expandido, como adjunto do núcleo *aluno*; em (12), *atrasado* não é mais adjunto de um nome, mas participante de uma predicação. Ele insere-se em uma construção do tipo *pequena oração*, projetada por uma categoria funcional. Abaixo, detalhamos a projeção PO.

1.1.2.1. *A Projeção ‘Pequena Oração’*

Apresentaram-se, no capítulo 4, subseção (1.2.3.1.1.), sintagmas de natureza [+N] formando uma predicação chamada de *pequena oração – PO*. Veja o exemplo a seguir:

(13) a. Martinha **é** bonita

b.

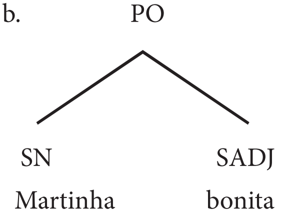
PO
SN
SADJ
Martinha
bonita

Observe que POs , em português – ver (13a) – inserem-se em uma sentença com verbo inacusativo copulativo como *ser* em *"Martinha* *é* *bonita"*. O adjetivo *bonita* não é adjunto do nome *Martinha*, mas constitui, em conjunto com *Martinha* uma predicação.

Observe ainda que a PO, como projetada em (13b), não obedece ao esquema restritivo X-barra.

A literatura em P&P propõe que POs são sentenças do mesmo tipo que o são sentenças finitas e infinitivas. Vimos, no capítulo 3, que verbos finitos projetam um sintagma flexional de natureza funcional FLEXÃO – SF. Da mesma forma, POs são consideradas, dentro do Modelo X-barra, uma projeção de um núcleo funcional. Logo, a pergunta que se faz é?

(14) *Que núcleo funcional projeta uma sentença do tipo PO como em (13)?*

A resposta, encontrada na literatura, para a pergunta que explicitamos em (14) é que POs projetam um núcleo funcional CONCORD (CONCORDÂNCIA).

A proposta de POs serem projetadas por um núcleo CONCORDÂNCIA, que seguimos neste livro, vem da observação de línguas românicas – ver Haegeman (1999: 123-126) e seus exemplos sobre PO em francês.

Observe as POs em (15) e suas projeções em (16):

(15) a. $[_{SF}$ O aluno $_i$ estava $[_{PO}$ t_i *atrasado*]]
b. $[_{SF}$ Os alunos $_i$ estavam $[_{PO}$ t_i *atrasados*]]
c. $[_{SF}$ A aluna $_i$ estava $[_{PO}$ t_i *atrasada*]]
d. $[_{SF}$ As alunas $_i$ estavam $[_{PO}$ t_i *atrasadas*]]

(16)

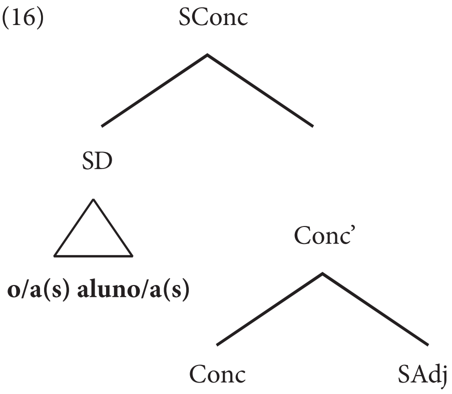

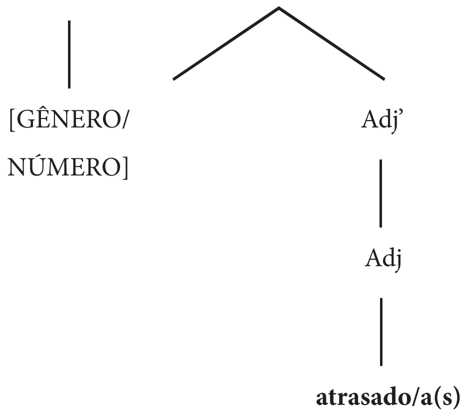

O adjetivo *atrasado/a(s)* (16) manifesta concordância explícita com o nome *aluno/a(s)* em estruturas POs, selecionadas por verbos copulativos. Logo, assume-se que, em português (e em línguas românicas, como se vê em Haegeman(1999)), POs são projeções do núcleo CONCORDÂNCIA que carrega os traços dos morfemas funcionais: (i) GÊNERO e (ii) NÚMERO. Logo, passamos a projetar o sintagma concordância – *SConc* – como a projeção máxima do núcleo CONCORDÂNCIA.

O núcleo CONCORDÂNCIA seleciona, em predicações PO como em (15): (i) o *adjetivo* (ou qualquer sintagma que funcione como adjetivo na PO) como seu complemento; (ii) um SD como seu argumento externo – ver (16).

É preciso atentar para o fato de que POs (*pequenas orações*) são inseridas, em português, dentro de uma projeção sentencial com verbo copulativo. Os verbos copulativos como *ser* em *Martinha é bonita* (13) têm um esvaziamento semântico e são chamados pela Gramática Tradicional de *verbos de ligação* – cf. Bechara (2006: 426). Por ligarem um nome a uma qualidade (chamada de *predicativo* – do sujeito ou do objeto), os verbos de ligação (cópulas) são denominados pela Gramática Tradicional de *predicados nominais*. No entanto, Bechara (op. cit.) chama a atenção para a inadequação da terminologia *predicado nominal* para predicados com verbos copulativos (de ligação):

> *[...] do ponto de vista funcional e formal, tais verbos apresentam todas as condições necessárias à classe dos verbos, incluindo-se aí os morfemas de gênero, número, pessoa, tempo e modo; daí acompanharmos neste livro os lingüistas e gramáticos que defendem*

> *a não-distinção entre o 'predicado verbal' e o 'predicado nominal' incluindo também a desnecessidade de distinguir o 'predicado verbo-nominal' [...]. Toda relação predicativa que se estabelece na oração tem por núcleo um verbo.*
>
> *Bechara (2006: 426)*

A Teoria X-Barra capta a argumentação que se vê na citação acima – Bechara (op. cit.). Observe a projeção da sentença (13), renumerada em:

(17) a. Martinha é bonita

b.

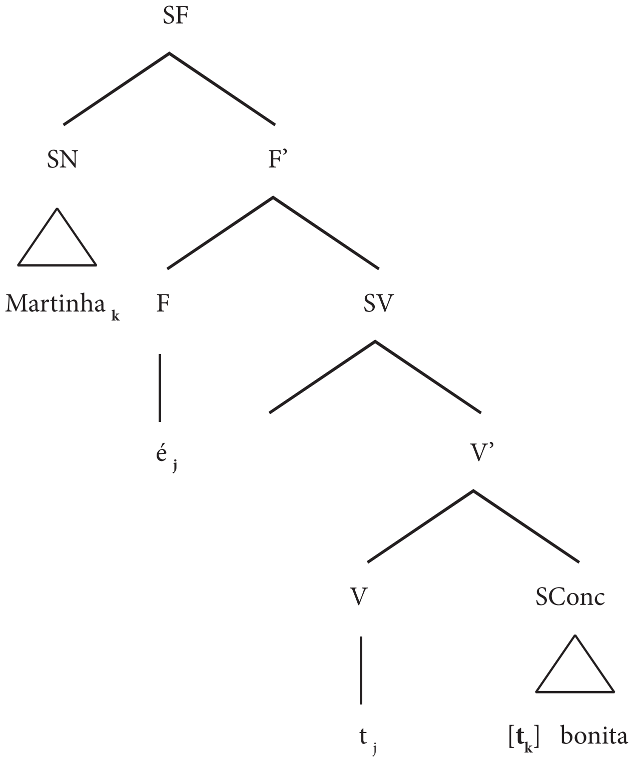
SF
SN
F'
Martinha k
F
SV
é j
V'
V
SConc
t j
[tk] bonita

b.

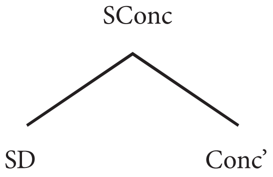
SConc
SD
Conc'

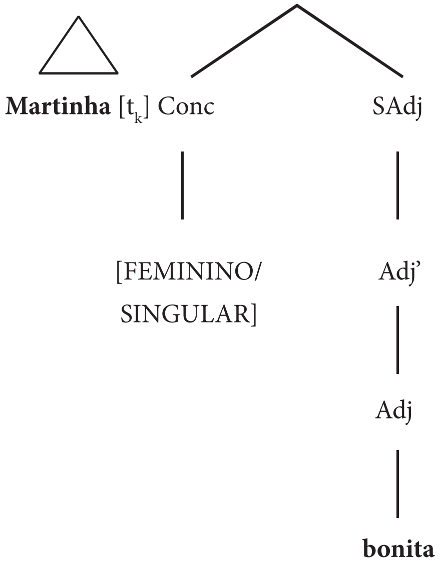

A predicação como um todo em (17) não pode ser considerada *nominal*, pois há a presença do verbo *ser*: um verbo do tipo *intransitivo inacusativo*. Este verbo não projeta argumento externo e projeta uma PO como seu complemento; o *SConc* capta a predicação interna que ocorre entre [*Martinha*, *bonita*]. Para explicação sobre o movimento do SD *Lucinda* para [Spc, SF], ver capítulo 4, subseção (1.2.3.1.1.).

Como apontado em Bechara (2006: 426), a definição de *predicado nominal* para sentenças com verbos de ligação – ver (17) – é inadequada; também o é a definição chamada de *predicado verbo-nominal*. Os chamados *predicados verbos-nominais* são tão *verbais* quanto os chamados *predicados nominais*, descritos pela projeção em (17). Na sentença (15a), renumerada abaixo, apresentamos uma oração com um predicado descrito como *verbo-nominal* pela Gramática Tradicional:

(18) a. O menino$_i$ chegou [$_{SC}$ t$_i$ atrasado]

b.

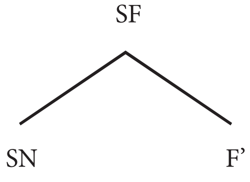

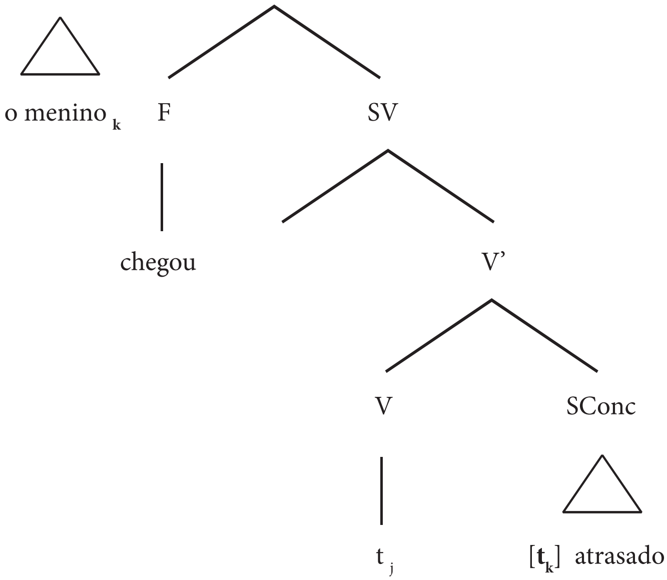
o menino $_k$
F
SV
chegou
V'
V
SConc
t $_j$
[**t**$_k$] atrasado

b'.

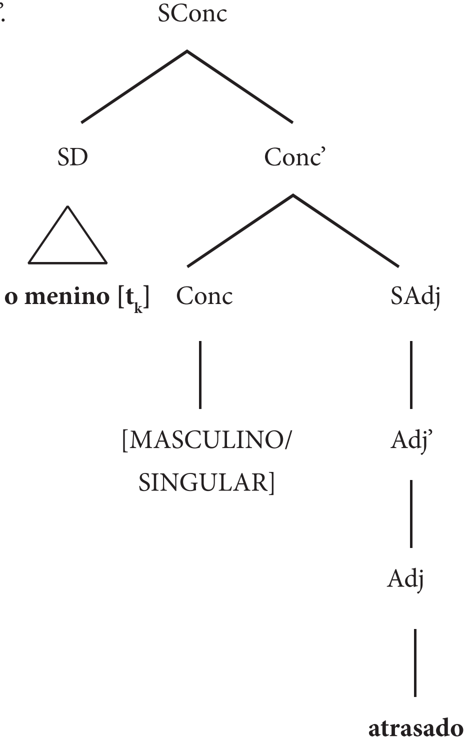
SConc
SD
Conc'
o menino [**t**$_k$]
Conc
SAdj
[MASCULINO/
SINGULAR]
Adj'
Adj
atrasado

Observe que, como a sentença em (18) tem um verbo que não é chamado de "verbo de ligação" – *chegar* –, mas possui um *adjetivo* em posição de 'não-adjunto de nome' – *atrasado* –, a Gramática Tradicional denomina a predicação em (18) de *verbo-nominal*. Mas, de novo, como argumentado por Bechara (2006), sentenças como (17) e (18) não são nominais, mas sim verbais.

Observe que o verbo *chegar* em (18) é do mesmo tipo que *ser* em (17): verbos inacusativos. Como *ser* em (17), o verbo *chegar* em (18) projeta um argumento interno de natureza PO[7].

O verbo *chegar* (18), portador de FLEXÃO, projeta o sintagma funcional SF; o SD *o aluno* move-se de sua posição [Spec, Conc] para a posição [Spec, SF] a fim de checar o *Caso nominativo* do núcleo da categoria SF. Nesta posição, o SD *o aluno* age como o sujeito da sentença *"O aluno chegou atrasado"*. Lembre-se de que o SD *o aluno* não pode receber *Caso acusativo* do verbo *chegar,* pois *chegar* é do tipo inacusativo.

Como argumentado acima, *predicativos* não são o núcleo de uma predicação verbal em português, mas sim o complemento do núcleo CONCORDÂNCIA de uma predicação chamada de PO; POs podem funcionar como argumento interno de um verbo intransitivo do tipo inacusativo, como exemplificado em (17)-(18). Logo, o predicado sentencial das orações em (17) e (18) é *verbal* e não *nominal* ou *verbo-nominal*, respectivamente, como definidos pela Gramática Tradicional.

Antes de finalizarmos esta subseção sobre POs, é preciso ainda apontar que essas predicações de natureza [+N] podem ser projetadas como adjuntos de verbos e não apenas como seus complementos como exemplificado em (17) e (18).

Observe a sentença abaixo:

(19)a. [$_{\mathbf{SF}}$ **O auditório** $_{i}$ ouviu os conferencistas [$_{SC}$ t$_{i}$ **atento**]]

b.

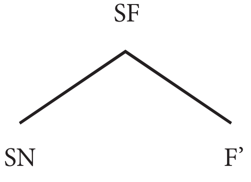

---

[7] Para uma boa argumentação sobre o verbo *chegar* como intransitivo inacusativo, ver Mito et al. (2004: 158-164).

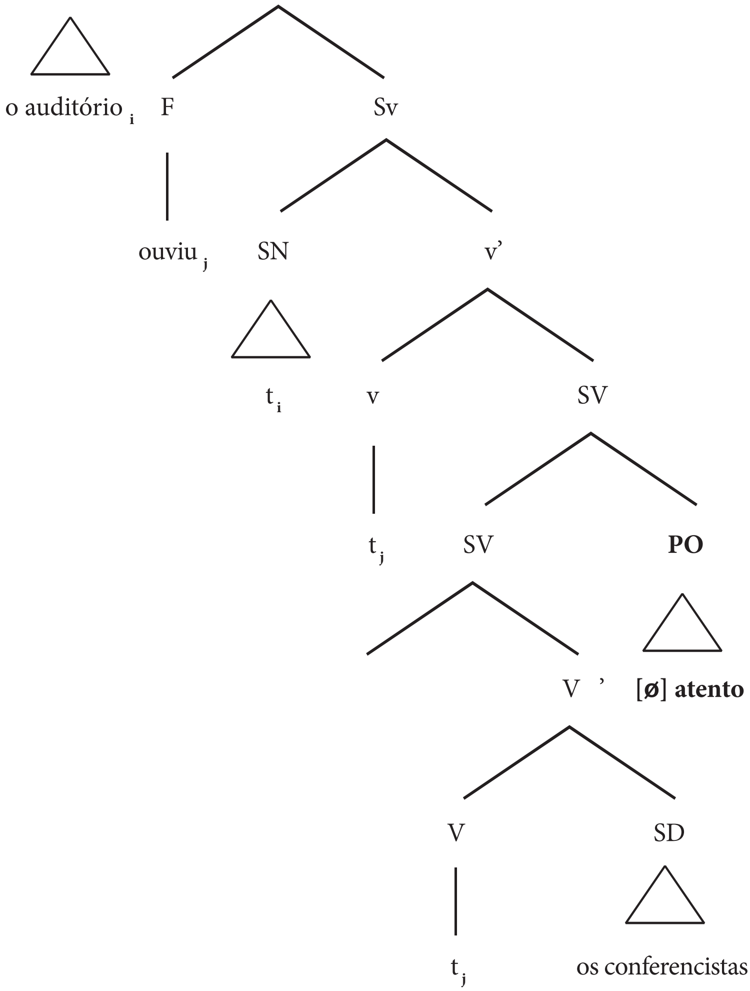
o auditório $_i$
F
Sv
ouviu $_j$
SN
v'
t $_i$
v
SV
t $_j$
SV
PO
V '
[ø] atento
V
SD
t $_j$
os conferencistas

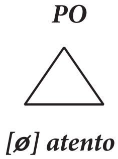
PO
[ø] atento

b'.

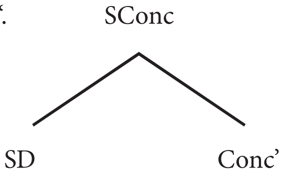
SConc
SD
Conc'

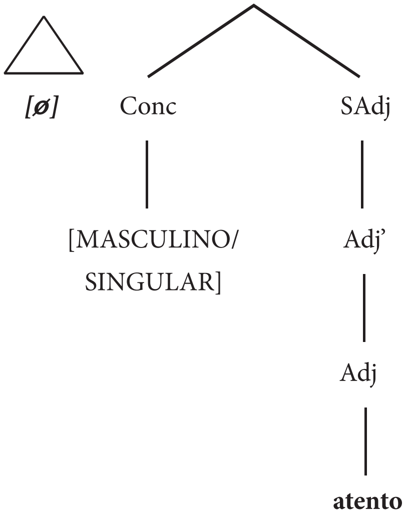

Em (19) tem-se mais um caso denominado pela Gramática Tradicional de *predicado verbo-nominal*. Ratificamos, no entanto que – como em (17) e (18) – a predicação sentencial em (19) se dá por meio de um verbo: o verbo leve *ouvir*; esse verbo, além de seus argumentos: (i) externo *o auditório* e (ii) interno *os conferencistas*, projeta uma PO como seu adjunto: *[ø] atento.*

Um fato importante precisa ser dito sobre a PO adjunto em (19). Em (19), o adjetivo *atento* não expressa CONCORDÂNCIA com um SD explícito, mas sim com um SD de natureza pronome nulo ‘referencial’ [ø] . Embora [ø] expresse relações semânticas com o sujeito sentencial *o auditório*, o SD *o auditório* não foi projetado do léxico na sentença dentro da PO, mas sim como argumento externo do verbo leve *ouvir* – ver a projeção em (19b).

Um outro aspecto que corrobora a análise de que o SD *o auditório* (19) não foi ‘alçado’ de dentro da PO é que a PO em (19) encontra-se em uma estrutura conhecida na literatura como ‘ilha’/’fronteira’/’barreira. O movimento de qualquer elemento de dentro de estruturas do tipo ‘ilha’ não pode ser processado (ou é processado com dificuldade). Em (19), se o SD *o auditório* tivesse sido projetado inicialmente na sentença na posição [Spec, PO], esse SD não poderia ter sido alçado à posição de [Spec, SF] – Sobre o conceito de ‘ilha’, ver o texto clássico de Ross (1967).

Recapitulando o que vimos na subseção (1.1.2.): SAdjs podem ser inseridos em sentenças em português como *adjuntos de um nome* ou como *complementos do nú-*

cleo Conc em uma PO. Sobre a PO, esta estrutura pode ser um complemento ou um adjunto do verbo da oração em que é projetada.

A seguir, comentamos sobre uma categoria que tem sido considerada pela literatura como uma classe dos adjetivos – a categoria *advérbio*.

2. Considerações sobre a Categoria Advérbio

Começamos esta seção dizendo que a razão de introduzirmos a classe de palavra *advérbio* neste capítulo sobre *adjetivo* deve-se ao fato de que, ratificamos a posição de um conjunto de pesquisadores em P&P que advogam que a categoria *advérbio* é parte da classe dos *adjetivos*.

A seguir, introduzimos algumas considerações sobre a categoria *advérbio*. Primeiramente, nos concentramos na definição de *advérbio* pela Gramática Tradicional visando a apontar que muitas palavras que são definidas como integrantes dessa categoria o são apenas por critérios semânticos; sintaticamente, muitas palavras ditas *advérbios* apresentam comportamento muito distinto umas das outras. Em segundo lugar, argumentamos a favor da divisão da chamada categoria *advérbios* em distintas categorias gramaticais.

2.1. A Gramática Tradicional e a Categoria Advérbio

O *advérbio* é definido em nossas gramáticas com base em dois critérios: (i) semântico e (ii) sintático (relacionado às categorias sobre as quais o advérbio se refere – cf. Lobato (1976: 99).

Bechara (2006: 287) define o *advérbio* como uma palavra modificadora que se refere geralmente ao verbo, ao adjetivo, a um advérbio (como intensificador) ou a uma declaração inteira. Ainda segundo este mesmo autor, o advérbio é *"[...] a expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, etc.) [...]"* – Bechara (2006: 287).

Mattoso Câmara (1975: 124), após apontar um quadro descritivo (e histórico) dos *advérbios* em português, afirma:

> *O quadro teórico que acabamos de apreciar, no âmbito dos advérbios em português, é teórico até certo ponto. Perturbam em parte as suas linhas gerais a extrema mobilidade semântica e funcional que caracteriza os advérbios. Ela é inerente a essas palavras. [...]*

Bechara (2006: 287) corrobora as palavras de Mattoso Câmara (pp. cit.) exemplificando o escopo (efeito semântico) de advérbios em português sobre: (i) o *verbo*; (ii) o *adjetivo*; (iii) o *advérbio*; (iv) toda a *oração*; (v) o *nome*, como se vêem abaixo em exemplos do autor[8]:

(20) a. José *escreve* bem (escopo sobre o verbo)
b. José é muito *bom* escritor (escopo sobre o adjetivo)
c. Felizmente *José chegou* (escopo sobre toda a sentença)
d. *Pessoas* assim não merecem nossa atenção (escopo sobre o nome)

Como apontado no início desta seção, os *advérbios* são definidos por critérios semânticos pela Gramática Tradicional; logo, *assim* (20d) é dito um *advérbio de modo*.

Chamamos ainda a atenção do leitor para as palavras do linguista Thomas Payne em seu clássico "Descrevendo a morfossintaxe de um língua – um guia para linguistas de campo":

> *O advérbio é uma categoria "catadora". Qualquer palavra com conteúdo semântico [...] que não é claramente um nome, um verbo ou um adjetivo é frequentemente colocada dentro da classe do advérbio. Semanticamente, formas que têm sido chamadas de advérbios cobrem um conjunto extremamente amplo de conceitos. [...] Também, eles funcionam tipicamente na oração ou no nível do discurso, ou seja, seu efeito semântico (escopo) é relevante para orações inteiras ou para unidades maiores que simples sintagmas. [...]*
>
> *Payne (1997: 69, traduzido)*

Polli (2002) em seu trabalho sobre advérbios sufixados com –*mente* em português afirma que um dos poucos tópicos que não apresentam divergência entre os estudos sobre a categoria *advérbio* em português são os *advérbios* terminados pelo sufixo –*mente*. Logo, Polli (op. cit.) restringe seu objeto de estudo sobre *advérbio* em português concentrando-se nas palavras terminadas pelo sufixo –*mente*. No entanto, observe as palavras do autor (op. cit.):

> *[...] Mesmo assim, tive dificuldades, pois também são vários os tipos de advérbios com essa terminação no nosso idioma. Mais uma delimitação foi necessária e acabei ficando com "apenas"*

---

[8] Os itálicos e os sublinhados são nossos. Os itálicos representam a categoria sob o escopo do *advérbio* (que está sublinhado). A parte entre parênteses (após o exemplo) é inserção nossa.

> *os advérbios de modo (cuidadosamente), de domínio (matematicamente), de grau (completamente), epistêmicos (possivelmente), avaliativos (infelizmente) e pragmáticos (francamente). Várias propriedades sobre a interpretação e distribuição desses advérbios na sentença foram encontradas. Algumas eu nem podia imaginar que existissem. [...]*
>
> *(Polli 2002; Apresentação)*

Lobato (1988: 93-96) ratifica a heterogeneidade da classe de palavras *advérbio*, propondo que ela deve ser dividida em classes distintas. A afirmação da autora (op. cit.) firma-se em argumentação feita a partir de testes sobre o *advérbio*, baseados em critérios estipulados pela própria Gramática Tradicional para a definição da categoria: critérios semânticos, morfológicos e sintáticos – cf. Lobato (1976: 99). Os testes propostos por Lobato (op. cit.) são readaptados na proposta de exercício sobre a categoria no final deste livro – ver em 'exercícios do capítulo 6'.

***2.2.** A Teoria da Gramática e a Categoria Advérbio*

Um conjunto de linguistas em P&P propõe que não há uma definição de traços específicos para a codificação de um sintagma adverbial (SAdv) no léxico da mente humana e que os sintagmas adverbiais são simples casos da categoria *adjetivo* – cf. Radford (1988), Haegeman (1999)[9].

***2.2.1.** Advérbios: uma Subclasse de Adjetivos*

A proposta de que *advérbios* sejam considerados como uma subclasse de *adjetivos* está embasada na forte relação morfológica entre itens dessas duas classes, envolvendo *adjetivos* e *advérbios de modo*. A proposta baseia-se ainda na relação idêntica de elementos que entram na composição de sintagmas adjetivais e adverbiais (como seus modificadores ou como seus complementos).

(i) Relação Morfológica entre adjetivos e advérbios de modo

---

[9] Sobre *Categorias Lexicais*, ver (3.1.1.) no capítulo 2.

(a) Palavras ditas adverbiais terminadas em –mente: em português, *advérbios* terminados em –*mente* só podem ser derivados de raízes adjetivais; qualquer novo adjetivo criado permite a forma dita adverbial em –mente (ex.: *sutilmente*).

(b) Palavras com a mesma forma: *adjetivos* e *advérbios de modo* podem repartir a mesma forma, como se vêem abaixo em:

(21) a. Marina chutou a bola **alto**
b. Marina é **alta**

(22) a. Os alunos estão **meio** cansados de sintaxe
b. Agora são meio dia e **meia** (hora)

(ii) Relação Sintática entre adjetivos e advérbios

Adjetivos e *advérbios* permitem o mesmo conjunto de modificadores, como se vêem em:

(23) Ele estuda [**muito** bem]
(24) Ela está [**muito** feliz]

O SInt *muito* modifica tanto o advérbio *bem* em (23), quanto o adjetivo *feliz* em (24).

Adjetivos e *advérbios* permitem o mesmo tipo de complementos preposicionados como se observa em:

(25) Ela é [independente **de mim**]
(26) Ela agiu [independentemente **de mim**]

Em (25), o SP *de mim* é complemento do SAdj *independente*; em (26), do SAdv *independentemente*.

Mioto et al. (2004: 55) – citando Radford (1988)) – dizem que:

> *[...] advérbios e adjetivos estão em distribuição complementar, no sentido de que os últimos modificam nominais, enquanto os primeiros modificam constituintes não nominais (verbais, adjetivais, preposicionais, etc.) [...].*

Como já dissemos anteriormente, neste livro, seguimos a corrente de linguistas que advogam a não existência de traços específicos para a codificação de um sintagma adverbial (SAdv) no léxico da mente humana. Observe o sintagma *alto* (21a), renumerado em:

(27) a. Marina chutou a bola [$_{\text{SMan}}$ **alto**]
b. João é [$_{\text{PO}}$ **alto**]
c. Maria é [$_{\text{PO}}$ **alta**]

Dizemos que *alto* em (27a) é um *sintagma de maneira* (SMan), inserido como adjunto do verbo *chutar*. No entanto, *alto* em (27b) e *alta* em (27c) são SAdjs, inseridos em *pequenas orações* – POs; *alto(a)* em (27b-c) manifestam CONCORDÂNCIA com *João/ Maria*, diferentemente de *alto* em (27a), que não manifesta CONCORDÂNCIA.

Ao não nomearmos o sintagma *alto* em (27a) como *advérbio* e optarmos por descrevê-lo como *SMan,* o fazemos ratificando propostas linguísticas que apontam para a necessidade da distinção de várias categorias dentro da chamada categoria *advérbio*.

Como dito acima, Lobato (1976: 99), e ainda em (1988: 93-96), propõe uma consulta a gramáticas escolares do português procurando classificar o inventário de *advérbios* por elas apresentado (segundo critérios semânticos, sintáticos e morfológicos). A autora (pp. cit.) conclui, a partir deste 'exercício', que a categoria deveria ser subdividida em outras classes. Em Lobato (1988: 96), vê-se a seguinte proposta de subdivisão para a chamada classe dos *advérbios*[10]:

(28) **Subdivisão de Categorias ditas Adverbiais**

(i) Elementos modais – que se caracterizam por serem categorias com incidência sobre toda a sentença. Ex.: *possivelmente*, *surpreendentemente*, etc.

(ii) Elementos temporais e locativos – que se caracterizam por incidirem sobre a ação ou estado expresso pelo verbo; têm grande mobilidade na oração e são morfemas invariáveis no limite entre gramatical e lexical. Ex.: *aqui, ali, antigamente, logo, hoje.*

(iii) Elementos de caráter pronominal – que se caracterizam por, morfologicamente, pertencerem à mesma classe dos pronomes relativos (que, quem, qual, cujo, etc.). Ex.: *quanto, quão, por que, onde, como, quando*.

---

[10] As categorias abaixo são propostas por Lobato (1988: 96); no entanto, o texto em que as apresentamos – numerado como (28) – é uma adaptação nossa.

(iv) Elementos intensificadores – se caracterizam por não poderem ser núcleo de sintagma dito adverbial e por ocuparem tipicamente a posição imediata antes do adjetivo a que se referem (ex.: *muito feliz*) e imediatamente depois do verbo a que se referem (ex.: *trabalham muito*); são palavras gramaticais variáveis (ex.: *muitíssimo, pouquíssimo)*.

(v) Elementos de maneira – se caracterizam por subcategorizarem os verbos da língua aos quais podem se referir; ocupam tipicamente a posição final da oração e são morfemas lexicais variáveis em grau (ex.: *lentissimamente, devagarissimamente*).

Segundo Lobato (1988: 96), além das categorias (i)-(v) vistas em (28), outros itens definidos como *advérbios* ainda poderiam ser desdobrados em outras classes. A autora (op. cit.) cita: *sim/ não; realmente; acaso/ porventura; menos/ mais/ já; nunca/ jamais.*

Ratificamos que a proposta de Lobato (op. cit.), apresentada em (28), justifica-se pelo fato de não podermos tratar por apenas uma categoria – *advérbio* – sintagmas que têm distribuição morfossintática tão heterogênea como se vê em (28). A Gramática Tradicional chama palavras terminadas em *–mente* de *advérbios de modo*, mas como argumentado por Lobato (1988), palavras terminadas em *–mente* constituem um conjunto bem mais amplo, apresentando os seguintes aspectos:

- elemento modal (*possivelmente*) – ver (28i)
- elemento locativo (*antigamente*) – ver (28ii)
- elementos de maneira (*lentissimamente*) – ver (28v)
- outros sentidos (*realmente*).

Abaixo, exemplificamos a proposta adotada neste livro quanto à categoria *advérbio*. Sintagmas como *muito*, por exemplo, passam a ser considerados como SInt e não como *advérbio de intensidade*. Veja o exemplo (8), renumerado em:

(29) a. [$_{\mathbf{SInt}}$ muito [$_{\mathbf{SAdj}}$ satisfeito] [$_{\mathbf{SP}}$ com o trabalho]]

b.

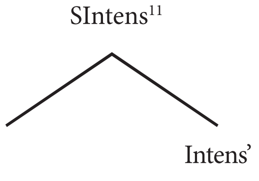

---

[11] Sintens = Sintagma Intensificador.

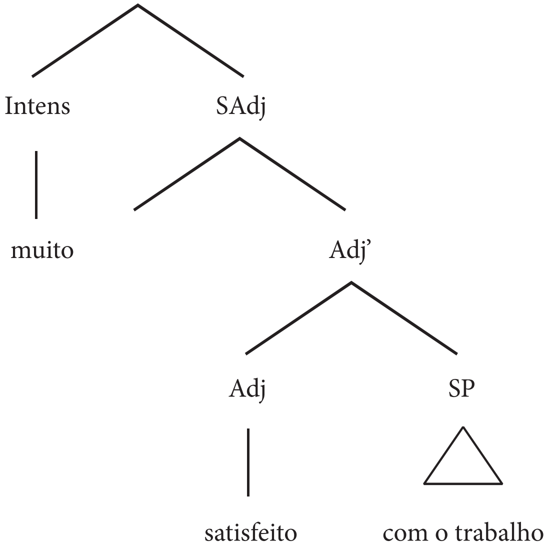

Em (28), *muito* é tratado como a projeção de um sintagma intensificador – SInt. Ao final desta subseção citamos ainda Brito (2003: 417; nota 107):

> *O advérbio é, historicamente, uma categoria derivada; por isso, não facilmente caracterizável através de uma combinação dos traços N e V, como fizemos para os nomes, os verbos, os adjetivos, as preposições. A generalidade dos advérbios dêiticos de lugar e de tempo do português atual tem a sua origem em expressões nominais ou preposicionais latinas contendo demonstrativos (cf. aí, cá, hoje, agora). Outros advérbios formaram-se a partir do antigo ablativo instrumental de adjectivos latinos (cf. bem, mal, longe, tarde).*

3. Orações com Função de Adjetivo

Em português, como em muitas línguas, vê-se a ocorrência de orações com função adjetival. Tradicionalmente, essas orações são chamadas de *orações relativas* – ver Brito & Duarte (2003).

Observe o exemplo em:

(30) a. [$_{SF}$ O livro [$_{SC}$ que estava na mesa] desapareceu]
b. [$_{SF}$ O livro [$_{SAdj}$ azul] desapareceu]

Em (30a), a sentença *[$_{SC}$ que estava na mesa]* funciona como um adjetivo (uma sentença modificadora) do SD *o livro* da oração matriz; diferentemente, em (30b), o elemento que modifica o SD *o livro* é a categoria 'adjetivo' *azul*.

O que distingue uma oração relativa de outras sentenças subordinadas – como as que apresentamos na seção (3) do capítulo 5 – é um elemento chamado de *pivô* na literatura:

> *Uma sentença relativa é conectada ao material circundante por um constituinte que funciona como pivô. O pivô é um constituinte semanticamente partilhado pela matriz e pela relativa. Se o pivô, normalmente um sintagma nominal, é realizado na sentença matriz, ele é reconhecido como um antecedente. O papel temático e a função sintática que o constituinte pivô desempenha na sentença relativa são em princípio independentes de seu papel semântico e de sua função sintática fora da relativa.*
>
> *de Vries (2003)*[12]

Orações relativas são convencionalmente divididas em dois tipos: (i) *restritivas* – em que a oração é essencial para a identificação do referente do SD; (ii) *não-restritivas* – em que a oração somente acrescenta mais informações sobre o SD, sem que isto esteja sendo requerido como informação[13]. As sentenças abaixo exemplificam uma oração *relativa restritiva* e *não restritiva* respectivamente:

(31) Os nigerianos [que têm visão transcultural e de unidade] vencerão a crise.

(32) Os nigerianos, [que têm visão transcultural e de unidade], vencerão a crise.

Em Linguística, dize-se que as relativas podem ser introduzidas por *relativizador* ou por *pronome relativo*. Frequentemente, o *relativizador* tem a mesma forma de um *complementizador* (a conjunção integrante *que*), como se vêem em (31) e (32).

Em português, além de relativizadores, orações relativas podem também ser inseridas por *pronome(s) relativo(s)* como se vê grifado em:

(33) O mês de setembro de 2001, [no qual caíram as torres gêmeas americanas], ficou marcado na História.

---

[12] Texto baseado em de Vries (2003: 14).

[13] Ver Trask (1993: 238).

Segundo Payne (1997: 333; traduzido):

> *Pronomes relativos são tipicamente similares a outros pronomes na língua como pronomes interrogativos do tipo Qu ou pronomes usados para se referir a itens não específicos ou indefinidos. Pronomes relativos podem ser pensados como combinando as funções de claros relativizadores e de pronomes internos que se referem ao NP relativizado [...].*

Um outro tipo de construção relativa atestado na literatura, e realizada em português, são as chamadas *relativas livres*. Segundo Negrão (1994: 1037):

> *As relativas livres distinguem-se das relativas ordinárias por serem uma oração introduzida por palavra Qu-, cujo núcleo (antecedente) não está presente, como em:*
> *(1) A educação dá o que a sociedade pede.*
>
> *Intuitivamente, as relativas livres poderiam ser caracterizadas como uma oração subordinada que desempenha função sintática na oração matriz, da qual é um constituinte argumental, introduzida por palavra Qu- que, por sua vez, é constituinte da oração encaixada, nela desempenhando uma função sintática.*

3.1. *Análise Sintática das Relativas dentro da Literatura Gerativista*

Ao dissertarmos sobre relativas na língua portuguesa, lembramos ao leitor que estamos adotando o quadro teórico da Gramática Gerativa em sua versão P&P.

A literatura gerativista aponta que a relativização envolve movimento de constituinte-Q[14]:

(34) a. A moça [**com quem** Pedro falou] é bonita

b.$[_{SF}$ A moça $[_{CP}$ **com quem** $_i$ $[_{SF}$ Pedro falou v_i]] é bonita]

→ **operador** → **variável**

O sintagma-Q em (34) *com* **quem**, movido para a esquerda da sentença $[_{SF}$ *Pedro falou* v_i], deixa um vazio em seu lugar. Esse vazio fonológico é interpretado, sintaticamente, como um *vestígio* do sintagma-Q movido e, semanticamente, como uma *variável lógica* cujo valor é interpretado pelo elemento movido, um *operador lógico* nessa posição.

---

[14] Voltaremos com detalhes sobre este assunto no capítulo 8. Por ora, lembre-se apenas de que constituintes-Q são sintagmas que têm comportamentos semelhantes a pronomes do tipo QU.

Segundo a Teoria X-Barra, o SC – sintagma complementizador – é uma categoria funcional que, como as categorias lexicais, também projeta uma posição de núcleo, de complemento e de especificador, como visto no capítulo 4 – seção (3).

Ao contrário das categorias lexicais, a posição de especificador (Spec) de SC não é uma posição temática (posição de SDs argumentos), constituindo um lugar aberto para elementos que se movem de dentro da sentença. Logo, o SC é uma categoria funcional que pode abrigar elementos movidos como se vê em:

(35) a. Eu vou comprar [**o que**$_i$ ele quer v$_i$]

b.

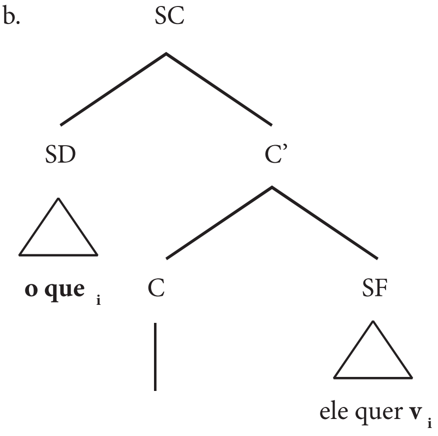

O especificador do SC é o lugar destinado a receber o pivô que se origina dentro do SF relativo – cf. Mioto & Negrão (2007:161). Observe que o diagrama em (35b) demonstra o movimento do constituinte-Q de uma posição argumental (posição-A) para uma posição não argumental (posição A-barra). Veja a posição da variável lógica (**v**$_i$) definindo que o constituinte-Q é interpretado na posição de onde foi movido.

3.1.1. *A Relação da Relativa com o Pivô*

Quanto à forma como o SC relativo se relaciona com o pivô, realizado na sentença matriz, existem duas concepções opostas dentro da literatura: (i) uma delas encara o SC relativo como um adjunto do pivô (do SD (ou SN) antecedente da relativa); (ii) a outra concebe que existe uma relação de complementação entre o SC e o pivô.

(i) Relação de Adjunção entre o SC relativo e o pivô [15]

(36)

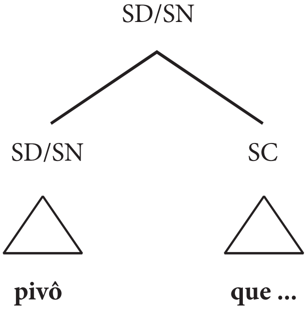

(ii) Relação de Complementação entre o SC relativo e o pivô [16]

A relação de complementação se resolve de dois modos diferentes:

(a) O primeiro modo é que o SC é complemento de N' como se vê em:

(37)

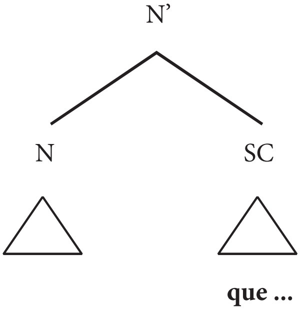

(b) O segundo modo é que o SC é complemento do determinante como se vê em:

---

[15] A representação é de Mioto & Negrão (2007: 160); (3a), renumerada. Sintagmas traduzidos.

[16] As representações são de Mioto & Negrão (2007: 160); (3b,c), renumeradas. Sintagmas traduzidos.

(38)

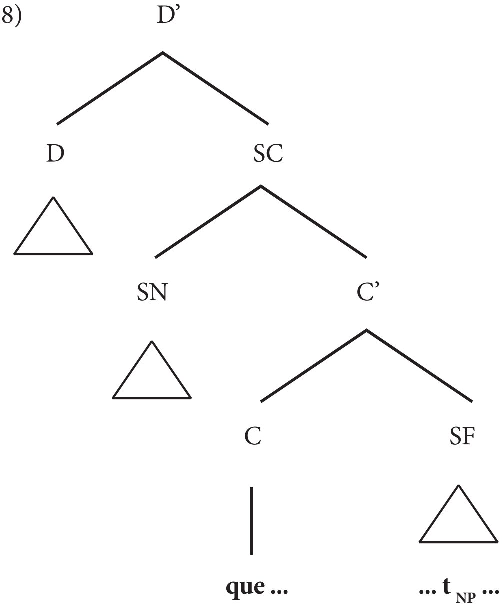

Neste livro, assumimos a opção de tratar o SC relativo em português em estrutura de adjunção ao pivô externo, como visto em (36). Entendemos que as orações relativas têm comportamento de adjetivos, logo são adjuntos sentencias de um dado SD/SN de uma oração matriz.

A seguir, apresentamos as estratégias de relativização em Português.

3.2. *Estratégias de Relativização no Português*

Assumimos a análise que se vê na literatura que as orações relativas em português envolvem o movimento de morfema Q:

(39) a. A pessoa [**que** admiro] saiu da cidade
b. Aquele livro [**cujas** folhas estão amareladas] é uma raridade
c. A moça [**com quem** José falou] mora em Brasília
d. A casa [**onde/ em que** Helena mora] custou muito caro

Nas orações (39a-b), não é tão claro advogar se ocorreu movimento de dentro da oração relativizada; no entanto, em (39c-d), o movimento do constituinte-Q para o início da subordinada é visível. O argumento principal para a análise por movimento de orações como em (39) é de natureza lexical. Observe a sentença em

(40) a. A moça [com quem Jonathan falou] é competente
b. $[_{SF}$ A moça $[_{SC}$ **com quem** $_{i}$ $[_{SF}$ Jonathan falou v_{i}]] é competente]]

O verbo *falar* (40) seleciona categorialmente um argumento interno, SP *com quem*, atribuindo-lhe o papel temático de TEMA. Logo, o sintagma *com quem* não pode ser basicamente projetado numa posição inicial de SC, pois, semanticamente, e argumentalmente, projeta-se como argumento interno do Sv. Logo, o sintagma *com quem* deve estar contido no Sv: por movimento, esse sintagma desloca-se para a periferia esquerda da sentença, deixando um vestígio na posição subjacente. Nas orações relativas, é estabelecida uma relação formal entre o *constituinte deslocado* por Movimento Q para a posição inicial da relativa e o seu *vestígio*.

Em português, ocorrem três tipos de subordinadas relativas:

(i) *relativas restritivas*,
(ii) *relativas não-restritivas* (ou apositivas),
(iii) *relativas livres*

Observe os exemplos das relativas a seguir:

Relativas Restritivas
(41) A estudante [com quem Pedro falou] estuda Linguística

Relativas Não- Restritiva (Apositiva)
(42) A estudante, [com quem Pedro falou], estuda Linguística

Relativa Livre
(43) João procura [quem estuda Linguística]

3.2.1. *Relativas Restritivas e Não-Restritivas (Apositivas)*

Negrão (1992), retomando Cooper (1983), caracteriza a diferença entre as *relativas restritivas* e as *relativas não-restritivas* (apositivas) no português brasileiro.

Observe as sentenças a seguir:

(44)a. A moça [com quem Juan falou] estuda Teatro
(45)a. A moça, [com quem Juan falou], estuda Teatro

Segundo Negrão (op. cit.), sentenças *relativas restritivas* como (44) têm uma contribuição semântica e estruturação sintática distintas de sentenças *relativas não-restritivas* como (45).

Semanticamente, a sentença (44) tem a ela associada a interpretação de que existe "uma moça", no universo do discurso, com a propriedade de ser a pessoa com quem Juan falou; e essa moça estuda Teatro. Diferentemente, a sentença (45) – não-restritiva (apositiva) – desencadeia a interpretação de que há "uma única moça" no universo do discurso, e essa estudante foi a pessoa com quem Juan falou; e ela estuda Teatro.

Em (44), há uma moça com quem Juan falou, mas podem existir outras moças no universo do discurso. Em (45) não. Só há uma moça no universo do discurso na *apositiva*, exemplificada em (45), e essa interpretação é captada pela fonologia, por meio de pausa ao se expressar a relativa apositiva. A pausa é expressa na ortografia por meio de vírgulas.

As diferenças de interpretação observadas em *relativas restritivas* e *não-restritivas* (apositivas) levam Negrão (1992) a propor que as sentenças *relativas restritivas* são adjuntas a SN, ao passo que as *apositivas* são adjuntas a SD. Neste livro, seguimos a análise de Negrão (op. cit.).

Observe os exemplos abaixo e suas estruturas:

Oração *relativa restritiva*: adjunção a um dado SN da sentença matriz

(46) a. A moça [com quem Juan falou] estuda Teatro

b.

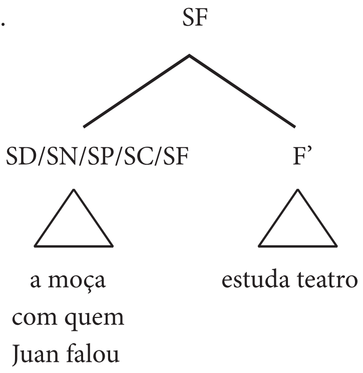

b’

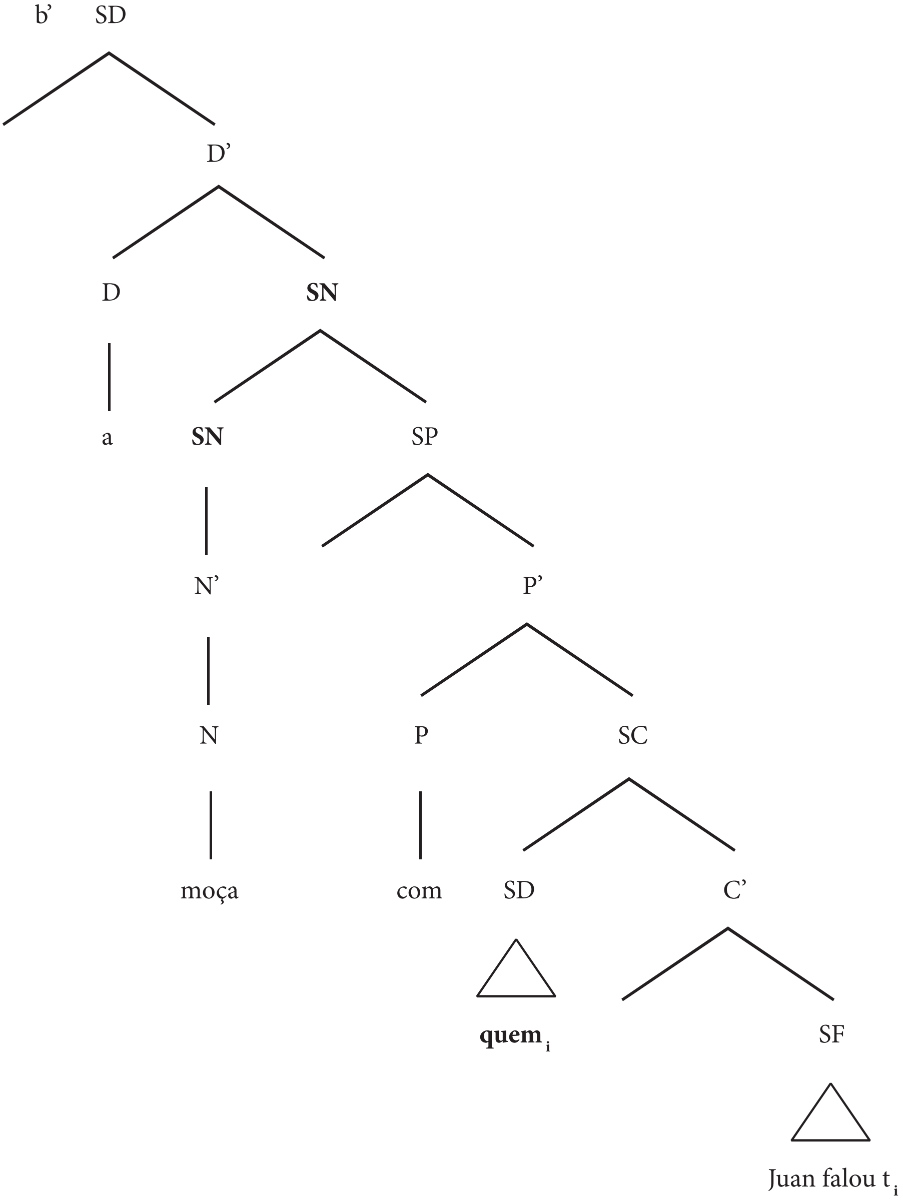
SD
D’
D
SN
a
SN
SP
N’
P’
N
P
SC
moça
com
SD
C’
quem i
SF
Juan falou t i

Oração *relativa apositiva*: adjunção a um dado SD da sentença matriz

(47)a. A moça, [com quem Juan falou], estuda Teatro

b.

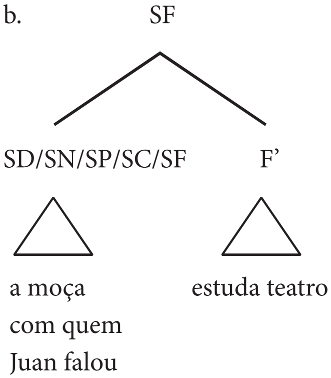
SF
SD/SN/SP/SC/SF
F’
a moça
com quem
Juan falou
estuda teatro

b’.

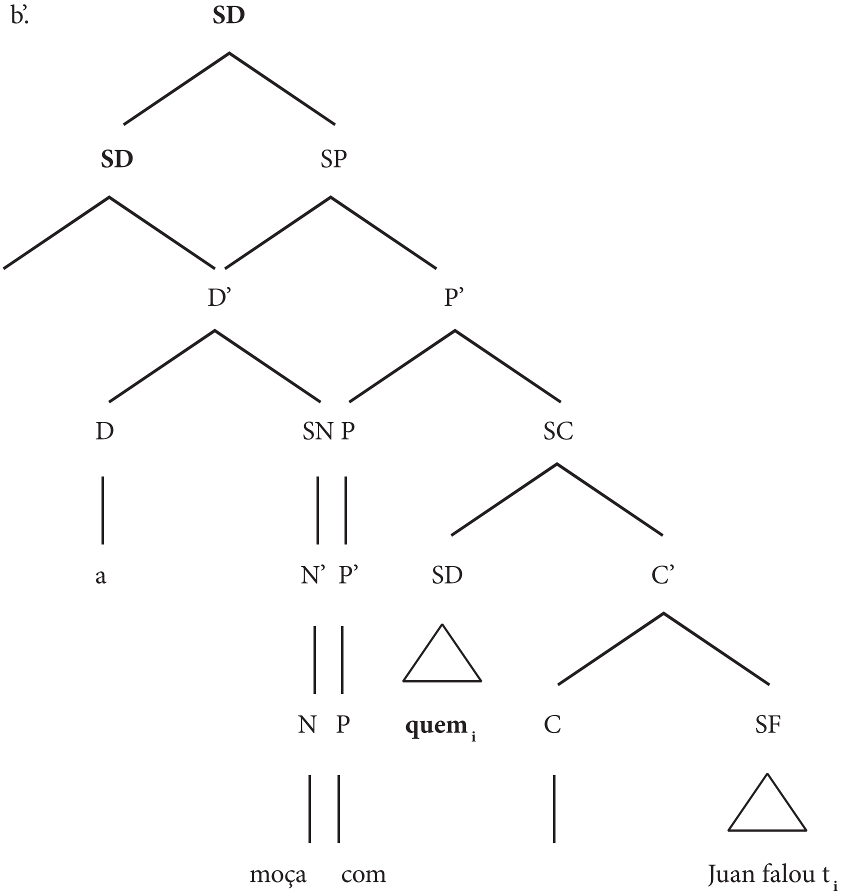
SD
SD
SP
D’
P’
D
SN
P
SC
a
N’
P’
SD
C’
N
P
quem $_i$
C
SF
moça
com
Juan falou t $_i$

3.2.2. *Relativas Livres*

Quando o núcleo da relativa é um nome superordenado (pessoa, coisa, lugar, etc.), este núcleo pode ser explícito, aparecendo como pivô externo da relativa – relativa com antecedente (RA) – ou pode ocorrer a construção que a literatura convencionou chamar de *relativa livre* (RL):

(48) a. Não conheço **a pessoa** [**que** a Maria admira] RA
b. Não conheço [**quem** a Maria admira] RL

(49) a. Mariana viu **a coisa** [**que** eu comprei] RA
b. Mariana viu [**o que** eu comprei] RL

(50) a. Ele não conhece **o lugar** [**onde** você estuda] RA
b. Ele não conhece [**onde** você estuda] RL

As RLs atestam três grandes propriedades:

(i) restrição de morfemas Q,
(ii) natureza argumental,
(iii) efeito de conformidade categorial.

(i) Restrição de Morfemas Q

As RLs comportam apenas alguns dos morfemas Q que são empregues nas relativas com antecedentes. São eles: *quem, o que* (precedidos ou não de preposição) e *onde*, exemplificados em (48b), (49b) e (50b) respectivamente. Nessas orações, as RLs não exibem seu núcleo, a não ser: (i) na morfologia ou (ii) no determinante do morfema introdutor da relativa:

(a) Introdutores da relativa livre exibindo o pivô externo por meio da morfologia
quem [+ pessoa] – ver (48b)
onde [+ lugar] – ver (50b)

(b) Introdutor da relativa livre exibindo o pivô externo por meio do determinante **o que** [- **pessoa**] **–** ver (49b)

(ii) Natureza Argumental

As RLs têm, em seu todo, uma natureza argumental, com uma relação temática e uma função sintática própria. Elas podem ocupar a posição de sujeito da oração superior como em:

(51)[**Quem** quer falar com você] telefonou

RLs podem ocupar a posição de objeto direto da oração matriz como em:

(52) Eu admiro [**quem** mantém o bom humor]

(53) Eu fiz [**o que** era melhor para todos]

Podem também ocupar a posição de objeto preposicionado da oração principal como se vê em:

(54) Eu ajudei [**a quem** estava precisando mais]

RLs podem ainda ocupar a posição de adjunto da sentença matriz:

(55) Ela colocou as roupas sem passar [**onde** eu coloco os livros]

A propriedade de ter uma natureza argumental aproxima as RLs de outro tipo de subordinadas: as *completivas interrogativas*. Observe as sentenças (56) e (57) abaixo:

Relativa Livre

(56) Eu fiz [**o que** todos esperavam]

Completiva Interrogativa

(57) Ela não perguntou [**quanto** custou a encomenda]

Em (56) e (57), as sentenças encaixadas ocupam posições argumentais das sentenças matriz: objeto direto.

Bresnan & Grimshaw (1978) descrevem diferenças empíricas no comportamento distribucional, sintático e morfológico de RLs – como (56) – quando comparadas a completivas interrogativas – como (57). Uma das diferenças apresentadas pelas autoras (op. cit.) diz respeito à "restrição de morfemas Q" vista acima.

Mioto & Negrão (2007: 164-165) apontam que o português brasileiro conta com dois testes para distinguir relativas livres – como se vê em (56) – de sentenças completivas interrogativas – como exemplificada em (57). A seguir, descrevemos esses testes.

Testes para distinguir RLs de complementos interrogativos

(a) Sentenças completivas interrogativas têm a possibilidade de ter o núcleo da posição Complementizador preenchido; relativas livres não preenchem o núcleo de SC[17]:

(58) Eu perguntei [o que **que** ele quer]

(59) *Eu vou comprar [o que **que** ele quer]

Em (58) e (59) observam-se que o que distingue formalmente uma RL de uma oração interrogativa é o preenchimento do sintagma complementizador (SC): em (58) – *complemento interrogativo* – o SC tem preenchimento duplo: o núcleo C é preenchido pelo complementizador **que** e a posição [especificador] é preenchida pela expressão-Q **o que**. Em (59) – RL –, o SC só pode ter preenchido apenas a posição [especificador] pela expressão-Q **o que**.

(b) Completivas interrogativas podem ter elemento clivado; a clivagem é impossível em RLs[18]:

(60) Eu perguntei o que é que ele quer

(61)* Eu vou comprar o que é que ele quer

Clivadas são um tipo de 'ensanduichamento' de um dado elemento da sentença, na periferia esquerda da sentença. Uma clivagem canônica apresenta o elemento movido, entre um verbo copulativo e um elemento *que*; no entanto, o elemento movido pode anteceder a cópula como se vê em (60), esquematizado em:

---

[17] Mioto & Negrão (2007: 164); dados (12a-b), renumerados; a ordem das orações foi invertida.

[18] Mioto & Negrão (2007: 165); dados (12c-d), renumerados; a ordem das orações foi invertida.

(62) a. **o que é que** ....

b. o que (elemento movido) + cópula + elemento que

Em geral, elementos clivados – como **o que** em (60) – apresentam leitura de foco – sobre foco, veja capítulo 8.

Voltando aos testes que distinguem construções RLs de construções completivas, RLs não permitem que um dado elemento de sua sentença seja alçado para a periferia por meio de uma estrutura clivada como se vê pela agramaticalidade de (61).

As comprovações empíricas em favor da distinção entre completivas interrogativas e relativas livres têm um objetivo. Para Bresnan & Grimshaw (1978), as relativas têm uma propriedade sintática que as caracteriza de maneira única: o "efeito de conformidade categorial".

(iii) Efeito de Conformidade Categorial

Bresnan & Grimshaw (1978: 337-338) apontam uma propriedade sintática das RLs que as distinguem de forma única de outras subordinadas: o efeito de conformidade categorial. Trata-se de uma postulação que diz que os morfemas Q que iniciam uma RL têm de estar em conformidade com a estrutura argumental dos dois verbos envolvidos na construção. Observe a sentença abaixo:

(63) a. Eu admiro [**quem** sempre mantém a esperança]
└→ **quem**: objeto do verbo da matriz
a'. Eu admiro [**quem** sempre mantém a esperança]
└→ **quem**: sujeito do verbo da RL

Em (63), observamos que o pivô **quem**, semanticamente partilhado pela matriz e pela relativa, tem seu papel temático e função sintática determinados pelo verbo da sentença matriz – *admirar*. No entanto, na oração relativa há um papel semântico e uma função sintática independentes, associados ao pivô e determinados pelo verbo *manter*.

Sobre Orações Relativas e Teoria da Gramática, ver sugestão de leitura em leitura complementar, capítulo 6, ao final deste livro.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas seções acima detalhamos o SAdj, apresentando: (i) as maneiras como ele pode ser inserido em sentenças do português, (ii) a sua projeção sintagmática máxima. Detalhamos ainda a sua estrutura quando inserido como núcleo de uma predicação denominada de *pequena oração*. Tecemos considerações sobre a categoria chamada *advérbio*, propondo, de acordo com alguns linguistas, que esta categoria não é marcada no léxico das línguas e que deve ser dividida em categorias distintas.

Na seção quatro apresentamos a projeção oracional que funciona como *adjetivo* na língua portuguesa – a *oração relativa* – apresentando um resumo das estratégias de relativização no português que inclui as *relativas restritivas*, *não-restritivas* e *livres*.

No próximo capítulo, descrevemos sobre as categorias 'preposição' e 'quantificador'.

CAPÍTULO 7

Considerações sobre o sintagma preposicional e o sintagma quantificador

1. INTRODUZINDO O CAPÍTULO

Neste capítulo tratamos de aspectos do sintagma preposicional e do sintagma quantificador. Na seção (2) introduzimos as preposições de um modo geral e projetamos o sintagma preposicional dentro do quadro da Teoria da Gramática. Na seção (3), abordamos, de modo breve, o sintagma quantificador inserindo-o nos quadros da Semântica Formal e da Teoria da Gramática.

2. O SINTAGMA PREPOSICIONAL

Nesta seção, tratamos especificamente das preposições que formam o núcleo do sintagma preposicional. Em (2.1.) introduzimos a categoria preposição e em (2.2.) enfatizamos a preposição dentro da Teoria da Gramática.

2.1. *Introduzindo a Categoria Preposição*

As preposições têm sido tratadas pelas gramáticas normativas como uma "classe fechada" (ou seja, como uma categoria gramatical com poucos membros), sendo definidas como uma unidade linguística desprovida de independência – cf. Bechara (2006: 296-305). O número de preposições listado nas gramáticas está em torno de 15 a 18 itens lexicais. À listagem das preposições, se incluem o que Bechara (2006: 299) chama de "unidades convertidas em preposições" e as "locuções prepositivas" – grupo de palavras com valor e emprego de uma preposição[1].

---

[1] Sobre "unidades convertidas em preposições", Bechara (2006) afirma:
"No sentido inverso à criação de advérbios ou locuções adverbiais mediante o emprego de preposições combinadas como substantivos

Na tabela abaixo – adaptada de Bechara (2006: 305) – apontamos as principais preposições (em negrito), bem como as "unidades convertidas em preposições" e as locuções prepositivas do português:

(1) **Principais 'preposições', 'unidades convertidas em preposições' e 'locuções prepositivas'**

a
abaixo de
acerca de, cerca de
acima de
a fim de
à frente de
ante
antes de
ao lado de
ao longo de
ao redor de
a par com
apesar de
após
após de
a respeito de
à roda de
até
até a
atrás de
através de
com
como
conforme
consoante
contra

de
de acordo com
debaixo de
de cima de
de conformidade com
defronte de
dentre
dentro
dentro de
dentro em
desde, dês
detrás de
diante de
durante
em
embaixo de
em cima de
em favor de
em frente de
em lugar de
em prol de
em razão de
em troco de
em vez de
entre

exceto
fora de
junto a
junto de
mediante
na conta de
não obstante
para
para com
per
por
por baixo de
por cima de
por defronte de
por dentro de
por detrás de
por diante de
por meio de
quanto a, enquanto a
segundo
sem
sem embargo de
sob
sobre
trás
perante[2]

(à noite, de tarde, com prazer, etc.), certos advérbios ou outras palavras transpostas à classe de advérbio, e certos adjetivos imobilizados no masculino podem converter-se em preposição: 'Fora os alunos ninguém mais pôde entrar no salão'; 'Após a chuva vieram os prejuízos'.; 'Os negociantes foram soltos mediante fiança'; 'Durante o jogo, a torcida cantava o hino do clube'. Também podem converter-se em preposição adjetivos como 'exceto', 'salvo', 'visto', 'conforme', 'segundo', 'consoante', 'mediante' e os quantificadores indefinidos 'mais' ou 'menos' quando estão empregados para exprimir não a quantificação, mas a soma e subtração ('mais *estes reais*', 'menos *estes reais*', *'ele mais o pai'*". Bechara (2006: 209, 301); exemplos dispostos em paragrafação e acentuação diferenciada. Os grifos são nossos.

2. "Perante" não é listada como preposição por Bechara (2006), mas o é por outros gramáticos.

As preposições (e locuções prepositivas) são palavras invariáveis, o que as diferem de *nomes*, *verbos* e *adjetivos*, mas as aproximam da categoria dita *advérbio* e das *conjunções* (complementizadores).

Preposições são "elementos de ligadura/ junção" e as gramáticas apontam que a categoria preposicional liga apenas palavras ou expressões e não sentenças como se vêem nos exemplos abaixo, adaptados de Bechara (2006)[3]:

(2) a. livro **de** história
    b. útil **a** todos
    c. alguns **de** vocês
    d. necessito **de** ajuda
    e. referentemente **ao** assunto
    f. ai **de** mim!

No entanto, segundo Ilari et al. (2008: 626):

> *Constata-se, [...], que a preposição pode 'acrescentar um adjunto a uma oração completa', ou, de maneira equivalente, que 'a preposição pode formar constituintes que se adjungem a uma oração completa', e isso contraria a opinião corrente, segundo a qual dos dois lados de uma preposição encontraremos sempre 'palavras' e não 'sentenças'.*

Observe os exemplos abaixo dos autores (op. cit.)[4]:

(3) O Palmeiras está vencendo o Corinthians **para** alívio dos palestrinos
(4) *Não dá para ver coisa nenhuma* ***com*** *tanto prédio!* [D2 RJ 158]

Em (3) e (4) as preposições **para** e **com** ligam orações a expressões. As orações "*O Palmeiras está vencendo o Corinthians/ Não dá para ver coisa nenhuma*" são ligadas às expressões "*para alívio dos palestrinos/ tanto prédio*", respectivamente.

---

[3] Bechara (2006: 297).

[4] Ilari et al (2008: 625-626); exemplos (0-5), (0-6), renumerados. Os dados são extraídos do corpus compartilhado do Projeto NURC (Norma Urbana Culta).

Brito (2003: 392) alerta para o que chama de "processo de reanálise das preposições", que podem comportar-se como complementizadores, como é o caso da preposição *para*, que introduz orações infinitivas. Veja o exemplo (5) abaixo em português europeu (PE) e o dado correspondente em português brasileiro (PB)[5]:

(5) Eu disse para tu vires – PE
(6) Eu disse para você vir – PB

Pela característica das preposições de serem elementos de junção, a maioria de suas ocorrências (bem como das locuções prepositivas) não se dá de forma isolada, devendo ser seguida por outro sintagma. No entanto, algumas preposições fogem à regra:

> *[...] alguma preposições e locuções prepositivas podem surgir sozinhas, sendo de presumir que os seus argumentos sejam nulos:*
> *(a) Vá em frente.*
> *(b) o supermercado fica mesmo ao pé.*
> *(c) Estou contra.* *Brito (2003: 392)*

Observe que o exemplo (b) da citação acima é uma expressão do português europeu.

No capítulo 5, seção (3), vimos que orações complexas em português são introduzidas por complementizadores – SC – e que alguns SCs requerem uma preposição, como se vê em[6]:

(7) Aquela senhora dedica sua atenção [**a** que todos sejam bem atendidos]

Logo, (7), exemplifica que uma dada preposição, em português, também se une a complementizador a fim de ligar orações. Isto se dá por razões de marcação de Caso oblíquo (ou dativo) por meio de preposições.

As preposições em português podem se amalgamar – combinarem-se ou contraírem-se – com outras palavras. A seguir, apresentamos um quadro das preposições 'amalgamáveis' em português – Ilari et al. (2008: 645-646):

---

[5] O exemplo (5) é o dado (1), renumerado, de Brito (2003: 392); o grifo é nosso. O exemplo em (6) é nosso.

[6] Observe que, em (7), a preposição não liga as duas orações do período, mas sim acompanha o SC nesse processo de ligadura. Logo, os exemplos da preposição em (5)-(6) diferem-se do exemplo em (7).

(8) **Preposições Amalgamáveis** [7]

PREPOSIÇÃO	para	por	com	em	de
ARTIGOS					
a (s)	pra (s)	pela (s)	co'a (s)	na (s)	da (s)
o (s)	pro (s)	pelo (s)	co'o (s)	no (s)	do (s)
uma (s)	pruma (s)	Ø	Cuma (s)	numa (s)	duma (s)
um (s)	prum (s)	Ø	cum (s)	num (s)	dum (s)
PRONOMES DEMONSTRATIVOS					
isso / isto	Ø	Ø	Ø	nisso / nisto	disso / disto
essa (s) / esta (s)	Ø	Ø	Ø	nessa (s) / nesta (s)	dessa (s) / desta (s)
esse (s) / este (s)	Ø	Ø	Ø	nesse (s) / neste (s)	desse (s) / deste (s)
aquilo	praquilo	Ø	Ø	naquilo	daquilo
aquela (s)	praquela (s)	Ø	Ø	naquela (s)	daquela (s)
aquele (s)	praquele (s)	Ø	Ø	naquele (s)	daquele (s)
PRONOMES					
ela (s)	prela (s)	Ø	Ø	nela (s)	dela (s)
ele (s)	prele(s)	Ø	Ø	nele (s)	dele (s)
você (s)	procê	Ø	Ø	nocê	docê
alguma (s)	Ø	Ø	Ø	nalguma (s)	Ø
algum (s)	Ø	Ø	Ø	nalgum (s)	Ø
outra (s)	Ø	Ø	Ø	noutra (s)	Ø
outro (s)	Ø	Ø	Ø	noutro (s)	Ø
ADVÉRBIOS					
aqui / ali / aí	Ø	Ø	Ø	Ø	daqui / dali / daí
onde	Ø	Ø	Ø	Ø	donde

2.2. *A Categoria Preposição e a Teoria da Gramática*

Como já apontado, a Teoria da Gramática distingue categorias lexicais de funcionais; as categorias lexicais são aquelas que correspondem a palavras de conteúdo.

---

[7] Ilari *et al* (2008: 645-646); quadro (1.4 e 1.5). Os autores chamam a seguinte nota de rodapé (10) ao quadro (1.5): *"Muitas das formas que apresentamos aqui não estão presentes na gramática mas são muito comuns na oralidade, algumas outras formas, como "praqui", que também podem ser aceitáveis não estão indicadas na tabela. Duas observações: 1) em casos como* comigo, contigo, conosco *e* convosco *houve a contração de uma preposição com um pronome já amalgamado a uma preposição que teve seu sentido esvaziado: me* + cum = mecum > mecu > mico > migo > com + migo = comigo*; 2) por analogia com as formas de* em + *artigo, presencia-se a criação de* ni*, como em ni mim, já apontada por Pontes (1992)".*

As preposições são apontadas como participantes do quadro das categorias lexicais; vê-se ainda que, diferentemente das categorias 'nome', 'verbo' e 'adjetivo', a categoria 'preposição' apresenta dois valores negativos [-V, -N]. Estes valores apontam para o fato de que, apesar das preposições apresentarem caráter lexical, elas também podem ser inseridas em uma classe sintática funcional. A seguir, discorremos sobre o caráter lexical e funcional das preposições.

2.2.1. *Preposições como Núcleos Lexicais*

Ao enfatizar-se a preposição como pertencente ao quadro das categorias lexicais, leva-se em consideração o fato de que, além de c-selecionar seu "complemento estrutural" – selecionar a c(ategoria) que entra em sua complementação estrutural –, as preposições também s-selecionam seu "complemento estrutural" – selecionam s(emanticamente) o SD)[8].

Veja os exemplos abaixo de Mioto et al (2004)[9]:

(9) a. Maria desmaiou **sobre** a mesa
b.* Maria desmaiou **sobre** a quinta-feira
(10) a. Maria desmaiou **na** mesa
b. Maria desmaiou **na** quinta-feira

Segundo os autores (op. cit.), o paradigma em (9)-(10) aponta para o fato de que *sobre* e *na* são preposições lexicais: s-selecionam e c-selecionam a categoria que requerem. Como se vê em (9)-(10), as preposições c-selecionam um SD ("a mesa" e "a quinta feira", respectivamente). No entanto o SD c-selecionado pela preposição precisa ser compatível com as propriedades semânticas dessa preposição. Observemos as palavras de Mioto et al (2004: 82) sobre o paradigma acima[10]:

> *A questão principal deste paradigma é: por que [(9b]) é mal formada e [(9a)] não é? A resposta é que 'sobre' é uma preposição lexical que s-seleciona lugar como complemento, pro-*

---

[8] Note que estamos nos referindo ao "complemento estrutural" do SP, ou seja, nos referimos à categoria SD, selecionada por P'. Não estamos aqui tratando do SP como complemento do verbo ('indireto' ou 'relativo'), nem como complemento do nome ("complemento nominal").

[9] Mioto et al (2004: 82); dados (57), (58), renumerados. O negrito é nosso.

[10] A numeração entre colchetes, na citação, é adaptada a este texto.

> *priedade que não é compatível com o DP 'a quinta-feira', mas é compatível com o DP 'a mesa'. Por sua vez, a preposição 'em' s-seleciona tanto lugar como tempo e, por isso, as duas sentenças de [(10)] são bem formadas.*

Logo, uma preposição é dita 'lexical', quando, além de selecionar um SD (SN), ela também fixa o papel semântico deste SD (SN); uma preposição lexical é imprescindível no lugar da sentença onde se insere.

2.2.2. Preposições como Núcleos Funcionais

Diferentemente da preposição lexical, a literatura aponta que a preposição funcional é aquela que se limita a apenas c-selecionar seu complemento, como se vê em[11]:

(11) José gosta [$_{SP}$ de pintura]

Ao dizer-se, em (11), que a preposição *de* é de caráter funcional, enfatiza-se que a preposição *de* apenas seleciona um SD, sem, contudo, restringir-lhe o papel semântico. Exemplo: "José gosta de nuvens", "José gosta de chocolate", etc. No entanto, em português do Brasil, inúmeros exemplos demonstram que os papéis semânticos das preposições ditas funcionais pode ser apontado[12].

Observe abaixo a preposição *de* em:

(12) a. Ele comprou o livro [$_{SP}$ da Maria] (e o enviou para José)
a'. SP "Fonte/ Origem" – o SP "de Maria" indica um início do percurso do evento expresso pelo verbo

(13) a. Ele comprou [$_{SD}$ o livro [$_{SP}$ da Maria]]
a'. SP "Posse" – o SP "da Maria" indica que "o livro" é possuído pela Maria[13]

---

[11] Segundo Mioto et al (2004: 82): *"[… devemos levar em conta que a categoria* preposição *engloba núcleos de duas naturezas: existem preposições que são funcionais, isto é, que se limitam a c-selecionar seu complemento [...]".*

[12] Talvez a exceção seja a preposição "de" que, em alguns contextos parece ser mesmo desprovida de s-seleção como em "gosta de sorvete/ animais/ João/ etc". Sobre o caráter [+ funcional] da preposição "de", ver Ilari, Castilho et al. (2008) que tratam "de" como a preposição mais "gramaticalizada" do português.

[13] A literatura aponta que a preposição *de* em sentenças como (13a) traduz o caso "genitivo" do latim - ver Ilari et al. (2008); subseção (4.1.2.).

(14) a. Eles saíram [$_{SP}$ de manhã]

a'. SP "Tempo" – o SP "de manhã" indica um sintagma com valor semântico 'Tempo'.

Logo, existem bons argumentos para enquadrarmos as preposições no quadro dos núcleos lexicais. Mesmo as preposições ditas funcionais, como *de*, parecem apontar para algum papel semântico, mantendo então seu caráter lexical.

Nesta seção, não podemos deixar de lado um aspecto da literatura que aponta os traços [-N, -V] das preposições. Esta classe de palavras atesta ainda características de núcleos funcionais.

Sobre o 'papel funcional' das preposições, há que se levar em conta o papel das preposições na marcação casual de SDs (*nomes*) em uma dada sentença. Observe os exemplos abaixo em português europeu (PE) e em português brasileiro (PB):

(15) a. Dei um livro [$_{SP}$ à Inês] (PE)
b. **SP a** "Meta/ Alvo"
c. Dei-lhe um livro

(16) a. Dei um livro para Inês (PB)
b. **SP para** "Meta/ Alvo"
c. Dei um livro para ela

Observe que, nos exemplos (15) e (16), o verbo *dar* é o item lexical crucial (e não necessariamente a preposição *a/para*) para a marcação do papel temático associado ao SD *Inês*. Este fato é corroborado, principalmente em PE, pela possibilidade de omissão da preposição, sendo o SD (que a preposição liga ao verbo) substituído pelo clítico dativo *lhe* – ver (15c). Exemplos com a preposição *a*, como (15a), são casos clássicos de preposição do tipo 'funcional' em português.

Observe que, preposições consideradas tipicamente lexicais não podem ser omitidas da sentença, nem o SD que elas introduzem pode ser substituído por um pronome clítico com marcação de caso. Como exemplo veja a preposição *sobre* em (9a), renumerado:

(17) a. Maria desmaiou **sobre** a mesa
b.* Maria desmaiou a mesa
c. * Maria desmaiou-lhe

Voltando aos dados (15), (16), outro fato importante precisa ser dito. Em PB, como a marcação de caso nos clíticos está em franco desaparecimento, o uso da preposição é imprescindível, mesmo quando se opta por substituir um *nome* por um *pronome* (no caso, um pronome nominativo *ela* e não o dativo *lhe*) como se vê em (16c). Dados como (16c) nos permitem propor que preposições como *para* em PB são mais lexicais do que funcionais, diferentemente de *a* no PE. Observe ainda, pelos dados em (15) e (16), que em PB, a preposição *a* dativa vem sendo preterida pela preposição *para* dativa. Voltamos a este assunto à frente.

Atente para mais um paradigma em PE e PB, exemplificando as preposições funcionais *a/para/de*:

(18) a. Comprei um livro [$_{SP}$ à Inês] (PE)
b. **SP a** "Meta/ Alvo"
c. Comprei-lhe um livro (comprei para ela/ Inês)

(19) a. Comprei um livro [$_{SP}$ à Inês] (PE)
b. **SP a** "Fonte"
c. Comprei-lhe um livro (comprei um livro dela/ da Inês. A proveniência do livro era Inês)

(20) a. Comprei um livro [$_{SP}$ para Inês] (PB)
b. **SP para** "Meta/ Alvo"
c. Comprei um livro pra ela

(21) a. Comprei um livro [$_{SP}$ da Inês] (PB)
b. **SP de** "Fonte"[14]
c. Comprei um livro dela (da Inês)

O verbo *comprar* em (18)-(21) é o item lexical crucial (e não necessariamente as preposições *a/para/de*) para a marcação dos papéis temáticos associados ao SD *Inês*. Este fato é corroborado, principalmente em PE, pela possibilidade de omissão da preposição

---

[14] Atente que, na oração em (21a), o SP *da Inês* ainda poderia ter papel temático 'posse' (caso genitivo). Neste exemplo, no entanto o papel temático é 'Fonte' – a 'proveniência' do livro era Inês.

a, sendo o SD que ela liga ao verbo, substituído pelo clítico dativo *lhe* – ver (18/19c). Exemplos de preposição como *a* em (18/19a) são casos clássicos de preposição do tipo 'funcional' em português.

Em PB, como a marcação de caso nos clíticos está em franco desaparecimento, o uso da preposição é imprescindível, mesmo quando se opta por substituir o *nome* que a preposição liga ao verbo *comprar* por um *pronome* (no caso, um pronome nominativo *ela* e não o dativo *lhe*) como se vêem em (20/21c). Dados como (20/21c) nos permitem propor que preposições como *para* e *de* em PB são mais lexicais do que funcionais, diferentemente de *a* no PE. Observe ainda, pelos dados em (18)-(21) que, enquanto em PE o dativo é marcado unicamente pela preposição *a*, em PB, essa marcação se dá por meio de *para* ('Meta/ Alvo') e de *de* (Fonte').

As diferenças na marcação do caso dativo em PB e PE são evidentes, como se observa nos paradigmas (15)-(16) e (18)-(21), e elas vêm sendo alvo de diversos estudos. Citamos em PB, entre outros, os seguintes trabalhos relacionados à marcação do dativo: Torres Moais & Berlink (2007) e Freire (2000).

Torres Morais & Berlink (2007: 62, 63) apresentam dois importantes processos de mudança no marcador oblíquo, que se encontram exemplificados nos paradigmas (15)-(16) e (18)-(21) acima:

(i) perda gradativa das formas *clíticas de 3ª. pessoa (lhe/lhes)*

> *[...] as quais são substituídas ou pela forma preposicionada do complemento (a ele/ eles, a ela/ elas) ou pela forma pronominal nula [...]*
>
> *Torres Morais & Berlink (2007: 62, 63)*

Observe mais exemplos em PB e PE respectivamente:

(22) [15] **PE**
O miúdo deu-*lhe* o brinquedo.

---

[15] Torres Morais & Berlink (2006); exemplo (1b), renumerado.

(23) **PB**
O menino deu o brinquedo *a/para ele/a*

(ii) substituição da preposição **a** pela preposição **para** ou **de**

> *[...] com os verbos ditransitivos em que o argumento dativo é interpretado como meta/ recipiente ou fonte/ origem [...]*
>
> *Torres Morais & Berlink (2007: 62, 63)*

Atente para mais estes dados:

(24) **PE**
a. O miúdo deu o brinquedo *ao amigo* [16] (*ao amigo* – 'Meta/ Alvo')
b. Alguns daqueles jovens compraram flores *à florista* para as amigas (*à florista* – 'Fonte')

(25) **PB**
a. O menino deu o brinquedo *para o amigo* (*para o amigo* –'Meta/ Alvo')
b. Alguns daqueles jovens compraram flores *da florista* para as amigas (*da florista* –'Fonte')

A mudança na marcação da preposição **a** para **para** e **de** em PB reflete uma das reorganizações do português brasileiro se comparado ao português europeu.

Outros dois fatores podem ainda ser apontados no tocante à reorganização da marcação do complemento dativo (ou oblíquo) em PB:

(iii) A ausência do fenômeno 'redobro do clítico' em PB
Em espanhol e em PE ocorre o fenômeno do "redobro do clítico".

> *[...] no PE, o redobro do clítico ocorre obrigatoriamente na presença das formas pronominais a ele, a ela, a eles, a ela.*
>
> *Torres Morais & Berlink (2007: 79)*

---

[16] Torres Morais & Berlink (2006); exemplo (1a), renumerado; o caso semântico é inserção nossa.

(26)[17] **PE**

a. O José deu-**lhe** o doce **a ela**

b. * O José deu o doce **a ela**

(16) **PB**

a. O José deu o doce **para ela**

b. *O José deu-**lhe** o doce **para ela**

(iv) O uso do *lhe* como objeto direto em PB

As formas *lhe/lhes* têm sido apresentadas, em algumas regiões brasileiras, não mais como formas de 3ª pessoa, mas de 2ª pessoa formal, ao lado dos correspondentes *a você/a vocês* – cf. Ramos (1999).

(17) **PB**

"Eu não **lhe** amo mais!"

2.2.3. *Sintagmas Preposicionais 'Adjuntos' e 'Complementos'*

Nesta subseção, tocamos, ainda que muito superficialmente, em uma das questões mais complexas nos estudos de Teoria da Gramática: a questão adjunção/ complementação. A abordagem de um sintagma preposicional, por exemplo, como adjunto ou complemento é bastante ingênua se pressupõe que este pode ser dito complemento ou adjunto (de um nome ou de um verbo) facilmente. Observe os exemplos abaixo:

(18) a. José comprou presentes para as crianças [$_{SP}$ com a mulher]
    a'. SP **com** "Acompanhamento"

(19) a. O marido não concordou [$_{SP}$ com a mulher][18]
    a'. SP **com** "Acompanhamento"

---

[17] Torres Morais & Berlink (2007:79); exemplos (26 a-b), renumerados.

[18] Bechara (2006: 419); exemplo não numerado.

Em (18) e (19) temos o sintagma [$_{SP}$ *com a mulher*] marcado com o papel temático "Acompanhamento". Em (18), não é difícil atribuir ao [$_{SP}$ *com a mulher*] o caráter de adjunto do verbo "comprou", pois se vê que este verbo é um verbo de três lugares, preenchido pelos argumentos *José* (externo) e *presentes/para as crianças* (internos – objetos). Logo, em (18), [$_{SP}$ *com a mulher*] é um adjunto do verbo "comprou"[19]. Diferentemente, *não concordar*, em (19), é um verbo de dois lugares e é preenchido pelos argumentos "o marido" (externo) e "com a mulher" (interno – complemento relativo)[20]. Observe que uma análise ingênua do [$_{SP}$ *com a mulher*] assumiria que este SP, por seu caráter semântico de 'leitura adverbial', é um adjunto adverbial do verbo *não concordar*. No entanto, é inegável o fato de que, em (19), o [$_{SP}$ *com a mulher*] age como argumento interno do verbo leve (transitivo) *não concordar* [21].

Sobre "Sintagmas Preposicionais Adjuntos e Complementos" ver sugestão de leitura em *leituras complementares* ao final deste caderno.

2.2.4. *O SP e a Estrutura X-Barra*

Como vimos acima (e em capítulos anteriores), preposições podem introduzir SPs complementos ou adjuntos de nomes e de verbos. SPs podem ainda ser complementos de um núcleo funcional – o sintagma concordância (SConc). A seguir, apresentamos estruturas de SPs complementos e adjuntos ligados a nomes e a verbos e ainda SPs complementos de SConc.

2.2.4.1. *SPs Selecionados/ Adjungidos ao Nome*

SPs podem ser selecionados por nomes, funcionando, portanto, como seus complementos. Abaixo, apresentamos SPs como complementos de nomes:

SP complemento de nome (periodização simples)

Observe a sentença (42) – capítulo 4 – renumerada abaixo, seguida de sua estrutura

(20) a. Kiko deu [$_{SN}$ uma ajudada] [$_{SP}$ *na montagem da árvore de Natal*]

---

[19] Note que, análises sintáticas tradicionais diriam: "adjunto adverbial de companhia" para o SP em (18).

[20] Ver Bechara (2006: 419).

[21] Estamos assumindo, aqui, simplificadamente, a negação como parte do verbo.

b.

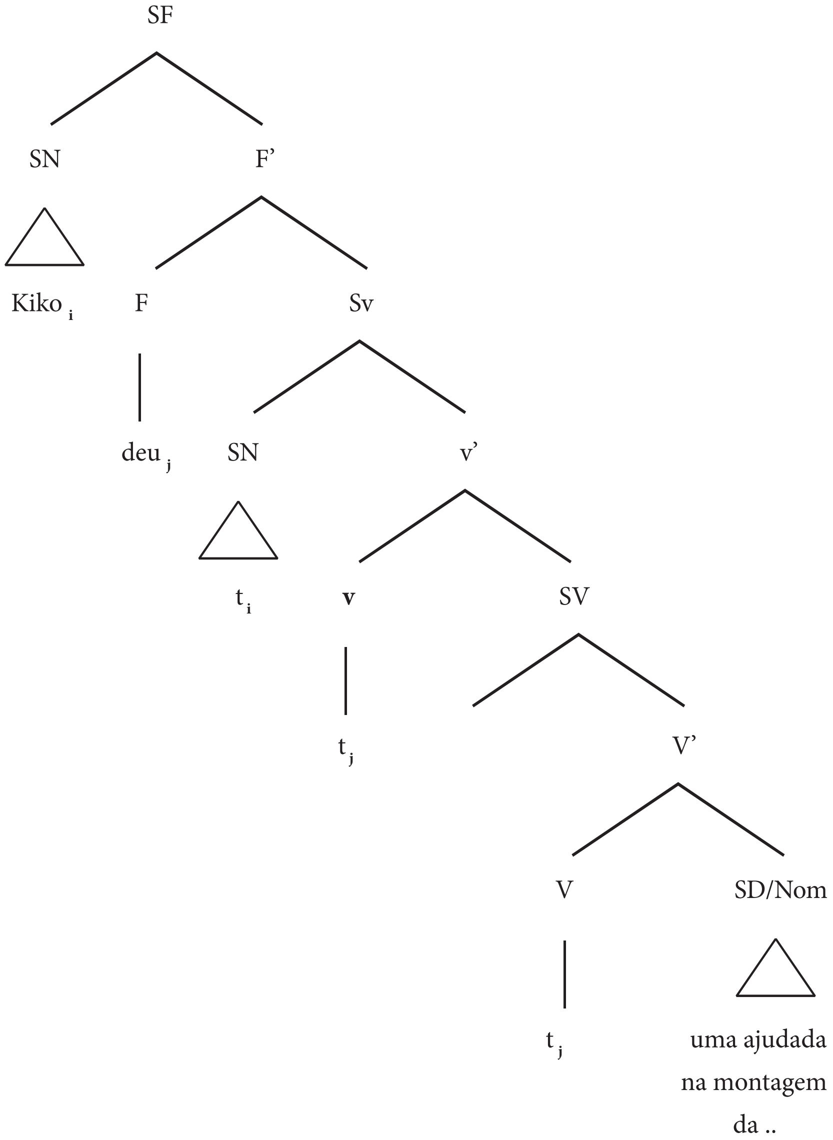
SF
SN
F'
Kiko i
F
Sv
deu j
SN
v'
t i
v
SV
t j
V'
V
SD/Nom
t j
uma ajudada na montagem da ..

b'

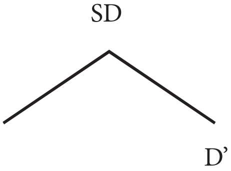
SD
D'

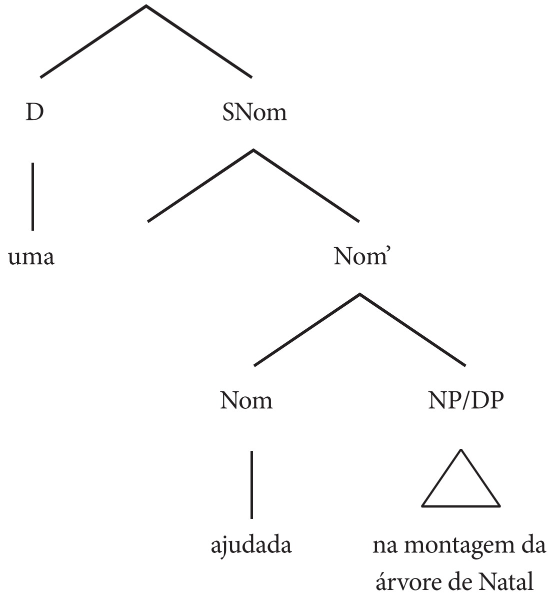
D
SNom
uma
Nom'
Nom
NP/DP
ajudada
na montagem da árvore de Natal

Em (20b'), o SP *"na montagem da árvore de Natal"* é complemento do nome *ajudada,* elemento que é parte da predicação em (20) – *dar uma ajudada*.

SP complemento de nome (periodização composta)

Em (45) – capítulo 4 – renumerado abaixo, seguido de sua estrutura, exemplificamos um complemento nominal do tipo oracional:

(21)a. [*Eu tenho a impressão* $[_{SP}$ *de* $[_{SC}$ *que* $[_{SF}$ *vou voltar àquele lugar*]]]]

b.

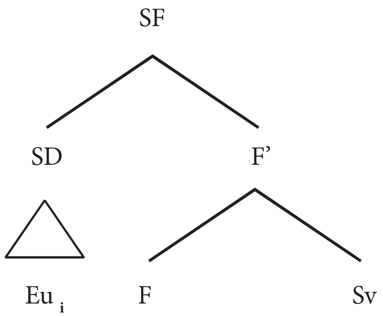
SF
SD
F'
Eu i
F
Sv

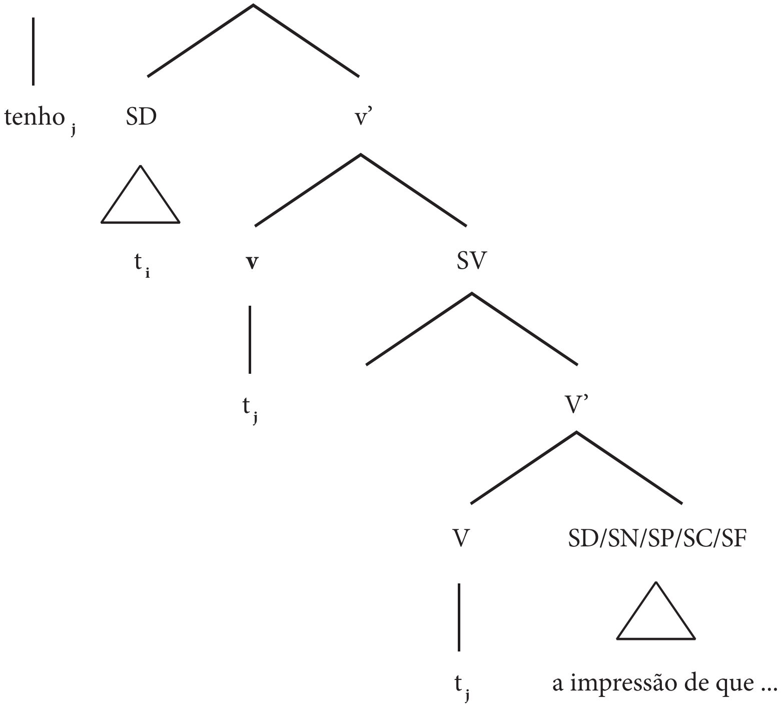
tenho j
SD
v'
t i
v
SV
t j
V'
V
SD/SN/SP/SC/SF
t j
a impressão de que ...

b'

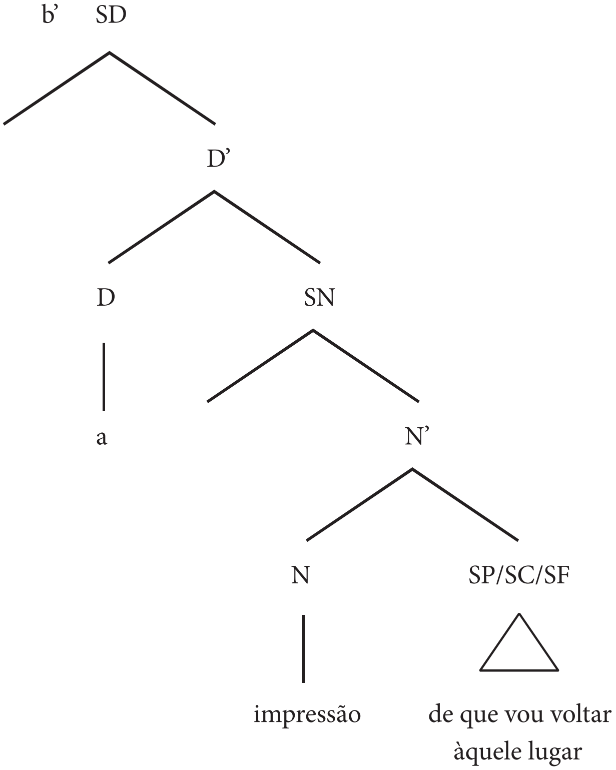
SD
D'
D
SN
a
N'
N
SP/SC/SF
impressão
de que vou voltar àquele lugar

Em (21b'), o SP *"de que vou voltar àquele lugar"* insere, em conjunto com um SC, uma sentença [+N], complemento do nome *impressão*.

SP adjunto de nome

SPs podem ser ainda adjungidos a nome, funcionando, portanto, como "adjetivos", como se vê por meio do SP *daquela província* em:

(22) a. [A necessidade [$_{SP}$ *de ajuda* [$_{SP}$ *aos chineses* [$_{SP}$ *daquela província*]]]] impressiona o mundo

b.

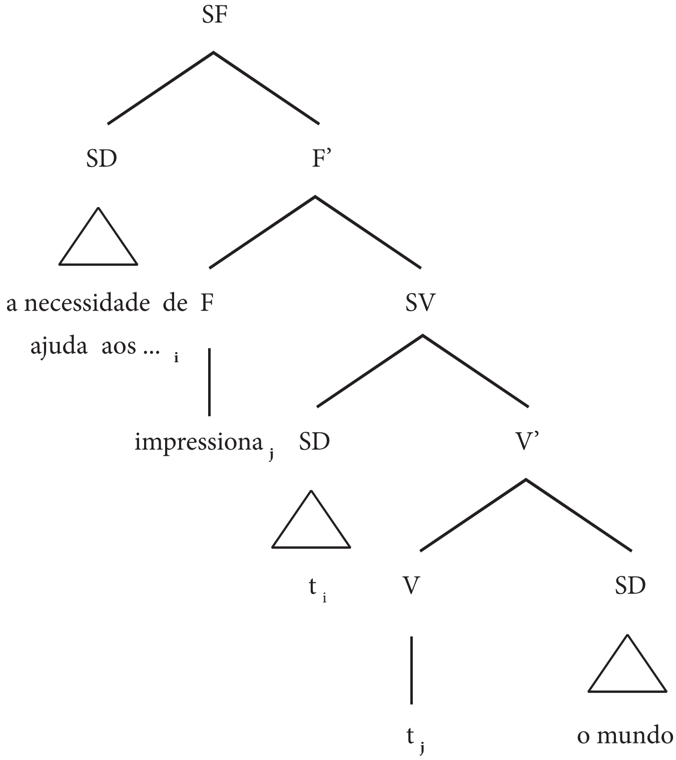

SF
SD
F'
a necessidade de ajuda aos ... i
F
SV
impressiona j
SD
V'
t i
V
SD
t j
o mundo

b'. [$_{SD}$ A necessidade [$_{SP}$ *de ajuda* [$_{SP}$ *aos chineses* [$_{SP}$ *daquela província*]]

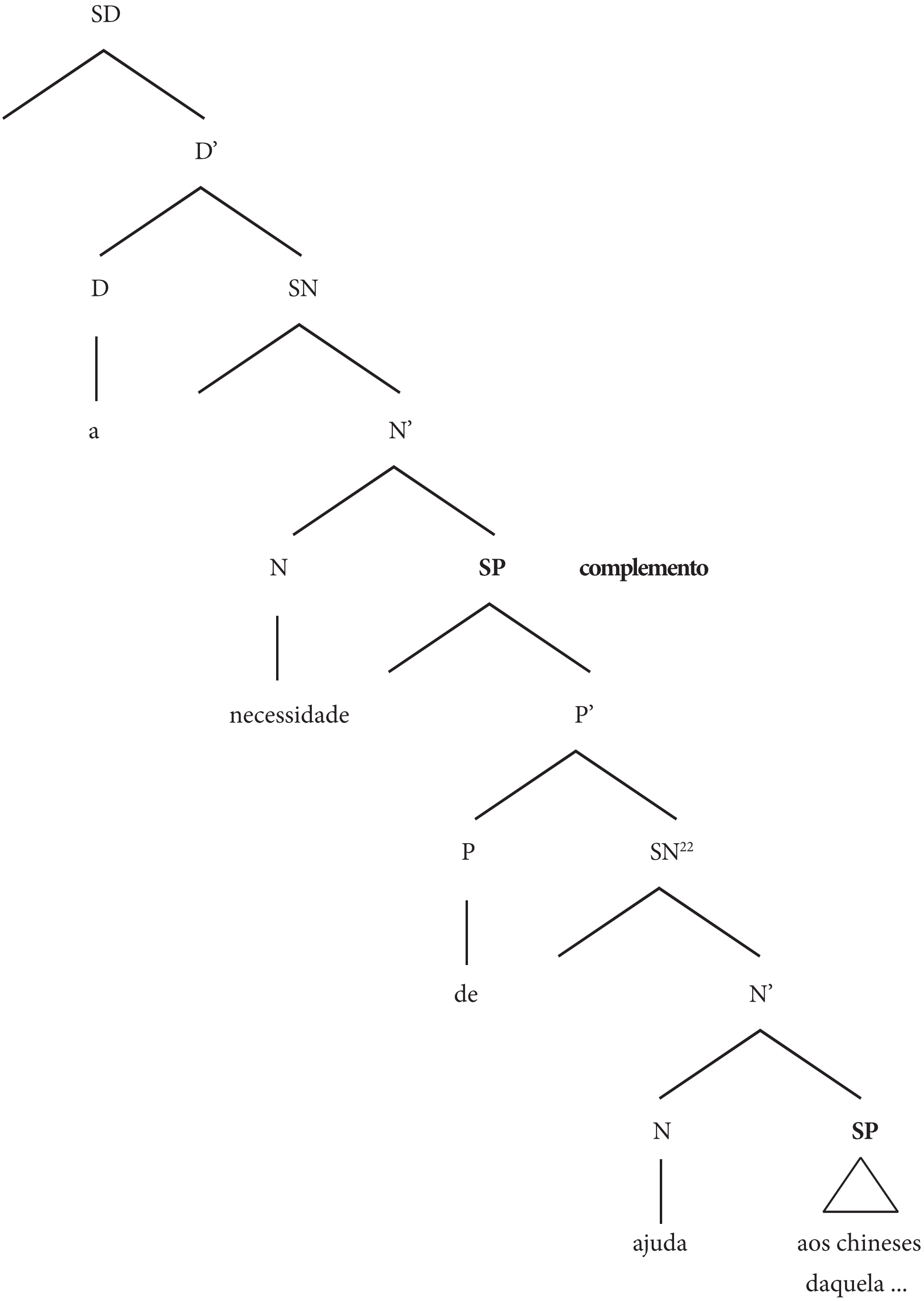
SD
D’
D
SN
a
N’
N
SP
complemento
necessidade
P’
P
SN22
de
N’
N
SP
ajuda
aos chineses
daquela ...

---

[22] Por economia, não projetamos aqui, antes do SN, o SD.

SP 'aos chineses' = complemento

b''. [$_{SP}$ aos chineses daquela província]

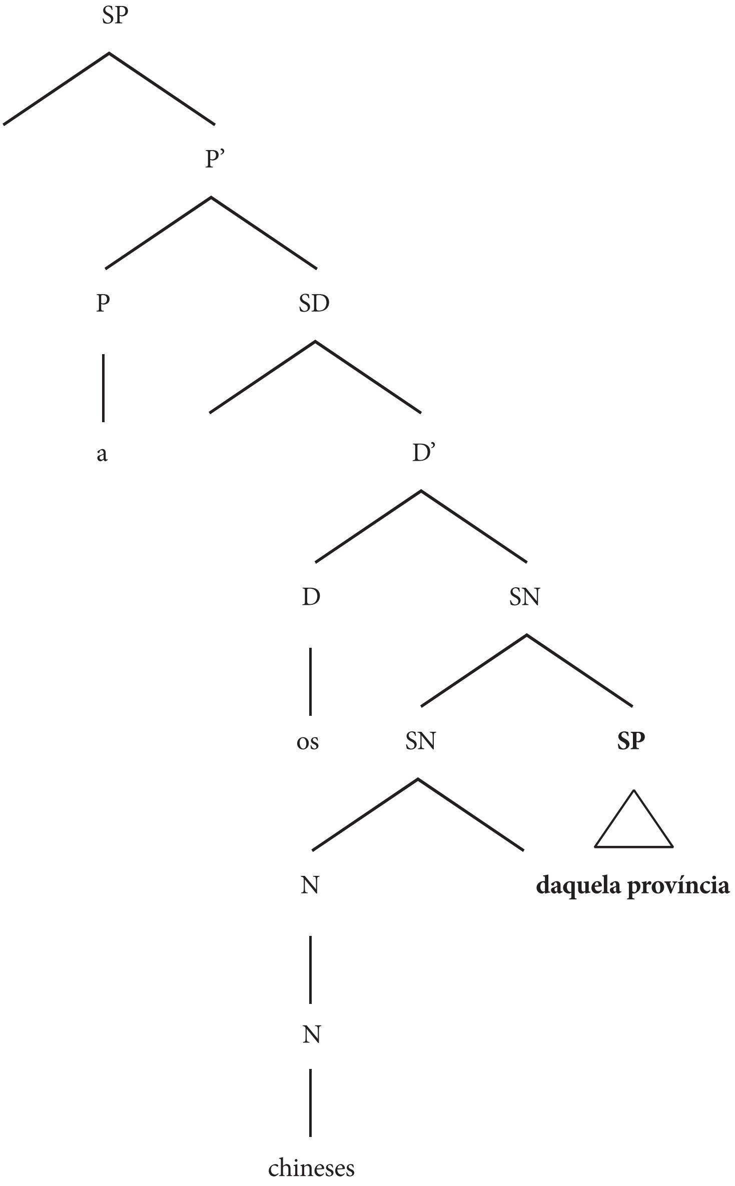
SP
P'
P
SD
a
D'
D
SN
os
SN
SP
N
daquela província
N
chineses

SP 'daquela província' = adjunto

Pelos diagramas acima, vemos que, enquanto os nomes *necessidade* e *ajuda* exigem complementos preposicionais – *de ajuda/ aos chineses* –, o nome *chineses* não requer complementação. Logo, *chineses* adjunge à sua projeção máxima o SP *daquela província.*

2.2.4.2. *SPs Selecionados/ Adjungidos ao Verbo*

SPs podem ser selecionados por verbos, funcionado, portanto, como seus complementos. Abaixo, apresentamos um SP como complemento de verbo[23]:

SP complemento de verbo (periodização simples)

(23) a. Jorge deu o livro [$_{SP}$ *para a Maria*]

b.

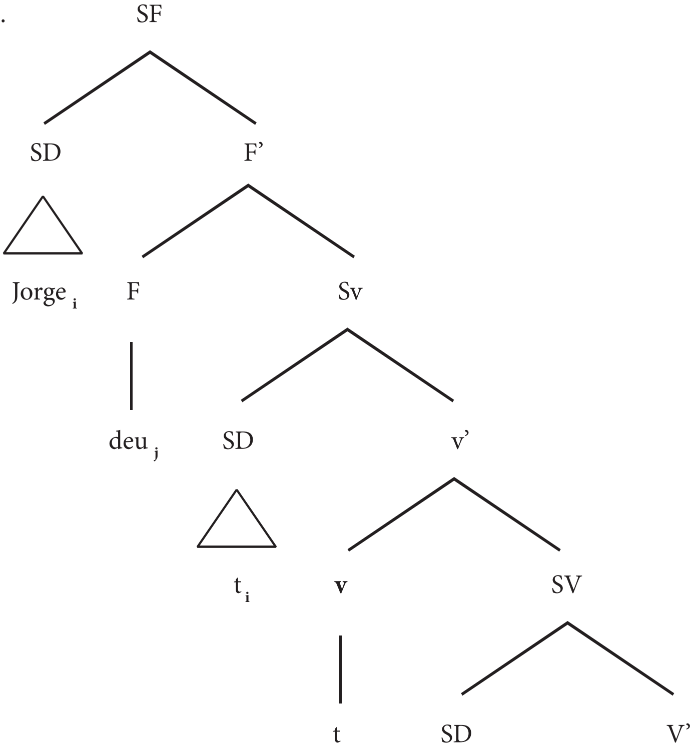

---

[23] Exemplo e estrutura (26), capítulo 3; renumerado.

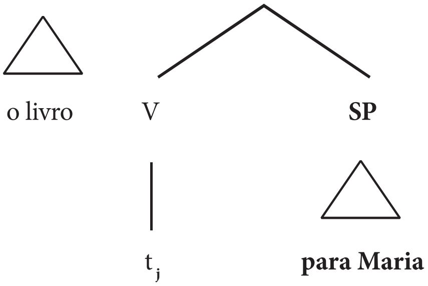
o livro
V
SP
t j
para Maria

Em (23), o SP *para a Maria* é um dos argumentos internos do verbo *dar*. Neste caso, deve ser inserido em uma estrutura Sv/SV.

SPs podem ser selecionados por verbos que estão em uma sentença matriz. Neste caso, o SP é introduzido na sentença mais baixa da periodização, seguido por um complementizador como se vê em:

SP complemento de verbo (periodização composta)[24]

(24) a. [*Todos gostam* [$_{SP}$ *de* [$_{SC}$ *que* [$_{SF}$ *sejam premiados*]]]]

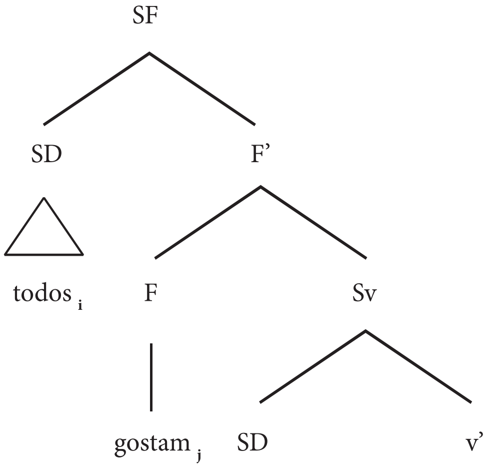
SF
SD
F'
todos i
F
Sv
gostam j
SD
v'

---

[24] Exemplo (46) – capítulo 5.

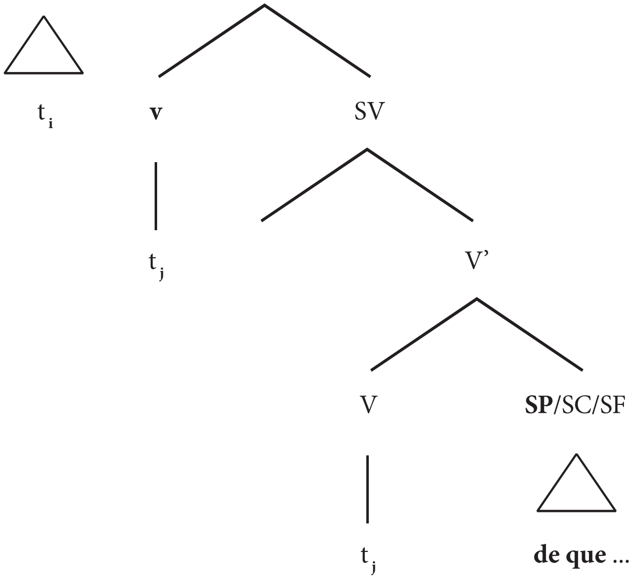

Como apontado no capítulo 5, a sentença (24) acima é um complemento oblíquo (preposicional) do verbo da sentença principal.

Um complemento sentencial com tempo finito – como exemplificado acima em (24) – sempre ocorre com um complementizador. No entanto:

> *Os complementos sentenciais infinitivos, por outro lado, nunca são iniciados por um complementizador, como exemplificado em (50).*
>
> *(50) a. então vamos tentar [*reconstruir a maneira de vida desse Povo*] (EF SP 405)*
> *b. ... pretendia* [ir pela Varig*] (D2 RJ 355)”*
>
> *Cyrino, Nunes & Pagotto (a sair, p. 17)*

SP adjunto de verbo

SPs podem ser adjungidos a SVs, funcionado, portanto, como adjuntos de verbos. Abaixo, apresentamos um SP como adjunto de verbo:

(25) a. O trem chegou [$_{PP}$ *na estação de Miguel Pereira*]

b.

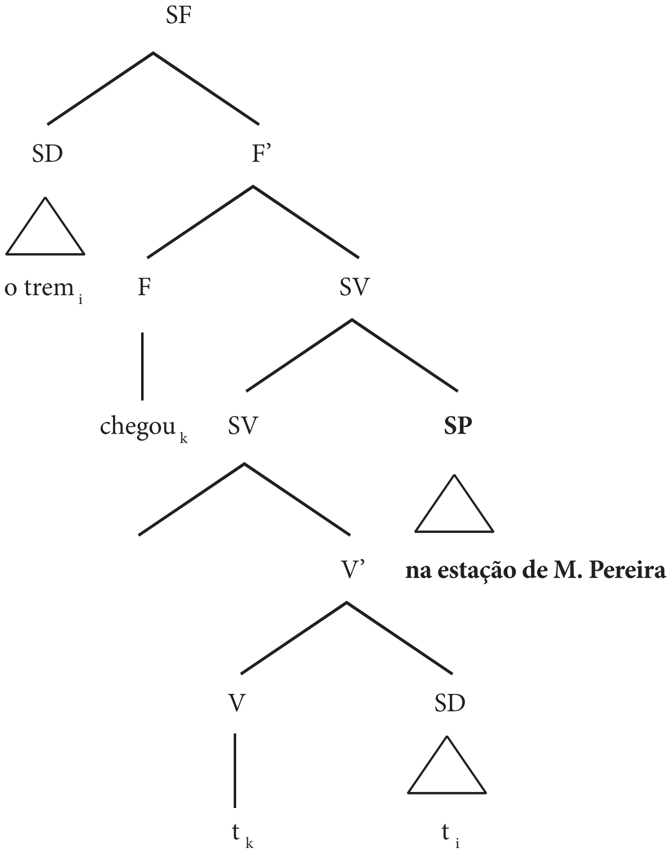

Em (25), o verbo *chegar* é inacusativo, logo é gerado apenas com um argumento interno: *o trem*. O SP na estação de *Miguel Pereira* não tem lugar estrutural na argumentação do verbo, sendo, portanto, na estrutura em (25), um típico caso de adjunção verbal.

2.2.4.3. *SPs Selecionados por SConc*

Em capítulos anteriores, discorremos sobre a chamada "pequena oração" – PO –, projetada pelo Sintagma Concordância – SConc. O núcleo do SConc projeta um sintagma de natureza adjetival como seu complemento. O SP pode ocorrer como um complemento na estrutura SConc em português como se vê abaixo por meio do SP *de uma beleza ímpar*, que funciona como um "adjetivo" na PO:

(26)a. Cássia$_i$ é [$_{PO}$ $\mathbf{t}_i$ [$_{SP}$ de uma beleza ímpar]]

b.

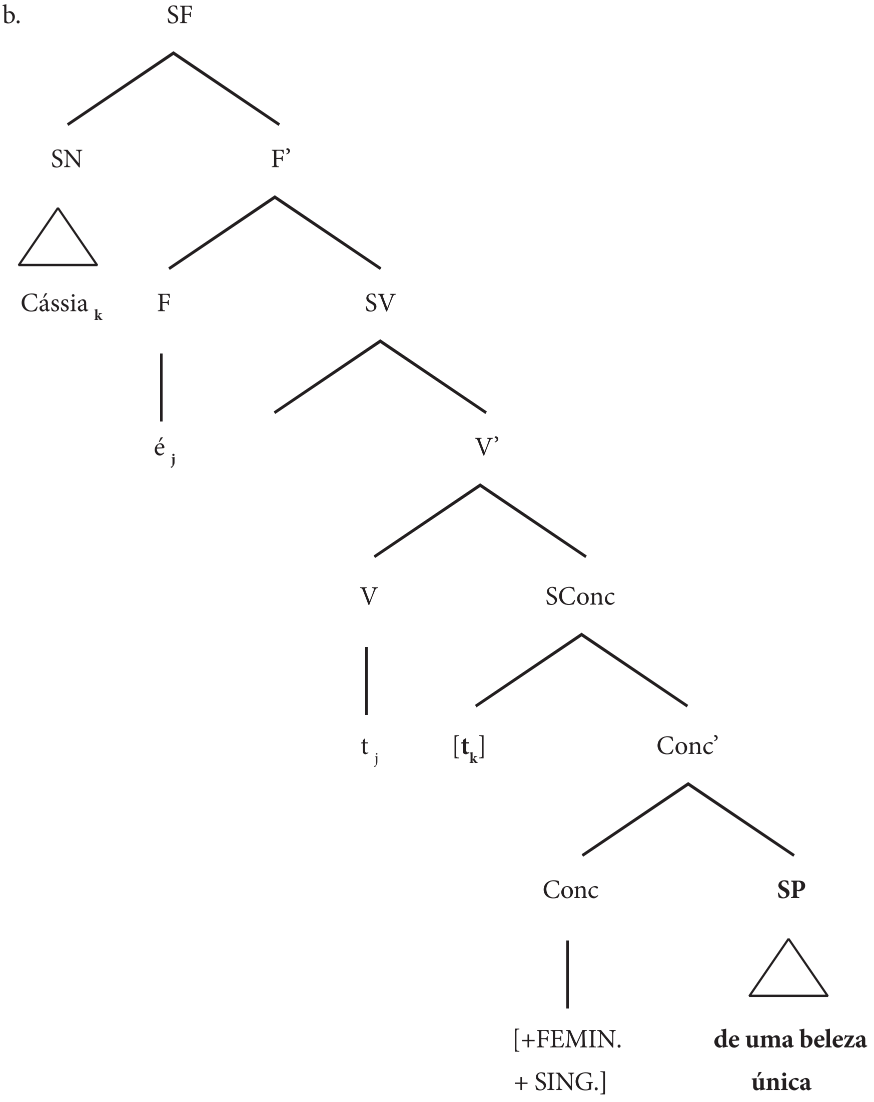
SF
SN
F’
Cássia k
F
SV
é j
V’
V
SConc
t j
[tk]
Conc’
Conc
SP
[+FEMIN. + SING.]
de uma beleza única

Sobre “Preposições no Português Brasileiro e Europeu” ver sugestão de leituras em *leituras complementares*, capítulo 7, ao final deste livro.

3. O SINTAGMA QUANTIFICADOR

Nesta seção abordaremos brevemente sobre o conceito de quantificação, empregado pela semântica formal e ainda na Teoria da Gramática.

3.1. *O Sintagma Quantificador e a Semântica Formal*

"Quantificador" é um termo cunhado pela semântica formal, a fim de referir-se a um conjunto de itens que expressam contraste ou quantidade como: *todo*, *cada*, *algum*. O status de alguns destes itens tem importância particular na construção de sistemas lógicos como se vê abaixo em exemplos de Chierchia (2003), enfatizando o quantificador *todo*[25]:

(27) a. Det N_c V_i[26]
Todo homem fuma

b. {x: x é um homem em t} $\subseteq$ {x: x fuma em t}

c. *expressões / denotações*
Todo: é um subconjunto de
homem: {x: x é um homem em t}
fuma: {x: x fuma em t}

A análise de expressões como *todo* em (27) é um desafio para a semântica dita *denotacional*, pois esta semântica assume que as expressões denotam objetos como se vê na citação a seguir:

> *Algumas expressões nominais são usadas para representar diretamente um indivíduo no mundo, isto é, são usadas para referir. Esse é o caso de nomes próprios em (6), das descrições definidas em (7), e dos pronomes em (8).*
>
> *(6) Fernando Henrique Cardoso, Fernanda Montenegro, São Paulo, rua Luciano Gualberto, rio Pinheiros*
> *(7) o maior rio do mundo, o jogador mais velho da Seleção, o maior escritor brasileiro, o autor de 'Dona Flor e seus dois maridos', os moradores de Carapicuíba, o primeiro clone animal.*
> *(8) eu, você, ele, mim*
>
> *Muller & Viotti (2003: 141)*

---

[25] Chierchia (2003); dados (24), (25a), (26), renumerados.

[26] N_c [nome comum]; V_i [verbo intransitivo]; t [situação t (ou seja, o momento no qual a expressão/ sentença é pronunciada)]; $\subseteq$ [relação de subconjunto].

Em semântica formal, as sentenças declarativas, por exemplo, associam-se ao que se chama "condições de verdade". As "condições de verdade" de uma sentença dependem da referência das expressões que compõem esta sentença e ainda do modo como tais expressões se combinam – cf. Chierchia (2003: 77).

Observe a expressão *Fernanda Montenegro* (expressão (6) da citação acima) na sentença em:

(28) *Fernanda Montenegro é atriz*

Sobre (28), podemos dizer em (29)[27]:

(29) *Fernanda Montenegro é atriz* é verdadeira numa situação **t** (momento da asserção) ***sse*** (se, e apenas se) o indivíduo denotado por *Fernanda Montenegro* pertencer à classe dos indivíduos atores (atrizes) na circunstância **t**.

Se expressões são usadas para representar um indivíduo no mundo ("se referem" a um indivíduo no mundo), como *Fernanda Montenegro* em (28), qual seria a referência de uma expressão como *todo* em (27)? Usando os fundamentos matemáticos do conceito de conjunto (a teoria dos subconjuntos), a semântica formal dirá que:

> *[...] o determinante 'todo' denota a relação ⊆. Uma sentença do português com a forma 'Todo N V' é verdadeira quando a classe denotada pelo N é um subconjunto da classe denotada pelo V. Em forma de esquema:*
>
> *(26) expressões / denotações*
> **Todo***: é um subconjunto de*
> **homem:** {*x: x é um homem em t*}
> **fuma:** {*x: x fuma em t}*
>
> *Chierchia (2003, p. 89)*

Sobre "Semântica e Quantificação" ver sugestão de leituras em *leituras complementares* – capítulo 7 – ao final deste livro.

---

[27] (29) baseia-se em trecho de Chierchia (2003: 77).

3.2. *O Sintagma Quantificador e a Teoria da Gramática*

Em Semântica Formal, os quantificadores estão unificados na classe dos determinantes – cf. Chierchia (2003: 87-102). Em Teoria da Gramática, quantificadores e determinantes são dois sintagmas distintos, inseridos na projeção do "sintagma nominal maximamente estendido" como visto no quadro em (33) – capítulo 5 –, renumerado em:

(30)

1 TODOS	**2 AQUELES**	**3 MEUS**	**4 OUTROS**	**5 DEZ**	**6 PRIMEIROS**	**7 ESTRANHOS POEMAS**
ambos	este(s)	teu(s)	mesmo(s)	um	segundo(s)	
	esse	seu		dois	terceiro	
	o	nosso		.	.	
	um	vosso		.	.	
	algum			.	.	
	nenhum			vário		
	cada			diverso		
				muito		
				pouco		

No quadro em (30), observam-se as posições **1** e **2** de quantificador e determinante respectivamente. Logo, em uma sentença com a expressão *todos os homens*, tal expressão é projetada, dentro da Teoria da Gramática, em um *SN maximamente estendido* com um quantificador e um determinante como exemplificado em:

(31) a. [$_{SQ}$ *Todos* [$_{SD}$ *aqueles* [$_{SN}$ *homens*]]] gostam de lutas marciais

b.

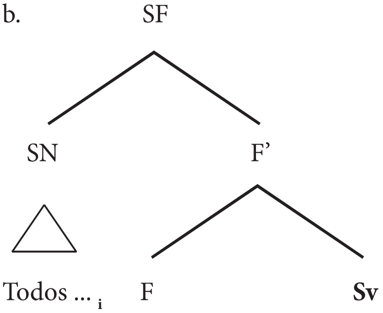

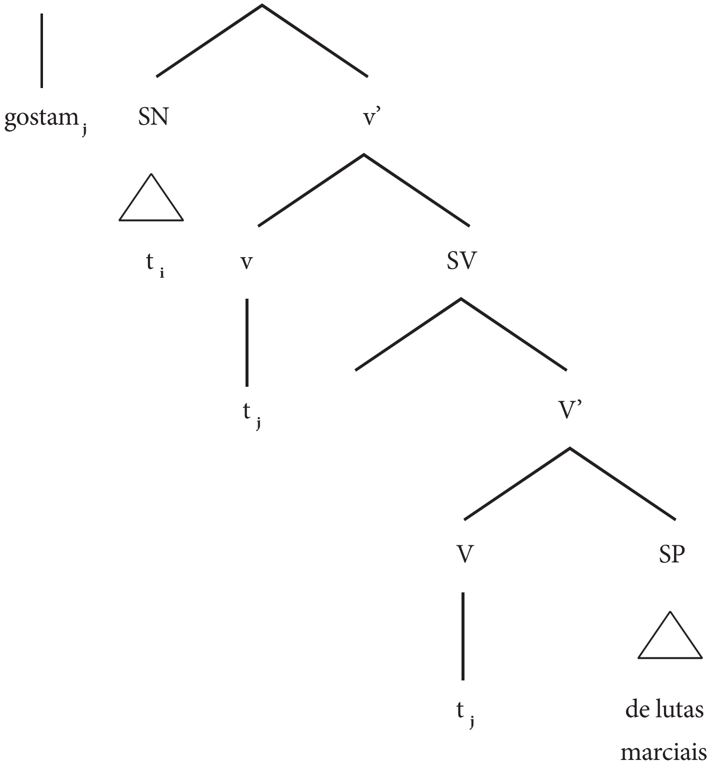
gostam$_j$
SN
v'
t_i
v
SV
t_j
V'
V
SP
t_j
de lutas marciais

b'.

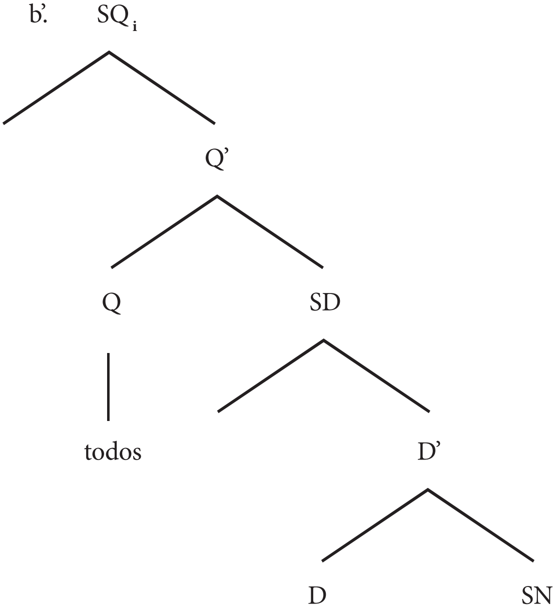
SQ$_i$
Q'
Q
SD
todos
D'
D
SN

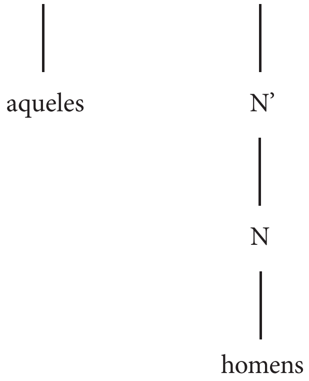

Logo, o SQ, como o concebemos neste livro, é a projeção de alguns itens lexicais denominados de “pronomes indefinidos” pela gramática tradicional como: *todo*, *alguém*, *cada*, *nenhum*, etc.

Observe que a distinção *quantificador* e *determinante* não é simples; como visto, a semântica formal enquadra as duas categorias como uma só – *determinantes*. Ao observarmos o quadro acima em (30), vemos que *cada*, por exemplo, é tido como determinante. *Cada*, enquadrado como determinante em (30), se dá devido ao teste sintático, em Teoria da Gramática, de avaliar um item como determinante se este aparece, ou não, com outro item dito determinante dentro de uma mesma projeção SN como se vê em[28]:

(32) a.* *Cada um* homem escolheu um carro
b. [$_{SD}$ *Cada*] homem escolheu um carro
c. [$_{SD}$ *Um*] homem escolheu um carro

Note que, em (32a), o quantificador *cada* não pode ocorrer com o determinante *um*; este fato sintático classifica *cad*a como uma projeção SD em (32b), pois ele é o único determinante do nome *homem* presente em (32b). No entanto, ao dizer-se que *cada* é um SD em (32b), não se quer dizer que este SD não tenha propriedades quantificacionais. O mesmo se dá com o item *um* em (32c), considerado um SQ, como *cada* e *todo*, pela Semântica Formal.

Observe novamente o quantificador *todos* em (31). Em (31), o quantificador *todos* pode ocorrer em conjunto com um determinante dentro do mesmo sintagma nominal.

---

[28] *Determinantes* só podem ser projetados uma única vez dentro do SN.

Neste caso, projetam-se dois sintagmas distintos – SQ e SD – como demonstrado em (31b'). Logo, quando um SQ puder ocorrer juntamente com um SD, como visto em (31), os dois sintagmas serão projetados distintamente: SQ e SD. Diferentemente, quando um SQ não ocorrer em conjunto com um SD, projetaremos este SQ como um SD, como exemplificado em (32).

4. Considerações Finais

Acima, introduzimos as preposições e o sintagma preposicional dentro do quadro da Teoria da Gramática, verificando que os SPs podem ser projetados como complementos de nomes, de verbos e do sintagma funcional SConc. SPs podem ainda ser projetados como adjuntos de nomes e de verbos.

Abordamos também, neste capítulo, os quantificadores e sua projeção, verificando que a categoria gramatical quantificador é uma subclasse dos determinantes, podendo, em alguns casos, ocorrer em conjunto com um determinante e, em outros casos, comportar-se como o único determinante da sentença. Este comportamento dos quantificadores levou pesquisadores em Teoria da Gramática a concebê-los como uma projeção distinta do SD. Diferentemente, pesquisadores em Semântica Formal consideram-nos como parte do conjunto de itens que formam o chamado sintagma determinante.

Capítulo 8

Aspectos do sintagma complementizador:

Considerações sobre o sintagma conjuntivo e sobre conectivos

Neste capítulo, abordamos, com mais detalhes, o sintagma complementizador, SC.

1. A Categoria Complementizador

Na seção 3 do capítulo 5, introduzimos brevemente o sintagma complementizador – SC – definindo-o como uma projeção do núcleo C(omplementizador), de natureza funcional. O SC, como os demais sintagmas, segue o esquema X-Barra:

(1)

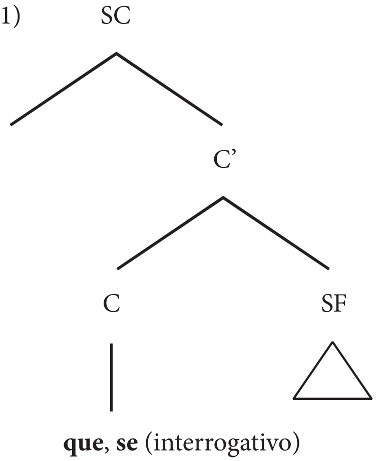

Em (1), vê-se que o C(omplementizador) – núcleo da projeção SC – projeta uma posição de complemento (estrutural), que por sua vez, em conjunto com o núcleo, projeta uma posição de especificador (Spec). O complemento estrutural de um C’ é sempre uma oração – SF; a posição [Spec, SC] é o local de pouso de sintagmas movidos de dentro de uma SF.

O núcleo do SC (1) é preenchido, em português, pelas conjunções integrantes **que** e **se**. Abaixo, exemplificamos núcleos do SC em português:

(2) a. Eles têm necessidade de **que** suas metas sejam alcançadas
    b. Ele perguntou **se** Mariana chegará para a reunião em tempo

1.1. *Complementizador versus Conjunção versus Conectivo*

Neste livro, corroboramos a proposta linguística de que complementizadores se diferem de conjunções e de conectores.

Atente para os exemplos em:

(3) Ela perguntou **se** nós fomos bem tratados naquele lugar – **complementizador**
(4) Jonathan comprou o carro **porque** precisava – **conectivo** (+ complementizador)
(5) Mariana chegou **e** as clientes ficaram satisfeitas – **conjunção**

Segundo a tradição gramatical, a periodização em (3) corresponde ao tipo 'subordinada substantiva' – interrogativa indireta –; em (4) ao tipo 'subordinada adverbial'; em (5), a orações coordenadas. Cada um dos três elementos em (3)-(5) são classificados como *conjunção*. No entanto, corroboramos análises que definem os itens lexicais acima, em negrito, como pertencentes a categorias sintáticas diferentes.

Ratificamos que complementizadores ligam orações com dependência sintática uma da outra – reveja as sentenças [+N] na seção (3) do capítulo 5. Em português, *que/se* compõem a classe dos complementizadores da língua. No entanto, complementizadores se distinguem de conjunções:

> *[...] não só pelos valores que veiculam mas também pelo facto de com eles poderem ocorrer quando os membros coordenados são frases subordinadas, como acontece em (2a,b). Se tivermos em conta que duas conjunções ou dois complementadores não podem concorrer para uma mesma posição sintáctica (cf. (2c,d)), a boa formação de (2a,b) mostra que conjunções e complementadores são duas subclasses lexicais distintas.*
>
> *(2) (a) Acho que ele tem trabalhado demais e que devia fazer férias o mais brevemente possível.*
> *(b) Porque já acabei o trabalho e porque está bom tempo, vamos passear mais tarde.*

*(c) *Ele vai ao cinema e ou ao teatro.*

(d) Ela não sabe porque quando a convidaram para passar férias na montanha.*

Matos (2003: 558[1])

Logo, definimos as diferenças entre os itens lexicais *se* (3) e *e* (5), renumerados, como categorias distintas: *complementizador* e *conjunção* respectivamente:

(6) Ela perguntou **se** nós fomos bem tratados naquele lugar – **complementizador**

(7) Mariana chegou **e** as clientes ficaram satisfeitas – **conjunção**

Orações como as do tipo em (7) apontam para um conjunto de sentenças que se ligam por meio de coordenação. A seguir, abordamos, brevemente, sobre a análise que adotamos neste livro para a coordenação sentencial.

1.1.1. *Conjunções e Estruturas de Coordenação*

Como a subordinação, a coordenação sentencial tem a propriedade de formar unidades sintáticas complexas. No entanto, diferentemente da subordinação – sentenças [+N] – a coordenação opera combinando constituintes que se equivalem sintática e semanticamente.

Observe o exemplo em (8), seguido de sua estrutura:

(8) a. O carro chegou, mas ninguém saiu

b.

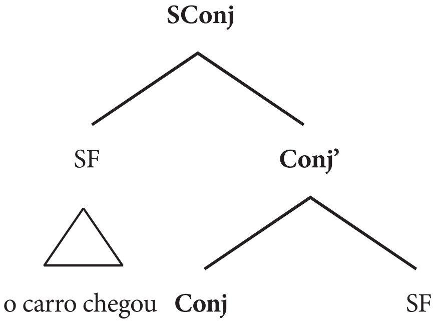

---

[1] Os grifos nos exemplos são nossos.

mas
ninguém saiu

Em (8b), seguimos a proposta de estrutura de coordenação que se vê em Matos (2003: 560), em que uma estrutura coordenada pode ser concebida como um constituinte que tem por núcleo a *conjunção*. A estrutura em (8b) capta o fato de que a conjunção estabelece uma relação de 'nexo' entre as sentenças e que, embora, essas sentenças sejam relativamente livres umas das outras, têm interdependência discursiva.

A análise sintática evidencia ainda que há diferenças entre *conjunções* – como exemplificamos acima – e *conectores*.

> *A distinção entre conjunções e conectores nem sempre é estabelecida nos estudos gramaticais que se baseiam fundamentalmente na função semântica desempenhada por ambos: a de estabelecer o nexo entre os membros coordenados.*
>
> *Contudo, há diferenças formais importantes entre eles, que nos permitem concluir que, embora as conjunções coordenativas possam ser consideradas como uma subclasse específica de conectores, nem todos os conectores que surgem em estruturas de coordenação são conjunções.*
>
> *Os conectores são expressões que têm um âmbito mais geral do que as conjunções. Ocorrem tanto em domínios de coordenação como de subordinação, mantendo seu papel de explicitar a ligação entre os constituintes envolvidos.*
>
> *[..]*
>
> *Matos (2003: 559)*

Observe novamente as sentenças (4)-(5), renumeradas:

(9) Jonathan comprou o carro **porque** precisava – **conectivo** (+ complementizador)

(10) Mariana chegou **e** as clientes ficaram satisfeitas – **conjunção**

Ao elemento de ligadura sentencial *porque* em (9), chamamos de conectivo e não de conjunção (como denominamos *e* em (10)). Em (9), *porque* se insere em um conjunto de elementos denominados de *locuções conjuntivas* pela gramática e, como veremos sucintamente, a seguir, introduzem as orações chamadas *subordinadas adverbiais*.

1.1.2. *Os Conectivos e as 'Estruturas Adverbiais'*

Os elementos que introduzem um conjunto de sentenças ditas 'adverbiais' são considerados, em nossos compêndios gramaticais, como locuções conjuntivas ou locuções adverbiais – ver Bechara (2006: 493). Neste livro, seguimos a análise que considera as locuções conjuntivas ou locuções adverbiais como conectores. Os conectores são, muitas vezes, combinados com um complementizador.

Observe a sentença em (11) e sua proposta de estrutura:

(11) a. Suzana comprou o livro **para que** Leo estudasse

b.

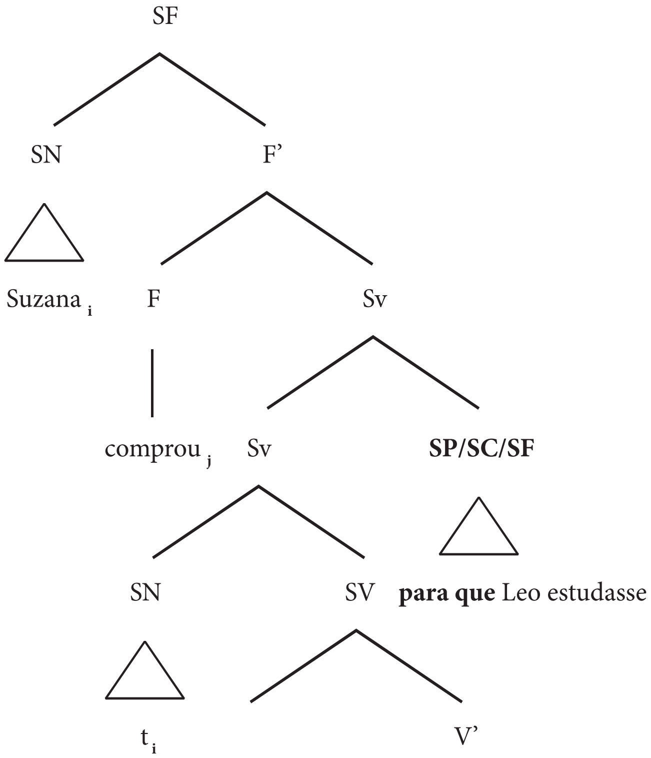

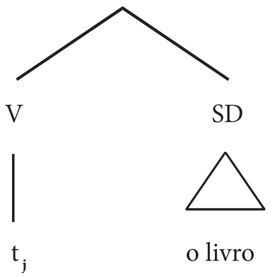

Observe que o elemento de juntura entre as duas orações em (11) é a preposição *para* de base semântica 'finalidade' e um complementizador *que*. Logo, *para que* não pode ser analisada como uma *locução conjuntiva*. Observe ainda que o que distingue a sentença *para que Leo estudasse* de uma sentença [+N], introduzida por complementizador, é que a sentença encaixada em (11) está em uma estrutura de adjunção.

Segundo Brito (2003b: 704, 705), os conectores são:

> *[...] sintagmas preposicionais (SP) ou sintagmas adverbiais (Sadv) que contêm uma oração finita (iniciada pelo complementador que) ou infinitiva, sem o 'que':*

(39)

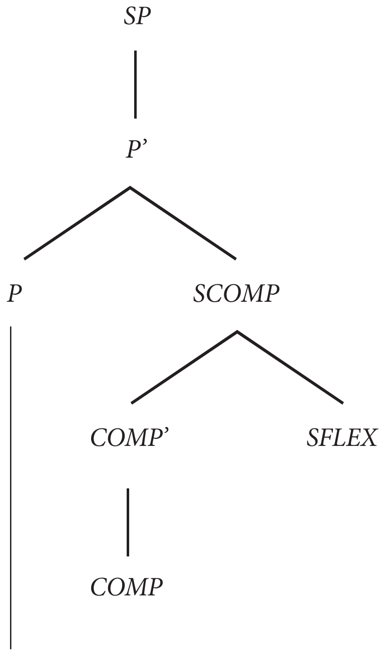

para	*que*
para	_
a fim de	*que*
a fim de	_

1.2. *A Posição 'Especificador do Sintagma Complementizador'*

A posição de especificador (Spec) de SC [Spec, SC] não é uma posição temática (posição de SDs argumentos). Logo, o [Spec, SC] é dito uma posição A-barra, ou seja, uma posição não argumental. O [Spec, SC] A-barra constitui, portanto, um lugar aberto para elementos que se movem como **o que** em [2]:

(12) a. $[_{SF}$ Eu vou comprar $[_{SC}$ **o que** $_{i}]$ $[_{SF}$ ele quer $t_{i}]$ $]$

b.

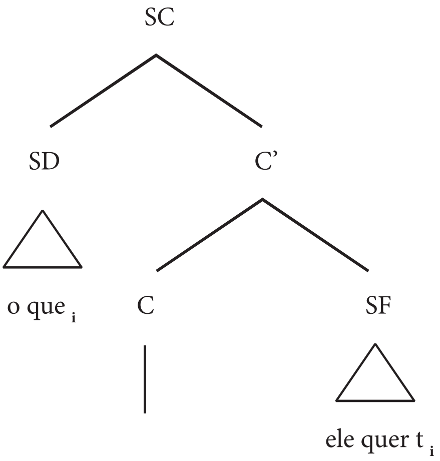

Em (12), a "expressão relativizadora" **o que** é gerada na posição de argumento interno do verbo *quer*; **o que** move-se para a posição [Spec, SC] da oração encaixada $[_{SC}$ *o que ele quer*]. Observe que, em (12), a posição núcleo do SC não é preenchida.

---

[2] Sobre a posição [Spec, SC] A-barra (não-argumental), contraste-a com a posição [Spec, SV] que é uma posição temática (posição de SDs argumentos), logo argumental – ver capítulo 4.

Resumindo esta seção (1), podemos dizer que a projeção SC tem duas funções específicas:

1. SC liga sentenças entre si (SF + SF) e/ou ao discurso propriamente dito;
2. SC aloja sintagmas movidos de dentro de um dado Sintagma Flexional (SF).

2. PRONOMES Q

Nesta seção, introduzimos os *pronomes-Q*. Estes pronomes são os responsáveis por movimentos de sintagmas-Q para a posição [Spec, SC].

Os *pronomes-Q* podem aparecer em sentenças do tipo perguntas-QU e relativa e constituem um conjunto de itens bem restrito na língua como se vê abaixo em Braga, Kato & Mioto[3]:

(13) Os pronomes-Q: *que*, *quem*, *qual*, *o que*, *onde*, *quando*, *como*, *quanto, cujo*.

2.1. Pronomes Interrogativos QU

Pronomes interrogativos QU introduzem um tipo particular de perguntas: as *perguntas-QU*.

De acordo com Haspelmath (1977), independentemente da filiação genética e areal, as línguas podem expressar aproximadamente até sete categorias ontológicas de pronomes interrogativos: (1) *Pessoa* – “quem?”; (2) *Coisa* – “o quê?”; (3) *Propriedade* – “que tipo?”; (4) *Lugar* – “onde?”; (5) *Tempo* – “quando?”, (6) *Maneira* – “como?”; (7) *Quantidade* – “quanto?”. Além destas, ainda é possível criar expressões mais complexas e específicas, como por exemplo: *Cor* – “que cor”[4].

A língua portuguesa expressa todas as categorias ontológicas de pronomes-QU apontadas pela descrição tipológica de Haspelmath (1977). A razão da denominação *pronomes/perguntas –QU* deve-se ao fato de que a maioria dos pronomes-QU em português inicia-se com fonema /k/, grafado em sua quase totalidade como *qu-* (Ex.: /kʷãdʊ/ “quando”, /kʷãtʊ/ “quanto”, /kõmʊ/ “como”).

Observe uma sentença interrogativa do tipo QU em:

(14) a. [Vocês [$_{SV}$ compraram [$_{SQU}$ o quê?]]]

---

[3] Braga, Kato & Mioto (no prelo, p. 2, dado (1), renumerado).

[4] Ver Haspelmath (1977: 29-30).

b.

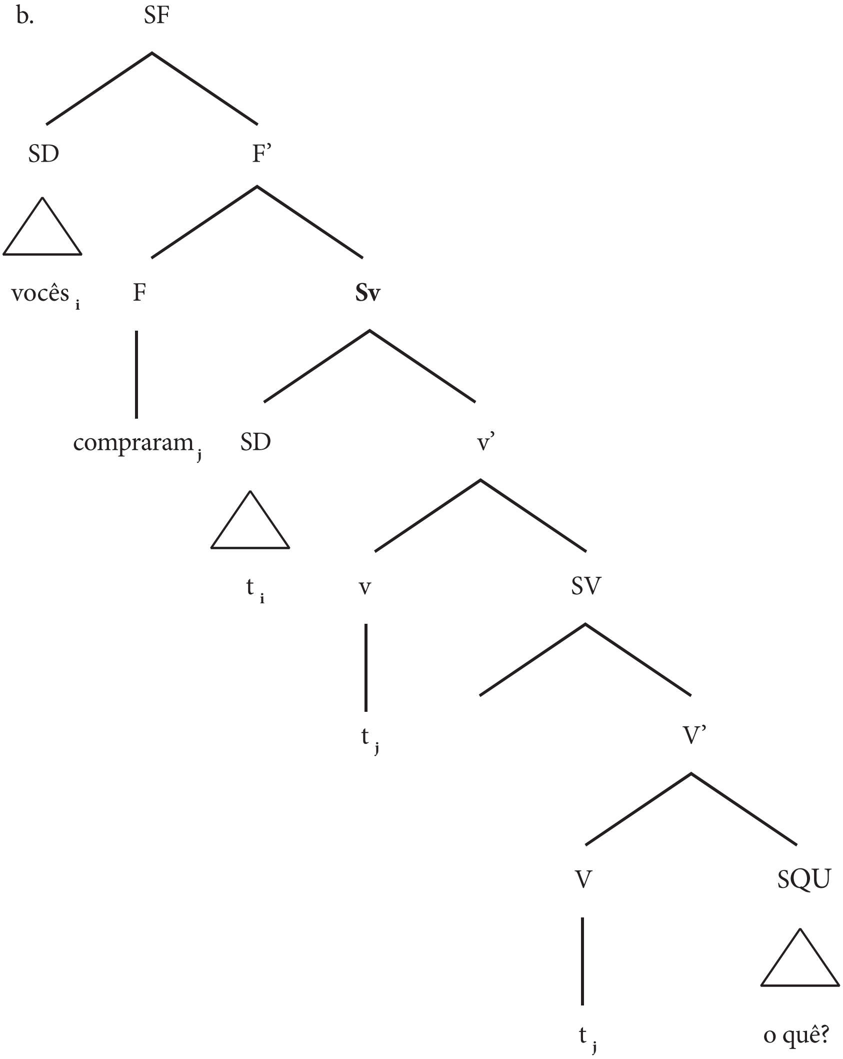

Os *pronomes-QU* são uma subclasse dos SNs; em (14), o SQU **o quê?** é gerado na posição de argumento interno do verbo leve *comprar*.

O exemplo (14) aponta para uma característica importante de *perguntas-QU* em português: essas perguntas são analisadas como *perguntas-QU* ‘in-situ’, ou seja, as *perguntas-QU* em português são projetadas na sintaxe no local onde são geradas. Isto se deve ao fato de que, diferentemente do português, línguas como o inglês exigem que *perguntas-QU* se movam sempre para a posição [Spec, SC] como se vê em:

(15) a *When did you arrive?* "Quando vocês chegaram?"

a'. $[_{SC}$ **When** $_i$ $[_{SF}$ did you arrive **t** $_i$?]]

b.* Did you arrived when?

c. Did you arrived when? ("pergunta eco")

Diferentemente do português, o inglês não permite que uma pergunta WH/QU permaneça 'in-situ' – ver (15b); a exceção ocorre em "perguntas eco" ou quando há mais de um pronome WH/QU na sentença [5].

O português permite o movimento de *perguntas QU* para a posição [Spec, SC], mas este movimento não é obrigatório como se vê em inglês.

Sobre "Pronomes-Q interrogativos", ver sugestão de leitura em *leituras complementares* – capítulo 8 – ao final deste livro.

2.2. *Pronomes Relativos*

Como visto no início desta seção (2), os *pronomes-Q* podem aparecer em sentenças do tipo *perguntas-QU* e *relativa*.

Pronomes-Q relativos introduzem sentenças relativas, já mencionadas neste livro no capítulo 6. Na próxima seção, retomamos a relativização, enfatizando que *pronomes-Q relativos* envolvem movimento de um sintagma para a posição [SPec, SC] e chamando a atenção do leitor para estratégias de relativização no português do Brasil.

---

[5] Perguntas *WH in-situ* em inglês, como (15b), só são permitidas em um contexto especial chamado de *echo question* ("pergunta eco"): (15c) "Did you arrived **when**?" (entonação especial em **when?**). Segundo Trask (1993: 88), *pergunta eco* diz respeito a uma resposta a uma enunciação que toma a forma de uma pergunta pedindo confirmação de alguma parte daquilo que foi enunciado e que, tanto quanto possível, simplesmente repete a enunciação. Um exemplo de contexto e de pergunta eco é dado por Trask (op. cit) como se vê no dado por nós numerado: (1)a. enunciação: *I saw Ignatz this morning* ("eu vi Ignatz esta manhã"); (1)b. pergunta eco: *You saw* who*?* ("você viu **quem**?") (ou: (1)c. *You saw Ignatz this morning?*- "Você viu Ignatz esta manhã?"). Observe que, quando a pergunta é do tipo eco, com um pronome WH, este pronome está *in-situ* em inglês – ver (15c) – e recebe um acento enfático, marcado pelo negrito. Chamamos a atenção, no entanto, que estamos tratando aqui de exemplificação em inglês de perguntas *WH in-situ* com sentenças com um único elemento WH. Sentenças com mais de um WH têm comportamento distinto.

3. Movimentos para a Posição 'Especificador de Sintagma Complementizador'

Nesta seção enfatizamos a posição "especificador do sintagma complementizador" – [Spec, SC] –, que é preenchida por *SQUs* e *pronomes-Q relativos* que sofrem movimento de dentro de uma sentença – SF – para esta posição no SC.

3.1. *Movimento QU*

Como visto na subseção (1.2.), exemplo (12), a língua portuguesa permite o movimento de *perguntas QU* para a posição [Spec, SC], embora este movimento não seja obrigatório (como o é em línguas como o inglês): português é uma língua do tipo "WH in situ".

Observe o exemplo (14), renumerado, seguido de outros dois exemplos com pergunta QU movida:

(16) a. Vocês $[_{SV}$ compraram $[_{SQU}$ o quê?]]

b.

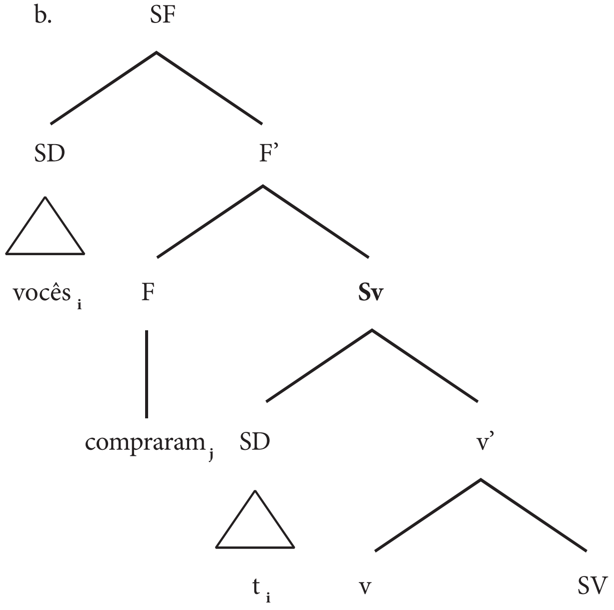

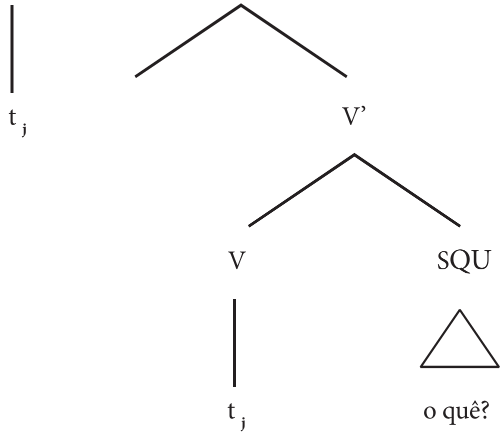
t j
V’
V
SQU
t j
o quê?

(17) a. [O que$_i$ vocês compraram $\mathbf{t}_i$?]

b.

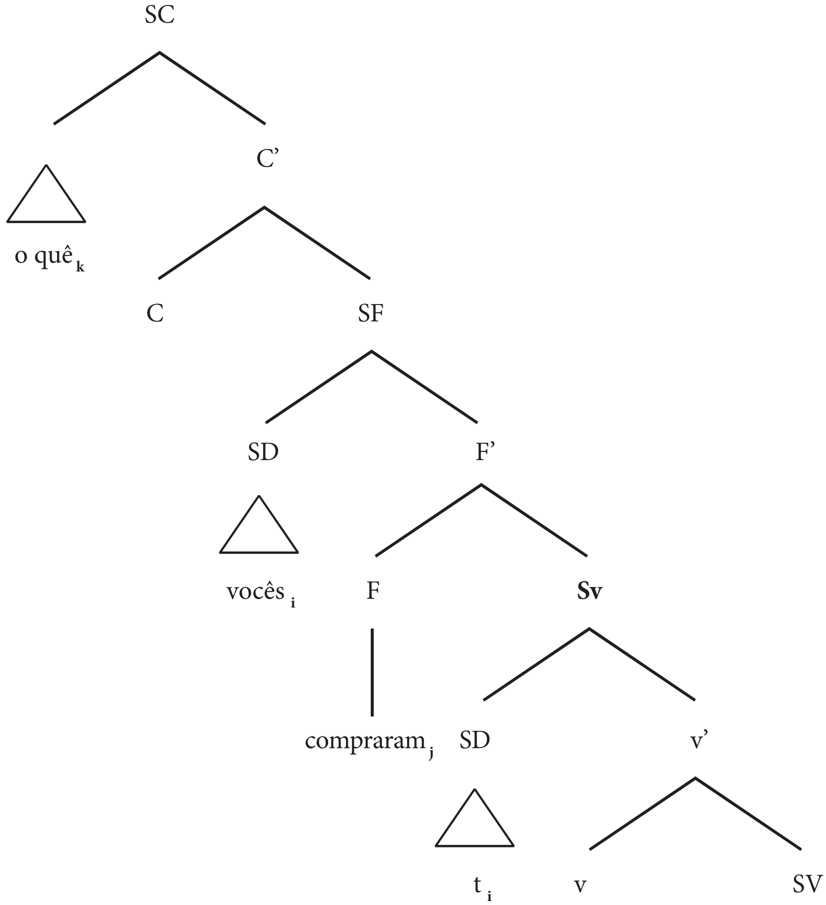
SC
C’
o quê k
C
SF
SD
F’
vocês i
F
Sv
compraram j
SD
v’
t i
v
SV

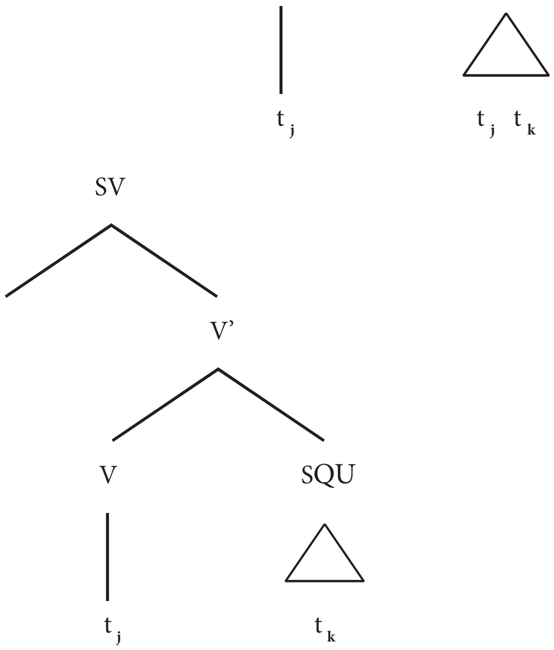
t j
t j t k
SV
V’
V
SQU
t j
t k

(18) a. [O que$_i$ que vocês compraram $\mathbf{t}_i$?]

b.

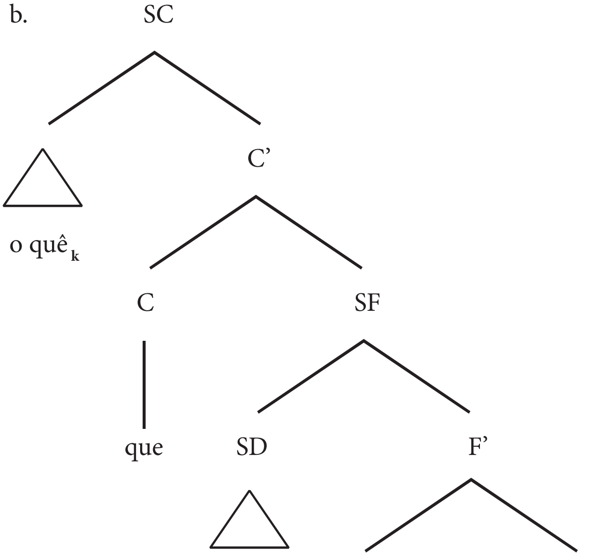
SC
C’
o quê k
C
SF
que
SD
F’
vocês i
F
Sv

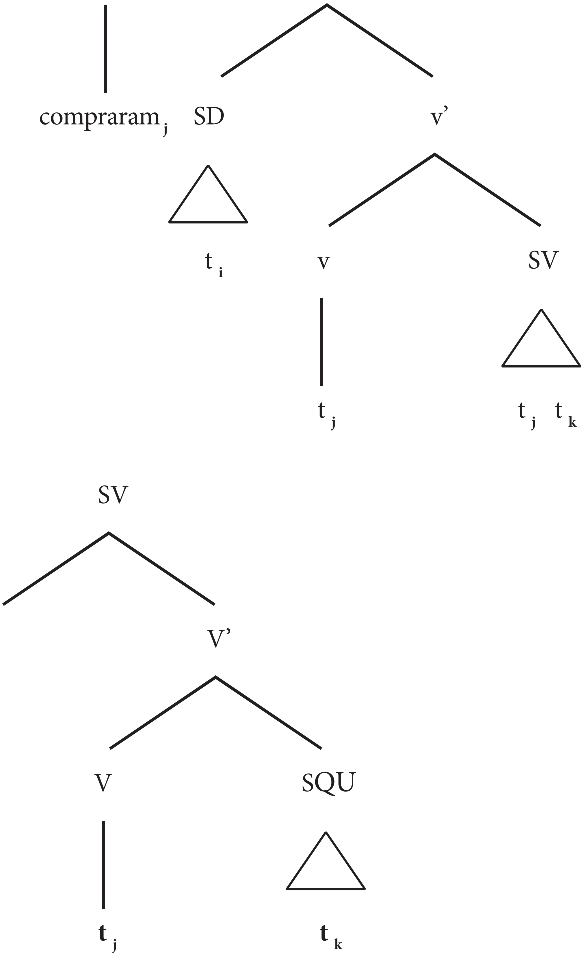

Em (16), vê-se o SQU **o quê?** *in-situ* na posição de complemento do verbo *compraram*. Em (17), atesta-se o movimento desse SQU para a posição [Spec, SC]. A sentença (18) exemplifica uma possibilidade de movimento do SQU para a posição [Spec, SC], seguido de preenchimento da posição do núcleo do SC pelo complementizador **que**. A sentença em (18) é uma estrutura muito comum no português popular (e oral culto) do Brasil, mas não atestada no português europeu [6].

---

[6] Conferir, entre outros: (1) Kato & Raposo (1996), (2) Braga, Kato & Mioto (A sair), subseção (5.4.2.1.) "As interrogativas com Q in situ e deslocado".

3.2. *Movimento do Pronome Relativo*

Como já abordado no capítulo 6, o pronome relativo (ou expressão relativa) assume uma posição na periferia esquerda da sentença, na posição de especificador do SC.

Observe a sentença abaixo:

(19) a. A secretária, [com quem Pedro Paulo trabalha], comprou um apartamento

b.

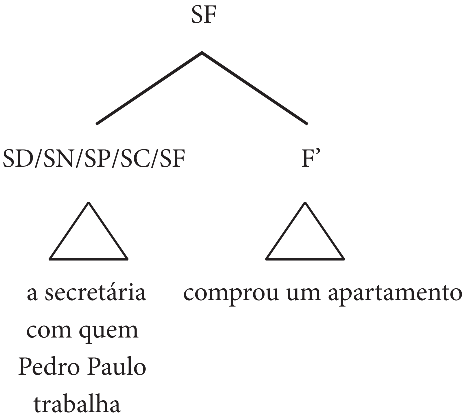
SF
SD/SN/SP/SC/SF
F'
a secretária com quem Pedro Paulo trabalha
comprou um apartamento

b'.

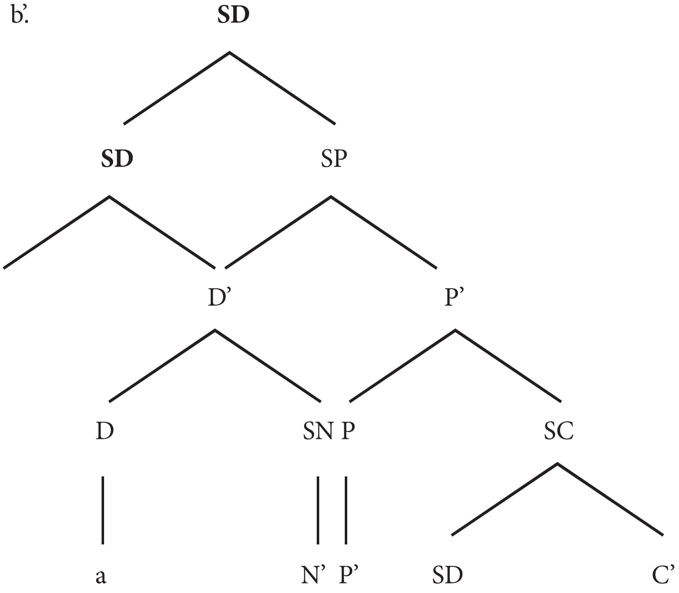
SD
SD
SP
D'
P'
D
SN P
SC
a
N' P'
SD
C'

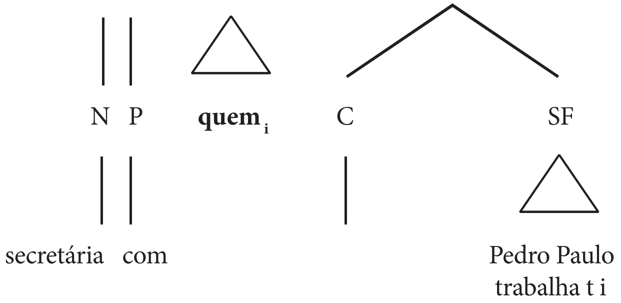

A sentença representada em (19b') é uma oração relativa não-restritiva – ver capítulo 6, subseção (3.2.). Em (19), exemplifica-se um conectivo do tipo 'expressão relativa': **com quem**, formado pela preposição *com* e pelo pronome relativo *quem*. Note que a expressão relativa *com quem* foi movida de dentro de uma posição argumental da sentença [*Pedro Paulo trabalha* t_i] – a posição de complemento oblíquo do verbo *trabalha*. A preposição *com*, do tipo funcional, move-se para a periferia esquerda da sentença, seguida de seu complemento, o pronome relativo *quem*.

Atente para o fato de que o pronome relativo assume a posição [Spec, SC]. No entanto, no português brasileiro, atestam-se construções relativas introduzidas por complementizador e não por pronome relativo como apresentamos a seguir.

3.2.1. *Estratégias de Relativas no Português do Brasil – o Preenchimento da Posição Núcleo de SC*

Vários pesquisadores – cf. Lemle (1978), Kato (1981, 1993), Tarallo (1983) – atestam que as orações relativas restritivas no português do Brasil (PB) apresentam quatro variantes[7]. São as relativas construídas com: (i) pronome relativo, (ii) pronome resumptivo, (iii) resumptivo lexical e (iv) relativas cortadoras, como exemplificam os dados (20a-d) respectivamente:

(20) a. O funcionário [**para quem** $_i$ você entregou as pastas **v**$_i$] veio hoje
b. O funcionário [**que** você entregou as pastas **para ele**] veio hoje
c. O funcionário [**que** você entregou as pastas **para o incompetente**] veio hoje
d. O funcionário [**que** você entregou as pastas] veio hoje

---

[7] Sobre *orações relativas restritivas*, ver Capítulo 6, subseção (3.2.1.).

O dado (20a) é um típico exemplo de *relativa restritiva*. Nesta oração, a relativa é construída com pronome relativo *quem* que ocupa a posição [Spec, SC]. No entanto, os exemplos (20b-d) têm comportamento distinto da oração (20a) como se vê a seguir.

3.2.1.1. *Relativas Construídas com Pronome Resumptivo*

Observe a sentença (20b), renumerada, seguida de sua estrutura:

(21) a. O funcionário [**que** você entregou as pastas **para ele**] veio hoje

b.

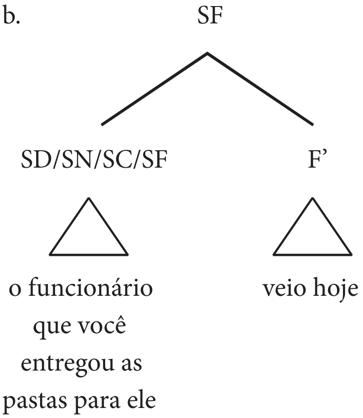
SF
SD/SN/SC/SF
F'
o funcionário que você entregou as pastas para ele
veio hoje

b'.

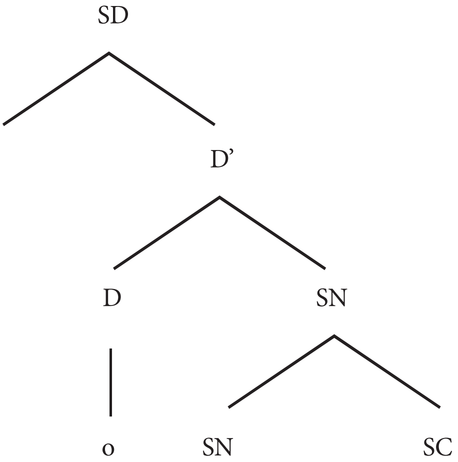
SD
D'
D
SN
o
SN
SC

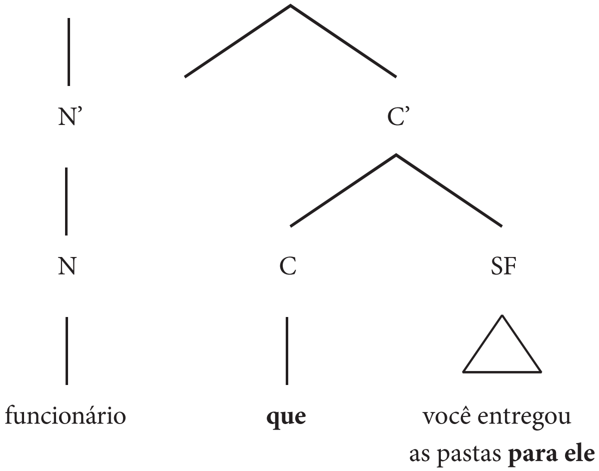

As sentenças relativas exemplificadas em (20b-d), apresentam o elemento **que**, introdutor da relativa. Um grupo de linguistas considera esse elemento como pronome relativo. Logo, para esses linguistas, o elemento *que* em (20b-d) é projetado na posição [Spec, SC]. No entanto, seguimos, neste livro, a análise de outro grupo de pesquisadores que considera que o elemento conectivo *que* em (20b-d) é um complementizador e não um pronome relativo. Logo, em sentenças como (20b-d), atesta-se, no português brasileiro, uma reavaliação do elemento introdutor de relativas.

Em (21a-b), o elemento *que*, introdutor da relativa – que analisamos como um complementizador – encontra-se no núcleo da categoria SC, o que demonstra que não houve movimento de um pronome de dentro da sentença para SC.

A estratégia de oração relativa exemplificada em (21) aponta para o preenchimento da posição relativizada por um pronome pessoal. Logo, o preenchimento da posição relativizada ratifica a análise que tomamos acima, em (21b,b’), para *relativas com pronome resumptivo*: não há movimento de dentro da oração relativa para a posição [Spec, SC].

Sentenças como (21) são conhecidas como “copiadora” ou “resumptiva”. Segundo Kato & Raposo (1996: 307):

> *Embora a norma padrão rejeite o resumptivo, principalmente quando no caso reto, ela absorve bem quando o pronome é possessivo* seu/sua *de terceira pessoa, conquanto essa interpretação esteja em desuso na fala coloquial.*
>
> *[14] Os países* que $_i$ *dependemos de* sua $_i$ *tecnologia para [...].*

3.2.1.2. *Relativas Construídas com Resumptivo Lexical*

Observe a sentença (20c), renumerada em:

(22) O funcionário [**que** você entregou as pastas para **o incompetente**] não veio hoje

Como em (21), o elemento **que** em (22) mantém o Complementizador invariável. A diferença entre (21) e (22) é que, em (22), o *resumptivo* não tem a forma de um pronome como em (21), mas sim a forma de um item lexical; uma expressão-R: *o incompetente*. Essa estratégia da relativa do PB falado é outra variação da relativa.

3.2.1.3. *Relativas Cortadoras*

Observe a sentença (20d), renumerada em:

(23) O funcionário [**que** você entregou as pastas] não veio hoje

Como em (21) e (22), o elemento *que* em (23) mantém o Complementizador invariável. A diferença é que, em (23), a posição relativizada sofre uma elipse do elemento resumptivo. Essa estratégia, conhecida como "relativa cortadora", foi apresentada por Tarallo (1983), um trabalho já clássico sobre a relativização em PB. Segundo o autor, relativas cortadoras são atestadas em dados a partir da metade do século XIX.

4. A INTERFACE SINTAXE/ DISCURSO:
A Explosão do Sintagma Complementizador

A interface sintaxe/ discurso tem sido objeto de estudos e análises em diferentes modelos teóricos formais, funcionalistas e gerativistas – cf. Ilari (1991) e Mioto

(2003), respectivamente. Tem sido ainda, tema de ampla discussão entre 'linguistas do texto' – cf. Villaça-Koch (2008). Duas categorias sintático/discursivas são bastante discutidas na literatura: *tópico* e *foco*.

4.1. *A Categoria Foco*

Nesta subseção, a fim de definirmos a categoria 'foco', baseamo-nos na seção (2) de Oliveira & Jorge (A sair).

O foco pode ser definido *"[...] em termos da noção discursiva de pressuposição: o foco é a parte não pressuposta da sentença."* – Zubizarreta (1998: 1).

Assume-se – seguindo Zubizarreta (1998) e Kiss (1998) – que a tipologia de *foco* envolve: (i) *foco de informação* (*foco assertivo*); (ii) *foco contrastivo*; (iii) *foco de listagem exaustiva*. A língua portuguesa marca tipologicamente, por meio da sintaxe (ordem e tipo sentencial – como clivagem e pseudo-clivagem) e da fonologia (entonação), os *focos* do tipo *assertivo* (ou de informação) e *contrastivo*[8].

Tomando como exemplo a noção de *foco contrastivo,* exemplifica-se a dicotomia *foco*/pressuposição assumida na literatura por meio dos exemplos abaixo de Zubizarreta (1988)[9]:

(24) João está vestindo uma camisa VERMELHA hoje (não uma camisa azul)
[João está vestindo uma camisa azul hoje]

(25) A_1: 'Existe um x tal que João está vestindo x
A_2: 'Não é o caso que o x (tal que João está vestindo x) = uma camisa azul
&
O x (tal que tal que João está vestindo x) = uma camisa vermelha

Zubizarreta (op. cit.) propõe que a interpretação de um constituinte focalizado deve ser representada por meio de duas asserções (A) no nível da Forma Lógica (LF): A_1, A_2, chamadas de "estrutura de asserção" pela autora. No caso de *foco contrastivo*, como se vê em (24), a asserção A_1, em (25), é constituída pela pressuposição existencial "João está vestindo uma camisa azul hoje". A asserção A_2 é composta de duas partes: (i) a primeira verifica a negação do valor de verdade atribuído, previamente, à variável x (uma camisa azul); (ii) a segunda atribui um novo valor de verdade para essa variável: "uma camisa vermelha".

---

[8] Sobre *foco* em português e especificamente em português brasileiro ver, entre outros: Braga, Kato & Mioto (A sair); Mioto & Negrão (2007).

[9] Zubizarreta (1998: 7); exemplos (14)-(15), renumerados e traduzidos.

Assim, por meio dos exemplos (24)-(25), exemplifica-se a dicotomia *foco*/pressuposição:

- *foco:* [camisa VERMELHA] – a parte não pressuposta da sentença;
- *pressuposição:* [camisa azul], parte da estrutura de asserção que é representada "pelo contexto".

A categoria *foco* perfaz uma interface com praticamente todas as áreas da gramática. Em línguas como o português, por exemplo, a *entonação* é uma marcação imprescindível para se assinalar o *foco*.

Considere a sentença (26), abaixo, com leitura de *foco contrastivo* incidindo, no caso, na expressão *legumes*, seguida da representação entonacional do *foco*:

(26) a. [LEGUMES $_F$] são uma boa fonte de vitamina (e não chocolate)

b. Diagrama entonacional de *foco contrastivo*[10]

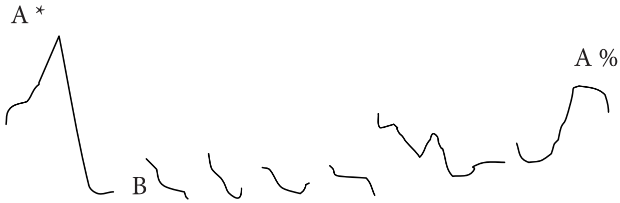

A* = marca o tom alto que é realizado na sílaba acentuada
B = tom baixo
A% = indica que a sentença não é uma simples asserção

No diagrama em (26b) apresenta-se uma das características fonológicas importantes do *foco* em línguas como o português: a *entonação*:

---

[10] Oliveira & Jorge (A sair) baseiam-se em Selkirk (1995: 551; figura (1)) para construírem o diagrama.

> *[...] as variações de altura do tom laríngeo que não incidem sobre um fonema ou uma sílaba, mais sobre uma seqüência mais longa (palavra, seqüência de palavras) e formam a curva melódica da frase. [...]*
>
> *Dubois et al (1998)*

O foco é a parte não pressuposta da sentença que afirma sobre algo. Zubizarreta (1998) usa testes de pergunta/ resposta para determinar o que chama de estrutura de *foco assertivo* como se vê em:

(27) a. O que João estuda?
b. João estuda [$_{\text{FOCO ASSERTIVO}}$ linguística]

Ao falarmos sobre marcação de *foco* é necessário ainda dizer que o *foco* pode ser marcado por meio de uma estrutura chamada de clivagem. Veja a sentença abaixo:

(28) [$_{\text{FOCO}}$ É um vestido que] Marta fez (_)

Em (28), temos um exemplo de uma estrutura dita *clivada* em que ocorre o movimento do [$_{\text{SD}}$ um vestido] para a periferia da sentença, 'ensanduichado' por *"é ... que"*, para efeitos de marcação de *foco*.

4.2. *A Categoria Tópico*

O *tópico*, segundo os funcionalistas e gerativistas, é uma categoria que representa um conhecimento comum, pressuposto, entre falantes em uma dada enunciação – cf. Raposo (1996), Zubizarreta (1997).

Observe um exemplo de *tópico* em:

(29) A Profa. Simone Caputo, ela é especialista em literatura africana caboverdiana

Em (29), vê-se um sintagma na periferia esquerda da sentença (*A Profa. Simone Caputo*), retomado por um elemento interno na sentença (*ela*). *A Profa. Simone Caputo* representa um conhecimento comum entre os interlocutores da sentença onde ela se insere; *A Profa. Simone Caputo* é o tópico; *Ela é especialista em literatura africana caboverdiana* é o comentário.

O estudo do tópico em linguística envolve uma tipologia que divide as línguas em:

(i) línguas de proeminência de tópico ou línguas orientadas para o discurso;
(ii) línguas de proeminência de sujeito ou orientadas para a sentença.

O português brasileiro apresenta os dois tipos de relação de predicação – cf. Berlink, Duarte & Oliveira (A sair; subseção (3.4.)). Observe as seguintes construções em:

Exemplo de predicação do tipo 'línguas de proeminência de tópico'
(30) Teatro, eu prefiro mais comédia

Exemplo de predicação do tipo 'línguas de proeminência de sujeito'
(31) No tocante a teatro, eu prefiro mais comédia

A sentença em (30) apresenta um elemento na posição de tópico: *teatro*. Este elemento conecta-se semanticamente com a sentença comentário *eu prefiro mais comédia*; no entanto não há uma conexão sintática do *SD teatro* com nenhum elemento interno à sentença comentário.

> *[...] Nossas GTs costumam apresentar sentenças semelhantes a essas, que exibem o que eles denominam "quebra na sintaxe", nas seções dedicadas às figuras de linguagem, chamando-as "anacolutos". Estudos lingüísticos recentes as tratam como "construções de tópico pendente" (cf. Brito, Duarte & Matos 2003). [...]*
>
> *Berlink, Duarte & Oliveira (A sair; subseção (3.4.1.))*

A sentença (31), semanticamente similar a (30), expressa o tópico projetado em uma construção introduzida por conectivo preposicionado. O tópico pode ainda ser expresso dentro de uma típica construção de sujeito/predicado.

O importante a ser ressaltado é que, principalmente no português brasileiro falado, estruturas de tópico como (30) – chamadas de tópico marcado – vêm sendo cada vez mais atestadas.

Dados como (29) e (30) exemplificam construções chamadas de *tópico marcado*:

> *[...] também conhecidas como de "duplo sujeito", sendo o "sujeito externo" o tópico (ou o sujeito do discurso) e o interno, o sujeito sintático, um argumento selecionado pelo predicador*

> *(externo e, às vezes, interno, [...]) que entra em relação de concordância com o verbo. As chamadas construções de tópico marcado não constituem, entretanto, um conjunto homogêneo, diferenciando-se conforme a conectividade entre o tópico e a sentença-comentário [...].*
>
> *Berlink, Duarte & Oliveira (A sair; subseção (3.4.))*

Duarte (1987) e Brito, Duarte & Matos (2003) apontam cinco tipos de *construções de tópico* no português europeu moderno:

(i) Tópico Pendente – este tópico é regido geralmente por uma expressão do tipo *quanto a*, *acerca de*, *no que diz respeito a*, como em:

(32) Acerca de ontem, é óbvio que existem pessoas aproveitadoras!

Observe que a relação sintática do tópico em (32) com o comentário é mínima.

(ii) Deslocamento à Esquerda do Tópico Pendente – este tipo de tópico possui uma relação sintática mais forte com o comentário, pois é retomado por um elemento pronominal na oração:

(33) A Helena, ela adora moda

(iii) Topicalização – o elemento topicalizado pode ser qualquer categoria sintagmática; sua retomada na oração é sempre uma categoria vazia, e não apenas um sintagma determinante – SD:

(34) A essa pessoa, não dou valor algum (_)

(iv) Deslocação à Esquerda Clítica (CLLD) – o tópico, na periferia esquerda da sentença, é sempre retomado por um pronome clítico que manifesta concordância de *caso*, *número* e *gênero* com o tópico:

(35) Aos de casa, dá-*lhes* tudo de melhor

(v) Topicalização Selvagem – diferencia-se da "Topicalização" porque o constituinte deslocado – no caso um PP – ocorre sem a preposição como em:

(36) Essa pessoa, não dou crédito algum (_)

Galves (1998), Pontes (1987), Kato (1989; 1993; 1999), Kato & Negrão (2000), Kato & Raposo (2006), Araújo (2006) são alguns exemplares da literatura dedicada ao estudo do *tópico* em PB. Em Galves (1998), apontam-se duas construções de *tópico* que ocorrem no PB e que não são atestadas em PE:

(i) Tópico Sujeito – é uma construção parecida com topicalização selvagem (ver (v) acima) por se tratar de um PP sem preposição na posição de tópico. No entanto, este *tópico* comporta-se como sujeito da sentença, pois manifesta concordância com o verbo:

(37) *Estas casas, batem sol*

Compare a sentença (37) com a sentença: *"Bate sol nestas casas"*.

(ii) Tópico com Pronome Lembrete – pode ser do tipo:

(a) sujeito deslocado

O sujeito é deslocado para a periferia da sentença, mas um pronome em posição pré-verbal o retoma e este pronome concorda com o verbo:

(38) Essa casa, *ela* é de madeira

(ii) SP ou locativo deslocado

O SP é deslocado sem a preposição (como em *tópico sujeito*), mas não manifesta concordância com o verbo; um pronome lembrete preposicionado é retomado na posição do SP na oração:

(39) Esta parede, bate sol *nela*

4.3. *O SC Explodido*

A estrutura do Sintagma Complementizador – SC – abordada até então, neste livro e neste capítulo, não possibilita a inserção de elementos marcados, presentes na periferia esquerda da sentença, como o *foco* e o *tópico* descritos em (4.1) e (4.2) respectivamente.

Rizzi (1977) – expandido em Rizzi (2002), (2004) – advoga que o movimento para a periferia esquerda envolve movimento por substituição para diferentes projeções X' acima de SF. O autor refina uma proposta que já vinha sendo argumentada por ele mesmo e por outros autores, de que o SC é um sistema formado por mais material que uma simples projeção X-barra. Segundo Rizzi (op. cit.), a idéia de que todo tipo de movimento deve ser motivado para satisfazer algum critério, justifica postular que a periferia esquerda da sentença hospeda uma estrutura rica e articulada de diferentes tipos sintagmáticos. Os vários constituintes da periferia esquerda respondem por: (1) tipo e forma da sentença – Sintagma de Força (SForça), Sintagma de Finitude (SFin); (2) codificar informações do tipo comentário e pressuposição – Sintagma Tópico (STop), Sintagma Foco (SFoc) . Este segundo subsistema codifica informações do tipo comentário (*tópico*) e pressuposição (*foco*). É o espaço estrutural que aloja constituintes com funções independentes de restrições selecionais como as existentes no subsistema ForceP/FinP. *Tópico* e *foco* só estão presentes na estrutura se requeridos. Logo, se *tópico* ou *foco* são ativados, eles encontram-se "ensanduichados" entre SForça e SFin. Abaixo, segue a estrutura do SC cindido proposto por Rizzi (1997)[11]:

(40) $[_{\text{SForça}}\ [_{\text{STop}}\ [_{\text{SFoco}}\ [_{\text{STop}}\ [_{\text{SFin}}\ [_{\text{SF}}\ ]]]]]]$

Portanto, se uma sentença projeta um *foco* na periferia esquerda da sentença, o SC explodido é acionado a fim de que haja uma posição para acomodar o sintagma foco – SFoc . Observe a sentença em:

---

[11] Rizzi (1997:335); dado (41), renumerado. Devido às diferentes posições que os operadores WH (QU) podem ocupar na estrutura do CP explodido e de sua relação de localidade com advérbios antepostos, a proposta do SC em Rizzi (1997) é ampliada em Rizzi (2002), que apresenta três posições de tópico – TopP –, uma posição de intensificador – IntP – (para hospedar os WHs altos) e uma posição de modificador – ModP – (para hospedar os elementos adverbiais ditos "proeminentes") como se vê em:
Force P TopP IntP Top P FocP ModP TopP FinP IP

(41) a. MARTA que pagou a conta (e não Luísa)

b. $[_{\text{SForça}}\ [_{\text{STop}}\ [_{\text{SFoco}}\ \textbf{MARTA}_{k}\ \textbf{que}\ [_{\text{STop}}\ [_{\text{SFin}}\ [_{\text{SF}}\ \textbf{t}_{k}\ \text{pagou}_{j}\ [_{\text{SV}}\ \textbf{t}_{k}\ \textbf{t}_{j}\ \text{a conta}]]]]]]]$

Estruturas como:

(41) Foi MARTA que pagou a conta

são conhecidas como "clivadas", no entanto, o tratamento estrutural dessas sentenças foge ao escopo deste capítulo e deste livro.

Em uma dada sentença apresentando tópico, o SC explodido é acionado a fim de que haja uma posição para acomodar o sintagma tópico – STop – como se vê em (29), renumerada, seguida de sua estrutura (simplificada)[12]:

(42) a. A Profa. Simone Caputo, *ela* é especialista em literatura africana caboverdiana

b. $[_{\text{SForça}}\ [_{\text{STop}}\ \textbf{A Profa. Simone Caputo}_{k}\ [_{\text{TopP}^{o}}\ [_{\text{SFoco}}\ [_{\text{STop}}\ [_{\text{SFin}}\ [_{\text{SF}}\ \textbf{ela é}_{j}\ [_{\text{SV}}\ \textbf{t}_{k}\ \textbf{t}_{j}\ \text{especialista em literatura africana caboverdiana}\ ]]]]]]]]$

Sobre *tópico e foco*, ver sugestão de leitura em *leituras complementares* – capítulo 8 – ao final deste livro.

Sobre *clivagem*, ver sugestão de leitura em *leituras complementares* – capítulo 8 – ao final deste livro.

5. Considerações Finais

Neste capítulo, apresentaram-se, com mais detalhes, aspectos do sintagma complementizador, como estruturas SC e ainda os *pronomes Q*, responsáveis sobre movimentos para a periferia esquerda da sentença. As diferenças entre complementizador, conjunção e conectivo foi ainda abordada e exemplificada.

---

[12] Não introduzimos, na estrutura, o "operador nulo" (advogado por Rizzi (op. cit.) envolvendo o tópico por questões de simplificação.

Na seção (3), enfatizou-se que a posição de especificador do SC é uma posição de pouso de elementos movidos de dentro de uma sentença; logo, pronomes relativos e conectivos relativos posicionam-se em [Spec, SC]. No entanto, no português brasileiro, alguns tipos de sentenças relativas são introduzidas por complementizadores.

Na seção (4), introduziram-se as categorias *foco* e *tópico*, ligadas à interface sintaxe/discurso e ainda o SC, cindido em categorias que permitem a projeção do *foco* e *tópico*.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, E. A. 2006. *As construções de tópico do português nos séculos XVIII e XIX: uma abordagem sintático-discursiva.* Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia.

BASÍLIO, M. 1980. *Estudos lexicais do português: uma abordagem gerativa.* São Paulo: Vozes. Vol. 18. Coleção Perspectivas Lingüísticas.

BAKER, M. 1988. *Incorporation.* Chicago: University of Chicago Press.

BAXTER, A. N. 1992. A contribuição das comunidades Afro-Brasileiras isoladas para o debate sobre a crioulização prévia: um exemplo do Estado da Bahia. In *Actas do Colóquio sobre "Crioulos de Base Lexical Portuguesa"*, ed. E. d"Andrade, A. Kihm, p. 7-35. Lisboa: Colibri.

BECHARA, I. 2006. *Moderna gramática portuguesa.* 37 ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Editora Lucerna.

BERLINK, R. A.; AUGUSTO, M. R. A.; SCHER, A. P. 2001. Sintaxe. In *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras,* orgs. F. Mussalim, A. C. Bentes, p. 207-244. São Paulo: Cortez. Vol. 1.

BERLINK, R. de A.; DUARTE, M. E. L.; OLIVEIRA, M. de. A sair. Predicação. In *Gramática do português culto falado no Brasil A construção da sentença*, orgs. M. A Kato, M. do Nascimento. Campinas: Editora da UNICAMP. Cap. 3.

BICKERTON, D. 1981. *Roots of language.* Ann Arbor: Karoma.

BONVINI, E. 2008. Línguas africanas e português falado no Brasil. In *África no Brasil – a formação da língua portuguesa,* orgs. M. M. T. Petter, J. L. Fiorin, p. 15-62. São Paulo: Contexto,.

BORGES NETO, J. A. 2004. O empreendimento gerativo. In *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*, orgs. F. Mussalim, A. C. Bentes. São Paulo: Cortez. Vol. 3.

BRAGA, M. L.; KATO, M. A.; MIOTO, C. A sair. As sentenças interrogativas-Q. In *Gramática do português culto falado no Brasil A construção da sentença***,** orgs. M. A Kato, M. do Nascimento. Campinas: Editora da UNICAMP. Cap. 5, seção (5.4.): As construções-Q no português brasileiro falado: relativas, clivadas e interrogativas.

BRESNAN, J.; GRIMSHAW J. 1978. The syntax of free relatives in English. *Linguist Inquiry* , *9*(3): 331-391.

BRITO, A. M. 2003a. Categorias sintáticas. In *Gramática da língua portuguesa,* eds. M. H. Mira Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria et al, p. 417-432. 7 ed. Lisboa: Editorial Caminho. Parte IV – Aspectos sintáticos da gramática do português. Cap. 11.

BRITO, A. M. 2003b. Subordinação adverbial. In *Gramática da língua portuguesa,* eds. M. H. Mira Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria et al, p. 696-728. 7 ed. Lisboa: Editorial Caminho, Parte IV – Aspectos sintáticos da gramática do português. Cap. 17.

BRITO, A. M.; DUARTE, I. 2003. Orações relativas e construções aparentadas. In *Gramática da língua portuguesa,* eds. M. H. Mira Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria et al, p. 653-694. 7 ed. Lisboa: Editorial Caminho. Parte IV – Aspectos sintáticos da gramática do português. Cap. 16.

BRITO, A .M.; DUARTE, I.; MATOS, G. 2003. Frases com tópicos marcados. In *Gramática da língua portuguesa,* eds. M. H. Mira Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria et al, p. 433-488. 7 ed. Lisboa: Editorial Caminho. Parte IV – Aspectos sintáticos da gramática do português. Cap. 12.

BURZIO, L. 1986. *Italian Syntax.* Dordrecht: Reidel.

CAMPOS, E. A.; OLIVEIRA, M. S. D. de. 2008. Português brasileiro e a região norte do país – "Picaretas em punho: vamos cavar!". Manuscrito.

CARNIE, A. 2002. *Syntax – a generative introduction.* Malden, USA: Blackwell.

CASTILHO, A. T. 1968. Introdução ao Estudo do Aspecto Verbal na Língua Portuguesa. *ALFA* (12): 11-133.

CASTILHO, A. T. de. 2006. Apresentação. In *Gramática do português culto falado no Brasil – construção do texto falado,* orgs. C. C. A. S. Jubran, I. G. V. Koch, p. 7-26. Campinas: Editora da UNICAMP. Vol. 1.

________. (org.). 2002. *Gramática do Português Falado*. 4 ed. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP. Vol. 1.

________. 2006. Apresentação. In *Gramática do português culto falado no Brasil – construção do texto falado,* orgs. C. C. A. S. Jubran, I. G. V. Koch, p. 7-26. Campinas: Editora da UNICAMP. Vol. 1.

________. (org.). 2009a. *História do português paulista.* Campinas, SP: UNICAMP/ Publicações IEL. Série Estudos. Vol. 1.

________. 2009b. Para uma análise multissistêmica das preposições. In *História do português paulista,* org. A. T. Castilho, p. 279-332. Campinas, SP: UNICAMP/ Publicações IEL. Série Estudos. Vol. 1.

CASTILHO, A. T., TORRES MORAIS, M. A., LOPES, R. E. V., CYRINO, S. M. (orgs.). 2007. *Descrição, história e aquisição do português brasileiro.* Campinas, SP: Pontes/ FAPESP.

CEGALLA, D. P. 1993. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 36 ed. São Paulo: Editora Nacional.

CHAGAS, P. 2002. A mudança lingüística. In: *Introdução à lingüística: objetos teóricos*, ed. J. L. Fiorin, p. 141-164. São Paulo: Contexto.

CHIERCHIA, G. 2003. *Semântica*. Trad.: L. A. Paggani, L. Negri, R. Ilari. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Londrina, Pr.: EDUEL.

CHOMSKY, N. 1957. *Syntactic structures*. Haia, Mouton.

________. 1965. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, Mass., The MIT Press.

________. 1970. Remarks on nominalization. In *Readings in English Tranformational Grammar*, orgs. R. Jacobs, P. Rosebaum, p. 184-221. Waltham, Mass.: Braisdell.

________. 1973. Conditions on transformations. In *A Festschrift for Morris Halle*, eds. S. Anderson, P. Kiparsky, p. 232-286. Nova Iorque: Holt, Rinehart and Winston.

________. 1975. *The logical structure of linguistic theory.* Chicago: University of Chicago Press.

________. 1980. On binding. *Linguistic Inquiry* 11 (1): 1-46.

________. 1981. *Lectures on government and binding.* Dordrecht: Foris.

________. 1982. *Some concepts and consequences of the Theory of Government and Binding.* Cambridge, Mass: The MIT Press.

________. 1986. *Barriers.* Cambridge, Mass.: MIT Press.

________. 1988. *Language and problems of knowledge: The Managua Lectures*, Cambridge: M.I.T. Press.

________. 1995. *The minimalist programm.* Cambridge, Mass.: MIT Press.

________. 2000a. Minimalist inquiries: The framework. In *Step by step: Essays on Minimalist Syntax in honor of Howard Lasnik*, eds. R. Martin, D. Michaels, J. Uriagereka, p. 89-156. Cambridge. Mass. MIT Press.

________. 2000b. Derivation by phase. In *Ken Halle. A life in Language,* ed. M. Kenstowicz, p.1-52. Cambridge Mass. MIT Press.

________. 2005. Novos horizontes no estudo da linguagem. In *Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente*, p. 29-5. Trad.: Marco Antônio Sant'Anna. São Paulo: Editora UNESP

CHOMSKY, N.; HALLE, M. 1968. *The sound pattern of English*. New York: Harper & Row.

CHOMSKY, N.; LASNIK, H. 1993. Principles and Parameters Theory, in *Syntax: An International Handbook of Contemporary Research*, Berlin: de Gruyter.

COOPER, R. 1983. *Quantification and syntactic theory.* Dordrecht: D. Reídle.

CRYSTAL, D. 1988. *Dicionário de lingüística e fonética.* Trad.: Maria C. P. Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

CYRINO, S. M. L. 1994. *O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico.* Tese de Doutorado. Campinas, SP: UNICAMP.

CYRINO, S. M. L.; DUARTE, M. E.; KATO, M. A. 2000. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*, ed. M. A. Kato, E. V. Negrão, p. 55-74. Frankfurt Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana.

CYRINO, S., NUNES, J., PAGOTTO, E. A sair. Complementação. In *Gramática do português culto falado no Brasil A construção da sentença*, orgs. M. A Kato, M. do Nascimento. Campinas: Editora da UNICAMP. Cap. 2.

DE VRIES, M. 2002. *The syntax of Relativization.* The Netherlands: LOT.

DICKSON, A. A. 1995. The Case of the Bound Object Complement in Ibibio. Paper presented at the 14th Annual Conference of the Linguistic Association of Nigeria (LAN), Ondo State University, Ado-Ekiti.

DUARTE, M. I. 1987. A construção de topicalização na gramática do português: regência, ligação e condições sobre movimento. Tese de doutorado. Universidade de Lisboa.

DUBOIS, J. et alii. 1993. *Dicionário de lingüística.* São Paulo: Cultrix.

DUARTE, I. 2003a. Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras. In *Gramática da língua portuguesa,* eds. M. H. Mira Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria et al, p. 275-324. 7 ed. Lisboa: Editorial Caminho. Parte IV – Aspectos sintáticos da gramática do português. Cap. 10.

DUARTE, I. 2003b. A família das construções inacusativas. In *Gramática da língua portuguesa,* eds. M. H. Mira Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria et al, p. 507-548. 7 ed. Lisboa: Editorial Caminho. Parte IV – Aspectos sintáticos da gramática do português. Cap. 13.

DUARTE, I. 2003c. Subordinação completiva – as orações completivas. In *Gramática da língua portuguesa,* eds. M. H. Mira Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria et al, p. 7 ed. Lisboa: Editorial Caminho. Parte IV – Aspectos sintáticos da gramática do português. Cap. 15.

DUARTE, M. E. L. 1996. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In O *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*, orgs. I. Roberts,M. A. Kato., p. 107-28. Campinas: Editora da UNICAMP.

DUARTE, I.; BRITO. A. M. 2003. Predicação e classes de predicadores verbais. In *Gramática da língua portuguesa,* eds. M. H. Mira Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria et al, p. 179-204. 7 ed. Lisboa: Editorial Caminho. Parte III – Aspectos semânticos da gramática do português. Cap. 7.

ELIA, S. 1979. *A unidade lingüística do Brasil.* Rio de Janeiro: Padrão.

Estimativas da população para 1º de julho de 2009 (PDF). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2009/POP2009_DOU.pdf(Acesso em 12 de setembro de 2008).

EVERETT, D. L. 1992. *A língua pirahã e a teoria da sintaxe: descrição, perspectivas e teoria*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.

FARACO, C. A. 2004. Estudos Pré-Saussurianos. In *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*, orgs. F. Mussalim, A. C. Bentes, p. 27-52. São Paulo: Cortez. Vol. 3.

FARIA, I. H. 2003. Contacto, variação e mudança linguística. In *Gramática da língua portuguesa,* eds. M. H. Mira Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria et al, p.31-38. 7 ed. Lisboa: Editorial Caminho. Parte I – Língua Portuguesa: Unidade e Diversidade. Cap. 2.

FIGUEIREDO E SILVA, M. C. 1996. *A posição sujeito no português brasileiro: frases finitas e infinitas.* Campinas: Editora da UNICAMP.

FIORIN, J. L. (org.). 2002. *Introdução à lingüística I.* São Paulo: Contexto. Vol. 1: objetos teóricos.

________. (org.). 2003. *Introdução à lingüística II.* São Paulo: Contexto. Vol. 2: princípios de análise.

FIORIN, J. L., PETTER, M. M. T. (orgs.). 2008. *África no Brasil – a formação da língua portuguesa.* São Paulo: Contexto.

FRANCHI, C., NEGRÃO, E. V., MÜLLER, A. L. de P. 1998. Um exemplo de argumentação em sintaxe. *Revista da ANPOLL* (5): 37-63.

FREIRE, G. C. 2000. Os clíticos de terceira pessoa e as estratégias para sua substituição na fala culta brasileira e lusitana. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

________. 2005. *A Realização do Acusativo e do Dativo Anafórico de 3ª. Pessoa na Escrita Brasileira e Lusitana*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

GABAS JR., N. 2003. Lingüística histórica. In *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras.* orgs. F. Mussalim, A. C. Bentes, p. 77-104. 3 ed. São Paulo: Cortez.

GALVES, Ch. 1987. A Sintaxe do Português Brasileiro. *Ensaios de Linguística* (13): 31-50.

GALVES, Ch. 1998. Tópicos e Sujeitos, Pronomes e Concordância no Português Brasileiro. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* (24): 19-31.

________. 2001. *Ensaios sobre as gramáticas do português.* Campinas, Editora da UNICAMP.

GALVES, Ch., ABAURRE, M. B. 1996. Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica. In *Gramática do português falado,* orgs. A. T. Castilho, M. Basílio, p. 273-319. Campinas: UNICAMP; São Paulo: FAPESP. Estudos Descritivos, 4.

GALVES, Ch.,TORRES MORAES, M.A RIBEIRO, I. 2005. Syntax and morphology in the placement of clitics in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics.* 4(2): 143-177.

GIVÓN. T. 1984. *Syntax: a functional-typological introduction.* Amsterdam: Benjamins. Vol. I.

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. 2007. *Introdução à gramaticalização – em homenagem a Maria Luiza Braga.* São Paulo: Parábola Editorial.

GUY, G. R. 1981. *Linguistic Variation in Brazilian Portuguese: Aspects of Phonology, Syntax and Language History.* Phd dissertation, University or Pennsylvania. Ann Arbor: University Microfilms.

________. 1989. On the nature and origins of Popular Brazilian Portugese. *Estudios sobre Español de América y Linguistica Afroamericana.* Bogotá, Instituo Caro y Cuervo.

HAEGEMAN, L. 1999. *Introduction to government and binding theory.* 2. ed. Oxford: Blackwell.

HALE, K.; KEYSER, S. J. 1993. On argument structure and the lexical expression of semantic relations. In *The view from building 20,* eds. K. Hale, S. J. Keyser, p. 53-109. Cambridge, Mass.: MIT Press.

HALLE, M., MARANTZ, A. 1993. Distributed morphology and the pieces of inflection. In *The view from building 20*, orgs. K. Halle, S. J. Kayser, p. 111-176. Cambridge, Mass.: MIT Press,

HASPELMATH, M. 1977. *Indefinite pronouns.* Oxford studies in typology and linguistic theory. Oxford: Oxford University Press.

HOLM, J. 1987. Creole influence on Popular Brazilian Portuguese. In *Pidgin and Creole Languages*, ed. G. Gilbert, p. 406-429. Honolulu: University of Hawaii Press.

________. 1992. Popular Brazilian Portuguese: a semi-creole. In *Actas do Coloquio sobre "Crioulos de base lexical portuguesa"*, Eds. E. D'Andrade, A. Kihm, p. 37-66. Lisboa: Edições Colibri.

HOLM, J. 2004. *Languages in contact – the partial restructuring of vernaculars.* Cambridge: Cambridge University Press.

HORNSTEIN, N; NUNES, J; GROHMANN, K. K. 2005.*Understanding minimalism.* Cambridge, MA.: Cambridge University Press.

ILARI, R. 1991. *Perspectiva funcional da frase portuguesa.* 2. ed. Campinas, SP: UNICAMP.

________. 2004. O estruturalismo lingüístico: alguns caminhos. In *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*, orgs. F. Mussalim, A. C. Bentes, p. 53-92. São Paulo: Cortez. Vol. 3.

ILARI et al. 1996. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para a análise. In *Gramática do português falado*, orgs. A. T. Castilho, M. Basílio, p. 72-159. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: FAPESP. Volume IV: estudos descritivos.

ILARI, R.; BASSO, R. 2006. *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos.* São Paulo: Contexto.

ILARI, R., MOURA NEVES, M. H. (orgs.). 2008. *Gramática do Português Culto Falado no Brasil – Classes de palavras e processos de construção.* Campinas: Editora da UNICAMP. Vol. II.

ILARI, R., CASTILHO, A. T., ALMEIDA, M. L. L. de, KLEPPA, L., BASSO, R. M. 2008. A preposição. In *Gramática do Português Culto Falado no Brasi***l** *– Classes de palavras e processos de construção,* **orgs. R. Ilari, M. H. Moura Neves,** p. 623-804. Campinas: Editora da UNICAMP. Vol. II.

INFANTE, U. 1995. *Gramática aplicada aos textos*. São Paulo: Scipione.

LUFT, C. P. et al. 2005. *Novo Manual de Português*. 6 ed. rev. e atual. São Paulo: Globo.

JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (orgs.). 2006. *Gramática do português culto falado no Brasil – construção do texto falado.* Campinas: Editora da UNICAMP. Vol. 1.

KATO, M. A. 1981. Orações relativas: variação universal e variação individual no português do Brasil. *Estudos Lingüísticos* (V): 1-16.

________. 1989. Sujeito e tópico: duas categorias na sintaxe? *Cadernos de Estudos Lingüísticos* (17): 109-132. Campinas: UNICAMP.

________. 1993. Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica. In *O Português Brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo*, orgs. I. Roberts, M.A. Kato, p. 223-262. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP.

________. 1999. Strong and weak pronominals in the null subject parameter. *Probus* (11): 1-37.

KATO, M. A.; MIOTO, C. A sair. A arquitetura da gramática. In *Gramática do português culto falado no Brasil A construção da sentença*, orgs. M. A. Kato, M. do Nascimento. Campinas: Editora da UNICAMP. Cap. 1.

KATO, M. A., NEGRÃO, E.V. (orgs). 2000. *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurtam Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana.

KATO, M.A., RAPOSO, E. 1996. European and Brazilian word order; questions, focus and topic construction. In *Romance Linguistics in Los Angeles,* orgs. C. Parodi, C.Quicoli, M. L.Zubizarreta, p. 267-277. Washington: Georgetown University Press.

KATO, M. A; RAPOSO, E. 2006. Topicalization in European and Brazilian Portuguese. Paper presented at the University of Rutgers.

KEWITZ, V. 2009. Gramaticalização, semanticização e discursivização das preposições a e para no Português Brasileiro (séculos XIX e XX). In *História do português paulista*, org. A. T. Castilho, p. 603-636. Campinas, SP: UNICAMP/ Publicações IEL. Série Estudos. Vol. 1.

KISS, K. 1998. Identificacional focus versus information focus. *Language*: 74(2) : 245-273.

KLEIN, S. Foco no português brasileiro. 2003. In *Semântica formal,* orgs. A. L. de P. Muller, E. V. Negrão, M. J. Foltran, p.125-153. São Paulo: Contexto.

LEMLE, M. 1978. Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa. In *Lingüística e ensino do vernáculo*, org. L. M. P. LOBATO, p. 60-94. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

LEMLE, M. 1984. *Análise sintática (teoria geral e descrição do português).* São Paulo: Ática. Ensaios 106.

LOBATO, L. M. P. 1976. *Sintaxe gerativa do português: da teoria padrão à teoria da regência e ligação.* Belo Horizonte: Vigília.

________. (org.). 1978. *Lingüística e ensino do vernácul.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

________. 1988. *Sintaxe gerativa do português: da teoria padrão à teoria da regência e ligação – manual do professor.* Belo Horizonte: Vigília.

LOPES, C. R. S.; RUMEU, M. C. B. 2007. O quadro dos pronomes pessoais do português: as mudanças na especificação dos traços intrínsecos. In *Descrição, história e aquisição do português brasileiro,* orgs. A. T. Castilho, M. A. Torres Morais, S. M. L. Cyrino, R. E. V. Lopes, p. 419-437. Campinas, SP: Pontes/ FAPESP.

LUCCHESI, D. 2000. A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira: novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

LUCCHESI, D., BAXTER, A., RIBEIRO, I. (orgs.). 2009. O Português Afro-Brasileiro. Salvador: EDUFBA.

MATEUS, M. H. M. 2003a. O tempo e o espaço na língua portuguesa. In *Gramática da língua portuguesa,* eds. M. H. Mira Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria et al, p. 23-30. 7 ed. Lisboa: Editorial Caminho. Parte I – Língua Portuguesa: Unidade e Diversidade. Cap. 1.

________. 2003b. Dialectos e variedades do português. In *Gramática da língua portuguesa,* eds. M. H. Mira Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria et al, p. 39-54. 7 ed. Lisboa: Editorial Caminho. Parte I – Língua Portuguesa: Unidade e Diversidade. Cap. 3.

MATOS, G. 2003. Estruturas de coordenação. In *Gramática da língua portuguesa,* eds. M. H. Mira Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria et al, p.549-589. 7 ed. Lisboa: Editorial Caminho. Parte IV – Aspectos sintáticos da gramática do português. Cap. 14.

MATTOSO CÂMARA JR., J. 1972. Ele como um acusativo no Portugês do Brasil. In *Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.,* C. E. F. Uchoa (sel. e introdução), p.47-53. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. No 1.

________. 1975. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão.

MELASSO, J. G. 2008. *Introdução à teoria e prática do latim.* 3 ed. Brasília: Editora da UnB.

MENDONÇA, R. 1933. *A influência africana no português do Brasil.* Rio de Janeiro: Sauer.

MELO, G. C. de. 1946. *A língua do Brasil*. Rio de Janeiro: Padrão.

MESQUITA, R. M. 1997. *Gramática da língua portuguesa*. 6 ed. São Paulo: Editora Saraiva.

MIOTO, C. 2003. Focalização como quantificação. *Revista Letras*, p. 169-189. Curitiba: Editora da UFPR.

MIOTO, C.; FIGUEIREDO SILVA, M. C.; VASCONCELOS, R. E. 2004. *Novo manual de sintaxe.* Florianópolis: Insular.

MIOTO, C.; NEGRÃO, E. V. 2007. As sentenças clivadas não contêm uma relativa. In *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*, orgs. A. T. Castilho, M. A. Torres Morais, S. M. L. Cyrino, R. E. V. Lopes, p. 159-184. Campinas, SP: Pontes/ FAPESP.

MIRA MATEUS, M. H.; BRITO, A. M.; DUARTE, I.; FARIA, I. H. et al. 2003. *Gramática da língua portuguesa.* 7 ed. Lisboa: Editorial Caminho.

MODESTO, M. 2003. A interpretação das sentenças clivadas. In *Semântica formal,* orgs. A. L. de P. Muller, E. V. Negrão, M. J. Foltran, p. 189-204. São Paulo: Contexto.

MONTEIRO, J. L. 1994. *Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil.* Fortaleza: EUFC.

MUSSALIM, F., BENTES, A. C. (orgs.). 2004. *Introdução à lingüística: fundamentos* MULLER, A.;*Semântica formal,* orgs. A. L. de P. Muller, E. V. Negrão, M. J. Foltran, p. 189-204. São Paulo: Contexto.

MULLER, A. L. de P., NEGRÃO, E. V., FOLTRAN, M. J. 2003. *Semântica formal.* São Paulo: Contexto.

MULLER, A. L. de, VIOTTI, E. 2003. Semântica Formal. In *Introdução à Lingüística II – Princípios de Análise*, org. J. L. Fiorin, p. 137-159. São Paulo: Contexto.

NARO, A., SCHERRE, M. 1993. Sobre as origens do Português Popular do Brasil, *Revista D.E.L.T.A.(9,* nº especial. São Paulo.

________. 2007. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial.

NEGRÃO, E. V. 1992. Tem uma história que eu quero contar que começa assim: peculiaridades de uma sentença existencial. *Cadernos de Estudos Lingüísticos (22)*: 81-90.

________. 1999. *O Português brasileiro: uma língua voltada para o discurso.* Tese de Livre Docência. São Paulo: Universidade de São Paulo.

________. 1994. As relativas livres no PB: efeito de conformidade categorial. *Anais de Seminários do GEL* (2)1036-1042.

NEGRÃO, E. V., SCHER, A., VIOTTI, E. 2002. A competência lingüística. In *Introdução à lingüística I – objetos teóricos*, org. J. L. Fiorin, p. 95-120. São Paulo: Contexto.

________. 2003. Sintaxe: explorando a estrutura da sentença. In *Introdução à Lingüística II – Princípios de Análise*, org. J. L. Fiorin, p. 81-111. São Paulo: Contexto.

NETO, J. B. 2008. O empreendimento gerativo. In *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos,* orgs. F. Mussalim, A. C. Bentes, p. 93-130.: São Paulo: Cortez. Vol. 3.

NETO, P. C., INFANTE, U. 2003. *Gramática da língua portuguesa.* São Paulo: Scipione.

NEVES, M. H. M. 2000. *Gramática de usos do português.* São Paulo: Editora da UNESP.

NICOLA, J. de; INFANTE, U. 1997. *Gramática contemporânea da língua portuguesa.* 15 ed. São Paulo: Scipione.

NOLL, V. 2008. *O português brasileiro: formação e contrastes.* Trad.: Mário Viaro. Rio de Janeiro: Globo.

NONATO, R. B. 2008. Movimento verbal, caso e concordância. *Anais do SETA,* v. 2. http://www.iel.unicamp.br/ revista/ (Acesso em 20 de agosto, 2009).

NUNES, J. 1993. Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro. In *O Português Brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo*, orgs. M. A. Kato, I. Roberts. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP.

OLIVEIRA, F. 2003a. Tempo e aspecto. In *Gramática da língua portuguesa,* eds. M. H. Mira Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria et al, p. 127-173. 7 ed. Lisboa: Editorial Caminho. Parte III – Aspectos semânticos da gramática do português. Cap. 6.

________. 2003b. Modalidade e modo. In *Gramática da língua portuguesa,* eds. M. H. Mira Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria et al, p. 243-254. 7 ed. Lisboa: Editorial Caminho. Parte III – Aspectos semânticos da gramática do português. Cap. 9.

OLIVEIRA, M. S. D. 2008. *Línguas africanas - breves considerações sobre seu conhecimento e pesquisa e sua relação com o português do Brasil*, p. 55-66. Guavira Letras, TUDOTECA. Universidade do Mato Grosso do Sul.

OLIVEIRA, M. S. S. de; JORGE, L. T. A sair. A categoria 'tempo' e a interface discurso/gramática: 'foco' em português – investigações preliminares à luz de um fenômeno areal africano. *Série Trilhas Linguísticas.* Araraquara: UNESP, Araraquara.

OLIVEIRA, M. S. D. de; FERNANDES, J. T. V. n. d. Aspectos etnolinguísticos da fala em uma comunidade quilombola do Pará: Jursussaca. São Paulo. Manuscrito.

OLIVEIRA, R. P. 2001. *Semântica formal: uma breve introdução*. Campinas, SP: Mercado das Letras. Coleção Idéias sobre Linguagem.

________. 2004. Formalismos na lingüística: uma reflexão crítica. In *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos,* orgs. F. Mussalim, A. C. Bentes, p. 219-250. São Paulo: Cortez. Vol. 3.

PAGOTTO, E. G. 2007. Crioulo sim, crioulo não – uma agenda de problemas. In *Descrição, história e aquisição do português brasileiro,* orgs. A. T. Castilho, M. A. Torres Morais, S. M. L. Cyrino, R. E. V. Lopes, p. 461-482. Campinas, SP: Pontes/ FAPESP.

PAYNE, T. E. 1999. *Describing morpho-syntax – a guide for field linguistcs.* Cambridge: Cambridge University Press.

PASQUALE, C. N.; ULISSES, I. 2003. *Gramática da língua portuguesa.* São Paulo: Scipione.

PERINI, M. A. 1989. *Sintaxe do português: metodologia e funções*. São Paulo: Ática.

PERLMUTTER, D. 1978. Impersonal passive and the unaccusative hypothesis. BLS (4): 157-189.

PETTER, M. M. T. 2008a. Langues africaines au Br´sil : contact des langues et changement linguistique. *Séminanaire d'Histoire & d'Épistemologie des Sciences du Langage.* Université de São Paulo avec Université Paris 7.

________. 2008b. Variedades lingüísticas em contato: português angolano, português brasileiro e português moçambicano. Tese de Livre Docência. São Paulo: Universidade de São Paulo.

PETTER, M. M. T.; CARON, B. (coordenadores). 2005. Projeto: a participação das línguas africanas na constituição do português brasileiro.

PEZZATI, E. G. 2004. O funcionalismo em lingüística. In *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos,* orgs. F. Mussalim, A. C. Bentes, p. 165-218. São Paulo: Cortez. Vol. 3.

POLLI, T. C. 2002. Advérbios em 'mente'. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo.

________. 2008. A periferia esquerda no português brasileiro. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

PONTES, E. S. L. 1987. *Sujeito: da sintaxe ao discurso.* São Paulo: Ática/ Pró-Memória; Brasília: Instituto Nacional do Livro. Ensaios, 125.

________. *O tópico no português do Brasil.* 1987. Campinas, SP: Pontes.

POSTAL, P. 1974. *On Raising: One Rule of English Grammar and Its Theoretical Implications.* Cambridge, MA: MIT Press.

PRETI, J. 2003. Apresentação. In *Análise de textos orais*, org. J. Pretti. 6 ed. São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP. Série Projetos Paralelos. Vol. 1.

QUAREZEMIN, S. 2005. A focalização do sujeito no português brasileiro. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina.

QUINT, N. 2008. *A realização do sujeito em português do Brasil: deriva vesrus Crioulização.* In *África no Brasil – a formação da língua portuguesa,* org. J. L. Fiorin, M. M. T. Petter, p. 101-144. São Paulo: Contexto.

RADFORD, A. 1988. *Transformational grammar: a first course.* Cambridge: Cambridge University Press.

RAIMUNDO, J. 1933. *O elemento afro-negro na língua portuguesa.* Rio de Janeiro: Renascença.

RAMOS, C. 1999. O clítico de terceira pessoa: um estudo comparativo português brasileiro/espanhol. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Alagoas.

RAPOSO, E. 1996. Towards a unification of topic constructions. UCSB.

ROBERTS, I.; KATO, M. A. (orgs). 1996. *O Português Brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo.* Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP.

ROCHA, M. A. F.; LOPES, R. E. V. A sair. Adjunção. In *Gramática do português culto falado no Brasil A construção da sentença*, **orgs. M. A. Kato, M. do Nascimento**. Campinas: Editora da UNICAMP. Cap. 4.

RIZZI, L. 1997. The fine structure of the left periphery. In *Elements of grammar: handbook of generative syntax*, org. L. Haegman, p.281-337. London: Klwer Academic Publishers.

________. 2002. http://www.ciscl.unisi.it/doc-pub/rizzi2002-locality&left-periphery.doc (Acesso em 12 de agosto, 2008).

________. 2004. On the form of chains: criterial positions and ECP effects. http://www.ciscl.unisi.it/doc-pub/rizzi (Acesso em 12 de agosto, 2008).

ROBERTS, I & M.A. KATO. (orgs.) 1993. O *português brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas: Editora da Unicamp. (2ª edição 1996).

ROSS, J. R. 1967. Constraints on variables in syntax. Tese de Doutorado, MIT. Reproduzido em Blomington, Indiana: Indiana University Linguistics Club.

SAUSSURE, F. de. 1985. *Curso de lingüística geral.* São Paulo: Cultrix.

SALTARELI, M., ZUBIZARRETA, M. L. (eds.). *Aspects of Romance Linguistics. Selected Papers from the LSRL XXVI,* p. 267-278. Washington: Georgetown University Press.

SCHER, A. 2004. As construções com o verbo leve *dar* e nominalizações em *-ada* no Português do Brasil. Tese de doutorado. Universidade de Campinas.

SELKIRK, E. 1995. Sentence prosody: intonation, stress, and phrasing. In *Phonological theory*, ed. J. A. Goldsmith, p. 550-569. Oxford: Blackwell.

SHACHTER, P. 1985. Parts-of-speech systems. In *Language, typology and syntactic description 1: clause structure,* ed. T. Shopen, p. 3-61.Cambridge: Cambridge University Press.

SHOPEN, T. 1985. *Language, typology and syntactic description 1: clause structure*. Cambridge: Cambridge University Press.

SILVA, M. C. F. 2004. Os anos 1990 na Gramática Gerativa. In *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*, orgs. F. Mussalim, A. C. Bentes, p. 131-165. São Paulo: Cortez. Vol. 3.

SILVA NETO, S. 1963. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil.* Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/MEC.

SILVA, R. V. M. 2006. O nome e o sintagma nominal: morfologia e estrutura. In *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe,* p. 99-116. São Paulo: Contexto.

SOUZA, E. R. F. 2004. Os advérbios focalizadores no português falado do Brasil: uma abordagem funcionalista. Dissertação de Mestrado. UNESP/São José do Rio Preto.

TARALLO, F. 1983. *Relativization stratgies in Brazilian Portuguese.* Ph. D. Dissertation. University of Pensnsylvania.

________. 1993a. Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias (Fernando Tarallo – 1951-1992). In *O Português Brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo,* orgs. I. Roberts, M. A. Kato, p. 35-68. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.

________. 1993b. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX (Fernando Tarallo – 1951-1992). In *O Português Bra-*

sileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo, orgs. I. Roberts, M. A. Kato, p. 69-106. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.

TORRES MORAIS, M. A. C. R.; BERLINCK, R. de A. 2007. "Eu disse pra ele" ou "disse-lhe a ele": a expressão do dativo nas variedades brasileira e européia do português. In *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*, orgs. A. T. Castilho, M. A. Torres Morais, S. M. L. Cyrino, R. E. V. Lopes, p. 159-184. Campinas, SP: Pontes/ FAPESP.

TRASK, R. L. 1993. *A Dictionary of grammatical terms in linguistics*. London: Routledge.

VIARO, M. E. 2007. Considerações acerca de mudanças semânticas de 'até' no português do século XIX. In *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*, orgs. A. T. Castilho, M. A. Torres Morais, S. M. L. Cyrino, R. E. V. Lopes, p. 499-512. Campinas, SP: Pontes/ FAPESP.

VILLAÇA-KOCH, I. G. 2007. Estratégias de tematização e rematização. In *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*, orgs. A. T. Castilho, M. A. Torres Morais, S. M. L. Cyrino, R. E. V. Lopes, p. 299-312. Campinas, SP: Pontes/ FAPESP.

VILLALVA, A. 2003. Estrutura morfológica básica. In *Gramática da língua portuguesa,* eds. M. H. Mira Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria et al, p. 917-938. 7 ed. Lisboa: Editorial Caminho. Parte V – Aspectos morfológicos da gramática do português. Cap. 22.

ZUBIZARRETA, M. L. 1998. Prosody, focus and word order. University of Southern California, Departamento of Linguistics, Los Angeles, CA.

APÊNDICE I

Leituras Complementares

CAPÍTULO 1

As origens latinas do português

ILARI, R.; BASSO, R. 2006. Um pouco de história: origens e expansão do português. In: *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos,* p. 13-48. São Paulo: Contexto,

Linguística histórica

GABAS JR., N. 2003. Lingüística histórica. In *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras.* orgs. F. Mussalim, A. C. Bentes, p. 77-104. 3 ed. São Paulo: Cortez.

TEYSSIER, P. 2001. *História da língua portuguesa.* Trad.: Celso Cunha. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes.

Português Brasileiro

FIORIN, J. L., PETTER, M. M. T. (orgs.). 2008. *África no Brasil – a formação da língua portuguesa.* São Paulo: Contexto.

ILARI, R.; BASSO, R. 2006. *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos.* São Paulo: Contexto.

LUCCHESI, D., BAXTER, A., RIBEIRO, I. (orgs.). 2009. O Português Afro-Brasileiro. Salvador: EDUFBA.

NOLL, V. 2008. *O português brasileiro: formação e contrastes.* Trad.: Mário Viaro. Rio de Janeiro: Globo.

ROBERTS, I.; KATO, M. A. (orgs). 1996. *O Português Brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo.* Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP.

PROJETO “GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS CULTO FALADO NO BRASIL”

CASTILHO, A. T. de. 2006. Apresentação. In *Gramática do português culto falado no Brasil – construção do texto falado,* orgs. C. C. A. S Jubran, I. G. V. KOCH, p. 7-26. Campinas: Editora da UNICAMP. Vol. 1.

ILARI, R., MOURA NEVES, M. H. (orgs.). 2008. *Gramática do Português Culto Falado no Brasil – Classes de palavras e processos de construção.* Campinas: Editora da UNICAMP. Vol. II.

JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (orgs.). 2006. *Gramática do português culto falado no Brasil – construção do texto falado.* Campinas: Editora da UNICAMP. Vol. 1.

CAPÍTULO 2

CLASSES DE PALAVRAS

SHACHTER, P. 1985. Parts-of-speech systems. In *Language, typology and syntactic description 1: clause structure,* ed. T. Shopen, p. 3-61.Cambridge: Cambridge University Press.

ESTUDOS PRÉ-SAUSSURIANOS

FARACO, C. A. 2004. Estudos Pré-Saussurianos. In *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*, orgs. F. Mussalim, A. C. Bentes, p. 27-52. São Paulo: Cortez. Vol. 3.

ESTRUTURALISMO

ILARI, R. 2004. O estruturalismo lingüístico: alguns caminhos. In *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*, orgs. F. Mussalim, A. C. Bentes, p. 53-92. São Paulo: Cortez. Vol. 3.

ESTRUTURA DE CONSTITUINTE E A COMPETÊNCIA LINGUÍSTICA

NEGRÃO, E. V., SCHER, A., VIOTTI, E. 2002. A competência lingüística. In *Introdução à lingüística I – objetos teóricos*, org. J. L. Fiorin, p. 95-120. São Paulo: Contexto.

NEGRÃO, E. V., SCHER, A., VIOTTI, E. 2003. Sintaxe: explorando a estrutura da sentença. In *Introdução à Lingüística II – Princípios de Análise*, org. J. L. Fiorin, p. 81-111. São Paulo: Contexto.

FRANCHI, C., NEGRÃO, E. V., MÜLLER, A. L. de P. 1998. Um exemplo de argumentação em sintaxe. *Revista da ANPOLL* (5): 37-63.

FUNCIONALISMO

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. 2007. *Introdução à gramaticalização – em homenagem a Maria Luiza Braga.* São Paulo: Parábola Editorial.

PEZZATI, E. G. 2004. O funcionalismo em lingüística. In *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos,* orgs. F. Mussalim, A. C. Bentes, p. 165-218. São Paulo: Cortez. Vol. 3.

PROGRAMAS DE INVESTIGAÇÃO LINGUÍSTICA MENTALISTA

BORGES NETO, J. A. 2004. O empreendimento gerativo. In *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*, orgs. F. Mussalim, A. C. Bentes. São Paulo: Cortez. Vol. 3.

EVERETT, D. L. 1992. A teoria chomskyana e uma discussão epistemológica. In: *A língua pirahã e a teoria da sintaxe: descrição, perspectivas e teoria*, p. 225-272. Campinas, SP: Editora da UNICAMP. Segunda parte: perspectivas e investigações.

SINTAXE GERATIVA

BERLINK, R. A.; AUGUSTO, M. R. A.; SCHER, A. P. 2001. Sintaxe. In *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras,* orgs. F. Mussalim, A. C. Bentes, p. 207-244. São Paulo: Cortez. Vol. 1.

FRANCHI, C., NEGRÃO, E. V., MÜLLER, A. L. de P. 1998. Um exemplo de argumentação em sintaxe. *Revista da ANPOLL* (5): 37-63.

MIOTO, C.; FIGUEIREDO SILVA, M. C.; VASCONCELOS, R. E. 2004. O estudo da gramática. In *Novo manual de sintaxe,* p. 11-38. Florianópolis: Insular. Cap. 1.

NEGRÃO, E. V., SCHER, A., VIOTTI, E. 2002. A competência lingüística. In *Introdução à lingüística I – objetos teóricos*, org. J. L. Fiorin, p. 95-120. São Paulo: Contexto.

NETO, J. B. 2008. O empreendimento gerativo. In *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos,* orgs. F. Mussalim, A. C. Bentes, p. 93-130.: São Paulo: Cortez. Vol. 3.

SILVA, M. C. F. 2004. Os anos 1990 na Gramática Gerativa. In *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*, orgs. F. Mussalim, A. C. Bentes, p. 131-165. São Paulo: Cortez. Vol. 3.

TEORIA DOS PAPÉIS TEMÁTICOS

MIOTO, C.; FIGUEIREDO SILVA, M. C.; VASCONCELOS, R. E. 2004. Teoria temática. In *Novo manual de sintaxe*, p. 119-164. Florianópolis: Insular, Cap. 3.

CAPÍTULO 3

ADJUNÇÃO

ROCHA, M. A. F.; LOPES, R. E. V. A sair. Adjunção. In *Gramática do português culto falado no Brasil - A construção da sentença*, orgs. M. A. Kato, M. do Nascimento. Campinas: Editora da UNICAMP. Cap. 4.

A TEORIA DO CASO

MIOTO, C.; FIGUEIREDO SILVA, M. C.; VASCONCELOS, R. E. 2004. A teoria do Caso. In p. 171-211. Florianópolis: Insular.

CATEGORIAS DE FLEXÃO NO PORTUGUÊS

CASTILHO, A. T. 1968. Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa. *ALFA* (12):11-133.

OLIVEIRA, F. 2003a. Tempo e aspecto. In *Gramática da língua portuguesa,* eds. M. H. Mira Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria et al, p. 127-173. 7 ed. Lisboa: Editorial Caminho. Parte III – Aspectos semânticos da gramática do português. Cap. 6.

OLIVEIRA, F. 2003b. Modalidade e modo. In *Gramática da língua portuguesa,* eds. M. H. Mira Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria et al, p. 243-254. 7 ed. Lisboa: Editorial Caminho. Parte III – Aspectos semânticos da gramática do português. Cap. 9.

VILLALVA, A. 2003. Estrutura morfológica básica. In *Gramática da língua portuguesa,* eds. M. H. Mira Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria et al, p. 917-938. 7 ed. Lisboa: Editorial Caminho. Parte V – Aspectos morfológicos da gramática do português. Cap. 22.

ESTUDOS DA GRAMÁTICA VISTOS POR UMA PERSPECTIVA INTERNALIZADA

CHOMSKY, N. 2002. *Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente.* Trad.: Marco A. Sant'Anna. São Paulo: Editora da UNESP.

CAPÍTULO 4

CONSTRUÇÕES INACUSATIVAS

DUARTE, I. 2003b. A família das construções inacusativas. In *Gramática da língua portuguesa,* eds. M. H. Mira Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria et al, p. 507-548. 7 ed. Lisboa: Editorial Caminho. Parte IV – Aspectos sintáticos da gramática do português. Cap. 13.

ASPECTOS DA PREDICAÇÃO EM PORTUGUÊS

BERLINK, R. de A.; DUARTE, M. E. L.; OLIVEIRA, M. de. A sair. Predicação. In *Gramática do português culto falado no Brasil - A construção da sentença*, orgs. M. A Kato, M. do Nascimento. Campinas: Editora da UNICAMP. Cap. 3.

CYRINO, S., NUNES, J., PAGOTTO, E. A sair. Complementação. In *Gramática do português culto falado no Brasil - A construção da sentença***,** orgs. M. A Kato, M. do Nascimento. Campinas: Editora da UNICAMP. Cap. 2.

CAPÍTULO 5

GRAMATICALIZAÇÃO

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. 2007. *Introdução à gramaticalização – em homenagem a Maria Luiza Braga.* São Paulo: Parábola Editorial.

TEORIA DO MOVIMENTO

MIOTO, C.; FIGUEIREDO SILVA, M. C.; VASCONCELOS, R. E. 2004. Mova α. In *Novo manual de sintaxe,* p. 249-274. Florianópolis: Insular.

O NOME/ PRONOME

ILARI et al. 1996. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para a análise. In *Gramática do português falado*, orgs. A. T. Castilho, M. Basílio, p. 72-159. Campinas:

Editora da Unicamp; São Paulo: FAPESP. Volume IV: estudos descritivos.

NEVES, M. H. de M. 2000. O pronome pessoal. In *Gramática de usos do português*, p. 449-470. São Paulo: Editora da UNESP.

SILVA, R. V. M. 2006. O nome e o sintagma nominal: morfologia e estrutura. In *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe* p. 99-116. São Paulo: Contexto.

OBJETO NULO E CLÍTICOS

CYRINO, S. M. L. 1996. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Org). *O Português Brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo.* Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, p. 163-184.

GALVES, Ch., ABAURRE, M. B. 1996. Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica. In *Gramática do português falado,* orgs. A. T. Castilho, M. Basílio, p. 273-319. Campinas: UNICAMP; São Paulo: FAPESP. Estudos Descritivos, 4.

CAPÍTULO 6

ORAÇÕES RELATIVAS E TEORIA DA GRAMÁTICA

MIOTO, C.; NEGRÃO, E. V. 2007. As sentenças clivadas não contêm uma relativa. In *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*, orgs. A. T. Castilho, M. A. Torres Morais, S. M. L. Cyrino, R. E. V. Lopes, p. 159-184. Campinas, SP: Pontes/ FAPESP.

KATO, M. A. 1993. Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica. In *O Português Brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo*, orgs. I. Roberts, M.A. Kato, p. 223-262. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP.

TARALLO, F. 1993a. Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias (Fernando Tarallo – 1951-1992). In *O Português Brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo,* orgs. I. Roberts, M. A. Kato, p. 35-68. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.

TARALLO, F. 1993b. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX (Fernando Tarallo – 1951-1992). In *O Português*

Brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo, orgs. I. Roberts, M. A. Kato, p. 69-106. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.

CAPÍTULO 7

PREPOSIÇÕES NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E EUROPEU

CASTILHO, A. T. de. 2009b. Para uma análise multissistêmica das preposições. In *História do português paulista,* org. A. T. Castilho, p. 279-332. Campinas, SP: UNICAMP/ Publicações IEL. Série Estudos. Vol. 1.

KEWITZ, V. 2009. Gramaticalização, semanticização e discursivização das preposições a e para no Português Brasileiro (séculos XIX e XX). In *História do português paulista*, org. A. T. Castilho, p. 603-636. Campinas, SP: UNICAMP/ Publicações IEL. Série Estudos. Vol. 1.

TORRES MORAIS, M. A. C. R.; BERLINCK, R. de A. 2007. "Eu disse pra ele" ou "disse-lhe a ele": a expressão do dativo nas variedades brasileira e européia do português. In *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*, orgs. A. T. Castilho, M. A. Torres Morais, S. M. L. Cyrino, R. E. V. Lopes, p. 159-184. Campinas, SP: Pontes/ FAPESP.

VIARO, M. E. 2007. Considerações acerca de mudanças semânticas de 'até' no português do século XIX. In *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*, orgs. A. T. Castilho, M. A. Torres Morais, S. M. L. Cyrino, R. E. V. Lopes, p. 499-512. Campinas, SP: Pontes/ FAPESP.

SINTAGMAS PREPOSICIONAIS ADJUNTOS E COMPLEMENTOS

CYRINO, S., NUNES, J., PAGOTTO, E. A sair. Complementação. In *Gramática do português culto falado no Brasil - A construção da sentença***,** orgs. M. A Kato, M. do Nascimento. Campinas: Editora da UNICAMP. Cap. 2.

ILARI, R., CASTILHO, A. T., ALMEIDA, M. L. L. de, KLEPPA, L., BASSO, R. M. 2008. A preposição. In *Gramática do Português Culto Falado no Brasil – Classes de palavras e processos de construção,* orgs. R. Ilari, M. H. Moura Neves, p. 623-804. Campinas: Editora da UNICAMP. Vol. II.

ROCHA, M. A. F.; LOPES, R. E. V. A sair. Adjunção. In *Gramática do português culto falado no Brasil - A construção da sentença*, orgs. M. A. Kato, M. do Nascimento. Campinas: Editora da UNICAMP. Cap. 4.

SEMÂNTICA E QUANTIFICAÇÃO

CHIERCHIA, G. 2003a. *Semântica*. Trad.: L. A. Paggani, L. Negri, R. Ilari. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Londrina, Pr.: EDUEL.

CHIERCHIA, G. 2003b. Um universal lingüístico. In *Semântica*, p. 75-113. Trad.: L. A. Paggani, L. Negri, R. Ilari. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Londrina, Pr.: EDUEL. Capítulo 2.

OLIVEIRA, R. P. 2001. *Semântica formal: uma breve introdução*. Campinas, SP: Mercado das Letras. Coleção Idéias sobre Linguagem.

CAPÍTULO 8

PRONOMES-Q INTERROGATIVOS

BRAGA, M. L.; KATO, M. A.; MIOTO, C. A sair. As sentenças interrogativas-Q. In *Gramática do português culto falado no Brasil - A construção da sentença***,** orgs. M. A Kato, M. do Nascimento. Campinas: Editora da UNICAMP. Cap. 5, seção (5.4.): As construções-Q no português brasileiro falado: relativas, clivadas e interrogativas.

TÓPICO E FOCO

ILARI, R. 1991. *Perspectiva funcional da frase portuguesa*. 2. ed. Campinas, SP: UNICAMP.

KLEIN, S. Foco no português brasileiro. 2003. In *Semântica formal,* orgs. A. L. de P. Muller, E. V. Negrão, M. J. Foltran, p.125-153. São Paulo: Contexto.

PONTES, E. 1987. *O tópico no português do Brasil*. Campinas, SP: Pontes.

POLLI, T. 2008. A periferia esquerda no português brasileiro. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

QUAREZEMIN, S. 2005. A focalização do sujeito no português brasileiro. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina.

SOUZA, E. R. F. 2004. Os advérbios focalizadores no português falado do Brasil: uma abordagem funcionalista. Dissertação de Mestrado. UNESP/São José do Rio Preto.

CLIVAGEM

BRAGA, M. L.; KATO, M. A.; MIOTO, C. A sair. As sentenças interrogativas-Q. In *Gramática do português culto falado no Brasil - A construção da sentença***,** orgs. M. A Kato, M. do Nascimento. Campinas: Editora da UNICAMP. Cap. 5, seção (5.4.): As construções-Q no português brasileiro falado: relativas, clivadas e interrogativas.

MIOTO, C.; NEGRÃO, E. V. 2007. As sentenças clivadas não contêm uma relativa. In *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*, orgs. A. T. Castilho, M. A. Torres Morais, S. M. L. Cyrino, R. E. V. Lopes, p. 159-184. Campinas, SP: Pontes/ FAPESP.

MODESTO, M. 2003. A interpretação das sentenças clivadas. In *Semântica formal,* orgs. A. L. de P. Muller, E. V. Negrão, M. J. Foltran, p. 189-204. São Paulo: Contexto.

APÊNDICE II
Exercícios

Exercícios I

1. (*Ver gabarito em Vol 2)*

A característica científica "Caráter Explícito", vista em (2.1.) no Caderno 1, diz respeito a definições claras e que abranjam todos os dados. Observe a definição de sujeito dada abaixo e comente porque ela fere a característica científica de "caráter explícito". Tome por base para sua resposta as sentenças em 1-3:

Definição de sujeito

> O sujeito – *"ser de quem se diz alguma coisa" (*O homem *chegou*. O povo *elegeu-o deputado*. Pedro e Paulo *são irmãos) – tem por núcleo um substantivo (nome ou pronome) ou palavra substantivada, ou é uma oração [...]*
>
> *(Luft et al. 2005, p. 94)*[1]

Sentenças

1. Aqueles pensamentos não me saíam da cabeça; estavam comigo o tempo todo.
2. *Nevou muito forte naquela região do Canadá neste início do ano*.
3. É necessário *que o terrorismo seja exterminado.*

2. (*Ver gabarito em Vol 2)*

Discuta sobre a seguinte asserção: "O conhecimento lingüístico resulta da interação de estruturas mentais inatas, de processo de maturação, e de relação com o ambiente"[2].

---

[1] LUFT, C. P. et al. *Novo Manual de Português*. 6 ed. rev. e atual. São Paulo: Globo, 2005.

[2] CHOMSKY, N. *Rules and representations*. Nova York: Columbia University Press, 1979. Pergunta extraída de: LYONS, J. *Linguagem e lingüística*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987, p. 242, pergunta 1.

3. (*Ver gabarito em Vol 2)*

Levando em conta a hipótese de autonomia da sintaxe, discorra sobre o termo gramática em seu sentido mais amplo e convencional e sobre gramática gerativa.

4. (*Ver gabarito em Vol 2)*

Comente sobre críticas que os linguistas frequentemente fazem à gramática tradicional levando em conta as três características científicas apontadas em (2.1.) no Capítulo 1.

EXERCÍCIOS II

1. (*Ver gabarito em Vol 2)*

Dado o seguinte conjunto de palavras em:

(a) [*José, viu, a, moça, com, óculos, escuros*]

que formam a sequência linear

(a') *José viu a moça com óculos escuros*,

represente – em forma de árvore ou colchetes – as possibilidades de organização do sintagma verbal (VP):

(a") $[_{\text{VP}}$ *viu a moça com óculos escuros*]

que apontam para duas leituras diferentes da sentença.

Obs.: suas representações devem garantir que a ordem linear do VP (a") seja mantida.

2. (*Ver gabarito em Vol 2)*

Dadas as sentenças abaixo, separe e etiquete cada um dos constituintes que as compõem:

a. O menino viu a menina na sala

b. José disse que viu aquele menino ontem

c. Ela tem olhos verdes grandes

3. (*Ver gabarito em Vol 2)*

A partir do radical /*cant*/ derive palavras em português:

a. aponte os traços lexicais destas palavras – [+/-N/V];

b. apresente exemplos sentenciais, apontando características [+N] ou [+V] dessas palavras

4. Indique os papéis temáticos dos sintagmas grifados abaixo:

a. João entregou o documento para o proprietário

b. A bola rolou do quintal para o mato

c. Lúcia entregou-lhe a revisão
d. Catarina foi do choro para o riso
e. Cecília entrou pelo lugar errado
f. O novo bebê da família Aguiar é uma menina
g. João comprou um presente para Clarice

5. (*Ver gabarito em Vol 2)*

Dados os sintagmas verbais abaixo, apresente as restrições de seleção de cada categoria *verbo* – siga o exemplo oferecido no capítulo 2, seção (3.1.1.):

a. Ela entregou o livro para a Maria
b. José foi lá
c. João colocou o livro na estante
d. Eles estudam sintaxe na USP à noite
e. Eles têm necessidade de ler muito

6. Aponte qual restrição de seleção das categorias lexicais torna agramaticais as sentenças abaixo:

a. * Os funcionários necessitam dinheiro adiantado
b. * José ofereceu
c. * O patrão entregou o dinheiro os funcionários

7. (*Ver gabarito em Vol 2)*

Segundo Duarte & Brito (2003: 187)[3], a lista mínima de papéis temáticos relevantes na estrutura argumental dos verbos em português inclui:

---

[3] DUARTE, I.; BRITO. A. M. 2003. Predicação e classes de predicadores verbais. In *Gramática da língua portuguesa,* eds. M. H. Mira Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria et al, p. 179-204. 7 ed. Lisboa: Editorial Caminho. Parte III – Aspectos semânticos da gramática do português. Cap. 7.

Coluna I:
Agente
Fonte,
Experienciador
Locativo
Alvo
Tema

Numere a 2ª. coluna de acordo com a 1ª atentando para os sintagmas em itálico:

Coluna II[4]:
( ) *Os meus melhores amigos* vivem no Porto
( ) O João guarda o passaporte *no cofre*
( ) *O público* escutou o conferencista
( ) *A Maria* guiou o jipe
( ) *O vento* partiu o vidro da janela
( ) *O telhado* assenta em seis barrotes
( ) Nós vamos *para Lisboa*
( ) *O rapaz* gaguejou
( ) *Dália* adora cozinhar e encher a casa de amigos
( ) O lavrador carregou *o caminhão* com feno
( ) A vendedora vendeu o livro *à minha amiga*
( ) O fumo amareleceu *os cortinados*
( ) *Todos nós* sentimos o perfume
( ) A água borbulha *na chaleira*
( ) *Os presentes* votaram a proposta
( ) A Vanessa recebeu uma carta *da Fundação Gulbenkian*
( ) As aulas decorrem *na Faculdade*
( ) O João guarda o passaporte *no cofre*
( ) O Paulo sabe *Japonês*
( ) *Os meninos* temem a tempestade

---

[4] Exemplos de Duarte & Brito (2003: 188-190).

EXERCÍCIOS III

1. (*Ver gabarito em Vol 2)*

Numere a 2ª. coluna de acordo com a 1ª.

Coluna 1

(1) [$ø_{expl}$] sujeito nulo expletivo (não-referencial)
(2) [$ø_{arb}$] sujeito nulo de referência indefinida (arbitrária)
(3) [ø] sujeito nulo de referência definida
(4) sujeito explícito de referência definida
(5) sujeito explícito de referência não definida

Coluna 2 (atente apenas para a sentença(s) entre colchetes)

( ) [Parece] que eu já vivi esta situação antes
( ) João trabalhou exaustivamente, [mas não parece cansado]
( ) Marcos, Simone e eu saímos, [mas a gente desistiu da noite e voltou pra casa]
( ) [Há muitas flores no jardim]
( ) Maria disse [que estava muito agitada pra conseguir parar e escrever]
( ) [Tinha umas roupas baratinhas naquele shopping]
( ) Eu não sei como fazer ..., [mas daí você sair fazendo de qualquer maneira não dá]
( ) [Choveu sem parar no último mês]
( ) E aí? [Copiaram? Posso apagar o quadro?]
( ) [Naquele curso da Faculdade, falava-se de pesquisa toda hora]
( )[Existem inúmeras chácaras naquela região]
( ) [Dizem] que o "uso do cachimbo faz a boca torta"
( ) Antes tocava muito rock bom no rádio, [mas, agora, a gente quase não ouve]
( ) Eu passei por aquela cidade [quando faziam lá uma certa festa muito engraçada]
( ) [Ele parece muito cansado e abatido depois de todo aquele esforço]

2. (*Ver gabarito em Vol 2)*

Observe os sintagmas a seguir e faça o que se pede nos comandos imediatamente abaixo:

a. João sentiu fortes dores no peito ontem
b. Luísa vive em New York
c. Ela veio de Brasília ontem

1. Apresente o esquema de restrições argumentais de cada verbo
2. Dê a representação do SV
3. Dê a representação do SF

Exercícios IV

1. (*Ver gabarito em Vol 2)*

Observe a sentença[5]:

(a) Xandinho tinha pedido um boné pra sua mãe

Em (a), a predicação é constituída pelo:

(i) verbo auxiliar (= tinha), verbo monoargumental inacusativo, que introduz funções de tempo e aspecto ao verbo principal;

(ii) predicador verbal monoargumental inacusativo (= pedido);

(iii) argumento externo SN (= Xandinho) da pequena oração (PO) [*Xandinho pedido um boné para sua mãe*]. Elemento movido para a posição [Spc, SF][6];

Abaixo, observe o esquema arbóreo de (a):

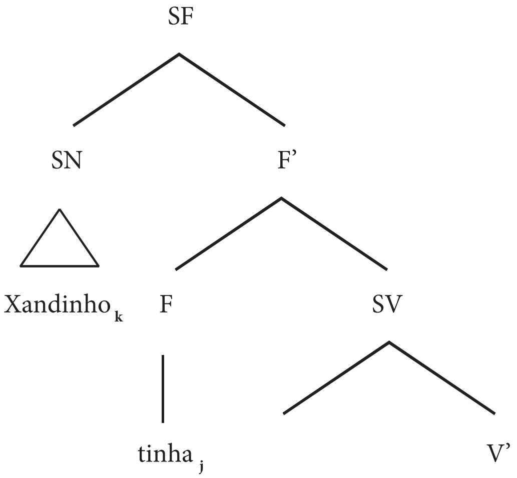

---

[5] Exercício parcialmente baseado em Duarte, I. (2003: 278-279).

DUARTE, I. 2003a. Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras. In *Gramática da língua portuguesa,* eds. M. H. Mira Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria et al, p. 275-324. 7 ed. Lisboa: Editorial Caminho. Parte IV – Aspectos sintáticos da gramática do português. Cap. 10.

[6] Sobre Sintagma Concordância (PO), ver capítulo 6 do Vol. 1.

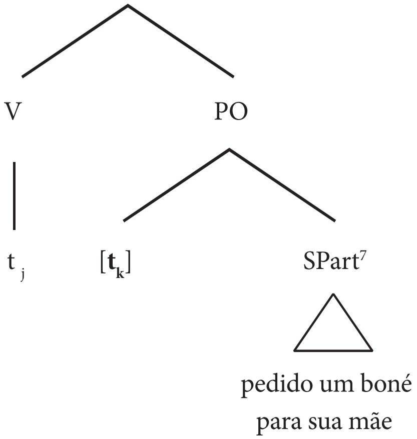

Comando: proceda a descrição da predicação (como em (a)) nas sentenças em:

(b) 1. A Rosinha está alegre que só!
2. A grosseria daquela senhora tornou a conversa impossível
3. O padeiro cortou os pães em fatias
4. Flávio deu uma risada gostosa!
5. O navio zarpou atrasado
6. As modelos chegaram para o desfile às 10:00 em ponto
7. Esse casaco foi comprado pela mãe de Helena em Londres
8. A Maria deu uma pintada na casa
9. O José comprou aquele livro raro de um sebo em São Paulo
10. A Waninha comprou aqueles postais belíssimos em Évora

2. (*Ver gabarito em Vol 2)*

A partir da observação do excerto abaixo e das sentenças que o seguem, proceda ao comando da questão.

Excerto

> *[...] SVs podem em princípio se organizar em torno de duas camadas: uma camada nucleada por um verbo semanticamente pleno e uma camada nucleada por um verbo leve, como representado em (122) abaixo. A realização de cada camada bem como dos argumentos a elas associados vai depender da informação temática lexicalmente definida para cada verbo.*

---

[7] SPart – Sintagma Particípio (uma oração do tipo reduzida, no sentido da gramática tradicional).

(122)

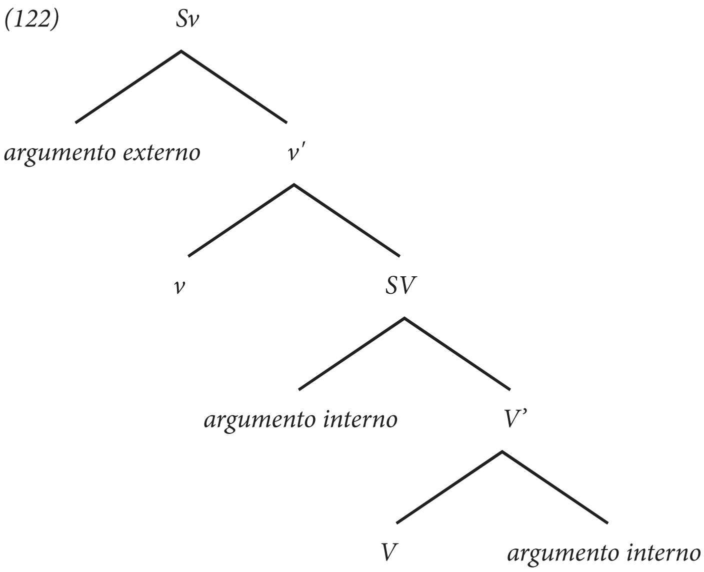

Cyrino, Pagotto & Nunes (a sair: 36-37)

Sentenças

(1) José deu flores para a amiga
(2) Jonathan e Hellena visitaram a mãe (em Lisboa)
(3) Carlos orgulha-se de sua filha
(4) Eu dei uma verificada nos papeis (tá tudo bem!)
(5) Aquela pequena chora bastante
(6) Rogério comprou o lap do feirante
(7) Eu dei uma olhada na TV
(8)A Jô chegou (ontem)
(9) Patrícia deu uma lambidinha na colher de pau (cheia de rapa de doce)
(10) Eu vou caminhar (amanhã) (cedo) (no parque)
(11) Ana Maura pegou sua cadeirinha para Marco Antonio no quintal de sua casa
(12) A porta fechou
(13) Eu acabo fazendo a vontade da Lê
(14) Iris endereçou a carta à amiga
(15) Martinha toca piano
(16) Ela adora feijão preto

(17) A plantinha está crescida
(18) Francisco riu um risinho amarelo
(19) Pedro Henrique escreveu um conto para a professora de redação
(20) (Olha!) Chegou o camburão da polícia
(21) A Luisinha irritou sua mãe
(22) João Vítor devolveu o pote de balinhas para a mãe
(23) Acontece que os exercícios já foram todos gabaritados
(24) Eles têm uma capacidade de irritar os outros ...
(25) Compra-se jóias de ouro e prata
(26) Carioca gosta de feijão preto
(27) Há biblioteca naquela Faculdade?
(28) Você quer este livro?
(29) Joaquim assobiou um assobio estridente
(30) Celina dá risada à toa

Comando: Projete as sentenças acima (SFs) atentando para as predicações inseridas em estruturas Sv e/ou SV

3. (*Ver gabarito em Vol 2)*

Classifique os verbos grifados abaixo em: (1) verbo com mais de um argumento; (2) verbo monoargumental; (3) verbo sem argumento:

( ) Ela espirrava o tempo todo no jardim.
( ) Mari Ângela parece feliz
( ) Há ladrões em qualquer lugar do mundo
( ) Nevou forte ontem
( ) Entende-se isto tudo muito bem.
( ) Existem ladrões em toda parte
( ) José Eduardo vende frutas para os feirantes
( ) João Vítor adormeceu depois que contou inúmeros caminhões na estrada
( ) Márcia escreveu a apostila 09
( ) Marta afiou a faca
( ) Elton ofereceu sua composição para um amigo.
( ) É verdade que Pedro Henrique já é um pré-adolescente

(   ) José pigarreou durante a entrevista
(   ) Parece que a maioria se sairá bem no curso
(   ) Chove sem parar
(   ) A faca caiu no chão
(   ) Os professores andam cansados de greve

EXERCÍCIOS V

1. (*Ver gabarito em Vol 2)*

I. Represente os DPs abaixo:

(1) [$_{SF}$ [$_{SD}$ **as primeiras provas do vestido de Andressa**] serão feitas amanhã]

(2) [$_{SF}$ [$_{SD}$ **todos os três infelizes casamentos de Carla**] foram com homens ingleses]

(3) [$_{SF}$ [$_{SD}$ **aquele apartamento velho em que o Marcos mora**] será reformado]

2. (*Ver gabarito em Vol 2)*

Projete os períodos abaixo, atentado para as sentenças [+N]

2.1. Agradaria a todos que as férias já começassem amanhã

2.2. Eles nos autorizaram [pra que entrássemos na área do acervo raro daquela biblioteca]

2.3 Entristece Maria [que o filho não ligue para os estudos]

2.4 A verdade é que eles não querem ceder nunca!

2.5 Convém que todos fiquem alertas durante as chuvas fortes

EXERCÍCIOS VI

1. (*Ver gabarito em Vol 2)*

Observe os advérbios inseridos nas sentenças a seguir:

(1) Consequentemente, depois da confusão, todos foram para a delegacia

(2) Ela interpretou a peça lindamente

Comando:

(i) Descreva as características sintáticas dos advérbios acima, verificando seu escopo (área de abrangência semântica)

(ii) semanticamente, como a gramática tradicional descreve esses advérbios?

(iii) a descrição sintática desses advérbios corrobora a análise de pertencimento desses itens lexicais a uma única categoria?

2. (*Ver gabarito em Vol 2)*

Observe os itens lexicais nas sentenças a seguir:

(1) Ela sempre chega no mesmo horário

(2) Ela chegou ontem

Comando:

Os itens lexicais em (1) e (2) são considerados advérbios de tempo pela tradição gramatical. Observando atentamente *sempre* e *ontem* em (1) e (2) você diria que eles expressam uma mesma e única noção de 'tempo'?

3. (*Ver gabarito em Vol 2)*

Observe o excerto abaixo, seguido de uma listagem de itens lexicais e proceda ao comando da sentença.

Excerto

> *[...] Alguns advérbios são graduáveis, admitindo por isso flexão de grau [...]. Quando são graduáveis têm superlativo absoluto sintético [...], podendo então ser modificados por advérbios de quantidade [...]*

Brito (2003: 419)

Lista de Itens Lexicais

tarde, não, longe, amanhã, possivelmente, logo

Comando:

(i) Quais dos itens lexicais exemplificam a informação do excerto?

(ii) A tradição gramatical classifica todos os itens lexicais acima como 'advérbios'. Com base em sua resposta (i), você concorda com a tradição gramatical?

4. (*Ver gabarito em Vol 2)*

Observe o excerto abaixo, seguido de uma listagem de itens lexicais e proceda ao comando da sentença.

Excerto

> *Há um pequeno número de advérbios que são transitivos, isto é, seleccionam argumentos, o que os aproxima das preposições [...]*
>
> *Brito (2003: 420)*

Lista de Itens Lexicais

longe, muito, acaso, também, depois, hoje, abaixo, antes

Comando:

(i) Quais dos itens lexicais exemplificam a informação do excerto? Dê exemplos dos itens inseridos em sentenças;

(ii) A tradição gramatical classifica todos os itens lexicais acima como 'advérbios'. Com base em sua resposta (i), você concorda com a tradição gramatical?

5. (*Ver gabarito em Vol 2)*

Tradicionalmente, advérbios (ou 'advérbios preposicionados'), quando ligados a verbos, são considerados 'adjuntos do verbo'. Observe as sentenças abaixo:

(1) a. * O Jair vai
b. O Jair vai pra Bragança
(2) a. * Xandinho mora
b. Xandinho mora na Zona Sul

(3) a. O Jair vai pra Bragança amanhã

Faça a projeção arbórea das sentenças (1b), (2b);

Pela projeção arbórea você ratifica a posição da tradição gramatical de que advérbios são adjuntos 'sempre'?

6. (*Ver gabarito em Vol 2)*

No capítulo 4, vê-se que muitos particípios verbais funcionam sintaticamente como adjetivos – ver definição em (62) naquele capítulo. Observe as sentenças abaixo:

(1) a. Fernanda está preocupada com a neta
    b. Fernanda está preocupadíssima com a neta
(2) a. José é um homem ocupado
    b. Ele é um homem ocupadíssimo

Comando:

faça a projeção arbórea das sentenças (1a), (1b);

faça a projeção arbórea das sentenças (2a), (2b);

a partir das projeções arbóreas aponte a característica sintática que aproxima particípios verbais de adjetivos;

a partir de características morfossintáticas, ratifique a razão de se considerar particípios verbais como formas similares a adjetivos

7. (*Ver gabarito em Vol 2)*

Faça a projeção arbórea de:

(1) Uma moça que você conhece bem deixou este recado pra você
(2) Aquela aluna, que pediu novo prazo para a entrega do teste, está atrasada

EXERCÍCIOS VII

1. (*Ver gabarito em Vol 2)*

Nas ocorrências do sintagma preposicional **de** abaixo (e de sua expansão) aponte a c-seleção e/ou a s-seleção[8]:

a. Émerson gosta **de** viajar **de** carro
b. Eu preciso **de** dinheiro
c. A Maria veio **de** Salvador
d. O fato **de** o dólar disparar não freia a minha fome
e. Esta mesa é feita **de** mármore **de** Carrara

2. (*Ver gabarito em Vol 2)*

a. Represente os SFs abaixo; atente para as projeções SPs:
b. O João viaja de trem
c. A Maria dançou a valsa no teatro municipal
d. A Sandrinha cantou um fado com o Marco
e. A Laura abandonou os estudos por desânimo
f. Rita deixou o trabalho porque viajou para a Espanha

3. (*Ver gabarito em Vol 2)*

Represente os SNs em colchetes abaixo, atentando para o SN maximamente estendido e as projeções SQ e SD:

a. [Toda menina] gosta de boneca
b. [Cada uma daquelas pessoas] dança bem
c. [Todos os meninos da festa] estavam fantasiados
d. [Nenhum caminho] é pior que este

---

[8] Exercício baseado em Mioto et al. (2004: 115), questão 3.

EXERCÍCIOS VIII

1. (*Ver gabarito em Vol 2)*

(I) Projete as sentenças entre colchetes:

(a) Ela perguntou [*por que Mariana voltou*]

(b) Mariane não compra um carro [*porque não tem dinheiro*]

(c) [*O medo de que os piratas atacassem o navio*] contagiava todo mundo

(d) Os alunos [*que são bem sucedidos*] gostam de estudar para os exames

(e) Heloísa queria sair de lá, [*mas sua mãe a impedia*]

2. (*Ver gabarito em Vol 2)*

(I) Nas sentenças abaixo (a)-(g), defina a categoria do item lexical "que" de acordo com a sequência abaixo – (1), (2), (3), (4):

(1) pronome interrogativo; (2) complementizador; (3) pronome relativo; (4) conectivo

(a) Ele não fez a prova por que razão ( )?

(b) Eu quero que ( ) este livro seja lido!

(c) Ele não sabe porque ( ) Joana saiu.

(d) Kiko observava o que (3) eu falava.

(e) Ele fez aquela compra por quê ( )?

(f) O que ( ) que ele fez?

(g) Olhe! Lá estão as pessoas de que ( ) falamos!

3. (*Ver gabarito em Vol 2)*

(I) Desenhe as projeções do sintagma em que o item lexical "que" se insere no exercício (2)

Este livro foi composto em Minion Pro
e Myriad Pro pela Editora Multifoco
e impresso em papel offset 75g/m²

TRABALHANDO
COM OS
SINAIS DE PONTUAÇÃO
DE
FORMA DIVERTIDA

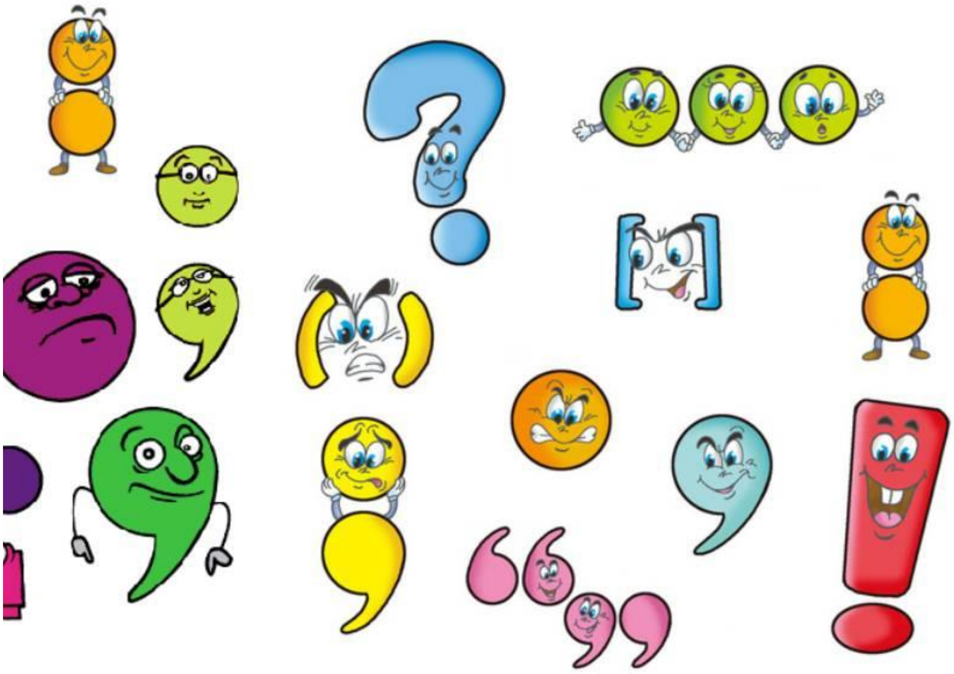

CT

CONHECIMENTO e

Transformação

CONHECIMENTO E TRASFORMAÇÃO: https://conhecimentosetransformacao.blogspot.com/

Leia o poema abaixo:

Quem é importante?

Certo dia, num caderno,
Numa página interna,
Deu-se a grande reunião
Dos sinais de pontuação,
Para decidir, no instante,
Qual o que é mais importante.

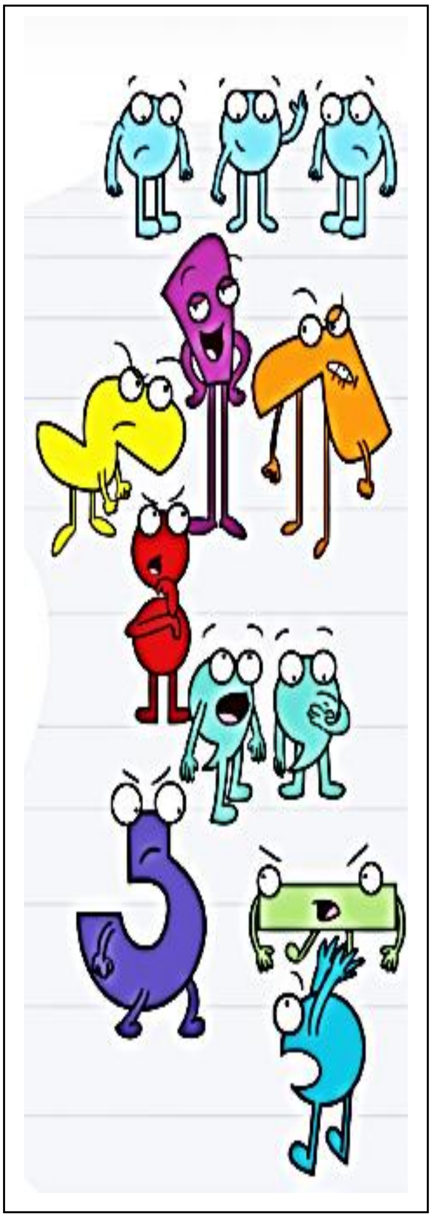

Chegou correndo, afobadão,
O Ponto de Exclamação,
Bufando, muito excitado,
Entusiasmado ou assustado.
– Socorro!
– Viva!
– Dá o fora! – sempre a berrar!

E logo, todo sinuoso,
A rebolar-se, entrou, pimpão,
O enxerido e mui curioso
Dom Ponto de interrogação:
- Quem é?
- Por quê?
- Aonde?
- Quando? – ele só vive perguntando.

E vêm as Vírgulas dengosas,
Muitos falantes, muito prosas,
anunciam: – Nós meninas
Somos as pausas pequeninas,
Que, pelas frases espalhadas,
São sempre tão solicitadas!

Mas já chegam os Dois-Pontos,
Ponto-e-Vírgula, e pronto!
Tem início a discussão,
Que já dá em confusão:
–Sem por cima ter um ponto,
Vírgula é um sinal bem tonto!
Ponto-e-Vírgula declara,
Arrogante, e fecha a cara.

–Essa não! Tenha paciência!

–Intervêm as Reticências.
–Somos nós as importantes,
Tanto agora como dantes:
Quando falta competência,
Botam logo... Reticências!

Til e Acento Circunflexo,
Numa discussão sem nexo,
Cara a cara, bravos, quase
Se engalfinham. Mas a Crase
Corta a briga, ao declarar:
–Poucos sabem me empregar!
Me respeitem pois bastante,
Já que eu sou tão importante!

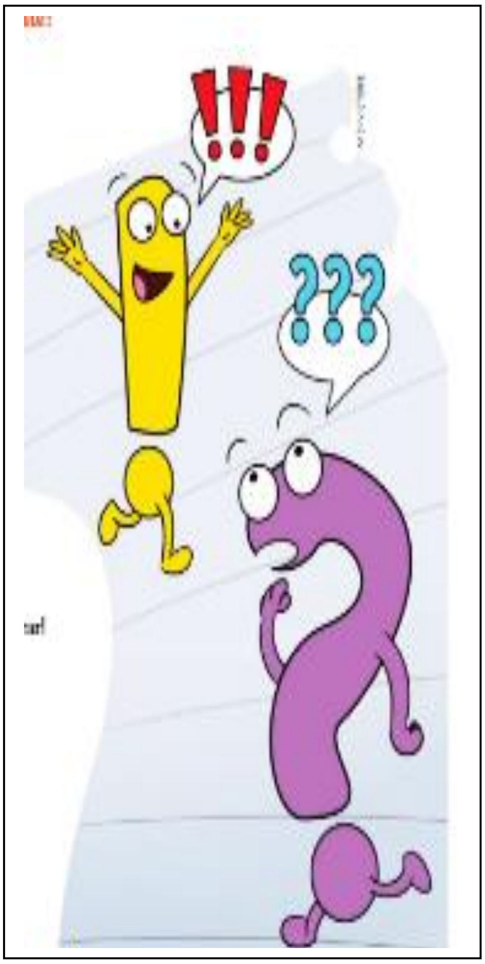

Mas Dois-Pontos protestou:
–Importante eu é que sou!
Eu preparo toda a ação
E a e-nu-me-ra-ção!...

–É aqui que nós entramos!
Nós, as Aspas, e avisamos:
Sem nossa contribuição
Não existe citação!

A Cedilha e o Travessão
Já se enfrentam, mas então,
Bem na hora, firme e pronto
Se apresenta o senhor Ponto:
–Importante é o meu sinal.
Basta. Fim. PONTO FINAL.

(Tatiana Belinky, Di – Versos russos. São Paulo, Scipione.)

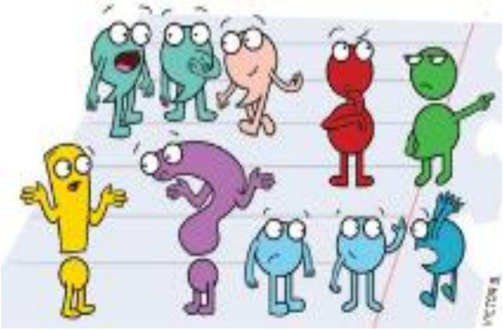

SOBRE A AUTORA DO POEMA

Tatiana Belinky nasceu em 1919, em São Petersburgo, na Rússia, e chegou ao Brasil em 1929. Publicou livros em prosa e versos, além de traduções, adaptações e recontagens. Entre 1952 e 1966, fez a primeira adaptação para a televisão da série Sítio do Pica-Pau Amarelo, de Monteiro Lobato.

Colaborou na TV Cultura e em importantes jornais como crítica de literatura infantil e juvenil e de teatro.

Recebeu inúmeros prêmios, entre eles: Mérito Educacional e Jabuti de Personalidade Literária do Ano, concedidos pela Câmara Brasileira do Livro; dois Monteiro Lobato de Tradução da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Foi, ainda, premiada em 1979 pelos 30 anos de atividades em Teatro e Literatura Infanto-Juvenil pela Associação Paulista de Críticos de Arte.

FALANDO SOBRE O POEMA

O poema mostra de maneira descontraída a importância dos sinais de pontuação utilizados na linguagem escrita.

A autora dá vida aos sinais, personificando-os, atribuindo-lhes sentimentos humanos, como vaidade e orgulho e ressalta suas qualidades.

Com o poema vamos relembrar este assunto que aprendemos desde bem pequenos na escola: a pontuação. Ela é um sistema de sinais que tenta reproduzir na escrita as pausas e maneiras de falar os sons, além de criar relações de independência ou dependência entre frases. Assim, a pontuação organiza as ideias para que todo o texto não pareça um amontoado de palavras.

ORALIDADE

Trocas de ideias e opiniões com a turma sobre o poema retratado:

- Qual é o título do poema?
- Qual é o assunto abordado no poema?
- Você conhece algum sinal de pontuação? Qual?
- Existe algum sinal de pontuação que você não conhecia? Qual?
-Quais são os sinais de pontuação que aparecem no poema?
- Para você, existe algum sinal de pontuação mais importante?

Veja abaixo os sinais de pontuação:

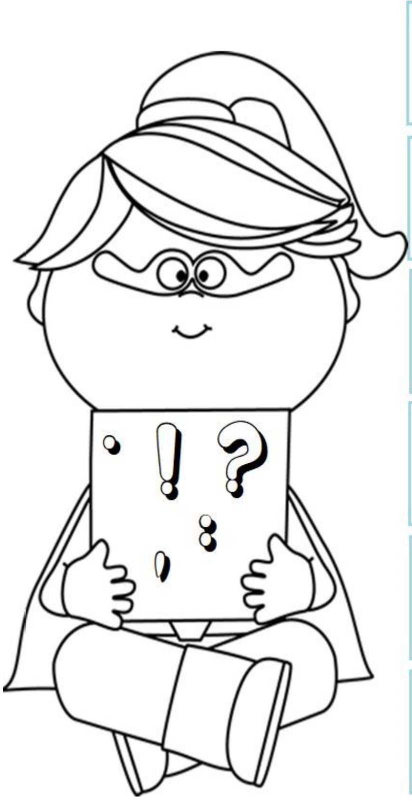

?	**INTERROGAÇÃO** INDICA PERGUNTAS.
!	**EXCLAMAÇÃO** INDICA SENTIMENTO DE SUSTO, ADMIRAÇÃO E OUTROS.
,	**VÍRGULA** INDICA PEQUENA PAUSA, OU SEPARAÇÃO DE PALAVRAS NUMA FRASE.
.	**PONTO** INDICA O FINAL DE UMA FRASE.
:	**DOIS PONTOS** INDICA QUE ALGUÉM VAI FALAR.
—	**TRAVESSÃO** INDICA QUE ALGUÉM ESTÁ FALANDO.

Construa frases utilizando os sinais de pontuação:

PONTO FINAL (.)

Eu vou ____

Se____

Eu acho____

Não____

PONTO DE INTERROGAÇÃO (?)

Quantos ____

Posso____

Qual é____

Quem foi que_____________________________________

PONTO DE EXCLAMAÇÃO (!)

Como ________________________________

Que_____________________________________

Nossa, como______________________________

Quem foi que_____________________________

Puxa, que ________________________________

VÍRGULA (,) E RETICÊNCIAS (...)

Na escola aprendi ___________________________________

Na feira comprei____

Na minha casa___________________________________

Encontre no caça-palavras, o nome de quatro sinais de pontuação:

P	I	S	D	B	H	K	G	H	C	V	R
O	D	C	A	B	D	Y	Q	C	H	Í	R
N	B	R	Q	C	P	V	C	E	T	R	B
T	L	B	G	T	Y	H	D	M	V	G	J
O	C	R	I	S	R	R	V	F	F	U	B
F	G	Y	R	C	T	F	L	J	P	L	S
I	N	T	E	R	R	O	G	A	Ç	Ã	O
N	Q	W	V	H	J	Q	N	D	N	T	P
A	E	X	C	L	A	M	A	Ç	Ã	O	F
L	Z	F	D	C	F	N	J	S	Z	M	J

EXCLAMAÇÃO, INTERROGAÇÃO, PONTO FINAL E VÍRGULA.

CONHECIMENTO E TRASFORMAÇÃO: https://conhecimentosetransformacao.blogspot.com/

Uma vírgula pode mudar todo o sentido de uma situação, portanto, devemos nos atentar ao pontuar os textos que escrevemos. Leia o texto abaixo:

Diferentes apresentações do uso da vírgula, numa mesma frase.

Vírgula pode ser uma pausa... ou não.
Não, espere.
Não espere.

Ela pode sumir com seu
dinheiro:
23,4
2,34

Pode ser autoritária:
Aceito, obrigado.
Aceito obrigado.

Pode criar heróis:
Isso só, ele resolve.
Isso só ele resolve.

E vilões:
Esse, juiz, é corrupto.
Esse juiz é corrupto.

Ela pode ser a solução.
Vamos perder, nada foi resolvido.
Vamos perder nada, foi resolvido.

A vírgula muda uma opinião:
Não queremos saber.
Não, queremos saber.

Uma vírgula muda tudo.

O texto acima pode ser encontrado em vídeo no endereço:

<**http://www.youtube.com/watch?v=QJ0ii268x7s**>

(É só copiar o endereço e colar no google)

CONHECIMENTO E TRASFORMAÇÃO: https://conhecimentosetransformacao.blogspot.com/

Leia o texto abaixo:

A herança

Um homem rico estando muito mal de saúde pediu que lhe trouxessem papel e tinta. Escreveu o seguinte:

"Deixo meus bens à minha irmã não a meu sobrinho
jamais será paga a conta do padeiro nada dou aos pobres"

Deu o último suspiro antes de fazer a pontuação.

A quem, afinal, deixou a sua fortuna?

Eram apenas quatro citados.

No dia seguinte, ao receberem o papel, cada um dos citados deu ao texto a pontuação e a interpretação que lhe favorecia.

ORALIDADE:

- Qual é o problema dessa história?
- Por que se deu esse problema?
- Como podemos resolvê-lo?

Afinal: Quem herdará a fortuna?

Marque, de acordo com a sua opinião, quem herdará a fortuna:

( ) A IRMÃ
( ) O SOBRINHO
( ) O PADEIRO
( ) OS POBRES

Afinal: Quem herdará a fortuna?

Agora, você deverá pontuar o trecho do texto. Atenção na hora de colocar os sinais de pontuação, pois é necessário que fique claro, com quem você acredita que ficará com a herança.

"Deixo meus bens à minha irmã não a meu sobrinho

jamais será paga a conta do padeiro nada dou aos pobres"

Sabendo a importância do uso adequado da pontuação, veja como ficaria a resposta correta de cada citado.

A HERANÇA

1 –IRMÃ

Deixo meus bens à minha irmã. Não ao meu sobrinho. Jamais será paga a conta do padeiro. Nada dou aos pobres.

2 –SOBRINHO

Deixo meus bens à minha irmã? Não! A meu sobrinho. Jamais será paga a conta do padeiro. Nada dou aos pobres.

3 –PADEIRO

Deixo meus bens à minha irmã? Não! A meu sobrinho? Jamais! Será paga a conta do padeiro. Nada dou aos pobres.

4 - POBRES

Deixo meus bens à minha irmã? Não! A meu sobrinho? Jamais! Será paga a conta do padeiro? Nada! Dou aos pobres.

Você percebeu, que uma pontuação muda todo o sentido da frase?

AGORA É A SUA VEZ!

Elabore um texto, de modo que a herança fique distribuída incluindo todos os personagens como herdeiros da fortuna.

A herança

Pontue o texto abaixo corretamente:

O pulo do gato

A onça andava maluca para pegar o gato. Mas ela sabia que o gato é o maior mestre pulador que existe. Com um salto de lado, ele sempre escapava.

Um dia, a onça pediu ao gato ☐

☐ Compadre, quer me ensinar a pular ☐

☐ Ora, nessa é que eu não caio ☐ A comadre quer é pular sobre mim e me comer ☐

☐ Imagine só uma coisa dessas ☐ Acha que eu seria tão ingrata a ponto de devorar o meu professor ☐

Ainda um pouco desconfiado, o gato começou a ensinar a onça.

Pula que pula, a onça foi aprendendo depressa.

☐ Pronto ☐ A comadre já aprendeu tudo —disse o gato.

☐ Será ☐ —perguntou a onça. ☐ Vou repetir os pulos para ver se aprendi mesmo...

E a onça deu um pulo tentando abocanhar o seu professor. Mas o gato pulou rapidamente para o lado e escapou. A onça, muito sem graça, disse ☐

☐ Viu só ☐ Ainda não sei tudo. Acabe as aulas, compadre ☐

☐ Ora, comadre ☐ Não nasci ontem ☐ Se tivesse ensinado tudo o que sei, a esta hora estaria em sua barriga. Adeus ☐

Observe as cenas abaixo e forme frase usando o sinal de pontuação indicados:

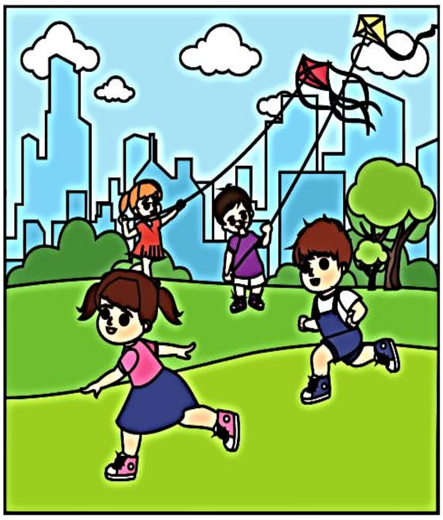

?

____

____

____

____

____

.

____

____

____

____

____

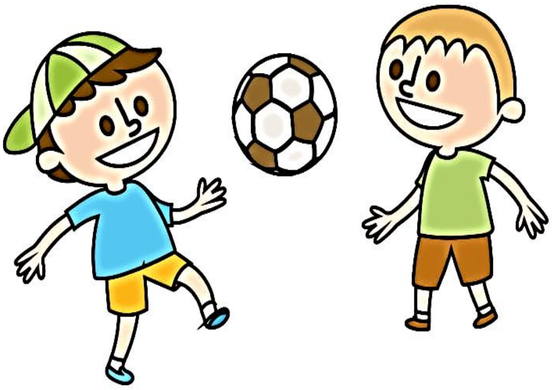

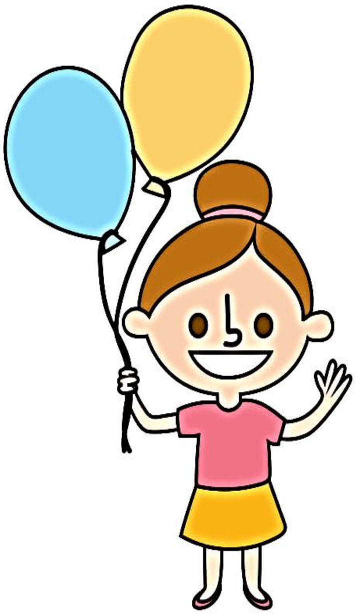

!

____

____

____

____

____

CONHECIMENTO E TRASFORMAÇÃO: https://conhecimentosetransformacao.blogspot.com/

Qual é o sinal?

Pontue as frases corretamente e copie-as:

a) Que dia lindo . ! ?

____

b) Como é o seu nome . ! ?

____

c) Você vai a aula hoje . ! ?

____

d) Hoje, vou dormir cedo . ! ?

____

e) Não façam barulho . ! ?

____

f) Eu gosto de chocolate . ! ?

CONHECIMENTO E TRASFORMAÇÃO: https://conhecimentosetransformacao.blogspot.com/

Recorte e cole:

Pontue corretamente as frases abaixo e cole na coluna correspondente:

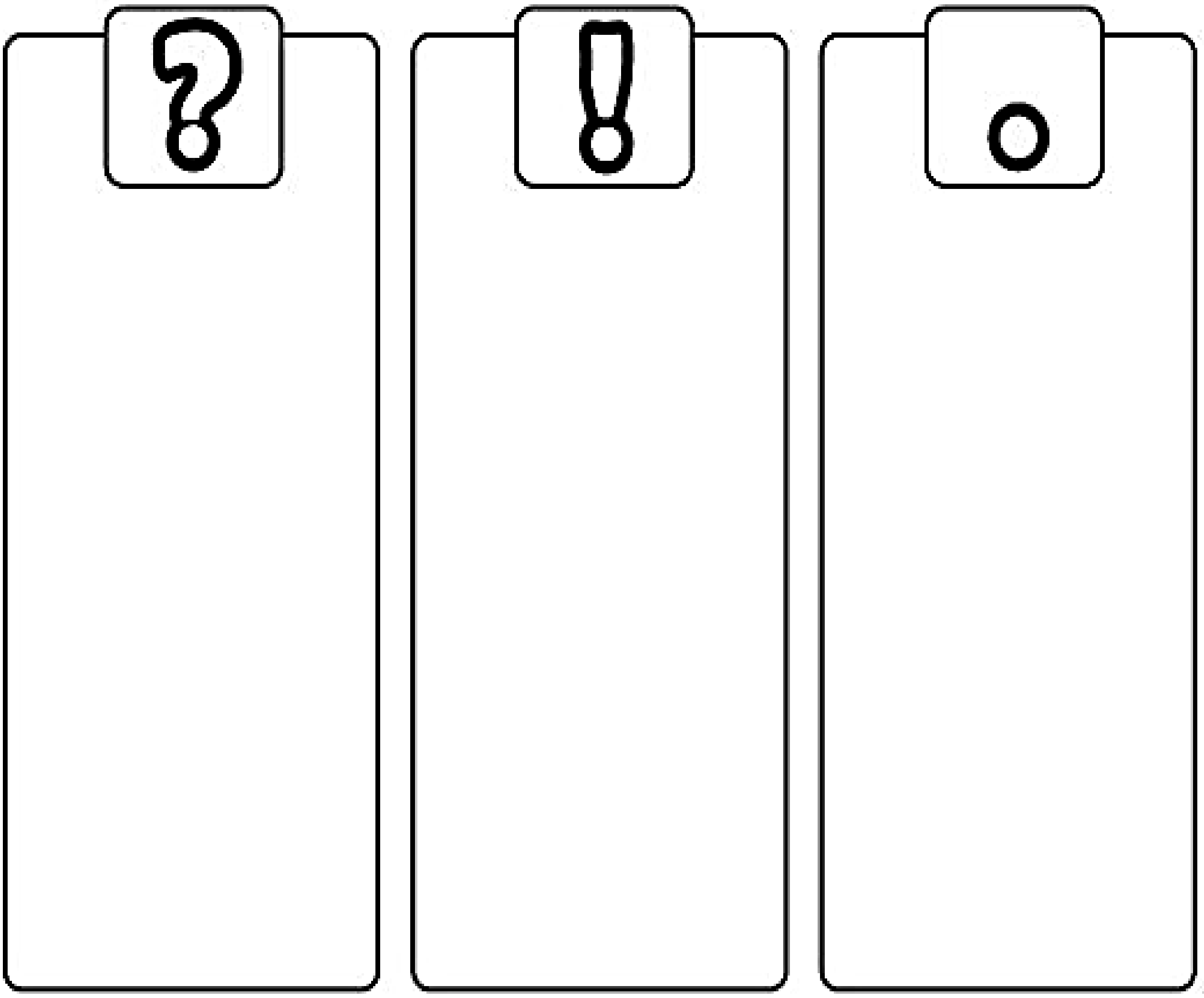

Como eu faço para reciclar este papel __	Por favor __ apague as luzes __	Apagou as luzes __ Bom trabalho __
Eu adoro ajudar a salvar o planeta __	Onde eu coloco esta sacola de plástico__	Onde fica o lixo reciclado __
Ah não__ Não desperdice __	Vamos reutilizar este papel __	Oba __ Conseguimos reciclar todo o material __

Com certeza, você percebeu o papel fundamental que os sinais de pontuação desempenham em nosso dia-a-dia. Abaixo, recorte e cole os sinais de pontuação em seus devidos lugares:

Sou o PONTO DE EXCLAMAÇÃO. Indico algo falado com sentimento; mostro reações como surpresa, medo, admiração etc.

Sou o PONTO DE INTERROGAÇÃO. Indico dúvida, faço perguntas.

Meu nome é TRAVESSÃO. Sou usado para mostrar que alguém fala de viva voz, ou seja, sou usado para mostrar a fala de uma pessoa, de um personagem. Apareço muito em textos narrativos.

Sou o PONTO FINAL. Indico o fim de uma frase dando certeza do que é falado.

Eu sou a VÍRGULA. Muitos falam que sirvo para indicar uma parada curta na fala. Mas minha função é muito mais importante. Em cartas, separo o nome da localidade da data. Também separo elementos de uma citação em série. E ainda há mais coisas que faço!

Sou chamado de DOIS PONTOS. Indico que algo vai ser falado, explicado, identificado.Em textos narrativos sou muito usado para mostrar que, em seguida, virá a fala do personagem.

Sou conhecido como RETICÊNCIAS. Indico a suspensão de pensamento, como se algo estivesse sendo falado e fosse suspenso. Também posso ser usado para demonstrar uma certa hesitação na fala.

Sou conhecido como ASPAS. Quando usado, mostro que a palavra ou frase mereceu um destaque importante. Você pode me usar para destacar gírias, palavras estrangeiras, títulos de textos etc.

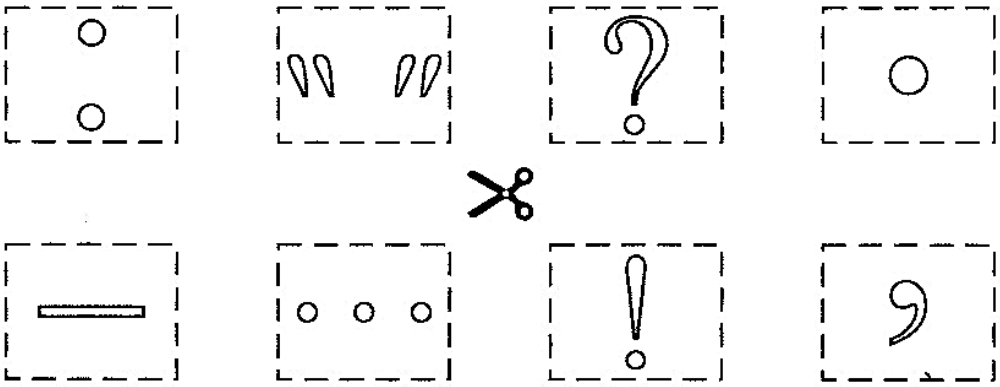

Cruzadinha da pontuação

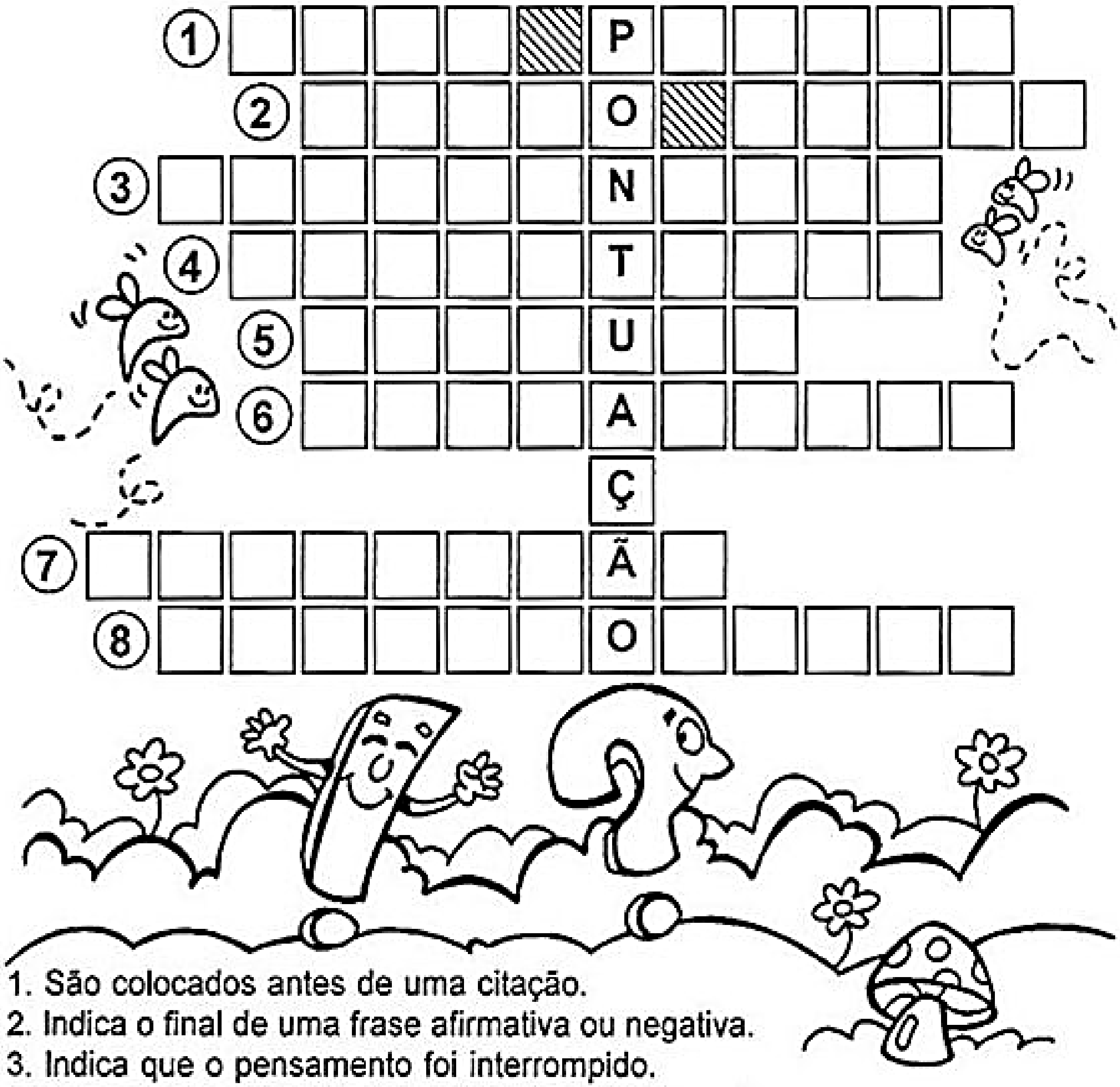

1. São colocados antes de uma citação.
2. Indica o final de uma frase afirmativa ou negativa.
3. Indica que o pensamento foi interrompido.
4. Separam palavras ou frases intercaladas na sentença.
5. Indica uma pausa e separa nome do lugar e da data.
6. Demonstra espanto, admiração ou medo.
7. Indica que alguém vai falar em um diálogo.
8. É usado para fazer perguntas.

1. Dois pontos 2. Ponto final 3. Reticências (...) 4. Parênteses 5. Vírgula 6. Exclamação 7. Travessão 8. Interrogação.

CONHECIMENTO E TRASFORMAÇÃO: https://conhecimentosetransformacao.blogspot.com/

CT

CONHECIMENTO e

Transformação

MATERIAL GRATUITO

VISITE A PÁGINA E ACOMPANHE AS NOVIDADES.

https://www.facebook.com/mayrafreitascarvalho

VISITE O BLOG E OBTENHA VÁRIOS MATERIAIS GRATUITOS:

https://conhecimentosetransformacao.blogspot.com/

AO COMPARTILHAR, MANTENHA OS CRÉDITOS DA PÁGINA E BLOG

CONHECIMENTO E TRANSFORMAÇÃO.

POLICIAL

LÍNGUA PORTUGUESA

CARLOS ANDRÉ

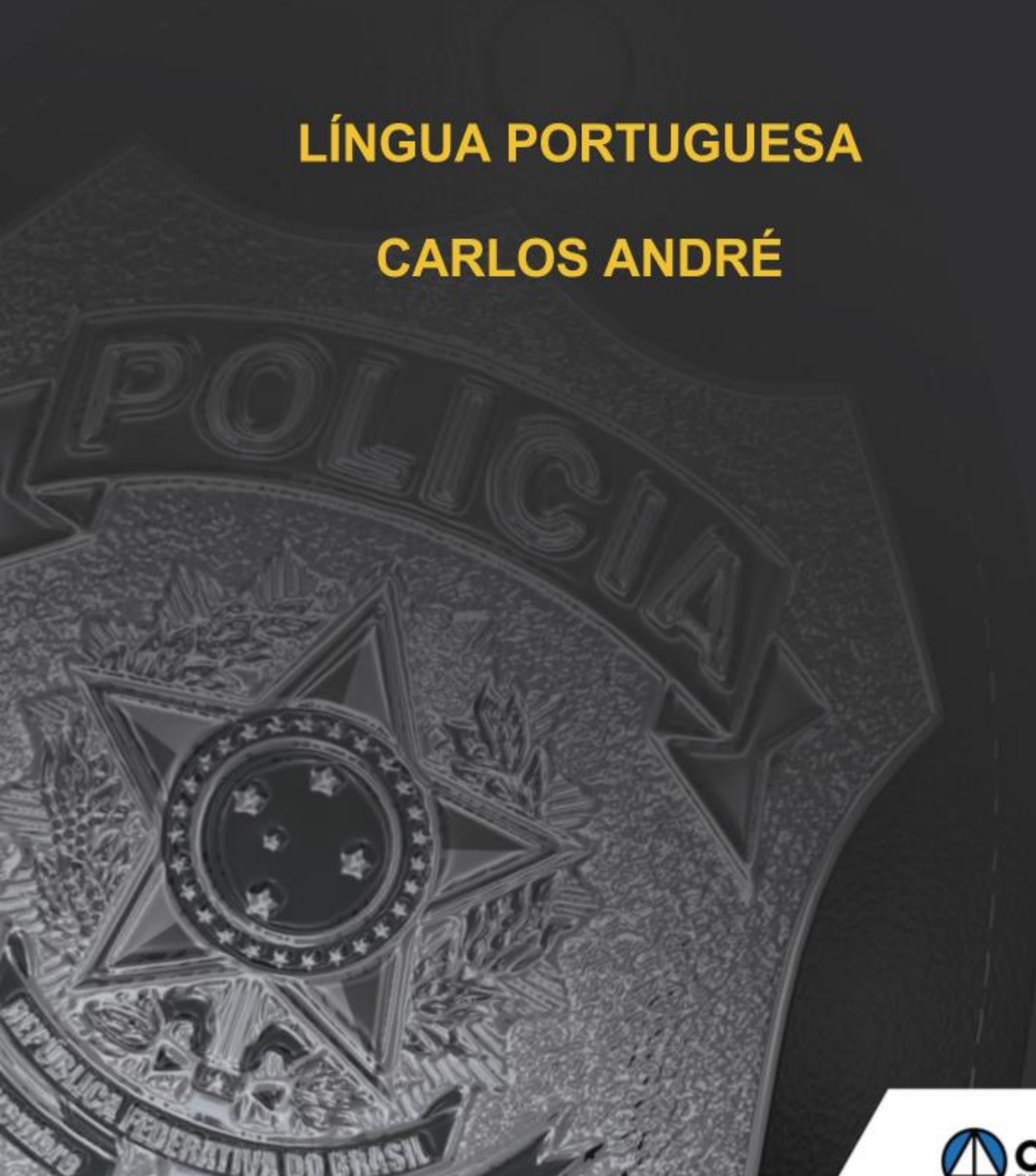
POLICIA
REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

ACENTO INDICADOR DE CRASE

O fenômeno da crase é anterior à indicação por meio do chamado “acento grave” (`). Assim, é fundamental que o aluno entenda, inicialmente, a lógico de tal fenômeno para que, na prática, possa aplicar o indicador.

Vejamos o que diz o dicionário Aurélio:

1. Contração ou fusão de duas vogais em uma só:
à (*aa*); *ler* (*leer*); *dor* (*door*).
2.A contração de dois *aa*.
3. Designação vulgar do acento indicativo de certos casos de crase.
Ex.: Em *vou à praia*, o *a* deve ter crase.

Percebeu?

A crase é a fusão de duas vogais idênticas, conforme se percebe pelo item do dicionário. Hodiernamente, porém verifica-se que o fenômeno da crase ocorre com a fusão da preposição *a,* (advinda da regência verbal ou nominal), com o artigo *a*, com o pronome demonstrativo *a*, ou com o pronome demonstrativo *aquele*.

Verifique o gráfico abaixo para que você possa deduzir:

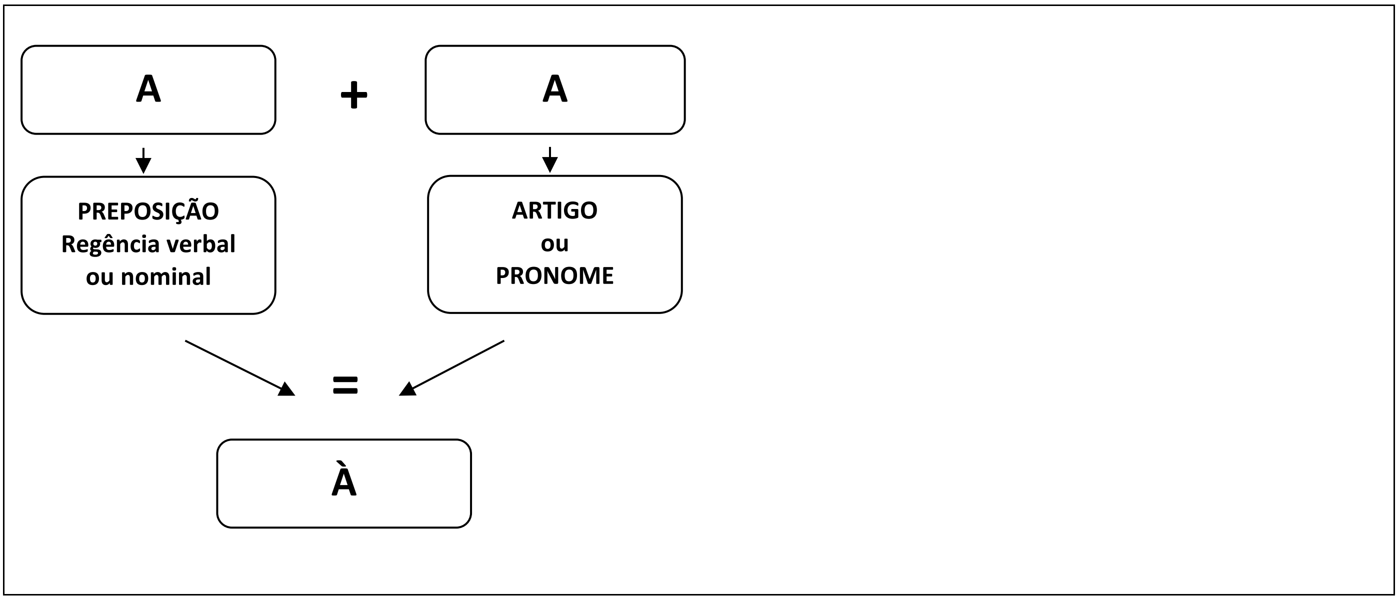
A
+
A
PREPOSIÇÃO
Regência verbal
ou nominal
ARTIGO
ou
PRONOME
=
À

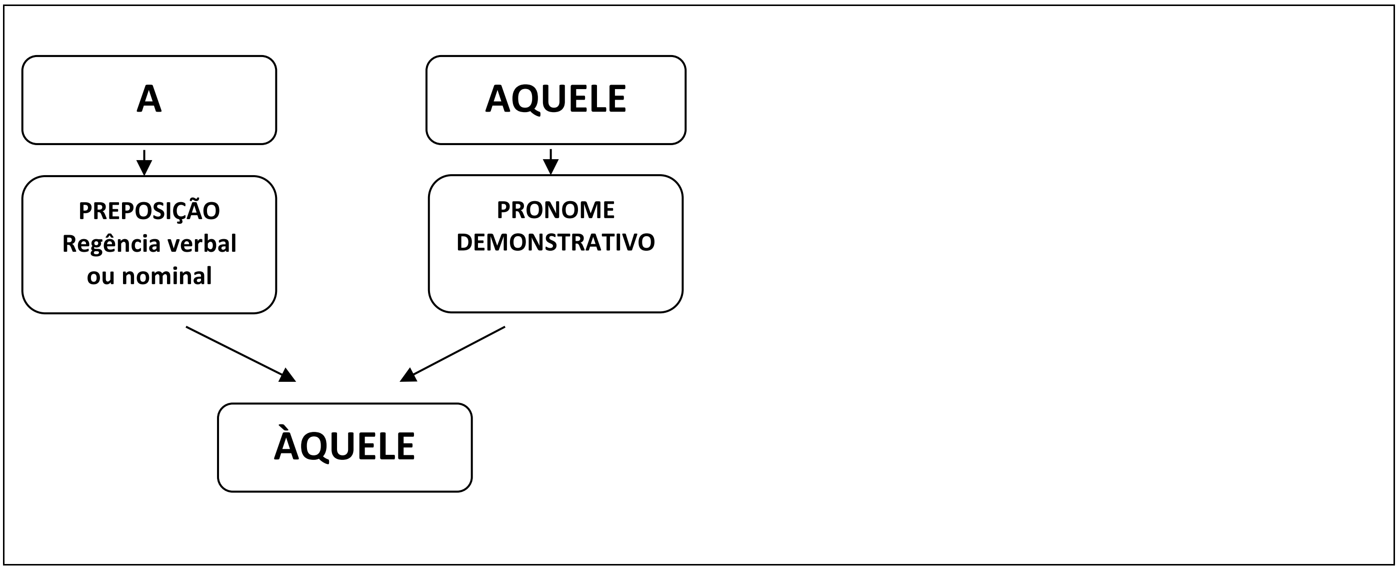
A
AQUELE
PREPOSIÇÃO
Regência verbal
ou nominal
PRONOME
DEMONSTRATIVO
ÀQUELE

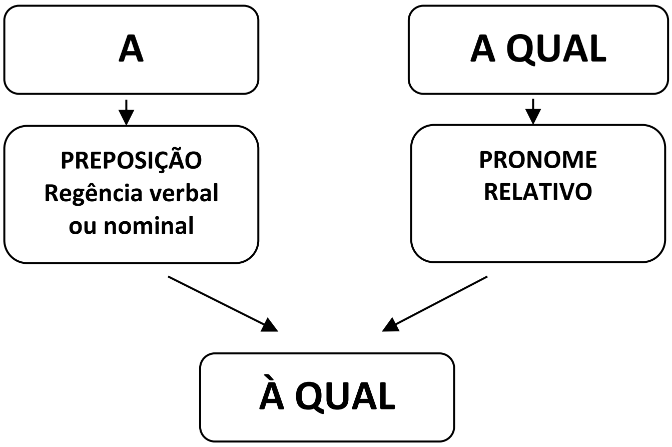

Verifiquemos agora casos de instrumentalização do uso do acento indicador de crase:

CASOS PRÁTICOS DO USO DO ACENTO INDICADOR DE CRASE

1) Encontrando-se a preposição *a* com o artigo *a, as*, ou com o pronome demonstrativo feminino, *a, as*, bem como com o *a* de *aquele, aqueles, aquelas, aquilo, a qual e as quais*, fundem-se os dois sons em um só, que, na linguagem escrita, se assinala atualmente com o acento:

- Não irei hoje à cidade.
- Premiaram-no por sua dedicação às crianças.
- Essa história é muito parecida à que minha mãe me contava.
- Quero agradecer àquele rapaz as atenções que me dispensou.
- Desconheço a poesia de Olavo Bilac à qual o orador fez referência.

2) A crase da preposição *a* com o artigo *a, as* somente pode dar-se é óbvio — antes de palavra feminina, expressa ou oculta, que esteja acompanhada de artigo e constitua com a preposição um complemento antecedente desta:

- Sua frequência às aulas é muito irregular.
- Ele escreve à (moda de) Machado de Assis, isto é, com elegância naturalidade.

Basta que tal palavra, ainda que feminina, desacerte o artigo (quer própria natureza dela, quer por já vir acompanhada de determinativo incompatível com o artigo, quer, ainda, pela sua situação no contexto), para não haver crase.

Exemplo:

a) - Voltarei a Paris ainda este ano.

Nota: *A palavra Paris repele o artigo, como se vê nas construções seguintes: vive em Paris, jamais saiu de Paris, o avião passa por Paris, etc.*

Escrever-se-á, todavia: Jamais voltei à Paris dos meus sonhos —porque, aí, a palavra Paris está determinada.

b) - Entregue a pasta a qualquer pessoa da casa.
- Não comparecerei a esta cerimônia.
- É uma jovem a cuja inteligência faço justiça.

Nota:
Os substantivos pessoa, cerimônia e inteligência, todos femininos, estão determinados respectivamente por qualquer, esta e cuja, razão pela qual não podem trazer também o artigo.

c) - O quarto recende a rosa.
- Ele vive entregue a tristeza profunda.
- Todo empregado tem direito a licença.

Nota: *Os substantivos femininos rosa, tristeza, licença, se bem que possam, por si mesmos, em outras circunstâncias, ser usados com artigo, empregam-se, nestas frases, em sentido absolutamente geral, e, portanto, sem artigo. Cf. as construções seguintes, com palavras masculinas — nas quais, de modo mais claro, se percebe a falta do artigo: o quarto recende a jasmim; ele vive entregue a pesar profundo; todo empregado tem direito a descanso.*

3) Quando for facultativo o artigo, facultativa será, naturalmente, a crase. Isso acontece com nomes próprios de pessoa, com alguns nomes de lugar, e antes dos possessivos:

- Dê o retrato a Evangelina (ou à Evangelina).
- Ir a África (ou à África).
- Dirija-se a sua sala (ou à sua sala).

Nota: *Nos dois últimos casos, a linguagem contemporânea prefere a construção com artigo.*

4) Na designação das horas, o *a* é acentuado:

- Chegarei à uma hora e sairei às cinco.

5) Em expressões como gota a gota, cara a cara, etc., nas quais falta o artigo antes do primeiro termo, faltará também antes do segundo:

- Os inimigos estavam cara a cara.
- O líquido caía gota a gota.

6) Com o substantivo casa, na acepção de residência, três fatos podem ocorrer:

a) Não se dará a crase, se a palavra *casa* não tiver nenhuma determinação:

- Não voltarei a casa para almoçar.
- Assim que cheguei a casa, recebi o seu recado.

Nota: *Conferir as expressões: ficar em casa, sair de casa, passar por casa etc. (todas sem artigo).*

b) Será facultativa a crase, se a palavra *casa* vier acompanhada de possessivo, ou adjunto que designe o dono ou o morador:

- Tão cedo não voltarei a tua casa (ou à tua casa).
- Nunca fui a casa do Bentinho (ou à casa do Bentinho).

c) Será obrigatória a crase, se a palavra *casa* vier acompanhada de qualificativo, ou adjunto que não designe o dono ou o morador:

- Visita à casa paterna.
- Ainda não voltei à casa de Laranjeiras, desde que lá morreu meu pai.

Nota: *Fora da significação aludida, a palavra casa exige o artigo nas circunstâncias comuns em que este se emprega.*

7) Nem sempre — e aí é que bate o ponto — o *a* acentuado é resultante de crase. Assim por motivos de clareza como para atender às tendências históricas do idioma, recebem acento no *a*, independentemente da existência de crase, muitas expressões formadas com palavras femininas:

- apanhar à mão;
- cortar à espada;
- fechar à chave;
- matar o inimigo à fome;
- comprar à vista;

Observação: *Em expressões como às pressas, às vezes, às ocultas, às expensas de (outrora a pressa, a vezes, a ocultas, a expensas de), a forma plural dos substantivos teria determinado a presença do "as", que, apesar de não ter a função delimitadora de artigo, levou à falsa suposição da existência dele; daí o craseamento com a preposição e o uso do acento, que se estendeu a expressões semelhantes.*

LEMBRETES PARA NÃO USAR O ACENTO INDICATIVO DE CRASE

1) Antes de palavra masculina:

- Iluminação a GÁS.
- Pintura a ÓLEO.
- Entrega a DOMICÍLIO.
- Que sabes a RESPEITO da vida?

2) Antes do artigo indefinido *UMA*:

- Você fas jus a UMA recompensa.
- Já assistiram a UMA toura

3) Antes de palavra no plural:

- Não compareço a FESTAS públicas.
- Prender-se a IDEIAS e envelhecidas.

4) Antes de verbo:

- Preferiu morrer a ENTREGAR-SE.
- Fiquei a CONTEMPLÁ-LA.

5) Antes de pronome pessoal, incluindo-se o de tratamento:

- O concerto será dedicado a VOCÊ.
- Vimos trazer nossos cum mentos a VOSSA EXCELÊNCIA.

6) Antes de numeral cardinal (exceto na designação das horas):

- O vilarejo fica a DUAS léguas da cidade.

7) Antes de pronome demonstrativo, indefinido, relativo, ou interrogativo:

- Não sei responder a ESSA pergunta.
- Chegaram vocês a ALGUMA conclusão?
- Trata-se de pessoas a QUEM respeito muito. A QUE profissão se destina o rapaz?

8) Antes de nome de lugar, que se use sem artigo:

- Voltarei a LONDRES ainda este ano. Foi a ROMA e não viu o Papa.

9) Em expressões como frente a frente, gota a gota:

- Os duelistas já se encontravam FRENTE a FRENTE.

EXERCÍCIOS

TEXTO PARA QUESTÃO 01

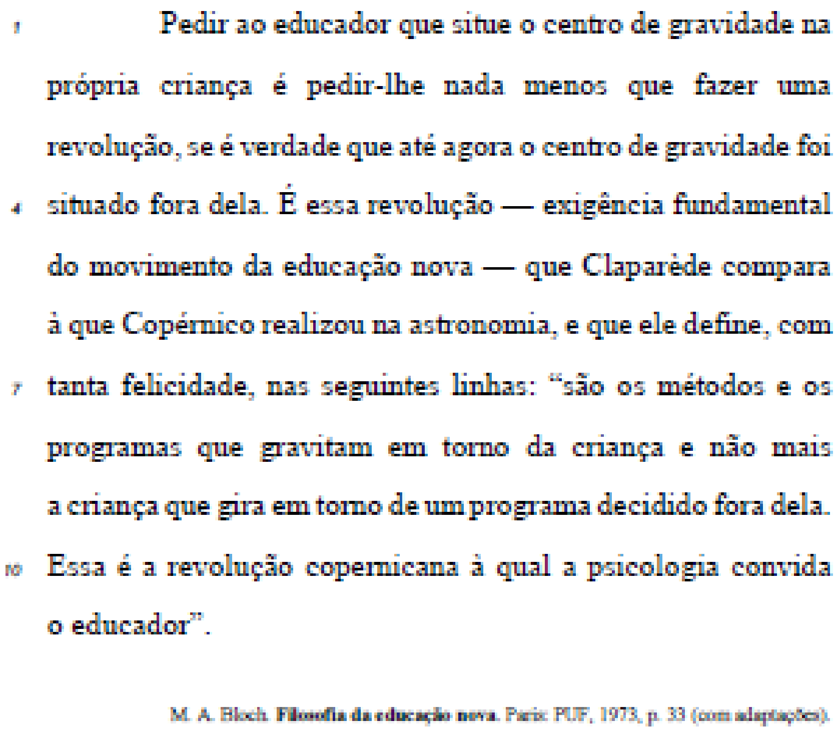

Pedir ao educador que situe o centro de gravidade na própria criança é pedir-lhe nada menos que fazer uma revolução, se é verdade que até agora o centro de gravidade foi situado fora dela. É essa revolução — exigência fundamental do movimento da educação nova — que Claparède compara à que Copérnico realizou na astronomia, e que ele define, com tanta felicidade, nas seguintes linhas: "são os métodos e os programas que gravitam em torno da criança e não mais a criança que gira em torno de um programa decidido fora dela. Essa é a revolução copernicana à qual a psicologia convida o educador".

M. A. Bloch. **Filosofia da educação nova**. Paris: PUF, 1973, p. 33 (com adaptações).

QUESTÃO 01

Com relação às ideias do texto CB1A1BBB e aos seus aspectos linguísticos, julgue o item a seguir.

A supressão do acento grave, indicativo de crase, no trecho "que Claparède compara à que Copérnico realizou na astronomia" (l. 5 e 6), prejudicaria a correção gramatical do texto, dada a impossibilidade de omissão do artigo definido no contexto.

( )CERTO ( ) ERRADO

TEXTO PARA QUESTÃO 02

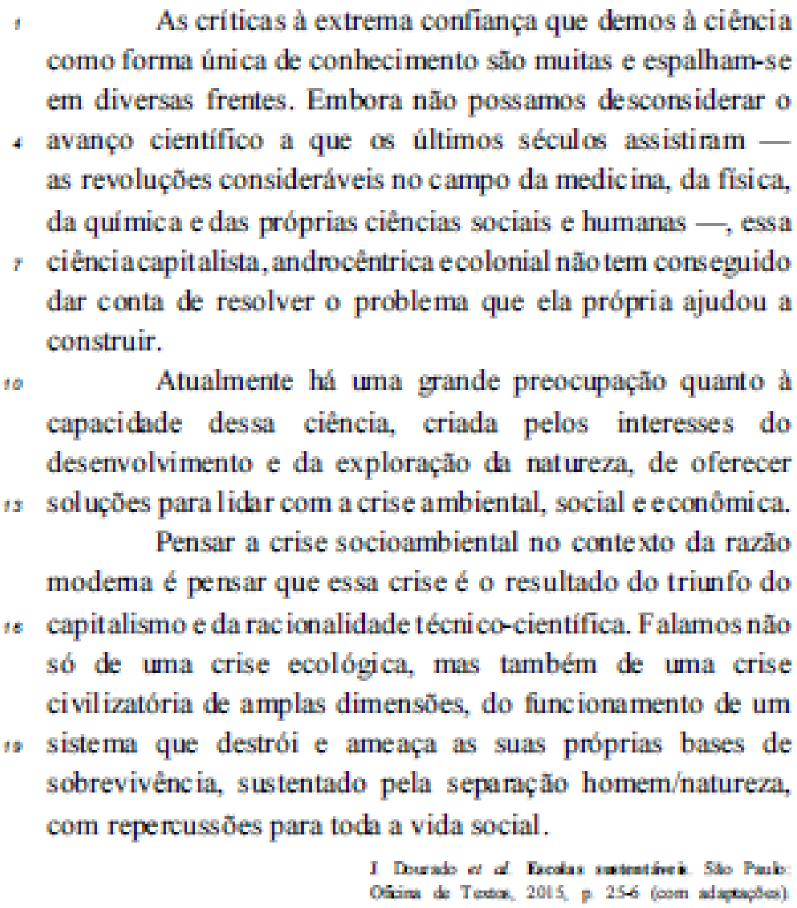

As críticas à extrema confiança que demos à ciência como forma única de conhecimento são muitas e espalham-se em diversas frentes. Embora não possamos desconsiderar o avanço científico a que os últimos séculos assistiram — as revoluções consideráveis no campo da medicina, da física, da química e das próprias ciências sociais e humanas —, essa ciência capitalista, androcêntrica e colonial não tem conseguido dar conta de resolver o problema que ela própria ajudou a construir.

Atualmente há uma grande preocupação quanto à capacidade dessa ciência, criada pelos interesses do desenvolvimento e da exploração da natureza, de oferecer soluções para lidar com a crise ambiental, social e econômica.

Pensar a crise socioambiental no contexto da razão moderna é pensar que essa crise é o resultado do triunfo do capitalismo e da racionalidade técnico-científica. Falamos não só de uma crise ecológica, mas também de uma crise civilizatória de amplas dimensões, do funcionamento de um sistema que destrói e ameaça as suas próprias bases de sobrevivência, sustentado pela separação homem/natureza, com repercussões para toda a vida social.

J. Dourado *et al*. *Escolas sustentáveis*. São Paulo: Oficina de Textos, 2015, p. 25-6 (com adaptações).

QUESTÃO 02

Considerando as ideias e estruturas linguísticas do texto CB2A1AAA, julgue o item a seguir.

O emprego do sinal indicativo de crase em “à capacidade dessa ciência” (l. 10 e 11) é facultativo.

( )CERTO ( ) ERRADO

TEXTO PARA QUESTÃO 03

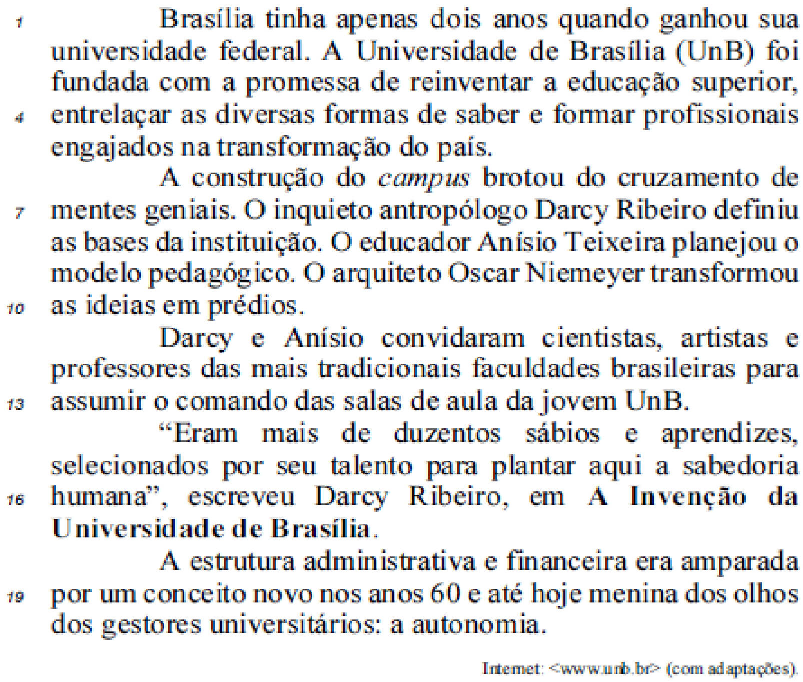

Brasília tinha apenas dois anos quando ganhou sua universidade federal. A Universidade de Brasília (UnB) foi fundada com a promessa de reinventar a educação superior, entrelaçar as diversas formas de saber e formar profissionais engajados na transformação do país.

A construção do *campus* brotou do cruzamento de mentes geniais. O inquieto antropólogo Darcy Ribeiro definiu as bases da instituição. O educador Anísio Teixeira planejou o modelo pedagógico. O arquiteto Oscar Niemeyer transformou as ideias em prédios.

Darcy e Anísio convidaram cientistas, artistas e professores das mais tradicionais faculdades brasileiras para assumir o comando das salas de aula da jovem UnB.

"Eram mais de duzentos sábios e aprendizes, selecionados por seu talento para plantar aqui a sabedoria humana", escreveu Darcy Ribeiro, em **A Invenção da Universidade de Brasília**.

A estrutura administrativa e financeira era amparada por um conceito novo nos anos 60 e até hoje menina dos olhos dos gestores universitários: a autonomia.

Internet: <www.unb.br> (com adaptações).

QUESTÃO 03

Julgue o item que se segue, pertinentes a aspectos linguísticos do texto CB4A1AAA.

No trecho "O arquiteto Oscar Niemeyer transformou as ideias em prédios" (ℓ. 9 e 10), o emprego do sinal indicativo de crase em "as ideias" é opcional.

( )CERTO ( ) ERRADO

TEXTO PARA QUESTÃO 04

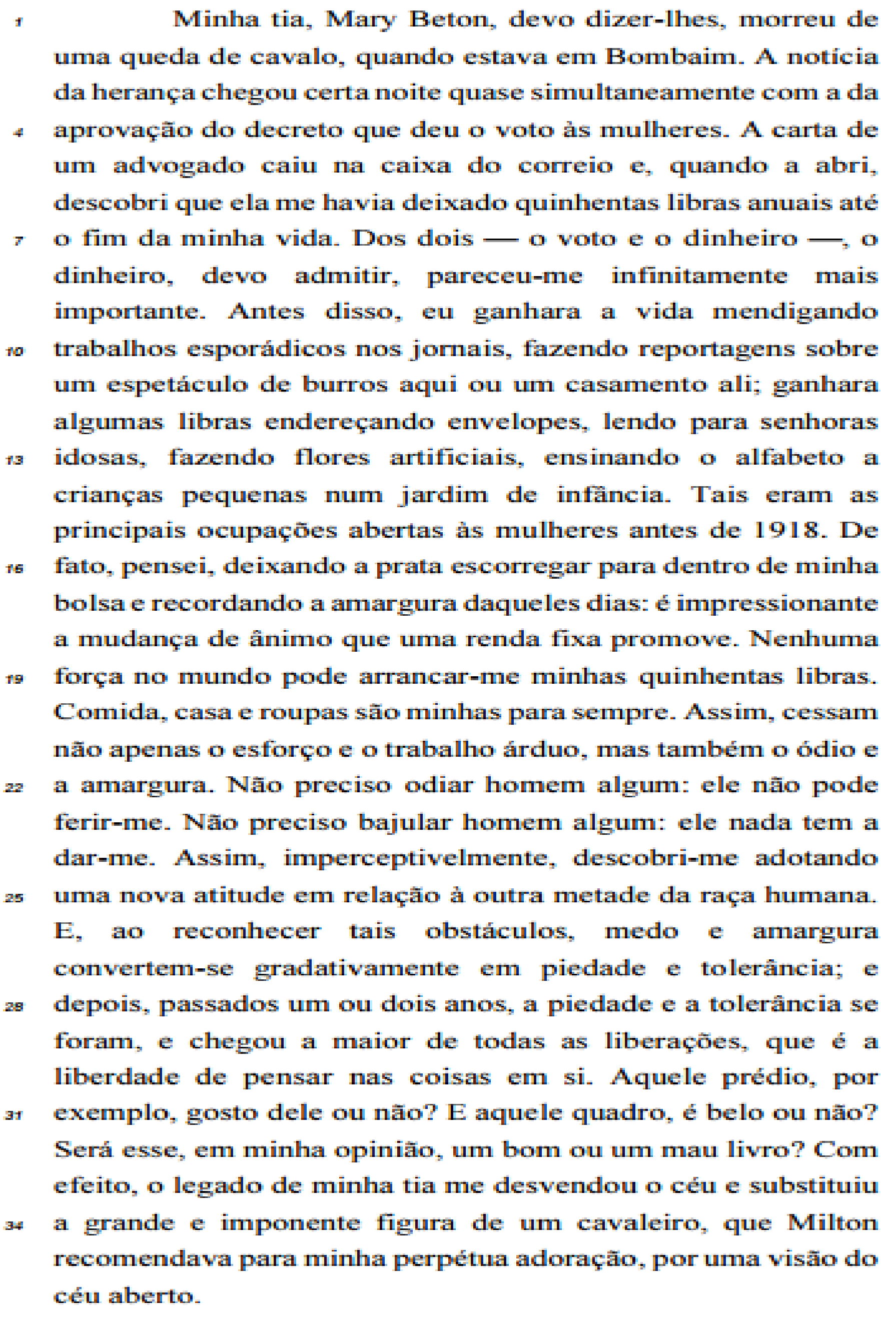

Minha tia, Mary Beton, devo dizer-lhes, morreu de uma queda de cavalo, quando estava em Bombaim. A notícia da herança chegou certa noite quase simultaneamente com a da aprovação do decreto que deu o voto às mulheres. A carta de um advogado caiu na caixa do correio e, quando a abri, descobri que ela me havia deixado quinhentas libras anuais até o fim da minha vida. Dos dois — o voto e o dinheiro —, o dinheiro, devo admitir, pareceu-me infinitamente mais importante. Antes disso, eu ganhara a vida mendigando trabalhos esporádicos nos jornais, fazendo reportagens sobre um espetáculo de burros aqui ou um casamento ali; ganhara algumas libras endereçando envelopes, lendo para senhoras idosas, fazendo flores artificiais, ensinando o alfabeto a crianças pequenas num jardim de infância. Tais eram as principais ocupações abertas às mulheres antes de 1918. De fato, pensei, deixando a prata escorregar para dentro de minha bolsa e recordando a amargura daqueles dias: é impressionante a mudança de ânimo que uma renda fixa promove. Nenhuma força no mundo pode arrancar-me minhas quinhentas libras. Comida, casa e roupas são minhas para sempre. Assim, cessam não apenas o esforço e o trabalho árduo, mas também o ódio e a amargura. Não preciso odiar homem algum: ele não pode ferir-me. Não preciso bajular homem algum: ele nada tem a dar-me. Assim, imperceptivelmente, descobri-me adotando uma nova atitude em relação à outra metade da raça humana. E, ao reconhecer tais obstáculos, medo e amargura convertem-se gradativamente em piedade e tolerância; e depois, passados um ou dois anos, a piedade e a tolerância se foram, e chegou a maior de todas as liberações, que é a liberdade de pensar nas coisas em si. Aquele prédio, por exemplo, gosto dele ou não? E aquele quadro, é belo ou não? Será esse, em minha opinião, um bom ou um mau livro? Com efeito, o legado de minha tia me desvendou o céu e substituiu a grande e imponente figura de um cavaleiro, que Milton recomendava para minha perpétua adoração, por uma visão do céu aberto.

Virginia Woolf. **Um teto todo seu**. Trad. de Vera Ribeiro.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985 (com adaptações).

QUESTÃO 04

Acerca dos aspectos linguísticos e dos sentidos do texto CB3A1AAA, julgue o seguinte item.

O sinal indicativo de crase em “às mulheres” (l. 4) é facultativo.

( ) CERTO ( ) ERRADO

TEXTO PARA QUESTÃO 05

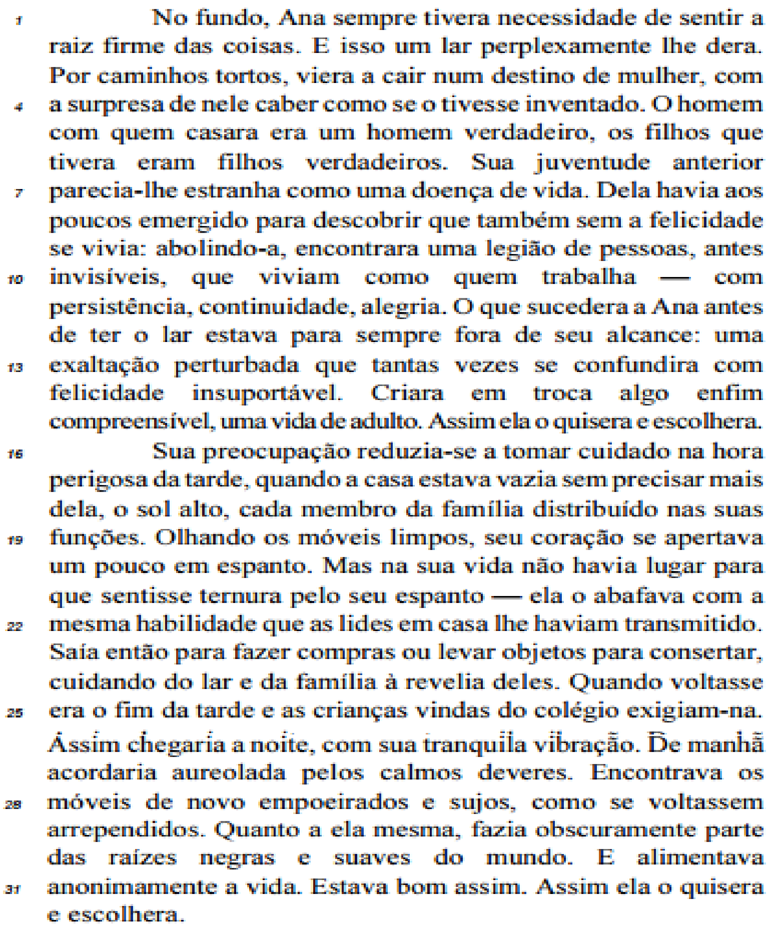

No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar perplexamente lhe dera. Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado. O homem com quem casara era um homem verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros. Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida. Dela havia aos poucos emergido para descobrir que também sem a felicidade se vivia: abolindo-a, encontrara uma legião de pessoas, antes invisíveis, que viviam como quem trabalha — com persistência, continuidade, alegria. O que sucedera a Ana antes de ter o lar estava para sempre fora de seu alcance: uma exaltação perturbada que tantas vezes se confundira com felicidade insuportável. Criara em troca algo enfim compreensível, uma vida de adulto. Assim ela o quisera e escolhera.

Sua preocupação reduzia-se a tomar cuidado na hora perigosa da tarde, quando a casa estava vazia sem precisar mais dela, o sol alto, cada membro da família distribuído nas suas funções. Olhando os móveis limpos, seu coração se apertava um pouco em espanto. Mas na sua vida não havia lugar para que sentisse ternura pelo seu espanto — ela o abafava com a mesma habilidade que as lides em casa lhe haviam transmitido. Saía então para fazer compras ou levar objetos para consertar, cuidando do lar e da família à revelia deles. Quando voltasse era o fim da tarde e as crianças vindas do colégio exigiam-na. Assim chegaria a noite, com sua tranquila vibração. De manhã acordaria aureolada pelos calmos deveres. Encontrava os móveis de novo empoeirados e sujos, como se voltassem arrependidos. Quanto a ela mesma, fazia obscuramente parte das raízes negras e suaves do mundo. E alimentava anonimamente a vida. Estava bom assim. Assim ela o quisera e escolhera.

Clarice Lispector. **Amor**. *In:* **Laços de família**.
Rio de Janeiro: Rocco, 2009, p. 20-1

QUESTÃO 05

Acerca dos aspectos linguísticos e dos sentidos do texto CB1A1AAA, julgue o item que se segue.

A introdução do sinal grave indicativo de crase em “a noite” (l.26) manteria a correção gramatical do texto, mas prejudicaria seu sentido original.

( ) CERTO ( ) ERRADO

TEXTO PARA QUESTÃO 06

“O americano Jackson Katz, 55, é um homem feminista – definição que lhe agrada. Dedica praticamente todo o seu tempo a combater a violência contra a mulher e a promover a igualdade entre os gêneros. (...) Em 1997, idealizou o primeiro projeto de prevenção à violência de gênero na história dos *marines* americanos. Katz – casado e pai de um filho – já prestou consultoria à Organização Mundial de Saúde e ao Exército americano.”

(In: **Veja**, Rio de Janeiro: Abril, ano 49, n.2, p. 13, jan. 2016.)

QUESTÃO 06

No texto acima, o sinal indicativo de crase foi empregado corretamente, em todas as situações. Poderia ter ocorrido também diante dos verbos **combater** e **promover**, uma vez que o emprego desse acento é facultativo antes de verbos.

TEXTO PARA QUESTÃO 07

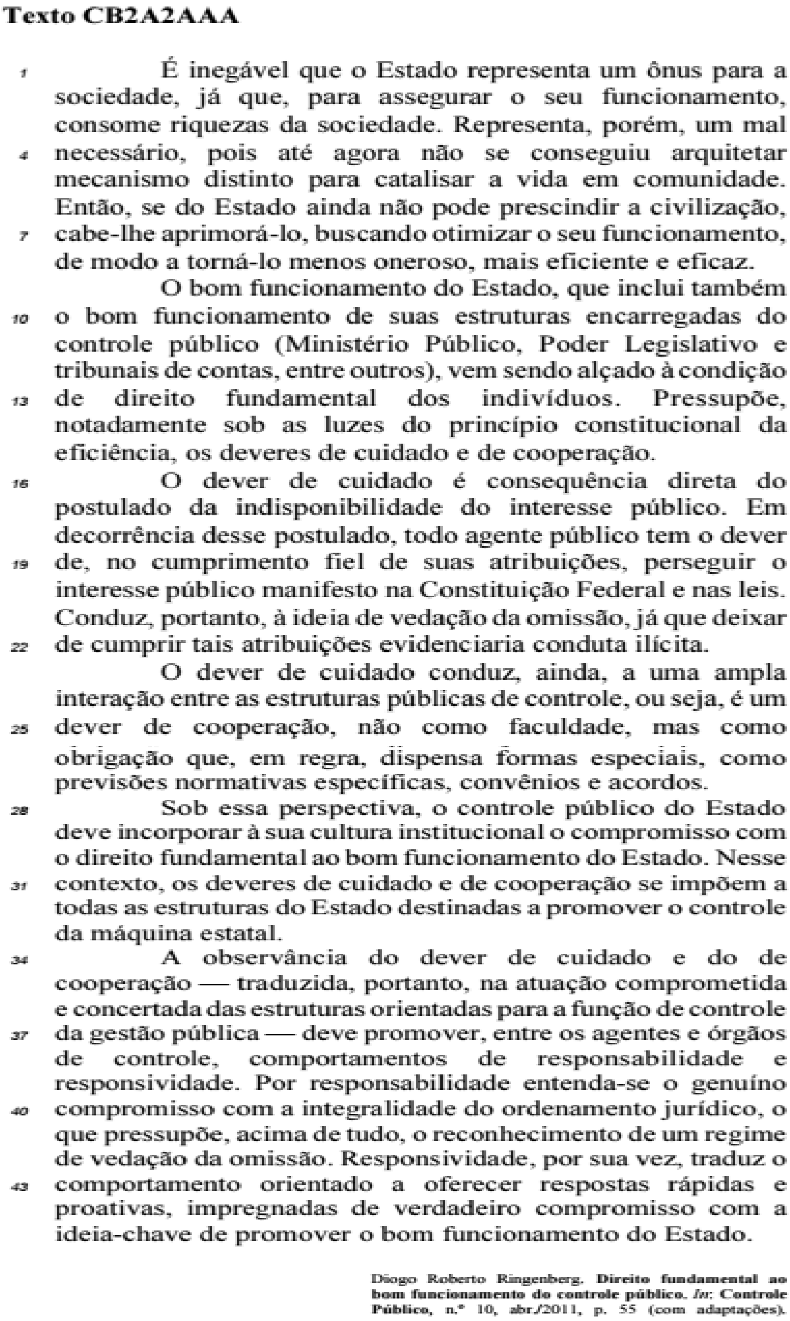

Texto CB2A2AAA

É inegável que o Estado representa um ônus para a sociedade, já que, para assegurar o seu funcionamento, consome riquezas da sociedade. Representa, porém, um mal necessário, pois até agora não se conseguiu arquitetar mecanismo distinto para catalisar a vida em comunidade. Então, se do Estado ainda não pode prescindir a civilização, cabe-lhe aprimorá-lo, buscando otimizar o seu funcionamento, de modo a torná-lo menos oneroso, mais eficiente e eficaz.

O bom funcionamento do Estado, que inclui também o bom funcionamento de suas estruturas encarregadas do controle público (Ministério Público, Poder Legislativo e tribunais de contas, entre outros), vem sendo alçado à condição de direito fundamental dos indivíduos. Pressupõe, notadamente sob as luzes do princípio constitucional da eficiência, os deveres de cuidado e de cooperação.

O dever de cuidado é consequência direta do postulado da indisponibilidade do interesse público. Em decorrência desse postulado, todo agente público tem o dever de, no cumprimento fiel de suas atribuições, perseguir o interesse público manifesto na Constituição Federal e nas leis. Conduz, portanto, à ideia de vedação da omissão, já que deixar de cumprir tais atribuições evidenciaria conduta ilícita.

O dever de cuidado conduz, ainda, a uma ampla interação entre as estruturas públicas de controle, ou seja, é um dever de cooperação, não como faculdade, mas como obrigação que, em regra, dispensa formas especiais, como previsões normativas específicas, convênios e acordos.

Sob essa perspectiva, o controle público do Estado deve incorporar à sua cultura institucional o compromisso com o direito fundamental ao bom funcionamento do Estado. Nesse contexto, os deveres de cuidado e de cooperação se impõem a todas as estruturas do Estado destinadas a promover o controle da máquina estatal.

A observância do dever de cuidado e do de cooperação — traduzida, portanto, na atuação comprometida e concertada das estruturas orientadas para a função de controle da gestão pública — deve promover, entre os agentes e órgãos de controle, comportamentos de responsabilidade e responsividade. Por responsabilidade entenda-se o genuíno compromisso com a integralidade do ordenamento jurídico, o que pressupõe, acima de tudo, o reconhecimento de um regime de vedação da omissão. Responsividade, por sua vez, traduz o comportamento orientado a oferecer respostas rápidas e proativas, impregnadas de verdadeiro compromisso com a ideia-chave de promover o bom funcionamento do Estado.

Diogo Roberto Ringenberg. **Direito fundamental ao bom funcionamento do controle público.** *In*: **Controle Público**, n.º 10, abr./2011, p. 55 (com adaptações).

QUESTÃO 07

Com relação às estruturas linguísticas do texto **CB2A2AAA**, julgue o item a seguir.

No trecho “a uma ampla interação” (l. 23 e 24), a inserção do sinal indicativo de crase no “a” manteria a correção gramatical do período, mas prejudicaria o seu sentido original.

TEXTO PARA QUESTÃO 08

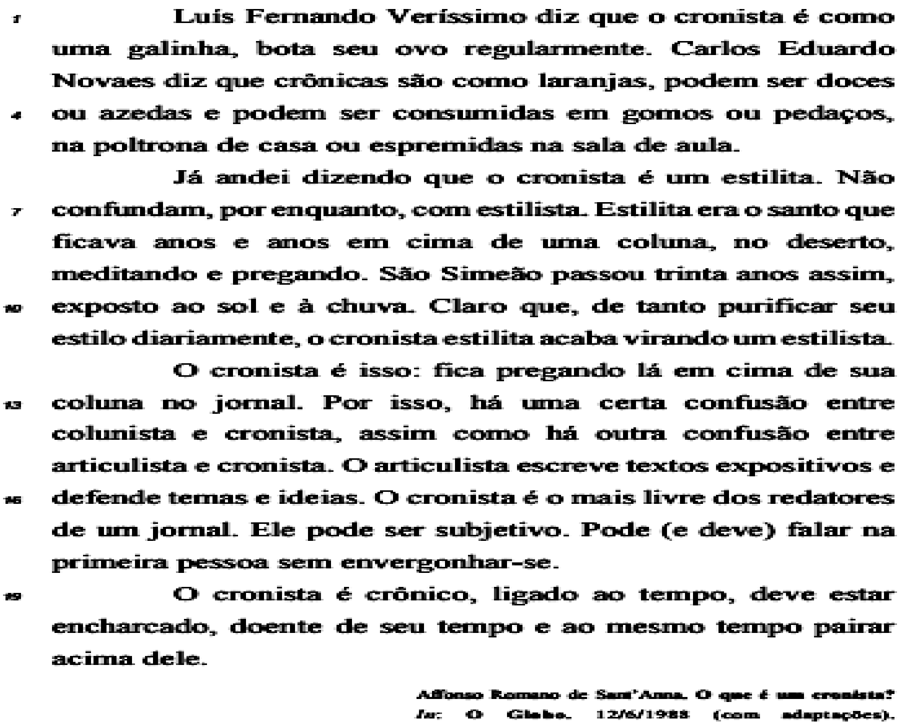

Luís Fernando Veríssimo diz que o cronista é como uma galinha, bota seu ovo regularmente. Carlos Eduardo Novaes diz que crônicas são como laranjas, podem ser doces ou azedas e podem ser consumidas em gomos ou pedaços, na poltrona de casa ou espremidas na sala de aula.

Já andei dizendo que o cronista é um estilita. Não confundam, por enquanto, com estilista. Estilita era o santo que ficava anos e anos em cima de uma coluna, no deserto, meditando e pregando. São Simeão passou trinta anos assim, exposto ao sol e à chuva. Claro que, de tanto purificar seu estilo diariamente, o cronista estilita acaba virando um estilista.

O cronista é isso: fica pregando lá em cima de sua coluna no jornal. Por isso, há uma certa confusão entre colunista e cronista, assim como há outra confusão entre articulista e cronista. O articulista escreve textos expositivos e defende temas e ideias. O cronista é o mais livre dos redatores de um jornal. Ele pode ser subjetivo. Pode (e deve) falar na primeira pessoa sem envergonhar-se.

O cronista é crônico, ligado ao tempo, deve estar encharcado, doente de seu tempo e ao mesmo tempo pairar acima dele.

Affonso Romano de Sant'Anna. O que é um cronista? *In*: O Globo. 12/6/1988 (com adaptações).

QUESTÃO 08

Considerando as ideias e os aspectos linguísticos do texto **O que é um cronista**?, julgue o item a seguir.

Na linha 10, o emprego do acento indicativo de crase em “à chuva” é exigido pela regência da forma verbal “exposto” e pela presença do artigo definido feminino que especifica o substantivo “chuva”.

TEXTO PARA QUESTÃO 09

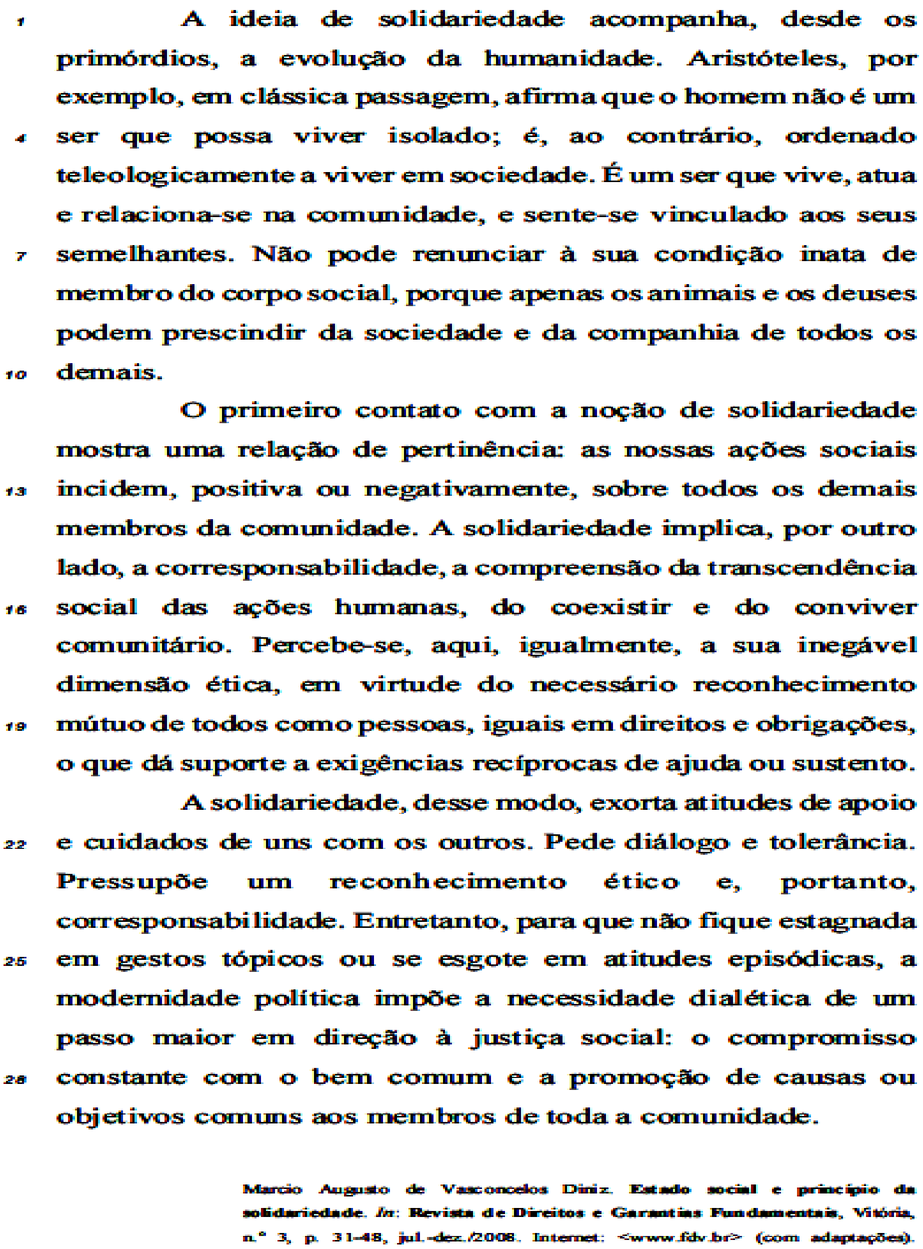

A ideia de solidariedade acompanha, desde os primórdios, a evolução da humanidade. Aristóteles, por exemplo, em clássica passagem, afirma que o homem não é um ser que possa viver isolado; é, ao contrário, ordenado teleologicamente a viver em sociedade. É um ser que vive, atua e relaciona-se na comunidade, e sente-se vinculado aos seus semelhantes. Não pode renunciar à sua condição inata de membro do corpo social, porque apenas os animais e os deuses podem prescindir da sociedade e da companhia de todos os demais.

O primeiro contato com a noção de solidariedade mostra uma relação de pertinência: as nossas ações sociais incidem, positiva ou negativamente, sobre todos os demais membros da comunidade. A solidariedade implica, por outro lado, a corresponsabilidade, a compreensão da transcendência social das ações humanas, do coexistir e do conviver comunitário. Percebe-se, aqui, igualmente, a sua inegável dimensão ética, em virtude do necessário reconhecimento mútuo de todos como pessoas, iguais em direitos e obrigações, o que dá suporte a exigências recíprocas de ajuda ou sustento.

A solidariedade, desse modo, exorta atitudes de apoio e cuidados de uns com os outros. Pede diálogo e tolerância. Pressupõe um reconhecimento ético e, portanto, corresponsabilidade. Entretanto, para que não fique estagnada em gestos tópicos ou se esgote em atitudes episódicas, a modernidade política impõe a necessidade dialética de um passo maior em direção à justiça social: o compromisso constante com o bem comum e a promoção de causas ou objetivos comuns aos membros de toda a comunidade.

Marcio Augusto de Vasconcelos Diniz. **Estado social e princípio da solidariedade**. *In*: **Revista de Direitos e Garantias Fundamentais**, Vitória, n.° 3, p. 31-48, jul.-dez./2008. Internet: <www.fdv.br> (com adaptações).

QUESTÃO 09

Julgue o item que se segue, relativos às estruturas linguísticas do texto **Estado social e princípio da solidariedade**.

A correção gramatical do texto seria prejudicada caso se empregasse o sinal indicativo de crase no vocábulo “a” em “dá suporte a exigências recíprocas” (l.20).

TEXTO PARA QUESTÃO 10

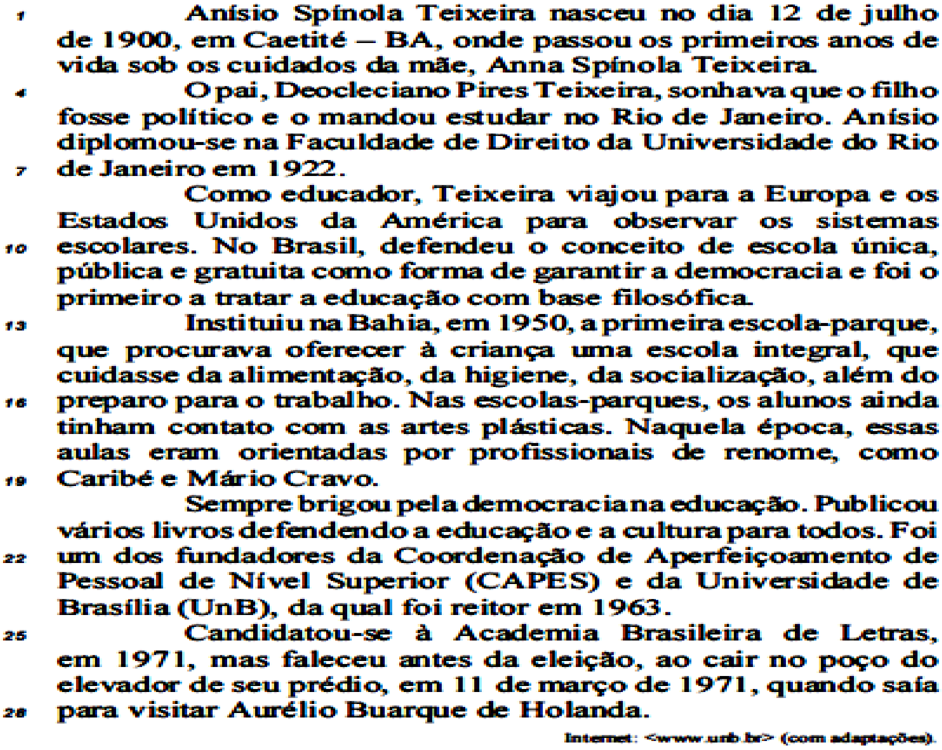

Anísio Spínola Teixeira nasceu no dia 12 de julho de 1900, em Caetité – BA, onde passou os primeiros anos de vida sob os cuidados da mãe, Anna Spínola Teixeira.

O pai, Deocleciano Pires Teixeira, sonhava que o filho fosse político e o mandou estudar no Rio de Janeiro. Anísio diplomou-se na Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro em 1922.

Como educador, Teixeira viajou para a Europa e os Estados Unidos da América para observar os sistemas escolares. No Brasil, defendeu o conceito de escola única, pública e gratuita como forma de garantir a democracia e foi o primeiro a tratar a educação com base filosófica.

Instituiu na Bahia, em 1950, a primeira escola-parque, que procurava oferecer à criança uma escola integral, que cuidasse da alimentação, da higiene, da socialização, além do preparo para o trabalho. Nas escolas-parques, os alunos ainda tinham contato com as artes plásticas. Naquela época, essas aulas eram orientadas por profissionais de renome, como Caribé e Mário Cravo.

Sempre brigou pela democracia na educação. Publicou vários livros defendendo a educação e a cultura para todos. Foi um dos fundadores da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da Universidade de Brasília (UnB), da qual foi reitor em 1963.

Candidatou-se à Academia Brasileira de Letras, em 1971, mas faleceu antes da eleição, ao cair no poço do elevador de seu prédio, em 11 de março de 1971, quando saía para visitar Aurélio Buarque de Holanda.

Internet: <www.unb.br> (com adaptações).

QUESTÃO 10

Com base nas ideias e estruturas linguísticas do texto I, julgue o item subsecutivo.

Em “à criança” (R.14), caso o vocábulo “criança” fosse empregado no plural, o acento indicativo de crase deveria ser mantido.

TEXTO PARA QUESTÃO 11

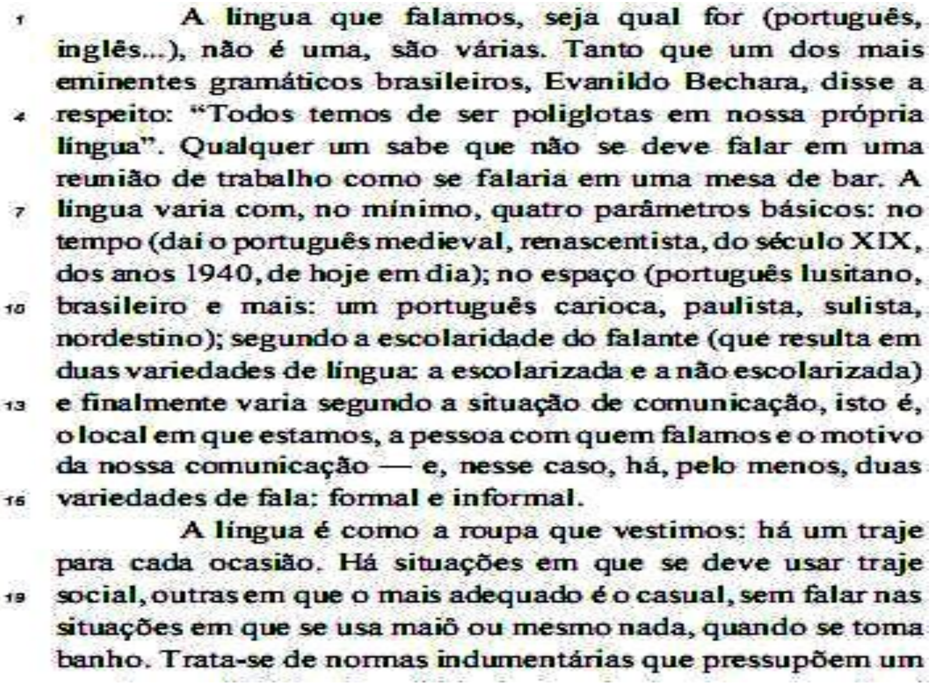

A língua que falamos, seja qual for (português, inglês...), não é uma, são várias. Tanto que um dos mais eminentes gramáticos brasileiros, Evanildo Bechara, disse a respeito: “Todos temos de ser poliglotas em nossa própria língua”. Qualquer um sabe que não se deve falar em uma reunião de trabalho como se falaria em uma mesa de bar. A língua varia com, no mínimo, quatro parâmetros básicos: no tempo (daí o português medieval, renascentista, do século XIX, dos anos 1940, de hoje em dia); no espaço (português lusitano, brasileiro e mais: um português carioca, paulista, sulista, nordestino); segundo a escolaridade do falante (que resulta em duas variedades de língua: a escolarizada e a não escolarizada) e finalmente varia segundo a situação de comunicação, isto é, o local em que estamos, a pessoa com quem falamos e o motivo da nossa comunicação — e, nesse caso, há, pelo menos, duas variedades de fala: formal e informal.

A língua é como a roupa que vestimos: há um traje para cada ocasião. Há situações em que se deve usar traje social, outras em que o mais adequado é o casual, sem falar nas situações em que se usa maiô ou mesmo nada, quando se toma banho. Trata-se de normas indumentárias que pressupõem um

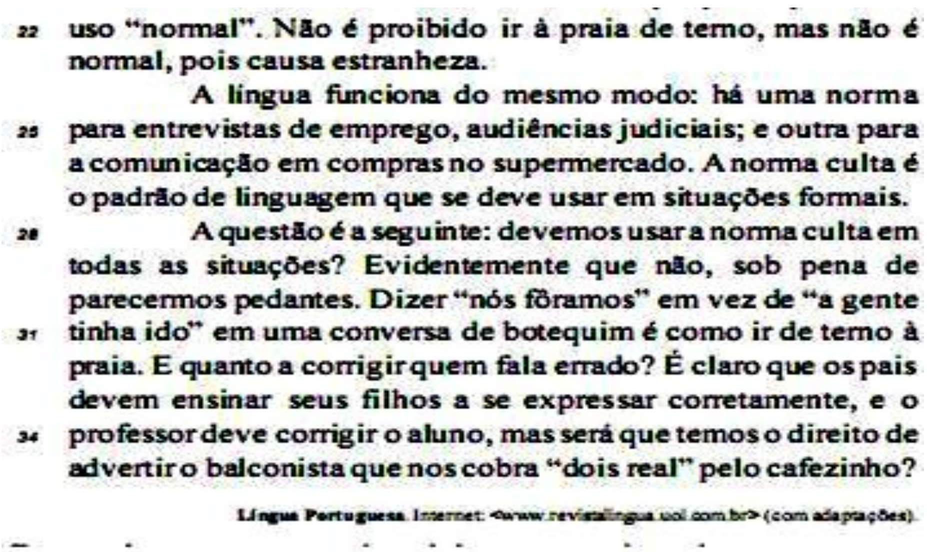

uso “normal”. Não é proibido ir à praia de terno, mas não é normal, pois causa estranheza.

A língua funciona do mesmo modo: há uma norma para entrevistas de emprego, audiências judiciais; e outra para a comunicação em compras no supermercado. A norma culta é o padrão de linguagem que se deve usar em situações formais.

A questão é a seguinte: devemos usar a norma culta em todas as situações? Evidentemente que não, sob pena de parecermos pedantes. Dizer “nós fôramos” em vez de “a gente tinha ido” em uma conversa de botequim é como ir de terno à praia. E quanto a corrigir quem fala errado? É claro que os pais devem ensinar seus filhos a se expressar corretamente, e o professor deve corrigir o aluno, mas será que temos o direito de advertir o balconista que nos cobra “dois real” pelo cafezinho?

Língua Portuguesa. Internet: <www.revistalingua.uol.com.br> (com adaptações).

QUESTÃO 11

De acordo com o texto acima, julgue o seguinte item.

De acordo com o contexto, estaria também correto o emprego do sinal indicativo de crase em “quanto a” (l.32).

TEXTO PARA QUESTÃO 12

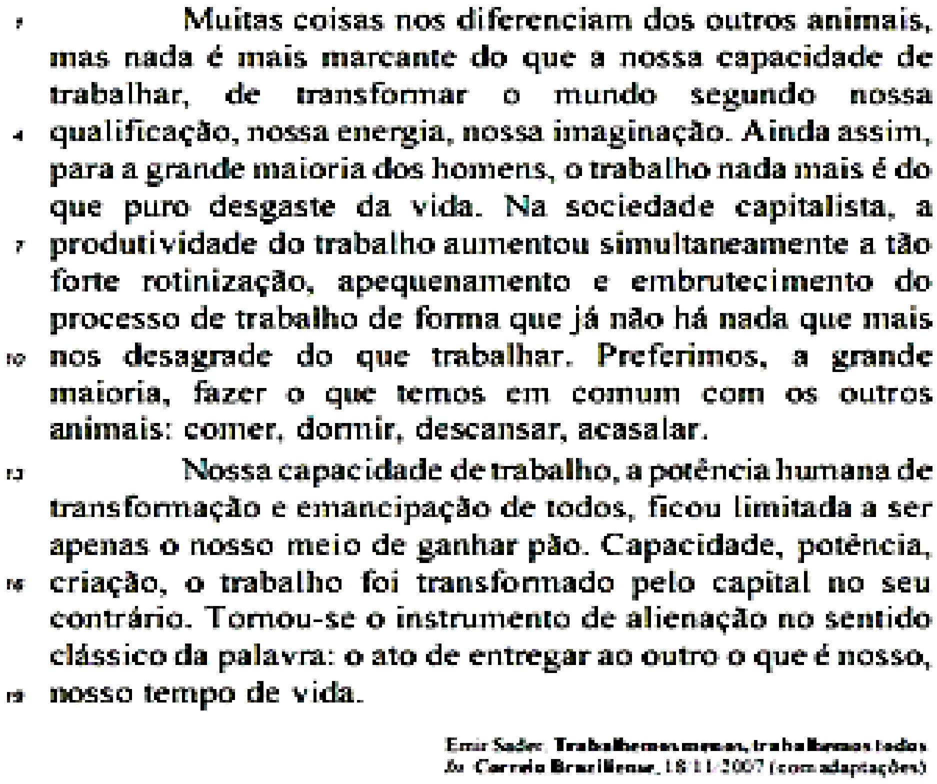

Muitas coisas nos diferenciam dos outros animais, mas nada é mais marcante do que a nossa capacidade de trabalhar, de transformar o mundo segundo nossa qualificação, nossa energia, nossa imaginação. Ainda assim, para a grande maioria dos homens, o trabalho nada mais é do que puro desgaste da vida. Na sociedade capitalista, a produtividade do trabalho aumentou simultaneamente a tão forte rotinização, apequenamento e embrutecimento do processo de trabalho de forma que já não há nada que mais nos desagrade do que trabalhar. Preferimos, a grande maioria, fazer o que temos em comum com os outros animais: comer, dormir, descansar, acasalar.

Nossa capacidade de trabalho, a potência humana de transformação e emancipação de todos, ficou limitada a ser apenas o nosso meio de ganhar pão. Capacidade, potência, criação, o trabalho foi transformado pelo capital no seu contrário. Tornou-se o instrumento de alienação no sentido clássico da palavra: o ato de entregar ao outro o que é nosso, nosso tempo de vida.

Emir Sader. **Trabalhemos menos, trabalhemos todos.** In: **Correio Braziliense**, 18/11/2007 (com adaptações).

QUESTÃO 12

A ausência do sinal indicativo de crase em “**a tão forte**” (L.7-8) indica que nesse trecho não foi empregado artigo, mas apenas preposição.

TEXTO PARA QUESTÃO 13

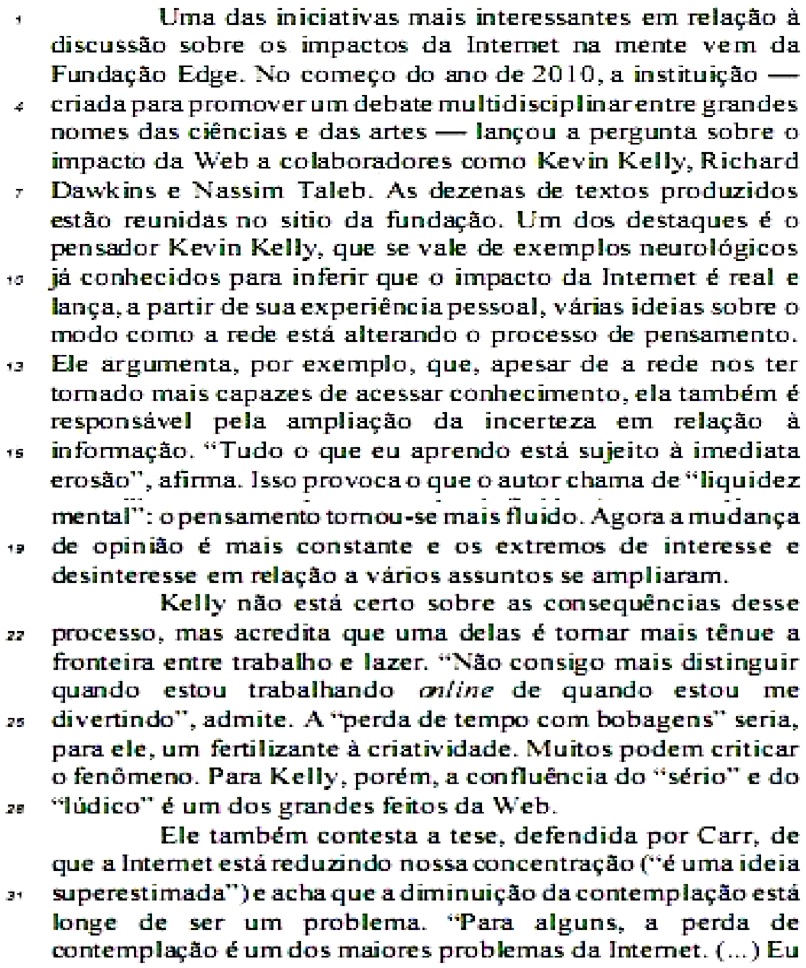

Uma das iniciativas mais interessantes em relação à discussão sobre os impactos da Internet na mente vem da Fundação Edge. No começo do ano de 2010, a instituição — criada para promover um debate multidisciplinar entre grandes nomes das ciências e das artes — lançou a pergunta sobre o impacto da Web a colaboradores como Kevin Kelly, Richard Dawkins e Nassim Taleb. As dezenas de textos produzidos estão reunidas no sítio da fundação. Um dos destaques é o pensador Kevin Kelly, que se vale de exemplos neurológicos já conhecidos para inferir que o impacto da Internet é real e lança, a partir de sua experiência pessoal, várias ideias sobre o modo como a rede está alterando o processo de pensamento. Ele argumenta, por exemplo, que, apesar de a rede nos ter tornado mais capazes de acessar conhecimento, ela também é responsável pela ampliação da incerteza em relação à informação. “Tudo o que eu aprendo está sujeito à imediata erosão”, afirma. Isso provoca o que o autor chama de “liquidez mental”: o pensamento tornou-se mais fluido. Agora a mudança de opinião é mais constante e os extremos de interesse e desinteresse em relação a vários assuntos se ampliaram.

Kelly não está certo sobre as consequências desse processo, mas acredita que uma delas é tornar mais tênue a fronteira entre trabalho e lazer. “Não consigo mais distinguir quando estou trabalhando *online* de quando estou me divertindo”, admite. A “perda de tempo com bobagens” seria, para ele, um fertilizante à criatividade. Muitos podem criticar o fenômeno. Para Kelly, porém, a confluência do “sério” e do “lúdico” é um dos grandes feitos da Web.

Ele também contesta a tese, defendida por Carr, de que a Internet está reduzindo nossa concentração (“é uma ideia superestimada”) e acha que a diminuição da contemplação está longe de ser um problema. “Para alguns, a perda de contemplação é um dos maiores problemas da Internet. (...) Eu

QUESTÃO 13

O uso do sinal indicativo da crase em “ **à imediata erosão**” (L.16-17) é obrigatório.

TEXTO PARA QUESTÃO 14

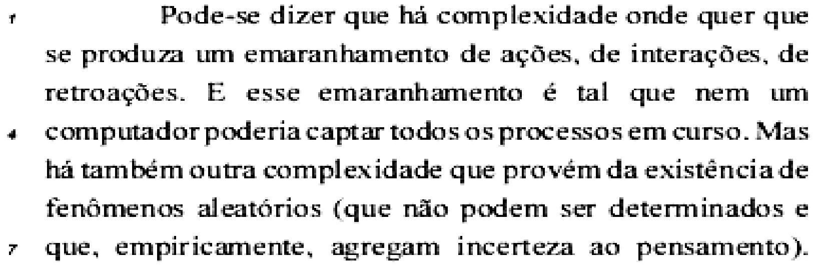

Pode-se dizer que há complexidade onde quer que se produza um emaranhamento de ações, de interações, de retroações. E esse emaranhamento é tal que nem um computador poderia captar todos os processos em curso. Mas há também outra complexidade que provém da existência de fenômenos aleatórios (que não podem ser determinados e que, empiricamente, agregam incerteza ao pensamento).

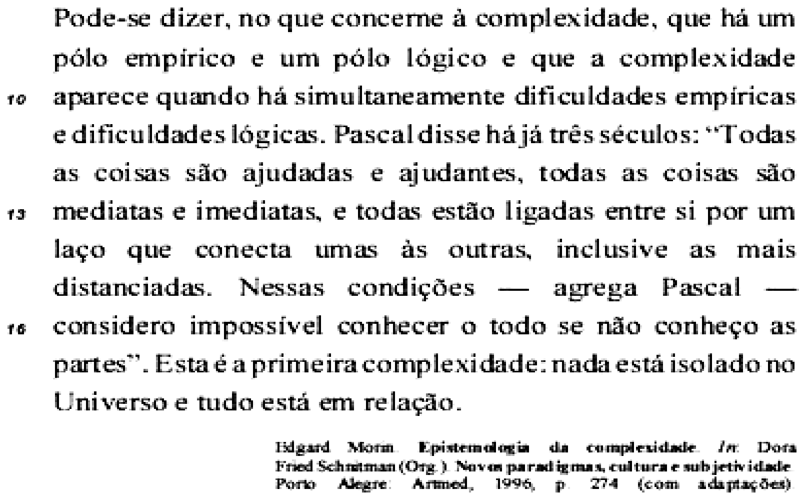

Pode-se dizer, no que concerne à complexidade, que há um pólo empírico e um pólo lógico e que a complexidade aparece quando há simultaneamente dificuldades empíricas e dificuldades lógicas. Pascal disse há já três séculos: "Todas as coisas são ajudadas e ajudantes, todas as coisas são mediatas e imediatas, e todas estão ligadas entre si por um laço que conecta umas às outras, inclusive as mais distanciadas. Nessas condições — agrega Pascal — considero impossível conhecer o todo se não conheço as partes". Esta é a primeira complexidade: nada está isolado no Universo e tudo está em relação.

Edgard Morin. Epistemologia da complexidade. *In*: Dora Fried Schnitman (Org.). Novos paradigmas, cultura e subjetividade. Porto Alegre: Artmed, 1996, p. 274 (com adaptações).

QUESTÃO 14

A retirada do sinal indicativo de crase em **"no que concerne à complexidade**" (L.8) altera as relações de sentido entre os termos, mas preserva sua correção gramatical.

TEXTO PARA QUESTÃO 15

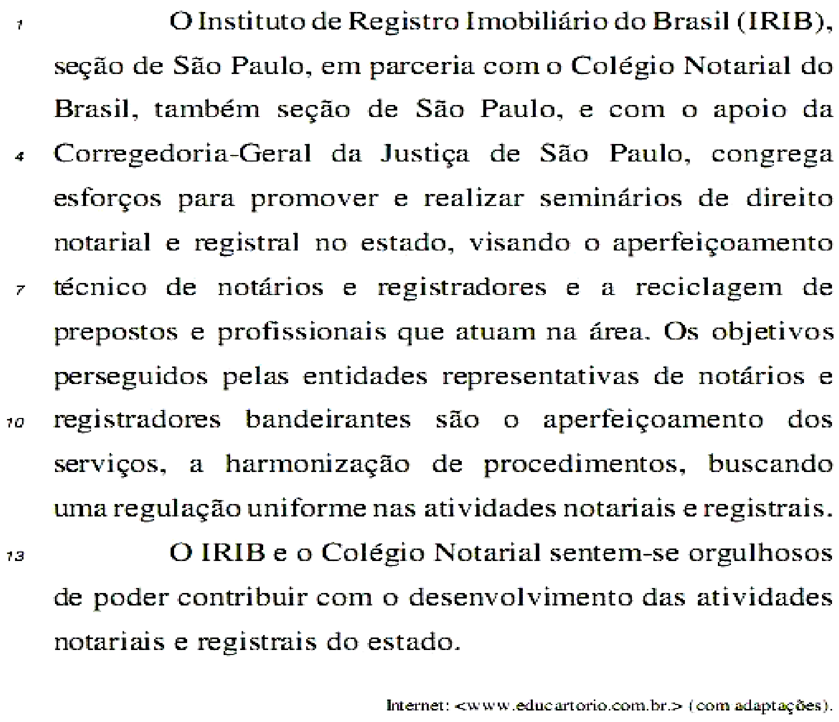

O Instituto de Registro Imobiliário do Brasil (IRIB), seção de São Paulo, em parceria com o Colégio Notarial do Brasil, também seção de São Paulo, e com o apoio da Corregedoria-Geral da Justiça de São Paulo, congrega esforços para promover e realizar seminários de direito notarial e registral no estado, visando o aperfeiçoamento técnico de notários e registradores e a reciclagem de prepostos e profissionais que atuam na área. Os objetivos perseguidos pelas entidades representativas de notários e registradores bandeirantes são o aperfeiçoamento dos serviços, a harmonização de procedimentos, buscando uma regulação uniforme nas atividades notariais e registrais.

O IRIB e o Colégio Notarial sentem-se orgulhosos de poder contribuir com o desenvolvimento das atividades notariais e registrais do estado.

Internet: <www.educartorio.com.br> (com adaptações).

QUESTÃO 15

As passagens "**o aperfeiçoaemento técnico**" (L.6-7) E " **a reciclagem**" (L.7) podem ser substituídas, respectivamente, no contexto por à qualificação técnica e ao aprimoramento.

QUESTÃO 16

Com mais de R$ 117 bilhões captados entre seus quase 14 milhões de clientes, que têm à disposição mais de 8 mil pontos de atendimento no Brasil 19 e 31 no exterior, o BB encerrou o exercício mantendo sua liderança no sistema financeiro nacional e seu compromisso com a satisfação dos clientes e acionistas.

O texto permaneceria correto caso se substituísse o trecho “que têm à disposição” (L.17-18) por que têm à sua disposição.

TEXTO PARA QUESTÃO 17

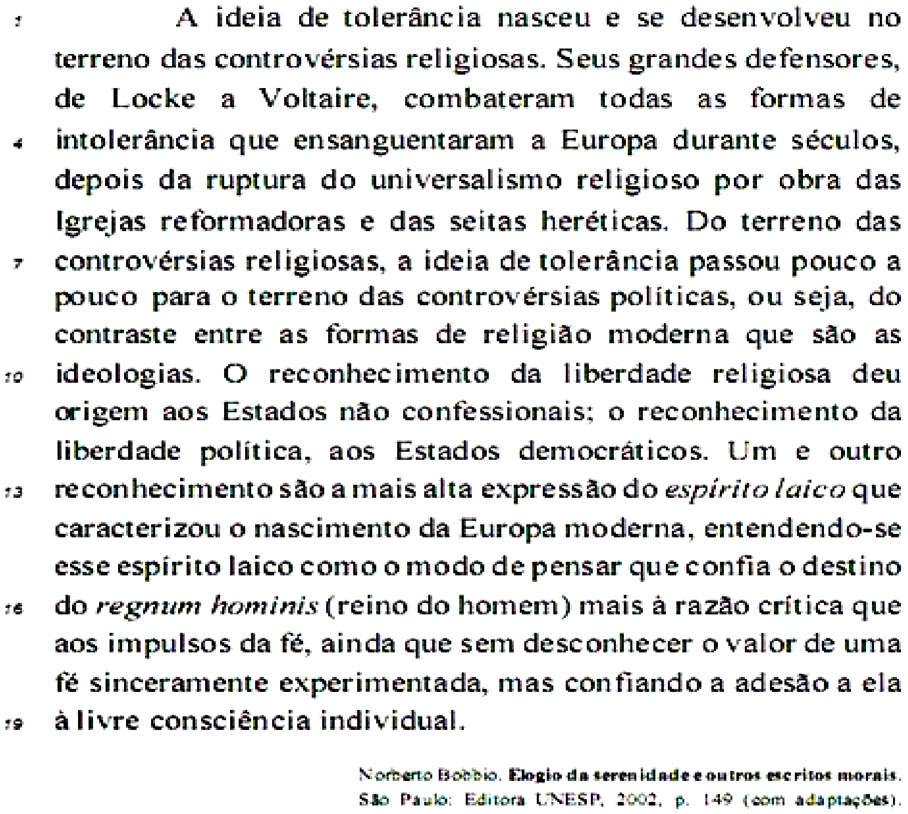

A ideia de tolerância nasceu e se desenvolveu no terreno das controvérsias religiosas. Seus grandes defensores, de Locke a Voltaire, combateram todas as formas de intolerância que ensanguentaram a Europa durante séculos, depois da ruptura do universalismo religioso por obra das Igrejas reformadoras e das seitas heréticas. Do terreno das controvérsias religiosas, a ideia de tolerância passou pouco a pouco para o terreno das controvérsias políticas, ou seja, do contraste entre as formas de religião moderna que são as ideologias. O reconhecimento da liberdade religiosa deu origem aos Estados não confessionais; o reconhecimento da liberdade política, aos Estados democráticos. Um e outro reconhecimento são a mais alta expressão do *espírito laico* que caracterizou o nascimento da Europa moderna, entendendo-se esse espírito laico como o modo de pensar que confia o destino do *regnum hominis* (reino do homem) mais à razão crítica que aos impulsos da fé, ainda que sem desconhecer o valor de uma fé sinceramente experimentada, mas confiando a adesão a ela à livre consciência individual.

Norberto Bobbio. **Elogio da serenidade e outros escritos morais.**
São Paulo: Editora UNESP, 2002, p. 149 (com adaptações).

QUESTÃO 17

A omissão do sinal indicativo da crase no trecho ” à razão crítica” (L.16) não prejudicaria a correção gramatical do período, mas tornaria o trecho ambíguo.

GABARITO

01.CERTO
02.ERRADO
03.ERRADO
04.ERRADO
05.CERTO
06.ERRADO
07.ERRADO
08.CERTO
09.CERTO
10.ERRADO
11.EM SALA
12.CERTO
13.ERRADO
14.CERTO
15.CERTO
16.CERTO
17.ERRADO

MÓDULO
cespe
REC
PORTUGUÊS
AO VIVO
Acesse:
https://goo.gl/3ywVq5
ANDROID APP ON
Google play
Available on the
App Store
LG
CURSO COMPLETO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA CONCURSOS COM O PROF. FÁBIO MAZZIOTTI
100% GRATUITO!
Baixe agora!

WWW.MAZZIOTTI.COM.BR

MAZZIOTTI
CURSO DE PORTUGUÊS
JURÍDICO | CONCURSOS | ALTA PERFORMANCE | ENSINO PERMANENTE

Colocação dos pronomes átonos.

Aula 15

PRONOMES PESSOAIS

	Retos	Oblíquos Átonos	Oblíquos Tônicos
1ª pessoa	[illegible]	***ME***	[illegible] comigo
2ª pessoa	[illegible]	***TE***	ti, c[illegible]o
3ª pessoa	ele, [illegible]	***SE, O, A, LHE***	si, con[illegible], ela
1ª pessoa	nós	***NOS***	conosco
2ª pessoa	vós	***VOS***	convos[illegible]
3ª pessoa	ele[illegible] elas	***SE, OS, AS, LHES***	si, con[illegible]go, eles, elas

WWW.MAZZIOTTI.COM.BR

WWW.MAZZIOTTI.COM.BR

WWW.MAZZIOTTI.COM.BR

OBS:

Verbos terminados em:

~~R, S, Z~~

O
A
OS
AS

Ex: Quero encontrar sua irmã ainda hoje.

Ex: Quero encontrar + a ainda hoje.

Ex: Quero encontrá-la ainda hoje.

WWW.MAZZIOTTI.COM.BR

WWW.MAZZIOTTI.COM.BR

WWW.MAZZIOTTI.COM.BR

OBS:

Verbos terminados em som nasal:

-AM, -EM, -ÃO, -ÕE, -OEM + N

O
A
OS
AS

Ex: Encontraram sua irmã no colégio.

Ex: Encontraram + a no colégio.

Ex: Encontraram-na no colégio.

WWW.MAZZIOTTI.COM.BR

WWW.MAZZIOTTI.COM.BR

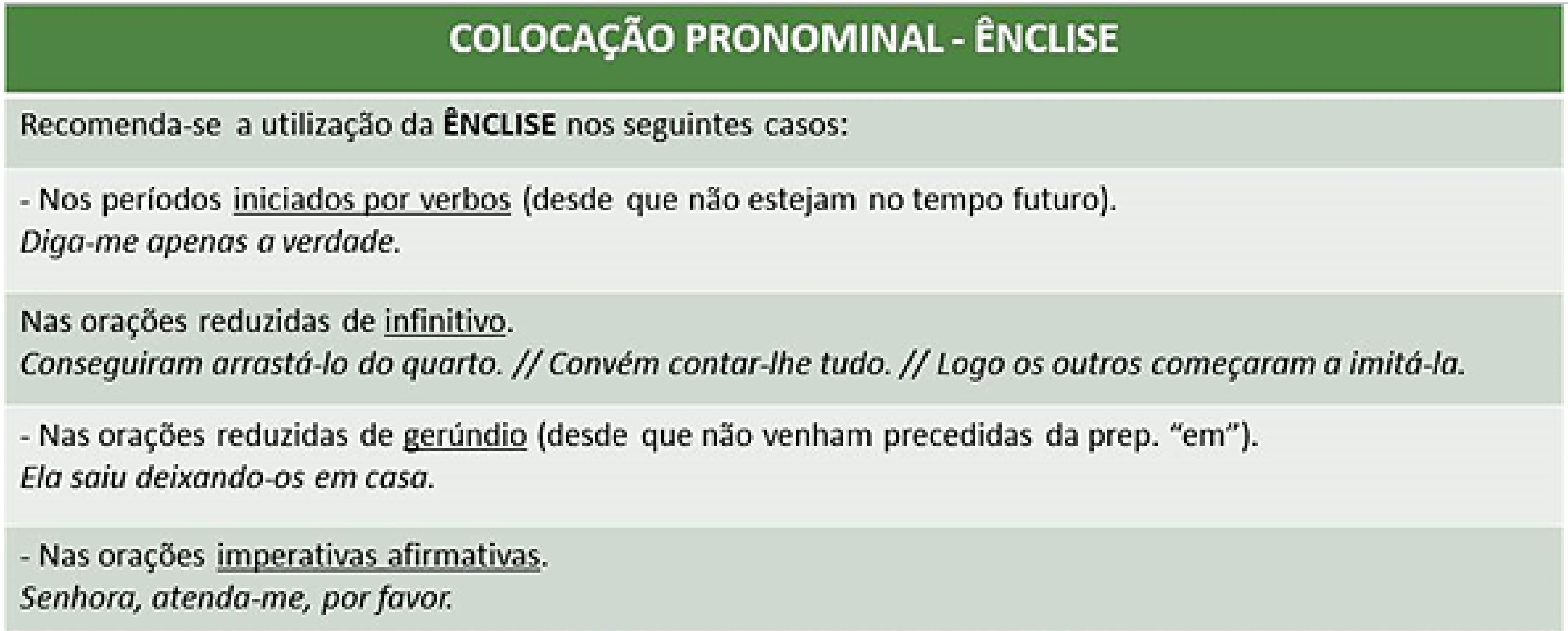

COLOCAÇÃO PRONOMINAL - ÊNCLISE

Recomenda-se a utilização da **ÊNCLISE** nos seguintes casos:

- Nos períodos iniciados por verbos (desde que não estejam no tempo futuro).
Diga-me apenas a verdade.

Nas orações reduzidas de infinitivo.
Conseguiram arrastá-lo do quarto. // Convém contar-lhe tudo. // Logo os outros começaram a imitá-la.

- Nas orações reduzidas de gerúndio (desde que não venham precedidas da prep. “em”).
Ela saiu deixando-os em casa.

- Nas orações imperativas afirmativas.
Senhora, atenda-me, por favor.

WWW.MAZZIOTTI.COM.BR

WWW.MAZZIOTTI.COM.BR

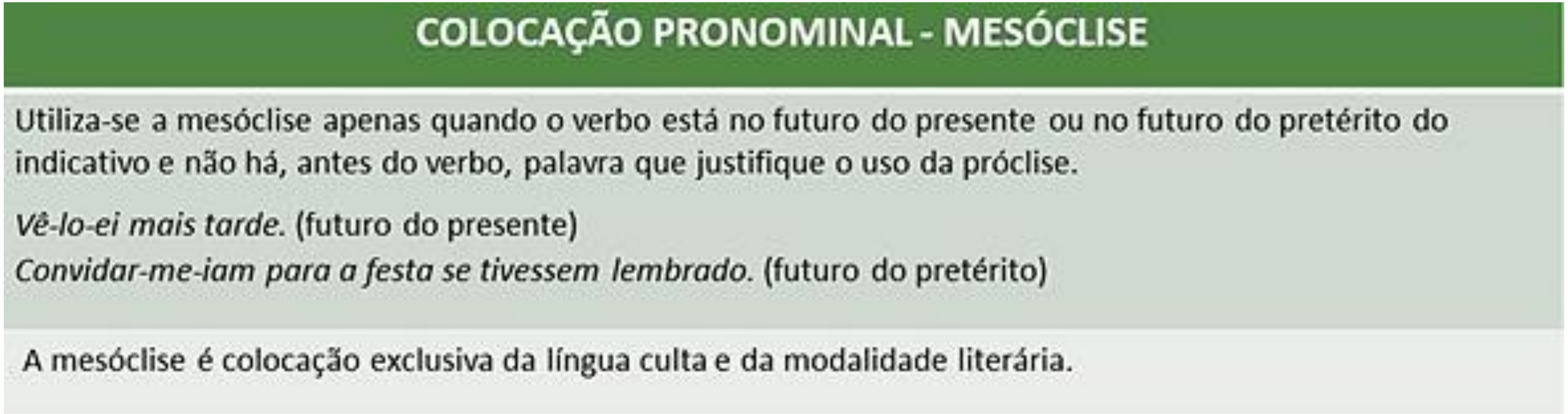

COLOCAÇÃO PRONOMINAL - MESÓCLISE

Utiliza-se a mesóclise apenas quando o verbo está no futuro do presente ou no futuro do pretérito do indicativo e não há, antes do verbo, palavra que justifique o uso da próclise.

Vê-lo-ei mais tarde. (futuro do presente)
Convidar-me-iam para a festa se tivessem lembrado. (futuro do pretérito)

A mesóclise é colocação exclusiva da língua culta e da modalidade literária.

WWW.MAZZIOTTI.COM.BR

WWW.MAZZIOTTI.COM.BR

WWW.MAZZIOTTI.COM.BR

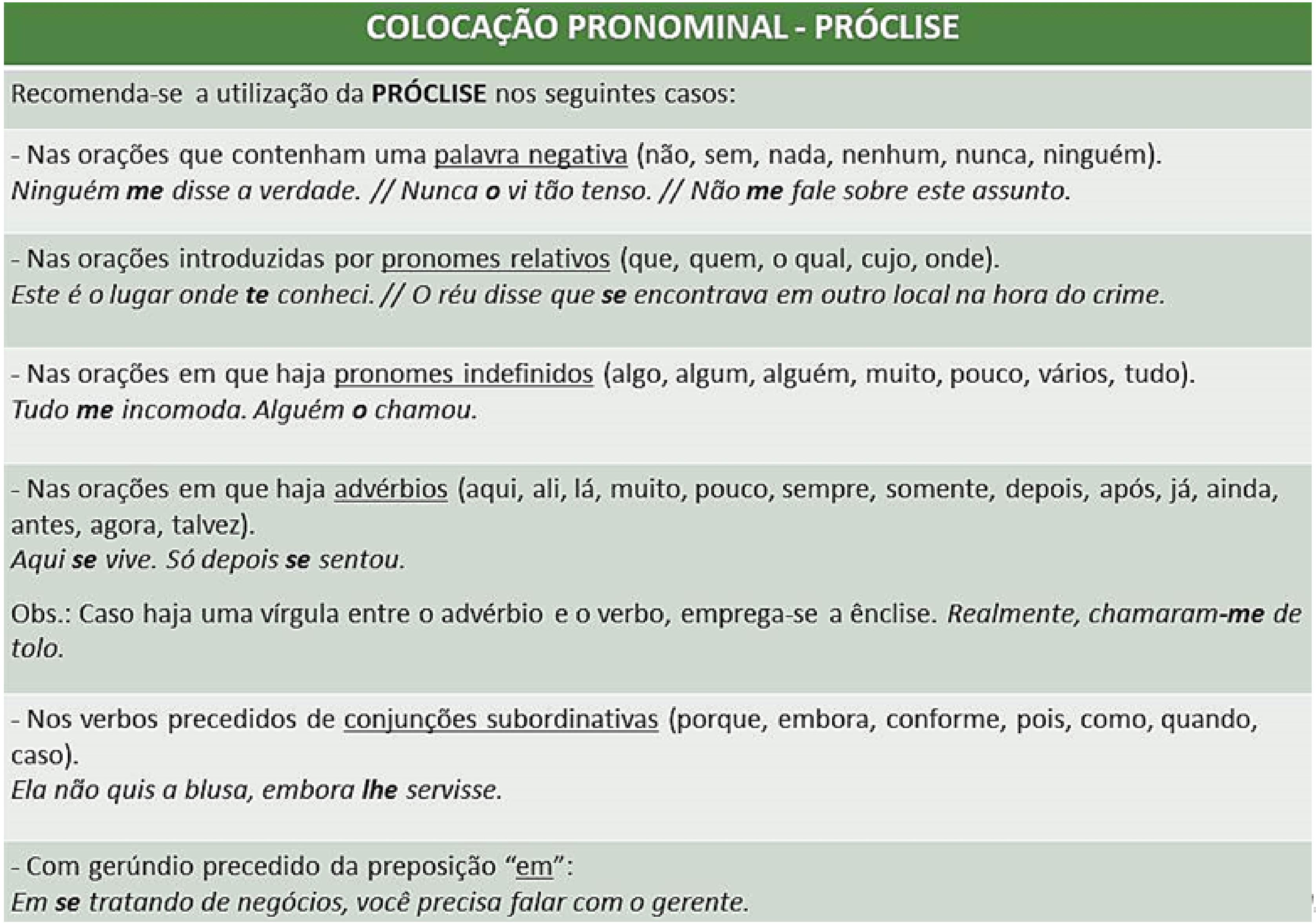

COLOCAÇÃO PRONOMINAL - PRÓCLISE

Recomenda-se a utilização da **PRÓCLISE** nos seguintes casos:

- Nas orações que contenham uma palavra negativa (não, sem, nada, nenhum, nunca, ninguém).
*Ninguém **me** disse a verdade. // Nunca **o** vi tão tenso. // Não **me** fale sobre este assunto.*

- Nas orações introduzidas por pronomes relativos (que, quem, o qual, cujo, onde).
*Este é o lugar onde **te** conheci. // O réu disse que **se** encontrava em outro local na hora do crime.*

- Nas orações em que haja pronomes indefinidos (algo, algum, alguém, muito, pouco, vários, tudo).
*Tudo **me** incomoda. Alguém **o** chamou.*

- Nas orações em que haja advérbios (aqui, ali, lá, muito, pouco, sempre, somente, depois, após, já, ainda, antes, agora, talvez).
*Aqui **se** vive. Só depois **se** sentou.*

Obs.: Caso haja uma vírgula entre o advérbio e o verbo, emprega-se a ênclise. *Realmente, chamaram-**me** de tolo.*

- Nos verbos precedidos de conjunções subordinativas (porque, embora, conforme, pois, como, quando, caso).
*Ela não quis a blusa, embora **lhe** servisse.*

- Com gerúndio precedido da preposição "em":
*Em **se** tratando de negócios, você precisa falar com o gerente.*

WWW.MAZZIOTTI.COM.BR

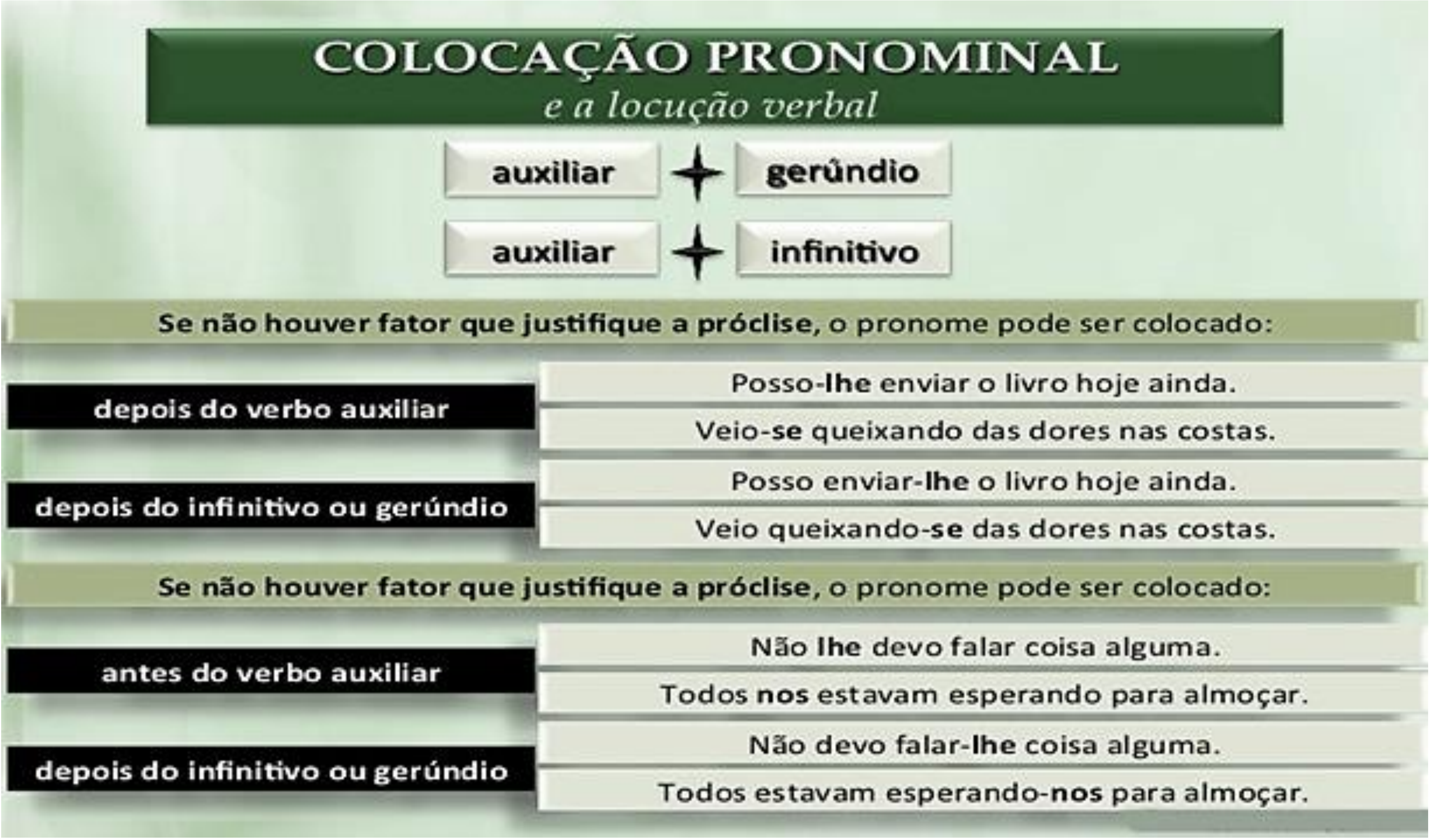

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

e a locução verbal

auxiliar + **gerúndio**

auxiliar + **infinitivo**

Se não houver fator que justifique a próclise, o pronome pode ser colocado:

depois do verbo auxiliar	Posso-**lhe** enviar o livro hoje ainda. Veio-**se** queixando das dores nas costas.
depois do infinitivo ou gerúndio	Posso enviar-**lhe** o livro hoje ainda. Veio queixando-**se** das dores nas costas.

Se não houver fator que justifique a próclise, o pronome pode ser colocado:

antes do verbo auxiliar	Não **lhe** devo falar coisa alguma. Todos **nos** estavam esperando para almoçar.
depois do infinitivo ou gerúndio	Não devo falar-**lhe** coisa alguma. Todos estavam esperando-**nos** para almoçar.

WWW.MAZZIOTTI.COM.BR

WWW.MAZZIOTTI.COM.BR

WWW.MAZZIOTTI.COM.BR

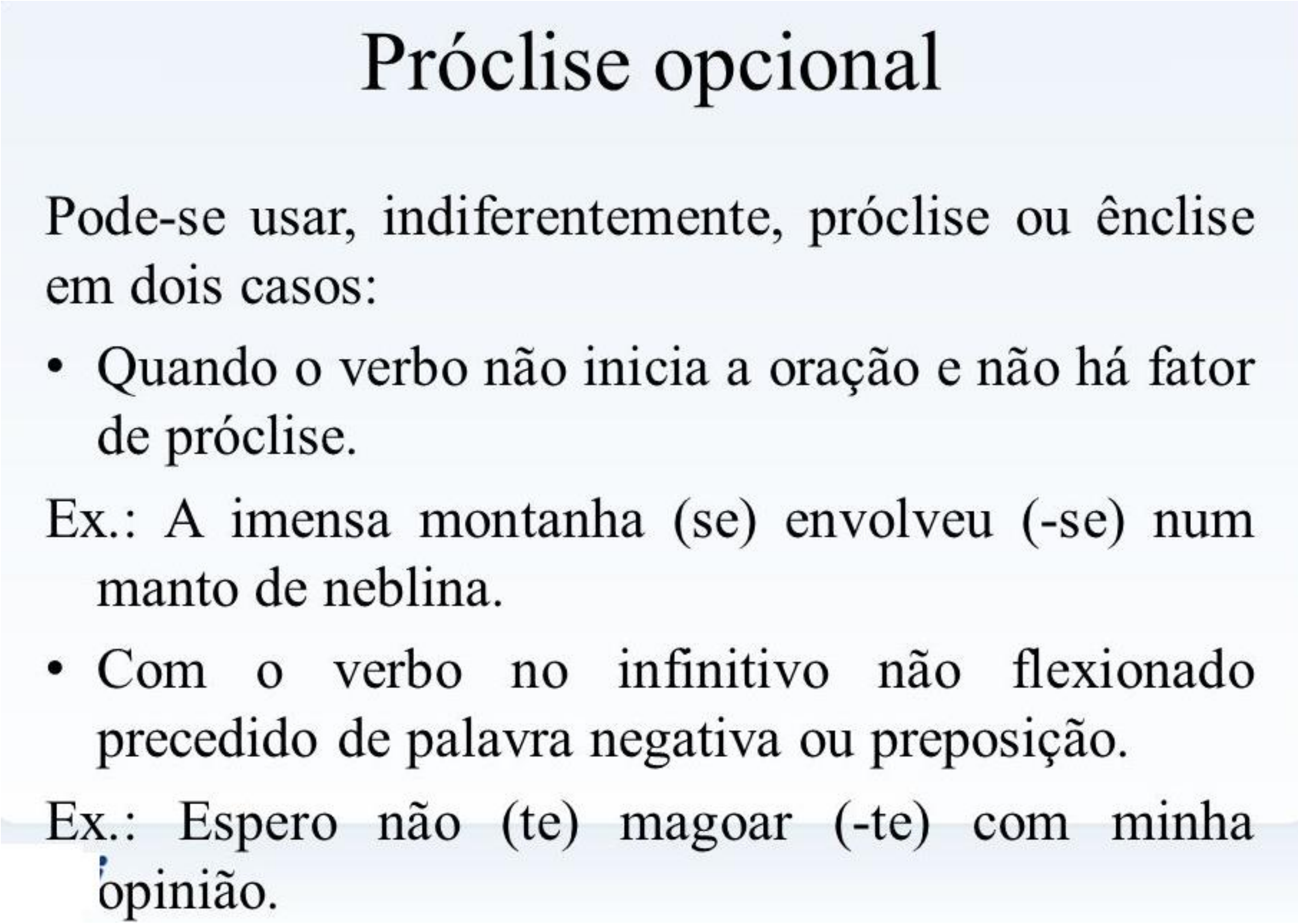

Próclise opcional

Pode-se usar, indiferentemente, próclise ou ênclise em dois casos:

- Quando o verbo não inicia a oração e não há fator de próclise.

Ex.: A imensa montanha (se) envolveu (-se) num manto de neblina.

- Com o verbo no infinitivo não flexionado precedido de palavra negativa ou preposição.

Ex.: Espero não (te) magoar (-te) com minha opinião.

WWW.MAZZIOTTI.COM.BR

WWW.MAZZIOTTI.COM.BR

WWW.MAZZIOTTI.COM.BR

CESPE | CEBRASPE – STJ – Aplicação: 2018

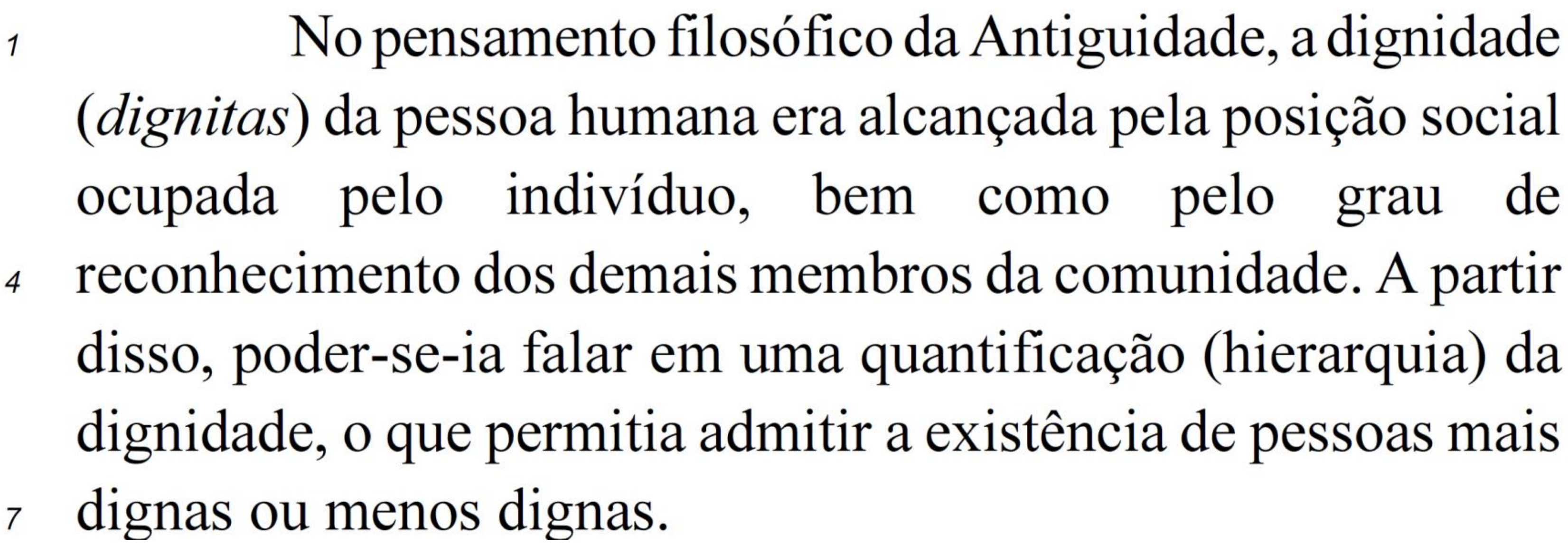

No pensamento filosófico da Antiguidade, a dignidade (*dignitas*) da pessoa humana era alcançada pela posição social ocupada pelo indivíduo, bem como pelo grau de reconhecimento dos demais membros da comunidade. A partir disso, poder-se-ia falar em uma quantificação (hierarquia) da dignidade, o que permitia admitir a existência de pessoas mais dignas ou menos dignas.

1. A correção do texto seria mantida caso o pronome “se”, em “poder-se-ia falar” (l.5), fosse deslocado para imediatamente após a forma verbal “falar”, escrevendo-se **poderia falar-se**.

(X) Certo ( ) Errado

WWW.MAZZIOTTI.COM.BR

WWW.MAZZIOTTI.COM.BR

WWW.MAZZIOTTI.COM.BR

CESPE | CEBRASPE – ABIN – Aplicação: 2018

Atualmente, como em nenhum outro período da história, crescem e **se multiplicam** as agências governamentais em uma complexa rede internacional à procura de ameaças veladas ou qualquer tipo de informação considerada sensível, em um jogo estratégico de poder e influência globais. E é esse processo de identificação de ameaças, a busca por informações e dados, que pretende detectar intenções dissimuladas que ocultem os mais diversos interesses, o que chamo de guerra secreta. Essa modalidade de guerra **se desenvolve** entre agências ou serviços secretos, em uma corrida para ver quem chega primeiro.

2. A próclise observada em “se multiplicam” e “se desenvolve” é opcional, de modo que o emprego da ênclise nesses dois casos também seria correto —**multiplicam-se** e **desenvolve-se**, respectivamente.

(X) Certo ( ) Errado

WWW.MAZZIOTTI.COM.BR

WWW.MAZZIOTTI.COM.BR

WWW.MAZZIOTTI.COM.BR

WWW.MAZZIOTTI.COM.BR

CESPE | CEBRASPE – TCE-PA – Aplicação: 2017

Julgue o item que se segue, referente aos aspectos linguísticos do texto

3. Haveria prejuízo da correção gramatical do texto caso a partícula “se”, no trecho “Quando a gente se habitua a venerar os decretos da Providência”, fosse deslocada para imediatamente após a forma verbal “habitua”, escrevendo-se **habitua-se.**

(X) Certo ( ) Errado

WWW.MAZZIOTTI.COM.BR

WWW.MAZZIOTTI.COM.BR

WWW.MAZZIOTTI.COM.BR

CESPE | CEBRASPE – TJ-DFT – Aplicação: 2015

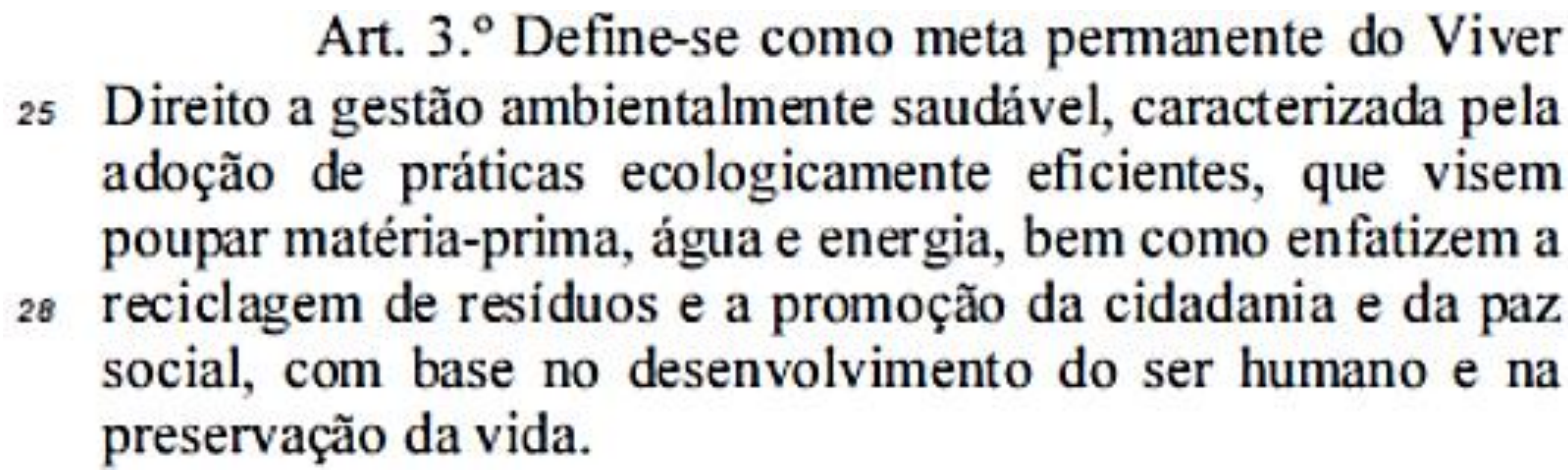

Art. 3.º Define-se como meta permanente do Viver Direito a gestão ambientalmente saudável, caracterizada pela adoção de práticas ecologicamente eficientes, que visem poupar matéria-prima, água e energia, bem como enfatizem a reciclagem de resíduos e a promoção da cidadania e da paz social, com base no desenvolvimento do ser humano e na preservação da vida.

4. O deslocamento da partícula “se", em “Define-se" (l.24), para o início do período — escrevendo-se **Se define** — prejudicaria a correção gramatical do texto.

(X) Certo ( ) Errado

WWW.MAZZIOTTI.COM.BR

WWW.MAZZIOTTI.COM.BR

REC
PORTUGUÊS
AO VIVO

MÓDULO

cespe

Acesse:
https://goo.gl/3ywVq5

WWW.MAZZIOTTI.COM.BR

WWW.MAZZIOTTI.COM.BR

WWW.MAZZIOTTI.COM.BR

MAZZIOTTI
CURSO DE PORTUGUÊS
JURÍDICO | CONCURSOS | ALTA PERFORMANCE | ENSINO PERMANENTE

Rua da Paz, 468, Centro - Campo Grande, MS
67 99670-3621

REC
PORTUGUÊS
AO VIVO

Sumário

PRONOME 1
  A Segunda Pessoa Indireta 1
  Pronomes Possessivos 3
  Pronomes Demonstrativos 3
  Pronomes Indefinidos 4
  Pronomes Interrogativos 5
Exercícios 5

PRONOME

Pronome: palavra que substitui, retoma ou acompanha um nome. São variáveis e possuem significado contextual.

Exemplos:

A moça era mesmo bonita. **Ela** morava nos meus sonhos!

A moça **que** morava nos meus sonhos era mesmo bonita!

Essa moça morava nos meus sonhos!

Minha carteira estava vazia quando **eu** fui assaltada.

Tua carteira estava vazia quando **tu** foste assaltada?

A carteira **dela** estava vazia quando **ela** foi assaltada.

A Segunda Pessoa Indireta

Pronomes de Tratamento

Vossa Alteza	V. A.	príncipes, duques
Vossa Eminência	V. Ema.(s)	cardeais
Vossa Reverendíssima	V. Revma.(s)	sacerdotes e bispos
Vossa Excelência	V. Ex.ª (s)	altas autoridades e oficiais-generais
Vossa Magnificência	V. Mag.ª (s)	reitores de universidades
Vossa Majestade	V. M.	reis e rainhas
Vossa Majestade Imperial	V. M. I.	Imperadores
Vossa Santidade	V. S.	Papa
Vossa Senhoria	V. S.ª (s)	tratamento cerimonioso
Vossa Onipotência	V. O.	Deus

Também são pronomes de tratamento **o senhor, a senhora e você, vocês.**

Vossa Excelência X Sua Excelência

Os pronomes de tratamento que possuem "Vossa (s)" são empregados em relação à pessoa **com quem** falamos.

Emprega-se "Sua (s)" quando se fala **a respeito** da pessoa.

3ª pessoa

Em relação aos pronomes de tratamento, a concordância deve ser feita com a 3ª pessoa. Assim, os verbos, os pronomes possessivos e os pronomes oblíquos empregados em relação a eles devem ficar na 3ª pessoa.

Uniformidade de Tratamento

Quando **você** vier, eu **te** abraçarei e enrolar-me-ei nos **teus** cabelos. (errado)
Quando **tu** vieres, eu **te** abraçarei e enrolar-me-ei nos **teus** cabelos. (correto)
Quando **você** vier, eu **a** abraçarei e enrolar-me-ei nos **seus** cabelos. (correto)

Pronomes Possessivos

São palavras que dão a ideia de posse de algo.

meu(s), minha(s)

teu(s), tua(s)

seu(s), sua(s)

nosso(s), nossa(s)

vosso(s), vossa(s)

seu(s), sua(s)

Pronomes Demonstrativos

No espaço

Compro **este** carro (aqui) - indica que o carro está perto da pessoa que fala.
Compro **esse** carro (aí) - indica que o carro está perto da pessoa com quem falo, ou afastado da pessoa que fala.
Compro **aquele** carro (lá) - diz que o carro está afastado da pessoa que fala e daquela com quem falo.

No tempo

Este ano está sendo bom para nós. (ano presente)
Esse ano que passou foi razoável. (um passado próximo)
Aquele ano foi terrível para todos. (um passado distante)

Exemplos de pronomes demonstrativos

Variáveis: este(s), esta(s), esse(s), essa(s), aquele(s), aquela(s).

Invariáveis: isto, isso, aquilo.

o (s), a (s): quando estiverem antecedendo o **que** e puderem ser substituídos por aquele(s), aquela(s), aquilo.
Não ouvi **o** que disseste. (Não ouvi **aquilo** que disseste.)

Essa rua não é **a** que te indiquei. (Esta rua não é **aquela** que te indiquei.)

mesmo (s), mesma (s):
Estas são as **mesmas** pessoas que o procuraram ontem.

próprio (s), própria (s):
Os **próprios** alunos resolveram o problema.

semelhante (s):
Não compre **semelhante** livro.

Pronomes Indefinidos

São palavras com sentido vago (impreciso) ou que expressam quantidade indeterminada.

Pronomes Indefinidos Substantivos: algo, alguém, fulano, sicrano, beltrano, nada, ninguém, outrem, quem, tudo.
Algo o incomoda?
Quem avisa amigo é.

Pronomes Indefinidos Adjetivos: cada, certo(s), certa(s).
Cada povo tem seus costumes.
Certas pessoas exercem várias profissões.

Ora são pronomes indefinidos substantivos, ora pronomes indefinidos adjetivos:
algum, alguns, alguma(s), bastante(s) (= muito, muitos), demais, mais, menos, muito(s), muita(s), nenhum, nenhuns, nenhuma(s), outro(s), outra(s), pouco(s), pouca(s), qualquer, quaisquer, qual, que, quanto(s), quanta(s), tal, tais, tanto(s), tanta(s), todo(s), toda(s), um, uns, uma(s), vários, várias.

Variáveis				**Invariáveis**
Singular		**Plural**		
Masculino	**Feminino**	**Masculino**	**Feminino**	
algum nenhum todo muito pouco vário	alguma nenhuma toda muita pouca vária	alguns nenhuns todos muitos poucos vários	algumas nenhumas todas muitas poucas várias	alguém ninguém outrem tudo nada

tanto outro quanto	tanta outra quanta	tantos outros quantos	tantas outras quantas	algo cada
qualquer		quaisquer		

Pronomes Interrogativos

São pronomes interrogativos: **que, quem, qual** (e variações), **quanto** (e variações).

Quem fez o almoço?/ Diga-me **quem** fez o almoço.
Qual das bonecas preferes? / Não sei **qual** das bonecas preferes.
Quantos passageiros desembarcaram? / Pergunte **quantos** passageiros desembarcaram.

Exercícios

1) Pensando livremente sobre o livre arbítrio (Marcelo Gleiser)

Todo mundo quer ser livre; ou, ao menos, ter alguma liberdade de escolha na vida. Não há dúvida de que todos temos nossos compromissos, nossos vínculos familiares, sociais e profissionais. Por outro lado, a maioria das pessoas imagina ter também a liberdade de escolher o que fazer, do mais simples ao mais complexo: tomo café com açúcar ou adoçante? Ponho dinheiro na poupança ou gasto tudo? Em quem vou votar na próxima eleição? Caso com a Maria ou não?

A questão do livre arbítrio, ligada na sua essência ao controle que temos sobre nossas vidas, é tradicionalmente debatida por filósofos e teólogos. Mas avanços nas neurociências estão mudando isso de forma radical, questionando a própria existência de nossa liberdade de escolha. Muitos neurocientistas consideram o livre arbítrio uma ilusão. Nos últimos anos, uma série de experimentos detectou algo surpreendente: nossos cérebros tomam decisões antes de termos consciência delas. Aparentemente, a atividade neuronal relacionada com alguma escolha (em geral, apertar um botão) ocorre antes de estarmos cientes dela. Em outras palavras, o cérebro escolhe antes de a mente se dar conta disso.

Se este for mesmo o caso, as escolhas que achamos fazer, expressões da nossa liberdade, são feitas inconscientemente, sem nosso controle explícito.

A situação é complicada por várias razões. Uma delas é que não existe uma definição universalmente aceita de livre arbítrio. Alguns filósofos definem livre arbítrio como sendo a habilidade de tomar decisões racionais na ausência de coerção. Outros consideram que o livre arbítrio não é exatamente livre, sendo condicionado por uma série de fatores, desde a genética do indivíduo até sua história pessoal, situação pessoal, afinidade política etc.

Existe uma óbvia barreira disciplinar, já que filósofos e neurocientistas tendem a pensar de forma bem diferente sobre a questão. O cerne do problema parece estar ligado com o que significa estar ciente ou ter consciência de um estado mental. Filósofos que criticam as conclusões que os neurocientistas estão tirando de seus resultados afirmam que a atividade neuronal medida por eletroencefalogramas, ressonância magnética funcional ou mesmo com o implante de eletrodos em neurônios não mede a complexidade do que é uma escolha, apenas o início do processo mental que leva a ela.

Por outro lado, é possível que algumas de nossas decisões sejam tomadas a um nível profundo de consciência que antecede o estado mental que associamos com estarmos cientes do que escolhemos. Por exemplo, se, num futuro distante, cientistas puderem mapear a atividade cerebral com tal precisão a ponto de prever o que uma pessoa decidirá antes de ela ter consciência da sua decisão, a questão do livre arbítrio terá que ser repensada pelos filósofos.

Mesmo assim, me parece que existem níveis diferentes de complexidade relacionados com decisões diferentes, e que, ao aumentar a complexidade da escolha, fica muito difícil atribuí-la a um processo totalmente inconsciente. Casar com alguém, cometer um crime e escolher uma profissão são ponderações longas, que envolvem muitas escolhas parciais no caminho que requerem um diálogo com nós mesmos. Talvez a confusão sobre o livre arbítrio seja, no fundo, uma confusão sobre o que é a consciência humana.

Assinale a alternativa cujo pronome NÃO foi classificado corretamente.

a) "...estão mudando isso de forma radical..." (demonstrativo)
b) "...estão tirando de seus resultados..." (possessivo)
c) "Se este for mesmo o caso..." (demonstrativo)
d) "...todos temos nossos compromissos..." (possessivo)
e) "...ocorre antes de estarmos cientes dela." (possessivo)

2) A GRATIDÃO

Desta vez, trago-vos algumas histórias e fico grato pelo tempo que possa ser dispensado à sua leitura. Falam-nos de gratidão e poderão fazer-nos pensar no quanto a gratidão fará, ou não, parte das nossas vidas. Estou certo de que sabereis extrair a moral da história.

Uma brasileira, sobrevivente de um campo de extermínio nazista, contou que, por duas vezes, esteve numa fila que a encaminhava para a câmara de gás. E que, nas duas vezes, o mesmo soldado alemão a retirou da fila. Aristides de Sousa Mendes foi cônsul de Portugal na França. Quando as tropas de Hitler invadiram o país, Salazar ordenou que não se concedesse visto para quem tentasse fugir do nazismo. Contrariando o ditador,

Aristides salvou dez mil judeus de uma morte certa. Pagou bem caro pela sua atitude humanitária. Salazar destituiu-o do cargo e o fez viver na miséria até o fim da vida. Diz um provérbio judeu que "quem salva uma vida salva a humanidade". Em sinal de gratidão, há vinte árvores plantadas em sua memória no Memorial do Holocausto, em

Jerusalém. E Aristides recebeu dos israelenses o título de “Justo entre as Nações”, o que equivale a uma canonização católica.

Quando um empregado de um frigorífico foi inspecionar a câmara frigorífica, a porta se fechou e ele ficou preso dentro dela. Bateu na porta, gritou por socorro, mas todos haviam ido para suas casas. Já estava muito debilitado pela baixa temperatura, quando a porta se abriu e o vigia o resgatou com vida. Perguntaram ao vigia-salvador: Por que foi abrir a porta da câmara, se isso não fazia parte de sua rotina de trabalho? Ele explicou: Trabalho nesta empresa há 35 anos, vejo centenas de empregados que entram e saem, todos os dias, e esse é o único funcionário que me cumprimenta ao chegar e se despede ao sair. Hoje ele me disse “bom dia” ao chegar. E não percebi que se despedisse de mim. Imaginei que poderia lhe ter acontecido algo. Por isso o procurei e o encontrei.

Talvez a gratidão devesse ser uma rotina nas nossas vidas, algo indissociável da relação humana, mas talvez ande arredada dos nossos cotidianos, dos nossos gestos. E se começássemos cada dia dando gracias a la vida, como faria a Violeta?

(José Pacheco, Dicionário de valores)

A primeira frase do texto emprega a expressão “Desta vez”; a forma “esta” do pronome demonstrativo se justifica porque:

a) se refere a um local próximo ao enunciador;
b) se liga a um termo referido anteriormente;
c) se prende ao último termo de uma enumeração;
d) alude a um momento presente;
e antecipa um termo do futuro do texto.

3) Encontramos um pronome indefinido em:

a) Sabíamos o que você deveria dizer-lhe ao chegar da festa.
b) Foram amargos aqueles minutos, desde que resolveu abandoná-las.
c) A nós, provavelmente, enganariam, pois nossa participação foi ativa.
d) Muitas horas depois, eles ainda permaneciam esperando o resultado.

Gabarito
1E
2D
3D

Estratégia
Vestibulares

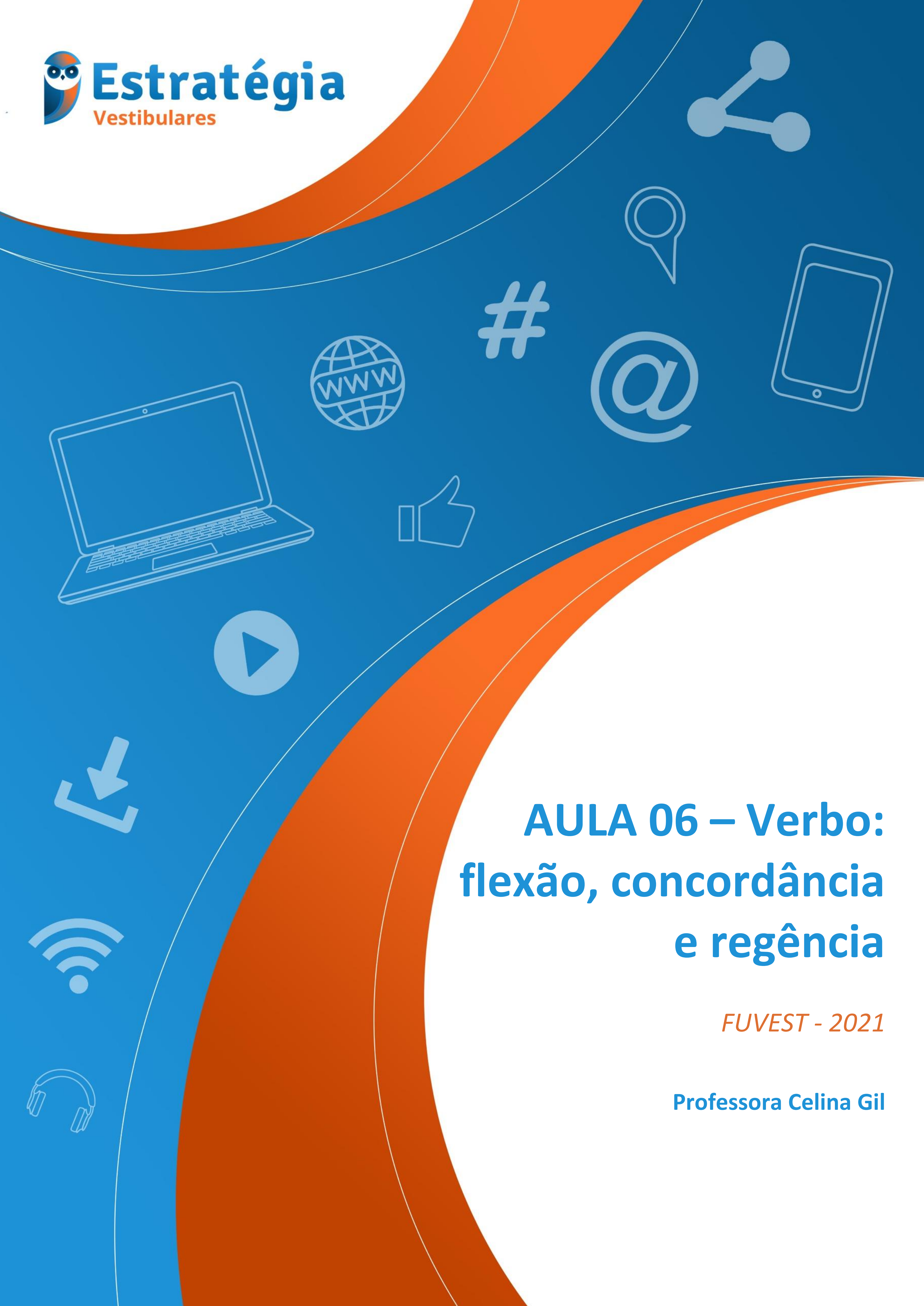

AULA 06 – Verbo: flexão, concordância e regência

FUVEST - 2021

Professora Celina Gil

SUMÁRIO

Apresentação *3*
1– Flexão *4*
  1.1 – Flexão Nominal *4*
  1.2 – Flexão Verbal *6*
2 – Correlação de tempos e modos *14*
3– Regência Nominal e Verbal *15*
  3.1 - Regência Nominal *16*
  3.2 – Regência Verbal *21*
4 – Concordância Nominal e Verbal *27*
  4.1 – Concordância Nominal *27*
  4.2 – Concordância Verbal *31*
5 – Questões *35*
  5.1 – Lista de Questões *35*
  5.2 – Gabarito *65*
  5.3 – Questões comentadas *66*
Considerações finais *107*

APRESENTAÇÃO

Caro aluno,

Na aula de hoje vamos nos dedicar especialmente aos verbos e aos pontos de gramática que os circundam.

AULA 06 – Verbo	**- Flexão Nominal e Verbal;** **- Correlação de tempos e modos;** **- Regência nominal e verbal;** **- Concordância nominal e verbal; e** **- Vozes verbais**

Antes de começar a aula em si, veja uma breve revisão do que já vimos de verbos na aula 04:

REVISÃO RELÂMPAGO

Verbos

- Palavra que representa a **ação** praticada, indicando **quem** a realizou e o **momento** em que foi realizada.

- Além de uma **ação**, pode expressar **estado** e **fenômeno da natureza**.

- Eles podem ser **regulares** ou **irregulares**.

- Quando estão na sua forma verbal pura, aparecem no **infinitivo** e terminam na letra **r**, precedidas de **a (1ª conjugação -ar)**, **e (2ª conjugação -er)** ou **i (3ª conjugação -ir)**.

Verbo transitivo direto: precisa de complemento.

Verbo transitivo indireto: precisa de complemento com preposição.

Verbo intransitivo: não precisa de complemento.

Verbo de ligação: indica um estado, não uma ação.

ATENÇÃO: Apesar do verbo ser o foco dessa aula, veremos alguns assuntos ligados às formas nominais para que você compreenda melhor os conceitos como um todo.

Vamos lá?

1– FLEXÃO

A flexão é uma modificação na palavra para expressar diferentes significados. Tanto verbos como formas nominais podem ser flexionados.

A flexão das **formas nominais** é a **declinação**.

A flexão das **formas verbais** é a **conjugação**.

Vamos ver melhor cada uma delas.

1.1 – FLEXÃO NOMINAL

As formas nominais (substantivos, adjetivos, pronomes e numerais) admitem apenas duas variações: **gênero** e **número**. Em compensação, cada uma dessas variações possui uma série de regrinhas. Muitas delas já estamos acostumados e, por isso, fazemos automaticamente. Outras usamos mesmo e, por isso, exigem maior atenção.

Gênero

A maioria dos nomes têm duas formas: masculino e feminino. Normalmente, é fácil saber o gênero da palavra: masculino é precedido do artigo **o**, e feminino é precedido do artigo **a**.

FIQUE
ATENTO!

Lembre-se que nem sempre palavras masculinas e femininas terminam em **o** e **a**, respectivamente.

Ex.: o tapa; a alface.

O artigo é sempre mais confiável na hora de definir o gênero da palavra.

Aqui temos algumas regrinhas de formação do masculino e feminino:

Regra: Masculino para Feminino	Exemplo
Terminados em “o” mudam para “a”	O gato – A gata
Terminados em “ão” mudam para “ã”, “oa” ou “ona”	O capitão – A capitã / O leão – A leoa / O chorão – A chorona
Terminados em “or” acrescentam um “a” ou “eira” (em caso de qualidade)	O senhor – A senhora / Homem trabalhador – Mulher trabalhadeira
Terminados em “ês” e “z” acrescentam um “a”	O burguês – A burguesa / O juiz – A juíza
Terminados em “e” podem mudar para “a”	O governante – A governanta
Alguns títulos de nobresa mudam para “esa”, “essa”, “isa”	O barão – A baronesa / O conde – A condessa / O papa – A papisa

SE LIGA!

Alguns substantivos podem ser masculinos ou femininos dependendo do artigo que os precedem.

EX.: A **cabeça** do homem (parte do corpo)

O **cabeça** de equipe (líder ou chefe).

Número

Em geral, os nomes admitem duas flexões de número: **singular** e **plural**. Vamos ver algumas regrinhas de transformação:

Regra: Singular para Plural	Exemplo
Terminados em vogal, ditongo e “n” acrescentam “s”	Gato – Gatos / Herói – Heróis / Hífen - Hifens
Terminados em “m” mudam para “ns”	Montagem - Montagens
Terminados em “r” e “z” acrescentam “es”	Senhor – Senhores / Sagaz - Sagazes
Terminados em “al”, “el”, “ol”, “ul” trocam o “l” pelo “is”	Canal – Canais / Anel – Anéis / Girassol – Girassóis / Azul - Azuis
Terminados em “il” trocam por “is” (oxítonas) ou “eis” (paroxítonas)*	Juvenil – Juvenis / Inútil – Inúteis
Terminados em “ão” trocam por “ões”, “ães” ou “ãos (paroxítonas)”	Doação – Doações / Cão – Cães / Cidadão – Cidadãos

OBS: Substantivos terminados em “s” ou “x” são invariáveis. Ex.: Férias, córtex.

ACORDE!!

Vamos ver melhor tonicidade e acentuação futuramente no curso. Por enquanto, lembre-se apenas:

Oxítonas: a sílaba forte é a última. Ex.: Ca-**fé**	Paroxítonas: a sílaba forte é a penúltima. Ex.: Es-**co**-la	Proparoxítonas: a sílaba forte é a antepenúltima. Ex.: **Pú**-bli-co

Há ainda outros casos importantes de formação do plural que precisam ser considerados: a dos **substantivos compostos**.

Substantivos compostos	Exemplo
Não separados por hífen: acrescenta-se o “s”	Pontapé - pontapés
Separados por hífen: variam conforme o caso. Variam ambos	substantivo + substantivo: couve-flor – couves-flores. substantivo + adjetivo: obras-primas adjetivo + substantivo: más-línguas numeral + adjetivo: sexta-feira
Separados por hífen: variam conforme o caso. Varia o primeiro	segundo termo é determinante do primeiro: banana-prata - bananas-prata segundo termo é ligado por preposição: pé-de-cabra – pés de cabra
Separados por hífen: variam conforme o caso. Varia o segundo	primeiro termo é verbo ou palavra invariável: guarda-chuva – guarda-chuvas; vice-presidente-vice-presidentes.

1.2 – FLEXÃO VERBAL

O **verbo** é a palavra com maior número de variações possíveis numa oração. Ele se divide entre **radical** e **desinência**. O radical é a parte invariável, onde está o significado do verbo, e a desinência, onde ocorrem as variações dependendo do contexto.

Ex.: Amar**ei**

Desinência

Radical

Há cinco possibilidades de variação que um verbo pode apresentar: **modo, tempo, número, pessoa** e **voz**.

Modo

Maneira que o verbo é flexionado e quais significados possui. Distinguem-se três modos verbais + três formas nominais:

Modos verbais	- **Indicativo**: denota ação real, mais certa e precisa. (Você **vai** bem nas provas, pois **estuda** português) - **Subjuntivo**: denota ação possível, porém incerta ou dependente de outra para ocorrer. (Você **iria** bem nas provas, se **estudasse** português) - **Imperativo**: denota ordem ou pedido. (**Estude** português para ir bem na prova
Formas nominais	- **Infinitivo**: às vezes chamado de forma puramente verbal, muitas vezes coincide com o radical do verbo. Pode aparecer como *substantivo.* Termina em **-ar, -er, -ir** (como visto no item 1.) - **Gerúndio**: indica uma continuidade na ação do verbo. Pode aparecer na função de um *advérbio*, pois exprime circunstâncias de igual maneira. Termina em **-ando, -endo, -indo**. - **Particípio**: indica ação já finalizada, concluída. Pode funcionar como *adjetivo* – e nestes casos será flexionado em gênero e número. Termina em **-ado, -edo, -ido**.

Locuções verbais

Construções verbais a partir de um verbo auxiliar e um principal. A ação está no verbo principal; a conjugação está no verbo auxiliar.

Ex.: Nós **estávamos** andando na praia. (verbo auxiliar + gerúndio)

Eu **quero** descansar um pouco. (verbo auxiliar + infinitivo)

Ela **tem** estudado para o vestibular. (verbo auxiliar + particípio)

FIQUE
ATENTO!

- Quando não está funcionando como substantivo, o infinitivo pode flexionar em gênero e número. Assim:

Ex.: Melhor eu ir primeiro.

Melhor nós irmos primeiro.

- No subjuntivo, cada tempo vem acompanhado de um conectivo. Frequentemente:

Presente – Que eu estude

Passado – Se eu estudasse

Futuro – Quando eu estudar

Pessoa

A pessoa diz respeito a quem está na ação. Há três pessoas possíveis: **1ª pessoa, 2ª pessoa, 3ª pessoa**, sendo:

1ª pessoa – Eu sou ou faço parte do grupo que realiza a ação.

Ex.: Eu cheguei em casa.

Nós chegamos em casa.

2ª pessoa – A pessoa com quem converso ou a quem me refiro realiza a ação ou faz parte do grupo que o faz.

Ex.: Tu chegaste em casa.

Vós chegastes em casa.

3ª pessoa – Alguém externo – nem eu e nem a pessoa a quem me refiro – realiza a ação ou faz parte do grupo que o faz.

Ex.: Ele chegou em casa.

Eles chegaram em casa.

Número

Como palavra variável, o verbo apresenta possibilidade dois números: **singular** e **plural**. Quando se refere a uma só pessoa, diz-se que está no singular; quando a duas ou mais pessoas, no plural. Assim:

Ex.: Eu estudo português. (singular)

Nós estudamos português (plural)

Conjugando número e pessoa, chegamos nesta divisão:

EU	1ª pessoa do singular
TU	2ª pessoa do singular
ELE	3ª pessoa do singular
NÓS	1ª pessoa do plural
VÓS	2ª pessoa do plural
ELES	3ª pessoa do plural

Tempo

O tempo informa em que momento ocorreu uma ação. Ao todo são seis tempos verbais:

Presente	Ação, durativa ou finalizada, que ocorre no momento atual. Ex.: Eu estudo.
Pretérito Perfeito	Ação finalizada no passado. Ex.: Eu estudei.
Pretérito Imperfeito	Ação durativa no passado. Ex.: Eu estudava.
Pretérito mais que perfeito	Ação que no passado você sabia estar finalizada, ou seja, uma ação que já acabou num passado muito distante. Ex.: Eu estudara.
Futuro	Ação, durativa ou finalizada, no futuro. Ex.: Eu estudarei.
Futuro do pretérito	Ação que no passado você planejara, durativa ou finalizada, ou seja, algo que no passado eu projetava para o futuro. Pode também significar algo que, no passado, era tido como consequência óbvia de uma ação. Ex.: Eu estudaria.

O modo indicativo possui os seis tempos, o subjuntivo, três tempos e o imperativo um tempo só:

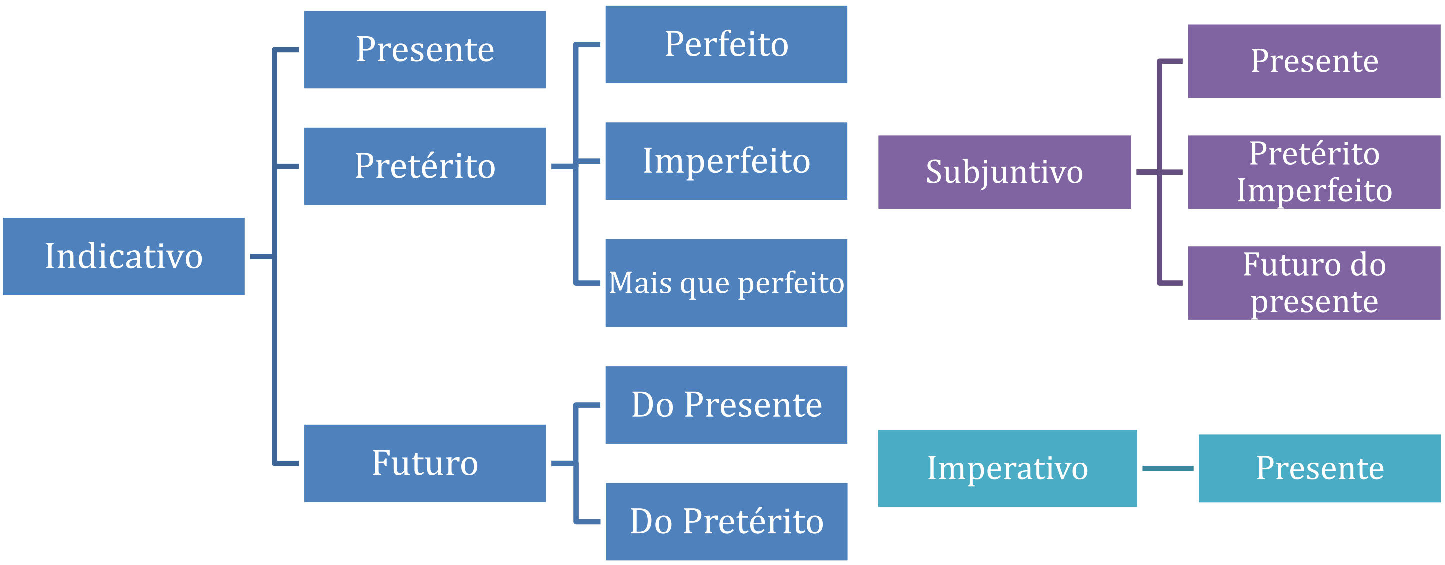
Indicativo
Presente
Pretérito
Futuro
Perfeito
Imperfeito
Mais que perfeito
Do Presente
Do Pretérito
Subjuntivo
Presente
Pretérito Imperfeito
Futuro do presente
Imperativo
Presente

Assim, reunindo todas as informações que tivemos até agora, teríamos este possível quadro, mesclando conjugação, modo, tempo, número e pessoa:

Verbo ESTUDAR

1ªconjugação: - AR

Infinitivo: Estudar

Gerúndio: Estudando

Particípio: Estudado

	INDICATIVO			SUBJUNTIVO		
	Presente	**Imperfeito**	**Futuro***	**Presente**	**Imperfeito**	**Futuro****
EU	estudo	estudava	estudarei	estude	estudasse	estudar
TU	estudas	estudavas	estudarás	estudes	estudasses	estudares
ELE	estuda	estudava	estudará	estude	estudasse	estudar
NÓS	estudamos	estudávamos	estudaremos	estudemos	estudássemos	estudarmos
VÓS	estudais	estudáveis	estudareis	estudeis	estudásseis	estudardes
ELES	estudam	estudavam	estudarão	estudem	estudassem	estudarem

	Pretérito Perfeito	**Pretérito mais-que-perfeito**	**Futuro do Pretérito**	**IMPERATIVO**	
				Afirmativo	**Negativo**
EU	estudei	estudara	estudaria	**---**	---
TU	estudaste	estudaras	estudarias	estuda	não estudes
ELE	estudou	estudara	estudaria	(você) estude	não estude
NÓS	estudamos	estudáramos	estudaríamos	estudemos	não estudemos
VÓS	estudastes	estudáreis	estudaríeis	estudai	não estudeis
ELES	estudaram	estudaram	estudariam	(vocês) estudem	não estudem

* o futuro do infinitivo pode aparecer **composto (verbo ser conjugado + infinitivo)**: eu vou estudar.

**o infinitivo pessoal se conjuga da mesma maneira que o futuro do subjuntivo.

Esta é a conjugação simples dos verbos. Muitas vezes, porém, os verbos se encontram conjugados no modo **composto**. Quando isso ocorre, o tempo verbal aparece formado por **verbo auxiliar ter ou haver + particípio do verbo principal**.

O tempo verbal dos verbos auxiliares varia em cada caso. Observe:

INDICATIVO (simples → composto)	
Pretérito perfeito: verbo auxiliar no **presente do indicativo**	estudei → tenho estudado
Pretérito mais-que-perfeito: verbo auxiliar no **imperfeito do indicativo**	estudara → tinha estudado
Futuro do presente: verbo auxiliar no **futuro do presente do indicativo**	estudarei → terei estudado
Futuro do pretérito: verbo auxiliar no **futuro do pretérito do indicativo**	estudaria → teria estudado

Atenção para os tempos compostos no subjuntivo! Pode-se formar tempos compostos que não entram no quadro de conjugação:

SUBJUNTIVO (simples → composto)	
Pretérito perfeito: verbo auxiliar no **presente do subjuntivo**	não tem → tenha estudado
Pretérito mais-que-perfeito: verbo auxiliar no **imperfeito do subjuntivo**	não tem → tivesse estudado
Futuro: verbo auxiliar no **futuro do subjuntivo**	estudar → tiver estudado

Voz

Última possível variação verbal, a voz caracteriza a relação entre o verbo e a pessoa.

Para entender melhor a voz, você precisa lembrar de duas denominações:

Em sintaxe, chamamos de **sujeito** a pessoa a quem se refere toda a oração e **objeto** o termo que complementa o sentido do verbo. Assim:

Eu amo você.
Objeto
Sujeito

Vamos ver esse assunto em mais detalhes futuramente, mas por enquanto lembre-se dessa informação:

O sujeito é o termo da oração com o qual o verbo concorda, ou seja, que está no mesmo número (singular ou plural) e pessoa (1ª, 2ª ou 3ª) que o verbo.

Há três vozes verbais possíveis: **ativa**, **passiva** e **reflexiva**.

Voz ativa: o sujeito é o agente da ação verbal, ou seja, o fato foi praticado **pelo** sujeito.

Ex.: José feriu João.

Objeto (João recebeu a ação)

Sujeito (José fez a ação de ferir)

Quem feriu? José, portanto, José é o sujeito.

Voz passiva: o sujeito sofre a ação verbal, ou seja, o fato foi praticado **no** sujeito.

Ex.: João foi ferido por José.

Agente da passiva (**NÃO HÁ OBJETO EM VOZ PASSIVA)**

Sujeito (João recebeu a ação de ferir)

Quem foi ferido? João, portanto, João é o sujeito.

ATENÇÃO: Perceba que o sujeito faz a ação expressa na flexão do verbo, portanto, não precisa necessariamente ser quem a pratica.

Na voz passiva, a ação se expressa numa **locução verbal**, ou seja, uma construção de verbo auxiliar + verbo principal no particípio.

Para transformar um verbo de uma voz para a outra você deve:

- Inverter a ordem em que os termos aparecem
- Manter o tempo verbal no verbo auxiliar; e
- Adicionar uma preposição.

Ex.:

Voz Ativa – Santos Dumont inventou o avião. (**verbo no pretérito perfeito**)

Voz Passiva – O avião foi inventado **por** Santos Dumont. (**verbo auxiliar no pretérito perfeito**)

Mudança de posição dos termos

Preposição

Mesmo tempo verbal no verbo auxiliar

A esta construção passiva se dá o nome de **Voz Passiva Analítica**

Outra maneira de construir a voz passiva é através da **Voz Passiva Sintética ou Pronominal**: uma oração formada por um verbo na 3ª pessoa (plural ou singular) + pronome **se** + sujeito da passiva.

Ex.: Viu-se a peça.
Agente da passiva
Verbo na 3ª pessoa do singular + partícula "se"

Realizaram-se testes.
Agente da passiva
Verbo na 3ª pessoa do plural + partícula "se"

ATENÇÃO: o verbo concorda com o sujeito da passiva.

Na **voz reflexiva**, o sujeito e objeto a ação são a mesma pessoa, ou seja, quando alguém faz uma ação sobe si mesmo, há voz reflexiva. Forma-se a voz reflexiva por um verbo que concorda com o sujeito + pronome oblíquo correspondente à pessoa (me, te, se, nos, vos, se):

Ex.: O menino feriu-**se**
Objeto (O menino foi ferido. se = a si mesmo)
Sujeito (O menino feriu)

ATENÇÃO: o verbo e o pronome devem concordar com o sujeito.

FIQUE
ATENTO!

Cuidado para não confundir **Voz Passiva Pronominal** com **Voz Reflexiva**:

- **Vende-se casas** (Voz passiva pronominal)
- **Ele mudou-se para outra casa.** (Voz reflexiva)

- O verbo da voz passiva está sempre na 3ª pessoa; o da voz reflexiva concorda com o sujeito.
- O pronome oblíquo concorda com o sujeito ("se" concorda com "ele").
- Deve-se poder substituir o pronome por "a mim mesmo" e outros ("a si mesmo" etc.)

RESUMINDO

Voz Ativa	Sujeito da Ativa	Verbo	Objeto
Voz Passiva Analítica	Sujeito da Passiva	Locução Verbal	Agente da passiva
Voz Passiva Sintética (Pronominal)	Sujeito da Passiva	Verbo na 3ª pessoa	Partícula “se”
Voz Reflexiva	Sujeito da ativa	Verbo	Pronome oblíquo concordando com sujeito.

Voz Ativa: Nós fizemos a prova.

Voz Passiva Analítica: A prova foi feita por nós.

Voz Passiva Sintética: Fez-se a prova.

Voz Reflexiva: Ele se dedicou para a prova.

2 – CORRELAÇÃO DE TEMPOS E MODOS

Chama-se correlação de tempos e modos verbais a maneira de se redigir um texto com **coerência temporal**. Por exemplo: algo que aconteceu no passado, deve vir conjugado em algum dos tempos passados. Porém se estamos tratando de períodos com duas ou mais orações, os tempos verbais de cada uma delas precisa se relacionar corretamente com o contexto.

Observe o seguinte período:

Eu estudei até que ficasse cansada.

Oração II: verbo “ficar” no imperfeito do subjuntivo

Oração I: verbo “estudar” no pretérito perfeito do indicativo.

O que se pode compreender desse período?

Que no passado eu fiz uma ação (estudar) que se estendeu até um determinado ponto, também no passado (ficar cansada). Para que haja no período essa noção de ação finalizada no passado + ação durativa no passado, é preciso relacionar os verbos a partir de **tempo** e **modo**.

Apesar de haver regras para quais tempos verbais se relacionam com quais, o mais importante é você compreender a **lógica** por trás do período. Se você compreender o que o período quer dizer, será mais fácil relacionar tempos e modos verbais.

Presente do indicativo + presente do subjuntivo

- **Quero** que você escreva o livro.

Presente do inicativo + pretérito perfeito composto do subjuntivo

- **Espero** que ele tenha escrito o livro.

Pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo

- **Esperei** que ele escrevesse o livro.

Pretério imperfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo

- **Queria** que ele tivesse escrito o livro.

Préterito imperfeito do subjuntivo + **futuro do pretérito do indicativo**

- Se ele escrevesse o livro, eu **leria**.

Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo + **futuro do pretérito composto do indicativo**

- Se ele tivesse escrito o livro, eu **teria lido**.

Futuro do subjuntivo + **futuro do presente do indicativo**

- Quando você escrever o livro, eu **lerei**.

Futuro do subjuntivo + **futuro do presente composto do indicativo**

- Quando você escrever o livro, eu **já terei lido**.

DICA!

Ainda que haja poucos exercícios acerca desses temas, é importante que você saiba relacionar tempos e modos para sua **redação**.

Saber relacionar tempos e modos é uma maneira de atingir **coesão e coerência** nos seus textos.

3– REGÊNCIA NOMINAL E VERBAL

Regência é o modo como as palavras de uma frase se relacionam. Geralmente, numa frase, uma palavra depende a outra para formar um todo de sentido. À relação necessária entre duas ou mais palavras, ou seja, o modo exigido da construção da frase segundo a norma culta, dá-se o nome de regência. Nessa relação há dois tipos de palavras:

- **Palavras regentes** – Palavra central, que estabelece a subordinação.
- **Palavras regidas** – Palavra complementar, dependente da regente.

Comumente, a palavra regente vem em primeiro lugar na frase e a palavra regida vem em segundo lugar. A regência pode se dar através:

- **Posição** das palavras na frase: palavra regente antes da regida;
- **Preposição**: a palavra regente e a regida se ligam pela presença de uma preposição entre elas. Nesse caso, a regente aparece antes da preposição e a regida depois.
- **Conjunção**: quando uma oração se liga a outra através de uma conjunção que as divide e explicita sua relação de sentido.

Nesse capítulo, vamos nos dedicar a entender os processos de **Regência Nominal** e **Regência Verbal**.

ATENÇÃO
DECORE!

Infelizmente, esse assunto exige que você decore alguns casos e informações. Parece um assunto chato, mas ele vem sendo muito cobrado nos vestibulares.

Então, leia atentamente esse capítulo e, se for preciso, mantenha a lista das palavras mais importantes perto de você sempre. Assim, você pode consultá-la quantas vezes for necessário”

3.1 - REGÊNCIA NOMINAL

A **Regência Nominal** é o modo como um **nome** – um substantivo, adjetivo ou advérbio – se relaciona com os termos ligados a ele. A relação de regência nominal é majoritariamente intermediada por **preposição**.

O ideal é que você memorize pelo menos algumas das palavras mais importantes. Vamos ver nos quadros a seguir as principais palavras de cada classe gramatical.

Substantivos

Regência		Exemplo
Acesso	a de para	- O acesso **à** sala era restrito. - O acesso **de** pedestres estava fechado - O atalho de acesso **para** o rio estava fechado.
Admiração	a por	- Sinto admiração **à** distância. - Sinto admiração **por** ele.
Alusão	a de	- Ela fez alusão **a** um livro. - A alusão **do** professor ao tema da prova agradou os alunos.
Amor	a de para com por	- O amor **à** vida. - O amor **de** mãe é muito profundo. - O amor **para com** os animais é frequente. - Ela sentia muito amor **por** ele.
Analogia	com entre	- Fez uma analogia **com** o governo anterior. - O público não entendeu a analogia **entre** a vida e o jogo.
Atenção	a com para com	- Atenção **às** palavras do professor. - Tenha atenção **com** relação ao prazo! - É preciso atenção **para com** isso.
Atentado	a contra	- Sofreu um atentado **a** sua vida. - O atentado **contra** os imigrantes foi grave.
Capacidade	de para	- Ele não tem capacidade **de** fazer isso. - Falta-lhe capacidade **para** compreender isso.
Conforme	a com	- Ela agiu conforme **a** sua natureza. - Opinião conforme **com** a filosofia.
Desprezo	a de por	- Há muito desprezo **à** vida. - O desprezo **deles** pelo mundo é enorme. - Sinto desprezo **por** ele.
Dúvida	acerca de em sobre	- Tenho dúvida **acerca desse** assunto. - Tenho dúvida **em** relação a isso. - Tenho dúvida **sobre** isso.

Medo	a de	- Não tenho medo **a** ficar sozinha. - Eu tenho medo **de** aranha.
Obediência	a	- Devo obediência **a** ela.
Respeito	a com de para com por	- Tenha respeito **às** diferenças. - Falta respeito **com** o próximo. - A respeito **de** minha família, não faço comentários. - É preciso respeito **para** com os mais velhos. - Tenha respeito **por** ele.
Tendência	a para	- Tenho tendência **a** emagrecer. - Veja as tendências **para** decoração em 2019.
União	com de entre	- A união **com** a mãe é forte. - A união **de** sindicatos é tendência no mundo. - O casamento é a união **entre** duas pessoas.

INDO MAIS FUNDO!

Com preposição **“a”**: Admiração Devoção Horror Ida Inclinação Tendência	Com preposição **“de”:** Abuso Impossibilidade Justificativa Obrigação Teoria	Com preposição **“em”:** Bacharel Doutor Habilidade Harmonia Interesse	Com preposição **“entre”**: Convênio
Com a preposição **“para”**: Jeito Utilidade	Com preposição **“para com”:** Simpatia Piedade Respeito	Com preposição **“por”**: Admiração Afeição Amizade Busca Gosto Interesse Respeito	

Adjetivos

Regência		Exemplo
Acostumado	a com	- Está acostumado **a** estudar muito. - Ele está acostumado **com** a solidão.
Alheio	a de	- Ele estava alheio **a** tudo. - Ele é alheio **de** carinho materno.
Ansioso	de por para	- Ansioso **de** vencer, ele estava nervoso. - Estou ansiosa **para** começar os estudos. - Estou ansiosa **por** o abraçar.
Apto	a para	- Em quanto tempo estarei apto **a** começar? - Ele está apto **para** o trabalho.
Capaz	de para	- Não sou capaz **de** opinar. - Ela se tornou capaz **para** esse trabalho.
Contemporâneo	a de	- Ele é contemporâneo **a** Virginia Woolf. - Fato contemporâneo **da** Independência do Brasil.
Contente	com de em por	- Fiquei contente **com** a notícia. - Fiquei contente **de** ver você. - Fiquei contente **em** saber de você. - Fiquei contente **por** terminar o exercício.
Construído	com de por	- O lar foi construído **com** amor. - A casa foi construída **de** tijolos. A casa foi construída **por** meus pais.
Curioso	a de por	- Você está curioso **a** conhecer o vencedor? - Era curioso **de** tudo a seu redor. - Era curioso **por** livros.
Essencial	a para	- A água é essencial **à** vida. - Lembrar é essencial **para** viver.
Fácil	a de para	- Acesso fácil **à** informação ajuda estudantes. - É um tema fácil **de** entender. -É mais fácil para ele do que **para** ela.

Feliz	com	- Fiquei feliz **com** a notícia.
	de	- Fiquei feliz **de** conseguir passar de ano.
	em	- Fiquei feliz **em** te ver.
	por	- Fiquei feliz **por** terminar o livro.
Hostil	a	- O professor é hostil **aos** alunos.
	contra	- A torcida foi hostil **contra** os jogadores.
	para com	- Ele é hostil **para com** o pai.
Imbuído	em	- Estou imbuído **em** solucionar o problema.
	de	- Estou imbuído **de** boas energias.
Junto	a	- O livro está junto **à** televisão.
	com	- Ele saiu junto **com** o pai.
	de	- Foi até junto **da** esposa.
Satisfeito	com	- Estou satisfeito **com** o trabalho.
	de	- Fiquei satisfeito **de** sair daqui.
	em	- Fiquei satisfeito **em** lhe ver.
	por	- Fiquei satisfeito **por** terminar esse trabalho.
Situado	a	- Estamos situados **a** dois quilômetros daqui.
	de	- A casa fica situada **de** frente para o museu.
	por	- O estômago encontra-se situado **por** debaixo do diafragma.
Unido	a	- Ele é unido à mãe.
	com	- Estamos unidos com o chefe.
	por	- Unidos pelo cordão umbilical.
Último	a	- Ele foi o último **a** chegar.
	de	- Ele foi o último **de** nós a chegar.
	em	- Ficamos em último **em** ranking mundial.
Útil	a	- Esse assunto é útil a todos.
	para	- Esse manual é útil para estudar português.

INDO MAIS
FUNDO!

Com preposição **“a”**:	Com preposição **“com”:**	Com preposição **“de”**:	Com a preposição **“em”**:	Com preposição **“por”**:
Adequado Análogo Anterior Avesso Contrário Desatento Disposto Equivalente Favorável Idêntico Oposto Prestes Sensível Superior Único	Aflito Coerente Compatível Condizente Contraditório Cuidadoso Descontente Feliz Severo	Certo Consciente Diferente Livre Natural Sedento Seguro Suspeito	Baseado Entendido Sábio	Aflito Fanático Sedento

Advérbios

Regência		Exemplo
Longe	de	- Estamos longe **de** casa.
Perto	de	- Ele está perto **de** acabar.
Advérbios em -mente	Seguem o regime da palavra que os forma.	- Essencial a / Essencialmente a - Respeitoso a / Respeitosamente a -

3.2 – REGÊNCIA VERBAL

Antes de falar sobre os exemplos de Regência Verbal em si, precisamos recordar a noção de transitividade dos verbos. Como vimos na aula 00, os verbos se dividem em **intransitivos** e **transitivos**.

Verbos intransitivos (VI)

Verbos intransitivos não possuem complemento. Seu sentido é dado por si só. São verbos que podem apenas ser acompanhados de advérbios para caracterizá-los.

Ex.: Ele dormiu.

Choveu muito.

Verbos transitivos (VT)

Já os **verbos transitivos**, dividem-se em três tipos dependendo da relação que estabelecem com a preposição.

- **Transitivo Direto (VTD)**

O complemento aparece diretamente ligado ao verbo, sem a mediação de uma preposição.

Ex.: O menino estudou matemática.

→ Nenhuma preposição separa o verbo "estudar" de seu complemento (o que o menino estudou).

- **Transitivo Indireto (VTI)**

O complemento aparece ligado ao verbo a partir da mediação de uma preposição.

Ex.: Ele gostava de matemática.

→ A preposição "de" é necessária para formar o sentido da frase. Sem ela, não é possível compreender o que se quer dizer ("Ele gostava matemática" é uma grafia incorreta.

- **Transitivo Direto e Indireto (VTDI)**

O verbo apresenta dois complementos: um com preposição e outro sem.

Ex.: Eu dei um presente a ele.

→ Complemento "a ele", com preposição "a".

→ Complemento "dei um presente", sem preposição.

A transitividade dos verbos não é fixa. Dependendo do contexto, alguns verbos podem ser transitivos ou intransitivos. Portanto, nem sempre decorar os verbos bastará pra responder à questão. É preciso compreender a estrutura.

Ex.: O menino viajou. (VI)

O menino viajou para estudar. (VTI)

Isso posto, **a regência verbal** determina os casos em que se usa ou não preposição. Muitos verbos admitem dupla regência, ou seja, podem vir ou não acompanhados de preposição. Isso costuma ocorrer quando um mesmo verbo pode ser entendido com significados diferentes.

Vamos ver os principais verbos a lembrar da regência. Estarão indicados antes de cada caso a sigla correspondente à transitividade assumida. As preposições estão em negrito e os complementos sem preposição estão grifados.

Legenda:

VI – Verbo intransitivo

VTD – Verbo transitivo direto

VTI – Verbo transitivo indireto

VTDI – Verbo transitivo direto e indireto

Regência	Exemplo
Aspirar	**VTD –** Quando significa “cheirar”. Ex.: Aspirou o perfume. **VTI –** Quando significa “desejar”, “almejar”. Ex.: Ele aspirava **a** uma posição melhor.
Assistir	**VTD –** Quando significa “ajudar”. Ex.: A enfermeira assistiu o paciente. **VTI –** Quando significa “ver”. Ex.: Assisti **a** uma peça maravilhosa.
Atender	**VTD –** Quando se refere a pessoas. Ex.: O médico atendeu o paciente. **VTI –** Quando se refere a coisas. Ex.: O médico atendeu ao chamado.
Chamar	**VTD –** Quando significa “convocar”. Ex.: Eu chamei o padre. **VTI –** Quando significa “pedir ajuda”. Ex.: Ele chamou pela mãe. **VTDI –** Quando significa “denominar” ou “convidar” ou “assumir responsabilidade” Ex.: Eu o chamei **de** Pedro. Eu o chamei **para** a festa.

	Ele chamou a responsabilidade **para** si. **VI –** Quando significa "fazer sinal de voz". Ex.: Você me chamou?
Ensinar	**VTD –** Quando não expressa o assunto ensinado Ex.: Eu chamei o padre. **VTDI –** Quando significa "transmitir conhecimento" Ex.: Ensinamos português **aos** meninos. Vou ensiná-lo **a** pescar.
Esquecer	**VTD –** Quando sem pronome reflexivo. Ex.: Eu esqueci o seu nome. **VTI –** Quando com pronome reflexivo. Ex.: Eu me esqueci **do** seu nome. **VI –** Quando significa "não pensar em coisas ruins". Ex.: Eu só quero esquecer.
Implicar	**VTD –** Quando significa "causar", "acarretar". Ex.: Não seguir os termos de uso implica o cancelamento da assinatura. **VTI –** Quando significa "importunar" ou "envolver". Ex.: Eles implicam **com** meu filho. O político implicou empresários em corrupção.
Lembrar	**VTD –** Quando significa "sugerir", "trazer à memória". Ex.: O perfume lembra minha avó. **VTDI –** Quando significa "advertir". Ex.: O chefe lembrou **a** ele o combinado. **VTI –** Quando significa "recordar" + pronome reflexivo. Ex.: Lembro-me **de** você.
Obedecer (e desobedecer)	**VTI –** Podendo significar obedecer a algo ou alguém. Ex.: Obedeci **às** regras. Obedeço **a** ela.
Perdoar	**VTDI –** Quando há a coisa a se perdoar (sem preposição) e a pessoa a quem se pede perdão (com preposição). Ex.: Perdoem-**lhe** o mau comportamento. * o mesmo ocorre com os verbos **agradecer** e **pagar:**

	Agradeço **a** vocês o presente. Paguei minha dívida **com** eles**.**
Preferir	**VTD –** Quando há pluralidade de elementos não preferidos, portanto, não vale a pena mencioná-los. Ex.: Prefiro Paris. **VTDI –** Quando compara dois ou mais elementos, acompanhado sempre de preposição "a". Ex.: Prefiro praia **a** piscina. **ATENÇÃO:** Não se usa "preferir ... do que ...". Essa construção só é permitida na oralidade. No texto escrito é considerada errada.
Querer	**VTD –** Quando significar "desejar". Ex.: Eu quero amigos novos. **VTI –** Quando significar "gostar". Ex.: Quero bem **a** meu irmão.
Responder	**VTD –** Quando se referir à própria resposta. Ex.: Respondeu que chegaria logo. **VTI –** Quando o complemento se refere à outra pessoa. Ex.: Respondeu **ao** professor. **VTDI –** Quando há a coisa respondida (sem preposição) e a pessoa a quem se respondeu (com preposição). Ex.: Eu respondi o exercício **à** professora. **VI –** Quando significa "ato de ser grosseiro" ou "a ação de responder em si". Ex.: Não responda! Chamei mas ele não respondeu.
Visar	**VTD –** Quando significa "olhar" ou "apontar". Ex.: Visou o amigo de longe. Visou o alvo, mas errou. **VTI –** Quando significa "ter em vista" ou "pretender". Ex.: O projeto visa **à** inclusão social.

INDO MAIS
FUNDO!

Com preposição **“a”**: - habituar-se a; - imputar a; - obrigar a; - pertencer a; - referir-se a; - sobreviver a; - sujeitar-se a.	Com preposição **“com”:** - encontrar-se com; - indignar-se com; - parecer com; - sonhar com; - zangar-se com.	Com preposição **“de”**: - excluir de; - libertar de; - morrer de; - precaver-se de; - tremer de; - vangloriar-se de; - vingar-se de.	Com a preposição **“em”**: - apoiar-se em; - concentrar em; - continuar em; - incorrer em; - teimar em; - transformar em; - viciar-se em.
Com preposição **“para”:** - convidar para; - convocar para; - desafiar para; - esforçar-se para; - habilitar para.	Com preposição **“por”**: - ansiar por; - apaixonar-se por; - chorar por; - interessar-se por; - rogar por; - trocar por.	Com preposição **“sobre”**: - alertar sobre; - meditar sobre; - prevalecer sobre; - recair sobre.	

FIQUE
ATENTO!

Muitas vezes, os nomes e os verbos de que derivam apresentam a mesma regência.

Ex.:

Obedeço **a** ela.

Sou obediente **a** ela.

Procure fazer associações assim para facilitar seu estudo. Assim, você não precisa decorar tantas palavras e suas regências.

4 – CONCORDÂNCIA NOMINAL E VERBAL

Dá-se o nome **concordância** o modo de organização da frase que explicita a relação entre termos e significado total da frase. Estabelecemos concordância entre as palavras **nominais** e as **verbais**. Vamos olhar mais detalhadamente cada uma delas.

4.1 – CONCORDÂNCIA NOMINAL

A **concordância nominal** é o ajuste de **gênero e número** com o substantivo central da frase. Veja a frase a seguir, por exemplo:

Ex.: Os dois meninos mais bonitos estudam juntos.

↳ “meninos” é o substantivo central dessa frase. É a ele que se referem todas as informações:

- São dois meninos
- Os meninos são os mais bonitos; e
- Os meninos estudam juntos.

Portanto, os outros termos devem concordar com “**meninos**”, ou seja, devem estar no **masculino plural**.

As classes de palavra que devem concordar com o substantivo são:

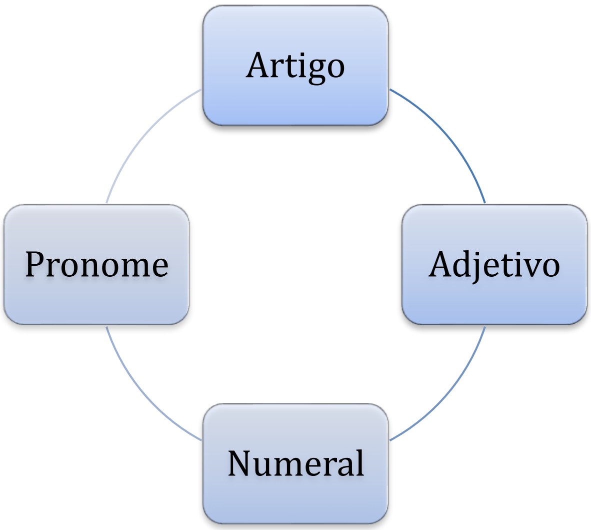

Algumas vezes, a concordância não será tão simples como a do exemplo que vimos anteriormente. Mas e se ao invés de:

“Os dois meninos mais bonitos estudam juntos.”

... a construção fosse:

“O menino e a menina mais bonitos estudam juntos.”

Aparecem aqui dois substantivos de gêneros diferentes: “menino” no masculino singular e “menina” no feminino singular. A concordância que se estabelece, portanto, deve acompanhar algumas determinações.

Há duas questões elementares a serem observadas quanto à concordância nominal:

- A posição do adjetivo na frase; e
- O gênero e número dos substantivos centrais.

Posição, gênero e número.

A regra de concordância depende se o adjetivo está **antes** ou **depois** dos substantivos.

Adjetivo anteposto

- Concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo (o primeiro).

Ex.: Apreciava **boas** peças e filmes .

→ “boas” é feminino plural e concorda com “peças”.

Apreciava **bons** filmes e peças.

→ “bons” é masculino plural e concorda com “filmes”.

- Em se tratando de nomes próprios e parentesco, o adjetivo vai sempre no plural.

Ex.: Encontrei as **belas** Maria e Alice.

→ “belas” é feminino plural.

Encontrei os **bem-sucedidos** tio e primos.

→ “bem-sucedidos” é masculino plural.

ATENÇÃO: Se os substantivos forem de gênero diferentes, nesse caso, o padrão é que se use o masculino plural.

Ex.: A meus **queridos** mãe e pai.

→ “queridos” é masculino plural.

Adjetivo posposto

- Mesmo gênero + singular = adjetivo no mesmo gênero plural OU concorda com mais próximo.

Ex.: Estudo filosofia e sociologia **alemãs**.

→ “alemãs” é feminino plural.

OU

Estudo filosofia e sociologia **alemã**.

→ "alemã" é feminino singular, como "sociologia".

- Gênero diferente + singular = adjetivo no masculino plural OU concorda com mais próximo.

Ex.: Eu comprei uma bolsa e um sapato **lindos**.

→ "lindos" é masculino plural.

OU

Eu comprei uma bolsa e um sapato **lindo**.

→ "lindo" é masculino singular, como "sapato".

- Mesmo gênero + número diferente = adjetivo no mesmo gênero plural OU número mais próximo.

Ex.: As tias e a prima **bonitas** chegaram.

→ "bonitas" é feminino plural.

OU

As tias e a prima **bonita** chegaram.

→ "bonita" é feminino singular, como "prima".

- Gênero diferente + plural = adjetivo no gênero do mais próximo plural OU masculino plural.

Ex.: Os meninos e as meninas brasileiras brincavam na rua.

→ "brasileiras" é feminino plural, como "meninas".

OU

Os meninos e os meninas brasileiros brincavam na rua.

→ "brasileiros" é masculino plural.

- Gênero diferente + número diferente = masculino plural OU concorda com mais próximo.

Ex.: O menino e as meninas sinceros conversavam na sala.

→ "sinceros" é masculino plural.

OU

O menino e as meninas sinceras conversavam na sala.

→ "sinceras" é feminino plural, como "sinceras".

FIQUE ATENTO!

Algumas vezes, a opção de concordância deve priorizar eliminar possíveis ambiguidades.

Ex.: Tenho irmão e irmãs bonitas.

Fica muito difícil, nesse exemplo, compreender que o adjetivo “bonitas” se refere a ambos os substantivos. Por isso, aqui seria melhor utilizar o “bonitos”, pra que não haja confusão.

Além disso, há alguns casos importantes a se observar:

Anexo e incluso

- Concordam com o substantivo a que se referem, **sem preposição**.

Ex.: Os documentos estão **anexos**.

A sobremesa está **inclusa**.

É necessário

- Não varia, a menos que o substantivo tenha palavra determinante.

Ex.: Cautela **é necessário**.

A cautela **é necessária**.

ATENÇÃO: O mesmo ocorre com “é bom” e “é proibido”.

Sopa **é bom**. / A sopa **é boa**.

Bebida **é proibido**. / A bebida **é proibida.**

Meio

- Quando tem valor de advérbio, é invariável.

Ex.: Ela estava **meio** nervosa.

Ele estava **meio** nervoso.

- Quando tem valor de numeral, concorda pelas regras gerais.

Ex.: Comeu **meio** limão. / Comeu **meia** laranja.

Muito e pouco

- Quando tem valor de advérbio, é invariável.

Ex.: Ela estava **muito** nervosa. / Ela estava **pouco** confortável.

Ele estava **muito** nervoso. / Ele estava **pouco** confortável.

- Quando tem valor de adjetivo, concorda pelas regras gerais.

Ex.: Dormiu **poucas** horas.

Comprou **muitos** sapatos.

Pronomes de tratamento

- Concordam sempre com a 3ª pessoa.

Ex.: Vossa Excelência cumpriu **sua** palavra.

ATENÇÃO: esse assunto será retomado a seguir, em concordância verbal.

Tal qual

- “Tal” concorda com o termo anteposto e “qual” com o termo posposto.

Ex.: A menina é bonita **tal quais** as avós.

Os pais eram loiros **tais qual** o filho.

Um e outro

- O substantivo fica no singular e o adjetivo no plural.

Ex.: Ela resolveu um e outro **exercício fáceis**.

4.2 – CONCORDÂNCIA VERBAL

A **concordância verbal** se dá a partir da flexão do verbo em **número** e **pessoa**, de modo a concordar com o termo central da frase, normalmente um substantivo ou um pronome. Veja o exemplo a seguir:

Ex.: Eu **estou** ocupada.

↳ “estou” está flexionado na 1ª pessoa do singular, concordando com “eu”.

Nós **estamos** ocupadas.

↳ “estamos” está flexionado na 1ª pessoa do plural, concordando com “nós”.

Essa é a regra básica da concordância verbal. A partir dela, é preciso pensar em dois grandes campos: quando há apenas um termo central e quando há mais de um termo central.

Um termo central

O verbo, nesse caso, concorda em pessoa e número com o termo central.

Ex.: A menina **estudou** ontem.

→ “estudou” está flexionado na 3ª pessoa do singular.

Há alguns casos específicos que costumam aparecer em provas ou que são frequentes nas redações que vale a pena observar:

- **Cerca de / Mais de / menos de:** concorda com o substantivo.

Ex.: Cerca de cinco pessoas **foram** à praia.

Mais de um menino **passou** de ano.

Menos de dez mulheres **foram** selecionadas.

- **“A maioria” e semelhantes:** verbo no singular.

Ex.: A maioria das meninas **estava** feliz.

- **Porcentagem:** concorda com o substantivo que a acompanha.

ATENÇÃO: caso não haja substantivo acompanhando, deve concordar com o numeral.

Ex.: Apenas 1% **respondeu**.

Apenas 3% **responderam**.

- **Pronome relativo “que”:** concorda com o termo antecedente, a que ele se refere.

Ex.: Fui eu **que** escrevi o livro.

Eram elas **que** deviam nos contar.

- **Pronome relativo “quem”:** concorda com o termo antecedente, a que ele se refere OU 3ª pessoa do singular.

Ex.: Fomos nós **quem** organizamos o evento.

OU

Fomos nós **quem** organizou o evento.

- **Pronomes de tratamento:** 3ª pessoa, concordando em número.

Ex.: Vossa Excelência **estará** presente.

Vossas Excelências **estarão** presentes.

- **Substantivos coletivos**: verbo no singular.

Ex.: A multidão **estava** irada.

- **Substantivos próprios plurais:** com artigo, verbo no plural e sem artigo, verbo no singular.

Ex.: Os Estados Unidos **comemoraram** o evento.

Minas Gerais **é** um estado grande.

- **Um dos que:** verbo no plural.

Ex.: Minha filha **foi** uma das que passou na prova.

Dois ou mais termos centrais

O verbo, nesse caso, é apresentado no plural.

Ex.: A menina e o menino **estudaram** ontem.

→ “estudou” está flexionado na 3ª pessoa do singular.

Quando uma das pessoas verbais é da 1ª pessoa (tanto do plural quanto do singular), deve-se utilizar o verbo na 1ª pessoa do plural.

Ex.: Meu namorado e eu **iremos** jantar fora.

→ “iremos” está flexionado na 1ª pessoa do plural.

Quando uma das pessoas verbais é da 2ª pessoa (tanto do plural quanto do singular), é preferível conjugar na 3ª pessoa do plural.

Ex.: Tu e ele **foram** viajar?

Há alguns casos específicos que costumam aparecer em provas ou que são frequentes nas redações que vale a pena observar:

- **Conjunções “ou” e “nem”:** com ideia de inclusão, verbo no plural e com ideia de exclusão, verbo no singular.

Ex.: Frutas ou vegetais **são** ambos bons para a saúde. (inclusão)

Par ou ímpar **será** o modo de decisão. (exclusão)

- **Não só ... mas também (e semelhantes): verbo no plural**

Ex.: Não só o professora mas também a diretora **chamaram** a atenção do aluno.

- **Nem um nem outro**: preferencialmente no singular.

Ex.: Nem um nem outro **foi** à escola hoje.

- **Palavras sinônimas ou parecidas:** verbo pode aparecer tanto no plural quanto no singular.

Ex.: Amor e afeto **são** importantes.

Amor e afeto **é** importante.

- **Preposição com:** quando com valor de adição, o verbo vem no plural.

Ex.: O político com o empresário **cometeram** um crime.

Orações que expressam reciprocidade são sempre no plural:

Ex.: Nem um nem outro se falaram no trabalho.

Além disso, há outros casos que merecem atenção:

Haja vista

Apesar de pouco usado, é possível flexionar "haja vista" de acordo com o número do substantivo a que se refere.

Ex.: É preciso lutar, **haja vista** as dificuldades que estão por vir.

OU

É preciso lutar, **haja vistas** as dificuldades que estão por vir.

Verbo dar

Esse verbo causa dúvidas principalmente quando relacionado a horários. Quando a ênfase está no substantivo, o verbo concorda com este último. Quando a ênfase é no numeral, concorda com este. O mesmo ocorre para outros verbos relacionados a horas, como **bater** e **soar.**

Ex.: O relógio da cozinha **deu** nove horas (concorda com relógio).

Deram nove horas no relógio da cozinha (concorda com nove).

Verbos impessoais

São verbos impessoais aqueles que não tem sujeito, ou seja, em que não é possível atribuir a ação a nenhum termo expresso na frase.

Nesses casos, a concordância verbal deve ser na 3ª pessoa do singular.

Ex.: **Faz** cinco anos que nós namoramos.

Choveu ontem.

5 – QUESTÕES

5.1 – LISTA DE QUESTÕES

1. **(UNESP - 2019)**

Leia o trecho do romance S. Bernardo, de Graciliano Ramos, para responder à(s) questão(ões) a seguir.

O caboclo mal-encarado que encontrei um dia em casa do Mendonça também se acabou em desgraça. Uma limpeza. Essa gente quase nunca morre direito. Uns são levados pela cobra, outros pela cachaça, outros matam-se.

Na pedreira perdi um. A alavanca soltou-se da pedra, bateu-lhe no peito, e foi a conta. Deixou viúva e órfãos miúdos. Sumiram-se: um dos meninos caiu no fogo, as lombrigas comeram o segundo, o último teve angina e a mulher enforcou-se.

Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente.

Concluiu-se a construção da casa nova. Julgo que não preciso descrevê-la. As partes principais apareceram ou aparecerão; o resto é dispensável e apenas pode interessar aos arquitetos, homens que provavelmente não lerão isto. Ficou tudo confortável e bonito. Naturalmente deixei de dormir em rede. Comprei móveis e diversos objetos que entrei a utilizar com receio, outros que ainda hoje não utilizo, porque não sei para que servem.

Aqui existe um salto de cinco anos, e em cinco anos o mundo dá um bando de voltas.

Ninguém imaginará que, topando os obstáculos mencionados, eu haja procedido invariavelmente com segurança e percorrido, sem me deter, caminhos certos. Não senhor, não procedi nem percorri. Tive abatimentos, desejo de recuar; contornei dificuldades: muitas curvas. Acham que andei mal? A verdade é que nunca soube quais foram os meus atos bons e quais foram os maus. Fiz coisas boas que me trouxeram prejuízo; fiz coisas ruins que deram lucro. E como sempre tive a intenção de possuir as terras de S. Bernardo, considerei legítimas as ações que me levaram a obtê-las.

Alcancei mais do que esperava, mercê de Deus. Vieram-me as rugas, já se vê, mas o crédito, que a princípio se esquivava, agarrou-se comigo, as taxas desceram. E os negócios desdobraram-se automaticamente. Automaticamente. Difícil? Nada! Se eles entram nos trilhos, rodam que é uma beleza. Se não entram, cruzem os braços. Mas se virem que estão de sorte, metam o pau: as tolices que praticarem viram sabedoria. Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem. Conheço indivíduos preguiçosos que têm faro: quando a ocasião chega, desenroscam-se, abrem a boca – e engolem tudo.

Eu não sou preguiçoso. Fui feliz nas primeiras tentativas e obriguei a fortuna a ser-me favorável nas seguintes. Depois da morte do Mendonça, derrubei a cerca, naturalmente, e levei-a para além do ponto em que estava no tempo de Salustiano Padilha. Houve reclamações.

– Minhas senhoras, seu Mendonça pintou o diabo enquanto viveu. Mas agora é isto. E quem não gostar, paciência, vá à justiça.

Como a justiça era cara, não foram à justiça. E eu, o caminho aplainado, invadi a terra do Fidélis, paralítico de um braço, e a dos Gama, que pandegavam no Recife, estudando Direito. Respeitei o engenho do Dr. Magalhães, juiz.

Violências miúdas passaram despercebidas. As questões mais sérias foram ganhas no foro, graças às chicanas de João Nogueira.

Efetuei transações arriscadas, endividei-me, importei maquinismos e não prestei atenção aos que me censuravam por querer abarcar o mundo com as pernas. Iniciei a pomicultura e a avicultura. Para levar os meus produtos ao mercado, comecei uma estrada de rodagem. Azevedo Gondim compôs sobre ela dois artigos, chamou-me patriota, citou Ford e Delmiro Gouveia. Costa Brito também publicou uma nota na Gazeta, elogiando-me e elogiando o chefe político local. Em consequência mordeu-me cem mil-réis.

(S. Bernardo, 1996.)

Verifica-se o emprego de verbo no modo imperativo no seguinte trecho:

a) "Se eles entram nos trilhos, rodam que é uma beleza. Se não entram, cruzem os braços." (7º parágrafo)

b) "Minhas senhoras, seu Mendonça pintou o diabo enquanto viveu. Mas agora é isto." (10º parágrafo)

c) "Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente." (3º parágrafo)

d) "Aqui existe um salto de cinco anos, e em cinco anos o mundo dá um bando de voltas." (5º parágrafo)

e) "Não senhor, não procedi nem percorri. Tive abatimentos, desejo de recuar; contornei dificuldades: muitas curvas." (6º parágrafo)

2. (ITA – 2019)

Em frente da minha casa existe um muro enorme, todo branco. No Facebook, uma postagem me chama atenção: é um muro virtual e a brincadeira é pichá-lo com qualquer frase que vier à cabeça. Não quero pichar o mundo virtual, quero um muro de verdade, igual a este de frente para a minha casa. Pelas ruas e avenidas, vou trombando nos muros espalhados pelos quarteirões, repletos de frases tolas, xingamentos e erros de português. Eu bem poderia modificar isso.

“O caminho se faz caminhando”, essa frase genial, tão forte e certeira do poeta espanhol Antonio Machado, merece aparecer em diversos muros. Basta pensar um pouco e imaginar; de fato, não há caminho, o caminho se faz ao caminhar.

De repente, vejo um prédio inteiro marcado por riscos sem sentido e me calo. Fui tentar entender e não me faltaram explicações: é grafite, é tribal, coisas de difícil compreensão. As explicações prosseguem: grafite é arte, pichar é vandalismo. O pequeno vândalo escondido dentro de mim busca frases na memória e, então, sinto até o cheiro da lama de Woodstock em letras garrafais: “Não importam os motivos da guerra, a paz é muito mais importante”.

Feito uma folha deslizando pelas águas correntes do rio me surge a imagem de John Lennon; junto dela, outra frase: “O sonho não acabou”, um tanto modificada pela minha mão, tornando-se: o sonho nunca acaba. E minha cabeça já se transforma num muro todo branco.

Desde os primórdios dos tempos, usamos a escrita como forma de expressão, os homens das cavernas deixaram pichados nas rochas diversos sinais. Num ato impulsivo, comprei uma tinta spray, atravessei a rua chacoalhando a lata e assim prossegui até chegar à minha sala, abraçado pela ansiedade aumentada a cada passo. Coloquei o dedo no gatilho do spray e fiquei respirando fundo, juntando coragem e na mente desenhando a primeira frase para pichar, um tipo de lema, aquela do Lô Borges: “Os sonhos não envelhecem” – percebo, num sorrir de canto de boca, o quanto os sonhos marcam a minha existência.

Depois arriscaria uma frase que criei e gosto: “A lagarta nunca pensou em voar, mas daí, no espanto da metamorfose, lhe nasceram asas...”. Ou outra, completamente tola, me ocorreu depois de assistir a um documentário, convencido de que o panda é um bicho cativante, mas vive distante daqui e sua agonia não é menor das dos nossos bichos. Assim pensando, as letras duma nova pichação se formaram num estalo: “Esqueçam os pandas, salvem as jaguatiricas!”.

No muro do cemitério, escreveria outra frase que gosto: “Em longo prazo estaremos todos mortos”, do John Keynes, que trago comigo desde os tempos da faculdade. Frases de túmulos ganhariam os muros; no de Salvador Allende está consagrado, de autoria desconhecida: “Alguns anos de sombras não nos tornarão cegos.” Sempre apegado aos sonhos, picharia também uma do Charles Chaplin: “Nunca abandone os seus sonhos, porque se um dia eles se forem, você continuará vivendo, mas terá deixado de existir”.

Claro, eu poderia escrever essas frases num livro, num caderno ou no papel amassado que embrulha o pão da manhã, mas o muro me cativa, porque está ao alcance das vistas de todos e quero gritar para o mundo as frases que gosto; são tantas, até temo que me faltem os muros. Poderia passar o dia todo pichando frases, as linhas vão se acabando e ainda tenho tanto a pichar... “É preciso muito tempo para se tornar jovem”, de Picasso, “Há um certo prazer na loucura que só um louco conhece”, de Neruda, “Se me esqueceres, só uma coisa, esquece-me bem devagarzinho”, cravada por Mário Quintana...

Encerro com Nietzsche: “Isto é um sonho, bem sei, mas quero continuar a sonhar”, que serve para exemplificar o que sinto neste momento, aqui na minha sala, escrevendo no computador o que gostaria de jogar nos muros lá fora, a custo me mantendo calmo, um olho na tela, outro voltado para o lado oposto da rua. Lá tem aquele muro enorme, branco e virgem, clamando por frases. Não sei quanto tempo resistirei até puxar o gatilho do spray.

Adaptado de: ALVEZ, A. L. Um muro para pichar. Correio do Estado, fev 2018. Disponível em
Acesso em: ago. 2018.

Por ser uma crônica, o texto apresenta formas coloquiais, que por vezes distanciam o texto da norma padrão da língua portuguesa. Assinale a alternativa em que ocorre desvio da norma culta.

a) Fui tentar entender e não me faltaram explicações: é grafite, é tribal, coisas de difícil compreensão.

b) O pequeno vândalo escondido dentro de mim busca frases na memória e, então, sinto até o cheiro ....da lama de Woodstock [...]

c) Depois arriscaria uma frase que criei e gosto [...]

d) Desde os primórdios dos tempos, usamos a escrita como forma de expressão [...]

e) Poderia passar o dia todo pichando frases, as linhas vão se acabando e ainda tenho tanto a ....pichar...

3. (FUVEST – 2018)

O rumor crescia, condensando se; o zunzum de todos os dias acentuava se; já se não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam se* discussões e rezingas**; ouviam se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava se. Sentia se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.

Da porta da venda que dava para o cortiço iam e vinham como formigas; fazendo compras.

Duas janelas do Miranda abriram se. Apareceu numa a Isaura, que se dispunha a começar a limpeza da casa.

- Nhá Dunga! gritou ela para baixo, a sacudir um pano de mesa; se você tem cuscuz de milho hoje, bata na porta, ouviu?

Aluísio Azevedo, O cortiço.

* ensarilhar se: emaranhar se.

** rezinga: resmungo

Constitui marca do registro informal da língua o trecho

(A) “mas um só ruído compacto” (l. 2).

(B) “ouviam se gargalhadas” (l. 3).

(C) “o prazer animal de existir” (l. 6).

(D) “gritou ela para baixo” (l. 10).

(E) “bata na porta” (l. 11).

4. (PUC - 2018)

Palavras do texto inspiraram as frases que seguem, que devem, entretanto, ser consideradas independentes dele. A frase que está em concordância com a norma-padrão da língua é:

a) Deviam haver, naquele tempo, uns três ou quatro canais, restrito a uma programação de cinco ou seis horas por dia, que passaria, mais tarde a ocupar 24 horas.

b) Tendo surgido o celular, o que não tardou foram as mudanças de hábitos, entre eles, bastante notável, a falta de discrição com que as pessoas conversam, em alta voz, em espaços públicos.

c) Muitos jovens que não crêm que existiu um mundo sem TV, dificilmente acreditarão que os celulares podem um dia não existirem.

d) Seja quais forem as formas de entretenimento que a TV propicia, todas, possivelmente sem excessão, têm audiência garantida, o que mantém a publicidade que paga os custos da programação.

e) Se jovens se entreterem com filmes de qualidade, existe grandes possibilidades que venham a se interessar por outras formas de arte.

5. (UNESP - 2018)

Leia o trecho do livro *Bem-vindo ao deserto do real!*, de Slavoj Žižek.

Numa antiga anedota que circulava na hoje falecida República Democrática Alemã, um operário alemão consegue um emprego na Sibéria; sabendo que toda correspondência será lida pelos censores, ele combina com os amigos: “Vamos combinar um código: se uma carta estiver escrita em tinta azul, o que ela diz é verdade; se estiver escrita em tinta vermelha, tudo é mentira.” Um mês depois, os amigos recebem uma carta escrita em tinta azul: “Tudo aqui é maravilhoso: as lojas vivem cheias, a comida é abundante, os apartamentos são grandes e bem aquecidos, os cinemas exibem filmes do Ocidente, há muitas garotas, sempre prontas para um programa – o único senão é que não se consegue encontrar *tinta vermelha*.” Neste caso, a estrutura é mais refinada do que indicam as aparências: apesar de não ter como usar o código combinado para indicar que tudo o que está dito é mentira, mesmo assim ele consegue passar a mensagem. Como? *Pela introdução da referência ao código, como um de seus elementos, na própria mensagem codificada*.

(Bem-vindo ao deserto do real!, 2003.)

“Um mês depois, os amigos recebem uma carta escrita em tinta azul [...].”

Assinale a alternativa que expressa, na voz passiva, o conteúdo dessa oração.

a) Um mês depois, uma carta escrita em tinta azul seria recebida pelos amigos.

b) Os amigos deveriam ter recebido, um mês depois, uma carta escrita em tinta azul.

c) Um mês depois, uma carta escrita em tinta azul foi recebida pelos amigos.

d) Um mês depois, uma carta escrita em tinta azul é recebida pelos amigos.

e) Os amigos receberiam, um mês depois, uma carta escrita em tinta azul.

6. (UFRGS - 2017)

É preciso estabelecer uma distinção radical entre um “brasil” escrito com letra minúscula, nome de um tipo de madeira de lei 1ou de uma feitoria interessada em explorar uma terra como outra qualquer2, 3e o Brasil que designa um povo, uma 4nação, um conjunto de valores, escolhas e ideais de vida. O “brasil” com b minúsculo é apenas um objeto sem vida5, pedaço de coisa que morre e não tem a menor condição de 6se reproduzir como sistema. 7Mas o Brasil com B maiúsculo é algo muito mais complexo.

Estamos interessados em responder esta pergunta: afinal de contas, o que faz o brasil, BRASIL? Note-se que se trata de uma pergunta relacional que, tal como faz a própria sociedade brasileira, quer juntar e não dividir. Queremos, 8isto sim, descobrir como é que eles se ligam entre 9si10; como é que cada um depende do outro; e 11como os dois formam uma realidade única que existe concretamente naquilo que chamamos de “12pátria”.

13Se a condição humana determina que todos os homens devem comer, dormir, trabalhar, reproduzir-se e rezar, essa determinação não chega ao ponto de especificar também qual comida ingerir, de que modo produzir e para quantos deuses 14ou espíritos rezar. É precisamente aqui, nessa espécie de zona indeterminada, mas necessária, que nascem as diferenças e, nelas, os estilos, os modos de ser e estar; os “15jeitos” de cada grupo humano. 16Trata-se, sempre, da questão de identidade.

Como se constrói uma identidade social? Como um povo se transforma em Brasil? 17A pergunta, 18na sua discreta singeleza, permite descobrir algo muito importante. É que, no meio de uma multidão de experiências dadas a todos os homens e sociedades, algumas necessárias à própria sobrevivência – como comer, dormir, morrer, reproduzir-se etc. – outras acidentais ou históricas –, 19o Brasil ter sido descoberto por portugueses e não por chineses, a geografia do Brasil ter certas características, falarmos 20português e não 21francês, a família real ter se transferido para o Brasil no início do século XIX etc. –, cada sociedade (e cada ser humano) apenas se utiliza de um número limitado de “22coisas” (e de experiências) 23para se construir como algo único.

24Nessa perspectiva, a chave para entender a 25sociedade brasileira é uma 26chave dupla. 27E, 28para mim, a capacidade relacional — do antigo com o moderno – tipifica e singulariza a sociedade brasileira. Será preciso, 29portanto, discutir o Brasil como uma 30moeda. Como algo que tem dois lados. 31E mais: como uma realidade que nos tem 32iludido, precisamente porque 33nunca lhe propusemos esta questão relacional e reveladora: afinal de contas, como se ligam as duas faces de uma mesma moeda? O que faz o 34brasil, 35Brasil?

Adaptado de: DAMATTA, R. O que faz o brasil, Brasil? A questão da identidade. In:_____. O que faz o brasil, Brasil? Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p. 9-17.

Assinale a alternativa que apresenta a correta passagem de segmento do texto da voz ativa para a voz passiva.

a) como os dois formam uma realidade única (ref. 11) – como uma realidade única é formada pelos dois.

b) Trata-se, sempre, da questão de identidade (ref. 16) – é tratado, sempre, da questão de identidade.

c) A pergunta, na sua discreta singeleza, permite descobrir algo muito importante (ref. 17) – algo muito importante é perguntado, na sua discreta singeleza.

d) o Brasil ter sido descoberto por portugueses e não por chineses (ref. 19) – portugueses, e não chineses, terem descoberto o Brasil.

e) nunca lhe propusemos esta questão relacional e reveladora (ref. 33) – esta questão relacional e reveladora nunca lhe foi proposta.

7. (UNESP – 2016)

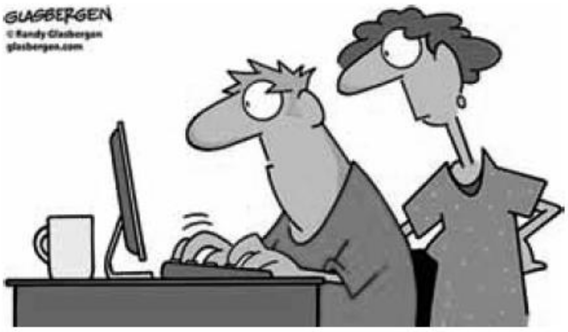

“Caro filho. Como você está? Sua mãe e eu estamos bem. Sentimos saudades, esperamos que você esteja indo bem também. Estamos ansiosos para revê-lo na próxima vez que seu computador travar e você descer para comer alguma coisa. Com amor, sua mãe e seu pai.”

(Randy Glasbergen. http://4.bp.blogspot.com. Acesso em: 18.04.2014)

Assinale a alternativa que completa a frase a seguir com a forma verbal correta.

Esperamos revê-lo na próxima vez que você...

a) trazer seu filho para visitar os avós.
b) ter tempo para tomar um café conosco.
c) obtiver licença no trabalho.
d) vir à cidade a passeio.
e) querer assistir a uma peça de teatro.

8. (UEG - 2016)

Eu falo
tu ouves

ele cala.

Eu procuro
tu indagas
ele esconde.

Eu planto
tu adubas
ele colhe.

Eu ajunto
tu conservas
ele rouba.

Eu defendo
tu combates
ele entrega.

Eu canto
tu calas
ele vaia.

Eu escrevo
tu me lês
ele apaga.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Poesia reunida: 1965-1999. Porto Alegre: L&PM, 2004. p. 157-158

Tradicionalmente são consideradas antônimas palavras cujos significados estão em oposição entre si. Considerando-se isso, verifica-se no poema "Conjugação", de Affonso Romano de Sant'Anna, que

a) o fato de usar versos curtos, com apenas duas ou três palavras, dificulta a compreensão das oposições lexicais e enfraquece a estética do poema.

b) as oposições de sentido são apresentadas de forma dicotômica no poema, já que as oposições ocorrem apenas em agrupamentos bipolares.

c) as palavras apresentam oposição de sentido de vários modos distintos, de acordo com o texto em que ocorrem e com seu contexto de uso.

d) o uso de três verbos diferentes em cada estrofe do poema tem como meta semântica a construção de um significado econômico.

9. (UECE - 2017)

A partir dos anos 20, com os estudos desenvolvidos por Bakhtin e seu grupo, a língua passou a ser vista como um fenômeno social e os enunciados passaram a ser considerados como uma grande rede responsiva: cada enunciado responde a enunciado anterior e, ao mesmo tempo, espera resposta de um outro enunciado posterior.

Super-Homem

(A Canção)

I

Um dia

Vivi a ilusão de que ser homem bastaria

Que o mundo masculino tudo me daria

Do que eu quisesse ter

II

Que nada

Minha porção mulher, que até então se resguardara

É a porção melhor que trago em mim agora

É que me faz viver

III

Quem dera

Pudesse todo homem compreender, oh, mãe quem dera

Ser no verão o apogeu da primavera

E só por ela ser

IV

Quem sabe

O Super-homem venha nos restituir a glória

Mudando como um deus o curso da história

Por causa da mulher

Gilberto Gil. Disponível em: https://www.vagalume.com.br/search.php?q=super%20homem.

A divisão do texto Super-Homem em partes ou apartados nos mostra uma estrutura bem delimitada com uma sequência lógica que facilita sua compreensão. A atenção aos verbos empregados no poema é indispensável para que se possa explorar o sentido do texto.

Relacione as quatro estrofes do poema aos comentários apresentados a seguir, numerando-os de I a IV, de acordo com cada uma delas.

( ) Revela esperança débil e frouxa, e expectativa. Esses dois sentimentos são linguisticamente manifestados por uma interjeição e um verbo no subjuntivo. Aparece, ainda, um gerúndio, demarcando a maneira como ocorre a ação.

( ) Expressa o tempo presente, dentro do qual se divisa um passado anterior a outro passado.

( ) Foi estruturada de modo a expressar desejo e vontade, função que se realiza com o uso da interjeição e de uma forma do subjuntivo.

( ) Inicia-se com uma expressão indicativa de tempo, mas de um tempo indeterminado. O emprego do pretérito perfeito sugere que a ação indicada pelo verbo já está concluída. Os recursos linguísticos empregados na estrofe imprimem, na mente do leitor, a inviabilização do que seria o desejo do sujeito lírico.

A sequência correta, de cima para baixo, é:

a) IV, II, III, I.

b) III, I, II, IV.

c) II, IV, III, I.

d) II, I, III, IV.

10. (UNESP - 2016)

Observe a charge.

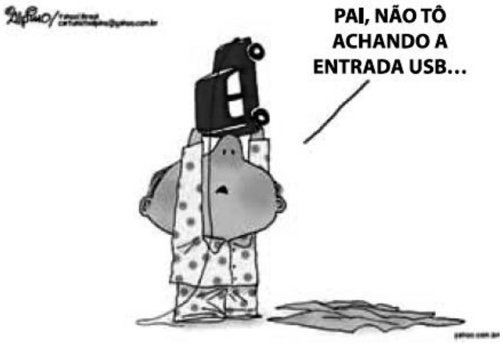
PAI, NÃO TÔ ACHANDO A ENTRADA USB...

(Alpino. https://fbcdn-sphotos-f-a.akamaihd.net. Acesso em: 20.05.2014)

Entre as frases que retomam a cena, empregou-se voz passiva em:

a) O carrinho não era um brinquedo eletrônico, por esse motivo não possuía entrada USB.

b) O carrinho foi analisado atentamente pelo garoto, mas o menino não conseguiu encontrar a entrada USB.

c) A entrada USB não existia, pois, para movimentar o carrinho, o próprio garoto deveria puxá-lo pela corda.

d) Ao admirar o novo brinquedo, a criança disse ao pai que não estava achando a entrada USB.

e) Ao admirar o novo brinquedo, o filho comentou com o pai que não estaria vendo a entrada USB.

11. (FGV - 2016)

Na virada do século, chegou o euro. Na prática, era como se o marco alemão mudasse de nome para "euro" e passasse a suprir o resto do continente (a maior parte dele, pelo menos). Parecia bom para todas as partes. Os governos dos países menos pibados passariam a receber os impostos dos seus cidadãos em euros, uma moeda garantida pelo PIB alemão. Impostos servem para pagar as dívidas dos governos – além da lagosta dos governantes. E agora os contribuintes pagavam em euros. Resultado: o mercado passou a emprestar para os países bagunçados da Europa a juros baixíssimos.

Aí choveu euro na periferia da Europa. A economia ali cresceu como nunca, mas os governantes gastaram como sempre. Além disso, não perceberam que seus países eram pequenos demais para suportar o peso de uma moeda forte.

Com os PIBs dos europobres caindo, a arrecadação deles diminuiu. Menos arrecadação, mais problemas para pagar dívidas. Aí tome mais dinheiro emprestado para ir rolando a pendura, só que agora a juros menos fofos.

(Superinteressante, agosto de 2015. Adaptado)

De acordo com a norma-padrão, assinale a alternativa correta quanto à regência e ao uso ou não do acento indicativo da crase.

a) Coube à moeda alemã à garantia que o euro chegasse com segurança a países europeus.

b) Coube a moeda alemã à garantia de que o euro chegasse com segurança nos países europeus.

c) Coube à moeda alemã a garantia de que o euro chegasse com segurança aos países europeus.

d) Coube à moeda alemã a garantia que o euro chegasse com segurança à países europeus.

e) Coube a moeda alemã a garantia que o euro chegasse com segurança nos países europeus.

12. (UNESP - 2016)

Art. 6º São direitos básicos do consumidor:

I – a proteção da vida, saúde e segurança contra os riscos provocados por práticas no fornecimento de produtos e serviços considerados perigosos ou nocivos;

II – a educação e divulgação sobre o consumo adequado dos produtos e serviços, asseguradas a liberdade de escolha e a igualdade nas contratações;

III – a informação adequada e clara sobre os diferentes produtos e serviços, com especificação correta de quantidade, características, composição, qualidade, tributos incidentes e preço, bem como sobre os riscos que apresentem;

IV – a proteção contra a publicidade enganosa e abusiva, métodos comerciais coercitivos ou desleais, bem como contra práticas e cláusulas abusivas ou impostas no fornecimento de produtos e serviços;

V – a modificação das cláusulas contratuais que estabeleçam prestações desproporcionais ou sua revisão em razão de fatos supervenientes que as tornem excessivamente onerosas;

VI – a efetiva prevenção e reparação de danos patrimoniais e morais, individuais, coletivos e difusos;

VII – o acesso aos órgãos judiciários e administrativos com vistas à prevenção ou reparação de danos patrimoniais e morais, individuais, coletivos ou difusos, assegurada a proteção Jurídica, administrativa e técnica aos necessitados;

VIII – a facilitação da defesa de seus direitos, inclusive com a inversão do ônus da prova, a seu favor, no processo civil, quando, a critério do juiz, for verossímil a alegação ou quando for ele hipossuficiente, segundo as regras ordinárias de experiências;

IX – a adequada e eficaz prestação dos serviços públicos em geral.

Art. 7º Os direitos previstos neste código não excluem outros decorrentes de tratados ou convenções internacionais de que o Brasil seja signatário, da legislação interna ordinária, de regulamentos expedidos pelas autoridades administrativas competentes, bem como dos que derivem dos princípios gerais do direito, analogia, costumes e equidade.

Parágrafo único. Tendo mais de um autor a ofensa, todos responderão solidariamente pela reparação dos danos previstos nas normas de consumo.

(www.planalto.gov.br)

Nos trechos “asseguradas a liberdade de escolha e a igualdade das contratações” (inciso II) e “assegurada a proteção jurídica, administrativa e técnica aos necessitados” (inciso VII), a análise das concordâncias dos adjetivos em destaque permite afirmar que

a) apenas a primeira ocorrência está correta.

b) apenas a segunda ocorrência está correta.

c) as duas ocorrências são aceitáveis, mas não corretas.

d) as duas ocorrências estão incorretas.

e) as duas ocorrências estão corretas

13. (IF - 2016)

De acordo com a norma padrão da Língua Portuguesa e a gramática normativa, com relação às concordâncias verbal e nominal, observe as placas apresentadas e, em seguida, assinale a alternativa correta.

a) 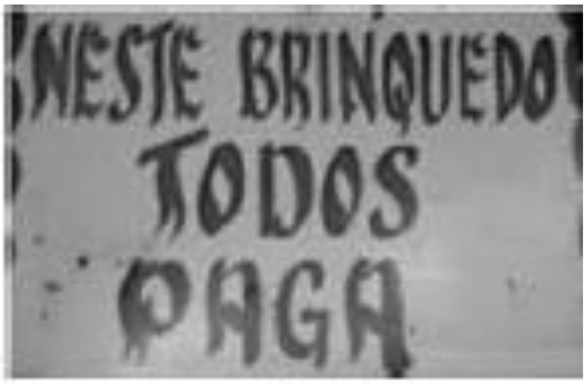
NESTE BRINQUEDO
TODOS
PAGA

b) 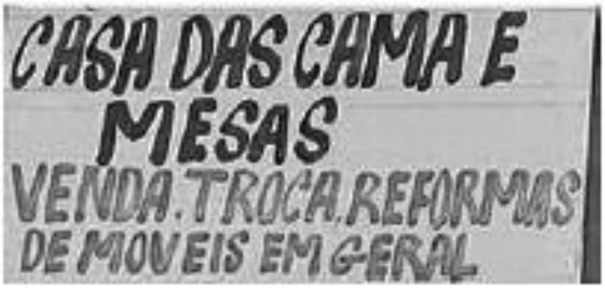
CASA DAS CAMA E
MESAS
VENDA.TROCA.REFORMAS
DE MOVEIS EM GERAL

c) 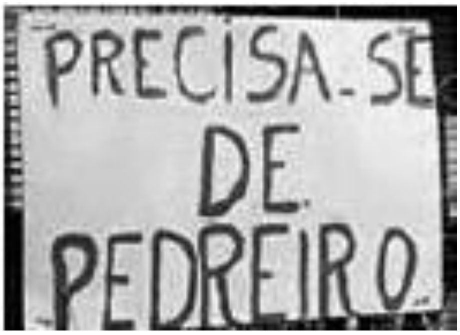
PRECISA-SE
DE
PEDREIRO

d) 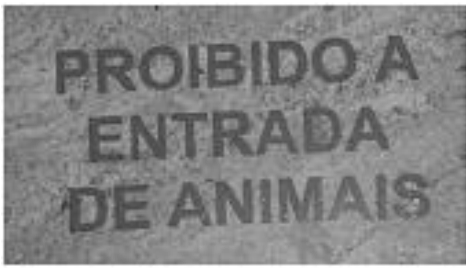
PROIBIDO A
ENTRADA
DE ANIMAIS

e) 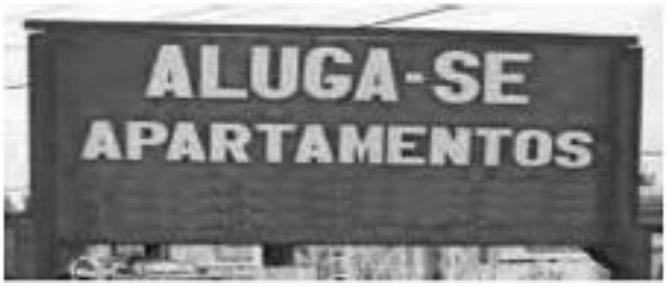
ALUGA-SE
APARTAMENTOS

14. (IF - 2016)

Escolha a frase cuja concordância nominal está correta.

a) Alguns pseudos-sociólogos se opõem ao Bolsa Família.

b) Há partes da floresta que estão menas devastadas que outras.

c) Visto a grande destruição, alguma atitude deve ser tomada.

d) Seguem anexo os documentos do processo.

e) Todos devem ficar alerta para a questão do desmatamento.

15. (UFRGS - 2015)

[4]À porta do Grande Hotel, pelas duas da tarde, [14]Chagas e Silva 6postava-se de palito à boca, como [19]se tivesse descido do restaurante lá de cima. Poderia parecer, pela estampa, que somente ali se comesse bem em Porto Alegre. [8]Longe [21]disso! A Rua da Praia que [23]o diga, ou [22]melhor, que o dissesse. [24]O faz de conta do [7]inefável personagem [5]ligava-se mais à [25]importância, à moldura que aquele portal lhe conferia. [15]Ele, que tanto marcou a rua, tinha [27]franco acesso às poltronas do saguão em que se refestelavam os importantes. Andava [28]dentro de um velho fraque, usava gravata, chapéu, bengala sob o braço, barba curta, polainas e [10]uns olhinhos apertados na [1]__________ bronzeada. O charuto apagado na boca, para durar bastante, [29]era o [9]toque final dessa composição de pardavasco vindo das Alagoas.

Chagas e Silva chegou a Porto Alegre em 1928. [16]Fixou-[20]se na Rua da Praia, que percorria com passos lentos, carregando um ar de [12]indecifrável importância, tão ao jeito dos grandes de então. [17]Os estudantes tomaram conta dele. Improvisaram comícios na praça, carregando-o nos braços e [11]fazendo-o discursar. Dava discretas mordidas [33]e consentia em que lhe pagassem o cafezinho. Mandava imprimir sonetos, que "trocava" por dinheiro.

Não era de meu propósito [31]ocupar-me do "doutor" Chagas [34]e, sim, de como se comia bem na Rua da Praia de antigamente. Mas ele como que me puxou pela manga e levou-me a visitar casas por onde sua imaginação de longe esvoaçava.

Porto Alegre, sortida por tradicionais armazéns de especialidades, [30]dispunha da melhor matéria-prima para as casas de pasto. [18]Essas casas punham ao alcance dos gourmets virtuosíssimos "secos e molhados" vindos de Portugal, da Itália, da França e da Alemanha. Daí um longo e [2]_________ período de boa comida, para regalo dos homens de espírito e dos que eram mais estômago que outra coisa.

Na arte de comer bem, talvez a [26]dificuldade fosse a da escolha. Para qualquer lado que o passante se virasse, encontraria salões ornamentados [3]__________ maiores ou menores, tabernas [35]ou simples tascas. A Cidade [32]divertia-se também [13]pela barriga.

Adaptado de: RUSCHEL, Nilo. Rua da Praia. Porto Alegre: Editora da Cidade, 2009. p. 110-111.

Considere as afirmações abaixo, a respeito dos tempos verbais utilizados no texto.

I. Os verbos era (ref. 29) e dispunha (ref. 30) estão conjugados no mesmo tempo e modo.

II. Todos os verbos do primeiro parágrafo estão conjugados no pretérito imperfeito do indicativo, porque fazem referência a rotinas e hábitos do passado.

III. Os verbos ocupar-me (ref. 31) e divertia-se (ref. 32) estão conjugados no modo subjuntivo.

Quais estão corretas?

a) Apenas I.

b) Apenas II.

c) Apenas III.

d) Apenas I e II.

e) I, II e III.

16. (UEL- 2015)

A cavalgada, que lenta [8]subira a encosta, [9]descia-[3]a rapidamente enquanto Atanagildo, visitando os muros, [1]exortava os guerreiros da cruz a [2]pelejarem esforçadamente. Quando [4]estes souberam quais eram as intenções dos árabes acerca das virgens do mosteiro, a atrocidade do sacrilégio afugentou-[5]lhes dos corações a menor sombra de hesitação. Sobre as espadas juraram 6todos combater e morrer como godos. Então o quingentário, a [6]quem parecia animar sobrenatural ousadia, correu ao templo.

HERCULANO, A. Eurico, o presbítero. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2014. p.107.

Sobre os verbos “subira” (ref. 8), “descia” (ref. 9) e “exortava” (ref. 1), presentes no trecho, assinale a alternativa correta.

a) Os verbos “subira”, “descia” e “exortava” estão no tempo verbal pretérito perfeito, pois indicam um fato que aconteceu em um momento passado e foi concluído. Todos estão no modo indicativo.

b) Os verbos “subira”, “descia” e “exortava” estão no pretérito imperfeito, pois expressam a duração de um fato que ocorreu no passado e foi concluído. Os dois primeiros estão no modo indicativo, enquanto “exortava” está no imperativo, pois expressa ordem.

c) O verbo “subira” está no futuro do presente, pois indica um fato que ainda ocorrerá; os verbos “descia” e “exortava” estão no futuro do pretérito, pois indicam ações que aconteceriam. Todos estão no modo indicativo.

d) O verbo “subira” está no pretérito mais-que-perfeito, pois indica um fato que aconteceu antes de outro fato no presente; já os verbos “exortava” e “descia” estão no imperfeito do subjuntivo, pois expressam desejos ou hipóteses.

e) O verbo “subira” está no pretérito mais-que-perfeito, pois indica um processo que ocorreu antes de um outro fato, também no passado; os verbos “descia” e “exortava” estão no pretérito imperfeito, pois indicam um processo que ocorreu no passado, expressando sua duração, e que não foi concluído. Todos estão no modo indicativo.

17. (IBMEC - 2015)

Segundo a Wikipedia, o direito autoral do autorretrato, o "selfie" para usar o termo da moda, que uma macaca fez com o equipamento que furtara de um fotógrafo pertence ao animal. A discussão surgiu porque David Slater, o dono da máquina, pedira aos editores da enciclopédia que retirassem a imagem por violação de direitos autorais. Como piada, a argumentação da Wikipedia funciona bem. Receio, porém, que essa linha de raciocínio deixe uma fronteira jurídica desguarnecida. Se os direitos pertencem à macaca, por que instrumento legal ela os cedeu à enciclopédia?

Não são, entretanto, questiúnculas jurídicas que eu gostaria de discutir aqui, mas sim a noção de autoria. Obviamente ela transcende à propriedade do equipamento. Se a foto não tivesse sido tirada por uma macaca, mas por um outro fotógrafo com a máquina de Slater, ninguém hesitaria em creditar a imagem a esse outro profissional. Só que não é tão simples. Imaginemos agora que Slater está andando pela trilha e, sem querer, deixa seu aparelho cair no chão, de modo que o disparador é acionado. Como que por milagre, a máquina registra uma imagem maravilhosa, que ganha inúmeros prêmios. Neste caso, atribuir a foto a Slater não viola nossa intuição de autoria, ainda que o episódio possa ser descrito como uma obra do acaso e não o resultado de uma ação voluntária.

A questão prática aqui é saber se o "selfie" da macaca está mais para o caso do fotógrafo que usa a máquina de outro profissional ou para o golpe de sorte. E é aqui que as coisas vão ficando complicadas. Fazê-lo implica não só decidir quanta consciência devemos atribuir à símia mas também até que ponto estamos dispostos a admitir que nossas vidas são determinadas pelo aleatório. E humanos, por razões evolutivas, temos verdadeira alergia ao fortuito. Não foi por outro motivo que inventamos tantos panteões de deuses.

(Hélio Schwartsman, Folha de S. Paulo, 09/08/2014)

Na passagem “Obviamente ela transcende à propriedade do equipamento”, o emprego do sinal indicador de crase é

a) inadequado, pois o termo regido é um substantivo que rejeita a presença de um artigo definido.

b) obrigatório, pois contém a junção da preposição “a” com o artigo “a” antecedendo um adjetivo feminino.

c) equivocado, pois o termo regente é transitivo direto, dispensando a preposição obrigatória.

d) facultativo, pois o verbo “transcender” pode ser regido ou não de preposição, sem que haja alterações semânticas.

e) necessário, pois tem a função de sinalizar uma pronúncia alongada que ressalta a fusão da preposição com o artigo.

18. (UNESP - 2015)

Assinale a alternativa em que o trecho, extraído de *Ciência Hoje* (http://cienciahoje.uol.com.br), está correto quanto à concordância, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

a) Segundo a maioria dos cientistas, a agricultura e a própria segurança hídrica do Brasil serão beneficiados, caso o país faça uma importante lição de casa: cuidar das nascentes e preservar as florestas, pois elas têm papel essencial na conservação e na purificação das águas.

b) Segundo a maioria dos cientistas, a agricultura e a própria segurança hídrica do Brasil será beneficiada, caso o país faça uma importante lição de casa: cuidar das nascentes e preservar as florestas, pois elas tem papel essencial na conservação e na purificação das águas.

c) Segundo a maioria dos cientistas, a agricultura e a própria segurança hídrica do Brasil serão beneficiadas, caso o país faça uma importante lição de casa: cuidar das nascentes e preservar as florestas, pois elas têm papel essencial na conservação e na purificação das águas.

d) Segundo a maioria dos cientistas, a agricultura e a própria segurança hídrica do Brasil será beneficiado, caso o país faça uma importante lição de casa: cuidar das nascentes e preservar as florestas, pois elas tem papel essencial na conservação e na purificação das águas.

19. (FGV - 2015)

Pela tarde apareceu o Capitão Vitorino. Vinha numa burra velha, de chapéu de palha muito alvo, com a fita verde- -amarela na lapela do paletó. O mestre José Amaro estava sentado na tenda, sem trabalhar. E quando viu o compadre alegrou-se. Agora as visitas de Vitorino faziam-lhe bem. Desde aquele dia em que vira o compadre sair com a filha para o Recife, fazendo tudo com tão boa vontade, que Vitorino não lhe era mais o homem infeliz, o pobre bobo, o sem-vergonha, o vagabundo que tanto lhe desagradava. Vitorino apeou-se para falar do ataque ao Pilar. Não era amigo de Quinca Napoleão, achava que aquele bicho vivia de roubar o povo, mas não aprovava o que o capitão fizera com a D. Inês.

– Meu compadre, uma mulher como a D. Inês é para ser respeitada.

– E o capitão desrespeitou a velha, compadre?

– Eu não estava lá. Mas me disseram que botou o rifle em cima dela, para fazer medo, para ver se D. Inês lhe dava a chave do cofre. Ela não deu. José Medeiros, que é homem, borrou-se todo quando lhe entrou um cangaceiro no estabelecimento. Me disseram que o safado chorava como bezerro desmamado. Este cachorro anda agora com o fogo da força da polícia fazendo o diabo com o povo.

(José Lins do Rego, *Fogo Morto*)

Sem que haja alteração de sentido do texto, assinale a alternativa correta quanto à regência verbal.

a) Quando o Capitão Vitorino chegou na sua casa, Mestre José Amaro foi cumprimentar-lhe.

b) Mestre José Amaro lembrou-se que tinha desfeito a imagem de Vitorino como um bobo.

c) A forma solícita como Vitorino tratou a filha vinha de encontro à imagem dele como pobre bobo.

d) Vitorino não se simpatizava de Quinca Napoleão e lhe desaprovava o que fizera a D. Inês.

e) Vitorino não era amigo de Quinca Napoleão, pensava de que ele vivia de roubar o povo.

20. (FUVEST - 2014)

O senão do livro

Começo a arrepender-me deste livro. Não que ele me canse; eu não tenho que fazer; e, realmente, expedir alguns magros capítulos para esse mundo sempre é tarefa que distrai um pouco da eternidade. Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica; vício grave, e aliás ínfimo, porque o maior defeito deste livro és tu, leitor. Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direita e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem...

E caem! – Folhas misérrimas do meu cipreste, heis de cair, como quaisquer outras belas e vistosas; e, se eu tivesse olhos, dar-vos-ia uma lágrima de saudade. Esta é a grande vantagem da morte, que, se não deixa boca para rir, também não deixa olhos para chorar... Heis de cair.

(Machado de Assis, **Memórias póstumas de Brás Cubas**).

No contexto, a locução "Heis de cair", na última linha do texto, exprime:

a) resignação ante um fato presente.

b) suposição de que um fato pode vir a ocorrer.

c) certeza de que uma dada ação irá se realizar.

d) ação intermitente e duradoura.

e) desejo de que algo venha a acontecer.

21. (UNIFESP – 2014)

A sensível

Foi então que ela atravessou uma crise que nada parecia ter a ver com sua vida: uma crise de profunda piedade. A cabeça tão limitada, tão bem penteada, mal podia suportar perdoar tanto. Não podia olhar o rosto de um tenor enquanto este cantava alegre – virava para o lado o rosto magoado, insuportável, por piedade, não suportando a glória do cantor. Na rua de repente comprimia o peito com as mãos enluvadas – assaltada de perdão. Sofria sem recompensa, sem mesmo a simpatia por si própria.

Essa mesma senhora, que sofreu de sensibilidade como de doença, escolheu um domingo em que o marido viajava para procurar a bordadeira. Era mais um passeio que uma necessidade. Isso ela sempre soubera: passear. Como se ainda fosse a menina que passeia na calçada. Sobretudo passeava muito quando "sentia" que o marido a enganava. Assim foi procurar a bordadeira, no domingo de manhã. Desceu uma rua cheia de lama, de galinhas e de crianças nuas – aonde fora se meter! A bordadeira, na casa cheia de filhos com cara de fome, o marido tuberculoso – a bordadeira recusou-se a bordar a toalha porque não gostava de fazer ponto de cruz! Saiu afrontada e perplexa. "Sentia-se" tão suja pelo calor da manhã, e um de seus prazeres era pensar que sempre, desde pequena, fora muito limpa. Em casa almoçou sozinha, deitou-se no quarto meio escurecido, cheia de sentimentos maduros e sem amargura. Oh pelo menos uma vez não "sentia" nada. Senão talvez a perplexidade diante da liberdade da bordadeira pobre. Senão talvez um sentimento de espera. A liberdade.

(Clarice Lispector. Os melhores contos de Clarice Lispector, 1996.)

A alternativa em que o enunciado está de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa e coerente com o sentido do texto é:

a) A senhora, pensando na recusa da bordadeira, não sabia se a perdoaria, mas achava melhor esquecer daquilo.

b) Ao descer pela rua cheia de lama, a senhora se perguntava aonde é que estava, confusa no lugar que caminhava.

c) Era comum de que a senhora, distraída com sua sensibilidade, fosse roubada, o que lhe fazia levar as mãos ao peito em sinal de inquietação.

d) A senhora, quando se dispôs a ir à bordadeira, esperava que esta não lhe recusasse o trabalho solicitado.

e) A senhora gostava muito de passear, embora tivesse ainda a impressão que era menina passeando pela calçada.

22. (UNESP- 2013)

Considere a passagem da crônica O pai, hoje e amanhã, de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987).

A civilização industrial, entidade abstrata, nem por isso menos poderosa, encomendou à ciência aplicada a execução de um projeto extremamente concreto: a fabricação do ser humano sem pais.

A ciência aplicada faz o possível para aviar a encomenda a médio prazo. Já venceu a primeira etapa, com a inseminação artificial, que, de um lado, acelera a produtividade dos rebanhos (resultado econômico) e, de outro, anestesia o sentimento filial (resultado moral).

O ser humano concebido por esse processo tanto pode considerar- se filho de dois pais como de nenhum. Em fase mais evoluída, o chamado bebê de proveta dispensará a incubação em ventre materno, desenvolvendo-se sob condições artificiais plenamente satisfatórias. Nenhum vínculo de memória, gratidão, amor, interesse, costume – direi mesmo: de ressentimento ou ódio – o ligará a qualquer pessoa responsável por seu aparecimento. O sêmen, anônimo, obtido por masturbação profissional e recolhido ao banco especializado, por sua vez cederá lugar ao gerador sintético, extraído de recursos da natureza vegetal e mineral. Estará abolida, assim, qualquer participação consciente do homem e da mulher no preparo e formação de uma unidade humana. Esta será produzida sob critérios políticos e econômicos tecnicamente estabelecidos, que excluem a inútil e mesmo perturbadora intromissão do casal. Pai? Mito do passado.

Aparentemente, tal projeto parece coincidir com a tendência, acentuada nos últimos anos, de se contestar a figura tradicional do pai. Eliminando-se a presença incômoda, ter-se-ia realizado o ideal de inúmeros jovens que se revoltam contra ela – o pai de família e o pai social, o governo, a lei – e aspiram à vida isenta de compromissos com valores do passado.

Julgo ilusória esta interpretação. O projeto tecnológico de eliminação do pai vai longe demais no caminho da quebra de padrões. A meu ver, a insubmissão dos filhos aos pais é fenômeno que envolve novo conceito de relações, e não ruptura de relações.

(De notícias e não notícias faz-se a crônica, 1975.)

“[...] e aspiram à vida isenta de compromissos com valores do passado.”

Na frase apresentada, a colocação do acento grave sobre o “a” informa que

a) o “a” deve ser pronunciado com alongamento, já que se trata de dois vocábulos, um pronome átono e uma preposição, representados por uma só letra.

b) o “a”, por ser pronome átono, deve ser sempre colocado após o verbo, em ênclise, e pronunciado como um monossílabo tônico.

c) o verbo “aspirar”, na regência em que é empregado, solicita a preposição “a”, que se funde com o artigo feminino “a”, caracterizando uma ocorrência de crase.

d) o “a”, como artigo definido, é um monossílabo átono, e o acento grave tem a finalidade de sinalizar ao leitor essa atonicidade.

e) o termo “de compromissos com valores do passado” exerce a função de adjunto adverbial de “isenta”.

23. (UNESP – 2014)

Considere a passagem do romance Água-Mãe, de José Lins do Rego (1901-1957).

Água-Mãe

Jogava com toda a alma, não podia compreender como um jogador se encostava, não se entusiasmava com a bola nos pés. Atirava-se, não temia a violência e com a sua agilidade espantosa, fugia das entradas, dos pontapés. Quando aquele back, num jogo de subúrbio, atirou-se contra ele, recuou para derrubá-lo, e com tamanha sorte que o bruto se estendeu no chão, como um fardo. E foi assim crescendo a sua fama. Aos poucos se foi adaptando ao novo Joca que se formara nos campos do Rio. Dormia no clube, mas a sua vida era cada vez mais agitada. Onde quer que estivesse, era reconhecido e aplaudido. Os garçons não queriam cobrar as despesas que ele fazia e até mesmo nos ônibus, quando ia descer, o motorista lhe dizia sempre:

— Joca, você aqui não paga.

No primeiro parágrafo, predominam verbos empregados no

a) pretérito perfeito do modo indicativo.

b) pretérito imperfeito do modo indicativo.

c) presente do modo indicativo.

d) presente do modo subjuntivo.

e) pretérito mais-que-perfeito do modo indicativo.

24. (UNIFESP - 2013)

O Hatha yoga pradipika, sagrada escritura do hatha yoga, escrita no século 15 da era atual, diz que, antes de nos aventurarmos na prática de austeridade e códigos morais, devemos nos preparar. Autocontrole e disciplina sem preparação adequada ____________ criar mais problemas mentais e de personalidade do que paz de espírito. A beleza dessa escritura é que ela resolve o grande problema que todo iniciante enfrenta: dominar a mente.

Devido ___________ abordagem corporal, o hatha yoga ficou conhecido – de modo equivocado – como uma categoria de ioga ___________ trabalha apenas as valências físicas (força, flexibilidade, resistência, equilíbrio e outras), quase como ginástica oriental. Isso não é verdade.

(Ciência Hoje, julho de 2012. Adaptado.)

De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, as lacunas do texto devem ser preenchidas, respectivamente, com

a) pode – a essa – aonde.

b) podem – a essa – que.

c) pode – à essa – o qual.

d) podem – essa – com que.

e) pode – essa – onde.

25. (UFSC – 2013)

Marque a única frase em que a concordância nominal aparece de maneira inadequada.

a) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçada.

b) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçados.

c) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçadas.

d) Obrigava sua corpulência a forçado exercício e evolução.

e) Obrigava sua corpulência a forçada evolução e exercício.

26. (UNESP - 2013)

Considere dois trechos de um artigo de Alexandre Oliva sobre a importância do uso de *software* na educação.

Software Livre, isto é, software que respeita as liberdades dos usuários de executar o software para qualquer propósito, de estudar o código fonte do software e adaptá-lo para que faça o que o usuário deseje, de fazer e distribuir cópias do software, e de melhorá-lo e distribuir as melhorias, permite que pessoas usem computadores sem abrir mão de serem livres e independentes, sem aceitar condições que os impeçam de obter ou criar conhecimento desejado.

Software que priva o usuário de qualquer dessas liberdades não é Livre, é privativo, e mantém usuários divididos, dependentes e impotentes. Não é uma questão técnica, não tem nada a ver com preço nem com a tarefa prática desempenhada pelo software. Um mesmo programa de computador pode ser Livre para alguns usuários e não-Livre para outros, e tanto os Livres quanto os privativos podem ser grátis ou não. Mas além do conhecimento que foram projetados para transmitir, um deles ensinará liberdade, enquanto o outro ensinará servidão.

[...]

Se o usuário depender de permissão do desenvolvedor do software para instalá-lo ou utilizá-lo num computador qualquer, o desenvolvedor que decida negá-la, ou exija contrapartida para permiti-la, efetivamente terá controle sobre o usuário. Pior ainda se o software armazenar informação do usuário de maneira secreta, que somente o fornecedor do software saiba decodificar: ou o usuário paga o resgate imposto pelo fornecedor, ou perde o próprio conhecimento que confiou ao seu controle. Seja qual for a escolha, restarão menos recursos para utilizar na educação.

Ter acesso negado ao código fonte do programa impede o educando de aprender como o software funciona. Pode parecer pouco, para alguém já acostumado com essa prática que pretende também controlar e, por vezes, enganar o usuário: de posse do código fonte, qualquer interessado poderia perceber e evitar comportamento indesejável, inadequado ou incorreto do software. Através dessa imposição de impotência, o fornecedor cria um monopólio sobre eventuais adaptações ao software: só poderão ser desenvolvidas sob seu controle. Pior ainda: cerceia a curiosidade e a criatividade do educando. Crianças têm uma curiosidade natural para saber como as coisas funcionam. Assim como desmontam um brinquedo para ver suas entranhas, poderiam querer entender o software que utilizam na escola. Mas se uma criança pedir ao professor, mesmo o de informática, que lhe ensine como funciona um determinado programa privativo, o professor só poderá confessar que é um segredo guardado pelo fornecedor do software, que a escola aceitou não poder ensinar ao aluno. Limites artificiais ao que os alunos poderão almejar descobrir ou aprender são a antítese da educação, e a escolha de modelos de negócio de software baseados numa suposta necessidade de privação e controle desse conhecimento não deve ser incentivada por ninguém, muito menos pelo setor educacional.

(Alexandre Oliva. Software privativo é falta de educação.http://revista.espiritolivre.org)

[...] cerceia a curiosidade e a criatividade do educando.

A forma verbal cerceia, nesta frase do último parágrafo, significa:

a) contamina.

b) reforça.

c) restringe.

d) cerca.

e) estimula.

27. (UNIFESP - 2012)

Mato, grosso até quando?

Em agosto de 2005, quando os astronautas do ônibus espacial Discovery retornaram à Terra, a comandante Eileen Collins chamou a atenção para o ritmo acelerado do desmatamento no planeta, facilmente observado do espaço. (...)

O Brasil destaca-se nesse cenário tanto por ter a maior floresta tropical do mundo quanto por ser líder mundial em desmatamento. O agronegócio, a exploração madeireira irracional e a especulação fundiária são as causas desse processo. Entre os estados, o Mato Grosso responde por quase 50% do desmatamento anual na Amazônia brasileira. A julgar pelo que ocorre no presente, as projeções apontam para um cenário ambientalmente catastrófico para esse estado, que chegará a 2020 com menos de 23% da sua cobertura florestal original.

(Ciência Hoje, vol. 42, n.º 248, maio de 2008. Adaptado.)

Leia as frases.

I. Antes de o ônibus espacial Discovery chegar na Terra, a comandante Eileen Collins chamou a atenção para o ritmo acelerado do desmatamento no planeta.

II. O desmatamento no Brasil ocorre devido o agronegócio, a exploração madeireira irracional e a especulação fundiária.

III. Segundo as projeções, existem possibilidades de que haja um cenário ambientalmente catastrófico para o estado de Mato Grosso.

Com base nos princípios de regência, está correto o contido em

a) I, apenas.

b) III, apenas.

c) I e II, apenas.

d) II e III, apenas.

e) I, II e III.

28. (FUVEST – 2012)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

[1]Não era e não podia o pequeno reino lusitano ser uma potência colonizadora à feição da antiga Grécia. O surto marítimo que enche sua história do século XV não resultara do extravasamento de nenhum excesso de população, mas fora apenas provocado por uma burguesia comercial sedenta de lucros, e que não encontrava no reduzido território pátrio satisfação à sua [5]desmedida ambição. A ascensão do fundador da Casa de Avis ao trono português trouxe esta burguesia para um primeiro plano. Fora ela quem, para se livrar da ameaça castelhana e do poder da nobreza, representado pela Rainha Leonor Teles, cingira o Mestre de Avis com a coroa lusitana. Era ela, portanto, quem devia merecer do novo rei o melhor das suas atenções. Esgotadas as possibilidades do reino com as pródigas dádivas reais, restou apenas o recurso da expansão [10]externa para contentar os insaciáveis companheiros de D. João I.

Caio Prado Júnior, **Evolução política do Brasil**. Adaptado.

No contexto, o verbo "enche" (L. 2) indica

a) habitualidade no passado.

b) simultaneidade em relação ao termo "ascensão".

c) ideia de atemporalidade.

d) presente histórico.

e) anterioridade temporal em relação a "reino lusitano".

29. (FUVEST – 2012)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

RECEITA DE MULHER

As muito feias que me perdoem
Mas beleza é fundamental. É preciso
Que haja qualquer coisa de flor em tudo isso
Qualquer coisa de dança, qualquer coisa de *haute couture**
Em tudo isso (ou então
Que a mulher se socialize elegantemente em azul, como na República Popular Chinesa).
Não há meio-termo possível. É preciso
Que tudo isso seja belo. É preciso que súbito
Tenha-se a impressão de ver uma garça apenas pousada e que um rosto
Adquira de vez em quando essa cor só encontrável no terceiro minuto da aurora.

Vinicius de Moraes.

* "haute couture": alta costura.

Tendo em vista o contexto, o modo verbal predominante no excerto e a razão desse uso são:

a) indicativo; expressar verdades universais.

b) imperativo; traduzir ordens ou exortações.

c) subjuntivo; indicar vontade ou desejo.

d) indicativo; relacionar ações habituais.

e) subjuntivo; sugerir condições hipotéticas.

30. (FUVEST - 2011)

Todo o barbeiro é tagarela, e principalmente quando tem pouco que fazer; começou portanto a puxar conversa com o freguês. Foi a sua salvação e fortuna.

O navio a que o marujo pertencia viajava para a Costa e ocupava-se no comércio de negros; era um dos combóis que traziam fornecimento para o Valongo, e estava pronto a largar.

— Ó mestre! disse o marujo no meio da conversa, você também não é sangrador?

— Sim, eu também sangro...

— Pois olhe, você estava bem bom, se quisesse ir conosco... para curar a gente a bordo; morre-se ali que é uma praga.

— Homem, eu da cirurgia não entendo muito...

— Pois já não disse que sabe também sangrar?

— Sim...

— Então já sabe até demais.

No dia seguinte saiu o nosso homem pela barra fora: a fortuna tinha-lhe dado o meio, cumpria sabê-lo aproveitar; de oficial de barbeiro dava um salto mortal a médico de navio negreiro; restava unicamente saber fazer render a nova posição. Isso ficou por sua conta.

Por um feliz acaso logo nos primeiros dias de viagem adoeceram dois marinheiros; chamou-se o médico; ele fez tudo o que sabia... sangrou os doentes, e em pouco tempo estavam bons, perfeitos. Com isto ganhou imensa reputação, e começou a ser estimado.

Chegaram com feliz viagem ao seu destino; tomaram o seu carregamento de gente, e voltaram para o Rio. Graças à lanceta do nosso homem, nem um só negro morreu, o que muito contribuiu para aumentar-lhe a sólida reputação de entendedor do riscado.

Manuel Antônio de Almeida,
Memórias de um sargento de milícias.

Para expressar um fato que seria consequência certa de outro, pode-se usar o pretérito imperfeito do indicativo em lugar do futuro do pretérito, como ocorre na seguinte frase:

a) "era um dos combóis que traziam fornecimento para o Valongo".

b) “você estava bem bom, se quisesse ir conosco”.

c) “Pois já não disse que sabe também sangrar?”.

d) “de oficial de barbeiro dava um salto mortal a **médico** de navio negreiro”.

e) “logo nos primeiros dias de viagem adoeceram dois marinheiros”.

31. (UNIFESP - 2010)

Leia o texto.

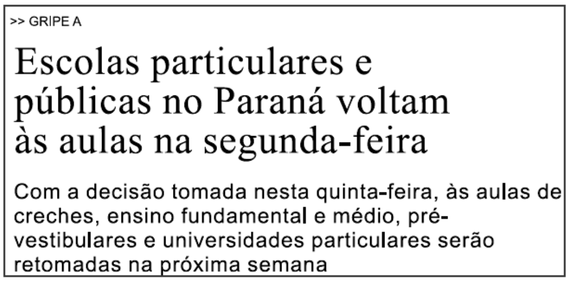

>> GRIPE A

Escolas particulares e públicas no Paraná voltam às aulas na segunda-feira

Com a decisão tomada nesta quinta-feira, às aulas de creches, ensino fundamental e médio, pré-vestibulares e universidades particulares serão retomadas na próxima semana

(Gazeta do Povo, 13.08.2009.)

No texto, há um erro que se corrige com a substituição de

a) voltam por volta.

b) voltam às aulas por voltam as aulas.

c) Com a decisão por Pela decisão.

d) às aulas de creches por as aulas de creches.

e) próxima semana por semana seguinte.

32. (IBMEC - 2007)

Em relação aos verbos, os pronomes átonos podem situar-se em três posições: próclise, mesóclise e ênclise. Indique a alternativa em que a colocação pronominal não está de acordo com a norma culta:

a) Haviam-no procurado por toda parte.

b) Quem nos dará as razões?

c) Recusei a ideia que me apresentaram.

d) Far-lhe-ei um favor.

e) Jamais enganar-te-ia dessa maneira.

33. (IME - 2006)

O sobrevivente

Carlos Drummond de Andrade

Impossível compor um poema a essa altura da evolução da humanidade.
Impossível escrever um poema - uma linha que seja - de verdadeira poesia.
O último trovador morreu em 1914.
Tinha um nome de que ninguém se lembra mais.

Há máquinas terrivelmente complicadas para as necessidades mais simples.
Se quer fumar um charuto aperte um botão.
Paletós abotoam-se por eletricidade.
Amor se faz pelo sem-fio.
Não precisa estômago para digestão.

Um sábio declarou a O Jornal que ainda falta
muito para atingirmos um nível razoável de
cultura. Mas até lá, felizmente, estarei morto.

Os homens não melhoram
e matam-se como percevejos.
Os percevejos heroicos renascem.
Inabitável, o mundo é cada vez mais habitado.
E se os olhos reaprendessem a chorar seria um segundo dilúvio.

(Desconfio que escrevi um poema.)

SECCHIN, Antônio Carlos. Antologia temática da poesia brasileira. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, 2004.

Observe o verso:

“Tinha um nome de que ninguém se lembra mais”. (1a estrofe) Assinale a opção que, após a substituição do segundo verbo, possui incorreção na regência verbal.

a) Tinha um nome em que ninguém acredita mais.

b) Tinha um nome que ninguém ouve mais.

c) Tinha um nome de que ninguém fala mais.

d) Tinha um nome a que ninguém confia mais.

34. (FUVEST - 2001)

A única frase em que as formas verbais estão corretamente empregadas é:

a) Especialistas temem que órgãos de outras espécies podem transmitir vírus perigosos.

b) Além disso, mesmo que for adotado algum tipo de ajuste fiscal imediato, o Brasil ainda estará muito longe de tornar-se um participante ativo do jogo mundial.

c) O primeiro-ministro e o presidente devem ser do mesmo partido, embora nenhum fará a sociedade em que eu acredito.

d) A inteligência é como um tigre solto pela casa e só não causará problema se o suprir de carne e o manter na jaula.

e) O nome secreto de Deus era o princípio ativo da criação, mas dizê-lo por completo equivalia a um sacrilégio, ao pecado de saber mais do que nos convinha.

35. (FUVEST - 2001)

A única frase que NÃO apresenta desvio em relação à concordância verbal recomendada pela norma culta é:

a) A lista brasileira de sítios arqueológicos, uma vez aceita pela Unesco, aumenta as chances de preservação e sustentação por meio do ecoturismo.

b) Nenhum dos parlamentares que vinham defendendo o colega nos últimos dias inscreveram- se para falar durante os trabalhos de ontem.

c) Segundo a assessoria, o problema do atraso foi resolvido em pouco mais de uma hora, e quem faria conexão para outros Estados foram alojados em hotéis de Campinas.

d) Eles aprendem a andar com a bengala longa, o equipamento que os auxilia a ir e vir de onde estiver para onde entender.

e) Mas foram nas montagens do Kirov que ele conquistou fama, especialmente na cena "Reino das Sombras", o ponto alto desse trabalho.

36. (IME - 1996)

Assinale a opção que completa corretamente as lacunas das frases a seguir:

I - Saíram daqui______ pouco, mas voltarão daqui______ pouco, pois moram apenas______dois quilômetros de distância.

II- _______foram suas amigas? _______ estarão agora?

a) há - a - a - Aonde - Onde

b) há - há - à - Onde - Onde

c) há - a - a - Aonde - Aonde

d) a - a - à - Para onde - Por onde

e) a - há - há - Por onde – Aonde

37. INÉDITA – Celina Gil

Era hora do almoço. As duas senhoras puseram-se ___ mesa. Aurélia _________ pela sobriedade, que era nela a consequência de temperamento e educação. Não quer isto dizer que fosse dessa espécie de moças papilionáceas que se alimentam do pólen das flores, e para quem o comer é um ato desgracioso e prosaico.

Bem ao contrário, ela sabia que a nutrição dá ___ seiva de beleza, sem a qual as cores desmaiam nas faces e os sorrisos nos lábios, como as efêmeras e pálidas florações de uma roseira ética.

Assim não tinha vergonha ___ comer; e sem vaidade acreditava que o esmalte de seus dentes não era menos gracioso quando eles se triscavam como a crepitação de um colar de pérolas, nem o matiz de seus lábios menos saboroso quando chupavam uma fruta, ou se entreabriam para receber o alimento.

Os termos que completam corretamente as lacunas no texto são, respectivamente:

a) à; distinguia-se; a; de.

b) a; distinguia-se; à; de.

c) à; se distinguia; a; em.

d) a; se distinguia; a; em.

e) à; distinguia-se; à; de.

f)

38. INÉDITA – Celina Gil

Leia os trechos a seguir, retirados de São Bernardo, de Graciliano Ramos.

I. Para proceder assim _________ ter independência.

II. Às vezes as ideias não vêm, ou vêm muito numerosas e a folha permanece ____ escrita, como estava na véspera.

III. Os sinais, a idade, a cor, _____ confere.

Os termos que completam corretamente as lacunas no texto são, respectivamente:

a) é necessário; meia; tudo.

b) é necessária; meio; tudo.

c) é necessário; meio; tudo.

d) é necessária; meia; todos

e) é necessário; meio; todos

39. INÉDITA – Celina Gil

Leia os trechos a seguir, retirados de Quincas Borba, de Machado de Assis:

I. Quando Sofia pôde arrancar-se de todo à janela, o relógio de baixo ____ nove horas.

II. E, todavia, esse suposto mal é um benefício, não só porque _____ os organismos fracos, incapazes de resistência, como porque ____ lugar à observação, à descoberta da droga curativa.

III. A quantas léguas iria? Nem condor nem águia o _____ dizer.

Os termos que completam corretamente as lacunas no texto são, respectivamente:

a) bateram; elimina; dá; poderiam.

b) batia; elimina; dá; poderia.

c) batia; eliminam; dão; poderiam.

d) bateram; eliminam; dão; poderiam.

e) batia; elimina; dão; poderia

40. INÉDITA – Celina Gil

Assinale a alternativa em que a regência nominal está de acordo com a norma culta.

a) O sedentarismo é prejudicial à saúde.

b) Ela tem facilidade em escrever.

c) Tinha amor para com ele.

d) Maria é apegada em filmes.

e) A confiança para com seu pai ficou abalada.

5.2 – GABARITO

1. A
2. C
3. E
4. B
5. D
6. A
7. C
8. C
9. A
10. B
11. C
12. E
13. C
14. E
15. A
16. E
17. D
18. C
19. C
20. C
21. D
22. C
23. B
24. B
25. C
26. C
27. B
28. D
29. C
30. B
31. D
32. E
33. D
34. E
35. A
36. A
37. A
38. C
39. B
40. A

5.3 – QUESTÕES COMENTADAS

1. (UNESP - 2019)

Leia o trecho do romance S. Bernardo, de Graciliano Ramos, para responder à(s) questão(ões) a seguir.

O caboclo mal-encarado que encontrei um dia em casa do Mendonça também se acabou em desgraça. Uma limpeza. Essa gente quase nunca morre direito. Uns são levados pela cobra, outros pela cachaça, outros matam-se.

Na pedreira perdi um. A alavanca soltou-se da pedra, bateu-lhe no peito, e foi a conta. Deixou viúva e órfãos miúdos. Sumiram-se: um dos meninos caiu no fogo, as lombrigas comeram o segundo, o último teve angina e a mulher enforcou-se.

Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente.

Concluiu-se a construção da casa nova. Julgo que não preciso descrevê-la. As partes principais apareceram ou aparecerão; o resto é dispensável e apenas pode interessar aos arquitetos, homens que provavelmente não lerão isto. Ficou tudo confortável e bonito. Naturalmente deixei de dormir em rede. Comprei móveis e diversos objetos que entrei a utilizar com receio, outros que ainda hoje não utilizo, porque não sei para que servem.

Aqui existe um salto de cinco anos, e em cinco anos o mundo dá um bando de voltas.

Ninguém imaginará que, topando os obstáculos mencionados, eu haja procedido invariavelmente com segurança e percorrido, sem me deter, caminhos certos. Não senhor, não procedi nem percorri. Tive abatimentos, desejo de recuar; contornei dificuldades: muitas curvas. Acham que andei mal? A verdade é que nunca soube quais foram os meus atos bons e quais foram os maus. Fiz coisas boas que me trouxeram prejuízo; fiz coisas ruins que deram lucro. E como sempre tive a intenção de possuir as terras de S. Bernardo, considerei legítimas as ações que me levaram a obtê-las.

Alcancei mais do que esperava, mercê de Deus. Vieram-me as rugas, já se vê, mas o crédito, que a princípio se esquivava, agarrou-se comigo, as taxas desceram. E os negócios desdobraram-se automaticamente. Automaticamente. Difícil? Nada! Se eles entram nos trilhos, rodam que é uma beleza. Se não entram, cruzem os braços. Mas se virem que estão de sorte, metam o pau: as tolices que praticarem viram sabedoria. Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem. Conheço indivíduos preguiçosos que têm faro: quando a ocasião chega, desenroscam-se, abrem a boca – e engolem tudo.

Eu não sou preguiçoso. Fui feliz nas primeiras tentativas e obriguei a fortuna a ser-me favorável nas seguintes. Depois da morte do Mendonça, derrubei a cerca, naturalmente, e levei-a para além do ponto em que estava no tempo de Salustiano Padilha. Houve reclamações.

– Minhas senhoras, seu Mendonça pintou o diabo enquanto viveu. Mas agora é isto. E quem não gostar, paciência, vá à justiça.

Como a justiça era cara, não foram à justiça. E eu, o caminho aplainado, invadi a terra do Fidélis, paralítico de um braço, e a dos Gama, que pandegavam no Recife, estudando Direito. Respeitei o engenho do Dr. Magalhães, juiz.

Violências miúdas passaram despercebidas. As questões mais sérias foram ganhas no foro, graças às chicanas de João Nogueira.

Efetuei transações arriscadas, endividei-me, importei maquinismos e não prestei atenção aos que me censuravam por querer abarcar o mundo com as pernas. Iniciei a pomicultura e a avicultura. Para levar os meus produtos ao mercado, comecei uma estrada de rodagem. Azevedo Gondim compôs sobre ela dois artigos, chamou-me patriota, citou Ford e Delmiro Gouveia. Costa Brito também publicou uma nota na Gazeta, elogiando-me e elogiando o chefe político local. Em consequência mordeu-me cem mil-réis.

(S. Bernardo, 1996.)

Verifica-se o emprego de verbo no modo imperativo no seguinte trecho:

a) “Se eles entram nos trilhos, rodam que é uma beleza. Se não entram, cruzem os braços.” (7º parágrafo)

b) “Minhas senhoras, seu Mendonça pintou o diabo enquanto viveu. Mas agora é isto.” (10º parágrafo)

c) “Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente.” (3º parágrafo)

d) “Aqui existe um salto de cinco anos, e em cinco anos o mundo dá um bando de voltas.” (5º parágrafo)

e) “Não senhor, não procedi nem percorri. Tive abatimentos, desejo de recuar; contornei dificuldades: muitas curvas.” (6º parágrafo)

Comentários: O único trecho que apresenta verbo no modo imperativo afirmativo é “cruzem os braços”. “cruzem” está na terceira pessoa do plural do imperativo. Portanto, a alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois apenas possui verbos no indicativo, no pretérito perfeito (“pintou” e “viveu”) e presente (“é”).

A alternativa C está incorreta, pois apenas possui verbos no indicativo, no pretérito perfeito (“proibi”) e infinitivo (“diminuir” e “aumentar”).

A alternativa D está incorreta, pois apenas possui verbos no indicativo, no presente (“existe” e “dá”).

A alternativa E está incorreta, pois apenas possui verbos no indicativo, no pretérito perfeito (“procedi”, “percorri”, “tive” e “contornei”).

Gabarito: A

---

2. (ITA – 2019)

Em frente da minha casa existe um muro enorme, todo branco. No Facebook, uma postagem me chama atenção: é um muro virtual e a brincadeira é pichá-lo com qualquer frase que vier à cabeça. Não quero pichar o mundo virtual, quero um muro de verdade, igual a este de frente para a minha casa. Pelas ruas e avenidas, vou trombando nos muros espalhados pelos quarteirões, repletos de frases tolas, xingamentos e erros de português. Eu bem poderia modificar isso.

“O caminho se faz caminhando”, essa frase genial, tão forte e certeira do poeta espanhol Antonio Machado, merece aparecer em diversos muros. Basta pensar um pouco e imaginar; de fato, não há caminho, o caminho se faz ao caminhar.

De repente, vejo um prédio inteiro marcado por riscos sem sentido e me calo. Fui tentar entender e não me faltaram explicações: é grafite, é tribal, coisas de difícil compreensão. As explicações prosseguem: grafite é arte, pichar é vandalismo. O pequeno vândalo escondido dentro de mim busca frases na memória e, então, sinto até o cheiro da lama de Woodstock em letras garrafais: “Não importam os motivos da guerra, a paz é muito mais importante”.

Feito uma folha deslizando pelas águas correntes do rio me surge a imagem de John Lennon; junto dela, outra frase: “O sonho não acabou”, um tanto modificada pela minha mão, tornando-se: o sonho nunca acaba. E minha cabeça já se transforma num muro todo branco.

Desde os primórdios dos tempos, usamos a escrita como forma de expressão, os homens das cavernas deixaram pichados nas rochas diversos sinais. Num ato impulsivo, comprei uma tinta spray, atravessei a rua chacoalhando a lata e assim prossegui até chegar à minha sala, abraçado pela ansiedade aumentada a cada passo. Coloquei o dedo no gatilho do spray e fiquei respirando fundo, juntando coragem e na mente desenhando a primeira frase para pichar, um tipo de lema, aquela do Lô Borges: “Os sonhos não envelhecem” – percebo, num sorrir de canto de boca, o quanto os sonhos marcam a minha existência.

Depois arriscaria uma frase que criei e gosto: “A lagarta nunca pensou em voar, mas daí, no espanto da metamorfose, lhe nasceram asas...”. Ou outra, completamente tola, me ocorreu depois de assistir a um documentário, convencido de que o panda é um bicho cativante, mas vive distante daqui e sua agonia não é menor das dos nossos bichos. Assim pensando, as letras duma nova pichação se formaram num estalo: “Esqueçam os pandas, salvem as jaguatiricas!”.

No muro do cemitério, escreveria outra frase que gosto: “Em longo prazo estaremos todos mortos”, do John Keynes, que trago comigo desde os tempos da faculdade. Frases de túmulos ganhariam os muros; no de Salvador Allende está consagrado, de autoria desconhecida: “Alguns anos de sombras não nos tornarão cegos.” Sempre apegado aos sonhos, picharia também uma do Charles Chaplin: “Nunca abandone os seus sonhos, porque se um dia eles se forem, você continuará vivendo, mas terá deixado de existir”.

Claro, eu poderia escrever essas frases num livro, num caderno ou no papel amassado que embrulha o pão da manhã, mas o muro me cativa, porque está ao alcance das vistas de todos e quero gritar para o mundo as frases que gosto; são tantas, até temo que me faltem os muros. Poderia passar o dia todo pichando frases, as linhas vão se acabando e ainda tenho tanto a pichar... “É preciso muito tempo para se tornar jovem”, de Picasso, “Há um certo prazer na loucura que só um louco conhece”, de Neruda, “Se me esqueceres, só uma coisa, esquece-me bem devagarzinho”, cravada por Mário Quintana...

Encerro com Nietzsche: “Isto é um sonho, bem sei, mas quero continuar a sonhar”, que serve para exemplificar o que sinto neste momento, aqui na minha sala, escrevendo no computador o que gostaria de jogar nos muros lá fora, a custo me mantendo calmo, um olho na tela, outro voltado para o lado oposto da rua. Lá tem aquele muro enorme, branco e virgem, clamando por frases. Não sei quanto tempo resistirei até puxar o gatilho do spray.

Adaptado de: ALVEZ, A. L. Um muro para pichar. Correio do Estado, fev 2018. Disponível em Acesso em: ago. 2018.

Por ser uma crônica, o texto apresenta formas coloquiais, que por vezes distanciam o texto da norma padrão da língua portuguesa. Assinale a alternativa em que ocorre desvio da norma culta.

a) Fui tentar entender e não me faltaram explicações: é grafite, é tribal, coisas de difícil compreensão.

b) O pequeno vândalo escondido dentro de mim busca frases na memória e, então, sinto até o cheiro ....da lama de Woodstock [...]

c) Depois arriscaria uma frase que criei e gosto [...]

d) Desde os primórdios dos tempos, usamos a escrita como forma de expressão [...]

e) Poderia passar o dia todo pichando frases, as linhas vão se acabando e ainda tenho tanto a ....pichar...

Comentários: A incorreção ligada ao uso de formas coloquiais se evidencia na alternativa C: os verbos “criar” e gostar” possuem regência diferentes. Ao passo que “criar” pode atuar como verbo transitivo, ou seja, dispensa o uso de preposições, “gostar” se comporta como verbo transitivo indireto.

Por isso, para que essa oração estivesse alinhada à norma culta, seria preciso adicionar uma preposição “de” na oração: “Depois arriscaria uma frase que criei e **de** que gosto (...)”.

Gabarito: C

---

3. (FUVEST – 2018)

O rumor crescia, condensando se; o zunzum de todos os dias acentuava se; já se não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam se* discussões e rezingas**; ouviam se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava se. Sentia se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.

Da porta da venda que dava para o cortiço iam e vinham como formigas; fazendo compras.

Duas janelas do Miranda abriram se. Apareceu numa a Isaura, que se dispunha a começar a limpeza da casa.

- Nhá Dunga! gritou ela para baixo, a sacudir um pano de mesa; se você tem cuscuz de milho hoje, bata na porta, ouviu?

Aluísio Azevedo, O cortiço.

* ensarilhar se: emaranhar se.

** rezinga: resmungo

Constitui marca do registro informal da língua o trecho

(A) “mas um só ruído compacto” (l. 2).

(B) “ouviam se gargalhadas” (l. 3).

(C) “o prazer animal de existir” (l. 6).

(D) “gritou ela para baixo” (l. 10).

(E) “bata na porta” (l. 11).

Comentários: A marca informal no texto está justamente na incorreção quanto à regência do verbo “bater”. Nesse caso, em que significa golpear a porta, o verbo deveria ser acompanhado da preposição “a” e não da preposição “em” como está aqui (na = em +a).

ATENÇÃO: Perceba que é importante que você conheça as formas contraídas de preposição + artigo, pois isso pode ajudar a resolver muitas questões. Ainda nessa aula, veremos com maior profundidade a questão das formas contraídas.

As outras alternativas não apresentam as marcas costumeiras de um texto ligado à oralidade e à informalidade, a saber, incorreções gramaticais e gírias, principalmente.

Gabarito: E

---

4. (PUC - 2018)

Palavras do texto inspiraram as frases que seguem, que devem, entretanto, ser consideradas independentes dele. A frase que está em concordância com a norma-padrão da língua é:

a) Deviam haver, naquele tempo, uns três ou quatro canais, restrito a uma programação de cinco ou seis horas por dia, que passaria, mais tarde a ocupar 24 horas.

b) Tendo surgido o celular, o que não tardou foram as mudanças de hábitos, entre eles, bastante notável, a falta de discrição com que as pessoas conversam, em alta voz, em espaços públicos.

c) Muitos jovens que não crêm que existiu um mundo sem TV, dificilmente acreditarão que os celulares podem um dia não existirem.

d) Seja quais forem as formas de entretenimento que a TV propicia, todas, possivelmente sem excessão, têm audiência garantida, o que mantém a publicidade que paga os custos da programação.

e) Se jovens se entreterem com filmes de qualidade, existe grandes possibilidades que venham a se interessar por outras formas de arte.

Comentários

Alternativa “a”: incorreta. O verbo haver no sentido de existir é impessoal e deve apresentar-se na terceira pessoa do singular, assim como o adjetivo “restrito”, por acompanhar o substantivo “canais”, deveria estar no plural.

Alternativa “b”: correta – gabarito. Está certo o uso de “bastante”.

Alternativa “c”: incorreta. o verbo crer, na terceira pessoa do plural do presente do indicativo, apresenta ortografia incorreta; o infinitivo do verbo existir, por estar em conjugação perifrástica com o termo “podem”, deve apresentar-se na sua forma impessoal; além disso, sujeito e predicado não devem ser separados por vírgula;

Alternativa “d”: incorreta. o termo “excessão” apresenta ortografia incorreta;

Alternativa “e”: incorreta. a conjugação do verbo entreter, na terceira pessoa do plural do futuro do subjuntivo, é incorreta; também o verbo existir deve concordar com o sujeito no plural, “grandes possibilidades”.

Gabarito: “b”.

---

5. (UNESP - 2018)

Leia o trecho do livro *Bem-vindo ao deserto do real!*, de Slavoj Žižek.

Numa antiga anedota que circulava na hoje falecida República Democrática Alemã, um operário alemão consegue um emprego na Sibéria; sabendo que toda correspondência será lida pelos censores, ele combina com os amigos: “Vamos combinar um código: se uma carta estiver escrita em tinta azul, o que ela diz é verdade; se estiver escrita em tinta vermelha, tudo é mentira.” Um mês depois, os amigos recebem uma carta escrita em tinta azul: “Tudo aqui é maravilhoso: as lojas vivem cheias, a comida é abundante, os apartamentos são grandes e bem aquecidos, os cinemas exibem filmes do Ocidente, há muitas garotas, sempre prontas para um programa – o único senão é que não se consegue encontrar *tinta vermelha*.” Neste caso, a estrutura é mais refinada do que indicam as aparências: apesar de não ter como usar o código combinado para indicar que tudo o que está dito é mentira, mesmo assim ele consegue passar a mensagem. Como? *Pela introdução da referência ao código, como um de seus elementos, na própria mensagem codificada*.

(Bem-vindo ao deserto do real!, 2003.)

“Um mês depois, os amigos recebem uma carta escrita em tinta azul [...].”

Assinale a alternativa que expressa, na voz passiva, o conteúdo dessa oração.

a) Um mês depois, uma carta escrita em tinta azul seria recebida pelos amigos.

b) Os amigos deveriam ter recebido, um mês depois, uma carta escrita em tinta azul.

c) Um mês depois, uma carta escrita em tinta azul foi recebida pelos amigos.

d) Um mês depois, uma carta escrita em tinta azul é recebida pelos amigos.

e) Os amigos receberiam, um mês depois, uma carta escrita em tinta azul.

Comentários: A oração a ser transformada em voz passiva é “os amigos recebem uma carta escrita em tinta azul”. “Um mês depois” é um advérbio e, por isso, se mantém inalterado. Como vimos em aula, na transposição o sujeito (os amigos) se torna agente da passiva e o objeto (uma carta escrita em tinta azul) se torna sujeito paciente. Além disso, deve-se adicionar uma preposição e transformar o verbo numa locução verbal mantendo o tempo e modo da oração original.

A oração ficaria, portanto, “Um mês depois, uma carta escrita em tinta azul é recebida pelos amigos”.

A alternativa A está incorreta, pois altera o modo verbal: “seria” está no subjuntivo.

A alternativa B está incorreta, pois, além de manter-se na voz ativa, altera o sentido da oração: “deveriam” dá ideia de hipótese ou de algo que não ocorreu. Não é o que diz a oração do enunciado.

A alternativa C está incorreta, pois altera o tempo verbal: “foi” está no pretérito perfeito.

A alternativa E está incorreta, pois, além de manter-se na voz ativa, “receberiam" dá ideia de hipótese ou de algo que não ocorreu. Não é o que diz a oração do enunciado.

Gabarito: D

---

6. **(UFRGS - 2017)**

É preciso estabelecer uma distinção radical entre um “brasil” escrito com letra minúscula, nome de um tipo de madeira de lei 1ou de uma feitoria interessada em explorar uma terra como outra qualquer2, 3e o Brasil que designa um povo, uma 4nação, um conjunto de valores, escolhas e ideais de vida. O “brasil” com b minúsculo é apenas um objeto sem vida5, pedaço de coisa que morre e não tem a menor condição de 6se reproduzir como sistema. 7Mas o Brasil com B maiúsculo é algo muito mais complexo.

Estamos interessados em responder esta pergunta: afinal de contas, o que faz o brasil, BRASIL? Note-se que se trata de uma pergunta relacional que, tal como faz a própria sociedade brasileira, quer juntar e não dividir. Queremos, 8isto sim, descobrir como é que eles se ligam entre 9si10; como é que cada um depende do outro; e 11como os dois formam uma realidade única que existe concretamente naquilo que chamamos de “12pátria”.

13Se a condição humana determina que todos os homens devem comer, dormir, trabalhar, reproduzir-se e rezar, essa determinação não chega ao ponto de especificar também qual comida ingerir, de que modo produzir e para quantos deuses 14ou espíritos rezar. É precisamente aqui, nessa espécie de zona indeterminada, mas necessária, que nascem as diferenças e, nelas, os estilos, os modos de ser e estar; os “15jeitos” de cada grupo humano. 16Trata-se, sempre, da questão de identidade.

Como se constrói uma identidade social? Como um povo se transforma em Brasil? 17A pergunta, 18na sua discreta singeleza, permite descobrir algo muito importante. É que, no meio de uma multidão de experiências dadas a todos os homens e sociedades, algumas necessárias à própria sobrevivência – como comer, dormir, morrer, reproduzir-se etc. – outras acidentais ou históricas –, 19o Brasil ter sido descoberto por portugueses e não por chineses, a geografia do Brasil ter certas características, falarmos 20português e não 21francês, a família real ter se transferido para o Brasil no início do século XIX etc. –, cada sociedade (e cada ser humano) apenas se utiliza de um número limitado de “22coisas” (e de experiências) 23para se construir como algo único.

24Nessa perspectiva, a chave para entender a 25sociedade brasileira é uma 26chave dupla. 27E, 28para mim, a capacidade relacional — do antigo com o moderno – tipifica e singulariza a sociedade brasileira. Será preciso, 29portanto, discutir o Brasil como uma 30moeda. Como algo que tem dois lados. 31E mais: como uma realidade que nos tem 32iludido, precisamente porque 33nunca lhe propusemos esta questão relacional e reveladora: afinal de contas, como se ligam as duas faces de uma mesma moeda? O que faz o 34brasil, 35Brasil?

Adaptado de: DAMATTA, R. O que faz o brasil, Brasil? A questão da identidade. In:_____. O que faz o brasil, Brasil? Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p. 9-17.

Assinale a alternativa que apresenta a correta passagem de segmento do texto da voz ativa para a voz passiva.

a) como os dois formam uma realidade única (ref. 11) – como uma realidade única é formada pelos dois.

b) Trata-se, sempre, da questão de identidade (ref. 16) – é tratado, sempre, da questão de identidade.

c) A pergunta, na sua discreta singeleza, permite descobrir algo muito importante (ref. 17) – algo muito importante é perguntado, na sua discreta singeleza.

d) o Brasil ter sido descoberto por portugueses e não por chineses (ref. 19) – portugueses, e não chineses, terem descoberto o Brasil.

e) nunca lhe propusemos esta questão relacional e reveladora (ref. 33) – esta questão relacional e reveladora nunca lhe foi proposta.

Comentários
Alternativa "a": correta – gabarito. A alteração de voz verbal está correta, respeitando a manutenção de tempo e modo verbais, assim como a concordância.
Alternativa "b": incorreta. O verbo "tratar-se" é transitivo indireto, portanto não é possível a alteração de voz ativa para passiva analítica.
Alternativa "c": incorreta. A correspondência não se dá, uma vez que o sujeito ativo foi transformado em verbo. O correto seria: "Algo muito importante permite ser descoberto pela pergunta, na sua discreta singeleza".
Alternativa "d": incorreta. A oração já está conjugada na voz passiva analítica.
Alternativa "e": incorreta. A transposição está correta, porém o sujeito ativo ("nós") não foi apresentado como agente da passiva ("por nós").
Gabarito: "a".

---

7. (UNESP – 2016)

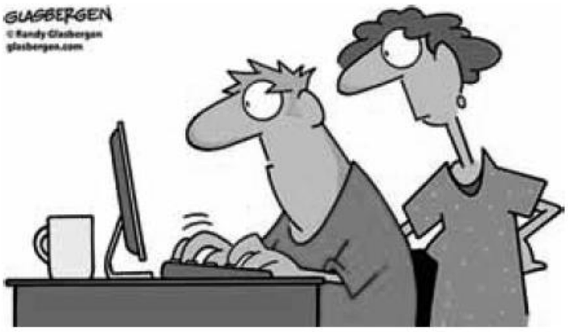

"Caro filho. Como você está? Sua mãe e eu estamos bem. Sentimos saudades, esperamos que você esteja indo bem também. Estamos ansiosos para revê-lo na próxima vez que seu computador travar e você descer para comer alguma coisa. Com amor, sua mãe e seu pai."

(Randy Glasbergen. http://4.bp.blogspot.com. Acesso em: 18.04.2014)

Assinale a alternativa que completa a frase a seguir com a forma verbal correta.

Esperamos revê-lo na próxima vez que você...

a) trazer seu filho para visitar os avós.
b) ter tempo para tomar um café conosco.
c) obtiver licença no trabalho.
d) vir à cidade a passeio.
e) querer assistir a uma peça de teatro.

Comentário: Segundo as regras de correlação de tempos e modos, um verbo no presente do indicativo ("esperamos rever") deve ser relacionado a outro no presente do subjuntivo. O único trecho que apresenta verbo nesse tempo e modo é "obtiver licença no trabalho". Por isso, a alternativa certa é alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois "trazer" está no infinitivo, não no subjuntivo.

A alternativa B está incorreta, pois "ter" está no infinitivo.

A alternativa D está incorreta, pois "vir" está no infinitivo, não no subjuntivo.

A alternativa E está incorreta, pois "querer" está no infinitivo, não no subjuntivo.

Gabarito: C

---

8. (UEG - 2016)

Eu falo
tu ouves
ele cala.

Eu procuro
tu indagas
ele esconde.

Eu planto
tu adubas
ele colhe.

Eu ajunto
tu conservas
ele rouba.

Eu defendo
tu combates
ele entrega.

Eu canto
tu calas
ele vaia.

Eu escrevo
tu me lês
ele apaga.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Poesia reunida: 1965-1999. Porto Alegre: L&PM, 2004. p. 157-158

Tradicionalmente são consideradas antônimas palavras cujos significados estão em oposição entre si. Considerando-se isso, verifica-se no poema "Conjugação", de Affonso Romano de Sant'Anna, que
a) o fato de usar versos curtos, com apenas duas ou três palavras, dificulta a compreensão das oposições lexicais e enfraquece a estética do poema.
b) as oposições de sentido são apresentadas de forma dicotômica no poema, já que as oposições ocorrem apenas em agrupamentos bipolares.
c) as palavras apresentam oposição de sentido de vários modos distintos, de acordo com o texto em que ocorrem e com seu contexto de uso.
d) o uso de três verbos diferentes em cada estrofe do poema tem como meta semântica a construção de um significado econômico.

Comentários

Alternativa "a": incorreta. Não enfraquece; pelo contrário, fortalece. O fato de o poema se intitular "Conjugação" e ter suas estrofes todas conjugadas e brincando com as diferentes pessoas e suas respectivas concordâncias contribuem para o seu processo de composição.
Alternativa "b": incorreta. Não necessariamente os verbos (as ações) denotam sentidos contrários.
Alternativa "c": correta – gabarito. O poema apresentado tem como base a oposição de sentidos de diversas naturezas, como se percebe pela leitura comparativa de estrofes como "Eu procuro / tu indagas / ele esconde" e "Eu canto / tu calas / ele vaia". Percebe-se que ambas indicam ações complementares entre as duas primeiras pessoas em oposição à ação da 3ª pessoa; igualmente notam-se contextos diferentes a cada estrofe.
Alternativa "d": incorreta. Não um significado econômico, mas sim a exploração das 3 pessoas do discurso: primeira, segunda e terceira, no caso, do singular.

Gabarito: "c".

---

9. (2017/UECE)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:
A partir dos anos 20, com os estudos desenvolvidos por Bakhtin e seu grupo, a língua passou a ser vista como um fenômeno social e os enunciados passaram a ser considerados como uma grande rede responsiva: cada enunciado responde a enunciado anterior e, ao mesmo tempo, espera resposta de um outro enunciado posterior.

Super-Homem
(A Canção)

I
Um dia
Vivi a ilusão de que ser homem bastaria
Que o mundo masculino tudo me daria
Do que eu quisesse ter

II

Que nada
Minha porção mulher, que até então se resguardara
É a porção melhor que trago em mim agora
É que me faz viver

III
Quem dera
Pudesse todo homem compreender, oh, mãe quem dera
Ser no verão o apogeu da primavera
E só por ela ser

IV
Quem sabe
O Super-homem venha nos restituir a glória
Mudando como um deus o curso da história
Por causa da mulher

Gilberto Gil. Disponível em: https://www.vagalume.com.br/search.php?q=super%20homem.

A divisão do texto Super-Homem em partes ou apartados nos mostra uma estrutura bem delimitada com uma sequência lógica que facilita sua compreensão. A atenção aos verbos empregados no poema é indispensável para que se possa explorar o sentido do texto. Relacione as quatro estrofes do poema aos comentários apresentados a seguir, numerando-os de I a IV, de acordo com cada uma delas.

(   ) Revela esperança débil e frouxa, e expectativa. Esses dois sentimentos são linguisticamente manifestados por uma interjeição e um verbo no subjuntivo. Aparece, ainda, um gerúndio, demarcando a maneira como ocorre a ação.

(   ) Expressa o tempo presente, dentro do qual se divisa um passado anterior a outro passado.

(   ) Foi estruturada de modo a expressar desejo e vontade, função que se realiza com o uso da interjeição e de uma forma do subjuntivo.

(   ) Inicia-se com uma expressão indicativa de tempo, mas de um tempo indeterminado. O emprego do pretérito perfeito sugere que a ação indicada pelo verbo já está concluída. Os recursos linguísticos empregados na estrofe imprimem, na mente do leitor, a inviabilização do que seria o desejo do sujeito lírico.

A sequência correta, de cima para baixo, é:
a) IV, II, III, I.
b) III, I, II, IV.
c) II, IV, III, I.
d) II, I, III, IV.

Comentários

A primeira estrofe é iniciada por uma expressão indicativa de tempo, mas de um tempo indeterminado: “um dia”. O verbo viver está no pretérito perfeito do indicativo: “vivi”, indicando que se trata de um período já concluído. Os recursos linguísticos empregados na estrofe imprimem, na mente do leitor, a inviabilização do que seria o desejo do sujeito lírico: “ilusão de que ser homem bastaria”, “o mundo masculino tudo me daria”.

Na segunda estrofe, os verbos estão no presente do indicativo: “É a porção melhor que trago em mim agora / É que me faz viver”. Há, no entanto, um único no pretérito mais-que-perfeito do indicativo (“resguardara”), tempo verbal que indica um passado anterior a outro passado.
A terceira estrofe foi estruturada de modo a expressar desejo e vontade, função que se realiza com o uso da interjeição (“oh”) e de um verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo (“pudesse”).
A quarta estrofe revela esperança débil e frouxa (“Quem sabe / O Super-homem venha nos restituir a glória”), e expectativa (“Mudando como um deus o curso da história”). Esses dois sentimentos são linguisticamente manifestados por uma interjeição (“quem sabe”) e um verbo no presente do subjuntivo (“venha”). Aparece, ainda, um gerúndio, demarcando a maneira como ocorre a ação (“mudando”).

Gabarito: “a”.

---

10. (UNESP - 2016)

Observe a charge.

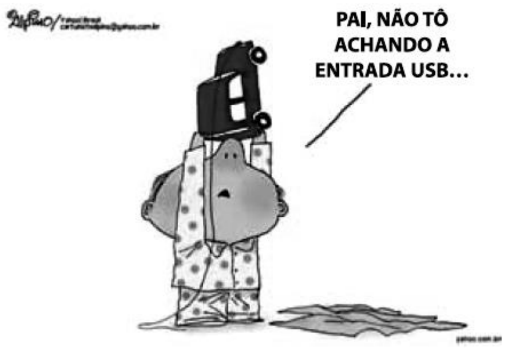
PAI, NÃO TÔ ACHANDO A ENTRADA USB...

(Alpino. https://fbcdn-sphotos-f-a.akamaihd.net. Acesso em: 20.05.2014)

Entre as frases que retomam a cena, empregou-se voz passiva em:

a) O carrinho não era um brinquedo eletrônico, por esse motivo não possuía entrada USB.

b) O carrinho foi analisado atentamente pelo garoto, mas o menino não conseguiu encontrar a entrada USB.

c) A entrada USB não existia, pois, para movimentar o carrinho, o próprio garoto deveria puxá-lo pela corda.

d) Ao admirar o novo brinquedo, a criança disse ao pai que não estava achando a entrada USB.

e) Ao admirar o novo brinquedo, o filho comentou com o pai que não estaria vendo a entrada USB.

Comentários: Há dois tipos de construção de voz passiva: Analítica, que liga o verbo e o agente da passiva por meio de preposição; e Sintética, que conta com a partícula “se”. Dentre as alternativas, a única que apresenta uma construção na voz passiva é o trecho “O carrinho foi analisado atentamente pelo garoto”. O trecho é um exemplo de voz passiva analítica em que:

O carrinho – sujeito da passiva

foi analisado – forma verbal composta de verbo auxiliar + verbo principal no particípio

pelo – preposição

garoto – agente da passiva

Logo, a alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois não há presença de voz passiva, apenas ativa em "era" e "possuía".

A alternativa C está incorreta, pois não há presença de voz passiva, apenas ativa em "existia" e "conseguiu encontrar".

ATENÇÃO: não é porque há uma locução verbal que há uma voz passiva. Você precisa observar a construção como um todo.

A alternativa D está incorreta, pois a construção aqui é de discurso indireto.

A alternativa E está incorreta, pois, assim como em E, a construção é de discurso indireto.

Gabarito: B

---

11. (FGV - 2016)

Na virada do século, chegou o euro. Na prática, era como se o marco alemão mudasse de nome para "euro" e passasse a suprir o resto do continente (a maior parte dele, pelo menos). Parecia bom para todas as partes. Os governos dos países menos pibados passariam a receber os impostos dos seus cidadãos em euros, uma moeda garantida pelo PIB alemão. Impostos servem para pagar as dívidas dos governos – além da lagosta dos governantes. E agora os contribuintes pagavam em euros. Resultado: o mercado passou a emprestar para os países bagunçados da Europa a juros baixíssimos.

Aí choveu euro na periferia da Europa. A economia ali cresceu como nunca, mas os governantes gastaram como sempre. Além disso, não perceberam que seus países eram pequenos demais para suportar o peso de uma moeda forte.

Com os PIBs dos europobres caindo, a arrecadação deles diminuiu. Menos arrecadação, mais problemas para pagar dívidas. Aí tome mais dinheiro emprestado para ir rolando a pendura, só que agora a juros menos fofos.

(Superinteressante, agosto de 2015. Adaptado)

De acordo com a norma-padrão, assinale a alternativa correta quanto à regência e ao uso ou não do acento indicativo da crase.

a) Coube à moeda alemã à garantia que o euro chegasse com segurança a países europeus.

b) Coube a moeda alemã à garantia de que o euro chegasse com segurança nos países europeus.

c) Coube à moeda alemã a garantia de que o euro chegasse com segurança aos países europeus.

d) Coube à moeda alemã a garantia que o euro chegasse com segurança à países europeus.

e) Coube a moeda alemã a garantia que o euro chegasse com segurança nos países europeus.

Comentários: Caber, no sentido de responsabilidade, exige a presença de preposição. Como “moeda” é uma palavra feminina, a grafia correta é “coube à moeda alemã”.

“garantia de que o euro chegasse com segurança” é o complemento direto de “caber”, ou seja, sem preposição. Portanto, a grafia correta é “a garantia de que (...)”, sem crase.

A regência de “chegar” neste caso é com a preposição “a”. Portanto, a grafia correta é “chegasse com segurança aos países europeus”, já que “países europeus” é palavra masculina, precedida de artigo “os”.

ATENÇÃO: apesar de comum na oralidade, não se usa a preposição “em” para denotar local em que se chega.

Gabarito: C

---

12. (UNESP - 2016)

Art. 6º São direitos básicos do consumidor:

I – a proteção da vida, saúde e segurança contra os riscos provocados por práticas no fornecimento de produtos e serviços considerados perigosos ou nocivos;

II – a educação e divulgação sobre o consumo adequado dos produtos e serviços, asseguradas a liberdade de escolha e a igualdade nas contratações;

III – a informação adequada e clara sobre os diferentes produtos e serviços, com especificação correta de quantidade, características, composição, qualidade, tributos incidentes e preço, bem como sobre os riscos que apresentem;

IV – a proteção contra a publicidade enganosa e abusiva, métodos comerciais coercitivos ou desleais, bem como contra práticas e cláusulas abusivas ou impostas no fornecimento de produtos e serviços;

V – a modificação das cláusulas contratuais que estabeleçam prestações desproporcionais ou sua revisão em razão de fatos supervenientes que as tornem excessivamente onerosas;

VI – a efetiva prevenção e reparação de danos patrimoniais e morais, individuais, coletivos e difusos;

VII – o acesso aos órgãos judiciários e administrativos com vistas à prevenção ou reparação de danos patrimoniais e morais, individuais, coletivos ou difusos, assegurada a proteção Jurídica, administrativa e técnica aos necessitados;

VIII – a facilitação da defesa de seus direitos, inclusive com a inversão do ônus da prova, a seu favor, no processo civil, quando, a critério do juiz, for verossímil a alegação ou quando for ele hipossuficiente, segundo as regras ordinárias de experiências;

IX – a adequada e eficaz prestação dos serviços públicos em geral.

Art. 7º Os direitos previstos neste código não excluem outros decorrentes de tratados ou convenções internacionais de que o Brasil seja signatário, da legislação interna ordinária, de regulamentos expedidos pelas autoridades administrativas competentes, bem como dos que derivem dos princípios gerais do direito, analogia, costumes e equidade.

Parágrafo único. Tendo mais de um autor a ofensa, todos responderão solidariamente pela reparação dos danos previstos nas normas de consumo.

(www.planalto.gov.br)

Nos trechos “asseguradas a liberdade de escolha e a igualdade das contratações” (inciso II) e “assegurada a proteção jurídica, administrativa e técnica aos necessitados” (inciso VII), a análise das concordâncias dos adjetivos em destaque permite afirmar que

a) apenas a primeira ocorrência está correta.

b) apenas a segunda ocorrência está correta.

c) as duas ocorrências são aceitáveis, mas não corretas.

d) as duas ocorrências estão incorretas.

e) as duas ocorrências estão corretas

Comentários: Para responder a essa questão, é preciso analisar os termos centrais da oração para descobrir se há concordância entre o verbo e eles.

Em “asseguradas a liberdade de escolha e a igualdade das contratações” há dois termos centrais: “liberdade” e “igualdade”. Portanto, o verbo precisa estar no plural.

Já em “assegurada a proteção jurídica, administrativa e técnica aos necessitados”, o termo central é “proteção”. Portanto, o verbo precisa estar no singular. Essa segunda oração pode causar dúvidas, já que há referência a três elementos diferentes: proteção jurídica, proteção administrativa e proteção técnica. Porém, a palavra “proteção”, que é a informação central, está no singular. Se a construção fosse a partir de “as proteções jurídica, administrativa e técnica”, o verbo deveria vir no plural.

Gabarito: E

---

13. (IF - 2016)

De acordo com a norma padrão da Língua Portuguesa e a gramática normativa, com relação às concordâncias verbal e nominal, observe as placas apresentadas e, em seguida, assinale a alternativa correta.

a) 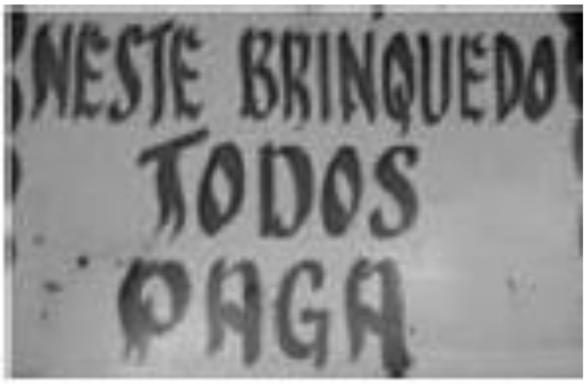

b) 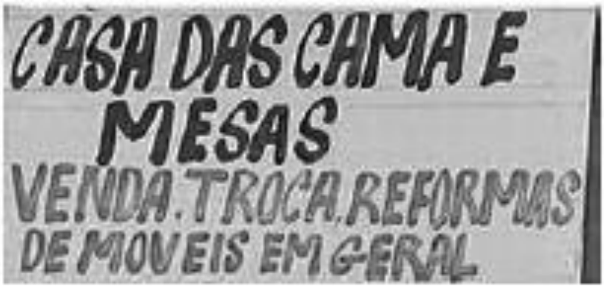
CASA DAS CAMA E
MESAS
VENDA.TROCA.REFORMAS
DE MOVEIS EM GERAL

c) 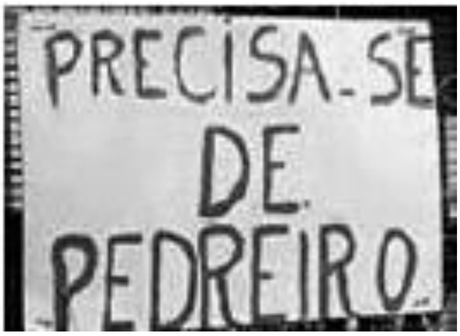
PRECISA-SE
DE
PEDREIRO.

d) 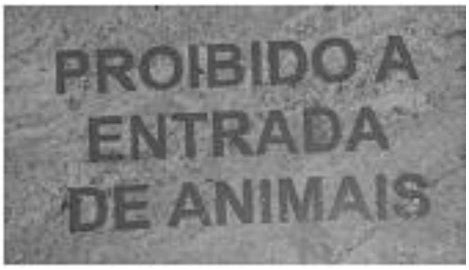
PROIBIDO A
ENTRADA
DE ANIMAIS

e) 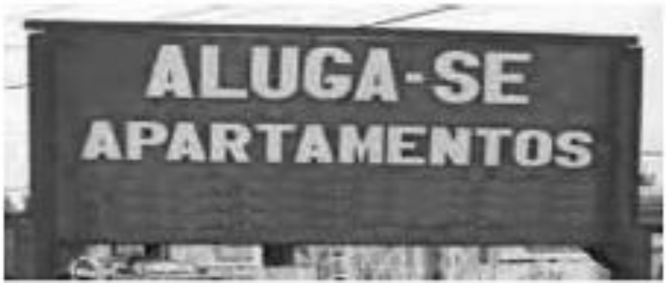
ALUGA-SE
APARTAMENTOS

Comentários

Alternativa “a”: incorreta. O certo seria “Nesse brinquedo todos pagam”.

Alternativa “b”: incorreta. O certo seria “Casa das Camas e das Mesas”.

Alternativa “c”: correta – gabarito. O uso de “proibido” de acordo com a concordância nominal está correto.

Alternativa “d”: incorreta. O certo seria “Proibida a entrada de animais”.

Alternativa “e”: incorreta. O certo seria “Alugam-se apartamentos”.
Gabarito: “c”.

---

14. (IF - 2016)

Escolha a frase cuja concordância nominal está correta.

a) Alguns pseudos-sociólogos se opõem ao Bolsa Família.

b) Há partes da floresta que estão menas devastadas que outras.

c) Visto a grande destruição, alguma atitude deve ser tomada.

d) Seguem anexo os documentos do processo.

e) Todos devem ficar alerta para a questão do desmatamento.

Comentários
Alternativa “a”: incorreta. O correto seria: “Alguns pseudossociólogos se opõem ao Bolsa Família”.
Alternativa “b”: incorreta. O correta seria: “Há partes da floresta que estão menos devastadas que outras”.
Alternativa “c”: incorreta. O correto seria: “Vista a grande destruição, alguma atitude deve ser tomada”.
Alternativa “d”: incorreta. O correto seria: “Seguem anexos os documentos do processo”.
Alternativa “e”: correta. Está correto o uso de “alerta”.
Gabarito: “e”.

---

15. (UFRGS - 2015)

4À porta do Grande Hotel, pelas duas da tarde, 14Chagas e Silva 6postava-se de palito à boca, como 19se tivesse descido do restaurante lá de cima. Poderia parecer, pela estampa, que somente ali se comesse bem em Porto Alegre. 8Longe 21disso! A Rua da Praia que 23o diga, ou 22melhor, que o dissesse. 24O faz de conta do 7inefável personagem 5ligava-se mais à 25importância, à moldura que aquele portal lhe conferia. 15Ele, que tanto marcou a rua, tinha 27franco acesso às poltronas do saguão em que se refestelavam os importantes. Andava 28dentro de um velho fraque, usava gravata, chapéu, bengala sob o braço, barba curta, polainas e 10uns olhinhos apertados na 1_________ bronzeada. O charuto apagado na boca, para durar bastante, 29era o 9toque final dessa composição de pardavasco vindo das Alagoas.

Chagas e Silva chegou a Porto Alegre em 1928. 16Fixou-20se na Rua da Praia, que percorria com passos lentos, carregando um ar de 12indecifrável importância, tão ao jeito dos grandes de então. 17Os estudantes tomaram conta dele. Improvisaram comícios na praça, carregando-o nos braços e 11fazendo-o discursar. Dava discretas mordidas 33e consentia em que lhe pagassem o cafezinho. Mandava imprimir sonetos, que "trocava" por dinheiro.

Não era de meu propósito 31ocupar-me do "doutor" Chagas 34e, sim, de como se comia bem na Rua da Praia de antigamente. Mas ele como que me puxou pela manga e levou-me a visitar casas por onde sua imaginação de longe esvoaçava.

Porto Alegre, sortida por tradicionais armazéns de especialidades, 30dispunha da melhor matéria-prima para as casas de pasto. 18Essas casas punham ao alcance dos gourmets virtuosíssimos "secos e molhados" vindos de Portugal, da Itália, da França e da Alemanha. Daí um longo e 2________ período de boa comida, para regalo dos homens de espírito e dos que eram mais estômago que outra coisa.

Na arte de comer bem, talvez a 26dificuldade fosse a da escolha. Para qualquer lado que o passante se virasse, encontraria salões ornamentados 3_________ maiores ou menores, tabernas 35ou simples tascas. A Cidade 32divertia-se também 13pela barriga.

Adaptado de: RUSCHEL, Nilo. Rua da Praia. Porto Alegre: Editora da Cidade, 2009. p. 110-111.

Considere as afirmações abaixo, a respeito dos tempos verbais utilizados no texto.

I. Os verbos era (ref. 29) e dispunha (ref. 30) estão conjugados no mesmo tempo e modo.

II. Todos os verbos do primeiro parágrafo estão conjugados no pretérito imperfeito do indicativo, porque fazem referência a rotinas e hábitos do passado.

III. Os verbos ocupar-me (ref. 31) e divertia-se (ref. 32) estão conjugados no modo subjuntivo.

Quais estão corretas?

a) Apenas I.

b) Apenas II.

c) Apenas III.

d) Apenas I e II.

e) I, II e III.

Comentários

Afirmação I: correta. Tanto “era” como “dispunha” são verbos conjugados no Pretérito Imperfeito do modo Indicativo, referindo-se a rotinas e hábitos do passado.

Afirmação II: incorreta. Há verbos conjugados em outros tempos e modos além do Pretérito Imperfeito do Indicativo, como “tivesse”, “comesse”, “dissesse” (Pretérito Imperfeito do Subjuntivo), “poderia” (Futuro do Pretérito do Indicativo), “diga” (Presente do Subjuntivo) e “marcou” (Pretérito Perfeito do Indicativo).

Afirmação III: incorreta. “Ocupar-me” apresenta-se em sua forma nominal, no Infinitivo, e “divertia-se” está conjugado no Pretérito Imperfeito do Indicativo.

Gabarito: “a”.

---

16. (2015/UEL)

A cavalgada, que lenta 8subira a encosta, 9descia-3a rapidamente enquanto Atanagildo, visitando os muros, 1exortava os guerreiros da cruz a 2pelejarem esforçadamente. Quando 4estes souberam quais eram as intenções dos árabes acerca das virgens do mosteiro, a atrocidade do sacrilégio afugentou-5lhes dos corações a menor sombra de hesitação. Sobre as espadas juraram 6todos combater e morrer como godos. Então o quingentário, a 6quem parecia animar sobrenatural ousadia, correu ao templo.

HERCULANO, A. Eurico, o presbítero. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2014. p.107.

Sobre os verbos “subira” (ref. 8), “descia” (ref. 9) e “exortava” (ref. 1), presentes no trecho, assinale a alternativa correta.

a) Os verbos “subira”, “descia” e “exortava” estão no tempo verbal pretérito perfeito, pois indicam um fato que aconteceu em um momento passado e foi concluído. Todos estão no modo indicativo.

b) Os verbos “subira”, “descia” e “exortava” estão no pretérito imperfeito, pois expressam a duração de um fato que ocorreu no passado e foi concluído. Os dois primeiros estão no modo indicativo, enquanto “exortava” está no imperativo, pois expressa ordem.

c) O verbo “subira” está no futuro do presente, pois indica um fato que ainda ocorrerá; os verbos “descia” e “exortava” estão no futuro do pretérito, pois indicam ações que aconteceriam. Todos estão no modo indicativo.

d) O verbo “subira” está no pretérito mais-que-perfeito, pois indica um fato que aconteceu antes de outro fato no presente; já os verbos “exortava” e “descia” estão no imperfeito do subjuntivo, pois expressam desejos ou hipóteses.

e) O verbo “subira” está no pretérito mais-que-perfeito, pois indica um processo que ocorreu antes de um outro fato, também no passado; os verbos “descia” e “exortava” estão no pretérito imperfeito, pois indicam um processo que ocorreu no passado, expressando sua duração, e que não foi concluído. Todos estão no modo indicativo.

Comentários

Alternativa “a”: incorreta. Esses verbos no pretérito perfeito do indicativo, conjugados na mesma pessoa (isto é, a terceira do singular), adquirem a seguinte forma: “subiu”, “desceu” e “exortou”.

Alternativa “b”: incorreta. já que se os verbos estivessem no pretérito imperfeito, a conjugação na terceira pessoa do singular seria: “subia” e “descia” (modo indicativo); “exorte” (modo imperativo).

Alternativa “c”: incorreta. o verbo “subir”, no futuro do presente, para a terceira pessoa do singular, é “subirá”. Os verbos “descer” e “exortar”, no futuro do pretérito e na terceira pessoa do singular, respectivamente são: “desceria” e “exortaria”.

Alternativa “d”: incorreta. O caso do verbo “subir”, acerta a conjugação, mas erra ao afirmar que “indica um fato que aconteceu antes de outro fato no presente”, pois na verdade indica um processo que ocorreu antes de outro fato que também está no passado. Quanto aos verbos “descer” e “exortar”, no pretérito imperfeito do subjuntivo, na terceira pessoa, eles assumiriam, respectivamente, a seguinte forma: “descesse” e “exortasse”.

Gabarito: “e”.

---

17. (IBMEC - 2015)

Segundo a Wikipedia, o direito autoral do autorretrato, o "selfie" para usar o termo da moda, que uma macaca fez com o equipamento que furtara de um fotógrafo pertence ao animal. A discussão surgiu porque David Slater, o dono da máquina, pedira aos editores da enciclopédia que retirassem a imagem por violação de direitos autorais. Como piada, a argumentação da Wikipedia funciona bem. Receio, porém, que essa linha de raciocínio deixe uma fronteira jurídica desguarnecida. Se os direitos pertencem à macaca, por que instrumento legal ela os cedeu à enciclopédia?

Não são, entretanto, questiúnculas jurídicas que eu gostaria de discutir aqui, mas sim a noção de autoria. Obviamente ela transcende à propriedade do equipamento. Se a foto não tivesse sido tirada por uma macaca, mas por um outro fotógrafo com a máquina de Slater, ninguém hesitaria em creditar a imagem a esse outro profissional. Só que não é tão simples. Imaginemos agora que Slater está andando pela trilha e, sem querer, deixa seu aparelho cair no chão, de modo que o disparador é acionado. Como que por milagre, a máquina registra uma imagem maravilhosa, que ganha inúmeros prêmios. Neste caso, atribuir a foto a Slater não viola nossa intuição de autoria, ainda que o episódio possa ser descrito como uma obra do acaso e não o resultado de uma ação voluntária.

A questão prática aqui é saber se o "selfie" da macaca está mais para o caso do fotógrafo que usa a máquina de outro profissional ou para o golpe de sorte. E é aqui que as coisas vão ficando complicadas. Fazê-lo implica não só decidir quanta consciência devemos atribuir à símia mas também até que ponto estamos dispostos a admitir que nossas vidas são determinadas pelo aleatório. E humanos, por razões evolutivas, temos verdadeira alergia ao fortuito. Não foi por outro motivo que inventamos tantos panteões de deuses.

(Hélio Schwartsman, Folha de S. Paulo, 09/08/2014)

Na passagem “Obviamente ela transcende à propriedade do equipamento”, o emprego do sinal indicador de crase é

a) inadequado, pois o termo regido é um substantivo que rejeita a presença de um artigo definido.

b) obrigatório, pois contém a junção da preposição “a” com o artigo “a” antecedendo um adjetivo feminino.

c) equivocado, pois o termo regente é transitivo direto, dispensando a preposição obrigatória.

d) facultativo, pois o verbo “transcender” pode ser regido ou não de preposição, sem que haja alterações semânticas.

e) necessário, pois tem a função de sinalizar uma pronúncia alongada que ressalta a fusão da preposição com o artigo.

Comentários: O uso da crase neste caso é facultativo, pois o verbo “transcender” pode tanto ser construído de maneira transitiva direta quanto indireta. Portanto, a alternativa correta é a alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois “propriedade” é palavra feminina, não apresentando impedimento para o uso de crase.

A alternativa B está incorreta, pois o termo que antecede é um substantivo, não adjetivo. Lembre-se que apenas substantivos ou palavras substantivadas admitem artigo.

A alternativa C está incorreta, pois “transcender” admite ambas as formas.

A alternativa E está incorreta, pois não há necessariamente uma pronúncia alongada na crase.

Gabarito: D

---

18. (UNESP - 2015)

Assinale a alternativa em que o trecho, extraído de *Ciência Hoje* (http://cienciahoje.uol.com.br), está correto quanto à concordância, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

a) Segundo a maioria dos cientistas, a agricultura e a própria segurança hídrica do Brasil serão beneficiados, caso o país faça uma importante lição de casa: cuidar das nascentes e preservar as florestas, pois elas têm papel essencial na conservação e na purificação das águas.

b) Segundo a maioria dos cientistas, a agricultura e a própria segurança hídrica do Brasil será beneficiada, caso o país faça uma importante lição de casa: cuidar das nascentes e preservar as florestas, pois elas tem papel essencial na conservação e na purificação das águas.

c) Segundo a maioria dos cientistas, a agricultura e a própria segurança hídrica do Brasil serão beneficiadas, caso o país faça uma importante lição de casa: cuidar das nascentes e preservar as florestas, pois elas têm papel essencial na conservação e na purificação das águas.

d) Segundo a maioria dos cientistas, a agricultura e a própria segurança hídrica do Brasil será beneficiado, caso o país faça uma importante lição de casa: cuidar das nascentes e preservar as florestas, pois elas tem papel essencial na conservação e na purificação das águas.

Comentários: Apesar de apresentar textos longos, o erro a ser encontrado na questão está na oração "Segundo a maioria dos cientistas, a agricultura e a própria segurança hídrica do Brasil serão beneficiadas, caso o país faça uma importante lição de casa (...)".

A alternativa correta é a alternativa C, pois tanto a concordância verbal quanto a nominal estão adequadas. Os termos centrais da oração são "agricultura" e "segurança", portanto, o verbo deve estar no plural. Para que não haja ambiguidade, o adjetivo está no plural. Assim fica claro que ele se refere aos dois termos, e não apenas ao mais próximo a ele.

A alternativa A está incorreta, pois o adjetivo "beneficiados" está no masculino, o que é errado dado que os dois termos centrais estão no feminino.

A alternativa B está incorreta, pois o verbo "será" está no singular, o que faz com que ele aparente se referir apenas ao termo mais próximo.

A alternativa D está incorreta, pois o verbo "será" está no singular, o que faz com que ele aparente se referir apenas ao termo mais próximo e o adjetivo "beneficiado" está no masculino singular, o que é errado dado há dois termos centrais no feminino.

Gabarito: C

---

19. (FGV - 2015)

Pela tarde apareceu o Capitão Vitorino. Vinha numa burra velha, de chapéu de palha muito alvo, com a fita verde- -amarela na lapela do paletó. O mestre José Amaro estava sentado na tenda, sem trabalhar. E quando viu o compadre alegrou-se. Agora as visitas de Vitorino faziam-lhe bem. Desde aquele dia em que vira o compadre sair com a filha para o Recife, fazendo tudo com tão boa vontade, que Vitorino não lhe era mais o homem infeliz, o pobre bobo, o sem-vergonha, o vagabundo que tanto lhe desagradava. Vitorino apeou-se para falar do ataque ao Pilar. Não era amigo de Quinca Napoleão, achava que aquele bicho vivia de roubar o povo, mas não aprovava o que o capitão fizera com a D. Inês.

– Meu compadre, uma mulher como a D. Inês é para ser respeitada.

– E o capitão desrespeitou a velha, compadre?

– Eu não estava lá. Mas me disseram que botou o rifle em cima dela, para fazer medo, para ver se D. Inês lhe dava a chave do cofre. Ela não deu. José Medeiros, que é homem, borrou-se todo quando lhe entrou um cangaceiro no estabelecimento. Me disseram que o safado chorava como bezerro desmamado. Este cachorro anda agora com o fogo da força da polícia fazendo o diabo com o povo.

(José Lins do Rego, *Fogo Morto*)

Sem que haja alteração de sentido do texto, assinale a alternativa correta quanto à regência verbal.

a) Quando o Capitão Vitorino chegou na sua casa, Mestre José Amaro foi cumprimentar-lhe.

b) Mestre José Amaro lembrou-se que tinha desfeito a imagem de Vitorino como um bobo.

c) A forma solícita como Vitorino tratou a filha vinha de encontro à imagem dele como pobre bobo.

d) Vitorino não se simpatizava de Quinca Napoleão e lhe desaprovava o que fizera a D. Inês.

e) Vitorino não era amigo de Quinca Napoleão, pensava de que ele vivia de roubar o povo.

Comentários: "vir de encontro" é uma expressão que significa "ser contrário". É diferente da expressão "vir ao encontro" que significa "ir em direção a algo". Por isso, nesse caso, a regência está correta, já que há uma quebra de expectativa: a ação de Vitorino foi contrária ao esperado. Por isso, a alternativa correta é Alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois a regência do verbo "chegar" se faz com preposição "a" nesse caso, não "em" (na = em + a)

A alternativa B está incorreta, pois a regência do verbo "lembrar" se faz com preposição "de" nesse caso, e na oração está sem preposição alguma.

A alternativa D está incorreta, pois a regência do verbo "simpatizar" se faz sem preposição nesse caso.

A alternativa E está incorreta, pois a regência do verbo "pensar" se faz sem preposição nesse caso.

Gabarito: C

---

20. (FUVEST - 2014)

O senão do livro

Começo a arrepender-me deste livro. Não que ele me canse; eu não tenho que fazer; e, realmente, expedir alguns magros capítulos para esse mundo sempre é tarefa que distrai um pouco da eternidade. Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica; vício grave, e aliás ínfimo, porque o maior defeito deste livro és tu, leitor. Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direita e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem...

E caem! – Folhas misérrimas do meu cipreste, heis de cair, como quaisquer outras belas e vistosas; e, se eu tivesse olhos, dar-vos-ia uma lágrima de saudade. Esta é a grande vantagem da morte, que, se não deixa boca para rir, também não deixa olhos para chorar... Heis de cair.

(Machado de Assis, **Memórias póstumas de Brás Cubas**).

No contexto, a locução "Heis de cair", na última linha do texto, exprime:

a) resignação ante um fato presente.

b) suposição de que um fato pode vir a ocorrer.

c) certeza de que uma dada ação irá se realizar.

d) ação intermitente e duradoura.

e) desejo de que algo venha a acontecer.

Comentários

Alternativa "a": incorreta. Antes pessimismo que resignação. No conjunto da obra, Brás Cubas fracassa, não consegue realizar nada em sua vida, daí o capítulo das negativas. Ele não renuncia nem se submete nada, apenas se deixar ser levado pela vida.

Alternativa "b": incorreta. Cuidado: o tempo utilizado é futuro do indicativo, e não subjuntivo, para indicar incerteza ou suposição.

Alternativa "c": correta – gabarito. Se essa ação irá se realizar, com a ideia de certeza e também de futuro, é isso o que a locução verbal "heis de", no caso "heis de cair" denota.

Alternativa "d": incorreta. A ação não é contínua, ela tem um tempo certo para acontecer: futuro.

Alternativa "e": incorreta. Se fosse desejo, o modo verbal mais adequado para representá-lo seria o subjuntivo.

Gabarito: "c".

---

21. (UNIFESP – 2014)

A sensível

Foi então que ela atravessou uma crise que nada parecia ter a ver com sua vida: uma crise de profunda piedade. A cabeça tão limitada, tão bem penteada, mal podia suportar perdoar tanto. Não podia olhar o rosto de um tenor enquanto este cantava alegre – virava para o lado o rosto magoado, insuportável, por piedade, não suportando a glória do cantor. Na rua de repente comprimia o peito com as mãos enluvadas – assaltada de perdão. Sofria sem recompensa, sem mesmo a simpatia por si própria.

Essa mesma senhora, que sofreu de sensibilidade como de doença, escolheu um domingo em que o marido viajava para procurar a bordadeira. Era mais um passeio que uma necessidade. Isso ela sempre soubera: passear. Como se ainda fosse a menina que passeia na calçada. Sobretudo passeava muito quando "sentia" que o marido a enganava. Assim foi procurar a bordadeira, no domingo de manhã. Desceu uma rua cheia de lama, de galinhas e de crianças nuas – aonde fora se meter! A bordadeira, na casa cheia de filhos com cara de fome, o marido tuberculoso – a bordadeira recusou-se a bordar a toalha porque não gostava de fazer ponto de cruz! Saiu afrontada e perplexa. “Sentia-se” tão suja pelo calor da manhã, e um de seus prazeres era pensar que sempre, desde pequena, fora muito limpa. Em casa almoçou sozinha, deitou-se no quarto meio escurecido, cheia de sentimentos maduros e sem amargura. Oh pelo menos uma vez não “sentia” nada. Senão talvez a perplexidade diante da liberdade da bordadeira pobre. Senão talvez um sentimento de espera. A liberdade.

(Clarice Lispector. Os melhores contos de Clarice Lispector, 1996.)

A alternativa em que o enunciado está de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa e coerente com o sentido do texto é:

a) A senhora, pensando na recusa da bordadeira, não sabia se a perdoaria, mas achava melhor esquecer daquilo.

b) Ao descer pela rua cheia de lama, a senhora se perguntava aonde é que estava, confusa no lugar que caminhava.

c) Era comum de que a senhora, distraída com sua sensibilidade, fosse roubada, o que lhe fazia levar as mãos ao peito em sinal de inquietação.

d) A senhora, quando se dispôs a ir à bordadeira, esperava que esta não lhe recusasse o trabalho solicitado.

e) A senhora gostava muito de passear, embora tivesse ainda a impressão que era menina passeando pela calçada.

Comentários: A alternativa que não apresenta incorreções quanto à regência é a alternativa D.

A alternativa A este incorreta, pois o verbo “esquecer”, nesse caso, exige a presença do pronome reflexivo “-se”.

Portanto, a frase correta é “(...) mas achava melhor esquecer-se daquilo. Veremos melhor a regência verbal a seguir.

A alternativa B este incorreta, pois “onde” não admite a contração com a preposição “a” (aonde), nesse caso.

Portanto, a frase correta é “a senhora se perguntava onde é que estava”.

A alternativa C este incorreta, pois “comum” não admite preposição “de”.

Portanto, a frase correta é “Era comum que a senhora”

A alternativa E este incorreta, pois “ter a impressão” demanda preposição “de.

Portanto, a frase correta é “embora tivesse ainda a impressão de que era menina”.

Gabarito: D

---

22. (UNESP- 2013)

Considere a passagem da crônica O pai, hoje e amanhã, de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987).

A civilização industrial, entidade abstrata, nem por isso menos poderosa, encomendou à ciência aplicada a execução de um projeto extremamente concreto: a fabricação do ser humano sem pais.

A ciência aplicada faz o possível para aviar a encomenda a médio prazo. Já venceu a primeira etapa, com a inseminação artificial, que, de um lado, acelera a produtividade dos rebanhos (resultado econômico) e, de outro, anestesia o sentimento filial (resultado moral).

O ser humano concebido por esse processo tanto pode considerar- se filho de dois pais como de nenhum. Em fase mais evoluída, o chamado bebê de proveta dispensará a incubação em ventre materno, desenvolvendo-se sob condições artificiais plenamente satisfatórias. Nenhum vínculo de memória, gratidão, amor, interesse, costume – direi mesmo: de ressentimento ou ódio – o ligará a qualquer pessoa responsável por seu aparecimento. O sêmen, anônimo, obtido por masturbação profissional e recolhido ao banco especializado, por sua vez cederá lugar ao gerador sintético, extraído de recursos da natureza vegetal e mineral. Estará abolida, assim, qualquer participação consciente do homem e da mulher no preparo e formação de uma unidade humana. Esta será produzida sob critérios políticos e econômicos tecnicamente estabelecidos, que excluem a inútil e mesmo perturbadora intromissão do casal. Pai? Mito do passado.

Aparentemente, tal projeto parece coincidir com a tendência, acentuada nos últimos anos, de se contestar a figura tradicional do pai. Eliminando-se a presença incômoda, ter-se-ia realizado o ideal de inúmeros jovens que se revoltam contra ela – o pai de família e o pai social, o governo, a lei – e aspiram à vida isenta de compromissos com valores do passado.

Julgo ilusória esta interpretação. O projeto tecnológico de eliminação do pai vai longe demais no caminho da quebra de padrões. A meu ver, a insubmissão dos filhos aos pais é fenômeno que envolve novo conceito de relações, e não ruptura de relações.

(De notícias e não notícias faz-se a crônica, 1975.)

“[...] e aspiram à vida isenta de compromissos com valores do passado.”

Na frase apresentada, a colocação do acento grave sobre o “a” informa que

a) o “a” deve ser pronunciado com alongamento, já que se trata de dois vocábulos, um pronome átono e uma preposição, representados por uma só letra.

b) o “a”, por ser pronome átono, deve ser sempre colocado após o verbo, em ênclise, e pronunciado como um monossílabo tônico.

c) o verbo “aspirar”, na regência em que é empregado, solicita a preposição “a”, que se funde com o artigo feminino “a”, caracterizando uma ocorrência de crase.

d) o “a”, como artigo definido, é um monossílabo átono, e o acento grave tem a finalidade de sinalizar ao leitor essa atonicidade.

e) o termo “de compromissos com valores do passado” exerce a função de adjunto adverbial de “isenta”.

Comentários: A alternativa correta é alternativa C, pois ela apresenta a descrição gramatical perfeita da crase.

A alternativa A está incorreta, pois não há necessidade de prolongamento do som na crase.

A alternativa B está incorreta, pois "à" não é um pronome átono.

A alternativa D está incorreta, pois o que forma a crase é a união da preposição "a" e do artigo "a".

A alternativa E está incorreta, pois a configuração exposta não interferiria em nada na formação da crase.

Gabarito: C

---

23. (UNESP – 2014)

Considere a passagem do romance Água-Mãe, de José Lins do Rego (1901-1957).

Água-Mãe

Jogava com toda a alma, não podia compreender como um jogador se encostava, não se entusiasmava com a bola nos pés. Atirava-se, não temia a violência e com a sua agilidade espantosa, fugia das entradas, dos pontapés. Quando aquele back, num jogo de subúrbio, atirou-se contra ele, recuou para derrubá-lo, e com tamanha sorte que o bruto se estendeu no chão, como um fardo. E foi assim crescendo a sua fama. Aos poucos se foi adaptando ao novo Joca que se formara nos campos do Rio. Dormia no clube, mas a sua vida era cada vez mais agitada. Onde quer que estivesse, era reconhecido e aplaudido. Os garçons não queriam cobrar as despesas que ele fazia e até mesmo nos ônibus, quando ia descer, o motorista lhe dizia sempre:

— Joca, você aqui não paga.

No primeiro parágrafo, predominam verbos empregados no

a) pretérito perfeito do modo indicativo.
b) pretérito imperfeito do modo indicativo.
c) presente do modo indicativo.
d) presente do modo subjuntivo.
e) pretérito mais-que-perfeito do modo indicativo.

Comentários: Percebe-se pela terminação da maioria dos verbos que a predominância é do pretérito imperfeito do indicativo. A terminação "-ava" é característica desse tempo verbal na 1ª conjugação ("jogava", "encostava", "entusiasmava"); "-ia" nas 2ª e 3ª conjugação ("podia", "fugia", "dormia"). Por isso, a alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois só há aparecimento de pretérito perfeito do indicativo em "atirou-se", "recuou", "se estendeu", "foi crescendo" e "se foi adaptando".

A alternativa C está incorreta, pois só há aparecimento de presente do indicativo em "paga".

A alternativa D está incorreta, pois não há o aparecimento desse tempo verbal no texto.

A alternativa E está incorreta, pois só há aparecimento de pretérito mais-que-perfeito do indicativo em “formara”.

Gabarito: B

---

24. (UNIFESP - 2013)

O Hatha yoga pradipika, sagrada escritura do hatha yoga, escrita no século 15 da era atual, diz que, antes de nos aventurarmos na prática de austeridade e códigos morais, devemos nos preparar. Autocontrole e disciplina sem preparação adequada _____________ criar mais problemas mentais e de personalidade do que paz de espírito. A beleza dessa escritura é que ela resolve o grande problema que todo iniciante enfrenta: dominar a mente.

Devido ____________ abordagem corporal, o hatha yoga ficou conhecido – de modo equivocado – como uma categoria de ioga ____________ trabalha apenas as valências físicas (força, flexibilidade, resistência, equilíbrio e outras), quase como ginástica oriental. Isso não é verdade.

(Ciência Hoje, julho de 2012. Adaptado.)

De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, as lacunas do texto devem ser preenchidas, respectivamente, com

a) pode – a essa – aonde.

b) podem – a essa – que.

c) pode – à essa – o qual.

d) podem – essa – com que.

e) pode – essa – onde.

Comentários:

A primeira lacuna deve ser completada com “podem”, pois há dois termos centrais a que o verbo se refere: “autocontrole” e “disciplina”. A oração ficaria, então “Autocontrole e disciplina sem preparação adequada pode criar mais problemas mentais”

A segunda lacuna deve ser completada com “a essa”, pois “devido” exige preposição “a”, mas como a palavra “essa” não é precedida de artigo, não há uso de crase. A oração ficaria, então “Devido a essa abordagem corporal (...)”.

A terceira lacuna deve ser completada com “que”. É a única alternativa que compreende um pronome relativo que pode se referir a um termo feminino (categoria de ioga). A oração ficaria, então “como uma categoria de ioga que trabalha apenas as valências físicas”.

Gabarito: B

---

25. (UFSC – 2013)

Marque a única frase em que a concordância nominal aparece de maneira inadequada.

a) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçada.

b) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçados.

c) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçadas.

d) Obrigava sua corpulência a forçado exercício e evolução.

e) Obrigava sua corpulência a forçada evolução e exercício.

Comentários: A alternativa C obedece às duas regras principais para essa construção: o uso do plural, já que o adjetivo se refere a mais de um termo; e a concordância com o termo mais próxima, que é a construção preferida nesse caso.

A alternativa A está incorreta, pois como há mais de um termo central, é preciso que “forçadas” esteja no plural,

A alternativa B está incorreta, pois é preciso que haja concordância de gênero com o termo mais próximo, portanto, que “forçadas” esteja no feminino.

A alternativa D está incorreta, pois não faz uso do plural. Com o adjetivo anteposto, a construção correta seria “forçados”.

A alternativa E este incorreta, pois não concorda em gênero com o termo mais próximo. Deveria aparecer no masculino.

Gabarito: C

---

26. (UNESP - 2013)

Considere dois trechos de um artigo de Alexandre Oliva sobre a importância do uso de *software* na educação.

Software Livre, isto é, software que respeita as liberdades dos usuários de executar o software para qualquer propósito, de estudar o código fonte do software e adaptá-lo para que faça o que o usuário deseje, de fazer e distribuir cópias do software, e de melhorá-lo e distribuir as melhorias, permite que pessoas usem computadores sem abrir mão de serem livres e independentes, sem aceitar condições que os impeçam de obter ou criar conhecimento desejado.

Software que priva o usuário de qualquer dessas liberdades não é Livre, é privativo, e mantém usuários divididos, dependentes e impotentes. Não é uma questão técnica, não tem nada a ver com preço nem com a tarefa prática desempenhada pelo software. Um mesmo programa de computador pode ser Livre para alguns usuários e não-Livre para outros, e tanto os Livres quanto os privativos podem ser grátis ou não. Mas além do conhecimento que foram projetados para transmitir, um deles ensinará liberdade, enquanto o outro ensinará servidão.

[...]

Se o usuário depender de permissão do desenvolvedor do software para instalá-lo ou utilizá-lo num computador qualquer, o desenvolvedor que decida negá-la, ou exija contrapartida para permiti-la, efetivamente terá controle sobre o usuário. Pior ainda se o software armazenar informação do usuário de maneira secreta, que somente o fornecedor do software saiba decodificar: ou o usuário paga o resgate imposto pelo fornecedor, ou perde o próprio conhecimento que confiou ao seu controle. Seja qual for a escolha, restarão menos recursos para utilizar na educação.

Ter acesso negado ao código fonte do programa impede o educando de aprender como o software funciona. Pode parecer pouco, para alguém já acostumado com essa prática que pretende também controlar e, por vezes, enganar o usuário: de posse do código fonte, qualquer interessado poderia perceber e evitar comportamento indesejável, inadequado ou incorreto do software. Através dessa imposição de impotência, o fornecedor cria um monopólio sobre eventuais adaptações ao software: só poderão ser desenvolvidas sob seu controle. Pior ainda: cerceia a curiosidade e a criatividade do educando. Crianças têm uma curiosidade natural para saber como as coisas funcionam. Assim como desmontam um brinquedo para ver suas entranhas, poderiam querer entender o software que utilizam na escola. Mas se uma criança pedir ao professor, mesmo o de informática, que lhe ensine como funciona um determinado programa privativo, o professor só poderá confessar que é um segredo guardado pelo fornecedor do software, que a escola aceitou não poder ensinar ao aluno. Limites artificiais ao que os alunos poderão almejar descobrir ou aprender são a antítese da educação, e a escolha de modelos de negócio de software baseados numa suposta necessidade de privação e controle desse conhecimento não deve ser incentivada por ninguém, muito menos pelo setor educacional.

(Alexandre Oliva. Software privativo é falta de educação.http://revista.espiritolivre.org)

[...] cerceia a curiosidade e a criatividade do educando.

A forma verbal cerceia, nesta frase do último parágrafo, significa:

a) contamina.

b) reforça.

c) restringe.

d) cerca.

e) estimula.

Comentários: O período completo a ser analisado é “Através dessa imposição de impotência, o fornecedor cria um monopólio sobre eventuais adaptações ao software: só poderão ser desenvolvidas sob seu controle. Pior ainda: **cerceia** a curiosidade e a criatividade do educando.”

Observando o contexto, pode-se ver que a palavra em a ver com controle. Assim, é preciso encontrar um sinônimo que mantenha essa ideia. A melhor alternativa é “restringe”, alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois “contaminar” significa “infectar”, o que não mantém a ideia de controle.

A alternativa B está incorreta, pois “reforçar” significa “intensificar”, o que não mantém a ideia de controle.

A alternativa D está incorreta, pois “cercar” significa “circundar”, “andar em torno”, o que não mantém a ideia de controle.

A alternativa E está incorreta, pois “estimular” significa “incentivar”, o que não mantém a ideia de controle.

Gabarito: C

---

27. (UNIFESP - 2012)

Mato, grosso até quando?

Em agosto de 2005, quando os astronautas do ônibus espacial Discovery retornaram à Terra, a comandante Eileen Collins chamou a atenção para o ritmo acelerado do desmatamento no planeta, facilmente observado do espaço. (...)

O Brasil destaca-se nesse cenário tanto por ter a maior floresta tropical do mundo quanto por ser líder mundial em desmatamento. O agronegócio, a exploração madeireira irracional e a especulação fundiária são as causas desse processo. Entre os estados, o Mato Grosso responde por quase 50% do desmatamento anual na Amazônia brasileira. A julgar pelo que ocorre no presente, as projeções apontam para um cenário ambientalmente catastrófico para esse estado, que chegará a 2020 com menos de 23% da sua cobertura florestal original.

(Ciência Hoje, vol. 42, n.º 248, maio de 2008. Adaptado.)

Leia as frases.

I. Antes de o ônibus espacial Discovery chegar na Terra, a comandante Eileen Collins chamou a atenção para o ritmo acelerado do desmatamento no planeta.

II. O desmatamento no Brasil ocorre devido o agronegócio, a exploração madeireira irracional e a especulação fundiária.

III. Segundo as projeções, existem possibilidades de que haja um cenário ambientalmente catastrófico para o estado de Mato Grosso.

Com base nos princípios de regência, está correto o contido em

a) I, apenas.
b) III, apenas.
c) I e II, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, II e III.

Comentários:

A frase I. está incorreta, pois o verbo “chegar”, nesse caso (em que indica destino, ou seja, onde se chega) é acompanhado de preposição “a”. A frase deveria ser “Antes de o ônibus espacial Discovery chegar a Terra (...)”.

A frase II. está incorreta, pois "devido" exige preposição "a". A frase deveria ser A frase deveria ser "O desmatamento no Brasil ocorre devido ao agronegócio, à exploração madeireira irracional e à especulação fundiária".

A frase III. está correta, tanto em regência quanto concordância.

Gabarito: B

---

28. (FUVEST – 2012)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

1 Não era e não podia o pequeno reino lusitano ser uma potência colonizadora à feição da antiga Grécia. O surto marítimo que enche sua história do século XV não resultara do extravasamento de nenhum excesso de população, mas fora apenas provocado por uma burguesia comercial sedenta de lucros, e que não encontrava no reduzido território pátrio satisfação à sua 5 desmedida ambição. A ascensão do fundador da Casa de Avis ao trono português trouxe esta burguesia para um primeiro plano. Fora ela quem, para se livrar da ameaça castelhana e do poder da nobreza, representado pela Rainha Leonor Teles, cingira o Mestre de Avis com a coroa lusitana. Era ela, portanto, quem devia merecer do novo rei o melhor das suas atenções. Esgotadas as possibilidades do reino com as pródigas dádivas reais, restou apenas o recurso da expansão 10 externa para contentar os insaciáveis companheiros de D. João I.

Caio Prado Júnior, **Evolução política do Brasil**. Adaptado.

No contexto, o verbo "enche" (L. 2) indica

a) habitualidade no passado.

b) simultaneidade em relação ao termo "ascensão".

c) ideia de atemporalidade.

d) presente histórico.

e) anterioridade temporal em relação a "reino lusitano".

Comentários

É uma pergunta sobre o passado histórico, inclusive, é esse o gabarito.. O passado histórico é quando usamos o presente do indicativo para representar fatos históricos.

O verbo "encher" pode denotar preencher, corresponder. Porém, aqui, ele não está no seu sentido denotativo, o que também não significa dizer que está no sentido conotativo, literário, figurativo. É um pouco da mistura dos dois.

Alternativa "a": incorreta. Não se trata de hábito, pois é definido um tempo específico – o século XV.

Alternativa "b": incorreta. Não há simultaneidade, porque não há correlação entre os verbos: "enche" está no presente histórico, "resultara" no pretérito mais-que-perfeito e "trouxe" no pretérito perfeito, por exemplo.

Alternativa "c": incorreta. Não se trata de atemporalidade (fora de qualquer tempo, até porque ele determina e contextualiza um tempo específico – o século XV).

Alternativa “d”: correta – gabarito. Agora, faz sentido o presente ser histórico (passado)? No contexto, faz. Acontece que o autor se refere àquilo que se passava no século XV, no presente daquela época histórica, que preenchia o cenário dessa época histórica específica.

Alternativa “e”: incorreta. Essa opção pressupõe uma defasagem temporal, que um é anterior a outros. O reino lusitano acontecia paralelamente ao século XV.

Gabarito: “d”.

---

29. (FUVEST – 2012)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

RECEITA DE MULHER

As muito feias que me perdoem
Mas beleza é fundamental. É preciso
Que haja qualquer coisa de flor em tudo isso
Qualquer coisa de dança, qualquer coisa de *haute couture**
Em tudo isso (ou então
Que a mulher se socialize elegantemente em azul, como na República Popular Chinesa).
Não há meio-termo possível. É preciso
Que tudo isso seja belo. É preciso que súbito
Tenha-se a impressão de ver uma garça apenas pousada e que um rosto
Adquira de vez em quando essa cor só encontrável no terceiro minuto da aurora.

Vinicius de Moraes.

* “haute couture”: alta costura.

Tendo em vista o contexto, o modo verbal predominante no excerto e a razão desse uso são:

a) indicativo; expressar verdades universais.

b) imperativo; traduzir ordens ou exortações.

c) subjuntivo; indicar vontade ou desejo.

d) indicativo; relacionar ações habituais.

e) subjuntivo; sugerir condições hipotéticas.

Comentários

Vamos destacar os verbos do trecho.

As muito feias **que me perdoem**
Mas beleza **é** fundamental. **É** preciso
Que haja qualquer coisa de flor em tudo isso

Qualquer coisa de dança, qualquer coisa de *haute couture*

Em tudo isso (ou então

Que a mulher se socialize elegantemente em azul, como na República Popular Chinesa).

Não **há** meio-termo possível. **É** preciso

Que tudo isso seja belo. **É** preciso que súbito

Tenha-se a impressão de **ver** uma garça apenas pousada e que um rosto

Adquira de vez em quando essa cor só encontrável no terceiro minuto da aurora.

Quantitativamente, dos 12 verbos do trecho, 6 são no modo subjuntivo, 5 no presente do indicativo e 1 na forma nominal de infinitivo. Logo, 3 alternativas já são eliminadas logo de cara.

Alternativa “a”: incorreta. O modo verbal é subjuntivo.

Alternativa “b”: incorreta. O modo verbal é subjuntivo, sequer existe imperativo no trecho.

Alternativa “c”: correta – gabarito. Todos os subjuntivos se completam com a seguinte ideia: “eu quero que...”; “é preciso que...”.

Alternativa “d”: incorreta. O modo verbal é subjuntivo.

Alternativa “e”: incorreta. Apesar de essa ser a função principal do subjuntivo, aqui, em caráter poético, ele assume uma outra de suas possíveis funções, a de expressar desejos.

Gabarito: “c”.

---

30. (FUVEST - 2011)

[1]Todo o barbeiro é tagarela, e principalmente quando tem pouco que fazer; começou portanto a puxar conversa com o freguês. Foi a sua salvação e fortuna.

O navio a que o marujo pertencia viajava para a [5]Costa e ocupava-se no comércio de negros; era um dos combóis que traziam fornecimento para o Valongo, e estava pronto a largar.

— Ó mestre! disse o marujo no meio da conversa, você também não é sangrador?

[10]— Sim, eu também sangro...

— Pois olhe, você estava bem bom, se quisesse ir conosco... para curar a gente a bordo; morre-se ali que é uma praga.

— Homem, eu da cirurgia não entendo muito...

[15]— Pois já não disse que sabe também sangrar?

— Sim...

— Então já sabe até demais.

No dia seguinte saiu o nosso homem pela barra fora: a fortuna tinha-lhe dado o meio, cumpria sabê-lo [20]aproveitar; de oficial de barbeiro dava um salto mortal a médico de navio negreiro; restava unicamente saber fazer render a nova posição. Isso ficou por sua conta.

Por um feliz acaso logo nos primeiros dias de viagem adoeceram dois marinheiros; chamou-se o [25]médico; ele fez tudo o que sabia... sangrou os doentes, e em pouco tempo estavam bons, perfeitos. Com isto ganhou imensa reputação, e começou a ser estimado.

Chegaram com feliz viagem ao seu destino; tomaram o seu carregamento de gente, e voltaram para [30]o Rio. Graças à lanceta do nosso homem, nem um só negro morreu, o que muito contribuiu para aumentar-lhe a sólida reputação de entendedor do riscado.

Manuel Antônio de Almeida,
Memórias de um sargento de milícias.

Para expressar um fato que seria consequência certa de outro, pode-se usar o pretérito imperfeito do indicativo em lugar do futuro do pretérito, como ocorre na seguinte frase:

a) “era um dos combóis que traziam fornecimento para o Valongo”.

b) “você estava bem bom, se quisesse ir conosco”.

c) “Pois já não disse que sabe também sangrar?”.

d) “de oficial de barbeiro dava um salto mortal a **médico** de navio negreiro”.

e) “logo nos primeiros dias de viagem adoeceram dois marinheiros”.

Comentários: Para responder a questão é preciso observar dois aspectos: orações que estabelecessem relação de causa e consequência entre si; e orações em que fosse possível utilizar pretérito imperfeito no lugar de futuro de pretérito sem prejuízo no significado. Na alternativa B ambos aspectos acontecem: a partícula “se”, tradicionalmente condicional, pressupõe consequência certa (ser bom ir junto é a consequência de aceitar ir); e o verbo da oração que exprime consequência pode ser alterado para o futuro do pretérito (você estaria bem bom).

A alternativa A está incorreta, pois apesar de ser possível substituir o “traziam” pelo “trariam”, não há presença de consequência certa na relação: a oração “que traziam...” caracteriza quem era a personagem: era aquele que traria o fornecimento.

A alternativa C está incorreta, pois os verbos não estão no imperfeito, mas sim no pretérito perfeito e no presente.

A alternativa D está incorreta, pois não há relação de consequência implícita na oração, que apenas expõe a mudança de profissão que ele faria.

A alternativa E está incorreta, pois o verbo está no pretérito perfeito.

Gabarito: B

---

31. (UNIFESP - 2010)

Leia o texto.

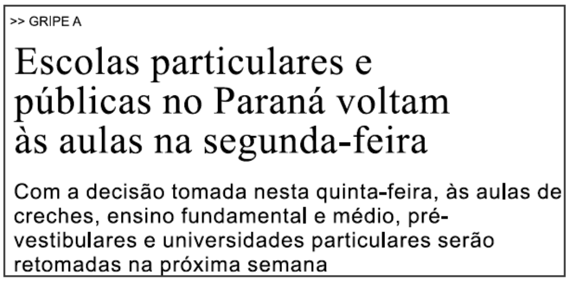

>> GRIPE A

Escolas particulares e públicas no Paraná voltam às aulas na segunda-feira

Com a decisão tomada nesta quinta-feira, às aulas de creches, ensino fundamental e médio, pré-vestibulares e universidades particulares serão retomadas na próxima semana

(Gazeta do Povo, 13.08.2009.)

No texto, há um erro que se corrige com a substituição de

a) voltam por volta.

b) voltam às aulas por voltam as aulas.

c) Com a decisão por Pela decisão.

d) às aulas de creches por as aulas de creches.

e) próxima semana por semana seguinte.

Comentários: O termo "às aulas" está grafado erroneamente. Nesse caso, apenas o artigo "as", sem acento grave, seria a opção correta. Por isso, a alternativa correta é a D.

A alternativa A não apresenta incorreção, pois o verbo está flexionado de maneira correta.

A alternativa B não apresenta incorreção, pois nesse caso, o verbo necessita de preposição, até para que não haja ambiguidades.

A alternativa C não apresenta incorreção, pois já há noção de causa expressa em "com".

A alternativa E não apresenta incorreção, pois não há nenhum problema de compreensão com a construção dada.

Gabarito: D

---

32. (IBMEC - 2007)

Em relação aos verbos, os pronomes átonos podem situar-se em três posições: próclise, mesóclise e ênclise. Indique a alternativa em que a colocação pronominal não está de acordo com a norma culta:

a) Haviam-no procurado por toda parte.

b) Quem nos dará as razões?

c) Recusei a ideia que me apresentaram.

d) Far-lhe-ei um favor.

e) Jamais enganar-te-ia dessa maneira.

Comentários: Apesar da forma verbal ser o futuro do pretérito, "jamais" é uma palavra negativa e isso tem maior valor de atração. Portanto a forma correta seria "Jamais te enganaria dessa maneira".

A alternativa A não apresenta incorreções, pois por terminar em som nasal "m", "haviam" exige que se adicione um "n" antes do pronome.

A alternativa B não apresenta incorreções, pois “quem” é palavra interrogativa, portanto, atrai o pronome.

A alternativa C não apresenta incorreções, pois em orações com conjunção de subordinação, ocorre próclise.

A alternativa D não apresenta incorreções, pois o tempo futuro do pretérito admite mesóclise.

Gabarito: E

---

33. (IME - 2006)

O sobrevivente
Carlos Drummond de Andrade

Impossível compor um poema a essa altura da evolução da humanidade.
Impossível escrever um poema - uma linha que seja - de verdadeira poesia.
O último trovador morreu em 1914.
Tinha um nome de que ninguém se lembra mais.

Há máquinas terrivelmente complicadas para as necessidades mais simples.
Se quer fumar um charuto aperte um botão.
Paletós abotoam-se por eletricidade.
Amor se faz pelo sem-fio.
Não precisa estômago para digestão.

Um sábio declarou a O Jornal que ainda falta
muito para atingirmos um nível razoável de
cultura. Mas até lá, felizmente, estarei morto.

Os homens não melhoram
e matam-se como percevejos.
Os percevejos heroicos renascem.
Inabitável, o mundo é cada vez mais habitado.
E se os olhos reaprendessem a chorar seria um segundo dilúvio.

(Desconfio que escrevi um poema.)

SECCHIN, Antônio Carlos. Antologia temática da poesia brasileira. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, 2004.

Observe o verso:

“Tinha um nome de que ninguém se lembra mais”. (1a estrofe) Assinale a opção que, após a substituição do segundo verbo, possui incorreção na regência verbal.

a) Tinha um nome em que ninguém acredita mais.

b) Tinha um nome que ninguém ouve mais.

c) Tinha um nome de que ninguém fala mais.

d) Tinha um nome a que ninguém confia mais.

Comentários: O verbo "confiar", nesse caso, exige a preposição "em", pois o verbo atua como VTI: Ninguém **confia** mais em um nome. A preposição "a" é utilizada em "confiar" em construções em que o verbo atua como VTDI: Ninguém **confia** algo a alguém.
A alternativa A não apresenta incorreções, pois, nesse caso, "acreditar" exige a preposição "em".
A alternativa B não apresenta incorreções, pois, nesse caso, "ouvir" exige a preposição "de".
A alternativa C não apresenta incorreções, pois, nesse caso, "falar" exige a preposição "de".

Gabarito: D

---

34. (FUVEST - 2001)

A única frase em que as formas verbais estão corretamente empregadas é:

a) Especialistas temem que órgãos de outras espécies podem transmitir vírus perigosos.

b) Além disso, mesmo que for adotado algum tipo de ajuste fiscal imediato, o Brasil ainda estará muito longe de tornar-se um participante ativo do jogo mundial.

c) O primeiro-ministro e o presidente devem ser do mesmo partido, embora nenhum fará a sociedade em que eu acredito.

d) A inteligência é como um tigre solto pela casa e só não causará problema se o suprir de carne e o manter na jaula.

e) O nome secreto de Deus era o princípio ativo da criação, mas dizê-lo por completo equivalia a um sacrilégio, ao pecado de saber mais do que nos convinha.

Comentários

Alternativa "a": incorreta. Se especialistas "temem", isso é uma hipótese, não uma certeza, e o modo que deveria ser utilizado é o subjuntivo.

Alternativa "b": incorreta. O modo verbal deve ser subjuntivo, do verbo irregular ser: "mesmo que seja".

Alternativa "c": incorreta. A conjunção "embora" exige o modo subjuntivo; porém, deve haver correlação de tempo: na primeira oração, o verbo "devem ser" está no presente, logo, deveria ser "embora nenhum faça".

Alternativa "d": incorreta. O certo deveria ser "se o suprisse".

Alternativa "e": correta – gabarito. O certo seria "equivaleria".
Gabarito: "e".

---

35. (FUVEST - 2001)

A única frase que NÃO apresenta desvio em relação à concordância verbal recomendada pela norma culta é:

a) A lista brasileira de sítios arqueológicos, uma vez aceita pela Unesco, aumenta as chances de preservação e sustentação por meio do ecoturismo.

b) Nenhum dos parlamentares que vinham defendendo o colega nos últimos dias inscreveram- se para falar durante os trabalhos de ontem.

c) Segundo a assessoria, o problema do atraso foi resolvido em pouco mais de uma hora, e quem faria conexão para outros Estados foram alojados em hotéis de Campinas.

d) Eles aprendem a andar com a bengala longa, o equipamento que os auxilia a ir e vir de onde estiver para onde entender.

e) Mas foram nas montagens do Kirov que ele conquistou fama, especialmente na cena "Reino das Sombras", o ponto alto desse trabalho.

Comentários

Cuidado: a única que não apresenta desvio é a única correta. Todas as outras estão erradas por algum motivo.

Alternativa "a": correta – gabarito. Expressão partitiva pode admitir concordância dupla: tanto com núcleo quanto com o termo partitivo. Poderia ser tanto "a lista brasileira de sítios aumenta" quanto "aumentam".

Alternativa "b": incorreta. O pronome indefinido "nenhum" junto com a expressão de nós admite concordância dupla. O problema é que há um pronome relativo "que", o qual faz com que a concordância obrigatoriamente seja com o núcleo do sujeito, ou seja "nenhum" no singular, bem como "inscreveu-se".

Alternativa "c": incorreta. Se o primeiro termo foi usado no singular, "quem faria", o segundo também deveria estar no singular: "foi alojado".

Alternativa "d": incorreta. O correto seria "de onde estiverem para onde entenderem".

Alternativa "e": incorreta. O correto seria "mas foi nas montagens".
Gabarito: "a".

---

36. (IME - 1996)

Assinale a opção que completa corretamente as lacunas das frases a seguir:

I - Saíram daqui______ pouco, mas voltarão daqui______ pouco, pois moram apenas______dois quilômetros de distância.

II- _______foram suas amigas? _______ estarão agora?

a) há - a - a - Aonde - Onde

b) há - há - à - Onde - Onde

c) há - a - a - Aonde - Aonde

d) a - a - à - Para onde - Por onde

e) a - há - há - Por onde - Aonde

Comentários:

No item I., o primeiro espaço deve-se completar com "há", pois tem sentido de "saíram daqui tem pouco tempo"; o espaço deve-se completar com "a", pois completa a expressão "daqui a pouco"; e o terceiro espaço deve-se completar com "a", pois o verbo "morar", neste caso, pede uso de preposição (sem crase, pois "quilômetros" é palavra masculina.

No item II, o primeiro espaço deve-se completar com "aonde", pois tem sentido de "para onde foram"; e o segundo espaço deve-se completar com "onde", pois neste caso, denota adverbio de lugar.

Gabarito: A

---

37. INÉDITA – Celina Gil

Era hora do almoço. As duas senhoras puseram-se ___ mesa. Aurélia __________ pela sobriedade, que era nela a consequência de temperamento e educação. Não quer isto dizer que fosse dessa espécie de moças papilionáceas que se alimentam do pólen das flores, e para quem o comer é um ato desgracioso e prosaico.

Bem ao contrário, ela sabia que a nutrição dá ___ seiva de beleza, sem a qual as cores desmaiam nas faces e os sorrisos nos lábios, como as efêmeras e pálidas florações de uma roseira ética.

Assim não tinha vergonha ___ comer; e sem vaidade acreditava que o esmalte de seus dentes não era menos gracioso quando eles se triscavam como a crepitação de um colar de pérolas, nem o matiz de seus lábios menos saboroso quando chupavam uma fruta, ou se entreabriam para receber o alimento.

Os termos que completam corretamente as lacunas no texto são, respectivamente:

g) à; distinguia-se; a; de.
h) a; distinguia-se; à; de.
i) à; se distinguia; a; em.
j) a; se distinguia; a; em.
k) à; distinguia-se; à; de.

Comentários:

A primeira lacuna deve ser completada com "à", pois o verbo "por" nesse caso (significando colocar-se em algum lugar) exige preposição "a". A oração, assim, fica "As duas senhoras puseram-se à mesa (...)".

A segunda lacuna deve ser completada com "distinguia-se", pois o conectivo "pela" atrai o pronome átono para perto de si. A oração, assim, fica "Aurélia distinguia-se pela sobriedade".

A terceira lacuna deve ser completada com "a", pois, nesse caso, "dar" comporta-se como transitivo direto, ou seja, não exige preposição. Esse "a" é apenas artigo de "seiva". A oração, assim, fica "(...) ela sabia que a nutrição dá a seiva de beleza".

A quarta lacuna deve ser completada com "de", pois a expressão "sentir vergonha" exige preposição "de". A oração, assim, fica "Assim não tinha vergonha de comer".

Gabarito: A

---

38. INÉDITA – Celina Gil

Leia os trechos a seguir, retirados de São Bernardo, de Graciliano Ramos.

I. Para proceder assim __________ ter independência.

II. Às vezes as ideias não vêm, ou vêm muito numerosas e a folha permanece _____ escrita, como estava na véspera.

III. Os sinais, a idade, a cor, ______ confere.

Os termos que completam corretamente as lacunas no texto são, respectivamente:

a) é necessário; meia; tudo.

b) é necessária; meio; tudo.

c) é necessário; meio; tudo.

d) é necessária; meia; todos

e) é necessário; meio; todos

Comentários:

A primeira lacuna deve ser completada com “é necessário”, pois quando não há uma determinação para a expressão, ela é invariável. Assim, a frase fica “Para proceder assim é necessário ter independência.”
ATENÇÃO: Só concordaria se fosse “A independência é necessária para proceder assim”.
A segunda lacuna deve ser completada com “meio”, pois quando assume valor de advérbio, a palavra é invariável. Assim, a frase fica “a folha permanece meio escrita”.
A terceira lacuna deve ser completada com “tudo”, pois é uma palavra que reúne todos os termos anteriores. O verbo, nesse caso, está no singular, logo a frase deve ser “Os sinais, a idade, a cor, tudo confere.”

Gabarito: C

---

39. INÉDITA – Celina Gil

Leia os trechos a seguir, retirados de Quincas Borba, de Machado de Assis:

I. Quando Sofia pôde arrancar-se de todo à janela, o relógio de baixo _____ nove horas.

II. E, todavia, esse suposto mal é um benefício, não só porque ______ os organismos fracos, incapazes de resistência, como porque _____ lugar à observação, à descoberta da droga curativa.

III. A quantas léguas iria? Nem condor nem águia o ______ dizer.

Os termos que completam corretamente as lacunas no texto são, respectivamente:

a) bateram; elimina; dá; poderiam.

b) batia; elimina; dá; poderia.

c) batia; eliminam; dão; poderiam.

d) bateram; eliminam; dão; poderiam.

e) batia; elimina; dão; poderia

Comentários:

A lacuna do item I. deve ser completada com “batia”, pois o termo que dita a ação, nesse caso, é “relógio”. Portanto, o verbo deve ser no singular. A frase fica, então, “o relógio de baixo batia nove horas”.
ATENÇÃO: cuidado para não confundir com “Bateram nove horas”. O verbo vem no plural quando o termo essencial para a ação for um numeral plural.
As lacunas do item II. devem ser completada com “elimina” e “dá”, pois em expressões “não só ... como...” deve-se utilizar verbos no singular. A frase fica, então, “não só porque elimina os organismos fracos, incapazes de resistência, como porque dá lugar à observação”.
A lacuna do item III. deve ser completada com “poderia”, pois a palavra “nem” em sentido de exclusão, exige verbo no singular. Nesse caso, há sentido de exclusão, pois nenhum dos dois pode dizer. A frase fica, então, “Nem condor nem águia o poderia dizer.”

Gabarito: B

---

40. INÉDITA – Celina Gil

Assinale a alternativa em que a regência nominal está de acordo com a norma culta.

f) O sedentarismo é prejudicial à saúde.

g) Ela tem facilidade em escrever.

h) Tinha amor para com ele.

i) Maria é apegada em filmes.

j) A confiança para com seu pai ficou abalada.

Comentários: A construção “é prejudicial” demanda uso da preposição “a” para explicitar “a que algo é prejudicial”. Portanto, a alternativa A está correta.

A alternativa B está incorreta, pois nesse caso, “facilidade” deve vir acompanhado de “para”: “Ela tem facilidade para escrever.

A alternativa C está incorreta, pois nesse caso, “amor” deve vir acompanhado de “por”: “Tinha amor por ele”.

A alternativa D está incorreta, pois nesse caso, “apegada” deve vir acompanhado de “a”: “Maria é apegada em filmes”.

A alternativa E está incorreta, pois “confiança”, nesse caso, deve vir acompanhado de “em”: “A confiança em seu pai ficou abalada”.

Gabarito: A

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como você percebeu, esse assunto é bastante cobrado. Você deve prestar atenção em muitos detalhes, principalmente **conjugação** e **correlação de tempos e modos**, assuntos bastante recorrentes.

Na próxima aula, veremos mais um tópico de gramática:

Aula 07 – Frase e termos da oração	**- Termos da Oração (sujeito, objeto, adjuntos etc.)**

Até lá, pratique bastante com os exercícios desta aula, para chegar sem dúvidas na próxima aula! Qualquer dúvida estou à disposição no fórum, e-mail ou Instagram!

Prof.ª Celina Gil

/professora.celina.gil

Professora Celina Gil

@professoracelinagil

Versão	Data	Modificações
1	**12/06/2019**	**Primeira versão do texto.**

LÍNGUA AFIADA

LÍNGUA AFIADA!
G ONLIN

O FENÔMENO DA CRASE

Fusão de duas vogais idênticas

Termo que exige uma preposição

Termo feminino que admite artigo

_______ a a _________

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

Vi a praia.	**Fui a praia.**

Emprestei um livro a uma professora
Emprestei um livro a professora de artes
Emprestei um livro a essa professora
Emprestei um livro a cada professora.

→ Ele foi fiel a ideologia do partido.
→ Os pesquisadores dedicaram um estudo sobre games a um conjunto de pessoas idosas.
→ Eles são contrários a lei de Deus.
→ Ela foi promovida a rainha.
→ Não é preciso agarrar-se a nenhuma teoria
→Aumentou no DF o roubo a pessoas.
→ Comprei aquele livro.
→Refiro-me aquele livro.
→ Entreguei o livro a melhor aluna da turma.

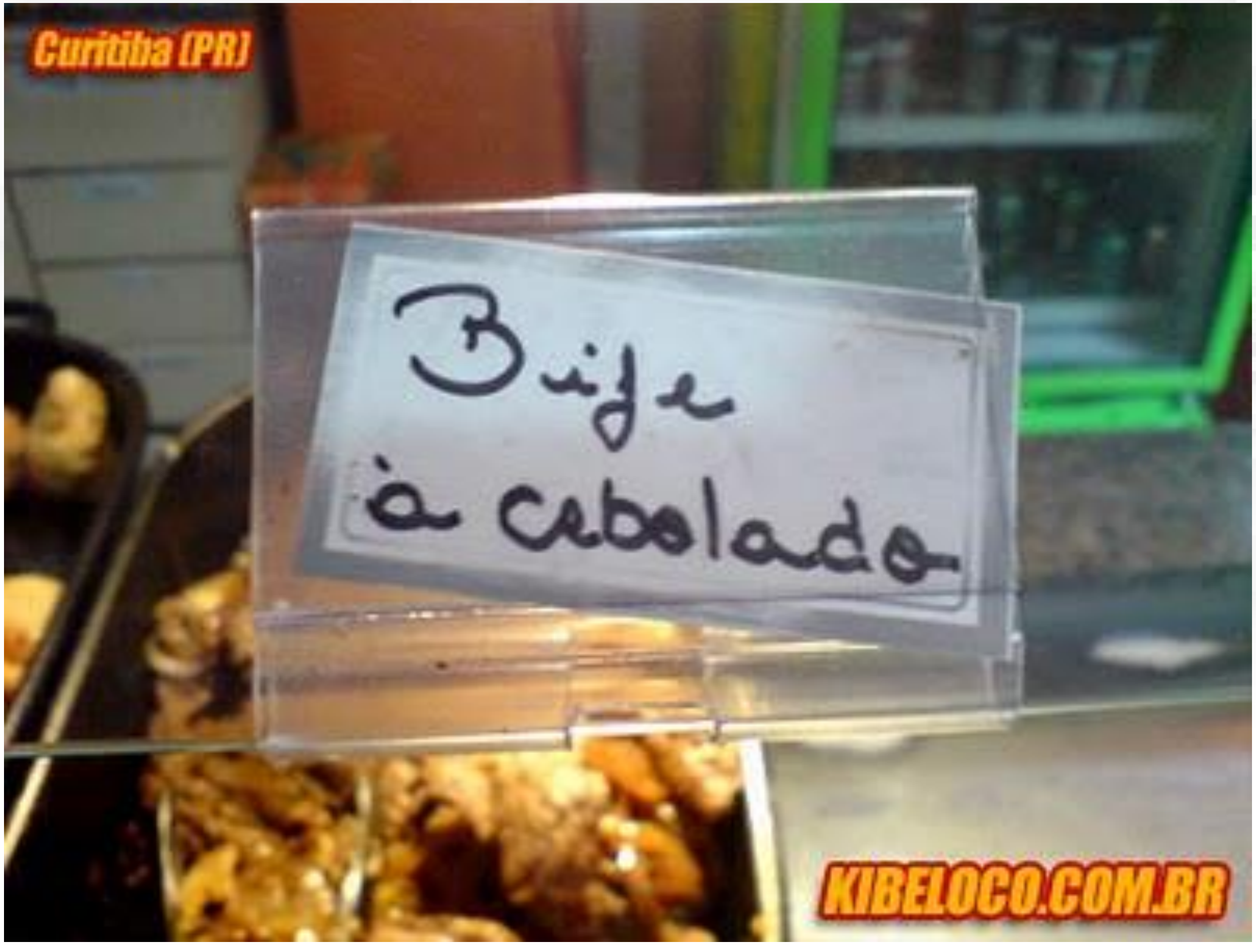
Curitiba (PR)
Bife
à cebolada
KIBELOCO.COM.BR

COMO AS BANCAS COBRAM???????

1. **POSSIBILIDADES DE REESCRITURA**
2. **QUANDO SE DEVE USAR ACENTO GRAVE?**
3. **MARQUE O ACENTO GRAVE CORRETO!**
4. **PREENCHA A LACUNA!**
5. **JUSTIFICATIVA PARA A CRASE**

1. POSSIBILIDADES DE REESCRITURA

FCC... e chegou à conclusão de que o funcionário passou o dia inteiro tomando café.
e chegou à uma conclusão totalmente inesperada.
e chegou então à tirar conclusões precipitadas.
e chegou à tempo de ouvir as conclusões finais.
e chegou finalmente à inevitável conclusão.
e chegou à conclusões as mais disparatadas.

VUNESP
a) O medo pode levar à alteração do sistema imunológico.
b) O efeito placebo e o efeito nocebo remetem à um mesmo fenômeno.
c) O paciente pode chegar à resistir ao tratamento se não for bem orientado.
d) O estresse pode conduzir o corpo à algumas situações inusitadas.
e) O médico deve evitar expor o paciente à qualquer situação de desconforto.

2. QUANDO SE DEVE USAR ACENTO GRAVE?

CESGRANRIO

O uso do sinal indicativo da crase é obrigatório em:

a) A metrópole exerce influência social e administrativa sobre a maioria das cidades da região.

b) Cada vez mais, os moradores têm acesso a bens de consumo como eletrodomésticos e celulares.

c) Nas grandes cidades, o crescimento populacional é sempre aliado a índices econômicos altos.

d) O governo precisa investir na saúde para corresponder a expectativa da população.

e) O planejamento familiar é necessário para não levar o mundo a uma situação insustentável

3. MARQUE O ACENTO GRAVE CORRETO

VUNESP: Assinale a alternativa em que o acento indicativo de crase está empregado corretamente.

a) A combinação de vidro e concreto armado é comum à praticamente toda a obra de Niemeyer.

b) No ano passado, Niemeyer falou à vários estudantes de arquitetura.

c) Em Belo Horizonte, fomos à uma igreja projetada por Niemeyer.

d) Niemeyer sempre procurava integrar suas construções à paisagem local.

e) Darcy Ribeiro chegou à atribuir ao arquiteto o título de "único gênio" do Brasil.

3. MARQUE O ACENTO GRAVE CORRETO

CESPE -

Assinale a opção em que foram atendidas as regras de emprego ou de omissão do sinal indicativo de crase.

a) A escolha de ser professor é comparável a ação de colocar a cabeça dentro da boca de um leão.

b) Com relação a constante necessidade de atualização, o professor manifestou seu desagrado ao diretor da escola.

c) Perguntaram àquela professora se ela iria mesmo colocar a cabeça dentro da boca de um leão.

d) Devido a rachadura abaixo de uma das janelas, à frente da escola havia sido totalmente restaurada.

e) Naquela escola, o professor experimentou a incrível sensação de transmitir conhecimento útil à pessoas em formação.

3. MARQUE O ACENTO GRAVE CORRETO

IBFC

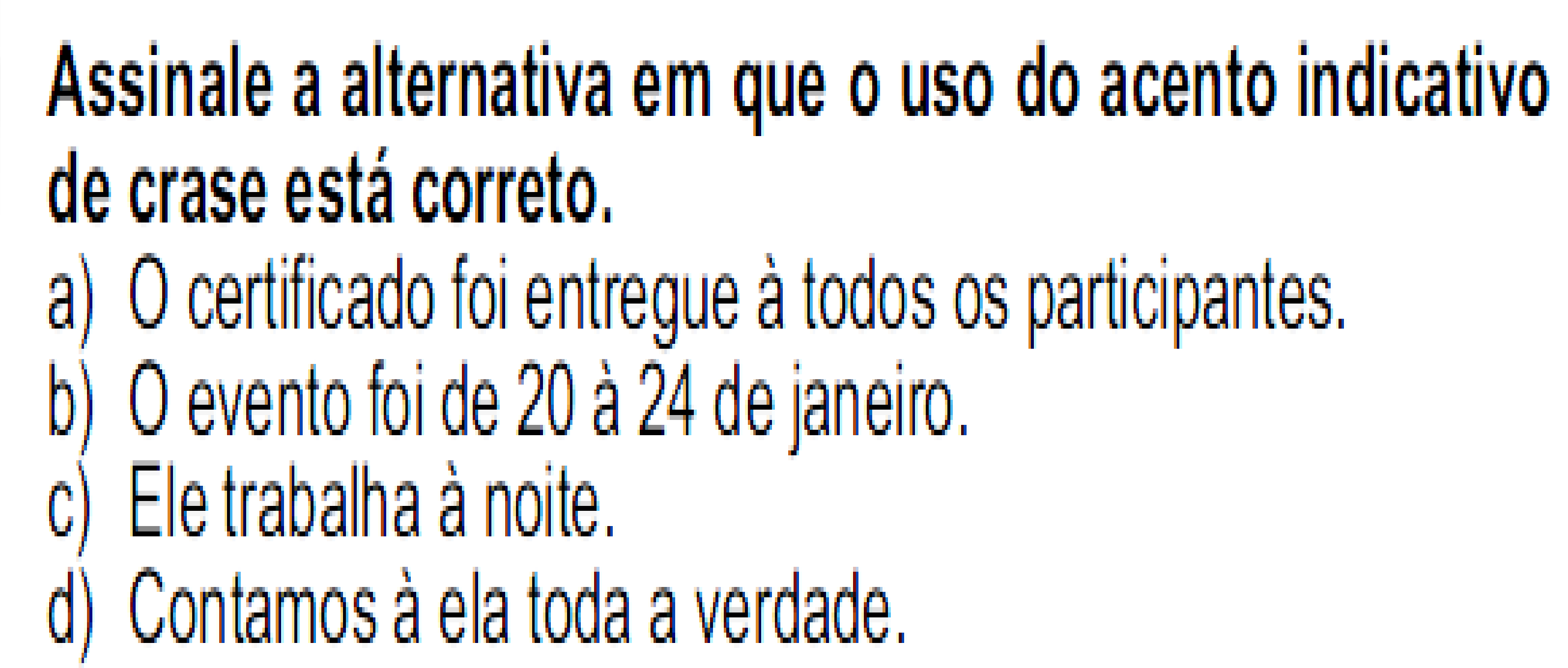

Assinale a alternativa em que o uso do acento indicativo de crase está correto.

a) O certificado foi entregue à todos os participantes.
b) O evento foi de 20 à 24 de janeiro.
c) Ele trabalha à noite.
d) Contamos à ela toda a verdade.

4. PREENCHA A LACUNA!

FCC

A pesquisa, feita em terras destinadas ...... agricultura, teve por objetivo estudar ...... áreas que permitissem condições favoráveis de sobrevivência ...... aves.

a) à - às - as
b) à - as - as
c) à - as - às
d) a - as - as
e) a - às – às

4. PREENCHA A LACUNA!

IBFC

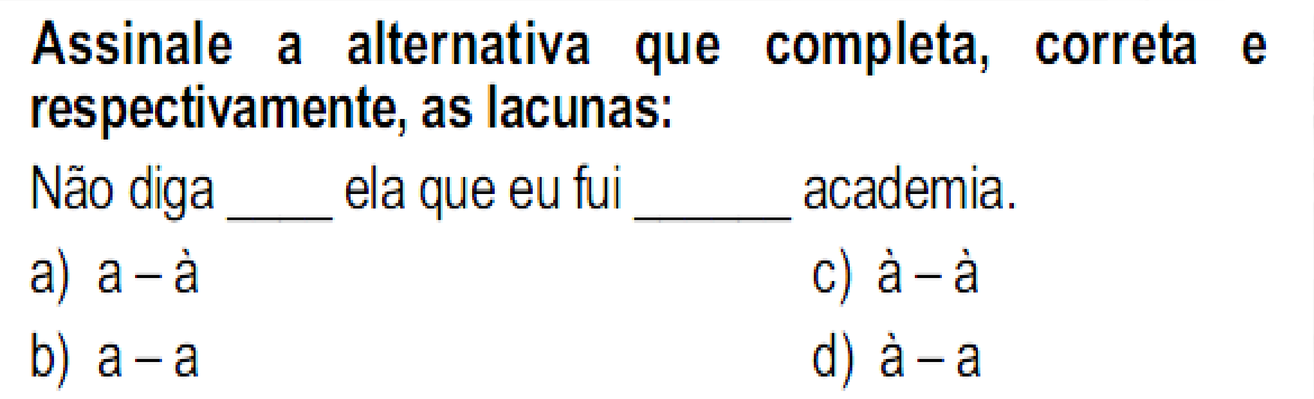

Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas:

Não diga ____ ela que eu fui ______ academia.

a) a – à

b) a – a

c) à – à

d) à – a

5 JUSTIFICATIVA PARA A CRASE

Prova: CESPE -

Na linha 2, o emprego do acento indicativo de crase em “acessos às páginas” justifica-se pela regência de “acessos”, que exige complemento antecedido pela preposição **a**, e pela presença de artigo definido feminino plural antes de “páginas”.

CESPE

O emprego do sinal indicativo de crase em “ligado à Secretaria de Agricultura” (R.6-7) justifica-se porque o verbo ligar exige complemento regido pela preposição a, e a palavra “Secretaria” (R.6) é antecedida pelo artigo definido feminino singular a.

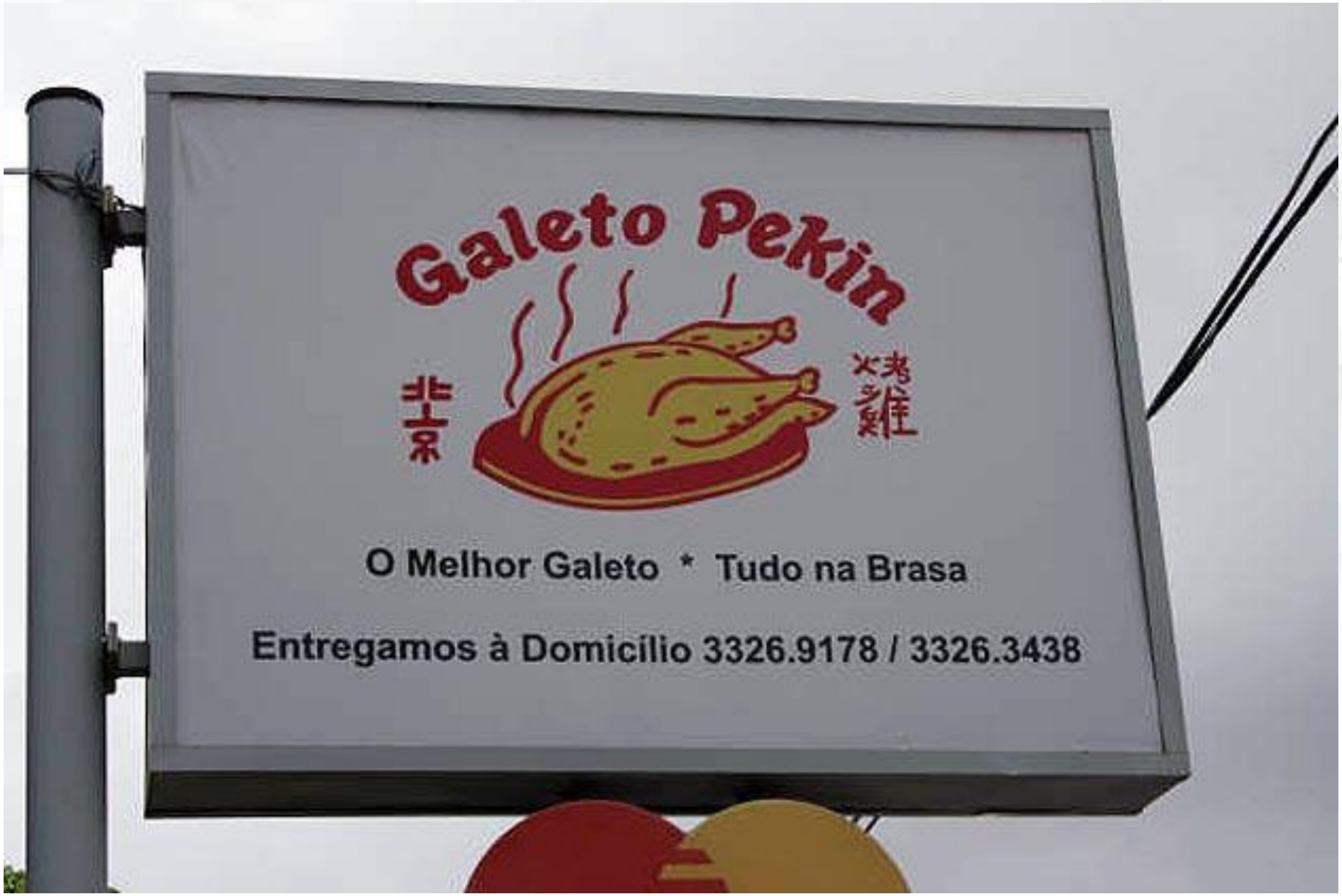
Galeto Pekin
北京
烤雞
O Melhor Galeto * Tudo na Brasa
Entregamos à Domicílio 3326.9178 / 3326.3438

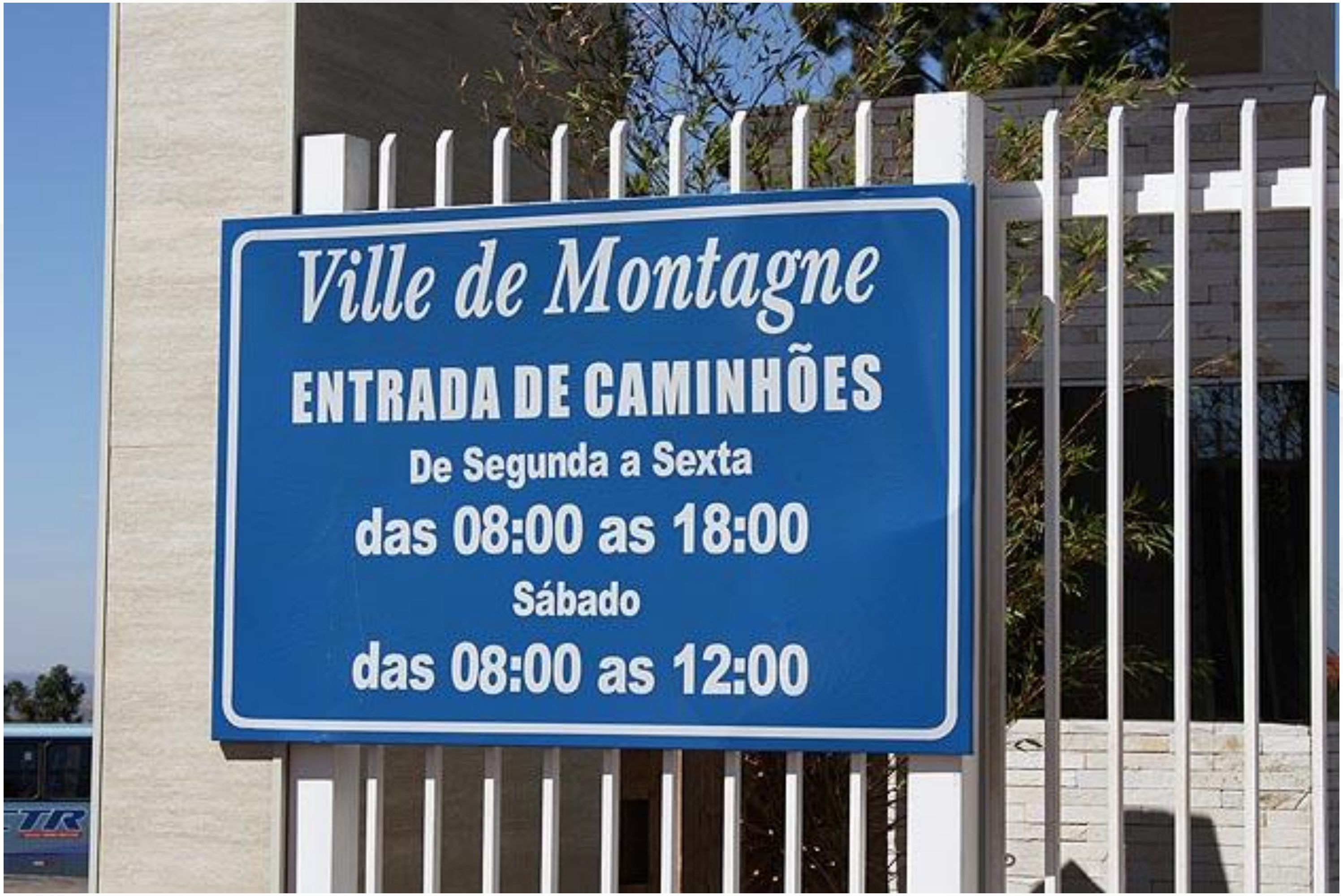
Ville de Montagne
ENTRADA DE CAMINHÕES
De Segunda a Sexta
das 08:00 as 18:00
Sábado
das 08:00 as 12:00

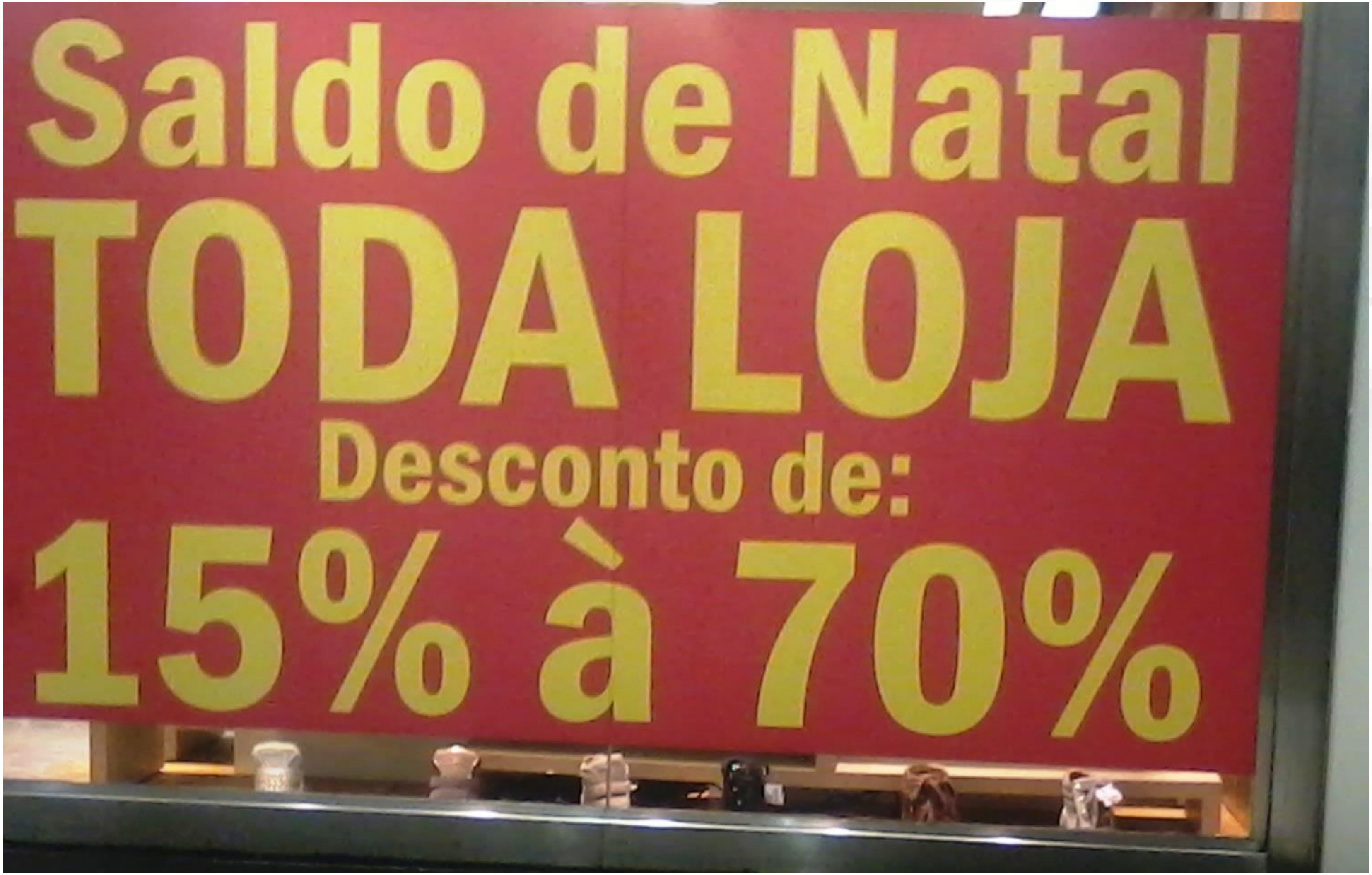

Saldo de Natal

TODA LOJA

Desconto de:

15% à 70%

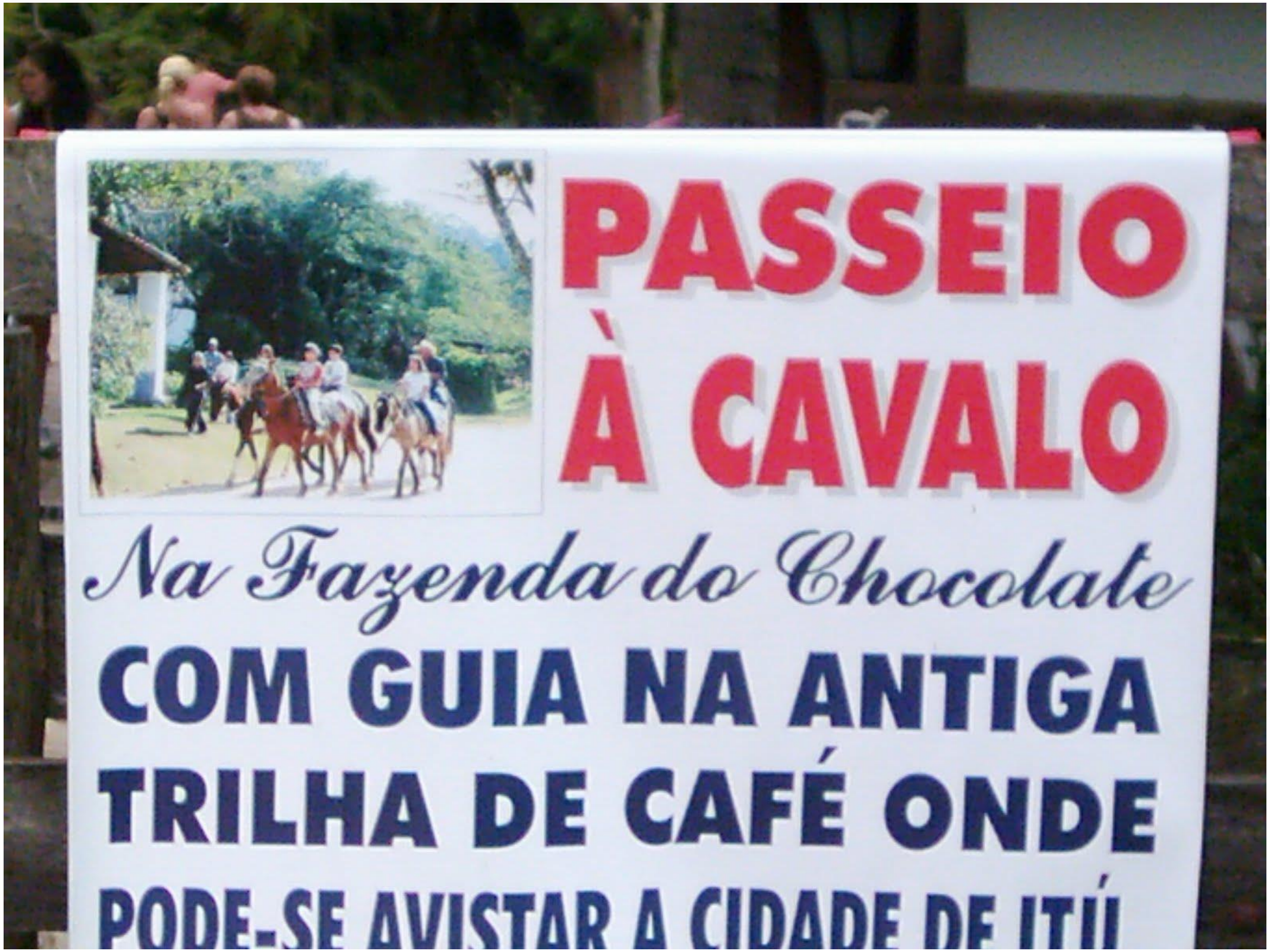

PASSEIO À CAVALO

Na Fazenda do Chocolate

COM GUIA NA ANTIGA TRILHA DE CAFÉ ONDE PODE-SE AVISTAR A CIDADE DE ITÚ

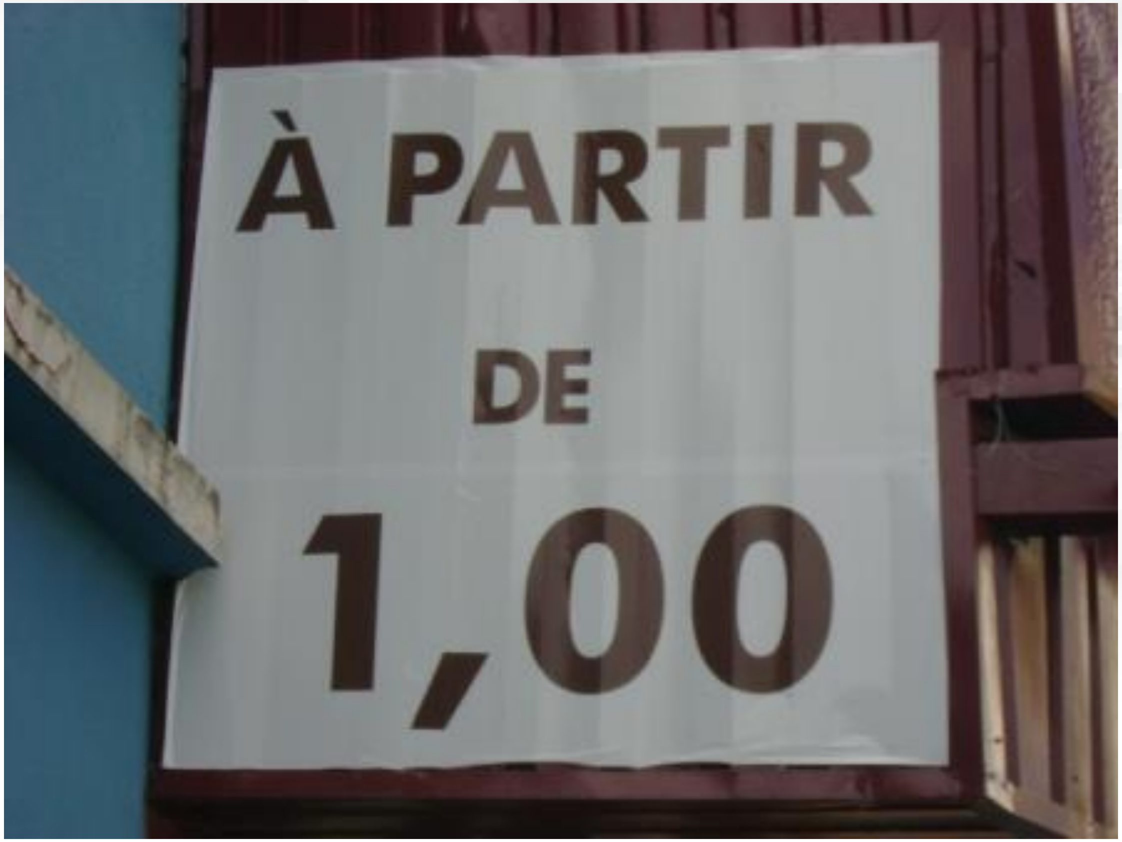
À PARTIR
DE
1,00

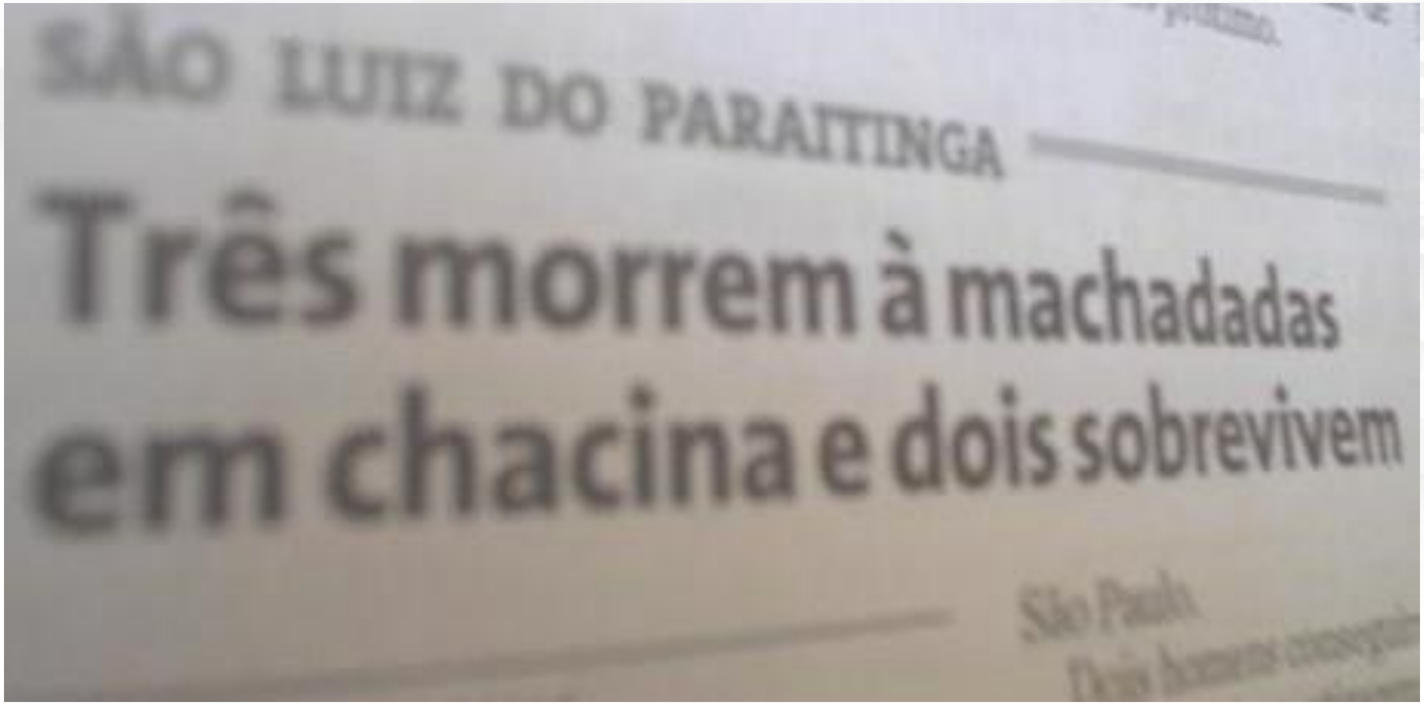

SÃO LUIZ DO PARAITINGA

Três morrem à machadadas em chacina e dois sobrevivem

São Paulo

Dois homens consegui

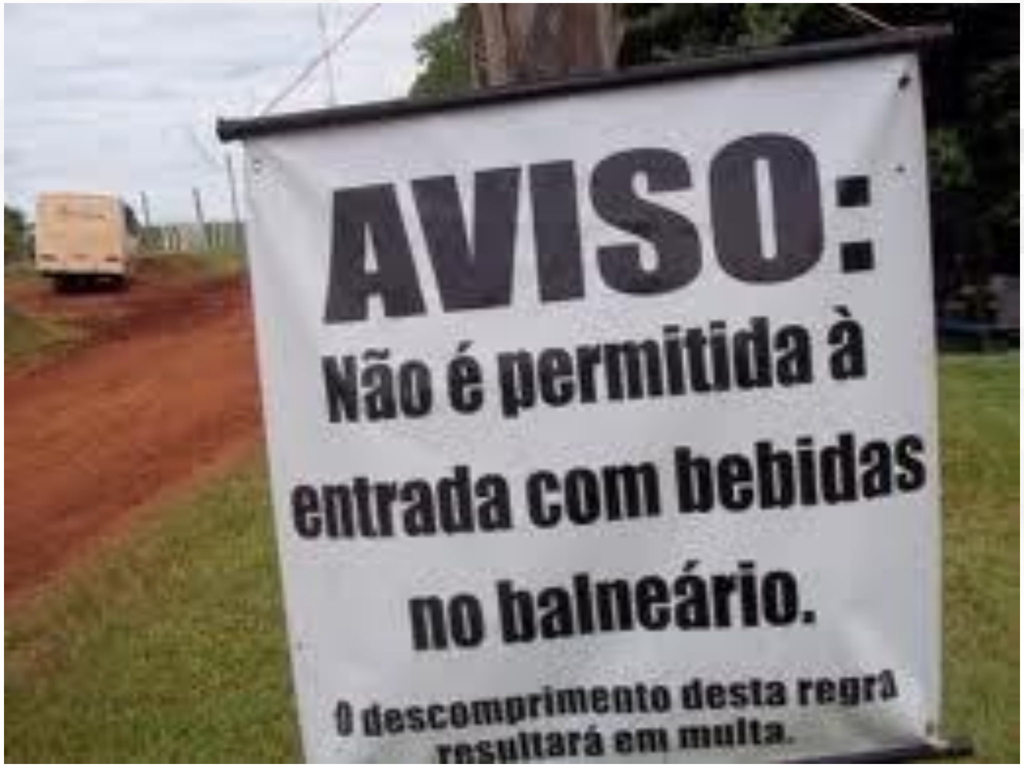

AVISO:

Não é permitida à entrada com bebidas no balneário.

O descomprimento desta regra resultará em multa.

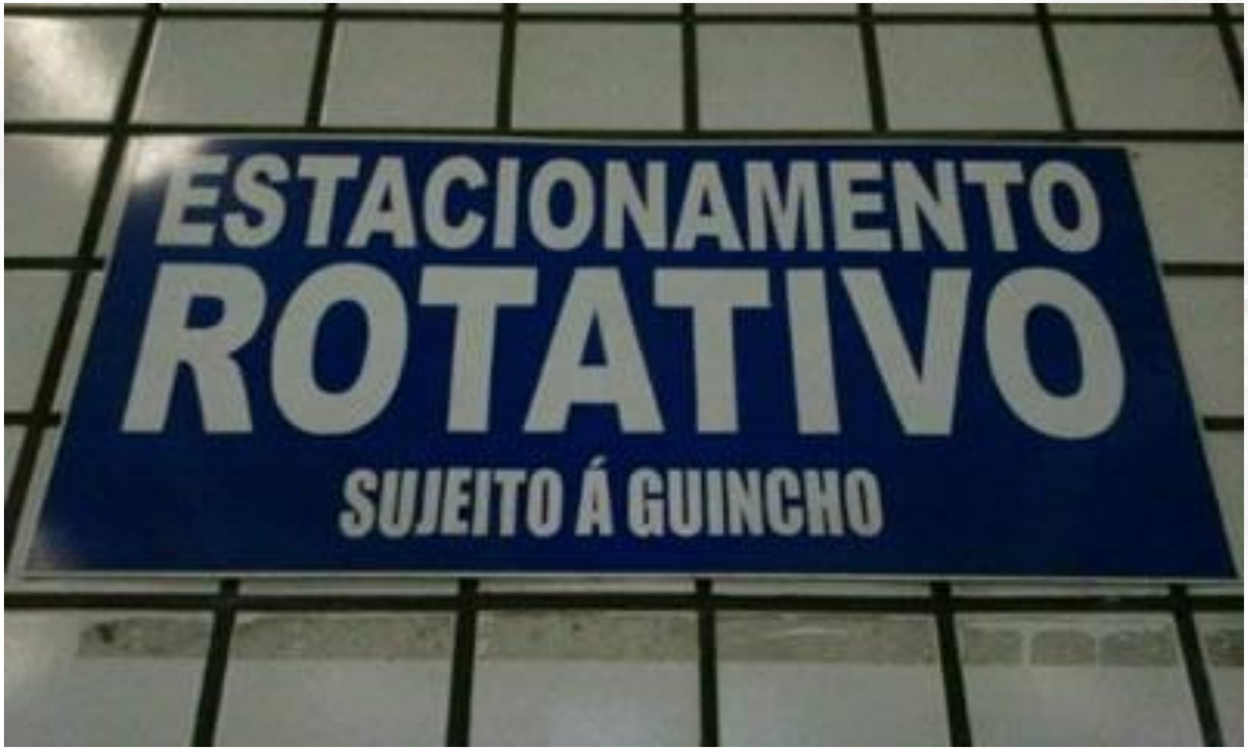
ESTACIONAMENTO
ROTATIVO
SUJEITO Á GUINCHO

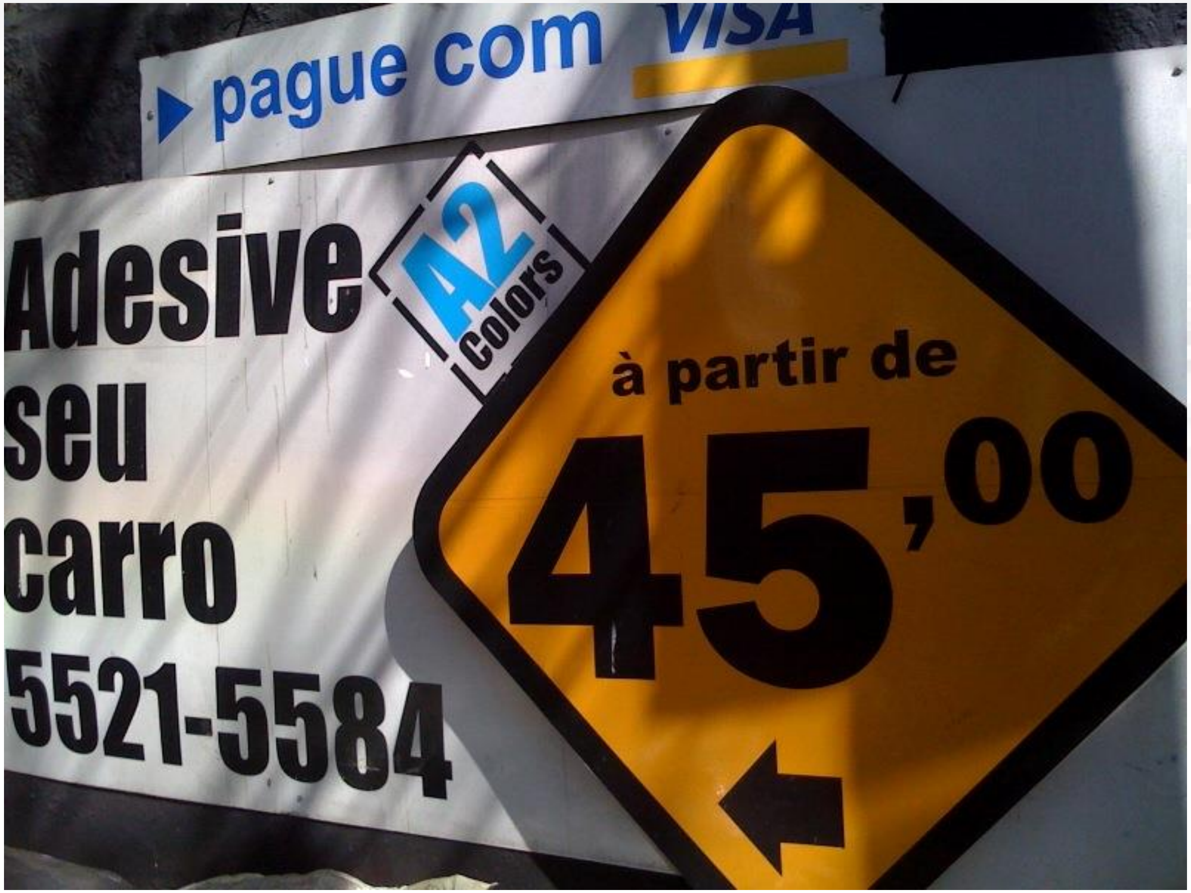
pague com VISA
Adesive seu carro
A2 colors
5521-5584
à partir de
45,00

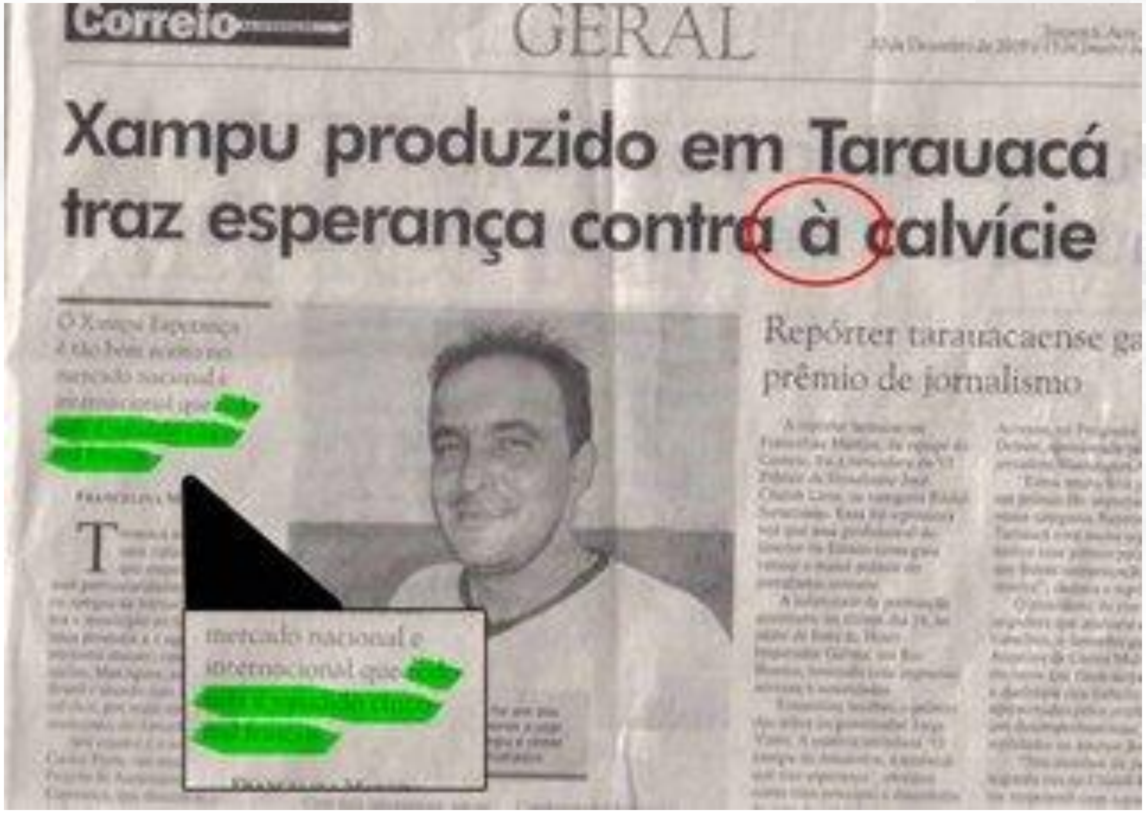

Correio

GERAL

Xampu produzido em Tarauacá traz esperança contra à calvície

O Xampu Esperança é tão bem aceito no mercado nacional e internacional que [illegible]

mercado nacional e internacional que [illegible]

Repórter tarauacaense ga

prêmio de jornalismo

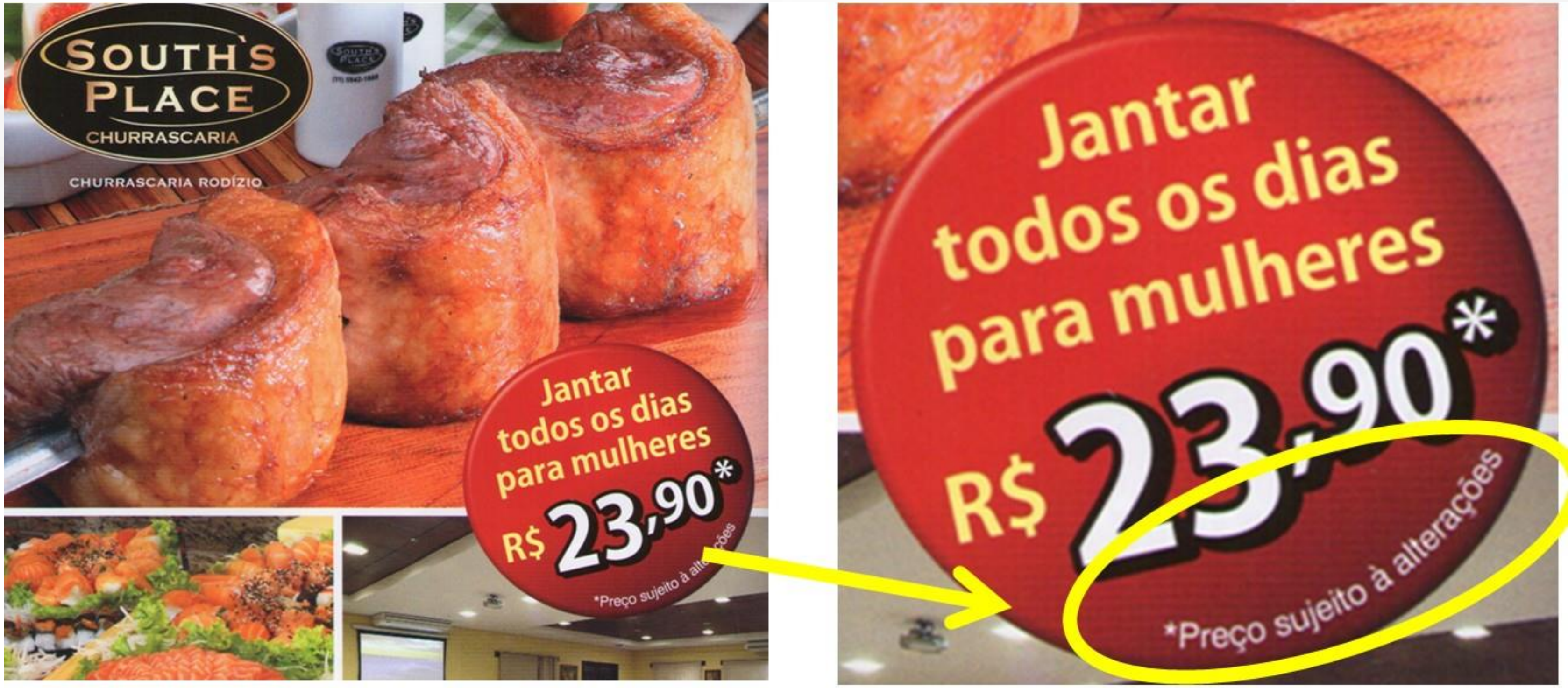
SOUTH`S PLACE
CHURRASCARIA
CHURRASCARIA RODÍZIO
Jantar todos os dias para mulheres
R$ 23,90*
*Preço sujeito à alterações
Jantar todos os dias para mulheres
R$ 23,90*
*Preço sujeito à alterações

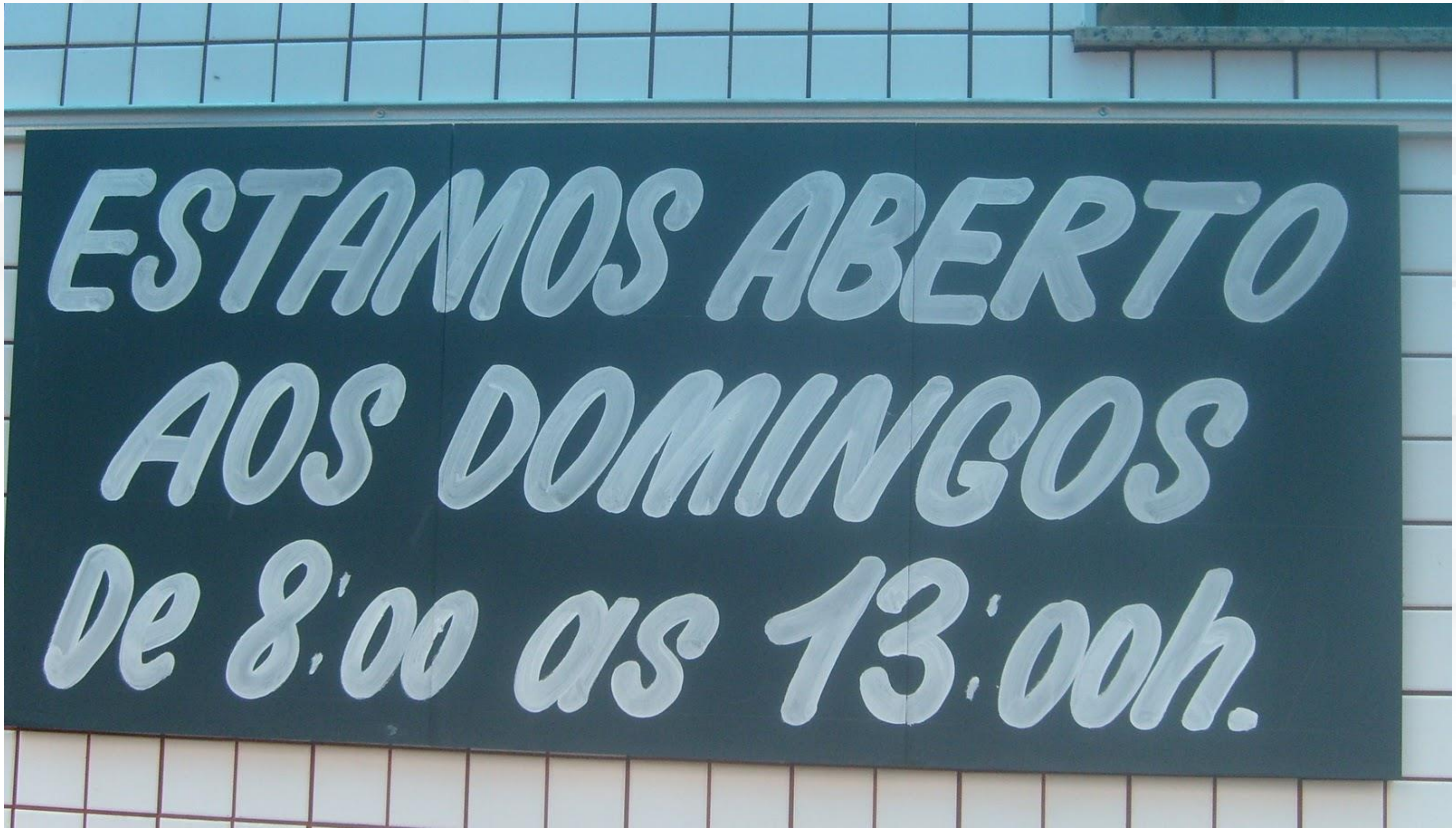
ESTAMOS ABERTO
AOS DOMINGOS
De 8:00 as 13:00h.

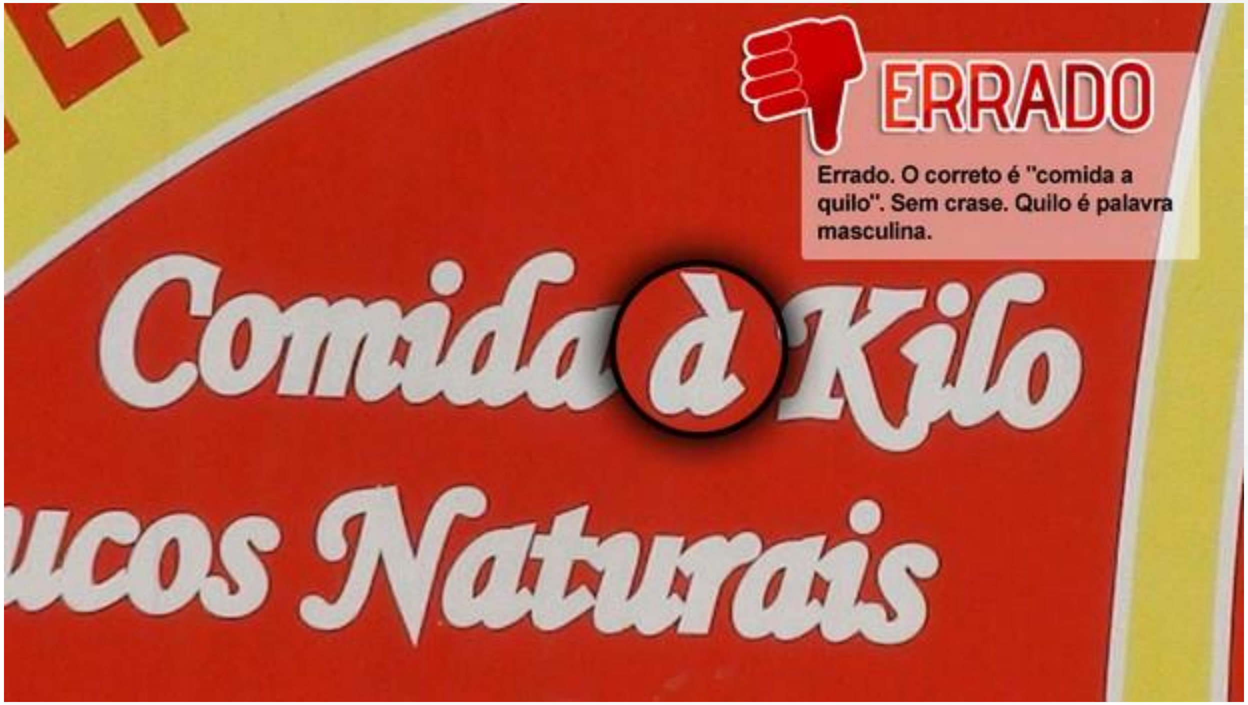
ERRADO
Comida à Kilo
ucos Naturais

Errado. O correto é "comida a quilo". Sem crase. Quilo é palavra masculina.

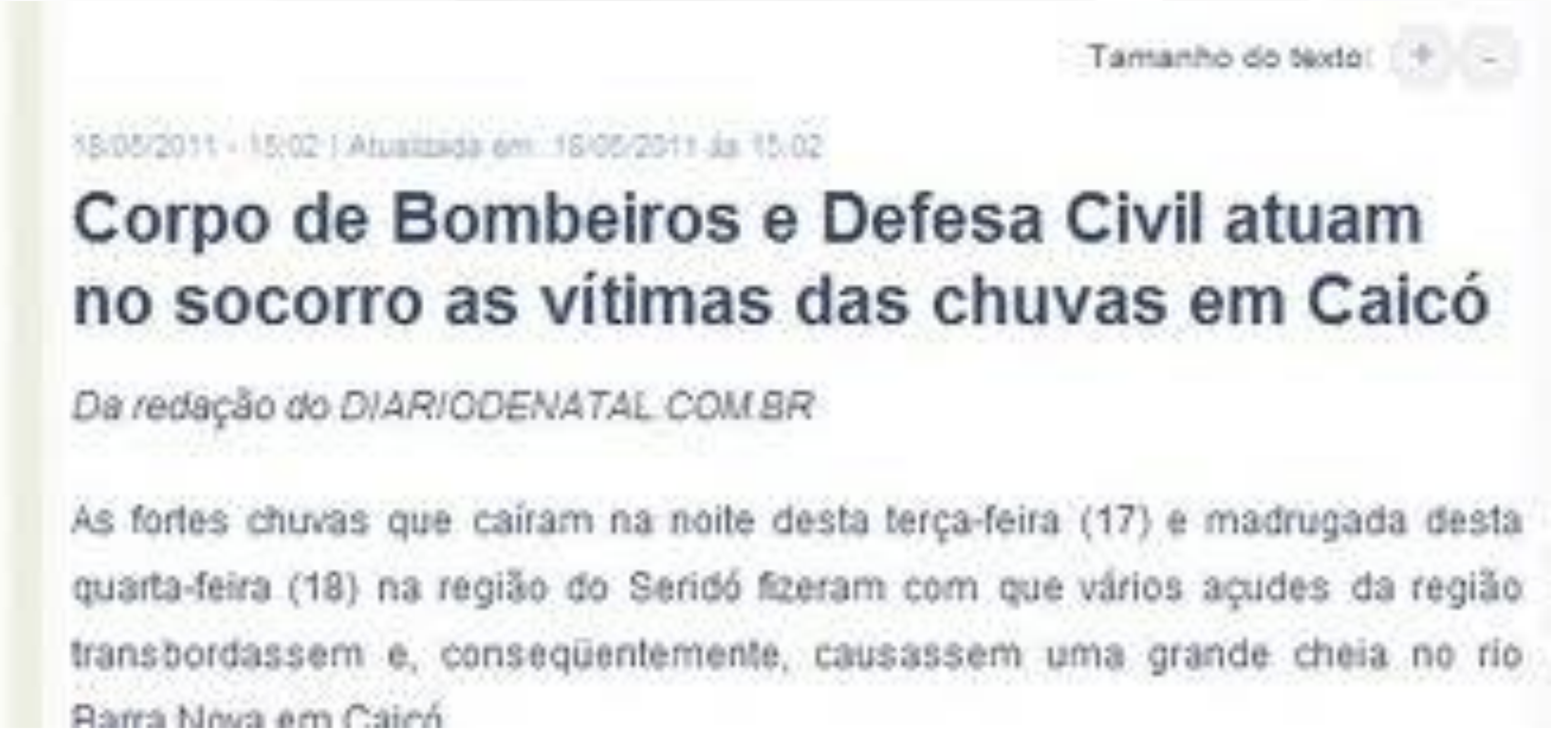

18/05/2011 - 15:02 | Atualizada em: 18/05/2011 às 15:02

Corpo de Bombeiros e Defesa Civil atuam no socorro as vítimas das chuvas em Caicó

Da redação do DIARIODENATAL.COM.BR

As fortes chuvas que caíram na noite desta terça-feira (17) e madrugada desta quarta-feira (18) na região do Seridó fizeram com que vários açudes da região transbordassem e, conseqüentemente, causassem uma grande cheia no rio Barra Nova em Caicó.

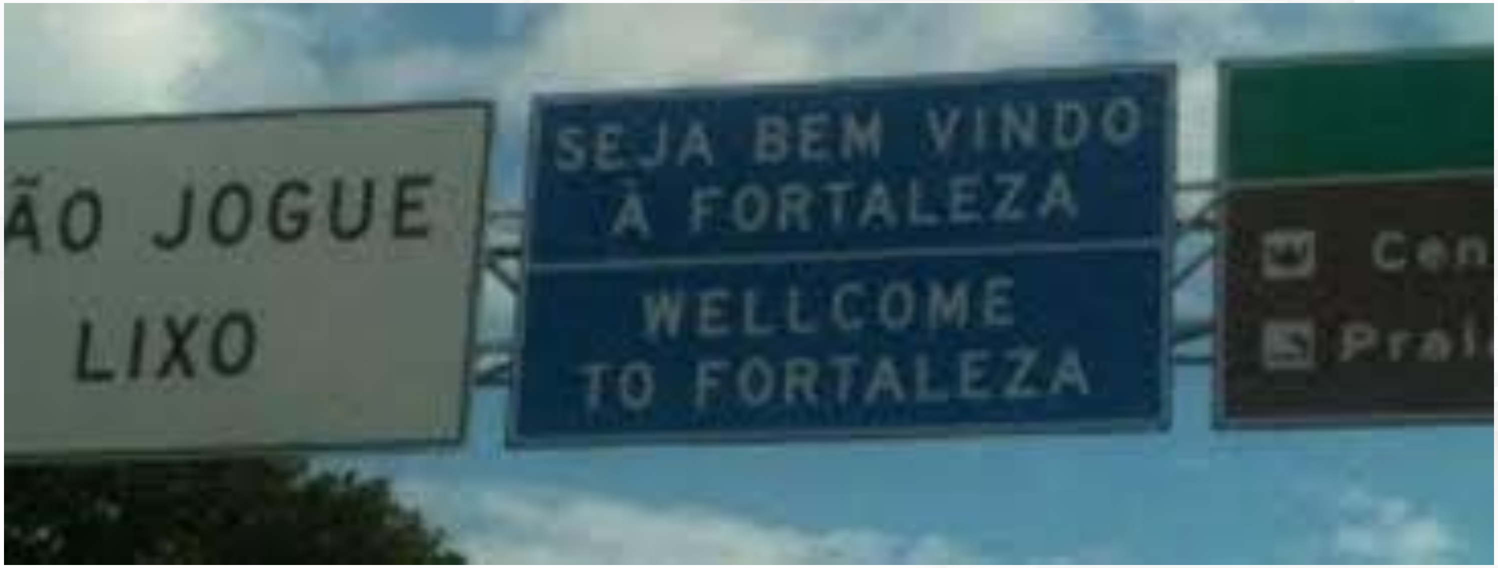
ÃO JOGUE
LIXO
SEJA BEM VINDO
À FORTALEZA
WELLCOME
TO FORTALEZA
Cen
Prai

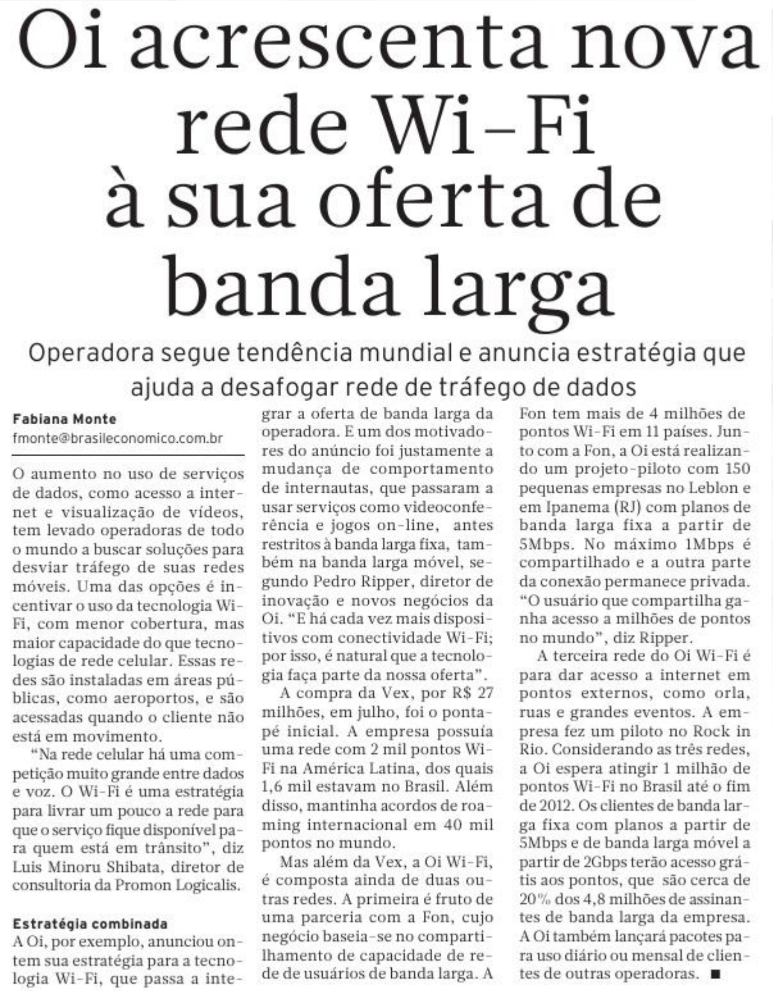

Oi acrescenta nova rede Wi-Fi à sua oferta de banda larga

Operadora segue tendência mundial e anuncia estratégia que ajuda a desafogar rede de tráfego de dados

Fabiana Monte
fmonte@brasileconomico.com.br

O aumento no uso de serviços de dados, como acesso a internet e visualização de vídeos, tem levado operadoras de todo o mundo a buscar soluções para desviar tráfego de suas redes móveis. Uma das opções é incentivar o uso da tecnologia Wi-Fi, com menor cobertura, mas maior capacidade do que tecnologias de rede celular. Essas redes são instaladas em áreas públicas, como aeroportos, e são acessadas quando o cliente não está em movimento.

"Na rede celular há uma competição muito grande entre dados e voz. O Wi-Fi é uma estratégia para livrar um pouco a rede para que o serviço fique disponível para quem está em trânsito", diz Luis Minoru Shibata, diretor de consultoria da Promon Logicalis.

Estratégia combinada

A Oi, por exemplo, anunciou ontem sua estratégia para a tecnologia Wi-Fi, que passa a integrar a oferta de banda larga da operadora. E um dos motivadores do anúncio foi justamente a mudança de comportamento de internautas, que passaram a usar serviços como videoconferência e jogos on-line, antes restritos à banda larga fixa, também na banda larga móvel, segundo Pedro Ripper, diretor de inovação e novos negócios da Oi. "E há cada vez mais dispositivos com conectividade Wi-Fi; por isso, é natural que a tecnologia faça parte da nossa oferta".

A compra da Vex, por R$ 27 milhões, em julho, foi o pontapé inicial. A empresa possuía uma rede com 2 mil pontos Wi-Fi na América Latina, dos quais 1,6 mil estavam no Brasil. Além disso, mantinha acordos de roaming internacional em 40 mil pontos no mundo.

Mas além da Vex, a Oi Wi-Fi, é composta ainda de duas outras redes. A primeira é fruto de uma parceria com a Fon, cujo negócio baseia-se no compartilhamento de capacidade de rede de usuários de banda larga. A Fon tem mais de 4 milhões de pontos Wi-Fi em 11 países. Junto com a Fon, a Oi está realizando um projeto-piloto com 150 pequenas empresas no Leblon e em Ipanema (RJ) com planos de banda larga fixa a partir de 5Mbps. No máximo 1Mbps é compartilhado e a outra parte da conexão permanece privada. "O usuário que compartilha ganha acesso a milhões de pontos no mundo", diz Ripper.

A terceira rede do Oi Wi-Fi é para dar acesso a internet em pontos externos, como orla, ruas e grandes eventos. A empresa fez um piloto no Rock in Rio. Considerando as três redes, a Oi espera atingir 1 milhão de pontos Wi-Fi no Brasil até o fim de 2012. Os clientes de banda larga fixa com planos a partir de 5Mbps e de banda larga móvel a partir de 2Gbps terão acesso grátis aos pontos, que são cerca de 20% dos 4,8 milhões de assinantes de banda larga da empresa. A Oi também lançará pacotes para uso diário ou mensal de clientes de outras operadoras. ■

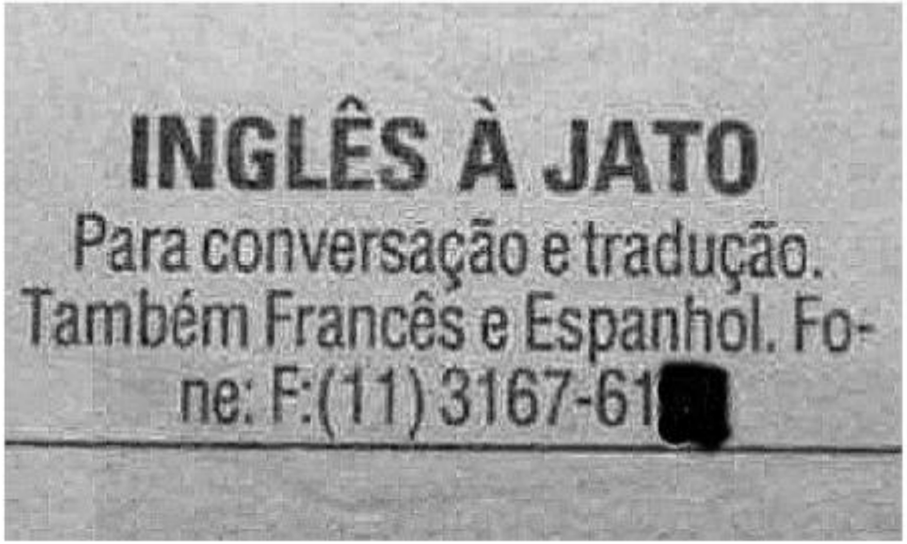

INGLÊS À JATO

Para conversação e tradução. Também Francês e Espanhol. Fone: F:(11) 3167-61[redacted]

Aula 02

Português p/ Polícia Civil-PA (Todos os Cargos) - Com videoaulas

Professores: Equipe Rafaela Freitas, Rafaela Freitas

Aula 02

Formação, estrutura e emprego das classes de palavras.

Olá, alunos! Animados para a aula 02?

Nosso estudo de hoje será bem interessante e muito importante! Olharemos com atenção para as **palavras**!! Vamos estudar a **formação delas**, a **estrutura** e as **classes gramaticais** as quais pertencem!

Com vocês... a fabulosa **MORFOLOGIA**!!

SUMÁRIO

CLASSES DE PALAVRAS VARIÁVEIS E INVARIÁVEIS..................................02
ESTRUTURA DOS VOCÁBULOS...04
DERIVAÇÃO...16
COMPOSIÇÃO..20
ESTUDO DAS CLASSES GRAMATICAIS...22
COLOCAÇÃO PRONOMINAL...59
VERBO...64
QUESTÕES COMENTADAS 70
LISTA DE QUESTÕES COMENTADAS NESTA AULA...................................106
GABARITO..137

Venham comigo!

"O otimista é um tolo. O pessimista, um chato. Bom mesmo é ser um realista esperançoso."

Ariano Suassuna

MORFOLOGIA

Trata-se do estudo da estrutura, da formação e da classificação das palavras. O objetivo da morfologia é estudar as palavras olhando para elas isoladamente e não dentro da sua participação na frase ou período (disso trata a sintaxe). A morfologia está agrupada em dez classes, denominadas classes de palavras ou classes gramaticais. São elas:

VARIÁVEIS (sofrem flexões):

1. **SUBSTANTIVO**: designa os seres reais ou fictícios

Ex.: pato, ave, Deus, lobisomem, alegria,
Barbacena, dó, pé-de-moleque

2. **ADJETIVO**: indica as características dos seres

Ex.: bela, selvagem, brasileiro, amarelo-claro,
famoso, azul

3. **ARTIGO:** acompanha o substantivo, determinando-o ou generalizando-o

Ex.: o, a, os, as / um, uma, uns, umas

4. **NUMERAL:** indica quantidade ou ordem dos seres

Ex.: um, dois, primeiro, décimo, meio, dobro

5. **PRONOME:** é a palavra que substitui ou acompanha um substantivo (nome) em relação às pessoas do discurso

Ex.: Ela veio à nossa casa.

6. **VERBO:** indica processo, exprimindo ação, estado ou fenômeno

Ex.: voar, cantar, sofrer, ser, estar, chover, nevar

INVARIÁVEIS:

7. **ADVÉRBIO:** modifica essencialmente o verbo exprimindo uma circunstância (modo, tempo, lugar)

Ex.: bem, mal, muito, meio, talvez, calmamente, hoje, logo, aqui, perto, sim, não

8. **PREPOSIÇÃO:** liga duas palavras estabelecendo entre elas certas relações (posse, companhia)

Ex.: A casa é DE Luís.

Principais tipos: a, ante, até, após, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

9. **CONJUNÇÃO:** liga duas orações coordenando-as, subordinando-as

Ex.: Ele chora E ri ao mesmo tempo.
É verdade QUE ele fala muito?
Sairei QUANDO me pedirem.

10. **INTERJEIÇÃO:** palavra ou locução que expressa apelos, emoções, ou ideias mal estruturadas

Ex.: Ah!, Ai!, Olá!, Valha-me Deus!
Macacos me mordam!

Quanto à função, pode-se agrupar as palavras em:

Principais, Adjuntas, Conectivas, Classe Especial

- **PRINCIPAIS**: Substantivo, Verbo
- **PRINCIPAIS e ADJUNTAS**: Pronome e Numeral
- **ADJUNTAS** (sempre): Artigo, Adjetivo, Advérbio
- **CONECTIVAS**: Preposição e Conjunção
- **CLASSE ESPECIAL**: Interjeição

Esclarecendo

Então, galera, antes de falar mais detalhadamente sobre as classes gramaticais, vamos estudar a estrutura e a formação das palavras? Vocês irão gostar!!

ESTRUTURA DOS VOCÁBULOS

Trata-se do estudo dos elementos **formadores** das palavras. Assim, compreendemos melhor o significado de cada uma delas. Observe os exemplos abaixo:

art-ista
brinc-a-mos
cha-l-eira
cachorr-inh-a-s

A análise das palavras destes exemplos mostra-nos que as palavras podem ser divididas em unidades menores, a que damos o nome de **elementos mórficos** ou **morfemas**.

Vamos analisar a palavra "**cachorrinhas**":

Nessa palavra observamos facilmente a existência de quatro elementos. São eles:

cachorr - este é o elemento base da palavra, ou seja, aquele que contém o significado.

inh - indica que a palavra é um diminutivo

a - indica que a palavra é feminina

s - indica que a palavra se encontra no plural

Morfemas: unidades mínimas de caráter significativo.

Obs.: existem palavras que não comportam divisão em unidades menores, tais como: mar, sol, lua, etc.

São elementos mórficos:

1) Raiz, radical, tema: elementos básicos e significativos

2) Afixos (prefixos, sufixos), desinência, vogal temática: elementos modificadores da significação dos primeiros

3) Vogal de ligação, consoante de ligação: elementos de ligação ou eufônicos.

- ✓ **Raiz**

É o elemento originário e irredutível em que se concentra a significação das palavras, consideradas do ângulo **histórico**. É a raiz que encerra o sentido geral, comum às palavras da mesma família etimológica.

Observe o exemplo:

A raiz **noc** [Latim **nocere** = prejudicar] tem a significação geral de causar dano, e a ela se prendem, pela origem comum, as palavras nocivo, nocividade, inocente, inocentar, inócuo, etc.

FIQUE atento!

Uma raiz pode sofrer alterações. Veja o exemplo:

at-**o**

at-**or**

at-**ivo**

aç-**ão**

ac-**ionar**

- ✓ **Radical**

Observe o seguinte grupo de palavras:

livr-	o
livr-	inho
livr-	eiro
livr-	eco

Agora, duas perguntas:
Você reparou que há um elemento **comum** nesse grupo?
Você reparou que o elemento **livr** serve de base para o **significado**?

Esse elemento (**livr**) é chamado de radical (ou semantema).

Radical: elemento básico e significativo das palavras, consideradas sob o aspecto gramatical e **prático**. É encontrado através do despojo dos elementos secundários (quando houver) da palavra.

Por Exemplo:

cert-o

cert-eza

in-**cert**-eza

INDO
mais fundo

Radicais Gregos

O conhecimento dos radicais gregos é de indiscutível importância para a exata compreensão e fácil memorização de inúmeras palavras. Apresentamos a seguir duas relações de radicais gregos. A primeira agrupa os elementos formadores que normalmente são colocados no **início** dos compostos, a segunda agrupa aqueles que costumam surgir na parte **final**.

Radicais que atuam como *primeiro* elemento

Forma	Sentido	Exemplos
Aéros-	ar	**Aero**nave
Ánthropos-	homem	Antropófago
Autós-	de si mesmo	Autobiografia
Bíblion-	livro	Biblioteca
Bíos-	vida	Biologia
Chróma-	cor	Cromático
Chrónos-	tempo	Cronômetro
Dáktyilos-	dedo	Dactilografia

Déka-	dez	Decassílabo
Démos-	povo	Democracia
Eléktron-	(âmbar)	Eletricidade Eletroímã
Ethnos-	raça	Etnia
Géo-	terra	Geografia
Héteros-	outro	Heterogêneo
Hexa-	seis	Hexágono
Híppos-	cavalo	Hipopótamo
Ichthýs-	peixe	Ictiografia
Ísos-	igual	Isósceles
Makrós-	grande, longo	Macróbio
Mégas-	grande	Megalomaníaco
Mikrós-	pequeno	Micróbio
Mónos-	um só	Monocultura
Nekrós-	morto	Necrotério
Néos-	novo	Neolatino
Odóntos-	dente	Odontologia
Ophthalmós-	olho	Oftalmologia
Ónoma-	nome	Onomatopeia
Orthós-	reto, justo	Ortografia
Pan-	todos, tudo	Pan-americano
Páthos-	doença	Patologia
Penta-	cinco	Pentágono
Polýs-	muito	Poliglota
Pótamos-	rio	Potamologia
Pséudos-	falso	Pseudônimo

Psiché-	mente	Psicologia
Riza-	raiz	Rizotônico
Techné-	arte	Tecnografia
Thermós-	quente	Térmico
Tetra-	quatro	Tetraedro
Týpos-	figura, marca	Tipografia
Tópos-	lugar	Topografia
Zóon-	Animal	Zoologia

Radicais que atuam como *segundo* elemento:

Forma	Sentido	Exemplos
-agogós	Que conduz	Peda**gogo**
álgos	Dor	Analgésico
-arché	Comando, governo	Monarquia
-dóxa	Que opina	Ortodoxo
-drómos	Lugar para correr	Hipódromo
-gámos	Casamento	Poligamia
-glótta; -glóssa	Língua	Poliglota, glossário
-gonía	Ângulo	Pentágono
-grápho	Escrita	Ortografia
-grafo	Que escreve	Calígrafo
-grámma	Escrito, peso	Telegrama, quilograma
-krátos	Poder	Democracia
-lógos	Palavra, estudo	Diálogo

-mancia	Adivinhação	Cartomancia
-métron	Que mede	Quilômetro
-nómos	Que regula	Autônomo
-pólis;	Cidade	Petrópolis
-pterón	Asa	Helicóptero
-skopéo	Instrumento para ver	Microscópio
-sophós	Sabedoria	Filosofia
-théke	Lugar onde se guarda	Biblioteca

Radicais Latinos

Radicais que atuam como *primeiro* elemento:

Forma	Sentido	Exemplo
Agri	Campo	Agricultura
Ambi	Ambos	Ambidestro
Arbori-	Árvore	Arborícola
Bis-, bi-	Duas vezes	Bípede, bisavô
Calori-	Calor	Calorífero
Cruci-	cruz	Crucifixo
Curvi-	curvo	Curvilíneo
Equi-	igual	Equilátero, equidistante
Ferri-, ferro-	ferro	Ferrífero, ferrovia
Loco-	lugar	Locomotiva
Morti-	morte	Mortífero
Multi-	muito	Multiforme

Olei-, oleo-	Azeite, óleo	Oleígeno, oleoduto
Oni-	todo	Onipotente
Pedi-	pé	Pedilúvio
Pisci-	peixe	Piscicultor
Pluri-	Muitos, vários	Pluriforme
Quadri-, quadru-	quatro	Quadrúpede
Reti-	reto	Retilíneo
Semi-	metade	Semimorto
Tri-	Três	Tricolor

Radicais que atuam como *segundo* elemento:

Forma	**Sentido**	**Exemplos**
-cida	Que mata	Suicida, homicida
-cola	Que cultiva, ou habita	Arborícola, vinícola, silvícola
-cultura	Ato de cultivar	Piscicultura, apicultura
-fero	Que contém, ou produz	Aurífero, carbonífero
-fico	Que faz, ou produz	Benefício, frigorífico
-forme	Que tem forma de	Uniforme, cuneiforme
-fugo	Que foge, ou faz fugir	Centrífugo, febrífugo
-gero	Que contém, ou produz	Belígero, armígero
-paro	Que produz	Ovíparo, multíparo
-pede	Pé	Velocípede, palmípede
-sono	Que soa	Uníssono, horríssono
-vomo	Que expele	Ignívomo, fumívomo
-voro	Que come	Carnívoro, herbívoro

✓ Afixos

Afixos são elementos secundários (geralmente sem vida autônoma) que se agregam a um radical ou tema para formar palavras derivadas. Sabemos que o acréscimo do morfema "-**mente**", por exemplo, cria uma nova palavra a partir de **"certo"**: **certamente**, advérbio de modo. De maneira semelhante, o acréscimo dos morfemas **"a**-**"** e **"-ar"** à forma **"cert**-**"** cria o verbo **acertar**.

Observe que **a-** e **-ar** são morfemas capazes de operar mudança de classe gramatical na palavra a que são anexados. Quando são colocados antes do radical, como acontece com **"a-",** os afixos recebem o nome de **prefixos**. Quando, como **"-ar"**, surgem depois do radical, os afixos são chamados de **sufixos.**

Exemplos:

Prefixo	Radical	Sufixo
in	at	**ivo**
em	pobr	**ecer**
inter	nacion	**al**

✓ Desinências

Desinências são os elementos terminais indicativos das flexões das palavras. Existem dois tipos:

Desinências Nominais: indicam as flexões de **gênero** (masculino e feminino) e de **número** (singular e plural) dos nomes.

Exemplos:

alun-**o**	aluno-**s**
alun-**a**	aluna-**s**

o/a = desinências de gênero (masculino ou feminino)

s = desinência de número. Marca o plural. A ausência dela marca o singular.

FIQUE
atento!

Só podemos falar em desinências nominais de gênero e de número em palavras que admitem tais flexões, como nos exemplos acima. Em palavras como **mesa**, **tribo**, **telefonema**, por exemplo, não temos desinência nominal de gênero. Já em **pires**, **lápis**, **ônibus** não temos desinência nominal de número.

Desinências Verbais: indicam as flexões de **número** e **pessoa** e de **modo** e **tempo** dos verbos.

Exemplos:

compr-**o**
compra-**s**
compra-**mos**
compra-**is**
compra-**m**
compra-**va**

compra-**va-s**

A desinência **"-o"**, presente em "am**-o**", é uma desinência **número-pessoal**, pois indica que o verbo está na primeira pessoa do singular; "**-va**", de "ama**-va**", é desinência **modo-temporal**: caracteriza uma forma verbal do pretérito imperfeito do indicativo, na 1ª conjugação.

✓ Vogal Temática

Vogal Temática é a vogal que se junta ao radical, preparando-o para receber as desinências. Nos verbos, distinguem-se três vogais temáticas:

Vogal temática A - Caracteriza os verbos da **1ª** conjugação.
Exemplos: busc**a**r, busc**a**vas, etc**.**

Vogal temática E - Caracteriza os verbos da **2ª** conjugação.
Exemplos: romp**e**r, romp**e**mos, etc.

Vogal temática I - Caracteriza os verbos da **3ª** conjugação.
Exemplos: proib**i**r, proib**i**rá, etc.

✓ Tema

Tema é o grupo formado pelo radical mais vogal temática. Nos verbos citados acima, os temas são: busca-, rompe-, proibi-

✓ Vogais e Consoantes de Ligação

As vogais e consoantes de ligação são morfemas que surgem por motivos eufônicos, ou seja, para facilitar ou mesmo possibilitar a pronúncia de uma determinada palavra.

Exemplo: Parisiense (paris= radical, ense=sufixo, vogal de ligação=**i**)

Outros exemplos: gas-**ô**-metro, alv-**i**-negro, tecn-**o**-cracia, pau-**l**-ada, cafe-**t**-eira, cha-**l**-eira, inset-**i**-cida, pe-**z**-inho, pobr-**e**-tão, etc.

FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Existem dois processos básicos pelos quais se formam as palavras: a **derivação** e a **composição.** A diferença entre ambos consiste basicamente em que, no processo de derivação, partimos sempre de um único radical, enquanto no processo de composição sempre haverá mais de um radical.

Derivação

É o processo pelo qual se obtém uma palavra nova, chamada **derivada**, a partir de outra já existente, chamada **primitiva**. Observe o quadro abaixo:

Primitiva	Derivada
mar	**mar**ítimo, **mar**inheiro, **mar**ujo
terra	en**terr**ar, **terr**eiro, a**terr**ar

Observamos que "mar" e "terra" não se formam de nenhuma outra palavra, mas, ao contrário, possibilitam a formação de outras, por meio do acréscimo de um sufixo ou prefixo. Logo, mar e terra são palavras primitivas, e as demais, derivadas.

tome nota!

Radical: parte comum das palavras derivadas, carrega a base da significação: **mar**ítimo, **mar**inheiro, **mar**ujo (rad. mar) / en**terr**ar, **terr**eiro, a**terr**ar (rad. terr).

Prefixo: afixo colocado antes do radical: **a** (prefixo) + **terr**ar = aterrar.

Sufixo: afixo colocado após o radical: **mar +** ítimo (sufixo) = marítimo

Tipos de Derivação

Derivação Prefixal ou Prefixação

Resulta do acréscimo de **prefixo** à palavra primitiva, que tem o seu significado alterado.

crer- **des**crer
ler- **re**ler
capaz- **in**capaz

Derivação Sufixal ou Sufixação

Resulta de acréscimo de **sufixo** à palavra primitiva, que pode sofrer alteração de significado ou mudança de classe gramatical.

Ris**onho**
Papel**aria**
Alfabetiza**ção**

Na palavra alfabetização, o sufixo **-ção** transforma em **substantivo** o **verbo alfabetizar.** Este, por sua vez, já é derivado do substantivo **alfabeto** pelo acréscimo do sufixo **-izar.**

Derivação Parassintética ou Parassíntese

Ocorre quando a palavra derivada resulta do acréscimo simultâneo de **prefixo** e **sufixo** à palavra primitiva. Por meio da parassíntese formam-se nomes (substantivos e adjetivos) e verbos.

Vejamos a palavra **" triste".** Do radical "trist-" formamos o verbo **en**trist**ecer** através da junção simultânea do prefixo "en-" e do sufixo "-ecer".

FIQUE atento! A presença de apenas um desses afixos **não** é suficiente para formar uma nova palavra, pois em nossa língua não existem as palavras "entriste", nem "tristecer".

Exemplos:

Palavra Inicial	Prefixo	Radical	Sufixo	Palavra Formada
mudo	e	mud	ecer	**emudecer**
alma	des	alm	ado	**desalmado**

OPA, pegadinha!

Não confunda **derivação parassintética** com **derivação prefixal e sufixal** (juntas), pois, no primeiro caso, o acréscimo de sufixo **e** de prefixo é obrigatoriamente simultâneo. Já nas palavras **desvalorização** e **desigualdade**, os afixos são acoplados em sequência: **desvalorização** provém de **desvalorizar,** que provém de **valorizar**, que por sua vez provém de **valor** (derivação prefixal e sufixal).

É impossível fazer o mesmo com palavras formadas por parassíntese: não se pode dizer que **expropriar** provém de "propriar" ou de "expróprio", pois tais palavras não existem. Logo, **expropriar** provém diretamente de **próprio**, pelo acréscimo concomitante de prefixo e sufixo.

Derivação Regressiva

Ocorre derivação regressiva quando uma palavra é formada não por acréscimo, mas por **redução**.

Exemplos:

comprar (verbo)	beijar (verbo)
compra (substantivo)	**beijo** (substantivo)

Para descobrirmos se um substantivo deriva de um verbo ou se ocorre o contrário, podemos seguir a seguinte orientação:

- Se o **substantivo** denota **ação**, será palavra **derivada**, e o **verbo** palavra **primitiva**.

- Se o nome denota algum **objeto** ou substância, verifica-se o contrário.

Vamos observar os exemplos acima: **compra** e **beijo** indicam ações, logo, são palavras **derivadas**. O mesmo não ocorre, porém, com a palavra

âncora, que é um objeto. Neste caso, um substantivo **primitivo** que dá origem ao verbo **ancorar**.

Por derivação regressiva, formam-se basicamente substantivos a partir de verbos. Por isso, recebem o nome de **substantivos deverbais.** Note que na linguagem popular, são frequentes os exemplos de palavras formadas por derivação regressiva. **Veja:**

o **portuga** (de português)
o **boteco** (de botequim)
o **comuna** (de comunista)

Ou ainda:
agito (de agitar)
amasso (de amassar)
chego (de chegar)

Normalmente, um verbo é criado a partir de um substantivo. Na derivação regressiva, a língua procede em sentido inverso: forma o substantivo a partir do verbo.

Derivação Imprópria

A derivação imprópria ocorre quando determinada palavra, sem sofrer qualquer acréscimo ou supressão em sua forma, **muda** de classe gramatical. Neste processo:

1) Os **adjetivos** passam a **substantivos**
Os **bons** serão contemplados.

2) Os **particípios** passam a **substantivos** ou **adjetivos**

Aquele garoto alcançou um **feito** passando no concurso.

3) Os **infinitivos** passam a **substantivos**

O **andar** de Roberta era fascinante.

O **badalar** dos sinos soou na cidadezinha.

4) Os **substantivos** passam a **adjetivos**

O funcionário **fantasma** foi despedido.

O menino **prodígio** resolveu o problema.

5) Os **adjetivos** passam a **advérbios**

Falei **baixo** para que ninguém escutasse.

6) Palavras **invariáveis** passam a **substantivos**

Não entendo o **porquê** disso tudo.

7) Substantivos **próprios** tornam-se **comuns**.

Aquele coordenador é um **caxias**! (chefe severo e exigente)

COMPOSIÇÃO

É processo que forma palavras compostas, a partir da junção de dois ou mais radicais. Existem dois tipos:

Composição por Justaposição

Ao juntarmos duas ou mais palavras ou radicais, não ocorre alteração fonética.

Passatempo, quinta-feira, girassol, couve-flor

Obs.: em "girassol" houve uma alteração na grafia (acréscimo de um "s") justamente para manter inalterada a sonoridade da palavra.

Composição por Aglutinação

Ao unirmos dois ou mais vocábulos ou radicais, ocorre supressão de um ou mais de seus elementos fonéticos.

embora (em boa hora)
fidalgo (filho de algo - referindo-se à família nobre)
hidrelétrico (hidro + elétrico)
planalto (plano+ alto)

Redução

Algumas palavras apresentam, ao lado de sua forma plena, uma forma reduzida. Observe:

auto - por automóvel
cine - por cinema
micro - por microcomputador
Zé - por José

Como exemplo de redução ou simplificação de palavras, podem ser citadas também as **siglas**, muito frequentes na comunicação atual. (Se desejar, veja mais sobre siglas na seção "Extras" -> Abreviaturas e Siglas)

Hibridismo

Ocorre **hibridismo** na palavra em cuja formação entram elementos de línguas diferentes.

auto (grego) + móvel (latim)

Onomatopeia

É a tendência constante da fala humana para imitar as vozes e os ruídos da natureza.

Exemplos: miau, zum-zum, piar, tinir, urrar, chocalhar, cocoricar, etc.

INDO
mais fundo

Agora sim, queridos, vamos fundo no estudo das classes gramaticais!!

SUBSTANTIVO

I – CLASSIFICAÇÃO

a) **COMUM**: designa seres da mesma espécie

Ex.: estudante, dança, felicidade, cardume

b) **PRÓPRIO**: designa seres específicos, um único ser

Ex.: Paula, Brasília, Pirineus, África, Tietê

c) **PRIMITIVO**: não derivam de outra palavra

Ex.: Bruxa, mar, sol, alma, dor, Paula, homem

d) **DERIVADO**: formados a partir de outra palavra

Ex.: Brasília, covardia, felicidade, estudo, maresia

e) **SIMPLES**: possui apenas um radical

Ex.: Gato, caneta, política, boiada, bando, estudo

f) **COMPOSTO**: possui mais de um radical

Ex.: Girassol, lobisomem, rodapé, couve-flor

g) **CONCRETO**: seres com existência própria

Ex.: Mar, sol, areia, alma, fada, Deus, Ana Maria

h) **ABSTRATO**: designam qualidade, ação, estado, sentimento

Ex.: Covardia, luta, felicidade, calor, viagem

i) **COLETIVO**: conjunto de seres da mesma espécie

Alcateia (lobos), **Arsenal** (armas),
Corja (bandidos), **Código** (leis),
Atlas (mapas), **Banca** (examinadores),
Mó (gente), **Enxoval** (roupas)

Cada substantivo possui quatro classificações, a não ser que seja um coletivo:

Ex.: Casa: comum, simples, concreto e primitivo
Brasília: comum, próprio, concreto, derivado
Enxame: comum, simples, concreto, primitivo e derivado

ADJETIVO

I – CLASSIFICAÇÃO SEMÂNTICA:

a) **RESTRITIVO**:

Não pode ser aplicado a todos os seres da mesma espécie

Ex.: Aluno **inteligente** / Mulher **sincera** / Cidade **limpa**

b) **EXPLICATIVO**: (sem restrição)

Pode ser aplicado a todos os seres da mesma espécie

Ex.: Homem **mortal** / Água **mole** / Animal **irracional**

c) **UNIFORME**: (sem flexão de gênero)

Ex.: Aluno(a) **gentil, inteligente** e **fiel.**

d) **BIFORME**: (com flexão de gênero)

Ex.: Alun**o** **bonito, dedicado** e **sincero.**
Alun**a** **bonita, dedicada** e **sincera**.

II – CLASSIFICAÇÃO ESTRUTURAL:

a) **SIMPLES**: um só radical

Ex.: lindo, elegante, bom, verde, famoso

b) **COMPOSTO**: mais de um radical

Ex.: azul – claro, político – social, cor – de – abóbora

c) **PRIMITIVO**: original

Ex.: fácil, nobre, ruim, sério, ágil, bom

d) **DERIVADO**: provem de outro vocábulo

Ex.: hospitalar, feioso, amável, brasileiro

III – ADJETIVO PÁTRIO

Refere-se à pátria, ao lugar de origem dos seres:

- Acre – Acreano
- Moscou – Moscovita
- Barbacena – barbacenense
- Belo Horizonte – belorizontino
- Etiópia – etíope
- Guatemala – guatemalteco

IV – LOCUÇÃO ADJETIVA

É uma expressão que caracteriza um substantivo, formada por preposição + substantivo. Normalmente possue um adjetivo correspondente.

- Amor DE MÃE = materno
  Locução Adjetivo

- Nariz DE ÁGUIA = aquilino
  Locução Adjetivo

- Paixão SEM FREIO = desenfreada
  Locução Adjetivo

- Rosto DE ANJO = angelical
  Locução Adjetivo

- Folha DE PAPEL = (sem adjetivo correspondente)
  Locução

- Cão DE RAÇA = (sem adjetivo correspondente)
  Locução

Flexão nominal (substantivos e adjetivos)

PRINCIPAIS DESINÊNCIAS NOMINAIS
Gênero masculino (-o)
feminino (-a)
Número singular (não há)
plural (-s)

Os substantivos e os adjetivos são as classes nominais que mais sofrem flexões. Vamos estudar cada uma separadamente.

1. Flexão dos substantivos

FLEXÃO DE GÊNERO:

a) Masculino e Feminino: algumas palavras possuem apenas o masculino **ou** o feminino, não tendo, portanto, o gênero oposto correspondente. Veja:

O cometa	A libido
O champanha	A alface
O clã	A apendicite
O dó	A cal
O herpes	A comichão

O cometa é **sempre** masculino. A alface é **sempre** feminino.

b) Biformes: são aqueles substantivos que têm o correspondente do outro gênero, com palavras que possuem o mesmo radical.

O **pard**al = A **pard**oca
O **jud**eu = A **jud**ia
O **her**ói = A **her**oína
O **sargent**o = A **sargent**a
O **cachorr**o = A **cachorr**a

Dentro dos biformes, temos ainda os heterônimos:

O cavaleiro - A amazona
O zangão - A abelha
O pai - A mãe
O boi – A vaca

Observe que são formas correspondentes, mas não possuem o mesmo radical.

c) Uniformes

- **Epicenos:** usados para animais

O Jacaré
A cobra } MACHO
O peixe } ou
A mosca } FÊMEA

Observe que são dois vocábulos, apenas um designa macho e fêmea.

- **Sobrecomuns:** usados para pessoas

A pessoa
O sósia
A mascote
A vítima
O algoz

Também não possuem uma forma para o masculino e outra para o feminino. **A pessoa**, por exemplo, é sempre um vocábulo feminino, referindo-se tanto a um homem quanto a uma mulher.

- **Comuns-de-dois:** a mudança do determinante (artigo, adjetivo ou pronome) vai distinguir o gênero do vocábulo.

O / A estudante
Bom / Boa ciclista
Meu / Minha colega
O / A rival

FLEXÃO DE NÚMERO:

Plural dos Compostos

Para entender o plural dos compostos, é importante relembrar quais são as classes gramaticas variáveis e quais são as classes invariáveis:

Variáveis: substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome e verbo
Invariáveis: advérbio, preposição, interjeição e conjunção

a) Em palavras compostas, ambos se flexionam se o vocábulo for composto por:

- Substantivo + Substantivo = COUVE**S** – FLORE**S**

- Substantivo + Adjetivo = BOIA**S** – FRIA**S**

- Adjetivo + Substantivo = PURO**S** – SANGUE**S**

- Numeral + Substantivo = TERÇA**S** – FEIRA**S**

b) Somente o primeiro elemento varia se for composto por:

- Substantivo + Substantivo (o segundo determinando, especificando o primeiro) = POMBO**S** – CORREIO
PEIXE**S** – ESPADA

- Substantivo + preposição + Substantivo =
ÁGUA**S** – DE – COLÔNIA
MULA**S** – SEM – CABEÇA

c) Somente o segundo elemento varia se for composto por:

- Verbo (o verbo não vai para o plural) + Substantivo = ARRANHA – CÉU**S**

✓ **Guarda – noturno** > Guarda**s** – noturno**s**
(substantivo + adjetivo)

Nesse caso, o **guarda** vai para o plural porque não é o verbo, é o substantivo, significa a pessoa que trabalha de guarda.

- Advérbio + Adjetivo = ALTO – FALANTE**S**

- Prefixo + Substantivo = VICE – DIRETOR**ES**

- Grão / Grã / Bel + substantivo = GRÃO – DUQUE**S**
GRÃ – DUQUESA**S**

- Onomatopeias = TIQUE – TAQUE**S**

- Palavras repetidas = RECO – RECO**S**

As palavras a seguir merecem atenção especial

- ✓ **Bem – te – vi >** Bem – te – vi**s**
- ✓ **Bem – me – quer** > Bem – me – quer**es**

d) Invariáveis (vocábulos que nunca mudam, o que vai variar é o determinante que vier antes):

- Verbo + Advérbio = O /**OS** BOTA-FORA
- Verbos Antônimos = O /**OS** SENTA–LEVANTA
- Frases Substantivas = **O / OS** DEUS–NOS–ACUDA
  O / **OS** LOUVA–A–DEUS
- Verbo + Subst. Plural = **O / OS** CONTA–GOTAS

e) Substantivos que admitem dois plurais:

- **salvo – conduto** > salvo**s** – conduto**s**
  salvo – conduto**s**

- **padre – nosso** > padre**s** – nosso**s**
  padre – nosso**s**

- **pisca – pisca** > Pisca – pisca**s** / Pisca**s** – pisca**s**

- **xeque – mate** > xeque**s** – mate**s** xeque**s** – mate

- **fruta – pão** > fruta**s** – pã**es**
  fruta**s** – pão

- **guarda – marinha** > Guarda**s** – marinha**s**
  Guarda**s** – marinha

ATENÇÃO! Variação menos importante para concurso com relação aos substantivos:

GRAU:

A) **Aumentativo:** Analítico: Casa **grande**
Boca **enorme**
Sintético: Cas**arão** / Boc**arra**

B) **Diminutivo:** Analítico: Casa **pequena**
Porta **mínima**
Sintético: Cas**ebre** ou Cas**inha**
Port**inhola** ou Port**inha**

2. Flexão dos Adjetivos

Acompanham os substantivos e flexionam em número, gênero e grau para fazer a concordância com eles.

Ex.: Roup**a** bel**a**, loca**is** proibido**s**, visita agrabilíssima

FLEXÃO DOS ADJETIVOS COMPOSTOS:

Regra geral:

Somente o último elemento (se for ADJETIVO) do composto pode flexionar--se em gênero e número.

Ex.: Instrumento médico–**cirúrgico**
Sala médico–**cirúrgica**
Trauma afetivo–**emocional**
Traumas afetivo–**emocionais**

- ✓ **Invariáveis:** azul–marinho / azul–celeste
- ✓ **Flexionam-se ambos os termos:** surdo(a) (s) – mudo(a) (s)
- ✓ Se o último elemento for SUBSTANTIVO, o composto fica INVARIÁVEL

Ex.: Bandeira (s) azul – **turquesa**
Camisa (s) cor – de – abóbora
Fita (s) **rosa**

GRAU: flexão importante com relação aos adjetivos

***I . COMPARATIVO*:**

a) **Igualdade** (tão / tanto ... como / quanto)

Ex.: Os alunos eram **tão** dedicados **como / quanto** os mestres.

b) **Inferioridade** (menos ... (do) que)

Ex.: O salário era **menos** interessante **(do) que** o trabalho.

c) **Superioridade** (mais ... (do) que)

Ex. : Perla era **mais** feia **(do) que** sua irmã.

***II. SUPERLATIVO*:**

a) **Relativo de Inferioridade:** (o menos ... de)
Ex.: Seu chute era **o menos** confiável **do** time.

b) **Relativo de Superioridade:** (o mais ... de)
Ex.: O brasileiro tem sido **o mais** confiante **dos** homens.

c) **Absoluto Analítico:** (com auxílio de advérbio)
Ex.: Os concursos têm sido **extremamente** difíceis.

d) **Absoluto Sintético:** (com auxílio de sufixos)
Ex.: Aquelas modelos são **magríssimas**. (vernáculo)
Aquelas modelos são **macérrimas**. (erudito)

A lista a seguir é para marcar a diferença do superlativo erudito daquele que usamos em nosso cotidiano.

- ✓ Amargo – amaríssimo
- ✓ Áspero – aspérrimo
- ✓ Célebre – celebérrimo
- ✓ Cristão – cristianíssimo
- ✓ Cruel – crudelíssimo
- ✓ Doce – dulcíssimo
- ✓ Fiel – fidelíssimo

- ✓ Frio – frigidíssimo
- ✓ Humilde – humílimo
- ✓ Íntegro – integérrimo
- ✓ Magro – macérrimo
- ✓ Negro – nigérrimo
- ✓ Pobre – paupérrimo
- ✓ Sagrado – sacratíssimo

PRESTE atenção

Usam-se as formas **mais bom**, **mais mau**, **mais grande** e **mais pequeno** quando se comparam qualidades do **mesmo ser!**

Ex.: Aquele aluno é **mais bom** que **inteligente.**
Esta sala é **mais grande** do que **confortável**.

No mais, usam-se as formas sintéticas MELHOR, PIOR, MAIOR e MENOR.

Ex.: João é **menor** que seu irmão. (**mais pequeno**)

Resumindo

João é MAIS grande QUE forte.

Duas características comparadas em um mesmo ser, ok!

ARTIGO

O, A, OS, AS

I – ARTIGO DEFINIDO:

Definem um ser dentre tantos de sua espécie, indicando-lhe gênero e número.

Ex.: Chamem **o** jovem. (aquele jovem, sexo masculino)

II – ARTIGO INDEFINIDO:

UM, UMA, UNS, UMAS

Designam qualquer ser dentro da espécie, deixando-o vago; determinam gênero e número.

Ex.: Contratem **uma** jovem. (qualquer jovem, sexo feminino)

✓ O artigo definido é facultativo antes de:

- Possessivos: Amanhã visitarei **(o)** seu pai.
- Nomes próprios: Maria sempre estuda com **(o)** Paulo.

✓ Omite-se o artigo antes da palavra casa no sentido de "lar": Não saio **de** casa. Vou **para** casa. Ficarei **em** casa.

✓ Usa-se **TODO** ou **TODO O** :

TODO país participará do evento. (qualquer país)

TODO O país participará do evento. (o país inteiro)

INTERJEIÇÃO

É a classe especial que demonstra o "estado de espírito" do falante. Várias outras classes gramaticais podem desenvolver função de interjeição.

EXPRIMEM:

- **Advertência:** Alerta! Cuidado! Calma! Atenção! Olha!
- **Afugentamento:** Fora! Rua! Saia!
- **Alegria:** Ah! Oh! Eta!
- **Alívio:** Ufa! Arre! Também!
- **Animação:** Coragem! Avante! Força!
- **Chamamento:** Alô! Olá! Psiu! Hei! Ô!
- **Aplauso:** Bravo! Viva! Bis!
- **Aversão:** Xi! Ih! Credo!
- **Cessação:** Alto! Basta! Chega!
- **Desejo:** Oxalá! Tomara! Viva!
- **Dor:** Ai! Ui!
- **Espanto:** Ué! Uai! Puxa! Caramba! Oba!
- **Impaciência:** Hum! Puxa! Raios!
- **Incredulidade:** Qual! Ora!
- **Reprovação:** Francamente!
- **Satisfação:** Oba! Boa! Opa!
- **Saudação:** Salve! Adeus! Viva!
- **Silêncio:** Psiu! Silêncio! Caluda!
- **Terror – medo**: Uh! Ui! Cruzes! Barbaridade!

NUMERAL

EMPREGO:

1) Na sucessão de papas, reis, príncipes, anos, séculos, capítulos etc., empregam-se:

- De 1 a 10 > os ordinais:

Ex.: João Paulo II (segundo)
Ano III (terceiro)
D. Pedro I (primeiro)

- De 11 em diante > cardinais:

Ex.: Papa Pio XI (onze)
Século XXI (vinte e um)

2) Na sucessão de leis, decretos, artigos, portarias, avisos etc., empregam-se:

- De 1 a 9 > ordinais: lei 7ª / portaria 8ª
- De 10 em diante > cardinais: artigos 43 e 47

3) O numeral **AMBOS** é dual porque sempre se refere a dois seres, mas a expressão pleonástica **AMBOS OS DOIS** é correta desde que usada com discrição:

Ex.: Perguntaram se Maria e Joana são minhas filhas. Respondi-lhes que o são AMBAS AS DUAS (ou ambas de duas).

4) Décimo primeiro ou undécimo
Décimo segundo ou duodécimo

HUM e TREIS são formas erradas, só aceitas em preenchimento de cheques para evitar fraudes bancárias.

PREPOSIÇÕES

São usadas basicamente para unir palavras em frases nominais e verbais. São importantíssimas no estudo da transitividade verbal e da regência.

São divididas em:

I – **Preposições Essenciais (sempre são desta classe):** a, ante, até, após, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás

II – **Preposições Acidentais (palavras eventualmente usadas como preposições):** afora, conforme, consoante, durante, exceto, fora, mediante, menos, salvo, segundo, tirante, visto etc.

Ex.: **Salvo** melhor juízo, julgo correta a expressão.
Ela sofreu um acidente **durante** o exercício.
Eles se vestem **conforme** a moda.

III – **Locução Prepositiva:** ao lado de, abaixo de, a despeito de, apesar de, de acordo com, por causa de etc.

Ex.: O perigo morava **ao lado de** todos.
Passamos no concurso **graças a** nossa capacidade.

CONJUNÇÃO

As conjunções são elementos importantíssimos na coerência do texto, pois elas são uma das formas de unir orações. Uma conjunção mal colocada modifica o valor semântico estabelecido entre as orações e pode anular um texto, fazê- lo ficar sem sentido.

São divididas didaticamente entre coordenativas e subordinativas:

I – **COORDENATIVAS**: unem orações independentes entre si

- **Aditivas:** e, nem, mas também, mas ainda, como também, bem como
- **Adversativas:** mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, não obstante
- **Alternativas:** ou, ou...ou, ora...ora, quer...quer, seja...seja
- **Conclusivas:** logo, portanto, senão, por isso, por conseguinte, pois (após o verbo)
- **Explicativas:** porque, que, porquanto, pois (antes do verbo)

II – **SUBORDINATIVAS:** unem orações dependentes entre si

- **Integrantes:** que, se
- **Causais:** porque, visto que, pois que, como, já que
- **Comparativas**: como, (mais) que, (menos) que, assim como, (tanto – tão) quanto
- **Condicionais**: se, caso, uma vez que, desde que, salvo se, sem que
- **Concessivas**: embora, ainda que, se bem que, conquanto, mesmo que
- **Conformativas**: conforme, segundo, consoante, como
- **Consecutivas**: (tão)...que, (tal)...que, de modo que
- **Finais**: para que, a fim de que, de sorte que, de forma que
- **Proporcionais**: à medida que, à proporção que, quanto mais...menos

- **Temporais**: quando, mal, logo que, assim que, sempre que, depois que

Aqui cabe a pergunta:

É preciso decorar as conjunções?

Cada um tem um jeito de estudar que facilita a compreensão, mas eu penso que decorar hoje te leva a esquecer amanhã! Até porque, algumas conjunções nem sempre ficam no grupo a que elas pertencem, o contexto conta mais em uma análise, veja:

Corri muito **e** nao consegui chegar antes do avião decolar!

A conjunção **e** está no grupo das aditivas, mas, na frase dada, não está indicando adição, ao contrário, está incicando oposição!

DICA:

Mais vale analisar as conjunções em um dado contexto do que decorar apenas a qual grupo ela pertence!

FIQUE
atento!

Preposição x Conjunção

Enquanto a preposição une palavras de uma oração, a conjunção une as orações!

Vamos voltar a um exemplo dado anteriormente:

Eles se vestem **conforme** a moda.

O **conforme** é uma conjução conformativa sendo usada como preposição nesta oração. Basta observar que ela une o substantivo **moda** ao verbo **vestir**.

Já em:

Tudo aconteceu **conforme** prevíamos.

Conforme é uma conjunção que une duas orações: "tudo aconteceu" e "prevíamos", dando ideia de conformidade.

ADVÉRBIO

Trata-se de uma classe gramatical muito comum em orações e que tem um papel fundamental na sintaxe (estuda a função das palavras na frese), pois tem como função dar circunstância ao verbo. Veja:

Meu sobrinho nasceu.

Sujeito: **meu sobrinho.**
Verbo intransitivo (NÃO pede complemento): **nasceu.**

É claro que, diante dessa oração, algumas pessoas perguntariam: Quando? Onde? Como ele nasceu? Para responder a essas perguntas, usamos os **advérbios**! Então teremos:

Meu sobrinho nasceu **ontem**, **no Rio de Janeiro**, **de parto normal**.

Ontem (advérbio): dá circunstância de TEMPO ao verbo.

No Rio de Janeiro (locução advérbial): dá circunstância de LUGAR ao verbo.

De parto normal (locução adverbial): dá circunstância de MODO ao verbo.

Resumindo

Os advérbios são circunstanciadores do verbo. NÃO SÃO COMPLEMENTOS, são termos acessórios da oração.

FIQUE atento!

Do ponto de vista sintático, o advérbio vem associado ao verbo, ao adjetivo ou ao próprio advérbio, podendo inclusive modificar uma frase inteira! Vejam:

Exemplos

- O juiz morava longe >> o advérbio "longe" modifica o verbo "morar".
- O dia está muito calmo >> O advérbio "muito" modifica o adjetivo "calmo".
- Falava muito bem >> O advérbio "muito" modifica um outro advérbio, o "bem".
- Certamente, você saberá como proceder na hora oportuna >> o advérbio "certamente" modifica TODA a oração que vem a seguir.

ATENÇÃO:

Os advérbios são assim chamados na análise morfológica das classes de palavras, no estudo sintático das funções das palavras, eles são chamados de adjuntos adverbiais, ou seja, possuem a função de dar circunstâncias de tempo, lugar, intensidade, entre outras, ao verbo.

Listei agora os principais tipos de advérbios e as circunstâncias que exprimem:

- **Afirmação:** sim, certamente, deveras, realmente
- **Dúvida:** talvez, quiçá, decerto, acaso, porventura
- **Negação:** não, absolutamente, tampouco, nunca
- **Intensidade:** muito, pouco, bastante, mais, menos, meio, extremamente
- **Lugar:** aqui, ali, acolá, perto, longe, dentro, fora
- **Modo:** bem, mal, assim, depressa, calmamente
- **Tempo:** agora, já, depois, breve, cedo, novamente
- **Advérbios interrogativos:** onde, aonde, como, quando, por que

Ex.: **Como** você aprendeu a dirigir?
Como = advérbio interrogativo.

O homem veio **depressa** ver o ocorrido.
Depressa = advérbio de modo, indica o modo como o homem veio.

Certamente tudo dará certo!
Certamente = advérbio de certeza.

Estou **muito** animada com o evento.

Muito = advérbio de intensidade.

FIQUE **atento!**

As palavras terminadas em "mente" são tipicamente advérbios, são os chamados modalizadores, uma vez que modalizam, ou seja, marcam opinião do emissor sobre aquilo que está sendo dito.

Exemplos:

Felizmente tudo acabou.

Comumente ele está aqui.

Felizmente e comumente = advérbio modalizador

Flexão do Advérbio

Muito importante saber: os advérbios são palavras invariáveis, isto é, **não apresentam variação em gênero e número**. Isso quer dizer que não existe "estou **meia** cansada", pois "meio", indicando intensidade, é advérbio e NÃO deve variar em gênero ou em número. O correto é: estou **meio** cansada.

Alguns advérbios, porém, admitem a variação em grau. Observe:

Grau Comparativo

Forma-se o comparativo do advérbio do mesmo modo que o comparativo do adjetivo:

De igualdade: tão + advérbio + quanto (como)

Exemplo:

Renato fala **tão alto quanto** João.

De inferioridade: menos + advérbio + que (do que)

Exemplo:

Renato fala **menos alto do que** João.

De superioridade:

Analítico: mais + advérbio + que (do que)

Exemplo

Renato fala **mais alto do que** João.

Exemplo:

Renato fala **melhor que** João.

Grau Superlativo

O superlativo pode ser analítico ou sintético:

Analítico: acompanhado de outro advérbio.

Exemplo:

Renato fala **muito alto.**

Muito = advérbio de intensidade

Alto = advérbio de modo

Sintético: formado com sufixos.

Exemplo:

Renato fala **altíssimo**.

As formas diminutivas (cedinho, pertinho, etc.) são comuns na língua popular. Observe:

Maria mora pertinho daqui. (Muito perto)

A criança levantou cedinho. (Muito cedo)

PRONOME

Antes das demais classificações, precisamos compreender o uso pronominal em duas situações, veja:

- ***Pronome Substantivo*:** quando ele substitui um substantivo, fica no lugar dele em uma frase, fazendo remissão textual.

Ex.: ***Tudo nos*** une, ***nada nos*** separa.

Os pronomes em destaque substituem coisas e pessoas na frase.

- ***Pronome Adjetivo:*** determina o substantivo, funcionando mesmo como um adjetivo.

Ex.: ***Todo*** homem é mortal

O pronome **todo** está ligado ao substantivo **homem**.

I – **CLASSIFICAÇÃO**: para entendermos o uso dos pronomes, vamos vê-los divididos em grupos.

Os pronomes podem ser:

1) **Pessoais**: subdividem-se em retos e oblíquos.

a) **Retos**: funcionam como sujeito ou predicativo.

1ª pessoa – eu / nós
2ª pessoa – tu / vós
3ª pessoa – ele (a) / eles (as)

Ex.: **Eu** não sou **ele**.
Sujeito predicativo

O uso do pronome **pessoal reto** é como o **sujeito** da oração, posição que nenhum outro pronome pode assumir.

b) **Oblíquos**: funcionam como complementos (verbais e nominais) ou adjuntos

Singular			
1ª pessoa - Me	mim	comigo	
2ª pessoa - Te	ti	contigo	
3ª pessoa - Se	si	consigo	o, a, lhe
Plural			
1ª pessoa - Nos		conosco	
2ª pessoa - Vos		convosco	
3ª pessoa - Se	si	consigo	os, as, lhes

O verbo beijar é transitivo direto e pede um complemento, que, no caso, é quem foi beijado, **me** é o objeto direto!

Entregou–***me*** o livro.
O.I.

O verbo entregar é transitivo direto e indireto, entrega-se alguma coisa (OD) a alguém (OI). No caso da oração, entregou o livro (OD) a mim (**me** - OI)

Tenha–***me*** respeito.

C. Nominal

Analisando sintaticamente a oração, temos: ter... o quê? Respeito (OD). Respeito a quem? A mim (**me** – complemento nominal).

Tapou–***me*** a boca.

Adjunto Adnominal

Vejam: tapou o quê? A **minha** boca. **Minha** é adjunto adnominal de **boca**.

FIQUE
atento!

✓ Os pronomes ***ele, nós, vós, eles*** serão considerados oblíquos quando estiverem em funções sintáticas próprias do pronome oblíquo > O diretor convidará todos ELES (OD), se estiver na posição de sujeito, será classificado como reto > Ele convidará a todos. **ELE** é o sujeito, então é pronome reto.

FIQUE
atento!

Emprego de o, a, os, as

1) Em verbos terminados em vogal ou ditongo oral, os pronomes: **o, a, os, as** não se alteram.

Exemplos:

Chame-o agora.

Deixei-a mais tranquila.

2) Em verbos terminados em r, s ou z, estas consoantes finais alteram-se para **lo, la, los, las.**

Exemplos:

(Encontrar) Encontrá-lo é o meu maior sonho.

(Fiz) Fi-lo porque não tinha alternativa.

3) Em verbos terminados em ditongos nasais (am, em, ão), os pronomes o, a, os, as alteram-se para **no, na, nos, nas.**

Exemplos:

Chamem-no agora.

Põe-na sobre a mesa.

4) As formas combinadas dos pronomes oblíquos: mo, to, lho, no-lo, vo-lo, formas em desuso, podem ocorrer em próclise, ênclise ou mesóclise.

Ex.: Ele mo deu. (Ele me deu o livro)

FIQUE
atento!

✓ ***O, A, OS, AS***

- Objeto Direto = Jamais ***O*** acompanharei.
- Sujeito do infinitivo = Deixei – ***O*** ficar no quarto.

✓ ***LHE, LHES*** - só não terá a função de Objeto Direto, podendo ser Objeto Indireto, Complemento Nominal e Adjunto Adnominal.

- O.I. (2ª pessoa) = Façam o que ***LHES*** convêm.
- Compl. Nominal = Tenho – ***LHE*** respeito.
- Adj. Adnominal = Beijei – ***LHE*** o rosto.

FIQUE
atento!

✓ Uso de ***EU – TU / MIM – TI***

Existe grande confusão na língua falada sobre isso! Mas vejam:

- Ele trouxe um presente para ***MIM***. ***– CORRETO - Após preposição e em posição de complemento, usa-se o oblíquo.***
- Ele trouxe um presente para *EU*. ***– ERRADO - O EU e o TU são sempre retos.***
- Ele trouxe um presente para ***EU*** usar na festa. **– CORRETO - O EU é sujeito do infinitivo usar.**
- Ele trouxe um presente para mim usar na festa. **– ERRADO - Embora comum na linguagem falada, está errado de acordo com a gramática normativa: nada de oblíquo na posição de sujeito!**

- É fácil para ***MIM*** trabalhar aqui. **– CORRETO - A frase está invertida, cuidado: Trabalhar aqui é fácil para mim.**
- O namoro acabou, nada mais há entre ***MIM*** e ***TI***. ***– CORRETO - Não podemos usar os pronomes retos EU e TU nesse caso, pois não estão em posição de sujeito!***
- Pesam suspeitas sobre você e ***MIM***. ***– CORRETO - Não podemos usar o pronomes reto EU no lugar de MIM, pois a posição não é de sujeito.***

FIQUE
atento!

✓ O diretor ficou satisfeito CONOSCO.
O diretor ficou satisfeito com NÓS todos.

Caso seja usado um determinante após o **conosco**, o pronome deve ser desmembrado: **com nós**.

✓ SE, SI, CONSIGO – são sempre reflexivos

Ex.: Ele trouxe CONSIGO o irmão.
Ele não SE dá com a irmã.
Ele guardou o livro para SI.

c) **Tratamento**: usados no relacionamento social e em correspondências oficiais.

Você (V.) = para um ser igual
Vossa Alteza (V.A.) = Príncipes e Princesas
Vossa Majestade (V.M.) = Reis e Rainhas
Vossa Eminência (V.Emª) = Cardeais
Vossa Excelência (V.Exª) = Altas patentes

Vossa Senhoria (V.Sª) = Linguagem comercial
Vossa Santidade (V.S.) = Papas

PRESTE
atenção

Cuidado com a concordância com relação ao uso dos pronomes de tratamento. Embora eles sejam usados para a segunda pessoa do discurso, os pronomes de tratamento fazem concordância em 3ª pessoa.

1ª pessoa do discurso: emissor
2ª pessoa do discurso: receptor
3ª pessoa do discurso: o assunto

Ex.: Vossa Alteza **soubeste** do ocorrido? **ERRADO!** O verbo saber deverá concordar em terceira pessoa com o pronome de tratamento!

Vossa alteza **soube** do ocorrido? **CORRETO!**

Emprego dos pronomes Vossa e Sua:

- ✓ VOSSA - para falar com...
- ✓ SUA – para falar de...

Ex.: Vossa Excelência gostaria de um chá? (falando com a própria Alteza)

Sua Alteza, o príncipe, estará presente. (referindo-se à Alteza)

2) **Possessivos**: indicam posse

1ª pessoa – meu (a) (s) / nosso (a) (s)

2ª pessoa – teu (a) (s) / vosso (a) (s)
3ª pessoa – seu (a) (s) / seu (a) (s)

✓ O pronome SEU quase sempre traz ambiguidade.

Ex.: Chegaram Pedro, Maria e SEU filho.

De quem é o filho? De Pedro, de Maria ou seu?

✓ Constitui pleonasmo vicioso usar pronome possessivo para se referir a partes do próprio corpo.

Ex.: Estou sentindo muita dor no MEU joelho.

PRESTE
atenção

✓ Os pronomes pessoais podem funcionar como possessivos:

Ex.: Beijou-**lhe** a boca avidamente.
Beijou a boca **dela**.

Lhe = pronome pessoal usado como possessivo

Pegou-**me** a mão com força.
Pegou a **minha** mão.
Me = pronome pessoal usado como possessivo

3) **Demonstrativos**: posição do ser no tempo e no espaço

1ª pessoa – este (a) (s) / isto
2ª pessoa – esse (a) (s) / isso

3ª pessoa – aquele (a) (s) / aquilo

Emprego

a) Em relação às pessoas

AQUI – Veja ES**T**ES livros. (os livros estão perto do emissor)

AÍ – Não carregues ES**S**A culpa. (a culpa é de quem ouve, do receptor)

LÁ – AQUILO que vês em alto-mar é a salvação. (longe de quem emite e de quem recebe a mensagem)

b) Em relação ao tempo da mensagem

Sei apenas IS**T**O: nada somos. (o que ainda SERÁ falado)

Estudar muito? I**SS**O não quero. (o que já FOI falado recentemente)

AQUILO que disse é sério? (FOI falado há bastante tempo, passado remoto)

c) Em relação ao tempo cronológico

PRESENTE – ES**T**E foi o século mais importante de todos.

PASSADO e FUTURO – Uma noite DES**S**AS irei à sua casa.

PASSADO e FUTURO distantes – AQUELE tempo era bom.

d) Localizando termos da oração

ÚLTIMO da série (ESTE) – PRIMEIRO da série (AQUELE)

Ex.: Diálogo entre pais e filhos é difícil: **ESTES** não querem ouvir nada, e **AQUELES** querem falar muito.

Estes: filhos

Aqueles: pais

✓ São também pronomes demonstrativos TAL, MESMO, PRÓPRIO, SEMELHANTE, O.

Ex.: Pediram-me que voltasse, mas não O farei.
As garotas MESMAS não disseram TAL coisa.

PRESTE atenção

Os Dêiticos

Pode ser que a banca use a denominação ***dêiticos*** para se referir aos elementos linguísticos que fazem referência ao **falante**, à **situação de produção de um dado enunciado** ou mesmo ao **momento em que o enunciado é produzido**. Nós acabamos de estudar os pronomes demonstrativos, não só eles, mas os pessoais e os advérbios de lugar e de tempo, em geral, funcionam como ***dêiticos,*** elementos que evidentemente se encarregam de *"embrear"* o enunciado, situando-o no contexto espaço-temporal em que se realiza.

Trata-se, pois, da utilização de palavras **apontando para a situação em que o discurso é materializado**. Por isso, é indispensável que haja o conhecimento partilhado dessa situação de produção para que os *elementos dêiticos* façam sentido na interação comunicativa.

Dependendo da localização do referente, um elemento linguístico pode ser classificado como ***dêitico*** ou como ***anafórico***. Se o referente se localizar no texto, então o elemento que é usado para referir-se a ele é uma *anáfora*. Neste caso, ocorre uma remissão a um referente anteriormente citado e, por isso, passível de ser reconhecido pelo interlocutor. Mas, estando o referente na situação comunicativa imediata, então o elemento linguístico de que se vale para apontá-lo é um *dêitico.*

Na prática: qual é a diferença entre dêiticos e as anáforas?

Basicamente, a diferença está no fato de que os dêiticos fazem referência ao contexto extralinguístico, enquanto os anafóricos retomam elementos já citados e situados no ambiente linguístico. Por exemplo:

1- Chegamos a São Paulo hoje. Esta cidade me inspira!

2- Aquele livro sobre a mesa não é meu.

Em (1) o demonstrativo ESTA refere-se a um elemento linguístico já citado: anáfora, pois.

Em (2) o pronome AQUELE faz referência a algo que não está no contexto linguístico, mas extralinguístico. Trata-se, portanto, de um dêitico.

4) **Indefinidos**: refere-se à 3ª pessoa do discurso de maneira vaga

Principais indefinidos:

- Algo, algum, bastante, cada, certo, mais, menos, muito, nada, qualquer, ninguém, alguém, vários

Ex.: **Alguém** sabe em que matéria paramos?

Tenho **bastantes** livros. (vários – varia para o plural porque aqui é um pronome, não advérbio)

- **LOCUÇÕES PRONOMINAIS:** cada um, cada qual, seja quem for, todo aquele que, qualquer um, quem quer que

PRESTE
atenção

✓ **Certos** amigos nem sempre são amigos **certos**.
Pronome indefinido — Adjetivo de amigos

✓ Recebi **muito** apoio. Chorei **muito**.
Pronome indefinido — Advérbio

A classificação vai depender do uso!

5) **Interrogativos**: usado em frases interrogativas diretas ou indiretas

QUEM foi o maior jogador do mundo?
QUE loucura é essa?
QUANTOS candidatos foram aprovados?
Não sei QUEM fez tal acusação.
Gostaria de saber QUAL é seu nome.

6) **Relativos**: substitui um termo comum a duas orações, estabelecendo uma relação de subordinação entre elas.

O banco não oferece produtos. (primeira oração) + Você não precisa de produtos. (segunda oração) O banco não oferece produtos de **que** você não precisa. (período composto unido pelo relativo **que**)

Muito importante!!!

Emprego:

a) **QUEM**: refere-se sempre a pessoas. Acompanhado de prep. "a" com verbo transitivo direto (V.T.D.).

Conheça a mulher **A QUEM** amo.

b) **QUE**: refere-se a coisas ou a pessoas e ao antecedente mais **próximo**.

Você é a **pessoa QUE** sempre chega na hora.

O estudo é o **caminho QUE** conduz ao sucesso.

c) **QUAL**: refere-se a coisas ou a pessoas e ao antecedente mais **distante.** Sempre é acompanhado de artigo "o" ou "a".

Aquele é o **candidato** do concurso **O QUAL** obteve o 1º lugar.

Antecedente
mais distante

d) **ONDE**: indica **lugar**. Equivalente a "em que" ou "no qual", mas não pode ser substituído por eles.

Visitaremos a casa **ONDE** nasceu Bilac.

Ela sabe **AONDE** você quer chegar.

* quero o relatório **onde** falo da petrobrás. **ERRADO = onde apenas para LUGAR!**

ATENÇÃO: "aonde" e "donde" são usados apenas com verbos de movimento.

Aonde você está indo?

e) **QUANTO**: após "tanto", "todo" e "tudo"

Não gaste num dia tudo QUANTO ganhas no mês.

f) **CUJO**: refere-se a um antecedente, mas concorda com o consequente, indicando POSSE. Sempre é pronome adjetivo.

ATENÇÃO: NÃO admite artigo (antes ou depois)

Há pessoas CUJA inimizade nos honra. >> antecedente **pessoas**, concorda com **inimizade**.

g) **COMO**: antecedentes sempre: maneira, modo, forma

Este é o modo COMO deves estudar.

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

É a parte da gramática que trata da correta colocação dos pronomes oblíquos átonos na frase. Embora, na linguagem falada, a colocação dos pronomes não seja rigorosamente seguida, algumas normas devem ser observadas, sobretudo, na linguagem escrita.

A ordem natural na Língua Portuguesa é o uso da ênclise, mas existe uma prioridade na colocação pronominal: 1º tente fazer próclise, depois mesóclise e em último caso, ênclise.

Próclise

É a colocação pronominal antes do verbo. A próclise é usada:

1) Quando o verbo estiver precedido de palavras atrativas, ou seja, que atraem o pronome para antes do verbo. São elas:

a) Palavras de sentido negativo: não, nunca, ninguém, jamais etc.

Ex.: Não se esqueça de mim.

b) Advérbios

Ex.: Agora se negam a depor.

c) Conjunções subordinativas

Ex.: Soube que me negariam.

d) Pronomes relativos

Ex.: Identificaram duas pessoas que se encontravam desaparecidas.

e) Pronomes indefinidos

Ex.: Poucos te deram a oportunidade.

f) Pronomes demonstrativos.

Ex.: Disso me acusaram, mas sem provas.

2) Orações iniciadas por palavras interrogativas.

Ex.: Quem te fez a encomenda?

3) Orações iniciadas por palavras exclamativas.

Ex.: Quanto se ofendem por nada!

4) **Orações que exprimem desejo (orações optativas).**

Ex.: Que Deus o ajude.

Mesóclise

Usa-se dizer que é a colocação pronominal **no meio** do verbo, mas, na verdade, é a colocação entre o verbo e a desinência. A mesóclise é usada:

1) Quando o verbo estiver **no futuro do presente ou futuro do pretérito**, contanto que esses verbos não estejam precedidos de palavras que exijam a próclise.

Exemplos:

Realizar-se-á, na próxima semana, um grande evento em prol da paz no mundo. (Verbo no futuro do presente)

Não fossem os meus compromissos, acompanhar-te-ia nessa viagem. (Verbo no futuro do pretérito)

Ênclise

É a colocação pronominal depois do verbo. A ênclise é usada quando a próclise e a mesóclise não forem possíveis:

1) Quando o verbo estiver no imperativo afirmativo.

Ex.: Quando eu avisar, silenciem-se todos.

2) Quando o verbo estiver no infinitivo impessoal.

Ex.: Não era minha intenção machucar-te.

3) Quando o verbo iniciar a oração.

Ex.: Vou-me embora agora mesmo.

4) Quando houver pausa antes do verbo.

Ex.: Se eu ganho na loteria, mudo-me hoje mesmo.

5) Quando o verbo estiver no gerúndio.

Ex.: Recusou a proposta fazendo-se de desentendida.

FIQUE
atento!

O pronome poderá vir proclítico ou não quando o infinitivo estiver precedido de preposição ou palavra atrativa.

Exemplos:

É preciso encontrar um meio de não o magoar.

É preciso encontrar um meio de não magoá-lo.

Colocação pronominal nas locuções verbais

1) Quando o verbo principal for constituído por um particípio:

a) O pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar.

Ex.: Haviam-me convidado para a festa.

b) Se antes da locução verbal houver palavra atrativa, o pronome oblíquo ficará antes do verbo auxiliar.

Ex.: Não me haviam convidado para a festa.

FIQUE
atento!

Se o verbo auxiliar estiver no futuro do presente ou no futuro do pretérito, ocorrerá a mesóclise, desde que não haja palavra atrativa antes dele.

Ex.: Haver-me-iam convidado para a festa.

2) Quando o verbo principal for constituído por um infinitivo ou um gerúndio:

a) Se não houver palavra atrativa, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar ou depois do verbo principal.

Exemplos:
Devo esclarecer-lhe o ocorrido.
Devo-lhe esclarecer o ocorrido.
Estavam chamando-me pelo alto-falante.
Estavam-me chamando pelo alto-falante.

b) Se houver palavra atrativa, o pronome poderá ser colocado antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal.

Exemplos:
Não posso esclarecer-lhe o ocorrido.
Não lhe posso esclarecer o ocorrido.
Não estavam chamando-me.
Não me estavam chamando.

VERBO

É a classe de palavras que se flexiona em pessoa, número, tempo, modo e voz. Pode indicar, entre outros processos: ação (correr), estado (ficar), fenômeno (chover), ocorrência (nascer) e desejo (querer).

O que caracteriza um verbo são suas flexões, não o que ele significa. Observe que palavras como corrida, chuva e nascimento têm conteúdo muito próximo ao de alguns verbos mencionados acima; não apresentam, porém, todas as possibilidades de flexão que esses verbos possuem.

I – **CLASSIFICAÇÃO:**

1) **Regulares**: não há alteração fonética no radical e também as desinências ficam inalteradas

Ex.: amar, amava, amará, amo

2) **Irregulares**: há alteração no radical e/ou nas desinências

Ex.: fazer, faço, fez, fiz

3) **Defectivos**: são os verbos que **não** são conjugados em todas as pessoas, tempos ou modos. Os mais importantes são:

a) Abolir, colorir, banir, ruir, extorquir, feder: não possuem a 1ª pessoa do singular (eu) do presente do indicativo e não são conjugados no presente do subjuntivo; nos outros tempos são completos.

b) Reaver, precaver-se, falir, remir, adequar: no presente do indicativo, só são conjugados na 1ª e na 2ª pessoas do plural (nós e vós) e não são conjugados no presente do subjuntivo; nos outros tempos, são completos.

c) Doer, acontecer, ocorrer: são conjugados em todos os tempos, mas somente nas terceiras pessoas (ele e eles).

4) **Abundantes**: possuem duas ou mais formas equivalentes, geralmente no particípio.

Ex.: acender: acendido / aceso
fritar: fritado / frito
aceitar: aceitado / aceito
expulsar: expulsado / expulso
morrer: morrido / morto

✓ HAVER: nós havemos ou hemos

5) **Anômalos**: formados por mais de um radical – SER e IR

Ex.: sou, és / fui / era ... vou / fui / irei ...

Em uma locução verbal, temos:

6) **Auxiliar**: é o primeiro verbo de uma locução verbal, aquele que se flexiona.

Ex.: **Estava** lendo.

Auxiliar: **estar**

7) **Principal**: é o segundo verbo de uma locução verbal, o que encerra o sentido básico do grupo. Está sempre em uma das formas nominais (gerúndio, particípio ou infinitivo).

Ex.: Quero **sair**.

Principal: **sair**

III – CONJUGAÇÕES

1ª conjugação: vogal temática "A" = and**a**r, est**a**r
2ª conjugação: vogal temática "E" = vend**e**r, faz**e**r
3ª conjugação: vogal temática "I" = part**i**r, sa**i**r

IV – FORMAS NOMINAIS

São três as formas nominais que o verbo pode assumir:

Infinitivo = ama**r**
Gerúndio = ama**ndo**
Particípio = ama**do**

V – FLEXÃO DOS VERBOS

1) **Número**: singular ou plural

Ex.: falo, falas, fala (singular)
falamos, falais, falam (plural)

2) **Pessoa**: são três

1ª pessoa – quem fala: eu (sing.), nós (pl.)
2ª pessoa – com quem se fala: tu (sing.), vós (pl.)
3ª pessoa – de quem se fala: ele (sing.), eles (pl.)

3) **Modo**: são três

a) ***Indicativo***: apresenta o fato de maneira real, de ocorrência certa.
Ex.: **Caminho** todas as manhãs.

b) ***Subjuntivo***: apresenta o fato de maneira duvidosa, hipotética.

Ex.: Ele quer que eu **estude** muito.

c) ***Imperativo***: apresenta o fato como ordem, pedido, súplica.

Ex.: **Saia** agora e **não olhes** para trás.

4) **Tempo**: são três

a) ***Presente***: fato corrido no momento da fala, corriqueiro, constante, futuro próximo, presente histórico.

Exemplos:
Espero por você. (momento da fala)
C**aminho** sempre. (ação corriqueira)
Deus **é** pai. (fato constante)
Amanhã **viajo.** (futuro próximo)
Em 1500, Cabral **descobre** o país. (presente histórico)

b) ***Pretérito***:

Perfeito – refere-se a uma ação pontual no passado.
Ex.: **Vendi** meu carro.
Ação pontual de vender uma vez.

Imperfeito – refere-se a uma ação duradoura no passado.
Ex.: **Escrevia** uma carta...
Passou um tempo escrevendo...

Mais-que-perfeito – passado distante, remoto.
Ex.: Ele **fizera** tudo na vida.

c) ***Futuro***:

Futuro do presente – futuro certo de ocorrer.

Ex.: Far**ei** uma viagem.

Futuro do pretérito – futuro condicionado a algo do passado.

Ex.: Espera**ria** se pudesse.

Algo impedirá a ação de ocorrer no futuro.

5) **Voz**: são três vozes do verbo (ativa, passiva e reflexiva).

a) ***Ativa***: o sujeito pratica a ação

Ex.: Mário **pintou** a varanda.

b) ***Passiva***: o sujeito sofre a ação

- ANALÍTICA – verbo ser conjugado + Verbo Transitivo Direto (VTD) no particípio

Ex.: A varanda **foi pintada** por Mário.

A varanda: sujeito paciente

por Mário: agente da passiva

- SINTÉTICA – VTD + partícula apassivadora SE

Ex.: **Pintou-se** a varanda.

c) ***Reflexiva***: o sujeito pratica e sofre a ação ao mesmo tempo

Ex.: Lúcia **pintou-se**. (se - pronome reflexivo)

VI – **FORMAÇÃO DO IMPERATIVO**

- Do Presente do Indicativo e do Presente do Subjuntivo, forma-se o **Imperativo Afirmativo** e do Presente do Subjuntivo, forma-se o **Imperativo Negativo.**

Pres.Indicativo		**Imper.Afirmativo**		**Pres.Subjuntivo**		**Imper.Negativo**
Estudo		____________		Estude		________________
Estudas	>	Estuda (tu)		Estudes	>	Não estudes (tu)
Estuda		Estude (você)	<	Estude	>	Não estude (você)
Estudamos		Estudemos (nós)	<	Estudemos	>	Não estudemos (nós)
Estudais	>	Estudai (vós)		Estudeis	>	Não estudeis (vós)
Estudem		Estudem (vocês)	<	Estudem	>	Não estudem(vocês)

✓ O verbo SER foge, na segunda pessoa (tu e vós), a essa regra. Seu Imperativo Afirmativo é:

SÊ (tu)
SEJA (você)
SEJAMOS (nós)
SEDE (vós)
SEJAM (vocês)

HORA DE
praticar!

A outra noite

Outro dia fui a São Paulo e resolvi voltar à noite, uma noite de vento sul e chuva, tanto lá como aqui. Quando vinha para casa de táxi, encontrei um amigo e o trouxe até Copacabana; e contei a ele que lá em cima, além das nuvens, estava um luar lindo, de lua cheia; e que as nuvens feias que cobriam a cidade eram, vistas de cima, enluaradas, colchões de sonho, alvas, uma paisagem irreal.

Depois que o meu amigo desceu do carro, o chofer aproveitou um sinal fechado para voltar-se para mim:

- O senhor vai desculpar, eu estava aqui a ouvir sua conversa. Mas, tem mesmo luar lá em cima?

Confirmei: sim, acima da nossa noite preta e enlamaçada e torpe havia uma outra - pura, perfeita e linda.

- Mas que coisa...

Ele chegou a pôr a cabeça fora do carro para olhar o céu fechado de chuva. Depois continuou guiando mais lentamente. Não sei se sonhava em ser aviador ou pensava em outra coisa.

- Ora, sim senhor...

E, quando saltei e paguei a corrida, ele me disse uma “boa noite” e um “muito obrigado ao senhor” tão sinceros, tão veementes, como se eu lhe tivesse feito um presente de rei.

(BRAGA, Rubem. *Para gostar de ler*, vol. 2, crônicas. São Paulo, Ática.)

01. **(PRODAM-AM – 2014 – FUNCAB)** Assinale a opção em que o pronome LHE foi corretamente empregado.

a) O dono da oficina recebeu-lhe com educação.
b) A atividade ilegal levara-lhe à prisão.
c) O cheiro de tinta contaminou-lhe.
d) Saiu do carro e abandonou-lhe na rua.
e) O passageiro pagou-lhe a corrida.

Comentário: tendo em vista que o ***lhe*** *é o único pronome oblíquo átono que já se apresenta na forma contraída, ou seja, é formado com a união entre o pronome* ***o*** *ou* ***a*** *e a* ***preposição a*** *ou* ***para,*** *e que, por conta disso, exerce sempre a função de objeto indireto na oração, o que exige que o verbo que ele acompanha necessite de complemento com preposição, temos como resposta correta para essa questão a alternativa E, com o verbo pagar, que é bitransitivo.* Os verbos receber, levar, contaminar e abandonar são transitivos diretos, portanto não exigem preposição no seu complemento.

Gabarito: E

02. **(PRODAM-AM – 2014 – FUNCAB)** As formas verbais abaixo foram retiradas do texto e apenas uma apresenta-se no pretérito imperfeito do subjuntivo. Assinale-a.

a) vinha
b) trouxe
c) tivesse
d) desceu
e) havia

Comentário: o tempo verbal pretérito imperfeito do subjuntivo apresenta desinência modo temporal ***–sse****, como em* ***tivesse*** *na alternativa C.*

Gabarito: C

O recente interesse na regulamentação da astrologia como profissão oferece a oportunidade de refletir sobre questões que vão desde as raízes históricas da ciência até a percepção, infelizmente muito popular, de seu dogmatismo. Preocupa-me, e imagino que a muitos dos colegas cientistas, a rotulação do cientista como um sujeito inflexível, bitolado, que só sabe pensar dentro dos preceitos da ciência. Ela vem justamente do desconhecimento sobre como funciona a ciência. Talvez esteja aqui a raiz de tanta confusão e desentendimento.

Longe dos cientistas achar que a ciência é o único modo de conhecer o mundo e as pessoas, ou que a ciência está sempre certa. Muito ao contrário, seria absurdo não dar lugar às artes, aos mitos e às religiões como instrumentos complementares de conhecimento, expressões de como o mundo é visto por pessoas e culturas muito diversas entre si.

Um mundo sem esse tipo de conhecimento não científico seria um mundo menor e, na minha opinião, insuportável. O que existe é uma distinção entre as várias formas de conhecimento, distinção baseada no método pertinente a cada uma delas. A confusão começa quando uma tenta entrar no território da outra, e os métodos passam a ser usados fora de seu contexto.

Portanto, é (ou deveria ser) inútil criticar a astrologia por ela não ser ciência, pois ela não é. Ela é uma outra forma de conhecimento. [...]

Essa caracterização da astrologia como não ciência não é devida ao dogmatismo dos cientistas. É importante lembrar que, para a ciência progredir, dúvida e erro são fundamentais. Teorias não nascem prontas, mas são refinadas com o passar do tempo, a partir da comparação constante com dados. Erros são consertados, e, aos poucos, chega-se a um resultado aceito pela comunidade científica.

A ciência pode ser apresentada como um modelo de democracia: não existe o dono da verdade, ao menos a longo prazo. (Modismos, claro, existem sempre.) Todos podem ter uma opinião, que será sujeita ao escrutínio dos colegas e provada ou não. E isso tudo ocorre independentemente de raça, religião ou ideologia. Portanto, se cientistas vão contra alguma coisa, eles não vão como donos da verdade, mas com o mesmo ceticismo que caracteriza a sua atitude com relação aos próprios colegas. Por outro lado, eles devem ir dispostos a mudar de opinião, caso as provas sejam irrefutáveis.

A astrologia lida com questões de relevância imediata na vida de cada um, tendo um papel emocional que a astronomia jamais poderia (ou deveria) suprir.

A astrologia está conosco há 4.000 anos e não irá embora. E nem acho que deveria. Ela faz parte da história das ideias, foi fundamental no desenvolvimento da astronomia e é testemunha da necessidade coletiva de conhecer melhor a nós mesmos e os que nos cercam. De minha parte, acho que viver com a dúvida pode ser muito mais difícil, mas é muito mais gratificante. Se erramos por não saber, ao menos aprendemos com os nossos erros e, com isso, crescemos como indivíduos. Afinal, nós somos produtos de nossas escolhas, inspiradas ou não pelos astros.

(GLEISER, Marcelo. Folha de São Paulo, 22 set. 2002)

03. **(PRODAM-AM – 2014 – FUNCAB)** A alternativa em que ambos os termos constituídos de preposição + substantivo podem ser substituídos no texto por adjetivos semanticamente equivalentes é:

a) formas DE CONHECIMENTO (§ 3) - rotulação DO CIENTISTA (§ 1)
b) preceitos DA CIÊNCIA (§ 1) - modelo DE DEMOCRACIA (§ 6)
c) rotulação DO CIENTISTA (§ 1) - preceitos DA CIÊNCIA (§ 1)
d) modelo DE DEMOCRACIA (§ 6) - donos DA VERDADE (§ 6)

Comentário: levando em consideração o contexto e substituindo a locução por um adjetivo equivalente em cada alternativa, temos:

a) formas DE CONHECIMENTO = formas conhecidas (errado), *rotulação DO CIENTISTA = rotulação científica (certo);*

b) *preceitos DA CIÊNCIA = preceitos científicos* ***(certo),***
modelo DE DEMOCRACIA = modelo democrático ***(certo);***

c) rotulação DO CIENTISTA = rotulação científica (errado), preceitos DA CIÊNCIA = preceitos científicos (certo);

d) modelo DE DEMOCRACIA = modelo democrático (certo), donos DA VERDADE = donos verdadeiros (errado).

Portanto, a alternativa em que ambas as construções estão corretas é a letra B.

Gabarito: B

04. **(SEPLAG-MG – 2014 – Gestão Pública – FUNCAB)** instrução de reescrita que, uma vez seguida, compromete o padrão culto da língua observado em: "Portanto, é (ou deveria ser) inútil criticar a astrologia por ela não ser ciência, pois ela não é." (§ 4) encontra-se na alternativa

a) Deslocar o pronome "ela" para a posição entre o verbo "ser" e o nome "ciência".

b) Empregar o demonstrativo "o" entre o advérbio "não" e a forma verbal "é" .

c) Substituir a conjunção "Portanto" por "Aonde", suprimindo a vírgula.

d) Substituir a conjunção "pois" pela locução conjuntiva "visto como".

Comentário: reescrevendo o trecho de acordo com o proposto nas alternativas e analisando, temos:

A - "Portanto, é (ou deveria ser) inútil criticar a astrologia por não ser ***ela*** *ciência, pois ela não é." (correto – nada impede que se coloque o pronome nessa posição)*

B - "Portanto, é (ou deveria ser) inútil criticar a astrologia por ela não ser ciência, pois ela não ***o*** *é." (correto – o demonstrativo o, nessa posição, funciona como pronome relativo, uma vez que retoma o termo ciência)*

*C - "**Aonde**, é (ou deveria ser) inútil criticar a astrologia por ela não ser ciência, pois ela não é." (**errado** – o advérbio **aonde** não pode substituir a conjunção portanto porque fica completamente incoerente)*

*D - "Portanto, é (ou deveria ser) inútil criticar a astrologia por ela não ser ciência, **visto como** ela não é." (correto – a conjunção causal pois pode ser perfeitamente pela locução **visto como** sem prejuízo de sentido)*

Gabarito: C

A figura do ancião, desde o início dos relatos das primeiras civilizações, é muito controversa e discutida. No mundo ocidental, o senso comum das principais culturas muitas vezes discordava dos ensinamentos das filosofias clássicas sobre as contribuições da velhice para a sociedade. O estudo das reais condições trazidas pelo avanço da idade gerou diversas discussões éticas sobre as percepções biossociais dos processos de mudança do corpo. Médicos, biólogos, psicólogos e antropólogos ainda hoje não conseguem obter consenso sobre esse fenômeno em suas respectivas áreas.

Muitas culturas ocidentais descrevem o estereótipo do jovem como corajoso, destemido, forte e indolente. Já a figura do idoso é retratada como um peso morto, um chato em decadência corporal e mental. Percepção preconceituosa que foi levada ao extremo no século XX pelos portugueses durante a ditadura de Antônio Salazar, notório por usar a perseguição aos idosos como bandeira política. Atletas e artistas cotidianamente debatem o avanço da idade com medo e desgosto, enquanto especialistas da saúde questionam se há deterioração ou mudança adaptativa do corpo humano.

Nas culturas orientais, assim como na maioria das filosofias clássicas, a velhice é vista de um ângulo positivo, sendo fonte de sabedoria e meta para uma vida guiada pela prudência. O sábio ancião, que personifica a figura do homem calmo, austero, e que muitas vezes é capaz de prever certas situações e aconselhar, se destaca em relação ao jovem cheio de energia e de hormônios instáveis. Porém, apesar dos filósofos apreciarem o avanço da idade, nem todos eles tinham a mesma opinião sobre a velhice. O jovem Platão tinha como inspiração o velho filósofo Sócrates. Apesar de ser desfavorecido materialmente, Sócrates possuía muita experiência e uma sabedoria ímpar que marcou a história do pensamento. Em *A República*, Platão retrata uma discussão filosófica sobre a justiça ocorrida na casa do velho Céfalo, homem importante e respeitável em Atenas, que propiciava discussões filosóficas entre os mais velhos e os jovens que contemplavam os diálogos. Na sociedade ideal desse filósofo, os jovens muitas vezes eram retratados como inconsequentes e ingênuos, a exemplo de Polemarco, filho de Céfalo.

Nesta sociedade ideal, crianças e adolescentes não recebiam diretamente o ensino da Filosofia. Por ser um conhecimento nobre e difícil, [ela] era ensinada somente para pessoas de idade mais avançada.

Dentre os filósofos clássicos, o maior crítico sobre a construção filosófica da ideia de "velhice" era o estoico Sêneca. Para ele, Platão, Aristóteles e Epicuro construíram uma concepção mitológica da figura do velho. Os idosos que ele conheceu em Roma muitas vezes não eram tão felizes como descreviam os gregos. Muitos deles, observou Sêneca, pareciam tranquilos, mas no fundo não eram. A aparente tranquilidade decorria de seu cansaço e desânimo por não conseguir mais lutar por aquilo que queriam. Não buscaram a *ataraxia* enquanto jovens, ou seja, a tranquilidade da alma e a ausência de perturbações frente aos desafios impostos pela vida.

Se envelhecer é uma "droga", como afirma o ator Arnold Schwarzenegger, ou se [a velhice] é a "melhor idade", como dizem muitos aposentados, esses discursos não contribuem para uma resposta definitiva para o estudo científico. Afinal, o conceito de velhice não é um fenômeno puramente biológico, mas também fruto de uma construção social e psicoemocional.

MEUCCI, Arthur. Rev. *Filosofia* : março de 2013, p. 72-3.

05. **(IF/RR - 2013 – Jornalista – FUNCAB)** Há evidente equívoco na indicação do sentido em que está empregada no texto a preposição SOBRE em:

a)"[...] sobre as contribuições da velhice para a sociedade [...]" (§ 1) / em cima de.

b) "[...] sobre esse fenômeno [...]" (§ 1) / relativamente a.

c) "[...] sobre a velhice [...]" (§ 3) / acerca de.

d) "[...] sobre a justiça [...]" (§ 3) / a propósito de.

e) "[...] sobre a construção filosófica da ideia de 'velhice' [...]" (§ 4) / no que concerne a.

Comentário: a preposição "sobre" equivale semanticamente a: ***relativamente a*** *(opção B),* ***acerca de*** *(opção C),* ***a propósito de*** *(opção D)* ***e no concernente a*** *(opção E). Equivale também a* ***em cima de*** *(opção A), porém esse significado não se encaixa no contexto em que está inserida a preposição. Opção correta é a letra A.*

Gabarito: A

06. **(IF/RR - 2013 – Jornalista – FUNCAB)** Altera-se o sentido fundamental de "[...]Apesar de ser desfavorecido materialmente, Sócrates possuía muita experiência e uma sabedoria ímpar [...]" (§ 3) com a seguinte reescrita da primeira oração:

a) Se bem que desfavorecido materialmente.

b) Conquanto desfavorecido materialmente.

c) Posto que desfavorecido materialmente.

d) Por muito que desfavorecido materialmente.

e) Visto que desfavorecido materialmente.

*Comentário: os termos **se bem que, conquanto, posto que** e **por muito que**, presentes nas alternativas A, B, C e D, são conjunções equivalentes a "apesar de", que dá ideia de concessão, ou seja, a ideia de **concessão** está diretamente ligada ao **contraste**, à quebra de expectativa. Na opção E, **visto que** é uma locução que inicia uma oração causal e não se enquadra no contexto, portanto, essa opção é o nosso gabarito.*

Gabarito: E

07. **(IF/RR - 2013 – Jornalista – FUNCAB)** A forma simples da locução verbal destacada em "[...] ainda hoje não CONSEGUEM OBTER consenso [...]" (§ 1) encontra-se flexionada com ERRO no seguinte contexto:

a) ainda hoje não obtêm consenso
b) até agora não obtiveram consenso
c) talvez jamais obtenham consenso
d) se um dia obterem consenso
e) mesmo que obtivessem consenso

*Comentário: a alternativa que apresenta erro na flexão verbal é a letra D porque o termo **se**, no começo da frase, indica que a forma verbal correta é "obtiverem", no pretérito imperfeito do subjuntivo, ou "obtivessem".*

Gabarito: D

Verdade ou mentira

Verdade ou mentira, o que eu vou contar aqui é meio esquisito e merece ser lido com alguma atenção. [...]

Por mais impressionante que seja a história, procure controlar os nervos. [...]

Houve uma mulher que amou um amor de verdade.

Por mais estranho que pareça, foi isso que me contaram exatamente.

Um dia ela conheceu um homem, então descobriu que seu amanhecer já não era o mesmo, e os dois trocaram juras eternas, e, o que é mais fantástico ainda, essa mulher, pelo que consta, amou mesmo esse homem, só a ele, muito e sempre.

Parece que ele não era especialmente bonito, rico nem inteligente, era boa gente apenas e (segundo fontes seguras) tinha um sorriso engraçado.

Ela também era uma pessoa normal (pelo menos aparentemente) e só apresentou esse comportamento estapafúrdio em toda a sua vida.

Os motivos que levaram essa mulher a amar tanto esse tal homem, de forma tão descabida e excessiva, nunca ficaram provados.

Primeiro levantaram a hipótese de um surto de loucura passageiro. (Um atestado de insanidade resolveria a questão sem a necessidade de uma análise mais apurada.) Não era. [...]

O fato foi tomando proporções maiores à medida que o tempo passava e o amor daquela mulher não diminuía. [...]

Houve quem apostasse que aquele amor todo era mentira da mulher, com a clara intenção de aparecer na mídia. [...]

A mulher foi ficando meio assustada com aquela agonia de gente e *flashes* de repórter, confere daqui, examina de lá, até que acabou fugindo, coitada. Aquilo já estava impossível.

O homem ficou muito triste, é óbvio, por perder um amor assim tão interessante.

Há quem garanta que até hoje ele passa o dia bebendo na esquina e chora constantemente.

Dela, nunca mais se teve notícia. Possivelmente se auto exilou em algum lugar ignorado.

FALCÃO, Adriana. *O doido da garrafa*. São Paulo: Planeta,2003. p. 43-44. (Fragmento)

08. **(SEMAD – 2013 – Engenharia Agronômica – FUNCAB)** Vários artigos foram utilizados para fazer referência às personagens do texto. Observe os pares de enunciados abaixo.

I. Houve UMA mulher que amou um amor de verdade./ A mulher foi ficando meio assustada com aquela agonia de gente [...]

II. [...] ela conheceu UM homem [...]/ O homem ficou muito triste é óbvio [...]

Por que, em cada par transcrito, a autora usa diferentes artigos para se referir ao homem e à mulher?

a) Em ambos os casos, a autora emprega, primeiramente, artigos definidos, porque se trata de seres determinados; depois, usa os artigos indefinidos, para apresentar personagens ainda não conhecidos.

b) Primeiramente, a autora particulariza homem e mulher, com clara intenção de caracterizá-los; em seguida, generaliza as ações, a fim de que o leitor se identifique comas personagens.

c) Em ambos os casos, a autora emprega, primeiramente, artigos indefinidos, porque se trata de seres ainda indeterminados; depois, usa os artigos definidos, para que o leitor possa fazer uma representação mais precisa de cada um deles.

d) No primeiro par, a autora faz referência genérica nas duas ocorrências do artigo; no segundo, particulariza, a fim de tornar clara e precisa a representação dos seres.

Comentário: artigo é o termo que antecede o substantivo com a finalidade de determiná-lo ou indeterminá-lo. O artigo indefinido, como já indica o seu próprio nome, determina os seres de modo generalizado, vago, indefinido; o artigo definido, porém, indica os seres de forma específica. A partir dessas definições, analisando as alternativas, concluímos que a letra C é a correta.

Gabarito: C

A percepção pública da ciência é, com razão, repleta de conflitos. Alguns acreditam que a ciência seja a chave para a liberdade do homem, para a melhora das condições de vida de todos, para a cura dos tantos males que afligem pobres e ricos, desde a fome até as mais variadas doenças. Já outros veem a ciência com grande desconfiança e até com desprezo, como sendo a responsável pela criação de várias armas de destruição inventadas através da história, da espada à bomba atômica. Para esse grupo, os homens não são maduros o suficiente para lidar com o grande poder que resulta de nossas descobertas científicas.

No início do século 21, a clonagem e a possibilidade de construirmos máquinas inteligentes prometem até mesmo uma redefinição do que significa ser humano. Na medida em que será possível desenhar geneticamente um indivíduo ou modificar a sua capacidade mental por meio de implantes eletrônicos, onde ficará a linha divisória entre homem e máquina, entre o vivo e o robotizado? Entre os vários cenários que vemos discutidos na mídia, o mais aterrorizador é aquele em que nós nos tornaremos forçosamente obsoletos, uma vez que clones bioeletrônicos serão muito mais inteligentes e resistentes do que nós. Ou seja, quando (e se) essas tecnologias estiverem disponíveis, a ciência passará a controlar o processo evolutivo: a nossa missão final é criar seres “melhores” do que nós, tomando a seleção natural em nossas próprias mãos. O resultado, claro, é que terminaremos por causar a nossa própria extinção, sendo apenas mais um elo na longa cadeia evolutiva. O filme“Inteligência Artificial”, de Steven Spielberg, relata precisamente esse cenário lúgubre para o nosso futuro, a inventividade humana causando a sua destruição final.

É difícil saber como lidar com essa possibilidade. Se tomarmos o caso da tecnologia nuclear como exemplo, vemos que a sua história começou com o assassinato de centenas de milhares de cidadãos japoneses, justamente pela potência que se rotula o “lado bom”. Esse rótulo, por mais ridículo que seja, é levado a sério por grande parte da população norte-americana. É o velho argumento maquiavélico de que os fins justificam os meios: "Se não jogássemos as bombas em Hiroshima e Nagasaki, os japoneses jamais teriam se rendido e muito mais gente teria morrido em uma invasão por terra", dizem as autoridades militares e políticas norte-americanas. Isso não só não é verdade como mostra que são os fins político-econômicos que definem os usos e abusos da ciência: os americanos queriam manter o seu domínio no Pacífico, tentando amedrontar os soviéticos que desciam pela Manchúria. As bombas não só detiveram os soviéticos como redefiniram o equilíbrio de poder no mundo. Ao menos até os soviéticos desenvolverem a sua bomba, o que deu início à Guerra Fria.

As consequências de um conflito nuclear global são tão horrendas que até mesmo os líderes das potências nucleares conseguiram resistir à tentação de abusar de seu poder: criamos uma guerra sem vencedores e, portanto, inútil. Porém, as tecnologias nucleares não são propriedade exclusiva das potências nucleares. A possibilidade de que um grupo terrorista obtenha ou construa uma pequena bomba é remota, mas não inexistente. Em casos de extremismo religioso, escolhas morais são redefinidas de acordo com os preceitos (distorcidos) da religião: isso foi verdade tanto nas Cruzadas como hoje, nas mãos de suicidas muçulmanos. Eles não hesitariam em usar uma arma atômica, caso ativessem. E sentiriam suas ações perfeitamente justificadas.

Essa discussão mostra que a ciência não tem uma dimensão moral: somos nós os seres morais, os que optamos por usar as nossas invenções de modo criativo ou destrutivo. Somos nós que descobrimos curas para doenças e gases venenosos. Daí que o futuro da sociedade está em nossas mãos e será definido pelas escolhas que fizermos daqui para a frente. (...) Não é da ciência que devemos ter medo, mas de nós mesmos e da nossa imaturidade moral.

(Marcelo Gleiser, in Folha de São Paulo, 7 de julho de 2002)

09. **(SESAU-RO – 2009 – Enfermeiro - FUNCAB)** Indique a opção que apresenta correta e respectivamente as classes gramaticais a que pertencem as palavras grifadas no trecho abaixo.

"Se tomarmos o caso da tecnologia nuclear como exemplo, vemos que a sua história começou com o assassinato de centenas de milhares de cidadãos japoneses, justamente pela potência que se rotula o 'lado bom'."

a) conjunção - pronome - artigo - conjunção - pronome;

b) conjunção - conjunção - artigo - pronome - pronome;

c) pronome - pronome - artigo - pronome - conjunção;

d) pronome - conjunção - preposição - conjunção - pronome;

e) conjunção - pronome - preposição - pronome - conjunção.

Comentário: a opção correta para essa questão é a letra B, pois, no trecho destacado, o ***se*** *é conjunção e inicia uma oração subordinada adverbial condicional; o* ***que*** *também é uma conjunção e introduz uma oração subordinada substantiva objetiva direta; o* ***a*** *é artigo definido; o último* ***que*** *é um pronome relativo e o último* ***se*** *é um pronome reflexivo.*

Gabarito: B

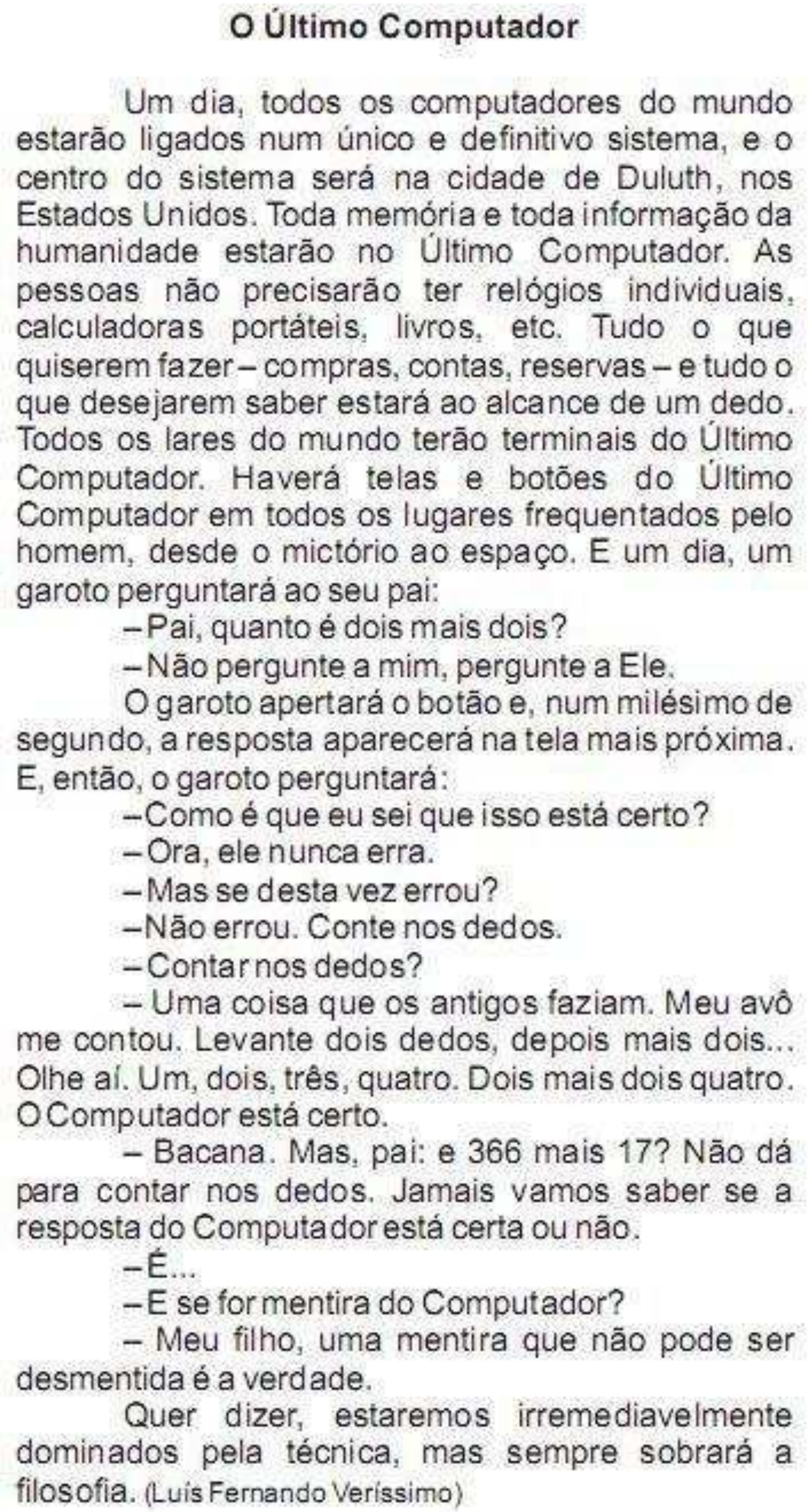

O Último Computador

Um dia, todos os computadores do mundo estarão ligados num único e definitivo sistema, e o centro do sistema será na cidade de Duluth, nos Estados Unidos. Toda memória e toda informação da humanidade estarão no Último Computador. As pessoas não precisarão ter relógios individuais, calculadoras portáteis, livros, etc. Tudo o que quiserem fazer – compras, contas, reservas – e tudo o que desejarem saber estará ao alcance de um dedo. Todos os lares do mundo terão terminais do Último Computador. Haverá telas e botões do Último Computador em todos os lugares frequentados pelo homem, desde o mictório ao espaço. E um dia, um garoto perguntará ao seu pai:

– Pai, quanto é dois mais dois?

– Não pergunte a mim, pergunte a Ele.

O garoto apertará o botão e, num milésimo de segundo, a resposta aparecerá na tela mais próxima. E, então, o garoto perguntará:

– Como é que eu sei que isso está certo?

– Ora, ele nunca erra.

– Mas se desta vez errou?

– Não errou. Conte nos dedos.

– Contar nos dedos?

– Uma coisa que os antigos faziam. Meu avô me contou. Levante dois dedos, depois mais dois... Olhe aí. Um, dois, três, quatro. Dois mais dois quatro. O Computador está certo.

– Bacana. Mas, pai: e 366 mais 17? Não dá para contar nos dedos. Jamais vamos saber se a resposta do Computador está certa ou não.

– É...

– E se for mentira do Computador?

– Meu filho, uma mentira que não pode ser desmentida é a verdade.

Quer dizer, estaremos irremediavelmente dominados pela técnica, mas sempre sobrará a filosofia. (Luís Fernando Veríssimo)

11. **(CODATA – 2013 – Informática – FUNCAB)** Apenas em uma das opções abaixo o substantivo se flexiona no plural da mesma forma que a

palavra destacada em: “Haverá telas e BOTÕES do Último Computador [...]”. Aponte-a.

a) bênção.

b) órfão.

c) cristão.

d) cidadão.

e) melão.

Comentário: a única opção que a flexão de plural é terminada em -ões é na letra E, melões. As demais alternativas têm o plural marcado com ***–ãos****, bênçãos, órfãos, cristãos, cidadãos.*

Gabarito: E

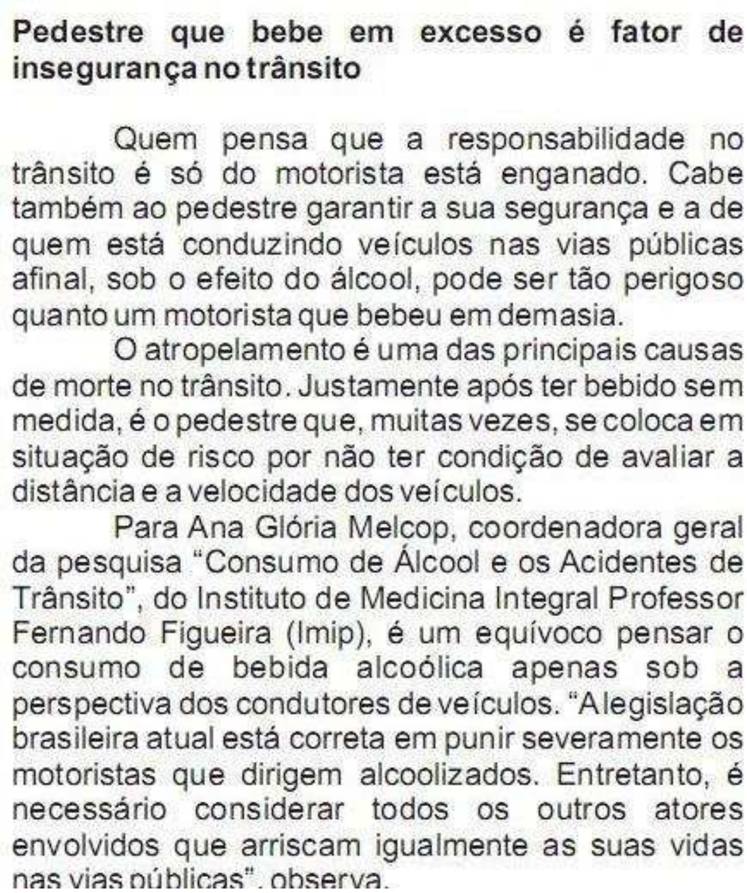

Pedestre que bebe em excesso é fator de insegurança no trânsito

Quem pensa que a responsabilidade no trânsito é só do motorista está enganado. Cabe também ao pedestre garantir a sua segurança e a de quem está conduzindo veículos nas vias públicas afinal, sob o efeito do álcool, pode ser tão perigoso quanto um motorista que bebeu em demasia.

O atropelamento é uma das principais causas de morte no trânsito. Justamente após ter bebido sem medida, é o pedestre que, muitas vezes, se coloca em situação de risco por não ter condição de avaliar a distância e a velocidade dos veículos.

Para Ana Glória Melcop, coordenadora geral da pesquisa “Consumo de Álcool e os Acidentes de Trânsito”, do Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira (Imip), é um equívoco pensar o consumo de bebida alcoólica apenas sob a perspectiva dos condutores de veículos. “A legislação brasileira atual está correta em punir severamente os motoristas que dirigem alcoolizados. Entretanto, é necessário considerar todos os outros atores envolvidos que arriscam igualmente as suas vidas nas vias públicas”, observa.

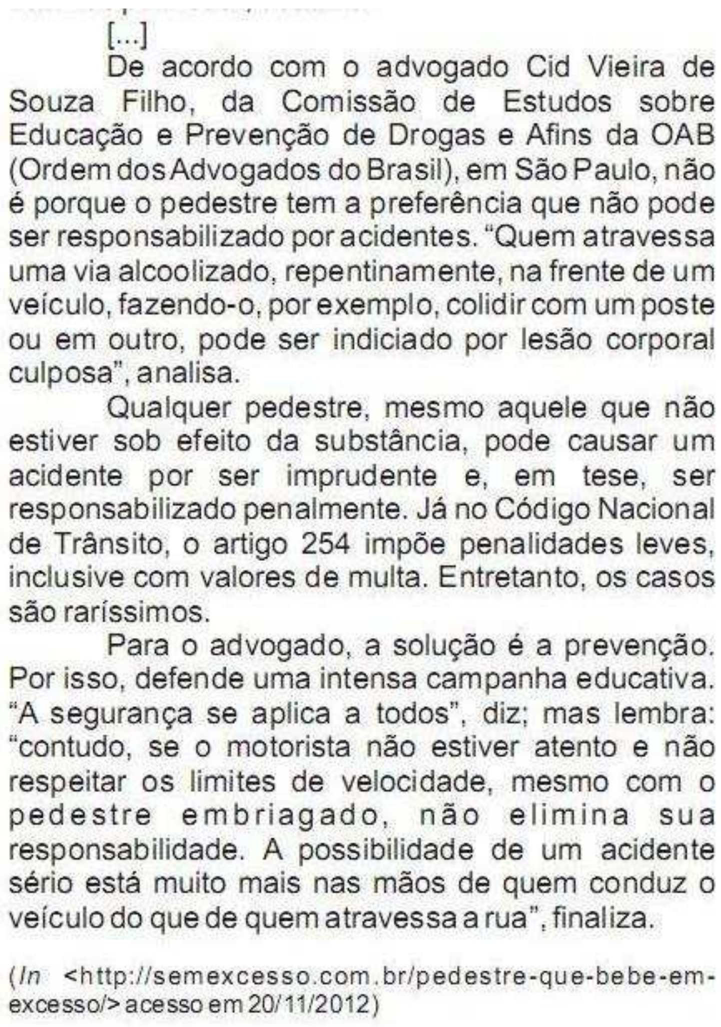

[...]

De acordo com o advogado Cid Vieira de Souza Filho, da Comissão de Estudos sobre Educação e Prevenção de Drogas e Afins da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), em São Paulo, não é porque o pedestre tem a preferência que não pode ser responsabilizado por acidentes. “Quem atravessa uma via alcoolizado, repentinamente, na frente de um veículo, fazendo-o, por exemplo, colidir com um poste ou em outro, pode ser indiciado por lesão corporal culposa”, analisa.

Qualquer pedestre, mesmo aquele que não estiver sob efeito da substância, pode causar um acidente por ser imprudente e, em tese, ser responsabilizado penalmente. Já no Código Nacional de Trânsito, o artigo 254 impõe penalidades leves, inclusive com valores de multa. Entretanto, os casos são raríssimos.

Para o advogado, a solução é a prevenção. Por isso, defende uma intensa campanha educativa. “A segurança se aplica a todos”, diz; mas lembra: “contudo, se o motorista não estiver atento e não respeitar os limites de velocidade, mesmo com o pedestre embriagado, não elimina sua responsabilidade. A possibilidade de um acidente sério está muito mais nas mãos de quem conduz o veículo do que de quem atravessa a rua”, finaliza.

(*In* <http://semexcesso.com.br/pedestre-que-bebe-em-excesso/> acesso em 20/11/2012)

12. **(DETRAN-PB – 2014 – Agente de Trânsito – FUNCAB)** A opção em que a palavra SÓ está empregada em um sentido que DIFERE daquele usado na primeira frase do texto é:

a) O motorista alcoolizado que estiver SÓ, numa situação de emergência, deve ser auxiliado pelos Agentes de Trânsito

b) Em caso de embriaguez, SÓ o pedestre será responsável pelo possível atropelamento que possa vir a sofrer

c) Mesmo que o pedestre esteja alcoolizado, SÓ o motorista poderá ser responsabilizado em caso de atropelamento.

d) Em caso de atropelamento, o pedestre SÓ poderá ser responsabilizado, se estiver alcoolizado.

e) SÓ em caso de embriaguez é que podemos responsabilizar o pedestre pelo seu atropelamento.

*Comentário: a palavra **só** pode ser um advérbio, invariável e equivalendo a **apenas, somente**, ou pode ser um adjetivo, que equivale a **sozinho**, **solitário**. Na oração em questão, o termo é um advérbio, e a opção em que ele ocorre com sentido diferente desse é na letra A.*

Gabarito: A

Maneira de amar

O jardineiro conversava com as flores, e elas se habituaram ao diálogo. Passava manhãs contando coisas a uma cravina ou escutando o que lhe confiava um gerânio. O girassol não ia muito com sua cara, ou porque não fosse homem bonito, ou porque os girassóis são orgulhosos de natureza.

Em vão o jardineiro tentava captar-lhe as graças, pois o girassol chegava a voltar-se contra a luz para não ver o rosto que lhe sorria. Era uma situação bastante embaraçosa, que as outras flores não comentavam. Nunca, entretanto, o jardineiro deixou de regar o pé de girassol e de renovar-lhe a terra, na ocasião devida.

O dono do jardim achou que seu empregado perdia muito tempo parado diante dos canteiros, aparentemente não fazendo coisa alguma. E mandou-o embora, depois de assinar a carteira de trabalho.

Depois que o jardineiro saiu, as flores ficaram tristes e censuravam-se porque não tinham induzido o girassol a mudar de atitude. A mais triste de todas era o girassol, que não se conformava com a ausência do homem. "Você o tratava mal, agora está arrependido?" "Não, respondeu, estou triste porque agora não posso tratá-lo mal. É a minha maneira de amar, ele sabia disso, e gostava."

Maneira de amar (ANDRADE, Carlos Drummond. *A cor de cada um*. Rio de Janeiro: Record, 1997. p. 30).

13. **(SC/CE – 2013 Analista de Desenvolvimento Urbano - Engenharia Agronômica – FUNCAB)** Observe o emprego do adjetivo TRISTE nas frases transcritas do último parágrafo.

I. "[...] estou triste porque agora não posso tratá-lo mal."

II. "A mais triste de todas era o girassol [...]"

Assinale a alternativa que aponta, correta e respectivamente, a função sintática do adjetivo destacado.

a) predicativo do objeto – adjunto adverbial

b) predicativo do sujeito – adjunto adnominal

c) adjunto adnominal – adjunto adnominal

d) predicativo do sujeito – predicativo do objeto

e) predicativo do sujeito – predicativo do sujeito

Comentário: o termo triste é um adjetivo e, na primeira oração, funciona como predicativo do sujeito, uma vez que está ligado ao sujeito oculto "eu" por verbo de ligação, atribuindo-lhe uma qualidade ainda que momentânea, já na segunda, funciona como adjunto adnominal, pois é um adjetivo no grau superlativo relativo de superioridade.

Gabarito: B

Desejo de um bombeiro

Desejava que pudesses ver a tristeza de um homem de negócios quando o trabalho da sua vida desaparece em chamas ou uma família que regressa a casa e apenas encontra a sua casa e os seus pertences danificados ou destruídos.

[...]

Desejava que pudesses compreender o horror de uma esposa quando às 3 da manhã verifica que o marido não tem pulso... Inicio o S.B.V. (suporte básico de vida) no mesmo, esperando uma hipótese muito remota de trazê-lo de volta... [...]

Desejava que pudesses saber o cheiro único de uma queimadura, o gosto da saliva com sabor de fuligem... Sentir o intenso calor que passa através do equipamento, o som dos estalos das chamas, a sensação de não conseguir ver absolutamente nada através do fumo denso... [...]

Desejava que pudesses perceber a instabilidade mental, emocional e física de refeições perdidas, sonos perdidos e a falta de atividades sociais, associadas a todas as tragédias que os meus olhos já viram.

[...]

Desejava que pudesses saber a irmandade que existe e a satisfação de ajudar a salvar uma vida, a preservar as coisas de alguém, a estar "lá" nos tempos de crise ou a criar ordem quando existe um caos total.

Sensações que me ficaram muito familiares...

A menos que tenha vivido este tipo de vida, nunca conseguirás entender verdadeiramente ou apreciar QUEM EU SOU,O QUE NÓS SOMOS OU O QUE O NOSSO TRABALHO SIGNIFICA REALMENTE PARA NÓS.

Desejava que pudesses ver...

(in:<http://www.portaldafenix.com/index.php?topic=763.0.> acessoem20/06/2012)

14. **(CBM/AC – 2012 – FUNCAB)** Sobre as palavras destacadas no trecho "Desejava que pudesses perceber a instabilidade MENTAL, EMOCIONAL e FÍSICA de refeições PERDIDAS, sonos PERDIDOS [...]" (parágrafo 4) está correta a análise gramatical:

a) Classificam-se como expressões adverbiais de modo.

b) Todas são verbos na forma nominal do particípio.

c) São adjetivos que modificam substantivos antepostos.

d) Há três substantivos e dois verbos no gerúndio.

e) São advérbios que modificam o verbo "perceber".

Comentário: considerando que adjetivo é toda palavra que caracteriza o substantivo**, indicando-lhe **qualidade, defeito, estado, condição** etc., **concluímos que todas as palavras em destaque são da classe dos adjetivos. A opção correta é a letra C.

Gabarito: C

Desenredo

Do narrador a seus ouvintes:

- Jó Joaquim, cliente, era quieto, respeitado, bom como o cheiro de cerveja. Tinha o para não ser célebre. Como elas quem pode, porém? Foi Adão dormir e Eva nascer. Chamando-se Livíria, Rivília ou Irlívia, a que, nesta observação, a Jó Joaquim apareceu.

Antes bonita, olhos de viva mosca, morena mel e pão. Aliás, casada. Sorriram-se, viram-se. Era infinitamente maio e Jó Joaquim pegou o amor. Enfim, entenderam-se. Voando o mais em ímpeto de nau tangida a vela e vento. Mas tendo tudo de ser secreto, claro, coberto de sete capas.

Porque o marido se fazia notório, na valentia com ciúme; e as aldeias são a alheia vigilância. Então ao rigor geral os dois se sujeitaram, conforme o clandestino amor em sua forma local, conforme o mundo é mundo. Todo abismo é navegável a barquinhos de papel.

Não se via quando e como se viam. Jó Joaquim, além disso, existindo só retraído, minuciosamente. Esperar é reconhecer-se incompleto. Dependiam eles de enorme milagre. O inebriado engano.

Até que deu-se o desmastreio. O trágico não vem a conta-gotas. Apanhara o marido a mulher: com outro, um terceiro... Sem mais cá nem mais lá, mediante revólver, assustou-a e matou-o. Diz-se, também, que a ferira, leviano modo.

[...]

Ela - longe - sempre ou ao máximo mais formosa, já sarada e sã. Ele exercitava-se a aguentar-se, nas defeituosas emoções.

Enquanto, ora, as coisas amaduravam. Todo fim é impossível? Azarado fugitivo, e como à Providência praz, o marido faleceu, afogado ou de tifo. O tempo é engenhoso.

[...]

Sempre vem imprevisível o abominoso? Ou: os tempos se seguem e parafraseiam-se. Deu-se a entrada dos demônios.

Da vez, Jó Joaquim foi quem a deparou, em péssima hora: traído e traidora. De amor não a matou, que não era para truz de tigre ou leão. Expulsou-a apenas, apostrofando-se, como inédito poeta e homem. E viajou a mulher, a desconhecido destino.

Tudo aplaudiu e reprovou o povo, repartido. Pelo fato, Jó Joaquim sentiu-se histórico, quase criminoso, reincidente. Triste, pois que tão calado. Suas lágrimas corriam atrás dela, como formiguinhas brancas. Mas, no frágio da barca, de novo respeitado, quieto. Vá-se a camisa, que não o dela dentro. Era o seu um amor meditado, a prova de remorsos. Dedicou-se a endireitar-se.

[...]

Celebrava-a, ufanático, tendo-a por justa e averiguada, com convicção manifesta. Haja o absoluto amar- e qualquer causa se irrefuta.

Pois produziu efeito. Surtiu bem. Sumiram-se os pontos das reticências, o tempo secou o assunto. Total o transato desmanchava-se, a anterior evidência e seu nevoeiro. O real e válido, na árvore, é a reta que vai para cima. Todos já acreditavam. Jó Joaquim primeiro que todos.

Mesmo a mulher, até, por fim. Chegou-lhe lá a notícia, onde se achava, em ignota, defendida, perfeita distância. Soube-se nua e pura. Veio sem culpa. Voltou, com dengos e fofos de bandeira ao vento.

Três vezes passa perto da gente a felicidade. Jó Joaquim e Vilíria retomaram-se, e conviveram, convolados, o verdadeiro e melhor de sua útil vida.

E pôs-se a fábula em ata.

ROSA, João Guimarães. *Tutameia - Terceiras estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967,p.38-40.

Vocabulário
Frágio: neologismo criado a partir de naufrágio,
Ufanático: neologismo: ufano+fanático.

15. **(PC/AC – 2015 – Perito Criminal – FUNCAB)** Sobre o valor semântico da preposição destacada em "Porque o marido se fazia notório, na valentia COM ciúme", pode-se afirmar corretamente que, no contexto produzido:

a) assinala ideia de modo.
b) assinala limite no espaço-temporal.
c) introduz relação de companhia.
d) insere relação de instrumento.
e) indica estabelecimento de ideia causal.

Comentário: analisando o contexto e o trecho em que a preposição está inserida, notamos que ***com*** *indica a forma, o modo como "o marido se fazia notório", a expressão* ***com ciúme*** *tem valor de advérbio.*

Gabarito: A

16. **(PC/AC – 2015 – Perito Criminal – FUNCAB)** "De amor não a matou, que não era para truz de tigre ou leão:

A respeito do trecho acima, quanto aos aspectos gramatical, sintático e semântico, analise as afirmativas a seguir.

I. A palavra A é pronome adjetivo pessoal oblíquo e assume a função de objeto direto da primeira oração.

II. A preposição DE, em "De amor", possui valor semântico de causa.

III. OU, dentro da oração a que pertence, é conjunção subordinativa condicional.

Está(ão) correta(s) apenas a(s) afirmativa(s):

a) II e III.

b) II.

c) I e II.

d) I e III.

e) I.

Comentário: a palavra A, em destaque na afirmativa I, é classificada como pronome pessoal oblíquo e tem função de objeto direto, mas não é pronome adjetivo; a preposição De, na alternativa II, levanta a ideia de causa, ***o motivo pelo qual ele não a matou****; na afirmativa III,* ***ou*** *não é conjunção condicional e sim alternativa. Opção correta, portanto, letra B.*

Gabarito: B

17. **(PC/AC – 2015 – Perito Criminal – FUNCAB)** "Celebrava-a, ufanático, tendo-a por justa e averiguada, com convicção manifesta. Haja o absoluto amar - e qualquer causa se irrefuta." Sobre as formas verbais desse segmento do texto, assinale a afirmativa correta.

a) A forma verbal SE IRREFUTA exemplifica o que se denomina sujeito inexistente.

b) A frase "Celebrava-a, ufanático" está na voz passiva e sua forma ativa correspondente é "Era celebrada".

c) A forma verbal TENDO está no particípio passado.

d) A flexão da forma destacada em "com convicção MANIFESTA." corresponde à "manifestada".

e) A forma verbal HAJA não tem sujeito expresso e equivale a "Existiam".

*Comentário: na alternativa A, a expressão **se irrefuta**, que significa **não se contesta,** indica sujeito indeterminado e não sujeito inexistente como afirmado nessa opção. Em B, **Celebrava-a** está na voz ativa e não na passiva. Em C, **tendo** está no gerúndio e não no particípio passado. A alternativa D é a opção correta para essa questão. Na opção E, **haja** corresponde a **existia** e tem sujeito, que é **o absoluto amar**, reescrevendo a oração e substituindo o verbo, temos: "Exista o absoluto amar."*

Gabarito: D

O ciclista

Curvado no guidão lá vai ele numa chispa. Na esquina dá com o sinal vermelho e não se perturba - levanta voo bem na cara do guarda crucificado. No labirinto urbano persegue a morte com o trim-trim da campainha: entrega sem derreter sorvete a domicílio.

É a sua lâmpada de Aladino a bicicleta e, ao sentar-se no selim, liberta o gênio acorrentado ao pedal. Indefeso homem, frágil máquina, arremete impávido colosso, desvia de fininho o poste e o caminhão; o ciclista por muito favor derrubou o boné.

Atropela gentilmente e, vespa furiosa que morde, ei-lo defunto ao perder o ferrão. Guerreiros inimigos trituram com chio de pneus o seu diáfano esqueleto. Se não se estrebucha ali mesmo, bate o pó da roupa e - uma perna mais curta - foge por entre nuvens, a bicicleta no ombro.

Opõe o peito magro ao para-choque do ônibus. Salta a poça d'água no asfalto. Num só corpo, touro e toureiro, golpeia ferido o ar nos cornos do guidão. Ao fim do dia, José guarda no canto da casa o pássaro de viagem. Enfrenta o sono trim-trim a pé e, na primeira esquina, avança pelo céu na contramão, trim-trim.

Trevisan, Dalton. In: Bosi, Alfredo (Org.). *O conto brasileiro contemporâneo*. 14" Ed. São Paulo: Cultrix, 1997. p. 189.

18. **(PRF – 2014 – Agente Administrativo – FUNCAB)** Regência é a relação que se estabelece entre duas palavras, por meio da qual uma das palavras se subordina à outra, funcionando como seu complemento. Essa relação é, geralmente, marcada por uma preposição.

Em um dos textos, o autor incorreu, de acordo com a norma culta, na construção da frase, em erro na escolha da preposição. Aponte-a, dentre as alternativas apresentadas.

a) "Não falo das conversas da gente culta..." (texto 1-§3)
b) "...entrega sem derreter sorvete a domicílio." (texto 2 - § 1)
c) "...liberta o gênio acorrentado ao pedal." (texto 2 -§ 2)
d) "E quando cheguei ao Boqueirão do Passeio..." (texto1-§9)
e) "Opõe o peito magro ao para-choque do ônibus." (texto 2 -§ 4)

*Comentário: a opção em que há erro gramatical relativo à preposição é a letra B. Apesar de, na linguagem popular, ser amplamente utilizada, a expressão "entrega a domicílio" está errada porque, segundo a norma culta, o verbo **entregar** rege preposição **em**, um exemplo para esclarecer melhor, "A entrega será feita **no (em+o)** domicílio de uma pessoa."*

Gabarito: B

O jovem policial

Eu estava botando gasolina no tanque do meu carro e do meu lado estavam dois carros da Brigada Militar. Dois policiais falavam com alguém do posto. Um terceiro, bem junto da minha janela, de costas para mim, portava uma arma grande, que na minha ignorância acho que poderia ser um fuzil ou

uma metralhadora. Estava ali, sozinho, e comecei a observá-lo sem que me notasse. Tenso, alerta, consciente de sua missão, olhava para os lados empunhando a sua arma com o cano voltado para baixo. Seu rosto era jovem, tão jovem que me comovi. Podia ser meu filho. Mais: podia ser meu neto. Estava tão concentrado no seu dever tão alerta na sua posição, que fiquei imaginando se, ou quando ele poderia levar um tiro de algum bandido. Poderia ficar lesado gravemente. Poderia morrer. Por mim, por você, por um de nós em qualquer parte do Brasil, não importa que nome se dê a sua corporação, nem se é da guarda estadual, municipal ou federal. Esses jovens se expõem por nós. Morrem por nós. Tentam, num país tão confuso, proteger o cidadão. A gente realmente pensa nisso? Uma vez ao dia, uma vez por semana, uma vez ao mês?
[...]

(Lya Luft.Revista Veia, n° 2044, 23/01/2008. Fragmento.)

19. **(PRF – 2014 – Agente Administrativo – FUNCAB)** Tendo em vista o enunciado “Estava tão concentrado no seu dever, tão alerta na sua posição, que fiquei imaginando se, ou quando, ele poderia levar um tiro de algum bandido.", analise as afirmativas a seguir.

I. Se a frase fosse passada para o plural, a concordância da palavra ALERTA deveria ser feita, também, no plural.

II. A palavra CONCENTRADO está no masculino, pois concorda com ELE (elíptico na oração a que pertence).

III. A palavra QUE introduz uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

Está (ão) correta(s) somente a(s) afirmativa(s):

a) **II e III**
b) **I e III**
c) **III**
d) **I e II**

e) **I**

***Comentário:** as afirmativas I e II estão corretas, mas, pela sua origem, a palavra "alerta", é advérbio, o que a faz ser invariável, porém algumas gramáticas mais modernas aceitam essa variação por conta de seu comportamento adjetivo, como é o caso aqui. Já a III, apresenta erro porque o que, neste caso, introduz uma oração subordinada adverbial consecutiva e não substantiva objetiva direta.*

Gabarito: D

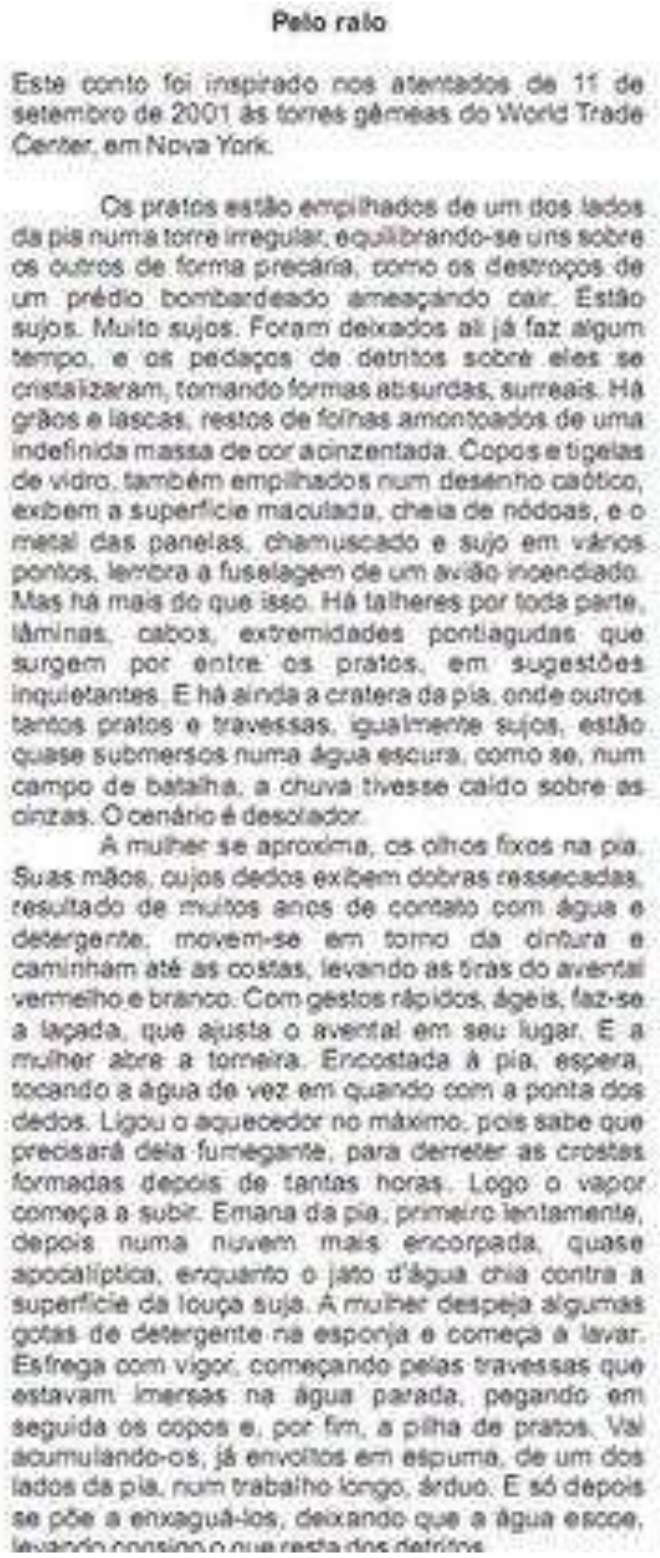

Pelo ralo

Este conto foi inspirado nos atentados de 11 de setembro de 2001 às torres gêmeas do World Trade Center, em Nova York.

Os pratos estão empilhados de um dos lados da pia numa torre irregular, equilibrando-se uns sobre os outros de forma precária, como os destroços de um prédio bombardeado ameaçando cair. Estão sujos. Muito sujos. Foram deixados ali já faz algum tempo, e os pedaços de detritos sobre eles se cristalizaram, tomando formas absurdas, surreais. Há grãos e lascas, restos de folhas amontoados de uma indefinida massa de cor acinzentada. Copos e tigelas de vidro, também empilhados num desenho caótico, exibem a superfície maculada, cheia de nódoas, e o metal das panelas, chamuscado e sujo em vários pontos, lembra a fuselagem de um avião incendiado. Mas há mais do que isso. Há talheres por toda parte, lâminas, cabos, extremidades pontiagudas que surgem por entre os pratos, em sugestões inquietantes. E há ainda a cratera da pia, onde outros tantos pratos e travessas, igualmente sujos, estão quase submersos numa água escura, como se, num campo de batalha, a chuva tivesse caído sobre as cinzas. O cenário é desolador.

A mulher se aproxima, os olhos fixos na pia. Suas mãos, cujos dedos exibem dobras ressecadas, resultado de muitos anos de contato com água e detergente, movem-se em torno da cintura e caminham até as costas, levando as tiras do avental vermelho e branco. Com gestos rápidos, ágeis, faz-se a laçada, que ajusta o avental em seu lugar. E a mulher abre a torneira. Encostada à pia, espera, tocando a água de vez em quando com a ponta dos dedos. Ligou o aquecedor no máximo, pois sabe que precisará dela fumegante, para derreter as crostas formadas depois de tantas horas. Logo o vapor começa a subir. Emana da pia, primeiro lentamente, depois numa nuvem mais encorpada, quase apocalíptica, enquanto o jato d'água chia contra a superfície da louça suja. A mulher despeja algumas gotas de detergente na esponja e começa a lavar. Esfrega com vigor, começando pelas travessas que estavam imersas na água parada, pegando em seguida os copos e, por fim, a pilha de pratos. Vai acumulando-os, já envoltos em espuma, de um dos lados da pia, num trabalho longo, árduo. E só depois se põe a enxaguá-los, deixando que a água escoe, levando consigo o que resta dos detritos.

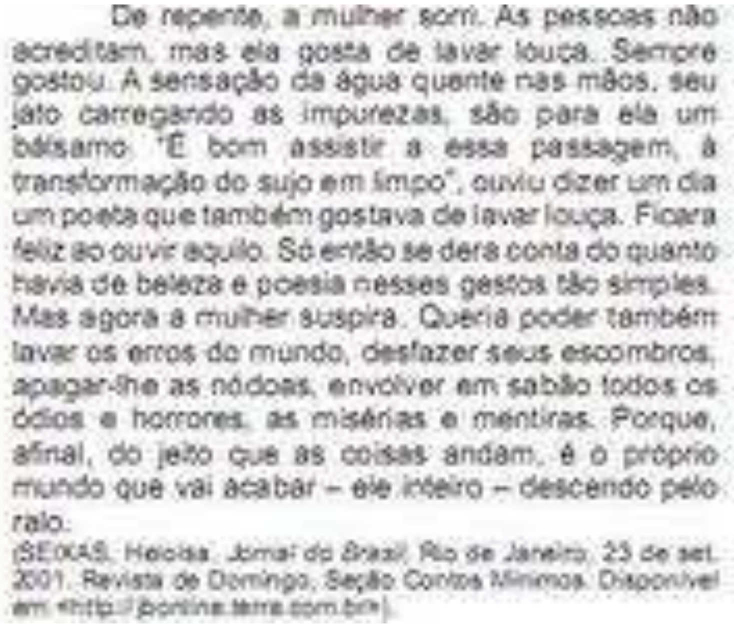

De repente, a mulher sorri. As pessoas não acreditam, mas ela gosta de lavar louça. Sempre gostou. A sensação da água quente nas mãos, seu jato carregando as impurezas, são para ela um bálsamo. "É bom assistir a essa passagem, à transformação do sujo em limpo", ouviu dizer um dia um poeta que também gostava de lavar louça. Ficara feliz ao ouvir aquilo. Só então se dera conta do quanto havia de beleza e poesia nesses gestos tão simples. Mas agora a mulher suspira. Queria poder também lavar os erros do mundo, desfazer seus escombros, apagar-lhe as nódoas, envolver em sabão todos os ódios e horrores, as misérias e mentiras. Porque, afinal, do jeito que as coisas andam, é o próprio mundo que vai acabar – ele inteiro – descendo pelo ralo.

(SEIXAS, Heloisa. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 23 de set. 2001. Revista de Domingo, Seção Contos Mínimos. Disponível em <http://jbonline.terra.com.br>)

19. **(PC-RO – 2012 – Médico Legista – FUNCAB)** No trecho, "Com gestos rápidos, ágeis, faz-SE a laçada [...]", o SE é classificado como:

a) pronome apassivador.

b) índice de indeterminação do sujeito.

c) pronome reflexivo recíproco.

d) conjunção subordinativa condicional.

e) pronome relativo.

*Comentário: o **se** pode exercer diversas funções em uma oração, dentre elas: índice de indeterminação do sujeito, pronome reflexivo, conjunção, pronome apassivador... No caso do trecho destacado, ele está funcionando como pronome apassivador, a **laçada** está sofrendo a ação expressa pelo verbo **fazer,** tem-se uma construção na voz passiva sintética, reescrevendo o trecho na voz passiva analítica: Com gestos rápidos, ágeis, **a laçada é feita** [...]*

Gabarito: A

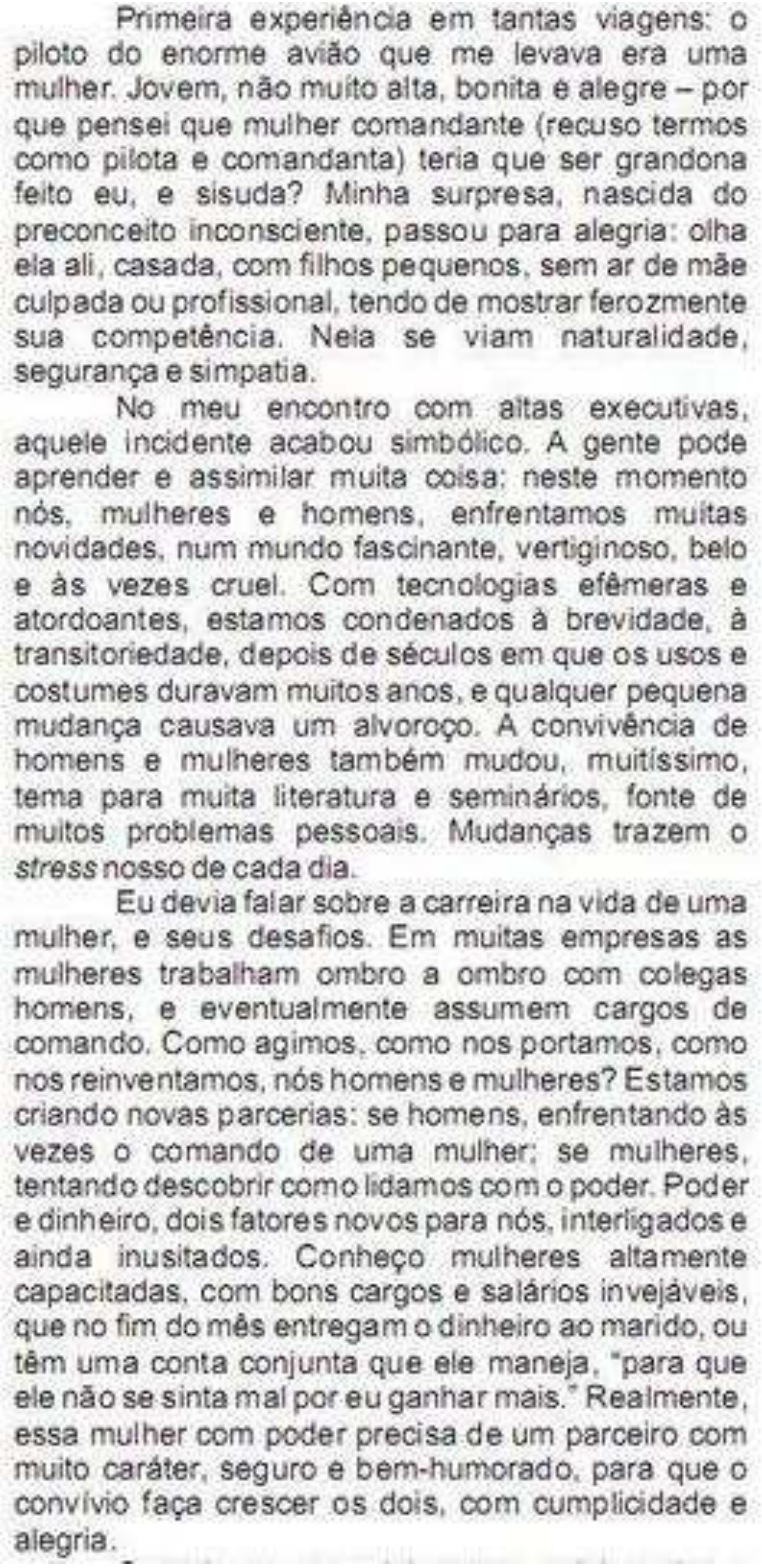

Primeira experiência em tantas viagens: o piloto do enorme avião que me levava era uma mulher. Jovem, não muito alta, bonita e alegre – por que pensei que mulher comandante (recuso termos como pilota e comandanta) teria que ser grandona feito eu, e sisuda? Minha surpresa, nascida do preconceito inconsciente, passou para alegria: olha ela ali, casada, com filhos pequenos, sem ar de mãe culpada ou profissional, tendo de mostrar ferozmente sua competência. Nela se viam naturalidade, segurança e simpatia.

No meu encontro com altas executivas, aquele incidente acabou simbólico. A gente pode aprender e assimilar muita coisa: neste momento nós, mulheres e homens, enfrentamos muitas novidades, num mundo fascinante, vertiginoso, belo e às vezes cruel. Com tecnologias efêmeras e atordoantes, estamos condenados à brevidade, à transitoriedade, depois de séculos em que os usos e costumes duravam muitos anos, e qualquer pequena mudança causava um alvoroço. A convivência de homens e mulheres também mudou, muitíssimo, tema para muita literatura e seminários, fonte de muitos problemas pessoais. Mudanças trazem o *stress* nosso de cada dia.

Eu devia falar sobre a carreira na vida de uma mulher, e seus desafios. Em muitas empresas as mulheres trabalham ombro a ombro com colegas homens, e eventualmente assumem cargos de comando. Como agimos, como nos portamos, como nos reinventamos, nós homens e mulheres? Estamos criando novas parcerias: se homens, enfrentando às vezes o comando de uma mulher; se mulheres, tentando descobrir como lidamos com o poder. Poder e dinheiro, dois fatores novos para nós, interligados e ainda inusitados. Conheço mulheres altamente capacitadas, com bons cargos e salários invejáveis, que no fim do mês entregam o dinheiro ao marido, ou têm uma conta conjunta que ele maneja, "para que ele não se sinta mal por eu ganhar mais." Realmente, essa mulher com poder precisa de um parceiro com muito caráter, seguro e bem-humorado, para que o convívio faça crescer os dois, com cumplicidade e alegria.

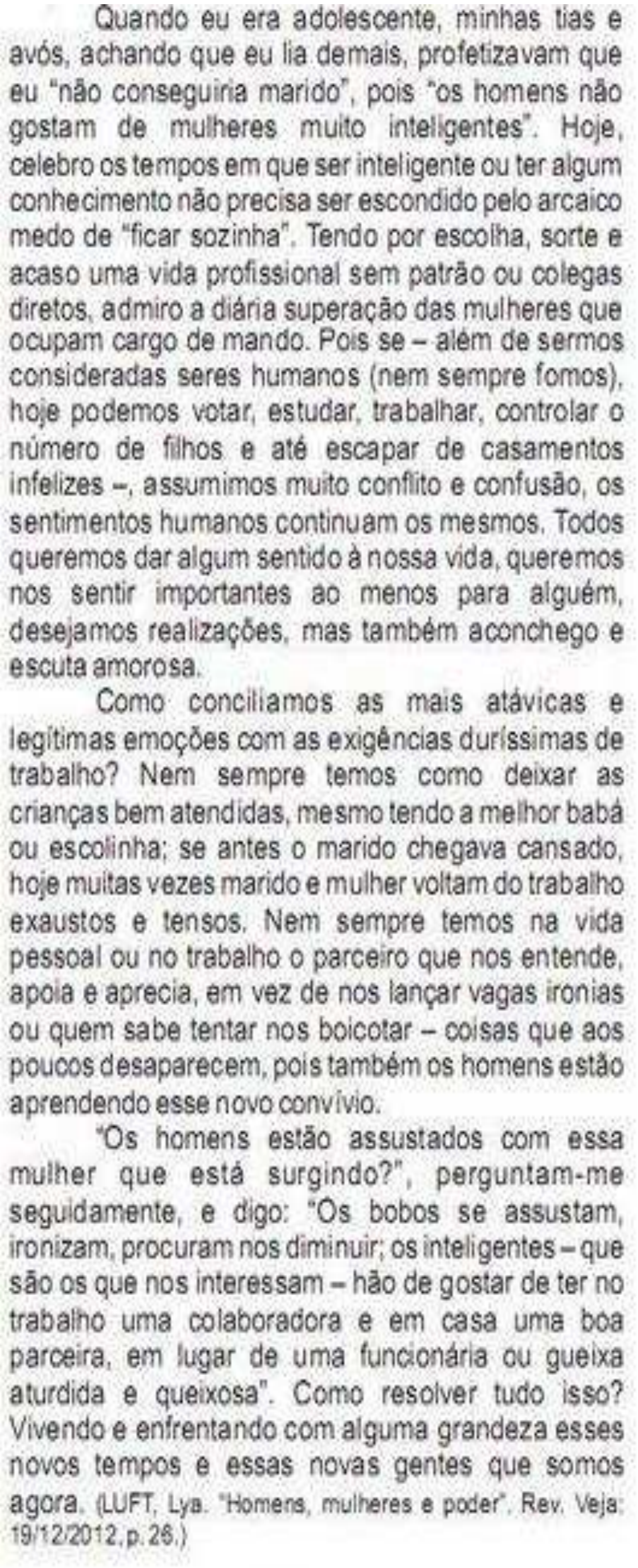

Quando eu era adolescente, minhas tias e avós, achando que eu lia demais, profetizavam que eu "não conseguiria marido", pois "os homens não gostam de mulheres muito inteligentes". Hoje, celebro os tempos em que ser inteligente ou ter algum conhecimento não precisa ser escondido pelo arcaico medo de "ficar sozinha". Tendo por escolha, sorte e acaso uma vida profissional sem patrão ou colegas diretos, admiro a diária superação das mulheres que ocupam cargo de mando. Pois se – além de sermos consideradas seres humanos (nem sempre fomos), hoje podemos votar, estudar, trabalhar, controlar o número de filhos e até escapar de casamentos infelizes –, assumimos muito conflito e confusão, os sentimentos humanos continuam os mesmos. Todos queremos dar algum sentido à nossa vida, queremos nos sentir importantes ao menos para alguém, desejamos realizações, mas também aconchego e escuta amorosa.

Como conciliamos as mais atávicas e legítimas emoções com as exigências duríssimas de trabalho? Nem sempre temos como deixar as crianças bem atendidas, mesmo tendo a melhor babá ou escolinha; se antes o marido chegava cansado, hoje muitas vezes marido e mulher voltam do trabalho exaustos e tensos. Nem sempre temos na vida pessoal ou no trabalho o parceiro que nos entende, apoia e aprecia, em vez de nos lançar vagas ironias ou quem sabe tentar nos boicotar – coisas que aos poucos desaparecem, pois também os homens estão aprendendo esse novo convívio.

"Os homens estão assustados com essa mulher que está surgindo?", perguntam-me seguidamente, e digo: "Os bobos se assustam, ironizam, procuram nos diminuir; os inteligentes – que são os que nos interessam – hão de gostar de ter no trabalho uma colaboradora e em casa uma boa parceira, em lugar de uma funcionária ou gueixa aturdida e queixosa". Como resolver tudo isso? Vivendo e enfrentando com alguma grandeza esses novos tempos e essas novas gentes que somos agora. (LUFT, Lya. "Homens, mulheres e poder". Rev. Veja: 19/12/2012, p. 26.)

20. **(PC/ES - 2013 - Escrivão – FUNCAB)** No que respeita ao gênero, comportam-se como "comandante" (§ 1) todos os substantivos relacionados em:

a) vítima – artista – atendente
b) camarada – testemunha – dentista
c) pianista – cliente – colegial
d) estudante – colega – indivíduo
e) cônjuge – criança – pessoa

*Comentário: o substantivo **comandante** é classificado como comum de dois gêneros, pois a sua forma para o gênero masculino e para o feminino não se altera, sendo diferenciado apenas por um determinante, que pode ser um artigo ou adjetivo (**o** comandante – **a** comandante; comandante **alto** – comandante **alta**). Classificam-se conforme esse substantivo as palavras pianista, cliente e colegial, que constam na alternativa C. Analisando as demais alternativas, vemos que também comportam-se assim: artista; atendente; camarada; dentista; estudante e colega. Vítima; testemunha; indivíduo; cônjuge; criança e pessoa são sobrecomuns, que têm uma só forma e são determinados por um só artigo para ambos os gêneros.*

Gabarito: C

Leia o texto abaixo e responda à questão proposta.

Aquilo

– De uns tempos para cá, eu só penso naquilo.
– Eu penso naquilo desde os meus, sei lá, onze anos.
– Onze anos?
– É.E o tempo todo.

– Não. Eu, antigamente, pensava pouco naquilo. Era uma coisa que não me preocupava. Claro que a gente convivia com aquilo desde cedo. Via acontecer à nossa volta, não podia ignorar. Mas não era, assim, uma preocupação constante. Como agora.

– Pra mim sempre foi. Aliás, eu não penso em outra coisa.

– Desde criança?!

– De dia e de noite.

– E como é que você conseguia viver com isso, desde criança?

– Mas é uma coisa natural. Acho que todo mundo é assim. Você é que é anormal, se só começou a pensar naquilo nessa idade.

– Antes eu pensava, mas hoje é uma obsessão. Fico imaginando como será. O que eu vou sentir.Como será o depois.

– Você se preocupa demais. Precisa relaxar.A coisa tem que acontecer naturalmente. Se você fica ansioso é pior. Aí sim, aquilo se torna uma angústia, em vez de um prazer.

–Um prazer?Aquilo?

– Pra você não sei. Pra mim, é o maior prazer que um homem pode ter. É quando o homem chega ao paraíso.

– Bom, se você acredita nisso, então pode pensar naquilo como um prazer. Pra mim é o fim.

– Você precisa de ajuda, rapaz.

– Ajuda religiosa? Perdi a fé há muito tempo.

Da última vez que falei com um padre a respeito, só o que ele me disse foi que eu devia rezar. Rezar muito, para poder enfrentar aquilo sem medo.

– Mas você foi procurar logo um padre? Precisa de ajuda psiquiátrica. Talvez clínica, não sei. Ter pavor daquilo não é saudável.

– E eu não sei? Eu queria ser como você. Viver com a perspectiva daquilo naturalmente, até alegremente. Ir para aquilo assoviando.

– Ah, vou. Assoviando e dando pulinho. Olhe, já sei o que eu vou fazer. Vou apresentar você a uma amiga minha. Ela vai tirar todo o seu medo.

– Sei. Uma dessas transcendentalistas.

– Não, é daqui mesmo. Codinome Neca. Com ela é tiro e queda. Figurativamente falando, claro.

– Hein?

–O quê?

– Do que é que nós estamos falando?

– Do que é que você está falando?

– Daquilo. Da morte.

–Ah.

– E você?

– Esquece.

VERISSIMO, Luis Fernando. Aquilo. In: Novas Comédias da Vida Privada. Porto Alegre: L&PM, 1996. p. 43-44.

21. **(SESACRE – 2014 – Analista de Sistemas – FUNCAB)** A alternativa a seguir que pode substituir corretamente os termos destacados no fragmento "Vou apresentar VOCÊ A UMA AMIGA MINHA." (§ 20) é:

a) Vou apresentar-lhe a uma amiga minha.

b) Vou apresentar-lhe a você.

c) Vou apresentá-lo a uma amiga minha.

d) Vou apresentá-la uma amiga minha.

a) Vou apresentá-la você.

Comentário: o verbo apresentar é bitransitivo, ou seja, aceita dois complementos: um objeto direto e um objeto indireto (quem apresenta apresenta uma pessoa a outra pessoa). Como já vimos, o lhe só pode assumir função de objeto indireto, o que já elimina as duas primeiras opções, que mostram dois objetos indiretos. As letras D e E mostram dois objetos diretos como complemento do verbo, pois falta preposição para indicar objeto indireto. A alternativa C, portanto, é o nosso gabarito.

Gabarito: C

22. **(EMDUR -2014 – Administrador - FUNCAB)** Passando as locuções verbais presentes em [...] ela ia ficar uma parede-teto e essa parede-teto ia ser concreto?”. para a forma simples, mantendo a mesma ideia pretendida pelo contexto, como ficariam, respectivamente, os verbos?

A) ficaria - seria
B) ficara - fora
C) ficará - será
D) ficava - era
E) ficou - foi

Comentário: No enunciado, as locuções verbais são “ia ficar” e “ia ser”. Passando essas estruturas para as formas simples, teremos “ficaria” e “seria”, ambas conjugadas no futuro do pretérito do indicativo. Portanto, a letra (A) é a resposta da questão.

Gabarito: A.

LISTA DE QUESTÕES COMENTADAS NESTA AULA

A outra noite

Outro dia fui a São Paulo e resolvi voltar à noite, uma noite de vento sul e chuva, tanto lá como aqui. Quando vinha para casa de táxi, encontrei um amigo e o trouxe até Copacabana; e contei a ele que lá em cima, além das nuvens, estava um luar lindo, de lua cheia; e que as nuvens feias que cobriam a cidade eram, vistas de cima, enluaradas, colchões de sonho, alvas, uma paisagem irreal.

Depois que o meu amigo desceu do carro, o chofer aproveitou um sinal fechado para voltar-se para mim:

- O senhor vai desculpar, eu estava aqui a ouvir sua conversa. Mas, tem mesmo luar lá em cima?

Confirmei: sim, acima da nossa noite preta e enlamaçada e torpe havia uma outra - pura, perfeita e linda.

- Mas que coisa...

Ele chegou a pôr a cabeça fora do carro para olhar o céu fechado de chuva. Depois continuou guiando mais lentamente. Não sei se sonhava em ser aviador ou pensava em outra coisa.

- Ora, sim senhor...

E, quando saltei e paguei a corrida, ele me disse uma "boa noite" e um "muito obrigado ao senhor" tão sinceros, tão veementes, como se eu lhe tivesse feito um presente de rei.

(BRAGA, Rubem. *Para gostar de ler*, vol. 2, crônicas. São Paulo, Ática.)

01. **(PRODAM-AM – 2014 – FUNCAB)** Assinale a opção em que o pronome LHE foi corretamente empregado.

a) O dono da oficina recebeu-lhe com educação.

b) A atividade ilegal levara-lhe à prisão.
c) O cheiro de tinta contaminou-lhe.
d) Saiu do carro e abandonou-lhe na rua.
e) O passageiro pagou-lhe a corrida.

02. **(PRODAM-AM – 2014 – FUNCAB)** As formas verbais abaixo foram retiradas do texto e apenas uma apresenta-se no pretérito imperfeito do subjuntivo. Assinale-a.

a) vinha
b) trouxe
c) tivesse
d) desceu
e) havia

O recente interesse na regulamentação da astrologia como profissão oferece a oportunidade de refletir sobre questões que vão desde as raízes históricas da ciência até a percepção, infelizmente muito popular, de seu dogmatismo. Preocupa-me, e imagino que a muitos dos colegas cientistas, a rotulação do cientista como um sujeito inflexível, bitolado, que só sabe pensar dentro dos preceitos da ciência. Ela vem justamente do desconhecimento sobre como funciona a ciência. Talvez esteja aqui a raiz de tanta confusão e desentendimento.

Longe dos cientistas achar que a ciência é o único modo de conhecer o mundo e as pessoas, ou que a ciência está sempre certa. Muito ao contrário, seria absurdo não dar lugar às artes, aos mitos e às religiões como instrumentos complementares de conhecimento, expressões de como o mundo é visto por pessoas e culturas muito diversas entre si.

Um mundo sem esse tipo de conhecimento não científico seria um mundo menor e, na minha opinião, insuportável. O que existe é uma distinção entre as várias formas de conhecimento, distinção baseada no método pertinente a cada uma delas. A confusão começa quando uma tenta entrar no território da outra, e os métodos passam a ser usados fora de seu contexto.

Portanto, é (ou deveria ser) inútil criticar a astrologia por ela não ser ciência, pois ela não é. Ela é uma outra forma de conhecimento. [...]

Essa caracterização da astrologia como não ciência não é devida ao dogmatismo dos cientistas. É importante lembrar que, para a ciência progredir, dúvida e erro são fundamentais. Teorias não nascem prontas, mas são refinadas com o passar do tempo, a partir da comparação constante com dados. Erros são consertados, e, aos poucos, chega-se a um resultado aceito pela comunidade científica.

A ciência pode ser apresentada como um modelo de democracia: não existe o dono da verdade, ao menos a longo prazo. (Modismos, claro, existem sempre.) Todos podem ter uma opinião, que será sujeita ao escrutínio dos colegas e provada ou não. E isso tudo ocorre independentemente de raça, religião ou ideologia. Portanto, se cientistas vão contra alguma coisa, eles não vão como donos da verdade, mas com o mesmo ceticismo que caracteriza a sua atitude com relação aos próprios colegas. Por outro lado, eles devem ir dispostos a mudar de opinião, caso as provas sejam irrefutáveis.

A astrologia lida com questões de relevância imediata na vida de cada um, tendo um papel emocional que a astronomia jamais poderia (ou deveria) suprir.

A astrologia está conosco há 4.000 anos e não irá embora. E nem acho que deveria. Ela faz parte da história das ideias, foi fundamental no desenvolvimento da astronomia e é testemunha da necessidade coletiva de conhecer melhor a nós mesmos e os que nos cercam. De minha parte, acho que viver com a dúvida pode ser muito mais difícil, mas é muito mais gratificante. Se erramos por não saber, ao menos aprendemos com os nossos erros e, com isso, crescemos como indivíduos. Afinal, nós somos produtos de nossas escolhas, inspiradas ou não pelos astros.

(GLEISER, Marcelo. Folha de São Paulo, 22 set. 2002)

03. **(PRODAM-AM – 2014 – FUNCAB)** A alternativa em que ambos os termos constituídos de preposição + substantivo podem ser substituídos no texto por adjetivos semanticamente equivalentes é:

a) formas DE CONHECIMENTO (§ 3) - rotulação DO CIENTISTA (§ 1)

b) preceitos DA CIÊNCIA (§ 1) - modelo DE DEMOCRACIA (§ 6)

c) rotulação DO CIENTISTA (§ 1) - preceitos DA CIÊNCIA (§ 1)

d) modelo DE DEMOCRACIA (§ 6) - donos DA VERDADE (§ 6)

04. **(SEPLAG-MG – 2014 – Gestão Pública – FUNCAB)** instrução de reescrita que, uma vez seguida, compromete o padrão culto da língua observado em: "Portanto, é (ou deveria ser) inútil criticar a astrologia por ela não ser ciência, pois ela não é." (§ 4) encontra-se na alternativa

a) Deslocar o pronome "ela" para a posição entre o verbo "ser" e o nome "ciência".

b) Empregar o demonstrativo "o" entre o advérbio "não" e a forma verbal "é" .

c) Substituir a conjunção "Portanto" por "Aonde", suprimindo a vírgula.

d) Substituir a conjunção "pois" pela locução conjuntiva "visto como".

A figura do ancião, desde o início dos relatos das primeiras civilizações, é muito controversa e discutida. No mundo ocidental, o senso comum das principais culturas muitas vezes discordava dos ensinamentos das filosofias clássicas sobre as contribuições da velhice para a sociedade. O estudo das reais condições trazidas pelo avanço da idade gerou diversas discussões éticas sobre as percepções biossociais dos processos de mudança do corpo. Médicos, biólogos, psicólogos e antropólogos ainda hoje não conseguem obter consenso sobre esse fenômeno em suas respectivas áreas.

Muitas culturas ocidentais descrevem o estereótipo do jovem como corajoso, destemido, forte e indolente. Já a figura do idoso é retratada como um peso morto, um chato em decadência corporal e mental. Percepção preconceituosa que foi levada ao extremo no século XX pelos portugueses durante a ditadura de Antônio Salazar, notório por usar a perseguição aos idosos como bandeira política. Atletas e artistas cotidianamente debatem o avanço da idade com medo e desgosto, enquanto especialistas da saúde questionam se há deterioração ou mudança adaptativa do corpo humano.

Nas culturas orientais, assim como na maioria das filosofias clássicas, a velhice é vista de um ângulo positivo, sendo fonte de sabedoria e meta para uma vida guiada pela prudência. O sábio ancião, que personifica a figura do homem calmo, austero, e que muitas vezes é capaz de prever certas situações e aconselhar, se destaca em relação ao jovem cheio de energia e de hormônios instáveis. Porém, apesar dos filósofos apreciarem o avanço da idade, nem todos eles tinham a mesma opinião sobre a velhice. O jovem Platão tinha como inspiração o velho filósofo Sócrates. Apesar de ser desfavorecido materialmente, Sócrates possuía muita experiência e uma sabedoria ímpar que marcou a história do pensamento. Em *A República*, Platão retrata uma discussão filosófica sobre a justiça ocorrida na casa do velho Céfalo, homem importante e respeitável em Atenas, que propiciava discussões filosóficas entre os mais velhos e os jovens que contemplavam os diálogos. Na sociedade ideal desse filósofo, os jovens muitas vezes eram retratados como inconsequentes e ingênuos, a exemplo de Polemarco, filho de Céfalo.

Nesta sociedade ideal, crianças e adolescentes não recebiam diretamente o ensino da Filosofia. Por ser um conhecimento nobre e difícil, [ela] era ensinada somente para pessoas de idade mais avançada.

Dentre os filósofos clássicos, o maior crítico sobre a construção filosófica da ideia de "velhice" era o estoico Sêneca. Para ele, Platão, Aristóteles e Epicuro construíram uma concepção mitológica da figura do velho. Os idosos que ele conheceu em Roma muitas vezes não eram tão felizes como descreviam os gregos. Muitos deles, observou Sêneca, pareciam tranquilos, mas no fundo não eram. A aparente tranquilidade decorria de seu cansaço e desânimo por não conseguir mais lutar por aquilo que queriam. Não buscaram a *ataraxia* enquanto jovens, ou seja, a tranquilidade da alma e a ausência de perturbações frente aos desafios impostos pela vida.

Se envelhecer é uma "droga", como afirma o ator Arnold Schwarzenegger, ou se [a velhice] é a "melhor idade", como dizem muitos aposentados, esses discursos não contribuem para uma resposta definitiva para o estudo científico. Afinal, o conceito de velhice não é um fenômeno puramente biológico, mas também fruto de uma construção social e psicoemocional.

MEUCCI, Arthur. Rev. *Filosofia* : março de 2013, p. 72-3.

05. **(IF/RR - 2013 – Jornalista – FUNCAB)** Há evidente equívoco na indicação do sentido em que está empregada no texto a preposição SOBRE em:

a)"[...] sobre as contribuições da velhice para a sociedade [...]" (§ 1) / em cima de.

b) "[...] sobre esse fenômeno [...]" (§ 1) / relativamente a.

c) "[...] sobre a velhice [...]" (§ 3) / acerca de.

d) "[...] sobre a justiça [...]" (§ 3) / a propósito de.

e) "[...] sobre a construção filosófica da ideia de 'velhice' [...]" (§ 4) / no que concerne a.

06. **(IF/RR - 2013 – Jornalista – FUNCAB)** Altera-se o sentido fundamental de "[...]Apesar de ser desfavorecido materialmente, Sócrates possuía muita experiência e uma sabedoria ímpar [...]" (§ 3) com a seguinte reescrita da primeira oração:

a) Se bem que desfavorecido materialmente.

b) Conquanto desfavorecido materialmente.

c) Posto que desfavorecido materialmente.

d) Por muito que desfavorecido materialmente.

e) Visto que desfavorecido materialmente.

07. **(IF/RR - 2013 – Jornalista – FUNCAB)** A forma simples da locução verbal destacada em “[...] ainda hoje não CONSEGUEM OBTER consenso [...]” (§ 1) encontra-se flexionada com ERRO no seguinte contexto:

a) ainda hoje não obtêm consenso

b) até agora não obtiveram consenso

c) talvez jamais obtenham consenso

d) se um dia obterem consenso

e) mesmo que obtivessem consenso

Verdade ou mentira

Verdade ou mentira, o que eu vou contar aqui é meio esquisito e merece ser lido com alguma atenção. [...]

Por mais impressionante que seja a história, procure controlar os nervos. [...]

Houve uma mulher que amou um amor de verdade.

Por mais estranho que pareça, foi isso que me contaram exatamente.

Um dia ela conheceu um homem, então descobriu que seu amanhecer já não era o mesmo, e os dois trocaram juras eternas, e, o que é mais fantástico ainda, essa mulher, pelo que consta, amou mesmo esse homem, só a ele, muito e sempre.

Parece que ele não era especialmente bonito, rico nem inteligente, era boa gente apenas e (segundo fontes seguras) tinha um sorriso engraçado.

Ela também era uma pessoa normal (pelo menos aparentemente) e só apresentou esse comportamento estapafúrdio em toda a sua vida.

Os motivos que levaram essa mulher a amar tanto esse tal homem, de forma tão descabida e excessiva, nunca ficaram provados.

Primeiro levantaram a hipótese de um surto de loucura passageiro. (Um atestado de insanidade resolveria a questão sem a necessidade de uma análise mais apurada.) Não era. [...]

O fato foi tomando proporções maiores à medida que o tempo passava e o amor daquela mulher não diminuía. [...]

Houve quem apostasse que aquele amor todo era mentira da mulher, com a clara intenção de aparecer na mídia. [...]

A mulher foi ficando meio assustada com aquela agonia de gente e *flashes* de repórter, confere daqui, examina de lá, até que acabou fugindo, coitada. Aquilo já estava impossível.

O homem ficou muito triste, é óbvio, por perder um amor assim tão interessante.

Há quem garanta que até hoje ele passa o dia bebendo na esquina e chora constantemente.

Dela, nunca mais se teve notícia. Possivelmente se auto exilou em algum lugar ignorado.

FALCÃO, Adriana. *O doido da garrafa*. São Paulo: Planeta,2003. p. 43-44. (Fragmento)

08. **(SEMAD – 2013 – Engenharia Agronômica – FUNCAB)** Vários artigos foram utilizados para fazer referência às personagens do texto. Observe os pares de enunciados abaixo.

I. Houve UMA mulher que amou um amor de verdade./ A mulher foi ficando meio assustada com aquela agonia de gente [...]

II. [...] ela conheceu UM homem [...]/ O homem ficou muito triste é óbvio [...]

Por que, em cada par transcrito, a autora usa diferentes artigos para se referir ao homem e à mulher?

a) Em ambos os casos, a autora emprega, primeiramente, artigos definidos, porque se trata de seres determinados; depois, usa os artigos indefinidos, para apresentar personagens ainda não conhecidos.

b) Primeiramente, a autora particulariza homem e mulher, com clara intenção de caracterizá-los; em seguida, generaliza as ações, a fim de que o leitor se identifique comas personagens.

c) Em ambos os casos, a autora emprega, primeiramente, artigos indefinidos, porque se trata de seres ainda indeterminados; depois, usa os artigos definidos, para que o leitor possa fazer uma representação mais precisa de cada um deles.

d) No primeiro par, a autora faz referência genérica nas duas ocorrências do artigo; no segundo, particulariza, a fim de tornar clara e precisa a representação dos seres.

A percepção pública da ciência é, com razão, repleta de conflitos. Alguns acreditam que a ciência seja a chave para a liberdade do homem, para a melhora das condições de vida de todos, para a cura dos tantos males que afligem pobres e ricos, desde a fome até as mais variadas doenças. Já outros veem a ciência com grande desconfiança e até com desprezo, como sendo a responsável pela criação de várias armas de destruição inventadas através da história, da espada à bomba atômica. Para esse grupo, os homens não são maduros o suficiente para lidar com o grande poder que resulta de nossas descobertas científicas.

No início do século 21, a clonagem e a possibilidade de construirmos máquinas inteligentes prometem até mesmo uma redefinição do que significa ser humano. Na medida em que será possível desenhar geneticamente um indivíduo ou modificar a sua capacidade mental por meio de implantes eletrônicos, onde ficará a linha divisória entre homem e máquina, entre o vivo e o robotizado? Entre os vários cenários que vemos discutidos na mídia, o mais aterrorizador é aquele em que nós nos tornaremos forçosamente obsoletos, uma vez que clones bioeletrônicos serão muito mais inteligentes e resistentes do que nós. Ou seja, quando (e se) essas tecnologias estiverem disponíveis, a ciência passará a controlar o processo evolutivo: a nossa missão final é criar seres "melhores" do que nós, tomando a seleção natural em nossas próprias mãos. O resultado, claro, é que terminaremos por causar a nossa própria extinção, sendo apenas mais um elo na longa cadeia evolutiva. O filme"Inteligência Artificial", de Steven Spielberg, relata precisamente esse cenário lúgubre para o nosso futuro, a inventividade humana causando a sua destruição final.

É difícil saber como lidar com essa possibilidade. Se tomarmos o caso da tecnologia nuclear como exemplo, vemos que a sua história começou com o assassinato de centenas de milhares de cidadãos japoneses, justamente pela potência que se rotula o "lado bom". Esse rótulo, por mais ridículo que seja, é levado a sério por grande parte da população norte-americana. É o velho argumento maquiavélico de que os fins justificam os meios: "Se não jogássemos as bombas em Hiroshima e Nagasaki, os japoneses jamais teriam se rendido e muito mais gente teria morrido em uma invasão por terra", dizem as autoridades militares e políticas norte-americanas. Isso não só não é verdade como mostra que são os fins político-econômicos que definem os usos e abusos da ciência: os americanos queriam manter o seu domínio no Pacífico, tentando amedrontar os soviéticos que desciam pela Manchúria. As bombas não só detiveram os soviéticos como redefiniram o equilíbrio de poder no mundo. Ao menos até os soviéticos desenvolverem a sua bomba, o que deu início à Guerra Fria.

As consequências de um conflito nuclear global são tão horrendas que até mesmo os líderes das potências nucleares conseguiram resistir à tentação de abusar de seu poder: criamos uma guerra sem vencedores e, portanto, inútil. Porém, as tecnologias nucleares não são propriedade exclusiva das potências nucleares. A possibilidade de que um grupo terrorista obtenha ou construa uma pequena bomba é remota, mas não inexistente. Em casos de extremismo religioso, escolhas morais são redefinidas de acordo com os preceitos (distorcidos) da religião: isso foi verdade tanto nas Cruzadas como hoje, nas mãos de suicidas muçulmanos. Eles não hesitariam em usar uma arma atômica, caso ativessem. E sentiriam suas ações perfeitamente justificadas.

Essa discussão mostra que a ciência não tem uma dimensão moral: somos nós os seres morais, os que optamos por usar as nossas invenções de modo criativo ou destrutivo. Somos nós que descobrimos curas para doenças e gases venenosos. Daí que o futuro da sociedade está em nossas mãos e será definido pelas escolhas que fizermos daqui para a frente. (...) Não é da ciência que devemos ter medo, mas de nós mesmos e da nossa imaturidade moral.

(Marcelo Gleiser, in Folha de São Paulo, 7 de julho de 2002)

09. **(SESAU-RO – 2009 – Enfermeiro - FUNCAB)** Indique a opção que apresenta correta e respectivamente as classes gramaticais a que pertencem as palavras grifadas no trecho abaixo.

"Se tomarmos o caso da tecnologia nuclear como exemplo, vemos que a sua história começou com o assassinato de centenas de milhares de cidadãos japoneses, justamente pela potência que se rotula o 'lado bom'."

a) conjunção - pronome - artigo - conjunção - pronome;

b) conjunção - conjunção - artigo - pronome - pronome;

c) pronome - pronome - artigo - pronome - conjunção;

d) pronome - conjunção - preposição - conjunção - pronome;

e) conjunção - pronome - preposição - pronome - conjunção.

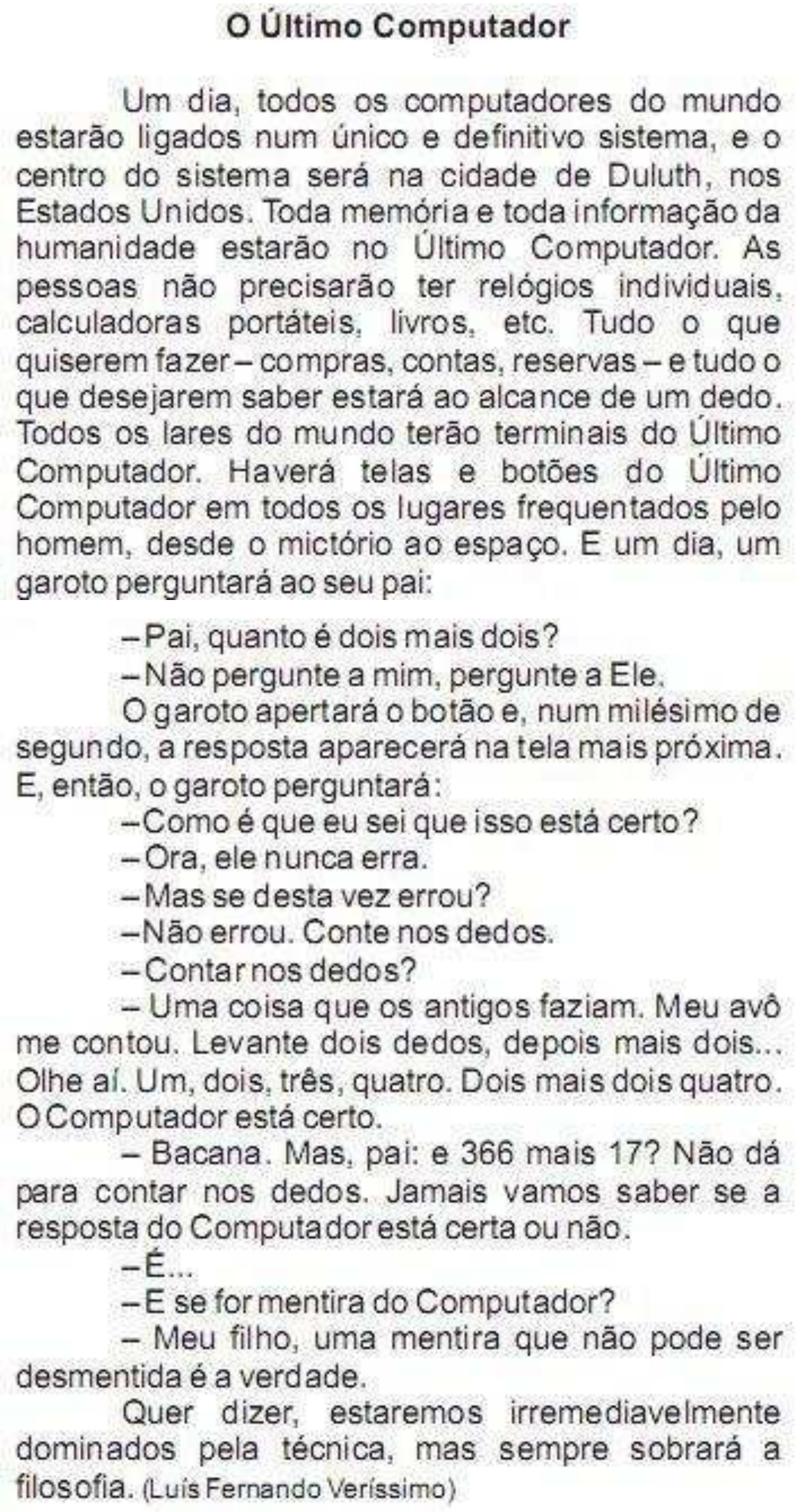

O Último Computador

Um dia, todos os computadores do mundo estarão ligados num único e definitivo sistema, e o centro do sistema será na cidade de Duluth, nos Estados Unidos. Toda memória e toda informação da humanidade estarão no Último Computador. As pessoas não precisarão ter relógios individuais, calculadoras portáteis, livros, etc. Tudo o que quiserem fazer – compras, contas, reservas – e tudo o que desejarem saber estará ao alcance de um dedo. Todos os lares do mundo terão terminais do Último Computador. Haverá telas e botões do Último Computador em todos os lugares frequentados pelo homem, desde o mictório ao espaço. E um dia, um garoto perguntará ao seu pai:

– Pai, quanto é dois mais dois?

– Não pergunte a mim, pergunte a Ele.

O garoto apertará o botão e, num milésimo de segundo, a resposta aparecerá na tela mais próxima. E, então, o garoto perguntará:

– Como é que eu sei que isso está certo?

– Ora, ele nunca erra.

– Mas se desta vez errou?

– Não errou. Conte nos dedos.

– Contar nos dedos?

– Uma coisa que os antigos faziam. Meu avô me contou. Levante dois dedos, depois mais dois... Olhe aí. Um, dois, três, quatro. Dois mais dois quatro. O Computador está certo.

– Bacana. Mas, pai: e 366 mais 17? Não dá para contar nos dedos. Jamais vamos saber se a resposta do Computador está certa ou não.

– É...

– E se for mentira do Computador?

– Meu filho, uma mentira que não pode ser desmentida é a verdade.

Quer dizer, estaremos irremediavelmente dominados pela técnica, mas sempre sobrará a filosofia. (Luís Fernando Veríssimo)

10. **(CODATA – 2013 – Informática – FUNCAB)** Apenas em uma das opções abaixo o substantivo se flexiona no plural da mesma forma que a

palavra destacada em: "Haverá telas e BOTÕES do Último Computador [...]". Aponte-a.

a) bênção.

b) órfão.

c) cristão.

d) cidadão.

e) melão.

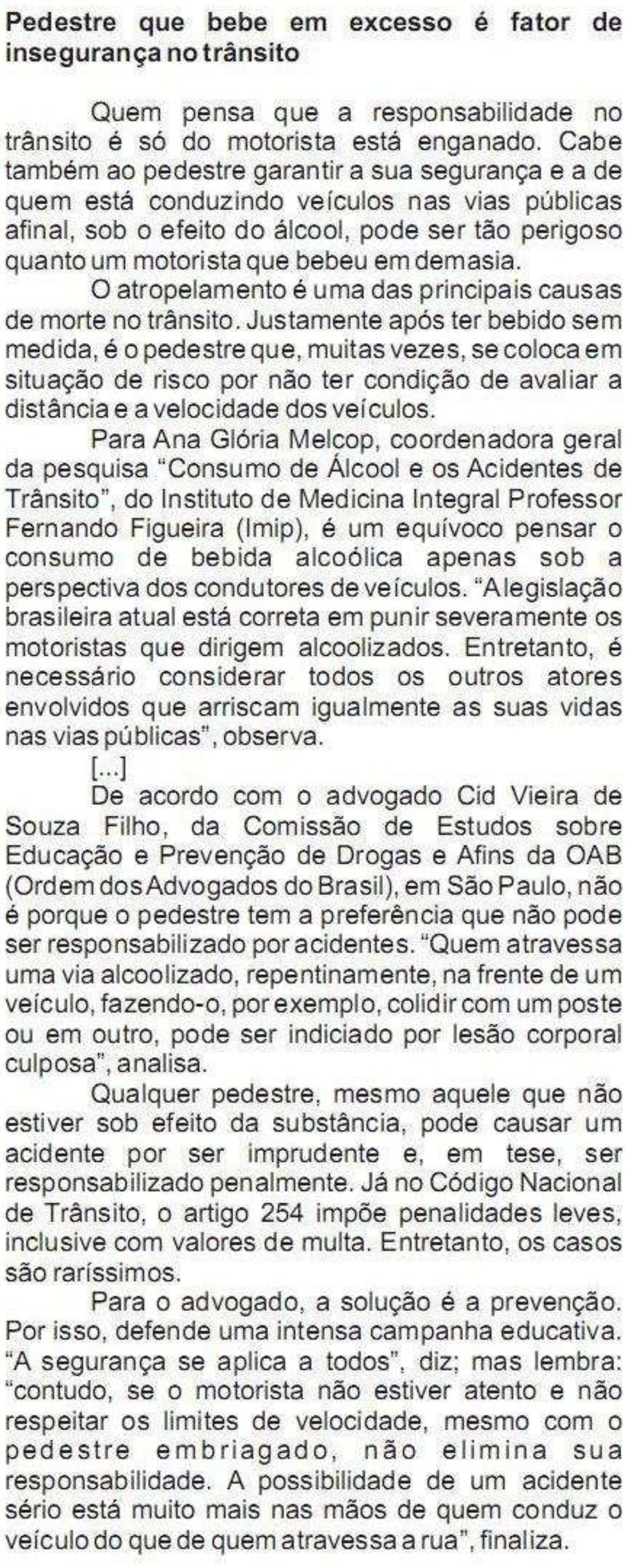

Pedestre que bebe em excesso é fator de insegurança no trânsito

Quem pensa que a responsabilidade no trânsito é só do motorista está enganado. Cabe também ao pedestre garantir a sua segurança e a de quem está conduzindo veículos nas vias públicas afinal, sob o efeito do álcool, pode ser tão perigoso quanto um motorista que bebeu em demasia.

O atropelamento é uma das principais causas de morte no trânsito. Justamente após ter bebido sem medida, é o pedestre que, muitas vezes, se coloca em situação de risco por não ter condição de avaliar a distância e a velocidade dos veículos.

Para Ana Glória Melcop, coordenadora geral da pesquisa "Consumo de Álcool e os Acidentes de Trânsito", do Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira (Imip), é um equívoco pensar o consumo de bebida alcoólica apenas sob a perspectiva dos condutores de veículos. "A legislação brasileira atual está correta em punir severamente os motoristas que dirigem alcoolizados. Entretanto, é necessário considerar todos os outros atores envolvidos que arriscam igualmente as suas vidas nas vias públicas", observa.

[...]

De acordo com o advogado Cid Vieira de Souza Filho, da Comissão de Estudos sobre Educação e Prevenção de Drogas e Afins da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), em São Paulo, não é porque o pedestre tem a preferência que não pode ser responsabilizado por acidentes. "Quem atravessa uma via alcoolizado, repentinamente, na frente de um veículo, fazendo-o, por exemplo, colidir com um poste ou em outro, pode ser indiciado por lesão corporal culposa", analisa.

Qualquer pedestre, mesmo aquele que não estiver sob efeito da substância, pode causar um acidente por ser imprudente e, em tese, ser responsabilizado penalmente. Já no Código Nacional de Trânsito, o artigo 254 impõe penalidades leves, inclusive com valores de multa. Entretanto, os casos são raríssimos.

Para o advogado, a solução é a prevenção. Por isso, defende uma intensa campanha educativa. "A segurança se aplica a todos", diz; mas lembra: "contudo, se o motorista não estiver atento e não respeitar os limites de velocidade, mesmo com o pedestre embriagado, não elimina sua responsabilidade. A possibilidade de um acidente sério está muito mais nas mãos de quem conduz o veículo do que de quem atravessa a rua", finaliza.

11. **(DETRAN-PB – 2014 – Agente de Trânsito – FUNCAB)** A opção em que a palavra SÓ está empregada em um sentido que DIFERE daquele usado na primeira frase do texto é:

a) O motorista alcoolizado que estiver SÓ, numa situação de emergência, deve ser auxiliado pelos Agentes de Trânsito

b) Em caso de embriaguez, SÓ o pedestre será responsável pelo possível atropelamento que possa vir a sofrer

c) Mesmo que o pedestre esteja alcoolizado, SÓ o motorista poderá ser responsabilizado em caso de atropelamento.

d) Em caso de atropelamento, o pedestre SÓ poderá ser responsabilizado, se estiver alcoolizado.

e) SÓ em caso de embriaguez é que podemos responsabilizar o pedestre pelo seu atropelamento.

Maneira de amar

O jardineiro conversava com as flores, e elas se habituaram ao diálogo. Passava manhãs contando coisas a uma cravina ou escutando o que lhe confiava um gerânio. O girassol não ia muito com sua cara, ou porque não fosse homem bonito, ou porque os girassóis são orgulhosos de natureza.

Em vão o jardineiro tentava captar-lhe as graças, pois o girassol chegava a voltar-se contra a luz para não ver o rosto que lhe sorria. Era uma situação bastante embaraçosa, que as outras flores não comentavam. Nunca, entretanto, o jardineiro deixou de regar o pé de girassol e de renovar-lhe a terra, na ocasião devida.

O dono do jardim achou que seu empregado perdia muito tempo parado diante dos canteiros, aparentemente não fazendo coisa alguma. E mandou-o embora, depois de assinar a carteira de trabalho.

Depois que o jardineiro saiu, as flores ficaram tristes e censuravam-se porque não tinham induzido o girassol a mudar de atitude. A mais triste de todas era o girassol, que não se conformava com a ausência do homem. "Você o tratava mal, agora está arrependido?" "Não, respondeu, estou triste porque agora não posso tratá-lo mal. É a minha maneira de amar, ele sabia disso, e gostava."

Maneira de amar (ANDRADE, Carlos Drummond. *A cor de cada um*. Rio de Janeiro: Record, 1997. p. 30).

12. **(SC/CE – 2013 Analista de Desenvolvimento Urbano - Engenharia Agronômica – FUNCAB)** Observe o emprego do adjetivo TRISTE nas frases transcritas do último parágrafo.

I. "[...] estou triste porque agora não posso tratá-lo mal."

II. "A mais triste de todas era o girassol [...]"

Assinale a alternativa que aponta, correta e respectivamente, a função sintática do adjetivo destacado.

a) predicativo do objeto – adjunto adverbial
b) predicativo do sujeito – adjunto adnominal
c) adjunto adnominal – adjunto adnominal
d) predicativo do sujeito – predicativo do objeto
e) predicativo do sujeito – predicativo do sujeito

Desejo de um bombeiro

Desejava que pudesses ver a tristeza de um homem de negócios quando o trabalho da sua vida desaparece em chamas ou uma família que regressa a casa e apenas encontra a sua casa e os seus pertences danificados ou destruídos.

[...]

Desejava que pudesses compreender o horror de uma esposa quando às 3 da manhã verifica que o marido não tem pulso... Inicio o S.B.V. (suporte básico de vida) no mesmo, esperando uma hipótese muito remota de trazê-lo de volta... [...]

Desejava que pudesses saber o cheiro único de uma queimadura, o gosto da saliva com sabor de fuligem... Sentir o intenso calor que passa através do equipamento, o som dos estalos das chamas, a sensação de não conseguir ver absolutamente nada através do fumo denso... [...]

Desejava que pudesses perceber a instabilidade mental, emocional e física de refeições perdidas, sonos perdidos e a falta de atividades sociais, associadas a todas as tragédias que os meus olhos já viram.

[...]

Desejava que pudesses saber a irmandade que existe e a satisfação de ajudar a salvar uma vida, a preservar as coisas de alguém, a estar "lá" nos tempos de crise ou a criar ordem quando existe um caos total.

Sensações que me ficaram muito familiares...

A menos que tenha vivido este tipo de vida, nunca conseguirás entender verdadeiramente ou apreciar QUEM EU SOU,O QUE NÓS SOMOS OU O QUE O NOSSO TRABALHO SIGNIFICA REALMENTE PARA NÓS.

Desejava que pudesses ver...

(in:<http://www.portaldafenix.com/index.php?topic=763.0.> acessoem20/06/2012)

13. **(CBM/AC – 2012 – FUNCAB)** Sobre as palavras destacadas no trecho "Desejava que pudesses perceber a instabilidade MENTAL, EMOCIONAL e FÍSICA de refeições PERDIDAS, sonos PERDIDOS [...]" (parágrafo 4) está correta a análise gramatical:

a) Classificam-se como expressões adverbiais de modo.

b) Todas são verbos na forma nominal do particípio.

c) São adjetivos que modificam substantivos antepostos.

d) Há três substantivos e dois verbos no gerúndio.

e) São advérbios que modificam o verbo "perceber".

Desenredo

Do narrador a seus ouvintes:

- Jó Joaquim, cliente, era quieto, respeitado, bom como o cheiro de cerveja. Tinha o para não ser célebre. Como elas quem pode, porém? Foi Adão dormir e Eva nascer. Chamando-se Livíria, Rivília ou Irlívia, a que, nesta observação, a Jó Joaquim apareceu.

Antes bonita, olhos de viva mosca, morena mel e pão. Aliás, casada. Sorriram-se, viram-se. Era infinitamente maio e Jó Joaquim pegou o amor. Enfim, entenderam-se. Voando o mais em ímpeto de nau tangida a vela e vento. Mas tendo tudo de ser secreto, claro, coberto de sete capas.

Porque o marido se fazia notório, na valentia com ciúme; e as aldeias são a alheia vigilância. Então ao rigor geral os dois se sujeitaram, conforme o clandestino amor em sua forma local, conforme o mundo é mundo. Todo abismo é navegável a barquinhos de papel.

Não se via quando e como se viam. Jó Joaquim, além disso, existindo só retraído, minuciosamente. Esperar é reconhecer-se incompleto. Dependiam eles de enorme milagre. O inebriado engano.

Até que deu-se o desmastreio. O trágico não vem a conta-gotas. Apanhara o marido a mulher: com outro, um terceiro... Sem mais cá nem mais lá, mediante revólver, assustou-a e matou-o. Diz-se, também, que a ferira, leviano modo.

[...]

Ela - longe - sempre ou ao máximo mais formosa, já sarada e sã. Ele exercitava-se a aguentar-se, nas defeituosas emoções.

Enquanto, ora, as coisas amaduravam. Todo fim é impossível? Azarado fugitivo, e como à Providência praz, o marido faleceu, afogado ou de tifo. O tempo é engenhoso.

[...]

Sempre vem imprevisível o abominoso? Ou: os tempos se seguem e parafraseiam-se. Deu-se a entrada dos demônios.

Da vez, Jó Joaquim foi quem a deparou, em péssima hora: traído e traidora. De amor não a matou, que não era para truz de tigre ou leão. Expulsou-a apenas, apostrofando-se, como inédito poeta e homem. E viajou a mulher, a desconhecido destino.

Tudo aplaudiu e reprovou o povo, repartido. Pelo fato, Jó Joaquim sentiu-se histórico, quase criminoso, reincidente. Triste, pois que tão calado. Suas lágrimas corriam atrás dela, como formiguinhas brancas. Mas, no frágio da barca, de novo respeitado, quieto. Vá-se a camisa, que não o dela dentro. Era o seu um amor meditado, a prova de remorsos. Dedicou-se a endireitar-se.

[...]

Celebrava-a, ufanático, tendo-a por justa e averiguada, com convicção manifesta. Haja o absoluto amar- e qualquer causa se irrefuta.

Pois produziu efeito. Surtiu bem. Sumiram-se os pontos das reticências, o tempo secou o assunto. Total o transato desmanchava-se, a anterior evidência e seu nevoeiro. O real e válido, na árvore, é a reta que vai para cima. Todos já acreditavam. Jó Joaquim primeiro que todos.

Mesmo a mulher, até, por fim. Chegou-lhe lá a notícia, onde se achava, em ignota, defendida, perfeita distância. Soube-se nua e pura. Veio sem culpa. Voltou, com dengos e fofos de bandeira ao vento.

Três vezes passa perto da gente a felicidade. Jó Joaquim e Vilíria retomaram-se, e conviveram, convolados, o verdadeiro e melhor de sua útil vida.

E pôs-se a fábula em ata.

ROSA, João Guimarães. *Tutameia - Terceiras estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967,p.38-40.

Vocabulário
Frágio: neologismo criado a partir de naufrágio,
Ufanático: neologismo: ufano+fanático.

14. **(PC/AC – 2015 – Perito Criminal – FUNCAB)** Sobre o valor semântico da preposição destacada em "Porque o marido se fazia notório, na valentia COM ciúme", pode-se afirmar corretamente que, no contexto produzido:

a) assinala ideia de modo.
b) assinala limite no espaço-temporal.
c) introduz relação de companhia.
d) insere relação de instrumento.
e) indica estabelecimento de ideia causal.

15. **(PC/AC – 2015 – Perito Criminal – FUNCAB)** "De amor não a matou, que não era para truz de tigre ou leão:

A respeito do trecho acima, quanto aos aspectos gramatical, sintático e semântico, analise as afirmativas a seguir.

I. A palavra A é pronome adjetivo pessoal oblíquo e assume a função de objeto direto da primeira oração.

II. A preposição DE, em "De amor", possui valor semântico de causa.

III. OU, dentro da oração a que pertence, é conjunção subordinativa condicional.

Está(ão) correta(s) apenas a(s) afirmativa(s):

a) II e III.
b) II.
c) I e II.
d) I e III.

e) I.

16. **(PC/AC – 2015 – Perito Criminal – FUNCAB)** "Celebrava-a, ufanático, tendo-a por justa e averiguada, com convicção manifesta. Haja o absoluto amar - e qualquer causa se irrefuta." Sobre as formas verbais desse segmento do texto, assinale a afirmativa correta.

a) A forma verbal SE IRREFUTA exemplifica o que se denomina sujeito inexistente.

b) A frase "Celebrava-a, ufanático" está na voz passiva e sua forma ativa correspondente é "Era celebrada".

c) A forma verbal TENDO está no particípio passado.

d) A flexão da forma destacada em "com convicção MANIFESTA." corresponde à "manifestada".

e) A forma verbal HAJA não tem sujeito expresso e equivale a "Existiam".

O ciclista

Curvado no guidão lá vai ele numa chispa. Na esquina dá com o sinal vermelho e não se perturba - levanta voo bem na cara do guarda crucificado. No labirinto urbano persegue a morte com o trim-trim da campainha: entrega sem derreter sorvete a domicílio.

É a sua lâmpada de Aladino a bicicleta e, ao sentar-se no selim, liberta o gênio acorrentado ao pedal. Indefeso homem, frágil máquina, arremete impávido colosso, desvia de fininho o poste e o caminhão; o ciclista por muito favor derrubou o boné.

Atropela gentilmente e, vespa furiosa que morde, ei-lo defunto ao perder o ferrão. Guerreiros inimigos trituram com chio de pneus o seu diáfano esqueleto. Se não se estrebucha ali mesmo, bate o pó da roupa e - uma perna mais curta - foge por entre nuvens, a bicicleta no ombro.

Opõe o peito magro ao para-choque do ônibus. Salta a poça d'água no asfalto. Num só corpo, touro e toureiro, golpeia ferido o ar nos cornos do guidão. Ao fim do dia, José guarda no canto da casa o pássaro de viagem. Enfrenta o sono trim-trim a pé e, na primeira esquina, avança pelo céu na contramão, trim-trim.

Trevisan, Dalton. In: Bosi, Alfredo (Org.). *O conto brasileiro contemporâneo*. 14" Ed.
São Paulo: Cultrix, 1997. p. 189.

17. **(PRF – 2014 – Agente Administrativo – FUNCAB)** Regência é a relação que se estabelece entre duas palavras, por meio da qual uma das palavras se subordina à outra, funcionando como seu complemento. Essa relação é, geralmente, marcada por uma preposição.

Em um dos textos, o autor incorreu, de acordo com a norma culta, na construção da frase, em erro na escolha da preposição. Aponte-a, dentre as alternativas apresentadas.

a) “Não falo das conversas da gente culta...” (texto 1-§3)
b) “...entrega sem derreter sorvete a domicílio.” (texto 2 - § 1)
c) “...liberta o gênio acorrentado ao pedal.” (texto 2 -§ 2)
d) “E quando cheguei ao Boqueirão do Passeio...” (texto1-§9)
e) “Opõe o peito magro ao para-choque do ônibus.” (texto 2 -§ 4)

O jovem policial

Eu estava botando gasolina no tanque do meu carro e do meu lado estavam dois carros da Brigada Militar. Dois policiais falavam com alguém do posto. Um terceiro, bem junto da minha janela, de costas para mim, portava uma arma grande, que na minha ignorância acho que poderia ser um fuzil ou uma metralhadora. Estava ali, sozinho, e comecei a observá-lo sem que me notasse. Tenso, alerta, consciente de sua missão, olhava para os lados empunhando a sua arma com o cano voltado para baixo. Seu rosto era jovem, tão jovem que me comovi. Podia ser meu filho. Mais: podia ser meu neto.

Estava tão concentrado no seu dever tão alerta na sua posição, que fiquei imaginando se, ou quando ele poderia levar um tiro de algum bandido. Poderia ficar lesado gravemente. Poderia morrer. Por mim, por você, por um de nós em qualquer parte do Brasil, não importa que nome se dê a sua corporação, nem se é da guarda estadual, municipal ou federal. Esses jovens se expõem por nós. Morrem por nós. Tentam, num país tão confuso, proteger o cidadão. A gente realmente pensa nisso? Uma vez ao dia, uma vez por semana, uma vez ao mês?

[...]

(Lya Luft.Revista Veia, n° 2044, 23/01/2008. Fragmento.)

18. **(PRF – 2014 – Agente Administrativo – FUNCAB)** Tendo em vista o enunciado "Estava tão concentrado no seu dever, tão alerta na sua posição, que fiquei imaginando se, ou quando, ele poderia levar um tiro de algum bandido.", analise as afirmativas a seguir.

I. Se a frase fosse passada para o plural, a concordância da palavra ALERTA deveria ser feita, também, no plural.

II. A palavra CONCENTRADO está no masculino, pois concorda com ELE (elíptico na oração a que pertence).

III. A palavra QUE introduz uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

Está (ão) correta(s) somente a(s) afirmativa(s):

a) **II e III**
b) **I e III**
c) **III**
d) **I e II**
e) **I**

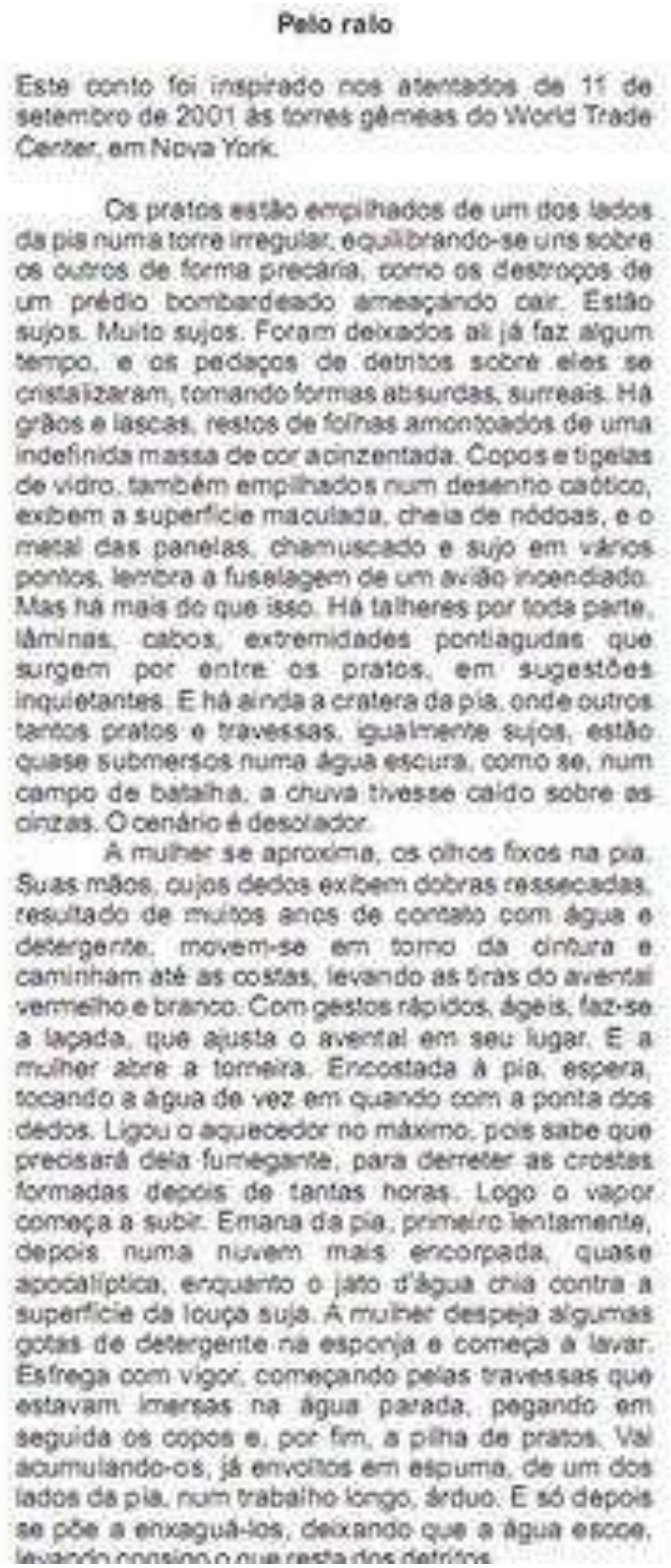

Pelo ralo

Este conto foi inspirado nos atentados de 11 de setembro de 2001 às torres gêmeas do World Trade Center, em Nova York.

Os pratos estão empilhados de um dos lados da pia numa torre irregular, equilibrando-se uns sobre os outros de forma precária, como os destroços de um prédio bombardeado ameaçando cair. Estão sujos. Muito sujos. Foram deixados ali já faz algum tempo, e os pedaços de detritos sobre eles se cristalizaram, tomando formas absurdas, surreais. Há grãos e lascas, restos de folhas amontoados de uma indefinida massa de cor acinzentada. Copos e tigelas de vidro, também empilhados num desenho caótico, exibem a superfície maculada, cheia de nódoas, e o metal das panelas, chamuscado e sujo em vários pontos, lembra a fuselagem de um avião incendiado. Mas há mais do que isso. Há talheres por toda parte, lâminas, cabos, extremidades pontiagudas que surgem por entre os pratos, em sugestões inquietantes. E há ainda a cratera da pia, onde outros tantos pratos e travessas, igualmente sujos, estão quase submersos numa água escura, como se, num campo de batalha, a chuva tivesse caído sobre as cinzas. O cenário é desolador.

A mulher se aproxima, os olhos fixos na pia. Suas mãos, cujos dedos exibem dobras ressecadas, resultado de muitos anos de contato com água e detergente, movem-se em torno da cintura e caminham até as costas, levando as tiras do avental vermelho e branco. Com gestos rápidos, ágeis, faz-se a laçada, que ajusta o avental em seu lugar. E a mulher abre a torneira. Encostada à pia, espera, tocando a água de vez em quando com a ponta dos dedos. Ligou o aquecedor no máximo, pois sabe que precisará dela fumegante, para derreter as crostas formadas depois de tantas horas. Logo o vapor começa a subir. Emana da pia, primeiro lentamente, depois numa nuvem mais encorpada, quase apocalíptica, enquanto o jato d'água chia contra a superfície da louça suja. A mulher despeja algumas gotas de detergente na esponja e começa a lavar. Esfrega com vigor, começando pelas travessas que estavam imersas na água parada, pegando em seguida os copos e, por fim, a pilha de pratos. Vai acumulando-os, já envoltos em espuma, de um dos lados da pia, num trabalho longo, árduo. E só depois se põe a enxaguá-los, deixando que a água escoe, levando consigo o que resta dos detritos.

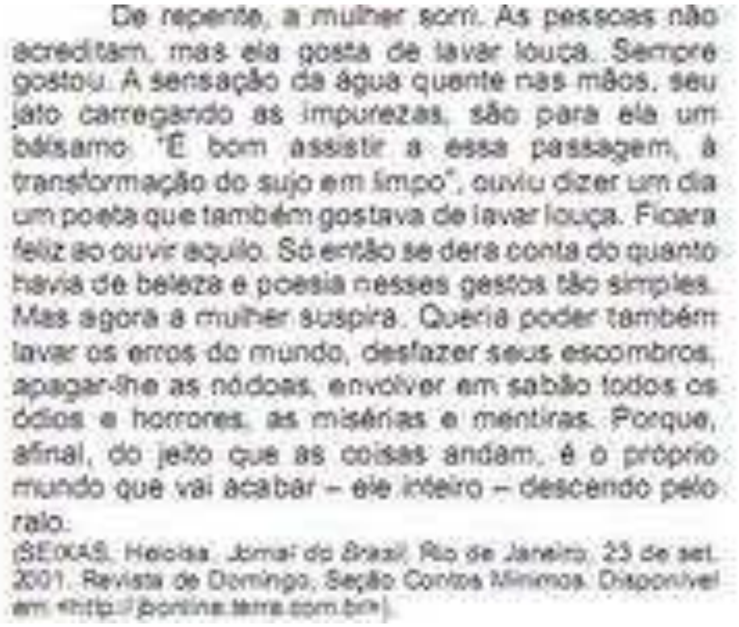

De repente, a mulher sorri. As pessoas não acreditam, mas ela gosta de lavar louça. Sempre gostou. A sensação da água quente nas mãos, seu jato carregando as impurezas, são para ela um bálsamo. "É bom assistir a essa passagem, à transformação do sujo em limpo", ouviu dizer um dia um poeta que também gostava de lavar louça. Ficara feliz ao ouvir aquilo. Só então se dera conta do quanto havia de beleza e poesia nesses gestos tão simples. Mas agora a mulher suspira. Queria poder também lavar os erros do mundo, desfazer seus escombros, apagar-lhe as nódoas, envolver em sabão todos os ódios e horrores, as misérias e mentiras. Porque, afinal, do jeito que as coisas andam, é o próprio mundo que vai acabar – ele inteiro – descendo pelo ralo.

(SEIXAS, Heloisa. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 de set. 2001. Revista de Domingo, Seção Contos Mínimos. Disponível em <http://jbonline.terra.com.br>)

19. **(PC-RO – 2012 – Médico Legista – FUNCAB)** No trecho, "Com gestos rápidos, ágeis, faz-SE a laçada [...]", o SE é classificado como:

a) pronome apassivador.

b) índice de indeterminação do sujeito.

c) pronome reflexivo recíproco.

d) conjunção subordinativa condicional.

e) pronome relativo.

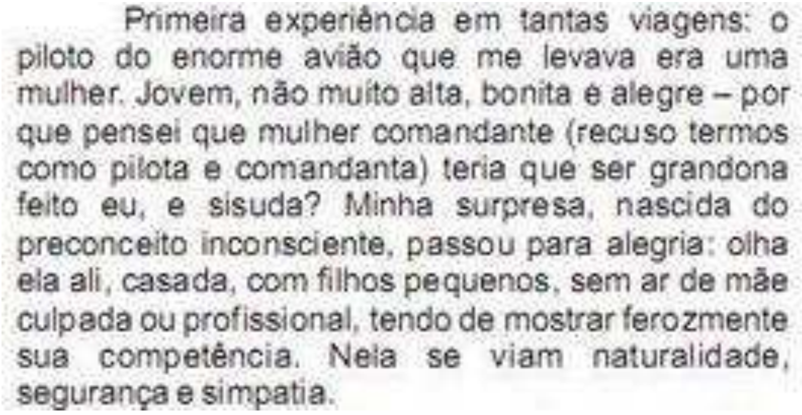

Primeira experiência em tantas viagens: o piloto do enorme avião que me levava era uma mulher. Jovem, não muito alta, bonita e alegre – por que pensei que mulher comandante (recuso termos como pilota e comandanta) teria que ser grandona feito eu, e sisuda? Minha surpresa, nascida do preconceito inconsciente, passou para alegria: olha ela ali, casada, com filhos pequenos, sem ar de mãe culpada ou profissional, tendo de mostrar ferozmente sua competência. Nela se viam naturalidade, segurança e simpatia.

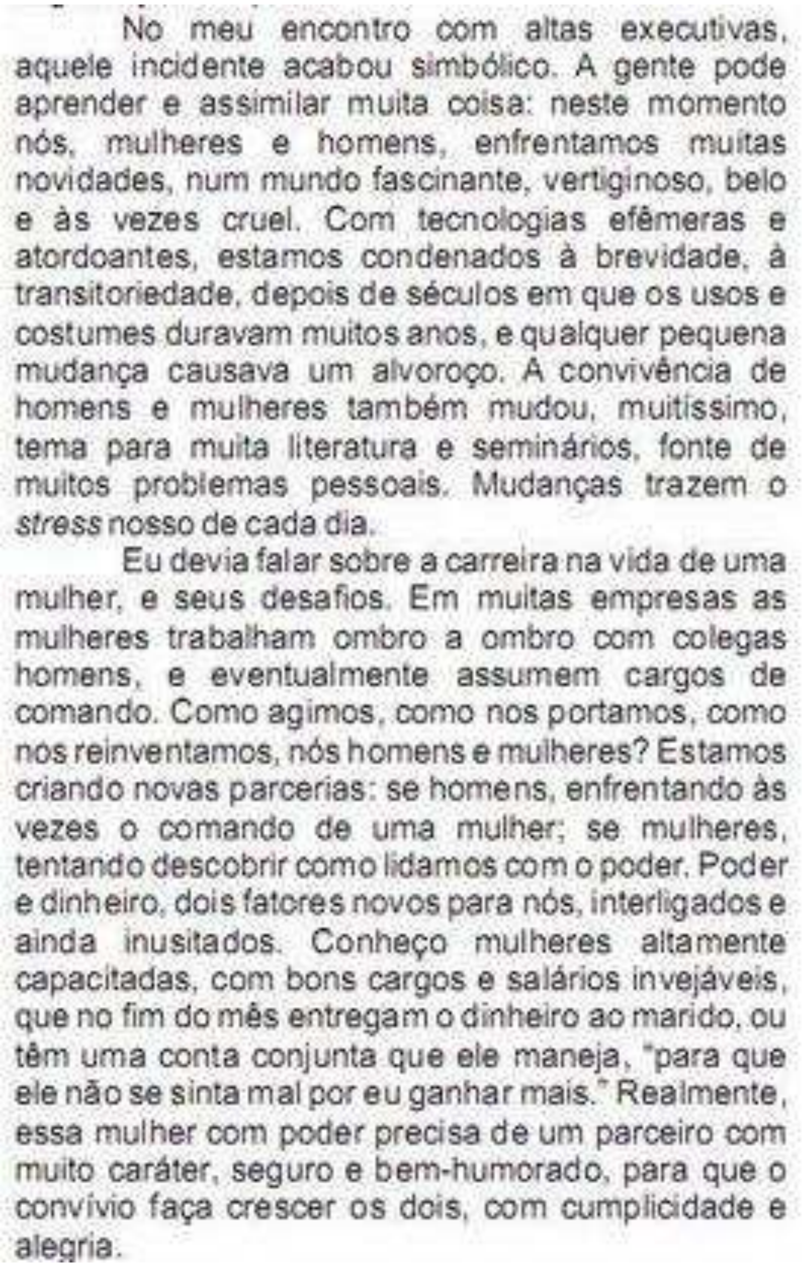

No meu encontro com altas executivas, aquele incidente acabou simbólico. A gente pode aprender e assimilar muita coisa: neste momento nós, mulheres e homens, enfrentamos muitas novidades, num mundo fascinante, vertiginoso, belo e às vezes cruel. Com tecnologias efêmeras e atordoantes, estamos condenados à brevidade, à transitoriedade, depois de séculos em que os usos e costumes duravam muitos anos, e qualquer pequena mudança causava um alvoroço. A convivência de homens e mulheres também mudou, muitíssimo, tema para muita literatura e seminários, fonte de muitos problemas pessoais. Mudanças trazem o *stress* nosso de cada dia.

Eu devia falar sobre a carreira na vida de uma mulher, e seus desafios. Em muitas empresas as mulheres trabalham ombro a ombro com colegas homens, e eventualmente assumem cargos de comando. Como agimos, como nos portamos, como nos reinventamos, nós homens e mulheres? Estamos criando novas parcerias: se homens, enfrentando às vezes o comando de uma mulher; se mulheres, tentando descobrir como lidamos com o poder. Poder e dinheiro, dois fatores novos para nós, interligados e ainda inusitados. Conheço mulheres altamente capacitadas, com bons cargos e salários invejáveis, que no fim do mês entregam o dinheiro ao marido, ou têm uma conta conjunta que ele maneja, "para que ele não se sinta mal por eu ganhar mais." Realmente, essa mulher com poder precisa de um parceiro com muito caráter, seguro e bem-humorado, para que o convívio faça crescer os dois, com cumplicidade e alegria.

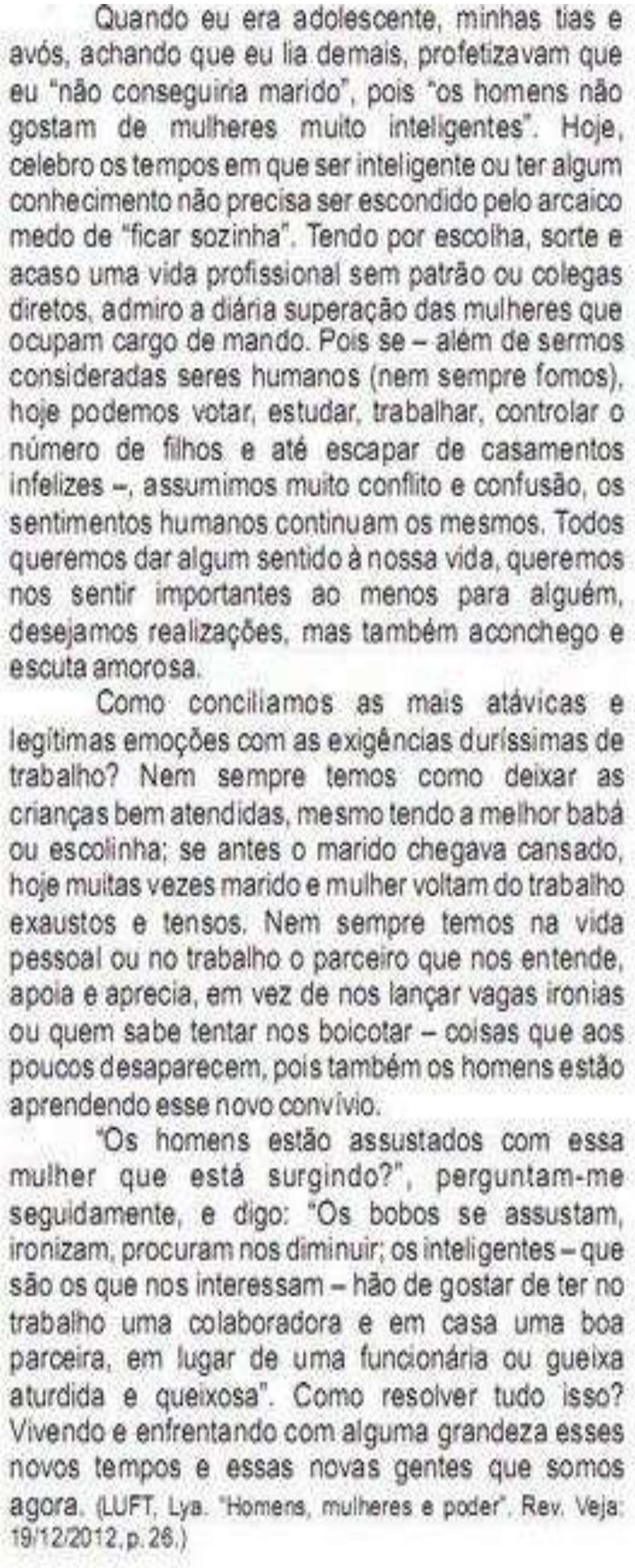

Quando eu era adolescente, minhas tias e avós, achando que eu lia demais, profetizavam que eu "não conseguiria marido", pois "os homens não gostam de mulheres muito inteligentes". Hoje, celebro os tempos em que ser inteligente ou ter algum conhecimento não precisa ser escondido pelo arcaico medo de "ficar sozinha". Tendo por escolha, sorte e acaso uma vida profissional sem patrão ou colegas diretos, admiro a diária superação das mulheres que ocupam cargo de mando. Pois se – além de sermos consideradas seres humanos (nem sempre fomos), hoje podemos votar, estudar, trabalhar, controlar o número de filhos e até escapar de casamentos infelizes –, assumimos muito conflito e confusão, os sentimentos humanos continuam os mesmos. Todos queremos dar algum sentido à nossa vida, queremos nos sentir importantes ao menos para alguém, desejamos realizações, mas também aconchego e escuta amorosa.

Como conciliamos as mais atávicas e legítimas emoções com as exigências duríssimas de trabalho? Nem sempre temos como deixar as crianças bem atendidas, mesmo tendo a melhor babá ou escolinha; se antes o marido chegava cansado, hoje muitas vezes marido e mulher voltam do trabalho exaustos e tensos. Nem sempre temos na vida pessoal ou no trabalho o parceiro que nos entende, apoia e aprecia, em vez de nos lançar vagas ironias ou quem sabe tentar nos boicotar – coisas que aos poucos desaparecem, pois também os homens estão aprendendo esse novo convívio.

"Os homens estão assustados com essa mulher que está surgindo?", perguntam-me seguidamente, e digo: "Os bobos se assustam, ironizam, procuram nos diminuir; os inteligentes – que são os que nos interessam – hão de gostar de ter no trabalho uma colaboradora e em casa uma boa parceira, em lugar de uma funcionária ou gueixa aturdida e queixosa". Como resolver tudo isso? Vivendo e enfrentando com alguma grandeza esses novos tempos e essas novas gentes que somos agora. (LUFT, Lya. "Homens, mulheres e poder". Rev. Veja: 19/12/2012, p. 26.)

20. **(PC/ES - 2013 - Escrivão – FUNCAB)** No que respeita ao gênero, comportam-se como "comandante" (§ 1) todos os substantivos relacionados em:

a) vítima – artista – atendente
b) camarada – testemunha – dentista
c) pianista – cliente – colegial
d) estudante – colega – indivíduo
e) cônjuge – criança – pessoa

Leia o texto abaixo e responda à questão proposta.

Aquilo

– De uns tempos para cá, eu só penso naquilo.

– Eu penso naquilo desde os meus, sei lá, onze anos.

– Onze anos?

– É.E o tempo todo.

– Não. Eu, antigamente, pensava pouco naquilo. Era uma coisa que não me preocupava. Claro que a gente convivia com aquilo desde cedo. Via acontecer à nossa volta, não podia ignorar. Mas não era, assim, uma preocupação constante. Como agora.

– Pra mim sempre foi. Aliás, eu não penso em outra coisa.

– Desde criança?!

– De dia e de noite.

– E como é que você conseguia viver com isso, desde criança?

– Mas é uma coisa natural. Acho que todo mundo é assim. Você é que é anormal, se só começou a pensar naquilo nessa idade.

– Antes eu pensava, mas hoje é uma obsessão. Fico imaginando como será. O que eu vou sentir. Como será o depois.

– Você se preocupa demais. Precisa relaxar. A coisa tem que acontecer naturalmente. Se você fica ansioso é pior. Aí sim, aquilo se torna uma angústia, em vez de um prazer.

–Um prazer? Aquilo?

– Pra você não sei. Pra mim, é o maior prazer que um homem pode ter. É quando o homem chega ao paraíso.

– Bom, se você acredita nisso, então pode pensar naquilo como um prazer. Pra mim é o fim.

– Você precisa de ajuda, rapaz.

– Ajuda religiosa? Perdi a fé há muito tempo.

Da última vez que falei com um padre a respeito, só o que ele me disse foi que eu devia rezar. Rezar muito, para poder enfrentar aquilo sem medo.

– Mas você foi procurar logo um padre? Precisa de ajuda psiquiátrica. Talvez clínica, não sei. Ter pavor daquilo não é saudável.

– E eu não sei? Eu queria ser como você. Viver com a perspectiva daquilo naturalmente, até alegremente. Ir para aquilo assoviando.

– Ah, vou. Assoviando e dando pulinho. Olhe, já sei o que eu vou fazer. Vou apresentar você a uma amiga minha. Ela vai tirar todo o seu medo.

– Sei. Uma dessas transcendentalistas.

– Não, é daqui mesmo. Codinome Neca. Com ela é tiro e queda. Figurativamente falando, claro.

– Hein?

–O quê?

– Do que é que nós estamos falando?

– Do que é que você está falando?

– Daquilo. Da morte.

–Ah.

– E você?

– Esquece.

VERISSIMO, Luis Fernando. Aquilo. In: Novas Comédias da Vida Privada. Porto Alegre: L&PM, 1996. p. 43-44.

21. **(SESACRE – 2014 – Analista de Sistemas – FUNCAB)** A alternativa a seguir que pode substituir corretamente os termos destacados no fragmento "Vou apresentar VOCÊ A UMA AMIGA MINHA." (§ 20) é:

e) Vou apresentar-lhe a uma amiga minha.
f) Vou apresentar-lhe a você.
g) Vou apresentá-lo a uma amiga minha.
h) Vou apresentá-la uma amiga minha.
b) Vou apresentá-la você.

22. **(EMDUR -2014 – Administrador - FUNCAB)** Passando as locuções verbais presentes em [...] ela ia ficar uma parede-teto e essa parede-teto ia ser concreto?". Para a forma simples, mantendo a mesma ideia pretendida pelo contexto, como ficariam, respectivamente, os verbos?

A) ficaria - seria
B) ficara - fora
C) ficará - será
D) ficava - era
E) ficou - foi

Gabarito

1)	E	12)	B
2)	C	13)	C
3)	B	14)	A
4)	C	15)	B
5)	A	16)	D
6)	E	17)	B
7)	D	18)	D
8)	C	19)	A
9)	B	20)	C
10)	E	21)	C
11)	A	22)	A

Caros alunos, chegamos juntos ao final de mais uma aula!

Gosto muito do contato direto com meus alunos, então, mandem suas dúvidas pelo fórum ou por e-mail!

Além disso, adicionem o meu perfil no Facebook (Rafaela Freitas / e-mail: professorarafaelafreitas@gmail.com), tenho uma página cheia de dicas bem legais (Prof. Rafaela Freitas) e um canal do YouTube com vários vídeos!!

Estamos juntos!!!
Abraço!

Rafaela Freitas.

enceja

enceja EXAME NACIONAL PARA CERTIFICAÇÃO DE COMPETÊNCIA DE JOVENS E ADULTOS

inep Ministério da Educação

ENCCEJA

ENSINO FUNDAMENTAL
LIVRO DO ESTUDANTE

LÍNGUA PORTUGUESA, LÍNGUA ESTRANGEIRA,
EDUCAÇÃO ARTÍSTICA E EDUCAÇÃO FÍSICA

LÍNGUA
PORTUGUESA,
LÍNGUA ESTRANGEIRA,
EDUCAÇÃO ARTÍSTICA
E EDUCAÇÃO FÍSICA

EXAME NACIONAL PARA CERTIFICAÇÃO
DE COMPETÊNCIA DE JOVENS E ADULTOS

enceja

inep Ministério da Educação

ENSINO FUNDAMENTAL
LIVRO DO ESTUDANTE

- República Federativa do Brasil
- Ministério da Educação
- Secretaria Executiva
- Instituto Nacional de Estudos
  e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
- Diretoria de Avaliação para Certificação de Competências

Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Educação Artística e Educação Física

Livro do Estudante
Ensino Fundamental

Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Educação Artística e Educação Física

Livro do Estudante

Ensino Fundamental

Brasília
MEC/INEP
2006

© O MEC/INEP cede os direitos de reprodução deste material às Secretarias de Educação, que poderão reproduzi-lo respeitando a integridade da obra.

Coordenação Geral do Projeto
Maria Inês Fini

Coordenação de Articulação de Textos do Ensino Fundamental
Maria Cecília Guedes Condeixa

Coordenação de Texto de Área
Ensino Fundamental
Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Educação Artística e Educação Física
Alfredina Nery

Leitores Críticos

Área de Psicologia do Desenvolvimento
Márcia Zampieri Torres
Maria da Graça Bompastor Borges Dias
Leny Rodrigues Martins Teixeira
Lino de Macedo

Área de Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Educação Artística e Educação Física
Área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias
Lygia Correa Dias de Moraes
Reginaldo Pinto de Carvalho
Zilda Gaspar de Oliveira Aquino

Diretoria de Avaliação para Certificação de Competências (DACC)
Equipe Técnica
Ataíde Alves – Diretor
Alessandra Regina Ferreira Abadio
Célia Maria Rey de Carvalho
Ciro Haydn de Barros
Clediston Rodrigo Freire
Daniel Verçosa Amorim
David de Lima Simões
Dorivan Ferreira Gomes
Érika Márcia Baptista Caramori
Fátima Deyse Sacramento Porcidonio
Gilberto Edinaldo Moura
Gislene Silva Lima
Helvécio Dourado Pacheco
Hugo Leonardo de Siqueira Cardoso
Jane Hudson Abranches
Kelly Cristina Naves Paixão
Lúcia Helena P. Medeiros
Maria Cândida Muniz Trigo
Maria Vilma Valente de Aguiar
Pedro Henrique de Moura Araújo
Sheyla Carvalho Lira
Suely Alves Wanderley
Taíse Pereira Liocádio
Teresa Maria Abath Pereira
Weldson dos Santos Batista

Capa
Marcos Hartwich

Ilustrações
Raphael Caron Freitas

Coordenação Editorial
Zuleika de Felice Murrie

L755 Língua portuguesa, língua estrangeira, educação artística e educação física : livro do estudante : ensino fundamental / Coordenação : Zuleika de Felice Murrie. — 2. ed. — Brasília : MEC : INEP, 2006.
170p. ; 28cm.

1. Língua portuguesa (Ensino fundamental). 2. Artes (Ensino fundamental). 3. Educação física (Ensino fundamental). I. Murrie, Zuleika de Felice.

CDD 372.6

Sumário

Introdução 8

Capítulo I
Interligando as linguagens 11
Cleuza Pelá

Capítulo II
Compreendendo as línguas estrangeiras 29
Márcia Lygia Ribeiro de Souza Casarin

Capítulo III
Corpo e sociedade 47
Isabel A. Marques

Capítulo IV
Arte: olhos para a vida 65
Marta Arantes

Capítulo V
Ler e viver o texto literário 83
Claudio Bazzoni

Capítulo VI
Gêneros de texto: temas, formas, recursos e suportes 99
Alfredina Nery e Maria José Nóbrega

Capítulo VII
Você sabe com quem está falando? 121
Yêda Maria da Costa Lima Varlotta

Capítulo VIII
Os tons e mil tons do português do Brasil 137
Maria José Nóbrega

Capítulo IX
Na boca do povo 159
Suely Amaral

Introdução

Este material foi desenvolvido pelo Ministério da Educação com a finalidade de ajudá-lo a preparar-se para a avaliação necessária à obtenção do certificado de conclusão do **Ensino Fundamental** denominada ENCCEJA – Exame Nacional de Certificação de Competências de Jovens e Adultos.

A avaliação proposta pelo Ministério da Educação para certificação do **Ensino Fundamental** é composta de 4 provas:

1. Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Educação Artística e Educação Física
2. Matemática
3. História e Geografia
4. Ciências

Este exemplar contém as orientações necessárias para apoiar sua preparação para a prova de **Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Educação Artística e Educação Física**.

A prova é composta de 45 questões objetivas de múltipla escolha, valendo 45 pontos, e de uma redação valendo 55 pontos.

Este exame é diferente dos exames tradicionais, pois buscará verificar se você é capaz de usar os conhecimentos em situações reais da sua vida em sociedade.

As competências e habilidades fundamentais desta área de conhecimento estão contidas em:

I. Reconhecer as linguagens como elementos integradores dos sistemas de comunicação e construir uma consciência crítica sobre os usos que se fazem delas.

II. Construir um conhecimento sobre a organização do texto em LEM e aplicá-lo em diferentes situações de comunicação, tendo por base os conhecimentos de língua materna.

III. Compreender a arte e a cultura corporal como fato histórico contextualizado nas diversas culturas, conhecendo e respeitando o patrimônio cultural, com base na identificação de padrões estéticos e cinestésicos de diferentes grupos socioculturais.

IV. Compreender as relações entre arte e a leitura da realidade, por meio da reflexão e investigação do processo artístico e do reconhecimento dos materiais e procedimentos usados no contexto cultural de produção da arte.

V. Compreender as relações entre o texto literário e o contexto histórico, social, político e cultural, valorizando a literatura como patrimônio nacional.

VI. Utilizar a língua materna para estruturar a experiência e explicar a realidade.

VII. Analisar criticamente os diferentes discursos, inclusive o próprio, desenvolvendo a capacidade de avaliação de textos.

VIII. Reconhecer e valorizar a linguagem de seu grupo social e as diferentes variedades do português, procurando combater o preconceito lingüístico.

IX. Usar os conhecimentos adquiridos por meio da análise lingüística para expandir sua capacidade de uso da linguagem, ampliando a capacidade de análise crítica.

Os textos que se seguem pretendem ajudá-lo a compreender melhor cada uma dessas nove competências. Cada capítulo é composto por um texto básico que discute os conhecimentos referentes à competência tema do capítulo. Esse texto básico está organizado em duas colunas. Durante a leitura do texto básico, você encontrará dois tipos de boxes: um boxe denominado de ***desenvolvendo competências*** e outro, de ***texto explicativo***.

O boxe ***desenvolvendo competências*** apresenta atividades para que você possa ampliar seu conhecimento. As respostas podem ser encontradas no fim do capítulo. O boxe de ***texto explicativo*** indica possibilidades de leitura e reflexão sobre o tema do capítulo.

O texto básico está construído de forma que você possa refletir sobre várias situações-problema de seu cotidiano, aplicando o conhecimento técnico-científico construído historicamente, organizado e transmitido pelos livros e pela escola.

Você poderá, ainda, complementar seus estudos com outros materiais didáticos, freqüentando cursos ou estudando sozinho. Para obter êxito na prova de **Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Educação Artística e Educação Física** do ENCCEJA, esse material será fundamental em seus estudos.

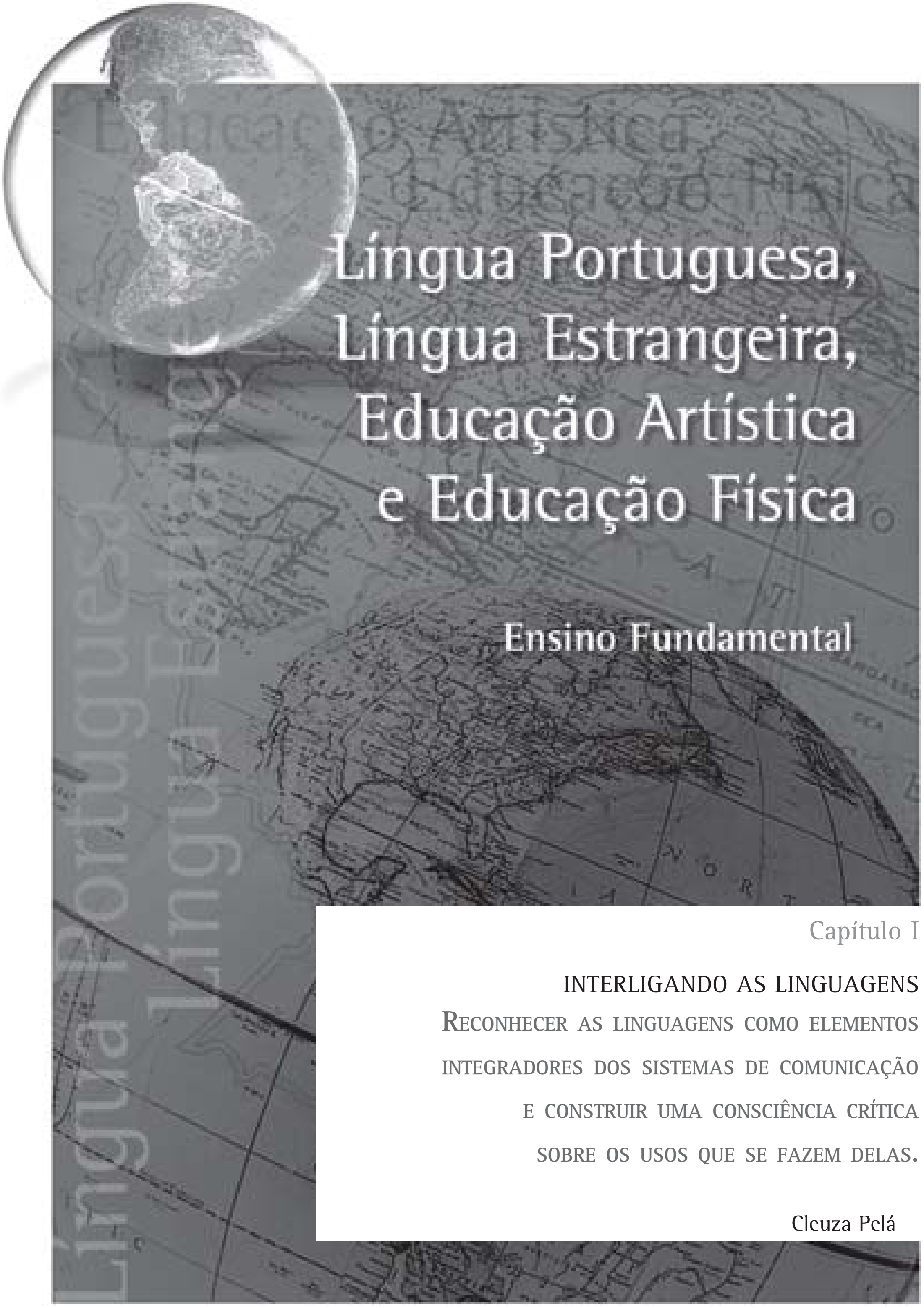

Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Educação Artística e Educação Física

Ensino Fundamental

Capítulo I

INTERLIGANDO AS LINGUAGENS

RECONHECER AS LINGUAGENS COMO ELEMENTOS
INTEGRADORES DOS SISTEMAS DE COMUNICAÇÃO
E CONSTRUIR UMA CONSCIÊNCIA CRÍTICA
SOBRE OS USOS QUE SE FAZEM DELAS.

Cleuza Pelá

Capítulo I

Interligando as linguagens

APRESENTAÇÃO

A leitura da história em quadrinhos abaixo nos mostra uma situação de comunicação.

Dois homens conversam sobre o fato de que alguém enviou uma mensagem escrita bastante longa, visto o número de pombos-correio que chegam até o local onde os dois estão.

Pensando sobre essa situação, podemos dizer que as pessoas podem se comunicar de diversos modos, usando a fala, a escrita, as imagens (pinturas, desenhos, fotografias), os gestos ou o corpo. Isso ocorre porque todos nós, normalmente, temos o que dizer sobre nós mesmos, nosso próximo, bem como sobre as coisas do mundo, da natureza e da sociedade em que vivemos. Nesse sentido, muitas vezes, usamos a linguagem para informar, divertir ou convencer alguém a mudar de idéia.

Como a linguagem faz parte do ser humano e das suas relações com o outro, tendo estreitas ligações com o poder, é preciso conhecer suas formas de expressão, por meio da fala e da escrita. É importante aprender a utilizar cada uma delas em uma sociedade de "letras", "sons", "imagens" e "gestos".

Esse conhecimento nos ajuda a conviver com nossos familiares, nossos colegas de trabalho e as demais pessoas que seguem conosco, mesmo estando longe no tempo e no espaço!

Neste capítulo, você poderá reconhecer as linguagens (verbal, visual, audiovisual, gestual, corporal, matemática ou combinada) e verificar como elas se relacionam em situações de interação comunicativa, bem como distinguir seu uso, a fim de poder se posicionar criticamente diante delas.

Nosso contato, nas próximas páginas, estará se desenvolvendo por meio de leitura, produção e análise de textos. Assim, prepare os sentidos, lápis, caneta e papel! Nosso processo de interação comunicativa já começou!

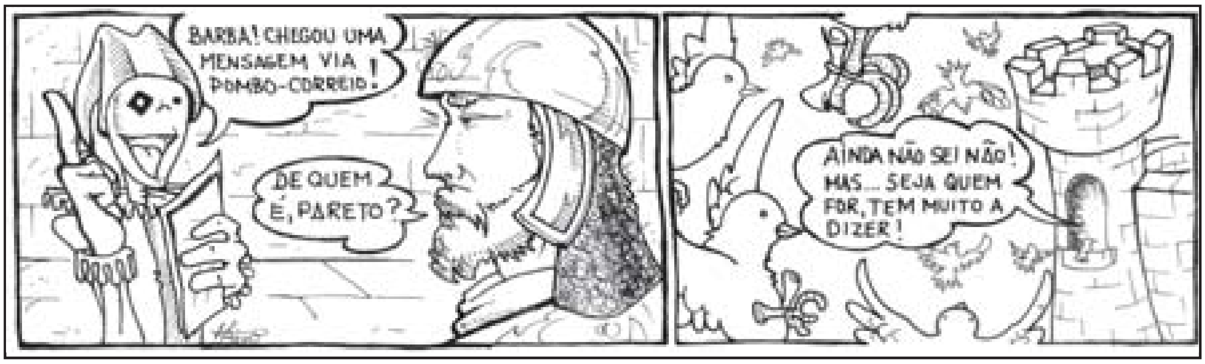
BARBA! CHEGOU UMA MENSAGEM VIA POMBO-CORREIO!
DE QUEM É, PARETO?
AINDA NÃO SEI NÃO! MAS... SEJA QUEM FOR, TEM MUITO A DIZER!

Figura 1
©Mauro Britto. 2002.

A LINGUAGEM VERBAL: ORAL E ESCRITA

Já aconteceu a você ou a uma pessoa conhecida pegar o jornal e olhar o caderno de classificados de emprego?
Deu para ver como anda o mercado de trabalho?

Há mais vagas em determinadas profissões?
Quais são as exigências dos empregadores?
Como podemos fazer para nos candidatarmos a uma vaga de emprego que parece interessante?

PENSANDO SOBRE UMA SITUAÇÃO...

Vamos considerar uma situação na qual uma pessoa tenta se colocar no mercado de trabalho. Em pequenas cidades ou vilas, ela pode conversar com vizinhos ou bater de porta em porta, perguntando se há vaga. Já nas grandes cidades, ela pode conseguir uma vaga, respondendo a anúncios publicados em jornais, pedindo para alguém indicá-la em uma firma ou, então, procurando uma agência de empregos.

VEJAMOS ALGUNS ANÚNCIOS CLASSIFICADOS

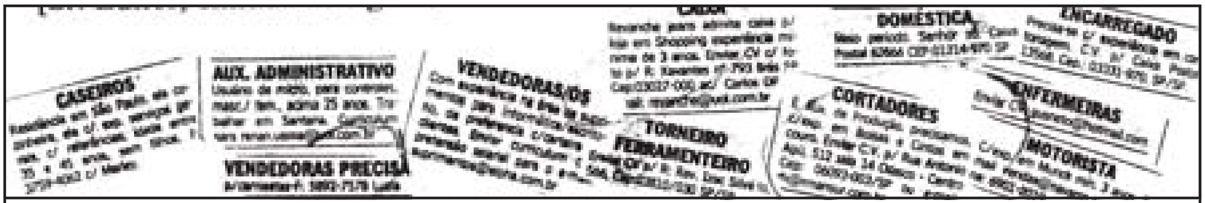

CASEIROS

AUX. ADMINISTRATIVO

VENDEDORAS PRECISA

VENDEDORAS/ES

TORNEIRO FERRAMENTEIRO

DOMÉSTICA

ENCARREGADO

CORTADORES

ENFERMEIRAS

MOTORISTA

Figura 2 - *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, abr. 2002. Caderno Empregos.

É possível que, ao ler cada um dos anúncios, a tal pessoa tenha notado que são exigidas algumas formas diferentes de resposta:

- *Um pede para enviar o C.V. para um endereço específico ou uma caixa postal, portanto, pelo correio.*
- *Outro dá o número do telefone, esperando uma ligação.*
- *Outro dá o endereço eletrônico, indicando que a mensagem pode ser enviada pela Internet.*
- *Outro solicita o comparecimento para entrevista, em um tal local, dia, hora, ou seja, pessoalmente.*

Assim, considerando esses tipos de "respostas", leia o quadro a seguir:

Maneiras de responder ao anúncio.	*Qual é a modalidade de linguagem usada na produção da resposta?*	*Qual é a via utilizada para enviar a resposta?*
Enviar o currículo para uma caixa postal.	( ) Oral. ( ) Escrita. ( ) Combinada: oral e escrita.	( ) Correios. ( ) Telefone. ( ) Internet.
Ligar para o empregador.	( ) Oral. ( ) Escrita. ( ) Combinada: oral e escrita.	( ) Correios. ( ) Telefone. ( ) Internet.
Enviar o currículo por correio eletrônico.	( ) Oral. ( ) Escrita. ( ) Combinada: oral e escrita.	( ) Correios. ( ) Telefone. ( ) Internet.

C.V. = Curriculum Vitae

É uma expressão que vem do latim. Seu significado é 'curso da vida'. Nesse texto, devem aparecer alguns dados pessoais (nome/endereço/ telefone para contato/ escolaridade) e o histórico profissional (empresas em que trabalhou, experiências adquiridas).

Internet

É um conjunto de redes de computadores interligados que permite acessar, pesquisar e receber informações; enviar e receber mensagens e muitas outras coisas.

Bem, independente da forma de resposta escolhida, as três maneiras de responder a um anúncio de emprego merecem um planejamento. É preciso pensar como organizar as informações a serem oferecidas ao futuro patrão, usando a língua escrita ou oral (fala). Como fazer isso?

Se a resposta fosse para a vaga de "cortador", a pessoa teria duas opções: enviar o currículo pelo correio ou então por e-mail. A questão é: há uma vaga de cortador. Pode ser que muitos estejam procurando tal oportunidade. Assim, em que a tecnologia poderia ajudá-lo?

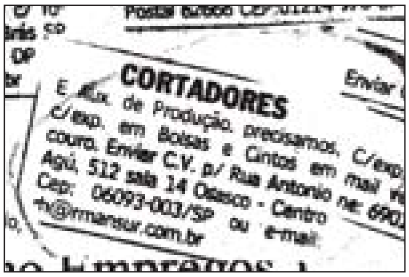

CORTADORES
E Aux. de Produção, precisamos,
C/exp. em Bolsas e Cintos em
couro. Enviar C.V. p/ Rua Antonio
Agú, 512 sala 14 Osasco - Centro
Cep: 06093-003/SP ou e-mail
h@rnmansur.com.br

Figura 3

A História do Brasil tem um exemplo bem interessante. Em 1500, a carta que Pero Vaz de Caminha escreveu sobre as belezas da nossa terra, dos nativos, dentre outras coisas, levou alguns meses para chegar ao rei de Portugal. Hoje, com o avanço da tecnologia, levamos segundos para enviar uma mensagem aos quatro cantos do mundo, via Internet!

Desse modo, qual a finalidade da indicação de um endereço eletrônico em determinados anúncios? O que tal atitude poderia nos mostrar?

Como sabemos, a linguagem verbal é uma característica da espécie humana. Ela é composta por um conjunto de palavras (elementos verbais; signos verbais) por meio do qual falamos, ouvimos, lemos e escrevemos. No nosso caso do anúncio de emprego, esses modos de expressão se dão pela língua portuguesa, e cabe a nós a análise do contexto de produção dessas modalidades, das possíveis intenções do empregador. Devemos decidir qual caminho seguir. Afinal, a linguagem verbal e suas modalidades (escrita ou oral) estão presentes em nosso dia-a-dia, em nosso trabalho, e podem ser usadas para informar, conhecer, expressar desejos e sentimentos, conseguir o que pretendemos e muito mais!

Enfim, cada situação de comunicação envolve pessoas (um "eu" e um "tu"), com seus modos de entender a vida, seus interesses, suas necessidades, suas intenções. Por isso, ao lermos, ao escrevermos, ao falarmos, ao ouvirmos, demonstramos intenções e (re)construímos os sentidos das coisas do mundo.

LINGUAGENS E FORMAS DE EXPRESSÃO

Já sabemos que o ser humano usa diferentes linguagens e formas de expressão para mostrar o que sente, como vê o mundo ou para registrar o dia-a-dia. Essas linguagens e formas de expressão muitas vezes são combinadas para facilitar nossa compreensão.

E-mail

É o mesmo que correio eletrônico, ou seja, é um sistema de comunicação usado para troca de mensagens via Internet. Para ter acesso a tal sistema, é preciso um endereço eletrônico.

Desenvolvendo competências

1

Lendo e escrevendo textos.

Observe as ilustrações a seguir e a legenda que acompanha cada uma delas. Depois, escreva a resposta adequada às duas perguntas abaixo.

- *Qual(is) linguagem(ns) foi(foram) usada(s) – a verbal, a visual, a audiovisual, a sonora, a gestual, a corporal, a matemática ou a combinada?*
- *Qual(is) a(s) forma(s) de expressão utilizada(s) – a falada, a escrita, a fotográfica, a televisiva, a musical, a onomatopaica, os sinais manuais, a corporal, a geométrica, a numérica ou a combinada?*

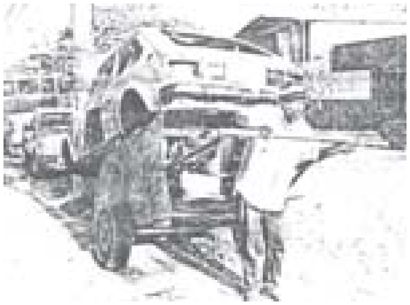

Figura 4 - Do Fiat sobrou só a carcaça, que é levada pelo carroceiro para o ferro-velho

O Estado de S. Paulo, São Paulo, 13 abr. 2002. Cad. Cidades, p.C.2.

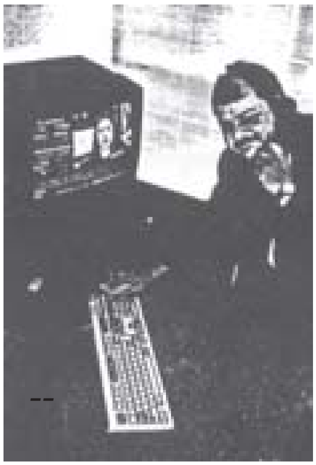

Figura 5 - Homem moderno. Um ambiente de trabalho.

Época. São Paulo, v. 2, n. 54, p. 119, maio 1999.

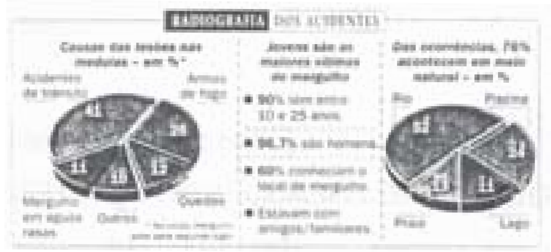

Figura 6 - Radiografia dos Acidentes
Centro de Pesquisas em Educação e Prevenção da Rede Sarah
Instituto de Ortopedia e Traumatologia da USP.

Época. São Paulo, v. 1, n. 41, p. 67, mar. 1999.

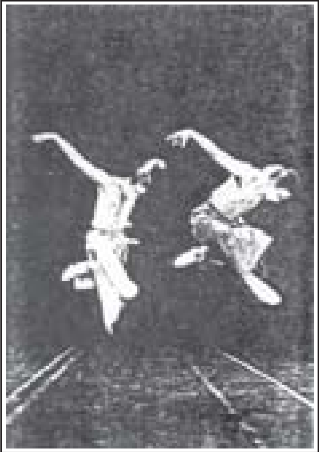

Figura 7 - Balé da Cidade estréia Shogun (ao meu avô), de Ivonice Satie.

Agenda Cultural-SP, v. 8, n. 92, p.6, ago. 2000.

Legenda

É um texto curto que indica ou esclarece um aspecto importante de uma ilustração ou foto.

REFLETINDO...

Já sabemos que há pontos importantes que ajudam a organizar uma conversa ou um texto escrito. Mas o ser humano vive só de linguagem verbal?

Não dá para esquecer a relação entre a linguagem verbal e as outras linguagens. Essa relação é encontrada em diferentes formas de expressão!

Em que lugar entra o desenho, a pintura, a história em quadrinhos, a fotografia, os filmes e os vídeos, a telenovela, a dança, a mímica, as peças de teatro...?

Muitas são as linguagens inventadas pelo ser humano para se expressar, comunicar-se, interagir, atingir o outro, seu parceiro na situação de comunicação, de interação e de vida.

Além dos exemplos expostos na atividade anterior, pense em outros... Converse com seus amigos sobre a combinação de linguagens utilizada nas artes que tanto nos fascinam!

DISTINGÜINDO OS RECURSOS DAS LINGUAGENS

O homem age pela linguagem em diversas situações. Por exemplo: na feira, gritando as mercadorias aos fregueses – "Olha a abobrinha, dona Aninha!!!!"; no trabalho, escrevendo relatórios para seu chefe.

Vamos, então, ler juntos alguns tipos de textos e verificar a finalidade deles, ou seja, para que foram usados e que recursos foram empregados na composição, a fim de podermos distinguir cada um deles em qualquer situação de comunicação.

PARA EXPLICAR, É SÓ COMEÇAR!

SITUAÇÃO DO DIA-A-DIA

Numa conversa entre dois amigos,
um diz para o outro:
– Não entendi! O que você quis dizer com essa fala? Ah! Explique melhor o que você acabou de dizer, vai!!!

Você já deve ter vivido essa situação em algum momento de sua vida. Sabia que, ao fazê-lo, você estava pedindo para seu interlocutor usar a linguagem para explicar a própria linguagem?

Vejamos outros exemplos. Você já ouviu falar dos textos curtos, postos em forma de colunas, no dicionário, e que se chamam verbetes? O texto A, a seguir, é um exemplo dessa espécie de texto.

AUÊ – s.m. Situação dominada por grande alvoroço; confusão, tumulto, rebelião < armou um auê pelo serviço malfeito > ver sinônimo de confusão; ver antônimo de confusão.

Texto A

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Verbete adaptado.

É isso mesmo. Você acertou se disse que a finalidade é definir uma palavra da Língua Portuguesa, no caso, "auê", usando para isso outras palavras de nossa língua.

E que recursos de nossa língua confirmam tal finalidade?

Esse verbete de dicionário apresenta, logo no início, as abreviaturas "s.m.", que querem dizer substantivo masculino; em seguida, apresentam-se alguns significados da expressão "auê" e um exemplo de seu uso, além da indicação para ver o sinônimo e o antônimo da palavra "confusão". A linguagem utilizada é bem resumida e objetiva, com frases curtas e sem adjetivos. O autor busca oferecer somente informações precisas ao longo do texto.

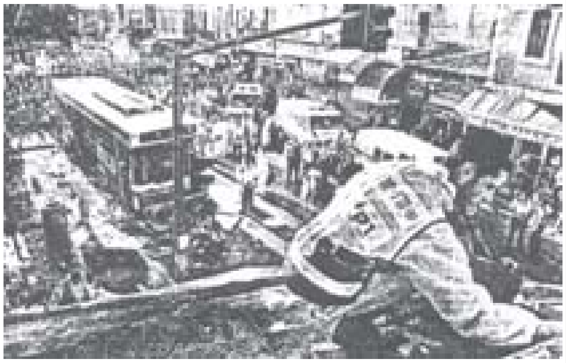

Texto B - **Destruição.** *A explosão, na movimentada Rua Jaffa, foi assumida pelo grupo Brigadas dos Mártires de Al-Agsa.*

O Estado de S. Paulo, São Paulo, 13 abr. 2002.

• Qual a finalidade da legenda posta abaixo da imagem fotográfica?
Ela pode ajudar a esclarecer onde ocorreu o fato ou a explicar o que aconteceu em determinado lugar e quem se responsabilizou pela situação.
De qualquer modo, *a linguagem verbal escrita* da legenda e *a linguagem visual da foto* juntas compõem um texto pleno de significação.

• Que recursos de linguagem foram usados?
Temos a combinação da linguagem visual com a verbal, no caso, fotografia e legenda.
Na legenda, costuma aparecer, em negrito, uma palavra que resume a situação apresentada; por exemplo: **Destruição**. Esta palavra é seguida de um texto também resumido, escrito em um tipo de letra chamado itálico: "*A explosão, na movimentada Rua Jaffa, foi assumida pelo grupo Brigadas dos Mártires de Al-Agsa".*

Desenvolvendo competências

2

Lendo e escrevendo textos.

Quando você estuda, por exemplo, História, Geografia e lê jornais ou livros, você define ou explica o que entendeu? Qual a importância dessa prática na sua vida?

Que tal folhear algumas revistas ou jornais e localizar fotos com legendas? Procure observar a relação entre a imagem e os dizeres da legenda. Os textos se completam?

Você acha que olhar a combinação da imagem com a legenda pode proporcionar aos leitores uma compreensão melhor dos fatos?

PARA EXPRIMIR SENTIMENTOS É SÓ SONHAR

Vamos ler o texto A a seguir. Observe o destaque que os autores deram para algumas letras no título e para os dois versos escritos inteiramente com letras maiúsculas. Que idéia pretendiam nos oferecer?

DESCULPE O AUÊ

(Rita Lee/Roberto de Carvalho)

Desculpe o auê
EU NÃO QUERIA MAGOAR VOCÊ
Foi ciúme, (...)
Fiz greve de fome, (...)
Perdi a cabeça, esqueça!
Da próxima vez eu me mando
QUE SE DANE MEU JEITO INSEGURO
Nosso amor (...)

Texto A

LEE, Rita. Rita Lee acústico MTV. São Paulo: Polygram do Brasil Ltda, p.1998. 1 CD, f. 13

Ao analisarmos a música “Desculpe o auê”, de Rita Lee, grande intérprete da música brasileira, verificamos que os autores tinham por finalidade **exprimir os sentimentos e as emoções** de uma pessoa em relação a um fato determinado: uma briga por motivo de ciúme. Possivelmente, deve ter sido por isso que usaram letras, em tamanhos diferentes, no título e em dois versos, como que destacando essas idéias.

E os recursos de linguagem? Na música, combinamos várias linguagens e formas de expressão: verbal escrita (letra do texto), verbal oral cantada (quando a Rita canta a música e a banda acompanha) e a sonora/musical (arranjos melódicos). Tanto é assim, que, na canção, temos uma combinação da forma e do conteúdo, do sentido e do ritmo das palavras, formando, com o uso de versos curtos, o tom bastante pessoal do auê “cantado”.

Repare como a pessoa que canta ao longo do texto exprime o que sente, mostrando emoção! Olhe o emprego dos pronomes de primeira pessoa “eu”, “me”, “meu”, “nosso”; o emprego dos verbos também na primeira pessoa “queria”, “fiz”, “perdi”, “mando”, e o emprego da pontuação (vírgula e ponto de exclamação). Esses são recursos que, usados adequadamente, enriquecem e fortalecem a expressão do eu.

ESCREVENDO TEXTOS

Você já escreveu uma carta ou um bilhete de amor? Que tal usar os recursos de linguagem que comentamos e escrever um texto bem “caloroso” para alguém que desperta em você “fortes emoções”?

PARA EXPOR IDÉIAS, É SÓ EXPERIMENTAR!

Profissionalmente ou como estudantes, as pessoas escrevem relatórios de vários tipos: administrativo, de estágio, de experimentos em Ciências etc. Leia os trechos do relatório a seguir e observe o sentido das expressões grifadas; elas indicam as ações, os sentimentos e as expectativas de seu autor diante do assunto apresentado, porém, de modo muito diferente da carta ou do bilhete que você escreveu.

Verso
É cada uma das linhas que compõem a canção.

RELATÓRIO DE EXPERIMENTO EM CIÊNCIAS

Na aula de Ciências, ***eu*** *e* ***meu*** *grupo* ***levamos*** *uma garrafa com água, dois* ***potinhos*** *de tintas de cores diferentes, três cravos, uma tesoura e quatro copos.* ***Nós colocamos*** *um* ***pouquinho*** *de tinta de cor diferente em cada um dos copos. (...) Depois,* ***juntamos*** *um pouco de água (...). Em seguida,* ***cortamos*** *ao meio o talo de uma flor. Ela ficou com duas* ***perninhas****. As outras duas ficaram do mesmo jeito.* ***Pegamos*** *a flor de talo cortado e* ***colocamos*** *metade do talo em um copo com água de uma cor e a outra metade no outro copo com a outra cor. As flores que estavam com o talo inteiro, sem cortes,* ***nós pusemos*** *uma em cada um dos outros copos.* ***Deixamos*** *os copos na escola e* ***fomos*** *para casa.*

No dia seguinte, ***observamos*** *que a cor das pétalas das flores tinham ficado da mesma cor da água do copo no qual estavam. A flor que teve seu talo dividido em dois copos, com água colorida em cores diferentes, ficaram com duas cores. As flores que não tiveram os talos cortados ficaram de uma cor só. É porque as flores têm veias que levam a água desde o talo até cada* ***pedacinho*** *das pétalas.*

Foi ***bem*** *interessante essa experiência. (...) Esse é o* ***meu*** *relatório da experiência de Ciências.*

Belém, 3 de junho de 2002. Rodrigo da Silva Luzia
(6ª série A, nº 28.) - (Texto autêntico)

REALIDADE, PALAVRAS, IMAGEM E AÇÃO

Olha só a linguagem dando forma
e movimento à imaginação...

UUUHHHH! – Os ventos balançam as árvores e os homens pré-históricos tentam imitar cada um dos sons ouvidos. Conta-se que eles viam, por exemplo, sua família e animais correndo pelo campo e tinham a idéia de pintar 'suas visões', com seiva de plantas. Dizem que as primeiras imagens de animais, objetos e acontecimentos datam de 20.000 a.C.

OOHHHH! – Um pessoa com um livro aberto sobre o colo começa a ler: "Era uma vez, em um castelo distante, um rei e uma rainha..." . Todos que estão ao redor dela ouvem fascinados, com olhos brilhantes, e se põem a imaginar a história contada.

CLIC! – Com uma caixa preta e um jogo de luzes, o homem "prende" a imagem no papel. O mundo, de boca aberta, vê surgir a fotografia em preto e branco e, depois, a colorida.

ZUUMMM! – De foto em foto, postas seqüencialmente, a imagem "presa" no papel ganha movimento. Surge o cinema mudo. Depois, com a introdução do som e das vozes, o cinema falado nos hipnotiza.

CLIC...ZUM! – E, por fim, surge a caixa com imagens em movimento, com falas e tudo mais. Na tela, aparece a vila, a cidade, o país, o mundo. A televisão invade os lares de quase todos os povos.

Refletindo sobre essa seqüência, podemos pensar como o homem, a partir de determinados objetivos, necessidades e interesses, foi usando a imaginação para criar linguagens ou formas de comunicação, de expressão e de interação. Graças a algumas invenções, a nossa relação com as pessoas e com o meio ambiente foi se transformando e afetando muitos aspectos de nossas vidas. Vamos refletir um pouco.

Você já parou para pensar quantas horas por dia as pessoas vêem TV?

Pesquisas feitas indicam que as pessoas vêem TV por mais de três horas. Assim, ao refletirmos sobre a influência da TV na vida das pessoas, acabamos por pensar sobre a qualidade da programação (novelas, telejornais, desenhos animados, documentários, espetáculos sensacionalistas, programas de auditório, filmes etc.) que é veiculada por esse meio de comunicação.

Como há alguns programas bons e outros muito ruins, quer dizer que poderíamos pedir para que mudassem a programação ou melhorassem sua qualidade?

Considerando que, para alguns de nós, a TV é um meio de diversão, de entretenimento, um "lugar" onde conseguimos saber as últimas notícias e quase todas as novidades do Brasil e do mundo, é preciso saber avaliar os textos que nos chegam! Essa atitude pode nos transformar em espectadores-cidadãos e não em simples consumidores.

Por isso, precisamos aprender a "ler a imagem que é passada pela televisão" e não apenas assistir a ela, passivamente. Daí ser necessário relembrarmos os pontos principais do contexto de produção e os recursos da linguagem utilizados para atingir uma finalidade, bem como experimentarmos análises e reflexões sobre a programação da TV.

REFLEXÃO - PARTICIPANDO DE LONGE, MAS TÃO PERTO!

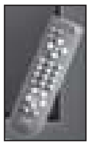

Dentre as muitas formas de participação na programação da TV que já vêm ocorrendo, temos a do controle remoto. Por exemplo, uma pessoa chega cansada em casa, liga a TV para saber das últimas notícias. Põe na Rede Brasil, na Globo. Depois pula para o SBT, a TV Senado; vai para a Record, a MTV, a Rede Vida; passa para... Ao assistir à TV, é comum a pessoa ir trocando de emissora até achar aquela que mais lhe agrada. Tal comportamento mostra que, de uma certa forma, ela está escolhendo a programação! Claro que é uma programação determinada pelas emissoras, mas...

Essa nossa escolha de programa na TV aberta, comercial, via controle remoto, mexe com a audiência, com os números do IBOPE! São esses números que indicam para as emissoras e seus anunciantes se estão agradando ou não? Pois é! Se não estiverem satisfazendo o público, mudam a programação, porque precisam do telespectador que tem o poder de comprar bens materiais, certos tipos de serviços.

Uma das relações que temos com a TV envolve economia, consumo! Se a programação está dando IBOPE, os anunciantes vendem seus produtos, seus serviços! Diante disso, é preciso saber avaliar criticamente as propagandas ou os anúncios que são veiculados entre um e outro capítulo da novela, nos intervalos dos telejornais, enfim, durante a programação.
Você pergunta como?

Em um anúncio temos a imagem, o som, as palavras e muitos outros elementos. Embora não dê para pormos neste fascículo as imagens em movimento com boa parte desses elementos, dá para lembrarmos de alguma propaganda na telinha. Ao pensarmos sobre o tipo de consumidor que o anunciante quer atingir, devemos refletir sobre quais suas reais intenções e que tipo de necessidade ele quer criar na gente.

Figura 8

Desenho animado
Filme composto de uma sequência de desenhos, cada qual ligeiramente diferente do seguinte, de tal forma que, ao serem projetados sobre a tela, são vistos como se estivessem em movimento .

Espetáculos sensacionalistas ou *reality shows*
São uma espécie de programa que busca transmitir ao vivo, sem edição, cenas do cotidiano, de desastres, de fatos sensacionalistas e situações semelhantes.

IBOPE
Instituto Brasileiro de Opinião e Pesquisas Estatísticas – é um órgão que verifica a audiência das programações. A pesquisa é feita a partir das informações coletadas, durante um tempo (horas, dias, semanas...), em algumas regiões, cidades, vilas, por um aparelho, chamado peoplemeter, *que fica no televisor que está na casa das pessoas. Com essas informações, dá para imaginar o sexo, a idade, a escolaridade, o gosto e os desejos de quem assiste a determinada programação! A quem interessam esses dados? Nós já sabemos a resposta: às emissoras, aos anunciantes!*

IMAGINANDO E ANALISANDO TEXTO

Vá imaginando...

Cena 1 — Uma família: pai, mãe, filha e filho entram sorridentes em uma cozinha, com uma mesa posta para café da manhã com pães e bolos. A janela está aberta e é possível ver o sol brilhando lá fora. De fundo, ouvimos uma canção suave.

Cena 2 — A câmera focaliza o fogão e mostra uma chaleira 'assobiando', indicando que a água já está quentinha para a mãe fazer o café.

Cena 3 — O pai vai até o armário, pega um pote dourado e leva-o para mesa. Nisso, algumas abelhinhas amarelo-ouro sobrevoam o pote e os pães que estão em uma cestinha, em cima da mesa. Por fim, elas saem pela janela em direção ao sol.

Cena 4 — A mãe põe o bule de café ao lado da caneca de leite. Os filhos olham com carinhas de gulosos para o pote dourado e os pães. O pai abre o pote, pega uma faca e, lentamente, a câmera focaliza o creme amarelo-ouro, deslizante.

Cena 5 — As abelhinhas retornam (sol - pote) e formam o nome do produto: "MANTEIGA MEL DE OURO". Ao fundo, um voz feminina, suave e gostosa diz: "A sua família merece uma manteiga saborosa e saudável!".

Pelo resumo das cenas, você conseguiu imaginar a seqüência de imagens, de cores, de assobios, de zumbidos e de gestos que desfilaram ao som da trilha musical suave?

A linguagem desse comercial é uma combinação de várias linguagens que cria em nós a sensação de pureza, de união familiar e de segurança, levando-nos a desejar "aquela" vida saudável misturada com a natureza (sol, abelhas...).

Fica fácil para você dizer a quem se destina esse anúncio publicitário de manteiga? Qual teria sido a real intenção do autor dessa propaganda veiculada pela TV?

Possivelmente, esse anúncio está endereçado às pessoas que respondem por uma família, que se preocupam com o bem estar de seus filhos. Quanto à intenção, que tal comprar um pote de manteiga Mel de Ouro? Será que ela é mesmo menos prejudicial à saúde que uma margarina vegetal?

É complicado identificar as linguagens na TV, (re)construir os sentidos adequados à situação e às intenções do autor? Calma! Aos poucos, você vai vendo o modo como as linguagens são usadas, vai ampliando o olhar e lendo criticamente toda a programação!

A propaganda em TV usa uma combinação de linguagens: a visual, a sonora e, às vezes, de modo econômico, a verbal-escrita e falada.

REALIZANDO O ESPETÁCULO

Você já deve ter visto a programação da TV apresentada pelos jornais e revistas impressos ou pelos programas de rádio. A que as pessoas têm assistido? Às novelas, aos filmes, aos telejornais, aos jogos de futebol, aos debates, aos programas de auditório ou aos reality shows? Pode ser que sua resposta seja: ao futebol, às novelas ou, então, aos programas de auditório, à Casa dos Artistas ou ao Big Brother Brasil!

Além de querer estar na "telinha", nos programas de auditório, parece que o Brasil e o mundo têm uma nova mania – "espiar" a vida alheia, via televisão!

Os programas Casa dos Artistas e Big Brother Brasil são chamados de *reality shows*. Neles, são transmitidos, ao vivo, sem edição, os acontecimentos do dia-a-dia de um grupo de pessoas preso em uma casa. Já imaginou você numa situação parecida com a desse pessoal, sendo vigiado por câmeras por todos os lados?

Apesar desse tipo de programa ser um modismo, pense sobre a situação.

- Quem é o autor desses programas? A quem eles são destinados? O que tem por detrás das cenas oferecidas diariamente? Será que os programas de auditório seguem o mesmo 'jeitão'?

LENDO E ESCREVENDO TEXTOS

Reflita sobre as afirmações do professor de Ética, Eugênio Bucci e dê sua opinião a respeito do tema tratado por ele.

> *Os* reality shows*, com sua mensagem de que fama justifica toda sorte de humilhação, são o pior tipo de moral que poderíamos ter.*
> *(...) esses programas ensinam que privacidade e liberdade são valores que se trocam por meia dúzia de holofotes, que ser alguém na vida é ir para a Casa dos Artistas, que o circo televisivo tem o direito de seqüestrar qualquer um que a isso se submeta, que esse tipo de seqüestro é a sorte grande.*
>
> BUCCI, Eugênio. Quanto vale a sua privacidade? *Revista Nova Escola*, São Paulo, v. 17, 151, p. 14, abr. 2002.

PRÓXIMA ATRAÇÃO – A NOVELA

A novela do rádio e da TV é uma espécie de texto que busca tanto retratar quanto criticar a realidade. Assim, conhecer como se dá sua organização é um primeiro passo para podermos avaliá-la, refletindo sobre sua possível influência no comportamento das pessoas.

Pegue lápis, papel e vá assistir a uma novela.

Procure registrar informações sobre o capítulo que você estiver vendo. Observe os tipos de pessoas que compõem alguns grupos familiares ou de amigos, relacionando-os com os lugares onde normalmente eles aparecem. Olhe o cenário e o figurino! Os detalhes poderão ajudá-lo a identificar a classe social, a profissão, as preferências do pessoal.

Repare no modo como a história é contada, como os acontecimentos vão ocorrendo e como as personagens reagem às situações; observe se há diferenças entre os grupos apresentados; se o modo de falar é igual nos diferentes grupos ou se há variações; se os cenários são indicativos das classes sociais diferentes.

Edição
É a montagem de um programa final. Para isso, é preciso selecionar imagens e organizá-las em uma seqüência determinada por um roteiro.

Ética
É um conjunto de normas, valores e atitudes que ajuda a organizar o comportamento de uma pessoa, um grupo ou uma sociedade.

Desenvolvendo competências

3

Lendo e escrevendo.

Considerando sua reflexão no trecho anterior, vamos pensar com cuidado sobre a linguagem usada pelas personagens de novelas.

Escreva algumas "falas" das personagens dos diferentes grupos. Lembre-se de registrar também o cenário. Se não, a fala ficará solta, sem contexto! Depois, compare-as e verifique se:

- *o assunto da conversa está adequado à cena.*
- *a fala da personagem está de acordo com a situação e com seus interlocutores. Caso contrário, como tal situação poderia ser resolvida?*

Sobre o modo de falar, é interessante conhecer o ponto de vista do crítico de TV Eugênio Bucci.

Ele diz que:
"quem faz papel de nordestino [na TV] é quase sempre um carioca. (...) No horário nobre, o "nordestinês" falsificado, cheio de facilitações (...) substituiu os sotaques nordestinos autênticos e, no mesmo movimento, cassou aos nordestinos o direito de aparecer na TV. (...) Como cassou o direito à voz dos caipiras. Se há um som que é banido do entretenimento chique no nosso país, esse som é o "erre" dos caipiras. (...) A fala do interiorzão de São Paulo, de parte de Minas, do Paraná, essa fala é emudecida pela TV, é uma minoria política, é perseguida como se fosse a própria mula-sem-cabeça. (...) Correntemente, a TV quer eliminar o fatídico "erre" do rude e doloroso idioma. Quer mantê-lo apenas como curiosidade remota, como a moda de viola, o bicho-de-pé, o fumo-de-rolo, os bailes de Ituverava. Você nunca viu um apresentador de telejornal do meio-dia que, em vez de emitir seu "boa tahrhde" aspiradamente acariocado, espremesse dos lábios um "tarrrdê" acaipirado. Dificilmente verá. Assim como dificilmente verá um nordestino curtido e seco, genuíno, cerrando os olhos no papel de galã. Você os verá como os vê, nos programas humorísticos, passando por bobalhões que não percebem a malícia dos inimigos que lhes cobiçam as mulheres, você os verá em funções subalternas, melancólicas, você os verá como vê os animais em extinção. (...) Na TV, o banimento dos sotaques corresponde ao banimento das diferenças no ideal de Brasil integrado. O Brasil que idolatramos é um Brasil de mentira."

BUCCI, Eugênio. Sotaques desterrados. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 2 jun. 2002. TVFolha, p.2.

ESCREVENDO TEXTOS

A linguagem diz muito e revela várias características de um grupo de pessoas, seus valores, suas crenças, suas manias. Por isso, que tal escrever uma carta para a produção da novela que você observou ou para alguma revista pedindo um espaço para discussão? Discuta o modo de falar das personagens e comente como é importante a variação da linguagem em situações reais de interação comunicativa.

A RÁDIO EJA ESTÁ NO AAARRRRRRR!

Às vezes, sentimo-nos sozinhos em casa, no trem, no ônibus, no carro e aí ligamos o rádio! A voz do apresentador que nos fala torna-se nossa companhia. Entramos de corpo e alma na programação radiofônica e, sem ao menos esperarmos, começamos a cantarolar, batucar levemente e sorrir!

As emissoras de rádio usam e abusam da linguagem oral, não é mesmo?

Você sabia que freqüentemente o texto que ouvimos durante a programação do rádio é escrito antecipadamente e até as engasgadas do nosso apresentador preferido são previstas para o discurso dele?

Vamos confirmar!

Desenvolvendo competências

4

Ouvindo e escrevendo textos.

Combine com um colega a audição de trechos de programas de duas emissoras. Procure reparar se a linguagem flui normalmente ou se é quebrada, pausada. Observe se as expressões usadas pelo(s) apresentador(es) dos programas fazem parte do seu dia-a-dia ou se são mais trabalhadas.

Depois, pense sobre quem organizou a programação e procure compreender como tal profissional deve ter imaginado o público ouvinte dos programas de modo geral. Procure imaginar a idade das pessoas que compõem esse público, até que ano elas estudaram e outras características que você achar importantes.

Como garantir a qualidade da programação de uma emissora de rádio? Escreva para a emissora dando sua opinião sobre a programação, considerando o trabalho que você fez com seu colega ou então telefone para o apresentador de seu programa favorito e sugira assuntos que possam ser de interesse das pessoas de sua idade.

Você deve ouvir as notícias do dia, não é? As informações oferecidas têm qualidade, são dadas totalmente ou você nota que alguém, talvez o jornalista, deve ter selecionado alguns aspectos da matéria antes de levá-la ao ar?

Não haveria aí uma atitude premeditada? Pense sobre isso e discuta com algum colega.

NAVEGAR OU DAR UMA OLHADA

Imagine a seguinte situação:

Uma pessoa diz que, na prova final de um curso que você está fazendo, cairá uma questão sobre textos de livros, jornais ou revistas impressos e textos que aparecem na tela de computador!
O que você faz?

Se você pensou em *selecionar* livros, jornais e revistas para *examinar* que tipos de textos eles trazem, já é parte de um caminho. Depois, que tal dar uma olhada nos hipertextos de uma página da Internet como a do exemplo ao lado? Há semelhanças entre todos os textos que você analisou?

Após tal exame, você deve ter concluído que alguns textos são impressos em livros, jornais e revistas; outros são apresentados em meio eletrônico, como na tela de um computador. Que tal identificar as características de cada um deles no teste a seguir e tirar mais conclusões?

É hora de teste!

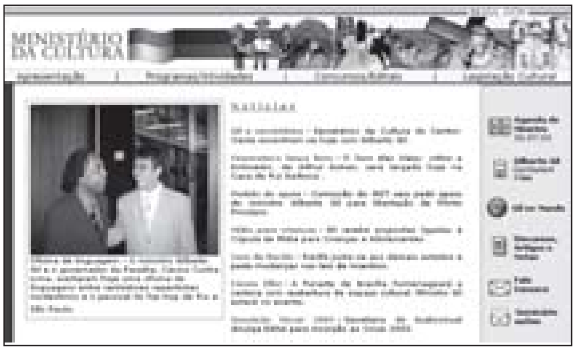

Livro	*Jornal*	*Revista*	*Computador*	*Algumas características e funções*
				Apresenta título, subtítulo.
				Possui índice ou sumário.
				É dividido por seções ou capítulos ou cadernos ou colunas ou *links.*
				Tem numeração de páginas.
				Traz várias espécies de textos.
				Contém propaganda.
				Verificam-se jogos de interesses entre quem escreve e quem lê.
				Pode ser lido linha por linha (leitura linear).
				Pode ser lido por blocos de informação (leitura seletiva).
				Toca música ou dá para conversar em voz alta com outra pessoa.

O que você achou do exame rápido das características e funcões dos suportes de textos indicados? Sabia que, ao fazer isso, você estava "frente a frente" com a linguagem verbal, audiovisual?

Hipertexto

É um conjunto de textos verbais e visuais ligados por conexões que você mesmo faz, de acordo com seu interesse.

Links

Links são textos curtíssimos que estão ligados a outros textos que mantêm conexão com outros textos e assim sucessivamente. Com um toque no mouse, *você vai entrando em contato com cada um deles e formando o seu próprio texto de leitura.*

ENCERRANDO NOSSO CONTATO

Você sabe que a utilização da linguagem é uma das características do ser humano. Por meio dela, é possível representar, interpretar as coisas do mundo, os fatos, os acontecimentos, os sentimentos, as ações e as reações dos seres vivos. Você também sabe que, quando se combinam sons, cores, imagens e gestos, expressão corporal, a linguagem adquire vários aspectos: verbal, visual, gestual, corporal.

Você já sabe também que a linguagem faz parte de um processo de interação comunicativa entre duas ou mais pessoas (interlocutores) e que elas podem usá-la ora para expressar o mundo, suas emoções, ora para mostrar ou ocultar suas reais intenções, ora para envolver, modificar e/ou formar a opinião do outro.

Você sabe que as novas tecnologias estão aí e as formas de interação comunicativa, os conhecimentos acumulados e todas as outras formas de expressão humanas estão em transformação. Como conseqüência disso, as coisas ao nosso redor, o pessoal de nosso grupo de convivência, nós mais toda a sociedade estamos nos transformando! Assim, as novas tecnologias pedem novas formas de comunicação, de interação, de conhecer o mundo e os outros.

Diante de tudo isso, esperamos que você seja capaz de reconhecer e saber usar tanto as linguagens quanto as tecnologias; de verificar como se integram e de distingüir seu uso em situações de interação comunicativa, tendo em vista um objetivo: o de que você possa intervir, solidariamente, na realidade, respeitando a si mesmo, ao próximo, ao meio ambiente e tornando, dessa forma, a vida em sociedade mais humana e feliz.

Conferindo seu conhecimento

1

Figura 4 (L — Linguagem usada): combinada – visual e verbal;
(E — forma de expressão utilizada): imagem fotográfica e escrita
Figura 5 (L): combinada – audiovisual, verbal; (E) combinada – oral/falada + televisiva e escrita
Figura 6 (L): combinada – verbal, matemática; (E): combinada – escrita, geométrica e numérica
Figura 7 (L): combinada – corporal e sonora; (E) combinada – dança e musical

ORIENTAÇÃO FINAL

Para saber se você compreendeu bem o que está apresentado neste capítulo, verifique se está apto a demonstrar que é capaz de:

- Reconhecer as linguagens como elementos integradores dos sistemas de comunicação.
- Distingüir os diferentes recursos das linguagens, utilizados em diferentes sistemas de comunicação e informação.
- Recorrer aos conhecimentos sobre as linguagens dos sistemas de comunicação e informação para resolver problemas sociais e do mundo do trabalho.
- Relacionar informações sobre os sistemas de comunicação e informação, considerando sua função social.
- Posicionar-se criticamente sobre os usos sociais que se fazem das linguagens e dos sistemas de comunicação e informação.

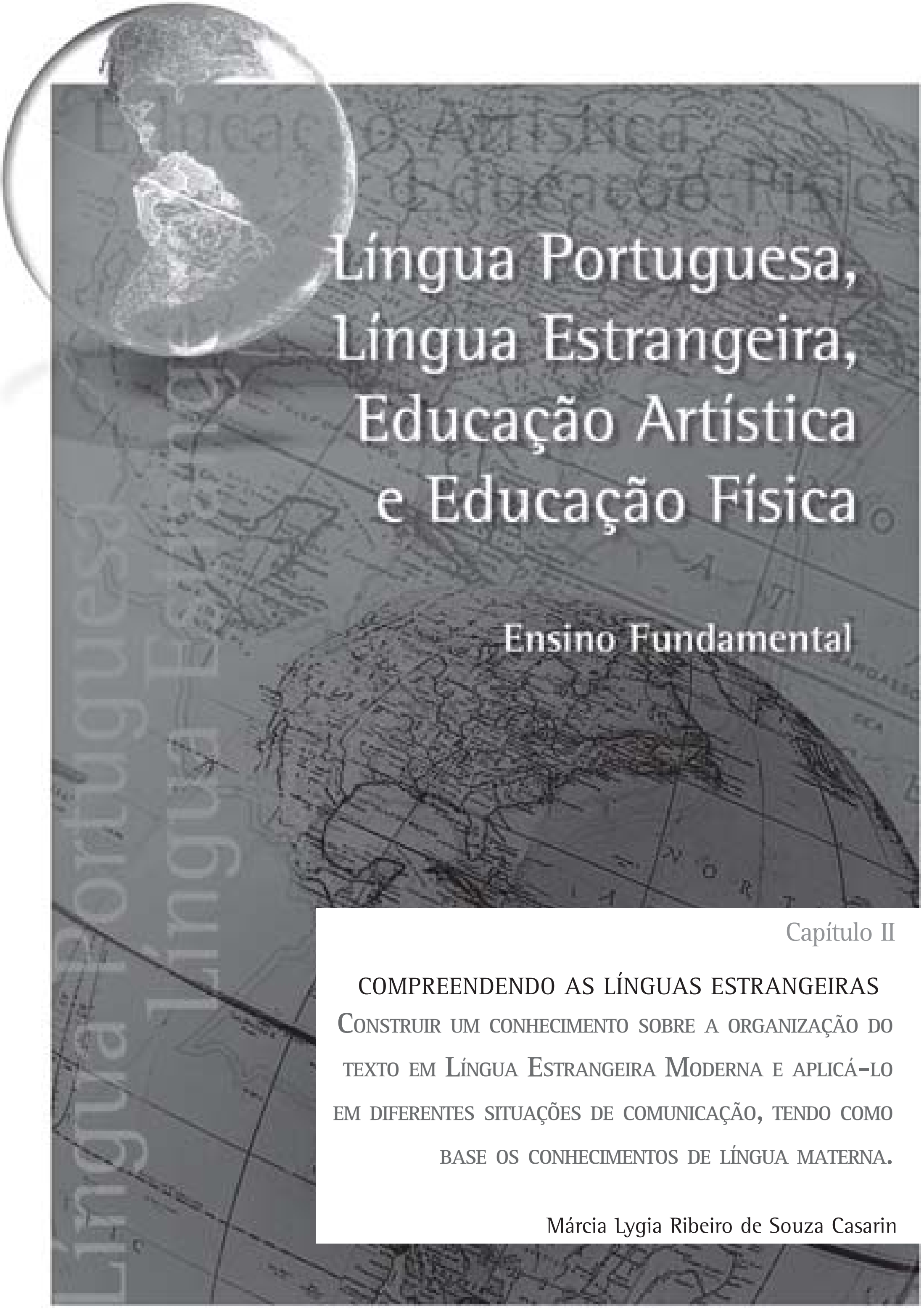
Educação Artística
Educação Física
Língua Portuguesa
Língua Estrangeira

Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Educação Artística e Educação Física

Ensino Fundamental

Capítulo II

COMPREENDENDO AS LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Construir um conhecimento sobre a organização do texto em Língua Estrangeira Moderna e aplicá-lo em diferentes situações de comunicação, tendo como base os conhecimentos de língua materna.

Márcia Lygia Ribeiro de Souza Casarin

Capítulo II

Compreendendo as línguas estrangeiras

APRESENTAÇÃO

Querido estudiante! Dear student!
Cher étudiant! Caro studente!

Caro estudante, todas estas palavras significam a mesma coisa, apenas estão escritas em línguas diferentes. Qualquer língua que não seja a que aprendemos desde que nascemos é chamada estrangeira. Português, a língua que falamos em nosso país, é chamada língua materna.

Neste capítulo, você aprenderá a trabalhar com textos em língua estrangeira, usando o que você já sabe sobre textos em português. Somos capazes de entender algumas mensagens em outras línguas, se levarmos em conta o assunto, o lugar onde foi escrito, as ilustrações etc. Aprendemos sobre várias coisas do mundo, durante nossa vida, e usamos tudo o que sabemos quando vamos produzir ou aprender alguma coisa nova, seja em nossa língua materna, seja em uma língua estrangeira.

Para ensiná-lo sobre textos em língua estrangeira, apresentaremos uma série de atividades, explicando-as e indicando o que fazer. Para que você aprenda com maior facilidade, cada proposta estará acompanhada por um roteiro de leitura orientada. Você está convidado a percorrer os caminhos apresentados pelo capítulo, empenhando-se em realizar as atividades com responsabilidade e otimismo!

PALAVRAS E EXPRESSÕES EM OUTRAS LÍNGUAS

Palavras e expressões em outras línguas estão presentes na nossa vida cotidiana. Observe o que está escrito nas camisetas que os jovens vestem. Algumas sugestões para que você inicie uma lista:

- *Difensore* = palavra em italiano, significa “defensor” em português.
- *Dalle risa* = expressão em italiano, significa “rachar de rir”.
- *Sin fronteras* = palavra em espanhol, significa “sem limites” em português.
- *Gajes del oficio* = expressão em espanhol, significa “ossos do ofício”.
- *Papillon* = palavra em francês, significa “borboleta” em português.
- *Allons y aux provisions* = expressão em francês, significa “vamos às compras”.
- *Teens* = palavra em inglês, significa “adolescentes”.
- *Fighting Bull* = expressão em inglês, significa “touro lutador”.

Alguns comandos de aparelhos eletrônicos também podem estar escritos em uma língua estrangeira. Observe os comandos de um rádio/gravador, escritos em inglês:

- *pause* = significa “pausa” em português.
- *stop* = significa “parar”.
- *eject* = significa “expulsar”.
- *play* = significa “tocar”.
- *record* = significa “gravar”.

Também os comandos de um teclado de computador estão escritos com palavras estrangeiras. Procure descobrir o que elas querem dizer.

PALAVRAS "EMPRESTADAS" DE OUTROS IDIOMAS

Várias palavras que não têm origem na língua portuguesa são usadas no nosso dia-a-dia. Essas palavras foram "emprestadas" de outro idioma. No início, eram escritas em sua forma original. Após certo tempo de uso, tiveram sua maneira de escrever modificada e foram incluídas em nosso vocabulário. Algumas palavras ainda são usadas na sua forma original. Vamos descobrir palavras que foram "emprestadas" do inglês, incorporadas ao vocabulário de futebol:

- *football* = originou "futebol".
- *penalty* = originou "pênalti".
- *corner* = originou "corner".
- *back* = originou "beque".
- *goal* = originou "gol".
- *dribling* = originou "drible".

Agora vamos ver algumas palavras que aparecem no vocabulário das diversões:

- *blues* / *country* / *jazz* / *rock* / *show*.

Observe que estas palavras são usadas como em sua origem.

Vamos focalizar o vocabulário da culinária. Será que essas palavras estão modificadas? Vamos descobrir o que querem dizer?

- Filé à parmegiana
  filet = fio delgado / lombo de vaca.
  parmigiano = queijo parmesão.
- Filé *mignon* ao molho de vinho e *champignon*
  mignon = pequeno.
  champignon = cogumelo.
- *Champagne* = vinho fabricado em Champagne, região da França.
- *Hot dog* = cachorro quente.
- Filé *surprise*
  filet = fio delgado / lombo de vaca.
  surprise = surpresa.
- Sobre coxas *light*
  light = leve.

Também no vocabulário da televisão, jornais e revistas, encontramos palavras "emprestadas" de outros idiomas. Pesquise e descubra algumas dessas palavras.

FALANTES DE OUTRAS LÍNGUAS

Certamente, se existem palavras de origens diversas, também existem falantes vindos dos mais variados lugares. Você conhece uma pessoa estrangeira?

Pergunte a essa pessoa quais palavras de sua língua ainda são usadas em conversas com familiares. Descubra há quantas gerações a família está no Brasil. Será que o seu amigo sabe das aventuras do primeiro parente que chegou? Descubra mais pessoas estrangeiras e tente descobrir suas histórias.

RECURSOS VERBAIS E RECURSOS NÃO-VERBAIS

Ler não significa apenas compreender as palavras escritas em um texto. Para ler, consideramos tudo o que o texto traz: seu formato, símbolos e ilustrações. As palavras escritas são chamadas de **recursos verbais** e os desenhos, símbolos e ilustrações são chamados de **recursos não-verbais**.

Tudo o que já sabemos sobre as coisas do mundo é muito importante quando aprendemos alguma coisa nova. Se você está aprendendo a trabalhar com textos em português, certamente será capaz de ler textos em outras línguas.

Nesta atividade, trabalharemos com os **recursos verbais** e **não-verbais** presentes na organização de um texto em língua estrangeira.

Observe o folheto. Preste atenção ao formato do texto e aos detalhes das imagens. Descubra qual a finalidade deste folheto.

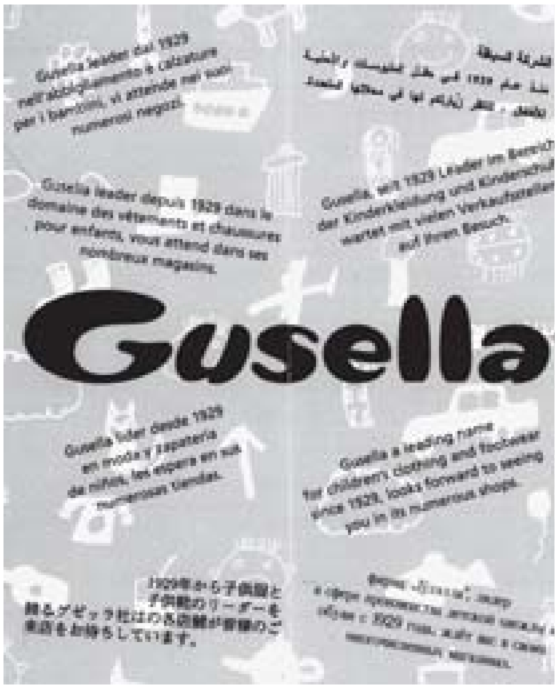

Gusella leader dal 1929 nell'abbigliamento e calzature per i bambini, vi attende nei suoi numerosi negozi.

Gusella leader depuis 1929 dans le domaine des vêtements et chaussures pour enfants, vous attend dans ses nombreux magasins.

Gusella, seit 1929 Leader im Bereic
der Kinderkleidung und Kinderschu
wartet mit vielen Verkaufsstellen
auf Ihren Besuch.

Gusella

Gusella líder desde 1929 en moda y zapatería de niños, les espera en sus numerosas tiendas.

Gusella a leading name for children's clothing and footwear since 1929, looks forward to seeing you in its numerous shops.

Figura 1 - Folheto

Disponível em: www.gusella.it

Desenvolvendo competências

1

1. Primeiramente vamos identificar quais são os recursos verbais e os não-verbais presentes no folheto. Observe as silhuetas de fundo: os desenhos já estão nos sinalizando algo. A palavra "Gusella", no centro, nos dá outro sinal. O que o folheto quer nos dizer a respeito de "Gusella"?

2. Vamos agora observar os oito blocos escritos.O que há de comum entre eles?

3. Agora olhe para os cinco blocos que utilizam o alfabeto que você bem conhece. As letras usadas são as mesmas, mas com combinações diferentes das do português. Mesmo assim, todos estes blocos possuem uma palavra em comum e você já refletiu sobre ela. Qual é esta palavra?

4. Leia novamente os blocos e descubra palavras estrangeiras parecidas com as do português. Relacione os significados destas palavras com suas descobertas anteriores.

5. A que conclusão você chegou quanto à finalidade do texto "Gusella"?

6. Assinale a alternativa que completa corretamente a afirmativa a seguir:

Um dos elementos que nos possibilitam concluir que o folheto "Gusella" faz propaganda de artigos infantis é:

a) o uso de diferentes línguas. ( )

b) a ilustração de fundo. ( )

c) a leitura de palavras estrangeiras. ( )

d) a palavra "Gusella". ( )

O TEXTO E SEUS ELEMENTOS DE ORGANIZAÇÃO

Podemos descobrir a finalidade de um texto baseados na sua organização, mesmo que não esteja escrito em português. Porém, devemos estar atentos! Ilustrações podem nos dar pistas falsas!

Olhe rapidamente o texto a seguir e aponte os elementos que mais chamam sua atenção à primeira vista.

Os desenhos são os elementos que mais nos chamam a atenção neste texto. O uso de uma camionete, uma bomba de gasolina e um carro antigo nos leva a pensar que estamos diante de um anúncio falando de carros ou de combustível.

Mas será que esta pista é verdadeira?

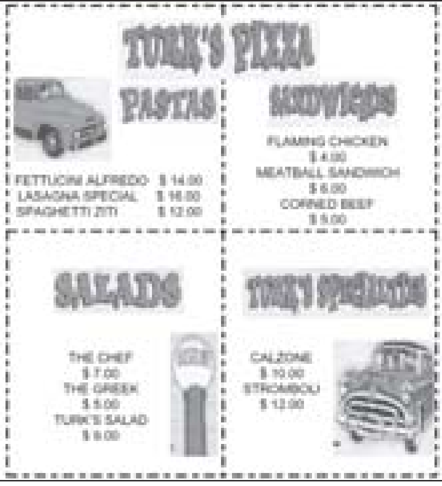

TURK'S PIZZA

PASTAS

FETTUCINI ALFREDO $ 14.00
LASAGNA SPECIAL $ 16.00
SPAGHETTI ZITI $ 12.00

SANDWICHES

FLAMING CHICKEN
$ 4.00
MEATBALL SANDWICH
$ 6.00
CORNED BEEF
$ 5.00

SALADS

THE CHEF
$ 7.00
THE GREEK
$ 5.00
TURK'S SALAD
$ 6.00

TURK'S SPECIALTIES

CALZONE
$ 10.00
STROMBOLI
$ 12.00

Figura 2

Desenvolvendo competências

2

1. Leia rapidamente o texto e verifique se realmente estamos diante de um anúncio de carros ou postos de gasolina. Se a pista que você seguiu foi falsa, por que será que teriam colocado carros e bomba de gasolina na mensagem?

2. Vamos agora pensar sobre a organização do texto. Esse texto pode ser uma carta ou uma notícia de jornal?

3. Você sabe o que é um título? E subtítulos?

4. Qual é o título desse texto? E os subtítulos? Nesse texto temos quatro subtítulos e apenas um título.

5. Até agora já observamos a presença de desenhos, de um título e de subtítulos, cada qual especificando uma certa lista. Que outro elemento podemos notar? O que ele nos sinaliza?

6. Associe todas as informações obtidas até agora e tente descobrir a finalidade desse texto. Qual delas contribuiu especialmente para que você descobrisse para que esse texto serve?

7. Retire as palavras estrangeiras do texto e procure saber seus significados, a partir das semelhanças com as palavras em português.

8. A que conclusão você chegou sobre o texto e sua finalidade?

9. Assinale a alternativa que completa corretamente a afirmativa a seguir.

O texto "Turk's Pizza" tem a finalidade de informar a respeito:

a) da localização de um posto de gasolina ( )
b) da tabela de uma gráfica ( )
c) das comidas oferecidas por uma lanchonete ( )
d) dos preços de combustível ( )

O TEXTO E SEUS SENTIDOS

Você aprendeu a identificar os **recursos verbais** e os **recursos não-verbais** de um texto em língua estrangeira. Você também aprendeu a identificar a finalidade de um texto a partir dos elementos presentes. O próximo passo será aprender a descobrir o sentido de um texto em língua estrangeira; somente pelo formato, podemos descobrir como os textos nos ajudam em nossa vida social e de trabalho.

Observe atentamente os três textos que apresentamos a seguir:

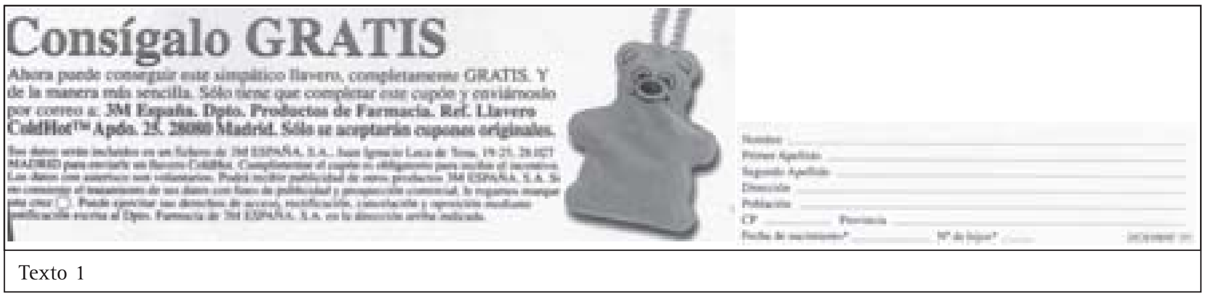

Consígalo GRATIS

Ahora puede conseguir este simpático llavero, completamente GRATIS. Y de la manera más sencilla. Sólo tiene que completar este cupón y enviárnoslo por correo a: **3M España. Dpto. Productos de Farmacia. Ref. Llavero ColdHot™ Apdo. 25. 28080 Madrid. Sólo se aceptarán cupones originales.**

Nombre
Primer Apellido
Segundo Apellido
Dirección
Población
CP Provincia
Fecha de nacimiento* Nº de hijos*

Texto 1

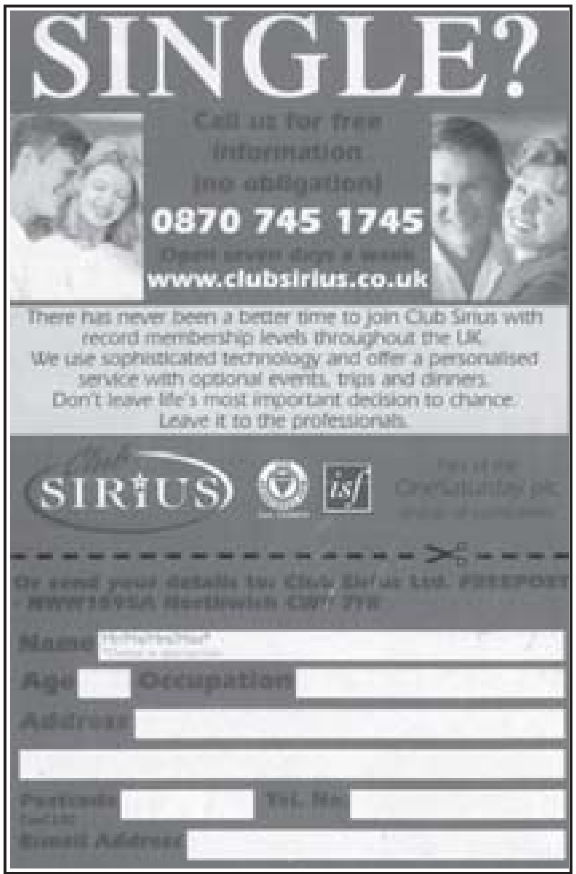

SINGLE?

Call us for free information (no obligation)

0870 745 1745

Open seven days a week

www.clubsirius.co.uk

There has never been a better time to join Club Sirius with record membership levels throughout the UK
We use sophisticated technology and offer a personalised service with optional events, trips and dinners.
Don't leave life's most important decision to chance.
Leave it to the professionals.

Club SIRIUS

Or send your details to: Club Sirius Ltd. FREEPOST

Name

Age Occupation

Address

Postcode Tel. No

Email Address

Texto 2
Adaptado de: www.clubsirius.com.uk

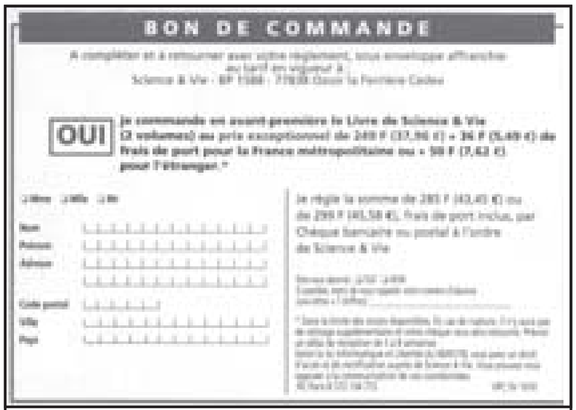

BON DE COMMANDE

OUI Je commande en avant-première le Livre de Science & Vie (2 volumes) au prix exceptionnel de 249 F (37,96 €) + 36 F (5,49 €) de frais de port pour la France métropolitaine ou + 50 F (7,62 €) pour l'étranger.*

☐ Mme ☐ Mlle ☐ M.

Nom

Prénom

Adresse

Code postal

Ville

Pays

Je règle la somme de 285 F (43,45 €) ou de 299 F (45,58 €), frais de port inclus, par Chèque bancaire ou postal à l'ordre de Science & Vie

Texto 3

Desenvolvendo competências

3 *Descubra a relação entre as seguintes situações e os textos apresentados, numerando-as de acordo com eles.*

a) A pessoa amada "caiu fora" sem aviso prévio – folheando uma revista, você encontra um anúncio interessante. ( )

b) Você fica sabendo de uma promoção que certamente irá auxiliá-lo em seus trabalhos escolares. ( )

c) Você quer ganhar um brinde. ( )

Talvez uma leitura rápida não seja suficiente para levá-lo a uma solução adequada, mas um trabalho mais detalhado vai ajudar. Pratique o que você está aprendendo com este capítulo.

Desenvolvendo competências

4

Texto 1 / Espanhol

1. Identifique os recursos não-verbais. Lembre-se de que o não-verbal pode ser qualquer linguagem sem a palavra escrita ou oral.

2. Quais os elementos, verbais ou não-verbais, que se destacam?

3. Procure no texto o nome de um país e descubra a língua usada. Nomeie mais três países em que a língua materna também seja essa.

4. Compreender essa mensagem implica executar uma ação além de escrever? Que ação é essa?

5. Identifique as palavras que são exatamente as mesmas em português e as palavras que são parecidas.

Texto 2 / Inglês

1. Identifique os recursos não-verbais.

2. Relacione as fotos com situações sociais presentes no seu dia-a-dia.

3. Qual é o título do anúncio? Quem está anunciando? A palavra que conduz sua resposta é quase igual a que usamos em português e está relacionada a diversões.

4. Quantas formas de contato são oferecidas? Quais são elas?

5. Busque palavras no texto em língua estrangeira que sejam semelhantes a palavras do português.

Texto 3 / Francês

1. Identifique os recursos não-verbais. Encontre as palavras que se parecem com outras do português, facilitando sua leitura.

2. Descubra mais detalhes sobre o texto, seguindo a mesma pista dada na atividade do cardápio e identificando as palavras iguais ou muito semelhantes às usadas em português.

3. Qual é o título do anúncio? O que está sendo anunciado?

4. Qual é a forma de contato oferecida?

5. O que você deve fazer se realmente estiver interessado no que está sendo anunciado? Quais as ações que deverão ser executadas?

Sem dúvida, as situações propostas são muito diferentes, porém em todas usamos procedimentos de leitura semelhantes. Compare os três textos escritos em três línguas diferentes e descubra o que eles têm em comum. Para resolver essa questão, relacione os três textos trabalhados com o que você sabe sobre as coisas do mundo. Identifique o que todos nós devemos fazer para tirar documentos, matricular-nos em cursos, tentar novos empregos, associar-nos a agremiações e candidatar-nos a exames. Reparou que qualquer uma destas situações pode ser resolvida por meio do preenchimento de um formulário?

Formulários têm características bastante específicas em qualquer língua. Os espaços a serem completados podem estar indicados de maneiras diferentes, mas todos assinalam claramente onde você deve escrever e o tipo de informação que se pede. No texto 1, foram usadas linhas; no texto 2, *boxes* sem divisões e no texto 3 *boxes* com divisões para cada letra. As instruções quanto aos itens de preenchimento podem variar um pouco; porém, qualquer formulário pede sua identificação e localização logo de início. Portanto, o seu nome deverá ser a primeira informação. Algumas vezes, você deve começar pelo sobrenome; outras vezes, pelo primeiro nome, seguido do sobrenome.

As outras informações pedidas por um formulário dependem da situação em questão.

Para que você está preenchendo o formulário?
Para candidatar-se a um emprego?
Inscrever-se em um exame?
Concorrer a um prêmio?
Encomendar algo via correio?

Examine novamente os três formulários, relacionando-os a situações sociais e de trabalho presentes no seu dia-a-dia. Prepare-se para fornecer corretamente dados pessoais, pois a qualquer momento você pode ter que preencher uma ficha. Fichas são formulários que solicitam informações além daquelas que identificam uma pessoa.

Desenvolvendo competências

5

Assinale a alternativa que completa corretamente a afirmativa a seguir:

Ao nos candidatarmos a uma vaga de emprego, recebemos um formulário. Entendemos que estamos:

a) diante de um folheto de propaganda. ( )

b) sendo informados a respeito das regras da empresa. ( )

c) sendo solicitados a fornecer informações pessoais. ( )

d) concorrendo a um prêmio. ( )

O USO DE OUTRAS LÍNGUAS PARA TENTAR CONVENCER ALGUÉM

Seu conhecimento sobre textos em língua estrangeira já lhe permite trabalhar com diferentes situações de comunicação, tendo como base o português. Agora você aprenderá como o uso de determinados termos e expressões de outras línguas no Brasil pode convencer mais certas pessoas. Elas acreditam que se disserem palavras ou termos estrangeiros, o que elas disserem vai parecer mais interessante. Você concorda com essa idéia?

Vamos fazer um teste. Imagine-se em cada uma das situações e escolha uma alternativa. Depois some os pontos feitos e verifique os resultados.

Você come... *hot dog* (3) / cachorro quente (0) panquecas (1) / *crepes* (3) sorvetão (0) / *Sundae* (3)	**Pontos**
Você vai à / ao ... *discothèque* (3) / salão de dança (0) centro comercial (0) / *shopping center* (3) *happy hour* (3) / bar da esquina (0)	
Você trabalha no... serviço de entregas (0) / serviço de *delivery* (3) mundo *fashion* (3) / setor da moda (0) serviço de vendas pelo telefone (0) / *telemarketing* (3)	

Descubra como você é ...	
0 a 9 pontos	Você é uma pessoa bastante tradicional; não acredita que modismos possam mudar o que se diz.
10 a 18 pontos	Você é uma pessoa maleável; sabe como parecer moderno ou tradicional, dependendo de quem quer convencer.
19 a 27 pontos	Coisas da moda são com você mesmo! Usar palavras e expressões estrangeiras é um *must* para você!

Algumas pessoas preferem usar expressões estrangeiras apesar da riqueza de nosso vocabulário. Usar palavras de outras línguas pode impressionar mais, dependendo de quem queremos convencer. Repare como uma mesma mensagem pode ser dita de maneiras diferentes:

— Minha namorada simplesmente me *deletou* de sua vida. Tenho um *feeling* que foi por causa de outro! Não importa! Saio todas as noites, vou dançar na *discothèque* ou cantar no *karaokê*!

— Minha namorada brigou comigo. Acho que foi por causa de outro! Não importa! Saio todas as noites, vou dançar no salão ou cantar no clube de calouros!

Estamos diante de uma mesma idéia, expressa por duas maneiras diferentes. Observe as palavras e expressões estrangeiras usadas no primeiro caso. Identifique a presença de palavras e expressões em outras línguas usadas com a finalidade de convencer.

Desenvolvendo competências

6

Assinale a alternativa que completa corretamente a afirmativa a seguir:

- Está certo, my boy, vou encontrar com a gang na happy hour! Tenho um feeling que a star vai aparecer!

Quem disse esta frase:

a) fala correntemente uma língua estrangeira. ( )

b) é professor de línguas estrangeiras. ( )

c) sabe se comunicar com pessoas estrangeiras. ( )

d) usou palavras e expressões estrangeiras para tentar convencer alguém. ( )

INSTRUÇÕES EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

No mundo do trabalho, freqüentemente temos que compreender instruções escritas em língua estrangeira. Isso não é difícil, os profissionais entendem daquilo que fazem e os códigos principais não dependem de uma língua específica. Se combinarmos nossas habilidades profissionais com as instruções apropriadas, mesmo que não estejam escritas em português, certamente teremos um resultado melhor.

Nesta atividade, você vai trabalhar com uma situação prática. Se você for um eletricista, poderá começar a aplicar o que aprendeu ainda hoje!

O nosso assunto será a crise de energia e o lançamento no mercado de um produto que anuncia que o consumidor fará economia com ele. Deixaremos aos eletricistas a instalação do produto. Nosso objetivo será compreender algumas informações fornecidas em inglês, sobre as células temporizadas.

Veja as vantagens que este novo produto oferece!

LANCE

Temporized Photocells

Number of lamps switched off	Average number of hour/day lamps are off	Savings of power in KWh	Savings of cost in US$ per day Estimated with USD 50.08/KWh	Savings of cost in US$ per year	Savings of energy in KWh per year
1.000	6	2.640	$211.20	$76.032.00	950.400 KWh
obs: Ballast loss estimate is 40W					

Desenvolvendo competências

7

1. Qual é o nome da indústria que está lançando um novo produto no mercado que facilitará a economia de energia? Qual é o nome deste produto?

*2. A tabela apresenta informações técnicas sobre as **TEMPORIZED PHOTOCELLS**. Qual a intenção do fabricante ao fornecer esta tabela?*

3. Selecione palavras no texto semelhantes às que você conhece na sua língua materna .

4. Selecione no texto símbolos conhecidos no mundo inteiro.

5. Qual o significado da palavra incluída no texto que está presente em muitos aparelhos eletrônicos que fazem parte do dia-a-dia das pessoas? Exemplifique.

6. O que os números fornecidos pela tabela nos sugerem?

7. Assinale a alternativa que completa corretamente a afirmativa a seguir.

*A Indústria Lance está tentando nos convencer de que seu novo lançamento,
as **TEMPORIZED PHOTOCELLS** podem:*

a) ajudá-lo a economizar energia elétrica. ( )
b) substituir todas as lâmpadas de uma rua. ( )
c) fornecer energia elétrica para aparelhos domésticos. ( )
d) substituir o seu aparelho de som. ( )

TRADIÇÕES DISTINTAS

Os povos possuem tradições diferentes uns dos outros, mas todas devem ser consideradas e respeitadas para que possamos nos entender melhor. Considerar a diversidade sociocultural nos leva a compreender as pessoas que nos cercam e nos ajuda a elaborar planos que visam ao bem comum. Afinal não importa a língua que falamos nem os hábitos característicos do nosso lugar de origem. O que importa é que fazemos parte de um destino comum como humanidade.

Leia o texto a seguir, associando-o a uma certa situação social, comum entre casais que decidem ficar juntos.

*Mr. and Mrs. Richard Lawrence Taylor
request the pleasure of the company of*

*Mr. And Mrs. José Ribeiro
at the marriage of their daughter*

*Stella Louise
with
Mr. Robert Smith*

*at Denys'Church, Evington,
on Saturday, 16th March, 2002 at 12 noon
and at the Reception at the Church Hall.*

*50, Barton Road
Evington,
Leicester.
LES 6PP
R.S.V.P.*

Figura 3

Desenvolvendo competências

8

1. Qual é o tipo de texto focalizado?

2. Concentre-se nas iniciais que vêm antes dos nomes das pessoas. O que estão indicando?

3. Selecione os itens indicados por numerais. Quais informações eles estão nos dando?

4. Concentre-se na parte inferior do texto.

a) O que nos informam os itens localizados à esquerda?

b) E os itens localizados à direita? Percebeu que se trata de abreviações?

5. Compare os valores culturais representados no texto com os nossos.

VAMOS PESQUISAR?

Como atividade final, sugerimos que você pesquise termos e expressões de outras línguas, relacionando-os com sua língua materna. Sugerimos que sua pesquisa seja organizada da seguinte maneira:

Português	Francês	Espanhol	Italiano	Inglês
Boa sorte				
Feliz Natal				

Bem, acabamos nosso trabalho! Neste capítulo você aprendeu sobre a organização de textos em língua estrangeira e como aplicar este novo conhecimento a diferentes situações de comunicação, tendo como base os conhecimentos de língua materna. Os objetivos das atividades propostas foram ensiná-lo a:

- identificar recursos verbais e não-verbais (*Gusella*);
- trabalhar com o texto e seus elementos de organização (*Turk's Pizza*);
- trabalhar com o texto e seus sentidos (Formulários);
- identificar o uso de outras línguas para tentar convencer alguém ou facilitar instruções *(Temporized Photocells);*
- reconhecer as tradições representadas em outras línguas e suas relações com a língua materna (Convite de casamento).

Conferindo seu conhecimento

1

1. As silhuetas ao fundo do folheto são de desenhos infantis e nos conduzem à idéia de crianças. A palavra "Gusella" é importante no texto e está relacionada ao mundo infantil.

2. Três blocos estão em línguas que usam símbolos diferentes dos nossos: chinês, árabe e russo. Mas, mesmo assim, eles possuem alguma coisa em comum com todos os outros: os números 1, 9, 2, 9 aparecem em todos os blocos! Numerais podem ser representados da mesma forma, em todas as línguas. Podemos imaginar que a seqüência 1,9,2,9 refere-se a uma data importante para "Gusella".

3. A palavra "Gusella" inicia todos os blocos que utilizam o mesmo alfabeto que o português. Sem dúvida, "Gusella" é o tema principal desta mensagem.

4. Veja quais são as palavras:

calzature (italiano) / zapateria (espanhol) / calçados – sapatos (português)

numerosi (italiano) / numerosas (espanhol) / numerous (inglês) / numerosas (português)

negozi (italiano) / magazins (francês) / negócio, magazine (português)

moda (espanhol) / moda (português)

5. Tendo como base o trabalho realizado, podemos concluir o seguinte quanto à palavra "Gusella" e à finalidade do folheto: "Gusella" refere-se à moda e sapatos infantis e negocia estes produtos por meio de uma rede de lojas.

Os recursos verbais e não-verbais usados na organização desse texto nos indicam um folheto de propaganda distribuído por uma empresa chamada "Gusella". Suas várias lojas vendem roupas e calçados infantis.

Você examinou um folheto com mensagens em italiano, francês, espanhol, chinês, árabe, alemão, inglês e russo e identificou os recursos verbais e os recursos não-verbais utilizados, a partir do que conhece na sua própria língua: o português.

6. Resposta (b).

2

1. Se relacionarmos as figuras e as outras coisas que podemos observar no texto, descobriremos que não se trata de um texto sobre carros ou postos de gasolina. A bomba de gasolina e os carros usados na ilustração sugerem que uma lanchonete e um posto de gasolina dividem o mesmo espaço.

2. Certamente não é uma notícia de jornal, porque não está informando sobre nenhum fato. Uma carta também não é, porque não há elementos da mesma, como um destinatário, um remetente, o corpo da carta com o assunto etc.

3. Título é o nome principal que cada texto recebe e que pode expressar sua idéia central. Aparece destacado, antes do início do texto propriamente dito. Um título pode estar diretamente relacionado com a mensagem ou pode estar apenas sinalizando alguma parte dela. Os outros nomes, são os subtítulos.

4. Título: Turk's Pizza

Subtítulos: Salads / Sandwiches / Pastas / Turk's Specialities

5. O outro elemento presente é a lista de preços. Isso significa que estamos diante de um texto que "vende" algo. Como muitas das palavras usadas querem dizer a mesma coisa em português, podemos descobrir que o texto anuncia comida.

6. Os textos que "vendem" comidas mais presentes na nossa vida cotidiana são os menus ou, se você preferir, pode chamá-los de cardápios. Os elementos observados podem ser *classificados de acordo com as informações que nos fornecem:*

- *Figuras relacionadas com carros e postos de gasolina.*
- *Título, subtítulos e itens relacionados com comidas.*
- *Lista de preços associada aos outros elementos, certamente nos tira qualquer dúvida quanto à finalidade do texto.*

7. Contribuiremos com algumas palavras, citando os países dos quais elas se originaram:

salads = saladas (Inglaterra, Estados Unidos); sandwiches = sanduíches (Inglaterra, Estados Unidos); chef = chefe (de cozinha) (França); gasoline = gasolina (Bélgica); spaghetti = espaguete (Itália); lasagna = lasanha (Itália); fettucini = tipo de massa (Itália); pizza = pizza (Itália)

(As duas últimas são usadas assim mesmo: pizza aparece no dicionário escrita desta maneira e fettucini não aparece.)

8. Relacionando os elementos observados no texto, verificamos que se trata de um cardápio. Os títulos, subtítulos e outros itens nomeiam comidas, cada qual com o seu preço indicado. Podemos concluir que o texto é um exemplo de cardápio disponível em lanchonetes, ou seja, locais especializados em refeições rápidas. A finalidade do texto é informar os nomes dos pratos disponíveis na lanchonete, sua composição e preço.

9. Resposta (c).

3

- *A pessoa amada "caiu fora" sem aviso prévio – folheando uma revista, você encontra um anúncio interessante.* (2)
- *Você fica sabendo de uma promoção que certamente irá auxiliá-lo em seus trabalhos escolares.* (3)
- *Você quer ganhar um brinde.* (1)

4

Texto 1 / Espanhol

1. *Se pensou no ursinho com corrente e espaços a serem completados, delimitados por linhas, acertou.*
2. *Se você considerou como elemento verbal as palavras "Consígalo gratis" e como elemento não-verbal o ursinho com corrente, acertou também.*
3. *Apresentamos nossa contribuição – País: Espanha / língua: espanhol*
   Outros países cuja língua materna é o espanhol: México, Argentina, Chile.
4. *"Ir ao correio para enviar a correspondência" é a resposta certa.*
5. *Se listou algumas palavras escritas iguais ao português, como "grátis / conseguir / este / simpático / completamente / que / completar / por / farmácia / se", acertou.*
   Se listou algumas palavras parecidas, como "manera (maneira) / cupón (cupom) / correo (correio) / productos (produtos) / cupones (cupões) / originales (originais)", acertou também!

Texto 2 / Inglês

1. *Você deve ter identificado como recursos não-verbais as duas fotografias que mostram casais felizes e espaços para serem completados, delimitados por boxes ("caixas" para texto). Acertou!*

2. As fotos parecem mostrar momentos felizes de um casal.

3. Você identificou que o título é "Single" e que o anunciante é o "Club Sirius"? Está certo!

4. Verifique que são anunciadas três formas de contacto:

- *telefone*
- *e-mail (serviço de correio disponível na Internet)*
- *caixa postal (serviço oferecido pelos correios)*

5. information (informação) / service (serviço) / obligation (obrigação) / decision (decisão) / club (clube) / optional (opcional)/ important (importante) / professionals (profissionais)

Texto 3 / Francês

1. Como recursos não-verbais, temos a divisão do texto em partes distintas, cada uma identificada por um tipo de impressão, a palavra OUI (sim) em destaque, colocada em um box (caixa para texto) e espaços para serem completados (separando cada letra).

Veja as palavras semelhantes ao português:

envellope / livre / France / chèque
postal / numéro / informatique

2. Seguindo a pista dada, encontramos a indicação de preço (franco francês). As palavras "livre / 2 volumes / chèque" são iguais ou muito semelhantes às usadas em português para dizer a mesma coisa.

3. O título é "Bon de commande" e anuncia a venda de dois volumes de um livro.

4. O contato é via correio.

5. Se estiver realmente interessado em comprar os dois volumes do livro , deverá preencher o cupom, anexar um cheque, colocar tudo em um envelope e enviar via correio.

---

5 *Resposta (c).*

---

6 *Resposta (d).*

---

7 *1. Se você identificou a palavra Lance como o nome da indústria, está correto! Lance é o nome do fabricante do produto **TEMPORIZED PHOTOCELLS**.*

*2. Interessado no produto? Saiba que a intenção do fabricante é exatamente essa: convencer as pessoas quanto à eficiência das **TEMPORIZED PHOTOCELLS**.*

3. Palavras parecidas com as que você já conhece podem auxiliá-lo na leitura. Podemos entender algumas palavras da tabela, mesmo estando escritas em inglês:

number (número) / lamps (lâmpada); energy (energia) / estimated (estimado)

*4. Mesmo que nossa profissão não seja a de eletricista, sabemos que a abreviação **KWh** é uma medida de energia. No caso das **TEMPORIZED PHOTOCELLS**, trata-se de uma medida de energia elétrica. Também sabemos que o símbolo **$** refere-se a dinheiro.*

5. A palavra off *está presente nos comandos de gravadores, de máquinas de fax e de aparelhos domésticos em geral. Quer dizer "desligado", "fora".*

*6. Os números estão demonstrando, concretamente, a eficiência das **TEMPORIZED PHOTOCELLS**, apresentando quantidades adequadas para a economia de energia elétrica.*

7. Resposta (a).

8

1. Estamos trabalhando com o convite de casamento de um casal inglês que, como no Brasil, terá prazer em ter seus amigos presentes.

2. As iniciais Mr. *para homens* e Mrs. *para mulheres são formas de tratamento que correspondem a Senhor* e *Senhora em português.*

3. Os numerais estão nos informando a data e a hora da cerimônia: dia 16 de março de 2002, às 12 horas.

4. a) Verifique que, à esquerda, temos um endereço.

b) Estas abreviações fazem parte de determinados tipos de texto, independentemente da língua que estejam escritos. R.S.V.P. são as iniciais de uma expressão em francês, também presente em nosso contexto social. Aparece na parte inferior de convites formais. Solicita confirmação de presença. Répondez S'il Vous Plaît *(Responda por favor)*

5. Os casais ingleses também valorizam as cerimônias religiosas e a comemoração festiva de seu casamento. Os convites são distribuídos apenas para as pessoas mais íntimas. Os nomes dos convidados escritos à mão na linha pontilhada reflete a praticidade dos ingleses.

Observamos, à esquerda, apenas um endereço. De quem seria? O dos noivos! Em alguns países estrangeiros é prática os casais morarem juntos alguns anos antes de se casarem. Geralmente resolvem casar por desejarem ter filhos ou pela necessidade de documentação oficializada (exemplo: vão morar em um país estrangeiro).

Você percebeu que o convite de casamento é muito parecido com aqueles que usamos em nosso país, com algumas diferenças próprias da cultura inglesa? É assim que, lendo textos em língua estrangeira, aprendemos mais sobre os valores e hábitos de outros povos.

ORIENTAÇÃO FINAL

Para saber se você compreendeu bem o que está apresentado neste capítulo, verifique se está apto a demonstrar que é capaz de:

- Inferir a função de um texto em Língua Estrangeira Moderna pela interpretação de elementos da sua organização.
- Identificar recursos verbais e não-verbais na organização de um texto em Língua Estrangeira Moderna.
- Atribuir um sentido previsível a um texto em Língua Estrangeira Moderna presente em situação da vida social e do mundo do trabalho.
- Identificar a função argumentativa do uso de determinados termos e expressões de outras línguas no Brasil.
- Reconhecer os valores culturais representados em outras línguas e suas relações com a língua materna.

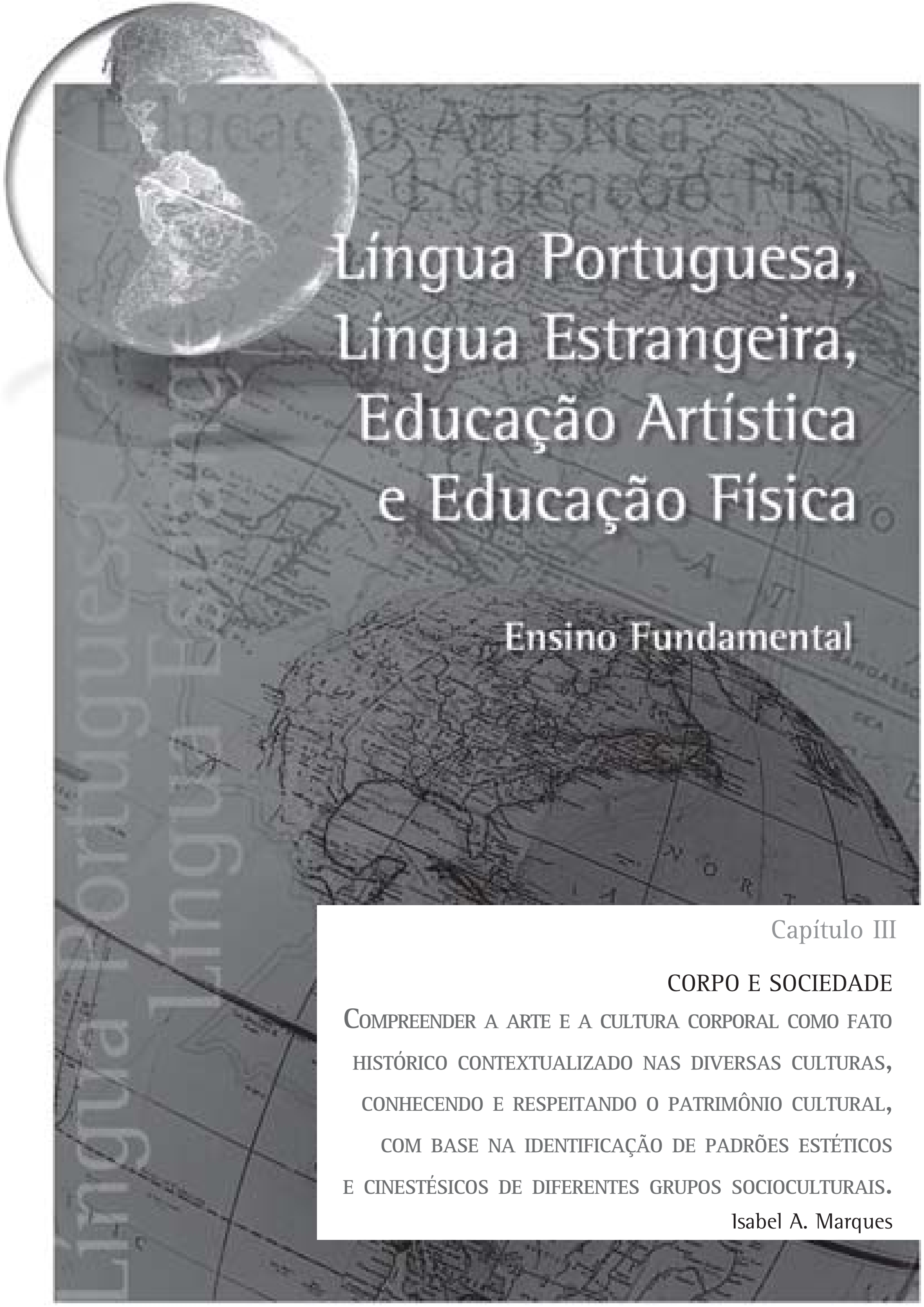
Educação Artística
Educação Física
Língua Portuguesa
Língua Estrangeira

Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Educação Artística e Educação Física

Ensino Fundamental

Capítulo III

CORPO E SOCIEDADE

COMPREENDER A ARTE E A CULTURA CORPORAL COMO FATO
HISTÓRICO CONTEXTUALIZADO NAS DIVERSAS CULTURAS,
CONHECENDO E RESPEITANDO O PATRIMÔNIO CULTURAL,
COM BASE NA IDENTIFICAÇÃO DE PADRÕES ESTÉTICOS
E CINESTÉSICOS DE DIFERENTES GRUPOS SOCIOCULTURAIS.

Isabel A. Marques

Capítulo III

Corpo e sociedade

APRESENTAÇÃO

Nesse capítulo vamos refletir sobre o corpo e a sociedade, sobre as manifestações corporais e suas relações com o cotidiano e com a arte. Esperamos, assim, que ao final você seja capaz de:

1 - conhecer e reconhecer as funções e possibilidades do corpo no dia-a-dia;

2 - ler, criar e transformar (expressar) suas idéias, vontades e identidade por meio do corpo pessoal e coletivo;

3 - compreender o corpo em movimento e refletir sobre suas possibilidades de comunicação individual e coletiva.

É muito comum hoje em dia ouvirmos dizer que "somos diferentes", "temos de respeitar a diversidade", "o Brasil é um país multicultural".

Você já pensou que essa diferença entre as pessoas, antes de tudo, está presente no *corpo* delas? Mesmo irmãos gêmeos idênticos têm características individuais que nos permitem diferenciá-los pelo corpo.

Olhe ao redor em sua sala. Como são os corpos de seus colegas? Agora, pare um pouco e observe os pedestres na rua. Como são as pessoas? Como se movimentam?

A estatura, a cor dos cabelos e da pele, o volume do corpo e a espessura dos lábios e nariz das pessoas são diferentes. Cada pessoa tem também um jeito de andar, de falar, de correr, de abraçar etc. Nossas diferenças estão tanto no corpo físico em si quanto no modo como nos comportamos, pensamos e agimos por meio dele.

AS EMOÇÕES, GOSTOS E IDÉIAS SE MANIFESTAM PELO CORPO

O que acontece com o seu corpo quando você está com raiva? Seu corpo reage da mesma forma de que quando você está com medo? Pense na sua musculatura. Lembre-se da “cor” e da temperatura de seu rosto. Pense nos movimentos que você faz. Tente conversar com alguém sobre isso.

É muito comum ouvirmos as expressões “ficou vermelho de raiva”, “ficou branco de susto”, “ficou duro de medo”. Em todos esses casos, nosso corpo está manifestando emoções, sentimentos e sensações pessoais por meio do corpo.

Às vezes, nossas emoções e sentimentos pessoais são expressos pelo corpo de forma visível (choro, vermelhão, suor frio, pele arrepiada, tensão muscular); outras vezes, de forma não percebida aos olhos (ficamos com úlcera de tão nervosos, o coração dispara de alegria, a respiração fica fraquinha de medo).

Imagine uma pessoa saltando com os braços levantados. O que é mais provável, que ela esteja triste ou alegre? Pense em outros movimentos que seu corpo faz para expressar suas emoções e sentimentos. Veja se seus amigos fazem os mesmos movimentos, movimentos semelhantes ou muito diferentes. Por que será?

Aprendemos com a nossa família e amigos formas diferentes de expressar nossas emoções e sentimentos para que possamos ser entendidos e, assim, conseguirmos nos relacionar com as pessoas. Em geral, pessoas de um mesmo grupo social, de um mesmo país, de uma mesma religião têm formas parecidas de expressar as emoções e os sentimentos por meio do corpo.

Lembre-se das diversas formas que existem de dizer com o corpo que gostamos de alguém.

Você pode ter pensado em abraço, beijo, carinho. Podemos ainda dizer que gostamos pelo jeito de olhar, de falar, de nos aproximarmos. No entanto, essa não é uma regra universal, cada cultura tem um jeito diferente de manifestar os afetos por meio do corpo.

O corpo também expressa nossos gostos e idéias. A forma como nos vestimos, como cortamos o cabelo, como dançamos, tocamos um instrumento e andamos na rua comunica aos outros quem somos, o que queremos e os objetivos que temos na vida.

O corpo, assim, pode ser visto como uma forma pessoal e única de nos expressarmos e de nos comunicarmos no mundo e com o mundo. Nossa identidade pessoal está marcada no corpo e nos movimentos que aprendemos e escolhemos ao longo da vida.

NOSSA HISTÓRIA, NOSSO CORPO

Que “marcas” você percebe no seu corpo, ou no jeito de você se movimentar que lembram a sua família? Seus amigos? Seus professores? Pense também nas pessoas da cidade em que você foi criado, nos lugares que você freqüentava ou ainda freqüenta (igreja, clubes, praças). Como essas pessoas se comunicam por meio do corpo e do movimento? Tem a ver com você? Como?

A forma como fomos carregados no colo e acariciados na infância, aquilo que comemos, nosso trabalho, as oportunidades de praticar ou não atividades físicas e de ter contato com a arte vão construindo nosso corpo e nosso movimento no decorrer da vida. Ou seja, pelo convívio social, aprendemos com nossos pais, parentes, amigos, professores e com a mídia (televisão, rádio, jornal etc.) a linguagem corporal de nossa cultura, sociedade, país.

Nosso corpo é um “combinado” único da etnia, da nacionalidade, da idade, da religião que professamos. Nosso corpo pessoal é profundamente marcado por nossa história de vida.

NOSSO TEMPO, NOSSO CORPO

Imagine essa situação: *a avó, já bem idosa, observava a neta e o neto adolescentes que se preparavam para sair. A neta tinha tatuagens ao longo da cintura, um brinco pregado no umbigo, os cabelos pintados de vermelho fogo e lentes de contato verdes. O neto resolveu colocar sua calça jeans preta cheia de correntes costuradas nas barras, seu brinco em uma das orelhas e dois braceletes de metal. A menina saiu movendo os quadris e o menino arrastando os pés.* O que terá pensado a avó? Por quê? Que comentários ela pode ter feito aos netos a respeito de como enfeitaram seus corpos? Discuta com seus colegas.

A época em que vivemos também determina a construção do nosso corpo e a forma como nos movemos: os padrões de beleza são um exemplo disso. Podemos pensar que não é todo mundo que se veste ou anda como os adolescentes da situação acima, mas, mesmo assim, a avó deve ter ficado horrorizada, indignada, ou ao menos assustada com a forma como seus netos “embelezaram” seus corpos.

Anos atrás, o corpo belo era bem diferente, as roupas e os adereços que usamos hoje nem existiam, não se pensava em homens usando brincos, nem em mulheres mostrando a barriga e pintando os cabelos de vermelho fogo. A avó deve ter reparado também na forma como seus netos andam, tão diferente dela quando adolescente. Rebolar e arrastar os pés não era sinal de beleza ou de charme, mas de desleixo ou de falta de pudor.

A situação acima mostra *uma* das maneiras dos adolescentes se enfeitarem e se movimentarem hoje em dia. Não podemos nos esquecer de que adolescentes de cidades diferentes se vestem e se enfeitam de formas diferentes também, mas em sintonia com seu tempo.

Mas não é só no campo da beleza que os padrões de corpo mudaram e que novas formas de estar no mundo foram inventadas. Cinqüenta anos atrás ninguém pensava ser possível fazer cirurgias plásticas e mudar o corpo, não se sonhava com a possibilidade de operar os olhos e consertar problemas de visão como a miopia. As inovações tecnológicas também chegaram ao campo da saúde, modificando nossos corpos e suas possibilidades de vida.

O corpo humano vem se modificando através dos tempos e, com isso, modificando nossa forma de ser, de nos expressarmos e de nos comunicarmos no mundo.

MOVIMENTOS COTIDIANOS OU DE ROTINA

Maria resolveu comemorar seu aniversário recebendo os amigos em casa para uma festa à noite. Durante a tarde, encerou o chão da sala, lavou os vidros das janelas, tirou o pó dos enfeites da mesa, lavou a louça e preparou um bolo. Quando os convidados chegaram, estava tão cansada que mal conseguiu se divertir.

Que tipo de movimentos Maria fez durante a tarde? Por quê?

Maria quis comemorar seu aniversário e, por meio de movimentos que já conhecia, preparou a festa. Maria não inventou nenhum movimento novo, mas executou, por meio do corpo, movimentos já estabelecidos para que sua casa ficasse limpa e o bolo, pronto. Os movimentos de que precisou foram movimentos repetitivos e rotineiros (encerar o chão, bater o bolo, lavar a louça etc.) mas necessários para a realização daquilo que queria e desejava – a festa.

Há momentos em que nosso corpo não está expressando emoções nem sentimentos, mas sim fazendo coisas, cumprindo as tarefas que queremos e precisamos no nosso dia-a-dia. Ou seja, os movimentos de preparo da festa de Maria não foram movimentos expressivos, mas movimentos chamados *funcionais*.

Lembre-se de quando você era criança. Você fazia com seu corpo coisas que hoje não faz? Pense nos dias em que estava machucado ou doente e teve de contar com a ajuda de alguém para comer, tomar banho, andar. O que aconteceu? Como você se sentiu?

Executar as tarefas do dia-a-dia com o corpo depende muito de como nosso corpo é ou está, pois são as características do corpo de um indivíduo que determinam suas possibilidades e funções no cotidiano.

O tipo físico, a idade e a doença podem, às vezes, trazer algumas dificuldades para fazermos com o corpo o que necessitamos no dia-a-dia. Por exemplo, pessoas muito baixas têm dificuldade de alcançar objetos em prateleiras altas, e seria difícil para elas trabalharem no setor de organização das prateleiras em um supermercado. Pessoas muito magras não teriam força para dirigir um caminhão. Os mais idosos provavelmente teriam problemas em passar o dia todo debaixo do sol fazendo esforço. Não queremos dizer que ser baixo, magro ou idoso seja ruim, mas sim que o "jeitão" de nosso corpo determina funções e possibilidades em nosso cotidiano ou trabalho.

Do mesmo modo, se estamos machucados ou doentes, muitos dos movimentos corriqueiros não podem ser feitos da mesma maneira. Nos casos de enfermidade, temos de adaptar nossas funções, solicitar recursos externos (muletas, rampas para cadeira de rodas) e modificar nossa rotina.

Os portadores de deficiência física também têm de adaptar seus movimentos cotidianos e o ambiente em que vivem para que possam continuar trabalhando com o corpo, expressando e comunicando aquilo que desejam e querem.

É preciso que as pessoas, o meio ambiente e as oportunidades de trabalho e lazer levem em consideração os diversos corpos que vivem em sociedade, pois, quando o corpo não "funciona", nossa expressão e comunicação também ficam comprometidas.

ELEMENTOS DO MOVIMENTO HUMANO

Para podermos executar melhor nossas rotinas corporais e expressarmos com mais clareza aquilo que queremos, é necessário que conheçamos nosso corpo físico e, principalmente, as estruturas e possibilidades do movimento humano. A compreensão corporal e intelectual do movimento humano faz com que nossas ações – expressivas ou funcionais – sejam conscientes, escolhidas, e, portanto, transformadoras.

Pense sobre a seguinte situação que envolve o movimento humano:

Rivaldo é carteiro, sua esposa Judite é manicure. Um dia, saindo para o trabalho, Judite disse a Rivaldo:

– Estou cansada de fazer as unhas das clientes todos os dias, naquele salão fechado, escuro, cheio de gente. Bem que você poderia ir no meu lugar...

– Bem, só se você for entregar minhas encomendas. Está preparada para andar 10 quilômetros?

O que diferencia o trabalho de Rivaldo e o de Judite quanto ao movimento? Você acha que um poderia fazer o trabalho do outro sem um preparo anterior? Por quê?

O QUE SE MOVE: AS PARTES DO CORPO

A primeira coisa que podemos discutir nessa situação são as *partes do corpo* envolvidas na realização de cada profissão.

Rivaldo usa predominantemente as pernas para se locomover entre as distâncias em sua cidade. Usa também as mãos, mas só para "pegar" e "entregar". Judite, ao contrário de Rivaldo, fica o dia inteiro praticamente sentada, não tendo de se locomover para realizar seu trabalho. Os movimentos mais freqüentes na profissão de Judite são os gestos, movimentos específicos, detalhados e bem refinados com as mãos – só assim consegue usar o alicate, a lixa e o esmalte sem machucar suas clientes.

Há profissões que usam o corpo todo e não somente os gestos, como vimos no trabalho da manicure. Você poderia pensar em algumas? Discuta com seus colegas.

Desenvolvendo competências

1 *Assinale a questão correta em relação ao uso das partes do corpo.*

a) O caixa do banco move sempre o corpo todo em seu trabalho.

b) A dançarina usa somente as mãos (gestos) para trabalhar.

c) O pipoqueiro em seu trabalho move braços e mãos.

d) A faxineira praticamente não se move.

As partes do corpo definem o tipo de movimento que fazemos e diferenciam escolhas, propósitos e objetivos. A definição das partes do corpo fala sobre *o que* se move na realização de nossas atividades.

ONDE SE DÁ O MOVIMENTO?

Outra diferença básica entre as profissões de Judite e Rivaldo é o lugar *onde* eles trabalham.

Rivaldo trabalha ao ar livre, andando pela cidade, sofrendo as mudanças climáticas do dia-a-dia. Chova, faça frio, calor ou vento, ele precisa adaptar suas roupas para que seu corpo não sofra tanto em seu dia de trabalho.

Já Judite está sempre confinada em uma sala fechada, cheia de gente. Ao mesmo tempo em que está protegida das mudanças climáticas, não recebe luz natural e pode até se atrapalhar com os horários.

Cada tipo de trabalho determina os movimentos que fazemos em função de *onde* trabalhamos.

Você trabalha? Faça um movimento que você costuma fazer em seu trabalho. Agora pense como seria fazer esse movimento em outros lugares. Seria permitido? O que aconteceria com seu corpo? Como as pessoas reagiriam? Converse com alguém.

Outra coisa interessante a respeito do movimento humano é que, dependendo do lugar onde nos movemos, os movimentos adquirem outro significado, ou seja, querem dizer outras coisas.

O espaço também define o tipo de movimento que fazemos e diferencia escolhas, propósitos e objetivos. A definição do espaço fala sobre o lugar onde nos movemos na realização de nossas atividades.

COMO SE DÁ O MOVIMENTO?

Rivaldo talvez não conseguisse trabalhar no lugar de Judite sem aprendizado anterior, por não saber **como** pegar no alicate, lixar as unhas de outras pessoas, passar o esmalte. O trabalho de Judite exige um tipo especial de movimento: deve ser lento, leve e delicado, bem concentrado e direcionado. Não é qualquer pessoa que conseguiria fazer isso.

Para substituir o marido em seu trabalho, Judite teria de preparar seu corpo para caminhar muito mais do que está acostumada. O corpo de Judite não tem condicionamento físico necessário para andar muitos quilômetros.

Se você trabalha, pense em como são os movimentos que você executa trabalhando. Seus movimentos são rápidos, lentos, fortes, fracos, direcionados ou não? Você repete muitas vezes o mesmo movimento? O que acontece com seu corpo depois de muitas horas? Converse com alguém que tenha uma profissão diferente da sua e pense se seria possível mudar esses movimentos.

Repare que algumas formas de trabalho envolvem o corpo em movimentos mais repetitivos e até mecânicos. Lembre-se dos movimentos do porteiro do prédio, do colhedor de café, do ordenhador (tirador de leite), do caixa do banco e de como podem se tornar cansativos.

Outras profissões, ao contrário, já permitem que o corpo não repita tanto os mesmos movimentos, ou seja, os movimentos podem ser inventados e criados o tempo todo. Vamos ver alguns exemplos? O jogador de futebol (cada jogada exige um movimento), a dançarina (cada dança precisa de diferentes tipos de movimento), o boiadeiro depende do movimento dos animais. Você se lembra de outros?

Nosso trabalho condiciona o corpo, permitindo ou não que expressemos nossas identidades e sejamos capazes de transformar nossa situação social.

QUEM FAZ O MOVIMENTO?

Gilberta adora dançar, sai todas as sextas-feiras para ir ao forró perto de sua casa. No forró aproveita para saber das novidades da semana, pôr o papo em dia. Os dias em que seu amigo Pedro também aparece, ela dança muito mais, pois ele é um bailarino e tanto - dizem que Pedro dança "melhor" que Gilberta. Com Pedro, Gilberta percebe que inventa movimentos, fica mais leve e mais solta na pista de dança. Um dia, ela levou um xale para o forró e os dois criaram uma dança usando o xale. Nos dias em que Pedro não está, ela acaba dançando com pessoas que conhece pouco, com as próprias amigas, e não vê tanta graça no que faz.

Por que será que dizem que Pedro dança "melhor" que Gilberta? Eles não estão dançando a mesma coisa (forró)?

Na verdade, não há "melhor" ou "pior", isso depende do gosto e do olhar de cada um. Mas Pedro, por ser homem, tem uma movimentação *diferente* da de Gilberta. Podemos começar pensando no corpo de Pedro, talvez mais flexível, mas decidido, o que faz com que tenha um "molejo" pessoal. Pode ser que Pedro dance há mais tempo, tenha mais experiência no salão.

Quando duas pessoas com corpos diferentes fazem o mesmo movimento, os movimentos ganham uma "cara" especial, pois cada pessoa tem uma história de vida, um parentesco, uma idade, uma vivência corporal.

Mesmo fazendo os mesmos movimentos, *quem* o faz pode tornar a cena totalmente diferente.

COM QUEM OU COM QUE O MOVIMENTO SE FAZ?

Por que será que Gilberta dança mais quando está com Pedro? Que função teve o xale de Gilberta na dança com seu parceiro?

Nossos movimentos se modificam conforme as pessoas com quem estamos convivendo e nos relacionando. Na dança, por exemplo, os parceiros, o grupo de pessoas, o tipo de público também fazem nossos movimentos se transformarem.

Gilberta dança melhor com Pedro, pois ele "dança bem" e inventa movimentos que a divertem. Outra possibilidade é que Gilberta dance melhor com Pedro porque gosta dele e, assim, a dança fica mais leve e mais gostosa. Quando ela dança com as amigas, não vê muita graça, talvez porque o forró seja mais gostoso dançado "homem-mulher", ou seja, por um casal.

Nossa dança também se modifica, fica mais ou menos gostosa, divertida e criativa dependendo dos objetos com que nos relacionamos. Gilberta escolheu dançar com o xale e descobriu que podia fazer outros movimentos. O xale, assim, aproximou Gilberta de Pedro, ajudou-os a criar movimentos, a expressar e comunicar outras coisas. O xale, na dança de Gilberta e Pedro, permitiu que saíssem dos passos convencionais do forró e criassem sua própria dança.

Vamos fazer um resumo dos elementos que compõem o movimento humano:

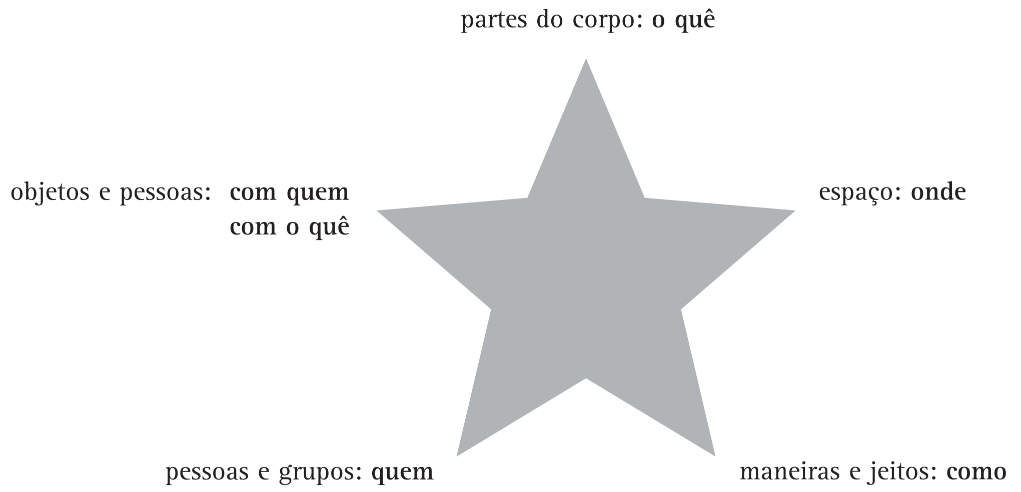
partes do corpo: **o quê**
objetos e pessoas: **com quem**
com o quê
espaço: **onde**
pessoas e grupos: **quem**
maneiras e jeitos: **como**

Fonte: adaptação de Valerie Preston-Dunlop, 1989.

Podemos dizer que estes elementos do movimento acima estão presentes em qualquer ser humano, ou seja, fazem parte de nossa espécie.

CONVENÇÕES E CÓDIGOS DE COMUNICAÇÃO PELO MOVIMENTO

Você já reparou como algumas pessoas gesticulam para falar? Ou melhor, que, às vezes, não precisamos nem falar, porque o movimento já "diz"?

Imagine a seguinte situação:

Carlos estava no ponto de ônibus com um amigo, conversando. De longe, víamos Carlos abaixando e levantando a cabeça enquanto ouvia o amigo. De repente, Carlos balançou a mão, o ônibus parou, ele subiu. De dentro do ônibus, acenou de novo. O amigo, na calçada, respondeu com o mesmo gesto e foi embora.

O que queriam dizer os movimentos gestuais de Carlos? Por que será que abaixava e levantava a cabeça? Você conseguiria imaginar a conversa? Como ele conseguiu que o ônibus parasse? Por que será que o amigo foi embora?

Podemos, com essa descrição dos gestos de Carlos, imaginar que, qualquer que fosse a conversa, Carlos concordava com o amigo, pois abaixava e levantava a cabeça. Se não estivesse concordando, mexeria a cabeça de um lado para o outro. No Brasil, é assim que nos entendemos, é uma convenção.

Acenar com as mãos também é uma convenção, um "combinado" entre os brasileiros para parar o ônibus. Ou seja, é um movimento que todos os motoristas de ônibus em nosso país entendem. Imagine você pulando no ponto de ônibus sem mexer as mãos. O motorista entenderia que você quer subir e fazer uma corrida? Provavelmente ele pensaria uma porção de coisas, menos que você queria pegar o ônibus.

Desenvolvendo competências

2 *Qual movimento cotidiano abaixo é também uma "convenção", um "combinado" entre os brasileiros?*

a) Abaixar e levantar a cabeça, para dizer "sim".

b) Mexer os quadris, para dizer "tenho fome".

c) Chacoalhar os ombros, para dizer "eu quero".

d) Abrir os braços, para dizer "eu detesto".

Mas... e o segundo aceno de Carlos para o amigo? Queria também dizer "pare o ônibus"? O segundo aceno de Carlos, já dentro do ônibus, foi compreendido pelo amigo como um gesto de "adeus", de despedida. Às vezes utilizamos o mesmo gesto para dizer coisas diferentes, o que muda é a situação, o contexto em que os gestos aparecem.

Procure se lembrar, observar e fazer movimentos convencionais e não convencionais para os brasileiros. Mostre-os para alguém e veja como vocês se entendem. Esses movimentos que você inventou dizem a mesma coisa para todo mundo?

Se, pelo mesmo movimento, as pessoas entenderem coisas diferentes, pode haver discórdias, desentendimentos e brigas. Por outro lado, as formas diferentes de compreender os movimentos trazem riqueza e variedade de comunicação e expressão ao movimento humano.

MOVIMENTO E ATIVIDADES DE LAZER

Quando saímos de casa para nos divertir, participamos de atividades de lazer que trazem novas possibilidades de movimentação para o nosso cotidiano e que modificam nossos corpos e nossas experiências.

ATIVIDADES ESPORTIVAS

Vamos pensar no jogo de futebol?
Diz o locutor:

Atenção, telespectadores, Julinho cruza pela direita, mira César Batista que está perto do gol, o goleiro percebe a jogada, se encolhe, grita para seu time, dá um grande salto, mas não adianta... se joga no chão. É gooooooolllll! Que felicidade... a torcida do Paranapiacaba está saltando de alegria, erguendo os braços, iniciando uma grande "ola". Os movimentos agitam a galera. A torcida do Rio Azul se encolhe, bate os pés de desespero, não tem mais jeito.

Pense nos movimentos do goleiro: movimentos rápidos, amplos, determinados e fortes, como saltar, se espichar, arremessar e chutar. Os movimentos da torcida também são em geral grandes, amplos, expansivos, coletivos.

Se você não for um atleta profissional, os movimentos do esporte não fazem parte do seu cotidiano, mas podem fazer parte de suas atividades de lazer. Quando você joga ou torce por um time de futebol, seu corpo está envolvido de outra forma com você, com as pessoas e com o meio ambiente.

Pense em outras atividades esportivas que não seja o futebol. Você pratica alguma delas? Que movimentos você faz? Esses movimentos estão presentes no seu trabalho? Poderiam estar? Por quê?

Com a prática de atividades físicas, como o futebol, nosso corpo aprende outras formas de movimento e de expressão que podem ou não ser incluídas no nosso cotidiano; depende do que precisamos, queremos e somos.

JOGOS E BRINCADEIRAS

Jogar com o vizinho, ler, sair para dançar, ir a museus, a espetáculos, caminhar, ir à praia, nadar no lago, ir à feira de domingo são outras formas de nos divertirmos que envolvem movimentos, aprendizados e manifestações coletivas diferentes.

Compare estes dois diálogos entre pai e filho:

– Pai, vamos jogar cartas?

– Vamos sim, filho, você já pegou o baralho?

– Baralho para quê, pai?

– Mas você não queria jogar cartas?

– Pai, as cartas estão na tela do computador...

– Filho, vamos empinar papagaio?

– Pai, o senhor não tem dó do bichinho?

Nas duas situações temos diálogos entre pai e filho que revelam diferenças entre gerações. Pai e filho não conseguem se entender, pois os pais brincavam de modo bem diferente do que seus filhos brincam hoje.

Muitas vezes, como na primeira situação, as brincadeiras antigas como jogar baralho foram adaptadas para os dias de hoje. Podemos jogar e brincar das mesmas coisas que nossos pais usando a televisão, o computador, materiais que não quebram. A segunda situação, ao contrário, mostra uma conversa em que o filho não reconhece a brincadeira sugerida pelo pai. Existem muitas brincadeiras que foram desaparecendo ou mudando bastante.

Você jogou bolinha de gude na infância? Andou de bicicleta? Jogou futebol na rua? Brincou de cabra-cega (uma pessoa fica de olhos vendados tentando pegar as outras)? Empinou pipa (ou papagaio)? Jogou saquinho? Pulou elástico, amarelinha? Você conhece essas brincadeiras? Como elas são chamadas na sua região?

As formas de lazer nem sempre foram iguais, foram mudando no decorrer da história. Assim, os movimentos das pessoas também foram mudando de acordo com suas atividades de lazer. Seus pais também fizeram coisas bem diferentes das que você fez na infância, nas horas vagas, e seus filhos se divertem (ou se divertirão) de outras maneiras.

Faça uma lista de como seus amigos se divertiam na infância. Ao lado, uma lista de como os pais deles se divertiam quando tinham a mesma idade. Compare as duas listas em relação ao uso do corpo e o tipo de movimento que faziam. Discuta com eles: O que mudou? Por quê?

As formas de lazer muito comuns hoje, como assistir à televisão, ouvir rádio, jogar no computador, envolvem movimentos mínimos, ou quase nenhum movimento. Já as formas de lazer “do passado” em geral exigiam corpos mais ágeis, mais dispostos, mais “em forma”, pois necessitavam de movimentos mais completos, que trabalhavam o corpo todo.

Jogos e brincadeiras “de outros tempos” são em geral atividades de lazer mais coletivas, ou seja, posso assistir televisão sozinho, mas não tem graça jogar bolinha de gude sem companhia.

Desenvolvendo competências

3 *Em qual resposta TODAS as atividades de lazer são atividades coletivas?*

a) Ler, jogar futebol, jogar xadrez.

b) Jogar videogame, ler, andar de bicicleta.

c) Jogar queimada, jogar dominó, jogar futebol.

d) Ler, jogar baralho, sair para dançar.

Empinar papagaio

A brincadeira “empinar papagaio”, como é chamada no sudeste, é também chamada de pipa, pandorga, arraia, quadrado em outras regiões do Brasil.

Por que será que as coisas mudaram tanto? Se você mora em uma cidade grande, deve ter pensado na crescente violência, no medo das pessoas de ficar nas ruas brincando ou se divertindo. O desenvolvimento das novas tecnologias também nos possibilitou outras formas de lazer diferentes. Por exemplo, muita gente prefere assistir à televisão, ouvir rádio em casa a sair para passear, estar com amigos.

DANÇAR

Vamos agora pensar nas atividades de lazer ligadas à dança? O que você gosta de dançar quando sai à noite, nas festas, nos bailes? Essa dança envolve que partes do corpo? Que espaço pessoal? Que maneira de dançar? Você já pensou que cada tipo de dança vem de um lugar, tem uma história e por isso é que os movimentos são tão diferentes?

Analise dois tipos de dança: o forró e o frevo. Ambas são danças de origem nordestina, que se espalharam pelo Brasil todo. Você as conhece? O forró, que se espalhou pelo Brasil na década de 50, é uma dança "de salão", isto é, para ser dançada a dois e em espaços fechados. Já o frevo é uma dança coletiva, que surgiu no Recife, no final do século XIX e início do XX. O frevo vem de desfiles militares de rua, é uma manifestação coletiva que pode alcançar milhares de pessoas.

Que outras danças de salão ou coletivas você conhece? Você conhece o bolero, a valsa, o *twist*? Já ouviu falar do maracatu, do caboclinho, do coco? Pergunte para amigos, leia nos livros e tente descobrir de onde essas danças vêm, de que época são e como são dançadas (em dupla ou em grupo). Faça uma lista das danças de salão dançadas no Brasil hoje e das manifestações coletivas de dança de várias regiões do país. Tente aprendê-las no seu corpo.

Desenvolvendo competências

4

Quais dessas danças são "de salão", ou seja, para serem dançadas somente por duas pessoas?

a) Maracatu, frevo, caboclinho.

b) Bolero, valsa, forró.

c) Bolero, valsa, maracatu.

d) Forró, bolero, caboclinho.

CORPO E MOVIMENTO NA EXPRESSÃO ARTÍSTICA

E as manifestações artísticas que trabalham com o corpo? Você participa de alguma? Você dança em desfiles de carnaval? Canta no coro da igreja? Faz parte de alguma banda ou conjunto de música? Faz teatro na escola ou na comunidade? Como você se envolve corporalmente em cada uma dessas atividades?

Os espetáculos de dança, os shows de música, as apresentações de teatro, ou mesmo as artes visuais (escultura, pintura, vídeo) são atividades artísticas que usam o corpo como expressão e comunicação individual ou coletiva. Essas manifestações artísticas são tanto atividades de lazer (para quem assiste) quanto atividades profissionais (para quem faz).

Os artistas, para criar ou para apresentar sua arte, se movimentam muito, antes, durante ou depois de finalizado o trabalho. Cada linguagem artística (a música, o teatro, a dança e as artes visuais) envolve um tipo diferente de movimento.

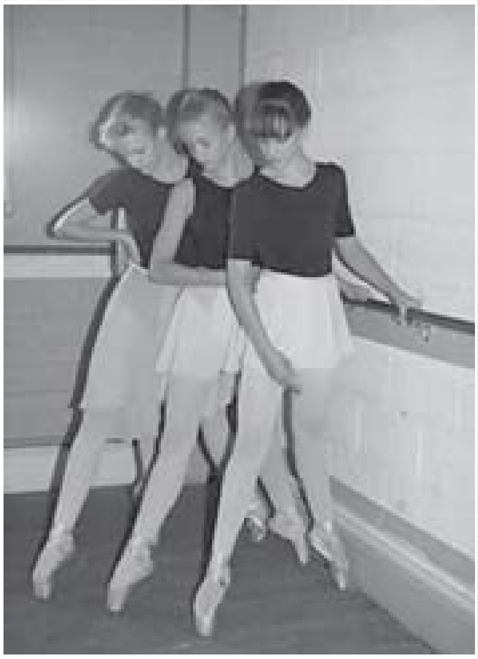

Figura 1 - o balé clássico

A DANÇA

Pense na figura de uma dançarina. Em quem você pensou? Na bailarina clássica, na dançarina de axé, na dançarina do ventre? Outra qualquer? Você saberia dizer qual a diferença entre os movimentos de uma bailarina clássica e os de uma dançarina de dança do ventre?

Os dançarinos, dependendo daquilo que dançam, ou seja, do estilo, do lugar e da época a que suas danças pertencem, têm uma movimentação diferenciada.

Por exemplo, a bailarina clássica não move os quadris e move pouquíssimo o tronco com movimentos sinuosos (ondulados). Para a dançarina do ventre, ao contrário, o quadril e o tronco são partes do corpo essenciais para a dança. Sabe-se que o balé clássico veio da Europa, de uma sociedade nobre do século XVI. O balé surgiu para divertir reis, rainhas, condes e duques. A dança do ventre, por sua vez, é uma dança tradicional dos povos árabes, tem milhares de anos e não é somente um espetáculo de diversão, mas de sedução entre casais, de manifestação do feminino.

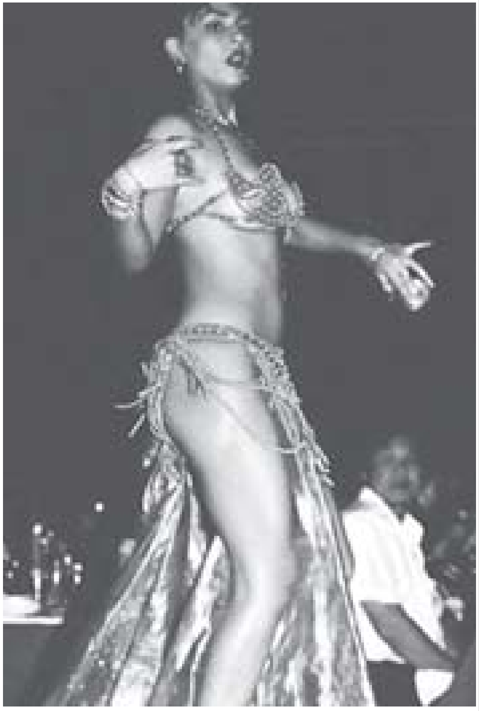

Figura 2 - a dança do ventre

IDEAL DE CORPO NA DANÇA

Claudinéia um dia viu pela TV um programa de dança. Era uma dança totalmente diferente daquela que conhecia: as mulheres ficavam nas pontas dos pés, eram carregadas por príncipes, tinham umas roupas rodadas leves e parecia que estavam voando. Foi perguntar para sua professora o que era aquilo e descobriu que era uma apresentação de balé clássico. Entusiasmada, Claudinéia disse para a professora: – Ah! Que bom, agora eu descobri o que quero: que minha filha seja uma bailarina clássica... A professora, no entanto, não foi muito animadora. Olhando para Claudinéia, não hesitou em dizer: – Com aquele corpo? Nunca! Pode tirar seu cavalo da chuva...

Você consegue imaginar como é o corpo da filha de Claudinéia? Por que será que ele, na opinião da professora, não "serve" para o balé clássico?

Cada tipo de dança, dependendo de onde vem e da época em que surgiu, apresenta um padrão de corpo para dançar.

O balé clássico, dada sua origem européia, sempre exigiu bailarinas muito magras, altas, sem quadril largo. A filha de Claudinéia provavelmente era baixa e atarracadinha. A professora, acreditando no padrão estabelecido, então desaconselhou Claudinéia. Estamos falando de um estereótipo e de um preconceito que muitas pessoas ainda reforçam e que deve ser questionado nos dias atuais. A dança contemporânea, por exemplo, aceita praticamente todos os tipos de corpos e não um corpo padrão para todos.

Pense também nos corpos ideais para dançar na ala das baianas nas escolas de samba: a desenvoltura e a beleza dessas mulheres negras, mais velhas, com corpo mais gordo, são um consenso nacional. É a idade e o tipo de corpo que trazem para as baianas a essência e a beleza de suas danças. Não faria sentido, dentro da proposta das escolas de samba, uma ala das baianas com mocinhas brancas e magrinhas.

Cada dança "pede" um corpo, porque cada dança, em razão de sua origem histórica ou de região do país, precisa de movimentos específicos para expressar, comunicar e transmitir valores culturais e sociais. Isto não quer dizer que se não temos o "corpo ideal", não podemos dançar, só que vamos dançar de outro jeito.

Os portadores de deficiências físicas, por exemplo, têm seu jeito próprio de dançar e de se expressar com o corpo. Já existem no Brasil e no exterior muitas companhias profissionais de dança cujos dançarinos são portadores de deficiência (visual, auditiva, física).

Os diferentes corpos e os diferentes movimentos são a expressão de diferentes grupos sociais e culturais. Quando aprendemos diferentes danças, aprendemos também diferentes culturas, histórias e formas de organização social. Seria muito ingênuo pensarmos que isso é sempre bom ("conhecer outras culturas"), pois existem valores e costumes embutidos em algumas danças que aprendemos que podem não fazer parte do que acreditamos, queremos ou sonhamos. Por exemplo, há danças que "ensinam" o machismo, pois excluem totalmente as mulheres ou as colocam em posições (movimentos) obedientes ao homem. Precisamos, sim, é ter uma postura crítica em relação às danças que aprendemos.

Conhecer as diferentes danças de nosso país ou origem cultural e étnica, no entanto, é fundamental para que possamos *escolher*.

Que danças você gosta de dançar?

O que aprende com elas sobre ser homem ou mulher; jovem ou idoso; negro, branco, mestiço; nordestino ou sulista?

Que escolhas você tem feito?Por quê?

DANÇA PARA HOMENS E MULHERES

Porque será que sempre pensamos nas mulheres quando falamos de dança? Lembre-se de danças de que os homens também participam.

Achar que dança é coisa de mulher é um preconceito que ainda existe nos dias de hoje, é um pensamento que associa a dança ao homossexualismo e o homossexualismo a algo ruim, degenerado. Essa é, na verdade, uma idéia bem distorcida e preconceituosa da dança, pois não existe um só tipo de dança, existem vários estilos.

Você já deve ter assistido à capoeira, às danças do grupo Olodum da Bahia, às danças de alguns orixás, ou mesmo à danças gaúchas. Tente se lembrar dos homens e dos movimentos masculinos dessas danças. Nenhuma dessas danças "compromete" a sexualidade de ninguém, muito pelo contrário, são danças altamente viris.

Você conhece alguma outra dança em que os homens participam? Veja se seu colega conhece essa ou sabe de outra.

MÚSICA

Você já reparou como alguns músicos movem seus corpos para tocar instrumentos? O que aconteceria se tirássemos os instrumentos e o movimento continuasse? Façam essa experiência: tirem o instrumento e continuem se movimentando como se estivessem tocando. Que movimentos vocês fazem?

Alguns instrumentos musicais "chamam" o movimento, ou seja, não podemos tocá-los sem que nos movamos muito. É o caso dos atabaques, da bateria, da harpa e até mesmo do piano. Se tirássemos os instrumentos dos músicos e eles continuassem se movimentando, teríamos uma espécie de "dança"! Alguns músicos fazem aula de dança e exercícios corporais para preparar o corpo para tocar instrumentos. A participação do corpo todo no ato de tocar faz com que o corpo também se torne meio de comunicação e expressão da música.

Você já reparou que alguns cantores dançam em cena, enquanto cantam? Na maioria das vezes, os movimentos acompanham o ritmo e os instrumentos. Outra forma de ter movimento durante as apresentações musicais é encontrar movimentos para as músicas, principalmente se as músicas têm letra. Estas danças em geral apresentam movimentos repetidos, fazem mímica e ilustram as letras. Atualmente a dança está muito presente nos grupos de música somente como pano de fundo, ou complemento do conjunto, ou seja, está perdendo sua autonomia como arte.

Tente se lembrar de grupos de música em que os cantores ou os músicos dançam durante as apresentações. Como são essas danças? São ilustrações repetitivas das letras ou não?
Tente inventar movimentos diferentes dos que você costuma ver nos cantores e veja o que pode acontecer.

Desenvolvendo competências

5

Com qual desses instrumentos o músico mais movimenta o corpo?
a) Violão.
b) Bateria.
c) Flauta doce.
d) Gaita.

TEATRO

Vamos agora pensar no teatro. Você já foi ao teatro? Como os corpos dos atores se movimentam? É parecido com os corpos dos músicos ou dos dançarinos?

Há espetáculos de teatro que envolvem tanto a música quanto a dança – são os musicais. Nesses espetáculos, os atores, além de atuar, aprendem a dançar e a cantar para contar suas histórias e dialogar com o público.

O mais comum, no entanto, é não haver dança nem música nas peças de teatro. Os atores aprendem e criam movimentos específicos não para dançar, mas para dizer onde estão, o que estão fazendo, quem são e o que querem. Ou seja, os atores, com auxílio do texto teatral e do diretor de cena, decidem que movimentos precisam e querem para se expressarem.

Como você representaria uma personagem velha e doente em cena? Seriam os mesmos movimentos de uma criança que acabou de saber que ganhou um lindo presente de Natal pelo correio? Qual a diferença básica dos movimentos das duas personagens? Por quê? Discuta com um colega.

Provavelmente, os movimentos que você escolheu para a personagem velha e doente seriam movimentos encolhidos, andar lento e pesado, de cabeça mais baixa. Seria muito esquisito se, para essa personagem, os movimentos fossem rápidos, saltitantes, pois tem mais idade, está doente. Já a representação da personagem "criança feliz" poderia ser de peito aberto, correndo e saltando de um lado para o outro, cabeça para cima, muito leve e muito rápido, concorda?

A escolha dos movimentos das personagens depende do tipo físico delas, de suas emoções, do lugar onde estão, da época encenada (atual ou do passado?), daquilo que está contando ou dizendo (o texto).

Escolha junto com seus colegas outras personagens – ou tire de um livro de histórias – e tentem "colocar movimento" nelas. Pode ser, por exemplo, um rei elegante, um mendigo triste, uma mocinha. Como cada um de vocês caracterizou as personagens pelos movimentos?

O PÚBLICO NAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS

Em geral, quando vamos a espetáculos, a festas e a shows de música, dança, teatro, há mais movimento por parte de quem se apresenta do que da parte de quem assiste. É comum que a platéia permaneça sentada, quieta, e não participe corporalmente das apresentações. Assistir a espetáculos, ir a museus, eventos e *shows* também é uma forma muito rica de aprender sobre arte.

Você já foi a algum *show*, espetáculo ou apresentação de dança ou de música em que você podia dançar, cantar, se mover junto com os artistas? O que você aprendeu no seu corpo? Pergunte a seus colegas se eles se movem durante os *shows* e espetáculos de arte. Como são esses movimentos?

Em espetáculos de dança, música e de teatro em auditórios e casas de espetáculo fechados, o público normalmente não é chamado para dançar ou cantar, ou seja, a participar corporalmente da arte.

Nos desfiles de carnaval e nas festas populares, ao contrário. Mesmo com a presença dos artistas, há permissão, e o público é chamado a entrar na cena. Mas você deve saber como entrar, pois as danças das festas e eventos populares apresentam padrões, caminhos e moldes a serem seguidos pelo público. Não teria sentido, por exemplo, você entrar sambando numa festa junina em que a dança "chefe" é a quadrilha.

Já existem artistas contemporâneos (dos dias de hoje) que pensam os espetáculos de dança com a participação crítica e criativa do público – o público entra na dança para criar e não para imitar ou interpretar danças já prontas.

Desenvolvendo competências

6

Em qual das manifestações artísticas abaixo, o corpo do público está ou poderia estar em movimento?

a) Espetáculo de dança no palco de um teatro.

b) Espetáculo de teatro em auditório fechado.

c) Show de rock em espaço aberto.

d) Concerto de orquestra em teatro.

CORPO NA TV, NAS REVISTAS E NOS JORNAIS

Preste atenção nas imagens a seguir. Qual você diria que tem mais a ver com o padrão de beleza de hoje? Por quê?

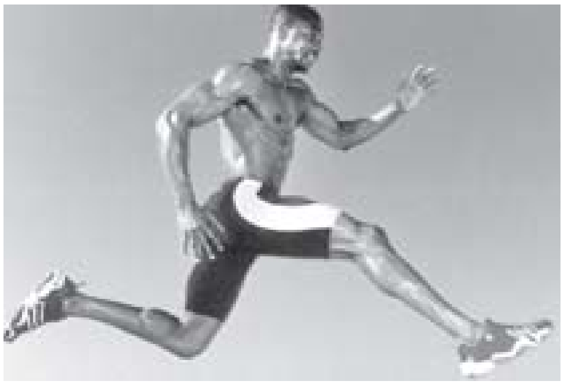

Figura 3 - atleta saltando

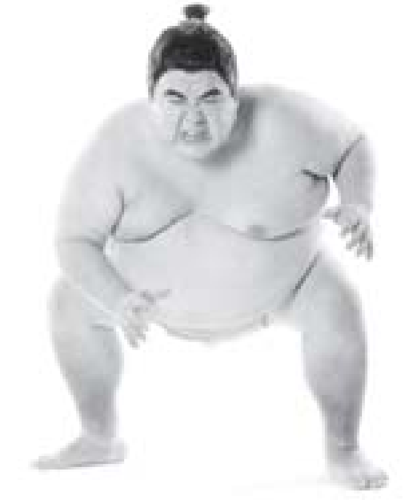

Figura 4 - Lutador de sumô

Atualmente, o padrão do “bom corpo” tem sido ditado em grande parte pela televisão, pelas revistas e pelos jornais. Na imagem 3 ao lado, vemos um corpo magro, musculoso, jovem, “malhado”. Este é, hoje em dia, um corpo valorizado, “bonito”.

Você já parou para pensar que hoje, por trás desses corpos “bonitos”, há pessoas querendo vender produtos, roupas, adereços e mais um milhão de coisas para que você possa chegar perto do modelo ideal? E se você não tiver dinheiro para comprar todos esses produtos? Em função de um padrão único de beleza, nossos corpos viraram mercadorias e pouco se considera pela história, origem, afetos e necessidades de cada um.

PARA FINALIZAR...

Pudemos observar neste capítulo o movimento humano em suas diversas atividades: em casa, na rua, no trabalho, nas atividades de lazer e nas diversas manifestações artísticas. Aprendemos que o envolvimento do corpo e o movimento nessas atividades nos ensinam muito a respeito de quem somos, de onde viemos e o que queremos e podemos no futuro.

Vimos que aquilo que queremos e fazemos com o nosso corpo nos permite melhor expressarmos e nos comunicarmos com o mundo de que somos parte e também cumprirmos melhor nossas tarefas cotidianas.

Se por um lado nosso corpo indica nossa origem social e cultural, imprime modelos e até mesmo preconceitos, por outro lado o corpo é elemento chave de transformação: podemos mudar nosso corpo e nosso movimento ao escolher diferentes ambientes, atividades físicas e artísticas, relacionamentos e, assim, mudar também nosso comportamento e nossa vida.

Por isso, não digamos que temos, mas que *somos* o nosso corpo.

Conferindo seu conhecimento

1 *Resposta (c).*

2 *Resposta (a).*

3 *Resposta (c).*

4 *Resposta (b).*

5 *Resposta (b).*

6 *Resposta (c).*

ORIENTAÇÃO FINAL

Para saber se você compreendeu bem o que está apresentado neste capítulo, verifique se está apto a demonstrar que é capaz de:

- Identificar em manifestações culturais elementos históricos e sociais.
- Identificar as mudanças/permanências de padrões estéticos e/ou cinestésicos em diferentes contextos históricos e sociais.
- Comparar manifestações estéticas e/ou cinestésicas em diferentes contextos.
- Analisar, nas diferentes manifestações culturais, os fatores de construção de identidade e de estabelecimento de diferenças sociais e históricas.
- Posicionar-se criticamente sobre os valores sociais expressos nas manifestações culturais: padrões de beleza, caracterizações estereotipadas e preconceitos.

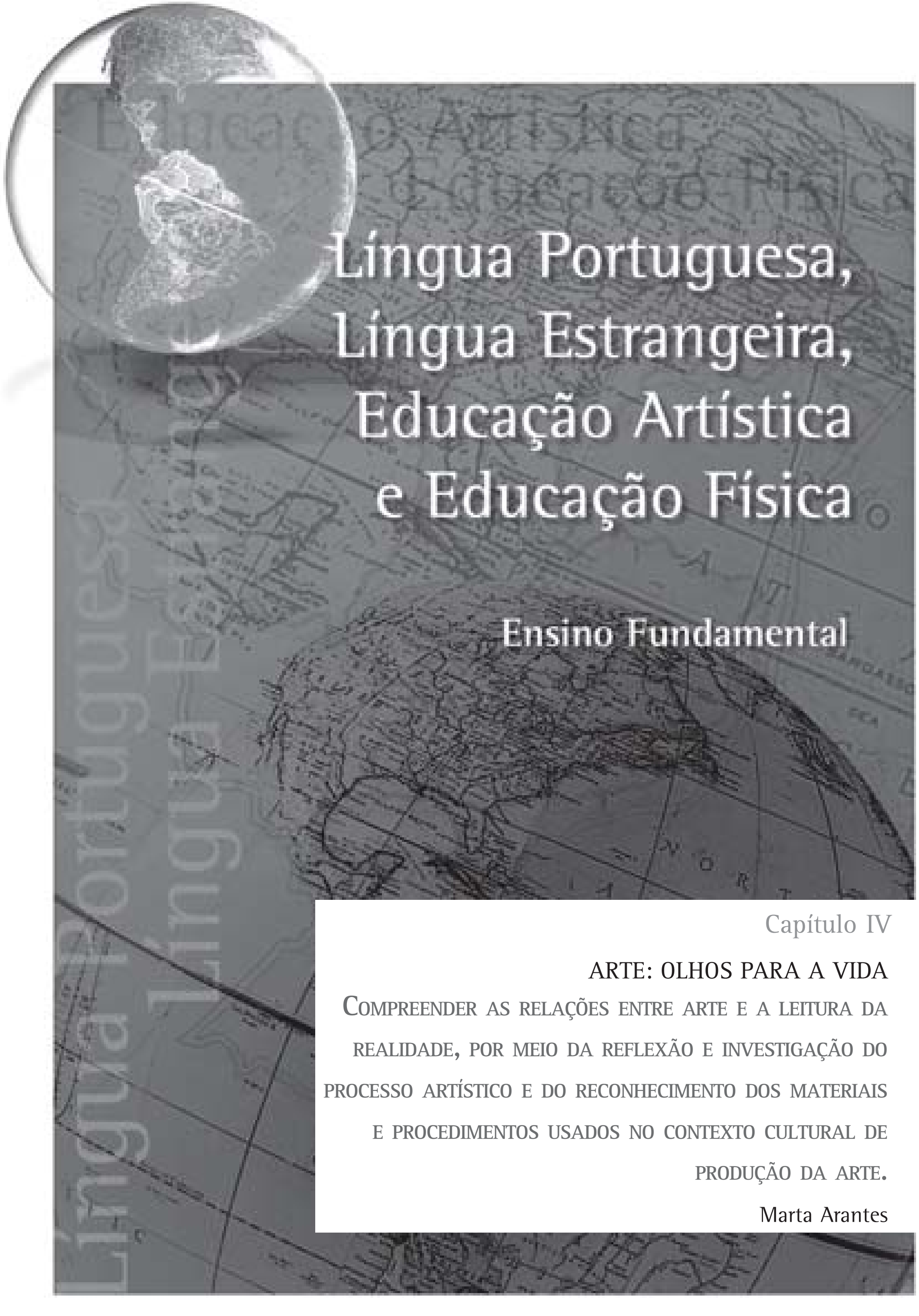
Educação Artística
Educação Física
Língua Portuguesa
Língua Estrangeira

Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Educação Artística e Educação Física

Ensino Fundamental

Capítulo IV

ARTE: OLHOS PARA A VIDA

COMPREENDER AS RELAÇÕES ENTRE ARTE E A LEITURA DA REALIDADE, POR MEIO DA REFLEXÃO E INVESTIGAÇÃO DO PROCESSO ARTÍSTICO E DO RECONHECIMENTO DOS MATERIAIS E PROCEDIMENTOS USADOS NO CONTEXTO CULTURAL DE PRODUÇÃO DA ARTE.

Marta Arantes

Capítulo IV

Arte: olhos para a vida

APRESENTAÇÃO

A arte, como outros campos do conhecimento (a filosofia, a religião, a física, a antropologia etc), procura compreender os sentidos de nossa existência. Assim, a arte representa a realidade, recriando-a. As relações entre a arte e a leitura da realidade são caminhos de ampliação da própria vida.

Neste capítulo, vamos estudar as linguagens artísticas, como as artes visuais, a música, a dança e o teatro.

ARTES VISUAIS

Por serem percebidas pela visão e se revelarem pelas imagens, algumas manifestações artísticas são conhecidas como artes visuais. A pintura, a fotografia, a escultura, o desenho, o cinema, as imagens por computador, os vídeos, a arquitetura são exemplos de artes visuais.

Vamos, agora, trabalhar com uma forma significativa de representar aspectos da vida: o desenho.

Desenvolvendo competências

1 *Escolha um objeto simples (pode ser uma garrafa, uma xícara etc.) e desenhe-o.*

Depois, peça para mais duas pessoas desenharem esse objeto também.

(Cada um dos desenhos deve estar em uma folha separada)

Compare os desenhos:

1. *observe como cada um representou seu objeto.*
2. *os três desenhos ficaram do mesmo tamanho?*
3. *todos usaram a folha na mesma posição? Os desenhos foram coloridos? Foram em branco e preto?*
4. *o que há de diferente em cada um dos desenhos?*

Com certeza na hora de comparar os desenhos, você encontrou diferenças. Três pessoas diferentes, três formas de olhar diferentes. Três expressões diferentes.

Vamos supor que você tenha desenhado uma garrafa. Qual a diferença entre uma garrafa e o desenho dela? Qual a semelhança? O desenho pode ser muito parecido com a garrafa, mas não é o mesmo que ela. A garrafa serve para armazenar líquidos, correto? Mas não é possível armazenar líquidos no desenho da garrafa. Só é possível representá-los visualmente.

Portanto, o desenho não é o objeto. É apenas uma representação do objeto.

O desenho é uma forma de expressão visual, utilizado na arte ou na comunicação por meio de imagens.

Podemos exemplificar com o fato de que algumas pessoas usam o desenho como profissionais; por exemplo, os que trabalham na criação de móveis ou roupas, usam desenhos para expressar suas idéias. Na vida cotidiana, um outro exemplo é a elaboração de um mapa, indicando a um amigo como chegar em nossa casa.

Desenhar a garrafa foi uma forma de você expressar seu jeito de olhar, de compreender esse objeto e de poder representá-lo.

A mesma garrafa poderia ser representada de outros modos. Por exemplo, uma colagem usando vários materiais, uma modelagem em argila ou talvez uma expressão sonora procurando imitar o som que ouvimos ao abrirmos uma garrafa de refrigerante, associando-o à mímica. Seria possível representar a garrafa usando sons e gestos?

Para continuar nossa reflexão sobre as relações entre a arte e a leitura da realidade, propomos o estudo de diferentes imagens de artes visuais sobre um tema conhecido de norte a sul no Brasil: o carnaval.

Desenvolvendo competências

2 *Observe e compare as duas imagens:*

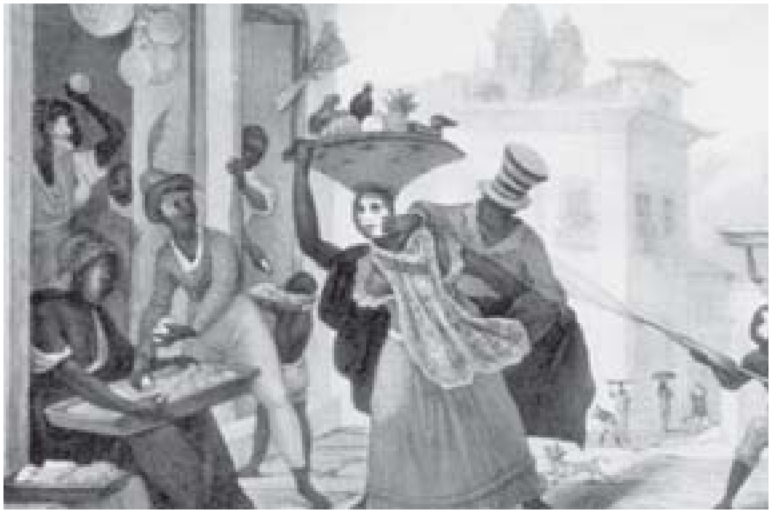

Figura 1 - DEBRET, Jean Baptiste. *Cena de Carnaval.* 1823. Aquarela sobre papel, 18x23 cm, Museu Castro Maia, Rio de Janeiro.

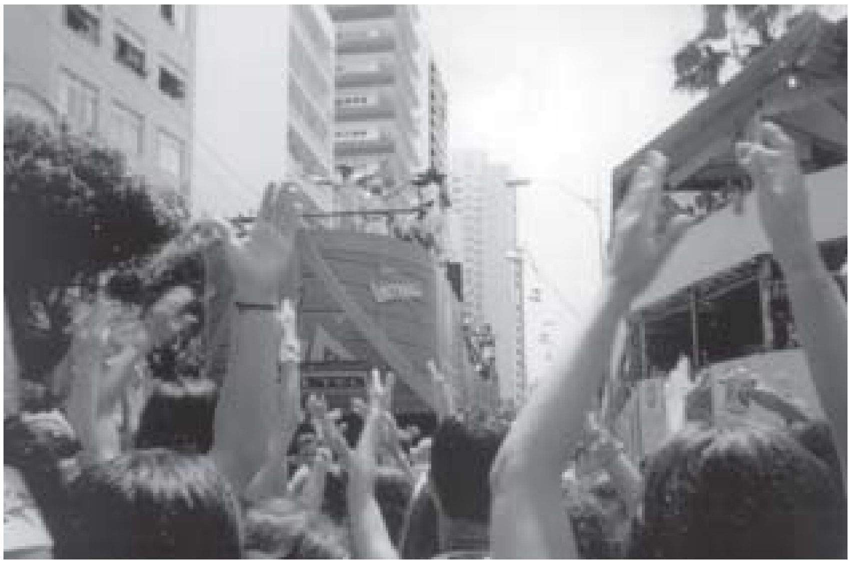

Figura 2 - Trio elétrico, carnaval de Salvador.
Foto de Frederico A. Carvalho Krücken. 2002.

A seguir você tem um ***roteiro de análise*** *que vai auxiliá-lo na reflexão sobre as imagens. Sempre que necessário, volte a observá-las atentamente e vá anotando suas idéias em uma folha, para posteriormente comparar suas anotações com as análises contidas neste capítulo.*

Verifique que o ***roteiro de análise*** *procura fazer com que você não apenas olhe as imagens, mas faça uma leitura delas, pois podemos ler imagens e não apenas textos escritos. O mundo está repleto delas, com muitas informações que percebemos pela visão, e isso ajuda a entender mais e melhor a própria vida.*

Roteiro de Análise

Observe:

a) sentimentos e sensações que as imagens 1 e 2 despertam em você.

b) tema ou assunto das imagens.

c) uso das linhas, formas e figuras no espaço de cada imagem (se o capítulo fosse em cores, sem dúvida, a análise desse elemento seria fundamental).

d) os gestos representados.

e) as pessoas representadas.

f) a época das imagens (observe as construções, objetos e roupas das cenas reproduzidas).

A análise que você fez das imagens 1 e 2 colocou lado a lado seus conhecimentos de mundo, intuição, imaginação. Nosso roteiro usou determinados elementos fundamentais na leitura de imagens: linhas, formas e figuras, representação de movimentos que figuram em um tema e a visão que o autor tem dele.

Além da obra e do autor, um outro aspecto é a existência de um leitor, um apreciador da obra de arte, que completa o círculo da produção: autor / obra / apreciador (que foi seu papel na análise das imagens).

O CARNAVAL

No Brasil, o Carnaval foi introduzido pelos portugueses no século XVII, sendo naquela época chamado de entrudo: uma brincadeira na qual as pessoas atiravam umas nas outras bexigas com água e farinha, fuligem, ovos podres, polvilho, usando também bacias ou bisnagas.

No século XIX o carnaval de alguns países da Europa, como a França e a Itália influenciaram o entrudo, que sofreu mudanças. Assim, personagens e fantasias, como Rei Momo, Colombina, Pierrô, entraram no carnaval brasileiro.

ARTE, UM OLHAR SOBRE A REALIDADE

ANÁLISE DA FIGURA 1

O artista francês Debret registra nessa obra uma cena de carnaval (entrudo), que era comum no tempo do Império no Brasil. Em 1823, período em que a obra foi produzida, o Brasil sofria fortes influências européias nos usos e costumes, bem como na arte, copiando modelo de países como Portugal, França, Espanha e Itália. Os casarões que vemos mostram a influência européia na arquitetura da época. Essa influência pode ser vista ainda hoje em algumas cidades do Brasil, que procuram preservar essas construções da época do período colonial.

O que vemos nessa obra é uma cena do carnaval da época, com pessoas negras divertindo-se nas ruas. Estão descalças e algumas sem camisa. Não têm o requinte da moda trazida da Europa, pois usam roupas feitas de algodão – pano de fabricação grosseira que os colonizadores usavam para vestir os escravos.

Note que o artista destaca no espaço central da composição uma mulher que traz uma cesta de frutas na cabeça e tem o rosto branqueado pela farinha que um outro participante dessa brincadeira atirou. Nela, à esquerda, vemos um pequeno comércio da época e outras pessoas também presentes na cena. Uma delas está pegando ovos em uma bandeja: será que para atirar em alguém? A composição continua ao fundo com outras formas e figuras representadas em menor proporção. Quando olhamos, temos a impressão de que podemos entrar no quadro e descer a rua – este "truque" resulta da **perspectiva**, que é um recurso utilizado para representar em profundidade o espaço de um quadro, como se ele tivesse três dimensões (altura, largura e profundidade) e não duas (largura e altura).

Verifique como Debret cria a impressão de movimento: algumas figuras foram desenhadas com linhas inclinadas sugerindo essa idéia. As linhas curvas também sugerem movimento, só que de forma mais suave. Já as linhas usadas para representar as construções são na maioria retas, dando a impressão de firmeza, rigidez e dureza.

Agora, imagine-se dentro desse quadro, passeando pelo cenário reproduzido por Debret; solte-se, use a imaginação... Entre no comércio que aparece na obra, desça a rua...

Que sons você está ouvindo nesse seu passeio? Pense na "paisagem sonora", nos sons que deveriam existir naquela época, naquele lugar. Deixe sua imaginação livre para procurar; permita se surpreender.

Quando você foi convidado a passear pelo quadro, estava descobrindo, inventando, sentindo, divertindo-se. Descobrindo e construindo outras formas de ver... apreciando a obra do seu ponto de vista.

SAIBA UM POUCO MAIS SOBRE JEAN BAPTISTE DEBRET

Nasceu na França e chegou ao Brasil em 1816, aos 48 anos, com a Missão Francesa que veio a convite de Dom João VI. Seu trabalho artístico teve uma grande importância, pois registrou em suas pinturas e desenhos cenas do Brasil Colonial. Nossa paisagem, a relação entre senhores e escravos, festas religiosas, festas indígenas, usos e costumes da época são temas de sua obra. Foi o pintor oficial da corte portuguesa no Brasil e acompanhou nossa história, registrando algumas cenas desse processo histórico. Quando voltou a Paris em 1831, reuniu seus desenhos e pinturas em um álbum, que chamou de "Viagem pitoresca e histórica ao Brasil". Faleceu em Paris, em 1848, aos 80 anos.

Na época em que Debret produziu sua pintura, a máquina fotográfica não existia. Para retratar pessoas, cenas históricas ou cenas cotidianas, era comum o uso do desenho ou da pintura. Hoje vivemos cercados de imagens variadas, e entre elas há muitas fotografias nos anúncios publicitários, nos jornais e nas revistas. Assim, tanto no passado como nos dias de hoje, podemos dizer que a fotografia é uma forma de registrar uma época.

A fotografia é também uma das manifestações das artes visuais. A fotografia registra o universo pessoal do seu autor em contato com o mundo em que ele vive, como é o caso, por exemplo, do fotógrafo brasileiro, muito premiado pelo mundo afora, Sebastião Salgado.

ANÁLISE DA FIGURA 2

Aqui vemos pessoas batendo palmas, pulando, agitando os braços para cima, para os lados, brincando carnaval atrás do trio elétrico, em Salvador. Imagens como essa são bem conhecidas e aparecem em vários programas quando ligamos a televisão na época do carnaval. Na foto podemos observar prédios altos e postes de iluminação elétrica, ao fundo. Vemos também no canto direito inferior uma lata de cerveja na mão de um dos foliões. Podemos ver ainda nessa imagem novos avanços tecnológicos, como, por exemplo, os trios elétricos, cujos caminhões têm uma aparelhagem de som tão potente que arrasta multidões de foliões atrás deles pelas ruas, quando fazem shows nas cidades. As latas de alumínio, metal muito utilizado no século XX, também registram a época, pois antigamente não havia tecnologia apropriada para fabricar esse artefato.

SINTETIZANDO

As Figuras 1 e 2 analisadas representam a visão de carnaval de duas épocas históricas diferentes. Assim, podemos afirmar que a imagem é também uma fonte histórica importante para registrar as manifestações culturais da humanidade através dos tempos.

É importante dizer ainda que não é exclusivamente por meio da imagem (pintura ou fotografia) que chegamos a perceber os pensamentos e sentimentos de diferentes pessoas e povos em países e épocas diversas. Podemos também lembrar outras linguagens artísticas, como a música, o teatro, a poesia, a dança, o cinema etc.

UM OLHAR BRASILEIRO NA ARTE

O Brasil, como outros países, tem em algumas obras artísticas marcas da sua busca de identidade social. Nosso país teve diversos movimentos de libertação política e cultural.

No que se refere à arte, nos anos 20 e 30 do século XX passa a ganhar força, no Brasil, uma nova maneira de fazer arte, explorando temas brasileiros.

A SEMANA DE ARTE MODERNA DE 1922

Foi um movimento artístico que se fez em São Paulo, reunindo artistas inovadores que apresentaram um conjunto de obras voltado para aspectos culturais brasileiros. Destacaram-se as obras de artes visuais e a literatura. A arte brasileira vinha de um período em que as tradições, as regras provenientes de séculos anteriores ainda vigoravam com seus princípios acadêmicos. No início do século XX, a transformação do mundo, com as novas tecnologias, a rapidez dos transportes, os novos ideais políticos e sociais, originou a busca, a criação de um novo olhar para a arte brasileira, marcando o início de um movimento que foi chamado ***Movimento Modernista.*** *Entre os seus principais participantes, podemos destacar, na literatura, Mario de Andrade, e nas artes visuais, Victor Brecheret, Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Lasar Segall, Di Cavalcanti, entre outros. Esse movimento foi um marco na história da arte brasileira, abrindo novos caminhos para a criação artística.*

Procurando dirigir seu olhar para uma leitura do Brasil, a partir do ideal do Modernismo, analise as imagens a seguir:

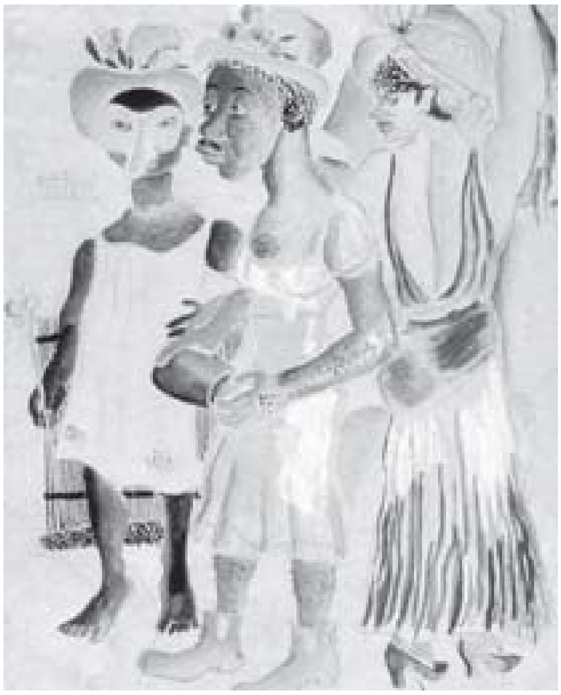

Figura 3 - DI CAVALCANTI. *Figuras com fantasias carnavalescas.* 1925. Grafite e aquarela sobre papel, 28,7 x 28,8 cm, Museu de Arte Contemporânea/USP.

DI CAVALCANTI

Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque Melo nasceu no Rio de Janeiro, em 1897. Foi pintor, desenhista, caricaturista, jornalista e escritor. Numa exposição de 1921, em São Paulo, expôs pela primeira vez suas pinturas. Foi um dos organizadores da Semana de Arte Moderna em 1922. Morou também em Paris. De volta ao Brasil, sua arte revelava cores vivas e valorização das formas na composição. Entre seus trabalhos há uma forte presença da mulata, do negro e do homem humilde, demonstrando seu interesse por temas sociais do Brasil. Apresentou, assim, uma perspectiva crítica, ao abordar assuntos como o Mangue, o Morro ou o Carnaval. Morreu em 1976, deixando no conjunto de sua obra uma significativa contribuição para a Arte Brasileira.

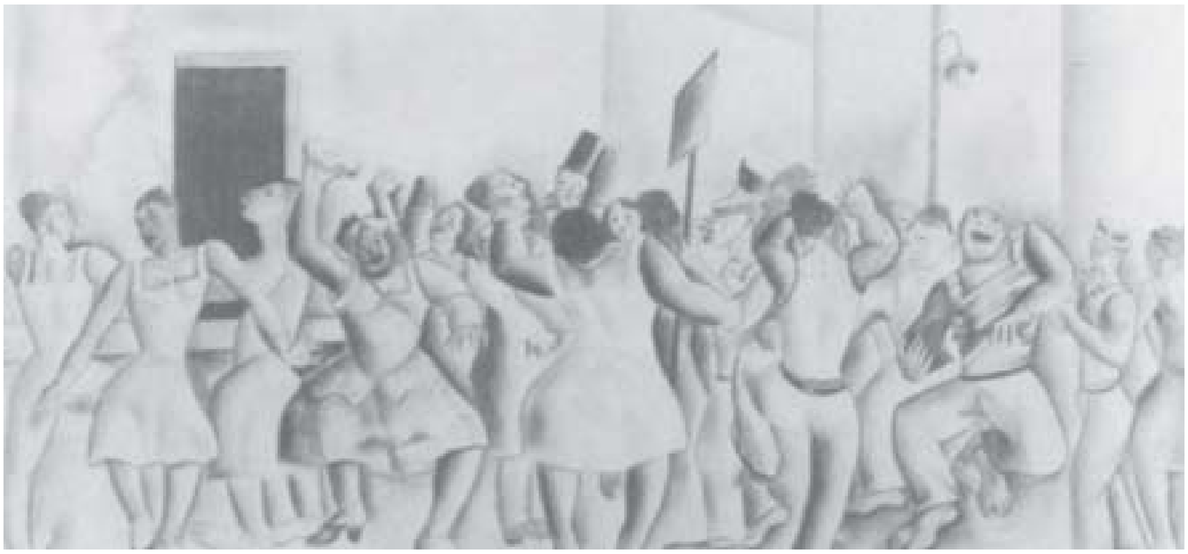

Figura 4 - PORTINARI, Candido. *Bloco carnavalesco*. 1933-1934. *Crayon* sobre papel, 35 x 73 cm, Coleção particular/ Projeto Portinari.

PORTINARI
Cândido Torquato Portinari nasceu em dezembro de1903, numa fazenda de café, no estado de São Paulo. Estudou arte na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro e também em Paris, França. Retratou, no conjunto de sua obra, retirantes nordestinos, cangaceiros, sua infância em Brodoswki, enfim, cenas do Brasil. Um de seus trabalhos mais famosos foi uma tela de grandes proporções em que retratou a colheita de café. Seu titulo é "Café" (1935). Representou também temas históricos, em painéis tais como "Tiradentes" e "A Chegada da Família Real ao Brasil". Morreu em 1962, deixando obras em importantes museus da Europa e da América.

Desenvolvendo competências

3 *Faça uma leitura atenta das reproduções das obras (Figuras 3 e 4), atentando para:*

a) as cenas representadas.

b) as características de cada uma.

c) as pessoas que aparecem nas imagens.

d) os temas.

e) a forma como os autores utilizam o espaço na composição.

f) as linhas, formas e figuras.

g) a representação do movimento.

Ao analisar essas duas obras, você, como apreciador das obras, interpretou-as de acordo com o que você é: seus valores e modos de sentir, de pensar. Assim, nesse tipo de análise não há o certo ou o errado: cada um é produtor de sua interpretação, que leva em conta, é lógico, as pistas usadas pelos autores, ou seja, a forma como eles usavam os elementos artísticos que tinham à disposição.

Na **Figura 3**, veja que são três homens fantasiados de mulher para brincarem o carnaval na rua. Esse hábito é muito comum no carnaval brasileiro até hoje: fantasiar-se de mulher faz parte dos costumes, das brincadeiras dos blocos de foliões. São homens que, aproveitando a descontração e a alegria do carnaval, usam a imaginação e uma dose de gozação para "mudarem de pele" e se vestirem de sexo oposto. Repare que os homens estão calçados de formas diferentes: um usa botinas masculinas, o que torna sua fantasia mais engraçada; outro calça sapatos de mulher e um terceiro está descalço.

Note que as linhas empregadas na reprodução são, em sua maioria, linhas curvas, mas desenhadas na posição vertical, o que reduz a sensação de movimento das figuras. Entre os objetos, podemos ver um folião com um chocalho na mão, roupas, chapéus. As figuras que aparecem na obra são pessoas do povo brincando o carnaval; portanto, o quadro traz uma cena bem brasileira.

Na Figura 4, Portinari retrata uma cena em que o povo brasileiro se diverte no Carnaval, por volta de 1920. Verifique que as pessoas representadas são fortes, as mulheres têm pernas grossas, os corpos sugerem volume. Nesta obra começa a aparecer uma característica marcante de Portinari: figuras humanas com pés e mãos enormes, como que registrando a força do trabalho. Há, ainda, um toque sensual presente nas figuras femininas. Veja também como o artista consegue representar a alegria e captar o movimento da dança desse bloco carnavalesco, utilizando linhas inclinadas e curvas muito sinuosas. O jeito como desenha as linhas e as formas para representar essas figuras são características muito próprias de sua pintura.

Note que as duas imagens refletem cenas cotidianas, ou seja, o povo se divertindo na rua, para brincar o carnaval. Podemos dizer que os dois artistas realizaram suas composições buscando um olhar brasileiro na arte. Essas obras têm características próprias do movimento modernista brasileiro.

Desenvolvendo competências

4

Produção de uma colagem.

Você gostou das pinturas? Que sentimentos despertaram em você?
Se tivesse que pintá-las, como o faria? Mudaria alguma coisa?

Quando produzimos uma imagem, trazemos nossa forma de ver o mundo, representando-o por meio de linhas, formas, cores e movimentos. Nas obras analisadas, o suporte utilizado para fazer as obras foi a tela e a técnica foi a pintura.

Agora, faça um desenho sobre cenas cotidianas da região onde você mora: pessoas trabalhando ou divertindo-se ou outras imagens que você escolher. Para isso, você vai produzir uma COLAGEM com materiais que estiverem ao seu alcance, por exemplo, revistas, papelão, pedaços de papéis, panos, plásticos, sobras de tinta. Conforme o lugar onde mora, você pode utilizar também areia, folhas, terra e outros materiais. Escolha um suporte para realizar seu trabalho: pode ser um pedaço de madeira, um plástico, um papelão, uma tela etc. Ao realizar essa atividade, você está expressando seus sentimentos, seus pensamentos, seu olhar sobre a cena que escolheu.

Quando terminar, compartilhe com outras pessoas o resultado de sua produção. Pergunte o que elas acham das suas idéias, se sabem o que você tentou representar. Compartilhe com elas como foi seu processo de produção. Você fez um planejamento, pensou no que queria representar e como iria fazê-lo ou as idéias foram surgindo no decorrer da proposta? Você modificou algo que havia planejado? Por quê?

Ao observarmos uma pintura, uma colagem, uma escultura etc, por muitas vezes, não nos damos conta de que, para ficarem tal qual nossos olhos observam, houve um processo de criação e produção. Cada artista tem sua maneira pessoal de expressão na produção de uma obra. Você pôde agora perceber com mais clareza o que é um processo de criação, pois, ao desenvolver o trabalho de colagem, vivenciou isso.

ARTE: UM OLHAR SOBRE O HOMEM E SUA HISTÓRIA

O pintor holandês Eckoult chegou ao Brasil em 1637, com a missão holandesa comandada por Maurício de Nassau. Encontrou aqui um povo festivo e uma de suas pinturas mostra a dança dos Tarairius, uma tribo dos Tapuias. Observe o movimento corporal dos índios na reprodução a seguir. Eles são ágeis, dinâmicos e vigorosos.

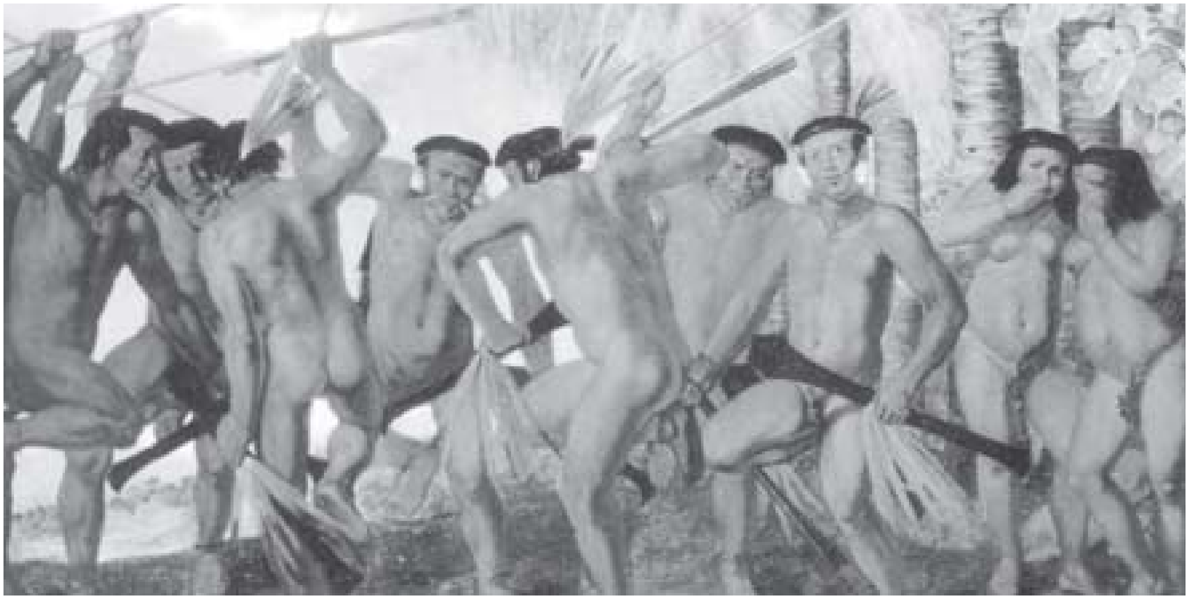

Figura 5 - ECKOULT, Albert. *Dança dos Tapuias.* [sem data]. Óleo sobre madeira, 168 x 294cm, Museu Nacional da Dinamarca.

Desde a antiguidade, o homem expressa suas emoções dançando e cantando. Mesmo antes de saber escrever, na pré-história, o homem expressava e interpretava o mundo usando as linguagens da arte. Esculturas, pequenos objetos, desenhos nas paredes das cavernas foram encontrados nas regiões da França e Espanha e datam, provavelmente, de 30.000 anos. Aqui no Brasil também foram encontrados desenhos, pinturas e gravações feitas pelo homem primitivo em cavernas do Piauí, Bahia e Goiás. Essas marcas são registros da história do homem e são chamadas "arte rupestre".

Na cultura brasileira, os índios, os portugueses e os negros trouxeram muitas contribuições para a formação do povo brasileiro. Sua influência está na linguagem, na religião, na culinária, nas festas, e na arte de todo o país.

As linguagens artísticas podem ser estáticas, como uma pintura ou um desenho, mas também podem estar em movimento, como a dança e o cinema.

MÚSICA E DANÇA: LINGUAGENS DOS SONS E DOS MOVIMENTOS

A MÚSICA

A música faz parte de vários momentos importantes da vida humana. Você pode, com uma música, lembrar-se de um caso de amor, de momentos tristes ou alegres. Ela também embala os sonhos, anima, emociona, faz chorar, movimenta o corpo, faz rir, eterniza algo, ajuda a compreender uma determinada situação, lembra alguém, inspira, mexe com o coração, dá saudade... Como seria a vida sem música? Pois é, a música é feita com som e silêncio...

A música é uma linguagem artística que está presente em todas as culturas, em diferentes situações, como festas, comemorações, rituais religiosos, momentos pessoais etc.

Desenvolvendo competências

5

Procure lembrar-se de músicas que marcaram sua vida.
Escolha uma, pense nela cantarolando mentalmente. Se você puder ouvi-la agora, melhor.

Qual o significado dessa música para você? Você gosta dela? Por quê?

Como você vê os compositores atuais da música popular?
E seus intérpretes/cantores e instrumentistas?

O que você leva em consideração para dizer se uma música tem ou não qualidade?

Converse com seus pais, amigos, avós, filhos... para saber de que tipo de música eles gostam e por quê.

Veja que a música tem uma linguagem própria, que está relacionada com o povo, o lugar, o tempo histórico em que foi composta. Você sabe que o gosto musical das pessoas é variado, conforme a idade e suas referências culturais. Uns gostam de samba e axé; outros, de *rock* e *rap*; há ainda os que gostam de música clássica, de valsa, de forró, de sertaneja, de samba-canção etc.

No decorrer da história do mundo, as pessoas têm cantado, tocado instrumentos e feito sua própria música. A música é expressão de sentimentos e é também comunicação. Podemos pensar, por exemplo, nas ocasiões em que cantamos para comemorar um aniversário, na apresentação de um conjunto musical, em uma cerimônia religiosa, em uma festa popular. Podemos, ainda, ouvir música ou cantar apenas para nosso prazer.

O rádio, a TV, o jornal, a revista são importantes meios de divulgação das músicas e até mesmo de formação do gosto musical das pessoas, demonstrando a influência da mídia. Quantas vezes não cantarolamos baixinho uma música e sem querer, de tanto ouvi-la, não nos damos conta de que já a incorporamos, mesmo sem perceber?

Outro aspecto da música é a sua relação com a poesia, especialmente no Brasil, onde temos grandes compositores que são também grandes poetas. Veja a seguir um exemplo desse caso, em que o conjunto "Titãs" fala das necessidades humanas que vão além da sobrevivência pura e simples.

COMIDA

(Arnaldo Antunes/Marcelo Fromer/Sérgio Brito)

Bebida é água.
Comida é pasto.
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?
A gente não quer só comida,
A gente quer comida, diversão e arte.
(...)
A gente quer bebida, diversão, balé...
(...)
A gente quer dinheiro e felicidade
A gente não quer só dinheiro
A gente quer inteiro e não pela metade.

TITÃS, *Jesus não tem dentes no País dos Banguelas*, WEA, 1987.

Ao selecionar e combinar sons, o músico cria uma composição musical, faz escolhas, identifica suas preferências, investiga, reflete e... compõe.

Os compositores criam suas músicas a partir de uma combinação de sons e silêncios, fazendo experiências com a voz e com instrumentos variados. Após a criação de uma obra musical, faz-se necessário grafá-la, registrá-la num papel, utilizando uma série de símbolos que a identifiquem, surgindo, então, uma partitura musical. Ela permite que músicos e cantores interpretem uma obra musical em qualquer época, independentemente do tempo em que foi composta.

A DANÇA

Com a dança o nosso corpo comunica emoções, fala. Ela é diversão, lazer, experimentação, expressão da individualidade; permite-nos um modo diferente de aprender sobre nós mesmos, nosso corpo e o mundo. As danças estão nas ruas, nos bares, nas festas, nos festivais. Às vezes são danças urbanas, outras vezes são danças clássicas, como o balé, que existe há séculos.

As danças populares, por exemplo, estão sempre se renovando. Na segunda metade do século XIX, surgiu o maxixe, uma dança de salão em que os casais dançavam muito próximos, girando o corpo em movimentos circulares. Essa dança foi considerada na época uma dança escandalosa, proibida para as moças de família, dada a sua movimentação, considerada muito sensual para a época.

A dança sempre criou moda e grupos de adeptos a elas. Atualmente no Rio de Janeiro há os bailes *funks*, que arrastam muitas pessoas para os salões. Elas dançam com muita vitalidade e energia, pulando, criando coreografias próprias e muito sensuais. As danças acompanham as paradas de sucessos musicais, as coreografias da moda, os padrões sociais de relacionamentos.

A DANÇA E AS FESTAS POPULARES

Na história da dança no Brasil, houve contribuições de diversas culturas. As danças indígenas mais as contribuições das culturas africana, portuguesa e os diversos povos que imigraram para o nosso país deram origem aos nossos bailados e festas populares.

Desenvolvendo competências

6

Pense na realidade cultural do lugar em que você vive. Lembre-se das manifestações de música e dança: quais festas populares acontecem na cidade ou região em que você mora? Você participa dessas festas? Quais danças acompanham essas festas? Você sabe dançá-las? Como o povo participa de tudo isso? Qual a importância delas para a cultura local e nacional?

Por todos os cantos do país ocorre a união das comunidades em festas populares, músicas e danças. Dentre várias delas, podemos citar "O Boi de Parintins" (Boi Bumbá), o carnaval, as festas juninas. Muitas danças acompanham as festas, como o frevo, o samba, o baião, a catira, o forró, a quadrilha...

Os ***folguedos*** *são manifestações que acontecem nas festas populares e reúnem dança, música e atividade teatral. O mais conhecido é o folguedo do boi, uma dança teatral popular que conta as aventuras de um boi que morre e é ressuscitado.*

Quando dançamos, podemos sentir nosso corpo, sua temperatura, os batimentos do coração, as sensações corporais e emocionais. Podemos experimentar possibilidades novas de aprender com as variações dos movimentos corporais. Dançando, estamos expressando gestos importantes para nossa vida, nosso corpo e nossa história.

TEATRO, UM ESPELHO DO COTIDIANO

Em nosso cotidiano, vivemos vários papéis, somos personagens também na vida real. Em determinadas circunstâncias, alternamos nossos papéis, podemos brincar de ser outra pessoa, inventando situações, mudando nossas vestes, nosso jeito de falar, de andar, nosso comportamento.

Desenvolvendo competências

7

Imitar e improvisar.

Aproveite uma ocasião em que estiver reunido com um grupo de pessoas da família, do trabalho, da igreja etc.

Procure imitar alguma pessoa desse grupo apenas com movimentos corporais e faciais, sem usar palavras. Para isso, prepare-se, com antecedência, fazendo exercícios de concentração. Uma "dica" é pensar que gestos e movimentos são muito característicos da pessoa que você escolheu. Agora, saia do ambiente em que você se encontra e entre novamente, imitando a pessoa que você escolheu. O grupo deverá observar atentamente e adivinhar quem você está imitando. Essa brincadeira pode continuar com outras pessoas do grupo.

Você se saiu bem na imitação? Descobriram logo quem você estava representando? Sua atuação foi convincente?

Você foi um ator quando estava representando outra pessoa, usando seu corpo, gestos e expressões, e sua platéia eram as pessoas que estavam participando da brincadeira. Você foi também o autor do texto, porque escolheu "o que" e "o como" representar.

Os atores podem interpretar vários papéis. Emprestam seu corpo para se transformarem em personagens e representarem ações e gestos de outras pessoas, animais e até objetos.

Para fazer uma representação com amigos, não precisamos de um teatro real, com palco, cenário, camarins etc. Quando brincamos de imitar outra pessoa, como na atividade proposta anteriormente, as interpretações se fazem de forma improvisada, talvez em uma sala, um quintal ou mesmo na rua, não importa.

Todas as pessoas são capazes de interpretar personagens e comunicar suas idéias por meio da encenação. Nesta atividade, quando você interpretou outra pessoa, usou sua expressão facial e corporal e não fez uso da palavra, como foi orientado. No teatro, quando os atores se expressam sem o uso de palavras, dizemos que ele está representando por meio da mímica. Os gestos de um mímico devem ser muito precisos, pois devem nos dar a impressão de que estamos vendo os objetos e as pessoas imaginárias que fazem parte da encenação.

UM POUCO DE HISTÓRIA

Provavelmente, o homem começou a representar para expressar suas alegrias, tristezas e dúvidas, comunicando-se com outros homens ou com os deuses, em rituais. Nesses momentos era comum o homem imitar fenômenos da natureza, como sons de trovão, representar animais e seus movimentos, ou lembrar seus antepassados. As palavras, gestos ou movimentos corporais das representações eram aprendidos e memorizados.

A origem do nosso teatro está na Grécia antiga, cinco séculos antes de Cristo. Eram organizadas festas para celebrar a fertilidade da terra, em que os participantes se vestiam com peles de animais e entoavam cânticos. Na Grécia surgiu o teatro como conhecemos hoje: representações de histórias nas quais os atores interpretam diferentes papéis para um público.

Todos os anos faziam-se festivais em dias fixos e a população prestigiava esse evento. Os autores dos melhores textos eram premiados e se tornavam famosos. As peças tratavam dos sentimentos mais profundos do homem, como o ódio, o amor, o ciúme e a inveja. Esses sentimentos estão intensamente ligados ao homem e sua história, por isso o teatro antigo e o atual tratam deles.

Os gregos e latinos na antiguidade tinham teatros ao ar livre. Os gregos aproveitavam as encostas das montanhas para garantir acústicas perfeitas. Esses teatros tinham forma semi-circular ou circular e um conjunto de degraus destinados à platéia, muito semelhantes às arquibancadas dos nossos estádios de futebol. Eles resistiram ao tempo e podem ser vistos em vários lugares como Atenas, Florença, entre outras. Você pode saber mais pesquisando sobre estes povos e estas cidades.

Ao longo da vida em sociedade, vivemos episódios tristes, alegres, dramáticos, de amor, de solidão, de solidariedade etc. Essas histórias de pessoas, lugares ou fatos podem ser contadas por meio das linguagens da arte. Quando assistimos a um filme ou acompanhamos uma novela na televisão, estamos sentindo,vivendo, sofrendo, vibrando, torcendo, junto com as personagens da história. No teatro também é assim, só que a grande mágica é que os atores que as encarnam estão tão próximos do público que podem ver e sentir suas reações ao vivo.

O pintor precisa de telas, pincéis, tintas para expressar o que vê, sente ou imagina; o escultor trabalha com argila, metal, madeira, pedra e ferramentas diversas, para criar formas e figuras em suas esculturas; o músico precisa de sua voz ou de seu instrumento; e os atores expressam seus personagens por meio de seu corpo, em geral, com figurinos e maquiagem. A peça de teatro é uma história inventada para ser encenada diante de um público e os personagens de uma peça em sua maioria são inspirados em pessoas reais ou pessoas criadas, inventadas pelo autor. Dramaturgo é a pessoa que escreve textos para o teatro. Ele pode inspirar-se nos momentos históricos de diversas culturas e povos, ou pode inventar histórias das cenas do cotidiano das pessoas.

Desenvolvendo competências

8

O texto de teatro.

Uma peça teatral pode ser inventada, criada por qualquer pessoa ou grupo? O que é necessário para que uma peça de teatro seja encenada? O teatro utiliza outras linguagens da arte? Quais?

Imagine esta cena. Dentro de um ônibus, num determinado momento entra uma mulher e seus filhos... ela briga com o cobrador pelo troco errado que lhe foi dado. Uma cena como essa acontece na vida real, com personagens reais, mas também pode ser uma cena de teatro. Quando escreve sua peça, um dramaturgo utiliza-se do diálogo das personagens para ir construindo, contando a história.

A mulher e o cobrador são as personagens principais da cena, os protagonistas.

O autor pode também imaginar e criar outras personagens para completar o enredo da história: os filhos da mulher, os passageiros, o motorista no nosso caso imaginado...

O destino da história é determinado pelo autor à medida que vai criando os caminhos para que ela aconteça.

Nós também podemos nos inspirar em cenas cotidianas para brincar com improvisações. Podemos escolher pessoas para cada uma das personagens do ônibus e representar a cena escolhendo os caminhos que ela deve seguir, discutindo seus resultados, as idéias... Assim, estamos interpretando, discutindo e repensando nosso ponto de vista sobre uma determinada situação.

Em uma peça teatral, os atores são pessoas preparadas que estudaram muito para poderem interpretar. Na atuação combinam movimentos, expressões corporais e faciais com a voz, emprestam seus corpos às personagens que estão interpretando; enfim, estudam cuidadosamente o papel que vão interpretar. Para encenar um texto teatral, além disso tudo, existe um conjunto de preparação e execução de atividades, bem como várias pessoas envolvidas na produção.

A ENCENAÇÃO

Para fazer uma peça em um espaço —que pode ser um teatro ou não—, precisamos de uma equipe de trabalho: o diretor teatral, para orientar os atores em suas representações, dirigir os ensaios da peça e alguém para comandar a equipe toda. Alguém que desenhe, projete e confeccione o cenário da época ou do lugar onde se desenvolve a história. Esse profissional no teatro é chamado cenógrafo. Alguém que cuide das roupas que os atores vão usar: o figurinista. Outras pessoas para cuidar da iluminação e da sonoplastia, que são os sons e músicas que podem aparecer na produção. Há ainda maquiadores, camareiras que ajudam os atores a se vestirem. É muito comum e, às vezes, indispensável haver ainda os patrocinadores, que contribuem financeiramente para a produção da peça.

Para fazer teatro, precisamos de toda essa equipe? No teatro profissional, sim. O diretor monta um plano de ação, organizando as tarefas das várias equipes envolvidas. Mas podemos pensar em uma apresentação mais simples, nas escolas e centros comunitários, pois se faz teatro usando a imaginação, inventando e substituindo o que pode encarecer a produção.

E fazer teatro para quê? No teatro, podemos ver e viver o passado, o presente, e inventar o futuro. Podemos fazer teatro por gosto, por diversão, utilizando a linguagem do teatro para repensar nossa realidade. Enfim, ele é um espelho da sociedade, pois, com suas histórias e personagens, reflete a existência humana.

COMENTÁRIOS FINAIS

Quais são os materiais para produzir arte? Podemos articular a história do homem com os conhecimentos artísticos? Por meio da arte podemos entender melhor o mundo em que vivemos? A arte com suas linguagens valoriza as experiências humanas? O que é arte, afinal?

A arte é uma das mais expressivas produções do homem, pois acompanha o homem e sua história. Faz rir e faz chorar, faz pensar e faz sonhar.

Leia o que Luís Camargo diz sobre arte:

> *Arte é um fazer em que se utiliza uma gama muito variada de materiais, como a pedra, o corpo, a voz, na criação de obras relativamente duradouras, como as catedrais, ou breves, como os movimentos de uma dança, dando forma à multiplicidade de experiências e valores humanos, ampliando nossa consciência de nós mesmos, do outro e do mundo.*
>
> CAMARGO, Luis. *Arte-Educação da Pré-escola à Universidade.* [s.d.]: Nobel, São Paulo, p.11.

O objetivo deste capítulo foi fazer você perceber que a arte está presente na história humana, e no cotidiano do homem. Ela representa a sociedade em que vivemos e muda o nosso olhar sobre ele.

Esperamos que você tenha aprendido que a arte

- possui linguagens específicas e neste capítulo tratamos das artes visuais, a dança, a música e o teatro;
- tem estreitas relações com a leitura da realidade;
- abrange processos culturais e históricos.

Esperamos, por fim, que tenha compreendido que a arte inventa e reinventa o mundo.

Conferindo seu conhecimento

Todas as respostas poderão ser desenvolvidas de uma forma subjetiva.

ORIENTAÇÃO FINAL

Para saber se você compreendeu bem o que está apresentado neste capítulo, verifique se está apto a demonstrar que é capaz de:

- Identificar produtos e procedimentos artísticos expressos em várias linguagens.
- Reconhecer diferentes padrões artísticos, associando-os ao seu contexto de produção.
- Utilizar os conhecimentos sobre a relação entre arte e realidade, para atribuir um sentido para uma obra artística.
- Relacionar os sentidos de uma obra artística a possíveis leituras dessa obra, em diferentes épocas.
- Reconhecer a obra de arte como fator de promoção dos direitos e valores humanos.

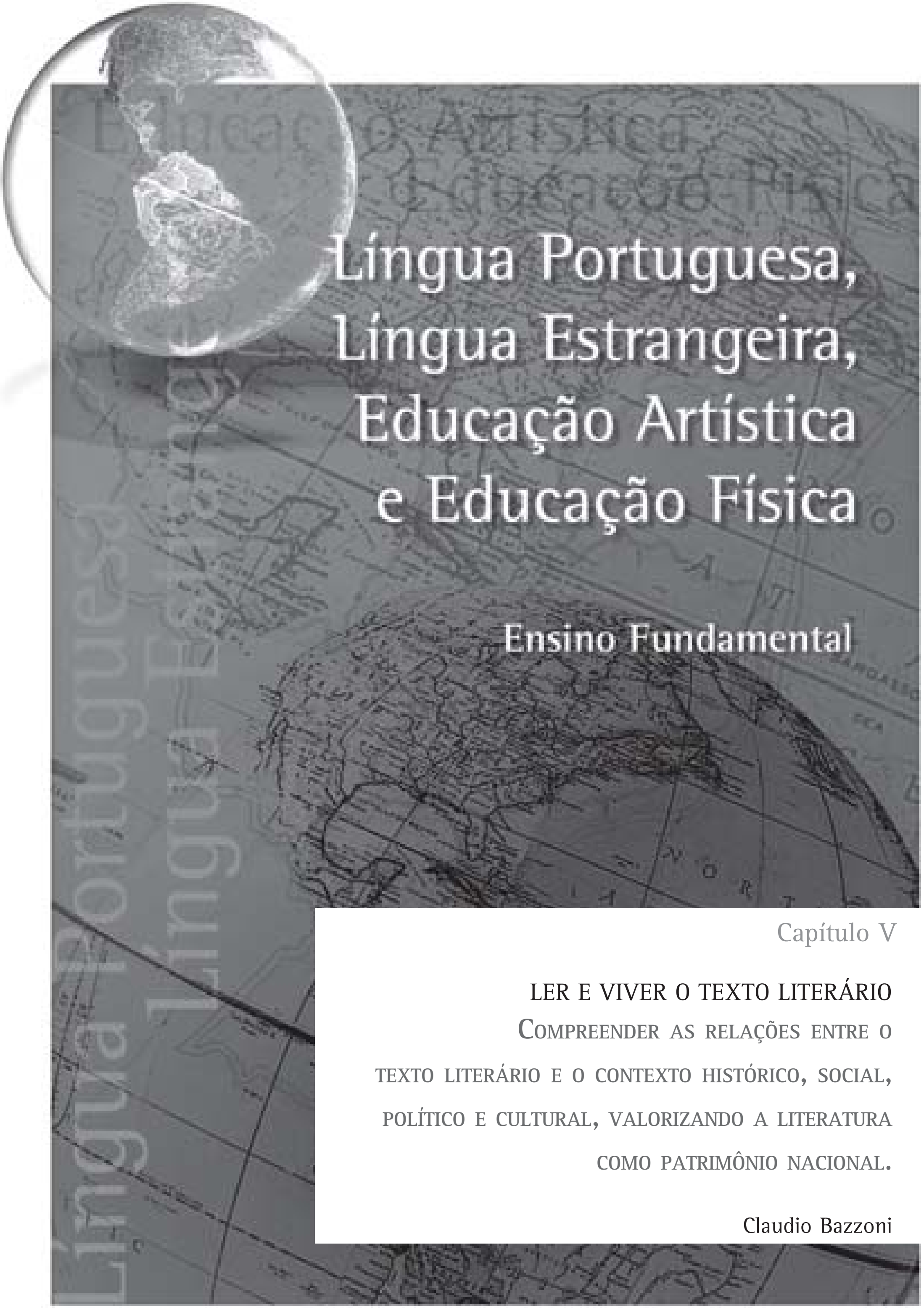
Educação Artística
Educação Física
Língua Portuguesa
Língua Estrangeira

Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Educação Artística e Educação Física

Ensino Fundamental

Capítulo V

LER E VIVER O TEXTO LITERÁRIO

COMPREENDER AS RELAÇÕES ENTRE O TEXTO LITERÁRIO E O CONTEXTO HISTÓRICO, SOCIAL, POLÍTICO E CULTURAL, VALORIZANDO A LITERATURA COMO PATRIMÔNIO NACIONAL.

Claudio Bazzoni

Capítulo V

Ler e viver o texto literário

APRESENTAÇÃO

Você alguma vez já pensou que, quando observamos as coisas que estão à nossa volta, estamos fazendo uma leitura do mundo?

Todo ser humano é um leitor! Na verdade, estamos lendo o tempo todo e nem sempre nos damos conta disso. Quando, em alguns momentos, queremos entender o que está errado com a gente, *lemos* a nós mesmos e o mundo a nossa volta, buscando alguma resposta. *Lemos* a alegria ou a tristeza de alguém na expressão do rosto. Podemos *ler* os gestos, os tons de voz, as cores, as paisagens, os sentimentos provocados por uma música, os cheiros... Vivemos de um jeito que, mesmo se quiséssemos, não poderíamos deixar de ler. Um povo pode existir sem escrever (e existem muitos, de fato), mas nenhum pode existir sem ler, nesse sentido amplo. Ler é quase como respirar... *Ler* significa traduzir a vida.

E as palavras? Também estão à nossa volta para serem lidas e nos ajudarem a compreender e admirar a realidade que nos cerca. Os textos escritos e os textos falados nos oferecem muitas possibilidades de reflexão. Eles podem nos informar sobre fatos da realidade, podem alimentar nossos desejos e sonhos do que ainda parece impossível; podem nos colocar em contato com experiências humanas que jamais viveremos; podem oferecer a possibilidade de encontro com pessoas que vieram antes de nós e com as que vivem no nosso tempo. As palavras nos textos escritos ou falados são organizadas sempre para expressar *sentidos*, para nós, leitores.

Dos vários tipos de textos escritos, nós vamos estudar aqui mais detalhadamente o texto literário. A palavra ***literário*** está indicando que nós vamos estudar textos referentes à Literatura. A explicação ajudou em alguma coisa? Talvez, não. Vamos por partes... Em primeiro lugar, vamos saber por que alguns textos são chamados ***literários*** e outros não. Depois vamos tratar da Literatura.

Desenvolvendo competências

1

Compare os três textos sobre a lua. Identifique os textos que têm um "toque poético".

a) A Lua é o satélite natural que gasta cerca de 28 dias para completar seu ciclo em torno da Terra.

b) A lua é a senhora de minha solidão.

c) Lua de São Jorge, lua soberana, nobre porcelana, sobre a seda azul. (Caetano Veloso)

Desenvolvendo competências

2

Leia o texto de Arnaldo Antunes.

> *As pedras são muito mais lentas do que os animais. As plantas exalam mais cheiro quando a chuva cai. As andorinhas quando chega o inverno voam até o verão. (...) Os peixes quando nadam juntos formam um cardume. As larvas viram borboletas dentro dos casulos. Os dedos dos pés evitam que se caia. Os sábios ficam em silêncio quando os outros falam. As máquinas de fazer nada não estão quebradas. Os rabos dos macacos servem como braços. Os rabos dos cachorros servem como risos. As vacas comem duas vezes a mesma comida. As páginas foram escritas para serem lidas. (...) As baleias vivem na água mas não são peixes. Os dentes quando a gente escova ficam brancos. Cabelos quando ficam velhos ficam brancos. (...) Crianças gostam de fazer perguntas sobre tudo. Nem todas as respostas cabem num adulto.*
>
> ANTUNES, Arnaldo. *Tudos*. São Paulo: Iluminuras, 1990.

E aí? Gostou do texto? Você percebeu que Arnaldo Antunes criou um texto com pedras, animais, aves, peixes, plantas, homens, palavras, misturando idéias objetivas e impressões subjetivas? Quando escreve, por exemplo, "As baleias vivem na água mas não são peixes", a idéia é objetiva, pois nos dá uma informação. Já na primeira frase do texto, "As pedras são mais lentas do que os animais", há aí um jeito subjetivo (pessoal) de ver a "lentidão" das pedras. Aliás, sabemos que, normalmente, as pedras costumam ficar paradas...

Leia o texto mais uma vez, se possível em voz alta. Tente saborear cada frase...Sinta como o autor, em algumas delas, dá um toque poético ao mundo que nos cerca.

Vamos agora fazer o seguinte: as seis frases que estão no quadro abaixo foram retiradas do texto de Arnaldo Antunes. Algumas delas expressam o jeito subjetivo (pessoal) de o autor ver o mundo, outras expressam uma informação objetiva. Marque um X, na primeira coluna, se a frase expressar um jeito subjetivo de ver o mundo; marque a segunda coluna, se a frase expressar objetividade.

Frases do texto	Subjetividade	Objetividade
1) As máquinas de fazer nada não estão quebradas.		
2) Os peixes quando nadam juntos formam um cardume.		
3) Os sábios ficam em silêncio quando os outros falam.		
4) Os rabos dos cachorros servem como risos.		
5) As páginas foram escritas para serem lidas.		
6) Nem todas as respostas cabem num adulto.		

Se você marcou o X na primeira coluna para as frases 1, 3, 4 e 6, você observou que elas apresentam uma maneira pessoal de ver as coisas. Na frase 1, temos primeiro que imaginar como seria uma "máquina de fazer nada"... Talvez, uma máquina de fazer nada nunca quebre, não é mesmo? A frase 3 expressa subjetividade, pois, para o autor, sábio é quem sabe escutar. Na frase 4, o autor vê o rabo do cachorro como "riso". A frase 6 expressa uma idéia pessoal, pois, já que as respostas não cabem em um adulto, o mistério do mundo é maior do que tudo o que podemos compreender.

Já as frases 2 e 5 expressam objetividade. Elas nos dão duas informações: uma informa o que é um cardume; outra para que servem as páginas escritas.

As frases do texto que expressam subjetividade (a maneira pessoal de ver as coisas) têm um toque poético que as frases objetivas geralmente não têm. Esse toque poético está muito presente no tipo de texto que estudaremos a seguir.

O TEXTO LITERÁRIO

Costumamos dizer que textos literários são artísticos, "obras de arte", porque são criações de "toque poético" que podem produzir emoção estética. Agora complicou... O que é estética?

Estética é uma palavra vinda da língua grega que quer dizer, no seu sentido original, sensação. É muito bom ler um texto e ser dominado por uma sensação. Isso já aconteceu com você alguma vez? Você já ouviu uma música ou uma história, viu um quadro ou uma foto, e sentiu seu coração bater mais forte? Sentiu um nó no peito, os olhos cheios d'água, uma vontade maluca de rir? Emoções assim tanto podem ser geradas pelas obras de arte como pelo texto literário.

O autor de um texto literário faz uma leitura pessoal do mundo que o cerca e o representa por meio de uma seleção e combinação de palavras. É essa combinação de palavras que é artística. Por isso, diante de um texto literário, temos de observar o que o autor "diz" (o conteúdo do texto) e "como ele diz" (a maneira como o texto está escrito), pois estamos diante de um uso especial das palavras. Observe que geralmente o texto não literário (por exemplo, o texto histórico ou científico) tem como principal característica apresentar de forma bem objetiva a realidade que existe. Um cientista, por exemplo, busca entender a natureza como ela é e escreve os textos científicos a partir do que observou. Claro que ele pode fantasiar um pouco, imaginar teorias e escolher palavras belas para seu texto, mas sua intenção primeira não é inventar. Ele quer, com objetividade, explicar as coisas do mundo. No texto literário, o autor inventa um mundo novo que pode ser totalmente diferente do nosso, ou re-inventa o nosso mundo real na imaginação dele. Por isso, dizemos que esse tipo de texto é uma ficção. Ficção quer dizer "invenção", "simulação", "imaginação".

Mais duas coisas sobre o texto literário:

1. Ele pode ter muitas interpretações! Um texto que é pensado artisticamente para produzir emoção pode ser lido de muitas maneiras. Os sentidos nascem da conversa que mantemos com o texto. Numa boa conversa, ouvimos e falamos.
2. Os textos literários podem ser escritos em versos ou em prosa.

Verso é cada linha de um poema.
O texto em verso é dividido em blocos que chamamos estrofes.

O texto em prosa é dividido em blocos que chamamos parágrafos.

Desenvolvendo competências

3 *Leia os dois textos e marque a alternativa certa!*

TEXTO 1

Eu já escrevi um conto azul, vários até. Mas este é um conto de todas as cores. Porque era uma vez um menino azul, uma menina verde, um negrinho dourado e o cachorro com todos os tons e entretons do arco-íris.

> *Até que apareceu uma comissão de Doutores - os quais, por mais que esfregassem os nossos quatro amigos, viram que não adiantava. E perguntaram se aquilo era de nascença ou se...*
>
> *– Mas nós não nascemos - interrompeu o cachorro. – Nós fomos inventados.*
>
> Mário Quintana, Lili inventa o mundo. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983, p.8.

> TEXTO 2
>
> *“Mais de 23 milhões de pessoas passam fome no Brasil. E todos os dias jogamos fora comida suficiente para alimentar 19 milhões delas.”*
>
> Revista Superinteressante, nº 174, março de 2002, p.47.

a) O texto 1 e o texto 2 são textos literários.

b) O texto 2 é literário, porque o autor do texto está inventando que mais de 23 milhões de pessoas passam fome.

c) O texto 1 é literário, porque é uma ficção e mostra que o mundo pode ser re-inventado.

d) O texto 1 é literário, porque cachorros não falam.

COMO ABORDAR OS TEXTOS LITERÁRIOS?

Já sabemos que o texto literário é um tipo de texto artístico (de toque poético e ficcional), criado por um autor, que pode inventar ou re-inventar o mundo que nos cerca. Nosso próximo passo é verificar como podemos compreendê-lo e interpretá-lo.

Os textos são criados para os leitores e estes devem perceber não só o que está muito claro no texto, mas também o que não está.
O segredo, para ler os textos literários, é descobrir as “pistas” que os autores deixam e construir os sentidos.

- Quando aparecerem palavras diferentes, cujo sentido você não sabe, você pode procurar entendê-las a partir do contexto, ou seja, o conjunto do que está sendo dito, ou pode usar um dicionário. Lembre-se que uma palavra pode ter mais de um sentido, e você terá de escolher o mais apropriado para o texto.
- Uma leitura atenta, muitas vezes, não é suficiente para entender o que está “por trás” do texto. O melhor é ler o texto muitas vezes, além de procurar relacionar as várias idéias que ele traz. Outra coisa: se você conhecer o assunto, o autor e em que lugar foi escrito o texto, é possível compreendê-lo melhor.

SOLAR

Minha mãe cozinhava exatamente:
arroz, feijão-roxinho, molho de
batatinhas.
Mas cantava.

PRADO, Adélia. *Poesia Reunida.* São Paulo: Siciliano, 1996, p. 151.

Se lermos esse texto sem nos preocuparmos em explorar os vários sentidos que ele apresenta, vamos lê-lo como se fosse apenas um simples relato, sem nada de artístico, que descreve o dia-a-dia de uma mãe que faz sempre a mesma coisa. Mas esse fato comum está descrito em versos que nos oferecem “pistas” para buscar outros sentidos.

“PISTAS” DOS TEXTOS EM VERSO

- A posição e o sentido das palavras

Repare que a palavra *exatamente*, no final do primeiro verso, reforça bastante a idéia de que a mãe sempre fazia a mesma coisa. Só quando repetimos muitas vezes qualquer tarefa, sabemos *exatamente* como fazê-la. Cozinhar *exatamente* “arroz”, “feijão-roxinho” e “molho de batatinhas” nos faz pensar que o dia-a-dia da mãe é sem graça e repetido. O último verso do poema, no entanto, muda tudo. Você arriscaria dizer por quê?

Porque há um "*mas*"...

Todos os dias usamos essa palavra, e nem sempre nos damos conta de que há um sentido por trás dela. Dizemos: "Queria trabalhar, *mas* não consigo um emprego". "Minha voz é boa para cantar, *mas* sou um pouco tímido". "Tudo tem um *mas*..." Repare que, na maioria das vezes, usamos "**mas**" para expressar algo que muda o rumo das coisas. No poema, o "**mas**" vai mudar o quê?

A mãe fazia *exatamente* suas tarefas, *mas* cantava... o "**mas**" está mudando a mesmice, a rotina do dia-a-dia. "**Mas cantava**", o último verso do texto, transforma completamente a idéia de que tudo era igual. O "**mas**" altera a vida cotidiana da mãe.

Nos poemas, descobrimos sentidos, refletindo sobre as palavras (a intenção do autor e suas escolhas gramaticais) e observando ***como*** *os autores organizam os versos.*

Vamos ver, agora, como podemos descobrir "pistas" de textos em prosa.
Você já se perguntou de onde nascem as histórias que os autores inventam? Como será que um autor cria as suas histórias? No texto a seguir, o autor Ignácio de Loyola Brandão conta como surgiu uma de suas histórias, que você lerá em seguida.

Primeiro, leia o depoimento do autor contando como fez a história:

O título é um duplo sentido com alguém que "entra pelo cano". Isto é, a gíria, que significa ter se dado mal com alguma coisa. Tudo começou no dia em que fui escovar os dentes de manhã e comecei a ouvir barulhos que vinham pelo cano da pia. Ruídos provocados pelo ar, pela água, mas que, na minha imaginação, pareceram vozes. E por que não? Por que não alguém não poderia, de repente, ter resolvido mergulhar no cano e ir em frente? (...)

Veja, agora, como ficou a história.

O HOMEM QUE ENTROU NO CANO

"Abriu a torneira e entrou pelo cano. A princípio incomodava-o a estreiteza do tubo. Depois se acostumou. E, com a água, foi seguindo. Andou quilômetros. Aqui e ali ouvia barulhos familiares. Vez ou outra um desvio, era uma seção que terminava em torneira.

Vários dias foi rodando, até que tudo se tornou monótono. O cano por dentro não era interessante.

No primeiro desvio, entrou. Vozes de mulher. Uma criança brincava. Ficou na torneira, à espera que abrissem. Então percebeu que as engrenagens giravam e caiu numa pia. À sua volta era um branco imenso, uma água límpida. E a cara da menina aparecia redonda e grande, a olhá-lo interessada. Ela gritou: "Mamãe, tem um homem dentro da pia."

Não obteve resposta. Esperou, tudo quieto. A menina se cansou, abriu o tampão e ele desceu pelo esgoto."

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *Cadeiras Proibidas*.
São Paulo: Global, 1988. p. 89.

Quais foram as sensações que esta história provocou em você? Você não achou tudo estranho? Como interpretar um texto tão estranho?

"PISTAS" DOS TEXTOS NARRATIVOS EM PROSA

- Buscar o sentido que está por trás da história.

Em primeiro lugar, repare que o texto está contando uma história, que envolve um homem que... "entrou pelo cano". O narrador afirma que no começo, ele ficou incomodado, mas depois se "acostumou"! Que estranho! É tão estranho que pode ser uma "pista". Sabemos que nenhum ser humano conseguiria se acostumar a viver dentro de um cano... mas, se pensarmos um pouco, a gente se acostuma com cada coisa... a gente se acostuma a não *ler* as coisas que estão ao nosso redor, se acostuma a receber sempre menos do que precisamos, a contar o número de mortos em uma guerra, a ver gente pobre nas ruas, a ver a natureza ser destruída dia a dia etc.

O que, depois, acontece na história? O homem vai ficando no cano até tudo ficar novamente monótono, sem graça e, para "agitar um pouco a vida", resolve sair por uma torneira! Sai e está diante de uma criança que tem interesse em olhá-lo, mas só por alguns instantes. Nesse momento, esperamos que alguma coisa aconteça. A criança chama a mãe. Mas a mãe não manifesta nenhum interesse pelo que estava acontecendo. A menina, então, se cansou, abriu o tampão e ele desceu para o esgoto, isto é, de novo "entrou pelo cano". Você reparou que os fatos são estranhos, mas as pessoas da história (as personagens) agem como se os fatos fossem normais? O que será que o texto quer nos dizer?

Todos parecem estar anestesiados, insensíveis. Parece que perderam o interesse pelas coisas que acontecem no mundo. Será que nós estamos nos comportando como os personagens, aceitando tudo como normal, inclusive as coisas mais extraordinárias? Será esse apenas o sentido que está por trás dessa história? Que outro você apontaria?

Para compreender e interpretar textos em versos ou em prosa, é importante descobrir os sentidos que estão por trás do texto.

COMPARANDO TEXTOS

Deu para ter uma idéia de como podemos pensar os sentidos dos textos literários?

Se resolvêssemos comparar o texto da Adélia Prado com o texto de Ignácio de Loyola Brandão, poderíamos descobrir outras coisas. Você percebeu que cada texto apresentou uma mãe? Reparou também que a mãe do texto "*Solar*" é diferente da do texto "*O homem que entrou pelo cano*"? A primeira, pelo canto, transformava a mesmice do dia-a-dia em uma coisa maravilhosa; a outra não demonstrou interesse por uma coisa que parecia ser extraordinária. Será que poderíamos também concluir alguma coisa a respeito disso?

Sim, se, mais uma vez, buscássemos o sentido que há por trás delas. A mãe que canta tem uma atitude que revela capacidade de mudar as coisas, de tornar tudo belo. Já a mãe indiferente poderia revelar nossa acomodação, insensibilidade frente às coisas do mundo. Veja que agora estamos pensando coisas profundas, vendo as duas "mães" de um modo diferente. Esse é bem o papel da arte, da literatura. Buscar os sentidos dos textos literários nos faz pensar coisas que vão além das pistas que os autores nos oferecem.

Desenvolvendo competências

4 *Nós vamos ler uma fábula. Esse tipo de texto é curto e tem sempre animais que se comportam como gente e que nos ensinam alguma coisa.*

A RAPOSA E AS UVAS

Morta de fome, uma raposa foi até o vinhedo sabendo que ia encontrar muita uva. A safra havia sido excelente. Ao ver a parreira carregada de cachos enormes, a raposa lambeu os beiços. Só que sua alegria durou pouco: por mais que tentasse, não conseguia alcançar as uvas. Por fim, cansada de tantos esforços inúteis, resolveu ir embora, dizendo:

– Por mim, quem quiser essas uvas pode levar. Estão verdes, estão azedas, não me servem. Se alguém me desse essas uvas, eu não comeria.

Moral: Desprezar o que não se consegue conquistar é fácil.

ASH, R.; HIGTON, B. (Comp.) *Fábulas de Esopo*. São Paulo: Cia. das Letrinhas, 2001. p. 68.

a) Reescreva a fábula.

b) Que sentido podemos buscar por trás da história da "Raposa e as uvas"?

Desenvolvendo competências

5 *Vamos criar uma nova história a partir da fábula. Vamos trocar a raposa por alguém (um homem ou uma mulher) e as uvas por um desejo desse alguém. Veja como o texto ficou preparado. Tente completá-lo.*

Mort____ de ____________, um(uma) ___________ foi até ________________ sabendo que ia encontrar __________________. Ao ver _____________________, o (a) __________________ lambeu os beiços. Só que sua alegria durou pouco: por mais que tentasse, não conseguia _________________. Por fim, cansado (a) de tantos esforços inúteis, resolveu ir embora dizendo:

– Por mim, _________________. São __________________, são _________________, não me servem. Se ____

Leia como alguns estudantes completaram.

Morto de solidão, um rapaz foi até um forró sabendo que ia encontrar muitas mulheres bonitas. Ao ver o pagode carregado de mulheres lindas, o rapaz lambeu os beiços. Só que sua alegria durou pouco: por mais que tentasse, não conseguia namorar ninguém. Por fim, cansado de tantos esforços inúteis, resolveu ir embora dizendo:
– Por mim quem quiser essas mulheres pode levar. São feias, são horríveis, não me servem.
Se alguma dessas mulheres olhasse para mim, eu saía correndo.

Texto coletivo dos alunos do Colégio Santa Cruz, em São Paulo, 2000.

Desenvolvendo competências

6 *Leia um trecho da canção "Telha nua" de Waltinho e Roberto Andrade e assinale a alternativa que melhor o interpreta:*

TELHA NUA
Lá em cima do telhado
Meu sonho encantado
Era pertinho do céu
E, se todos lá embaixo
Pensassem assim tão alto
Vinham brincar aqui
Comigo no telhado

a) É no telhado que guardamos as coisas com que queremos sonhar.
b) O sonho não passa de uma brincadeira e não vale a pena sonhar.
c) O sonho encantado é o que é pensado alto.
d) Se as pessoas pensassem mais seriamente no sonho, elas passariam a sonhar mais.

DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

Leia abaixo as explicações que o escritor Ricardo Azevedo dá a algumas frases feitas.

“Dar uma colher de chá”:
Dar uma colher de chá é perdoar, é dar uma chance, dar uma oportunidade para alguém tentar de novo, corrigir um erro que cometeu, recomeçar, fazer mais uma tentativa.

“Conversa mole para boi dormir”:

Conversa mole para boi dormir é aquela conversa chata que não acaba mais, que dá sono e ninguém agüenta escutar. Ou então, quando uma pessoa está mentindo, querendo enganar, enrolar a gente, dizendo coisas que a gente sabe serem só embromação.

Desenvolvendo competências

7

Agora é sua vez. Tente explicar as frases feitas abaixo.

a) “Ter minhoca na cabeça”.
b) “Ficar em cima do muro”.

Terminou sua explicação? Você percebeu que explicou o sentido figurado da frase-feita, escrevendo um texto objetivo. Poderíamos ler essas frases de dois modos: 1) no sentido literal e 2) no sentido figurado. Se a frase b, por exemplo, fosse lida no sentido literal, poderíamos pensar que alguém ou um animal estivesse posicionado em cima do muro. No sentido figurado, a frase tem outros sentidos.

Confira se o sentido que você pensou para cada frase é mais ou menos esse: quando ficamos com “minhoca na cabeça”, estamos desconfiados, suspeitamos que alguma coisa ruim vai acontecer, ficamos inseguros, achando que alguém está contra a gente. Já “ficar em cima do muro” significa não querer se comprometer, não dizer a opinião, não saber o que se quer, nem saber o que se vai fazer.

O sentido literal também é chamado denotativo.
O sentido figurado também é chamado conotativo.

O sentido conotativo exige sempre interpretação.
Podemos, por isso, explorar ao máximo os sentidos das palavras.

A linguagem do texto literário é, freqüentemente, conotativa.

Desenvolvendo competências

8 *Há uma canção muito bonita de Vinícius de Moraes, chamada Minha namorada. Leia alguns versos.*

Os seus olhos têm de ser só de meus olhos
E os seus braços o meu ninho
No silêncio de depois
E você tem que ser a estrela derradeira
Minha amiga e companheira
No infinito de nós dois

MORAES, Vinícius de, LYRA, Carlos. *Série grandes compositores: história da MPB*. São Paulo: Abril, 1983.

a) A palavra "olhos", no primeiro verso, está no sentido conotativo. Você saberia explicar por quê?

b) Qual é o sentido da palavra "ninho", no segundo verso?

c) "Estrela derradeira" está no sentido denotativo ou conotativo?

O TEMA DE UM TEXTO

Para ler e interpretar textos, precisamos também estar atentos ao *tema*. É muito importante perceber quando o autor apresenta o tema, ou quando ele o esconde, deixando-o por trás das coisas concretas do mundo, como as pessoas, os animais, os objetos etc.

Lembra-se da fábula "A raposa e as uvas"? Vimos que o texto contava a história de uma raposa faminta que estava louca para comer uvas, mas, como não conseguiu apanhá-las, passou a desprezá-las. Graças ao que acontece com o animal "raposa" e a fruta "uvas", coisas concretas do nosso mundo real, pudemos pensar em um **tema**. Quando você explicou, na atividade 3, o sentido do texto por trás da história, você mostrou o tema. Um bom leitor é aquele que reconhece os temas dos textos, bem como percebe como são tratados, a partir das escolhas do autor.

Leia o texto.

BALADA PARA NÃO DORMIR

Eu não sou criança.
Eu sou de menor.
Criança tem família.
Eu sou de menor,
luto só pela sobrevivência.
Criança tem livro colorido,
aparece e pede em anúncio
o brinquedo preferido.
Criança tem disco do Balão Mágico,
tem disco do Carequinha.
Eu sou notícia no Afanázio.
Tenho o código, puxo o gatilho.
Às vezes, me escalam para ser criança.
É tarde demais.
Eu sou de menor.
Já morreu o sol da aurora da vida...
Eu sou de menor.
Sou vidraça quebrada
pela pedra do adulto.
Sou dois olhos mordendo a luz da vitrina,
sou trapo descartado,
sou promessa para depois...
O cara suspeito em cada caminho.
Sou o discurso jamais realizado.
Sou a face clara da fortuna escondida.
Sou a garrafa vazia jogada no mar
que volta coberta de restos da morte.
Eu sou a resposta que não espera
perguntas.
Aqui estou. Nada mais sinto.
Apenas digo: Cuidado!
Não sou criança. Meu nome é: de menor

DIAFÉRIA, Lourenço. Balada para não dormir. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 9 out. 1985. p. 2, coluna 3. Adaptação de Roseli Novak

Desenvolvendo competências

9

Procure localizar no texto o tema apresentado.

Exemplo: O tema "ameaça" está apresentado em qual verso?
Em "Tenho o código, puxo o gatilho".

1. *Verso mais adequado para expressar que o "de menor" não tem esperança.*
2. *Verso que indica que o "de menor" leva a culpa, mesmo sem tê-la.*
3. *Verso que indica que o "de menor" é vítima da distribuição injusta da riqueza do país.*
4. *Verso que indica que o "de menor" deseja ter as coisas atraentes que o comércio oferece.*
5. *Verso que sugere que o "de menor" não consegue mais viver uma infância comum. Propor-lhe isso é uma falsidade.*
6. *Verso que indica que o "de menor" é um cansado da vida, um desiludido.*

CONVERSA ENTRE TEXTOS

Os autores de textos literários são também leitores e gostam de, às vezes, usar trechos de obras já escritas. Lourenço Diaféria faz isso. O verso "Já morreu a aurora da vida" é tirado do texto "Meus oito anos", de Casimiro de Abreu. Observe que interessante: o texto de Casimiro de Abreu foi escrito em 1857 e canta a saudade que um adulto pode ter da infância. Por isso, é tão chocante esse verso no texto de Lourenço Diaféria. No mundo moderno, muitas crianças "de menores" simplesmente não têm infância.

Leia alguns versos do texto de Casimiro de Abreu.

Oh! Que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

Chamamos intertextualidade a "conversa" de um texto com outro.

LITERATURA: MEMÓRIA DA HUMANIDADE

Os textos de nossa época e de épocas diferentes revelam os sentimentos, os pensamentos, as paixões da alma humana. Lendo-os, entendemos um pouco melhor o mundo e a nós mesmos.

Estudar literatura é ampliar a nossa experiência e visão do mundo.

Desenvolvendo competências

10 *Leia os dois poemas abaixo e responda às questões.*

SE SE MORRE DE AMOR
(...)
Amor é vida; é ter constantemente
Alma, sentidos, coração – abertos
Ao grande, ao belo; é ser capaz d'extremos,
D'altas virtudes, até capaz de crimes!
Compreender o infinito, a imensidade,
E a natureza e Deus; gostar dos campos,
Das aves, flores, murmúrios solitários;
Buscar tristeza, a soledade, o ermo,
E ter o coração em riso e festa;
E à branda festa, ao riso de nossa alma
Fontes de pranto intercalar sem custo;
Conhecer o prazer e a desventura
No mesmo tempo, e ser no mesmo ponto
O ditoso, o misérrimo dos entes:
Isso é amor, e deste amor se morre!
(...)

Gonçalves Dias. In: RAMOS, F. J. S. (Org.). *Grandes poetas românticos do Brasil*. São Paulo: LEP, 1954. p. 90.

Esse texto que você leu é de Gonçalves Dias. Esse autor nasceu em 1823, no Maranhão. Morreu em 1864.

Leia outro poema. Este escrito por Luís de Camões, autor português que nasceu em 1524 ou 1525 e morreu em 1580.

Amor é fogo que arde sem se ver
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer
É solitário andar por entre a gente;
É nunca contentar-se de contente;
É cuidar que se ganha em se perder;

É querer estar preso por vontade;
É servir a quem vence, o vencedor;
É ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?

CAMÕES, Luís de. *Lírica*. São Paulo: Cultrix, 1995. p. 123.

1. Os dois poemas foram escritos em épocas diferentes, mas ambos tratam do mesmo tema. Qual é o tema?

2. O poema de Gonçalves Dias é antigo e define o amor como um sentimento que nos traz alegria e tristeza ao mesmo tempo. Encontre no texto alguns versos que comprovem essa afirmação.

3. Para Gonçalves Dias, o amor é, entre outras coisas, "compreender o infinito, a imensidade". Para Camões, o "amor é fogo que arde sem se ver". Na sua opinião, qual dos dois poetas conseguiu definir melhor o amor? Justifique sua resposta.

Desenvolvendo competências

11 *Leia os dois textos a seguir e responda às questões.*

O texto 1 é de Machado de Assis. Este autor nasceu no Rio de Janeiro, em 1839, e morreu em 1908. Leremos trechos de dois capítulos do livro Memórias Póstumas de Brás Cubas, publicado em 1881. Brás Cubas, narrador-personagem, conta sua história depois que morre. Lembre que o livro foi publicado em 1881 e, possivelmente, você estranhará algumas palavras.

Capítulo XVI

Ocorre-me uma reflexão imoral, que é ao mesmo tempo uma correção de estilo. Cuido haver dito, no capítulo XIV, que Marcela morria de amores pelo Xavier. Não morria, vivia. Viver não é a mesma coisa que morrer; assim o afirmam todos os joalheiros desse mundo, gente muito vista na gramática. (...) O que eu quero dizer é que a mais bela testa do mundo não fica menos bela, se a cingir um diadema de pedras finas; nem menos bela, nem menos amada. Marcela, por exemplo, que era bem bonita, Marcela amou-me...

Capítulo XVII

...Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos. Meu pai, logo que teve aragem dos onze contos, sobressaltou-se deveras; achou que o caso excedia as raias de um capricho juvenil. (...)

ASSIS, Machado de J. *Memória póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: W. M. Jackson, 1953. vol.5, p. 73–74.

O texto 2 é de Marina Colasanti, autora de nossa época.
O conto foi retirado do livro Contos de amor rasgados, publicado em 1986.

PROVA DE AMOR

"Meu bem, deixa crescer a barba para me agradar", pediu ele.
E ela, num supremo esforço de amor, começou a fiar dentro de si e a laboriosamente expelir aqueles novos pêlos, que na pele fechada feriam caminho.
Mas quando, afinal, doce barba cobriu-lhe o rosto, e com orgulho expectante entregou sua estranheza àquele homem: "Você não é mais a mesma", disse ele.
E se foi.

COLASANTI, Marina. *Contos de amor rasgados*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p. 165.

1) No texto de Machado de Assis, é possível deduzir que o amor de Marcela era um amor interesseiro. Retire do texto uma frase que pode confirmar essa afirmação.

2) Conte com suas palavras o enredo do texto "Prova de amor".

3) Compare os dois textos. Em qual deles a mulher parece ser mais submissa? Por quê?

Desenvolvendo competências

12 *Leia um trecho do "Soneto da fidelidade" de Vinícius de Moraes, poeta que nasceu em 1913, no Rio de Janeiro, e morreu em 1980. Assinale a alternativa correta.*

> *(...)*
> *E assim, quando mais tarde me procure*
> *Quem sabe a morte, angústia de quem vive*
> *Quem sabe a solidão, fim de quem ama*
>
> *Eu possa me dizer do amor (que tive):*
> *Que não seja imortal, posto que é chama*
> *Mas que seja infinito enquanto dure.*

a) Esse trecho expressa a alegria que o sentimento amoroso pode proporcionar.

b) O poeta, nesse trecho, apresenta uma visão pessimista do amor, comprovada pelo verso "Quem sabe a solidão, fim de quem ama".

c) O trecho apresenta uma definição de amor em uma linguagem não literária.

d) Para Vinícius, o amor tem duração eterna.

O conjunto de textos literários de um país forma a sua literatura. Quando estudamos a literatura, tomamos contato com a vida e as verdades comuns a todos os homens. Lendo, nunca estamos sozinhos.

A literatura brasileira sempre foi rica e diversa. Conta com excelentes autores, que, infelizmente, por falta de espaço, não pudemos apresentar aqui. No entanto, Castro Alves, Euclides da Cunha, Manuel Bandeira, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Érico Veríssimo, João Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, João Cabral de Melo Neto, Manoel de Barros e tantos outros autores brasileiros aguardam, ansiosos, os olhos atentos de um leitor, que leia e interprete suas obras e se encante com os sentidos que serão descobertos.

Como diria Guimarães Rosa, um texto deve também valer pelo que nele não deveu caber...

Conferindo seu conhecimento

1 *Você reparou que os textos **b** e **c** expressam um jeito bem diferente de ver a lua? Como a lua pode ser "senhora" da solidão? Normalmente, usamos a palavra "senhora" como forma de tratamento, mas aqui significa "dona". No texto de Caetano Veloso, a lua é "nobre porcelana". O que a lua e a porcelana têm em comum? O "toque poético", portanto, pode ser observado nos textos **b** e **c**.*

3 *Você reparou que o escritor Mario Quintana quis deixar bem evidente a diferença entre um texto literário e não literário? O autor de um texto literário inventa, faz uma ficção. O texto literário é ficcional. Assim, a resposta certa do teste é a alternativa **c**.*

4 *Na letra **a**, você pode ter recontado a história dessa maneira: Uma raposa que estava com muita fome foi até um vinhedo carregado de cachos de uva. Depois de muito tentar e não conseguir comer nenhuma uva, decidiu que não queria mais uva, nem se lhe dessem, porque estavam verdes. Na letra **b**, você deve ter observado a moral do texto. A moral, no caso das fábulas, é o sentido que está por trás da história, é o ensinamento que ela traz. O que está por trás da raposa e das uvas é a mesma idéia de um dito popular, que talvez você conheça: "Quem desdenha quer comprar".*

6 *Repare que a palavra "telhado" aparece no primeiro e último verso. É o lugar onde acontece o "sonho encantado". Se todos, embaixo do telhado, pensassem "tão alto" (no sonho, lá no telhado), sonhariam mais. Esse é o sentido de "vir brincar aqui...". Portanto, a alternativa correta é **d**.*

8 *"Olhos", na letra a, está no sentido figurado. Para os amantes, eles não se limitam a ser os órgãos da visão. Os "olhos", "janelas da alma", confirmam o pacto amoroso. Na letra b, dá para dizer que "ninho" é o abrigo que as aves preparam para pôr os ovos e criar seus filhotes? Claro que não! "Ninho" está significando "aconchego", "proteção", "proximidade", "união", "amparo". "Ninho" está no sentido conotativo. Na letra* **c**, *"derradeira" significa última. O poeta quer que a amada seja a última estrela. Se a amada é estrela, o poeta a vê como se fosse um céu, um infinito, como lemos no último verso. O sentido também é figurado ou conotativo.*

9 *Você deve ter localizado os seguintes versos: 1) "Já morreu o sol da aurora da vida"; 2) "O cara suspeito em cada caminho"; 3) "Sou a face clara da fortuna escondida"; 4) "Sou dois olhos mordendo a luz da vitrina"; 5) "Às vezes, me escalam para ser criança"; 6) "Nada mais sinto".*

10 *O tema dos dois textos, você percebeu, é o amor. Na questão 2, o verso "é ter o coração em riso e festa" expressa a alegria de sentir o amor. Já os versos "buscar tristeza, a soledade, o ermo" e "fontes de pranto intercalar sem custo" expressam tristeza. A questão três é pessoal, ou seja, você vai escrever sua opinião, a partir do que você pensa do amor. Você preferirá a definição de amor que é mais próxima da sua.*

11 *A frase "Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis" responde à questão 1. A questão 2: O narrador do texto "Prova de Amor" conta a história de uma mulher que deixa a barba crescer para agradar ao marido. Depois que a barba nasce, o homem acha que ela não é mais a mesma e se vai. A questão 3 propõe que se compare o comportamento das duas personagens. Marcela não se comporta como a maioria das mulheres da sociedade de sua época (século retrasado), pois era mais que tudo apaixonada pelo lucro; a mulher, personagem do texto de Marina Colasanti, por sua vez, comporta-se de forma submissa, também fugindo aos padrões de sua época (padrões modernos), se pensarmos no espaço cada vez maior que as mulheres vêm conquistando na participação da vida social e política. Há aí uma curiosa inversão que nos faz pensar: a literatura pode ser a "voz" de uma época; contudo, é uma "voz" que não se subordina ao tempo.*

12 *Vinícius de Moraes, como Gonçalves Dias e Camões, trata do amor apresentando sentimentos opostos. Contudo, no "Soneto da Fidelidade", há uma visão pessimista de amor, pois além de o fim de quem ama ser a solidão, o amor será eterno só enquanto durar. Resposta **b**.*

ORIENTAÇÃO FINAL

Para saber se você compreendeu bem o que está apresentado neste capítulo, verifique se está apto a demonstrar que é capaz de:

- Identificar categorias pertinentes para a análise e interpretação do texto literário.
- Reconhecer os procedimentos de construção do texto literário.
- Utilizar os conhecimentos sobre a construção do texto literário para atribuir-lhe um sentido.
- Identificar em um texto literário as relações entre tema, estilo e contexto histórico de produção.
- Reconhecer a importância do patrimônio literário para a preservação da memória e da identidade nacional.

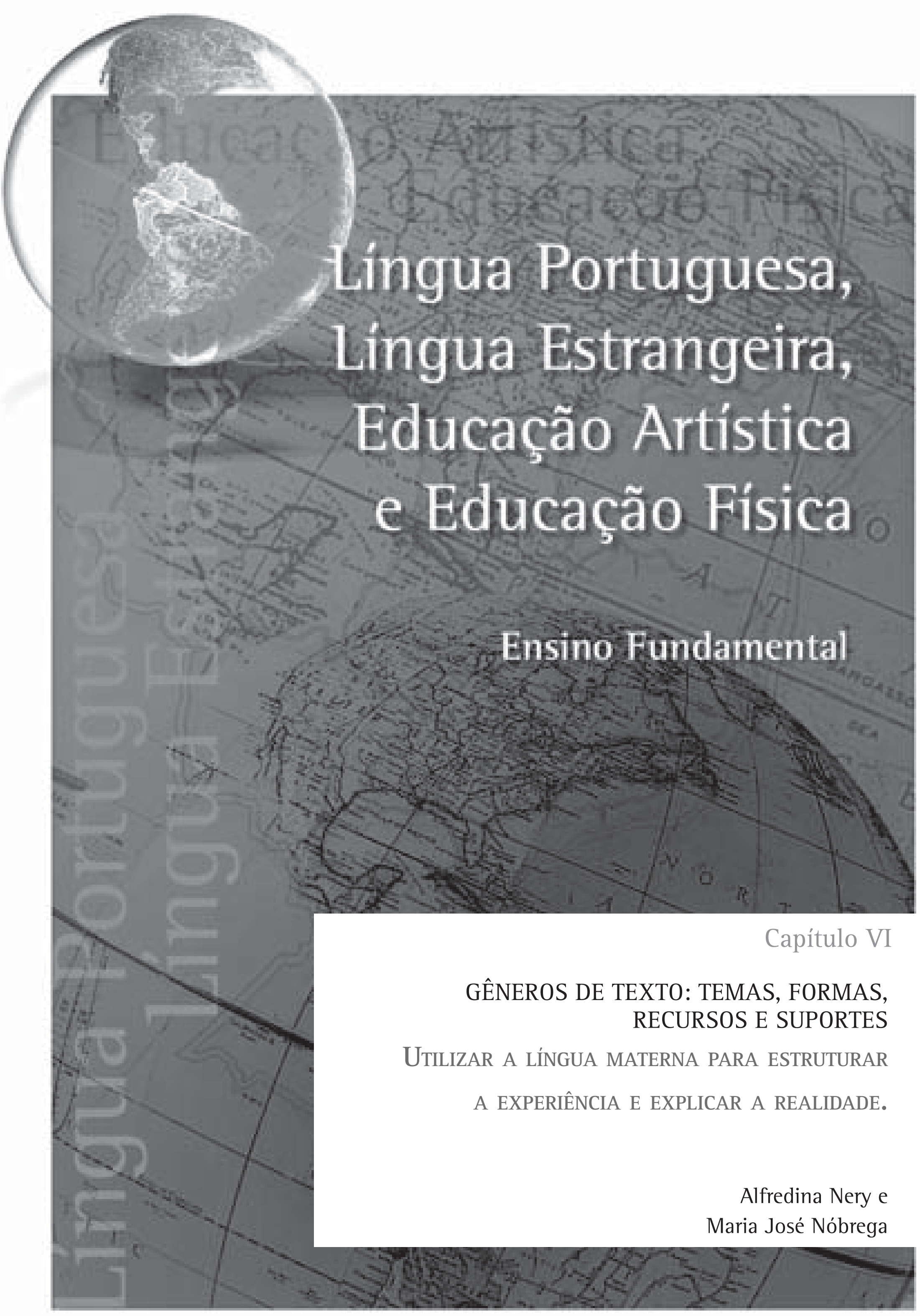

Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Educação Artística e Educação Física

Ensino Fundamental

Capítulo VI

GÊNEROS DE TEXTO: TEMAS, FORMAS, RECURSOS E SUPORTES

Utilizar a língua materna para estruturar a experiência e explicar a realidade.

Alfredina Nery e
Maria José Nóbrega

Capítulo VI

Gêneros de texto: temas, formas, recursos e suportes

APRESENTAÇÃO

Avisos, anúncios, cartas, notícias, poemas, diários, provérbios, piadas... quantos textos estão presentes na nossa vida. Neste capítulo você vai conhecer mais um pouco sobre os gêneros de texto, analisando as situações em que são utilizados, suas características, seus formatos, temas e suportes.

Vamos, então, para nossa primeira pergunta.

O QUE É GÊNERO DE TEXTO?

Leia os textos abaixo:

Quem não tem cão caça com gato.
Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come.
Cada cabeça, uma sentença.

É muito provável que você já tenha escutado ou dito algum dos provérbios acima. Quando foi? Provavelmente, no meio de uma conversa, mais ou menos séria, a frase vem e se encaixa feito uma luva. Passados de geração em geração, cada um de nós vai colecionando vários deles ao longo da vida.

O que os provérbios têm em comum?

Os **provérbios** ou **ditados** são frases curtas e ricas em imagens que expressam crenças, valores, às vezes até preconceitos, que descrevem, enfim, o modo de pensar de um determinado grupo social, de uma determinada época.

Em geral, constam de duas partes que se contrastam, apresentando ritmo e rima, o que facilita a memorização e sua transmissão oral.

JUNTANDO “LÉ COM LÉ E CRÉ COM CRÉ”

Meteram a mão na cumbuca, ou melhor, nos provérbios, e misturaram a parte de um com a parte do outro. Tente reorganizá-los:

- Quem quer, vai; quem tem juízo, obedece.
- Quem diz o que quer, não mama.
- Quem tudo quer, todo sapato serve.
- Quem pode, manda; quem não quer, manda.
- Quem não chora, ouve o que não quer.
- Em pé de pobre, nada tem.

ESCREVENDO TEXTOS

Nem sempre em um provérbio cão late e gato mia.

“Quem não tem cão caça com gato”, por exemplo, quer dizer que quando não se tem o instrumento adequado (o cão) para realizar uma atividade qualquer (caçar), deve-se improvisar com outro instrumento (o gato).

Escolha um dos provérbios a seguir e procure explicar o que eles querem dizer sem usar linguagem figurada, como fizemos com o exemplo “Quem não tem cão caça com gato”.

Aproveite para verificar se você reuniu as metades certas de cada provérbio.

- Quem quer, vai; quem não quer, manda.
- Quem pode, manda; quem tem juízo, obedece.
- Quem diz o que quer, ouve o que não quer.
- Quem não chora, não mama.
- Quem tudo quer, nada tem.
- Em pé de pobre, todo sapato serve.

Desenvolvendo competências

1

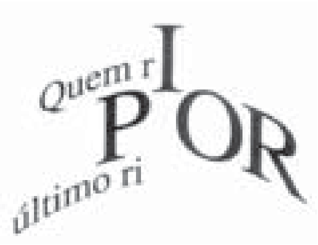

FREIRE, Marcelino Juvêncio. Quem Ri Por Último. eraOdito.

1. Marcelino Juvêncio Freire brinca de dizer o que os provérbios não dizem.

A palavra do provérbio que está faltando é:

a) pior.

b) menos.

c) mais.

d) melhor.

2. Encaixando a palavra formada pelas letras destacadas graficamente por Marcelino Juvêncio Freire, o provérbio ficaria:

a) "Quem ri por último, ri melhor".

b) "Quem ri por último, ri pior".

c) "Quem ri por último, ri menos".

d) "Quem ri por último, ri mais".

Agora leia o texto "O galo que logrou a raposa", de La Fontaine, na versão de Monteiro Lobato.

O GALO QUE LOGROU A RAPOSA

Um velho galo matreiro, percebendo a aproximação da raposa, empoleirou-se numa árvore. A raposa, desapontada, murmurou consigo: "Deixa estar, seu malandro, que já te curo!..." E, em voz alta:

– Amigo, venho contar uma grande novidade: acabou-se a guerra entre os animais. Lobo e cordeiro, gavião e pinto, onça e veado, raposa e galinhas, todos os bichos andam agora aos beijos, como namorados. Desça desse poleiro e venha receber o meu abraço de paz e amor.

– Muito bem! – exclamou o galo. – Não imagina como tal notícia me alegra! Que beleza vai ficar o mundo, limpo de guerras, crueldades e traições! Vou já descer para abraçar a amiga raposa, mas... como lá vêm vindo três cachorros, acho bom esperá-los, para que também eles tomem parte da confraternização.

Ao ouvir falar em cachorro, Dona Raposa não quis saber de histórias, e tratou de pôr-se ao fresco, dizendo:

– Infelizmente, amigo Có-ri-có-có, tenho pressa e não posso esperar pelos amigos cães. Fica para outra vez a festa, sim? Até logo.

E raspou-se.

Contra esperteza, esperteza e meia.

LOBATO, Monteiro. *Fábulas*. Ilustrações de Manoel Victor Filho. 25. ed. São Paulo: Brasiliense, 1972. p. 28.

Se alguém lhe perguntasse se esse texto é um provérbio, é claro que você iria responder que não, embora termine com "Contra esperteza, esperteza e meia", que é um provérbio, quando usado isoladamente.

Este texto é uma fábula, isto é, uma pequena história que tem como finalidade ilustrar um comportamento que observamos nas pessoas. Não nos iludamos, esta não é uma história sobre o mundo dos animais, embora as personagens sejam a raposa e o galo. A raposa aqui representa aquele tipo de pessoa que tenta levar os outros na conversa para conseguir vantagens próprias. O galo representa aquelas pessoas que já aprenderam o bastante na vida para fazer o tiro sair pela culatra, isto é, usar a arma do inimigo para se defender.

A fábula tem, assim, duas características fundamentais: o enredo, em que animais agem, sentem e pensam de modo parecido com os seres humanos com a finalidade de nos convencer de uma idéia; e a moral da história – no caso, de que precisamos ser espertos para não sermos enganados.

ESCREVENDO TEXTOS

No país em que ficou famosa a idéia de que “é melhor levar vantagem em tudo”, não deve ser difícil lembrar um caso em que alguém, como o galo, conseguiu, ao usar a esperteza, levar a melhor, passando a perna em um espertinho. Conte um caso destes.

ESCREVENDO TEXTOS

Costumamos atribuir determinadas características a alguns animais, em função do que podem representar para nós. Falamos, por exemplo, da

- fidelidade do cachorro;
- esperteza da raposa;
- malandragem do macaco.

Continue a lista, lembrando-se de outros animais.

AGORA, LEIA O TEXTO ABAIXO

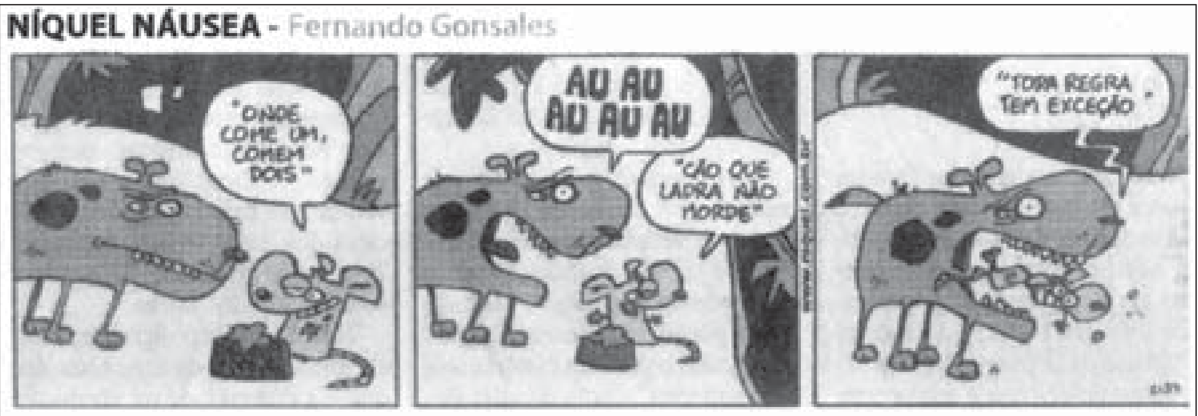
NÍQUEL NÁUSEA - Fernando Gonsales
“ONDE COME UM, COMEM DOIS”
AU AU AU AU AU
“CÃO QUE LADRA NÃO MORDE”
“TODA REGRA TEM EXCEÇÃO”

Folha de S. Paulo, São Paulo, 3 jul. 2001.

É um provérbio? É uma fábula?

Não, ainda que a personagem “ratinho” empregue vários provérbios para tentar convencer o cão nada amigável a compartilhar com ele sua refeição. O que é então?

É uma tira, uma história em quadrinhos curta, contendo de três a quatro quadrinhos. Apresenta uma narrativa como a fábula, não com a finalidade de ilustrar uma moral, mas de fazer humor. Além disso, caracteriza-se por misturar dois tipos de linguagem: a verbal, nos balões que reproduzem o que as personagens falam; e a visual, nos desenhos das personagens e do cenário.

SINTETIZANDO

Cada um de nós, durante a vida, vai construindo um repertório de textos. Ao falar ou escutar, ao ler ou escrever, vamos aprendendo a agrupar esses textos, usando diferentes critérios. Reconhecemos o volante da loteria esportiva pelo seu formato visual; aprendemos a buscar notícias e classificados nos jornais; "provocamos" o vizinho com a derrota do time dele; aprendemos a localizar informações que nos interessam nos extratos de contas de luz, água, telefone; lemos revistas para saber o que vai acontecer nos próximos capítulos da novela; escrevemos ou telefonamos para nossos parentes ou amigos etc.

Cada um desses tipos de texto pertence a uma espécie de família em que os membros compartilham características comuns: tipo de suporte em que circulam, tamanho, aparência, assunto de que tratam, palavras que empregam etc.

Cada um desses tipos de texto provoca no leitor diferentes reações: irritação com o técnico que não escala o Romário; indignação com o valor absurdo que apareceu na conta de luz e que só pode ser erro e você já fica irritado, imaginando o trabalhão que esse negócio vai dar; saudade de sua família ao ler aquela carta tão carinhosa; e boas gargalhadas com aquela piada de papagaio que acabaram de contar para você.

Cada um de nós, durante a vida, vai aprendendo a usar e reconhecer e, até, a chamar pelo nome vários desses tipos de textos, como provérbios, fábulas, histórias em quadrinhos, notícias, divulgação científica, experimento, bilhetes, cartas, diários, e tantos outros.

Essas famílias de texto ou esses modelos para organizar o que temos a dizer, ou para orientar na escolha de procedimentos para compreender o que nos dizem nas mais diferentes situações comunicativas, são os **gêneros de texto**.

Os gêneros são caracterizados por três elementos:

- o assunto: o que é ou pode ser dito através daquele tipo de texto;
- o formato: a estrutura particular como os textos são apresentados;
- o estilo: palavras ou expressões selecionadas e os modos de construir as frases.

QUE TEXTO ESCOLHER? GÊNEROS E SUPORTES

No final de 2001, um famoso publicitário de São Paulo, Washington Olivetto, foi seqüestrado. Ao longo dos 53 dias em que esteve em cativeiro, conseguiu que seus seqüestradores lhe dessem caneta, blocos de anotações e um caderno de 100 folhas com os quais escreveu muito: um diário sobre seus dias de seqüestrado, bilhetes e cartas para seus seqüestradores, cartas para a mulher e o filho. Além disto, rabiscou o nome do filho e escreveu declarações de amor para a mulher nas paredes do local em que esteve preso.

O publicitário procurou com suas escritas não só se comunicar com os seqüestradores e familiares como também lidar com seus sentimentos naquela situação e superar o drama. Assim, o que Olivetto viveu pode ser, para nós, uma boa reflexão sobre a relação das pessoas com a linguagem e os vários gêneros de texto que podemos escrever em função das circunstâncias que viemos.

Leia abaixo o bilhete que Olivetto escreveu para os seqüestradores:

> *Aos senhores chefes:*
>
> *Ontem tive a certeza de que se continuar nessa situação vou ter um enfarto e morrer. Por isso resolvi tomar a atitude explicada na carta em anexo que resolve tudo. Por favor leiam já. Aguardo comunicação.*
>
> *Acho que a carta não deixa dúvidas, mas estou à disposição.*

Para tentar resolver seu seqüestro, Olivetto escreveu aos seqüestradores um bilhete com a função de enviar uma carta.

ESCREVENDO TEXTOS

1 Escreva um bilhete para um amigo, desmarcando sua ida à uma festa porque você tem que estudar para o exame.

2 Imagine a carta que Olivetto poderia ter escrito a seus seqüestradores ou a seu filho. Lembre-se de usar os **elementos deste tipo de texto: o local, a data, o nome do destinatário, o corpo da carta, a despedida e a assinatura do autor**. Veja que, dependendo de para quem você decidir escrever – filho ou seqüestradores –, o tom da carta será diferente.

Dependendo da finalidade, do que temos para dizer e para quem dizer e das características da situação comunicativa, escolhemos um determinado gênero de texto. Enfim, quando falamos / ouvimos, lemos / escrevemos, em geral, não inventamos moda, usamos certos modelos de textos que fomos aprendendo em nossas experiências, com o uso da linguagem.

Escrever o diário de sua experiência no cativeiro foi a forma que Olivetto encontrou para se organizar internamente e conseguir agüentar a angústia, a solidão e o medo. Ele mesmo declarou aos jornais:

"Escrevia sem parar para me manter conectado. Há muito tempo já não estava acostumado a escrever à mão. Por isso estou repleto de calos nos dedos."

Depoimento publicado na *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 6 fev. 2002.

Desenvolvendo competências

2

Patrícia, meu amor, te adoro.

As declarações de amor que Olivetto escreveu para a mulher foram gravadas na parede do cubículo com objeto pontiagudo.

Usar a parede para comunicar algo é uma forma de expressão que vem de longa data. É só nos lembrarmos, por exemplo, dos desenhos nas cavernas feitos pelos homens primitivos e dos grafites – desenhos e textos escritos em muros da cidade por meio dos quais seus autores dão recados artísticos ou críticos.

A parede, neste caso, é o que chamamos de suporte textual, isto é, o meio pelo qual o texto é veiculado do autor para seus leitores. São suportes também o jornal, o livro, a revista, formulários impressos, cartazes, outdoors etc. Todo texto circula em um suporte e alguns gêneros de texto estão mais ligados a alguns suportes do que a outros.

O diário é um tipo de texto em que o autor relata experiências vividas e reflete sobre elas. Seu leitor, em geral, é o próprio autor, ainda que tenhamos exemplos famosos na história de diários que foram publicados, como "Diário de Anne Frank", em que uma adolescente judia conta os sofrimentos que ela, sua família e alguns amigos passaram na época do nazismo de Hitler.

Procure pensar no que tem acontecido em sua vida ultimamente e escreva uma página de diário. Você pode escrever sobre uma experiência significativa ou apenas desabafar.

SINTETIZANDO

A partir da experiência vivida pelo publicitário Washington Olivetto, pudemos pensar sobre as relações entre gênero de texto, autor, interlocutor e suporte. Os bilhetes, as cartas, a declaração de amor e o diário que ele escreveu para interlocutores diferentes, com finalidades diferentes, em vários suportes textuais, podem servir de exemplo de como as características dos textos são afetadas pelo uso e pelas circunstâncias sócio-históricas.

COMO DESCOBRIMOS A QUE GÊNERO PERTENCE UM TEXTO?

Leia os dois textos a seguir:

MULHERES QUEREM O MUNDO EM PAZ

Mensagens de paz e fraternidade se encaixam na cadência de ritmos musicais variados e nas vozes de 23 mulheres das mais diversas nacionalidades. Com este espetáculo, elas viajam pelo mundo em busca de unidade, de integração entre as pessoas e de diálogo entre as diferentes culturas. Elas formam o Gen Verde, manifestação artística do Movimento dos Fuocolares, com sede na Itália. (...)

Uma das integrantes do grupo é a pernambucana Ana Maria Figuerôa, que trabalha com o Gen Verde há quase 20 anos. "Sou formada em Fisioterapia, mas agora me dedico ao movimento", conta. Segundo ela, a atividade é intensa, já que as 23 mulheres são responsáveis por toda a estrutura do espetáculo, desde a montagem, iluminação e atuação cênica, passando pela criação das composições e coreografias e execução dos instrumentos da banda. (...)

Ela explica que o Movimento dos Fuocolares foi criado espontaneamente por algumas jovens italianas durante a Segunda Guerra Mundial. "Com tanta desgraça, a vida delas mudou radicalmente, mas resolveram ajudar os outros e descobriram o poder do amor", diz Ana Maria. O espetáculo que será visto em Porto Alegre se chama Primeiras Páginas e resgata toda esta história no formato de um teatro musical. "Três personagens fazem comentários e ajudam o público a entender a encenação. E as músicas e os textos são adaptados para a língua do país onde nos apresentamos, o que também é uma forma de demonstrar nosso amor pelos povos", acrescenta Ana Maria.

Texto 1 - *Jornal do Comércio*, Porto Alegre, 31 maio 2002. Caderno Viver.

Lídia, passei por aqui, mas você não estava. Que tal irmos assistir ao espetáculo do Gen Verde, hoje à noite? Mais tarde eu volto, tá? Beijão
Sofia

31/05/02

Texto 2

Qual dos dois é uma notícia? O primeiro ou o segundo?

Se você respondeu o primeiro, acertou. Mas como será que você descobriu qual era o gênero de texto? Muito provavelmente porque você lê jornais, senão diariamente, ao menos quando dá, ou acompanha o que se passa no Brasil e no mundo, escutando as notícias pelo rádio ou assistindo aos noticiários de TV. De tanto ler notícias, escutar notícias ou assistir aos telejornais, você acaba aprendendo a identificar uma notícia. Mas você vai ver que é muito mais fácil reconhecer uma notícia—até porque estamos acostumados a participar de uma série de situações comunicativas em que elas estão envolvidas— do que explicar o que é uma notícia.

Mas vamos tentar.

Características	*Notícia*
Título	O título, que é a manchete, apresenta claramente para o leitor o fato mais importante da matéria.
Modo de exposição das informações	Os fatos são apresentados pela ordem de importância, isto é, apresenta-se primeiro aquilo que o jornalista pensa que é mais relevante para seu leitor.
Informações presentes nos parágrafos iniciais	Em geral, as informações contidas nos parágrafos iniciais respondem às questões: Quem? O quê? Quando? Onde? Como? Por quê? Para quê? (Não é obrigatório que os dados sejam apresentados nesta ordem nem que todos estejam presentes).
Tratamento dado às informações apresentadas	Para que o leitor acredite que os fatos realmente aconteceram, os jornalistas empregam alguns recursos: • apresentar nome e sobrenome das pessoas envolvidas; • dizer exatamente o local; • definir o momento em que ocorreram os fatos a partir da data de circulação; • apresentar o que as pessoas envolvidas disseram; • apresentar os fatos de forma objetiva.
Suporte	No caso da notícia impressa, jornais e revistas semanais.
Permanência em circulação	Em geral, o prazo é curto, determinado pela periodicidade da publicação em que a notícia foi veiculada.
Modo de ler	Normalmente, o leitor lê apenas as partes da notícia suficientes para mantê-lo informado.

Complete a tabela a seguir, levando em conta os dados presentes na notícia (Texto 1) que foi publicada no Jornal do Comércio.

Notícia	
Manchete	
Informação destacada	
Modo de exposição das informações	Quem?
	O quê?
	Quando?
	Onde?
	Como?
Suporte	

Desenvolvendo competências

3 *A partir das informações que apresentamos na tabela a seguir, elabore uma notícia curta. Não se esqueça de criar uma manchete.*

Quem?	*pesquisadores italianos.*
O quê?	*clonar animais.*
Quando?	*abril de 2002.*
Onde?	*na Itália e outras partes do mundo .*
Como?	*a partir de células de bichos adultos.*
Por quê?	*por motivos financeiros: ajudar a pecuária.* *Por motivos científicos: recuperar espécies em extinção.*

GÊNEROS DE TEXTO: MODOS DE LER

Quando você consulta uma lista telefônica para descobrir um número de que precisa, não lê a lista página por página, linha por linha. Orientando-se pela ordem alfabética, vai direto às páginas em que espera encontrar a informação que deseja.

Se você quer preparar uma receita diferente, irá ler os ingredientes, deixá-los todos à mão e, depois, vai lendo e executando cada etapa para fazer tudo certo e o prato ficar gostoso.

Assim como há uma enorme diversidade de textos, há, também, uma grande diversidade de modos de ler. Dependendo das características do gênero de texto e dos objetivos que temos com a leitura, vamos ler de um modo ou de outro.

Desenvolvendo competências

4

Leia o texto a seguir:

Desde os tempos antigos nas regiões da Europa e da África, o alecrim (Rosmarinus officinalis) é utilizado tanto na culinária (como tempero) como em tratamentos medicinais. Na Grécia antiga, a planta era utilizada no tratamento de problemas estomacais e como desinfetante.

O alecrim deve ser cultivado em clima temperado, tanto em terrenos secos, como em solos arenosos e ricos em matéria orgânica, com pouca irrigação.

Deve ser plantado na primavera ou verão por meio de mudas ou sementes. Sua altura varia de 0,50 m a 2 m.

Seis meses após o plantio, as folhas podem ser colhidas e a planta também dá flores azuis, brancas ou rosadas.

Folha de S.Paulo, São Paulo, 5 fev. 2002. Caderno Agrofolha, p. F 2.

Resumindo o texto

Procure reler o texto e escreva onde está cada idéia central:

1º parágrafo

· o nome científico do alecrim;

· a história de sua utilização;

2º parágrafo

· clima e tipo de solo adequado ao cultivo do alecrim;

3º parágrafo

· época de plantio e características da planta;

4º parágrafo

· época da colheita e outras características da planta.

Muitos gêneros de textos, como verbetes de enciclopédia, artigos de divulgação científica e textos didáticos tratam de assuntos ligados às ciências em geral. Quem lê esses textos geralmente quer ampliar seus conhecimentos a respeito de um determinado assunto, ou precisa estudar algo para a sua formação escolar ou profissional. Tais gêneros usam conceitos específicos das diferentes áreas do conhecimento, empregam muitos termos técnicos, apresentam dados, exemplos, explicações e argumentos. O leitor, para compreender esse tipo de texto, precisa aprender a sintetizar as informações e, para isso, precisa aprender a selecionar as informações principais e compreender as relações entre informações mais importantes e menos importantes.

No texto que lemos, você deve ter percebido como fomos ampliando nosso conhecimento a respeito do alecrim: desde seu nome científico e seu uso, até como cultivá-lo.

Textos de divulgação científica são em geral produzidos por especialistas ou adaptados por professores ou jornalistas para traduzir a um público não especializado assuntos de natureza técnica ou científica.

Desenvolvendo competências

5 *Com o que já discutimos acima e sabendo que retiramos, de propósito, o título do texto da página 109, assinale qual poderia ser ele.*

a) A planta milagrosa.

b) Alecrim.

c) A planta que dá flores.

d) Rosmarinus officinalis.

ELABORANDO ESQUEMA

Sabendo que o esquema é uma forma de resumir as idéias de um texto e que ele é elaborado por meio do uso de palavra-chave (idéia central) ou de frases que sintetizam cada informação, veja como poderíamos esquematizar o texto "Alecrim":

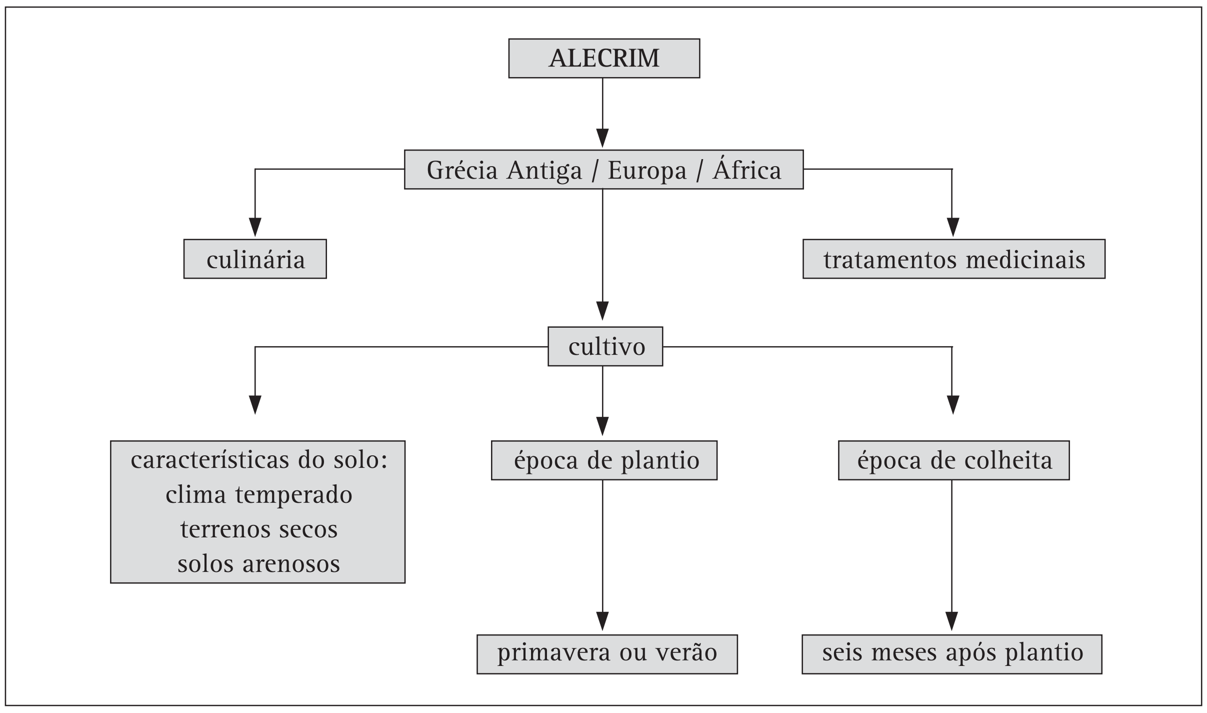
ALECRIM
Grécia Antiga / Europa / África
culinária
tratamentos medicinais
cultivo
características do solo: clima temperado terrenos secos solos arenosos
época de plantio
época de colheita
primavera ou verão
seis meses após plantio

Desenvolvendo competências

6 *Leia um trecho de outro texto de divulgação científica.*

As plantas e a água pura

Todos os seres vivos passaram, durante milênios, por um processo provocado pela seleção natural: o meio ambiente, ao mesmo tempo em que fornece as condições necessárias à sobrevivência, elimina os indivíduos incapazes de superar as adversidades.

Alterar o meio ambiente significa alterar as condições de vida das diferentes espécies que habitam nosso planeta. A intervenção "artificial" sobre o meio, hoje em dia muito veloz e violenta, altera de tal modo as condições de vida das espécies que elas passam a não resistir, fragilizando-se, ou mesmo desaparecendo.

Um exemplo fácil de se observar é a modificação da qualidade da água dos rios que banham as grandes cidades. A poluição dos rios interfere não apenas na vida dos peixes, mas torna difícil a vida das plantas que entram em contato com a água impura.

CIÊNCIA HOJE NA ESCOLA. *Meio-ambiente*: águas. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 1999.

Assinale o conjunto de palavras que se relaciona ao tema do texto.
a) Ambiente; espécies; plantas.
b) Poluição; peixes; dinossauros.
c) Plantas; alecrim; seleção artificial.
d) Rios; mar; peixes.

Escrevendo textos

1. Você vai localizar a idéia central de cada parágrafo, para poder sintetizar o texto da página anterior. Você pode usar um lápis para anotá-la à margem no próprio texto, ou simplesmente grifar as partes que considere principais.

2. Feito isso, você vai colocar essas idéias num esquema, ou seja, vai mostrar graficamente as relações entre essas partes selecionadas. Para isso, separe a palavra ou frase que expressa a idéia mais importante. Trace uma seta ou linha, a partir dela, em direção às outras palavras ou frases que estejam subordinadas à idéia central. Veja, como exemplo, o esquema do texto "Alecrim". (na página anterior)

Se puder, compare com outros colegas os esquemas feitos por eles e verificará que cada um pode ter feito de uma forma visual diferente. As formas gráficas podem ser bem diversas, mas todos os esquemas devem garantir que as idéias estejam relacionadas de forma hierárquica, isto é, da mais importante para as secundárias, e estejam articuladas entre si.

Leia o experimento a seguir e saiba de que modo a poluição age sobre as plantas.

Colocar no fundo do vidro 1 um pouco de algodão embebido em água filtrada (cuidado para não encharcar o algodão).

Colocar no fundo do vidro 2 um pouco de algodão, também sem encharcá-lo, com a seguinte solução: ˚ copo de água filtrada, 2 colheres de sopa de detergente de cozinha e 2 colheres de sopa de óleo queimado (óleo de automóvel, obtido em qualquer posto de gasolina).

Em cada um dos vidros distribuímos cinco sementes de milho e colocamos a tampa. Depois de sete dias, já podemos observar o que aconteceu. Anote o que aconteceu.

Adaptado de: CIÊNCIA HOJE NA ESCOLA. *Meio-ambiente*: águas. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 1999.

O experimento é um gênero de texto do qual constam duas partes: a lista de materiais e o modo de fazer. A lista relaciona o que usar e as quantidades necessárias. O modo de fazer descreve, passo a passo, o que deve ser feito para realizar o experimento.

Há muitos outros textos que se organizam assim, como por exemplo: as instruções para preenchimento de formulários, as receitas culinárias, as instruções presentes em bulas para se tomar um remédio, os manuais para se montar um aparelho etc. Nestes gêneros, se você fez bem feito, leu direito. Mas é claro que vão estar em jogo outras habilidades. Pense, por exemplo, que uma mesma receita pode variar muito, dependendo do talento do(a) cozinheiro(a).

Desenvolvendo competências

7 *Assinale o conjunto de verbos usados no experimento.*

a) *Colocar; ser; embeber.*

b) *Parecer; embeber; observar*

c) *Distribuir; anotar;estar.*

d) *Colocar;observar; anotar.*

ESCREVENDO TEXTOS

Pense em uma coisa que você sabe fazer bem e que poderia ensinar para alguém. Não se esqueça de apresentar a lista de materiais e de explicar bem, tintim por tintim, como fazer.

TEXTOS LITERÁRIOS

Leia o miniconto abaixo e aprecie como a autora aborda o tema das transformações humanas:

> UM CERTO LUCRO...
>
> *Quando adolescente, com loucura e entre suspiros, colecionava retratos de seu ator preferido formando completíssimo álbum reunindo, além das fotografias, muitos desejos jamais confessados.*
>
> *Anos mais tarde vendido o álbum a estudioso do assunto rendeu-lhe relativo lucro, concluindo que, algumas vezes, podem-se tirar dos sonhos resultados práticos ligeiramente satisfatórios.*
>
> SIMÕES, Maria Lúcia. *Contos contidos*. Rio de Janeiro: RHJ, 1996.

No miniconto, “Um certo lucro”, há apenas dois parágrafos que tratam de dois momentos da vida da personagem: a adolescência na qual colecionava retratos de seu ator predileto e a vida adulta na qual vende o álbum e obtém “um certo lucro...”, como diz o título. Constate, na tabela a seguir, como a escolha das palavras no conto é importante para criar as diferenças fundamentais entre as duas fases da vida: uma mais sonhadora, quando se é jovem, e a outra mais prática, quando se é adulto. Observe como de modo indireto a autora lamenta abrir mão dos sonhos.

Uso das palavras no texto

Adolescência	Maturidade
loucura	venda
suspiros	renda
desejos	lucro
sonhos	resultados práticos

Podemos dizer que houve alteração na vida da personagem da adolescência para a maturidade. Mas o lucro não é total: é um “certo” tipo de lucro que tem o gosto amargo das reticências, do adeus às ilusões, dos sonhos perdidos, da falta dos desejos ou, como diz a canção, “da loucura que não deixa o juízo apodrecer”.

Desenvolvendo competências

8

Pense em duas fases na vida de uma pessoa:
criança / adolescente
solteiro / casado
ou outra qualquer e elabore o seu miniconto.
Faça como a autora e use apenas dois parágrafos.

Leia o poema a seguir e aprecie como o autor faz de sua poesia uma denúncia.

Poema brasileiro
No Piauí de cada 100 crianças que nascem
78 morrem antes de completar 8 anos de idade
No Piauí
de cada 100 crianças que nascem
78 morrem antes de completar 8 anos de idade
No Piauí
de cada 100 crianças
que nascem
78 morrem
antes
de completar
8 anos de idade
antes de completar 8 anos de idade
antes de completar 8 anos de idade
antes de completar 8 anos de idade
antes de completar 8 anos de idade

GULLAR, Ferreira. *Toda poesia*: 1950-1980. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981, p.14 (Coleção Vera Cruz. Literatura Brasileira, v. 300).

No texto, a idéia “No Piauí de cada 100 crianças que nascem 78 morrem antes de completar 8 anos de idade” é usada de formas diferentes, em vários versos, e é exatamente a repetição e a organização de cada verso, dando destaque a uma palavra ou conjunto de palavras a cada vez, que vão construindo a reflexão a respeito da mortalidade infantil no Piauí, símbolo de outras regiões do Brasil.

Desenvolvendo competências

9

O autor, ao usar o verso "antes de completar 8 anos de idade", repetido quatro vezes, no final do poema, quer

a) que o poema fique cansativo.

b) responsabilizar o governo.

c) reforçar a denúncia.

d) que o poema fique bonito.

Nos dois textos literário que lemos, fomos levados a pensar na vida, nos nossos sentimentos, lembranças, desejos, sonhos; mas também em nossas indignações, medos, preocupações. Verifique ainda que, em ambos os textos, não é só o tema de cada texto que é importante, mas o jeito como cada autor usou as palavras para se expressar toca nosso coração e o faz bater diferente. É assim que no texto literário " o que" se diz é tão importante quanto " o como" se diz.

Desenvolvendo competências

10

Hoje em dia, sabemos que a mortalidade juvenil nas grandes cidades está aumentando assustadoramente. A taxa de homicídio por 100 mil pessoas foi de 27% em 2000, enquanto que, entre jovens de 15 a 24 anos, foi de 52,10%, segundo dados da Folha de S.Paulo, *de 4 de maio de 2002, página C 3.*

Elabore um poema com a mesma estrutura do "Poema brasileiro", fazendo as devidas substituições e organizando os versos de formas diferentes, para poder chamar a atenção do leitor de diferentes maneiras.

Poema de F.Gullar	*Poema do estudante*
No Piauí	
de cada 100 crianças que nascem	
78 morrem	
antes de completar 8 anos de idade	

TEXTO PUBLICITÁRIO

Leia o folheto a seguir e aprecie como a imagem e as palavras se relacionam.

FUNDAÇÃO
ABRINQ
PELOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

ABRINQ

pelos direitos da criança e do adolescente
"Crianças acreditam nos adultos
Não porque os adultos são sinceros
Mas porque toda criança é ingênua
Crianças se sentem protegidas pelos adultos
Não porque todos os adultos são protetores
Mas porque toda criança é carente
Algumas muito mais carentes que as outras."

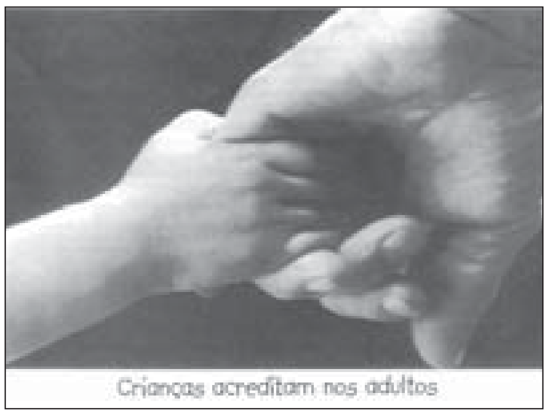

Boleto de Banco para fazer doação para Abrinq.
Foto de Ricardo de Vicq

A quem você acredita que a propaganda seja dirigida? A uma criança ou a um adulto?

É claro que é a um adulto. Mas podemos dizer que aqui são referidos dois tipos de adultos: um que ameaça a criança e um outro que não quer se identificar com quem não protege a infância. A idéia central é, então, dirigir-se a um adulto que não pode se omitir, pois isto é uma forma de ameaçar. É assim que a propaganda procura "pegar" o adulto pela emoção, afirmando fortemente seu papel de protetor da infância.

O que mais chama a atenção neste folheto é sem dúvida a foto: mãos de criança e de adulto entrelaçadas– a velha e forte idéia do "dar a mão"... Verifique o contraste entre a criança e o adulto: a primeira representada por uma pequena mão contida pela mão adulta– forte e protetora.

Desenvolvendo competências

11 *Os elementos da foto que indicam que a mão adulta é masculina são:*

a) o tamanho e a delicadeza.

b) a força e a proteção.

c) a cor e as unhas.

d) os pêlos e o formato.

Confirmamos com os dados do teste que o uso de elementos visuais, numa propaganda, faz parte da construção dos sentidos do texto. Assim, a mão adulta reforça a idéia de proteção.

O contraste visual entre adulto e criança é confirmado no texto escrito.

Criança	*Adulto*	*Criança*
Crianças acreditam em adultos	Não porque os adultos são sinceros	Mas porque toda criança é ingênua
Crianças se sentem protegidas pelos adultos	Não porque todos os adultos são protetores	Mas porque toda criança é carente

Observe que a referência ao adulto sempre começa com um “não” e a referência à criança com um “mas”. Novamente, estamos no campo da oposição entre criança e adulto.

Quais as características da criança, de acordo com o texto? São ingênuas, carentes, acreditam nos adultos, sentem-se protegidas por eles. E os adultos? Eles “não são sinceros” e “não são protetores”, porque, se o fossem, talvez não houvesse infância necessitada. O uso de tantos “não” pode ter a finalidade de que se torne um sim, “vou doar”, por exemplo. Portanto, estas idéias têm a intenção de fazer o doador mudar de atitude, não se omitindo e provando que é sincero e protetor, por isso fará a doação.

Outro aspecto: falar que toda criança é ingênua e carente torna a criança que necessita de doação igual às outras, ou seja, aquela que o adulto tem em casa – filho, irmão, sobrinho etc. – o que representa um grande apelo afetivo para o possível doador.

Note ainda que o uso da expressão “toda criança” acaba por dar força, ao final, à criança que precisa da doação. Ela faz parte da idéia “toda criança”, com uma grande diferença: ela precisa muito mais que as outras.

A propaganda é um gênero textual que usa uma linguagem específica que relaciona elementos verbais ou texto escrito e elementos visuais, como desenhos, fotos, imagens, símbolos etc, procurando convencer o consumidor a comprar o produto da publicidade, seja ele um objeto, uma imagem, um serviço, uma idéia etc. É assim que a publicidade, como uma das sustentações da sociedade de consumo, acaba por ensinar uma visão de mundo e por ditar comportamentos e valores.

Desenvolvendo competências

12

1. *Você viu que o "slogan" da ABRINQ é "pelos direitos da criança e do adolescente". Imagine que a Fundação Abrinq queira mudar esse "slogan". Contribua, criando um outro. Se puder, leia o que outros colegas escreveram e conversem a respeito.*
2. *Faça uma lista dos "slogans de propaganda" que você conhece. Se puder, veja quais seus colegas conhecem também.*

SINTETIZANDO

Pelas análises que fizemos, vimos que diferentes objetivos de leitura determinam modos de ler e usos de gêneros também diferentes. Ler para estudar, ler para fazer coisas, ler para recriar a realidade, ler para decidir o que comprar são algumas finalidades que exigem de nós, leitores, a escolha de um gênero textual entre outros.

PARA FINALIZAR...

Falar, ouvir, ler e escrever são ações humanas relacionadas à linguagem. São elas que ajudam a explicar a realidade e a estruturar nossa experiência de vida. No que se refere ao exercício da cidadania, é a língua materna que ajuda a preservar a memória e a identidade nacional. Conhecer e saber usar os vários gêneros de textos contribui para ampliar nosso repertório textual e nossas possibilidades de interferir na realidade.

Conferindo seu conhecimento

1 *1) Resposta (d). 2) Resposta (b).*

5 *O título de um texto de divulgação científica tem relação com seu tema ou assunto e deve indicar claramente para o leitor do que vai tratar. Se considerarmos que o texto estudado foi retirado de um caderno de jornal chamado Agrofolha, fica claro que o leitor desse tipo de texto é, no mínimo, um interessado em agricultura e que o título "Alecrim" deve atrair sua leitura, caso queira informar-se a respeito.*

6 *Resposta (a).*

7 *Resposta (d).*

9 *Resposta (c).*

11 *Resposta (d).*

ORIENTAÇÃO FINAL

Para saber se você compreendeu bem o que está apresentado neste capítulo, verifique se está apto a demonstrar que é capaz de:

- Reconhecer temas, gêneros, suportes textuais, formas e recursos expressivos.
- Identificar os elementos organizacionais e estruturais de textos de diferentes gêneros.
- Identificar a função predominante (informativa, persuasiva etc.) dos textos em situações específicas de interlocução.
- Relacionar textos a um dado contexto (histórico, social, político, cultural etc.).
- Reconhecer a importância do patrimônio lingüístico para a preservação da memória e da identidade nacional.

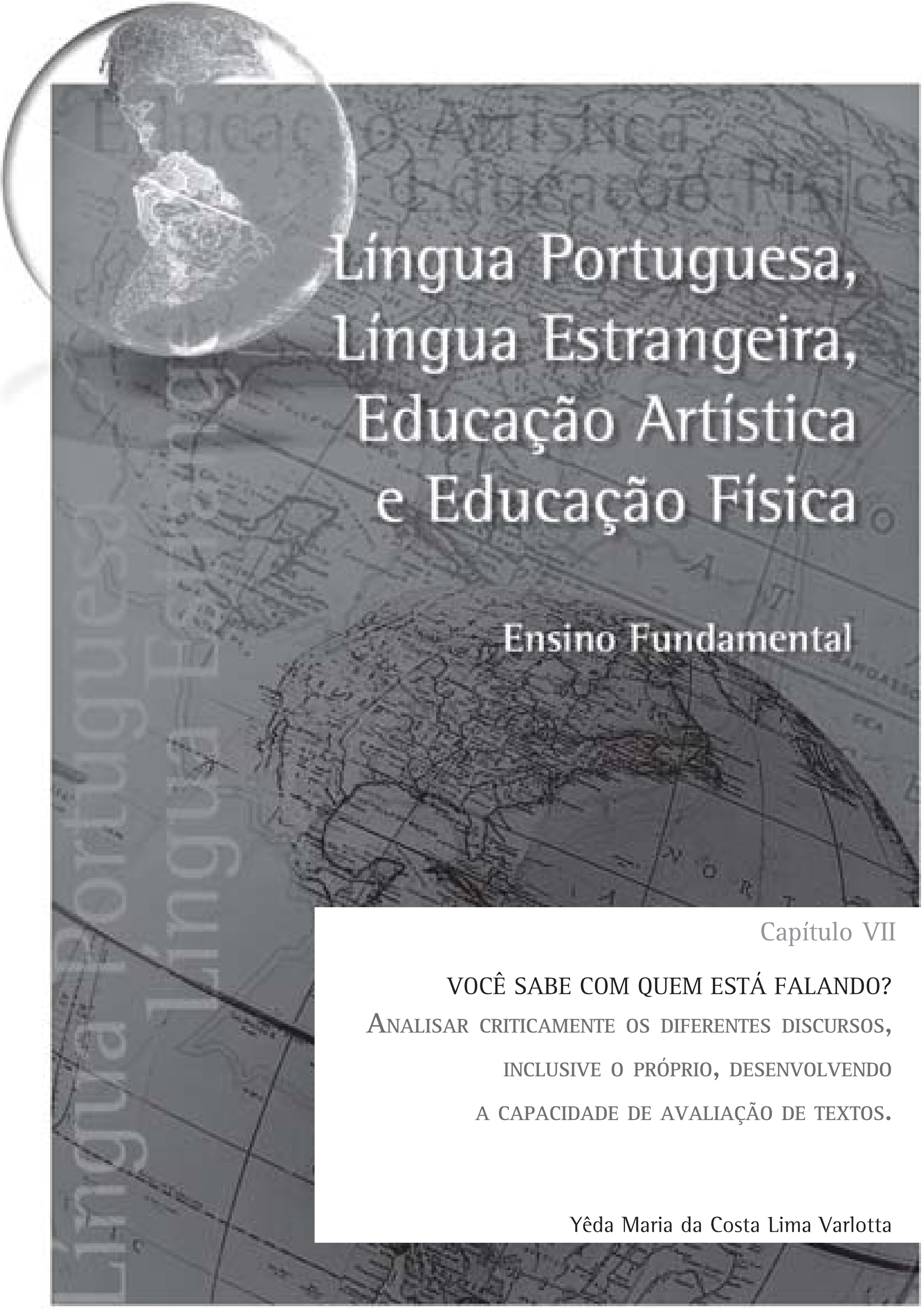

Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Educação Artística e Educação Física

Ensino Fundamental

Capítulo VII

VOCÊ SABE COM QUEM ESTÁ FALANDO?

ANALISAR CRITICAMENTE OS DIFERENTES DISCURSOS, INCLUSIVE O PRÓPRIO, DESENVOLVENDO A CAPACIDADE DE AVALIAÇÃO DE TEXTOS.

Yêda Maria da Costa Lima Varlotta

Capítulo VII

Você sabe com quem está falando?

Neste capítulo você vai refletir sobre diferentes maneiras de usar a língua portuguesa para falar sobre trabalho e trabalhadores. Você vai ler e produzir diferentes tipos de textos e vai descobrir um dos muitos caminhos para analisar o que diferentes autores, inclusive você, dizem sobre esse tema.

Vamos falar sobre o diálogo de autores e leitores através dos textos. Vamos observar como os textos "conversam" entre si, seja porque falam do mesmo assunto, seja porque apresentam algumas semelhanças na maneira como são escritos.

Ao final, esperamos que você seja capaz de usar a língua portuguesa para:

1. produzir textos que mostrem sua visão de mundo, suas intenções e interesses;
2. ler para interpretar de maneira crítica os interesses e intenções do autor do texto;
3. respeitar os diferentes pontos de vista dos autores sobre o trabalho e
4. ser solidário com os trabalhadores.

Bom trabalho!

VOCÊ PRODUTOR DE TEXTOS: FALAR E ESCREVER COM INTENÇÃO DE REFLETIR SOBRE O MUNDO E DE INTERAGIR COM OUTROS HOMENS.

De manhã, você levanta e toma uma xícara de café. Em que pensa? O que sente quando toma seu café? Ou, de tanta pressa, nem chega a pensar ou sentir alguma coisa? É. A vida, às vezes, é tão corrida e difícil que a gente faz as coisas de todo o dia como se fosse um autômato, uma máquina. Não pensa sobre elas; às vezes, nem as percebe. Quase nunca (ou nunca mesmo!) fala ou escreve sobre elas.

Para falar ou escrever é preciso que você tenha:

coisas para dizer
razões para dizer
pessoas a quem dizer

De acordo com a situação, você decide se vai falar ou se vai escrever. Suas decisões dependem de algumas coisas:

O que quer contar? Por que quer contar o que aconteceu? Para quem pretende contar?

Parece uma coisa complicada. Mas observe que, toda vez que você usa a língua para falar ou escrever a respeito de alguma coisa, você está levando em conta essas perguntas e organizando sua maneira de falar de acordo com as respostas que você mesmo dá a elas. Nós usamos a língua para falar sobre alguma coisa, para alguém, com uma intenção. Por isso escolhemos, dentre as diferentes maneiras possíveis de usar a língua, aquela que parece mais adequada.

Vamos imaginar algumas situações que exijam que você fale ou escreva.

De manhã, você derruba todo o café que estava pronto. Nem todas as pessoas que moram em sua casa tomaram café e você fica preocupado com elas. A pessoa que faz o café todos os dias encontra-se na casa.

Situação 1

Nessa situação, você teria:

a) **razões ou motivos para falar:** ficou preocupado;
b) **o que falar:** pedir para fazer mais café;
c) **com quem falar:** a pessoa que faz café em sua casa.

A escolha de com quem falar **— o interlocutor —** depende do que temos para falar e das intenções ou da razão que temos para falar. Na situação proposta, você falaria com a pessoa encarregada de fazer o café porque ela poderia resolver seu problema. Você se dirige a seu interlocutor, esperando que ele faça uma determinada ação.

Quando falamos, esperamos que nosso interlocutor tenha determinadas atitudes ou faça algumas ações.

E de que modo você falaria com a pessoa que pode fazer outro café? Isso vai depender do que pensa de seu interlocutor, de sua relação com ele. Você poderia dizer de diferentes maneiras. Vamos ver algumas:

1. Derrubei o café. Por favor, faça outro.
2. Faça outro café. Derrubei o que estava pronto.
3. Olha, derrubei todo o café. Dá pra fazer outro?
4. Acho que vai precisar fazer mais café. Derrubei o outro todinho.
5. Melhor fazer outro café. Derrubei tudo.

Observe que em todos esses modos de dizer, o que se pretende é que a pessoa faça café. Mas fala-se de maneiras diferentes. Às vezes, pedindo, às vezes, mandando, outras sugerindo... São diversos os jeitos de levar o interlocutor a fazer o que se pretende dele. Esses diferentes modos de dizer dependem de nossos conhecimentos sobre a língua, do que somos, da relação que temos com nosso interlocutor e do que pretendemos dele.

Escolhemos a maneira de falar ou escrever de acordo com a situação.

Vamos imaginar outras situações, para perceber como, mudando a situação, mudam as razões para dizer, os interlocutores e os modos de dizer o que se pretende.

De manhã, você derruba todo o café que estava pronto. Suja toda a roupa, tem de trocá-la, demora muito para se vestir, perde tempo e a condução que o levaria para o trabalho. Chega atrasado em seu emprego e precisa justificar-se com seu chefe ou patrão.

Situação 2

Observe que, nessa situação que estamos imaginando, você tem:

a) **o que falar –** seu atraso;

b) **razões para falar –** precisa justificar seu atraso;

c) **com quem falar –** seu chefe ou patrão.

Agora, você precisa escolher como vai falar. Lembre-se de que sua maneira de falar vai influir na atitude de seu interlocutor, que é seu superior e tem o poder de desculpar ou de punir você pelo atraso.

Escreva como falaria com seu chefe ou patrão.

Leia em voz alta o que escreveu e responda: ele desculparia seu atraso?

De manhã, enquanto você tomava seu café, de repente começou a pensar nas pessoas que trabalharam para que você pudesse alimentar-se. Pensou na pessoa que, em sua casa, levantou mais cedo para preparar seu café e já saiu para trabalhar. Percebeu que nunca agradeceu a ela pelo que faz todo dia. E resolveu fazê-lo por escrito.

Situação 3

Pensando numa situação real, para quem escreveria? Faria uma carta, um bilhete, uma poesia? Que palavras usaria? Não se esqueça de que sua intenção é agradecer e que você pretende que seu interlocutor sinta-se comovido e feliz ao ler o texto que você produziu.

Como estamos propondo que você escreva realmente para a pessoa que faz seu café, esperamos que capriche na escolha do papel e na letra.

O QUE ESTÁ EM JOGO QUANDO FALAMOS E ESCREVEMOS

Falamos e escrevemos sobre as coisas que estão no mundo, sobre fatos que presenciamos ou sobre coisas que vivemos, pensamos, queremos, desejamos. Falar e escrever é uma forma de transformar o que vivemos, de tornar importantes as coisas que fazemos, de dialogar com outras pessoas, de comunicar o que pensamos, sentimos e queremos. Falamos e escrevemos porque temos alguma coisa a dizer para alguém a respeito de alguma coisa. E escolhemos as palavras e maneiras de dizer de acordo com nossa intenção em relação ao assunto e à pessoa com quem falamos ou para quem escrevemos.

Quando falamos ou escrevemos, somos **locutores** ou **autores**. A pessoa com quem falamos ou para quem escrevemos são nossos **interlocutores** ou **leitores**. As palavras que usamos constituem um **texto**. Um texto tem vários sentidos. Os sentidos do texto escrito ou falado não estão apenas nas palavras, mas também no **contexto** e na **situação** criada entre os interlocutores. Ao escrever, o autor vai deixando pistas de sua intenção no texto que escreve. O leitor, diante do texto escrito, vai perseguindo essas pistas para captar os sentidos e as possíveis intenções do autor. Quanto mais o leitor é capaz de descobrir essas pistas, mais perto ele chega das intenções que levaram o autor a produzir o texto. Como são muitos os sentidos e as intenções, saber interpretar bem as pistas deixadas pelo autor no texto faz o leitor seguir a direção apontada pelo autor.

Você é autor de seus próprios textos, quando fala ou escreve.

QUANDO VOCÊ FOR ESCREVER, LEMBRE-SE:

- ***dos motivos que tem para escrever:*** *contar algum fato, narrar um acontecimento, fazer um pedido, extravasar um sentimento, falar sobre o que sabe, atender a uma solicitação e muitos mais;*
- ***de quem será seu leitor:*** *conhecido, desconhecido, imaginado, próximo, distante, criança, adulto, que é seu superior, igual a você, seu subordinado, de quem você gosta, etc.;*
- ***do que pretende do leitor:*** *informá-lo, convencê-lo de alguma coisa, emocioná-lo, fazê-lo concordar com você, etc.*
- ***de escrever dando pistas para o leitor do que pretende dizer:*** *escolhendo palavras, expressões, maneiras de dizer, tipo de texto.*

Quando for escrever, não se esqueça de que seu texto mostra a sua maneira de interpretar as coisas. Uma maneira própria. Mas como você é uma pessoa que vive num determinado tempo e lugar, que pensa coisas de acordo com o grupo de pessoas com quem vive e convive, seu texto expressa também valores e interesses desse grupo ao qual você pertence.

VOCÊ LEITOR DE TEXTOS: LER PARA REFLETIR SOBRE O MUNDO E INTERAGIR COM OUTRAS PESSOAS

Lembra-se das situações 1, 2 e 3, todas tendo como ponto de partida coisas que aconteceram no café da manhã? A partir delas propusemos que você escrevesse, que você assumisse a posição de autor de textos. Agora, você vai mudar de lugar. Você vai passar a leitor de textos de pessoas que escreveram sobre coisas presentes em sua mesa de café.

Veja o que o poeta brasileiro Ferreira Gullar escreveu recriando o que pensou, ao tomar o café da manhã.

O AÇÚCAR

O branco açúcar que adoçará meu café
nesta manhã de Ipanema
não foi produzido por mim
nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.

Vejo-o puro
e afável ao paladar
como beijo de moça, água
na pele, flor
que se dissolve na boca. Mas este açúcar
não foi feito por mim.

Este açúcar veio
da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira,
dono da mercearia.
Este açúcar veio
de uma usina de açúcar em Pernambuco
ou no Estado do Rio
e tampouco o fez o dono da usina.

Este açúcar era cana
e veio dos canaviais extensos
que não nascem por acaso
no regaço do vale.

Em lugares distantes, onde não há hospital
nem escola,
homens que não sabem ler e morrem
aos vinte e sete anos
plantaram e colheram a cana
que viraria açúcar.

Em usinas escuras,
homens de vida amarga
e dura
produziram este açúcar
branco e puro
com que adoço meu café esta manhã em Ipanema.

GULLAR, Ferreira. *Toda poesia*: 1950-1999. 11. ed.
Rio de Janeiro: J. Olympio, 2001. p. 165.

Você gostou do poema? Esperamos que sim. O que sentiu quando terminou de lê-lo? Se você pensou na situação injusta em que vivem os trabalhadores que produzem o açúcar, você estabeleceu um diálogo com o autor, seguiu as pistas que ele deixou no texto e fez uma leitura próxima da que ele pretendia que você fizesse.

Poemas são escritos para despertar nos leitores sentimentos, emoções, pensamentos. Os poemas chamam a atenção para a realidade humana. Ajudam a pensar o mundo e a vida de uma maneira diferente. Eles mostram para o leitor uma nova maneira de ver. Eles criam, com palavras, uma nova realidade.

VAMOS LER JUNTOS O POEMA DE FERREIRA GULLAR

Quando você lê um texto, se quiser dialogar com o autor, se quiser entender alguns de seus sentidos, é importante seguir as pistas do autor. Vejamos uma maneira de fazer isso no texto de Ferreira Gullar.

Quem é o autor e de que lugar ele fala?

Ferreira Gullar é um poeta, que nasceu no Maranhão, em 1930, e que vive no Rio de Janeiro. Trata-se, portanto, de um nordestino que, como muitos outros, migrou para outras regiões do país.

Conhecer o autor é importante para compreender o texto. Observe que, em seu poema, Ferreira Gullar refere-se às plantações de cana de regiões em que nasceu e viveu: Nordeste (Pernambuco) e Sudeste (Rio). O autor escreve a respeito de assuntos que viveu, sabe e conhece. Lembre-se disso: a gente fala ou escreve a respeito do que sabe ou quer entender melhor, mesmo quando é ficção, imaginação ou recriação. Nossas experiências de vida e o conhecimento que temos do assunto sobre o qual vamos falar ou escrever são importantes. Mas para conhecer não é preciso viver diretamente; podemos conhecer também através da leitura. Por isso, é importante ler a respeito de vários assuntos.

No poema, o autor dá uma pista a respeito do lugar de onde ele está falando: Ipanema. Se você mora no Rio de Janeiro ou sabe que este é um bairro desta cidade, de cara localiza o espaço onde está a pessoa que fala no poema. Se você não sabe onde fica Ipanema, vai ter que procurar informações com outras pessoas ou em mapas. O dicionário, neste caso, não pode ajudar você diretamente.

Para quem fala o autor?

Como o autor fala sobre um assunto conhecido e utiliza palavras simples, podemos dizer que ele se dirige a um grande número de pessoas. Se pensarmos apenas no texto escrito, podemos dizer que se dirige a um leitor alfabetizado, que goste de poesia. Mas, se pensarmos que o poema pode ser lido em voz alta para outras pessoas, podemos dizer que ele pode ser entendido até por pessoas que não são alfabetizadas.

Sobre o que fala o autor? Qual o assunto?

No poema, o autor fala sobre os homens que trabalham na produção do açúcar. Recupera o caminho do açúcar, das plantações à mesa do café. Observe que o título do poema – **O açúcar** – não resume o assunto, é só o objeto que provoca a reflexão do autor. Ele não vai falar do açúcar que está no açucareiro; ele fala dos trabalhadores que o produziram. Pode parecer estranho, mas na poesia acontece muito isso. É diferente de um texto de livro didático ou de um título de reportagem, que oferecem informações mais precisas e objetivas sobre o que vai ser dito.

Qual a posição do autor diante do assunto?

Ao se referir à falta de escolas, de hospitais e à morte precoce dos que trabalham nas plantações de cana, o autor mostra que está do lado desses trabalhadores, que ganham pouco e não têm respeitados seus direitos de freqüentar a escola, de ter acesso à saúde. Ele se coloca do lado dos mais pobres e, de certa forma, participa de sua vida.

Com que intenção o autor fala?

Sua intenção é denunciar as condições de trabalho das pessoas que plantam e colhem a cana-de-açúcar.

O que o autor espera do leitor?

Ele espera que seu leitor reflita sobre o trabalho que está por trás dos produtos que ele consome. Pretende, ainda, que ele se comova com as condições injustas e adversas enfrentadas pelos trabalhadores das lavouras canavieiras.

Como escreve o seu texto?

Observe que o autor escreve um poema. Esse tipo de texto, embora tenha como ponto de partida a realidade, é uma criação do autor, uma **ficção**. Como o autor pretende que o leitor reflita, ele utiliza como estratégia ir refazendo o caminho percorrido pelo açúcar, do presente para o passado. Observe que ele vai seguindo um raciocínio; não apresenta logo de início o que pretende defender. Ele vai argumentando e levando seu leitor a raciocinar. No poema, ele parece estar respondendo a uma pergunta que não está escrita no texto: quem produziu o açúcar? E, nas primeiras estrofes, vai negando possíveis respostas que o leitor poderia dar – ele não foi produzido pelo dono da mercearia nem pelo dono da usina. Nas estrofes finais, fala dos verdadeiros produtores. Ferreira Gullar escolheu ir construindo seu texto a partir da negação, deixando para o final do poema o que pretendia afirmar. Esta é uma forma de escrever que ajuda a convencer, leva o leitor a acompanhar o autor e ir descobrindo aos poucos onde ele pretende chegar. O leitor vai, assim, seguindo o raciocínio do autor, fica o tempo todo de seu lado e acaba concordando com ele.

Mas o autor também pretende comover o leitor e levá-lo a se indignar com a situação dos trabalhadores. Para comover o leitor, descreve sua situação de vida - sem escola, sem hospitais, morrendo jovens. Para levar o leitor a ficar indignado, mostra a contradição entre o açúcar (produto) e a vida de seus produtores: o açúcar é branco, as usinas são escuras; o açúcar é doce e derrete na boca, a vida nas plantações é dura e amarga.

Você deve ter observado, nessa leitura que fizemos do texto, que:

Ler é mais do que entender as palavras.

Através do texto, autor e leitor conversam, dialogam. Assim, um texto é muito mais do que um conjunto de palavras ou frases a respeito de um assunto. Por trás das palavras, existem pessoas, intenções, interesses e situações. Ao escrever um texto, o autor pensa ou imagina um leitor para quem escreve com a intenção de trazê-lo para seu lado. Pode-se dizer que o autor procura trazer a “sardinha para sua brasa”. Ele pretende convencer o leitor a ver as coisas de seu ponto de vista. O autor tem intenções e interesses. Essas intenções e interesses nem sempre estão claros no texto. Mas pode-se chegar a eles lendo as “pistas” que o autor vai deixando no texto. Isso exige que o leitor leia com bastante atenção e analise a maneira como o autor escreveu.

Ler é dialogar com o autor através do texto.

O diálogo entre aquele que escreve e aquele que lê chama-se interlocução. E esse diálogo se faz em torno de um determinado assunto e acontece num determinado tempo e espaço. Aquele que fala (autor) tem alguma intenção em relação àquele com quem fala (interlocutor). Aquele que lê (leitor) precisa entender o que é dito e também o que fica subentendido, as intenções daquele que diz. Ele precisa avaliar o que o outro fala, para não se deixar enganar, ou até para mudar as próprias opiniões a respeito do assunto.

QUANDO VOCÊ FOR LER, LEMBRE-SE DE QUE:

- *autores e leitores dialogam através do texto;*
- *o autor que vive num determinado lugar e tempo pensa o mundo de uma determinada maneira e defende alguns valores e interesses;*
- *o autor pretende que o leitor realize determinadas ações. Para que isso aconteça, ele precisa trazer o leitor para seu lado e convencê-lo do que está dizendo. As intenções do autor podem ser percebidas pelo leitor pela maneira como ele escreve o texto;*
- *no texto, o fato ou assunto é interpretado de uma determinada maneira pelo autor. Autores diferentes podem ter interpretações diferentes. A maneira como o autor interpreta os fatos depende de suas experiências e da maneira como ele vê o mundo;*
- *o texto pode ter muitos sentidos, mas o leitor pode aproximar-se do sentido proposto pelo autor, lendo as pistas que ele vai deixando no texto;*
- *o leitor tem informações sobre o assunto, o gênero, o autor e vai ler com determinadas intenções: para informar-se, para estudar o texto, para divertir-se, para conhecer o autor, para responder a uma pergunta, para poder realizar uma tarefa, para conferir uma informação etc;*
- *para interpretar o texto, o leitor deve perceber as possíveis intenções do autor e, também, os procedimentos que ele utiliza para convencê-lo;*
- *o leitor tem liberdade e pode não concordar com o autor ou não fazer o que o autor do texto deseja.*

Desenvolvendo competências

1

De novo, você vai ocupar o lugar de autor.

Depois de ler o poema de Ferreira Gullar, você não passou a ver diferente seu café e as pessoas que trabalharam para que pudesse tomá-lo doce e quentinho? Quantas pessoas trabalhadoras contribuem para que possamos também trabalhar, não é mesmo?

Quando lemos, aprendemos sobre o assunto e também com o jeito como o autor escreve. De tanto ler um determinado tipo de texto, acabamos escrevendo de maneira parecida.

Então, vamos trocar de papéis. De leitor de poema, você vai se transformar em autor. Para facilitar, vamos escrever a partir do texto de Ferreira Gullar. Vamos trocar o açúcar pelo pão.

Para ajudá-lo a pensar seu texto, vamos propor algumas perguntas:

- *Para quem vai escrever?*
- *O que pretende de seu leitor?*
- *De que é feito o pão?*
- *Onde é feito o pão?*
- *Quais trabalhadores contribuem para que o pão possa ser feito?*

Desenvolvendo competências

2 *Aproveitando as palavras e a maneira de escrever de Ferreira Gullar, reescreva na coluna da direita os versos, substituindo as palavras grifadas por outras referentes a pão.*

*O **branco açúcar** que **adoçará** meu café* *nesta manhã de **Ipanema*** *não foi produzido por mim* *nem surgiu **dentro do açucareiro** por milagre.*	
*Este **açúcar** veio* *da **mercearia** da esquina e tampouco o fez o **Oliveira*** *dono da **mercearia.***	
*Este **açúcar** era **cana*** *e veio dos **canaviais** extensos* *que não nascem por acaso* *no **regaço do vale.***	
*Em **usinas escuras,*** *homens de vida **amarga** e dura* *produziram **este açúcar*** ***branco** e **puro*** *com que **adoço meu café esta** manhã **em Ipanema.***	

Feito o trabalho, veja como ficou. Se tiver oportunidade, mostre seu texto para outras pessoas. Pergunte a elas o que sentiram e pensaram depois de ler o seu texto.

VAMOS LER MAIS SOBRE O ASSUNTO

Veja agora como um outro poeta escreveu sobre o pão.

PÃO-PAZ

*O Pão chega pela manhã em nossa casa.
Traz um resto de madrugada.
Cheiro de forno aquecido, de levedo e de lenha queimada.
Traz as mãos rudes do trabalhador e a Paz dos campos cheios.
Vem numa veste pobre de papel. Por que não o receber
numa toalha de linho puro e com as mãos juntas
em prece de gratidão.
Para fazê-lo assim tão fácil e de fácil entrega,
homens laboriosos de países distantes
e de fala diferente trabalharam a terra, reviraram,
sulcaram, gradearam, revolveram, oxigenaram
e lançaram a semente.*

CORALINA, Cora. *Meu livro de cordel.* 6. ed. São Paulo: Global, 1994. p. 60.

Você deve ter observado que os textos de Cora Coralina e Ferreira Gullar apresentam pontos comuns. Eles falam de trabalhadores que produzem alimentos e são escritos em versos. Podemos dizer que estes textos conversam entre si. Existe um diálogo entre eles.

Muitos textos conversam entre si.

A foto é diferente do poema. Mas também é um texto. Um texto que é feito de imagem e não de palavras. É um texto visual. Apresenta uma determinada situação, tem um autor (o fotógrafo – Antonio Gaudério), tem um leitor (aquele que vê a foto). Ela tem vários sentidos. Ao fotografar e publicar sua fotografia, o autor tem uma intenção. Ele pretende alguma coisa de seu leitor.

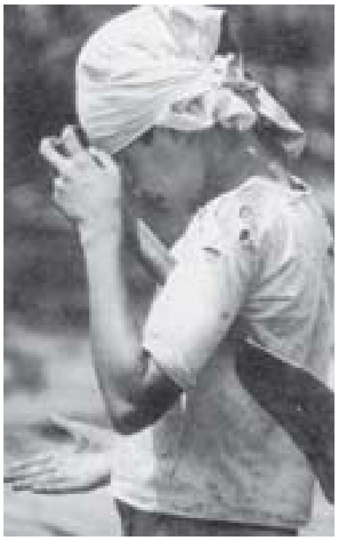

Figura 1 - "O cortador de cana-de-açúcar José Damião da Silva, aos 12 anos, em foto realizada em Alagoas, em 1991."

Fotografia de Antonio Gaudério.

Desenvolvendo competências

3

Você diria que o autor da foto tem principalmente a intenção de:

a) *denunciar a dureza do trabalho infantil.*

b) *informar sobre a vida do garoto.*

c) *mostrar o que acontecia em Alagoas, em 1991.*

d) *documentar o que ele viu.*

Observe que todas as alternativas podem ser consideradas corretas. O autor mostra uma situação, informa sobre a vida do garoto, documenta e denuncia. Mas a intenção mais forte é fazer uma denúncia. Ele pretende denunciar a dureza do trabalho realizado por uma criança.

E como é que percebemos que esta é a intenção mais forte? Observe com atenção alguns elementos: a cabeça baixa do garoto, o tamanho da foice, o lenço para cobrir a cabeça, as mãos sujas e calejadas, o sol, a roupa rasgada.

Esta foto "conversa" com o poema de Ferreira Gullar. Tanto é assim que ela poderia ilustrar alguns de seus versos.

Desenvolvendo competências

4

Escolha dentre os versos abaixo, aqueles que poderiam servir de legenda para a foto:

a) *Este açúcar era cana / e veio dos canaviais extensos.*

b) *Homens de vida amarga / e dura / produziram este açúcar.*

c) *Este açúcar veio / de uma usina de açúcar em Pernambuco.*

d) *Homens que não sabem ler e morrem / aos vinte e sete anos.*

Mas existem diferenças entre o poema de Ferreira Gullar e a foto de Antonio Gaudério. Uma diferença é o tipo de texto. O poema é um texto escrito e a foto é um texto visual. Outra diferença é que o poeta fala de uma realidade imaginada – seu texto é uma ficção. Na foto, o garoto existe realmente, como comprova a legenda: ele se chama José Damião da Silva, tinha 12 anos em 1991, e vivia em Alagoas.

Os autores de poemas, novelas, romances, contos, fábulas, lendas, letras de música baseiam-se na realidade, mas o que escrevem e as personagens que criam existem apenas nos textos. Eles criam um mundo imaginário. O que eles escrevem não precisa ser confirmado. Expressam sua maneira particular de ver o mundo e de transformá-lo. Já os fotógrafos geralmente pretendem mostrar a realidade.

E como é que sabemos se um texto fala da realidade ou é ficção? Como sabemos o que esperar de um poema e de uma foto? Lendo muitos textos em livros, jornais, revistas, cartazes e folhetos. À medida que vamos lendo, vamos aprendendo que os textos são escritos de modos diferentes e são encontrados em determinadas situações e lugares. Vamos percebendo os pontos comuns entre esses textos e aprendendo o que esperar deles.

Ler muitos textos ajuda o leitor a escolher a maneira como vai ler, o que esperar do texto lido, a interpretar as intenções do autor. Ajuda a não confundir textos de ficção com textos não ficcionais.

Os textos conversam entre si porque falam de um mesmo assunto ou porque são escritos de uma maneira parecida.

Às vezes, percebemos, só de olhar, os pontos comuns existentes entre os textos. Por exemplo, os poemas que são escritos em versos, as propagandas, os anúncios, as fotografias. Outras vezes, a linguagem utilizada para iniciar o texto faz com que a gente perceba qual o tipo de texto que vamos ler: as narrativas de ficção podem começar com “Era uma vez”, “Certo dia”, “Um dia”. Outras vezes, são as personagens que dão a “dica” do tipo de texto: numa fábula, por exemplo, os animais falam. Numa reportagem de jornal ou revista, as pessoas são reais e têm nome, sobrenome...

Neste capítulo, os textos conversam entre si, porque falam de um mesmo tema ou assunto: trabalho e trabalhadores. Mas eles também conversam com outros textos que aqui não estão escritos.

Veja o texto a seguir:

> *“Não vou à escola porque não tenho força. Cortar de três a cinco toneladas de cana por dia já é muito para o meu tamanho”, declarava o menino Arivaldo, de 11 anos. O trabalho desse alagoaninho, que só possuía roupas rasgadas e dentes cariados pela falta de cuidado e pela ação da cana – seu principal alimento – , marcava a cadeia produtiva dos combustíveis. As usinas vendiam o produto diretamente à Petrobras, que o repassava às multinacionais Shell, Esso e Texaco, à BR Distribuidora e à Ipiranga. Da cana também se extrai o açúcar, que adoça o cafezinho dos brasileiros, europeus, russos e norte-americanos.*
>
> CIPOLA, Ari. *O trabalho infantil*. São Paulo: Publifolha, 2001, p. 37-38.

Esse é um texto que fala da realidade. Sabemos disso porque ele se refere a coisas ou pessoas que existem realmente: Ariovaldo é um menino de 11 anos que trabalha nas plantações de cana de Alagoas. Shell, Esso, Texaco, BR Distribuidora e Ipiranga são nomes de distribuidoras de gasolina, álcool e óleo, que servem de combustível para os carros.

Desenvolvendo competências

5 *Agora, assinale as frases que apontam os pontos comuns entre a foto e o texto de Ari Cipola.*

a) Os dois textos são visuais.
b) Os dois textos são ficção.
c) Os dois textos falam da realidade.
d) Os dois textos falam de trabalho infantil nos canaviais do Nordeste.
e) Os autores dos dois textos fazem uma denúncia.
f) Os autores mostram a situação, colocando-se do lado dos trabalhadores.
g) Os autores mostram a situação, colocando-se do lado dos patrões.
h) Os autores desejam que o leitor se coloque contra o trabalho infantil.

Se você assinalou as alternativas **c**, **d**, **e**, **f**, e **h**, foi capaz de perceber os pontos comuns entre a foto e o texto. Observe que a alternativa **a** refere-se apenas à foto e as alternativas **b** e **g** não estão corretas em relação a nenhum dos dois textos.

Observe o texto a seguir. Ele é um gráfico. Os dados nele contidos são de uma pesquisa realizada pelo Datafolha com 2.578 pessoas, entre 19 e 21 de novembro de 2000, em 126 municípios de todos os Estados do país, publicada no dia 24 de março de 2002.

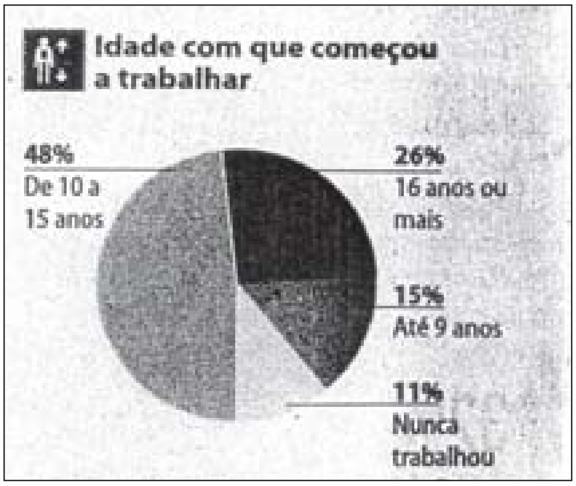

Gráfico 1

Caderno Especial sobre Trabalho, Folha de São Paulo, 24/03/2002, p. 3, cedido pela Agência Folha.

Observando o gráfico, você diria que é maior a porcentagem dos entrevistados que começou a trabalhar quando tinha:

a) entre 10 e 15 anos.
b) mais de 15 anos.
c) menos de 9 anos.
d) 16 anos ou mais.

A intenção do autor do gráfico em relação à idade com que os entrevistados começaram a trabalhar é:

a) informar.
b) denunciar.
c) imaginar.
d) fazer propaganda.

Após ler o texto, você pode concluir que, no Brasil:

a) muitas crianças e adolescentes trabalham.
b) só os adultos trabalham.
c) crianças e adolescentes não trabalham.
d) só os adolescentes trabalham.

Se você optou pela alternativa (a), nas três questões, respondeu corretamente. Os textos lidos devem ter ajudado você a responder, não é mesmo?

Se tantas pessoas trabalham desde pequenas é porque esse trabalho está legalizado, certo? Errado! Há leis que proíbem crianças de trabalhar. Uma dessas leis é o Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Você já teve oportunidade de ler uma lei? Leis são textos muito importantes. Estabelecem regras que devem ser seguidas por todos. Com elas aprendemos sobre nossos direitos e deveres.

Vejamos alguns artigos do Estatuto da Criança e do Adolescente:

Art. 2º	*Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.*
Art. 60	*É proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz.*
Art. 67	*Ao adolescente empregado, aprendiz, em regime familiar de trabalho, aluno de escola técnica, assistido em entidade governamental ou não-governamental, é vedado trabalho:* *I - noturno, realizado entre as vinte e duas horas de um dia e as cinco horas do dia seguinte;* *II - perigoso, insalubre ou penoso;* *III - realizado em locais prejudiciais à sua formação e ao seu desenvolvimento físico, psíquico, moral e social;* *IV - realizado em horários e locais que não permitam a freqüência à escola.*
Art. 54	*É dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente:* *I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria;* *VI - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do adolescente trabalhador;* *§ 2º O não oferecimento do ensino obrigatório pelo poder público ou sua oferta irregular importa responsabilidade da autoridade competente.*
Art. 55	*Os pais ou o responsável têm a obrigação de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino.*

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente , Arivaldo, o garoto de 11 anos do texto de Ari Cipola, deveria estar:

a) trabalhando.
b) estudando.
c) trabalhando e estudando.
d) empregado como aprendiz.

*Você escolheu a alternativa **b**? Está correto. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, Arivaldo é uma criança, pois tem menos de 12 anos, e deveria estar estudando durante o dia.*

Ainda de acordo com a lei, o trabalho de crianças e adolescentes em canaviais deveria ser proibido porque:

a) é perigoso.
b) é penoso.
c) impede de ir à escola.
d) prejudica seu desenvolvimento.

Você respondeu corretamente se marcou todas as alternativas. Cortar cana é um trabalho perigoso, cansativo, impede a criança de frequentar a escola e prejudica seu desenvolvimento.

Depois de ler estes trechos do Estatuto da Criança e do Adolescente, dá pra perceber por que Ari Cipola e Antonio Gaudério usam seus textos para fazer uma denúncia? Denunciamos o que é injusto e ilegal...

DEPOIS DE LER, VAMOS ESCREVER

A partir de todos os textos lidos e estudados, você vai produzir um texto em que discuta as condições de trabalho no país. Você pode fazê-lo de muitas maneiras. Você tem muito o que dizer. Vamos dar-lhe razões para escrever: o que você pensa sobre a questão do trabalho e do trabalhador é uma interpretação única. Ninguém mais pode fazê-lo da maneira como você pode. Isso já seria uma boa razão. Uma segunda razão é que o que você tem a dizer pode mudar a maneira de outras pessoas pensarem e agirem. Você, como autor, pode mudar o mundo.

Como seu leitor não saberá o que pretende dizer, a não ser lendo seu texto, capriche na escrita. Caprichar é mais do que escrever palavras difíceis ou corretas. É levar em conta aquelas perguntas que fizemos no início e que vamos repetir para ajudá-lo:

1. O que vai dizer?
2. Para quem pretende dizer? Quem é ele? Onde ele se encontra? Qual sua relação com ele?
3. Por que razões vai escrever?
4. O que pretende de seu leitor? O que quer que ele pense, sinta, faça?
5. Que tipo de texto pretende escrever?
6. Que palavras vai usar? Como vai começar?

Para escrever de maneira adequada, não se esqueça de que, como autor, você:

- Usa a linguagem para persuadir seu leitor.
- Traz para seu texto o que leu em outros textos.
- Deixa em seu texto pistas de suas intenções para ajudar o leitor a entender e fazer o que você pretende.
- Mostra sua interpretação de um fato ou assunto.
- Expressa interesses e valores políticos, ideológicos e econômicos de seu tempo e grupo social.
- Imagina seu leitor e conversa com ele, sabendo que ele pode concordar ou discordar de você.
- Planeja seu texto (o que, para quem, por que, para que, como e onde escrever), o que exige várias versões até que o texto fique pronto.

PARA TERMINAR...

Este capítulo também é um texto.

Tem um autor.

Dirige-se a um determinado leitor.

Fala sobre um determinado assunto.

O autor tem uma intenção e, por isso, organizou o texto de uma determinada maneira.

Você se propôs a lê-lo com uma determinada finalidade.

Você o leu de uma certa maneira.

ORIENTAÇÃO FINAL

Para saber se você compreendeu bem o que está apresentado neste capítulo, verifique se está apto a demonstrar que é capaz de:

- Reconhecer em textos os procedimentos de persuasão utilizados pelo autor.
- Identificar referências intertextuais.
- Inferir as possíveis intenções do autor marcadas no texto.
- Contrapor interpretações de um mesmo fato em diferentes textos.
- Identificar em textos as marcas de valores e intenções que expressam interesses políticos, ideológicos e econômicos.

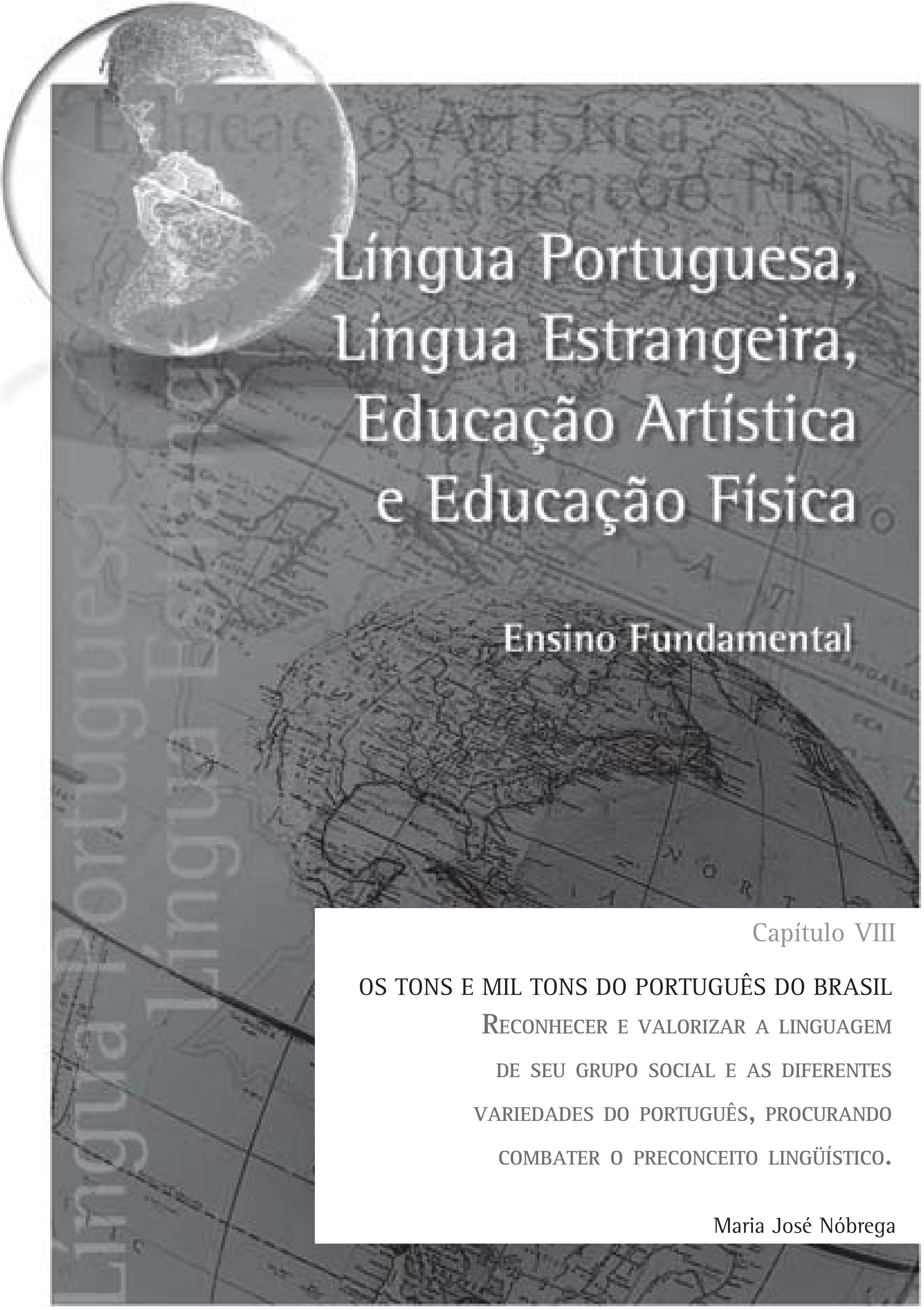

Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Educação Artística e Educação Física

Ensino Fundamental

Capítulo VIII

OS TONS E MIL TONS DO PORTUGUÊS DO BRASIL

RECONHECER E VALORIZAR A LINGUAGEM DE SEU GRUPO SOCIAL E AS DIFERENTES VARIEDADES DO PORTUGUÊS, PROCURANDO COMBATER O PRECONCEITO LINGÜÍSTICO.

Maria José Nóbrega

Capítulo VIII

Os tons e mil tons do português do Brasil

APRESENTAÇÃO

Neste capítulo, você vai refletir sobre o mito de que aqui, no Brasil, se fala uma única língua. Vai discutir, também, sobre dois outros mitos: o de que há uma única maneira certa de falar e de escrever, e o de que o brasileiro não sabe falar sua língua materna.

Refletir sobre essa questão é muito importante para combater um certo tipo de preconceito que acaba impedindo muitos brasileiros de exporem suas idéias.

Vamos estudar como as línguas variam e por que essa variação não é nenhum defeito.

Durante o trabalho, você vai ler e produzir textos de diferentes tipos, vai descobrir caminhos para, aos poucos, dominar mais ferramentas, que ajudem a ajustar seu texto às exigências da situação comunicativa, também em relação ao domínio da norma de prestígio.

Esperamos que você realize um bom trabalho!

AS MUITAS LÍNGUAS DO BRASIL

O trecho que você vai ler a seguir pertence a uma canção chamada “Samba do *Approach*”, de Zeca Baleiro, compositor e cantor maranhense. Se você puder escutá-la é bom, mas, se souber cantar junto, tamborilando com os dedos numa mesa, melhor ainda...

Venha provar meu brunch
Saiba que eu tenho approach
Na hora do lunch
Eu ando de ferryboat

BALEIRO, Zeca. Samba do Approach. In: *Vô imbolá*. [S.n.]1 CD

Esse samba está em português ou em inglês?

Em português, é claro!

Baleiro brinca com a presença de palavras estrangeiras que usamos junto com outras da língua portuguesa e, misturando “chiclete com banana”, faz a gente pensar sobre as palavras importadas e os valores que as pessoas dão a elas.

Como a gíria, algumas delas têm vida curta; outras, de tanto usarmos, quase ninguém mais sabe que sua origem é estrangeira.

Agora leia este texto:

Cae de una torre,
Y no se lastima;
Entra en el rio
Y se vuelve harina.

CASCUDO, L. Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro.* Rio de Janeiro: Ediouro, [1993]. (Terra brasilis).

Mas... isso não é português?!

Não é mesmo, é uma adivinha escrita em espanhol, mas encare o desafio.

Para você não reclamar, aí vai uma dica: é uma adivinha, um tipo de brincadeira oral, que envolve uma charada como as que começam por “o que é o que é”...

Que palavras você conhece, porque têm uma ortografia parecida com a da língua portuguesa? (*cae*, *torre*, *lastima*, *entra*, *rio*)

Se dissermos que a resposta é “papel”, melhora um pouco?

Agora fica bem mais fácil!
Se uma folha de papel cair de uma torre, nada vai acontecer a ela. Mas se ela cair em um rio, vai se desmanchar toda e virar farinha.

Agora, leia mais este trecho que pertence a uma canção tradicional da tribo Karitiana de Rondônia:

Uy poma	*Vamos brincar*
Uy poma	*Vamos brincar*
I ay ta ka’ay un mi’ay	*Vou pegar, vou pegar*
I ay ta ka’ay un mi’ay	*Vou pegar, vou pegar*
Buh uy	*Vamos longe*
Buh uy	*Vamos longe*
I ay ta ka’ay un mi’ay	*Vou pegar, vou pegar*
I ay ta ka’ay un mi’ay	*Vou pegar, vou pegar*

Tso Ere Poma. In: PERES, Sandra; TATIT, Paulo. *Canções do Brasil.* (Coleção Palavra Cantada).

A não ser que você pertença à tribo ou conheça a língua falada por esse povo indígena, ficou difícil. Mas, se tiver acompanhado a tradução de Marlui Miranda ao lado, compreendeu tudo.

A essa altura você deve estar se perguntando: que conversa é essa? Vamos direto ao ponto.

Você já deve ter escutado muitas pessoas dizerem que o Brasil é um país muito grande, mas que nele se fala apenas uma língua: o português.

Certo?

Errado.

Há em torno de 180 línguas indígenas faladas no Brasil hoje e, em muitas regiões do país, há concentrações de estrangeiros que continuam falando sua língua materna; há, ainda, regiões de fronteira em que diversos brasileiros convivem com a língua espanhola e, com certeza, terão conseguido decifrar as palavras da adivinha.

COMO AS LÍNGUAS VARIAM?

Os trechos que você vai ler são muito diferentes, não só pelas informações que contêm, mas também pelo modo como foram escritos, as palavras escolhidas e o modo como as frases foram organizadas. Leia-os com atenção e depois procure responder às questões.

AJUSTANDO O VOLUME DA CAMPAINHA

No modo de Espera, você pode rapidamente ajustar o volume da campainha pressionando a tecla de volume ao lado do telefone. Há oito níveis e um zero ou um nível de Campainha Desligada. Você verá uma indicação gráfica à medida que você ajusta o volume.
A tecla superior aumenta o volume e a tecla inferior diminui-o.
Pressione-a e mantenha-a pressionada para aumentar ou diminuir continuamente.
Diminuí-lo até o fim é uma forma rápida de silenciar a campainha. Quando fizer, "Camp. Desligada" será mostrado no modo de Espera.
Você também pode configurar o volume da campainha usando o Menu Principal (veja "Opções de Campainha" na página 45).

Texto 1 - Manual de telefone celular

CAMINHÃO DE LENHA ATROPELA E MATA CINCO

Cinco pessoas morreram ontem à tarde, entre elas duas crianças, depois de terem sido atropeladas por um caminhão carregado com 26t de lenha em Piracicaba (162 Km de São Paulo). Outras três pessoas, incluindo o motorista da carreta, foram internadas em estado grave.

Texto 2 - *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 6 abr. 2002. Caderno Cotidiano, p. 11.

COMPOSIÇÃO

Cada comprimido contém 500 mg de dipirona sódica, 5 mg de prometazina e 10 mg de adifenina, cloridratos.

Texto 3 - Bula de remédio

PERGUNTAS RÁPIDAS

- Qual o texto mais fácil e o mais difícil para você compreender?
- Os trechos pertencem a que tipo de texto?
- Para que cada um foi escrito?
- Para quem cada um deles foi escrito?
- Eles foram publicados em um mesmo lugar?

Por essa pequena amostra, você pôde perceber que, para além dos conteúdos, os textos que lemos são muito diferentes: são de diferentes tipos, serão lidos por diferentes pessoas, foram escritos com diferentes propósitos e em diferentes situações comunicativas.

A maneira de usar as palavras varia muito em cada um deles e isso não é um defeito. É uma tremenda qualidade. **Para que a comunicação funcione de maneira feliz, é preciso que se regule a língua para ela se ajustar às exigências de cada situação; a língua precisa dançar conforme a música.**

AS LÍNGUAS MUDAM
DE UM TEMPO PARA OUTRO

Mui gran temp'a, par Deus, que eu non
vi quen de beldade vence toda ren
e se xe m'ela queixasse poren,
gran dereit'é, ca eu o mereci,
e ben me pode chamar desleal
de querer eu, nen por ben nen por mal,
viver com'ora sen ela vivi.

D. Tristan, o namorado. Cancioneiro de Colocci-Brancuti.
In: SPINA, Segismundo. *A lírica trovadoresca*.
São Paulo: Edusp, 1996. (Texto & Arte; 1).

Pelo modo como as palavras estão distribuídas na página, você deve ter percebido que o trecho pertence a um poema. Mas deve ter estranhado algumas palavras ou expressões.
É que este é um poema muito antigo, dos primeiros escritos em português. Para as pessoas que viviam em Portugal na Idade Média, não havia nada de estranho, mas como hoje não nos vestimos, não moramos, não andamos por aí como naqueles tempos, também não falamos mais como antigamente.

Mas, como a língua escrita é muito mais resistente às mudanças do que a língua falada, não podemos ter certeza se as pessoas que viviam naquele tempo falavam mesmo assim, só podemos ter uma idéia a partir dos textos escritos da época, até porque os equipamentos para gravar o que as pessoas falam só foram inventados no século XX.

Você deve estar bastante curioso para saber o que diz o poema. Vamos lá:

Há muito tempo, meu Deus, não vejo
aquela que triunfa sobre todas as
[coisas pela beleza;
se ela tem queixas de mim,
é um direito que lhe assiste, pois bem o
[mereço.
E até pode considerar-me desleal
por viver, sem mais nem menos,
longe dela como tenho vivido.

Tradução do trecho acima conforme
SPINA, Segismundo. *A lírica trovadoresca.*
São Paulo: Edusp, 1996.

Desenvolvendo competências

1

Mas não é preciso penetrar no túnel do tempo para perceber isso! Há muitas palavras e expressões que entram e saem de moda com a maior facilidade. Algumas personagens de novelas ou de outros programas de televisão repetem à exaustão certas expressões que caem na boca do povo.

Veja se você consegue lembrar de uma que está na moda e de outra que ninguém (ou quase ninguém) mais fala.

AS LÍNGUAS VARIAM
DE UM LUGAR PARA OUTRO

> *Pra cantá caninha verde primero canta*
> *[o violero*
> *depois que o violero canta canta otros*
> *[companhero*
> *chora morena primero canta o violero*
> *depois que o violero canta otros*
> *[companheiro*
>
> CHIQUITO, Pedro, SERRA, Nhô. *Cana Verde.*
> CD Música popular do centro-oeste/sudeste, v. 4.

Para quem não conhece, este é o refrão que a dupla de violeiros canta entre uma quadrinha e outra no desafio, que é uma espécie de competição musical em que vence aquele que tem a língua mais afiada.

O modo como o texto foi escrito procura reproduzir um pouco do jeito com que falam brasileiros das regiões rurais do centro-oeste do Brasil. Conforme nos deslocamos de um estado para outro, de uma cidade para outra, nos damos conta de que a maneira de falar das pessoas muda.

Mas não é só isso que muda. Mudam as paisagens, as tradições, os sabores, o que é uma riqueza que precisa ser apreciada e preservada.

Desenvolvendo competências

2

Ia ser muito chato se todo mundo falasse igual, você não acha? Mas, infelizmente, existe muito preconceito.

Você conhece alguma personagem de programa humorístico que é ridicularizada pelo seu modo de falar? O que você acha disso?

Mesmo as pessoas que vivem em um mesmo lugar não falam a língua do mesmo jeito.

Leia o bilhete que a Biba, uma adolescente da cidade de São Paulo, passou para sua amiga Tatá, durante a aula:

> *Diz aí, Tatá, Beleza?*
> *Tenho umas news fortes pra você! Ontem eu colei lá na balada da Sô, mano! Cê num faz uma noção de como a parada tava bombando! Apareceu uma galera meio barra que tomo mó goró e ficou gorfando. Puts, uma bosta! Eu fiquei a pampa curtindo uma technera. Véio, cê num sabe de uma 1000 graus! Manja o Pirula? Ele deu uma bota na Cecéu, meu, ela ficô na pior! E ainda surge aquela Pi e fica jogando mó xaveco furado no cara. Mó trampo pra gente num deixá a Cecéu percebê, senão ela ia ficar mais bode ainda.*
> *Beijocas, Biba*
>
> Bilhete escrito por uma adolescente a sua amiga.

Dependendo de sua idade, você deve "estar mais por fora que cachorro quando cai de caminhão de mudança". Vamos aliviar com um glossário, "mano", para você "sacar o que rolou na parada".

Expressões usadas pela Biba	Tradução
Diz aí, beleza?	*Oi, tudo bom?*
Ter news fortes	*ter grandes novidades*
Colar	*ir*
Balada	*festa, agitação, encontro*
Fazer uma noção	*saber*
Parada	*a coisa, o lugar*
Tar bombando	*estar lotado, no auge da animação*
Galera meio barra	*turma meio violenta*
Mó	*um monte, muito*
Goró	*bebida alcoólica*
Gorfar	*vomitar*
Ficar a pampa	*ficar sossegado*
Technera	*local com música eletrônica*
1000 graus	*notícia importante*
Dar bota	*não querer ou deixar de se envolver com alguém*
Jogar xaveco furado	*tentar abordar alguém para uma aventura amorosa de modo inadequado*

Se você conseguiu compreender o texto sem a ajuda do glossário, sabemos que você é um jovem estudante, mas se precisou consultar o glossário... Calma, ninguém quer saber quantos anos você tem!

Desenvolvendo competências

3

Como ficaria um bilhete sobre o mesmo assunto, mas que tivesse sido escrito por alguém mais velho, que tivesse entre trinta e quarenta anos, ou mais de sessenta?

Dependendo da situação, uma pessoa varia seu modo de falar

Dependendo da maior ou menor intimidade que tenhamos com a pessoa com que falamos, do tipo de assunto que estivermos tratando, da própria situação em que estivermos falando, nosso jeito de falar ou de escrever muda.

Desenvolvendo competências

4

Você está com sede, mas com uma preguiça danada de levantar e pegar um copo de água. Resolve, então, pedir para alguém. Como você faria esse pedido para:

- *um amigo ou amiga muito íntimo;*
- *sua mãe;*
- *seu chefe ou outro superior.*

Desenvolvendo competências

5

Imagine que você pediu um sanduíche em uma lanchonete e, quando recebeu o prato com seu pedido, achou que havia algo estranho. Resolve então falar com o garçom. Qual desses comentários teria, provavelmente, deixado o garçom mais nervoso?

a) *Cara, olha isso!*

b) *Por favor, o aspecto do sanduíche não está agradável.*

c) *Dá pra trocar o sanduíche que não está bom...*

d) *Cê tá pensando que sou porco pra comê lixo...*

CONTRA-INDICAÇÕES
Hipersensibilidade a qualquer um dos componentes da formulação.
Lesões renais ou hepáticas graves.
Discrasias sangüíneas. Púrpura trombocitopênica.
(Bula de remédio)

Desenvolvendo competências

6

Cada ciência, cada profissão tem o seu jeito próprio de falar.

Nesse trecho há uma série de palavras que um químico, um médico ou um farmacêutico, provavelmente, podem entender, mas que outras pessoas, assim, gente como eu e você, compreendem bem pouco. Quais são essas palavras?

Desenvolvendo competências

7

Talvez você tenha lido nos jornais, escutado no rádio ou assistido na televisão que estão discutindo uma proposta para que os laboratórios elaborem dois tipos de bula: uma para os especialistas e outra para o consumidor comum. O que você acha disso?

Desenvolvendo competências

8 *Leia o texto para responder o teste abaixo.*

> FÓRMULA DO SORRISO
>
> *Mais importante que o sabor do creme dental é seu agente terapêutico, a fórmula química que serve para controlar as bactérias que provocam as cáries. Segundo a professora Lenise Velmovitsky, da Universidade Federal Fluminense, que analisou 25 tipos de pasta de dentes em sua tese de doutorado, a substância mais eficaz na escovação é o triclosan, um antimicrobiano presente nas pastas de ação total ou global. O flúor recalcifica os dentes e também combate as cáries. O bicarbonato de sódio é um abrasivo que remove manchas, mas em excesso desgasta os dentes. A dentista recomenda o uso de escovas macias e uma quantidade de pasta equivalente ao tamanho de uma ervilha, pelo menos três vezes por dia. Além do fio dental.*
>
> *Veja*, São Paulo, 10 abr. 2002, p. 92.

Escolha qual das palavras ou expressões, muito provavelmente, só seria usada por dentistas:

a) *pasta de dentes.*

b) *escovas de dentes.*

c) *bicarbonato.*

d) *triclosan.*

AS PESSOAS NÃO ESCREVEM DO JEITO COMO FALAM: A ORTOGRAFIA

Leia a crônica abaixo e veja como Jô Soares trata desse assunto de um modo divertido:

> ***Português é fácil de aprender porque é uma língua que se escreve exatamente como se fala***
> *Pois é. U purtuguêis é muinto fáciu di aprender, purqui é uma língua qui a genti iscrevi ixatamenti cumu si fala. Num é cumu inglêis qui dá até vontadi di ri quandu a genti discobri cumu é qui si iscrevi algumas palavras. Im purtuguêis não. É só prestátenção. U alemão pur exemplu. Qué coisa mais doida? Num bate nada cum nada. Até nu espanhol qui é parecidu, si iscrevi muinto diferenti. Qui bom qui a minha língua é u purtuguêis. Quem soubé falá sabi iscrevê.*
> ***Agora, falando sério, a nossa língua até que pode ser das mais incongruentes. Basta observar.***
>
> *Veja*, São Paulo, 28 nov. 1990.

A língua, como estamos vendo, varia muito. Portanto, uma escrita espelho da fala é um sonho impossível, porque, como há muitos modos de falar, qual escolher? É por isso que devemos estar atentos a possíveis deslizes, para não acabar transcrevendo a fala. É o que acontece com a personagem criada por Jô, que se dá conta da esquisitice das outras línguas, sem olhar as diferenças entre o modo de falar e o de escrever a sua própria.

Há vários modos de falar uma determinada palavra, mas só um jeito de escrevê-la: aquele estabelecido pela ortografia e que está registrado nos dicionários. Lembre-se de que a escrita não corresponde à fala de ninguém.

Tipos de interferências da fala	Exemplos da crônica do Jô	Selecione outros exemplos
Acrescentar “i” em palavras terminadas pelo som /s/ escrito com a letra “s” ou “z”.	portuguêis, inglêis	
Omitir o “r” em final de palavra. Nos exemplos, trata-se da terminação dos verbos –r.	falá, iscrevê	
Substituir por “i”o “e” que não faz parte da sílaba tônica.	genti, iscrevi, vontadi, di, diferenti, qui	
Substituir por “u” o “o” que não faz parte da sílaba tônica.	cumu, quandu, exemplu	

Desenvolvendo competências

9

Se você reler a crônica do Jô, vai descobrir que ele deixou de prestar atenção e acabou escrevendo “certo” algumas palavras que deveriam aparecer como a maioria dos brasileiros falam.

São elas:

a) *quem, bom, uma.*

b) *aprender, bate, espanhol.*

c) *pois, ri, alemão.*

d) *coisa, mais, doida.*

AS PESSOAS NÃO ESCREVEM DO JEITO COMO FALAM: A ORGANIZAÇÃO DO TEXTO

O texto a seguir faz parte de uma entrevista gravada que transcrevemos tintim por tintim. Se achar estranho, leia-o em voz alta, imaginando a garota falando.

COMO VOCÊ SE INTERESSOU PELO CIRCO?

na verdade eu sempre meio... que... fiquei meio fascinada com circo... uma vez quando eu era criança eu assisti... é... principalmente o trapézio foi uma coisa que me chamou muita atenção... eu achei muito bonito... na verdade eu nunca... cheguei a imaginar... como que alguém poderia fazer circo eu não imaginava quando era pequena que tinha uma escola... de circo... aí é... sempre que eu tive meio que uma uma curiosidade e uma vontade... de fazer parte disso... e... até que que um dia quando eu estava mais velha... eu tinha... uns quatorze... anos eu vi na... um espetáculo de um circo na televisão que é o "Cirque du Soleil"... e... e voltou tudo muito mais forte porque é um espetáculo muito bonito e eu queria fazer parte de tudo aquilo e aí como eu sabia onde tinha uma escola resolvi ir atrás desse sonho... e poder fazer parte disso

Depoimento de Carolina, jovem aluna de uma escola de circo.

Transcrever textos falados e transformá-los em textos escritos ajuda a perceber as diferenças entre a língua falada e a língua escrita. Além disso, é um bom exercício para vencer o medo de escrever e enfrentar o desafio de pôr no papel aquilo que se pensa sobre os assuntos discutidos na sociedade.

Basta sair por aí com um gravador, como fazem os jornalistas, e gravar o que as pessoas têm a dizer. Foi o que fizemos. Gravamos o que disse Carolina, quando perguntamos a ela como teve a idéia de se tornar aluna de uma escola de circo.

Primeiro passo

Cortar passagens repetitivas ou palavras e expressões que funcionam bem na hora de falar, mas que, em geral, são desnecessárias na escrita.

~~na verdade~~ eu sempre ~~meio~~...
~~que~~... fiquei meio fascinada com
circo...
uma vez quando ~~eu~~ era criança ~~eu~~
assisti... ~~é~~...principalmente o
trapézio foi uma coisa que me
chamou muita atenção... ~~eu~~ ~~achei~~
~~muito bonito~~...
~~na verdade~~ ~~eu~~ nunca ...cheguei a
imaginar... como que alguém poderia
fazer circo ~~eu~~ não imaginava quando
era pequena que tinha uma escola...
~~de circo~~... ~~aí~~ ~~é~~... sempre ~~que~~ ~~eu~~ tive
~~meio~~ ~~que~~ ~~uma~~ uma curiosidade e
uma vontade... de fazer parte disso...
~~e~~...
até que ~~que~~ um dia quando ~~eu~~ estava
mais velha... ~~eu~~ tinha... uns
quatorze... anos ~~eu~~ vi ~~na~~... um
espetáculo de um circo na televisão
que é o "Cirque du Soleil"... ~~e~~... e
voltou tudo muito
mais forte porque é um espetáculo
muito bonito e ~~eu~~ queria fazer parte
de tudo aquilo e ~~aí~~ como eu sabia
onde tinha uma escola resolvi ir
atrás desse sonho... e poder fazer
parte disso

Segundo passo

a) Acrescentar informações que não tenham sido faladas, por serem facilmente subentendidas, mas que precisam aparecer na escrita.
b) Substituir termos muito vagos por palavras ou expressões mais específicas.
c) Inverter expressões ou partes do texto para deixar mais claras, para quem lê, as idéias apresentadas.

*eu sempre... ~~fiquei~~ fui ~~meio~~ muito fascinada ~~com~~ pelo circo... uma vez quando era criança assisti a um espetáculo...e principalmente o trapézio ~~foi uma coisa que~~ me chamou ~~muita~~ muito a atenção... nessa época nunca ...cheguei a imaginar... como ~~que~~ alguém ~~poderia~~ aprendia a fazer circo ~~não imaginava quando era pequena~~ nem sabia que tinha ~~uma~~ escola ~~sempre tive~~ mas tinha uma curiosidade e uma vontade... de fazer parte ~~disso~~ daquele mundo... até que um dia quando estava ~~mais velha~~... ~~eu tinha~~... com uns quatorze... anos vi... um espetáculo **muito bonito** de o **“Cirque du Soleil”** ~~um circo~~ na televisão ~~que é~~... e o desejo de **fazer parte de tudo aquilo** voltou ~~tudo~~ muito mais forte ~~porque é um espetáculo e queria e~~ como sabia onde tinha uma escola resolvi ir atrás desse sonho~~... e poder fazer parte disso~~*

Terceiro passo

Dividir o texto em parágrafos e frases, empregando a pontuação adequada e usando as letras maiúsculas de modo correto.

Eu sempre fui muito fascinada pelo circo. Uma vez, quando era criança, assisti a um espetáculo e, principalmente, o trapézio me chamou muito a atenção. Naquela época nunca cheguei a imaginar como alguém aprendia a fazer circo, nem sabia que tinha escola, mas tinha uma curiosidade e uma vontade de fazer parte daquele mundo.

Até que um dia, quando estava com uns quatorze anos, vi um espetáculo muito bonito do “Cirque du Soleil” na televisão e o desejo de fazer parte de tudo aquilo voltou muito mais forte. Como sabia onde tinha uma escola, resolvi ir atrás desse sonho.

Desenvolvendo competências

10 *Transcrevemos mais um trecho da entrevista com a Carolina em que ela responde se atrapalha começar mais velha no circo. Seguindo os três passos sugeridos, faça você a edição do texto, como se fosse prepará-lo para publicar em um jornal ou revista:*

ACHA QUE ATRAPALHA TER COMEÇADO MAIS TARDE A FAZER CIRCO?

Eu acho que dá... eu acho que quem... quem fez de pequeno tem uma... mais facilidade logicamente... porque está sempre .... envolvido... mas... e também certas técnicas que que são da família e que vão ficando... mas acho que não... acho que se você tem a vontade... é só você ir atrás... que você vai adquirindo você pode pegar... dependendo da de sua capacidade... num num tempo pequeno e por mais que você demore... bastante tempo cê acaba... acho que acaba acontecendo... por exemplo minha professora de... de contorcionismo... ela começou aos dezoito

> *é... é fazia arame ... que é a corda bamba... muito bem... maravilhosamente bem ela foi na época dela... é... a uma das três únicas mulheres do mundo... que abriam spaccati* na corda bamba sem proteção*
>
> ** spaccati é uma grande abertura de pernas*
>
> (Depoimento de Carolina, jovem aluna de uma escola de circo)

DE OLHO NAS PISTAS DA VARIAÇÃO

A maneira como as pessoas pronunciam certos sons, as palavras que escolhem para falar e até o jeito como organizam os elementos na frase acabam revelando muito sobre quem fala e, principalmente, sobre a variedade lingüística empregada. Vamos examinar isso um pouco mais de perto.

pra cantá caninha verde primero canta o violero
depois que o violero canta canta otros companhero
chora morena primero canta o violero
depois que o violero canta otros companhero

CHIQUITO, Pedro; SERRA, Nhô. *Cana Verde*.
CD Música popular do centro-oeste/sudeste, v. 4.

Você já deve ter dirigido a alguém a pergunta: “De onde você é?” O sotaque, a maneira de pronunciar as palavras são os sinais mais claros para identificar as marcas da variação. Como não estamos escutando a dupla Pedro Chiquito e Nhô Serra, temos que imaginar e examinar algumas marcas deixadas na transcrição da letra da canção. Além dos aspectos examinados quando analisamos a crônica do Jô Soares, aqui há dois outros que merecem destaque:

Descrição do que acontece na fala	Exemplos da canção	Selecione outros exemplos
Redução “ou” > “o”	otro	
Redução “ei” > “e” antes de sílabas iniciadas pelas consoantes “r”, “x” ou “j”.	primero, violero, companhero	

Desenvolvendo competências

11 *Transcrevemos abaixo um trecho da canção “Lavadeira do rio” de Lenine e Bráulio Tavares, do CD “Falange Canibal”, procurando reproduzir o modo como o intérprete a canta. Sua tarefa é revisar o texto que deverá sair no encarte do CD.*

Ah! Lavadera do rio
Muito lençol pra lavá
Fica faltando uma saia
quando o sabão se acabá
Mas corra pra bera da praia
Veja a espuma brilhá
Oça o barulho bravio
Das ondas que batem
Na bera do mar

Desenvolvendo competências

12 *Muitas vezes falamos “o”, mas precisamos escrever “ou”.*
Descubra em que palavras da canção deve ser acrescentada mais uma letra “u”.

Ê, ô, o vento soprô
Ê, ô, a folha caiu
Ê, ô, cadê meu amor
Que a noite chegô trazendo frio

LENINE; TAVARES, Bráulio. Lavadeira do rio. In: *Falange canibal*. 1 CD

a) *Soprô e chegô.*
b) *Vento, folha.*
c) *Ô e amor.*
d) *Noite, frio.*

Desenvolvendo competências

13 *Durante uma pescaria, Chico Bento acaba adormecendo, mas acorda contrariado com o puxão de um peixe. Tem então um idéia! Pendura, no anzol, um aviso com o seguinte texto:*

Procure otro anzor, tô drumindo.

Como se fala de um jeito, mas se escreve de outro, Chico cometeu alguns erros ortográficos. Assinale a versão correta do aviso:

a) *procure outro anzol, estou dormindo.*

b) *procure outro anzou, estou dormindo.*

c) *procure otro anzol, tou dormindo.*

d) *procure outro anzól, tou dormindo.*

OS DIFERENTES EMPREGOS DAS PALAVRAS

Durante os jogos preparatórios para a Copa do Mundo de 2002, o Brasil enfrentou, no dia 17 de abril de 2002, a seleção de Portugal. No dia do amistoso, o jornal *Folha de São Paulo* publicou o seguinte artigo:

FUTEBOLÊS LUSO FUNDE CABEÇA DE BRASILEIROS

"Domina o esférico Emerson. O trinco brasileiro, vestindo neste particular a camisola de sua equipa pela 44ª vez, passa ao avançado-centro Ronaldo, de volta aos relvados após lesão e sedento de golos. Prepara Ronaldo, ele vê Rivaldo fora de jogo e decide pontapear, com sua bota dourada, em direção à baliza portuguesa... Espalma o guarda-redes, e é canto para o Brasil. Pateadas explodem na bancada do Alvalade."
Ininteligível para um brasileiro, até o mais fanático por futebol, o tipo de narração acima é o que se ouve nas rádios portuguesas em dias de jogo.
Já bem grande na comunicação cotidiana, o oceano que separa os dois países parece crescer ainda mais quando o assunto é futebol - entrevistas de jogadores brasileiros em jornais ou emissoras de TV portuguesas precisam até de "tradução.
Mas o espanto dos "brazucas" com as variações da língua-mãe transcende os relvados. Após dar um autógrafo anteontem numa academia lisboeta, Ronaldo ficou cabreiro com a reação do fã. "Obrigado. Meu puto vai ficar muito contente", agradeceu o torcedor. A ficha do atacante só caiu instantes depois, quando lhe explicaram que, em Portugal, "puto" é garoto.

Folha de São Paulo, São Paulo, 17 abr. 2002.

Desenvolvendo competências

14

Com a ajuda do glossário, fornecido aos leitores em coluna estrategicamente colocada ao lado da matéria, "traduza" para o futebolês brasileiro o primeiro parágrafo do artigo.

Desenvolvendo competências

15

Como há, no glossário, mais palavras do que as empregadas pela reportagem, selecione algumas delas e escreva um parágrafo sobre seu time em futebolês de Portugal.

GLOSSÁRIO
assobio ou pateada: vaia
avançado-centro: centroavante
bancada: arquibancada
bota: chuteira
camisola: camisa
equipamento: uniforme
esférico: bola
golo: gol
guarda-redes: goleiro
livre: falta
massa associativa ou falange de apoio: torcida
particular ou amigável: jogo amistoso
pitões: travas de chuteira
pontapé de baliza: cobrança de tiro de meta
pontapear: chutar
relvado: gramado
trinco: volante, cabeça-de-área
vedação: alambrado

Desenvolvendo competências

16

O artigo da Folha de São Paulo *discute as dificuldades que jogadores, jornalistas e torcedores enfrentam para acompanhar as narrações esportivas em Portugal por causa das "variações da língua-mãe".*

Mas diferenças desse tipo também podem ser verificadas no próprio português do Brasil.

Marque, entre as duas palavras, a que você usa em sua região:

a) *(___) abóbora ou (___) jerimum*
b) *(___) encanador ou (___) bombeiro*
c) *(___) semáforo ou (___) farol ou (___) sinal*
d) *(___) macaxeira ou (___) mandioca ou (___) aipim*
e) *(___) tangerina ou (___) mexerica ou (___) bergamota ou (___) mimosa*

Desenvolvendo competências

17

Tente descobrir mais exemplos de palavras diferentes para se referir às mesmas coisas de uma região para outra.

AS DIFERENTES MANEIRAS DE ORGANIZAR AS PALAVRAS NA FRASE

Corre a menina à beira do mar
corre, corre, pela praia fora
que belo dia que está não está
e o primeiro a chegar não perde

Andam as ondas a rebentar
e o relógio a marcar horas
a sombra é quente, e quase não há
e o sol a brilhar já ferve

MAGALHÃES, Pedro Ayres; PEIXOTO, José. *A praia do mar*. In: _____. *Madredeus*: o paraíso. Lisboa: Delabel, [199?].

O trecho que você leu faz parte de uma canção de um grupo de artistas de Portugal chamado Madredeus. Conseguimos compreender, sem problemas, o que está escrito. Sabemos que uma menina brinca de correr em uma praia num dia muito quente.

Mas, se tivéssemos que falar ou escrever, algumas frases seriam organizadas de um modo diferente. Por exemplo, a frase "Andam as ondas a rebentar" provavelmente seria elaborada assim: "As ondas andam rebentando".

Desenvolvendo competências

18

Agora é com você. Como ficariam estas outras frases?

- *"e o relógio a marcar horas"*
- *"e o sol a brilhar já ferve"*

AS DIFERENTES LÓGICAS DA CONCORDÂNCIA

> ***As mariposa** quando chega o frio*
> ***Fica** dando vorta em vorta da lâmpida*
> *Pra se esquentá*
> ***Elas roda**, roda, roda,*
> *Dispois **se senta***
> *Em cima **dos prato** da lâmpida*
> *Pra discansá*
>
> BARBOSA, Adoniran. As mariposa. In: Roda Pião. *Dois a dois*. [199-?] 1 CD

Não vamos comentar agora os aspectos relacionados ao modo de pronunciar as palavras que pode ser percebido na transcrição da letra da música. Vamos examinar a concordância, isto é, a maneira como as palavras combinam entre si para marcar o plural ou o singular.

Observe as frases abaixo.
Elas estão certas ou erradas?

- ***As*** mariposa fica dando volta
- ***Elas*** roda depois se senta
- Em cima ***dos*** prato da lâmpada

Se formos consultar um livro de gramática, a resposta será que "estão erradas", porque o "certo" deveria ser:

- A***s*** mariposa***s*** fica***m*** dando volta.
- Ela***s*** roda***m*** depois se senta***m.***
- Em cima do***s*** prato***s*** da lâmpada.

Mas, se deixarmos os preconceitos de lado e voltarmos a examinar os trechos da letra, dá para descobrir que existe uma lógica. Repare como é a primeira palavra da seqüência que informa se é plural ou não.

As mariposa fica dando volta	"AS" já informa de cara que é mais de uma mariposa que fica dando volta, porque, se fosse só uma, seria "A", é claro.
Elas roda Depois senta	"ELAS" já informa que é mais de uma mariposa que roda e depois se senta, porque, se fosse só uma, seria "ELA"; não é econômico?
Em cima **dos** prato da lâmpada	"DOS" já informa que não é um prato apenas.

A regra que está no livro de gramática é diferente. Diz que não só a primeira, mas todas as palavras relacionadas ao nome ou ao verbo precisam ir para o plural.

Repare que há regras nos dois casos, só que são regras diferentes. Quando usar uma ou outra, vai depender, como estamos vendo, de cada situação de comunicação: quem são as pessoas que estão falando ou escrevendo, com que finalidade, qual o tipo de texto que estão produzindo etc.

Desenvolvendo competências

19

Aplicamos, no texto a seguir, a regra que muitos de nós usamos ao falar em situações informais: apenas a primeira palavra da seqüência indica o plural.

Como se trata de uma notícia escrita, o jornalista deve, provavelmente, ter obedecido às regras de concordância exigidas pelos livros de gramática.

Sua tarefa é revisar o texto para ajustá-lo aos padrões de concordância usados nesse tipo de texto.

> UMA FORÇA PARA O VERDE NO OUTONO
>
> *No outono, as planta doméstica precisa de cuidados especial. A bióloga Eliana Rivas, do Instituto Biológico de São Paulo, faz as seguinte recomendação para quem quer vê-las chegar viçosa à próxima primavera:*
>
> - *como os dia é mais curto, procure os local mais claro da casa para os vaso. Cactos precisa receber luz direta do sol. Violetas, apenas claridade;*
> - *a terra deve ser mantida apenas levemente úmida. Regue as planta menos vez. Espécies como violetas e crisântemos não precisa ser molhada diariamente;*
> - *nas região mais quente, como Norte e Nordeste, uma vez que a luminosidade se mantém intensa, deve-se dar mais atenção à adubação. A planta mantém quase a mesma velocidade de desenvolvimento apresentada no verão.*
>
> Texto adaptado da *Veja*, São Paulo, 10 abr. 2002. p. 92.

Desenvolvendo competências

20

Em palestra realizada na Universidade do Vale do Paraíba (SP), durante a campanha presidencial de 2002, quando Luiz Inácio Lula da Silva afirmou que o governo federal não interveio com boas medidas na economia, ele provocou a platéia de universitários, dizendo:

"Vocês gostaram do interveio, não é? Pensavam que eu iria falar interviu, não?"

O comentário de Lula faz referência:

a) *À preferência que os jovens universitários têm pelas formas corretas da língua.*

b) *Às regras gramaticais para usar corretamente o verbo "intervir".*

c) *Ao preconceito lingüístico de que foi alvo desde a primeira campanha presidencial em 1998.*

d) *Às dificuldades que os estudantes têm para usar o verbo "intervir".*

É PRECISO APRENDER A VARIEDADE DE PRESTÍGIO?

Não há um único jeito certo de falar e de escrever, considerando todos os demais errados. A língua portuguesa, como vimos, é uma mescla de variedades, isto é, em um mesmo espaço social convivem diferentes variedades lingüísticas.

Então você deve estar se perguntando: se é assim, por que aprender a norma de prestígio?

Boa pergunta!

Primeiro vamos ver que negócio é esse de norma de prestígio.

Aquilo que se chama norma de prestígio são as formas consideradas como "o que se deve e o que não se deve falar e escrever", normalmente descritas nos livros de gramática e inventariadas nos dicionários. A tendência é tomar as regras estabelecidas para a escrita como padrões de correção de todas as formas lingüísticas.

Essa norma não se impõe por acaso.

A língua sempre foi instrumento de poder e desqualificar a maneira como a população fala, em favor de uns poucos, sempre foi um meio de assegurar privilégios. Ter acesso aos bens produzidos pela ciência e pela cultura, que são expressos na variedade de prestígio, permite que o sujeito desenvolva as ferramentas necessárias para dominar os padrões próprios da escrita e os de uma certa maneira de falar que se aproxima da linguagem escrita, como ocorre em palestras, debates, entrevistas etc.

Não pense que se aprende a norma de prestígio decorando meia dúzia de regras ou lendo uma página de dicionário por dia. Aprende-se a norma de prestígio participando de situações comunicativas em que ela é utilizada e refletindo a respeito desses usos. Ler, produzir textos de diferentes tipos ajuda muito, até porque a norma de prestígio também não é tão uniforme assim.

E para pôr um ponto final, nada melhor do que nos lembrarmos do Sítio do Pica-Pau Amarelo e do que Dona Benta diz sobre o assunto ao ser pilhada pela neta Narizinho cometendo um "erro" de gramática:

> *— Pilhei a senhora num erro! — gritou Narizinho. — A senhora disse: "Deixe estar que já te curo!" Começou com o Você e acabou com o Tu, coisa que os gramáticos não admitem. O "te" é do "Tu", não é do "Você"...*
> *— E como queria que eu dissesse, minha filha?*
> *— Para estar bem com a gramática, a senhora devia dizer: "Deixa estar que já te curo."*
> *— Muito bem. Gramaticalmente é assim, mas na prática não é. Quando falamos naturalmente, o que nos sai da boca é ora o você, ora o tu — e as frases ficam muito mais jeitosinhas quando há essa combinação do você e do tu. Não acha?*
> *— Acho, sim, vovó, e é como falo. Mas a gramática...*
> *— A gramática, minha filha, é uma criada da língua e não uma dona. O dono da língua somos nós, o povo — e a gramática o que tem a fazer é, humildemente, ir registrando o nosso modo de falar. Quem manda é o uso geral e não a gramática. Se todos nós começarmos a usar o tu e o você misturados, a gramática só tem uma coisa a fazer...*
> *— Eu sei o que é que ela tem a fazer, vovó! — gritou Pedrinho. — É pôr o rabo entre as pernas e murchar as orelhas...*
> *Dona Benta aprovou.*
>
> LOBATO, Monteiro. *Fábulas*. 47. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 29.

Conferindo seu conhecimento

5 *Resposta (d).*

6 *Hipersensibilidade, discrasias, trombocitopênica.*

8 *Resposta (d).*

9 *Resposta (b).*

11 *Lavadera - lavadeira / lavá - lavar; acabá - acabar / bera - beira / brilhá - brilhar; oça - ouça.*

12 *Resposta (a).*

13 *Resposta (a).*

20 *Resposta (c).*

ORIENTAÇÃO FINAL

Para saber se você compreendeu bem o que está apresentado neste capítulo, verifique se está apto a demonstrar que é capaz de:

- Identificar, em textos de diferentes gêneros, as variedades lingüísticas sociais, regionais e de registro (situações de formalidade e coloquialidade).
- Identificar, em textos de diferentes gêneros, as marcas lingüísticas (fonéticas, morfológicas, sintáticas e semânticas) que singularizam as diferentes variedades sociais, regionais e de registro.
- Reconhecer no texto a variedade lingüística adequada ao contexto de interlocução.
- Comparar diferentes variedades lingüísticas, verificando sua adequação em diferentes situações de interlocução.
- Identificar a relação entre preconceitos sociais e usos lingüísticos.

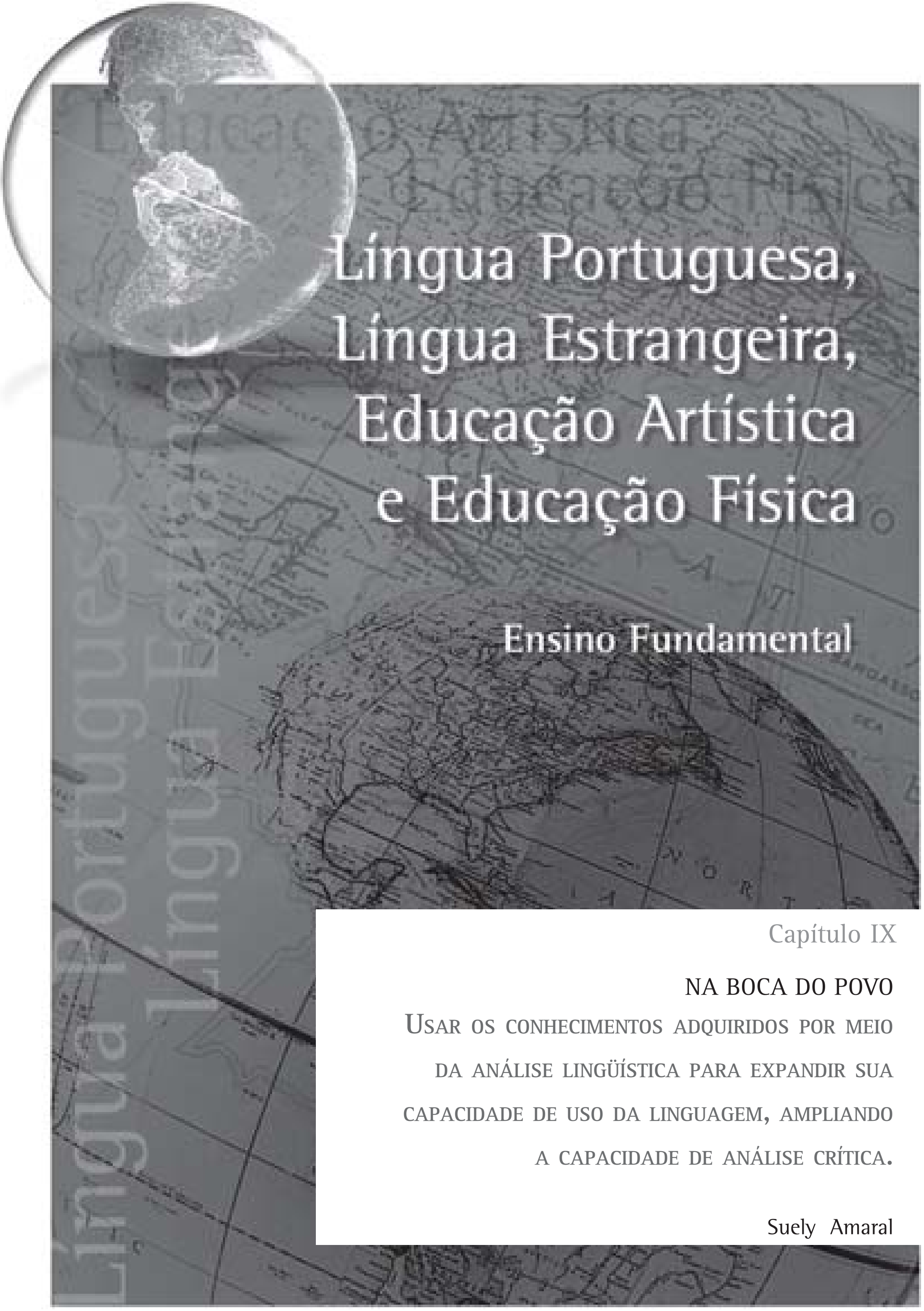

Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Educação Artística e Educação Física

Ensino Fundamental

Capítulo IX

NA BOCA DO POVO

USAR OS CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS POR MEIO DA ANÁLISE LINGÜÍSTICA PARA EXPANDIR SUA CAPACIDADE DE USO DA LINGUAGEM, AMPLIANDO A CAPACIDADE DE ANÁLISE CRÍTICA.

Suely Amaral

Capítulo IX

Na boca do povo

DESCOBRINDO AS PALAVRAS

Quase todo dia aprendemos palavras novas, nas conversas que temos com outras pessoas ou nas leituras que fazemos, e, na maioria das vezes, não prestamos atenção a isso. Como aprendemos palavras novas? Procurando descobrir quais os sentidos ou os significados que elas têm nas situações em que aparecem. Veja:

Laranj*eira*: árvore que dá laranja
laranj*al*: plantação, conjunto de pés de laranja
laranj*inha*: laranja pequena
laranj*ona*, laranja grande
laranj*as*, mais de uma laranja

De "**laranj**", podemos depreender uma série de outras palavras. Um número grande de palavras é formado por unidades menores que aparecem em diversos outros grupos de palavras, como:

laranj + al, **milh + aral**, **café+ zal**, em que a unidade *al*, acrescentada ao final da palavra indica *conjunto, plantação.*

Assim, se alguém usar a palavra **chuchu***zal*, podemos entender que se trata de uma *plantação de chuchu*, como **laranjal** se refere à *plantação de laranja*. Já a palavra **chuchu***zeiro* será entendida como a *planta que produz chuchu*, pela aproximação com **laranjeira**, **goiabeira**, **mamoeiro** etc. Conhecendo a palavra **menino**, entendemos também **menina**, **meninos**, **menininha**, **meninão**.

Muitas palavras novas vão sendo criadas, enquanto outras vão deixando de ser usadas, de acordo com as nossas necessidades na vida diária. Além de acréscimos em final de palavras, há acréscimos em início de palavra, como em *des***armado**, *des***governado**, *des***respeito**, *des***animado**, em que a unidade acrescentada, "des-" , indica *ação contrária, separação, negação.*

EXPRESSÕES INTEIRAS

Em outros casos, precisamos compreender o significado de expressões maiores do que a palavra, como ocorre nas expressões idiomáticas, que exigem a compreensão do significado do bloco inteiro, como em *maria-sem-vergonha* (planta) ou *maria-vai-com-as-outras* (pessoa que segue a opinião dos outros) ou, ainda, *partir dessa para melhor*, *comer capim pela raiz*, *bater as botas* (morrer).

SINÔNIMOS E ANTÔNIMOS

Para compreender o significado de uma palavra, podemos, também, aproximá-la de outras, que mantêm com ela uma relação de sentido: de semelhança ou de oposição, como os sinônimos e os antônimos.

Sinônimos são palavras que podem ser usadas em diferentes situações para falar das mesmas coisas, como *menino/guri/garoto/moleque*. A escolha de uma ou outra dessas palavras (menino, guri, garoto ou moleque) vai depender da região onde se mora ou do sentido que a pessoa quer destacar, pois qualquer uma delas cabe, quando se quer falar em indivíduo, não adulto, do sexo masculino.

Leia, como exemplo, o trecho abaixo:

> *– (...) Cabeça de gado não pense que é só cabeça de boi não! É cabeça e corpo e tudo! Quando a gente lá no sertão diz cabeça de gado quer dizer uma rês. E rês também quer dizer um boi, uma vaca, e não tem nada com rei não. Tanto faz dizer cabeça de gado, como uma rês, um boi, uma vaca.*
>
> JARDIM, Luís. *O boi Aruá.* 14. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982. p. 9.

Podemos dizer que são sinônimos as palavras e expressões: cabeça de gado, cabeça de boi, rês, boi, vaca.

Antônimos são palavras que podem ser colocadas em oposição, como *velho/novo, grande/pequeno*. Em ele *afundou* na água e ele *boiou* na água, as palavras **afundar** e **boiar** têm significados opostos, mas apresentam um traço comum: ambas as palavras referem-se a **estar na água**, embaixo (afundar) ou em cima da água (boiar).

Você já deve ter observado, em vários produtos, a ocorrência de textos como o seguinte:

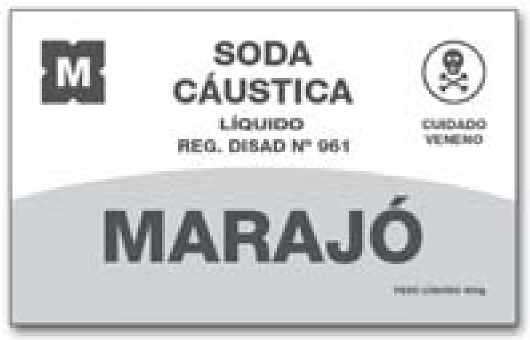

Figura 1 - Rótulo de Soda Cáustica.

> *Guarde longe de crianças e de animais domésticos. Se ...., (a) não provoque vômito. Não aplique sobre alimentos e nem sobre .... (b) de cozinha. Em caso de intoxicação, procure um médico, levando a embalagem do produto.*

Você percebeu que, mesmo não tendo conhecimento exato de quais palavras podem preencher os espaços, é possível saber que, tratando-se de um líquido, em (a) a palavra ausente significa **beber, tomar**; e em (b) podemos ler ou escrever **vasilhas**, **objetos** ou **pisos**.

Podemos entender, assim, que o significado de uma palavra pode ser esclarecido, observando-se o conjunto de informações com que a palavra está relacionada, como o

- grupo de palavras que aparecem juntas, o contexto lingüístico. No exemplo, a expressão *não provoque vômitos* remete a **beber** e *não aplique sobre alimentos e nem sobre... cozinha* aponta para **vasilhas, objetos ou pisos**;
- lugar onde ela aparece dita (conversa íntima, conversa formal) ou escrita (livro, revista, jornal, propaganda).

No exemplo anterior, sendo um rótulo de produto de limpeza, temos um diálogo entre quem está vendendo o produto (o responsável pelo texto) e quem está comprando o produto (no caso, o leitor do rótulo). O objetivo do texto é orientar o uso do produto, com a finalidade de evitar acidentes; daí, o modo como o vendedor se dirige ao leitor: *guarde, não provoque, não aplique, procure um médico...*

Às vezes, a compreensão do contexto em que a palavra aparece não é suficiente para entender a informação e se faz necessário conhecer o significado de uma determinada palavra para a compreensão do texto.

Leia o texto a seguir:

> ***Pirão de peixe***
>
> *Sobras de peixe (cabeça, rabo).*
> *Cebola, alho, tomate, salsa, alfavaca, coentro, sal, óleo.*
> *Farinha de mandioca crua.*
>
> *Refogue os temperos em óleo. Coloque um pouco de água e o peixe. Deixe ferver por 20 minutos. Quando abrir fervura, vá colocando aos pouquinhos a farinha de mandioca. Deixe cozinhar um pouco para ficar na consistência de um mingau.*

Pela leitura do texto acima, ficamos sabendo que:

a) se trata de uma receita e, portanto, está relacionada ao sentido de comida;

b) é a receita de uma comida salgada e que os ingredientes são peixe, temperos e farinha de mandioca.

Pode-se saber, pelo texto, que *alfavaca* é um tipo de tempero. Mas, de que tipo? Como o tomate, como o alho ou a cebola? O que fazer para saber? Um recurso possível é consultarmos o dicionário.

O USO DO DICIONÁRIO

Os dicionários registram em verbetes o conjunto de significados de uma palavra. As palavras beij*ão*, amor*eco*, bonit*ona* fazem parte dos verbetes “beijo”, “amor” e “bonito”, respectivamente. Os dicionários explicam os significados, usando a definição. “Definir” quer dizer esclarecer, explicar o significado da palavra.

Veja:

> *Beijo [Do lat. Basiu.] S.m. **1.** Ato de tocar com os lábios em alguém ou alguma coisa, fazendo leve sucção; ósculo. **2.** Contato suave: Sentia, ao andar, o beijo da aragem vespertina. **3.** Pessoa notável pela doçura e/ou beleza: “Carlota é um beijo. Faz-me todas as vontades.”*
>
> *Novo Dicionário de Língua Portuguesa.*

Nessa definição, encontramos um sinônimo para a palavra “beijo” (ósculo) e significados diferentes, ficando a critério do leitor a escolha de cada um, na interpretação de um texto ou do uso em situações diferentes.

Observe ainda os exemplos a seguir:

1. Não faça graça, menino!
2. Qual sua graça, por favor?
   – Meu nome é Maria Antônia.
3. Nossa amiga Graça está doente.

Como podemos ver, a palavra “graça” aparece em todas as frases, porém com sentidos diferentes. Na frase 1, o sentido é de *gracejo*, em 2, é *nome* e em 3, a palavra refere-se a *nome de batismo*.

Os diferentes tipos de textos em que as palavras aparecem orientam para um ou alguns sentidos possíveis. A mesma palavra deverá ser lida com sentidos diferentes em textos diferentes: sabe-se, por exemplo, que a palavra “doce”, em um livro de receitas, diz respeito à comida; já em um poema a mesma palavra estará provavelmente relacionada a doçura, afeto, afetividade....

Entendemos, com esses exemplos, que as palavras podem mudar de sentido. Assim, para compreender bem um texto, é importante levar em conta os vários significados que a palavra comporta, a escolha das palavras de acordo com o contexto, e os interlocutores envolvidos na comunicação oral ou escrita.

Alfavaca

S.f. planta cultivada em jardins pelo seu aroma e beleza das folhas, e utilizada como condimento.

Desenvolvendo competências

1

Que palavra corresponde à definição: “ __________ S. m. 1. Beijar amiúde e com ruídos; dar beijos amorosos em...”?

a) beijar *c) beijocar*
b) beijinhos *d) beija*

Para a resposta, considere as definições: ***Beija:*** *ato ou cerimônia de beijar;* ***Beijar:*** *dar beijo; oscular;* ***Beijinho:*** *beijo leve, terno;* ***Beijoca:*** *dar beijo em que os lábios se abrem, fazendo estalido. Descobriu?*

2. Leia o texto a seguir:

De repente você _____ com aquele mau humor, uma irritação que não é possível saber de onde _____. Menino ou menina, não importa , isso ____ com todo mundo. Quando _______ na puberdade, a ação dos hormônios que mudam o nosso corpo, como a testosterona e a progesterona, deixa-nos mais sensíveis.

Descubra que palavras completam as lacunas. Depois compare a sua resposta com a resposta que está no final do capítulo.

a) *fica, veio, ocorre, entramos;* c) *ficou, vem, ocorrerá, entrou;*

b) *ficar, vir, ocorrer, entrar;* d) *ficará, virá, ocorrerá, entrará.*

DESCOBRINDO NOVOS SENTIDOS

Comunicar algo é também uma forma de ação no mundo, ou seja, é participar de uma relação, que se estabelece entre quem fala ou escreve e quem ouve ou lê. Trata-se de um diálogo que pode ocorrer entre duas ou mais pessoas, face a face, na comunicação oral; ou entre alguém que escreve e seus leitores à distância, na comunicação escrita. Sendo assim, para compreender o que se diz, devemos observar, em determinada situação, quem fala, o que fala, para quem e como fala.

No exemplo: “Eu vos declaro marido e mulher”, a expressão vai além de uma simples afirmação, estabelece um contrato em que as partes, noivo e noiva, saberão, a partir daquele momento, qual será o seu papel social. Sabemos que essa declaração é, normalmente, produzida no contexto de uma cerimônia de casamento. Já a expressão “Prometo devolver o dinheiro assim que puder” estabelece um compromisso da parte do falante para com seu interlocutor, que pode ser cumprido ou não. Em que contexto essa expressão é geralmente produzida?

Se você respondeu “em uma situação de empréstimo, de um favor”, então você acertou!

Vejamos outros exemplos. Diga em quais situações as frases abaixo adquirem sentidos.

1) — Pare!

2) — Vamos tomar um sorvete?

3) — Me dá um copo d’água.

A posição social de cada participante no diálogo, os interesses que cada um defende, em uma determinada situação, também estão em jogo, nas reações que ele ou ela quer produzir no interlocutor. Assim, por exemplo, “Me dá um copo d’água” vai ter sentidos diferentes, dependendo de quem está solicitando: se for o patrão, evidencia-se uma ordem; se for a criança, um pedido.

As ações realizadas lingüisticamente produzem uma reação no ouvinte ou leitor, que pode ser a reação esperada ou não. Quando alguém diz “Saia!”, as reações do interlocutor podem ser as mais diversas: reclamar, discordar, chorar, sair em silêncio, sair furiosamente ou recusar-se a sair, por exemplo.

Quando alguém afirma “Amanhã eu pago o que devo pra você!”, a expressão:

- tem um conteúdo, que é o significado desse conjunto de palavras. Todos nós, falantes do Português, entendemos o significado particular que cada uma dessas palavras tem e o significado desse conjunto nessa frase.
- constitui-se em uma ação. Numa situação de comunicação, afirmamos coisas, prometemos, juramos, recusamos, ordenamos, desejamos. Ao dizer a frase acima, firmamos um compromisso com o ouvinte, fazemos uma promessa. Podemos cumprir ou não a promessa feita, mas o compromisso já foi firmado pela frase que foi dita.
- produz uma reação no ouvinte ou leitor, que pode ser aquela que o produtor da fala esperava ou não. Toda comunicação produz um efeito. O efeito vai depender de quem fala, de como fala, da situação em que se encontram os falantes e a quem essa fala é dirigida.

Veja quantos efeitos de sentido pode suscitar a mesma frase de acordo com diferentes situações ou diferentes interlocutores:

– Amanhã eu pago o que devo a você.
a. *Situação: a dívida já venceu desde o mês passado.*
– Amanhã eu pago o que devo a você.
b. *Situação: a dívida ainda vai vencer no mês que vem.*
– Amanhã eu pago o que devo a você.
c. *Situação: a pessoa a quem devo é meu amigo, que não está precisando do dinheiro.*
– Amanhã eu pago o que devo a você.
d. *Situação: a pessoa a quem devo é um comerciante.*

Em cada uma dessas situações poderemos observar um efeito diferente.

Desenvolvendo competências

2 *Relacione as situações da caixa acima às alternativas abaixo, fazendo corresponder cada situação à possível reação que a expressão destacada poderá suscitar no ouvinte:*

1. *atitude tranquilizadora.*
2. *atitude compreensiva.*
3. *atitude mais distante, comercial.*
4. *alívio.*

Toda situação de comunicação produz efeitos que dependem das intenções de quem fala, de como fala e de quem recebe a comunicação. Além disso, a noção de contexto é mais ampla do que a situação imediata em que os participantes estão envolvidos, pois a sociedade orienta as regras de comportamentos, de valores, de crenças e dos conceitos de certo/errado, legítimo/ilegítimo, bonito/feio, moral/imoral.

Toda comunicação acontece entre dois ou mais indivíduos, numa situação determinada. De acordo com a situação, de quem são os participantes e da finalidade da comunicação, temos efeitos diferentes. Escolhemos as palavras ou frases mais adequadas aos sentidos que queremos dar à comunicação, seja para conseguir um trabalho, para aconselhar uma criança, acalmar uma pessoa nervosa, responder a um cumprimento, felicitar um aniversariante.

Finalmente, a escolha de determinadas palavras, determinadas frases ou determinados tipos de textos, e não de outros, funciona como pistas que apontam para a interpretação de um determinado efeito.

Leia o texto a seguir:

O LOBO E O CORDEIRINHO

(Recontada por Monteiro Lobato)

Estava o cordeiro a beber num córrego, quando apareceu um lobo esfaimado, de horrendo aspecto.

— Que desaforo é esse de turvar a água que venho beber? — disse o monstro arreganhando os dentes. — Espere, que eu vou castigar tamanha má-criação!...

O cordeirinho, trêmulo de medo, respondeu com inocência:

— Como posso turvar a água que o senhor vai beber se ela corre do senhor para mim?

Era verdade aquilo e o lobo atrapalhou-se com a resposta. Mas não deu o rabo a torcer.

— Além disso — inventou ele — sei que você andou falando mal de mim o ano passado.

— Como poderia falar mal do senhor o ano passado, se nasci este ano?

Novamente confundido pela voz da inocência, o lobo insistiu:

— Se não foi você, foi seu irmão mais velho, o que dá no mesmo.

— Como poderia ser meu irmão mais velho, se sou filho único?

O lobo, furioso, vendo que com razões claras não vencia o pobrezinho, veio com uma razão de lobo faminto:

— Pois se não foi seu irmão, foi seu pai ou seu avô!

E — nhoque! *— sangrou-o no pescoço.*

Contra a força não há argumentos.

Lobato, Monteiro. *Obra infantil completa*.
São Paulo: Brasiliense, [19--]. p.536-538.

No texto, observamos que

- as falas só têm sentido dentro de um contexto, em uma situação;
- as falas sempre estão dirigidas a alguém, a um interlocutor.

Com sua fala, o lobo quer produzir efeitos: amedrontar o cordeiro. O cordeiro, por sua vez, apresenta argumentos chamando o lobo à razão.

Podemos observar também, pelas palavras escolhidas, alguns efeitos que o autor do texto, no caso Monteiro Lobato, pretende provocar ou reforçar no leitor. Ao referir-se ao cordeiro, temos palavras de sentido positivo, como “cordeirinho, respondeu com inocência, pobrezinho”, enquanto o lobo aparece relacionado a palavras negativas, como “monstro, arreganhando os dentes, furioso, faminto”. Para reforçar a rapidez da ação do lobo, o autor grafa com letra diferente – *nhoque*! E, para indicar a conclusão moral que deve ser tirada da leitura da fábula, a última frase aparece em destaque, em **negrito**.

Na escrita, os efeitos decorrem também do uso dos recursos gráficos (tipo ou tamanho das letras, repetição de letras, sílabas ou palavras, por exemplo).

- Observe o uso desses recursos na manchete de jornal, um dia após um importante campeonato de futebol.

E FOI GOOOOOOOLLLLLL!
BAHIA CAMPEÃO DE NOVO!!

- Observe no texto a seguir como o poeta utiliza o tamanho das letras ao desenhar as palavras, chamando a atenção do leitor para o sentido de grande/pequeno.

Sem saber porque, de uma hora para outra como que de repente e sem mais aquela, o seu olho direito começou a enxergar grande e o seu olho esquerdo a enxergar pequeno.

Numa mesma rua ou numa paisagem, o maior virava menor e o menor virava maior.

Daí, então, um avião enorme, tipo jumbo, passou a não passar de um inseto de pegar com a pinça (para o seu olho esquerdo), enquanto que uma joaninha crescia, crescia, até ficar parecendo com um bruto monstro de outro mundo (para seu olho direito).

PIGNATARI, Décio. *Bicho novo*. Folha de S. Paulo, São Paulo, 13 mar. 1983. Caderno Folhinha n. 1019.

SINTETIZANDO

Fazem parte dos sentidos do que está sendo dito entre os interlocutores:

A situação em que a comunicação ocorre (situação social dos interlocutores, hierarquia, interesses de cada um, valores da sociedade em que vivem);

A intenção de quem fala ou escreve em provocar determinadas reações no interlocutor;

Os elementos lingüísticos (palavras) que os falantes escolhem e os efeitos de sentido que os recursos escolhidos causam.

LENDO NAS ENTRELINHAS

Como vimos, os interlocutores, em um contexto de comunicação, produzem idéias, cujo sentido pode ser veiculado de forma explícita ou implícita, de acordo com a situação, a intenção e as escolhas de elementos lingüísticos.

Explícita quando o significado do que foi dito aparece claramente. Veja:

— Não vou trabalhar hoje!

— Prefiro fechar a janela!

Implícita quando o significado não aparece claramente, mas está subentendido.

— Estou muito cansado hoje! Acho que estou doente.

— Não está frio aqui?

Subentender: [De sub + entender] Entender ou perceber o que não estava exposto ou bem explicado; admitir mentalmente; supor.

É importante prestar atenção ao significado implícito, porque é assim que se organiza boa parte da nossa comunicação cotidiana. Exemplos:

Diga claramente o que está subentendido quando alguém diz:

a) — Está abafado! (Num lugar em que portas e janelas estão fechadas)

b) — Não almocei até agora.
(São três horas da tarde).

c) — Fiquei desempregado há dois meses.
(Referindo-se a uma dívida atrasada)

Pode ser a) “Abra a janela!, “Vou abrir a janela”, “É necessário abrir a janela”; b) “Estou com fome”, “Quero almoçar”; c) “Não vou pagar agora”, “Não tenho dinheiro”. Comparando as duas possibilidades – dizer as coisas de modo explícito ou implícito – você acha que os significados permanecem exatamente os mesmos? Em qual situação é interessante falar de maneira explícita? Em qual situação é melhor deixar subentendido o que se quer dizer?

Veja a situação a seguir:

Em frente a uma casa com cano de água vazando na rua, temos a seguinte fala de um homem para a dona de casa que atende ao portão:

— Eu estava passando por aqui e vi o estrago. Meu filho é encanador... ele já trabalhou em muitas casas por aqui, consertou muito encanamento. Ele não cobra caro... faz serviço rápido...

Pode-se dizer a mesma coisa de maneira explícita:

— Meu filho é um bom encanador. A senhora quer que ele conserte o encanamento?

Comparando as duas possibilidades de dizer, o que você acha? O efeito permanece o mesmo? Qual das duas formas você escolheria, se estivesse na mesma situação?

Muitas informações estão implícitas em um texto de propaganda. Observe a propaganda de um curso, distribuída em cartazes, fixados em ônibus que circulam na periferia de uma cidade.

Destaque-se da multidão! Saia do anonimato!
Inscreva-se para o processo seletivo da Faculdade Lua Nova!
Garanta automaticamente seu futuro.
Cursos de especialização: Gestão Estratégica, Marketing, Auditoria de Sistemas.
Em apenas dois anos.

O texto é dirigido a um tipo de leitor: o que anda de ônibus e que mora em bairros distantes do centro. Que informações estão implícitas? Veja o que está subentendido nas expressões abaixo:

a) “Destaque-se da multidão!” e “Saia do anonimato!”
b) “Garanta automaticamente seu futuro”.
c) “Em apenas dois anos.”

No item (a), está subentendido um leitor que é ou sente-se anônimo, "pessoa qualquer", "igual a todo mundo". Com a expressão "destaque-se", o texto aponta para a resolução desse problema, quer dizer "torne-se alguém importante na vida", "seja diferente por meio do sucesso financeiro"; no item (b), está subentendido que o leitor não tem futuro garantido, isto é, não tem renda suficiente para, no futuro, ser importante. Para evitar que o leitor se interesse por outros cursos, o texto promete uma vantagem em relação aos demais, ou seja, a conclusão do curso "em apenas dois anos". De modo que, considerando-se o subentendido, o curso promete: sucesso pessoal; bom ganho financeiro no futuro; resultado em curto espaço de tempo.

Você acha que tudo o que está subentendido condiz com a realidade em que vivemos?

- Apenas se matriculando neste curso, alguém conseguiria tudo isso?
- Se o anúncio fosse publicado em uma revista para executivos, vendida em bancas de jornais, o texto seria o mesmo?
- Uma boa maneira de se refletir sobre os efeitos da propaganda é indagar: de que maneira quem escreveu o texto quer que eu reaja?
- Que efeitos quer produzir?

Quantas informações deixamos escapar porque nem sempre estamos atentos ao que está implícito em tudo o que ouvimos ou lemos!

Algumas mensagens subentendidas nas comunicações não são faladas explicitamente, por uma questão de costumes sobre o uso da linguagem. Quando alguém diz "Como vai?", ninguém espera que o outro esclareça exatamente como está passando, mas apenas que responda ao cumprimento.

Da mesma forma na expressão "Você tem uma caneta?" está implícito o pedido "Me dá um caneta?" e não que a pessoa simplesmente informe se tem ou não o objeto mencionado.

Em muitas palavras há um significado que está *pressuposto*, ou seja, algumas idéias não precisam ser ditas claramente, porque já fazem parte dos significados das palavras. Quando se diz "Paulo é solteirão", não precisamos dizer que ele não se casou. Uma expressão como "Ele casou-se com a própria viúva" fica, no mínimo, esquisita, porque está pressuposto na palavra viúva "mulher, a quem morreu o marido e que não voltou a casar-se". Outro exemplo de expressão estranha é "Entreabriu a porta violentamente", porque a palavra "entreabrir" tem como pressuposto "abrir de leve, abrir de manso".

A noção de pressuposto indica uma idéia que se mantém, independentemente de negar ou afirmar algo.

a) Na afirmação, *O carro de Pedro já foi consertado*, pressupõem-se duas informações, que não precisam ser ditas:

Pedro é dono de um carro.

O carro de Pedro estava quebrado.

b) Da mesma forma, quando se nega a frase acima, em O carro de *Pedro ainda não foi consertado*, as duas informações anteriores se mantêm, válidas:

Pedro é dono de um carro.

O carro de Pedro estava quebrado.

Afirmando ou negando a frase inicial, permanecem: a idéia de que "Pedro tem um carro" e a de que "O carro de Pedro quebrou". Essas são informações que estão pressupostas, isto é, não foram mencionadas nem no exemplo (a), nem no exemplo (b), mas estão lá.

Na frase "Avançou rapidamente para frente", há informações pressupostas. Em "avançar", o sentido de *ir para a frente* permanece, tanto na afirmação "ele ou ela avançou", quanto na negação "ele ou ela não avançou"; daí ser desnecessário o trecho "para frente". Pode-se dizer simplesmente "Avançou rapidamente".

Dependendo do efeito que se quer produzir no interlocutor, a informação pode ser dada de forma explícita ou implícita. Pode-se também, no caso dos pressupostos, orientar o sentido para determinada direção.
Tomando um dado, por exemplo, "Está chovendo" como verdadeiro, a informação a seguir tem que estar de acordo com esta. Assim, a rua só pode estar molhada.

MODIFICANDO PONTOS DE VISTA

Na vida cotidiana, apresentamos e defendemos idéias diante dos outros em diferentes situações: na negociação do preço de um produto, de um serviço oferecido, de um trabalho a ser feito. São muitas as situações no dia-a-dia em que precisamos convencer o outro de que temos razão. Veja os exemplos abaixo.

Um comerciante, que quer convencer o cliente de que financiar uma moto é a solução para os seus problemas, apresenta as desvantagens de se usar transporte coletivo, em razão da distância entre a casa do cliente e o trabalho, como a lentidão do trânsito, a demora na espera do ônibus, o cansaço por viajar em ônibus lotado, o gasto com a condução.

Um homem, para convencer a esposa de que devem se mudar para cidade pequena, destaca as desvantagens de morar em cidade grande e apresenta argumentos como a dificuldade de ir de casa para o trabalho, os gastos com transporte, o preço alto dos aluguéis, a falta de segurança.

Uma criança, para convencer os adultos de que deve faltar à aula, aponta as dificuldades para caminhar em um dia de chuva e apresenta argumentos como a lama e o risco de pegar um resfriado.

A atividade de quem argumenta consiste em tentar mudar o ponto de vista do interlocutor, convencendo-o a abandonar algo que já sabia, a mudar o que pensava e a adotar o raciocínio apresentado.

A argumentação é forma de ação sobre o outro, com intenções de produzir determinados efeitos no interlocutor e conseguir aceitabilidade para uma determinada **conclusão**. Quem apresenta um argumento, usa **evidências** para fundamentar sua conclusão. O ouvinte ou leitor deve aceitar a conclusão, se levar em consideração as evidências.

Veja:

Santo Antônio dos Ausentes, 20 de agosto de 2002

Senhor Prefeito

A ponte que liga o bairro Santo Antônio dos Ausentes à cidade precisa ser reparada urgentemente. Há duas semanas o bairro ficou isolado, por causa da enchente. Como o senhor sabe, do outro lado do rio fica o comércio, a escola, a farmácia, o posto médico, o hospital. Aliás, até o cemitério fica daquele lado. Estamos aqui sem condução, sem escolas, sem socorro.

Maria Rosa de Sousa

Conclusão: *é necessário fazer reparos na ponte*;
Evidências:

a) o bairro está isolado;
b) o comércio fica do outro lado *(logo, não se pode fazer compras)*;
c) a escola está do outro lado *(logo, os alunos estão perdendo aulas)*;
d) o posto médico, o hospital estão do outro lado *(portanto, não se podem tratar os doentes*);
e) o cemitério fica do outro lado *(não se podem enterrar os mortos)*.

Toda argumentação é resposta a um problema. Para descobrir o problema de que se está falando, é preciso perguntar:
Que solução o texto está apresentando?
Quais são as evidências?
A quem é dirigido o argumento?

Leia a propaganda abaixo:

APOSTANDO NO FUTURO

Auto moto escola Rei da Estrada
Tire a carta de carro e ganhe a de moto. Quite em 3 vezes sem juros. Ganhe uma aula grátis. Aulas de reforço em estradas. Aproveite para tirar carta para ônibus e carreta. Menor preço. Promoção para estudantes.

Fone: 222-0000 Travessa dos Patos, 3100

Problema: necessidade de aprender a dirigir, tirar carta de motorista.

Solução: matricular-se na Auto moto escola Rei da Estrada

Por que, segundo o texto, você, leitor, deve matricular-se nesta auto-escola e não em outra? Observe as evidências apresentadas. Você vai:

a) ganhar uma carta de moto;

b) poder pagar a prestações;

c) poder aprender a dirigir em estradas.

Muita coisa não é dita claramente e permanece implícita na argumentação.

Na propaganda acima, por exemplo, está implícito que o leitor:

a) é jovem. (Pela expressão *apostando no futuro.)*

b) tem pouco dinheiro. (*Quite em 3 vezes sem juros.)*

c) precisa trabalhar. *(Aproveite para tirar carta para ônibus e carreta.)*

Quem argumenta leva em conta os interesses do conjunto de pessoas que quer convencer. Argumentos bem apresentados podem iludir um freguês, levando a pessoa a comprar coisas de que não tem necessidade, ganhar uma causa na justiça, obter vantagens; da mesma forma, a dificuldade de posicionar-se contra um argumento pode levar a perder uma causa e ter outros prejuízos.

Há palavras, na língua, que apontam o argumento para determinado sentido.

Compare os diálogos em que uma pessoa diz a outra:

a) – Sônia não pagou a dívida.

b) – Sônia *ainda* não pagou a dívida.

Qual a diferença entre a frase (a) e a frase (b)?

Na primeira (a), temos a declaração de um fato.

Na segunda (b), a declaração parece a opinião, da pessoa que fala, a respeito da situação da moça.

A palavra *ainda* modifica a expressão porque acrescenta um conjunto de informações não explícitas: "a dívida é antiga", "a dívida já deveria ter sido paga", "Ela não pagou, mas vai pagar".

Geralmente usamos mais de uma evidência para que o ouvinte ou leitor chegue a uma conclusão, escolhendo determinadas palavras que apontam o argumento em uma dada direção.

Há palavras que assinalam o argumento mais forte no sentido de uma conclusão.

Quando alguém diz:

– Sônia procura emprego há tempos: procurou no seu bairro, procurou no centro da cidade, procurou *até* fora da cidade.

Ficamos sabendo que Sônia:

- procurou emprego no seu bairro: perto de sua casa;
- procurou no centro da cidade: um pouco mais longe;
- procurou *até* fora da cidade: a inclusão da palavra "até" indica que *fora da cidade*, nesse caso, é mais **distante dos** outros dois lugares citados, o que indica também um esforço maior; por essa razão é argumento mais forte que os outros dois mencionados anteriormente.

São inúmeras as palavras que podemos usar para direcionar de maneira mais adequada um argumento. Veja dois exemplos.

- Há palavras que somam argumentos para fortalecer uma conclusão:

  – Ela não falta no trabalho, sabe fazer o seu serviço *e também* sabe exercer outras funções, se for preciso.

  Ela não falta no trabalho + sabe fazer o seu serviço + sabe exercer outras funções, se for preciso.

- Há palavras que apresentam uma conclusão em relação a outro argumento já apresentado:

  – Sônia tem todas essas qualificações; *portanto*, já deveria ter encontrado um bom emprego.

Se Sônia tem todas essas qualificações, a conclusão a ser tirada é que já deveria ter encontrado um bom emprego.

ÚLTIMAS PALAVRAS

Como vimos, as palavras não existem soltas no mundo, nem têm um único sentido, válido em todas as situações. Como falantes do Português, podemos compreender significados de palavras desconhecidas, buscando apoio nos significados dos elementos que já conhecemos, como as terminações ou as unidades acrescentadas no início das palavras, bem como o contexto em que são usadas. Quando isso não é possível, podemos recorrer aos dicionários e escolher o mais adequado para a situação, dentre os vários significados que os dicionários apresentam em cada verbete.

Observando as possibilidades de formar palavras novas na língua, percebemos que as palavras, em geral, não são inventadas do nada. Elas trazem significados que já estão dados pela sociedade e surgem de acordo com a necessidade que temos de comunicar nosso modo de vida, nossas idéias sobre o mundo que nos cerca e de estabelecer relações com os outros, ouvindo, lendo, trocando informações, expressando sentimentos, enfim, interagindo com o mundo. Em razão dessa necessidade é que escolhemos as palavras adequadas a cada situação.

Em cada situação, os interlocutores fazem opção por determinadas palavras, expressões, frases, enfim, por seqüências lingüísticas, das quais decorrem determinados sentidos que regulam a direção da comunicação, porque orientam a interpretação que fazemos do que foi dito; dão pistas de como devem ser interpretadas as palavras, expressões ou frases. Assim, podemos ter as mesmas palavras com sentidos diferentes em situações diferentes e palavras diferentes com o mesmo sentido. Por essa razão, para usar bem a língua não é suficiente decorar listas e mais listas de palavras novas, mas aprender a prestar atenção nos diferentes sentidos que elas têm, em diferentes situações.

Boa parte da comunicação no cotidiano está baseada em informações implícitas ou pressupostas, que podem passar despercebidas. Para compreender bem uma conversa ou um texto escrito é preciso prestar atenção no que está dito claramente e no que não foi dito, no que foi omitido de propósito.

Para esclarecer uma informação, é interessante pedir que o interlocutor diga claramente o que quer dizer, indagando “O que você está querendo dizer com isso?”. Da mesma forma, é interessante, sempre que necessário, precisar o sentido de uma palavra ou expressão, fazendo uso de outras palavras ou expressões que querem dizer as mesmas coisas.

Prestando atenção no conjunto de elementos que compõem uma situação de comunicação, podemos ampliar o entendimento de um texto, ampliar o conhecimento do vocabulário, a fim de usar as palavras adequadas às várias situações de comunicação. Como falantes, temos a liberdade de ir da palavra para o texto, do texto para a palavra, de entender palavras novas, de criar palavras novas, de perceber os sentidos que nosso interlocutor quer provocar com suas escolhas e também de provocar sentidos novos, de convencer nossos interlocutores, escolhendo para isso os elementos adequados.

Conferindo seu conhecimento

1 *1.c; 2.Fica, veio, ocorre, entramos.*

2 *1. b Não precisa se apressar; 2. c Pague quando puder, não precisa se apertar; 3. d Pois não; 4 a Até que enfim.*

ORIENTAÇÃO FINAL

Para saber se você compreendeu bem o que está apresentado neste capítulo, verifique se está apto a demonstrar que é capaz de:

- Reconhecer as categorias explicativas básicas dos processos lingüísticos, demonstrando domínio do léxico da língua.
- Identificar os efeitos de sentido que resultam da utilização de determinados recursos lingüísticos.
- Reconhecer pressuposições e subentendidos em um texto.
- Identificar em um texto os mecanismos lingüísticos na construção da argumentação.
- Reconhecer a importância da análise lingüística na construção de uma visão crítica do texto.

Aula 00

Português p/ Polícia Civil-PA (Todos os Cargos) - Com videoaulas

Professores: Equipe Rafaela Freitas, Rafaela Freitas

00000000000 - DEMO

AULA 00

Compreensão e interpretação de texto. Tipologia Textual. Coesão e coerência.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO..2
CRONOGRAMA E OBJETIVO DO CURSO..3
1. INTELECÇÃO (INTERPRETAÇÃO) TEXTUAL..5
2. TEXTO LITERÁRIO E NÃO LITERÁRIO..11
3. COESÃO E COERÊNCIA..14
RESUMO..27
QUESTÕES COMENTADAS.. 31
LISTA DE QUESTÕES QUE FORAM COMENTADAS NESTA AULA....................56
GABARITO..74
O MEU ATÉ BREVE..74

Observação importante: este curso é protegido por direitos autorais (copyright), nos termos da Lei 9.610/98, que altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências.

Grupos de rateio e pirataria são clandestinos, violam a lei e prejudicam os professores que elaboram os cursos. Valorize o trabalho de nossa equipe adquirindo os cursos honestamente através do site Estratégia Concursos ;-)

00000000000 - DEMO

APRESENTAÇÃO

Olá, caros amigos! Que prazer estar aqui! Convido todos a darem início ao curso preparatório para o certame da **Polícia Civil do Pará (PC-PA)**, **para todos os cargos**!! **SAIU O EDITAL**, não espere nem mais um dia para iniciar a sua preparação!! Trata-se de um concurso bastante esperado e muito concorrido e a preparação deve ser feita 100% focada no0 edital!

Algumas informações muito importantes:

- O meu curso é composto por aulas em **PDF (teoria e questões)** e em **VÍDEO (teoria e questões),** ambos completos;
- Focaremos na banca: **FUNCAB**, escolhida para organizar o concurso;
- Material atenderá **100% ao que o edital está exigindo**;
- Custo-benefício: seu investimento dará a tranquilidade de ter aulas em PDF e em vídeo com tudo aquilo de que você precisa! Isso dá segurança! Além do fórum de dúvidas, que é uma ferramenta de extrema importância para a relação professor/aluno;

Isso tudo quer dizer que **você deve confiar em sua preparação** e que eu estarei aqui dando o suporte necessário para que alcance seu objetivo!!

Gosto do contato bem direto com meus alunos! Minha função aqui é ajudá-lo da melhor maneira possível a alcançar o seu objetivo que é ser aprovado neste concurso. Esteja certo de que farei de tudo para que isso aconteça, pois o seu sucesso é também o meu!

Para que me conheça, falarei brevemente sobre mim: meu nome é **Rafaela Freitas,** sou graduada em **Letras** pela **Universidade Federal de Juiz de Fora**, onde resido, e pós-graduada em **Ensino de Língua Portuguesa**, pela mesma instituição (**UFJF**). Desde que me formei, tenho

00000000000 - DEMO

trabalhado com a preparação dos alunos para os mais diversos **concursos públicos**, em cursos presenciais e on-line, no que tenho colocado ênfase em minha carreira.

Sou concursada em dois estados diferentes (Minas Gerais e Rio de Janeiro), conquistei (e ainda estou conquistando) muitos objetivos com muito suor! Não foi fácil, tenho uma família para dar atenção, uma casa para cuidar, mas AMO o que faço, o cansaço não me vence! Sou uma apaixonada pela nossa língua mãe e por ensiná-la! E para vocês eu digo: cada esforço será recompensado no final! Tenham a certeza de que o português, já neste curso, não será um problema, mas sim a solução! Você sabe muito mais dessa língua do que imagina! Confie em mim e principalmente em seu potencial!

OBJETIVO E CRONOGRAMA DO CURSO

Este curso tem por objetivo trazer para os alunos **todo** o **conteúdo teórico** e auxiliá-los na **resolução** do maior número de **questões** possível da **FUNCAB**, para o certame da **PC-PA**.

A ideia das videoaulas é possibilitar um melhor aprendizado para aqueles estudantes que têm mais facilidade em aprender apenas com as aulas em PDF. É um instrumento que poderá ser bastante útil para "dar uma variada" no estudo. Não deixem de assistir a todas!

Os alunos que estão começando a se preparar encontrarão aqui todos os "macetes" e dicas de que precisam para um estudo objetivo. Os concurseiros já experientes terão com o curso uma fonte de revisão para se aprimorarem e se atualizarem bastante na Língua Portuguesa. Todos sairão ganhando!

Para que seja completo e satisfatório, proponho que o curso seja dividido da seguinte maneira:

00000000000 - DEMO

CRONOGRAMA		
AULA	**MATÉRIA**	**LIBERAÇÃO**
0	Compreensão e interpretação de texto. Coesão e coerência. Remissão textual.	**LIBERADO**
1	Gêneros textuais. Tipologia textual: descrição, narração, dissertação.	**LIBERADO**
2	Estrutura, formação e empregos das palavras. Estudo das Classes de palavras.	**LIBERADO**
3	Significação das palavras	**LIBERADO**
4	Frase, oração e período. Termos da oração. Período composto: subordinação e coordenação	**LIBERADO**
5	Concordância nominal e verbal	**LIBERADO**
6	Regência nominal e verbal. Emprego do acento indicativo da crase.	**LIBERADO**
7	Redação de correspondências oficiais	**LIBERADO**
8	Ortografia Novo Acordo ortográfico	**26/07/2016**

00000000000 - DEMO

9	Revisão Final com questões FUNCAB	**LIBERADO**

Desde já, coloco-me à disposição para qualquer dúvida ou esclarecimento, pelo e-mail: professorarafaelafreitas@gmail.com ou ainda pelo **fórum de dúvidas.**

Entrem em contato comigo pelas redes sociais:

Palavreando com Rafa Freitas.

Ah! Conhecem o aplicativo Periscope? Estarei por lá AO VIVO com dicas e tirando as dúvidas dos meus alunos!

Rafaela Freitas / @Rafaela190619

Será um imenso prazer tê-lo como aluno! Bons estudos!

1. INTELECÇÃO (INTERPRETAÇÃO) TEXTUAL

“Evidentemente, tudo pode ser visto nos textos, lá é que todo tipo de fenômeno acontece.” (ANTUNES, 2007, p. 139)

Ler o mundo através dos mais diversos textos com os quais nos deparamos em nosso cotidiano é uma tarefa, no mínimo, reveladora!

Caros alunos, o conteúdo desta aula é de suma importância para o desenvolvimento **de toda a prova** do certame do qual vocês irão participar. Digo **toda a prova**, pois a interpretação não está presente apenas na prova de Língua Portuguesa, é preciso interpretar em todas as outras disciplinas! São textos e enunciados que trazem informações implícitas e explícitas que

00000000000 - DEMO

precisam ser compreendidas para que você, concurseiro, atinja o seu objetivo maior, que é a aprovação.

Diante disso, devo dizer aquilo que talvez você já saiba: a **leitura** é o meio mais eficaz para chegarmos ao conhecimento, portanto precisamos **aprender a ler**! Ela precisa se tornar um hábito na vida de um concurseiro. Um candidato "antenado" com os acontecimentos atuais, conhecedor de textos literários, entendedor de charges e textos de humor chegará ao sucesso com mais facilidade (ou menos dificuldade, rsrs) do que aquele que lê pouco ou nada. E digo ler de verdade! Não passar os olhos! Ler é dar sentido à vida e ao mundo, é dominar a riqueza de qualquer texto, seja literário, narrativo, instrucional, jornalístico, persuasivo, possibilidades que se misturam e se tornam infinitas.

FIQUE atento!

A dificuldade na **compreensão** e **interpretação de textos** deve-se à falta do *hábito da leitura*. Sim! Então, desenvolva o hábito da leitura. Que tal estabelecer agora uma meta de ler, pelo menos, um livro por mês? Leia o que você mais gosta! Não importa o gênero. Crie o hábito da leitura e o gosto por ela. Quando passamos a gostar de algo, compreendemos melhor seu funcionamento. Nesse caso, as palavras tornam-se familiares a nós. **Não se deixe levar pela falsa impressão de que ler não faz diferença.**

Estudar interpretação textual para fazer uma prova de **concurso público** é extremamente importante! Boa parte da prova de português, com certeza, será com questões de interpretação. **Qual é a melhor maneira de estudar interpretação textual?** Fazendo muitas questões, de provas anteriores, da banca examinadora do concurso escolhido! Assim você irá conhecer e ficar "fera" na maneira como ela cobra o conhecimento dos textos em questões. Vamos praticar bastante nesta aula!

00000000000 - DEMO

A maioria dos alunos acha interpretar muito difícil, então vou organizar esta parte da matéria em DICAS para ajudar no seu estudo! Não quero que você perca pontinhos preciosos!!

Algumas dicas para a interpretação:

1) Não se assuste com o tamanho do texto. JAMAIS! Você irá vencê-lo.

2) Leia todo o texto pelo menos DUAS vezes, procurando ter uma visão geral do assunto principal. **A primeira leitura** será para você reconhecer o assunto. Podemos chamá-la de leitura **informativa**. Grife palavras chaves, a ideia principal de cada parágrafo.

3) Se encontrar palavras desconhecidas, **não interrompa a leitura**, vá até o fim, ininterruptamente.

4) Ler o texto pelo menos duas vezes é importante também porque a primeira impressão pode ser falsa. Já na **segunda leitura**, do **tipo interpretativa**, você deverá compreender, analisar e sintetizar as informações do texto.

5) Antes de responder as questões, retorne ao texto para sanar as dúvidas. Na verdade, retorne ao texto **SEMPRE** que precisar. Isso pode parecer perda de tempo, mas não é, garante uma interpretação sem falhas!

6) Leia o texto com perspicácia (observando os detalhes), sutileza, malícia nas entrelinhas, para evitar pegadinhas. **Atenção ao que se pede**.

7)
OPA,
pegadinha!
Às vezes, a interpretação está voltada para uma linha do texto e por isso você deve **voltar ao parágrafo para localizar o trecho**, pois uma frase fora do contexto pode mudar completamente de sentido!

00000000000 - DEMO

8) Quando for resolver as questões que estarão aqui no material, no momento de estudo, seja curioso, utilize um dicionário e encontre o significado das palavras que você não conhece.

9) Não permita que prevaleçam suas ideias sobre as do autor.

10) Dividir o texto em parágrafos ou partes pode melhorar a compreensão.

11) Sinalizar cada questão no parágrafo ou parte do texto correspondente facilita muito visualmente.

12)
OPA,
pegadinha!
Cuidado com os vocábulos: destoa, não, correta, incorreta, certa, errada, falsa, verdadeira, exceto, e outras palavras que aparecem nos enunciados e que, às vezes, dificultam o entendimento do que está sendo solicitado. **Elas te induzem ao erro!**

13)
OPA,
pegadinha!
Quando duas alternativas lhe parecem corretas (isso SEMPRE acontece, não é mesmo?!?!), as duas realmente estarão adequadas para a resposta! Então, procure a mais exata ou a mais completa. É comum acontecer isso! Não se deve procurar a verdade exata dentro daquela resposta, mas a opção que melhor se enquadre no sentido do texto e que responda ao enunciado.

14) Procure estabelecer quais foram as opiniões expostas pelo autor, definindo o tema e a mensagem. O autor defende ideias e você deve percebê-las.

15) Aumente seu vocabulário e sua cultura. Além da leitura de textos, um bom exercício para ampliar seu conhecimento léxico é fazer palavras cruzadas. Faça também exercícios de palavras sinônimas e antônimas.

16) Seja leitor assíduo de jornais e revistas! Seja um concurseiro atualizado!

00000000000 - DEMO

17) Antes de começar a leitura, procure a fonte daquele texto. Então você já terá uma dica para saber se é um texto literário ou não literário, um texto jornalístico ou não. Assim, poderá saber o que esperar dele.

18) Após a leitura, pense sobre a que Gênero textual o texto pertence (veremos isso mais adiante, ainda nesta aula). Se for uma notícia, por exemplo, vai saber que o texto deve conter um fato a ser narrado, onde ele aconteceu, quando e com quem, mas não deverá ter opinião do autor, por se tratar de uma fonte jornalística imparcial (pelo menos deveria ser, rs).

ESTA CAI na prova!

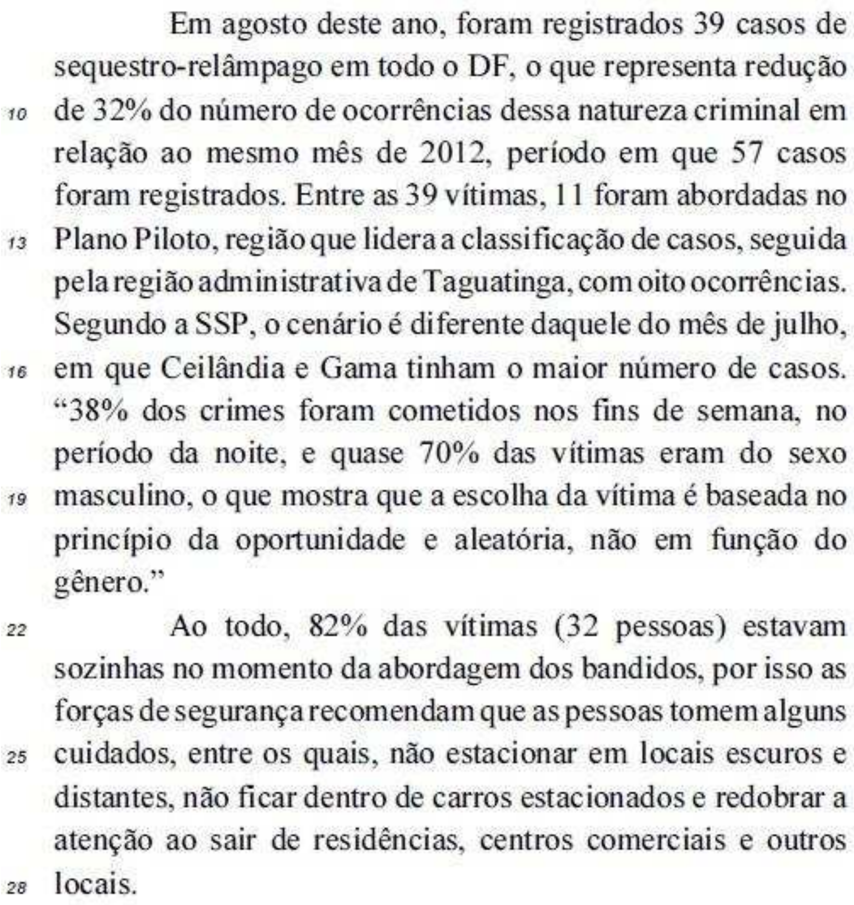

Em agosto deste ano, foram registrados 39 casos de sequestro-relâmpago em todo o DF, o que representa redução de 32% do número de ocorrências dessa natureza criminal em relação ao mesmo mês de 2012, período em que 57 casos foram registrados. Entre as 39 vítimas, 11 foram abordadas no Plano Piloto, região que lidera a classificação de casos, seguida pela região administrativa de Taguatinga, com oito ocorrências. Segundo a SSP, o cenário é diferente daquele do mês de julho, em que Ceilândia e Gama tinham o maior número de casos. “38% dos crimes foram cometidos nos fins de semana, no período da noite, e quase 70% das vítimas eram do sexo masculino, o que mostra que a escolha da vítima é baseada no princípio da oportunidade e aleatória, não em função do gênero.”

Ao todo, 82% das vítimas (32 pessoas) estavam sozinhas no momento da abordagem dos bandidos, por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados, entre os quais, não estacionar em locais escuros e distantes, não ficar dentro de carros estacionados e redobrar a atenção ao sair de residências, centros comerciais e outros locais.

00000000000 - DEMO

DF registra 316 ocorrências de sequestro-relâmpago nos primeiros oito meses deste ano.
R7, 6/9/2013. Internet: <http://noticias.r7.com> (com adaptações).

(PC-DF – 2013 – Agente de Polícia)

O texto, predominantemente informativo, refuta a ideia de que os alvos preferenciais dos autores de sequestros-relâmpago seriam do sexo feminino.

( ) CERTO
( ) ERRADO

*Comentário: alunos, percebam que o texto informa que grande parte dos sequestrados são homens, refutando assim a ideia de que o alvo preferido dos sequestradores são as mulheres. Chagamos a conclusão, então, que a escolha do sequestrado **não** está diretamente ligado ao gênero. Confirma-se tais informações nas linhas 18-21. É uma excelente questão, que aborda interpretação e confirma se você conhece palavras como "refutar".*

Refutar = negar, dizer o oposto, contestar, contradizer.

GABARITO: CERTO

2. TEXTO LITERÁRIO E NÃO LITERÁRIO

Para que você desenvolva em sua prova uma interpretação satisfatória, é muito importante que saiba diferenciar um texto literário de um texto não literário e suas características.

O que é um texto?

A palavra texto vem do latim "textum", que significa tecido. Podemos dizer que ele é uma unidade básica de organização e transmissão de ideias, conceitos e informações de modo geral. Pensando assim e mais amplamente, uma pintura, uma escultura, um símbolo, um sinal de trânsito, uma foto, uma propaganda, um filme, uma novela de televisão também são formas textuais.

Para facilitar, analisamos os textos em dois grandes grupos:

TEXTOS LITERÁRIOS E NÃO LITERÁRIOS.

Vamos ver a diferença?

TEXTO LITERÁRIO: **é aquele que apresenta uma linguagem conotativa, subjetiva ou figurada, e explora os sentimentos.**

TEXTO NÃO LITERÁRIO: **é aquele que possui uma linguagem denotativa, objetiva e real, e visa à informação.**

INDO
mais fundo

Os **textos literários** são aqueles que possuem função estética, destinam-se ao entretenimento, ao belo, à arte, à ficção. Mesmo que o assunto seja sério, será tratado com leveza em um texto desse tipo. No **texto literário**, o mais importante é a expressividade das palavras. O conteúdo, nesse caso, fica em segundo plano. O vocabulário bem selecionado transmite sensibilidade ao leitor. O texto é rico de simbologia e de beleza artística. Podemos citar como exemplo o conto, o poema, o romance, peças de teatro, novelas e crônicas.

Os **textos não literários** possuem função utilitária, pois servem para informar, convencer, explicar, ordenar. São textos objetivos que não têm o interesse de despertar sentimentos. Quanto à linguagem, o **texto não literário** é objetivo, claro, conciso e pretende informar o leitor sobre determinado assunto. Para isso, quanto mais simples for o vocabulário e mais objetiva for a informação, mais fácil se dará a compreensão do conteúdo. Como exemplo temos as notícias, os artigos jornalísticos, os textos didáticos,

00000000000 - DEMO

os verbetes de dicionários e enciclopédias, as propagandas publicitárias, os textos científicos, as receitas culinárias, os manuais etc.

Veja os dois textos a seguir:

TEXTO I

Descuidar do lixo é sujeira

Diariamente, duas horas antes da chegada do caminhão da prefeitura, a gerência de uma das filiais do McDonald's deposita na calçada dezenas de sacos plásticos recheados de papelão, isopor, restos de sanduíches. Isso acaba propiciando um lamentável banquete de mendigos. Dezenas deles vão ali revirar o material e acabam deixando os restos espalhados pelo calçadão.

(Veja São Paulo, 23-29/12/92)

O TEXTO I, "Descuidar do lixo é sujeira", traz uma informação sobre o lixo despejado nas calçadas e o que acontece com ele antes de o caminhão do lixo passar para recolhê-lo. É um texto informativo e, portanto, **não literário**.

TEXTO II

O bicho

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.
Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.
O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.
O bicho, meu Deus, era um homem.

00000000000 - DEMO

(Manuel Bandeira. Em Seleta em prosa e verso. Rio de Janeiro: J. Olympio/MEC, 1971, p.145)

O TEXTO II, "O bicho", é um poema, basta observarmos a sua forma para sabermos disso, pois é construído em versos e estrofes e apresenta uma linguagem cheia de significados, o que chamamos de **plurissignificação**. Cada palavra pode apresentar um sentido diferente daquele que lhe é comum. Trata-se, portanto, de um texto **literário**.

O esquema a seguir irá ajudá-lo a ter uma visão melhor do que foi explanado até aqui sobre texto literário e não literário.

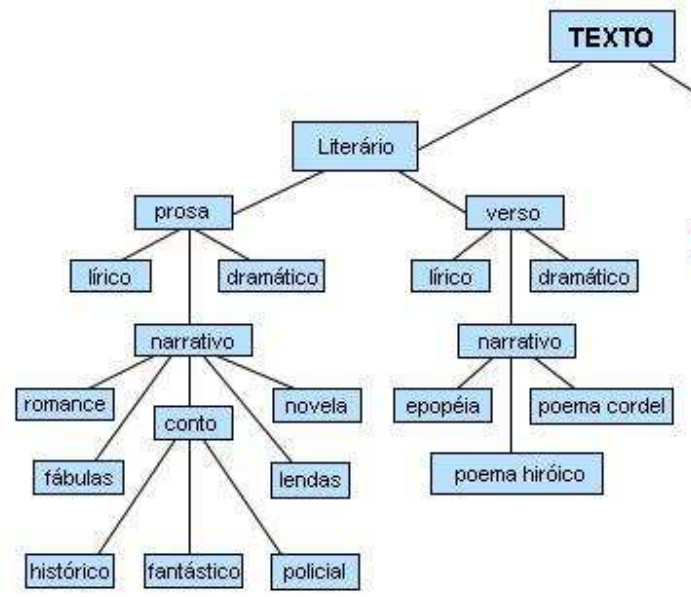
TEXTO
Literário
Não-Literário
prosa
verso
casos
piadas
notícias
lírico
dramático
lírico
dramático
narrativo
narrativo
romance
novela
conto
epopéia
poema cordel
fábulas
lendas
poema hiróico
histórico
fantástico
policial

3. COERÊNCIA E COESÃO TEXTUAL

O que é para você algo incoerente? Imagine uma pessoa que se diz contra o uso de bebidas alcoólicas, mas é vista bebendo todas em um bar? Atitude incoerente não é? Agora imagine quem diz gostar muito de animais e é visto batendo em um cachorro... incoerente!! Podemos levar esse raciocínio para o estudo da linguagem, um texto incoerente é aquele que não faz sentido, que perdeu o nexo por algum problema interno de remissão, uso dos conectivos ou até mesmo semântico.

A coesão diz respeito ao modo como ligamos os elementos textuais numa sequência; a coerência não é apenas uma marca textual, mas diz respeito aos conceitos e às relações semânticas que permitem a união dos elementos textuais.

É fácil perceber que um texto não é coerente, isso ocorre quando ele não faz sentido! Ou quando começa falando sobre um assunto ou aspecto e muda completamente sem aviso prévio. Já a falta de coesão nem sempre é percebida pelo falante, pode ser um problema de regência ou de concordância, por exemplo.

Vejam:

Os menino chegou, vamo começar!

Essa é uma fala comum na variante social da língua. Tenho certeza de que, em algum momento, você já ouviu algo parecido. O fato é que essa fala está cheia de problemas de coesão (concordância, formação de palavra), mas está gramatical, está coerente, mesmo fora do padrão normativo da Língua Portuguesa.

Agora veja outro exemplo:

A Joana não estuda nesta ***escola****.*
Ela não sabe qual é a ***escola*** *mais antiga da cidade.*
Esta ***escola*** *tem um jardim.*
A ***escola*** *não tem laboratório de línguas.*

O termo "escola" é comum a todas as frases, e o nome "Joana" foi substituído por pronome, contudo, tais não são suficientes para formar um texto, uma vez que não possuímos as relações de sentido que unificam a

00000000000 - DEMO

sequência, apesar da coesão individual das frases encadeadas (mas divorciadas semanticamente).

A coerência não é independente do contexto no qual o texto está inscrito, isto é, não podemos ignorar fatores como o autor, o leitor, o espaço, a história, o tempo etc. O exemplo seguinte:

O velho abutre alisa as suas penas.

É um verso de Sophia de Mello Breyner Andresen que só pode ser compreendido uma vez contextualizado (pertence ao conjunto "As Grades", in Livro Sexto, 1962): o "velho abutre" é uma metáfora sutil para designar o ditador fascista Salazar. Não é o conhecimento da língua que nos permite saber isto, mas o conhecimento da cultura portuguesa.

Agora, alunos, nem sempre a relação entre coesão e coerência segue um padrão, por exemplo, leia o texto a seguir:

Circuito Fechado

Chinelos, vaso, descarga. Pia, sabonete. Água. Escova, creme dental, água, espuma, creme de barbear, pincel, espuma, gilete, água, cortina, sabonete, água fria, água quente, toalha. Creme para cabelo; pente. Cueca, camisa, abotoaduras, calça, meias, sapatos, gravata, paletó. Carteira, níqueis, documentos, caneta, chaves, lenço, relógio, maços de cigarros, caixa de fósforos. Jornal. Mesa, cadeiras, xícara e pires, prato, bule, talheres, guardanapos. Quadros. Pasta, carro. Cigarro, fósforo. Mesa e poltrona, cadeira, cinzeiro, papéis, telefone, agenda, copo com lápis, canetas, blocos de notas, espátula, pastas, caixas de entrada, de saída, vaso com plantas, quadros, papéis, cigarro, fósforo. Bandeja, xícara pequena. Cigarro e fósforo. Papéis, telefone, relatórios, cartas, notas, vales, cheques, memorandos, bilhetes, telefone, papéis.

00000000000 - DEMO

Relógio. Mesa, cavalete, cinzeiros, cadeiras, esboços de anúncios, fotos, cigarro, fósforo, bloco de papel, caneta, projetos de filmes, xícara, cartaz, lápis, cigarro, fósforo, quadro-negro, giz, papel. Mictório, pia, água. Táxi. Mesa, toalha, cadeiras, copos, pratos, talheres, garrafa, guardanapo, xícara. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Escova de dentes, pasta, água. Mesa e poltrona, papéis, telefone, revista, copo de papel, cigarro, fósforo, telefone interno, externo, papéis, prova de anúncio, caneta e papel, relógio, papel, pasta, cigarro, fósforo, papel e caneta, telefone, caneta e papel, telefone, papéis, folheto, xícara, jornal, cigarro, fósforo, papel e caneta. Carro. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Paletó, gravata. Poltrona, copo, revista. Quadros. Mesa, cadeiras, pratos, talheres, copos, guardanapos. Xícaras, cigarro e fósforo. Poltrona, livro. Cigarro e fósforo. Televisor, poltrona. Cigarro e fósforo. Abotoaduras, camisa, sapatos, meias, calça, cueca, pijama, espuma, água. Chinelos. Coberta, cama, travesseiro.

(Ricardo Ramos)

Inicialmente, o texto lido parece ser apenas um amontoado de palavras soltas, mas, ao lermos mais atentamente, percebemos que não é. Embora fuja do padrão da língua, com uso de verbos, substantivos, adjetivos, enfim, de todas as classes gramaticais conjugadas, o texto **Circuito Fechado** é uma história que representa o dia de um homem, ainda que sua estrutura seja composta apenas por substantivos.

PRESTE atenção

O texto em questão é um exemplo de uso dos **SUBSTANTIVOS** como **recurso de coerência textual**, pois, se observar bem, o texto "circuito fechado" é inteiro formado por substantivos (nomeia as

00000000000 - DEMO

coisas). Quando falamos o nome de alguma coisa, isso nos remete a alguma ação que possa ser realizada com o objeto, por exemplo, com os substantivos *"Cigarro e fósforo", que aparecem diversas vezes do texto, entendemos que o personagem fez uma pausa para fumar um cigarro, entendemos ainda, pela repetição da ação proposta pelos substantivos, que isso é um vício, que ele fuma bastante! Virão só como os substantivos podem ser recursos para estabelecer coerência textual?*

É possível haver um texto sem coesão, mas coerente?

Sim!! Vejam o exemplo do texto a seguir:

Menino venha pra dentro, olhe o sereno! Vá lavar essa mão. Já escovou os dentes? Tome a bênção a seu pai. Já pra cama!

Onde é que aprendeu isso, menino? Coisa mais feia. Tome modos. Hoje você fica sem sobremesa. Onde é que você estava? Agora chega, menino, tenha santa paciência.

De quem você gosta mais, do papai ou da mamãe? Isso, assim que eu gosto: menino educado, obediente. Está vendo? É só a gente falar. Desça daí, menino! Me prega cada susto... Pare com isso! Jogue isso fora. Uma boa surra dava jeito nisso. Que é que você andou arranjando? Quem lhe ensinou esses modos? Passe pra dentro. Isso não é gente para ficar andando com você.

Avise a seu pai que o jantar está na mesa. Você prometeu, tem de cumprir. Que é que você vai ser quando crescer? Não, chega: você já repetiu duas vezes. Por que você está quieto aí? Alguma você está tramando... Não ande descalço, já disse! Vá calçar o sapato. Já tomou o remédio? Tem de comer tudo: você acaba virando um palito. Quantas vezes já lhe disse para não mexer aqui? Esse barulho, menino! Seu pai está dormindo. Pare com essa correria dentro de casa, vá brincar lá fora. Você vai acabar caindo daí. Peça licença a seu pai primeiro. Isso é maneira de responder a sua irmã? Se não

00000000000 - DEMO

fizer, fica de castigo. Segure o garfo direito. Ponha a camisa pra dentro da calça. Fica perguntando, tudo você quer saber! Isso é conversa de gente grande. Depois eu dou. Depois eu deixo. Depois eu levo. Depois eu conto.

Agora deixa seu pai descansar - ele está cansado, trabalhou o dia todo. Você precisa ser muito bonzinho com ele, meu filho. Ele gosta tanto de você. Tudo que ele faz é para o seu bem. Olhe aí, vestiu essa roupa agorinha mesmo, já está toda suja. Fez seus deveres? Você vai chegar atrasado. Chora não, filhinho, mamãe está aqui com você. Nosso Senhor não vai deixar doer mais.

Quando você for grande, você também vai poder. Já disse que não, e não, e não! Ah, é assim? Pois você vai ver só quando seu pai chegar. Não fale de boca cheia. Junte a comida no meio do prato. Por causa disso é preciso gritar? Seja homem. Você ainda é muito pequeno para saber essas coisas. Mamãe tem muito orgulho de você. Cale essa boca! Você precisa cortar esse cabelo.

Sorvete não pode, você está resfriado. Não sei como você tem coragem de fazer assim com sua mãe. Se você comer agora, depois não janta. Assim você se machuca. Deixa de fita. Um menino desse tamanho, que é que os outros hão de dizer? Você queria que fizessem o mesmo com você? Continua assim que eu lhe dou umas palmadas. Pensa que a gente tem dinheiro para jogar fora? Tome juízo, menino.

Ganhou agora mesmo e já acabou de quebrar. Que é que você vai querer no dia de seus anos? Agora não, que eu tenho o que fazer. Não fique triste não, depois mamãe dá outro. Você teve saudades de mim? Vou contar só mais uma, que está na hora de dormir. Agora dorme, filhinho. Dê um beijo aqui - Papai do Céu lhe abençoe. Este menino, meu Deus...

Menino, de Fernando Sabino.

O texto de Fernando Sabino é perfeitamente compreensível, mas nele encontramos diversas frases soltas, sem os conectivos necessários que garantiriam a coesão textual. **O texto é coerente, mas não é coeso**.

00000000000 - DEMO

De maneira bem simples, podemos dizer que coerência e coesão é o que faz a diferença entre um texto e um amontoado de palavras sem nexo.

ESCLARECENDO

Coesão textual são as conexões gramaticais existentes entre palavras, orações, frases, parágrafos e partes maiores de um texto.

As palavras que realizam essas articulações gramaticais são chamadas de conectores. São eles: substantivos, pronomes, conjunções, preposições etc. Ainda são comuns nessa função palavras como isso, então, aliás, também, isto é, entretanto, e, por isso, daí, porém, mas.

Coerência textual é a estruturação lógico-semântica de um texto, isto é, a articulação de ideias que faz com que, numa situação discursiva, palavras e frases componham um todo significativo. Esse todo pode ser um texto, um discurso etc.

3.1 A REMISSÃO

Uma das modalidades de coesão é a ***remissão***. Ela ocorre de duas maneiras: remissão anafórica ou catafórica, formando-se cadeias coesivas mais ou menos longas. É a maneira como construímos um texto, como fazemos a progressão textual de maneira coerente.

A remissão pode ser **endofórica**, ou seja, **textual**, refere-se a elemento que estão no texto. A remissão ou referenciação textual pode ser:

00000000000 - DEMO

Anafórica (para trás): realiza-se por meio de pronomes pessoais de 3ª pessoa (retos e oblíquos) e os demais pronomes; também por numerais, advérbios e artigos.

Exemplo: *André e Pedro são fanáticos torcedores de futebol. Apesar d**isso,** são diferentes. **Este** não briga com quem torce para outro time; **aquele o faz.***

O termo **isso** retoma o predicado **são fanáticos torcedores de futebol; este** recupera a palavra **Pedro; aquele**, o termo **André; o faz,** o predicado **briga com quem torce para o outro time - são todos anafóricos, retomam algo já citado.**

Catafórica (para a frente): realiza-se normalmente através de pronomes demonstrativos ou indefinidos neutros, ou de nomes genéricos, mas pode ocorrer também com os outros pronomes, advérbios e numerais.

Exemplo: *Qualquer que tivesse sido **seu** trabalho anterior, **ele** o abandonara, mudara de profissão e passara pesadamente a ensinar no curso primário: era tudo o que sabíamos d**ele**, o professor, gordo e silencioso, de ombros contraídos.*

O pronome possessivo **seu** e o pronome pessoal reto **ele** antecipam a expressão **o professor - são catafóricos.**

Existe ainda a remissão que é feita através de elementos que estão externos ao texto, é a chamada **exofórica.** Em todo texto encontramos circunstâncias situacionais, ou seja, ele se desenvolve em um lugar, num determinado tempo, há participantes – locutor e interlocutor. Se pararmos para observar, veremos que essas circunstâncias situacionais estão no texto através do emprego de palavras "vazias", palavras que só adquirem significado quando associadas a um referente, que pode estar no próprio texto, como já

00000000000 - DEMO

vimos referenciação textual – **Endofórica)**, ou fora dele referenciação extratextual ou **Exofórica**, que veremos a seguir.

"Coisas que você precisa saber antes de viajar para o exterior"

Observe que a palavra **você** marca um interlocutor, ou seja, a segunda pessoa do discurso, mas quem é? O leitor é claro! Como ele está fora do texto é, portanto, uma referência extratextual – Exofórica.

As palavras que se preenchem de significado por meio de referências extratextuais são consideradas **dêiticas**, pois remetem às circunstâncias situacionais do processo de comunicação.

Itens que podem funcionar como dêiticos.

Pronomes pessoais:
eu – falante
você - interlocutor
nós – falante e interlocutor

Pronomes demonstrativos:
Este, esta, estes, estas, isto – perto do falante
Esse, essa, esses, essas, isso – perto do interlocutor

Circunstâncias de lugar:
Advérbios, - aqui, lá, acolá, ali, aí
Locuções adverbiais: neste lugar, naquele lugar etc.

Circunstâncias de tempo:
Hoje, amanhã, agora, ontem

00000000000 - DEMO

Locuções adverbiais – neste momento, daqui a um mês etc.

Tempos verbais:

Presente – simultaneidade com o momento do processo de comunicação.

Pretérito – anterioridade com relação ao momento do processo de comunicação.

Futuro – posterioridade com relação ao momento do processo de comunicação.

"A saga do rapto de Helena e a subsequente Guerra de Troia continuam sendo um dos melhores exemplos dos perigos da luxúria. No todo, a história sugere quão imprudente é para um hóspede na casa de um homem levar consigo, ao partir, a esposa do anfitrião. Acrescentamos a esse erro crasso a dupla idiotice da raiva e da inveja, agravadas quando o marido abandonado, Menelau, insistiu nos direitos de um velho tratado e arrastou todo o seu reino e os dos vizinhos em missão de vingança. Muitos deles demoraram quase vinte anos na guerra e no retorno, para não falar na maioria que morreu, deixando os lares e as famílias no desamparo e na ruína – mal sobrevivendo, sugerem os registros, a assédios diversos e a desastres naturais."

(*Menelau e a esposa perdida,* Stephen Weir)

(TJ/BA – 2015 – Analista Judiciário – FGV - Adaptada) No texto, os elementos sublinhados se referem a termos anteriores; a correspondência identificada corretamente é:

I. consigo / um hóspede;

II. esse erro / a imprudência de Helena;

III. seu / do hóspede;

IV. os / os erros;

V. que / muitos deles.

00000000000 - DEMO

Comentário: vamos reler o texto, marcando na mesma cor o antecedente do termo grifado. Trata-se de remissão textual endofórica entre os termos.

"A saga do rapto de Helena e a subsequente Guerra de Troia continuam sendo um dos melhores exemplos dos perigos da luxúria. No todo, a história sugere quão imprudente é para um hóspede na casa de um homem levar consigo, ao partir, a esposa do anfitrião. Acrescentamos a esse erro crasso a dupla idiotice da raiva e da inveja, agravadas quando o marido abandonado, Menelau, insistiu nos direitos de um velho tratado e arrastou todo o seu reino e os dos vizinhos em missão de vingança. Muitos deles demoraram quase vinte anos na guerra e no retorno, para não falar na maioria que morreu, deixando os lares e as famílias no desamparo e na ruína – mal sobrevivendo, sugerem os registros, a assédios diversos e a desastres naturais."

Consigo = um hóspede

Esse = erro

Seu = Marido abandonado, Menelau

Os = reino

Que = maioria

GABARITO: ERRADO

Resumindo

De que trata a **coerência textual?** Da relação que se estabelece entre as diversas partes do texto, criando uma unidade de sentido. Está, portanto, ligada ao entendimento, à possibilidade de interpretação daquilo que se ouve ou lê.

A remissão é feita através de diversos conectivos, além do uso dos pronomes, que garantem a unidade semântica do texto. A ligação das

00000000000 - DEMO

orações também precisa ser feita de maneira coesa. A seguir, analise um quadro demonstrativo dos principais conectivos:

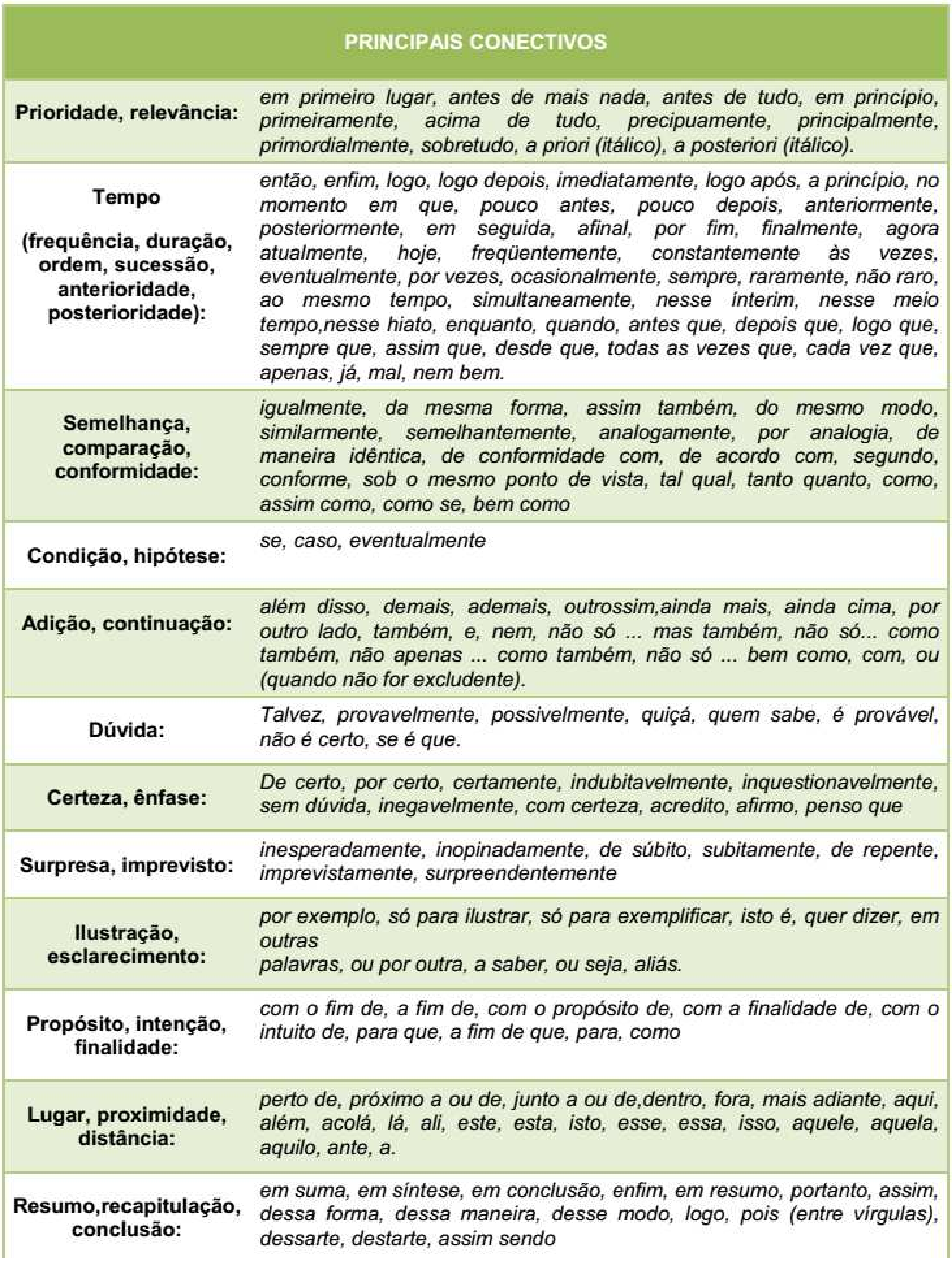

PRINCIPAIS CONECTIVOS	
Prioridade, relevância:	*em primeiro lugar, antes de mais nada, antes de tudo, em princípio, primeiramente, acima de tudo, precipuamente, principalmente, primordialmente, sobretudo, a priori (itálico), a posteriori (itálico).*
Tempo **(frequência, duração, ordem, sucessão, anterioridade, posterioridade):**	*então, enfim, logo, logo depois, imediatamente, logo após, a princípio, no momento em que, pouco antes, pouco depois, anteriormente, posteriormente, em seguida, afinal, por fim, finalmente, agora atualmente, hoje, freqüentemente, constantemente às vezes, eventualmente, por vezes, ocasionalmente, sempre, raramente, não raro, ao mesmo tempo, simultaneamente, nesse ínterim, nesse meio tempo,nesse hiato, enquanto, quando, antes que, depois que, logo que, sempre que, assim que, desde que, todas as vezes que, cada vez que, apenas, já, mal, nem bem.*
Semelhança, comparação, conformidade:	*igualmente, da mesma forma, assim também, do mesmo modo, similarmente, semelhantemente, analogamente, por analogia, de maneira idêntica, de conformidade com, de acordo com, segundo, conforme, sob o mesmo ponto de vista, tal qual, tanto quanto, como, assim como, como se, bem como*
Condição, hipótese:	*se, caso, eventualmente*
Adição, continuação:	*além disso, demais, ademais, outrossim,ainda mais, ainda cima, por outro lado, também, e, nem, não só ... mas também, não só... como também, não apenas ... como também, não só ... bem como, com, ou (quando não for excludente).*
Dúvida:	*Talvez, provavelmente, possivelmente, quiçá, quem sabe, é provável, não é certo, se é que.*
Certeza, ênfase:	*De certo, por certo, certamente, indubitavelmente, inquestionavelmente, sem dúvida, inegavelmente, com certeza, acredito, afirmo, penso que*
Surpresa, imprevisto:	*inesperadamente, inopinadamente, de súbito, subitamente, de repente, imprevistamente, surpreendentemente*
Ilustração, esclarecimento:	*por exemplo, só para ilustrar, só para exemplificar, isto é, quer dizer, em outras* *palavras, ou por outra, a saber, ou seja, aliás.*
Propósito, intenção, finalidade:	*com o fim de, a fim de, com o propósito de, com a finalidade de, com o intuito de, para que, a fim de que, para, como*
Lugar, proximidade, distância:	*perto de, próximo a ou de, junto a ou de,dentro, fora, mais adiante, aqui, além, acolá, lá, ali, este, esta, isto, esse, essa, isso, aquele, aquela, aquilo, ante, a.*
Resumo,recapitulação, conclusão:	*em suma, em síntese, em conclusão, enfim, em resumo, portanto, assim, dessa forma, dessa maneira, desse modo, logo, pois (entre vírgulas), dessarte, destarte, assim sendo*

00000000000 - DEMO

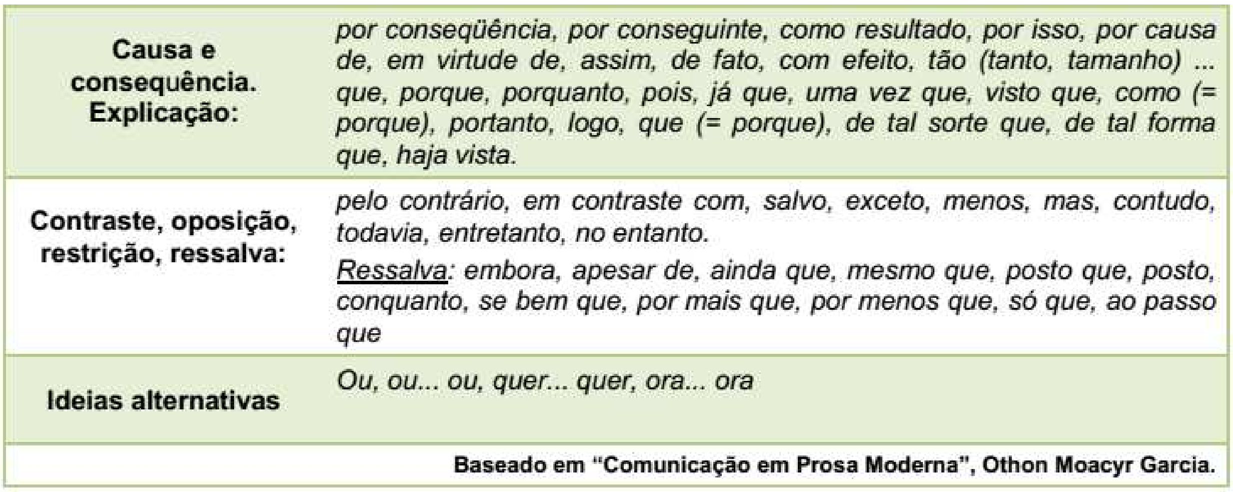

Causa e consequência. Explicação:	*por conseqüência, por conseguinte, como resultado, por isso, por causa de, em virtude de, assim, de fato, com efeito, tão (tanto, tamanho) ... que, porque, porquanto, pois, já que, uma vez que, visto que, como (= porque), portanto, logo, que (= porque), de tal sorte que, de tal forma que, haja vista.*
Contraste, oposição, restrição, ressalva:	*pelo contrário, em contraste com, salvo, exceto, menos, mas, contudo, todavia, entretanto, no entanto.* *Ressalva: embora, apesar de, ainda que, mesmo que, posto que, posto, conquanto, se bem que, por mais que, por menos que, só que, ao passo que*
Ideias alternativas	*Ou, ou... ou, quer... quer, ora... ora*

Baseado em "Comunicação em Prosa Moderna", Othon Moacyr Garcia.

Seria coerente dizer:

Lavei todo o quintal, **mas** continua mal cheiroso.

O conectivo MAS cumpre a função de promover ideia de oposição. Agora, se tal conectivo for substituído por **de tal forma que**, a coesão se perde e o sentido da frase também:

Lavei todo o quintal, **de tal forma que** continua mal cheiroso.

3.2 QUANDO NÃO HÁ COERÊNCIA TEXTUAL: AMBIGUIDADE

Quando falamos de linguagem escrita ou falada, a primeira coisa sobre a qual se pensa é a clareza textual. Toda e qualquer interlocução, seja no plano da fala, seja no da escrita, somente se torna materializada se estiver clara, objetiva e precisa.

E quando tal clareza não ocorre? Caso ela não ocorra, podemos dizer que alguns entraves desempenharam sua cota de participação na hora da comunicação, e acredite: são vários os que se manifestam nesse sentido. Um deles, representando literalmente tal aspecto, é expresso pela **ambiguidade** que é ocasionada pelo emprego inadequado de alguns pronomes, mais especificamente, os possessivos. Assim sendo, como fator resultante dessa (a ambiguidade) temos tão somente uma dupla interpretação daquilo que ora é proferido, dificultando, pois, o entendimento da mensagem.

00000000000 - DEMO

tome nota!

Ambiguidade: dupla interpretação daquilo que foi falado ou escrito, dificultando o entendimento da mensagem.

Para ilustrar, um exemplo:

Tão logo se encontrou com Marcela, Paulo fez comentários acerca de seus excelentes resultados nas provas finais.

A falta de clareza na mensagem tem origem no uso do pronome possessivo “seus”, pois os comentários feitos por Paulo podem estar se referindo aos resultados de Marcela, aos resultados dele ou até mesmo aos resultados de ambos. De quem foram os excelentes resultados? Como então decifrar do que se trata? Parece um pouco confuso, não?

Nesse sentido, a língua portuguesa oferece-nos vários recursos para que possamos construir nosso discurso com eficácia e precisão, evitando manifestações como essa, permitindo assim que a interlocução seja materializada de forma plausível. Para tanto, em vez de empregarmos o referido pronome, podemos utilizar outros, que também são possessivos, representados por dele(s) e dela(s). Dessa forma, só nos resta fazer as devidas alterações nos enunciados que nos serviram de exemplos, uma vez manifestadas por:

Tão logo se encontrou com Marcela, Paulo fez comentários acerca dos excelentes resultados dele nas provas finais.

Tão logo se encontrou com Marcela, Paulo fez comentários acerca dos excelentes resultados dela nas provas finais.

00000000000 - DEMO

Tão logo se encontrou com Marcela, Paulo fez comentários acerca dos excelentes resultados deles nas provas finais.

Resumindo

Na aula de hoje, vimos como é importante a leitura no seu dia-a-dia para que sua interpretação textual em uma prova seja eficaz! Não basta decodificar letras, é importante compreender o contexto de uso, o tipo de linguagem usado, o tipo de texto e, ainda, conhecer as informações implícitas!

Vamos organizar o pensamento:

TEXTO LITERÁRIO E NÃO LITERÁRIO:

- Não literário: privilegia uma linguagem mais objetiva, clara e concisa, como, por exemplo, em jornais, textos didáticos, dicionários, artigos, enciclopédias, receitas e manuais.
- Literário: é o texto das prosas, das narrativas de ficção, das crônicas, dos contos e dos poemas, por exemplo. É uma expressão artística sem compromisso com a objetividade e com a clareza!

INFERÊNCIA:

Precisamos compreender aquilo que NÃO está escrito claramente no texto, mas que está subentendido! As bancas de concursos adoram questões que pedem para inferir algo do texto, querem um exemplo? Vejam a questão a seguir, ela ilustra bem o assunto!!

00000000000 - DEMO

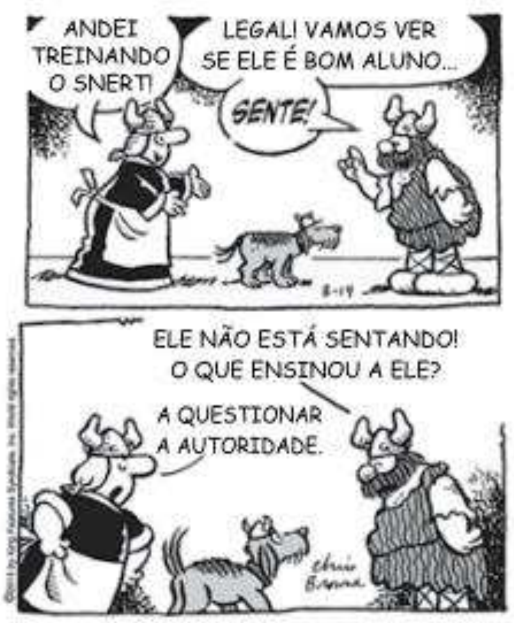
ANDEI TREINANDO O SNERT!
LEGAL! VAMOS VER SE ELE É BOM ALUNO...
SENTE!
ELE NÃO ESTÁ SENTANDO! O QUE ENSINOU A ELE?
A QUESTIONAR A AUTORIDADE.

(Dik Browne. Hagar, o Horrível. *Folha de S.Paulo*, 27.09.2015)

01. (Adaptada) A fala da mulher permite **inferir** que, ao treinar o cão, ela pretendeu contestar a autoridade do marido.

( ) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: quando a esposa declara que ensinou o cão a questionar o marido, ela está dando a ideia de que ***deseja contestar a autoridade dele****. Esse "está dando ideia" a que me refiro é o mesmo que inferir algo a partir das informações dadas no texto. A esposa não disse claramente que queria contestar a autoridade do marido, mas uma boa leitura dos quadrinhos leva a tal interpretação.*

Gabarito: CERTO

COESÃO E COERÊNCIA

Vimos ainda que todo texto precisa ser coerente para ser compreendido e que, para isso, alguns elementos podem contrubuir pra que o sentido não se

00000000000 - DEMO

perca. O que lemos precisa fazer sentido, utilizamos de algumas estratégias para que isso ocorra.

Qual são tais estratégias?

1. Uso de conjunção como conectores:

Exemplo: a enxurrada passou, contudo, a rua ficou suja.

Percebam que a frase não está clara, pois, se houve uma enxurrada, é claro que a rua está suja. A conjunção "contudo" não está adequada ao contexto. O ideal seria o seguinte: **a enxurrada passou e a rua ficou suja**, por exemplo, ou **a enxurrada passou, por isso a rua ficou suja.**

Existem outras formas de manter a coerência em uma frase, como o uso de elementos de coesão, os pronomes, por exemplo! Usamos essa classe gramatical para substituir palavras ao longo do texto evitando repetições desnecessárias. A remissão precisa ser eficaz, caso contrário, o enunciado perde o sentido. Veja:

Corterei seu cabelo hoje, mais tarde. >> remissão perfeita. O pronome "seu" refere-se ao interlocutor e concorda no masculino com "cabelo".

Não faria sentido a formação: cortarei **sua cabelo** hoje, mais tarde, certo?

A remissão pode ser anafórica ou catafórica:

Fiz **esta** lista: açucar, café, leite, pão... (**esTa**: remissão catafóca, **antecede** algo que ainda será falado, no caso, os elementos da lista).

Açucar, café, leite, pão... **essa** é a lista. (**esSa**: remissão anafórica, **retoma** algo que já foi falado, no caso, os elementos da lista).

Vimos ainda que até outras classes gramaticais, quando bem articuladas, podem ser importantes elementos para garantir a coerência de um texto:

SUBSTANTIVO: classe que nomeia todas as coisas que existem, concretas ou não, que trazem em si toda uma significação e que pode, inclusive, gerar uma história. Vejam outro exemplo de um texto cheio de significado e que é formado tão somente por substantivos:

Abolição da Escravatura

Porto, navios, mar. Costa africana, procura, captura, negros. Porto, navios, mar, porões, sujeira, doenças, tempestades, morte, porto. Transporte, carroça, estrada, lavoura, senzala, lavoura café, colheita, senzala, dia, noite. Tempo. Abolicionistas, Castro Alves, poemas, leis, tráfico negreiro, Ventre Livre. Defesa, Joaquim Nabuco, militantes, José do Patrocínio, debates, leis, Sexagenário. Documento, Princesa Isabel, pressão, aprovação, Lei Áurea. Liberdade. Escravos livres, dificuldades, êxodo, cidades, morros, favelas, crescimento, desordem, dias atuais.

ARTIGO: classe de palavras que pode especificar (artigos definidos – o, a, os, as) ou generalizar (artigos indefinidos – um, uma, uns, umas). A falta do artigo também indefine a palavra a seguir:

Exemplos:

Chamem a moça de verde (alguém específico)
Chamem uma moça de verde (qualquer uma que esteja de verde)

HORA DE
praticar!

Desenredo

Do narrador seus ouvinte:

- Jó Joaquim, cliente, era quieto, respeitado, bom como o cheiro de cerveja. Tinha o para não ser célebre. Como elas quem pode, porém? Foi Adão dormir e Eva nascer. Chamando-se Livíria, Rivília ou Irlívia, a que, nesta observação, a Jó Joaquim apareceu.

Antes bonita, olhos de viva mosca, morena mel e pão. Aliás, casada. Sorriram-se, viram-se. Era infinitamente maio e Jó Joaquim pegou o amor. Enfim, entenderam-se. Voando o mais em ímpeto de nau tangida a vela e vento. Mas tendo tudo de ser secreto, claro, coberto de sete capas.

Porque o marido se fazia notório, na valentia com ciúme; e as aldeias são a alheia vigilância. Então ao rigor geral os dois se sujeitaram, conforme o clandestino amor em sua forma local, conforme o mundo é mundo. Todo abismo é navegável a barquinhos de papel.

Não se via quando e como se viam. Jó Joaquim, além disso, existindo só retraído, minuciosamente. Esperar é reconhecer-se incompleto. Dependiam eles de enorme milagre. O inebriado engano.

Até que deu-se o desmastreio. O trágico não vem a conta-gotas. Apanhara o marido a mulher: com outro, um terceiro... Sem mais cá nem mais lá, mediante revólver, assustou-a e matou-o. Diz-se, também, que a ferira, leviano modo.

[...]

00000000000 - DEMO

Ela - longe - sempre ou ao máximo mais formosa, já sarada e sã. Ele exercitava-se a aguentar-se, nas defeituosas emoções.

Enquanto, ora, as coisas amaduravam. Todo fim é impossível? Azarado fugitivo, e como à Providência praz, o marido faleceu, afogado ou de tifo. O tempo é engenhoso.

[...]

Sempre vem imprevisível o abominoso? Ou: os tempos se seguem e parafraseiam-se. Deu-se a entrada dos demônios.

Da vez, Jó Joaquim foi quem a deparou, em péssima hora: traído e traidora. De amor não a matou, que não era para truz de tigre ou leão. Expulsou-a apenas, apostrofando-se, como inédito poeta e homem. E viajou a mulher, a desconhecido destino.

Tudo aplaudiu e reprovou o povo, repartido. Pelo fato, Jó Joaquim sentiu-se histórico, quase criminoso, reincidente. Triste, pois que tão calado. Suas lágrimas corriam atrás dela, como formiguinhas brancas. Mas, no frágio da barca, de novo respeitado, quieto. Vá-se a camisa, que não o dela dentro. Era o seu um amor meditado, a prova de remorsos. Dedicou-se a endireitar-se.

[...]

Celebrava-a, ufanático, tendo-a por justa e averiguada, com convicção manifesta. Haja o absoluto amar- e qualquer causa se irrefuta.

Pois produziu efeito. Surtiu bem. Sumiram-se os pontos das reticências, o tempo secou o assunto. Total o transato desmanchava-se, a anterior evidência e seu nevoeiro. O real e válido, na árvore, é a reta que vai para cima. Todos já acreditavam. Jó Joaquim primeiro que todos.

Mesmo a mulher, até, por fim. Chegou-lhe lá a notícia, onde se achava, em ignota, defendida, perfeita distância. Soube-se nua e pura. Veio sem culpa. Voltou, com dengos e fofos de bandeira ao vento.

Três vezes passa perto da gente a felicidade. Jó Joaquim e Vilíria retomaram-se, e conviveram, convolados, o verdadeiro e melhor de sua útil vida.

E pôs-se a fábula em ata.

00000000000 - DEMO

ROSA, João Guimarães. *Tutameia - Terceiras estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967,p.38-40.

Vocabulário:

Frágio: neologismo criado a partir de naufrágio,

Ufanático: neologismo: ufano+fanático.

01. **(PC/AC – 2015 – Perito criminal – FUNCAB)** O "Ou: os tempos se seguem e PARAFRASEIAM-SE." poderia ser explicado com o seguinte adágio popular:

a) "Cada um sabe o sapato onde aperta."

b) "Na natureza, no homem e na sociedade nada se cria, nada se transforma... tudo se repete."

c) "Não se faz uma omelete sem quebrar os ovos."

d) "Coração de homem é terra que ninguém mora."

e) "Formiga quando quer se perder cria asa."

Comentário: parafrasear algo é dizer a mesma coisa com outras palavras, assim como é explicado no adágio popular da alternativa B, nada se cria, tudo se transforma. Os tempos seguirem e parafrasearem-se, como sugere o autor, é o mesmo que se transformar sem mudar a essência.

GABARITO: B

As intermitências da morte (fragmentos)

A morte conhece tudo a nosso respeito, e talvez por isso seja triste. Se é certo que nunca sorri, é só porque lhe faltam os lábios, e esta lição anatômica nos diz que, ao contrário do que os vivos julgam, o sorriso não é uma questão de dentes. Há quem diga, com humor menos macabro que de mau gosto, que ela leva afivelada uma espécie de sorriso permanente, mas isso não é verdade, o que ela traz à vista é um esgar de sofrimento, porque a recordação do tempo em que tinha boca, e a boca língua, e a língua saliva, a persegue

00000000000 - DEMO

continuamente. Com um breve suspiro, puxou para si uma folha de papel e começou a escrever a primeira carta deste dia, Cara senhora, lamento comunicar-lhe que a sua vida terminará no prazo **irrevogável e improrrogável** de uma semana, desejo-lhe que aproveite o melhor que puder o tempo que lhe resta, sua atenta servidora, morte. Duzentas e noventa e oito folhas, duzentos e noventa e oito sobrescritos, duzentas e noventa e oito descargas na lista, não se poderá dizer que um trabalho destes seja de matar, mas a verdade é que a morte chegou ao fim exausta. Com o gesto da mão direita que já lhe conhecemos fez desaparecer as duzentas e noventa e oito cartas, depois, cruzando sobre a mesa os magros braços, deixou descair a cabeça sobre eles, não para dormir, porque morte não dorme, mas para descansar. Quando meia hora mais tarde, já refeita da fadiga, a levantou, a carta que havia sido devolvida à procedência e outra vez enviada, estava novamente ali, diante das suas órbitas atônitas.

Se a morte havia sonhado com a esperança de alguma surpresa que a viesse distrair dos aborrecimentos da rotina, estava servida. [...] Entre ir e vir, a carta não havia demorado mais que meia hora, provavelmente muito menos, dado que já se encontrava em cima da mesa quando a morte levantou a cabeça do duro amparo dos antebraços, isto é, do cúbito e do rádio, que para isso mesmo é que são entrelaçados. Uma força alheia, misteriosa, incompreensível, parecia opor-se à morte da pessoa, apesar de a data da sua defunção estar fixada, como para toda a gente, desde o próprio dia do nascimento. É impossível, disse a morte à gadanha silenciosa, ninguém no mundo ou fora dele teve alguma vez mais poder do que eu. Eu sou a morte, o resto é nada.

SARAMAGO, José. . São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 139-40.

00000000000 - DEMO

02. **(FACELI – 2015 – Administrador – FUNCAB)** Sobre o texto leia as afirmativas a seguir.

I. A dissolução do pretérito no texto torna-se interessante pela utilização de vírgulas entre a presença do narrador e a fala do personagem que passa ideia de presente.

II. O pretérito do narrador e o presente do personagem fictício se identificam porque a experiência relatada transcorre no aqui e agora, estabelecendo o presente fictício.

III. A devolução da carta intriga a morte e demonstra o desejo humano de vencê-la.

Está correto o que se afirma em:

A) I, apenas.

B) I e II, apenas.

C) I e III, apenas.

D) II e III, apenas.

E) I, II e III.

Comentário: analisando cada afirmativa, percebemos que as três estão corretas.

I. A dissolução do pretérito no texto torna-se interessante pela utilização de vírgulas entre a presença do narrador e a fala do personagem que passa ideia de presente.

CORRETO. Observa-se no trecho a seguir que a afirmativa está correta, pois temos presença de vírgula entre a fala do narrado e da personagem, bem como o uso dos termos no presente: "Com um breve suspiro, puxou para si uma folha de papel e começou a escrever a primeira carta deste dia ***, (AQUI COMEÇA A FALA DO PERSONAGEM)*** *Cara senhora, lamento comunicar-lhe que a sua vida terminará no prazo irrevogável e improrrogável de uma semana, desejo-lhe que aproveite o melhor que puder o tempo que lhe resta, sua atenta servidora, morte"*

00000000000 - DEMO

II. O pretérito do narrador e o presente do personagem fictício se identificam porque a experiência relatada transcorre no aqui e agora, estabelecendo o presente fictício.

CORRETO. Estabelece-se um presente fictício, pois a personagem é a morte. Embora esteja sendo contada uma história que ocorreu no pretérito, digamos que a "morte" está trabalhando ainda hoje e continuará.

III. A devolução da carta intriga a morte e demonstra o desejo humano de vencê-la.

CORRETO. Podemos entender a recusa do ser humano em morrer com a devolução da carta que sentencia a morte.

GABARITO: E

03. **(FACELI – 2015 – Administrador – FUNCAB)** As palavras destacadas em "a sua vida terminará no prazo IRREVOGÁVEL e IMPRORROGÁVEL de uma semana" podem ser substituídas, sem alteração do sentido assumido no contexto, respectivamente, por:

A) incontestável e inadiável.

B) indispensável e inexpugnável.

C) irrelevante e urgente.

D) imutável e impreterível.

E) anulável e protelável.

Comentário: as duas palavras possuem prefixo de negação (-i , -im), o que torna fácil a compreensão de que IRREVOGÁVEL é aquilo que não se pode revogar, não se pode mudar, que é imutável e IMPRORROGÁVEL é aquilo que não se pode prorrogar, que é urgente, impreterível.

GABARITO: D

04. **(FACELI – 2015 – Administrador – FUNCAB)** "A morte conhece tudo a nosso respeito, e talvez por ISSO seja triste."

00000000000 - DEMO

O uso da forma destacada do demonstrativo, no contexto, se justifica porque:

A) retoma elementos, que estão fora do texto, em situação de proximidade.

B) faz referência a elementos contextuais, externos ao texto.

C) é um elemento remissivo que faz referência anafórica a ideias já introduzidas no texto.

D) consiste na repetição da mesma palavra na progressão narrativa.

E) antecipa a ideia a ser apresentada posteriormente.

Comentário: o pronome ISSO é um termo anafórico, ou seja, faz referência a algo que já foi citado anteriormente, no caso "A morte conhece tudo a nosso respeito", é isso (a morte conhecer tudo) que a deixa triste.

GABARITO: C

05. **(FACELI – 2015 – Administrador – FUNCAB)** No período "Entre ir e vir, a carta não havia demorado mais que meia hora, PROVAVELMENTE muito menos", o termo em destaque só teria prejuízo para o sentido original do texto, se fosse substituído por:

A) certamente.

B) seguramente.

C) supostamente.

D) possivelmente.

E) talvez

Comentário: o termo "provavelmente" traduz ideia de incerteza para a frase, não se sabe com exatidão o tempo que a carta demorou para voltar. Dessa forma, um termo que imprima ideia de certeza, exatidão, como "seguramente", não pode ser utilizado no contexto.

GABARITO: B

00000000000 - DEMO

Inauguração da Avenida

[...]

Já lá se vão cinco dias. E ainda não houve aclamações, ainda não houve delírio. O choque foi rude demais. Acalma ainda não renasceu.

Mas o que há de mais interessante na vida dessa mó de povo que se está comprimindo e revoluteando na Avenida, entre a Prainha e o Boqueirão, é o tom das conversas, que o ouvido de um observador apanha aqui e ali, neste ou naquele grupo.

Não falo das conversas da gente culta, dos "doutores" que se julgam doutos. Falo das conversas do povo - do povo rude, que contempla e critica a arquitetura dos prédios: "Não gosto deste... Gosto mais daquele... Este é mais rico... Aquele tem mais arte... Este é pesado... Aquele é mais elegante...".

Ainda nesta sexta-feira, à noite, entremeti-me num grupo e fiquei saboreando uma dessas discussões. Os conversadores, à luz rebrilhante do gás e da eletricidade, iam apontando os prédios: e - cousa consoladora - eu, que acompanhava com os ouvidos e com os olhos a discussão, nem uma só vez deixei de concordar com a opinião do grupo. Com um instintivo bom gosto subitamente nascido, como por um desses milagres a que os teólogos dão o nome de "mistérios da Graça revelada" - aquela simples e rude gente, que nunca vira palácios, que nunca recebera a noção mais rudimentar da arte da arquitetura, estava ali discernindo entre o bom e o mau, e discernindo com clarividência e precisão, separando o trigo do joio, e distinguindo do vidro ordinário o diamante puro.

É que o nosso povo - nascido e criado neste fecundo clima de calor e umidade, que tanto beneficia as plantas como os homens - tem uma inteligência nativa, exuberante e pronta, que é feita de sobressaltos e relâmpagos, e que apanha e fixa na confusão as ideias, como a placa sensibilizada de uma máquina fotográfica apanha e fixa, ao clarão instantâneo de uma faísca de luz oxídrica, todos os objetos mergulhados na penumbra de

00000000000 - DEMO

uma sala...

E, pela Avenida em fora, acotovelando outros grupos, fui pensando na revolução moral e intelectual que se vai operar na população, em virtude da reforma material da cidade.

A melhor educação é a que entra pelos olhos. Bastou que, deste solo coberto de baiucas e taperas, surgissem alguns palácios, para que imediatamente nas almas mais incultas brotasse de súbito a fina flor do bom gosto: olhos, que só haviam contemplado até então betesgas, compreenderam logo o que é a arquitetura. Que não será quando da velha cidade colonial, estupidamente conservada até agora como um pesadelo do passado, apenas restar a lembrança?

[...]

E quando cheguei ao Boqueirão do Passeio, voltei-me, e contemplei mais uma vez a Avenida, em toda sua gloriosa e luminosa extensão. [...]

Gazeta de Notícias - 19 nov.1905. Bilac, Olavo. *Vossa Insolência: crônicas*. São Paulo: Companhia de Letras, 1996, p. 264-267.

Vocabulário:

baiuca: local de última categoria, malfrequentado.
betesga: rua estreita, sem saída,
mó: do latim "mole" , multidão; grande quantidade,
revolutear: agitar-se em várias direções,
tapera: lugar malconservado e de mau aspecto

06. **(PRF – 2014 – Agente administrativo – FUNCAB)** A crônica "Inauguração da avenida" é entremeada pela palavra povo. Sobre esse vocábulo, leia as afirmativas.

I Trata-se de uma generalização para representar todo brasileiro, atribuindo-lhe caráter de nacionalidade e referência identitária.

II. Nesse caso, o referente é a classe menos favorecida, que, na fala do cronista, encontra-se à margem das benesses sociais.

00000000000 - DEMO

III. Refere-se à imagem plural da cidade, representando parte significativa da sociedade.

Está(ão) correta(s) somente a(s) afirmativa(s):

a) II e III

b) III

c) II

d) I e III

e) I e II

Comentário: vamos analisar cada alternativa sobre o significado de "povo" usado pelo autor.

I. Trata-se de uma generalização para representar todo brasileiro, atribuindo-lhe caráter de nacionalidade e referência identitária.

ERRADO. O autor não fala sobre ***todos os brasileiros****, mas sobre aquelas que estavam presenciando a inauguração da Avenida Central.*

II. Nesse caso, o referente é a classe menos favorecida, que, na fala do cronista, encontra-se à margem das benesses sociais.

CERTO. Quando o cronista fala "o povo, o povo rude..." está se referindo às pessoas menos favorecidas.

III. Refere-se à imagem plural da cidade, representando parte significativa da sociedade.

CERTO. Entre as pessoas presentes, estavam pessoas mais abastadas e também as menos abastadas (que eram a maioria), o que representa a imagem plural da cidade.

GABARITO: A

07. **(PRF – 2014 – Agente administrativo – FUNCAB)** "É que o nosso povo - nascido e criado neste fecundo clima de calor e umidade, que tanto beneficia as plantas como os homens - tem uma inteligência nativa, exuberante e pronta..."

00000000000 - DEMO

Sobre os componentes desse parágrafo 6 do texto, assinale a afirmativa correta.

a) As palavras NASCIDO E CRIADO estabelecem ideia de continuidade.

b) O primeiro QUE retoma, anaforicamente, a expressão NOSSO POVO.

c) COMO tem por antecedentes as palavras POVO e CLIMA.

d) nESTE se refere, cataforicamente, à palavra CLIMA.

e) A palavra TANTO é uma conjunção que intensifica a ideia de calor.

Comentário: vamos analisar as alternativas:

a) As palavras NASCIDO E CRIADO estabelecem ideia de continuidade.

ERRADO. O termo "Nascido e criado" expressa reforço da ideia de que os brasileiros sofrem a influência do clima de calor e umidade.

b) O primeiro QUE retoma, anaforicamente, a expressão NOSSO POVO.

ERRADO. Um termo anafórico retoma algo que já foi falado, não poderia estar ligado ao termo "nosso povo". Além disso, o "que" é expletivo, não retoma nada.

c) COMO tem por antecedentes as palavras POVO e CLIMA.

ERRADO. O "como" foi usado como uma conjunção ligando duas orações.

d) nESTE se refere, cataforicamente, à palavra CLIMA.

CORRETO. No trecho: "- nascido e criado neste fecundo clima", o "neste" é um termo dêitico catafórico, ou seja, faz referência a um termo que ainda será citado, no caso, "clima".

e) A palavra TANTO é uma conjunção que intensifica a ideia de calor.

ERRADO. O "tanto" está trazendo ideia de adição, não de intensidade.

GABARITO: D

O jovem policial

Eu estava botando gasolina no tanque do meu carro e do meu lado estavam dois carros da Brigada Militar. Dois policiais falavam com alguém do posto. Um terceiro, bem junto da minha janela, de costas para mim, portava

00000000000 - DEMO

uma arma grande, que na minha ignorância acho que poderia ser um fuzil ou uma metralhadora. Estava ali, sozinho, e comecei a observá-lo sem que me notasse. Tenso, alerta, consciente de sua missão, olhava para os lados empunhando a sua arma com o cano voltado para baixo. Seu rosto era jovem, tão jovem que me comovi. Podia ser meu filho. Mais: podia ser meu neto. Estava tão concentrado no seu dever tão alerta na sua posição, que fiquei imaginando se, ou quando ele poderia levar um tiro de algum bandido. Poderia ficar lesado gravemente. Poderia morrer. Por mim, por você, por um de nós em qualquer parte do Brasil, não importa que nome se dê a sua corporação, nem se é da guarda estadual, municipal ou federal . Esses jovens se expõem por nós. Morrem por nós. Tentam, num país tão confuso, proteger o cidadão. A gente realmente pensa nisso? Uma vez ao dia, uma vez por semana, uma vez ao mês?

[...]

(Lya Luft.*Revista Veia*, n° 2044, 23/01/2008. Fragmento.)

08. **(PRF – 2014 – Agente administrativo – FUNCAB)** "Ao perguntar "A gente realmente pensa NISSO?", a autora, por meio da forma pronominal destacada, refere-se:

a) a dois policiais que falavam com alguém do posto.

b) à tensão consciente, provocada pela missão dos jovens policiais.

c) ao fato de que os jovens policiais morrem por nós e tentam proteger o cidadão.

d) ao fato de um terceiro policial que estava bem junto da janela, de costas, portar uma arma grande.

e) à ideia de que aquele jovem poderia ser seu neto

Comentário: o pronome "nisso" foi usado com referência anafórica, ou seja, está ligado a um termo anterior a ele. Vamos analisar no texto:

*"Esses jovens se expõem por nós. Morrem por nós. Tentam, num país tão confuso, proteger o cidadão. A gente realmente pensa n**isso**?"*

00000000000 - DEMO

Após análise, percebemos que o que está na alternativa C está completamente adequada ao texto.

"A gente realmente pensa NISSO: Esses jovens se expõem por nós. Morrem por nós. Tentam, num país tão confuso, proteger o cidadão"

GABARITO: C

Não, não deste último carnaval. Mas não sei por que este me transportou para a minha infância e para as quartas-feiras de cinzas nas ruas mortas onde esvoaçavam despojos de serpentina e confete. Uma ou outra beata com um véu cobrindo a cabeça ia à igreja, atravessando a rua tão extremamente vazia que se segue ao carnaval. Até que viesse o outro ano. E quando a festa ia se aproximando, como explicar a agitação íntima que me tomava? Como se enfim o mundo se abrisse de botão que era em grande rosa escarlate. Como se as ruas e praças do Recife enfim explicassem para que tinham sido feitas. Como se vozes humanas enfim cantassem a capacidade de prazer que era secreta em mim. Carnaval era meu, meu.

No entanto, na realidade, eu dele pouco participava. Nunca tinha ido a um baile infantil, nunca me haviam fantasiado. Em compensação deixavam-me ficar até umas 11 horas da noite à porta do pé da escada do sobrado onde morávamos, olhando ávida os outros se divertirem. Duas coisas preciosas eu ganhava então e economizava-as com avareza para durarem os três dias: um lança-perfume e um saco de confete. Ah, está se tornando difícil escrever. Porque sinto como ficarei de coração escuro ao constatar que, mesmo me agregando tão pouco à alegria, eu era de tal modo sedenta que um quase nada já me tornava uma menina feliz.

E as máscaras? Eu tinha medo, mas era um medo vital e necessário porque vinha de encontro à minha mais profunda suspeita de que o rosto humano também fosse uma espécie de máscara. À porta do meu pé de escada, se um mascarado falava comigo, eu de súbito entrava no contato indispensável com o meu mundo interior, que não era feito só de duendes e

00000000000 - DEMO

príncipes encantados, mas de pessoas com o seu mistério. Até meu susto com os mascarados, pois, era essencial para mim.

[...]

Mas houve um carnaval diferente dos outros. Tão milagroso que eu não conseguia acreditar que tanto me fosse dado, eu, que já aprendera a pedir pouco. É que a mãe de uma amiga minha resolvera fantasiar a filha e o nome da fantasia era no figurino Rosa. Para isso comprara folhas e folhas de papel crepom cor-de-rosa, com as quais, suponho, pretendia imitar as pétalas de uma flor. Boquiaberta, eu assistia pouco a pouco à fantasia tomando forma e se criando. Embora de pétalas o papel crepom nem de longe lembrasse, eu pensava seriamente que era uma das fantasias mais belas que jamais vira.

[...]

Mas por que exatamente aquele carnaval, o único de fantasia, teve que ser tão melancólico? De manhã cedo no domingo eu já estava de cabelos enrolados para que até de tarde o frisado pegasse bem. Mas os minutos não passavam, de tanta ansiedade. Enfim, enfim! chegaram três horas da tarde: com cuidado para não rasgar o papel, eu me vesti de rosa.

Muitas coisas que me aconteceram tão piores que estas, eu já perdoei. No entanto essa não posso sequer entender agora: o jogo de dados de um destino é irracional? É impiedoso. Quando eu estava vestida de papel crepom todo armado, ainda com os cabelos enrolados e ainda sem batom e ruge – minha mãe de súbito piorou muito de saúde, um alvoroço repentino se criou em casa e mandaram-me comprar depressa um remédio na farmácia. Fui correndo vestida de rosa – mas o rosto ainda nu não tinha a máscara de moça que cobriria minha tão exposta vida infantil – fui correndo, correndo, perplexa, atônita, entre serpentinas, confetes e gritos de carnaval. A alegria dos outros me espantava.

LISPECTOR, Clarice. . Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p.25-28

00000000000 - DEMO

09. **(Pref. de Araruama – 2015 – Analista de Sistemas – FUNCAB)** Sobre o texto é correto afirmar que a narradora começa a rememorar determinado carnaval no parágrafo:

A) 2.
B) 3.
C) 4.
D) 5.
E) 6.

Comentário: durante o texto todo a narradora fala sobre carnaval, mas um deles a marcou mais. Ela começa a contar sobre tal carnaval no início do quarto parágrafo, quando diz "Mas houve um carnaval diferente dos outros".

GABARITO: C

10. **(Pref. de Araruama – 2015 – Analista de Sistemas – FUNCAB)** Observe os fragmentos e leia as afirmativas a seguir.

1. Não, não deste último carnaval. Mas não sei por que este me transportou para a minha infância"

2. "Ah, está se tornando difícil escrever. Porque sinto como ficarei de coração escuro ao constatar que, mesmo me agregando tão pouco à alegria, eu era de tal modo sedenta que um quase nada já me tornava uma menina feliz."

I. No trecho 1, a memória transporta a narradora do presente ao passado.

II. No trecho 2, a emoção transporta a narradora do presente em direção ao futuro e, depois, novamente em direção ao passado.

III. O elemento que organiza o tempo nesses fragmentos é o fluxo da memória e das sensações da narradora.

Está correto o que se afirma em:

00000000000 - DEMO

A) I, apenas.

B) II, apenas.

C) I e II, apenas.

D) I, II e III.

E) I e III, apenas.

Comentário: após a leitura dos trechos e depois de contextualizá-los, podemos analisar o seguinte:

I. No trecho 1, a memória transporta a narradora do presente ao passado.

CORRETO. Quando a narradora diz "Não, não deste último carnaval.", ela está levando a sua narrativa para um passado ainda mais distante do tempo presente.

II. No trecho 2, a emoção transporta a narradora do presente em direção ao futuro e, depois, novamente em direção ao passado.

CORRETO. Vejam as marcações no trecho dado:

"Ah, está se tornando difícil escrever (do presente para o futuro). Porque sinto como ficarei (do presente para o futuro) de coração escuro ao constatar que, mesmo me agregando tão pouco à alegria, eu era (passado novamente) de tal modo sedenta que um quase nada já me tornava uma menina feliz."

III. O elemento que organiza o tempo nesses fragmentos é o fluxo da memória e das sensações da narradora.

CORRETA. Essa é uma característica da narrativa da Clarice Lispector, ela narra a partir do fluxo de pensamento da personagem.

GABARITO: D

Irmãos

– Mas agora vamos brincar de outra coisa.

00000000000 - DEMO

Quero saber se o senhor é inteligente. Este quadro é concreto ou abstrato?

–Abstrato.

– Pois o senhor é burro. É concreto: fui eu que pintei, e pintei nele meus sentimentos e meus sentimentos são concretos.

– É, mas você não é todo concreto.

– Sou, sim!

– Não é! Você não é todo concreto, porque seu medo não é concreto. Você não é completamente concreto, só um pouco.

– Eu sou um gênio e acho que tudo é concreto.

– Ah, eu não sabia que o senhor é um pintor famoso.

– Sou. Meu nome é Bergman. Maurício Bergman, sou sueco e sou um gênio. Nota-se pela

minha fisionomia. Olhe: eu sofro! Agora quero saber se o senhor entende de pintura. Aquele quadro é concreto?

– É, porque vê-se logo que é um mapa, pelas linhas.

– Ah, ééé? e aquele?

–Abstrato.

– Errado! Então aquele também tinha que ser concreto porque também tem linhas.

– Vou explicar ao senhor o que é concreto, é...

– ... está errado.

– Por quê?

– Porque eu não entendo. Quando eu não entendo, é porque você está errado. E agora quero saber: isto é compreto?

– O senhor quer dizer concreto.

– Não, é compreto mesmo. É porque sou um gênio e todo gênio tem que pelo menos inventar uma coisa. Eu inventei a palavra compreto. Música é compreta?

– Acho que é, porque a gente ouve, sente pelos ouvidos.

–Ah, mas o senhor não pode desenhar!

00000000000 - DEMO

– O senhor acha que teto é concreto?

– É.

– Mas se eu virasse essa parede e botasse ela na posição do teto, ela ia ficar uma parede-teto e essa parede-teto ia ser concreto?

–Acho que talvez. Fantasma é concreto?

– Qual? o de lençóis?

– Não, o que existe.

– Bem... Bem, seria supostamente concreto.

– Mãe é concreto ou abstrato?

– Concreto, é claro, que burrice.

No quarto ao lado, a mãe parou de coser, ficou com as mãos imóveis no colo, inclinando um coração que batia todo concreto.

(LISPECTOR, Clarice. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.)

11. **(ENDUR – 2014 – Analista – FUNCAB)** Com relação à crônica de Clarice Lispector é correto afirmar que:

A) apresenta o comportamento arredio de uma família que não consegue dialogar.

B) retrata uma cena doméstica de brincadeira de crianças, na qual uma delas resolve desafiar a outra.

C) estabelece uma discussão acadêmica sobre pintura concreta e abstrata.

D) permite descobrir consistências teóricas em torno dos conceitos de concreto e abstrato.

E) particulariza procedimentos de pesquisa, apresentando conceitos de concreto relacionados a linhas.

Comentário: Observem que o texto é iniciado pelo título "Irmãos". Logo na primeira linha, o travessão introduz a fala de uma das crianças (referência ao título). Essa inferência é explicitada a partir da forma verbal "brincar", constante do excerto "Mas agora vamos brincar (...)". Na segunda linha, a camada textual deixa explícita a informação de um desafio feito de um irmão

00000000000 - DEMO

para o outro: " – Quero saber se o senhor é inteligente. Este quadro é concreto ou abstrato?". Trata-se de uma brincadeira doméstica, ou seja, feita no interior do lar, conforme podemos confirmar pelo trecho "No quarto ao lado, a mãe parou de coser, ficou com as mãos imóveis no colo, inclinando um coração que batia todo concreto". Sendo assim, alternativa B está correta.

Vamos analisar as outras:

a) apesar de retratar um caráter arredio no diálogo, a conversa se desenvolve normalmente, contrariando a afirmação da banca.

c) a discussão é informal, descontraída, fato corroborado, por exemplo, pelas palavras "compreto" e "compreta", em referência a 'completo' e 'completa'.

d) o diálogo demonstra inconsistências (e não consistências!) entre o concreto e o abstrato.

e) não há uma particularização, e sim uma generalização.

GABARITO: B

12. **(ENDUR – 2014 – Analista – FUNCAB)** Analise as afirmativas a seguir.

I. O último parágrafo sugere que a mãe, cheia de amor pelos filhos, se emocionou com aquela cena em que os dois filhos brincavam de discutir.

II. Contextualmente, pode-se supor que a mãe seja mãe das duas crianças.

III. Os diálogos indiretos e ágeis permitem ao leitor visualizar a cena.

Está(ão) correta(s) somente a(s) afirmativa(s):

A) I

B) II

C) III

D) I e II

E) I e III

00000000000 - DEMO

Comentário: Observem que o último parágrafo sugere a emoção da mãe, conforme se percebe no trecho destacado em "No quarto ao lado, a mãe parou de coser, ficou com as mãos imóveis no colo, inclinando um coração que batia todo concreto", o que torna a afirmativa I correta. Com relação à afirmativa II, o vocábulo "mãe" foi citado por uma das crianças, pressupondo que ela é a mãe dos irmãos que dialogavam.

A alternativa III está errada por esse diálogo dinâmico fugir ao padrão ortodoxo da narrativa, dificultando que o leitor visualize ou identifique a cena narrada.

GABARITO: D

13. **(ENDUR – 2014 – Analista – FUNCAB)** No período "– Acho que TALVEZ. Fantasma é concreto?", o elemento destacado pode ser substituído, sem prejuízo para o sentido original do texto, por:

A) incontestavelmente.
B) provisoriamente.
C) indubitavelmente.
D) certamente.
E) provavelmente.

Comentário: Os advérbios são modalizadores semânticos, ou seja, recursos textuais utilizados para exprimir uma opinião acerca de um assunto. No contexto, o elemento "talvez" é um advérbio que expressa ideia de dúvida da personagem. A substituição desse termo adverbial é possível pelo termo "provavelmente", mantendo o caráter de dúvida da sentença. Portanto, temos na letra (E) a resposta da questão.

GABARITO: E

Nosso espaço

00000000000 - DEMO

Já somos 6 bilhões, não contando o milhão e pouco que nasceu desde o começo desta frase. Se fosse um planeta bem administrado isto não assustaria tanto. Mas é, além de tudo, um lugar mal frequentado. Temos a fertilidade de coelhos e o caráter de chacais, que, como se sabe, são animais sem qualquer espírito de solidariedade. As megacidades, que um dia foram símbolos da felicidade bem distribuída que a ciência e a técnica nos trariam – um helicóptero em cada garagem e caloria sintética para todos, segundo as projeções futuristas de anos atrás –, se transformaram em representações da injustiça sem remédio, cidadelas de privilégio cercadas de miséria, uma réplica exata do mundo feudal, só que com monóxido de carbono.

Nosso futuro é a aglomeração urbana e as sociedades se dividem entre as que se preparam – conscientemente ou não – para um mundo desigual e apertado e as que confiam que as cidadelas resistirão às hordas sem espaço. Os jornais ficaram mais estreitos para economizar papel, mas também porque diminui a área para expansão dos nossos cotovelos. Chegaremos ao tabloide radical, duas ou três colunas magras onde tudo terá de ser dito com concisão desesperada. Adeus advérbios de modo e frases longas, adeus frivolidades e divagações superficiais como esta. A tendência de tudo feito pelo homem é para a diminuição – dos telefones e computadores portáteis aos assentos na classe econômica. O próprio ser humano trata de perder volume, não por razões estéticas ou de saúde, mas para poder caber no mundo.

No Japão, onde muita gente convive há anos com pouco lugar, o espaço é sagrado. Surpreende a extensão dos jardins do palácio imperial no centro de Tóquio, uma cidade onde nem milionário costuma ter mais de dois quartos, o que dirá um quintal. É que o espaço é a suprema deferência japonesa. O imperador sacralizado é ele e sua imensa circunstância.

Já nos Estados Unidos, reverencia-se o espaço com o desperdício. Para entender os americanos você precisa entender a sua classificação de camas de acordo com o tamanho, tamanho rainha, para reis, e, era inevitável, do tamanho de jardins imperiais. É o espaço como suprema ostentação, pois – a

00000000000 - DEMO

não ser para orgias e piqueniques – nada é mais supérfluo do que espaço sobrando numa cama, exatamente o lugar onde não se vai a lugar algum.

Os americanos ainda não se deram conta de que, quando chegar o dia em que haverá chineses embaixo de todas as camas do mundo, quanto maior a cama, mais chineses.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. (<www.sinprors.org.br/extraclasse/jun07/verissimo.asp>)

14. **(IPEM-RO – 2013 – Administrador - FUNCAB)** De acordo com o texto, apenas uma das alternativas abaixo é verdadeira. Assinale-a.

A) A única característica que diferencia o período feudal dos tempos atuais é a grande quantidade de monóxido de carbono que havia naquela época.

B) Um dos problemas mais graves que enfrentamos é o elevado índice populacional e a falta de solidariedade entre as pessoas.

C) As grandes cidades, onde se encontram tecnologia de ponta e desenvolvimento científico, representam o espaço de maior prosperidade.

D) Segundo o autor do texto, os japoneses, representados pela figura do imperador, são o povo que melhor convive com o excesso de espaço físico.

E) Ao comparar Japão e Estados Unidos, o autor demonstra sua admiração pela maneira com que os americanos se relacionam com o espaço físico.

Comentário: No início do texto, o autor aponta o quantitativo populacional existente no planeta, ou seja, em "nosso espaço" (título). De acordo com a camada textual, "já somos 6 bilhões, não contando o milhão e pouco que nasceu desde o começo desta frase". No decorrer da superfície textual, o autor evidencia o elevado índice populacional e a falta de solidariedade das pessoas no excerto "Temos a fertilidade de coelhos e o caráter de chacais, que, como se sabe, são animais sem qualquer espírito de solidariedade", validando a afirmação contida nesta assertiva.

Analisando as demais alternativas, temos:

a) em conformidade com o texto, há outras características, quais sejam, a "injustiça sem remédio" e "cidadelas de privilégio cercadas de miséria".

00000000000 - DEMO

c) a afirmação vai de encontro ao trecho "as megacidades, que um dia foram símbolos da felicidade bem distribuída que a ciência e a técnica nos trariam (...), se transformaram em representações da injustiça sem remédio".

d) a afirmativa contradiz o texto, notadamente o excerto "no Japão, onde muita gente convive há anos com pouco lugar".

e) o autor faz uma crítica à forma com que os americanos se utilizam do espaço físico.

GABARITO: B

15. **(IPEM-RO – 2013 – Administrador - FUNCAB)** qual dos trechos abaixo o autor emite um julgamento de valor a respeito de sua própria produção escrita?

A) "Já somos 6 bilhões, não contando o milhão e pouco que nasceu desde o começo desta frase."

B) "Mas é, além de tudo, um lugar mal frequentado."

C) "Adeus advérbios de modo e frases longas, adeus frivolidades e divagações superficiais como esta."

D) "Para entender os americanos você precisa entender a sua classificação de camas de acordo com o tamanho [...]"

E) "Chegaremos ao tabloide radical, duas ou três colunas magras onde tudo terá de ser dito com concisão desesperada."

Comentário: Nas opções apresentadas, a afirmação "Adeus advérbios de modo e frases longas, adeus frivolidades e divagações superficiais como esta" tece uma crítica em relação à sua própria produção escrita, validando-a como gabarito.

GABARITO: C

16. **(IPEM-RO – 2013 – Administrador - FUNCAB)** Apenas um dos elementos de coesão destacados NÃO retoma, no texto, um termo anunciado anteriormente. Aponte-o.

00000000000 - DEMO

A) "Se fosse um planeta bem administrado ISTO não assustaria tanto." (parágrafo 1)

B) "As megacidades, QUE um dia foram símbolos da felicidade bem distribuída que a ciência e a técnica nos trariam [...]" (parágrafo 1)

C) "Nosso futuro é a aglomeração urbana e as sociedades se dividem entre AS que se preparam – conscientemente ou não – para um mundo desigual [...]" (parágrafo 2)

D) "MAS é, além de tudo, um lugar mal frequentado." (parágrafo 1)

E) "[...] e AS que confiam que as cidadelas resistirão às hordas sem espaço." (parágrafo 2)

Comentário: Em todas as assertivas houve a correta referência textual, exceto na alternativa D. No contexto, a conjunção "mas" não desempenha papel anafórico, isto é, não remete a um elemento citado anteriormente no texto. Logo, este é o gabarito da questão.

Nas demais opções:

a) o pronome demonstrativo "isto" retoma o quantitativo populacional citado no início do texto: "Já somos 6 bilhões, não contando o milhão e pouco que nasceu desde o começo desta frase".

b) o pronome relativo "que" retoma o antecedente "megacidades".

c) o pronome demonstrativo "as" permite a omissão do vocábulo "sociedades", fazendo referência a esse elemento no contexto.

e) o pronome demonstrativo "as" (= aquelas) também retoma "sociedades", termo mencionado anteriormente.

GABARITO: D

17. **(IPEM-RO – 2013 – Administrador - FUNCAB)** A conjunção que introduz o período: "Se fosse um planeta bem administrado, isto não assustaria tanto.", expressa:

A) causa.

B) conformidade.

00000000000 - DEMO

C) finalidade.
D) comparação.
E) condição.

Comentário: O emprego dos nexos textuais é fator de suma importância para a interpretação textual. De acordo com o contexto, a conjunção "se" exprime valor de condição. Esse matiz semântico é mantido ao substituir esse elemento por "caso", por exemplo. Assim, temos a letra (E) como gabarito da questão.

GABARITO: E

18. **(EMDUR/Pref. de Porto Velho-RO – 2014 - Analista Administrador - FUNCAB)** Em "– Não é! Você não é todo concreto, PORQUE SEU MEDO NÃO É CONCRETO. Você não é completamente concreto, só um pouco.", o trecho destacado estabelece ideia de:

A) finalidade.
B) explicação.
C) adição.
D) causalidade.
E) adversidade.

Comentário: No contexto, a conjunção 'porque' exprime ideia de explicação ("seu medo não é concreto") para o fato de "você" não ser "todo concreto". Logo, a letra (B) é a resposta da questão.

GABARITO: B

00000000000 - DEMO

LISTA DE QUESTÕES COMENTADAS NESTA AULA

Desenredo

Do narrador seus ouvinte:

- Jó Joaquim, cliente, era quieto, respeitado, bom como o cheiro de cerveja. Tinha o para não ser célebre. Como elas quem pode, porém? Foi Adão dormir e Eva nascer. Chamando-se Livíria, Rivília ou Irlívia, a que, nesta observação, a Jó Joaquim apareceu.

Antes bonita, olhos de viva mosca, morena mel e pão. Aliás, casada. Sorriram-se, viram-se. Era infinitamente maio e Jó Joaquim pegou o amor. Enfim, entenderam-se. Voando o mais em ímpeto de nau tangida a vela e vento. Mas tendo tudo de ser secreto, claro, coberto de sete capas.

Porque o marido se fazia notório, na valentia com ciúme; e as aldeias são a alheia vigilância. Então ao rigor geral os dois se sujeitaram, conforme o clandestino amor em sua forma local, conforme o mundo é mundo. Todo abismo é navegável a barquinhos de papel.

Não se via quando e como se viam. Jó Joaquim, além disso, existindo só retraído, minuciosamente. Esperar é reconhecer-se incompleto. Dependiam eles de enorme milagre. O inebriado engano.

Até que deu-se o desmastreio. O trágico não vem a conta-gotas. Apanhara o marido a mulher: com outro, um terceiro... Sem mais cá nem mais lá, mediante revólver, assustou-a e matou-o. Diz-se, também, que a ferira, leviano modo.

[...]

Ela - longe - sempre ou ao máximo mais formosa, já sarada e sã. Ele exercitava-se a aguentar-se, nas defeituosas emoções.

00000000000 - DEMO

Enquanto, ora, as coisas amaduravam. Todo fim é impossível? Azarado fugitivo, e como à Providência praz, o marido faleceu, afogado ou de tifo. O tempo é engenhoso.

[...]

Sempre vem imprevisível o abominoso? Ou: os tempos se seguem e parafraseiam-se. Deu-se a entrada dos demônios.

Da vez, Jó Joaquim foi quem a deparou, em péssima hora: traído e traidora. De amor não a matou, que não era para truz de tigre ou leão. Expulsou-a apenas, apostrofando-se, como inédito poeta e homem. E viajou a mulher, a desconhecido destino.

Tudo aplaudiu e reprovou o povo, repartido. Pelo fato, Jó Joaquim sentiu-se histórico, quase criminoso, reincidente. Triste, pois que tão calado. Suas lágrimas corriam atrás dela, como formiguinhas brancas. Mas, no frágio da barca, de novo respeitado, quieto. Vá-se a camisa, que não o dela dentro. Era o seu um amor meditado, a prova de remorsos. Dedicou-se a endireitar-se.

[...]

Celebrava-a, ufanático, tendo-a por justa e averiguada, com convicção manifesta. Haja o absoluto amar- e qualquer causa se irrefuta.

Pois produziu efeito. Surtiu bem. Sumiram-se os pontos das reticências, o tempo secou o assunto. Total o transato desmanchava-se, a anterior evidência e seu nevoeiro. O real e válido, na árvore, é a reta que vai para cima. Todos já acreditavam. Jó Joaquim primeiro que todos.

Mesmo a mulher, até, por fim. Chegou-lhe lá a notícia, onde se achava, em ignota, defendida, perfeita distância. Soube-se nua e pura. Veio sem culpa. Voltou, com dengos e fofos de bandeira ao vento.

Três vezes passa perto da gente a felicidade. Jó Joaquim e Vilíria retomaram-se, e conviveram, convolados, o verdadeiro e melhor de sua útil vida.

E pôs-se a fábula em ata.

ROSA, João Guimarães. *Tutameia - Terceiras estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967,p.38-40.

00000000000 - DEMO

Vocabulário:

Frágio: neologismo criado a partir de naufrágio,

Ufanático: neologismo: ufano+fanático.

01. **(PC/AC – 2015 – Perito criminal – FUNCAB)** O "Ou: os tempos se seguem e PARAFRASEIAM-SE." poderia ser explicado com o seguinte adágio popular:

a) "Cada um sabe o sapato onde aperta."

b) "Na natureza, no homem e na sociedade nada se cria, nada se transforma... tudo se repete."

c) "Não se faz uma omelete sem quebrar os ovos."

d) "Coração de homem é terra que ninguém mora."

e) "Formiga quando quer se perder cria asa."

As intermitências da morte (fragmentos)

A morte conhece tudo a nosso respeito, e talvez por isso seja triste. Se é certo que nunca sorri, é só porque lhe faltam os lábios, e esta lição anatômica nos diz que, ao contrário do que os vivos julgam, o sorriso não é uma questão de dentes. Há quem diga, com humor menos macabro que de mau gosto, que ela leva afivelada uma espécie de sorriso permanente, mas isso não é verdade, o que ela traz à vista é um esgar de sofrimento, porque a recordação do tempo em que tinha boca, e a boca língua, e a língua saliva, a persegue continuamente. Com um breve suspiro, puxou para si uma folha de papel e começou a escrever a primeira carta deste dia, Cara senhora, lamento comunicar-lhe que a sua vida terminará no prazo **irrevogável e improrrogável** de uma semana, desejo-lhe que aproveite o melhor que puder o tempo que lhe resta, sua atenta servidora, morte. Duzentas e noventa e oito folhas, duzentos e noventa e oito sobrescritos, duzentas e noventa e oito descargas na lista, não se poderá dizer que um trabalho destes seja de matar, mas a verdade é que a morte chegou ao fim exausta. Com o gesto da mão

00000000000 - DEMO

direita que já lhe conhecemos fez desaparecer as duzentas e noventa e oito cartas, depois, cruzando sobre a mesa os magros braços, deixou descair a cabeça sobre eles, não para dormir, porque morte não dorme, mas para descansar. Quando meia hora mais tarde, já refeita da fadiga, a levantou, a carta que havia sido devolvida à procedência e outra vez enviada, estava novamente ali, diante das suas órbitas atônitas.

Se a morte havia sonhado com a esperança de alguma surpresa que a viesse distrair dos aborrecimentos da rotina, estava servida. [...] Entre ir e vir, a carta não havia demorado mais que meia hora, provavelmente muito menos, dado que já se encontrava em cima da mesa quando a morte levantou a cabeça do duro amparo dos antebraços, isto é, do cúbito e do rádio, que para isso mesmo é que são entrelaçados. Uma força alheia, misteriosa, incompreensível, parecia opor-se à morte da pessoa, apesar de a data da sua defunção estar fixada, como para toda a gente, desde o próprio dia do nascimento. É impossível, disse a morte à gadanha silenciosa, ninguém no mundo ou fora dele teve alguma vez mais poder do que eu. Eu sou a morte, o resto é nada.

SARAMAGO, José. . São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 139-40.

02. **(FACELI – 2015 – Administrador – FUNCAB)** Sobre o texto leia as afirmativas a seguir.

I. A dissolução do pretérito no texto torna-se interessante pela utilização de vírgulas entre a presença do narrador e a fala do personagem que passa ideia de presente.

II. O pretérito do narrador e o presente do personagem fictício se identificam porque a experiência relatada transcorre no aqui e agora, estabelecendo o presente fictício.

III. A devolução da carta intriga a morte e demonstra o desejo humano de vencê-la.

Está correto o que se afirma em:

A) I, apenas.

00000000000 - DEMO

B) I e II, apenas.

C) I e III, apenas.

D) II e III, apenas.

E) I, II e III.

03. **(FACELI – 2015 – Administrador – FUNCAB)** As palavras destacadas em "a sua vida terminará no prazo IRREVOGÁVEL e IMPRORROGÁVEL de uma semana" podem ser substituídas, sem alteração do sentido assumido no contexto, respectivamente, por:

A) incontestável e inadiável.

B) indispensável e inexpugnável.

C) irrelevante e urgente.

D) imutável e impreterível.

E) anulável e protelável.

04. **(FACELI – 2015 – Administrador – FUNCAB)** "A morte conhece tudo a nosso respeito, e talvez por ISSO seja triste."

O uso da forma destacada do demonstrativo, no contexto, se justifica porque:

A) retoma elementos, que estão fora do texto, em situação de proximidade.

B) faz referência a elementos contextuais, externos ao texto.

C) é um elemento remissivo que faz referência anafórica a ideias já introduzidas no texto.

D) consiste na repetição da mesma palavra na progressão narrativa.

E) antecipa a ideia a ser apresentada posteriormente.

05. **(FACELI – 2015 – Administrador – FUNCAB)** No período "Entre ir e vir, a carta não havia demorado mais que meia hora, PROVAVELMENTE muito menos", o termo em destaque só teria prejuízo para o sentido original do texto, se fosse substituído por:

00000000000 - DEMO

A) certamente.

B) seguramente.

C) supostamente.

D) possivelmente.

E) talvez

Inauguração da Avenida

[...]

Já lá se vão cinco dias. E ainda não houve aclamações, ainda não houve delírio. O choque foi rude demais. Acalma ainda não renasceu.

Mas o que há de mais interessante na vida dessa mó de povo que se está comprimindo e revoluteando na Avenida, entre a Prainha e o Boqueirão, é o tom das conversas, que o ouvido de um observador apanha aqui e ali, neste ou naquele grupo.

Não falo das conversas da gente culta, dos "doutores" que se julgam doutos. Falo das conversas do povo - do povo rude, que contempla e critica a arquitetura dos prédios: "Não gosto deste... Gosto mais daquele... Este é mais rico... Aquele tem mais arte... Este é pesado... Aquele é mais elegante...".

Ainda nesta sexta-feira, à noite, entremeti-me num grupo e fiquei saboreando uma dessas discussões. Os conversadores, à luz rebrilhante do gás e da eletricidade, iam apontando os prédios: e - cousa consoladora - eu, que acompanhava com os ouvidos e com os olhos a discussão, nem uma só vez deixei de concordar com a opinião do grupo. Com um instintivo bom gosto subitamente nascido, como por um desses milagres a que os teólogos dão o nome de "mistérios da Graça revelada" - aquela simples e rude gente, que nunca vira palácios, que nunca recebera a noção mais rudimentar da arte da arquitetura, estava ali discernindo entre o bom e o mau, e discernindo com clarividência e precisão, separando o trigo do joio, e distinguindo do vidro ordinário o diamante puro.

00000000000 - DEMO

É que o nosso povo - nascido e criado neste fecundo clima de calor e umidade, que tanto beneficia as plantas como os homens - tem uma inteligência nativa, exuberante e pronta, que é feita de sobressaltos e relâmpagos, e que apanha e fixa na confusão as ideias, como a placa sensibilizada de uma máquina fotográfica apanha e fixa, ao clarão instantâneo de uma faísca de luz oxídrica, todos os objetos mergulhados na penumbra de uma sala...

E, pela Avenida em fora, acotovelando outros grupos, fui pensando na revolução moral e intelectual que se vai operar na população, em virtude da reforma material da cidade.

A melhor educação é a que entra pelos olhos. Bastou que, deste solo coberto de baiucas e taperas, surgissem alguns palácios, para que imediatamente nas almas mais incultas brotasse de súbito a fina flor do bom gosto: olhos, que só haviam contemplado até então betesgas, compreenderam logo o que é a arquitetura. Que não será quando da velha cidade colonial, estupidamente conservada até agora como um pesadelo do passado, apenas restar a lembrança?

[...]

E quando cheguei ao Boqueirão do Passeio, voltei-me, e contemplei mais uma vez a Avenida, em toda sua gloriosa e luminosa extensão. [...]

Gazeta de Notícias - 19 nov.1905. Bilac, Olavo. *Vossa Insolência: crônicas*. São Paulo: Companhia de Letras, 1996, p. 264-267.

Vocabulário:

baiuca: local de última categoria, malfrequentado.

betesga: rua estreita, sem saída,

mó: do latim "mole" , multidão; grande quantidade,

revolutear: agitar-se em várias direções,

tapera: lugar malconservado e de mau aspecto

00000000000 - DEMO

06. **(PRF – 2014 – Agente administrativo – FUNCAB)** A crônica "Inauguração da avenida" é entremeada pela palavra povo. Sobre esse vocábulo, leia as afirmativas.

I Trata-se de uma generalização para representar todo brasileiro, atribuindo-lhe caráter de nacionalidade e referência identitária.

II. Nesse caso, o referente é a classe menos favorecida, que, na fala do cronista, encontra-se à margem das benesses sociais.

III. Refere-se à imagem plural da cidade, representando parte significativa da sociedade.

Está(ão) correta(s) somente a(s) afirmativa(s):

a) II e III

b) III

c) II

d) I e III

e) I e II

07. **(PRF – 2014 – Agente administrativo – FUNCAB)** "É que o nosso povo - nascido e criado neste fecundo clima de calor e umidade, que tanto beneficia as plantas como os homens - tem uma inteligência nativa, exuberante e pronta..."

Sobre os componentes desse parágrafo 6 do texto, assinale a afirmativa correta.

a) As palavras NASCIDO E CRIADO estabelecem ideia de continuidade.

b) O primeiro QUE retoma, anaforicamente, a expressão NOSSO POVO.

c) COMO tem por antecedentes as palavras POVO e CLIMA.

d) nESTE se refere, cataforicamente, à palavra CLIMA.

e) A palavra TANTO é uma conjunção que intensifica a ideia de calor.

O jovem policial

00000000000 - DEMO

Eu estava botando gasolina no tanque do meu carro e do meu lado estavam dois carros da Brigada Militar. Dois policiais falavam com alguém do posto. Um terceiro, bem junto da minha janela, de costas para mim, portava uma arma grande, que na minha ignorância acho que poderia ser um fuzil ou uma metralhadora. Estava ali, sozinho, e comecei a observá-lo sem que me notasse. Tenso, alerta, consciente de sua missão, olhava para os lados empunhando a sua arma com o cano voltado para baixo. Seu rosto era jovem, tão jovem que me comovi. Podia ser meu filho. Mais: podia ser meu neto. Estava tão concentrado no seu dever tão alerta na sua posição, que fiquei imaginando se, ou quando ele poderia levar um tiro de algum bandido. Poderia ficar lesado gravemente. Poderia morrer. Por mim, por você, por um de nós em qualquer parte do Brasil, não importa que nome se dê a sua corporação, nem se é da guarda estadual, municipal ou federal . Esses jovens se expõem por nós. Morrem por nós. Tentam, num país tão confuso, proteger o cidadão. A gente realmente pensa nisso? Uma vez ao dia, uma vez por semana, uma vez ao mês?

[...]

(Lya Luft.*Revista Veia*, n° 2044, 23/01/2008. Fragmento.)

08. **(PRF – 2014 – Agente administrativo – FUNCAB)** "Ao perguntar "A gente realmente pensa NISSO?", a autora, por meio da forma pronominal destacada, refere-se:

a) a dois policiais que falavam com alguém do posto.

b) à tensão consciente, provocada pela missão dos jovens policiais.

c) ao fato de que os jovens policiais morrem por nós e tentam proteger o cidadão.

d) ao fato de um terceiro policial que estava bem junto da janela, de costas, portar uma arma grande.

e) à ideia de que aquele jovem poderia ser seu neto

00000000000 - DEMO

Não, não deste último carnaval. Mas não sei por que este me transportou para a minha infância e para as quartas-feiras de cinzas nas ruas mortas onde esvoaçavam despojos de serpentina e confete. Uma ou outra beata com um véu cobrindo a cabeça ia à igreja, atravessando a rua tão extremamente vazia que se segue ao carnaval. Até que viesse o outro ano. E quando a festa ia se aproximando, como explicar a agitação íntima que me tomava? Como se enfim o mundo se abrisse de botão que era em grande rosa escarlate. Como se as ruas e praças do Recife enfim explicassem para que tinham sido feitas. Como se vozes humanas enfim cantassem a capacidade de prazer que era secreta em mim. Carnaval era meu, meu.

No entanto, na realidade, eu dele pouco participava. Nunca tinha ido a um baile infantil, nunca me haviam fantasiado. Em compensação deixavam-me ficar até umas 11 horas da noite à porta do pé da escada do sobrado onde morávamos, olhando ávida os outros se divertirem. Duas coisas preciosas eu ganhava então e economizava-as com avareza para durarem os três dias: um lança-perfume e um saco de confete. Ah, está se tornando difícil escrever. Porque sinto como ficarei de coração escuro ao constatar que, mesmo me agregando tão pouco à alegria, eu era de tal modo sedenta que um quase nada já me tornava uma menina feliz.

E as máscaras? Eu tinha medo, mas era um medo vital e necessário porque vinha de encontro à minha mais profunda suspeita de que o rosto humano também fosse uma espécie de máscara. À porta do meu pé de escada, se um mascarado falava comigo, eu de súbito entrava no contato indispensável com o meu mundo interior, que não era feito só de duendes e príncipes encantados, mas de pessoas com o seu mistério. Até meu susto com os mascarados, pois, era essencial para mim.

[...]

Mas houve um carnaval diferente dos outros. Tão milagroso que eu não conseguia acreditar que tanto me fosse dado, eu, que já aprendera a pedir pouco. É que a mãe de uma amiga minha resolvera fantasiar a filha e o nome da fantasia era no figurino Rosa. Para isso comprara folhas e folhas de papel

00000000000 - DEMO

crepom cor-de-rosa, com as quais, suponho, pretendia imitar as pétalas de uma flor. Boquiaberta, eu assistia pouco a pouco à fantasia tomando forma e se criando. Embora de pétalas o papel crepom nem de longe lembrasse, eu pensava seriamente que era uma das fantasias mais belas que jamais vira.

[...]

Mas por que exatamente aquele carnaval, o único de fantasia, teve que ser tão melancólico? De manhã cedo no domingo eu já estava de cabelos enrolados para que até de tarde o frisado pegasse bem. Mas os minutos não passavam, de tanta ansiedade. Enfim, enfim! chegaram três horas da tarde: com cuidado para não rasgar o papel, eu me vesti de rosa.

Muitas coisas que me aconteceram tão piores que estas, eu já perdoei. No entanto essa não posso sequer entender agora: o jogo de dados de um destino é irracional? É impiedoso. Quando eu estava vestida de papel crepom todo armado, ainda com os cabelos enrolados e ainda sem batom e ruge – minha mãe de súbito piorou muito de saúde, um alvoroço repentino se criou em casa e mandaram-me comprar depressa um remédio na farmácia. Fui correndo vestida de rosa – mas o rosto ainda nu não tinha a máscara de moça que cobriria minha tão exposta vida infantil – fui correndo, correndo, perplexa, atônita, entre serpentinas, confetes e gritos de carnaval. A alegria dos outros me espantava.

LISPECTOR, Clarice. . Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p.25-28

09. **(Pref. de Araruama – 2015 – Analista de Sistemas – FUNCAB)** Sobre o texto é correto afirmar que a narradora começa a rememorar determinado carnaval no parágrafo:

A) 2.

B) 3.

C) 4.

D) 5.

E) 6.

10. **(Pref. de Araruama – 2015 – Analista de Sistemas – FUNCAB)** Observe os fragmentos e leia as afirmativas a seguir.

1. Não, não deste último carnaval. Mas não sei por que este me transportou para a minha infância"

2. "Ah, está se tornando difícil escrever. Porque sinto como ficarei de coração escuro ao constatar que, mesmo me agregando tão pouco à alegria, eu era de tal modo sedenta que um quase nada já me tornava uma menina feliz."

I. No trecho 1, a memória transporta a narradora do presente ao passado.

II. No trecho 2, a emoção transporta a narradora do presente em direção ao futuro e, depois, novamente em direção ao passado.

III. O elemento que organiza o tempo nesses fragmentos é o fluxo da memória e das sensações da narradora.

Está correto o que se afirma em:

A) I, apenas.

B) II, apenas.

C) I e II, apenas.

D) I, II e III.

E) I e III, apenas.

Irmãos

– Mas agora vamos brincar de outra coisa.

Quero saber se o senhor é inteligente. Este quadro é concreto ou abstrato?

–Abstrato.

– Pois o senhor é burro. É concreto: fui eu que pintei, e pintei nele meus sentimentos e meus sentimentos são concretos.

– É, mas você não é todo concreto.

– Sou, sim!

– Não é! Você não é todo concreto, porque seu medo não é concreto. Você não é completamente concreto, só um pouco.

– Eu sou um gênio e acho que tudo é concreto.

– Ah, eu não sabia que o senhor é um pintor famoso.

– Sou. Meu nome é Bergman. Maurício Bergman, sou sueco e sou um gênio. Nota-se pela

minha fisionomia. Olhe: eu sofro! Agora quero saber se o senhor entende de pintura. Aquele quadro é concreto?

– É, porque vê-se logo que é um mapa, pelas linhas.

– Ah, ééé? e aquele?

–Abstrato.

– Errado! Então aquele também tinha que ser concreto porque também tem linhas.

– Vou explicar ao senhor o que é concreto, é...

– ... está errado.

– Por quê?

– Porque eu não entendo. Quando eu não entendo, é porque você está errado. E agora quero saber: isto é compreto?

– O senhor quer dizer concreto.

– Não, é compreto mesmo. É porque sou um gênio e todo gênio tem que pelo menos inventar uma coisa. Eu inventei a palavra compreto. Música é compreta?

– Acho que é, porque a gente ouve, sente pelos ouvidos.

–Ah, mas o senhor não pode desenhar!

– O senhor acha que teto é concreto?

– É.

– Mas se eu virasse essa parede e botasse ela na posição do teto, ela ia ficar uma parede-teto e essa parede-teto ia ser concreto?

–Acho que talvez. Fantasma é concreto?

00000000000 - DEMO

– Qual? o de lençóis?

– Não, o que existe.

– Bem... Bem, seria supostamente concreto.

– Mãe é concreto ou abstrato?

– Concreto, é claro, que burrice.

No quarto ao lado, a mãe parou de coser, ficou com as mãos imóveis no colo, inclinando um coração que batia todo concreto.

(LISPECTOR, Clarice. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.)

11. **(ENDUR – 2014 – Analista – FUNCAB)** Com relação à crônica de Clarice Lispector é correto afirmar que:

A) apresenta o comportamento arredio de uma família que não consegue dialogar.

B) retrata uma cena doméstica de brincadeira de crianças, na qual uma delas resolve desafiar a outra.

C) estabelece uma discussão acadêmica sobre pintura concreta e abstrata.

D) permite descobrir consistências teóricas em torno dos conceitos de concreto e abstrato.

E) particulariza procedimentos de pesquisa, apresentando conceitos de concreto relacionados a linhas.

12. **(ENDUR – 2014 – Analista – FUNCAB)** Analise as afirmativas a seguir.

I. O último parágrafo sugere que a mãe, cheia de amor pelos filhos, se emocionou com aquela cena em que os dois filhos brincavam de discutir.

II. Contextualmente, pode-se supor que a mãe seja mãe das duas crianças.

III. Os diálogos indiretos e ágeis permitem ao leitor visualizar a cena.

Está(ão) correta(s) somente a(s) afirmativa(s):

00000000000 - DEMO

A) I
B) II
C) III
D) I e II
E) I e III

13. **(ENDUR – 2014 – Analista – FUNCAB)** No período "– Acho que TALVEZ. Fantasma é concreto?", o elemento destacado pode ser substituído, sem prejuízo para o sentido original do texto, por:
A) incontestavelmente.
B) provisoriamente.
C) indubitavelmente.
D) certamente.
E) provavelmente.

Nosso espaço

Já somos 6 bilhões, não contando o milhão e pouco que nasceu desde o começo desta frase. Se fosse um planeta bem administrado isto não assustaria tanto. Mas é, além de tudo, um lugar mal frequentado. Temos a fertilidade de coelhos e o caráter de chacais, que, como se sabe, são animais sem qualquer espírito de solidariedade. As megacidades, que um dia foram símbolos da felicidade bem distribuída que a ciência e a técnica nos trariam – um helicóptero em cada garagem e caloria sintética para todos, segundo as projeções futuristas de anos atrás –, se transformaram em representações da injustiça sem remédio, cidadelas de privilégio cercadas de miséria, uma réplica exata do mundo feudal, só que com monóxido de carbono.

Nosso futuro é a aglomeração urbana e as sociedades se dividem entre as que se preparam – conscientemente ou não – para um mundo desigual e apertado e as que confiam que as cidadelas resistirão às hordas sem espaço. Os jornais ficaram mais estreitos para economizar papel, mas também porque

00000000000 - DEMO

diminui a área para expansão dos nossos cotovelos. Chegaremos ao tabloide radical, duas ou três colunas magras onde tudo terá de ser dito com concisão desesperada. Adeus advérbios de modo e frases longas, adeus frivolidades e divagações superficiais como esta. A tendência de tudo feito pelo homem é para a diminuição – dos telefones e computadores portáteis aos assentos na classe econômica. O próprio ser humano trata de perder volume, não por razões estéticas ou de saúde, mas para poder caber no mundo.

No Japão, onde muita gente convive há anos com pouco lugar, o espaço é sagrado. Surpreende a extensão dos jardins do palácio imperial no centro de Tóquio, uma cidade onde nem milionário costuma ter mais de dois quartos, o que dirá um quintal. É que o espaço é a suprema deferência japonesa. O imperador sacralizado é ele e sua imensa circunstância.

Já nos Estados Unidos, reverencia-se o espaço com o desperdício. Para entender os americanos você precisa entender a sua classificação de camas de acordo com o tamanho, tamanho rainha, para reis, e, era inevitável, do tamanho de jardins imperiais. É o espaço como suprema ostentação, pois – a não ser para orgias e piqueniques – nada é mais supérfluo do que espaço sobrando numa cama, exatamente o lugar onde não se vai a lugar algum.

Os americanos ainda não se deram conta de que, quando chegar o dia em que haverá chineses embaixo de todas as camas do mundo, quanto maior a cama, mais chineses.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. (<www.sinprors.org.br/extraclasse/jun07/verissimo.asp>)

14. **(IPEM-RO – 2013 – Administrador - FUNCAB)** De acordo com o texto, apenas uma das alternativas abaixo é verdadeira. Assinale-a.

A) A única característica que diferencia o período feudal dos tempos atuais é a grande quantidade de monóxido de carbono que havia naquela época.

B) Um dos problemas mais graves que enfrentamos é o elevado índice populacional e a falta de solidariedade entre as pessoas.

C) As grandes cidades, onde se encontram tecnologia de ponta e desenvolvimento científico, representam o espaço de maior prosperidade.

00000000000 - DEMO

D) Segundo o autor do texto, os japoneses, representados pela figura do imperador, são o povo que melhor convive com o excesso de espaço físico.

E) Ao comparar Japão e Estados Unidos, o autor demonstra sua admiração pela maneira com que os americanos se relacionam com o espaço físico.

15. **(IPEM-RO – 2013 – Administrador - FUNCAB)** qual dos trechos abaixo o autor emite um julgamento de valor a respeito de sua própria produção escrita?

A) "Já somos 6 bilhões, não contando o milhão e pouco que nasceu desde o começo desta frase."

B) "Mas é, além de tudo, um lugar mal frequentado."

C) "Adeus advérbios de modo e frases longas, adeus frivolidades e divagações superficiais como esta."

D) "Para entender os americanos você precisa entender a sua classificação de camas de acordo com o tamanho [...]"

E) "Chegaremos ao tabloide radical, duas ou três colunas magras onde tudo terá de ser dito com concisão desesperada."

16. **(IPEM-RO – 2013 – Administrador - FUNCAB)** Apenas um dos elementos de coesão destacados NÃO retoma, no texto, um termo anunciado anteriormente. Aponte-o.

A) "Se fosse um planeta bem administrado ISTO não assustaria tanto." (parágrafo 1)

B) "As megacidades, QUE um dia foram símbolos da felicidade bem distribuída que a ciência e a técnica nos trariam [...]" (parágrafo 1)

C) "Nosso futuro é a aglomeração urbana e as sociedades se dividem entre AS que se preparam – conscientemente ou não – para um mundo desigual [...]" (parágrafo 2)

D) "MAS é, além de tudo, um lugar mal frequentado." (parágrafo 1)

E) "[...] e AS que confiam que as cidadelas resistirão às hordas sem espaço." (parágrafo 2)

00000000000 - DEMO

17. **(IPEM-RO – 2013 – Administrador - FUNCAB)** A conjunção que introduz o período: “Se fosse um planeta bem administrado, isto não assustaria tanto.”, expressa:

A) causa.
B) conformidade.
C) finalidade.
D) comparação.
E) condição.

18. **(EMDUR/Pref. de Porto Velho-RO – 2014 - Analista Administrador - FUNCAB)** Em “– Não é! Você não é todo concreto, PORQUE SEU MEDO NÃO É CONCRETO. Você não é completamente concreto, só um pouco.”, o trecho destacado estabelece ideia de:

A) finalidade.
B) explicação.
C) adição.
D) causalidade.
E) adversidade.

00000000000 - DEMO

Gabarito

01. B
02. E
03. D
04. C
05. B
06. A
07. D
08. C
09. D
10. D
11. B
12. D
13. E
14. B
15. C
16. D
17. E
18. D

Amigos! Chegamos ao final da nossa primeira aula! Espero que tenham gostado!

Ah! Mais uma coisinha: devem ter percebido que a FUNCAB gosta bastante de textos literários, não é mesmo? Quem gosta de literatura está "na vantagem", rs! Para quem não gosta, eu digo que é um ótimo momento para começar a apreciar!!

Leia Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Luís Fernando veríssimo...

Estou aqui para ajudar! Contem comigo!

Contatos:

Fórum de dúvidas.

E-mail: **professorarafaelafreitas@gmail.com**

Rede Sociais: ***Palavreando com Rafa Freitas***

Abraços, até breve!

Rafaela Freitas.

00000000000 - DEMO

ESSA LEI TODO MUNDO CONHECE:
PIRATARIA É CRIME.

Mas é sempre bom revisar o porquê e como você pode ser prejudicado com essa prática.

1 Professor investe seu tempo para elaborar os cursos e o site os coloca à venda.

2 Pirata divulga ilicitamente (grupos de rateio), utilizando-se do anonimato, nomes falsos ou laranjas (geralmente o pirata se anuncia como formador de "grupos solidários" de rateio que não visam lucro).

3 Pirata cria alunos fake praticando falsidade ideológica, comprando cursos do site em nome de pessoas aleatórias (usando nome, CPF, endereço e telefone de terceiros sem autorização).

4 Pirata compra, muitas vezes, clonando cartões de crédito (por vezes o sistema anti-fraude não consegue identificar o golpe a tempo).

5 Pirata fere os Termos de Uso, adultera as aulas e retira a identificação dos arquivos PDF (justamente porque a atividade é ilegal e ele não quer que seus fakes sejam identificados).

6 Pirata revende as aulas protegidas por direitos autorais, praticando concorrência desleal e em flagrante desrespeito à Lei de Direitos Autorais (Lei 9.610/98).

7 Concurseiro(a) desinformado participa de rateio, achando que nada disso está acontecendo e esperando se tornar servidor público para exigir o cumprimento das leis.

8 O professor que elaborou o curso não ganha nada, o site não recebe nada, e a pessoa que praticou todos os ilícitos anteriores (pirata) fica com o lucro.

Deixando de lado esse mar de sujeira, aproveitamos para agradecer a todos que adquirem os cursos honestamente e permitem que o site continue existindo.

Exercícios com Gabarito de Português Verbo, Substantivo e Adjetivo

1) (Cesgranrio-1994) Assinale o item que completa corretamente as lacunas.

_____havido um acréscimo na violência urbana e, se______este quadro,_____, em um futuro breve, mais vítimas inocentes.

a) Tem - mantivermos - existirão
b) Tem - mantermos - existirão
c) Tem - mantermos - existirá
d) Têem - mantivermos - existirão
e) Têm - mantivermos - existirão

2) (Covest-1997) Relacione as frases cujos verbos sublinhados estão no mesmo tempo, modo e pessoa gramatical.
1. Que todo homem é um diabo não há mulher que o< negue>.
2. <Vem>, eu te farei da minha vida participar.
3.< Ide> em paz, o Senhor vos acompanhe.
4. Estou preso à vida e< olho> meus companheiros.
5. Tu não me <tiraste> a natureza...
Tu mudaste a natureza.

( ) <Cala> essa canção soturna.
( ) <Interrogai>-as agora que os reis tremem no seu trono.
( ) <Debruço>-me na grade da banca e respiro penosamente.
( ) <Trouxeste>-a para o pé de mim.
( ) Mesmo assim elas procuram um diabo que as <carregue>.
A seqüência correta é:
a) 3, 2, 4, 5 e 1
b) 4, 3, 2, 1 e 5
c) 5, 1, 4, 2 e 3
d) 1, 4, 5, 3 e 2
e) 2, 3, 4, 5 e 1

3) (Covest-1997) Assinale a alternativa correta no que se refere ao uso dos pronomes:
a) Não acredito que entre mim e você surjam problemas deste tipo.
b) Espere-me, pois estarei consigo na próxima semana.
c) Não há qualquer afinidade entre eu e eles.
d) Estas flores chegaram para tu.
e) Pedi que deixasse o documento para mim assinar.

4) (Covest-1997) Excertos do Documento "Pacto pela Educação"
Marco Maciel

Um sistema político eficaz é aquele capaz de fazer dos postulados democráticos o compromisso cotidiano da cidadania, não apenas por sua garantia formal, mas por seu exercício efetivo. Uma sociedade democrática, por sua vez, não se esgota na proteção jurídica dos direitos e garantias individuais. Ela se consuma na efetivação dos direitos econômicos e sociais, sem os quais teremos sempre e fatalmente uma sociedade dualista.

Considerados sob este aspecto, Política e Educação estão submetidas aos mesmos princípios e exigem respeito à liberdade individual, acatamento à diversidade humana e preservação do pluralismo. Parodiando o velho dilema para saber se os países são ricos porque são educados, ou são educados porque são ricos, existe a convicção de que um bom sistema político depende essencialmente de um sistema educacional universalizando, eficiente e dinâmico.

Hoje, sabemos que não são apenas o crescimento material, o desenvolvimento econômico o aprimoramento social e o desfrute dos bens culturais e espirituais que levam uma sociedade adequadamente educada e apta a transformar em benefícios coletivos as conquistas da ciência e do conhecimento. Mais do que isso, temos consciência de que a própria sobrevivência humana está condicionada pela possibilidade de acesso a todas as formas de conhecimento produzidas pelo homem.

A manutenção e a expansão em todos os países do mundo, estão associadas à possibilidade de adquirirmos e aprimorarmos o conhecimento e as técnicas que vêm revolucionando formas tradicionais de produção industrial, de intensificação do comércio, de criação intelectual e do próprio lazer, Sociedades prósperas , portanto, são, necessáriamente, não apenas sociedades educadas, mas aquelas capazes de se educarem permanentemente. Nenhuma fragilidade, por isso mesmo, é mais cruel, nenhuma gera mais exclusão e injustiça do que a incapacidade de dar a todos a possibilidade de realização de suas próprias potencialidades, por meio do conhecimento, da educação e do acesso aos bens culturais. Este é o desafio que, neste fim de milênio, ainda estamos por vencer.

O dualismo que nos separa sobrevive, porque não fomos capazes de vencer o único problema estrutural brasileiro, que é o da educação.

Não me refiro aos aspectos formais, a que incluem a diminuição das taxas de evasão e repetência e a ampliação dos benefícios proporcionados pela qualidade de ensino, mas sim a algo mais abrangente e substantivo, que é a educação como instrumento vital da preparação para a vida.

Não basta alfabetizar. Educar é muito mais do que isso. É, sobretudo, instrumentalizar o ser humano como cidadão, proporcionando-lhe, por meio de sistema educacional universalizado, eficiente e de alto padrão de qualidade e rendimento, perspectivas de progresso pessoal e de mobilidade social. [...] A questão educacional é, efetivamente, o verdadeiro desafio estrutural que estamos sendo chamados a vencer neste fim de século. Certamente há muitas profundas razões para o nosso atraso. Uma de caráter histórico, cultural e sociológico, de que é exemplo a circunstância de termos sido o último país a abolir a chaga terrível da escravidão [...]. Da escravidão, decorrem, em grande parte, o dualismo e a exclusão social de que hoje somos uma das principais vítimas em todo o mundo, em razão da expressão política, econômica e demográfica que atingimos no conceito universal.

Outras razões são incontestavelmente políticas, como o modelo elitista que timbramos em não sepultar e que hesitamos muitas vezes em simplesmente reformar. Dele decorrem os males atávicos do Estado brasileiro, barreira e proteção para os privilégios que beneficiam a poucos em detrimento de quase todos.

É necessário [...] um pacto de Estado para termos uma sociedade mais justa, uma economia mais próspera e um sistema político que reflita as permanentes aspirações nacionais por democracia, desenvolvimento e solidariedade social.

São exemplos da voz passiva:
Assinale V ou F.

( ) A sobrevivência humana é condicionada pela possibilidade de acesso ao conhecimento.
( ) O modelo elitista não foi sepultado pelas reformas constitucionais.
( ) Não me refiro aos seus aspectos formais [...]
( ) O dualismo e a exclusão social decorrem da escravidão.
( ) A manutenção e a expansão do emprego parecem estar diretamente ligadas à possibilidade de adquirir conhecimentos.

5) (ENEM-2002) " Narizinho correu os olhos pela assistência. Não podia haver nada mais curioso. Besourinhos de fraque e flores na lapela conversavam com baratinhas de mantilha e miosótis nos cabelos. Abelhas douradas, verdes e azuis, falavam mal das vespas de cintura fina - achando que era exagero usarem coletes tão apertados. Sardinhas aos centos criticavam os cuidados excessivos que as borboletas de toucados de gaze tinham com o pó das suas asas. Mamangavas de ferrões amarrados para não morderem. E canários cantando, e beija-flores beijando flores, e camarões camaronando, e caranguejos caranguejando, tudo que é pequenino e não morde, pequeninando e não mordendo."
LOBATO, Monteiro. Reinações de Narizinho. São Paulo: Brasiliense, 1947.

No último período do trecho, há uma série de verbos no gerúndio que contribuem para caracterizar o ambiente fantástico descrito. Expressões como "camaronando", "caranguejando" e "pequeninando e não mordendo" criam, principalmente, efeitos de

a) esvaziamento de sentido.
b) monotonia do ambiente.
c) estaticidade dos animais.
d) interrupção dos movimentos.
e) dinamicidade do cenário.

6) (ESPM-2006) A morte do livro
FERREIRA GULLAR
A morte do livro como veículo da literatura já foi profetizada várias vezes na chamada época moderna. E não por inimigos da literatura, mas pelos escritores mesmos. Até onde me lembro, o primeiro a fazer essa profecia foi nada menos que o poeta Guillaume Apollinaire, no começo do século 20.
Entusiasmado com a invenção do gramofone (ou vitrola), acreditou que os poetas em breve deixariam de imprimir seus poemas em livros para gravá-los em discos, com a vantagem — segundo ele, indiscutível — de o antigo leitor, tornado ouvinte, ouvi-los na voz do próprio poeta. [...]
De qualquer modo, Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas enquanto o disco veio servir mesmo foi aos cantores e compositores de canções populares, [...].
O mais recente profeta do fim do livro é o romancista norte-americano Philip Roth, que, numa entrevista, fez o prenúncio. Na verdade, ele anunciou o fim da própria literatura e não por falta de escritores, mas de leitores. Certamente, referia-se a certo tipo de literatura, pois obras de ficção como "O Código Da Vinci" e "Harry Potter" alcançam tiragens de milhões de exemplares em todos os idiomas.
Outro fenômeno que contradiz a tese de que as pessoas lêem cada vez menos é o crescente tamanho dos "best-sellers": ultimamente, os volumes ultrapassam as 400 ou 500 páginas, havendo os que atingem mais de 800. Tais dados põem em dúvida, mais uma vez, as previsões da morte do livro e da literatura. [...]
A visão simplificadora consiste em não levar em conta alguns fatores que estão ocultos, mas atuantes na sociedade de massa: fatores qualitativos que a avaliação meramente quantitativa ignora. Começa pelo fato de que são as obras literárias de qualidade, e não as que constituem mero passatempo, que influem na construção do universo imaginário da época. É indiscutível que tais obras atingem, inicialmente, um número reduzido de leitores, mas é verdade também que, através deles, com o passar do tempo, influem sobre um número cada vez maior de indivíduos — e especialmente sobre aqueles que constituem o núcleo social irradiador das idéias.
Costumo, a propósito desta discussão, citar o exemplo de um livro de poemas que nasceu maldito: "As Flores do Mal", de Charles Baudelaire, cuja primeira edição, em reduzida tiragem, data de 1857. Naquela mesma época

havia autores cujos livros alcançavam tiragens consideráveis, que às vezes chegavam a mais de 30 mil exemplares. Esses livros cumpriram sua missão, divertiram os leitores e depois foram esquecidos, como muitos "best-sellers" de nossa época. Enquanto isso, o livro de poemas de Baudelaire — cuja venda quase foi proibida pela Justiça —, que vem sendo reeditado e traduzido em todas as línguas, já deve ter atingido, no total das tiragens, muitos milhões de exemplares. O verdadeiro "best-seller" é ele ou não é? [...]
*(*Folha de São Paulo*, 19/03/2006)*

De qualquer modo, Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas enquanto o disco veio servir mesmo foi aos cantores e compositores de canções populares [...].
Sobre a relação semântica dos tempos verbais no trecho acima e sua integração no texto, é correto afirmar que:
a) "Revelara-se" se refere a um momento posterior a "veio servir".
b) "Difundir" se refere a um momento anterior a "revelara-se".
c) "Revelara-se" se refere a um momento anterior a "foi".
d) "Continuaram" se refere a um mesmo momento que "difundir".
e) "Foi" se refere a um momento atemporal.

7) (Faap-1996) Dario vinha apressado, o guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina, diminuiu o passo até parar, encostando-se à parede de uma casa. Foi escorregando por ela, de costas, sentou-se na calçada, ainda úmida da chuva, e descansou no chão o cachimbo.

Dois ou três passantes rodearam-no, indagando se não estava se sentindo bem. Dario abriu a boca, moveu os lábios, mas não se ouviu resposta. Um senhor gordo, de branco, sugeriu que ele devia sofrer de ataque.

Estendeu-se mais um pouco, deitado agora na calçada, o cachimbo a seu lado tinha apagado. Um rapaz de bigode pediu ao grupo que se afastasse, deixando-o respirar. E abriu-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe retiraram os sapatos, Dario roncou pela garganta e um fio de espuma saiu do canto da boca.

Cada pessoa que chegava se punha na ponta dos pés, embora não pudesse ver. Os moradores da rua conversavam de uma porta à outra, as crianças foram acordadas e vieram de pijama às janelas. O senhor gordo repetia que Dario sentara-se na calçada, soprando ainda a fumaça do cachimbo e encostando o guarda-chuva na parede. Mas não se via guarda-chuva ou cachimbo ao lado dele.

Uma velhinha de cabeça grisalha gritou que Dario estava morrendo. Um grupo transportou-o na direção do táxi estacionado na esquina. Já tinha introduzido no carro metade do corpo, quando o motorista protestou: se ele morresse na viagem? A turba concordou em chamar a ambulância. Dario foi conduzido de volta e encostado à parede - não tinha os sapatos e o alfinete de pérola na gravata.

(Dalton Trevisan)

Assinale a forma errada do imperativo:
a) põe-te na ponta dos pés / não te ponhas na ponta dos pés.
b) ponha-se na ponta dos pés / não se ponha na ponta dos pés.
c) ponhamo-nos na ponta dos pés / não nos ponhamos na ponta dos pés.
d) ponhais-vos na ponta dos pés / não vos ponhais na ponta dos pés.
e) ponham-se na ponta dos pés / não se ponham na ponta dos pés.

8) (Faap-1996) Dario vinha apressado, o guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina, diminuiu o passo até parar, encostando-se à parede de uma casa. Foi escorregando por ela, de costas, sentou-se na calçada, ainda úmida da chuva, e descansou no chão o cachimbo.

Dois ou três passantes rodearam-no, indagando se não estava se sentindo bem. Dario abriu a boca, moveu os lábios, mas não se ouviu resposta. Um senhor gordo, de branco, sugeriu que ele devia sofrer de ataque.

Estendeu-se mais um pouco, deitado agora na calçada, o cachimbo a seu lado tinha apagado. Um rapaz de bigode pediu ao grupo que se afastasse, deixando-o respirar. E abriu-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe retiraram os sapatos, Dario roncou pela garganta e um fio de espuma saiu do canto da boca.

Cada pessoa que chegava se punha na ponta dos pés, embora não pudesse ver. Os moradores da rua conversavam de uma porta à outra, as crianças foram acordadas e vieram de pijama às janelas. O senhor gordo repetia que Dario sentara-se na calçada, soprando ainda a fumaça do cachimbo e encostando o guarda-chuva na parede. Mas não se via guarda-chuva ou cachimbo ao lado dele.

Uma velhinha de cabeça grisalha gritou que Dario estava morrendo. Um grupo transportou-o na direção do táxi estacionado na esquina. Já tinha introduzido no carro metade do corpo, quando o motorista protestou: se ele morresse na viagem? A turba concordou em chamar a ambulância. Dario foi conduzido de volta e encostado à parede - não tinha os sapatos e o alfinete de pérola na gravata.

(Dalton Trevisan)

"Dario abriu a boca". Passando para a voz passiva:

a) a boca foi aberta por Dario.
b) a boca abriu-a Dario.
c) abriu-se a boca.
d) à boca abriu Dario.
e) Dario - ele mesmo - abriu a boca.

9) (Faap-1997) Durante este período de depressão contemplativa uma coisa apenas magoava-me: não tinha o ar angélico do Ribas, não cantava tão bem como ele. Que faria se morresse, entre os anjos, sem saber cantar?

Ribas, quinze anos, era feio, magro, linfático. Boca sem lábios, de velha carpideira, desenhada em angústia - a súplica feita boca, a prece perene rasgada em beiços sobre dentes; o queixo fugia-lhe pelo rosto, infinitamente, como uma gota de cera pelo fuste de um círio...

Mas, quando, na capela, mãos postas ao peito, de joelhos, voltava os olhos para o medalhão azul do teto, que sentimento! que doloroso encanto! que piedade! um olhar penetrante, adorador, de enlevo, que subia, que furava o céu como a extrema agulha de um templo gótico!

E depois cantava as orações com a doçura feminina de uma virgem aos pés de Maria, alto, trêmulo, aéreo, como aquele prodígio celeste de garganteio da freira Virgínia em um romance do conselheiro Bastos.

Oh! não ser eu angélico como o Ribas! Lembro-me bem de o ver ao banho: tinha as omoplatas magras para fora, como duas asas!

O ATENEU. Raul Pompéia

Numa descrição, os verbos estão, em sua maioria no:
a) presente do indicativo
b) futuro do indicativo
c) pretérito mais que perfeito do indicativo
d) pretérito perfeito do indicativo
e) pretérito imperfeito do indicativo

10) (Faap-1997) Barcos de Papel

Quando a chuva cessava e um vento fino
franzia a tarde tímida e lavada,
eu saía a brincar pela calçada,
nos meus tempos felizes de menino.

Fazia de papel toda uma armada
e, estendendo meu braço pequenino,
eu soltava os barquinhos, sem destino,
ao longo das sarjetas, na enxurrada...

Fiquei moço. E hoje sei, pensando neles,
que não são barcos de ouro os meus ideais:
são feitos de papel, tal como aqueles,
perfeitamente, exatamente iguais...
- que os meus barquinhos, lá se foram eles! foram-se
embora e não voltaram mais!
Guilherme de Almeida

Assinale a forma errada do imperativo:
a) faze tu uma armada e solta os barquinhos.
b) faça você uma armada e solte os barquinhos.
c) façamos nós uma armada e soltemos os barquinhos.
d) façais vós uma armada e soltai os barquinhos.
e) façam vocês uma armada e soltem os barquinhos.

11) (Fatec-1995) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.
a) Devem haver outras razões para ele ter desistido.
b) Foi então que começou a chegar um pessoal estranho.
c) Queria voltar a estudar, mas faltava-lhe recursos.
d) Não se admitirá exceções.
e) Basta-lhe dois ou três dias para resolver isso.

12) (Fatecs-2007) TEXTO III

O que faz você feliz?
A lua, a praia, o mar
A rua, a saia, amar...
Um doce, uma dança, um beijo,
Ou é a goiabada com queijo?
Afinal, o que faz você feliz?
Chocolate, paixão, dormir cedo, acordar tarde,
Arroz com feijão, matar a saudade...
O aumento, a casa, o carro que você sempre quis
Ou são os sonhos que te fazem feliz?
Um filme, um dia, uma semana
Um bem, um biquíni, a grama...
Dormir na rede, matar a sede, ler...
Ou viver um romance? O que faz você feliz?
Um lápis, uma letra, uma conversa boa
Um cafuné, café com leite, rir à toa,
Um pássaro, ser dono do seu nariz...
Ou será um choro que te faz feliz?
A causa, a pausa, o sorvete,
Sentir o vento, esquecer o tempo,
O sal, o sol, um som
O ar, a pessoa ou o lugar?
Agora me diz,
O que faz você feliz?
(Anúncio publicitário do Grupo Pão de Açúcar, veiculado na Revista VEJA, edição de 21 de março de 2007)

Nesse texto publicitário predomina um padrão de linguagem coloquial, no qual podem ocorrer desvios do padrão culto da língua. Assinale a alternativa contendo desvio(s).
a) “Ou é a goiabada com queijo?”.
b) “O aumento, a casa, o carro que você sempre quis”.
c) “O que faz você feliz?”.

d) “Um cafuné, café com leite, rir à toa”.
e) “Agora me diz, o que faz você feliz?”.

13) (FEI-1995) Assinalar a alternativa que completa corretamente as lacunas das seguintes orações:

I. Nós_____a Brasília e_____a Praça dos Três Poderes.
II. O professor_____a prova a pedido do aluno.
III. _____eles os objetos que haviam perdido?

a) vimos - viemos - reveu - reouveram.
b) revimos - vimos - reviu - reaveram.
c) viemos - vemos - reveu - reouveram.
d) vimos - viemos - reviu - reaveram.
e) viemos - vimos - reviu - reouveram.

14) (FEI-1997) Observe com atenção as seguintes frases e depois assinale a alternativa correta:
I. Meu irmão pediu para mim ficar em silêncio.
II. Meu irmão pediu para eu ficar em silêncio.

a) Somente a frase 2 está correta, pois o sujeito de FICAR deve ser um pronome do caso reto.
b) Somente a frase 2 está correta, pois a preposição PARA exige o pronome do caso reto.
c) Somente a frase 1 está correta, pois a preposição PARA exige o pronome do caso oblíquo.
d) Uma vez que a preposição PARA aceita tanto o pronome do caso oblíquo quanto o pronome do caso reto, as duas frases estão corretas.
e) Somente a frase 1 está correta, pois o pronome oblíquo faz parte do complemento nominal.

15) (FEI-1994) Assinalar a alternativa que contém erro no emprego da forma verbal:
a) Ele reouvera os bens que lhe tinham sido roubados.
b) Se ela intervisse em nosso favor, ganharíamos a questão.
c) Quando você expuser seus trabalhos, mande-me avisar.
d) O partido previu a vitória do candidato.
e) Pressupus que todos chegariam a tempo.

16) (FGV-2002) Assinale a alternativa **errada** quanto ao uso da forma verbal.
a) Se ela fizer o trabalho, ficarei livre.
b) Caso você quiser, iremos vê-lo.
c) Quando elas chegarem, avisem-nas.
d) Embora se esforçassem, nada conseguiam.
e) Quanto mais estudava, mais ia aprendendo.

17) (FGV-2002) Um cachorro de maus bofes acusou uma pobre ovelhinha de lhe haver furtado um osso.
- Para que furtaria eu esse osso - ela - se sou herbívora e um osso para mim vale tanto quanto um pedaço de pau?
- Não quero saber de nada. Você furtou o osso e vou levá-la aos tribunais.
E assim fez.
Queixou-se ao gavião-de-penacho e pediu-lhe justiça. O gavião reuniu o tribunal para julgar a causa, sorteando para isso doze urubus de papo vazio.
Comparece a ovelha. Fala. Defende-se de forma cabal, com razões muito irmãs das do cordeirinho que o lobo em tempos comeu.
Mas o júri, composto de carnívoros gulosos, não quis saber de nada e deu a sentença:
- Ou entrega o osso já e já, ou condenamos você à morte!
A ré tremeu: não havia escapatória!... Osso não tinha e não podia, portanto, restituir; mas tinha vida e ia entregá-la em pagamento do que não furtara.
Assim aconteceu. O cachorro sangrou-a, espostejou-a, reservou para si um quarto e dividiu o restante com os juízes famintos, a título de custas...
(Monteiro Lobato. Fábulas e Histórias Diversas)

No início, o narrador utiliza verbos no pretérito perfeito do indicativo. Em certo momento, passa a utilizar o presente do indicativo. Esse recurso produz efeito na narrativa? Explique.

18) (FGV-2002) Dê o plural de:
a) gavião-de-penacho;
b) espostejou-a.

19) (FGV-2002) Um cachorro de maus bofes acusou uma pobre ovelhinha de lhe haver furtado um osso.
- Para que furtaria eu esse osso - ela - se sou herbívora e um osso para mim vale tanto quanto um pedaço de pau?
- Não quero saber de nada. Você furtou o osso e vou levá-la aos tribunais.
E assim fez.
Queixou-se ao gavião-de-penacho e pediu-lhe justiça. O gavião reuniu o tribunal para julgar a causa, sorteando para isso doze urubus de papo vazio.
Comparece a ovelha. Fala. Defende-se de forma cabal, com razões muito irmãs das do cordeirinho que o lobo em tempos comeu.
Mas o júri, composto de carnívoros gulosos, não quis saber de nada e deu a sentença:
- Ou entrega o osso já e já, ou condenamos você à morte!
A ré tremeu: não havia escapatória!... Osso não tinha e não podia, portanto, restituir; mas tinha vida e ia entregá-la em pagamento do que não furtara.
Assim aconteceu. O cachorro sangrou-a, espostejou-a, reservou para si um quarto e dividiu o restante com os juízes famintos, a título de custas...
(Monteiro Lobato. Fábulas e Histórias Diversas)

Por que, no texto, o narrador usa o pretérito mais-que-perfeito do indicativo **furtara**?

20) (FGV-2001) Complete a frase abaixo com as formas corretas dos verbos que estão entre parênteses.

Amanhã, quando os candidatos ________________ (VIR) ao nosso bairro e ________________ (VER) a pobreza em que __________ (VIVER), hoje, as nossas famílias, ____________ (SENTIR) o nosso drama e, certamente, __________ (FAZER) suas promessas; se __________ (MANTER) a palavra, __________ (ATENDER + NOS) logo e não __________ (DECEPCIONAR-NOS).

21) (FGV-2001) Leia atentamente o fragmento de texto abaixo, de O Cortiço, de Aluísio Azevedo. Depois, responda à questão nele baseada.

E depois da meia-noite dada, ela e Piedade ficaram sozinhas, velando o enfermo. Deliberou-se que este iria pela manhã para a Ordem de Santo Antônio, de que era irmão. E, com efeito, no dia imediato, enquanto o vendeiro e seu bando andavam lá às voltas com a polícia, e o resto do cortiço formigava, tagarelando em volta do conserto das tinas e jiraus, Jerônimo, ao lado da mulher e da Rita, seguia dentro de um carro para o hospital.

Na última linha do texto, o que justifica utilizar no pretérito imperfeito do indicativo o verbo **seguir**?

22) (FGV-2001) "É bom que vocês se precavenham deles." Diga se essa frase está certa ou errada e por quê. Se a considerar errada, proponha uma correção.

23) (FGV-2001)

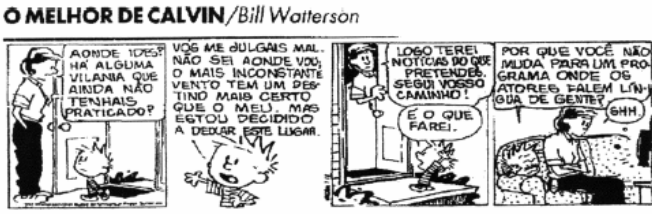
O MELHOR DE CALVIN/Bill Watterson
AONDE IDES? HÁ ALGUMA VILANIA QUE AINDA NÃO TENHAIS PRATICADO?
VÓS ME JULGAIS MAL. NÃO SEI AONDE VOU; O MAIS INCONSTANTE VENTO TEM UM DESTINO MAIS CERTO QUE O MEU. MAS ESTOU DECIDIDO A DEIXAR ESTE LUGAR.
LOGO TEREI NOTÍCIAS DO QUE PRETENDES. SEGUI VOSSO CAMINHO!
É O QUE FAREI.
POR QUE VOCÊ NÃO MUDA PARA UM PROGRAMA ONDE OS ATORES FALEM LÍNGUA DE GENTE?
SHH.

O Estado de S. Paulo, 14 de abril de 2001

Observando os três primeiros quadrinhos, pode-se perceber que, no diálogo entre Calvin e sua mãe, uma das formas verbais não condiz com as demais. Trata-se de:
a) Ides.
b) Tenhais.
c) Julgais.
d) Pretendes.
e) Segui.

24) (FGV-2001) Assinale a alternativa em que **não haja erro** de conjugação de verbo.
A) Em pouco mais de três meses, a lesão do jogador poderá estar curada, se ele manter adequadamente o tratamento.
B) O moderador interviu assim que ficou a par dos problemas técnicos.
C) Se a Patrícia previr tempo seco para o litoral, haveremos de descer a serra antes de o sol nascer.
D) Leocádia estava terrivelmente irritada. Tinha ganas de dizer a Alberto tudo o que ele merecia; mas se deteu, esperando oportunidade melhor.
E) Quando o negociador propor uma saída honrosa, será o momento de todos o aplaudirmos.

25) (FGV-2001) Complete as frases com os verbos indicados entre parênteses.
"Se você ________ (vir) à exposição e se ________ (dispor) a visitar o terceiro andar, poderá notar duas grandes fotos iluminadas. Quando as ________ (ver),observe seus efeitos de luz e sombra. para bem comparar a técnica utilizada, será conveniente que você ________ (manter-se) a uma boa distância. Se isso não ________ (satisfazer) sua curiosidade, poderá adotar outra perspectiva.

26) (FGV-2001) Em cada um dos períodos abaixo, há palavras ou expressões cujo emprego os gramáticos recomendam evitar. Identifique essas palavras ou expressões e transcreva os períodos, fazendo as substituições adequadas.
a) A nível de eficiência, ele é ótimo.
b) Este funcionário não se adéqua ao perfil da empresa.
c) Durante a entrevista, ele colocou que a questão salarial seria adiada.
d) Na próxima semana, vamos estar enviando nosso programa de atividades a todos os associados.

27) (FGV-2001) O tratamento utilizado no diálogo abaixo corresponde à segunda pessoa do plural. As marcas desse tratamento aparecem destacadas em negrito.
- **Vosso** passado **vos** condena. **Saí** daqui antes que eu **vos** mate.
- **Esperai**, que já **vos** mostro. Não **tenteis** amedrontar-me!...
Se utilizarmos o tratamento correspondente à segunda pessoa do singular, obteremos, respectivamente:
a) **Seu** passado **o** condena. **Saia** daqui antes que eu **o** mate./ **Espere**, que já **lhe** mostro. Não **tente** amedrontar-me!...
b) **Teu** passado **te** condena. **Sai** daqui antes que eu **te** mate./ **Espera**, que já **te** mostro.Não **tenta** amedrontar-me!...
c) **Teu** passado **te** condena. **Sai** daqui antes que eu **te** mate./ **Espera**, que já **te** mostro. Não **tentes** amedrontar-me!...

d) **Seu** passado **lhe** condena. **Saia** daqui antes que eu **o** mate./ **Espere**, que já **te** mostro. Não **tente** amedrontar-me!...
e) **Teu** passado **o** condena. **Saí** daqui antes que eu **te** mate./ **Espera**, que já **te** mostro.Não **tentes** amedrontar-me!...

28) (FGV-1997) Nas frases abaixo, os termos destacados podem estar corretos ou incorretos. Se estiverem corretos, limite-se a copiá-los no espaço apropriado; se estiverem incorretos, reescreva-os na forma correta.

Estamos anciosos porque o Diretor pode vim à qualquer momento.

Estamos__________ porque o Diretor pode _____ _____ qualquer momento.

29) (FGV-1997) Nas frases abaixo, os termos destacados podem estar corretos ou incorretos. Se estiverem corretos, limite-se a copiá-los no espaço apropriado; se estiverem incorretos, reescreva-os na forma correta.

Apenas duas candidatas requereram inscrição no concurso para telefonista da Associação Paulista de Beneficência.

Apenas duas candidatas_________ inscrição no concurso para telefonista da Associação Paulista de____________ .

30) (FGV-1997) Nas frases abaixo, os termos destacados podem estar corretos ou incorretos. Se estiverem corretos, limite-se a copiá-los no espaço apropriado; se estiverem incorretos, reescreva-os na forma correta.

Como não estivesse ao par do assunto, o gerente não interveio.
Como não__________ do assunto, o gerente não__________ .

31) (FGV-1997) Nas frases abaixo, os termos destacados podem estar corretos ou incorretos. Se estiverem corretos, limite-se a copiá-los no espaço apropriado; se estiverem incorretos, reescreva-os na forma correta.

Quando se tratam de problemas tão graves, não devem haver tantos empecilhos burocráticos.
Quando se_____________ de problemas tão graves, não_____________ haver tantos____________ burocráticos.

32) (FGV-1997) Nas frases abaixo, os termos destacados podem estar corretos ou incorretos. Se estiverem corretos, limite-se a copiá-los no espaço apropriado; se estiverem incorretos, reescreva-os na forma correta.

Neste país, sempre houveram cidadãos capazes de combater os esteriótipos racistas.
Neste país, __________ cidadãos capazes de combater os ________ racistas.

33) (FGV-1997) Nas frases abaixo, os termos destacados podem estar corretos ou incorretos. Se estiverem corretos, limite-se a copiá-los no espaço apropriado; se estiverem incorretos, reescreva-os na forma correta.

Procura-se cabeças inteligentes para atuarem como assessores na seção de câmbio.

__________cabeças inteligentes para atuarem como ________ na_________ de câmbio.

34) (FGV-1997) Em cada uma das frases abaixo, preencha o espaço com o verbo indicado, na forma verbal adequada.
Exemplo:
Frase: Se o representante da empresa (chegar) na hora, não precisaríamos estar agora aguardando por ele.
Resposta: Se o representante da empresa tivesse chegado na hora, não precisaríamos estar agora aguardando por ele.
1. Se você observar e (antever) que deverá oportunidade de tocar no assunto, prepare-se adequadamente.
2. Se o redator (reaver) rapidamente o material perdido, poderá em tempo voltar a trabalhar nele.
3. Quando for o caso de o candidato (provir) de outro Estado, deverá ele utilizar formulário de inscrição diferente do habitual.
4. Se o autor retornar e (manter) a proposta, deveremos estar preparados para adotar estratégia diferente da inicial.
5. Ontem, por falta de oportunidade, não (intervir) nos comentários a respeito da nova legislação. Mas agora quero manifestar-me.
6. Quando foi necessário, os diretores, que até então estavam quietos, (intervir) com veemência.
7. O fornecedor do material só poderia ter questionado o pagamento se (intervir) no processo antes de seu desfecho.
8. Quando o mediador (intervir) na discussão, deverá fazê-lo com muito cuidado, para não acirrar os ânimos.
9. Se ela mantiver a calma e (conter-se), poderá chegar, sem conflitos, ao resultado desejado.
10. Terão assegurado o contrato os três profissionais que primeiro organizarem e (propor) um projeto.

35) (FGV-1997) Figurou recentemente, num jornal da cidade, a frase abaixo:

"Embora fosse prolixo, o apresentador ultrapassou o tempo previsto."
Examine atentamente o sentido dessa frase. Se for o caso, corrija-a no que for necessário e explique o porquê da correção.
Caso você considere correta a frase, escreva apenas: A frase está correta.

36) (FGV-1999) Nas questões abaixo, ocorrem espaços vazios. Para preenchê-los, escolha um dos seguintes verbos: fazer, transpor, deter, ir. Utilize a forma verbal mais adequada.

1) Se _____________ dias frios no inverno, talvez as coisas fossem
diferentes.

2) Quando o cavalo ___________ todos os obstáculos, a corrida terminará.

3) Se o cavalo _____________ mais facilmente os obstáculos, alcançaria
com mais folga a linha de chegada.

4) Se a equipe econômica não se _____________ nos aspectos regionais e
considerar os aspectos globais, a possibilidade de solução será maior.

5) Caso ela (______________) ao jogo amanhã, deverá pagar
antecipadamente o ingresso.

37) (FGV-2003) Dentre os tempos verbais, existe um que se chama futuro do presente composto do indicativo; um exemplo é **terei partido**. Explique em que circunstância esse tempo verbal é utilizado. Redija uma frase em que ele seja corretamente empregado, mas use verbo diferente de **partir**.

38) (FGV-2003) Examine o termo sublinhado nos períodos abaixo.

O frasco maior contém mais líquido, é evidente.
O relato da testemunha não condiz com os fatos apontados pelos peritos.
Ele não intervirá na questão entre o árbitro e o atleta.

Assinale a alternativa correta a respeito desses verbos, colocados no pretérito perfeito, mas mantida a pessoa gramatical.

a) Conteve, condiria, interveio.
b) Conteu, condizia, interveio.
c) Conteve, condisse, interveio.
d) Conteu, condisse, interviu.
e) Continha, condizeu, interviu.

39) (FGV-2004) Assinale a alternativa que contenha, corretamente, os verbos das orações abaixo no futuro do subjuntivo.
a) Se o menino se entretiver com o cão que passear na rua...Se não couber na bolsa o frasco que você me emprestar...
b) Se o menino se entreter com o cão que passear na rua...Se não caber na bolsa o frasco que você me emprestar...
c) Se o menino se entretiver com o cão que passear na rua...Se não caber na bolsa o frasco que você me emprestar...
d) Se o menino se entreter com o cão que passear na rua...Se não couber na bolsa o frasco que você me emprestar...
e) Se o menino se entretesse com o cão que passeava na rua...Se não cabesse na bolsa o frasco que você me emprestasse...

40) (FGV-2004) Assinale a alternativa em que o particípio sublinhado está corretamente utilizado.

a) O diretor tinha suspenso a edição do jornal antes da publicação da notícia.
b) Lourival tinha chego ao mercado. Marli o esperava próxima da barraca de frutas.
c) O coroinha havia já disperso a multidão que estava em volta da Matriz.
d) A correspondência não foi entregue no escritório.
e) Diogo tinha expulso os índios que cercavam o povoado.

41) (FGV-2004) Na língua portuguesa, às vezes, verbos diferentes assumem a mesma forma verbal. Isso NÃO OCORRE em:
a) Fui, pretérito perfeito do indicativo de ir e de ser.
b) Viemos,pretérito perfeito do indicativo de vir e presente do indicativo de ver.
c) Vimos, pretérito perfeito do indicativo de ver e presente do indicativo de vir.
d) For, futuro do subjuntivo de ir e de ser.
e) Fora, pretérito mais-que-perfeito do indicativo de ir e de ser.

42) (FGV-2004) Explique a diferença de sentido entre as construções abaixo.
a) A língua foi perdendo e ganhando.
b) A língua perdeu e ganhou.

43) (FGV-2004) Observe o fragmento seguinte: "Há palavras que ninguém emprega". Na frase abaixo, transcreva as formas verbais sublinhadas, mas adapte-as à nova situação.
Seria preciso que não ______________________ palavras que ninguém ____________________.

44) (FGV-2004) Observe a seguinte oração:
“...os portugueses não haviam sido por uma tempestade empurrados para a terra de Santa Cruz.”

a) Nessa oração, há uma locução verbal. Identifique-a.
b) Em que voz ela está?
c) Qual é o verbo principal dessa oração?

45) (FGV-2005) Estamos comemorando a entrega de mais de mil imóveis. São mais de 1000 sonhos realizados. Mais de oito imóveis são entregues todo dia. Quer ser o próximo? Então vem para a X Consórcios. Entre você também para o consórcio que o Brasil inteiro confia.
(Texto de anúncio publicitário, editado.)
Há quebra da uniformidade de tratamento no emprego das formas verbais quer e vem.
a) Em qual pessoa verbal essas formas estão conjugadas?
b) Reescreva o trecho - Quer ser o próximo? Então vem para a X Consórcios - compatibilizando o tratamento com a seqüência do texto.

46) (FGV-2005) O artista Juan Diego Miguel apresenta a exposição “Arte e Sensibilidade”, no Museu Brasileiro da Escultura (MUBE) de suas obras que acabam de chegar no país. Seu sentido de inovação tanto em temas como em materiais que elege é sempre de uma sensação extraordinária para o espectador. Juan Diego sensibiliza-se com os materiais que nos rodeam e lhes da vida com uma naturalidade impressionante, encontrando liberdade para buscar elementos no fauvismo de Henri Matisse, no cubismo de Pablo Picasso e do contemporâneo de Juan Gris. Uma arte que está reservada para poucos.
Exposição: de 03 de agosto à 02 de setembro, das 10 às 19h.

A conjugação do verbo rodear está correta no texto? Justifique sua resposta.

47) (FGV-2005) Leia atentamente os dois fragmentos abaixo extraídos de Vidas Secas de Graciliano Ramos, e desenvolva a questão que segue:

Texto 1: “Alcançou o pátio, enxergou a casa baixa e escura, de telhas pretas, deixou atrás os juazeiros, as pedras onde jogavam cobras mortas, o carro de bois. As alpercatas dos pequenos batiam no chão branco e liso. A cachorra Baleia trotava arquejando, a boca aberta.”
“Fabiano” em: Ramos, G. Vidas Secas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947

Texto 2: “Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamberia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria cheio de preás, gordos, enormes.”
“Baleia” em: Ramos, G. Vidas Secas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947

A expressividade do discurso de Vidas Secas ocorre por meio da forma singular com que são trabalhados todos os níveis gramaticais, mas encontra nos nomes (substantivos e adjetivos) e nos tempos verbais, lugar especial na construção dos sentidos. Analise essa afirmação relacionando comparativamente os dois fragmentos selecionados.

48) (FGV-2005) O primeiro passo para aprender a pensar, curiosamente, é aprender a observar. Só que isso, infelizmente, não é ensinado. Hoje nossos alunos são proibidos de observar o mundo, trancafiados que ficam numa sala de aula, estrategicamente colocada bem longe do dia-a-dia e da realidade. Nossas escolas nos obrigam a estudar mais os livros de antigamente do que a realidade que nos cerca. Observar, para muitos professores, significa ler o que os grandes intelectuais do passado observaram - gente como Rousseau, Platão ou Keynes. Só que esses grandes pensadores seriam os primeiros a dizer “esqueçam tudo o que escrevi”, se estivessem vivos. Na época não existia internet nem computadores, o mundo era totalmente diferente. Eles ficariam chocados se soubessem que nossos alunos são impedidos de observar o mundo que os cerca e obrigados a ler teoria escrita 200 ou 2000 anos atrás - o que leva os jovens de hoje a se sentir alienados, confusos e sem respostas coerentes para explicar a realidade.
Não que eu seja contra livros, muito pelo contrário. Sou a favor de observar primeiro, ler depois. Os livros, se forem bons, confirmarão o que você já suspeitava. Ou porão tudo em ordem, de forma esclarecedora. Existem livros antigos maravilhosos, com fatos que não podem ser esquecidos, mas precisam ser dosados com o aprendizado da observação.
Ensinar a observar deveria ser a tarefa número 1 da educação. Quase metade das grandes descobertas científicas surgiu não da lógica, do raciocínio ou do uso de teoria, mas da simples observação, auxiliada talvez por novos instrumentos, como o telescópio, o microscópio, o tomógrafo, ou pelo uso de novos algoritmos matemáticos. Se você tem dificuldade de raciocínio, talvez seja porque

não aprendeu a observar direito, e seu problema nada tem a ver com sua cabeça.
Ensinar a observar não é fácil. Primeiro você precisa eliminar os preconceitos, ou pré-conceitos, que são a carga de atitudes e visões incorretas que alguns nos ensinam e nos impedem de enxergar o verdadeiro mundo. Há tanta coisa que é escrita hoje simplesmente para defender os interesses do autor ou grupo que dissemina essa idéia, o que é assustador. Se você quer ter uma visão independente, aprenda correndo a observar você mesmo. Quantas vezes não participamos de uma reunião e alguém diz "vamos parar de discutir", no sentido de pensar e tentar "ver" o problema de outro ângulo? Quantas vezes a gente simplesmente não "enxerga" a questão? Se você realmente quiser ter idéias novas, ser criativo, ser inovador e ter uma opinião independente, aprimore primeiro os seus sentidos. Você estará no caminho certo para começar a pensar.
(Stephen Kanitz, Observar e pensar. Veja, 04.08.2004. Adaptado)

Ou porão tudo em ordem, de forma esclarecedora.
...e seu problema nada tem a ver com sua cabeça.
Assinale a alternativa em que os verbos derivados de pôr, ter e ver, em destaque nas frases acima, estão corretamente conjugados.
a) Não aprovaríamos o orçamento, a menos que eles se dispusessem a negociar, que se detivessem na análise do assunto e revissem os custos.
b) Quando se propuserem a ajudar-nos, não se ativerem a detalhes e reverem sua atitude, haverá acordo.
c) Os que previram seu insucesso não se ateram ao potencial do rapaz; tampouco supuseram que ele resistiria.
d) Mantiveram a justiça porque recomporam os fatos e reviram as provas.
e) O contrato será renovado se preverem problemas mas não se indisporem com os inquilinos e manterem a calma.

49) (FGV-2005) A última das três abordagens, entre as teorias idealistas, é a que considera cultura como sistemas. simbólicos. Esta posição foi desenvolvida nos Estados Unidos principalmente por dois antropólogos: o já conhecido Clifford Geertz e David Schneider. O primeiro deles busca uma definição de homem baseada na definição de cultura. Para isto, refuta a idéia de uma forma ideal de homem, decorrente do iluminismo e da antropologia clássica, perto da qual as demais eram distorções ou aproximações, e tenta resolver o paradoxo (...) de uma imensa variedade cultural que contrasta com a unidade da espécie humana. Para isto, a cultura deve ser considerada "não um complexo de comportamentos concretos mas um conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras, instruções (que os técnicos de computadores chamam programa) para governar o comportamento". Assim, para Geertz, todos os homens são geneticamente aptos para receber um programa, e este programa é o que chamamos cultura. E esta formulação - que consideramos uma nova maneira de encarar a unidade da espécie - permitiu a Geertz afirmar que "um dos mais significativos fatos sobre nós pode se finalmente a constatação de que todos nascemos com um equipamento para viver mil vidas, mas terminamos no fim tendo vivido uma só!"
Roque de Barros Laraia. Cultura, um conceito antropológico. 16. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 62.

Assinale a alternativa em que um verbo, tomando outro sentido, tem alterada a sua predicação.
a) O alfaiate virou e desvirou o terno, à procura de um defeito. / Francisco virou a cabeça para o lado, indiferente.
b) Clotilde anda rápido como um raio. / Clotilde anda adoentada ultimamente.
c) A mim não me negam lugar na fila. / Neguei o acesso ao prédio, como me cabia fazer.
d) Não assiste ao prefeito o direito de julgar essa questão. / Não assisti ao filme que você mencionou.
e) Visei o alvo e atirei. / As autoridades portuárias visaram o passaporte.

50) (FGV-2005) A última das três abordagens, entre as teorias idealistas, é a que considera cultura como sistemas. simbólicos. Esta posição foi desenvolvida nos Estados Unidos principalmente por dois antropólogos: o já conhecido Clifford Geertz e David Schneider. O primeiro deles busca uma definição de homem baseada na definição de cultura. Para isto, refuta a idéia de uma forma ideal de homem, decorrente do iluminismo e da antropologia clássica, perto da qual as demais eram distorções ou aproximações, e tenta resolver o paradoxo (...) de uma imensa variedade cultural que contrasta com a unidade da espécie humana. Para isto, a cultura deve ser considerada "não um complexo de comportamentos concretos mas um conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras, instruções (que os técnicos de computadores chamam programa) para governar o comportamento". Assim, para Geertz, todos os homens são geneticamente aptos para receber um programa, e este programa é o que chamamos cultura. E esta formulação - que consideramos uma nova maneira de encarar a unidade da espécie - permitiu a Geertz afirmar que "um dos mais significativos fatos sobre nós pode se finalmente a constatação de que todos nascemos com um equipamento para viver mil vidas, mas terminamos no fim tendo vivido uma só!"
Roque de Barros Laraia. Cultura, um conceito antropológico. 16. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 62.

Assinale a alternativa em que o uso dos verbos fazer, haver e ser está de acordo com a norma culta.

a) Ele não se olhava no espelho haviam três dias. A esposa se queixava muito daquela situação.
b) Faziam dias alegres naquele verão. Muito calor e muita mulher bonita.
c) Não houveram mais casos de dengue nas redondezas, desde a intervenção do médico.
d) Meu maior incômodo são as aves noturnas que vêm fazer ninho no forro da casa.
e) Agora são meio-dia. As pessoas que fazem a sesta se dirigem a casa.

51) (FGV-2006) Amor de Salvação
Escutava o filho de Eulália o discurso de D. José, lardeado de facécias, e, por vezes, atendível por umas razões que se lhe cravavam fundas no espírito. As réplicas saíam-lhe frouxas e mesmo timoratas. Já ele se temia de responder coisa de fazer rir o amigo. Violentava sua condição para o igualar na licença da idéia, e, por vezes, no desbragado da frase. Sentia-se por dentro reabrir em nova primavera de alegrias para muitos amores, que se haviam de destruir uns aos outros, a bem do coração desprendido salutarmente de todos. A sua casa de Buenos Aires aborreceu-a por afastada do mundo, boa tão somente para tolos infelizes que fiam do anjo da soledade o despenarem-se, chorando. Mudou residência para o centro de Lisboa, entre os salões e os teatros, entre o rebuliço dos botequins e concurso dos passeios. Entrou em tudo. As primeiras impressões enjoaram-no; mas, à beira dele, estava D. José de Noronha, rodeado dos próceres da bizarriz *(sic)*, todos porfiados em tosquiarem um dromedário provinciano, que se escondera em Buenos Aires a delir em prantos uma paixão calosa, trazida lá das serranias minhotas. Ora, Afonso de Teive antes queria renegar da virtude, que já muito a medo lhe segredava os seus antigos ditames, que expor-se à irrisão de pessoas daquele quilate. É verdade que às vezes duas imagens lagrimosas se lhe antepunham: a mãe, e Mafalda. Afonso desconstrangia-se das visões importunas, e a si se acusava de pueril visionário, não emancipado ainda das crendices do poeta inesperto da prosa necessária à vida.
Escrever, porém, a Teodora, não vingaram as sugestões de D. José. Porventura, outras mulheres superiormente belas, e agradecidas às suas contemplações, o traziam preocupado e algum tanto esquecido da morgada da Fervença.
Mas, um dia, Afonso, numa roda de mancebos a quem dava de almoçar, recebeu esta carta de Teodora:
"Compadeceu-se o Senhor. Passou o furacão. Tenho a cabeça fria da beira da sepultura, de onde me ergui. Aqui estou em pé diante do mundo. Sinto o peso do coração morto no seio; mas vivo eu, Afonso. Meus lábios já não amaldiçoam, minhas mãos estão postas, meus olhos não choram. O meu cadáver ergueu-se na imobilidade da estátua do sepulcro. Agora não me temas, não me fujas. Pára aí onde estás, que as tuas alegrias devem ser muito falsas, se a voz duma pobre mulher pode perturbá-las. Olha... se eu hoje te visse, qual foste, ao pé de mim, anjo da minha infância, abraçava-te. Se me dissesses que a tua inocência se baqueara à voragem das paixões, repelia-te. Eu amo a criança de há cinco anos, e detesto o homem de hoje.
Serena-te, pois. Esta carta que mal pode fazer-te, Afonso? Não me respondas; mas lê. À mulher perdida relanceou o Cristo um olhar de comiseração e ouviu-a. E eu, se visse passar o Cristo, rodeado de infelizes, havia de ajoelhar e dizer-lhe: Senhor! Senhor! É uma desgraçada que vos ajoelha e não uma perdida. Infâmias, uma só não tenho que a justiça da terra me condene. Estou acorrentada a um dever imoral, tenho querido espadaçá-lo, mas estou pura. Dever imoral... por que, não, Senhor! Vós vistes que eu era inocente; minha mãe e meu pai estavam convosco.''

"Ora, Afonso de Teive antes queria renegar da virtude, (...) que expor-se à irrisão de pessoas daquele quilate." (L. 12-13)
Assinale a alternativa que corresponde ao sentido dessa frase e, ao mesmo tempo, respeita a norma culta da língua portuguesa.
A) Ora, Afonso de Teive preferia renegar da virtude, (...) do que expor-se à irrisão de pessoas daquele quilate.
B) Ora, Afonso de Teive antes queria renegar da virtude, (...) ao invés de expor-se à irrisão de pessoas daquele quilate.
C) Ora, Afonso de Teive preferia renegar da virtude, (...) a expor-se à irrisão de pessoas daquele quilate.
D) Ora, Afonso de Teive antes queria renegar da virtude, (...) sem expor-se à irrisão de pessoas daquele quilate.
E) Ora, Afonso de Teive queria antes renegar da virtude, (...) por expor-se à irrisão de pessoas daquele quilate.

52) (Fuvest-2001) A única frase em que as formas verbais estão corretamente empregadas é:
a) Especialistas temem que órgãos de outras espécies podem transmitir vírus perigosos.
b) Além disso, mesmo que for adotado algum tipo de ajuste fiscal imediato, o Brasil ainda estará muito longe de tornar-se um participante ativo do jogo mundial.
c) O primeiro-ministro e o presidente devem ser do mesmo partido, embora nenhum fará a sociedade em que eu acredito.
d) A inteligência é como um tigre solto pela casa e só não causará problema se o suprir de carne e o manter na jaula.
e) O nome secreto de Deus era o princípio ativo da criação, mas dizê-lo por completo equivalia a um sacrilégio, ao pecado de saber mais do que nos convinha.

53) (Fuvest-2001) (...) e tudo ficou sob a guarda de Dona Plácida, suposta, e, a certos respeitos, verdadeira dona da casa.
Custou-lhe muito a aceitar a casa; farejara a intenção, e doía-lhe o ofício; mas afinal cedeu. Creio que chorava, a princípio: tinha nojo de si mesma. Ao menos, é certo que

não levantou os olhos para mim durante os primeiros dois meses; falava-me com eles baixos, séria, carrancuda, às vezes triste. Eu queria angariá-la, e não me dava por ofendido, tratava-a com carinho e respeito; forcejava por obter-lhe a benevolência, depois a confiança. Quando obtive a confiança, imaginei uma história patética dos meus amores com Virgília, um caso anterior ao casamento, a resistência do pai, a dureza do marido, e não sei que outros toques de novela. Dona Plácida não rejeitou uma só página da novela; aceitou-as todas. Era uma necessidade da consciência. Ao cabo de seis meses quem nos visse a todos três juntos diria que Dona Plácida era minha sogra. Não fui ingrato; fiz-lhe um pecúlio de cinco contos, - os cinco contos achados em Botafogo, - como um pão para a velhice. Dona Plácida agradeceu-me com lágrimas nos olhos, e nunca mais deixou de rezar por mim, todas as noites, diante de uma imagem da Virgem, que tinha no quarto. Foi assim que lhe acabou o nojo.
(Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas)

Em relação a “Custou-lhe muito a aceitar a casa”, as formas verbais **farejara** e **doía** expressam, respectivamente,
a) posterioridade e simultaneidade.
b) simultaneidade e anterioridade.
c) posterioridade e anterioridade.
d) anterioridade e simultaneidade.
e) simultaneidade e posterioridade.

54) (Fuvest-2001) Leia o excerto, observando as diferentes formas verbais.
Chegou. Pôs a cuia no chão, escorou-a com pedras, matou a sede da família. Em seguida acocorou-se, remexeu o aió, tirou o fuzil, acendeu as raízes de macambira, soprou-as, inchando as bochechas cavadas.Uma labareda tremeu, elevou-se, tingiu-lhe o rosto queimado, a barba ruiva, os olhos azuis. Minutos depois o preá torcia-se e chiava no espeto de alecrim.
Eram todos felizes. Sinha Vitória vestiria uma saia larga de ramagens. A cara murcha de sinha Vitória remoçaria (...).
(...)
A fazenda renasceria - e ele, Fabiano, seria o vaqueiro, para bem dizer seria dono daquele mundo.
(Graciliano Ramos, Vidas secas)

a) Considerando que no primeiro parágrafo predomina o pretérito perfeito, justifique o emprego do imperfeito em *“o preá torcia-se e chiava no espeto de alecrim”.*
b) Explique o efeito de sentido produzido no excerto pelo emprego do futuro do pretérito.

55) (Fuvest-1997) Um historiador da nossa língua, creio que João de Barros, põe na boca de um rei bárbaro algumas palavras mansas, quando os portugueses lhe propunham estabelecer ali ao pé uma fortaleza; dizia o rei que os bons amigos deviam ficar longe uns dos outros, não perto, para se não zangarem como as águas do mar que batiam furiosas no rochedo que eles viam dali. Que a sombra do escritor me perdoe, se eu duvido que o rei dissesse tal palavra nem que ela seja verdadeira. Provavelmente foi o mesmo escritor que a inventou para adornar o texto, e não fez mal, porque é bonita; realmente, é bonita. Eu creio que o mar então batia na pedra, como é seu costume, desde Ulisses e antes. Agora que a comparação seja verdadeira é que não. Seguramente há inimigos contíguos, mas também há amigos de perto e do peito. E o escritor esquecia (salvo se ainda não era do seu tempo) esquecia o adágio: longe dos olhos, longe do coração.
[Machado de Assis, Dom Casmurro]

No trecho, "... eu duvido que o rei dissesse tal palavra nem que ela seja verdadeira", o termo DISSESSE expressa uma:
a) continuidade.
b) improbabilidade.
c) simultaneidade.
d) impossibilidade.
e) alternância.

56) (Fuvest-2002) Estas duas estrofes encontram-se em O samba da minha terra, de Dorival Caymmi:

Quem não gosta de samba
bom sujeito não é,
é ruim da cabeça
ou doente do pé.

Eu nasci com o samba,
no samba me criei,
do danado do samba
nunca me separei.

a) Reescreva a primeira estrofe, iniciando-a com a frase afirmativa *Quem gosta de samba* e fazendo as adaptações necessárias para que se mantenha a coerência do pensamento de Caymmi. **Não** utilize formas negativas.
b) Reescreva os dois primeiros versos da segunda estrofe, substituindo as formas nasci e me criei, respectivamente, pelas formas verbais correspondentes de provir e conviver e fazendo as alterações necessárias.

57) (Fuvest-2000) As duas manas Lousadas! Secas, escuras e gárrulas como cigarras, desde longos anos, em Oliveira, eram elas as esquadrinhadoras de todas as vidas, as espalhadoras de todas as maledicências, as tecedeiras de todas as intrigas. E na desditosa cidade, não existia nódoa, pecha, bule rachado, coração dorido, algibeira arrasada, janela entreaberta, poeira a um canto, vulto a uma esquina, bolo encomendado nas Matildes, que seus olhinhos furantes de azeviche sujo não descortinassem e que sua solta língua, entre os dentes ralos, não comentasse com malícia estridente.
(Eça de Queirós, A ilustre Casa de Ramires)

A correlação de tempos que, neste texto, se verifica entre as formas verbais **existia**, **descortinassem** e **comentasse**, mantém-se apenas em:

a) não existe; não descortinem; não comente.
b) não existiu; não teriam descortinado; não teria comentado.
c) não existira; não tinham descortinado; não tinha comentado.
d) não existirá; não tiverem descortinado; não tiver comentado.
e) não existiria; não descortinavam; não comentava.

58) (Fuvest-1997) Assinale a alternativa em que a correlação de tempos e modos verbais NÃO é adequada ao contexto.

a) Ainda aparecerá no Congresso alguém disposto a apresentar um projeto que fixe conseqüências para aqueles que enganem a sociedade.
b) Tudo leva a crer que nesses cruzamentos de culturas a situação das áreas coloniais apresente um convívio de extremos.
c) Não há dúvida de que, nos traumas sociais, os sujeitos da cultura popular sofrem abalos graves.
d) More alguém nos bairros pobres da periferia de uma cidade grande e verá no que resultou essa condição do migrante.
e) A sua conduta será de inconformismo e violência, até que um dia certas condições poderiam reconstituir sua vida familiar.

59) (Fuvest-1998) A única frase em que a correlação de tempos e modos NÃO foi corretamente observada é:

a) Segundo os Correios, se a greve terminar amanhã, as entregas serão normalizadas em 13 dias.
b) Para que o agricultor não se limitasse aos recursos oficiais, as fábricas também criaram suas próprias linhas de crédito.
c) Um dos seus projetos de lei exigia que os professores e servidores das universidades fizessem exames antidoping.
d) Na discussão do projeto, o deputado duvidou que o colega era o autor da emenda.
e) A Câmara Municipal aprovou a lei que concede descontos a multas e juros que estão em atraso.

60) (Fuvest-1997) Conta Rubem Braga o conselho que um amigo lhe deu certa vez: "Olhe, Rubem, faça como eu, não tope parada com a gramática."
Tratando Rubem por TU e respeitando o padrão culto, o amigo deveria dizer:

a) Olhai, Rubem, faz como eu, não enfrente a gramática.
b) Olhai, Rubem, faze como eu, não te vás atemorizar com a gramática.
c) Olha, Rubem, faças como eu, cuide de seguir a gramática.
d) Olhe, Rubem, faças como eu, evita fugir à gramática.
e) Olha, Rubem, faz como eu, não desafies a gramática.

61) (Fuvest-2003) Dos verbos assinalados, só está corretamente empregado o que aparece na frase:

a) A atual administração quer **crescer** a arrecadação do IPTU em 40%.
b) A economia latino-americana se modernizou sem que a estrutura de renda da região **acompanhou** as transformações.
c) Se **fazer** previsões sobre a situação econômica já era difícil antes das eleições, agora ficou ainda mais complicado.
d) A indústria ficará satisfeita só quando vender metade do estoque e **transpor** o obstáculo dos juros.
e) Por mais que os leitores se **apropriam** de um livro, no final, livro e leitor tornam-se uma só coisa.

62) (Fuvest-2003) Entre as mensagens abaixo, a única que está de acordo com a norma escrita culta é:

a) Confira as receitas incríveis preparadas para você. Clica aqui!
b) Mostra que você tem bom coração. Contribua para a campanha do agasalho!
c) Cura-te a ti mesmo e seja feliz!
d) Não subestime o consumidor. Venda produtos de boa procedência.
e) Em caso de acidente, não siga viagem. Pede o apoio de um policial.

63) (Fuvest-1995) "(...) O antropólogo Claude Lévi-Strauss
detestou a Baía de Guanabara
Pareceu-lhe uma boca banguela.
E eu, menos a conhecera mais a amara?
Sou cego de tanto vê-la, de tanto tê-la estrela
O que é uma coisa bela?"
[CAETANO VELOSO, 'O Estrangeiro']

a) Na linguagem literária, muitas vezes, o mais-que-perfeito do indicativo substitui outras formas verbais, como no verso: "E eu, menos a conhecera mais a amara?. Reescreva-o, usando as formas que o mais-que-perfeito substituiu.
b) Tanto 'sou' como 'é' são formas do presente do indicativo. Apesar disso, a visão do tempo que elas transmitem não é a mesma em uma e outra. Em que consiste essa diferença?

64) (Fuvest-2005) Às seis da tarde
Ás seis da tarde
As mulheres choram
No banheiro
Não choravam por isso
Ou por aquilo
Choravam porque o pranto subia
Garganta acima
Mesmo se os filhos cresciam
Com boa saúde

se havia comida no fogo
e se o marido lhes dava
do bom e do melhor
choravam porque no céu
além do basculante
o dia se punha
porque uma ânsia
uma dor
uma gastura
era só o que sobrava
dos seus sonhos.
Agora
Ás seis da tarde
As mulheres regressam do trabalho
O dia se impõe
Os filhos crescem
O fogo espera
E elas não podem
Não querem
Chorar na condução.
(Marina Colasanti - Gargantas abertas)
Basculante = um tipo de janela.
Gastura = inquietação nervosa, aflição, mal-estar.

a) O texto faz ver que mudanças históricas ocorridas na situação de vida das mulheres não alteraram substancialmente sua condição subjetiva. Concorda com essa afirmação? Justifique sucintamente.
b) No poema, o emprego dos tempos do imperfeito e do presente do indicativo deixa claro que apenas um deles é capaz de indicar ações repetidas, durativas ou habituais. Concorda com essa afirmação? Justifique sucintamente.

65) (FUVEST-2007) O anúncio luminoso de um edifício em frente, acendendo e apagando, dava banhos intermitentes de sangue na pele de seu braço repousado, e de sua face. Ela estava sentada junto à janela e havia luar; e nos intervalos desse banho vermelho ela era toda pálida e suave.
Na roda havia um homem muito inteligente que falava muito; havia seu marido, todo bovino; um pintor louro e nervoso; uma senhora recentemente desquitada, e eu. Para que recensear a roda que falava de política e de pintura? Ela não dava atenção a ninguém. Quieta, às vezes sorrindo quando alguém lhe dirigia a palavra, ela apenas mirava o próprio braço, atenta à mudança da cor. Senti que ela fruía nisso um prazer silencioso e longo. “Muito!”, disse quando alguém lhe perguntou se gostara de um certo quadro - e disse mais algumas palavras; mas mudou um pouco a posição do braço e continuou a se mirar, interessada em si mesma, com um ar sonhador.
Rubem Braga, “A mulher que ia navegar”.

“‘Muito!’, disse quando alguém lhe perguntou se gostara de um certo quadro.”
Se a pergunta a que se refere o trecho fosse apresentada em discurso direto, a forma verbal correspondente a “gostara” seria
a) gostasse.
b) gostava.
c) gostou.
d) gostará.
e) gostaria.

66) (FUVEST-2007) Muitos políticos olham com desconfiança os que se articulam com a mídia.
Não compreendem que não se faz política sem a mídia. Jacques Ellul, no século passado, afirmava que um fato só se torna político pela mediação da imprensa. Se 20 índios ianomâmis são assassinados e ninguém ouve falar, o crime não se torna um fato político. Caso apareça na televisão, o que era um mistério da floresta torna-se um problema mundial.
*Adaptado de Fernando Gabeira, **Folha de S.Paulo**.*
a) Explique a distinção, explorada no texto, entre dois tipos de fatos: um, relacionado a “mistério da floresta”; outro, relacionado a “problema mundial”.
b) Reescreva os dois períodos finais do texto, começando com “Se 20 índios fossem assassinados...” e fazendo as adaptações necessárias.

67) (FVG - SP-2007) Assinale a alternativa em que os verbos prever, intervir, propor e manter estão corretamente conjugados.
a) Previu / interviu / propuser / mantesse.
b) Prevesse / intervisse / proposse / mantesse.
c) Previu / interveio / propusesse / mantera.
d) Preveu / intervim / propuser / mantivesse.
e) Previsse / intervier / propusesse / mantinha.

68) (FVG - SP-2007) Assinale a alternativa em que os verbos **impregnar**, **optar**, **suar** e **estrear** preenchem corretamente as lacunas das frases abaixo.
Esse tipo de tinta _____________ de cheiro acre a roupa da loja.
O coronel sempre _____________ pelo praça de maior destreza para dirigir a viatura.
Nos dias de calor, ele _____________ o demais; por isso. o ar condicionado do carro.
O cantor _____________ no teatro da Barra ontem, à noite. Um sucesso!
a) Impreguina, opta, sua, estreiou.
b) Impregna, opta, soa, estreiou.
c) Impregna, opta, sua, estreou.
d) Impreguina, opita, soa, estreiou.
e) Impregna, opita, sua, estreiou.

69) (FVG - SP-2007)
Pastora de nuvens, fui posta a serviço por uma campina tão desamparada que não principia nem também termina, e onde nunca é noite e nunca madrugada.
(Pastores da terra, vós tendes sossego, que olhais para o sol e encontrais direção. Sabeis quando é tarde, sabeis quando é cedo. Eu, não.)
Cecilia Meireles
Esse trecho faz parte de um poema de Cecília Meireles, intitulado *Destino*, uma espécie de profissão de fé da autora.

O tratamento utilizado na 2ª estrofe do poema se caracteriza por ser
a) indireto de 3ª pessoa do singular.
b) direto de 1ª pessoa do singular.
c) direto de 2ª pessoa do plural.
d) indireto de 2ª pessoa do plural.
e) direto de 3ª pessoa do plural.

70) (Gama Filho-1997) Eu amo a noite solitária e muda,
Quando no vasto céu fitando os olhos,
Além do escuro, que lhe tinge a face,
Alcanço deslumbrado
Milhões de sóis a divagar no espaço,
Como em salas de esplêndido banquete
Mil tochas aromáticas ardendo
Entre nuvens d'incenso!
(...)
Eu amo a noite solitária e muda;
Como formosa dona em régios paços,
Trajando ao mesmo tempo luto e galas
Majestosa e sentida;
Se no dó atentais, de que se enluta,
Certo **sentis** pesar de a ver tão triste;
Se o rosto lhe **fitais,** sentis deleite
De a ver tão bela e grave!
Gonçalves Dias - "A Noite"

"fitais/sentis"
Passando as formas verbais acima para a 3ª pessoa do plural do imperativo afirmativo, teremos, respectivamente:
a) fitem - sintam.
b) fitem - sentissem.
c) fitai - senti.
d) fitam - sentem.
e) fitam - sintam.

71) (GV-2003) Leia atentamente o texto e responda à questão que a ele se refere.

Pode-se abordar o estudo das organizações asseverando a unicidade de toda estrutura social e evitando qualquer generalização, até que se tenha à mão prova empírica de similaridade bem aproximada. Foi esse o ponto de vista aconselhado à equipe de pesquisa da Universidade de Michigan pelos líderes de quase todas as organizações estudadas.- Nossa organização é única; de fato, não podemos ser comparados a qualquer outro grupo, declarou um líder ferroviário. Os ferroviários viam seus problemas organizacionais como diferentes de todas as demais classes; o mesmo acontecia com os altos funcionários do governo. Os dirigentes das companhias de seguros reagiam da mesma forma, o que também era feito pelos diretores de empresas manufatureiras, grandes e pequenas.
Entretanto, no momento em que começavam a falar de seus problemas, as reivindicações que faziam de sua unicidade tornavam-se invalidadas. Através de uma análise de seus problemas teria sido difícil estabelecer diferença entre o diretor de uma estrada de ferro e um alto funcionário público, entre o vice-presidente de uma companhia seguradora e seu igual de uma fábrica de automóveis. Conquanto haja aspectos únicos em qualquer situação social, também existem padrões comuns e, quanto mais nos aprofundamos, maiores se tornam as similaridades genotípicas.
Por outro lado, o teorista social global pode ficar tão envolvido em certas dimensões abstratas de todas as situações sociais que ele será incapaz de explicar as principais origens de variação em qualquer dada situação. O bom senso indica para esse problema a criação de uma tipologia. Nesse caso, são atribuídos às organizações certos tipos a respeito dos quais podem ser feitas generalizações. Assim, existem organizações voluntárias e involuntárias, estruturas democráticas e autocráticas, hierarquias centralizadas e descentralizadas, associações de expressão e aquelas que agem como instrumentos. As organizações são classificadas de maneira ainda mais comum, de acordo com suas finalidades oficialmente declaradas, tais como educar, obter lucros, promover saúde, religião, bem-estar, proteger os interesses dos trabalhadores e recreação.
Adaptado de KATZ, Daniel e KAHN, Robert L., p. 134-135. Psicologia Social das Organizações. São Paulo: Atlas, 1970.
Obs.: Asseverando significa afirmando com certeza, assegurando.

Observe o seguinte período: “Nesse caso, são atribuídos às organizações certos tipos a respeito dos quais podem ser feitas generalizações”. Nele, ocorre voz passiva analítica; a voz ativa correspondente está indicada em:
a) Nesse caso, são atribuídos (por alguém) certos tipos a respeito dos quais podem fazer-se certas generalizações.

b) Nesse caso, (alguém) pode atribuir às organizações certos tipos a respeito dos quais podem ser feitas generalizações.
c) De fato, (alguém) não pode nos comparar a qualquer outro grupo.
d) Nesse caso, (alguém) atribui às organizações certos tipos a respeito dos quais (alguém) pode fazer generalizações.
e) Nesse caso, atribuem-se às organizações certos tipos a respeito dos quais se podem fazer generalizações.

72) (GV-2003) Em qual das alternativas **não** há a necessária correlação temporal das formas verbais?

a) A festa aconteceu no mesmo edifício em que transcorrera o passamento de José Mateus, vinte anos antes.
b) Quando Estela descer da carruagem, poderia acontecer-lhe uma desgraça se o cocheiro não dispuser adequadamente o estribo.
c) Tendo visto o pasto verde, o cavalo pôs-se a correr sem que alguém pudesse controlá-lo.
d) Pelo porte, pelo garbo, todos perceberam que Antônio Sé fora militar de alta patente.
e) Se o policial não tivesse intervindo a tempo, teria ocorrido a queda do canhão.

73) (GV-2003) Assinale a alternativa em que todos os verbos estejam empregados de acordo com a norma culta.

a) Você quer, depois de tudo o que me fez, que eu vou ao jantar com sua amiga?
b) Não faz isso, que os meninos estão para chegar e eu ainda não preparei o almoço.
c) Tende dó, meus filhos! Todos nós, pecadores, estamos sujeitos a essas tentações. Tende dó!
d) Quem haveria de dizer que ele pode vim fazer esse conserto sem nenhuma dificuldade?
e) Sai, que esse dinheiro é meu. Não me venha dizer que o viu primeiro.

74) (IBMEC-2006) Sapos, desculpas e proxenetas
Do “vão ter que me engolir” à cafetina Jane:
fecundos capítulos da novela do mensalão
(fragmento)
Em Zagallo já era feio. O então técnico da seleção tinha o rosto transtornado de fúria, a voz cheia de rancor, e encarava a câmera de TV com ganas de pit bull ferido, quando despejou sua famosa frase: “ VOCÊS VÃO TER QUE ME ENGOLIR!”. No presidente da República fica muito pior. O “eles vão ter que engolir” destinado pelo presidente Lula aos adversários na semana passada inscreve-se na galeria das grandes grosserias já disparadas pelos presidentes do Brasil. Lembra o “Me esqueçam” do general João Figueiredo quando, em sua última entrevista como presidente, o jornalista Alexandre Garcia lhe perguntou que palavras gostaria de endereçar naquele momento ao povo brasileiro. Com a ameaça de adentrar goela abaixo de uma parcela de brasileiros, o “Lulinha paz e amor” dava abrupta marcha a ré em direção aos tempos espinhudos do sapo barbudo.
O presidente Lula tem andado exaltado em seus pronunciamentos. Um dia diz que “ninguém tem mais moral e ética” do que ele, no outro que a “elite brasileira” não vai fazê-lo baixar a cabeça. Por duas vezes, bateu na tecla de que, se se deve investigar até o fim as denúncias que sacodem o país e punir os culpados, deve-se, também, absolver os inocentes e pedir-lhes desculpas. “Que pelo menos a imprensa brasileira divulgue e peça desculpas àqueles que foram acusados injustamente”, disse, no mesmo discurso do “vão ter que me engolir”. É nessa hora que eleva o tom de voz e embica num fraseado compassado, sinal para a claque dos comícios de que é hora de aplaudir. Fica a impressão de que a pregação que veio antes, de punição aos culpados, foi, além de obrigatório tributo à obviedade, mero contraponto ao apelo à absolvição, o ponto que realmente interessa ao presidente. “Vamos inocentar!”, isso, na verdade, é o que ele mais está querendo dizer.
(TOLEDO, Roberto Pompeu de. Revista Veja*. Ensaio. São Paulo. Editora Abril. Ano 38, Nº- 32, 10 de agosto de 2005. p.142)*

Assinale a alternativa que apresenta exemplo de verbo usado no sentido figurado caracterizando predicado nominal.
a) “‘Vamos inocentar!’”
b) “‘eles vão ter que engolir’”
c) “O presidente Lula tem andado exaltado em seus pronunciamentos.”
d) “... quando despejou sua famosa frase...”
e) “... ‘ninguém tem mais moral e ética’ do que ele...”

75) (IBMEC-2006) JUVENTUDE ENCARCERADA
“Não adianta vocês fazerem rebeliões e quebrarem tudo porque dinheiro para realizar reformas e prendê-los aparece repidamente”. Ao fazer essa declaração em caráter informal a um adolescente que cumpria medida sócio-educativa de internação, jamais poderia imaginar que essa mensagem passaria a nortear suas atitudes dali em diante.
As experiências vividas em unidades de internação e de semiliberdade do Degase (Departamento Geral de Ações Sócio-Educativas), órgão responsável pelos adolescentes em cumprimento de medidas sócio-educativas no Estado do Rio de Janeiro, respaldam minhas palavras sobre o tema em voga na mídia: a redução da maioridade penal para 16 anos.
Poderia falar de vários fatos para justificar a minha opinião contrária à redução da maioridade penal e também da adoção do Direito Penal Juvenil. Ambas, a meu ver, destoam das conquistas da sociedade brasileira garantidas

pelo Estatuto da Criança e do Adolescente e por outros diplomas.

Adolescentes são apresentados à sociedade como mentores de crimes hediondos, traficantes perigosos, perturbadores da ordem pública e outras qualificações que em nada renovam as expressões utilizadas no início do século passado para justificar o encarceramento de adolescentes oriundos de classes populares.

A triste conclusão a que chego é a de que, infelizmente, não há um plano de inclusão na sociedade brasileira para essa enorme população de crianças e adolescentes originários das classes menos favorecidas. Portanto, surgem como alternativas o encarceramento, o extermínio e a exploração sexual e do trabalho dessa população.

Estamos sensibilizados com a dor dos pais dos jovens assassinados em São Paulo, no Rio de Janeiro, no Maranhão e em todos os recantos deste Brasil onde crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos são assassinados diariamente por pessoas de todas as classes sociais que se organizam em quadrilhas para ceifar vidas pelos motivos mais fúteis.

Quando tomo conhecimento de notícias envolvendo adolescentes e até mesmo crianças pergunto-me: quem estará semeando o desamor nesses corações? Por que não conseguimos impedir que os mentores dessa tragédia continuem atuando? Por que servimos banquetes a corruptos? Por que não anistiamos os adolescentes que cometeram atos leves e não reincidiram para que possamos cuidar com responsabilidade de casos mais graves? Por que as instituições responsáveis pelo atendimento não têm atenção devida do estado e de toda a sociedade?

"— É verdade, seu Sidney, para prender a gente o dinheiro aparece rapidinho. Eu não me meto nessa furada. Eu vou é pra escola."

Ele foi para a escola, não aconteceu a rebelião e a sociedade ganhou mais um crítico do sistema. Jogado no sistema penitenciário, aquele jovem não teria tempo para desenvolver sua consciência crítica. Reduzir a maioridade penal significa, também, anular a possibilidade de corrigirmos nossas falhas pelo desrespeito aos direitos de todas as crianças e adolescentes do Brasil.

(Silva, Sidney Teles da. "Revista Ocas" saindo das ruas. Número 19, fevereiro de 2004, p. 30)

O uso de verbos e pronomes na primeira pessoa do plural, no sexto parágrafo, evidencia, analogicamente, que o "nós" é equivalente a:

a) o Estado.
b) o sistema penitenciário.
c) a sociedade.
d) as instituições responsáveis.
e) a família.

76) (IBMEC-2006) Assinale a alternativa **correta** quanto ao emprego das formas verbais.

a) Para vires à minha casa, é preciso que vires à direita logo que vires a creche municipal.
b) O advogado interviu no depoimento posto que as acusações voltavam-se contra seu cliente.
c) Aceitaremos a proposta se ela nos convir.
d) Pagarei minha dívida se eu reaver a soma roubada.
e) O lançamento errado será facilmente encontrado se todos refazerem as contas.

77) (IBMEC-2007) Não há erro de conjugação verbal na alternativa

a) Os ambientalistas vêm com bons olhos as causas indígenas.
b) Por falta de oportunidade, o funcionário não interviu nos comentários do consultor.
c) Se a testemunha depor a favor do réu, certamente ele será absolvido.
d) Eles reaveram tudo o que tinham perdido.
e) Se eu dispusesse de algum dinheiro, poderia ajudá-lo.

78) (IBMEC - SP-2007) Verbos defectivos não têm a conjugação completa.

Leia atentamente os períodos a seguir e assinale a alternativa em que o verbo, por ser defectivo, não pode ser conjugado na l.ª pessoa do singular do presente do indicativo, nem no presente do subjuntivo.

a) Creio que eu ________ mais que isso. (valer)
b) Como presidente desta organização, eu ______________ o 1.° artigo do Regimento. (abolir)
c) Eu sempre coube neste lugar. Por que dizem que eu não ________ agora? (caber)
d) Eu me ___________a todo instante. (contradizer)
e) Hoje mesmo eu ___________ minha matrícula nesta escola. (requerer)

79) (IBMEC - SP-2007) Samba do avião
(Tom Jobim)

Minha alma canta
Vejo o Rio de Janeiro
Estou morrendo de saudades
Rio, seu mar, praias sem fim,
Rio, você foi feito pra mim
Cristo Redentor
Braços abertos sobre a Guanabara
Este samba é só porque
Rio, eu gosto de você
A morena vai sambar
Seu corpo todo balançar
Rio de sol, de céu, de mar
Dentro de um minuto
estaremos no Galeão
Rio de Janeiro,

Rio de Janeiro,
Rio de Janeiro,
Rio de Janeiro,
Cristo Redentor
Braços abertos sobre a Guanabara
Este samba é só porque
Rio, eu gosto de você
A morena vai sambar
Seu corpo todo balançar
Aperte o cinto vamos chegar
Água brilhando, olha a pista chegando
E vamos nós
aterrar

Levando em consideração o contexto, de acordo com a norma culta, os versos "Aperte o cinto vamos chegar/ Água brilhando, olha a pista chegando", deveriam ser substituídos por:
a) Aperta o cinto vamos chegar/ Água brilhando, olhe a pista chegando
b) Aperte o cinto vamos chegar/ Água brilhando, olhe a pista chegando
c) Aperte o cinto vamos chegar/ Água brilhando, olha a pista chegando
d) Aperta o cinto vamos chegar/ Água brilhando, olha a pista chegando
e) Apertas o cinto vamos chegar/ Água brilhando, olhas a pista chegando

80) (IBMEC - SP-2007) Luísa, ao voltar para casa, veio a refletir naquela cena. Não - pensava -, já não era a primeira vez que ele mostrava um desprendimento muito seco por ela, pela sua reputação, pela sua saúde! Queria-a ali todos os dias, egoistamente. Que as más línguas falassem; que as soalheiras a matassem, que lhe importava? E para quê?... Porque enfim, saltava aos olhos, ele amava-a menos... As suas palavras, os seus beijos arrefeciam cada dia, mais e mais!... Já não tinha aqueles arrebatamentos do desejo em que a envolvia toda numa carícia palpitante, nem aquela abundância de sensação que o fazia cair de joelhos com as mãos trêmulas como as de um velho!... Já se não arremessava para ela, mal ela aparecia à porta, como sobre uma presa estremecida!... Já não havia aquelas conversas pueris, cheias de risos, divagadas e tontas, em que se abandonavam, se esqueciam, depois da hora ardente e física, quando ela ficava numa lassitude doce, com o sangue fresco, a cabeça deitada sobre os braços nus! - Agora! Trocado o último beijo, acendia o charuto, como num restaurante ao fim do jantar! E ia logo a um espelho pequeno que havia sobre o lavatório dar uma penteadela no cabelo com um pentezinho de algibeira. (O que ela odiava o pentezinho!) Às vezes até olhava o relógio!... E enquanto ela se arranjava não vinha, como nos primeiros tempos, ajudá-la, pôr-lhe o colarinho, picar-se nos seus alfinetes, rir em volta dela, despedir-se com beijos apressados da nudez dos seus ombros antes que o vestido se apertasse. Ia rufar nos vidros - ou sentado, com um ar macambúzio, bamboleava a perna!
E depois positivamente não a respeitava, não a considerava... Tratava-a por cima do ombro, como uma burguesinha, pouco educada e estreita, que apenas conhece o seu bairro. E um modo de passear, fumando, com a cabeça alta, falando no "espírito de madame de tal", nas "toaletes da condessa de tal"! Como se ela fosse estúpida, e os seus vestidos fossem trapos! Ah, era secante! E parecia, Deus me perdoe, parecia que lhe fazia uma honra, uma grande honra em a possuir...
Imediatamente lembrava-lhe Jorge, Jorge
que a amava com tanto respeito! Jorge, para quem ela era decerto a mais linda, a mais elegante, a mais inteligente, a mais cativante!... E já pensava um pouco que sacrificara a sua tranqüilidade tão feliz a um amor bem incerto!
Enfim, um dia que o viu mais distraído, mais frio, explicou-se abertamente com ele. Direita, sentada no canapé de palhinha, falou com bom senso, devagar, com um ar digno e preparado: Que percebia bem que ele se aborrecia; que o seu grande amor tinha passado; que era portanto humilhante para ela verem-se nessas condições, e que julgava mais digno acabarem...
Basílio olhava-a, surpreendido da sua solenidade; sentia um estudo, uma afetação naquelas frases; disse muito tranqüilamente, sorrindo:
- Trazias isso decorado!
Luísa ergueu-se bruscamente; encarou-o, teve um movimento desdenhoso dos lábios.
- Tu estás doida, Luísa?
- Estou farta. Faço todos os sacrifícios por ti; venho aqui todos os dias; comprometo-me, e para quê? Para te ver muito indiferente, muito secado...
- Mas meu amor...
Ela teve um sorriso de escárnio.
- Meu amor! Oh! São ridículos esses fingimentos!
Basílio impacientou-se.
- Já isso cá me faltava, essa cena! - exclamou impetuosamente. E cruzando os braços diante dela: - Mas que queres tu? Queres que te ame como no teatro, em São Carlos? Todas sois assim! Quando um pobre diabo ama naturalmente, como todo o mundo, com o seu coração, mas não tem gestos de tenor, aqui del rei que é frio, que se aborrece, é ingrato... Mas que queres tu? Queres que me atire de joelhos, que declame, que revire os olhos, que faça juras, outras tolices?
- São tolices que tu fazias...
- Ao princípio! - respondeu ele brutalmente. - Já nos conhecemos muito para isso, minha rica.
E havia apenas cinco semanas!
- Adeus! - disse Luísa.
(Eça de Queirós, O primo Basílio)
Analise as formas verbais destacadas nos fragmentos a seguir:
I. “E já pensava um pouco que sacrificara a sua tranqüilidade tão feliz a um amor bem incerto!”

II. “Que percebia bem que ele se aborrecia; que o seu grande amor tinha passado...”
É correto afirmar que
a) todos os verbos estão conjugados no pretérito imperfeito do modo indicativo e expressam a idéia de ação concluída.
b) “pensava”, ao contrário de “sacrificara”, expressa, no texto, uma ação habitual no passado.
c) os dois verbos destacados no enunciado I expressam eventos posteriores à fala da personagem.
d) “sacrificara” está conjugado no mesmo tempo verbal que “tinha passado”: pretérito mais que perfeito do modo indicativo.
e) “percebia” reforça a noção de simultaneidade e “aborrecia” revela a idéia de anterioridade a “tinha passado”.

81) (IME-1996) a) Nas frases a seguir há erros ou impropriedades. Reescreva-as e justifique a correção.
"A polícia não interviu a tempo de evitar o roubo."
b) "Havia bastante razões para confiarmos no teu amigo."

82) (IME-1996) Nas frases a seguir há erros ou impropriedades. Reescreva-as e justifique a correção.
a) "Se você requeresse e o seu amigo intervisse, talvez você reavesse esses bens."
b) "A algum tempo, São Paulo era quasi uma provincia."

83) (IME-1996) Nas frases a seguir há erros ou impropriedades. Reescreva-as e justifique a correção.

a) "Enviamos anexo os dados solicitados por V. Sa. e nos colocamos à vossa inteira disposição para qualquer outros pedidos."
b) "O diretor havia aceito a tarefa de reformar a escola."

84) (ITA-2002) O trecho publicitário a seguir apresenta uma transgressão gramatical bastante comum:

Esta empresa se preocupa com economia de energia muito antes que você se preocupasse com isso.

Leia as frases abaixo e assinale a opção adequada ao padrão formal da língua:
I. Esta empresa se preocupava com energia muito antes que você se preocupasse com isso.
II. Esta empresa se preocuparia com economia de energia muito antes que você se preocupasse com isso.
III. Esta empresa se preocupou com economia de energia muito antes que você se preocupe com isso.
IV. Esta empresa se preocupara com economia de energia muito antes que você se preocupasse com isso.
V. Esta empresa se preocupa com economia de energia muito antes que você tivesse se preocupado com isso.

a) Apenas I.
b) I, II e III..
c) I e III.
d) II, III e V.
e) II e IV

85) (ITA-2002) Ela saltou no meio da roda, com os braços na cintura, rebolando as ilhargas e bamboleando a cabeça, ora para a esquerda, ora para a direita, como numa sofreguidão de gozo carnal, num requebrado luxurioso que a punha ofegante; já correndo de barriga empinada; já recuando de braços estendidos, a tremer toda, como se fosse afundando num prazer grosso que nem azeite, em que se não toma pé e nunca encontra fundo. Depois, como se voltasse à vida soltava um gemido prolongado, estalando os dedos no ar e vergando as pernas, descendo, subindo, sem nunca parar os quadris, e em seguida sapateava, miúdo e cerrado, freneticamente, erguendo e abaixando os braços, que dobrava, ora um, ora outro, sobre a nuca enquanto a carne lhe fervia toda, fibra por fibra, titilando.
(AZEVEDO, Aluísio. O Cortiço, 25ª ed. São Paulo, Ática, 1992, p. 72-3.)

Neste trecho, o efeito de movimento rápido é obtido por verbos empregados no tempo ou modo:
a) pretérito perfeito do indicativo.
b) pretérito imperfeito do subjuntivo.
c) presente do indicativo.
d) infinitivo.
e) gerúndio.

86) (ITA-2001) Os versos abaixo são da letra da música Cobra, de Rita Lee e Roberto de Carvalho:

Não me cobre ser existente
Cobra de mim que sou serpente

Com relação ao emprego do imperativo nos versos, podemos afirmar que
a) a oposição imperativo negativo e imperativo afirmativo justifica a mudança do verbo cobre/cobra.
b) a diferença de formas (cobre/cobra) não é registrada nas gramáticas normativas, portanto há inadequação na flexão do segundo verbo (cobra).
c) a diferença de formas (cobre/cobra) deve-se ao deslocamento da 3ª para a 2ª pessoa do sujeito verbal.
d) o sujeito verbal (3ª pessoa) mantém-se o mesmo, portanto o emprego está adequado.
e) o primeiro verbo no imperativo negativo opõe-se ao segundo verbo que se encontra no presente do indicativo.

87) (ITA-1996) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas.
Se________ as conseqüência, não________na discussão. Entretanto não________, e________.
a) previsse - teria intervindo - titubeou - interveio.
b) prevesse - interviria - se conteve - interviu.
c) tivesse previsto - interferiria - hesitou - interviu.
d) predissesse - teria intervido - se absteve - interveio
e) previsse - se intrometeria - titubiou - interferiu.

88) (ITA-1998) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas.
Quando os dirigentes______ às funcionárias que se______ das cervejinhas e que____ seus passatempos e diversões_____ , muitas delas não se_________ ; pegaram seus pertences e retiraram-se.

a) proporam - abstessem - revessem - preferidos - contiveram
b) propuseram - abstivessem - revissem - preferidos - conteram
c) proporam - abstenham - revejam - preferidas - conteram
d) proporem - abstenhem - revejam - preferidos - contêm
e) propuseram - abstivessem - revissem - preferidos - contiveram

89) (ITA-1998) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.
I._______ os amigos, jamais ________ sua atenção e confiança.
II. _______dos políticos que dizem que os recursos públicos não ________do povo.
a) destratando - se granjeiam - divirjamos - provêm
b) distratando - se granjeiam - divirjamos - provêm
c) distratando - granjeamos - diverjamos - provêem
d) destratando - grangeamos - divirjamos - provêem
e) distratando - se granjeia - diverjamos - provêm

90) (ITA-1995) Indique a alternativa em que há erro gramatical:
a) Eles se entreteram, contando piadas.
b) Entrevi uma solução em todo este emaranhado.
c) Para que não caiais em tentação, rezai.
d) Ele se proveu do necessário e partiu.
e) Quando o vir de novo, reconhecê-lo-ei.

91) (ITA-2003) João e Maria
Agora eu era herói
E o meu cavalo só falava inglês
A noiva do cawboy
Era você além das outras três
Eu enfrentava os batalhões
Os alemães e os seus canhões
Guardava o meu bodoque
Ensaiava o rock
Para as matinês (...)
(CHICO BUARQUE DE HOLANDA)

Quanto ao tempo verbal, é CORRETO afirmar que, no texto anterior,
a) a relação cronológica, no primeiro verso, entre o momento da fala e “ser herói” é de anterioridade.
b) o pretérito imperfeito indica um processo concluído num período definido no passado.
c) o pretérito imperfeito é usado para instaurar um mundo imaginário, próprio do universo infantil.
d) o conflito entre a marca do presente - no advérbio “agora” - e a do passado - nos verbos - leva à intemporalidade.
e) o pretérito imperfeito é usado para exprimir cortesia.

92) (Mack-2002) Embalo da canção
01 Que a voz adormeça
02 que canta a canção!
03 Nem o céu floresça
04 nem floresça o chão.

05 (Só - minha cabeça,
06 Só - meu coração.
07 Solidão.)

08 Que não alvoreça
09 nova ocasião!
10 Que o tempo se esqueça
11 de recordação!

12 (Nem minha cabeça
13 nem meu coração.
14 Solidão!)
Cecília Meireles

Assinale a alternativa correta sobre o texto.
a) As formas verbais presentes na primeira estrofe expressam certezas.
b) A redundância de paralelismos concretiza o ritmo sugerido no título do poema.
c) O uso dos travessões (versos 5 e 6) atenua o sentido de solidão.
d) Na terceira estrofe, a recordação do passado é ironizada pelo eu.
e) Na terceira estrofe, nova ocasião e recordação referem-se a experiências vividas num mesmo momento do passado.

93) (Mack-2002) Tanto de meu estado me acho incerto,
Que em vivo ardor tremendo estou de frio;
Sem causa, juntamente choro e rio;
O mundo todo abarco e nada aperto.
Camões

No verso *Que em vivo ardor tremendo estou de frio* **NÃO** ocorre:
a) paradoxo.
b) ordem inversa dos termos na oração.
c) relação de conseqüência com a oração anterior.
d) emprego de verbo no gerúndio.
e) equivalência sintática entre *de frio* e “poema **de Camões**”.

94) (Mack-2001) A MENINA E A CANTIGA
... trarilarára... traríla...
A meninota esganiçada magriça com a sáia voejando por cima dos joelhos em nó vinha meia dansando cantando no crepúsculo escuro. Batia compasso com a varinha na poeira da calçada.
... trarilarára... traríla...
De repente voltou-se prá negra velha que vinha trôpega atrás, enorme trouxa de roupas na cabeça:
- Qué mi dá, vó?
- Naão.
... trarilarára... traríla...
Mário de Andrade

De repente voltou-se prá negra velha que vinha trôpega atrás, enorme trouxa de roupas na cabeça.
O fragmento acima apresenta:
a) aliteração expressiva, que intensifica o modo de andar da personagem.
b) antítese na caracterização da negra velha.
c) eufemismo na caracterização de trouxa de roupas.
d) uso de expressão irreverente na caracterização da avó.
e) tempo e modo verbais que expressam ações contínuas no passado.

95) (Mack-1996) Assinale a alternativa que apresenta total correção quanto a ortografia e à acentuação ortográfica dos verbos destacados.
a) Quando você o VIR, notará que, no passado, ele creu nos homens, já PÔDE portanto, ser feliz um dia.
b) Os tios PROVÊM a casa com alimentos e frutas, convém que as crianças dêem valor a tudo.
c) Ele INTERVEIO na discussão para que nós REAVÊSSEMOS o dinheiro perdido e VÍSSEMOS uma saída.
d) Se você REPUSER o que gastou, prometo que o advogado não mais INTERVIRÁ em nossas vidas, como também DESFAZERÁ os mal-entendidos com a sua família.
e) Hoje, enquanto ENXAGÚO a louça, ABENÇÔO a água e REÚNO forças para enfrentar a luta.

96) (Mack-1997) I - Quando ele vir para cá e ver que os convidados ainda não chegaram, ficará desapontado.
II - Ele não interviu na discussão, porque era amigo de ambos.
III - Quando o governo propor reformas, o Congresso deverá ponderar muito antes de votá-las.

Quanto aos períodos anteriores, assinale:
a) se apenas I está correta.
b) se todas estão incorretas.
c) se apenas II está correta.
d) se apenas III está correta.
e) se todas estão corretas.

97) (Mack-2005) 01 Aurélia pousara a mão no ombro do marido (...), colocou-se
02 diante de seu cavalheiro e entregou-lhe a cintura mimosa.
03 Era a primeira vez, e já tinham mais de seis meses de casados; era
04 a primeira vez que o braço de Seixas enlaçava a cintura de Aurélia. Explica-
05 se pois o estremecimento que ambos sofreram ao mútuo contacto (...).
06 As senhoras não gostam da valsa, senão pelo prazer de
07 sentirem-se arrebatadas no turbilhão.(...) Mas é justamente aí que o
08 está perigo. Esse enlevo inocente da dança entrega a mulher
09 palpitante, inebriada, às tentações do cavalheiro, delicado embora,
10 mas homem, que ela sem querer está provocando com o casto requebro
11 de seu talhe e traspassando com as tépidas emanações de seu corpo.
José de Alencar

Assinale a alternativa correta.
a) No primeiro parágrafo, entregou é forma verbal que expressa ação realizada no passado antes de outra ocorrida também no passado.
b) O advérbio já (linha 03) está empregado com o mesmo sentido de “ainda”.
c) As expressões de Seixas (linha 04), de Aurélia (linha 04) e da valsa (linha 06) exercem a mesma função sintática: objeto indireto.
d) Substituindo senão (linha 06) por “unicamente”, o sentido original não é prejudicado.
e) O emprego de justamente (linha 07) revela o desejo de precisão na indicação feita.

98) (Mack-2004) Euclides da Cunha morreu, aos 43 anos de idade, em 15 de agosto de 1909, por volta das dez e meia de uma manhã chuvosa de domingo, em tiroteio com os cadetes Dinorá e Dilermando Cândido de Assis, amante de sua mulher. Saía no mesmo dia a entrevista que dera para Viriato Corrêa, da Ilustração Brasileira, em sua casa na Rua Nossa Senhora de Copacabana. A entrevista foi dada em

um domingo, Viriato e Euclides conversaram, almoçaram e passearam descalços na praia. Era sol e era azul.

Sobre as formas verbais morreu ,saía e dera, é correto afirmar:
a) as ações a que se referem ocorreram na ordem em que as formas aparecem no texto.
b) as duas primeiras expressam ações anteriores à descrita pela última.
c) saía, ao contrário de morreu, expressa, no texto, uma ação habitual no passado.
d) saía reforça a noção de simultaneidade e dera expressa anterioridade em relação a morreu.
e) morreu e dera expressam eventos posteriores ao descrito em saía.

99) (Mack-2004) Texto I
(...) estás sempre aí, bruxo alusivo e zombeteiro,
que revolves em mim tantos enigmas.
Carlos Drummond de Andrade (em poema dedicado a Machado de Assis)

Texto II
Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro
(...). Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; - e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas (...). Há cavalheiros, por exemplo, cuja alma exterior, nos primeiros anos, foi um chocalho ou um cavalinho de pau, e mais tarde uma provedoria de irmandade, suponhamos.
Machado de Assis

Em Há casos e Há cavalheiros (texto II), o verbo "haver" foi usado de forma impessoal, de acordo, portanto, com a norma culta da língua.
Assinale a alternativa em que também se encontra forma verbal adequada a essa norma.
a) Deve haver cavalheiros.
b) Devem haver cavalheiros.
c) Deve existir cavalheiros.
d) Existe cavalheiros.
e) Haviam cavalheiros.

100) (Mack-2006) Capítulo 1
De como Itaguaí ganhou uma casa de Orates
As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua. Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil, não podendo el-rei alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia.
— A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo.
Dito isso, meteu-se em Itaguaí, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência [...]. Foi então que um dos recantos desta [*da medicina*] lhe chamou especialmente a atenção, — o recanto psíquico, o exame da patologia cerebral. Não havia na colônia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante matéria, mal explorada ou quase inexplorada. Simão Bacamarte compreendeu que a ciência lusitana, e particularmente a brasileira, podia cobrir-se de "louros imarcescíveis", — expressão usada por ele mesmo, mas em um arroubo de intimidade doméstica; exteriormente era modesto, segundo convém aos sabedores.
Machado de Assis — O alienista
Obs.: orate = *indivíduo louco*
imarcescível = *que não murcha*

Assinale a alternativa correta.
a) Transpondo-se a frase — A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único (linha 05) para o discurso indireto, a forma correta é: "Ele disse a Sua Majestade: a ciência é o meu emprego único".
b) Para que não se altere o sentido original, considerado o contexto, a oração Dito isso (linha 06) só pode ser desenvolvida desta forma: "Porque disse isso".
c) Em **mal** explorada (linhas 08 e 09), o termo em negrito está empregado de acordo com a norma padrão, assim como em "Ele é notório pelo seu mal humor".
d) O vocábulo compreendeu (linha 09) está corretamente separado em sílabas assim: com-preen-deu.
e) Se o verbo "convir" (linha 11) fosse empregado na terceira pessoa do plural, a forma correta seria "convêm".

101) (Mack-2007) Os ponteiros do relógio imitam as jornadas do Sol e da Lua e a seqüência cíclica das estações do ano. Ninguém acredita, no entanto, na falsa promessa de renovação que eles expressam a cada 12 horas, quando voltam inconseqüentemente ao ponto de partida. O mundo está cheio de ferramentas que enferrujaram, tecidos que desbotaram e cabelos que embranqueceram a mostrar que o tempo avança, não roda, e que ele deixa marcas indeléveis. A humanidade há muito aprendeu que o único instrumento cronométrico digno de confiança é a memória e, para frear a volatilização de suas lembranças e preservar sua noção do tempo, empregou todos os recursos a sua disposição, desde marcas em troncos de árvores até calendários precisos e tratados enciclopédicos de história.
Nas últimas décadas, o advento de outra memória, a dos computadores, teve impactos sem precedentes sobre nossa concepção do tempo. Sem que percebêssemos, um novo ritmo se apossou das mentes e já começa a alterar o comportamento. É ainda cedo para prever as dimensões

da mudança que está a caminho, mas não para refletir sobre sua origem e suas primeiras manifestações.
Luiz Nunes de Oliveira

No texto,
a) o segmento A humanidade há muito aprendeu que o único instrumento cronométrico digno de confiança é a memória (linhas 07 a 09) deve ser lido com tom de severa advertência, como se estivesse explícita a seguinte idéia: "e isso não deve ser esquecido".
b) a correlação entre desde e até (linha 11) foi empregada para caracterizar os recuos da humanidade na construção de seus precisos objetos de medição do tempo.
c) o autor valeu-se da expressão está cheio (linha 05) para denotar, em linguagem coloquial, que as pessoas não suportam mais produzir objetos que se revelam sensíveis à passagem do tempo.
d) a mostrar (linha 06) é oração que introduz a finalidade das ações referidas anteriormente.
e) a caracterização de ferramentas, tecidos (linha 05) e cabelos (linha 06) se realizou com a utilização de verbos que implicam a idéia de processo.

102) (Mack-2007) Quando morre algum dos seus põem-lhe sobre a sepultura pratos, cheios de viandas, e uma rede (...) mui bem lavada. Isto, porque crêem, segundo dizem, que depois que morrem tornam a comer e descansar sobre a sepultura. Deitam-nos em covas redondas, e, se são principais, fazem-lhes uma choça de palma. Não têm conhecimento de glória nem inferno, somente dizem que depois de morrer vão descansar a um bom lugar. (...) Qualquer cristão, que entre em suas casas, dão lhe a comer do que têm, e uma rede lavada em que durma. São castas as mulheres a seus maridos.
Padre Manuel da Nóbrega

Assinale a alternativa correta.
a) Substituindo-se o verbo "crer" pelo verbo "ver", em porque crêem (linha 02), teríamos, de acordo com a norma culta, a forma verbal "vêm".
b) Em Quando morre algum dos seus põem-lhe (linha 01), a forma verbal destacada evidencia caso de sujeito inexistente.
c) A distinção entre os pronomes nos (linha 04) e lhes (linha 05) sinaliza que são diferentes os seres a que se referem.
d) Em São castas as mulheres (linhas 08 e 09), o adjetivo destacado, no contexto em que se insere, significa "especiais".
e) A forma verbal durma (linha 08) pode ser substituída por "possa dormir", sem prejuízo do sentido original.

103) (Mack-2007) José Leal fez uma reportagem na Ilha das Flores, onde ficam os imigrantes logo que chegam. E falou dos equívocos de nossa política imigratória. As pessoas que ele encontrou não eram agricultores e técnicos, gente capaz de ser útil. Viu músicos profissionais, bailarinas austríacas, cabeleireiras lituanas. (...) Tudo gente para o asfalto, "para entulhar as grandes cidades", como diz o repórter.
(...) Mas eu peço licença para ficar imaginando uma porção de coisas vagas, ao olhar essas belas fotografias que ilustram a reportagem. (...) – não, essa gente não vai aumentar a produção de batatinhas e quiabos nem plantar cidades no Brasil Central.
É insensato importar gente assim. Mas o destino das pessoas e dos países também é, muitas vezes, insensato: principalmente da gente nova e países novos. A humanidade não vive apenas de carne, alface e motores. (...) e se o jovem Chaplin quisesse hoje entrar no Brasil acaso poderia? Ninguém sabe que destino terão no Brasil essas mulheres louras, esses homens de profissões vagas. Eles estão procurando alguma coisa: emigraram. Trazem pelo menos o patrimônio de sua inquietação e de seu apetite de vida.
Rubem Braga, Rio de Janeiro, janeiro de 1952

Assinale a alternativa correta.
a) Em onde ficam os imigrantes (linhas 01 e 02), a substituição do pronome relativo por "que" mantém a correção gramatical da frase.
b) Em Ninguém sabe que destino terão no Brasil essas mulheres louras, esses homens de profissões vagas, a substituição do verbo assinalado por "haverão de ter" mantém a correção gramatical da frase.
c) No contexto, as palavras imigrantes (linha 02) e emigraram (linha 17) poderiam, sem prejuízo do sentido original, ser substituídas por "emigrantes" e "imigraram", respectivamente.
d) Nas palavras insensato e imigrar os prefixos assinalados expressam o mesmo sentido.
e) O substantivo que tem a mesma raiz do adjetivo insensato está corretamente grafado assim: "insensatês".

104) (PUC - SP-2007) Leia atentamente o texto abaixo, a fim de responder às duas questões que o seguem.

Yahoo tenta comprar AOL e barrar avanço do Google
O Yahoo negocia com a Time Warner a compra do site America Online (AOL), segundo a revista Fortune. A compra seria uma tentativa de chamar atenção dos investidores e tirar o foco do Google. O Yahoo era líder em buscas na internet até a chegada do Google, que detém o domínio desse mercado.
(O Estado de São Paulo, 30 out. 2006)

Em relação aos verbos destacados no texto, é possível afirmar que
a) todos estão no modo subjuntivo e, por isso, expressam os fatos como possibilidades.

b) todos estão no modo indicativo, no entanto, “seria” expressa o fato como possibilidade.
c) “negocia” e “detém” estão no modo indicativo, ao passo que “seria” e “era” estão no subjuntivo; por isso, os primeiros expressam os fatos como verdades, enquanto os últimos os expressam como possibilidades.
d) “negocia” e “detém” estão no modo imperativo, ao passo que “seria” e “era” estão no modo indicativo; por isso, os primeiros expressam os fatos como ordens, enquanto os últimos os expressam como verdades.
e) “negocia”, “era” e “detém” estão no modo indicativo, ao passo que “seria” está no modo subjuntivo; por isso, os primeiros expressam os fatos como possibilidades, enquanto o último o expressa como verdade.

105) (PUC - SP-2007) Considere o trecho “...que detém o domínio desse mercado”. Se o sujeito do verbo deter estivesse no plural, a escrita correta para o trecho seria
a) ...que detém o domínio desse mercado.
b) ...que detem o domínio desse mercado.
c) ...que detéem o domínio desse mercado.
d) ...que detêm o domínio desse mercado.
e) ...que detêem o domínio desse mercado.

106) (PUCCamp-1995) Indique a frase em que o verbo (indicado entre parênteses) esteja conjugado INCORRETAMENTE.
a) Poderia haver acordo se eles repusessem a quantia gasta indevidamente. (REPOR)
b) Queria pedir-lhe que revisse minha última questão da prova. (REVER)
c) Se eles intervissem com mais calma, não teria ocorrido o tumulto. (INTERVIR)
d) Poderíamos ter ido todos juntos, se coubéssemos no meu carro. (CABER)
e) Se eles sempre nos contradissessem, já esperaríamos seu indeferimento ao projeto, mas nunca houve discordâncias entre nós. (CONTRADIZER)

107) (PUCCamp-1998) A frase em que o verbo está incorretamente conjugado é:

a) O aparelho mal regulado não mói direito os cereais.
b) Até que enfim reouvemos tudo o que havíamos perdido indevidamente.
c) Se você o ver antes de mim, conduza-o ao salão nobre.
d) Eles se mantiveram calados praticamente durante todo o julgamento.
e) Espero que caibamos todos naquele espaço tão restrito.

108) (UECE-2002) OUTRO NOME DO RACISMO

Odeio surtos de bom-mocismo, remorsos súbitos, arrastões morais. Abomino a retórica politicamente correta, paternalismos vesgos, equívocos bem-intencionados.
Assisto pois com fastio e espanto às discussões sobre a implantação de um sistema de cotas, na universidade, para estudantes de pele negra. No Ceará, baseado no mesmo voluntarismo míope, tramita na Assembléia projeto que garante cotas no vestibular para estudantes da escola pública. As duas propostas padecem do mesmo pecado original: pretendem remediar uma injustiça histórica através de outra.
A perversa desigualdade brasileira tem raízes profundas, construídas ao longo de 500 anos de exploração, preconceito e exclusão. Portanto, não será resolvida na base de decretos e canetadas oficiais. O tal sistema de cotas aponta no alvo errado. Em vez de combater o problema em suas causas primeiras, procura apaziguar nossas consciências cívicas investindo contra o que, na verdade, é só uma conseqüência.
Se queremos, de fato, estabelecer políticas compensatórias a favor dos excluídos, que apontemos então nossa indignação para o coração da desigualdade: é preciso investir maciçamente na educação básica, elevando efetivamente o nível da escola pública.
Ao adotarmos cotas e cursinhos pré-universitários exclusivos para negros, estaríamos na verdade estabelecendo um retrocesso histórico, institucionalizando o questionável conceito de raça. Ressuscitaríamos assim, quem sabe, as teses de Nina Rodrigues. Reforçaríamos a idéia anacrônica de que as raças são naturais e, por conseqüência, que uma pode realmente ser superior às outras. Assim, só alimentaríamos ainda mais o preconceito. Oficializaríamos o gueto e a discriminação.
Os adeptos da idéia se defendem com nova pérola do pensamento politicamente correto. Falam de uma tal ''discriminação positiva''. Em bom português, não passa de uma outra forma de racismo. Um racismo às avessas. Mas o mais puro e insuportável racismo.
(Lira Neto. O POVO: 14/9/2001)

Sobre o uso dos tempos verbais no quinto parágrafo , pode-se afirmar:
I. o futuro do pretérito poderia ser substituído pelo futuro do presente sem prejuízo para o sentido do texto
II. a alta freqüência de formas verbais no futuro do pretérito imprime às informações um caráter de possibilidades remotas, o que reforça o espanto revelado pelo autor no segundo parágrafo
III. no discurso de Nina Rodrigues, que é referido pelo autor, as formas do presente do indicativo - *são* e *pode* (...) *ser* - expressam verdades universais
Está correto o que se afirma
a) em I e II
b) apenas em II
c) apenas em III

d) em II e III

109) (UECE-1996) PARA QUEM QUER APRENDER A GOSTAR

01 "Talvez seja tão simples, tolo e natural que você nunca tenha parado para pensar: aprenda a fazer bonito o seu amor. Ou fazer o seu amor ser ou ficar bonito. Aprenda, apenas, a tão difícil arte de amar bonito. Gostar é tão fácil que ninguém aceita aprender.

02 Tenho visto muito amor por aí. Amores mesmo, bravios, gigantescos, descomunais, profundos, sinceros, cheios de entrega, doação e dádiva. Mas esbarram na dificuldade de se tornar bonitos. Apenas isso: bonitos, belos ou embelezados, tratados com carinho, cuidado e atenção. Amores levados com arte e ternura de mãos jardineiras.

03 Aí esses amores que são verdadeiros, eternos e descomunais de repente se percebem ameaçados apenas e tão somente porque não sabem ser bonitos: cobram, exigem; rotinizam; descuidam; reclamam; deixam de compreender; necessitam mais do que oferecem; precisam mais do que atendem; enchem-se de razões. Sim, de razões. Ter razão é o maior perigo do amor. Quem tem razão sempre se sente no direito (e o tem) de reivindicar, de exigir justiça, eqüidade, equiparação, sem atinar que o que está sem razão talvez passe por um momento de sua vida no qual não possa ter razão. Nem queira. Ter razão é um perigo: em geral enfeia o amor, pois é invocado com justiça, mas na hora errada. Amar bonito é saber a hora de ter razão.

04 Ponha a mão na consciência. Você tem certeza de que está fazendo o seu amor bonito? De que está tirando do gesto, da ação, da reação, do olhar, da saudade, da alegria do encontro, da dor do desencontro a maior beleza possível? Talvez não. Cheio ou cheia de razões, você espera do amor apenas aquilo que é exigido por suas partes necessitadas, quando talvez dele devesse pouco esperar, para valorizar melhor tudo de bom que de vez em quando ele pode trazer. Quem espera mais do que isso sofre, e sofrendo deixa de amar bonito. Sofrendo, deixa de ser alegre, igual, irmão, criança. E sem soltar a criança, nenhum amor é bonito.

05 Não tema o romantismo. Derrube as cercas da opinião alheia. Faça coroas de margaridas e enfeite a cabeça de quem você ama. Saia cantando e olhe alegre. Recomendam-se: encabulamentos, ser pego em flagrante gostando; não se cansar de olhar, e olhar; não atrapalhar a convivência com teorizações; adiar sempre, se possível com beijos, 'aquela conversa importante que precisamos ter'; arquivar, se possível, as reclamações pela pouca atenção recebida. Para quem ama, toda atenção é sempre pouca. Quem ama feio não sabe que pouca atenção pode ser toda a atenção possível. Quem ama bonito não gasta o tempo dessa atenção cobrando a que deixou de ter.

06 Não teorize sobre o amor (deixe isso para nós, pobres escritores que vemos a vida como a criança de nariz encostado na vitrina cheia de brinquedos dos nossos sonhos); não teorize sobre o amor; ame. Siga o destino dos sentimentos aqui e agora.

07 Não tenha medo exatamente de tudo o que você teme, como: a sinceridade; não dar certo; depois vir a sofrer (sofrerá de qualquer jeito); abrir o coração; contar a verdade do tamanho do amor que sente.

08 Jogue por alto todas as jogadas, estratagemas, golpes, espertezas, atitudes sabidamente eficazes (não é sábio ser sabido): seja apenas você no auge de sua emoção e carência, exatamente aquele você que a vida impede de ser. Seja você cantando desafinado, mas todas as manhãs. Falando besteira, mas criando sempre. Gaguejando flores. Sentindo coração bater como no tempo do Natal infantil. Revivendo os carinhos que intuiu em criança. Sem medo de dizer eu quero, eu gosto, eu estou com vontade.

09 Talvez aí você consiga fazer o seu amor bonito, ou fazer bonito o seu amor, ou bonitar fazendo o seu amor, ou amar fazendo o seu amor bonito (a ordem das frases não altera o produto), sempre que ele seja a mais verdadeira expressão de tudo o que você é, e nunca: deixaram, conseguiu, soube, pôde, foi possível, ser.

10 Se o amor existe, seu conteúdo já é manifesto. Não se preocupe mais com ele e suas definições. Cuide agora da formas. Cuide da voz. Cuide da fala. Cuide do cuidado. Cuide do carinho. Cuide de você. Ame-se o suficiente para ser capaz de gostar do amor e só assim poder começar a tentar fazer o outro feliz".

(TÁVOLA, Arthur da. Para quem quer aprender a amar. In: COSTA, Dirce Maura Lucchetti et al. Estudo de texto: estrutura, mensagem, re-criação. Rio, DIMAC, 1987. P. 25-6)

Flexiona-se como "enfeia", parágrafo 3, o verbo:
a) afiar.
b) agraciar.
c) balbuciar.
d) galantear.

110) (UECE-2002) AS IRACEMAS DO CEARÁ

Em pleno domingo, ao pino do sol, procurávamos, entre o pouco verde que ainda resta, entre as pequenas estradas de Caucaia, a índia que recebera o mesmo nome da virgem dos lábios de mel de José de Alencar. Ao encontrá-la, algumas semelhanças nos vêm à mente. Os cabelos são negros como asa de graúna só que ficam presos no topo da cabeça. O pé é pequeno e grácil, mas não aparece nu e sim calçado em uma chinela de borracha. Está ali uma outra Iracema, está ali também o retrato das índias de agora, longe do traço romanesco do poeta-romancista.Esta Iracema, de sobrenome Matos Mesquita, traça uma história diferente daquela dos seus antepassados (...).Até pouco tempo atrás ensinava os guris da aldeia da Lagoa, embaixo de uma cajazeira. Iracema trocou os livros e as cantigas de meninos para tornar-se agente de saúde. “O trabalho da índia não é mais diferente do da mulher branca. Antes, ela ia para a mata, plantava e fazia artesanato. Agora, algumas vendem frutas e peixes em Fortaleza e outras ou são professoras ou apenas domésticas”, explica Iracema. Da antiga imagem das mulheres de seios de fora, saia de palha e cocar na cabeça resta muito pouco. As mulheres indígenas não esperam mais aquilo que a terra sob os pés tem a oferecer. (...) Apenas algumas índias conhecem a saga da virgem dos lábios de mel. “Nós fomos abandonados como a Iracema do livro. Só que abandonados pelas autoridades. Hoje, a situação está mudando um pouco porque não ficamos mais calados e descobrimos que temos direitos. E estamos lutando por eles”, enfatiza a Iracema dos Tapebas. (Ana Naddaf e Marisa A. de Britto Xavier. O POVO. (18/4/1999)

No texto, que constitui um relato, supõe-se que todos os fatos referidos ocorreram num tempo anterior ao da enunciação (o momento da produção do relato). Considerando-se então a perspectiva das autoras, pode-se dizer que as formas verbais procurávamos, recebera e vêm indicam, respectivamente,

a) passado remoto, passado recente, passado intermediário
b) passado intermediário, passado remoto, presente
c) passado remoto, passado intermediário, presente
d) passado intermediário, passado remoto, passado recente

111) (UECE-2002) HERANÇA

- Vamos brincar de Brasil?
Mas sou eu quem manda
Quero morar numa casa grande
... Começou desse jeito a nossa história.

Negro fez papel de sombra.

E foram chegando soldados e frades
Trouxeram as leis e os Dez-Mandamentos
Jabuti perguntou:
“- Ora é só isso?”

Depois vieram as mulheres do próximo
Vieram imigrantes com alma a retalho
Brasil subiu até o 10º andar

Litoral riu com os motores
Subúrbio confraternizou com a cidade

Negro coçou piano e fez música
Vira-bosta mudou de vida
Maitacas se instalaram no alto dos galhos

No interior
o Brasil continua desconfiado
A serra morde as carretas
Povo puxa bendito pra vir chuva

Nas estradas vazias
cruzes sem nome marcam casos de morte
As vinganças continuam
Famílias se entredevoram nas tocaias

Há noites de reza e cata-piolho

Nas bandas do cemitério
Cachorro magro sem dono uiva sozinho

De vez em quando
a mula-sem-cabeça sobe a serra
ver o Brasil como vai
Raul Bopp

Considerando-se as formas verbais empregadas no poema, constata-se que o pretérito perfeito dialoga com o presente, de modo a permitir a divisão do texto em duas partes: a primeira parte, do verso 1 ao 17 , e a segunda, do verso 18 ao 31 . Sobre essas duas partes podemos afirmar:

a) a primeira retrata a realidade brasileira do tempo da colonização; a segunda, os primeiros anos do século XX
b) a primeira sugere o processo de formação da cultura brasileira; a segunda, a manifestação, no presente, de valores do passado
c) a primeira enfoca o passado numa perspectiva a-histórica; a segunda, o presente em contradição com o passado
d) a primeira focaliza o legado cultural herdado pelo povo brasileiro; a segunda, as marcas de um passado esquecido

112) (UEL-1994) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
Todos esperam que, reaberto o diálogo entre Governo e professores, os ânimos se ....
a) apaziguem.
b) apazigúem.
c) apazigüem.
d) apazíguem.
e) apaziguém.

113) (UEL-1994) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
Assim que ...... o resultado do concurso, ... aqui te informar.
a) vermos - viremos.
b) virmos - viéssemos.
c) vejamos - viéramos.

d) vejamos - viemos.
e) virmos - viremos.

114) (UEL-1994) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
Se os diretores ...... e ...... as partes interessadas, é possível que não mais...... a punição.
a) intervierem - satisfazerem - receemos.
b) intervirem - satisfizerem - receiemos.
c) intervierem - satisfizerem - receemos.
d) intervirem - satisfazerem - receiemos.
e) intervirem - satisfizerem - receemos.

115) (UEL-1996) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
Eles se .... conosco quando os .... em casa para sondar suas intenções.
a) indispuseram - retivemos.
b) indispuseram - retemos.
c) indisporam - retivemos.
d) indisporam - retemos.
e) indispuseram - retêramos.

116) (UEL-1995) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

Se você não .... o que sacou da minha conta e se eu não .... meu crédito junto à gerência, ... responder a um processo.
a) repuser - reaver - caber-lhe-á.
b) repuser - reouver - caber-lhe-á.
c) repor - reouver - couber-lhe-á.
d) repor - reaver - caber-lhe-á.
e) repuser - reouver - couber-lhe-á.

117) (UEL-1995) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

O professor, ... que alguém .... resultados negativos, ... a tempo.
a) receando - previsse - interveio.
b) receiando - prevesse - interveio.
c) receiando - previsse - interviu.
d) receando - prevesse - interviu.
e) receando - previsse - interviu.

118) (UEL-1995) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

Daquela escola .... recursos para que os funcionários se .... contra novas crises e .... a cantina.
a) provieram - precavissem - provissem.
b) provieram - precavessem - provessem.
c) proviram - precavessem - provessem.
d) proviram - precavissem - provissem.
e) provieram - precavissem - provessem.

119) (UEL-1995) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

Tomar medidas tão violentas me ....; creio que melhor .... com toda a diplomacia.
a) parecem imprudentes - seria negociarmos.
b) parece imprudente - seríamos negociar.
c) parece imprudente - seria negociarmos.
d) parecem imprudentes - seríamos negociar.
e) parece imprudente - seríamos negociarmos.

120) (UEL-2006) Filho de Eriberto, o motorista que desmontou o esquema PC Farias e foi peça chave no *impeachment* do presidente Fernando Collor de Mello, André Vinícius colheu bem mais elogios do que hostilidades. Na época, ele tinha cinco anos e não entendia o que acontecia. Sofria, apenas, porque os pais o levavam para dormir com os avós, por precaução. “Eu não gostava da noite porque me separava deles. Era triste”, relembra. Com o tempo, ele passou a ser cumprimentado pela atitude heróica do pai. “Tenho orgulho. Ele foi corajoso. Mexeu com gente importante e era a parte mais fraca. Normalmente, as pessoas falam dele de forma respeitosa. Exceto um ‘seu pai é dedo-duro!’, dito de brincadeira, o resto é elogio.”
(Os filhos do país dos escândalos. In: *Istoé*, n. 1868, p. 40, 30 ago. 2005.)

Assinale a alternativa que transmite apenas idéias de ações realizadas no passado, de forma duradoura e repetitiva.
a) “O motorista que desmontou o esquema PC Farias e foi peça chave”...
b) “Tenho orgulho. Ele foi corajoso”.
c) “Eu não gostava da noite porque me separava deles. Era triste.”
d) “Normalmente, as pessoas falam dele de forma respeitosa.”
e) “Mexeu com gente importante e era a parte mais fraca.”

121) (UEPB-2006) “Se não houver um basta nesta desenfreada corrupção, vamos dar razão a quem afirmou um dia que este país cresce quando a grande maioria dos gestores públicos e políticos **dormem”**.
(Correio da Paraíba, 24/05/05)
Analise a flexão número/pessoal do verbo DORMIR nesse excerto, e, em seguida, assinale a alternativa que justifica corretamente a concordância nas construções partitivas:
a) De acordo com a norma gramatical, a única possibilidade de concordância nas construções partitivas é a flexão do verbo com o adjunto adnominal, de forma que a estrutura citada está correta.

b) De acordo com a norma gramatical, a única possibilidade de concordância nas construções partitivas é a flexão do verbo com o núcleo do sujeito, de forma que a estrutura citada está errada.
c) De acordo com a norma gramatical, o verbo nas construções partitivas tanto pode concordar com o adjunto como com o núcleo do sujeito, de forma que a estrutura citada está correta.
d) A norma gramatical estabelece que nas construções partitivas o verbo deve permanecer sempre no singular, de forma que a estrutura citada está errada.
e) A norma gramatical estabelece que nas construções partitivas o verbo sempre, por atração, concorda com o adjunto, de forma que a estrutura citada está correta.

122) (UFC-1999)

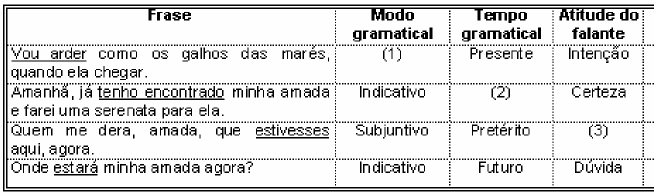

Frase	**Modo gramatical**	**Tempo gramatical**	**Atitude do falante**
Vou arder como os galhos das marés, quando ela chegar.	(1)	Presente	Intenção
Amanhã, já tenho encontrado minha amada e farei uma serenata para ela.	Indicativo	(2)	Certeza
Quem me dera, amada, que estivesses aqui, agora.	Subjuntivo	Pretérito	(3)
Onde estará minha amada agora?	Indicativo	Futuro	Dúvida

Observe o quadro , em que, para cada frase apresentada, são dados o modo e tempo gramaticais, a atitude do falante e a idéia de tempo.

Assinale a opção que completa as lacunas do quadro na seqüência correta:

a) (1) indicativo, (2) presente, (3) dúvida, (4) futuro;
b) (1) subjuntivo, (2) futuro, (3) dúvida, (4) presente;
c) (1) subjuntivo, (2) futuro, (3) intenção, (4) futuro;
d) (1) indicativo, (2) pretérito, (3) desejo, (4) futuro;
e) (1) indicativo, (2) pretérito, (3) desejo, (4) presente.

123) (UFC-2007) Texto 1

Leitor, veja o grande azar   A sua
filha querida
do nordestino emigrante   vai pra
uma iludição
que anda atrás de melhorar   padecer
prostituída
da sua terra distante   na vala da
perdição
nos centros desconhecidos   e além da
grande desgraça
depressa vê corrompidos   das
privações que ela passa
os seus filhos inocentes   que lhe
atrasa e lhe inflama
na populosa cidade   sabe que é
preso em flagrante
de tanta imoralidade   por coisa
insignificante
e costumes diferentes   seu filho a
quem tanto ama

ASSARÉ, Patativa do. Emigração. In: ____. *Cordéis e outros poemas.* Fortaleza: Edições UFC, 2006, p. 114.

Texto 2
Pobre mãe! Mulher da vida, vendendo o corpo por uma migalha! Aquilo, saber daquilo, ouvir falar naquilo, magoava-o fundamente. Mas a mãe era uma mulher boa, limpa, honesta. Que podia fazer? Abandonada no mundo pelos pais que fugiram na seca, errou de casa em casa, molecota solta, sem rumo, sem uma pessoa para cuidar dela. Dizem que era bonita, muito bonita. E terminou resvalando, caindo.
BEZERRA, João Clímaco. A vinha dos esquecidos. Fortaleza: Edições UFC, 2005, p. 26.

O termo resvalando (texto 2, linha 04) pode ser substituído, mantendo o significado, por:
a) escorregando.
b) amaldiçoando.
c) lamentando.
d) resgatando.
e) chorando.

124) (UFCE-1996) Cecília Meireles escreveu: "Eu não lhe DIGO nada..."
a) Acrescentando apenas um prefixo ao verbo em maiúsculo na frase anterior, forme outros CINCO verbos que lhe sejam cognatos.
b) Escolha QUATRO destes verbos e escreva uma frase com cada um dos escolhidos, observando a conjugação adequada.

125) (UFF-1998) Texto I

OS TUMULTOS DA PAZ

O amor ao próximo está longe de representar um devaneio beato e piedoso, conto da carochinha para enganar crianças, desavisados e inquilinos de sacristia. Trata-se de uma essencial exigência pessoal e política, sem cujo atendimento não nos poremos a serviço, nem de nós mesmos, nem de ninguém. Amar ao Próximo como a si mesmo é, por excelência, a regra de ouro, cânon fundador da única prática pela qual poderemos chegar a um pleno amor por nós próprios. Sou o primeiro e mais íntimo Próximo de mim, e esta relação de mim para comigo passa, inevitavelmente, pela existência do Outro. Este é o termo terceiro, a referência transcendente por cuja mediação passo a construir a minha auto-estima.

Eis aí o modelo da paz.

(PELLEGRINO, Hélio. A burrice do demônio. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. p. 94)

Texto II

PENSAMENTO DE AMOR

Quero viver de esperança
Quero tremer e sentir!
Na tua trança cheirosa
Quero sonhar e dormir.

Álvares de Azevedo
....

Todo o amor que em meu peito repousava,
Como o orvalho das noites ao relento,
A teu seio elevou-se, como as névoas,
Que se perdem no azul do firmamento.

Aqui...além...mais longe, em toda a parte,
Meu pensamento segue o passo teu.
Tu és a minha luz, - sou tua sombra,
Eu sou teu lago, - se tu és meu céu.
....

À tarde, quando chegas à janela,
A trança solta, onde suspira o vento,
Minha alma te contempla de joelhos...
A teus pés vai gemer meu pensamento.
....

Oh! diz' me, diz' me, que ainda posso um dia
De teus lábios beber o mel dos céus;
Que eu te direi, mulher dos meus amores:
- Amar-te ainda é melhor do que ser Deus!

Bahia, 1865.

(ALVES, Castro. Obra completa. Rio de Janeiro: Aguilar, 1976. p. 415-6)

Texto III

RONDÓ PRA VOCÊ

De você, Rosa, eu não queria
Receber somente esse abraço
Tão devagar que você me dá,
Nem gozar somente esse beijo
Tão molhado que você me dá...
Eu não queria só porque
Por tudo quanto você me fala
Já reparei que no seu peito
Soluça o coração bem feito
De você.

Pois então eu imaginei
Que junto com esse corpo magro
Moreninho que você me dá,
Com a boniteza a faceirice
A risada que você me dá
E me enrabicham como o que,
Bem que eu podia possuir também
O que mora atrás do seu rosto, Rosa,
O pensamento a alma o desgosto
De você.

(ANDRADE, Mário de. Poesias completas. São Paulo / Belo Horizonte: Martins / Itatiaia, 1980. V. 1. p. 121)

Texto IV

O AMOR E O TEMPO

Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba. Atreve-se o tempo a colunas de mármore, quanto mais a corações de cera ! São as afeições como as vidas, que não há mais certo sinal de haverem de durar pouco, que terem durado muito. São como as linhas, que partem do centro para a circunferência, que quanto mais continuadas, tanto menos unidas. Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho. De todos os instrumentos com que o armou a natureza, o desarma o tempo. Afrouxa-lhe o arco, com que já não atira; embota-lhe as setas, com que já não fere; abre-lhe os olhos, com que vê o que não via; e faz-lhe crescer as asas, com que voa e foge. A razão natural de toda esta diferença é porque o tempo tira a novidade às coisas, descobre-lhe os defeitos, enfastia-lhe o gosto, e basta que sejam usadas para não serem as mesmas. Gasta-se o ferro com o uso, quanto mais o amor ?! O mesmo amar é causa de não amar e o ter amado muito, de amar menos.

(VIEIRA, Antônio. Apud: PROENÇA FILHO, Domício. Português. Rio de Janeiro: Liceu, 1972. V5. p.43)

Assinale a opção em que o fragmento sublinhado não é um exemplo de locução verbal:
a) " **faz**-lhe **crescer** as asas"
b) "certo sinal de **haverem de durar** pouco"
c) "que **terem** durado muito"
d) "não há amor tão robusto que **chegue a ser** velho"
e) "basta que **sejam usadas**"

126) (UFF-1998) Texto I

OS TUMULTOS DA PAZ

O amor ao próximo está longe de representar um devaneio beato e piedoso, conto da carochinha para enganar crianças, desavisados e inquilinos de sacristia. Trata-se de uma essencial exigência pessoal e política, sem cujo atendimento não nos poremos a serviço, nem de nós mesmos, nem de ninguém. Amar ao Próximo como a si mesmo é, por excelência, a regra de ouro, cânon fundador da única prática pela qual poderemos chegar a um pleno amor por nós próprios. Sou o primeiro e mais íntimo Próximo de mim, e esta relação de mim para comigo passa, inevitavelmente, pela existência do Outro. Este é o termo terceiro, a referência transcendente por cuja mediação passo a construir a minha auto-estima.

Eis aí o modelo da paz.

(PELLEGRINO, Hélio. A burrice do demônio. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. p. 94)

Texto II

PENSAMENTO DE AMOR

Quero viver de esperança
Quero tremer e sentir!
Na tua trança cheirosa
Quero sonhar e dormir.

Álvares de Azevedo

....

Todo o amor que em meu peito repousava,
Como o orvalho das noites ao relento,
A teu seio elevou-se, como as névoas,
Que se perdem no azul do firmamento.

Aqui...além...mais longe, em toda a parte,
Meu pensamento segue o passo teu.
Tu és a minha luz, - sou tua sombra,
Eu sou teu lago, - se tu és meu céu.

....

À tarde, quando chegas à janela,
A trança solta, onde suspira o vento,
Minha alma te contempla de joelhos...
A teus pés vai gemer meu pensamento.

....

Oh! diz' me, diz' me, que ainda posso um dia
De teus lábios beber o mel dos céus;
Que eu te direi, mulher dos meus amores:
- Amar-te ainda é melhor do que ser Deus!

Bahia, 1865.

(ALVES, Castro. Obra completa. Rio de Janeiro: Aguilar, 1976. p. 415-6)

Texto III

RONDÓ PRA VOCÊ

De você, Rosa, eu não queria
Receber somente esse abraço
Tão devagar que você me dá,
Nem gozar somente esse beijo
Tão molhado que você me dá...
Eu não queria só porque
Por tudo quanto você me fala
Já reparei que no seu peito
Soluça o coração bem feito
De você.

Pois então eu imaginei
Que junto com esse corpo magro
Moreninho que você me dá,
Com a boniteza a faceirice
A risada que você me dá
E me enrabicham como o que,
Bem que eu podia possuir também
O que mora atrás do seu rosto, Rosa,
O pensamento a alma o desgosto
De você.

(ANDRADE, Mário de. Poesias completas. São Paulo / Belo Horizonte: Martins / Itatiaia, 1980. V. 1. p. 121)

Texto IV

O AMOR E O TEMPO

Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba. Atreve-se o tempo a colunas de mármore, quanto mais a corações de cera ! São as afeições como as vidas, que não há mais certo sinal de haverem de durar pouco, que terem durado muito. São como as linhas, que partem do centro para a circunferência, que quanto mais continuadas, tanto menos unidas. Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho. De todos os instrumentos com que o armou a natureza, o desarma o tempo. Afrouxa-lhe o arco, com que já não atira; embota-lhe as setas, com que já não fere; abre-lhe os olhos, com que vê o que não via; e faz-lhe crescer as asas, com que voa e foge. A razão natural de toda esta diferença é porque o tempo tira a novidade às coisas, descobre-lhe os defeitos, enfastia-lhe o gosto, e basta que sejam usadas para não serem as mesmas. Gasta-se o ferro com o uso, quanto mais o amor ?! O mesmo amar é causa de não amar e o ter amado muito, de amar menos.
(VIEIRA, Antônio. Apud: PROENÇA FILHO, Domício. Português. Rio de Janeiro: Liceu, 1972. V5. p.43)

Assinale a opção correta para a reescritura dos versos 15 e 16, do texto II, na terceira pessoa do singular, segundo a norma culta.

a) Que eu vos direi, mulher dos meus amores:
- Amar-vos ainda é melhor do que ser Deus !
b) Que eu lhe direi, mulher dos meus amores:
- Amá-la ainda é melhor do que ser Deus !

c) Que eu a direi, mulher dos meus amores:
- Amar-lhe ainda é melhor do que ser Deus !
d) Que eu te direi, mulher dos meus amores:
- Amar-te ainda é melhor do que ser Deus !
e) Que eu a direi, mulher dos meus amores:
- Ama-a ainda é melhor do que ser Deus !

127) (UFF-2001) Mãos Dadas

Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.
Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes,
a vida presente.
ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e Prosa.* Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988, p.68

Toda noite - tem auroras,
Raios - toda a escuridão.
Moços, creiamos, não tarda
A aurora da redenção.
Castro Alves. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976. p. 212

a) O fragmento de Castro Alves e o poema de Carlos Drummond de Andrade apresentam verbos no modo imperativo:
“ Moços, creiamos, não tarda” (v.3)
“ Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.” (v.7)
Justifique o emprego do imperativo, correlacionando as semelhanças temáticas entre os versos destacados.
b) Explique, com frases completas, que características da poesia socialmente engajada do Romantismo estão presentes no texto de Castro Alves e no de Carlos Drummond de Andrade.

128) (UFMT-1996) SE NÃO HOUVESSE montanhas!
Se não houvesse paredes!
Se o sonho tecesse malhas
e os braços colhessem rêdes!

Se a noite e o dia passassem
como nuvens, sem cadeias,
e os instantes da memória
fossem vento nas areias!

Se não houvesse saudade,
solidão nem despedida...
Se a vida inteira não fôsse, além de breve, perdida!

Eu tinha um cavalo de asas,
que morreu sem ter pascigo.
E em labirintos se movem
os fantasmas que persigo.
(Canções - Cecília Meireles)

Na(s) questão(ões) a seguir assinale nos parênteses (V) se for verdadeiro e (F) se for falso.
Julgue os itens.
( ) Trocando o verbo haver (v. 1) pelo verbo existir, ficaria: Se não existisse montanhas.
( ) O sujeito do verbo haver no segundo verso é paredes.
( ) As formas verbais houvesse (v. 1) e tinha (v. 13) estão no mesmo tempo, mas não no mesmo modo.

129) (UFPA-1997) "Concordei, para dizer alguma coisa, para sair da espécie de sono magnético, ou o que quer que era que me tolhia a língua e os sentidos. Queria e não queria acabar a conversação: fazia esforço para arredar os olhos dela, e arredava-os por um sentimento de respeito; mas a idéia de parecer que era aborrecimento, quando não era, levava-me os olhos outra vez para Conceição. A conversa ia morrendo. Na rua, o silêncio era completo."
(Missa do Galo - Machado de Assis)

A forma verbal mais usada (pretérito imperfeito do indicativo) traduz no texto:
a) incerteza
b) fatos passados em relação ao momento da narração e presentes em relação ao momento da conversação.
c) ações repetidas.
d) fatos presentes em relação ao momento da narração, passados em relação a outros fatos
e) fatos totalmente passados.

130) (UFPE-1996) Observe os fragmentos (CARTA AO PREFEITO, de Rubem Braga, com adaptações). Assinale o par de frases cujos verbos estejam atendendo ao tratamento de 2ª pessoa do plural.
a) - Sou um destes estranhos animais com "habitat" no Rio de Janeiro.
- O carioca é, antes de tudo, um forte.
b) - Ouvi-me, pois, com o devido respeito.
- Prometestes, senhor, acabar em 30 dias com as inundações do Rio de Janeiro.
c) - ... para agradecer a providência que vossa administração tomou nestas últimas
quatro noites.
- Embora vós administreis à maneira suíça...
d) - Para dizer isto, escrevo a Vossa Excelência...
- Não sei se a fizestes adquirir na Suíça para vosso uso permanente...

e) - Sabeis que o (...) ar dos escapamentos abertos...
- É que atacaste, senhor, o mal pela raiz.

131) (UFPE-1996) Assinale a alternativa em que a forma verbal esteja de acordo com a norma-padrão.
a) Presentei com amor!
b) O Governador pediu que o Secretário intervisse na liberação dos recursos.
c) Saborei os nossos petiscos.
d) Se o treinador vir o nível dos atletas, com certeza não irá aceitá-los.
e) As crianças entreteram-se com o espetáculo de danças.

132) (UFRJ-2003) Almeida e Costa comprão para remeterem para fora da Província, huma escrava que seja perfeita costureira, engomadeira, e que entenda igualmente de cozinha, sendo mossa, de bôa figura, e afiançada conduta para o que não terão duvida pagala mais vantajosamente; quem a tiver e queira dispor, pode dirija-se ao escriptorio dos mesmos na rua da fonte dos Padres, N. 91.
(*Gazeta Commercial da Bahia*, 19 de setembro de 1832)

Do Texto:
a) selecione 2 (dois) verbos e 2 (dois) substantivos que apresentem forma ou emprego diferentes da atual;
b) reescreva-os na forma vigente.

133) (UFRJ-2006) O sentido do tempo mudou. Essa transformação definiu o século XX e dentro de seu campo de
possibilidades pode-se pensar no ingresso no novo milênio. O instantâneo, o imediato, o encurtamento da espera (...) (Beatriz Sarlo)
Todos os textos desta prova relacionam-se, em alguma medida, ao conteúdo do fragmento acima, no que se refere à percepção do sentido do tempo pelo homem. Vamos aos textos; não percamos tempo!

TEXTO I
Na contramão dos carros ela vem pela calçada, solar e musical, pára diante de um pequeno jardim, uma folhagem, na entrada de um prédio, colhe uma flor inesperada, inspira e ri, é a própria felicidade - passando a cem por hora pela janela. Ainda tento vela no espelho mas é tarde, o eterno relance. Sua imagem quase embriaga, chego no trabalho e hesito, por que não posso conhecer aquilo? - a plenitude, o perfume inusitado no meio do asfalto, oculto e óbvio. Sempre minha cena favorita.
Ela chegaria trazendo esquecimentos, a flor no cabelo. Eu estaria à espera, no jardim.
E haveria tempo.
(CASTRO, Jorge Viveiros de. *De todas as únicas maneiras & outras*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002. p.113)

Ao longo do texto I, utilizam-se dois tempos verbais. **Identifique-os** e **justifique** o emprego de cada um, considerando a experiência narrada no texto.

134) (UFSCar-2001)

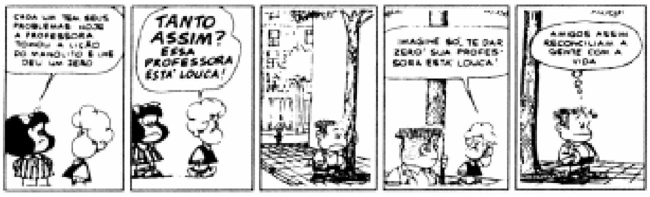
CADA UM TEM SEUS PROBLEMAS. HOJE A PROFESSORA TOMOU A LIÇÃO DO MANOLITO E LHE DEU UM ZERO
TANTO ASSIM? ESSA PROFESSORA ESTÁ LOUCA!
IMAGINE SÓ, TE DAR ZERO! SUA PROFESSORA ESTÁ LOUCA!
AMIGOS ASSIM RECONCILIAM A GENTE COM A VIDA

(QUINO. Toda Mafalda. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 264.)

Para que um ato de comunicação obtenha sucesso, é muito importante que haja um conhecimento comum, partilhado entre as pessoas. A graça nos quadrinhos apresentados reside no fato de haver informações não partilhadas entre as personagens.
a) Considerando todas as informações da história, explicite o que a personagem Susanita quis dizer, com sua frase no quarto quadrinho, e o que a personagem Manolito entendeu.
b) Percebe-se, no quarto quadrinho, uma oscilação no emprego de pessoas gramaticais. Reescreva a frase da personagem, utilizando uma única pessoa gramatical.

135) (UFSCar-2001) O trocano ribombou, derramando longe pela amplidão dos vales e pelos ecos das montanhas a pocema do triunfo.
Os tacapes, vibrados pela mão pujante dos guerreiros, bateram nos largos escudos retinindo. Mas a voz possante da multidão dos guerreiros cobriu o imenso rumor, clamando:
- Tu és Ubirajara, o senhor da lança, o vencedor de Pojucã, o maior guerreiro da nação tocantim.
(...)
Quando parou o estrondo da festa e cessou o canto dos guerreiros, avançou Camacã, o grande chefe dos araguaias.
(...)
Assim falou o ancião:
- Ubirajara, senhor da lança, é tempo de empunhares o grande arco da nação araguaia, que deve estar na mão do mais possante. **Camacã o conquistou no dia em que escolheu por esposa Jaçanã, a virgem dos olhos de fogo, em cujo seio te gerou seu primeiro sangue. Ainda hoje, apesar da velhice que lhe mirrou o corpo, nenhum guerreiro ousaria disputar o grande arco ao velho chefe**, que não sofresse logo o castigo de sua audácia. Mas Tupã ordena que o ancião se curve para a terra, até desabar como o tronco carcomido; e que o mancebo se eleve para o céu como a árvore altaneira. Camacã revive em ti; a glória de ser o maior guerreiro cresce com a glória de ter gerado um guerreiro ainda maior do que ele.

(ALENCAR, José de. Ubirajara. 8. ed. São Paulo: Ática, 1984, p. 31-2.)

Vocabulário:
- **pocema**: canto selvagem, clamor.

No texto de Alencar, registra-se o discurso do índio.
a) Na fala do chefe Camacã, vê-se que ele se projeta numa terceira pessoa, como se falasse de um outro. Reescreva o trecho destacado em negrito no texto, passando-o para a primeira pessoa.
b) Atualmente, nota-se cada vez mais um emprego reduzido do pronome "cujo". Que forma gramatical tem substituído esse pronome? Reescreva o trecho "a virgem dos olhos de fogo, em cujo seio te gerou seu primeiro sangue", substituindo "cujo" por essa forma gramatical.

136) (UFSCar-2004) As pessoas que admitem, por razões que consideram moralmente justificáveis, a eutanásia, o fato de acelerar ou mesmo de provocar a morte de um ente querido, para lhe abreviar os sofrimentos causados por uma doença incurável ou para terminar a existência miserável de uma criança monstruosa, ficam escandalizadas com o fato de que, do ponto de vista jurídico, a eutanásia seja assimilada, pura e simplesmente, a um homicídio. Supondo-se que, do ponto de vista moral, se admita a eutanásia, não se atribuindo um valor absoluto à vida humana, sejam quais forem as condições miseráveis em que ela se prolonga, devem-se pôr os textos legais em paralelismo com o juízo moral? Seria uma solução perigosíssima, pois, em direito, como a dúvida normalmente intervém em favor do acusado, corre-se o risco de graves abusos, promulgando uma legislação indulgente nessa questão de vida ou de morte. Mas constatou- se que, quando o caso julgado reclama mais a piedade do que o castigo, o júri não hesita em recorrer a uma ficção, qualificando os fatos de uma forma contrária à realidade, declarando que o réu não cometeu homicídio, e isto para evitar a aplicação da lei. Parece-me que esse recurso à ficção, que possibilita em casos excepcionais evitar a aplicação da lei - procedimento inconcebível em moral -, vale mais do que o fato de prever expressamente, na lei, que a eutanásia constitui um caso de escusa ou de justificação.

(Perelman, *Ética e Direito*.)

Assinale a alternativa em que está empregado o mesmo modo verbal de se admita a eutanásia.
a) que admitem
b) para lhe abreviar
c) sejam quais forem
d) devem-se pôr os textos legais
e) seria uma solução perigosíssima

137) (UFSCar-2007) Monsenhor Caldas interrompeu a narração do desconhecido:
— Dá licença? é só um instante.
Levantou-se, foi ao interior da casa, chamou o preto velho que o servia, e disse-lhe em voz baixa:
— João, vai ali à estação de urbanos, fala da minha parte ao comandante, e pede-lhe que venha cá com um ou dois homens, para livrar-me de um sujeito doido. Anda, vai depressa.
E, voltando à sala:
— Pronto, disse ele; podemos continuar.
— Como ia dizendo a Vossa Reverendíssima, morri no dia vinte de março de 1860, às cinco horas e quarenta e três minutos da manhã. Tinha então sessenta e oito anos de idade. Minha alma voou pelo espaço, até perder a terra de vista, deixando muito abaixo a lua, as estrelas e o Sol; penetrou finalmente num espaço em que não havia mais nada, e era clareado tão-somente por uma luz difusa. Continuei a subir, e comecei a ver um pontinho mais luminoso ao longe, muito longe. O ponto cresceu, fez-se sol. Fui por ali dentro, sem arder, porque as almas são incombustíveis.
A sua pegou fogo alguma vez?
— Não, senhor.
— São incombustíveis. Fui subindo, subindo; na distância de quarenta mil léguas, ouvi uma deliciosa música, e logo que cheguei a cinco mil léguas, desceu um enxame de almas, que me levaram num palanquim feito de éter e plumas.
(Machado de Assis, A segunda vida. Obras Completas, vol. II, p. 440-441.)

O imperativo utilizado por Monsenhor Caldas, ao dar as ordens ao preto velho, emprega
a) uma forma indireta.
b) a terceira pessoa do singular.
c) a primeira pessoa do plural.
d) a segunda pessoa do singular.
e) a segunda pessoa do plural.

138) (UFSCar-2007) Suave Mari Magno

Lembra-me que, em certo dia,
Na rua, ao sol de verão,
Envenenado morria
Um pobre cão.
Arfava, espumava e ria,
De um riso espúrio e bufão,
Ventre e pernas sacudia
Na convulsão.
Nenhum, nenhum curioso
Passava, sem se deter,
Silencioso,
Junto ao cão que ia morrer,
Como se lhe desse gozo
Ver padecer.

(Machado de Assis, Obra Completa, vol. III, p. 161.)

Seqüência
Eu era pequena. A cozinheira Lizarda
tinha nos levado ao mercado, minha irmã, eu.
Passava um homem com um abacate na mão
e eu inconsciente:
“Ome, me dá esse abacate...”
O homem me entregou a fruta madura.
Minha irmã, de pronto: “vou contar pra mãe que ocê
pediu abacate na rua.”
Eu voltava trocando as pernas bambas.
Meus medos, crescidos, enormes...
A denúncia confirmada, o auto, a comprovação do delito.
O impulso materno...conseqüência obscura da
escravidão passada,
o ranço dos castigos corporais.
Eu, aos gritos, esperneando.
O abacate esmagado, pisado, me sujando toda.
Durante muitos anos minha repugnância por esta fruta
trazendo a recordação permanente do castigo cruel.
Sentia, sem definir, a recreação dos que ficaram de fora,
assistentes, acusadores.
Nada mais aprazível no tempo, do que presenciar a
criança indefesa
espernear numa coça de chineladas.
“é pra seu bem,” diziam, “doutra vez não pedi fruita na
rua.”
(Cora Coralina, Vintém de cobre, p. 131-132.)

No poema de Cora Coralina, há uma frase sem verbo:
Durante muitos anos minha repugnância por esta fruta.

a) Qual o sentido dessa frase?
b) “Reconstrua” essa frase, colocando um verbo.

139) (UFTM-2007)

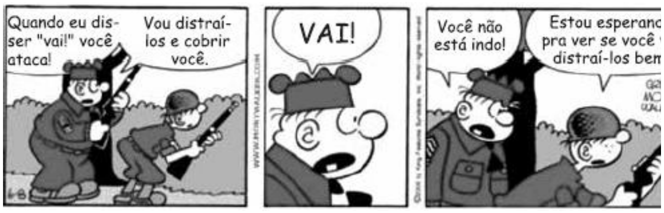
Quando eu disser "vai!" você ataca!
Vou distraí-los e cobrir você.
VAI!
Você não está indo!
Estou esperanc
pra ver se você
distraí-los bem

(*O recruta Zero*)

Ocorre quebra da uniformidade de tratamento no texto, própria de soluções da língua coloquial,

a) na escolha do tratamento “você” para referir-se aos dois interlocutores.
b) na combinação de “-los” (em “distraí-los”) com “cobrir você”.
c) no emprego de “vai” associado ao pronome de 3.ª pessoa “você”.
d) no emprego indistinto de verbos em 3.ª pessoa para os dois interlocutores.
e) na intercalação de frases declarativas e exclamativas, aleatoriamente.

140) (UFU-2006) Tenho desprezo por gente que se orgulha da própria raça. Nem tanto pelo orgulho, sentimento menos nobre, porém inerente à natureza humana, mas pela estupidez. Que mérito pessoal um pobre de espírito pode pleitear por haver nascido branco, negro ou amarelo, de olhos azuis ou lilases?

Tradicionalmente, o conceito popular de raça está ligado a características externas do corpo humano, como cor da pele, formato dos olhos e as curvas que o cabelo faz ou deixa de fazer. Existe visão mais subjetiva?

Na Alemanha nazista, bastava ter a pele morena para o cidadão ser considerado de uma raça inferior à dos que se proclamavam arianos. Nos Estados Unidos, são classificadas como negras pessoas que no Brasil consideramos brancas; lá, os mineiros de Governador Valadares são rotulados de hispânicos. Conheci um cientista português que se orgulhava de descender diretamente dos godos!

Há cerca de 100 mil anos, seres humanos de anatomia semelhante à da mulher e à do homem moderno migraram da África, berço de nossa espécie, para os quatro cantos do mundo. Tais ondas migratórias criaram forte pressão seletiva sobre nossos ancestrais. Não é difícil imaginar as agruras de uma família habituada ao sol da savana etíope, obrigada a adaptar-se à escuridão do inverno russo; ou as dificuldades de adaptação de pessoas acostumadas a dietas vegetarianas ao migrar para regiões congeladas.

Apesar de primatas aventureiros, éramos muito mais apegados à terra natal nessa época em que as viagens precisavam ser feitas a pé; a maioria de nossos antepassados passava a existência no raio de alguns quilômetros ao redor da aldeia natal. Como descendemos de um pequeno grupo de hominídeos africanos e o isolamento favorece o acúmulo de semelhanças genéticas, traços externos como a cor da pele, dos olhos e dos cabelos tornaram-se característicos de determinadas populações.

Mas seria possível estabelecer critérios genéticos mais objetivos para definir o que chamamos de raça? Em outras palavras: além dessa meia dúzia de aspectos identificáveis externamente, o que diferenciaria um negro de um branco ou de um asiático?

Para determinar o grau de parentesco entre dois indivíduos, os geneticistas modernos fazem comparações entre certos genes contidos no DNA de cada um. Lembrando que os genes nada mais são do que pequenos fragmentos da molécula de DNA, a tecnologia atual permite que semelhanças e disparidades porventura existentes entre dois genes sejam detectadas com precisão.

Tecnicamente, essas diferenças recebem o nome de polimorfismos. É na análise desses polimorfismos que se

baseia o teste de DNA para exclusão de paternidade, por exemplo.
Na Universidade de Stanford, Noah Rosemberg e Jonathan Pritchard testaram 375 polimorfismos genéticos em 52 grupos de habitantes da Ásia, África, Europa e das Américas. Através da comparação, conseguiram dividilos em cinco grupos étnicos cujos ancestrais estiveram isolados por barreiras geográficas, como desertos extensos, montanhas intransponíveis ou oceanos: os africanos da região abaixo do deserto do Saara, os asiáticos do leste, os europeus e asiáticos que vivem a oeste dos Himalaias, os habitantes da Nova Guiné e Melanésia e os indígenas das Américas.
No entanto, quando os autores tentaram atribuir identidade genética aos habitantes do sul da Índia, verificaram que seus traços eram comuns a europeus e a asiáticos, observação consistente com a influência exercida por esses povos naquela área do país.
A conclusão é que só é possível identificar grupos de indivíduos com semelhanças genéticas ligadas a suas origens geográficas quando descendem de populações isoladas por barreiras que impediram a miscigenação.
Mas o conceito popular de raça está distante da complexidade das análises de polimorfismos genéticos: para o povo, raça é questão de cor da pele, tipo de cabelo e traços fisionômicos.
Nada mais primário!
Essas características sofreram forte influência do processo de seleção natural que, no decorrer da evolução de nossa espécie, eliminou os menos aptos. Pessoas com mesma cor de pele podem apresentar profundas divergências genéticas, como é o caso de um negro brasileiro comparado com um aborígene australiano ou com um árabe de pele escura.
Ao contrário, indivíduos semelhantes geneticamente, quando submetidos a forças seletivas distintas, podem adquirir aparências diversas. Nos transplantes de órgãos, ninguém é louco de escolher um doador apenas por ser fisicamente parecido ou por ter cabelo crespo como o do receptor.
Excluídos os gêmeos univitelinos, entre os 6 bilhões de seres humanos não existem dois indivíduos geneticamente idênticos. Dos 30 mil genes que formam nosso genoma, os responsáveis pela cor da pele e pelo formato do rosto não passam de algumas dezenas.
Como as combinações de genes maternos e paternos admitem infinitas alternativas, teoricamente pode haver mais identidade genética entre dois estranhos do que entre primos consangüíneos; entre um negro brasileiro e um branco argentino, do que entre dois negros sul-africanos ou dois brancos noruegueses.
Dráuzio Varela. *Folha de S. Paulo,* 1º de abril de 2006.

No primeiro período do 5º parágrafo, o pretérito imperfeito do indicativo é usado para indicar que os fatos
a) eram permanentes.
b) aconteciam habitualmente.
c) ocorreram antes dos outros fatos relatados.
d) foram concluídos no passado.

141) (UFV-1996) Certos verbos recebem um "i" eufônico depois da última vogal do tema toda vez que sobre ela incide a tônica. Eis dois exemplos nas palavras em maiúsculo:
a) "Namorado não PRECISA ser o mais bonito..." - "... sua frio e quase DESMAIA."
b) "... quem se deixa ACARICIAR sem vontade..." - "... ânsia enorme de VIAJAR..."
c) "... quem não gosta de DORMIR agarrado..." - "... nem de FICAR horas e horas olhando..."
d) "... quem não se CHATEIA com o fato..." - "... PASSEIE de mãos dadas..."
e) "... SAIA do quintal de si mesma..." - "... SORRIA lírios para quem passe debaixo de sua janela."

142) (UFV-2005) O tabaco consome dinheiro público. Bilhões de reais saem do bolso do contribuinte para tratar a dependência do tabaco e as graves doenças que ela causa. A dependência do tabaco também aumenta as desigualdades sociais porque muitos trabalhadores fumantes, além de perderem a saúde, gastam com cigarros o que poderia ser usado em alimentação e educação. Em muitos casos, com o dinheiro de um maço de cigarros pode-se comprar, por exemplo, um litro de leite e sete pães. Para romper com esse perverso círculo de pobreza, países no mundo inteiro estão se unindo através da Convenção-Quadro de Controle do Tabaco para conter a expansão do tabagismo e os graves danos que causa, sobretudo nos países em desenvolvimento. Incluir o Brasil nesse grupo interessa a todos os brasileiros. É um passo importante para criar uma sociedade mais justa.
(Propaganda do Ministério da Saúde. Brasil um país de todos. Governo Federal, 2004.)

“A dependência do tabaco também aumenta as desigualdades sociais porque muitos trabalhadores fumantes, além de perderem a saúde, gastam com cigarros o que poderia ser usado em alimentação e educação.”
Os tempos verbais assumem vários valores semânticos. Na passagem acima, a forma verbal “poderia” exprime:
a) ação costumeira e habitual.
b) ação relativa ao passado.
c) ação de suposição.
d) ação definitiva.
e) ação de ordem ou pedido.

143) (UFV-2005) Cair no vestibular é muito mais do que um escritor menos-que-perfeito pode aspirar na vida. Escritores menos-que-perfeitos, caso você não saiba, são aqueles que se negam a usar a forma sintética do mais-que-perfeito. Um escritor menos-que-perfeito jamais “fizera”, nunca “ouvira” e em hipótese nenhuma “falara”.

E no Brasil, se você é um sujeito que "escrevera", você é respeitado; mas, se você apenas "tinha escrito", então você não é nada, e só cai no vestibular por engano. (FREIRE, Ricardo. Xongas. **Época**. São Paulo, 28 jun 2004.)

a) No texto, o autor distingue escritores menos-que-perfeitos de escritores mais-que-perfeitos. Por que o autor se define como um escritor menos-que-perfeito? Que justificativa o autor teria para optar por uma forma verbal coloquialmente mais simples?
b) "Cair no vestibular é muito mais do que um escritor menos-que-perfeito pode aspirar na vida."
Explique o emprego do termo **aspirar** no fragmento acima.

144) (UFV-2005) Levando em consideração seus conhecimentos lingüísticos, preencha CORRETAMENTE as lacunas abaixo, utilizando a forma adequada dos verbos entre parênteses. Faça as alterações necessárias:

a) Só com muita paixão é possível fazer o que mil exércitos não ________ (conseguir): conquistar Atenas. A Brasil Telecom parabeniza e agradece a seus atletas patrocinados por terem chegado a Atenas e ________ (poder) proporcionar o sonho de vitória a todos os brasileiros.
b) O filme O Dia depois de Amanhã retrata não só uma ficção, mas uma realidade do que será nosso planeta caso não ________ (haver) uma preocupação maior por parte dos governantes de se _________ (propor) a fazer uma política de preservação ambiental, e não apenas ________ (ter) ambições econômicas.

145) (Uneb-1997) Antes que elas cresçam
Há um período em que os pais vão ficando órfãos dos próprios filhos. É que as crianças crescem. Independentes de nós, como árvores tagarelas e pássaros estabanados, elas crescem sem pedir licença. Crescem como a inflação independente do governo e da vontade popular. Entre os estupros dos preços, os disparos dos discursos e o assalto das estações, elas crescem com uma estridência alegre e, às vezes, com alardeada arrogância.
Mas não crescem todos os dias, de igual maneira: crescem, de repente. Um dia se assentam perto de você no terraço e dizem uma frase de tal maturidade, que você sente que não pode mais trocar as fraldas daquela criatura.
Ela está crescendo num ritual de obediência orgânica e desobediência civil. E você agora está ali, na porta da discoteca esperando que ela não apenas cresça, mas apareça. Ali estão muitos pais, ao volante, esperando que saiam esfuziantes sobre patins, cabelos soltos sobre as ancas. Essas são as nossas filhas, em pleono cio, lindas potrancas.
(...) Essas são as filhas que conseguimos gerar apesar dos golpes dos ventos, das colheitas das notícias e das ditaduras das horas. E elas crescem, meio amestradas, vendo como redigimos nossas teses e nos doutorados nos nossos erros.
Há um período em que os pais vão ficando órfãos dos próprios filhos.
(...) Passou o tempo do balé, da cultura francesa e inglesa. Saíram do banco de trás e passaram para o volante das próprias vidas. (...)
Deveríamos ter ido mais vezes à cama delas ao anoitecer, para ouvir sua alma respirando conversas e confidências entre os lençóis da infância e os adolescentes cobertos naquele quarto cheio de colagens, posters e agendas coloridas de pilot. (...)
No princípio, subiam a serra ou iam à casa de praia entre embrulhos, comidas, engarrafamentos, natais, páscoas, piscinas e amiguinhas. (...) Depois chegou à idade em que subir para a casa de campo com os pais começou a ser um esforço, um sofrimento, pois era impossível largar a turma aqui na praia e os primeiros namorados. (...) Agora é hora de os pais nas montanhas terem a solidão que queriam, mas, de repente, exalarem contagiosa saudade daquelas pestes.
O jeito é esperar. Qualquer hora podem nos dar netos. O neto é a hora do caminho ocioso e estocado, não exercido nos próprios filhos, e que não pode morrer conosco. Por isto os avós são tão desmesurados e distribuem tão incontrolável afeição. Os netos são a última oportunidade de reeditar o nosso afeto.
Por isto é necessário fazer alguma coisa a mais, antes que elas cresçam.
SANT'ANA, Affonso Romano de. Antes que elas cresçam. Diálogo Médico. S. Paulo, Ano 20, n. 5, p. 52, nov./dez. 1994.

"E elas crescem, meio amestradas, vendo como redigimos nossas teses e nos doutoramos nos nossos erros."
O trecho em destaque contém:
1) uma forma verbal flexionada no modo subjuntivo.
2) duas formas nominais de gerúndio.
3) três formas verbais flexionadas no plural.
4) quatro formas verbais no presente do indicativo.
5) todas as formas verbais de 1ª conjugação.

146) (Unicamp-2004) Em 28/11/2003, quando muito se noticiava sobre a reforma ministerial, a Folha de S. Paulo publicou uma matéria intitulada "Lula sugere que Walfrido e Agnelo ficam.". Considerando as relações entre as palavras que compõem o título da matéria, justifique o uso do verbo "ficar" no presente do indicativo.

147) (UNICAMP-2006) Leia a seguinte passagem de Os Cus de Judas, de António Lobo Antunes:
Deito um centímetro mentolado de guerra na escova de dentes matinal, e cuspo no lavatório a espuma verde-escura dos eucaliptos de Ninda, a minha barba é a floresta do Chalala a resistir ao napalm da gillete, um grande rumor de trópicos ensangüentados cresce-me nas vísceras, que protestam.

(Antonio Lobo Antunes, Os cus de Judas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p. 213.)
a) A que guerra se refere o narrador?
b) Por que o narrador utiliza o presente do indicativo ao falar sobre a guerra?
c) Que recurso estilístico ele utiliza para aproximar a guerra de seu cotidiano? Cite dois exemplos.

148) (Unifesp-2003) A questão a seguir baseia-se em duas tirinhas de quadrinhos, de Maurício de Sousa (1935-), e na “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias (1823-1864).

Primeira tirinha

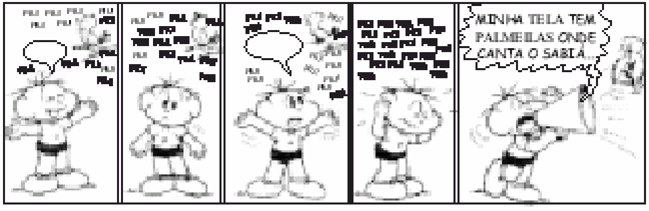
MINHA TELA TEM PALMEILAS ONDE CANTA O SABIÁ...

(Estúdio Maurício de Sousa. *Bidu Especial*. São Paulo: Abril, 1975)

Segunda tirinha

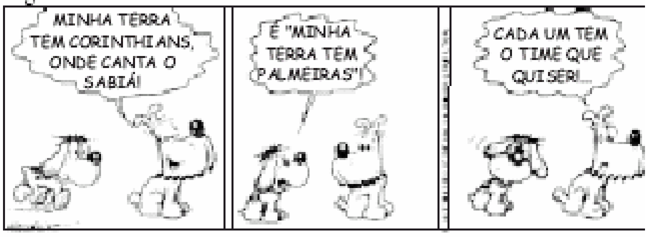
MINHA TERRA TEM CORINTHIANS, ONDE CANTA O SABIÁ!
É "MINHA TERRA TEM PALMEIRAS"!
CADA UM TEM O TIME QUE QUISER!...

(Estúdio Maurício de Sousa. *Bidu Especial*. São Paulo: Abril, 1973)

Canção do Exílio
(...)
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar - sozinho, à noite -
Mais prazer encontro eu lá;

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;

Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu’inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
(Antônio Gonçalves Dias, Primeiros Cantos)

Na frase “Cada um tem o time que quiser”, da segunda tirinha, o verbo querer se apresenta conjugado:
a) no infinitivo impessoal.
b) no modo subjuntivo, tempo pretérito imperfeito, primeira pessoa do singular.
c) no modo indicativo, tempo futuro do pretérito, terceira pessoa do singular.
d) no modo subjuntivo, tempo futuro, terceira pessoa do singular.
e) no infinitivo pessoal, terceira pessoa do singular.

149) (Unifesp-2003) A questão a seguir toma por base a primeira estrofe de “O menino da porteira”, de Teddy Vieira (1922-1965) e Luís Raimundo (1916-), o Luisinho, e a letra de “Meu bem-querer”, de Djavan (1949-).

O Menino da Porteira
Toda a vez que eu viajava
Pela estrada de Ouro Fino,
De longe eu avistava
A figura de um menino,
Que corria abri[r] a porteira
Depois vinha me pedindo:
- Toque o berrante, seu moço,
Que é p’ra mim ficá[ar] ouvindo.
....
(Luisinho, Limeira e Zezinha, 1955)

Meu bem querer
Meu bem-querer
É segredo, é sagrado,
Está sacramentado
Em meu coração.
Meu bem-querer
Tem um quê de pecado
Acariciado pela emoção.
Meu bem-querer, meu encanto,
Tô sofrendo tanto, amor.

E o que é o sofrer
Para mim, que estou
Jurado p’ra morrer de amor?
(Djavan. Alumbramento. Emi-Odeon. 1980)

Há certos verbos cujas flexões se desviam do paradigma de sua conjugação. São considerados, por isso, irregulares. Alguns deles são: dar, estar, fazer, ser e ir. Na estrofe de “O menino da porteira”, ocorrem verbos dessa natureza. A alternativa que os contém é

a) “Toda vez que eu viajava” e “De longe eu avistava”.
b) “De longe eu avistava” e “Que corria abri[r] a porteira”.
c) “Que corria abri[r] a porteira” e “ - Toque o berrante, seu moço,”
d) “Que corria abri[r] a porteira” e “Que é p’ra mim ficá[r] ouvindo.”
e) “Depois vinha me pedindo:” e “Que é p’ra mim ficá[r] ouvindo”.

150) (UNIFESP-2005) Senhor feudal

Se Pedro Segundo
Vier aqui
Com história
Eu boto ele na cadeia.
Oswald de Andrade

A correlação entre os tempos verbais está correta em:
a) Se Pedro Segundo viesse aqui com história eu botaria ele na cadeia.
b) Se Pedro Segundo vem aqui com história eu botava ele na cadeia.
c) Se Pedro Segundo viesse aqui com história eu boto ele na cadeia.
d) Se Pedro Segundo vinha aqui com história eu botara ele na cadeia.
e) Se Pedro Segundo vier aqui com história eu terei botado ele na cadeia.

151) (UNIFESP-2004) TEXTO 1

... a serpente mostrava ser a mais cautelosa de todos os animais selváticos do campo, que Jeová Deus havia feito. Assim, ela começou dizer à mulher: “É realmente assim que Deus disse, que não deveis comer de toda árvore do jardim?” A isso a mulher disse à serpente: “Do fruto das árvores do jardim podemos comer. Mas quanto a comer do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: ‘Não deveis comer dele, não, nem deveis tocar nele, para que não morrais.’ ” A isso a serpente disse à mulher: “Positivamente não morrereis. Porque Deus sabe que, no mesmo dia que em que comerdes dele, forçosamente se abrirão os vossos olhos e forçosamente sereis como Deus, sabendo o que é bom e o que é mau.”
Conseqüentemente, a mulher viu que a árvore era boa para alimento e que era algo para os olhos anelarem, sim, a árvore desejável para se contemplar. De modo que começou a tomar do seu fruto e a comê-lo. Depois deu também dele a seu esposo, quando estava com ela, e ele começou a comê-lo. Abriram-se então os olhos e começaram a perceber que estavam nus. Por isso coseram folhas de figueira e fizeram para si coberturas para os lombos.
(Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas.)

TEXTO 2
Você já ouviu a história de Adão e Eva?
Se não leu, certamente ouviu alguém contar, e deve se lembrar do que aconteceu com os dois. Com os dois e com a serpente, é claro.
Conta a Bíblia que Adão e Eva viviam muito felizes no Paraíso, onde só havia uma proibição: eles não podiam experimentar o gosto da maçã.
Adão, mais obediente, bem que não queria comer a tal da maçã. Mas Eva falou tão bem dela, fez com que parecesse tão gostosa, que o pobre coitado não resistiu.
Foi dar a primeira mordida e perder o lugar no Paraíso...
Se Eva vivesse hoje, seria uma ótima publicitária, uma profissional de propaganda. Afinal, ela soube convencer Adão de que valia a pena pagar um preço tão alto por uma simples maçã.
Mas, se a gente pensar bem, Eva não foi a primeira publicitária.
Antes dela, houve uma outra, a serpente. Simbolizando o demônio, foi a serpente que criou, na mulher, o desejo de experimentar o fruto proibido.
E, assim, nasceu a propaganda.
(André Carvalho & Sebastião Martins. Propaganda.)

A frase “... Deus disse: ‘Não deveis comer dele, não, nem deveis tocar nele, para que não morrais.’ ”, em que há as falas de Eva e de Deus no texto 1, em discurso indireto corresponde a
a) Deus disse que não se deve comer dele, nem se deve tocar nele, para que não morríamos.
b) Deus disse que não devíamos comer dele, nem tocar nele, para que não morreremos.
c) Deus disse que não devemos comer dele, nem devemos tocar nele, para não morrermos.
d) Deus disse que não deveremos comer dele, nem deveremos tocar nele, para que não morrêssemos.
e) Deus disse que não devemos comer dele, nem tocar nele, para que não morremos.

152) (UNIFESP-2007) Entrevista de Adélia Prado, em O coração disparado

Um homem do mundo me perguntou:
O que você pensa de sexo?
Uma das maravilhas da criação, eu respondi.
Ele ficou atrapalhado, porque confunde as coisas
E esperava que eu dissesse maldição,
Só porque antes lhe confiara: o destino do homem é a santidade.

Assinale a alternativa em que a frase do segundo quadrinho está corretamente expressa na primeira pessoa do plural.
a) E se nós se concentrarmos em sexo e virmos como o organismo reage?!
b) E se nós nos concentrar em sexo e vir como o organismo reage?!

c) E se nós nos concentrarmos em sexo e virmos como o organismo reage?!
d) E se nós nos concentrarmos em sexo e vermos como o organismo reage?!
e) E se nós se concentrarmos em sexo e vermos como o organismo reage?!

153) (UNIFESP-2007) Leia o poema de Bocage

Olha, Marília, as flautas dos pastores
Que bem que soam, como estão cadentes!
Olha o Tejo a sorrir-se! Olha, não sentes
Os Zéfiros brincar por entre flores?
Vê como ali, beijando-se, os Amores
Incitam nossos ósculos ardentes!
Ei-las de planta em planta as inocentes,
As vagas borboletas de mil cores.
Naquele arbusto o rouxinol suspira,
Ora nas folhas a abelhinha pára,
Ora nos ares, sussurrando, gira:
Que alegre campo! Que manhã tão clara!
Mas ah! Tudo o que vês, se eu te não vira,
Mais tristeza que a morte me causara.

Leia os versos e analise as considerações sobre as formas verbais neles destacadas.
I. *Olha*, Marília, as flautas dos pastores... — Como o eulírico faz um convite à audição das flautas dos pastores, poderia ser empregada a forma *Ouça,* no lugar de *Olha*.
II. *Vê* como ali, beijando-se, os Amores... — A forma verbal, no imperativo, expressa um convite do eu-lírico para que a amada se delicie, junto a ele, com o belo cenário.
III. Mas ah! Tudo o que *vês*... — A forma verbal, também no imperativo, sugere que, neste ponto do poema, a amada já viu tudo o que o seu amado lhe mostrou.
Está correto o que se afirma apenas em
a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) I e III.

154) (UNIUBE-2002) A questão abaixo refere-se ao texto retirado de “Dom Casmurro”, de Machado de Assis, transcrito abaixo.

Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei num trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos. A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem inteiramente maus. Sucedeu, porém, que, como eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso.
- Continue, disse eu acordando.
- Já acabei, murmurou ele.
- São muito bonitos.
Vi-lhe fazer um gesto para tirá-los outra vez do bolso, mas não passou do gesto; estava amuado.
No dia seguinte entrou a dizer de mim nomes feios, e acabou alcunhando-me “Dom Casmurro”. Os vizinhos, que não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha, que afinal pegou. Nem por isso me zanguei. Contei a anedota aos amigos da cidade, e eles, por graça, chamam-me assim, alguns em bilhetes: “Dom Casmurro, domingo vou jantar com você.” “ ___ Vou para Petrópolis, Dom Casmurro; a casa é a mesma da Renânia; vê se deixas essa caverna do Engenho Novo, e vai lá passar uns quinze dias comigo.” “___ Meu caro Dom Casmurro, não cuide que o dispenso do teatro amanhã; venha e dormirá aqui na cidade; dou-lhe camarote, dou-lhe chá, dou-lhe cama; só não lhe dou moça.”
Não consultes dicionários. “Casmurro” não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. “Dom” veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo. Tudo por estar cochilando! Também não achei melhor título para a minha narração ___ se não tiver outro daqui até ao fim do livro, vai este mesmo. O meu poeta do trem ficará sabendo que não lhe guardo ranço. E com pequeno esforço, sendo o título seu, poderá cuidar que a obra é sua. Há livros que apenas terão isso dos seus autores; alguns nem tanto.

Numere a 2ª coluna de acordo com a 1ª.
I. “...**encontrei** num trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu.”
II. “Os vizinhos, que não **gostam** dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha....”
III. “Há livros que apenas **terão** isso dos seus autores...”
IV. “...**estava** amuado...”

( ) o tempo verbal está sendo utilizado para denotar uma declaração que ocorre no momento em que se fala.
( ) o tempo verbal está sendo usado para denotar uma ação em curso no passado.
( ) o tempo verbal está sendo usado para indicar um fato consumado.
( ) o tempo verbal está sendo usado para denotar um fato provável, posterior ao momento em que se fala.
A seguir, assinale a alternativa que apresenta a seqüência correta.
a) II, I, IV, III
b) II, IV, I, III
c) I, III, IV, II
d) III, II, I, IV

155) (Vunesp-2002) INSTRUÇÃO: A questão abaixo toma por base as primeiras quatro estrofes da **Canção do Tamoio**, do poeta romântico Antônio Gonçalves Dias (1823-1864), um trecho da **Oração aos Moços**, de Rui Barbosa de Oliveira (1849-1923), e o **Hino do Deputado**, do poeta modernista Murilo Monteiro Mendes (1901-1975).

Canção do Tamoio

I
Não chores, meu filho;
Não chores, que a vida
É luta renhida:
Viver é lutar.
A vida é combate,
Que os fracos abate,
Que os fortes, os bravos,
Só pode exaltar.

II
Um dia vivemos!
O homem que é forte
Não teme da morte;
Só teme fugir;
No arco que entesa
Tem certa uma presa,
Quer seja tapuia,
Condor ou tapir.

III
O forte, o cobarde
Seus feitos inveja
De o ver na peleja
Garboso e feroz;
E os tímidos velhos
Nos graves concelhos,
Curvadas as frontes,
Escutam-lhe a voz!

IV
Domina, se vive;
Se morre, descansa
Dos seus na lembrança,
Na voz do porvir.
Não cures da vida!
Sê bravo, sê forte!
Não fujas da morte,
Que a morte há de vir!
(GONÇALVES DIAS, Antônio. Obras Poéticas.Tomo II. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944, p. 42-43.)

Oração aos Moços

Magistrados ou advogados sereis. Suas duas carreiras quase sagradas, inseparáveis uma da outra, e, tanto uma como a outra, imensas nas dificuldades, responsabilidades e utilidades.
Se cada um de vós meter bem a mão na consciência, certo que tremerá da perspectiva. O tremer próprio é dos que se defrontam com as grandes vocações, e são talhados para as desempenhar. O tremer, mas não o descorçoar. O tremer, mas não o renunciar. O tremer, com o ousar. O tremer, com o empreender. O tremer, com o confiar. Confiai, senhores. Ousai. Reagi. E haveis de ser bem sucedidos. Deus, pátria e trabalho. Metei no regaço essas três fés, esses três amores, esses três signos santos. E segui, com o coração puro. Não hajais medo a que a sorte vos ludibrie. [...]
Idealismo? Não: experiência da vida. Não há forças, que mais a senhoreiem, do que essas. Experimentai-o, como eu o tenho experimentado. Poderá ser que resigneis certas situações, como eu as tenho resignado. Mas meramente para variar de posto, e, em vos sentindo incapazes de uns, buscar outros, onde vos venha ao encontro o dever, que a Providência vos haja reservado.
(BARBOSA, Rui. Oração aos moços[discurso de paraninfo dos formandos da Faculdade de Direito de S.Paulo, em 1920]. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1956, p. 58-59.)

Hino do Deputado

Chora, meu filho, chora.
Ai, quem não chora não mama,
Quem não mama fica fraco,
Fica sem força pra vida,
A vida é luta renhida,
Não é sopa, é um buraco.
Se eu não tivesse chorado
Nunca teria mamado,
Não estava agora cantando,
Não teria um automóvel,
Estaria caceteado,
Assinando promissória,
Quem sabe vendendo imóvel
A prestação ou sem ela,
Ou esperando algum tigre
Que talvez desse amanhã,
Ou dando um tiro no ouvido,
Ou sem olho, sem ouvido,
Sem perna, braço, nariz.
Chora, meu filho, chora,
Anteontem, ontem, hoje,
Depois de amanhã, amanhã.
Não dorme, filho, não dorme,
Se você toca a dormir
Outro passa na tua frente,
Carrega com a mamadeira.
Abre o olho bem aberto,
Abre a boca bem aberta,
Chore até não poder mais.

(MENDES, Murilo. História do Brasil, XLIII. In: Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994, p. 177-178.)

Nos três textos apresentados identifica-se a presença relevante da função conativa da linguagem, como se pode verificar formalmente pelo emprego de numerosos verbos no modo imperativo. Em **Canção do Tamoio** e **Hino do Deputado**, uma personagem aconselha outra a assumir certos comportamentos; em **Oração aos Moços**, o próprio orador faz aconselhamento a seus discípulos. Releia os três textos com atenção e, a seguir,

a) aponte a diferença existente entre os trechos da **Canção do Tamoio** e da **Oração aos Moços**, no que diz respeito à flexão dos verbos no modo imperativo;

b) reescreva o verso 29 do poema **Hino do Deputado**, fazendo com que o verbo "chorar" se flexione na mesma pessoa em que está flexionado o verbo "abrir", nos versos 27 e 28.

156) (Vunesp-1998) INSTRUÇÃO:
As questões se baseiam nos parágrafos iniciais do romance Iracema, de José de Alencar (1829-1877), na letra da guarânia Índia, escrita em Língua Portuguesa pelo cantor, poeta e dramaturgo popular José Fortuna (1923-1983) e na letra de A Índia e o Traficante, realizada pelo escritor contemporâneo Luiz Carlos Góes.

IRACEMA
Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.
Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.
O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.
Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação Tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.
(...)
Iracema saiu do banho: o aljôfar d'água ainda a roreja, como à doce mangaba que corou em manhã de chuva.
Enquanto repousa, empluma das penas do gará as flechas de seu arco, e concerta com o sabiá da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste.
ALENCAR, José de. Iracema. São Paulo: Saraiva, 1956, p. 13.

ÍNDIA
J.A.Flores/M.O.Guerrero/José Fortuna

Índia, seus cabelos nos ombros caídos,
Negros como a noite que não tem luar;
Seus lábios de rosa para mim sorrindo
E a doce meiguice desse seu olhar.

Índia da pele morena,
Sua boca pequena
Eu quero beijar.

Índia, sangue tupi,
Tem o cheiro da flor;
Vem, que eu quero lhe dar,
Todo o meu grande amor.
Quando eu for embora para bem distante,
E chegar a hora de dizer-lhe adeus,
Fica nos meus braços só mais um instante,
Deixa os meus lábios se unirem aos seus.

Índia, levarei saudade
Da felicidade
Que você me deu.
Índia, a sua imagem,
Sempre comigo vai;
entro do meu coração,
Flor do meu Paraguai!

in: Sucessos Inesquecíveis de Cascatinha e Inhana. LP 0.34.405.432, Phonodisc, 1987.

A ÍNDIA E O TRAFICANTE
Eduardo Dusek / Luiz Carlos Góes

Noite malandra, um luar de espelho,
No meio da terra a índia colhe o brilho,
Som de suor, cheirada musical,

Palmeira que se verga em meio ao vendaval.
Sentia macia floresta,
Bolívia, montanha, seresta...

Índia guajira já colheu sua noite
Volta para a tribo meio injuriada,
Uma figueira numa encruzilhada

Felina, um olho de paixão danada,
Era Leão, famoso traficante,
Um outdoor, bandido elegante,

Que a levou para um apart-hotel
Que tem em Cuiabá.

Índia, na estrada, largou a tribo
Comprou um vestido, aprendeu a atirar,
Índia virada, alucinada pelo cara-pálida do Pantanal,
Índia guajira e o traficante
Loucos de amor, trocavam o seu mel,

Era um amor tipo 45,
E tiroteios rasgando o vestido,
Em quartos de motel.

Explode o amor, adiós para o pudor,
Guajira e o traficante passam a escancarar,
Rolam papéis, nos bares, nos bordéis,
Os dois de Bonnie and Clyde, assunto dos cordéis,
Maíra, pivete, amazônia,
Esqueceu Tupã, a sem-vergonha...

Dentro de um Cessna, bebendo champagne
Leão e seu bando a fazem sua chefona,
Índia fichada, retrata falada,
A loto esperada pelos federais,
Mas ela gosta de fotografia
E vira capa dos jornais do dia,

Enquanto espera uma tonelada da pura alegria.
Índia, sujeira, foi dedurada
Por um sertanista que era amigo seu,
Índia traída - "mim tô passada" -

Ela lamentava num mal português,
A Índia, deu um ganho, num Landau negro,
Chapa oficial, que era da Funai,
Passou batido pela fronteira,
Uma rajada de metralhadora...
Morta no Paraguai!
Dusek na Sua. LP 829218-1, PolyGram, 1986.

De acordo com a gramática normativa, a guarânia Índia apresentaria "erros" de concordância verbal. Revelando forte presença do registro informal da linguagem e sua espontaneidade, formas de tratamento em segunda e terceira pessoas se mesclam no mesmo contexto, com vistas a um efeito estilístico de aproximação entre as personagens. Tomando como modelo a concordância estabelecida na primeira estrofe, releia cuidadosamente o texto e, a seguir:
a) identifique os versos que configurariam "erros" de concordância verbal, na terceira estrofe;
b) reescreva os mesmos versos identificados no item a, de acordo com o que estabelece a gramática normativa.

157) (Vunesp-2003) As questão abaixo toma por base o poema Lisbon Revisited, do heterônimo Álvaro de Campos do poeta modernista português Fernando Pessoa (1888-1935), e a letra da canção Metamorfose Ambulante, do cantor e compositor brasileiro Raul Seixas (1945-1989).

Lisbon Revisited
(1923)
Não: não quero nada.
Já disse que não quero nada.

Não me venham com conclusões!
A única conclusão é morrer.

Não me tragam estéticas!
Não me falem em moral!
Tirem-me daqui a metafísica!
Não me apregoem sistemas completos, não me enfileirem conquistas
Das ciências (das ciências, Deus meu, das ciências!) -
Das ciências, das artes, da civilização moderna!

Que mal fiz eu aos deuses todos?

Se têm a verdade, guardem-na!

Sou um técnico, mas tenho técnica só dentro da técnica.

Fora disso sou doido, com todo o direito a sê-lo.
Com todo o direito a sê-lo, ouviram?

Não me macem, por amor de Deus!

Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável?
Queriam-me o contrário disto, o contrário de qualquer coisa?
Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a vontade.
Assim, como sou, tenham paciência!
Vão para o diabo sem mim,
Ou deixem-me ir sozinho para o diabo!
Para que havemos de ir juntos?

Não me peguem no braço!
Não gosto que me peguem no braço. Quero ser sozinho.
Já disse que sou sozinho!
Ah, que maçada quererem que eu seja da companhia!

Ó céu azul - o mesmo da minha infância -
Eterna verdade vazia e perfeita!
Ó macio Tejo ancestral e mudo,
Pequena verdade onde o céu se reflete!
Ó mágoa revisitada, Lisboa de outrora de hoje!
Nada me dais, nada me tirais, nada sois que eu me sinta.

Deixem-me em paz! Não tardo, que eu nunca tardo...
E enquanto tarda o Abismo e o Silêncio quero estar sozinho!
(Fernando Pessoa, Ficções do Interlúdio/4: poesias de Álvaro de Campos)

Metamorfose Ambulante
Prefiro ser essa metamorfose ambulante
Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo

Eu quero dizer agora o oposto do que eu disse antes
Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Sobre o que é o amor
Sobre que eu nem sei quem sou

Se hoje eu sou estrela amanhã já se apagou
Se hoje eu te odeio amanhã lhe tenho amor
Lhe tenho amor
Lhe tenho horror
Lhe faço amor
eu sou um ator...

É chato chegar a um objetivo num instante
Eu quero viver nessa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo

Sobre o que é o amor
Sobre que eu nem sei quem sou
Se hoje eu sou estrela amanhã já se apagou
Se hoje eu te odeio amanhã lhe tenho amor
Lhe tenho amor
Lhe tenho horror
Lhe faço amor
eu sou um ator...

Eu vou desdizer aquilo tudo que eu lhe disse antes
Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha velha velha velha opinião formada sobre tudo...
Do que ter aquela velha velha opinião formada sobre tudo...
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo...
(Raul Seixas, Os grandes sucessos de Raul Seixas)

Atentando para o fato de que a função conativa da linguagem é orientada para o destinatário da mensagem,
a) identifique o modo verbal que, insistentemente empregado pelo eu-poemático, torna muito intensa a orientação para o destinatário no poema de Fernando Pessoa;
b) considerando que, no verso de número 12, Raul Seixas, adotando o uso popular, empregou os pronomes te e lhe para referir-se a uma mesma pessoa, apresente duas alternativas que teria o poeta para escrever esse verso segundo a norma culta.

158) (Vunesp-2003) Texto para a questão a seguir.

Procura da Poesia
Não faças versos sobre acontecimentos,
Não há criação nem morte perante a poesia.
Diante dela, a vida é um sol estático,
não aquece nem ilumina.
As afinidades, os aniversários, os incidentes pessoais não contam.
(...)
Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
(...)
Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?
(Carlos Drummond de Andrade)

Nos fragmentos do poema, há vários verbos empregados na 2.a pessoa do modo imperativo, pressupondo o sujeito tu.
a) Transcreva esses verbos.
b) Ponha os verbos transcritos, na 3.a pessoa, pressupondo o sujeito você.

159) (Vunesp-2005) O Cabeleira
Eles atravessaram a vau o rio, e foram ter à graciosa habitação (de Felisberto), que no meio daquele deserto atestava a existência de uma civilização rudimentar no lugar onde havia caído, sem tentativa de proveito para a sociedade que o sucedera, o gentilismo guarani digno de melhor sorte.
Do alto onde fora construída a habitação via-se o rio que corria na distância de umas dezenas de braças, e desaparecia por entre umas lajes brancas no rumo de leste; do lado do ocidente mostravam-se as lavouras de Felisberto desde as proximidades da casa até onde a vista alcançava.
Felisberto aplicava-se quase exclusivamente à cultura da roça. No perímetro de vinte léguas em derredor era o lavrador que desmanchava mais mandioca, que competia no mercado do Recife com a farinha de Moribeca, já então afamada. Havia anos em que ele mandava para o Recife cerca de duzentos alqueires.
Um negro, uma negra, duas negrotas e três molecotes filhos dos dois primeiros faziam prodígios de valor na cultura das terras. Amanheciam no cabo da enxada e só se recolhiam quando faltava uma braça para o Sol se esconder no horizonte. Estes escravos viviam porém felizes tanto quanto é possível viver feliz na escravidão. Não lhes faltava que comer e que vestir. Dormiam bem, e nos domingos trabalhavam nos seus roçados. Em algum dia grande faziam seu batuque, ao qual concorriam os negros das vizinhanças.
Quando Felisberto se casou com a filha de Lourenço Ribeiro, mestre de açúcar do engenho Curcuranas, teve a feliz idéia de ir estabelecer-se naquele sítio que comprara com algumas economias que lhe legara um tio que vivera de arrematar dízimos de gado. Essas economias deram-lhe também para comprar duas moradinhas de casas e o negro André. Com a negra Maria, que a mulher lhe trouxera em dote, casou Felisberto o seu negro, na esperança de que em poucos anos a família escrava estaria aumentada, e por conseguinte aumentada também a fortuna do casal. Essa esperança foi brilhantemente confirmada.

(...)
Frutos do trabalho honesto e esforçado, o qual é sempre favorecido pela Providência, não tinham sido de todo destruídos pela grande seca os roçados do Felisberto. Ele já enumerava muitos prejuízos, mas olhando em torno de si via ainda muito com que contar na tremenda crise que reduzira o geral da população da província a extrema penúria.
(Franklin Távora, O Cabeleira. *1ª- edição: 1876.)*
Vidas Secas
A vida na fazenda se tornara difícil. Sinhá Vitória benzia-se tremendo, manejava o rosário, mexia os beiços rezando rezas desesperadas. Encolhido no banco do copiar, Fabiano espiava a catinga amarela, onde as folhas secas se pulverizavam, trituradas pelos redemoinhos, e os garranchos se torciam, negros, torrados. No céu azul as últimas arribações tinham desaparecido. Pouco a pouco os bichos se finavam, devorados pelo carrapato. E Fabiano resistia, pedindo a Deus um milagre.
Mas quando a fazenda se despovoou, viu que tudo estava perdido, combinou a viagem com a mulher, matou o bezerro morrinhento que possuíam, salgou a carne, largou-se com a família, sem se despedir do amo. Não poderia nunca liquidar aquela dívida exagerada. Só lhe restava jogar-se ao mundo, como negro fugido.
Saíram de madrugada. (...)
Desceram a ladeira, atravessaram o rio seco, tomaram rumo para o Sul. Com a fresca da madrugada, andaram bastante, em silêncio, quatro sombras no caminho estreito coberto de seixos miúdos - os meninos à frente, conduzindo trouxas de roupas, Sinhá Vitória sob o baú de folha pintada e a cabaça de água, Fabiano atrás de facão de rasto e faca de ponta, a cuia pendurada por uma correia amarrada ao cinturão, o aió a tiracolo, a espingarda de pederneira num ombro, o saco da matalotagem no outro. Caminharam bem três léguas antes que a barra do nascente aparecesse.
Fizeram alto. E Fabiano depôs no chão parte da carga, olhou o céu, as mãos em pala na testa. Arrastara-se até ali na incerteza de que aquilo fosse realmente mudança. Retardara-se e repreendera os meninos, que se adiantavam, aconselhara-os a poupar forças. A verdade é que não queria afastar-se da fazenda. A viagem parecia -lhe sem jeito, nem acreditava nela. Preparara-a lentamente, adiara-a, tornara a prepará-la, e só se resolvera a partir quando tudo estava definitivamente perdido. Podia continuar a viver num cemitério? Nada o prendia àquela terra dura, acharia um lugar menos seco para enterrar-se.
(Graciliano Ramos, Vidas Secas. *1ª- edição: 1938.)*
No último parágrafo de Vidas Secas, depois de empregar três verbos no pretérito perfeito, o enunciador utiliza uma sucessão de verbos flexionados no pretérito mais-que-perfeito. Com base nessa constatação,
a) explique a diferença de emprego entre esses dois tempos verbais e sua importância para o texto;
b) reescreva o segundo período desse último parágrafo do texto mencionado, flexionando os verbos no pretérito mais-que-perfeito.

160) (VUNESP-2006) Se os seus dotes culinários equivalem a seus conhecimentos sobre química e física, das duas, uma: ou está na hora de colocá-los em prática — juntos — ou de aprender — e misturar — os três. Unir essas diferentes áreas do conhecimento é a proposta de uma nova forma de preparo de alimentos, a “gastronomia molecular”, nome criado pelos cientistas Hervé This e Nicholas Kurti. O termo deu origem ao título de um livro sobre o tema, lançado nos Estados Unidos no começo do ano e ainda não publicado no Brasil.
Pode parecer assustador misturar culinária com duas áreas tantas vezes temidas e odiadas, mas trata-se de uma ótima maneira para descobrir que, por trás de cada ovo cozido borrachento e outros desastres corriqueiros, existe uma explicação científica. E que, entendendo um, pode-se evitar o outro. Mais que a preocupação com a composição e estrutura dos alimentos (área de estudo conhecida como “ciência gastronômica”), a gastronomia molecular lida com as transformações culinárias e os fenômenos sensoriais associados ao paladar.

Uma das formas de um texto se constituir como tal está no emprego de uma rede de termos de uma mesma área, que ajudam a identificar e a fixar o tema. Admitindo que, no fragmento transcrito, é possível observar essa característica, instaurada por meio do uso de vocábulos relacionados à culinária (alimentos, dotes culinários, preparo, paladar),
a) identifique um verbo, repetido nos dois parágrafos do texto, o qual é normalmente utilizado na área de culinária;
b) explique qual o conceito que geralmente se tem de física e química, segundo o enunciador do texto.

161) (VUNESP-2007) Um velho
– Por que empalideces, Solfieri? – A vida é assim. Tu o sabes como eu o sei. O que é o homem? É a escuma que ferve hoje na torrente e amanhã desmaia, alguma coisa de louco e movediço como a vaga, de fatal como o sepulcro! O que é a existência? Na mocidade é o caleidoscópio das ilusões, vive-se então da seiva do futuro. Depois envelhecemos: quando chegamos aos trinta anos e o suor das agonias nos grisalhou os cabelos antes do tempo e murcharam, como nossas faces, as nossas esperanças, oscilamos entre o passado visionário e este amanhã do velho, gelado e ermo – despido como um cadáver que se banha antes de dar à sepultura! Miséria! Loucura!
– Muito bem! Miséria e loucura! – interrompeu uma voz.
O homem que falara era um velho. A fronte se lhe descalvara, e longas e fundas rugas a sulcavam: eram as ondas que o vento da velhice lhe cavara no mar da vida... Sob espessas sobrancelhas grisalhas lampejavam-lhe olhos

pardos e um espesso bigode lhe cobria parte dos lábios. Trazia um gibão negro e roto e um manto desbotado, da mesma cor, lhe caía dos ombros.
– Quem és, velho? – perguntou o narrador.
– Passava lá fora, a chuva caía a cântaros, a tempestade era medonha, entrei. Boa noite, senhores! Se houver mais uma taça na vossa mesa, enchei-a até às bordas e beberei convosco.
– Quem és?
– Quem sou? Na verdade fora difícil dizê-lo: corri muito mundo, a cada instante mudando de nome e de vida. (...) – Quem eu sou? Fui um poeta aos vinte anos, um libertino aos trinta – sou um vagabundo sem pátria e sem crenças aos quarenta.

A linguagem do fragmento, a qual reflete o estilo romântico, caracteriza-se por um léxico típico, às vezes por um tratamento em segunda pessoa e por uma sintaxe peculiar. Com base nessa reflexão, aponte um segmento de Um velho em que há inversão na ordem sujeito-verbo. Reescreva o seguinte trecho, passando o verbo que está no imperativo para a terceira pessoa do plural e fazendo as adequações de concordância necessárias: Se houver mais uma taça na vossa mesa, enchei-a até às bordas e beberei convosco.

162) (VUNESP-2007) A velha contrabandista

Diz que era uma velhinha que sabia andar de lambreta. Todo dia ela passava pela fronteira montada na lambreta, com um bruto saco atrás da lambreta. O pessoal da Alfândega – tudo malandro velho – começou a desconfiar da velhinha.
Um dia, quando ela vinha na lambreta com o saco atrás, o fiscal da Alfândega mandou ela parar. A velhinha parou e então o fiscal perguntou assim pra ela:
– Escuta aqui, vovozinha, a senhora passa por aqui todo dia, com esse saco aí atrás. Que diabo a senhora leva nesse saco?
A velhinha sorriu com os poucos dentes que lhe restavam e mais os outros, que ela adquirira no odontólogo, e respondeu:
– É areia!
Aí quem riu foi o fiscal. Achou que não era areia nenhuma e mandou a velhinha saltar da lambreta para examinar o saco. A velhinha saltou, o fiscal esvaziou o saco e lá só tinha areia. Muito encabulado, ordenou à velhinha que fosse em frente. Ela montou na lambreta e foi embora, com o saco de areia atrás.
Mas o fiscal ficou desconfiado ainda. Talvez a velhinha passasse um dia com areia e no outro com muamba, dentro daquele maldito saco. No dia seguinte, quando ela passou na lambreta com o saco atrás, o fiscal mandou parar outra vez. Perguntou o que é que ela levava no saco e ela respondeu que era areia, uai!
O fiscal examinou e era mesmo. Durante um mês seguido o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.
Diz que foi aí que o fiscal se chateou:
– Olha, vovozinha, eu sou fiscal de alfândega com 40 anos de serviço. Manjo essa coisa de contrabando pra burro. Ninguém me tira da cabeça que a senhora é contrabandista.
– Mas no saco só tem areia! – insistiu a velhinha. E já ia tocar a lambreta, quando o fiscal propôs:
– Eu prometo à senhora que deixo a senhora passar. Não dou parte, não apreendo, não conto nada a ninguém, mas a senhora vai me dizer: qual é o contrabando que a senhora está passando por aqui todos os dias?
– O senhor promete que não “espáia”? – quis saber a velhinha.
– Juro – respondeu o fiscal.
– É lambreta.
(Primo Altamirando e Elas.)

O texto explora bastante um estilo coloquial, informal, marcado por um uso deliberado de gíria e expressões distensas (tudo malandro velho, muamba, manjo, pra burro, diz que era, pra ela, chateou). Entretanto, em certas passagens, o enunciador emprega um vocabulário mais formal, imprevisível e em contraste com as características gerais do texto. Admitindo essas premissas, identifique um substantivo, usado no texto, que representa essa quebra de expectativa, em virtude de seu caráter mais formal e tenso. Além disso, comente por que o tempo pretérito mais-que-perfeito do verbo “adquirir” também reflete um emprego inusitado, quando considerado o todo textual.

163) (Covest-1997) Preencha os espaços com os substantivos correspondentes aos verbos indicados entre parênteses:
I. A ________(PERSUADIR) é necessária no jogo argumentativo.
II. O cinema é uma das mais populares formas de___________ (ENTRETER).
III. A________ (DENUNCIAR) do Procurador foi acatada.
IV. O seqüestrador conseguiu o resgate mediante___________ (EXTORQUIR)
V. A_________(DELINQÜIR) infanto-juvenil é um dos problemas das grandes cidades.

164) (Covest-1997) Reescreva a frase abaixo na VOZ PASSIVA, passando para o PLURAL os substantivos compostos (sublinhados):

O pesquisador capturou o **peixe-boi** e o **gavião-do-mangue** e transportou-os para a reserva biológica do IBAMA, a fim de reintegrá-los ao ambiente.

165) (ETEs-2007) A poluição causada pelo som é um dos maiores problemas ambientais da vida moderna e se dá por meio do ruído, que é o som indesejado. Segundo a Organização Mundial da Saúde, o limite tolerável ao ouvido humano é de 65 dB. Acima disso, nosso organismo sofre estresse, o qual aumenta o risco de doenças. Com ruídos acima de 85 dB aumenta o risco de comprometimento auditivo. Essa situação pode ser revertida aplicando-se as tecnologias de controle, que desenvolvem produtos específicos, recursos para identificação e análise das fontes de ruído, objetivando a previsão de sua redução por meio de programas de simulação e o desenvolvimento de máquinas menos ruidosas.
(Adaptado de: http://www.ambientebrasil.com.br acessado em: fev. 2007.)
Assinale a alternativa cujas palavras completam correta e respectivamente a frase a seguir.
O aparelho capaz de medir o nível de intensidade _______________ é denominado _______________ e mede, precisamente, áreas de ruídos e outros níveis de som.

a) ruidosa – calorímetro
b) auditiva – multímetro
c) acústica – termômetro
d) sonora – decibelímetro
e) melodiosa – velocímetro

166) (FGV-2002) Ao gado formado de vacas, chamamos vacum. Aponte cada um dos adjetivos utilizados para designar o gado formado de:
a) cabras;
b) ovelhas.

167) (Fuvest-2004) Texto para a questão a seguir

Uma flor, o Quincas Borba. Nunca em minha infância, nunca em toda a minha vida, achei um menino mais gracioso, inventivo e travesso. Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade. A mãe, viúva, com alguma cousa de seu, adorava o filho e trazia-o amimado, asseado, enfeitado, com um vistoso pajem atrás, um pajem que nos deixava gazear a escola, ir caçar ninhos de pássaros, ou perseguir lagartixas nos morros do Livramento e da Conceição, ou simplesmente arruar, à toa, como dous peraltas sem emprego. E de imperador! Era um gosto ver o Quincas Borba fazer de imperador nas festas do Espírito Santo. De resto, nos nossos jogos pueris, ele escolhia sempre um papel de rei, ministro, general, uma supremacia, qualquer que fosse. Tinha garbo o traquinas, e gravidade, certa magnificência nas atitudes, nos meneios. Quem diria que... Suspendamos a pena; não adiantemos os sucessos. Vamos de um salto a 1822, data da nossa independência política, e do meu primeiro cativeiro pessoal.
(Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas)

A enumeração de substantivos expressa gradação ascendente em
a) “menino mais gracioso, inventivo e travesso”.
b) “trazia-o amimado, asseado, enfeitado”.
c) “gazear a escola, ir caçar ninhos de pássaros, ou perseguir lagartixas”.
d) “papel de rei, ministro, general”.
e) “tinha garbo (...), e gravidade, certa magnificência”.

168) (Fuvest-1998) Segundo a ONU, os subsídios dos **ricos** prejudicam o Terceiro Mundo de várias formas:
1. mantêm baixos os preços internacionais, desvalorizando as exportações dos países **pobres**;
2. excluem os **pobres** de vender para os mercados **ricos**;
3. expõem os produtores pobres à concorrência de produtos mais baratos em seus próprios países.
(Folha de S. Paulo, 02/11/97, E-12)

Neste texto, as palavras sublinhadas rico e pobre pertencem a diferentes classes de palavras, conforme o grupo sintático em que estão inseridas.
a) Obedecendo à ordem em que aparecem no texto, identifique a classe a que pertencem, em cada ocorrência sublinhada, as palavras rico e pobre.
b) Escreva duas frases com a palavra brasileiro, empregando-a cada vez em uma dessas classes.

169) (Fuvest-2000) Cultivar amizades, semear empregos e preservar a cultura fazem parte da nossa natureza.

a) Explique o efeito expressivo que, por meio da seleção lexical, se obteve nesta frase.
b) Reescreva a frase, substituindo por substantivos cognatos os verbos cultivar, semear e preservar, fazendo também as adaptações necessárias.

170) (FVG - SP-2007) Assinale a alternativa em que a flexão dos compostos esteja de acordo com a norma culta.
a) Leões-de-chácara, prontos-socorros, quartas-feiras, guardas-noturnos.
b) Leões-de-chácaras, pronto-socorros, quartas-feira, guarda-noturnos.
c) Leões-de-chácara, pronto-socorros, quartas-feiras, guardas-noturno.
d) Leões-de-chácaras, prontos-socorros, quartasfeiras, guardas-noturnos.
e) Leões-de-chácara, pronto-socorros, quarta-feiras, guardas-noturno.

171) (IBMEC-2006) Me devolva o Neruda
(que você nem leu)

Quando o Chico Buarque escreveu o verso acima, ainda não tinha o “que você nem leu”. A palavra Neruda - prêmio Nobel, chileno, de esquerda - era proibida no Brasil. Na sala da Censura Federal o nosso poeta negociou a proibição. E a música foi liberada quando ele acrescentou o “que você nem leu”, pois ficava parecendo que ninguém dava bola para o Neruda no Brasil. Como eram burros os censores da ditadura militar! E coloca burro nisso!!!

Mas a frase me veio à cabeça agora, porque eu gosto demais dela. Imagine a cena. No meio de uma separação, um dos cônjuges (me desculpe a palavra) me solta esta: me devolva o Neruda que você nem leu! Pense nisso.

Pois eu pensei exatamente nisso quando comecei a escrever esta crônica, que não tem nada a ver com o Chico, nem com o Neruda e, muito menos, com os militares.

É que eu estou aqui para dizer um tchau. Um tchau breve porque, se me aceitarem - você e o diretor da revista -, eu volto daqui a dois anos. Vou até ali escrever uma novela na Globo (o patrão vai continuar o mesmo) e depois eu volto. Esperando que você já tenha lido o Neruda.

Mas aí você vai dizer assim: pó, escrever duas crônicas por mês, fora a novela, o cara não consegue? O que é uma crônica? Uma página e meia. Portanto, três páginas por mês e o cara me vem com esse papo de Neruda? Preguiçoso, no mínimo.

Quando faço umas palestras por aí, sempre me perguntam o que é necessário para se tornar um escritor. E eu sempre respondo: talento e sorte. Entre os 10 e 20 anos, recebia na minha casa O Cruzeiro, Manchete e o jornal Última Hora. E lá dentro eu lia (me invejem): Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, Fernando Sabino, Millôr Fernandes, Nelson Rodrigues, Stanislaw Ponte Preta, Carlos Heitor Cony. E pensava, adolescentemente: quando eu crescer, vou ser cronista.

Bem ou mal, consegui meu espaço. E agora, ao pedir de volta o livro chileno, fico pensando em como eu me sentiria se, um dia, um desses aí acima escrevesse que iria dar um tempo. Eu matava o cara! Isso não se faz com o leitor (desculpe, minha amiga, não estou me colocando no mesmo nível deles, não!)

E deixo aqui uns versinhos do Neruda para as minhas leitoras de 30 e 40 anos (e para todas):

Escuchas otras voces en mi voz dolorida
Llanto de viejas bocas, sangre de viejas súplicas,
Amame, compañera. No me abandones. Sigueme,
Sigueme, compañera, en esa ola de angústia.
Pero se van tiñendo con tu amor mis palabras
Todo lo ocupas tú, todo lo ocupas
Voy haciendo de todas un collar infinito
Para tus blancas manos, suaves como las uvas.

Desculpe o mau jeito: tchau!

(Prata, Mario. Revista Época*. São Paulo. Editora Globo, Nº-324, 02 de agosto de 2004, p. 99)*

É exemplo de frase em que o sujeito é representado por um substantivo sobrecomum:

a) “E deixo aqui uns versinhos do Neruda para as minhas leitoras de 30 e 40 anos (e para todas):”
b) “Eu matava o cara!”
c) “Mas a frase me veio à cabeça agora, porque eu gosto demais dela.”
d) “Quando o Chico Buarque escreveu o verso acima, ainda não tinha o ‘que você nem leu’.“
e) “No meio de uma separação, um dos cônjuges (me desculpe a palavra) me solta esta...“

172) (IBMEC-2006) Um homem de consciência

“Chamava-se João Teodoro, só. O mais pacato e modesto dos homens. Honestíssimo e lealíssimo, com um defeito apenas: não dar o mínimo valor a si próprio. Para João Teodoro, a coisa de menos importância no mundo era João Teodoro.

Nunca fora nada na vida, nem admitia a hipótese de vir a ser alguma coisa. E por muito tempo não quis nem sequer o que todos ali queriam: mudar-se para terra melhor.

Mas João Teodoro acompanhava com aperto de coração o deperecimento visível de sua Itaoca.

Isto já foi muito melhor, dizia consigo. Já teve três médicos bem bons — agora só um e bem ruinzote. Já teve seis advogados e hoje mal dá serviço para um rábula ordinário como o Tenório. Nem circo de cavalinhos bate mais por aqui. A gente que presta se muda. Fica o restolho. Decididamente, a minha Itaoca está se acabando…

João Teodoro entrou a incubar a idéia de também mudar-se, mas para isso necessitava dum fato qualquer que o convencesse de maneira absoluta de que Itaoca não tinha mais conserto ou arranjo possível.

— É isso, deliberou lá por dentro. Quando eu verificar que tudo está perdido, que Itaoca não vale mais nada de nada de nada, então arrumo a trouxa e boto-me fora daqui.

Um dia aconteceu a grande novidade: a nomeação de João Teodoro para delegado. Nosso homem recebeu a notícia como se fosse uma porretada no crânio. Delegado ele! Ele que não era nada, nunca fora nada, não queria ser nada, não se julgava capaz de nada…

Ser delegado numa cidadezinha daquelas é coisa seriíssima. Não há cargo mais importante. É homem que prende os outros, que solta, que manda dar sovas, que vai à capital falar com o governo. Uma coisa colossal ser delegado — e estava ele, João Teodoro, de-le-ga-do de Itaoca!…

João Teodoro caiu em meditação profunda. Passou a noite em claro, pensando e arrumando as malas. Pela madrugada botou-os num burro, montou no seu cavalo magro e partiu.

— Que é isso, João? Para onde se atira tão cedo, assim de armas e bagagens?

— Vou-me embora, respondeu o retirante. Verifiquei que Itaoca chegou mesmo ao fim.

— Mas, como? Agora que você está delegado?

— Justamente por isso. Terra em que João Teodoro chega a delegado, eu não moro. Adeus.

E sumiu.“
(Lobato, Monteiro. Cidades Mortas. São Paulo, Editora Brasiliense, 2004, 26ª- edição, p. 167-8)

Assinale o período que apresenta, respectivamente, substantivo e adjetivo flexionados em grau.
a) “Já teve três médicos bem bons — agora só um e bem ruinzote.”
b) “Ser delegado numa cidadinha daquelas é coisa seriíssima.”
c) “Honestíssimo e lealíssimo, com um defeito apenas: não dar o mínimo valor a si próprio.”
d) “O mais pacato e modesto dos homens.”
e) “Pela madrugada botou-as num burro, montou no seu cavalo magro e partiu.”

173) (IBMEC-2006) A busca da felicidade
Ser feliz é provavelmente o maior desejo de todo ser humano. Na prática, ninguém sabe definir direito a palavra felicidade. Mas todos sabem exatamente o que ela significa. Nos últimos tempos, psicólogos, neurocientistas e filósofos têm voltado sua atenção de modo sistemático para esse tema que sempre fascinou, intrigou e desafiou a humanidade.
As últimas conclusões a que eles chegaram são o tema de uma densa reportagem escrita pelo redator-chefe de ÉPOCA, David Cohen, em parceria com a editora Aida Veiga. O texto, conduzido com uma dose incomum de bom humor, inteligência e perspicácia, contradiz várias noções normalmente tidas como verdade pela maior parte das pessoas. A felicidade, ao contrário do que parece, não é mais fácil para os belos e ricos.
A maioria dos prazeres ao alcance daqueles que possuem mais beleza ou riqueza tem, segundo as pesquisas, um impacto de curtíssima duração. Depois de usufruí-los, as pessoas retornam a seu nível básico de satisfação com a vida. Por isso, tanta gente parece feliz à toa, enquanto tantos outros não perdem uma oportunidade de reclamar da existência.
Mesmo quem passa por experiências de impacto decisivo, como ganhar na loteria ou perder uma perna, costuma voltar a seu estado natural de satisfação. Seria então a felicidade um dado da natureza, determinado exclusivamente pelo que vem inscrito na carga genética?
De acordo com os estudos, não é bem assim. Muitas práticas vêm tendo sua eficácia comprovada para tornar a vida mais feliz: ter amigos, ter atividades que exijam concentração e dedicação completas, exercer o controle sobre a própria vida, ter um sentido de gratidão para com as coisas ou pessoas boas que apareçam, cuidar da saúde, amar e ser amado. Uma das descobertas mais fascinantes dos pesquisadores é que parece não adiantar nada ir atrás de todas as conquistas que, segundo julgamos, nos farão mais felizes. Pelo contrário, é o fato de sermos mais felizes que nos ajuda a conquistar o que desejamos.
Nada disso quer dizer que os cientistas tenham descoberto a fórmula mágica nem que tenha se tornado fácil descobrir a própria felicidade. Olhando aqui de fora, até que David e Aida parecem felizes com o resultado do trabalho que fizeram. Agora, é esperar que esse resultado também ajude você a se tornar mais feliz.
(Gurovitz, Hélio. Revista ÉPOCA. Editora Globo, São Paulo. Número 412, 10 de abril de 2006, p. 6)

Sobre a palavra felicidade é **correto** afirmar que:
a) É um substantivo abstrato formado por derivação sufixal e composto por dez letras e dez fonemas.
b) É um substantivo derivado formado por derivação imprópria e composto por dez letras e cinco fonemas.
c) É um adjetivo formado por derivação imprópria e composto por dez letras e dez fonemas.
d) É um adjetivo formado por derivação progressiva e composta por dez letras e dez fonemas.
e) É um substantivo comum formado por derivação parassintética e composto por dez letras e nove fonemas.

174) (ITA-2002) Beber é mal, mas é muito bom.
(FERNANDES, Millôr. Mais! Folha de S. Paulo, 5 ago. 2001, p. 28.)

A palavra “mal”, no caso específico da frase de Millôr, é:
a) adjetivo.
b) substantivo.
c) pronome.
d) advérbio.
e) preposição.

175) (ITA-2003) Durante a Copa do Mundo deste ano, foi veiculada, em programa esportivo de uma emissora de TV, a notícia de que um apostador inglês acertou o resultado de uma partida, porque seguiu os prognósticos de seu burro de estimação. Um dos comentaristas fez, então, a seguinte observação: “Já vi muito comentarista burro,mas burro comentarista é a primeira vez.”
Percebe-se que a classe gramatical das palavras se altera em função da ordem que elas assumem na expressão.
Assinale a alternativa em que isso **NÃO** ocorre:
a) obra grandiosa
b) jovem estudante
c) brasileiro trabalhador
d) velho chinês
e) fanático religioso

176) (Mack-2007) Há exatamente dois anos, parei de fumar. Desde então, só fumei uns três charutos incompletos. Em casamentos. E dos bons.
Depois de um ano, você é considerado um ex por muitos pneumologistas. A vontade passou. Você está com outra cara. A pele melhorou. O otimismo reacende. Você até

acha que o Brasil tem jeito, que o pessoal reclama de barriga cheia. Falando em barriga...
Você não se importa em engordar um pouquinho?
Marcelo Rubens Paiva

Afirma-se, com correção, que:
a) o adjetivo bons (linha 02) só pode se referir a casamentos, apesar de charutos ser outra forma no masculino e no plural presente no parágrafo.
b) em uns três (linha 02), o termo destacado confere precisão à quantificação apresentada.
c) exatamente (linha 01) pode ser substituído por "corretamente", sem alterar o sentido original.
d) ex (linha 03) tem valor de substantivo, como em "O novo campeão cumprimentou o ex".
e) até (linha 05) indica um limite físico extremo, como em "Está envolvido, até o pescoço, em irregularidades".

177) (UEL-1995) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

É nas ..... do Palácio que ocorrem, por motivos ....., as disputas do poder de influência sobre o Presidente.
a) antes-sala - quaisquer.
b) ante-salas - qualquer.
c) antes-salas - quaisquer.
d) antes-salas - qualquer.
e) ante-salas - quaisquer.

178) (UEPB-2006) "Como agravante temos nessa região pobre uma taxa de crescimento demográfico mais rápido do país e dificilmente igualada." (Correio da Paraíba, 24/05/05)
A compreensão do fragmento acima está prejudicada devido a uma ambigüidade na estrutura oracional, provocada pela inadequada distribuição dos substantivos e adjetivos em destaque no texto. Apresentamos, abaixo, outras versões (de I a IV) para expressar a informação.
I. "Como agravante, temos, nessa região pobre do país, uma alta taxa de crescimento demográfico, dificilmente igualada."
II. "Como agravante, temos nessa região pobre do país um rápido crescimento demográfico, dificilmente igualado."
III. "Como agravante temos nessa região pobre uma taxa de crescimento demográfico do pais mais rápido e dificilmente igualada."
IV. "Como agravante, temos nessa região pobre uma taxa de crescimento demográfico mais rápida do país e dificilmente igualado."
Indique a alternativa que contém a(s) versão(ões) que expressa(m), claramente, a informação do texto:
a) Apenas II e IV.
b) Apenas I.
c) Apenas III e IV.
d) Apenas I e II.
e) Apenas III.

179) (UFSCar-2005) Tanta Tinta
Ah! menina tonta,
toda suja de tinta
mal o sol desponta!
(Sentou-se na ponte,muito desatenta ...
E agora se espanta:
Quem é que a ponte pinta
com tanta tinta?...)
A ponte aponta
e se desaponta.
A tontinha tenta
limpar a tinta,
ponto por ponto
e pinta por pinta ...
Ah! a menina tonta
Não viu a tinta da ponte!
(Cecília Meireles, Ou isto ou aquilo.)

Esse poema faz parte de uma coleção dedicada por Cecília Meireles às crianças.
a) Cite um dos principais recursos estilísticos nele utilizados.Exemplifique.
b) A que classe de palavra pertence a palavra tontinha, no texto? Cite uma de suas funções na construção desse texto.

180) (UNICAMP-2006) Os quadrinhos a seguir fazem parte de um material publicado na Folha de S. Paulo em 17 de agosto de 2005, relativo à crise política brasileira, que teve início em maio do mesmo ano.

CHICLETE COM BANANA - Angeli

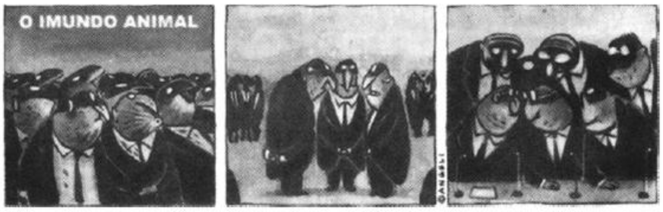

OS PESCOÇUDOS - Caco Galhardo

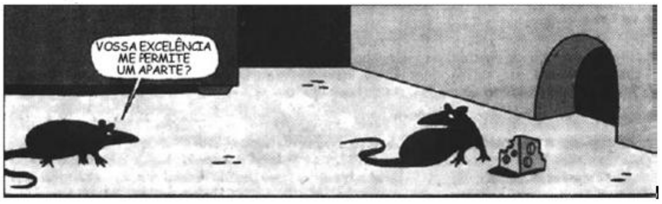
VOSSA EXCELÊNCIA ME PERMITE UM APARTE?

No quadrinho de Caco Galhardo, outras associações com a crise política podem ser observadas.
a) "Vossa Excelência me permite um aparte" é uma expressão típica de um espaço institucional. Qual é esse espaço e quais as palavras que permitem essa identificação?

b) A expressão 'um aparte' pode ser segmentada de outra maneira. Qual a expressão resultante dessa segmentação? Explique o sentido de cada uma das expressões.
c) Levando em consideração as relações entre as imagens e as palavras, explique como se constrói a interpretação do quadrinho.

181) (Unifesp-2003) A questão a seguir baseia-se em duas tirinhas de quadrinhos, de Maurício de Sousa (1935-), e na "Canção do exílio", de Gonçalves Dias (1823-1864).

Primeira tirinha

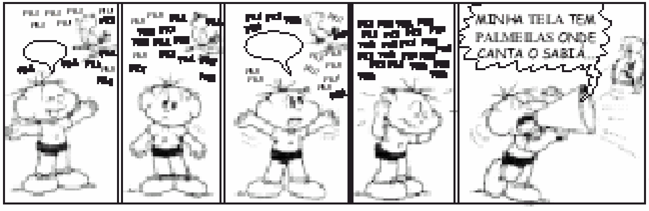
MINHA TELA TEM PALMEILAS ONDE CANTA O SABIÁ...

(Estúdio Maurício de Sousa. *Bidu Especial*. São Paulo: Abril, 1975)

Segunda tirinha

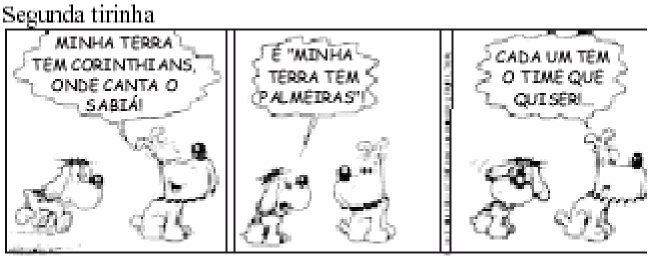
MINHA TERRA TEM CORINTHIANS, ONDE CANTA O SABIÁ!
É "MINHA TERRA TEM PALMEIRAS"!
CADA UM TEM O TIME QUE QUISER!...

(Estúdio Maurício de Sousa. *Bidu Especial*. São Paulo: Abril, 1973)

Canção do Exílio
(...)
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar - sozinho, à noite -
Mais prazer encontro eu lá;

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
(Antônio Gonçalves Dias, Primeiros Cantos)

Observe com atenção a segunda tirinha, na qual também há referências à "Canção do exílio". Caso os balõezinhos dessa tirinha não estivessem com todas as falas dos personagens escritas em letras maiúsculas, a palavra palmeiras, que aparece em uma frase entre aspas, no segundo quadrinho, deveria ser escrita
a) com inicial maiúscula, por se tratar de um substantivo próprio, nome do famoso time brasileiro de futebol.
b) com inicial minúscula, por se tratar de um substantivo comum, nome da planta referida por Gonçalves Dias, na "Canção do exílio".
c) com inicial maiúscula, por se tratar de um substantivo comum, nome da planta referida por Gonçalves Dias.
d) com inicial minúscula, por se tratar de um substantivo com valor de adjetivo, a designar um time brasileiro de futebol.
e) com inicial minúscula, por se tratar de um substantivo próprio, nome da planta referida na "Canção do exílio".

182) (UNIFESP-2005) De gramática e de linguagem
E havia uma gramática que dizia assim:
"Substantivo (concreto) é tudo quanto indica
Pessoa, animal ou cousa: João, sabiá, caneta".
Eu gosto é das cousas. As cousas, sim!...
As pessoas atrapalham. Estão em toda parte. Multiplicam-se em excesso.
As cousas são quietas. Bastam-se. Não se metem com ninguém.
Uma pedra. Um armário. Um ovo. (Ovo, nem sempre,
Ovo pode estar choco: é inquietante...)
As cousas vivem metidas com as suas cousas.
E não exigem nada.
Apenas que não as tirem do lugar onde estão.
E João pode neste mesmo instante vir bater à nossa porta.
Para quê? não importa: João vem!
E há de estar triste ou alegre, reticente ou falastrão.
Amigo ou adverso... João só será definitivo
Quando esticar a canela. Morre, João...
Mas o bom, mesmo, são os adjetivos,
Os puros adjetivos isentos de qualquer objeto.
Verde. Macio. Áspero. Rente. Escuro. Luminoso.
Sonoro. Lento. Eu sonho
Com uma linguagem composta unicamente de adjetivos
Como decerto é a linguagem das plantas e dos animais.
Ainda mais:
Eu sonho com um poema
Cujas palavras sumarentas escorram
Como a polpa de um fruto maduro em tua boca,
Um poema que te mate de amor
Antes mesmo que tu saibas o misterioso sentido:

Basta provares o seu gosto...

Para o poeta, a linguagem deve
a) ser inquietante e misteriosa como um ovo que, quando choco, guarda sentidos desconhecidos.
b) ser composta pelos substantivos concretos e pelos adjetivos para assemelhar-se à linguagem das plantas e dos animais.
c) conseguir matar as pessoas que, como diz o poeta, atrapalham. Por isso ele afirma: “Morre, João...”
d) excluir o amor, uma vez que esse sentimento a destitui do verdadeiro e misterioso sentido abrigado nas palavras.
e) bastar-se a si mesma, pois há de conter a essência do sentido na sua constituição.

183) (UNIFESP-2004) Na frase que acompanha a imagem, os substantivos próprios que compõem a mensagem indicam

a) referência indefinida ao animal e ao estilo de música, visto com reservas por boa parte do público. A informação equivale a Um acidente trágico tira a vida de uma égua.
b) informação como crítica à situação caótica do trânsito nas cidades, levando à morte trágica um ídolo musical. Poderia ser redigida assim: Éguas são vítimas de trânsito caótico.
c) metáfora do fim trágico de um estilo musical, bastante discutido na mídia, equivalendo a Acidente trágico vitima égua.
d) informação apresentada satiricamente a partir de um elemento já conhecido, podendo ser redigida da seguinte forma: Acidente trágico mata a Égua Pocotó.
e) morte da Égua para representar a violência humana aos animais. A idéia equivale a O acidente trágico mata a Égua Pocotó.

184) (Vunesp-2002) Trovas
a uma dama que lhe jurara
sempre por seus olhos.
Quando me quer enganar
a minha bela perjura,
para mais me confirmar
o que quer certificar,
pelos seus olhos mo jura.
Como meu contentamento
todo se rege por eles,
imagina o pensamento
que se faz agravo a eles
não crer tão grão juramento.

Porém, como em casos tais
ando já visto e corrente,
sem outros certos sinais,
quanto me ela jura mais
tanto mais cuido que mente.
Então, vendo-lhe ofender
uns tais olhos como aqueles,
deixo-me antes tudo crer,
só pela não constranger
a jurar falso por eles.
(CAMÕES, Luís de. Lírica. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1982, p. 56-57.)

Você só... mente
Não espero mais você,
Pois você não aparece.
Creio que você se esquece
Das promessas que me faz...
E depois vem dar desculpas
Inocentes e banais.
É porque você bem sabe
Que em você desculpo
Muita coisa mais...
O que sei somente
É que você é um ente
Que mente inconscientemente,
Mas finalmente,
Não sei por que
Eu gosto imensamente de você.

E invariavelmente,
Sem ter o menor motivo,
Em um tom de voz altivo,
Você, quando fala, mente
Mesmo involuntariamente.
Faço cara de contente,
Pois sua maior mentira
É dizer à gente
Que você não mente.

O que sei somente
É que você é um ente
Que mente inconscientemente,
Mas finalmente,
Não sei por que
Eu gosto imensamente de você.
(In: Noel pela primeira vez. Coleção organizada por Miguel Jubran. São Paulo: MEC/FUNARTE/VELAS, 2000, Vol. 4, CD 7, faixa 01.)

Os homônimos homófonos e homógrafos, ou seja, vocábulos que apresentam a mesma pronúncia e a mesma grafia, são comuns na Língua Portuguesa. No verso "pelos seus olhos mo jura", o vocábulo *jura* é um verbo empregado como núcleo do predicado verbal; mas podemos construir a frase "Ele quebrou sua jura e foi para longe" em que o homônimo *jura* é empregado como substantivo em função de núcleo do objeto direto. Com base nesta informação, releia os dois poemas e, em seguida,

a) estabeleça a classe de palavra a que pertence "grão", no décimo verso do poema de Camões e escreva uma frase em que apareça um homônimo homófono e homógrafo dessa palavra;
b) aponte o efeito expressivo, relacionado com o tema e com a rima, que o emprego de advérbios como somente, inconscientemente, etc., produz na letra de Noel Rosa.

185) (Vunesp-2003) INSTRUÇÃO: A questões abaixo toma por base um fragmento da crônica Conversa de Bastidores, do ficcionista brasileiro Graciliano Ramos (1892-1953), e um trecho da narrativa O Burrinho Pedrês, do ficcionista brasileiro João Guimarães Rosa (1908-1967).

Conversa de Bastidores

[...]

Em fim de 1944, Ildefonso Falcão, aqui de passagem, apresentou-me J. Guimarães Rosa, secretário de embaixada, recém-chegado da Europa.

- O senhor figurou num júri que julgou um livro meu em 1938.

- Como era o seu pseudônimo?

- Viator.

- Ah! O senhor é o médico mineiro que andei procurando.

Ildefonso Falcão ignorava que Rosa fosse médico, mineiro e literato. Fiz camaradagem rápida com o secretário de embaixada.

- Sabe que votei contra o seu livro?

- Sei, respondeu-me sem nenhum ressentimento.

Achando-me diante de uma inteligência livre de mesquinhez, estendi-me sobre os defeitos que guardara na memória. Rosa concordou comigo. Havia suprimido os contos mais fracos. E emendara os restantes, vagaroso, alheio aos futuros leitores e à crítica. [...]

Vejo agora, relendo Sagarana (Editora Universal - Rio - 1946), que o volume de quinhentas páginas emagreceu bastante e muita consistência ganhou em longa e paciente depuração. Eliminaram-se três histórias, capinaram-se diversas coisas nocivas. As partes boas se aperfeiçoaram: O Burrinho Pedrês, A Volta do Marido Pródigo, Duelo, Corpo Fechado, sobretudo Hora e Vez de Augusto Matraga, que me faz desejar ver Rosa dedicar-se ao romance. Achariam aí campo mais vasto as suas admiráveis qualidades: a vigilância na observação, que o leva a não desprezar minúcias na aparência insignificante, uma honestidade quase mórbida ao reproduzir os fatos. Já em 1938 eu havia atentado nesse rigor, indicara a Prudente de Morais numerosos versos para efeito onomatopaico intercalados na prosa. [...]

A arte de Rosa é terrivelmente difícil. Esse antimodernista repele o improviso. Com imenso esforço escolhe palavras simples e nos dá impressão de vida numa nesga de caatinga, num gesto de caboclo, uma conversa cheia de provérbios matutos.

O seu diálogo é rebuscadamente natural: desdenha o recurso ingênuo de cortar ss, ll e rr finais, deturpar flexões, e aproximar-se, tanto quanto possível, da língua do interior.

Devo acrescentar que Rosa é um animalista notável: fervilham bichos no livro, não convenções de apólogo, mas irracionais, direitos exibidos com peladuras, esparavões e os necessários movimentos de orelha e de rabos. Talvez o hábito de examinar essas criaturas haja aconselhado o meu amigo a trabalhar com lentidão bovina.

Certamente ele fará um romance, romance que não lerei, pois, se for começado agora, estará pronto em 1956, quando os meus ossos começarem a esfarelar-se.

(Graciliano Ramos, Conversa de bastidores. In: Linhas tortas)

O Burrinho Pedrês

[...]

Nenhum perigo, por ora, com os dois lados da estrada tapados pelas cercas. Mas o gado gordo, na marcha contraída, se desordena em turbulências. Ainda não abaixaram as cabeças, e o trote é duro, sob vez de aguilhoadas e gritos.

- Mais depressa, é para esmoer?! - ralha o Major. - Boiada boa!...

Galhudos, gaiolos, estrelos, espácios, combucos, cubetos, lobunos, lompardos, caldeiros, cambraias, chamurros, churriados, corombos, cornetos, bocalvos, borralhos, chumbados, chitados, vareiros, silveiros... E os tocos da testa do mocho macheado, e as armas antigas do boi cornalão...

- P'ra trás, boi-vaca!

- Repele Juca... Viu a brabeza dos olhos? Vai com sangue no cangote...

- Só ruindade e mais ruindade, de em-desde o redemunho da testa até na volta da pá! Este eu não vou perder de olho, que ele é boi espirrador...

Apuram o passo, por entre campinas ricas, onde pastam ou ruminam outros mil e mais bois. Mas os vaqueiros não esmorecem nos eias e cantigas, porque a boiada ainda tem passagens inquietantes: alarga-se e recomprime-se, sem motivo, e mesmo dentro da multidão movediça há giros estranhos, que não os deslocamentos normais do gado em marcha - quando sempre alguns disputam a colocação na vanguarda, outros procuram o centro, e muitos se deixam levar, empurrados, sobrenadando quase, com os mais fracos rolando para os lados e os mais pesados tardando para trás, no coice da procissão.

- Eh, boi lá!... Eh-ê-ê-eh, boi!... Tou! Tou! Tou...

As ancas balançam, e as vagas de dorsos, das vacas e touros, batendo com as caudas, mugindo no meio, na massa embolada, com atritos de couros, estralos de guampas, estrondos e baques, e o berro queixoso do gado junqueira, de chifres imensos, com muita tristeza, saudade dos campos, querência dos pastos de lá do sertão...

"Um boi preto, um boi pintado,
cada um tem sua cor.
Cada coração um jeito
de mostrar o seu amor."

Boi bem bravo, bate baixo, bota baba, boi berrando...
Dança doido, dá de duro, dá de dentro, dá direito... Vai, vem, volta, vem na vara, vai não volta, vai varando...
"Todo passarinh' do mato
tem seu pio diferente.
Cantiga de amor doído
não carece ter rompante...".
Pouco a pouco, porém, os rostos se desempanam e os homens tomam gesto de repouso nas selas, satisfeitos. Que de trinta, trezentos ou três mil, só está quase pronta a boiada quando as alimárias se aglutinam em bicho inteiro - centopeia -, mesmo prestes assim para surpresas más.
(João Guimarães Rosa, O burrinho pedrês. In: Sagarana)

Muitas palavras podem atuar nas frases como representantes de diferentes classes e exercer, portanto, diferentes funções sintáticas. Tendo em mente esta informação,
a) determine, com base em características formais da frase em que se encontra, a classe de palavras em que se enquadra a palavra ***eias***, empregada por Guimarães Rosa no sétimo parágrafo do trecho citado;
b) considerando que, no quarto período do antepenúltimo parágrafo de seu texto, Graciliano Ramos representou três palavras visualmente por meio das letras dobradas rr, ll e ss, reescreva esse período, substituindo tais letras dobradas pelas palavras correspondentes.

186) (Vunesp-2003) Na morte dos rios
Desde que no Alto Sertão um rio seca,
a vegetação em volta, embora de unhas,
embora sabres, intratável e agressiva,
faz alto à beira daquele leito tumba.
Faz alto à agressão nata: jamais ocupa
o rio de ossos areia, de areia múmia.
(João Cabral de Melo Neto)

João Cabral de Melo Neto pretendeu criar uma linguagem para seus poemas que se afastasse um pouco da linguagem usual, por meio de pequenos desvios. Para isso, empregou, às vezes, palavras fora das classes morfológicas a que pertencem.
a) Transcreva os fragmentos em que isso acontece.
b) Identifique a classe original das palavras e a classe em que João Cabral as utilizou em seu poema.

187) (Vunesp-Ilha Solteira-2001) Determinada instituição bancária enviou aos seus clientes uma carta, na qual lhes propõe uma linha de crédito pessoal para o Dia das Mães.

Considere os seguintes trechos desse documento:

"Por ter feito de você esta grande pessoa, o crédito é todo para ela."
"Por tornar este Dia das Mães simplesmente inesquecível, o crédito é todo seu."

A partir da leitura dos dois trechos da carta, responda:

a) A quem se referem os pronomes "ela" e "seu"?
b) Quais as interpretações que podem ser feitas da palavra "crédito" nos trechos da carta?

188) (Faap-1997) AS POMBAS

Vai-se a primeira pomba despertada...
Vai-se outra mais... mais outra... enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombais, apenas
Raia sangüínea e fresca a madrugada

E à tarde, quando a rígida nortada
Sopra, aos pombais, de novo, elas, serenas
Ruflando as asas, sacudindo as penas,
Voltam todas em bando e em revoada...

Também dos corações onde abotoam,
Os sonhos, um por um, céleres voam
Como voam as pombas dos pombais;

No azul da adolescência as asas soltam,
Fogem... Mas aos pombais as pombas voltam
E eles aos corações não voltam mais...
(Raimundo Correia)

"... um por um, CÉLERES voam" ou seja:
a) ... um por um, magoados voam.
b) ... um por um, dernorteados voam.
c) ... um por um, velozes voam.
d) ... um por um, frustrados voam.
e) ... um por um, cordiais voam.

189) (FEI-1997) "Não é o homem um mundo pequeno que está dentro do mundo grande, mas é um mundo grande que está dentro do pequeno. Baste *por prova o coração humano, que sendo uma pequena parte do homem, excede na capacidade a toda a grandeza do mundo. (...) O mar, com ser um monstro,* indômito, chegando às areias, pára; as árvores, onde *as põem, não se mudam; os peixes contentam-se com o mar, as aves com o ar, os outros animais com a terra. Pelo contrário, o homem, monstro ou quimera de todos os elementos, em nenhum lugar *pára, com nenhuma fortuna se contenta, nenhuma ambição ou apetite o falta: tudo confunde e como é maior que o mundo, não cabe nele".

Observe as palavras indicadas no texto: "por" (ref. 1); "indômito" (ref. 2); "as" (ref. 3); "pára" (ref. 4). Assinale a alternativa que analise corretamente a classe gramatical destas palavras:
a) verbo - substantivo - pronome - preposição.
b) preposição - substantivo - artigo - verbo.

c) verbo - adjetivo - artigo - verbo.
d) preposição - adjetivo - artigo - preposição.
e) preposição - adjetivo - pronome - verbo.

190) (FGV-2002) Um cachorro de maus bofes acusou uma pobre ovelhinha de lhe haver furtado um osso.
- Para que furtaria eu esse osso - ela - se sou herbívora e um osso para mim vale tanto quanto um pedaço de pau?
- Não quero saber de nada. Você furtou o osso e vou levá-la aos tribunais.
E assim fez.
Queixou-se ao gavião-de-penacho e pediu-lhe justiça. O gavião reuniu o tribunal para julgar a causa, sorteando para isso doze urubus de papo vazio.
Comparece a ovelha. Fala. Defende-se de forma cabal, com razões muito irmãs das do cordeirinho que o lobo em tempos comeu.
Mas o júri, composto de carnívoros gulosos, não quis saber de nada e deu a sentença:
- Ou entrega o osso já e já, ou condenamos você à morte!
A ré tremeu: não havia escapatória!... Osso não tinha e não podia, portanto, restituir; mas tinha vida e ia entregá-la em pagamento do que não furtara.
Assim aconteceu. O cachorro sangrou-a, espostejou-a, reservou para si um quarto e dividiu o restante com os juízes famintos, a título de custas...
(Monteiro Lobato. Fábulas e Histórias Diversas)

a) Dê o superlativo absoluto sintético de pobre, em suas duas formas possíveis.
b) Numa dessas formas, o superlativo absoluto sintético de pobre assume característica latina. Ofereça dois outros exemplos em que, de acordo com a norma culta, isso ocorra.

191) (FGV-2001) Assinale a alternativa gramaticalmente correta.
A) Na Aliança Lusa-brasileira, os porteiros usavam ternos azuis-marinhos e as recepcionistas, saias azuis-pavões.
B) Na Aliança Luso-brasileira, os porteiros usavam ternos cinzas-chumbos e as recepcionistas, saias verdes-olivas.
C) Na Aliança Luso-brasileira, os porteiros usavam ternos cinza-chumbo e as recepcionistas, saias verde-oliva.
D) Na Aliança Lusa-brasileira, os porteiros usavam ternos cinzas-chumbo e as recepcionistas, saias verdes-oliva.
E) Na Aliança Luso-brasileira, os porteiros usavam ternos cinza-chumbos e as recepcionistas, saias verde-olivas.

192) (FGV-2004) Assinale a alternativa em que a palavra sublinhada NÃO tem valor de adjetivo.
a) A malha azul estava molhada.
b) O sol desbotou o verde da bandeira.
c) Tinha os cabelos branco-amarelados.
d) As nuvens tornavam-se cinzentas.
e) O mendigo carregava um fardo amarelado.

193) (FGV-2004) 1. Há palavras que ninguém emprega. Apenas se
2. encontram nos dicionários como velhas
3. caducas num asilo. Às vezes uma que outra se
4. escapa e vem luzir-se desdentadamente, em
5. público, nalguma oração de paraninfo. Pobres
6. velhinhas... Pobre velhinho!
QUINTANA, Mário. Triste História,em Porta Giratória. São Paulo: Globo, 1988, p. 20.

a) Quem são, no texto, as "pobres velhinhas"? E o "pobre velhinho"? (L. 5 e 6).
b) Qual a diferença entre pobre velhinho e velhinho pobre?

194) (Fuvest-1998) "É preciso agir, e **rápido**", disse ontem o ex-presidente nacional do partido.

A frase em que a palavra sublinhada NÃO exerce função idêntica à de **rápido** é:

a) Como estava exaltado, o homem gesticulava e falava **alto**.
b) Mademoiselle ergueu **súbito** a cabeça, voltou-a pro lado, esperando, olhos baixos.
c) Estavam acostumados a falar **baixo**.
d) Conversamos por alguns minutos, mas tão **abafado** que nem as paredes ouviram.
e) Sim, havíamos de ter um oratório bonito, **alto**, de jacarandá.

195) (Fuvest-2002) Talvez pareça excessivo o escrúpulo do Cotrim, a quem não souber que ele possuía um caráter ferozmente honrado. Eu mesmo fui injusto com ele durante os anos que se seguiram ao inventário de meu pai. Reconheço que era um modelo. Argüiam-no de avareza, e cuido que tinham razão; mas a avareza é apenas a exageração de uma virtude e as virtudes devem ser como os orçamentos: melhor é o saldo que o deficit. Como era muito seco de maneiras tinha inimigos, que chegavam a acusá-lo de bárbaro. O único fato alegado neste particular era o de mandar com freqüência escravos ao calabouço, donde eles desciam a escorrer sangue; mas, além de que ele só mandava os perversos e os fujões, ocorre que, tendo longamente contrabandeado em escravos, habituara-se de certo modo ao trato um pouco mais duro que esse gênero de negócio requeria, e não se pode honestamente atribuir à índole original de um homem o que é puro efeito de relações sociais.
(Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas)

O efeito expressivo obtido em “ferozmente honrado” resulta de uma inesperada associação de advérbio com adjetivo, que também se verifica em:
a) sorriso maliciosamente inocente.
b) formas graciosamente curvas.
c) sistema singularmente espantoso.
d) opinião simplesmente abusada.
e) expressão profundamente abatida.

196) (IME-1996) Nas frases a seguir há erros ou impropriedades. Reescreva-as e justifique a correção.
a) "Por que os namorados preferem andar só, detestando as companhias?"
b) "Seu preparo e honestidade rara fizeram dele um funcionário invejado."

197) (ITA-2000) Filme bom é filme antigo? Lógico que não, mas ‘‘A Múmia’’, de 1932, põe a frase em xeque.
Sua refilmagem, com Brendan Fraser no elenco, ainda corre nos cinemas brasileiros, repleta de humor e efeitos visuais.
Na de Karl Freund, há a vantagem de Boris Karloff no papel-título, compondo uma múmia aterrorizadora, fiel ao terror dos anos 30.
Apesar de alguma precariedade, lança um clima de mistério que a versão 1999 não conseguiu, tal a ênfase dada à embalagem. Daí ‘‘nem sempre cinema bom são efeitos especiais’’ deveria ser a tal frase.(PSL)
A precária e misteriosa múmia de 32, *Folha de S. Paulo,* Caderno Ilustrada, 4/8/1999.)

Em: ‘‘**tal** a ênfase dada à embalagem’’ e ‘‘deveria ser **a tal** frase’’, os termos em destaque nas duas frases podem ser substituídos, respectivamente, por:
a)semelhante; aquela.
b) tamanha; essa.
c) tamanha; aquela.
d) semelhante; essa.
e) essa; aquela.

198) (Mack-2002) Na semana passada, ouvi uma senhora suspirar: - “Tudo anda tão confuso!”. E, de fato, o homem moderno é um pobre ser dilacerado de perplexidades. Nunca se duvidou tanto. Outro dia, um diplomata português perguntou se a mulher bonita era realmente bonita. Respondi-lhe: - “Às vezes”.
Já escrevi umas cinqüenta vezes que a grã-fina é a falsa bonita. Seu penteado, seus cílios, seus vestidos, seu decote, sua maquiagem, suas jóias - tudo isso não passa de uma minuciosa montagem. E se olharmos bem, veremos que sua beleza é uma fraude admirável. Todos se iludem, menos a própria. No terreno baldio, e sem testemunhas, ela há de reconhecer que apenas realiza uma imitação de beleza.
Portanto, a pergunta do diplomata português tem seu cabimento. E minha resposta também foi justa. Às vezes, a mulher bonita não é bonita, como a grã-fina. Mesmo as que são bem-dotadas fisicamente têm suas dúvidas.
Crônica de Nelson Rodrigues

Assinale a alternativa correta sobre o último parágrafo do texto.
a) Se o texto se referisse a homem bonito estaria correta a expressão como o grão-fino.
b) O uso de também indica que o cronista considera justa a pergunta do diplomata português.
c) Está subentendido o segmento destacado em: como a grã-fina **poderia ser bonita**.
d) Portanto introduz uma explicação relativa ao que se afirma na oração anterior.
e) Em seu cabimento, o pronome expressa posse relativa ao diplomata português.

199) (Mack-2004) Há no Brasil grandíssimas matas de árvores agrestes, cedros, carvalhos, vinháticos, angelins e outras não conhecidas em Espanha, de madeiras fortíssimas para se poderem fazer delas fortíssimos galeões e, o que mais é, que da casca de algumas se tira a estopa para se calafetarem e fazerem cordas para enxárcia e amarras, do que tudo se aproveitam os que querem cá fazer navios, e se pudera aproveitar el-rei se cá os mandara fazer.
Obs.: enxárcia - conjunto de cabos e degraus roliços feitos de cabo (‘corda’), madeira ou ferro, que sustentam mastros de embarcações a vela

Assinale a afirmação correta.
a) Na caracterização de espécies vegetais brasileiras, a Espanha foi tomada como referência.
b) A relação entre fortíssimo e “muito forte” é a mesma que entre “bom” e “muito bom”.
c) Em **de algumas** se tira a estopa, a expressão em negrito é complemento agente da passiva.
d) É coerente com o texto a afirmação: “de tudo se aproveitam não só os envolvidos com objetos navais, como também os ocupados com cordas para enxárcia e amarras”.
e) Em da casca de algumas se tira a estopa, está presente a idéia de que o benefício advém da totalidade das espécies vegetais.

200) (Mack-2006) Origem, nascimento e batizado
Era no tempo do Rei [...].
Ao sair do Tejo, estando a Maria encostada à borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto dela, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. Era isso uma declaração em

forma, segundo os usos da terra: levaram o resto do dia de namoro cerrado [...].
[...] meses depois teve a Maria um filho, formidável menino [...], o qual, logo depois que nasceu, mamou duas horas seguidas sem largar o peito. E este nascimento é certamente de tudo o que temos dito o que mais interessa, porque o menino de quem falamos é o herói desta história.
Manuel Antônio de Almeida— Memórias de um sargento de milícias

No texto,
a) o uso simultâneo de sapatão (aumentativo) (linha 03) e pisadela (diminutivo) (linha 03) reforça a idéia de que Leonardo fingia distração.
b) **como** envergonhada (linha 04) corresponde a uma intensificação do adjetivo, já que a forma destacada é sinônima de “muito”.
c) valente (linha 03) e tremendo (linha 05) podem ser entendidos, respectivamente, como “vigorosa” e “vigoroso”.
d) cerrado (linha 06) sintetiza a circunstância de que o casal guardava suas manifestações de afeto para os ambientes reservados, isolados.
e) formidável (linha 07) é usado de forma irônica, pois o menino, ao nascer, revelou comportamento normal e previsível.

201) (UECE-2002) Texto: IRACEMA
Além, muito além daquela serra que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.
Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.
O favo da jati não era doce como o seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.
Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.
(José de Alencar)

O objetivo principal do texto é caracterizar Iracema. Essa intenção se materializa pelo(a)
I. uso de formas verbais de aspecto durativo
II. predominância de verbos no pretérito perfeito do indicativo
III. emprego de adjetivos e orações relativas

É correto o que se afirma
a) em I e II
b) em I e III
c) em I, II e III
d) apenas em III

202) (UECE-1996) A flexão nominal está correta em:

a) assistência MÉDICA-OFTALMOLÓGICA.
b) informações HISTÓRICO-CULTURAIS.
c) questões JURÍDICAS-POLÍTICAS.
d) sapatos BRANCO-GELOS.

203) (UEL-1994) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
Elas ficaram ...... impressionadas com seus poderes ....
a) meio - supra-sensoriais.
b) meias - supras-sensoriais.
c) meio - supras-sensoriais.
d) meias- supra-sensorial.
e) meio - supra-sensorial.

204) (UFAC-1997) O PRIMO
Primeira noite ele conheceu que Santina não era moça. Casado por amor, Bento se desesperou. Matar a noiva, suicidar-se, e deixar o outro sem castigo? Ela revelou que, havia dois anos, o primo Euzébio lhe fizera mal, por mais que se defendesse. De vergonha, prometeu a Nossa Senhora ficar solteira. O próprio Bento não a deixava mentir, testemunha de sua aflição antes do casamento. Santina pediu perdão, ele respondeu que era tarde - noiva de grinalda sem ter direito.
(Cemitério de elefantes. Apud CARNEIRO, Agostinho Dias)

"...o primo Euzébio lhe fizera mal..." Nessa frase, a palavra mal está escrita com "l". Há, porém, situações em que ela também pode ser escrita com "u". Observe as frases abaixo e, em seguida, assinale a alternativa cuja seqüência preencha adequadamente os espaços em branco.

- Para Santina, Euzébio foi um homem____.
- Segundo o narrador, Bento fez um _____ casamento.
- Bento recebeu muito_____ a revelação de Santina.
_____ ouviu a revelação de Santina, Bento decidiu separar-se.

a) mau / mal / mal / Mau
b) mau / mal / mau / Mal
c) mal / mau / mal / Mau
d) mal / mal / mau / Mau
e) mau / mau / mal / Mal

205) (UFC-2002) “Erraste acreditando no mal, erraste acreditando no bem, que te mostraram tuas duas lunetas, que exageraram o mal e o bem, ostentando cada uma o exclusivismo falaz do seu encantamento especial.

Assinale a alternativa em que o termo grifado tem o mesmo significado de **falaz**
a) A felicidade do ser humano parece fugaz.
b) O individualismo das pessoas é transitório.
c) É enganoso achar que o homem sincero é feliz.

d) Parece ingênuo achar que todos nascem felizes.
e) É absurdo acreditar que a criação divina é única

206) (UFPB-2006) **Pudor** (Fragmento)
Certas palavras nos dão a impressão de que voam, ao saírem da boca. "Sílfide", por exemplo. É dizer "Sílfide" e ficar vendo suas evoluções no ar, como as de uma borboleta. Não tem nada a ver com o que a palavra significa. "Sílfide", eu sei, é o feminino de "silfo", o espírito do ar, e quer mesmo dizer uma coisa diáfana, leve, borboleteante. Mas experimente dizer "silfo". Não voou, certo? Ao contrário da sua mulher, "silfo" não voa. Tem o alcance máximo de uma cuspida. "Silfo", zupt, ploft. A própria palavra "borboleta" não voa, ou voa mal. Bate as asas, tenta se manter aérea mas choca-se contra a parede. Sempre achei que a palavra mais bonita da língua portuguesa é "sobrancelha". Esta não voa mas paira no ar, como a neblina das manhãs até ser desmanchada pelo sol. Já a terrível palavra "seborréia" escorre pelos cantos da boca e pinga no tapete. [...]

(VERISSIMO, Luis Fernando. **Comédias para se ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 69).

Considere as expressões abaixo:

I. *"**certas** palavras"*(linha 1)
II. *"coisa **diáfana**"* (linha 7)
III. *"alcance **máximo**"* (linha 10)

Invertendo-se, em cada uma delas, a ordem da palavra destacada, ocorrerá alteração de sentido, apenas em:

a) I
b) II
c) III
d) I e II
e) I e III

207) (UFPB-2006) TEXTO I

Amor
AS CORTINAS DA JANELA cerraram-se; Cecília tinha-se deitado.
Junto da inocente menina, adormecida na isenção de sua alma pura e virgem, velavam três sentimentos profundos, palpitavam três corações bem diferentes.
Em Loredano, o aventureiro de baixa extração, esse sentimento era um desejo ardente, uma sede de gozo, uma febre que lhe requeimava o sangue; o instinto brutal dessa natureza vigorosa era ainda aumentado pela impossibilidade moral que a sua condição criava, pela barreira que se elevava entre ele, pobre colono, e a filha de D. Antônio de Mariz, rico fidalgo de solar e brasão.
Para destruir esta barreira e igualar as posições, seria necessário um acontecimento extraordinário, um fato que alterasse completamente as leis da sociedade naquele tempo mais rigorosas do que hoje; era precisa uma dessas situações à face das quais os indivíduos, qualquer que seja a sua hierarquia, nobres e párias, nivelam-se; e descem ou sobem à condição de homens.
O aventureiro compreendia isto; talvez que o seu espírito italiano já tivesse sondado o alcance dessa idéia; em todo o caso o que afirmamos é que ele esperava, e esperando vigiava o seu tesouro com um zelo e uma constância a toda a prova; os vinte dias que passara no Rio de Janeiro tinham sido verdadeiro suplício.
Em Álvaro, cavalheiro delicado e cortês, o sentimento era uma afeição nobre e pura, cheia da graciosa timidez que perfuma as primeiras flores do coração, e do entusiasmo cavalheiresco que tanta poesia dava aos amores daquele tempo de crença e lealdade.
Sentir-se perto de Cecília, vê-la e trocar alguma palavra a custo balbuciada, corarem ambos sem saberem por quê, e fugirem desejando encontrar-se, era toda a história desse afeto inocente, que se entregava descuidosamente ao futuro, librando-se nas asas da esperança.
Nessa noite Álvaro ia dar um passo que na sua habitual timidez, ele comparava quase com um pedido formal de casamento; tinha resolvido fazer a moça aceitar malgrado seu o mimo que recusara, deitando-o na sua janela; esperava que encontrando-o no dia seguinte, Cecília lhe perdoaria o seu ardimento, e conservaria a sua prenda.
Em Peri o sentimento era um culto, espécie de idolatria fanática, na qual não entrava um só pensamento de egoísmo; amava Cecília não para sentir um prazer ou ter uma satisfação, mas para dedicar-se inteiramente a ela, para cumprir o menor dos seus desejos, para evitar que a moça tivesse um pensamento que não fosse imediatamente uma realidade.
Ao contrário dos outros ele não estava ali, nem por um ciúme inquieto, nem por uma esperança risonha; arrostava a morte unicamente para ver se Cecília estava contente, feliz e alegre; se não desejava alguma coisa que ele adivinharia no seu rosto, e iria buscar nessa mesma noite, nesse mesmo instante.
Assim o amor se transformava tão completamente nessas organizações, que apresentava três sentimentos bem distintos: um era uma loucura, o outro uma paixão, o último uma religião.

(ALENCAR, José de. **O Guarani**. São Paulo: FTD, 1999, p. 78-79)

GLOSSÁRIO
isentar: livrar, dispensar, desobrigar.
extração: nascimento, origem.
párias: homens excluídos da sociedade.
balbuciar: articular imperfeitamente e com hesitação.

Considere o fragmento:

“Ao contrário dos outros ele não estava ali, nem por um ciúme inquieto, nem por uma esperança risonha;” (linha 29).

As expressões **ciúme inquieto** e **esperança risonha** referem-se, respectivamente, a

I. Álvaro e Loredano, que, mesmo enciumados, devotavam seu amor a Cecília.
II. Loredano e Peri, que temiam o assédio de Álvaro, mas confiavam no sucesso de seus planos.
III. Loredano e Álvaro, que revelam sentimentos distintos em relação a Cecília.

Está(ão) correta(s) apenas:

a) I
b) II
c) III
d) I e II
e) I e III

208) (UNICAMP-2006) O trecho abaixo corresponde ao desfecho do conto A causa secreta, de Machado de Assis:
... Garcia inclinou-se ainda para beijar outra vez o cadáver, mas então não pôde mais. O beijo rebentou em soluços, e os olhos não puderam conter as lágrimas, que vieram em borbotões*, lágrimas de amor calado, e irremediável desespero. Fortunato, à porta, onde ficara, saboreou tranqüilo essa explosão de dor moral que foi longa, muito longa, deliciosamente longa.
(Machado de Assis, “A causa secreta”, em Obra Completa, Vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979, p. 519.)
*em borbotões: em jorros, em grande quantidade
a) Explique a reação de Garcia diante do cadáver.
b) Explique a repetição do adjetivo ‘longa’ no desfecho do conto.
c) Que relação há entre a atitude de Fortunato e o poema Suave mari magno?

209) (Vunesp-2002) Jeca Tatu
Jeca Tatu era um pobre caboclo que morava no mato, numa casinha de sapé. Vivia na maior pobreza, em companhia da mulher, muito magra e feia, e de vários filhinhos pálidos e tristes.
Jeca Tatu passava os dias de cócoras, pitando enormes cigarrões de palha, sem ânimo de fazer coisa nenhuma. Ia ao mato caçar, tirar palmitos, cortar cachos de brejaúva, mas não tinha a idéia de plantar um pé de couve atrás da casa. Perto corria um ribeirão, onde ele pescava de vez em quando uns lambaris e um ou outro bagre. E assim ia vivendo.
Dava pena ver a miséria do casebre. Nem móveis, nem roupas, nem nada que significasse comodidade. Um banquinho de três pernas, umas peneiras furadas, a espingardinha de carregar pela boca, muito ordinária, e só.
Todos que passavam por ali murmuravam:
- Que grandissíssimo preguiçoso!
[...]
Jeca só queria beber pinga e espichar-se ao sol no terreiro. Ali ficava horas, com o cachorrinho rente; cochilando.A vida que rodasse, o mato que crescesse na roça, a casa que caísse. Jeca não queria saber de nada. Trabalhar não era com ele.
Perto morava um italiano já bastante arranjado, mas que ainda assim trabalhava o dia inteiro. Por que Jeca não fazia o mesmo?
Quando lhe perguntavam isso, ele dizia:
- Não paga a pena plantar. A formiga come tudo.
- Mas como é que o seu vizinho italiano não tem formiga no sítio?
- É que ele mata.
- E por que você não faz o mesmo?
Jeca coçava a cabeça, cuspia por entre os dentes e vinha sempre com a mesma história:
- Quá! Não paga a pena...
- Além de preguiçoso, bêbado; e além de bêbado, idiota, era o que todos diziam.
(MONTEIRO LOBATO. Jeca Tatu. In: Obras completas de Monteiro Lobato. Vol 8. São Paulo: Editora Brasiliense Limitada, 1951, p. 329-331.)

Juca Mulato
Juca Mulato pensa: a vida era-lhe um nada...
Uns alqueires de chão; o cabo de uma enxada;
um cavalo pigarço; uma pinga da boa;
o cafezal verdoengo; o sol quente e inclemente...

Nessa noite, porém, parece-lhe mais quente,
o olhar indiferente,
da filha da patroa...
“Vamos, Juca Mulato, estás doido?” Entretanto,
tem a noite lunar arrepios de susto;
parece respirar a fronde de um arbusto,
o ar é como um bafo, a água corrente, um pranto.
Tudo cria uma vida espiritual, violenta.
O ar morno lhe fala; o aroma suave o tenta...
“Que diabo!” Volve aos céus as pupilas, à toa,
e vê, na lua, o olhar da filha da patroa...
Olha a mata; lá está! o horizonte lho esboça;
pressente-o em cada moita; enxerga-o em cada poça;
e ele vibra, e ele sonha, e ele anseia, impotente,
esse olhar que passou, longínquo e indiferente!

Juca Mulato cisma. Olha a lua e estremece.
Dentro dele um desejo abre-se em flor e cresce
e ele pensa, ao sentir esses sonhos ignotos,
que a alma é como uma planta, os sonhos, como brotos,
vão rebentando nela e se abrindo em floradas...

Franjam de ouro, o ocidente, as chamas das queimadas.
(MENOTTI DEL PICCHIA, Paulo. Poemas. 6ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1954, p. 20-21.)

Com um discurso narrativo simples e objetivo, o narrador de Jeca Tatu nos fornece, no trecho citado, um retrato bem definido da situação vivida pela personagem em seu meio. Releia atentamente o trecho e, a seguir,
a) levando em consideração as informações do narrador, avalie a atuação de Jeca Tatu como proprietário rural;
b) indique dois adjetivos empregados no texto que sintetizam a opinião que as outras pessoas tinham sobre Jeca Tatu.

210) (Vunesp-2003) A questão abaixo toma por base um fragmento da Poética, do filósofo grego Aristóteles (384-322 a.C.), um fragmento de Corte na Aldeia, do poeta clássico português Francisco Rodrigues Lobo (1580-1622), e um fragmento de uma crônica do escritor realista brasileiro Machado de Assis (1839-1908).

Poética
Pelas precedentes considerações se manifesta que não é ofício de poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade. Com efeito, não diferem o historiador e o poeta, por escreverem verso ou prosa (pois que bem poderiam ser postas em verso as obras de Heródoto, e nem por isso deixariam de ser história, se fossem em verso o que eram em prosa), - diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder. Por isso a poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e esta o particular. Por “referir-se ao universal” entendo eu atribuir a um indivíduo de determinada natureza pensamentos e ações que, por liame de necessidade e verossimilhança, convêm a tal natureza; e ao universal, assim entendido, visa a poesia, ainda que dê nomes aos seus personagens; particular, pelo contrário, é o que fez Alcibíades ou o que lhe aconteceu.
(Aristóteles, Poética)

Corte na Aldeia
- A minha inclinação em matéria de livros (disse ele), de todos os que estão presentes é bem conhecida; somente poderei dar agora de novo a razão dela. Sou particularmente afeiçoado a livros de história verdadeira, e, mais que às outras, às do Reino em que vivo e da terra onde nasci; dos Reis e Príncipes que teve; das mudanças que nele fez o tempo e a fortuna; das guerras, batalhas e ocasiões que nele houve; dos homens insignes, que, pelo discurso dos anos, floresceram; das nobrezas e brasões que por armas, letras, ou privança se adquiriram. [...]
[...]
- Vós, senhor Doutor (disse Solino) achareis isso nos vossos cartapácios; mas eu ainda estou contumaz. Primeiramente, nas histórias a que chamam verdadeiras, cada um mente segundo lhe convém, ou a quem o informou, ou favoreceu para mentir; porque se não forem estas tintas, é tudo tão misturado que não há pano sem nódoa, nem légua sem mau caminho. No livro fingido contam-se as cousas como era bem que fossem e não como sucederam, e assim são mais aperfeiçoadas. Descreve o cavaleiro como era bem que os houvesse, as damas quão castas, os Reis quão justos, os amores quão verdadeiros, os extremos quão grandes, as leis, as cortesias, o trato tão conforme com a razão. E assim não lereis livro em o qual se não destruam soberbos, favoreçam humildes, amparem fracos, sirvam donzelas, se cumpram palavras, guardem juramentos e satisfaçam boas obras. [...]
Muito festejaram todos o conto, e logo prosseguiu o Doutor:
- Tão bem fingidas podem ser as histórias que merecem mais louvor que as verdadeiras; mas há poucas que o sejam; que a fábula bem escrita (como diz Santo Ambrósio), ainda que não tenha força de verdade, tem uma ordem de razão, em que se podem manifestar as cousas verdadeiras.
(Francisco Rodrigues Lobo, Corte na Aldeia)

Crônica
(15.03.1877)
Mais dia menos dia, demito-me deste lugar. Um historiador de quinzena, que passa os dias no fundo de um gabinete escuro e solitário, que não vai às touradas, às câmaras, à rua do Ouvidor, um historiador assim é um puro contador de histórias.
E repare o leitor como a língua portuguesa é engenhosa. Um contador de histórias é justamente o contrário de historiador, não sendo um historiador, afinal de contas, mais do que um contador de histórias. Por que essa diferença? Simples, leitor, nada mais simples.O historiador foi inventado por ti, homem culto, letrado, humanista; o contador de histórias foi inventado pelo povo, que nunca leu Tito Lívio, e entende que contar o que se passou é só fantasiar. O certo é que se eu quiser dar uma descrição verídica da tourada de domingo passado, não poderei, porque não a vi.
[...]
(Joaquim Maria Machado de Assis, História de Quinze Dias. In: Crônicas)

No trecho de Corte na Aldeia, focaliza-se uma discussão sobre dois conceitos - o de história verdadeira, defendido pela personagem “Doutor”, e o de história fingida (livro fingido), defendido pela personagem “Solino”. Depois de reler o trecho atentamente,
a) estabeleça, segundo as noções de cada interlocutor, o que querem dizer com história verdadeira e história fingida;

b) aponte dois adjetivos da fala de Solino cujo significado comprova o fato de a personagem utilizar, entre outros, o critério moral para defender seu ponto de vista.

211) (VUNESP-2006) Alojado há sete meses no topo da lista dos mais vendidos de Veja, e na verdade um best-seller mundial, o romance O Código Da Vinci, do americano Dan Brown, é uma trama envolvente de mistério, um engenhoso apanhado de enigmas esotéricos e teorias conspiratórias sobre temas como a Ordem dos Templários e a natureza do Santo Graal. É acima de tudo, apesar de a figura dele não aparecer no romance, um sinal do inesgotável interesse despertado por um homem: Leonardo da Vinci (1452-1519). Por certo não foi à toa que Brown resolveu mencionar, já no título de seu romance, o criador renascentista. Leonardo causou assombro em seu tempo e continua a fazê-lo até hoje. Há mais de 1 milhão de páginas na internet dedicadas a esse personagem. A livraria virtual Amazon tem 9 900 livros sobre da Vinci. Sua versatilidade era espantosa.
Leonardo foi engenheiro, escritor, cientista, músico, arquiteto, escultor. Foi o melhor de seu tempo em quase todos esses campos. Foi o melhor de todos os tempos na pintura.
(Veja, 27.10.2004.)

O ponto de vista do enunciador de um texto pode ser avaliado pela natureza dos termos de que se utiliza ao construí-lo. No fragmento de Veja, por exemplo, os adjetivos desvelam claramente a posição do enunciador, com respeito ao tema central nele exposto — a obra de Dan Brown e a figura de Leonardo da Vinci. A partir dessa idéia,
a) explicite se o ponto de vista do enunciador é favorável ou desfavorável, em relação ao tema;
b) destaque três adjetivos, ao longo do texto, que ilustrem o ponto de vista do enunciador.

GABARITO

1) Alternativa: A

2) Alternativa: E

3) Alternativa: A

4) V
V
F
F
F

5) Alternativa: A

6) Alternativa: sem resposta

7) Alternativa: D

8) Alternativa: A

9) Alternativa: E

10) Alternativa: D

11) Alternativa: B

12) Alternativa: E

13) Alternativa: A

14) Alternativa: A

15) Alternativa: B

16) Alternativa: B

17) O uso do presente tem como finalidade criar a impressão que o relato é simultâneo ao momento em que a ovelhinha faz sua defesa, o que valoriza a defesa da ovelhinha.

18) a) gaviões-de-penacho.
b) espostejaram-nas.

19) O Pretérito-mais-que-perfeito indica um fato anterior a um fato no passado. No caso, a ação de furtar é posicionada em um momento anterior ao do julgamento.

20) Amanhã, quando os candidatos **vierem** (VIR) ao nosso bairro e **virem** (VER) a pobreza em que **vivem** (VIVER), hoje, as nossas famílias, **sentirão** (SENTIR) o nosso drama e, certamente, **farão** (FAZER) suas promessas; se **mantiverem** (MANTER) a palavra, **atender-nos-ão** (ATENDER + NOS) logo e não **nos decepcionarão** (DECEPCIONAR-NOS).

21) O Pretérito Perfeito do Indicativo pode ser usado para denotar um fato situado no passado, mas como processo, ou seja, algo ainda não concluído. No texto, a idéia de seguir ocorre simultaneamente a outras ações, como *tagarelavam*, que estavam em andamento.

22) A frase não é adequada ao padrão culto, uma vez que o verbo precaver é defectivo, só existindo nas formas arrizotônicas. Portanto, será necessário substituir a forma verbal precavenham por um sinônimo, tal como **acautelem-se** ou **tomem cuidado**. Assim, alguma formas possíveis são:
É bom que vocês tomem cuidado com eles.
É bom que vocês se acautelem deles.

23) Alternativa: D

24) Alternativa: C

25) Se você **vier** (vir) à exposição e se **dispuser** (dispor) a visitar o terceiro andar, poderá notar duas fotos iluminadas. Quando as **vir** (ver), observe seus efeitos de luz e sombra. Para bem comparar a técnica utilizada, será conveniente que você **se mantenha** (manter-se) a uma boa distância. Se isso não **satisfizer** (satisfazer) sua curiosidade, poderá adotar outra perspectiva.

26) a) Quanto à eficiência, ele é ótimo.
b) Este funcionário não é adequado ao perfil da empresa.
c) Durante a entrevista, ele afirmou que a questão salarial seria adiada.
d) Na próxima semana, enviaremos nosso programa de atividades a todos os associados.

27) Alternativa: C

28) Ansiosos vir a

29) Requereram
beneficência

30) A par
interveio

31) Trata
Deve
empecilhos

32)
Houve - estereótipo

33) Procuram-se - assessores - seção

34) 1-antevir
2- reouver
3-provir/ser proveniente
4-mantiver
5-intervim
6-intervieram
7-interviesse
8-intervier
9-contiver
10-propuserem

35) Se era prolixo, facilmente ultrapassaria a hora. Se a notícia pretende dizer que ele passou do tempo, deveria ser composta assim: “ Como era prolixo, o orador ultrapassou o tempo previsto.” Ou
Porque era...
Por ser ...

36)
1) fizesse
2) transpuser
3) transpusesse
4) detiver
5) vá

37) O futuro composto do indicativo é usado para indicar um evento anterior a outro, expresso pelo futuro do subjuntivo.
Exemplo: Quando chegarmos ao estádio, a fila já terá dado duas voltas no quarteirão.

38) Alternativa: C

39) Alternativa: A

40) Alternativa: D

41) Alternativa: B

42) a) Em "a língua foi perdendo e ganhando", a locução verbal indica a ação pretérita em processo, em continuidade. Trata-se, pois, de uma expressão dinâmica.
b) Em "a língua perdeu e ganhou" a ação, pretérita, é apresentada como concluída. Trata-se de um tempo em que o processo verbal é dado como encerrado.

43) Seria preciso que não houvesse palavras que ninguém empregasse.

44) a) A locução verbal é haviam sido empurrados.
b) A oração está na voz passiva analítica.
c) O verbo principal é empurrar.

45) a) Em “*Quer ser o próximo?*”, a forma verbal “*quer*” está na terceira pessoa singular do presente do indicativo. O sujeito subentendido (oculto) é “você” ou “o senhor”. Já em “*Então vem para a X Consórcios*” a forma verbal “*vem*” está na segunda pessoa singular do imperativo afirmativo, tendo, pois, como sujeito subentendido (oculto) o pronome “tu”.
b) Como na seqüência do texto aparece o pronome de tratamento “*você*”, que pede terceira pessoa do singular, a compatibilização das formas verbais se faz colocando também o verbo “vir” na terceira pessoa do singular: *Quer ser o próximo? Então **venha** para a X Consórcios.*

46) A conjugação do verbo rodear - “rodeam” - não está de acordo com a norma culta escrita. Nas formas rizotônicas dos verbos terminados em -ear, utiliza-se a vogal -i, formando ditongo. Por isso a forma correta desse verbo na terceira pessoa do plural é rode**i**am.

47) O texto 1 é construído de forma narrativo-descritiva. O objetivo é criar o efeito de realidade para que se reconstitua na mente do leitor o que de fato aconteceu. Para isso se faz uso de verbos no pretérito perfeito (“alcançou”, “enxergou”, “deixou”), indicando ações pontuais, ou no pretérito imperfeito (“jogavam”, “batiam”, “trotava”), indicando ações habituais ou reiteradas. Os substantivos são concretos e, em sua maior parte, qualificados por adjetivos de natureza sensorial, predominantemente visual: “pátio”, “casa baixa e escura”, “telhas pretas”, juazeiros”, “pedras”, “cobras mortas”, “carro de bois”, “alpercatas”, “chão branco e liso” e “boca aberta”. No texto 2, a cachorra Baleia, que no texto 1 era apenas um elemento do conjunto, passa a ser tratada como uma “pessoa”, que tem “sonhos” e aspirações (processo de personificação). O narrador onisciente quer exprimir os desejos e devaneios da “personagem”. O texto cria, então, uma atmosfera de quimera, quase surrealista. Para isso concorrem as formas verbais, em geral do futuro do pretérito (“acordaria”, “lamberia”, “espojariam”, “rolariam” e “ficaria”), tudo isso da perspectiva de um passado indefinido, apresentado como imperfeito do indicativo: “queria”. A repetição insistente do adjetivo “enorme”, aplicado aos mais diversos seres (“mãos de Fabiano”, “pátio”, “chiqueiro” e “preás”) veicula a idéia de obsessão por um lugar utópico de plena liberdade. Associadas à idéia de enormidade, vêm as idéias de plenitude (“cheio de preás”) e de abundância, fartura (“preás, gordos e enormes”).

48) Alternativa: A

49) Alternativa: B

50) Alternativa: D

51) Alternativa: C

52) Alternativa: A

53) Alternativa: D

54) a) O Pretérito Perfeito indica o aspecto pontual das ações. O Pretérito Imperfeito indica ações menos pontuais, mais durativas.
b) O Futuro do Pretérito inicia um novo momento, em que se passa para um mundo idealizado, de sonho e, portanto, uma possibilidade.

55) Alternativa: B

56) a) Quem gosta de samba
bom sujeito é
é bom da cabeça
ou são/sadio do pé
b) Eu **provim** do samba
no samba **convivi**

57) Alternativa: A

58) Alternativa: A

59) Alternativa: D

60) Alternativa: E

61) Alternativa: C

62) Alternativa: D

63) a) E eu, menos a conhecesse mais a amaria?
b) estou, fico cego [estado no presente] / o que será uma estrela? [dúvida]

64) a) O texto relata transformações na condição feminina: antes, as mulheres trabalhavam em casa, em afazeres domésticos, desempenhando o papel de cuidar "do lar"; depois, passaram a trabalhar fora, assumindo outros papéis sociais. Apesar dessas mudanças de sua condição objetiva, do ponto de vista subjetivo não se processou nenhuma alteração substancial, uma vez que não se transformou a natureza das mulheres. Antes, "às seis da tarde", elas choravam, com ou sem motivo, "porque o pranto subia garganta acima". Depois, no mesmo horário, "elas não podem/não querem/ chorar na condução". No plano da aparência (plano do parecer), tem-se a impressão de que houve uma transformação em sua subjetividade; no plano da essência (plano do ser), contudo, não é isso o que ocorre: elas não choram na condução, o que implica dizer não que não choram mais, mas que não podem fazê-lo por estarem em público.
b) Não. Os verbos no imperfeito do indicativo expressam ações repetidas no passado, revelando práticas habituais da mulher, as quais lhe conferiam dada natureza. Os verbos no presente do indicativo também manifestam ações recorrentes, práticas que se repetem caracterizando a nova condição feminina: não se trata de um presente pontual, mas freqüentativo, de validade indeterminada: as ações enunciadas valerão até que nova transformação se processe (os verbos ora conjugados no presente serão conjugados, então, no imperfeito, e os novos fatos, enunciados no presente).

65) Alternativa: C

66) a) A expressão "mistério da floresta" figurativiza um fato qualquer que, não veiculado pela mídia, é como se simplesmente não tivesse existência e, portanto, não provoca nenhuma repercussão política. Já "problema mundial" sugere um evento que, mediado pela imprensa, ganha existência para o público e, assim, repercussão mundial.
b) Se 20 índios **fossem assassinados** e ninguém **ouvisse** falar, o crime não **se tornaria** um fato político. Caso **aparecesse** na televisão, o que **teria sido** um mistério da floresta **se tornaria** um problema mundial.

67) Alternativa: E

68) Alternativa: C

69) Alternativa: C

70) Alternativa: D

71) Alternativa: D

72) Alternativa: B

73) Alternativa: C

74) Alternativa: C

75) Alternativa: C

76) Alternativa: A

77) Alternativa: A

78) Alternativa: B

79) Alternativa: B

80) Alternativa: D

81)
a)"A polícia não interveio a tempo de evitar o roubo."
Intervir é formado pelo verbo VIR e se conjuga como ele;

b)"Havia bastantes razões para confiarmos no teu amigo."
Bastante é adjetivo de razões e deve concordar esse substantivo.

82) a) "Se você requeresse e o seu amigo interviesse, talvez você reouvesse esses bens."

Intervir se conjuga pelo verbo vir
Reaver se conjuga pelo verbo haver, nas formas em que haver tem a letra V.

b) " Há algum tempo, São Paulo era quase uma província."
Verbo haver para indicar tempo passado
quase é a ortografia correta
paroxítona terminada em ditongo oral é acentuada

83) a) Enviamos anexos os dados solicitados por V. Sa. e nos colocamos à sua inteira disposição para quaisquer outros pedidos."
Anexos - adjetivo tem plural
V. Sa - pronome de tratamento, 3ª pessoa
Quaisquer , acompanhando pedidos - plural de qualquer
b) "O diretor havia aceitado a tarefa de reformar a escola."
Com o verbo haver usa-se o particípio passado regular

84) Alternativa: A

85) Alternativa: A

86) Alternativa: C

87) Alternativa: A

88) Alternativa: A

89) Alternativa: A

90) Alternativa: A

91) Alternativa: C

92) Alternativa: B

93) Alternativa: A

94) Alternativa: A

95) Alternativa: A

96) Alternativa: B

97) Alternativa: E

98) Alternativa: D

99) Alternativa: A

100) Alternativa: E

101) Alternativa: E

102) Alternativa: E

103) Alternativa: B

104) Alternativa: B

105) Alternativa: D

106) Alternativa: C

107) Alternativa: C

108) Alternativa: D

109) Alternativa: D

110) Alternativa: D

111) Alternativa: B

112) Alternativa: B

113) Alternativa: A

114) Alternativa: C

115) Alternativa: A

116) Alternativa: B

117) Alternativa: A

118) Alternativa: B

119) Alternativa: C

120) Alternativa: C

121) Alternativa: C

122) Alternativa: A

123) Alternativa: A

124) a) Predizer

Desdizer
Contradizer
Bendizer
Maldizer

b) Não me contradiga.
Ele predisse meu futuro.
Bendigo o dia de hoje.
Ele se desdisse, pedindo desculpas.

125) Alternativa: A

126) Alternativa: B

127) a) Nos verbos empregados no imperativo em ambos os poemas, depreende-se uma exortação, incitação, estímulo a **não nos afastarmos** e a **irmos de mãos dadas** (texto I) e a **crermos** (fragmento de Castro Alves) em mudanças possíveis.

b) Em ambos os poemas, depreende-se um convite aos leitores para efetivarem uma ação social, em concordância com as idéias de união em torno de um projeto.

128) F
F
C

129) Alternativa: B

130) Alternativa: B

131) Alternativa: D

132) a)
comprão / pegala / dirija-se
mossa / escriptorio / duvida
b)
compram / pegá-la / dirigir-se
moça / escritório / dúvida

133) Os tempos verbais empregados são o presente e o futuro do pretérito. O primeiro expressa a experiência concretizada pelo eu poético e o segundo expressa a experiência projetada, a hipótese, o desejo.

134) a) Susanita quis dizer que zero era muita nota para Manolito. Isso fica evidente na fala "Tanto assim?". Já Manolito entende o oposto, ou seja, que Susanita achava a professora injusta por dar a ele nota muito baixa.
b) Há duas possibilidades, uma com a 2ª pessoa do singular (tu), outra com a 3ª do singular (você)
na segunda pessoa: "Imagina só, te dar zero! Tua professora está louca!"
na terceira pessoa: "Imagine só, lhe dar zero! Sua professora está louca!"

135) a) **Eu**, Camacã, **conquistei**-o no dia em que **escolhi** por esposa Jaçanã, a virgem dos olhos de fogo, em cujo seio te gerou **meu** primeiro sangue. Ainda hoje, apesar da velhice que **me** mirrou o corpo, nenhum guerreiro ousaria disputar o grande arco a **mim**, o velho chefe ...
b) A forma **do qual** (e suas flexões).
No padrão culto, fazendo a alteração, teríamos: *a virgem dos olhos de fogo, no seio* ***da qual*** *te gerou seu primeiro sangue.*

136) Alternativa: C

137) Alternativa: D

138) a) Esta frase comprova que a narradora, depois da surra que levou por ter pedido um abacate a um homem na rua, ficou muitos anos sentindo nojo, repugnância por essa fruta.
b) Durante muito tempo senti repugnância por essa fruta.

139) Alternativa: C

140) Alternativa: B

141) Alternativa: D

142) Alternativa: C

143) a) Porque não usa formas verbais menos comuns, como o mais-que-perfeito. Há várias possibilidades para o autor ter utilizado essa forma, mas, principalmente, o fato de ambas as formas serem equivalentes semanticamente e a forma composta ser mais comum e, portanto, de mais fácil entendimento, o que aproximaria o autor de seu público.
b) O verbo aspirar, no contexto, significa *desejar, querer, pretender, almejar*.

144) a) Só com muita paixão é possível fazer o que mil exércitos não CONSEGUIRAM: conquistar Atenas. A Brasil Telecom parabeniza e agradece a seus atletas patrocinados por terem chegado a Atenas e PODEREM proporcionar o sonho de vitória a todos os brasileiros.
b) O filme *O Dia depois de Amanhã* retrata não só uma ficção, mas uma realidade do que será nosso planeta caso não HAJA uma preocupação maior por parte dos governantes de se PROPOREM a fazer uma política de preservação ambiental, e não apenas TEREM ambições econômicas.

145) Resposta: 3

146) Nessa frase, o presente do indicativo tem valor de futuro. Além disso, sugerir, que pediria subjuntivo, neste caso específico significa ‘dar indicações’, aceitando assim o indicativo. A frase é equivalente a: *Lula dá sinais de que Walfrido e Agnelo ficarão no Ministério*.

147) a) À Guerra de Independência de Angola, que opôs a guerrilha local ao exército português, que mantinha o país sob jugo colonial desde o século XVI.

b) A narrativa da guerra se dá em *flash-back.* O trauma das experiências vividas pelo narrador no campo de batalha não foi ainda superado, continuando a atormentá-lo no momento em que as expõe. Para demarcar a persistência dessas lembranças, emprega-se o presente verbal, conseguindo o efeito de envolver o leitor na situação narrada.

c) O narrador se utiliza principalmente do recurso da metáfora, presente no trecho em expressões como “um centímetro mentolado de guerra” (= pasta de dentes), “a espuma verde-escura dos eucaliptos de Ninda”, “a minha barba é a floresta do Chalala”, “[o] napalm da *gillete*”. No seu todo, essa coleção de metáforas cria a alegoria de uma guerra que impregna o indivíduo, tanto nas suas atividades mais corriqueiras, quanto em sua própria constituição física.

148) Alternativa: D

149) Alternativa: A

150) Alternativa: A

151) Alternativa: C

152) Alternativa: C

153) Alternativa: B

154) Alternativa: B

155) a) Em **Canção do Tamoio**, os verbos estão flexionados na 2.ª pessoa do singular (“não chores”, “sê”); já em **Oração dos Moços** estão flexionados na 2.ª pessoa do plural (“Confiai... Ousai; Reagi... Não hajais medo...”).
b) “Chora até não poder mais.”

156) a) vem, fica, deixa
b) venha, fique deixe

157) a) modo imperativo

b)
Se hoje eu a/o odeio amanhã lhe tenho amor.
ou
Se hoje eu te odeio amanhã tenho-te amor. (ou *Se hoje eu te odeio amanhã te tenho amor*, embora, neste caso, ocorra a colisão entre os dois *tes*: **te te**nho, ou ainda, *Se hoje eu te odeio amanhã tenho amor a ti*)

158) a) Os verbos são “não faças”, “penetra”, “chega” e “contempla”.
b) Não faça, penetre, chegue, contemple.

159) a) O pretérito perfeito serve para localizar a ação no passado, como concluída. Numa narrativa, a sucessão de verbos nesse tempo reproduz a seqüência de ações que o personagem vai praticando, sucessivamente, no passado. O pretérito mais-que-perfeito indica uma ação anterior a outra já localizada no passado.
Os três pretéritos perfeitos que estão no início do último parágrafo constituem os três últimos elementos de uma série de ações que começa com o “Saíram de madrugada” e continua com os pretéritos perfeitos do 4º parágrafo. Os pretéritos mais-que-perfeitos “arrastara-se”, “retardara-se”, “repreendera” e “aconselhara-os” remetem a ações anteriores ao “Fizeram alto”, recapitulando ações praticadas durante a viagem.
Há uma segunda série de pretéritos mais-que-perfeitos: “preparara-a”, “adiara”, “tornara a prepará- la” e “se resolvera”. Essas ações são anteriores ao pretérito perfeito “Saíram de madrugada”.
b) E Fabiano *depusera* (ou *tinha deposto*) no chão parte da carga, *olhara* (ou *tinha olhado*) o céu, as mãos em pala na testa.

160) a) Misturar.
b) Química e física são geralmente tidas como áreas do conhecimento dissociadas da vida prática, seja por serem “temidas e odiadas” por quem as conhece pouco, seja por não serem utilizadas no cotidiano por quem as conhece.

161) Várias orações no texto apresentam inversão na ordem sujeito-verbo: “O que é o homem?”, “O que é a existência?”,
“...murcharam, como nossas faces, as nossas esperanças...”, “...lampejavam-lhe olhos pardos...”.
Na oração dada, passando-se o verbo no imperativo para a terceira pessoa do plural, tem-se: Se houver mais uma taça na sua mesa, encham-na até às bordas e beberei com vocês (ou com os senhores).

162) O substantivo de caráter formal é “odontólogo”, usado no lugar de “dentista”, mais corrente e informal.
O emprego do pretérito-mais-que-perfeito se dá por indicar ação anterior aos outros dois tempos passados

utilizados no mesmo período: “sorriu”, pretérito perfeito e “restavam”, pretérito imperfeito. A forma corrente e informal desse tempo, porém, não é a sintética, que o autor empregou, mas a composta com o auxiliar ter: “tinha adquirido”.

163) I. Persuasão
II. Entretenimento
III. Denúncia
IV. Extorsão
V. Delinqüência

164) Os peixes-boi e os gaviões-do-mangue foram capturados pelo pesquisador e transportados para a reserva biológica do IBAMA, a fim de serem reintegrados ao ambiente.

Obs: o dicionário Aurélio registra também a forma peixes-bois.

165) Alternativa: D

166) a) Nos dicionários há três adjetivos relativos a cabra: **caprum, caprino, cabrum.**
b) Para o gado formado de ovelhas há duas formas: **ovelhum e ovino.**

167) Alternativa: A

168) a) Na ordem:
Substantivo
Adjetivo
Substantivo
Adjetivo
b) Há inúmeras possibilidades. Como exemplo poderíamos ter:
Substantivo: O brasileiro é trabalhador.
Adjetivo: O povo brasileiro é trabalhador.

169) a) O recurso expressivo foi o uso de metáforas. Em outras palavras, escolheram-se palavras do universo agrícola em substituição a palavras do universo da conduta social. Dessa forma, estabeleceu-se uma relação de semelhança entre a prática agrícola e as atividades sociais humanas.
b) O cultivo de amizades, a semeadura (também são aceitos semeação e semeada) de empregos e a preservação da cultura fazem parte da nossa natureza.

170) Alternativa: A

171) Alternativa: E

172) Alternativa: B

173) Alternativa: A

174) Alternativa: B

175) Alternativa: A

176) Alternativa: D

177) Alternativa: A

178) Alternativa: D

179) a) Aliteração (repetição do “t” e “p”), assonância (repetição do “on” e “in”), paranomásia (repetição de palavras semelhantes: “ponte/pinta”, “tanta/tinta”).
b) A palavra tontinha no texto é substantivo. Substitui a palavra menina e o diminutivo lhe ameniza o aspecto negativo, ressaltando a inocência.

180) a) O espaço institucional é o das câmaras legislativas e, de modo mais específico, o do Congresso Nacional. As palavras que permitem essa identificação são *Vossa Excelência* e “aparte”, vocábulo que significa a intromissão, geralmente solicitada e concedida, no discurso daquele que detém a palavra. Como se sabe, a ocorrência de apartes é rotineira nos parlamentos.

b) A expressão “um aparte” pode ser morfologicamente segmentada em “uma parte”, em que o artigo indefinido *uma* se refere ao substantivo feminino *parte*, que significa pedaço ou porção de um todo.

c) O termo *Vossa Excelência* estabelece a analogia entre deputados e ratos. O pedido de “um aparte” reforça essa analogia. Só que a figura do queijo, como símbolo de um bem material de que se desfruta, torna possível e justificável a passagem de “um aparte” para “uma parte”. Assim, o quadrinho se apresenta como crítica ao universo dos parlamentos onde, em última análise, cada um busca seu próprio proveito. Temos, portanto, no quadrinho, uma metáfora particularmente adequada na atual conjuntura da política nacional.

181) Alternativa: B

182) Alternativa: E

183) Alternativa: D

184) a) No texto de Camões a palavra *grão* tem o sentido de “*grande*" e desempenha a função de adjetivo (modificando o substantivo *juramento*).
Como homônimo homófono e homógrafo dessa palavra, temos o substantivo grão, como o sentido de '*semente*'. Há inúmeras frases possíveis. Uma delas:
Os grãos de milho eram jogados para as galinhas.

b) O sufixo -*mente*, além de ser usado para criar as rimas, também cria uma ambigüidade sonora com o verbo mentir, o que já se percebe no próprio título (*só mente* ou *somente*?)

185) a) Substantivo. A palavra vem determinada pelo artigo definido, é colocada no plural e vem coordenada com a palavra *cantigas*, que também é um substantivo (não se coordenam palavras de classes diferentes).
b) O seu diálogo é rebuscadamente natural: desdenha o recurso ingênuo de cortar **esses**, **eles** e **erres** finais, deturpar flexões, e aproximar-se, tanto quanto possível, da língua do interior.

186) a) "leito tumba ", "ossos areia ", "areia múmia ".
b) Os termos grifados são substantivos, usados como adjetivos.

187) a) sua mãe - você
b) facilidade para comprar algo - mérito

188) Alternativa: C

189) Alternativa: E

190) a) Pobríssimo e paupérrimo.
b) Há vários exemplos. Alguns deles: sapientíssimo, celebérrimo, macérrimo, fidelíssimo, nobilíssimo.

191) Alternativa: C

192) Alternativa: B

193) a) "Pobres velhinhas " são as palavras que ninguém mais emprega e que se encontram nos dicionários e, algumas vezes, nalguma oração de paraninfo.
"Pobre velhinho " refere-se ao orador que usa palavras que ninguém mais emprega (pobres velhinhas).
b) em "pobre velhinho", *pobre* significa "infeliz ", "coitado " e em "velhinho pobre", *pobre* é sinônimo de "com más condições financeiras, falto de recursos ".

194) Alternativa: E

195) Alternativa: A

196) a) "Por que os namorados preferem andar sós, detestando as companhias?"
sós é adjetivo, flexiona-se com namorados, no plural.

b) "Seu preparo e honestidade raros fizeram dele um funcionário invejado."
Adjetivo posposto a substantivos de gêneros diferentes, vai para o masculino plural

197) Alternativa: C

198) Alternativa: B

199) Alternativa: A

200) Alternativa: C

201) Alternativa: B

202) Alternativa: B

203) Alternativa: A

204) Alternativa: A

205) Alternativa: C

206) Alternativa: A

207) Alternativa: C

208) a) Ao se despedir da morta, Garcia não consegue ocultar o amor calado que dedicava à Maria Luiza, restrito à contemplação, em respeito ao fato de ela ser casada com seu amigo Fortunato. Todavia, naquela situação extrema, não se conteve e deixou correr livremente as lágrimas, que denunciavam um amor reprimido.
b) Fortunato, ao perceber que Garcia sofria com a morte da mulher que amara sem jamais se declarar, é tomado por súbita sensação de prazer, mais intensa do que a dar emotiva do outro. A repetição do adjetivo enfatiza o vigor de seu contentamento com o sofrimento do amigo.
c) Assim como Fortunato gostava de contemplar a dor alheia, os curiosos que passavam obtinham gozo com o sofrimento do cão.

209) a) Jeca Tatu vive do extrativismo (caça e coleta). Não atua, portanto, de maneira a transformar o seu meio, sua propriedade.
b) Há três os adjetivos: "preguiçoso", "bêbado" e "idiota".

210) a) O "Doutor" entende como *história verdadeira* a que trata de fatos ocorridos efetivamente, no plano do real histórico, enquanto "Solino" vê *história fingida* como a que trata de fatos de ficção, de invenção poética.
b) castas, justos e verdadeiros

211) a) O enunciador da resenha, embora reconheça a "trama envolvente de mistério" de *O Código da Vinci*, dá pistas de que o romancista é uma espécie de aproveitador. A expressão "não foi à toa" sugere uma esperteza de Dan Brown no momento de dar título a seu romance, uma vez que "o criador renascentista" não chega a "aparecer no

romance”. A idéia de que o romance apresenta “enigmas esotéricos” e “teorias conspiratórias” também é uma forma de desvalorizá-lo. Além disso, o adjetivo “Alojado” que abre o texto é uma maneira quase jocosa de o enunciador mostrar que *O Código da Vinci* está “há sete meses no topo da lista dos mais vendidos de *Veja*”. Ressalte-se que, em relação a Leonardo da Vinci, o ponto de vista do enunciador é extremamente favorável, pois ele é apresentado como alguém de uma versatilidade “espantosa”, que desperta “inesgotável interesse” ainda hoje e que foi o “melhor” pintor de todos os tempos.

b) Para reconhecer a crítica desfavorável ao romance, os melhores adjetivos são: “alojado”, “esotéricos” e “conspiratórias”. Para reconhecer a avaliação positiva feita à obra de da Vinci, os melhores adjetivos são: “inesgotável”, “espantosa” e “melhor”.

VERBOS IRREGULARES

Uma visão no texto

IRREGULAR
-VERBS-
IN ENGLISH

(LISTA DE VERBOS IRREGULARES)

Infinitivo	Past	Past Participle	Tradução
to arise	arose	arisen	levantar-se
to awake	awoke	awoke	acordar
to bear	bore	born / borne	suportar / dar à luz, nascer
to beat	beat	beaten	bater
to become	became	become	tornar-se
to begin	began	begun	começar
to bend	bent	bent	dobrar
to bet	bet	bet	apostar
to bind	bind	bind	amarrar
to bite	bit	bitten	morder, picar
to bleed	bled	bled	sangrar
to blow	blew	blown	soprar
to bring	brought	brought	trazer
to build	built	built	construir
to burst	burst	burst	estourar, explodir
to buy	bought	bought	comprar
to cast	cast	cast	lançar

to catch	caught	caught	pegar, apanhar
to choose	chose	chosen	escolher
to cling	clung	clung	agarrar, apegar-se
to come	came	come	vir
to cost	cost	cost	custar
to creep	crept	crept	arrastar-se, rastejar
to cut	cut	cut	cortar
to deal	dealt	dealt	lidar, tratar
to dig	dug	dug	cavar
to do	did	done	fazer
to draw	drew	drawn	desenhar, sacar
to drink	drank	drunk	beber
to drive	drove	driven	dirigir
to eat	ate	eaten	comer
to fall	fell	fallen	cair
to feed	fed	fed	alimentar
to feel	felt	felt	sentir
to fight	fought	fought	brigar, lutar
to find	found	found	encontrar
to fling	flung	flung	arremessar, lançar
to fly	flew	flown	voar

to forget	forgot	forgot / forgotten	esquecer
to forgive	forgave	forgiven	perdoar
to freeze	froze	frozen	congelar
to get	got	got / gotten	conseguir
to give	gave	given	dar
to grind	ground	ground	moer
to grow	grew	grown	crescer

Infinitivo	Past	Past Participle	Tradução
to have	had	had	ter
to hear	heard	heard	ouvir
to hide	hid	hidden	esconder
to hit	hit	hit	bater
to hold	held	held	segurar, manter
to hurt	hurt	hurt	ferir, machucar
to keep	kept	kept	manter, guardar
to know	knew	known	saber, conhecer
to lay	laid	laid	pôr, colocar
to lead	led	led	conduzir
to leave	left	left	partir, deixar
to lend	lent	lent	emprestar
to let	let	let	deixar
to lie	lay	lain	deitar-se, situar-se
to light	lit	lit	acender
to lose	lost	lost	perder
to make	made	made	fazer
to mean	meant	meant	significar
to meet	met	met	encontrar
to pay	paid	paid	pagar

to pay	paid	paid	pagar
to quit	quit	quit	desistir, abandonar
to read	read	read	ler
to ride	rode	ridden	cavalgar, andar de
to ring	rang	rung	tocar, soar
to rise	rose	risen	levantar-se
to run	ran	run	correr
to say	said	said	dizer
to see	saw	seen	ver
to seek	sought	sought	procurar
to sell	sold	sold	vender
to send	sent	sent	enviar
to set	set	set	ajustar, fixar
to shake	shook	shaken	agitar
to shine	shone	shone	brilhar
to show	showed	shown	mostrar
to shrink	shrank	shrunk	encolher
to shut	shut	shut	fechar
to sing	sang	sung	cantar
to sink	sank	sunk	afundar
to sit	sat	sat	sentar-se
to sleep	slept	slept	dormir
to slide	slid	slid	escorregar
to slit	slit	slit	fender, cortar
to speak	spoke	spoken	falar
to speed	sped	sped	correr
to spend	spent	spent	gastar
to spin	spun	spun	girar
to split	split	split	dividir, partir
to spread	spread	spresd	espalhar
to spring	sprang	sprung	saltar, pular
to stand	stood	stood	ficar, permanecer

Infinitivo	Past	Past Participle	Tradução
to steal	stole	stolen	roubar
to stick	stuck	stuck	grudar
to sting	stung	stung	picar, ferroar
to strike	struck	struck	bater, golpear
to string	strung	strung	amarrar
to swear	swore	sworn	jurar
to sweep	swept	swept	varrer
to swim	swam	swum	nadar
to swing	swang	swung	balançar
to take	took	taken	tomar, levar
to teach	taught	taught	ensinar
to tear	tore	torn	rasgar
to tell	told	told	contar
to think	thought	thought	pensar
to throw	threw	thrown	arremessar, atirar
to understand	understood	understood	entender
to wake	woke	woken	acordar
to wear	wore	worn	usar
to weave	wove	woven	tecer
to wed	wed	wed	casar
to weep	wept	wept	chorar
to wet	wet	wet	molhar
to win	won	won	vencer
to wind	wound	wound	dar corda, serpentear
to wring	wrung	wrung	retorcer-se, espremer
to write	wrote	written	escrever

Leitura de provas do Enem

Estratégias

A primeira coisa a fazer é observar os dados gerais do texto: o título, subtítulo, ilustração, palavras "transparentes" (aquelas que são muito parecidas com o português, tipo "hotel", "hospital", "use", etc.). Dessa forma você já pode ter uma ideia do que se trata o texto e também o seu estilo (é ficção? É uma reportagem? É atual? É um texto formal ou informal?) o que já vai ajudar em muito a compreensão, pois você meio que "se prepara" para o que será lido.

O ideal é ler o texto três vezes: 1º para se ter uma ideia geral, 2º para tentar encontrar informações específicas e em 3º fazer uma leitura bem cuidadosa, tentando entender as minúcias do texto.

Devo usar um dicionário? Sim e não! Em um primeiro momento não: tente entender o contexto e depois, somente se tiver uma palavra que seja fundamental para a compreensão, use o dicionário.

ATENÇÃO: não estou dizendo de modo algum que não se deve usar o dicionário, pelo contrário, o seu uso é ótimo para aumentar o vocabulário! Sou a maior fã! O que não recomendo é tentar traduzir palavra por palavra de um texto antes de tentar compreender do que se trata, ok?

Estratégia	Comentários
Identificação de palavras transparentes	Palavras transparentes são aquelas muito parecidas com o português. Saber identificá-las pode ajudar o leitor a ter uma ideia geral do texto. Muitas vezes as palavras transparentes estão próximas de palavras desconhecidas em um texto. A compreensão de uma ou mais delas pode ajudar o leitor a inferir o significado da palavra desconhecida. No entanto, tome cuidado com os false friends! False friends são o contrário das palavras transparentes, são palavras/expressões muito parecidas com o português, mas que têm um significado diferente (exemplo clássico: library não é livraria, é biblioteca!!)!!!
Uso de partes de uma palavra para compreender seu significado	Reconhecer prefixos e sufixos e conhecer seu significado (- re = fazer de novo; -in/-un/-ir/-im/-dis = sentido negativo; -ity = -dade. Exs: redo, impossible, capacity) podem ajudar o leitor a compreender melhor o texto.
Uso de termos de referência para compreender um texto	É freqüente o uso de termos que se referem a outros no mesmo texto, por exemplo, pronomes *como his, her, theirs, it.* Ao ler um texto é sempre bom prestar atenção nesses elementos e tentar perceber ao que(quem) eles se referem.

Atenção ao título de um texto, suas imagens, suas características tipográficas	Informações não verbais contribuem para o sentido de um texto. É importante prestar atenção a esses aspectos antes da leitura para se ter uma ideia do que trata o texto. Facilita a vida, antes de começar a leitura, já ter inferido do que se trata o texto!
Conhecimento prévio	Conhecimento se constrói em cima de conhecimento. Quanto mais você ler, se informar sobre tudo o que acontece ao seu redor, mais você aprende e mais fácil fica inferir o conteúdo do texto. Você pode, também, antes de ler, pensar (ou listar) o que você sabe sobre o assunto, sobre o tipo de texto a ser lido, sobre o vocabulário que provavelmente será usado. É uma ótima ferramenta!
Ler a primeira frase de cada parágrafo para fazer previsões sobre o texto	Em texto longos e aparentemente mais difíceis, é útil explorar as frases iniciais dos parágrafos antes de iniciar a leitura. Em geral, essas frases já dão uma ideia do que será falado no parágrafo, assim como o "tom" do texto.
Leitura rápida de um texto (*skimming*)	Para verificar suas previsões sobre o texto, ou para ter uma ideia geral do que se trata, você pode fazer uma leitura rápida, sem prestar muita atenção na gramática ou no vocabulário, apenas tentando captar a ideia geral do texto.

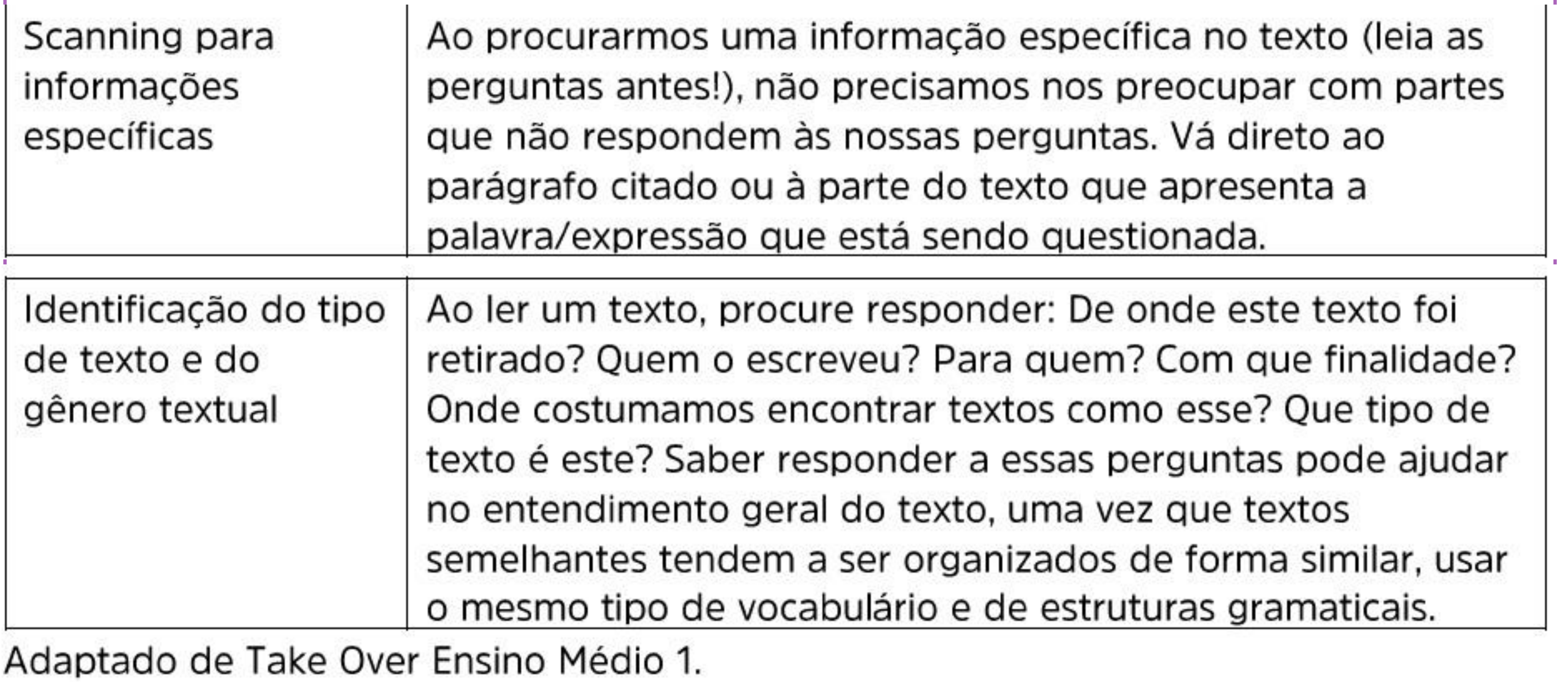

Scanning para informações específicas	Ao procurarmos uma informação específica no texto (leia as perguntas antes!), não precisamos nos preocupar com partes que não respondem às nossas perguntas. Vá direto ao parágrafo citado ou à parte do texto que apresenta a palavra/expressão que está sendo questionada.
Identificação do tipo de texto e do gênero textual	Ao ler um texto, procure responder: De onde este texto foi retirado? Quem o escreveu? Para quem? Com que finalidade? Onde costumamos encontrar textos como esse? Que tipo de texto é este? Saber responder a essas perguntas pode ajudar no entendimento geral do texto, uma vez que textos semelhantes tendem a ser organizados de forma similar, usar o mesmo tipo de vocabulário e de estruturas gramaticais.

Adaptado de Take Over Ensino Médio 1.

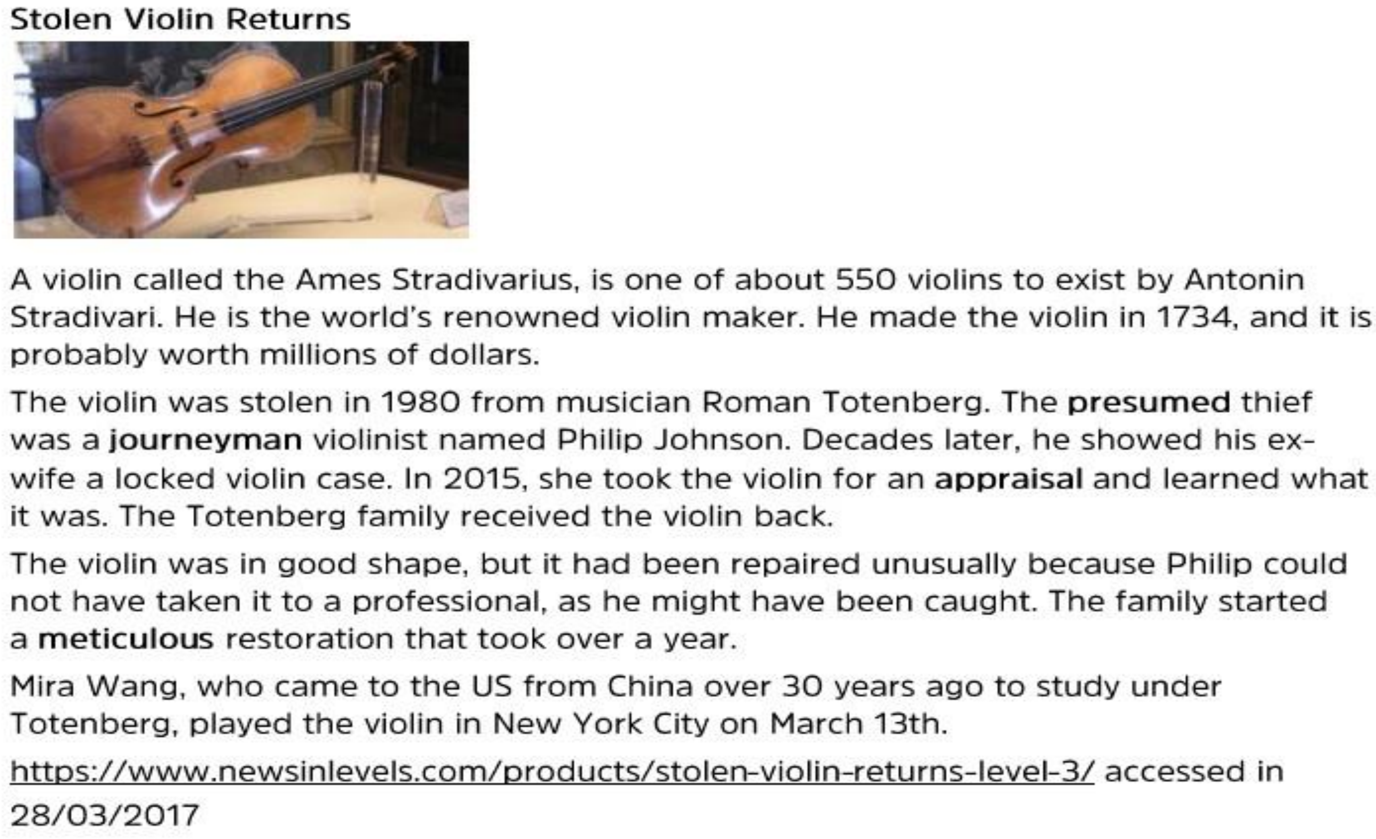

Stolen Violin Returns

A violin called the Ames Stradivarius, is one of about 550 violins to exist by Antonin Stradivari. He is the world's renowned violin maker. He made the violin in 1734, and it is probably worth millions of dollars.

The violin was stolen in 1980 from musician Roman Totenberg. The **presumed** thief was a **journeyman** violinist named Philip Johnson. Decades later, he showed his ex-wife a locked violin case. In 2015, she took the violin for an **appraisal** and learned what it was. The Totenberg family received the violin back.

The violin was in good shape, but it had been repaired unusually because Philip could not have taken it to a professional, as he might have been caught. The family started a **meticulous** restoration that took over a year.

Mira Wang, who came to the US from China over 30 years ago to study under Totenberg, played the violin in New York City on March 13th.

https://www.newsinlevels.com/products/stolen-violin-returns-level-3/ accessed in 28/03/2017

Sobre o que aborda o texto publicado no jornal online News in Levels?

a) Um violino roubado e recuperado.
b) O violinista Antonin Stradivari.
c) Restauração de um violão.
d) Concerto de um músico chinês em Nova York.

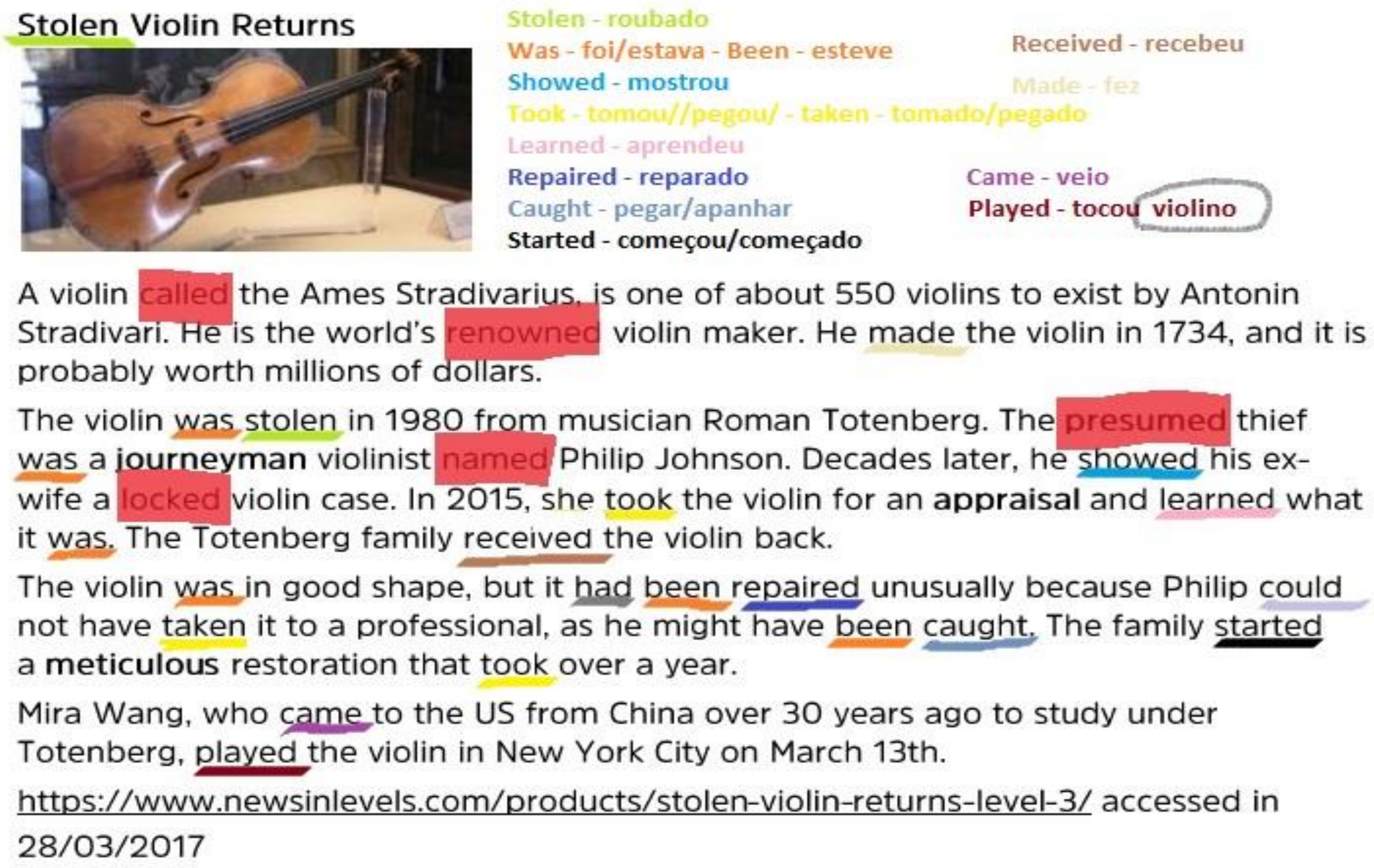

Stolen Violin Returns

Stolen - roubado
Was - foi/estava - Been - esteve
Showed - mostrou
Took - tomou//pegou/ - taken - tomado/pegado
Learned - aprendeu
Repaired - reparado
Caught - pegar/apanhar
Started - começou/começado

Received - recebeu
Made - fez
Came - veio
Played - tocou violino

A violin called the Ames Stradivarius, is one of about 550 violins to exist by Antonin Stradivari. He is the world's renowned violin maker. He made the violin in 1734, and it is probably worth millions of dollars.

The violin was stolen in 1980 from musician Roman Totenberg. The presumed thief was a **journeyman** violinist named Philip Johnson. Decades later, he showed his ex-wife a locked violin case. In 2015, she took the violin for an **appraisal** and learned what it was. The Totenberg family received the violin back.

The violin was in good shape, but it had been repaired unusually because Philip could not have taken it to a professional, as he might have been caught. The family started a **meticulous** restoration that took over a year.

Mira Wang, who came to the US from China over 30 years ago to study under Totenberg, played the violin in New York City on March 13th.

https://www.newsinlevels.com/products/stolen-violin-returns-level-3/ accessed in 28/03/2017

Sobre o que aborda o texto publicado no jornal online News in Levels?

a) Um violino roubado e recuperado.
b) O violinista Antonin Stradivari.
c) Restauração de um violão.
d) Concerto de um músico chinês em Nova York.

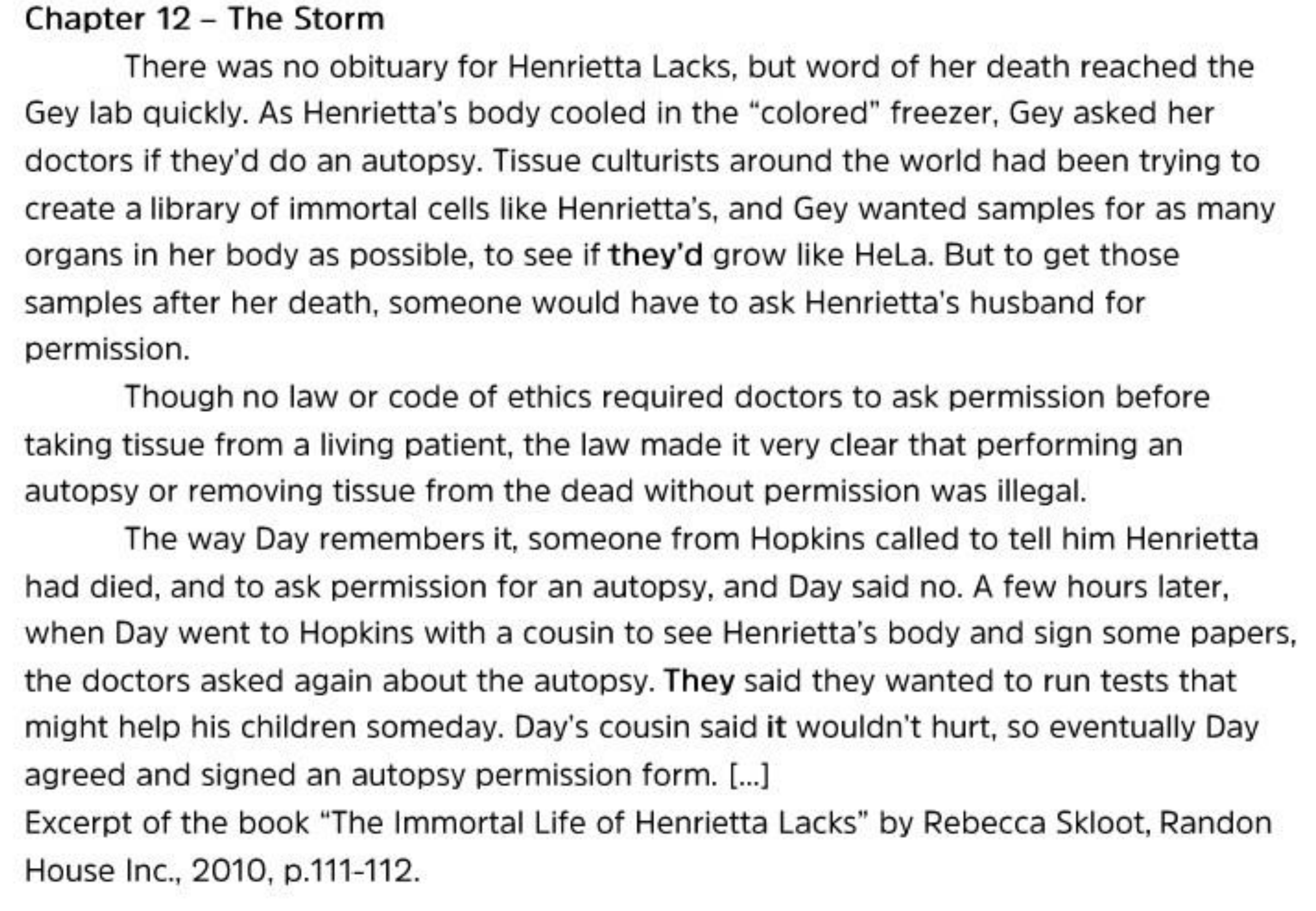

Chapter 12 – The Storm

There was no obituary for Henrietta Lacks, but word of her death reached the Gey lab quickly. As Henrietta's body cooled in the "colored" freezer, Gey asked her doctors if they'd do an autopsy. Tissue culturists around the world had been trying to create a library of immortal cells like Henrietta's, and Gey wanted samples for as many organs in her body as possible, to see if **they'd** grow like HeLa. But to get those samples after her death, someone would have to ask Henrietta's husband for permission.

Though no law or code of ethics required doctors to ask permission before taking tissue from a living patient, the law made it very clear that performing an autopsy or removing tissue from the dead without permission was illegal.

The way Day remembers it, someone from Hopkins called to tell him Henrietta had died, and to ask permission for an autopsy, and Day said no. A few hours later, when Day went to Hopkins with a cousin to see Henrietta's body and sign some papers, the doctors asked again about the autopsy. **They** said they wanted to run tests that might help his children someday. Day's cousin said **it** wouldn't hurt, so eventually Day agreed and signed an autopsy permission form. [...]

Excerpt of the book "The Immortal Life of Henrietta Lacks" by Rebecca Skloot, Randon House Inc., 2010, p.111-112.

De acordo com o texto acima, Henrietta Lacks era casada com:

- **a) Gey**
- **b) HeLa**
- **c) Day**
- **d) O texto não informa o nome do marido**

Português – começando do ZERO

Termos acessórios de uma oração (Noções essenciais)

Adjunto adnominal

É o termo acessório da oração que tem por finalidade a caracterização ou a determinação de um substantivo.

- **Aqueles** **dois** jornais publicaram **as** notícias **trágicas**.

* **Os** rapazes encontraram **uma** mulher perdida.

Português – começando do ZERO

Termos acessórios de uma oração (Noções essenciais)

Adjunto adverbial

É o termo acessório da oração que, com ou sem preposição, refere-se a um verbo, a um adjetivo ou a um advérbio atribuindo-lhes alguma circunstância. Em sintaxe, o adjunto adverbial é exercido pelos advérbios e pelas locuções adverbiais.

Português – começando do ZERO

Termos acessórios de uma oração (Noções essenciais)

Adjunto adverbial

* Hoje o Presidente da República irá **ao Congresso** **na parte da tarde** **para a obtenção de apoio.**

* Muitos **hoje em dia** morrem **de fome** **por causa da insensibilidade de alguns**.

Português – começando do ZERO

Adjunto adverbial (Classificação):

a) **de lugar** → No país do carnaval, só samba quem tem dinheiro.

b) **de tempo** → Muitos direitos foram suspensos no tempo da ditadura brasileira.

c) **de concessão** → Apesar das circunstâncias, muitos obtiveram o diploma de bacharel.

d) **de assunto** → Eles só falavam sobre a derrota do time.

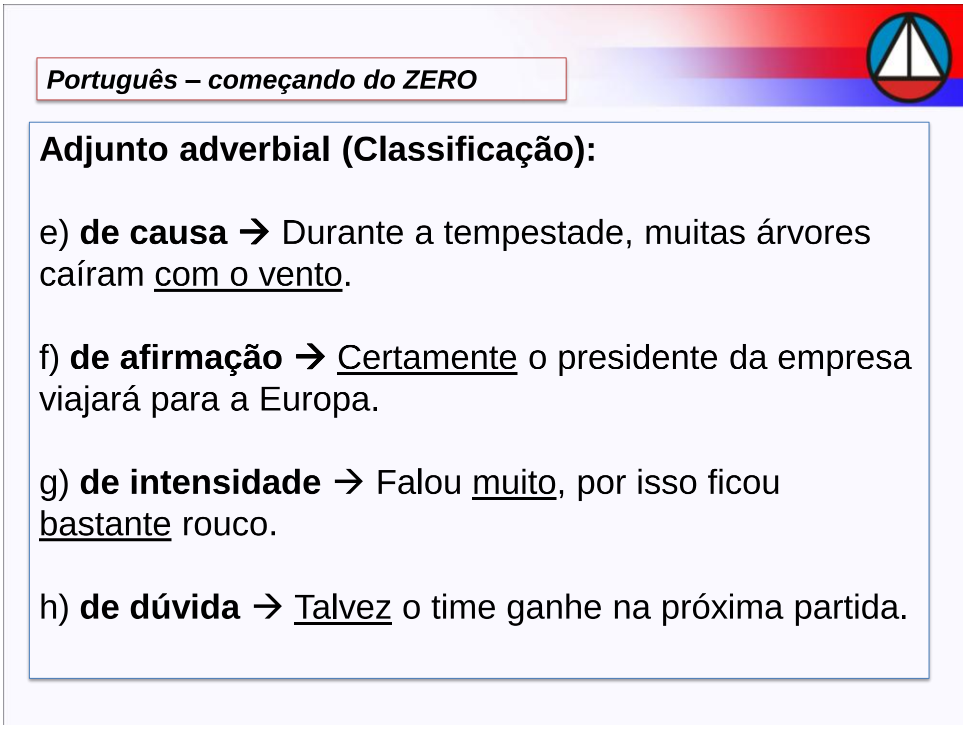

Português – começando do ZERO

Adjunto adverbial (Classificação):

e) **de causa** → Durante a tempestade, muitas árvores caíram com o vento.

f) **de afirmação** → Certamente o presidente da empresa viajará para a Europa.

g) **de intensidade** → Falou muito, por isso ficou bastante rouco.

h) **de dúvida** → Talvez o time ganhe na próxima partida.

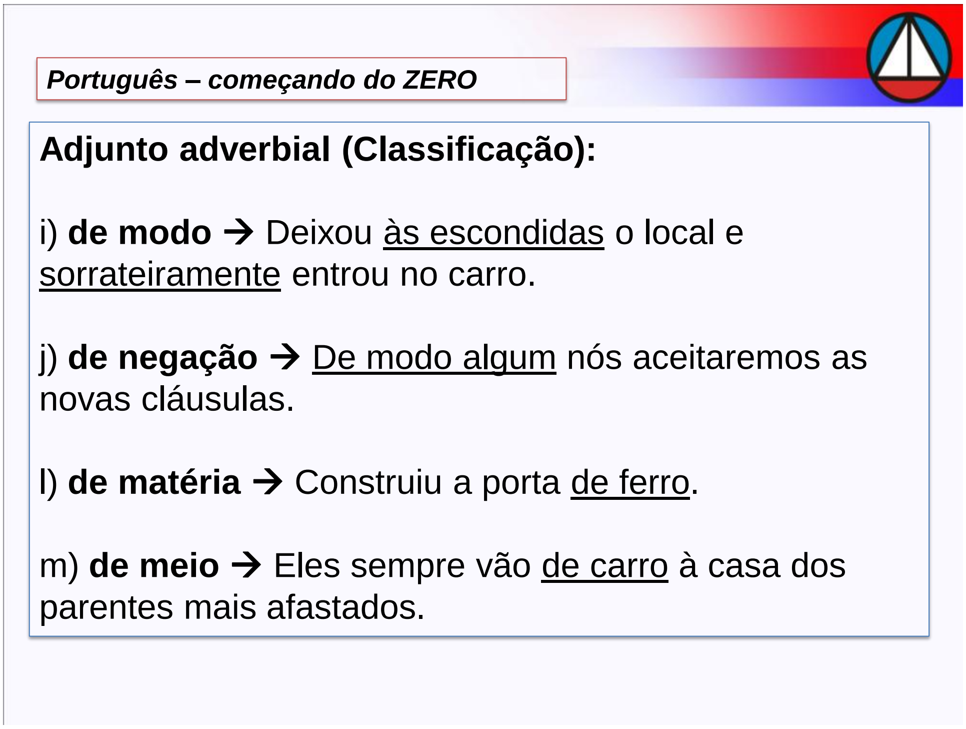

Português – começando do ZERO

Adjunto adverbial (Classificação):

i) **de modo** → Deixou às escondidas o local e sorrateiramente entrou no carro.

j) **de negação** → De modo algum nós aceitaremos as novas cláusulas.

l) **de matéria** → Construiu a porta de ferro.

m) **de meio** → Eles sempre vão de carro à casa dos parentes mais afastados.

Adjunto adverbial (Classificação):

n) **de finalidade →** Estudam bastante para a obtenção do certificado.

o) **de condição →** Não conseguirás viajar sem o passaporte.

p) **de companhia →** O Presidente viajará para a Europa com todos os seus ministros.

q) **de conformidade →** Eles sempre dançam conforme a música.

Termos acessórios de uma oração (Noções essenciais)

Adjunto adverbial

Observação:

Lembre-se de que a maioria das locuções adverbiais são introduzidas por preposição. A preposição é solicitada pela própria locução adverbial.

Português – começando do ZERO

Termos acessórios de uma oração (Noções essenciais)

Adjunto adverbial

* Deixou o emprego por moléstia grave.

* Apesar das circunstâncias, muitos obtiveram o diploma de bacharel.

Português – começando do ZERO

Termos acessórios de uma oração (Noções essenciais)

Aposto

É o termo acessório cuja função é a de esclarecer, explicar, identificar, especificar, resumir um outro termo. O termo a que o aposto se refere sempre será um substantivo ou termo substantivado, uma vez que a função do aposto é típica do substantivo.

Português – começando do ZERO

Termos acessórios de uma oração (Noções essenciais)

Aposto

* O Amazonas, **maior rio navegável do mundo**, está poluído em algumas áreas.

* **Analista de artes e professor de computação**, João Antônio aprecia também bons pratos à japonesa.

Português – começando do ZERO

Tipos de aposto:

A) **Aposto explicativo**: é o mais comum. Como o próprio nome já enuncia, explica, esclarece o termo a que se refere. Vem sempre isolado por vírgula(s).

* Edson Arantes do Nascimento, **o rei Pelé**, consagrou-se como um dos maiores jogadores de todos os tempos.

* Em Pernambuco, **um dos grandes produtores de açúcar do Brasil**, a violência cresce diariamente.

Português – começando do ZERO

Tipos de aposto:

B) **Aposto resumitivo ou recapitulativo**: é aquele que “resume” uma seqüência de termos. Geralmente este tipo de aposto resume substantivos que exercem a função de sujeito. O aposto resumitivo é frequentemente exercido por um pronome indefinido.

* O mar, os céus, a terra, **tudo** apregoa a glória de Deus.

* Dançar, nadar, brincar, **nada** lhe interessava.

Português – começando do ZERO

Tipos de aposto:

C) **Aposto especificativo**: é aquele que se refere a um substantivo de sentido geral particularizando-o, especificando-o, indicando-lhe a espécie à qual pertence. Este tipo de aposto dispensa a pontuação.

* O iluminista **Thomas Hobbes**, autor de “Leviatã”, morreu em 1679.

* A cidade **de Palmares** fica a cerca de 120Km da cidade **de Recife**.

Português – começando do ZERO

Tipos de aposto:

D) **Aposto enumerativo**: este tipo cria uma enumeração ou indica uma quantidade do termo a que se refere. Este tipo de aposto faz uso freqüente dos dois pontos e, mais raramente, da vírgula e do travessão.

* Para um homem evoluir são necessárias três coisas: **uma grande mulher, uma boa família e a presença de Deus**.

* Em sua viagem, Mário conheceu dois grandes expoentes da Literatura mundial: **José Saramago e Antônio Cândido**.

Português – começando do ZERO

O VOCATIVO

É o termo da oração (não entra em nenhuma classificação uma vez que nem pertence ao sujeito nem ao predicado) cujo objetivo é interpelar, chamar, invocar alguém de forma mais ou menos enfática.

* **Maria**, **ó Maria**, vem logo, não demores.

*Afasta-te daqui, **criatura nojenta**!

Pronomes

Vamos falar sobre uma classe gramatical importantíssima:

PRONOME!

Literalmente, **PRO** significa **em função de** ou **no lugar de**.

Já aprendemos que NOME é a mesma coisa que substantivo. Então, podemos deduzir que **pronome** é uma palavra que existe em função do nome (substantivo) ou que ocupa o seu lugar.

Pode substituir o nome (pronome substantivo) ou acompanhá-lo (pronome adjetivo).

Pronome

Substitui o substantivo.

ex. Pedro é inteligente;

subs.

ele gosta de Gramática.

pronome

PRONOMES PESSOAIS DO CASO RETO

São aqueles que substituem os substantivos, indicando diretamente as pessoas do discurso. Assumindo a função de **SUJEITOS DA ORAÇÃO**.

Exemplos: **Ele** gosta de futebol.
Eu fui ao cinema.

dreamstime

PRONOMES PESSOAIS DO CASO RETO:

EU TU ELE

ELA NÓS VÓS

ELES ELAS

PRONOMES PESSOAIS DO CASO RETO

Singular	1.ª Pessoa	eu
	2.º Pessoa	tu
	3.ª Pessoa	ele , ela
Plural	1.ª Pessoa	nós
	2.º Pessoa	vós
	3.ª Pessoa	eles, elas

PRONOMES PESSOAIS OBLIQUOS

Os pronomes pessoais oblíquos exercem qualquer função sintática, exceto sujeito e predicativo do sujeito.

- Pronomes oblíquos átonos não são precedidos de preposição.

- Pronomes oblíquos tônicos são precedidos de preposição.

QUAIS SÃO OS PRONOMES OBLÍQUOS?

PARA CADA PRONOME RETO, EXISTE UM OBLÍQUO:

Eu → mim, me, comigo
Tu → te, ti, contigo
Ele → se, o, a, lhe, si, consigo
Nós → nos, conosco
Vós → vos, convosco
Eles → si, os, as, lhes, se, consigo

Pronomes Pessoais

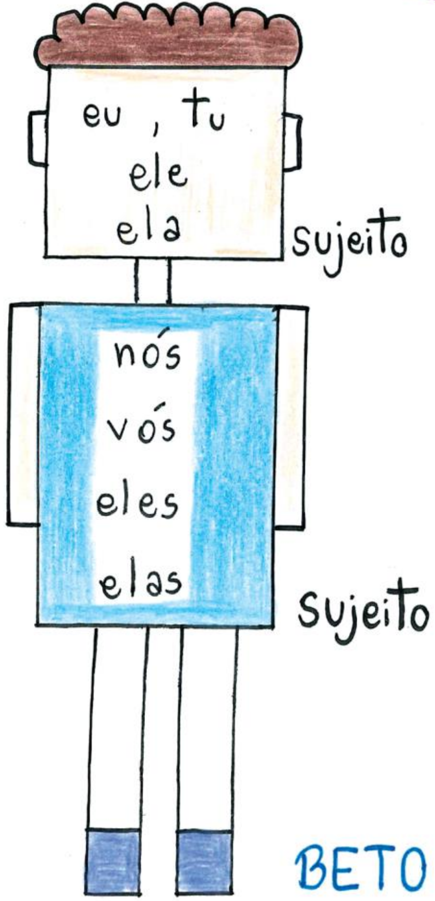
eu , tu
ele
ela
sujeito
nós
vós
eles
elas
sujeito

BETO RETO

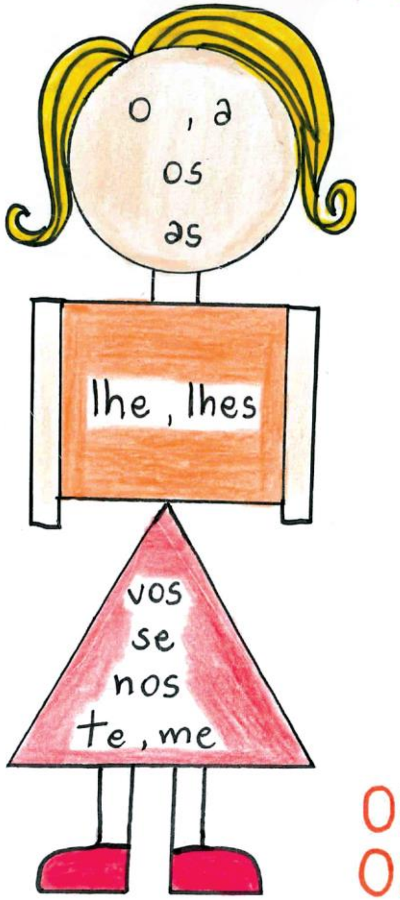
o , a
os
as
lhe , lhes
vos
se
nos
te , me

OLÍVIA
OBLÍQUA

NICO
TÔNICO

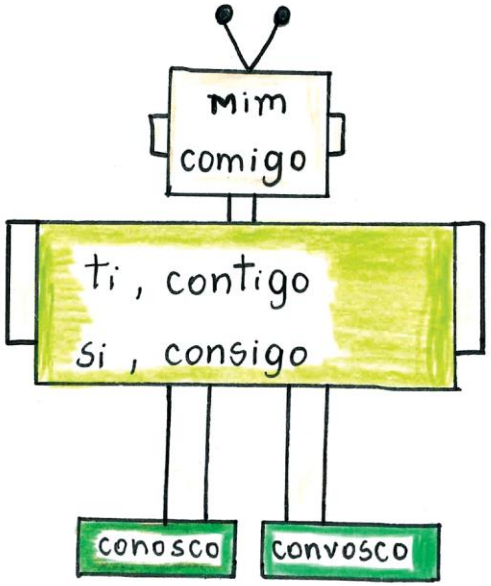
mim
comigo
ti , contigo
si , consigo
conosco
convosco

PRONOMES PESSOAIS

Tipos de pronomes pessoais

CASO RETO	CASO OBLÍQUO	
	Átonos	Tônicos
Eu	Me	Mim, comigo
Tu	Te	Ti, contigo
Ele	O, a, lhe, se	Si, consigo
Nós	Nos	Nós, conosco
Vós	Vos	Vós, convosco
Eles	Os, as, lhes, se	Si, consigo
Sujeito	Complemento ou adjunto	

PRONOMES DE TRATAMENTO

São usados para nos dirigirmos às pessoas de várias maneiras. Há pronomes de tratamento que são usados apenas em ocasiões especiais, como Vossa Majestade, Vossa Alteza, Vossa Excelência.

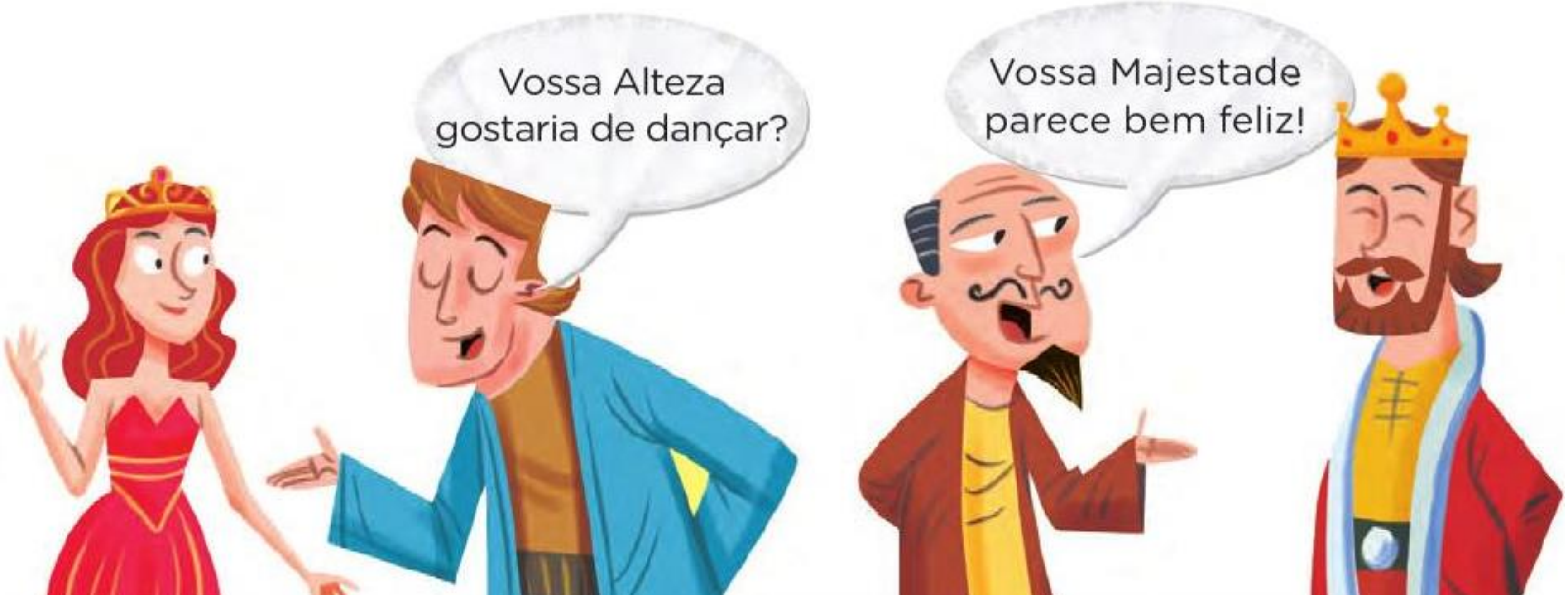
Vossa Alteza gostaria de dançar?
Vossa Majestade parece bem feliz!

Pronomes de tratamento

pronome	abreviatura	uso
você	v.	tratamento familiar
Senhor / Senhora	Sr. / Sra.	tratamento respeitoso
Vossa Senhoria	V. S.ª	tratamento cerimonioso e linguagem comercial
Vossa Alteza	V. A.	príncipes, princesas
Vossa Excelência	V. Ex.ª	altas autoridades
Vossa Majestade	V. M.	reis, rainhas
Vossa Santidade	V. S.	papa

PRONOMES

PARTE DO MATERIAL ADAPTADO DO LIVRO
SOMENTE PARA FINS PEDAGÓGICOS

@MAPEARPORTUGUES

Manual do Candidato

Português

FUNAG
FUNDAÇÃO
ALEXANDRE
DE GUSMÃO

Presidente Thereza Maria Machado Quintella

A **Fundação Alexandre de Gusmão (Funag**), instituída em 1971, é uma fundação pública vinculada ao Ministério das Relações Exteriores e tem a finalidade de levar à sociedade civil informações sobre a realidade internacional e aspectos da pauta diplomática brasileira.

Com a missão de promover a sensibilização da opinião pública nacional para os temas de relações internacionais e para a política externa brasileira, a **Funag** promove atividades de natureza cultural e acadêmica que visam a divulgação e a ampliação do debate acerca das relações internacionais contemporâneas e dos desafios da inserção do Brasil no contexto mundial.

Fomentando a realização de estudos e pesquisas, organizando foros de discussão e reflexão, promovendo exposições, mantendo um programa editorial voltado para a divulgação dos problemas atinentes às relações internacionais e à política externa brasileira, velando pela conservação e difusão do acervo histórico diplomático do Brasil, a **Funag** coloca-se em contato direto com os diferentes setores da sociedade, atendendo ao compromisso com a democracia e com a transparência que orienta a ação do Itamaraty.

Ministério das Relações Exteriores
Esplanada dos Ministérios, Bloco H
Anexo II, Térreo
70170-900 Brasília - DF
Telefones: (0 xx 61) 411 6033/6034/6847
Fax: (0 xx61) 322 2931, 322 2188

Palácio Itamaraty
Avenida Marechal Floriano, 196
Centro - 20080-002 Rio de Janeiro - RJ
Telefax: (0 xx 21) 233 2318/2079

Informações adicionais sobre a Funag e suas publicações podem ser obtidas no sítio eletrônico: *www.funag.gov.br*
e-mail: *publicacoes@funag.gov.br*

IRBr – Concurso de Admissão à Carreira de Diplomata

Manual do Candidato

Português

Francisco Platão Savioli*
José Luiz Fiorin**

FUNAG
FUNDAÇÃO
ALEXANDRE
DE GUSMÃO

2ª edição
atualizada e revisada

---

* Professor Doutor do Departamento de Comunicação e Artes da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

* Professor associado do Departamento de Lingüística da Universidade de São Paulo.

Ambos são co-autores de: *Para entender o texto* (16ª edição) - Editora Ática
Lições de Texto: *Leitura e redação* (5ª edição) - Editora Ática

S267m

Savioli, Francisco Platão, 1944-
Manual do candidato : português / Francisco Savioli, José Luiz Fiorin. – 2.ed. – Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2001.
376p. ; 29,7 cm.
ISBN 85-87480-20-0
“IRBr – Concurso de Admissão à Carreira de Diplomata”.
1. Instituto Rio Branco – Concursos. 2. Serviço público – Brasil – Concursos. 3. Língua Portuguesa. I. Fiorin, José Luiz. II. Fundação Alexandre de Gusmão. III. Título.

CDD: 354.81003

Copyright © 2001 Fundação Alexandre de Gusmão – Funag

Direitos de publicação reservados à

Fundação Alexandre de Gusmão (Funag)
Ministério das Relações Exteriores
Esplanada dos Ministérios, Bloco H
Anexo II, Térreo
70170-900 Brasília – DF
Telefones: (0 XX 61) 411 6033/6034/6847/6028
Fax: (0 XX 61) 322 2931, 322 2188
www.funag.gov.br
E-mail: plublicacoes@funag.gov.br

Palácio Itamaraty
Avenida Marechal Floriano, 196
Centro – 20080-002 Rio de Janeiro – RJ
Telefax: (0 XX 21) 233 2318/2079

Impresso no Brasil 2001

Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional
conforme Decreto nº 1.825, de 20.12.1907

Apresentação

A Fundação Alexandre de Gusmão (Funag) oferece aos candidatos ao Concurso de Admissão à Carreira de Diplomata, do Instituto Rio Branco (IRBr), do Ministério das Relações Exteriores, a série *Manuais do Candidato*, com nove volumes: Português, Questões Internacionais Contemporâneas, História do Brasil, História Geral Contemporânea, Geografia, Direito, Economia, Inglês e Francês[1].

Os *Manuais do Candidato* constituem marco de referência conceitual, analítica e bibliográfica das matérias indicadas. O Concurso de Admissão, por ser de âmbito nacional, pode, em alguns centros de inscrição, encontrar candidatos com dificuldade de acesso a bibliografia credenciada ou a professores especializados. Dada a sua condição de guias, os *manuais* não devem ser encarados como apostilas que por si sós habilitem o candidato à aprovação.

A Funag convidou representantes do meio acadêmico com reconhecido saber para elaborarem os *Manuais do Candidato*. As opiniões expressas nos textos são de responsabilidade exclusiva de seus autores.

---

[1] O IRBr considera importante ao Concurso de Admissão que os candidatos não descuidem do aperfeiçoamento no idioma francês, uma vez que (a) será exigida proficiência de alto nível em francês no processo de formação de diplomatas e (b) parte da bibliografia do Programa de Formação e Aperfeiçoamento – Primeira Fase (PROFA I) é constituída de textos em francês.

SUMÁRIO

TEXTOS

1. Considerações sobre a Noção de Texto 11
2. Variação lingüística, modalidades de linguagem e produção de texto escrito 16
3. A propósito da noção de erro 26
4. A heterogeneidade lingüística 38
5. Seleção vocabular 57
6. Texto figurativo e texto temático 73
7. Alteração do sentido das palavras 80
8. Modos de ordenar os tempos 88
9. O parágrafo 101
10. Características lingüísticas da dissertação 111
11. Estruturação dos conteúdos da dissertação 120
12. Coesão textual 141
13. Coerência textual 155
14. Informações implícitas 168
15. Progressão textual 174
16. Dizer uma coisa para significar outra 179
17. Argumentação 189
18. Resumo 209

Bibliografia 215

EXERCÍCIOS

1. Considerações sobre a noção de texto 221
2. Variação lingüística, modalidades de linguagem e produção de texto escrito 224
3. A propósito da noção de erro 228
4. A heterogeneidade lingüística 236
5. Seleção vocabular 242
6. Texto figurativo e texto temático 250
7. Alteração do sentido das palavras 255
8. Modos de ordenar os tempos 259
9. O parágrafo 263
10. Características lingüísticas da dissertação 268
11. Estruturas dos conteúdos da dissertação 272
12. Coesão textual 321

13. Coerência textual 327
14. Informações implícitas 334
15. Progressão textual 339
16. Dizer uma coisa para significar outra 344
17. Argumentação 350
18. Resumo 357

TEXTOS

Lição 1

Considerações sobre a noção de texto

Leia o texto abaixo, uma tirinha de Hagar, do famoso cartunista Dik Browne.

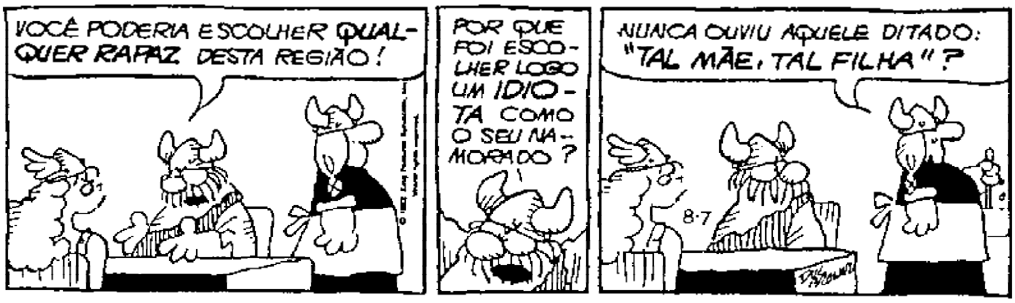
VOCÊ PODERIA ESCOLHER QUALQUER RAPAZ DESTA REGIÃO!
POR QUE FOI ESCOLHER LOGO UM IDIOTA COMO O SEU NAMORADO?
NUNCA OUVIU AQUELE DITADO: "TAL MÃE, TAL FILHA"?
8-7
Dik Browne

(Browne, Dick. *O melhor de Hagar o Horrível* / Dik Browne; Porto Alegre: L&PM, 1999, p. 60)

O último quadrinho contém uma intervenção da mulher de Hagar numa discussão entre ele e a filha. Sob a forma de uma interrogação, a mãe da menina dispara contra o pai um torpedo demolidor e é daí que decorre o efeito de humor da tirinha.

É preciso, no entanto, ter presente o dado de que a intromissão da mulher na conversa de Hagar só produz esse efeito arrasador e o conseqüente efeito de humor por causa da sua relação com as duas falas anteriores. Não estivesse inserida nesse contexto, a mesma fala poderia ter significado oposto: um elogio caloroso da mulher ao seu marido.

Para isso, basta supor que, no primeiro quadrinho, Hagar tivesse cumprimentado a filha pelo bom gosto de ter escolhido como namorado um rapaz muito especial. No segundo, tivesse perguntado como é que teve a sorte de conquistar um jovem tão fidalgo e valoroso. Nesse contexto, a fala do terceiro quadrinho teria o sentido diametralmente oposto ao do texto original.

Essas observações põem em relevo um dado muito importante para quem deseja compreender a natureza de um texto e ter noção clara do que se passa no seu interior: o sentido de cada parte do conjunto nunca é autônomo. Quando se trata de um texto, a compreensão do sentido global não resulta da mera soma das partes, assim como o sentido de cada parte não pode ser decifrado sem levar em conta o texto em que ela está inserida. Prova disso é que, na tirinha escolhida como exemplo, sem alterar uma só letra da fala do último quadrinho, poderíamos virar do avesso o sentido dessa passagem e a do conjunto todo.

Ao fazer esses comentários e essas observações, já estamos utilizando a própria palavra *texto*, que é exatamente a noção que estamos pretendendo definir. Mas o que é um texto? Essa palavra é bastante usada no dia-a-dia por profissionais que, de uma forma ou de outra, trabalham com a linguagem (professores, jornalistas, diplomatas, etc.): *o texto da nota do Governo Brasileiro ao Departamento de Estado foi incisivo; seu texto está muito longo; este texto é primoroso; o texto constitucional contém matérias que estariam melhor na legislação ordinária*...No entanto, se perguntarmos a esses profissionais o que é um texto, terão eles, em geral, dificuldade para determinar precisamente o significado dessa palavra.

Para explicar o que é um texto, comecemos por definir suas propriedades:

1. Um texto possui coerência de sentido, o que significa que ele não é um amontoado de frases. Ao contrário, é um todo organizado de sentido. A palavra texto vem de uma das formas do verbo latino *texo*, que quer dizer "tecer". O texto é um tecido, não um aglomerado desconexo de fios. Nele, o sentido de cada uma das partes é dado pelo todo. O significado de uma frase do texto será depreendido da totalidade. Assim, a mesma frase colocada num contexto diferente poderá apresentar sentidos diferentes.

O contexto é uma unidade lingüística maior em que se insere uma unidade menor. Assim, a oração serve de contexto para a palavra; o período, para a oração; o texto integral de um romance, para cada capítulo. O contexto pode ser explícito, quando está expresso lingüisticamente, ou implícito, quando não precisa ser verbalizado, porque pode ser depreendido da situação. Assim, por exemplo, quando um passageiro entra num táxi e diz ao motorista *Cidade Universitária*, não precisa dizer *por favor, queira conduzir-me até a Cidade Universitária*,pois o motorista depreende isso da situação. No entanto, fora desse contexto, no balcão de uma loja de ferramentas por exemplo, dizer ao balconista *Cidade Universitária* pode não significar nada sem esclarecimentos suplementares. O contexto implícito é o conhecimento de mundo pressuposto por uma unidade lingüística.

Se o sentido de cada parte do texto se depreende do todo, o sentido de um segmento lingüístico qualquer depende do contexto. Por conseguinte, o mesmo segmento colocado em contextos diferentes terá sentidos distintos. Tomemos quatro pequenos textos, para exemplificar esse fato:

a) Acabou a água lá em casa. Não sabíamos a que se devia o fato. Pensamos que fosse um corte de abastecimento não anunciado pela Sabesp, mas, quando fomos ver, era a bomba.

b) Recebemos um telefonema, avisando que uma bomba tinha sido colocada no prédio. Notificamos a polícia, que mandou evacuar o edifício e passou a procurar algum objeto suspeito, até que, num dos banheiros, localizou um pequeno embrulho: era a bomba.

c) O porta-voz do Banco Central anunciou uma máxi-desvalorização do real. Era a bomba que, segundo insistentes boatos, o governo lançaria sobre o mercado.

d) Apesar de ter estudado bastante, Pedro não tinha ido bem no vestibular. O que temia não era a bomba, mas ter que recomeçar o cursinho.

O segmento lingüístico *era a bomba* tem significados diferentes nos quatro contextos: no primeiro, significa "a bomba, isto é, o aparelho destinado a impulsionar a água, estava com defeito"; no segundo, "a bomba, ou seja, o artefato explosivo, que estava sendo procurado, estava no pequeno embrulho"; no terceiro, "o acontecimento inesperado e ruim que o governo lançaria sobre o mercado era a máxi-desvalorização do real"; no quarto, "a reprovação não provocava temor".

Se o texto é um todo organizado de sentido, quais são os *fatores de textualidade,* isto, o que é que faz com que um texto seja um texto e não um simples amontoado de frases? Há vários fatores de textualidade. Por ora, mencionemos dois, que merecerão adiante um tratamento mais detalhado: a coerência e a coesão.

Um texto será coerente, quando nele não houver nada ilógico, desconexo, contraditório, não-solidário; quando suas partes mantiverem compatibilidade, continuidade de sentido umas em relação às outras. Por exemplo, o texto abaixo é incoerente, porque o segundo período não tem qualquer relação semântica com o primeiro, porque entre essas partes não há continuidade de sentido.

— V. Exª pretende candidatar-se a presidente?

— Durante toda a minha vida pública fui um político coerente e incorruptível.

A coesão, por sua vez, diz respeito à ligação das frases ou orações do texto, por elementos que garantem sua concatenação ou retomam o que foi dito. Por exemplo, no período *Apesar de ser indisciplinado, nosso centro-avante faz gols,* o conector *apesar de* estabelece uma relação entre *ser indisciplinado* e *fazer gols,* mostrando que, embora o jogador indisciplinado cause problemas para seu time, o fato de fazer gols é mais relevante, do ponto de vista do falante, do que ser indisciplinado, dado que, com seus gols, traz mais benefícios do que prejuízo a sua equipe.

O segundo fator é menos relevante do que o primeiro, pois um conjunto de frases, mesmo sem qualquer elemento de coesão, pode ser coerente e, por conseguinte, ser um texto. Observe um trecho de uma crônica de Carlos Drummond de Andrade:

Noite de autógrafos de todos os editados, o salão assim de cheio.

– Mas que calor!
– Ainda bem que está circulando o *on the rocks*.
– É o meu autor preferido.
– No original ou em tradução?
– Não é vestido. É ela mesma, por transparência.
– O glorioso romancista poderia dizer duas palavras ao microfone cultural da Rádio Universo?
– Desculpe, mas no momento...
– Diga assim mesmo. Qual é o livro que está autografando?
– Este que o senhor está vendo.
– É a sua última obra?
– Com licença. Meu nome é Cristina.

(*Poesia e prosa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983, p. 1 368)

Nesse texto, há poucos elementos de coesão. No entanto, quando lemos que se trata de uma noite de autógrafos, o conjunto das frases ganha coerência, torna-se um texto, pois percebemos que está reproduzindo pedaços de conversa, interrupção da conversa alheia com outro assunto, comentários, fofocas, etc., tudo isso com a intenção de retratar, com humor, o que ocorre num evento dessa natureza.

2. A segunda característica de um texto é que ele é delimitado por dois brancos, isto é, por dois espaços de não sentido. Se a primeira característica de um texto é ser um todo organizado de sentido, um texto não precisa ser necessariamente verbal. Um quadro, um filme, uma novela, uma história em quadrinho, um gesto são textos. Qualquer que seja a forma como o conteúdo se manifesta, visualmente, verbalmente, visual e verbalmente ao mesmo tempo, como no cinema ou na história em quadrinho, o texto tem um início e um fim. Antes do começo e do término, há dois espaços de não sentido, dois brancos: no texto verbal escrito, o espaço em branco que o delimita; no caso do texto falado, o silêncio que precede o momento de tomar a palavra e que segue a seu término; no texto visual e verbal do cinema, o momento em que se apagam as luzes e o termo *fim*; no texto auditivo não verbal de uma sinfonia, o instante em que o maestro levanta a batuta e aquele em que a abaixa.

3. Um texto é produzido por um sujeito num dado tempo e num determinado espaço. Por isso, ele revela idéias, anseios, expectativas, temores, enfim uma visão de mundo da formação social em que está o seu

produtor. Por essa razão, é um objeto integralmente histórico, não no sentido de que narra os acontecimentos de sua época, mas de que nos mostra os ideais e as concepções presentes numa dada sociedade. Por exemplo, o ressurgimento, com força total, da idéia de que o caráter do homem não se altera em contacto com o meio representa bem a exasperação em que vive o homem moderno com o aumento crescente da criminalidade, pois essa concepção permite dizer que a questão da violência não é social, mas deriva do fato de que alguns indivíduos são intrinsecamente maus. Isso leva à proposição de soluções que parecem mais rápidas para o problema: por exemplo, a pena de morte.

Todo texto apresenta um ponto de vista sobre a realidade. Mesmo que a negue, representa uma atitude em relação a ela, pois engajamento ou alienação são posições a respeito dos acontecimentos. Cabe lembrar que, como uma sociedade é dividida em grupos com interesses divergentes, os pontos de vista sobre uma questão posta em debate são múltiplos. Assim, a mesma sociedade que gerou a concepção de que um policial militar tem o direito de matar um assaltante já dominado, engendrou a idéia de que o Estado não tem o direito, em hipótese alguma, de tirar a vida de alguém. Embora as posições a respeito de uma dada questão sejam múltiplas e divergentes, alguns pontos de vista, numa certa época, tornam-se dominantes, passam a ser quase consensuais. É muito difícil argumentar contra eles.

Diz-se que os textos sempre se constituem em oposição a outros textos. São heterogêneos, pois, sob uma posição expressa num, ressoa o ponto de vista ao qual ela se opõe. Para entender bem o discurso da UDR contra a reforma agrária, é preciso compreender o discurso da Comissão Pastoral da Terra a favor.

Em síntese, um texto é um todo organizado de sentido, delimitado por dois brancos, que manifesta um ponto de vista social sobre uma dada questão.

Desse conceito de texto pode-se concluir que:

a) a leitura de um texto não pode basear-se em fragmentos isolados; produzir um texto não é amontoar frases sem qualquer relação entre elas;
b) a leitura de um texto deve, de um lado, levar em conta aquilo que ele diz, e, de outro, a relação entre o ponto de vista social que ele expressa e aquele em oposição ao qual se constitui; produzir um texto é adotar uma posição sobre um dado assunto e argumentar em favor dela.

Lição 2

Variação lingüística, modalidades de linguagem e produção do texto escrito.

Leia o texto abaixo:

Antigamente

Antigamente, os pirralhos dobravam a língua diante dos pais e se um se esquecia de arear os dentes antes de cair nos braços de Morfeu, era capaz de entrar no couro. Não devia também se esquecer de lavar os pés, sem tugir nem mugir. Nada de bater na cacunda do padrinho, nem de debicar os mais velhos, pois levava tunda. Ainda cedinho, aguava as plantas, ia ao corte e logo voltava aos penates. Não ficava mangando na rua nem escapulia do mestre, mesmo que não entendesse patavina da instrução moral e cívica. O verdadeiro smart calçava botina de botões para comparecer todo liró ao copo d’água, se bem que no convescote apenas lambiscasse, para evitar flatos. Os bilontras é que eram um precipício, jogando com pau de dois bicos, pelo que carecia muita cautela e caldo de galinha. O melhor era pôr as barbas de molho diante de um treteiro de topete; depois de fintar e engambelar os coiós, e antes que se pusesse tudo em pratos limpos, ele abria o arco. (...)

Em compensação, viver não era sangria desatada, e até o Chico vir de baixo, vosmecê podia provar uma abrideira que era o suco, ficando na chuva mesmo com bom tempo. Não sendo pexote, e soltando arame, que vida supimpa a do degas. Macacos me mordam se estou pregando peta. E os tipos que havia: o pau-para-toda-obra, o vira-casaca (este cuspia no prato em que comera), o testa-de-ferro, o sabe-com-quem-está-falando, o sangue-de-barata, o Dr. Fiado que morreu ontem, o zé-povinho, o biltre, o peralvilho, o salta-pocinhas, o alferes, a polaca, o passador de nota falsa, o mequetrefe, o safardana, o maria-vai-com-as-outras... Depois de mil peripécias, assim ou assado, todo mundo acabava mesmo batendo com o rabo na cerca, ou simplesmente a bota, sem saber como descalçá-la.

Mas até aí morreu o Neves, e não foi no Dia de São Nunca de tarde: foi vítima de pertinaz enfermidade que zombou de todos os recursos da ciência, e acreditam que a família nem sequer botou fumo no chapéu? (ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983, 1320-1321)

Esse texto mostra como a linguagem se altera de uma época para outra. Muitos termos e expressões, corriqueiros num determinado período, deixam de ser usados e tornam-se incompreensíveis em outro. É o que acontece com grande parte do vocabulário com que o texto é construído. Vejamos alguns exemplos: cair nos braços de Morfeu = dormir; debicar = zombar, gozar de; voltar aos penates = voltar para casa; mangar em = demorar; *smart* = elegante; liró = bem vestido; copo d'água = lanche oferecido aos amigos; convescote = piquenique; bilontra = velhaco; precipício = perigo; jogar com pau de dois bicos = defender ora uma, ora outra de duas idéias opostas, para agradar às duas partes; treteiro de topete = tratante atrevido; abrir o arco = fugir; abrideira = aperitivo; suco = coisa excelente; ficar na chuva = embriagar-se; pexote = inexperiente; arame = dinheiro; supimpa = muito bom; degas = eu; pregar peta = mentir; biltre = vil, abjeto, infame; peralvilho = indivíduo vestido com apuro exagerado; salta-pocinha = indivíduo afetado; polaca = meretriz estrangeira; mequetrefe = patife; safardana = salafrário; fumo = faixa de crepe para luto.

Todas as línguas apresentam variantes, isto é, não são faladas da mesma maneira nos diversos lugares, nos distintos grupos sociais, nas diferentes épocas, nas diversas situações. As línguas não são unas. Muitos podem pensar que o fenômeno da variação ocorra apenas no Brasil. Atribuem isso ao fato de os brasileiros não amarem sua língua, serem desleixados com ela, não a conhecerem bem. Esse ponto de vista não passa de preconceito. A variação é inerente ao fenômeno lingüístico. Todas as línguas têm variantes, até mesmo os idiomas antigos. O português e as demais línguas românicas (francês, italiano, espanhol, romeno, catalão, dalmático, sardo, rético, franco-provençal e provençal) provêm do latim vulgar (popular), uma variante bem distinta do latim culto.

A variação ocorre, porque a sociedade é dividida em grupos: uns habitam uma região, outros, outra; uns estão numa faixa etária, outros, noutra; uns pertencem a uma classe social, outros, a outra; uns têm uma profissão, outros, outra, e assim por diante. O uso de uma dada variante lingüística confere uma identidade ao falante, porque o inclui num grupo social bem específico. Ao longo de nosso aprendizado lingüístico, passamos a distinguir, a imitar, a julgar as diferentes variantes. Quando alguém fala, sabemos se ele é português ou brasileiro, gaúcho ou carioca, adolescente ou velho, identificamos a que grupo social pertence. Ao mesmo tempo, aprendemos que certas construções ou expressões podem ser usadas em situação informal de comunicação, mas não em situação formal. Há certas variantes que são tidas como certas e outras, erradas; algumas são consideradas elegantes e outras, feias. Há, pois, um julgamento social sobre elas.

A pronúncia e o vocabulário são os dois componentes da linguagem em que se manifesta com mais evidência o fenômeno da variação. No entanto, ele ocorre em todos os planos da linguagem:

a) no plano fônico: o *s* no final das sílabas é pronunciado como uma chiante pelos cariocas e como uma sibilante pelos paulistas; *t* e *d* seguidos de *i* soam como *tch* e *dj* em quase todo o País e como *t* e *d* em certas regiões, sobretudo as de imigração italiana; em determinados segmentos sociais há uma tendência a tornar paroxítonas as palavras proparoxítonas, com a eliminação de certos sons: *exerço* em lugar de *exército*, *lampa* por *lâmpada*; *Petropis* em vez de *Petrópolis*, *fórfi* por *fósforo*; em algumas camadas sociais, vocaliza-se o *lh*: *muié, cuié, teia* (por telha) e há uma tendência para a mudança do lugar do *r* na sílaba: *percisa, pregunta, percurar, cardeneta*, *largato*.

b) no plano morfológico: em certas camadas da população, conjugam-se certas formas de verbos irregulares, muitas vezes por analogia, como se fossem regulares: *se eu o ver, reteu, se eu propor, interviu;* usa-se, em determinados segmentos, a primeira pessoa do plural do presente do subjuntivo pela forma correspondente do indicativo: *estudemos, escutemos, andemos* e iguala-se a primeira pessoa do pretérito perfeito do indicativo do verbo *ir* à terceira: eu *foi;* por influência francesa, em certos meios, em lugar de expressar o término da ação por *acabar+de+infinitivo,* usa-se *vir+de+infinitivo*: *Ele vem de publicar um livro muito bom.*

c) no plano sintático: em certas regiões do país, usa-se o pronome de tratamento *tu*, mas com verbo na 3ª pessoa; em determinados grupos sociais, utiliza-se, com muita freqüência, o pronome *lhe(s)* na função de objeto direto: *não lhe vi ontem, eu lhe adoro;* em muitas camadas da população, o relativo *que,* quando precedido de preposição (principalmente o *cujo* que tem o valor de um relativo introduzido por *de*), deixou de ser usado como relativo; ele torna-se um introdutor da oração adjetiva e a função sintática que ele deveria exercer passa a ser exercida por um pronome pessoal: *A menina que os olhos dela são azuis esteve aqui* por *A menina cujos olhos são azuis esteve aqui;* em diversos segmentos sociais, usam-se pronomes pessoais oblíquos no lugar dos retos: *sem eu e você* em vez de *sem mim e você;*em determinados grupos, não se faz a concordância nominal, nem verbal de número: *os aluno, eles bebe muito;* outrora uma oração concessiva podia, dependendo do sentido, ser construída tanto com indicativo como com subjuntivo; hoje é de rigor o subjuntivo: "bastou serem escrituras de Deus, para o Demônio, as reverenciar, ou as temer, *posto que* não *falassem* com ele" (Vieira); "*posto que entrou* na batalha sem coroa, e disfarçado, para não ser conhecido, um só tiro de uma seta perdida matou o Rei" (Vieira); da mesma forma, o particípio das locuções verbais com ter podia concordar com o objeto direto: *quebrar as tréguas que tinham feitas*.

d) no plano lexical: em Portugal, usam-se *camisola, bicha, miúdo, fato-de-banho* e *cueca* para designar o que denominamos, no Brasil, *suéter, fila, menino, maiô e calcinha; rórido* pertence a um nível de língua bem preciosista, enquanto *orvalhado* é a palavra comum; em certas regiões, utiliza-se o termo *alcatifado* por *acarcepado*.

A língua varia, em todos os seus componentes, de região para região, de grupo social para grupo social, de uma época para outra, de uma situação de comunicação para outra. O que complexifica o fenômeno da variação é que esses diferentes fatores se entrecruzam. Assim, por exemplo, temos um falar carioca que se distingue de um baiano. Dentro de cada um desses falares regionais, temos uma variante popular e uma culta. Cada uma delas apresenta uma variante formal e uma informal, e assim por diante.

As variantes regionais são chamadas *diapóticas*. Observe este trecho dos *Contos gauchescos*, de Simões Lopes Neto, em que se trabalha com o falar gaúcho:

> Mas também quanto porongo!... Quantas vezes, depois duma canseira, boleava-se e caía um potro lindaço, cogotudo e bem laçado, ia-se ver, era um colmilhudo, com cada dente como uma estaca... velho como o cerro do Batovi; ou era um mancarrão de montaria, aporreado e cuerudo... outras vezes ainda... enfim, havia sempre embaçadelas! (Porto Alegre, Globo, 1949, p.165).

Nesse trecho, usam-se basicamente variantes lexicais: porongo = diz-se do cavalo que tem nos membros uma grande exostose, que lembra uma cuia ou porongo; bolear = lançar a boleadeira (aparelho para lançar animais); cogotudo = que tem cogote proeminente, pescoçudo; colmilhudo = diz-se do cavalo de grandes colmilhos (presas) e, portanto, velho e imprestável; mancarrão = diz-se do cavalo velho, manco; aporreado = diz-se do cavalo mal domado ou indomável; cuerudo = diz-se do cavalo que sofre de cuera (matadura no lombo do cavalo originada do uso de lombilhos); embaçadelas = engano.

As variantes que marcam os diferentes grupos sociais são chamadas *diastráticas*. Nelas incluem-se as gírias e os jargões. São diastráticas a chamada norma culta e a variante popular. Aquela goza de prestígio social e esta, muitas vezes, é estigmatizada. Vejamos um exemplo.

> Aqui é bandido: Plínio Marcos. Atenção, malandrage! Eu num vô pedir nada, vô te dá um alô! Te liga aí: Aids é uma praga que rói até os mais fortes, e rói devagarinho. Deixa o corpo sem defesa contra a doença. Quem pegá essa praga está ralado de verde e amarelo, de primeiro ao quinto, e

> sem vaselina. Num tem dotô que dê jeito, nem reza brava, nem choro, nem vela, nem ai, Jesus. Pegou Aids, foi pro brejo! Agora sente o aroma da perpétua: Aids pega pelo esperma e pelo sangue, entendeu?, pelo esperma e pelo sangue! (pausa)
>
> Eu num tô te dando esse alô pra te assombrá, então se toca! Não é porque tu tá na tranca que virou anjo. Muito pelo contrário, cana dura deixa o cara ruim! Mas é preciso que cada um se cuide, ninguém pode valê pra ninguém nesse negócio de Aids. Então, já viu: transá, só de acordo com o parceiro, e de camisinha! (pausa)
>
> Agora, tu aí que é metido a esculachá os outros, metido a ganhá o companheiro na força bruta, na congesta! Pára com isso, tu vai acabá empesteado! Aids num toma conhecimento de macheza, pega pra cá, pega em home, pega em bicha, pega em mulhé, pega em roçadeira! (Vídeo exibido na Casa de Detenção de São Paulo. Agência: Adag; Realização: TV Cultura, 1988)

Esse texto falado por Plínio Marcos trata o problema da Aids de maneira realista, sem qualquer idealização. Pretende ele levar os presos a usar camisinha em todas as relações sexuais, a não ter relações sem consentimento do parceiro e a não usar droga injetável. Para dar eficácia ao texto, usa-se a variedade lingüística dos destinatários: variante não-culta, em sua modalidade oral, e gíria da marginalidade. Observe, por exemplo, a omissão do *r* nas formas verbais: *ganhá, valê, qué, transá,* etc.; a substituição da expressão não *é* por *né;* o uso de formas populares de pronúncia: *dotô, mulhé, vô, tá, malandrage;* a inadequação no uso da concordância verbal (sujeito de segunda pessoa e verbo na terceira): *tu que é metido;* a mistura dos pronomes de tratamento de segunda e de terceira pessoas: *num tô te dando esse alô pra te assombrá, então se toca;* o uso do termo *Aids* como masculino e as variantes lexicais *congesta, tranca, ganhá na força bruta, sentir o aroma da perpétua,* etc.

A variação de uma situação de comunicação para outra é chamada *diafásica*. Sabemos que há construções e termos apropriados para uma situação informal (um bate-papo com os amigos) e uma ocasião formal (uma audiência com o Presidente da República). Há, assim, uma linguagem informal, coloquial e uma formal. Compare o trecho abaixo de uma crônica de Drummond com a troca de palavras entre Irene e São Pedro no poema de Manuel Bandeira que vem a seguir. No primeiro caso, temos uma linguagem formal, diríamos caricaturalmente formal; no segundo, formas marcadas de coloquialidade:

Sr. Prefeito do Distrito Federal:

Saiba V. Ex.ª que, numa dessas claras manhãs, ainda estivais, mas sem a brasa de fevereiro, estava a ancila deste cronista varrendo literalmente a testada, ou seja, removendo para um canto, onde o gari pudesse apanhá-las, as coisas que vulgarmente se encontram no passeio, quando um transeunte a advertiu de que devia munir-se de uma pazinha e recolher as referidas coisas ao nosso domicílio. Respondeu ela (natural de Manhuaçu, mas com o senso holandês de limpeza) que por muitos anos de vida sempre varrera os detritos da calçada sem jamais os guardar para si e os patrões, pelo que não faria tal. O senhor, que era o chefe regional da limpeza urbana *in person*, insistiu, mas não obteve da minha fiel colaboradora senão a mesma negativa formal e surpresa. Ficou tudo nesse pé, até dois dias depois, quando recebi o documento que passo aos olhos de V. Ex.ª, em cópia: (*Poesia e prosa.* Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983, p. 1097-1098).

Irene no céu

Irene preta
Irene boa
Irene sempre de bom humor.
Imagino Irene entrando no céu:
– Licença, meu branco!
E São Pedro bonachão:
– Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.
(*Poesia completa e prosa.* Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983, p. 220)

As línguas não são estáticas, mudam ao longo do tempo. Basta lermos os discursos parlamentares do século passado e os atuais, para perceber que há muita diferença entre os dois estados da língua. Muitas pessoas dizem que a língua está em decadência, porque não se observam mais certos padrões tidos por clássicos. Línguas não declinam, mudam. As variações no tempo são denominadas *diacrônicas*. Vejamos um texto em português arcaico, para observar como a língua mudou ao longo dos séculos. Trata-se da Cantiga da Ribeirinha, composta provavelmente em 1189:

No mundo non me sei parelha,*	*não sei quem se compare a mim*
mentre* me for'como me vay	*enquanto*
ca já moiro por vos – e ay!	
mia senhor branca e vermelha*	*alva e de faces rosadas*
queredes que vos retraya*	*retrate, represente*
quando vus eu vi en saya!*	*sem manto*

Mao dia me levantei,	
que* vus enton non via fea!	*pois*
E, mia senhor, des aquel di'aya!	
me foi a mi muyn mal,	
e vos, filha de don Paay	
Moniz, e bem vus semelha*	*bem vos parece*
d'aver eu por vos guarvaya*,	*que eu deva receber, por vosso intermédio,*
pois eu, mia senhor, d'alfaya*	*um luxuoso vestuário de corte*
sunca de vos ouve nen ei*	*até hoje não recebi nada de vós*
valia d'ua correa*.	*qualquer coisa de ínfimo valor*

(*Cancioneiro da Ajuda*. Prefácio e notas de Marques Braga. Lisboa, Sá da Costa, 1945, p. 80-81)

Além do vocabulário bem diferente do da língua atual, notemos algumas características gramaticais da língua arcaica: 1. os nomes terminados em-*or* (como *senhor*) eram uniformes, ou seja, não tinham uma forma para o masculino e uma para o feminino; 2. a segunda pessoa do plural dos verbos terminava em-*des* (por exemplo, *queredes*).

Modalidades escrita e falada

Em nossa sociedade, quase todas as variedades lingüísticas apresentam uma modalidade escrita e uma modalidade falada. Muitas vezes, pensa-se que a escrita seja uma simples transcrição da fala. Na verdade, a relação entre elas é muito mais complexa. São duas modalidades distintas. Cabe lembrar, em primeiro lugar, que a oralidade é condição necessária, porém não suficiente, da fala. Quando lemos, por exemplo, um texto previamente escrito, temos manifestação oral da linguagem, mas não temos a construção de um texto falado.

Quando se produz um texto, ele é produzido para alguém, que é seu receptor. O texto falado é recebido ao mesmo tempo que é elaborado. Enquanto o emissor vai construindo o texto, o receptor vai ouvindo-o. Na escrita, é diferente, pois o texto é lido só depois de ter sido escrito, depois de estar pronto. Dessa característica resultam várias distinções entre um texto escrito e um texto falado.

a) Na fala, a recepção ocorre no interior de uma situação de interlocução, ou seja, dentro de uma cena enunciativa, que compreende dois participantes (os interlocutores) e se passa num determinado tempo e num dado lugar. Essa cena é a instância de instauração de um *eu* (pessoa que fala), um *tu* (a pessoa com quem se fala), um *aqui* (o lugar onde está o *eu*), um *agora* (o momento em que o *eu* toma a palavra). A partir do *eu/aqui/agora,* ordenam-se todas as pessoas, os tempos e os espaços colocados no discurso. Ora, na fala, não é preciso explicar ao interlocutor a que o emissor se refere, quando diz *eu, aqui, agora, ontem hoje, lá, ele,* etc. O sentido desses elementos lingüísticos é retirado da própria situação de interlocução. Por outro lado, o receptor entende os sentidos que se referem à situação. Se alguém diante do carro parado, com o capô aberto, diz: *Droga! Mandei ver o motor semana passada,* não precisa explicar que se trata do *motor* do carro. Da mesma forma, se isso for dito diante da enceradeira, a referência do termo motor será outra. Como a comunicação na escrita se dá fora da situação de interlocução, é preciso recriar a cena enunciativa, a situação, para que o receptor compreenda quem está falando, que dia é que foi mencionado como *ontem,* quais são as referências situacionais dos sentidos. É por isso que, numa carta, por exemplo, é imprescindível que se mencionem o lugar e a data em que o texto foi produzido, que se assine o texto e que se narrem todos os elementos situacionais cuja omissão não permite entender o sentido do que é dito.

b) Na fala, ocorre uma alternância dos papéis de falante e de ouvinte. O receptor pode interromper o emissor a qualquer momento e tomar a palavra. Este, por sua vez, usa certas estratégias para manter a palavra (por exemplo, prolongar uma vogal, enquanto procura um termo), busca anuência do interlocutor (diz, por exemplo, *né?, certo?, cê não acha?*), solicita-lhe colaboração (por exemplo, *como é mesmo que se diz?*), etc. Na escrita, não ocorre essa alternância de papéis. Mesmo quando nela se cria um diálogo, trata-se de uma simulação e não de um diálogo real com suas interrupções, superposições de vozes, tentativa de segurar a palavra, marcas da presença do outro, etc.

c) Na fala, o planejamento e a execução do texto são concomitantes. Por isso, o texto falado caracteriza-se por um grande número de pausas, frases truncadas, repetições, correções, períodos começados e abandonados para iniciar outro, desvios, voltas, acelerações. O texto escrito não apresenta marcas de planejamento e de execução. O produto é apresentando pronto ao leitor e não em elaboração como na fala. Na versão final do texto escrito são abandonadas as marcas da construção do texto. Nele, não aparecem hesitações, truncamentos, correções, etc.

d) Na fala, empregam-se períodos mais curtos e mais simples. Na escrita, eles são mais longos e complexos. Nesta, usam-se mais orações subordinadas. As unidades de sentido de um texto escrito são os parágrafos, os capítulos, etc. No texto falado, são os turnos (intervenção de cada falante) e os tópicos (assuntos de que se fala).

e) Na fala, há um grande envolvimento do interlocutor no texto do outro. Ele colabora em sua elaboração, participa dela com sugestões, diz que compreendeu, assente na continuação, etc. Há uma série de marcadores conversacionais que servem para indicar esse envolvimento do interlocutor: *hum, hum!, certo!, claro!, ah, sim!*). O falante monitora o acompanhamento do interlocutor (por exemplo, *você está me entendendo?*). Essa participação do interlocutor é tão intrínseca ao texto falado que, quando, por exemplo, se fala ao telefone e a outra pessoa não diz nada, imediatamente se lhe pergunta: *alô, você está ouvindo?* No texto escrito, não há esse envolvimento da parte de um interlocutor.

Muitas pessoas dizem que, num texto escrito, podem-se admitir quando muito variantes lexicais, mas, em hipótese alguma, variantes de outros planos da língua, pois elas constituem erro. A questão é mais complexa. No trato com as variantes, devemos substituir o par *certo/errado* pela dicotomia *adequado/inadequado*. Com efeito, cada variante é mais adequada para uma determinada situação de interlocução. Por isso, na construção de uma personagem de um romance, por exemplo, não se pode atribuir-lhe aleatoriamente uma variante lingüística. As variantes criam uma identidade para o narrador e para as personagens: por exemplo, não se faz um peão da fronteira do extremo sul do País falar como um adolescente carioca. Uma variante cria um efeito de sentido, pois se ajusta a um lugar, a um tempo, a uma situação de interlocução, a um grupo social. Um bom falante da língua é o que sabe usar a variante adequada à situação de comunicação. É tão inadequado dizer, num bate-papo de botequim, *Fi-lo ao meu alvedrio*, quanto, num depoimento na Câmara dos Deputados, afirmar *Fiz pruque me deu na teia*. O lingüista romeno Coseriu dizia que um bom falante é um “poliglota” em sua própria língua.

Não são idênticos, em termos de variação lingüística, os textos de José Simão, colunista de televisão da *Folha de S. Paulo*, e os editoriais desse jornal; uma carta a um amigo e um requerimento a um ministro; o jornal *Notícias Populares* e o *Estadão*, Camões e Jorge Amado.

É preciso compreender o fenômeno da variação e entender que escrita e fala são duas modalidades diferentes da linguagem, para daí tirar duas conclusões a respeito da produção dos textos escritos:

1. a menos que o texto escrito queira simular a fala, não deve aparecer nele nenhuma característica do texto falado: frases truncadas, marcas da presença de um interlocutor, sinais do planejamento e da elaboração, etc.;
2. os textos científicos, técnicos, jornalísticos só admitem a chamada norma culta; outros textos, para marcar a identidade do narrador ou de

personagens, permitem o uso de outras variantes, desde que elas sejam adequadas à identidade que se quer construir (não se pode fazer um baiano falar como um gaúcho).

Lição 3

A propósito da noção de erro

Leia com atenção o texto abaixo.

Sexo, palavras e estrangeiros

Aprendi o Português já marmanjo. Comecei aos 17 anos com um curso de “imersão” no terceiro científico do Colégio Imaculada Conceição em Dourados, Mato Grosso do Sul. Como todos os adolescentes que viajam para países estrangeiros, o meu aprendizado inicial foi informal. Entre as primeiras 100 palavras que conheci, 40 deviam ser obscenas ou, no mínimo, de uso pouco recomendado em reuniões finas.

Isso faz quase 20 anos. Desde então, seja no Brasil, seja nos EUA, continuo estudando. Uma segunda língua a gente não domina completamente, por mais que se esforce. Nunca é, nem nunca será, igual à língua “mãe”.

Mesmo assim, acho o Português um idioma relativamente fácil de aprender. (...) É possível saber como se formam os tempos verbais, quando se usa cada preposição. A ortografia tem uma base fonética. Até a acentuação, por mais que mude, obedece a um esquema racional.

Hoje em dia, depois de dois ou três “drinques”, fico até eloqüente na língua de Camões. Não sou nenhum Ruy Barbosa, é verdade. Mas escrevo sem maiores dramas, vou em festas sem dar vexames e os meus filhos pararam de me corrigir.

A única faceta da língua que não consigo dominar (e temo que nunca conseguirei) é o masculino e o feminino.

Para um estrangeiro orgulhoso do seu Português, não há nada pior do que ser interrompido no meio de uma frase longa, complexa e bem torneada, justo na hora que começa a impressionar as mulheres, com uma correção do tipo: “é o planeta”. No caso, o estrangeiro em questão se vê obrigado a brecar o discurso de repente, engolir várias palavras e quebrar o raciocínio para perguntar “como?”. Ao que o interlocutor prestativo inevitavelmente responde: “planeta é masculino”.

Se for um pouco mais erudito acrescentará, de quebra: “vem do grego”. Nisso, a platéia começa a dar risadinhas, muda-se de assunto e, como se não bastasse, o nosso gringo ainda terá de agradecer a correção. (...)

Mas cá entre nós, esse negócio de masculino e feminino é complicado.

(...) O problema de dar sexo às palavras, para o estrangeiro pelo menos, é que é impossível adivinhar os gêneros de algumas delas. (...) Os

> brasileiros todos podem confundir uma concordância verbal ou deixar escapar uma "meia gordinha", mas muito dificilmente trocam o gênero de uma palavra.
>
> Todas as línguas, ao que parece, têm umas armadilhas feitas especialmente para pegar gringo. Em Português, é claro, passam pela questão do sexo. (SHIRTS, Matthew. *O Estado de S. Paulo*, 8/4/1995, C2)

Esse texto, com muita graça, enuncia algumas questões básicas concernentes à questão do erro lingüístico: 1 – há formas lingüísticas que podem ser usadas em determinadas situações de comunicação e não em outras; 2 – há regras que são observadas por todos os falantes de uma dada língua e outras que não são gerais.

Muitos lingüistas dizem que, do estrito ponto de vista lingüístico, não há formas corretas e incorretas, dado que todas elas se equivalem. O que há é inadequação ou adequação à situação de comunicação. Para eles, a correção tem um caráter extralingüístico, ou seja, social. Corrige-se aquilo que não está de acordo com os usos lingüísticos prestigiados socialmente. Essa posição, na verdade, está apenas parcialmente correta, pois confunde níveis diferentes do problema. Analisemo-lo mais detidamente.

Como vimos na lição anterior, a língua é um conglomerado de variantes regionais, sociais, situacionais e temporais. Há formas mais ou menos coloquiais, há expressões que se usam numa região e não noutra, há formas mais ou menos populares, há termos e construções que se usam em família ou entre os amigos, mas não na presença de estranhos, há formas consideradas grosseiras e outras que são vistas como delicadas. Do estrito ponto de vista lingüístico, essas variantes são equivalentes. Por exemplo, dizer *eles jogam* ou *eles joga* não afeta a compreensão e, por isso, uma delas não é superior à outra do ponto de vista linguístico. Observe, por exemplo, que o francês perdeu a marca de 3ª pessoa do plural, sem que isso trouxesse problemas para a comunicação, pois a língua cria outros mecanismos para assegurar a compreensão adequada do que se quer transmitir. Se essas formas são equivalentes do ponto de vista lingüístico, não o são do ponto de vista social, pois a primeira (*eles jogam*) é mais prestigiada. No caso das variantes, então, a correção é extralingüística. Temos, nesse caso, de falar em adequação ou inadequação à situação de comunicação. Há situações comunicativas que exigem a norma culta (por exemplo, os textos administrativos, didáticos, etc.) e outras que quase "determinam" o uso de uma variante mais coloquial (por exemplo, uma conversa com amigos íntimos). Usar uma variante inadequada cria uma imagem desfavorável do falante. Observe no texto abaixo como é analisada a questão do efeito de sentido gerado pelo uso das variantes lingüísticas:

> ...e se não fosses um mariola e um cavalo, saberias, filho, que se não queres que te tomem por um rústico, não deves falar como os zagais. E isso de dizer “estou com o saco cheio” é vício de linguagem, conduta feia, de que usam malandrins e tu não usarás; que, quando estiveres com o saco cheio, hás de dizer “não estou precisamente demasiado eufórico”, ou coisa análoga. Que é sempre preferível, ao invés da torpeza de designar as coisas pelos nomes corriqueiros que lhes dão, nomeá-las quando for preciso, *eleganter*, isto seja, por circunlóquios, metáforas, boleios e demais lindezas da linguagem figurada, pois que as palavras escolhidas e adornadas provam o requinte e a boa ensinança daquele que as profere. (LOPES, Edward. *Travessias*. São Paulo, Moderna, 1980, p. 128)

Nos textos em que é de rigor a utilização da norma culta, o uso das construções abaixo seria inaceitável:

a) Por isso, em nome de todos os comediantes e humoristas, gostaria de lançar este pequeno protesto, pois, sendo o prefeito uma autoridade governamental, fica muito difícil, para nós, pobres mortais, *igualar-se* à verve oficial (Jô Soares. *Veja*, 24/5/1995, p.95). (Uso de forma de 3ª pessoa do singular em lugar da de 1ª pessoa do plural).

b) Qual é a personagem que mais *lhe* atrai no filme? (*O Estado de S. Paulo*, 29/5/1995, D10). (Uso do pronome oblíquo dativo (que indica objeto indireto) em lugar do pronome oblíquo acusativo (que manifesta objeto direto).

c) Nem os seguranças de Mário Covas acreditam na falta de cerimônia do patrão. Que foi surpreendido em pleno fuça a fuça no gabinete do Bandeirantes com dois vendedores de plano de saúde – *que ele próprio tinha autorizado a entrada* (*Folha de S. Paulo*, 10/4/1995, 5-2). (Uso inadequado do pronome relativo: o correto seria *cuja entrada ele próprio tinha autorizado*).

d) Sobre a minha renovação de contrato com o São Paulo, posso adiantar que já tivemos uma conversa no sábado, *onde* já evoluiu bastante (Goleiro Zetti, *Programa Bate-bola*, TV Gazeta, 31/1/1993). (Uso do *onde* no lugar de *que*).

e) Há momentos na vida *que* você não pode errar (Propaganda da Agroceres) (falta da preposição *em* diante do relativo com função de adjunto adverbial de tempo).

f) Espero que o pessoal *reflete* sobre o significado desta Copa do Mundo (Rivelino, *Programa Apito Final*, 8/7/1990, TV Bandeirantes). (Uso do indicativo pelo subjuntivo).

g) Dá licença que eu tenho que me lavá a louça da janta. Se o Zé descobre que dormi na cama dele, me mata eu e me mata você (Falas da novela *A próxima vítima*. *Veja*. 12/4/1995, p. 8).

Nesse caso, temos que falar em *aceitabilidade* social e cultural das formas da língua. Entra também nesse domínio a questão dos *estrangeirismos*. Muitos falantes adotam uma posição purista, de repúdio à incorporação de palavras estrangeiras. Querem manter a pureza do idioma, pretendem instaurar uma "polícia alfandegária" que impeça a entrada de estrangeirismos na língua, dizem estar protegendo o idioma da anarquia e da descaracterização. Cabe lembrar, no entanto, que o léxico de uma língua é constituído de palavras provindas de muitos idiomas, não é algo puro. O vocabulário do português formou-se com termos latinos, árabes, italianos, franceses, etc. Por outro lado, as línguas não se acham ameaçadas pela incorporação de palavras estrangeiras, porque seu sistema gramatical (que admite pouquíssimos empréstimos e, assim mesmo, periféricos) se mantém intocado. Aliás, as palavras estrangeiras adaptam-se ao sistema fônico e gramatical da língua que as toma emprestado. Por exemplo, como o sistema fônico do português só admite a consoante *nh* em posição intervocálica, quando emprestamos uma palavra estrangeira com *nh* em posição inicial, acrescentamos uma vogal antes, para que a referida consoante fique em posição medial intervocálica (dizemos *inhoque*, por exemplo). O jargão da informática emprestou do inglês o verbo *deletar*. Não se conjuga ele, no entanto, de acordo com a gramática inglesa, mas de acordo com o sistema de conjugações verbais do português. No caso do uso de estrangeirismos, nossa posição deve ser sensata. Não devemos nem ser puristas, nem ter um fascínio pelo uso de estrangeirismos. Devemos usá-los, quando não tiverem equivalente em português ou quando já forem de uso geral. Não é preciso um verbo como *declanchar* (do francês *déclencher*), porque o português tem um equivalente, *desencadear*. Não se pode, porém, condenar a utilização de palavras como *futebol, abajur* ou *restaurante*, porque são de uso geral. Não se pode pretender que, em seu lugar, se usem *ludopédio, lucivelo* ou *casa de pasto*. Leia estas observações de Hélio Schwartsman:

> *Como sucede a todos aqueles que só pensam naquilo – a língua, ou melhor, o idioma – Machado acabou desenvolvendo suas idiossincrasias. Ele condena com veemência a expressão "cometer suicídio". Considera-a uma má tradução do inglês "to commit suicide".*
>
> É evidente que seria ridícula tentar negar hoje que o verbo pronominal "suicidar-se" exista e que seja de fato pronominal (só se conjuga

> acompanhado do “se”, sempre). Etimologicamente, entretanto, “suicidar-se” é um pleonasmo. É formado pelo pronome latino “sui” (se) e pelo verbo “caedo” (matar). (...)
>
> Se o substantivo “suicídio” é castiço e tal ato é condenado pela moral e, até há pouco, também pela lei, ele combina com verbos como “cometer” ou “perpetrar”. Preserva a sanidade dos cada vez mais raros latinistas e não constitui maior ofensa ao vernáculo. Sem prejuízo, é claro, da forma “suicidar-se”. (*Folha de S. Paulo*, 7/5/1995, 5-14)

A questão do erro lingüístico não se esgota, porém, no problema da aceitabilidade. É preciso considerar que há realizações lingüísticas que, por descuido ou por falsa análise realizada pelo falante, contrariam as regras gerais do sistema lingüístico (aquelas que um falante nativo dificilmente viola) ou que não cumprem adequadamente a função de comunicar.

O sistema lingüístico possui regras muito gerais de formação de frases e um jogo de oposições formais. Assim, pertence ao sistema lingüístico do português a oposição *surdez* vs *sonoridade*, que forma as consoantes sonoras e as surdas (*b, d, gue, v, z, ge* vs, *p, t, k, f, s, ch*); as regras de combinatórias dos sons que prescrevem, por exemplo, que *r* simples não ocorre em posição inicial; as oposições gramaticais de pessoa, número, tempo, etc.; as oposições lexicais, como, por exemplo, *reprodutor/não-reprodutor*, que permite criar distinções entre *touro* e *boi, garanhão* e *cavalo, cachaço* e *porco*; as regras de ordenação de palavras para construir frases, como, por exemplo, o artigo precede o substantivo que ele determina. Observe que as regras do sistema são gerais, não variam de região para região, de grupo social para grupo social, etc. O que varia são as normas, que são usos habituais de um dado grupo social, de uma determinada região, de uma certa época, etc. O sistema contém aquelas regras fundamentais da língua. Ora, a violação das regras do sistema produz uma agramaticalidade. Nesse caso, o erro é intralingüístico, não tem nada a ver com um julgamento social sobre uma variedade lingüística mais ou menos prestigiada. Se um falante disser *Menino o bola joga campo no*, terá violado regras do sistema, como o artigo deve preceder o substantivo, a preposição precede o termo que rege, etc. Nesse caso, não terá produzido uma frase do português, mas terá pronunciado um amontoado de palavras. Dificilmente, um falante comete certas agramaticalidades. No texto com que iniciamos esta lição, o cronista diz, por exemplo, que um brasileiro não erra os gêneros das palavras.

No entanto, uma agramaticalidade, que pode aparecer na língua escrita, é a produção de frases em que faltam termos essenciais (por exemplo, o predicado) ou períodos compostos por subordinação em que não aparece a oração principal.

Esses “erros” prejudicam a comunicação, pois o leitor fica sem saber o que quis dizer quem escreveu a frase. Vejamos alguns exemplos:

a) Já houve o tempo da moreninha, da loirinha e agora chegou a vez da ruivinha. A cor do cabelo, no entanto, faz pouca diferença, pois a fórmula para conquistar jovens platéias com um interesse maior em sexo do que em música. O segredo do sucesso na música pop é um rostinho – e um corpinho – feminino bonito e bem sensual (*Folha de S. Paulo*, 17/9/1989, apud Unicamp 89). (Observe que, no segundo parágrafo, a oração iniciada por *pois* não tem predicado: não se sabe de que fórmula falava o enunciador).

b) Embora as enchentes, todos os anos, continuem a destruir cidades inteiras em algumas regiões do Nordeste, provocando prejuízos que chegam a milhões de dólares. (Nesse período não há oração principal: a primeira oração iniciada por *embora* é subordinada adverbial concessiva; a segunda é uma subordinada adverbial temporal reduzida de gerúndio).

Além dos casos de agramaticalidade, constituem também erros as violações de relações discursivas, ou seja, de relações entre partes e segmentos do texto: por exemplo, o uso de conectores argumentativos inadequados, a criação de enunciados ambíguos, etc. Nesse caso, pode-se dizer que temos verdadeiras agramaticalidades discursivas. Vejamos alguns exemplos:

a) PC Farias responde a mais de 30 inquéritos de corrupção na Polícia Federal (*Jornal Nacional*, 30/11/1993). (Nesse caso, há uma ambigüidade: pode-se entender que PC Farias responde na Polícia Federal a 30 inquéritos de corrupção ou responde a 30 inquéritos por ter corrompido agentes da Polícia Federal).

b) Os estudantes que pretendem ingressar na Unicamp, no próximo vestibular, concordam com o decreto do governo. Estão reclamando, apenas, que a Universidade de Campinas está exigindo a leitura de um livro que entrará no exame inexistente no Brasil: *A confissão de Lúcio*, de Mário de Sá-Carneiro. (*Isto é Senhor*, 14/9/1989, apud Unicamp 1989). (Pela posição em que foi colocado, o adjetivo *inexistente* parece estar referindo-se a *exame*).

c) O presidente americano (...) produziu um espetáculo cinematográfico em novembro passado na Arábia Saudita, onde comeu peru fantasiado de marine no mesmo bandejão em que era servido aos soldados americanos (*Veja*, 9/1/1991, apud Unicamp 1992). (Tem-se a impressão de que *fantasiado* se refere a *peru* e de que *o presidente era servido aos soldados*).

d) Há meses não chove em Brasília. Portanto, o governo não pensa em racionamento de água. (Nesse caso, é completamente despropositado o uso do conector conclusivo *portanto;* o que se deveria era usar o adversativo *mas*).

Até o momento, vimos que três fenômenos de natureza diferente são considerados erros:

a) desvio da norma adequada a uma dada situação de comunicação;
b) agramaticalidade da estrutura da frase ou do período;
c) violação de relações discursivas.

Há, no entanto, outros fenômenos distintos que também são erros lingüísticos.

a) **Erros de ortografia**. A ortografia é o conjunto de convenções que regem a grafia das palavras. Essas convenções, no caso dos países de língua portuguesa, resultam de acordos entre os diferentes países. As normas de ortografia são coercitivas para todos os falantes.

> Gosta de fama de *bad boy* (garoto *mal*) e faz tudo o que pode para mantê-la (*Folha de S. Paulo*, 11/6/1995, 4-5). (O adjetivo é grafado com *u* (mau) e o advérbio com *l* (mal)).
>
> Escrevi crônica pedindo aos leitores que sugerissem formas do ex-deputado se matar e recebi cerca de 1300 cartas com as propostas mais *ilárias* (*O Estado de S. Paulo*, 22/5/1995, D2). (Aqui temos dois problemas: hilária escreve-se com *h*; a forma correta do adjetivo que significa “que faz rir” é *hilariante*).

b) **Erro por imposição de uma tradição do ensino**. Nesse caso, entram aqueles fatos lingüísticos que pertenciam à norma culta da língua, mas que se alteraram e que a escola considera ainda como fatos reais do português.

> O atraso no pagamento implicará em multa. (Há hoje uma oscilação na regência do verbo *implicar*: é usado tanto como transitivo direto, quanto como transitivo indireto com a preposição *em;* a única regência considerada correta pela tradição gramatical é sem a preposição).

> Custei a perceber o problema. (O verbo *custar*, no sentido de “ser custoso”, é ensinado como unipessoal; só se considera correto *custou-me perceber o problema*).
>
> Não tenho nenhuma dó de criminosos. (O substantivo dó é ensinado como masculino).

Leia esta crônica de Raul Drewnick, publicada em *O Estado de S. Paulo,* de 25/4/1995, em que um desses erros por imposição da tradição de ensino é analisado com muita graça.

> A noite estava quase tão gostosa quanto o chope e o salaminho. Na mesa do bar, os seis amigos, todos catedráticos em mulher e futebol, conversavam disso mesmo, porque não houve, não há e nunca haverá assunto melhor para o brasileiro do que mulher e futebol. Sharon Stone foi comparada com Letícia Spiller. Romário com Túlio. Angélica com Xuxa, Viola com Edmundo e, depois de muito bate-boca, se chegou àquela conclusão de sempre: nenhuma.
>
> Duas horas mais tarde, já sob o efeito das rodadas de chopinho que de dez em dez minutos o garçom renovava, eles mudaram um pouco o debate. Começaram a comparar Sharon Stone com Romário, Letícia Spiller com Túlio, Angélica com Viola e Xuxa com Edmundo. Discutiram, exaltaram-se, quase se desentenderam e no fim chegaram ao mesmo resultado do debate anterior: nenhum. Não houve vencedores. E vencidos, se houve, foram os chopinhos e os salaminhos, dizimados assim que se atreviam a aparecer. Estavam felizes. E felizes ficaram até que um deles, o mais fofoqueiro dos seis, começou a contar a história de uma garota, vizinha dele, famosa pelas curvas do corpo e pela generosidade do coração.
>
> – Vocês precisam conhecer a Adriana. É um estouro, um petardo, uma bomba atômica! Se ela sai de casa e vai até a esquina, a rua toda treme. Se ela vai um pouco mais longe, explode todo o quarteirão.
>
> – Nossa, ela é tudo isso, mesmo? Então a gente precisa conhecer.
>
> – Ela não é tudo isso. É tudo isso e mais um pouco. Tudo isso e mais bastante. E ela topa qualquer parada. Já namorou com o bairro inteiro.
>
> Nesse ponto, o mais empertigado dos seis amigos arregalou os olhos e perguntou, com expressão de espanto:
>
> – O que foi que você disse?
>
> – Eu disse que a menina é um avião e namora com todo mundo.
>
> O que é que você está estranhando?
>
> – Eu estou estranhando que você, um sujeito com instrução, diga uma asneira como essa.
>
> – Que asneira?

– Que a menina namora com todo mundo.

– Mas é verdade. A Adriana é uma devoradora de homens. Dos 8 aos 80 não escapa um.

– Não estou censurando o comportamento dela. Estou é indignado com o seu desconhecimento gramatical.

– Com o meu desconhecimento gramatical? Você pode me explicar isso?

– Você disse que ela namora *com*.

– Disse. E daí?

– Daí que isso é uma barbaridade. O verbo namorar é transitivo direto. Quem namora, namora alguém, não namora *com* alguém.

Enquanto o acusado de crime contra a gramática assumiu um triste ar de réu para merecer a clemência dos amigos, um deles, quase tão empertigado, quanto o gramático de plantão, protestou:

– Espere aí, Aristarco. Você está massacrando o Cordeiro à toa. O dicionário do Aurélio diz que namorar com é perfeitamente válido.

– Ah, Praxedes, eu não esperava que você me viesse com essa. Você sabe muito bem que o Aurélio não é uma boa fonte. O Aurélio admite tudo: nóis vai, nóis fumo...

– Você está querendo dizer, Aristarco, que você tem mais autoridade do que o Aurélio?

– Não. O que eu estou querendo dizer é que em nenhum outro dicionário você vai achar esse absurdo de namorar *com*.

No início do debate, o Cordeiro, que sem querer tinha provocado a confusão, ainda tentou acompanhar os argumentos dos dois gramáticos, cada vez mais nervosos. Depois ele acabou dormindo, como os outros. Acordou dali a dez minutos, com a voz trovejante de seu defensor, o Praxedes. (...) Antes que o Aristarco, já rubro de cólera, apresentasse sua contra-argumentação, o Cordeiro resolveu mostrar-se grato ao seu advogado:

– É isso aí, Praxedes, você está certo. Deixe de ser chato, Aristarco. Você quer saber de uma coisa? Namorar é tão bom, mas tão bom, que até namorar contra é gostoso (C2).

c) **Hipercorreção**. É o uso de uma forma vista como correta no lugar de uma outra considerada indevidamente errada. Vejamos alguns exemplos:

> Não *haverão* recursos suficientes para o término das obras. (O verbo *haver*, no sentido de “existir”, é impessoal. Portanto, a construção correta seria *Não haverá recursos suficientes para o término das obras*. No entanto, imagina-se que o sujeito seja *recursos suficientes* e que o verbo deva concordar com ele).

> O *galfo* escapou-lhe das mãos (como em certas camadas sociais troca-se o *l* por *r*, em palavras como *calça*, *maldade*, *calcanhar*, pensa-se que a forma correta de *garfo* seja *galfo*).

d) **Falsa análise do enunciado**. É aquele erro cometido por uma análise inadequada da frase, quando se atribui a uma palavra ou expressão uma função sintática que ela não exerce, quando se estabelecem relações sintáticas inexistentes, quando se realizam analogias improcedentes dentro do período. Vejamos alguns exemplos:

> *Vai* chover multas na volta do feriado (*Folha da Tarde*, 31/12/1992,1). (Nesse caso, atribui-se à palavra, que é o sujeito, a função de objeto direto e, por conseguinte, não se realiza a concordância. A frase correta seria *Vão chover multas na volta do feriado*).
>
> Pode-se argumentar, é certo, que eram previsíveis os percalços que *enfrentariam* qualquer programa de estabilização (...) necessário no Brasil (*Folha de S. Paulo*, 7/10/1990, apud Unicamp 1991). (Atribui-se ao pronome relativo *que*, que retoma o substantivo *percalços*, a função de sujeito e não de objeto direto e faz-se a concordância do verbo com o antecedente *percalços* e não com o verdadeiro sujeito *qualquer programa de estabilização*).
>
> Quando ele resolver apresentar-se, oferecer explicações convincentes e *obter* o apoio da opinião pública, talvez seja inocentado (usa-se *obter* no lugar de *obtiver*, porque os verbos que aparecem antes no futuro do subjuntivo, por serem regulares, apresentam uma forma igual à do infinitivo; o verbo irregular *obter* contagia-se da regularidade dos anteriores, sobretudo porque todos terminam em-*er*).
>
> Sou clara e definitivamente pela admissibilidade do *impeachment* – correndo o risco até do auto-suicídio político (Dep. Antônio Morimoto (PTB-RO) *Folha de S. Paulo*, 24/9/1992, 1-4). (Analisa-se *suicídio* como um termo não-reflexivo e, por isso, acrescenta-se a ele *auto*, que significa “si mesmo”).

Muitas vezes, também a hipercorreção resulta de uma falsa análise do enunciado. A diferença, no entanto, é que ela acaba resultando, para quem a pratica, numa regra de uso: por exemplo, certas pessoas nunca usam impessoalmente o verbo *fazer* indicando tempo passado (dizem sempre *fazem muitos dias* e não *faz muitos dias*).

e) **Falsas analogias**. São aquelas formas criadas por analogia com as regularidades da língua ou pelo estabelecimento de correspondências, que de fato não existem, entre certas formas da língua. Diferentemente do caso anterior, não se trata aqui de relações indevidas estabelecidas entre termos no interior de um período, mas da falsa pressuposição de simetrias entre formas da língua.

> [Os astecas] não só conheciam o banho de vapor, tão prezado na Europa, como *mantiam* o hábito de banhar-se diariamente (*Superinteressante*, out. 92, apud Unicamp 1993). (Usa-se *mantiam* no lugar de *mantinham*, porque se faz a seguinte analogia: se *comer* faz a 3ª pessoa do pretérito imperfeito do indicativo *comiam*, *vender* faz *vendiam*, *prender* faz *prendiam*, então *manter* faz *mantiam*).

> O governo *interviu* muito na economia nestes últimos anos (usa-se *interviu* por *interveio*, porque se faz a seguinte analogia: se *partir* tem, para a 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, a forma *partir* tem; *partiu*, *dormir* tem *dormiu*, *cair* tem *caiu*, então *intervir* tem *interviu*).

> O novelo *deslisou* pelo chão (usa-se *deslisar* por *deslizar*, porque se associa falsamente esse verbo ao adjetivo *liso;* note-se que existe, em português o verbo *deslisar*, muito pouco usado, que significa “alisar” e que não se confunde com o verbo *deslizar*, que quer dizer “escorregar brandamente”).

f) **Impropriedades lexicais**. É o uso de uma palavra com um significado que ela não tem, mas que se atribui a ela indevidamente, em geral por uma semelhança fônica muito acentuada com o termo que seria adequado.

> Estações de metrô de mármore, com lustres de cristal, contrastam com a miséria da população. A *luxúria* de Moscou tem seu contraponto no silêncio do mosteiro Donskoi, criado no final do século 16. É um conjunto arquitetônico elegante e modesto (*O Estado de S. Paulo*, 30/5/1995, G10). (*Luxúria*, em português, não significa “luxo”, mas “sensualidade”).

Os erros ou inadequações de linguagem não têm todos o mesmo efeito: alguns prejudicam a compreensão do texto; outros comprometem o enunciador.

> As Forças Armadas brasileiras já estão treinando 3 mil soldados para atuar no Haiti depois da retirada das tropas americanas. A Organização das Nações Unidas (ONU) solicitou o envio de tropas ao Brasil e a mais quatro países, disse ontem o presidente da Guatemala, Ramiro de León (*O Estado de S. Paulo,* 24/9/1994, apud Unicamp 1995).

Nesse caso, a má colocação da expressão *ao Brasil e a mais quatro países* prejudica a compreensão do enunciado, pois dá a entender que a ONU solicitou o envio de tropas ao Brasil e a mais quatro países, quando na verdade ela solicitou ao Brasil e a mais quatro países que enviassem tropas ao Haiti.

No caso abaixo, os erros lingüísticos comprometem o enunciador, pois criam dele a imagem de alguém sem qualquer intimidade com a língua e, portanto, de alguém bastante rústico.

O dom da oratória

> O pronunciamento do presidente Collor anteontem em cadeia nacional de rádio e TV despertou no ex-deputado José Costa (PMDB) recordações que coleciona para incluir em um livro de memórias e casos políticos de Alagoas.
>
> Há alguns anos – bem antes de alguém pensar em modernizar os portos – o deputado federal Ozeas Cardoso, amigo de Arnon de Mello, pai do presidente Collor, ajudou, por uma circunstância qualquer da vida, a categoria dos estivadores.
>
> Eram os tempos de guerra da velha UDN, partido do deputado. Sensibilizados, os trabalhadores resolveram promover uma festa para agradecer a mãozinha. O estivador escolhido para falar na ocasião atendia pelo sugestivo apelido de “Quebra Poste”. Homem simples, começou se desculpando por não saber falar direito a língua pátria. Com essa limitação, mas fazendo questão de expressar toda a gratidão da categoria, “Quebra Poste” resumiu a mensagem em poucas palavras:
>
> – Seu nome, deputado, já diz tudo: tem o “o” de “onesto” e o “c” de “cincero”. (*Folha de S. Paulo,* 23/6/1992)

Lição 4

A heterogeneidade lingüística

Leia o texto que segue.

Cansados, finalmente, os embaixadores de lhes responder o Batista que não era Messias, nem Elias, nem profeta pediram-lhe, finalmente, que, pois eles não acertavam a perguntar, lhes dissesse ele quem era. A esta instância não pôde deixar de deferir o Batista. E o que vos parece que responderia? *Ego sum vox clamantis in deserto:* Eu sou uma voz que clama no deserto. Verdadeiramente não entendo esta resposta. Se os embaixadores perguntaram ao Batista o que fazia, então estava bem respondido com a voz que clamava no deserto, porque o que o Batista fazia no deserto era dar vozes e clamar; mas se os embaixadores perguntavam ao Batista quem era, como lhes responde ele o que fazia? Respondeu discretissimamente. Quando lhe perguntavam quem era, respondeu o que fazia: porque cada um é o que faz, e não é outra cousa. As cousas definem-se pela essência: o Batista definiu-se pelas ações; porque as ações de cada um são a sua essência. Definiu-se pelo que fazia, para declarar o que era.

Daqui se entenderá uma grande dúvida, que deixamos atrás de ponderar. O Batista, perguntado se era Elias, respondeu que não era Elias: *Non sum.* E Cristo no capítulo onze de S. Mateus disse que o Batista era Elias: *Joannes Baptista ipse est Elias.* Pois se Cristo diz que o Batista era Elias, como diz o mesmo Batista que não era Elias? Nem o Batista podia enganar, nem Cristo podia enganar-se: como se hão de concordar logo estes textos? Muito facilmente. O Batista era Elias, e não era Elias; não era Elias, porque as pessoas de Elias e do Batista eram diversas; era Elias, porque as ações de Elias e do Batista eram as mesmas. A modéstia do Batista disse que não era Elias, pela diversidade das pessoas; a verdade de Cristo afirmou que era Elias, pela uniformidade das ações. Era Elias, porque fazia ações de Elias. Quem faz ações de Elias é Elias; quem fizer ações de Batista será Batista; e quem as fizer de Judas será Judas. Cada um é as suas ações, e não é outra cousa. Oh que grande doutrina esta para o lugar em que estamos! Quando vos perguntarem quem sois, não vades revolver o nobiliário de vossos avós, ide ver a matrícula de vossas ações. O que fazeis, isso sois, nada mais. Quando ao Batista lhe perguntaram quem era, não disse que se chamava João, nem que era filho de Zacarias; não se definiu pelos pais, nem pelo apelido. Só de suas ações formou a sua definição: *Ego vox clamantis.*

> Muito tempo há que tenho dous escândalos contra a nossa gramática portuguesa nos vocábulos do nobiliário. A fidalguia chamam-lhe qualidade, e chamam-lhe sangue. A qualidade é um dos dez predicamentos a que reduziram todas as cousas os filósofos. O sangue é um dos quatro humores de que se compõe o temperamento do corpo humano. Digo, pois, que a chamada fidalguia não é somente qualidade, nem somente sangue; mas é de todos os dez predicamentos e de todos os quatro humores. Há fidalguia que é sangue, e por isso há tantos sanguinolentos; há fidalguia que é melancolia, e por isso há tantos descontentes; há fidalguia que é cólera, e por isso há tantos malsofridos e insofríveis; e há fidalguia que é fleuma, e por isso há tantos que prestam para tão pouco. De maneira que os que adoecem de fidalguia não só lhes peca a enfermidade no sangue, senão em todos os quatro humores. O mesmo se passa nos dez predicamentos. Há fidalguia que é substância, porque alguns não têm mais substância que a sua fidalguia; há fidalguia que é quantidade: são fidalgos porque têm muito de seu; há fidalguia que é qualidade, porque muitos, não se pode negar, são muitos qualificados; há fidalguia que é relação: são fidalgos por certos respeitos; há fidalguia que é paixão: são apaixonados de fidalguia; há fidalguia que é *ubi:* são fidalgos, porque ocupam grandes lugares; há fidalguia que é sítio, e desta casta é a dos títulos, que estão assentados, e os outros em pé; há fidalguia que é hábito: são fidalgos porque andam mais bem vestidos; há fidalguia que é duração: fidalgos por antigüidade. E qual destas é a verdadeira fidalguia? Nenhuma. A verdadeira fidalguia é ação. Ao predicamento da ação é que pertence a verdadeira fidalguia. *Nam genus, et proavos, et quae non fecimus ipsi, vix ea nostra voco* (=Em verdade, não invoco a origem, os ancestrais e os méritos que não nos cabem, apenas as nossas [ações]), disse o grande fundador de Lisboa. As ações generosas, e não os pais ilustres, são as que fazem fidalgos. Cada um é suas ações, e não é mais, nem menos, como o Batista: *Ego vox clamantis in deserto.* (VIEIRA, Antônio. *Sermões.* Porto, Lello, 1959, vol. I, t. 1, p. 211-213)

No *Sermão da Terceira Dominga do Advento,* a que esse trecho pertence, Vieira parte do episódio bíblico (João, 1, 19-34), que narra a ida a João Batista de uma embaixada de sacerdotes e levitas de Jerusalém para perguntar-lhe quem era e sua resposta de que era a voz que clama no deserto. Com base nessa resposta, Vieira tece uma argumentação, para mostrar que a fidalguia, a nobreza pertence à esfera da ação, do trabalho, e não à herança familiar (sangue). Diz que ela não é nem qualidade, nem sangue, mas ação. Esse sermão opõe-se a um ponto de vista vigente na sociedade do tempo do pregador de que a nobreza era algo ontológico, era um valor herdado pelo nascimento. A essa perspectiva Vieira contrasta a idéia de que a nobreza é uma virtude conquistada no trabalho, de que não há uma ordem social natural. Poderíamos dizer que à maneira de ver da aristocracia feudal Vieira contrapõe o modo burguês de considerar o mundo.

Esse texto revela uma propriedade fundamental da linguagem, a *heterogeneidade constitutiva*. Um discurso é construído a partir de uma relação polêmica com outro. Por isso, todo texto é atravessado por outros. Isso significa que um texto põe em cena duas concepções a respeito de uma dada questão: aquela que defende e aquela a que se opõe. É por essa razão que se diz que um discurso é constitutivamente heterogêneo: ele contém duas vozes sociais, dois pontos de vista, duas perspectivas sobre um determinado tema. Sob uma voz, há outra. Essas duas maneiras de ver não são mostradas, marcadas, no fio do discurso. A memória discursiva do analista é que as resgata e delimita. Um discurso antidilatorial só pode surgir numa sociedade em que há uma ditadura, um discurso abolicionista só aparece numa formação social escravagista, e assim por diante.

O discurso é heterogêneo, porque, numa sociedade, existem pontos de vista divergentes sobre cada questão, uma vez que ela é dividida em grupos sociais com interesses distintos. A linguagem é, assim, a arena desses conflitos, dessas polêmicas. Perceber o discurso em relação ao qual um outro se opõe é apreender a historicidade da linguagem, dado que a História se faz nesse movimento de contradição.

Heterogeneidade mostrada

Além dessa heterogeneidade constitutiva, com muita freqüência, o texto mostra a voz de outrem, cita a palavra de alguém que não o produtor do texto (= enunciador), deixa claro que está tratando de pontos de vista pelos quais o enunciador não é responsável. Nesse caso, há mecanismos lingüísticos que servem para mostrar quem está falando.

Heterogeneidade mostrada marcada

Nesse caso, a voz do outro está bem demarcada por elementos lingüísticos e, por conseguinte, separam-se nitidamente a palavra do enunciador e o discurso citado. Analisemos os principais mecanismos de citação marcada da voz do outro.

a) Negação

Veja o texto:

> Aprendeu em Fidelino de Figueiredo: “Com os mortos não se deve polemizar e com os vivos não vale a pena.”
>
> Aprendera antes em Goethe: “Nunca responder a um ataque, mesmo que nos acusem de ter furtado um talher de prata”.
>
> A princípio não respondia por orgulho. Era tão mais difícil que responder. Hoje, a idéia da réplica nem sequer lhe ocorre. A obra deve conter em si mesma resposta a qualquer objeção. (ANDRADE, Carlos Drummond. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983, p. 1011)

Uma negação contém dois pontos de vista, pois afirma alguma coisa e, ao mesmo tempo, refuta uma afirmação anterior. Há dois tipos básicos de negação: a *descritiva,* que aparentemente contesta um dado de realidade, mas, de fato, desmente um ponto de vista sobre ele; a *polêmica*, que claramente é contrária a uma dada perspectiva sobre alguma coisa.

As três primeiras negações do texto acima (*com os mortos não se deve polemizar; com os vivos não vale a pena polemizar; nunca responder a um ataque, mesmo que nos acusem de ter furtado um talher de prata*) são polêmicas, pois, afirmam um ponto de vista sobre o que não se deve fazer e, ao mesmo tempo, negam a opinião contrária de que se deve polemizar com os mortos, de que vale a pena polemizar com os vivos, de que sempre se deve responder a um ataque.

As duas últimas (*a princípio não respondia por orgulho; hoje a idéia de réplica nem sequer lhe ocorre*) são descritivas, pois, aparentemente, refutam um dado de realidade, isto é, de que a princípio respondesse e de que hoje a idéia de réplica lhe ocorra, mas, na verdade, contestam o ponto de vista de alguém sobre esses dados de realidade.

b) Discurso direto e discurso indireto

Num texto, muitas vezes, o enunciador insere a fala de outrem cita o discurso alheio. Faz isso contando o que o outro disse ou dando-lhe a palavra, criando uma simulação de um diálogo. Quando se reproduz a fala de alguém no interior do texto, temos o discurso direto. Leia o texto que segue.

> Escutar conversa alheia não é o meu *hobby*, mas se as palavras entram pelos ouvidos da gente sem pedir licença, que remédio senão escutá-las? No restaurante, em mesa quase encostada à minha, jantavam dois

> rapazes de pouco mais de 20 anos, vestidos e penteados com esmero (apenas o cabelo um pouco longo), e mantinham o diálogo que reproduzo com possível fidelidade:
>
> – Quanto a isso não há dúvida, meu caro. Cheguei à conclusão de que temos de promover uma política inteligente de especialização setorial.
>
> – É óbvio, mas você não acha que cumpre ao mesmo tempo equacionar o grave estrangulamento do setor externo?
>
> O primeiro concentrou-se, antes de responder:
>
> – Ora, essa meta não oferece percalços, uma vez que se alcance a médio prazo – eu disse a médio prazo – a dinamização de nossas rendas nos mercados forâneos. Correto?
>
> – Mas qual a processualística? Pela fixação de tetos permissíveis?
>
> – Talvez. Penso antes no escalonamento gradativo do aporte de recursos.
>
> O outro ponderou, mansamente:
>
> – Mas você precisa ter em mente a factibilidade das expansões projetadas... (...)
>
> Não se deve escutar conversa dos outros, mas aprende-se muito escutando conversa dos outros. Mormente de economistas. (Id., *ibid.*, p. 1453-1455)

Nesse texto, o narrador introduz a conversa das personagens e passa-lhes a palavra. Temos, então, a impressão de ouvir os dois jovens economistas falando. O narrador intervém no meio do diálogo, para indicar a atitude de cada um durante a conversa (*concentrou-se, antes de responder; ponderou, mansamente*). O discurso direto simula reproduzir fielmente a palavra de outrem.

As características do discurso direto são:

1) a fala de cada personagem é anunciada por um *verbo de dizer* (por exemplo, *dizer, ponderar, replicar, retorquir, obtemperar, afirmar, responder, perguntar*), que pode vir antes, no meio ou depois dessa fala ou pode ainda estar subentendido pelo travessão (em nosso exemplo, temos falas precedidas pelos verbos *responder* e *ponderar* e falas em que o verbo de dizer está subentendido, dado que a mudança de travessão indica que outra personagem tomou a palavra);

2) a palavra do narrador é nitidamente separada do texto que ele reproduz por aspas ou por dois pontos e travessão;

3) os pronomes pessoais e possessivos, os tempos verbais e as palavras que indicam tempo e lugar (advérbios de tempo e de espaço e pronomes demonstrativos) são usados tanto em referência ao narrador quanto em referência às personagens (tanto o narrador quanto as personagens dizem *eu* e tratam a pessoa a quem se dirigem por *tu,* consideram *aqui* o lugar de onde falam e, a partir dele, ordenam os outros espaços (*aí, ali, lá, acolá*), organizam os tempos a partir do momento de sua fala).

Analisemos agora uma outra forma de citar o discurso de outrem.

Leia o texto que vem a seguir:

> O sempre bem informado João esclareceu que peculatários e estelionatários, aproveitando a ocasião, exerciam o direito de voto e restituíam o roubado; em seguida, recolhiam-se espontaneamente à cadeia e, embora perdoados, teimavam em permanecer lá dentro, para purgação de suas faltas. (Id., *ibid.,* p. 1.081)

Nesse texto, o narrador não dá a palavra a João, mas nos conta o que ele disse. Assim, não temos a fala da personagem diretamente, mas tomamos conhecimento de seu ponto de vista, indiretamente, por meio das palavras do narrador. Temos, nesse caso, o discurso indireto. Seus traços são:

1) a palavra da personagem é introduzida por um *verbo de dizer* (no nosso texto, *esclareceu*);

2) o que disse a personagem é transmitido sob a forma de uma oração subordinada substantiva objetiva direta do verbo de dizer (no nosso exemplo, *peculatários e estelionatários... para purgação de suas faltas* é um conjunto de orações objetivas diretas do verbo *esclarecer*); por conseguinte, há uma separação nítida entre a palavra do narrador e a da personagem, que vem marcada por uma partícula: uma conjunção integrante (Esclareceu *que* tudo caminhava bem), ou um advérbio (Perguntou-me *onde* eu morava) ou um pronome interrogativo (Informou-me *quem* estava lá);

3) as pessoas, os tempos e os espaços são organizados sempre em referência ao narrador, pois só ele diz *eu,* apenas a pessoa a quem ele se dirige é tratada por *tu,* somente o lugar em que ele se acha é *aqui,* apenas o momento de sua fala é *agora.*

Comparemos um texto em discurso direto e em discurso indireto, para perceber melhor as diferenças:

> No dia 18 do mês passado, André afirmou-me lá na repartição:
> – Estive aqui ontem.

> No dia 18 do mês passado, André afirmou-me que estivera na repartição, no dia anterior.

No primeiro caso, o narrador dá a palavra a André e este apresenta-se como *eu,* denomina *aqui* o lugar de onde fala e organiza o tempo em função do momento da fala (como o estar na repartição ocorre no dia anterior àquele em que fala, usa o advérbio *ontem* e o pretérito perfeito). Temos, pois, discurso direto. No segundo caso, como o que André disse é contado pelo narrador e apenas este diz *eu, aqui, agora, o eu* da fala da personagem transforma-se em *ele* (estive > ele estivera), o *aqui* passa a *na repartição* e a anterioridade em relação ao *agora* na fala torna-se anterioridade em relação à fala do narrador, que já está no pretérito (por isso, o pretérito perfeito é trocado pelo pretérito mais-que-perfeito).

Estudemos sistematicamente a alterações que ocorrem na passagem do discurso direto para o indireto:

1. As orações exclamativas, imperativas e interrogativas transformam-se em orações declarativas.

> Guilherme tinha planos para a emergência, e todos se resumiam em tirar o máximo possível da liberalidade do padrinho.
> – O senhor me dá um presente de aniversário? (Id., *ibid.,* p. 1.226)

> Ele perguntou se o padrinho lhe daria um presente de aniversário. (A oração interrogativa passou a declarativa introduzida pelo verbo *perguntar*).

2. As interjeições e os vocativos desaparecerem ou seu valor semântico é explicitado na fala do narrador.

> O agente do recenseamento vai bater numa casa de subúrbio bem longínquo, aonde nunca chegam as notícias.
> – Não quero comprar nada.

> – Eu não vim vender, minha senhora. Estou fazendo o censo da população e lhe peço o favor de me ajudar.
>
> Ah moço, não estou em condições de ajudar ninguém. Tomara eu que Deus me ajude. Com licença, sim? (Id., *ibid.*, p. 1.229).

Uma mulher atende e diz que não quer comprar nada. O agente diz-lhe (*lhe* toma o lugar do vocativo *minha senhora*) que não foi vender nada, que está fazendo o censo da população e pede-lhe que faça o favor de ajudá-lo. A mulher responde-lhe (*lhe* está no lugar do vocativo *moço*) desalentada (o adjetivo explicita semanticamente a interjeição *ah*) que não está em condições de ajudar ninguém e exclama que espera que Deus a ajude (a oração exclamativa torna-se declarativa), pede licença (explicita semanticamente o conteúdo de *Com licença, sim*?, e fecha a porta.

3. Quando no discurso citado (fala da personagem) aparecerem um *eu* ou *tu,* que não estiverem no discurso citante (fala do narrador), transformam-se em *ele.* Os pronomes demonstrativos ou advérbios de espaço não correspondentes aos do discurso citante devem ajustar-se a estes.

> Diante do Palácio do Planalto, ouvi:
>
> – Pelas fotos, achava que este prédio fosse mais imponente. Aqui diante dele, vejo que ele é modesto.
>
> Diante do Palácio do Planalto, ouvi uma pessoa dizer que, pelas fotos, achava que aquele prédio fosse mais imponente e que lá diante dele via que ele era modesto.

O *eu*, presente na fala da personagem, transforma-se em *ele* (*eu achava*, *vejo* > *ele achava, via*), porque esse *eu* não tem correspondente no discurso citante. O demonstrativo *este* e o advérbio *aqui* tornam-se, respectivamente, *aquele* e *lá,* porque se ajustam à organização espacial do discurso citante: quando a personagem fala, está diante do Palácio; quando o narrador conta o que ela disse, o narrador não está diante do Palácio.

4. As pessoas do discurso citado que forem correspondentes às do discurso citante adquirem o estatuto deste último.

> Ele, com complexo de velhice, avaliava satisfeito a média de idade dos clientes:
>
> – Estou me sentindo à vontade. Gente de cinqüenta para cima. (Id., *ibid.,* p. 1.228).

> Ele, com complexo de velhice, avaliava satisfeito a média de idade dos clientes e dizia que estava se sentindo à vontade, porque eram pessoas de cinqüenta para cima.

O *eu* da fala da personagem corresponde ao *ele* do discurso citante. Por isso, torna-se *ele* no discurso citante.

Eu comentei:

> – Não estou gostando nada disso.
>
> Eu comentei que não estava gostando nada daquilo.

O eu do discurso citado continua *eu*, porque é o mesmo *eu* do discurso citante.

5. Só há transformações temporais, quando o tempo do discurso citante for um dos tempos do subsistema do pretérito(pretérito perfeito, pretérito imperfeito, pretérito mais-que-perfeito, futuro do pretérito) e os da fala da personagem forem o presente, o pretérito perfeito ou o futuro do presente. Nos demais casos, não ocorrem alterações nos tempos verbais. As outras expressões de tempo ajustam-se à organização temporal do discurso citante. As mudanças de tempo verbal são as seguintes:

Discurso direto	Discurso indireto
Presente	Pretérito imperfeito
Pretérito perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
Futuro do presente	Futuro do pretérito

> Ele replicou:
> Faço o que quero.
>
> Ele replicou que fazia o que queria.
>
> Ele replicou:
> – Fiz o que quis.
>
> Ele replicou que fizera o que quisera.
>
> Ele replicou:
> – Farei o que quiser.
>
> Ele replicou que faria o que quisesse.

Nos três casos, há mudança nos tempos verbais, porque o verbo do discurso citante é o pretérito perfeito e os do discurso citado são, respectivamente, o presente, o pretérito perfeito e o futuro do presente. No exemplo abaixo, não há qualquer alteração, porque o tempo do discurso citante é o presente.

> Ele replica:
> – Faço o me dá na cabeça.
>
> Ele replica que faz o que lhe dá na cabeça

Vejamos um exemplo com a adaptação de um advérbio de tempo.

> No dia 18 de janeiro de 1990, ele disse-me:
> – Amanhã parto para Paris.
>
> No dia 18 de janeiro de 1990, ele disse-me que, no dia dia seguinte, partiria para Paris.

Amanhã indica o dia posterior ao dia em que o narrador fala, que é o dia 18 de janeiro de 1990. O discurso citante, no entanto, é pronunciado, quando 18 de janeiro já é passado. Por isso, o dia 19 não pode ser designado como *amanhã*, que é posterior ao dia da fala, mas deve ser indicado como *no dia seguinte*. Por outro lado, como o verbo do discurso citante está no pretérito e *parto* é um presente com valor de futuro do presente, transforma-se em futuro do pretérito.

Qual é a função desses dois modos de citação do discurso alheio? O discurso direto é uma teatralização da fala de outrem, é como se alguém entrasse em cena, tomasse a palavra e falasse. Por isso, produz um efeito de sentido de verdade. O leitor ou o ouvinte tem a impressão de que a integridade do discurso alheio foi preservada e, por isso, está adiante da autêntica palavra do outro. É como se ouvisse alguém falar, com toda a carga de subjetividade.

Podemos ter dois tipos de discurso indireto. Cada um produz um efeito de sentido distinto. O primeiro é chamado *variante analisadora de conteúdo.* Nele, eliminam-se todos os elementos emocionais e afetivos do discurso direto (interrogações, exclamações, interjeições, formas imperativas, etc.). Por isso, cria-se com ele um efeito de sentido de objetividade analítica. Nesse tipo, só importa o que se disse e não o modo como se disse. Ao levar em conta apenas o conteúdo, despersonaliza-se o discurso alheio e produz-se um efeito de *objetividade.* Com isso, gera-se uma distância entre a posição do enunciador e a de quem ele cita, abrindo-se, assim, caminho para a réplica e o comentário. O uso do discurso indireto na variante analisadora de conteúdo constrói a impressão de uma análise racional e isenta de envolvimento emocional. Nesse caso, o discurso indireto não se interessa pela individualidade revelada pelo modo de dizer.

O segundo tipo é denominado *variante analisadora de expressão.* Nele, o que interessa é mostrar exatamente o modo de dizer do outro e não o conteúdo do que diz. As palavras ou expressões que se desejam ressaltar vêm entre aspas. Observe um exemplo:

> Assim gostaria eu de ouvir a descrição do jogo entre brasileiros e mexicanos, e a de todos os jogos. (...) Mas o estilo atual é outro, e o sentimento dramático se orna de termos técnicos. Mesmo assim, quando o cronista especializado informa que o Botafogo "não estava numa tarde de grande inspiração" ou que Zizinho "se desempenhou com seu habitual talento", fico imaginando se há no futebol valores transcendentais, que nós, simples curiosos, não captamos, mas que o bom torcedor vai intuindo com a argúcia apurada em uma longa educação da vista. (Id., *ibid.,* p. 1090)

Aqui não é exatamente o conteúdo da transmissão esportiva que importa, mas seu estilo. O autor ressalta expressões típicas de cronistas de futebol *não estava numa tarde de grande inspiração* e *se desempenhou com seu habitual talento,* para mostrar que, mesmo em meio à abundância de termos técnicos que caracteriza o estilo atual de narrar futebol, surgem expressões não-técnicas, bastante polissêmicas, que permitem pensar na existência dos valores transcendentais que regem o futebol.

Nessa variante, o enunciador dá relevo a expressões típicas do outro. Procura revelar, assim, peculiaridades de alguém, por meio de sua forma de falar, e, ao mesmo tempo, mostra sua posição de ironia, desdém, condescendência, tolerância em relação a ele.

Numa dissertação, podem-se usar tanto o discurso direto, quanto as duas variantes de discurso indireto, para fazer citação. Cada tipo visa a criar um efeito de sentido distinto.

c) Aspas

As aspas são utilizadas para marcar palavras ou expressões que o enunciador não quer assumir como suas, que não considera apropriadas ao texto, que julga serem aproximativas em relação ao que pretende dizer, ou para assinalar termos que pertencem a uma língua diferente daquela em que o texto está sendo escrito ou a um nível de linguagem distinto do texto (por exemplo, um termo chulo num texto em linguagem formal). Em síntese, colocam-se entre aspas palavras ou expressões que o enunciador quer manter a distância. Observe um exemplo:

> Cada idade tem sua moral e sua sensibilidade; aos 20, cuida o poeta que sua verdade lhe virá de outros colegas mais "realizados", e apega-se a eles na ilusão de admirá-los, mas efetivamente à procura da "fórmula mágica" de que os presume depositários. É só o tempo de verificar que eles não a possuem, e que de resto tal fórmula não existe, e a admiração se recolhe ou cede lugar ao senso crítico. Este, por sua vez, sujeito a outros erros de ótica, e ainda à injustiça compensatória.
>
> A inexistência do "segredo" tem que ser descoberta por esforço próprio, a que o rapaz não se forrará. (Id., *ibid.*, p. 1009)

Nesse texto, temos três palavras ou expressões entre aspas: *realizados, fórmula mágica, segredo.* O trecho em questão faz parte de uma crônica em que o poeta comenta o fato de que inúmeros poetas jovens enviam sua produção literária aos já consagrados, em busca de conselho, etc. Os termos entre aspas são aqueles que o poeta não assume como seus. Para ele, não há poetas realizados, não há fórmulas mágicas para o fazer artístico e não existe um segredo no fazer poético. Esses termos pertencem a um outro discurso, não aceito pelo enunciador.

O uso ou não de aspas em determinadas palavras ou expressões cria uma imagem do locutor. Se alguém dissesse *O partido está conclamando os "companheiros" a opor-se às reformas constitucionais,* projetaria de si a imagem de alguém que tem reservas em relação a esse partido, pois não assume o termo *companheiros.* Se não utilizasse as aspas, não produziria essa imagem.

d) Glosas do enunciador

As glosas são comentários ou explicações sobre o dizer. Servem para mostrar a inadequação e o caráter aproximativo de um termo (por exemplo, *se se pode dizer, por assim dizer, digo metaforicamente*), para praticar a autocorreção (*ou antes, deveria ter dito*), para confirmar o que se disse (*é exatamente o que estou querendo dizer*), para solicitar permissão para empregar certos termos (*se me permitem dizer*), para corrigir antecipadamente um possível erro de interpretação (*isso nos dois sentidos da palavra, no sentido próprio do termo, no sentido figurado da expresssão*), para marcar palavras ou expressões de outro discurso (*como diz o outro, como se diz*), para assinalar hesitações na busca do termo exato (*creio que é melhor dizer, não acho a* *palavra, creio que o termo exato é*). Em síntese, as glosas são usadas para prevenir um juízo inadequado do interlocutor (por exemplo, *se me permite dizer*), para evitar os riscos de uma interpretação distorcida de uma dada posição (*você notou a palavra que usei, entende o que quero dizer?*), para mostrar que certas palavras ou expressões não pertencem ao discurso que está sendo produzido ou não são adequadas a ele. Observe um exemplo:

> – Ora, essa meta não oferece percalços, uma vez que se alcance a médio prazo – eu disse a médio prazo – a dinamização de nossas rendas nos mercados forâneos. (Id., *ibid.*, p. 1454).

O falante usa uma glosa (*eu disse a médio prazo*), para acentuar uma expressão importante para a compreensão correta do que diz, evitando assim um possível erro de interpretação.

As glosas indicam sempre um debate entre as palavras, pois estas podem possibilitar duas interpretações, dois pontos de vista, duas vozes divergentes.

Heterogeneidade mostrada não marcada

Há certos mecanismos lingüísticos que mostram duas vozes no fio do discurso, mas não demarcam com nitidez seus limites no texto.

a) discurso indireto livre

Leia o texto que segue:

> Olhou as cédulas arrumadas na palma, os níqueis e as pratas, suspirou, mordeu os beiços. Nem lhe restava o direito de protestar. Baixava a crista. Se não baixasse, desocuparia a terra, largar-se-ia com a mulher, os filhos pequenos e os cacarecos. Para onde? Hem? Tinha para onde levar a mulher e os meninos?
>
> Tinha nada! (...)
>
> Se pudesse mudar-se, gritaria bem alto que o roubavam. Aparentemente resignado, sentia um ódio imenso a qualquer coisa que era ao mesmo tempo a campina seca, o patrão, os soldados e os agentes da prefeitura. Tudo na verdade era contra ele. Estava acostumado, tinha a casca muito grossa, mas às vezes arreliava. Não havia paciência que suportasse tanta coisa. (RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 29 ed. São Paulo, Martins, 1971, p. 138-139)

No discurso indireto livre, misturam-se duas vozes, a do narrador e a da personagem (em nosso texto, Fabiano). No entanto, faltam elementos lingüísticos, como os dois pontos e o travessão no discurso direto ou a conjunção integrante *que* no indireto, que determinem a fronteira entre as duas. Há dois tons diferentes, que permitem perceber essas duas vozes: o tom mais ou menos neutro da narração e o tom entre colérico e resignado da personagem. Há frases que são claramente do narrador (por exemplo, *Olhou as cédulas arrumadas na palma, os níqueis e as pratas, suspirou, mordeu os beiços*); outras que, sem dúvida nenhuma, pertencem à personagem (por exemplo, *Para onde? Hem? Tinha para onde levar a mulher e os menimos? Tinha nada!*). Outras, no entanto, poderiam ser de um ou de outro (por exemplo, *se pudesse mudar-se, gritaria bem alto que o roubavam* poderia ser dita tanto pelo narrador quanto pela personagem). Nesse texto, o uso do discurso indireto livre dá verossimilhança à narrativa. O narrador não poderia usar o discurso direto, porque a personagem não estava exteriorizando suas reflexões; nem o discurso indireto, pois o narrador não entra na consciência das personagens e, portanto, não poderia saber o seu conteúdo.

O discurso indireto livre mistura procedimentos do discurso direto e do indireto, mesclando a voz do narrador à da personagem, de forma que o conteúdo da consciência desta não apareça nem relatado, nem falado.

Para perceber a diferença entre o discurso direto, o indireto e o indireto livre, imaginemos um pequeno texto apresentado nessas três formas de incorporar o discurso alheio.

– *discurso direto*

A sentinela resmungou:
– Porcaria! Todos lá dentro da sala aquecida e eu aqui morrendo de frio!

– *discurso indireto*

A sentinela resmungou aborrecida que estava lá fora morrendo de frio, enquanto todos estavam lá dentro da sala aquecida.

– *discurso indireto livre*

Porcaria! Estava lá fora morrendo de frio, enquanto todos estavam lá dentro da sala aquecida.

As marcas do discurso indireto livre são:

1. as falas das personagens não são introduzidas por verbos de dizer (não há nas expressões que podem ser atribuídas a Fabiano, no exemplo acima, expressões como *ele disse, ele replicou*, etc.);

2. a palavra atribuída à personagem não é separada daquela considerada do narrador por conjunções, advérbios ou pronomes interrogativos, como no discurso indireto, nem por sinais de pontuação (dois pontos e travessão), como no discurso direto;

3. da mesma forma que no discurso direto, o discurso indireto livre contém interjeições, orações interrogativas, imperativas, exclamativas e outros elementos expressivos (no exemplo acima, aparecem *Para onde? Hem? Tinha para onde levar a mulher e os meninos? Tinha nada!*);

4. os pronomes pessoais, os tempos verbais, as palavras que indicam tempo e espaço são usados na mesma maneira que no discurso indireto (por exemplo, o *eu* da personagem apresenta-se como *ele;* um presente transforma-se em pretérito perfeito, se a narrativa for no pretérito; um aqui torna-se lá; por isso, uma frase como *Tudo na verdade era contra ele. Estava acostumado, tinha a casca muito grossa, mas às vezes arreliava* significaria “Tudo na verdade é contra mim. Estou acostumado, tenho a casca muito grossa, mas às vezes arrelio”).

Por misturar procedimentos do discurso direto e do indireto, por mesclar as vozes do narrador e da personagem, por reunir elementos emocionais e o afastamento do *eu*, o discurso indireto livre fica entre a objetividade e a subjetividade. Por isso, ele é a forma por excelência de representar a consciência, o imaginário. Mostra a interioridade da personagem em contraposição à exterioridade manifestada pela visão do narrador. Com esse mecanismo de citação do discurso alheio, o narrador identifica-se com a personagem, mas ao mesmo tempo mantém independência em relação a ela. Nele, o narrador faz um jogo de aproximação e distanciamento da personagem.

b) Imitação.

Uma outra forma de apresentar duas vozes no mesmo texto é a imitação. Pode-se imitar um texto determinado ou um estilo. Quando se imita com a finalidade de desqualificar um texto ou um estilo, de negá-lo, de ridicularizá-lo, temos uma *imitação por subversão* (também chamada *paródia* por muitos autores). Quando não há essa intenção, faz-se uma *imitação por captação* (também denominada *estilização* por certos autores). Na subversão, ressaltam-se as diferenças entre o que imita e o que é imitado; na captação, as semelhanças. A percepção de que um texto imita um estilo ou um outro texto depende de nossa memória textual, isto é, dos conhecimentos a respeito dos textos já produzidos ou de diferentes maneiras de escrever.

Vejamos um exemplo de imitação de um texto.

Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar – sozinho à noite –
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
(DIAS, Gonçalves. *Poesia*.
Rio de Janeiro, Agir, 1975, p. 11-12)
(Nossos Clássicos, 18)

Meu lar

Se eu tenho de morrer na flor dos anos
Meu Deus! não seja já;
Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,
Cantar o sabiá!

Meu Deus, eu sinto e tu bem vês que eu morro
Respirando este ar;
Faz que eu viva, Senhor! dá-me de novo
Os gozos do meu lar!

O país estrangeiro mais belezas
Do que a pátria, não tem;
E este mundo não val um só dos beijos
Tão doces duma mãe!

Dá-me os sítios gentis onde eu brincava
Lá na quadra infantil;
Dá que eu veja uma vez o céu da pátria,
O céu do meu Brasil!

Se eu tenho de morrer na flor dos anos,
Meu Deus! não seja já!
Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde
Cantar o sabiá!

Quero ver esse céu da minha terra
Tão lindo e tão azul!
E a nuvem cor-de-rosa que passava
Correndo lá do sul!

Quero dormir à sombra dos coqueiros,
As folhas por dossel;
E ver se apanho a borboleta branca,
Que voa no vergel!
Quero sentar-me à beira do riacho
Das tardes ao cair,
E sozinho cismando no crepúsculo
Os sonhos do porvir!

> Se eu tenho de morrer na flor dos anos,
> Meu Deus! não seja já!
> Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde
> Cantar o sabiá!
> (ABREU, Casimiro de In: BANDEIRA, Manuel. *Antologia dos poetas brasileiros*. *Fase romântica*. Rio de Janeiro, Ouro, 1967, p. 242-243)

O poema de Casimiro de Abreu tinha, na primeira edição de *As primaveras* (1859), o título de *Canção de Exílio.* Ele reproduz os mesmos temas da poesia gonçalvina: o exílio, as saudades da pátria, o desejo da volta antes da morte, a exaltação da natureza brasileira; além disso, repete figuras do texto golçalvino: o sabiá a cantar numa árvore (a laranjeira), o cismar sozinho no anoitecer, o céu do Brasil, etc. O texto de Casimiro caminha na mesma direção de sentido que o de Gonçalves Dias. Por isso, é uma imitação por captação.

Para estudar o que é imitação de estilo, é preciso discutir o que é estilo. Esse termo tem uma utilização muito variada. Fala-se em estilo de um escritor (o estilo de Machado, de Alencar, de Fernando Pessoa, de Eça de Queirós), de uma “escola” literária ou artística (o estilo simbolista, dos impressionistas, do arcadismo), de um criador qualquer (o estilo de Rodin, de Dior), de uma época (o estilo dos anos trinta, do estilo da *belle époque*), de um tipo de linguagem (o estilo diplomático, o estilo arrebatado dos discursos parlamentares), de uma atividade humana qualquer (o estilo do governo Collor, o estilo administrativo do ministro). Qual é o sentido de base dessa palavra que permite um uso tão amplo?

O estilo é o conjunto de traços que define desde as atividades humanas mais banais até as mais sublimes criações do homem. É o grupo de características que dá singularidade a um dado objeto. De forma mais precisa, pode-se dizer que é o conjunto de traços recorrentes do plano do conteúdo e do plano da expressão, que determinam o efeito de unicidade para alguma coisa. O estilo é um fato diferencial: distingue um escritor de outro, estabelece diferenças entre um pintor e outro, e assim por diante.

Vejamos alguns exemplos dessas recorrências. No plano do conteúdo, por exemplo, a descrição de objetos decorativos é característica do parnasianismo. Diz Alfredo Bosi que “o parnasiano típico acabará deleitando-se na nomeação de vasos e leques chineses, flautas gregas, taças de coral, ídolos de gesso em túmulos de mármore” (1975, 248). As figuras relacionadas à vida pastoril são recorrentes na poesia árcade. A ênfase nos comportamentos instintivos do homem e sua comparação com os animais são constantes no romance naturalista. No plano da expressão (plano dos sons, nível da organização das palavras no texto, das construções), poderíamos citar os seguintes exemplos: a busca da musicalidade da linguagem, com a criação de aliterações, etc., é uma constante na poesia simbolista; as rimas perfeitas e ricas e a métrica impecável são características do parnasianismo.

Cabe lembrar que o que define um estilo não é um traço isolado, mas um conjunto de características.

Os imitadores, os que parodiam, os falsificadores, os *covers*, etc. procuram exatamente imitar o estilo, o conjunto de características que dá singularidade, os traços que permitem dizer *parece um Matisse, soa a Alencar, é simbolista*. Tomemos um exemplo de imitação de estilo.

> “Quando Bauer, o de pés ligeiros, se apoderou da cobiçada esfera, logo o suspeitoso Naranjo lhe partiu ao encalço, mas já Brandãozinho, semelhante à chama, lhe cortou a avançada. A tarde de olhos radiosos se fez mais clara para contemplar aquele combate, enquanto os agudos gritos e imprecações em redor animavam os contendores. A uma investida de Cárdenas, o de fera catadura, o couro inquieto quase se foi depositar no arco de Castilho, que com torva face o repeliu. Eis que Djalma, de aladas plantas, rompe entre os adversários atônitos, e conduz sua presa até o solerte Julinho, que a transfere ao valoroso Didi, e este por sua vez a comunica ao belicoso Pinga. A essa altura, já o cansaço e o suor chegam aos joelhos dos combatentes, mas o Atrida enfurecido, como o leão, que fiado na sua força, colhe no rebanho a melhor ovelha, rompendo-lhe a cerviz e despedaçando-a com fortes dentes, para em seguida sorver-lhe o sangue e as entranhas – investe contra o desprevenido Naranjo e atira-o sobre a verdejante relva calcada por tantos pés celestes. Os velozes Torres, Madrida e Avellan quedam paralisados, tanto o pálido temor os domina; e é quando o divino Baltasar, a quem Zeus infundiu sua energia e destreza, arremete com a submissa pelota e vai plantá-la, qual pomba mansa, entre os pés do siderado Carbajal...”
>
> Assim gostaria eu de ouvir a descrição do jogo entre brasileiros e mexicanos, e a de todos os jogos: à maneira de Homero. (ANDRADE, Carlos Drummond. *Op. cit.*, p. 1090)

O próprio poeta diz que a descrição do jogo imaginada por ele no primeiro parágrafo imita o estilo de Homero, em que uma das características é a plasticidade. Pode-se dizer que o poeta não descreve um objeto, mas coloca-o diante de nós, faz com que o vejamos. Essa visualidade da poética homérica é dada pela utilização de adjetivos ou expressões de valor adjetivo bem concretos (por exemplo, não se diz que Bauer era rápido, mas que era *o de pés ligeiros;* pelas comparações (por exemplo *como o leão, que fiado na sua força, colhe* *no rebanho a melhor ovelha, rompendo-lhe a cerviz e despedaçando-a com fortes dentes, para em seguida sorver-lhe o sangue e as entranhas*), pela atribuição de um adjetivo concreto referente ao efeito a um substantivo abstrato designativo da causa (por exemplo, *pálido temor*), pela atribuição de uma característica bem precisa a cada personagem (por exemplo, *solerte Julinho, valoroso Didi, belicoso Pinga*), pela tentativa de concretização maior dos substantivos comuns, seja designando os objetos por uma característica, seja atribuindo aos nomes um adjetivo bem concreto (*couro inquieto, presa* [= bola], *verdejante relva, submissa pelota*). Como o poeta refaz (recria) o estilo de Homero por desejar ouvi-lo repetido na descrição de um jogo de futebol, configura-se aí uma imitação de estilo por captação.

Lição 5

Seleção vocabular

Leia o texto abaixo:

> Humpty Dumpty pegou o caderninho e contemplou-o cuidadosamente. – Parece
>
> que está certo... – começou a dizer.
>
> – O senhor está segurando de cabeça para baixo – interrompeu Alice.
>
> – Claro que estou! – disse Humpty Dumpty jovialmente, enquanto virava o caderninho. – Bem que me pareceu meio esquisito. Como eu estava dizendo, parece que a conta está certa, embora não tenha tido tempo de examiná-la a fundo, e isso mostra que você tem trezentos e sessenta e quatro dias para ganhar um presente de não-aniversário...
>
> – Certo – reconheceu Alice.
>
> – E só um para presentes de aniversário, como vê. Eis a... glória para você.
>
> – Não sei o que o senhor entende por "glória" – disse Alice.
>
> Humpty Dumpty sorriu com desdém. – Claro que você não sabe, até eu lhe dizer. O que quero dizer é: "eis aí um argumento arrasador para você".
>
> – Mas "glória" não significa "um argumento arrasador" – objetou Alice.
>
> – Quando uso uma palavra – disse Humpty Dumpty em tom escarninho – ela significa exatamente aquilo que eu quero que signifique... nem mais nem menos.
>
> – A questão – ponderou Alice – é saber se o senhor pode fazer as palavras dizerem coisas diferentes.
>
> – A questão – replicou Humpty Dumpty – é saber quem manda.
>
> É só isso. (CARROLL, Lewis. *Aventuras de Alice*. 3 ed. São Paulo, Summus 1980, p. 195-196)

Nessa discussão entre Alice e Humpty Dumpty, quem tem razão é a menina. A língua é uma convenção social e a nenhum falante, sob pena de não mais poder comunicar-se, é dado mudá-la. Cabe ressalvar, no entanto, que isso não quer dizer que o sistema não ofereça margem de manobra, para que o falante possa exercer sua criatividade. As palavras têm significados e usos determinados na língua, opõem-se a umas, substituem outras, combinam-se com outras, etc. As palavras mantêm relações entre si. Assim, os termos *marido e* *mulher; bom e mau; surrar, espancar e bater* podem substituir-se, quando queremos trocar uma palavra por seu antônimo ou por um sinônimo. Por outro lado, um vocábulo combina com alguns termos e não combina com outros. Assim, *louro* pode combinar-se com *cabelo*, mas não com *madeira; miar* combina-se com *gato,* mas não com *cachorro.* Uma palavra mantém com outras uma série de relações. O sentido deriva do conjunto de relações diferenciais e combinatórias que ela mantém com outras unidades do vocabulário. Essas relações não são fixadas pelo falante no momento em que produz um texto, como queria Humpty Dumpty, mas são determinadas na língua, sendo, portanto, sociais.

Se nenhum falante pode, a seu bel-prazer, alterar essas relações, existe então um uso adequado ou inadequado das palavras. Antes, porém, de analisar essa questão da escolha da palavra exata, vamos estudar um pouco mais detidamente as relações que os termos mantêm entre si. Os três tipos de relação são a sinonímia, a antonímia e a hiponímia.

Sinonímia

Não existem sinônimos perfeitos. O que há são aproximações de sentido. Dizemos que duas palavras são sinônimas quando seus significados mantêm uma intersecção, pois jamais eles se recobrem completamente. Se seus sentidos fossem idênticos, deveriam ser intercambiáveis em todos os contextos e obedecer às mesmas condições de emprego. Por exemplo, *jovem* e *novo* são sinônimos. No entanto, seus significados não são idênticos, pois não podem ser permutados em todos os contextos: ambos qualificam um nome humano (homem jovem, homem novo), mas *jovem* não se aplica aos não-humanos (pode-se dizer um livro novo, mas não um livro jovem). As expressões *em decúbito dorsal e de costas* são sinônimas. No entanto, suas condições de emprego não são as mesmas: o primeiro é empregado em contextos técnicos, por exemplo, da Medicina Legal, o segundo é usado na linguagem geral.

Dizer que não há sinônimos perfeitos não significa que não haja sinônimos. Dizemos que duas palavras são sinônimas, quando são substituíveis no mesmo contexto, sem mudança do sentido básico. Palavras como *urinar e mijar* são substituíveis no mesmo contexto e, embora a segunda seja mais grosseira do que a primeira, o sentido básico do que está sendo dito não se altera, quando se troca uma pela outra. Por isso, são sinônimas.

Analisemos mais detidamente por que os significados dos sinônimos não são idênticos:

1. porque não são intercambiáveis em todo o contexto, isto é, não se associam com todas as palavras: *baio e moreno* são sinônimos, mas o primeiro

só se aplica a eqüinos, enquanto o segundo se associa aos humanos e as partes do corpo humano; *pampa e malhado* são sinônimos, mas o primeiro só se aplica a eqüinos, enquanto o segundo se associa a outros animais; *soldo, salários* e *honorários* são sinônimos, mas o primeiro se aplica à remuneração dos militares; o segundo, à dos que exercem trabalho assalariado; o terceiro, à dos profissionais liberais; *cortar, decepar e amputar* são sinônimos, mas o primeiro é mais geral, enquanto o segundo e o terceiro aplicam-se a partes do corpo, sendo que o terceiro é usado em contexto médico;

2. porque têm condições diferentes de emprego discursivo:

2.1. têm valor social ou expressivo distinto: *barbeiro e cabelereiro* pertencem a mesmo nível de linguagem, mas a primeira é uma designação menos prestigiosa que a segunda:

2.1.1. um tem uma intensidade maior que o outro: *repudiar/rejeitar; berrar/gritar; suplicar/pedir; mourejar/trabalhar; miserável/pobre; caos/confusão/desordem; adorar/amar; desgraçado/infeliz; rejeitar/declinar; abandonar/deixar;*

2.1.2. um implica aprovação ou censura moral, enquanto o outro é neutro: *beato/carola/religioso; gana/vontade; vício/defeito; estróina/gastador; econômico/seguro;*

2.2. pertencem a níveis de língua diferentes: *dar bola e mostrar interesse* são variantes lexicais diafásicas, porque, embora sejam sinônimos, não podem figurar no mesmo tipo de discurso, já que pertencem a registros de língua diferente; sua escolha está adaptada ao contexto social de comunicação.

2.2.1. são variantes diacrônicas (arcaísmos, neologismos, etc.): *nonada/ninharia; avença/acordo; defesos/proibidos; alveitar/veterinário; físico/médico;*

2.2.2. são variantes diatópicas (regionalismos, lusitanismos, brasileirismos, etc.): *sanga/regato; prenda/moça; china/prostituta; fifó/lamparina; peitica/implicância; elétrico/bonde; comboio/trem.*

2.2.3. são variantes diastráticas (jargões profissionais, gírias, fala infantil, etc.): *papi/pai; óbito/morte; escabiose/sarna; dipsomaníaco/alcoólatra/beberrão; esposa/mulher/patroa.*

2.2.4. são variantes diafásicas (um é mais catiço que outro, um é mais coloquial ou vulgar que outro): *passamento/morte; aura, zéfiro/brisa; ósculo/beijo; rórido/orvalhado; pélago/oceano; linfa/água; pomo/fruto; obumbrar/escurecer; falaz/enganador; grana/dinheiro; bóia/comida; jamegão/assinatura; pifar/quebrar; curtir/fruir; gringo/estrangeiro.*

Quanto mais uma área conceptual apresenta interesse e importância para a comunidade cultural mais produz sinônimos. Por isso, os domínios da sexualidade, do dinheiro, das bebidas, dos jogos, da doença e da morte apresentam muitos sinônimos.

A escolha dos sinônimos depende da situação de comunicação. As palavras nunca são indiferentes. Palavras referentes àquilo que se considera desagradável, incorreto, grosseiro são tidas também como grosseiras, desagradáveis. Por exemplo, palavrões, obscenidades, designações racistas ou machistas. Nesse caso, o julgamento social recai sobre aquele que usa, em situações de comunicação inadequadas, essas palavras tidas como tabu. O falante será considerado grosseiro, politicamente incorreto, etc. Por outro lado, quando um médico usa termos do jargão médico, seu discurso ganha legitimidade aos olhos do paciente.

Do ponto de vista da construção do discurso, o uso de sinônimos em intervalos é um procedimento de coesão discursiva, que será estudado oportunamente. O uso de sinônimos em série é um procedimento de ênfase, pois se insiste numa idéia que deve ser salientada em todos os matizes. Cabe insistir que, nesse caso, o sinônimo não é uma repetição, já que cada termo é marcado por um traço ausente nos demais. Observe o uso em série dos sinônimos de dinheiro no texto abaixo:

> Eu bem podia me virar na Estação da Luz. Também rendia lá. Fazia ali muito freguês de subúrbio e até de outras cidades, Franco da Rocha, Perus, Jundiaí... Descidos do trem, marmiteiros ou trabalhadores do comércio, das lojas, gente do escritório da estrada de ferro, todo esse povo de gravata que ganha mal. Mas que me largava o carvão, o mocó, a gordura, o maldito, o tutu, o pororó, o mango, o vento, a granuncha. A seda, a gaita, a grana, a gaitolina, o capim, o concreto, o abre-caminho, o cobre, a nota, a manteiga, o agrião, o pinhão. O positivo, o algum, o dinheiro. Aquele um de que eu precisava para me agüentar nas pernas sujas, almoçando banana, pastéis, sanduíches. E com que pagava para dormir a um canto com os vagabundos lá nos escuros da Pensão do Triunfo. (ANTÔNIO, João. *Leão-de-chácara*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975, p. 63-64)

Antonímia

Assim como não existe identidade entre os sinônimos, não existe oposição absoluta entre palavras de sentido contrário, ou seja, entre antônimos. Em primeiro lugar, é preciso considerar que só podem opor-se palavras que tiverem um traço semântico comum. Pode-se opor *homem* a *mulher*, porque ambos têm os traços sêmicos *humanidade* e *sexualidade*. Não se pode opor *poste* a *sorvete.*

Quanto aos antônimos, cabem as seguintes observações:

a) palavras diferentes podem ter um mesmo antônimo desde que tenham ao menos um sentido comum: *fresco* e *jovem* podem ter como antônimo *velho,* porque aplicado a alimentos perecíveis *fresco,* significa “novo”: *café fresco* vs *café velho;*

b) uma mesma palavra pode ter tantos antônimos quantos forem seus sentidos, pois cada termo possui vários traços semânticos e cada um deles pode opor-se a um dado traço de conteúdo de uma outra palavra: assim, *preto* é antônimo de *colorido,* em *TV em branco e preto;* de *mais claro,* em *pão preto;* de *pouco,* em *é uma nota preta;* etc.;

O jogo de figuras pode acabar com as antonímias. Por exemplo:

> As verdes (ecologistas) idéias incolores (sem substância) não têm encontrado eco junto à população.

Há antônimos que são mutuamente excludentes e que não admitem comparação (*homem* vs *mulher;* dizer *ela é mais mulher do que sua filha* só é possível, porque o termo *mulher* está empregado em sentido figurado); há antônimos que estão abertos à gradação (por exemplo, *rico* vs *pobre, inteligente* vs *burro*); há antônimos que se implicam (*pai* vs *filho*).

Hiponímia

Jean de Salisbury dizia *Nominantur singularia, sed universalia significantur*: uma palavra pode designar uma coisa singular, mas significa sempre um universal, ou seja, uma classe de elementos. No entanto, as classes podem ser mais ou menos específicas. Quando se diz *rosa,* essa palavra significa toda a classe das rosas, mas quando se diz *flor,* esse termo significa não só a classe das rosas, mas a das violetas, a das orquídeas, etc. Assim, *flor* significa uma classe mais genérica que *rosa,* já que ela contém a classe das rosas.

Hipônimo é uma palavra cujo sentido está incluído em outro mais amplo. *Canário* é hipônimo de *pássaro. Hiperônimo* é uma palavra de sentido mais amplo que inclui outra de sentido mais específico. *Pássaro* é hiperônimo de *canário. Co-hipônimos* são os hipônimos de um mesmo hiperônimo. *Canário, tico-tico, sabiá* são co-hipônimos, pois todos eles são pássaros.

O vocabulário de uma língua estrutura-se em redes organizadas por relações hiponímicas. Há hiperônimos de vários graus. Assim, um hiperônimo pode ser hipônimo de um hiperônimo de nível superior: *gato* é hipônimo de *felino,* que por sua vez é hipônimo de *mamífero*, que por seu turno é hipônimo de *vertebrado,* que é hipônimo de *animal,* etc. Temos alguns hiperônimos que são extremamente gerais, que contém quase todas as palavras de uma determinada classe: *coisa, coisar, pessoa, elemento, indivíduo, ser.*

Além dessas relações entre as palavras, é preciso ainda discutir o que seja polissemia, homonímia e paronímia.

Polissemia

As extensões de significado, as transferências de sentido criam vários significados novos para a mesma palavra. A polissemia é o fato de uma palavra ter vários significados. Por exemplo, o termo *vela* quer dizer: 1. objeto para iluminação formado de um pavio, constituído de fios entrelaçados, recoberto de cera ou estearina; 2. peça que causa a ignição dos motores; 3. pano que, com o vento, impele as embarcações. A maioria das palavras da língua é polissêmica, porque a linguagem humana é polissêmica por natureza. O preço a pagar é o risco da ambigüidade. A polissemia está na base de grande parte dos jogos de palavras:

> a) Qual é o cúmulo da covardia? Recuar diante de um relógio que adianta.
>
> b) Qual a diferença entre o estudante e o rio? O estudante deve deixar o leito para seguir seu curso, enquanto o rio segue seu curso sem deixar seu leito.

A polissemia pode ser explorada, usando-se a mesma palavra em dois sentidos diferentes:

> O coração tem razões que a própria razão desconhece (Pascal).

Um outro caso interessante de exploração da polissemia é a associação a uma só palavra de dois complementos ou adjuntos incompatíveis entre si, mas compatíveis um a um com cada um dos sentidos do vocábulo.

> a) ...vestido de probidade *cândida* e *de linho branco* (Hugo) (joga-se igualmente com o fato de que *cândido,* na origem, significa “branco”).
>
> b) Sentiu o empurrão e não se zangou; concertou *o sobretudo* e *a alma,* e lá foi andando tranqüilamente (ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1979, vol. I, p. 721).

É o contexto que determina em que sentido está sendo usada uma palavra polissêmica. O contexto elimina certas potencialidades significativas, tornando os vocábulos menos imprecisos. Por exemplo:

a) A babá tomou a mão da criança (= segurar).
b) Os EUA tomaram Granada, mas não a Bósnia (= conquistar).
c) Agora ele só toma água (= beber).
d) A Cidade Universitária toma vários alqueires (= ocupar).
e) Depois que passou a ocupar o cargo no ministério, tomou um ar insuportável (= assumir).

Homonímia

É a identidade fônica (homofonia) e/ou a identidade gráfica (homografia) de duas palavras que não têm o mesmo sentido. Diferentemente da polissemia em que a mesma palavra tem vários significados diferentes, na homonímia o que temos são palavras diferentes (de origem diferente), que se escrevem ou se pronunciam da mesma maneira. Os termos polissêmicos têm uma só entrada no dicionário; os homônimos, mais de uma. *São* é a terceira pessoa do plural do presente do indicativo do verbo *ser* (do latim *sunt*), é o adjetivo que significa "sadio" (do latim *sanu(m)*), é o adjetivo que significa "santo", que em português é usado diante de nomes próprios começados por consoante (do latim *sanctu(m)*). São três palavras diferentes, que, no curso da evolução da língua, tornaram-se idênticas do ponto de vista gráfico e fônico. São homófonos homógrafos. *Cassar* (= tornar nulo ou sem efeito licença, autorização, direitos políticos, etc.) – do latim *cassare*) e *caçar* (= perseguir (animais silvestres), para os aprisionar ou matar – do latim *captiare* por *captare*) são homófonos não homógrafos. *Rego* (= sulco natural ou artificial que conduz água – de um termo pré-romano* *recu-*, cruzado provavelmente com o céltico *rica* 'sulco') e *rego* (3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo regar, "umedecer por irrigação ou aspersão" – do latim *rigare*) são homógrafos não homófonos.

A possibilidade de confundir os homônimos é limitada:

a) pelo contexto:

O governo que não realiza um *censo* a cada dez anos não tem *senso*.

b) pela distribuição diferente, ou seja, pela posição diferente na frase, quando pertencem a classes distintas (por exemplo, um verbo não ocupa na frase a mesma posição que um substantivo, este não pode ser colocado na mesma posição de um adjetivo, etc.):

Era moda plantar *hera*.

c) pelo gênero (nesse caso, um dos homônimos é masculino e o outro, feminino): o *guia* (= pessoa que guia)/*a guia* (= documento com finalidade administrativa que acompanha a mercadoria); *o capital* (= riqueza ou valores disponíveis)/*a capital* (= cidade onde se aloja a administração de um país, estado, etc.); *o cura* (= vigário de aldeia)/*a cura* (= ato ou efeito de curar); *o lente* (= professor)/*a lente* (= corpo transparente).

d) pelo número (nesse caso, no singular a palavra tem um significado e no plural, outro): *fúria* (= ímpeto violento)/*fúrias* (= divindades infernais); *copa* (= ramagem superior das árvores)/*copas* (= naipe vermelho em forma de coração).

Paronímia

Parônimos são vocábulos de estrutura fônica semelhante, mas com sentido diferente; são termos quase idênticos, com uma diferença de um ou dois sons: *descrição/discrição; infligir/infringir; iminente/eminente; emigrante/imigrante; locução/locação; fluir/fruir; inflação/infração; proscrever/prescrever.*

Seleção vocabular

Na seleção dos vocábulos, deve-se atentar para o seguinte:

a) Não confundir os homônimos: por exemplo, não se pode dizer *A seção legislativa mostrou que o Congresso trabalhou bastante*, pois *seção* significa "parte de um todo, segmento". A palavra correta seria *sessão* (= espaço de tempo que dura a reunião de um corpo deliberativo, consultivo, etc.). Ambas não se confundem com *cessão* (= ato ou efeito de ceder).

b) Não confundir os parônimos. Veja este exemplo:

> Quando era ministro da Educação, Passarinho recebeu uma correspondência de um reitor de uma faculdade solicitando verbas ao "iminente ministro", que não pestanejou. Colocou-a de volta no correio, dizendo ao solicitante que já havia sido nomeado e, portanto, não estava na "iminência de". A

> referência “eminente ministro” certamente tornaria menos acidentado todo o tráfego de petição do reitor. (*Veja*, 22/1/1986, p. 51).

Compreensível significa “que se pode compreender” e *compreensivo,* “que compreende os outros”. Não estaria, portanto, correta a seguinte frase:

> Seu círculo familiar mostrou-se menos compreensível do que ele esperava.

A flor não *exalta* um perfume penetrante, mas *exala.*

c) Evitar certos deslizamentos de sentido, que dão à palavra um significado que ela não tem. A palavra *dilema* significa “raciocínio cuja premissa é alternativa, de sorte que qualquer de seus termos conduz à mesma conseqüência”, daí “situação embaraçosa com duas saídas difíceis ou penosas”. O termo não significa “problema difícil”. Não se pode, pois, dizer *O governo acha-se diante do dilema de equilibrar as finanças públicas,* dado que *dilema* implica uma alternativa. Está correta a seguinte frase: *O turista está diante de um dilema: se sai de dia, arrisca-se a ser roubado; se sai à noite, arrisca-se a ser agredido.*

Graças a e *gozar de* só podem ter como complemento um termo de sentido positivo. Estão corretas as frases *Ele venceu graças a seus esforços* e *Ele goza de boa saúde.* A menos que se esteja fazendo uma ironia, não se pode dizer *Ele venceu na vida graças a sua canalhice,* nem *Ele goza do ódio de todos.* É preciso fazer uma observação a respeito de *graças a.* O sentido dessa expressão parece estar mudando, pois já se encontra, com alguma freqüência, *graças a* introduzindo termos de valor negativo: *Graças à má administração do último governo, o estado está numa situação muito ruim.* Nesses casos, conserva-se apenas o traço semântico /causalidade/ e elimina-se o traço /positividade/. Como se trata de um processo ainda em curso, recomenda-se que a expressão seja usada apenas para introduzir conteúdos de valor positivo.

Panacéia quer dizer “remédio para todos os males”. Assim, não se deve acrescentar universal a esse substantivo.

Em nível de, que se difundiu na forma *a nível de,* implica a existência de níveis. Assim, é correto dizer *Esse problema não se resolve em nível de município,* porque o complemento supõe outros níveis de poder: o estado, a União. No entanto, é controvertido o uso que fez dessa expressão um secretário de estado de São Paulo, quando lhe perguntaram quanto custara o Memorial da América Latina, e ele respondeu que “a nível de mensalmente era possível precisar, mas a nível de totalmente não”. Ela já é francamente mal utilizada em frases como *O romance é bem construído, mas a nível de psicologia é superficial; A nível de advérbio, os problemas sintáticos se complicam; A nível de indústrias têxteis, a situação está muito complicada*. Em nenhum desses casos, existe a idéia de conceitos dispostos em patamares distintos, de planos de que superpõem. Por isso, deveriam ser usadas expressões como *no que se refere, no que concerne.*

d) Evitar hiperônimos, quando a situação de comunicação exige precisão. Observe a precisão das palavras com que, neste sermão, Vieira fala da situação de cada animal em confronto com a dos peixes:

> Falando dos peixes, Aristóteles diz que só eles, entre todos os animais se não domam nem domesticam. Dos animais terrestres o cão é tão doméstico, o cavalo tão sujeito, o boi tão serviçal, o bugio tão amigo, ou tão lisonjeiro, e até os leões e os tigres com arte e benefícios se amansam. Dos animais do ar, afora aquelas aves que se criam e vivem conosco, o papagaio nos fala, o rouxinol nos canta, o açor nos ajuda e nos recreia; e até as grandes aves de rapina, encolhendo as unhas, reconhecem a mão de quem recebem sustento. Os peixes pelo contrário lá se vivem nos seus mares e rios, lá se mergulham nos seus pegos, lá se escondem nas suas grutas, e não há nenhum tão grande que se fie do homem, nem tão pequeno que não fuja dele. Os autores comumente condenam esta condição dos peixes, e a deitam à pouca docilidade, ou demasiada bruteza; mas eu sou de mui diferente opinião. Não condeno, antes louvo muito aos peixes este seu retiro, e me parece que se não fora a natureza, era grande prudência. Peixes! Quanto mais longe dos homens tanto melhor: trato e familiaridade com eles, Deus vos livre. Se os animais da terra e do ar querem ser seus familiares, façam-no muito embora, que com suas pensões o fazem. Cante-lhes aos homens o rouxinol, mas na sua gaiola; diga-lhes ditos o papagaio, mas na sua cadeia; vá com eles à caça o açor, mas nas suas pioses; faça-lhes bufonerias o bugio, mas no seu cepo; contente-se o cão de lhes roer um osso, mas levado onde não quer pela trela; preze-se o boi de lhe chamarem formoso ou fidalgo, mas com o jugo sobre a cerviz, puxando pelo arado e pelo carro; glorie-se o cavalo de mastigar freios dourados, mas debaixo da vara e da espora; e se os tigres e os leões lhe comem a ração de carne, que não caçaram no bosque, sejam presos e encerrados com grades de ferro. E entretanto vós, peixes, longe dos homens, e fora dessas cortesanias, vivereis só convosco, sim mas como peixes na água. (*Sermões*. Porto, Lello, 1959, vol. 3, t. VII, p. 251 252)

Em muitos casos, pode-se substituir o hiperônimo por um termo mais preciso. Nas frases abaixo o verbo *dizer* poderia ser trocado pelo verbo que está entre parênteses:

1. Ele diz sua história a quem quer ouvi-la (confiar, narrar, contar);

2. Você pode dizer-me por que não estava presente naquele dia? (explicar);

3. Diga-nos sua opinião com toda a sinceridade (dar);

4. Tive que mostrar minha habilidade, porque todos diziam que eu era desastrado (afirmar, assegurar, asseverar, pretender, sustentar);

5. Vou dizer-lhes uma novidade que os surpreenderá (confiar, confidenciar);

6. Ele acabou por dizer que se tinha enganado (confessar);

7. Diga-me em que rua você mora (indicar);

8. Limitaram-se a dizer-lhe algumas palavras de encorajamento (dirigir, exprimir);

9. Ele não faz questão de dizer seus projetos (expor).

Dizer pura e simplesmente *vento,* quando pode ser *minuano, mistral, siroco, brisa, zéfiro,* revela menor precisão e, portanto, menor senso de observação e análise de quem fala.

e) Não usar palavras em contextos em que elas não podem ser utilizadas. Embora *passageiro* e *temporário* sejam sinônimos, não se diz *Uma chuva temporária obrigou-os a refugiarem-se sob um toldo* ou *Ele teve um emprego passageiro durante as festas de fim de ano.* Não se pode dizer *O bode fazia esforços sobre-humanos para sair do poço.* A menos que se queira ofender as pessoas, não se diz *Era uma récua de homens,* pois *récua* significa "grupo de bestas de carga presas umas às outras".

f) Não usar uma pela outra, em contextos em que não são sinônimas, palavras que em certos contextos são sinônimas. *Prematuro* e *precoce* significam "que se manifesta ou sucede antes do tempo". Nesse caso, são sinônimos. Pode-se dizer tanto *colheita precoce* quanto *prematura.* No entanto, há contextos em que eles não são sinônimos. É diferente dizer *criança precoce* (= que tem talentos e habilidades que não são próprias de sua idade) e *criança prematura* (= que nasceu antes do tempo).

g) Não usar palavras em sentidos que elas não têm. Um participante de uma assembléia universitária dizia: – Todas as escolas estão em greve, a Geologia entrou, a Politécnica entrou, só nós estamos aqui parados, só nós estamos nesta *masmorra.* A palavra correta seria *modorra,* que significa "sonolência, soneira" e não *masmorra,* que quer dizer "prisão subterrânea".

Não se diz *Esvazio metade do leite do copo,* mas *Despejo metade do leite do copo,* pois *esvaziar* significa “tornar vazio um recipiente”.

h) Usar a palavra adequada à intenção de comunicativa. Não usar palavras de sentido pejorativo, quando não se quer exprimir censura em relação àquilo de que se fala. Não se dirá que alguém é *obsequioso* em vez de dizer que é *polido,* pois *obsequioso* indica que é *excessivamente polido.* Não se dirá *seu discurso é alambicado* em vez de dizer *seu discurso é castiço,* pois *alambicado* significa “afetado, pretensioso”. Usar as palavras no grau adequado. Entre *lamento o que aconteceu e deploro o que aconteceu,* há uma diferença de intensidade, pois o verbo *deplorar* é mais forte do que *lamentar*. A mesma coisa ocorre em: *Ela detestava esta cidade e Ela execrava esta cidade; Não se imagina a soma que ele gastou* e *Não se imagina a soma que ele dilapidou.*

i) Usar a palavra adequada à situação de comunicação. Não se devem usar variantes lexicais inadequadas à situação comunicativa. Assim, numa situação formal, não se usam termos próprios de uma situação coloquial: por exemplo, dizer *Não se imagina a soma que ele torrou* em lugar de *Não se imagina a soma que ele gastou; Não me encha o saco* em vez de *Não me aborreça; Seria o diabo se não se conseguisse encontrar uma solução* em vez de *Seria algo terrível se não se conseguisse encontrar uma solução.*

j) Evitar repetições. Evite palavras idênticas: *Meu carro era um belo carro;* palavras cognatas, ou seja, as que têm o mesmo radical: *Ela viu uma visão assombrosa;* justaposição de sinônimos sem nenhum valor expressivo: *Peguei o pacote grande e volumoso.* Devem ser eliminados os termos inúteis (por exemplo, em vez de dizer *Minha casa está situada num bairro mais tranqüilo que os outros bairros,* pode-se dizer *Minha casa está situada num bairro mais tranqüilo que os outros*). A palavra repetida deve ser substituída por um sinônimo, quando houver, ou por um anafórico, quando for possível. No texto *Minha casa está situada num bairro tranqüilo. Moro nessa casa desde criança,* a segunda frase pode ser reescrita da seguinte maneira: *Moro nesse imóvel desde criança* ou *Moro aí desde criança.*

l) Não usar palavras preciosas ou arcaicas, a menos que se queira usar uma linguagem de época para fins expressivos ou que a palavra tenha um matiz semântico especial. As palavras *nojo* e *britar* significavam “pesar, luto” e “partir, quebrar”. Conservaram-se apenas nas expressões *britar pedras* e *licença de* *nojo* (essa expressão é usada somente na linguagem administrativa). *Nojo*, fora desse caso, significa "repugnância". Seria muito esquisito alguém ressuscitar os sentidos antigos, dizendo *A morte de seu pai encheu-me de nojo* ou *O copo britou-se.*

Rodrigues Lapa diz que é preciso ter muito cuidado no emprego dos arcaísmos, pois seu uso tende a tornar ridículo quem o usa. Afirma ainda que "em estilo, como em tudo, somos obrigados a ser homens do nosso tempo". (*Estilística da língua portuguesa*. 8 ed. Coimbra, Coimbra Editora, 1975, p. 59)

O preciosismo lingüístico é algo que entra na categoria de um estilo arcaico. Muitas pessoas acham que escrever bem é escrever com termos difíceis. Por isso, não divergem ou discordam, mas dissentem ou discrepam; não matam a sede, mas desalteram-se; não adiam, mas procrastinam; não têm convivência ou camaradagem, mas contubérnio.

Muitos escritores empregam arcaísmos e preciosismos com fins jocosos, irônicos, para satirizar. É o que faz Mário de Andrade, neste texto.

> Senhoras:
>
> Não pouco vos surpreenderá, por certo, o endereço e a literatura dessa missiva. Cumpre-nos, entretanto, iniciar estas linhas de saudade e muito amor com desagradável nova. É bem verdade que na boa cidade de São Paulo – a maior do universo no dizer de seus prolixos habitantes – não sois conhecidas por "icamiabas", voz espúria, senão que pelo apelativo de Amazonas; e de vós se afirma cavalgardes belígeros ginetes e virdes da Hélade clássica; e assim sois chamadas. Muito nos pesou a nós, Imperator vosso, tais dislates de erudição, porém heis de convir conosco que, assim, ficais mais heróicas e mais conspícuas, tocadas por essa pátina respeitável da tradição e da pureza antiga.
>
> Mas não devemos esperdiçarmos vosso tempo fero, e muito menos conturbarmos vosso entendimento, com notícias de mau calibre; passemos, pois, imediato, ao relato de nossos feitos por cá.
>
> Nem cinco sóis eram passados que de vós nos partíramos, quando a mais temerosa desdita pesou sobre nós. Por uma bela noite dos idos de maio do ano translato, perdíamos a muiraquitã; que outrém grafara muraquitã, e, alguns doutos, ciosos de etimologias esdrúxulas, ortografam muyrakitam e até mesmo muraqué-itã, não sorriais! Haveis de saber que este vocábulo, tão familiar a vossas trompas de Eustáquio, é quase desconhecido por aqui. Por estas paragens mui civis, os guerreiros chamam-se polícias, grilos, guardas-cívicas, boxistas, legalistas, mazorqueiros, etc.; sendo que alguns desses termos são neologismos absurdos – bagaço nefando com que os

> desleixados e perimetres conspurcam o bom falar lusitano. Mas não nos sobra já vagar para discretearmos “sub tegmine fagi”, sobre a língua portuguesa, também chamada lusitana. O que vos interessará, por sem dúvida, é saberdes que os guerreiros de cá não buscam mavórticas damas para o enlace epitalámico, mas antes as preferem dóceis e facilmente trocáveis por voláteis folhas de papel a que o vulgo chamará dinheiro, o “curriculum vitae” da civilização a que hoje fazemos ponto de honra em pertencermos.
>
> (*Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos; São Paulo, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978, p. 71-72).

O trecho faz parte do capítulo “Carta pras icamiabas”. O remetente dessa carta é Macunaíma, o próprio herói do romance; o lugar em que está é a cidade de São Paulo; o destinatário são as *icamiabas*, ou seja, as amazonas, mulheres guerreiras, que, segundo a lenda, viviam na região hoje denominada Amazônia. Deve-se lembrar que o termo *icamiabas* é de origem indígena, enquanto a palavra *amazonas* provém do grego.

Esse texto, logo à primeira vista, parece ter sido escrito num período anterior ao modernismo, em que se cultivava uma forma “clássica” de escrever. Os traços que permitem afirmar isso são:

1. uso da segunda pessoa do plural para tratamento;
2. emprego sistemático do plural majestático (*nós* em lugar de *eu*);
3. utilização do objeto indireto pleonástico, em *Muito nos pesou a nós* (com a finalidade de realçar o objeto indireto, pode-se repetir a forma pronominal tônica depois da átona correspondente);
4. uso de um léxico preciosista (vocábulos de emprego muito raro) e até de sabor arcaizante (*voz* por “palavra”, *missivas* por “cartas”, *Hélade* por “Grécia”, *belígeros ginetes* por “cavalos de guerra”, *dislates* por “asneiras”, *conspícuas* por “ilustres”, “respeitáveis”, *pátina* por “envelhecimento”, *fero* por “feroz”, *idos* por “dia 15” (no antigo calendário romano, os idos eram o dia 15 dos meses de março, maio, julho e outubro e o dia 13 dos outros meses); *translato* por “passado”, *petimetre* por “homem que se veste com apuro exagerado”, *discretear* por “discorrer calmamente”, *enlace epitalámico* por “casamento”, *vulgo* por “povo”, *mavórticas*, adjetivo derivado de *Mavorte*, forma epentética (= resultante de epêntese, ou seja, do acréscimo de sons no meio de uma palavra) de Marte, por “guerreiras”);
5. utilização de perífrases que chegam ao ridículo, para falar de coisas bastante banais (*trompas de Eustáquio* por “ouvidos”);

6. emprego de formas da sintaxe clássica, como, por exemplo, oração reduzida de infinitivo em casos em que no português moderno se utiliza uma oração desenvolvida (por exemplo, de vós se afirma *cavalgardes* belígeros ginetes e *virdes* da Hélade clássica);

7. uso do infinitivo flexionado em locuções verbais ou junto de auxiliares causativos (por exemplo, *não devemos esperdiçarmos; fazemos ponto de honra pertencermos*);

8. emprego das normas portuguesas de acentuação (por exemplo, *saùdade* em lugar de *saudade, epitalámico* em vez de *epitalâmico*);

9. citação de dois versos de *Os Lusíadas*, com que se inicia o célebre episódio do *Gigante Adamastor:*

> Porém já cinco sóis eram passados
> Que dali nos partíramos cortando (V, 37, 1-2).

10. citação de um pedaço do 1º verso das *Bucólicas*, de Virgílio: *sub tegmine fagi,* que significa “debaixo de copada faia”.

O texto surpreende no contexto do romance, porque o narrador rompe com a modalidade espontânea de linguagem que vinha utilizando até então e adota um registro marcadamente formal. Ao optar por um léxico e uma sintaxe já desusados, muito a gosto dos parnasianos e pré-modernistas (Rui Barbosa, Coelho Neto, Bilac), o narrador imita o estilo desses autores, para ridicularizar a literatura brasileira do período anterior ao modernismo e, por conseguinte, toda a cultura brasileira dessa época, já que esse estilo correspondia ao gosto da moda. Ao satirizar o caráter anacrônico e formal da linguagem da época, escarnece do caráter ultrapassado e solene de nossa cultura urbana em geral. Ironiza as discussões etimológicas, ou seja, sobre a origem das palavras, muito apreciadas então. Ao dizer que as palavras da gíria ou da linguagem familiar são neologismos absurdos, bagaço nefando, com que se conspurca a língua portuguesa, satiriza os puristas, que queriam preservar a pureza do português. Ridiculariza uma certa norma do português, o que era tido por “português castiço” no período. Ironiza uma forma de escrever, em que, sem o menor propósito, cita-se a literatura clássica.

Para terminar, vamos voltar à questão, já discutida na lição sobre o erro, do uso dos estrangeirismos. Todas as línguas tomam emprestado vocábulos de outras, devido ao intercâmbio entre os povos. Os puristas são aqueles que defendem o uso apenas de termos vernáculos e condenam qualquer empréstimo estrangeiro. A atitude purista contraria a evolução natural do idioma, tem da língua uma visão estática, que não corresponde a sua realidade. Juntamente com as coisas e as idéias que nos chegam de outros povos, importamos vocábulos. Rodrigues Lapa, na obra citada, diz que “a grande lei que rege ou deve reger a adoção de estrangeirismos” é que “deverão ter acolhimento, quando correspondam efetivamente a necessidade de expressão” (p. 46). Quando não tivermos uma palavra em português ou quando o termo estrangeiro tiver uma matiz expressivo que não se encontra nos correspondentes portugueses, o empréstimo justifica-se. Da mesma forma, podem-se usar os empréstimos que, pelo uso, já se incorporam definitivamente ao nosso léxico. *Sucesso, eclusa, buquê, constatar, desolado, abandonar, lanche, sanduíche, governanta, gafe, dândi, haraquiri,* etc. entraram na língua por necessidade de expressão e estão plenamente incorporados ao idioma. Expressões como *Know-how* tem um matiz expressivo que não se encontra em nenhum vocábulo do português. Devem ser evitados aqueles termos que têm um correspondente adequado na língua. Por exemplo, dizer *As rosas nascidas da mesma tige* não é necessário, pois *caule* corresponde perfeitamente a *tige*. Da mesma forma, *ouviu-me atentivamente*, pois *atentamente* é o correspondente exato da palavra utilizada.

Por outro lado, podem-se usar estrangeirismos com finalidades expressivas. Pedro Nava usa uma série de expressões inglesas, para caracterizar a mãe de um colega:

> Eu adorava essas visitas clandestinas a Mrs. Spector, sua nice cup of tea cortada dum pingo de leite, seus cakes, suas torradas, suas frutas cristalizadas e o cheiro dos cigarros *bout de rose* que ela fumava. Porque ela fumava, o que me enchia de mais assombro que a harmonia de sua voz rouca, que consentia sempre que tivéssemos mais leite, mais chá, yes dear, mais torta, mais biscoito, mais cake, surely dear, mais manteiga, mais doce, why not? my dear... O Moses exultava, orgulhoso de sua mãe, do modo como ela nos recebia e nos gavava (*gavava*, do francês *gaver* = “dar comida em excesso”). (*Balão cativo*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1976, p. 155)

O que não se deve fazer, sem que haja alguma razão expressiva, é usar construções ou formas gramaticais estrangeiras. A expressão *venho de chegar* por *acabei de chegar* não deve ser utilizada. Do mesmo modo, a *moça a mais bela* por *a moça mais bela*. *Dito de outro modo* corresponde exatamente ao português *em outras palavras, em outros termos*.

Lição 6

Texto figurativo e texto temático

Leia os dois textos abaixo:

a) Nessa ocasião, uma doença cruel devastou o território. Um hábil médico veio do país vizinho e ministrou remédios tão apropriados que curou todos os que a ele se confiaram. Quando a doença desapareceu foi pedir sua paga àqueles de quem cuidara – mas tudo o que ouviu foram recusas. Retornou a seu país, onde chegou exaurido pelas fadigas de uma viagem tão longa. Logo depois, porém, soube que a mesma doença voltara a atacar os trogloditas, e que ela afligia com vigor redobrado aquela terra ingrata. Desta vez foram eles procurá-lo, sem esperar que ele viesse a seu país.

– Não quero saber de vós, homens injustos! Vossa alma está infestada por um veneno mais letal do que esse do qual desejais a cura; não mereceis lugar na Terra, porque não tendes humanidade, e desconheceis as regras da eqüidade. (MONTESQUIEU. *Cartas persas*. São Paulo, Paulicéia, 1991, p. 32)

b) Nas relações entre os homens, o comportamento deve pautar-se não pelo egoísmo, mas pela eqüidade. Se as relações sociais se guiarem pelo interesse imediato, cada um procurará o que é vantajoso para si num determinado momento, sem levar em conta se está ou não prejudicando os outros, o que significa que, ao longo do tempo, todos acabarão sendo prejudicados. Se, no entanto, elas se orientarem pela eqüidade e pela justiça, todos terão benefícios. A base da organização social é a virtude.

Os dois textos dizem basicamente a mesma coisa: a organização social estará assentada sobre a eqüidade e a justiça ou todos os membros de uma dada formação social serão prejudicados. Apesar de conter o mesmo conteúdo, os dois textos são bastante diferentes. Em que reside a distinção entre eles?

O primeiro é constituído fundamentalmente de termos concretos: *médico, doença, país, remédios, trogloditas, terra,* etc. O segundo é organizado predominantemente com termos abstratos: *egoísmo, eqüidade, justiça, organização, virtude, interesse,* etc.

Desde a escola primária, aprendemos que os substantivos podem ser concretos e abstratos. Assim falando, tem-se a impressão de que apenas os substantivos se classificam em concretos e abstratos e de que a palavra isolada, isto é, fora do contexto, é que tem a propriedade de expressar concretude e abstração. As coisas, no entanto, não são bem assim.

Conceituemos esses dois termos:

a) *concreto* é o termo que remete a algo presente no mundo natural;

b) *abstrato* é a palavra ou expressão que não se refere a algo efetivamente presente no mundo natural, mas exprime categorias que organizam os elementos aí existentes.

A primeira advertência que se deve fazer no que tange a essa explicação do que seja concreto e abstrato é que essa oposição constitui uma categoria da linguagem e não da realidade. Assim, quando se diz que os termos concretos remetem a algo efetivamente presente no mundo natural, não se está dizendo que se referem a seres, acontecimentos, propriedades, etc. somente no mundo visível que nos rodeia, que podemos perceber imediatamente pelos sentidos. Como uma das propriedades da linguagem é que ela nos possibilita criar mundos, mundo natural serão os universos produzidos pelo discurso. Não tem sentido perguntar se *Minerva*, *lobisomem* ou *duende* são substantivos concretos ou abstratos. Evidentemente, são concretos, pois *Minerva* é um ser existente no universo discursivo criado pela mitologia; *lobisomem* ganha existência concreta pelo discurso folclórico; a mesma coisa pode-se dizer dos *duendes*.

Em segundo lugar, temos de levar em conta que não só os substantivos, mas todas as palavras lexicais (substantivos, adjetivos e verbos) classificam-se em concretas e abstratas. Com efeito, *chuva* é um substantivo concreto, pois remete a um fenômeno atmosférico efetivamente existente no mundo natural, enquanto *vaidade* é abstrato, porque expressa uma categoria que abarca um conjunto de fatos presentes no mundo natural (elogiar as próprias qualidades, ostentar as próprias virtudes, etc.); *liso* é um adjetivo concreto, pois indica uma qualidade imediatamente perceptível no mundo, enquanto *irascível* é um adjetivo abstrato, porque subsume fatos concretos como levantar a voz com facilidade, etc.; *ceifar* é um verbo concreto, pois exprime uma ação perceptível no mundo, enquanto *moralizar* é abstrato, porque organiza sob uma categoria um conjunto de ações concretas como impedir que funcionários públicos recebam propinas, não permitir que as questões de um exame vestibular sejam vendidas a alguns candidatos, etc.

Não devemos conceber a oposição concreto/abstrato como sendo constituída de dois pólos. Na verdade, é preciso vê-la como um contínuo que vai do mais concreto ao mais abstrato. Haveria, então, uma gradação de concretude e abstração. O substantivo *plantação* no sentido de “conjunto de vegetais plantados” seria mais concreto que o substantivo *plantação* no sentido de “ato de plantar”. Este, porém, seria mais concreto que o substantivo *vergonha.*

Por que as línguas possuem essa categoria gramatical? Porque há duas formas básicas de discurso: a) os construídos fundamentalmente com termos concretos, isto é *figuras,* que são chamados *figurativos:* b) os produzidos preponderantemente com palavras ou expressões abstratas, ou *temas*, que são denominados *temáticos. Figura* é um termo concreto, que indica o que existe no mundo natural; *tema* é um termo abstrato, ou seja, uma categoria que organiza os elementos concretos presentes no mundo natural. Quando dizemos que um texto é organizado predominantemente com figuras ou temas, estamos dizendo que, para classificar um texto como figurativo ou temático, temos que levar em conta a dominância de termos concretos ou abstratos, pois, num texto figurativo, podem aparecer palavras abstratas e, num temático, termos concretos.

Por que se constroem esses dois tipos de texto? Porque cada um tem uma função distinta. Os figurativos simulam o mundo, representam no texto os seres, os acontecimentos, as propriedades do mundo. Criam um efeito de realidade, pois trabalham com a concretude dos “fatos”. Os temáticos explicam o mundo, ordenam as coisas, os eventos, as qualidades, classificam-nos, estabelecem relações (por exemplo, de inclusão, de implicação, de causa) entre eles.

Se observarmos os textos com que iniciamos esta lição, veremos que o texto *a* é figurativo e o *b*, temático. A relação entre o médico e os pacientes que não quiseram pagar seus serviços representa uma organização social não regida pela justiça; a recusa do médico em voltar a cuidar dessas pessoas simula o prejuízo que todos sofrem, quando pautam suas ações pelo egoísmo. O primeiro texto é, assim, a concretização do que está exposto abstratamente no segundo. Embora nele haja alguns termos abstratos (por exemplo, *humanidade, eqüidade*), ele é construído predominantemente com termos concretos, é um fato particular que ilustra uma idéia geral.

Figurativização e tematização são, pois, dois níveis de concretização do sentido. Nos textos temáticos, os temas estão na superfície do texto. No texto *b,* com que iniciamos esta lição, diz-se claramente que uma organização social não fundada na justiça produz prejuízos para todos. Nos textos figurativos, os temas acham-se sob a camada figurativa. Para entender o texto *a*, é preciso apreender os temas subjacentes a ele. Construir um texto figurativo é concretizar um tema. É o que faz um publicitário, quando cria um anúncio. Por exemplo, deseja ele associar uma determinada marca de cigarro aos temas *liberdade* e *aventura.* Figurativiza, então, esses temas com *bandos* *de cavalos bravios, paisagens do oeste americano, "cowboys" cavalgando, "cowboys" sentados ao redor de uma fogueira*, etc. O primeiro passo na compreensão de um texto figurativo é, pois, a apreensão dos temas que ele contém, porque, caso isso não ocorra, o texto não terá muito sentido. Para entender um texto temático, é necessário captar o tema geral, que abarca os subtemas disseminados ao longo do texto.

Como se apreendem os temas de um texto figurativo? Leia o texto que segue:

> E assim, pouco a pouco, se foram reformando todos os seus hábitos singelos de aldeão português: e Jerônimo abrasileirou-se. A sua casa perdeu aquele ar sombrio e concentrado que a entristecia; já apareciam por lá alguns companheiros de estalagem, para dar dois dedos de palestra nas horas de descanso, e aos domingos reunia-se gente para o jantar. A revolução afinal foi completa: a aguardente de cana substituiu o vinho; a farinha de mandioca sucedeu à broa; a carne-seca e o feijão preto ao bacalhau com batatas e cebolas cozidas; a pimenta malagueta e a pimenta de cheiro invadiram vitoriosamente a sua mesa; o caldo verde, a açorda e o caldo de unto foram repelidos pelos ruivos e gostosos quitutes baianos, pela moqueca, pelo vatapá e pelo caruru; a couve à mineira destronou a couve à portuguesa; o pirão de fubá ao pão de rala, e, desde que o café encheu a casa com o seu aroma quente, Jerônimo principiou a achar graça no cheiro do fumo e não tardou a fumar também com os amigos. E o curioso é que, quanto mais ia ele caindo nos usos e costumes brasileiros, tanto mais seus sentidos se apuravam, posto que em detrimento das suas forças físicas. Tinha agora o ouvido menos grosseiro para a música, compreendia até as intenções poéticas dos sertanejos, quando cantam à viola os seus amores infelizes; seus olhos, dantes só voltados para a esperança de tornar à terra, agora, como os olhos de um marujo, que se habituaram aos largos horizontes de céu e mar, já se não revoltavam com a turbulenta luz, selvagem e alegre do Brasil (...).
>
> (AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. 13 ed. São Paulo, Martins, 1957, p. 103-104)

Esse texto fala de Jerônimo, um português que veio ganhar a vida no Brasil. Aqui modificou inteiramente sua maneira de ser. Observe que o texto, figurativo, opõe dois conjuntos de figuras. Um referente à lusitanidade; outro, ao brasileirismo. Alguns dos pólos dessa oposição não vêm representados por figuras explicitamente presentes no texto, mas são implicitadas pelas que aparecem claramente. Na relação abaixo, eles são citados entre parênteses.

Figuras de lusitanidade	Figuras do brasileirismo
ar sombrio e concentrado da casa	ar alegre da casa
passagem de companheiros para prosear	(não ida dos companheiros à casa)
reunião de gente para jantar	(não receber ninguém para jantar)
vinho	aguardente de cana
broa	farinha de mandioca
bacalhau com batatas e cebolas cozidas	carne seca e feijão preto
(ausência de pimenta)	a pimenta malagueta e a pimenta de cheiro invadiram a mesa
caldo verde, açorda, caldo de unto	ruivos e gostosos quitutes baianos, moqueca, vatapá, caruru
couve à portuguesa	couve à mineira, pão de rala, pirão de fubá, café, cheiro de fumo, fumar
força física	apuro dos sentidos
(ouvido grosseiro para a música)	ouvido menos grosseiro para a música
(não-compreensão das intenções poéticas dos sertanejos)	compreensão dessas intenções
(luz doce e triste)	luz turbulenta, selvagem, alegre

Num texto, as figuras não se acham desorganizadas, mas estão encadeadas, formando uma rede, um tecido, que denominamos *percurso figurativo.* Cada percurso figurativo manifesta um tema e o entrelaçamento dos diferentes percursos expressa o tema geral do texto. Observe que, no texto acima, as figuras são encadeadas para manifestar os temas da *lusitanidade* e do *brasileirismo.* À medida que Jerônimo abandona a culinária lusitana e adere à cozinha brasileira, vai-se operando nele uma mudança mais profunda, a passagem de uma imensa capacidade de trabalhar para um gosto por aquilo que agrada os sentidos. Temos, então, manifestado pelos percursos figurativos do texto dois temas caros ao naturalismo: o meio determina o modo de ser do homem; nos trópicos, o caráter amolece e torna-se mais sensual. Esses temas são expressoss pelo entrelaçamento dos percursos figurativos que manifestam as qualidades definidoras da lusitanidade e do brasileirismo.

Como o sentido do texto surge da relação entre suas partes, uma figura isolada não tem sentido. Com efeito, cada uma pode implicar idéias variadas, estar virtualmente relacionada a diferentes temas. É o percurso que determina a que tema ela estará correlacionada. Por exemplo, a figura *folhas amarelas caindo das árvores* pode entrar num percurso que expresse o tema da *tristeza* ou num que manifeste o da *velhice.* Apreender o sentido de um percurso implica compreender o tema subjacente a ele, pois as figuras só ganham sentido, por manifestar um determinado tema. A figura *folhas amarelas caindo das árvores* manifesta o tema da *tristeza*, quando estiver no percurso: *chuva, dia cinzento, frio, vento, pessoa olhando tristonha pela janela,* etc. Expressa o tema da *velhice,* quando estiver associada a *velhos sentados em bancos, anciãos desocupados jogando cartas numa praça, velhinha com dificuldade para atravessar uma rua, moradores de um asilo vagando pelo pátio,* etc. e oposta a um percurso em que aparecem *jovens jogando, namorando, flores, árvores com folhas,* etc.

Por outro lado, o mesmo tema pode ser figurativizado de diferentes maneiras. O tema do *domínio dos homens sobre as mulheres,* por exemplo, pode ser expresso pela vida num harém ou pela história de uma mulher brasileira a quem o marido não permite que trabalhe, que saia de casa, ou ainda pela narrativa de que na China, como os pais desejam filhos do sexo masculino, meninas são mortas ao nascer. Não se pode introduzir, no percurso figurativo da vida no harém, a figura de uma mulher saindo com um homem que não seja de sua família para ir a um café, pois essa figura quebraria a coerência do percurso.

A falta de coerência num percurso figurativo torna o texto inverossímil. Por exemplo, não será coerente colocar, num percurso que manifesta o tema do *exotismo,* a figura *pessoa trabalhando num computador.* No entanto, pode-se quebrar a coerência figurativa num texto, para criar novos sentidos. Por exemplo, as figuras *paisagem campestre, rebanho de carneiros, pastor, riacho de águas límpidas* poderiam sugerir o tema do *bucolismo.* No entanto, se a esse conjunto se acrescentam *serpentes picando pessoas, aranhas, escorpiões, areias movediças, águas traiçoeiras,* o tema não é mais a beleza dos campos, mas, por exemplo, o do mal sob a beleza, sob a harmonia. Como uma figura isolada não tem sentido, uma única figura destoante no meio de um percurso figurativo não leva o leitor a pensar num novo tema, mas a achar que quem produziu o texto não percebeu a incoerência que estava criando. Na verdade, para gerar um novo tema, não se quebra a coerência de um percurso, mas se introduz no texto um novo percurso figurativo. É preciso dar ao leitor, disseminando várias figuras no texto, diversas pistas do tema que se propõe.

Como se encadeiam os temas? Leia o texto que segue:

> Se o ensino secundário visa à formação da personalidade e ao fornecimento, a esta, de instrumentos de trabalho, para a vida ou para o ingresso no plano universitário, – neste é que se operam dois movimentos que, longe de se contradizerem, se completam: a especialização e a cultura geral. Costuma-se opor uma à outra, como se fossem dois ideais antagônicos,

> quando ao contrário se completam em todo verdadeiro sistema pedagógico. Só se opõem as duas tendências, quando perdem ou corrompem o sentido verdadeiro. Quando a especialização se transforma em estreiteza de espírito, em profissionalização integral, em hipertrofia de um setor da atividade intelectual ou prática, então sim, podemos dizer que ela opera em detrimento da cultura. Quando esta, por seu lado, se torna sinônimo de diletantismo, de superficialidade, de enciclopedismo, então podemos dizer também que a cultura geral, nesse caso, se opõe à especialização, como aliás se opõe à própria cultura, pois passa ser uma simples “caricatura”...
>
> Mas, quando uma e outra se processam na medida de seu desenvolvimento natural, então, longe de se hostilizarem, se completam. E estamos no pórtico do verdadeiro espírito universitário, que é simultânea e concomitantemente, de especialização e de cultura geral. (LIMA, Alceu de Amoroso. *O espírito universitário*, apud Mackenzie 1972)

O texto acima é temático, pois se constrói preponderantemente com termos abstratos (por exemplo, *cultura, diletantismo, atividade intelectual, estreiteza de espírito*). Nos textos temáticos os temas estão na superfície textual, espalhados ao longo dela. Em nosso texto, aparecem os temas: *relação complementar entre a especialização e a cultura geral; corrupção do sentido da especialização, perda do sentido verdadeiro da cultura geral,* etc. Os diferentes subtemas de um texto temáticos são englobados num tema mais geral. No nosso exemplo, o grande tema do texto é a conciliação da especialização com a cultura geral na definição do verdadeiro espírito universitário. Os temas de um texto constituem um percurso temático, em que um tema mais amplo dá unidade a diferentes temas menores. No texto de Alceu Amoroso Lima temos, por exemplo, o percurso temático da perda de sentido da especialização, que engloba os temas da estreiteza de espírito, da profissionalização integral, da hipertrofia de um setor da atividade intelectual ou prática; nele aparece também o percurso temático da caricatura da cultura geral, que abrange os temas menores do diletantismo, da superficialidade, do enciclopedismo.

Da mesma forma que num texto figurativo, num temático, não pode haver quebra da coerência dos percursos temáticos. Por exemplo, em nosso texto, em que o tema geral é a conciliação da especialização e da cultura geral no verdadeiro espírito universitário, seria incoerente introduzir o tema da compartimentação do saber na universidade. No entanto, cabe lembrar que percursos temáticos opostos podem ser introduzidos num texto, para expressar um determinado tema geral.

Lição 7

Alteração do sentido das palavras

Leia o conhecido texto de Machado de Assis transcrito a seguir:

Um apólogo

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

– Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma cousa neste mundo?

– Deixe-me, senhora.

– Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.

– Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha.

Agulha não tem cabeça. Que lhe importa meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com sua vida e deixe a dos outros.

– Mas você é orgulhosa.

– Decerto que sou.

– Mas por quê?

– É boa. Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa alma, quem é que os cose, senão eu?

– Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu?

– Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...

– Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que eu faço e mando...

– Também os batedores vão adiante do imperador.

– Você imperador?

– Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana – para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

> – Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima?
>
> A linha não respondia nada; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa, como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na sala de costura; não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte; continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.
>
> Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E enquanto compunha o vestido da bela dama, e puxava a um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha, para mofar da agulha, perguntou-lhe:
>
> – Ora, agora, diga-me, quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.
>
> Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha: – Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.
>
> Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça: – Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária. (*Obra completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1979, vol. II, p. 554-556)

Nesse texto, o narrador confere à linha e à agulha traços humanos: elas conversam, dão-se um tratamento próprio dos seres humanos (*você, senhora*), atribuem-se verbos que indicam ações humanas (por exemplo, *fingir*). Ao mesmo tempo, a narrativa relata atividades que são próprias de uma linha e de uma agulha: *coser, furar o pano, prender, ligar , ajuntar,* etc. O que se observa, portanto, é que ao significado habitual dos termos agulha e linha se acrescenta um segundo plano de sentido: o humano. Daí se conclui que esse texto não fala propriamente de agulhas e linhas, mas de seres humanos. Se o narrador tivesse usado personagens humanas, o texto não teria a mesma expressividade. Quando se mostra que há pessoas com papel de agulha e outras com função de linha, aproveitam-se traços próprios desses objetos, para projetá-los nas pessoas.

Que traços o texto considera comuns à agulha e à pessoa que age como ela?

a) Ambas furam o pano, isto é, abrem caminho para os outros;

b) ambas vão adiante, puxando; carregando o que vem atrás;

c) ambas fazem trabalho obscuro;

d) ambas têm papel subalterno;

e) ambas não desfrutam do prazer do seu trabalho.

Agulha significa, nesse texto, "pessoa que abre caminho para outros e não recebe qualquer reconhecimento por isso". *Linha* quer dizer "pessoa que desfruta do esforço daqueles que lhe abriram caminho e lhe criaram oportunidade". As relações entre a linha e agulha são as mesmas que se estabelecem entre a costureira e a baronesa, os batedores e o imperador. A partir daí, todos os termos referentes às atividades próprias da linha e da agulha devem ser lidos como atividades humanas: *furar o pano* = "abrir caminho", etc.

O último parágrafo confirma, com a frase *Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária,* essa interpretação dada ao texto: na vida social, há os que realizam o verdadeiro trabalho e os que desfrutam do trabalho alheio.

Denotação e conotação

Um signo lingüístico é constituído da união de um conteúdo com a expressão (imagem mental dos sons) que o veicula. Ao conteúdo chamamos *significado;* à expressão denominamos *significante.* Um signo une, pois um significante a um significado.

Todas as palavras têm um significado habitual, conhecido dos falantes da língua. Por exemplo, *agulha* quer dizer "hastezinha fina de aço, aguçada numa das extremidades, e com um orifício na outra, por onde se enfia linha, fio, lã, cadarço, barbante, etc., para coser, bordar ou tecer"; *linha* significa "fio de linho, algodão, seda, etc. usado para coser, bordar, fazer renda, etc.". No texto acima, no entanto, essas duas palavras ganharam um outro sentido, passaram a designar, respectivamente, "pessoa que abre caminho para outras e não recebe qualquer reconhecimento por isso" e "pessoa que desfruta do esforço daqueles que lhe abriram caminho e lhe criaram oportunidade". O segundo sentido acrescenta-se ao primeiro.

Quando um significante se une a um significado, temos um signo denotado. Quando ao primeiro significado se sobrepõe um segundo, temos um signo conotado. No texto acima, *agulha e linha* não estão usadas em sentido denotado, mas em sentido conotado.

Cabe agora uma pergunta. Por que não se fala, nesses casos, simplesmente, em troca de significado, mas em acréscimo de um segundo significado a um significado de base? Quando se faz essa pergunta, na verdade, o que se está querendo saber é o que é que permite a alteração do significado da palavra, dando a ela um valor conotado.

Quando se fala em acréscimo de um segundo significado, está-se indicando que um signo não pode passar a ter qualquer significado, mas só aqueles que tiverem alguma relação com o significado primeiro. Dizer que houve alteração de sentido por acréscimo quer dizer que a mudança se deu, porque o enunciador estabeleceu uma relação entre o significado de base e o significado novo.

As relações entre o significado acrescentado e o de base podem ser de dois tipos: de *semelhança* (ou intersecção) e de *contigüidade* (ou implicação). Entre o significado de base de *agulha* e o significado que essa palavra tem no texto, há traços semânticos comuns (intersecção), há uma semelhança sêmica: *abrir caminho para*, etc. Veja agora este trecho:

> O destino e a sociedade reduziram Dudu ao estado vegetoanimal. Não chega a ser um corpo, não chega a ser uma fisionomia, é um resto de pessoa, um resto de roupa, um resto de nome. (...) Saberá ler? Não, a fome é sempre analfabeta. (MENDES, Murilo. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1994, p. 908)

O termo fome não significa “sensação que traduz a vontade de comer”, mas “pessoa que passa fome”, ou seja, o termo abstrato expressa algo concreto. O significado acrescentado implica o significado de base, coexiste com ele, está contíguo a ele: pessoa que passa fome coexiste com a fome.

Há dois tipos básicos de mudança de significado por acréscimo: a metáfora, que se dá por relação de semelhança entre o significado acrescentado e o de base; a metonímia, que ocorre por relação de contigüidade entre o significado primeiro e o significado segundo. Vamos estudar mais detidamente esses dois recursos retóricos. Preferimos denominá-los recursos retóricos e não figuras de palavras, como o faz nossa tradição lingüística, porque, neste livro, estamos chamando figura, por oposição a tema (termos abstratos), a todo termo concreto: mesa, homem, água, andar, azul.

Metáfora

> Senhor Deus dos desgraçados!
> Dizei-me vós, Senhor Deus!
> Se é loucura... se é verdade
> Tanto horror perante os céus...
> Ó mar! por que não apagas
> Co’a esponja de tuas vagas
> Do teu manto este borrão?...
> (ALVES, Castro. *Poesia*. 3 ed. Rio de Janeiro, Agir, 1966, p. 79)

Nesses versos do poema *Navio negreiro,* os termos *apagar, esponja, manto* e *borrão* não estão usados em sentido denotado. Portanto não significam "fazer cessar a combustão de (o fogo); extinguir (o fogo ou a luz)"; "objeto de substância leve e porosa, que se emprega para diversos usos, por causa de sua propriedade de absorver os líquidos e rejeitá-los sob pressão"; "vestimenta sem mangas que se coloca acima das outras roupas para proteger do frio ou das intempéries"; "mancha". No texto essas palavras querem dizer, respectivamente, "eliminar", "aquilo que faz desaparecer a sujeira moral", "superfície" e "evento que suja moralmente (no caso, o tráfico de escravos)". Entre os significados de base e os significados acrescentados há uma relação de semelhança, de intersecção. Entre os dois sentidos de *apagar,* o traço comum é "fazer desaparecer"; entre os dois de *esponja,* o traço comum é "capacidade de eliminar a sujeira de"; entre os dois de manto, é "camada extensa"; entre os dois de *borrão,* é "que suja, deslustra, emporcalha". Esses termos são, portanto, metafóricos.

Metáfora é a alteração do sentido de uma palavra pelo acréscimo de um significado segundo, quando, entre o significado primeiro e o acrescentado, há uma relação de semelhança, de intersecção, quando eles apresentam traços semânticos comuns.

Metonímia

> Laura apressava-se. Olhava para a direita, para a esquerda, mas não via nada, e o tempo ia passando, seis, sete, oito meses. No fim de oito meses, Josefa estava impaciente; tinha gasto cinqüenta dias a dizer ao namorado que esperasse, e a outra não adiantou cousa nenhuma. Erro de Josefa; a outra adiantou alguma cousa. No meio daquele tempo apareceu uma *gravata* no horizonte com todos os visos conjugais. Laura confiou a notícia à amiga, que exultou muito mais que ela; mostrou-lhe a *gravata*, e Josefa aprovou-a, tanto pela cor, como pelo laço, que era uma perfeição.
>
> – Havemos de ser dois casais...
>
> – Acaba dois casais lindos.
>
> – Eu ia dizer lindíssimos.
>
> E riam ambas. Uma tratava de conter as impaciências do *bigode*, outra de animar o acanhamento da *gravata*, uma das mais tímidas *gravatas* que tem andado por este mundo. Não se atrevia a nada, ou atrevia-se pouco. Josefa esperou, esperou, cansou de esperar; parecia-lhe brincadeira de criança; mandou a outra ao diabo; arrependeu-se do convênio, achou-o estúpido, tolo, cousa de criança; esfriou com a amiga, brigou com ela por

> causa de uma fita ou de um chapéu; um mês depois estava casada. (ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1979, vol. II, p. 960-961)

Esse texto foi retirado do conto *O contrato,* que narra um pacto realizado por duas moças, Josefa e Laura, de que se casariam no mesmo dia, na mesma igreja, na mesma hora. Nele, *gravata* e *bigode* não estão utilizados em sentido denotado. Não significam, portanto, "tira de tecido, geralmente estreita e longa, que os homens passam sob o colarinho da camisa e dão um nó na frente" e "pêlos que guarnecem o lábio superior do homem, à direita e à esquerda da linha que o divide". Significam "os rapazes que elas namoravam ou por quem estavam interessadas". A relação que existe entre o significado de base e o acrescentado é de contigüidade, de implicação. Como *bigode* e *gravata* são parte dos atributos físicos masculinos ou do vestuário dos homens, implicam o todo, "homem". Como a parte implica o todo, coexiste no todo, significa o todo. Essas mudanças de sentido que se dão em função de uma relação de contigüidade, de interdependência, de implicação são metonímicas.

Metonímia é a alteração do sentido de uma palavra ou expressão pelo acréscimo de um novo significado ao significado de base, quando, entre eles, existir uma relação de contigüidade, de inclusão, de implicação, de interdependência, de coexistência.

Sinédoque é um tipo de metonímia, porque também se produz em virtude de uma relação de contigüidade. É a metonímia em que a parte designa o todo ou vice-versa. Por exemplo: *Cortando o longo mar com larga vela* (*Os Lusíadas*, I, 45). Nesse caso, *vela* designa o navio, a parte denomina o todo.

Quatro observações devem ser feitas sobre a metáfora e a metonímia.

1. Como se percebe que um termo é metafórico ou metonímico? Se o significado de base é inadequado ao contexto, o sentido deve ser outro, conotado. Por exemplo, *Tendo ouvido que me faltava dinheiro para comprar sapatos, Elisiário sacou o botão de coral e disse que me fosse calçar com ele* (ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1979, vol. II, p. 591). Como ninguém pode calçar-se com um botão de coral, essa expressão significa "dinheiro obtido com a venda do botão de coral".

2. As metáforas e as metonímias, uma vez construídas, podem criar um plano de leitura metafórico ou metonímico para o texto, ou seja, outros termos ganham um sentido metafórico ou metonímico. As metáforas e as metonímias podem permitir ler metafórica ou metonimicamente um texto inteiro.

Lua cheia

> Boião de leite
> que a Noite leva
> com mãos de treva
> pra não sei quem beber.
> E que, embora levado
> muito devagarinho,
> vai derramando pingos brancos
> pelo caminho.
> (RICARDO, Cassiano. *Poesias completas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957, p. 135)

Boião de leite significa "vaso bojudo de boca larga cheio de leite". No entanto, em *boião de leite que noite leva*, há uma inadequação semântica, pois a noite não carrega um boião de leite. Esse contexto obriga a atribuir a essa expressão o significado de "lua cheia". Trata-se de uma metáfora, porque, entre o significado de base e o acrescentado, há dois traços semânticos comuns: a forma redonda e a cor branca. Construída essa metáfora, todos os elementos do texto devem ser lidos metaforicamente: *noite leva* = "movimento da lua no céu à medida que a noite avança"; *pingos brancos* = "estrelas"; etc.

3. As metáforas e metonímias desgastam-se pelo uso e podem tornar-se clichês. Devem elas, nesse caso, ser usadas com muito cuidado, pois podem transmitir a idéia de que o enunciador não é capaz de pensamento próprio, contentando-se com reproduzir lugares comuns. Muitos autores, no entanto, renovam essas metáforas e metonímias, fazendo algumas alterações de palavras ou expressões, mas mantendo a estrutura da frase. Guimarães Rosa valeu-se muito desse expediente:

> *Amava-a* com toda a fraqueza do seu coração (em lugar de *com toda a força de seu coração*) (*Tutaméia*. 3 ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969, p. 21);
>
> O sol morre para todos, o rubro (em lugar de *O sol nasce para todos*) (*Ibid*., p. 123);
>
> Já valente me levantei, desassustado, achei a tramontana (em lugar de *perdi a tramontana*). (*Ibid*., p. 128)

4. Para que servem as metáforas e metonímias? Aquelas apresentam uma nova maneira de ver o mundo, mais viva, ao pôr em relevo certas relações semânticas usualmente esquecidas ou não percebidas. No poema *Lua cheia*,

realça-se a forma e a cor da lua e das estrelas, ao vê-las como um boião de leite que vai derramando pingos brancos pelo caminho. Por outro lado, as metáforas servem para projetar num significado novo o traço culturalmente dominante num signo mais conhecido. Assim, chamar um homem de *garanhão* projeta no termo *homem* o traço culturalmente dominante no signo garanhão, /sexualidade insaciável/. As metonímias mostram a essência das coisas, aquilo que é visto como central num objeto, num evento, etc. Por exemplo, no caso do calçar-se com um botão de coral, o que é considerado central é a doação desse objeto, para que fosse vendido, a fim de permitir, com o dinheiro apurado, a compra de um calçado.

Lição 8

Modos de ordenar os tempos

João e Maria

Agora eu *era* herói
E o meu cavalo só *falava* inglês.
A noiva do cowboy
Era você, além das outras três.
Eu *enfrentava* os batalhões,
Os alemães e seus canhões
Guardava o meu bodoque
E *ensaiava* o rock para as matinês

Agora eu *era* o rei
Era o bedel e *era* também juiz
E pela minha lei
A gente *era* obrigado a ser feliz
E você *era* a princesa que eu fiz coroar
E *era* tão linda de se admirar
E *andava* nua pelo meu país

Não, não fuja não
Finge que agora eu *era* o seu brinquedo
Eu *era* o seu pião
O seu bicho preferido
Vem, me dê a mão
A gente agora já não *tinha* medo
No tempo da maldade
Acho que a gente nem tinha nascido

Agora *era* fatal
Que faz de conta terminasse assim
Pra lá desse quintal
Era uma noite que não *tinha* fim
Pois você sumiu no mundo sem me avisar
E agora eu *era* um louco a perguntar
O que é que a vida vai fazer de mim
(HOLLANDA, Chico Buarque de. *Violão MPB*. São Paulo, Imprima Comunicação Editorial, s/d, p. 8-9)

Observe que o advérbio *agora* indica o momento presente. Se o poeta está falando de algo que ocorre no momento atual, deveria ter usado o presente. No entanto, utilizou sistematicamente, ao longo do texto, o pretérito imperfeito, que é um tempo do passado. Por quê? Esses imperfeitos pertencem ao indicativo, modo que o falante usa para situar a ação na realidade. No entanto, como o imperfeito expressa o imperfectivo, ou seja, apresenta o processo sem precisar seus limites inicial e final, a língua emprega-o com valor de presente para criar um efeito de sentido de irrealidade, isto é, para manifestar fatos hipotéticos. Ademais, como o imperfeito situa os fatos no passado, usa-se esse tempo, que destaca os fatos do presente, para expressar os acontecimentos distanciados da realidade.

Por esse exemplo, podemos observar que o tempo lingüístico não é um simulacro do tempo cronológico, marcado em semanas, dias, horas, minutos, séculos, etc. Ele é uma construção de linguagem, que permite ao homem expressar uma vasta gama de experiências temporais: situar os fatos no presente, no passado, no futuro; tornar pretéritos os acontecimentos presentes; presentificar os eventos pretéritos e assim por diante. A ordenação temporal de um texto é um complexo jogo destinado a produzir diferentes efeitos de sentido.

O tempo é a categoria gramatical que situa os acontecimentos seja em relação ao momento da fala, que é sempre um *agora,* dado que esse termo quer dizer "o momento em que o falante toma a palavra", seja em relação a um marco temporal inscrito no interior do texto. Quando se diz *Amanhã, ela andará triste pelo jardim,* o futuro *andará* indica que o acontecimento de andar é posterior ao momento da fala. Já quando se diz *No dia 12 de outubro de 1983, parti para a Europa em viagem de estudos,* instala-se no texto o marco temporal pretérito *no dia 12 de outubro de 1983* e mostra-se, com o uso do pretérito perfeito, que o acontecimento *partir para a Europa* é concomitante a ele. Por outro lado, quando se diz *Em 1999, já terei completado meu tempo de serviço,* instaura-se no texto o marco temporal futuro *em 1999* e o futuro do presente composto *terei completado* situa o evento expresso por ele como algo anterior ao marco temporal.

Precisemos melhor o que é o tempo lingüístico. É a categoria gramatical que permite indicar que os acontecimentos são concomitantes, anteriores ou posteriores, quer ao momento da fala, quer a um marco temporal (pretérito ou futuro) inscrito no texto. O tempo lingüístico é expresso fundamentalmente pelo verbo e pelos advérbios ou expressões adverbiais temporais.

Passemos a estudar os tempos verbais. Como o tempo situa os acontecimentos em relação ao momento da fala ou a um marco temporal pretérito ou futuro, temos três subsistemas temporais: um do presente, em que os fatos são situados como anteriores, posteriores ou concomitantes em relação ao momento da fala; um do pretérito, em que os acontecimentos são considerados como concomitantes, anteriores ou posteriores em relação a um marco temporal pretérito; um do futuro, em que os eventos são assinalados como concomitantes, anteriores ou posteriores a um marco temporal futuro.

1. **Subsistema do presente**.

a) Quando um acontecimento for concomitante em relação ao momento da fala, temos o *presente.*

Agora *estou* muito ocupado.

O presente indica tanto o que se dá no momento da fala (por exemplo, *estar muito ocupado*), quanto o que tem uma duração muito grande no tempo (por exemplo *Neste século, a humanidade progride muito;* nesse caso, só se usa o presente quando a duração do acontecimento abarca o momento da fala), ou ainda, aquilo que é visto como eterno (por exemplo, *O quadrado da hipotenusa é igual à soma do quadrado dos catetos*). Para marcar a distinção entre o que ocorre exatamente no momento da fala e aquilo que abrange o momento da fala, mas tem uma duração maior, o português vale-se de uma perífrase verbal constituída do presente do indicativo do verbo *estar* + gerúndio do verbo que se está conjugando para expressar o primeiro valor e, geralmente, reserva a forma simples do presente para indicar a duração maior. Pode-se, assim, fazer uma oposição entre os dois valores:

Ele é brilhante, mas hoje sua aula está sendo trivial.

b) Quando o acontecimento for anterior ao momento da fala, temos o *pretérito perfeito.*

Já *choveu* muito.

A chuva é anterior ao momento da fala.

c) Quando o evento for posterior ao momento da fala, temos o futuro do presente.

Daqui a pouco *estarei* aí.

2. **Subsistema do pretérito**.

a) Quando o acontecimento for concomitante em relação a um marco pretérito instalado no texto, podemos usar o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito. O primeiro indica que o acontecimento está limitado em sua duração, sendo, portanto, visto como algo acabado dentro de determinados limites temporais.

No dia 13 de maio, a Princesa Isabel *assinou* a Lei Áurea.

O evento *assinar a Lei Áurea* ocorre durante a vigência do marco temporal *no dia 13 de maio.* É portanto, concomitante a ele. Além disso, esse acontecimento é visto como algo acabado. Por isso, é expresso pelo pretérito perfeito.

O imperfeito mostra o acontecimento em sua duração, como algo não limitado no tempo e, portanto, como não acabado.

No ano passado, ele *estudava* em Paris.

A ação de *estudar* se dá durante o marco temporal *no ano passado.* É, portanto, concomitante a ele. Ademais, o evento é visto em sua duração, como algo inacabado. Por isso, usa-se, para exprimi-lo, o pretérito imperfeito.

Observe-se que o pretérito perfeito tem dois valores diferentes em português: expressa anterioridade em relação ao momento da fala e concomitância acabada em relação a um marco temporal pretérito. Em outras línguas, como o francês escrito ou o italiano, esses dois valores são indicados, respectivamente, pelo pretérito perfeito composto e pretérito perfeito simples.

b) Quando o evento for anterior ao marco temporal pretérito, temos o *pretérito mais-que-perfeito.*

Quando ele chegou à recepção, o Presidente *já tinha chegado.*

A chegada do Presidente é anterior a sua chegada, que é o marco temporal pretérito.

c) Quando o acontecimento for posterior ao marco temporal pretérito, temos o *futuro do pretérito.*

Naquele momento, vi que não *teria* apoio dos meus colegas.

Ter apoio é posterior ao momento em que se percebe que o apoio não se daria. Essa percepção é um marco temporal pretérito.

O futuro do pretérito composto marca, assim como o simples, um fato posterior a um marco temporal pretérito. No entanto, ele indica também um fato anterior a um outro acontecimento ou momento no futuro. Em outras palavras, para o uso do futuro do pretérito composto levam-se em conta dois momentos de referência: ele é posterior a um e anterior a outro.

Todos supunham que, quando o inverno chegasse, a guerra da Bósnia *teria terminado.*

Ontem de manhã, eu sabia que, às dez horas, o avião já *teria chegado.*

Na primeira frase, o marco temporal pretérito é o momento da suposição. Em relação a ele, a chegada do inverno é posterior. Em relação ao início do inverno, o término da guerra da Bósnia é anterior. Na segunda, o marco temporal pretérito é *ontem de manhã*. O momento *dez horas* é posterior a ele, enquanto a chegada do avião ocorrerá depois do momento indicado no marco temporal, mas antes das dez horas.

3. **Subsistema do futuro**.

a) Quando um fato é concomitante a um marco temporal futuro, temos o que se poderia chamar *presente do futuro,* que é expresso geralmente por uma perífrase formada do verbo *estar* no futuro do presente + o gerúndio do verbo que se está conjugando.

Quando você for para a Europa, *estarei voltando.*

A ida para a Europa é um marco temporal futuro. Em relação a ele, a volta é concomitante.

b) Quando um evento é anterior a um marco temporal futuro, temos o futuro anterior, que a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) chama *futuro do presente composto.*

Quando você for para a Europa, *já terei voltado.*

A volta é anterior à ida para a Europa, que é um marco temporal futuro.

c) Quando um acontecimento é posterior a um marco temporal futuro, temos o que se poderia denominar *futuro do futuro,* que é expresso pelo futuro do presente simples acompanhado de locuções como *depois que.*

Voltarei da Europa, *depois que* você for para lá.

A volta é posterior ao marco temporal futuro *ida para a Europa*.

Os advérbios de tempo dividem-se em dois sistemas: um referente ao momento da fala e outro, a um marco temporal pretérito ou futuro inscrito no texto (entre os advérbios não há um subsistema do pretérito e um do futuro; os advérbios que indicam anterioridade, concomitância ou posterioridade em relação a um marco temporal servem para o futuro ou para o pretérito).

> O filme estreará *na próxima semana.*

Na próxima semana é um adjunto adverbial de tempo. Exerce, portanto, o mesmo papel que um advérbio de tempo. Usa-se *próximo* para indicar posterioridade em relação ao momento da fala.

> O filme estreou na primeira semana de janeiro deste ano. *Na semana seguinte,* já tinha batido recordes de bilheteria.

Na semana seguinte indica posterioridade em relação ao marco temporal pretérito *na primeira semana de janeiro deste ano.* Nesse caso, não se poderia usar *na próxima semana.* Utilizar-se-ia também *na semana seguinte,* se o marco temporal fosse futuro.

> O filme estreará na primeira semana do ano que vem. Tenho certeza de que, *na semana seguinte,* ele baterá todos os recordes de bilheteria.

Em princípio, não se misturam tempos verbais e advérbios pertencentes a sistemas temporais distintos. Não se diz, por exemplo:

> No dia 3 de janeiro, começarei o vestibular. Amanhã, será a prova de português.

Se o *amanhã* de que se fala for o dia 4 de janeiro, deve-se dizer *no dia seguinte,* pois *amanhã* indica posterioridade em relação ao momento da fala e não a um marco temporal.

1. Advérbios e expressões de valor adverbial que situam os acontecimentos em relação ao momento da fala.

Anterioridade	*Concomitância*	*Posterioridade*
há pouco	agora	daqui a pouco
logo		
ontem	hoje	amanhã
há uma (duas, etc.) semanas/meses/anos, etc	Neste momento	dentro de ou em um(a) (duas, etc.) semana(s) mês(es)/ano(s), etc.
no mês/ano, etc. passado	neste ano, mês, etc.	no próximo dia 20 21, etc./mês/ano/etc.
no último mês/dia 5, 6, etc.		mês/ano/ etc.

2. Advérbios e expressões de valor adverbial que situam os acontecimentos em relação a um marco temporal pretérito ou futuro inscrito no texto.

Anterioridade	*Concomitância*	*Posterioridade*
na véspera	então	
na antevéspera		
no dia/ mês/ ano, etc. anterior	no mesmo dia/ mês/ano, etc.	no dia/ mês/ ano, etc. seguinte
um(a) semana/ mês/ ano, etc. antes		um(a) dia/ semana/mês/ ano, etc. depois
		daí/dali
		um(a)(s) horas/ dias, etc.

Uso de um tempo por outro

Pode-se usar um tempo pelo outro para criar determinados efeitos de sentido. Vamos dar alguns exemplos.

> a) Não lhe *esconderei* que estou muito aborrecido com você.

O futuro do presente tem o valor de presente, porque, se o falante está dizendo ao seu interlocutor que está aborrecido com ele, não está escondendo esse fato no momento da fala. Usa-se o futuro pelo presente para produzir um efeito de atenuação. O futuro produz esse efeito de sentido, porque indica menos a realização de um acontecimento do que a expectativa de que ele ocorra. Substitui-se, assim, a "brutalidade" da afirmação no presente por um efeito de sentido de suposição, de probabilidade, Mantém-se uma distância em relação ao que se afirma.

> b) Mandou lançar pregões por todos os arraiais, que no dia seguinte se *celebrava* a festa do Senhor. (Vieira)

O ato de celebrar é posterior à ordem de lançar pregões, que é um marco temporal pretérito. Deveria ser expresso pelo futuro do pretérito. No entanto, usa-se o pretérito imperfeito pelo futuro do pretérito, para criar um efeito de sentido de certeza. Ele indica que é inevitável, é absolutamente certa a celebração da festa do Senhor.

> c) No “Jornal da Cultura”, o sr. era a imagem do equilíbrio, uma espécie de caricatura do bom senso. *Teria colocado* panos quentes até na questão do *apartheid* na África do Sul.

Colocar expressa algo que ocorreu concomitantemente com o pretérito da narrativa. É manifestado pelo futuro do pretérito composto e não pelo pretérito perfeito, para criar um efeito de sentido de incerteza. Assim, um acontecimento que ocorreu é assinalado sob a forma de hipótese. O falante deixa claro, então, que de seu ponto de vista, o acontecimento não está confirmado.

> d) Em 1822, é *proclamada* a Independência do Brasil.

É proclamada é um acontecimento acabado e concomitante em relação ao marco temporal pretérito *1822*. No entanto, esse evento não é expresso pelo pretérito perfeito, mas pelo presente. Temos aqui o chamado presente histórico. Por ele, presentificam-se fatos passados, tornando-os concomitantes ao momento da fala. Assim, dramatiza-se a narrativa e envolve-se nela o leitor. O presente histórico é equivalente ao *zoom* do cinema.

> e) A julgar pelo comportamento do ministro e de seus assessores é nisso que estão pensando: numa forma de dolarização crescente, processo que no seu final *seria* capaz de dar um alívio à moeda brasileira e aplacar o foguete dos preços. (*Veja*, 22/9/1993, 114)

Os acontecimentos relatados são situados em relação momento da fala. *Estão pensando* é concomitante a ele. O final do processo de dolarização é, portanto, posterior a ele. Seus efeitos são expressos, no entanto, pelo futuro do pretérito (*seria*) e não pelo futuro do presente, para criar um efeito de sentido de dúvida, de incerteza. Usa-se o futuro do pretérito pelo do presente para transmitir informações não confirmadas, conjecturas ou fatos imaginários. Esse futuro chama-se futuro hipotético. Temos, nesse caso, uma dupla atenuação, pois o futuro já exprime a idéia de probabilidade e o futuro do pretérito indica ainda que essa probabilidade é totalmente incerta.

Há em português muitas possibilidades de uso de um tempo com valor de outro. Cada uma delas serve para criar um efeito de sentido. Raramente utiliza-se um advérbio com valor de outro. No entanto, *agora* freqüentemente combina-se com verbos no pretérito perfeito ou no futuro do presente, significando, respectivamente, *há pouco tempo e dentro de pouco tempo*, para expressar um passado muito recente ou um futuro iminente. Usa-se mesmo o diminutivo *agorinha*, para significar que o passado ou o futuro estão muito próximos do presente.

Choveu ainda agora.
Vou agorinha.

A concordância de tempos

Um problema bastante espinhoso e raramente tratado nas gramáticas de língua portuguesa é a concordância dos tempos do subjuntivo, usados nas orações subordinadas, com o tempo do indicativo da oração principal. O subjuntivo, nota Mattoso Câmara, "tem a característica sintática de ser uma forma verbal dependente de uma palavra que o domina, seja o advérbio *talvez*, preposto, seja um verbo da oração principal" (1970, 89). Ora, essa característica sintática permite-nos afirmar que, como na maioria absoluta dos casos o subjuntivo depende do verbo da oração principal, deve ele compatibilizar-se com este. Há, assim, para o subjuntivo, uma concordância de tempos.

A) Se o tempo da oração principal estiver num dos tempos do subsistema do presente (presente, pretérito perfeito ou futuro do presente), teremos as seguintes possibilidades na oração subordinada:

1 – Presente
a) simultaneidade: presente

...*duvido* que na atual situação do Brasil alguém *esteja* em seu juízo perfeito. (I. L. Brandão).

b) anterioridade inacabada: pretérito imperfeito

Duvido que você *quisesse* pedir conselhos a ele. (R. Fonseca)

c) anterioridade acabada: pretérito perfeito

Duvido que você já *tenha comido* coisa melhor.

d) posterioridade: presente

Duvido que algum deles *abra* a boca. (R. Queiroz)

2 – Pretérito perfeito

a) simultaneidade: pretérito imperfeito

Falou-me, não porque me *distinguisse* particularmente, mas apenas porque tinha necessidade de falar. (L. Cardoso)

b) anterioridade: pretérito perfeito

...a arrecadação do Estado *aumentou* 3% neste primeiro ano de governo, embora muitos dos impostos *tenham baixado*. (M. Arraes)

c) posterioridade: pretérito imperfeito

Insisti para que *viesse* tomar um cálice. (O. Faria)

3 – Futuro do presente

a) simultaneidade: presente

Outros parágrafos, cada um valendo por si como um texto completo, *contarão* exatamente o que aconteceu, embora o acontecimento *seja* um mistério para a personagem, porque ela não vê o conjunto. (I. Angelo)

b) anterioridade inacabada: pretérito imperfeito

Dificilmente Cláudio aparecerá hoje no teatro. A esta altura, já deve saber da morte de Kátia e, embora não *fosse* de suas amigas – ou por isso mesmo –, ele *terá* motivos bastantes para evitar o teatro. (C. H. Cony)

c) anterioridade acabada: pretérito perfeito

Um jovem que *tenha acompanhado* a narração só *poderá* aderir ao tóxico se tiver instinto suicida. (*O Globo*, 18/2/1980)

d) posterioridade: presente

Tudo *farei* para que *sejam transformadas* em medidas concretas.

B) Se o tempo da oração principal for um dos tempos do subsistema do pretérito (pretérito perfeito, pretérito imperfeito, pretérito mais-que-perfeito, futuro do pretérito simples ou composto), ocorrem as seguintes possibilidades:

1 – simultaneidade: pretérito imperfeito

Serpa *levou* instintivamente a mão à cintura, embora o coldre com o revólver estivesse dependurado, junto ao paletó, no cabide a um canto da sala (F. Sabino)

Não *era* ladrão, embora *tivesse* a cara assustada de um vulgar ladrão (L. Diaféria)

...embora *fosse* um amigo recente, já lhe *tinha emprestado* pequenas quantias, que eram pagas com escrupulosa pontualidade. (C. H. Cony)

A perseguição *viria*, mesmo que *andasse* palmo a palmo. (P. Dantas)

Teria sido bem melhor que eu *morresse* logo, assim acabaria com meu sofrimento. (L. Cardoso)

2 – anterioridade: pretérito mais-que-perfeito

Vinte-e-um não *morreu*, embora a facada lhe *houvesse ofendido* os bofes. (J. Antônio)

...dizia que ele *entendia* das mulheres, não porque *as tivesse tido*.(Fatos e fotos, 931)

Mesmo que não *houvesse* sido até então, *passara* a ser a partir daquele instante.(J. Amado)

Não *conseguiria* fazer o trabalho, embora *tivesse tentado*.

Mas, mesmo que não o *tivesse feito*, eu a *teria interrompido*.(O. Faria)

3 – posterioridade: pretérito imperfeito

Ele *quis* proibir que eu *vendesse* meus livros aqui na porta. (N. Rodrigues)

Chamava-se um tradutor juramentado, para que *ficasse* oficialmente estabelecido que, em vez de assinar seu nome, ele havia se limitado a escrever na promissória, em turco... (F. Sabino)

A filha *insistira* para que *viesse* morar com ela. (Z. Gattai)

Com sua cabeça no colo *esperaria* que *tornasse*. (G. Lemos)

Teria feito qualquer coisa, para que a mãe *voltasse* a sorrir.

C) Quando o verbo da oração principal estiver num dos tempos do subsistema do futuro (presente do futuro, futuro anterior e futuro do futuro), temos as seguintes compatibilidades:

1 – simultaneidade: presente

Quando chegar a casa, *estarei torcendo*, para que você já esteja lá.

Quando sair da loja, *terei comprado* muito, embora *só esteja precisando* de duas ou três coisinhas.

Depois que acabar de pagar o carro, *comprarei* outro, embora, nessa ocasião, um carro certamente *esteja custando* os olhos da cara.

2 – anterioridade: pretérito perfeito

No mês que vem, *comprarei* mais dólares, embora, neste ano, a moeda americana *tenha rendido* menos que outras aplicações financeiras.

Quando acabar de pagar este imóvel, *terei conseguido* aumentar meu patrimônio, mesmo que os imóveis não se *tenham valorizado* muito.

Depois que acabar de pagar este imóvel, *aplicarei* em dólar, não porque *tenha rendido* mais do que a inflação, mas porque está ao abrigo das investidas do governo.

3 – posterioridade: presente

Quando estiver em casa, *estarei* de olho no trabalho dos empregados, para que tudo *seja* bem feito.

Quando chegar a casa, já *terei analisado* os números do mercado financeiro, para que *possamos* fazer boas aplicações.

Depois de chegar a casa, *tomarei* providências para que o conserto *seja efetuado*.

Observações:

1 – Com orações condicionais introduzidas por se, conformativas e temporais, bem como com orações adjetivas, exprime-se, com o futuro do presente do subjuntivo, a simultaneidade eventual em relação ao futuro do presente do indicativo.

Sim, *continuará* aqui, se *quiser.* (L. F. Telles)
Farei como você *mandar.*
...*responderei* à altura, quando *tiver* às mãos esta ocorrência. (R. Boschi)
...*farei* o que *julgar* necessário. (E. Muniz)

Diz-se que o futuro do presente do subjuntivo pode indicar simultaneidade eventual em relação também ao presente do indicativo. É um engano, pois essa possibilidade ocorre apenas quando o presente tiver o valor de futuro do presente.

Se *quiser, podemos* (= poderemos) livrá-lo da polícia. (C. Lispector)
Quando *tiver* novidades, *venho* (= virei) aqui.

2 – Nos casos elencados em 1, a anterioridade eventual é expressa com o futuro anterior do subjuntivo.

Se você não *tiver feito* o trabalho, *ficará* com zero.
Farei tudo como o cliente *tiver* mandado.
O equipamento só *poderá* ser produzido no Brasil quando se *tiver atingido* um estágio de desenvolvimento tecnológico mais adiantado (PT).
Serei eternamente grato aos que não me *tiverem enchido* o saco.

3 – É preciso notar que, muitas vezes, estando o verbo da oração principal no presente do indicativo, o verbo da subordinada não estará correlacionado a ele, mas a um marco temporal expresso por meio de um advérbio.

Duvido que *naquela época* Paris me *tivesse causado* a mesma admiração.
Espero que, quando voltar para casa, ele já *tenha terminado* o trabalho.

Na primeira, o verbo *causar* está no pretérito mais-que-perfeito, porque expressa uma anterioridade em relação ao marco temporal pretérito *naquela época;* na segunda, o verbo *terminar* está no pretérito perfeito, porque indica uma anterioridade em relação ao marco temporal futuro *quando eu voltar.*

Lição 9

O parágrafo

Leia o texto abaixo:

Nas formas de vida coletiva podem assinalar-se dois princípios que se combatem e regulam diversamente as atividades dos homens. Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. Já nas sociedades rudimentares manifestam-se eles, segundo sua predominância, na distinção fundamental entre os povos caçadores ou coletores e os povos lavradores.

Para uns, o objeto final, a mira de todo esforço, o ponto de chegada, assume relevância tão capital, que chega a dispensar, por secundários, quase supérfluos, todos os processos intermediários. Seu ideal será colher o fruto sem plantar a árvore. Esse tipo humano ignora as fronteiras. No mundo tudo se apresenta a ele em generosa amplitude e onde quer que se erija um obstáculo a seus propósitos ambiciosos, sabe transformar esse obstáculo em trampolim. Vive dos espaços ilimitados, dos projetos vastos, dos horizontes distantes.

O trabalhador, ao contrário, é aquele que enxerga primeiro a dificuldade a vencer, não o triunfo a alcançar. O esforço lento, pouco compensador e persistente, que, no entanto, mede todas as possibilidades de esperdício e sabe tirar o máximo proveito do insignificante, tem sentido nítido para ele. Seu campo visual é naturalmente restrito. A parte, maior do que o todo.

Existe uma ética do trabalho, como existe uma ética da aventura. Assim, o indivíduo do tipo trabalhador só atribuirá valor moral positivo às ações que sente ânimo de praticar e, inversamente, terá por imorais e detestáveis as qualidades próprias do aventureiro – audácia, imprevidência, irresponsabilidade, instabilidade, vagabundagem – tudo, enfim, quanto se relacione com a concepção *espaçosa* do mundo, característica desse tipo.

Por outro lado, as energias e esforços que se dirigem a uma recompensa imediata são enaltecidos pelos aventureiros; as energias que visam à estabilidade, à paz, à segurança pessoal e os esforços sem perspectiva de rápido proveito material passam, ao contrário, por viciosos e desprezíveis para eles. Nada lhes parece mais estúpido e mesquinho do que o ideal do trabalhador. (HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 8 ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975, p. 13)

Esse texto, cuja paragrafação foi ligeiramente alterada, divide-se em cinco partes:

a) existência de dois tipos opostos na organização das atividades dos homens;

b) o aventureiro;

c) o trabalhador;

d) a ética do trabalho;

e) a ética da aventura.

Cada uma dessas partes é constituída de um parágrafo, que é indicado por um ligeiro afastamento da margem esquerda da folha. Assim, pode-se dizer que, composto de um ou mais períodos, o parágrafo é uma unidade de composição, que encerra uma dada subdivisão de um texto. Um assunto é discutido em diferentes aspectos. Essa divisão do assunto é que constitui a paragrafação. Mostra ela as partes do texto e os diferentes estágios da exposição. Cada parágrafo constrói-se em torno de uma idéia central e constitui uma das partes em que o autor julgou conveniente dividir seu assunto.

Cabe lembrar enfaticamente, no entanto, que, por ser uma unidade de composição intuitiva, nem sempre a paragrafação acompanha, de maneira rigorosa, o plano de estruturação do texto. Entretanto, de maneira mais ou menos adequada, ela o faz.

Podemos falar da organização de um parágrafo padrão, no sentido de que ele é o tipo mais comum nas diferentes espécies de texto. Isso não significa que não possamos construir diferentemente um parágrafo.

O parágrafo padrão contém uma introdução, que é a exposição, de maneira sucinta, da idéia-núcleo (essa introdução é chamada *tópico frasal*); um desenvolvimento do tópico e, muito raramente, uma conclusão. O tópico é constituído de uma opinião pessoal, de uma afirmação geral, de uma definição, de um julgamento, etc. No desenvolvimento, especifica-se, justifica-se, fundamenta-se o tópico. Analisemos mais um parágrafo de *Raizes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda:

> Já se disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será a cordialidade – daremos ao mundo o “homem cordial”. A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. Seria engano supor que essas virtudes possam significar “boas maneiras”, civilidade. São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante. Na civilidade há qualquer coisa de coercitivo – ela pode exprimir-se em mandamentos e sentenças.

> Entre os japoneses, onde, como se sabe, a polidez envolve os aspectos mais ordinários do convívio social, chega a ponto de confundir-se, por vezes, com a reverência religiosa. Já houve quem notasse este fato significativo, de que as formas exteriores de veneração à divindade, no cerimonial xintoísta, não diferem essencialmente das maneiras sociais de demonstrar respeito (p. 106-107)

Como se observa, esse parágrafo está construído dentro do que se considera o padrão de um parágrafo: o primeiro período encerra o tópico frasal: a contribuição brasileira para a civilização será a cordialidade; os períodos seguintes contêm o desenvolvimento: no caso, especifica-se detalhadamente a noção de cordialidade.

Com menos freqüência, o tópico frasal:

a) pode aparecer no final do parágrafo:

> Eles nos chamam de macaquitos – a ofensa, grosseiramente racista, surgiu na guerra do Paraguai, por causa dos escravos negros que foram ao campo de batalha. Acreditam que os brasileiros são preguiçosos e irresponsáveis. Em relação às brasileiras, são mais condescendentes: acham-nas sensuais e, aliás, sempre disponíveis, prontinhas para cair na milonga de qualquer dom-juan portenho. Em suma, os argentinos não nos amam. (*Veja*, 28/6/1995, p. 48)

Se fosse assim recortado o primeiro parágrafo da reportagem intitulada *El día que me quieras*, o tópico frasal estaria no final: começa ele especificando os fatos que levam à idéia nuclear de que os argentinos não gostam dos brasileiros.

b) pode estar explicitado em outro parágrafo:

> A paulista Monica Scatolin, de 21 anos, vai aproveitar o intervalo de um mês, no curso de ciências contábeis da PUC de São Paulo para velejar pelas Ilhas Virgens, no mar do Caribe. A extravagância lhe custará 3.500 reais. “Com o real tive segurança para tirar férias mais longas. Antes eu ia mais perto e por apenas quinze dias”, diz. Com um salário de 800 reais, Monica conseguiu juntar dinheiro porque mora na casa dos pais e acha que a inflação sob controle a ajudou a administrar melhor seu orçamento. A universitária será uma entre os 60000 brasileiros que mergulharão no cristalino Mar do Caribe em julho. (*Veja*, 28/6/1995, p. 56)

Esse parágrafo comprova o tópico frasal que aparece no início do texto: a economia estável e o câmbio fazem destas férias de julho as mais viajadas da História do Brasil.

c) pode estar implícito, já que o parágrafo pode ser constituído de uma série de detalhes de onde se extrai a idéia-núcleo. Imaginemos o seguinte parágrafo composto a partir de legendas de fotos publicadas em *Veja*, de 21/6/1995, p. 30-31:

> Tem cada vez mais gente viajando para o exterior. Hoje em dia é mais barato tirar férias em dólares do que em reais. São Paulo e Rio de Janeiro estão entre as cidades mais caras do planeta. O consumo de importados está em alta. A inflação do real gira em torno de 32% e os produtos em dólar tiveram queda média de 20%. Fazer compras no exterior é tão vantajoso que as pessoas desembarcam nos aeroportos carregadas de pacotes.

Nesse caso, desse conjunto de detalhes que constitui o parágrafo extrai-se o seguinte tópico: o real está muito valorizado em relação ao dólar.

O tópico frasal

Há três tipos mais freqüentes de tópicos frasais:

a) generalização, em que se afirma ou nega alguma coisa, que, no desenvolvimento, será justificada ou fundamentada com exemplos, confrontos, analogias, razões, etc.

> Depois da temporada de consumo mais festejada dos últimos anos, alguns brasileiros estão conhecendo agora uma face carrancuda do plano de estabilização da economia. Ela se chama inadimplência, a situação em que o devedor não consegue honrar seus compromissos. O brasileiro esbanjou euforia com sua moeda forte, divertiu-se comprando quinquilharia importada no Natal, viajou como nunca no último verão e produziu o Dia das Mães mais movimentado da década. Na hora de pagar a conta, muita gente descobriu que não tinha dinheiro para pagar o que devia. O sufoco não é geral e, numericamente, atinge uma minoria de consumidores. Mas já se pode estimar que apenas no eixo Rio-São Paulo mais de 1 milhão de pessoas ficaram na pendura da noite para o dia, e até agora não sabem direito o que aconteceu. “Nunca vi tamanha quebradeira”, diz o advogado e banqueiro Teophilo de Azeredo Santos, presidente do Sindicato dos Bancos do Rio de Janeiro. (*Veja*, 28/6/1995, p. 34)

O parágrafo começa com a afirmação de que a inadimplência aparece na economia brasileira, depois de uma temporada de grande consumo. O desenvolvimento do parágrafo é usado para justificar o que se diz no tópico.

b) definição, que será seguida de um comentário ou de exemplificação.

> Obversão é a inferência imediata que se faz mudando a qualidade de uma proposição ao mesmo tempo que negamos o seu predicado. Por exemplo, de “Todos os empregados são bem-vindos”, pode-se concluir que “Nenhum empregado é não bem-vindo”. Essas duas proposições são ditas obversas uma da outra. Mais que isto, toda proposição é equivalente de sua obversa. (ASSIS, Jesus Eugênio de Paula. “Lógica”. In: CHAUÍ, Marilena et alii. *Primeira filosofia. Lições introdutórias*. 4 ed. São Paulo, Brasiliense, 1985, p. 159)

c) divisão, em que se distinguem ou discriminam as idéias a serem desenvolvidas (geralmente, o tópico frasal por divisão vem precedido por uma definição num parágrafo anterior).

> Os morfemas classificam-se em lexemas e gramemas. Aqueles são as unidades de base do léxico, ou seja, unidades lingüísticas cujo significado remete ao mundo exterior ou interior, expressando seres, fatos, emoções, sentimentos, etc. Estes são as unidades da gramática, ou seja, unidades lingüísticas que exprimem relações ou categorias gramaticais.

Pode-se, no entanto, iniciar um parágrafo sem tópico frasal, o que significa que as maneiras de começar essa unidade textual são inúmeras. Vamos dar alguns exemplos:

a) início com alusão a um fato histórico, a uma anedota, a um acontecimento que o narrador presenciou ou de que participou.

> Artaxerxes, rei, sentiu com tal extremo a morte de um seu amigo que pretendeu ressuscitá-lo, e, ouvindo os retumbantes ecos da grande ciência de Demócrito, o chamou a si desde a Jônia. – “Dificultosa cousa pedes, ó rei, disse o filósofo afetando sisudeza, e dissimulando a impossibilidade; porém, se fizeres o que eu te disser, confio, poderia obrar o que me mandas.” – Prometeu o rei tudo, assinando em branco, e parecendo-lhe que já via o seu desejado amigo saltar da sepultura. – “Eia, disse Demócrito, escrevam-se no túmulo do defunto os nomes de trinta homens que chegassem aos vinte anos de sua idade sem padecer queixa alguma, nem no corpo, nem na alma, e logo ressuscitará.” – Mandou o rei fazer logo a diligência; porém até o fim do mundo poderia continuar-se sem efeito; porque de semelhantes privilégios não há um só, quanto mais trinta. E, se ainda antes de nascermos já todos somos miseráveis, qual será o que no encerramento das suas contas não lhe passe a despesa do que padece pela receita do que vive? No mundo

> todo não há mais do que três classes de homens: uns inocentes; outros pecadores, mas já arrependidos; e outros pecadores, mas ainda obstinados.
>
> E para que todos soubessem que haviam de ter cruz, três cruzes se arvoraram no monte Calvário; uma para Cristo, e esta toca aos inocentes; outra para Dimas, e toca aos arrependidos; outra para Gestas, e toca aos obstinados. (BERNARDES, Manuel. In: OLIVEIRA, Cleófano Lopes de. *Flor do Lácio*. São Paulo, Saraiva, 1965, p. 223)

b) começo em que não se anuncia do que se está falando, para criar um efeito de suspense.

> Pouco maior do que um par de ameixas secas, com formato semelhante ao de uma gravata-borboleta e pesando 15 a 25 gramas, ela comanda algumas das mais importantes funções do corpo humano. Exemplos? A capacidade de respirar, mover as pernas, regular a temperatura corporal, manter o coração batendo no ritmo certo, o raciocínio pronto para qualquer desafio... É preciso mais? Claro que não. Está comprovadíssima a nobreza da pecinha de que estamos falando. E para não espichar o assunto, vamos logo à ficha da moça. Trata-se da glândula tiróide (ou tireóide), domiciliada à frente da traquéia, bem abaixo do pomo-de-adão, ou gogó, para os íntimos. (ANTENORE, Armando Luiz, apud FARACO, Carlos Alberto e TEZZA, Cristóvão. *Prática de texto*. Petrópolis, Vozes, 1992, p. 135)

c) princípio constituído de uma ou mais perguntas, a que o desenvolvimento vai dar respostas ou esclarecimentos.

> A aspirina é “droga” ou não é? Em alguns Estados, é largamente classificada como “droga”, portanto só pode ser vendida por farmacêuticos licenciados. Se o público quiser ter facilidades para adquirir aspirina em mercearias, restaurantes e guichês de apostas, será preciso reclassificá-la como “não-droga”. (HAYAKAWA, S. I. *A linguagem no pensamento e na ação*. São Paulo, Pioneira, 1963, p. 181-182)

O desenvolvimento

O desenvolvimento é a explanação do tópico, fundamenta a idéia-núcleo. Pode ele estruturar-se de diferentes maneiras. As mais freqüentes são:

a) por enumeração ou descrição de detalhes, que explicitam o tópico.

> Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o

> calor vermelho das sestas da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era a sapoti mais doce que o mel e era a castanha de caju, que abre feridas com seu azeite de fogo; ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doida, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras embambecidas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias para lhe cuspir dentro do sangue uma centelha daquele amor setentrional, uma nota daquela música feita de gemidos de prazer, uma larva daquela nuvem de cantáridas que zumbiam em torno de Rita Baiana e espalhavam-se pelo ar numa fosforescência afrodisíaca. (AZEVEDO, Aluísio de. *O cortiço*. 13 ed. São Paulo, Martins,1957, p. 87)

O tópico diz que Rita Baiana era a síntese das impressões que a natureza brasileira produziu no imigrante europeu. O desenvolvimento vai pormenorizar quais são essas impressões.

b) por causas, efeitos, razões ou conseqüências daquilo que foi exposto no tópico.

> Imagine se todos os poços de petróleo secassem amanhã. As pessoas não teriam como voltar para casa de ônibus ou de automóvel. Os geradores de energia elétrica entrariam em colapso e as cidades ficariam às escuras. Nas regiões mais frias da Terra, o frio provocaria uma mortandade por falta de calefação. Fábricas e indústrias parariam as máquinas. No campo, tratores e ceifadeiras esvaziariam seus tanques e o espectro da fome rondaria o mundo. Aviões não levantariam vôo. Navios ficariam nos portos. Faltariam remédio, borracha e tecidos sintéticos. E também gás de cozinha, sabão em pó, detergente. Faltariam tinta, acrílico, solvente. Plásticos e assemelhados – do saquinho de leite aos tubos de PVC – sumiriam do mapa. "Seria o colapso da civilização tal qual a conhecemos hoje", afirma um dos maiores especialistas no tema, Daniel Yergin, presidente do Cambridge Energy Research Associates e autor do livro *Petróleo – Uma História de Ganância, Dinheiro e Poder.* (*Veja*, 14/6/1995, p. 34)

O tópico *esgotamento do petróleo* é desenvolvido por meio das conseqüências que isso acarretaria, para chegar à conclusão de que a falta de petróleo levaria ao colapso da civilização que conhecemos.

> A avaliação acadêmica é um terreno minado em que nem sempre a quantidade é sinônimo de qualidade. "Um pesquisador pode passar dez ou

> quinze anos investigando determinado tema e, então, publicar um único trabalho na vida que é decisivo no mundo da ciência", diz José Laredo Filho, coordenador de Ortopedia e Traumatologia da Universidade Federal de São Paulo, antiga Escola Paulista de Medicina. "Enquanto isso, existem doutores e mestres que publicam dezenas de artigos por ano que são lixo do ponto de vista científico." (*Veja*, 28/6/1995, p. 67)

O tópico expresso no primeiro período é desenvolvido com as razões que levam a afirmar que, no âmbito científico, quantidade não é sinônimo de qualidade.

c) por um confronto entre idéias, seres, coisas, fenômenos, fatos, etc. (teremos um paralelo, quando o confronto estiver calcado nas semelhanças; um contraste, quando estiver fundado nas diferenças):

> Os animais conhecem o ambiente apenas pela experiência direta; o homem cristaliza o seu conhecimento e os seus sentimentos em representações simbólicas fonéticas, e, mediante símbolos escritos, acumula conhecimento e o passa adiante, para as futuras gerações. Os animais comem onde encontram comida, mas o homem, coordenando seus esforços com os esforços alheios mediante meios lingüísticos, alimenta-se abundantemente com alimento preparado por centenas de mãos e trazidos de grandes distâncias. Os animais exercem entre si apenas um controle limitado, mas o homem, tornando a fazer uso de símbolos, impõe leis e sistemas éticos, que constituem instrumentos lingüísticos para o estabelecimento da ordem e da previsibilidade sobre a conduta humana. Adquirir conhecimento, garantir alimento, estabelecer a ordem social constituem atividades que o biólogo explica em sua relação com a sobrevivência. Para os seres humanos, cada uma dessas atividades envolve uma dimensão simbólica. (HAYAKAWA, S. I. *A linguagem no pensamento e na ação*. São Paulo, Pioneira, 1963, p. 121)

O tópico aparece no fim do parágrafo: para o homem, as atividades de adquirir conhecimento, de garantir alimento e de estabelecer a ordem social envolvem uma dimensão simbólica. O parágrafo desenvolve-se por meio do estabelecimento de um contraste entre homens e animais.

d) por uma analogia, que é uma semelhança estabelecida pelo enunciador entre dois ou mais objetos de pensamento essencialmente diferentes:

> É o *Paquequer:* saltando de cascata em cascata, enroscando-se como uma serpente, vai depois se espreguiçar na várzea e embeber no Paraíba, que rola majestosamente em seu vasto leito. Dir-se-ia que vassalo e tributário

> desse rei das águas, o pequeno rio, altivo e sobranceiro contra os rochedos, curva-se humildemente aos pés do suserano. Perde então a beleza selvática; suas ondas são calmas e serenas como as de um lago, e não se revoltam contra os barcos e as canoas que resvalam sobre elas: escravo submisso, sofre o látego do senhor. (ALENCAR, José de. *O Guarani*. São Paulo, Saraiva, 1968, vol. I, p. 1)

O tópico é o desaguar do Paquequer no Paraíba. Desenvolve-se por uma analogia, em que se estabelece uma semelhança entre a relação dos dois rios e a relação do suserano e do vassalo no mundo medieval, bem como a do escravo e do senhor.

e) pela exposição de um fato particular que ilustra uma afirmação geral contida no tópico.

> Não se imagine que os casos escabrosos não ocorram nas universidades mais renomadas. Na relação de cursos de conceitos mais ruins da Capes, aparecem os de biologia da Unicamp, ortopedia e traumatologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, toxicologia na Universidade de São Paulo e engenharia mecânica na Unesp de Guaratinguetá. Um caso típico dessas ilhas de má qualidade em universidades de boa reputação é o curso de toxicologia da Universidade de São Paulo. O curso foi criado em 1978 e funcionou até 1982. Foi fechado porque não conseguia avaliação melhor que D pela Capes. Recriado em 1987, com maior número de professores, tem o mesmo conceito até hoje. A nota baixa tem diversas razões. Os alunos demoram em média seis anos para se titular, o laboratório conta com equipamentos muito antigos, os professores não são especializados na área. (*Veja*, 28/6/1995, p. 67)

O tópico afirma que existem cursos de pós-graduação de má qualidade também em universidades renomadas. O parágrafo desenvolve-se com os casos particulares que comprovam a afirmação geral. Desses, toma-se um que é examinado mais detidamente.

f) por definições, quando o tópico estabelece uma divisão em tipos, classes, etc:

> A partir daqui, podemos distinguir as três espécies de dependência conforme entram num processo ou num sistema. Denominaremos *solidariedade* a interdependência entre termos num processo, e *complementaridade* a interdependência entre termos num sistema.

> A determinação entre termos num processo será chamada *seleção*, e entre termos num sistema, *especificação*. As constelações serão denominadas *combinações* num processo e *autonomias* num sistema. (HJELMSLEV, Luís. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo, Perspectiva, 1975, p. 29-30)

O tópico diz que os três tipos de relações de dependência lingüística podem dar-se entre termos do sistema ou do processo. O desenvolvimento define cada um desses tipos.

Voltamos a insistir num ponto. O parágrafo padrão, composto de tópico frasal e desenvolvimento, é apenas uma tendência de construção dessa unidade de composição. O que aqui foi chamado parágrafo padrão é a possibilidade mais comum de estruturação dessa unidade. Isso não quer dizer que a organização em parágrafos seja aleatória, mas que o parágrafo não tem que, obrigatoriamente, estruturar-se dessa maneira.

A paragrafação, na verdade, reflete a divisão do tema feita por aquele que escreve. O bom domínio da técnica da divisão em parágrafos não depende de “macetes”, mas da clareza que o enunciador tem da organização do tema e da hierarquia das idéias que serão desenvolvidas. Fazem-se parágrafos para obter eficácia comunicativa, para dar ênfase a determinado aspecto do tema, para pôr em realce certas idéias. Diz o lingüista russo Mikhail Bakhtin que afirmar que o parágrafo deve encerrar um pensamento completo não significa nada, pois “pensamento completo” não é uma categoria lingüística. Ele é, na verdade, similar às réplicas de um diálogo, ele ajusta-se a reações previstas do leitor (1979, 127).

A paragrafação reflete o plano do texto. Estará ela bem feita, se o leitor for capaz de apreender esse plano. Cabe lembrar os dois erros mais freqüentes no estabelecimento de parágrafos: 1) a ausência completa de parágrafos, ou seja, a redução do texto todo a um único parágrafo; 2) presença absoluta de parágrafos, ou seja, a transformação de cada período num parágrafo. Ambos os estilos de paragrafação indicam incapacidade de organizar e de hierarquizar as informações.

Evite começar o texto com um parágrafo constituído de uma única oração. Só em casos muito especiais (por exemplo, em textos publicitários), essa forma de principiar um texto produz bom efeito.

Lição 10

Características lingüísticas da dissertação

Em nosso dia-a-dia, operamos com muitos tipos de textos: literários e científicos, em prosa e em verso, políticos, religiosos, didáticos, jornalísticos, etc. Há uma classificação de textos que, por sua utilidade e abrangência, passou a ser muito utilizada na escola. É a que os divide em descritivos, narrativos e dissertativos. Nosso objetivo, nesta lição, é estudar as características lingüísticas do texto dissertativo. Faremos isso a partir da comparação entre esse tipo de texto e a narração e a descrição.

Uma primeira observação de faz necessária. Dificilmente, esses tipos encontram-se em estado puro. Normalmente, num texto, alteram-se trechos descritivos, narrativos e dissertativos. Por razões didáticas, estudamo-los separadamente.

Narração

Leia o texto abaixo:

> Marquesa, porque eu serei marquês
>
> Positivamente, era um diabrete Virgília, um diabrete angélico, se querem, mas era-o, e então...
>
> Então apareceu o Lobo Neves, um homem que não era mais esbelto do que eu, nem mais elegante, nem mais lido, nem mais simpático, e todavia foi quem me arrebatou Virgília e a candidatura, dentro de poucas semanas, com um ímpeto verdadeiramente cesariano. Não precedeu nenhum despeito; não houve a menor violência de família. Dutra veio dizer-me, um dia, que esperasse outra aragem, porque a candidatura de Lobo Neves era apoiada por grandes influências. Cedi; tal foi o começo de minha derrota. Uma semana depois, Virgília perguntou ao Lobo Neves, a sorrir, quando seria ele ministro.
>
> – Pela minha vontade, já; pelas dos outros, daqui a um ano.
>
> Virgília replicou:
>
> – Promete que algum dia me fará baronesa?
>
> – Marquesa, porque eu serei marquês.
>
> Desde então, fiquei perdido. Virgília comparou a águia e o pavão, e elegeu a águia, deixando o pavão com o seu espanto, o seu despeito, e três ou quatro beijos que lhe dera. Talvez cinco beijos; mas dez que fossem não queria dizer cousa nenhuma. (ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1979, p. 560-561)

Observando o texto acima, podemos constatar nele as seguintes características:

a) É um texto figurativo, porque é construído basicamente com termos concretos: *diabrete, Lobo Neves, homem, esbelto, Virgília, Dutra, baronesa, marquês, beijos, esterilizar, solo,* etc. Mesmo quando se usam termos abstratos (por exemplo, *ímpeto, elegante, simpático, despeito*), eles são utilizados em referência a um ser particular.

b) O texto relata mudanças de situação, transformações de estado, operadas por um sujeito. As principais mudanças operadas no texto são: o narrador era candidato a deputado e estava noivo de Virgília; Lobo Neves arrebatou-lhe tanto a candidatura quanto Vigília. Além dessas, há outras transformações: Lobo Neves não participava da vida do narrador e de Virgília e passou a participar; o narrador não tinha despeito e tornou-se despeitado, etc.

c) As mudanças relatadas organizam-se numa sucessão, segundo relações de anterioridade, posterioridade e concomitância. Não importa a ordem em que os enunciados aparecem no texto, o que o leitor precisa é compreender sua sucessão temporal: o narrador era candidato a deputado e noivo de Virgília; aparece Lobo Neves; este articula sua candidatura; Dutra vai dizer ao narrador que espere outro momento; o narrador cede; Virgília compara a águia (Lobo Neves) com o pavão (o narrador); Virgília prefere a águia; o narrador fica sem a noiva.

d) Os tempos verbais utilizados na narrativa são os do subsistema do pretérito: pretérito perfeito (*apareceu, arrebatou, precedeu, houve, cedi, foi*); pretérito imperfeito (*era*), pretérito mais-que-perfeito (*dera*), futuro do pretérito (*seria*). É claro que se exclui da temporalidade da narrativa o diálogo, porque, como simula o momento da fala, nele se utiliza o subsistema temporal do presente.

O texto acima é uma narração, ou seja, o relato de uma sucessão de ações, realizadas com vistas a alterar certas situações. Os traços lingüísticos da narração são os seguintes (é preciso lembrar que o que define um tipo de texto é o conjunto das características e não cada uma delas isoladamente, porque cada espécie compartilha com outras certas particularidades):

a) é um conjunto de transformações de estado referentes a seres particulares (mesmo que esses seres sejam coletivos: os romanos, por exemplo), que se dá em tempos bem delimitados e em espaços bem demarcados;

b) como é um texto que conta mudanças concernentes a seres particulares, opera predominantemente com termos concretos, ou seja, é figurativo;

c) é um texto que se organiza em função de uma progressão temporal, ou seja, as transformações são anteriores, concomitantes e posteriores umas em relação às outras (é claro que o narrador pode dispor os enunciados como quiser, desde que deixe claro o que é anterior, concomitante ou posterior; pode fazer isso, usando marcadores de progressão temporal, como *enquanto isso, mais tarde, pouco antes,* etc.);

d) o tempo do ato de narrar é por definição o presente, porque o presente é o momento da fala e o contar é um ato de fala; por conseguinte, ele é posterior ao momento em que acontece a história: por isso, os tempos por excelência da narração são os do subsistema do pretérito (pretérito perfeito, pretérito imperfeito, pretérito mais-que-perfeito, futuro do pretérito); nela, o imperfeito, que indica uma duratividade, está sempre correlacionado a pretéritos perfeitos, que marcam a ação acabada.

A questão do uso dos tempos na narração merece um exame mais detalhado. Sé é verdade que, em geral, as narrações são construídas com os tempos do pretérito, podemos ter algumas que utilizam o subsistema do presente ou o do futuro. Quando se pretende indicar uma concomitância entre o ato de narrar e os acontecimentos narrados, para simular que eles estão ocorrendo no momento mesmo em que se relata, usa-se o subsistema do presente (presente, pretérito perfeito e futuro do presente). Nas transmissões ao vivo de competições esportivas, cerimônias públicas, etc., faz-se esse tipo de narrativa. No entanto, o uso do subsistema do presente apenas cria um simulacro de concomitância, dado que só se pode narrar o que já ocorreu, mesmo que o momento do acontecimento tenha sido um instante antes do ato de relatar. Veja um exemplo de uma narrativa construída com os tempos do subsistema do presente.

> Volto à antiga cidadezinha em busca dos meus fantasmas. Entro no velho Hotel dos Viajantes sem viajantes e vejo que ninguém me reconhece e eu não reconheço mais ninguém. Saio sem ser vista. Já é tarde e o Largo do Jardim está deserto na noite fria. Fecho o casaco e me sento num banco. A igreja. O coreto. Olho as casas fazendo um círculo em redor do jardim e não sei mais qual delas teria sido a nossa, são parecidas na decadência e no escuro. (...) Procuro o Beco das Cocadas. A velha casa desapareceu, mas ficou o muro arruinado, coberto de musgo. Passo a mão no musgo úmido. (TELLES, Lygia Fagundes. *A disciplina do amor.* 6 ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980, p. 15)

Nas chamadas narrativas proféticas (como, por exemplo, horóscopos, previsões meteorológicas, profecias), os acontecimentos são vistos como posteriores ao ato de narrar e, por isso, são relatados nos tempos do subsistema do futuro (presente do futuro, futuro anterior e futuro do futuro). É muito difícil encontrar narrações que se constroem com os tempos do futuro, porque, geralmente, nas narrativas proféticas, utiliza-se o presente com o valor de futuro ou considera-se o futuro como algo já acontecido e, nesse caso, narra-se com os tempos do subsistema do pretérito. Vejamos um trecho de *Os Lusíadas,* em que o gigante Adamastor faz suas previsões:

> Outro também virá, de honrada fama,
> Liberal, cavaleiro, enamorado,
> E consigo tratá a fermosa dama
> Que Amor por grão mercê lhe terá dado.
> (V, 46, 1-4)

Descrição

Leia agora o texto que segue:

Caçada

Em pé, no meio do espaço que formava a grande abóbada de árvores, encostado a um velho tronco decepado pelo raio, via-se um índio na flor da idade.

Uma simples túnica de algodão, a que os indígenas chamavam *aimará*, apertada à cintura por uma faixa de penas escarlates, caía-lhe dos ombros até ao meio da perna e desenhava o talhe delgado e esbelto como um junco selvagem.

Sobre a alvura diáfana do algodão, a sua pele, cor de cobre, brilhava com reflexos dourados; os cabelos pretos cortados rentes, a tez lisa, os olhos grandes com os cantos exteriores erguidos para a fronte; a pupila negra, móbil, cintilante; a boca forte, mas bem modelada e guarnecida de dentes alvos, davam ao rosto pouco oval a beleza inculta da graça, da força e da inteligência.

Tinha a cabeça cingida por uma fita de couro, à qual se prendiam do lado esquerdo duas plumas matizadas, que, descrevendo uma longa espiral, vinham roçar com as pontas negras o pescoço flexível.

Era de alta estatura; tinha as mãos delicadas; a perna ágil e nervosa, ornada com uma axorca de frutos amarelos, apoiava-se sobre um pé pequeno, mas firme no andar e veloz na corrida. Segurava o arco e as flechas com a mão direita caída, e com a esquerda mantinha verticalmente diante de si um longo forcado de pau enegrecido pelo fogo. (...)

Nesse instante erguia a cabeça e fitava os olhos numa sebe de folhas que se elevava a vinte passos de distância, e se agitava imperceptivelmente.

Ali, por entre a folhagem, distinguiam-se as ondulações felinas de um dorso negro, brilhante, marchetado de pardo; às vezes viam-se brilhar na

> sombra dois raios vítreos e pálidos, que semelhavam os reflexos de alguma cristalização de rocha, ferida pela luz do sol.
>
> Era uma onça enorme; de garras apoiadas sobre um grosso ramo de árvore, e pés suspensos no galho superior, encolhia o corpo, preparando o salto gigantesco.
>
> Batia os flancos com a larga cauda e movia a cabeça monstruosa, como procurando uma aberta entre a folhagem para arremessar o pulo; uma espécie de riso sardônico e feroz contraía-lhe as negras mandíbulas e mostrava a linha de dentes amarelos; as ventas dilatadas aspiravam fortemente e pareciam deleitar-se já com o odor do sangue da vítima.
>
> O índio, sorrindo e indolentemente encostado ao tronco seco, não perdia um só destes movimentos, e esperava o inimigo com a calma e serenidade do homem que contempla uma cena agradável: apenas a fixidade do olhar revelava um pensamento de defesa. (ALENCAR, José de. *O Guarani*. SãoPaulo, Saraiva, 1968,vol. I, p. 18-19)

Sobre esse texto, podemos fazer as seguintes observações:

a) É um texto figurativo, pois é montado basicamente com termos concretos: *árvores, diáfana, algodão, pele, cor de cobre, brilhar, reflexos, dourados, cabelos, pretos, cortados, rentes, tronco, raio, caía, índio, escarlate, desenhava, ombros,* etc.

b) Seus enunciados retratam elementos que ocorrem simultaneamente; não há entre eles relações de anterioridade e de posterioridade: todas as características físicas do índio co-ocorrem (alta estatura, mãos delicadas, perna ágil e nervosa, pé pequeno, mas firme no andar e veloz na corrida); ao mesmo tempo que segurava, com a mão direita, o arco e as flechas, mantinha, com a esquerda, diante de si, um forcado; enquanto a onça batia os flancos com a cauda, movia a cabeça, uma espécie de riso contraía-lhe as mandíbulas e mostrava os dentes amarelos, etc. O narrador pretende fazer o leitor ver um quadro, apresentar-lhe um retrato de uma situação e não traçar uma cronologia de ações. É como se ele congelasse um instante, para mostrar-nos o índio e a onça frente a frente. Os enunciados podem ser invertidos, sem que se alterem relações temporais.

c) Como o texto trabalha com aspectos concomitantes da cena, todos os verbos estão num único tempo, o pretérito imperfeito, que indica uma concomitância durativa em relação a um marco temporal pretérito.

d) A organização do texto é espacial: vai da figura do índio para a da onça e volta para a do índio.

Esse texto é descritivo. Descrição é o retrato de um ser concreto (pessoas, objetos, situações), que se quer dar a conhecer ao leitor. É um retrato verbal.

Nela, mostram-se as características do ser, consideradas fora da relação de anterioridade e de posterioridade.

As peculiaridades do texto descritivo são:

a) como o narrativo, é figurativo;

b) ao contrário do narrativo, não relata mudanças de estado, mas apresenta propriedades e aspectos simultâneos dos elementos descritos no interior de uma única situação;

c) como mostra apenas o que ocorre simultaneamente, não há relação de anterioridade e de posterioridade entre os enunciados (podem até ocorrer anterioridade e simultaneidade no nível dos acontecimentos, mas não no nível do relato: por exemplo, no texto *Caçada*, diz-se que o índio erguia a cabeça e fitava os olhos numa sebe de folhas; essas duas ações, que são, respectivamente, anterior e posterior, são apresentadas como sendo simultâneas na cena);

d) como a simultaneidade é característica central da descrição, os dois tempos com que se constrói o texto descritivo são o presente, que indica uma concomitância em relação ao momento da fala, e o pretérito imperfeito, que assinala uma concomitância durativa em relação a um marco temporal pretérito instaurado no texto;

e) o texto organiza-se espacialmente: de cima para baixo, da direita para a esquerda, de fora para dentro, de um componente para outro, etc.

O traço básico do texto descritivo é, como dissemos, a simultaneidade e não, como dizem certos autores, a estaticidade. Por isso, nele podem-se mostrar ações e movimentos. O que é preciso é que as ações e os movimentos sejam vistos como simultâneos, que não haja progressão temporal entre eles. É muito fácil transformar uma descrição em narração. Basta que se introduza nela um enunciado que indique mudança de estado. Se se usar um verbo no perfeito, que indica uma ação acabada, já se passa da descrição para a narração. Os textos narrativos começam, em geral, com uma descrição. Nela, apresentam-se estados que sofrerão transformações, apresentam-se personagens, lugares e situações que serão ou poderão ser alterados.

Dissertação

Leia o texto a seguir:

> Ao mesmo tempo que a cultura humana deve à linguagem a riqueza de conteúdo que a distingue da herança social dos animais, a própria linguagem é parte integrante da cultura. Foi a estrutura do cérebro humano e dos órgãos

> vocais que tornou possível a palavra, mas a atribuição de valores simbólicos a certas combinações de sons e a capacidade de emitir esses sons não constituem por si sós a linguagem. Esta só apareceu quando dois ou mais indivíduos aprenderam a atribuir os mesmos valores às mesmas combinações de sons e a usar essas combinações para comunicar suas idéias. As associações entre sons e idéias são puramente arbitrárias. A mesma combinação pode ter significados totalmente diferentes em línguas diferentes, ou ter numerosos significados dentro da mesma língua. Em português por exemplo, a palavra "pena" tem diversos sentidos. A linguagem é, pois, uma forma de comportamento aprendido e transmitido; e o indivíduo precisa adquiri-la da mesma maneira pela qual adquire qualquer outro item da cultura que lhe coube em herança. Mas é sempre um dos primeiros itens a aprender-se e, uma vez adquirida, torna-se a chave que abre aos indivíduos o resto da cultura. (LINTON, Ralph. *O homem: uma introdução à Antropologia*. 6 ed. São Paulo, Martins, 1968, p. 105-106)

Esse texto apresenta os seguintes traços lingüísticos:

a) É um texto temático, pois opera predominantemente com termos abstratos: *cultura, humana, riqueza, distinguir, herança social, estrutura, valor, simbólico, combinação, capacidade, comunicar, idéias;* mesmo quando são usados termos concretos, como *cérebro, órgãos vocais, indivíduo,* são utilizados em seu valor genérico, não para falar de um ser singular.

b) O texto apresenta mudanças de situação: a estrutura do cérebro e dos órgãos vocais permitiu a passagem do estado de inexistência da palavra para o de existência; dois ou mais indivíduos não sabiam atribuir os mesmos valores às mesmas combinações de sons e usar essas combinações para comunicar suas idéias e passaram a saber fazê-lo (aprenderam); o indivíduo não tem a linguagem: adquire-a, como qualquer outro item da cultura.

c) Não há uma progressão cronológica dos enunciados, mas lógica. Um não é anterior ao outro em função de uma temporalidade, mas de uma concatenação lógica. Por exemplo, o enunciado *A linguagem é, pois, uma forma de comportamento aprendido e transmitido* é posterior aos enunciados que dizem que a linguagem só aparece, quando dois ou mais indivíduos aprendem a atribuir os mesmos valores às mesmas combinações de sons e a usar essas combinações para comunicar suas idéias, que as associações entre sons e idéias são arbitrárias, que a mesma combinação pode ter significados totalmente diferentes em línguas diferentes ou numerosos significados dentro da mesma língua, porque indica a conclusão que se extrai deles.

d) O produtor desse texto pretende fazer afirmações de valor universal sobre a linguagem. Por isso, o tempo verbal preponderante do texto é o presente com valor atemporal. Quando se diz *As associações entre sons e idéias são puramente arbitrárias,* não se está afirmando que, neste momento, elas são arbitrárias, mas sempre; que isso é válido para todas as línguas do mundo. Além do presente atemporal, aparece no texto o pretérito perfeito, para indicar fatos ocorridos anteriormente ao momento da fala.

Esse texto é uma dissertação, ou seja, uma explicação, uma análise, de um fato qualquer.

Os traços do texto dissertativo são:

a) ao contrário da narração e da descrição, é um texto temático, ou seja, construído preponderantemente com termos abstratos: a dissertação não trata de episódios ou seres concretos e particulares; mesmo quando parte do particular, apresenta análises e interpretações válidas para muitos casos singulares;

b) da mesma maneira que o texto narrativo, mostra mudanças de situação;

c) as relações relevantes entre os enunciados do texto não são as temporais, como na narração, mas as lógicas: analogia, pertinência, causalidade, correspondência, implicação, etc;

d) como pretende apresentar verdades gerais, o tempo central da dissertação é o presente com valor atemporal; vale-se ela ainda, basicamente, dos tempos do subsistema do presente (presente, pretérito perfeito e futuro do presente), para falar de fatos que estão colocados numa temporalidade;

e) como pretende apresentar-se como um discurso objetivo, normalmente o *eu* ausenta-se do texto; prefere-se, então, o uso de formas impessoais (por exemplo, não se diz *eu penso,* mas *pensa-se*).

Pode-se perguntar agora por que existem esses três tipos distintos de texto. Porque cada um deles tem uma função diferente.

Os textos figurativos representam o mundo, criam um simulacro da realidade. Essa é a função básica da narração e da descrição. Aquela relata as mudanças de situação de seres particulares, numa determinada progressão temporal, o que significa que mostra o mundo em mudança, que apresenta o dinamismo das transformações. Esta retrata o ser num dado momento, fora do dinamismo da mudança, faz ver propriedades e aspectos simultâneos de um ser particular (uma noite de luar, um engarrafamento, uma paisagem, uma pessoa, etc.).

O texto dissertativo é temático. Por conseguinte, explica, classifica, analisa, avalia os seres concretos. A referência ao mundo é feita por intermédio de conceitos amplos, modelos genéricos, muitas vezes abstraídos do tempo e do espaço. Ao apresentar as transformações de estado não se importa com as relações de anterioridade e de posterioridade, mas fundamentalmente com as relações de causalidade, implicação, etc. As mudanças são, pois, tratadas de maneira diferente na narração e na dissertação. Aquela visa a relatar as mudanças; esta, a explicar e interpretar as transformações relatadas. Por ser mais abstrato, o texto dissertativo debruça-se sobre a explicação de dados concretos. Incorpora a referência a fatos particulares (narrações e descrições), mas apenas para ilustrar afirmações gerais, para argumentar a favor ou contra uma determinada tese. O discurso científico, o filósofo, o político são dominantemente dissertativos.

Muitas vezes se pensa que o ponto de vista do enunciador (= o produtor do texto) se manifesta apenas na dissertação. Não é verdade. Em todos os tipos de texto, o enunciador manifesta sua visão. A diferença está no modo como se faz isso. Sendo a dissertação um texto temático, o enunciador expõe, de maneira explícita, sua perspectiva sobre um dado assunto. No exemplo de texto dissertativo mostrado acima, o enunciador afirma que a aquisição da linguagem se dá por aprendizagem. Nesse caso, opõe-se ao ponto de vista de que a aquisição da primeira língua é um processo de maturação, em contacto com uma dada realidade lingüística, de uma gramática universal inata.

Na descrição, o enunciador apresenta sua visão pelos aspectos selecionados para mostrar e pelos termos escolhidos para retratar. No texto descritivo acima, o enunciador apresenta positivamente a figura do índio, mostra apenas aspectos que evidenciam sua beleza, sua força. Todos os termos escolhidos para descrever a personagem têm valor positivo, desde a alvura diáfana de sua túnica até os brilhos com reflexo dourado de sua pele. Esse texto é romântico. Esse período literário dinamizou os mitos da nação e do herói. A nação é uma idéia extremamente importante. É para consolidá-la que os românticos cultuam as línguas nacionais e o folclore, voltam ao passado, para analisar as origens da nacionalidade. No Brasil, o romantismo coincide com o momento da independência. O indianismo está inserido nesse movimento de busca das raízes da nacionalidade. Nele, o índio é visto como um nobre, como um ser belo, etc. Concorre também para isso o ideário iluminista do bom selvagem.

Na narração, contrapõem-se percursos figurativos, para revelar o ponto de vista do enunciador. No texto *Marquesa, porque eu serei marquês,* o narrador opõe o percurso figurativo da águia (Lobo Neves) ao do pavão (o próprio narrador). Este era mais esbelto, mais elegante, mais lido, mais simpático, mas aquele tinha determinação, vontade, ambição, segurança. Ao contrapor as metáforas da águia e o pavão, o narrador está desvelando sua posição sobre os protagonistas do episódio.

Não podemos esquecer-nos de que sob a camada figurativa de um texto, há temas. Por conseguinte, com a organização figurativa, o enunciador manifesta pontos de vista sobre o que narra ou descreve.

Lição 11

Estruturação dos conteúdos da dissertação

Suponhamos que os enunciados abaixo sejam temas de dissertação:

1.a) As atitudes dos indivíduos nem sempre revelam seus verdadeiros sentimentos.
b) Quem vê cara não vê coração.
2.a) Só realiza grandes feitos quem é capaz de enfrentar a dor e o sofrimento.
b) Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor. (Fernando Pessoa)
3. a) As dores morais são preferíveis às físicas.
b) Não te irrites se te pagarem mal um benefício: antes cair das nuvens que de um terceiro andar. (Machado de Assis).

Uma dissertação é, na maioria dos casos, organizada em torno de um problema, enunciado explícita ou implicitamente. Quando está exposto de maneira implícita, é preciso antes de mais nada detectá-lo. Nos três exemplos acima, a questão sobre a qual se deve dissertar está enunciada explicitamente em *a* e implicitamente em *b*. Saber delimitar o tema e formular bem o problema que ele contém é a primeira condição para fazer uma boa dissertação.

Na maioria das dissertações, começamos por perguntar o que é que devemos demonstrar. Ela enuncia um problema e tenta resolvê-lo. Por isso, diz-se, em todos os manuais de redação, que uma dissertação organiza-se da seguinte maneira:

a) introdução – enuncia-se o problema;
b) desenvolvimento – discute-se o problema e tenta-se resolvê-lo;
c) conclusão – faz-se um balanço da discussão.

É evidente que uma dissertação tem essas três partes. No entanto, dizer apenas isso sobre o plano do texto não é suficiente. A questão é saber como se organiza cada uma delas. Por isso, analisemo-las mais detidamente.

A introdução

Leia os dois primeiros parágrafos do livro *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda:

A tentativa de implantação da cultura européia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em conseqüências. Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas idéias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra. Podemos construir obras excelentes, enriquecer nossa humanidade de aspectos novos ou imprevistos, elevar à perfeição o tipo de civilização que representamos: o certo é que todo o fruto de nosso trabalho ou de nossa preguiça parece participar de um sistema de evolução próprio de outro clima e de outra paisagem. Assim, antes de perguntar até que ponto poderá alcançar bom êxito a tentativa, caberia averiguar até onde temos podido representar aquelas formas de convívio, instituições e idéias de que somos herdeiros. (8 ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975, p. 3)

A introdução contém, freqüentemente, uma *idéia geral,* que é dada por um fato da atualidade, uma lembrança uma afirmação de alcance universal, a alusão a uma experiência pessoal, a citação de uma cifra eloqüente, etc., e um *problema,* que, mesmo que não se apresente sob a forma de uma interrogação, pode ser reduzido a uma curta pergunta. No texto de Sérgio Buarque de Holanda transcrito acima, o primeiro parágrafo enuncia a idéia geral: a cultura brasileira é resultado da transplantação da cultura européia para um clima e uma paisagem desfavoráveis a ela. No segundo, explicita-se o problema: até onde temos podido representar essa cultura de que somos herdeiros?

O desenvolvimento vai discutir o problema, vai examiná-lo, vai explicitá-lo. Não é um bloco compacto, mas se organiza em partes.

O desenvolvimento

Primeiro tipo de plano: o dialético

Leia o texto abaixo:

Todo poder aos professores

Grande ênfase será dada à educação no próximo governo, é o que se anuncia. O presidente eleito é visto em reuniões com auxiliares que, como ele próprio e sua mulher, são professores universitários.

Especialistas têm uma série de propostas para o problema, que é talvez o mais sério de todos, apesar de duplamente refratário à abordagem jornalística: por ser complexo demais e empolgante de menos.

Todo mundo parece de acordo em que é preciso utilizar melhor os recursos, reduzir desperdícios, estimular parcerias, pagar melhor e exigir mais do professor.

Mas há um aspecto que não pode ser quantificado e que nem sempre se leva em conta. Desde os anos 60 a relação professor-aluno se flexibilizou; o ensino deixou de ser dogmático e perdeu muito do seu caráter impositivo.

A idéia é que o aluno passe a ser um sujeito ativo na relação de aprendizado. Seminários e laboratórios ganharam espaço em detrimento das aulas expositivas. Trabalhos, de preferência em grupo, substituíram em parte as antigas provas.

Procurou-se estimular a “criatividade” do aluno e reduzir as tarefas ligadas à memorização de dados. Essa ideologia predomina hoje em qualquer escola. Seus pressupostos parecem muito sensatos e de fato arejaram o ensino.

O lado perverso é que essa doutrina vestiu como uma luva nas carências materiais e pedagógicas, para gerar distorções absurdas, em especial no ensino superior.

Como o diploma virou passaporte para um emprego, reprovar passou a ser anti-social. Estudantes e professores terminaram unidos numa frente única cuja ação é ditada pela lei do menor esforço.

Além de ser mais chique, do ponto de vista ideológico, o seminário é mais cômodo para os dois lados: nem o professor prepara aula, nem o aluno estuda, e ambos entram com sua cota de “participação crítica”.

Cheguei a ver, por exemplo, na Faculdade de Letras da USP, uma professora anunciar o cancelamento das provas de fim de curso como uma “vitória” obtida pelos estudantes (e, modestamente, por ela).

Já que o mundo passa por uma histeria de volta ao passado, ao menos em relação ao que parecia “futuro” nos anos 60, talvez fizéssemos bem em rever grande parte das mudanças do ensino nesses 30 anos.

Porque os resultados, mesmo nas boas escolas, não parecem encorajadores. A ideologia do ensino crítico está produzindo gerações de tontos. A lassidão, o vale-tudo, a falta de autoridade professoral desestimula a própria rebeldia do estudante.

FHC conta com a ajuda do filósofo José Arthur Gianotti, um paradigma na universidade brasileira, célebre por massacrar seus alunos e ao mesmo tempo estabelecer com eles o mais livre debate intelectual.

Vamos ver se conseguem alterar a mentalidade dominante nas escolas. O lema bem que poderia ser: “ Todo poder aos professores!” (FRIAS FILHO, Otavio. *Folha de S. Paulo*, 17/11/1994, 1-2)

Analisemos como se organizam os conteúdos desse texto:

introdução: idéia geral – ênfase a ser dada à educação no próximo governo e consenso sobre a necessidade de mudanças profundas nesse setor (3 primeiros parágrafos);

problema – o ensino deve ser dogmático e ter um caráter impositivo? (quarto parágrafo);

desenvolvimento: tese – o ensino não deve ser dogmático e não deve ter um caráter impositivo;

argumentos a favor da tese – aluno passa a ser sujeito ativo na relação de aprendizado (quinto parágrafo); estímulo à criatividade (sexto parágrafo);

antítese – o ensino deve ser dogmático e ter um caráter impositivo;

argumentos a favor da antítese (objeções à tese) – distorções produzidas pela tese (sétimo parágrafo); reprovação passou a ser anti-social e lei do menor esforço passou a ditar a ação pedagógica (oitavo parágrafo); comodismo dos professores e dos alunos (nono parágrafo), dificuldades de reversão do quadro (décimo e décimo primeiro parágrafos);

síntese – necessidade da volta do ensino dogmático e de caráter impositivo (décimo segundo parágrafo); razões que determinam essa volta (décimo terceiro parágrafo); exemplo do bom professor (décimo quarto parágrafo);

conclusão: expectativa de que a mentalidade expressa na tese se altere; divisa que sintetiza essa mudança (último parágrafo).

Esse texto segue, no desenvolvimento, um dos planos mais comuns numa dissertação: o dialético. Nele, os conteúdos organizam-se da seguinte maneira:

tese (ponto de vista sobre a questão) – argumentos em favor dela;

antítese (ponto de vista contrário ao exposto anteriormente sobre a questão) – argumentos em favor dela (objeções à tese, restrições a ela);

síntese, que pode ser a vitória de uma das teses em conflito ou sua conciliação, seja pelo estabelecimento de uma verdade média mais matizada que as expressas na tese e na antítese, seja pela ultrapassagem da contradição pelo concurso de novos elementos que demonstrem que ela é apenas aparente.

No texto de Otávio Frias Filho, a síntese é a demonstração de que a antítese deve prevalecer sobre a tese.

Dois defeitos devem ser evitados quando se utiliza esse tipo de desenvolvimento:

a) justaposição de idéias opostas: nesse caso, defende-se uma tese e, sem transição, passa-se a sustentar uma tese oposta. Por exemplo, isso ocorreria se, numa dissertação, depois de mostrar que a criminalidade no Brasil atingiu proporções inquietantes, o enunciador passasse, sem nenhuma transição, a mostrar que essa inquietação não tem fundamento. Para fazer isso, precisaria, por exemplo, mostrar que a estabilização da economia produzirá um novo ciclo de crescimento econômico, que levará a uma diminuição da pobreza, e que o reaparelhamento e a moralização da polícia, processos já em curso, darão uma maior eficiência ao combate à criminalidade; que a diminuição da pobreza e uma maior eficiência no combate à criminalidade permitirão atenuar as inquietações expressas pela tese.

b) síntese inconsistente é aquela que tenta conciliar o que não é conciliável (suponhamos que Otávio Frias, em sua síntese, dissesse que é preciso que o ensino seja dogmático e não-dogmático). No entanto, como já mostramos, depois do exame das posições extremas expressas pela tese e pela antítese, pode-se chegar a um ponto de vista mais matizado, ultrapassando a contradição, que se revela aparente. Por exemplo, quando se defendem as teses de que a arte de um país deve ter um caráter nacional ou de que deve ela ter um caráter universal, pode-se chegar, na síntese, a uma verdade média que mostre que o universal é atingido por meio do particular.

Segundo tipo de plano: problema, causas e soluções.

Leia o texto que segue:

> É proibido dirigir
>
> Sair de casa nas grandes cidades brasileiras está-se tornando insuportável. As pessoas estão irritadas, cansadas e agressivas. As ruas, sujas. O barulho, de arrebentar os tímpanos. A causa dessa situação crítica é a proliferação dos automóveis. Há mais carros do que espaço para com eles trafegar. O brasileiro passa, em média, duas horas por dia dentro do carro apenas para fazer o trajeto entre sua casa e o trabalho. Quando chega um feriado como o desta e das duas últimas semanas, o sofrimento se transfere para as estradas. O que deveria ser um momento de descanso e descontração se transforma num martírio. Os 60 quilômetros que separam São Paulo do litoral do Estado, por exemplo, chegam a custar quatro ou cinco horas para o já estressado paulistano. Caminhamos rumo ao caos inevitável, se não forem tomadas medidas drásticas.
>
> O problema dos automóveis nas regiões urbanas será cada vez mais parecido com o do cigarro. Continuarão sendo fabricados e vendidos, mas surgirão cada vez mais obstáculos ao seu uso. O aquecimento da economia piora esse quadro. Quanto maior for a distribuição de renda entre nós, maior será a quantidade de carros em circulação e maior o caos urbano em que

> nos meteremos. O aumento cotidiano de veículos em circulação prenuncia a falência dos sistemas de transporte.
>
> Ainda que a administração pública brasileira fosse competente e incorruptível e investisse 50% dos orçamentos na construção de estradas, viadutos, garagens, em asfaltamento e abertura de novas ruas, a tendência seria termos no ano 2000 um trânsito infinitamente mais caótico que o de hoje e um ar cada vez mais poluído. A única saída é mudar nosso modelo de desenvolvimento, centrado hoje no transporte individual. Fora isso, não há salvação. (...)
>
> Precisamos menos de engenheiros e tocadores de obras e mais de estadistas, que consigam enxergar o que ocorrerá com as cidades daqui a dez anos e alterem o padrão de desenvolvimento atual viabilizando projetos de transporte público rápido, limpo, confortável e barato. Além da visão estratégica das mudanças futuras, esses estadistas teriam de ter muita coragem para enfrentar a poderosa indústria automobilística e de acessórios, os sindicatos de trabalhadores e, de certo modo, todos os brasileiros que querem facilidade para circular com seu automóvel.
>
> Afora o enfrentamento de interesses e a mudança nas concepções de conforto da população, seriam necessários muitos recursos para permitir alteração de tal vulto na economia, empregos, obras e equipamentos voltados para o transporte público. Isso poderia ser obtido com a incidência de um imposto de 5% sobre o consumo da gasolina e do álcool. Uma maneira de tirar recursos do transporte individual para aplicar no coletivo e seria também uma forma de distribuição de renda. (MARICATO, Percival. *Veja*, 3/5/1995, p. 134)

Esclareçamos inicialmente que eliminamos a conclusão do texto acima. Por isso, apresenta ele apenas a introdução e o desenvolvimento. Segue o seguinte plano:

introdução – a partir de dados precisos, de cifras, o enunciador expõe o problema: o trânsito nas grandes cidades brasileiras está caótico (primeiro parágrafo);

desenvolvimento – *causa*: número de carros em circulação, problema que se agravou com o aquecimento da economia e que se tornará pior com uma melhor distribuição de renda (segundo parágrafo); no último período do terceiro parágrafo, aparece uma outra causa: modelo de desenvolvimento centrado no transporte individual;

solução: inicialmente, aponta-se uma falsa solução (investimento em obras viárias); em seguida, as reais soluções (mudança do modelo de desenvolvimento centrado no transporte individual, com investimentos maciços em transporte público e com restrições ao transporte individual; financiamento do programa de investimentos em transporte público com impostos incidentes sobre os combustíveis para transporte individual) (dois últimos parágrafos).

Esse tipo de dissertação aponta um problema, discute suas causas e aponta soluções.

Terceiro tipo de plano: o inventário.

Leia o texto abaixo:

O Romantismo

Segundo Paul Valéry, seria necessário ter perdido todo o espírito de rigor para querer definir o Romantismo. Mas aqui, como nos outros ciclos culturais, o todo é algo mais que a soma das partes: é gênese e explicação. O amor e a pátria, a natureza e a religião, o povo e o passado, que afloram tantas vezes na poesia romântica, são conteúdos brutos, espalhados por toda a história das literaturas, e pouco ensinam ao intérprete do texto, a não ser quando postos em situação, tematizados e lidos como estruturas estéticas.

Como tematizam os escritores românticos esses assuntos?

O fulcro da visão romântica do mundo é o sujeito. Diríamos hoje, em termos de informação, que é o emissor da mensagem. O *eu* romântico, objetivamente incapaz de resolver os conflitos com a sociedade, lança-se à evasão. No tempo, recriando uma Idade Média gótica e embruxada. No espaço, fugindo para ermas paragens ou para o Oriente exótico.

A natureza romântica é expressiva. Ao contrário da natureza árcade, decorativa. Ela *significa e revela*. Prefere-se a noite ao dia, pois à luz crua do sol o real impõe-se ao indivíduo, enquanto é na treva que latejam as forças inconscientes da alma: o sonho, a imaginação.

O mundo natural *encarna* as pressões anímicas. E na poesia ecoam o tumulto do mar e a placidez do lago, o fragor da tempestade e o silêncio do ocaso, o ímpeto do vento e a fixidez do céu, o terror do abismo e a serenidade do monte.

Enfim, com a *música*, a mais livre das artes, esperavam os românticos entregar-se ao fluxo infinito do Cosmos:

> A música de Beethoven – dizia Hoffman – põe em movimento a alavanca do medo, do terror, do arrepio, do sofrimento, e desperta precisamente esse infinito anelo que é a essência do Romantismo.

Infinito anelo. Nostalgia do que se crê para sempre perdido. Desejo do que se sabe irrealizável: a liberdade absoluta na sociedade advinda com a Revolução de 89.

> Na ânsia de reconquistar “as mortas estações” e de reger os tempos futuros, o Romantismo dinamizou grandes mitos: a nação e o herói.
>
> A nação afigura-se ao patriota do século XIX como uma idéia-força que tudo vivifica. Floresce a História, ressurreição do passado e retorno às origens (Michelet, Gioberti). Acendra-se o culto à língua nativa e ao folclore (Schlegel, Garrett, Manzoni), novas bandeiras para os povos que aspiram à autonomia, como a Grécia, a Itália, a Bélgica , a Polônia, a Hungria, a Irlanda. Para algumas nações nórdicas e eslavas e, naturalmente, para todas as nações da América, que ignoraram o Renascimento, será o momento da grande afirmação cultural. Mazzini, apóstolo da unidade italiana, viu bem o próprio século: “hora do advento das nações”.
>
> Entretanto, o nexo entre o *eu* e a *História,* mantido no pensamento abstrato de um Ficht, logo se desata na práxis de uma sociedade descontínua por excelência. O homem romântico reinventa o *Herói,* que assume dimensões titânicas (Shelley, Wagner), sendo afinal reduzido a cantor da sua própria solidão (Fóscolo, Vigny). (BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira.* São Paulo, Cultrix, 1975, p. 99-104) (texto adaptado)

Desse texto constam somente a introdução e o desenvolvimento. Analisemos como se organizam os conteúdos:

introdução: dificuldade para definir o Romantismo, maneira de fazê-lo (pela tematização específica dos assuntos e pela sua leitura como estruturas estéticas);

desenvolvimento: inventário das tematizações românticas:

a) subjetividade;
b) conflito entre o eu e a sociedade e evasão temporal e espacial;
c) expressividade da natureza;
d) infinito anelo;
e) dinamização do mito da nação;
f) dinamização do mito do herói.

O plano inventário pode ser usado, quando a dissertação não se apresenta propriamente como resolução de um problema, mas procura explicar algum fenômeno cultural, algum fato, etc. Por exemplo, desafios da diplomacia brasileira hoje (é claro que esse tema poderia ser tratado também a partir de um plano dialético).

O inventário não é um simples arrolamento. Ele deve explicar, definir, comprovar alguma coisa. No caso do texto de Alfredo Bosi, o inventário comprova que há uma singularidade na tematização de determinados assuntos feita pelos românticos. Ademais, os elementos repertoriados precisam construir uma progressão.

O plano inventário é, em síntese, aquele que enumera e explica todos os elementos que compõem um dado assunto.

Quarto tipo de plano: o comparativo.

Leia o texto que segue:

Racismo e cultura

Se compararmos o racismo do século XIX e aquele que preside o nazismo com o racismo contemporâneo, as diferenças são grandes e delas é preciso tratar.

Sem dúvida, todos os racismos possuem em comum a idéia da nação una e indivisa no espaço e no tempo; a idéia de raças inferiores e superiores por hereditariedade; o conservadorismo reacionário antidemocrático e autoritário. São ideologias etnocêntricas e xenófobas. São ideologias biológicas, psicológicas e políticas. São nacionalistas e erguem mitos nacionais, operam com a identidade nacional mítica, o caráter nacional mítico. Mas são histórica e conceitualmente diferentes. Diferença histórica: o racismo nacionalista do século XIX e da primeira metade do século XX exprime o momento de construção, consolidação e plenitude dos Estados Nacionais; o racismo nacionalista do final do século XX exprime a mudança que o capitalismo neoliberal impôs aos Estados nacionais, isto é, sua desaparição no mercado mundial transnacional e a formação de conglomerados políticos. Estamos assistindo ao possível término dos Estados nacionais e por isso o racismo nacionalista não pode, hoje, exprimir-se como se exprimia ontem.

Diferença conceitual ou ideológica: embora o racismo seja uma ideologia e uma paixão, embora seja essencialmente violento, não opera, hoje, com as categorias que lhe permitiam operar até os anos 50 de nosso século. A grande mudança ideológica lhe foi dada de presente, afinal, pelo discurso anti-racista dos anos 50 e 60. De fato, no antigo racismo era fundamental uma ideologia biológica e uma mitologia dos caracteres hereditários. O discurso anti-racista dos anos 60 e 70 demonstrou que a raça era, na verdade, etnia e que a etnia é um fato e um processo cultural-histórico, algo feito e construído pela ação humana e não um dado da natureza. O atual discurso racista se apropriou da elaboração anti-racista e fez dela sua nova bandeira. (...).

Os dois grandes tipos de discursos racistas, excluído o discurso apavorado e apavorante do racismo como paixão irracional – surgem, na verdade, legitimados pelos discursos anti-racistas. O primeiro é o discurso universalista, o segundo, contrário ao primeiro, é o discurso comunitarista. O primeiro corresponde sobretudo ao século XIX e XX, até os anos 60; o segundo corresponde sobretudo ao final do nosso século. Isso não significa que o primeiro tenha desaparecido, mas ele permaneceu como discurso que corresponde ao do racismo mitológico passional, enquanto o segundo se tornou o discurso racista predominante.

O discurso racista universalista é o filho bastardo da revolução francesa (ou do que os marxistas chamam de revolução burguesa); o discurso racista comunitarista é o filho bastardo do pós-modernismo (isto é, do elogio do descentramento e da diferença). Antes de explicarmos essas filiações, vejamos o que são tais discursos, de acordo com a descrição que deles nos faz Taguieff.

Racismo universalista ou discriminatório: afirma a existência de um modelo universal de humanidade numa escala hierárquica de espécies ou raças que vão da inferior à superior; afirma a naturalidade da desigualdade e da hierarquia das raças. Este racismo, biológico e etnocêntrico – pois a raça superior é a minha – , presidiu a formação dos impérios coloniais, a escravatura, o nazismo, o fascismo. Seus axiomas são: a desigualdade é natural e nós somos os melhores; existe um único e verdadeiro tipo ou raça humana e somos nós. Como diz um autor, os outros pertencem a raças particulares e nós somos o universal. Os outros são não-humanos, semi-humanos ou quase-humanos. Nós somos os humanos e a humanidade. Exterminar o outro é natural e não é eticamente imoral, pois o outro não faz parte do gênero humano.

Racismo comunitarista ou diferencialista: é o racismo contemporâneo, que se apropriou dos pontos centrais do anti-racismo, isto é, que raça não é natureza, mas cultura ou etnia, e que todos temos o direito à diferença. Agora, afirma-se o caráter sagrado da comunidade, a identidade do grupo ou da nação, a obrigação de defender a integridade, a identidade e a especificidade da nação ou comunidade e, portanto, sua diferença. Cada comunidade-nação tem sua tradição, sua história, seus costumes, sua origem, sua língua, sua religião, sua sexualidade – essa diferença tanto pode ser genético-hereditária quanto puramente histórico-cultural, pois o importante não é a causa ou origem dessa diferença e sim sua existência visível (vejo a diferença da cor da pele, da textura da pele e do cabelo, dos gostos culinários, do modo de vestir, do formato dos olhos, dos deuses adorados, das formas de parentesco e de casamento, da música, da dança, da pintura, dos modos de pensar – a diferença é um fato dado, o outro é um fato dado). Ora, cada comunidade-nação (por ser tomada como mito e não como criação histórica) tem sua verdade própria, milenar, tem sua língua materna, seus símbolos pátrios, seus costumes. Cada Estado-nação existe desde todo o sempre como uma realidade cultural inquestionada. É obrigação de cada um deles preservar sua diferença, sua alteridade, sua autenticidade. Portanto, somos contra a imigração, a migração, a mestiçagem, o sincretismo religioso, o sincretismo nas artes, a importação de idéias, pois tudo isso retira de nossa comunidade nacional sua vida verdadeira. Se os imigrantes, os migrantes, os negros, os índios, os judeus tiverem amor à sua diferença e à sua comunidade, serão os primeiros a concordar conosco. Como a negritude, como a indianidade, como a orientalidade, como o arabismo e o judaísmo haverão de permanecer em sua pureza e integridade, se deixarmos imigrações, migrações e miscigenações acontecerem? Para o nosso bem e o bem dos outros respeitemos o direito democrático à diferença. Sem dúvida, somos desiguais e ninguém há de negar que alguns são superiores a outros, mas ninguém precisa ser exterminado, desde que não venha contaminar a minha diferença. (...)

Se o discurso racista universalista era etnocêntrico e rumava para a escravatura e para o genocídio, o discurso racista comunitarista é xenófobo e prefere formas legais de separação e de exclusão para não ter que chegar à violência do genocídio. Entre a violência física do racismo discriminatório – colonialismo, escravatura e genocídio – e a violência simbólica do racismo diferencialista – segregação e *apartheid* – o discurso anti-racista tornou-se impotente, vendo o racismo nacionalista apropriar-se de seus argumentos. O discurso racista discriminatório funda-se nos valores mais caros à democracia nascida da revolução francesa: o indivíduo e a universalidade; o discurso racista diferencialista funda-se nas armas que as minorias criaram para sua auto-defesa anti-racista: a comunidade e a alteridade. Lembremo-nos, por exemplo, dos trabalhos científicos e filosóficos dos negros africanos ao elaborar a negritude para diferenciá-la do helenismo europeu, ou dos trabalhos dos eruditos judeus para diferenciar a cultura hebraica da greco-romana, ou dos trabalhos dos antropólogos para garantir a diferença indígena, ou dos folcloristas e do cinema novo brasileiro para afirmar a dimensão revolucionária do ser nordestino. Cada um desses esforços anti-racistas dos anos 50, 60 e 70 produziram como contrapartida o neo-racismo do direito à diferença. (...)

Talvez nossa impotência para elaborar um discurso contra o racismo venha do fato de termos sempre elaborado discursos anti-racistas, quando talvez fosse o caso de elaborar um discurso não-racista. (CHAUÍ, Marilena. *Racismo e cultura.* Aula inaugural da FFLCH da USP, proferida na abertura do ano letivo de 1993) (Texto adaptado)

Esse texto organiza-se da seguinte maneira:

Introdução: existem dois tipos distintos de racismos: um do século XIX e da primeira metade do século XX e outro deste final do século;

desenvolvimento: semelhanças que fundam a comparação (unidade e indivisibilidade da nação, hierarquia das raças, caráter autoritário, etnocentrismo e xenofobia, identidade nacional mítica) (segundo parágrafo);

diferenças entre eles: diferença histórica: expressão da consolidação do Estado Nacional *vs*. expressão do enfraquecimento do Estado Nacional (terceiro parágrafo);

diferença conceitual: fundamentos biológicos *vs*. fundamentos culturais (quarto parágrafo);

existência de dois tipos de discursos racistas: universalista *vs*. comunitarista (quinto parágrafo);

diferença de filiação: revolução francesa *vs* pós-modernismo (sexto parágrafo);

caracterização do discurso universalista: hierarquia biológica das raças e suas conseqüências (justificativa do colonialismo, da escravidão, do genocídio) (sétimo parágrafo);

caracterização do discurso comunitarista: diferença cultural entre os povos, direito à diferença e defesa da identidade e suas conseqüências (justificativa da segregação e da exclusão) (oitavo parágrafo);

reflexão nascida da confrontação dos dois tipos de racismos: impotência do discurso anti-racista pela apropriação pelo discurso racista de seus conceitos de comunidade e alteridade (nono parágrafo).

conclusão: necessidade de elaborar um discurso não-racista e não um discurso anti-racista.

O plano comparativo é aquele que discute a questão enunciada na introdução (no caso do texto de Marilena Chauí: existem duas formas diferentes de racismo?), comparando fatos ou conceitos diferentes.

Podemos ter dois tipos distintos de formas de comparação:

a) a oposição anunciada na introdução prossegue ao longo do texto e as conseqüências que decorrem da comparação são tiradas no fim do desenvolvimento;

b) cada elemento da comparação constitui uma parte: analisa-se o primeiro termo da comparação; examina-se o segundo termo da comparação e, depois, faz-se uma reflexão nascida da confrontação dos fatos evocados nas duas partes precedentes.

Observe-se que Marilena Chauí, ao longo de seu texto, utiliza-se das duas formas de comparação:

a) no primeiro parágrafo, anuncia a oposição entre duas formas de racismo; no segundo, analisa suas semelhanças; no terceiro e no quarto, vai estabelecendo as oposições que existem entre um e outro; daí extrai a conseqüência de que existem duas formas de discurso racista;

b) no sexto parágrafo, estabelece quais são os dois tipos de discurso racista; no sétimo, estuda as características do primeiro; no oitavo, as do segundo; no nono, faz uma reflexão nascida da confrontação dos dois tipos de discurso racista.

Quinto tipo de plano: ilustração e explicitação de uma afirmação.

Leia o texto que segue:

> O príncipe procure evitar (...) o que o torne odioso ou desprezível e, sempre que assim agir, terá cumprido o seu dever e não encontrará nenhum perigo nos outros defeitos. O que principalmente o torna odioso, como se disse acima, é o ser rapace e usurpador dos bens e das mulheres dos seus súditos. Desde que não se tirem aos homens os bens e a honra, vivem estes satisfeitos e só se deverá combater a ambição de poucos, a qual se pode sofrear de muitos modos e com facilidade. Fá-lo desprezível o ser considerado volúvel, leviano, efeminado, pusilânime, irresoluto. E essas são coisas que devem ser evitadas pelo príncipe como o nauta evita um rochedo. Deve ele procurar que em suas ações se reconheça grandeza, coragem, gravidade e fortaleza, e quanto às ações privadas de seus súditos deve fazer com que a sua sentença seja irrevogável, conduzindo-se de tal forma que a ninguém passe pela mente enganá-lo ou fazê-lo mudar de idéia.
>
> O príncipe que conseguir formar tal opinião de si adquire grande reputação; e contra quem é reputado dificilmente se conspira e dificilmente é atacado enquanto for tido como excelente e reverenciado pelos seus. (...) Um dos remédios mais eficazes que um príncipe possui contra as conspirações é não se tornar odiado pela população, pois quem conspira julga sempre que vai satisfazer os desejos do povo com a morte do príncipe; se julgar, porém, que com isso ofenderá o povo, não terá coragem de tomar tal partido, porque as dificuldades com que os conspiradores teriam de lutar seriam infinitas. (...)
>
> Ordinariamente, o que um conspirador receia antes de levar a efeito o mal deverá recear também depois, tendo o povo por inimigo, depois do fato consumado, e não poderá por isso esperar qualquer refúgio.
>
> Poderia eu citar numerosos exemplos dessa matéria: limitar-me-ei, porém, a um só, que nos foi legado pela recordação de nossos pais. Tendo sido assassinado pelos Canneschi o senhor de Bolonha, Messer Aníbal Bentivoglio, avô do atual Messer Aníbal, não ficando da família senão Messer Giovanni, criança de colo, o povo, logo depois do homicídio, sublevou-se e

> matou todos os Canneschi. Isso foi devido à benevolência popular com a qual a casa dos Bentivoglio contava naquela época, benquerença essa tão grande que, não tendo restado em Bolonha um só membro daquela família, que pudesse, morto Aníbal, governar o Estado, e havendo indício de que havia em Florença um jovem pertencente àquela família, e tido, até então, como filho de um ferreiro, os bolonheses ali foram procurá-lo e lhe entregaram o governo da cidade, que foi governada por ele até que Messer Giovanni alcançasse idade suficiente para reinar.
>
> Concluo, portanto, afirmando que a um príncipe pouco devem importar as conspirações se é amado pelo povo, mas quando este é seu inimigo e o odeia, deve temer tudo e a todos. (MAQUIAVEL, *Nicolò. O príncipe.* 4 ed. São Paulo, Nova Cultural, 1987, p. 77-79)

Esse texto estrutura-se da seguinte maneira:

introdução: afirmação de que o príncipe deve evitar ser odiado ou desprezado (primeiro período);

desenvolvimento: explicitação da afirmação geral: causas que geram o ódio – rapacidade e usurpação dos bens e das mulheres; causas que produzem o desprezo – volubilidade, leviandade, efeminação, pusilanimidade, irresolução (primeiro parágrafo, a partir do segundo período); conseqüência de ser amado e respeitado – remédio contra conspirações (segundo parágrafo);

ilustração da afirmação de que o príncipe deve evitar ser odiado ou desprezado: o assassinato de Aníbal Bentivoglio (terceiro parágrafo);

conclusão (quarto parágrafo).

O desenvolvimento pode ser a explicitação e a ilustração de uma afirmação geral, principalmente quando essa afirmação geral vier expressa numa fórmula como *O menino é o pai do homem* (Machado de Assis) ou *O inferno são os outros* (Sartre). Nesse caso, o desenvolvimento deverá explicar qual é o sentido da fórmula e ilustrá-la.

Os cinco tipos de estruturas do desenvolvimento são os mais comuns, mas não são os únicos. Ademais, podem-se fazer modificações na organização de algum tipo de desenvolvimento apresentado: por exemplo, num plano que poderia ser dialético, enuncia-se a tese, desenvolvem-se os argumentos a favor dela e chega-se a uma conclusão, sem explicitar a antítese e as objeções à tese. Além disso, numa dissertação mais longa duas ou mais dessas espécies de desenvolvimento podem combinar-se. Vejamos um exemplo que nos mostre isso.

Pode-se afirmar que o fascismo italiano foi a primeira ditadura de direita a controlar um país europeu, e que todos os movimentos semelhantes que estavam por vir encontraram um arquétipo comum no regime de Mussolini. O fascismo italiano foi o primeiro a estabelecer uma liturgia militar, um folclore e mesmo um modo de vestir – que chegou a ser mais influente no exterior que Armani, Benetton ou Versace.

Foi só nos anos 30 que movimentos fascistas surgiram no Reino Unido (com Mosley), na Letônia, Estônia, Lituânia, Polônia, Hungria, Romênia, Bulgária, Grécia, Iugoslávia, Espanha, Portugal, Noruega e até na América do Sul, para não falar da Alemanha. Foi o fascismo italiano que convenceu vários líderes liberais europeus de que o novo regime estava implementando reformas sociais interessantes, proporcionando uma alternativa brandamente revolucionária à ameaça comunista.

Não obstante isso, a precedência histórica não me parece razão suficiente para explicar por que o termo *fascismo* se tornou uma espécie de sinédoque, uma denominação *pars pro toto* de regimes totalitários distintos. Pouco adianta dizer que o fascismo continha em si, como que em estado quintessencial, todos os elementos das formas posteriores de totalitarismo. Ao contrário: o fascismo não tem quintessência alguma, ele sequer tem uma essência. O fascismo era um totalitarismo *difuso*.

O fascismo não era uma ideologia monolítica, e sim uma colagem de diferentes idéias políticas e filosóficas, um vespeiro de contradições. (...) Assim, o termo *fascismo* tornou-se universalmente aplicável, porque é possível eliminar de um regime fascista um ou dois traços sem que ele deixe de ser fascista.

Apesar de sua natureza difusa, creio ser possível esboçar uma lista de traços típicos daquilo que gostaria de chamar protofascismo ou Fascismo Eterno.

Esses traços não podem ser acomodados dentro de um sistema; muitos deles são contraditórios entre si, além de ocorrerem em outros tipos de despotismo ou fanatismo. Mas basta que um deles ocorra para que se coagule a nebulosa fascista.

1. O primeiro traço do protofascismo é o *culto à tradição*. O tradicionalismo é mais antigo do que o fascismo, e era típico do pensamento católico contra-revolucionário após a Revolução Francesa; mas nascera muito antes, no final da era helenística, como reação ao racionalismo grego clássico.

Na bacia do Mediterrâneo, povos de religiões diferentes (todas admitidas indulgentemente no Panteão romano) começaram a sonhar com uma revelação feita na aurora da história humana. Essa revelação permanecera por muito tempo oculta sob o véu de línguas esquecidas; estava contida nos hieroglifos egípcios, nas runas celtas, nos pergaminhos de religiões asiáticas ainda desconhecidas.

Essa nova cultura tinha que ser sincrética. Sincretismo não é apenas, como diz o dicionário, "a combinação de diferentes formas de crença ou prática"; uma tal combinação *tem que tolerar contradições*. Cada uma das mensagens originais contém uma centelha de sabedoria e, quando parecem dizer coisas diferentes ou incompatíveis, de fato estarão apenas aludindo, alegoricamente, à mesma verdade primeva. Em conseqüência, *não pode haver progresso do saber*. A verdade já foi pronunciada de uma vez por todas, e só podemos seguir interpretando sua mensagem obscura.

Basta dar uma olhada aos patronos de qualquer movimento fascista para encontrar os grandes pensadores tradicionalistas. A gnose nazista nutria-se de elementos tradicionalistas, sincréticos e ocultos. (...) Basta checar as estantes que as livrarias americanas reservam para a "new age" para encontrar até mesmo Santo Agostinho, que, pelo que sei, não era fascista. Mas o próprio fato de pôr no mesmo saco Santo Agostinho e Stonehenge *já é* sintonia de protofascismo.

2. O tradicionalismo implica a *recusa da modernidade*. Tanto fascistas quanto nazistas cultuavam a tecnologia, ao passo que pensadores tradicionalistas normalmente a rejeitam enquanto negação de valores espirituais tradicionais.

Entretanto, apesar de orgulhoso de suas conquistas industriais, o elogio nazista à modernidade era apenas a superfície de uma ideologia baseada em Sangue e Solo (*Blut und Boden*). A recusa do mundo moderno era disfarçada de refutação ao modo de vida capitalista, mas se destinava principalmente à rejeição do Espírito de 1789 (e de 1776, é claro). O Iluminismo, a Era da Razão, é visto como o começo da depravação moderna. Nesse sentido, o protofascismo pode ser definido como *irracionalista*.

3. O irracionalismo também depende do *culto à ação pela ação*. Sendo a ação bela em si mesma, ela deve ser implementada antes de ou sem qualquer reflexão prévia. Assim sendo, a *cultura é suspeita* na medida em que é identificada com atitudes críticas. Os intelectuais fascistas oficiais estão ocupados sobretudo em acusar a cultura moderna e a "intelligentsia" liberal pela perda dos valores tradicionais.

4. Nenhum sincretista é capaz de suportar a crítica. O espírito crítico faz distinções, e ser capaz de fazê-lo é signo de modernidade. Na cultura moderna, a comunidade científica elogia o desacordo como maneira de aprimorar o conhecimento.

Para o protofascismo, *desacordo é traição*.

5. Além disso, o desacordo é sinal de diversidade. O protofascismo desenvolve-se e alcança o consenso explorando o *medo natural da diferença.* O primeiro apelo de qualquer movimento fascista é contra os *intrusos.* Por isso o protofascismo é *racista.*

6. O protofascismo germina a partir da frustração social ou individual. É por isso que um dos traços mais típicos dos fascismos históricos foi o *apelo a uma classe média frustrada,* sofrendo sob alguma crise econômica ou humilhação política, assustada com a pressão dos grupos sociais inferiores.

Em nossos tempos, quando os velhos “proletários” estão se tornando pequenos burgueses (e os *lumpen* excluem a si mesmos da cena política), o fascismo de amanhã encontrará aí um público adequado.

7. Para os que se vêem privados de qualquer identidade social, o protofascismo diz que seu único privilégio é o mais comum de todos, o de terem nascido no mesmo país. É essa a origem do *nacionalismo.* Ademais, os únicos que podem dar identidade a uma nação são seus inimigos. Daí que na raiz da psicologia protofascista esteja a *obsessão da conspiração* (possivelmente internacional); os seguidores devem se sentir sitiados.

A maneira mais fácil de evocar a imagem de uma conspiração é o apelo à *xenofobia.* Mas a conspiração deve partir de dentro também: os judeus costumam ser o melhor alvo, já que têm a vantagem de estar dentro e fora.

8. Os seguidores do movimento devem sentir-se humilhados com a riqueza e a força ostentatória de seus inimigos. (...) Mas é importante que os seguidores estejam convencidos de que podem superar seus inimigos. Desse modo, através de uma contínua mudança de registro retórico, os *inimigos são ao mesmo tempo fortes e fracos demais.* Os fascismos estão condenados a perder suas guerras porque são visceralmente incapazes de avaliar objetivamente a força do inimigo.

9. Para o protofascismo não há luta pela vida mas vida pela luta. Por isso, o *pacifismo é uma transigência com o inimigo.* O pacifismo é um mal porque a *vida é uma guerra permanente.* Isso ocasiona um complexo de Armagedon. Uma vez que os inimigos devem e podem ser derrotados, deve haver uma batalha final, após a qual o movimento controlará o mundo. Mas uma tal *solução final* implica uma era subseqüente de paz, uma Idade de Ouro, o que contradiz o princípio da guerra permanente. Nenhum movimento fascista foi capaz de resolver este dilema.

10. O elitismo é um aspecto típico de qualquer ideologia reacionária, na medida em que estas são fundamentalmente aristocráticas. Ao longo da história, todo elitismo aristocrático ou militarista implicou *desprezo pelos mais fracos.*

O protofascismo não poderia deixar de advogar um *elitismo popular.* Todo cidadão está entre as melhores pessoas do mundo, os membros dos partidos são os melhores entre os cidadãos, todo cidadão pode (ou deveria) tornar-se membro do partido. Mas não pode haver patrícios sem plebeus. De fato, o Líder sabe que sua força baseia-se na fraqueza das massas, tão fracas a ponto de precisar de um Líder. Como o grupo é organizado hierarquicamente (de acordo com o modelo militar), cada líder subordinado despreza seus subalternos e cada um destes despreza seus inferiores. Isso reforça o sentido de elitismo de massa.

11. Nessa perspectiva, *todos são educados para se tornarem Heróis*. Em todas as mitologias, Herói é um ser excepcional, mas na ideologia protofascista o heroísmo é a norma. Esse culto ao heroísmo está estreitamente ligado a um *culto da morte*. Não é por acaso que uma das palavras de ordem dos falangistas era *viva la muerte*. (...) O herói protofascista deseja a morte anunciada como a melhor recompensa de uma vida heróica.

12. Como a guerra permanece e o heroísmo são jogos difíceis, o protofascista transfere sua vontade de potência para assuntos sexuais. É esta a origem do *machismo* (que implica desprezo pelas mulheres e condenação intolerante a hábitos sexuais não-convencionais – da castidade ao homossexualismo).

13. O protofascismo baseia-se num *populismo qualitativo*. Numa democracia, os cidadãos têm direitos individuais, mas o conjunto dos cidadãos só tem impacto político de um ponto de vista quantitativo (aceitam-se as decisões da maioria).

Para o protofascismo, os indivíduos enquanto tais não têm direitos, e o Povo é concebido como uma qualidade, uma entidade monolítica expressando a Vontade Comum. Como nenhum grupo de seres humanos algum dia seria capaz de ter uma vontade comum, o Líder finge ser seu intérprete.

Tendo perdido seu poder de delegação, os cidadãos não agem, são apenas convocados, *pars pro toto*, a interpretar o papel de O Povo – que é portanto uma mera ficção teatral. Para termos um bom exemplo, não precisamos mais recorrer à Piazza Venezia em Roma ou ao Estádio de Nurembergue. O futuro nos reserva um *populismo qualitativo* via TV ou Internet, no qual a reação emocional de um grupo seleto de cidadãos pode ser apresentada e aceita como a Voz do Povo.

Por causa de seu populismo qualitativo, o protofascismo *tem que estar contra governos parlamentares "podres"*. Cada vez que um político põe em questão a legitimidade de um parlamento por não representar mais a Voz do Povo, pode-se sentir o cheiro do protofascismo.

14. *O protofascismo fala a novilíngua*. "Novilíngua" foi inventada por Orwell, em "1984", como a linguagem oficial do Ingsoc, ou "Socialismo Inglês". Mas elementos de protofascismo são comuns a formas diferentes de ditadura. Todos os textos escolares nazistas, ou fascistas, tinham base

> num léxico empobrecido e numa sintaxe elementar, de modo a limitar o desenvolvimento dos instrumentos do raciocínio complexo e crítico. Mas devemos estar prontos a identificar novas espécies de "novilíngua", ainda que na forma inocente de um programa popular de auditório. (ECO, Umberto. *Folha de S. Paulo,* 14/5/1995, 5-8 e 9)

Analisemos a estruturação desse longo texto, cuja conclusão não foi transcrita:

introdução: idéia geral: o fascismo italiano é o arquétipo de todos os regimes semelhantes;
problema: por quê?;
desenvolvimento: tese: a causa não foi a precedência histórica, mas o fato de não ser uma ideologia monolítica;
argumento a favor da tese: análise dos diferentes fascismos mostra que se pode eliminar um ou dois traços em um dado regime, sem que deixe de ser fascista; existência de um protofascismo com traços contraditórios.

Características do protofascismo:

1. culto à tradição, sincretismo;
2. recusa da modernidade: irracionalismo;
3. culto à ação pela ação;
4. visão do desacordo como traição;
5. racismo;
6. apelo a uma classe média frustrada;
7. nacionalismo, obsessão da conspiração e xenofobia;
8. avaliação não objetiva do inimigo;
9. visão da vida como guerra permanente;
10. elitismo popular;
11. culto ao heroísmo e à morte;
12. machismo;
13. populismo qualitativo;
14. discurso com léxico pobre e sintaxe elementar.

Como se observa, esse texto começa com um plano dialético, pois, embora não enuncie uma antítese e a defenda, expõe uma tese e arrola argumentos a favor dela. Em seguida, para mostrar a existência de um protofascismo, trabalha com um plano inventário, enumerado e discutindo as quatorze características da nebulosa fascista. Como se disse, um texto mais longo pode combinar diferentes formas de organização do assunto.

A conclusão

A conclusão não é a repetição de algo que se disse anteriormente. Ela é o termo da demonstração, é um ponto de chegada, é um balanço do que se discutiu antes. Por isso, deve estar ligada logicamente ao que a precede. É preciso que haja uma relação de necessidade entre o resto do texto e a conclusão. Nela, pode-se também alargar o problema, inserindo-o numa perspectiva mais geral ou mostrando que ele faz parte de uma problemática mais ampla. Vejamos como Umberto Eco concluiu seu texto sobre a nebulosa fascista.

> Tendo esboçado os possíveis avatares do protofascismo, deixem-me concluir. Na manhã de 27 de julho de 1943, disseram-me que, segundo informações do rádio, o fascismo desmoronara e Mussolini estava preso. Minha mãe mandou-me comprar um jornal. Fui à banca mais próxima vi que os jornais estavam lá, mas que os títulos eram diferentes. Além disso, depois de um rápido exame das manchetes, percebi que cada jornal dizia coisas diferentes. Comprei um deles às cegas e li uma mensagem na primeira página, assinada por cinco ou seis partidos políticos.
>
> Até então eu pensava que só havia um partido por país – na Itália, o Partido Nazionale Fascista. Eu estava descobrindo que em meu próprio país partidos diferentes podiam existir ao mesmo tempo. E mais: como eu era um garoto brilhante, percebi imediatamente que eles existiam antes, como organizações clandestinas.
>
> A mensagem celebrava o fim da ditadura e o retorno à liberdade: liberdade de expressão, de imprensa, de associação política. Essas palavras – *liberdade e ditadura* -, eu as lia pela primeira vez em minha vida. Renasci como homem livre ocidental por força dessas palavras novas.
>
> Temos que nos manter alertas para que o sentido dessas palavras não seja esquecido outra vez. O protofascismo ainda está à nossa volta, às vezes à paisana. Seria mais fácil para nós se aparecesse alguém no cenário mundial dizendo “quero abrir Auschwitz de novo, quero que os camisas-negras desfilem outra vez nas praças italianas”. É pena!
>
> A vida não é tão simples. O protofascismo pode voltar sob o mais inocente dos disfarces. Nosso dever é pô-lo a nu e apontar quaisquer novas ocorrências – todos os dias, em todas as partes do mundo. Mais uma vez dou a palavra a Roosevelt: “Arrisco-me a afirmar que, se a democracia americana deixar de existir como uma força viva, procurando dia e noite melhorar a sorte de seu cidadão por meios pacíficos, o fascismo ganhará força em nosso país” (4 de novembro de 1938). Liberdade e liberação são uma tarefa infinita.
>
> Que seja esta nossa senha: não esquecer.

A partir de um fato pessoal, a descoberta das palavras *liberdade* e *ditadura*, ocorrido em 1943, o autor mostra que o fascismo aparece sob muitos disfarces, que é preciso não esquecê-lo, que é necessário pô-lo a nu e denunciá-lo, pois construir a liberdade é uma tarefa infinita. Como se vê, a conclusão está profundamente relacionada ao desenvolvimento do texto.

Na conclusão, devem-se evitar a falta de relação com o desenvolvimento, as banalidades e os lugares-comuns, a relação apenas com uma parte do texto.

Mais do que qualquer lição sobre a estrutura da dissertação, o que o enunciador deve ter bem presente, quando vai elaborar seu texto, é que é preciso mostrar uma resposta pessoal ao tema. Dizer isso não significa que, numa dissertação, não se possa fazer referência ao pensamento de outrem, mas quer dizer que devem ser banidos dela os lugares comuns, os clichês, as platitudes, as generalidades, as vaguidades, os preconceitos, os esquemas pré-estabelecidos. Dissertar não é preencher uma folha de papel com um certo número de linhas, em que o autor lança idéias prontas que julga importantes, apropriadas ou aceitáveis. Seu texto precisa ter “personalidade”. Uma dissertação está fundada numa relação dialógica. O enunciador tem uma imagem de seu interlocutor e relaciona-se com ela. Procura persuadir esse enunciador fictício, esclarecer certos pontos de vista, antecipar-se a possíveis objeções, apresentar argumentos a favor de certa tese, etc.

O problema é que, quando se faz um concurso, a imagem do interlocutor é a do examinador. Muitas vezes, a imagem que se tem dele é a um pedante gramático ou de um defensor de certas posições à esquerda ou à direita do espectro político. Em função dessa imagem, cria-se um texto que, do ponto de vista dos conteúdos, espelha conceitos mal assimilados, idéias com que o examinando não tem familiaridade, argumentos que soam artificiais, e que, do ponto de vista da linguagem, faz um uso gratuito e espetacular de termos difíceis, que o examinando não domina, e de uma sintaxe, que, na maioria das vezes, é canhestra.

A idéia central a respeito da dissertação é que ela é a expressão de uma resposta pessoal a um problema dado, formulada com coerência, rigor e clareza. Por ela, o candidato demonstra seu grau de preparo intelectual, sua capacidade de raciocínio, sua habilidade em tratar temas controversos e delicados.

Lição 12

Coesão textual

Leia o texto que segue:

Frango com azeitonas pretas

1 kg de sobras de frango assado
100 g de azeitonas pretas
4 filés de anchova
3 dentes de alho
½ copo de sobra de vinho branco seco
3 colheres (sopa) de azeite
2 colheres (sopa) de vinagre
sal e pimenta

> Coloque numa frigideira o azeite e os dentes de alho espremidos e leve ao fogo. Quando começar a dourar, junte o frango em pedaços. Deixe fritar até conseguir um dourado escuro. Molhe com o vinho e o vinagre e acrescente as anchovas picadas, metade das azeitonas picadas e as restantes inteiras, sem caroços. Espere até que o vinho evapore totalmente e junte um copo e meio de água. Deixe ferver novamente, até a água evaporar e engrossar o molho, e sirva em seguida. (PICCHETTO, Mariella e CATTANI, Roberto. *Reciclar é gostoso.* São Paulo, Ática, 1994, p. 98)

Uma receita de cozinha divide-se em duas partes: lista dos ingredientes e modo de preparar. Na primeira, introduzem-se informações novas, isto é, que ainda não tinham aparecido no texto; na segunda, retomam-se os elementos mencionados antes. Nesta, os nomes que já tinham sido mencionados na primeira parte vêm precedidos de artigo definido, pois, entre outras funções, o definido serve para indicar que o termo determinado por ele se refere ao mesmo ser que outra palavra idêntica já mencionara. No nosso texto, por exemplo, quando se diz que se acrescentam *as* anchovas picadas, o artigo definido está indicando que se trata das mesmas anchovas relacionadas na lista dos ingredientes. Isso ocorre com os outros ingredientes arrolados.

As palavras e frases de um texto estão relacionadas entre si. Isso é uma das propriedades que distingue um texto de um amontoado de frases. A coesão textual é, pois, a ligação, a relação, a conexão entre palavras, expressões ou frases do texto. Ela manifesta-se por elementos gramaticais que servem para estabelecer vínculos entre os componentes do texto.

Observe o período com que se inicia o livro *Dom Casmurro,* de Machado de Assis:

> Uma noite destas, (...) encontrei no trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu.

O pronome relativo *que* estabelece a conexão entre as duas orações: *Uma noite destas, (...) encontrei no trem da Central um rapaz aqui do bairro e eu conheço de vista e de chapéu.* O *que* relaciona as duas orações, retomando um dos termos da oração anterior: *rapaz.* O pronome relativo é um elemento coesivo e a conexão entre as duas orações, um fenômeno de coesão.

Há dois tipos principais de mecanismos de coesão: retomada ou antecipação de palavras, expressões ou frases e encadeamento de segmentos.

A – Coesão por retomada ou antecipação.

a) retomada ou antecipação por meio de uma palavra gramatical (pronomes, verbos ou advérbios).

> Entrando no templo a adorar a Apolo, achou que no mesmo altar estava Esculápio, seu filho; este com grandes barbas, e aquele lampinho (= imberbe). (Vieira)

Nesse período de Vieira, o pronome demonstrativo *este* retoma o termo *Esculápio;* enquanto *aquele* recupera a palavra *Apolo.* Os termos que servem para retomar outros são denominados *anafóricos;* os que servem para anunciar, para antecipar outros são chamados *catafóricos.* No exemplo abaixo, *esta* antecipa *o sossego normal deste meu quarto.*

> A boa vida é esta: o sossego normal deste meu quarto. (Mário Pederneiras)

São anafóricos ou catafóricos os pronomes demonstrativos, os pronomes relativos, certos advérbios ou locuções adverbiais (*nesse momento, então, lá*), o verbo *fazer,* o artigo definido, os pronomes pessoais de 3ª pessoa (*ele, o, a, os, as, lhe, lhes*), os pronomes indefinidos.

Exemplos:

> ...teve de ceder aos conselhos da mãe a *quem* D. Fortunata pediu auxílio (Machado de Assis) (o relativo quem retoma o termo *mãe*).

> Jantei e fui a casa. *Lá* achei uma caixa de charutos, *que* me mandara o Lobo Neves, embrulhada em papel de seda e ornada de fitinha cor-de-rosa (Machado de Assis) (o advérbio *lá* retoma o substantivo *casa* e o relativo *que* recupera a expressão *caixa de charutos*).
>
> O Presidente vai recebê-lo e ele o *faz* porque tem muita consideração pelo senhor (o verbo *fazer* retoma o verbo *receber*).
>
> Aqui tendes a partitura, escutai-*a,* emendai-*a,* fazei-*a* executar, e se *a* achardes digna das alturas, admiti-me com *ela* a vossos pés (Machado de Assis) (os pronomes pessoais *a* e *ela* retomam o substantivo *partitura*).
>
> Várias pessoas aplaudiram o Presidente: *algumas* tinham motivo; *outras,* não (os indefinidos *algumas* e *outras* retomam o substantivo *pessoas*).

Observações sobre o uso dos anafóricos:

1. Em geral, só se usam anafóricos, quando o termo que ele retoma tiver sido explicitamente mencionado no texto. Por exemplo, falta coesão ao texto *Ele é meu irmão. Começou a trabalhar com ela há pouco tempo,* porque o leitor não sabe a quem o termo *ela* se refere. No entanto, pode-se usar um anafórico, se a palavra a que ele remete puder ser inferida do contexto. Por exemplo, no texto *Minha irmã casou-se há pouco tempo. Ele parece ser uma ótima pessoa,* infere-se facilmente do contexto que o termo a que *ele* se refere é *o marido.*

2. O artigo indefinido serve geralmente para introduzir informações novas no texto. Quando elas forem retomadas, devem ser precedidas do artigo definido, pois este é que tem a função de indicar que o termo que ele determina é idêntico, em termos de valor referencial, a um termo já mencionado.

> Esteve à janela cerca de meia hora; depois entrou, sentou-se e escreveu *uma* carta. *A* carta era longa, escrita a golfadas, sem nexo nem ordem. (Machado de Assis)

3. Quando, num dado contexto, o anafórico puder referir-se a dois termos distintos, há uma ruptura de coesão, porque ocorre uma ambigüidade insanável. É preciso que o texto seja escrito de tal forma que o leitor possa determinar exatamente qual é a palavra retomada pelo anafórico.

> Jorge briga muito com Raquel por causa de *seus* ciúmes (nesse caso, não se sabe se os ciúmes são de Jorge ou de Raquel).

A frase ficaria melhor se fosse escrita assim: Por ser muito ciumento, Jorge briga muito com Raquel ou por ser ela muito ciumenta, Jorge briga muito com Raquel.

> Pedro censurou o colega de seu primo, *que* freqüenta a mesma Faculdade que ele (nesse caso, não se sabe se quem freqüenta a mesma Faculdade que Pedro é seu primo ou o colega de seu primo; pode ser também que o primo freqüente a mesma Faculdade que seu colega).

> Pedro e Paulo foram com dois cães à caça, que malogrou com a morte de *um deles* (nesse caso, não se sabe se um deles se refere aos cães ou aos caçadores).

b) retomada por palavra lexical (substantivo, adjetivo ou verbo).

Uma palavra pode ser retomada, quer por uma repetição, quer por uma substituição por sinônimo, hiperônimo, hipônimo ou antonomásia.

Hiperônimo é um termo que mantém com outro uma relação do tipo contém/está contido; hipônimo é uma palavra que mantém com outra uma relação do tipo está contido/contém. O significado do termo *satélite* está contido no de *astro* e o de *astro* contém o de *satélite,* pois todo satélite é um astro, mas nem todo astro é satélite. *Astro* é, pois, hiperônimo de *satélite* e este é hipônimo daquele.

Antonomásia é a substituição de um nome próprio por um nome comum ou de um comum por um próprio. Ela ocorre, principalmente, quando uma pessoa célebre é designada por uma característica notória ou quando o nome próprio de uma personagem famosa é usado para denominar pessoas que possuam a mesma característica que a distingue:

Aristóteles = o Estagirita (= natural de Estagira, cidade onde nasceu o filósofo);

Ele é um don juan = um conquistador.

Voltemos agora à questão da coesão.

> Guiomar tivera humilde nascimento; era filha de um empregado subalterno não sei de que repartição do Estado, homem probo, que morreu quando ela contava apenas sete anos, legando à *viúva* o cuidado de a educar e manter. A *viúva* era mulher enérgica e resoluta, enxugou as lágrimas com a manga do modesto vestido, olhou de frente para a situação e determinou-se à luta e à vitória (Machado de Assis).

Nesse texto, a repetição do termo *viúva* é que faz a conexão entre os dois períodos.

Pintava rosas, camélias, violetas. As *flores* pareciam de verdade. Os dois períodos estão relacionados pelo hiperônimo *flores,* que recupera os hipônimos *rosas, camélias, violetas*.

> Eles (os alquimistas) acreditavam que o organismo do homem era regido por humores (fluidos orgânicos) que percorriam – ou apenas existiam – em maior ou menor intensidade em nosso corpo. Eram quatro os *humores:* o sangue, a fleuma (secreção pulmonar), a bile amarela e a bile negra. E eram também *estes quatro fluidos* ligados aos quatro elementos fundamentais: ao Ar (seco), à Água (úmido), ao Fogo (quente) e à Terra (frio), respectivamente (Ziraldo).

A ligação entre o segundo e o primeiro períodos se faz pela repetição da palavra *humores;* entre o terceiro e o segundo se faz pela utilização do sinônimo *fluidos*.

É preciso manejar com muito cuidado a repetição de palavras, pois, se ela não for usada para criar um efeito de sentido de intensificação, como no exemplo abaixo de Vieira, constitui uma falha de estilo.

> Apareceis diante do tribunal divino, acusam-vos os homens, acusam-vos os anjos, acusam-vos os demônios, acusam-vos vossas próprias obras, acusam-vos o Céu, a Terra, o mundo todo, se a vossa consciência vos não acusa, estai-vos rindo de todos.

A *elipse* é o apagamento de um segmento de uma frase, que puder ser facilmente recuperado pelo contexto. É ela também um expediente de coesão, pois é o apagamento de um termo que seria repetido.

> Não te irrites se te pagarem mal um benefício: antes cair das nuvens que de um terceiro andar (Machado de Assis). Nesse caso, o termo *cair*, que seria repetido antes de *um terceiro andar* é omitido por ser facilmente recuperável.

Qualquer segmento da frase pode sofrer elipse. Veja que, no exemplo abaixo, é o sujeito *Quincas Borba* que é elidido.

> Quincas Borba calou-se de exausto, e sentou-se ofegante. (Machado de Assis)

Pode ocorrer também elipse por antecipação. No exemplo que segue, *por qualquer coisa* é complemento tanto de *chorar* quanto de *desesperar-se.* No entanto, ele aparece apenas depois do segundo verbo, sendo elidido, quando o verbo *chorar* ocorre.

> *Estava muito deprimida. Chorava, desesperava-se por qualquer coisa.*

Rompe-se a coesão, quando se faz essa elipse por antecipação com verbos que têm regência diferente. Por exemplo, não se deve dizer *Ele simpatiza e* *gosta das pessoas logo de cara,* pois o verbo *simpatizar* rege complemento introduzido com a preposição *com.* Como a elipse retoma o complemento inteiro, ela recupera inclusive a preposição que introduz o outro complemento. Nesse caso, teríamos então *Ele simpatiza (das pessoas logo de cara) e gosta das pessoas logo de cara.* Nesses casos, para não retomar preposições indevidas ou inexistentes ou para não deixar de recuperar uma preposição, o complemento é colocado junto ao primeiro verbo e retomado por um anafórico, cada um com sua preposição ou um deles sem preposição, se for o caso: *Ele simpatiza com as pessoas logo de cara e gosta delas.*

B – Coesão por encadeamento de segmentos textuais.

a) Coesão por conexão.

A língua têm uma série de palavras ou locuções que são responsáveis pela concatenação ou relação entre segmentos do texto. Esses elementos denominam-se conectores ou operadores discursivos. Por exemplo: *visto que, até, ora, no entanto, contudo, ou seja.*

Além de ligar partes do texto, estabelecem eles, entre os segmentos vinculados, uma relação semântica: contrariedade, causa, conseqüência, condição, conclusão, etc. Essas relações exercem uma função argumentativa no texto. Por isso, é preciso usar o conector adequado para as finalidades argumentativas. Não podem esses operadores argumentativos ser permutados a bel-prazer do falante, pois o uso inadequado de um conector pode criar um paradoxo semântico. Tomemos a frase *O Brasil jogou bem, mas não conseguiu a vitória.* Nela, o conector *mas* está adequadamente usado, pois ele liga dois segmentos com orientação argumentativa contrária. Seria absurdo utilizar, nesse caso, o conector *portanto,* pois esse operador discursivo liga dois segmentos com a mesma orientação argumentativa, sendo o segmento introduzido por ele a conclusão do anterior.

Os principais operadores discursivos são:

1. os que marcam uma gradação numa série de argumentos orientados para uma mesma conclusão. Dividem-se eles em dois subtipos: os que indicam o argumento mais forte de uma série: *até, mesmo, até mesmo, inclusive* e os que subentendem uma escala com argumentos mais fortes: *ao menos, pelo menos, no mínimo, no máximo, quando muito.*

> Este apartamento tem todas as qualidades que se exigem de uma boa moradia: é amplo, está em bom estado de conservação, foi feito com material

> de primeira, é bem dividido e é até bem localizado (toda a série de qualidades do apartamento está orientada no sentido de comprovar que o apartamento é bom; dentro dessa série, ser bem localizado é considerado o argumento mais forte).

> Ele é um bom enxadrista. Chegará *pelo menos* a ser um grande mestre (*pelo menos* introduz um argumento orientado no mesmo sentido de bom enxadrista; por outro lado, subentende que há argumentos mais fortes para provar que ele é um bom enxadrista (por exemplo, ser campeão mundial) e que se está usando o menos forte; *ao menos, pelo menos e no mínimo* ligam argumentos de valor positivo).

> Ele não é brilhante. *No máximo* poderá ocupar uma função executiva (*no máximo* introduz um argumento orientado no mesmo sentido de não ser brilhante; supõe que há uma escala argumentativa (por exemplo, ter funções de estabelecer diretrizes e estratégias) e que se está usando o menos forte argumento da escala no sentido de provar a afirmação anterior; *no máximo e quando muito* estabelem ligação entre argumentos de valor depreciativo.

2. os que assinalam uma conjunção argumentativa, ou seja, ligam um conjunto de argumentos orientados em favor de uma dada conclusão: *e, também, ainda, nem, não só... mas também, tanto... como, além de, além disso, a par de.*

> *Além do prejuízo* em dólares, o governo recebeu um petardo na própria credibilidade *e* botou na boca das matildes a honorabilidade da equipe econômica (Carlos Heitor Cony) (o articulista está mostrando os desacertos do governo no anúncio da banda cambial; arrola três argumentos que têm a mesma orientação argumentativa e os introduz com *além de* e *e*).

Esses operadores introduzem novos argumentos, não significam, em hipótese nenhuma, a repetição do que já foi dito. Só podem ser ligados com conectores de conjunção segmentos que representarem uma progressão discursiva. Pode-se dizer *Ficou irritado e levantou-se para deixar a sala,* porque o segundo segmento indica um desenvolvimento da exposição. Não se pode ligar, com esses operadores, dois segmentos como *Levantou-se para deixar a sala e ficou de pé para abandonar o recinto.*

3. os que indicam uma disjunção argumentativa, ou seja, fazem uma conexão entre segmentos que levam a conclusões opostas, que têm orientação argumentativa diferente: *ou, ou então, quer...quer, seja...seja, caso contrário.*

> O verdadeiro nó do Brasil é esse: miséria e má distribuição de renda, muito mais que a Constituição de 1988. *Ou* se tem um projeto global que, a médio prazo, permita ao menos amortizar a dívida social, *ou* vai se ficar andando em círculos eternamente (Clóvis Rossi). (O primeiro segmento introduzido por *ou* conduz à conclusão de que a amortização da dívida social, por meio de um projeto global, é o único meio de o Brasil desenvolver-se; o segundo deixa patente que não fazer isso é andar em círculos).

4. os que marcam uma conclusão em relação ao que foi dito em dois ou mais enunciados anteriores (geralmente, uma das afirmações de que decorre a conclusão fica implícita, por manifestar uma voz geral, uma verdade universalmente aceita): *logo, portanto, por conseguinte, pois* (o *pois* é conclusivo quando não encabeçar a oração).

> Sim, porque dificilmente se encontrará na cena política brasileira proposta mais contrária aos privilégios e, *portanto,* mais tendente à igualdade entre os cidadãos do que a apresentada pelo ministro Reinhold Stephanes (Brasílio Sallum Jr.) (*portanto* introduz uma conclusão em relação a duas afirmações, a primeira delas implícita: Todas as propostas contrárias aos privilégios tendem à igualdade entre os cidadãos. A proposta do ministro Reinhold Stephanes é contrária aos privilégios. Portanto, tende à igualdade entre os cidadãos. A primeira afirmação fica implícita porque é apresentada como um dado indiscutível).

5. os que estabelecem uma comparação de igualdade, superioridade ou de inferioridade entre dois elementos, com vistas a uma conclusão contra ou a favor de determinada idéia: *tanto...quanto, tão...como, mais...(do) que, menos...(do) que.*

> Um estudo elaborado pelo Instituto Liberal de São Paulo aponta seis causas da crise da Previdência. Pelo menos duas telas (desemprego e desvio de recursos) independem do modelo que se adote.
>
> A menos que haja desemprego menor (incluindo-se aí o subemprego), a Previdência terá sempre problemas de arrecadação. *Tanto* maiores *quanto* maior for o desvio de recursos, como é obvio. Não há lei que possa proibir o desvio de recursos (Clóvis Rossi) (o comparativo de igualdade tem no texto uma função argumentativa: mostrar que o problema da Previdência é menos do modelo adotado para a concessão de benefícios e mais de gerenciamento do sistema; por isso, os segmentos podem até ser permutáveis do ponto de vista sintático, mas não o são do poder de vista argumentativo, pois não há igualdade argumentativa entre eles, uma vez que seria absurdo dizer na

> orientação argumentativa proposta *Tanto maior será o desvio de recursos quanto maiores forem os problemas de arrecadação*).

Muitas vezes a permutação dos segmentos leva a conclusões opostas. Veja o exemplo abaixo:

Precisamos contratar médicos estrangeiros para melhorar o atendimento deste hospital. Qualquer médico brasileiro é *tão* preparado *quanto* um estrangeiro. (Nesse caso, o argumento é contra a necessidade de contratar médicos estrangeiros, porque os brasileiros são tão bons quanto os estrangeiros). Qualquer médico estrangeiro é *tão* preparado *quanto* um brasileiro. (Nesse caso, o argumento é a favor do contrato, já que qualquer médico estrangeiro tem, pelo menos, o nível dos brasileiros, o que significa que estes não primam exatamente pela excelência em relação aos outros).

6. os que introduzem uma explicação ou uma justificativa em relação ao que foi dito anteriormente: *porque, já que, que, pois.*

> Uma derrota por 388 a 60, em qualquer tipo de disputa, faz jus ao nome de esmagadora. *Pois* foi esse o placar amargado pelo governo na votação, pelos deputados, do veto presidencial relativo às dívidas do setor agrícola (*Folha de S. Paulo,* 7/4/1995; 1-2) (*pois* inicia um segmento que pretende expor um argumento favorável à idéia implícita de que o governo sofreu uma derrota esmagadora).

7. os que assinalam uma relação de contrajunção, isto é, ligam enunciados com orientação argumentativa contrária: conjunções adversativas (*mas, contudo, todavia, no entanto, entretanto, porém*) e concessivas (*embora, apesar de, apesar de que, conquanto, ainda que, posto que, se bem* que).

Qual é a diferença entre as adversativas e as concessivas, se ambas ligam enunciados com orientação argumentativa contrária? Nas adversativas, prevalece a orientação do segmento introduzido pela conjunção.

> Ao longo dos dois últimos séculos de luta pela democracia, as tendências de esquerda podem ter-se colocado algumas vezes contra a liberdade política, *mas* têm sido sempre vanguardeiras das igualdades política e social. (Brasílio Sallum Jr.)

Nesse caso, a oração não iniciada por *mas* conduz a uma conclusão negativa sobre o papel das esquerdas, enquanto a começada pela conjunção leva a uma conclusão positiva. Essa segunda orientação é a mais forte. Compare-se, por exemplo, *Ele é inteligente, mas não é trabalhador* com *Ele não é trabalhador, mas é inteligente*. No primeiro caso, o que se quer dizer é que o fato de ser inteligente acaba sendo suplantado pela falta de trabalho. No segundo, que não ser trabalhador perde relevância diante do fato de ser inteligente. Quando se usam as conjunções adversativas, introduz-se um argumento com vistas a determinada conclusão, para, em seguida, apresentar um argumento decisivo para uma conclusão contrária. A estratégia discursiva é a de orientar para uma dada conclusão e, imediatamente, introduzir um argumento para anulá-la.

Com as conjunções concessivas, a orientação argumentativa que predomina é a do segmento não introduzido pela conjunção.

> *Apesar* de a gente às vezes se irritar com a mídia, ela é essencial. (Fernando Henrique Cardoso)

A oração iniciada por *apesar de* apresenta uma orientação argumentativa no sentido de que a mídia não é uma coisa boa, porque causa aborrecimentos; a oração principal conduz à direção argumentativa contrária. Quando se utilizam conjunções concessivas, a estratégia argumentativa é a de, primeiro, anunciar um argumento que, embora tido como verdadeiro, será anulado por outro mais forte com orientação contrária. Observe que a diferença entre as adversativas e as concessivas é de estratégia argumentativa. Compare os seguintes períodos:

Argumento mais fraco	Argumento mais forte
Embora todos estejam aqui,	não podemos ainda começar a reunião.
Todos estão aqui,	mas não podemos ainda começar a reunião.

8. os que introduzem um argumento decisivo para dar o golpe final na argumentação contrária, mas apresentado-o como se fosse um acréscimo, como se fosse apenas algo mais numa série argumentativa: *aliás, além do mais, além de tudo, além disso, ademais*.

> Ele anda com muito azar: ficou doente, perdeu o emprego, levou um calote de um amigo e, *além disso*, está com um filho internado. (O operador introduz o que se considera a prova mais forte de que ele anda com azar; no entanto, ela é apresentada como se fosse apenas mais uma).

9. os que assinalam uma generalização ou uma amplificação do que foi dito antes: *de fato, realmente, como aliás, também, é verdade que*.

> A única saída real para os problemas brasileiros é sair do varejo e tentar ao menos um projeto macro, porque as soluções propostas pelo governo, *como aliás* por governos anteriores, pecam por serem parciais (Clóvis Rossi). (O conector introduz uma generalização ao que foi dito antes: todos os governos anteriores a este também pecaram por apresentar propostas parciais).
>
> Já o ajudei muito. *Realmente,* salvei-o da ruína (o operador introduz uma amplificação do que foi afirmado antes).

10. os que marcam uma especificação ou uma exemplifição do que foi afirmado anteriormente: *por exemplo, como.*

> À falta de dados precisos, pode-se até suspeitar que a crise da Previdência se deve menos aos fatores intrínsecos (*como* a inversão da pirâmide demográfica) e mais aos problemas externos (desemprego, subemprego, desvios) (Clóvis Rossi). (Como assinala que o que vem a seguir especifica, exemplifica o termo genérico anterior *fatores intrínsecos*).

11. os que indicam uma retificação, uma correção do que foi afirmado antes, ou ainda, servem para marcar um esclarecimento, um desenvolvimento, uma redefinição do conteúdo enunciado anteriormente ou para assinalar uma atenuação ou um reforço do conteúdo de verdade de um enunciado: *ou melhor, de fato, pelo contrário, ao contrário, isto é, quer dizer, ou seja, em outras palavras.*

> Com uma esquerda como essa, quem precisa do PFL para desenvolver uma política conservadora? *De fato,* ao assumir tal posição (defesa do *statu quo* previdenciário da classe média) ela mesma acaba por desqualificar as denúncias que fazia na campanha eleitoral sobre o conservadorismo da aliança PSDB-PFL-PTB (Brasílio Sallum Jr.). (O operador introduz um esclarecimento sobre a afirmação de que a esquerda está adotando uma política conservadora).
>
> Vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance para ajudá-lo. *Ou melhor,* vou tentar. (O conector inicia um segmento que atenua o conteúdo de verdade do que foi dito antes).

12. os que desencadeiam uma explicação, uma confirmação, uma ilustração do que foi afirmado antes: *assim, desse modo, dessa maneira.*

> O plano de estabilização econômica é muito frágil. *Assim,* se houver uma fuga de capitais especulativos, o governo não poderá manter a âncora cambial e a inflação voltará. (O operador introduz uma explicação acerca da fragilidade do plano econômico).

b) coesão por justaposição.

É a coesão que se estabelece com base na seqüência dos enunciados, marcada ou não com seqüenciadores. Se o texto for construído sem marcadores de seqüenciação, deverá o leitor, a partir da ordem dos enunciados, reconstruir os operadores discursivos não presentes na superfície textual. Os lugares dos diferentes conectores estarão marcados, na escrita, pelos sinais de pontuação: ponto final, vírgula, ponto e vírgula, dois pontos.

> Da mesma forma, o problema da educação, conforme se mostrou anteontem neste espaço, vai muito além da sala de aula. Começa, a rigor, no ventre materno. A má nutrição da mãe torna pelo menos 40% dos futuros alunos incapazes de absorver conhecimento. (Clóvis Rossi)

Esse texto contém três períodos. O terceiro indica a causa de o problema da educação começar no ventre materno. Portanto, o ponto final do segundo período está no lugar de um *porque.*

Examinemos os principais seqüenciadores:

1. seqüenciadores temporais, ou seja, os indicadores de anterioridade, concomitância ou posterioridade: *dois meses depois, uma semana antes, um pouco mais tarde,* etc. (são utilizados predominantemente nas narrações).

> *Dois dias depois* da cena do pouso, por uma bela tarde de verão, a família de D. Antônio de Mariz estava reunida na margem do Paquequer. (José de Alencar)

2. seqüenciadores espaciais, ou seja, os indicadores de posição relativa no espaço: *à esquerda, à direita, junto de,* etc. (são usados principalmente nas descrições).

> *Junto* à janela, havia um traste que à primeira vista não se podia definir; era uma espécie de leito ou sofá de palha matizada de várias cores e entremeada de penas negras e escarlates. (José de Alencar)

3. os que assinalam a ordem dos assuntos numa exposição: *primeiramente, em seguida, a seguir, finalmente,* etc.

> Para analisar o plano de estabilização econômica, falarei, *primeiramente,* dos problemas trazidos pela âncora cambial; *em seguida,* analisarei a questão da reforma tributária; *finalmente,* tratarei do problema geral do ajuste fiscal.

4. os que, na conversação principalmente, servem para introduzir um tema ou mudar de assunto: *a propósito, por falar nisso, mas voltando ao assunto, fazendo um parêntese,* etc.

> As eleições papais sempre foram um delicadíssimo exercício político. *Fazendo um parêntese:* é bom lembrar que a Igreja considera que os cardeais eleitores são inspirados pelo Espírito Santo.

A língua tem um grande número de conectores e seqüenciadores. Apresentamos os principais e explicamos sua função. É preciso ficar atento aos fenômenos de coesão. Mostramos que o uso inadequado dos conectores e a utilização inapropriada dos anafóricos ou catafóricos geram rupturas na coesão, o que leva o texto a não ter sentido ou, pelo menos, a não ter o sentido desejado. Uma outra falha comum no que tange à coesão é a falta de partes indispensáveis da oração ou do período. Analisemos este exemplo:

> Os deputados que anunciaram que apoiariam as propostas governamentais que foram apresentadas ao Congresso.

O período compõe-se de:

1 – os deputados;

2 – que anunciaram (oração subordinada adjetiva restritiva da primeira oração);

3 – que apoiariam as propostas governamentais (oração subordinada substantiva objetiva direta da segunda oração);

4 – que foram apresentadas ao Congresso (oração subordinada adjetiva restritiva da terceira oração).

Observe-se que falta o predicado da primeira oração. Quem escreveu o período começou a encadear orações subordinadas e “esqueceu-se” de terminar a primeira oração. A escrita não exige períodos muito longos. No entanto, é preciso que eles sejam sintaticamente completos, que suas diferentes partes estejam bem conectadas entre si. A falta de alguma parte produz ausência de coesão.

Para fazer de um conjunto de frases um texto, não basta que as frases estejam coesas. Se não tiverem unidade de sentido, não passam de um amontoado, que não configura um texto. Observe por exemplo:

> Um amigo meu foi passear na França. O *país* tem belas catedrais góticas. *Ele* apresenta uma distribuição de renda mais ou menos igualitária. *Também* a Alemanha tem uma boa distribuição de renda.

Todas as frases são coesas. O hiperônimo *país* retoma o substantivo *França* estabelecendo uma relação entre o segundo e o primeiro períodos. O pronome *ele* recupera a palavra *país*, vinculando o terceiro ao segundo período. O operador *também* realiza uma conjunção argumentativa, relacionando o quarto período ao terceiro. No entanto, esse conjunto não é um texto, pois não apresenta unidade de sentido, coerência.

A coesão é condição necessária, mas não suficiente, para produzir *um texto*.

Lição 13

Coerência textual

Leia o texto que segue:

À moda da casa

feijoada
marmelada
goleada
quartelada
(PAES, José Paulo. *Um por todos*. São Paulo, Brasiliense, 1986, p. 101)

A primeira coisa a chamar a atenção do leitor nesse texto é a ausência de elementos de coesão, seja retomando o que foi dito antes, seja encadeando segmentos textuais. No entanto, percebemos nele um sentido unitário. Ele é constituído de quatro palavras. Todas elas são substantivos formados com o sufixo – *ado,* que indica coleção, multidão (*goleada* = coleção de gols; *feijoada, marmelada* = produto alimentar formado de uma coleção de um dado ingrediente) ou ação resultante (*quartelada*). Este último termo, que significa "rebelião ou motim feito por militares com vistas a tomar o poder", tem sentido pejorativo. Ademais, no texto, ligado às três outras palavras, indicando coleção, seu sufixo vai adquirir esse matiz semântico. *Quartelada* passa a ter o valor de algo freqüente, habitual. Por outro lado, *marmelada* quer dizer não só "doce, pastoso, de marmelo", mas também "negócio desonesto, conluio entre os participantes de um jogo ou competição, a fim de que o resultado seja favorável àquele a quem convém sair vencedor". O texto joga com os dois sentidos da palavra. Entendemos que o texto está enumerando elementos definidores do Brasil: no plano culinário, no plano das relações sociais, no plano esportivo, no plano político. Porque somos capazes de compreender esse texto? Porque é coerente.

Freqüentemente, ouvimos frases como *seu texto não está coerente, suas idéias são incoerentes.* Embora usemos muito o termo *coerência,* nunca sabemos muito bem o que é essa qualidade indispensável para a existência de um texto.

Num texto, as diferentes partes devem estar relacionadas entre si, criando uma unidade de sentido. Uma idéia ajuda a compreender a outra, produzindo um sentido global, à luz do qual cada uma das partes ganha sentido. A coerência é exatamente essa unidade de sentido do texto. No poema acima, garantem essa unicidade, de um lado, o título *à moda da casa*, que indica tratar-se de algo doméstico; de outro, nosso conhecimento do mundo, que permite reconhecer a feijoada como prato nacional, o papel do futebol em nossa sociedade, a ingerência dos militares na política brasileira.

A coesão é um mecanismo que auxilia na produção de uma unidade de sentido, mas não é necessária para que a coerência seja obtida, pois temos conjuntos de enunciados que formam textos coerentes, mas que não estão relacionados por nenhum elemento coesivo.

A coesão diz respeito à relação linear que as unidades lingüísticas mantêm no texto. A coerência concerne às relações de sentido, à organização subjacente do texto. Por isso, ela refere-se à não-contradição de sentidos, à continuidade semântica. Ela é um fator de interpretabilidade do texto, pois possibilita apreender seu sentido unitário. Quando as diferentes partes do texto não têm nenhuma relação entre si, ele não é coerente. É o que ocorre no trecho que vem a seguir:

> A todo ser humano foi dado o direito de opção entre a mediocridade de uma vida que se acomoda e a grandeza de uma vida voltada para o aprimoramento intelectual.
>
> A adolescência é uma fase tão difícil que todos enfrentam. De repente vejo que não sou mais uma "criancinha" dependente do "papai". Chegou a hora de me decidir! Tenho que escolher uma profissão para me realizar e ser independente financeiramente.
>
> No país em que vivemos, que predomina o capitalismo, o mais rico sempre é quem vence! (Redação apresentada no vestibular da Unicamp. Apud DURIGAN, J. A., ABAURRE, M. B. M. e VIEIRA, Y. F. (orgs.). *A magia da mudança.* Campinas, Editora da Unicamp, 1987, p. 53)

Esse texto apresenta três temas (direito de opção; adolescência e escolha profissional; relações sociais sob o capitalismo), que mantêm relações muito tênues entre si. Esse fato afeta a continuidade semântica do texto, impedindo a sua apreensão como um todo, configurando, pois, um texto incoerente.

Níveis de coerência

A incoerência seriam as violações das articulações sintático-semânticas de cada um dos níveis de organização do texto. Teríamos, então, diferentes níveis de coerência.

a) *Coerência narrativa* concerne à observância das implicações lógicas entre as diferentes partes do relato. Por exemplo, para que um sujeito realize uma ação, é preciso que ele tenha competência para tanto, ou seja, que saiba e possa efetuá-la. Isso significa que qualquer ação implica, pressupõe um saber e um poder fazer. Constitui, então, incoerência narrativa relatar uma ação realizada por um sujeito que não reúne condições para isso. O texto abaixo apresenta diferentes incoerências. Nesta passagem, vamos comentar apenas a incoerência narrativa. As outras serão apontadas mais adiante.

> João Carlos vivia em uma pequena casa construída no alto de uma colina árida, cuja frente dava para leste. Desde o pé da colina se espalhava em todas as direções, até o horizonte, uma planície coberta de areia. Na noite em que completava 30 anos, João, sentado nos degraus da escada colocada à frente de sua casa, olhava o sol poente e observava como a sua sombra ia diminuindo no caminho coberto de grama. De repente, viu um cavalo que descia para sua casa. *As árvores e as folhagens não lhe permitiam ver distintamente; entretanto, observou que o cavalo era manco.* Ao olhar mais perto verificou que o visitante era seu filho Guilherme, que há 20 anos tinha partido para alistar-se no exército e, em todo este tempo, não havia dado sinal de vida. Guilherme, ao ver seu pai, desmontou imediatamente, correu até ele, lançando-se nos seus braços e começando a chorar. (KOCH, I. G. V. e TRAVAGLIA, L. C. *Texto e coerência*. São Paulo, Cortez, 1989, p. 32-33)

A incoerência narrativa desse texto é que a personagem não podia ver distintamente e, no entanto, viu que o cavalo era manco.

Observe um outro exemplo:

> Pior fez o quarto-zagueiro Edinho Baiano, do Paraná Clube, entrevistado por um repórter da Rádio Cidade. O Paraná tinha tomado um balaio de gols do Guarani de Campinas, alguns dias antes. O repórter queria saber o que tinha acontecido. Edinho não teve dúvida sobre os motivos:
>
> – Como a gente já esperava, fomos surpreendidos pelo ataque do Guarani. (BUCHMAN, Ernani. *Folha de Londrina*, 25/1/1995, p. 3)

A surpresa implica a não espera. Não se pode ser surpreendido com o que se esperava que acontecesse.

b) *Coerência argumentativa* diz respeito às relações de implicação ou de adequação entre premissas e conclusões que delas se tiram ou entre afirmações e conseqüências que delas se fazem decorrer.

> O ministro da Economia da Argentina, Domingo Cavallo, deu entrevista aos jornais, afirmando que o México havia aplicado “boas políticas estruturais”. Mais adiante, depois de admitir que o episódio mexicano

> despertou “certa margem de desconfiança” em relação ao conjunto dos países latino-americanos, disse que essa desconfiança estava sendo superada, “pois mostramos ao mundo que, em termos estritos de política monetária, cambial e financeira, em nenhum país do Cone Sul se dá uma situação de desajuste como a que levou à desvalorização do peso mexicano” (*Folha de S. Paulo,* 29/1/1995, 1-10). Ora, o desajuste apontado é contraditório com a aplicação de boas políticas estruturais.

É incoerente dizer que o jornalismo, de fato, aprende-se na prática e defender a proibição do exercício profissional a todos aqueles que não são formados em escolas de comunicação. (cf. *Folha de São Paulo*. Painel do leitor. 17/11/1994, 1-3)

Muitas vezes, as conclusões não são adequadas às premissas. Não se pode concluir que, porque é estatal, uma determinada empresa seja deficitária, depois de afirmar que algumas empresas estatais são deficitárias, pois, como já ensinavam os lógicos antigos, nada se conclui de duas premissas particulares.

Constitui ainda incoerência a falta de relação do que se diz com o que foi dito anteriormente. É o caso de uma pergunta seguida de uma resposta como a que vem a seguir:

> – Deputado, o senhor é a favor ou contra o fim da aposentadoria por tempo de serviço?
>
> – O Presidente Fernando Henrique Cardoso está empenhado em melhorar a vida dos brasileiros. Por isso, está propondo emendas constitucionais, que serão discutidas no Congresso Nacional.

c) *Coerência figurativa* refere-se à compatibilidade das figuras que manifestam um determinado tema. Como sabemos, as figuras encadeiam-se num percurso para apresentar um dado tema. Essas figuras precisam ser compatíveis, para que o leitor possa perceber o tema que está sendo veiculado por elas.

Na edição de 15 de abril de 1995, a revista *Veja* publicou na quarta capa uma publicidade da cerveja Cerpa. Sobre um fundo negro aparece parte do teclado e do tampo de um piano de cauda Steinway & Sons. Sobre o tampo, um busto de Beethoven em mármore branco e uma garrafa da cerveja Cerpa (a garrafa é colorida). Entre ambos, aparece a inscrição *O sabor clássico.* Nesse percurso figurativo que manifesta *requinte, bom gosto* não poderia aparecer, por exemplo, o busto de Wando, que estaria coerentemente colocado num percurso figurativo relacionado a um motel.

No texto apresentado por Koch e Travaglia, que foi transcrito, quando se falou em coerência narrativa, há uma contradição entre as figuras *colina árida e planície coberta de areia*, de um lado, e *grama, folhagens e árvores*, de outro.

Observe um trecho de um discurso do senador Ney Maranhão sobre a índole do brasileiro:

> Nosso trabalhador é o melhor do mundo. É o mais inteligente. É um homem de sete instrumentos. Bom, não guarda mágoa. Na hora da raiva, pega, mata e esfola. Mas depois reconsidera. (*O Estado de S. Paulo*, 27/12/1994, A 4)

A figura *reconsiderar,* que significa "desdizer-se, voltar atrás numa resolução tomada" é incompatível com as figuras *matar, esfolar.*

Compare esses textos com a coerência dos percursos figurativos deste trecho de *O mulato,* de Aluísio Azevedo, em que se manifestam os temas do asseio, da abundância e do prazer gustativo:

> À luz de um antigo candeeiro de querosene, reverberava uma toalha de linho claro, onde a louça reluzia escaldada de fresco; as garrafas brancas, cheias de vinho de caju, espalhavam em torno de si reflexos de ouro; uma torta de camarões estalava sua crosta de ovos; um frangão assado tinha a imobilidade resignada de um paciente; uma cuia de farinha seca simetrizava com outra de farinha-d'água; no centro, o travessão do arroz, solto, alvo, erguia-se em pirâmide, enchendo o ar com o seu vapor cheiroso. (São Paulo, Martins, 1973, p. 188-189)

d) *Coerência temporal* é aquela que concerne à observância das leis de sucessividade dos eventos e à compatibilidade dos enunciados do ponto de vista de sua localização no tempo.

No texto apresentado por Koch e Travaglia, que foi transcrito, quando se falou em coerência narrativa, há uma contradição temporal, pois, se João tinha 30 anos e seu filho Guilherme tinha partido há vinte anos, para alistar-se no exército, isso significa que o filho é mais velho que o pai. Nesse caso, nem se respeitam as leis de sucessividade dos eventos (o filho teria nascido antes do pai), nem a compatibilidade temporal dos enunciados.

e) *Coerência espacial* é aquela que diz respeito à compatibilidade dos enunciados do ponto de vista da localização no espaço.

No texto apresentado por Koch e Travaglia, que foi transcrito, quando se falou em coerência narrativa, há uma contradição espacial, pois nele se diz que a frente da casa dava para o leste e que João, sentado nos degraus da escada colocada à frente de sua casa, olhava o sol poente. Como o sol se põe a oeste, ele não podia, sentado na frente da casa, olhar o pôr-do-sol.

f) *Coerência do nível de linguagem utilizado* é aquela que concerne à compatibilidade do léxico e das estruturas morfossintáticas com a variante escolhida numa dada situação comunicação. Ocorre incoerência, no nível de linguagem usado, quando, por exemplo, o enunciador utiliza um termo chulo ou pertencente à linguagem informal num texto caracterizado pela norma culta formal. Tanto sabemos que isso não é permitido que, quando o fazemos, utilizamos uma ressalva: *com perdão da palavra, se me permitem dizer.*

Observe um exemplo de incoerência nesse nível:

> Tendo tomado conhecimento pelos principais órgãos de imprensa do país de que o governo que V. Ex.ª, com raro brilho, chefia resolveu encaminhar à consideração do Congresso Nacional emenda constitucional que extingue o direito dos servidores públicos aposentados a salário equivalente ao pago a funcionário da ativa no exercício de igual cargo ou função, ouso dirigir-me a V. Ex.ª com o propósito de manisfestar minha inconformidade diante dessa medida, que lançará no desespero milhões de pessoas que não têm mais tempo hábil de buscar uma complementação da aposentadoria. Francamente, achei a maior sujeira, uma sacanagem, nada a ver com sua vida.

Como se vê, o léxico usado no último período do texto destoa completamente do utilizado no período anterior.

Espécies de coerência

Poder-se-ia perguntar o que é que determina o que é ou não coerente. A pergunta justifica-se, porque, em alguns casos, a incoerência é evidente, enquanto, em outros, não é tão obvia. Por exemplo, se disséssemos *Pôs o queijo no macarrão, ralou-o e tirou-o do armário,* todos estariam de acordo em declarar a incoerência temporal desse texto, pois, nele, viola-se a lei da sucessividade dos eventos. Por outro lado, talvez não seja aceito por todo o mundo que, na publicidade da cerveja Cerpa descrita acima, quando falamos de coerência figurativa, seja contraditório colocar no lugar do busto de Beethoven o de Wando. Alguém poderia fazer a objeção de que, neste caso, trata-se de preconceito julgar que o texto seja incoerente.

A natureza da coerência está relacionada a dois conceitos básicos de verdade: adequação à realidade e conformidade lógica entre os enunciados. Quando o ministro da Previdência diz que ela teve um déficit no último ano e o TCU, depois de uma auditoria, afirma que ela foi superavitária, diz-se que o ministro mentiu, porque seu dizer não estava adequado à realidade. No exemplo abaixo, temos uma falta de conformidade lógica entre os enunciados, pois o primeiro parágrafo pressupõe a afirmação de que, em hipótese alguma, pode optar por uma Faculdade de Medicina quem não gosta de ver sangue e o segundo subentende que pode, pois esse é um problema que afeta o estudante apenas no início do curso:

> Não adianta optar por uma faculdade de Medicina se há desmaios ao ver sangue.
>
> Pode ser que muitos não gostam de determinadas coisas no início, com o tempo vão se acostumando, e, quando menos se espera, adoram-nas. (DURIGAN, J. A. et alii. *Op. cit.*, p. 50)

Vimos que temos diferentes níveis de coerência: argumentativa, figurativa, narrativa, etc. Em cada nível, temos duas espécies diversas de coerência:

a) *intratextual*, aquela que diz respeito à compatibilidade, à adequação, à não-contradição entre os enunciados do texto;

b) *extratextual*, aquela que diz respeito à adequação entre o texto e uma "realidade" exterior a ele.

A exterioridade a que o conteúdo do texto deve ajustar-se pode ser:

a) *conhecimento de mundo*, que são dados referentes ao mundo físico, à cultura de um povo, ao conteúdo das ciências, etc., que constituem o repertório, a partir do qual se produzem e se entendem textos. O período *O homem saiu voando pela janela e desapareceu no horizonte* é incoerente, pois nosso conhecimento do mundo diz que homens não voam. Temos, então, uma incoerência figurativa extratextual.

Os exemplos abaixo padecem do mesmo tipo de incoerência.

O índio guaiaqui carregou o cesto.

Sabemos que essa frase é incoerente, porque na cultura guaiaqui há uma divisão sexual das tarefas muito rígida. Os homens caçam e as mulheres fazem a coleta. Essa divisão exprime-se pela oposição entre o arco e o cesto. Os guaiaqui aprendem essa oposição, com base na qual funciona sua sociedade, por meio de um sistema de proibições recíprocas: uma impede as mulheres de tocar o arco dos caçadores; outra impede os homens de manipular o cesto. (CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978, p. 71-89)

> Os leões subiram as montanhas geladas e puseram-se a perseguir a foca. Os esquimós os chamavam por seus nomes. As feras corriam sobre o gelo, protegendo-se com suas garras para não caírem. Quando estavam prestes a alcançá-la, a foca alçou vôo. (BERNÁRDEZ, E. *Introducción a la lingüística del texto*. Madrid, Espasa-Calpe, 1982, p. 120)

Sabemos que leões não habitam territórios gelados, que focas não voam, que esquimós não usam leões para caçar. Por isso, consideramos esse texto incoerente.

b) *mecanismos semânticos e gramaticais da língua.* O Presidente Figueiredo disse, em 1981: *Dependendo da reação da oposição, eu recrudesço.* Temos, nessa frase, uma inadequação aos mecanismos semânticos da língua, pois o verbo *recrudescer,* no sentido de “tornar-se mais intenso, aumentar, exacerbar-se, agravar-se”, só pode ter como sujeito um nome abstrato e, no sentido de “fazer tornar-se mais intenso”, precisa ser construído com sujeito agente e objeto direto expresso por nome abstrato.

Observe os dois exemplos abaixo, em que o texto está absolutamente sem sentido por inobservância dos mecanismos semânticos e gramaticais da língua.

> 1. Nossas vidas vêm respectivamente e ideologicamente de decisões onde estas resultam, em seus dias, o correspondente de uma vida cotidiana, onde cada vez mais cresce a insatisfação e a isoberância (= exuberância) de todos os que aqui se resplandecem, pois é grande a dependência que todos temos para que cada vez mais entremos em contraditórios e conflitos, resultados que não agrada a ninguém, nem no ponto de vista humano podemos chegar a questionar sobre o que nos convém. (DURIGAN, J. A. et alii. *Op. cit*., p. 49)

> 2. Conscientizar alunos pré-sólidos ao ingresso de uma carreira universitária informações críticas a respeito da realidade profissional a ser optada. Deve ser criado novos métodos criativos nos ensinos de primeiro e segundo graus: estimulando o aluno a formação crítica de suas idéias as quais, serão a praticidade cotidiana. Aptidões pessoais serão associadas a testes vocacionais sérios de maneira discursiva a analisar conceituações fundamentais. (DURIGAN, J. A. et alii. *Op. cit*., p. 58)

Fatores de coerência

Muitas vezes certas frases do texto parecem incompreensíveis ou mesmo incoerentes. Essas aparentes incompreensões ou incoerências resolvem-se numa unidade maior. Há diferentes fatores que contribuem para dar coerência a um enunciado.

a) o *contexto* (para uma dada unidade lingüística funciona como contexto a unidade lingüística maior que ela: assim, a sílaba é contexto para o som; a palavra, para a sílaba; a oração, para a palavra; o período, para a oração; o texto, para o período).

Quando lemos a manchete *Canadá em São Paulo* (*Jornal da Tarde*, de 1/7/1992), achamos que ela é incoerente, pois nosso conhecimento de mundo nos diz que o Canadá não se localiza em São Paulo. A leitura do texto que vem abaixo do título desfaz essa aparente incoerência:

> Canadá em São Paulo
>
> Parque canadense será inaugurado hoje.
>
> São Paulo ganha hoje um parque que reúne duas grandes “paixões” do paulistano: o verde e a água. O verde está na farta arborização do novo local de lazer: 2100 árvores, de 120 espécies diferentes. E a água está no lago que recobre 70% dos 110 mil metros quadrados de área do parque Cidade de Toronto. A vegetação procura fazer jus ao nome do novo local de lazer. Batizado com este nome graças ao Programa Municipal de Intercâmbio Profissional firmado entre São Paulo e Toronto – que doou parte das verbas necessárias à sua construção –, o parque, situado na zona Oeste, presta uma homenagem à cidade canadense através da vegetação típica de clima temperado, como o pinheiro e o plátano, introduzida junto às plantas nativas.

O contexto mostra que não há nenhuma incoerência no título, pois, nele, a palavra *Canadá* não está sendo usada denotativamente, como nome de país, mas com valor conotado, isto é, o todo está designando a parte (parque construído na cidade de São Paulo, com recursos provindos de uma cidade canadense e que tem em sua vegetação plantas típicas de clima temperado).

b) *situação de comunicação.* Certos enunciados que, fora de uma dada situação de comunicação, parecem absurdos, dentro dela ganham sentido. Isso ocorre, porque, numa situação de interlocução, podem ser deixados implícitos certos segmentos, que fora dela precisariam ser explicitados.

Veja, por exemplo, o seguinte diálogo:
– O encanador.
– Estou no banho.
– Vou levá-lo até a cozinha.

Fora da situação de comunicação, esse diálogo não seria compreendido, porque ele deixa implícitos certos enunciados, que são perfeitamente compreendidos dentro dela:

– O encanador, que você chamou, chegou.
– Não posso atendê-lo agora, porque estou no banho.
– Vou, então, levá-lo até a cozinha, para que ele comece o serviço.

c) *conhecimento de mundo.* O poema abaixo só adquire sentido, quando sabemos que dia 25 de dezembro é dia de Natal, quando conhecemos dados da vida de Cristo, quando sabemos o valor exato da expressão *Time is money.*

25 de dezembro

Time is money
ele nasceu... não ouvem o galo?
vamos correndo crucificá-lo!
(PAES, José Paulo. *Op. cit.*, p. 41)

d) *regras do gênero*. Quando se fala em conhecimento de mundo, não se pensa apenas no mundo efetivamente existente, que se pode ver, tocar, etc., mas também nos mundos criados pela linguagem. Os diferentes gêneros de texto (ficção científica, contos maravilhosos, mitos, discurso religioso, etc.) criam outros mundos, regidos por outras lógicas. Assim, o que é incoerente num determinado gênero não o é em outro. A frase *O homem saiu voando pela janela e desapareceu no horizonte* é totalmente incoerente no discurso cotidiano, mas é completamente coerente no mundo criado pelas histórias de super-heróis. O Super-homem, por exemplo, tem força praticamente ilimitada; pode voar no espaço a uma velocidade igual à da luz; quando ultrapassa essa velocidade, vence a barreira do tempo e pode transferir-se para outras épocas; seus olhos de raios X permitem-lhe ver através de qualquer corpo, a distâncias ilimitadas, etc. Tudo isso seria incoerente em outro gênero de discurso.

e) *a conotação.* Aquilo que é incoerente, quando lido denotativamente, pode não o ser, quando entendido conotativamente. Veja o exemplo abaixo:

> *As verdes idéias incolores dormem, mas poderão explodir a qualquer momento.*

Tomado em seu sentido denotativo, esse texto é absurdo, pois o termo *idéias* não pode ser qualificado por adjetivos de cor; não se podem atribuir ao mesmo ser, ao mesmo tempo, as qualidades *verde* e *incolor,* o verbo *dormir* deve ter como sujeito um substantivo animado. No entanto, se entendermos *idéias verdes* como concepções ecológicas, o período pode ser lido da seguinte maneira: *As idéias ecológicas sem atrativo estão latentes, mas poderão manifestar-se a qualquer momento.*

f) *o intertexto.* Muitos textos retomam outros, constroem-se com base em outros e, por isso, só ganham coerência nessa relação com o texto sobre o qual foram construídos. Essa relação entre textos chama-se *intertextualidade.*

Canção de exílio facilitada

lá?
ah!
sabiá...
papá...
maná...
sofá...
sinhá...
cá?
bah!
(PAES, José Paulo. *Op. cit.*, p. 67)

Esse texto só ganha coerência, quando se conhece o poema *Canção do exílio,* de Gonçalves Dias. A partir da relação entre os dois, sabe-se que *lá* é o Brasil, onde tudo é melhor que o que existe *cá,* a terra do exílio. Lá existe a natureza bela (sabiá), o carinho familiar (papá), alimentos deliciosos e abundantes (maná), o descanso (sofá), belas mulheres (sinhá). Cá, como mostra a interjeição *bah,* tudo é desprezível, insignificante.

Falso diálogo entre Pessoa e Caeiro

– a chuva me deixa triste...
– a mim me deixa molhado.
(PAES, José Paulo. *Op. cit.*, p. 79)

Para compreender esse poema, é preciso saber que Alberto Caeiro é um dos heterônimos do poeta Fernando Pessoa, que heterônimo não é pseudônimo, mas uma individualidade lírica distinta da do autor (o ortônimo), que Caeiro considera que o real é a exterioridade e que não devemos acrescentar-lhe impressões subjetivas, que sua posição é antimetafísica, que não devemos interpretar a realidade pela inteligência, pois essa interpretação conduz a simples conceitos vazios. Por outro lado, é preciso saber que o ortônimo (Fernando Pessoa ele mesmo) exprime suas emoções, falando da solidão interior, do tédio, etc.

Muitas vezes, há uma quebra proposital da coerência com vistas a produzir um dado efeito de sentido. Há, por outro lado, casos de textos que fazem da não coerência o princípio constitutivo da produção de sentido. Lendo essas últimas afirmações, poderia alguém perguntar se, nesse caso, existe texto incoerente. Sem dúvida existe. A diferença entre a incoerência proposital e aquela produzida pela inabilidade, descuido ou ignorância do enunciador, está no fato de que, naquela, o enunciador dissemina pistas no texto, para que o leitor perceba que a quebra da coerência é um dado fundamental na constituição do sentido, isto é, faz parte de um programa intencionalmente direcionado para veicular determinado tema. Por exemplo, se num texto que mostrasse uma festa muito luxuosa, se pusessem figuras como *pessoas comendo de boca aberta, falando em voz muito alta, numa linguagem chula, com erros muito grandes de português, ostentando suas últimas aquisições,* o enunciador certamente não estaria querendo manifestar o tema do luxo, do requinte, mas o da vulgaridade dos novos ricos. Mas, se ele coloca no texto apenas uma figura incoerente, como no caso do discurso do senador Ney Maranhão, o leitor não pode pensar que se trata de uma quebra proposital de coerência, com vistas a criar um determinado efeito de sentido, mas que se trata de contradição criada pela imperícia do enunciador.

Dissemos também que há outros textos, como, por exemplo, os escritos por Lewis Carrol (*Alice no país das maravilhas, Alice no país dos espelhos,* etc.), que pretendem apresentar paradoxos de sentido, subverter o princípio da realidade, mostrar as aporias da lógica, confrontar a lógica do senso comum com outras e que, por isso, fazem da inversão da realidade seu príncípio constitutivo, da incoerência, um fator de coerência. Vejamos um exemplo extraído de *Alice no país das maravilhas,* em que se mostra a persistência de uma propriedade (o sorriso) do ser (o gato de Cheshire), depois do seu desaparecimento:

> Enquanto murmurava isso, levantou a vista e lá estava o gato outra vez, sentado num galho de árvore.
>
> – Você disse "leitão" ou "letão"? – perguntou o Gato.
>
> – Eu disse "leitão" – respondeu Alice, acrescentando: – Gostaria que você não aparecesse a sumisse tão de repente. Deixa qualquer um tonto.
>
> – Está bem – concordou o Gato. E dessa vez desapareceu bem devagarinho, começando com a ponta da cauda e terminando com o sorriso, que ainda ficou suspenso no ar algum tempo depois que o corpo tinha desaparecido.
>
> – "Está aí" – pensou Alice – "já vi muitos gatos sem sorriso. Mas sorriso sem gato! É a coisa mais curiosa que já vi na minha vida." (*Aventuras de Alice.* São Paulo, Summus Editorial, 1980, p. 83-84)

Vejamos ainda um outro exemplo, em que se toma a personificação de um nome abstrato, em sentido denotado.

> Alice suspirou enfastiada. – Acho que você devia ter mais o que fazer – comentou – ao invés de gastar o tempo com adivinhas sem respostas.
>
> – Se você conhecesse o Tempo tão bem quanto eu conheço – disse o Chapeleiro – não falaria em gastá-lo como se ele fosse *uma coisa*. Ele é *alguém*.
>
> – Não sei o que você quer dizer – respondeu Alice.
>
> – Claro que não sabe! – disse o Chapeleiro, inclinando a cabeça para trás com desdém. – Diria mesmo que você jamais falou com o Tempo!
>
> – Talvez não – replicou Alice cautelosamente – mas sei que tenho de marcar o tempo quando estudo música.
>
> Ah! Olhe aí o motivo! – disse o Chapeleiro. – O Tempo não suporta ser marcado como se fosse gado. Mas, se você vivesse com ele em boas pazes, ele faria qualquer coisa que você quisesse com o relógio. Por exemplo: vamos dizer que fossem nove horas da manhã, que é hora de estudar. Você teria apenas que insinuar alguma coisa no ouvido do Tempo, e o ponteiro correria num piscar de olhos: uma hora e meia, hora do almoço. (Id., *ibid.*, p. 88)

Lição 14

Informações implícitas

Leia atentamente os dois pequenos textos abaixo:

> a) O Presidente Tancredo Neves estava em campanha pelas diretas. Um dia, um grupo de próceres da oposição discutia a respeito do temor de muitos oposicionistas à ação das polícias estaduais, dos radicais de direita, etc. Tancredo disse então:
>
> – A campanha eleitoral é uma luta para machos.
>
> Acusado de machista por uma deputada presente ao encontro, ele respondeu:
>
> – Não é nada disso, minha filha. Macho é hoje uma palavra unissex.
>
> b) Hei de vencer, mesmo sendo professor.
>
> Adesivo pregado num carro, em São Paulo.
>
> (As frases que, nesta lição, estiverem sem referência bibliográfica foram retiradas dos seguintes livros: NOVAES, Carlos Eduardo. *É dando que se recebe... e mais 1499 frases tiradas da boca da História*. São Paulo, Ática, 1994; CASTRO, Rui. *O poder de mau humor.* São Paulo, Companhia das Letras, 1993; CASTRO, Rui. *O melhor do mau humor.* São Paulo, Companhia das Letras, 1993).

Na primeira frase de Tancredo, ele diz explicitamente que política é coisa para macho e implicitamente afirma que quem não o for não deve fazer política. Foi esse implícito, bem compreendido pela deputada participante do encontro, que a levou a acusar o futuro presidente de machista. Este, muito espertamente, nega a informação implícita contida na frase, dizendo que hoje macho é uma palavra unissex. Deixa, com essa nova afirmação, implícito que antes macho era uma palavra só masculina.

No segundo texto, o autor da frase afirma explicitamente: 1. que vencerá; 2. que é professor. Ao usar a palavra *mesmo,* criou o implícito de que o professor é um fracassado, de que a vitória é para ele algo muito difícil. Esse implícito ocorre porque o operador discursivo utilizado introduz um segmento de orientação argumentativa contrária ao que se disse anteriormente. Ora, não havendo contradição entre os conteúdos explícitos, cria-se imediatamente um implícito para estabelecer essa relação.

Todos os textos apresentam explicitamente certas informações e, ao mesmo tempo, transmitem outras de maneira implícita. Os implícitos da linguagem dividem-se em pressupostos e subentendidos. Informações implícitas são aquelas que o texto parece não dizer, mas diz. O leitor precisa, para compreender bem o sentido de um texto, entender tanto o que é afirmado de modo explícito, quanto o que é dito implicitamente. Um bom leitor é o que sabe ler nas entrelinhas, pois, se não o fizer, corre o risco de não apreender exatamente o que se quis dizer ou de concordar com pontos de vista que, tornados explícitos, rejeitaria. Da mesma forma, o produtor de textos necessita manejar bem os mecanismos de implicitação, pois, nem sempre, pode dizer claramente tudo o que deseja, precisando, pois, deixar tácitas certas idéias. Por outro lado, estar atento a essa propriedade da linguagem possibilita não deixar implícitos, em virtude de um manejo inadequado da linguagem, certos pontos de vista que não gostaria de manifestar.

Analisemos agora mais detidamente cada um dos tipos de implícitos.

Pressupostos

Os pressupostos são informações implícitas, que decorrem logicamente do sentido de alguma palavra ou expressão presente no texto. Observe a frase abaixo, por exemplo:

> Agora, segundo impressão colhida na reunião do BID, [o Brasil] tornou-se um país menos confiável. (*Veja*, 12/4/1995, p. 93)

Nela, afirma-se explicitamente que o Brasil é um país menos confiável. Do sentido do verbo *tornar-se* decorrente logicamente o implícito de que antes o Brasil era mais confiável. Se o país nunca tivesse apresentado um grau de confiabilidade maior que o de hoje, não se poderia usar o verbo *tornar-se*, que significa "transformar-se", "converter-se". Vejamos um outro exemplo:

> Está na hora de o governo usar o cassetete também contra esses empresários (Jair Meneguelli).

Nele, está explícito o dever do governo de usar o cassetete contra empresários. Da expressão *está na hora* provém o implícito: o governo nunca usou o cassetete contra empresários; do termo *também* deriva a informação pressuposta de que o governo usa o cassetete contra quem não é empresário.

O que é dito explicitamente pode ser questionado. Os pressupostos, no entanto, devem ser verdadeiros ou, ao menos, tomados como tal. Os explícitos são construídos sobre os pressupostos. Assim, se um pressuposto for falso, ou considerado como tal, os conteúdos explícitos não têm o menor sentido, não podem sequer ser considerados falsos. Se Mário Amato não considerasse as mulheres seres pouco inteligentes, sua célebre frase a respeito da então ministra do Trabalho, Dorothéa Werneck, *Apesar de mulher, ela é muito inteligente,* não teria qualquer propósito.

O uso adequado dos pressupostos é muito importante, porque esse mecanismo lingüístico é um recurso argumentativo, uma vez que visa a levar o leitor ou o ouvinte a aceitar certas idéias. Com efeito, introduzir no discurso um dado conteúdo sob a forma de pressuposto implica tornar o interlocutor cúmplice de um dado ponto de vista, pois ele não é posto em discussão, é apresentado como algo aceito. Mesmo a negação das informações explícitas contribui para corroborá-lo. Se alguém diz *André deixou de fumar,* diz explicitamente que atualmente ele não fuma e implicitamente que ele fumava antes. Se o interlocutor negar a informação explícita, ainda assim estará admitindo o pressuposto. A pressuposição aprisiona o leitor ou o ouvinte numa lógica criada pelo produtor do texto.

Muitas das “verdades incontestáveis”, que constituem a base do discurso político, são na realidade pressupostos, ou seja, conteúdos tomados como aceitos por todos.

> Nesses oito anos de Revolução o Brasil emergiu da longa infância e da tumultuada adolescência para o estágio de nação adulta e séria que sabe para onde vai e o que pretende. (Presidente Medici, em cadeia de rádio e TV).

Nesse texto, diz-se explicitamente que o Brasil é uma nação adulta e séria. Por outro lado, deixa ele pressuposto que:

1. houve uma revolução no Brasil;
2. o país estava num estágio infantil ou adolescente antes dela.

Se formos discutir se o Brasil é ou não uma nação adulta e séria, estaremos reafirmando os pressupostos em que se baseia o discurso; se negarmos o que é dito explicitamente, ainda assim estaremos confirmando o que é dito implicitamente.

A refutação dos pressupostos impede a continuação de qualquer debate; só sua aceitação permite o diálogo, pois não tem sentido ou não é possível uma discussão em que cada interlocutor se funda em pressupostos distintos. Por isso, é considerada extremamente grosseira a negação pura e simples dos pressupostos apresentados pelo outro.

Os principais marcadores lingüísticos da pressuposição são:

1. os adjetivos ou palavras similares.

> *A única* coisa que me preocupa no plano é que os economistas estão gostando dele (Jô Soares).

O adjetivo *única* pressupõe que o plano não traz nenhuma outra preocupação para o produtor do texto.

> Eu achava que política era a *segunda* profissão mais antiga. Hoje vejo que ela se parece muito com a primeira (Ronald Reagan).

O ordinal *segunda* deixa implícito que há uma outra profissão mais antiga do que a política.

2. verbos que indicam permanência ou mudança de estado (por exemplo: tornar-se, transformar-se, converter-se, ficar, vir a ser, passar a, deixar de, começar a, principiar a, ganhar, perder, permanecer, continuar).

> A imprensa *continuará* livre, mas é preciso que *continue* colaborando com as autoridades (Gal. Justino Alves Bastos).

Os dois verbos *continuar* deixam pressupostos os seguintes conteúdos: a imprensa é livre; a imprensa colabora com as autoridades.

> O erário público *tranformou-se* em refém do fracasso empresarial do Sr. Canhedo (Deputado Adroaldo Streck).

O verbo *tranformar-se* deixa implícito que o erário não era refém do fracasso empresarial do Sr. Canhedo.

3. verbos que revelam um ponto de vista a respeito do que é expresso por seu complemento (por exemplo, pretender, alegar, supor, presumir, imaginar, assacar).

> Ele *pretende* que tudo se passou da maneira como conta.

O verbo *pretender* pressupõe que o falante não aceita como verdade o que alguém apresenta como tal.

> No Brasil *dizem* que tinha ditadura, mas nós fazíamos o que bem queríamos (Ronaldo Caiado).

O uso do verbo *dizer* com sujeito indeterminado indica que o falante não está de acordo com a veracidade do que é dito pela opinião geral.

4. certos advérbios.

> O país está muito mal, e não quero *mais* fazer o papel de bobo da corte (Xuxa).

O advérbio *mais* implicita a informação de que o produtor do texto antes fazia o papel de bobo da corte.

> O jogo *agora* é para profissionais (Roberto Gusmão).

O advérbio *agora* pressupõe que antes os amadores é que estavam jogando.

5. as orações adjetivas.

> Não adianta investigar os parlamentares se a elite empresarial *que financia a corrupção* fica assistindo às sessões da CPI pela televisão (Senador José Paulo Bisol, ao defender a tese de que a corrupção é como pederastia, não tem ativo ou passivo).

A oração *que financia a corrupção* é uma adjetiva restritiva. Pressupõe ela que não é toda a elite empresarial que financia a corrupção, mas apenas uma parte dela. Essa frase poderia ser reescrita, utilizando-se em lugar da restritiva uma explicativa (nesse caso, a oração adjetiva viria entre vírgulas):

> Não adianta investigar os parlamentares se a elite empresarial, *que financia a corrupção,* fica assistindo às sessões da CPI pela televisão.

Nesse caso, o que se alterou foi o pressuposto transmitido pela oração adjetiva. O que se deixa implícito é que toda a elite empresarial financia a corrupção.

A diferença entre uma oração adjetiva restritiva e uma explicativa reside nos pressupostos que elas criam. A primeira pressupõe que uma dada afirmação diz respeito a apenas parte dos elementos do conjunto designado pelo antecedente do pronome relativo; a segunda deixa implícito que uma determinada asseveração concerne à totalidade dos elementos do conjunto designado pelo antecedente do pronome relativo.

6. certas conjunções.

> O Collor é um bom rapaz, *mas* não aceitem atravessadores; se quiserem um malufista, votem em mim. (Paulo Maluf, durante a campanha para as eleições presidenciais)

A conjunção *mas* liga dois segmentos de valor contrário entre si. *Não aceitem atravessadores* não é, a rigor, um segmento de valor contrário a Collor é um bom rapaz. Isso significa que o *mas* cria um implícito: Collor é um malufista não-original.

Subentendido

O subentendido é uma insinuação não marcada lingüisticamente, produzida por uma frase ou um arranjo de frases. Álvaro Dias, presidente do PP, falando dos ministros do governo Itamar, disse: *O governo não escolhe ministro por currículo, mas por prontuário*. Nessa frase, o deputado insinua que os ministros do governo Itamar eram bandidos, que tinham passagem pela polícia.

A diferença entre um pressuposto e um subentendido é que aquele é uma informação indiscutível, ou apresentada como tal, tanto para o falante quanto para o ouvinte, pois decorre necessariamente do sentido de um marcador lingüístico, enquanto este é de responsabilidade do ouvinte. O pressuposto pode ser contestado, mas é formulado para não o ser. Já o subentendido é construído, para que o falante, caso seja interpelado, possa, apegando-se ao sentido literal das palavras, negar que tenha dito o que efetivamente quis dizer. Se o Presidente Itamar interpelasse o deputado Álvaro Dias, este poderia afirmar que o que estava querendo dizer é que o Presidente era muito cuidadoso na escolha dos ministros e só escolhia aqueles que tivessem uma vida absolutamente limpa, sem registro em prontuários policiais.

O subentendido é um meio de o falante proteger-se, porque, com ele, diz o que quer sem se comprometer. No primeiro exemplo abaixo, insinua-se que o livro anterior não era bom. No segundo, o carregador entende um subentendido e Groucho nega que o sentido da frase seja o que foi depreendido.

> a) Seu novo livro é melhor que o anterior.
>
> b) Groucho: Tem troco para dez dólares?
>
> Carregador: Sim, senhor.
> Groucho: Bem, então não vai precisar dos dez centavos que eu ia te dar.

Com os subentendidos, diz-se sem dizer, sugere-se, mas não se diz.

Lição 15

Progressão textual

Leia o texto abaixo:

> A tarde ia morrendo.
>
> O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas, que iluminava com os seus últimos raios.
>
> A luz frouxa e suave do ocaso, deslizando pela verde alcatifa, enrolava-se como ondas de ouro e de púrpura sobre a folhagem das árvores.
>
> Os espinheiros silvestres desatavam as flores alvas e delicadas; e o ouricuri abria suas palmas mais novas, para receber no seu cálice o orvalho da noite. Os animais retardados procuravam a pousada, enquanto a juriti, chamando a companheira, soltava os arrulhos doces e saudosos com que se despede do dia.
>
> Um concerto de notas graves saudava o pôr do sol e confundia-se com o rumor da cascata, que parecia quebrar a aspereza de sua queda e ceder à doce influência da tarde.
>
> Era a Ave-Maria. (ALENCAR, José de. *O Guarani*. São Paulo, Saraiva, 1968, vol. I, p. 39)

Lendo esse texto antológico de Alencar, observa-se que, de um lado, ele mantém a unidade temática (trata do pôr do sol), de outro, cada frase acrescenta uma informação nova nessa descrição do cair da tarde (o declinar do sol, o comportamento da luz, das plantas, dos animais, os ruídos da tarde).

Compare o texto de Alencar com os dois exemplos abaixo:

a) Estou começando a me sentir vazia, desesperançosa e oca. O vazio me invade e sinto um tremendo vazio dentro de mim. (Redação de vestibular. Apud ROCCO, Maria Thereza Fraga. *Crise na linguagem: redação no vestibular.* São Paulo, Mestre Jou, 1981, p. 98)

b) Cada recessão tem um custo violentíssimo permanente, que dura para sempre, para a sociedade. (BIONDI, Aloysio. *Shopping News,* 21/5/1995, p. 4)

Esses dois textos são circulares, ou seja, repetem várias vezes a mesma idéia. No primeiro, aparece quatro vezes a questão do vazio interior: *estou (...) vazia; oca; o vazio me invade; sinto um tremendo vazio dentro de mim.*

No segundo, se o custo da recessão é permanente, é claro que deve ele durar para sempre.

Um texto deve obedecer a duas exigências aparentemente paradoxais: apresentar continuidade semântica e ter progressão. Nele, mantém-se uma unidade temática, mas, ao mesmo tempo, cada segmento deve trazer uma informação nova.

Vimos já que o que faz do texto um texto é a coerência. Ela é o mecanismo que produz uma unidade de sentido. No entanto, unidade de sentido é a manutenção de um tema e não a repetição de idéias, de segmentos com o mesmo significado. Um bom texto deve ter progressão, ou seja, cada segmento deve acrescentar uma informação nova aos enunciados anteriores. A estrutura textual é uma organização de partes distintas, que produz um conjunto uniforme. Não é a repetição de partes iguais.

Num texto, não devem aparecer palavras, expressões ou frases redundantes, nem pormenores impertinentes, nem se devem repetir idéias já expressas explícita ou implicitamente. Analisemos um exemplo apresentado por Othon Moacir Garcia, em seu livro *Comunicação em prosa moderna*:

> Conforme a última deliberação unânime de toda a Diretoria, a entrada, a freqüência e a permanência, nas dependências deste Clube, tanto quanto a participação nas suas atividades esportivas, recreativas, sociais e culturais, são exclusivamente privativas dos seus sócios, sendo terminantemente proibida, seja qual for o pretexto, a entrada de estranhos nas referidas dependências do mesmo. (Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1982, p. 287)

Esse texto apresenta os seguintes problemas:

a) a informação *conforme a última deliberação unânime de toda a Diretoria,* é impertinente, pois é a Diretoria quem toma deliberações concernentes ao funcionamento de uma instituição;
b) se se quiser, no entanto, manter essa informação, o adjetivo *última* é desnecessário, pois não tem a menor importância saber se a deliberação é a última, a penúltima, etc;
c) se a deliberação foi unânime, é de toda a diretoria;
d) não há freqüência ou permanência, se não houver entrada;
e) se a freqüência ao clube é privativa dos sócios, evidentemente também o é a participação nas diferentes atividades;
f) o adjetivo *privativo* já contém a idéia de exclusividade;

g) se a freqüência é privativa dos sócios, a entrada de estranhos está automaticamente proibida; ademais, se a entrada está terminantemente proibida, não é preciso explicitar que ela o é *seja qual for o pretexto;*

h) se se está falando de um clube, evidentemente a proibição da entrada de não-sócios só poderia ser em suas dependências.

Como nota Othon Moacir Garcia, depois de analisar as redundâncias do texto, ficaria ele bem redigido, sem perda da eficácia comunicacional, da seguinte maneira: *É proibida a entrada de estranhos* ou *Só é permitida a entrada de sócios*.

Num texto, é proibido repetir-se, a menos que a repetição tenha uma funcionalidade na construção do seu sentido. Nesse caso, ela não é mais uma simples repetição. Há inúmeros casos em que é um recurso de produção de sentido. Tomemos alguns exemplos.

1. Num poema, o *refrão* serve para dar destaque à idéia central e tem um papel na organização rítmica do texto. Como há uma série de versos que se intercalam entre uma e outra enunciação do refrão, ele não é uma mera repetição, já que ganha intensidade cada vez que é pronunciado.

Observe-se esta cantiga de D. Dinis, que aparece no *Cancioneiro da Vaticana*, sob o nº 171. Nas quatro primeiras estrofes, uma moça interroga o *verde pino* (pinheiro) sobre seu amado; nas quatro últimas, o *verde pino* lhe responde. O ritmo e a musicalidade do poema, criados pelos versos de dez sílabas, produzem a impressão de uma dança. O refrão exprime o grito desesperado e lancinante da amada à procura de seu amor, quebrando o caráter festivo dos decassílabos.

– Ai flores, ai flores do verde pino,
se sabedes nova do meu amigo?
ai, Deus, e u é? (= ai, Deus, onde ele está?)

– Ai flores, ai flores do verde ramo,
se sabedes nova do meu amado?
ai, Deus, e u é?

Se sabedes nova do meu amigo,
aquel que mentiu do que pôs comigo?
ai Deus, e u é?

Se sabedes nova do meu amado,
aquel que mentiu do que mi á jurado?
ai, Deus, e u é?

– Vós me perguntades pelo voss’amigo?
E eu ben vos digo que é san’e vivo:
ai, Deus, e u é?

Vós me perguntades pelo voss’amado?
E eu ben vos digo que é viv’e sano.
ai, Deus, e u é?

E eu ben vos digo que é san’e vivo,
E será vosc’ant’o prazo saído. (=e estará convosco quando terminar
ai, Deus, e u é? o prazo do serviço militar)

E eu ben vos digo que é viv’e sano,
e será vosc’ant’o prazo passado.
ai, Deus, e u é?
(MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa através dos textos*. São Paulo, Cultrix, s.d., p. 23-24)

2. A *repetição* de palavras serve para intensificar, para amplificar uma determinada idéia; a repetição de idéias destina-se a marcar seu papel central no texto. Valemo-nos da repetição intensificadora, mesmo na linguagem falada: *Estou muito, muito cansado.* Vejamos alguns exemplos literários.

a) Todas as cartas de amor são ridículas.
Não seriam cartas de amor se não fossem ridículas
(PESSOA, Fernando, apud LAUSBERG, H. *Elementos de retórica literária*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1966, p. 174)

b) Divertia-os a ambição; divertia-os o interesse; divertia-os a soberba; divertia-os a autoridade e ostentação própria. (VIEIRA, apud id., *ib.,* p. 174)

c) Que meio vos parece que se pode dar para um homem em toda a sua vida ter pão sem nunca lhe haver de faltar? Será por ventura ajuntar mais? Lavrar mais? Negociar mais? Desvelar mais? Poupar mais? Adular mais? (VIEIRA, apud id., *ib.,* p. 176)

d) Que faz o lavrador na terra cortando com o arado, cavando, regando, mondando, semeando? Busca pão. Que faz o soldado na campanha, carregado de ferro, vigiando, pelejando, derramando o sangue? Busca pão. Que faz o navegante no mar içando, amainando, sondando, lutando com as ondas e com os ventos? Busca pão. (VIEIRA, apud id., *ib*., p. 176)

> e) Deixaria a lavoura? Desistiria da sementeira? Ficar-se-ia ocioso no campo, só porque tinha lá ido? (VIEIRA, apud id., *ib*., p. 215)

A progressão adequada produz a concisão, que é a expressão de uma idéia com o menor número de palavras possível. Não se pode fazer da concisão um fetiche, pois já mostramos que a repetição, muitas vezes, é necessária.

Em resumo, cada segmento do texto deve acrescentar um dado novo ao anterior. A repetição, quando funcional, faz isso e, por isso, justifica-se. As repetições não-funcionais desqualificam o texto, pois demonstram falta *de reflexão e de domínio do assunto que está sendo tratado.*

Lição 16

Dizer uma coisa para significar outra

Leia com atenção os textos abaixo:

A Jesus Cristo Nosso Senhor

Pequei, Senhor; mas não porque hei pecado,
Da vossa alta clemência me despido;
Porque, quanto mais tenho delinqüido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.

Se basta a vos irar tanto pecado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido:
Que a mesma culpa, que vos há ofendido,
Vos tem para o perdão lisonjeado.

Se uma ovelha perdida e já cobrada
Glória tal e prazer tão repentino
Vos deu, como afirmais na sacra história,

Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada,
Cobrai-a; e não queirais, pastor divino,
Perder na vossa ovelha a vossa glória.
(MATOS, Gregório de. *Poemas escolhidos*. São Paulo, Cultrix, 1976, p. 297)

Ecce nunc in pulvere dormiam, et si mane me quaesieris, non subsistam (= Eis que agora dormirei nas cinzas e, se amanhã me procurares, não estarei). Já que não quereis, Senhor, desistir ou moderar o tormento, já que não quereis senão continuar o rigor e chegar com ele ao cabo, seja muito embora: matai-me, consumi-me, enterrai-me: *Ecce nunc in pulvere dormiam;* mas só vos digo e vos lembro uma coisa: que "se me buscardes amanhã, que me não haveis de achar": *Et si mane me quaesieris, non subsistam.* Tereis aos sabeus, tereis aos caldeus, que sejam o roubo e o açoite de vossa casa; mas não achareis a um Jó que a sirva, não achareis a um Jó que a venere, não achareis a um Jó que, ainda com suas chagas, a não desautorize. O mesmo digo eu, Senhor, que não é muito rompa nos

> mesmos afetos quem se vê no mesmo estado. Abrasai, destruí, consumi-nos a todos; mas pode ser que algum dia queirais espanhóis e portugueses, e que os não acheis. Holanda vos dará os apostólicos conquistadores, que levem pelo Mundo os estandartes da cruz; Holanda vos dará os pregadores evangélicos, que semeiem nas terras dos bárbaros a doutrina católica e a reguem com o próprio sangue; Holanda defenderá a verdade de vossos Sacramentos e a autoridade da Igreja Romana; Holanda edificará templos, Holanda levantará altares, Holanda consagrará sacerdotes e oferecerá o sacrifício de vosso Santíssimo Corpo; Holanda, enfim, vos servirá e venerará tão religiosamente, como em Amsterdão, Meldeburgo e Flisinga e em todas as outras colônias daquele frio e alagado inferno se está fazendo todos os dias. (VIEIRA, Antônio. *Sermões.* 7 ed. Rio de Janeiro, Agir, 1975, p. 31-32)

No primeiro texto, Gregório de Matos, dirige-se a Deus, solicitando-lhe o perdão por seus pecados. No entanto, esse pedido é interessante, pois o poeta considera que perdoar é um ganho para Deus, já que condenar implicaria perda de sua glória. Portanto o que o poeta faz, nesse soneto, é dizer a Deus que não deve ele fazer um mau negócio, deixando de perdoar-lhe. Nesse texto, o enunciador quer que se entenda exatamente aquilo que foi dito. Há uma concordância entre o que se disse e o que se pretendeu dizer.

Já o segundo texto apresenta uma particularidade diferente. Faz ele parte do célebre *Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda,* pregado em 1640, em Salvador, na Bahia, quando os holandeses apertavam o cerco contra a cidade, ameaçando invadi-la.

Nesse sermão, Vieira dirige-se diretamente a Deus, pedindo, suplicando e até exigindo que ele salve a cidade. O sermão começa com um versículo do salmo XLIII:

> Levanta-te! Por que dormes, ó Senhor? Levanta-te e não nos repilas para sempre. Por que voltas a face? Esquece-te da nossa miséria e da nossa tribulação? Levanta-te, ó Senhor, ajuda-nos e redime-nos por causa de teu nome.

O texto transcrito acima começa um versículo do livro de Jó (VII, 21): *Eis que agora estarei no pó, mas, se amanhã me buscardes, não estarei.* Esse texto bíblico funciona como argumento de autoridade: se Jó falou assim com Deus, Vieira também se sente no direito de dirigir-se severamente à divindade. Depois da citação latina, o pregador começa a parafrasear o que disse Jó: se Deus não moderasse seus tormentos, se continuasse a mandar-lhe sofrimentos até que sua vida acabasse, não encontraria mais quem o servisse, quem o venerasse, quem o bendissesse, como, apesar das dores, fazia Jó, mas apenas inimigos, como os sabeus e os caldeus.

Tendo parafraseado o texto do livro do Jó, estabelece uma relação de identidade entre a situação de Jó e as das pessoas que estavam cercadas pelos holandeses. Daí conclui que, se as circunstâncias são as mesmas, os sentimentos em relação à divindade devem ser iguais. Por isso, dirige-se a Deus, dizendo-lhe que abrase, destrua e consuma a todos. Adverte-o, porém, de que, no dia em que desejar encontrar espanhóis e portugueses, não os achará, deparará apenas com holandeses.

Segue, então, um texto magnífico, em que o pregador diz uma coisa para significar outra; afirma alguma coisa, para que se entenda exatamente o contrário; devem-se compreender suas afirmações como negações. Quando diz, por exemplo, *Holanda* (= os holandeses) *levantará altares* o que quer dizer é *Holanda não levantará nenhum altar.* Esse recurso em que se diz uma coisa para significar o contrário chama-se *ironia* ou *antífrase.*

Como se percebe a ironia de Vieira? Se ele está fazendo um paralelo entre a história de Jó e a situação dos portugueses e identifica os portugueses e os espanhóis a Jó, os holandeses só podem ser comparados aos sabeus e caldeus, que não serviriam a Deus, não o venerariam, etc. Quando diz que os holandeses vão fazer tudo isso, o que quer dizer é que eles não farão nada disso. Com efeito, a Holanda era um país protestante, ao contrário de Portugal e de Espanha, e nada faria pela fé católica.

Habitualmente, dizemos alguma coisa, desejando que o ouvinte entenda exatamente aquilo que foi dito. Nesses casos, há uma adequação entre o que se disse e o que se quis dizer. No entanto, nem sempre há essa correspondência. Muitas vezes diz-se alguma coisa, querendo que se entenda uma outra; diz-se uma coisa para significar outra.

Há uma série de mecanismos lingüísticos que servem para estabelecer intencionalmente um conflito entre o que se diz e o que se pretende dizer.

Ironia ou antífrase

É a afirmação de alguma coisa que se quer negar. Quando se produz uma ironia, o que se deve entender é o contrário do que foi dito.

> Vejam os altos feitos desses governadores: dilapidar o erário público, quebrar o Estado e fomentar a corrupção.

Evidentemente, *altos feitos* significa *não altos feitos*. Entendemos uma ironia, por oposições criadas, explícita ou implicitamente, no interior do texto. São os sentidos opostos e mutuamente exclusivos que patenteiam a ironia. Assim, no exemplo acima, há uma contradição entre *altos feitos* e *dilapidar o erário público, quebrar o Estado, fomentar a corrupção.* Às vezes, essa oposição pode ficar implícita em função da situação de comunicação. Assim, quando um torcedor diz *Que bela partida!* a um jogador de um time que perdeu de goleada e jogou muito mal, a situação de comunicação dispensa que se explicite a contradição no texto.

Observe como Camões comenta a contradição entre o nome de um determinado monte e suas características:

Junto de um seco, fero e estéril monte,
Inútil e despido, calvo, informe,
Da Natureza em tudo aborrecido;
Onde nem ave voa ou fera dorme,
Nem rio claro corre ou ferve fonte,
Nem verde ramo faz doce ruído;
Cujo nome, do vulgo introduzido,
É Feliz, por antífrase infelice
(*Obra completa.* Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1988, p. 311-312)

Veja um outro exemplo:

Moça linda bem tratada,
três séculos de família,
burra como uma porta:
um amor.
(ANDRADE, Mário de. *Poesias completas.* 4 ed. São Paulo, Martins, 1974, p. 299)

Lítotes

Nesse mecanismo, nega-se algo para afirmar seu contrário.

À beira do negro poço
debruço-me e nele vejo,
agora que não sou moço,
um passarinho em um desejo.
(ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983, p. 290)

Agora que não sou moço significa "agora que sou velho": nega-se a mocidade, para afirmar a velhice.

Quando se nega o contrário do que se quer afirmar, diz-se menos para dar a entender mais. Diz-se de forma atenuada, para que o ouvinte ou o leitor entenda de maneira enfática. É mais atenuado dizer *não é muito trabalhador* do que dizer *é vagabundo.*

Preterição

É a negação explícita de que se pretende dizer o que, de fato, se disse. Nega-se claramente que se queira dizer o que se disse. Simula-se não desejar dizer o que se disse. Um belo exemplo de preterição ocorre na peça *Júlio César,* de Shakespeare. Marco Antônio, em seu discurso no sepultamento de César (cena II do 3º ato), desaprova a opinião de Bruto sobre César e, ao mesmo tempo, nega explicitamente que o faça; glorifica o morto e nega que o esteja fazendo.

> Amigos, romanos, compatriotas, prestai-me atenção! Estou aqui para sepultar César, não para glorificá-lo. O mal que fazem os homens perdura depois deles! Freqüentemente, o bem que fizeram é sepultado com os próprios ossos! Que assim seja com César! O nobre Bruto vos disse que César era ambicioso. Se assim foi, era uma grave falta e César a pagou gravemente. Aqui, com a permissão de Bruto e dos demais (pois Bruto é um homem honrado, como todos os demais são homens honrados), venho falar nos funerais de César. Era meu amigo, leal e justo comigo; mas Bruto diz que era ambicioso; e Bruto é um homem honrado. Trouxe muitos cativos para Roma, cujos resgates encheram os cofres do Estado. César, neste particular, parecia ambicioso? Quando os pobres deixavam ouvir suas vozes lastimosas, César derramava lágrimas. A ambição deveria ter um coração mais duro! Entretanto, Bruto disse que ele era ambicioso e Bruto é um homem honrado. Todos vós o vistes nas Lupercais: três vezes eu lhe apresentei uma coroa real e, três vezes, ele a recusou. Isto era ambição? Entretanto, Bruto disse que ele era ambicioso, e, sem dúvida alguma, Bruto é um homem honrado. Não falo para desaprovar o que Bruto disse, mas aqui estou para falar sobre aquilo que conheço! Todos vós já o amastes, não sem motivo. Que razão, então, vos detém, agora, para pranteá-lo? (*Obra completa.* Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1989, p. 449)

Observe um outro exemplo, em que D. Jerônymo Osório diz que não fala do que está falando:

> Pois, Senhor, de que serviria logo tanto trabalho e tanta despesa sem fruto? Não falo dos juros que os fidalgos têm vendido; nas jóias das senhoras empenhadas; nas lágrimas das mulheres; na pobreza da gente nobre; na miséria dos que pouco podem. Gaste-se tudo e consuma-se por serviço de Deus e de Vossa Alteza que quando Deus Nosso Senhor oferecer uma grande ocasião para seu serviço, não haja em Portugal forças para se lançar mão dela.(“Carta II a D. Sebastião”. In: *Cartas portuguesas*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1922, p. 18)

Reticência

Nesse mecanismo lingüístico, há uma suspensão do que se está dizendo, deixando-se, no entanto, patente o que se pretende dizer. Interrompe-se a frase, mas o contexto deixa claro o que se quer dizer. Dessa forma, diz-se sem dizer. Observe o exemplo abaixo, em que, com a reticência após a palavra *depois*, o poeta não diz explicitamente o que acontece entre os amantes, mas, pelo contexto, deixa entender o que se pretendia dizer.

> Trememos de medo... a boca emudece
> Mas sentem-se os pulos do meu coração!
> Seu seio nevado de amor se entumece...
> E os lábios se tocam no ardor da paixão!
>
> – Depois... mas já vejo que vós, meus senhores,
> Com fina malícia quereis me enganar,
> Aqui faço ponto; – segredos de amores,
> Não quero, não posso, não devo contar!
> (ABREU, Casimiro de. *As primaveras*. São Paulo/Brasília, Martins/INL, 1972, p. 86)

Observe um outro exemplo, em que o contexto deixa patente a frase que Menezes suspende: *se canse do marido e o traia*.

> Félix foi buscar a carteira, tirou dela a carta, e entregou-a a Menezes.
> Menezes leu o que se segue:
> Mísero moço! És amado como era o *outro;* serás humilhado como *ele*. No fim de alguns meses terás um Cirineu para te ajudar a carregar a cruz, como teve o *outro*, por cuja razão se foi desta para melhor. Se ainda é tempo, recua!
> A carta não tinha assinatura.

> Menezes ficou atônito; mas foi obra de alguns instantes, poucos.
>
> Sua índole generosa repelia a idéia de acreditar na revelação que acabava de ler.
>
> – É impossível, disse ele.
>
> Félix ergueu a cabeça, que apertava entre as mãos, e replicou:
>
> – Essa é a tua convicção; eu quisera que fosse a minha. Mas que testemunho tens tu contra o que aí vês escrito?
>
> – Não sei, respondeu Menezes com calor, mas é o que me diz o coração. *Repugna crer que essa pobre senhora...* Não, é impossível. Demais, uma carta anônima! (ASSIS, Machado de. *Obra completa.* Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1979, vol. I, p. 190)

Há dois outros mecanismos lingüísticos, em que não há um conflito entre o que se diz e o que se quer dizer, mas entre o que se diz e os fatos narrados.

Eufemismo

É a atenuação do que teria intensidade maior. Com ele, suaviza-se o que seria grosseiro ou chocante. No poema abaixo, fala-se de morte, sem nomeá-la claramente, ela é designada por meio de uma série de expressões atenuadas.

Consoada

> Quando a *indesejada das gentes* chegar
> (Não sei se dura ou caroável),
> Talvez eu tenha medo.
> Talvez sorria, ou diga:
> – Alô*, iniludível!*
> O meu dia foi bom, pode a noite descer.
> (*A noite* com seus sortilégios.)
> Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,
> A mesa posta,
> Com cada coisa em seu lugar.
> (BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa.* Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983, p. 307)

O eufemismo tem a função, muitas vezes, de ocultar a realidade.

> Expressão acabada da tecnocracia, o economês tem seu aspecto cruel – como elemento de dominação de uma casta que, desde os governos militares não pára de ganhar poder – e seu caráter ilusório, a serviço de uma ideologia

do eufemismo (ou *flexibilização e realinhamento* são algo mais que meros aumentos de preços?). (MARTINS, Eduardo. *O Estado de S. Paulo.* 1º/1/1995, B5)

Hipérbole

É o exagero daquilo que é mais atenuado. Com ela, intensifica-se a expressão.

> Então, de peito aberto, mandei que José Mateus apertasse o gatilho:
>
> – Atira, seu filho de uma égua, que a peça é de segurança.
>
> O povo, em derredor espalhou a perna no medo de pegar bala vadia e muito sujeito correu para trás de porta. O enfezadinho, sem força nem para segurar a arma, veio cair junto da minha montaria ajoelhado. Contou que devia uns adiantados a Cicarino e o aguardenteiro, de cima dessa prevalência, ameaçou trancar os restos de seus dias no fundo da cadeia. Visse eu que ele possuía ninhada de moleques e não sabia, desde mês, o que era gosto de gordura. E mostrou o peitinho afundado, onde aparecia o reco-reco das costelas:
>
> – Tenha dó, coronel. Tenha pena deste sofredor.
>
> Não agüentei – e caso José Mateus relatasse nova remessa de miséria eu era Azeredo de dar ao necessitado a camisa do corpo e toda a pecúnia do bolso. De coração compadecido, mas ainda em berro autoritário, mandei que ficasse de pé:
>
> – Não sou santo de altar, São Jorge ou Santo Onofre, para ninguém cair ajoelhado na poeira.
>
> Digo, sem ostentação, que Deus não cresceu o neto de meu avô na beira dos dois metros para que ele desperdiçasse essa grandeza toda em raiva de *anão,* em ódio de *sujeito nascido para caber num dedal de costureira.* (CARVALHO, José Cândido de. *O coronel e o lobisomem.* 8 ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1971, p. 23-24).

Observe outros exemplos:

a) Outra vez aquele frio de lobisomem varreu o espinhaço da campeirada, de fazer sossego de cemitério. *Uma raiz que brotasse, vinha à tona seu barulho.* (Id.*, ibid.*, p. 45)

b) Lá perambulei a tarde toda, em conferência sem-vergonhista. Contou ele na ponta dos dedos os rabos-de-saia que lustraram os paus de sua cama, tantos e tantos de não ter cabeça para guardar:

> – Nem um caderno alentado dava para escrever os nomes todos.
>
> E como prova de libertinagem retirou de uma canastra quantidade de ligas e demais petrechos que as madamas, na pressa da retirada, esqueciam nos cantos:
>
> – De deixados de lenço nem é bom falar. Tenho um gavetão cheio.
>
> Rebati o avantajado dele com avantajado igual. Fiz ver, apontando o queixo, *que um terço da barba perdi em roçar cangote de donzela militante:*
>
> *– Ou mais, seu compadre, ou mais.* (Id., *ibid.*, p. 111)

c) aquela que faz certa a coisa incerta
e os dias, *mais que séculos*, compridos...
(ALMEIDA, Guilherme de. *Poesia vária.* São Paulo, Cultrix, 1976, p. 99)

d) No tempo de meu Pai, sob estes galhos,
Como uma vela fúnebre de cera,
Chorei *bilhões de vezes* com a canseira
De inexorabilíssimos trabalhos.
(ANJOS, Augusto dos. *Poesia e prosa.* São Paulo, Ática, 1977, p. 69)

e) E logo nesse instante concertou
Para a guerra o belígero aparelho,
Para que ao Português se lhe tornasse
Em roxo sangue a água que buscasse.
(CAMÕES, Luís de. Os Lusíadas. I, 82)

Na linguagem de todos os dias usamos muitas hipérboles (*faz séculos que a estou esperando, já que disse mais de mil vezes, estou morrendo de sede, posso falar com você um minuto?*) e muitos eufemismos (*fazer amor, ir ao lavabo, descansar*). O eufemismo atinge aqueles domínios discursivos atingidos pelo tabu lingüístico: funções reprodutoras e excretoras, órgãos sexuais, etc. Os tabus mudam de época para época, de sociedade para sociedade. Algumas palavras que não se diziam em público hoje aparecem nos jornais, nas novelas, etc.

Como já explicamos ao falar da ironia, o leitor compreende que há um conflito entre o que se disse e o que se quer dizer, porque o texto traz marcas explícitas ou implícitas (aquelas que se depreendem da situação) dessa contradição semântica.

Por que é que se utilizam esses mecanismos de não-concordância entre a intencionalidade do dizer e o dito? Quando se comunica alguma coisa, o enunciador não quer somente fazer o outro saber alguma coisa, mas quer também levá-lo a aceitar aquilo que disse. Por isso, vale-se de uma série de mecanismos lingüísticos que levam o ouvinte ou o leitor a admitir como verdadeiro o que foi transmitido. Esses mecanismos de discordância entre o que se pretende dizer e o que se disse visam a chamar a atenção do leitor com vistas a fazê-lo ficar mais facilmente de acordo com o que se comunicou. O enunciador diz menos para que o leitor entenda mais, diz e afirma não ter dito, deixa patente o que não disse, simula moderação para dizer enfaticamente, finge exagero para dizer atenuadamente. Dessa forma, revela significados, encobrindo-os, e oculta significados, mostrando-os. Com isso, o leitor atenta melhor para o que está sendo dito e, dessa maneira, é conduzido a aceitar mais facilmente o conteúdo transmitido. Com esses mecanismos, o enunciador vela significados para desvelá-los, revela sentidos para escondê-los. O leitor, no entanto, só percebe o sentido do texto, quando apreende esses conflitos, pois, nesses casos, o significado constrói-se exatamente na não correspondência entre o que se diz e o que se quer dizer.

Lição 17

Argumentação

Leia o texto que se segue:

> Será porventura o não fazer fruto hoje a palavra de Deus, pela circunstância da pessoa? Será porque antigamente os pregadores eram santos, eram varões apostólicos e exemplares, e hoje os pregadores são eu e outros como eu? Boa razão é esta. A definição do pregador é a vida e o exemplo. Por isso Cristo no Evangelho não o comparou ao semeador, senão ao que semeia. Reparai. Não diz Cristo: Saiu a semear o semeador, senão, saiu a semear o que semeia: *Ecce exiit qui seminat, seminare.* Entre o semeador e o que semeia há muita diferença: uma cousa é o soldado, e outra cousa o que peleja; uma cousa é o governador, e outra o que governa. Da mesma maneira, uma cousa é o semeador, e outra o que semeia; uma cousa é o pregador, e outra o que prega. O semeador e o pregador é nome; o que semeia e o que prega é ação; e as ações são as que dão o ser ao pregador. Ter nome de pregador, ou ser pregador de nome não importa nada; as ações, a vida, o exemplo, as obras são as que convertem o mundo. O melhor conceito que o pregador leva ao púlpito, qual cuidais que é? É o conceito que de sua vida têm os ouvintes. Antigamente convertia-se o mundo, hoje por que se não converte ninguém? Porque hoje pregam-se palavras e pensamentos, antigamente pregavam-se palavras e obras. Palavras sem obras são tiro sem bala; atroam, mas não ferem. A funda de Davi derrubou ao gigante, mas não o derrubou com o estalo, senão com a pedra: *Infixus est lapis in fronte ejus* (= A pedra entrou em sua fronte). As vozes da harpa de Davi lançavam fora os demônios do corpo de Saul, mas não eram vozes pronunciadas com a boca, eram vozes formadas com a mão: *David tollebat citharam, et percutiebat manu sua* (= Davi pegava a cítara e tangia-a com sua mão). Por isso Cristo comparou o pregador ao semeador. O pregar, que é falar, faz-se com a boca; o pregar, que é semear, faz-se com a mão. Para falar ao vento, bastam palavras; para falar ao coração, são necessárias obras. Diz o Evangelho que a palavra de Deus frutificou cento por um. Que quer isto dizer? Quer dizer que de uma palavra nasceram cem palavras? Não. Quer dizer que de poucas palavras nasceram muitas obras. Pois palavras que frutificam obras, vede se podem ser só palavras! (VIEIRA, Antônio. *Sermões.* Porto, Lello, 1959, vol. I, t. 1, p. 14-15)

Esse texto foi extraído do célebre *Sermão da sexagésima,* em que Vieira desenvolve, a partir da parábola do semeador, uma teoria da eficácia da sermonística. Discute todas as possíveis causas da ineficácia da pregação e mostra como se torna eficaz um sermão. Nessa passagem, vai mostrar que a pessoa do pregador desempenha um papel importante no êxito de uma peça oratória. A tese que defende é que uma pregação só terá eficácia, se houver uma concordância entre o que o pregador diz e o que faz.

Aduz as seguintes razões para comprovar sua tese:

a) Cristo diz no Evangelho *saiu a semear o que semeia e não saiu a semear o semeador,* porque *semeador,* sendo substantivo, designa um ser, enquanto *o que semeia,* centrado num verbo, indica uma ação;

b) na língua, faz-se sempre diferença entre o nome e a ação, como o comprovam vários exemplos: *soldado* vs *o que peleja; governador* vs *o que governa;*

c) os fatos da antigüidade mostram que o exemplo é que converte;

d) há uma identidade entre *palavras sem obra e tiro sem bala*, pois ambos atroam, mas não ferem;

e) dois exemplos das Escrituras comprovam que não é a palavra, mas a ação é que é eficaz: a derrubada do gigante por Davi e a expulsão dos demônios do corpo de Saul;

f) há duas espécies de pregação: o falar, que se faz com a boca; o semear, que se faz com a mão;

g) a eficácia da pregação só existe quando os homens passam a agir segundo a palavra de Deus e, por isso, só palavras não podem ser eficazes.

Vieira argumenta em favor de sua tese, ou seja, fornece razões para que a aceitemos.

Que é argumentar? Normalmente, pensa-se que comunicar seja apenas transmitir informações. A teoria da comunicação mostra que intervêm, na realização do ato comunicativo, seis fatores: o emissor (aquele que produz a mensagem); o receptor (aquele a quem a mensagem é transmitida); a mensagem (elemento material que veicula informações: por exemplo, um conjunto de sons, uma imagem); o código (um sistema lingüístico, ou seja, um conjunto de elementos e de regras combinatórias que permite construir uma mensagem: por exemplo, uma língua); o canal (conjunto de meios sensoriais ou não pelos quais a mensagem é transmitida: por exemplo, o canal auditivo, o telefone); o referente (a situação a que a mensagem remete). Apesar de analisar detidamente como cada um desses seis fatores interfere no processo comunicacional, a teoria da comunicação vê o ato comunicativo de maneira muito simplificada, pois concebe emissor e receptor como pólos neutros, a quem cabe tão somente produzir, receber e compreender mensagens.

O processo comunicativo é mais complexo, pois há uma diferença nítida entre comunicação recebida e comunicação assumida. Comunicar é agir sobre o outro e, por conseguinte, não é só levá-lo a receber e compreender mensagens, mas é fazê-lo aceitar o que é transmitido, crer naquilo que se diz, fazer aquilo que se propõe. Isso quer dizer que comunicar não é apenas fazer saber, mas principalmente fazer crer e fazer fazer. É o que diz Vieira, falando da eficácia do sermão: não se deve falar ao vento (= não persuadir), mas ao coração (= persuadir). Comunicar significa obter adesão. Esta depende de opiniões prévias, de crenças, de aspirações, de valores, de normas de conduta que se admitem como válidas, de convicções políticas, de emoções, de sentimentos, de visão de mundo, etc.

Persuadir é levar o outro a aderir ao que se diz. A eficácia de um ato de comunicação reside na aceitação do que expôs o emissor. Muitas vezes, pensa-se que a argumentação restringe-se à demonstração, procedimento por meio do qual se mostra a verdade de uma conclusão ou, ao menos, sua relação necessária com as premissas; em que se trabalha com provas, cuja validade independe das convicções pessoais. Um exemplo clássico de um raciocínio demonstrativo é o silogismo, que foi definido por Aristóteles, como "uma série de palavras, em que, sendo admitidas certas coisas, delas resultará necessariamente alguma outra, pela simples razão de se terem admitido aquelas". Por exemplo:

> Todas as estrelas brilham com luz própria;
> Sírio é uma estrela;
> Logo, Sírio brilha com luz própria.

Admitindo-se que a primeira e a segunda proposições sejam verdadeiras, a conclusão torna-se necessária.

A argumentação engloba a demonstração, mas não se restringe a ela, pois trabalha não só com o que é necessariamente verdadeiro, o que é logicamente demonstrável, mas também com aquilo que é pausível, possível, provável. Argumentar, em sentido lato, é fornecer razões em favor de determinada tese. Enquanto a demonstração lógica implica que, se duas idéias forem contraditórias, uma será verdadeira e a outra falsa, a argumentação em sentido lato mostra que uma idéia pode ser mais válida que outra. Isso significa que a adesão não se faz somente a teses verdadeiras, mas também a teses que parecem oportunas, socialmente justas, úteis, equilibradas, etc. Assim, a argumentação opera não só com o necessário, mas também com o preferível, isto é, com juízos de valor, em que alguma coisa é considerada superior a outra, melhor do que outra, etc.

Aristóteles analisou, nos *Tópicos,* os diferentes lugares comuns (tópicos) empregados na persuasão. Destaquemos quatro deles:

1. lugar da quantidade é aquele que mostra que alguma coisa é superior a outra por ser proveitosa a um número maior de pessoas, por ser mais durável, por ser útil em situações mais variadas, por ser mais antiga, etc. Muitas publicidades fundamentam-se no lugar da quantidade.

> a) Bombril tem mil e uma utilidades.

> b) A Sul América faz parte da sua vida desde o tempo em que anúncio se chamava reclame.
> Desde sua fundação em 5 de dezembro de 1895, a Sul América é uma empresa em sintonia com o seu tempo. E voltada para as necessidades de seus clientes.
> Durante toda a sua existência, a Sul América tem contado com a dedicação dos seus funcionários. Com o apoio dos corretores e prestadores de serviços. E com a confiança dos seus segurados. Por isso ela chega aos 100 anos, em 1995, percebida pelo público como a seguradora mais confiável do mercado.
> Sul América Seguros
> 100 anos de garantia.

(Esse texto verbal é acompanhado de uma foto de um antigo cartaz publicitário, que mostra o Pão de Açúcar e a Baía de Guanabara e contém os seguintes dizeres: *Firme como o Pão de Assúcar. Sul América. A maior Cia. de Seguros de Vida na América do Sul.* Para indicar que essa publicidade é bastante antiga, *açúcar* está escrita com dois s, segundo velhas normas ortográficas). (*Veja*, 31/5/1995, p. 46-47)

> c) Quantos grupos trabalham em prol dos brancos? Poucos. Por isso vivemos a situação reversa de enfrentar discriminação em nossos trabalhos, pagamos altos impostos para sustentar programas de bem-estar para as minorias. Nós do KKK estamos compromissados com os interesses da maioria branca (Planfleto *An Introduction to the Invisible Empire of the Ku Klux Klan.* In: *Folha de S. Paulo,* 11/6/1995, 1-30)

2. lugar da qualidade é aquele segundo o qual é preferível o que é único, raro, insubstituível. O Credicard veiculou uma propaganda na televisão, nos primeiros meses de 1995, que mostrava pessoas fazendo coisas que não são absolutamente indispensáveis. Um locutor comentava o que elas faziam, dizendo, por exemplo: Não é necessário passar a primavera em Paris. O cartão de crédito era, então, associado ao que distingue certas pessoas da grande maioria.

Leia este texto extraído de um folheto publicitário do Cartão Nacional Visa, em que se faz uso do lugar da qualidade, estruturando-se a publicidade como se fosse um anúncio de correio sentimental:

> 6 meses de experiência
> Jovem, poliglota, de excelente reputação e prestígio, bem recebido no Brasil inteiro e em mais de 200 países, procura para relacionamento experimental de 6 meses e futuro compromisso, pessoas acima de 21 anos, que adorem viver bem, gostem de viajar, ir a restaurantes, shoppings, teatros, supermercados, fazer compras e muitas outras coisas boas da vida. Rio de Janeiro: 0800 21-0080.
> Cartão Nacional Visa, 6 meses sem anuidade para você conhecer e aprovar. Entre em contato com a gente hoje mesmo e associe-se ao Nacional Visa. Você tem 6 meses para testar e aprovar todos os seus benefícios e serviços exclusivos.

Observe este texto publicitário do Banco Econômico, que combina os lugares da qualidade e da quantidade.

> Econômico. Bom atendimento para todas as gerações.
> Se o que você quer do seu Banco é bom atendimento, seja Econômico.
> Em cada uma das 279 agências do Econômico você tem gerentes prontos para ouvi-lo, trocar idéias, oferecer os melhores investimentos, as melhores soluções. Uma verdadeira assessoria econômica.
> Se seu negócio exige rapidez e praticidade, seja Econômico.
> Suas agências são todas informatizadas. Por isso, além de atendimento personalizado, você conta com a melhor tecnologia bancária pronta para servi-lo: 2.667 caixas e terminais de clientes, 113 terminais de auto-atendimento, 571 quiosques do Banco 24 Horas, 135 postos de serviço, atendimento por telefone e fax 24 horas por dia, 7 dias por semana, entre outras facilidades.
> Tudo isso porque nos seus 160 anos o Econômico sempre investiu em gente e tecnologia com um único objetivo: dar o melhor atendimento a todos os seus clientes, pessoas físicas ou jurídicas.
> O Econômico é a mais antiga instituição financeira privada da América Latina. Um dos dez maiores bancos brasileiros. E o único que une a tecnologia de um banco jovem e ágil a uma história de 160 anos de tradição e bons negócios.
> Seja Econômico. Qualquer que seja a sua geração, você vai ser bem atendido.
> Econômico
> Desde 1834
> (*Veja*, 7/6/1995, p. 144-145)

3. lugar da ordem é aquele que afirma a superioridade da causa sobre o efeito, do anterior sobre o posterior, etc. Por exemplo, os índios brasileiros têm direito a todas as terras do território nacional, porque já estavam aqui, quando os portugueses chegaram.

4. lugar do existente é aquele que declara a superioridade do que é sobre aquilo que é apenas possível. O provérbio *Mais vale um pássaro na mão do que dois voando* baseia-se nesse tópico.

Estamos, pois, tomando argumentação num sentido bastante amplo. São argumentos tanto as provas demonstrativas, ou seja, aquelas que mostram a verdade de uma conclusão ou, pelo menos, sua relação necessária com as premissas, aquelas cuja validade independe de opinião pessoal, quanto as persuasivas, isto é, aquelas que buscam a adesão de indivíduos para uma determinada tese, apelando para o preferível. A adesão pode ter intensidade variável e depender de diferentes razões: a tese pode ser considerada verdadeira, oportuna, socialmente justa, útil, equilibrada. Enquanto nas provas demonstrativas a verdade de uma tese implica a falsidade da outra, as provas persuasivas mostram que uma tese é melhor que a outra. Essa concepção de argumentação está de acordo com a etimologia da palavra *argumento,* que vem do latim *argumentum*, vocábulo formado com o tema *argu-*, que está também presente nos termos *arguto, argúcia, argênteo, argentum* e significa "fazer brilhar", "fazer cintilar". O argumento é, pois, tudo aquilo que ressalta, faz brilhar, faz cintilar uma idéia. Argumento é todo procedimento lingüístico utilizado pelo enunciador com vistas a fazer seu interlocutor aceitar o que está sendo dito, a persuadi-lo, a levá-lo a crer, a conduzi-lo a fazer o que foi proposto.

Todo texto é, portanto, argumentativo. Alguns se apresentam explicitamente como argumentativos, como os discursos publicitários; outros se mostram como discursos de busca e de comunicação do conhecimento, como os textos científicos. Aqueles valem-se mais de provas persuasivas; estes utilizam-se mais de provas demonstrativas. No entanto, em qualquer dos casos, uma argumentação bem feita dá consistência ao texto, produz uma sensação de realidade e uma impressão de verdade. Leva o leitor a crer que o texto fala de coisas reais e verdadeiras, leva-o a aceitá-lo.

Analisemos agora alguns tipos de argumento.

1 – Argumentos baseados no consenso.

As matemáticas trabalham com axiomas, isto é, proposições evidentes por si mesmas e, portanto, indemonstráveis: duas quantidades iguais a uma terceira são iguais entre si; o todo é maior que a parte; o todo é igual à soma das partes que o constituem; de um ponto a outro não se pode traçar mais de uma linha reta; duas grandezas (linhas, superfícies ou sólidos) são iguais, quando, colocadas uma sobre a outra, coincidem em toda a sua extensão. Os axiomas são verdades, ou seja, idéias que se impõem pela evidência. Outras vezes, operamos com presunções, que são proposições fundadas numa base suficiente, dada pelas experiências partilhadas, pelo senso comum, por aquilo que se considera normal, para formar uma convicção razoável: por exemplo, uma pessoa ilustre não pode praticar um ato indigno.

As ciências humanas trabalham com máximas e proposições aceitas como verdadeiras numa certa época. Por isso, dispensam demonstração, a menos que o texto em que aparecem tenha sido escrito exatamente com a finalidade de demonstrá-las. Para efeitos de argumentação, podem-se usar, portanto, proposições evidentes por si ou universalmente aceitas. Por exemplo, prescindem de demonstração afirmações como:

> a) Nenhum país pode ser considerado civilizado, se nele não se acatam as decisões de Justiça.
>
> b) País bom é o que cuida das crianças... (TOLEDO, Roberto Pompeu de. *Veja*, 7/6/1995, p. 170)
>
> c) A educação é a base do desenvolvimento econômico.

Não devemos confundir argumentos baseados no consenso com lugares comuns carentes de base factual, de validade discutível, reveladores muitas vezes de preconceitos do enunciador: o crime não compensa, político não presta, brasileiro não gosta de trabalhar, etc.

2 – Argumentos baseados em fatos.

As opiniões pessoais transmitem apreciações, pontos de vista, julgamentos, que exprimem aprovação ou desaprovação. Terão elas muito pouco valor, se não estiverem apoiadas em fatos, isto é, elementos da realidade. Dizer *Ele é muito cheio de si, Ele tem complexo de inferioridade, Esse carro é maravilhoso* tem menos valor argumentativo do que afirmar *Ele é muito cheio de si: raramente, dirige a palavra a um subordinado; Ele tem complexo de inferioridade: não quis inscrever-se no concurso, pois, embora pudesse ter sido aprovado com facilidade, não se achava preparado para ser professor universitário; Esse carro é maravilhoso: rodou 100.000 quilômetros sem precisar de qualquer conserto.*

Nas campanhas políticas, por exemplo, é comum fazerem-se acusações genéricas contra os candidatos, chamando-os de incompetentes, corruptos, ladrões. Esse argumento contra a candidatura de alguém terá peso maior, se for acompanhado de fatos comprobatórios. Se um adversário diz que X é corrupto, bastará que um partidário negue a acusação, para contra-argumentar. No entanto, se disser que X é corrupto, porque aceitou pagamento da construtora Y para apresentar a emenda Z na Comissão de Orçamento, a contra-argumentação fica mais complicada.

Os fatos que servem para argumentar em favor de uma determinada idéia podem ser cifras, estatísticas, acontecimentos históricos, dados da experiência, etc. Quando bem feita a argumentação baseada em fatos, o texto transmite a impressão de falar de coisas verdadeiras e não de conter um amontoado de opiniões gratuitas. Vejamos alguns exemplos de argumentos baseados em fatos:

a) O cinto evita muitas mortes, mas, segundo autoridades de trânsito, está provocando um efeito colateral mais perigoso do que amassar roupas. Transmite mais segurança aos motoristas, e eles se arriscam mais. Em São Paulo, as mortes diminuíram, mas o número de acidentes aumentou. Em dezembro de 1993, houve 16 227 acidentes. Um ano depois, quando o cinto já era obrigatório, dezembro registrou 17 982 colisões. (*Veja*, 17/5/1995, p. 73)

b) Segundo maior banco público do país, a Caixa Econômica Federal está tão bagunçada que não publica balanço há três anos. Nem o Tribunal de Contas da União aceita seus balancetes. (*Veja*, 17/5/1995, p. 96)

c) Segurar os professores da rede pública na sala de aula virou uma missão difícil. Os baixos salários estão levando milhares deles a pendurar o diploma na parede e procurar outra profissão. No Rio de Janeiro, estima-se que diariamente vinte professores deixem as escolas estaduais e municipais. Em São Paulo, desde janeiro, 210 professores da rede estadual – gente com estabilidade no emprego que no passado não pediria demissão em hipótese alguma – requisitaram exoneração. (*Veja*, 24/5/1995, p. 73)

Os dados apresentados devem ser pertinentes, suficientes, adequados, fidedignos. Recentemente, o antropólogo Luiz Mott publicou em jornais de São Paulo e de Salvador sua tese de que o herói negro Zumbi, líder de Palmares, era homossexual. A comunidade negra reagiu violentamente contra essa idéia (cf. por exemplo *Veja*, 24/5/1995, p. 57-58). Na polêmica que seguiu, líderes do movimento negro disseram, de maneira politicamente incorreta, que “a afirmação de Mott denigre Zumbi". Subjacente a essa polêmica está a tese, defendida pelos que se posicionaram contra o antropólogo, de que um homossexual não pode ser herói, por causa de suas preferências sexuais. O raciocínio é falacioso, porque o fato de alguém ter uma determinada orientação sexual não é pertinente para a conclusão de que não pode ser herói, visto que não há implicação necessária entre heterossexualidade e heroísmo. Nota o articulista Janer Cristaldo:

> Admitamos que Zumbi tenha sido homossexual. Em que empana este fato sua luta pela libertação dos seus. Homossexual foi Sócrates, e isto em nada desmerece sua condição de pensador ou soldado. Também o foram Alexandre e Alcebíades, e duvido que seus inimigos lhes tivessem menos respeito por tal opção. (...) Homossexuais foram Cervantes e Garcia Lorca. E daí? Vamos jogar na fogueira o Quixote, os poemas de Lorca? (...) Homossexuais são muitos líderes religiosos e políticos do mundo contemporâneo, tanto na Europa como no Brasil, e não será por esta condição que os julgaremos. (...) Por que então este escândalo todo em torno da hipótese de Zumbi preferir rapazes a moças? (*Folha de S. Paulo,* 11/6/1995, 5-3)

Do lado dos ativistas do movimento homossexual, aparece a tese de que os homossexuais são mais talentosos do que os heterossexuais. É ainda Janer Cristaldo, no texto citado acima, quem diz:

> Quando acossados, os homossexuais costumam citar estes colegas ilustres, o que, no fundo, é uma espécie de sofisma. Pois para cada homossexual de talento corresponderão milhares de medíocres. Como também ocorre com os heteros, com negros ou brancos, ricos ou pobres, já que talento não se compra na farmácia.

Os dados que servem de base para a generalização supra-citada são insuficientes para realizá-la, pois do fato de que alguns ou muitos homossexuais são talentosos não decorre necessariamente que todos o sejam. É preciso ter muito cuidado com esses argumentos que apelam para uma totalidade indeterminada, pois basta um único caso contrário para derrubá-los. Quando se diz que todos os brasileiros são indolentes, é suficiente apontar um que não seja, para que a afirmação deixe de ter validade. As generalizações com dados insuficientes revelam tabus e preconceitos.

Na polêmica supracitada aparece ainda a tese de que todo ser humano é bissexual, porque todos os animais mantêm relação sexual com parceiros de ambos os sexos. O fato – correto ou incorreto, não importa – de os animais serem bissexuais não é adequado para afirmar a bissexualidade dos seres humanos, já que, entre esses, a orientação sexual não é apenas um fato biológico, mas também cultural.

Afirmações generalizantes exigem dados consistentes, fidedignos, adequados, pertinentes, suficientes, que lhes sirvam de suporte. Constrói-se uma generalização indevida, por exemplo, quando se torna o que é acidental, acessório, ocasional como essencial, inerente, necessário. Uma frase comum é: *as mulheres são barbeiras*. É uma generalização indevida tomar a imperícia no trânsito como algo inerente ao sexo feminino, já que se podem citar mulheres que dirigem muito bem. Da mesma forma, dizer que professor universitário é parasita é generalizar indevidamente.

A maioria das sentenças judiciosas do senso comum são generalizações indevidas. A utilização de argumentos desse tipo (por exemplo, brasileiro não sabe votar; brasileiro não se rebela, aceita tudo; jornal só conta mentira; todo artista é bicha; todos os roqueiros são drogados; funcionário público é vagabundo) revela um autor acrítico, preso a lugares comuns, imerso num universo conceptual muito pobre.

Devemos considerar agora um outro aspecto referente aos argumentos baseados em fatos. Muitas vezes, eles estruturam a realidade. Isso ocorre, quando se generaliza um caso particular ou se transpõe para um outro domínio o que é aceito num domínio particular. No primeiro caso, temos o argumento por ilustração ou por exemplo.

No *argumento por ilustração*, um caso particular serve para confirmar uma proposição geral. Em muitos contos de Edgar Allan Poe, enuncia-se um princípio geral, que será em seguida ilustrado com um fato particular. Veja-se, por exemplo, o conto *O demônio da perversidade.* Inicia ele da seguinte maneira:

> Ao examinar as faculdades e impulsos dos móveis primordiais da alma humana, deixaram os frenólogos de mencionar uma tendência que, embora claramente existente como um sentimento radical, primitivo, irredutível, tem sido igualmente desdenhada por todos os moralistas que os precederam. (...) A indução a *posteriori* teria levado a frenologia a admitir, como um princípio inato e primitivo da ação humana, algo de paradoxal que podemos chamar de perversidade, na falta de termo mais característico. (*Ficção completa, poesia & ensaios.* Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1986, p. 344-345)

A essa introdução, segue o relato de um caso que comprova que o ser humano age por perversidade.

Na *argumentação pelo exemplo,* formulamos um princípio geral a partir de casos particulares ou da probabilidade de repetição de casos idênticos. Temos esse tipo de argumentação, quando, por exemplo, depois de narrar que um fiscal de arrecadação foi preso em flagrante recebendo propina, concluímos que existe corrupção no serviço público brasileiro.

No caso da argumentação pela ilustração e pelo exemplo, constitui defeito argumentativo dar um alcance, que o caso particular não permite, à afirmação geral. Por exemplo, não se pode dizer, a partir de um único caso de corrupção no serviço público, que todos os funcionários são corruptos. As generalizações indevidas, as afirmações gerais que nada têm a ver com os casos particulares relatados ou que são contrárias aos fatos narrados destroem a argumentação baseada em fatos singulares. Por exemplo, não tem nenhum valor argumentativo a afirmação de que o Congresso Nacional está dando todo o apoio ao Executivo, depois de relatar uma série de episódios de derrota fragorosa de proposições do Presidente no Congresso.

Muitas vezes os casos particulares são apresentados como modelos a seguir ou antimodelos a evitar. Observemos este exemplo retirado do sermão de Antônio Conselheiro sobre a dor de Maria na flagelação de seu Filho. Nele, depois de mostrar a dor sentida pela Virgem, diz o pregador:

> Compreendamos, portanto, o plano da Providência Divina e, agradecendo ter-nos dado na Senhora um perfeito modelo de virtudes, tratemos seguir os seus passos para sermos ditosos. (NOGUEIRA, Ataliba. *Antônio Conselheiro e Canudos.* São Paulo, Nacional, 1974, p. 83)

A *argumentação por analogia* é aquela que transpõe o que é válido num domínio para outro. Tito Lívio, em sua *História romana* (II, 32, 3-12), conta que, numa revolta da plebe, Menênio Agripa procurava pacificar os revoltosos, mostrando que a sociedade precisa ser solitária como os órgãos do corpo humano, pois o estômago precisa das mãos, da boca e dos dentes como estes precisam daquele. Dizia o tribuno da plebe que, um dia, as mãos e a boca se rebelaram e resolveram não mais alimentar o estômago e, assim, todo o corpo ficou doente. Concluía afirmando que os órgãos devem ser solidários, cada um deles deve executar a função que a natureza lhe reservou, senão todo o corpo fica arruinado. Esse argumento estabelece uma analogia entre a fisiologia do corpo humano e a ordem social, para naturalizá-la.

Constitui um defeito na argumentação por analogia aproximar dois domínios que não tenham nenhuma relação de identidade.

3 – *Argumentos fundados na estrutura da realidade.*

São os argumentos que invocam relações de sucessão (por exemplo, relações de causa e efeito) ou de coexistência (por exemplo, relações entre a pessoa e o ato).

Uma argumentação baseia-se na sucessão, quando se procuram determinar as causas ou os efeitos de um fato, quando um evento é apreciado em função de suas conseqüências favoráveis ou desfavoráveis, quando se buscam os motivos que levaram à realização de alguma ação, etc. Quando um promotor pretende provar que uma determinada pessoa cometeu um crime, alegando que seria ela beneficiada por ele, está utilizando a argumentação baseada na sucessão.

Um outro tipo de argumento de sucessão é o que se baseia na relação entre meios e fins. Essa relação serve de fundamento para o argumento do desperdício ou da utilidade (aquele que nos incita a praticar ou não uma ação, em vista de uma finalidade maior a alcançar: por exemplo, votar num determinado candidato para impedir que outro ganhe ou ajudar o devedor insolvente, para não perder o que já se emprestou); o argumento de direção (aquele que apresenta alguma coisa não como um fim, mas como uma etapa importante para atingir determinado fim: por exemplo, todos os argumentos políticos que mostram a importância de ocupar certos postos no aparelho do estado, com vistas a agir para atingir determinadas metas); argumento do supérfluo (aquele que desvaloriza certo ato, mostrando que ele não influi no desenrolar dos acontecimentos).

Vieira, num dos Sermões do Mandato, vai utilizar as relações de sucessão para definir o que não é o amor, pois, para o pregador, o amor deve ser definido fora dessas relações:

> Definindo S. Bernardo o amor fino, diz assim: *Amor non quaerit causam, nec fructum.* O amor fino não busca causa nem fruto. Se amo, porque me amam, tem o amor causa; se amo, para que me amem, tem fruto: e amor fino não há de ter porquê, nem para quê. Se amo, porque me amam, é obrigação, faço o que devo; se amo, para que me amem, é negociação, busco o que desejo. Pois como há de amar o amor para ser fino? *Amo, quia amo, amo, ut amem:* amo, porque amo, e amo para amar. Quem ama porque o amam, é agradecido, quem ama, para que o amem, é interesseiro: quem ama, não porque o amam, nem para que o amem, esse só é fino. E tal foi a fineza de Cristo, em respeito a Judas, fundada na ciência que tinha dele e dos demais discípulos. (*Sermões*. Porto, Lello, 1959, vol. II, t. IV, p. 336)

Quando se faz uso de argumentos de sucessão, deve-se evitar a tautologia, em que se dá como causa de um fato o próprio fato exposto em outras palavras ou em que se considera demonstrado o que se precisa demonstrar. Dizer, por exemplo, que *o fumo faz mal à saúde, porque prejudica o organismo* é uma tautologia, já que prejudicar o organismo é fazer mal à saúde. Um acusado de um crime que comece a dizer que é objeto de uma acusação injusta está declarando sua inocência, que é exatamente o que deve provar.

Por outro lado, muitas vezes se toma como causa, explicação, razão de ser de um fato aquilo que não o é. Uma causa é o que provoca um efeito. Assim, deve haver uma relação necessária entre causa e efeito. Muitas vezes, toma-se aquilo que veio antes como causa do que veio depois. O que vem depois não é necessariamente efeito do que o antecede. Por exemplo, se alguém quebra a perna depois de ter visto um gato preto e conclui que o encontro com o gato preto é a causa de ter quebrado a perna, está usando uma falsa causalidade. No entanto, todo o discurso supersticioso baseia-se nesse tipo de causalidade.

As relações de coexistência entre pessoa e ato não se estabelecem entre realidades de nível igual, mas entre duas realidades de nível distinto, sendo uma considerada mais importante que outra. Assim, por exemplo, quando um advogado defende um réu, acusado de matar a mulher, dizendo que ele é bom pai, bom amigo, etc., está considerando essas qualidades mais importantes que o ato em si, está querendo estabelecer atenuantes para o crime, etc. Nesse tipo de argumentação, interpretam-se comportamentos e juízos em função da reputação do indivíduo.

O prestígio de uma pessoa serve de base para o argumento de autoridade, que é freqüentemente utilizado, quando não existem critérios objetivos para determinar a verdade ou falsidade de um juízo. O argumento de autoridade é a citação dos pontos de vista de um autor reconhecido num dado domínio da experiência como meio de prova em favor de uma tese. Com freqüência o argumento de autoridade, em lugar de ser a única prova, vem completar uma rica argumentação. Constata-se, então, que uma mesma autoridade é valorizada ou desvalorizada conforme esteja ou não de acordo com a opinião dos oradores. Um oponente das idéias neoliberais poderia dizer “é coisa do Roberto Campos”, enquanto um partidário delas diria “segundo opinião do insigne brasileiro Dr. Roberto Campos”. Retiramos de uma peça de um advogado uma série de argumentos de autoridade:

> Sobre esse “remédio heróico” (...) observou o grande José Carlos Barbosa Moreira, em recente escrito de doutrina (observe-se o uso do adjetivo *grande*);
>
> Citando o primeiro Agravante, nesse sentido, a opinião de Hamilton de Moraes Barros, a quem a própria indevida inventariante refere como “respeitadíssimo civilista” (ressalte-se a ênfase no reconhecimento da autoridade pela parte contrária);
>
> no mesmo sentido, expõe um dos mais renomados expositores atuais da matéria (observe-se que é sublinhado o renome ou o reconhecimento como sinal de autoridade no assunto);

> como ensina Wellington Moreira Pimental (reforça-se com o verbo sua condição de mestre);
>
> Voltando Carlos Maximiliano ao tratamento da matéria (...) se apóia em uma verdadeira torrente da doutrina nacional e estrangeira (dezesseis autores ao todo) (ao argumento de autoridade acrescenta-se um argumento de quantidade);
>
> A respeito, em livro que honra a cultura jurídica brasileira, seu insigne autor, que o publicou aos setenta e sete anos, declara que (um dos recursos de autoridade é, sem dúvida, o da idade, com a sabedoria e a experiência que com ela se adquire);
>
> Como ensina a maior autoridade brasileira em matéria de interpretação : (...) Sendo também essa a lição da mais alta doutrina estrangeira (a autoridade é assegurada por estar no ponto mais alto da escala de valores do conhecimento sobre a questão);
>
> Observando o gênio de Carnelutti que a decisão passada em julgamento...

O uso de citações, por um lado, cria uma imagem favorável do enunciador, pois mostra que ele conhece bem o assunto que está sendo discutido, porque já leu o que pensaram outros atores sobre ele; por outro, torna os autores citados fiadores da veracidade de um dado ponto de vista. No entando, tem um efeito argumentativo contrário a utilização de citações descosturadas, sem relação com o tema, erradas, feitas pela metade, mal compreendidas.

4 – *Argumentos quase lógicos.*

São aqueles cuja estrutura lembra a dos raciocínios formais, mas que não podem ser considerados lógicos em sentido estrito, porque dão lugar a controvérsia, não demonstrando algo que seja evidente por si mesmo. A argumentação quase lógica permanecerá muitas vezes implícita. Esse tipo de argumento baseia-se em relações.

A identidade é a relação entre dois termos perfeitamente iguais, que, no entanto, permanecem distintos. Na argumentação quase lógica, procuram-se identificar seres, objetos, situações, que não apresentam semelhanças evidentes. Veja-se este trecho de um artigo do senador Pedro Simon, em que ele vai mostrar a falácia de um argumento subjacente (economistas são economistas) à questão de que não há mal nenhum em um Presidente do Banco Central deixar seu cargo e tornar-se empregado de uma instituição financeira privada:

> Ex-presidentes do BC entram e saem do mercado como eu entro e saio do supermercado. Para eles, mercado é apenas o lugar onde vence o melhor e o mais competente. Se é só isso, que me expliquem: por que diabos o mercado prefere ex-economistas do Banco Central em vez de ex-economistas do Ipea ou ex-economistas da Funai? É que o mercado é aquele naco do mundo privado que vive de informações privilegiadas obtidas junto ao Estado. E essas informações estão todas reunidas em computadores do Banco Central, não da Funai, da Febem ou da CEF. (*Veja*, 14/6/1995, p. 134)

A relação de identidade aplicada à língua natural torna-se suscetível de controvérsia, porque não cria uma tautologia, já que a mesma palavra é usada com dois sentidos diferentes. Em *Vidas secas*, no célebre episódio do soldado amarelo, há a seguinte passagem:

> Afastou-se inquieto. Vendo-o acanalhado e ordeiro, o soldado ganhou coragem, avançou, pisou firme, perguntou o caminho. E Fabiano tirou o chapéu de couro.
> – Governo é governo.
> Tirou o chapéu de couro, curvou-se e ensinou o caminho ao soldado amarelo. (São Paulo, Martins, 1971, p. 152)

No primeiro emprego, a palavra governo significa “órgãos do poder político”; no segundo, quer dizer “autoridade”. É essa propriedade das palavras que permite compreender como não-contraditório o que aparentemente é uma contradição. É assim que se pode compreender o fragmento de Heráclito: “entramos e não entramos duas vezes no mesmo rio”.

Muitas vezes, a argumentação procura mostrar que o que parece contraditório não o é , porque as situações são distintas. Assim, Pascal, nos *Pensamentos,* diz: “Quando a palavra de Deus, que é verdadeira, é literalmente falsa, é verdadeira espiritualmente...” (nº 680). Pode-se afirmar que o homem nunca deve matar outro ser humano e, ao mesmo tempo, dizer que o homem tem o direito de matar outra pessoa em legítima defesa. Outras vezes, a argumentação tem exatamente a finalidade de mostrar a incompatibilidade entre duas situações. Um exemplo é a afirmação de que não pode defender a descriminalização do aborto quem é contrário à pena de morte. Evidentemente, essa incompatibilidade não é lógica. Por isso, precisa-se argumentar dizendo que há uma identidade entre aborto e assassinato.

Um outro tipo de argumento quase lógico é o fundado na reciprocidade. Em lógica, uma relação é simétrica quando sua conversão é idêntica, ou seja, quando se afirma a mesma relação entre *a* e *b* e *b* e *a*. O argumento de reciprocidade considera idênticos para um determinado efeito antecedente e conseqüente da mesma relação.

> a) Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti;
>
> b) Se não é vergonhoso para vós vender, não será vergonhoso para nós comprar.(Aristóteles. *Rhétorique.* Paris, Librairie Générale Française, 1991, p. 267, II, 1397a)

O argumento de transitividade é aquele em que se estabelecem relações transitivas. Em lógica, a transitividade é a propriedade de uma relação tal que, se existe entre A e B e entre B e C, existe entre A e C: se A é maior que B e B é maior que C, então A é maior que C. Na argumentação quase lógica, a transitividade é possível, mas não necessária. Por exemplo: “Os amigos de meus amigos são meus amigos”.

Os argumentos de inclusão fazem apelo às relações matemáticas entre o todo e suas partes. Assim, passa-se da relação matemática de que o todo é maior do que cada uma de suas partes para a tese de que o todo vale mais do que cada uma das partes, de que aquilo que vale para o todo vale para a parte, de que aquilo que não é permitido ao todo não é permitido a nenhuma das partes.

A concepção de que o todo é igual à soma das partes serve de fundamento para os argumentos de partição. Observe este exemplo retirado da *Retórica*, de Aristóteles:

> Se todos os homens fazem o mal por três motivos (por causa disso, daquilo ou daquilo outro) e, como pelas duas primeiras razões era impossível que o tivesse feito, os adversários não duvidam de que terá sido pela terceira. (Paris, Librairie Générale Française, 1991, p. 272, II, 1398a)

O objetivo desse tipo de raciocínio é mostrar que somente certas causas podem produzir um efeito e que, portanto, se se excluem determinadas causas, as que restam são responsáveis pelo efeito e que, se todas as causas estão excluídas, o efeito não ocorre.

O argumento por divisão está na base do dilema, forma de argumento em que se examinam hipóteses, para concluir que, qualquer que seja a escolhida, se chega ao mesmo resultado. Um exemplo: Os livros da biblioteca de Alexandria contêm ou não contêm a mesma coisa que o Alcorão. Se contêm, são inúteis. Se não contêm, são maus. Logo, em qualquer caso, é preciso queimá-los. Outro exemplo: Se você se casar, desposará uma mulher bonita ou uma mulher feia. Se for bonita, você será atormentado pelo ciúme; se for feia, você não poderá suportá-la. Logo, você não deve casar-se.

A relação entre as partes e o todo serve de base para os argumentos chamados *a pari* e *a contrario.* Esses argumentos dizem respeito à aplicação ou não-aplicação de um princípio a outra espécie do mesmo gênero. Por exemplo, uma lei promulga certas disposições relativas ao brasileiro nato. O argumento *a pari* procura mostrar que elas se aplicam também ao brasileiro naturalizado; o *a contrario* quer demonstrar que não. No primeiro caso, o que se deseja provar é que a regra se aplica a todo o gênero; no segundo, que ela só se aplica a uma parte, sendo, portanto, uma exceção de um princípio geral que se aplica ao gênero.

O argumento por comparação que não resulte de alguma coisa mensurável é quase lógico. A comparação pretende tornar homogêneo o que é comparado. É um argumento por comparação dizer que é crime tanto desviar dinheiro do erário público, quanto dar benefícios contrários ao interesse público a certos setores privilegiados da população, como, por exemplo, anistiar as dívidas de financiamento agrícola dos grandes fazendeiros.

Como o argumento por comparação homogeneíza o que é comparado, pode-se argumentar também, mostrando a superioridade daquilo que é incomparável, porque é único. Por exemplo: temos grandes escritores na literatura brasileira, Alencar, Aluísio, Mário, etc., mas Machado é Machado.

Um tipo de argumento de comparação é aquele que mostra o sacrifício que se fez para obter uma determinada coisa, em que alguma coisa é julgada pelo preço que os homens lhe conferem: se ele renunciou o trono para ficar com essa mulher, deve ela ser excepcional. Entram ainda nos argumentos quase lógicos todos os que se referem a probabilidades não calculáveis, isto é, à probabilidade ou improbabilidade de que alguma coisa ocorra. A célebre aposta de Pascal é um argumento dessa natureza. Diz ela que, como não se pode provar que Deus existe, nem que ele não existe, já que não se pode ter certeza da existência ou não da salvação eterna, só se pode apostar. Ao fazer uma aposta, deve-se levar em conta as perdas e os ganhos. Se se aposta na não existência de Deus e ele existe, está-se perdido; se se aposta na sua existência e ele não existe, não se perde nada. Por isso, deve-se apostar em sua existência. (*Pensamentos.* São Paulo, Nova Cultural, 1988, p. 94-98. Col. Os Pensadores)

5 – *Argumentos baseados na competência lingüística.*

Há várias situações de comunicação (por exemplo, aquelas em que se usa o discurso administrativo, o científico, o pedagógico), em que é obrigatório o uso da norma culta da língua. O modo de dizer, o nível de língua utilizado, a precisão vocabular conferem confiabilidade ao que se diz, dão credibilidade às informações veiculadas. Assim, por exemplo, um professor que não usa a variante culta da língua cria nos seus alunos a imagem de alguém que não conhece a matéria que ensina. As informações científicas parecem mais confiáveis, quando expostas em vocabulário técnico. Além disso, podem-se usar diferentes mecanismos lingüísticos com valor argumentativo. No texto com que iniciamos esta lição, vemos que parte da argumentação de Vieira baseia-se na oposição *nome* vs *verbo*.

Estratégias argumentativas

Como vimos, há seis fatores que intervêm na comunicação: emissor, receptor, mensagem, referente, código e canal. As estratégias persuasivas são conjuntos de argumentos que enfocam um ou mais de um desses fatores.

a) *Estratégia centrada no emissor* é aquela que procura mostrá-lo como alguém credenciado para um dado discurso, que busca criar dele uma imagem favorável. Há pouco tempo a televisão veiculou uma publicidade de baterias para carros. Nela, aparecia Emerson Fittipaldi a exaltar as qualidades do produto. Ao final, ele dizia a frase: De carro eu entendo um pouco. Essa mensagem baseia toda a sua estratégia argumentativa na credibilidade do emissor, visto como a pessoa mais competente para dizer alguma coisa sobre carros.

Num discurso suplicatório, quem pede cita desgraças que o atingiram, dificuldades por que passa, etc., não para criar uma imagem desfavorável de si mesmo, mas para apresentar-se como vítima do destino, das circunstâncias, etc.

b) *Estratégia voltada para o receptor* é aquela que procura criar uma imagem favorável daquele a quem se deseja persuadir; que procura mostrar ao receptor que ele passará a ser melhor, se fizer determinadas coisas, etc. É uma estratégia muito utilizada pelo discurso publicitário.

> Se você tem um cunhado que é um Durango Kid, um primo que é um Billy, o Folgado, ou uma tia solteirona que pensa que é a Scarlett O'Hara, não sirva café Melitta. Eles nunca mais vão sair da sua casa. Só a Melitta tem 5 tipos de café, uma para cada paladar: Extra Forte, Forte, Suave, Descafeinado e Premium Class. Todos são feitos com grãos 100% arábica, que garantem o máximo de aroma e sabor. Agora você não precisa trancar a porta para seus convidados não saírem correndo da sua casa quando você servir o cafezinho. (*Veja*, 14/6/1995, p. 22)

c) *Estratégia centrada no referente* é aquela que procura dar informações sobre aquilo de que se fala, citando fatos, dados, experimentos, etc.

> Há cem anos, nascia um carro popular bem diferente, resultado do sonho pioneiro de Karl Bentz e Gottlieb Daimler, que separadamente conduziram suas pesquisas na área do transporte coletivo. Surgia o ônibus, que no decorrer do tempo transformou-se no meio de transporte mais popular no mundo.
>
> No dia-a-dia das cidades e estradas, os ônibus urbanos e rodoviários Mercedes-Benz estão presentes na hora do trabalho e na hora do lazer. Milhões de pessoas viajam, conhecem novos lugares e divertem-se por meio do ônibus, com toda segurança e conforto.
>
> O ônibus Mercedes-Benz é um veículo popular que incorpora itens só encontrados em carros sofisticados como: freio ABS, ar-condicionado, videocassete, toca-fitas, toalete e até motorista. (*Veja*, 14/6/1995, p. 25)

d) *Estratégia voltada para a mensagem* é aquela que trabalha com jogos de sentido e de sons, com combinações inusitadas de palavras, etc. Um enunciado bem construído fala por si.

> 1. Feliz ano novo e *pás* na terra aos homens de boa vontade.(Sugestão de leitor para a Campanha de Combate à Miséria. Joelmir Beting. *O Estado de S. Paulo,* 30/12/1994, B2)
>
> 2. Desfile em que você pode passar a mão nos modelos.(Cartaz do Salão do Automóvel, São Paulo, 1995)
>
> 3. São Paulo pára se não entrar nos trilhos.(*Shopping News,* 2/4/1995, p. 1, manchete referente à questão ferroviária)
>
> 4. Trânsito de São Paulo. *Trem* jeito.(*Shopping News,* 30/4/1995, p. 1, idem)

e) *Estratégia centrada no código* é aquela que se vale de oposições lingüísticas, de significados antigos de uma palavra, de virtualidades da língua. Num editorial de *O Estado de S. Paulo,* de 18/4/1995, em que se discute a questão da escola pública, há o seguinte argumento, baseado na oposição *transitoriedade* vs *permanência,* expressa pelos verbos *estar* vs *ser:*

> Talvez um estudo sério da Fundação Carlos Chagas ajude a encontrar a resposta: em São Paulo, 47% dos professores consideram que a saída para seus problemas está na mudança de emprego. Ou seja, praticamente a metade dos professores já não *são* professores. *Estão* professores por falta de alternativa (A 3).

f) *A estratégia voltada para o canal* é aquela que valoriza o veículo da comunicação. É muito freqüente que o senso comum considere o canal como prova de veracidade de uma dada informação: *Deu na televisão...*

Pode-se usar mais de uma estratégia argumentativa no mesmo texto. No entanto, uma será a dominante e a(s) outra(s) subdominante(s). Por exemplo, no editorial de *O Estado de S. Paulo* citado no item *d*, temos uma estratégia voltada para o código, combinada com uma referencial (citação do percentual de professores que pretende abandonar o magistério).

Para tornar um texto convincente, pouco servem as manifestações de sinceridade do enunciador ou as declarações de certeza expressas por construções como *tenho certeza, estou certo, creio sinceramente, afirmo com toda a convicção, é claro, é obvio, é evidente.* Num texto, não se prometem sinceridade e convicção. Constrói-se o texto de modo que ele pareça sincero e verdadeiro. A argumentação é exatamente a exploração de recursos com vistas a fazer o texto parecer verdadeiro, a fim de levar o leitor a aderir à tese que ele defende.

Lição 18

Resumo

Leia o texto que segue:

Imagens do nosso planeta: na França, aconteceram eleições dentro de uma perfeita calma, com a pitada de surpresa necessária para despertar o interesse. No mesmo dia, em Ruanda (África Negra), 5 mil ou talvez 8 mil hutus foram assassinados por soldados tutsis, essa mesma Ruanda que no ano passado assistiu a um genocídio traduzido em meio milhão de cadáveres.

Ainda no mesmo dia, mas dessa vez na Itália, aconteceram eleições regionais, enquanto nos Estados Unidos se descobria, com ânsia de vômito, que a carnificina de Oklahoma City foi obra de americanos de verdade, patriotas, totalmente brancos, que amam as árvores e os pássaros. Finalmente em Tóquio, o número dois da seita Aum, Shinri Kyo, suspeito de ter organizado o atentado com gás de combate ao metrô de Tóquio, foi apunhalado por um fanático de extrema-direita.

É difícil para um jornalista descobrir suas âncoras e suas observações entre tantas imagens incompatíveis, cujo espectro abrange desde a rotina eleitoral à mais pura erupção de loucura coletiva. Devemos confessar que às vezes temos certos escrúpulos de dedicar extensos comentários a acontecimentos tão clássicos, simplistas e ordenados quanto às eleições presidenciais, por exemplo, ao mesmo tempo em que a demência do planeta nos faz assistir, de Tóquio a Michigan e a Ruanda, ao início do apocalipse.

Esses acontecimentos tão díspares merecem, no entanto, uma interrogação comum. A cerimônia eleitoral tão terna, tão pouco romântica, ocorrida no domingo não extrairia seu mérito precisamente do abominável espetáculo que nos foi oferecido pelo mundo (Japão, Ruanda), quando a democracia não esteve presente para erradicar os impulsos da morte e de assassinato que devastam os homens e as sociedades humanas?

Sem dúvida, a democracia não tem nada de cômico. Falta-lhe talento. Ela não conseguiria competir com o genial diretor teatral, trágico e sádico, que joga centenas de milhares de crianças perdidas nas suaves colinas da África tropical, em Ruanda. É verdade: falta brilho à democracia. Ela é aborrecida, sem imaginação, repetitiva, medíocre. E no entanto...

No entanto, ela constitui a última proteção, tão frágil e poderosa ao mesmo tempo, que as sociedades podem opor ao desencadear de suas pulsões mais sombrias, mais diabólicas. Pulsões que vemos se desencadear assim que saltam os marcos da democracia.

> É o que ocorre em Ruanda, onde massacres se sucederam ao fracasso do pacto democrático. No Japão, o crime do metrô foi perpetrado por uma seita antidemocrática: militarizada, hierarquizada, fúnebre, secreta e mórbida. E se a matança de Oklahoma City foi cometida num país absolutamente democrático, os EUA, seus atores são homens que declararam guerra principalmente à democracia. Esses "bárbaros" brancos, que se autodenominam patriotas, querem voltar aos bons velhos tempos dos pioneiros, do desbravamento das fronteiras e em seu ódio irracional por Washington – quer dizer, pela lei democrática – matam centenas de cidadãos ao acaso.
>
> Nesse sentido é que continua sendo, sem dúvida, legítimo escrever longos artigos sobre as eleições democráticas na França ou na Itália. Precisamente para tentar lutar contra essas outras notícias do dia que, de Ruanda a Michigan, só nos falam sobre o fascínio da morte. (LAPOUGE, Gilles. *O Estado de S. Paulo,* 26/4/1995, A8)

Depois de ler o texto do começo ao fim, vemos que ele trata da legitimidade de um jornalista escrever sobre eleições democráticas, pois a democracia é a última proteção contra as pulsões da morte que assolam as sociedades.

Depois percebemos o movimento do texto: apresentação de imagens conflitantes; indagação sobre a validade de escrever sobre aquilo que é rotineiro, como eleições; discussão sobre o mérito da democracia; constatação de que a democracia não é espetacular; afirmação de que ela é a última proteção contra as pulsões da morte existentes na sociedade e ilustração com casos recentes; validade de escrever sobre as eleições democráticas. Com base, nesse movimento, pode-se dividir o texto em seis partes:

1ª dois primeiros parágrafos;
2ª terceiro parágrafo;
3ª quarto parágrafo;
4ª quinto parágrafo;
5ª sexto e sétimo parágrafos;
6ª oitavo parágrafo.

Os temas tratados em cada parte, já mais ou menos esboçados, quando se analisou a marcha do texto, são os seguintes:

1ª parte: concomitância de acontecimentos contraditórios no mundo: rotina eleitoral *vs* massacres e chacinas;

2ª parte: escrúpulos do jornalista em tratar de acontecimentos não espetaculares, quando acontecimentos dramáticos ocorrem;

3ª parte: o mérito da rotina eleitoral surge do contraste com os impulsos da morte;

4ª parte: ausência de uma dimensão espetacular da democracia;

5ª parte: democracia – última proteção contra as pulsões mais sombrias da sociedade, como o comprovam todos os casos de massacres e chacinas;

6ª parte: validade de escrever artigos sobre eleições democráticas – luta contra as pulsões da morte.

Um resumo desse texto poderia ser assim redigido:

> Acontecimentos contraditórios ocorrem todos os dias no mundo: de um lado, eleições realizadas na mais absoluta ordem; de outro, massacres e atos terroristas. Um jornalista, diante desse quadro, sente escrúpulos em tratar de acontecimentos não-dramáticos, como eleições.
>
> O mérito da rotina eleitoral, entretanto, surge do contraste com os acontecimentos que revelam os impulsos da morte. A democracia não tem uma dimensão espetacular. No entanto, é a última proteção contra as pulsões mais sombrias da sociedade, pois, como o comprovam recentes acontecimentos, massacres e atos de terror são devidos à falta de democracia ou ao ódio a ela. O que legitima, portanto, escrever artigos sobre eleições democráticas é que eles fazem parte da luta contra o desejo de matar.

Muitas vezes se indaga por que resumir um texto. O resumo permite penetrar o pensamento do autor, discernindo o que é essencial e o que é acessório, compreender bem o texto e apresentar, com outras palavras, o sentido do que foi lido. Além disso, permite-nos flagrar a progressão das idéias nucleares do texto, a correlação entre elas e o jogo argumentativo que as envolve.

Antes de explicitar o que é um resumo, comecemos por dizer o que ele não é:

a) Um resumo não é um plano, nem um conjunto de notas dispostas em ordem. Não pode ser redigido em estilo telegráfico. Ao contrário, deve ser inteiramente redigido. É necessário que ele seja claro, lógico e bem encadeado. É preciso lembrar que ele é escrito para que outra pessoa o leia. Por isso, deve ser compreensível. Se o leitor precisar consultar o texto original para compreendê-lo, não tem ele nenhum valor, pois não é explícito.

b) Um resumo não é uma colagem de fragmentos do texto original, um mosaico de frases ou expressões do autor, uma montagem de citações do texto a ser resumido, uma justaposição de trechos do original. Num resumo, o que se faz é compreender o pensamento do autor e exprimi-lo com suas palavras. Dizer que o resumo não é colagem não significa, no entanto, que não se possa usar nenhuma palavra ou expressão do texto original. Essa exigência seria absurda. A procura de sinônimos que substituam as palavras usadas pelo autor e o recurso a perífrases costumam tornar o estilo artificial e produzir contra-sensos. É descabido, por exemplo, se o autor usou diversas vezes a expressão *mass-media,* sentir-se obrigado a substituí-la por *meios de comunicação de massa.* Se o texto é bem escrito, as palavras são bem escolhidas e certas expressões exprimem, de maneira admirável, certos conceitos, etc. O que não se deve fazer é reproduzir frases ou segmentos de frases, ainda mais sem aspas.

c) Um resumo não é uma redução mecânica do texto original, o que significa que cada parte dele não tem que corresponder necessariamente a uma dada parte do texto original. O defeito mais comum da redução mecânica é construir um resumo com tantos parágrafos quantos forem os do texto original. Ora, o que acontece, nesses casos, é que se tem uma justaposição de parágrafos insignificantes, em que se misturam o essencial e o acessório. O resumo deve ser claro, coerente, hierarquizado, centrado sobre aquilo que é essencial.

d) Um resumo não é um comentário, nem um julgamento de valor. Nele, é fundamental que haja submissão ao pensamento do autor, fidelidade ao sentido do texto original. Mesmo que se julgue que as idéias do autor não são corretas, que seus argumentos não são adequados, quem resume não pode fazer objeções, nem críticas. Da mesma forma, não cabe aprovação àquilo com que se concorda. Num resumo, não deve aparecer nada que não esteja no texto, nem mesmo para justificar, explicar ou ilustrar o que o autor disse.

e) Um resumo não é uma análise, em que se explica o que o autor quis dizer, em que se discute o modo de argumentação, em que se fazem observações pessoais sobre o texto, etc. Um resumo respeita a ordem das idéias adotadas pelo autor, dá uma versão condensada, mas fiel do texto, na progressão estabelecida no original. Em síntese, um resumo não é uma paráfrase, ou seja, não é um comentário, uma explicação e uma interpretação do texto, nem uma tradução dele em outras palavras. Nele é preciso escolher o essencial e omitir o acessório.

Um resumo é um texto redigido com períodos completos que condensa numa determinada proporção um texto mais longo, sem acrescentar-lhe nenhum elemento pessoal, e cuja articulação corresponde à organização geral do texto original. Nas provas e exames, recomenda-se, em geral, que o tamanho do resumo corresponda a ¼ da extensão do texto a ser condensado.

Muitas pessoas pensam que resumir é riscar o que parece secundário e unir os fragmentos que não foram eliminados. No entanto, um resumo é uma condensação que mostra uma compreensão do texto e isso só se demonstra por meio de uma formulação pessoal. É preciso apresentar, com suas próprias palavras, os pontos relevantes do texto. A reprodução de frases revela, em geral, que o texto não foi compreendido.

Repitamos com outras palavras o que é um resumo. É uma redução do texto original, procurando captar suas idéias essenciais na progressão e no encadeamento que aparecem no texto. Por isso, para resumir é preciso estar atento a três aspectos do texto:

a) suas partes;

b) sua progressão;

c) a conexão entre elas.

Nas partes do texto, é preciso discernir a importância relativa dos elementos, escolhendo o que deixar de lado, para pôr em relevo o que deve aparecer. Por outro lado, é preciso perceber a estrutura do texto, ou seja, a progressão das idéias e seu encadeamento.

Um resumo será sempre redigido em prosa e obedecerá mais ou menos às características do texto dissertativo. Isso significa que o resumo de uma narração não será redigido como uma pequena narração, mas como a apresentação do assunto nela tratado.

Para elaborar um bom resumo é necessário, antes de mais nada, compreender o sentido global do texto. Por isso, não se pode ir resumindo à medida que se vai fazendo a primeira leitura.

O grau de dificuldade para resumir um texto deve-se:

a) à complexidade do texto (vocabulário muito técnico, complexa estruturação sintático-semântica, relações lógicas muito sutis, assunto desconhecido);

b) à falta de competência do leitor (baixo grau de amadurecimento intelectual, pequeno repertório de informações, nenhuma familiaridade com o tema).

O uso de procedimentos apropriados, no entanto, pode reduzir as dificuldades. Os passos de um resumo são aqueles que seguimos para resumir o texto com que abrimos essa lição.

1. Ler, pelo menos uma vez, o texto inteiro. Como o texto não é um aglomerado de frases, o leitor precisa ter noção do todo, para entender o

significado preciso de cada uma das partes. A preocupação dessa(s) leitura(s) é tentar apreender o tema geral do texto, é responder à pergunta *de que trata o texto?*

2. Apreendido o tema geral do texto, ler outra vez, agora com interrupções, procurando o significado de palavras desconhecidas, buscando compreender as frases mais complexas (as muito longas, as que contenham inversões, etc.), dando especial atenção às palavras coesivas, isto é, àquelas que estabelecem conexões ou retomam o que foi dito (*por exemplo, assim, mas, por conseguinte, seu, isso, ele, aqui*). Ao verificar as conexões entre as partes, percebe-se o movimento do texto, sua progressão, o encadeamento das idéias.

3. Em seguida, segmentar o texto em unidades temáticas. Se o texto é pequeno, o primeiro critério pode ser a divisão em parágrafos. No entanto, cabe lembrar que a paragrafação é apenas um indicador de divisão. Deve-se tomá-la no início como um guia para encontrar uma segmentação mais adequada do texto. No exemplo com que abrimos essa lição, juntamos num só bloco temático, por exemplo, o primeiro e o segundo parágrafos, porque em ambos o autor opunha uma eleição rotineira a um ou mais eventos que levavam à morte muitas pessoas. Da mesma forma, unimos numa só parte os parágrafos sexto e sétimo, porque naquele se afirma que a pulsão da morte aparece, quando se sai fora dos marcos democráticos, e neste se ilustra a afirmação anterior.

4. Extrair os temas de cada uma das partes. Conforme explicamos no capítulo referente a temas e figuras, o tema é um termo abstrato, que categoriza vários elementos de natureza concreta. O trabalho de resumir um texto consiste, antes de mais nada, em apreender temas. O resumo de um texto deve ser feito, pois a partir dos temas que ele contém, de forma a dizer o essencial de cada parte.

5. Fazer a redação final com suas próprias palavras. Nela, apresentam-se os temas de cada parte, encadeados na progressão em que aparecem no texto, respeitando-se as relações estabelecidas no texto entre eles.

Na redação final, deve-se, no primeiro parágrafo, apresentar uma visão de conjunto do texto a ser resumido: assunto/fato, autor, lugar, época/ocasião/data, causa, finalidade e, se necessário, circunstâncias mais notórias.

Por outro lado, é importante, principalmente quando se condensa um texto longo, que o resumo seja estruturado em parágrafos, pois eles deixam entrever o plano da condensação realizada.

BIBLIOGRAFIA

ABAURRE, Maria Bernadete Marques e POSSENTI, Sírio (1993). *Vestibular da Unicamp. Língua Portuguesa*. São Paulo, Globo.

AUTHIER, J. (1982) *Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche et l'autre dans le discours*. DRLAV, 26: 91-151.

BAKHTIN, Mikhail (1979). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec.

BARROS, Diana Luz Pessoa de (1988). *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo, Atual.

_____(1990). *Teoria semiótica do texto*. São Paulo, Ática.

BERNÁRDEZ, E. (1982).*Introducción a la lingüística del texto*. Madrid, Espasa-Calpe.

BOSI, Alfredo (1964). *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo, Cultrix.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso (1970). *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis, Vozes.

CHARAUDEAU, Patrick (1992). *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris, Hachette.

DESALMAND, Paul e TORT, Patrick (1977). *Du plan à la dissertation*. Paris, Hatier.

_____e GÉRAY, Christine (1989). *Technique du résumé et de la discussion*. Paris, Hatier.

DUCROT, Oswald (1977). *Dizer e não dizer*. *Princípios de semântica lingüística*. São Paulo, Cultrix.

DURIGAN, Jesus Antônio et alii (orgs) (1987). *A magia da mudança. Vestibular da Unicamp: língua e literatura*. Campinas, Editora da Unicamp.

ECO, Umberto (1990). *Les limites de l'interprétation*. Paris, Grasset.

FARACO, Carlos Alberto e TEZZA, Cristóvão (1992). *Prática de texto: língua portuguesa para estudantes universitários*. 2 ed. Petrópolis, Vozes.

FAVERO, Leonor Lopes (1991). *Coesão e coerência textuais*. São Paulo, Ática.

_____e KOCH, Ingedore Villaça (1983). *Lingüística textual*. São Paulo, Cortez.

FIORIN, José Luiz (1988). As figuras de pensamento: estratégia do enunciador para persuadir o enunciatário. *Alfa*. São Paulo, 32: 53-67.

_____(1996). *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo. Ática.

_____e SAVIOLI, Francisco Platão (1990). *Para entender o texto: leitura e redação*. São Paulo, Ática.

GAILLARD, Paul e LAUNAY, Claude (1979). *Le résumé du texte*. Paris, Hatier.

GARCIA, Othon M. (1982). *Comunicação em prosa moderna*. 10 ed. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas.

GREIMAS, A. J. (1975). *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Petrópolis, Vozes.

_____(1976). *Maupassant. La sémiotique du texte: exercices pratiques*. Paris, Seuil.

_____(1983). *Du sens II*. Paris, Seuil.

_____e COURTES, J. (1979). *Sémiotique: dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Paris, Hachette.

HALLIDAY, M. A. K. e HASAN, R. (1976). *Cohesion in English*. London, Longman.

HAYAKAWA, S. I. (1963). *A linguagem no pensamento e na ação*. São Paulo, Pioneira.

HJELMSLEV, L. (1968). *Prolégomènes à une théorie du langage*. Paris, Minuit.

JAKOBSON, R. (1969). *Lingüística e comunicação*. São Paulo, Cultrix.

KOCH, Ingedore Villaça (1984). *Argumentação e linguagem*. São Paulo, Cortez.

_____(1992). *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo, Contexto.

_____(1993). *A coesão textual*. 6 ed. São Paulo, Contexto.

_____e TRAVAGLIA, Luiz Carlos (1989). *Texto e coerência*. São Paulo, Cortez.

_____(1990). *A coerência textual*. São Paulo, Contexto.

LAPA, M. Rodrigues. (1975). *Estilística da língua portuguesa*. Coimbra, Coimbra Editora.

LAUSBERG, H. (1966). *Elementos de retórica literária*. Lisboa, Gulbenkian.

MAINGUENEAU, Dominique (1987). *Nouvelles tendances en analyse du discours*. Paris, Hachette.

MARTINS, Nilce Sant'Anna (1989). *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa*. São Paulo, T. A. Queiroz/EDUSP.

OSAKABE, Haquira (1979). *Argumentação e discurso político*. São Paulo, Kairós.

PERELMAN, Charles (1970). *Le champ de l'argumentation*. Bruxelles, PUB.

____e OBRECHTS-TYTECA, L. (1970). *Traité de l'argumentation: la nouvelle réthorique*. Bruxelles, Ed. de l'Univ. de Bruxelles.

RIFFATERE, Michael (1971). *Essais de stylistique structurale*. Paris, Flammarion.

ROCCO, Maria Thereza Fraga (1981). *Crise na linguagem; redação no vestibular*. São Paulo, Mestre Jou.

EXERCÍCIOS

Lição 1

Considerações sobre a noção de texto

Exercícios

QUESTÃO 1

Como se viu, num texto, todas as partes são solidárias, isto é, o significado de um segmento define-se pela relação que mantém com os demais. Esse dado não pode ser desconsiderado tanto na leitura enquanto na redação. Quem lê não entenderá o significado do texto se não perceber as correlações entre cada uma de suas partes. Quem escreve não será compreendido se não for capaz de articular com coerência os diferentes segmentos constitutivos do texto.

O fragmento que segue deverá ser usado como base para esta primeira questão:

a) sintetize o seu significado em aproximadamente quatro linhas;

b) acrescente-lhe um parágrafo de cinco a dez linhas que o complemente com coerência.

> Uma paisagem poderá ser bela, graciosa, sublime, insignificante ou feia, porém jamais será risível. Riremos de um animal, mas porque teremos surpreendido nele uma atitude de homem ou certa expressão humana. Riremos de um chapéu, mas no caso o cômico não será o pedaço de feltro ou palha, senão a forma que alguém lhe deu, o molde da fantasia humana que ele possui. Como é possível que fato tão importante, em sua simplicidade, não tenha merecido atenção mais acurada dos filósofos? Já se definiu o homem como *um animal que ri*. Poderia também ter sido definido como um animal que faz rir, pois se o outro animal o conseguisse, ou algum objeto inanimado, seria por semelhança com o homem, pela característica impressa pelo homem ou pelo uso que o homem dele faz. (Henri Bergson, *O riso*, apud FGV, 1991)

QUESTÃO 2

(CEAF-FGV) – Crie um *tópico frasal* pertinente e que, de forma sintética, possa dar conta do assunto desenvolvido no parágrafo que se segue.

> Em dias melhores, o próprio rei Fahd, da Arábia Saudita, chegou a gastar 6 milhões de dólares em uma única noitada. Desde que o Iraque invadiu o Kuwait, porém, os milionários árabes desapareceram de cena. O Carlton,

> famoso cassino de Cannes, só salvou o faturamento de agosto graças ao azar do xeque Eynanlan, que pouco antes da crise perdeu 16 milhões de dólares. Com a escassez de ricaços árabes, as casas de jogos de da Riviera francesa, voltaram suas esperanças agora para o azar dos milionários japoneses. (*Veja,* setembro de 90, adaptado)

QUESTÃO 3

Num texto, o significado de cada parte não é autônomo. Prova disso, é o que vem a seguir.

a) Fica proibido o uso da palavra liberdade, a qual será suprimida dos dicionários.

Fora de contexto, que sentido se pode dar a esse trecho?

b) observe agora o mesmo trecho, inserido no contexto que vem transcrito abaixo:

> Fica proibido o uso da palavra liberdade, /a qual será suprimida dos dicionários /e do pântano enganoso das bocas./ A partir desse instante/ a liberdade será algo vivo e transparente/ como um fogo, ou um rio,/ ou como a semente do trigo,/ e a sua morada será sempre/ o coração do homem.
> (Thiago de Mello. *Estatutos do Homem*)

Procure interpretar o sentido da mesma passagem dentro do novo contexto.

QUESTÃO 4

Como as sociedades complexas são divididas em grupos movidos por interesses diferentes, há palavras que, para um grupo, têm valor negativo; para outro, valor positivo. Mais uma vez, é o contexto que confere positividade ou negatividade a palavras desse tipo.

Redija um texto em que a palavra “*sem-terra*” tenha um valor positivo e um em que apresente um valor negativo.

QUESTÃO 5

Quando uma frase ou uma expressão é ambígua, com muita freqüência o contexto pode desfazer a ambigüidade. Observe a frase que segue:

Os participantes da gincana acharam a estrada intransitável.

Fora de contexto, a frase pode significar que os participantes da gincana *consideraram* a estrada intransitável ou que *localizaram* a estrada intransitável.

Inscrita num contexto, porém, a frase pode perder a ambigüidade como se pode notar a partir do exemplo que segue:

> Na opinião dos repórteres esportivos, a estrada de acesso à Praia Vermelha era transitável. Não foi essa, porém, a opinião dos participantes da gincana, já que (eles) acharam a estrada intransitável.

A frase que segue é ambígua: Naquele dia eu soube o que é medo de ladrão.

Inscreva essa frase dentro de um contexto, para que ela perca a ambigüidade.

QUESTÃO 6

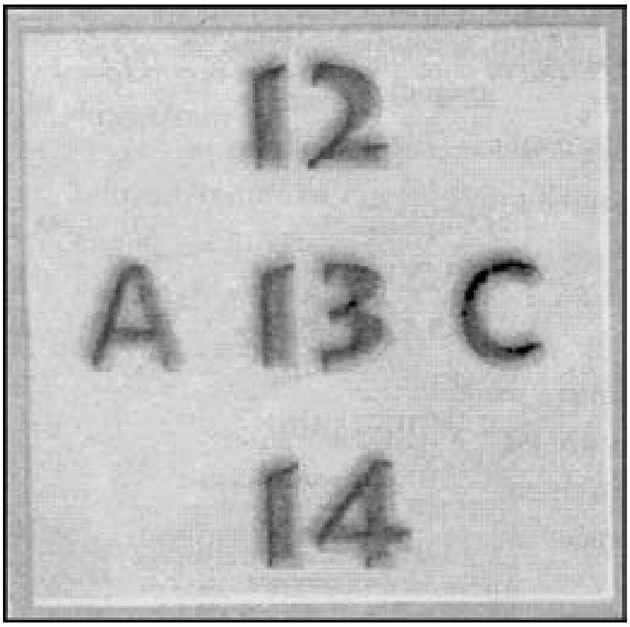

Tapando-se o A e o C dessa ilustração, o termo intermediário da seqüência vertical é lido como o número treze (13);

Tapando-se o 12 e o 14, o mesmo termo, na horizontal, é lido como a letra B.

Esse artifício se presta para ilustrar um dado fundamental para se representar o significado de um enunciado dentro de um texto. Qual é esse dado e como a ilustração pode ser útil para explicá-lo?

Lição 2

Variação lingüística, modalidades de linguagem e produção do texto escrito

Exercícios

QUESTÃO 1

O trecho que segue, aproveitado de um Vestibular da Unicamp, foi extraído de um debate que sucedeu à palestra do poeta Paulo Leminski "Poesia: A Paixão da Linguagem", proferida durante o curso "Os Sentidos da Paixão" – Funarte, 1986. Trata-se de um texto oral, permeado, pois, de vários traços lingüísticos típicos dessa variante.

Procure transcrevê-lo, traduzindo-o para a linguagem escrita culta.

> Estudei durante seis anos muito a vida de um paulista e fiz um filme sobre ele, que é o Mário de Andrade, um puta poeta muito pouco falado pelas ditas vanguardas modernistas. (...) Hoje em dia, felizmente, já existem vários trabalhos, há muita gente reavaliando a poética do Mário, que ela é muito mais importante e profunda do que aparentemente pareceu nestes últimos anos. Estudando o Mário, eu descobri que o Mário foi um exemplo do cara que morreu de amor, mas de amor pelo seu povo, pelo seu país, pela sua cultura. (...) Um outro cara que eu também fiz um filme é o Câmara Cascudo. Um cara como o Câmara Cascudo morre, os jornais dão uma notinha desse tamanhinho, escondidinho, um cara que deveria ter estátua em praça pública, devia ser lido, recitado. (*Os Sentidos da Paixão*, p. 301)

QUESTÃO 2

A linguagem publicitária, no intuito de seduzir o potencial comprador do produto anunciado, costuma fazer uso da variante lingüística típica desse grupo de consumidores. É o que ocorre com o texto que segue, dirigido para a grande massa de vestibulandos de todo o país, jovens dominantemente enquadrados na faixa etária entre 17 e 19 anos.

Você vai supor que o mesmo tipo de anúncio publicitário queira atingir os candidatos ao exame de admissão ao Curso de Preparação à Carreira Diplomática do Instituto Rio Branco. Promovendo as adaptações necessárias tanto no conteúdo quanto na forma de linguagem, redija um texto análogo ao que vem a seguir.

É massa, brother

Brother, dentro dessa nova edição do Vestibular 500 Testes tem tudo para que o próximo vestiba role na maior.
Só de português são 80 questões, sendo 50 testes e 30 escritas.
Fora as questões de física, química, biologia, história, geografia, matemática e inglês.
Ah, tem uma lista de livros e uma série de dicas que você precisa ficar por dentro antes de encarar os exames.
Vestibular 500 Testes, especial do Guia do Estudante.
Desencana, brother.
Vestibular agora é manha.
(*Veja*, São Paulo, 23.10.91, p. 13)

QUESTÃO 3

Observe o texto que segue:

Comunicado de Imprensa

O Governo brasileiro acompanha com preocupação os desdobramentos da tentativa de tomada de poder pela força na Venezuela, ocorrida hoje de madrugada.
Ao manifestar o seu compromisso inequívoco com a democracia e o estado de direito, o Governo brasileiro reitera o seu repúdio a toda e qualquer ação que pretenda usurpar os poderes institucionais legitimamente constituídos, e espera o pronto estabelecimento da normalidade no país vizinho e amigo.
O Governo brasileiro expressa o seu apoio à manutenção da paz e da ordem institucional e democrática da Venezuela, na plena vigência dos direitos humanos e das liberdades individuais.

Brasília, 27 de novembro de 1992.

Como se nota, no Comunicado de Imprensa transcrito acima, usa-se uma linguagem formal, sem afetação e sem rebuscamentos de estilo que comprometam a clareza do comunicado, a objetividade da posição assumida perante o acontecimento e a revelação dos dados de que se tem notícia.

Tomando como modelo o texto acima transcrito, usando a mesma variante lingüística aí explorada, tente redigir um comunicado com as seguintes instruções:

- manifestação de repúdio à tentativa de golpe de Estado na fictícia República Democrática de San Martín;
- manifestação de apoio ao Presidente Jesus Castillejo e a seu governo;

- declaração de que o Brasil apoiou convocação de reunião do Conselho Permanente da Organização dos Estados Americanos;
- o Brasil se põe em defesa da democracia e dos direitos humanos, conforme carta da OEA.

QUESTÃO 4

No texto que segue, ocorre a exploração curiosa de uma variante lingüística: o produtor do texto veste a máscara lingüística de um grupo social, com o propósito de ridicularizá-lo. Trata-se de um falante da variante culta do português que, com intenção de parodiar, simula o uso de uma variante típica de grupos jovens urbanos pouco afeitos ao conhecimento da cultura erudita.

> MASSA!
> Pô Erundina, massa! Agora que o maneiro Cazuza virou nome num pedaço aqui na Sampa, quem sabe tu te anima e acha aí um point pra botá o nome de Magdalena Tagliaferro, Cláudio Santoro, Jaques Klein, Edoardo de Guarnieri, Guiomar Novaes, João de Souza Lima, Armando Belardi e Radamés Gnattali. Esses caras não foi cruner de banda a la 'Togloditas do Sucesso', mas se a tua moçada não manjar quem eles foi dá um look aí na Enciclopédia Britânica ou no Groves International e tu vai sacá que o astral do século 20 musical deve muito a eles.
> Júlio Medaglia, di-jei do Teatro Municipal do Rio de Janeiro (São Paulo, SP)
> (*"Painel do Leitor"*, Folha de São Paulo, 4.10.90)

Você vai inverter a orientação argumentativa do texto, isto é, criticar o elitismo da posição do maestro Júlio Medaglia, alegando que – ao lado dos grandes nomes da música brasileira – também merecem espaço os seus representantes populares. Quanto à variante lingüística, você vai fazer o avesso do que fez o maestro, isto é, simular o uso de uma variante lingüística afetada e preciosista com intenção de parodiá-la.

QUESTÃO 5

O uso da variante lingüística culta de maneira afetada e pedante produz efeitos tão adversos quanto o seu uso descuidado e negligente. Na Literatura, não tem sido incomum a construção de personagens que falam excessivamente empolado, caracterizando-se, por isso, como figuras caricatas. É o que ocorre com Aldrovando no conhecido conto de Monteiro Lobato "O Colocador de Pronomes".

O trecho que segue é parte de um ofício que Aldrovando remete ao Congresso, pedindo leis repressivas contra os desacatos às normas do idioma.

> – Leis, Senhores, leis de Dracão, que diques sejam, e fossados, e alcáçares de granito prepostos à defensão do idioma. Mister sendo, a forca se restaure, que mais o baraço merece quem conspurca o sacro patrimônio da sã vernaculidade, que quem ao semelhante a vida tira. Vede, Senhores, os pronomes, em que lazeira jazem... (*Monteiro Lobato, Textos escolhidos*. Por José Carlos Barbosa Moreira. 3 ed. Rio de Janeiro, Agir, 1972. p. 100 – Coleção Nossos Clássicos – vol. 65)

Procure reescrever o trecho de Aldrovando, usando a linguagem culta mas sem afetação, de modo que ela possa ser compreendida sem esforço pelos habituais leitores dos nossos grandes jornais.

QUESTÃO 6

Há circunstâncias de comunicação que, dada a solenidade que envolvem, exigem um uso mais cuidadoso e apurado da linguagem. Falar em público é uma dessas ocasiões, como foi o caso do reeducando do grande presídio do Carandiru em São Paulo, incumbido de fazer a apresentação de um “show” da atriz Rita Cadillac.

Eis como o médico Dráuzio Varella transcreve um trecho dessa apresentação:

> Prezados reeducandos deste estabelecimento penal o humilde locutor que vos dirige o verbo tem a honra de anunciar esta grande artista figurativa da televisão. Musa indomável da arte dançarina. Aquela que foi a bailarina *crooner* do impredizível Chacrinha, que Deus o tenha. Nesse momento festivo, convido para adentrar ao palco a madrinha da Casa de Detenção: Rita Cadillac! (VARELA, Dráuzio. *Estação Carandiru*. São Paulo. Companhia das Letras, 1999, pág. 77)

a) O uso da variante lingüística escolhida pelo reeducando foi apropriada? Comente sua resposta.

b) Dependendo da resposta dada em **a**, reescreva o trecho, fazendo as adaptações lingüísticas exigidas pela situação.

Lição 3

A propósito da noção do erro

Exercícios

QUESTÃO 1

Não é muito comum um falante nativo cometer erros que violam as regras do sistema lingüístico, tornando a frase agramatical. Mas, por descuido ou confusão, esse tipo de erro não deixa de ter algum percentual de ocorrência.

Nos trechos que seguem, ocorre algum tipo de agramaticalidade, seja do nível da frase, seja no do discurso. Pelo contexto, muitas vezes é possível presumir o que o falante pretenderia dizer. Tente, com base nessa presunção, reescrever esses trechos reconstruindo um de seus possíveis sentidos.

I – Alta autoridade do governo paulista garantiu ontem que as investigações para apurar os responsáveis pelo seqüestro do ex-vice presidente do Bradesco, Antônio Beltran Martinez, terão prosseguimento, mesmo que fique comprovada a participação de "pessoas influentes e importantes". "Tudo aquilo que a polícia necessitar de meios para chegar a esse objetivo, ela terá a responsabilidade de apurar até o fim, doa a quem doer esses fatos". (*Diário do Povo,* 9.10.87, apud Unicamp 87. Declarações de uma alta autoridade do governo)

II – Como as pesquisas médicas apontam, entre outras desgraças, que há uma relação direta entre doenças respiratórias e fumo.

III – Não pude ir até a famosa Londres, como estava com pressa de voltar ao Brasil.

IV – Em conseqüência da alta produtividade agrícola daquela região, que colheu, só este ano, mais de duas toneladas de grãos que nos dois anteriores.

QUESTÃO 2

O erro tido como desvio das normas da língua padrão é muito mais comum que todos os outros.

Em todos os trechos que seguem ocorre esse tipo de desvio. Reescreva-os, efetuando a devida adequação à norma culta da língua.

I – Apesar das dificuldades que ora passa o País, temos que investir para a consolidação da área de comunicação científica nacional e internacional. (Num ofício da presidência da Intercom para pesquisadores na área de Comunicação)

II – Le Bistangô, o restaurante francês que você vai e sempre volta.
(Publicidade Rádio Musical FM 105,9, 25/10/91)

III – Para ele, tais pressões partiram de um diretor da Folha que não lembro o nome e de políticos ligados a Collor.
(*Folha de S. Paulo,* 17/10/90, p. A-9. Declarações do Gov. Fleury sobre possível envolvimento da polícia no caso do seqüestro de Abílio Diniz)

IV – Bancada evangélica: Deus os perdoe.
(Bóris Casoy, referindo-se à movimentação da bancada evangélica para inocentar o deputado João de Deus Antunes (PPR-RS), ontem no “TJ Brasil” – do SBT (*Folha de São Paulo,* 4/5/94, p. 1.2)

V – É estranho essa história do Luiz Antônio Fleury Filho arredar o pé.
[(Kid Vinil (músico) sobre a decisão de Fleury não participar de debate político pela TV na campanha sucessória (*Folha de São Paulo,* 20/11/90)]

VI – Quem também esteve no autódromo de Donington foi o rei Hussein, da Jordânia. (...) O rei sorriu muito e falou pouco. Os carros da Williams foram os que mais o agradaram. (*Folha de S. Paulo,* 13/4/93, p. 4)

VII – A Universidade é muito mais eficiente que a indústria porque ela é o único organismo da sociedade que pode especular sem grande ônus. A Universidade é o único organismo que você pode abandonar uma pesquisa sem nenhum trauma (...). (Apud Unicamp 88)

VIII – Uma casa, onde na frente funcionava um bar, foi totalmente destruída, por um incêndio, na madrugada de ontem. (*O Liberal,* Belém, 27/9/89, apud Unicamp 88)

QUESTÃO 3

Os erros de ortografia são inocentes por um lado e comprometedores por outro. Inocentes porque, na grande maioria dos casos, não prejudicam em nada a compreensão do enunciado; comprometedores porque, sobretudo certos tipos de erro, desqualificam o enunciador, criando dele a imagem de quem não tem familiaridade com a língua escrita.

Tente corrigir os erros ortográficos contidos nas passagens que seguem:

I – Muitos costumam mudar de comportamento e se mostrar mau humorados. (*Jornal da Tarde*, 23/06/93, p. 12)

II – Calmo e sorridente, mas sem o crucifixo no pescoço – que usa desde que decidiu estudar para ser padre –, Mequinho não exitou nas primeiras jogadas, nem pareceu surpreendido pela escolha do rival, a agressiva Defesa Holandesa.
(*Folha de S. Paulo*, 03/03/91, p. 7.6)

III – (Unicamp-89)
a) Os atuais ministros e prefeito são amisíssimos de longa data.
b) Mais da metade desses policiais extrapolam os limites do dever por serem mau preparados.
c) Desde o início, o animal preferido em carrosséis é o cavalo, mas há excessões.

IV – O prefeito é obcecado por obras faraônicas, o que paraliza o desenvolvimento de outros setores com que seus pretensiosos planos se incompatibilizam.

V – (Fuvest) No último concerto da orquestra sinfônica, houve fraglantes discriminações entre os convidados, apesar de ser uma festa beneficiente.

VI – (Fuvest) A insipiência científica do povo levou-o a taxar de feiticeiros os expertos em astronomia.

VII – Esse maltrato que a língua sofre não passa de um processo de renovação. (*Revista Imprensa*, junho 1990, n. 34, p. 15)

VIII – Embora quizesse pôr o caso em discussão hesitou muito ao perceber o constrangimento de todos.

QUESTÃO 4

Há certos usos lingüísticos que, apesar de já freqüentes na língua culta escrita, são ainda considerados errados pela tradição gramatical.

Assim, ao lado dos usos canônicos e tradicionais, vão ganhando espaço usos variantes. Nesses casos, em se tratando de textos que devem ser escritos na norma culta, é mais aconselhável optar pelo uso canônico, mesmo por uma questão de preservar o produtor do texto de possíveis contestações incômodas.

Os trechos que seguem contêm alguns desses casos desviados do uso prescrito pela tradição. Reescreva-os, adequando-os às prescrições tradicionais.

I – A solicitação da visita do nosso representante não implicará em compromisso de contratação dos nossos serviços.

II – Poucos presidentes custaram tanto para formar o Ministério.

III – O socorro demorou muito para chegar no local do sinistro.

IV – De domingo, não há expediente.

V – Foi o melhor filme que assistimos nos últimos anos.

VI – Qualquer repórter nosso conhece melhor o assunto, vai nos locais e entrevista as pessoas certas e faz um matéria dez vezes melhor. (LEMOS, Carlos. *Revista Imprensa*, janeiro de 1995, n. 88 p. 60)

QUESTÃO 5

Um erro lingüístico constrangedor consiste em usar uma palavra em lugar de outra por confusão resultante da semelhança fonética entre elas ou de outros tipos de falsas associações.

Cada um dos trechos a seguir contém esse tipo de erro. Transcreva-os, usando a palavra apropriada.

I – O paciente insistiu com o médico para tomar anestesia peledural em vez de anestesia geral.

II – Devido a intensas filas formadas no último dia 25, a UNIP prorrogou suas inscrições até o dia 06.12.94. (comunicado em *Folha S. Paulo*, 1994)

III – Hoje é dia de despedida, com muito entretendimento.

(Locutor da Rádio Bandeirantes FM, 28.12.91, às 12h 15min).

IV – Achei muita falta de personalidade de sua parte você não ter tido a coragem de sustar em público as acusações que você fez em particular.

V – Foi grande a sua decepção ao receber, depois de vinte anos de trabalho na firma, o aviso breve.

VI – O plano de reurbanização não quer mais saber da construção de casas germinadas.

VII – Se o caso você chegar antes, por favor deixe um recado na portaria.

VIII – O centro-avante Viola do Corinthians, guincha para comemorar seu gol, que chamou de “porco”, em alusão ao símbolo do Palmeiras.
(Frase de Folha de S. Paulo citada na *Revista Imprensa*, julho de 1993, n. 70, p. 50)

QUESTÃO 6

Um erro pouco comentado ou até mesmo ignorado é o que consiste em criar no interior do discurso confusões de sentido, obscuridades, ou até mesmo o “nonsense”. Trata-se de um erro perturbador, já que dificulta ou impede a compreensão do enunciado.

Os trechos que seguem contêm esse tipo de erro. Procure presumir, a partir de dados do contexto, o sentido que o autor queria produzir e reescreva cada uma das passagens, eliminando essas conveniências.

I – As videolocadoras de São Carlos estão escondendo suas fitas de sexo explícito. A decisão atende a uma portaria de dezembro de 91, do Juizado de Menores, que proíbe que as casas de vídeo aluguem, exponham e vendam fitas pornográficas a menores de 18 anos. A portaria proíbe ainda os menores de 18 anos de irem a motéis e rodeios sem a companhia ou autorização dos pais.
(*Folha Sudeste* 06/06/92, apud Unicamp 93)

II – O povo não só quer o impeachment desse aventureiro chamado Collor, como o confisco dos bens nada honestos de Sr. Paulo César Farias e companhia. E que a esse PFL e ao Brizola (cuja ficha de filiação ao PDT já rasguei) reste a vingança do povo...
(L.A.N. – Painel do Leitor, *Folha de S. Paulo*, 30/07/92, apud Unicamp 93)

III – O ex-prefeito de Sonora, J.C.C., apenas aguarda os primeiros pronunciamentos da Justiça e do Tribunal de Contas para decidir se responde ao processo por desvio de CR$ 130 milhões em carne e osso ou desaparece, seguindo exemplo de um colega de corrupção. J.C.C. corre dois riscos: ter que devolver o dinheiro a ainda ir para a cadeia. São motivos suficientes para pensar em pegar a estrada. (Bastidores, *Diário da Serra,* Campo Grande, 26-27/9/93, apud Unicamp 95)

IV – Zélia Cardoso de Melo decidiu amanhã oficializar sua união com Chico Anysio. (*A Tarde,* Salvador, 16/9/94, apud Unicamp 95)

QUESTÃO 7

Muitos erros lingüísticos se devem ao fato de que o enunciador, por equívoco de análise, presume ou intui uma certa forma de estruturação da frase que, numa leitura mais calculada, não se sustenta.

Reescreva as frases que seguem, corrigindo os erros nela contidos.

I – É exatamente essa grande maioria que chamamos abstratamente de povo. São os cidadãos humildes, que vivem de pequenos serviços na periferia das grandes cidades(...)
São para esses cidadãos anônimos, que ganharam personalidade dia 15 de novembro, que o novo governo deverá estar voltado.
(Painel da *Folha de S. Paulo,* 19/11/89, apud Unicamp 90)

II – Malcom Browne, também da Associated Press, deveria ter impedido que o monge budista em Saigon não se imolasse, sentado e ereto, impedindo o mundo de ver o protesto em cuja foto encontrou seu maior impacto? (Caio Túlio Costa, *Folha de S. Paulo,* 17/03/91, apud Unicamp 92)

III – O trabalho nesses imensos empreendimentos prosseguiu no século XIV e ainda mais além, mas já não eram o principal foco de arte.
(GOMBRICH.E.H. *A História da Arte.* 4 ed. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1985, p. 155)

IV – Representantes do sindicato do setor imobiliário reuniram-se em São Paulo, onde foram discutidos, entre outros assuntos, a concessão de crédito para a casa própria.

V – São por atitudes como essa que o Congresso brasileiro goza hoje de credibilidade cada vez mais escassa e diminuta. (*Folha de S. Paulo,* 22/03/91, p. 1.2)

VI – Graves problemas são estes, mas a circunstância os fazem ainda maiores.

VII – "Carlos Lacerda não veio; veio eu".
Até hoje a vaia não acabou.
Episódio narrado pelo comentarista político Newton Carlos. O fato ocorreu com ele mesmo em Belo Horizonte perante um auditório superlotado, ansioso à espera da presença de Carlos Lacerda. Este, afônico, mandou em seu lugar o então novato e inexperiente repórter da *Tribuna da Imprensa,* Newton Carlos, que, nervosíssimo, iniciou a palestra com a frase acima. (*Revista Imprensa,* janeiro de 1995, n. 88, p. 61)

VIII – COMO ESCREVER
Olho vivo para não maltratar o português. Preste atenção ao enunciado. Se fugir do tema, copiar o texto apresentado ou fazer uma narração (relato de uma história) onde é pedida uma dissertação (defesa de uma idéia), a redação será anulada. (*Folha de S. Paulo,* 28/11/91, Caderno Fuvest, apud Unicamp 91)

IX – Tanto o vocábulo "despida" quanto "pelada" significam praticamente a mesma coisa, mas as impressões que provocam em cada um desses termos são bem diferentes.

QUESTÃO 8

Entre os erros lingüísticos, a hipercorreção é especialmente inconveniente, pois é aquele que se comete com a preocupação de acertar. Baseado em falsas pressuposições, o enunciador imagina estar seguindo o rigor da língua culta e, na verdade, está se opondo a ele. Nos itens que seguem, há esse tipo de erro. Procure corrigi-los.

I – Cada um contribue com sua parte.

II – Não morava longe do lougradouro.

III – Não se tratavam de interesses que favoreciam apenas a cúpula do clube mas a todos os seus sócios.

IV – Hajam as condições que houverem, o jogo não será adiado.

V – Eu penso de que não há mais clima para esse tipo de discussão.

VI – Quantos anos fazem que eles não dão notícia!

QUESTÃO 9

Erros motivados por analogia presumida entre certas formas da língua são também muito comuns.

Reescreva as passagens que seguem, corrigindo-as.

I – A entrevista do governador (Qüércia) ontem no Palácio dos Bandeirantes foi conduzida por ele de modo a insinuar que faltou equilíbrio emocional ao candidato do PDS no episódio. Essa tática deverá ser mantida pelo governador todas as vezes em que o assunto vir à tona nos próximos dias. (*Folha de São Paulo,* 20/11/90)

II – Um grupo de defesa dos direitos civis ameaçou intervir se o juiz Mike McSpadden ir adiante com seu plano de aprovar o pedido de castração. (*Folha de São Paulo,* 13/02/92, apud Unicamp 93)

III – Para reinvindicar, eles são mais que pretenciosos.

IV – A edificação da casa terá início, quando eu reahaver todo o dinheiro investido em outros imóveis.

V – Aconselhou-os a que intretessem as crianças com boas leituras durante a aula vaga.

VI – A polícia não interviu no seqüestro e se tivesse intervisto teria sido pior.

VII – Se você requiser os documentos imediatamente, ainda é possível não estourar o prazo.

VIII – Quem ver a redação da lei, notará que existem lá falhas imperdoáveis.

IX – Ao descer da escada, tropeçou nos degrais.

X – Mandou abrir uma champanha para comemorar a vitória do seu clube.

XI – Grande parte dos nossos jogadores de futebol está atuando em times extrangeiros.

Lição 4

A heterogeneidade lingüística

Exercícios

QUESTÃO 1

A partir da depreensão do ponto de vista explícito neste fragmento de *O Príncipe* de Maquiavel e de sua confrontação com a memória que se tem de outros discursos a respeito do mesmo tema, tente expor, num pequeno fragmento dissertativo, qual é o ponto de vista com que esse texto está polemizando.

> Deve um príncipe, portanto, não se importar com a reputação de cruel, a fim de poder manter os seus súditos em paz e confiantes, pois que, com pouquíssimas repressões, será mais piedoso do que aqueles que, por muito clementes, permitem as desordens das quais resultem assassínios e rapinagens. Estas atingem a comunidade inteira, enquanto que os castigos impostos pelo príncipe atingem poucos. E dentre todos os príncipes, é ao príncipe novo que é impossível esquivar-se à reputação de cruel, por oferecerem os Estados novos muitos perigos. Virgílio, diz pela boca de Dido:
> *Res dura, et regni novitas me talia cogunt*
> *Morili, et late fines custode tueri*
>
> (As circunstâncias duras, e o fato de ser recente a minha realeza, constrangem-me ao rigor e à fortificação das fronteiras. *Eneida, I,* p. 563-564)
> Deve ele, entretanto, ser cauto no crer e no agir e não temer a própria sombra; e proceder de maneira a que, temperadas as suas ações com a prudência e a humanidade, a confiança demasiada não o torne incauto e a desconfiança exagerada não o torne intolerável.
> Nasce disso uma questão, a saber: é melhor ser amado que temido ou o contrário? Responder-se-á que se desejaria ser uma e outra coisa; mas como é difícil casá-las, é muito mais seguro ser temido que amado, quando se haja de optar por uma das alternativas. É que dos homens pode-se dizer geralmente o seguinte: que são ingratos, volúveis, dissimulados, esquivadores dos perigos, ambiciosos de ganho; que, enquanto os beneficias, são inteiramente teus, oferecendo-te o próprio sangue, os bens, a vida, os filhos, como atrás se disse, desde que não se mostre a necessidade disso.

> E o príncipe que haja confiado inteiramente na palavra dada perde-se se estiver desprevenido de outras medidas, pois as amizades baseadas no interesse, e não na grandeza e nobreza de alma, não se têm à altura do que se merece, e na ocasião necessária não se podem usar. E os homens receiam menos ofender aquele que se faz amar do que aquele que se faz temer: o amor mantém-se vinculado à gratidão, e esse vínculo, por serem míseros os homens, rompe-o toda ocasião conveniente; ao passo que o temor é mantido pelo receio aos castigos, e jamais faz com que te abandonem.
> (Maquiavel, Nicolau. *O Príncipe*. São Paulo, Cultrix, s/d, p. 107-108)

QUESTÃO 2

Manuel Bandeira, usando o verbo *traduzir* em sentido largo, faz referência a certas "traduções" que fizera de alguns poemas da nossa literatura. Entre elas, cita duas traduções de poemas antigos "para moderno": um soneto de Bocage e o *"Adeus de Tereza"*, de Castro Alves. Em seguida acrescenta:

> Na semana seguinte voltei "traduzindo" estes versos do autor da *Moreninha:*
>
> Mulher, irmã, escuta-me: não ames.
> Quando a teus pés um homem terno e curvo
> Jurar amor, chorar pranto de sangue,
> Não creias, não mulher: ele te engana!
> As lágrimas são galas da mentira
> E o juramento manto da perfídia.
>
> Teresa, se algum sujeito bancar o sentimental em cima de você
> E te jurar uma paixão do tamanho de um bonde
> Se ele chorar
> Se ele se rasgar todo
> Não acredita não, Tereza
> É lágrima de cinema
> É tapeação
> Mentira
> CAI FORA

Fazendo o confronto entre os dois trechos, comente que tipo de interpretação a tradução de Bandeira faz do poema citado?

QUESTÃO 3

A nota que segue foi extraída da seção Radar da Revista *Veja*, assinada pelo jornalista Ancelmo Góis. Afirmando que o governo está disposto a reconhecer oficialmente como mortos os desaparecidos durante o regime militar, o redator assim se manifesta:

> Solução para os desaparecidos
>
> O projeto de lei que o ministro Nelson Jobim prepara para reconhecer como mortos os desaparecidos deve contornar a resistência militar. Dirá que os desaparecidos que, segundo testemunho ou documento, tenham participado de partidos de esquerda e com indícios seguros de que tenham sido presos (também por documentos ou testemunhos) serão considerados mortos.
> (*Veja*, 24/05/95 p. 39)

Usando o discurso indireto, que vem após um verbo no futuro **Dirá**, o jornalista antecipa-se ao conteúdo do projeto de lei que está sendo preparado pelo ministro Nelson Jobim.

Levando em conta esses dados, elabore um pequeno comentário sobre o possível motivo que teria levado o jornalista a não usar o discurso direto nesse caso e sobre o grau de confiabilidade (ou efeito de verdade) do discurso indireto montado por ele.

QUESTÃO 4

O uso do discurso indireto abre brecha para o enunciador imiscuir-se no interior do discurso citado e acrescentar informações que, sob o ponto de vista daquele que cita, estão contidas implicitamente no discurso citado. Trata-se de uma espécie de seqüestro da voz da pessoa citada para fazê-la dizer o que não disse.

Numa matéria da Revista Veja sobre o perfil do então presidente da CNBB, Dom Lucas Moreira Neves, o jornalista Ernesto Bernardes caracterizava-o como conservador. Numa retrospectiva de sua atuação no cenário brasileiro, a matéria recuperou um episódio ocorrido em 1969, quando Dom Lucas era bispo auxiliar de São Paulo: quatro padres dominicanos foram presos e torturados. Um deles, frei Tito, tentou suicídio e foi transferido para o Hospital Militar, onde foi visitado por D. Lucas. Segundo Frei Betto (outro dos dominicanos presos na época), no julgamento do padre Tito, a defesa convidou o bispo para testemunhar que o réu tinha sido torturado, e este se recusou a fazê-lo.

Na semana passada, na Suécia, frei Betto, limitou-se a confirmar o que escreveu no livro.

> O livro é público. Quem quiser que leia e tire suas conclusões. Prefiro não falar sobre isso e torcer para que Lucas faça uma boa gestão à frente da CNBB.
> (*Veja*, 25/05/95, p. 103)

Suponhamos que um jornalista, analisando o conteúdo da citação acima, prefira enunciá-la em discurso indireto, nestes termos:

> Na semana passada, na Suécia, frei Betto disse que seu livro era público e quem quisesse que o lesse e visse as denúncias lá contidas. Disse ainda que preferia não falar sobre essa melancólica e constrangedora passagem da vida pregressa de Dom Lucas e torcer para que ele fizesse uma boa gestão à frente da CNBB.

Suponha agora um outro redator que, também em discurso indireto, resolvesse dar à citação de frei Betto uma direção menos desfavorável à imagem do atual presidente da CNBB.

Redija a citação nessa direção.

QUESTÃO 5

Os textos que seguem, extraídos de fontes variadas, tratam de um tema comum: a Proclamação da República no Brasil. Leia-os, confrontando os pontos de vista neles expressos e, ao final, redija um texto dissertativo, manifestando o seu ponto de vista sobre o mesmo acontecimento histórico.

TEXTO I

Cap. LX – manhã de 15

> (...)
>
> Quando Aires saiu do Passeio Público, suspeitava alguma coisa, e seguiu até o largo da Carioca. Poucas palavras e sumidas, gente parada, caras espantadas, vultos que arrepiavam caminho, mas nenhuma notícia clara nem completa. Na rua do Ouvidor, soube que os militares tinham feito uma revolução, ouviu descrições da marcha e das pessoas, e notícias desencontradas. Voltou ao largo, onde três tílburis o disputaram; ele entrou no que lhe ficou mais à mão, e mandou tocar para o Catete. Não perguntou nada ao cocheiro; este é que lhe disse tudo e o resto. Falou de uma revolução, de dois ministros mortos, um foragido, os demais presos. O imperador, capturado em Petrópolis, vinha descendo a serra.
>
> Aires olhava para o cocheiro, cuja palavra saía deliciosa de novidade. Não lhe era desconhecida esta criatura. Já a vira, sem o tílburi, na rua ou na

sala, à missa ou a bordo, nem sempre homem, alguma vez mulher, vestida de seda ou de chita. Quis saber mais, mostrou-se interessado e curioso, e acabou perguntando se realmente houvera o que dizia. O cocheiro contou que ouvira tudo a um homem que trouxera da rua dos Inválidos e levara ao largo da Glória, por sinal que estava assombrado, não podia falar, pedia-lhe que corresse, que lhe pagaria o dobro; e pagou.

– Talvez fosse algum implicado no barulho, sugeriu Aires.

– Também pode ser, porque ele levava o chapéu derrubado, e a princípio pensei que tinha sangue nos dedos, mas reparei e vi que era barro; com certeza, vinha de descer algum muro. Mas pensando bem, creio que era sangue; barro não tem aquela cor. A verdade é que ele pagou o dobro da viagem, e com razão, porque a cidade não está segura, e a gente corre grande risco levando pessoas de um lado para outro. (ASSIS, Machado de. *Esaú e Jacó.* Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s/d, p. 159-160)

TEXTO II

Quando, ao proclamar-se a República, a massa da população, tomada de surpresa pelo acontecimento, se mostra alheia ou indiferente a princípio, Pelotas, que pertence, aliás, à velha linhagem de soldados, cuja origem data dos tempos coloniais, acha injustificável a omissão das camadas populares e vê nisto o mal de origem do novo regime. Em realidade a República é obra exclusiva do exército, ou mais precisamente, da guarnição da Corte, embora seja apresentada, também, como da armada, que não teve parte na mudança das instituições, e em nome do povo, que a tudo assistiu ‘bestializado’. A fórmula ‘em nome do povo’..., impõe-se logo e continuará a ser adotada em decretos do governo provisório. O representante diplomático norte-americano no Rio de Janeiro, que acompanhara com viva simpatia a fundação da República no Brasil, não pôde deixar de estranhar que um setor isolado se atribuísse, por conta própria, o direito de falar pelo povo, quando só teve a acompanhá-lo um punhado de civis da propaganda em prol do novo regime. Aquele ‘em nome do povo’, diz a 17 de dezembro de 1889, em despacho endereçado ao Secretário de Estado, em Washington, mostra apenas o escasso respeito que lhe merece a opinião pública.(Holanda, Sérgio Buarque de. O Brasil monárquico: Do império à República. In: Holanda, S.B. de (org). *História da Civilização Brasileira.* São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1972, 5 volume, T.II, pp. 346-347).

TEXTO III

15 de novembro

A Proclamação da República chegou às 10 horas da noite
em telegrama lacônico.
Liberais e conservadores não queriam acreditar.
Artur Itabirano saiu para a rua soltando foguete.
Dr. Serapião e poucos mais o acompanhavam
de lenço incendiário no pescoço.
Conservadores e liberais recolheram-se ao seu infortúnio.
O Pico do Cauê quedou indiferente
(era todo ferro, supunha-se eterno).
Não resta mais testemunha daquela noite
para contar o efeito dos lenços vermelhos
ao suposto luar
das montanhas de Minas.
Não restam sequer as montanhas.
(Andrade, Carlos Drummond de. *Boitempo*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1977, p. 369).

Lição 5

Seleção vocabular

Exercícios

QUESTÃO 1

Nos trechos que seguem, ocorrem palavras ou expressões usadas inadequadamente por razões diversas (por serem incompatíveis com o nível de linguagem do contexto em que estão inscritas, por serem redundantes, por associarem significados que não se combinam, etc.).

Procure substituí-las pela palavra ou expressão apropriada ou, se for o caso, excluir as que são desnecessárias.

I – Após a primeira crise de artrite provocada pelo excesso de ácido úrico, o jovem professor se transformou definitivamente em herbívoro.

II – Em declaração a um canal de televisão, o ilustre jurista italiano ponderou que não via a menor justificativa nem jurídica, nem ética para o rumoroso episódio da jovem esposa americana que resolveu capar o coitado do marido.

III – Os festejos comemorativos do dia da libertação dos escravos tiveram início na Catedral da Sé, com um culto ecumênico para várias religiões reunidas num ato de fé comum.

IV – Durante as explosões do arsenal da Marinha na Ilha do Governador em meados de 1995, vários cidadãos cometeram verdadeiros atos heróicos, indo socorrer, com suas lanchas, pessoas confinadas no local.

V – Ao menos neste ano, não são procedentes as costumeiras zangas do eleitorado contra a atuação dos seus representantes no Legislativo, já que a maioria das leis sancionadas pelo Congresso foi benéfica à população.

VI – O prefeito da capital, grande figura, por ocasião de audiência que concedeu a uma Comunidade de Bairro, foi homenageado pelo representante dos presentes, que começou por exaltar o chefe do executivo pelo seu jeito simplório de ser.

VII – Logo que o folclórico jogador levantou-se do banco e começou a fazer aquecimento, espalhou-se pelo estádio um murmurinho, sintoma da expectativa geral pela rápida entrada do imprevisível atacante.

QUESTÃO 2

O trecho que segue foi extraído da seção *"Pingos nos iis"* de Josué Machado, publicado na *Revista Imprensa Mídia* (junho de 95, n. 9, p. 24)

> Um anúncio publicado em revistas de grande circulação comunicou o lançamento da chuteira Predador, da Adidas, "que veste, por exemplo, os pés dos jogadores da Alemanha". (...)
> O texto diz que a chuteira "veste" os pés dos jogadores. Por que veste? Aprendemos na escolinha da Dona Olga, com 5 ou 6 anos, que se vestem roupas e se calçam sapatos, chinelos, meias e até luvas. Dona Olga não conhecia as atuais levíssimas chuteiras.

Como se vê, a combinação dos termos *vestir os pés* é vista como uma associação incomum no Português, embora o colunista abra margem para a possibilidade de se estar querendo com isso criar um efeito de sentido: as chuteiras de que fala o anúncio são tão delicadas e leves que *vestem* e não *calçam*. Falta-nos contexto para confirmar essa hipótese.

A combinação de termos usualmente incompatíveis, no entanto, tem sido usada, sobretudo na literatura, para criar efeitos de sentido de vários tipos. É o que se dá no trecho que segue, de Aluísio de Azevedo:

> (...) em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns após outros lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. (...) os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pêlo, ao contrário, metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas das mãos. (*O cortiço*, 13 ed., São Paulo, Martins, 1957, p. 42)

Como se vê, a intenção do narrador é clara: selecionando termos compatíveis com o universo semântico dos animais irracionais para se referir ao universo dos humanos, ele quer enfatizar o caráter animalesco e degradado das personagens que vivem no cortiço.

Com base nesses dados, redija um texto, procurando usar uma escolha lexical similar à de Aluísio Azevedo, relatando a condição dos catadores de lixo nas ruas das nossas grandes cidades, ou nos lixões.

QUESTÃO 3

Silveira era secretário de *mise-en-page* do Jornal do Brasil e Sérgio Noronha era o secretário de texto. *Mise-en-page* era o nome engraçado/pedante que usávamos para a função de escolher as fotos, os destaques e a diagramação da página. (LEMOS, Carlos. *Revista Imprensa.* Janeiro/95. n.88. p.60)

O uso de estrangeirismos pode ser explorado como recurso para a criação de efeitos de sentido, como é o caso do trecho que segue:

Beatriz

Não tive o prazer de vê-la no último baile do Cassino. Esteve ravissant, esplendide. O high-life do Rio de Janeiro estava representado em tudo quanto possui de mais recherché! O salão iluminado a giomo, e a last fashion exibia os seus mais belos esplendores. (JUNIOR, França, *Caiu o Ministério.* p.62, apud Vestibular da Universidade Federal de Goiás, 1992)

a) Tente traduzir, na medida das disponibilidades do nosso léxico, os estrangeirismos contidos nesse texto.

b) Confronte o texto original com a tradução feita e, levando em conta o que diz o jornalista Carlos Lemos a propósito da expressão *mise-en-page,* tente explicar o efeito de sentido que o uso do estrangeirismo produz no trecho literário de França Júnior.

QUESTÃO 4

Como se sabe, o jargão é a linguagem especializada de um certo segmento profissional. Não raras vezes, traz para o usuário comum da língua sérias dificuldades de compreensão. Aqueles que têm necessidade de se fazer compreender por esse tipo de auditório, deveriam evitá-lo ou tentar traduzir-se. Ocorre que, para evitar o jargão, pode-se esbarrar num outro tipo de inconveniente: o da imprecisão.

É o que acusa este trecho da *Revista Veja* que vem a seguir:

Hiponcondria econômica

O ministro Fernando Henrique Cardoso é um médico frustrado.

Vive fazendo diagnósticos da situação “inconvivível” da economia:

“A inflação deu um soluço” – 30 de julho

“Se a inflação espirra, a gente dá aspirina, para evitar que vire pneumonia” – 6 de agosto

“O país sofre de esquizofrenia” – 10 de agosto

> “A inflação é uma urticária” – 16 de agosto
> (*Veja,* S.Paulo, 15.09.93, p. 25)

Procure traduzir, com palavras precisas, o que queria dizer o então Ministro da Fazenda com as frases acima transcritas.

QUESTÃO 5

Nas palavras, como nas modas, observa a mesma regra:

> Sendo novas ou antigas demais, são igualmente grotescas.
> Não sejas o primeiro a experimentar as novas,
> Nem tampouco o último a encostar as antigas.
> (POPE, *Ensaio sobre a crítica*. Apud RÓNAI, Paulo. *Dicionário Universal de Citações*. 2 ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985. Verbete *palavra*, p. 720)

O conselho contido na passagem acima é sábio, mas nem sempre é seguido. O trecho que vem abaixo, extraído de uma reportagem jornalística, trata da exótica linguagem usada pelos escrivães de polícia na redação de boletins de ocorrência e textos similares.

> Na sala do escrivão de polícia, o mundo e a língua portuguesa ganham outras dimensões. Ali, quem trabalha e paga impostos está sujeito a se transformar em *retro, supra* ou *infra*. Os criminosos são *elementos* ou *meliantes*. Mãe é *genitora* e revólver é *berro*. Uma discussão ganha o pomposo nome de *desinteligência*. Rua não é rua, mas *leito carroçável*. E o resultado pode ser: *“O elemento sacou do berro, bateu na parte ouvida e seqüestrou sua genitora logo após iniciar desinteligência no leito carroçável”*. (UCHÔA, Marcos. *O Estado de S. Paulo,* 05.04.92, p.8)

Procure reescrever o último período desse parágrafo, procedendo a uma escolha lexical que elimine dele o tom excêntrico e grotesco.

Com o mesmo critério, reescreva as passagens que seguem, extraídas da mesma reportagem:

> O acusado colocou em periclitação a vida da parte ouvida ao depositar sobre seu corpo solução combustível.
> O autor da prática delitiva confessou ter batido na parte ouvida.

QUESTÃO 6

O preciosismo, que se manifesta pela predileção por palavras raras e pretensiosamente eruditas, não enriquece em nada o texto, ao contrário, prejudica-o, dando-lhe feições de afetação e artificialidade.

É o que vem satirizado pelo jornalista Paulo Francis nesta passagem:

> No Brasil me contaram que Antônio Houaiss disse na televisão que vai fazer um dicionário com *"Nós faz", "Nós quer"* e similares, porque é assim que o povo fala. Imaginem só, isso de um filólogo que, no dia-a-dia, em vez de *discordo* diz *discrepo,* em vez de *familiarizado,* diz *tenho privância,* e em vez de *em baixo, sotoposto.* (FRANCIS, Paulo. *O Estado de S. Paulo,* 9.6.91, p.16)

Caricaturas e irreverências à parte, o fato é que o jornalista manifesta nesse trecho o tipo de reação que desperta a afetação verbal.

Na lição sobre variação lingüística, já se fez alusão a um conto de Monteiro Lobato intitulado *O Colocador de Pronomes* em que o narrador constrói um personagem caricato, Aldrovando Cantagallo, que consome os seus dias a lutar incansavelmente contra o "crime" da incorreção gramatical. Seu léxico é precioso e afetado como se pode notar no trecho que segue, em que se manifesta contrário à alegação de que a língua deve evoluir na boca do povo e desanda a proferir uma sucessão de rabugices contra a linguagem jornalística:

> E não lhe objetassem que a língua é organismo vivo, e que a temos a evoluir na boca do povo.
> – Língua? Chama você língua a garabulha bordalenga que estampam periódicos? Cá está um desses galicígrafos.
> Deletreemo-lo ao acaso.
> E baixando as cangalhas, lia:
> – *Teve lugar ontem*... É língua esta espurcícia negral! Ó meu seráfico Frei Luís, como te conspurcam o divino idioma estes sarrafaçais da moxinifada!
> -...*no Trianon*... Por que Trianon? Por que este perene barbarizar com alienígenos arrevezos?? Tão bem ficava – A *Benfica,* ou, se querem, neologismo de bom cunho – o *Logratório*... Tarelos é que são, tarelos!
> (LOBATO, Monteiro. *Contos escolhidos.* 3 ed. São Paulo, Brasiliense, 1993, p. 119-120)

a) Reescreva as falas da personagem, excluindo o léxico que lhes confere o caráter pernóstico e afetado.

b) Para a caracterização da personagem, que efeito produz a exclusão do léxico rebuscado?

QUESTÃO 7

Um texto é eficaz nas suas intenções de comunicação quando atinge o resultado que se pretende com ele. A obtenção desse resultado depende de múltiplas competências: uma delas é a escolha do léxico apropriado aos objetivos que se tem em mente. Quando se quer, por exemplo, ridicularizar alguém, a escolha do léxico não pode ser mediada por princípios de boas maneiras.

O trecho que segue serve para ilustrar o que estamos dizendo: trata-se de uma passagem de um artigo jornalístico, em que o articulista, falando da arrogância e da ineficácia do serviço público, cita um episódio em que, precisando de providências burocráticas para regularizar a sua situação funcional, procurou uma funcionária de uma universidade paulista:

> Fui recebido por uma senhora – daquele tipo usando cabelos em forma de cogumelo atômico, com o apelido irreverente a não ser escrito aqui – posta na poltrona do chefe. Consultadas as fichas, a matrona sentenciou secamente: "Você (a polidez dos funcionários públicos é proverbial) não é doutor."
> (ROMANO, Roberto. *Folha de S. Paulo*, 05.06.92, p.1-3)

Está evidente a intenção do jornalista em desmoralizar arrasadoramente a funcionária e, com ela, o serviço público. E esse resultado é plenamente atingido a partir, sobretudo, do uso de uma seleção lexical direcionada para esse fim.

Em primeiro lugar, observem-se as palavras que escolheu para designar a funcionária: primeiro *senhora*, depois *tipo* (um hiperônimo pouco cordial) e, por fim, *matrona* (um sinônimo nada honroso). Acompanhando esse processo de demolição de imagem, as escolhas lexicais que permeiam o texto têm efeito massacrante: *cogumelo atômico, apelido irreverente, a não ser escrito aqui, posta* (e não *sentada*), *poltrona do chefe, sentenciou* (e não *solicitou* ou *perguntou*), *secamente, você* (e não o *senhor*), *polidez* (com ironia), *proverbial* (também irônico).

Suponha que você queira atingir o resultado contrário ao de Roberto Romano. Reescreva o mesmo episódio, substituindo os termos escolhidos, a fim de criar uma imagem positiva dos funcionários e do serviço público em geral.

QUESTÃO 8

Palavras polissêmicas, em geral usadas com alta freqüência na linguagem cotidiana, têm o inconveniente de nivelar os significados, provocando a perda de matizes semânticos diferenciadores.

Quando se diz:

Ele *fez* que não gostou (*fez* aqui tem o sentido dominante de *simulou*)

Ele *fez* dezoito anos ontem (*fez* significa, neste caso, *completou*).

Quando se diz:

Os resultados alcançados foram *bons* (*bons* significa *promissores, satisfatórios*);

É *bom,* à noite, andar mais atento (*bom* significa *conveniente*).

Com base nesses dados procure substituir a palavra grifada por um sinônimo que traduza de maneira mais específica o significado mais compatível com o contexto.

Se a permutação o exigir, faça a alteração de estrutura que for necessária.

I – O satélite *faz* um círculo em torno da Terra.

II – Verdi *fez* a Aída por encomenda.

III – Pediu que o barbeiro lhe *fizesse* barba e cabelo.

IV – Esses novos veículos *fazem* menos fumaça que os antigos.

V – Na esquina, vendendo frutas, ele consegue *fazer* uns vinte reais por dia.

VI – O camelo é capaz de *fazer* quilômetros e quilômetros sem tomar água.

VII – Nas brincadeiras ela sempre queria *fazer* a patroa e eu, a empregada.

VIII – São Francisco de Assis é conhecido sobretudo como um homem *bom*.

IX – O imóvel sempre foi e sempre será um *bom* investimento.

X – A erosão tem inutilizado *boas* porções da nossa terra agricultável.

XI – Ele tinha saudade dos *bons* tempos.

XII – Teve uma gripe mas já está *bom.*

XIII – Era um aluno muito *bom* de matemática.

XIV – Um dos *pontos* em que mais insistiu foi a necessidade de cumprir prazos.

XV – Vamos marcar um *ponto* da cidade em que possamos encontrar-nos com facilidade.

XVI – O *ponto* central da discussão não foi tratado com a devida profundidade.

XVII – A inflação, durante o mês de julho, caiu vários *pontos*.

XVIII – Em vários *pontos* do livro, há passagens ambíguas.

XIX – Neste *ponto*, a Rádio Cultura encerra suas transmissões.

XX – A exibição da orquestra foi o *ponto* alto da programação.

Lição 6

Texto figurativo e texto temático

Exercícios

QUESTÃO 1

O texto temático e o texto figurativo constituem formas diferentes de construir significados. O conteúdo de um texto temático é traduzível por um texto figurativo e vice-versa.

Evidentemente essa tradução implica perdas e ganhos: o texto figurativo, por exemplo, dado o seu papel de criar um simulacro do mundo, costuma ser mais rico em pormenores, mais apropriado para revelar aspectos plásticos e sensoriais do universo representado por ele. O texto temático, por outro lado, tende a ser mais sintético, mais apropriado para operar com o universo do inteligível e do racional.

O texto que segue é figurativo. Leia-o com atenção.

> Em todas as partes do mundo ainda acontece o fato de muitas pessoas não encontrarem locais para trabalhar. Trata-se de homens e mulheres que têm capacidade para arar a terra, semear, plantar e colher, para edificar casas, abrir estradas, dirigir veículos, operar máquinas nas indústrias e que precisam ganhar dinheiro para alimentar seus filhos, mantê-los na escola, pagar aluguel, cuidar da saúde, vestir-se. Oferecem-se para trabalhar em fábricas, lojas, fazendas, lugares públicos, mas a resposta é que não existem mais vagas ou, o que é pior, que estão demitindo e não contratando.
>
> Esse parágrafo figurativo, embora com algumas perdas inevitáveis de sentido, poderia ser assim traduzido para um parágrafo temático:
>
> O desemprego é ainda um dado universal. A demanda de trabalho por indivíduos dele necessitados para a garantia de condições básicas de sobrevivência é maior do que a oferta por parte da produção e dos serviços.

O trecho que segue é dominantemente figurativo. Tente traduzi-lo para um texto temático, preservando as idéias centrais.

> Os vendedores de ameixa preta sentiam-se desencorajados em seus esforços para convencer os americanos a comer os frutos, mesmo nas quantidades consumidas em anos anteriores. Com algo semelhante ao desespero, a Junta Consultiva da Ameixa Preta da Califórnia (*California Prune Advisory*

> *Board*) recorreu aos conselhos do Instituto de Pesquisa de Motivação (*Institute for Motivation Research*).
>
> ....
>
> Quando se submeteram pessoas ao teste de associação de palavras, os primeiros pensamentos que vieram à tona de sua mente com referência às ameixas pretas foram idéias como "velha solteirona" e "seca". Em seus estudos sobre o lugar ocupado pela palavra *prune* (ameixa seca) na língua inglesa, encontrou frases como *old prune face* (cara de ameixa velha) e *driel-up-old prune* (velha ameixa seca). Quando seus investigadores realizaram entrevistas de profundidade, verificaram que as ameixas pretas eram imaginadas como símbolo de decrepitude e desvitalização. Outros pensavam nas ameixas pretas em termos de autoridade paterna. Lembravam-se de que, quando crianças, eram muitas vezes obrigados a comer ameixas pretas porque "vocês precisam comer" ou porque "ameixas fazem bem para vocês". As ameixas estavam associadas a casas de pensão (onde eram servidas por senhoras parcimoniosas), a pessoas mesquinhas e egoístas, a puritanos sem alegria. A sombria cor preta das ameixas, tais como eram servidas comumente, foi objeto de comentários desagradáveis. A cor preta era considerada um tanto simbolicamente sinistra, em pelo menos um caso, a pobre ameixa foi associada a feiticeiras. (PACKARD, Vance. *Nova técnica de convencer.* 5 ed. São Paulo, Ibrasa, 1980, p. 128)

QUESTÃO 2

Um mesmo tema pode ser representado por percursos figurativos diferentes. O tema da conquista do poder, por exemplo, pode ser representado pela figura de uma rainha que trama com o cunhado a morte do rei – como é o caso do *Hamlet* de Shakespeare ou pela figura de um candidato que persuade os eleitores a lhe confiarem o voto ou por um místico que se diz enviado dos céus para construir uma civilização de devotos.

Para que um texto figurativo manifeste um dado tema é necessário que as figuras escolhidas (personagens, lugares, objetos, ações) se articulem coerentemente, num percurso que não dê margem a interpretações contraditórias.

O texto que segue, por exemplo, figurativiza o tema do *aconchego do lar*, numa propaganda do Banco Itaú, para vender um programa de computador que permite ao correntista fazer operações bancárias de dentro de casa. Obs. para dar legibilidade ao texto verbal à esquerda, transcrevemos dele os trechos abaixo:

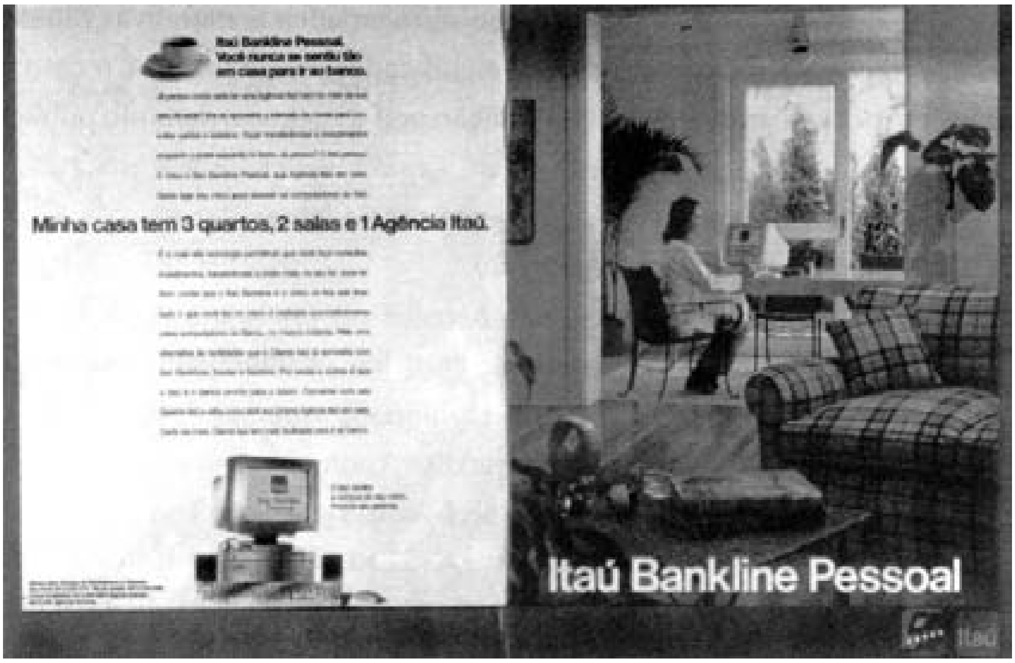
Itaú Bankline Pessoal.
Você nunca se sentiu tão em casa para ir ao banco.
Minha casa tem 3 quartos, 2 salas e 1 Agência Itaú.
Itaú Bankline Pessoal
Itaú

Itaú Bankline Pessoal
Você nunca se sentiu tão
em casa para ir ao banco.

Já pensou como seria ter uma Agência Itaú no meio da sua sala de estar? Era só aproveitar o intervalo da novela para consultar extratos. Fazer transferência e investimentos enquanto o jantar esquenta no forno. Já pensou? O Itaú pensou. E criou o Itaú Bankline Pessoal, sua Agência Itaú em casa. Basta ligar seu micro para acessar os computadores do Itaú.

É a mais alta tecnologia permitindo que você faça consultas, investimentos, transferência e muito mais, no seu lar, doce lar. (*Veja*, 26.07.95, p. 24)

Agora você vai proceder a alterações no percurso figurativo (do texto verbal e do visual) para manifestar o tema da rotina do lar e, com base nisso, tentar vender título de um clube de campo.

QUESTÃO 3

O texto figurativo, dada a sua capacidade de criar uma representação simulada do mundo, é muito eficaz, sob o ponto de vista argumentativo, para ilustrar afirmações contidas em passagens temáticas. É o que ocorre no trecho que segue:

A casualidade pode dar origem a descobertas científicas.
Foi o que ocorreu ao Sr. Alexandre Flemming, quando estava cultivando bactérias em frascos. Sem serem previstos, começaram a surgir fungos no

interior dos recipientes e as bactérias morreram. Em vez de desprezar o episódio inesperado, o ilustre biólogo associou o surgimento dos fungos com a morte das bactérias.

Foi a partir dessa ocorrência que inventou a penicilina.

O trecho que segue é temático e contém uma afirmação genérica.

Desenvolva um parágrafo figurativo que ilustre a afirmação feita e constitua um bom argumento a favor dela.

Todos os homens, nos diz Pascal, são quase sempre levados a crer não pela força das provas, mas por agrado. (PERELMAN, Ch. e TYTECA, L. Olbrechts. *Traité de l'argumentation: la nouvelle rhétorique*. 5 ed. Editions de l'Université de Bruxelles, 1988, p. 80)

QUESTÃO 4

Há certos textos figurativos que são verdadeiras narrativas rápidas, sintéticas, muito carregadas de significados pressupostos.

É o caso deste mini-poema que vem transcrito a seguir:

Gato do Mato e Leão, conforme o combinado.
Juntos caçavam corças pelo mato.
As corças escaparam... Resultado:
Não escapou o Gato.
(Mário Quintana. *Prosa e Verso*. 2 ed. Porto Alegre. Globo, 1980, p. 41)

Desenvolva, num pequeno texto temático, os principais pressupostos desse texto figurativo.

QUESTÃO 5

Nenhum texto é mais apropriado para tecer comentários sobre outros textos do que o temático. É por meio dele que, de maneira explícita, damos opiniões, emitimos juízos de valor, manifestamos nossa discordância sobre pontos de vista que lemos ou ouvimos.

Todos os textos que seguem são trechos de cartas de várias procedências enviadas à Revista Veja, comentando uma entrevista do cientista Alberto Santoro, publicada em Páginas Amarelas do número anterior (19.07.95).

Leia-os com atenção.

Alberto Santoro

Muito interessante a entrevista com o físico Alberto Santoro. Reflete, claramente, como anda a ciência brasileira. Os cursos de pós-graduação

tornam-se um espelho dessa situação, como bem relatou *Veja* (Amarelas, 19 de julho)
S.V.B.
Brasília, DF

Mesmo no governo de um intelectual como Fernando Henrique Cardoso, o país continua exportando cientistas criativos. Vergonhosamente remunerados e sem estímulos, eles vão embora quando já são internacionalmente conhecidos, deixando no desamparo a ciência aqui produzida.
S.M.
São Paulo, SP

A mediocridade e a incompetência ocupam o espaço e passam a ser referência nas universidades e centros de pesquisa no país. Pesquisadores espertos conseguem aumentar sua fortuna pessoal, embora suas pesquisas jamais produzam resultados e eles sempre possam colocar a culpa na insuficiência de recursos. Aos professores e pesquisadores realmente competentes resta a alternativa de ir embora.
A.A.S.
Fortaleza, CE

A entrevista do físico Alberto Santoro contém uma série de inverdades e conceitos questionáveis. Existe, sim, uma política de ciência e tecnologia no país, que, aliás, possibilitou ao professor Santoro realizar suas pesquisas. Seu salário no Centro de Pesquisas Físicas é de 4.219,25 reais, e não de 2.200 reais. O salário de motorista na administração pública federal – inclusive no MCT – é de 800 reais. As leis de incentivos fiscais já induziram investimentos no valor de 500 milhões de reais em ciência e tecnologia. A entrevista em que acusa indiscriminadamente os que trabalham no país de espertos e safados foi um desserviço à difícil tarefa de fazer ciência e tecnologia em nosso país.
José Israel Vargas
Ministro da Ciência e Tecnologia
Brasília, DF

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Confrontando os dados e opiniões acima emitidos com dados e informações que você possui, construa um texto temático manifestando seu ponto de vista sobre:

Que grau de prioridade deve ter a pesquisa científica num país em desenvolvimento como o Brasil?

Lição 7

Alteração do sentido das palavras

Exercícios

QUESTÃO 1

Por trás da aparente simplicidade, os provérbios, muitas vezes em linguagem metafórica, exprimem de maneira condensada e realista certas concepções, certas visões de mundo que fazem parte do ideário de um povo ou de certo grupo social.

Os dois provérbios que seguem exemplificam com propriedade o que se disse acima:

A desgraça do pau verde
É ter pau seco ao lado;
Vem o fogo queima o seco,
Lá vai o verde queimado.
(MOTA, Leonardo. *Adagiário brasileiro.* Belo Horizonte, Itatiaia/São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1987. p. 38)

Faça um sermão, mas não bata no púlpito.
(Id., *ibid.*, p. 97)

Escolha um dos dois provérbios, e, com base no seu sentido metafórico, comente um acontecimento que se encaixe dentro da concepção neles implícita.

QUESTÃO 2

A metonímia não é um recurso retórico exclusivo da linguagem verbal, como se pode notar pela observação da foto reproduzida ao lado.

Como se vê, a foto flagra sobretudo mãos ávidas em busca de alimento. Tais recursos não são usados apenas como adorno ou expediente decorativo, mas como uma estratégia de produção de significado.

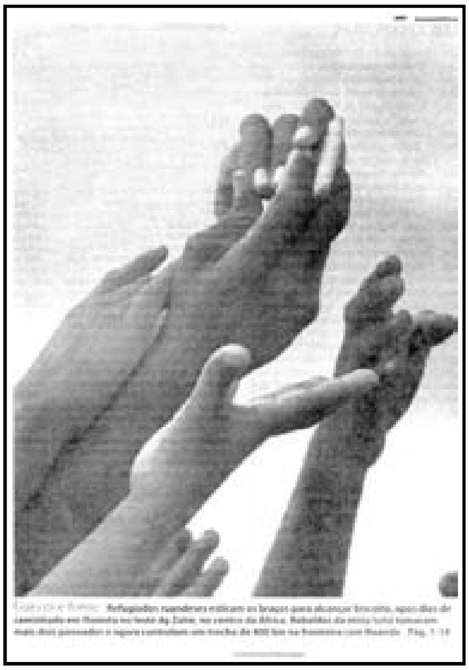

(Folha de S. Paulo, 03/12/96, p.1.1)

Procure redigir um pequeno texto, traduzindo em palavras o efeito de sentido produzido pela foto.

QUESTÃO 3

Observe o texto visual que vem abaixo:

A escadaria de Odessa

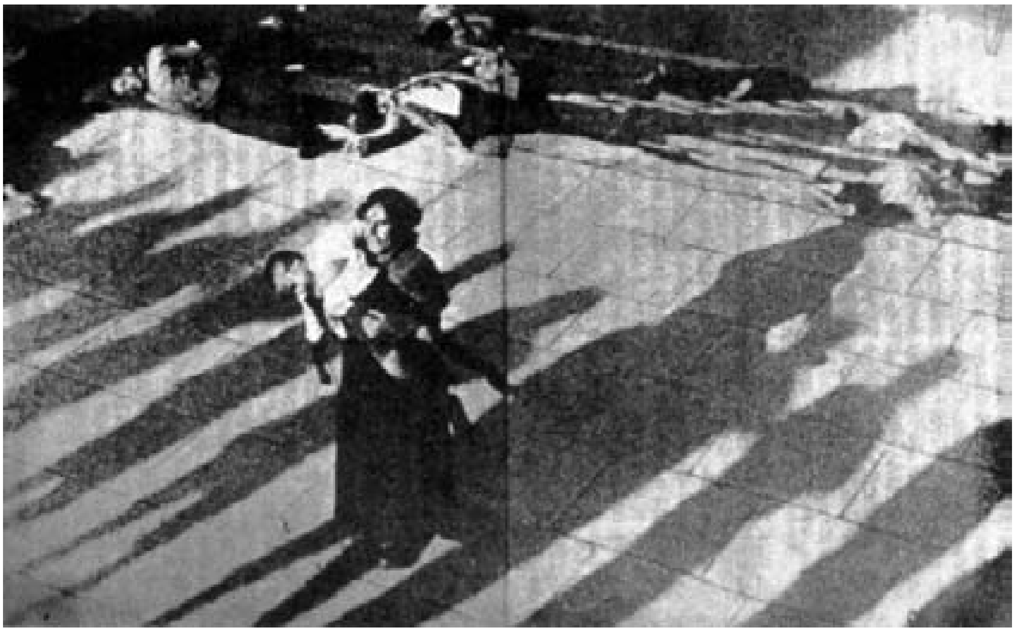

Esse fotograma mostra uma cena da repressão czarista aos que se manifestavam solidários com a revolta iniciada no Encouraçado Potemkin. A mãe, que se propõe subir as escadas de Odessa com o filho assassinado ao colo, é vista em contraste com as sombras dos soldados, imensas e fantasmagóricas, que se projetam na contraluz.

Como se pode notar, as sombras (o efeito produzido pelos corpos dos soldados que interceptam a luz) aparecem em lugar dos corpos dos soldados. Trata-se, pois, da utilização do efeito em lugar da causa, o que caracteriza uma metonímia.

Redija um pequeno texto que reproduza a mesma metonímia explorada como recurso expressivo no fotograma impresso acima.

QUESTÃO 4

Num conto de Eça de Queirós intitulado *A aia*, narra-se a história de um poderoso rei que, tendo morrido em batalha, deixa como herdeiro um único filho, recém-nascido. A rainha no comando do reino, sente-se frágil, já que o seu trono está sob a ameaça de um irmão bastardo do rei morto.

Diz o narrador a certa altura:

> No entanto um grande temor enchia o palácio, onde agora reinava uma mulher entre mulheres. (...) As portas da cidade tinham sido seguras com cadeias mais fortes. Nas atalaias ardiam lumes mais altos. Mas à defesa faltava disciplina viril. Uma roca não governa como uma espada.
> (QUEIRÓS, Eça de. *Obras de Eça de Queirós*.Porto, Lello e Irmão, s.d., Vol. I, p. 776)

No último período, o narrador usa *roca* (instrumento de uso, próprio de mulher) para designar *mulher* e *espada* (instrumento próprio de homem) para designar *homem*. Trata-se de um tipo de metonímia, já que entre o instrumento e seu usuário há uma relação de contigüidade. É o mesmo mecanismo que se dá, no dito popular: *Naquela casa é a mulher que usa calças*.

Procure construir dois pequenos trechos onde se use o instrumento para designar a pessoa que o usa.

QUESTÃO 5

Leia com atenção o trecho que segue:

> Um barbeiro no Planalto
>
> Um bom motorista, quando está ao volante, jamais se esquece de, vez por outra, dar uma olhadela nas luzinhas que estão à sua frente, no painel do automóvel. Não basta acompanhar os movimentos do ponteiro da gasolina. É indispensável ficar de olho nos indicadores de óleo do motor e fluido de freio, para mencionar apenas dois exemplos.
>
> Na direção do país, Fernando Collor de Mello é o que se poderia chamar de péssimo condutor. Na última semana, depois de perambular sem rumo e realizar uma seqüência de manobras arriscadas, o governo foi lançado no acostamento. Collor descobriu-se sem credibilidade e sem dinheiro, os dois principais combustíveis da administração pública.
>
> Num primeiro momento, desnorteado, convocou a Brasília, ao preço de cerca de US$ 10 mil por cabeça, os deputados e senadores em férias. Os parlamentares notaram que todas as luzes do painel de controle do governo estavam acesas.
>
> Não bastava irrigar os tanques. Era preciso submeter o motor a uma retífica. Inconformado, o presidente relutou em aceitar o diagnóstico. De um microfone do Palácio do Planalto queixou-se de solidão e falta de solidariedade.

> Premido contra a parede, Collor acabou por extirpar parte das peças enferrujadas que emperram a engrenagem do “Brasil Novo”. Substituiu dois ministros que rangiam há tempos. Seus ouvidos eram os únicos do país que permaneciam insensíveis à chiadeira. Baixou o capô sem notar a presença de várias outras peças retorcidas.
>
> A partir de amanhã, o presidente volta ao estacionamento do Congresso. Pedirá crédito e dinheiro. Mesmo que obtenha, não irá longe. Um carro com o motor recauchutado pode até dar algumas voltas, mas será sempre um carro velho. No caso da máquina pilotada por Collor há duas agravantes: os reparos foram mal feitos e o motorista é o mesmo.
>
> Se troca de ministro resolvesse o problema, Sarney teria descido a rampa do Planalto sob aplausos. É verdade que Collor ainda tem muito chão pela frente. O problema é que dirige um fusquinha convencido de que está a bordo de uma Ferrari. De resto, faz curvas na pele de Ayrton Senna, para descobrir-se Satoro Nakajima no instante em que roda na pista.
>
> (SOUZA, Josias de. *Folha de S. Paulo,* 14/01/92, p. 1-2.)

Desde o título, o texto acima faz uso de metáforas que se encadeiam, produzindo uma alegoria.

Ao significado de base de *motorista* se acrescenta o de *condutor de um país, governante;* ao significado de *automóvel* se acrescenta o de um *país*.

Essa combinação de dois planos de significado nos permite associar dados de uma experiência de comando mais conhecida (a de dirigir um auto) aos de outra menos conhecida (a de governar um país). Esse é um dos recursos que faz da metáfora um expediente retórico muito utilizado tanto na literatura como em textos utilitários.

Tomando como referência o texto de Josias de Souza, procure construir uma alegoria similar, com a mesma preocupação didática, com base nas seguintes relações de sentido:

De um lado	**De outro lado**
Como sentido de base: um cargo de representação	Como sentido de base: uma empresa privada
como sentido metafórico: um cargo de embaixador	como sentido metafórico: um país

Procure, por meio do uso de metáforas, mostrar semelhanças e intersecções entre os dois planos de significado.

Lição 8

Modos de ordenar os tempos

Exercícios

QUESTÃO 1

Cada uma das frases que seguem contém uma ou duas formas verbais empregadas equivocadamente, quanto ao uso do tempo, se não levarmos em conta a possibilidade da utilização de um tempo com valor de outro. Procure identificá-las e reescrever a frase, fazendo a devida correção.

a) Ulisses Guimarães morreu tragicamente, quando viajava de Ubatuba para São Paulo a bordo de um helicóptero que se perdia no meio de um denso nevoeiro na Serra do Mar e, em seguida, caía no oceano para nunca mais ser encontrado.

b) Era um famoso escritor que morava à beira da praia de Ipanema. Às tardes, tinha o hábito de, recostado à janela do seu apartamento, observar o fluxo da maré e o movimento das ondas que foram e voltaram num incessante vaivém.

c) O forasteiro dirigiu-se calado para os lados do armazém, onde, no dia anterior, deixou seu cavalo amarrado à sombra de uma árvore e recostou os arreios ao pé dela.

d) O primeiro de uma série de planos destinados ao controle da inflação foi o cruzado, em 1986. Dias após a sua implantação, o povo brasileiro assumirá em relação à vigilância de preços uma atitude até então nunca vista.

QUESTÃO 2

Redija as frases que seguem, de acordo com as alterações sugeridas.

a) *Hoje*, em matéria de tecnologia da computação, estamos ainda sem condições de competir no mercado internacional. Amanhã, talvez, dependendo do desenvolvimento de tecnologia nacional, estaremos em melhores condições.

– Permute *hoje* por, *na próxima década* e reescreva o trecho todo, mantendo a progressão temporal estabelecida no texto inicial.

b) *Hoje* o Brasil vive ainda um clima de imaturidade, em que a classe política não concebe abrir mão de vantagens imediatas e restritas em favor de benefícios a longo prazo e mais amplos. Ontem não era diferente: as mesmas miopias e contumácias estavam presentes na última década.

– Permute ***hoje*** por, ***no governo passado*** e reescreva o trecho, mantendo as mesmas relações de anterioridade e posterioridade entre as partes.

QUESTÃO 3

Preencha os espaços vazios com o verbo inscrito entre parênteses, no tempo adequado ao contexto.

a) Precisamos acreditar que o homem do século XXI terá mais motivos do que nós para se alegrar, pois àquela altura dos acontecimentos já ________________________ soluções para os graves problemas sociais que ora nos afligem. (*encontrar*)

b) Se na década de 60 o governo tivesse investido maciçamente em programas de alfabetização, na de 80 já ________________________ a fase crítica do analfabetismo no país. (*superar*)

c) Em 1945 desencadeu-se a denominada campanha “queremista”, cujo objetivo era resumido na palavra de ordem “queremos Getúlio”. Os adeptos da campanha defendiam a instalação de uma Assembléia Nacional Constituinte com Getúlio no poder. Só posteriormente ________________________ realizadas eleições diretas, nas quais Getúlio ___________________ concorrer. (*ser/dever*)

d) Para muitas das religiões, depois que o mundo se converter e aderir aos princípios delas, todos os problemas do homem e todos os sofrimentos ___________. (*desaparecer*)

e) No exato momento em que você programar o seu telefone para despertá-lo, seu alarme ___________________ em sua casa. (*tocar*)

QUESTÃO 4

Reescreva as frases que seguem, empregando adequadamente os advérbios ou expressões adverbiais que estiverem mal empregados.

a) A primeira reação de desacato público ao governo ocorreu no mês retrasado. Logo no próximo mês ocorreu a segunda e daqui a pouco ocorreriam muitas outras.

b) No início do século, o poder político estava centrado na figura dos “coronéis”, em vários estados brasileiros. Mas agora já se esboçavam reações contra aquela situação. Em São Paulo, por exemplo, o governador Washington Luís estimulou, em 1921, a profissionalização dos integrantes do Poder Judiciário; no mesmo Estado, o também governador Jorge Tibiriçá criara, perto da década passada (1906), uma polícia de carreira.

c) Fleury Filho ocupou o cargo de Secretário da Justiça do Estado de São Paulo na gestão do governador Orestes Qüércia e, na próxima gestão, foi eleito governador do mesmo Estado.

QUESTÃO 5

Levando em consideração a mudança de tempo no verbo da oração principal, reescreva a frase, usando o tempo adequado na oração subordinada.

a) Um famoso crítico literário brasileiro *supõe* que estudar literatura brasileira seja o mesmo que estudar literatura comparada tal a vinculação entre nossas obras e as de procedência externa.

– Permute *supõe* por *supunha* e reescreva o trecho.

b) *Era* pouco provável que o eleitorado se comportasse da mesma forma de sempre dentro de condições sociais tão diferentes das anteriores.

– Permute *era* por *será*.

c) Antes que tivesse ocorrido a tragédia, *deu*-lhes ordens expressas para que tomassem cuidado.

– Permute *deu* por *dará* (*dar-lhes-á*).

d) Não *teria ocorrido* pior resultado se tivessem seguido as instruções dadas pelo manual.

– Permute *teria ocorrido* por *ocorrerá*.

QUESTÃO 6

Como se sabe, pode-se usar um tempo verbal em lugar de outro para a obtenção de efeitos de sentido. É o que se dá com as formas verbais grifadas nas passagens que vêm a seguir.

Abaixo de cada uma delas efetue o seguinte trabalho:

a) Reescreva as formas grifadas no tempo verbal em sentido próprio.

b) Crie uma frase em que ocorram verbos usados na mesma forma e com o mesmo sentido das formas grifadas. Não é necessário que se usem os mesmos verbos da frase matriz.

Exemplo:

Não *fora* o meu interesse pela sua amizade, não o *cativara*.

a) *fosse*, *cativaria*

b) Não *quisera* eu o seu comparecimento, não o *convidara*.

Prossiga:

I) – Creio que nenhuma das flores do mundo *será* mais delicada que a rosa.

II) – O que o senhor deseja de aperitivo?
– Eu *queria* um suco de tomate temperado.

III) – Com o mercado nervoso como está, eu *aplicaria* em ouro.

IV) – 9 de maio de 1500, Cabral *parte* do Rio Tejo com uma frota de treze navios, que, após passar as Ilhas de Cabo Verde, *toma* rumo oeste, *afasta-se* da costa africana e *chega* ao Brasil.

QUESTÃO 7

Você está diante de uma oportunidade rara para a sua carreira profissional: a possibilidade de realizar o grande desejo de sua vida.

Entre outras provas de avaliação de mérito para a obtenção dessa conquista, solicita-se que você:

a) Faça um relato circunstanciado de suas experiências passadas;
b) um relato de suas atividades presentes;
c) um relato de seus projetos futuros.

Elabore o seu texto, utilizando em *a* os tempos do subsistema do pretérito; em *b,* os do subsistema do presente; em *c,* os do subsistemas do futuro.

Lição 9

O parágrafo

Exercícios

QUESTÃO 1

Conta-se que Galileu, nas polêmicas com os adversários, era dado ao emprego de sátiras para desmoralizá-los.

O texto que segue é um exemplo disso e foi transcrito sem paragrafação para que você reconstitua essa segmentação:

> Se Sarpi quer que eu acredite que os babilônios cozinhavam ovos fazendo-os girar bem rápido com atiradeiras, eu acredito; mas devo dizer que a causa desse efeito está muito longe de ser a que ele acreditava. Para chegar à verdade, devo raciocinar assim: "Se não conseguimos um resultado que os outros conseguiram antes, deve ser porque, em nossas operações, deixamos de lado aquilo que causava esse resultado; e, se deixamos de lado uma única coisa, ela, sozinha, pode ser a causa." Agora, temos os ovos e a atiradeira e rapazes fortes para operá-las; e ainda assim os ovos não cozinham, mas esfriam mais rapidamente. E, desde que nada nos falta a não ser os babilônios, então os babilônios eram a causa do endurecimento dos ovos. (MICHAEL, White. *Galileu Galilei*. São Paulo, Globo, 1993, p.23)

Como se sabe, a segmentação de um texto em parágrafos é um expediente usado para estabelecer uma hierarquia entre as diferentes passagens do texto, além de fornecer ao leitor pistas para depreender o plano de organização do esquema montado pelo autor.

O trecho acima transcrito foi segmentado, no original, em três parágrafos assim constituídos:

1. Alusão a um presumível fato histórico, acompanhado de um comentário.
2. Proposta de um critério de verdade.
3. Aplicação do critério postulado, para verificação do fato inicial.

Onde seriam feitos os cortes de cada um dos três parágrafos?

QUESTÕES DE 2 A 4

Essas questões foram extraídas do vestibular da Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo, realizado em julho de 1995.

QUESTÃO 2

Crie um tópico frasal pertinente que possa sintetizar as idéias exploradas no parágrafo abaixo:

> Um certo clima de desconfiança, insatisfação e pavor não se nota só entre cientistas e sábios; ele já está se alastrando entre o povo e sensibiliza especialmente os jovens, sobretudo os estudantes. O fato de que as manifestações mais clamorosas de seu protesto pertençam ao passado não significa que ele tenha perdido em intensidade e universalidade. Muito pelo contrário: o terror dos anos 70 é filho do protesto dos anos 60. (Pedro Dalle Nogare)

QUESTÃO 3

Reorganize as idéias do texto abaixo, em apenas um parágrafo. Deixe claras as relações entre elas, servindo-se de conectivos que reduzam o trecho a poucos períodos.

> O Brasil reencontrou alguma estabilidade. Vale a pergunta: Este país é viável? O real trouxe uma inflação baixa e (quase) civilizada. Errado. A Bolívia e o Paraguai têm inflação baixíssima... São paradigmas de desenvolvimento e fartura? O Brasil possui território, mercado e capacidade empresarial que o distinguem do resto do mundo. Verdade. Essas mesmas qualidades não melhoraram a sorte da Índia. Ela continua um país em “desenvolvimento”. (Adaptado da resenha de Gustavo Camargo sobre o livro de Lídia Goldenstein – *Exame,* 10/2/95, p. 59)

QUESTÃO 4

Pontue o texto abaixo, utilizando-se dos sinais gráficos adequados (vírgula, ponto-e-vírgula, ponto e outros) efetuando a paragrafação devida. Não é necessário reescrever o texto. Em havendo paragrafação, indique-a claramente com duas barras oblíquas (//).

> O mais importante de todos os sinais é a palavra sem a qual não seria possível a convivência humana e a própria sociedade inexistiria dada a impossibilidade de intercâmbio lingüístico sem esse extraordinário suporte desaparecia a cosmovisão que o homem tem das coisas e nem se chegaria ao desenvolvimento com a ausência do código lingüístico oral ou escrito sem idéias ou conceitos seria possível existir cultura progresso e civilização óbvio é que não pois as palavras são o sustentáculo de toda essa gigantesca arquitetura chamada civilização quando se destruiu a Biblioteca de Alexandria o mundo chorou mas por quê será preciso responder. (Alberto Mesquita de Carvalho)

QUESTÃO 5

O trecho que segue é o desenvolvimento de um parágrafo que ilustra o respectivo tópico com dados concretos e justifica o que se disse no seu início. Pela observação atenta dos dados apresentados, é possível presumir qual seja o tópico frasal. Tal parágrafo se insere num capítulo intitulado "Trabalho e ócio" na Antigüidade.

> Em Atenas, na época clássica, quando os poetas cômicos qualificavam um homem por seu ofício (Eucrates, o comerciante de estopa; Lisicles, o comerciante de carneiros) não era precisamente para honrá-los; só é homem por inteiro quem vive no ócio. Segundo Platão, uma cidade bem feita seria aquela na qual os cidadãos fossem alimentados pelo trabalho rural de seus escravos e deixassem os ofícios para a gentalha: a vida "virtuosa", de um homem de qualidade, deve ser "ociosa" (logo veremos que é a vida de um proprietário de bens de raiz, que não "trabalha" no sentido de que se ocupa em dirigir suas terras). (VEYNE, Paul. *História da vida privada I*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990, p. 124-125)

Levando em conta o que se disse no enunciado, procure redigir um tópico frasal que seja compatível com os dados nele explanados.

QUESTÃO 6

O trecho que segue é parte de um longo parágrafo incluído num capítulo que trata das relações entre pais e filhos no século XIX. O tópico frasal foi excluído para que você crie um que se preste para sintetizar as idéias expostas no desenvolvimento abaixo.

> Aqui e ali, subsistem algumas varas e açoites de corda, mas cada vez mais reprovados. Perduram na escola e em certos liceus que pretendem impor uma disciplina militar. George Sand treme ao lembrar o diretor do liceu Henri IV, que "defensor feroz da autoridade absoluta, (...) autorizou que um pai inteligente mandasse seu negro espancar seu filho, diante de toda a classe, convocada militarmente para assistir ao espetáculo dessa execução ao gosto colonial ou moscovita, e ameaçada de severa punição ao menor sinal de desaprovação" (*Historie de ma vie* [História de minha vida], II, 179). Mas progressivamente os adolescentes se insurgem – como Baudelaire e seus camaradas em Lyon, em 1832 – e as famílias protestam. Os internatos, em sua publicidade, chegam a especificar nos prospectos que excluem tais métodos. O próprio Estado intervém, e várias circulares acentuam que "não se deve bater nunca nas crianças"... (ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. *História da vida privada 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra.* São Paulo, Companhia das Letras, 1991, p. 158)

QUESTÃO 7

Leia com atenção o parágrafo que segue, extraído do mesmo capítulo da obra citada na questão anterior.

> E que drama quando o filho não consegue ou não aceita sê-lo! As ambições da família se desmoronam. O filho se sente culpado. O adulto nunca acaba de pagar sua dívida e de remoer sua traição. Lembre-se de Baudelaire, que nunca deixou de sentir remorsos em relação à mãe, Madame Aupick. Ou Van Gogh, que, em sua correspondência com o irmão Theo, manifesta a revolta desesperada do "mau filho". Fonte de angústia existencial, o totalitarismo familiar oitocentista é, sob muitos aspectos, profundamente neurótico. Decididamente, ser herdeiro não é tão simples. (p. 160)

O conteúdo do tópico frasal, na verdade, está contido no parágrafo anterior, vindo retomado pelo pronome demonstrativo *o* ("não aceita sê-*lo*").

Pelo desenvolvimento dado ao parágrafo é possível presumir, com certa aproximação, a que tipo de conteúdo se refere o demonstrativo *o(lo)*. Tente transcrevê-lo.

QUESTÃO 8

Os dados apresentados a seguir foram extraídos dispersamente de um artigo de Roberto Pompeu de Toledo publicado na *Veja* de 22/1/92, p.58 a 63. Eles servem de base para a proposta de redação que será feita a seguir.

> O charme do 1,8%
>
> O censo de 1991 concluiu que a população brasileira cresce a 1,8% ao ano. É a primeira vez, em cinqüenta anos, que esse percentual fica abaixo dos 2%.
>
> Éramos 93.139.037, em 1970, e com que orgulho cantávamos: "Noventa milhões em ação, pra frente Brasil, salve a Seleção..." Somos 146 milhões, hoje, segundo as primeiras estimativas do IBGE, com base no censo realizado no ano passado, e não é com orgulho que enunciamos essa cifra. Antes, se orgulho há, ou, melhor dizendo, se há motivo para otimismo, já que orgulho é palavra muito forte para estes tempos, ele se deve a um número bem menorzinho: 1,8%. Trata-se, sempre segundo as estimativas preliminares do IBGE, da taxa de crescimento anual que se registrou no país ao longo da década de 80.
>
> O Brasil, com crescimento anual de 1,8%, ainda está distante de padrões primeiro-mundistas como o 1,1% dos Estados Unidos ou o 0,5% da França. Mas a desaceleração do crescimento, pelo menos, afasta o bicho-papão da

exploração demográfica... A queda das taxas de crescimento é um fenômeno universal:

Bolívia	2,9%
México	2,0%
Índia	1,9%
China	1,5%
Argentina	1,2%
Estados Unidos	1,1%
Suécia	0,8%
França	0,5%
Espanha	0,2%
Itália	0,2%

Proposta de redação

Esta questão propõe a elaboração de um texto previamente dividido em três parágrafos, cujos tópicos são dados de antemão. O trabalho consiste em desenvolver cada um dos tópicos segundo as instruções dadas para cada um deles.

1. O controle da explosão demográfica tem sido apontado como característica de países desenvolvidos.

Desenvolvimento: confirmação do tópico mediante exemplificação com dados concretos.

2. Apesar da procedência desses dados, eles não nos autorizam a considerar o controle demográfico como causa e sim como conseqüência do desenvolvimento social.

Desenvolvimento: confirmação do tópico mediante razões e dados.

3. Em vista disso, estão equivocados aqueles que preconizam o controle demográfico como solução suficiente para alavancar o Brasil rumo ao desenvolvimento.

Desenvolvimento: confirmação do tópico com justificativas.

Lição 10

Características lingüísticas da dissertação

Exercícios

Para situar dentro do seu contexto, o trecho que segue foi extraído de um artigo de Eça de Queirós, publicado na imprensa da época. Trata-se de uma réplica a outro artigo de autoria do escritor português Manuel Joaquim Pinheiro Chagas (1842-1895) para o jornal *Atlântico*, no qual este criticou com ferocidade o referido artigo anterior de Eça de Queirós por julgá-lo injurioso a Portugal.

No interior da longa réplica, Eça, com ironia, diz que a ferocidade de Pinheiro Chagas contra o que escrevera justifica-se pelo fato de que, quando um colaborador do jornal se vê pressionado a entregar uma matéria no prazo combinado, e as idéias não vêm, a tendência é arrasar alguém que se escolhe como vítima, quem quer que seja.

Dizendo conhecer essa situação por experiência própria, assim a relata:

> Meu caro Pinheiro Chagas:
> (...)
> Eu conheço a situação: é medonha. Na véspera tem-se dito ao director do jornal, apertando-lhe ferventemente a mão, e com a voz a tremer:
>
> – Palavra de honra, menino. Pela minha vida, que tens lá o artigo, além de amanhã às nove horas. Eu sou incapaz de te comprometer! Juro-te, pela alma de meus filhos... Boa noite. Lá o tens!
>
> Depois, naturalmente, como você sabe, não se pensa mais no artigo. Mas, cruel destino! no dia aprazado, lá toca a campainha, lá chega, fatal, implacável, irrevogável! – o moço da tipografia! É horroroso. Sobretudo quando ele usa botas que rangem! Fica à espera, passeando no pátio ou no corredor: e aquele lento gemer de solas tristes, cadenciado e acusador, alucina!
>
> E cá no nosso gabinete, que pavorosa luta! As cinco tiras de papel ali estão sobre a mesa, lívidas, irônicas, vazias: e é necessário enchê-las todas de alto a baixo, com coisas extraídas do nosso interior.
>
> É trágico. A parte da carcaça humana a que se recorre primeiro é naturalmente ao crânio, depósito de idéias, impressões, adjectivos e teorias; aperta-se o crânio nas mãos frementes; sacode-se o crânio como uma velha algibeira: – nada sai do crânio. E as botas ao longe a ranger!

> Maldição! Recorre-se então ao peito, asilo dos afetos, dos sentimentos generosos. Talvez de lá saia um canto, um grito, uma apóstrofe. Arranha-se convulsivamente o peito; bate-se desesperadamente no peito como numa porta fechada; – o peito fica mudo como o crânio. E as botas ao longe a ranger!
>
> Inferno! E então os crentes rezam à Virgem Maria; os ateus invocam a Morte, a doce aniquilação da matéria; os mais violentos pensam em atrair o moço da tipografia com palavras doces, cortá-lo aos pedaços com uma navalha de barba, enconder os fragmentos na sarjeta doméstica... E as botas, lá no fundo, ironicamente, rangem!
>
> Ah, caro Chagas, é daí que vêm as cãs precoces. Sabe você o que eu fiz numa destas agonias, sentindo o moço da tipografia a tossir na escada, e não podendo arrancar uma só idéia útil do crânio, do peito, ou do ventre?
>
> (QUEIRÓS, Eça de. *Obras de Eça de Queirós*. Porto, Lello e Irmão, Editores, vol. II, p. 1402-1403)

QUESTÃO 1

Elabore um desfecho para o texto, imaginando uma resposta coerente, no plano do conteúdo e da linguagem, para a interrogação contida no último parágrafo do fragmento transcrito.

QUESTÃO 2

Imagine-se na condição do "moço do jornal", o que "usa botas que rangem". Sob o ponto de vista dessa personagem, construa um pequeno trecho descritivo, revelando suas impressões sobre o estado em que se encontra o gabinete do articulista no momento em que ele enfrenta "a pavorosa luta" para concluir e entregar a matéria prometida.

QUESTÃO 3

Elabore um pequeno trecho dissertativo, comentando as sensações provocadas pela relação tensa em que um indivíduo assume para si o papel de impor a outro um compromisso que este não tem condições de cumprir no prazo exigido.

QUESTÃO 4

Imagine-se na situação de um seqüestrado cujos olhos foram completamente vendados pelos seqüestradores. Para compensar essa condição de completa cegueira, sua atenção toda se volta para os ruídos e barulhos ao redor, para os odores e para tudo aquilo que está ao alcance das suas mãos que, pelo tato, tentam sondar e reconhecer o ambiente em que o encarceraram.

Num acreditável descuido dos seqüestradores, o telefone toca e, como ninguém vem atendê-lo, você tem a inesperada chance de tentar transmitir informações sobre a possível localização do cárcere. Coerente com os dados apresentados, tente fazer uma descrição, fornecendo as pistas mais significativas possíveis na tentativa de identificar o local em que o aprisionam.

QUESTÃO 5

Como se viu, o texto dissertativo é usado para comentar, avaliar, explicar, classificar dados da realidade concreta, subordinando-os organizadamente a um ponto de vista genérico e abstrato de um enunciador. Observe os dados e informações que seguem:

> A tourada sempre foi, pelo que tenho observado, uma fonte de informação intercultural distorcida. É um padrão de comportamento particularmente difícil de explicar convincentemente a um observador americano comum. Escolho-a, portanto, como um passo adequado para teste.
>
> Forma. Uma tourada tem uma forma muito complexa e precisa. Um homem, armado de espada e capa vermelha, desafia e mata um touro de lide. A forma é estabelecida com muitos pormenores. Há termos lexicais específicos para variações aparentemente irrelevantes. O toureiro, o touro, os picadores, a música, a vestimenta, etc., são parte da forma.
>
> Sentido. A tourada tem um complexo de sentidos na cultura espanhola. É um esporte. Simboliza o triunfo da arte sobre a força bruta de um touro. É uma diversão. É uma demonstração de bravura.
>
> Um observador americano, sentado ao lado de um espectador espanhol ou mexicano, verá uma grande parte da forma, embora não o total. Verá um homem com uma vestimenta especial, armado de espada e capa, desafiando e matando o touro. Verá o touro arremetendo-se contra o homem e notará que o homem ilude o touro com sua capa. Notará a música, a cor, etc.
>
> O sentido do espetáculo, contudo, é muito diferente para ele. É a chacina de um animal 'indefeso' por um homem armado. É injusto, porque é o touro que sempre morre. É destituído de espírito esportivo – para o touro. É cruel para com os animais. Logo, o toureiro é cruel. O público é cruel.
>
> Encontramos algo que se aproxima a um contraste mínimo na cultura americana na pesca do tarpão. Na pesca do tarpão temos uma forma: uma luta com uma linha e anzóis camuflados. A maior parte da forma é prescrita com detalhe. Não há grande público visível, porém, em certo sentido, as reportagens jornalísticas representam um contacto de espectadores. No

> complexo de sentidos é um esporte e representa um triunfo da habilidade sobre a força bruta lutadora do peixe.(...)
>
> Observamos agora que o mesmíssimo americano que interpretou a tourada como cruel, e aplicou esse sentido ao espectador e ao toureiro, irá sentar-se ao lado do mesmo espectador num barco de pesca e jamais pensará na pescaria como cruel. (LADO, Robert. *Introdução à Lingüística Aplicada.* Petrópolis, Vozes, 1971, p.154-157)

Levando em conta esses dados, elabore uma dissertação, comentando a seguinte passagem:

O êxito da atividade diplomática, que opera com as complexas relações entre culturas diferentes, não pode prescindir da competência do diplomata para interpretar hábitos culturais dentro da dimensão exata de sentido que a cultura lhe empresta.

QUESTÃO 6

Tema do Concurso para Admissão ao Curso de Preparação à Carreira Diplomática do Instituto Rio Branco – 1990.

Desenvolva o tema:

A articulação do Brasil, país em desenvolvimento, com um mundo que se transforma vertiginosamente: desafios e problemas.

Lição 11

Estruturas dos conteúdos da dissertação

Como observação inicial para as questões que vêm a seguir, é importante dizer que todas as propostas de redação aqui transcritas foram extraídas de vestibulares anteriores, do Curso de Preparação à Carreira de Diplomata do Instituto Rio Branco.

As sugestões de encaminhamento da proposta, no entanto, são de iniciativa exclusiva dos autores deste manual.

Tais sugestões não devem ser encaradas como a única rota a seguir, nem como a forma ideal de tratar o tema proposto, muito menos como o texto exemplar a ser adotado como modelo. Como se sabe, as possibilidades de estruturação de um texto dissertativo são praticamente inesgotáveis, não tendo cabimento, pois, a imposição de um esquema predeterminado.

O que mais importa num texto dissertativo é que, por meio dele, se discuta a questão proposta, com opiniões claras e firmes, secundadas por argumentos sólidos, articulados entre si dentro dos princípios da coesão e da coerência textual. A solidez dos argumentos se mede pela sua pertinência ao contexto e pela funcionalidade para demonstrar o que se pretende.

A forma de linguagem adequada a esta situação de comunicação é, evidentemente, a norma culta, sem afetação ou artifícios forçados, que deixem transparecer intenções de exibir erudição. A escolha lexical deve ser adequada ao tema e aos resultados que se têm em mente com o texto (seduzir, ridicularizar, exaltar, depreciar, atenuar, agravar, etc.).

A sugestão de alguns planos ou esqueletos dissertativos estudados nesta lição deve ser encarada como um roteiro facilitador ou orientador da estruturação formal dos conteúdos, alterável e ampliável, conforme as conveniências de cada caso concreto.

Feitas essas ressalvas, eis alguns dos temas propostos em exames anteriores e seus respectivos encaminhamentos.

QUESTÃO 1

Comente o texto abaixo, extraído do *Memorial de Aires*, de Machado de Assis (*Obras Completas,* 1. Volume, Editora Nova Aguilar, 4ª edição, 1979, p. 1097):

> Durante os meus trinta e tantos anos de diplomacia algumas vezes vim ao Brasil, com licença. O mais do tempo vivi fora, em várias partes, e não foi pouco. Cuidei que não acabaria de me habituar novamente a esta vida de cá. Pois acabei. Certamente ainda me lembram coisas e pessoas de longe, diversões, paisagens, costumes, mas não morro de saudades por nada. Aqui estou, aqui vivo, aqui morrerei.

Por uma questão de método, para discutir o tema proposto, vamos dividi-lo nas três partes que integram o protótipo de uma dissertação:

1. Enunciação do problema (INTRODUÇÃO)
2. Discussão do problema (DESENVOLVIMENTO)
3. Balanço da discussão (CONCLUSÃO)

Compreensão do texto

Evidentemente, quando a proposta de redação é extraída de um texto mais amplo, o primeiro que se tem a fazer é aplicar-se à leitura do excerto proposto como base, para tentar compreender com a máxima aproximação possível os significados aí inscritos e, sobretudo, o tema central que lhes confere unidade.

Nesse fragmento de *Memorial de Aires*, o Conselheiro registra em suas memórias alguns dados da experiência passada, uma impressão decorrente dessa experiência, e uma negação dessa impressão.

Esse relato poderia ser condensado em três seqüências nucleares do excerto:

- *o mais do tempo vivi fora;*
- *cuidei que não acabaria de me habituar novamente a esta vida de cá;*
- *Pois acabei.*

No penúltimo período, o narrador atenua o caráter definitivo contido no significado de *acabei*, citando lembranças ainda vivas do tempo de ausência do Brasil. A oração adversativa introduzida pelo conector *mas* não deixa dúvidas, no entanto, sobre a sensação dominante: o dado exposto à direita do *mas* tem mais peso do que a declaração à esquerda.

Por fim, num período curto e contundente, vem a síntese temática: *Aqui estou, aqui vivo, aqui morrerei.*

Como tudo isso se refere à experiência de trinta anos de diplomacia, eis aí um texto primoroso que fala da profissão do diplomata.

Introdução

A questão proposta para discutir está implícita no percurso do fragmento machadiano: a convivência prolongada com outra cultura leva-nos a perder contacto com a nossa?

Desenvolvimento

O plano de estruturação da dissertação pode ser análogo ao do texto de base, em que está presente um esquema que pode ser assim resumido:

- afirmação da ausência
- negação da ausência
- afirmação da presença

Essas relações permitem o desenvolvimento da dissertação com base no plano dialético, que pode ser assim delineado:

Tese: A longa ausência da própria terra e seu poder transformador, sua ação descaracterizadora e o risco de perda da identidade pelo distanciamento da cultura de origem.

Antítese: A força da identidade com a própria cultura e seu poder conservador, a garantia de preservação e de continuísmo.

Síntese: O mergulho prolongado em águas de outra cultura e a assimilação de seus hábitos só momentânea e aparentemente constitui ameaça de roubar-nos da nossa. De fato e, ao final da experiência vivida, os traços da nossa cultura não se apagam, reforçam-se.

Conclusão: O diplomata não deve furtar-se aos benefícios, para si e para o desempenho de sua função, de mergulhar em outras culturas se tem a sua como referência: aquela em que está, vive e morrerá.

Proposta de redação: Procure desenvolver o tema proposto no vestibular, tomando como sugestão o roteiro genérico apresentado.

QUESTÃO 2

Tema do vestibular de 1989

Comente o texto abaixo:

> Em todas as nações devemos ver e procurar antes de tudo aquilo em que elas nos possam ser úteis e defendermo-nos, é claro, contra o que nos possa prejudicar e nos ameaçar, olhar a marcha dos eventos de olhos abertos e

> não escurecidos pelas lentes de deformação fornecidas por uma ótica intencional, qualquer que seja a procedência. O patriotismo deve preservar sua pureza e não degenerar em patacoadas de aparência, (...) Sobre este ponto vou ainda citar-me numa frase que versava esse tema, condenando o que chamei o nosso patriotismo de palavras que doura tudo ‘que é nosso e recorta na deformação sentimental do entusiasmo tudo que possuímos’(...), ao qual opunha eu ‘o patriotismo que observa com rigor para levantar sobre o que é mau a perspectiva do que é bom, para tirar do que é bom a possibilidade do melhor’. Esse patriotismo (...), feito de inquietação e de zelo, deve ser sobretudo o dos diplomatas, que são a placa sensível do país exposta às impressões do exterior, suas antenas em contato com as correntes elétricas do mundo. (AMADO, Gilberto. Discurso de paraninfo proferido em 1955, por ocasião da formatura dos novos diplomados do Instituto Rio Branco).

Compreensão do texto

Nesse trecho de Gilberto Amado, podemos distinguir as seguintes partes:

Afirmação da postura adequada perante outras nações: absorver o útil, imunizar-se contra o prejudicial, olhar a marcha dos eventos com olhos desprovidos de mediações deformadoras.

Afirmação implícita de que o sentimento de patriotismo não deve funcionar como um desses mediadores deformadores.

Análise de dois tipos de patriotismo:

- o condenável [aquele atrelado à aparência, de palavras, que supervaloriza o nacional por camuflagem (doura), sentimentalista];
- o desejável (aquele que é puro, que observa com objetividade para sobrepor o bom ao que é mau e extrair do bom o melhor, que é inquieto e zeloso).
- Conclusão: ao diplomata convém o segundo tipo de patriotismo. Sua função é a de sensor (não censor) apurado do que ocorre no exterior, antena sensível que capta o que circula pelo mundo.

Após essa leitura, podemos estruturar a redação dentro do seguinte esquema:

1. INTRODUÇÃO

Segundo o texto, a relação do diplomata com qualquer nação deve ser presidida pelo pragmatismo (tirar proveito do útil e descartar o prejudicial) e pelo senso de realidade, cuidadando para que distorções subjetivas não interfiram no seu trabalho.

O problema levantado pelo texto pode ser assim colocado: há dois tipos distintos de patriotismo. Ambos contribuem para que esse tipo de relação ideal seja atingido?

2. DESENVOLVIMENTO

Aproveitando uma pista que o próprio texto abre, o tema pode ser desenvolvido com base no plano comparativo da seguinte forma:

1. caracterização do primeiro tipo de patriotismo;
2. caracterização do segundo tipo de patriotismo;
3. confronto entre ambos
   a) argumentos contrários ao primeiro tipo;
   b) argumentos favoráveis ao segundo tipo.
4. Conclusão:
   – atualidade do discurso de Gilberto Amado;
   – tipo de patriotismo que convém não só ao diplomata, mas também ao cidadão e ao país;
   – razões por que esse é o conveniente.

Proposta de redação

Sem a necessidade de seguir o plano de conteúdo, que foi apresentado com a simples intenção de ilustrar o esquema dissertativo sugerido, procure, dentro desse modelo, elaborar sua própria redação, segundo argumentos e dados por você escolhidos.

QUESTÃO 3

Tema do vestibular de 1987

Comente o texto abaixo:

> Nosso edifício, tanto externo como interno, está cheio de imperfeições; mas nada é inútil na natureza, nem mesmo a inutilidade. Nada existe no universo que não desempenhe papel oportuno. Nosso ser é formado de qualidades doentias: a ambição, a inveja, a vingança, a superstição, o desespero vivem em nós tão naturalmente que sua imagem se reflete também nos animais, inclusive a da crueldade, esse vício desnaturado (pois mesmo na compaixão sentimos intimamente não sei que agridoce volúpia de ver sofrerem nossos semelhantes; e as próprias crianças o sentem). E, se se arrancassem do homem as sementes dessas qualidades doentias, detruir-se-iam as condições fundamentais de sua vida. Assim como em toda administração existem ofícios abjetos necessários, os vícios têm seu lugar indispensável na nossa estrutura, tal qual os venenos que conservam a nossa saúde. Embora desculpáveis,

> tanto mais quanto necessários, deixemo-los entregues aos cidadãos mais vigorosos e ousados, que lhes sacrificam a honra e a consciência, assim como os antigos sacrificavam sua vida pela pátria; nós, mais fracos, desempenhemos os papéis mais fáceis e menos arriscados. O bem público exige que se traia, que se minta e se massacre, abdiquemos dessa incumbência em favor de outros mais obedientes e acomodatícios. (MONTAIGNE, Michel de. *Ensaios*, livro III, capítulo 1. Tradução de Sérgio Milliet)

Compreensão do texto

Esse trecho dos Ensaios de Montaigne:

- afirma a imperfeição como um dado inerente à natureza humana;
- nega que essa imperfeição seja inútil, já que tudo o que existe no universo é funcional;
- advoga que a presença de qualidades doentias no homem não é um acidente cultural: é tão natural, que sua imagem reflete também nos animais e as crianças as possuem;
- adverte que as qualidades doentias não podem ser excluídas do homem sem destruir-lhe as condições fundamentais de existência;
- reitera que os vícios e o veneno são extensivos ao homem e à sociedade: ofícios abjetos existem em toda administração, como os vícios, na estrutura individual;
- aconselha que os mais fracos, entre os quais se inclui, devem abrir mão dos ofícios abjetos da administração, porque são mais arriscados e difíceis: exigem o sacrifício da honra e da consciência;
- sugere que os cidadãos mais vigorosos e ousados da administração são também mais obedientes e comodistas.

Comentário do texto

Podemos abordar esse tema com base no plano segmentado nestas três partes: afirmação, explicação e ilustração.

1. Introdução (afirmação)

Montaigne, o famoso pensador do século XVI, afirma que o homem e a sociedade humana são constitutivamente afetados por imperfeições. As paixões doentias estão presentes em todos os homens como componentes de natureza e não de cultura. Elas o possuem de maneira tão natural, que sua imagem se reflete até nos animais, e as crianças, que são menos influenciadas pelos traços culturais, já são atingidas por um vício tão aberrante quanto é o da volúpia de se comprazer com o sofrimento alheio.

O problema que se coloca é o julgamento que se deve fazer dessa condição inelutável. E a resposta é o próprio Montaigne quem nos dá: tais imperfeições não são inúteis já que nada do que existe no universo é desprovido de alguma funcionalidade.

2. Desenvolvimento (explicação e ilustração)

O texto de Montaigne, apesar de sua complexidade, pode ser desenvolvido com base no plano: ilustração e explicação de uma afirmação.

a) a afirmação, já contida na introdução, é a da utilidade das imperfeições humanas, posta sob a forma de máxima a ser demonstrada.

b) Ilustração de que a ambição, a inveja, a vingança, a superstição, o desespero, todas essas imperfeições arraigadas na natureza humana tiveram seu papel como propulsores do progresso histórico; os ofícios abjetos dos cidadãos mais vigorosos que, por exigência do bem público, traem, mentem e massacram.

3. Conclusão

É inevitável emitir um julgamento, um comentário presidido pelos princípios da ética sobre aquilo que Montaigne considera como necessário para o *progresso histórico* e o *bem público.*

Além disso, é inevitável levantar o problema que Montaigne deixa omisso: em que medida os fins aprovam os meios que o produzem.

E, por último, não é possível aceitar como indiscutível a saída de deixarmos por conta dos mais vigorosos e ousados aquilo que nos é mais arriscado e mais difícil.

Proposta de redação

Seguindo apenas o plano (afirmação, explicação e ilustração) e desprezando o conteúdo do roteiro, que é mero expediente de ilustração, procure redigir o seu próprio texto, comentando o trecho dos *Ensaios de Montaigne.*

PROPOSTAS DOS ÚLTIMOS EXAMES

A seguir, vêm reproduzidas as provas de redação de 1995 a 2000, copiadas literalmente dos respectivos concursos para Admissão ao Curso de Preparação à Carreira Diplomática.

Ao final de cada prova, vem transcrito um exemplo de redação de um dos candidatos, acompanhado da nota que se lhe atribuiu.

A partir da leitura atenta da coletânea de textos e do tema proposto, o candidato pode, por indução, depreender os traços tidos como qualificantes nesse tipo de prova.

TEMAS DADOS EM EXAMES ANTERIORES

1990

Desenvolva o tema:

> "A articulação do Brasil, país em desenvolvimento, com um mundo que se transforma vertiginosamente: desafios problemas."

1991

Comente o texto a seguir:

> Escritor por acidente – eu habituei-me a andar terra-a-terra, abreviando o espírito à contemplação dos fatos de ordem física adstritos às leis mais simples e gerais (...);
>
> (...) ao contrário do que se acredita, no terreno maciço das indagações objetivas, ao rés da existência, há uma crescente instabilidade. O poeta, o sonhador em geral, quem quer que se afeiçoe a explicar a vida por um método exclusivamente dedutivo, é soberano no pequeno reino onde o entroniza a sua fantasia. Nós, não. O rumo para o ideal baralha-no-los o próprio crescer do domínio sobre a realidade, como se à hierarquia lógica dos conhecimentos positivos acompanhassem, justalinearmente, as nossas emoções sempre mais complexas e menos exprimíveis. Sobretudo menos exprimíveis. No submeter a fantasia ao plano geral da natureza, iludem-se os que nos supõem cada vez mais triunfantes e aptos a resumir tudo que vemos ao rigorismo impecável de algumas fórmulas incisivas e secas. Somos cada vez mais frágeis e perturbados. No perpétuo desequilíbrio, entre o que imaginamos e o que existe verificamos atônitos que a idealização mais afogueada, apagam-no-la os novos quadros da existência. Mesmo no recesso das mais indutivas noções, não é fácil saber, hoje, onde acaba o racionalismo e principia o misticismo – quando a própria matéria parece espiritualizar-se no radium, e o concreto desfecha no translúcido e no intáctil; ou entram, improvisadamente, pelos laboratórios dos alquimistas ... (...)
>
> Imaginai uns tristes poetas pelo avesso: arrebata-nos também o sonho, mas ao invés de projetarmos a centelha criadora do gênio sobre o mundo que nos rodeia, é o resplendor deste mundo que nos invade e deslumbra.

Euclides da Cunha (1866-1909). Discurso de recepção na Academia Brasileira de Letras, *in Obras Completas***,** Rio de Janeiro, Cia. José Aguilar Editoras, 1966, v. I, páginas 206 e 207 (revista a acentuação pelo IRBr, à luz da reforma ortográfica de 1971.

1992

DIPLOMACIA E PROCESSO TECNOLÓGICO

A ubiqüidade do telefone, as viagens supersônicas, os satélites de comunicação, a transmissão sem fio de imagens, etc. têm facilitado economicamente o contato entre povos e governos. Além disso, são cada vez mais comuns as reuniões de ministros do exterior, e presidentes e chefes de governo vêm desenvolvendo a prática de se encontrarem periodicamente.

Na sua opinião, as alterações provocadas pelo progresso tecnológico indicam que a diplomacia tradicional, aquela das embaixadas e embaixadores *sur place*, está fadada ao desaparecimento?

1993

Disserte sobre o texto abaixo.

> Os historiadores raramente fazem justiça à tensão psicológica exercida sobre o político. O que eles têm à disposição são documentos escritos para uma variedade de empregos – segundo as regras atuais de publicidade, cada vez mais destinadas à elaboração de relatórios – e nem sempre relevantes quanto ao momento da decisão. O que nenhum documento revela é o impacto acumulado de acidentes, circunstanciais inapalpáveis, temores e hesitação.
> HENRY KISSINGER. *White House Years*. Little, Brown and Company. Boston. 1979.

1994

Redija uma dissertação sobre o seguinte excerto do Sermão XIV do Rosário, pregado à irmandade de pretos de um engenho baiano, em 1633, pelo Padre Antônio Vieira:

> Em um engenho sois imitadores de Cristo crucificado: porque padeceis em modo muito semelhante o que o mesmo Senhor padeceu na sua cruz, e em toda a sua paixão. A sua cruz foi composta de dois madeiros, e a vossa em um engenho é de três. Também ali não faltaram as canas, porque duas vezes entraram na Paixão: uma vez servindo para o ceptro do escárnio, e outra vez para a esponja em que lhe deram fel. A paixão de Cristo parte foi

de noite sem dormir, parte foi de dia sem descansar, e tais são as vossas noites e os vossos dias. Cristo despido, e vós despidos: Cristo sem comer, e vós famintos: Cristo em tudo maltratado, e vós maltratados em tudo... Eles (os Senhores) mandam e vós servis; eles dormem e vós velais; eles descansam, e vós trabalhais; eles gozam o fruto de vossos trabalhos, e o que vós colheis deles é um trabalho sobre outro. Não há trabalhos mais doces que os das vossas oficinas; mas toda essa doçura para quem é?
Apud BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização.* São Paulo. Companhia das Letras, 1992, p. 144.

EXEMPLO DE REDAÇÃO

Oferecemos como exemplo texto (no original, sem correções) que obteve nota alta no exame de admissão de 1990.

O desenvolvimento econômico e social pleno é a principal meta de países em desenvolvimento como o Brasil. O alcance desse objetivo, no entanto, dependerá da capacidade dos condutores da política de desenvolvimento do século e de adaptar o modelo de desenvolvimento adotado pelo Brasil à nova realidade político-econômica que se apresenta.

A primeira questão que aflora em qualquer trabalho de análise sobre o subdesenvolvimento é a necessidade de se estabelecer uma nova ordem econômica mundial. Ocorre que discursos nacionalistas inflamados nos foros internacionais mais importantes, como o GATT e a ONU, já provaram ser inócuos. Dessa forma, só resta a países em desenvolvimento como o Brasil privilegiar soluções alternativas, como o processo de integração econômica com outros Estados ou a vinculação de temas diversos, como as questões da dívida externa e da ecologia, em evidência atualmente.

No caso específico do Brasil, o principal desafio é implementar sua integração econômica com os demais países da América Latina, sobretudo com a Argentina, sem permitir que tal iniciativa fracasse, como ocorreu no caso da formação da ALALC e da ALADI. Para tanto, é preciso que as condições básicas de integração levem em consideração as particularidades da economia em cada país sem, no entanto, deixar de lado o pragmatismo que deve nortear todo o processo. É importante ressaltar, a propósito, que todo o relacionamento do Brasil com os demais países do Terceiro Mundo deve revestir-se de caráter pragmático, sob pena de serem perpetuados os traços de tutela que já caracterizaram a política externa brasileira em relação aos países subdesenvolvidos.

No campo político internacional destaca-se presentemente o processo de liberalização dos países da Europa Oriental. Segundo grande parte dos observadores e estudiosos da história deste início de década, tal processo afetará profundamente a economia dos países latino-americanos, inclusive a do Brasil. De fato, percebe-se o grande interesse demonstrado pelas potências econômicas ocidentais em investir no leste europeu, inclusive com o objetivo de fortalecer o processo de redemocratização dos países da região. Ocorre, porém, que o capital a ser investido pelos países ocidentais ricos terá a destinação que se apresentar mais interessante e lucrativa. Evidentemente, um país como o Brasil, rico em recursos minerais e com abundante mão-de-obra, está em condições de disputar investimentos com quaisquer outros. No entanto, cabe aos condutores da política de desenvolvimento do país estabelecer condições favoráveis a investimentos e atrair capitais, ainda que para tanto tenham que enfrentar o desafio de alterar o modelo desenvolvimentista adotado pelo Brasil. Aliás, é importante salientar que justamente esse desafio foi enfrentado por países asiáticos, como a Coréia do Sul e Formosa, com grande êxito.

Está claro, pois, que o Brasil deve acompanhar de perto as transformações político-econômicas pelas quais o mundo está passando e modificar a forma através da qual se relaciona com países ricos e pobres, como meio de alcançar seus objetivos de desenvolvimento. Transformações típicas deste final de século, como a criação dos blocos econômicos supranacionais, a partir da integração econômica de Estados nacionais, e a liberalização dos países comunistas do leste europeu, devem ser corretamente interpretadas, sob pena de inviabilizarem a grande meta nacional: o desenvolvimento.

EXEMPLO DE PROVA (concurso de 1995)

Leia os textos que se seguem.

Texto nº 1 – O campus cai no samba

O samba entrou para a universidade e formou seu bloco entre a comissão dos acadêmicos e a ala da comunidade: sob o comando do sociólogo Sérgio Murilo, a Golfinhos da Guanabara – a primeira escola de samba mirim da Zona Sul – fincou estandarte no campus da Praia Vermelha da UFRJ e está iniciando um projeto de educação ambiental, cênica e cultural.

Passei pela Flor do Amanhã e pelo Projeto Devenir tentando implantar esse trabalho. Que agora parece que vai levantar vôo. O samba é um valor muito forte entre as pessoas do Rio e é o elo perfeito para a universidade se desenvolver em conjunto – opina Murilo, que atraiu o professor Joel Rufino dos Santos para ser o presidente de honra da escola.

Tocando o enredo “Oba! É carnaval! “, para o desfile do ano que vem, as mais de mil crianças da escola terão esta semana sua primeira participação no dia-a-dia da universidade: serão estrelas de um vídeo que alunos da Escola de Comunicação farão para o Festival do Minuto. (*O Globo*, julho de 1995)

Texto nº 2 – Educação em vista de um pensamento livre

Não basta ensinar ao homem uma especialidade. Porque se tornará, assim, uma máquina utilizável, mas não uma personalidade. É necessário que adquira um sentimento, um senso prático daquilo que vale a pena ser empreendido, daquilo que é belo, do que é moralmente correto. A não ser assim, ele se assemelhará, com seus conhecimentos profissionais, mais a um cão ensinado do que a uma criatura harmoniosamente desenvolvida. Deve aprender a compreender as motivações dos homens, suas quimeras e suas angústias para determinar com exatidão seu lugar (...) em relação a seus próximos e à comunidade.

Estas reflexões essenciais, comunicadas à jovem geração graças aos contatos vivos com os professores, de forma alguma se encontram escritas nos manuais. É assim que se expressa e se forma de início toda a cultura. Quando aconselho com ardor “as Humanidades”, quero recomendar essa cultura viva, e, não, um saber fossilizado, sobretudo em história e filosofia.

Os excessos do sistema de competição e de especialização prematura, sob o falacioso pretexto de eficácia, assassinam o espírito, impossibilitam qualquer vida cultural e chegam a suprimir os progressos nas ciências do futuro. É preciso, enfim, tendo em vista a realização de uma educação perfeita, desenvolver o espírito crítico na inteligência do jovem. Ora, a sobrecarga do espírito pelo sistema de notas entrava e necessariamente transforma a pesquisa em superficialidade. O ensino deveria ser assim: quem o receba o recolha como um dom inestimável, nunca como uma obrigação penosa. (Albert Einstein. *Como vejo o mundo*)

Texto nº 3 – Aristarco

O Dr. Aristarco Argola de Ramos, da conhecida família do Visconde de Ramos, do Norte, enchia o império com o seu renome de pedagogo. (...)

Nas ocasiões de aparato é que se podia tomar o pulso ao homem. Não só as condecorações gritavam-lhe do peito como uma couraça de grilos: Ateneu! Ateneu! Aristarco todo era um anúncio. Os gestos, calmos, soberanos, eram de um rei – o aristocrata excelso dos silabáreis; a pausa hierática de andar deixava sentir o esforço, a cada passo, que ele fazia para levar adiante, de empurrão, o progresso do ensino público. (...)

Em suma, um personagem que, ao primeiro exame, produzia-nos a impressão de um enfermo, desta enfermidade atroz e estranha: a obsessão da própria estátua. (...)

Enveredando pelo tema querido do elogio próprio e do *Ateneu*, ninguém mais pôde falar...

Aristarco, sentado, de pé, cruzando terríveis passadas, imobilizando-se a repentes inesperados, gesticulando como um tribuno de *meetings,* clamando como para um auditório de dez mil pessoas, majestoso sempre, – alçando os padrões admiráveis, como um leiloeiro, e as opulentas faturas, desenrolou, com a memória de uma última conferência, a narrativa dos seus serviços à causa santa da instrução. Trinta anos de tentativas e resultados, esclarecendo como um farol diversas gerações agora influentes no destino do país! E as reformas futuras?

Não bastava a abolição dos castigos corporais, o que já dava uma benemerência. Era preciso a introdução de métodos novos, supressão absoluta dos vexames de punição, modalidades aperfeiçoadas no sistema das recompensas, ajeitação dos trabalhos, de maneira que seja a escola um paraíso; adoção de normas desconhecidas cuja eficácia ele pressentia, perspicaz como as águias. Ele havia de criar... um horror, a transformação moral da sociedade! (Raul Pompéia. *O Ateneu*)

Texto nº 4 – Professor

Comecei com o pé esquerdo meu primeiro dia de professor. Sempre temi o ridículo. E a tal ponto, que esse temor, forma paroxística de minha timidez, costuma atuar em minha vida como uma bússola negativa, a orientar para o avesso meus atos. Faz-me viver de pé atrás com o mundo, torna-me arredio e suspicaz, quando poderia confiar, ou, em virtude de viva reação, leva-me a ousar e avançar, em circunstâncias que aconselhariam retraimento. Enfim, põe-me fora do centro de gravidade.

E foi precisamente o ridículo (ele me acompanha como um demônio arrimadiço) que me estragou a aula inaugural.

A hesitação que experimentei ao entrar na sala e o ar canhestro que devia ter já haviam despertado, entre as alunas, desses sorrisos sorrateiros que a gente percebe por um sentido oculto, sem precisar de olhar os circunstantes. Mas a vexatória situação culminou foi no momento em que abri, atarantadamente, o livro de chamada e fiquei a estropiar nomes e a gaguejar, provocando hilaridade geral. Passou a impressão desagradável do episódio ocorrido na primeira aula. Nos dias que se seguiam, ou por temerem a *surveillante* ou por terem dado outro rumo às suas maquinações, as diabretes do Colégio já não me hostilizaram.

Por outro lado, parece que não vou mal no curso. Pelo menos, a diretoria se mostra satisfeita. Nas primeiras aulas, com o fito de conquistar o inimigo, tentei causar sensação, recorrendo a frases de efeito. Que me seja perdoado este pecado contra a dignidade intelectual. Foi o recurso extremo de um homem em apuros. Cometi também erros de técnica, preparei-me como se fosse lecionar na *Ecole Normale Supérieure* de Paris, e não num curso secundário de província. Em vez de me cingir ao que dizem os compêndios, como em geral fazem os professores, aprofundei o assunto, varejei livrarias, vasculhei bibliotecas. Tratei, como coisa familiar, problemas literários de cuja existência as alunas nem sequer suspeitavam.

Embora dessem mostras de interesse, vislumbrando em minhas dissertações um mundo que desconheciam, percebi, com alguns dias, que o nível intelectual do auditório não alcançava o das preleções.

Adaptei-me, agora, à turma, conheço a linguagem que convém ao professor, acostumei-me a repetir palavras e a repisar noções, para dar tempo a que sejam assimiladas. (Cyro dos Anjos. *Abdias*)

Desenvolva o tema que se segue, em dissertação de 450 a 600 palavras (valor: 60 pontos): A Educação e o pensamento livre.

EXEMPLO DE PROVA (concurso de 1996)

Leia os textos que se seguem.

Texto nº 1 – O Projeto Social

Durante um quarto de século, o esporte favorito dos economistas e sociólogos de esquerda, no Brasil, e de alguns *brazilianists* americanos de persuasão "liberal"[1], foi acusar o governo da Revolução de 1964 de indiferença social, traduzida em políticas ortodoxas "de alto custo social". Alegava-se crueldade no arrocho salarial e incompetência na invenção de processos indolores para a cura da inflação. No momento em que escrevo (1993), passados trinta anos, depois de vários planos "heterodoxos", congelamentos e confiscos, estamos imersos na mais profunda recessão de nossa história, com queda brutal do salário real e vergonhosa piora na distribuição de renda. Reconhece-se, afinal, que o "custo social" da desinflação do período cartelista foi moderado. Em nenhum dos anos do ajuste 1964-67, o crescimento do PIB real foi negativo, com nível de desemprego tolerável. Reconhece-se que Castello Branco tinha um projeto social bastante racional e articulado. Os dois *leitmotivs* daquilo que se podia chamar de "projeto social" eram a *democratização das oportunidades* e a *promoção de um novo trabalhismo.*

No capítulo da *democratização das oportunidades* houve um elenco de medidas, algumas já anteriormente descritas: democratização do acesso à habitação, pelo Sistema Financeiro de Habitação; do acesso à terra pelo Estatuto da Terra; do acesso à educação por instrumentos variados, como o salário educação para o ensino primário e bolsas de estudos administradas pelos sindicatos. Na Constituição de 1967 (art. 168, parág. 3º, III), esboçar-se-ia um esquema racional de financiamento da educação. O ensino dos 7 aos 14 anos seria obrigatório e gratuito, na rede oficial. Nos graus superiores ao primário, substituir-se-ia o sistema de gratuidade pela concessão de bolsas de estudo para os que, demonstrando efetivo aproveitamento, provassem insuficiência de recursos. As bolsas seriam gratuitas no ensino secundário, exigindo-se posterior reembolso no caso do ensino superior.

---

[1] A palavra "liberal", no jargão político americano, ao contrário do que sucede na América Latina e na maioria dos países europeus, é identificada com posturas governamentais assistencialistas e regulatórias. Para os republicanos, nos Estados Unidos, é expressão pejorativa, aplicada aos democratas, acusados de laxismo fiscal e paternalismo social, em contraste com o "individualismo de mercado" dos republicanos (nota do autor)

Tudo ficou na intenção, por falta de regulamentação. A Constituição de 1988 passou, demagogicamente, ao extremo oposto: gratuidade para todos, em todos os níveis do ensino público. Mas são escassas as escolas públicas secundárias, e 75% dos universitários têm que cursar faculdades privadas!... (Roberto Campos. *A lanterna na popa: memórias)*

Texto nº 2 –Um sistema dual: os integrados e os marginalizados

Recorrendo de novo à terminologia de Dahl, seria possível dizer que há hoje no Brasil um “sistema dual”, caracterização que também se aplica ao sistema político de vários países latino-americanos. Dahl usa a expressão para descrever diferentes sistemas de poder, tais como os que existiram em Atenas, na Grécia Antiga, e no sul dos Estados Unidos até a década de 1960. A peculiaridade do “sistema dual” é a de que, para os indivíduos que estão integrados, existem mecanismos efetivos de participação e influência, ao passo que para os que ficam de fora há um regime de coerção e, em casos extremos de terror. Evidentemente, tais “sistemas” duais diferem muito entre si: um exemplo extremo é o atual regime da África do Sul; outro, mais ameno, é o do período de Giolitti na Itália.

A atual ordem política brasileira pode ser comparada ao passado sistema italiano, especialmente no que se refere à extraordinária diferenciação *regional* de poder, existente nos dois casos. Também seria interessante comparar a sociedade brasileira à do Sul dos Estados Unidos no período anterior à década de 1960, dado o papel da escravidão na história de ambas. No entanto, o caso italiano é mais próximo, no sentido em que a dualidade do sistema baseia-se em critérios mais sociais do que raciais. Como afirmou o deputado Ulysses Guimarães no discurso citado, a miséria é uma forma de discriminação e “não há pior discriminação do que a miséria”.

Em que consiste esse “sistema dual brasileiro”? Para aqueles que estão dentro – isto é, para os grupos social e economicamente dominantes, assim como para outros segmentos organizados da sociedade – há um regime político competitivo. Talvez seja avançar muito supor que existe uma “poliarquia” para esses grupos, mas já estamos a caminho disso. Evidentemente, entre os que estão dentro contam-se segmentos organizados de trabalhadores, assim como outros setores sociais e políticos que querem democratizar o sistema e eliminar a dualidade, universalizando suas características democráticas. Para os que ficam de fora, para os marginalizados que são muito pobres e incapazes de se organizar, resta apenas tornarem-se objeto de manipulação política – em outras palavras, são tratados não como cidadãos mas como “clientes”, na acepção romana do termo. E, quando necessário, o que ocorre com freqüência, são submetidos à repressão policial. Eles são livres para participar das eleições e, na realidade, a maioria o faz. Não são marginalizados por nenhum tipo de restrição institucional, mas pelas próprias condições sociais, políticas e culturais em que vivem e que os transformam em massas amorfas.

Talvez seja mais exato dizer que também eles estão dentro, só que à margem. Aqui impõe-se uma distinção muito complexa entre cidadãos e eleitores. Segundo Ulysses Guimarães, “em um país com 30.401.000 de analfabetos (...) é preciso não esquecer que a cidadania começa com a alfabetização”. Esta observação nos remete ao problema inicial da distância entre as instituições que garantem a liberdade (política) e o que diz respeito à defesa da justiça social. Não é que as eleições não tenham relevância nas decisões tomadas nos “sistemas duais”. A questão é que deles participam segmentos da população que têm pouca, ou mesmo nenhuma, possibilidade de exercer qualquer influência autônoma. A clássica frase eleitoral – “a cada homem um voto” – pressupõe a autonomia do indivíduo para expressar sua opinião. Todavia, no Brasil, como observou o cientista político Fábio Wanderley, somente 7,5 milhões de pessoas pagam impostos, enquanto 75 milhões estão habilitados a votar. Isto significa que a cidadania eleitoral “antecipou” de certo modo a cidadania política no sentido mais amplo. Para dizer de outro modo: existem milhões de cidadãos no sentido eleitoral que, na realidade, não passam de cidadãos de segunda classe.

Aqui começamos a nos distanciar do caso norte-americano, onde, a despeito da desigualdade entre ricos e pobres, e pondo à parte a questão racial, sempre houve, pelo menos desde a época de Tocqueville, uma forte tendência à “igualdade de condições” no sentido de efetiva igualdade dos cidadãos perante a lei. Isto de forma alguma é uma mera formalidade legal, mas representa a capacidade política, cultural e social de cada cidadão para exercer os direitos garantidos pelo sistema institucional. Em uma sociedade democrática, os indivíduos pertencem a diferentes classes, o que ocasiona desigualdades sociais, mas não existem cidadãos de segunda classe, pelo menos não na magnitude registrada no Brasil (e na maioria dos países latino-americanos). Evidentemente, encontra-se situação semelhante em várias das grandes cidades dos Estados Unidos que receberam um grande número de migrantes negros sulinos nos últimos quarenta anos. Também nessas cidades os pobres constituem a grande maioria da cidadania e do eleitorado. No entanto, não é esta a situação geral do país nem de nenhuma de suas regiões. (Francisco Weffort. *Qual Democracia?)*

Texto nº 3 – O Sanduíche Encantado

Era na Rua Alegre, na Aldeia Campista. Hoje, não existe mais a Rua Alegre e quase não existe mais a Aldeia Campista. Do ano, não estou bem certo. Ou 1921 ou 1923. Não, não. Vinte e dois: – foi o ano do Centenário. Agora me lembro: – 2 1. No ano seguinte , minha família foi morar na Tijuca, Rua Antônio dos Santos. Defronte, morava o juiz Eurico Cruz. Mas volto à Aldeia Campista. No fim da Rua Alegre, exatamente na esquina com Maxwell, estava a escola pública.

Lá, fiz todo o curso primário. Ou por outra: – não todo. Fui até o terceiro ano primário, só. Quando minha mãe me matriculou, eu estava absolutamente certo de que jamais aprenderia a ler e jamais aprenderia a escrever. E foi lá, na escolinha pobre que tinha, se tanto, oitenta alunos, foi lá que eu sofri o primeiro e definitivo trauma da minha infância. Tinha eu seis anos e, como já escrevi, era pequenino e cabeçudo como um anão de Velasquez.

Esse trauma profundo e irreversível foi um sanduíche. Exatamente, um sanduíche. Minha família era pobre, muito pobre mesmo. Minha mãe, que foi uma das mulheres mais lindas do seu tempo, tinha de ir para a cozinha e para o tanque. Uma tarde, passou lá por casa uma amiga de minha mãe, amiga dos bons tempos do Recife. Entrou e, quando viu a nossa miséria, começou a chorar. Chorava a visita por um lado e minha mãe por outro. Até então eu não via a miséria como tal. E me considerava rico diante dos filhos da lavadeira.

(Chamava-se Dolores a amiga da minha mãe. Aí está: – Dolores.) Bem. Éramos tão pobres que eu nem sempre levava merenda para a escola. Mas no primeiro dia, e como era o primeiro dia, levei uma banana. Ninguém pode imaginar a ternura, a um só tempo agradecida e triste, com que eu a segurava. O fato de tê-la fez-me sentir um pequeno príncipe. O importante na escola não foi a escola, nem a aula, nem a professora. Foi o recreio, foi a merenda, foi a banana.

Tudo aconteceu na hora do recreio. Lá fui eu, com todos os outros, para, o pátio. Tenho seis anos e vou comer uma banana. Aos seis anos, ninguém come uma banana com uma fulminante voracidade. No meu tempo, as crianças primeiro a lambiam. Chupava-se a banana como, hoje, o chica-bom. Eu estou descascando, radiante, a banana. E, súbito, paro. Na minha frente está um garoto, de cabelo à nazareno. Traz a merenda num papel amarrado com barbante, prateado ou dourado. Desfaz o nó sem pressa. Desembrulha. E lá estava, simplesmente, o sanduíche de ovo, o único sanduíche de ovo de todo o recreio.

> (Já contei este episódio umas dez vezes. Mas entendam: – reescrevê-lo dá-me uma desesperada euforia.) O garoto está à minha frente e não tira os olhos de mim (por minha vez, também não tiro os olhos dele). Ali começou a vergonha, ali começou a humilhação da banana. Uma professora apareceu e, por um momento, até invejou aquele afrontoso pão com ovo. Outros meninos, outras meninas olhavam também. Uma menina tinha uma lata pequena de biscoito. Mas a latinha perdeu longe para o sanduíche. A professora passou outra vez. Uma tristeza turvou o seu olhar. Tristeza e, mesmo, ressentimento por não estar comendo o pão com ovo. Digo isso e não sei se estou tecendo uma cruel fantasia retrospectiva. E, não contente, o menino deixava escorrer a gema como uma baba amarela. Era, como já escrevi, o *trauma*. Digo *trauma* e não lhe ponho um T maiúsculo por um certo pudor estilístico.
>
> Ora, depois disso, aconteceu o diabo. Dias, meses, anos já fluíram para a eternidade. Houve a guerra, Hiroxima. Mas a lesão da alma lá continua reservada, intacta, indiferente ao tempo e à bomba atômica. Escrevo isso e paro de bater a máquina.(Nelson Rodrigues. *O Reacionário: memórias e confissões)*

Desenvolva o tema que se segue, em dissertação de 450 a 600 palavras (valor: 60 pontos): Democracia e desigualdade.

EXEMPLO DE REDAÇÃO

Cláudia de Borba Maciel – (54/60)

A democracia está morta, vida longa à democracia! A euforia que se seguiu à queda do Muro de Berlim, com a proclamação da democracia e do mercado como valores universais, cedeu lugar à frustração pelo aprofundamento das desigualdades sociais e econômicas, tanto entre países como entre indivíduos. A vitalidade da democracia dependerá, portanto, da capacidade de criar novos mecanismos institucionais que reduzam a desigualdade, preservando a diversidade característica do mundo pós-moderno.

A tensão entre democracia e desigualdade remonta às origens da democracia moderna, entendida a partir da tradição revolucionária francesa ou da Revolução Americana. A primeira repousa na concepção de Rousseau sobre a "vontade geral" e a soberania popular: Os indivíduos são *fundamentalmente iguais em direitos e virtuosos e racionais quanto aos recursos morais. A vontade geral é uma construção coletiva que se manifesta de forma soberana, indivisível, infalível e não-delegável.*

A tradição liberal inaugurada por John Locke baseia-se na desigualdade original entre os homens. O bem comum é alcançado pela soma dos interesses individuais, sintetizada no conceito de "busca da felicidade". O princípio da representatividade e os esquemas institucionais de controle e equilíbrio ("checks and balances") são a base do sistema político, e não as qualidades morais do indivíduo.

Ao retomar a temática de Tocqueville sobre as restrições que a igualdade política impõe à liberdade na democracia americana, Robert Dahl propõe o modelo da "democracia econômica". O autor critica o "capitalismo de sociedade anônima" dos Estados Unidos, no qual a administração das corporações é centralizado e distante dos interesses sociais. A democracia econômica de Dahl introduz mecanismos de participação dos trabalhadores na gestão das empresas, de forma a incorporar elementos de igualdade política à esfera da liberdade econômica. Assim, o clássico dilema americano entre a máxima liberdade de propriedade e o ideal da plena igualdade seria relativizado.

De outra perspectiva, a crítica de Claus Offe caracteriza a alienação política como principal efeito da crise da democracia representativa. O crescente distanciamento entre eleitor e político conduz ao absenteísmo e mesmo ao cinismo em relação à política. A solução tentativa de Offe seria transferir a ênfase do processo político do momento de formação da vontade, seja ela um ente coletivo ou a soma de interesses particulares para a deliberação, ou seja, o voto.

Assim, a construção de mecanismos institucionais que busquem melhorar a qualidade do voto é preferível à extensão quantitativa do sufrágio. Liberar os cidadãos das restrições econômicas e culturais é tarefa fundamental para o aperfeiçoamento da democracia.

Considerados estes argumentos, deduz-se que restam recursos à democracia para responder ao desafio da desigualdade. É saudável, também, em um mundo pós-industrial em que as identidades são cada vez mais afirmadas "pelo que somos e não pelo que fazemos" (conforme Alain Touraine), preservar o espaço político para a desigualdade, entendida não como exclusão, mas como diversidade. A democracia, com todas as suas imperfeições, permanece "a pior forma de governo – com exceção de todas as outras", como ensinou Winston Churchill.

EXEMPLO DE PROVA (concurso de 1997)

Leia os textos que se seguem.

Texto nº 1 – *Yes*, nós temos *halloween*

Em pleno Brasil lindo e trigueiro havia lojas na semana passada vendendo uniforme de bruxa

Agora sim. Agora vamos. Um importante passo no rumo da inserção do Brasil no Primeiro Mundo foi dado nos últimos anos com o início da celebração, por aqui, da festa conhecida como *halloween*. Sim, já há *halloween* no Brasil. Em pleno Brasil lindo e trigueiro, para não dizer inzoneiro, este Brasil brasileiro, terra de vatapá, caruru e mungunzá, havia na semana passada lojas vendendo roupas e chapéus de bruxa. Escolas promoviam festas alusivas à data. Casas noturnas anunciavam bailes comemorativos.

Crianças invadindo as casas e pedindo doces, senão fazendo malvadezas: “Me dê um trato ou faço uma traquinagem!” Abóboras ocas, chapéus cônicos, vassouras voadoras. Dá para acreditar que isso esteja ocorrendo no Brasil, até ontem tão atrasado? Para os leitores que não sabem o que *é halloween*, pois nem tudo é perfeito, ainda, no Brasil, trata-se daquele evento, na véspera do Dia de Todos os Santos, com o qual os americanos celebram o Dia das Bruxas. Pois agora já estamos quase iguais aos americanos. Temos *halloween. Yes*, nós temos *halloween*.

O fenômeno por enquanto circunscreve-se às áreas chiques de São Paulo, Rio de Janeiro e outras cidades. O povão ainda não chegou lá. Na verdade, o povão sempre chega atrasado. Em seu meio, ainda nem existe o hábito de colar adesivos com gracejos em inglês no automóvel. A rigor, a grande maioria nem tem automóvel. Portanto, mesmo se fosse a Miami e comprasse um adesivo, não teria onde colar.

O halloween veio culminar uma série de avanços ultimamente experimentados pela boa sociedade brasileira. Já há lugares onde se pode pedir sorvete de *vanilla*, muito superior ao de *baunilha*. As redes de sorveteria La Basque e Babuska oferecem *vanilla*. Mesmo que a palavra seja de origem espanhola, foi incorporada pela língua inglesa, e os americanos a utilizam. Vale dizer que, no La Basque e na Babuska, toma-se sorvete em inglês, o que impressiona muito mais ao paladar. Também há lojas que anunciam *sales* e oferecem produtos com preços 10% *off*, ou 20% *off, o* que é muito mais vantajoso do que uma simples *liquidação* que ofereça descontos equivalentes. E já se pode ligar para, uma pizzaria que *faça* *delivery,* em vez de *entrega,* sem falar na inominável venda para *viagem.* Com a *delivery*, garantem-se rapidez e segurança no percurso.

Em certas esquinas de shopping center, olha-se em volta e só se vê inglês. Mergulha-se então na magia dos *Ws e Ys,* na simpatia do *S.* Esse Brasil, sim, dá gosto. Ele fazia por merecer o *halloween*, que mesmo que fosse só uma palavra, sem significado, já nos conduziria a um mundo de encantamento, com sua formidável carga de *Ls e Es* duplos, enriquecido ainda por um W e um H como deve ser, não mudo e inútil, mas trabalhado desde o fundo da garganta, sem medo de ser ouvido. O Brasil que dá gosto é aquele que não parece Brasil. Não. O Brasil que dá gosto é aquele que não só não parece o Brasil, mas parece os Estados Unidos. É a este que, como numa vassoura de bruxa, nos transporta o *halloween.*

Talvez o leitor tenha desconfiado de que se tentou fazer ironia, neste texto. Mas talvez não, dadas as deficiências do escriba. Então vai-se direto ao ponto: festejar o *halloween,* no Brasil, é coisa de basbaques. Assim como saborear "vanilla", vender "off" e despachar "delivery", É coisa de imitadores. Ainda se fosse para imitar o que a civilização americana tem de fundamental, como o respeito à lei e à ética do trabalho, vá lá. Mas não – é para imitar pela rama, ciscando no que há de estéril e superficial. Ora, imitar, macaquear, querer igualar-se àquele que se considera superior pelas vãs artimanhas do arremedo não é apenas confessar-se inferior, nem falsificar-se a si mesmo como outros falsificam uísque. Antes, é uma das mais antigas e consistentes formas de ser tolo. (Roberto Pompeu de Toledo. *Veja*, 06/11/96)

Texto nº 2 – Entre Palavras

Entre coisas e palavras – principalmente entre palavras – circulamos. A maioria delas não figura nos dicionários de há 30 anos, ou figura com outras acepções. A todo momento impõe-se tomar conhecimento de novas palavras e combinações de.

Você que me lê, preste atenção. Não deixe passar nenhuma palavra ou locução atual, pelo seu ouvido, sem registrá-la. Amanhã, pode precisar dela. E cuidado ao conversar com seu avô; talvez ele não entenda o que você diz.

O malote, o cassete, o "spray", o fuscão, o copião, a Vemaguet, a chacrete, o linóleo, o "nylon", o "nycron", o ditafone, a Informática, a dublagem, o sinteco, o telex... existiam em 1940?

Ponha aí o computador, os anticoncepcionais, os mísseis, a motoneta, a Velo-Solex, o biquíni, o módulo lunar, o antibiótico, o enfarte, a acupuntura, a biônica, o acrílico, o tá legal, o “apartheid”, o som “pop”, a arte “op”, as estruturas e a infra-estrutura.

Não esqueça também (seria imperdoável) o Terceiro Mundo, a descapitalização, o desenvolvimento, o unissex, o bandeirinha, o “mass media”, o Ibope, a renda “per capita”, a mixagem.

De passagem, anote a reunião de cúpula, a minicopa, a conjuntura, o Porcão, a Reflexologia, a ioga, o iogurte, os alucinógenos, o morfema, o semantema, o estocástico, o ergódigo e o markoviano.

Só? Não. Tem seu lugar ao sol a metalinguagem, o servomecanismo, as algias, a coca-cola, o superego, a Futurologia, a homeostatia, a Adecif, a Transamazônica, a Sudene, o Incra, a Unesco, o ISOP, a OEA e a ONU.

Estão reclamando porque não citei a conotação, o conglomerado, a diagramação, o ideologema, o idioleto; o ICM, a IBM, o falou, as operações triangulares, o “zoom” e a guitarra elétrica.

Mas por sua vez se esqueceram de lembrar chuchu-beleza, ecumenismo, tremendo barato, monema, parâmetro, gerontologia, genocídio, cronograma, PIB, política habitacional, gol de letra, mercado fracionário de balcão.

Olhe aí na fila – quem? Embreagem, defasagem, barra tensora, vela de ignição, engarrafamento, Detran, poliéster, parafernália, filhotes de bonificação, letra imobiliária, conservacionismo, “carnet” da girafa, poluição.

Mas há de haver espaço para setorial, tônica, mafagafe (José Cândido de Carvalho descobriu um ninho deles, e diverte-nos com a descoberta, em delicioso livro), complexo de castração, inseminação artificial, “napalm”, ovos de codorna, teste de Cooper, sesquicentenário, didascália, passarela, gelo-baiano.

E o vestibular para milhões? O cursinho e o cursilho? O mestrado? Ah, faltava a análise-sinótica do mapa meteorológico. A custódia de títulos nominativos. O transplante, variadíssimo e nem sempre letal. A implantação e os implementos industriais. O audiovisual e seus flanelógrafos, para uso de aloglotas. A macrobiótica, pois não. E o “offset”.

Fundos de investimento, e daí? Também os de incentivos fiscais. “Know-how”. Barbeador elétrico de 90 microrranhuras. Fenolite. Baquelite. LP e compacto. Alimentos supergelados. Viagens pelo crediário. Circuito fechado de TV na Rodoviária. “Argh!” “Pow!” “Click!”

Não havia nada disso no jornal do tempo de Venceslau Brás, ou mesmo de Washington Luís. Algumas dessas coisas começam a aparecer sob Getúlio Vargas. Hoje estão ali na esquina, para consumo geral. A enumeração caótica não é invenção crítica de Leo Spitzer. Está aí, na vida de todos os dias. Entre palavras e combinações de palavras circulamos, vivemos, morremos, e palavras *somos,* finalmente, mas com que significado, que não sabemos ao certo? (Carlos Drummond de Andrade. *De notícias e não notícias faz-se a crônica)*

Texto nº 3 – Português do Brasil *versus* português de Portugal: as querelas

(...) Vamos ler algumas opiniões sobre a questão de haver uma ou duas línguas portuguesas. Tais especulações são, em geral, carregadas de nacionalismo exacerbado, para um ou para outro lado. Iniciemos pela de Câmara Júnior:

“Como quer que seja, as discrepâncias de língua padrão entre Brasil e Portugal não devem ser explicadas por um suposto substrato tupi ou por uma suposta profunda influência africana, como se tem feito às vezes. Resultam essencialmente de se achar a língua em dois territórios nacionais distintos e separados.

A partir do período clássico, em que o português se implantou no Brasil, cada país teve a sua evolução lingüística, nem sempre coincidente uma com a outra, apesar das estreitas relações de vida social e cultura. (...)

O problema do português popular e dialetal do Brasil é, naturalmente, outro. Nele podem ter atuado substratos indígenas, não necessariamente, tupi, e os falares africanos, na estrutura fonológica e gramatical. Também se verificaram, por outro lado, sobrevivências de traços portugueses arcaicos, que não se eliminaram de áreas isoladas ou laterais em relação às grandes correntes de comunicação da vida colonial. A imensa vastidão do território brasileiro e as modalidades de uma exploração intermitente e caprichosa já propiciavam, aliás, por si sós, uma complexa dialetação, que ainda está por se estudar cabalmente”.

A posição de Câmara Junior, poderíamos dizer, é objetiva e neutra: nela está presente a preocupação científica do lingüista que preconiza, fundamentalmente, a evolução natural para um e outro sistema, em territórios geográficos distintos. Tal não é a neutralidade científica encontrada em Ribeiro (1933). Nessas breves passagens do texto de Ribeiro, *A língua nacional,* fica clara a posição apaixonada que o autor assume em relação à unidade brasílica do português americano. Vejamos:

“Parece todavia incrível que a nossa Independência ainda conserve essa algema nos pulsos, e que a personalidade de americanos pague tributo à submissão das palavras. (...)

A nossa gramática não pode ser inteiramente a mesma dos portugueses. As diferenciações regionais reclamam estilo e método diversos. (...)

Trocar um vocábulo, uma inflexão nossa, por outra de Coimbra, é alterar o valor de ambos a preço de uniformidade artificiosas e enganadoras. (...)

Não podemos, sem mentira e sem mutilação perniciosa, sacrificar a consciência das nossas próprias expressões.

Corrigi-las pode ser um abuso que afete e comprometa a sensibilidade imanente a todas elas.

Os nossos modos de dizer são diferentes e legítimos e, o que é melhor, são imediatos e conservam, pois, o perfume do espírito que os dita".

Temos, assim, no testemunho de João Ribeiro, uma defesa da língua brasileira nacional como marca da independência do povo brasileiro: uma exaltação à alma e ao espírito brasileiros, libertos, via língua, das amarras que os prendiam ao reino português. Se é veemente e exacerbada a glorificação da língua brasileira nacional defendida por Ribeiro, não menos veemente e exacerbado é o depoimento de José Pedro Machado em O *português do Brasil.*

Este texto que ora leremos foi escrito como uma resposta indignada a um pronunciamento do poeta Cassiano Ricardo, lido a 30 de janeiro de 1941, frente à Academia Brasileira de Letras, intitulado "A Academia e a língua brasileiras', partes do qual aparecem transcritas no livro de Machado e que retomaremos para melhor explicitar a posição "lusitana" do último. Em primeiro lugar, pois, as palavras de Cassiano Ricardo:

"A glória de Portugal nada tem que ver com a língua falada pelo povo brasileiro. Muito ao contrário, é na língua falada pelo brasileiro que melhor havemos de celebrar a glória de Portugal.

Se os filólogos portugueses são os primeiros a reconhecer, com absoluta lealdade, que falamos um dialecto do português e, portanto, uma língua que se destacou de sua origem peninsular, não poderemos nós ser mais realistas do que o rei, ou, no caso, do que os reis da lingüística portuguesa. (...)

Glorifiquemos, assim, as duas línguas e não somente a portuguesa, criando direitos e obrigações recíprocas.

Não é possível anular o fenômeno lingüística no Brasil; muito menos transigir num assunto que tanto interessa à formação nacional".

E, em seguida, o depoimento de Machado:

“Não foi pequeno o eco do discurso do Sr. Cassiano Ricardo. Os jornais publicaram-no integralmente e até o *Estado de São Paulo* procedeu a um inquérito entre alguns publicistas e intelectuais brasileiros.

Como tem sucedido várias vezes, também aqui as opiniões se dividiram: para um lado os defensores do *idioma brasileiro,* para o outro os seus adversários.

Infelizmente não se lembraram de tomar aquela atitude que, afinal, parece tão evidente, tão lógica, que muito surpreende não ter sido a adaptada: em vez de se ouvirem pessoas, com certeza distintas nas suas especialidades, mas pouco versadas nesta, por que não se pediu a opinião dos filólogos? (...)

O facto de não considerar *língua brasileira,* mas dialectos brasileiros, não quer dizer que eu ponha em dúvida a justiça da independência brasileira (o que seria estupidamente absurdo), nem tão-pouco ofender os brios patrióticos dos nossos irmãos de além-Atlântico.

Devemos, no entanto, afastar todos os sentimentos para alcançar um objecto que, sem essa medida prévia, aparecerá diante dos nossos olhos rodeado de espessas névoas ou deturpado. (...)

Eu sou da opinião de Sílvio Elia: ‘A fuga para a Europa ou o recolhimento na taba do índio são duas soluções cômodas, mas em desacordo com o ser nacional’ ”.

O texto de Machado fala por si mesmo. O posicionamento que o autor assume em tomo de uma política lusitana da língua portuguesa ecoa em cada passagem, embora ele procure enfatizar o poder decisório dos filólogos que poria fim a discursos, como o proferido pelo poeta. E é justamente em um breve comentário sobre Cassiano Ricardo, que Machado mais fortemente revela seu descaso pelos que apregoam a existência de uma língua brasileira nacional individuada.

“Lembro que o nome do ilustre acadêmico não é, nem pode ser, desconhecido. Trata-se de um poeta, cuja glória foi coroada com aquele admirável *Martim Cererê,* dedicado ao Brasil-menino. Nessas páginas, ao lado da simplicidade tão bela, aparece-nos um português razoável.

Por isso, ocorre perguntar: *Por que não emprega o delicado poeta nas suas obras uma língua absolutamente diferente da minha?*

Além de justificar a existência do ‘dialecto dignificado’, tornava-se coerente com o teor do discurso feito na Academia Brasileira”. *(Ênfase* acrescida pelo autor.)

Temos, pois,... quatro diferentes posições sobre a questão da língua nacional.” (F. T. *Tempos Lingüísticos:itinerário histórico da língua portuguesa)*

Desenvolva o tema que se segue em dissertação de 450 a 600 palavras (valor: 60 pontos): Nacionalismo e globalização: o papel da cultura e a política do idioma.

EXEMPLO DE REDAÇÃO

Giuliana Sampaio Ciccu (49/60)

A cultura é o principal elemento em que se baseia o conceito de nação. Profundamente arraigada nas diversas sociedades, cada cultura tem condições, de manter sua individualidade, a despeito do intercâmbio progressivamente maior entre os países, decorrente do processo de globalização. O Estado tem um papel a cumprir para assegurar esta permanência: cabe a ele providenciar acesso à educação e incentivar as manifestações culturais genuínas do povo.

Desde as unificações italiana e alemã, alguns fatores têm sido considerados fundamentais para que um Estado possa ser propriamente considerado como tal. Somente quando há entre o povo um nível mínimo de homogeneidade poderá haver estabilidade suficiente para que a unidade política se mantenha. Assim, história, religião, raça e, em especial, língua comuns são indispensáveis para que surja um sentimento de identidade que caracterize e particularize uma nação. A história fornece várias evidências da fragilidade de um Estado constituído na ausência de um substrato cultural comum. A antiga Iugoslávia, por exemplo, esfacelou-se logo após o fim do regime comunista do Marechal Tito, que mantinha o país unido por meio da força. A fragmentação observada ocorreu sobretudo em virtude das diferenças religiosas e culturais entre os povos que habitavam aquele território.

A identidade cultural é, portanto, essencial para a vida do Estado. Com o fim da Guerra-Fria, acelerou-se o processo de globalização, tanto nos planos econômico e político quanto no âmbito cultural. No Brasil, a influência estrangeira começou a evidenciar-se de maneira mais pronunciada, principalmente no que diz respeito à presença da língua inglesa. Vocábulos ingleses passaram a ser utilizados, mesmo quando há termos correspondentes na língua nacional. Tal influência, embora não configure ameaça à cultura brasileira não pode tampouco ser considerada positiva. Alguns países, como a França, adotaram métodos legais para pôr fim à tendência, elaborando lei que proíbe o uso do inglês em diversas ocasiões.

Esta, porém, não parece ser a solução mais adequada para o problema.

O melhor caminho para garantir a unidade cultural é a educação. Um povo que conheça suas tradições e sua história certamente encontrará motivos para se orgulhar do patrimônio que herdou e não sentirá necessidade de adotar ou imitar outras culturas. Permitirá somente o intercâmbio natural, com mútuas influências, que caracteriza uma cultura viva.

Estabelecer contatos permanentes com povos de cultura semelhante é igualmente importante para estimular a consciência cultural de cada povo. Desse modo, a criação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, reunindo os sete países lusófonos do mundo, representa iniciativa de grande relevância e deve ser prioritária no plano da política do idioma. Não se trata de anular o que há de específico no português falado na Europa, América e África, mas de ressaltar significativo traço cultural que aproxima os diversos países.

Não há motivos, portanto, para temer os efeitos da globalização sobre a cultura nacional. Desde que o Estado contribua de modo eficaz para estimular a consciência cultural do povo, esta tende a manter-se, ainda que haja intensos contatos com outras culturas.

EXEMPLO DE PROVA (concurso de 1998)

Leia os textos que se seguem:

Texto nº 1 – Fazedores de desertos

É natural que todos os dias chegue do interior um telegrama alarmante denunciando o recrudescer do verão bravio que se aproxima. Sem mais o antigo ritmo, tão propício às culturas, o clima de S. Paulo vai mudando.

Não o conhecem mais os velhos sertanejos afeiçoados à passada harmonia de uma natureza exuberante, derivando na intercadência firme das estações, de modo a permitir-lhes fáceis previsões sobre o tempo.

As suas regras ingênuas enfeixadas em alguns ditados que tinham, às vezes, rigorismo de leis falham-lhes, hoje, em toda a linha: passam-lhes, estéreis, as luas novas trovejadas; diluem-se-lhes como fumaradas secas as nuvens que ao entardecer abarreiram os horizontes; varrem-lhes as ventanias súbitas a poeira líquida das neblinas que se adensam de manhã, pelo topo dos outeiros; e em plena primavera, agora, sob o alastramento das soalheiras fortes, o aspecto de suas plantações, esfolhadas e esfloradas, principia a ser desanimador, revelando, antes do estilo franco, esse período máximo à vida vegetativa que, nos países quentes, está no desequilíbrio entre a evaporação intensa pelas folhas e a absorção escassa, e cada vez menor, pelas raízes. (...)

Mas é natural o fenômeno. Nem é admissível que ante ele se surpreendam os nossos lavradores, primeiras vítimas dessa anomalia climática.

Porque há longos anos, com persistência que nos faltou para outros empreendimentos, nós mesmos a criamos.

Temos sido um agente geológico, nefasto, e um elemento de antagonismo terrivelmente bárbaro da própria natureza que nos rodeia.

É o que nos revela a história.

Foi a princípio um mau ensinamento do aborígine. Na agricultura do selvagem era instrumento preeminente o fogo. Entalhadas as árvores pelos cortantes *dgis* de diorito, e encoivarados os ramos, alastravam-lhes por cima as caitaras crepitantes e devastadoras. Inscreviam, depois, em cercas de troncos carbonizados a área em cinzas onde fora a mata vicejante; e cultivavam-na. Renovavam o mesmo processo na estação seguinte, até que, exaurida, aquela mancha de terra fosse abandonada em *caapuera*, jazendo dali por diante para todo sempre estéril, porque as famílias vegetais, renovadas no terreno calcinado, eram sempre de tipos arbustivos diversos das da selva primitiva. (...)

Veio depois o colonizador e copiou o processo. Agravou-o ainda com se aliar ao sertanista ganancioso e bravo, em busca do silvícola e do ouro.

Afogada nos recessos de uma flora que lhe abreviava as vistas e sombreava as tocaias do tapuia, dilacerou-a, golpeando-a de chamas, para desvendar os horizontes e destacar, bem perceptíveis, tufando nos descampados limpos, as montanhas que o norteavam balizando a rota das bandeiras.

Atacaram a terra nas explorações mineiras a céu aberto; esterilizaram-na com o lastro das grupiaras; retalharam-na a pontaços de alvião; degradaram-na com as torrentes revoltas; e deixaram, ao cabo, aqui, ali, por toda a banda, para sempre áridas, avermelhando nos ermos com o vivo colorido da argila revolvida, as *catas* vazias e tristonhas com o seu aspecto sugestivo de grandes cidades em ruínas...

Ora, tais selvatiquezas atravessaram toda a nossa história.

Mais violentas no Norte, onde se firmou o regímen pastoril nos sertões abusivamente sesmados, e desbravados a fogo – incêndios que duravam meses derramando-se pelas chapadas em fora – ali contribuíram para que se estabelecessem, em grandes tratos, o regímen desértico e a fatalidade das secas.

O sul subtraiu-se em parte à faina destruidora, que o próprio governo da metrópole, em sucessivas cartas régias, procurou refrear, criando mesmo juizes conservadores das matas que impedissem a devastação.

O mesmo sistema de culturas largamente extensivas, porém, as lavouras parasitárias arrancando todos os princípios vitais da terra sem lhes restituir um único, foram, pouco a pouco, remodelando-lhe as paragens mais férteis, transmudando-as e amaninhando-as. (...)

As conseqüências repontam, naturais.

A temperatura altera-se, agravada nesse expandir-se de áreas de insolação cada vez maiores pelo poder absorvente dos nossos terreno s desnudados, cuja ardência se transmite por contacto aos ares, e determina dois resultados inevitáveis: a pressão que diminui tendendo para um *minimum* capaz de perturbar o curso regular dos ventos, desorientando-os pelos quatro rumos do quadrante, e a umidade relativa que decresce, tornando cada vez mais problemáticas as precipitações aquosas.

De sorte que o sueste – regulador essencial do nosso clima – depois de transmontar a Serra do Mar, onde precipita grande cópia de vapores, ao estirar-se pelo planalto, vai encontrando atmosfera mais quente do que dantes, cujo efeito é aumentar-lhe a capacidade higrométrica, diminuindo na mesma relação as probabilidades de chuvas.

São fatos positivos, irrefragáveis, e bastam para que se explique a alteração de um clima.

Mas apontemos um outro.

Neste entrelaçamento de fatores climáticos, introduzimos um – artificial e de todo fora das indagações meteorológicas normais – a queimada.

É transitória, mas engravece os perigos.

De feito, a irradiação noturna contrabate a insolação: a terra devolve aos céus o excesso de calor acumulado; resfria; e o orvalho decorrente ilude de algum modo a carência das chuvas.

Ora, as queimadas impedem esse derivativo único.

As colunas de fumo, rompentes de vários lugares, a um tempo, adensam-se no espaço e interceptam a descarga do solo. Desaparece o sol e o termômetro permanece imóvel ou, de preferência, sobe. A noite sobrevém em fogo: a terra irradia com um sol obscuro, porque se sente uma impressão estranha de faúlhas invisíveis, mas toda a ardência reflui sobre ela recambiada pelo anteparo espesso da fumaça; e mal se respira do bochorno inaturável em que toda a adustão golfada pelas soalheiras e pelos incêndios, se concentra numa hora única da noite. (...)

Hoje, Thomas Buckle não entenderia as páginas que escreveu sobre uma natureza que acreditou incomparável no estadear uma dissipação de força, *wantoness of power,* com esplendor sem par.

Porque o homem, a quem o romântico historiador negou um lugar no meio de tantas grandezas, não as corrige, nem as domina nobremente, nem as encadeia num esforço consciente e sério.

Extingue-as. (Euclides da Cunha. O *Estado de São Paulo*, 21/10/1901)

Texto nº 2 – O alerta da história

Como se acabou com mais de 90% da grande floresta do litoral brasileiro

Estréia neste verão, no sul da Bahia, uma ponte entre o passado e o futuro da Mata Atlântica. Tem 110 metros, a distância de um gol a outro no Maracanã. Programa para dez segundos, em campo aberto e velocidade olímpica. Mas ali a travessia, a passos regulados pelo balanço de uma ponte pênsil rangendo a 20 metros de altura, entre copas centenárias que meio século atrás atapetavam inteiramente o município de Una, o tempo tem outra medida. É contado em angelins, jequitibás, oitis, copaíbas, ipês, baraúnas, jueranas, louros, canelas e maçarandubas, cada árvore que, durante o trajeto, o olho leigo aprende a distinguir na barafunda verde da floresta. Naquele litoral, os naturalistas registraram há poucos anos o recorde planetário de 450 espécies vegetais por hectare. E, perto de lá, num inventário de 500 anos atrás, o escrivão Pero Vaz de Caminha atestou: “O arvoredo é tanto e tamanho e tão basto e de tanta qualidade de folhagem que não se pode calcular.”

Debruçada sobre essa amostra da eternidade, a passarela foi construída com doações internacionais e tecnologia canadense para que os visitantes contemplem por que aquela paisagem, pronta há 12 000 anos, está ameaçada de acabar em 2010, pela avaliação do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais do Sul da Bahia, uma ONG de Ilhéus. Diante do prognóstico, ela salvou da motosserra um pedaço de terra já destinado pelo Ibama à extração de madeira e o abriu ao turismo, tentando ensinar aos vizinhos que também por esperteza se pode conservar a Mata Atlântica. Salvaram-se 84 hectares. Uma área vinte vezes maior que a derrubada todo ano no município, onde paradoxalmente a floresta nativa brasileira começou a desaparecer depois que o Artigo 225 da Constituição estendeu sobre ela o título de “patrimônio nacional”. Até hoje o Congresso ainda não regulamentou o dispositivo de 1988. Se passar outra década discutindo a lei, em Una ela chegará tarde. (...)

Que ela [a Mata Atlântica] está quase acabando já se sabe, graças sobretudo ao aviso de outro americano, o historiador Warren Dean. Antes de morrer, em 1994, ele legou ao Brasil *A Ferro e Fogo,* um livro belo, intrincado e sombrio como a floresta úmida. Nele se aprende a História do Brasil como meio milênio de desertificação, num processo que vara todos os ciclos econômicos, desde que, em 1500, “os portugueses tropeçaram em um meio continente, movidos por cobiça e vaidade, sem se deixar levar por compaixão ou mesmo por curiosidade”. O Brasil que eles avistaram pela primeira vez era um litoral coberto por 3.500 quilômetros de mata exuberante, em uma faixa quase contínua com 1 milhão de quilômetros quadrados em que hoje cabem as fronteiras de dezessete Estados. Numa terra cujo cenário começou a amadurecer quando o resto do planeta ainda era triturado por glaciações e turbulências geológicas, a tripulação de Pedro Álvares Cabral inaugurou o machado na semana do descobrimento, cortando palmito para variar a dieta de bordo. A colonização começou com a coleta do pau-brasil. Depois, vieram cinco séculos de queimadas. A cana, o pasto, o café, tudo foi plantado nas cinzas da Mata Atlântica. Dela saiu a lenha para os fornos dos engenhos de açúcar, locomotivas termelétricas e siderúrgicas. Até o século passado, punha-se fogo em madeira de lei nativa e importava-se mogno das Antilhas. Sobrou menos de 8 % da paisagem avistada por Cabral há 500 anos. (Marcos Sá Corrêa. *Veja (Especial Amazônia),* 24/12/97)

Texto nº 3 – O patrimônio natural e o cultural: por uma visão convergente

A Constituição Brasileira, em seu Artigo 216, considera constituintes do patrimônio cultural brasileiro “os bens de natureza material e imaterial (...) portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. Esse artigo inclui como integrante desse patrimônio as formas de expressão, os modos de criar, fazer e viver. A mesma Constituição define como regiões prioritárias de conservação ambiental a Mata Atlântica, a Floresta Amazônica, o Pantanal e outros ecossistemas importantes, espaços territoriais onde existem subculturas importantes, como a dos caiçaras do litoral do Estado de São Paulo e Rio de Janeiro. O Estado implantou nessas áreas uma série de parques nacionais e reservas naturais que, pela legislação em vigor, levam à exclusão e mesmo reassentamento das comunidades e culturas tradicionais em outras áreas.

Essa política tem criado inúmeros conflitos entre a administração de parques e reservas e as comunidades tradicionais que, ainda presentes nessas áreas protegidas, são proibidas de exercer suas práticas econômicas e sociais. A prática de pequenas roças, o uso de tecnologias patrimoniais na pesca, no fabrico de farinha, na construção de canoas têm sofrido severas restrições, colocando em risco a própria reprodução social e simbólica dessas comunidades tradicionais cujos membros freqüentemente são forçados a migrar para as periferias pobres das cidades da região. Aí sofrem um processo de perda de sua identidade cultural, com o abandono de práticas simbólicas essenciais à sobrevivência do grupo. Essas práticas preservacionistas oficiais, impulsionadas por grupos ecológicos urbanos, desconhecedores das relações e práticas históricas destes grupos com o mundo natural, em grande parte responsáveis pela conservação das florestas e áreas costeiras, têm ocasionado a redução da diversidade cultural brasileira e contribuído para o aumento da degradação de matas e mares.

Na década de 80, a figura do *tombamento,* proposta pelo Serviço (Instituto) do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, foi também proposta, seja para preservar o patrimônio natural (o tombamento da Serra do Mar, das Ilhas do Litoral Paulista), seja para preservar o patrimônio cultural (tombamento das vilas caiçaras como as de Picinguaba e Icapara, nos municípios litorâneos paulistas de Ubatuba e Iguape, respectivamente). (...)

A idéia de patrimônio natural já figurava no Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, visando a proteger valores paisagísticos, “como sítios e paisagens que importe conservar e proteger pela feição notável com que tenham sido dotados pela natureza ou agenciados pela indústria humana” (Fonseca, 1996). Nesse sentido, o patrimônio natural tinha seu equivalente no primeiro parque nacional brasileiro, o de ltatiaia, criado nesse mesmo ano. Já em 1934, o Código Florestal definia parques nacionais como *monumentos naturais* destinados a proteger áreas de grande beleza cênica, com composição florística primitiva. (...)

A conservação do patrimônio natural e a do cultural não podem mais ser consideradas dois processos separados e opostos. O desafio maior é ainda o de conservar processos e produtos socioambientais que são dinâmicos e históricos. As culturas tradicionais não são peças de museus como sugerem alguns folcloristas, mas se encontram profundamente inseridas em formas de vida que subsistem, ainda que ameaçadas, em muitas regiões brasileiras, sobretudo em ecossistemas tidos até agora como marginais, como florestas, mangues e estuários.(Antônio Carlos Diegues. *Simpósio sobre Política Nacional do Meio Ambiente e Patrimônio Cultural)*

Desenvolva o tema que se segue, em dissertação de 450 a 600 palavras (valor: 60 pontos):

"Meio ambiente e patrimônio natural: os propósitos da preservação na construção do patrimônio nacional"

EXEMPLO DE REDAÇÃO (concurso de 1998)

César Augusto de Oliveira Sauer (51/60)

Há muito vem o Brasil a explorar, sem recorrer ao planejamento de longo prazo, os imensos recursos naturais disponíveis. O resultado de séculos de devastação ambiental pode ser percebido na mudança climática ora em curso em diversas regiões do País. A preservação do patrimônio natural, no entanto, não implica a renúncia ao aproveitamento econômico – tão caro ao patrimônio e à economia nacional. Saliente-se, ainda, que a estratégia governamental de proteger o meio ambiente e as culturas tradicionais não deve prescindir da educação e da fiscalização ambientais.

Os ciclos da economia brasileira ao longo da História revelam a maneira com que se tem tratado a questão ecológica. A extração do pau-brasil quase o levou à extinção, a economia açucareira devastou imensos tratos de Mata Atlântica no Nordeste, a mineração provocou voçorocas em regiões de Minas Gerais, a cultura do café tornou estéreis terras do Vale do Paraíba. Por último, durante o regime militar de exceção, a política, governamental de ocupação da Amazônia estimulou a criação extensiva de gado na região, acarretando o desmatamento de imensas áreas.

A solução para o impasse entre preservação ecológica e desenvolvimento econômico passa pelo aproveitamento racional dos recursos naturais. A pesca esportiva, tão difundida nos países ricos do Hemisfério Norte, não somente gera riquezas, como também não prejudica o ecossistema. A mesma lógica comercial e conservacionista aplica-se ao turismo. As florestas brasileiras são atrações turísticas em potencial à espera de encaminhamento adequado. O conseqüente aumento da renda da população local seria alcançado sem danos para o meio ambiente. O papel do Governo nessa questão é fundamental

Para fins de preservação ambiental, além da exploração planejada dos recursos naturais, mister se faz a educação do caboclo da Amazônia no que tange aos métodos de cultivo. Formas arcaicas de preparo do solo para o plantio devem ser abandonadas. Da mesma forma, a fiscalização por parte de órgãos governamentais desempenha relevante missão ao *reprimir atividades como o garimpo, a pecuária, a caça, a pesca e a extração de madeira que não obedeçam às normas vigentes de proteção ambiental*

Por fim, o patrimônio cultural, representado pelas comunidades tradicionais, merece todos os esforços para ser resguardado das investidas da civilização. Os irmãos Villas-Boas, ainda no governo de Getúlio Vargas já se preocupavam com a questão indígena. Havia, então, a necessidade de amenizar o contato entre civilizados e aculturados. A criação de parques e reservas para as culturas tradicionais tem representado atitude louvável por parte do Governo. Deve-se ressaltar, porém, a urgência de providências mais abrangentes, tais como: a garantia de liberdade para as práticas culturais dessas comunidades e, sobretudo, a proteção contra a influência externa do homem civilizado.

Por meio de uma estratégia criteriosa de preservação ambiental, o Brasil estará a caminho de reverter a tendência histórica de desenvolver-se às custas do meio ambiente. Esse novo modelo de desenvolvimento – chamado desenvolvimento sustentável – possibilitará não só a preservação dos patrimônios natural e cultural da Nação, mas também a provisão dos meios necessários para a prosperidade econômica.

EXEMPLO DE PROVA (concurso de 1999)

Leia os textos que se seguem:

Texto nº 1 – A ditadura do PC

Os americanos absolvem Clinton nas pesquisas mas deixam-se
asfixiar pelos códigos do politicamente correto

O escritor Norman Mailer e outros intelectuais revolucionários, tanto na arte quanto na política, em seu tempo diagnosticaram que a paranóia sexual nos Estados Unidos é apenas uma variante de um outro retrocesso: o movimento politicamente correto. “Ambos começaram como movimentos em favor da decência da sociedade e protetores dos mais fracos. Ambos degeneraram em fascismo”, diz Mailer. Uma pessoa politicamente correta, PC, não faz piadas racistas ou de conteúdo sexual e evita palavras que contenham insinuações culturais negativas. Há todo um dicionário de termos que são considerados corretos e devem ser rigidamente obedecidos pelos que não querem ser vistos como aberrações (*veja* quadro). Os negros americanos fizeram-se chamar de afro-americanos. Os índios, de nativos. E os gays preferem ser chamados de homossexuais – mas já foi o contrário, e é preciso ficar atento para não parecer politicamente incorreto.

Fosse apenas o pecado da palavra e estava tudo muito bem. O problema é que o PC, no afã de justiça cega que caracteriza o movimento, colocou nas universidades legiões de alunos despreparados e incapazes de aprender. Preteriram-se alunos brilhantes em favor de outros pouco dotados intelectualmente. Os escolhidos tinham como virtude acadêmica apenas o fato de ser negros, latinos, ou ser mulheres e estar grávidas. Também as empresas foram obrigadas a contratar levas de candidatos piores apenas porque eles se encaixavam no figurino politicamente correto. Nos últimos dois anos, tanto as universidades quanto as empresas conseguiram na justiça retomar um pouco do poder de admitir alunos e funcionários não com base em cotas étnicas, mas na boa e velha competência. “Para isso, quem não sabe, uma dica: os PCs são tão fanáticos quanto a juventude hitlerista”, lembra Camille Paglia. A origem filosófica do movimento pode ser encontrada, na verdade, em outra freguesia tão totalitária e dirigiste quanto a de Hitler, a China de Mao Tsé-Tung. A idéia de carimbar um adversário político ou qualquer pessoa indesejável ao regime com o selo de politicamente incorreto foi um poderoso instrumento de dominação ideológica utilizado por Mao. A idéia foi apropriada pelos militantes das minorias étnicas dos Estados Unidos, em seguida caiu no gosto das feministas radicais e dos estudantes politizados. O escritor David Horowitz, autor de *Radical Son* (Filho Radical), livro lançado em abril nos Estados Unidos e que faz uma das melhores análises dos descaminhos da esquerda americana, levanta um ponto interessante. Horowitz espanta-se com o fato de que o politicamente correto, embora seja na raiz um movimento de esquerda radical, se viabilizou no país com a ,ajuda de algumas das mais conservadoras instituições americanas, as grandes empresas e as fundações de apoio ao ensino e pesquisa. (Eurípedes Alcântara. *Veja*, 26 de agosto, 1998)

Novilíngua

Analfabeto – marginalizado em relação à cultura eurocêntrica
Animal selvagem – não-humano que vagueia livremente
Antiaborto – pró-vida
Branco – pobre em melanina
Corrupto – eticamente diferente
Feio – cosmeticamente diferente
Fome – déficit nutricional
Gastador – poupador negativo
Gordo – generosamente modelado
Podre – economicamente marginalizado
Politicamente correto – a própria expressão deixou a ser “politicamente correta”. Melhor usar culturalmente sensível
Prisioneiro – cliente do sistema correcional
Saqueador – consumidor não-tradicional
Viciado em drogas – privado de sobriedade

Texto nº 2 – Exclusão semântica

Quando o primeiro foguete espacial Ariane 5 explodiu no lançamento, a comunicação ao público foi a seguinte pérola, que porta -voz algum faria melhor: “O vôo do Ariane 5 não resultou na validação do novo vetor europeu”. E de um coronel da Força Aérea americana temos a seguinte, a respeito dos aceleradores dos foguetes, mimosos objetos pesando 135 toneladas: “Eles exercem uma força explosiva no impacto sobre uma superfície que é suficiente para exceder o limiar aceito de sobrepressão dos danos fisiológicos ao pessoal exposto”. Eu, matogrossense simplório, imaginaria que, se caísse sobre a cabeça de alguém, causaria um belo galo...

Exemplos divertidos não faltam por aí, e muitos estudiosos sérios descobrem o humor involuntário desses convolutos exercícios de expressão. Mas o assunto da semântica vai muito além da brincadeira. Não sem motivo, um dos grandes lingüistas deste século, D. Bolinger, deu a um de seus livros este extraordinário título: “Linguagem, uma Arma Carregada”, que foi naturalmente muito aperfeiçoada pelos totalitarismos e autoritarismos de todos os sexos imagináveis, desenvolvidos, subdesenvolvidos ou neutros. E ninguém se especializou mais na criação de slogans do que as esquerdas, de Lênin ao “Grande Pai” Stalin. As esquerdas brasileiras não ficaram atrás, a ponto de o presidente Castello Branco lhes reconhecer três capacidades especiais: de organizar manifestações de rua, desorganizar a economia e fabricar slogans.

E, para ninguém dizer que só se distinguiram aquelas grandes figuras de esquerda, a CNN acaba de informar que o presidente Clinton e os líderes da maioria republicana no Congresso americano, Trent Lott e Newt Gringrich, receberam do Conselho Nacional dos Professores de Inglês o “Prêmio Nacional da Dupla Fala” (*Doublespeak*), pela linguagem escorregadia e ambígua com que descreveram o acordo deste ano sobre o orçamento equilibrado (que se vai traduzir no ,aumento do endividamento federal).

Como se sabe, quem primeiro usou o termo “dupla fala”, em conexão com os crimes de pensamento, foi George Orwell, o grande escritor inglês, cuja firme integridade o levou, primeiro, a lutar de armas na mão pela causa da esquerda nos campos de batalha da Guerra Civil Espanhola, e, depois, a denunciar as traições e intrigas das facções a serviço soviético. Isso lhe custou ser vítima de um dos mais canalhas “patrulhamentos” da intelectualidade socialista do tempo. (Roberto Campos. *Folha de S. Paulo,* 29 de novembro de 1998)

Texto 3 – Cegueira brasileira

O politicamente correto não ridiculariza os EUA, como se pensa comumente

É surpreendente a facilidade com que, no Brasil, especialmente nos meios jornalísticos e entre intelectuais, idéias preconcebidas, fantasiosas e supostamente críticas se generalizam e acabam, por absoluta falta de contestação, ganhando o *status* de realidade.

Um dos exemplos mais impressionantes do desconhecimento travestido de senso crítico é a imagem que se criou, entre nós, do que seja a sociedade norte-americana e, particularmente, do que significa, nos EUA, o politicamente correto. Supõe-se, em geral, que o país – tratado, freqüentemente, como um bloco indiferenciado – esteja inteiramente dominado por leis repressivas que cerceiam a liberdade individual, enrijecem as relações entre homens e mulheres, abalam a espontaneidade e destroem o senso de humor.

Do que exatamente estamos falando, quando nos referimos ao politicamente correto? Trata-se somente de uma série de normas que asfixiam o vocabulário, restringem as relações interpessoais e substituem a competência pelo sistema de cotas? Alguém acredita, de fato, que a sociedade norte-americana passou a se devotar, gratuitamente, o exercício da autocontenção e à disseminação de um vocabulário repleto de ridículos eufemismos? Não é curioso, senão melancólico, o fato de repetirmos os mesmos velhos comentários, pretensamente argutos, sobre o politicamente correto, tantos anos depois de o debate ler-se iniciado e diversificado nos EUA?

Para evitar a hegemonia de uma visão unilateral, sugiro abordarmos o tema de forma um pouco menos provinciana: em primeiro lugar, não podemos esquecer que, a despeito de todos os seus efeitos perversos, a discussão em torno do politicamente correto diz respeito a problemas que, no Brasil, temos enorme dificuldade em enfrentar, como a discriminação racial, a violência doméstica, a violência de gênero, a homofobia e o etnocentrismo, por exemplo. Os abusos que têm ocorrido na América do Norte, perpetrados em nome dos direitos civis, vêm sendo, freqüentemente, confundidos, por nossa ignorância ilustrada, com a própria substância dos movimentos em torno desses direitos.

O fato de centenas de milhares de mulheres terem rompido o muro de silêncio da violência doméstica e das agressões sexuais e o fato de os afro-americanos terem tido acesso a posições que dificilmente alcançariam em outros tempos parece ter sido obscurecido por uma dezena de histórias bizarras que, generalizadas, passaram a refletir a sociedade dos EUA em sua totalidade.

Quando penso em “os americanos”, não vejo apenas os homens brancos, protestantes, com bandeiras nacionais tremulando na porta de casa, ou as feministas ensandecidas que a imprensa brasileira costuma destacar e generalizar (o que é lamentável, em se tratando de um cenário caracterizado exatamente pela multiplicidade de feminismos). A sociedade norte-americana é tudo menos homogênea e, tampouco, estática. Ao contrário, trata-se de uma sociedade profundamente experimental, no que concerne ao comportamento e às normas que procuram regulá-lo. Falar em “os americanos”, desconsiderando a diversidade cultural de um país com enorme população de afro-americanos, asiáticos e hispânicos, entre tantos outros, é um “ato falho” que reflete não só o desconhecimento das dinâmicas culturais, mas, sobretudo, a necessidade de construir um modelo reduzido e simplificado de classificação dos fenômenos sociais.

Camille Paglia e Norman Mailer, críticos radicais do politicamente correto, representam apenas uma faceta de um debate intenso e de uma mobilização permanente, que a mídia brasileira sempre esquece de noticiar, quando retrata, unilateralmente, a chamada “ditadura do politicamente correto”. Os casos que continuam a ser noticiados no Brasil, anos depois de ocorridos, como o do menino processado por beijar a coleguinha na escola, são também na América do Norte considerados ridículos e extremados. Mas insiste-se, no Brasil, em reproduzi-los como se fossem ilustrações vivas da camisa-de-força em que vivem “os americanos”.

Houve e ainda há exageros, radicalismos e absurdos, ninguém nega. Esquece-se, entretanto, de que os efeitos perversos e as ameaças às liberdades individuais – fontes legítimas de inquietação – aconteceram em decorrência de mudanças profundas que beneficiaram parcelas significativas da população, ampliando, como nunca, o universo da cidadania.

Nos EUA, o desafio já está posto há algum tempo e a sociedade discute intensamente os limites da regulação do comportamento e a redefinição das fronteiras entre o público e o privado. Enquanto ainda supomos que o país se deixa dominar por uma nova ortopedia social, “os americanos” já mobilizam poderosas reações, vivem confrontos, recuos, retrocessos e reafirmações e desenvolvem novos organismos destinados tanto a combater os excessos quanto a restaurar antigas prerrogativas.

Há, portanto, um processo dinâmico de debates permanentes que insistimos, no Brasil, em não enxergar. Confunde-se, aqui, a confortável inércia e a resistência à mudança, com a suposta espontaneidade de um modelo criativo de convívio entre dessemelhantes. Agarramo-nos infantilmente às falhas e aos excessos de uma experiência capaz, no limite, de ameaçar e desalojar velhos privilégios, para construir a imagem primitiva e cristalizada, de um país que estaria dominado pelo radicalismo conservador e falta de imaginação. Para quem acha graça em piadas racistas e precisa delas para alimentar seu senso de humor, uma sugestão: que tal se divertir com a enxurrada de piadas sobre o politicamente correto, popularizadas nos Estados Unidos e incorporadas, espertamente, ao poderoso mercado editorial? (Barbara Musimeci Soares. *Folha de S. Paulo,* 13 de dezembro de 1998)

Desenvolva o tema: Semântica, comportamento e discriminação positiva: até onde ir no "politicamente correto"?

– extensão: de 450 a 600 palavras
– valor: 60 pontos

EXEMPLO DE REDAÇÃO

Daniel Roberto Pinto (47/60)

O filósofo e ensaísta George Steiner observou certa vez que os artigos e livros publicados em alemão após a Segunda Guerra Mundial não mais atingiam os picos de graça e criatividade da fecunda primeira parte do século. (A maior, obra-prima do pós-guerra neste idioma Dr. Faustus, de Thomas Mann, foi redigido num estilo original inspirado no alemão arcaico). Isto se devia segundo Steiner, à contaminação do idioma pelo seu uso como língua oficial do Terceiro Reich: palavras como "relâmpago", "solução final", "tratamento", comuns e necessárias no dia-a-dia, passaram a adquirir outras conotações, por vezes mórbidas. À semântica é implacável, e sua vingança não tarda.

Sim, as palavras, com suas denotações e conotações, influenciam o pensamento e, portanto, também o comportamento. Todos conhecemos o efeito de expressões como "negro correndo é ladrão", "judeu é pão-duro" e "lugar de mulher e é na cozinha" sobre a carga semântica das palavras negro, judeu e mulher. Fica, em conseqüência, alterada a nossa percepção do outro, o que acabará se refletindo em nosso comportamento. Justifica-se, portanto, o combate a estas expressões pejorativas, pela erradicação *do seu uso na nossa linguagem cotidiana ou até em manuais escolares, onde por vezes se insinua. Será então lícito esperar que, prejudicada a transmissão dos preconceitos, estes retrocedam até certo ponto.*

O movimento "politicamente correto" abraçou esta causa, juntamente com a da ação positiva, cujo papel no surgimento de uma próspera classe média negra, no crescimento da participação das mulheres na sociedade, no progresso sócio-econômico dos hispânicos é inegável.

Os Estados Unidos tem o mérito de estarem discutindo há décadas a questão da integração social. Não há duvidas: para judeus, negros, hispânicos, mulheres e católicos romanos, nunca foi tão bom viver nos EUA. É fato, comprova-se, e representa até certo grau uma história do movimento.

Mas há armadilhas. Quando o movimento "politicamente correto" ou, antes, uma de suas vertentes, assume uma postura agressiva de patrulha; quando professores de literatura são tachados de preconceituosos por ensinarem escritores "mortos, brancos, europeus e homens"; quando qualquer imprudência verbal pode levar a um processo judicial; quando se abre mão da objetividade em prol de um relativismo total, em que "todas as culturas se equivalem"; então a sociedade, privada de qualquer ponto de referência, se desintegra, e os maiores prejudicados são aqueles que originariamente se pretenda ajudar.

O programa de ação positiva sofre também por seus excessos, a tal ponto que não são poucos os negros que hoje defendem a sua extinção. Pela sua própria natureza, o programa suscitou inúmeros ressentimentos e o que é pior lançou sobre os beneficiados a pecha de "incapazes de vencer, sem ajuda"

Toda sociedade, por mais diversificada que seja – como a dos EUA – precisa se sustentar em valores comuns. Que haja, portanto, um movimento em prol da elevação da linguagem. Que se defenda a igualdade de oportunidades com base na, educação de alto padrão para todos. Mas, se o movimento "políticamente correto" ultrapassar, as barreiras do razoável o risco será alto: não haverá mais linguagem comum, e nem consenso sobre o conteúdo – e o significado – da educação. O oposto do totalitarismo, como descrito no inicio desta dissertação, mostrar-se-á um mal tão grande quanto ele.

EXEMPLO DE PROVA (concurso de 2000)

Leia os textos que se seguem:

Texto nº 1 – Pesquisa Variacionista e Ensino: Discutindo o Preconceito Lingüístico

“Todos nós sabemos que, direta ou indiretamente, um dos maiores problemas do ensino de língua portuguesa” passa pela questão do preconceito lingüística. Na maior parte das vezes, o ensino de gramática é feito de forma rígida, como se tudo fosse inerentemente errado. O ensino normativo tem o objetivo explícito de banir da(s) língua(s) formas ditas empobrecedoras, formas ditas desviantes, formas consideradas indignas de serem usadas por homens de bem. E, na perseguição deste objetivo (no sentido mais literal do termo), muitas vezes, e com freqüência, banem-se da escola não as formas lingüísticas consideradas indesejáveis, mas, as pessoas que as produzem, porque estas formas são normalmente aquelas produzidas em maior quantidade pelas pessoas de classe social sem prestígio. As pessoas de classe prestigiada também produzem as formas consideradas indesejáveis, só, às vezes, em menor quantidade.

Em nome da boa língua, pratica-se a injustiça social, humilhado o ser humano por meio da não-aceitação de um de seus bens culturais mais divinos: o domínio inconsciente e pleno de um sistema de comunicação próprio da comunidade ao seu redor. E mais do que isto: a escola e a sociedade da qual a escola é reflexo fazem associações sem qualquer respaldo lingüístico objetivo entre domínio de determinadas formas lingüísticas e elegância e deselegância; entre domínio de determinadas formas lingüísticas e competência ou incompetência; entre domínio de determinadas formas lingüísticas e inteligência e burrice (...).

Com que direito visões preconceituosas podem ser reforçadas? As questões que envolvem a linguagem não são simplesmente lingüísticas; são, acima de tudo, ideológicas.

E a Sociolingüística produz fatos para colocar *lenha na fogueira* deste debate e particularmente no debate público sobre o preconceito lingüístico, corroborado *tacitamente* pela maior parte dos membros de uma comunidade lingüística. Sabe-se bem que, infelizmente, língua é também instrumento de poder; língua é também instrumento de dominação; língua é também instrumento de opressão. Ainda não vi, e gostaria de ver um dia (a utopia faz parte da vida), a língua ser usada como um real instrumento de libertação. (...)

Então, os resultados da pesquisa sociolingüística podem ser usados para a discussão, do preconceito lingüístico, apresentando fatos inquestionáveis, que evidenciam que as pessoas não estão simplesmente "nocauteando a concordância", "tropeçando" ou cometendo "gafes", mas, sim, deixando seu vernáculo emergir numa situação de fala em que muitos não admitem que ela possa emergir. [William] Labov bem o coloca que, quando estamos completamente envolvidos com conteúdo lingüístico da nossa fala, deixamos de nos policiar e deixamos o vernáculo emergir, vernáculo este que muitas vezes não coincide com, as formas codificadas e, ao longo do tempo *sentidas* como as únicas formas legítimas por grande parte dos usuários da língua.

(...) Relembro, todavia, que também não deveríamos perder de vista a possibilidade de podermos contribuir para a codificação de uma norma mais realística, mais interessante, que contemplasse valores diversos, que refletisse um pouco mais a nossa identidade lingüística e que restituísse aos alunos o prazer ele "estudar português", dando vez à pluralidade de normas (...).

Finalizando, considero que, com os resultados que temos em mão, não temos o direito de nos omitir diante das situações concretas de preconceito lingüístico. Mais do que isto: temos o dever de nos manifestar. É o exercício da cidadania!!! Transcrevo a seguir uma parte de minha primeira carta enviada ao Correio Braziliense, que reflete bem a minha visão a respeito do preconceito lingüístico e de suas implicações perversas.

"Para mim, igual ou pior do que o preconceito de religião, raça, cor, sexo, classe social (entre outros) é o preconceito lingüístico, porque ele é sutil e, por razões históricas, corroborado pela maior parte da sociedade como algo natural. O preconceito cria a falsa idéia de que há uma língua melhor do que outra, de que há um dialeto melhor do que outro. Pior do que isto, cria também a falsa idéia de que quem domina as formas de prestígio é mais inteligente, mais capaz. (...)

"Confundir discurso político com a língua de um povo é pensar esta língua como algo pequeno demais. E confundir forma de falar com competência ou com inteligência significa ver a língua apenas como instrumento de poder e de dominação, não como um poderoso instrumento de comunicação.

"A língua de qualquer povo, em qualquer época, é um instrumento extremamente poderoso porque presta a múltiplas funções: transmitir mensagens objetivas, organizar o pensamento, expressar os desejos e as emoções, convencer os outros, estabelecer contatos (...) e até mudar o estado das coisas, ou seja, até “realizar atos”. Mas este precioso instrumento também pode servir a instintos nada nobres: pode servir para oprimir, para discriminar, para enganar, para mentir, e até (infelizmente) para alijar o ser humano do meio produtivo.” (Maria Marta Pereira Scherre. *Pesquisa & Ensino da Língua:Contribuições da Sociolingüística*. UFRJ/CNPq. Rio de Janeiro. 1996)

Texto nº 2 – Outrossins...

Já escrevi sobre isso. Na ocasião, fui ácido na crítica – no que, aliás, acho que fiz muito bem. Do que estou falando? Estou falando é de certos indivíduos que passam a vida entre o cinza e o marrom: a hedionda raça dos burocratas. Todos engajados, com afinco, em lidar com papéis, encaminhá-los, despachá-los e sobre eles deitar falação, geralmente num estilo de bula de remédio. São montanhas, cordilheiras de cartas, ofícios, avisos, pareceres e todo tipo de correspondência que vai daqui para ali numa penosa melopéia canina: “Ao Sr. Assessor, Ao Sr. Chefe, Ao Sr. Diretor”. Isso desde o simples bilhete que só atravessa a Esplanada dos Ministérios nas mãos do contínuo até o pesado processo que cruza a nação inteira e se destina a seu mais longínquo igarapé.

Não me refiro ao conteúdo dessa papelada. Ela, obviamente, traduz a própria razão) de ser do serviço público. Reclamo é da lamentável forma como são escritos esses documentos oficiais e oficiosos.

É mais do que tempo de tornar inteligível e fluida a redação na administração pública. De falar português claro. Sim, porque causa espanto e náusea o blablablá rococó e gongórico que escorre, espesso e obscuro, pelas mal traçadas linhas da maioria dos processos escritos nestes brasis.

Há, em vigor, recomendação explícita no sentido de simplificar os textos. Mas, como outras, essa também não pegou. É olimpicamente ignorada por cidadãos pressurosos em bajular o chefe com palavras empoladas e ocas, numa verborragia que não conhece começo, início nem fim.

Coisas como destarte, inobstante, máxime, outrossim, e assim por diante. Outrossim! Você ouviu alguém pronunciar essa palavra? Uma vezinha só na vida? Pois bem, meu amigo, e no entanto as cartas e os ofícios estão cheios dela, dela que não altera ou acrescenta coisíssima alguma.

E que dizer do fim dos textos, quando surge aquele grotesco parágrafo que ninguém, rigorosamente ninguém lê – e se lesse não acreditaria um pingo no que ele declara: “Renovo meus protestos de estima”, ou, pior ainda: “Colho o ensejo para reiterar meu apreço”.

Colho o ensejo! Protestos de estima! Mais uma vez, paciente leitor, você já escutou isso da boca de alguém? Duvido. Pois há quem escreva, e lá se vai uma fortuna em tempo e dinheiro com tamanha baboseira!

A redação oficial não deve cultivar pretensões literárias. Estas são terreno dos literatos, que diabo. Há sujeitos, porém, que se dão ao desplante de escrever com o dicionário do lado só para escolher palavras mais difíceis. Conheço um que adora trocar o tão comum verbo ligar pela raridade que é o verbo jungir, só para provocar efeito na quadrada cabeça do seu chefe.

Existem pérolas nesse campo fértil. No Banco do Brasil, certa vez, circulou uma carta que começava assim: “Assunto: Cobra”, e prosseguia: “O Sr. Fulano de Tal dirigiu-se a esta seção informando ter sido picado pela epigrafada”. Blearghhh!

Há, ainda, o reino da nebulosidade. Nele, nada supera este trecho de uma instrução do então recém-criado Banco Central, pelos idos de 1965: “Faz-se notar que os parentes consangüíneos de um dos cônjuges são parentes por afinidade do outro; os parentes por afinidade de um dos cônjuges não são parentes de outro cônjuge. São, também, parentes por afinidade da pessoa, além dos parentes consangüíneos de seu cônjuge, os cônjuges de seus próprios parentes consangüíneos”. Tente decifrar e você cumprirá um delirante exercício de piruetas mentais.

Mera coincidência: enquanto reflito sobre tanta sandice, vejo, na televisão, um político de prestígio dizer simplesmente o seguinte: “Nada veio de grave nas objugatórias de Sua Excelência”. Sinto justa perplexidade, pois não estou defendendo o pobre e monossilábico vocabulário usado pela garotada, infelizmente formado a partir dos roncos primitivos do rock. Mas, tenha paciência, objurgatória!

E por aí afora. Até hoje os ofícios das repartições militares começam como no tempo do Barão de Paranapiacaba: “Solicitação (faz)”, maneira bicentenária e anacrônica de pedir alguma coisa a alguém.

Repito:ninguém que regule bem diz coisas assim: “Meu amor, apraz-me comunicar que vou à sua casa amanhã. Outrossim, informo que chegarei para o jantar.”, ou “você está uma gracinha, querida. Destarte, podíamos fazer um programa, se lhe aprouver.” – e lá se vai o programa por água abaixo...

Falando sério: você já calculou quanto o Brasil gasta com tamanha besteira? Milhões de linhas diariamente datilografadas ou digitadas, um custo altíssimo em fitas de máquinas, papel e tempo completamente perdido. Sim, porque, suprimidas tais palavras e frases, o sentido da mensagem em nada se altera – e, sobretudo, não há um só destinatário neste planeta que se comova com reiteradas manifestações de subida consideração. Muito menos a mulher que, na cama, escuta o marido formal sussurrar-lhe ao ouvido: “Boa noite, meu bem. Renovo minhas expressões de distinta consideração, com o que me despeço. Até amanhã”.

Tudo isso é absurdo, mas continuam as pobres secretárias datilografando o dia inteiro encômios, alvedrios e alvitres – além de zelarem com a máxima atenção pela ridícula margem direita, que atraso!

Saudades de Hélio Beltrão, que fez ventilar ar puro no seu tempo à frente do Ministério da Desburocratização. Foi bom enquanto durou. Depois, retrocedemos e agora só nos restam o tédio e o bocejo. (Márcio Cotrim)

Texto nº 3 – GiLuminoso

Deus anda bom demais comigo. Não sei se mereço tantas gentilezas dEle. Na última terça-feira, a dádiva veio de um inesperado convite para ver Gilberto Gil, que participava, em São Paulo, do lançamento do livro “GiLuminoso – A po.Ética do Ser”, trabalho do poeta Bené Fonteles, baseado na fecunda obra do mestre baiano

Gilberto Gil é dessas almas iluminadas, alma de poeta, que o criador envia ao planeta com a missão de traduzir o sentimento de seu povo. E Gil o faz com textos que primam pela criatividade, pelo bom gosto e – por que não? – pela correção. Além de bálsamo para corações e mentes, a poesia de Gil é verdadeira aula de português.

Vejamos alguns casos, pinçados desse encontro. Em “Super-Homem, a Canção” – belíssima letra que até hoje incomoda muita gente –, Gil usa com mestria um tempo verbal dos mais interessantes: o mais-que-perfeito.

Verdadeira tortura em certas aulas de português, esse tempo – de nome enigmático (“Por que ‘mais-que-perfeito?”, pergunta-se a garotada, cuja expectativa nem sempre o professor satisfaz) – surge na letra com dois valores distintos. Na primeira ocorrência (“Minha porção mulher, que até então se resguardara”), o mais-que-perfeito, em sua forma simples (que equivale à composta “tinha resguardado”), é usado com seu valor específico. E que valor é esse? Basta ver por que o mais-que-perfeito tem esse nome. Na verdade, antes é preciso saber por que o pretérito perfeito se chama perfeito. A palavra vem do latim *perfectu*, que, ao pé da letra, significa “feito completamente”. Não é à toa que se diz, por exemplo, que uma obra de arte é perfeita. Se é perfeita, não lhe falta nada; está completamente feita.

Na letra de “Super-Homem”, Gil começa dizendo: “Um dia vivi a ilusão de que ser homem bastaria...”. A forma verbal “vivi” é do pretérito perfeito, portanto indica algo passado e acabado, feito completamente. Quando o poeta diz “Minha porção mulher, que até então se resguardara”, emprega o mais-que-perfeito (“resguardara”) até o momento em que deixou de existir a ilusão de que ser homem bastaria.

Pois bem, se “vivi” (que, por extensão contextual, implica a idéia de que “deixei de viver”) é pretérito perfeito, “resguardara”, que indica fato mais velho, anterior, só pode ser “mais-que-perfeito”, ou seja, “mais velho que o perfeito”.

Como outros tempos verbais, o mais-que-perfeito tem valores paralelos, periféricos. Um deles aparece na mesma letra: “Quem dera pudesse todo homem compreender, ó mãe!, quem dera...”. Como ocorre com “Tomara!” (que vem da primeira pessoa do singular do pretérito mais-que-perfeito do verbo “tomar”), “dera” é do mais-que-perfeito do verbo “dar”, mas não se emprega com o valor específico desse tempo. “Dera”, no caso, expressa desejo e funciona tal qual se vê em algumas formas do futuro do pretérito, como “gostaria”, “desejaria” etc.

Outro belo exemplo de Gil, presente no livro, está em “Tempo Rei”, letra em que o imperativo é usado com leveza e adequação: “Tempo rei, ó tempo rei, ó tempo rei / transformai as velhas formas do viver, / Ensinai-me, ó pai, o que eu ainda não sei / Mãe Senhora do Perpétuo, socorrei”. A segunda pessoa do plural, empregada nas formas do imperativo afirmativo (“transformar”, ensinai e “socorrei”), confere ao texto tom de oração – oração ao deus tempo.

E pensar que alguns deuses (menos nobres, é claro) do ensino lingüístico pregam à sumária eliminação das segundas pessoas (“tu” e “vós”) dos livros de português. Para esses nobres senhores, o verbo seria conjugado só nas primeiras pessoas (eu e nós) e nas terceiras (ele, eles, você vocês). E se dizem modernos, democratas e libertários. Para eles, liberdade é omitir, é negar o futuro cidadão o direito de conhecer todas as formas da língua. Em última análise, é fazê-lo imaginar que Gil, Machado de Assis, Fernando Pessoa e Vieira escrevem na língua de outro planeta.

Em Porto Alegre, onde estive recentemente para proferir palestra durante a importante Feira do Livro que lá se realiza, o professor Paulo Ledur, presidente da Câmara do Livro, disse-me que em muitas escolas (algumas delas públicas) do Rio Grande do Sul são adotados esses livros de português que omitem a segunda pessoa. Logo lá, terra em que o delicioso “tu”, muitas vezes com o verbo com o “s” da segunda pessoa (“tu podes”, "tu viras"), é ouvido em cada esquina. Sem comentários. (Pasquale Cipro Neto. *O Globo*, 28/11/1999, p.34)

Desenvolva o tema: O bom usuário do idioma é quem sabe infringi-lo no momento certo.

– extensão: de 450 a 600 palavras
– valor: 60 pontos

EXEMPLO DE REDAÇÃO

Márcia Nazaré Souza Chaves (55/60)

Li, já a um tempo, uma crônica muito interessante de Luís Fernando Veríssimo acerca de sua falta de apego, por assim dizer, à norma culta da Língua Portuguesa. Contava a estória de uma entrevista da qual teria sido vítima: uma estudante o teria procurado, como "expert" no uso da língua, para dele colher algumas lições. Veríssimo retratou-se, então, como um enganador, alguém que absolutamente não conhece as regras gramaticais e nem tem muito interesse em com elas ter intimidade, pois: "dizer que algo está claro, pode até não estar certo, mas está claro, certo?"

Estou com o Veríssimo. Acredito, aliás, que a companhia não poderia ser melhor.

O bom uso da língua ultrapassa o conhecimento da regra. A norma nada mais é senão um acessório. Valioso, é verdade mas, ainda assim, acessório. Mais importante que a forma é a mensagem. Conhecer a língua é – no meu entender – usar a regra como aliada, como forma de esclarecimento, de aproximação do meu alvo, como maneira de chegar mais rápido e mais fácil ao meu destino final: a plena compreensão da mensagem pelo ouvinte.

Quando se fala, ou se escreve, há que se pensar não em si mesmo, mas em quem ouve, em quem lê. Se este não conseguiu compreender a mensagem, de que valeram as regras do "meu bom português? Sempre comunguei da idéia de que o nível da fala deve se adequar ao ouvinte, e não ao falante. E você não precisa, obrigatoriamente, falar "errado" para isso, basta falar claro, certo? (Ah, Veríssimo...)

Talvez, a maioria esmagadora dos políticos – e não me refiro só aos brasileiros – não concorde comigo. Afinal, clareza não é um bem perseguido por essa classe, principalmente junto ao eleitorado mais pobre, que, ainda, *confunde "gramatiquês" com bom português, persistindo aquela velha idéia de que quanto mais rebuscado o discurso, melhor preparado está o candidato.*

Rodrigues Hapa, na sua "Estilística da Língua Portuguesa" possui opinião um tanto extrema sobre o assunto, que poderia ser resumida mais ou menos assim: "se é para acabar com a espontaneidade, com a riqueza da língua em nome da regra, morra a regra!"

Nem tanto ao mar, caro mestre! Vamos aplicar o princípio da coerência, do aceitável. Não desprezamos o vocabulário de nosso estudante somente porque ele não sabe usar o pretérito mais-que-perfeito, cuja prática exige uma sutileza, um certo "jogo de cintura" que ele não consegue alcançar. Paciência! Sempre restará o pretérito perfeito, cuja objetividade, talvez, esteja mais próxima de sua realidade.

Assim, se o seu filho, ainda no processo deformação da fala, emite um "eu fazi", não o culpe, corrigindo-o de pronto, como se ele fosse um "burrinho". O seu processo mental foi perfeito. Como poderia ele imaginar que o pretérito perfeito do indicativo desse verbo sofre uma variação de radical, esbanjando irregularidade? Ele pode até não ter falado certo, mas – parafraseando nosso bom e velho Veríssimo – foi claro, certo?

Lição 12

Coesão textual

Exercícios

QUESTÃO 1

> A Marquesa de Alegros ficara viúva aos quarenta e três anos, e passava a maior parte do ano retirada na sua quinta de Carcavelos. (...) As suas duas filhas, educadas no receio do céu e nas preocupações da moda, eram beatas e faziam o chique falando com igual fervor da humildade cristã e do último figurino de Bruxelas. Um jornalista de então dissera delas: – Pensam todos os dias na "toilette com que hão de entrar no Paraíso." (QUEIRÓS, Eça de. O crime do Padre Amaro. In: *Obras de Eça de Queirós*. Porto, Lello e irmãos, s/d, vol.I, p.22)

Como se nota, as filhas da Marquesa de Alegros vêm caracterizadas satiricamente por meio de um jogo de coesão marcado pela seleção de dois conjuntos de palavras e expressões que pertencem a dois campos de significado opostos entre si: de um lado, ocorrem termos que se incluem no universo conceitual da espiritualidade; de outro, termos que se incluem no universo da materialidade.

Representando esquematicamente temos:

Universo da espiritualidade	*Universo da materialidade*
• receio do céu	preocupações da moda
• beatas	faziam o chique
• humildade	cristã último figurino

Nesses pares, o segundo termo desmente o primeiro, expondo a contradição entre eles, a qual vem ridicularizada no período final.

Procure, usando um esquema similar de escolha de palavras que se opõem, ridicularizar a contradição daqueles que se dizem devotados à causa pública mas na verdade seu procedimento é todo dirigido à satisfação das ambições pessoais ou de seu grupo.

QUESTÃO 2

Mal usados, os mecanismos de coesão podem provocar ambigüidades de efeitos grotescos. É o que acontece com o trecho jornalístico a seguir, transcrito de um vestibular da Unicamp:

> A oncocercose é uma doença típica de comunidades primitivas. Não foi desenvolvido ainda nenhum medicamento ou tratamento que possibilite o restabelecimento da visão. Após ser picado pelo mosquito, o parasita (agente da doença) cai na circulação sangüínea e passa a provocar irritações oculares até perda total da visão. (*Folha de S. Paulo*, 02/11/90, apud Unicamp 91)

a) Do modo como está redigido, esse trecho nos induz a depreender da sua leitura um sentido absurdo. Qual é esse sentido?
b) Levando em conta o seu conhecimento de mundo, procure presumir o significado pretendido pelo redator e reescreva o trecho de modo a deixar clara essa pretensão.

QUESTÃO 3

O trecho que segue foi extraído de uma conferência do antropólogo Roberto da Mata. Após algumas páginas em que trata da prática do clientelismo em nossa política, deplorando a naturalidade com que os políticos nomeiam seus parentes para cargos públicos, o conferencista acrescenta o que segue:

> Clientelismo histórico
>
> Estudando tais casos, deduz-se uma norma capaz de explicar a crônica ineficiência das nossas administrações públicas. Quero me referir ao fato de que, neste sistema, o cargo é proporcional ao grau de relacionamento. Parentes próximos, compadres e amigos do peito aspiram – não obstante suas qualificações – a altos cargos. Uma tia velha pode ser nomeada fiscal do consumo, uma namorada pode vir a ser indicada como gerente de uma carteira do Banco do Brasil em Paris, um primo carnal poderá ser secretário de Estado. (MATA, Roberto da. *Brasileiro Cidadão?*. 1ª ed. São Paulo. Cultura Editores Associados, p.15)

Como se vê, a orientação argumentativa do texto tem a intenção de ridicularizar a administração pública e explicar sua ineficiência. Esse resultado é obtido por um jogo de coesão que correlaciona, de um lado, termos hipônimos do hiperônimo *“cargo”* e de outro, hipônimos de *“parentesco”*, deixando claro que – apesar da falta de qualificação – os parentes são nomeados para os mais diversos cargos. Essa relação entre cargo e parentesco vem exemplificada por palavras hipônimas (aquelas que estão contidas num conceito mais geral), dessa forma:

Conceitos gerais ou hiperônimos	*parentesco*	*cargo*
hipônimos	tia velha	fiscal do consumo
	namorada	gerente de uma carteira do Banco do Brasil em Paris
	primo carnal	secretário de Estado

Usando o mesmo tipo de coesão por hipônimos, tente acrescentar a esse mesmo texto um trecho que exemplifique o desprezo pela relação *competência* e *cargo*.

QUESTÃO 4

> Tinha razão o camponês que declarou no VIII Congresso dos Sovietes: tudo vai bem. Mas, se a terra é para nós, o pão é para vocês, isto é, para os comissários; a água é para nós, mas o peixe para vocês; as florestas são para nós, mas a madeira para vocês. (*Izvestia* de Kronstadt, 25/03/1921, cit.in Henri Arvon – *A Revolta de Kronstadt,* apud vestibular de História, Fuvest, 94)

O trecho acima cria um efeito irônico por meio de um jogo argumentativo com o conector *mas,* que, como se viu, estabelece uma relação de contrajunção, ligando enunciados com direção argumentativa contrária. Após dizer que tudo vai bem, o camponês contrapõe a essa afirmação três seqüências em que opõe os bens de produção (terra, água, florestas) aos bens de consumo (pão, peixe, madeira). Como é próprio do *mas,* o que vem à sua direita tem um peso argumentativo maior do que o vem à esquerda. Com isso, reforça a ironia, dizendo que o que pertence ao *nós* é menos vantajoso do que o que pertence ao *vocês* (os comissários).

Suponha que o texto comece assim:

Tinha razão o representante dos trabalhadores que declarou, numa reunião com representantes do empresariado brasileiro: tudo vai bem. Mas...

Continue o texto, seguindo o mesmo jogo argumentativo do camponês de Kronstadt, adaptando, porém, o conteúdo das declarações à realidade brasileira atual.

QUESTÃO 5

Vi uma fotografia *sua* no metrô.

Numa frase como essa, fora do contexto, o anafórico *sua* dá margem a várias interpretações para o mesmo enunciado. Dentro de um contexto determinado, porém, a ambigüidade pode ser desfeita.

Redija um trecho, colocando a frase dentro de um contexto em que fique claro apenas um dos seus significados.

Exemplo: Eu não sabia que você andava fotografando, ganhando prêmios e expondo suas fotos em lugares públicos. Pois, ontem, vi uma fotografia sua no metrô.

QUESTÃO 6

O uso inadequado de conectores entre os enunciados, muitas vezes, não produz ambigüidades nem afeta o sentido que o enunciador quis dar ao que falou ou escreveu, mas indica falta de conhecimento da norma padrão. Com isso desqualifica a imagem social do falante e, assim, enfraquece o poder argumentativo do texto. Com os pronomes relativos, é muito comum a ocorrência de problemas desse tipo.

Em todas as frases que seguem, o pronome relativo está usado inadequadamente. Reescreva-as, de acordo com as prescrições da norma culta.

I – Um cidadão de qualquer cultura tem sempre muito prazer em exibir aos visitantes os atributos e as particularidades que a sua cultura se tornou notória.

II – No Brasil, mesmo um grande autor, como Jorge Amado, que as obras dele são traduzidas em vários idiomas, não vende mais livros do que um autor menos popular nos Estados Unidos.

III – O século XX, que em sua longa seqüência de anos não se conseguiu reduzir a barbárie, suporta em seu currículo uma incômoda estatística de 187 milhões de pessoas vítimas de massacres de todo tipo.

IV – O custo humano das conquistas do regime soviético, que sobre os números dele não existem estatísticas consensuais, foi excessivo e intolerável.

V – A economia americana, que nenhuma outra se iguala no mundo durante o período de 1880 e 1914, beneficiou-se ainda da última guerra mundial.

VI – A Receita Federal perde cerca de 4 bilhões de reais com o contrabando do Paraguai. São cerca de 800 ônibus diários levando um exército de sacoleiros onde se pode perceber que as estatísticas não são tranqüilizadoras para o governo.

QUESTÃO 7

Procure completar os trechos que seguem, dando continuidade à orientação argumentativa indicada pelo conector grifado:

I – Os jornais, em época de eleição, não têm assumido com seriedade o seu compromisso de informar corretamente o leitor sobre os candidatos. Não apuram a verdade das propagandas, não ouvem o outro lado, não se preocupam com avaliar a viabilidade das mirabolantes promessas de campanha. *Além disso...*

II – O cidadão não está obrigado a pagar mais impostos do que a lei determina. Por isso, se ela permite manobras para a pessoa física ou jurídica pagar menos impostos, não se pode tachar esse ato de corrupção. *Entretanto...*

III – No carnaval de 1994 um rumoroso caso agitou a opinião pública nacional. O então Presidente da República Itamar Franco, foi fotografado ao lado de uma modelo, num camarote do sambódromo do Rio de Janeiro. A imprensa alardeou ostensivamente o escândalo provocado pelo fato de a modelo ter aparecido sem calcinha na foto. Não deu, porém, quase nenhum destaque ao fato de o Presidente da República, Supremo Magistrado da Nação, Comandante-Chefe das Forças Armadas, que jurou defender a Constituição e as leis, estar num camarote comprado por bicheiros. *Houve, portanto...*

IV – Como em qualquer outra profissão, os jornalistas não estão livres da corrupção. Há a pequena corrupção, na qual repórteres e editores aceitam presentes caros ou trocam favores com empresários e políticos. Há também, entre outras variantes, a grande corrupção, que envolve grandes somas de dinheiro ou o equivalente em espécie. *Apesar disso...*

(*Revista Imprensa,* março de 94, n.78, p.4)

QUESTÃO 8

Como se sabe, sobretudo a partir da década de 80, o movimento dos chamados sem-terra surgiu como conseqüência de um dos graves problemas da cena econômica e social do Brasil. Como todo movimento dessa natureza, formaram-se em torno dele correntes de opinião contrárias.

As duas vertentes dentro do debate exprimem-se lingüisticamente em torno de dois conceitos básicos: os que consideram o ato dos sem-terra como *invasão*; os que o interpretam como *ocupação* de fazendas ou terrenos urbanos.

Redija um parágrafo sobre cada uma dessas versões, explorando recursos de coesão lexical para marcar, com clareza, a posição de quem o escreveu, seja para caracterizar o ato como invasão (mais grave) ou como simples ocupação (mais ameno).

Lição 13

Coerência textual

Exercícios

QUESTÃO 1

A apresentação de dados estatísticos brutos, sem levar em conta a sua relatividade, cria um tipo de incoerência que esvazia completamente o poder argumentativo desses dados.

O trecho que vem a seguir ilustra esse tipo de inconveniente.

> Por que medo de avião?
>
> O avião é propicio ao medo: fechado e com gente aglomerada. Você não tem domínio da situação nem jeito de escapar. Além disso, o vôo em si gera ansiedade. Há também, claro, os riscos de qualquer viagem.
>
> Andar de avião é mais seguro do que tomar banho. No ano passado, 200 americanos morreram em acidentes aéreos. No mesmo ano, 800 perderam a vida por causa de objetos que caíram em suas cabeças e 300 porque escorregaram na banheira. Isso sem contar os 42 mil que morreram em acidentes de carro.(Bettina Monteiro, *Viagem e Turismo*, setembro de 1996)

No segundo parágrafo, a redatora lança mão de dados para argumentar a favor da afirmação contida no primeiro período.

a) Por que esses dados não funcionam como um argumento irrefutável para provar o que ela pretende?

b) Suponha o seguinte tópico frasal:

Andar de avião é mais seguro do que se pensa.

Usando os mesmos dados ou acrescentando outros, desenvolva esse parágrafo conferindo coerência a ele.

QUESTÃO 2

Mais importante do que o mero conhecimento de dados e cifras é a capacidade de perceber suas correlações e implicações. Observe estes dados:

> A conta é de Carlos Augusto Montenegro, dono do Ibope. Com o Real, a audiência da TV brasileira caiu 12%. (*Veja,* 7.6.95, p. 49)
>
> Além disso, no Brasil, segundo uma pesquisa que eu vi na sala do Boni, 78% das pessoas só se informam pela televisão. (CRUZ, Alberico de Souza, *Veja*, 7.6.95 p. 44)

Redija um parágrafo que tire dos dados apresentados uma conclusão compatível, dentro dos princípios da coerência textual.

QUESTÃO 3

Leia com atenção o trecho que segue:

> Maravilhoso e utilíssimo instrumento, a memória! Sem ela mal pode o raciocínio desempenhar o seu ofício. Ora, ela me falta por completo. O que me desejam perguntar devem fazê-lo parceladamente, pois responder a um assunto, em que haja muitas coisas importantes, ultrapassa minha capacidade. (MONTAIGNE, Michel Equem de. *O pensamento vivo de Montaigne,* apresentado por André Gide, São Paulo, Martins, Edusp, 1975, p.57)

A deficiência de memória, no entanto, pode-nos ser benéfica sobretudo nos casos em que nos é penosa a lembrança de episódios traumáticos da vida passada, como foi o de um acidente de que fui vítima há exatos quinze anos nove meses e dois dias. Foi na primavera, no dia 29 de setembro de 1563, na França. Eram dez horas e vinte e cinco minutos da manhã, quando cavalgava minha montaria predileta, um cavalo árabe de cinco anos e três meses; aferroado por vespa entre os dois quadris, disparou em desenfreada carreira, fazendo-me bater a cabeça contra um grosso galho de mangueira que ladeava a estrada que saía do portão do meu castelo e ia dar no município vizinho de Dresden, pequeno povoado com 25.000 habitantes. Por felicidade do destino, meia hora após o acidente, passava por lá um médico holandês que me socorreu, levando-me até o hospital de Dresden onde, após exames de laboratório, fui submetido a uma cirurgia que me salvou a vida. Sou até hoje grato a esse médico, Jackes Van Dirk, bonachão, de barba branca, amarelada pela fumaça dos seus prediletos charutos Havana.

O primeiro parágrafo dessa narração foi extraído dos Ensaios de Montaigne. O segundo foi forjado e contém incoerências de vários tipos (narrativa, figurativa, temporal, espacial) tanto no plano intratextual quanto no extratextual.

Reescreva o segundo parágrafo, eliminando as incoerências. Se necessário, consulte uma enciclopédia sobre datas, lugares e fatos.

QUESTÃO 4

No romance *Diva*, o narrador assim se manifesta a respeito de um dos personagens:

> Geraldo pertencia à classe de homens a quem lateja a moleira toda a vida, e velhos já, são ainda meninos de cabelos brancos. Não lhe admire portanto a leviandade desse moço. (ALENCAR, José de. *Diva* 5ed. São Paulo, Ática, 1993, p. 13)

Desprezando o contexto da obra de que foi extraído, mas, preservando os princípios da coerência narrativa, escreva um parágrafo, relatando a reação de Geraldo frente ao fato de que o pai da noiva se opõe ao casamento.

QUESTÃO 5

No trecho que segue, extraído do vestibular da Unicamp 94, há uma incoerência de nível figurativo. Reescreva-o, eliminando-a.

Acrescente mais algumas figuras que componham um percurso figurativo coerente com as fantasias do personagem.

Dois carregadores estão conversando e um diz: “Se eu fosse Presidente da República, eu só acordava lá pelo meio-dia, depois ia almoçar lá pelas três, quatro horas. Só então é que eu ia fazer o primeiro carreto”.

QUESTÃO 6

A falta de compatibilidade entre uma conclusão e os dados que lhe servem de base constitui incoerência que desqualifica o poder argumentativo do texto e desmoraliza o enunciador.

É o que ocorre na passagem que segue, extraída do vestibular da Unicamp 1989:

O jornal *Folha de S. Paulo* introduz com o seguinte comentário uma entrevista recente (8.12.88) com o professor Paulo Freire:

> “A gente cheguemos” não será uma construção gramatical errada na gestão do Partido dos Trabalhadores em São Paulo.

Os trechos da entrevista nos quais a Folha se baseou para fazer tal comentário foram os seguintes:

> – A criança terá uma escola na qual a sua linguagem seja respeitada (...) Uma escola em que a criança aprenda a sintaxe, mas sem desprezo pela sua.

– Esses oito milhões de meninos vêm da periferia do Brasil (...). Precisamos respeitar a [sua] sintaxe mostrando que sua linguagem é bonita e gostosa, às vezes é mais bonita que a minha. E, mostrando tudo isso, dizer a ele: “Mas para tua própria vida tu precisas dizer ‘a gente chegou’ [em vez de ‘a gente cheguemos’]. Isso é diferente, [a abordagem] é diferente. É assim que queremos trabalhar, com abertura, mas dizendo a verdade.

Reescreva a introdução do jornal de modo que ela fique coerente com as demais passagens da resposta de Paulo Freire.

QUESTÃO 7

Em todas as passagens que seguem, por causa de defeitos de estruturação lingüística, há prejuízos ao sentido de cada uma delas. Reescreva-as, evitando essas formas de incoerência.

a) Zélia Cardoso de Mello decidiu amanhã oficializar sua união com Chico Anysio. (*A Tarde*, Salvador, 16.09.94, apud Vestibular Unicamp, 1995)

b) *Crime racial* – O “olho” da manchete de página do *Diário Catarinense* dizia: “Maurício José Lemos Freire, titular do primeiro órgão do mundo a tratar especificamente de casos de racismo, deu palestra em escola de Joinville”. Aí o título botou tudo a perder – DELEGACIA DEFENDE CRIME RACIAL.

Meu secretário ficou indignadíssimo:

“Considerado, que diabo de delegacia é essa que defende o crime racial? Quer dizer que se um monstro qualquer espancar um doce crioulinho como aquele Kennedy da falecida novela *Pátria Minha*, é só correr para a delegacia que estará a salvo???”

Parece que é. Fascistas de todo o mundo, acorrei! (*Imprensa*, maio 95, n.92, p. 31)

c) *Aspas atropeladas* – De algum lugar do Rio de Janeiro, chegou fax do leitor André Martins, inconformado com esta revista Imprensa. É que no mês de fevereiro de 95, matéria intitulada 0KM JÁ ATROPELA NA LARGADA (p. 67), é atribuída ao diretor de Comunicação da Fiat, Nivaldo Notoli, entre aspas, a seguinte frase: “A proposta da Editora Globo veio de encontro à nossa estratégia, que visa estabelecer um elo direto com o nosso consumidor”.

Perplexo por saber que a Fiat aceitou uma proposta contrária à estratégia da empresa, André deseja identificar a verdadeira vítima desse atropelamento da comunicação. (...) (*Imprensa*, maio 95, n.92, p. 31)

QUESTÃO 8

O texto que segue faz parte de uma publicidade sobre Aruba, veiculada em página dupla na *Revista Imprensa.* O texto vem transcrito na página da esquerda e da direita é ocupada por uma grande foto do mar de Aruba.

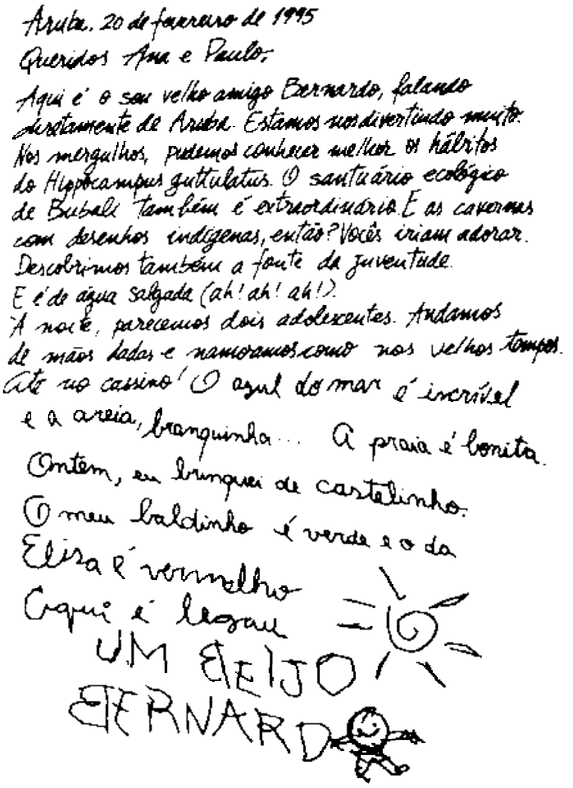

Aruba, 20 de fevereiro de 1995
Queridos Ana e Paulo:
Aqui é o seu velho amigo Bernardo, falando
diretamente de Aruba. Estamos nos divertindo muito.
Nos mergulhos, podemos conhecer melhor os hábitos
do Hippocampus guttulatus. O santuário ecológico
de Bubali também é extraordinário. E as cavernas
com desenhos indígenas, então? Vocês iriam adorar.
Descobrimos também a fonte da juventude.
E é de água salgada (ah! ah! ah!).
À noite, parecemos dois adolescentes. Andamos
de mãos dadas e namoramos como nos velhos tempos.
Até no cassino! O azul do mar é incrível
e a areia, branquinha... A praia é bonita.
Ontem, eu brinquei de castelinho.
O meu baldinho é verde e o da
Elisa é vermelho
Aqui é legau
UM BEIJO
BERNARDO

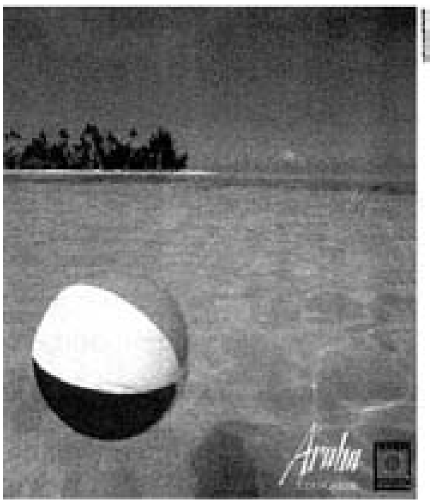

Se interpretamos a parte final do texto (a partir da frase *O azul do mar é incrível e a areia, branquinha*) dando às palavras o seu sentido literal, surpreendemo-nos com uma incoerência que chega perto do absurdo. A ruptura com a forma de linguagem anterior é tal, que temos a impressão de que essa parte final foi completada por uma criança em fase inicial de alfabetização. Corroboram essa hipótese não só o tema, que é pueril, mas também a forma gráfica das letras e o tipo de erro ortográfico (*legau*).

Se, entretanto, tentarmos interpretar essa mesma passagem, percebendo o seu sentido não literal, ela ganha coerência e contribui de maneira original e pitoresca com o significado que o redator quer criar. Uma boa pista para o cálculo desse sentido não literal é a passagem *Descobrimos também a fonte da juventude.* A partir daí, a linguagem do texto vai-se alterando progressivamente, criando a impressão de regressão de idade.

Levando tudo isso em conta, redija um parágrafo, procurando explicitar o sentido não literal que esta passagem produz.

QUESTÃO 9

Na publicidade que vem a seguir, aparentemente há uma gritante incoerência entre o trecho inscrito no quadro e a frase final:

Homenagem da MPMLintas aos 30 anos da Rede Globo. Eis o texto publicitário:

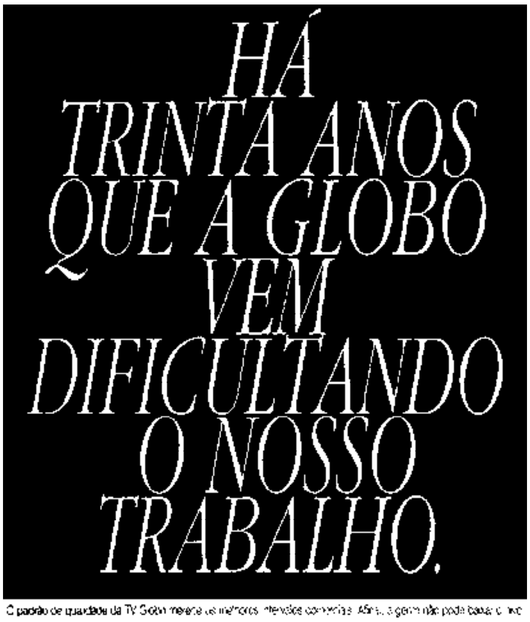

HÁ
TRINTA ANOS
QUE A GLOBO
VEM
DIFICULTANDO
O NOSSO
TRABALHO.

A passagem intermediária, no entanto, desfaz a incoerência e torna o texto perfeitamente compreensível.

Traduza, num parágrafo, de maneira mais explícita, o sentido dessa passagem intermediária, tentando explicar sua função para criar o sentido global da propaganda.

QUESTÃO 10

Leia os trechos que seguem:

1. Tão inteiramente conhecia Cristo a Judas, como a Pedro, e aos demais; mas notou o Evangelista com especialidade a ciência do Senhor, em respeito a Judas, porque em Judas mais que em nenhum dos outros campeou a fineza do seu amor. Ora vede: Definindo S. Bernardo o amor fino, diz assim: *Amor non quaerit causam, nec fructum:* O amor fino não busca causa nem fruto. “Se amo, porque me amam, tem o amor causa; se amo, para que me amem, tem fruto: e amor fino não há de ter por quê, nem para quê. Se amo porque me amam, é obrigação, faço o que devo; se amo para que me amem, é negociação, busco o que desejo. Pois como há de amar o amor para ser fino? *Amo, quia amo, amo, ut amem:* amo, porque amo, e amo para amar. Quem ama porque o amam, é agradecido; quem ama, para que o amem, é

interesseiro; quem ama, não porque o amam, nem para que o amem, esse só é fino. E tal foi a fineza de Cristo, em respeito de Judas, fundada na ciência que tinha dele e dos demais discípulos. (VIEIRA, Antônio. *Sermões*, 4 ed. Rio de Janeiro, Agir, 1966, p. 64)

2. Moça da sociedade paulista

Empresário europeu deseja conhecer, para fins de amizade e breve compromisso, moça de elevada índole moral, culta, de inegável beleza física e com convicção interior e sensibilidade, que o faça acreditar que ainda existem mulheres de bons princípios, caráter íntegro, romântico, que crêem na existência e encontro do verdadeiro amor. Características pessoais: Europeu, 38 anos, livre, 1,77m, 75kg, situação financeira e social definidas, ótima apresentação.

Características pretendidas: 26/34 anos, livre, exigente em relação ao que quer da vida, entretanto simples, meiga, voltada prioritariamente ao lar, de boa família, companheira e amiga. Pede-se foto de corpo inteiro e carta de próprio punho que serão devolvidas em sigilo.

Se você existe, pode confiar e escrever sem receios. Esta mensagem é absolutamente séria.

CAIXA POSTAL xx.xxxx, CEP: xxxxx
São Paulo – SP.
(*Folha de S. Paulo,* apud vestibular Unicamp, 89)

Proposta de redação

Confrontando a concepção de amor explícita no texto de Vieira e a concepção de amor implícita na mensagem *absolutamente séria* do anúncio da *Folha de São Paulo,* redija um texto dissertativo, discutindo a relação (de concordância ou de discordância) que existe entre ambas.

Lição 14

Informações implícitas

Exercícios

QUESTÃO 1

Os dois textos que seguem contêm uma pergunta e uma resposta respectivamente e foram extraídos da seção *Bárbara responde* da *Revista da Folha,* de 30/4/95, nº 158, p. 8.

> Uma amiga me mandou uma cartinha para que minha filha entre em uma corrente mundial de livros infantis (até o príncipe Henry, filho da princesa Diana, participa). Como saltar fora sem ser antipática? (Sofia Carvalhosa, S.P.)
>
> – Você enlouqueceu, mulher? Sua filha pode vir a ser amiga do irmão do futuro rei da Inglaterra e você quer fazê-la saltar fora? Por acaso você acha que a corrente não está à altura da sua pimpa? Um dia ela ainda vai jogar essa negligência na sua cara. Preguiçosa!

Com a irreverência que caracteriza o estilo da referida jornalista, ela vai direto ao argumento exposto com mais destaque pela sua consulente: a participação do príncipe Henry. O pressuposto de que a inclusão do filho de Diana é o argumento mais forte está instaurado pelo uso do marcador *até,* que implica o seguinte raciocínio: a) não é comum um príncipe estar entre os integrantes de uma corrente de livros; b) se ele está, é que existem motivos de sobra para justificar a entrada de qualquer outro.

Construa um pequeno texto, convidando seu interlocutor a aceitar uma proposta qualquer, instaurando como argumento mais forte o fato de que ela é apoiada por alguém insuspeito, que habitualmente não apoiaria propostas do mesmo gênero.

QUESTÃO 2

> Veja bem – abrasileiramento do brasileiro não quer dizer regionalismo nem nacionalismo... pra ser civilizado artisticamente, entrar no concerto das nações que hoje em dia dirigem a civilização da Terra, (o Brasil) tem que concorrer para este concerto com a sua parte pessoal, com o que o singulariza e o individualiza... (Mário de Andrade – 1924, apud Vestibular de História da PUC – SP, 1992)

Nesse texto, sob a forma de pressupostos, afirma-se que:

a) o brasileiro não é brasileiro;
b) o Brasil não é civilizado artisticamente;
c) o Brasil não faz parte do concerto das nações dirigentes da civilização da Terra;
d) o Brasil não concorre para esse concerto com a parte que o singulariza.

Esses pressupostos são marcados por:

a) um substantivo derivado de verbo: *abrasileiramento;*
b) uma preposição que indica finalidade: *pra* (ser);
c) uma preposição e um verbo: (*pra*) *entrar;*
d) uma locução verbal: *tem que concorrer.*

Redija um texto, usando marcadores de pressupostos apropriados, que instaurem no texto os seguintes implícitos:

a) que o brasileiro não era brasileiro, mas agora é;
b) que o Brasil não era civilizado artisticamente, mas nos dias de hoje é;
c) que o Brasil não fazia parte do concerto das nações dirigentes da civilização da Terra, mas hoje faz;
d) que o Brasil não concorria para esse concerto com a parte que o singulariza, mas hoje concorre.

QUESTÃO 3

Num debate de televisão, pelos idos de 1986, um famoso político, em defesa do plano cruzado, um dos planos econômicos de nossa história, afirmou, cometendo um ato falho que foi acompanhado de risos irônicos:

> O plano cruzado é bom até para os trabalhadores.

a) Comente o pressuposto instaurado na declaração que deu margem aos risos.
b) Construa uma declaração análoga em que o declarante deixe escapar um pressuposto que, em estado de atenção, não diria.

QUESTÃO 4

> Com as alterações efetuadas, o produto ficou *mais* saudável, *pois, além* da gordura, foram extraídos os ingredientes prejudiciais à saúde.

Há, no fragmento, pressupostos, estabelecidos pelo advérbio *mais,* pela conjunção *pois* e pela locução prepositiva *além de.*

Redija um texto similar, com esses três instauradores de pressupostos, respeitando as seguintes instruções:

a) uma alteração foi efetuada;
b) ela produziu melhora em algo que já era bom;
c) o argumento dado para a melhora é que, dentre todos os inconvenientes, sobretudo um deles foi eliminado.

QUESTÃO 5

> Estou telefonando para marcar quando devo mandar receber a diferença relativa ao primeiro orçamento referente às obras de troca de cabos e fios elétricos em sua empresa.

Há dois pressupostos no trecho, estabelecidos um pela conjunção *quando* e outro pelo ordinal *primeiro.*

Construa um texto similar, efetuando uma cobrança sob os pressupostos de que:

a) houve uma alteração de contrato a favor do fornecedor;
b) o conteúdo dessa alteração não está sob controvérsia, segundo a versão de quem está cobrando.

QUESTÃO 6

> Se a Receita Federal passar a fiscalizar com eficiência, até os empresários vão acabar pagando imposto de renda.

A frase conta com os pressupostos de que:

a) a Receita Federal não é eficiente na fiscalização;
b) os empresários não costumam pagar imposto de renda.

Usando marcadores de pressupostos similares aos da frase acima, redija uma outra em que se estabeleçam os pressupostos de que:

a) o governo não administra com rigor, mas pode fazê-lo;
b) essa atitude pode controlar os gastos públicos com as empreiteiras (que habitualmente são difíceis de controlar).

QUESTÃO 7

O diálogo que segue foi extraído de uma tira do humorista Luís Fernando Veríssimo intitulada *AS COBRAS:*

> – Flecha, você é machista?
> – Para mim não existe qualquer diferença entre os sexos, Shirley. Que pergunta! Aliás, típica.(Apud Unicamp – 93)

Como se vê, nesse texto, Flecha nega um preconceito no plano explícito, mas o afirma no plano implícito.

Usando um marcador de pressuposição similar ao do texto, redija um diálogo em que um dos interlocutores:

a) manifeste uma opinião explícita;
b) deixe implícita a opinião contrária.

QUESTÃO 8

Suponha que você vá redigir uma lei isentando as igrejas e instituições religiosas do pagamento de impostos.

Na oração principal deve constar a afirmação de que *As igrejas e instituições religiosas estão isentas de pagar imposto.*

Entre as expressões *instituições religiosas* e *estão isentas,* encaixe, por meio de uma oração subordinada adjetiva, a seguinte expansão:

> *Elas se dedicam à assistência dos segmentos sociais menos favorecidos e à sua promoção.*

a) Qual seria a redação do texto se quiséssemos dar vantagens para as igrejas e instituições religiosas?
b) E para dar vantagens ao fisco?

QUESTÃO 9

> A partir de agora, só as pessoas que conseguirem autorização do governo poderão ter máquina de escrever em casa. Quem tiver passagem pela polícia não está autorizado a ter porte de máquina. Quanto aos contemplados, serão devidamente registrados.

No fragmento acima, há dois subentendidos instaurados pelo redator da notícia:

a) que máquina de escrever, no regime considerado, é similar a uma arma de fogo;
b) que mesmo os portadores autorizados não estão livres de suspeita.

Redija um fragmento similar, instaurando o subentendido de que o governo a que se refere a notícia:

a) está fragilizado;
b) sente-se ameaçado por escritores como se portassem armas de fogo.

QUESTÃO 10

> O Ministério da Fazenda descobriu uma nova esperteza no Instituto de Resseguros do Brasil. O instituto alardeou um lucro no primeiro semestre de 3,1 bilhões de cruzeiros, que esconde na verdade um prejuízo de dois bi. Brasil, Cuba e Costa Rica são os três únicos países cujas empresas de resseguros são estatais. (*Veja*, 1/9/93, p. 31)

Como se vê, além de vários pressupostos, o texto deixa subentendido por um processo de comparação de três países – que:

a) empresa de resseguros na mão do Estado não é uma solução recomendável;
b) que o Brasil, no que se refere a empresas de resseguros, é um país dos mais atrasados do mundo.

Usando do mesmo processo de comparação, redija um texto que deixe entrever o subentendido de que a animosidade contra as empresas estatais, muitas vezes, é fruto de preconceito e de desinformação.

Lição 15

Progressão textual

Exercícios

QUESTÃO 1

Muitas vezes, a falta de coesão textual acaba redundando na falta de progressão, já que o produto resultante é um mero aglomerado de frases que não possui unidade temática. As frases não fluem, o sentido global não se constrói. Tem-se a impressão de camadas que poderiam ocupar qualquer lugar no conjunto.

O trecho que segue está claramente comprometido por falta de coesão e de progressão textual. Nele se encaixam várias frases, todas elas bem redigidas, mas, no seu conjunto, não chegam a constituir um texto. Todas as passagens falam da educação, mas não é possível, a partir da sua leitura, determinar um tema que lhes dê unidade. Há, entre elas, até mesmo contradições comprometedoras: umas supervalorizam o papel da educação, outras a consideram como desnecessária e até mesmo como inimiga da sabedoria.

Leia com atenção o que vem a seguir:

> O mundo, na hora presente, encontra-se numa encruzilhada entre a educação e a catástrofe. De todos os métodos já experimentados em educação, o melhor consiste em dar a cada criança uma boa mãe. A educação deve levar o homem a fazer o que precisa ser feito, por sua espontânea vontade. A grande falha dos educadores é nunca se lembrarem de que eles já foram crianças. A educação não tem conseguido até hoje bons resultados, já que, quando criança, os homens são tão inteligentes e amáveis; quando adultos, no geral, são tolos e grosseiros. A educação é inimiga da sabedoria porque nos obriga a aprender muitas coisas completamente desnecessárias para quem quer ser sábio.

Há, no entanto, dentro desse trecho idéias que se compatibilizam e podem ser ordenadas dentro dos princípios da progressão textual. Mesmo as que se incompatibilizam podem ser encaixadas de modo tal, que fique preservada a unidade temática: basta, para isso, que o texto distinga com clareza os diferentes pontos de vista sob os quais se pode avaliar uma mesma questão.

Tente, pois, construir um texto onde essas opiniões sobre a educação se encaixem sem afetar a progressão textual. Evidentemente você pode acrescentar suas opiniões e excluir do trecho dado aquelas que sejam incompatíveis com o ponto de vista que vai garantir a unidade temática.

QUESTÃO 2

O texto que segue foi extraído do prefácio do livro *Nova Técnica de Convencer,* de Vance Packard (5 ed. São Paulo, Ibrasa, 1980, p.5-6). Nele, o autor trata, com preocupação, de modernos recursos empregados por agências de publicidade para induzir consumidores a comprar produtos, movidos por impulsos da fantasia e por apelos incontrolados do inconsciente.

De propósito, foram enxertados neste trecho de Packard algumas passagens que, *dada a sua redundância,* prejudicam a progressão textual.

Leia com atenção o que vem a seguir e, excluindo as redundâncias, procure reconstituir o texto original.

> Um diretor de publicidade de Milwaukee, dirigindo-se a colegas, comentou o fato de as mulheres pagarem dois dólares e meio por um creme para a pele, mas não darem mais de vinte e cinco centavos por um sabonete. Elas pagam muito mais por um creme para a pele do que por um sabonete. Por quê? O sabonete, explicou ele, apenas promete deixá-las limpas. O creme promete torná-las belas. Segundo o diretor de publicidade, essas mulheres são atraídas pela promessa de beleza feita pelo creme enquanto que o sabonete só promete a limpeza do corpo. (Os sabonetes começaram agora a prometer também beleza, além de limpeza). Aliás, os sabonetes também passaram a fazer o mesmo apelo do creme de pele. Esse diretor de publicidade acrescentou: “As mulheres estão comprando uma promessa. “Prosseguindo disse: “Os fabricantes de cosméticos não estão vendendo lanolina, estão vendendo esperança... Não compramos mais laranjas, compramos vitalidade. Não compramos simplesmente um automóvel, compramos prestígio.” O pior é que, na opinião do referido diretor de publicidade, não só as mulheres compram promessa em vez de creme de pele, mas nós também compramos saúde em vez de laranja e prestígio em vez de automóvel.

QUESTÃO 3

O texto que segue constitui um bom exemplo de progressão textual:

Brilhantes e engraçados

Jornalistas às vezes são brilhantes, bem-informados, aplicados, interessados.
Outras são desleixados, mal-informados, desinteressados.
Quatro histórias da segunda parte:

> 1. Quando se dava o resultado do jogo do bicho pelo rádio, o repórter Alberto Brandão, da Rádio Globo, saiu anunciando:
>
> “Na cabeça, elefante; no segundo prêmio, cobra; no terceiro... e no sétimo prêmio, o bicho do mar: jacaré”.
>
> 2. Toda a redação do *Jornal do Brasil* estava diante do televisor vendo o histórico momento em que o homem pisava pela primeira vez na Lua. Todos, menos um: Remy Gorga, bom jornalista e bom tradutor, torcedor fanático do Colorado, estava sentado lá no fundo, alheio a tudo, atento ao radinho de pilha que, colado ao ouvido, transmitia o jogo do Internacional.
>
> 3. Marcus Vinicius, repórter da Rádio Globo, descrevendo um desastre de automóvel: “Depois do choque o carro saiu cambaleando.”
>
> 4. Roberto Granja, jovem repórter, recém-chegado do Recife, começou no Rio fazendo plantão da madrugada. Fechado o jornal, o chefe de redação, antes de sair, pergunta a Granja, que fazia ronda:
>
> – Alguma novidade?
>
> – Não. Só um bonde que enguiçou com algumas pessoas dentro.
>
> No elevador foi que o chefe se tocou: só podia ser o bondinho do Pão de Açúcar. Voltou, foi ver, era. Dez pessoas estavam dentro, penduradas por um fio “num bonde enguiçado” já havia duas horas. Um drama de primeira página. Apenas “um bonde que enguiçou.” (LEMOS, Carlos. *Revista Imprensa*, n. 92, maio/95, p.72)

Como se vê, os quatro itens que se seguem ao primeiro parágrafo constituem uma ilustração das inferências contidas na seqüência dos adjetivos: *desleixados, mal-informados, desinteressados.*

Procure compor um texto, usando processo similar ao do trecho da Revista Imprensa, ilustrando o que afirmam os adjetivos em itálico na passagem que segue:

> Não são raros os casos em que nossa imprensa, por precipitação, irresponsabilidade ou má-fé, publica notícias *infundadas, alarmantes, interesseiras.*

OBS.: Use só um item para cada adjetivo. Os casos podem ser relatados de memória ou até mesmo inventados. O importante é que se coloquem em progressão com o trecho citado.

QUESTÃO 4

A redundância é um dos fatores que compromete a progressão textual, mas pode ser usada – como de fato se dá em bons textos – a serviço de intenções retóricas, para a produção de efeitos de sentido. A diferença entre esses dois usos repousa no dado de que, como recurso retórico, a redundância é produto de um programa intencionalmente traçado para criar efeito de reforço da mensagem ou para estabelecer certa hierarquia entre as passagens do texto, ou para marcar certa divisão entre elas, etc; a redundância perturbadora é produto da inadvertência e não acrescenta nada de novo ao texto, não sendo possível perceber por trás delas nenhum esquema regular de organização.

As trovas populares, em que a métrica e a rima são fatores determinantes, fazem largo uso das repetições, extraindo delas coloridos efeitos. Eis um exemplo:

O tempo é senhor de tudo
Sem tempo nada se faz
Tempo dá e tempo tira,
Tempo leva e tempo traz.

(MOTA, Leonardo. *Adagiário Brasileiro.* Belo Horizonte, Itatiaia/São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1987, p.344)

Ou ainda este, extraído da mesma fonte:

Com jeito se leva o mundo,
De tudo o jeito é capaz:
O caso é ajeitar-se o jeito
Como muita gente faz.

Procure construir um pequeno texto em prosa, repetindo como recurso expressivo a expressão *“O tempo é senhor de tudo”;* se preferir, inspirando-se no célebre poema de Vinícius de Morais, construa um texto usando como refrão a expressão *“Porque hoje é sábado.”*

QUESTÃO 5

Faz parte das regras do jogo da progressão textual o respeito às noções de pertinência e de funcionalidade. Isso quer dizer que não se inserem dados no texto que não sejam úteis ou funcionais para o enriquecimento do significado que se deseja construir ou dos resultados que se pretendem atingir. Um dado ou uma informação que não vão ser explorados posteriormente ou que não sirvam para confirmar o que se disse antes devem ser excluídos do texto.

A pertinência dos dados é sempre relativa às intenções que presidem a construção do texto. Suponhamos, por exemplo, uma passagem como esta:

> A Revista X atingiu a tiragem de 1.130.000 exemplares, está há mais de 20 anos no mercado e é lida sobretudo pelas classes A e B. Segundo fontes de pesquisa de opinião, trata-se da publicação mais confiável do país.

Tais dados são pertinentes para promover a venda de espaço da revista a anunciantes ou para convencer um articulista de renome a aceitar uma proposta de passar a escrever para ela. Entretanto, para persuadir uma escola de público infantil a assiná-la para a biblioteca das crianças, não tem a menor pertinência.

Levando em conta essas condições, observe com atenção os dados contidos no trecho que segue e desenvolva um texto dissertativo, explorando os desdobramentos para os quais esses dados são pertinentes.

> A República da Argentina, nosso vizinho de fronteira, com uma população de 33.070.000 habitantes, é o mercado mais promissor de todos os países da América Latina para a produção da indústria brasileira. Em 1990 importou US$ 4,1 bilhões em máquinas industriais, produtos químicos e minerais, tendo por parceiros comerciais os Estados Unidos, Brasil, Holanda, Alemanha e Repúblicas da CEI (Em 1992, as exportações do Brasil somaram US$ 36,1 bilhões). O atual presidente Carlos Saúl Menem tem-se empenhado vivamente para converter o país num destacado interlocutor internacional dos Estados Unidos. Em recente visita ao presidente Bill Clinton, tendo sido recebido como líder do hemisfério, ouviu deste a afirmação de que a Argentina é uma “candidata natural” a integrar-se ao NAFTA, o acordo de livre comércio entre os Estados Unidos, México e Canadá, o que pressupõe um entendimento com seus parceiros do Mercosul: Brasil, Uruguai e Paraguai.

Lição 16

Dizer uma coisa para significar outra

Exercícios

Texto para as questões 1 e 2

Ponto de vista

Avolumam-se, com suspeito sincronismo, as denúncias na imprensa sobre a prática do nepotismo entre os políticos brasileiros. Como um dos atingidos pela nefasta campanha, que visa a denegrir a imagem do servidor público no Brasil, a mando de interesses inconfessáveis, me senti no dever de responder publicamente às insidiosas insinuações, na certeza de que assim fazendo estarei defendendo não apenas minha honra – apanágio maior de uma vida toda ela dedicada à causa pública e à tradição familiar que assimilei ainda no colo do meu saudoso pai, quando era prefeito nomeado da nossa querida Queijadinha do Norte e eu era o seu secretário particular, depois da escola – mas também a honra de toda uma classe tão injustamente vilipendiada , a não ser quando pertence a outro partido, porque aí é merecido. A imprensa brasileira, em vez de cumprir seu legítimo papel numa sociedade democrática, que é o de dar a previsão do tempo e o resultado da Loteria, insiste em perscrutar as ações dos políticos, como se estes fossem criminosos comuns, não qualificados, e em difamá-los com mentiras. Ou, em casos de extrema irresponsabilidade e crueldade, com verdades. Outro dia, depois de ler uma reportagem em que um órgão da nossa grande imprensa me fazia acusações especialmente levianas, virei-me para meu chefe de gabinete e comentei: “Querida, por que eles fazem isto comigo?”. Mas ela apenas resmungou alguma coisa, virou-se para o outro lado e continuou a dormir, obviamente perplexa. (VERÍSSIMO, Luís Fernando. *Veja,* 12/4/89, p. 19)

Esse trecho corresponde à parte inicial de um artigo de página inteira em que Luís Fernando Veríssimo veste a máscara de um político brasileiro que se considera vítima de uma campanha de difamação e se põe em defesa da classe. Trata-se de um curioso artifício de construção textual em que o texto diz uma coisa para significar outra.

À primeira vista, o significado do texto parece ser uma veemente defesa que um político brasileiro faz da própria honra e da sua classe. No entanto a inserção de certas passagens no contexto não deixam dúvidas de que o sentido global é exatamente o oposto de uma defesa da classe política. Na verdade é uma demolidora e bem-humorada ironia contra o tipo de político cujo discurso vem caricatamente simulado no texto. Só uma interpretação irônica é que pode justificar a inclusão de passagens como: *no colo do meu saudoso pai, quando era prefeito nomeado da nossa querida Queijadinha do Norte; uma classe tão injustamente vilipendiada, a não ser quando pertence a outro partido, porque aí é merecido; ou ainda virei-me para meu chefe de gabinete e comentei: Querida, porque eles fazem isto comigo?*

QUESTÃO 1

Acrescente um parágrafo ao trecho acima transcrito, no mesmo tom irônico, de modo que forme com ele um conjunto coerente.

QUESTÃO 2

Suponha agora que esse texto de Luís Fernando Veríssimo tenha a efetiva intenção de assumir com veemência a defesa dos políticos brasileiros contra as denúncias de prática no nepotismo orquestradas pela imprensa.

Que tipo de rearticulações ele deveria sofrer?

QUESTÃO 3

Leia o trecho que segue:

> Prezado amigo,
> Na última carta você me pedia notícias sobre a situação geral do nosso país. Lamento informá-lo de que as coisas aqui não vão nada bem. Persistem os velhos problemas nada contornáveis: grupos econômicos nada dispostos a abrir mão de seus interesses não muito patrióticos, as ações não pouco corrosivas da corrupção, as intervenções nada eficazes da classe política. Coexistindo com esse quadro e por causa dele, continuam as condições econômicas do povo num estado que não causa inveja a ninguém, e o bem-estar coletivo em patamares de que não temos motivo para nos orgulhar.

Esse fragmento simulado de uma carta, fazendo uso do recurso da lítotes, cria uma imagem pouco alvissareira do país.

Fazendo uso deste mesmo recurso, escreva um fragmento similar, criando uma imagem do país oposta à do trecho acima transcrito.

QUESTÃO 4

> CAPÍTULO CXXV / EPITÁFIO
>
> AQUI JAZ
> DONA EULÁLIA DAMASCENA DE BRITO
> MORTA
> AOS DEZENOVE ANOS DE IDADE
> ORAI POR ELA!
>
> CAPÍTULO CXXVI / DESCONSOLAÇÃO
>
> O epitáfio diz tudo. Vale mais do que se lhes narrasse a moléstia de Nhã-loló, a morte, o desespero da família, o enterro. Ficam sabendo que morreu; acrescentarei que foi por ocasião da primeira entrada da febre amarela. Não digo mais nada, a não ser que a acompanhei até o último jazigo, e me despedi triste, mas sem lágrimas. Concluí que talvez não a amasse deveras. ....Se não contei a morte, não conto igualmente a missa do sétimo dia. A tristeza de Damasceno era profunda; esse pobre homem parecia uma ruína. Quinze dias depois estive com ele; continuava inconsolável, e dizia que a dor grande com que Deus o castigara fora ainda aumentada com a que lhe infligiram os homens. Não me disse mais nada. Três semanas depois tornou ao assunto, e então confessou-me que, no meio do desastre irreparável, quisera ter a consolação da presença dos amigos. Doze pessoas apenas, e três quartas partes amigos do Cotrim, acompanharam à cova o cadáver de sua querida filha. E ele fizera expedir oitenta convites. Ponderei-lhe que as perdas eram tão gerais que bem se podia desculpar essa desatenção aparente. Damasceno abanava a cabeça de um modo incrédulo e triste.
> – Qual! – gemia ele – desampararam-me. (ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas.* São Paulo, Abril Cultural, 1978, p.150-151)

No trecho acima, o narrador faz referência à morte inesperada daquela que ele pretendia por esposa (Nhã-loló ou Dona Eulália Damascena de Brito) e ao desconsolo do pai, agravado pelo fato de pouquíssimos amigos terem comparecido ao enterro.

O narrador fala de temas de que promete não falar, usando, pois, o recurso retórico da preterição.

Tal recurso cria um efeito curioso: ao fingir não tocar num assunto, cria a impressão de que ele se impõe com tal evidência, que, na verdade, nem precisaria ser mencionado. Com isso, a revelação daquilo que não precisaria ser relevado acaba dando destaque ao que, de fato, se põe em cena.

Proposta: Fazendo uso da preterição, cite mais algumas reações de possíveis membros da família que estavem entre as doze pessoas a acompanhar o enterro.

QUESTÃO 5

I

> Rubião fitava a enseada – eram oito horas da manhã. Quem o visse, com os polegares metidos no cordão do chambre, à janela de uma grande casa de Botafogo, cuidaria que ele admirava aquele pedaço de água quieta; mas em verdade, vos digo que pensava em outra coisa. Coteja o passado com o presente. Que era, há um ano? Professor. Que é agora! Capitalista. Olha para si, para as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), para a casa, para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu; e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade.
>
> – Vejam como Deus escreve direito por linhas tortas, pensa ele.
>
> Se mana Piedade tem casado com Quincas Borba, apenas me daria uma esperança colateral! Não casou; ambos morreram, e aqui está tudo comigo; de modo que o que parecia uma desgraça...

II

> Que abismo que há entre o espírito e o coração! O espírito do ex-professor, vexado daquele pensamento, arrepiou caminho, buscou outro assunto, uma canoa que ia passando; o coração, porém, deixou-se estar a bater de alegria. Que lhe importa a canoa nem o canoeiro, que os olhos de Rubião acompanham, arregalados? Ele, coração, vai dizendo que, uma vez que a mana Piedade tinha de morrer, foi bom que não casasse; podia vir um filho ou uma filha...
>
> (ASSIS, Machado de. *Quincas Borba.* 11 ed. São Paulo, Ática, 1992, p. 13)

Como se nota, as duas reticências que ocorrem no texto marcam a interrupção do discurso imposta pela censura do espírito do ex-professor ao coração.

Proposta

Fazendo uso das reticências, continue o texto, construindo um diálogo em que a euforia do coração do ex-professor pela fortuna herdada é entrecortada pela censura do espírito de Rubião, constrangido por estar-se alegrando com a morte alheia.

> **QUESTÃO 6**
>
> Num repente, relembrei estar em noite de lobisomem – era sexta-feira (...)
>
> Já um estirão era andado quando, numa roça de mandioca, adveio aquele figurão de cachorro, uma peça de vinte palmos de pêlo e raiva (...)
>
> Dei um pulo de cabrito e preparado estava para a guerra do lobisomem. Por descargo de consciência, do que nem carecia, chamei os santos de que sou devocioneiro:
>
> – São Jorge, Santo Onofre, São José!
>
> Em presença de tal apelação, mais brabento apareceu a peste. Ciscava o chão de soltar terra e macega no longe de dez braças ou mais. Era trabalho de gelar qualquer cristão que não levasse o nome de Ponciano de Azeredo Furtado. Dos olhos do lobisomem pingava labareda, em risco de contaminar de fogo o verdal adjacente. Tanta chispa largava o penitente que um caçador de paca, estando em distância de bom respeito, cuidou que o mato estivesse ardendo. Já nessa altura eu tinha pegado a segurança de uma figueira e lá de cima, no galho mais firme, aguardava a deliberação do lobisomem. Garrucha engatilhada, só pedia que o assombrado desse franquia de tiro. Sabidão, cheio de voltas e negaças, deu ele de executar macaquice que nunca cuidei que um lobisomem pudesse fazer. Aquele par de brasas espiava aqui e lá na esperança de que pensasse ser uma súcia deles e não uma pessoa sozinha.
>
> O que o galhofista queria é que eu, coronel de ânimo desenfreado, fosse para o barro denegrir a farda e deslustrar a patente. Sujeito especial em lobisomem como eu não ia cair em armadilha de pouco pau. No alto da figueira estava, no alto da figueira fiquei. (CARVALHO, José Cândido de. *O Coronel e o Lobisomem.* 8 ed. São Paulo, J. Olympio, s.d., p. 178-179)

Como se vê, o texto se estrutura a partir da alternância entre eufemismos e hipérboles. De um lado, o Coronel disfarça o seu medo do lobisomem com eufemismos: *dei um pulo de cabrito* (criando a impressão de esperteza e não de medo), *chamei os santos de que sou devocioneiro* (segundo ele, por descargo de consciência e não por medo), *tinha pegado a segurança de uma figueira* (alegando que era por por estratégia e não por medo); de outro lado exagera, por meio de hipérboles, a periculosidade do lobisomem: *uma peça de* *vinte palmos de pêlo e raiva; ciscava o chão de soltar terra e macega no longe de dez braças ou mais; pingava labareda em risco de contaminar de fogo o verdal adjacente.*

Proposta

Muitas vezes, certas condições nos impõem a necessidade de contrabalançar eufemismos e hipérboles. Fazendo uso desses dois recursos retóricos, elabore um pequeno discurso de homenagem à delegação de um país com que já nos relacionamos cordialmente e sem restrições no passado, mas, no presente, aquelas boas relações estão sendo abaladas por tensões e conflitos delicados. As boas relações do passado devem ser enfatizadas e os conflitos atuais devem ser atenuados, mas não podem deixar de ser citados.

Lição 17

Argumentação

Exercícios

QUESTÃO 1

O texto publicitário que segue tenta persuadir o telespectador a ver o canal MTV e o patrocinador a investir nele, baseado em vários tipos de argumento comandados por um principal, do qual os demais são manifestação e sintoma: sua grande quantidade de telespectadores (111 municípios na rede, 3ª emissora no público jovem). Além disso, trata-se de um telespectador ativo, participante (2.000 quilos em cartas recebidas, 5.563 ôis (sic) do Zeca Camargo). Os dados mostram ainda um longo tempo de exposição dos seus programas (11.712 horas no ar), com muita variedade (26.400 videoclips exibidos), que dá bom retorno aos patrocinadores (180 anunciantes).

Enfim, uma empresa de porte, que dá emprego para 201 funcionários. Tudo isso com apenas 2 anos de MTV. É um invejável resultado em muito pouco tempo.

Como se nota, trata-se de um jogo argumentativo baseado sobretudo no tópico da *quantidade*, para o qual aquilo que produz muitos resultados e agrada a muitos tem mais valor do que aquilo que produz pouco e que agrada a poucos. Além disso, a discriminação de dados e o uso de quantidades exatas criam um efeito de verdade. A indicação da fonte fornecedora da estatística (Datafolha), um organismo não vinculado à MTV, é outro recurso que reforça a impressão de verdade.

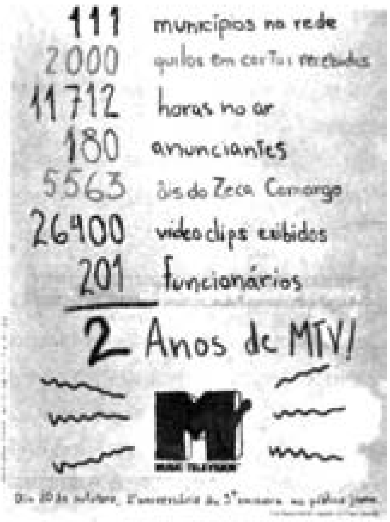
111 municípios na rede
2000 quilos em cartas recebidas
11712 horas no ar
180 anunciantes
5563 ôis do Zeca Camargo
26400 videoclips exibidos
201 funcionários
2 Anos de MTV!

Explorando recursos argumentativos baseado no tópico da *quantidade*, faça um parágrafo dissertativo, procurando convencer o leitor de que um dos graves problemas sócioeconômicos do Brasil é a imigração de regiões carentes para os grandes centros urbanos do Sul. Se necessário, pesquise dados em uma fonte credenciada.

QUESTÃO 2

A seguir vem um texto publicitário que, baseado nas diferenças individuais, propõe um produto identificado com elas. Individualidade e identidade são, pois, a base do jogo argumentativo do texto, explorando o tópico da *qualidade*.

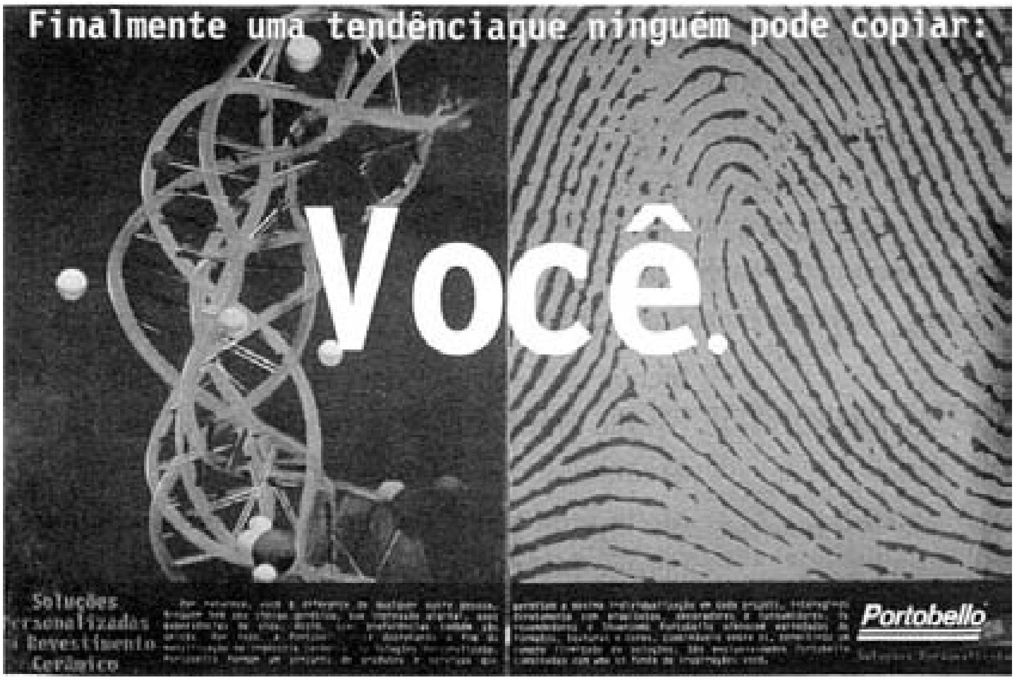
Finalmente uma tendênciaque ninguém pode copiar:
Você.
Soluções Personalizadas em Revestimento Cerâmico
Portobello

SOLUÇÕES PERSONALIZADAS EM REVESTIMENTO CERÂMICO

Por natureza, você é diferente de qualquer outra pessoa. Ninguém tem seu código genético, sua impressão digital suas experiências de vida. Assim, suas preferências também são únicas. Por isso, a Portobello está decretando o fim da massificação na indústria cerâmica. As Soluções Personalizadas Portobello formam um conjunto de produtos e serviços que permitem a máxima individualização em cada projeto, interagindo diretamente com arquitetos, decoradores e consumidores. Os revendedores e Showrooms Portobello oferecem variedades de formatos, texturas e cores, combináveis entre si, permitindo um número ilimitado de soluções. São exclusividades Portobello combinadas com uma só fonte de inspiração: você.

Fazendo uso do argumento de *qualidade* redija um texto pequeno, persuadindo seus amigos de que a leitura de bons livros é mais útil do que ver televisão.

QUESTÃO 3

Como se sabe, o que existe, sobretudo aquilo que está arraigado a uma cultura, é mais persuasivo do que o seu contrário. Por isso é difícil produzir argumentos que convençam os indivíduos acostumados com o *existente* a agir contra ele.

O trecho que segue é o início de uma publicidade institucional financiada pelo Unicef e pela Fundação Odebrecht.

Leia-o com atenção:

Você acha normal
que uma criança carente
fracasse na escola?
Nós não.

> Os altos índices de repetência escolar só não são mais perversos que o conformismo da nossa sociedade com esse absurdo. Um absurdo que está presente de modo significativo entre as classes sociais mais ricas e de modo esmagador entre as classes mais pobres.
>
> A verdade é que o fracasso na escola passou a ser encarado de forma tão natural quanto a chuva, o sol, o calor e o frio. Tão natural que passou a fazer parte da nossa cultura.(*Veja*, 17/8/94, p. 52)

Após esses dois parágrafos iniciais, o texto procura apresentar argumentos para persuadir o povo a tomar providências contra esse estado de coisas.

Redija você um pequeno texto com essa mesma orientação argumentativa. Trata-se de um esforço argumentativo direcionado contra uma opinião consensual.

QUESTÃO 4

Leia com atenção o trecho que segue, extraído do texto dramático *Auto da Compadecida*.

CHICÓ – Mas padre, não vejo nada de mau em se benzer o bicho.

JOÃO GRILO – No dia em que chegou o motor novo do major Antônio Morais o senhor não benzeu?

PADRE – Motor é diferente, é uma coisa que todo mundo benze. Cachorro é que eu nunca ouvi falar.

CHICÓ – Eu acho cachorro uma coisa muito melhor do que motor.

PADRE – É, mas quem vai ficar engraçado sou eu, benzendo o cachorro. Benzer motor é mais fácil, todo mundo faz isso, mas benzer cachorro?

JOÃO GRILO – É, Chicó, o padre tem razão. Quem vai ficar engraçado é ele e uma coisa é benzer motor do major Antônio Morais e outra benzer o cachorro do major Antônio Morais.

PADRE – (mão em concha no ouvido) Como?

JOÃO GRILO – Eu disse que uma coisa era o motor e outra o cachorro do major Antônio Morais.

PADRE – E o dono do cachorro de quem vocês estão falando é Antônio Morais?

JOÃO GRILO – É. Eu não queria vir, com medo de que o senhor se zangasse, mas o major é rico e poderoso e eu trabalho na mina dele. Com medo de perder meu emprego, fui forçado a obedecer, mas disse a Chicó: o padre vai se zangar.

PADRE – (desfazendo-se em sorrisos) Zangar nada, João!
Quem é um ministro de Deus para ter direito de se zangar?
Falei por falar, mas também vocês não tinham dito de quem era o cachorro!

JOÃO GRILO – (cortante) Quer dizer que benze, não é?

PADRE – (a Chicó) Você o que é que acha?

CHICÓ – Eu não acho nada de mais.

PADRE – Nem eu. Não vejo mal nenhum em se abençoar as criaturas de Deus.

(SUASSUNA, Ariano. Teatro Moderno. *Auto da Compadecida*. 8 ed., Rio de Janeiro, Agir, INL, 1971, p.32-34)

O texto mostra um jogo argumentativo entre três personagens: de início, Chicó e João Grilo tentam persuadir o sacerdote a fugir do consenso e benzer um cachorro; o sacerdote, baseado no consenso, recusa-se a acatar seus argumentos.

Para se opor ao consenso é preciso um argumento mais forte: escolheram então o de autoridade (o cachorro era do major Antônio Morais).

O padre submete-se a ele.

Coloque-se agora no lugar do sacerdote e encontre uma saída honrosa para não se desviar do consenso (não cair em contradição) e não entrar em confronto ostensivo com o major Antônio Morais.

QUESTÃO 5

Os argumentos baseados em categorias genéricas são menos persuasivos do que os dados de realidade que os sustentam. Uma categoria abstrata só é eficaz em argumentação, quando os interlocutores compartilham os fenômenos que lhes dão fundamento.

O trecho que segue é uma boa demonstração de que a generalidade é um defeito que enfraquece o poder argumentativo do texto.

> Afinal de contas, quem são eles?
>
> Engulo o uísque e vou caminhando. Tenho um encontro com um empresário e um americano antropólogo que está com ele. Cinema, grana, outros papos. O burguês amigo meu fala sem parar nas tragédias da lucratividade nacional. Meu amigo fala muito "deles...deles...deles". Todo o mal do Brasil é culpa deles. O mundo e o país estão sendo destruídos por eles. Até que o americano não agüenta mais de curiosidade e pergunta: "*Who are they?*" (Quem são eles?) Meu amigo pára, travado. Quem são eles. Aí descubro o óbvio triunfal. Eles são os outros. São as forças ocultas que desculpam nossa omissão. Grande categoria descobri: eles. Todos nós falamos da desgraça nacional como se fosse feita por outros, seres impalpáveis que são responsáveis por tudo. Eles podem ser o governo, o operariado, os americanos, os jornalistas, até os judeus talvez... Todos, menos nós. (JABOR, Arnaldo. *Os canibais estão na sala de jantar.* 5 ed. São Paulo, Siciliano, 1993, p. 19)

Elabore um parágrafo, esclarecendo os possíveis atores a que a categoria *eles* se refere, procurando dar uma resposta mais persuasiva à pergunta feita pelo "americano".

QUESTÃO 6

Em época de campanha política, faz parte do jogo argumentativo um candidato desqualificar o discurso do seu concorrente.

É o que se dá nesta declaração de Lula contra Fernando Henrique Cardoso por ocasião da campanha eleitoral para a Presidência da República em 1994.

> O que Fernando Henrique conhece do Brasil? Nada. Ele só sabe onde ficam os monumentos de Roma, as praças de Londres e os botequins de Paris. Não dá para conhecer o Brasil pelo mapa. (*Veja,* 4/1/95, p. 6)

Suponha que você seja o assessor de comunicação de Fernando Henrique. Redija uma resposta rápida à declaração de Lula, tentando neutralizar a intenção de seus argumentos.

QUESTÃO 7

Palavras de sentido aparentemente idêntico possuem matizes de significado que permitem seu uso para orientações argumentativas completamente diferentes e até opostas.

É o caso da oposição entre ***assassinasse*** e ***executasse*** no texto que vem a seguir, extraído da seção de cartas do leitor de *Veja,* 7.6.95.

> Não está correta a afirmação de que foi oferecido prêmio de 3 milhões de dólares ao fiel que "assassinasse" Salman Rushdie. O correto é dizer que a recompensa foi prometida ao fiel que "executasse" a sentença proferida por quem tinha competência para tanto; no caso, um imã xiita. Como muçulmano xiita que sou, tenho direito – e competência – para discordar da sentença, pois concordo com Salman Rushdie quando afirma que quem se ofendeu provavelmente não leu *Os Versos Satânicos.* Eu os li e achei que o autor merecia, quando muito, uma reprimenda pública. Concordo também com Rushdie sobre a banalidade do fundamentalismo, contrário aos preceitos islâmicos de tolerância, justiça e liberdade (Amarelas, 17 de maio)

Suponha o que segue: foi você que usou, nas Páginas Amarelas de *Veja,* o verbo *assassinasse* em vez de *executasse.* Redija breve resposta ao leitor, comentando o uso de uma palavra em vez de outra.

QUESTÃO 8

Dada a complexidade de certos temas que são objeto de debate em determinado momento da História, não é de estranhar o fato de que existam bons argumentos favoráveis tanto a um ponto de vista quanto ao seu contrário.

Modernamente, o debate sobre questões ligadas à ecologia tem despertado polêmicas acaloradas e opiniões conflitantes, muitas delas baseados em argumentos respeitáveis.

Leia os três trechos que vêm a seguir:

I

> Nos países onde a ecologia se estruturou como movimento de opinião, três projetos, um reformista, um intermediário, outro revolucionário, se defrontam. As diferenças de ótica entre eles se enraízam para além (ou aquém) da política tradicional, em divergências quase metafísicas sobre a questão de nossas relações com o universo. Para o primeiro grupo, sem dúvida o mais banal por ser menos dogmático, menos doutrinário, parte-se da noção de que através da proteção ao meio ambiente é o homem que se trata de salvaguardar – quando preciso – até dele mesmo. O meio ambiente em si não tem valor intrínseco. Apenas, se for destruído, a própria existência ou pelo menos o bem-estar do homem podem ficar comprometidos. Trata-se por assim dizer de uma visão "humanista" da ecologia, antropocentrista, em que a natureza tem papel indireto – o centro é o homem. O meio ambiente é a nossa periferia, o que engloba, envolve o homem. A natureza não tem, por si só, nenhum valor absoluto.

II

> A segunda via vai um passo além. Ela se fundamenta no princípio de que não se deve apenas militar em defesa dos direitos do homem. De maneira mais global, deve-se também visar à ampliação do bem-estar de tudo o que se encontra na Terra. Nessa linha de ação e raciocínio, atribui-se um valor pelo menos moral a certos seres não humanos e aspira-se a um bem-estar de todas as espécies. Daí nasceu o movimento da “libertação animal”, segundo o qual todos os seres suscetíveis de sentir dor e prazer devem ser tratados igualmente. Homens e animais, portanto, passam pelo crivo das preocupações morais. O antropocentrismo já começa a ceder.

III

> O terceiro grupo verbaliza a reivindicação de um “direito das árvores e das pedras”, ou seja, da natureza como tal, inclusive sua forma vegetal e mineral. Os princípios dessa ecologia mais radical passam pela revisão do conceito de humanismo moderno: o “contrato social” dos pensadores políticos deve ser substituído por um novo “contrato natural”, no qual o universo todo se torna uma figura de direito. Não se trata mais de considerar o homem como centro do mundo, e sim o cosmos, que, se necessário, deve ser protegido do próprio homem. O ecossistema – ou biosfera – passa a adquirir valor próprio, superior ao da espécie humana. A natureza, longe de ser apenas o palco de nossas atividades, deveria ser o objeto de um respeito estético, moral e jurídico. Sendo assim, é a civilização ocidental inteira que caberia incriminar. Entregue ao consumismo desenfreado, ela conduziria de forma inequívoca à devastação da Terra. (FERRY, Luc. Veja 25 anos, *Reflexões para o futuro,* 1993, p. 174-176)

Como se pode notar, os três fragmentos abordam a questão das relações do homem com o universo em que vive.

No primeiro, antropocentrista, o homem é concebido como valor máximo na natureza. Todos os demais seres só adquirem valor em função dele.

No segundo, antropocentrista moderado, o homem não é o único valor do universo em função do qual os outros seres adquirem importância. Reconhece-se, além do homem, valor intrínseco a outras espécies, que têm também direito ao bem-estar.

No terceiro, contrário ao antropocentrismo, o universo é todo concebido como uma figura de direito. O homem passa a ser função do universo e não o contrário.

Proposta

Redija um texto dissertativo manifestando com que ponto de vista você se identifica e expondo argumentos competentes para justificá-lo.

Lição 18

Resumo

Exercícios

PROPOSTAS DAS PROVAS DE 1996 A 2000

Para esta lição, que trata das características de um resumo e da melhor forma de fazê-lo, não há melhor exercício que tentar resumir os próprios textos propostos nos últimos concursos para Admissão ao Curso de Preparação à Carreira Diplomática.

A grande vantagem dessa escolha é que cada texto vem acompanhado de um exemplo de resumo, elaborado por um dos candidatos, acrescido da nota obtida.

Dentre os textos da coletânea proposta para a redação, um é selecionado para resumir, com especificação da extensão ideal em quantidade de palavras e do valor em pontos. Trata-se de uma forma de a banca dar a conhecer, ao menos implicitamente, seus critérios de avaliação desse tipo de prova.

Nesta lição (18) será transcrito apenas o texto da coletânea, destacado para ser resumido. Os demais componentes da coletânea, inclusive o que vem repetido aqui, estão transcritos nos exercícios da lição 11.

EXEMPLO DE PROVA (concurso de 1996)

Texto nº 2 – Um sistema dual: os integrados e os marginalizados

> Recorrendo de novo à terminologia de Dahl, seria possível dizer que há hoje no Brasil um "sistema dual", caracterização que também se aplica ao sistema político de vários países latino-americanos. Dahl usa a expressão para descrever diferentes sistemas de poder, tais como os que existiram em Atenas, na Grécia Antiga, e no sul dos Estados Unidos até a década de 1960. A peculiaridade do "sistema dual" é a de que, para os indivíduos que estão integrados, existem mecanismos efetivos de participação e influência, ao passo que para os que ficam de fora há um regime de coerção e, em casos extremos de terror. Evidentemente, tais "sistemas" duais diferem muito entre si: um exemplo extremo é o atual regime da África do Sul; outro, mais ameno, é o do período de Giolitti na Itália.

A atual ordem política brasileira pode ser comparada ao passado sistema italiano, especialmente no que se refere à extraordinária diferenciação *regional* de poder, existente nos dois casos. Também seria interessante comparar a sociedade brasileira à do Sul dos Estados Unidos no período anterior à década de 1960, dado o papel da escravidão na história de ambas. No entanto, o caso italiano é mais próximo, no sentido em que a dualidade do sistema baseia-se em critérios mais sociais do que raciais. Como afirmou o deputado Ulysses Guimarães no discurso citado, a miséria é uma forma de discriminação e "não há pior discriminação do que a miséria".

Em que consiste esse "sistema dual brasileiro"? Para aqueles que estão dentro – isto é, para os grupos social e economicamente dominantes, assim como para outros segmentos organizados da sociedade – há um regime político competitivo. Talvez seja avançar muito supor que existe uma "poliarquia" para esses grupos, mas já estamos a caminho disso. Evidentemente, entre os que estão dentro contam-se segmentos organizados de trabalhadores, assim como outros setores sociais e políticos que querem democratizar o sistema e eliminar a dualidade, universalizando suas características democráticas. Para os que ficam de fora, para os marginalizados que são muito pobres e incapazes de se organizar, resta apenas tornarem-se objeto de manipulação política – em outras palavras, são tratados não como cidadãos mas como "clientes", na acepção romana do termo. E, quando necessário, o que ocorre com freqüência, são submetidos à repressão policial. Eles são livres para participar das eleições e, na realidade, a maioria o faz. Não são marginalizados por nenhum tipo de restrição institucional, mas pelas próprias condições sociais, políticas e culturais em que vivem e que os transformam em massas amorfas.

Talvez seja mais exato dizer que também eles estão dentro, só que à margem. Aqui impõe-se uma distinção muito complexa entre cidadãos e eleitores. Segundo Ulysses Guimarães, "em um país com 30.401.000 de analfabetos (...) é preciso não esquecer que a cidadania começa com a alfabetização". Esta observação nos remete ao problema inicial da distância entre as instituições que garantem a liberdade (política) e o que diz respeito à defesa da justiça social. Não é que as eleições não tenham relevância nas decisões tomadas nos "sistemas duais". A questão é que deles participam segmentos da população que têm pouca, ou mesmo nenhuma, possibilidade de exercer qualquer influência autônoma. A clássica frase eleitoral – "a cada homem um voto" – pressupõe a autonomia do indivíduo para expressar sua opinião. Todavia, no Brasil, como observou o cientista político Fábio Wanderley, somente 7,5 milhões de pessoas pagam impostos, enquanto 75 milhões estão habilitados a votar. Isto significa que a cidadania eleitoral "antecipou" de certo modo a cidadania política no sentido mais amplo. Para dizer de outro modo: existem milhões de cidadãos no sentido eleitoral que, na realidade, não passam de cidadãos de segunda classe.

Aqui começamos a nos distanciar do caso norte-americano, onde, a despeito da desigualdade entre ricos e pobres, e pondo à parte a questão racial, sempre houve, pelo menos desde a época de Tocqueville, uma forte tendência à "igualdade de condições" no sentido de efetiva igualdade dos cidadãos perante a lei. Isto de forma alguma é uma mera formalidade legal, mas representa a capacidade política, cultural e social de cada cidadão para exercer os direitos garantidos pelo sistema institucional. Em uma sociedade democrática, os indivíduos pertencem a diferentes classes, o que ocasiona desigualdades sociais, mas não existem cidadãos de segunda classe, pelo menos não na magnitude registrada no Brasil (e na maioria dos países latino-americanos). Evidentemente, encontra-se situação semelhante em várias das grandes cidades dos Estados Unidos que receberam um grande número de migrantes negros sulinos nos últimos quarenta anos. Também nessas cidades os pobres constituem a grande maioria da cidadania e do eleitorado. No entanto, não é esta a situação geral do país nem de nenhuma de suas regiões. (Francisco Weffort. *Qual Democracia?)*

Elabore um resumo do Texto nº 2, com extensão de 200 a 250 palavras (valor: 40 pontos).

EXEMPLO DE RESUMO

Maurício Fernando Dias Fávero (37/40)

No excerto "Um sistema dual: os integrados e os marginalizados", da obra Qual Democracia?, Francisco Weffort descreve o sistema político brasileiro como "sistema dual", salientando as condições sociais que determinam a marginalização política de parcela significativa da população do país.

À luz da terminologia de Dahl, Weffort aponta a existência, no Brasil, de sistema político dual. Esse sistema caracteriza-se, por um lado, como regime efetivo de participação política para os indivíduos socialmente integrados e, por outro, como regime de exclusão e de coerção para as pessoas marginalizadas.

Weffort sublinha que a marginalização político-social radica-se sobretudo, em causas sociais. Tais causas, na opinião do autor, originam-se da diferenciação regional de poder e de herança escravocrata do Brasil.

A situação de marginalização em apreço propicia a manipulação eleitoral da população pobre e desinformada, cuja situação – lembra o autor – é determinada pelas condições de empobrecimento social, político e cultural em que se encontra.

Em seguida, Weffort adverte que a educação constitui fator responsável pela distinção entre cidadão e eleitor. A cidadania eleitoral, assevera o autor, não garante cidadania política, que, por seu turno, é mais abrangente e exercida de modo autônomo. Ao contrário dos Estados Unidos, assinala Weffort, o Brasil não oferece igualdade de oportunidades à maioria da população, relegando expressivo número de brasileiros, à semelhança da maioria dos latino-americanos, ao exercício de cidadania de segunda classe: socialmente dependente e politicamente manipulável.

EXEMPLO DE PROVA (concurso de 1997)

Texto nº 3 – Português do Brasil
versus português de Portugal: as querelas

(...) Vamos ler algumas opiniões sobre a questão de haver uma ou duas línguas portuguesas. Tais especulações são, em geral, carregadas de nacionalismo exacerbado, para um ou para outro lado. Iniciemos pela de Câmara Júnior:

"Como quer que seja, as discrepâncias de língua padrão entre Brasil e Portugal não devem ser explicadas por um suposto substrato tupi ou por uma suposta profunda influência africana, como se tem feito às vezes. Resultam essencialmente de se achar a língua em dois territórios nacionais distintos e separados.

A partir do período clássico, em que o português se implantou no Brasil, cada país teve a sua evolução lingüística, nem sempre coincidente uma com a outra, apesar das estreitas relações de vida social e cultura. (...)

O problema do português popular e dialetal do Brasil é, naturalmente, outro. Nele podem ter atuado substratos indígenas, não necessariamente, tupi, e os falares africanos, na estrutura fonológica e gramatical. Também se verificaram, por outro lado, sobrevivências de traços portugueses arcaicos, que não se eliminaram de áreas isoladas ou laterais em relação às grandes correntes de comunicação da vida colonial. A imensa vastidão do território brasileiro e as modalidades de uma exploração intermitente e caprichosa já propiciavam, aliás, por si sós, uma complexa dialetação, que ainda está por se estudar cabalmente".

A posição de Câmara Junior, poderíamos dizer, é objetiva e neutra: nela está presente a preocupação científica do lingüista que preconiza, fundamentalmente, a evolução natural para um e outro sistema, em territórios geográficos distintos. Tal não é a neutralidade científica encontrada em Ribeiro (1933). Nessas breves passagens do texto de Ribeiro, *A língua nacional*, fica clara a posição apaixonada que o autor assume em relação à unidade brasílica do português americano. Vejamos:

“Parece todavia incrível que a nossa Independência ainda conserve essa algema nos pulsos, e que a personalidade de americanos pague tributo à submissão das palavras. (...)

A nossa gramática não pode ser inteiramente a mesma dos portugueses. As diferenciações regionais reclamam estilo e método diversos. (...)

Trocar um vocábulo, uma inflexão nossa, por outra de Coimbra, é alterar o valor de ambos a preço de uniformidade artificiosas e enganadoras. (...)

Não podemos, sem mentira e sem mutilação perniciosa, sacrificar a consciência das nossas próprias expressões.

Corrigi-las pode ser um abuso que afete e comprometa a sensibilidade imanente a todas elas.

Os nossos modos de dizer são diferentes e legítimos e, o que é melhor, são imediatos e conservam, pois, o perfume do espírito que os dita”.

Temos, assim, no testemunho de João Ribeiro, uma defesa da língua brasileira nacional como marca da independência do povo brasileiro: uma exaltação à alma e ao espírito brasileiros, libertos, via língua, das amarras que os prendiam ao reino português. Se é veemente e exacerbada a glorificação da língua brasileira nacional defendida por Ribeiro, não menos veemente e exacerbado é o depoimento de José Pedro Machado em O *português do Brasil*.

Este texto que ora leremos foi escrito como uma resposta indignada a um pronunciamento do poeta Cassiano Ricardo, lido a 30 de janeiro de 1941, frente à Academia Brasileira de Letras, intitulado “A Academia e a língua brasileiras’, partes do qual aparecem transcritas no livro de Machado e que retomaremos para melhor explicitar a posição “lusitana” do último. Em primeiro lugar, pois, as palavras de Cassiano Ricardo:

“A glória de Portugal nada tem que ver com a língua falada pelo povo brasileiro. Muito ao contrário, é na língua falada pelo brasileiro que melhor havemos de celebrar a glória de Portugal.

Se os filólogos portugueses são os primeiros a reconhecer, com absoluta lealdade, que falamos um dialecto do português e, portanto, uma língua que se destacou de sua origem peninsular, não poderemos nós ser mais realistas do que o rei, ou, no caso, do que os reis da lingüística portuguesa. (...)

Glorifiquemos, assim, as duas línguas e não somente a portuguesa, criando direitos e obrigações recíprocas.

Não é possível anular o fenômeno lingüística no Brasil; muito menos transigir num assunto que tanto interessa à formação nacional". E, em seguida, o depoimento de Machado:

"Não foi pequeno o eco do discurso do Sr. Cassiano Ricardo. Os jornais publicaram-no integralmente e até o *Estado de São Paulo* procedeu a um inquérito entre alguns publicistas e intelectuais brasileiros.

Como tem sucedido várias vezes, também aqui as opiniões se dividiram: para um lado os defensores do *idioma brasileiro*, para o outro os seus adversários.

Infelizmente não se lembraram de tomar aquela atitude que, afinal, parece tão evidente, tão lógica, que muito surpreende não ter sido a adaptada: em vez de se ouvirem pessoas, com certeza distintas nas suas especialidades, mas pouco versadas nesta, por que não se pediu a opinião dos filólogos? (...)

O facto de não considerar *língua brasileira*, mas dialectos brasileiros, não quer dizer que eu ponha em dúvida a justiça da independência brasileira (o que seria estupidamente absurdo), nem tão-pouco ofender os brios patrióticos dos nossos irmãos de além-Atlântico.

Devemos, no entanto, afastar todos os sentimentos para alcançar um objecto que, sem essa medida prévia, aparecerá diante dos nossos olhos rodeado de espessas névoas ou deturpado. (...)

Eu sou da opinião de Sílvio Elia: 'A fuga para a Europa ou o recolhimento na taba do índio são duas soluções cômodas, mas em desacordo com o ser nacional' ".

O texto de Machado fala por si mesmo. O posicionamento que o autor assume em tomo de uma política lusitana da língua portuguesa ecoa em cada passagem, embora ele procure enfatizar o poder decisório dos filólogos que poria fim a discursos, como o proferido pelo poeta. E é justamente em um breve comentário sobre Cassiano Ricardo, em nota de rodapé,...., que Machado mais fortemente revela seu descaso pelos que apregoam a existência de uma língua brasileira nacional individuada. Assim se expressa o autor nessa nota de pé-de-página:

> "Lembro que o nome do ilustre acadêmico não é, nem pode ser, desconhecido. Trata-se de um poeta, cuja glória foi coroada com aquele admirável *Martim Cererê,* dedicado ao Brasil-menino. Nessas páginas, ao lado da simplicidade tão bela, aparece-nos um português razoável.
>
> Por isso, ocorre perguntar: *Por que não emprega o delicado poeta nas suas obras uma língua absolutamente diferente da minha?*
>
> *Além de justificar a existência do 'dialecto dignificado', tornava-se coerente com o teor do discurso feito na Academia Brasileira". (Ênfase* acrescida pelo autor.)
>
> Temos, pois,... quatro diferentes posições sobre a questão da língua nacional." (F. T. *Tempos Lingüísticos:itinerário histórico da língua portuguesa)*

Elabore o resumo do Texto nº 3, com extensão de 200 a 250 palavras (valor: 40 pontos).

EXEMPLO DE RESUMO

Maximiliano Barbosa Fraga (40/40)

No texto "Português do Brasil VERSUS português de Portugal: as querelas", da obra Tempos Lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa, F.T. faz um relato das opiniões de quatro escritores sobre a questão de haver uma ou duas línguas portuguesas.

F.T. considera a opinião de Câmara Júnior objetiva e neutra. Câmara Júnior – lembra o autor – explica as diferenças de língua padrão entre Brasil e Portugal com base na evolução natural da língua em territórios geográficos distintos e separados. Câmara Júnior, cita F.T., destaca que o português popular e dialetal do Brasil, por seu turno, pode ter sofrido a ação de substratos indígenas e africanos na estrutura fonológica e gramatical.

Em seguida, F.T. destaca o caráter apaixonado do posicionamento de João Ribeiro. Este, conforme F., assevera as diferenças regionais existentes entre Brasil e Portugal e a necessidade de haver estilo e método diversos entre a língua dos dois países. Ribeiro, aponta F.T., defende uma língua brasileira nacional como característica de independência do povo brasileiro.

F.T. assinala as discrepâncias de opinião existentes entre José Pedro Machado e Cassiano Ricardo. Cassiano – aponta F.T. – salienta a existência de duas línguas, citando o fato de que os próprios portugueses consideram que os brasileiros falam um dialeto do português peninsular. Machado – menciona F. T. – defende consulta aos filólogos sobre o tema e posiciona-se contra a existência de língua brasileira nacional individuada, assinalando que a língua usada por Cassiano Ricardo não é absolutamente diferente daquela por ele empregada.

EXEMPLO DE PROVA (concurso de 1998)

Texto nº 1 – Fazedores de desertos

É natural que todos os dias chegue do interior um telegrama alarmante denunciando o recrudescer do verão bravio que se aproxima. Sem mais o antigo ritmo, tão propício às culturas, o clima de S. Paulo vai mudando.

Não o conhecem mais os velhos sertanejos afeiçoados à passada harmonia de uma natureza exuberante, derivando na intercadência firme das estações, de modo a permitir-lhes fáceis previsões sobre o tempo.

As suas regras ingênuas enfeixadas em alguns ditados que tinham, às vezes, rigorismo de leis falham-lhes, hoje, em toda a linha: passam-lhes, estéreis, as luas novas trovejadas; diluem-se-lhes como fumaradas secas as nuvens que ao entardecer abarreiram os horizontes; varrem-lhes as ventanias súbitas a poeira líquida das neblinas que se adensam de manhã, pelo topo dos outeiros; e em plena primavera, agora, sob o alastramento das soalheiras fortes, o aspecto de suas plantações, esfolhadas e esfloradas, principia a ser desanimador, revelando, antes do estilo franco, esse período máximo à vida vegetativa que, nos países quentes, está no desequilíbrio entre a evaporação intensa pelas folhas e a absorção escassa, e cada vez menor, pelas raízes. (...)

Mas é natural o fenômeno. Nem é admissível que ante ele se surpreendam os nossos lavradores, primeiras vítimas dessa anomalia climática.

Porque há longos anos, com persistência que nos faltou para outros empreendimentos, nós mesmos a criamos.

Temos sido um agente geológico, nefasto, e um elemento de antagonismo terrivelmente bárbaro da própria natureza que nos rodeia.

É o que nos revela a história.

Foi a princípio um mau ensinamento do aborígine. Na agricultura do selvagem era instrumento preeminente o fogo. Entalhadas as árvores pelos cortantes *dgis* de diorito, e encoivarados os ramos, alastravam-lhes por cima as caitaras crepitantes e devastadoras. Inscreviam, depois, em cercas de troncos carbonizados a área em cinzas onde fora a mata vicejante; e cultivavam-na. Renovavam o mesmo processo na estação seguinte, até que, exaurida, aquela mancha de terra fosse abandonada em *caapuera*, jazendo dali por diante para todo sempre estéril, porque as famílias vegetais, renovadas no terreno calcinado, eram sempre de tipos arbustivos diversos das da selva primitiva. (...)

Veio depois o colonizador e copiou o processo. Agravou-o ainda com se aliar ao sertanista ganancioso e bravo, em busca do silvícola e do ouro.

Afogada nos recessos de uma flora que lhe abreviava as vistas e sombreava as tocaias do tapuia, dilacerou-a, golpeando-a de chamas, para desvendar os horizontes e destacar, bem perceptíveis, tufando nos descampados limpos, as montanhas que o norteavam balizando a rota das bandeiras.

Atacaram a terra nas explorações mineiras a céu aberto; esterilizaram-na com o lastro das grupiaras; retalharam-na a pontaços de alvião; degradaram-na com as torrentes revoltas; e deixaram, ao cabo, aqui, ali, por toda a banda, para sempre áridas, avermelhando nos ermos com o vivo colorido da argila revolvida, as *catas* vazias e tristonhas com o seu aspecto sugestivo de grandes cidades em ruínas...

Ora, tais selvatiquezas atravessaram toda a nossa história.

Mais violentas no Norte, onde se firmou o regímen pastoril nos sertões abusivamente sesmados, e desbravados a fogo – incêndios que duravam meses derramando-se pelas chapadas em fora – ali contribuíram para que se estabelecessem, em grandes tratos, o regímen desértico e a fatalidade das secas.

O sul subtraiu-se em parte à faina destruidora, que o próprio governo da metrópole, em sucessivas cartas régias, procurou refrear, criando mesmo juizes conservadores das matas que impedissem a devastação.

O mesmo sistema de culturas largamente extensivas, porém, as lavouras parasitárias arrancando todos os princípios vitais da terra sem lhes restituir um único, foram, pouco a pouco, remodelando-lhe as paragens mais férteis, transmudando-as e amaninhando-as. (...)

As conseqüências repontam, naturais.

A temperatura altera-se, agravada nesse expandir-se de áreas de insolação cada vez maiores pelo poder absorvente dos nossos terrenos desnudados, cuja ardência se transmite por contacto aos ares, e determina dois resultados inevitáveis: a pressão que diminui tendendo para um *minimum* capaz de perturbar o curso regular dos ventos, desorientando-os pelos quatro rumos do quadrante, e a umidade relativa que decresce, tornando cada vez mais problemáticas as precipitações aquosas.

De sorte que o sueste – regulador essencial do nosso clima – depois de transmontar a Serra do Mar, onde precipita grande cópia de vapores, ao estirar-se pelo planalto, vai encontrando atmosfera mais quente do que dantes, cujo efeito é aumentar-lhe a capacidade higrométrica, diminuindo na mesma relação as probabilidades de chuvas.

São fatos positivos, irrefragáveis, e bastam para que se explique a alteração de um clima.

Mas apontemos um outro.

Neste entrelaçamento de fatores climáticos, introduzimos um – artificial e de todo fora das indagações meteorológicas normais – a queimada.

É transitória, mas engravece os perigos.

De feito, a irradiação noturna contrabate a insolação: a terra devolve aos céus o excesso de calor acumulado; resfria; e o orvalho decorrente ilude de algum modo a carência das chuvas.

Ora, as queimadas impedem esse derivativo único.

As colunas de fumo, rompentes de vários lugares, a um tempo, adensam-se no espaço e interceptam a descarga do solo. Desaparece o sol e o termômetro permanece imóvel ou, de preferência, sobe. A noite sobrevém em fogo: a terra irradia com um sol obscuro, porque se sente uma impressão estranha de faúlhas invisíveis, mas toda a ardência reflui sobre ela recambiada pelo anteparo espesso da fumaça; e mal se respira do bochorno inaturável em que toda a adustão golfada pelas soalheiras e pelos incêndios, se concentra numa hora única da noite. (...)

Hoje, Thomas Buckle não entenderia as páginas que escreveu sobre uma natureza que acreditou incomparável no estadear uma dissipação de força, *wantoness of power,* com esplendor sem par.

Porque o homem, a quem o romântico historiador negou um lugar no meio de tantas grandezas, não as corrige, nem as domina nobremente, nem as encadeia num esforço consciente e sério.

Extingue-as. (Euclides da Cunha. O *Estado de São Paulo,* 21/10/1901)

1) Elabore um resumo do Texto nº 1, com extensão de 200 a 250 palavras (valor: 40 pontos).

EXEMPLO DE RESUMO (concurso de 1998)

Luiz Claudio Themudo (38/40)

No artigo intitulado "Fazedores de desertos ", que foi publicado na edição de 21/10/1901 do jornal O Estado de São Paulo, o escritor Euclides da Cunha crítica a forma nefasta e inconseqüente de o Homem agir, ao tratar do próprio ambiente em que vive.

De início, o articulista aponta o fogo, e seu uso sistemático na agricultura do aborígene, como o primeiro elemento responsável pela esterilidade da terra. O quadro é agravado quando o colonizador, em conjunto com o sertanista, parte em busca de ouro e índios. O autor salienta que, após os períodos das bandeiras e da exploração mineral, os resultados foram o desmatamento florestal e a dilapidação de áreas extensas.

Em seguida, o escritor afirma que os regimes pastoris, em prática no Norte do Brasil, muito contribuíram para a ocorrência de secas e para o processo de desertificação dos solos. Ressalta, ainda, Cunha os malefícios advindos da introdução das queimadas que, embora transitórias, alteram de forma significativa o processo de resfriamento natural dos solos.

Euclides da Cunha conclui, então, que fenômenos como mudanças climáticas, seja a alteração da temperatura, a mudança do curso regular dos ventos ou a diminuição da umidade relativa, são conseqüências naturais das diversas práticas que, apesar de bárbaras, são persistentemente adotadas pelo Homem com vistas a controlar a natureza.

EXEMPLO DE PROVA (concurso de 1999)

Texto 3 – Cegueira brasileira

O politicamente correto não ridiculariza os EUA,
como se pensa comumente

É surpreendente a facilidade com que, no Brasil, especialmente nos meios jornalísticos e entre intelectuais, idéias preconcebidas, fantasiosas e supostamente críticas se generalizam e acabam, por absoluta falta de contestação, ganhando o *status* de realidade.

Um dos exemplos mais impressionantes do desconhecimento travestido de senso crítico é a imagem que se criou, entre nós, do que seja a sociedade norte-americana e, particularmente, do que significa, nos EUA, o politicamente correto. Supõe-se, em geral, que o país – tratado, freqüentemente, como um bloco indiferenciado – esteja inteiramente dominado por leis repressivas que cerceiam a liberdade individual, enrijecem as relações entre homens e mulheres, abalam a espontaneidade e destroem o senso de humor.

Do que exatamente estamos falando, quando nos referimos ao politicamente correto? Trata-se somente de uma série de normas que asfixiam o vocabulário, restringem as relações interpessoais e substituem a competência pelo sistema de cotas? Alguém acredita, de fato, que a sociedade norte-americana passou a se devotar, gratuitamente, o exercício da autocontenção e à disseminação de um vocabulário repleto de ridículos eufemismos? Não é curioso, senão melancólico, o fato de repetirmos os mesmos velhos comentários, pretensamente argutos, sobre o politicamente correto, tantos anos depois de o debate ler-se iniciado e diversificado nos EUA?

Para evitar a hegemonia de uma visão unilateral, sugiro abordarmos o tema de forma um pouco menos provinciana: em primeiro lugar, não podemos esquecer que, a despeito de todos os seus efeitos perversos, a discussão em torno do politicamente correto diz respeito a problemas que, no Brasil, temos enorme dificuldade em enfrentar, como a discriminação racial, a violência doméstica, a violência de gênero, a homofobia e o etnocentrismo, por exemplo. Os abusos que têm ocorrido na América do Norte, perpetrados em nome dos direitos civis, vêm sendo, freqüentemente, confundidos, por nossa ignorância ilustrada, com a própria substância dos movimentos em torno desses direitos.

O fato de centenas de milhares de mulheres terem rompido o muro de silêncio da violência doméstica e das agressões sexuais e o fato de os afro-americanos terem tido acesso a posições que dificilmente alcançariam em outros tempos parece ter sido obscurecido por uma dezena de histórias bizarras que, generalizadas, passaram a refletir a sociedade dos EUA em sua totalidade.

Quando penso em “os americanos”, não vejo apenas os homens brancos, protestantes, com bandeiras nacionais tremulando na porta de casa, ou as feministas ensandecidas que a imprensa brasileira costuma destacar e generalizar (o que é lamentável, em se tratando de um cenário caracterizado exatamente pela multiplicidade de feminismos). A sociedade norte-americana é tudo menos homogênea e, tampouco, estática. Ao contrário, trata-se de uma sociedade profundamente experimental, no que concerne ao comportamento e às normas que procuram regulá-lo. Falar em “os americanos”, desconsiderando a diversidade cultural de um país com enorme população de afro-americanos, asiáticos e hispânicos, entre tantos outros, é um “ato falho” que reflete não só o desconhecimento das dinâmicas culturais, mas, sobretudo, a necessidade de construir um modelo reduzido e simplificado de classificação dos fenômenos sociais.

Camille Paglia e Norman Mailer, críticos radicais do politicamente correto, representam apenas uma faceta de um debate intenso e de uma mobilização permanente, que a mídia brasileira sempre esquece de noticiar, quando retrata, unilateralmente, a chamada “ditadura do politicamente correto”. Os casos que continuam a ser noticiados no Brasil, anos depois de ocorridos, como o do menino processado por beijar a coleguinha na escola, são também na América do Norte considerados ridículos e extremados. Mas insiste-se, no Brasil, em reproduzi-los como se fossem ilustrações vivas da camisa-de-força em que vivem “os americanos”.

Houve e ainda há exageros, radicalismos e absurdos, ninguém nega. Esquece-se, entretanto, de que os efeitos perversos e as ameaças às liberdades individuais – fontes legítimas de inquietação – aconteceram em decorrência de mudanças profundas que beneficiaram parcelas significativas da população, ampliando, como nunca, o universo da cidadania.

Nos EUA, o desafio já está posto há algum tempo e a sociedade discute intensamente os limites da regulação do comportamento e a redefinição das fronteiras entre o público e o privado. Enquanto ainda supomos que o país se deixa dominar por uma nova ortopedia social, “os americanos” já mobilizam poderosas reações, vivem confrontos, recuos, retrocessos e reafirmações e desenvolvem novos organismos destinados tanto a combater os excessos quanto a restaurar antigas prerrogativas.

Há, portanto, um processo dinâmico de debates permanentes que insistimos, no Brasil, em não enxergar. Confunde-se, aqui, a confortável inércia e a resistência à mudança, com a suposta espontaneidade de um modelo criativo de convívio entre dessemelhantes. Agarramo-nos infantilmente às falhas e aos excessos de uma experiência capaz, no limite, de ameaçar e desalojar velhos privilégios, para construir a imagem primitiva e cristalizada, de um país que estaria dominado pelo radicalismo conservador e falta de imaginação. Para quem acha graça em piadas racistas e precisa delas para alimentar seu senso de humor, uma sugestão: que tal se divertir com a enxurrada de piadas sobre o politicamente correto, popularizadas nos Estados Unidos e incorporadas, espertamente, ao poderoso mercado editorial? (Barbara Musimeci Soares. *Folha de S. Paulo,* 13 de dezembro de 1998)

Elabore um resumo do Texto nº 3, com extensão de 200 a 250 palavras (valor: 40 pontos).

EXEMPLO DE RESUMO

Daniel Roberto Pinto (35/40)

No artigo "Cegueira Brasileira" (SP, 13/12/1998), Bárbara Musimeci Soares disseca a crítica brasileira ao fenômeno norte-americano do "politicamente correto". Seu objetivo: combater o hábito, arraigado nos meios intelectuais e jornalísticos brasileiros, de fazer generalizações falsamente argutas (e nada originais) sobre uma sociedade tão complexa e dinâmica como a norte-americana. Segundo esta visão brasileira, os EUA padeceriam sob leis que limitam a liberdade individual e sufocam a espontaneidade e o senso de humor nas relações sociais.

Bárbara Soares acusa esta visão de confundir os abusos de um sistema com o próprio sistema, e a tacha de provinciana: estamos atentos aos problemas alheios, sem percebei, que são conseqüência de tentativas de solucionar dificuldades graves e que continuam a nos afligir no Brasil, tais como a discriminação, a violência e a desigualdade.

É de se lamentar, ainda, que os inegáveis progressos na luta pelos direitos civis, como a reação das mulheres à violência sexual e a ascensão social dos negros, não sejam levados na devida conta, encobertos que são por alguns casos pitorescos. Estes, aliás, são ridicularizados e condenados também nos EUA, onde os abusos e absurdos do processo são alvo de debates permanentes, resultando em um mecanismo dinâmico de progresso social.

Já no Brasil, estaríamos insistindo em achar que nossa acomodação e resistência à mudança nada mais é que a espontaneidade de uma sociedade onde os *desiguais convivem de maneira "criativa" E assim, a autora parece concluir", permanecerão desiguais "ad infinitum".*

EXEMPLO DE PROVA (concurso de 2000)

Texto nº 1 – Pesquisa Variacionista e Ensino:
Discutindo o Preconceito Lingüístico

> Todos nós sabemos que, direta ou indiretamente, um dos maiores problemas do ensino de língua portuguesa" passa pela questão do preconceito lingüística. Na maior parte das vezes, o ensino de gramática é feito de forma rígida, como se tudo fosse inerentemente errado. O ensino normativo tem o objetivo explícito de banir da(s) língua(s) formas ditas empobrecedoras, formas ditas desviantes, formas consideradas indignas de serem usadas por

homens de bem. E, na perseguição deste objetivo (no sentido mais literal do termo), muitas vezes, e com freqüência, banem-se da escola não as formas lingüísticas consideradas indesejáveis, mas, as pessoas que as produzem, porque estas formas são normalmente aquelas produzidas em maior quantidade pelas pessoas de classe social sem prestígio. As pessoas de classe prestigiada também produzem as formas consideradas indesejáveis, só, às vezes, em menor quantidade.

Em nome da boa língua, pratica-se a injustiça social, humilhado o ser humano por meio da não-aceitação de um de seus bens culturais mais divinos: o domínio inconsciente e pleno de um sistema de comunicação próprio da comunidade ao seu redor. E mais do que isto: a escola e a sociedade da qual a escola é reflexo fazem associações sem qualquer respaldo lingüístico objetivo entre domínio de determinadas formas lingüísticas e elegância e deselegância; entre domínio de determinadas formas lingüísticas e competência ou incompetência; entre domínio de determinadas formas lingüísticas e inteligência e burrice (...).

Com que direito visões preconceituosas podem ser reforçadas? As questões que envolvem a linguagem não são simplesmente lingüísticas; são, acima de tudo, ideológicas.

E a Sociolingüística produz fatos para colocar *lenha na fogueira* deste debate e particularmente no debate público sobre o preconceito lingüístico, corroborado *tacitamente* pela maior parte dos membros de uma comunidade lingüística. Sabe-se bem que, infelizmente, língua é também instrumento de poder; língua é também instrumento de dominação; língua é também instrumento de opressão. Ainda não vi, e gostaria de ver um dia (a utopia faz parte da vida), a língua ser usada como um real instrumento de libertação. (...)

Então, os resultados da pesquisa sociolingüística podem ser usados para a discussão, do preconceito lingüístico, apresentando fatos inquestionáveis, que evidenciam que as pessoas não estão simplesmente "nocauteando a concordância", "tropeçando" ou cometendo "gafes", mas, sim, deixando seu vernáculo emergir numa situação de fala em que muitos não admitem que ela possa emergir. [William] Labov bem o coloca que, quando estamos completamente envolvidos com conteúdo lingüístico da nossa fala, deixamos de nos policiar e deixamos o vernáculo emergir, vernáculo este que muitas vezes não coincide com, as formas codificadas e, ao longo do tempo *sentidas* como as únicas formas legítimas por grande parte dos usuários da língua.

(...) Relembro, todavia, que também não deveríamos perder de vista a possibilidade de podermos contribuir para a codificação de uma norma mais realística, mais interessante, que contemplasse valores diversos, que refletisse um pouco mais a nossa identidade lingüística e que restituísse aos alunos o prazer ele "estudar português", dando vez à pluralidade de normas (...).

Finalizando, considero que, com os resultados que temos em mão, não temos o direito de nos omitir diante das situações concretas de preconceito lingüístico. Mais do que isto: temos o dever de nos manifestar. É o exercício da cidadania!!! Transcrevo a seguir uma parte de minha primeira carta enviada ao Correio Braziliense, que reflete bem a minha visão a respeito do preconceito lingüístico e de suas implicações perversas.

Para mim, igual ou pior do que o preconceito de religião, raça, cor, sexo, classe social (entre outros) é o preconceito lingüístico, porque ele é sutil e, por razões históricas, corroborado pela maior parte da sociedade como algo natural. O preconceito cria a falsa idéia de que há uma língua melhor do que outra, de que há um dialeto melhor do que outro. Pior do que isto, cria também a falsa idéia de que quem domina as formas de prestígio é mais inteligente, mais capaz. (...)

Confundir discurso político com a língua de um povo é pensar esta língua como algo pequeno demais. E confundir forma de falar com competência ou com inteligência significa ver a língua apenas como instrumento de poder e de dominação, não como um poderoso instrumento de comunicação.

A língua de qualquer povo, em qualquer época, é um instrumento extremamente poderoso porque presta a múltiplas funções: transmitir mensagens objetivas, organizar o pensamento, expressar os desejos e as emoções, convencer os outros, estabelecer contatos (...) e até mudar o estado das coisas, ou seja, até "realizar atos". Mas este precioso instrumento também pode servir a instintos nada nobres: pode servir para oprimir, para discriminar, para enganar, para mentir, e até (infelizmente) para alijar o ser humano do meio produtivo. (Maria Marta Pereira Scherre. *Pesquisa & Ensino da Língua:Contribuições da Sociolingüística.* UFRJ/CNPq. Rio de Janeiro. 1996)

EXEMPLO DE RESUMO

Márcia Nazaré Souza Chaves (38/40)

Maria Marta Pereira Scherre, no texto "Pesquisa Variacionista e Ensino: Discutindo o Preconceito lingüístico" (Pesquisa e Ensino da Língua: contribuições sociolingüística, UFRJ/CNPq. Rio de Janeiro. 1996), faz uma *reflexão acerca do que entende como "preconceito lingüístico": a imposição, nas escolas, da chamada norma culta como forma de manutenção do "status quo" um dos mais aviltantes meios de preconceito social, vez que expressões lingüísticas consideradas inaceitáveis – e quem as produz – são relegadas a uma casta inferior.*

Essa imposição é feita de maneira sutil no intuito de esconder sua ferocidade: a "boa língua" vai sendo instalada lenta, mas constantemente, sufocando "desvios" até que dois blocos sejam compostos: o primeiro, formado por aqueles que apreenderam as minúcias da regra, usando-as a seu favor; o segundo, pelos que não se enquadraram, cujo destino é servir ao primeiro.

Segundo a visão sociolingüísta, está-se perdendo a perspectiva da finalidade da língua, a comunicação, em primazia da forma como essa comunicação é feita, como se fazer a concordância fosse mais importante do que saber com o que se está concordando.

A autora conclui não pelo fim das regras, mas que elas sejam feitas considerando-se a riqueza, a pluralidade dos falares, tornando o seu estudo interessante justamente por refletir essa gama de variações lingüísticas. De outra forma, a língua nada mais será senão um instrumento (letal) de dominação, deixando a comunicação num plano insignificante.

Título	Manual do Candidato – Português
Autores	Francisco Platão Savioli e José Luiz Fiorin
Coordenação Editorial	Ednete Lessa
Editoração Eletrônica	Samuel Tabosa de Castro
Capa	Ingrid Rocha Comunicações
Revisão de Texto	Jeanne Sawaya
Formato	21 x 29,7 cm
Mancha Gráfica	12,5 x 25,9 cm
Tipologia	Times New Roman 12/17,8, textos Univers bold, 12, 14, aberturas
Papel	Cartão Supremo 250 gm^2 (capa) Ap 75 gm^2 (miolo)
Número de Páginas	376
Tiragem	1.500 exemplares
Impressão e Acabamento	PAX Editora & Gráfica

CELSO PEDRO LUFT

Novo Guia Ortográfico

GLOBO LIVROS

Novo
Guia Ortográfico

CELSO PEDRO LUFT

Novo Guia Ortográfico

Edição reorganizada, revista e atualizada com a nova ortografia

Supervisão:
Lya Luft

Reorganização, revisão técnica e atualização:
Angela França

GLOBOLIVROS

Copyright © 1996 by Lya Luft, Susana Luft, André Luft e Eduardo Luft

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, por fotocópia, gravação etc. –, nem apropriada ou estocada em sistemas de bancos de dados sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
(Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

Editora responsável: Carla Fortino
Editor Assistente: Sarah Czapski Simoni
Editor digital: Erick Santos Cardoso
Reorganização, atualização e revisão técnica: Angela França
Revisão de texto: Eugênio Vinci de Moraes, Ana Maria Barbosa, Márcia Duarte e Laila Guilherme
Projeto gráfico do miolo: Delfin (Studio DelRey)
Paginação: Linea Editora Ltda.
Capa: Axel Sande – Gabinete de Artes

1ª edição, 1996
2ª edição, 2003
3ª edição, 2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Luft, Celso Pedro, 1921-1995.
Novo guia ortográfico / Celso Pedro Luft ; supervisão Lya Luft ; organização e revisão técnica Angela França. – 3. ed. reorganizada, rev. e atual. com a nova ortografia. – São Paulo : Globo, 2013.

ISBN 978-85-250-5559-0

1. Português - Ortografia I. Luft, Lya. II. França, Angela. III. Título.

12-14400 CDD-469.152

Índice para catálogo sistemático:

1. Ortografia : Português : Linguística 469.152

Direitos da edição em língua portuguesa para o Brasil
adquiridos por Editora Globo S.A.
Av. Jaguaré, 1485 – 05346-902 – São Paulo/SP
www.globolivros.com.br

L’orthographe, c’est te nécessaire pour quiconque écrit.
Sainte-Beuve

El escribir sin cometer faltas de ortografía es el indicio
más seguro de una educación bien dirigida y esmerada.
Monlau

Na vida prática escrever mal prejudica
mais do que falar mal. Scripta manent.
Antenor Nascentes

APRESENTAÇÃO

Poucos compêndios levam em conta a contribuição da fonética e da fonologia para a aprendizagem da ortografia portuguesa em uma linguagem acessível ao leitor (ensino médio ou vestibulando) como o *Novo Guia Ortográfico*, de Celso Pedro Luft.

O *Guia* é uma versão concisa do *Grande Manual de Ortografia* e está dividido em três partes.

A primeira parte, "Emprego das letras", esmiúça as bases fonológicas do sistema gráfico português. Discute a relação entre letra e som explicitando a terminologia utilizada no livro.

A segunda parte, "Sinais diacríticos", reúne temas no âmbito da acentuação gráfica e da pontuação.

A terceira parte, "Diversos: sons e informação morfossintática", destaca itens cuja grafia suscita dúvidas e é passível de desvio ortográfico frequente.

Há ampla exemplificação em forma de listas de palavras a entremear os tópicos de cada capítulo. Esses extensos vocabulários ortográficos são, entretanto, úteis para aprimorar o conhecimento da escrita das palavras (de alta e de baixa frequência) na norma de prestígio que, já se sabe, é resultado de seu uso na escola e nos meios de comunicação. Eles permitem ao leitor constituir um léxico ortográfico, auxiliando-o na memorização da ortografia de palavras que são exceções às regras gerais.

Encerram o livro quatro apêndices: "Abreviaturas", "Antropônimos e topônimos", "Estrangeirismos e estrangeirismos já aportuguesados" e "Partículas, locuções e sequências".

Esta edição do *Novo Guia Ortográfico* de Luft foi reorganizada, complementada por escritura parcial e atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990). As notas de rodapé, identificadas por asterisco, visaram acrescentar informações e comentários considerados indispensáveis, além de esclarecer o significado de termos de uso restrito na área da linguística. As notas numeradas são de autoria de Luft.

A forma como o autor se debruçou sobre a matéria é de alto valor pedagógico. Desse ponto de vista, o emprego da metodologia adotada traz benefícios para o usuário final – tomar consciência do sistema fonológico da língua e compreender as relações que a escrita mantém com a fonologia portuguesa.

Ao *Novo Guia Ortográfico* está destinado o importante papel de servir como obra de consulta prática (e rápida) a estudantes e professores interessados no ensino e aprendizagem da ortografia do português. Constam da Bibliografia não só as obras citadas pelo autor, mas também literatura complementar para o aprofundamento dos estudos.

Angela França
Doutora em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo

Dezembro de 2012

SUMÁRIO

Capa
Folha de rosto
Ficha catalográfica
Epígrafe
Apresentação
Sumário
Primeira Parte - Emprego das Letras
    Uma letra, vários sons
    Um som, várias letras; várias letras, um som
    Uma letra, nenhum som
Segunda Parte - Sinais diacríticos
Terceira Parte - Diversos: Sons e informação morfossintática
Apêndices
Apêndice I - Abreviaturas
Apêndice II - Antropônimos e Topônimos
Apêndice III - Estrangeirismos e estrangeirismos já aportuguesados
Apêndice IV - Partículas, locuções e sequências
Bibliografia
Notas de Rodapé

Primeira Parte

EMPREGO DAS LETRAS

O ALFABETO VERNÁCULO

O alfabeto português consta modernamente de 26 letras: *a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z*.

Nome das letras: *á*, *bê*, *cê*, *dê*, *é*, *efe*, *gê*, *agá*, *i*, *jota*, *cá* ou *capa*, *ele*, *eme*, *ene*, *ó*, *pê*, *quê*, *erre*, *esse*, *tê*, *u*, *vê*, *dáblio*, *xis*, *ípsilon* e *zê*. As letras *efe*, *gê*, *ele*, *eme*, *ene*, *erre* também recebem os nomes de *fê*, *guê*, *lê*, *mê*, *nê*, *rê*, principalmente quando se deseja marcar-lhes o valor fonético. Existe ainda a variante *ji*, para o *jota* (Bahia, Sergipe, Alagoas).

Essas 26 letras, entretanto, não representam todo o sistema de escrita do português. Além dessas letras, há os dígrafos: *rr* (erre duplo) e *ss* (esse duplo), *ch* (ce-agá), *lh* (ele-agá), *nh* (ene-agá), *gu* (guê-u) e *qu* (quê-u), com dois valores, com *u* pronunciado ou não.

Há, ainda, no sistema ortográfico do português, os chamados sinais diacríticos: o acento agudo (´), acento grave (`), acento circunflexo (^); o til (~), o hífen (-), a cedilha (do cê cedilhado, ç).[1]

O trema foi abolido pelo novo *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (doravante AOLP, 1990) e passou a ser considerado um diacrítico não peculiar à escrita do português. Quando ele é inerente a sistemas gráficos de idioma não vernáculo, mantém-se o trema em quaisquer combinações gráficas que figurem em palavras e nomes próprios estrangeiros e seus derivados, por exemplo, *mülleriano*, de *Müller* (sobre estrangeirismos escrevo adiante).

Letras *k*, *w*, *y*

De acordo com as resoluções do AOLP (1990), as letras *k, w* e *y* foram oficialmente incorporadas ao alfabeto português, porém, são usadas em casos especiais.

- *k*

Substitui-se a letra *k* por *qu* antes de *e*, *i* e por *c* nos demais casos: *Bálcãs; bloco, caiapó, caingangue, calidoscópio, cáqui* (cor), *caqui* (fruta), *Congo*, *esqui*, *faquir*, *folclore*, *heureca*, (*Nova*) *Iorque*, *nova-iorquino*, *pôquer*, *quermesse*, *quilo(grama)*, *quiosque*, *uísque*, *vodca*, *volapuque*, etc. Emprega-se, entretanto, em abreviaturas e símbolos técnicos:

K (Kalium) = potássio
kg = quilograma
kgm = quilogrâmetro
kl = quilolitro
km = quilômetro
Kr = criptônio
kv = quilovolt
kw = quilowatt
kwh = quilowatt-hora

Usa-se também em palavras estrangeiras introduzidas em nosso idioma e ainda não aportuguesadas:

bookmaker
browser
(goal)keeper
ketchup
kaiser
kart
kirsch
knockout
Kremlin
kümmel
kung fu
kiwi
know-how
smoking
speaker

Da mesma forma se escrevem com essa letra nomes próprios estrangeiros e seus derivados:

Bismarck
bismarckismo
Chomsky
chomskiano
Franklin
franklinismo
Jackson
jacksônia
Kant
kantiano
Kempis
Kepler
kepleriano
Kneipp
krneippista
Kostciuszko
Kramer
Krause
krausista
Krupp
Shakespeare
shakespeariano
Tchekhov
tchekoviano

- *w*

Substitui-se *w* por *u* ou *v*, conforme o seu valor fônico:

Cornualha
edelvais
Osvaldo
sanduíche
suástica
suéter
talvegue (é)
transvaaliano
uísque
uíste
Válter
vermute

Usa-se em abreviaturas e símbolos técnicos:

kw = quilowatt
kwh = quilowatt-hora
w = watt
W (West) = oeste
W (Wolfram) = volfrânio, tungstênio
W.C. (water closet) = toalete
wh = watt-hora
ws = watt-segundo

Palavras estrangeiras ainda não aportuguesadas, que tenham essa letra, conservam-na:

horse power
show
swap
water polo
warrant
watt
water closet
weekend
software

O mesmo vale para nomes próprios estrangeiros e seus derivados:

Brown
brownismo
Darwin
darwinismo
Hollywood
Newton
newtoniano
Owen
owenismo
Wagner
wagneriano
warrant
warrantar, warrantagem
Washington
Waterloo
Weber
Wellington
wellintoniano
Werther
wertheriano
Westphalen
westphalense
Wilde
wildiano
Winchester
wulfenita
wurtzita

- *y*

Também o ípsilon é substituído por *i*, às vezes *e* (final), nos vocábulos portugueses e nos aportuguesados:

Aires
Aluísio ou Aloísio
bei
Biscaia
brande
cinismo
dândi
Elói
gêiser
Goiás
Hipólito
hipótese
hóquei
iaiá
ianque
iate
iogurte
ioiô
Iolanda
Ivone
Jaci
Jacuí
Jaguari
Jaime
Jeni
jérsei
jóquei
Levi
Lia
Lião (fr. Lyon)
Licurgo
Lídia
lira
Lis (top.)
lone
mártir
Niterói
Nova Iorque
nova-iorquino
pênalti
Poti
ritmo
Rui
trole
tupi-guarani
uísque
Uruguai
Valquíria

Encontra-se ainda em abreviaturas e símbolos técnicos:

Y (yttrium) = ítrio
y = incógnita (em Matemática)
Yb (ytterbium) = itérbio
yd (yard) = jarda

Escreve-se em vocábulos estrangeiros, próprios ou comuns, e seus derivados:

Byron
byroniano
Carlyle
flamboyant
Goya
goyesco
gruyère
Lloyd
Meyer
Niemeyer
playboy
playground
Taylor
taylorismo
Yale
yachting
yachtman
yearling

Consoantes dobradas

Abolidas as consoantes dobradas desnecessárias na escrita moderna, só existem as seguintes sequências consonânticas: *cc*, *cç*, *rr*, *ss*. Estas persistem por motivos de ordem fonética, isto é, quando proferidas:

- *cc, cç* – quando a primeira consoante soa distintamente da segunda, na sinalização do encontro [ᴋs]: *confeccionar*, *convicção*, *defecção*, *ficção*, *ficcionista*, *friccionar*, *intelecção* (cp. intelectual), *micção*, *ócciput*, etc. (Cf. adiante, quadro das consoantes do português.)
- *rr*, *ss* – entre vogais e em início de sílaba com valor de “vibrante forte” e “sibilante surda”, respectivamente: *ferro*, *garra*, *morro*, *assar*, *essa*, *mossa*, etc.

Duplicam-se o *r* e o *s* iniciais das palavras a que se antepõem prefixos ou radicais terminados por vogal e que não requerem hífen:

bi + refração → birrefração
de + redor → derredor
micro + regional → microrregional
a + sistemático → assistemático
re + suscitar → ressuscitar
mini + série → minissérie

Outros exemplos: *aerossol*, *biorritmo*, *dezesseis*, *dissilábico*, *macrorregional*, *maxissaia*, *minissaia*, *monossílabo*, *prerrogativa*, *radiorrepórter*, *unissex*, *uníssono*, etc.

Mantêm-se as consoantes geminadas originárias em nomes estrangeiros ou de origem estrangeira, bem como nos respectivos derivados: *Garrett*, *garrettiano*, *garrettismo*; *Hoffmann*, *hoffmânnico*; *Jefferson*, *jeffersônia*; *Littré*, *littreano*, *littreista*; *Müller*, *mülleriano*; *Schiller*, *schilleriano*; (quilo)*watt*, etc.

Ocorrem também letras repetidas (duas ou mais) na representação de onomatopeias (sons imitativos) e pronúncias expressivas: *baaah*, *puff*, *brrr*, *trrrim*, *pummm*, etc.

O SISTEMA FONOLÓGICO E O SISTEMA ORTOGRÁFICO

Os fonemas dividem-se em segmentais e suprassegmentais.[2]

Fonemas segmentais são as vogais e as consoantes.

Fonemas suprassegmentais são os acentos de intensidade (tonicidade) e acentos de altura (tom, entonação) e as pausas.

Os fonemas segmentais da nossa língua são 26 (vinte e seis): há 7 (sete) vogais e 19 (dezenove) consoantes. Por sua vez, esse sistema comporta um duplo subsistema, o vocálico[3] e o consonantal, [4] que se pode representar da maneira seguinte:

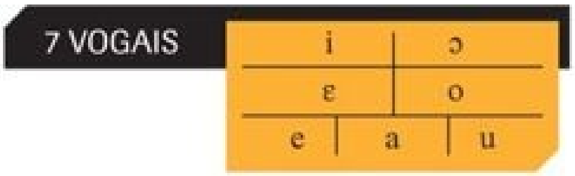

7 VOGAIS

i	ɔ	
ɛ	o	
e	a	u

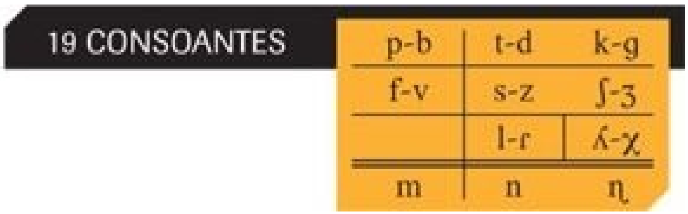

19 CONSOANTES

p-b	t-d	k-g
f-v	s-z	ʃ-ʒ
	l-ɾ	ʎ-χ
m	n	ɳ

Como se vê, não considero fonemas à parte as vogais nasalisadas: a nasalidade é fonética, devido ao contágio de consoante nasal posterior, escrita *m, n, nh* ou til (*samba*, *santa*, *sanha*, *sã*), isto é, trata-se de uma assimilação regressiva: Vogal [- nasal] + Consoante [+ nasal] → Vogal [+ nasal] + Consoante [+ nasal]. [5]

Tampouco considero fonemas as semivogais [j] e [w], mas sim a realização assilábica das vogais /i/ e /u/ em determinados encontros vocálicos: *mais*; *mães*; *Caetano, média, rédea*; *mau, não, caos*; *água, mágoa*; *e a* planta, *a i*magem, *o a*luno, na fala espontânea. [6]

Para a representação desses 26 fonemas – 7 vogais e 19 consoantes –, dispomos também de 26 letras na escrita, mas: 5 vogais e 21 consoantes (se incluirmos as letras *k*, *w*, *y* e o *h*, mero vestígio etimológico e sinal auxiliar).

Problemas no emprego das letras

A simples enunciação do número dos fonemas do sistema vocálico e do sistema consonantal a par do número de letras que as representam evidencia falta de correspondência entre o código oral e o código escrito:

■ 5 letras para as 7 vogais fonológicas;
■ 21 letras para as 19 consoantes fonológicas.

Vogais – Faltam duas letras, correspondentes aos fonemas abertos representados pelas letras *e* e *o*. Supre-se a falta com o acento agudo em todos os vocábulos proparoxítonos (*elétrico*, *ótimo*) e oxítonos (*café*, *socó*), e nos paroxítonos sob certas condições (*beribéri*, *jóquei*, *elétron*, *próton*, *indelével*, *móvel*, *éter*, *revólver*, etc.).

Semivogais – A falta de sinais específicos para [j, w] é suprida na escrita pelas vogais *i* e *u* (*mais*, *pois*, *maus*), e por *e* e *o* nos ditongos nasalizados (*mães*, *pões*, *mãos*); as últimas vogais também ocorrem representando semivogais orais: Caetano, ao(s); rédea, mágoa. A ambivalência de *e* - *i* e de *o* - *u* na representação das semivogais [j] e [w], bem como a neutralização de timbre das oposições /E, e/ /ㅙ, o/ em sílabas átonas, são as responsáveis pelo maior problema de desvios ortográficos no emprego das letras: a hesitação entre *e* e *i* e entre *o* e *u*, particularmente em posição átona final de palavra, quando apenas ocorrem as vogais /a/, /i/, /u/, por neutralização.[7]

Consoantes – Problemas mais numerosos apresentam as consoantes, em que se verifica (a) o uso de mais de uma letra para um só fonema e (b) o uso de uma só letra para mais de um fonema.

Exemplos:

a) *c*, *s(s)*, *x*, etc. para o fonema /S/, realizado [s]: *cessão*, *seção*, *sessão*, *teste*, *texto*, etc.;

b) *x* para os fonemas /s/, /z/, /ʃ/ e para [ĸs]: *máximo*, *exame*, *maxixe*, *máxime*.

O problema mais complicado é o das sibilantes (/s/, /z/, /ʃ/, / ˳/), em que temos, por exemplo, dez possibilidades de representar o (arqui)fonema /s/:

s	sela, sessão
c	cela, cessão, arvorecer
ss	cassar, desse
ç	caçar, seção
sc	nascer, desce, arborescer
sç	desço, nasça
x	sintaxe, máximo
xc	exceção, excesso, excitar

xs	exsudar, exsicar, exsolver
z	faz, voz

Segue um quadro representativo dos valores fonéticos e das letras que os representam: a uma mesma letra podem corresponder diferentes sons:

ALFABETO PORTUGUÊS		
LETRAS	VALORES FONÉTICOS	EXEMPLOS
a	[a, ạ, ᅪ]	ato, banho, vida
b	[b]	bater, subsistir
c	[ĸ, s]	cara, cera
ç	[s]	sapo, faço
d	[d, d ₒ]	duas, dia
e	[° , e, ẹ, ᄈ]	era, pera, lenha, cale
f	[f]	ferro
g	[g, ₒ]	gasto, gesto
h	mudo	hora
i	[ᄈ , iᄂ , j]	iodo, sim, vai
j	[ₒ]	jato, jeito
k	[ĸ]	kantiano
m	[m]	mala
n	[n]	nada
o	[o, ᅰ, ọ, u, w]	hoje, foge, onde, tolo
p	[p]	papo
q	[ĸ]	quero
r	[x, ᅰ...]	rato [x, h], caro [ᅰ], carga [ᄌ]
s	[s, z, ᅯ, ₒ]	ser, asa, deste, desde
t	[t, t ₒ]	tato, tia
u	[u, ụ, w]	tudo, unha, mau
v	[v]	vale
w	[u, v]	water, Wagner
x	[s, z, ᅯ, ĸs]	máximo, exato, xícara, fixo
y	[i, aj, ej]	yard, Byron, playgroung
z	[z, s, ᅯ, ₒ]	zelo, traz-te, voz branda

Essa falta de correspondência entre som, fonema e letra é causa dos maiores problemas de ortografia, sobretudo no capítulo das sibilantes, e é a razão dos capítulos seguintes.

UMA LETRA, VÁRIOS SONS

AS VOGAIS

Neutralização da oposição E/e: *e, i*

Por causa da neutralização da oposição E/e, com a realização [i] do /e/ átono e da realização [e] do /i/ átono e em virtude da pronúncia "iizada" (no Brasil) do /e/ átono, nem sempre é fácil saber se em determinada palavra (ouvida) deve ser escrita com esta ou aquela vogal. O simples ouvido podendo atraiçoar, precisa entrar em ação a inteligência, a reflexão: verificar a origem, comparar formas cognatas, derivações, transformações históricas, etc. Algumas observações e comparações podem ajudar:

- *e*, e não *i*

■ *é, e*: café, *cafeeiro*; Daomé, *daomeano*; pé, *apear.*
■ *ei, e:* aldeia [e], *aldeão*, *aldeola*; colmeia [E], *colmeal*; estreia, *estrear*; passeio, *passear*, *passeata*; receio, *receoso*, *recear*; etc. Observe como ao *ei* tônico ([ej] ou [Ej]) corresponde *e* átono*:* receio – *recear*, *receoso*; areia – *areal, areão, areento*; mas ideia – *idear*, *ideologia*; estreia – *estrear*, *estreante*.
■ *-ear*: terminação de numerosos verbos; *-iar* tem a correspondência *-ia* e *-io* (tônicos ou átonos), ou é de origem latina. Conjugue o verbo no indicativo: se faz *-eio*, *-eias...*, é verbo em *-ear*, com estas cinco exceções (sigla M.A.I.O.): *mediar* (inclui o derivado *remediar*), *ansiar*, *incendiar* e *odiar*.
■ *-eano* é uma terminação excepcional (umas dez palavras), *-eia* → *-eano*: Daomé + ano → *daomeano*; Taubaté + ano → *taubateano*; Coreia, *coreano*; Montevidéu*, montevideano*; *vaqueano*; etc. Só se escreve *-eano* quando a sílaba tônica do derivante for um *-e-* tônico ou um ditongo com base *-e-* ou, se átono, o *-e-* for seguido de vogal átona: *arqueano* (Arqueu), *daomeano* (Daomé), *egeano* (Egeu), *galileano* (Galileo), *lineano* (Lineu). O comum é *-iano*: *camoniano, cabo-verdiano, machadiano, virgiliano*, etc. No caso, *-i* do radical, ou *-i-* vogal de ligação + *-ano* sufixo.
■ *-eeira, -eeiro*: *candeeiro, cumeeira, lumeeiro...*; *-ieiro* (com *i*) quando vem de palavra em *-ia*, *-ie*, *-io*: estância*, estancieiro*; espécie*, especieiro*; frio*, frieira*...
■ Ditongos nasais [ạ j], [ọ j]*,* grafados *ãe, õe*: *cães*; *mãe, põe, põem...*
■ Nas terceiras pessoas do plural: *caem, saem, creem, destroem, arguem* (o v. *arguir* faz parte de um subgrupo de verbos em que o *u* é fonicamente tônico (*ú-em*), mas sem marca gráfica).
■ Formas do subjuntivo dos verbos em *-oar* e *-uar*: *abençoe, perdoe(m), ressoe(m), continue(m), atue(m)*, etc.
■ *-ui* só nos verbos em *-uir*, no presente do indicativo: (ele) *argui*, (*u* fonicamente acentuado), *influi*, *possui*.
■ *ante-*, prefixo, significa "antes"; *anti-* significa "contra".
■ Retenha: *se, senão, sequer, quase, confete, quepe* – se escrevêssemos com *i* essas palavras, deveríamos fazer o mesmo com *de, estude, fase, mete, trepe*, etc.

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
abaetê (ou abaeté, subst.; top.: Abaeté)	abençoe (f. v.)	abotoe (f. v.)
acarear	acordeão	acordeonista
acriano	açúcar-cande	acúleo
aéreo	afoguear	aldeola
ameaça(r)	amue (f. v.)	ante- (pref., "antes")
antecipar	antediluviano	anteontem
antevéspera	apear	Apeninos
aqueduto	área	areal
areão	areeiro	areento
arrear	arrepiar	arrotear
averigue (ú, f. v.)	bandear	beduíno
beneficência	beneficente	Benício
berbere (b°)	berilo	Berilo
betume	boleeiro	boreal
bruxulear	cadeado	Caetano(a)
campeão	campear	campeonato
candeeiro	cardeais (pontos)	cardeal (prelado; principal)
carestia	Cecília	cedilha
cemitério	cercear	cereal
cerúleo	Cireneu	chulear
côdea	confete	continue (f. v.)
coreano	corpóreo	creolina
cumeada	cumeeira	daomeano
de antemão	deferir (conceder)	deformar
delação	delatar	demitir
depenicar	derivar	derrear
descompostura	descortinar	descortino
descrição	desenfreado	desengonçado

desenxabido	desforra (ó)	desfrutar
despautério	despencar	despender
despensa (onde se guardam comestíveis)	despenseiro (encarregado da despensa)	despesa
desprendimento	dessemelhar	destilar, -ação
desvencilhar	elucidar	embutir
emergir (“para fora”)	emigrar (“sair do país”)	eminência
empecilho	empertigar	empreender
encabular	encarnação	encarnado
encômio	encorpar (cp. incorporar)	encrenca
encrostar (cp. incrustar)	endireitar	enfezar
engolir	engrimanço	enseada
enteado	enticar	entonação
entremear	entronizar	enumerar
erupção	esoterismo	espaguete
estragar	estrear	falsear
fealdade	fêmea	Fenícia
frenesi(m)	geada	genealogia
genetriz	grandessíssimo	granjear
hastear	herbáceo	heterogêneo
homogêneo	ideologia	indeferir (negar)
indígena	irrequieto	jerivá (jeribá)
lacrimogêneo	lampejar	legítimo
lenimento	lenir	lenitivo
Leonel	leonês (de Leão)	linóleo
lumeeira	lumeeiro	magoe (f. v.)
maremoto	marmóreo	meada (de fios)
mealhar	meão	melindrar
melindre	menino	menoridade
mercearia	merceeiro	merceologia
mestiço	meteorito	meteoro(logia)
metileno	mexerico	mexilhão
mimeógrafo	miscelânea	Montevidéu
montevideano	náusea	nomear
obelisco	oceano	oleado
óleo	ombrear	palavreado
paleologia	paletó	pâncreas
paralelepípedo	parêntese (ou parêntesis)	páreo
passear	passeata	peão
penico (urinol)	penteado	periquito
peroneal (cp. perônio)	petiço	petisco
petróleo	pexote	Pireneus
pratear	preá	preferir
prevenir	quase	quepe
quesito	rabear	rarear
real	receoso	rechonchudo
recrear (divertir)	recreativo	rédea
reencarnar	reentrância	regatear
relancear	rentear (rentar)	repenicar
romancear	sanear	sapatear
se (conj., pron.)	semear	semelhante
semelhar	senão	senhorear
sequer	seriema	seringa
seringueiro	sestear	Severino
Simeão	sortear	televisão
tenor	terremoto	testemunha
tontear	tunesino (ou tunisino, tunisiano, Rep. da Tunísia)	umedecer
ureter (ér)	vadear (passar vau)	vaguear
vaqueano (ou baqueano)	várzea	varzeano
veado	vencilho	vergiliano
Vergílio	vídeo	

- *i*, e não *e*

- Verificar se há correspondência com *-ia*, *-ie*, *-io*: *chefia*, *chefiar*; *ânsia*, *ansiar*; *cria*, *(re)criar*; *cárie*, *cariar,* etc.
- Vogal de ligação palatal é *-i-*: *agridoce*, *alvinegro*, *artimanha*, *boquiaberto*, *corrimão*, *dentifrício*, *frontispício*, *hortifrutigranjeiro*, *pontiagudo*, *sanguissedento*. Esta vogal pode ligar o radical a um sufixo: *açoriano*, *cordial*, *rapaziada*, *terriola*, dando variantes de sufixo *-ada* :: *-iada*; *-al* :: *-ial*; *-ano* :: *-iano*; *-iense* :: *-ense*; *-ola* :: *-iola*.[8]
- *-iano*, com *i*, vogal de ligação, que toma o lugar da vogal átona (inclusive da letra *y*) da palavra-base: *acriano* (Acre), *camiliano*, *chomskiano*, *freudiano*, *machadiano*, *goethiano*, *saussuriano*.
- Para os verbos em *-iar*, conjugar o indicativo: devem fazer *-io*, *-ias*, *-ia*. Exceções: *ansiar*, *incendiar*, *(re)mediar* e *odiar*, que fazem *-eio*, *-eias*, *-eia* (cf. item anterior). Vêm de substantivos e adjetivos em *-ia*, *-ie*, *-io* os seguintes vocábulos: vário, *variar*; dia, *adiar*; conferência, *conferenciar*; cárie, *cariar*; vadio, *vadiar*; etc.
- Também *-ença*, *-enciar*: diferença, *diferenciar*; licença, *licenciar*; presença, *presenciar*. Outros verbos ligados a substantivos: *alumiar*, *apreciar*, *distanciar*, *financiar*, *negociar*, *premiar*, *presenciar*, *sentenciar*, *variar*.[9]
- O *i* átono final não é da tradição escrita da língua; só se encontra em formas de empréstimo: *júri* e *dândi* (ingl.), *ravióli* (it.), etc. Formas aportuguesadas: *confete*, *quepe*, etc.
- O prefixo *anti-* significa “contra”: *anticristão*; significando “antes”/”anterior”, será o prefixo *ante-*: *antediluviano*.

■ O prefixo *in-* (variante *im-*) em vocábulos eruditos: *intitular*, *intumescer*, *incrustar*, *incorporar*, *imberbe*, *importar*, etc. Mais comum é a forma aportuguesada *en-* (variante *em-*): *entender*, *encestar*, *enfestar*, *emparedar*, *empobrecer*, etc.

■ Ditongos *ai*, *oi*, *oi*, *ui* – todos sempre com *i*: *cais*, *sais*, *foi*, *herói*, *influi*; verbos terminados ortograficamente em *-air*, *-oer*, *-uir*: *cai*, *sai*, *dói*, *rói*, *influi*, *possui*, etc.

■ *Criar* e seus derivados, em todos os sentidos, com *i*: *criação*, *Criador*, *criatura*, *malcriado*...

■ Repare-se nas formas *aborígine* e *indígena:* para fixar o *i* átono de *aborígine* (lat. *aborigine*), tenham-se em mente os seus cognatos *original* e *originário*.

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
aborígine	açoriano	acrimônia
adiantar	adiante	adiar
agridoce (mas acredoce)	Alcibíades	aliar
alumiar	amiúde (ou a miúdo)	ansiar
anti- (pref., “contra”)	Anticristo	antipatia
argui (ú, f. v.)	ária (melodia)	arqui- (pref.)
arriar (abaixar)	arrieiro	artifício
artimanha	atribui(s)	azuis (pl.)
bachiano [ki]	beribéri (doença)	Bibiano
bocagiano	cabriúva (ou cabreúva)	Cádis
cai (f. v.)	caititu	calidoscópio
camiliano	camionete (ou caminhonete)	camoniano
cardial	cariar (cp. cárie)	Casimiro
casimira	Cavalcanti, Cavalcânti	cerimônia
cesariana	chefiar	chilique
ciceroniano (rel. a Cícero)	Cilícia	cimento
cimitarra	Cirilo	colibri
comtiano	cordial	corrimão
crânio	criação	Criador
criança	criar	criatura
crioulo	crociano [tﺎi]	Curdistão
dândi	dentifrício	desigual
diante	dianteira	diferir (divergir)
digladiar	dilação (adiamento)	dilapidar
dilatar (alargar)	diminuir	diminutivo
Dinis ou Denis	discrição (reserva)	discricionário
discriminar (discernir)	disfarce	disforme
disparate	dispêndio	dispensa (licença)
displicência	distinguir	distorção
dividir	dói(s) (f. v.)	erisipela
escárnio	esquisito	estria(r)
estripulia (ou estrepolia)	estropiar (deformar)	Eurípides
extasiar	feminino	Filinto
Filipe	Filipinas	filisteu
finório	frigir	frontispício
Fróis	goethiano	Góis
gnosiologia	grevília	herbário
Herrnâni	idade	idoso
idiossincrasia	Ifigênia	ignomínia
igreja	igual	imbuia
imbuir	imergir (mergulhar)	imigrar (entrar em país estranho)
iminente (próximo)	imiscuir-se	incinerar
inclinar	incomodar	incontinenti (lat.)
incorporar (cp. encorpar)	inculcar	incrustar (cp. encrostar)
indigitar	infestar	inficionar (ou infeccionar)
influi(s)	ingurgitar	inigualável
iniludível	inquirir (interrogar)	intitular
intoxicar [ks]	intumescer	inturgescer
invés (ao __ de)	inveterado	invólucro
irrupção	Istambul	júri
labirinto	lampião	Lião (Lyon, França)
linimento	lionês (ou leonês, de Lião)	machadiano
malcriado	má-criação (mais usado, pop.: mal criação)	medíamos (f. v.)
meritíssimo	ministro	minuete
miscigenação	miúdo	mói(s)
murmúrio	oásis	Oceania
odiamos, odiais (f. v.)	pardieiro	paródia
parcimônia	pátio	pauis (ú-is)
penicilina	peritônio	perônio (ou fíbula; cp. peroneal)
pião (brinquedo)	pinico, pinicar (f. v.)	pior
piora(r)	pontiagudo	possui(s)
premiar	premiamos (f. v.)	presenciar (-io, -ias, -iamos)
privilégio	procissão (préstito)	quizilento
quizília (ou quizila, quezila)	rapaziada	ravióli
remediar	requisito	réstia
ridículo	rói(s) (f. v.)	sandália
sentenciar (-io, -ias, -iamos)	shakespeariano	Sicília
silvícola	Sinai	sóis (f. v., v. soer; subst. pl.)
siri	substitui(s)	taxinomia (ou taxionomia)
terebintina	terriola	Tibiriçá
tigela	tijolo	tilintar
tinir	Tívoli	Tucídides
tunisino (ou tunesino, tunisiano, da Tunísia)	umbilical	vadiar
véstia	Virgínia	vizinho
volibol (ou voleibol, vôlei)		

Neutralização da oposição o/**ɔ**: *o, u*

A mesma vacilação que se nota no emprego do *e* e *i* átonos na escrita ocorre no de *o* e *u* átonos. O motivo para esses desvios ortográficos é semelhante: o sistema fonológico se reduz nas pautas átonas por perda do traço que distingue os dois fonemas, /e/ e /i/. Na fala, em relação às tônicas, as pretônicas são mais fracas e as postônicas são ainda mais fracas. Para dissipar dúvidas, usem-se as mesmas estratégias: origem, comparação, parentesco, etc.

- *o*, e não *u*

- Nossa letra *o* corresponde a *ō* longo e *ŭ* breve do latim: *romeno*, *cobrir*, *cobiça*, *mágoa*, *tribo*, *veio*, etc.
- *ão, om* > *o*: feijão, *feijoada*; coração, *acorçoar*; tom, *toada, destoar;* som, *soar*, *ressoar*...
- Só por exceção, palavras portuguesas terminam grafadas em *u(s)* átono; o normal é *o*(*s*): *banto*, *tribo*, *veio*... Se grafássemos com *u* essas formas, deveríamos fazer o mesmo com *proíbo*, *feio*, *tanto*, *tio*...
- As terminações -*oa*, -*ola*, -*olo* em vocábulos proparoxítonos são raras. O comum é -*ua*, -*ula*, -*ulo*: *água*, *íngua*, *tábua*, *espátula*, *fábula*, *rábula*, *coágulo*, *estímulo*, *vínculo*... Com *o*: *mágoa*, *névoa*, *agrícola*, *vinícola*, *embolo*, *óbolo*...
- Para verbos em -*oar*, verificar as primeiras pessoas do presente do indicativo: devem ter *o* na sílaba tônica, fonicamente acentuada: *abençoo*, *abençoa(s)*, *destoo*, *destoa(s)*, *perdoo*, *perdoa(s)*...
- *Mágoa* (substantivo feminino) – compare com as formas verbais: *magoo*, *magoa(s)*, *magoamos*, *magoais*, *magoam*, *magoava*, *magoei*, etc.
- Mantém-se o *o* da palavra-base nos derivados: boteco (botequim); *lagoão* (lagoa); *mosquito* (mosca); *ocorrência*, *concorrência*, *recorrência* (correr); *sortir* (sorte); etc.

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
abolia (f. v.)	abolição	abolir
agrícola	amêndoa	amontoar
aroeira	atordoar	azêmola
banto	boate	bobina
bochinche (ou bochincho, bachinche)	bodega	bolacha
boletim	borbulhar	bororo (ô)
boteco	botequim	bússola
caçoada	caçoar	Capitolino
chacoalhar	coalhar	coaxar
cobiça(r)	cobrir	cochicho
cocuruto	coelho	comprido
comprimento (extensão)	concorrência	Copertino
cortiça	coruja	Corumbá
costume	daroês (daruês, derviche)	discóbolo
díscolo	embolia	êmbolo
encobrir	engazopar	engolimos (f. v.)
engolir	epístola	esbaforido
esgoelar	esmolambado	explodir
femoral (mas fêmur)	focinho	girândola
goela	gôndola	gorgolejar
gorgomilos(as)	íncola	Indostão (ou Hindustão)
lagoão	lobisomem	lombriga
Ludovina	mágoa	magoar
maometano	marajoara	mocambo
mochila	moela	Moji
mojica	molambo	moleque
molusco	montoeira	moringa
mosquito	moto próprio (de __)	névoa
nevoeiro	nódoa	óbolo
ocorrência	orangotango	parvoíce
páscoa	pascoal (pascal)	pascoela
patacoada	patoá (dialeto)	picolé
pitoresco (mas pinturesco)	polenta	poleiro
polir (pulo, pule[s], polimos, polis, pulem)	proeza	ratoeira
rebotalho	Romênia	romeno
rumoroso	sapoti	silvícola
somítico	sopitar	sortido
sortir (abastecer)	sotaque	toalete
toalha	tocaia(r)	tocaio
tômbola	tostão	tribo
veio (f. v.; subst.)	vinícola	zoada
zoar		

- *u*, e não *o*

- Nossa letra *u* corresponde, historicamente, ao *ū* longo latino: *lua*, *luar*, *nulo*, *usar*, *uva*, *suar*, *mudar*, *mudez*, etc.
- Não é da tradição escrita da língua o *u* átono final de palavra. Eis por que se deve grafar *banto*, *tribo*, *moto* (*de moto próprio*). Palavras como *bônus*, *vírus* e outras poucas são latinismos.
- As terminações -*ua*, -*ula*, -*ulo* são mais frequentes que -*oa*, -*ola*, -*olo*: *água*, *íngua*, *tábua*, *âmbula*, *cábula*, *fábula*, *mandíbula*, *cálculo*, *glóbulo,* etc.
- Usa-se *u* nos ditongos: *au* (*grau, mau*); *éu* (*céu*); *eu* (*deu*); *iu* em verbos como *partiu*, *saiu*, *viu*, etc.; excepcional em nomes: *abiu*, *tiziu*; *ou* (*dou, vou*).

■ Como vogal de ligação *-u-:* estado + -al → *estadual*, *manual*, etc.
■ Substitui *o w* do inglês: *sanduíche*, *suéter*, *suingue*, *uísque*...
■ *Curtume* se liga a *curtir*, e não a *cortar.*

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
abiu	abulia (subst.)	acudir
anágua	assuada	bônus
bruxulear	bueiro	bugalho
bulício	buliçoso	bulir
burburinho	cábula	camundongo
caulim	chupim	chuviscar
cinquenta	coscuvilhar	Cotia (top.)
cumbuca	cumprido (f. v., cumprir)	cumprimentar
cumprimento (saudação)	cúpula	Curaçau
Curdistão	curinga (ou coringa)	Curitiba
curtir	curtume (cp. curtir)	cutia (= animal, cotia = embarcação)
cutucar	elucubração	Emanuel
embutir	entabular (entabulo, entabulas, entabula, entabulamos, etc.)	entupir
esbugalhar	escapulir	esculhambar
estadual	estripulia	fêmur (mas femoral)
fístula	frágua	fuça(r)
glândula	grugrulejar	Gumercindo
hindustâni	Hindustão (ou Indostão)	íngua
ingurgitar	jabuti	jabuticaba (ou jaboticaba)
juá	Juaçaba	juazeiro
jucundo	légua	léu (ao __)
lóbulo	Luanda	lucubração
lugar(ejo)	lumbago	lúpulo
maguari	mangual	Manuel
manuelino	manusear	micuim
míngua	morubixaba	muamba
mucama	muçulmano	muçurana
mujique	mulato	múnus
murmurinho	mutuca	ônus
patuá (cesta, balaio)	pérgula	pinturesco (mas pitoresco)
pirulito	plumbagina	pude, pudera, pudemos, -estes, etc.
puir	quarador (ou quaradouro)	quarar
rebuliço	régua	regurgitar
rucilho	saiu (f. v.)	sanduíche
sinusite	sovéu	suar (suo, suas, sua)
súmula	supetão (de __)	surripiar
surtir (resultar)	tábua	tabuada
tábula	tabuleiro	tabuleta
tiziu	tonitruante	trégua
tulipa	turdilho (ou tordilho)	umbu (ou imbu)
urdir	urdume	Úrsula
urticária	urtiga	urtigão
usufruto	úvula	vírgula
Virgulino	virulento	vírus
Vístula	viu (f. v.)	zuarte
zuavo	zuído	

As vogais nasalizadas

■ No final dos vocábulos, as cinco vogais nasais /ã, e⁊ , ĩ, õ, ũ/ têm as seguintes representações:

ã, ãs – cãs, divã, fã, galã, imã(s), talimã...
im, in – afim, afins, gim, xaxim, rins...
om, on(s) – bom, bons, cânon, ele(c)tron(s)...
um, uns – álbum, álbuns, algum, alguns...

■ A vogal *ã* ocorre ainda em final de sílaba interna, isto é, antes de sufixos: *chãmente* (chão + mente): *avelãzinha*, *romãzeira*, etc. Casos como *ãatá*, *tucumãí* são excepcionais, mas compreensíveis. *Cãibra* ou *câimbra* (orig. provável: do gót. *kramp* (“gancho”), pelo fr. *crampe* (“cãibra”).
■ No início e no meio dos vocábulos a nasalidade é condicionada por /N/ – escrito *m* antes de *b* e *p*, e por *n* nos demais casos:

mb, mp – ambos, relembro, cacimba, amparo, sempre, límpido;
nc, nch, nd, nf, etc. – banco, bendizer, benfeitor, benquisto, benzer, cantar, conluio, convite, enxofre, honra, injeção, lancha, mansarda, pente, sanga, tinta, unto;
iniciando sílaba – cama, lama, sono, banha, venha, vinha, sonho, cunha.

■ Em final de palavra usa-se *m* com vogal diferente de *a* – *clarim*; usa-se *n* com vogal diferente de *a* seguida de *s* – *semitons*.
■ As terminações *-em*, *-ém*, *-êm* representam o ditongo nasal [ẹ j]: *bem*, *alguém*, *mantém*, *mantêm,* etc.

Quanto aos ditongos nasais, veja-se a seguir:

ENCONTROS VOCÁLICOS

Ditongos decrescentes

Ditongos orais são onze: p*ai*, m*au*, s*ei*, pap*éis*, s*eu*, c*éu*, v*iu*, n*oi*te, her*ói*, v*ou*, az*ui*s.
Convém lembrar que a vogal pospositiva ou semivogal dos ditongos orais decrescentes só pode ser *i* [j] ou *u* [w]: *aipo*, *cai*, *vai*, *ideia*, *dei*, *fazeis*, *dói*, *foi*, *oito*, *influi*, *possui*, *substitui*, *grau*, *sobressai*, *nau*, *quinau*, *vau*, *teu*, *saiu*, *viu*, *dourar*, *roupa*, etc. Exceções: *Caetano*, *ao(s)*, *caos* e *neo*.

-Ditongos decrescentes nasais

Os cinco ditongos nasais apresentam as seguintes grafias: *ãe*, *ại*, *am*, *ão*, *em* e *en*, *õe*, *ui*. Exs.: *mãe*, *sacristães*, *cãibra*, *acordam* (f. v.), *acórdão(s)*, *irmão*, *bem*, *também*, *escrevem*, *benzinho*, *hífen*, *edens*, *conténs*, *põe(s)*, *põem*, *sermões*, *muito*, *mui*, etc.
O ditongo -*ãi*- só ocorre na sílaba inicial de *cãiba*, *cãimbeiro*, *cãibra*, *cãibro*, *cãimbo* e *zãibo*, formas para as quais o VOLP (2009) registra as variantes *câimba*, *câimbra*, *câimbro* e *zâimbo*.
Os verbos apresentam -*am* nas formas paroxítonas, e -*ão* nas oxítonas e monossilábicas: *andaram*, *andarão; bateram*, *baterão*; *saltaram*, *saltarão*; *andam*; *dão*; *estavam*; *vão*; etc.

Ditongos crescentes

Os ditongos crescentes átonos finais representam-se da seguinte forma: áur*ea*, áur*eo*, âns*ia*, calún*ia*, espéc*ie*, exím*io*, mág*oa*, táb*ua*, tên*ue*, tríd*uo*.[10]

- Ditongos crescentes nasais

São tônicos: *quanto*, *aguenta*, *pinguim*.
Na pronúncia corrente, esses encontros vocálicos realizam-se como ditongos [semivogal + vogal]. Só em pronúncia silabada, artificial, aparecerão como hiatos. Houve quem chamasse de "semiditongos" a esses encontros, coisa que em fonética não existe: ou o encontro é ditongo, ou é hiato.

Variantes gráficas do ditongo nasal [ẹ ̣ j]

Na representação do ditongo nasal [ẹ ̣ j] tônico ou átono ocorrem variações gráficas determinadas por sua posição na palavra e/ou pela localização do acento.

- -*em* (tônico): assim terminam vocábulos monossilábicos – *bem*, *cem*, *trem*, *tem*, *vem* (singular).
- -*ém*: ocorre em vocábulos oxítonos de mais de uma sílaba – *alguém, armazém, porém, provém (ele), Santarém, também.*
- -*éns*: ocorre em substantivos plurais, assim como segundas pessoas do singular do presente do indicativo – *armazéns*, *vinténs*, *deténs*, *provéns*...
- -*êm*: nas formas da 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos *ter*, *vir* e seus derivados – *eles têm*, *vêm*, *contêm*, *convêm*, etc.
- -*eem*: só nos quatro verbos seguintes e seus derivados, como já mencionado – *creem*, *deem*, *leem* e *veem*; *descreem*, *desdeem*, *releem*, *reveem*, *preveem*, etc.

A alternância *ou*, *oi*

Em numerosos vocábulos, o ditongo *ou* [ow] alterna com *oi* [oj]: *agourento* e *agoirento*, *balançar* e *baloiçar*, *calouro* e *caloiro*, *couro* e *coiro*, *cousa* e *coisa*, *dourar* e *doirar*, *louça* e *loiça*, *lousa* e *loisa*, *pousar* e *poisar*, etc.
A alternância se dá quase invariavelmente antes de *r*: *ouro e oiro*, *louro e loiro*... Enquanto os portugueses parecem preferir *oi*, entre nós tende a prevalecer *ou*, ditongo que na pronúncia corrente soa monotongado [o]: *cavo(u)car*, *co(u)ro*, *esto(u)rar*, *po(u)co*, *ro(u)bar*, *ro(u)pa*, etc. Na língua popular -*douro* tem a variante -*dor*: *babador* (bras., *babadouro*), *bebedor* (uso informal, *bebedouro*), *quarador* (regionalismo bras., *coradouro*), *sangrador*, etc.

- Predomina *ou* nos vocábulos seguintes e seus derivados:

agouro
arcabouço
balouçar
besouro
calabouço
calouro
cenoura
ceroulas
couro
rasoura
estouro
frouxo
louça
lousa
mouro
ouço
ouro
papoula
pousar
Sousa
tesoura
tesouro
touça
touro
toutiço
trouxa
vassoura
dourar

- Predomina *ou* no sufixo -*douro*, aposto a temas verbais*:*

ancoradouro
babadouro
bebedouro
casadouro
coradouro (ou quarador)
embarcadouro
imorredouro
lavadouro
logradouro
manjedoura
matadouro
porvindouro
sangradouro
sumidouro
vindouro

- Prevalece *oi* nos vocábulos seguintes e seus derivados:

açoite, -ar
afoito
biscoito
caçoila (caçoula)
coice
coisa
doido
dois
foice
moita
noite
toicinho

Não ocorre a alternância *ou*, *oi* nas formas verbais monossilábicas – *dou*, *sou*, *vou* –, na desinência da 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo da primeira conjugação – *amou*, *levou*, *trabalhou* –, bem como nos vocábulos seguintes e seus derivados:

açougue
azougue
cavouco
coube
couve
douto
doutor
louco
louvar
mouco
outono
outro
ouvir
pouco
poupar
prouve
regougar
roubar
rouco
roupa
soube
touca
toutinegra
trouxe

Hiatos

- O hiato pode ser por repetição de fonema (hiato homogêneo, vogais iguais em sílabas diversas consecutivas, etc.): *caatinga*, *Saara*, *geena*, *nheengatu*, *niilismo*, *cooperar*, *duunvirato*...
- Hiato *e-e*: não se conserva o acento circunflexo das formas do singular *crê, dê, lê, vê* nas do plural: *creem, deem, leem, veem*, nem os respectivos derivados *descreem, desdeem, releem, reveem,* etc. (Cf. AOLP, 1990)
- Verbos em *-e-ender: apreender* (não confundir com aprender), *compreender*, *depreender*, *empreender*, *repreender* e *surpreender*.
- Escrevem-se com *e* o hiato *o-e* e o *u-e* dos verbos em *-oar* e *-uar: abençoe(s, m)*, *perdoe(s, m)*; *atue(s, m)*, *habitue(s, m)*...
- Recebem acento agudo o *i* e o *u* nos hiatos em que estas vogais, sendo tônicas orais, fecham sílaba com ou sem *s*: *caí(s)*, *baú(s)*.
- Dispensa-se o acento se a vogal anterior for idêntica: *mandriice*, *vadiice*, *paracuuba*, *sucuuba* – ou quando à vogal se seguir *nh* – *rainha*. São oito os hiatos possíveis, no caso: *saída*, *cafeína*, *egoísta*, *ruído*, *saúda*, *reúne*, *friúra*, *timboúva*.
- Também não se sobrepõe acento circunflexo ao hiato tônico *o-o*: *abençoa/abençoo*; *voo(s)/voa(s)*.

UM SOM, VÁRIAS LETRAS; VÁRIAS LETRAS, UM SOM

AS CONSOANTES

Arquifonema /S/

Há várias representações do som [s] na escrita (cf. problemas no emprego das letras). Do ponto de vista fonológico estruturalista, recorre-se à noção de arquifonema /S/ para expressar a neutralização (perda do contraste) dos fonemas [s, z, ʃ, ̥] que ocorrem em posição intervocálica (*assa*, *aza*, *acha*, *haja*) e em início de sílaba (*seca*, *Zeca*, (ele) *checa*, *jeca*) e que desaparece em posição final de sílaba – *mês atrasado*, *mês bonito*. Nessa posição qualquer um desses sons pode ocorrer (cf. Silva, 1998).

- *s*, e não *c* ou *ç*, nem *x*

■ Correlação *nd* – *ns*: pretender, *pretensão*, *(des)pretensioso*; expandir, *expansão*, *espansivo*; pender, *pensão*, *pênsil*; tender, *tensão*, *tenso* (diferente de ter, tento, tenção); ascender, *ascensão*, *ascensional*, *ascensor*; distender, *distensão*; contender, *contensão* (diverso de conter, contenção); estender, *extensão*; suspender, *suspensão*, *suspensivo*, *suspensório*...
■ Correlações *rg* – *rs*, *rt* – *rs*: aspergir, *aspersão*; imergir, *imersão*; espargir, *esparso*; submergir, *submerso*; inverter, *inversão*; divertir, *diversão*...
■ Correlação *pel* – *puls*: impelir, *impulsivo*, *impulso*; expelir, *expulsão*; repelir, *repulsão*...
■ Correlação *corr* – *curs*: correr, *curso*, *cursivo*, *discurso*; excursão, *incursão*...
■ Correlação *sent* – *sens*: sentir, *senso*, *sensível*, *consenso*, *dissensão*...
■ Sequências *ist*, *ust*: misto, *mistura*; *Calista*, *Sisto*, *sistino*; *justafluvial*, *justapor*, *justalinear*.
■ Sufixo -*ense*: *rio-grandense*, *paraense*, *hortense*...

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
abside	adensar	adversário
agrimensão	alsaciano	Anselmo
ânsia	ansiar	ansiedade
ansioso	apreensão	apreensivo
arsênico	Arsênio	ascensão (subida)
ascensional	ascenso	ascensor
aspersão	aspersório	autópsia (ou autopsia)
aversão	avulso	balsa
balsamina	Betsabé	Betsaida
bolso (ô)	Calisto	canhestro (ê)
cansaço	cansado	cansar
cansativo	canseira	Celso
Censo (recenseamento)	comparsa	compreensão
compulsão	compulsório	condensar
consecução	conselheiro	conselho
consenso	consentâneo	consertar
conserto (remendo)	contrassenso	contraversão
controvérsia	conversão	conversível
convulsão	convulsionar	convulso
corsário	Córsega	corso (ô, córsico)
cossecante	cosseno	defensivo
defensor	descansar	descanso
descensão (descida)	descenso	desconsertar
desconserto	despensa (armário)	despenseiro
despretensão	despretensioso	destra
destro (é ou ê)	detersão	dimensão
dispensa(r)	dispersão	dispersivo
disperso	dissensão	distensão
diversão	diverso	dorsal
dorso (ô)	Elsa	emersão
emerso	emulsão	ensancha
ensebar	escansão	estender (mas extensão)
excursão	excursionar	expansão
expansivo	expensas (a __)	expulsão
expulsar	extensão (mas estender)	extorsão
extorsivo	extrínseco	falsário
falso	falsete (ê)	falsificar
farsa(nte)	ganso	Genserico
Gumercindo	hansa	Helsínquia
Hercílio	hirsuto	horsa
hortense	hortênsia	Hortênsio
imersão	imerso	impulsionar
impulso	incenso	incompreensível
inconsútil	incursão	incursionar
inserto (inserido)	inseto	insinuar
insípido	insipiente (ignorante)	insolação
insulso	intensão (tensão)	intensivo
intrínseco	inversão	Jansênio
jansenismo	justapor	malsinar

manipanso	manso	Mansur (antr.)
Marselha	Mársias	marsupial
misto	morso (ou mordedura)	Nélson
Nílson	obsecrar	obsessão (cp. obcecação)
obsidente	obsidiar	obsoleto
ostensório	Pansa (antr.; cf. Sancho Pança)	Parsifal
pensão	pensionato	percurso
persa	Perséfone	Persépole (Persépolis)
Pérsia	persiana	Persília
Persival	perversão	perversidade
Porsena (antr.)	precursor	pretensão
pretensioso	pretenso	propensão
propulsão	pulsar	pulseira
recensear	remansado	remansear
remanso	remansoso	remorso
repreensão	repreensivo	repulsa
repulsão	repulsivo	retroversão
reverso	revulsão	revulsivo
rio-grandense	salsa	salsicha
salsugem	Sansão (antr.)	Sanseverino
seara	sebáceo	sebe
sebento	sebo	seboso
seção (ou secção)	seda(s)	sega (ceifa)
sega (ferro do arado)	segadeira (ceifadeira)	segador
segar (ceifar, cortar)	sela (arreio, assento)	selagem (ato de selar)
selha (ê, vaso de madeira)	selo (é, f. v.)	selo (ê, subst.)
semear	semente	Semíramis
Sena (antr.; top.)	senáculo (lugar de reuniões do Senado romano)	Senado
senário (ref. a seis)	senha	sênior
sensatez	sensato	sensível
senso	sensório	sensual
sensualismo	sensualista	séptico (que causa infecção)
sereia	seres (povo)	seres (s. pl. e f. v.)
seriado	série	seriedade
seringa	sério	serra
serração (ato de serrar)	serralharia	serralheiro
serralho	serro (espinhaço)	Serro Cadeado
serro (é, f. v.)	sertã (frigideira rasa)	serva (criada)
servo (criado)	sésamo	sesta (dormida)
sesteada	sestear	sestro
seta	Setúbal	sevandija
severo	seviciar	Sevilha
sevo (cruel)	sezão (febre)	siamês
Sião	Síbaris	sibarita
Sibéria	sibila(r)	sicambro
siciliano	Sicília	siclo (moeda de prata)
sicômoro	sicrano	sidra
sifão	sífilis	sigilo
sigla	sigma	sigmo
silepse	Silésia	sílex
sílfide	silha	silhueta
sílica	silo	Sílvia
sinagoga	Sinai	sinedrim (ou sanedrim, sinédrio)
sinfonia	singelo	singrar
sinimbu	sintoma	Sintra
sinusite	sirena	siri
Síria	sirigaita	sírio
siso	Sisto	sistino
sisudo	sito (situado)	situar
submersão	subsidiar	subsídio
subsistência	subsistir	suspensão
suspensório	Tarso	tensa (fem. de tenso)
tensão	tensivo	tenso
tergiversar	Terpsícore	tersa, terso (limpo)
tersol	Tirso	Upsália (Uppsala, Suécia)
Ursino	Úrsula	utensílio
valsa(r)	versão	versátil
verso		

- *ss*, e não *c* nem *ç*

- ■ Correlação *ced* – *cess*: ceder, *cessão*; conceder, *concessão*; interceder, *intercessão*; exceder, *excessivo;* aceder, *acessível, acesso...*
- ■ Correlação *gred* – *gress*: agredir, *agressão, agressivo*; progredir, *progressão, progresso, progressivo...*
- ■ Correlação *prim* – *press*: imprimir, *impressão*; oprimir, *opressão;* reprimir, *repressão...*
- ■ Correlação *tir* – *ssão*: admitir, *admissão*; discutir, *discussão*; permitir, *permissão*; (re)percutir, *(re)percussão*; eletrocutir (eletrocutar), *eletrocussão...*
- ■ Etimologia *rs* (latim) > *ss*: persona (lat.) > *pessoa* mas *personalidade*; persĭcu > *pérsico* > *pêssego*; adversu > *avesso* mas adversário; raiz latina *vers* e seus derivados: *atravessar*, *avesso*, *revesso*; ersa (lat.) > *essa* (catafalco); morsa (lat.) > *mossa...*
- ■ Etimologia *x* (lat. [ks]) > *ss*: dixi (lat.) > *disse*; sexagesĭmu > *sessenta*; laxu > *lasso, lassidão...*
- ■ Etimologia *ps* (lat.) > *ss*: gypsu (lat.) > *gesso;* ipse (lat.) > *esse...*
- ■ Prefixo terminado em vogal (menos os casos de hífen e prefixos, veja-se adiante) + palavra iniciada por *s*: a + silábico > *assilábico;* a + sossegar > *assossegar;* re + surgir > *ressurgir...*

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO

Abissínia	acessível	acossar
admissão	admissível	agressão
alvíssaras	alvissareiro	amassar (< massa)
amerissagem (ou amaragem)	amerissar (ou amarar)	antisséptico
apressar (< pressa)	argamassa	arremessão
arremessar	assacar	assar
assarapantado	assassinar	assassínio
assear	assecla (é)	assediar
assédio	asseio	assentar
assento (< assentar)	asserção	asserto (ê, afirmação)
assessor	assestar	assético (ou asséptico)
asseverar	assíduo	assimetria
assimétrico	assinar	assíndeto(n)
Assíria	assobiar	assolar
assoprar	assossegar	assuada
Assumar (top.)	atassalhar	aterrissagem (ou aterragem)
aterrissar (ou aterrar)	atravessar	avassalar
avessa(s)	avesso	Bessarábia
Bissagós	bissetriz	bossa (protuberância)
bússola	Canossa	Carrossel (< fr. carrousel)
cassa (fazenda)	cassar (anular)	cassetete
Cassiano	Cassilda	Cassildo
cassino	Cássio	Cassiodoro
Cassiopeia	cessão (ato de ceder)	cissão
Clarissa (ou Clarisse)	classicismo	codesso (ê)
comissão	compassivo	compasso
compressa	compromisso	concessão
concessionário	concessiva	condessa
confessionário	confissão	cossaco
crasso	demissão	demissionário
depressa	depressão	desasseado
desasseio	desassisado	dessecar (secar bem)
dessorar	dessossegar	dessossego
devassa(r)	devassidão	devasso
dezesseis	dezessete	digressão
discussão	disse, dissera, etc.	dissensão
dissertação	dissertar (discorrer)	dissídio
dissílabo	dissimulação	dissimular
dissipação	dissipar	dissuadir
dossel	dossiê	dulcíssono
eletrocussão	emissão	empossar
endossar	entressachar	entressonhar
escassear	escassez	escasso
essa (cp. esse)	excessivo	excesso
expressão	expressivo	fossa (cova)
fossar (abrir fossa)	fosse (f. v.: ir e ser)	fóssil (pl. fósseis)
fossilizar	fosso (valado)	fracasso
fricassé	gauss	gesso
girassol (pl. girassóis)	grassar	hissope
hissopo	idiossincrasia	ilisso
imissão	impressão	impressionar
indefesso	ingressar	ingresso
insosso	insubmissão	interesse
intromissão	Issacar	isso
Jessé	lassidão	lasso (cansado)
Lessa (antr.)	Lissa	Masinissa (antr.)
massa	massagem (__ dos músculos)	massagista
massame	Massangana	massapê ou massapé
masseira	masseter	Massília
Massudo (< massa)	melissa	Messalina
messe	messiânico	Messina
missa(l)	missão	missionário
Mississípi	Missuri	molosso (lô)
monossílabo	Mossâmedes	Mossul
musselina	necessidade	Niassa
obsessão	Odessa (ê)	opressão
Ossian	passa	passamanes
pássaro	passatempo	passear
passeata	passeio	passo (cf. paço = palácio)
permissão	Pessanha (antr.)	pêssego
pessimismo	pintassilgo	polissílabo
polissíndeto(n)	possessão	possessivo
possesso	Possidônio	possa, posso (ó)
potassa	potássio	precessão
pressagiar	presságio	pressago
pressão	pressuroso	processão (procedência)
processionário	procissão (préstito)	professo (é)
profissão	profissional	progressão
progressivo	progresso	promessa
promissor	promissória	regressar
regresso	remessa	remissão (ato de remitir)
remissivo	repercussão	repressão
repressivo	ressaca	ressalva(r)
ressarcir	ressentir	ressequir
ressonar	ressudar	ressumar
ressumbrar	ressupino	ressurreição
ressuscitar	retrocesso	revessa
revesso (é, f. v.: revessar)	revesso (ê)	Rossio (í)
rossio (í, praça, terreiro)	russo (da Rússia)	sanguessuga
sanguissedento	sassafrás	secessão
sessão (reunião)	sessar (peneirar)	sessenta
séssil	setissílabo	sobresselente (ou sobressalente)

sossegar	sossego	submissão
sucessão	sucessivo	Tasso
Tessália	Tessalonica	tessitura
tosse	tossir	travessa
travessão	travesso	trissar
trissílabo	ucasse	Ulisses
uníssono	vassalo	vassoura
Vassouras (top.)	Veríssimo (antr.)	verossímil, verossimilhança
vicissitude	viscondessa	vosselência
vossemecê	vossência	

- *c*, *ç*, e não *s* ou *ss*, nem *sc*

- De origem latina (*c*, *ti*)*: ação, celeste, fração, março, preço, vício*. (v. correlação *t* – c, abaixo. Usa-se *ç* em sílaba inicial antes de *a*, *o*, *u*, nunca em início de palavra.)
- Correlação *t* – *c:* absorto, *absorção*; alto, *alçar*, *exalçar*, *realçar*; ato, *ação*, *acionar*; assunto, *assunção*; canto, *canção*; convento, *convenção*; ereto, *ereção*; executar, *execução*; infrator, *infração*; isento, *isenção*; Marte, *marcial*; redentor, *redenção*; torto, *torce*, *torção* (*distorção*, *contorção*, mas extorsão)... Exceções: dissentir, *dissensão;* eletrocutar, *eletrocussão*); *-ert* – *-ers*: divertir, *diversão*; converter, reverter: *conversão*, *reversão*...
- Correlação *ter* – *tenção:* abster, *abstenção*; ater, *atenção*; conter, *contenção*; deter, *detenção*; reter, *retenção*...
- Vale pelo *sc* inicial latino: *ciência* (“scientia”), *cena* (“scena”), *cintilar* (“scintillare”)...
- De origem árabe (letras *sade* e *sine*): *açafate, açafrão, açaimar, açúcar, açucena, cetim, acetinado, moçárabe, muçulmano...*
- Vocábulos de origem tupi, africana, línguas sem tradição gráfica: *açaí, araçá, araçoia, criciúma, Iguaçu, Juçara, moçoró, muçu(m), muçurana, paçoca, caçanje, caçula, cacimba, miçanga*... Incluem-se os sufixos *-açu, -(g)uaçu, -uçu: capim-açu, Paraguaçu, canguçu, embiruçu...*
- Sufixos *-aça, -aço, -ação, -ecer, -iça, -iço, -nça, -uça, -uço*: *barcaça, ricaço, armação, entardecer, carniça, sumiço, fiança, convalescença, dentuça, dentuço...*
- Terminação *-encer* de verbos: *convencer, pertencer, vencer*.
- Após ditongos: *arcabouço, beiço, fauce, feição, foice, louça, traição...*

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
à beça	absorção	abstenção
acaçapar	açafrão	açaí
açaimar	açambarcar	acelga
acender (iluminar)	acento (tom de voz, sinal diacrítico)	acepção
acepipe	acessório	acerbo
acerto (ajuste)	acervo [e]	acefinado
acetinar	aço	açodar (apressar)
acor(o)çoar	açoteia	-açu (suf.)
açúcar	açucena	açude
açular	adereçar	adereço
adoção	adocicado	afiançar
afocinhar	agastadiço	agradecer
alcácer	alcaçuz	alçapão
alçaprema	alçar	alcobaça
alicerçar	alicerce	almaço
almoço	alopecia	alvorecer
amadurecer	amanhecer	ameaça(r)
anoitecer	aparecer	apreçar (marcar preço)
apreço	aquecer	araçoia
arção	arrefecer	arregaçar
arruaça	arvorecer	asserção
assunção	assuncionista	babaçu
bagaço	baço	balança(r)
balça (mata fechada)	Barbacena	Barcelona
Beça	beça (à __)	Berenice
boçal	bolçar	buço
Buçaco (top.)	cabaça	caça
caçanje	caçar	caçarola
cacete	cacimba	cacique
caçoar	caçoila	caçula
caiçara	calça	calção
caleça (ou caleche)	calhamaço	caliça
camurça	canguçu	caniço
cansaço	carapaça	carapuça
caravançará (ou caravançarai)	carcaça	carecer
carniça	carrança	carrancismo
carroçaria (ou carroceria)	castiço	cavalariça
cear	cebola	ceca (de/por __ e meca)
cê-cedilha	cecém	Cecília
cediço	cédula	ceia
Ceide	ceifar	Ceilão
ceitil	cela (quarto)	celagem (do céu)
Celebes (top.)	celeiro	célere
Celeste	Celestino	celeuma
celibato	celofane	Célio
Celso	celta	celtibero
célula	celuloide	cem (cp. cento)
cemitério	cena	cenáculo
cenário	cendal (véu)	cenho (carranca)
cênico	cenóbio (convento)	cenobita (monje)
cenoura (cenoira)	censo (recenseamento)	censar

censual (rel. a censo)	censura	centauro
centavo	cêntimo	centopeia
centro	centroavante	centromédio
centurião	cepa (é)	cepa (ê)
cepticismo (ou ceticismo)	céptico (ou cético)	cera(s)
cerâmica	cérbero	cerca
cercado	cercania	cercar
cerce	cercear	cerco
cerda (é ou ê)	cerdo (é ou ê, porco)	cereal
cerebelo	cérebro	cereja
Ceres	cerimônia	cerne
ceroulas	cerração (nevoeiro)	cerrar (fechar)
cerro	Cerro Azul	Cerro Largo
certame (ou certâmen)	certeiro	certeza
certidão	certo	cerva (fêmea do cervo)
cerveja	cerviz	cervo
cerzir	César	cesariana
cessação (ato de cessar)	cessão (ato de ceder)	cessar (parar, acabar)
cesta	cesto	cetim
cetineta	cetinoso	cetona
cetro	ceva, cevar	cevada
chacina	chalaça	chance
chanceler	Chimboraço	choça
chouriço	chuço	chumaço
cibório	cicatriz(ar)	Cícero
cicerone	cicio	ciciar
cíclame, ciclâmen; pl.: ciclamens, ciclâmenes,	ciclo	ciclone
cicuta (sigude)	cidra (fruto)	cifra
cifrão	cigano	cigarra
cigarro	cilada	Cilícia (top.)
cilício (instr. de penitência)	cílio	cima
cimento	cimitarra	cimo
cinamomo	cincerro (ê)	cine(ma)
cingalês (do Ceilão)	cínico	cinquenta
cinta, cinto	cintilar	cintura
cinturão	cinza	cinzel
cio	cioso	Cipião
cipó	cipoal	cipreste
Cipriano	ciranda	circo
circuito	circunavegação	circuncisão
circunflexo	Cirene	cireneu
Ciríaco	Cirilo	círio (vela)
cirro	cirrose	cirurgia
cisão	cisalpino	cisatlântico
cisco	cisma(r)	cisne
cissiparidade	cissura	Cister
cisterciense	cisterna	cita(r)
citação	cítara	citas (povo)
Cítia	ciúme	cizânia (ou zizânia)
Cleonice	coação	cobiça(r)
coça(r)	cócegas	cociente
coerção	coercitivo	colaço
coleção	comborça	compunção
concelho (reg. Portugal)	concertar (ajustar)	concerto (__ musical)
concílio (assembleia)	conjunção	consecução
consunção	contorção	corça
Corção	corcel	corço (veado)
couraça(do)	Cricíúma	Criciumal
Curaçau	dança(r)	decepção
decepcionar	decerto	dentuça
descoroçoar	descrição	deserção
desfaçatez	despeço (f. v.)	destrinçar
discrição	disfarçar	disfarce
distinção	distorção	dobradiça
docente (corpo __)	Eça	empobrecer
encanecer	encenação	encilhar
endereço	endoidecer	enguiço
enrijecer	ensurdecer	envelhecer
ereção	eriçar	erupção
escaramuça	escocês	Escócia
espairecer	espicaçar	espinhaço
esquecer	estilhaço	exceção
excepcional	exibição	expeço (v. expedir)
extinção	extorcionário (mas extorsão)	falecer
feitiço	focinho	focinhar
fortalecer	fuça(r) (gír.)	Guaraci
hortaliça	Iguaçu	impeço (f. v.)
incerto (não certo)	inchaço	incipiente (iniciante)
inserção	intercessão	isenção
jaça	jaçanã	Jaci
joça	Juçara	Juraci
laçar	laço	Leça
liça (luta)	licença	lince
linguiça	linhaça	lucidez
lúcido	maça (clava)	maçã
maçada	maçador	maçagem (__ do linho)
maçaneta(s)	maçante (importuno)	maçar (bater com maça; importunar)
maçaranduba	maçarico	maçaroca
macega	ma(r)cela	macerar
maciço	macieira	macilento
macio	maciota	maço
maçom (ou mação)	maçudo	magricela

magriço	Mançanares	Manhuaçu
maniçoba	manutenção	Marçal
ma(r)cela	marcial	março
meço (f. v.)	menção	mencionar
miçanga	moçárabe	Moçoró (top.)
moçoró (tipo de vento)	monção	morcego
mordaça	mormaço	muçulmano
muçu(m)	muçuense	muçurana
negaça	noviço	obcecação (cp. obsessão)
obcecar	opção	orçamento
orçar	ouriço	paço (palácio)
paçoca	palhoça	paliçada
palonço	panaceia	pança
Pança (Sancho __)	Paraguaçu	parecer
peça	peceta (dim.: peça)	peço (f. v.)
peliça	penicilina	percevejo
piaçaba	pinça(r)	poça (ó, ô)
pocilga	poço	prevenção
presunção	quarço (ou quartzo)	quiçá
rebuço	rebuliço	recender
recensão	rechaçar	rechaço
regaço	remição (resgate)	resplandecer
reverdecer	roça	roçar
rocinante	rodo (ô)	rócio (reg. NE bras., orgulho)
roliço	ruçar	rucilho (cavalgadura de pelo preto, vermelho e branco)
ruço (pardo)	saçaricar	sanção (ato de sancionar)
sarça	singapurense (de Singapura, f. trad.; cingapurense, Cingapura, reg. bras.)	sobrancelha
soçobrar	súcia	Suíça
suíço	sumiço	sumidiço
taça	talagarça (ou telagarça)	tapeçaria
taquaruçu	tece(s)	tecelagem
tecelão	tecer	tecido
teço (ê, f. v.)	tença (pensão)	tenção (intenção)
terça (subst.; num.)	terço (subst.; num.)	terçol (abcesso)
terraço	tição	torção
torças (tu), torça (eu, ele)	torço (f. v.)	traça
trança(r)	trapaça	tripeça
troça	troço	umedecer
vacilar	vacina	viço
vidraça	vizinhança	você
vossemecê	vosmecê	

- *sc*, e não *c*, *s*, *ss* (*sc* = [σ])

- De um lado, escreve-se com *sc* em *arborescer*, *crescer*, *imarcescível*, *maturescência*, *presciência*, *(re)florescer*, *rescindir*... De outro lado, escreve-se com *c* em *arvorecer*, *amanhecer*, *emurchecer*, *amadurecimento*, *anticientífico*, *reverdecer*, *umedecer*...
- Por que *sc* no primeiro grupo e *c* no segundo?
- Por uma razão de origem: grafa-se *sc* em termos eruditos, latinos (emprestados), e *c* em formas populares (herdadas) e formações vernáculas, isto é, operadas dentro da nossa língua. *Arborescere, crescere, florescere, rescindere* são verbos latinos.
- Formações vernáculas: a + maduro + ecer = *amadurecer*; a + manhã + ecer = *amanhecer;* em + pobre + ecer = *empobrecer*; em + rico + ecer = *enriquecer*; etc.
- Formas populares (herdadas, evoluídas)*: conhecer, falecer, parecer, perecer, umedecer,* etc.[11]

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
abscesso (é)	abscindir	abscissa
acrescentar	acrescer	acréscimo
adolescência	adolescente	apascentar
aquiescência	aquiescer	arborescer
ascendente	ascendência	ascender (subir)
ascensional	ascensão (subida)	ascensor (elevador)
ascese	asceta	ascetério (convento)
ascético	ascetismo	concupiscência
condescendência	condescender	condiscípulo
consciência	consciente	cônscio
convalescença	convalescente	convalescer
Crescêncio	crescente	crescer
crescimento	cresço (f. v.)	descendência
descender	descensão (descida)	descensional
descentralização	descer	descerebrado
descerimonioso	descerrar	descida
descivilizar	discente (corpo __)	discernimento
discernir	disciplina(r)	discípulo
efervescência	enflorescer	enrubescer
fascículo	fascinar	fascínio
fascismo	fascista	fescenino
florescência	florescente	florescer
fluorescência	frondescer	imarcescível
imisção (intrometer-se)	imiscível	imprescindível
incandescência	incandescente	incandescer
inflorescência	insciência	ínscio (insciente)
intumescer	inturgescer	intuscepção

intussuscepção	irascível	isóscele(s)
lascívia	lascivo	liquescer
luminiscência	marcescível	maturescência
miscelânea	miscibilidade	miscigenação
miscível	multisciente	nascença
nascer	nascituro	nasço (f. v.)
néscio	obsceno	onisciência
opalescente	oscilação	oscilar
parasceve	pascer	piscicultura
pisciforme	piscina	presciência
prescindir	prescindível	Prisciano
Prisciliano	proscênio	recrescer
recrudescência	recrudescer	remanescente
remanescer	reminiscência	renascença
renascentismo	renascer	renascimento
rescindência	rescindir	rescisão
rescisório	resipiscência [z]	ressuscitar
revivescer	róscido	Róscio
rubescente	rubescer	seiscentésimo
seiscentismo	seiscentos	semiconsciência
semiconsciente	subconsciência	susce(p)tibilidade
susce(p)tível	suscitação	suscitar
tabescente	transcendência	transcendental
transcendente	transcender	tumescência
tumescer	víscera	visceral

- *x*, e não *s* (*x* = [s] sibilante surda)

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
aproximar	auxílio, auxiliar	cálix (is, ou cálice)
contexto	contextura	defluxado
defluxão	defluxo [σ] ou [κσ]	dextrina
dextrogiro	excogitar (imaginar, cogitar)	expectação (expectativa)
expectador (que permanece na expectativa)	expectante	expectativa
expectável	expectorar	expender
expensas	experiência	experimentar
experto (que tem larga experiência, cp. esperto)	expiação	expiar (pagar, remir)
expirar (morrer)	explanar	expletivo
explicar	explícito	explorar
expoente	expor	êxtase
extasiado	extasiar	extático
extensão	extensivo	extenso
extenuar	externo	extirpar
extorso (ô)	extraordinário	extrapolar
extrato	extravagante	extremado
extremar	extremoso	Félix
fênix	flux (fluxo)	inexperiência
inexperto (inexperiente)	inextricável	máxima
Maximiano, Maximiliano, Maximino	máximo	próximo, proximidade
sexta	sextanista	sextante
sexteto	sextilha	sextina
sexto (ordinal)	sintaxe	têxtil, pl. têxteis
texto	textual	textura
trouxe, trouxeste, trouxera(m)		

- *s*, e não *x*

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
adestrar	calisto	contestar (cp. contexto)
destra (a mão direita)	destreza	destro (é ou ê)
escarva	escavar, escavação, escarvador	esclarecer
esclarecimento	escoriar	escorreito
escorrer	escusa(r)	esdrúxulo
esfolar	esgotar	esgoto (ô, subst.; ó, f. v.)
esôfago	esotérico (ensino só para iniciados)	espairecer
espanar	espargir	espectador (que assiste)
esperteza	esperto (finório)	espiar (espreitar)
espirar (soprar, exalar)	espirrar	esplanada
esplêndido	esplendor	espoliação
espoliar	espontaneidade	espontâneo
espraiar	espremer	esquisito
estagnar	estase (estagnação do sangue)	estática
estático (sem movimento, contrário de dinâmico)	estender, estendido	esterno (osso)
estirpe	estradular	estrambótico
estrangeiro	estranhar	estranheza
estranho	estrato (camada, nuvens)	estratosfera
Estremadura	estrema (divisa, limite entre terras)	estremar (demarcar)
estremeção	estremecer	estremecido
Estremoz (ô)	estrênuo	estrinçar
estripar (cp. extirpar)	estropiar	estrutura
esvaecer	inesgotável	justafluvial
justalinear	justapor	justaposição
misto	mistura	sistino
Sisto	teste	

- *xc* = [s]

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
exceção	excedente exceder	excedível
excelência	excelente	excelentíssimo
exceler (ou excelir)	excelsitude	excelso
excentricidade	excêntrico	excepcional (ou excecional)
excepcionar (ou excecionar)	exceptivo (ou excetivo)	excerto (é)
excessivo	excesso	exceto
excetuar	excetuável	excídio
excímero	excipiente	excisão
excisar	excitabilidade	excitação
excitador	excitamento	excitante
excitar	excitativo	excitável
éxciton	inexcedível	preexcelso
sexcentésimo		

- *xs* = [s]

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
exsicar	exspuição	exsucção
exsolver	exstipulado	exsu(d)ar
exscrito	exstipuláceo	exsurgir

Fonema /z/

- *z*, e não *s*

- Sufixos *-ez*, *-eza* em substantivos cuja base é adjetivo: altivo, *altivez*; *maciez*; *pequenez(a)*; *riqueza*; *singeleza*; *surdez*; *viuvez*; etc. (Cf. adiante.)
- Sufixos *-izar*, *-ização*: *batizar*; *civilizar*, *civilização*; *colonizar*, *colonização*; *divinizar*; *fanatizar*; *humanizar*. (Idem.)
- Sufixo *-iz: atriz*, *bissetriz*, *diretriz*, *embaixatriz*, *genetriz*, *imperatriz*, etc.
- Consoante de ligação *-z-* em combinação com *-ada*, *-al*, *-eiro*, *-inho(a)*, *-udo*; *pazada*, *cafezal*, *caquizeiro*, *pezinho*, *pezito*, *pezudo*... Este *-z-* não tem razão de ser quando a palavra-base termina em *-s:* lápis, *lapisinho*; chinês, *chinesinho*; siso, *sisudo*; mesa, *mesinha*; mês, *mesada*.
- Nos derivados, o *z* da respectiva palavra-base: *abalizado* (*baliza*), *arrazoar* (*razão*), *enraizar* (*raiz*), *jazigo (jazer), revezar* (*vez*), etc.
- Terminações *-az -ez -iz -oz -uz* correspondentes às respectivas latinas: *-acem*, *-ecem*, *-icem*, *-ocem*, *-ucem*: *capaz*, *dez*, *feliz*, *feroz*, *luz*.
- Verbos ortograficamente em *-zer* e *-zir: dizer*, *fazer*, *aprazer*, *comprazer*, *jazer*, *conduzir*, *produzir*, *luzir*, etc.
- Correlação *c – g – z:* ácido, *azedo*; amigo, *amical*, *amicíssimo*, *amizade*; décimo, *dezena*, *dizimar*; preço, *prezar*; tração, *trago*, *trazer*; vice (lat.) > *vez*; vicinu- (lat.) > *vizinho*; *vácuo*, *vago*; vacivu- (lat.) > *vazio*, *vazar*, *esvaziar*; matrícula, *matriz*.
- Correlação *t – z:* dito, *dizer*; fato, *fazer*, etc.
- Vocábulos árabes e de línguas outras: *algoz*, *azenho*, *vizir*, *xadrez*, *zagal* (ar.), *azar*, *azo* (prov.), *grangazá* ou *granganzá* (banto).

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
abalizado	abalizar	abstratizar
acidez	aduzir	agilizar
agonizar	aguazil	agudez(a)
ajaezar	ajuizado	ajuizar
alazão	albatroz	albornoz (ó)
alcaçuz	alcatraz	alcatruz
alcoolizar	alfazema	algazarra
algidez	algoz (ó ou ô)	alizar (subst. masc.)
almofariz	altarezinhos	alteza
altivez	amazelado	amazona
amenizar	americanizar	amezinhar
amizade	amoralizar	amortizar
anãozinho, anõezinhos	anarquizar	andaluz
aneizinhos (pl. de anelzinho)	angelizar	animalizar
antegozar	antegozo	antipatizar
antraz	apazigua (gú)	apaziguar
apazigue (ú)	apaziguei (u pronunciado; antigo -güei)	aprazar
aprazível	aprendiz(ado)	aprendizagem
arborizar	arcabuz(eiro)	arcaizar
arcaízo (f. v.)	ardileza	arganaz
aridez	aristocratizar	armazém
armazenar	aromatizar	arrazoado
arrazoar	arrazoo, arrazoa(s) (f. v.)	arrizotônico
arroz(al)	arrozeiro	aspereza
assaz	assazonado	atenazar
atemorizar	aterrorizar	atriz
atroz	atualizar	audaz
automatizar	autorizar	avalizar
avareza	avestruz	avezar

avezinha (dim., ave)	avidez	avizinhar
avozinha (dim., avó)	avozinho (dim., avô)	az (ala do exército, esquadrão)
azado (propício, oportuno)	azáfama	azagaia
azálea (pop.: azaleia)	azambuja (-al, -eiro)	azar (-ado)
azaranzar	azebrar	azedar
azedinha	azedo (adj.)	azedume
azeite	azeitona	azemel
azêmola	azenha	azeviche
azevinho	azia	aziago
azimute	azinha (fruto da azinheira)	azinhaga
azinhal	azinhavre	azo (subst. e f. v.)
azoar	azoinar	azorrague
azoto (substituído por nitrogênio)	azougue	azucrinar
azul, azuis	bacafuzada	bacafuzar
baixeza	balázio (ou balaço)	baliza
bambuzal	banalizar	barateza
barbarizar	batizar	bazar
bazófia	bazuca	bazulaque
beberraz	beleza	bel-prazer
bendizer	bezerro(a)	bissetriz
bizantino	bizarria	bizarro
boiz, boízes (o-í)	boniteza	botõezinhos (dim. pl.)
braveza, brabeza	briza (planta)	brutalizar
burocratizar	buzina(r)	búzio
cabaz	cadoz	caduquez
cãezinhos (pl. de cãozinho)	cafezal	cafezeiro
cafezinho	cafuzo	canalizar
candidez	canonizar	capataz (-azia, reg. bras.)
capaz	capitalizar	capuz
caracterizar	carbonizar	cartaz
categorizar	catequizar (mas catequese)	cauterizar
celebrizar	centralizar	certeza
cerviz	chafariz	chamariz
chapeuzinho(s)	chazinho(s)	cicatriz(ar)
circunvizinho	civilizar (-ização)	cizânia (joio)
clareza	clerezia	climatizar
cloroformizar	coalizão	coalizar
codorniz	colonizar	colza
comezaina	comezinho(s)	comprazer
concretizar	condizer	conduzir
conezia	confraternizar	conscientizar
contemporizar	contradizer	contumaz
copázio	coraçõezinhos (pl.)	coriza
corporizar	correnteza	cotizar
cozer (cozinhar)	cozido	cozimento
cozinha(r)	cozinheiro(a)	cozo, coza(s) (ô, f. v.)
cretinizar	cristalizar	cristianizar
cromatizar	crueza	cruz(ar), cruzeiro
cruzada	cupidez	cuscuz
czar (tzar)	dançatriz (dançarina)	deduzir
delicadeza	democratizar	desautorizar
desazado (desajeitado)	desazo (descuido)	desfaçatez
deslizar	deslize	desmazelo (ê)
desmoralizar	desprezar	destreza (ê)
dez	dezembro	dezena
dezenove	dezesseis	dezessete
dezoito	dicaz (mordaz)	diretriz
divinizar	dizer	dizimar
dízimo	doblez (ê)	dogmatizar
doze	dramatizar	durázio
dureza	duzentos	dúzia
economizar	eficaz	eletrizar
embaixatriz	embelezar	embezerrar
embriaguez	encapuzar	encolerizar
encruzilhada	enfatizar	enfezado
enfezar	engazopar	enlambuzar
enraizar	entremez (ê)	entronizar
envernizar	esbelteza	escandalizar
escassez	escravizar	esfuziar
esgazear	especializar	espezinhar
espiritualizar	esquizofrenia	esterilizar
estigmatizar	estilizar	estranheza
estupidez	esvaziar	eternizar
evangelizar	evaporizar	exteriorizar
falaz	familiarizar	fanatizar
fautorizar	fazenda	fazer
feliz(ardo)	feraz	fereza
feroz	fertilizar	fetidez
fez(es) (é)	finalizar	fineza (delicadeza)
firmeza	fiscalizar	fitozoário
fiúza	fiz, fizeste	flacidez
flor(e)zinhas	fluidez	folgazão
formalizar	fortaleza	fossilizar
foz	franqueza	fraqueza
fraternizar	frieza	frigidez
frizante (vinho __)	fugaz	fuzil(ar), fuzileiro
fuzuê	gaguez	galvanizar
gatázio	gaz (medida de extensão)	gaze
gazear	gazeio	gazela
gazeta (ê)	gazetear	gazeteiro
gazua	generalizar	gentileza
geratriz	gilvaz	giz(ar)
gozar	gozo (subst.), gozos (ô)	gozoso

grandeza	granizo	gravidez
guizo	gurizada	harmonizar
hediondez	helenizar	higienizar
hipnotizar	homenzinho(s)	homiziar
homizio (homicídio)	homogeneizar	honradez

horizonte	horrorizar	hospitalizar
hostilizar	humanizar	idealizar
imbuzeiro	imortalizar	imperatriz
impureza	imunizar	indenizar
indez (ê)	individualizar	indizível
industrializar	induzir	infeliz
inferiorizar	inimizar	insipidez
inteireza	intelectualizar	interdizer
internacionalizar	intrepidez	introduzir
inutilizar	invalidez	irmanizar
irmãozinho(s)	ironizar	jaez (ê)
janízaro	jazer	jazida
jazigo	juazeiro	judaizar
juiz, juízes	juízo	justeza
laconizar	ladravaz	lamb(ar)az
lambuzar	languidez	lanzudo
lápis-lazúli	lapuz	largueza
latinizar	lazarento	lazarista
lázaro	lazeira	lazeirento
lazer	legalizar	lezíria
lhaneza	ligeireza	lindeza
lividez	lobaz	localizar
loquaz	lucidez	luz
luzeiro	luzerna (é)	luzidio
luzido	luzir	macambúzio
maciez(a)	madureza	magazine
magnetizar	magreza	maldizer
malfazer	malvadez	martirizar
marzipã	materializar	matiz(ar)
matriz	mauzão (aum. de mau)	mauzinho (dim. de mau)
mazela	mazinha	mazombo
mazona	mazorca	mazorral
mazorro	mazurca	mediatriz
medicatriz	mendaz	meninez
menosprezar	mentalizar	mercantilizar
mercerizar	meretriz	mesquinhez
mezena	mezinha (remédio)	militarizar
minaz	miudeza	mobilizar
modernizar	moleza	monazita
monazítico	monopolizar	montezinho(s) (dim. de monte)
moralizar	morbidez (ê)	mordaz
motorizar	motriz	mudez
muezim	nacionalizar	narcotizar
nariz	naturalizar	natureza
nazareno	nazismo	neutralizar
nitidez	nobreza	notabilizar
noz (fruto da nogueira)	noz-moscada	noz-vômica
nudez(a)	nutriz	obstaculizar
obstetriz	oficializar	ojeriza
oportunizar	organizar	orizicultura
ozena	ozônio	pacatez
paganizar	paizinho(s) (dim. de pai)	palatalizar
palidez	panariz (ou panarício)	panázio (reg. bras.)
papeizinhos (pl. de papelzinho)	parabenizar	particularizar
pasteurizar	pastorezinhos (ou pastorinhos)	pazinha, pazona (dim., aum. de pá)
penalizar	pequenez(a)	perdiz
permeabilizar	perspicaz	pertinaz
petiz(ada)	pez (ê)	pezinho (dim. de pé)
pezudo	pezunho	placidez
pluralizar	pobreza	poetizar
polidez	popularizar	pormenorizar
pratarraz	prazenteiro	prazer (subst.; v.)
prazerosamente	prazeroso	prazo
preconizar	prejuízo	prelazia
prenhez	pressurizar	presteza
prezado (estimado)	prezar (estimar)	primaz(ia)
podigalizar	produzir	proeza (ê)
profetizar	profundeza	protozoário
pulverizar	pureza	quartzo
quizila (var. quezila, quijila, quizília)	quizilento	racionalizar
raiz, raízes	rapaz(iada)	rapidez
ratazana	razão	razoável
realeza	realizar	reconduzir
redondeza	reduzir	refazer
regozijar	regozijo	regularizar
reizinho(s)	reluzir	reorganizar
responsabilizar	revezamento	revezar (re + vez + ar)
reza(r)	rezina (reg. bras.; ranzinza, birrento)	rezinga(r)
rezingão	rezingueiro	rezinguento
ridicularizar	rigidez (< rígido)	rijeza (< rijo)
riqueza	rispidez	rivalizar
rizoma	rizotônico	robotizar
robustez	rodízio	romanizar
romantizar	ruborizar	rudez(a)
sagaz	satirizar	satisfazer
sazão	sazonar	secularizar
seduzir	senatriz	sensatez
sensibilizar	sensualizar	sequaz
serrazina(r)	sezão	sezonismo
simbolizar	simpatizar	sincronizar
singeleza	singularizar	sintetizar
sistematizar	sisudez	sobrepeliz

socializar	soez (ê)	solaz
solenizar	solidez	sordidez
sozinho(s)	spinozismo	suavizar
surdez	surdo-mudez	suspicaz
sutileza	sutilizar	talvez
tapiz(ar)	televizinho	temporizar
tenaz	tepidez	tez
tibieza	timidez	tiranizar
tirázio	toneizinhos (pl. de tonelzinho)	topázio
tornozelo	torpeza	totalizar
trabuzana (ou tribuzana)	traduzir	tranquilizar
transluzir	transvazar (transbordar)	trapézio
trapezista	traz (f. v.)	trezentos
tribuzana (ou trabuzana)	tristeza	triz (por um __)
truanaz (truão)	truz	turgidez
tzar (ou czar)	uniformizar	universalizar
urbanizar	urze	utilizar
uzífur(o)	vagareza	valorizar
vaporizar	variz(es)	vasteza
vaza (vazante)	vaza-barris	vazado
vazante	vazar	vazio
veloz	veraz	verbalizar
verniz	veuzinho(s)	vez (uma __)
vezeiro	vezes (loc.: às vezes)	vezo (hábito)
vigorizar	vilanaz	vileza
viuvez	vivaz	viveza
vizinho	vizir	vizo-rei (arc.; m. q. vice-rei)
volatizar	voraz	voz(es)
voze(a)ria	vozeirão	vulcanizar
vulgarizar	xadrez(ar)	xerez
zanguizarra	ziguezague(ar)	zizânia (ou cizânia, joio)
ziziar		

- *s*, e não *z*

- Sufixos *-es*, *-esa*, *-esia*, *-isa*, quando a base é substantivo*: burguês*, *burguesa*, *burguesia* (burgo); *cortês*, *cortesia* (corte); *camponês*, *camponesa* (campo); *maresia*; *poetisa*, *sacerdotisa*; etc.2[12] Nos títulos nobiliárquicos*: baronesa*, *dogesa*, *duquesa*, *marquês*, *marquesa*, *princesa*... Nos gentílicos e pátrios: *francês*, *francesa*; *inglês*, *inglesa*; *japonês*, *japonesa*; *português*, *portuguesa*... (V. adiante.)
- Terminações e sufixos gregos *-ase, -ese, -ise, -ose*: *amilase*, *catequese*, *hemoptise*, *próclise*, *osmose*, *metamorfose*, *simbiose*...
- Correlação *d – s*: aludir, *alusão*, *alusivo*; decidir, *decisão*, *decisivo*; empreender, *empresa*; invadir, *invasão*; tender, *teso*; pender, *pesar*, *pêsames*, *apesar de*, *em que pese a*...
- Correlação *nd – ns – s*: defender, *defensor*, *defesa*; despender, *despensa*, *despesa*; mensa (lat.), *mesa*, *mesário*; mense (lat.), *mensal*, *mês*, *meses*; tender, *tenso*; *senso*, *siso*, *sisudo*...
- Correlação *rs*, *ss – s*: raiz *vers* e seus derivados, como *através*, *atravessar*; *convés*, *invés*, *inverso*; *revés*, *reverso*...
- Formas dos verbos *pôr* e *querer* (pretérito): *pus*, *pôs*, *compôs*, *antepuseram*; *quis*, *quisera*. Outras formas verbais: *dás*, *dês*, *lês*, *vês*, verbos que não têm *z* no infinitivo.
- Após ditongo: *causa*, *cousa*, *gêiser*, *lousa*, *Moisés*, *maisena*, *náusea*, *Neusa*, *Sousa*...
- *s* com valor de [z] após consoante só em *obséquio* e em *trans-* antes de vogal: *transe*, *transação*, *transido*..., e também na tendência *-bs* → [bz] em *subsídio* e *subsistir*.
- *s*, e não *z*, em diminutivos cujo radical termina em *s*: *Luisinho* (< Luís), Rosinha (< Rosa), Teresinha (< Teresa), etc.
- De acordo com o sistema de escrita da língua portuguesa, grafam-se com *s* final alguns vocábulos paroxítonos que deviam terminar com *z* em razão da origem (*-c-* > *z*): *endes*, *ourives*, *simples*, *Álvares*, *Ramires*, *Rodrigues*, etc. Tampouco o sistema português usa *z* pré-consonântico, embora etimológico, substituindo-o por *s*: *asteca*, *Biscaia* (basco *Bizcaia*; esp. *Vizcaya*), *Cusco* (esp. *Cuzco*), *Guipúscoa* (cast. *Guipúzcoa*), *masdeísmo*...

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
abrasar	aburguesar-se	abusão
abusar	abuso	aceso
Acrísio	acusar	acusativo
Adalgisa	adesão	adesivo
adeusinho	adonisar	Adosinda
afrancesar	afreguesar	Afrodísio
agasalhar	Agesilau	aguarrás
Algés	aliás	alisar (mas deslizar)
alísio	aloés	Aloísio (ou Aluísio)
Amadis	amásia(o)	amasônia (planta)
ambrosia	ambrósia (planta)	ambrosíaco
ambrosino	Ambrósio	amesendar-se
amnésia	Amós	analisar
análise	ananás	ananasal
ananaseiro	Anás	Andresa (ê)
Anésia	Anêsio	anestesia(r)
anis(ar)	anisete	Anísio
Anquises	apaisanar	apesar de

apófise	aportuguesar	após
aposentar	aposento	apostasia
apoteose	apresar	apresilhar
aprisionar	ardósia	Aretusa
arnês	arquidiocese	Arrás
arrasar	arrevesado	arrevesar
Artemísia	artesanato	artesão
ás (carta; indivíduo que se sobressai pelo que faz)	asa	Ásia
asilo	asinha (dim.: asa; adv. ant., depressa)	Assis
assisista	asteca	Atanásio
atrás	atrasar	atraso
através	Austregésilo	Averróis
Avis	avisar	aviso
azul-turquesa	baboseira	Baltasar
Barbosa	baronesa	Barrabás
basalto	base(ar)	beisebol (baseball)
Basileia	basílica	Basílio
Basilissa	basutos	Basutolândia
Belisa	Belisário	besouro
besuntar	bis(ar)	bisão
bisavó	Biscaia	bisonho
bisonte	Bissagós	biasonar
bleso	blusa	Brás
brasa	brasão	braseiro
brasido	Brasil	brasileiro
brasiliano	Brasílio	brasino
brasonar	brisa	burguês
burguesa	burguesia	bus (nem chus nem __)
busílis	Cádis	Caifás
Calasãs	Cambises	camisa
camiseta	camisola	campesino
camponês	camponesa	camponeses
carcás	Carmosina	casa(r)
casaco	casal	casamento
casebre	caseína	caseiro
caserna	casimira	Casimiro
casinha	caso	casual
casuarina	casuísta	casulo
Cataguases	cataguasense	catalisar
catequese	catrapus	centésimo
César	Cesareia	cesariana
Cesarino	Cesário	chinês
chinesa	chinesinho	circunfuso
cisalhas	cisalpino	cisandino
cisão	coesão	coeso
colisão	coliseu	comiserar
compôs (f. v.)	compus (f. v.)	concisão
conciso	conclusão	consulesa
contusão	convés	Cortês (antr.)
cortês	corteses	cortesã
cortesania	cortesão	Cortesão
cortesia	cós	cosedor
Cosença	coser (costurar; cp. cozer, cozinhar)	crás
crase(ar)	creosoto	Creso (antr.)
cris	crisálida	crisandália
crisântemo (ou crisantemo)	Crisanto	crise
Criseida (antr.)	Crisipo (antr.)	crisolo
crisólita	Crisólogo (antr.)	Crisóstomo (antr.)
Cusco	cutisar	Damásio
Dâmaso	decisão	decisivo
defesa	demasia	dervis (dervixe, daroês)
dês (f. v. e prep.)	desaire	desar
descortês	descorteses	descortesia
Desidério	desídia	desígnio
desinência	desistir	despesa
detrás	deusa	devesa
diaconisa	diagnose	Dinis, Denis
diocese	Dionísio	diserto (que se expressa bem)
dispôs (f. v.)	dispus (f. v.)	dispusemos (f. v.)
diurese (i-u)	divisa(r)	divisível
divisor	dogesa (ê)	doloso
dose	duquesa (ê)	Eclesiastes
eclesiástico	edelvais (al. Edelweiss)	Edésio
Elisa	Elisabete	Eliseu
EIisiário	Elísio	elísio
Emaús	empavesar	empós
empresa	empresar	empresário
ênclise	endes	entrosar
envasar	envasilhar	enviesar
erisipela	Ermesinda (antr.)	Ermesinde (top.)
Esaú	esbrasear	escocês
escoceses	escusa(r)	escusável
Esposende	esposo, esposa(s) (ó, f. v.)	esposo(s), esposa(s) (ô, subst.)
esquisito	estase (estagnação do sangue)	Eufrásio
Eufrosina	Eurásia	Eusébio
eutanásia	evasão	evasiva
exclusive (sem inclusão)	êxtase (arroubo)	extasiar
extravasar	extremoso	fantasia(r)
fantasioso	fase	Feitosa
ferrabrás	finês, fineses	finesa (ou filandesa; fem. de finês)

finlandês, -esa, -eses	Florisa	formoso
formosura	Fragoso	framboesa
francês, -esa, -eses	francesinho	frase(ar)
fraseologia	freguês	freguesa
fregueses	freguesia	frenesi(m)
frisa(r)	frisante	Frísia
Fróis	Frutuoso	fusa
fusão	fuselagem	fúsil (fundível)
fusível	fuso	garcês
Garcês	garnisé	gás
gasogênio	gasolina	gasômetro
gasosa	gasoso	gaulês
gaulesa (-eses)	gêiser	Gelásio
gelosia	gênese (ou gênesis)	Genesaré
Genésio	genovês	genovesa (-eses)
Gervásio	Gisela	Giselda
glosa (ó)	Goiás	Góis
goitacá(s)	gostosão	gostosural
grés	gris	grisalho
grisão	Griselda	grisu
grosa	groselha	Guipúscoa
guisa	guisado	guloseima
guloso	gusano	gusla
Heloísa	heresia	Hesíodo
hesitar	hidrólise	holandês
holandesa	ileso, -a	improvisar
improviso	impus, impôs (f. v.)	incisão
incisivo	inclusive	incluso
indefeso (ê)	Inês	Inesinha
Inesita	infusão	infuso
infusórios	inglês	inglesa(s)
ingleses	intrusão	intruso
invasão	invasor	invés
íris	irisar	irlandês
irresoluto	irrisão	irrisório
Isabel	Isaías	Isaque
Isar	Isaura	isenção
Iseu (Isolda)	Isidoro	Isidro
Ísis	Isócrates	isócrono
isolar	Isolda	Isolina
isômere	isóscele(s)	Israel
japonês	japonesa(s)	japoneses
Jasão	javanês	Jerusalém
Jesuíno	jesuíta	Jesus
Joás	Josafá	José
Josefa	Josefina	Josefo
Josias	Josino	Josué
jus	jusante	Laís
Lampadosa	lapiseira	lapisinho
Láquese	lesão	lesar
lilás	lesa, -a (é)	Lis (top.)
lis	Lisa (antr.)	Lisandro(a)
Lisânias	Lisete	Lísias
Lisímaco	Lisipo	Lísis
Lisístrato	liso	lisol
lisonjear	lisonjeiro	lisura
Lopes	losango	lousa
Lousada	Luís	Luísa
Luisiana	Luisinha	Luisinho
lusíada(s)	Lusitânia	luso(s)
Lustosa	maisena	Maltês (antr.)
maltês, -esa -eses	manganês	Manresa
maresia	mariposa	Marques
marquês	marquesa	marqueses
marquesinha	marselhesa	masdeísmo
masoquismo	Matosinhos (top.)	Matoso
Matusalém	mausoléu	Mausolo
Medusa	Melanésia	Melquisedeque
Melusina	Meneses	Mercês (antr. e top.)
mês, meses	mesa	mesada
mesário	meseta	mesentério
mesinha (dim. mesa; pequeno planalto)	mesóclise	Mesopotâmia
mesquita	mesura	metamorfose
Metastásio (antr.)	metempsicose	Micronésia
miíase	milanês	milanesa
milésimo	Misael	misantropo (ô)
miséria	misericórdia	misoneísmo
misoneísta	Misora	Moisés
montanhês	montanhesa	montês
montesa(s)	monteses	montesino
Mós	mosaico	Mosela
Musa (antr.)	musa	música
Nabucodonosor	Nagasáqui (Nagasaki)	narcisar-se
Narciso	nasal	Nasão
Nasica	náusea	negus (ús)
Nêmese ou Nemêsis	Nemésio	Neusa
Nisa	Nise	Niso
norueguês	norueguesa	obesidade
obeso (ê ou é)	obséquio	obtuso
obus	Onésimo	Orisa
Ortis	Oseias	Osíris
Osório	ourives(aria)	país

paisagem	paisano	paisinho (dim.: país)
paradisíaco	parafuso	paraíso
paralisar	paralisia	Paris (antr.)
Paris	parisiense	parmesão
parnasiano	Parnaso	parusia
pás (pl. de pá)	Pascásio	pau-brasil
Pausílipo	pavês	pedrês
Pedrosa	Pedroso	Pégaso
Peloponeso	Peres	perífrase
Perúsia	pesadelo	pêsame(s)
pesa-me (f. v.)	pesa, pesam (avaliar o peso)	pesar
pese (em que __ a)	peso (subst.)	pesquisa(r)
Pires	Pisa	Pisão
pisar	Pisístrato	pitonisa
pleuris (ou pleurisia)	pleurisia	poetisa
Polinésia	português	portuguesa(s)
portugueses	pôs (f. v.: pôr)	Prásino
precisão	precisar	preciso
presa(s) (subst. e f. v.)	presar (aprisionar)	presente(ar)
presepe	presépio	preservar
presidente	presídio	presidir
presilha	princesa	prioresa (ê)
profetisa	profusão	prosa
prosaico	prosaísmo	prosápia
prosélito	Prosérpina	Protásio
pus (subst. e f. v.)	Quasímodo	Oueirós
queirosiano	querosene	Quersoneso
quesito	quis, quiseste, quiseram (f. v.)	Radagásio
Ramires	raposa(s)	raposo
Raposo	raposinho	raso
rasoura	rasura	reclusão
recusa(r)	reisada	reiseiro
repisar	reprise, -ar	repus, repôs (f. v.)
repousar	repouso	represa
represar	represália	requisição
requisito	rés	rês
rés do chão (ao rés de)	reseda (ou resedá, hena)	resenha
reserva	reservista	residência
residir	resíduo	resignar
resina (f. v.; subst.)	resistir	reso (macaco; cp. rezo, f. v.)
resolução	resolver	resultar
resumir	resvés	retesar
retrós	revés	reveses
revisão	revisar	riso(nho)
risoto	Rodésia	Rodrigues
rosa	Rosa	roseira
roseta	Rosinha	Sabugosa
sacerdotisa	Salmanasar	sassafrás
Satanás	saudosismo	semifusa
sésamo	Sesimbra	Sesóstris
setemesinho	siamês, -esa, -eses	Silésia
Sinésio	sinestesia	síntese
sinusite	Siracusa	Sisenando
Sísifo	siso	sisudo
sobremesa	sopesar	sósia
Sousa	Susa	Susana
suserano	Taís	Tâmisa
tamis	tamisar	Tapajós
Tarcísio	teimosia	televisão
televisor	televisionar	Têmis
Teodósio	Teresa	Teresinha
Teresópolis	tese	Teseu
tesoura(ria)	tesouro	Tétis
tisana	toesa (ê)	Tolosa
Tomás	Tomasina	Tordesilhas
torquês	tosar	Trancoso
transação	transatlântico	transe
transato	trânsito	transvasar
trás (após; na parte posterior)	trasanteontem	traseira
través	três	tresandar
trigésimo	tris (cp. triz)	trisavó
turquesa	usina	uso
usufruto	usura	usurpar
Valdês	Valparaíso	vasa (lodo, lama)
vaselina	vasilha	Veloso
veronês (veronense)	vês (f. v.: ver)	vesano
vesícula	Vesúvio	viés (ao __, de __)
vigésimo	visar	viseira
Viseu	visionário	visita
visível	viso (aspecto; cume)	visor
vós (pron.)	vosear (tratar alguém por vós)	xis (nome da letra x)
zás	zás-trás	zeloso
Zósimo (antr.)	zus-catrapus	

- *x*, e não *z* (x = [z] sibilante sonora)

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
exagero	exalar	exaltar
exame	examinar	exangue

exarar	exasperar	exato
exaurir, exausto	execução	executar
exegese (é)	exemplo	exéquias
exequível (qü)	exercer	exercício
exército	exibição	exibir
exigir	exíguo, exiguidade	exílio, exilar
exímio	existir	êxito, exitoso
êxodo	exonerar	exorar
exorbitar	exorcismo	exornar
exortar	exotérico (transmitido ao público sem restrição)	exótico
exuberante, exuberância	êxul (ou êxule)	exultar
exumar	Exuperâncio	Exupério
inexistente	inexorável	

Fonema /ʃ/

- *x*, e não *ch*

- Provém do *x* [ks] grego ou latino: *xanto*, *Xenofonte*, *Xerxes*, *luxar*, *rixa*, *taxar*, *vexar*...
- Palatalização de /s/ (*sc*, *ps*, *ss*, *x*) latino: *bexiga*, *enxertar*, *mexer*, *peixe*, *caixa*, *paixão*, *relaxar*...
- Corresponde à letra árabe *xine*: *abexim, almoxarife, enxaqueca, enxoval, enxovia, oxalá, xadrez*...
- Vocábulos indígenas, africanos, de línguas sem tradição escrita: *abacaxi* (tupi), *caxambu* (prov. orig. afr.), *xingar*, *muxoxo* (quimb.), *Erexim*, *xavante*...
- De línguas modernas como o inglês (*sh*) – *xampu*, *xelim*, *Xangai* – e o castelhano (*j*): *xerez*, *xerga*, *perrexil*, *lagartixa*.
- Em formações modernas e palavras de etimologia ignorada: *xeta*, *xi*, *xó*, *xô*, *ximango*, *xucro*...
- Depois de ditongo – *baixo*, *caixa*, *eixo*, *madeixa*, *trouxa*.
- Depois de *en-* inicial: *enxada*, *enxerir*, *enxó*, *enxugar*, etc.
- Exceção: encher, enchova ou anchova, ancho, poncho, etc.; e quando *en-* se anexa à base iniciada por *ch*: *encharcar*, *enchente*, *enchiqueirar*, *enchumaçar*, etc.

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
abacaxi	afrouxar	almoxarife
ameixa	anexim	atarraxar (a+ tarraxa + ar)
axorca	baixa	baixada
baixel	baixela	baixeza
baixio	baixo	bauxita
bexiga, bexiguento	boximane (ou boxímane)	broxa (pincel)
broxar (pincelar)	bruxo(a)	bruxulear
buxo (buxeiro, arbusto; cp. bucho)	caixão	caixeiro
caixeta	caixilho	caixote
cambaxirra	capixaba	cartuxo (rel. à ordem religiosa; cp. cartucho)
caxangá	caxemira	caxinguelê
caxixe	caxumba	coaxar
corrupixel	coxa	coxear
coxia	coxilha, coxilhão	coxim
coxinilho (ou coxonilho)	coxo (capenga)	debuxar, debuxo
deixar	dervixe	desenxabido
desleixado	desleixo	elixir
encaixe	encaixotar	enfaixar
enfeixar	engraxar	engraxate
enxada	enxadrista	enxaguar
enxambrar	enxame	enxaqueca
enxerga (ê)	enxergão	enxergar
enxerir, enxerido	enxertar, enxerto	enxó
enxofre	enxotar	enxoval
enxovalhar	enxovia	enxugar
enxúndia	enxurrada	enxuto
esdrúxulo	faixa	faxina
faxinal	faxineiro	feixe
fixe (subst.; adj.)	frouxo	guaraxaim (ou graxaim, aguaraxaim)
graxa	guanxuma	guaxo (ou guaxo)
guexa (mula)	gueixa	haxixe
jinriquixá	lagartixa	laxante
laxativo	laxo	livroxada (livralhada)
lixa	lixeiro	lixívia
lixo	lux(uos)o	luxação
luxar (deslocar)	luxento	luxúria
luxuriante	macaxe(i)ra	madeixa
malaxar (amassar)	malgaxe (rel. a Malgaxe, atual Madagascar, madagascarense)	maxixe
mexer	mexerico	mexerufada
mexida	mexilhão	micaxisto
mixe, mixar, mixaria	mixórdia	mixuango (ou muxuango)
mixuruca	morubixaba	moxinifada
muxirão	muxoxo	orixá
oxalá	patchuli (vetiver)	paxá
peixote (peixinho)	perrexil (salsa)	pexotada
pexote (mau jogador)	pintarroxo	pixaim
praxe	puxão	puxa-puxa
puxar	puxão	reixa
relaxado	relaxamento	relaxar
remelexo	remexer	repuxar, repuxo
rixa(r)	rixento (rixoso)	rouxinol
roxo	sacabuxa	seixo
tauxia(r)	taxa	taxar

taxativo	taxi (árvore)	texugo
trouxa	trouxe-mouxe (a __)	vexado
vexame	vexar	vixnu
xá (rel. ao Irã, ant. Pérsia; cp. chá)	Xabregas	xabregano
xadrez	xa(i)le	xampu
xangô	Xantum	Xanxerê
Xapecó	xará (ou xera, reg. bras. AM, AP, MA)	xarope
xavante	xaxim	xelim
xenofobia	xepa (ê)	xeque (xeique; loc.: pôr em __)
xeque-mate	xereta, xeret(e)ar	xerez
xerife	xi (interj.)	xicaca (reg. bras.)
xícara	xifópago	xilindró
xilofone	Ximenes	xingar
Xingu	xinxim	xiquexique
Xiraz	xis (nome da letra)	xisto (ou esquisto)
xô! (interj.)	xodó	xoxo (beijoca)
xucro, xucrice	xumberga (bebedeira)	

- *ch*, e não *x*

- Do latim (*cl*, *fl*, *pl*): *chave* (lat. *clave-*), *cheirar* (lat. *flagrare*), *chuva* (lat. *pluvia*), etc.
- Do *ch* francês: *brocha*, *chalé*, *chapéu*, *chato*, *chefe*, *chuchu*, *deboche*, *fetiche*, *flecha*.
- Do *ch* espanhol: *apetrecho*, *cachucha*, *endecha*, *chorrilho*, *cincho*, *mochila*, *trapiche*...
- Do *ci* ou *cci* italiano: *bocha*, *charlatão*, *chusma*, *espadachim*, *salsicha*, *bambochata*...
- Do *sch* alemão e do *ch* inglês: *chibo*, *chope*, *charuto*, *cheque*, *sanduíche*...
- Do árabe, ensurdecimento do *j*: *azeviche*, *azeche*, *alperche*...
- Sufixos *-acho*, *-achão*, *-icho*, *-ucho*: *bonachão*, *rabicho*, *papelucho*...
- Depois de *-n-*: *ancho*, *concha*, *encher*, *gancho*, *guinchar*, *pechincha*, etc.[13]
- Nos derivados de vocábulos que já têm *ch*: *achega*, *aconchegar* (*chegar*); *encharcar* (*charco*), *desfechar*, *enchumaçar*, *pichar* (*piche*), etc.

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
Anchieta	ancho	apetrecho
archeiro	archote	azeviche
babucha	belchior (comerciante)	bochecha
bochinche (ou bochincho)	boliche	bolchevique
bombacha	brocha (pequeno prego)	brochar (pregar, encadernar)
broche	bucha	bucheiro (tripeiro)
bucho	cachaça	cachimbo
cachimônia	cachola	cachucha
capuchinho	capucho	cartucheira
cartucho	chá	chácara
chafarica	chafariz	charco
charque(ar)	charrua	cheque
chiba	chimarrão	chiripa
chiro (ou chirua, reg.: Sul do Brasil)	chiste	chope
chuchu	chucrute	chumaço
churrasco	chutar	chute
chuteira	coche(s)	cochichar
cochicho	cochilar	cochilo
Cochinchina	cochinilha	cocho (comedouro)
colcha	colchão	comichão
comichar	concha	coqueluche
debochar	deboche	despachar
encharcar	encher	endecha (ê)
espichar	estrebuchar	facha (ant. arma; face)
fachada	facho (archote)	fecho (ê)
ficha	fichário	flecha(r)
guache	guta-percha	hachuras
hachurar	iídiche	inchar
luchar (sujar)	machucar	mecha (é)
Melchior	mochila	mocho (ô, sem chifres; tamborete; ave noturna)
pachorra	patchuli	pecha
pechar	pechincha	pechisbeque
percha (vara; guta-percha)	quíchua (ou quéchua)	rachar
sachar	salsicha	tacha (nódoa; percevejo; defeito moral)
tacho	tocha	trocho (ô, pau tosco)
ucharia (despensa)		

Fonema / ˳/

- *j*, e não *g*

- De origem latina (*i* ou *j*, *bi*, *di*, *hi*, *si*, *vi*): *jeito*, *majestade*, *hoje*, *jeito*, *cerejeira*, *lájea*...
- De origem tupi-guarani, africana (línguas sem tradição gráfica) ou árabe: *jê*, *jerivá*, *jiboia*, *jirau*, *caçanje*, *alfanje*, *alforje*, *mujique*.
- Em formas derivadas de outras que já têm *j*: anjo, *anjinho* (mas angélico); gorja, *gorjear*, *gorjeio*, *gorjeta*; intrujar, *intrujice*; laranja, *laranjeira*, *laranjinha*; *lisonjeiro*; loja, *lojeca*, *lojista*; manjar, *manjedoura*; pegajoso, *pegajento*; rijo, *rijeza*, *enrijecer* (cp. rigidez, rígido); São Borja, *são-borjense*;

sarja, *sarjeta*; viajar, *viaje(s)*, *viajei*, *viajemos*, *viajem* (cp. viagem, substantivo).

- Formas dos verbos em *-jar*: *arranje*, *arranjei*; *despeje*, *despejei*; *esbanje*; *suje*; *viaje*, *viajem*.
- Sempre que a etimologia não justificar um *g* (caso de vocábulos indígenas, africanos e de outras línguas estrangeiras: *caçanje*, *jia*, *jerico*, *jimbo*, *jiu-jítsu*, *manjericão*, *manjerona*, *pajé*...
- Terminação *-aje*: *gajé*, *laje*, *traje*, *ultraje*... O francês *garage* há muito está portuguesado: *garagem*.

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
ajeitar	alfanje	alforje (ó)
anjinho (anjo + inho)	babuje(m) (v. babujar)	bajeense
berinjela	caçanje	cafajeste
canjerê	canjica	canjirão
cerejeira	cervejeiro	desajeitado
encoraje (f. v.)	enjeitar	enjerir-se
enrijecer (em + rijo + ecer)	gaje	gajeiro
gorjear	gorjeio	gorjeta
granjear	granjeiro	injeção
interjeição	intrujice	Jê (língua falada por grupos indígenas do Centro-Sul do Brasil)
jeca	jeca-tatu	jeito
Jeni	jenipapo	jequitibá
Jeremias	Jericó	jerimum
jerivá (ou jeribá)	jérsei	Jessé
jesuíta	jetica	Jezabel
jiboia	jiboiar	jinjibirra (ou gengibirra)
jirau	jiu-jítsu	laje (lajão, lajeão, lajeado, lajota)
Lajeado	Lajes	lambugem (ou lambuja)
laranjeira	lisonjear	lisonjeiro
lojeca	lojista	majestade
majestoso	manjedoura	manjericão
manjerona	micagem	Moji
mojica	mujique	objeção
ojeriza	pajé	pajem
Pajeú	pegajento	peje(m) (v. pejar)
projeção	projétil (pl. projéteis; ou projetil, pl. projetis)	rejeição
rejeitar	rijeza (rijo + eza)	sabujice
sarjeta (sarja + eta)	sobejidão (sobejo + idão)	sujeito
traje (subst., trajo; v. trajar)	trejeito	ultraje (subst.; v.)
varejeira	varejista	
viajem (f. v.)		

- *g*, e não *j*

- De origem latina ou grega: *agir*, *falange*, *frigir*, *gesto*, *tigela*...
- Procedência árabe: *álgebra*, *algeroz*, *ginete*, *girafa*, *giz*...
- Em estrangeirismos que têm essa letra na língua originária: *agiotagem*, *geleia*, *herege*, *sargento*, *sege* (francês); *ágio*, *doge*, *gelosia* (italiano); *gitano* (castelhano); *gim* (inglês)...
- Nas terminações *-agem*, *-igem*, *-ugem*; *-ege*, *-oge*: *malandragem*, *vertigem*, *babugem(s)*, *ferrugem*; *frege*, *herege*, *lambugem* (ou lambujem; lambuja), *micagem* (mico + agem), *sege*, *paragoge*... Exceções: *lajem* (= laje), *pajem* (fr. *page*)...
- Nas terminações *-ágio*, *-égio*, *-ígio*, *-ógio*, *-úgio*: *estágio*, *egrégio*, *remígio*, *relógio*, *refúgio*...
- Verbos em *-ger*, *-gir*: *eleger*, *proteger*, *fingir*, *fugir*, *mugir*, *submergir*...
- Em geral depois de *r*: *aspergir*, *divergir*, *submergir*, *urgente*, etc. Exceções: *alforje*, *caborje* – e nos derivados com *j* no radical: *gorjeta* (< *gorja*), *sarjeta* (< *sarja*).
- Em palavras derivadas de outras que já têm *g*: *afugentar* (< *fugir*), *viageiro* (< *viagem*), *ferrugento* (< *ferrugem*), *rabugento* e *rabugice* (< *rabugem*), *rigidez* (< *rígido*); mas rijeza < rijo...
- Nos vocábulos *gerir*, *gestão* e derivados: *digerir*, *digestivo*, *ingerir*, *ingestão*, *sugerir*, *sugestão*, *sugestivo*.
- Depois de *a* inicial: *agente*, *ágil*, *ágio*, *agir*, *agitar*. Exceções: *ajedra*, *ajenil*, *ajimez* (palavras raras, como se vê) e derivadas prefixais de outras com *j* inicial: *ajeitar*, *ajesuitar*...
- Porém, sempre que a palatal não for rigorosamente etimológica (isto é, ligada à tradição escrita – vernácula ou estrangeira) usa-se *j*: *jiboia*, *jiçara*, *jimbo*, *jingo* (≠ gingo)...

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
adágio	agenda	agiota
alfageme	algema	algibebe
algibeira	angélico	angelim
Angelina	angico	angina
apogeu	aragem	Argel, Argélia
argila	auge	babugem
Bagé (mas bajeense)	Bocage	bridge
Cartagena	digerir	digestão
Diógenes	doge	drageia (reg. Portugal; drágea)
efígie	égide	Egito
egrégio	estrangeiro	evangelho
Evangelina	exegese	falange
ferrugem	frege	frigir
fuligem	garagem	geada
gebo	Gedeão	gêiser
Gelásio	geleia	gelosia
gêmeo	gengibre	gengiva
gerânio	gergelim	geringonça
Gertrudes	gesso	gesto
giba	gibi	Gibraltar
giesta	gilete	gilvaz

gim	ginete	gingar
girafa	girândola	gíria
giz	Hégira	herege
Ifigênia	impingem	impingir
lanugem	ligeiro	megera
miragem	monge	mugir
mungir	ogiva	Orígenes
rabugem	rabugento	rabugice
rangíter (f. preterida: rangífero)	regurgitar	rigidez
rugido	salsugem	selvagem
sege	Solange	sugerir
sugestão	tangente	Tânger
tangível	tangerina	tigela
túrgido	vagem	vagido
vagina	várgea	vargedo (ê)
vargem	vertigem	viageiro
viagem	vigência	Virgílio

O dífono *x*

A letra *x*, além dos valores simples [s] e [z], tem às vezes o valor composto [ᴋs], aliás o valor de origem (latim). É o que podemos designar com o nome de *dífono*, o inverso de *dígrafo* (duas letras: um som). Segue uma lista de palavras em que o *x* tem esse valor, e uma segunda lista em que o encontro [ᴋs] se escreve *cc*, *cç* e casos excepcionais de *cs*, *cks* e *cz*.

- *x* = [ᴋs]

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
afluxo	Ájax	amplexo
anaptixe	anexar, anexo	apoplexia
asfixiar, asfixiante	axilar	axioma
axiômetro	bórax	boxe
boxeador	caquexia	clímax
complexidade	complexo	conexão
conexo	convexidade	convexo
córtex	crucifixo	dexiocardia
dislexia	doxógrafo	doxologia
dúplex	durex	ex-líbris
filoxera	fixar, fixação	fixo
flexão	flexibilidade	flexionar
flexível	flexivo	flexuosidade
flexuoso	flox	floxo (frouxo)
fluxo	genuflexão	genuflexo
gloxínia	heterodoxia	heterodoxo
hexacampeão ([ᴋs] ou [z] ou [gz])	hexágono ([ᴋs] ou [z])	hexassílabo
índex	inflexível	intoxicar
látex	léxico	lexicografia
lexicologia	lexiogênico ou lexicogênico	marxismo
marxista	maxila, maxilar	máxime
maximum	nexo	obnóxio
ônix	ortodoxia	ortodoxo
oxidar, oxido	paradoxal	paradoxo
paralaxe	paroxítono	perplexidade
perplexo	pirex	píxide
profilaxia	prolixidade	prolixo
proparoxítono	protóxido	proxeneta (ê)
reflexão	reflexibilidade	reflexionar
reflexivo	reflexo	refluxo
saxão	saxífraga	saxofone
saxônio (ou saxônico, saxão)	sexagenário	sexagésimo
sexo	sexual	sílex
telex	telexograma	tórax
tóxico	toxicologia	toxina
triplex	uxoricida	uxoricídio
vexilo	xerox (ou xérox)	

- *cc*, *cç*, e não *x*

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
africção [ᴋs]	cocção	cóccix
coccígeo (coccigiano)	concocção	confecção
confeccionar	conspe(c)ção	convicção
decocção	defecção (deserção)	dissecção
evicção	fa(c)ção	fa(c)cioso
ficção	ficcionista (ou ficcionalista)	fricção
friccionar	infe(c)ção	infe(c)cionar
inspe(c)ção	intelecção	micção
occipício	occipital	occipitauricular
occipitofrontal	occipúcio (ou occipício)	se(c)ção (ato de se(c)-cionar-se)
se(c)cional	se(c)cionar	vivisse(c)ção

- *cs*, *cks*, *cz*

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
cs	cks	cz
fúcsia	jacksônia	czar
fucsina	jacksoniano	eczema

hicso mocsa		eczematoso

UMA LETRA, NENHUM SOM

Letra *h*

A letra *h*, que não representa som, usa-se:

■ No início do vocábulo:
a) se há justificativa etimológica: *haver, haste, herói, hipótese, horta, humano*... Contudo, há casos em que o uso eliminou a letra: agora, alto, alucinar, andorinha, Aníbal, arenque, elmo, Enoque, erva (mas *herbácio*), Espanha, inverno, ora (conj.), etc.;
b) em interjeições: *ah*, *hem* ou *hein*, *hip*, *hui*, *hum*...

Mantém-se em vocábulos eruditos (empréstimos do latim), embora nos cognatos populares já tenha desaparecido: *herbário*, *herbáceo*, *herbívoro*, *herborizar*, *herboso* / erva, ervecer, ervoso...

Não se usa o agá quando a etimologia não o justifica, embora assim se procedesse no passado, por exemplo: arpejar < arpejo (subst. e f. v. do italiano *arpeggio*), ombro, ontem, úmido, umedecer, ume (pedra-ume)... Um dos casos em que o novo acordo ortográfico aceita a dupla grafia se encontra nas formas variantes *húmido*, empregado na escrita do português europeu (PE), mas *úmido*, que é a forma usual para o português brasileiro (PB)...

■ No interior do vocábulo, apenas em dois casos:
a) como sinal de palatalização, integrando os dígrafos *ch*, *lh*, *nh*: *acha*, *chuva*, *lhama*, *filho*, *relho*, *banha*, *nhato*...
b) em compostos com hífen, quando o segundo elemento tem *h* etimológico (nos compostos hifenizados, os elementos gozam de autonomia gráfica): *anti-higiênico*, *sobre-humano*, *super-homem*...

Portanto, no mais, *h* interior que não soa não se escreve: *desumano*, *enarmonia*, *exausto*, *filarmônico*, *inábil*, *inumano*, *lobisomem*, *niilismo*, *niilista*, *reabilitar*, *reaver*, *transumano* [zu], *turboélice* (ou *turbo-hélice*), etc.

Exceção: *Bahia* (estado e cidade) – por “tradição histórica secular”. Mas sem o *h* nos derivados e compostos: *baiano*, *baianismo*, *baião*; *coco/laranja-da-baía.*

A regra – *h* interior que não soa não se escreve – vale também para as locuções verbais (conjugação perifrástica) com as formas do verbo *haver* – *hei*, *hás*, *há*, etc. –, pospostas ao conjunto [verbo infinitivo + pronome oblíquo]: *amá-lo-ei, cantá-lo-á(s), fá-lo-emos, di-lo-ia(s), fá-lo-iam*, etc.; mas *hei de fazê-lo*, *hás de contar*, etc. Nas formas sem pronome: *cantar hei* → *cantarei*; *cantar há(s)* → *cantará(s)*, etc.

■ *h* final só em interjeições: *ah*, *eh*, *ih*, *oh*, *uh*, *bah*, *puh*, etc. Nos demais casos já não se emprega: Alá, Dinorá, felá, Iná, Javé, Jeová, marajá, paxá, rajá, Sara, xá (da Pérsia), Zilá...

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
hã	Habacuque	hachura
hagiografia	hagiologia	haicai
Haideia	Haiti	hálito
haltere	hangar (fr.)	haraquiri (jap.)
harmonia	harmônio (fr. harmonium)	Haroldo
harpa	harpejar	harpia
haste	haurir	hausto
Havana	Havaí	haxixe
hebdomadário	hebreu	Hébridas (ilhas, Reino Unido)
hectare	hectograma	hediondo
hedonismo	Hedviges	Hégira
Hélder	Helena	Helesponto
Heli	hélice	Hélio
Heliodoro	Heliogábalo	Heloísa
Helvécio	Hélvia	hem (f. pref. hein)
hemeroteca	hemi- (pref. = “meio”)	hemisfério
hemorragia	hemorroida (ou hemorroide)	hendecassílabo
Henrique	hep (interj., reg. RS)	hepático
heptassílabo	hera (planta)	Heráclio
Heráclito	herança	herbáceo
herbário	herbívoro	Herculano
Hércules	herdar	herege
herma	Hermano	Hermengarda
hermenêutica	Hermes	hermético
Hermeto	Hermínio	hérnia
Hernâni	herói	Hersílio
hertziano	Hesíodo	hesitar
heu (interj., ant..)	heureca	hexagonal
hexágono	hiato	hibernal

híbrido	hidra	hidrato
hidráulica	hidroavião (ou hidravião)	hidrogênio
hidro- (= água)	hiena	hierarquia (ou jerarquia, f. menos us.)
hieróglifo (ou jeróglifo, id.)	hífen (pl. hifens)	higiene
Higino	higrômetro	hilaridade
Hilário	Hilda (ou Ilda)	Hildebrando
Hildegarda	Hileia	Himalaia
himeneu	hinário	hindu
Hindustão (ou Indostão)	hino	hinterlândia
hip	hipérbole	hiper- (pref. = “sobre”)
hipismo	hipnotizar	hipo- (pref. = “sob”)
hipocondria	hipocrisia	hipódromo
hipófise	Hipólito	hipopótamo
hipoteca	hipotenusa	hipótese
hirsuto	hirto	hispanismo
hispidez	hissope	hissopo
histeria	histologia	histrião
hititas	hodierno	hoje
holandês	Holofernes	holofote
hombridade	homenagear	homeopatia
Homero	homicida	homilia (ou homília)
homologar	homogeneidade	homogêneo
homônimo	Honduras	honesto
honorários	honra	honraria
Honório	Horácio	hóquei
horário	horda	horizonte
hormônio	horóscopo	horripilar
horror	horta	hortelã-pimenta
hortênsia	Hortênsio	horto (jardim)
hosana	hóspede	hospício
hospital(-izar)	hóstia	hostil(-izar)
Hostílio	hotel(eiro)	hotentote [tó]
Huberto	Húdson	Hugo
Hugolino	hui (interj.)	hulha
hum	humano	Humberto
humilde	humilhar	humor(-ismo)
húmus	Hungria [í]	huno (povo)
hurões	hurra	hussardo
hussita		

A FORMA DAS LETRAS

Letras maiúsculas

Norma geral:

Em começo de frase e de nomes próprios (nomes individuais, que se aplicam a um único ser, a ele próprio): *Os alunos estudam*. – *Antônio* (ou *António*, conforme a pronúncia no PE), *Tiradentes, Papa, Marte*, *Vênus, Brasília*, *a Serra do Mar*, etc.

Normas particulares:

Requerem inicial maiúscula:

■ Começos de frase, verso ou citação direta. Escreveu Rui Barbosa: “A pátria é a família amplificada”.

> Querida, ao pé do leito derradeiro,
> Em que descansas dessa longa vida... (Machado de Assis)

■ Também se usa inicial minúscula no início dos versos, à espanhola:

> Eras um rosto
> na noite larga
> de altas insônias
> iluminada. (Cecília Meireles)

■ Antropônimos, alcunhas, topônimos, etc.: *Antônio, Sousa, Lobo, Conquistador, Coração de Leão, Brasil, Madagascar* (ou *Madagáscar*), *Oceania* (ou *Oceânia*), *Portugal*...

■ Nomes sagrados, religiosos, mitológicos, astronômicos e também nos antropônimos e topônimos fictícios: *Deus*, *Cristo*, *Padre Eterno*, *Espírito Santo*, *Maria Santíssima*, etc. *Baco, Júpiter, Mercúrio, Vênus, Via-Láctea,* etc. Nos hagionômios é facultativo o emprego de maiúsculas: *santo Antônio*, *Santo Antônio*, *santa Filomena*, *Santa Filomena* (cf. AOLP, 1990). É lícita a maiúscula inicial nos pronomes referentes a Deus, à Virgem Maria: *Vós, Vos, Ele, Ela... Nós Vos adoramos... Cremos n’Ele... Confiamos n’Ele, n’Ela.*

■ Nomes de altos conceitos religiosos, sociológicos, políticos: *a Igreja* (= a comunidade católica), *a Religião* (= a religião cristã), *a Pátria* (= a nossa pátria), *o Estado* (= o nosso Estado), *o País* (= o Brasil), *a República* (= a nossa república), *o Senado*, etc. Escrevem-se com inicial minúscula esses nomes, quando empregados em sentido geral, indeterminado: *as igrejas; as religiões dos povos*... Designando templo, edifício cultural, *igreja* é nome comum, com inicial minúscula, portanto: *A igreja do Carmo... Destruíram igrejas*.

- Nomes de épocas históricas, datas importantes, atos ou festas solenes, grandes empreendimentos públicos: *a Idade Média, a Revolução Francesa, a Renascença, o Seiscentos* (o século XVII), *o Descobrimento da América*, *a Questão Religiosa*, *o Dia da Mães*, *a Páscoa*, *Pascoela*, *Pentecostes*, etc.
- Nomes de disciplinas, cursos, artes, ciências e escolas de qualquer grau de ensino: *a Música*, *a Matemática*, *Português*, *a Filologia Portuguesa*, *a Faculdade de Direito*, *de Medicina*, *Escola de Alfabetização*...
- Títulos de obras ou criações do intelecto humano (arte, ciência, cultura): *a Nona Sinfonia*, *a Vênus de Milo*, *a Divina Comédia*, *o Memorial de Aires*, *o Mal Secreto*, *o Diário*, *o Correio*, *a Teoria da Relatividade*... Esses títulos podem ser impressos inteiramente em versais: O GUARANI, A FLOR DO EMBIRUÇU, NOTURNO DE BELO HORIZONTE, O LOBO E O CORDEIRO, TABACARIA, SONATA AO LUAR...
- Nos títulos de periódicos, que retêm itálico: *O Correio*, *O Diário*, *O Globo*, *O Estado de S. Paulo*... Após uma indicação bibliográfica, retendo o itálico, escrevem-se opcionalmente com minúscula exceto se forem nomes próprios: *Memórias póstumas de Brás Cubas* ou *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (cf. AOLP, 1990).
- Nomes de cargos eminentes, dignidades: *Papa*, *Cardeal*, *Arcebispo*, *Vigário*, *Presidente*, *Governador*, *Secretário*, *General*, etc. (na imprensa em geral, é de uso corrente a minúscula.) Empregados em sentido geral, requerem minúscula: *vários papas, cardeais, arcebispos*...
- Nomes de ruas, lugares (repartições, agremiações, estabelecimentos, edifícios públicos): *a Rua do Ouvidor, o Largo da Carioca, a Avenida Beira-Rio, a Praça da Matriz; Diretoria-Geral do Ensino, Academia Brasileira de Letras, Banco do Brasil, Editora Globo, Cruz Vermelha, Instituto Nacional de Previdência Social*... Nomes de atos, leis, decretos, usados em correspondência ou documentos oficiais: *a Lei do Inquilinato*, *Decreto-Lei*, *a Portaria de*..., *Lei de*..., *o Regulamento nº*... Fora do estilo oficial, usam-se iniciais minúsculas.
- Nomes dos pontos cardeais, quando designam região: *o Norte* (por Norte de Portugal, por exemplo), *o Nordeste* (por Nordeste do Brasil), *o Sul*, *o Ocidente*, *o Oriente*... No mais são nomes comuns: *corri a região de norte a sul, de leste a oeste*.
- Expressões de tratamento e reverência, palavras e fórmulas respeitosas que se queiram realçar, na correspondência: *Sr.* (Senhor), *Sr.a* (ou Sra.; Senhora), *DD.* ou *Dig.mo* (ou Dig.mo, Digníssimo), *MM.* ou *M.mo* (Meritíssimo), *Rev.mo* (ou Rev.mo, Reverendíssimo), *V. Rev.ma* (Vossa Reverendíssima), *V.S.* (Vossa Senhoria), *V.Ex.a* (Vossa Excelência), *V.Ex.a Rev.ma* (Vossa Excelência Reverendíssima), etc.; *meu caro Amigo*, *meu prezado Mestre*, *meu querido Pai*, *minha amorável Mãe*, etc. Também os designativos de títulos, cargos que acompanham tais expressões: *Ex.mo Sr. Diretor*, *MM. Juiz de Direito*, *Magnífico Reitor*, *Ex.mo* e *Ver.mo Sr. Arcebispo*, *Eminentíssimo Senhor Cardeal*...
- Nomes comuns tornados próprios, por personificação ou individuação (nomes de seres morais, fictícios): *o Amor*, *o Ódio*, *a Saudade*, *a Agulha e a Linha*, *o Lobo e o Cordeiro*, etc.
- Em siglas, símbolos e abreviaturas internacionais ou regulados nacionalmente usam-se maiúsculas iniciais, mediais ou finais: *ABL*, *ONU*...
- Elementos hifenizados têm autonomia fonética, mórfica e gráfica. Mantêm portanto as maiúsculas respectivas: *Grã-Bretanha, o Todo-Poderoso, Decreto-Lei, Acordo Luso-Brasileiro, Capitão-de-Mar-e-Guerra*... Como se nota, ficam com minúscula os vocábulos átonos.

Minúsculas, e não maiúsculas

- Iniciais dos nomes dos dias, meses, estações do ano: *segunda-feira*, *terça-feira*, *janeiro*, *fevereiro*, *março*, *abril*, *maio*, *primavera*, *verão*, etc.
- Partículas monossilábicas, e átonas em geral, no interior de títulos, onomásticos, elementos integrantes de locuções, etc.: *Histórias sem Data*, *Crepúsculo dos Deuses*, *Viagem ao Centro da Terra*, etc.
- Iniciais dos nomes gentílicos: os *alemães*, *os brasileiros*, *os franceses*, *os russos*, *os porto-alegrenses*...
- Em compostos como: *agrião-do-brasil*, *abricó-do-pará*, *ave-maria*, *um joão-ninguém*, etc., o nome próprio torna-se comum, ou melhor, torna-se elemento de um substantivo comum composto.
- Nas expressões (axionômios) usadas em lugar de nome próprio: *fulano, beltrano, sicrano*.
- Nomes próprios tornados comuns, por antonomásia: *a dulcineia*, *as evas*, *um havana*, *um porto*, *um judas*, *um mecenas*, *dom-quixote*, *sancho-pança*...
- Nomes comuns que acompanham nomes geográficos: *a baía de Guanabara*, *o canal de Suez*, *o estreito de Magalhães*, *o oceano Atlântico*, *o rio Amazonas*, etc. Também: *aquém-Pireneus*... (Há órgãos na imprensa que usam maiúsculas.)
- Nomes de festas pagãs: *o carnaval*, *as saturnais*, etc.
- Depois de dois-pontos que não precedam citação ou nome próprio, e depois de pontos de interrogação ou exclamação, se o sentido está incompleto até essas anotações (que valem, no caso, cumulativamente, por vírgula, ponto e vírgula, dois-pontos). Exs.:

> Citei-lhe duas virtudes: o amor e a pureza.
> Oh! não vale a pena repetir: é coisa de somenos.
> (José de Alencar)

Mãezinha! minha mãe!... Deus! ó Deus!... Que é isso? que é o que tem?
(Júlio Dinis)

Quem és tu? que esse estupendo
Corpo certo me tem maravilhado.
(*Os Lusíadas*, V, 49)

Vês; peralta? é assim que um moço deve zelar o nome dos seus?
(Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*)

Maiúsculas estilísticas

Muitas vezes a inicial maiúscula é facultativa, dependente de circunstâncias, intenções e significados.

Escritores há que multiplicam as maiúsculas, em contraposição a outros que preferem as minúsculas. Estão entre os primeiros os simbolistas, que maiuscularam os seus Sonhos e as suas Saudades, o Amor, a Ilusão, as Quimeras.

Os modernistas, irreverentes e iconoclastas, arrasaram até os nomes próprios, num efêmero comunismo gráfico: *borrões de verde e amarelo, de cassiano ricardo, coração verde, de augusto meyer,* etc.

Exemplos de maiúsculas-símbolos (escritores parnasianos, simbolistas e modernos):

Doce, branca e fiel Rainha das Amadas
Que afagaste com mãos d'arminho a minha Mágoa...
(Eugênio de Castro)

Eu sou o Vagabundo, o Deserdado...
(Antero de Quental)

Vereis as Formas; filhas da Ilusão,
cair desfeitas; como um sonho vão...
(Antero de Quental)

Voltas a ser de novo aquilo que tu eras.
A evocadora palidez do teu semblante
Faz-me pensar em Virgens-Monjas de outras eras;
Quando de nós estava o Céu menos distante.
(Alphonsus de Guimaraens)

O Ódio, a Inveja, a Vingança, a Hipocrisia,
Todos os vícios, todos os Pecados
Dali voaram...
(Alberto de Oliveira)

Horas do Ocaso, trêmulas; extremas,
Réquiem do Sol que a Dor da Luz resume.
(Cruz e Sousa)

Ó minha Graça, ó Vida de repente,
Que loucura medonha e que alegria!
(Jorge de Lima)

Essas maiúsculas literárias são aceitáveis quando a personificação, a ênfase e outras razões expressivas as justificam. Mas não se desvirtue esse realce gráfico, usando-o a torto e a direito.4[14]

REDUÇÃO GRÁFICA: ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

Abreviatura é a escrita reduzida de uma palavra ou locução: *álg.* (álgebra), *fut. ind.* (futuro do indicativo).

Recurso convencional da escrita para ganhar espaço e tempo, consiste em eliminar uma ou mais letras de vocábulos e expressões de repetição forçosa em determinados textos.

A escrita abreviada tem a sua sistemática – tradicional ou oficializada. Lembremos aqui algumas normas.

- Geralmente as letras suprimidas substituem-se por um ponto (ponto abreviativo). Este, de regra, se coloca depois de consoante e depois da última consoante dos encontros: *f.* (feminino), *al.* (alemão), *adj.*

(adjetivo), *compl.* (complemento), *constr.* (construção), etc.

- Certas abreviaturas técnicas modernas têm ponto depois de vogal ou depois da primeira consoante de encontro. Assim, *ago.* (agosto), *anu.* (anuário), *anún.* (anúncio), *ci.* (científico), *fáb.* (fábrica), *téc.* (técnica), etc. – são abreviaturas fixadas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT.
- Símbolos científicos se escrevem sem ponto: *a* (are), *As* (ampère-segundo), *g* (grama), *gr* (grado), *sen* (seno), *cos* (cosseno), *Au* (ouro), *K* (potássio), *Kr* (criptônio), etc.
- Algumas abreviaturas mantêm, depois do ponto, a(s) última(s) letra(s) posta(s) acima das outras: *am.º* (amigo), *C.el* (coronel), *ded.°* (dedicado), etc. A tradição consagrou, todavia, formas sem essa colocação racional dos elementos: *aportg.* (aportuguesamento), *btl.* (batalhão), *fls. ou fols.* (folhas), etc.
- Da prática oficial se deduz, porém, que não se devem usar abreviaturas como *am.o* (amigo)*, C.el* (coronel). A razão invocada para seu uso é a lógica ou a inexistência de tipos altos. Neste caso, a solução é grafar *amo.*, *cel.* – solução mais tradicional e que encontra esteio na abreviatura *Cia.*, popularíssima e oficial, pois registrada no VOLP (2009), ao lado de *C.ia*.
- Há abreviaturas com variante(s): *a.C.* ou *A.C.* (antes de Cristo), *f., fl.* ou *fol.* (folha), como as há para mais de uma palavra: *p.* (palmo, pé; e página de uso frequente), *v.* (veja, verbo, verbal, verso, você), etc.
- Quanto ao plural das abreviaturas:
  - a) De norma se acrescenta -*s* morfema do plural em português*: caps.* (*capítulos)*, *fls.* ou *fols.* (folhas), *am.os* (amigos), *Dras.* (Doutoras), etc.
  - b) Também nas siglas se faz anexação do -*s*: *as APAEs* (Associações de Pais e Amigos de Excepcionais), *as COHABs*, *os PMs*, etc.
  - c) Símbolos técnicos (não pontuados) não admitem -*s* pluralizante: *1 a/10 a*; *1 g/10 g*; *1 m/10 m*; *1 h/10 h*; *8h30 min*; etc.
  - d) Letras maiúsculas se dobram: *AA.* (Autores), *SS.AA.* (Suas Altezas), *VV.PP.* (Vossas Paternidades), etc.
    As maiúsculas dobradas também podem representar superlativos: *DD.* (Digníssimo), *MM.* (Meritíssimo), *SS.* (Santíssimo).
  - e) Também, por tradição, algumas minúsculas se duplicam no plural: *pp.* (páginas, ou págs.), *ss.* (seguintes, ou segs.), etc.

  Segundo a Associação Brasileira de Normas Técnicas, a abreviatura de *página,* singular ou plural, é *p.*
- Mantêm-se os hifens e os acentos gráficos nas letras que figuram nas abreviaturas: *cap.-ten.*, *kw-h*, *m.-q.-perf.*, etc.
- Quando coincide com ponto final, o ponto abreviativo acumula a função deste; não se usam, pois, dois pontos em sequência: *livros*, *jornais, revistas*, etc.
- A Conferência de Geografia (Rio de Janeiro, 1926) estabeleceu que “não serão usadas abreviaturas nos nomes geográficos”. Portanto: *São Paulo* (e não S. Paulo), *Dom Pedrito* (e não D. Pedrito*), General Câmara* (e não Gen. ou Gal. Câmara), etc.
- Caso especial de abreviatura é a *sigla*: escrita abreviada de uma locução substantiva ou nome composto, mediante a representação das iniciais (maiúsculas) dos elementos componentes. Assim *ABL* (Academia Brasileira de Letras), *MEC* (Ministério da Educação e Cultura), *ONU* (Organização das Nações Unidas), etc. Serve para representação abreviada de títulos de livros, revistas, jornais, departamentos, organizações, instituições, partidos políticos, etc. O uso oficial parece ser com pontos, mas a tendência mais moderna é eliminar estes: *ABL*, *MEC*, *ONU*, *EUA* (ou *EE.UU.A*, por exemplo, cf. VOLP, 2009).
- Usam-se, sim, as siglas das unidades da Federação: *AM* (Amazonas), *CE* (Ceará), *MG* (Minas Gerais), *SP* (São Paulo), *RS* (Rio Grande do Sul), etc. (V. nomes próprios geográficos.)

Na lista (Apêndice I), além do repertório oficial (incompleto, mas corrigido nalguns senões), incluo inúmeras abreviaturas e siglas atuais. O rol destas é obviamente incompleto, como não podia deixar de ser, em virtude de sua constante e progressiva proliferação.

FORMAS VARIANTES

Casos de dupla grafia

O VOLP (2009), certamente para respeitar usos dos diversos níveis e padrões da língua, registra inúmeras variantes vocabulares, que passam a ser admitidas por corresponderem a diferentes normas de pronúncia, respectivamente, no português brasileiro (PB) e no português europeu (PE): *artefato* e *artefacto*; *aspecto* e *aspeto*; *húmus* e *humo*; *sutil* e *subtil*; *úmido* e *húmido*; etc.

Alguns verbos acabados em *-iar* admitem variantes na conjugação: *premio* ou *premeio*; *negocio* ou *negoceio*, respectivamente, no PB e no PE. As duas pronúncias foram respeitadas com a aceitação da dupla grafia de palavras como: *amamos, amámos*; *cômodo, cómodo*; *fêmur, fémur*; *gênio, génio*; *louvamos, louvámos*; *ônix, ónix*; *pônei, pónei*; *quilômetro, quilómetro*; *tênis, ténis*; *tônica, tónica*, *Vênus* e *Vénus*.

Eis o que sobre a matéria colhemos no novo *Acordo Ortográfico* (1990):

> Como é sabido, uma das principais dificuldades na unificação da ortografia da língua portuguesa reside na solução a adotar para a grafia das consoantes *c* e *p*, em certas sequências consonânticas interiores, já que existem fortes divergências na sua articulação.

> Assim, umas vezes, estas consoantes são invariavelmente proferidas em todo o espaço geográfico da língua portuguesa, conforme sucede em casos como *compacto*, *ficção*, *pacto*, *adepto*, *núpcias*; etc.
>
> Neste caso, não existe qualquer problema ortográfico, já que tais consoantes não podem deixar de grafar-se (v. Base IV, 1º a).
>
> Noutros casos, porém, dá-se a situação inversa da anterior, ou seja, tais consoantes não são proferidas em nenhuma pronúncia culta da língua, como acontece em *acção*, *afectivo*, *direcção*, *adoção*, *exacto*, *óptimo*; etc. Neste caso existe problema. É que na norma gráfica brasileira há muito estas consoantes foram abolidas, ao contrário do que sucede na norma gráfica lusitana, em que tais consoantes se conservam. A solução que agora se adota (v. Base IV, a e b) é a de as suprimir, por uma questão de coerência e de uniformização de critérios. [...]
>
> O terceiro caso que se verifica relativamente às consoantes *c* e *p* diz respeito à oscilação de pronúncia, a qual ocorre umas vezes no interior da mesma norma culta (cf., por exemplo, *cacto* ou *cato*, *dicção* ou *dição*, *sector* ou *setor*, etc.), outras vezes entre normas cultas distintas (cf., por exemplo, *facto*, *receção* em Portugal, mas *fato*, *recepção* no Brasil).
>
> A solução que se propõe para estes casos, no novo texto ortográfico, consagra a dupla grafia (v. Base IV, 1º c).
>
> A estes casos de grafia dupla devem acrescentar-se as poucas variantes do tipo *súbdito* e *súdito*, *subtil* e *sutil*, *amígdala* e *amídala*, *amnistia* e *anistia*, *aritmética* e *arimética*, nas quais a oscilação de pronúncia se verifica quanto às consoantes *b*, *g*, *m* e *t* (v. Base IV, 2º). [...]
>
> Sendo a pronúncia um dos critérios em que assenta a ortografia da língua portuguesa, é inevitável que se aceitem grafias duplas naqueles casos em que existem divergências de articulação quanto às referidas consoantes *c* e *p* e ainda outros casos de menor significado. Torna-se, porém, praticamente impossível enunciar uma regra clara e abrangente dos casos em que há oscilação entre o emudecimento e a prolação daquelas consoantes, já que todas as sequências consonânticas enunciadas, qualquer que seja a vogal precedente, admitem as duas alternativas; *cacto* e *cato*; *caracteres* e *carateres*; *dicção* e *dição*; *facto* e *fato*; *sector* e *setor*; *ceptro* e *cetro*; *concepção* e *conceção*; *recepção* e *receção*; *assumpção* e *assunção*; *peremptório* e *perentório*; *sumptuoso* e *suntuoso*; etc. (Cf. *Nota Explicativa do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*)

Casos de dupla acentuação

As divergências de pronúncia devem-se à diferença de timbre (aberto/fechado) na prolação das vogais.

Nas proparoxítonas: *cômodo/cómodo*, *efêmero/efémero*, *gênio/génio* (no PB e no PE, respectivamente);

Nas paroxítonas: *fêmur/fémur*, *bônus/bónus*, *pônei/pónei* (idem);

Nas oxítonas: *bebê/bebé*, *crochê/croché*, *matinê/matiné*; *purê/puré* (id.).

Em países africanos e em Portugal, as formas verbais da 1ª pessoa do plural pretérito perfeito do indicativo podem receber acento gráfico para distinguir-se da 1ª pessoa do plural do presente do indicativo como no português europeu ou não, como no português brasileiro: *amámos*, *amamos*, respectivamente. Embora essa distinção gráfica entre pres. (hoje *entregamos*) e o pret. perf. (ontem *entregámos*) não corresponda a uma diferença na pronúncia em muitos dialetos portugueses (Norte de Portugal e ilhas).

O uso do acento diferencial também é facultativo em:

a) *dêmos* 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, para se distinguir graficamente de *demos*, 1ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo (a pronúncia é a mesma);

b) *forma* ([ɔ], flexão do verbo *formar* e subst.) para diferenciar de *fôrma* ([o], subst.).

A única forma verbal homógrafa e heterofônica que mantém o acento diferencial é *pôde* em oposição a *pode*. Os derivados do verbo *pôr*, que se contrasta a *por* (prep.), não levam acento: *apor*, *compor*, *depor*, *dispor*, *interpor*, *justapor*, *opor*, *pospor*, *recompor*, *supor*, *transpor*.

Variantes regionais e sociais

Na lista que se segue, sistematizo a matéria, registrando a forma mais generalizada e que consta do VOLP (2009), a outra facilmente se depreende, seja caso de variação dialetal, social ou nacional.

VARIANTES REGIONAIS E SOCIAIS	
aa :: a	ca(a)tinga (catinga, mau cheiro), ca(a)peba
a :: e	barganha, parlenga; bêbado, camaleão, lavandisca, tarântula, hemorroidas; magnata
a :: ai	xa(i)le
a :: i	ramalhete :: ramilhete
a :: o	pediatra, psiquiatra; quiasma(o)
ãi :: âim	cãibas; cãibeiro, cãibra, cãibro, zãibo
e :: a	at(a)nazar, lide, mameluco, mantar, resplendor, seriema, sobresselente, xerife, ariadne, ascáride, náiade, nereide, nômade, olimpíade, plêiade, trípode,

	blandície, molície, hierofante
e :: o	aceite, arranque (arranco), caíque (caíco), clarinete, decalque (decalco), encaixe, reclame, traje, zorate, percentagem
e :: ei	que(i)jadilho
ei :: e	gue(i)ixa, macaxe(i)ra, re(i)uno
ei :: i	b(e)iju, d(e)ilo, homogen(e)izar, ostr(e)icultura
eria :: aria	bilheteria, carroceria (carroçaria), lavanderia
i :: e	cândi, virgiliano, virgilista
i :: im	bogari(m), curumi(m), frenesi(m), japi(m), rabi(m), sagui(m)
i :: in	inextri(n)cável, impi(n)gem
i :: j	iambo, hierarquia, hieroglifo (jeróglifo), iugoslavo
i :: u	micuim (v. u :: i)
ie :: ia	imundície, sordície
igem :: igo	intertrigem, lentigem, mentigem, prurigem, vitiligo(em)
im :: um	imbu, imbuia
is :: e	áxis; bílis; cosmópolis; púbis; tábis :: taves e tabe
o :: um	cádmio; harmônio :: harmonium; rádio :: radium
om :: ão	maçom, mação
om :: um	bombo :: bumbo
oi :: ou	açoitar, açoite, afoito, alcoice, biscoito, coice, coisa, doido, dois; foice, moita, noite
ou :: oi	agouro, arcabouço, balouçar, calouro, dourar, ouro, papoula, tesoura, tesouro
us :: o	húmus; lótus
u :: v	neurose, neuropata
um :: u	araticu(m), muçu(m), guaiamu(m), jerimu(m)
u :: i	imbaúba :: imbaíba
b :: v	aprobativo, assobiar, brabo, cobarde, comprobativo, jeribá, peroba, piaçaba, pindaíba, taberna
b :: p	bandulho, batota
bd :: d	sú(b)dito
c :: g	écloga:: égloga (v. qu :: gu)
c :: qu	catorze, cociente, cota, cotidiano
c [s] :: qu [k]	celidônia, leucemia (v. qu [k] :: c [s])
cc (cç) :: c	circunspe(c)ção, fa(c)ção; fa(c)cioso, infe(c)cionar, su(c)ção
c :: cc (cç)	seção, secional, secionar
c :: x [s]	ápice :: ápex; cálice :: cálix
ct :: t	artefa(c)to, aspe(c)to, cara(c)terístico, circunspe(c)to, cone(c)tivo, conta(c)to, da(c)tilografia, dete(c)tive, ele(c)tr-, espe(c)tro, expe(c)tativa, hé(c)tico, i(c)terícia, perfun(c)tório, profilá(c)tico, respe(c)tivo
ch :: ç	acachapar :: acaçapar
dr :: tr	quadriênio :: quatriênio
gd :: d	amí(g)dala, ami(g)dalite
l :: lh	goril(h)a
l :: r	aluguel, alvazíl, balangandã, flecha, neblina
l :: li	quizila :: quizília
li:: lh	mobiliar :: mobilhar (mobilar)
lh :: li	bilhão, trilhão, quatrilhão, quintilhão...
m :: b	mabaça, maitaca, musaranho
nt :: mpt	assíntota, suntuário, suntuoso
pc(pç) :: c(ç)	corru(p)ção, exce(p)cional
pt :: t	corru(p)tela, corru(p)to, elí(p)tico, exce(p)tivo, ó(p)tico, o(p)timacia, o(p)timates
qu :: c [s]	anquilosar (ancilosar, uso preferencial), quimógrafo, quiriologia, quisto
qu :: gu	aquarela :: aguarela, retorquir, séquito
t :: pt	o(p)timismo, o(p)timista, susce(p)tível, susce(p)tibilidade
t :: bt	su(b)til, su(b)tileza
t :: ct	conta(c)tar, conta(c)to, se(c)tor, tá(c)til, ta(c)to, transa(c)to
tm :: m	ari(t)mética, ari(t)mético
tz :: ç	quartzo :: quarço
trans :: tras	tra(n)spassar, tra(n)spor, tra(n)sladar
v :: b	vaqueano, vasculhar, verçudo
x :: ch	xícara (preferível), patexúli (patchuli)

VARIANTES POR ACRÉSCIMO DE FONEMAS	
prótese	no começo: (a)levantar, (as)soprar
epêntese	no meio: acor(o)çoar, aljof(a)rar, calang(r)o, ca(a)mguatá, car(a)cará car(a)pina, esg(a)ravatar, ma(r)cela. mógono (:: mogno), t(i)lim
paragoge	no fim: altivez(a), diabete(s), gabarola(s), prócer(o), rangífer(o), uzífur(o)
com n final facultativo	abdômen, albúmen, assíndeton, cacófaton, certâmen, cerúmen, ciclâmen, elé(c)tron, espécimen, gérmen, hipérbaton, léxicon, regímen, tentâmen, velâmen (com a eliminação do n perdem o acento gráfico, excetuados os proparoxítonos)

VARIANTES POR SUPRESSÃO DE FONEMAS	
aférese	no começo: (a)postema, (a)jaezar, (a)portuguesar, (e)vaporar, (a)xonca
síncope	no meio: abób(o)ra, b(e)rinjela, maland(r)éu, ma(l)- pinguinho, motor(n)eiro, resfol(e)gar, resfôl(e)go
apócope	no fim: cosmo(s), isóscele(s), lilá(s)

VARIANTES POR DESLOCAÇÃO DE ACENTO (HIPERBIBASMO)	
oxítono	amém :: âmen; resedá :: reseda
paroxítono	sóror :: soror; projétil :: projetil; réptil :: reptil
paroxítono :: oxítono	esfíncter:: esfincter ['E¬]; estáter :: estater ['E¬]; patexúli :: patchuli
[ja] :: [i.a]	amnésia, eutanásia, geodésia, acidária, poliúria
[i.a] :: [ja]	homilia :: homília; salmodia :: salmódia
paroxítono	hieroglifo :: hieróglifo; acrobata :: acróbata; nefelibata :: nefelíbata

prop. :: parox., ox.	ípsilon :: hipsilo, ipsilão

VARIANTES DE ABREVIATURAS	
Ab. :: Ab.e	Abade
a.C. :: A.C.	antes de Cristo
d.C. :: D.C.	depois de Cristo
C.ia :: Cia.	companhia
Ex.mo :: Exmo	Excelentíssimo
f. :: fl.	folha (fol. = fólio)
H. :: H.er	haver (comercialmente)
ib. :: ibid.	ibidem
of. :: Of.	oferece(m)
p. :: pág.	página
pp. :: págs	páginas
ss. :: segs.	seguintes
s. :: seg.	segundo
ten. :: t.te	tenente

Segunda
Parte

SINAIS DIACRÍTICOS

ACENTOS

O sistema de acentuação gráfica da língua portuguesa, em aplicação desde a Reforma Ortográfica de 1911, assinalava não só os acentos gráficos como o timbre das vogais.

No Brasil, o Formulário Ortográfico de 1943 disciplinou a acentuação gráfica em dezesseis regras e dezessete observações, que são outras tantas regras. A Lei nº 5.765, de 1971, veio simplificar esse conjunto com a abolição de duas regras (a do acento diferencial de timbre e a do acento grave e circunflexo nas sílabas subtônicas) e de duas observações.

Em Portugal, contudo, esse papel era exercido pelo assim chamado Acordo Ortográfico de 1945, juntamente com uma alteração de 1973, cujas regras ortográficas eram seguidas pelos demais países que têm o português como língua oficial.[15]

A ortografia da língua portuguesa não era uniforme no espaço lusófono.[16] Vigorava para a mesma língua duas normas ortográficas oficiais, divergentes, sobretudo no que diz respeito à acentuação das paroxítonas.

O novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990 (doravante AOLP) buscou diminuir essas diferenças, unificando algumas regras de escrita em uso no Brasil e em Portugal, ainda que leve em conta certas peculiaridades das diferentes pronúncias.

Com o intuito de facilitar a aprendizagem da matéria, reduzi tudo a um decálogo. O leitor poderá notar que, em diversos casos, apresento soluções pessoais. Pessoais apenas na forma – ordenação e expressão. No fundo, são sempre as normas oficiais em vigor.

Dez regras de acentuação gráfica

- 1 – Proparoxítonos fixos e eventuais

Acentuam-se todos os vocábulos proparoxítonos fixos (ou verdadeiros) com acento agudo ou circunflexo, conforme o timbre aberto ou fechado da vogal:

- estética, óxido, cântico, esplêndido, atônito.

O novo Acordo inclui nesse preceito as palavras terminadas em ditongo crescente: água, ânsia, glória, mágoa, rédea, etc. Chamamos estes vocábulos "proparoxítonos eventuais" (ou falsos), embora na pronúncia corrente, espontânea, sejam proferidos e soem paroxítonos.5 Notar que esses proparoxítonos eventuais terminam em sequências vogais postônicas.[17]

- 2 – Paroxítonos

Os vocábulos paroxítonos geralmente não são acentuados. Em português, o lugar mais frequente de colocação do acento de tonicidade é na penúltima sílaba das palavras.

Não se acentuam os ditongos abertos ei [Ej] e oi [ɔj] em vocábulos paroxítonos:

- assembleia, estreia, europeia, ideia, boia, joia, heroico, paranoico.

- Também não são acentuadas as vogais tônicas i e u de palavras paroxítonas quando são antecedidas por ditongo crescente:

- baiuca, feiura, feiume.

Tampouco é acentuado o u tônico em verbos como:

- averigue, oblique, apazigue (ú, antes do AOLP, 1990).

Igualmente, não se acentuam prefixos como anti-, nuper-, semi-, super-, entre outros: são normalmente partículas átonas (v. adiante).

Entre os vocábulos paroxítonos acentuam-se os terminados em ã(s), ão(s), i(s); om, ons; um, u(n)s; l, n, ps, r, x:

- órfã(s), órgão(s); jóquei(s), amáveis; dândi(s), tênis; iândom, íon(s), próton(s), álbum, álbuns, Vênus; útil, hífen, cânon, bíceps, tórceps, mártir, ônix.

- 3 – Oxítonos e monossílabos tônicos

Acentuam-se os vocábulos oxítonos e monossílabos tônicos terminados por á(s), é(s), ê(s), ó(s), ô(s):

- lá, sabiá(s), pé(s), ipê(s), avó(s), avô(s).

Incluem-se os acabados em ém, éns – desde que tenham mais de uma sílaba:

- armazém, armazéns; refém, reféns.

Abrange essa regra o que e o porque tônicos:

> Falou de quê?
> Tem um quê de malícia.
> Eis o(s) porquê(s) da questão.

Incluem-se também as formas verbais oxítonas do mesmo tipo, seguidas ou não de pronomes:

- dá(s), está(s), é(s), vê(s), pôs, compôs, ele detém, deténs; dá-lo, sê-lo, vê-lo-ia, dispô-lo, ele mantém-no, ele retém-no...

As formas verbais da terceira pessoa do plural – têm, detêm, vêm, convêm, etc. – recebem acento circunflexo para se diferençarem dos homógrafos do singular (tem, detém, vem, convém, etc.). Não confundir esse -êm com o -eem de formas como: proveem (verbo prover) vs. provêm (v. provir), conforme a regra dos acentos diferenciais, adiante.

- 4 – Ditongos tônicos abertos acentuados e não acentuados

Assinala-se com acento agudo a primeira vogal dos ditongos quando aberta em sílaba final de vocábulos oxítonos e monossílabos tônicos:

- bacharéis, chapéu, herói, mói, léu, dói.

Mas não se assinala o timbre da primeira vogal dos ditongos quando em outras posições: [18]

- assembleia, joia, heroico.

- 5 – Hiatos i e u

São oito os hiatos possíveis, no caso: a.í (saída), e.í (cafeína), o.í (egoísmo), u.í (ruído); a.ú (baú), e.ú (reúne), i.ú (viúvo), o.ú (timboúva).

Acentuam-se o i e o u tônicos orais que formam sílaba, sozinhos ou com s, constituindo o segundo elemento de um hiato e não são seguidos de l, m, n, nh, r, z (em pronúncia silabada, escandida: substi-tu-í-do, substi-tu-ís-te, a-mi-ú-do, hero-ís-mo):

- aí, saí, saís, caíste, ensaísta; baú(s), reúne(m); Piauí...

Portanto, não devem ser acentuados:

- Adail (a-í, hiato), paul (a-ú, “pântano”, pl. pauis), Caim, ruim (u-í), rainha, ainda, cair, juiz, saiu...

Também se dispensa o acento quando a vogal átona for igual à tônica:

- vadiice, mandriice, paracuuba, sucuuba (ou sucuuva).

- 6 – Hiatos -eem e –oo(s)

Não se assinala com acento circunflexo sobre o primeiro e do hiato eem dos verbos crer, dar, ler e ver, na 3ª pessoa do plural e seus derivados:

- creem, deem, leem e veem; descreem, desdeem, releem, reveem, etc.

Também sem acento o hiato oo(s):

- voo(s), abençoo, perdoo, etc.

Observação

Palavras que perdem acentos mantêm a mesma pronúncia.

- 7 – Sequências gu, qu antes de e ou i: u pronunciado, sem marca gráfica

Nas sequências gue, gui, que, qui, nas quais o u é pronunciado, esse u não leva acento agudo quando tônico, nem trema quando átono: averigue (≈ averigúe antes do AOLP de 1990), argui (≈ argúi), arguem (≈ argúem) – o u é tonicamente acentuado, mas não graficamente; averiguei, arguia, arguir (≈ averigüei, ≈ argüia, ≈ argüia, com trema antes do novo acordo).[19]

O emprego do trema foi abolido para palavras portuguesas ou aportuguesadas: bilíngue (ou bilingue), cinquenta, linguista, frequentar, tranquilo, etc. Todas com u pronunciado. O sinal, porém, permanece em nomes próprios estrangeiros e seus derivados como Müller, mülleriano.

■ aguentar, arguir, averiguei, averiguemos, frequência, obliquar, oblique, equino...

Observação

Palavras que perdem marcas gráficas (acento/trema) mantêm a mesma pronúncia.

- 8 – Til

O til marca a nasalidade das vogais a e o:

■ afã, cão, cãibra (ou câimbra), romãzeira, põe(s), põem...

- 9 – Acento diferencial

O acento diferencial foi eliminado pelo AOLP (1990) nas seguintes palavras homógrafas:

coa, coas (verbo coar; combinação arcaica, com a, com as)
para (3a pessoa do singular presente do indicativo do verbo parar; preposição)
pela ([e], combinação arc. da preposição por com o artigo, per + la)
pelo ([°], do verbo pelar; [°] prep. arc., per + lo; substantivo, cabelo, penugem)
pera ([e], substantivo, fruta; prep. arc. per + a)
pero ([e], conj., arc. porém; do antropônimo Pero, Pedro)
pola, polas ([ɔ], surra; [o], arc, por + la)
pola, ([ɔ], rebento vegetal, plural p[ɔ]las)
polo ([ɔ], subst., jogo, extremidade)
polo ([ɔ], gavião ou falcão menor de um ano, plural p[ɔ]los)

Nas formas verbais emprega-se o circunflexo marcador de plural, que se distinguem do singular homófono graficamente, pois a pronúncia é a mesma:

■ eles(as) têm e vêm; ele(a) tem e vem.

Essa regra abrange seus derivados, assim contrastando com as formas do singular, atingidos pela regra dos oxítonos: contêm, detêm, mantêm, convêm, intervêm, provêm (v. provir).

Considerado excepcional e de uso obrigatório, restou o acento diferencial de timbre para os seguintes pares:

pôr (verbo)	por (preposição)
pôde (forma verbal)	pode (forma verbal)

- 10 – Acento grave

Emprega-se o acento grave para indicar a ocorrência do fenômeno crase:

■ à, às – contrações da preposição a com o artigo ou demonstrativo a(s) = ir a a cidade;
■ àquele(s), àquela(s), àquilo, àqueloutro(s), àqueloutra(s) = a aquele(s), a aquela(s), a aquilo;
■ à qual, às quais = a a qual, a as quais.

Sinopse das dez regras

- 1 – Proparoxítonos:

■ Fixos: árido, lâmpada, xícara, fôlego, esplêndido, quilômetro.
■ Eventuais: ânsia, mágoa, sério, côdea, espontâneo, homogêneo, mútuo.

- 2 – Paroxítonos:

■ ã(s), ão(s): ímã(s), órfã(s), órgão(s).
■ i(s): fáceis, júri(s), lápis.
■ om, on(s): iândom, próton(s), tom, tons.
■ um, uns, us: álbum, álbuns, bônus, vírus.
■ l: amável, fácil, cônsul.
■ n: cânon, éden, hífen.
■ ps: bíceps, fórceps.

- r: açúcar, éter, revólver.
- x: cálix, sílex, Félix.

- 3 – Oxítonos e monossílabos terminados em:

- á(s): cá, há, atrás.
- é(s): fé, através, revés.
- ê(s): dê(s), mês, rês, quê(s), porquê(s).
- ó(s): avó(s), após.
- ô(s): avô(s), pôs, compôs.
- ém: armazém, detém.
- éns (com mais de uma sílaba): armazéns, deténs.
- êm: (3ª pess. pl.): têm, vêm, detêm, provêm.

- 4 – Ditongos abertos tônicos acentuados e não acentuados

- éi: anéis, fiéis mas ei [Ej]: ideia, epopeico.
- éu: céu, véu, Ilhéus.
- ói: dói, mói, rói, herói mas oi [[illegible]j]: boia, jiboia, heroico.

- 5 – Hiatos i e u:

- í: aí, daí, caí, caís, caíste, Piauí.
- ú: baú, baús, reúne(s).

- 6 – Hiatos eem e oo(s)

- eem: creem, deem, leem e veem (estes quatro e seus derivados).
- oo(s): abençoo, voo(s), povoo, reboo(s).

- 7 – Sequências gu, qu antes de e ou i: u pronunciado, sem marca gráfica

- u sem acento agudo: argui, arguem, averigue, oblique.
- u sem trema: arguir, averiguei, frequente, tranquilo.

- 8 – Til

- sobre a: ãatá, cãs, cãibra, chãmente, mãe(s).
- sobre o: leões, põe(s), sobrepõe(s).

- 9 – Acento diferencial

- obrigatório: pôr (verbo); pôde (pretérito perfeito).
- facultativo: fôrma ([o], substantivo) para se diferenciar de forma ([illegible], verbo); e dêmos para se distinguir apenas graficamente de demos, o singular homófono, dois casos de aceitação de grafia dupla.
- sem acento: para (preposição e forma verbal); coa(s) (f. v.); pelo(s), pela(s) (prep.), pelo(s) (substantivo); pelo (f. v.); pera, pera(s) (prep. arcaica, subst.), etc.

- 10 – Acento grave

- à, às; àquele(s), àquela(s), àquilo, àqueloutro(s); à qual, às quais.

Seguem listas de palavras, agrupadas conforme as regras a que devem obedecer. Nenhuma destas relações se pretende completa. Escolhemos de preferência aqueles vocábulos cuja grafia ofereça outras dúvidas além da acentuação e que, por isso, frequentemente aparecem cacografados.

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Proparoxítonos fixos		
abóbada	aeródromo	aerólito
álcali	álcool ou alcoóis	âmago
amálgama (subst.)	aríete	arquétipo
autêntico	azêmola	bátega
bígamo	biótipo	bólide
brâmane	bússola	câmara
cândido	cédula	chávena
côvado	crisântemo	dálmata
debênture	desânimo	devêramos (f. v.)
efêmero	êmbolo	epístola
éramos (f. v.)	esplêndido	êxito
êxodo	êxtase	fac-símile
fagócito	farândola	fenômeno
fôlego	gasômetro	gênero
glândula	gôndola	guáiaco (ou guaico)
hábito	húngaro	idólatra

ídolo	iídiche	íncubo
ínterim	ípsilon (ou ipsilão)	isóbare
janízaro	jerárquico (ou hierquia)	lânguido
leucócito	lêvedo	lôbrego
lúcifer, lucíferes	miíase	náiade
náutico	noctívago, notívago	nômade
óbolo	ômega	ônibus
pântano	pêssego	pólipo
pórfiro	prófugo	protótipo
quadrúmano	quasímodo	quérulo
quilômetro	rábano	récita
revérbero	séquito	sílfide
sílica	silvícola	síndroma
sú(b)dito	tômbola	trânsfuga
trânsito	úmido (em Portugal: húmido)	úvula
vândalo	veículo	vermífugo
vérmina	vórtice	wattímetro
xícara	zéfiro	zênite
zíngaro		

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Proparoxítonos eventuais		
alimária	amêndoa	ânsia
área	azálea, azaleia (éi)	barbárie
bilíngue	cárie	cetáceo
cetíneo	cizânia (ou zizânia)	côdea
crânio	deságue (f. v.)	drágea (ou drageia, mais us. PE)
efígie	escárnio	espécie
espontâneo	estratégia	fêmea
férreo	filáucia	fúcsia
gêmeo	gerânio	hástea
hérnia	homogêneo	imundície
in-fólio(s)	lájea	magnésia
mágoa	médium, médiuns	míngue (gü, f. v.)
miscelânea	náusea	névoa
nódoa	óleo	orquídea
pâncreas	páscoa	pátio
pecúlio	petróleo	quíchua ou quéchua
rédea	réstia	róseo
rubiácea	salmódia (ou salmodia)	séptuor
série	serôdio	sósia
superfície	tábua	tênue
úngue (gü)	urânio	vácuo
vário	várzea	vídeo
vítreo	zínia	

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Paroxítonos		
abdômen (ou abdome)	acórdão	açúcar
álbum	albúmen (ou albume)	álbuns
aljôfar	almíscar	âmbar
arco-íris	bênção	beribéri
bíceps	bílis (ou bile)	biquíni (ou biquine)
bônus	busílis	cáften
cálix [is]	câncer	cânon
cáqui	caráter	césar
clímax [ᴋs]	cóccix [ᴋs]	cólon
compreensível	cônsul	cútis
dândi	díspar	dólar
dólmã	dólmen	éden
elé(c)tron	esfíncter (ou esfincter)	estêncil
éster	fácil, fáceis	factótum
fêmur	flúor	fósseis (pl. de fóssil)
fôsseis (f. v.)	fórceps	fóton(s)
frangão (ant.; frango)	fusível	gêiser
glúten	grácil	grátis
hífen (pl. hifens)	húmus (ou humo)	iândom
ímã	ímpar	inábil
inexcedível	íon(s)	íris
jângal(a)	jérsei	jóquei
júri	lápis	látex [ᴋs]
líder	líquen (pl. liquens)	lótus
mártir	méson(s)	mícron
miosótis	múnus	nácar
néctar	néon	nêutron(s)
níquel, níqueis	oásis	ônix [ᴋs]
ônus	órfão	órgão
pênsil	pênseis (sing. pênsil)	pólen (pl. pólenes; f. não pref.: pólem, polens)
pônei	pôquer	prócer
próton(s)	pulôver	quirielêisom
rábão(s)	rádom (ou radônio)	rangífer(o)
ravióli	repórter	réptil (ou reptil)
revólver	séptuor	sílex [ᴋs]
sóror (ou soror; pl. sórores ou sorores)	sótão	suarabácti
suéter (ing. sweater)	táxi	tênis
têxtil [s]	têxteis	tórax [[ᴋs]
túnel, túneis	útil, úteis	vade-mécum, vade-mécuns
Vênus	vésper	vírus
visível	vôlei (voleibol, volibol)	volúvel
vômer	vulnerável	

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Oxítonos e monossílabos tônicos

á (nome da letra; pl.: ás ou aa)	á-bê-cê	á-é-i-ó-u
agá (nome da letra)	aguarrás	além
amá-lo	amém ou ámen	ananás
após	armazém, armazéns	atrás
através	bangalô	banguê
bê-á-bá(s)	bibelô	bidê (ou bidé)
buquê	burguês	camelô(s)
cê (nome da letra)	cê-cedilha	clichê
complô(s)	convés	cortês
cós	dá-lo	dê(s) (nome da letra)
detrás	é (nome da letra; pl. és ou ee)	escocês
fá (nota mus.)	francês	freguês
gás	garnisé	gê(s) (nome da letra)
há (f. v.)	inglês	invés (ao __ de)
ipê(s)	japonês	javanês
Jê (língua da família __, falada por grupos indígenas no Centro-Sul do Brasil)	lê(s) dê(s) (f. v.)	lilás
manganês	marquês	matinê
mês, meses	montanhês	ninguém
nós (pl. de nó; pron.)	ó (nome da letra; pl.: ós ou oo)	ó (interj. vocativa)
opôs (f. v.)	pajé	parabéns
pivô(s)	pô-lo	porém
porquê(s) (subst.)	pós- (pref.)	pós-escolar
pré- (pref.)	pré-história	quê(s)
quiproquó	recém- (pref.)	recém-chegado
refém, reféns	rês, reses	revés
sassafrás	Satanás	supôs (f. v.)
também	torquês	totó
trás (adv.; atrás)	três	urupê(s)
vaivém, vaivéns	vê-lo (f. v.)	vêm (f. v., vir)
vós (pron.)	Xá (da Pérsia)	xangô
xará	xô	zás-trás
zé-pereira	zé-povinho	

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Ditongos tônicos abertos acentuados e não acentuados

aleia (éi, var. álea)	aluguéis	anéis (sing. anel)
anzóis	apoia(s), apoio (ói, f. v.)	araçoia (ói)
assembleia (éi)	bacharéis (pl.)	boia
caracóis	carretéis	celuloide (ói)
chapéu	constrói(s) (f. v.)	coruchéu
cruéis	destrói(s) (f. v.)	destróier
dói (f. v.)	drágea (ou drageia, reg. Portugal)	epopeia
escarceu	esferoide	estoico
estreia (éi)	faróis (sing. farol)	fiéis (sing. fiel)
fogaréu	geleia	girassóis (sing. girassol)
herói(s)	heroico	hotéis
ideia (s. e f. v.)	introito	jiboia
joia	lençóis	léu (ao __)
mausoléu	mói(s) (f. v.)	novéis
odisseia	onomatopéico ou onomatopaico	ovoide
papéis	paranoico	pincéis
povaréu	réu	rói(s) (f. v.)
sequoia	sói (v. soer)	sóis (f. v.; pl. sol)
tabaréu	tipoia	tramoia
troféu	ureia	véu
zebroide		

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Hiatos í e ú

açaí	aí	altruísmo
amiúde	a miúdo	amiúdo (f. v.)
arcaísmo	ateísmo	baía (cp. Bahia)
balaústre	baú, baús	beduíno
cafeína	caíque	caseína
ciúme	cocaína	copaíba
corruíra (f. v.)	cuíca	daí
egoísmo	egoísta	ensaísta
faísca	friúra	genuíno
gaúcho	graúdo	graúna
hemorroíssa	heroína	heroísmo
influído (f. v.)	influíra (f. v.)	jesuíta
judaísmo	juízes (sing. juiz)	juízo
miúdo	osseína (ou osteína)	país
panteísmo	panteísta	paraíso
parvoíce	plebeísmo	prejuízo
proíbe	proteína	reiúno
reúne, reúno (f. v.)	ruído	ruína
sanduíche	saúde (f. v.; subst.)	saúva
sucuriú (ou sucuri)	suíço	suíno
teiú	timbaúva	timboúva
traíra	truísmo	tucumãí
uísque	vascaíno	viúvo
zuído		

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Hiatos -eem e -oo(s)

creem	deem	descreem

desdeem	leem	preveem
releem	reveem	veem
abençoo	abotoo	acor(o)çoo
coo (v. coar)	doo (v. doar)	enjoo(s)
magoo	perdoo	povoo (v. povoar)
reboo(s)	revoo(s)	soo (v. soar)
voo(s)		

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Sequências gu e qu antes de e ou i: u pronunciado, sem marca gráfica		
águe(s) (gü, f. v.)	aguemos	aguentar
antiquíssimo (qü)	apaziguemos	apazigue(s) (ú)
arguem (ú)	arguição (gü)	arguir
argui(s) (f. v.)	averigue(m)	banguê
bilíngue ou bilingue	cinquenta (qü)	consequência
contiguidade	delinquente	deságue(s)
eloquência	enxágue(s)	equestre
equino	frequência	iniquidade
linguiça	linguística	líquido
míngue(s)	oblique(s)	obliquem
obliquei	pinguim	quera (reg. Sul do Brasil, valente)
quinquênio	quinquídio (qü...qü)	rastaquera
redarguir	redargue(s)	sagui(m) (ou sauí, sauim)
sanguinário	sanguíneo	sequestro
tranquilizar	ubiquidade	unguento

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Til		
ãatá	acórdão	ademã, ademãs, ademães
afã	avelãzeira	balangandã
bênção	cãs	cãibra (ou câimbra)
cancã	chãmente	corações
cristãmente	divã	dólmã
fã	formão	fundãoense
galã	gaviãotinga	grã-fino
grumatã	hã (interj.)	ímã
Islã (ou Islão)	jaçanã	mãe
mãozudo	órfã(o)	órgão
põe(s)	põem	rataplã
romãzeira	talismã	

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Acento grave		
à(s) = a a(s)	àquela(s) = a aquela(s)	àqueloutro(s) = a aquele(s) outros(s)
àqueloutra(s) = a	aquela(s) outra(s)	àquele(s) = a aquele(s)
àquilo = a aquilo		

Acentuação das formas verbais

As formas verbais são normalmente tônicas. Obedecem, portanto, às mesmas regras de acentuação das demais palavras.

Observações

Não se acentuam como proparoxítonos os conjuntos de formas verbais seguidas de pronomes átonos: *amam-no*, *escrevemos-lhe(s)*, *faziam-te*, *louvavam-no*, *deram-se*, *deu-se-lhe(s)*, *receberam-nos*, etc. (Sobre a matéria, v. adiante.)

Quanto à vogal tônica grafada u em verbos como arguir e redarguir não levam acento gráfico agudo nas formas rizotônicas (isto é, formas verbais cujo acento recai sobre a vogal do radical): arguis (úis), argui (úi), redarguem (úem).

Verbos como aguar, enxaguar, apaziguar, apropinquar, delinquir têm dois paradigmas:

a) ou com u tônico em formas rizotônicas sem acento gráfico: averiguo / averiguas, averigue; delinquo, delinquis (1ª e 2ª pessoas do presente do indicativo, na norma lusitana);

b) ou com a ou i dos radicais tônicos acentuados graficamente: averíguo, averigue; delínques; águo, águe, enxágue (norma brasileira).

Palavras que perdem sinais gráficos mantêm a mesma pronúncia.

Reproduzimos a seguir o quadro das nossas dez regras aplicado às formas verbais. Como se pode ver, apenas não há casos que se enquadrem na regra do acento grave, por motivos óbvios.

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Proparoxítonos fixos		
amáramos	amaríamos	amávamos
devêssemos	devíamos	escrevêramos
escrever-lhe(s)-íamos	estivéramos	fizéssemos
fôramos	fôssemos	resfólego (eu __; ≠ resfôlego, subst., “ato de resfolegar”)
teríamos	tínhamos	vê-lo(s)-íamos

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Proparoxítonos eventuais		
água(s)	águe(s)	deságua(s)
deságue(s)	enxágua(s)	enxágue(s)
mínguo (gü)	míngua(s)	míngue(s)
mobílio (ou mobilho)	mobília(s) (ou mobilha)	mobíliam (ou mobilham)

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Paroxítonos		
amásseis	arguíeis	éreis
fôreis	fôsseis	íeis

tínheis	tínhei-lo	usaríeis
usáveis	ver-nos-íeis	vísseis

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Oxítonos		
conténs	dá(s)	dá-lo
dê(s)	detém (ele)	detêm (eles)
fá-lo-á	há(s)	pôs
pô-lo	pô-lo-íamos	qué-lo (quer + o)
vê-lo	vê-lo-á(s)	

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Ditongos abertos não acentuados e acentuados		
estreio (eu)	estreia(s)	estreiam (eles)
ideio	ideia(s)	ideiam
apoio	apoia(s)	apoiam
apoie(m)	constrói(s)	destrói(s)
dói(s)	mói(s)	rói(s)

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Hiatos í e ú		
abaúlo	abaúla(s)	abaúle(s)
caía(s)	caíam	caído
caí	caíste	caímos
caístes	caíram	influíram
proíbe	reúno	reúne(s)
reúnem	saía	saímos
saíram	saúdo	saúda(s)
saúdam	traí	traíste

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Hiatos -eem e -oo(s)		
creem	deem	leem
veem	reveem	abençoo
perdoo	entoo	voo

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Sequência gu e qu: u pronunciado, sem marca gráfica		
apazigue, apazigues (ú)	apaziguei (gü)	arguis (ú)
argui (ú)	arguem (ú)	arguia (gü)
arguir (gü)	argui, arguiste (gü)	arguiu (gü)
arguimos (gü)	apropinque, apropinquem (qü)	averigue, averigues (ú)
averiguem (ú)	delinquir (qü)	enxaguei (gü)
enxágue, enxágues (gü)	míngue, mínguem (gü)	oblique, obliques (ú)
obliquem (ú)	obliquei (gü)	redargui, redarguis (gü)

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Til		
amarão	dão	estão
lerão	põe	põe(s)
põem	são	serão

Acentuação dos nomes próprios

Os substantivos próprios obedecem às mesmas regras de acentuação. Muitos deles correspondem inteiramente a substantivos comuns, com a única diferença da inicial maiúscula.

Para os nomes geográficos estrangeiros o critério tem sido preferir a forma aportuguesada quando exista, e não deformar aqueles que não a têm: Antuérpia, Basileia, Bordéus, Nova Iorque, Auschwitz, Heidelberg, Massachusetts.

A tendência mais moderna, entretanto – brasileira pelo menos –, é respeitar os topônimos na sua integridade original.

Imperdoável é misturar português e língua estrangeira, como acontece ao nome da cidade norte-americana New York. Ou New York, ou Nova Iorque, e não Nova York. A seguir, fornecemos um pequeno exemplário, estruturado pelo quadro das dez regras de acentuação gráfica. (Cf. a lista de topônimos e antropônimos no fim do volume, Apêndice II.)

Observações

Os nomes de localidades também são alterados: Crimeia, Lindoia.

Quem quiser pode (em papéis oficiais deve) manter a escrita do próprio nome conforme consta do registro civil, embora cacografada. O AOLP (1990) assim se manifesta:

> “Para ressalva de direitos, cada qual poderá manter a escrita que, por costume ou registro legal, adote na assinatura do seu nome.”

Assim, nenhum nome de pessoa, empresa, marca comercial, etc. terá de ser obrigatoriamente alterado devido ao AOLP de 1990.

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Proparoxítonos fixos		
Alcântara	Álvares	Ântipas
Antônio(a) (ou António(a), us. em Portugal)	Aquêmenes	Bérgamo
Cárpatos	Cérbero	Cleópatra
Dâmaso	Érato	Ésquilo
Flórida	Ítaca	Jéferson
Ládoga	Málaga	Miguelângelo
Módena	Niágara	Pausílipo
Pégaso	Prosérpina	Quasímodo

Samósata	Sepúlveda	Síbaris
Sísifo	Tâmisa	Terpsícore

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Proparoxítonos eventuais		
Antônio	Amazônia	Cecília
Cilícia	Egídio	Ênio
Fenícia	Hercílio	Hortênsio
Lúcia	Plínio	Quíloa
Sicília (top.)	Tomásia	Virgílio
Virgínia	Vitório	

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Paroxítonos		
Aírton	Ájax [ks]	Amílcar
Aníbal	Bolívar	Cádis
Cármen	Cavalcanti, Cavalcânti	César
Cléber	Clóvis	Cristóvão
Dóris	Eliézer	Estêvão
Félix	Fidélis	Garibáldi
Gérson	Hernâni, Hernane	Hélder
Húdson (Hudson)	Íris	Ísis
Júnior	Madagáscar ou Madagascar	Mílton
Mississípi	Nagasaque (Nagasaki)	Nélson
Néri	Níger	Nílson
Quéops, Quéope	Setúbal	Sólon
Tânger	Válter (Walter)	Vênus
Vílson (Wilson)	Vítor	

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Oxítonos e monossílabos tônicos		
André	Araquém	Arará
Araxá	Bagdá	Brás
Caifás	Garcês	Genesaré
Goiás	Inês	Jacó
Jó	Josafá	Matusalém
Nazaré	Queirós	Ramsés
Sabaó	Tomás	Zilá

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Ditongos abertos acentuados e não acentuados		
Andreia	Arariboia	Averróis
Bordéus	Bornéu	Crimeia
Dulcineia	Eloi	Eneias
Fróis	Góis	Ilhéus
Lindoia	Loide	Méier
Monroe	Niterói	Pompeia
Troia		

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Hiatos í e ú		
Abiúde (antrop.)	Aída	Aleútas
Araújo	Arduíno	Ataíde
Balduíno	Criciúma	Emaús
Esaú	Fiúme	Fiúza
Grajaú	Guaíba	Havaí
Heloísa	Isaías	Itaúna
Jataí (top.)	Jesuíno	Luís
Luísa	Naída	Paraíba
Piauí	Suíça	Taís
Zaíra		

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Hiato oo		
Aqueloo (top.)	Latoo	

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO - Til		
Acauã	Afeganistão	Amsterdã(o)
Aquidabã	Arimã	Balcãs
Butantã	Calasãs	Camaquã
Cristóvão	Hirã (antrop.)	Irã (top.)
Islã (Islão)	Leães	Pã
Vietnã (Vietname)		

Acentuação dos vocábulos compostos

Os elementos de vocábulos ou conjuntos hifenizados têm autonomia fonética e morfológica e, portanto, gráfica. Devem, pois, obedecer, independentemente, às respectivas regras de acentuação. Assim:

água(s)-de-colônia	para-sóis	régua(s)-tê
guarda-chuva	pera-fita	sério-cômico(s)
herói-cômico(s)	político-econômico(s)	

Acentuação dos prefixos e elementos prefixados

Os prefixos são, a princípio, elementos átonos, motivo por que não devem ser acentuados. Exemplo: anti-humano, super-homem, etc.

Há, contudo, alguns prefixos tônicos; estes naturalmente obedecerão às normas em que se enquadrarem. Característica desses prefixos tônicos é terem evidência semântica, além de serem destacados pelo hífen (v. adiante).[20]

além-	pós-
aquém-	pré-
ásio-	pró-
oés-	recém-

Acentuação de latinismos e estrangeirismos

Palavras que são empréstimos – estranhas, portanto, ao léxico vernáculo herdado – devem obedecer às normas ortográficas dos respectivos idiomas, e não às do português (v. Apêndice III, estrangeirismos e estrangeirismos já aportuguesados). Nos exemplos está marcada a acentuação da sílaba na palavra (ʻ); as vogais abertas [E] e [ㅞ] estão destacadas.

- Latinismos – sempre sem acento: accessit [ʻE], de auditu [ʻdi], ex-libris [Egzʻli], ex-officio [Egz ʻfi], habeas corpus [ʻa-ʻㅞ], incontinenti [ʻnẹ], honoris causa [ʻㅞ], maximum [ʻa], occiput [ʻㅞsipud], a posteriori, a priori [ʻㅞri], princeps [ʻprin], quorum [ʻkwㅞ], radium [ʻá], sui generis [ʻZe], versus [ʻE], de visu [ʻi]... Há, contudo, formas já aportuguesadas, incorporadas definitivamente no léxico comum: álibi, déficit, fácies, fícus, fórum, hábeas, quântum, quórum, récipe, réquiem, superávi, vade-mécum...
- Anglicismos – sempre sem acento: forward, handicap, mister, remember, slogan, standard, trailer...
- Galicismos – com seus acentos próprios: à clef, à outrance, arrière-pensée, démarche, élan, enquête, garçonnière, gruyère, ménage, première, râté, vis-à-vis...

Observação

Devem esses vocábulos estrangeiros ser escritos entre aspas ou em grifo *(itálico).*

Acentuação em abreviaturas

Mantêm-se os acentos das vogais acentuadas que figuram nas abreviaturas (cf. Apêndice I). Ex.: antôn. (antônimo), côv. (côvado), Escolást. (Escolástica), fís. (física), gên. (gênero), Índ. (índice), lég. (légua), Lóg. (Lógica), Mús. (Música), núm. (número), pág. (página), Poét. (Poética), quím. (química), séc. (século), tôn. (tônico), mas V.M.ce (Vossa Mercê; cf. VOLP, 2009, talvez por lapso)...

Sem acento

Apesar de já termos acentos demais, há quem se dê ao luxo de os inventar. Acentuam o que não devem, para, às vezes, compensadamente, deixar no tinteiro os acentos devidos. Eis o que nos leva a apresentar um rol de vocábulos que não devem ser acentuados.

- Abside, avaro, batavo, filantropo, libido, misantropo, ibero, pudico, impudico, opimo, rubrica, barbaria, maquinaria, mercancia, Normandia... – não são proparoxítonos, mas paroxítonos. Da mesma forma, fluido, fortuito, gratuito, druida, arcaico, judaico, maio... – cujos grupos vocálicos são ditongos, e os vocábulos, consequentemente, paroxítonos.
- Dolmens (ou dólmenes), edens, hifens, liquens (ou líquenes), polens (ou pólenes); item, totem... Mas dólmen, éden, hífen, líquen, pólen, itens, totens. – Paroxítonas terminadas em -ens não são acentuadas.
- Anti-, hiper, inter-, semi-, super-... – Via de regra, não se acentuam os prefixos, a não ser que tenham autonomia morfológica, fonética e semântica, como além-, recém- (cf. acentuação de prefixos).
- Caqui (fruta), colibri, Darci, descobri, taquaruçu, urubu... – Oxítonos que se acentuam, apenas os terminados em -á, -é, -ê, -ém, -éns, -ó, -ô... Itajaí, influí, baú se acentuam não pelo i ou u tônicos, mas para marcar o hiato.
- Mo, to, lho, no-lo, vo-lo... Trata-se de formas átonas e, sendo átonas, é um absurdo sobrepor-lhes acento tônico.
- Constroem, destroem, doem, moem, roem, soem (v. soer)... O acento só vale para o ditongo -ói em sílaba final de palavra: constrói, destrói, dói, mói, rói, sói. [21]
- Grau, mau... – Dos ditongos abertos, apenas três se acentuam: éis, éu(s) e ói(s), quando em monossílabos tônicos e em palavras oxítonas. Os ditongos ei e oi abertos que constituem sílaba tônica em palavras paroxítonas não são acentuados: ideia, paranoico.
- Adail, cairdes, cairmos, pauis (u tônico, formando hiato, seguido de semivogal; sing. paul, “terreno alagado, pântano”), rainha, micuim, ruim (u-ím), Raul... Acentuam-se o i ou u tônicos precedidos de vogal quando formam sílaba sozinhos ou com s: caí(s) (f. v.), Guaíba, baú(s), saúva.

- Abençoa, pessoa, voa, voe..., tal como o hiato -oo não são acentuados: abençoo, reboo, voo...
- Abençoe(m), perdoe(m), voe(m)... – oe(m) recebe til só nas formas do v. pôr e seus derivados: põe(m), compõe(m), dispõe(m)...
- Eles têm, eles vêm – Apenas para quatro formas verbais (e seus derivados) vale o -eem: creem, deem, leem, veem; descreem, desdeem, releem, reveem...
- Atue, habitue, influi, situe...
- Argui, averigue(m), oblique(s, m), argua, averigua, averigua(s)... – Em verbos como esses, o ú é pronunciado, mas não leva acento gráfico (antes do AOLP de 1990: ú).
- Outros casos: caracteres, era, esfera, janela, Lampadosa, Leo, maviosa, nora, Oto, panela, poste, reveses, sede [E], sola... Não se acentua nenhuma vogal só por ser aberta; recebe acento agudo se o vocábulo incidir numa das regras.

SINAIS DE PONTUAÇÃO

Apóstrofo

Este sinal (’), que indica supressão de letra(s), tem hoje o seu uso restrito a apenas uns poucos casos. Ele indica:

- Supressão de uma letra ou mais no verso, por exigência de metrificação: co’este, c’roa, esp’rança, of’recer, pér’la, séc’los, ’stamos, etc.;
- Pronúncias populares: ’tá, ’teve, Jês’ Cristo, etc.
- Apócope da vogal e, em palavras compostas ligadas pela preposição de: estrela-d’alva, mãe-d’agua, olho-d’água, pau-d’arco, etc.

- Sem apóstrofo

- Combinações pronominais: mo, ma, mas, mas, to, ta, tos, tas, lho, lha, lhos, lhas, no-lo, no-la, no-los, no-las, vo-lo, vo-la, vo-los, vo-las.
- Combinações das preposições: do, da, deste, desse, daquele, daquilo, dalguém, dalgum, dalgures, daquém, dalém, dacolá, daqui, doutrora, doravante, etc.; no, na, nalgum, naquele, noutrora, nestoutro, nessoutro, naqueloutro, etc.; co, coa, ca, cos, coas, cas (= com o, com a, com os, com as), pra (para), pro, pros (para o, para os), etc.
- Formas aglutinadas: dessarte, destarte, homessa, tarrenego, tesconjuro, vivalma, etc.

Observações

Por eufonia, é lícito pronunciar e escrever *em o*, *em a*, diante de palavra iniciada por *n* - *em o Norte do País*, *em o número*, *em a nação* –, embora tal prática dê impressão de rebuscamento e afetação.

Hora dos homens acordarem. É tempo deles (pôr de eles) *se manifestarem*. *Eis a razão dalguns* (de alguns) *se desgostarem*... Aconselham a não operar a combinação nesses casos: a preposição está regendo a oração infinitiva, e não o substantivo ou pronome. Entretanto, elisões dessas deparam-se nos melhores autores.

Uma mulher, uma mão, uma manhã...– Há (ainda) quem escreva *ua* ou *u’a,* nesses casos (isto é, quando a *uma* se segue palavra iniciada por *m*), sob pretexto de cacofonias ou cacófatons. Pode-se fazer isto na fala, pronunciando [ụ a], mas não na escrita, visto que *u’a* e *ua* são aberrações maiores que os pretensos cacófatos.

Usa-se *pra, pro* para figurar pronúncia popular ou familiar, em boca de personagens (teatro, ficção). Fora disto escreva-se para, *para a*, *para o*; é questão de realização oral, e não gráfica.

As contrações *pra, pro* são escritas sem acento, pois se trata de monossílabos átonos. O mesmo vale para *co, coa* (com o, com a) e contrações semelhantes.

Apóstrofo e maiúsculas

No encontro das preposições com os artigos que integram títulos (de obras, livros, jornais, revistas, etc.) surge um problema ortográfico:

– Pode-se fazer a combinação da preposição com o artigo ou deve-se evitar? Ou então: usa-se o apóstrofo ou o hífen?

O novo Acordo Ortográfico (AOLP, 1990) na sua Base XVIII indica “o uso do apóstrofo para cindir graficamente uma contração ou aglutinação vocabular, quando um elemento ou fração respectiva pertence propriamente a um conjunto vocabular distinto: d’Os Lusíadas; d’Os Sertões; n’Os Sertões; pel’Os Lusíadas. Nada obsta, contudo a que estas escritas sejam substituídas por empregos de preposições íntegras, se o exigir razão especial de clareza, expressividade ou ênfase: de Os Lusíadas; em Os Lusíadas, por Os Lusíadas”.

Ainda segundo o AOLP, usa-se o apóstrofo para separar graficamente contrações ou aglutinações de formas pronominais maiúsculas referentes a entidades religiosas (Deus, Jesus, Virgem Maria, Providência). Creio em Deus, confio n’Ele (Ele referindo-se a Deus). Tudo esperamos d’Ele, d’Ela. Confiamos n’Ele, n’Ela. Somos devotos d’Ela.

O AOLP (1990) recomenda que não se empregue apóstrofo quando ocorrer dissolução gráfica da preposição a de formas pronominais maiúsculas. Agradeço a Aquela que nos protege (referindo-se à Providência, por exemplo). No caso, a crase é impraticável: Refiro-me a A Retirada da Laguna, a As Asas de um Anjo, etc.

Aspas

As aspas ou vírgulas dobradas têm os seguintes empregos:

- Assinalam transcrições textuais: Carlyle escreveu: “Feliz daquele que encontrou a sua tarefa! Que ele não peça nenhuma outra bênção. O trabalho é a vida”.
- Realçam os nomes das obras de arte ou de publicações (livros, jornais, revistas, etc.):
  - – Prefiro o “Parsifal” de Wagner à “Aída” de Verdi.
  - – Comprou uma reprodução da “Gioconda”.
  - – O “Clair de Lune” de Debussy é um luar feito música.
  - – Publicou a crítica no “Jornal de Letras”.
  - – A notícia foi publicada em jornais como o “Times”, o “Pravda”, o “Paris Match” e outros.
- Caracterizam nomes, intitulativos, apelidos, etc.:
  - – Viajou no “Almirante Tamandaré”.
  - – Viajaram pela “Central”.
  - – Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de “menino diabo”. (Machado de Assis, Memórias Póstumas de Brás Cubas)
- Marcam expressões, vocábulos, palavras, letras (substantivadas pelo contexto) citadas ou exemplificadas:
  - – Encerrou o poema com um “nunca mais” cheio de amargura.
  - – Note-se que “extensão” se escreve com “x”; e “estender” com “s”.
  - – Sintaxe do verbo “haver”.
  - – Funções do “que” e do “se”.
- Separam neologismos, estrangeirismos ou quaisquer palavras estranhas ao contexto vernáculo (também se usa o itálico nesta função):
  - – O galicismo “abat-jour” pode ser substituído pela forma aportuguesada: abajur.

Lembram as “Instruções” oficiais (PVOLP, 1943, XVII):

> Quando a pausa coincide com o final da expressão ou sentença que se acha entre aspas, coloca-se o competente sinal de pontuação depois delas, se encerram apenas uma parte da proposição; quando, porém, as aspas abrangem todo o período, sentença, frase ou expressão, a respectiva notação fica abrangida por elas:
> “Aí temos a lei”, dizia o Florentino.
> “Mas quem as há de segurar? Ninguém.” (Rui Barbosa)
> “Mísera! tivesse eu aquela enorme, aquela
> Claridade imortal, que toda a luz resume!
> Por que não nasci eu um simples vaga-lume?” (Machado de Assis)

Ensina Antenor Nascentes (1960, p. 167):

> Se o trecho [transcrito] contiver diversos parágrafos, as aspas de abertura deverão estar antes da primeira palavra de cada parágrafo e as de fechamento depois da última palavra do derradeiro parágrafo: Ex.:
> “Disse D. Antônio de Macedo Costa:
> “Restaurar moral e religiosamente o Brasil!
> “Esta é a obra das obras; a obra essencial, a obra fundamental sobre que
> repousa a ‘estabilidade do trono e o futuro da nossa sociedade’.”

Modernamente, dispensam-se as aspas em citações, realçadas por outro recurso tipográfico, como: tipo menor e recuo em relação à margem.

> Se for preciso recorrer a aspas dentro de um trecho
> já aspado, usam-se aspas simples: [por exemplo,]
> “neste caso ‘nome’ é sinônimo de ‘substantivo’
> de significação simbólica”. (Mattoso Câmara Jr., 1977)

Hífen

O sinal chamado hífen ou traço de união é usado diversos casos. Por exemplo:

- Na anexação de pronomes enclíticos;
- na indicação de relação, extensão em encadeamentos vocabulares;
- na composição, recomposição[22] e prefixação vocabulares;
- na divisão silábica e na translineação.

- Casos de ênclise e mesóclise com o verbo haver

Na escrita, indica-se com o hífen (antes dos pronomes enclíticos e antes e depois dos mesoclíticos) a dependência fônica dos pronomes oblíquos átonos em relação ao verbo ou à partícula *ei(s)*: *levanto-me*, *levanta(m)-se*, *levantamo-nos*, *falamos-lhe(s)*, *fala-se-lhe*, *eis-me*, *eis-te*, *eis-nos*, *ei-lo(a, s)*, *falar-lhe-ei*, *falar-lhe-á(s)*, *falar-lhe-iam*, *falar-se-lhe-ia(m)*, etc.

Também se unem com hífen as combinações pronominais nos, vos + lo(a, s): *no-lo(s)*, *no-la(s)*, *vo-lo(s)*, *vo-la(s)*.

Não se usa hífen nas ligações da preposição *de* às formas monossilábicas do verbo *haver*: *hei de falar-lhe*, *há(s) de falar-lhe*, *hão de*, etc.

- Indicações de relação, extensão em encadeamentos vocabulares

A regra oficial (cf. AOLP, 1990) estatui que se empregue o hífen (em vez do travessão, como era antes) para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares indicando, geralmente, trajetos ou percursos: a linha aérea Brasil-Lisboa, a ponte Rio-Niterói, o percurso Rio-Belo Horizonte, a via férrea Rio Grande do Sul-São Paulo, etc.

Emprega-se o hífen em combinações simétricas de topônimos, históricas ou ocasionais, exprimindo acordo, relação, etc.: a região da Alsácia-Lorena, a ligação Brasil-Angola, o lema Liberdade-Igualdade-Fraternidade, etc.

Observa-se que as barras oblíquas também alternam com o hífen na indicação de relações opositivas ou contrastivas: língua/fala, fala/escrita, fonema/letra, etc.

Emprega-se hífen na indicação dos adversários em competições esportivas: o jogo Brasil-Paraguai; ou em outra sinalização, mais usual entre nós: o jogo Brasil x Argentina (x = versus, vs.); Brasil vs. Portugal.

- Composição vocabular

Composição é o processo de formação de palavras pelo qual se cria uma nova palavra (denominada composta) por meio de dois radicais, a qual tem um significado único e autônomo, diferente das noções expressas por seus componentes. Dois ou mais vocábulos somam-se na designação de um ser ou um indivíduo. Animais: ave-do-paraíso, lobo-marinho, papa-terra, etc. Plantas: amor-perfeito, espora-de-santa-rita, mimo-de-vênus, etc.

A palavra composta possui unidade semântica; seus componentes perdem a significação individual em proveito de um sentido global, muitas vezes figurado: *mãos-rotas, pão-duro*...
A locução não forma um todo com perfeita unidade semântica; cada elemento, apesar da associação, mantém seu sentido individual, sua função própria: *anjo da guarda, de repente*...

Emprega-se o hífen para sinalizar a aderência semântica unificativa dos componentes. É sem dúvida o emprego mais difícil dadas as variações subjetivas das noções de aderência e unidade semânticas.

Teoricamente, há três graus diferentes de aderência entre as palavras: independência, dependência unitária, fusão = locução, justaposição, aglutinação (para lançar mão de termos tradicionais, mesmo que em sentido não de todo tradicional).[23] Exemplos – com “ardente”: desejo ardente, câmara-ardente, aguardente; – com “mal”: mal estruturado, mal-agradecido, malcriado; – com “meio”: meia noite (noite não inteira), meia-noite (hora), meia-água (telhado de um plano só).

Usa-se hífen entre quaisquer palavras que se unem para constituir uma unidade de sentido, distinto do significado individual de cada um dos elementos, os quais conservam entretanto sua estrutura e acento próprio, isto é, mantêm uma unidade morfológica, uma unidade de forma.

Com o andar do tempo, em certos conjuntos perde-se a consciência da composição, aglutinando-se os elementos: *aguardente* (água + ardente), *embora* (em + boa + hora), *fidalgo* (filho + de + algo; filho d’algo), *girassol* (gira + sol), *planalto* (plano + alto), *madressilva*, *passatempo*, bem como *mandachuva* e *paraquedas*.[24] (Veja-se adiante.)

- Tipos de palavras compostas

As palavras compostas podem ser estruturadas das mais diversas maneiras: dois substantivos, dois adjetivos, adjetivo e substantivo, verbo e substantivo, etc.

- Substantivo + substantivo: decreto-lei, médico-cirurgião, navio-fantasma, rainha-mãe, tio-avô, etc.
- Substantivo + de + substantivo: água-de-colônia, arco-da-velha, brincos-de-princesa, cor-de-rosa, véu-de-noiva, etc.
- Substantivo + adjetivo: amor-perfeito, cabra-cega, guarda-noturno, lugar-comum, obra-prima, sangue-frio, etc.
- Adjetivo + substantivo: alto-relevo, belas-artes, grã-cruz, má-criação, terça-feira, primeiro-ministro, etc.
- Forma verbal + substantivo: conta-gotas, finca-pé, guarda-chuva, porta-estandarte, quebra-queixo, etc.
- Adjetivo + adjetivo: anglo-germânico, greco-latino, etc.

- Forma verbal + forma verbal: corre-corre, puxa-puxa, ruge-ruge, treme-treme, etc.
- Advérbio + advérbio: assim-assim.
- Advérbio + adjetivo: meio-morto, sempre-viva, todo-poderoso, etc.
- Advérbio + particípio (adj.): alto-falante, bem-feito, bem-humorado, bem-vindo (Benvindo é nome próprio), mal-educado, mal-limpo, etc.

- Tipos de compostos com hífen

- Emprega-se hífen em numerosíssimos compostos (que não contêm formas de ligação), nos quais o primeiro elemento, reduzido ou não, é de natureza substantiva, adjetiva, numeral ou verbal:
  a) Subst./subst., subst./adj. (e vice-versa), subst./forma verbal (idem): amigo-urso, ano-luz, arco-íris, cara-metade, cê-agá, cê-cedilha, decreto-lei, joão-ninguém; amor-próprio, lugar-comum, matéria-prima; livre-docência, médico-cirurgião, pronto-socorro; boas-vindas, guarda-chuva; abre-alas, bate-boca, bate-bola, bate-papo, cata-vento, conta-gotas; onze-letras, meio-dia, meia-noite, primeiro-ministro, segunda-feira...
  b) Compostos de dois adjetivos: alto-relevo, econômico-financeiro, histórico-geográfico, médico-legal, teórico-prático, etc.
  As formas afro-, anglo-, ásio-, euro-, franco-, indo-, luso-, sino- são escritas com hífen se houver mais de uma identidade (etnia): afro-brasileiro, afro-luso-brasileiro, ásio-europeu, indo-português, sino-tibetano, etc.
  Escrevem-se sem hífen quando essas formas funcionam adjetivamente: afrodescendente, eurocentrismo, francofonia, lusofonia, sinofilia.
  c) Compostos de dois verbos: perde-ganha, puxa-encolhe, vai-volta, etc. Mas vaivém, já consagrado pelo uso, sem hífen.
  d) Compostos nos quais o primeiro elemento é forma reduzida: bel-prazer; és-nordeste (este), nor-nordeste (norte). Inclui-se grã-cruz(es), grão-duque(s), grã-fino.
  e) Nomes geográficos iniciados pelos adjetivos grã-, grão-, ou por forma verbal, ou com artigo entre os elementos: Grã-Bretanha; Passa-Quatro; Baía-de-Todos-os-Santos, Trás-os-Montes. Os demais toponônimos se escrevem sem hífen: América do Sul, Rio de Janeiro, Cabo Verde. Exceções consagradas são Guiné-Bissau e Timor-Leste.
  f) Gentílicos (adjetivos que se referem ao lugar onde se nasce) que contenham ou não elementos de ligação: belo-horizontino, cabo-verdiano, mato-grossense-do-sul, norte/sul-rio-grandense, são-borjense, etc. No entanto: buenairese, costarriquenho ou costarriquense, pontelimense, portorriquenho (ou porto-riquense), riberopretano (ou riberão-pretano), transmontano.
  g) Compostos de palavras repetidas: assim-assim, corre-corre, pisca-pisca, puxa-puxa, oba-oba, rom-rom, tim-tim, zum-zum, zum-zum-zum, etc. Mas: bumbum, gluglu, papá, pipi, vocábulos oriundos da linguagem infantil não se separam por hífen, bem como ronrom, tintim, zunzum, em que não há repetição de palavras.
- Compostos que designam espécies botânicas e zoológicas: batata-doce, batata-inglesa, bem-me-quer (nome de planta que também é dado à margarida e ao malmequer), couve-flor, erva-doce, feijão-verde, fava-de-santo-inácio; andorinha-grande, beija-flor, bem-te-vi, cobra-d'água.[25]
- Nas palavras compostas por sufixação, por exemplo, só se emprega o hífen antes dos elementos sufixados (sufixoides) -(gu)açu, -mirim, e -mor (contração de maior):
  a) com *(gu)açu* e *mirim*, após vocábulos terminados em vogal acentuada graficamente ou nasal (quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos): *amoré-guaçu*, *maracanã-guaçu*, *ingá-açu*, *anajá-mirim*, *arumã-mirim*, *capim-mirim*, *socó-mirim*, etc.
  b) com *mor*, em todos os casos: *altar-mor*, *copeiro-mor*, *guarda-mor(es)* (mas guardamoria).

Emprega-se hífen depois de prefixos e elementos prefixados (prefixoides), segundo regras condicionadas ao contexto em que a prefixação ocorre e que se pormenorizam, a seguir.

- Hífen de prefixos

arqui-inimigo / arquirrival, arquisseguro
bem-querer / benquisto;
sobre-humano / sobrenatural.

Quem olha essas grafias e não conhece os usos idiomáticos de composição, justaposição e aglutinação, pode facilmente concluir chamando anárquica, contraditória, a ortografia vigente.

– A que normas obedece a escrita justaposta ou aglutinada dos prefixos?

Norma fundamental

- Só admitem hífen elementos morfologicamente individualizados, isto é, que tenham vida autônoma na língua. Ex.: bem-querer / benquisto – querer tem vida autônoma; quisto é particípio arcaico, há muito substituído por querido.

Norma secundária

- Exige hífen a clareza ou expressividade gráfica, por ser preciso evitar leitura incorreta: bem-aventurado, por ex., sem hífen poderia ser lido be-ma-venturado; sobre-humano soaria so-breu-mano; ad-rogar lembraria droga: a-dro-gar...

As normas que tratam do emprego (ou não) do hífen nas formações com prefixos e falsos prefixos foram amplamente reorganizadas no novo *Acordo Ortográfico*. A seguir, são pormenorizadas as regras novas, as alteradas e as já existentes antes de 1990.

Nas palavras derivadas por prefixação e recomposição só se emprega hífen nos seguintes casos. Distinguem-se:

1) prefixos e elementos prefixados sempre seguidos de hífen;
2) prefixos e elementos prefixados com hífen em contextos definidos;
3) prefixos e elementos prefixados nunca seguidos de hífen.

- Prefixos e elementos prefixados sempre seguidos de hífen

Primeiro conjunto: os acentuados graficamente:

- Além-, aquém- e recém- são sempre seguidos de hífen seja qual for o segundo elemento: além-Andes, além-Atlântico (mas Alentejo), além-mar, além-túmulo, aquém-Pirineus, aquém-fronteiras, recém-aberto, recém-admitido, recém-casado, recém-nascido, recém-publicado, recém-vindo.
- Pós-, pré-, pró- são seguidos de hífen sempre que conservem autonomia vocabular: pós-escrito, pós-graduação, pré-história, pré-tônico, pró-forma, pró-reitor(ia).
  Observar que *pós-*, *pré-*, *pró-* contrastam com *pos-*, *pre-*, *pro-* como formas tônicas abertas *versus* átonas não abertas. Em casos de dúvida, portanto, qualquer ouvido saberá discernir; mas chamo a atenção para as grafias oficiais (VOLP) – *predeterminar*, *preestabelecer*, *preexistir* – em que a tendência é pronunciar os prefixos como abertos, o que pode levar a desvios gráficos, escrevendo essas palavras com hífen.[26]

Observação
Distinga-se entre *pré-fixar* "fixar previamente" e *prefixar* "*pôr prefixo em*" = *pré-fixar uma data* e *prefixar uma palavra*.

Segundo conjunto: os não acentuados graficamente

- Pos-, pre-, pro-, prefixos átonos, unem-se ao segundo elemento, mesmo quando iniciado por e: posfácio, posposição, prefácio, preeleito (ou pré-eleito), preenchido, preesclerose (ou pré-esclerose), proativo, proeminente.Tal como pre- átono, re- átono não segue a regra geral de empregar o hífen quando o primeiro elemento terminar por letra igual à que inicia o segundo, mantida em todos os casos em que ocorre esse encontro, pois "as formas átonas aglutinam-se com elemento seguinte" (AOLP, Base XVI, 1º, f). A ABL e o dicionário Houaiss estenderam tal norma ao prefixo re- nos casos em que houver seu encontro com palavras iniciadas por e: reedição, reelaborar, reeleição, reescrita, refazer, remarcar.
- Ex- ("estado anterior", "cessação"), vice (arcaico vizo), soto e sota ("debaixo"), leso(a), sempre seguidos de hífen: ex-aluno, ex-ministro; vice-reitor(ia), vice-presidente, soto-posto, soto-pôr, sota-vento, sota-ventear, sota-voga, leso-patriotismo, lesa-majestade, etc.
- Sem- liga-se com hífen para indicar unidade de sentido, portanto, nos casos em que tem valor de prefixo: sem-fim e sem-número (infinito), sem-nome (anônimo), sem-par (ímpar), sem-pátria (apátrida), sem-pudor (despudor, impudor), sem-razão (desrazão), sem-sal (insulso, insosso), sem-ventura (desventura), sem-vergonha (desavergonhado), etc.

- Prefixos e elementos prefixados com hífen em contextos definidos

Primeiro conjunto: os advérbios *mal* e *bem* na função de prefixo:

- Mal- é seguido de hífen quando anteposto a um segundo elemento iniciado por vogal, h, ou l: mal-afortunado, mal-ajambrado, mal-assada, mal-assombrada, mal-educado, mal-entendido, mal-ensinado, mal-escrito, mal-estar, mal-informado, mal-habituado, mal-humorado. Quando mal significa "doença", escreve-se com hífen: mal-caduco e mal-comicial (epilepsia); mal-canadense, mal-francês e mal-gálico (sífilis), etc. Mas escrevem-se sem hífen quando houver elemento de ligação: mal de Azheimer, mal de Parkinson.

Ao contrário de *mal, bem* pode não se aglutinar com palavras começadas por consoantes: *bem-criado (malcriado)*, *bem-falante* (malfalante), *bem-mandado* (malmandado), *bem-nascido* (malnascido), *bem-soante* (malsoante), *bem-sucedido* (malsucedido), *bem-vestido* (malvestido), *bem-visto* (malvisto).

- Bem- é seguido de hífen quando o elemento que lhe segue começa com vogal ou com h, formando "uma unidade sintagmática e semântica" (cf. AOLP, 1990, Base XV).
  Exemplos: *bem-aventurado*, *bem-encarado*, *bem-ensinado*, *bem-estar*, *bem-humorado*.
  Em muitos compostos iniciados por consoante *bem* se une ao segundo elemento, quer este tenha vida à parte ou não: *bendito*, *benfeito*, *bendizer*, *benfazejo*, *benfeitoria*.

A partir do AOLP, deixam de ser hifenadas as palavras compostas que contenham o elemento *de*: *bem de* *fala, mal de lázaro.*

Segundo conjunto

- Emprega-se hífen quando o primeiro elemento termina por vogal igual à que começa o segundo elemento: auto-oscilação, anti-infeccioso, arqui-inimigo, eletro-ótica, extra-alcance, infra-axilar, intra-arterial, neo-ortodoxo, semi-interno, sobre-elevar, supra-auricular. Incluem-se nessa primeira regra pseudoprefixos terminados por vogal, como: agro-, iso-, micro-, poli-, pseudo, neuro-, orto-, etc.

Logo:

- Não se usa hífen quando o primeiro elemento terminar por vogal diferente à que começa o segundo elemento: *anteato, antiaéreo, aeroespacial, agroindustrial, autoajuda, autoaprendizagem, autoestrada, biorritmo, coedição, contraindicação, contraofensiva, extraoficial, intraoral, hidroelétrica, infraestrutura, intrauterino, neoimperialista, plurianual, protoariano, pseudoepígrafo, retroalimentação, semiárido, semianalfabeto, sobreabundante, sobreaquecer, socioeconômico, supraocular, ultraelevado.*

Observações

1) O encontro de vogais iguais (a primeira regra, acima mencionada) leva ao aparecimento de formas nas quais ocorre a fusão da vogal final do primeiro elemento com a vogal inicial do segundo, naturalmente, sem prejudicar a clareza e sem induzir à leitura incorreta: *radiouvinte*, *telespectador*.
2) O encontro de vogais diferentes, por sua vez, permite a supressão da vogal final do primeiro elemento ou da vogal inicial do segundo: *eletracústico*, ao lado de *eletroacústico*, *term(o)elétrico*.

Assim também:

- Emprega-se hífen quando o primeiro elemento termina por consoante igual à que começa o segundo elemento: ad-digital, inter-racial, hiper-rancoroso, sub-base, super-revista.

Portanto:

REGRA GERAL
Emprega-se hífen quando o primeiro elemento terminar com letra igual à que se inicia o segundo elemento.

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO
Emprega-se hífen se o segundo elemento começa por *h: anti-hemorrágico, co-hipônimo, circum-hospitalar, contra-harmônico, extra-humano, inter-helênico, foto-heliografia, geo-história, giga-hertz, infra-hepático, inter-hemisférico, hiper-humano, neo-helênico, semi-histórico, super-homem, supra-hepático, etc.**
Usa-se hífen quando o primeiro elemento termina por *m* ou *n* e o segundo elemento começa por vogal, *m* ou *n* (isto é, consoante igual) e *h* (regra acima): *circum-ambiente, circum-escolar, circum-horizontal, circum-murado, circum-navegação; pan-africano, pan-americano, pan-iconografia, pan-hispânico, pan-mágico, pan-negritude.*
Emprega-se hífen quando o primeiro elemento termina por *r* e o segundo elemento começar por *h* (cf. regra acima mencionada) ou *r* (consoante igual): *inter-hemisférico, inter-regional; hiper-hidrose, hiper-rancoroso; super-resfriado.*

Mas:

- Não se emprega hífen se o primeiro elemento termina por vogal e o segundo elemento começa por *r* ou *s*. Nesse caso, duplica-se o *r* ou o *s*: *anterrepublicano, antessala; antirrábico, antissemita; contrarregra, contrassenha; cossignatário, cosseno; entrerregar, entressafra; biorritmo, biossatélite; infrarrenal, infrassom; neorrepublicado, neossiríaco; semirracional, semirreta, semissólido; suprarrealismo, suprassumo.*
- O emprego (ou não) do hífen nas palavras formadas por *ab-, ob-, sob-, sub-, ad-* seguidos de r não está previsto no AOLP. A ABL manteve a grafia consagrada: *ab-rogar, ob-rogar, sob-roda, sub-reptício, ad-renal*. Afinal, trata-se de duas sílabas separadas, com o *b* ou o *d* fechando a sílaba do prefix(a)do e o *r* abrindo a seguinte, porque este *r* não se pronuncia como nos grupos *br* e *dr*, tal como em *abraço*, portanto, a consoante inicial do segundo elemento não representa vibrante alveolar (cf. AOLP, Base XVI; VOLP, 2009).[27]
- Co- (“contiguidade”, “companhia”) une-se sempre ao segundo elemento, mesmo quando este se inicia por o: *coadministrar, coaluno, coautor(ia), coabitar, coadquirir, coadunar, coarrendar, codireção, coeditar, coerdeiro (ou co-herdeiro),*[28] *cointeressado, coirmão, coocupar, coopositor, coordenar, coparticipante, coproprietário, corredator, corréu, corresponsável, cossecante, cosseno, cossignatário, cotangente*, etc.

Observação

Re- O VOLP segue a tradição de não empregar hífen neste prefixo mesmo quando seguido de *e* ou *h*: *reedição, reelaborar, reeleição, reescrita, refazer, reidratar.*

O Quadro-Resumo agrupa em conjuntos os prefix(ad)os que terminam em vogal, *r*, *s*, *b*, *d*, *m* e *n*. Formam-se subconjuntos que recebem hífen de acordo o contexto em que a prefixação ocorre: a letra final do primeiro elemento – o prefix(ad)o – e a letra inicial do segundo elemento (a base) da palavra composta. Nesse Quadro, a célula preenchida corresponde a formações hifenadas.

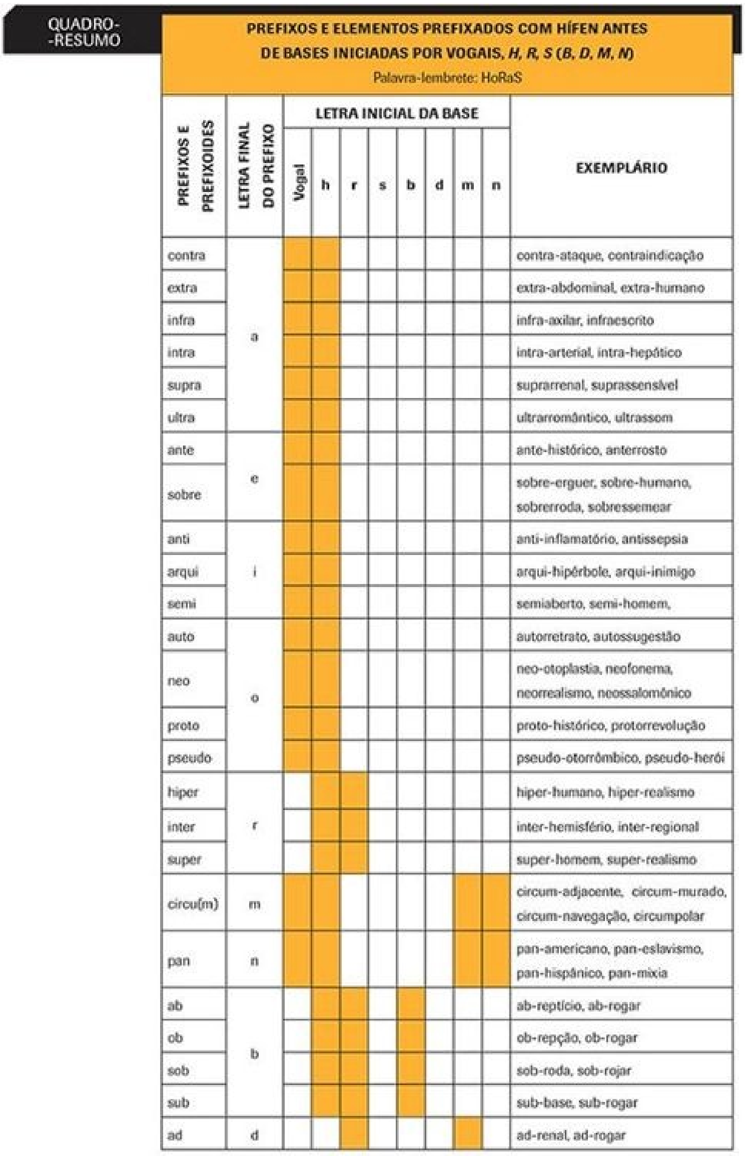

QUADRO-
-RESUMO

PREFIXOS E ELEMENTOS PREFIXADOS COM HÍFEN ANTES DE BASES INICIADAS POR VOGAIS, *H, R, S (B, D, M, N)*

Palavra-lembrete: HoRaS

PREFIXOS E PREFIXOIDES	LETRA FINAL DO PREFIXO	LETRA INICIAL DA BASE								EXEMPLÁRIO
		Vogal	h	r	s	b	d	m	n	
contra	a	■	■							contra-ataque, contraindicação
extra		■	■							extra-abdominal, extra-humano
infra		■	■							infra-axilar, infraescrito
intra		■	■							intra-arterial, intra-hepático
supra		■	■							suprarrenal, suprassensível
ultra		■	■							ultrarromântico, ultrassom
ante	e	■	■							ante-histórico, anterrosto
sobre		■	■							sobre-erguer, sobre-humano, sobrerroda, sobressemear
anti	i	■	■							anti-inflamatório, antissepsia
arqui		■	■							arqui-hipérbole, arqui-inimigo
semi		■	■							semiaberto, semi-homem,
auto	o	■	■							autorretrato, autossugestão
neo		■	■							neo-otoplastia, neofonema, neorrealismo, neossalomônico
proto		■	■							proto-histórico, protorrevolução
pseudo		■	■							pseudo-otorrômbico, pseudo-herói
hiper	r		■	■						hiper-humano, hiper-realismo
inter			■	■						inter-hemisfério, inter-regional
super			■	■						super-homem, super-realismo
circu(m)	m	■	■					■	■	circum-adjacente, circum-murado, circum-navegação, circumpolar
pan	n	■	■					■	■	pan-americano, pan-eslavismo, pan-hispânico, pan-mixia
ab	b		■	■		■				ab-reptício, ab-rogar
ob			■	■		■				ob-repção, ob-rogar
sob			■	■		■				sob-roda, sob-rojar
sub			■	■		■				sub-base, sub-rogar
ad	d			■				■		ad-renal, ad-rogar

- Prefixos e elementos prefixados nunca seguidos de hífen

Um prefixo que ocorre em grande número de vocábulos é *para-*: *paradoxo*, *parágrafo*, *paraninfo*, *paralinguístico*, *paraplegia*, *parapsicologia*, *parapsíquico*, *paratireoide*, *parêntese*... O VOLP registra para mais de mil palavras (muitas das quais subcompostos) com este prefixo, ligado sem hífen ao elemento seguinte (cf. *Dicionário Houaiss*, 2009), mesmo em casos de elementos iniciados por *s* ou *r* – *parassífilis*, *pararreumático*, e de elementos iniciados por vogal, que é retida – *paraeconômico*, *paraolímpico*. Contudo, quando iniciados por *h*, são sempre hifenizados: *para-hélio*, *para-história*. Exceção: *parahopeíta*. A lista (incompleta), abaixo, segue o vocabulário oficial (cf. VOLP, 5ª ed., 2009).

O quadro reúne exemplares de elementos prefixados nunca seguidos de hífen.

EXEMPLARES

acro
aer(o)
anfi
apico
auri
auro
bi(s)
bio
cata
cerebr(o)
cis
de(s)
di(s)
ego
ele(c)tro
endo
filo
fisio
gastr(o)
ge(o)
hemi
hepta
iso
justa
labio
linguo
macro
medio
mega
meso
meta
micr(o)
mono
moto
multi
nefro
neuro
novi
oct(o)
oni
orto
oto
pan
penta
quarti
quilo
quinq
radi(o)
re
retro
rino
sacro
sesqui
socio (ó)
subter
sulfo
tele
termo
ter
tetra
trans
traque(o)
tras
três
tri
turb(o)

hetero	per	uni
hexa	poli	uretr(o)
hidr(o)	pos (átono)	vas(o)
hip(o)	peri	vesic(o)
homo	pre (átono)	xant(o)
idio	preter	xilo
ido	psico	zinco
intro	quadri	zoo

- Hífen e nomes próprios

Numerosos nomes próprios, apesar de corresponderem a nomes comuns hifenizados, escrevem-se sem hífen: *Bom Sucesso*, *bom-sucessense*; *Buriti Bravo*, *buriti-bravense*; *Estrela do Norte* (cidade em SP e também em GO), *estrela-do-norte*; *Santa Fé*, *santa-fé* (erva), etc.

- Elementos ligados por artigos, pronomes: Trás-os-Montes, Não-me-Toque.
- Sendo primeiro elemento Grã-, Grão-, visto antes: Grã-Bretanha, Grão-Pará, Grão-Mogol... Sendo o primeiro elemento verbo: Quebra-Dentes (mas Tiradentes – grafia já consagrada)...
- Correspondência nome comum – nome próprio (v. Obs.): Araçá-Mirim, Acarajú-Açu, Guarda-Mor; Av. Beira-Rio (à beira-rio); Estrela-d'Alva (estrela-d'alva); o Decreto-Lei nº...; o Procurador-Geral, o Vice-Presidente, a Sexta-Feira Santa; as Três-Marias, etc.
- Composições de verbo + substantivo: Busca-Vida (BA), Fala-Verdade (GO, MT), Vaza-Barris (BA), Vira-Mundo (PA), etc.
- Combinações simétricas indicando relação, como se viu: Brasil-Portugal; acordo Áustria-Hungria.

- Divisão silábica

Uma das funções do hífen é a partição dos vocábulos nas sílabas que os constituem (divisão silábica) ou em duas partes no fim da linha (translineação). Deve-se fazer pelas sílabas pronunciadas, e não pelos elementos morfológicos. É uma separação com base na pronúncia.

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO
Esses cortes se fazem não com base na análise morfológica (bis-avô, des-un-i-r), e sim na pronúncia (bi-sa-vô, de-su-nir): é uma divisão fônica, e não mórfica.

As regras particulares, geralmente numerosas, podem ser reduzidas a três:

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO
Regra l – Hífen antes de encontro consonantal próprio, isto é, consoante que não seja l, m, n, r, s (palavra-lembrete: LuMiNaReS) mais o l ou o r (cf. obs. 1, adiante).
Regra 2 – Hífen antes de consoante (incluídos os dígrafos ch, lh, nh, gu, qu) seguida de vogal ou semivogal (cf. obs. 2).
Regra 3 – Hífen antes de vogal (não semivogal) precedida de vogal ou de semivogal pós-vocálica (cf. obs. 3).

Observações

As consoantes *b* e *d* quando finais de prefixo normalmente não formam sílaba (encontro próprio) com *l*, *r: sublinhar*, *adligar-se*...
R2 (não R1) → *sub-li-nhar* (sublinhar), *ad-li-gar-se* (adligar-se)...
Apesar do uso do critério pronúncia na divisão silábica, os dígrafos *rr*, *ss*, *sc* partem-se ao meio, segundo antiga tradição gráfica (em parte motivada, pois não há palavra iniciada por *rr*, *ss*, *sc*): *er-ro*, *is-so*, *des-cer*, etc.
Paraguaios, *meios*, *caiei*... R3 → *paraguai-os*, *mei-os*, *cai-ei*... Hífen depois da semivogal pós-vocálica [φ], e não antes. Alguma vacilação nesses casos deve-se à pronúncia, na qual soam dois *ii*: [...aj.jus, ...ej.jus, ...aj.jej]. Entre ditongo decrescente e crescente, prevalece o primeiro – o ditongo estável, sempre indissociável.
Muitos encontros vocálicos permitem duas realizações na fala: hiatos habituais podem tornar-se ditongos (sinérese) e, inversamente, ditongos tornarem-se hiatos (diérese). As vogais consecutivas que não pertencem a ditongos decrescentes podem ser separadas na escrita, se "a primeira delas não é um *u* precedido de *g* ou *q*, e mesmo que sejam iguais: *ala-ú-de*, *áre*-as, *ca-apeba*, *co-ordenar*, *do-er*, *flu-idez*, *perdo-as*, *vo-os*. O mesmo se aplica aos casos de contiguidade de ditongos, iguais ou diferentes ou de ditongos e vogais: *cai-ais*, *caí-eis*, *ensai-os*, *flu-iu*" (cf. AOLP, 1990). Os ditongos decrescentes nunca se separam: *ai-roso*, *cadei-ra*, *insti-tui*, *ora-ção*, *sacris-tães*, *traves-sões*.

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO
PALAVRAS
sublime, dobrado, subscrevemos, abalroar, hamletiano, enlatados, orlas, israelita
REGRA 1
su-blime, do-brado, subs-crevemos
REGRA 2
su-bli-me, do-bra-do, subs-cre-ve-mos, a-bal-roar, ham-le-tia-no, en-la-ta-dos, or-las, is-rae-li-ta
REGRA 3
a-bal-ro-ar, ham-le-ti-a-no (ou ham-le-tia-no – supondo-se a pronúncia brasileira de um i epentético como semivogal), is-ra-e-li-ta
PALAVRAS
disparada, bichinho, sangue, esquina, bisavô, desuniu, erro, isso, desciam, fixo, digno, diafragma, enquanto, frequência
REGRA 1
dia-fragma
REGRA 2
dis-pa-ra-da, bi-chi-nho, san-gue, es-qui-na, bi-sa-vô, de-su-niu, er-ro (Obs. 1), is-so (id.), des-ciam (id.), fi-xo (id.), dig-no, dia-frag-ma, en-quan-to, fre-quên-cia
REGRA 3
des-ci-am, di-a-frag-ma
PALAVRAS
paraguaios, meios, caíam, caiu, dias, luas, cooperou, ciência, piedade, saudade, vaidade, reuniam, reunião
REGRA 1
(não se aplica, por não haver encontro consonantal próprio)
REGRA 2
pa-ra-guaios, coo-pe-rou, ciên-cia, pie-da-de, sau-da-de (se pronunciado em 3 sílabas), reu-niam, reu-nião
REGRA 3
pa-ra-guai-os, co-o-pe-rou, ci-ên-cia (ou ciên-cia, supondo-se o primeiro i pronunciado como semivogal [j], à maneira do segundo: [sje-sja]), pi-e-da-de (ou pie-da-de [pje.]) , sa-u-da-de (se pronunciado em quatro sílabas), re-u-ni-am (ou reu-ni-am [Rew.]), re-u-nião (ou reu-nião)

PALAVRAS	interstício, construir, solstício, tungstênio, transatlântico, caiei, saguões, Piauí
REGRA 1	cons-truir, transa-tlântico
REGRA 2	in-ters-tí-cio, sols-tí-cio, tungs-tê-nio, tran-sa-tlân-ti-co, sa-guões
REGRA 3	cons-tru-ir, cai-ei, Pi-au-í

- Translineação

Na translineação de palavras com hífen, se a partição coincidir com esse sinal, deve-se repeti-lo na linha seguinte (cf. AOLP, 1990).

Na segmentação das outras palavras em duas partes por motivo de ultrapassagem de linha, observam-se as mesmas regras da divisão silábica.

Acrescentam-se contudo, em geral, duas regras de conveniência:

- Evitem-se partições que em fim ou começo de linha isolem vogais (a-/sa, mei-o) ou palavra chula (dis-/puta, piraru-/cu). Mera questão de estética gráfica e conveniência, não regra oficial: não há nenhuma referência a isso no PVOLP (1943) ou no AOLP (1990).
- Hífen preexistente – por divisão silábica, composição vocabular, ou outra regra de hífen que coincida com fim de linha, deve-se repetir (cf. AOLP, 1990).

Observação

Em textos digitados que vão a impressão, a repetição é forçosa para evitar confusões entre hífen de translineação *(mandachuva, verme → manda-/chuva, ver-/me*) e hífen de composição, ênclise ou outro (*guarda-chuva, ver-me → guarda-/-chuva, ver-/-me*). Observe-se, todavia, que não é regra oficial; pelo contrário, a prática recomendada é repetir em todos os casos de incidência de hífen preexistente em fim de linha.

- Hífen estilístico

Além desse traço de união oficial, objetivo, existe o que poderíamos chamar de hífen pessoal, subjetivo. No afã de transmitirem ao leitor certas realidades e experiências complexas, escritores modernos há que recorrem a hifens que as regras oficiais desconhecem. Já não se está no terreno da ortografia impositiva, mas no da livre escolha estilística. Limitamo-nos a exemplificar com autores que temos à mão:

De Fernando Pessoa (Álvaro de Campos):
– “as horas mais arcos-de-triunfo da minha vida”...
– “Pégaso-ferro-em-brasa das minhas ânsias”
– “mulher-todas-as-mulheres”...
– “o não-se-saber-o-paradeiro”...
– “faina transportadora-de-cargas dos navios”...
– “o grande cobertor não-cobrindo-nada das aparências”...

De Gustavo Corção (*Lições de Abismo*):
– “Caio era homem, um homem, homem-em-geral”...
– “um homem-que-sabe-que-vai-morrer”...
– “o homem-que-viu-o-incêndio”...

De Carlos Drummond de Andrade (*Claro Enigma*):
– “Canção da Moça-Fantasma”
– “a Maria-Que-Morreu-Antes”
– “as finas-e-meigas palavras”...
– “fado extra-ordinário”...

Essa hifenização subjetiva, estilística, é aceitável, desde que vise à clareza e força de expressão. Não se confunda com o reles erro de ortografia, nem com o ruim gosto pelo exótico ou originalidade barata.

- Sem hífen

- Uma vez desaparecida a consciência da composição (desaparece quando um elemento perde o acento próprio, ou não tem vida autônoma na língua): aguardente, aguarrás, alçapão, bancarrota, cantochão, claraboia, fidalgo, girassol, madrepérola, malmequer, mancheia, mandachuva (mas: guarda-chuva), paraquedas, passatempo, pontapé, rodapé, sensaborão, sobremaneira, sobremesa, sobressair, sobressalente, vaivém, vinagre, viravolta, etc.
- Quando a aglutinação de prefixos se pode fazer sem prejudicar a clareza ou expressividade gráfica, e sem induzir à leitura incorreta: aeroplano, bicampeão (e assim tricampeão, tetracampeão, pentacampeão, hexacampeão, etc.), radiouvinte, sobreaviso, term(o)elétrico, etc.
- Em quaisquer locuções:
  - locução onomástica: *Porto Alegre, América do Sul...*
  - locução substantiva: *cão de guarda, ponto de vista, sala de visitas...*
  - locução adjetiva: *cor de café (com leite), cor de vinho, sem medida...*
  - locução numeral: *vinte e um, ambos os dois...*

- locução pronominal: *cada qual, nós outros, o nosso, quem quer que (seja)...*
- locução verbal: *hei de cantar, mas eis-me...*
- locução adverbial: *à toa, à parte, de novo, de repente, por isso...*
- locução conjuntiva: *a fim de que, logo que...*
- locução prepositiva: *a fim de, apesar de, junto a...*
- locução interjetiva: *ai de mim, ora essa...*

Observação
Os elementos de uma locução podem aglutinar-se (*apesar* [*de*], *embaixo, depressa*), mas não devem nunca hifenizar-se.

- O caso do advérbio *não*

O *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (1990) não tratou particularmente de *não* com valor de prefixo, mas propôs a supressão do hífen nas locuções de natureza vária. A *Academia Brasileira de Letras* (ABL) optou pela queda do hífen em palavras nas quais *não* e *quase* funcionam como prefixos – *não fumante*, *quase irmão* –, a não ser quando anteposto a nomes de plantas, ou gentílicos, os quais permaneceriam hifenizados.[29]

Assim: *não agressão*, *não alinhado, não alinhamento*, *não beligerância*, *não combatente*, *não conformismo* (cp. *in*conformismo), *não conformista*, *não cooperação*, *não conservativo*, *não contradição*, *não engajado* (*des*engajado), *não engajamento*, *não essencial*, *não eu*, *não euclidiano*, *não ferroso*, *não importância* (*des*importante), *não ficção*, *não fumante*, *não intervenção*, *não intervencionista*, *não linear*, *não localizado*, *não metal*, *não participante*, *não plano*, *não saturado* (*in*saturado), *não ser* (*in*existência), *não simétrico* (*a*ssimétrico), *não singular*, *não violência*, *não viciado*.

Por um lado, notar que a maioria destas palavras expressa um sentido específico, de nomenclaturas técnicas, com um significado próprio em cada área de conhecimento. Após a Segunda Guerra Mundial, o uso de *não* com valor de "negação", "privação", "ausência" ou "inexistência de algo" vulgarizou-se (cf. *Novo Dicionário Aurélio*, 2009, "Prefácio").

Por outro lado, notar que deve haver unidade de sentido, espaço fechado entre prefixo e base; a simples possibilidade de uma intercalação apontaria para a autonomia mórfica dos elementos: *não* bem *alinhado*, *não* tão *engajado*, etc.

Travessão

O travessão, que é um hífen prolongado (–), tem os seguintes empregos:

■ Substitui parênteses, vírgulas, dois-pontos:

> "[...] vendo naquela paz de claustro católico como um recanto da pátria recuperada – o abrigo e a consolação – rolaram-me das pálpebras duas lágrimas mudas."
> (Eça de Queiroz, O Mandarim)

Eu olhei – ela subiu,
Deu duas voltas imortais!
(Jorge de Lima, "Meninice")

Silêncio e escuridão – e nada mais.
(Antero de Quental, "O Palácio da Ventura")

■ Indica dialogação, mudança de interlocutor:

Imagino Irene entrando no céu
– Licença, meu branco!
E São Pedro bonachão:
– Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.
(Manuel Bandeira, "Irene no Céu")

– Mas você é orgulhosa.
– Decerto que sou.
– Mas por quê?
– É boa! Por que coso...
(Machado de Assis, "A agulha e a linha")

■ Evita a repetição de um termo já mencionado:

Assis (Joaquim Maria Machado de –)
Haver (Sintaxe do verbo –)

■ Dá ênfase e realce à palavra ou pensamento que segue:

Se por vinte anos, nesta furna escura,

> deixei dormir a minha maldição,
> – hoje, velha e cansada de amargura,
> minha alma se abrirá como um vulcão.
>
> (Olavo Bilac, "Maldição")

> Às vezes dá-se ao luxo de um banquinho de três pernas – para os hóspedes.
>
> (Monteiro Lobato, *Urupês*)

> Só há um caminho para a conquista da natureza, dos homens, de si mesmo: – saber.
> Não há outro meio de o conseguir: – querer.
>
> (Afrânio Peixoto; cf. também o verso de Antero, já citado)

Parênteses

Usa-se este sinal ( ) nas orações intercaladas, incidentes:

> "Corri ao ilustre ateniense, para levantá-lo, mas (com dor o digo) era tarde, estava morto, morto pela segunda vez." (Machado de Assis, "Uma Visita de Alcibíades")

Lembra o Acordo de 1943 que o sinal de pontuação deve marcar-se depois dos parênteses, sempre que a pausa coincida com o início da oração incidente (sem mudança no AOLP, 1990). Exemplo:

> "Basta, Carvalho (este nome é necessário à prosopopeia), basta, Carvalho!" (Machado de Assis)

Quando, porém, a frase inteira ou qualquer unidade autônoma se acha encerrada pelos parênteses, coloca-se dentro destes a pontuação competente. Exemplos:

> "[...] tive (por que não dizer tudo?) tive remorsos." (Machado de Assis)

Portanto, como se observa, não pode haver simultaneamente pontos finais antes e depois dos parênteses.

Pontuação com etc.

Etc. é a abreviatura da expressão latina *et cetera* (ou *caetera*)*,* que significa "e outras coisas". Por evolução semântica, desligou-se do rigoroso sentido originário *-neutro* ("coisas"), podendo hoje designar também pessoas ("e outras pessoas") masculinas ou femininas: *Antônio*, *Pedro*, *Maria*, *Teresa*, *etc.*

Segundo se induz da prática recomendada no PVOLP (no fim de quase todos os parágrafos) é preceder o *etc.* de pontuação. [30]

Note-se que essa pontuação deve ser a mesma que separa os diversos conjuntos da enumeração (por lógica): *a*, *b*, *c*, etc. – *a*, *b*, *c*; *d*, *e*, *f*; *g*, *h*, *i*; etc. – *A*, *b, c. D*, *e*, *f. G*, *h*, *i. Etc.* Assim: vírgula (, etc.), ponto e vírgula (; etc.) e mesmo ponto final (. Etc.).

> Comprou livros, revistas, cadernos, etc.
> Palavras que se escrevem com rr e ss: carro; narrar; excesso; remessa; etc.
> Levantar cedo. Respirar o ar puro da manhã. Fazer ginástica. Etc.

Pontuação nos títulos e cabeçalhos

O PVOLP encerra, sistematicamente, todos os cabeçalhos e títulos com ponto-final. Exemplos: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS*. Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa. Introdução. – Formulário Ortográfico. – Alfabeto. – H. – Consoantes mudas. –* etc.

Diferentemente, isso não ocorre no AOLP (1990).

O uso atual, como se vê, é não mais pontuar os títulos e cabeçalhos. E é mais simples e mais estético.

Terceira
Parte

DIVERSOS:

SONS E INFORMAÇÃO MORFOSSINTÁTICA

Sufixos variantes -aria, -eria

Há vacilação entre os dois sufixos. A preferência parece recair sobre o primeiro dos dois, tanto que em quase todos os vocábulos com *-eria*, pode este sufixo ser substituído por aquele. (Os vocábulos ladeados de :: são os que ocorrem com variação. Notar que as variantes em *-aria* da segunda lista, abaixo, são quase todas lusismos.)

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
alarvaria	alcaidaria	alfaiataria
altanaria	artilharia	barbaria (ou barbárie)
berraria	brutaria	bruxaria
bufonaria	calmaria	camisaria
carpintaria	carvoaria	casaria
cavalaria	chapelaria	charcutaria ::
chocolataria	chularia	churrascaria
confeitaria	confraria	cotonaria
coudelaria	cutelaria	drogaria
engraxataria ::	escadaria	especiaria
farsantaria	fradaria	fuzilaria
gaucharia ::	gendarmaria	gritaria
honraria	hospedaria	infantaria ::
livraria	luvaria	maçonaria
maquinaria	marcenaria	marchantaria
mobiliaria	montaria	olaria
ourivesaria	padaria	pastelaria
patifaria	pedraria	peixaria
pelaria :: (peleria, indústria de preparação de peles; porção de peles)	pelateria (ou peleteria, reg. bras.: loja em que se vendem peles)	pirataria
pradaria	queijaria	quinquilharia
rabularia	relojoaria	romaria
rouparia	sacaria	sapataria
serraria	sevandijaria	tanoaria
tapeçaria	tesouraria	tinturaria
velhacaria	vidraçaria	volataria
vozearia	zombaria	

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO		
bateria :: (bataria, us. em Portugal)	bijuteria :: bijutaria	bilheteria :: (reg. bras.; bilhetaria)
carroceria :: carroçaria	clicheria	correria
doceria :: (de us. pop. no Brasil; doçaria)	fiambreria	galanteria
galeria	glutoneria :: glutonaria (ou glutonia)	grosseria
joalheria	lavanderia	leiteria
lisonjeria	loteria	parceria
pedanteria	peleteria :: (v. pelateria)	selvageria :: selvajaria
sobranceria :: sobrançaria	sorveteria :: sorvetaria	vozeria :: vozearia

s/z na morfologia: -ês, -esa; -ez(a); -isa, -iz(a); -isar, -izar

É muito comum confundir esses sufixos. Ora, com um pouco de observação e reflexão, qualquer pessoa saberá distinguir entre as diversas terminações e usá-las corretamente:

-ês, -esa

Corresponde o nosso sufixo *-ês* ao sufixo latino *-ense.* Mas não é preciso conhecer latim. Basta observar que o sufixo *-ês* se anexa a substantivos. Exemplos:

mont (e) + ês montês
pedr(a) + ês pedrês
cort(e) + ês cortês
burg(o) + ês burguês
montanh(a) + ês montanhês
Malt(a) + ês maltês
Chin(a) + ês chinês
Franç(a) + ês francês

Notar como o derivado é sempre um adjetivo (ou substantivo [adjetivo substantivado] concreto), suscetível de gênero masculino e feminino: um cabrito *montês*, uma cabra *montesa*, moço *burgês*, moça *burguesa*, povo *inglês*, nação *inglesa*, o/um *francês*, a/uma *francesa.*

-esa é o mesmo sufixo *-ês*, com desinência feminina: *burguesa*, *montesa*, *montanhesa*, *portuguesa*, etc. Terminam com esse sufixo os nomes gentílicos ou pátrios: *calabrês*, *chinês*, *francês*, *inglês*, *japonês*, *marselhês*, *português*, etc.

Da mesma forma títulos nobiliárquicos e outros: *baronesa*, *duquesa*, *marquês*, *marquesa*, *princesa*, *prioresa*, etc.

Também cabe lembrar a correlação das sequências consonantais interiores *nd* – *ns* e *-esa*: defender, *defensivo*, *defesa*; empreender, *empresa*; surpreender, *surpresa*...

-ez(a)

Provêm dos sufixos latinos *-itie* e *-itia.* Mas ainda aqui não é preciso saber latim. O que se deve saber é que os sufixos *-ez*, *-eza* se anexam a adjetivos. Exemplos:

ácid(o)+ ez acidez
fluid(o) + ez fluidez
baix(o) + eza baixeza
larg(o) + eza largueza
altiv(o) + ez(a) altivez(a)
honrad(o) + ez honradez
clar(o) + eza clareza
trist(e) + eza tristeza
pobr(e) + eza pobreza
ric(o) + eza riqueza

Notar como o derivado é sempre substantivo feminino*,* abstrato*,* indicando “qualidade, condição, estado”: *a altivez(a)*, *a fluidez*, *a honradez*, *a tristeza*...

-isa, -iz(a)

O sufixo *-isa* continua o sufixo latino *-issa,* de origem grega. Corresponde ao sufixo *-esa*, já estudado, e também se anexa a substantivos: *diaconisa, papisa*, *pitonisa*, *poetisa*, *profetisa*, *sacerdotisa*.

-iza é a terminação feminina correspondente a masculinos em *-iz:*

juiz + feminino → *juíza*;
petiz + a → *petiza*.

Encontra-se ainda na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos terminados em *-izar* (*batizar*, *civilizar*, *colonizar*, *dramatizar*) e em substantivos: *baliza*, *briza* (= planta), *coriza*, *Galiza*, *Vitiza*...

-isar, -izar

Temos *-isar* quando as terminações *-is*, *-isa*, *-ise*, *-iso* são acrescidas da terminação verbal *-ar*; ao passo que *-izar* é o sufixo grego *-izein,* que nos veio através do latim *izare.*

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO	
-izar pospõe-se a nomes (substantivos ou adjetivos)	
agon(ia) + izar	agonizar
anarqu(ia) + izar	anarquizar
colon(o) + izar	colonizar
motor + izar	motorizar
símbol(o) + izar	simbolizar
amen(o) + izar	amenizar
ideal + izar	idealizar
modern(o) + izar	modernizar
suav(e) + izar	suavizar
universal + izar	universalizar
-isar corresponde a palavras acabadas em *-is*, *-isa*, *-ise*, *-iso*	
a + lis(o) + ar	alisar
anális(e) + ar	analisar
avis(o) + ar	avisar
bis + ar	bisar
eletrólis(e) + ar	eletrolizar
fris(o) + ar	frisar
íris + ar	irisar
pesquis(a) + ar	pesquisar
pis(o) + ar	pisar
precis(o) + ar	precisar

Outros verbos em *-isar*: *adonisar*, *aguisar*, *anisar*, *catalisar*, *cutisar*, *desassisar*, *descamisar*, *desfrisar*, *dialisar*, *divisar*, *encamisar*, *frisar*, *grisar*, *guisar*, *hemolisar*, *hidrolisar*, *improvisar*, *incisar*, *lambrisar*, *lapisar*, *narcisar*, *paralisar*, *repisar*, *reprisar*, *revisar*, *supervisar*, *televisar* ou *televisionar*, *visar*...

Outros verbos em *-izar*: *arborizar*, *atemorizar*, *autorizar*, *balizar*, *centralizar*, *civilizar*, *concretizar*, *cristianizar*, *democratizar*, *dramatizar*, *entronizar*, *especializar*, *evangelizar*, *exorcizar*, *fiscalizar*, *formalizar*, *fossilizar*, *horrorizar*, *localizar*, *martirizar*, *memorizar*, *minimizar*, *mobilizar*, *modernizar*, *monopolizar*, *neurotizar*, *oficializar*, *oralizar*, *parabenizar*, *pasteurizar*, *preconizar*, *sintetizar*, *sintonizar*, *tiranizar*, *tranquilizar*, *uniformizar*, *vaporizar*, *verbalizar*, *verticalizar*, *viabilizar*, *vulcanizar*, *vulgarizar*...

Naturalmente, deve-se escrever *-izar* naqueles verbos que derivam de palavras cujo radical acaba em *-iz*:

cicatriz + ar cicatrizar
desliz(e) + ar deslizar
graniz(o) granizar

a + juiz(o) + ar ajuizar
matiz + ar matizar
en + raiz + ar enraizar
en + verniz + ar envernizar

Outros: baliza → (*a*)*balizar*; giz → *gizar*; iriz [ˈɪS] (doença do cafezeiro) → *irizar*; tapiz → *tapizar*...

Alomorfes do diminutivo: a consoante de ligação -z-

Há vocábulos terminados em -(*s*)*inho,* ao lado de outros em *-zinho: lapisinho*, *canetazinha*; *bolinha*, *anelzinho*; *mesinha*, *bauzinho*; *Luisinho*, *Joãozinho*; *Teresinha*, *Mariazinha*; etc. Nos dois casos, tanto depois de *s* como depois de *z,* trata-se do sufixo *-inho.* A consoante *z* é introduzida para evitar hiato. O morfema *-inho* algumas vezes se liga diretamente ao radical da palavra anterior:

caix(a) + inha caixinha
camp(o) + inho campinho
fin(o) + inho fininho
miúd(o) + inho miudinho
ov(o) + inho ovinho
pedr(a) + inha pedrinha

Nessa ligação direta, destituída de qualquer elemento mediador, se o radical acabar em *s*, vai aparecer a terminação *-sinho:*

adeus + inho adeusinho
as(a) + inha asinha
chinês + inho chinesinho
mes(a) + inha mesinha
princes(a) + inha princesinha
Luís + inho Luisinho
Luís(a) + inha Luisinha
Ros(a) + inha Rosinha
Teres(a) + inha Teresinha
Inês + inha Inesinha

Em outros casos é impraticável a ligação imediata entre o radical e o sufixo *-inho.* Recorre-se então a uma consoante de ligação entre os dois elementos. Em geral é *-z-,* mas noutros casos há outros: chá, chaleira; café, cafeteira; etc.

São exemplos em que o *-z-* estabelece ligação entre radical e o sufixo *-inho:*

anel + z + inho anelzinho
avó + z + inha avozinha
café + z + inho cafezinho
coração + z + inho coraçãozinho
mãe + z + inha mãezinha
mão + z + inha mãozinha
pai + z + inho paizinho
pé + z + inho pezinho
só + z + inho sozinho
João + z + inho Joãozinho

Como se observa, uma regra que decide entre *-inho e -zinho* parece ser a de *-zinho* após oxítonos não terminados em *-s*. Outras regularidades são: após nasal (*homenzinho, vagenzinha*...); para evitar o encontro *-ii* (*Mariazinha*, *liriozinho*...).

Existem vocábulos que admitem as duas formas, isto é, com a consoante de ligação ou sem ela:

campinho campozinho
dentinho dentezinho
florinha florzinha
gavetinha gavetazinha
hominho homenzinho
montinho montezinho
mulherinha mulherzinha
ovinho ovozinho

Convém notar que, entre uma forma e outra, pode haver diferença semântica: assim *hominho* e *mulherinha* têm conotação pejorativa. Em todas as duplas há sempre diferença estilística, que os bons escritores sabem discernir. Há também uma diferença quanto à frequência no uso.

No plural, nunca se considera o *-s* desinencial apto para a ligação eufônica: morfema do plural, só se escreve no fim das palavras. Assim:

anéi(s) + z + inho + s aneizinhos
caracói(s) + z + inho + s caracoizinhos
coraçõe(s) + z + inho + s coraçõezinhos
pastora(s) + z + inha + s pastorazinhas (ou pastorinhas, f. mais usada)
flore(s) + z + inha + s florezinhas (mais usado: florinhas)

Grafia das interjeições ó, oh

Não se devem confundir estas interjeições.

■ Ó (lat. Ó) é interjeição vocativa, isto é, serve para chamar (vocare), como diz o adjetivo. Antepõe-se a substantivos (comuns ou próprios), nomes de seres, reais ou fictícios, que possam ser chamados:

“*Ó* guerreiros da taba sagrada,
Ó guerreiros da tribo tupi” (Gonçalves Dias)
“*Ó* tu, que tens de humano o gesto e o peito” (Camões)
“*Ó* ser humilde entre os humildes seres” (Cruz e Sousa)
“*Ó* Virgens que passais ao Sol poente” (Antônio Nobre).

O substantivo pode estar oculto: *ó de casa (ó gente...); aqui ó...*

■ Oh (lat. Ó ou Óh, exprime espanto) é interjeição exclamativa, irmã das outras interjeições exclamativas: Ah, Eh, Ih, Uh. Basta-se a si mesma, podendo sozinha constituir frase: Oh!... Pode vir antes de quaisquer palavras, inclusive substantivo:

“Oh! terra de meus pais! *Oh!* minha terra!” (Luís Guimarães Jr.)

Regra prática, auditiva: Depois de um *Oh* faz-se em geral uma pausa; depois de *Ó*, não, pois integra fonicamente o substantivo que segue:

Oh! Se eu pudesse...
Ó garçom, traga o café.

Em resumo:

Ó – sem pausa, junto a nomes de seres que se chamam, apostrofam.
Oh! – nas exclamações; irmão de *Ah!*

Observação
Os dicionários já trazem variantes fechadas dessas interjeições de uso informal e comum entre nós que, para efeito distintivo, obrigam ao uso do acento circunflexo diferencial: *ô*. Da mesma forma, um *êh* contrasta com *eh*.

Grafia de que, quê

- Que

Assim se escreve *que* pronome, conjunção, partícula expletiva – vocábulo em princípio átono, por isso sem acento (compare-se com *e*, *de*, *se*).

■ Pronome interrogativo, (a) substantivo, reforçado por o antes e é que depois, ou (b) adjetivo:
a) (O) *que* (é que) fizeste?
Pergunte (o) *que* (é que) vão fazer.
b) *Que* faculdade estás cursando?
Perguntei-lhe a *que* horas vinha.
■ Pronome exclamativo, (a) substantivo, (b) adjetivo, ou (c) advérbio:
a) *Que* foste fazer!
b) *Que* beleza!
Que confusões!
c) *Que* lindo!
Que longe!
■ Pronome relativo, (a) com antecedente, (b) sem antecedente:
a) É bom o filme *que* vi.
b) Temos *que* fazer / *que* comer.
Não há *que* temer.
■ Conjunção, (a) típica de subordinação – dita integrante –, de múltiplos empregos e sentidos, simples e em locução, e (b), mais raro, de coordenação:
a) O rapaz falou *que* vinha.
Ela é mais velha (do) *que* ele.
Venha antes *que* seja tarde.
b) Cava *que* cava, e nada. (cp. cava *e* cava)
Um *que* outro concorda (cp. um *ou* outro)
■ Partícula – dita “expletiva” – de função não sintática, mas expressiva ou estilística:
a) Quase *que* me esquecia.
b) Que esperta *que* é!

- Quê

Escrever o “quê” com acento é marcá-lo como monossílabo tônico em *e,* a comparar com *dê*, *lê*, *sé*, etc. Caso do *que* quando pronome em fim de frase (v. adiante) e quando nome substantivo ou interjeição:
■ Pronome (a) interrogativo ou (b) relativo sem antecedente, em fim de frase:

a) Você está se referindo a *quê?*
b) Queria pagar, mas não tinha com *quê.*

■ Nome substantivo – (a) partícula “que” substantivada, pluralizável, com o sentido de “alguma / certa coisa”, ou (b) nome da letra “q”:

a) “Um *quê* de etéreo, de indefinido e vago derramavam [...] seus olhares” (Fagundes Varela)
A vida tem seus *quês.*
b) O *quê* representa o fonema /k/.

Neste emprego (b), de metalinguagem (elemento citado), prefere-se usar a letra em questão entre aspas ou grifada: o “q” ou o *q*.

■ Interjeição de espanto ou protesto:

Quê! Não pode ser.
Quê! Isso é intriga.

■ Segundo elemento da locução adverbial intensificativa como quê:

É mentiroso *como quê.*
Matreiro *como quê,* engazopou meio mundo.

Grafia de estrangeirismos e estrangeirismos já aportuguesados

Há um bom número de palavras estrangeiras empregadas em nosso idioma, as quais ainda não foram devidamente assimiladas, isto é, aportuguesadas. Devem guardar a sua grafia originária. No meio do texto devem ser escritos entre aspas ou grifados, em itálico. Excetuam-se os já consagrados: álibi, déficit, fácies, idem, item, incontinenti, ampère (ou ampere), coulomb, watt, quilowatt, etc.

Ao lado desses, há contudo numerosos estrangeirismos já aportuguesados. Devem ser prestigiados. A lista de estrangeirismos e estrangeirismos já aportuguesados mais correntes encontra-se adiante, Apêndice III.

- Palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros

Escrevem-se em tudo pela grafia original, exceto na terminação, que deve ser vernácula. Ex.: *bachiano* [ᴋi], *beethoveniano*, *byronismo*, *comtiano*, *d’annunzino*, *freudiano* e *freudismo* [f˧˥˩˩˧˥j], *garrettiano*, *goethiano*, *hegelianismo* ([ge] e não [Ze]), *hoffmânnico*, *kantiano*, *littreano* e *littreísta*, *mallerbiano*, *maipíghia*, *malthusiano*, *milleriano* e *mülleriano*, *neokantismo*, *offenbachiano*, *pasteurizar*, *proudhoniano*, *proustiano* e *proustismo*, *rabelaisiano* [le], *rembrandtesco*, *shakespeariano*, *spengleriano*, *taylorismo*, *voltairiano*, *wertheriano*, *zwingliano*, etc.

Grafia de nomes próprios

O PVOLP (1943), no seu *Formulário Ortográfico: instruções para a organização de vocabulário ortográfico da língua portuguesa* (XI), é claro quanto à grafia dos nomes próprios:

> 39. Os nomes próprios personativos, locativos e de qualquer natureza, sendo portugueses ou aportuguesados, estão sujeitos às mesmas regras estabelecidas para os nomes comuns.[...]
> 41. Os topônimos de origem estrangeira devem ser usados com as formas vernáculas de uso vulgar; e, quando não têm formas vernáculas, transcrevem-se consoante as normas estatuídas pela Conferência de Geografia de 1926 que não contrariarem os princípios estabelecidos nestas *Instruções.*
> 42. Os topônimos de tradição histórica secular não sofrem alteração alguma na sua grafia, quando já esteja consagrada pelo consenso diuturno dos brasileiros. Sirva de exemplo o topônimo “Bahia”, que conservará esta forma quando se aplicar em referência ao Estado e à cidade que têm esse nome.
> Observação – Os compostos e derivados desses topônimos obedecerão às normas gerais do vocabulário comum.

O AOLP de 1990 (Base I) recomenda que os topônimos de línguas estrangeiras sejam substituídos, “tanto quanto possível, por formas vernáculas, quando estas sejam antigas e ainda vivas em português ou quando entrem, ou possam entrar, no uso corrente (cf. Apêndice II). Exemplo: *Anvers*, substituído por *Antuérpia*; *Cherbourg*, por *Cherburgo*; *Garonne*, por *Garona*; *Genève*, por *Genebra*; *Jutland*, por *Jutlândia*; *Milano*, por *Milão*; *München*, por *Munique*; *Torino*, por *Turim*; *Zürich*, por *Zurique*, etc.”

- Nomes geográficos

As citadas normas da Conferência de Geografia[31] dizem entre outras coisas o seguinte:

> 15º - Não serão usadas abreviaturas nos nomes geográficos, salvo o que está indicado no item 18, escrevendo-se por extenso os designativos *São, Santo*, *Santa*, *Dom*, *Dona*, *Padre*, *Frei*,

> *Coronel*, *Marechal*, *Engenheiro*, *Doutor*, etc., frequentes em nossa toponímia, como *São Roque, Santo Antônio, Santa Isabel*, *Dom Pedrito*, *Dona Catarina*, *Dona Tereza*, *Padre João Pio*, *Frei Caneca*, *Engenheiro Passos*, *Doutor Seabra*, *Coronel Pacheco*, *General Carneiro*, *Marechal Jardim*, [...]
>
> 18º - Todas as vezes que se escrever nome de cidade, vila ou povoado de qualquer categoria, acrescente-se [modernamente] ao mesmo, entre parênteses, [as siglas] da unidade da Federação em que se acha situado.

Assim, em lugar de abreviaturas, usam-se as siglas (respectivas): AC (Acre), AL (Alagoas), AP (Amapá), AM (Amazonas), BA (Bahia), CE (Ceará), DF (Distrito Federal), GO (Goiás), ES (Espírito Santo), MA (Maranhão), MT (Mato Grosso), MS (Mato Grosso do Sul), MG (Minas Gerais), PA (Pará), PB (Paraíba), PR (Paraná), PE (Pernambuco), PI (Piauí), RJ (Rio de Janeiro), RN (Rio Grande do Norte), RS (Rio Grande do Sul), RO (Rondônia), RR (Roraima), SC (Santa Catarina), SP (São Paulo), SE (Sergipe), TO (Tocantins) – todas de duas letras, versais, sem ponto abreviativo. A esta lista acrescentam-se FN (Fernando de Noronha) e BR (Brasil).

- Nomes de pessoa

> Nomes e sobrenomes estão sujeitos às mesmas regras ortográficas vigentes para os nomes comuns e dentro dessas normas devem ser registrados os nascidos na vigência do acordo ortográfico.
> É preciso que se diga, no entanto, que somente em assinatura a pessoa pode (não se obriga, portanto) manter a grafia constante da certidão. Assim, um cidadão registrado *Raphael Assumpção de Souza* terá seu nome representado *Rafael Assunção de Sousa* em qualquer circunstância. Em assinatura, porém, se desejar, continuará a assinar-se daqueloutro modo.
> Não redundará em confusão ou perda de direitos assinar-se, o citado cidadão, *Rafael Assunção de Sousa?* Absolutamente. Pode acarretar aborrecimento tão somente por falta de compreensão alheia. Afinal de contas, o que de fato individualiza o cidadão não há de ser apenas seu nome, mas uma série de características, constantes em documentos oficiais, como filiação, data de nascimento, características somáticas (cor dos olhos, cabelos, etc.), impressões digitais, etc. Diríamos mesmo que a assinatura identifica o indivíduo mui relativamente. (Torres & Jota, 1961, pp. 23-4)

A tradição entre nós, contudo, tem contrariado a Lei. Assim:

- os nomes próprios personativos têm sido grafados, nas certidões de nascimento, de acordo com a vontade do doador (ou de acordo com o “saber” ortográfico dos escrivãos...);
- os nomes próprios das pessoas vivas escrevem-se conforme constam da certidão de nascimento; nomes de pessoas falecidas, porém, devem ser ajustados às normas ortográficas vigentes: Luís, Teres(inh)a; Érico Veríssimo, Rui Barbosa, Machado de Assis, Eça de Queirós.

Reiterando:

> Para ressalva de direitos, cada qual poderá manter a escrita que, por costume ou registro legal, adote na assinatura do seu nome.
> Com o mesmo fim, pode manter-se a grafia original de quaisquer firmas comerciais, nomes de sociedades, marcas e títulos que estejam inscritos em registro público (cf. AOLP de 1990, Base XXI, p. XXXII).

APÊNDICES

APÊNDICE I
ABREVIATURAS

A

a	are(s)
a. ou arr.	arroba(s)
(a)	assinado
(aa)	assinados
A	ampère, ampere, ampério
A	argônio (var. = Ar)
A.	austral
A., AA.	autor, autores; Alcoólicos Anônimos
a.a.	ao ano
aã ou anã	quantidade igual de cada substância (em receitas médicas)
AACD	Associação de Assistência à Criança Deficiente
Ab. ou Ab.e	abade
Aba.	abampere
Abav	Associação Brasileira das Agências de Viagens
ABC	Argentina, Brasil, Chile
abc	abcoulomb
ABCD	Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema
Abdib	Associação Brasileira para o Desenvolvimento da Indústria de Base
Abecitrus	Associação Brasileira dos Exportadores de Cítricos
abF	abfarad
AbH	abhenry
ABI	Associação Brasileira de Imprensa
Abicomp	Associação Brasileira da Indústria de Computadores e Periféricos
Abifarma	Associação Brasileira da Indústria Farmacêutica
Abih	Associação Brasileira da Indústria de Hotéis
Abimaq	Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos
Abipeças	Associação Brasileira da Indústria de Autopeças
Abra	Associação Brasileira da Reforma Agrária
abr.	abril
Abras	Associação Brasileira dos Supermercados
ABRH	Associação Brasileira de Recursos Humanos
ABRS	abraços (telegrama)
abs.	absoluto
°abs.	grau absoluto
a.C. ou A.C.	antes de Cristo
AC	Acre (Estado do)
a/c	ao(s) cuidado(s)
acúst.	acústica
A.D.	Ano Domini (no ano do Senhor); aguarda deferimento
adapt.	adaptação
add.adde ou addatur	(lat.) junte, junte-se, ou juntar (em receitas)
adj.	adjetivo
adj. 2 gên.	adjetivo de dois gêneros
adj. 2 g. 2 n.	adjetivo de dois gêneros e dois números
ad lit. ou ad litteram	(lat.: à letra, ao pé da letra)
adm.	administração, administrador
admir.	admiração
adm.or	admirador
adv.	advérbio
Adv.	Advocacia

aeron.	aeronáutica
af.o	afeiçoado ou afetuoso
AFA	Academia da Força Aérea
Ag	argentum (prata)
ag.	agosto (ABNT: ago.)
agl.	aglomerado; aglutinação; aglutinado
agr. ou agric.	agricultura
agrim.	agrimensura; agronomia
agron.	agronomia, agronômico
AGU	Advocacia Geral da União
Ah	ampère(s)-hora
Al	Anistia Internacional
Aids	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (ingl. Acquired Immunodeficiency Syndrome)
aj. ou aj.te	ajudante
Al	alumínio
AL	Alagoas (Estado de)
Al.	alameda (toponimicamente)
Alca	Área de Livre Comércio das Américas
al.	alemão
alf.	alfabeto; alferes
álg.	álgebra; algarismo
Alm.	almirante
alm.	almanaque(s); almude(s)
alq.	alqueire(s)
alv.	alvará
alveit.	alveitaria
a.m.	ante meridiem (antes do meio-dia)
AM	Amazonas (Estado do)
A.M.	ave-maria
a.m.a.	ad multos annos (por muitos anos)
Aman	Academia Militar das Agulhas Negras
AMB	Associação Médica Brasileira
A.M.D.G.	Ad Maiorem Dei Gloriam (para a maior glória de Deus)
AMPM	Associação das Mulheres para a Paz Mundial
amer.	americano
am.a	amiga
am.o	amigo
An	ânodo
an.	anais; anual
AN	Agência Nacional
Anac	Agência Nacional de Aviação Civil
anal.	analítico
anat.	anatomia
Anatel	Agência Nacional de Telecomunicações
Andes	Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior
angl.-germ.	anglo-germânicas (Letras)
ANP	Agência Nacional do Petróleo
ant.	antigo(a); antigamente; antônimo(s)
antr.	antropônimo
antrop.	antropologia
antropogr.	antropografia
anu.	anuário(s)
anúnc.	anúncio(s) (ABNT: anún.)
Apae	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
apl.	aplicado(a)
ap.	aprovado; apud (em, segundo, citado por: referência a documentação não consultada por quem cita)
ap. ou apart.	apartamento
AP	Amapá (Estado do)
APCF	Associação Nacional dos Peritos Criminais Federais
Apec	Asia and Pacific Economical Cooperation (Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico)
aportg.	aportuguesamento

Ar/A	argônio
ar. ou aráb.	arábico
ár.	árabe
arc.	arcaico; arcaismo
arc.o	arcebispo
arit.	aritmética
arq.	arquivo(s)
arqueol.	arqueologia
arquit.	arquitetura
art.	artigo; artilharia ou artilheiro
Art. e Of.	Artes e Ofícios
As	ampère(s)-segundo; arsênio
Asean	Associação de Nações do Sudeste Asiático
asp. ou asp.te	aspirante
assemb.	assembleia
assist.	assistência
assoc.	associação
Associtrus	Associação Brasileira de Citricultores
astr.	astronômico ou astrônomo
astr. ou astron.	astronomia
astrofís.	astrofísica
astrol.	astrologia; astrológico
át.	átomo; átono
At	astatino
at.	ativo; atmosfera técnica (fís.)
atl.	atletismo
at.o	atento ou atencioso
at.te	atenciosamente
atm.	atmosfera
ativ.	atividade
Au	aurum (ouro)
Aug.°	Augusto
aum.	aumentativo
austr.	austríaco
automat.	automatismo; automatização
auto; autom.	automóvel, automobilístico
aux.	auxiliar
aux.o	auxílio
av.	aviação, aviador, avião
Av.	avenida (toponimicamente)
aviaç.	aviação

B

b	bária
B	boro; beco (toponimicamente)
B.	beato(a), bem-aventurado(a); boletim
Ba	bário
BA	Bahia (Estado da)
bacter.	bacteriologia
bal.	balanços
bált.	báltico
banc.	bancário
bat.	bateria
BB	bombordo; Banco do Brasil
BCB	Banco Central do Brasil
BCG	Bacilo de Calmette e Guérin (vacina contra a tuberculose)
Be	berílio
bel.-art.	belas-artes
benef.	beneficência, beneficente
Benelux	Bélgica, Holanda e Luxemburgo

b.f.	boas-festas
Bi	bismuto
bibl.	biblioteca
bibliogr.	bibliografia; bibliográfico
BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento
bien.	bienal
bilh.e	bilhete
Bird	Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento
Bk	berquélio (berkelium)
bimen.	bimensal
bimestr.	bimestral
biofís.	biofísica
biol.	biologia
bioquím.	bioquímica
biotip.	biotipologia
B/L.	nota de embarque (ingl. Bill of Lading)
bm.	baixa-mar
BM&F	Bolsa de Mercadorias e Futuros
BN	Biblioteca Nacional
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
BNH	Banco Nacional de Habitação
B.O.	Boletim de Ocorrência
bot.	botânica(o)
Bovespa	Bolsa de Valores do Estado de São Paulo
br.	brochado(s) (V. brc.)
Br	bromo
BR	Brasil
bras.	brasileiro ou brasileirismo
brc.	brochura, brochado (livro)
Brig.ro	brigadeiro
btl.	batalhão
burl.	burlesco
B.V.	barlavento
B.V.M.	Beata Virgem Maria
BVRJ	Bolsa de Valores do Rio de Janeiro

C

c.	canto(s) (de poema); capital; cave (lat. = cuidado); cena (de peça teatral); cento; cerca de (circa); comarca; conto(s) (de réis); correio
c/	com, conta (comercialmente)
C	carbônio ou carbono, coulomb ou colômbio
C. ou calç.	calçada (toponimicamente)
° C	grau centesimal, centígrado ou Célsius
ca	centiare(s)
c/a	conta aberta (comercialmente)
Ca	cálcio
caç.	caçadores (do exército)
cad.	caderno(s)
cal	caloria(s) ou caloria(s)-grama
cálc.	cálculo
cal.	calendário
c.-alm.	contra-almirante
câm.	câmara
CAN	Correio Aéreo Nacional
canad.	canadense
cap.	capital; capitão
CAP	Comunidade Andina de Países
cap., caps.	capítulo, capítulos
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
cap. frag.	capitão de fragata

cap. m. g.	capitão de mar e guerra
cap.-ten.	capitão-tenente
card.	cardeal; cardinal; cardiologia
Caricom	Comunidade do Caribe, antigo Mercado Comum da Comunidade do Caribe
carp.	carpintaria, carpinteiro
cart.	cartografia; cartonado(s)
cast.	castelhano, castelhanismo
cat.	catalão; catálogo; católico
catól.	católico
CAU	Conselho de Arquitetura e Urbanismo
cav.	cavalaria
cav.o	cavaleiro
CBA	Confederação Brasileira de Automobilismo
CBAT	Confederação Brasileira de Atletismo
CBB	Confederação Brasileira de Basquetebol
CBD	Confederação Brasileira de Desportos
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CBJ	Confederação Brasileira de Judô
CBL	Câmara Brasileira do Livro
CBM	Confederação Brasileira de Motociclismo
CBT	Confederação Brasileira de Tênis
CBTU	Companhia Brasileira de Trens Urbanos
CBV	Confederação Brasileira de Voleibol
c/c	conta-corrente
CCSP	Centro de Comércio do Estado de São Paulo
Cd	cádmio
CDB	Certificado de Depósito Bancário
CDDPH	Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana
CDHU	Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo
CDU	Classificação Decimal Universal
Ce	cério
CE	Ceará (Estado do) / Comunidade Europeia
Ceagesp	Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais do Estado de São Paulo
Cebrap	Centro Brasileiro de Análise e Planejamento
Cetran	Conselho Estadual de Trânsito
C.el	coronel
CEF	Caixa Econômica Federal
CEP	Código de Endereçamento Postal
cent.	centavo(s)
CET	Companhia de Engenharia de Tráfego
Cetesb	Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental
cf. ou cfr.	confira, verificar
cfr.	confronte
Cf	califórnio
CFE	Conselho Federal da Educação
CFM	Conselho Federal de Medicina
cg	centigrama(s)
C.G. ou CG	centro de gravidade
CGC	Cadastro Geral de Contribuintes
cgf, cg*	centigrama-força
cgr	centígrado(s)
C.G.S.	centímetro, grama e segundo
CGT	Confederação Geral dos Trabalhadores
chancel.	chanceler, chancelaria
ch.e	chantre
chin.	chinês
ci. (ABNT)	ciência; científico
C.ia ou Cia.	companhia (comercial ou comp.)
CIA	Agência Central de Inteligência (ingl. Central Intelligence Agency)
cibern.	cibernética

CIC	Cartão de Identificação do Contribuinte
CICV	Comitê Internacional da Cruz Vermelha
cid.	cidade
C.I.F. ou cif	cost insurance freight (custo, seguro e frete)
cir.	cirurgia
circ.	circo, atividades circenses
círc.	círculo
cit.	citação, citado(a)(s)
civ.	civil
cl	centilitro(s)
Cl.	clérigo
Cl	cloro
classif.	classificação
clín.	clínica, clínico
cm	centímetro(s)
Cm	cúrio (curium)
cm2	centímetro(s) quadrado(s)
cm3	centímetro(s) cúbico(s)
CMB	Conselho Mundial de Boxe
CMI	Conselho Mundial das Igrejas
cm.g*	centímetro-grama-força
CMN	Conselho Monetário Nacional
cm/s	centímetro(s) por segundo
cm/s/s	centímetro(s) por segundo por segundo
CNA	Confederação Nacional da Agricultura
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNC	Confederação Nacional do Comércio
CNDM	Conselho Nacional dos Direitos da Mulher
CNE	Conselho Nacional de Educação
CNEN	Comissão Nacional de Energia Nuclear
CNI	Confederação Nacional da Indústria
CNP	Conselho Nacional do Petróleo
CNPJ	Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CNS	Conselho Nacional de Saúde
CNTI	Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria
Co	cobalto
cob.	cobra (medida ou contagem de baraços e molhos); cobertura
cód.; códs.	códice; códices; código
COI	Comitê Olímpico Internacional
col.	coleção; colaborador
col., cols.	coluna, colunas
colet.	coletivo; coletânea
Col.o	colégio
colon.	colonial
com.	comandante; comendador; comitê
com. ou comérc.	comércio
com.e	comadre
coment.	comentário
comiss.	comissão
comp.	companhia (militarmente); composto; comparado; comparativo
comp.e	compadre
compl.	complemento
comunic.	comunicação(ões)
Côn.	cônego
cond.	condicional; condutor; condado
Condephaat	Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo
conf.	conferência
Confea	Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia
congr.	congresso
conj.	conjunção; conjuntivo; conjuntura

cons.	consoante; conselho
cons.o	conselheiro
conserv.	conservador; conservatório
constr.	construção
cont. ou contab.	contabilidade
contad.	contadoria
contr.	contração; contrário
Contran	Conselho Nacional de Trânsito
Contu	Conselho Nacional de Turismo
coop.	cooperativa
cop.	copiado
coq.	coquatur (lat. = coza-se, fazer, cozer – em receita médica)
cor.	coroa(s) (moeda); coreano; correios
corogr.	corografia
corresp.	correspondência
cos	cosseno
cosm.	cosmografia; cosmologia; cosmetologia
Cosipa	Companhia Siderúrgica Paulista
cot	costangente
côv.	côvado
cp.	compare
C.P. II	Colégio Pedro II
CPF	Cadastro de Pessoas Físicas
CPI	Comissão Parlamentar de Inquérito
Cr	cromo
cr.a, cr.o	criada, criado
Crea	Conselho Regional da Engenharia, Arquitetura e Agronomia
créd.	crédito
crist.	cristalografia
crít.	crítica
CRM	Conselho Regional de Medicina
cron.	cronologia, cronológico
C.SS.R	Congregação do Santíssimo Redentor (redentorista)
Cs	césio
CSN	Companhia Siderúrgica Nacional
C.ta	comandita
CTA	Centro Técnico Aeroespacial
CTI	centro de terapia intensiva
Cu	cobre (cuprum)
culin.	culinária
cump.to	cumprimento
CUT	Central Única dos Trabalhadores
c.v.	cavalo(s)-vapor (cf. H.P.), cv (INPM), curriculum vitae
CVM	Comissão de Valores Mobiliários
Cx. ou cx.	caixa(s) (comercialmente)

D

d	dina; distância; diferencial; dinheiro(s) (moeda inglesa)
d/	dia(s) (comercialmente)
D.	Domingo; Diário; Deve (comercialmente); Digno; Direita (marcação teatral); Dom, Dona; declinação
D.A.	direita alta (marcação teatral)
Daee	Departamento de Águas e Energia Elétrica
D.A.E.R. ou Daer [dáer]	Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem
dag	decagrama(s)
dal	decalitro(s)
dam	decâmetro(s)
dam2	decâmetro(s) quadrado(s)
DAP	Departamento de Abastecimento e Preços

Darf	Documento de Arrecadação da Receita Federal
dast	decastéreo(s)
Dataprev	Empresa de Processamento de Dados da Previdência Social
db	decibel
D.B.	direita baixa (marcação teatral)
d.C. ou D.C.	depois de Cristo
d.cm	dina-centímetros
d/cm2	dina por centímetro quadrado
d/cm3	dina por centímetro cúbico
d/d	dias de data (comercialmente)
DD.	digníssimo
DDD	Discagem Direta a Distância
DDI	Discagem Direta Internacional
d.e	deve
déb.	débito
Dec.	Decreto
ded.o	dedicado (devotado)
Deic	Departamento Estadual de Investigações Criminais
Dieese	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
dif.	diferente
dig.	digesto
dim.	diminutivo
din.	dinamarquês
dipl.	diploma; diplomacia
diplom.	diplomático(a)
dir.	direito
diret.	diretoria
diretr.	diretrizes
diss.	dissilábico ou dissílabo; dissertação
dist.	distrito
dit.	ditongo
DIU	dispositivo intrauterino
div.	divisão ou divisões
divulg.	divulgação
diz.	dízimo(s)
dl	decilitro(s)
DL	decreto-lei, Decreto-Lei
dm	decímetro(s)
dm2	decímetro(s) quadrado(s)
dm3	decímetro(s) cúbico(s)
DNA	Conjunto Neural Dinâmico (ingl. Dynamic Neural Assembly)
DNER	Departamento Nacional de Estradas de Rodagem
DNOS	Departamento Nacional de Obras de Saneamento
D.N.S.	Deus Nosso Senhor
D.O.	Diário Oficial (ABNT)
doc., docs.	documento, documentos; documento de crédito
docum.	documentação
D.P.	Diferença de potencial
DP	Departamento de Pessoal
Dr., Drs.	Doutor, Doutores
Dra. Dras.	Doutora, Doutoras
dr.o	dinheiro (comercialmente)
dst	decistéreo(s)
DST	doença sexualmente transmissível
DSV	Departamento de Operações do Sistema Viário
d/v	dias de vista (comercialmente)
Dy	desprósito (dysproposium)
dz.	dúzia(s)

E

e	erg(s)
&	e
E.	esquerda (marcação teatral); este; Esquerda
E., EE.	editor, editores
E. A.	esquerda alta (marcação teatral)
E. B.	esquerda baixa (marcação teatral); estibordo
E. C.	Era Cristã
Ecemar	Escola de Comando e Estado-Maior da Aeronáutica
ecles.	eclesiástico
ecol.	ecologia
econ.	economia; econômico
econ. pol.	economia política
ed.	edição; editor; edifício; educação
E. D.	espera deferimento
educ.	educação
EFCB	Estrada de Ferro Central do Brasil
efem.	efeméride
e.g.	exempli gratia (por exemplo) (cf. v. g.)
el.	elemento
eletr.	eletricidade, eletricista, elétrico
Eletrobras	Centrais Elétricas Brasileiras
eletrôn.	eletrônica
eletrotéc.	eletrotécnica
em.	emanação
E. M.	em mão(s)
E.-M.	Estado-Maior
Em.a	Eminência
Emb	embaixador
emb.	embalagem
embr.	embriologia
Embraer	Empresa Brasileira de Aeronáutica
Embrafilme	Empresa Brasileira de Filmes
Embrapa	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Embratel	Empresa Brasileira de Telecomunicações
Embratur	Instituto Brasileiro de Turismo
Em.mo	Eminentíssimo
emigr.	emigração
emol.	emolumento(s)
emp.	empresa
E.M.P.	em mão própria
enc.	encadernado(s)
encicl.	enciclopédia
end. tel.	endereço telegráfico
ENE	És-Nordeste
Enem	Exame Nacional do Ensino Médio
enf.	enfermeiro, enfermagem
eng.	engenharia; engenheiro
enol.	enologia
ens.	ensaio; ensino
entom.	entomologia
epigr.	epigrafia
epíst.	epístola(s)
equit.	equitação
equiv.	equivalente
Er	érbio
E.R.	espera resposta
E.R.M.	espera receber mercê
erud.	erudito
ES	Espírito Santo (Estado do)
Es	einstêinio
e/s	erg(s) por segundo
esc.	escudo(s)

Evang.	Evangelho
evang.	evangélico
ex.	exemplo(s), exemplar(es) (em bibliografia)
Ex.a	Excelência
Ex.ma ou Exma	Excelentíssima
Ex.mo ou Exmo	Excelentíssimo
exc.	exce(p)to; exceção
excl.	exclamação, exclamativo
exerc.	exercício (ABNT)
Exérc.	Exército
exp. ou expr.	expressão
exper.	experiência; experimento (ABNT); experimental; experiente (id.)
explet.	expletivo
expor.	exportação (ABNT)
expos.	exposição
ext.	exterior/extensão; extrato

F

f	fot(s); forte (em música); função (algébrica); frase; feminino
F	farad (fárade); flúor; frente ou fundo (marcação teatral); Fulano; Folha(s) (ABNT)
f(s). ou fl(s). ou fol(s).	folha(s)
f.	feminino, feminismo
f. adv.	forma adverbial
fáb.	fábrica
FAB	Força Aérea Brasileira
fac.	faculdade
fam.	familiar
FAO	Food and Agriculture Organization (Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação)
farm.	farmacêutico; farmácia, farmacologia
fasc.	fascículo(s)
faz.	fazenda
FBI	Federal Bureau of Investigation (Serviço Federal de Investigação)
Fe	ferro
FEB	Força Expedicionária Brasileira
Febraban	Federação Brasileira das Associações de Bancos
fed.	federação; federal
Fenaban	Federação Nacional dos Bancos
Fepasa	Ferrovias Paulistas S.A.
Ferr.a	Ferreira
ferrov.	ferrovia, ferroviário
fev.o	fevereiro (ABNT: fev.)
ff	fortíssimo (em música)
fg.	frigorífico
FGTS	Fundo de Garantia do Tempo de Serviço
FGV	Fundação Getulio Vargas
Fiesp	Federação das Indústrias do Estado de São Paulo
Fifa	Fédération Internationale de Football Association
fig.	figura, figurado
fil. ou filol.	filologia
fil. ou filos.	filosofia
filat.	filatelia
fin.	final; finanças
finan.	financeiro (ABNT)
Finame	Agência Especial de Financiamento Industrial
finl.	finlandês
Finor	Fundo de Investimento do Nordeste
Fipe	Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas
fís.	física

fís. nucl.	física nuclear
fisiol.	fisiologia
FIT	Federação Internacional de Tênis
fl.	florim ou florins; folha (v. f.)
flex.	flexão ou flexões
Fm	férmio (metal)
FM	Frequência Modulada
FMI	Fundo Monetário Internacional
FN	Fernando de Noronha (Território de)
FNA	Federação Nacional dos Arquitetos
FND	Fundo Nacional de Desenvolvimento
FNF	Faculdade Nacional de Filosofia
FNM	Fábrica Nacional de Motores
f. nom.	forma nominal
f.o	fólio
F.o	filho (comercialmente)
FOB	free on board (posto a bordo)
folcl.	folclore, folclórico
folh.	folheto
fon.	fonética, fonologia
for.	forense
form. port	formação portuguesa
fot.	fotografia; fotógrafo, fotográfico
f. paral.	forma paralela
fr.	francês; franco(s) (moeda); frase
Fr	frâncio; Frei
frac.	fracionário (numeral _)
Franc.o	Francisco
Freg.	Freguesia (bairro)
freg.	freguesia(s) (divisão administrativa)
fs.	fac-símile(s)
F.S.A.	faça segundo a arte (medicamente)
F.S.C.	Fratres Scholarum Christianarum (Irmãos das Escolas Cristãs, lassalistas)
FTD	Frère Théophane Durant: sigla internacional dos compêndios dos Irmãos Maristas
Funabem	Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor
Funai	Fundação Nacional do Índio
Funarte	Fundação Nacional de Arte
Funasa	Fundação Nacional de Saúde
Funbec	Fundação Brasileira para o Desenvolvimento do Ensino de Ciências
func.	funcionário
Fundap	Fundação do Desenvolvimento Administrativo
Fundef	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério
Funrural	Fundo de Assistência e Previdência do Trabalhador Rural
fut.	futebol(ístico); futuro
fut. ind.	futuro do indicativo
fut. pret.	futuro do pretérito
fut. subj.	futuro do subjuntivo
f. var.	forma variante
f. verb.	forma verbal

G

g	grama(s)
G	aceleração da gravidade (fís.); Gauss
g.-m.	guarda-marinha
g/m3	grama(s) por metro cúbico
G.P.	gloria Patri (glória ao Pai)
G/P	ganhos e perdas
g ou gr	grado; graus
g/cm3	grama(s) por centímetro cúbico

g*/cm3	grama(s)-força por centímetro cúbico
Ga	gálio
gal.	galego, galicismo; galon (galão, galões)
Gatt	Acordo Geral de Tarifas e Comércio (General Agreement on Tariff and Trade)
gav.	gaveta
gaz.	gazeta
Gd	gadolínio
g.de	grande
Gen.	general
gên.	gênero(s)
geneal.	genealogia
genét.	genética
geod.	geodésia
geogr.	geografia, geográfico
geol.	geologia, geológico
geom.	geometria
ger.	geral; gerúndio
germ.	germânico; germanística; germanismo
Gestapo	Geheime Staatspolizei (Polícia Secreta do Estado)
gr-g*	grama(s)-força
ginecol. ou ginec.	ginecologia
gír.	gíria
Gl	glucínio
GLP	Gás Liquefeito de Petróleo
gloss.	glossário(s)
GMT	Greenwich Meridian Time (hora do meridiano de Greenwich)
GO	Goiás (Estado de)
gov.	governo, governamental
gr.	grão(s) (peso); grátis; grego
gr., grs.	grosa(s)
gráf.	gráfico(a)
grafol.	grafologia
gram.	gramática; gramatical

H

h	hora(s); 2 h = 2 horas; 2h05 min
H	henry; hidrogênio; Hermite (polinômio de)
H. ou H.er	haver (comercialmente)
h.c.	honoris causa (por honra, honorário, honorariamente)
ha	hectare(s)
hab.	habitante(s)
He	hélio
hebd.	hebdomadário
hebr.	hebraico, hebreu
heort.	heortônimo
heráld.	heráldica
herd.o	herdeiro
Hf	háfnio (metal)
Hg	hidrargírio (mercúrio), hydrargirium
hg	hectograma(s)
hidrogr.	hidrografia
hig.	higiene
hipoc.	hipocorístico
hisp.	hispânico
hist.	história; histórico
hist. nat.	história natural
histol.	histologia
HIV	Human Immunodeficiency Virus (port.: Aids)
hl	hectolitro(s)
hm2	hectômetro(s) quadrado(s)
HM	Hospital Militar

Ho	hólmio (metal)
hol.	holandês
hom.	homônimo
hon.	honorário
hortic.	horticultura
hosp.	hospital
HP	horse-power (cavalo-vapor, v. c. v.)
hpz	hectopiezo
hst	hectostéreo(s)
húng.	húngaro
hw	hectowatt (ectuóte)
hW	hectowatt internacional
hz	hertz

I

i	índice
I	iodo
i.e.	id est (isto é)
ib. ou ibid.	ibidem (no mesmo lugar, na mesma hora)
Ibama	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBBD	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
Ibecc	Instituto Brasileiro de Educação, Cultura e Ciências
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Ibope	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
IBV	Índice da Bolsa de Valores
ICHTYS	Transcrição das letras gregas iota, qui, teta, ípsilon, sigma, com as quais se escreve a palavra grega correspondente a peixe. Senha cristã nas catacumbas, com a interpretação acrossêmica Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador.
ICMS	Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços
ictiol.	ictiologia
id.	idem (o mesmo, do mesmo autor)
ldentif.	identificação
IGP	Índice Geral de Preços
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
ihs. (ant.)	Jesus (cf. I.H.S.)
I.H.S.	Jesus, hominum salvator [Jesus, salvador dos homens – Interpretação acrossêmica dada às três letras da abreviatura grega de Jesus (ihs)]
III	Instituto Indigenista Interamericano
il.	ilustração; ilustrado, ilustrações
ll.ma	Ilustríssima
ll.mo	Ilustríssimo
lmac.a	Imaculada (título dado a Nossa Senhora)
IME	Instituto Militar de Engenharia
imigr.	imigração
IML	Instituto Médico Legal
imob.	imobiliário
imóv.	imóveis
imper.	imperativo; imperial
imp. ind.	imperfeito do indicativo
imp. subj.	imperfeito do subjuntivo
impess.	impessoal
import.	importação
impr.	imprensa, imprenta (ABNT)
improp.	impropriamente
In	índio
In.	in folio (4 páginas em cada folha)
Incra	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
ind.	indicativo; indireto; indiano; indefinido, indeterminado
índ.	índice
indef.	indefinido
indic.	indicador; indicativo (ABNT)
indústr.	indústria

Inep	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais)
inf.	infantaria, infante; infantil; infinitivo; informativo; inferior
infor.	informática
inform	informação
inf. pess.	infinitivo pessoal
Infraero	Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária
ing.	inglês
INL	Instituto Nacional do Livro
Inmetro	Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial
Inpa	Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia
Inpe	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
Inpi	Instituto Nacional da Propriedade Industrial
INPM	Instituto Nacional de Pesos e Medidas
INPS	Instituto Nacional de Previdência Social
INRI	Iesus Nazarenus Rex ludaeorum (Jesus Nazareno, Rei dos Judeus)
INSS	Instituto Nacional do Seguro Social
inst.	instituição, instituto
int.	intransitivo
inter.	intercâmbio
interj., intj.	interjeição, interjetivo
interrog.	interrogação, interrogativo
internac.	internacional
intr.	intransitivo
inv.	invenção; invariável
invent.	inventário
invest.	investigação
Io	iônio
IOC	Instituto Oswaldo Cruz
IP	Instituto de Previdência
Ipase	Instituto de Pensões e Aposentadoria (Previdência e Assistência) dos Servidores do Estado
ip. lit.	ipsis litteris (letra por letra, literalmente)
ip. v.	ipsis verbis (palavra por palavra, textualmente)
IPÊ	Instituto de Pesquisas Ecológicas
Ipen	Instituto de Pesquisa Energética e Nuclear
IPI	Imposto sobre Produtos Industrializados
IPM	Inquérito Policial-Militar
IPTU	Imposto Predial e Territorial Urbano
IPVA	Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores
IRPF	Imposto de Renda Pessoa Física
Ir	irídio
Ir.	irmã(o) (em religião)
irl.	irlandês
irôn.	irônico
irreg.	irregular
isl.	islandês
Isop	Instituto de Seleção e Orientação Profissional
isr.	israelita
ISS	Imposto Sobre Serviços
it.	italiano; itálico
itál.	itálico
ITA	Instituto Tecnológico de Aeronáutica

J

j	joule(s)
J	joule(s) internacional; versor do eixo das ordenadas
j.	jornal
J. C.	Jesus Cristo
J.é	José
J. M. J.	Jesus, Maria, José
J.o	João

jan.o	janeiro (ABNT: jan.)
jap.	japonês
joc.	jocoso
j/s	joule(s) por segundo
jorn.	jornalismo
Jr.	Júnior
judic.	judiciário
jul.	julho
jun.	junho
jur., juríd.	jurídico
jur., jurispr.	jurisprudência
just.	justiça
juv.	juvenil; juventude

K

K	kalium (potássio); cálice (em Botânica)
k	versor do eixo das cotas; versor correspondente à terceira coordenada
°K	grau(s) Kelvin
K.O.	knock-out (fora de combate)
kA	quiloampère(s)
kc	quilociclo(s)
kC	quilocoulomb(s)
kcal	quilocaloria(s)
kg	quilograma(s)
kg*/cm2	quilograma(s)-força por centímetro quadrado
kg*/cm3	quilograma(s)-força por centímetro cúbico
kg*/dm3	quilograma(s)-força por decímetro cúbico
kgf kg*	quilograma(s)-força
kgm ou kg*m	quilogrâmetro(s)
kg.m2	quilograma(s)-metro quadrado
kg*/m2	quilograma(s)-força por metro quadrado
kg/m3	quilograma(s) por metro cúbico
kg*/m3	quilograma(s)-força por metro cúbico
kgm/s	quilogrâmetro(s) por segundo
kj	quilojoule(s)
KJ	quilojoule(s) internacional
kl	quilolitro(s)
km	quilômetro(s)
km2	quilômetro(s) quadrado(s)
km3	quilômetro(s) cúbico(s)
km/h	quilômetro(s) por hora
Kr	criptônio ou cripton
kv	quilovolt(s)
kvA	quilvolt(s)-ampère
kw	quilowatt(s) [quiluóte]
kW	quilowatt(s) internacional
kw-h	quilowatt(s)-hora
kW-h	quilowatt(s)-hora internacional

L

l	litro(s)
l.	lançado ou letra(s) (comercialmente); linha(s); loja(s) (endereço)
l., lv. ou liv.	livro
L.	largo (toponimicamente); Leste
l.da	licenciada
l.do	licenciado
L. Q.	lege, quaeso (leia, por favor)
La	lantânio

lab.	laboratório
lat.	latim ou latin(ism)o; latitude
lat. vulg.	latim vulgar
lav.	lavoura
lb.	libra(s) (peso inglês, arrátel)
LBA	Legião Brasileira de Assistência
lég., légs.	légua, léguas
legisl.	legislativa; legislação; legislatura
leit.	leitura
Li	lítio
lig.	ligação
ling.	língua, linguística(o), linguagem
lit	litteratim (literalmente, ao pé da letra); literário, literatura
litu.	lituano (ABNT)
liturg.	liturgia
Livr.	livraria (ABNT)
lm	lúmen
lm/m2	lúmen por metro quadrado
loc.	locução; locativo; local; localidade
loc. adj.	locução adjetiva
loc. adv.	locução adverbial
loc. cit.	loco citato (no lugar citado, na publicação citada)
loc. conj.	locução conjuntiva

loc. interj.	locução interjetiva
loc. num.	locução numeral
loc. prep.	locução prepositiva
loc. pron. (pess.)	locução pronominal (pessoal)
loc. s.	locução substantiva
loc. s. p. (loc.)	locução substantiva própria (locativa)
loc. s. p. (pers.)	locução substantiva própria (personativa)
loc. v.	locução verbal
log.	logaritmo
lóg.	lógica
long.	longitude
LP	long play
lr.	lira(s) (moeda)
Ltda.	limitada (comercialmente)
Lu	lutécio
lug.	lugar(ejo)
lus.	luso, lusitano, lusitanismo
Lw	laurêncio (metal)

M

m	metro(s); meu(s) ou minha(s) (comercialmente)
m.	masculino; mês ou meses; morreu
m2	metro(s) quadrado(s)
m3	metro(s) cúbico(s)
m ou min	minuto(s)
M	número quântico magnético
M.	monsieur (Senhor); misture (medicamente)
m.a	mesma ou minha
M.a	Maria
m/a	meu aceite (comercialmente)
Mc	megaciclo(s)
m/d	meses de data (comercialmente)
M. D.	muito digno
M.e	Madre
M.el	Manuel
mA	miliampère(s)
MA	Maranhão (Estado do)
MAC	Museu de Arte Contemporânea
mag.	magazine; magia
magn.	magnetismo
mai.	maio
m.-q.-perf.	mais-que-perfeito
maiúsc.	maiúsculo
Maj.	major
Mm	miriâmetro(s)
MAM	Museu de Arte Moderna
man.	manual
manuf.	manufatura
maq.	maquinista
máq.	máquina
mar.	marinha; março
marc.	marcenaria
masc.	masculino
Masp	Museu de Arte de São Paulo
mat.	matemática; matéria
mater.	material(ais)
Mb	megabária(s) (cf. Bar.)
m/c	minha carta ou minha conta
MCCA	Mercado Comum Centro-Americano
MCE	Mercado Comum Europeu
mH2O ou mca	metro de coluna de água

md	megadina (fís.), mendelévio (quím.)
Md/cm2	megadina(s) por centímetro(s) quadrado(s)
md/dm	megadina(s) por decímetro(s)
MEC	Ministério da Educação e Cultura
mec.	mecânica
mecaniz.	mecanização
med.	medicina
méd.	médico(s)
med. leg.	medicina legal
méd. vet.	médico veterinário
mem.	memória; memorial
memo, memor.	memorando
mens.	mensal, mensário
mensag.	mensagem, mensageiro
merc.	mercante; mercantil; mercado; mercadoria
Mercosul	Mercado Comum do Sul
met.	metódico; meteorologia; metalurgia
mét.	método
metal.	metalurgia
meteor.	meteorologia
metr.	metrologia
métr.	métrica
metrif.	metrificação
MG	Minas Gerais (Estado de)
mg	miligrama(s)
Mg	magnésio
mgf, mg*	miligrama(s)-força
m/h	metro(s) por hora
mH	milihenry(s)
mi	milha(s) marítima(s) internacional(ais)
mil.	milha(s); militar; milênio
min ou m	minuto(s); 12h25 min
miner.	mineralogia; mineração
minúsc.	minúsculo
MIS	Museu da Imagem e do Som
misc.	miscelânea
mit.	mitologia; mitológico; mitônimo
mitol.	mitologia
MJ	megajoule(s)
m. kg*	metro(s) por quilograma(s)-força
MKS	Sistema Giorgi de unidades: metro, quilograma, segundo
ml	mililitro(s)
m/l	minha letra (comercialmente)
Ml	mirialitro(s)
M.lle	mademoiselle (senhorita)
mm	milímetro(s)
mm2	milímetro(s) quadrado(s)
mm3	milímetro(s) cúbico(s)
MM.	meritíssimo
mm de mercúrio	milímetro(s) de coluna de mercúrio
M.me	madame
m/min	metro(s) por minuto
Mn	manganês
Mo	molibdênio (metal)
m.o	mesmo, maio
m/o	minha ordem (comercialmente)
mod.	moderno; modernismo; modismo; modo
monit.	monitor
monogr.	monografia
mons.	monsenhor
m.or	morador
mov.	movimento

m/p	meses de prazo (comercialmente)
m.-q.-perf. ind.	mais-que-perfeito do indicativo
m.-q.-perf. subj.	mais-que-perfeito do subjuntivo
Mr.	mister (senhor)
Mrs.	mistress (senhora)
MS	Mato Grosso do Sul (Estado de)
ms., mss.	manuscrito, manuscritos
m.s	mais
m/s	metro(s) por segundo
m/ss	metro(s) por segundo por segundo
MT	Mato Grosso (Estado de)
MST	Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra
mth	militermia
mun.	município
mund.	mundial
mus.	museu
mús.	música
Mv	mendelévio
mV	milivolt(s)

N

n	abrev. de número natural
n/	nossa(s) ou nosso(s) (comercialmente)
n.	nome; nasceu, nascido; número(s) (Bibliogr.)
N	nitrogênio; Norte
Na	natrium, nátrio (sódio)
nac.	nacional; nacionalismo
Nafta	North-American Free Trade Agreement (Tratado Norte-Americano do Livre-Comércio)
Nasa	National Aeronautics and Space Administration (Administração Nacional da Aeronáutica e do Espaço dos EUA)
náut.	náutica
nav.	navegação
Nb	nióbio (metal)
N. B.	nota bene (note bem)
n.c.	nome comum
n/c	nossa carta, nossa casa, nossa conta (comercialmente)
N.C. ou N/C	nesta capital ou nesta cidade
n/ch	nosso cheque
Nd	neodímio (metal)
N. da E.	nota da editora
N. da R.	nota da redação
N. do A.	nota do autor
N. do E.	nota do editor
N. do R.	nota do revisor
N. do T.	nota do tradutor
Ne	neônio, néon (gás)
NE	Nordeste
neg.	negativo; negócios
neol.	neologismo
NGB	Nomenclatura Gramatical Brasileira
Ni	níquel
n/l	nossa(s) letra(s) (comercialmente)
N. N.	Abreviatura com que se oculta um nome em teatro, programas, cartazes, subscrições
NNE	Nor-Nordeste
NNW ou NNO	Nor-Noroeste
No	nobélio (metal)
n.o	número (cf. num., n.)
NO ou NW	Noroeste (v. NW)
n/o	nossa ordem (comercialmente)
nor. ou norueg.	norueguês
nord.	nordestino

nórd.	nórdico
not.	notícia(s)
notic.	noticiário
nov.	novidades
nov.o	novembro (ABNT: nov.)
Np	ne(p)túnio (metal)
n.p.	nome próprio
N.P.	Nosso Padre
n. p. loc.	nome próprio locativo
n. p. pers.	nome próprio personativo
N. R. P.	Nosso Reverendo Padre
n/s	nosso saque (comercialmente)
N. S.	Nosso Senhor
N. Sra.	Nossa Senhora
N. S. J. C.	Nosso Senhor Jesus Cristo
N. S. P.	Nosso Santo Padre
N. SS. P.	Nosso Santíssimo Padre
N. T.	Novo Testamento
núm.	número (em Gramática)
num. card.	numeral cardinal
num. distr.	numeral distributivo
num. frac.	numeral fracionário
numism.	numismática
n/ch	nosso cheque
num. mult.	numeral multiplicativo
num. ord.	numeral ordinal

O

ω ou Ω	ohm (unidade de medida de resistência elétrica)
O	oxigênio
O. ou W	Oeste
o/	ordem (comercialmente)
OAB	Ordem dos Advogados do Brasil
ob.	obra(s); obüt (morreu)
ob. cit.	obra(s) citada(s)
obj.	objeto
obr.o	obrigado
obr.mo	obrigadíssimo
obs.	observação(ões), observador
obst.	obstetrícia
o.d.c. ou O.D.C.	oferece(m) dedica(m) e consagra(m)
odont.	odontologia
OEA	Organização dos Estados Americanos
of. ou Of.	oferece(m); oficial; ofício
O. F. M.	Ordo Fratrum Minorum (frade franciscano)
oftalm.	oftalmologia
OIC	Organização Internacional do Café
OIT	Organização Internacional do Trabalho
O.K.	all correct (exatamente, de acordo)
OLP	Organização para a Libertação da Palestina
O. M. Ca.	Ordo Minonum Capucinorum (frade capuchinho)
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONG	organização não governamental
O. N. O.	Oés-Noroeste (v. WNW)
ONU	Organização das Nações Unidas
op.	opus
O.P.	Ordo Praedicatorum (padre dominicano)
opc.	opcional
op. cit.	opus citatum ([na] obra citada)
Opep	Organização dos Países Exportadores de Petróleo
oper.	operação, operário
opin.	opinião

ópt.	óptica
ord.	ordem; ordinal (numeral)
org.	organização; organismo
orient.	oriental; orientação, orientador
ornit.	ornitologia
ort.	ortografia, ortográfico
ORTN	Obrigação Reajustável do Tesouro Nacional
Os	ósmio (metal)
O.S.B.	Ordo Sancti Benedicti (monge beneditino)
Osce	Organização para a Segurança e Cooperação na Europa
O. S. O.	Oés-Sudoeste (v. WSW)
Otan	Organização do Tratado do Atlântico Norte
Otaso	Organização do Tratado da Ásia Sul-Oriental
out.o	outubro (ABNT: out.)
OVNI	objeto voador não identificado

P

p	perímetro, piano (em música)
p. (pp.) ou pág. (págs)	página(s)
p.	palmo(s), pé(s) (medida), pence(s) (moeda inglesa), por ou próximo (comercialmente)
P	fósforo
P.	praça (toponimicamente)
P. ou P.e	padre(s)
Pa	protactínio
PA	Pará (Estado do)
p.a	para
pal.	palavra(s)
paleogr.	paleografia
paleont.	paleontologia
pan.-amer.	pan-americano
panfl.	panfleto
par.	parônimo; parte; paraense
parl.	parlamentar; parlamento
part.	particípio, partícula
part. (a)pass.	partícula (a)passivadora
part. expl.	partícula expletiva
Pasep	Programa de Formação do Patrimônio do Servidor Público
pass.	passim (aqui e ali, em diversos lugares ou passagens [da obra citada]); passivo
patol., pat.	patologia
patr.	patronímico
pátr.	pátrio
Pb	plumbum (chumbo)
PB	Paraíba (Estado da)
P.B.	peso bruto
pc.	pacote(s)
pç.	peça(s)
p/c	por conta
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
Pd	paládio (metal)
p.d.	por dia (medicamento)
P.D.	pede deferimento
P.D.F.	Prefeitura do Distrito Federal
pec.	pecuária
ped.	pedologia, pediatria
pedag.	pedagogia
peq.	pequeno
per.	periódico; peruano; persa
PE	Pernambuco (Estado de)
P.E.F.	por especial favor
pej.	pejorativo
P.E.N. Clube	clube ou associação internacional de poetas, prosadores, dramaturgos, ensaístas e novelistas

P.E.O.	por especial obséquio
perf. ind.	perfeito do indicativo
perf. subj.	perfeito do subjuntivo
pers.	personativo
pesc.	pescaria
pesq.	pesquisa(s)
pess.	pessoa(s), pessoal
petr.	petrografia
Petrobras	Petróleo Brasileiro S.A.
p.ex.	por exemplo (cf. e.g. e v.g.)
p. ext.	por extensão
p.f.	próximo futuro, ponto de fusão; prato feito; piu forte (mais forte)
P.F.	por favor, Polícia Federal
P.F.M.	Parvuli Fratres Mariae ou Petits Frères de Marie (irmãos maristas)
p.f.v.	por favor, volte
pg.	pago, pagou
pH	medida de acidez ou alcalinidade
PH	logaritmo do inverso da concentração dos iontes hidrogênios
PI	Piauí (Estado do)
PIB	Produto Interno Bruto
p.i.	partes iguais (medicamento)
pint.	pintura
PIS	Programa de Integração Social
P.J.	pede justiça e pessoa jurídica
pl.	plural
P.L.	peso líquido
plást.	plástico
pleb.	plebeísmo
Pm	promécio
p.m.	post meridian (depois do meio-dia), post mortem (depois da morte)
P.M.	Prefeitura Municipal
PM(s)	(soldado da) Polícia Militar
P.M.E.	por mercê especial
P.M.O.	por muito obséquio
p.m.o.m.	pouco mais ou menos
P.M.P.	por mão própria
P.N.(A.M.)	pai-nosso (e ave-maria)
PNB	Produto Nacional Bruto
PNDH	Programa Nacional de Direitos Humanos
Po	polônio
poét.	poética, poético
pol.	polonês, polegada(s)
polít.	política
politécn.	politécnica
P.O.M.	por obsequiosas mãos
pop.	popular; população
port.	português, portuguesa
Port.	Portugal
poss.	possessivo
pov.	povoação, povoado
pp	pianíssimo (em música)
p.p.	por procuração, próximo passado
Pr	praseodímio; Paraná (Estado do)
pr. ou pron.	pronome, pronominal
P.R.	Príncipe Real
prát.	prático, prática
pred.	predicativo, predicado
pref.	prefeito, prefeitura; prefixo; prefixal
prelim.	preliminar(es)
prep.	preposição, prepositivo(a)
pres.	presente, presidente

presb.o	presbítero
pres. ind.	presente do indicativo
pres. subj.	presente do subjuntivo
pret. perf.	pretérito perfeito
prev.	previdência
prim.	primário, primitivo
P.R.J.	pede recebimento e justiça
PRNS	Príncipe Regente Nosso Senhor
probl.	problema(s)
proc.	processo, procuração, procurador
Procon	Fundação de Proteção e Defesa do Consumidor
prof.(s)	professor(es)
prof.a(s)	professora(as)
pronún.	pronúncia
pron. ou pr.	pronome, pronominal
pron. dem.	pronome demonstrativo
pron. ind.	pronome indefinido
pron. interr.	pronome interrogativo
pron. pess.	pronome pessoal
pron. poss.	pronome possessivo
pron. reflex.	pronome reflexivo
pron. rel.	pronome relativo
Pronaf	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
propag.	propaganda
propr.	proprietário(s), propriedade; propriamente
pros.	prosódia, prosônimo
prosc.	proscênio
prot.	protocolo; protético
prov.	provedor, provisão, provisório; provincianismo; provérbio
Prov.	Providência, Província
p.-s.	puro-sangue (cavalo)
P.S.	post scriptum (pós-escrito)
psic., psicol.	psicologia
psican.	psicanálise
psicot.	psicotécnica
psiq.	psiquiatria
P.S.M.	Pia Societas Missionum (Pia Sociedade das Missões – palotinos)
pt	ponto (em telegrama)
Pt	platina
Pu	plutônio
publ.	publicações
públ.	público
PUC	Pontifícia Universidade Católica
p. us.	pouco usado
P. V.	pêndulo vertical
PVOLP	Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa
pz	piezo(s) (medida)

Q

q.	quintal ou quintais (peso)
q. ou q	que
q.m	quem
q. b.	quanto baste, quantidade bastante (em receitas médicas)
q.do	quando
q.e.d.	quod erat demonstrandum (o que devia ser demonstrado)
Q.-G.	quartel-general
Q.l.	quociente de inteligência
ql.	quilate(s)
q. s.	quantum satis (quanto baste, quantidade suficiente, em receitas médicas)
q.ta, q.to	quanta, quanto
quadrim.	quadrimestral
quart.	quarteirão

quest.	questionário, questões
quím.	química
quinz.	quinzenal
q. v.	quod vide (veja isso, queira ver), queira voltar; quantum vis (quanto queira ou quiser, quantidade à vontade em receitas médicas)

R

r	ângulo reto, roentgen (fís.)
R	resistência; Réaumur (escala termométrica)
R$	real
R.	Rei, reprovado (classificação escolar), réu (em linguagem forense), revista, rua (toponimicamente)
Ra	rádio (radium)
R.a	Rainha
Radar ou radar	Radio Detection and Ranging, radar
rad.	radical, radiograma
rád.	rádio
Radiobrás	Empresa Brasil de Comunicação
radiogr.	radiograma
radiotécn.	radiotécnica
RAF	Royal Air Force (Real Força Aérea = aviação militar inglesa)
RAI	Radiotelevisão italiana
Rb	rubídio (metal)
rd	radiano
RDA	República Democrática Alemã
rdfot	radiofoto(s)
rdlux	radiolux (medida)
rd/s	radiano por segundo
Re	rênio
R.e	récipe (receita médica)
rec.	receita
rec.o	recebido (comercialmente)
recr.	recreação
red.	redução, reduzida (forma _)
ref.	reformado, referente, referido, referência
reg.	regência; região; regimento, regional, registro, regular
reg.o	registrado, regulamento
rel.	relativo, relação
relat.	relatório
relig.	religião
rem.te	remetente
rep.	reprovado (classificação escolar) (cf. R.); república
repart.	repartição
repert.	repertório
res.	resenha, resumo; residência; reserva (militarmente)
resp.	resposta
restr.	restritivo
ret.	retórica
retrosp.	retrospecto, retrospectivo
reun.	reunião
rev.	revista
Rev. ou Rev.do	Reverendo
Rev.a	Reverência
Rev.mo	Reverendíssimo
RFFSA	Rede Ferroviária Federal S.A.
Rh	rhodium (ródio)
rib.	ribeira, ribeiro (top.)
R.I.P.	requiescat in pace (descanse em paz)
RJ	Rio de Janeiro (Estado do)
Rn	rádon, rádom ou radônio
RN	Rio Grande do Norte (Estado do)
RO	Rondônia (Estado de)
rod. ou rodov.	rodovia

rodov.	rodoviário
rom.	românico, romano, romeno
rot.	roteiro
R.P.	República Portuguesa, Reverendo Padre, radiopatrulha
R.P.M.	Reverendo Padre-Mestre
r.p.m.	rotação por minuto
r.p.s.	rotação por segundo
RR	Roraima (Estado de)
RS	Rio Grande do Sul (Estado do)
R.S.A.	recomendada (carta) a Santo Antônio (cf. S.At.g.)
Ru	rutênio (metal)
rub.	rubrica
rup.	rúpia(s)
rus.	russo

S

s	segundo(s) (fís.); sem; seu(s) ou sua(s) (comercialmente); sobre (depois da palavra “cheque”); substantivo(s)
S	sulphur (enxofre); Sul
S.	São, Santo(a); sábado
s/a	seu aceite (comercialmente)
S.A. ou S/A	sociedade anônima
S.A., SS.AA.	Sua(s) Alteza(s)
sac.	sacerdote
S.A.C.	Sua Alteza Cristianíssima; Societas Apostolatus Catholid (Sociedade do Apostolado Católico, padres palotinos)
S.A.I., SS.AA.II.	Sua(s) Alteza(s) Imperial(ais)
sânscr. ou scr.	sânscrito
SAPS	Serviço de Alimentação da Previdência Social
S.A.R., SS.AA.RR.	Sua(s) Alteza(s) Real(ais)
Sarg.	sargento
Sarg.-aj. ou Sarg.-aj.te	sargento-ajudante
S.A.R.L.	sociedade anônima de responsabilidade limitada
S.A.S., SS.AA.SS.	Sua(s) Alteza(s) Sereníssima(s)
sát.	sátira(s)
S.A.t.g.	Santo Antônio te guie (cf. R.S.A.)
Sb	stibium, estíbio, antimônio
Sb	Stilb (vela por centímetro quadrado)
SBPC	Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
Sc	escândio (metal)
sc(s)	saco(s)
sc.	scilicet (a saber, quer dizer)
s/c	sua carta; sua casa; sua conta (comercialmente)
SC	Santa Catarina (Estado de)
S.C.	sentidas condolências
S. Carid.e	Sua Caridade
s.d.	sem data (sine die)
s. 2g.	substantivo de dois gêneros
s. 2g. 2n.	substantivo de dois gêneros e dois números
S.D.N.	Sociedade das Nações
Se	selênio (semimetal)
S.E. ou S.E.O.	salvo erro (ou omissão)
SE	Sergipe (Estado de); Sudeste
Sebrae	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
sec.	secante; secretaria
SECADI	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão
séc(s).	século(s)
secç.	secção
secr.	secretário(a)
secund.	secundário
s.ed.	sem editor
SEE	Secretária de Estado da Educação; Secretaria da Educação Especial

SEED	Secretária da Educação a Distância
SEF	Secretaria da Educação Fundamental
seg.	segundo; seguinte, seguro(s)
sel.	seleção
sem.	semana(s), semanal; semelhante(s); semestre(s); semântica; semanário
S. Em.a(s)	Sua(s) Eminência(s)
semest.	semestral
semin.	seminário
sen	seno
Sen.	Senador, Senado
Senac	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
Senad	Secretaria Nacional de Políticas sobre drogas
Senai	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
sent.	sentido; sentença
sep.	separado, separata
seq.	seguinte(s), que se segue(m) = sequentia (lat.)
sér.	série(s) (em bibliografia)
sérv.	sérvio
serv.	serviço
Sesc	Serviço Social do Comércio
Sesi	Serviço Social da Indústria
sess.	sessão(ões)
serr.	serralheiro
Sesu	Secretaria da Educação Superior
set.o	setembro (ABNT: set.)
S.Ex.a(s)	Sua(s) Excelência(s)
S.Ex.a(s) Rev.ma(s)	Sua(s) Excelência(s) Reverendíssima(s)
s/f	seu favor (comercialmente)
s. f.	substantivo feminino
s. f. f.	se faz favor
s. f. 2n.	substantivo feminino de dois números
s. f. m.	substantivo feminino e masculino
s. f. pl.	substantivo feminino plural
SFH	Sistema Financeiro da Habitação
S.G.	Sua Graça, Sua Grandeza
sh	xelim(s) [ingl.: shilling(s)]
S.H.	Sua Honra
Si	silício (semimetal)
sider.	siderurgia
silv.	silvicultura
S.II.ma(s)	Sua(s) Ilustríssima(s)
símb.	símbolo
simp.	simpósio
sin.	sinaleiro; sinônimo(s)
sind.	sindical, sindicato
Siderbrás	Siderúrgica Brasileira S.A.
Sindimaq	Sindicato Nacional da Indústria de Máquinas
Sindipeças	Sindicato Nacional da Indústria de Componentes para Veículos Automotores
Sinfavea	Sindicato Nacional da Indústria de Veículos Automotores
sing.	singular
sinop.	sinopse
sint.	sintético
sínt.	síntese
sist.	sistema
S.J.	Societatis Jesu (da Companhia de Jesus, padre jesuíta)
s/l	sua letra; seu lançamento; sobreloja (comercialmente); sem local
s.l.	sem lugar (da edição)
s.l.n.d.	sem lugar nem data (da edição)
Sm	samário (metal)
s. m.	substantivo masculino
S.M., SS.MM.	Sua(s) Majestade(s)

s. m. 2n.	substantivo masculino de dois números
s. m. f.	substantivo masculino e feminino
S.M.F., SS.MM.FF.	Sua(s) Majestade(s) Fidelíssima(s)
S.M.I., SS.MM.II.	Sua(s) Majestade(s) Imperial(ais)
S.M.J.	salvo melhor juízo
s. m. pl.	substantivo masculino plural
Sn	stanneum (estanho)
SNI	Serviço Nacional de Informações
s.n.t.	sem notas tipográficas (da edição)
s.e	serve
s/o	sua ordem (comercialmente)
SO ou SW	Sudoeste
soc.	sociologia
Soc.	Sociedade (comercialmente)
social	socialismo
S.or	Sênior
Sor.	Sóror
SOS	save our souls (salve nossas almas) ou save our ship (salvai nosso navio), sinal de aviso de perigo e pedido de socorro usado universalmente, em linguagem radiotelegráfica, por navios e aviões
SP	São Paulo (Estado de)
s. p.	substantivo próprio; sine prole (sem filhos)
S.P.	Santo Padre, sentidos pêsames, Serviço Público
S.P., SS.PP.	Sua(s) Paternidade(s)
SPC	Serviço de Proteção ao Crédito
s. p. loc.	substantivo próprio locativo
S.P.M.A. ou SPMA	Serviço de Polícia Marinha e Aérea
s. p. pers.	substantivo próprio personativo
S.P.Q.R.	Senatus Populusque Romanus (o senado e o povo romano)
Sr	strontium (estrôncio)
Sr(a). Sr(a)s.	senhor(a), senhores(as)
s.r.	sua residência, sem residência
SRB	Sociedade Rural Brasileira
S.Rev.a(s)	Sua(s) Reverência(s)
S.Rev.ma(s)	Sua(s) Reverendíssima(s)
SRF	Secretaria da Receita Federal
Srta.	Senhorita
ss. ou segs.	seguintes
SS.	Santíssimo ou Santíssima
S.S., SS.SS.	Suas Santidade(s)
S.S.a(s)	Suas Senhoria(s)
S. S. E.	Su-Sueste
S. S. O.ou S. S. W.	Su-Sudoeste
S.S.S.	Societas Sanctissimi Sacramenti (padre sacramentino)
st.	estéreo
Sto.(a)	Santo(a)
STF	Supremo Tribunal Federal
sth	esteno
STJ	Superior Tribunal de Justiça
STM	Superior Tribunal Militar
STN	Secretaria do Tesouro Nacional
subd.	subdiácono
subdist.	subdistrito
subj.	subjuntivo
subord.	subordinada, subordinativo(a)
subst.	substantivo
suc.	sucursal
Suc.	sucessor(es) (comercialmente)
Sucen	Superintendência de Controle de Endemias
Sucesu	Sociedade dos Usuários de Computadores e Equipamentos Subsidiários
Sudam	Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia
Sudene	Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

suf.	sufixo, sufixal
suj.	sujeito
sum.	sumário
Sunamam	Superintendência Nacional da Marinha Mercante
sup.	superlativo, superior
super.	superioridade
supl.	suplemento, Supl. (em Bibliografia)
supr.	supremo
Sursan	Superintendência de Urbanismo e Saneamento
s.v., s.vv.	sub voce (na palavra ou verbete), sub vocibus (nas palavras ou verbetes)
S.V.	sede vacante (na vacância da Sé); sotavento

T

t	tonelada(s), tempo (mat.)
t.	termo, tomo(s)
T.	tara
T. ou Trav.	Travessa (toponimicamente)
t/a	toneladas (por) ano
Ta	tantálio (metal)
tab.	tabela
táb.	tábuas
tang	tangente
Tb	térbio (metal)
tb.	também
TBC	Teatro Brasileiro de Comédia
Tc	tecnécio (metal)
TCE	Tribunal de Contas do Estado
TCM	Tribunal de Contas do Município
TCU	Tribunal de Contas da União
Te	telúrio (semimetal)
teat.	teatro
téc.	técnico(a)
tec.	tecnologia
tel.	telefone, telegrafista, telegrama
telecom.	telecomunicações
telev. ou tv	televisão
ten. ou t.te	tenente
ten.-cel	tenente-coronel
teol.	teologia
teor.	teorema
terap.	terapia, terapêutica
term.	terminação
térm.	térmico
termin.	terminologia
territ.	território
tes.	tesoureiro
test.	testemunha
test.o	testamento
tf, t*	tonelada(s)-força
th	termia
Th	thorium (tório)
Ti	titânio (metal)
tip.	tipografia, Tip. (em Bibliogr.)
tít.	título(s)
TI	tálio (metal)
Tm	thulium (túlio)
t/m3	tonelada(s) por metro cúbico
T.N. ou TN	Tesouro Nacional
TO	Tocantins (Estado de)
ton.	tonel(éis)
tôn.	tônico
top.	topônimo(s)

topogr.	topografia
torp.	torpedeiro
tr.	transitivo
trab.	trabalho
trad.	tradução, tradutor, traduzido; Trad. (em Bibliogr.)
tradic.	tradicional
tráf.	tráfego
trat.	tratamento, tratado
TRE	Tribunal Regional Eleitoral
TRF	Tribunal Regional Federal
TRT	Tribunal Regional do Trabalho
TSE	Tribunal Superior Eleitoral
TST	Tribunal Superior do Trabalho
trib.	tribuna; tribunal; tributário
trig.	trigonometria
trim.	trimestre(s)
trimest.	trimestral
trop.	tropical
TSF	telefonia ou telegrafia sem fios
tupi-guar.	tupi-guarani
tur.	turismo

U

U	urânio (metal)
u.e.	uso externo
UA	Universidade da Amazônia
UBE	União Brasileira de Escritores
Ubes	União Brasileira dos Estudantes Secundaristas
UCB	Universidade Católica de Brasília
ucran.	ucraniano
Uece	Universidade Estadual do Ceará
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UEM	Universidade Estadual de Maringá
Uema	Universidade Estadual do Maranhão
Uepa	Universidade do Estado do Pará
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UEMG	Universidade do Estado de Minas Gerais
Uerj	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
Uespi	Universidade Estadual do Piauí
Ufac	Universidade Federal do Acre
Ufal	Universidade Federal de Alagoas
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFes	Universidade Federal do Espírito Santo
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso
UFO	unidentified flying object (objeto voador não identificado)
UFOP	Universidade Federal de Ouro Preto
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UFS	Universidade Federal do Sergipe
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UFV	Universidade Federal de Viçosa
u.i.	uso interno
UnB	Universidade de Brasília
UNE	União Nacional dos Estudantes
Unesco	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization)
Unesp	Universidade Estadual Paulista
Uniabra	Faculdade Aberta do Brasil
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
Unicef	Fundo das Nações Unidas para a Infância (United Nation Children’s Fund)
Unifap	Universidade Federal do Amapá
Unifor	Universidade de Fortaleza
UNIR	Universidade Federal de Rondônia
Unitins	Universidade do Tocantins
univ.	universitário; universal; universidade; universo
urb.	urbanismo
URRN	Universidade Regional do Rio Grande do Norte
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
us.	usado(a)
USA	United States of America (Estados Unidos da América do Norte)
USP	Universidade de São Paulo
UTI	Unidade de Terapia Intensiva

V

v	volt(s); vara(s) (medida)
v.	vapor; vide (lat.): veja; verbo, verbal; você; volume(s)
v., vv.	verso(s)
v/	vosso(s) ou vossa(s) (comercialmente)
V	volt internacional; vanádio (metal)
V.	Virgem; veja, vide (lat.); visto; versículo; velocidade
V.a	vila; viúva
V.A., VV.AA.	Vossa(s) Alteza(s)
VA	volt-ampère
V.-Alm.	vice-almirante
var.	variação, variante
vb.	verbo (no vocábulo); verbete
v/c	vossa carta ou vossa conta (comercialmente)
V.Carid.e(s)	Vossa(s) Caridade(s)
V.Em.a(s)	Vossa(s) Eminência(s)
ven.or	venerador
ver.	vereador
vesp.	vespertino
vet.	veterinário(a)
V.Ex.a(s)	Vossa(s) Excelência(s)
V. Ex.a(s) Rev.ma(s)	Vossa(s) Excelência(s) Reverendíssima(s)
v. g.	verbi gratia (por exemplo) (cf. e.g.)
V. G.	Vossa Graça; Vossa Grandeza
V. H.	Vossa Honra
Vi	virgínio
v.i.	vela internacional
viaç.	Viação
v. i/cm2	vela por centímetro quadrado
Vid. ou vid.	vide (veja) (cf. v.)
vig.	vigário
vin.	vinicultura
v. int.	verbo intransitivo
vit.	viticultura
Vll.ma(s)	Vossa(s) Ilustríssima(s)

v. lig.	verbo de ligação
V.M.	Virgem Maria; Virgem Mártir
V.M. ou VV.MM.	Vossa(s) Majestade(s)
V.Mag.a	Vossa Magnificência (reitor de universidade)
V.M.cê, V.M.cês	Vossa(s) Mercê(s)
v.o	verso (no lado posterior)
v/o	vossa ordem (comercialmente)
voc.	vocábulo
vocab.	vocabulário
vog.	vogal
vol.(s)	volume(s) (em Bibliogr.: V)
vol. esp.	volume específico
VOLP	Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa
v.or	venerador
v. p.	verbo pronominal
V.P., VV.PP.	Vossa(s) Paternidade(s)
V.Rev.a(s)	Vossa(s) Reverência(s)
V.Rev.ma(s)	Vossa(s) Reverendíssima(s)
vs.	versus (lat.), contra
V.S.	Vossa Santidade
V. S.a(s)	Vossa(s) Senhoria(s)
V. S.a(s) II.ma(s)	Vossa(s) Senhoria(s) Ilustríssima(s)
v.s.f.f.	volte, se faz favor
V.T.	Velho Testamento
v. t.	verbo transitivo
vv.	versos (de poemas)
vulg.	vulgarismo, vulgar(es), vulgarmente
v.v.o	vide verso (veja no lado posterior, no outro lado)

W

w	watt
W	watt internacional; wolfram, volfrâmio ou tungstênio
W ou O	Oeste
W.C.	water closet (banheiro)
wb	weber (fís.)
wh	watt-hora
Wh	watt-hora internacional
W. N. W. ou O. N. O.	Oés-Noroeste
W.O.	walk-over (no esporte, vitória por desistência do adversário)
Ws	watt-segundo internacional
W. S. W. ou O. S. O.	Oés-Sudoeste

X

x	incógnita, primeira incógnita (mat.)
X.	abreviatura com que se encobre um nome
Xe	xenônio (gás nobre)
Xpo. (ant.)	Cristo
X.P.T.O.	Cristo (Essa abreviatura medieval designa hoje, na leitura xis-pê-tê-ó, coisa ou qualidade excelente, por causa do famoso vinho Lacrima Christi, que usava tal abreviatura.)
X.Y.Z.	abreviatura para encobrir um nome

Y

y	incógnita; segunda coordenada cartesiana, função (mat.)
Y	yttrium (ítrio); abreviatura com que se encobre um nome, embora mais raramente que com X.
Yb	ytterbium (itérbio)
yd	yard, jarda(s)

Z

z	terceira coordenada cartesiana (mat.)
Z	impedância elétrica de um circuito; abreviatura com que se encobre um nome, embora menos frequentemente que com X.
Zn	zinco (metal)

zool.	zoologia
zootec.	zootecnia
Zr	zircônio (metal)

APÊNDICE II

ANTROPÔNIMOS E TOPÔNIMOS

Aarão	Abaeté	Abaim	Abdala
Abdias	Abdiel	Abel	Abelardo
Abiézer	Abigail	Abílio	Abissínia
Abkházia	Abner ou Ábner	Abraão	Abranches
Abrantes	Abreu	Absalão	Açaí
Acaraí	Acauã	Acaz	Acilino
Acióli (it.: Accioli)	Açores	Acrísio	Açucena
Açumar	Acurateúa	Acuteúa	Adail
Adalberto	Adalgisa	Adalmiro	Adalzira
Adamastor	Adãozinho	Adauto	Adelaide
Adelino	Adelmar	Ademar	Adeodato
Adibe	Ádige	Adis-Abeba	Adonis
Adosindo	Adrastro	Af(e)ganistão	Afonso
Afrânio	África	Agamê(m)non	Agassiz
Ágata	Agenor	Ageu	Agildo
Agnaldo (Aguinaldo)	Agnelo	Agostinho	Agripino
Águeda	Aguiar	Aguinaldo	Aguirre
Aída	Aires	Aírton	Ájax
Ajaz	Ajácio	Alambra	Alaor
Albânia	Alberico	Albion ou Álbion	Álbis
Alboíno	Albornoz	Albuquerque	Alcácer-Quibir
Alcântara	Alceste	Alceu	Alcibíades
Alcindo	Alcino	Alcorão	Alcuíno
Aldebarã	Aldefonso	Alécio	Aleixo
Alemanha	Alencar	Aleútes, Aleútas	Alexandre
Alexandria	Aléxis	Alfeu	Alfonso
Alfredo	Algez	Alice	Aline, Alina
Alípio	Almansor	Almeida	Aloísio ou Aluísio
Alonso	Alsácia	Altair	Áltona
Alto Volta	Aluísio ou Aloísio	Alvarenga	Álvares
Álvaro	Alves	Alvim	Alziro
Amadis	Amálfi	Amália	Amâncio
Amapá	Amaral	Amarília	Amarílis
Amaro	Amauri	Amazonas	Amazônia
Ambrosino	Ambrósio	Amílcar	Amoedo
Amorim	Amós	Amsterdã, Amsterdão (Amsterdam)	Ana
Anábase	Anacleto	Anacreonte	Ananias
Anás	Anastácio	Anastásia	Anchieta
Andaluzia	Anderson	Andirá	Andorra
Andrada	Andrade	André	Andreia
Andresa (ê)	Andrômaca	Andrômeda	Andronico
Anfitrite ou Anfítrite	Angélica	Angelina	Ângelo
Angenor	Anger (Angers)	Angora	Anhanguera
Aníbal	Aniceto	Anísio	Anquises
Anselmo	Ansiães	Antão	Antenor
Antero	Antígona	Antígua e Barbuda	Antínoo
Antioquia	Ântipas	Antívari	Antonieta
Antonino	Antônio	Antuérpia (Anvers)	Antunes
Anúbis	Anunciada	Aparecida	Apeninos
Apolinário	Apolo	Apolodoro	Apolônio
Aprígio	Aquêmenes	Aquidabã	Aquilino
Araci	Aragão	Aramis	Araquém
Arão	Arariboia	Araripe	Araújo
Araxá	Arcansas	Arduíno	Arécio (it.: Arezzo)
Areópago	Aretino	Aretusa	Argel
Argélia	Argentina	Argemiro	Argeu
Argolo	Argos	Ariadne	Áries
Ário	Aríon	Ariosto	Ariovaldo
Aristágora	Aristarco	Aristides	Aristobulo (trad. Aristóbulo)
Arizona	Arlete	Arlindo	Armando
Armênia	Arrás	Arsênio	Artaxerxes
Ártemis	Artemísio	Artur	Aruba
Ascensão (de Cristo)	Asdrúbal	Aser	Ásia
Aspásio	Assíria	Assis	Assuero
Assumar	Assunção (de Maria SS.)	Assurbanipal	Astíages
Astíanax	Astrogildo	Astúrias	Ataíde
Ataliba	Atanásio	Ataulfo	Augias
Aulete	Aureliano	Aurélio	Áureo
Ausônio	Austregésilo	Avelar	Avelino
Averróis	Avicena	Avis	Azambuja
Azarias	Azerbaijão	Azeredo	Azevedo
Azurara	Baal	Bacelar	Bach
Bacon	Baçorá	Badajoz	Bagdá
Bagé	Bahia	Bálcãs	Balduíno
Baltasar	Bambergue	Bancoque (Bancoc)	Bangladesh
Baquílides	Baratária	Barba-Azul	Barbacena
Barbados	Barbalho	Barbosa	Barbuda
Barcelona	Barcelos	Barém	Bári
Barnabé	Barrabás	Barreiros	Barretos
Barroso	Bártolo	Basileia	Basílio
Basilissa	Basutolândia	Batista	Batávia
Baviera, Bavária	Beatriz	Beça	Bechuanalândia

Beethoven	Beirute	Belarus, Bielorrússia	Belchior
Belém	Belisa	Belisário	Belize
Belmiro	Belmonte	Belquior	Beltrão
Belzebu	Benedito	Bengala	Benício
Benin	Benjamim	Benvindo	Berberia
Berenice	Bérgamo	Bermudas	Berna
Bernadete	Bernardim	Bernardo	Bersabé
Besanção	Bessarábia	Betelgeuze	Betencur (Bitencourt)
Betsabé	Betsaida	Beviláqua	Bezerra
Biafra	Biarritz	Bibiano	Bilbau
Bilu	Biquíni, Biquine (ingl.: Bikini)	Biscaia	Bismarque
Bizâncio	Bobadilha	Bocage	Bocaiuva
Boccaccio	Boçoroca	Bolívar	Bolívia
Bombaim	Bonaparte	Bonfim	Bonifácio
Booz	Borba	Bordéus (fr.: Bordeaux)	Bóreas
Borges	Bórgia	Borgonha	Borja
Bóris	Bornéu	Bósnia-Herzegóvina	Bóston
Botelho	Botsuana	Bragança	Brandão
Brandeburgo	Brás	Brasilino	Brásio
Brasil	Brasília	Breslau (pol.: Wroklaw)	Brígida
Brinches	Brístol	Brízida	Brodóvisqui
Bruges	Brunei	Brunilda	Brunsvique (al.: Brunswick)
Bruxelas	Buçaco	Bucareste	Budapeste
Buenos Aires	Bulgária	Burquina Fasso	Burundi
Buriti	Butantã	Butão	Caaba
Cabinda	Cabo Verde	Cabuçu	Cácegas
Cáceres	Cachapuz	Cácia (antrop.)	Cádis
Cadmo	Caeiro	Caetano	Cafarnaum
Cafraria	Caieiro	Caifás	Caim
Caio	Cairuçu	Calasãs	Calcutá
Caldas	Cálebe	Calecute	Calibã
Calígula	Calil (Kalil)	Calímaco	Calisto
Calógeras	Calvino	Camacho	Camáldoli
Camaquã	Camargo	Camarões	Cambises
Camboja	Camões	Campucheia	Canaã
Canadá	Candelária	Canguçu	Canopo
Canova	Cânovas	Cântabros	Cantuária
Capiberibe	Capistrano	Capitolino	Capitu
Capre	Cápua	Carã (Karam)	Caracala
Caramuru	Carazinho	Carcassona	Cardoso
Carênina	Caríbdis	Carlos	Carlota
Cármen	Carmosina	Carneiro	Carolina
Cárpato(s)	Cartagena	Cartuxa (mosteiro da __, Grand Chartreuse)	Carvalhal
Carvalho	Carvalhosa	Casimiro	Cassandra
Cassiano	Cassildo	Cássio	Cassiodoro
Cassiopeia	Castanheda	Castilho	Castro
Cataguases	Cátia	Catilina	Catolé
Catulo	Cáucaso	Cavalcânti, Cavalcante	Caxambu
Caxangá	Caxemira	Cazaquistão	Cazuza
Ceci	Cecília	Ceide	Ceilão
Célebes	Celeste	Celestina	Celidônio
Célio	Celso	Centímano	Cérbero
Ceres	Cerqueira	Cerro Azul	Cerro Largo
Cervantes	César	Cesareia	Cesarino
Cesário	Chaco	Chade	Chagas
Charrua	Chechênia	Chicago	Chichorro
Chile	Chimboraço	China	Chipre
Cibele	Cícero	Ciclope(s)	Cide
Cilícia	Cincinato	Cincorá	Cinfães
Cingapura (reg. bras.; trad. Singapura)	Cinira	Cíntia	Ciplão
Cipriano	Circe	Cirene(u)	Ciríaco
Cirilo	Cirino	Ciro	Ciropedia
Cisjordânia	Cister	Cítia	Clarissa, Clarisse
Cláudio	Cléber	Cleo, Cleio	Cléofas
Cleonice	Cleópatra	Clímaco	Clio
Clotilde	Clóvis	Coa	Coblença (al.: Koblenz)
Cochinchina	Colbergue (al.: Kolberg)	Colômbia	Cólops
Cólquida	Comores	Conceição	Condeixa
Condor	Coneticute (ingl.: Connecticut)	Conímbriga	Conrado
Confúcio	Consuelo	Copenhague	Corção
Córdova	Córidon	Coriolano	Cornélio
Cornualha	Córsega	Cortês	Cortes
Cortesão	Cosença	Cósimo	Costa do Marfim
Costa do Ouro	Costa Rica	Coutinho	Crateús
Cremilda, Cremilde	Crescêncio	Creso	Crespo
Creusa ou Creúsa	Criciúma	Criciumal	Crimeia
Crisóstomo	Crispim	Cristiano	Cristóvão
Crusoé	Cuba	Cupido	Curaçau
Curdistão	Cúri (Khuri)	Curitiba	Cusco
Cutia	Dacar	Dácio	Dagmar
Dagoberto	Dalmácia	Dalva	Damasceno
Damásio	Dâmaso	Dâmocles	Dânae
Danaides	Danilo	Dantas	Dante
Daomé	Darci	Dárdano	Dario
Daupiás	Davi(d)	Débora	Décio
Dejanira	Delagrave	Delfim	Deli
Demerval	Demétrio	Demóstenes	Denis (Dinis)
Denise	Deodato	Deodoro	Deolindo
Deschamps	Desdêmona	Desidério	Diamantino
Dietrich	Dilermando	Dimas	Diná
Dinamarca	Dinis (Denis)	Dinorá	Dio

Diocleciano	Dioclécio	Diógenes	Dionísio
Diotimo	Dirce	Dirceu	Djalma
Djibuti	Dniéper	Dolores	Domiciano
Domício	Domingues	Domingos	Domitila
Donato	Doraci	Doralice	Dores
Dóris	Dornelas	Dorval, Durval	Dositeu
Douglas	Dôver	Dresda (al.: Dresden)	Drummond
Duarte	Dublim	Dubois	Dulce
Dulcídio	Dulcina	Dulcineia	Dunquerque
Duprat	Durval, Dorval	Düsseldorf	Dutra
Eanes	Eça	Eclesiastes	Edelberto (Edilberto)
Éden	Edésio	Edgar(d), Edgardo	Edi
Edimburgo	Édipo	Edite	Éd(i)son
Edu, Eduardo	Edviges ou Hedviges	Edvino	Éfeso
Efraim	Egberto	Egeu	Egídio
Egito	Égon	Eiffel	Eleazar
Eleonor(a)	Elêusis	Eli	Elias
Eliézer	Elifaz	Élio, Hélio	Elisa(bete)
Elisete	Eliseu	Elísio(s)	EIoá
Elói	Elpídio (Helpídio)	Élton	El Salvador
Elza, Elsa	Elzira	Emanuel	Emaús
Emerenciano	Émerson	Emiliano	Emílio(a)
Encarnação	Eneias	Eneida	Engrácia
Eni	Ênio	Enoque	Éolo
Epaminondas	Epicteto	Epiro	Épsom
Equador	Erasmo	Érato	Érebo
Erexim	Érico (Enrico)	Eritreia	Ermenegildo
Ermengarda	Ernesto	Erval	Ervino (Hervino)
Esaú	Escócia	Ésio	Eslavônia
Eslováquia (eslov.: Slowenko)	Eslovênia	Esmeraldo(a)	Esmeraldino(a)
Esmirna	Esopo	Espanha	Espártaco
Espínola	Espinosa	Espírito Santo	Esperidião
Espoleto	Esposende	Ésquilo	Estácio
Estados Unidos	Estagira	Estalin(e)grado, Stalingrado	Estanislau
Estefânia	Estéfano	Ester	Estêvão
Esteves	Estige	Estocolmo	Estônia
Estoril	Estrabão	Estradivário	Estrasburgo
Estratonico (ní)	Estremadura	Estremoz	Estrômboli (Stromboli)
Etelvina	Euclides	Eudes	Eudorico
Eufrásio	Eufrosina, Eufrósina	Eugênio	Eulálio
Eunice	Eurialo (top.)	Euríalo (antrop.)	Eurídice
Eurípides	Eusébio	Eustáquio	Euterpe
Êutiques	Eva	Evaldo	Evandro
Evangelina	Evangelista	Evanira	Évora
Expedito	Exupério	Ezequias	Ezequiel
Fáber	Fabiano	Fábio	Fabíola
Fabrício	Fádua	Faença	Fagundes
Faixa de Gaza	Fani	Fará	Faraó
Faria	Farroupilha	Farsália	Fátima
Faustiniano	Faustino	Fausto	Faxinal
Feijó	Feliciano	Felício	Felisberto
Felisbino	Félix	Felizardo	Fenícia
Fênix	Ferrabrás	Ferrári	Ferraz
Ferreira	Ferrer (ér)	Fez	Fialho
Fidélio	Fidélis	Fidêncio	Fídias
Fígaro	Figueiredo	Figueiroa	Fiji (ilhas Fidji)
Filadélfia	Filadelfo	Filêmon	Filinto
Filipe	Filipinas	Finlândia	Fioravante
Firmino	Fitzgerald	Fiúme	Fiúza
Flávio	Fleury	Flora	Florença
Florêncio	Fócion	Fonseca	Fontoura
Forjaz	Fortaleza	Fragoso	França
Francelino	Frankenstein	Franklin	Frazão
Frederico	Fridolino	Fróis	Frutuoso
Fulgêncio	Fúlvio	Fusiama (Fujiyama)	Gabão
Gabi	Gabriel	Gálata	Galaz
Galhardo	Galileia	Galileu	Galiza
Gâmbia	Gamboa	Gana	Gândavo (Gandavo)
Gândi	Ganges	Ganimedes	Garção
Garcês	Garcia(s)	Gargântua	Garibáldi ou Garibalde
Garona	Garrett (escritor)	Garrete (prenome)	Gaspar
Gastão	Gaudêncio	Gautier	Gedeão
Genaro	Genebra	Genesaré	Genésio
Gengis-Khan	Gênova	Genserico	Genuíno
George(ta)	Geórgia	Georgino	Geraldo
Gerez	Germano	Gerôncio	Gérson
Gertrudes	Gervásio	Geslinda	Getsêmani
Getúlio	Giácomo (Jácomo)	Gibraltar	Gil
Gilberto	Gilca	Gilda	Gildásio
Gildo	Gino	Gioconda	Giotto
Gisel(d)a	Glásgua (ingl.: Glasgow)	Gláucio	Glauco
Glicério	Godinho	Godiva	Godofredo
Godói	Goethe	Goiânia	Goiás
Góis	Goitacases	Gólgota	Golias
Gomide	Gonçalo	Gonçalves	Gondim
Gôngora	Gonzaga	Górgias	Górgones, Górgonas
Gotemburgo	Gottlieb	Gottschalk	Goudard
Goulart	Gounod	Gouveia	Grã-Bretanha
Grã-Canária	Gracílio	Grajaú	Granada
Grão-Mongol	Graziela	Grenobla (fr.: Grenoble)	Groenlândia
Groninga (hol.: Groningen)	Grumixama	Guadalaxara (cast.: Guadalajara)	Guaíba

Gualra	Guaraci(aba)	Guaraqueçaba	Guatemala
Guedes	Guérios	Guevara	Guiana
Guido	Guilherme	Guiné	Guiné-Bissau
Guiomar	Guipúscoa	Gular(t)	Gúliver
Gumercindo	Gurgel	Gusmão	Gustavo
Guzerate	Habacuque	Habsburgo	Haidê, Haideia
Haiti	Halicarnasso	Hamburgo	Hamílton
Hanói	Hanôver	Haraldo	Harlem
Haroldo	Harpia	Harri	Harrison
Hartmut	Havaí	Havana	Havre
Hebe	Hébridas	Hébron	Hégira
Heitor	Hejaz	Hélade	Hélder
Hélen	Helena	Helga	Helianto
Hélicon	Hélio, Élio	Heliodoro	Heliogábalo
Heloísa	(H)elpídio	(H)elsenor	Helsínquia (Helsinki)
Hélvio	Hemetério	Hendaia	Henriques
Henrique(ta)	Heraclides	Heráclio	Heráclito
Her(i)berto	Herculano	Hércules	Helder
Herédia	Herilo (Hérilo)	(H)ermenegildo	Hermengarda
Hermes	Hermeto	Hermínio	Hermógenes
Hernâni	Herodes	Herodíade	Heródoto
Heron	Hersílio	(H)ervino	Hesíodo
Higino	Hilário	(H)ilda	Hildebrando
(H)ildefonso	Hildegardo	Hílton	Himalaia
Hindustão (Industão)	Hirá	Hipólito	Hiroxima
Hitler	Hoffman	Holofernes	Homero
Honduras	Hong Kong	Honolulu	Honorato
Honorino	Honório	Horácio	Horebe
Hortênsio	Hosana, Hosaná	Hostílio	Hotentótia
Hu(m)berto	Humboldt	Hudson	Hugo(lino)
Humphrey	Hungria	Iaiá	Iberê
Ibraim	Ícaro	Iedo	Iemanjá
Iêmen	Iena (Jena)	Ifigênio	Ígor (Igor)
Iguaçu	Ilda, Hilda	Ilhavo	Ildefonso
Ilhéus	Illinois	Ilisso	Ilza
Iná	Inácio	Inaiá	Ínaco
Índia	Indochina	Indonésia	Industão ou Hindustão
Inês	Inesinha	Inesita	Inglaterra
Inguchétia	Inocêncio	Iolanda	Iene
Iorque (ingl.: York)	Iracema	Iraci	Iraê
Irajá	Irã(o)	Iraque	Irene
Ireneu	Iria	Íria	Íris
Irmengard(a), Ermengarda	Isa	Isaac	Isabel
Isadora	Isaías	Isaltino	Isaque
Isar	Isaura	Iscariotes	Iseu (Isolda)
Isidoro	Isidro	Isilda	Ísis
Ismael	Ismênio	Isméria	Isócrates
Isolete	Isolino(a)	Israel	Issacar
Istambul	Ítaca	Ítaco	Itacolomi
Itaimbezinho	Itajaí	Itajiba	Ítalo
Itamar	ltapuã	Itaúna	Itiberê
Ituaçu	Iucatão	Iugoslávia	Ivã
Ivete	Ivone	Ivonete	Jaboatão
Jabuticabal	Jacareacanga	Jacarepaguá	Jacarezinho
Jaceguai	Jaci	Jacinto	Jacira
Jacó, Jacobo	Jácomo	Jacson (ingl.: Jackson)	Jacuí
Jáder	Jafé, Jafete	Jaguari	Jaime
Jair	Jairo	Jandir(a)	Jânsen
Jansênio	Januário	Japão	Jaquelina
Jarbas	Jasão	Jataí	Jatobá
Jaú	Javé	Jéferson	Jefté
Jeni	Jequi	Jeremias	Jeremoabo
Jericó	Jeroboão	Jerônimo	Jérsei (ingl.: Jersey)
Jerusalém	Jessé	Jessi	Jesuíno
Jesus	Jezabel	Jiboia	Jitaí
Jó, Jobe	Joana	João(zinho)	Joaquim
Joás	Jocasta	Jocelina	Joel
Joice	Jonas	Jônatas	Jordânia
Jordão	Jorge	Josafá, Josafate	José
Josefo	Josefino	Josias	Josino
Josué	Jovino (Juvino)	Juaçaba	Juarez
Juazeiro	Juazeirinho	Juçara	Jucundo
Judas	Judeia	Judite	Júlio
Julita	Jundiaí	Júnior	Junqueira
Júpiter	Juraci	Jurandi	Jurema
Juromenha	Juscelino	Justiniano	Juvenal
Juvêncio	Juvino (Jovino)	Labão	Lacerda
Lactâncio	Ladislau	Ládoga	Laércio
Laerte	Lafaiete	Laís	Laje(s)
Lajeado	Lamartine	Lampadosa	Lançarote
Lancelote	Languedoque	Laocoonte	Laodiceia
Laos	Láquese, Láquesis	Larousse	Laudelino
Laudemiro	Laureano	Laurentino	Laurino
Laurindo	Lauro	Lausana (fr.: Lausanne)	Lázaro
Leandro	Leão (esp.: León)	Leça	Leda(o)
Leila	Lélio	Lemos	Leni
Lênine (mais usado: Lenine)	Leningrado	Lenira	Leo
Leocádio, Leucádio	Leocrates	Leodegário	Leonardo
Leôncio	Leonel	Leonice	Leônidas
Leonor(a)	Lesoto	Lessing	Letícia
Levi	Levino (Livino)	Lia	Liana
Lianor	Lião (fr.: Lyon)	Libânio	Libério
Líbia	Libório	Lício	Licurgo

Lídio(a)	Líger (fr.: Loire)	Lígia	Ligório
Lília	Liliana	Lima	Limoges
Lincoln	Lindolfo	Lindoia	Lineu
Linhares	Leipzig	Lírio	Lis
Lisa	Lisandro	Lisete	Lísia(s)
Liverpul (ingl.: Liverpool)	Livino, Levino	Lobato	Lobo
Loengrim (al.: Lohengrin)	Loiola	Lombardia	Longino
Lopes	Lorena	Loureiro	Lourenço
Lourival	Lousada	Lovaina (fr.: Louvain)	Loyola
Luanda	Lucas	Lucena	Luci, Lúci
Lúcia(o)	Lucila	Lucília	Lucíola
Lucrécio	Ludgero	Ludovico	Luís, Luísa
Luisiana	Luisinho	Lúpi	Lupicino
Lurdes (fr.: Lourdes)	Lustosa	Luxemburgo	Luzardo
Luzerna (fr.: Lucerne)	Luzia	Lynch	Maçaranduba
Macário	Macau	Macedo	Maceió
Machado	Madagascar (Madagáscar)	Madalena	Madeburgo (al.: Magdeburg)
Madri(d)	Madureira	Mafalda	Magali
Magda	Magdala	Magnólia	Maiorca (Mallorca, Majorca)
Malaca (estreito)	Málaga	Malásia	Malavi
Mali	Malinas	Malta	Maltês
Maluf	Manassés	Manaus	Mançanares (cast.: Manzanares)
Manchester	Manchúria	Mandaçaia	Manfredo
Manhuaçu	Maniçoba	Manresa	Mansur
Mantovani	Mântua	Manuel	Maomé
Maracaibo	Maragojipe	Maranhão	Marçal
Marcelo	Márcio	Marcílio	Marcelino
Marcondes	Marcos	Marcôni	Marfisa
Margarida	Margot	Maria	Mariano
Mariazinha	Marilena	Marílea, Marília	Mário
Marisa	Maristela	Mariz	Marlene
Marli	Marques	Marrocos	Marroquim
Marselha	Mársias	Marta	Marte
Martim	Maruxa	Marx	Mascarenhas
Masinissa	Massangana	Massapé	Massília
Mateus	Matias	Matilde	Matos
Matozinhos	Matusalém	Maurício	Maurílio
Mauritânia	Mauro	Mausolo	Maxêncio [ˣ ¬]
Maximiliano	Maximino	Máximo	Mecenas
Mécio	Meda	Medeia	Médici
Medusa	Mefistófeles	Méier	Meireles
Melanésia	Melchior	Meleças	Melissa
Mélita	Melita	Melquíades	Melquisedeque
Mênalo	Mêndel	Mendelssohn	Mendes
Mendonça	Meneghin	Menelau	Meneses
Mênfis	Menotti	Mercedes	Mercês
Mercúrio	Mérida	Merlo	Mérope
Mesopotâmia	Mesquita	Messalina	Messejana
Messidor	Messina	Metastásio	México
Mianmar	Micenas	Michael	Micronésia
Michigan	Miguel	Miguelângelo	Milcíades
Milena	Míler (al.: Miller)	Mílton	Minerva
Miquelino	Misael	Mississípi	Missuri
Moabe	Moacir	Moçoró	Módena
Moema	Mogúncia (al.: Mainz)	Moisés	Moji(guaçu)
Mojimirim	Molière	Moloque	Molosso
Molucas	Mombaça	Mônaco	Monçaide
Monção	Mondego	Mônica	Moniz
Monroe	Monsarraz	Monserrate	Montalverne
Montevidéu	Montezuma	Montpellier	Montreal
Moquém	Morais	Moscou	Mosela
Mossâmedes	Mossul	Mozart	Múcio
Muçum	Müller	Munhoz	Munique (al.: München)
Murça	Múrcia	Murici	Muritiba
Mursa (top.)	Murtosa	Musa (antrop.)	Mussolini
Mutuca	Muza (top.)	Naamã	Nabucodonosor
Nagasaque	Naída	Nair	Najibe
Namíbia	Nanci	Não-me-Toque	Napoleão
Nápoles	Narbona	Narciso	Narval
Nascentes	Nascimento	Nasica	Naso, Nasão
Nassau	Násser	Natã	Natacha
Natálio	Natanael	Natércia	Nauru
Nausica	Nausícaa	Navarro	Nazaré
Nazarezinho	Nazário	Nazianzeno	Nebrissa (cast.: Nebrija)
Neemias	Neerlândia	Néfelis, Néferis	Neftali
Negrão	Negreiros	Nei(de)	Neiva
Neli	Nélson	Nêmese, Nemesis	Nemésio
Néon	Nepal	Nereida	Nereu
Néri	Nero	Nestlé	Netuno
Neumann	Neusa	Newton	Niágara
Niassa	Nicanor	Nicarágua	Nice
Niceia	Nícias	Nicodemo	Nicolau
Nicomédia	Niêmen	Niemeyer	Níger
Nigéria	Nilce	Nílson	Nilza
Nínive	Níobe	Nisa	Nise(u)
Nísia	Niso	Niterói	Nivaldo
Nívea	Nobel	Nóbrega	Nogueira
Noêmia	Normandia	Noronha	Nortúmbria (al.: Northumberland)
Nova Iorque (ingl.: New York)	Nova Jérsei (ingl.: New Jersey)	Nova Orleães (ingl.: New Orleans)	Nova Zelândia
Núbia	Nunálvares	Nunes	Nuno
Nurembergue (al.: Nüremberg)	Ohio	Oásis	Obede
Oberom	Óbidos	Oceania	Ochoa, Uchoa

Oklahoma	Odessa	Odete	Odílio
Odilon	Odoacro	Odolfo	Odon, Ódon
Ofélia	Ogiges	Ogígia	Oiapoque
Oiticica	Olavo	Oldemburgo	Olímpio
Olinda	Oliveira	Olívio	Olorum
Omã	Omar	Onega	Onésimo
Onfale	Oréades	Orebe	Orestes (antrop.)
Oréstis (top.)	Orgetórige	Orico	Orígenes
Orinoco	Oríon	Oriz	Orizona
Orlando	Orleães	Ormuz	Ornelas
Orozimbo	Orsino	Ortigão	Ortis
Oscar	Oseias	Osias	Osíris
Oslo	Osmar	Osni	Osório
Ossétia	Ossian	Ostenda, Ostende	Óstia
Osvaldo	Osvino	Otacílio	Otava (ingl.: Ottawa)
Otaviano	Otávio	Otelo	Otero
Otílio	Oto	Óton, Ot(h)on	Otoniel
Ourém	Ourique	Ouro Preto	Ovídio
Oviedo	Oxônia, Oxforde (ingl.: Oxford)	Ozias	Oziel
Pã	Pacheco	Paçô	Pactolo
Padilha	Padovani	Pafúncio	Paganini
Pais	Pajeú	Palêmon	Palença (Palencia)
Palestina	Palmas	Panamá	Pança (Sancho)
Pandora	Pansa	Pântano Grande	Pantagruel
Pantaleão	Papíni	Papua Nova-Guiné	Paquistão
Pará	Paracelso	Paraguaçu	Paraguai
Paraíba	Paraná	Paranhos	Pareci
Paris	Páris (antrop.)	Parnaso	Parreira
Parsifal	Partênope	Pasárgada(s)	Páscoa
Pascoal	Pasífae	Passalacqua	Pátroclo
Pau-d’Alho	Pau-d’Arco	Pausílipo	Pavia (í-a)
Pedro	Pedrógão	Pedrosa, Pedroso	Pégaso
Peixoto	Pelágio	Pellegrino	Peloponeso
Penélope	Peniche	Pensilvânia	Pepino
Pepito	Pequim	Pequiri	Peregrino
Peres	Perilo	Pero	Persétone
Perseu	Pérsia	Persílio	Pérsio
Persival (Parsifal)	Pessanha	Petrogrado	Petrônio
Petrópolis	Piauí	Picardia	Pimenta
Pimentel	Pimpão	Píndaro	Piódão
Piraçununga	Pireneus, Pirinéus	Pires	Pisa
Pisão	Pisistrato	Pistoia	Pitágoras
Piuí	Pizarro	Plácido	Plasença (cast.: Plasencia)
Platão	Plauto	Plêiades	Plínio
Plutarco	Políbio	Policarpo	Policleto
Polifemo	Polinésia	Políxeno	Polônia
Pólux [ᵡ ¬]	Pompeia	Pompeu	Pompílio
Ponciano	Ponto Euxino [ᵡ ¬]	Porciúncula	Porfírio
Porto Alegre	Porto Rico	Portugal	Pos(s)idônio
Poti	Potinji	Prado	Prazins
Praxedes	Praxíteles (Praxiteles)	Prestes	Preto
Prérôt	Príamo	Priapo (i-á)	Prisciano
Priscilo	Procópio	Proença	Prometeu
Propércio	Propiá	Prosdócimo	Prosérpina
Protásio	Proteu	Protógenes	Prússia
Ptolemeu	Ptolomeu	Públio	Putifar, Potifar, Potífar
Quaraci(aba), Guaraciaba	Quasímodo	Quati(s)	Quebeque (fr.: Quebec)
Queiroga	Queirós	Quelimane	Queluz
Quênia (Kenya)	Quental	Quéops, Quéope	Quersoneso
Quevedo	Quiçaba	Quiçama	Quíchuas
Quília (al.: Kiel)	Quíloa	Quirguistão	Quirguízia
Quiribati	Quitéria	Quixaba	Quixote
Rabelo	Radagásio	Radamés	Radegunda
Rafael(a)	Raimundo	Ramalho	Ramiro
Ramiz	Ramsés	Ramos	Randolfo
Range	Raposa	Raposo	Raquel
Rasputin	Ratisbona (fr.: Ratisbonne, al.: Regensburg)	Raul	Rebelo
Rebouças	Recife	Regina	Reginaldo
Régis	Rego	Reinaldo	Reis
Rembrandt	Remígio	Renê (Renato)	Resende
Restelo	Riachuelo	Ribas	Ribeiro
Ricardo	Rigoleto	Rímini	Rita
Rivadávia	Roberto	Robespierre	Robin
Róbinson	Rocha	Ródano	Rodésia
Rodolfo	Rodovalho	Rodrigo	Rodrigues
Rogaciano	Rogério	Rolando	Romênia
Romão	Romariz	Romênia	Romeu
Romualdo	Rômulo	Ronaldo	Rondônia
Roque	Roriz	Rosa	Rosalba
Rosália	Rosálio	Rosamaria	Rosana
Rosário	Rosaura	Rosendo	Rosina
Rosinha	Rosita	Rossio (í)	Roterdão (hol.: Rotterdam)
Rothschild	Rousseau	Roxana, Roxane	Ruães
Ruanda	Ruão (fr.: Rouen)	Rubem, Rúben, Rubens	Rufo
Rui	Ruivo	Ruiz	Rússia
Rute	Sá	Saara	Sara
Sa(a)vedra	Saboia	Sabrina (rio Severn)	Sabugosa
Saci	Salazar	Saldanha	Salisburgo (al.: Salzburg)
Salisbúria (ingl.: Salesbury)	Salomão	Salomé	Salonica
Salústio	Salvador	Salviano	Sálvio
Samatra (ou Sumatra)	Samora (cast.: Zamora)	Samosata	Samotrácia
Sampaio	Samuel	Sancho (Pança)	Sandoval
Sandra	Sanguessuga	San Marino	Sansão

Santa Lúcia	Santana	Santarém	Santelmo
Santiago	São Sepé	São Tomé e Príncipe	Sapucaia
Saragoça	Saraiva	Sardanapalo	Sarmento
Satã	Satanás	Saturno	Saul
Saxônia [ㅉ ¬]	Schmidt	Schneider	Schopenhauer
Schubert	Seabra	Seara	Sebaldo
Sebastião	Segóvia	Seicheles	Seixas
Selma	Selmar	Semíramis	Sena (fr.: (la) Seine)
Senaqueribe	Sêneca	Sênior	Sepúlveda
Sequeira, Siqueira	Serafim	Serajevo (iê)	Sérgio
Sergipe	Seridó	Serra Leoa	Serro Cadeado
Sertório	Servílio	Serzedele	Sésamo
Sesimbra	Sesóstris	Séssia	Set
Setúbal	Seul	Severino	Sevilha
Sevres (fr.: Sèvres)	Sezefredo	Shakespeare	Sião
Sibaris	Sibéria	Sicília	Sídnei, Sidney
Sidon	Sidônio	Siegfried	Sigismundo
Siguença	Silésia	Silvério	Sílvio
Simão	Simeão	Simira	Simões
Simone	Simônides	Simplício	Sinai
Sinfrônio	Sínger	Sintra	Sinval
Siqueira, Sequeira	Siquém	Siqueu	Siracusa
Síria	Sírio	Sirtes	Sisefredo
Sisenando	Sísifo	Sisto	Soares
Sócrates	Sodré	Sofala	Sofia (antrop.)
Sófia (top.)	Sófocles	Sofrósine	Solange
Sólima	Sólon	Somália	Sona (fr.: Saône)
Sônia	Sorbona (fr.: Sorbonne)	Soropita	Sorrento
Sósia(s)	Sosígenes	Sotero	Sousa
Sousel(as)	Spinelli	Spinoza	Sri Lanka
Stewart	Stuart	Stuttgart	Suaçuna
Subíaco	Sucupira	Suécia	Sueli
Suetônio	Suez	Suíça	Sulpício
Suriname	Susa	Susana	Suso
Tabor	Tabuão	Tabuleiro	Taciano
Tácio	Tácito	Tadeu	Tadjiquistão
Tágides	Tailândia	Taís	Taiti
Taiwan	Talassa	Tales	Talia
Talita	Tâmega	Tamerlão	Tâmisa
Tânagra	Tancredo	Tanganica	Tânger
Tântalo	Tanzânia	Tapajós	Tapera
Taperoá	Tarcísio	Tarquínio	Tarpeia
Tarsílio	Társis	Tarumã	Tasso
Tavares	Távora	Taylor	Tcheca (República)
Tebaida	Teerã	Tegucigalpa	Teixeira
Teje	Tel-Aviv	Telêmaco	Teles
Telmo(a)	Têmis	Temístocles	Tenerife
Tennessee	Tenório	Teobaldo	Teócrito
Teodemiro	Teodolfo	Teodolindo	Teodorico
Teodoro	Teófilo	Teotônio	Terêncio
Teresa	Teresina	Teresinha	Teresópolis
Termópilas	Terpsícore	Terra do Fogo	Tertuliano
Teseu	Tessália	Tessalonica	Tétis
Teutônia	Texas	Thompson	Tiberíade
Tibério	Tibete	Tibiriçá	Tibulo
Tibúrcio	Ticiano	Tietê, Tieté	Tijipió
Timócrates	Tímon	Timóteo	Tirse
Titã	Titão	Tívoli	Tobias
Tocantins	Toe	Togo	Tolosa (fr.: Toulouse)
Tomás	Tomásia	Tomasina	Temasinho
Tonga	Tóquio	Tordesilhas	Toríbio
Torquato	Torres	Trafalgar	Tramandaí
Trancoso	Trancozelos	Tranquilino	Transilvânia
Transval	Trasibulo (Trasíbulo)	Trás-os-Montes	Travaços (Travassos)
Trebizonda	Trevisani	Treviso	Tribúria (al.: Tribur, atual Trebur)
Trinidad e Tobago	Trípoli	Tristão	Troia
Truxilho (cast.: Trujillo)	Tubinga (al.: Tübingen)	Tucídides	Tucumã
Tudor	Tuy (Filipinas); Tui (Espanha)	Tuiuti	Tulherias
Túlio	Tulom (fr.: Toulon)	Tumucumaque	Túnis
Tunísia	Tupã	Tupanciretã	Tupi
Turcomenistão	Turena (fr.: Turenne)	Turiaçu	Turquestão
Tuvalu	Ubaldo	Ubiraçu	Ubirajara
Ubiratã	Uchoa, Ochoa	Ucrânia	Uganda
Ugoline	Uílson (Vilson, Wilson)	Úlfilas	Ulhoa
Ulisses	Ulma (Ulm)	Ulpiano	Umbaúba
Úmbria	Umbu(zeiro)	Upsala, Upsália (Uppsala, Suécia)	Urais
Urias	Uriel	Urraca	Ursicino
Ursino	Úrsula	Ursulino	Uruçanga
Utah	Utreque (al.: Utreccht)	Uzbequistão	Vacacaí
Vágner (al.: Wagner)	Valadares	Valdemar	Valdemiro
Valdês	Valdívia	Valdivino	Valdomiro
Valença	Valência	Valentim	Valério
Valesca	Valésia (fr.: Valois)	Valhadolide (cast.: Valladolid)	Valmir
Valmor	Valpaços	Valparaíso	Valquíria
Válter	Valverde	Vancôver (ingl.: Vancouver)	Vanda
Vanderlei	Vandoma (fr.: Vendôme)	Vânia	Vanuatre
Vargas	Vargedo	Vargem	Varginha
Varnhagem	Varrão	Varsóvia	Várzea
Varzeão	Varzedo	Vasa-Barris	Vasconcelos
Vascongados	Vaticano	Vaz	Vecta, Véctis (ingl.: Wight)
Veiga	Veimar (al.: Weimar)	Velasques	Veloso
Venâncio	Venceslau	Vendeia (fr.: Vendée)	Vêneto

Veneza	Venezuela	Vênus	Veranópolis
Verdum	Vergílio, Virgílio	Vergueiro	Veríssimo
Verneque (al.: Werneck)	Verney	Veroduno (fr.: Verdun)	Veronês
Versalhes (fr.: Versailles)	Vespasiano	Vespúcio	Vestefália (al.: Westphalen)
Vesúvio	Via-Láctea	Viana	Vicêncio
Viçosa	Vietnã, Vietnam	Vila-Lobos	Vilar
Vilas-Boas	Vilela	Vilma(r)	Vílson (Uílson, Wilson)
Vimieiro	Vinhais	Vinício	Vintemilha (it.: Vintimiglia)
Violeta	Virgílio, Vergílio	Virgínio	Virgulino
Viriato	Viseu	Vístula	Vital
Viterbo	Vitiza	Vítor	Vitorino
Vitório	Vitrício	Vitrúvio	Vitulo
Vivaldo	Viviano(a)	Vix(e)nu	Vizela
Vladimir(o)	Vladivostoque	Volfgango (al.: Wolfgang)	Volmir
Voltaire	Vormácia	Vouzela	Vúlfila(s)
Vupabuçu	Vurembergue (al.: Würtemberg)	Xabregas	Xacuntalá
Xangai	Xangô	Xangri-Lá	Xantipa
Xantum	Xanxerê	Xapecó	Xarazada
Xavantes	Xavier	Xaxim	Xenágoras
Xenofonte	Xerxes	Ximenes (Jiménez)	Xingu
Xiquexique	Xiraz	Xisto	Xumilha (al.: Jumilla)
Zacarias	Zaída	Zaide	Zaíra
Zambeze	Zambézia	Zâmbia	Zamora (v. Samora)
Zanzibar, Zinzibar	Zaratustra	Zebedeu	Zeferino
Zelândia	Zélia	Zend-Avesta	Zenilda
Zenóbio	Zeus	Zêuxis [[illegible]]	Zezé
Zêzere	Zezinho	Zezito	Zilá
Zilda	Zimbábue	Zimmerman	Zoé
Zoilo	Zoraide	Zoroastro	Zorobabel
Zósimo	Zuiderzee	Zuínglio	Zuleica
Zulmiro	Zululândia	Zúquete	Zurara (Azurara)
Zurique (al.: Zürich)			

APÊNDICE III

ESTRANGEIRISMOS E ESTRANGEIRISMOS JÁ APORTUGUESADOS

	ad libitum (lat.)	ad referendum (lat.)
à la carte (fr.)	alibi (lat.)	alter ego (lat.)
ampère (fr.)	a priori (lat.)	a posteriori (lat.)
atelier (fr.)	avant la lettre (fr.)	avant-première (fr.)
berceuse (fr.)	best-seller (ingl.)	black-out (ingl.)
blitzk-krieg (al.)	bureau (fr.)	bye-bye (ingl.)
causeur (fr.)	close-up (ingl.)	corner (ingl.)
coulomb (fr.)	country (ingl.)	curriculum vitae (lat.)
dancing (ingl.)	débâcle (fr.)	delivery (ingl.)
démarche (fr.)	derby (ingl.)	download (ingl.)
enjambement (fr.)	ex cathedra (lat.)	ex libris (lat.)
extramuros (lat.)	facies (lat.)	farad (ingl.)
faraday (ingl.)	far-niente (it.)	feedback (ingl.)
flamboyant (fr.)	footing (ingl.)	forward (ingl.)
foul (ingl.)	freelance (ingl.)	frigidaire (fr.)
full-time (ingl.)	garçonnière (fr.)	gauche (fr.)
gauss (al.)	gentleman (ingl.; pl. gentlemen)	gilbert (ingl.)
globe-trotter (ingl.)	gran-prix (fr.)	grosso modo (lat.)
gruyère (fr.)	habeas corpus (lat.)	habitat (lat.)
half-back (ingl.)	habitué (fr.)	hall (ingl.)
handicap (ingl.)	hippie (ingl.)	honoris causa (lat.)
humour (ingl.)	ibidem (lat.)	iceberg (ingl.)
idem (lat.)	imprimatur (lat.)	incontinenti (lat.)
in extremis (lat.)	in loco (lat.)	in memoriam (lat.)
intermezzo (it.)	intramuros (lat.)	ipsis litteris (lat.)
ipsis verbis (lat.)	ipso tacto (lat.)	item (lat.)
(jazz)-band (ingl.)	jeans (ingl.)	joule (ingl.)
Kaiser (al.)	keeper (ingl.)	ketchup (ingl.)
Kirsch (al.)	Kremlin (rus.)	kümmel (al.)
lady (ingl.; pl. ladies)	laisser-aller (fr.)	laissez-faire (fr.)
Leitmotiv (al.)	litteratim (lat.)	living (ingl.)
long-play (ingl.)	mademoiselle (fr.)	magnificat (lat.)
match (ingl.)	maximum (lat.)	mea culpa (lat.)
meeting (ingl.)	ménage (fr.)	mignon (fr.)
mister (ingl.)	mistress (ingl.)	monsieur (fr.)
motu continuo (lat.)	mouse (ingl.)	music-hall (ingl.)
mutatis mutandis (lat.)	nihil obstat (lat.)	nouveau-riche (fr.)
office-boy (ingl.)	off-side (ingl.)	opus (lat.)
outdoor (ingl.)	ouverture (fr.)	pari passu (lat.)
passim (lat.)	pedigree (ingl.)	peignoir (fr.)
penalty (ingl.; pl. penalties)	per capita (lat.)	peformance (ingl.)
pizza (it.)	playground (ingl.)	pot-pourri (fr.)
princeps (lat.)	quantum (lat.)	quilowatt (ingl.)
quorum (lat.)	railway (ingl.)	rallentando (it.)
râtê (fr.)	referee (ingl.)	rock-and-roll (ingl.)
rugby (ingl.)	rush (ingl.)	savoir-faire (fr.)
savoir-vivre (fr.)	schottisch (al.)	scilicet (lat.)
scratchman (ingl.; pl. scratchmen)	sex appeal (ingl.)	sforzando (it.)
shopping (ingl.)	short (ingl.)	show (ingl.)
show room (ingl.)	shunt (ingl.)	side car (ingl.)
sine die (lat.)	sine qua non (lat.)	sir (ingl.)
skate (ingl.)	slogan (ingl.)	smoking (ingl.)
smorzando (it.)	soirée (fr.)	soutien (fr.)
speaker (ingl.)	speech (ingl.)	stand (ingl.)
standard (ingl.)	status quo (lat.)	steeple-chase (ingl.)
sui generis (lat.)	superavit (lat.)	surmenage (fr.)
sursis (fr.)	tertius (lat.)	tournée (fr.)
troupe (fr.)	tutti frutti (it.)	up-to-date (ingl.)
urbi et orbi (lat.)	vaudeville (fr.)	verbi gratia (lat.)
vernier (fr.) (nônio)	vernissage (fr.)	*vis-à-vis (fr.)*
vivace (it.)	volt (fr.)	volt-ampère (ingl.)
waffle (ingl.)	walkman (ingl.)	warrant (ingl.)
water closet (ingl.)	water polo (ingl.)	waterproof (ingl.)
watt (ingl.)	weekend (ingl.)	winchester (ingl.)
yuppie (ingl.)	zoom (ingl.)	ESTRANGEIRISMOS JÁ APORTUGUESADOS
abat-jour (fr.): abajur	agrafe (fr.): agrafe, agrafo	allegretto (it.): alegreto
allegro (it.): alegro	atelier (fr.): ateliê	avalanche (fr.): avalancha
back (ingl.): beque	baccara(t) (fr.): bacará	balancier (fr.): balancê
ballet (fr.): balé	baseball (ingl.): beisebol	basket(-ball) (ingl.): basquete(bol)
bâton (fr.): batom	beef (ingl.): bife	beige (fr.): bege
bibelot (fr.): bibelô	biberon (fr.): biberão	bidet (fr.): bidê
bidon (fr.): bidão	bijouterie (fr.): bijuteria	bikini (ingl.): biquíni ou biquine
bilboquet (fr.): bilboquê	bill (ingl.): bil	blackout (ingl.): blecaute
blockhaus (al.): blocausse	bluff (ingl.): blefe	boer (hol.): bôer
boite (fr.): boate	bonnet (fr.): boné	boulevard (fr.): bulevar
bouquet (fr.): buquê	boutique (fr.): butique	box (ingl.): boxe
brandy (ingl.): brande	brevet (fr.): brevê	breveter (fr.): brevetar

bric-à-brac (fr.): bricabraque	bridge (ingl.): bridge	brig (ingl.): briguei
brouhaha (fr.): bruaá	buffet (fr.): bufete	bulldog (ingl.): buldogue
bungalow (ingl.): bangalô	cabaret (fr.): cabaré	cabine (fr.): cabina
cabriolet (fr.): cabriolé	cache-col (fr.): cachecol	cache-nez (fr.): cachenê
cache-pot (fr.): cachepô	cachet (fr.): cachê	camelot (fr.): camelô
camionette (fr.): caminhonete, camionete, camioneta	camouflage (fr.): camuflagem	camoufler (fr.): camuflar
cancan (fr.): cancã	capot (fr.): capô	carapace (fr.): carapaça
carnet (fr.): carnê	carrosserie (fr.): carroceria (PB), carroçaria (PE)	carrousel (fr.): carrossel
casino (it.), cassino (ingl.ou fr.: casino)	casse-tête (fr.): cassetete	catgut (ingl.): categute
cavaignac (fr.): cavanhaque	chalet (fr.): chalé	champagne (fr.): champanha, champanhe
chance (fr.): chance	chantage (fr.): chantagem	charge (fr.): charge
chassis (fr.): chassi	chauffeur (fr.): chatô	chauffeur (fr.): chofer
chauvinisme (fr.): chauvinismo (cho)	chic (fr.): chique	choc (fr.): choque
chope (fr.): chope	cicerone (it.): cicerone	clichê (fr.): clichê
clicherie (fr.): clicheria	clip(s) (ingl.): clipe(s)	club (ingl.): clube
coaltar (ingl.): coltar	cocktail (ingl.): coquetel	cognac (fr.): conhaque
comité (fr.): comitê	complot (fr.): complô	confetti (it.): confete
copydesk (ingl.): copidesque; deriv.: copidescar	coqueluche (fr.): coqueluche	coquette (fr.): coquete
corbeille (fr.): corbelha (é)	cotillon (fr.): cotilhão	couché (fr.): cuchê
coupé (fr.): cupê	coupon (fr.): cupom, cupão	cowboy (ingl.): caubói
crachat (fr.): crachá	crack (ingl.): craque	crayon (fr.): creiom
crèche (ir.): creche	crépon (ir.): crepom	cricket (ingl.): críquete
crochet (fr.): crochê	croquette (fr.): croquete	croquis (fr.): croqui
croupier (fr.): crupiê	cubilot (fr.): cubilô	folklore (ingl.): folclore
football (ingl.): futebol	foulard (fr.): fular	foxtrot (ingl.): foxtrote
froufrou (fr.): frufru	fourgon (fr.): furgão	gabardine (fr.): gabardina
gaffe (fr.): gafe	garage (fr.): garagem	garçon (fr.): garçom
gare (ir.): gare	geisha (jap.): gueixa	geyser (isl.): gêiser
gelosia (it.): gelosia	ghetto (it.): gueto	ghimel (hebr.): guímel
gin (ingl.): gim	glacé (fr.): glacê	Gneiss (al.): gnaissen
gnocco (it.): nhoque	goal (ingl.): gol	godet (fr.): godê
golf (ingl.): golfe	gouache (fr.): guache	wratis (lat.): grátis
grès (fr.): grés	greve (fr.): greve	grimace (ir.): grimaça
grippe (fr.): gripe	grisé (fr.): grisê	grog (ingl.): grogue
groseille (fr.): groselha	gruppetto (it.): grupeto	guéridon (fr.): gueridom
guichet (fr.): guichê	guidon (fr.): guidom	guillotine (fr.): guilhotina
hachure (fr.): hachura	haikai (jap.): haicai	handball (ingl.): handebol, andebol
hangar (fr.): hangar	harakiri (jap.): haraquiri	heureka (gr.): heureca
Hinterland (al.): hinterlândia	hockey (ingl.): hóquei	Hornblende (al.): hornblenda
imbróglio (it.): imbróglio	indigotier (fr.): indigoteiro	influenza (it.): influenza
in folio (lat.): in-fólio	internet (ingl.): internete	jargon (fr.): jargão
jeep (ingl.): jipe	jérémiade (fr.): jeremiada	jersey (ingl.): jérsei
jettatura (it.): jetatura	jiujitsu (jap.): jiu-jitsu	jockey (ingl.): jóquei
jungle (ingl.): jângal	jury (ingl.): júri	keeper (ingl.): quíper
kéfir (fr.): quefir	képi (fr. < al.): quepe	kermesse (fr.): quermesse
kimono (jap.): quimono	kioxk (tur.): quiosque	kitchenette, kitchenet (ingl.): quitinete
knockout (ingl.): nocaute	kyrie (gr.): quírie	kyrie eleison (gr.): quirielêisom
lambrequin (fr.): lambrequim	landau (fr. < al.): landau	landaulet (fr.): landolé
landgrave (fr. < al. Landgraf: landegrave	lansquenet (fr. < al. Landsknecht) lansquenê, lansquenete	larghetto (it.): largueto
lasagna (it.): lasanha	lavanderie (fr.): lavanderia (PB), lavandaria (PE)	lazzaretto (it.): lazareto
lazzarone (it.): lazarone	leader (ingl.): líder	liane (fr.): liana
libretto (it.): libreto	limousine (fr.): limusine	linkage (ingl.): lincagem
lockout (ingl.): locaute	loquet (fr.): loquete	lord (ingl.): lorde
lorette (fr.): loreta	lockout (ingl.): locaute	lorgnon (fr.): lornhão
loulou (fr.): lulu	lucarne (fr.): lucarna	lumachella (it.): lumaquela
lunch (ingl.): lanche	luncheonette (ingl.): lanchonete	macadam (ingl.): macadame
maçon (fr.): maçom	madame (fr.): madame	madonna (it.): madona
magazine (ingl.): magazine	maillot (fr.): maiô	manchette (fr.): manchete
manicure (fr.): manicure	mansarde (fr.): mansarda	manteau (fr.): mantô
maquette (fr.): maquete	maquillage (fr.): maquilagem, maquiagem	maquiller (fr.): maquilar, maquiar
marabout (fr.): marabu	marquise (fr.): marquesa, marquise	marionette (fr.): marionete
marron (fr.): marrom	maroufle (fr.): marufle	massaaer (fr.): massacrar
matité (fr.): matidez	matinée (fr.): matinê	mayonnaise (fr.): maionese
mazanilla (esp.): maçanilha	media (ingl., lat.): mídia	medium (lat.): médium
memorandum (lat.): memorando	menu (fr.): menu	menuet (fr.): minueto
merlette (fr.): merleta	merlin (fr.): merlim	métro (fr.): metrô
mezzanino (it.): mezanino	minuetto (it.): minueto	mignonette (fr.): minhonete
mispickel (fr. < al. Misspickel): mispíquel	mitaine (fr.) mitene	mocassin (fr.): mocassim
modiglione (it.): modilhão	mofetta (it.): mofeta	molinillo (esp.): molinilho
mortadella (it.): mortadela	moulinet (fr.): molinete	monétiser (fr.): monetizar
montre (fr.): montra	mozzetta (it.): mozeta	munus (lat.): múnus
mylord (ingl.): milorde	nielo (it.): nielo	nylon (ingl.): náilon
omelette (fr.): omelete	omnibus (lat.): ônibus	ônus (lat.): ônus
orphéon (fr.): orfeão	paletta (it.): paleta	paletot (fr.): paletó
panne (fr.): pane	pantalla (esp.): pantalha	panthéon (fr.): panteão
paquet (fr.): paquê	parquet (fr.): parque e parquete	pasteuriser (fr.): pasteurizar
pastiche (fr. < it. pasticcio): pasticho	pâté (fr.): patê	patois (fr.): patoá
peignoir (fr.): penhoar	pélerine (fr.): pelerine	pelieterie (fr.): peleteria, peletaria
penalty, pl. penalties (ingl.): pênalti, pênaltis	penny (ingl.): pêni	percaline (fr.): percalina
percheron (fr.): percherão	petit-gris (fr.): petigris	petit-maítre (fr.): petimetre
piaffer (fr.): piafé	pickles (ingl.): picles	picnic (ingl.): piquenique
pierrot (fr.): pierrô	pince-nez (fr.): pencenê, pincenê	ping-pong (ingl.): pingue-pongue
piqué (fr.): piquê	piston (fr.): pistão	pittoresco (it.): pitoresco
pivot (fr.): pivô	pizzicato (it.): pizicato	placará (fr.): placar
planche (fr.): plancha	plaqué (fr.): plaquê	plaquette (fr.): plaqueta
plastron (fr.): plastrão	plateau (fr.): platô	plissage (fr.): plissagem
plissé (fr.): plissê, plissado	poker (ingl.): pôquer	pompon (fr.): pompom
poney (fr. < ingl. pony): pônei	popeline (fr.): popelina	pose (fr.): pose
pouf (fr.): pufe	poule (fr.): pule	pozzolana (it.): pozolana
praline (fr.): pralina	premier (fr.): premiê	prima donna (it.): prima-dona
prise (fr.): prise	pudding (ingl.): pudim	pullover (ingl.): pulôver

punch (ingl.): ponche	purée (fr.): pirê, purê	quaker (ingl.): quacre
quiproquo (lat.): quiproquó	racconto (it.): raconto	ragoût (fr.): ragu
raid (ingl.): reide	raquette (fr.): raquete	ravine (fr.): ravina
ravioli (it.): ravióli	rayon (ingl.): raiom	razzia (fr. < arg.): razia
recaoutchoutage (fr.): recauchutagem	recaoutchouter (fr.): recauchutar	recipe (lat.): récipe
reclame (fr.): reclame	record (ingl.): recorde	referendum (lat.): referendo
relais (fr.): relê	rendez-vous (fr.): randevu	renette (fr.): renete
reporter (ingl.): repórter	requiem (lat.): réquiem	réséda (fr.): resedá, reseda
revanche (fr.): revanche	ricochet (fr.): ricochete	ricotta (it.): ricota
ring (ingl.): ringue	rinsage (ingl.): rinsagem	risotto (it.): risoto
ritornello (it.): ritornelo	roast-beef (ingl.): rosbife	rondeau (fr.): rondó
rosillo (esp.): rosilho	rosoglio (it.): rosólio	rouge (fr.): ruge
rugby (ingl.): rúgbi	sabotage (fr.): sabotagem	saboter (fr.): sabotar
salsiccia (it.): salsicha	salterello (it.): saltarelo	sandwich (ingl.): sanduíche
scratch (ingl.): escrete	seguidilla (esp.): seguidilha	shampoo (ingl.): xampu
shiboleth (hebr.): xibolete	shilling (ingl.): xelim	shoot (ingl.): chute, deriv.: chutar
silhouette (fr.): silhueta	ski (ingl.): esqui(ar)	snob (ingl.): esnobe
snooker (ingl.): sinuca	society (ingl.): soçaite	solvable (fr.): solvável
soutache (fr.): sutache	soutien (fr.): sutiã	spaghetti (it.): espaguete
sport (ingl.): esporte	sfaff (ingl.): estafe	stand (ingl.): estande
stencil (ingl.): estêncil		

APÊNDICE IV

PARTÍCULAS, LOCUÇÕES E SEQUÊNCIAS

à = a + a	à alemã	à altura (de)
à americana	à baila	abaixo-assinado(s)
abaixo (de)	à bala	à banda
à beça	à beira de	à beira-caminho
à beira-mar	à beira-rio	a bel-prazer (de)
a bem de	a bem dizer	à boa parte
à boca da noite	à boca miúda	à boca pequena
à cabeceira (de)	à caça (de)	a cada hora
a cada instante	a cada momento	a cada passo
a caminho	a canivete(s)	a cântaros
acaso	à cata (de)	a cavalo (de)
acerca de (= sobre; cp. há cerca de = faz aproximadamente)	acima (de)	a contragosto
a curto prazo	à custa alheia	a custa (de)
a custo (de)	a dar com pau	adentro (= para dentro: mato adentro)
à dependura	à deriva (de)	a descoberto
a desoras	a despeito de	adiante (de)
à direita	à disparada	à distância (de)
ad libitum (lat.)	ad litteram (lat.)	a dois e dois
a dois passos	a dois por três	a duas mãos
a duas vozes	a duras penas	a eito
à escolha (de)	à escuta	a esmo
a espaços	à espada	à espera (de)
à espreita (de)	à esquerda (de)	a essas (estas) horas
à exceção de	a exemplo de	a (às) expensas de
à faca	à face (de)	à falta de
à farta	a favor (de)	à feição (de)
a fim de (que)	à fina força	afinal
afinal de contas	a fio	a fio de espada
à flor de	a flux	a fogo e ferro
a fora (cp. em fora)	afora (= exceto)	à força (de)
à francesa	à frente (de)	a fundo
a furto	a galope	à gandaia
à garra	a gosto	à grande
a granel	à guisa de	à hora (de)
a horas mortas	a horas tantas	à imitação de
à inglesa	à instância de	à italiana
a jeito	a jusante (de)	a la minuta
à larga	além (de)	à letra
alfim	ali	aliás
à ligeira	a limpo	a longo prazo
à Luís XV	à luz de	à Machado (de Assis)
a mais	a mais não poder	a mancheias
à maneira de	à mão	à mão (de)
à mão armada	à mão-cheia	à mão direita
a mãos ambas	a mãos cheias	a mãos largas
a mãos plenas	a mãos pródigas	à má parte
à máquina	à margem (de)	à medida de
à medida que	a medo	à meia-luz
à meia-noite	a (à) meia-voz	a meias
a meio (pau)	a menos	a menos que
à mercê (de)	à mesa	a meu juízo
a meus pés	a meu ver	à milanesa
à míngua (de)	amiúde	a miúdo
à moda de	a modo de	a montante (de)
à mostra	a muito custo	a muque
a nado	a não ser (que)	à (a) navalha
à noite (de noite)	à noitinha	à nossa!
a nosso juízo	a nosso ver	anteontem
a nu	ao arrepio (de)	ao de leve
ao demais	ao (em) derredor	ao deus-dará
ao invés de (= ao contrário de (cp. em vez de = em lugar de)	ao léu (de)	a olho
a olho desarmado	a olho nu	a olhos vistos
ao lusco-fusco	aonde (= para onde)	ao par (de)
ao redor (de)	ao relento	ao rés de
ao revés (de)	ao sabor de	ao sopé de
ao tempo (em) que	ao través (de)	ao viés (de)
a páginas tantas	à paisana	a pão e água
a par (com) (de)	à parte	a pau e corda
a pé	a pedido (de)	apedido (subst.)
a peito descoberto	a pelo	apenas
a perder de vista	apesar de (que)	a pés juntos
a pino	a pique	a plenas mãos
a plenos pulmões	a poder de	a ponto de
à porfia	à porta(s) fechada(s)	à portuguesa
após (de)	a posteriori (lat.)	a potes (chover __)
a pouco e pouco	a poucos metros	a poucos passos
a prazo	a preceito	a preço de
à(s) pressa(s) (cp. depressa)	a prestações	a pretexto de
à primeira vista	a princípio	a priori (lat.)

à procura (de)	a pró de (ou em prol de)	à proporção (que/de)
a propósito (de)	à prova de	a prumo
a punhaladas	à pura força	à puridade
a qualquer hora	a quatro (mãos, vozes)	à queima-roupa
a que horas?	àquela(s) (= a aquela(s))	àquele(s) (= a aquele(s))
aquém de	àquilo (= a aquilo)	à razão de
a ré (marcha __)	a reboque	à rédea solta
a respeito (de)	à revelia (de)	a rigor
à risca	a risco (de)	à roda (de)
a rodo	a rojo	a saber
à saciedade	a sabor (de)	a salvo
a sangue-frio	a são e salvo	às apalpadelas
às avessas	às baratas	às boas
às cambalhotas	às carreiras	às cegas
às cinco (horas)	às claras	às costas
às dez (horas)	às direitas (loc. adv.)	às-direitas (adj.)
às duas (horas)	às duas por três	às dúzias
a seguir	à semelhança de	a sério
a serviço (de)	às escâncaras	às escondidas
às escuras	a sete chaves	a seu bel-prazer
a seu contento	a seu gosto	a seu juízo
a seu malgrado	a seu sabor	a seus pés
a seu talante	a seu tempo	a seu ver
a S. Exa.	às (a) expensas de	às fuças de
às furtadelas	às gargalhadas	à simples vista
às (ou as) mais (das) vezes (ou no mais das vezes)	às mil maravilhas	às moscas
às nove (horas)	à socapa	às ocultas
às oito (horas)	à solta	à sombra (de)
a sono solto	às onze (horas)	às ordens
à sorte	a sós	à surdina
às portas (da morte)	à(s) pressa(s)	às quartas (-feiras)
às quatro (horas)	às quintas (-feiras)	às segundas (-feiras)
às sextas (-feiras)	às sete (horas)	assim e assim
assim ou assado	às soltas	às (a) súbitas
à (a) sua escolha	a súbitas	à superfície (de)
à(s) surda(s)	à surdina	às tantas
às terças (-feiras)	às tontas	às traças
às três (horas)	às turras	às vésperas (de)
às vezes	às vinte (horas)	às vistas de
às voltas com	a talho de foice	à tarde(zinha)
até à medula (dos ossos)	até há pouco	até à raiz dos cabelos
até à saciedade	até às orelhas	até às últimas
até à vista	a tempo (= em tempo; há tempo = faz tempo)	a tempo e a horas
a terno(s) de	à testa de	a tiracolo
a tiro (de)	a título de	à toa
a toda a brida	a toda a força	a toda a pressa
a toda (a) hora	a toda a prova	a todas as horas
a todo (o) instante	a todo (o) momento	a todo o correr
a todo o custo	a todo o galope	a todo o pano
a todo o preço	a todo o pulso	a todo o risco
a todo o transe	a todo o vapor	à toinha
à tona (de)	a toque de caixa	a torto e a direito
à traição	atrás (de)	através de
a trecho(s)	a três por dois	a três vozes
à tripa forra	a troco de	a trote
à ufa	à última hora	à uma (= juntamente)
à uma (hora)	a uma voz	a um tempo
à (a) unha	a uso de	à vaca-fria (voltar __)
a valer	a vapor	a várias vozes
à (a) vela	a velas pandas	à ventura
a V. Exa.	à vista (desarmada)	à vista (de)
à viva força	à volta (com)	à volta de
à vontade (de)	a vozes	a vulto
bah!	boamente (mas: de boa mente)	boca a boca
cá	cara a cara	ceca e meca
cerca de	com a cabeça à roda	comigo
como quê (feio __)	com referência a	com respeito a
com tal que	com toda a certeza	com toda a força
com todas as forças	com todas as veras	com todo o rigor
com todos os efes e erres	comumente	conosco
conquanto	consigo	contanto que
contigo	contra toda a lógica	contra toda a razão
contudo	convosco	correr ceca e meca
dado (o caso) que	daí a dias	daí a pouco
daí a uma hora	daí a uma(s) semana(s)	daí por diante
daí por que	dá-lhe que dá-lhe	dali a pouco
da(s) mão(s) à boca	dantes	daquele(s)
daqui a pouco	daqui a uma hora	daqui a uma semana
daqui a um ano	daqui a um mês	daquilo
dar às de vila-diogo	dar à(s) perna(s)	das duas às três
da(s) mão(s) à boca	data venia	da uma às duas (três, etc.)
de acordo (com)	de afogadilho	de alto a baixo
de alto lá com ele	de antemão	de baixo a (ou para) cima
debaixo (de)	debalde	de boa mente (cp. boamente)
de bom grado	de borco	de bruços
de cabo a rabo	de cara a cara	decerto
de chofre	de cima	de cima a baixo
de cócoras	de comum acordo	de concerto (com)

de cor (e salteado)	de déu em déu	de enche-mão
de envolta com	de esguelha	de fato
de feito (de fato)	de fio a pavio	de fora
de fora a (para) dentro	de forma que	defronte (a) (de)
de foz em fora	de gatinhas	de há longa data
de há muito	de há pouco	de hoje em diante
de improviso	de jeito que	de lado a lado
de lês a lês	de mais (= de sobra, a mais; cp. de menos)	de mais a mais
demais (demasiadamente)	de mais disso	de maneira que
de mão a mão	de mau grado	de meia-tigela
de menos	de modo que	de moto próprio
de norte a sul	de novo	dentre (de entre)
de oitiva	de onde a onde	de ora avante (ou doravante)
de ora em diante	de par com	de par em par
de parte a parte	de permeio (com)	de per si
depois de amanhã	de ponta a ponta	de ponta-cabeça
de popa a proa	dê por onde der	de portas adentro
de portas afora	depressa	de propósito
de quando em quando	de rastros	de relance
de repelão	de repente	de resto
de revés	de ricochete	de roda (de)
de rojo	derredor (de)	desde a uma hora
desde as duas (três...) horas	desde há muito	desde que
de sob	de sobreaviso	de sobremão
de sobressalto	de sol a sol	de sorte que
de soslaio	dessarte	destarte
desse(s)	deste(s)	de súbito
de supetão	de tal modo que	de tempos a tempos
de toda espécie	de toda parte	de toda sorte
de todo o coração	de trás de	de trás para a frente
de trás para diante	detrás	de través
de truz	de uma assentada	de um a outro polo
devagar(inho)	deveras	de vereda
de vez em quando	de vez em vez	devido a
de viés	dia a dia	diante (de)
disso (= de isso)	disto (= de isto)	do arco-da-velha
donde	doravante (ou de ora avante)	dos pés à cabeça
dos quatro costados	ei-lo(s)	eis
eis por que	embaixo (de)	embalde (cp. debalde)
embora	em cima (de; cp. acima)	em consonância com
em demanda de	em (ou ao) derredor de	em detrimento de
em direção (a) (de)	em (a) domicílio	em face de
em frente (a) (de)	em meio (a) (de)	em ordem a
em palpos de aranha	em pé de guerra	em pelo
empós (de)	em (a) pró de	em prol de
em que pese a	em redor (de)	em riste
em seguida	em termos (de)	em toda a luz
em toda (a) parte	em todo (o) caso	em todo (o) tempo
em todo (o) tempo e lugar	em torno (a) (de)	em trajes menores
em vão	em vez de (cp. ao invés de)	em volta (de)
enfim	enquanto	entanto
entrementes	entretanto	estar à vista
estar às barbas com	e vice-versa	ex abrupto (lat.)
exceto se	exempli gratia (lat.)	face a face
faz anos (dias, semanas, meses)	que	fazer gato-sapato de
feito à mão	fio de prumo	gota a gota
há (= faz)	há anos (que)	há (= faz) cerca de
há dias (que)	há horas (meses, semanas que)	haja o que houver
haja vista (invar.)	há muito (que)	há pouco (que)
há tempo(s)	há um ano (dia, mês que)	havia (= fazia) anos (dias, meses que)
hoje em dia	homessa!	hora a hora
incontinenti (lat.)	in extenso (lat.)	in extremis (lat.)
in limine (lat.)	in loco (lat.)	in medias res (lat.)
in memoriam (lat.)	in-oitavo (lat.)	in praesentia (lat.)
in-quarto (lat.)	inter vivos (lat.)	in totum (lat.)
intramuros (lat.)	in utroque jure (lat.)	invés (ao __ de)
ipsis litteris (lat.)	ipsis verbis (lat.)	ipso facto (lat.)
ipso iure (lat.)	já, já	junto a (de)
lá para as tantas	lato sensu (lat.)	logo, logo
mal e mal	malgrado meu (cp. mau grado)	mano a mano
marcha a ré	mau grado	máxime
mo (me + o)	mormente	motivo por que
nada obstante	na hora em que	na maciota
na medida em que (cp. à medida que)	Não há de quê.	Não há por quê.
não obstante	naquela(s)	naquele(s)
naquilo	nele(s)	nem assim nem assado
nem chus nem bus	nessa(s)	nesse(s)
nesta(s)	neste(s)	neste comenos
neste em meio	neste entremeio	neste entretanto
neste ínterim	neste meio-tempo	neste meio-termo
ninguém	nisso	nisto
no caso (em) que	no dia (em) que	no encalço de
no-lo(s)	(n)o mais das vezes	no momento (em)
no soflagrante	no tocante a	num relance
num súbito	num upa	num vu
ó (interj. vocat.)	ô (interj. vocat.)	oh (int. exclam.)
ôh (int. exclam.)	ombro a ombro	opa (interj.)
o quê? o quê!	outrem	outrora
outrossim	palmo a palmo	par a par (com)

para que	para quê? para quê!	para toda a vida
para todo (o) sempre	para trás	pari passu (lat.)
passar a limpo	passo a passo	pau a pau
pela vida (a) fora	pois que	pois quê! pois quê...
por aí a baixo	por aí a fora	por baixo (de)
por causa de	por cento	por certo
por cima (de)	por conseguinte	por demais
por detrás (de)	porém	por enquanto
por exemplo, por ex.	por fim	por força
por isso	por mor de	pôr no olho da rua
por ora	por paus e (por) pedras	porquanto (pois)
por que (= pelo qual, pelos quais; pela qual, pelas quais)	por que (= por qual motivo)	por quê (= por qual motivo; no fim da frase)
por quê? por quê!	por quê...	porque (conjunção explicativa, causal, final)
portanto	por trás (de)	por um triz
porventura	por vezes	por via das dúvidas
por via de regra	posto que	pouco a pouco
pouco mais ou menos	quase	quê? quê!
quem quer que	quiçá	quid (lat.)
razão por que	rosto a rosto	se acaso
sem quê nem para quê	sem rei nem roque	sem tir-te nem guar-te
senão	sequer	sic (lat.)
sine qua non (lat.)	sobremaneira	

BIBLIOGRAFIA

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. Academia Brasileira de Letras. 5. ed. São Paulo, Global, 2009.

Acordo para a Unidade Ortográfica da Língua Portuguesa. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1946.

ALBANI, Salvador. *Língua, Ortografia e Analfabetismo.* São Paulo, Lusitana, 1969.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Dicionário de Questões Vernáculas*. São Paulo, Ática, 1981.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *Normalização da Documentação no Brasil.* 2. ed. Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Pesquisa Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, 1964.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2009.

BERGSTROM, Magnum & REIS, Neves. *Prontuário Ortográfico e Guia da Língua Portuguesa.* Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1955.

BISOL, Leda. "A Neutralização das Pretônicas". *D.E.L.T.A.* 19.2: 267-176. São Paulo, 2003.

_____. "O Diminutivo e suas Demandas". *D.E.L.T.A.* 26.1: 58-85. São Paulo, 2010.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*. Rio de Janeiro, Organização Simões, 1953.

_____. *Dicionário de Filologia e Gramática*. 3. ed. Rio de Janeiro, J. Ozon, 1968.

_____. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis, Vozes, 1970.

_____. *História e Estrutura da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro, Padrão, 1975.

CASTRO, Ivo & LEIRIA, Isabel. *A Demanda da Ortografia Portuguesa*. Lisboa, Edições João Sá da Costa, 1987.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. "Sistema Fonológico do Português: Rediscutindo o Consenso". *D.E.L.T.A* 18.1: 1-24. São Paulo, 2002.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda & PEREIRA, Manuel da Cunha. *Novo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1961.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975. [Inclui notas críticas de pé de pág., ao *Formulário Ortográfico* do PVOLP.]

_____. *Novo Dicionário Aurélio*. 4. ed. Curitiba, Positivo Informática, 2009.

FONSECA, Artur Oliveira. *Tudo sobre Hífen.* Rio de Janeiro, Organização Simões, 1960.

FRANÇA, Angela. "Problemas na Variante Tensa da Fala Carioca". *D.E.L.T.A.* 20, Especial: 33-58. São Paulo, 2004.

GARCIA, Othon Moacir. *Comunicação em Prosa Moderna.* Rio de Janeiro, FGV, 1967.

GONÇALVES, Maria Filomena. *As Ideias Ortográficas em Portugal de Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1734-1911).* Lisboa, Fundação Calouste Gulbekian, 2003.

GONÇALVES, Rebelo. *Tratado de Ortografia da Língua Portuguesa.* Coimbra, Atlântida, 1947.

HALL, Robert. "Occurrence and Orthographical Representation of Phonemes in Brazilian Portuguese". *Studies in Linguistics* 21.1, 1970.

HEAD, Brian F. *A Comparison of the Segmental Phonology of Lisbon and Rio de Janeiro.* Thesis. University of Texas, Austin, 1964.

HOUAISS, Antônio. *Escrevendo pela Nova Ortografia: Como Usar as Regras do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.* Instituto Antonio Houaiss. Rio de Janeiro, Houaiss/Publifolha, 2008.

_____. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e a Ortografia.* Rio de Janeiro, 1941.

INSTITUTO DE LINGUÍSTICA TEÓRICA E COMPUTACIONAL (iLteC). *Vocabulário Ortográfico do Português.* 1. ed. Lisboa, s/d. Disponível em: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/vop.html>.

KURY, Adriano da Gama. *Manual Prático de Ortografia.* Rio de Janeiro, Agir, 1968.

LUFT, Celso Pedro. O *Escrito Científico: Sua Estrutura e Apresentação.* 3. ed. Porto Alegre, Lima, 1971.

_____. *Decifrando a Crase*. São Paulo, Globo, 2008.

MACHADO FILHO, Aires da Mata. *Ortografia Oficial.* Belo Horizonte, Itatiaia, 1958.

MATEUS, Maria Helena Mira. "A Contribuição do Estudo dos Sons para a Aprendizagem da Língua". *Revista de Leitura* 1. 46: 13-35. Maceió, 2007.

MEIER, Harri. *Ensaios de Filologia Românica.* Rio de Janeiro, Grifo-IEC, 1973.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE. *A Questão Ortográfica.* Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1942.

MONTEIRO, Clóvis. *Ortografia da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro, Colégio Pedro II, 1956.

NASCENTES, Antenor. *O Idioma Nacional.* 3. ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1960.

NOMENCLATURA GRAMATICAL BRASILEIRA. 1959[1958]. Rio de Janeiro, MEC.

OLIVEIRA, J. Lourenço de. *A Ortografia de Nossa Língua.* Belo Horizonte, Imprensa Oficial de MG, 1933.

PEREIRA, Altamirano Nunes. *O Problema da Ortografia e sua Solução Racional.* Rio de Janeiro, Record, s.d.

POLO, José. *Ortografia y Ciência del Lenguaje.* Madri, Paraninfo, 1974.

SANTOS, Daltro. *Fundamentação da Grafia Simplificada*. 2. ed. Rio de Janeiro, Laemmert, 1941.

SCHWAB, Artur. *Locuções Adverbiais.* Curitiba, Gráfica Editora Ribeirão Preto, 1976.

SILVA, Myrian Barbosa da. *Leitura, Ortografia e Fonologia*. São Paulo, Ática, 1981.

SILVA, Thaïs Cristófaro. *Fonética e Fonologia do Português: Roteiro de Estudos e Guia de Exercícios*. São Paulo, Contexto, 2000.

TORRES, A. de Almeida. “Unidade da Língua Portuguesa: Histórico da Ortografia Luso-Brasileira”. *Romanitas* 14.11: 417-37. Rio de Janeiro, 1972.

_____. & JOTA, Zélio dos Santos. *Vocabulário Ortográfico de Nomes Próprios.* Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1961.

VIANA, A. R. Gonçalves & ABREU, G. V. de. *Bases da Ortografia Portuguesa*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1885.

VIANA, A. R. Gonçalves*. Ortografia Nacional.* Lisboa, Viuva Tavares Cardoso, 1904.

____. *Vocabulário Ortográfico e Remissivo da Língua Portuguesa.* Lisboa, Bertrand, 1914.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] Diacrítico é um sinal acrescentado a uma letra para lhe atribuir um novo valor fonético/fonológico, desfazer ambiguidades ou orientar a pronúncia. Quando se quer estabelecer graficamente a distinção entre as vogais baixa e média em posição tônica, usa-se um diacrítico (*pêssego* [ʻpesigu], *péssimo* [ʻp° simu]). Ou, quando se pretende evitar a prolação de um possível ditongo, como se verifica em raízes, usa-se o acento gráfico.
[2] Os sons de uma língua que servem para distinguir o significado das palavras são caracterizados como unidades fonológicas discretas e denominados *fonemas*. Por exemplo, os sons [f] e [v] em *faca* e *vaca* estão em oposição na língua portuguesa. A representação técnica dos sons é feita entre colchetes [ ]. Os fonemas são representados entre barras oblíquas: /f/aca *vs.* /v/aca. As consoantes /f/ e /v/ são unidades fonológicas em português porque a troca entre elas provoca a alteração do significado.
[3] As sete vogais orais indicadas no quadro são as que ocorrem em posição tônica na sílaba. Por esse quadro é possível verificar que, quanto às vogais acentuadas, a distinção entre vogais baixas e médias não está representada no sistema ortográfico da língua portuguesa, apesar de haver diferença fonológica (*s*[e]*de de poder*, *s*[E]*de das Olimpíadas*): as duas realizações fonéticas da vogal fonológica /e/ são representadas por <e>, aqui, *e*.
[4] Cf. Mattoso Câmara, 1970. As 19 consoantes fonológicas são identificadas em posição intervocálica: *roupa*, *rouba*; *rota*, *roda*; *roca*, *roga*; *mofo*, *movo*; *aço*, *azo*; *acho*, *ajo*; *amo*, *ano*, *anho*; *mala*, *malha*; *erra*, *era*. Esse grupo de fonemas é o mesmo para todos os dialetos do português. O contraste entre os dois tipos de consoante "vibrante" do português (o "r fraco" e o "r forte") só se atesta nessa posição: *caro*/*carro*; *careta*/*carreta*. O "r fraco" se realiza foneticamente como tepe [R] em qualquer variedade do português brasileiro, ou alveolar [r˟] no português europeu (*prato*, *para*). O "r forte", fonologicamente /X/ (cf. tb. D'Angelis, 2002), manifesta-se tipicamente no dialeto carioca como fricativa velar [x] no início de palavra e no início de sílaba quando se segue a uma consoante (*rato*, *honra*), é glotal [h] em Belo Horizonte, por exemplo. Em posição pós-vocálica, a pronúncia do "r forte" varia bastante de dialeto para dialeto e também pode variar no mesmo dialeto, mas sem intervir no significado das palavras (lembrar as diversas pronúncias regionais no português brasileiro para o vocábulo *porta*). Fonologicamente, pode-se considerar que a consoante "vibrante" do português é única. Do ponto de vista estruturalista, trata-se do arquifonema /R/. Representa-se a variação dialetal de /R/ com os segmentos [R, x, ˟ , h], entre outras possibilidades de realização.
[5] Luft segue a proposta de Mattoso Câmara (1953) sobre a nasalidade no português do Brasil. Essa questão relaciona-se ao fato de uma vogal ser nasalizada quando seguida de consoante nasal. De acordo com aquela proposta, elaborada a partir da análise de dados do dialeto carioca e da observação de rimas poéticas, não se considera a existência de oposição entre vogais orais e nasais. A nasalidade que as vogais apresentam é entendida como parte de uma sílaba travada (fechada) por consoante nasal, cuja estrutura é VN, combinando uma vogal oral com o arquifonema nasal /N/ a fim de formar as cinco vogais nasais correspondentes.
[6] Também denominadas glides: [j], glide pós-vocálico palatal, *pai*; e [w], labiovelar, *pau*.
[7] O sistema fonológico das sete vogais na pauta tônica se reduz a dois subsistemas: o das átonas não finais (/e, /o/, /a/, /i/, /u/) e o das átonas em final de palavra (/i/, /a/, /u/). O subsistema das cinco vogais pretônicas: b[E]lo, b[e]leza; t[°]la, t[e]celão m[⊣]le, m[o]leza; s[⊣]l, s[o]lar. E o subsistema das vogais postônicas finais: sed[i], sed[a], ced[u]; cal[i], cal[a], ca[u].
[8] Neste texto :: = variante.
[9] Alguns verbos acabados em *-iar* admitem variantes na conjugação: *negocio* ou *negoceio* (cf. negócio); *premio* ou *premeio* (usados respectivamente no português brasileiro (PB) e no português europeu (PE); assim como a dupla acentuação – *prêmio* ou *prémio*).
[10] O AOLP não trata dos assim chamados tritongos: Parag*uai*, averig*uei*, delinq*uiu*, enxag*uou*, sag*uão*, enxág*uam*, míng*uem*, sag*uões*.
[11]1. O desejável para a simplificação ortográfica seria substituir o dígrafo *sc* por *c*, em todos os casos, como se fez com o *sc* inicial (latino e grego): *cena* (< scena), *ciência* (< scientia), *cindir* (< scindere), *cintilar (*< scintillare), *ciografia*.
[12]2. Mas: *clerezia* (relação *c* – *g* – *z*: clerical, clérigo, clerezia).
[13]3. Mas depois de *en* ocorre mais *x* do que *ch*: *enxame*, *enxergar*, *enxugar*, etc.
[14]4. Consultar a este respeito: Meier, 1973, pp. 182-210.
[15] O Acordo Ortográfico de 1945, denominado Luso-Brasileiro, não foi respeitado pelo Brasil. O Congresso brasileiro não o ratificou.
[16] Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste (que aderiu à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa em 2002, após sua independência).
5. A Nomenclatura Gramatical Brasileira (1958[1959]) reconhece a dupla possibilidade [de emissão], e cita as terminações -ia, -ie, -io, -ua, -ue, -uo. Acrescentem-se -ea (rédea), -eo (óleo) e -oa (mágoa). Antenor Nascentes (1960: 8) acha forçada a pronúncia desses encontros como hiatos. De acordo.
[17] O AOLP (1990) admite a existência de ditongos crescentes.
[18] Cf. AOLP (1990). Palavras como boleia, ideia antes do acordo recebiam acento agudo na norma brasileira (porque o ditongo soa aberto), passaram a escrever-se sem acento, tal como baleia, cadeia. Do mesmo modo: claraboia, joia, ao lado de comboio, joio.
[19] Neste texto ˟ = forma não mais usada na ortografia vigente.
[20] O Formulário Ortográfico de 1943 prescrevia o uso de acento gráfico e o emprego de hífen para as formações a partir de ântero-, êxtero-, ínfero-, íntero-, látero-, póstero- e súpero-. O novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990) não trata de trissílabos tônicos (exceção: eletro-).
[21] Cf. Dicionário Houaiss, 2009. Verbos como construir, destruir, reconstruir apresentam variação de flexão em relação ao padrão mais geral. No Brasil, usa-se no presente do indicativo formas com o aberto [⊣]: constrói(s), constroem. Em Portugal, a tendência é: construi(s), construem.
[22] Isto é, formações com pseudoprefixos de origem grega ou latina, também chamados falsos prefixos, aqui, "prefixoides": aero-, agro-, arqui-, auto-, bio-, eletro-, geo-, hidro-, inter-, macro-, maxi-, micro-, mini-, multi-, neo-, pan-, pluri-, proto-, pseud(o)-, retro-, semi-, tele-, etc. Exemplos de prefixos: ante-, anti-, circum-, co-, contra-, entre-, extra-, hiper-, infra-, intra-, pós-, pré-, pró-, sobre-, sub-, super-, supra-, ultra-, etc. O termo "prefix(ad)o" engloba os dois.
[23] Na composição por justaposição, cada um dos elementos da palavra composta mantém sua integridade fonética e morfológica (porco-espinho, pé-de-meia). Na composição por aglutinação os elementos da palavra composta se unem estreitamente, perdendo fonema(s) e sujeitando-se a um único acento tônico (pernalta, perna + alta). Em gramática, locução é um conjunto de duas ou mais palavras que funcionam como uma unidade, por terem função gramatical única, por exemplo, a de adjetivo, daí sua caracterização como locução adjetiva. Em linguística, equivale a sintagma.
[24] Escritos juntos porque o falante contemporâneo já perdeu a ideia de composição.
[25] Hífen entre os elementos se houver apóstrofo em um deles: mãe-d'água, mestre-d'armas.
[26] Variantes: pré-tônico ou pretônico; pós-tônico ou postônico.
[27] Cf. VOLP, 2009; Dicionário Houaiss, 2009. A palavra adrenalina só se escreve sem hífen, ao passo que ab-rupto e ad-renal aceitam dupla grafia: abrupto (forma mais usada) e adrenal (forma não preferida).
[28] A exemplo de coabitar, a ABL sugere a eliminação do h para as formas co-herdar, co-herdeiro: coerdar, coerdeiro. O VOLP, o Novo Dicionário Aurélio e o Dicionário Houaiss, todos de 2009, registram ambas as variantes.
[29] Cf. VOLP, 2009. Registradas com hífen: não-me-deixes (erva); não-me-esqueças, não-te-esqueças-de-mim (miosótis); não-me-toques (arbusto); não-me-toquense (gentílico).
[30] O AOLP (1990) não mudou as normas sobre a pontuação.
[31]6. Reunida no Rio de Janeiro em 1926, sob os auspícios do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Estratégia
CONCURSOS

Aula 04

Português p/ Polícia Civil-PA (Todos os Cargos) - Com videoaulas

Professores: Equipe Rafaela Freitas, Rafaela Freitas

AULA 04

Frase, oração e período

Termos da oração

Período composto: subordinação e coordenação

Olá, alunos! Animados?

Nesta aula vamos falar sobre temas deliciosos da sintaxe: **estrutura do período simples (termos da oração) e do período composto (orações)!!**

SUMÁRIO

FRASE, ORAÇÃO E PERÍODO....................2
TERMOS DA ORAÇÃO....................4
TIPOS DE PREDICADO....................7
TRANSITIVIDADE VERBAL....................10
ADJUNTO ADNOMINAL....................16
AGENTE DA PASSIVA....................18
ADJUNTO ADVERBIAL....................18
APOSTO....................19
VOCATIVO....................20
PERÍODO COMPOSTO....................20
ORAÇÕES SUBORDINADAS....................21
ORAÇÕES COORDENADAS....................23
ORAÇÕES REDUZIDAS....................25
QUESTÕES COMENTADAS....................27
LISTA DE QUESTÕES COMENTADAS NESTA AULA....................63
GABARITO....................94
O MEU ATÉ BREVE....................94

Para início de conversa, vamos diferenciar **frase, oração e período**:

Frase é um enunciado com sentido completo e capaz de estabelecer comunicação! A frase pode ser verbal (com uso de verbo) ou nominal (sem uso de verbo). Veja os exemplos:

- Atenção! (Frase nominal)
- Que frio! (Frase nominal)
- Está fazendo frio! (Frase verbal)
- A luva ficou bem em você. (Frase verbal)

As frases classificam-se em:

Declarativa: faz uma declaração. "Os olhos luziam de muita vida..." (Machado de Assis)

Interrogativa: utiliza uma pergunta. "Entro num drama ou saio de uma comédia?" (Machado de Assis)

Exclamativa: expressa sentimento. "Que imenso poeta, D. Guiomar!" (Machado de Assis)

Imperativa: dá uma ordem ou pedido. "Chegue-se mais perto..." (Machado de Assis)

Optativa: expressa um desejo. "Tomara que você passe na prova". "Vou-me embora.", o enunciado fornece uma mensagem, porém usou verbo é o que chamamos de oração.

Oração é o enunciado com sentido que se estrutura com base em um verbo. Então... na oração **é preciso** usar verbo ou uma locução verbal. Veja os exemplos:

- A fábrica, hoje, **produziu** bem.
- Homens e mulheres **são** iguais perante a lei.

Período

Cada verbo é uma oração certo? Se na frase tiver apenas um verbo, temos **uma oração** e **um período simples**. A junção de **duas ou mais orações** configura **um período composto**. Assim:

O período classifica-se em:

Simples: tem apenas uma oração.
- "As senhoras como se chamam?" (Machado de Assis)

Composto: tem duas ou mais orações.
- "Um deles perguntou-lhes familiarmente se iam consultar a adivinha". (Machado de Assis)

Dito isso, podemos partir para o estudo do período simples e das partes (termos) que o compõe.

TERMOS DA ORAÇÃO

O estudo do período simples é o estudo dos **termos que compõem uma oração**. Separados em **essencias**, aqueles que não podem faltar para que a oração tenha sentido, e **acessórios**, agregam sentido, mas não são obrigatórios na oração. São eles:

A) **Termos Essenciais**:
- Sujeito
- Predicado
- Objeto Direto
- Objeto Indireto
- Complemento Nominal
- Agente da Passiva

B) **Termos Acessórios**:

- Adjunto Adverbial
- Adjunto Adnominal
- Aposto

C) Vocativo – categoria à parte.

Vamos ver aqui cada um deles!

I – SUJEITO – é o ser do qual se declara algo e com o qual o verbo, normalmente, faz a concordância. Pode ser:

1) **Simples**: possui apenas um núcleo.

Ex.: *Todos os povos do mundo* têm problemas

Atenção: "povos" núcleo do sujeito simples. Embora o núcleo esteja no plural, é apenas um!

2) **Composto**: possui mais de um núcleo.

Ex.: Jogarão amanhã *Flamengo* e *Vasco*

Atenção: "Flamengo" e "Vasco" são os núcleos do sujeito composto.

3) **Oculto** (também chamado de elíptico, desinencial, simples): não vem expresso na oração, embora exista! Conseguimos identificá-lo pela desin~encia do verbo.

Ex.: Saímos cedo para curtir o sol
(suj. Implícito – **nós**)

Tico e Teço vieram à festa e comeram todas as nozes

Sujeito do verbo "vir" = composto "Tico e Teco".

Sujeito do verbo “comer”: Oculto (Tico e Teco).

4) Indeterminado : não pode ser identificado, embora também exista. Existem duas maneiras de indeterminar um sujeito: **verbo na terceira pessoa do plural** ou **verbo na terceira pessoa do singular + se (índice de indeterminação do sujeito).**

Exemplos:
Roubaram a mulher do Rui (verbo na 3ª pessoa do plural)
Vive-**se** bem em Brasília (verbo na 3ª pessoa do singular + se)
Nem sempre **se** está feliz (verbo na 3ª pessoa do singular + se)
Precisa-**se** de balconistas (verbo na 3ª pessoa do singular + se)

Os verbos que fazem sujeito indeterminado com SE (índice de indeterminação do Sujeito) são Verbo Transitivo INDIRETO, verbo de lligação ou verbo intransitivo!

OPA,
pegadinha!

ATENÇÃO: com verbo transitivo direto não se faz sujeito indeterminado, mas voz passiva sintética:

Ex. Alugam–se **apartamentos** (apartamentos são vendidos)

Verbo T.D. + SE (pronome apassivador)
“Apartamentos” é o sujeito posposto e o verbo deve concordar com ele:
Alugam-se apartamentos ou **aluga-se apartamento.**

5) **Oração sem Sujeito**: não existe sujeito na oração, nem explícito, nem implícito.

- **HAVER**: no sentido de existir ou de tempo decorrido.

Ex.: Ontem houve muitas faltas
O concurso foi realizado há dias

- **VERBOS DE FENÔMENO DA NATUREZA**

Ex.: Choveu muito ontem

OPA,
pegadinha!

No sentido conotativo, os verbos de fenômenos da naturaza terão sujeito
Ex.: Choveram *dólares* lá em casa (sujeito: DÓLARES)

- **FAZER, SER, ESTAR, PASSAR**: indicando tempo.

Ex.: Eram seis horas da tarde
Passava das quatro horas!
Como está quente hoje!
Faz séculos que não vou ao cinema

- **BASTAR e CHEGAR**: indicando cessamento.

Ex.: Basta de problemas / Chega de miséria

TIPOS DE PREDICADO

O que é predicado?

Predicado é tudo o que se fala sobre o sujeito, ou seja, é tudo que há na frase que não é o sujeito.

Vamos aos tipos de predicado. São três.

1) Predicado Verbal

É aquele que possui obrigatoriamente um **verbo** significativo (não pode ser de ligação), ou seja, demonstra umaação, o qual é SEMPRE o núcleo do predicado.

Exemplo:

Os professores **estudam** todos os dias para as aulas.

Observe na frase que o verbo "estudam" evidencia uma ação: o ato de estudar, e diz respeito ao sujeito "os professores" ao mesmo tempo que é complementado pelo restante do predicado "todos os dias para as aulas". Como o núcleo do predicado é o verbo "estudam", chamamos o predicado de verbal. Sendo assim:

Sujeito: "os professores"

Predicado verbal: estudam todos os dias para as aulas.

2) Predicado Nominal

No predicado nominal o núcleo será um **nome**, o qual exerce a função de **predicativo do sujeito**.

E o que é predicativo do sujeito?

Predicativo do sujeito é um termo que dá significado, atributo, característica ao sujeito ou, ainda, exprime seu estado ou modo de ser. O predicativo é conectado ao sujeito sempre através de um verbo de ligação.

1ª. Ela **está** nervosa.
2ª. Os valores **continuam** elevados.

Observe na primeira oração que "nervosa" é um atributo dado ao sujeito "Ela". O sujeito "Ela" e o predicado nominal "nervosa" estão conectados pelo verbo de ligação "está".

Na segunda frase, observamos o mesmo processo anterior de análise: perguntamos quem continua? e continua o quê? E temos as respostas: "os valores" (sujeito) e "elevados" (predicado nominal), ou seja, o predicativo nominal só atribui significado ao sujeito quando ligado pelo verbo de ligação (continuam). A oração só tem sentido pelo complemento (predicado) "elevadas", o qual é, portanto, o núcleo do predicado nominal.

Se o núcleo do predicado é o nome adjetivo "elevadas", o predicado é nominal. Assim, temos:

Sujeito: "ela"
Predicado nominal: "está **nervosa**"

Sujeito: "os valores"
Predicado nominal: "continuam **elevados**"

ATENÇÃO: os verbos de ligação NÃO podem ser o núcleo do predicado, pois são "fracos" de significação, ou seja, não fazem parte da cadeia significativa da oração. Tanto que podem ser retirados **sem** comprometer o sentido da frase (embora prejudique sintaticamente):

Ela nervosa.

Os valores elevados.

Predicado verbo-nominal

O predicado verbo-nominal possui **dois núcleos**: um verbo nocional (que expressa ação – significativo), como vimos no predicado verbal, e um predicativo, que pode referir-se tanto ao sujeito quanto ao verbo.

Os candidatos **estudaram cautelosos** para o concurso.

Observamos na frase que há dois núcleos: o verbo nocional (estudaram), ou seja, o sujeito praticou uma ação. No entanto, há uma característica dada ao sujeito "cautelosos", que é, portanto, uma predicação, uma qualidade concedida ao sujeito, logo, é o predicativo do sujeito. Poderíamos desdobrar a última oração em duas:

Os candidatos **estudaram** para o concurso. Eles foram **cautelosos**.

Na primeira oração temos um predicado verbal "estudaram para o simulado", no qual o núcleo é o verbo nocional "estudaram". Já na segunda oração o núcleo do predicado é um nome "cautelosos" conectado por um verbo de ligação (foram) ao sujeito (Eles) e, portanto, é um predicado nominal.

Na união das duas orações é que temos o predicado verbo-nominal:

Sujeito: "Os candidatos".

Predicado verbo-nominal: "**estudaram cautelosos** para o concurso".

VAMOS ALÉM...

E se a oração fosse a seguinte:

Os candidatos cautelosos estudaram para o concurso.

Agora o predicado será apenas verbal:

Sujeito: "Os candidatos cautelosos"

Predicado verbal: "**estudaram** para o concurso".

O núcleo do predicado é "estudaram" e o "cautelosos" continua a ser predicativo do sujeito, embora não faça parte do predicado.

Trasitividade Verbal

Trata-se da parte da sintaxe que estuda a maneira como os verbos comportam-se nas orações. A melhor maneira de iniciar uma análise sintática é justamente pelo verbo. Temos que identificar que tipo de verbo temos (significativo ou de ligação), buscar o sujeito e, caso seja um verbo significativo, logo vamos perceber se pede ou não um complemento. Vamos às análises!

Todo verbo significativo é o centro das atenções! Ele é assim denominado porque traz a significação para a frase, sendo o núcleo do predicado. Apenas esse tipo de verbo possui **transitividade**.

São três transitividades verbais:

- Verbo Transitivo Direto (VTD) = pede um cpmplemento **sem** auxílio de preposição.
- Verbo Transitivo Indireto (VTI) = pede um complemento **com** auxíio de preposição (a, de, para, com, sobre...).
- Verbo Intransitivo (VI) = **não** pede complemento. Sua significação não está "transitando", está completa. Às vezes pede Adjunto Adverbial.

FIQUE atento!

Alguns verbos pedem dois complementos, por isso são chamados de Verbos Transitivos Diteto e Indereto (VTDI) ou bitransitivo.

Com relação aos complementos verbais, são dois:
Objeto Direto (OD) = completa Verbo Transitivo Direto (VTD)
Objeto Indireto (OI) = completa Verbo Transitivo Indireto (VTI)

FIQUE atento!

Não existe OD que complete um VTI, da mesma forma, pela lógica, não existe OI que complete um VTD!!

Vejamos os exemplos que seguem (usarei as siglas para sistematizar a análise):

1) O bandido **morreu**.
Sujeito **VI**

2) Ele **foi** à minha casa.
Sujeito **VI** A djunto Adverbial de Lugar

3) Eles **amam** o trabalho ontem
Sujeito **VTD** **OD**

4) Eu **gosto** muito de você
Sujeito VTI OI

5) **Ofereci** um doce à criança
VTDI OD OI

ATENÇÃO
decore!

MACETE!!

Para saber se um verbo é Transitivo Direto ou Indireto, sem erro, faça o seguinte:

O menino **comprou** o livro.
Comprou **o quê**? O livro!
O menino **conheceu** o padrasto.
Conheceu **quem**? O padrasto!

Comprar e conhecer são VTD!

Fazemos apenas duas únicas perguntas para um VTD: "o quê?" Ou "quem?"

Caso você faça qualquer outra pergunta para o verbo, saiba que está diante de um VTI, sem a menor dúvida!

Gosto muito de crianças
Gosto **de quê**? De crianças!
Refiro-me a você.
Refiro-me **a quem**? A você!
Gostar e referir-se são um VTI!

Resumindo: sugiro que decore apenas duas perguntas:

O quê? **Sempre**
Quem? ⇒ **VTD**

Qualquer outra pergunta indicará tartar-se de um VTI! Faça o teste com outros verbos!

OPA, pegadinha!

Fique esperto! O verbo de ligação é fraco, serve apenas para ligar o sujeito ao seu predicativo, não é núcleo e NÃO tem transitividade, ou seja, NÃO PEDE COMPLEMENTO!!! O verbo de ligação indica apenas o estado em que o sujeito se encontra, seja ele permanente ou momentâneo.

Eu **sou** um rio de água limpa.
Eu = Sujeito
Sou = verbo de ligação (estado permanente)
Um rio de água limpa = predicativo do sujeito

Os alunos **permaneceram** calados
Os alunos = sujeito
Permaneceram = verbo de ligação (estado momentâneo)
Calados = predicativo do sujeito

Não cometa o erro de chamar um verbo de ligação de VTD e o predicativo do sujeito de OD! Cuidado!

Principais verbos de ligação: ser, estar, ficar, permanecer, continuar, tornar-se...

ATENÇÃO: casos especiais de OD e OI:

•**Objeto Direto Preposicionado** – parece estranho, pois, como vimos, os objetos diretos não são precedidos de preposição, a não ser em três situações:

1) Ofenderam **a mim**

A preposição "a" foi exigida pelo pronome "mim", caso contrário ficaria assim: ofenderam mim!

2) Matou **ao leão** o caçador

A preposição "a", antes do artigo "o", foi necessária para evitar ambiguidade, caso contrário, não saberíamos quem matou quem: matou o leão o caçador.

3) Ele sacou **da arma**

A prepoosição "de" foi usada para reforçar uma construção enfática (para dar ênfase ao que se diz).

•**Objeto Direto Pleonástico** – ocorre quando há repetição pronominal e sempre em oração invertida:

Estas palavras, não **as** proferi (não proferi estas palavras)
OD OD pleonástico

O "as" repete o OD, é chamado, então, de pleonástico.

•**Objeto Direto Interno** – ocorre quando um Verbo Intransitivo se transforma em Transitivo Direto, resultando em uma construção pleonástica:

Morrerás infame > Morrerás ***morte*** infame – Morte = OD

Dorme tranquilo > Dorme ***teu sono*** tranquilo – Teu sono = OD

•**Objeto Indireto Pleonástico** – assim como ocorre com o OD:

Aos ricos, nada **lhes** devo (Não devo nada aos ricos)

O.I. O.I. pleonástico

COMPLEMENTO NOMINAL – tem a função de completar nomes: substantivos, adjetivos ou advérbios. Vem sempre com preposição.

a) **Substantivos** – Tenho *medo* **de escuro**

Subst. C. Nom.

b) **Adjetivos** – Sempre fora *obediente* **às leis**

Adj. C. Nom.

c) **Advérbios** –Reagiu *bem* **ao infortúnio**

Advérbio C. Nom.

•***Complemento Nominal X Objeto Indireto***

Objeto Indireto – é ligado a **verbo** = Necessitamos de paz

Verbo O.I.

Complemento Nominal – é ligado a **nome** =

Temos necessidade de paz

Subst. C. N.

ADJUNTO ADNOMINAL – função de caracterizar o substantivo

Ex.: **Esse** assunto **delicado** pede **outra** conversa.

•*Classes Gramaticais com função de Adjunto Adnominal*

a) **Artigo –** **A** garota pediu **uma** bebida n**o** bar

b) **Adjetivo –** A **bela** festa encantou a todos

c) **Locução Adjetiva –** Ele tem um rosto **de anjo**

d) **Pron. Adjetivo – Minha** irmã mora n**aquela** casa

e) **Numeral –** O **primeiro** lugar da fila

- ***Complemento Nominal X Adjunto Adnominal***

Complemento Nominal – completa o sentido do nome

Ele tem *medo* da noite
Subst. C. Nom.

Adjunto Adnominal – caracteriza o substantivo

Ele tem *aves* da noite
Subst. C. Nom.

AGENTE DA PASSIVA – pratica a ação expressa pelo verbo na voz passiva (com preposição DE ou POR)

Ex.: A cidade *estava cercada* **pelo exército**
V. Voz Pass. Agente da Passiva

A terra *era povoada* **de selvagens**
V. Voz Pass. Agente da Passiva

ADJUNTO ADVERBIAL - indica circunstância ao verbo, muito usado!

Ex.: **Talvez** ele chegue **cedo** **ao clube**
Dúvida Tempo Lugar

✓ Embora o Adjunto Adverbial seja termo ligado ao verbo, os ADVÉRBIOS DE INTENSIDADE modificam, também, adjetivos e outros advérbios

Ex.: Os concursandos *estudam* **muito**
Verbo Adv. Intens.

Aquela mulher era **muito** *bonita*
Adv. Intens. Adjetivo

Os meninos falam **muito** *alto*
Adv.Intens Advérbio

APOSTO – termo ou expressão de função esclarecedora.

Ex.: **Única irmã de mamãe**, Marcela morreu cedo
Aposto

- **Tipos de Aposto:**

a) **Explicativo:** Brasília, **a capital do Brasil**, fará 45 anos

b) **Enumerativo:** Pedro necessita de três coisas: **amor, paz e carinho**

c) Resumitivo (recapitulativo): Poder, dinheiro, glória**,** **nada** o seduzia mais

d) **Distributivo:** Carlos e José são ótimos alunos; **este** em Física, **aquele** em Biologia

e) **Especificativo (denominativo):**

O presidente **Vargas** **c**ometeu suicídio
A cidade **de Curitiba** é muito jovem

✓ **Não confundir Aposto Especificativo com Adjunto Adnominal**

A cidade **de Brasília** continua linda (aposto)
(Nome da cidade)

O clima **de Brasília** continua péssimo (Adj. Adnominal)
(Não é nome do clima)

VOCATIVO – Termo isolado (chamamento), indica com quem se fala.

Ex.: **Meninos**, estudem para a prova!
Falaram, **João**, mal de você no clube.

✓ O **Vocativo** virá SEMPRE separado por vírgulas, quer no início, no meio ou no fim da frase.

PERÍODOS COMPOSTOS

Um período pode ser simples ou composto, depende do número de verbos que possui: para cada oração, um verbo.

Período simples: possui apenas uma oração (um verbo)
Fizemos o melhor.

Período composto: possui duas ou mais orações (mais de um verbo)
Chegamos aqui para **fazermos** o melhor!

O período composto subdivide-se em:

1) **Subordinação**: reúne orações dependentes, ou seja, uma é função sintática da outra.
Desejo / **que você seja feliz**
Or. Principal Or. Subordinada (função de OD do verbo da oração principal)

2) **Coordenação**: reúne orações independentes, isto é, uma não é função sintática da outra. As orações existem independentemente.
Você estuda em Brasília e **mora em Taguatinga**
Oração Coordenada Oração Coordenada

ORAÇÕES SUBORDINADAS

Tais orações podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais:

1. **SUBSTANTIVAS**: têm função equivalente a um substantivo – funcionam como: Sujeito, Objeto Direto, Objeto Indireto, Complemento Nominal, Aposto, Predicativo. São introduzidas, normalmente, pelas conjunções integrantes **que** e **se.**

a) **Subjetiva** - possui função de sujeito da oração principal.

Convinha a todos / **que você partisse**

Oração Principal Or. Sub. Subst. **Subjetiva**

b) **Objetiva Direta –** possui função de Objeto Direto da oração principal.

Ela viu / **que o dinheiro terminara**

Or. princ. Or. Sub. Subst. **Objetiva Direta**

Observe que a oração principal tem um VTD (ver)!

c) **Objetiva Indireta** - possui função de Objeto Indireto da oração principal.

Todos gostaram / **de que estivesse lá**

Or. Princ. Or. Sub. Subst. **Objetiva Indireta**

Observe que a oração principal possui um VTI (gostar)!

d) **Completiva Nominal** - possui função de Complemento Nominal da oração principal.

Tive a impressão **de que algo explodira**

Or. Princ. Or. Sub. Subst. **Completiva Nominal**

Observe que a oração Completiva Nominal está completando o nome "impressão" da oração principal.

e) **Apositiva** - possui função de Aposto da oração principal.

Disse algo terrível: **que ia casar**

Or. Princ. Or. Sub. Subst. **Apositiva**

f) **Predicativa** - possui função de predicativo do sujeito da oração principal, que, é claro, deve possuir um verbo de ligação.

O problema foi **que chegaste tarde demais**

Or. Princ. Or. Sub. Subst. **Predicativa**

2. **ADJETIVAS**: Têm a função equivalente a um **Adjetivo** (*Adjunto Adnominal)*. São introduzidas por um pronome Relativo

a) Restritivas – são aquelas que limitam, restringem um ser ou grupo. Nunca são colocadas entre vírgulas.

As regiões **que produzem laranjas** foram premiadas

Or. Sub. Adjetiva **Restritiva**

A oração principal é: "as regiões foram premiadas".

A oração subordinada restringe o termo "regiões", pois nem todas as regiões foram premiadas, apenas as que produzem laranjas.

b) **Explicativas -** caracterizam o ser ou o conjunto a que se refere. Explica algum termo da oração principal. **Estão SEMPRE entre vírgulas, caso contrário, seriam restritivas**.

Os Alunos, **que leem**, sabem redigir

Or. Sub. Adj. **Explicativa**

A oração principal é: "os alunos sabem redigir".

A oração explicativa "que leem" está dizendo que os alunos que não sabem ler, também não redigem.

2. **ADVERBIAIS**: Têm função equivalente a um **Advérbio.** São introduzidas pro conjunções adverbiais. Indicam a **circunstância** em que ocorre a ação verbal da oração principal.

a) **Causais:** indicam a causa do fato expresso na Oração Principal.

A aula foi interrompida **porque faltou giz**

Or. Principal Or. Sub. Adverbial **Causal**

Observe:

"A aula foi interrompida" – Or. Principal = CONSEQUÊNCIA

"Porque faltou giz" – Or. Subordinada = CAUSA

Sempre temos tanto a causa quanto a consequência no período, mas a classificação é sempre da subordinada!

b) **Consecutivas:** indicam consequência do fato da Oração Principal**.**

O professor falou tanto **que ficou rouco**

Or. Princ. Or. Sub. Adverbial **Consecutiva**

Observe:

"O professor falou tanto" – Or. Principal = CAUSA

"Que ficou rouco" – Or. Subordinada = CONSEQUÊNCIA

c) **Comparativas:** expressam relação de comparação entre os fatos expressos nas orações.

Nada dói tanto **como um sorriso triste**

Or. Princ. Or. Sub. Adverbial **Comparativa**

e) **Condicionais**: expressam condição sob a qual se realiza a or. Principal.

Iremos ao clube **se não chover**

Or. Princ. Or. Sub Adverbial **Condicional**

f) **Concessivas:** concedem ou admitem uma condição contrária ao que foi dito na Oração Principal.

Amanhã haverá aula **embora seja domingo**

Or. Princ. Or. Sub. Adverbial **Concessiva**

g) **Conformativas:** indicam adequação ou conformidade com a or. Principal.

Tudo terminou **conforme tínhamos previsto**

Or. Princ. Or. Sub. Adverbial **Conformativa**

h) **Finais:** indicam a finalidade para a qual se destina a Oração Principal.

Estudou muito **para que fosse aprovado**

Or. Princ. Or. Sub. Adverbial **Final**

i) **Proporcionais:** indicam fatos direta ou inversamente proporcionais.

A inundação aumentava **à medida que subiam as águas**

Or. Princ. Or. Sub. Adverbial **Proporcional**

j) **Temporais:** indicam em que tempo ocorreu o fato da Oração Principal.

O rapaz ficou pálido **quando viu a noiva**

Or. Princ. Or. Sub Adverbial **Temporal**

ORAÇÕES COORDENADAS

1) **ASSINDÉTICAS**:

São aquelas que se apresentam ligadas às outras apenas por sinais de pontuação – vírgula, ponto-e-vírgula, dois-pontos – sem o auxílio de conjunções.

Síndeto = conjunção
A + (s)síndeto = SEM conjunção

Meu pai montava a cavalo, / **ia para o campo**
Or. Coord. Assindética Or. Coord. Assindética

2) **SINDÉTICAS:**

São aquelas que se apresentam ligadas às outras com o auxílio de conjunção coordenativa.

a) **Aditivas:** expressam ideia de soma ou de sequência de ações.
O major Camilo não ata / **nem desata**
Or.coord.ASSINDÉTICA Or.Coord.Sindética ADITIVA

b) **Adversativa:** dão ideia de oposição, contraste.
Ele é rico, / **mas veste-se com simplicidade**
Or.Coord. ASSINDÉTICA Or. Coord. Sindética ADVERSATIVA

c) **Alternativa:** dão ideia de escolha ou alternância.

Fale baixo / **ou acordará as crianças**
Or. Coord. ASSINDÉTICA Or. Coord. Sindética ALTERNATIVA

d) **Conclusiva:** expressam uma conclusão
Tudo está em ordem, / **por isso não devemos nos preocupar.**
Or. Coord. ASSINDÉTICA Or. Cood. Sindética ALTERNATIVA

e) **Explicativa:** exprimem um motivo, uma razão.
Parem com esse troço, / **que eu vou descer**

Or. Coord. ASSINDÉTICA — Or. Coord. Sindética EXPLICATIVA

ORAÇÕES REDUZIDAS

Não constituem novos tipos de orações. São assim chamadas aquelas que apresentam verbos em formas nominais e não se iniciam por conjunções. Podem ser reduzidas:

a) **De Infinitivo**: Diziam **acreditar em mim**

Or. Sub. Subst. Obj. Direta
Reduzida de Infinitivo

Desenvolvida, a oração seria: Diziam **que acreditavam** em mim.

b) **De Particípio:** **Abertas as portas**, entramos

Or. Sub.Adv. Temporal
Reduzida de Particípio

Desenvolvida, a oração seria: **quando** as portas **foram abertas**, entramos.

c) **De Gerúndio:** Havia ali crianças **pedindo esmolas**

Or. Sub. Adj. Restritiva
Reduzida de Gerúndio

Desenvolvida, a oração seria: havia ali crianças **que pediam** esmolas.

Esclarecendo

Nas orações coordenadas sindéticas e nas subordinadas adverbiais, as **conjunções** têm imensa importância, pois são elas que ligam as orações estabelecendo as relações de sentido necessárias. Uma conjunção usada de maneira inadequada, pode alterar completamente o sentido do período. As principais conjunções são:

COORDENATIVAS:

- **Aditivas:** e, nem, mas também, mas ainda, como também, bem como
- **Adversativas:** mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, não obstante...
- **Alternativas:** ou, ou...ou, ora...ora, quer...quer, seja...seja
- **Conclusivas:** logo, portanto, senão, por isso, por conseguinte, pois (após o verbo)
- **Explicativas:** porque, que, porquanto, pois (antes do verbo)

SUBORDINATIVAS

- **Integrantes:** que, se
- **Causais:** porque, visto que, pois que, como, já que, ...
- **Comparativas:** como, (mais) que, (menos) que, assim como, (tanto – tão) quanto
- **Condicionais:** se, caso, uma vez que, desde que, salvo se, sem que, ...
- **Concessivas:** embora, ainda que, se bem que, conquanto, mesmo que...
- **Conformativas**: conforme, segundo, consoante, como
- **Consecutivas**:(tão)...que, (tal)...que, de modo que,
- **Finais**: para que, a fim de que, de sorte que, de forma que
- **Proporcionais**: à medida que, à proporção que, quanto mais...menos
- **Temporais**: quando, mal, logo que, assim que, sempre que, depois que...

HORA DE
praticar!

Desenredo

Do narrador seus ouvintes:

– Jó Joaquim, cliente, era quieto, respeitado, bom como o cheiro de cerveja. Tinha o para não ser célebre. Como elas quem pode, porém? Foi Adão dormir e Eva nascer. Chamando-se Livíria, Rivília ou Irlívia, a que, nesta observação, a Jó Joaquim apareceu.

Antes bonita, olhos de viva mosca, morena mel e pão. Aliás, casada. Sorriram-se, viram-se. Era infinitamente maio e Jó Joaquim pegou o amor. Enfim, entenderam-se. Voando o mais em ímpeto de nau tangida a vela e vento. Mas tendo tudo de ser secreto, claro, coberto de sete capas.

Porque o marido se fazia notório, na valentia com ciúme; e as aldeias são a alheia vigilância. Então ao rigor geral os dois se sujeitaram, conforme o clandestino amor em sua forma local, conforme o mundo é mundo. Todo abismo é navegável a barquinhos de papel.

Não se via quando e como se viam. Jó Joaquim, além disso, existindo só retraído, minuciosamente. Esperar é reconhecer-se incompleto. Dependiam eles de enorme milagre. O inebriado engano.

Até que deu-se o desmastreio. O trágico não vem a conta-gotas. Apanhara o marido a mulher: com outro, um terceiro... Sem mais cá nem mais lá, mediante revólver, assustou-a e matou-o. Diz-se, também, que a ferira, leviano modo.

[...]

Ela – longe – sempre ou ao máximo mais formosa, já sarada e sã. Ele exercitava-se a aguentar-se, nas defeituosas emoções.

Enquanto, ora, as coisas amaduravam. Todo fim é impossível? Azarado fugitivo, e como à Providência praz, o marido faleceu, afogado ou de tifo. O tempo é engenhoso.

[...]

Sempre vem imprevisível o abominoso? Ou: os tempos se seguem e parafraseiam-se. Deu-se a entrada dos demônios.

Da vez, Jó Joaquim foi quem a deparou, em péssima hora: traído e traidora. De amor não a matou, que não era para truz de tigre ou leão. Expulsou-a apenas, apostrofando-se, como inédito poeta e homem. E viajou a mulher, a desconhecido destino.

Tudo aplaudiu e reprovou o povo, repartido. Pelo fato, Jó Joaquim sentiu-se histórico, quase criminoso, reincidente. Triste, pois que tão calado. Suas lágrimas corriam atrás dela, como formiguinhas brancas. Mas, no frágio da barca, de novo respeitado, quieto. Vá-se a camisa, que não o dela dentro. Era o seu um amor meditado, a prova de remorsos.

Dedicou-se a endireitar-se.

[...]

Celebrava-a, ufanático, tendo-a por justa e averiguada, com convicção manifesta. Haja o absoluto amar – e qualquer causa se irrefuta.

Pois produziu efeito. Surtiu bem. Sumiram-se os pontos das reticências, o tempo secou o assunto. Total o transato desmanchava-se, a anterior evidência e seu nevoeiro. O real e válido, na árvore, é a reta que vai para cima. Todos já acreditavam. Jó Joaquim primeiro que todos.

Mesmo a mulher, até, por fim. Chegou-lhe lá a notícia, onde se achava, em ignota, defendida, perfeita distância. Soube-se nua e pura. Veio sem culpa. Voltou, com dengos e fofos de bandeira ao vento.

Três vezes passa perto da gente a felicidade. Jó Joaquim e Vilíria retomaram-se, e conviveram, convolados, o verdadeiro e melhor de sua útil vida.

E pôs-se a fábula em ata.

ROSA, João Guimarães. *Tutameia – Terceiras estórias* . Rio de Janeiro: José Olympio, 1967. p. 38-40.

Vocabulário

frágio: neologismo criado a partir de naufrágio.

ufanático: neologismo: ufano+fanático.

01. **(PC-AC – 2015 – Perito Criminal – FUNCAB)** A classificação da oração destacada no fragmento "O real e válido, na árvore, é a reta QUE VAI PARA CIMA." é oração subordinada:

a) adverbial causal.

b) substantiva predicativa.

c) substantiva subjetiva.

d) adjetiva restritiva.

e) adjetiva explicativa.

Comentário: o fragmento destacado é uma oração subordinada adjetiva restritiva, uma vez que restringe, especifica o sentido do termo a que se refere, individualizando-o. No caso do período acima, a oração "que vai para cima" está especificando o termo ***reta****. Alternativa correta, letra D.*

Gabarito: D

Inauguração da Avenida

[...]

Já lá se vão cinco dias. E ainda não houve aclamações, ainda não houve delírio. O choque foi rude demais. Acalma ainda não renasceu.

Mas o que há de mais interessante na vida dessa mó de povo que se está comprimindo e revoluteando na Avenida, entre a Prainha e o Boqueirão, é o tom das conversas, que o ouvido de um observador apanha aqui e ali, neste ou naquele grupo.

Não falo das conversas da gente culta, dos "doutores" que se julgam doutos.

Falo das conversas do povo - do povo rude, que contempla e critica a arquitetura dos prédios: "Não gosto deste... Gosto mais daquele... Este é mais rico... Aquele tem mais arte... Este é pesado... Aquele é mais elegante...".

Ainda nesta sexta-feira, à noite, entremeti-me num grupo e fiquei saboreando uma dessas discussões. Os conversadores, à luz rebrilhante do gás e da eletricidade, iam apontando os prédios: e - cousa consoladora - eu, que acompanhava com os ouvidos e com os olhos a discussão, nem uma só vez deixei de concordar com a opinião do grupo. Com um instintivo bom gosto subitamente nascido, como por um desses milagres a que os teólogos dão o nome de "mistérios da Graça revelada" - aquela simples e rude gente, que nunca vira palácios, que nunca recebera a noção mais rudimentar da arte da arquitetura, estava ali discernindo entre o bom e o mau, e discernindo com clarividência e precisão, separando o trigo do joio, e distinguindo do vidro ordinário o diamante puro.

É que o nosso povo - nascido e criado neste fecundo clima de calor e umidade, que tanto beneficia as plantas como os homens - tem uma inteligência nativa, exuberante e pronta, que é feita de sobressaltos e relâmpagos, e que apanha e fixa na confusão as ideias, como a placa sensibilizada de uma máquina fotográfica apanha e fixa, ao clarão instantâneo de uma faísca de luz oxídrica, todos os objetos mergulhados na penumbra de uma sala...

E, pela Avenida em fora, acotovelando outros grupos, fui pensando na revolução moral e intelectual que se vai operar na população, em virtude da reforma material da cidade.

A melhor educação é a que entra pelos olhos. Bastou que, deste solo coberto de baiucas e taperas, surgissem alguns palácios, para que imediatamente nas almas mais incultas brotasse de súbito a fina flor do bom gosto: olhos, que só haviam contemplado até então betesgas, compreenderam logo o que é a arquitetura. Que não será quando da velha cidade colonial, estupidamente conservada até agora como um pesadelo do passado, apenas restar a lembrança?

[...]

E quando cheguei ao Boqueirão do Passeio, voltei-me, e contemplei mais uma vez a Avenida, em toda sua gloriosa e luminosa extensão. [...]

Gazeta de Notícias - 19 nov.1905. Bilac, Olavo. *Vossa Insolência: crônicas*. São Paulo: Companhia de Letras, 1996, p. 264-267.

Vocabulário:

baiuca: local de última categoria, malfrequentado.
betesga: rua estreita, sem saída,
mó: do latim "mole" , multidão; grande quantidade,
revolutear: agitar-se em várias direções,
tapera: lugar malconservado e de mau aspecto

02. **(PRF – 2014 – Agente Administrativo – FUNCAB)** Sobre a oração destacada em "Não falo das conversas da gente culta, dos 'doutores' QUE SE JULGAM DOUTOS." (texto - § 3), é correto afirmar que:

a) ocorre no texto sob a forma de um sintagma adverbial, no qual a palavra gramatical conjuntiva dá a base da oração.

b) a expressão gramatical típica da consequência se concretiza na conjunção que.

c) combina-se, independente, para expressar um ato discursivo diferente do estabelecido pela primeira oração.

d) ocorre no texto sob a forma de um sintagma adjetivo, conhecido como oração adjetiva, delimitando a parte de um conjunto.

e) a unidade subordinada adquire um padrão no qual juntam-se as orações para formar um sintagma adverbial.

Comentário: considerando que, de acordo com o Dicionário Priberam, sintagma é o conjunto de palavras subordinadas a um núcleo, formando um constituinte da frase e que a oração destacada "que se julgam doutos" está *restringindo o sentido do termo que o antecede "doutores", concluímos que a opção correta é a letra D por se tratar de um sintagma **adjetivo**, ou seja, uma oração subordinada **adjetiva** restritiva.*

Gabarito: D

As intermitências da morte (Fragmento)

A morte conhece tudo a nosso respeito, e talvez por isso seja triste. Se é certo que nunca sorri, é só porque lhe faltam os lábios, e esta lição anatômica nos diz que, ao contrário do que os vivos julgam, o sorriso não é uma questão de dentes. Há quem diga, com humor menos macabro que de mau gosto, que ela leva afivelada uma espécie de sorriso permanente, mas isso não é verdade, o que ela traz à vista é um esgar de sofrimento, porque a recordação do tempo em que tinha boca, e a boca língua, e a língua saliva, a persegue continuamente. Com um breve suspiro, puxou para si uma folha de papel e começou a escrever a primeira carta deste dia, Cara senhora, lamento comunicar-lhe que a sua vida terminará no prazo irrevogável e improrrogável de uma semana, desejo-lhe que aproveite o melhor que puder o tempo que lhe resta, sua atenta servidora, morte. Duzentas e noventa e oito folhas, duzentos e noventa e oito sobrescritos, duzentas e noventa e oito descargas na lista, não se poderá dizer que um trabalho destes seja de matar, mas a verdade é que a morte chegou ao fim exausta. Com o gesto da mão direita que já lhe conhecemos fez desaparecer as duzentas e noventa e oito cartas, depois, cruzando sobre a mesa os magros braços, deixou descair a cabeça sobre eles, não para dormir, porque morte não dorme, mas para descansar. Quando meia hora mais tarde, já refeita da fadiga, a levantou, a carta que havia sido devolvida à procedência e outra vez enviada, estava novamente ali, diante das suas órbitas atônitas. Se a morte havia sonhado com a esperança de alguma surpresa que a viesse distrair dos aborrecimentos da rotina, estava servida. [...] Entre ir e vir, a carta não havia demorado mais que meia hora, provavelmente muito menos, dado que já se encontrava em cima da mesa quando a morte levantou a cabeça do duro amparo dos antebraços, isto é, do cúbito e do rádio, que para isso mesmo é que são entrelaçados. Uma força alheia, misteriosa, incompreensível, parecia opor-se à morte da pessoa, apesar de a data da sua defunção estar fixada, como para toda a gente, desde o próprio dia do nascimento. É impossível, disse a morte à gadanha silenciosa, ninguém no mundo ou fora dele teve alguma vez mais poder do que eu. eu sou a morte, o resto é nada.

SARAMAGO, José. . São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 139-40.

03. **(FACELI – 2015- Administrador – FUNCAB)** Em "CARA SENHORA, lamento comunicar-lhe que a sua vida terminará no prazo irrevogável e improrrogável de uma semana." os termos destacados compõem a função de:

A) vocativo.
B) aposto.
C) sujeito.
D) adjunto adnominal.
E) complemento nominal.

*Comentário: o **vocativo** é um chamamento, é um termo da oração por meio do qual se interpela o interlocutor, sendo separado por vírgula. **Aposto** é um termo acessório da oração que especifica ou explica outro elemento da oração. **Sujeito** é o ser, a pessoa, o animal, a coisa, a situação sobre a qual se faz uma declaração, é de quem ou do que se fala. O **adjunto adnominal** é o termo que determina, especifica ou explica um substantivo. E **complemento nominal** é um termo que completa o sentido de uma palavra que não seja verbo e pode referir-se a substantivos, adjetivos ou advérbios, sempre por meio de preposição. A partir desses conceitos, concluímos que a reposta correta para essa questão é a letra A, uma vez que a expressão "Cara senhora" está evocando alguém para quem foi feita uma declaração.*

Gabarito: A

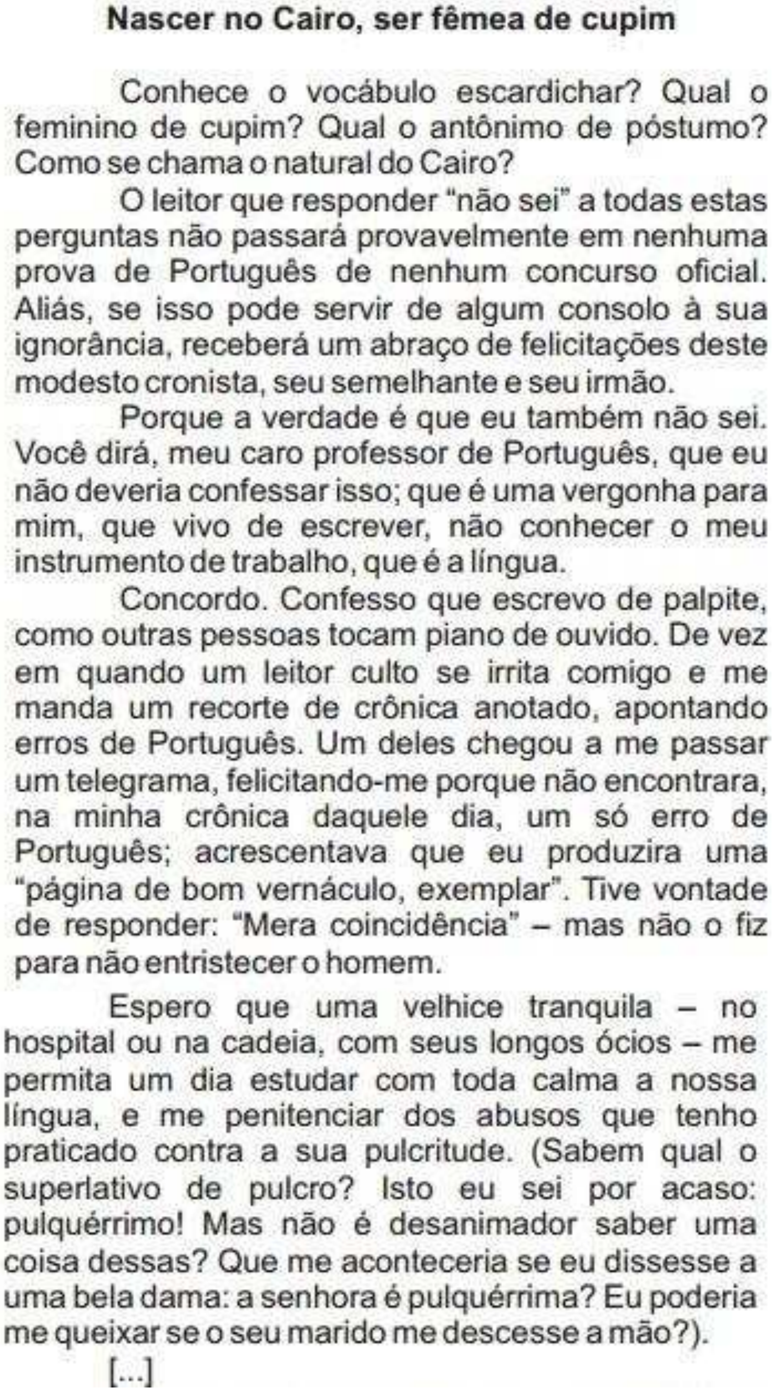

Nascer no Cairo, ser fêmea de cupim

Conhece o vocábulo escardichar? Qual o feminino de cupim? Qual o antônimo de póstumo? Como se chama o natural do Cairo?

O leitor que responder "não sei" a todas estas perguntas não passará provavelmente em nenhuma prova de Português de nenhum concurso oficial. Aliás, se isso pode servir de algum consolo à sua ignorância, receberá um abraço de felicitações deste modesto cronista, seu semelhante e seu irmão.

Porque a verdade é que eu também não sei. Você dirá, meu caro professor de Português, que eu não deveria confessar isso; que é uma vergonha para mim, que vivo de escrever, não conhecer o meu instrumento de trabalho, que é a língua.

Concordo. Confesso que escrevo de palpite, como outras pessoas tocam piano de ouvido. De vez em quando um leitor culto se irrita comigo e me manda um recorte de crônica anotado, apontando erros de Português. Um deles chegou a me passar um telegrama, felicitando-me porque não encontrara, na minha crônica daquele dia, um só erro de Português; acrescentava que eu produzira uma "página de bom vernáculo, exemplar". Tive vontade de responder: "Mera coincidência" – mas não o fiz para não entristecer o homem.

Espero que uma velhice tranquila – no hospital ou na cadeia, com seus longos ócios – me permita um dia estudar com toda calma a nossa língua, e me penitenciar dos abusos que tenho praticado contra a sua pulcritude. (Sabem qual o superlativo de pulcro? Isto eu sei por acaso: pulquérrimo! Mas não é desanimador saber uma coisa dessas? Que me aconteceria se eu dissesse a uma bela dama: a senhora é pulquérrima? Eu poderia me queixar se o seu marido me descesse a mão?).

[...]

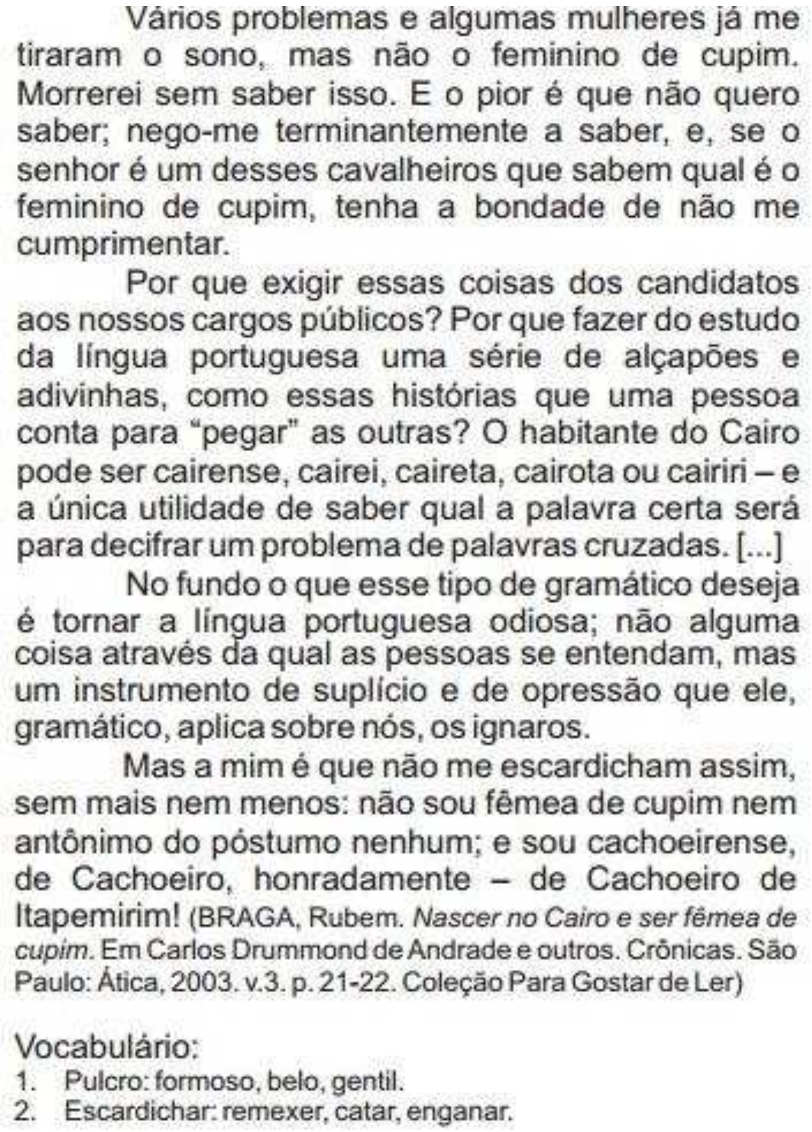

Vários problemas e algumas mulheres já me tiraram o sono, mas não o feminino de cupim. Morrerei sem saber isso. E o pior é que não quero saber; nego-me terminantemente a saber, e, se o senhor é um desses cavalheiros que sabem qual é o feminino de cupim, tenha a bondade de não me cumprimentar.

Por que exigir essas coisas dos candidatos aos nossos cargos públicos? Por que fazer do estudo da língua portuguesa uma série de alçapões e adivinhas, como essas histórias que uma pessoa conta para "pegar" as outras? O habitante do Cairo pode ser cairense, cairei, caireta, cairota ou cairiri – e a única utilidade de saber qual a palavra certa será para decifrar um problema de palavras cruzadas. [...]

No fundo o que esse tipo de gramático deseja é tornar a língua portuguesa odiosa; não alguma coisa através da qual as pessoas se entendam, mas um instrumento de suplício e de opressão que ele, gramático, aplica sobre nós, os ignaros.

Mas a mim é que não me escardicham assim, sem mais nem menos: não sou fêmea de cupim nem antônimo do póstumo nenhum; e sou cachoeirense, de Cachoeiro, honradamente – de Cachoeiro de Itapemirim! (BRAGA, Rubem. *Nascer no Cairo e ser fêmea de cupim*. Em Carlos Drummond de Andrade e outros. Crônicas. São Paulo: Ática, 2003. v.3. p. 21-22. Coleção Para Gostar de Ler)

Vocabulário:
1. Pulcro: formoso, belo, gentil.
2. Escardichar: remexer, catar, enganar.

04. **(DETRAN-PB – 2013 – Advogado – FUNCAB)** "Porque a verdade é que eu também não sei." A respeito desse período, analise as afirmativas a seguir.

I. O período é composto por coordenação.

II. O QUE é uma conjunção integrante.

III. A segunda oração é subordinada substantiva predicativa.

A alternativa que indica apenas a (s) afirmativa (s) correta (s) é:

a) II

b) II e III

c) III

d) I e III

e) I

Comentário: a afirmativa I está incorreta porque o período é composto por subordinação e não por coordenação. A II está correta, o ***que*** *é uma conjunção integrante, pois indica que a oração subordinada que ela introduz completa ou integra o sentido da principal, introduzindo sempre orações que equivalem a substantivos. A afirmativa III também está correta, "que eu também não sei" é oração subordinada substantiva predicativa porque está conectada à principal por um verbo de ligação, completando o seu sentido. A alternativa correta para essa questão é a letra B.*

Gabarito: B

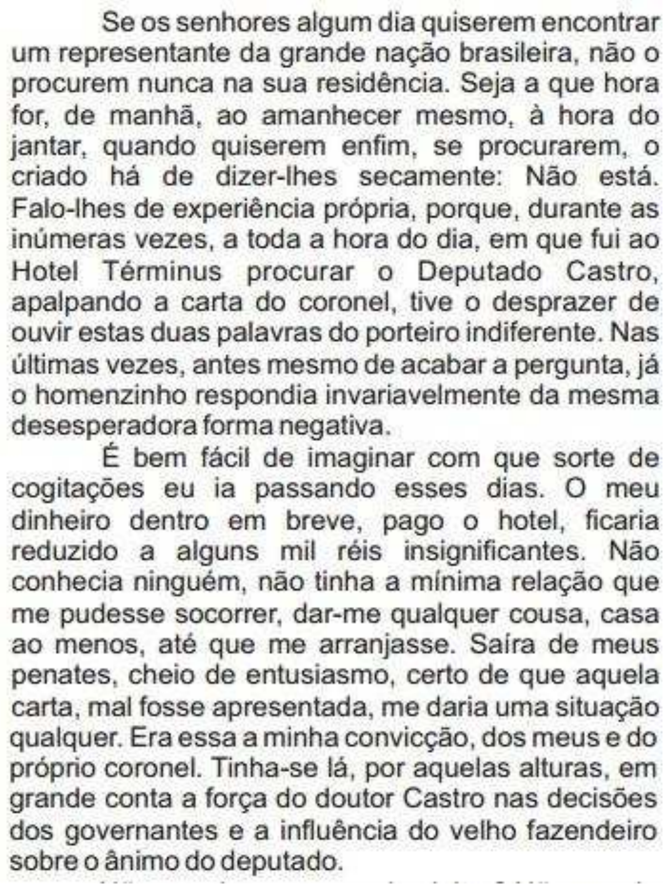

Se os senhores algum dia quiserem encontrar um representante da grande nação brasileira, não o procurem nunca na sua residência. Seja a que hora for, de manhã, ao amanhecer mesmo, à hora do jantar, quando quiserem enfim, se procurarem, o criado há de dizer-lhes secamente: Não está. Falo-lhes de experiência própria, porque, durante as inúmeras vezes, a toda a hora do dia, em que fui ao Hotel Términus procurar o Deputado Castro, apalpando a carta do coronel, tive o desprazer de ouvir estas duas palavras do porteiro indiferente. Nas últimas vezes, antes mesmo de acabar a pergunta, já o homenzinho respondia invariavelmente da mesma desesperadora forma negativa.

É bem fácil de imaginar com que sorte de cogitações eu ia passando esses dias. O meu dinheiro dentro em breve, pago o hotel, ficaria reduzido a alguns mil réis insignificantes. Não conhecia ninguém, não tinha a mínima relação que me pudesse socorrer, dar-me qualquer cousa, casa ao menos, até que me arranjasse. Saíra de meus penates, cheio de entusiasmo, certo de que aquela carta, mal fosse apresentada, me daria uma situação qualquer. Era essa a minha convicção, dos meus e do próprio coronel. Tinha-se lá, por aquelas alturas, em grande conta a força do doutor Castro nas decisões dos governantes e a influência do velho fazendeiro sobre o ânimo do deputado.

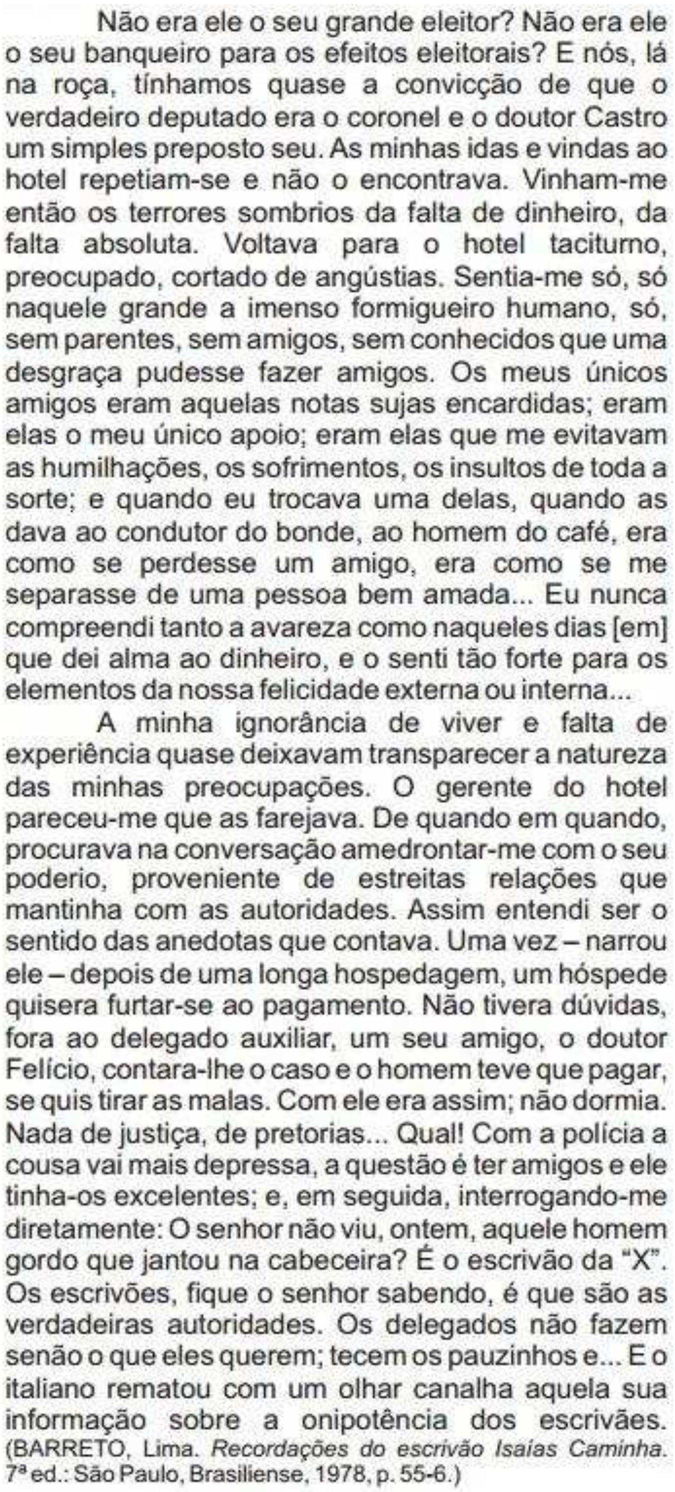

Não era ele o seu grande eleitor? Não era ele o seu banqueiro para os efeitos eleitorais? E nós, lá na roça, tínhamos quase a convicção de que o verdadeiro deputado era o coronel e o doutor Castro um simples preposto seu. As minhas idas e vindas ao hotel repetiam-se e não o encontrava. Vinham-me então os terrores sombrios da falta de dinheiro, da falta absoluta. Voltava para o hotel taciturno, preocupado, cortado de angústias. Sentia-me só, só naquele grande a imenso formigueiro humano, só, sem parentes, sem amigos, sem conhecidos que uma desgraça pudesse fazer amigos. Os meus únicos amigos eram aquelas notas sujas encardidas; eram elas o meu único apoio; eram elas que me evitavam as humilhações, os sofrimentos, os insultos de toda a sorte; e quando eu trocava uma delas, quando as dava ao condutor do bonde, ao homem do café, era como se perdesse um amigo, era como se me separasse de uma pessoa bem amada... Eu nunca compreendi tanto a avareza como naqueles dias [em] que dei alma ao dinheiro, e o senti tão forte para os elementos da nossa felicidade externa ou interna...

A minha ignorância de viver e falta de experiência quase deixavam transparecer a natureza das minhas preocupações. O gerente do hotel pareceu-me que as farejava. De quando em quando, procurava na conversação amedrontar-me com o seu poderio, proveniente de estreitas relações que mantinha com as autoridades. Assim entendi ser o sentido das anedotas que contava. Uma vez – narrou ele – depois de uma longa hospedagem, um hóspede quisera furtar-se ao pagamento. Não tivera dúvidas, fora ao delegado auxiliar, um seu amigo, o doutor Felício, contara-lhe o caso e o homem teve que pagar, se quis tirar as malas. Com ele era assim; não dormia. Nada de justiça, de pretorias... Qual! Com a polícia a cousa vai mais depressa, a questão é ter amigos e ele tinha-os excelentes; e, em seguida, interrogando-me diretamente: O senhor não viu, ontem, aquele homem gordo que jantou na cabeceira? É o escrivão da "X". Os escrivões, fique o senhor sabendo, é que são as verdadeiras autoridades. Os delegados não fazem senão o que eles querem; tecem os pauzinhos e... E o italiano rematou com um olhar canalha aquela sua informação sobre a onipotência dos escrivães.

(BARRETO, Lima. *Recordações do escrivão Isaías Caminha.* 7ª ed.: São Paulo, Brasiliense, 1978, p. 55-6.)

05. **(PC-ES – 2013 – Escrivão de Polícia – FUNCAB)** A relação semântica entre as duas orações coordenadas de: "As minhas idas e vindas ao hotel repetiam-se e não o encontrava." (§ 3), é análoga à que se observa na seguinte passagem de Graciliano Ramos:

a) Ela se revelou pouco a pouco, e nunca se revelou inteiramente.

b) O nordeste começou a soprar, e a porta bateu com fúria.

c) Despertaram todos, e a lourinha fez um movimento para se levantar.

d) Assinei as cartas e meti-as nos envelopes.

e) No tempo de D. Pedro, corria pouco dinheiro, e quem possuía um conto de reis era rico.

Comentário: na oração em destaque no enunciado, a conjunção ***e*** *está introduzindo uma informação que contrasta com a ideia trazida pela oração principal, funcionando como conjunção adversativa (As minhas idas e vindas ao hotel repetiam-se,* ***porém, todavia, mas*** *não o encontrava.), o mesmo ocorre com a oração constante na opção A (Ela se revelou pouco a pouco,* ***mas, porém, todavia*** *nunca se revelou inteiramente.). Nas demais alternativas, temos a conjunção* ***e*** *funcionando como conjunção aditiva, uma vez que apenas conecta duas orações independentes entre si. Opção correta é letra A.*

Gabarito: A

A percepção pública da ciência é, com razão, repleta de conflitos. Alguns acreditam que a ciência seja a chave para a liberdade do homem, para a melhora das condições de vida de todos, para a cura dos tantos males que afligem pobres e ricos, desde a fome até as mais variadas doenças. Já outros veem a ciência com grande desconfiança e até com desprezo, como sendo a responsável pela criação de várias armas de destruição inventadas através da história, da espada à bomba atômica. Para esse grupo, os homens não são maduros o suficiente para lidar com o grande poder que resulta de nossas descobertas científicas. No início do século 21, a clonagem e a possibilidade de construirmos máquinas inteligentes prometem até mesmo uma redefinição do que significa ser humano. Na medida em que será possível desenhar geneticamente um indivíduo ou modificar a sua capacidade mental por meio de implantes eletrônicos, onde ficará a linha divisória entre homem e máquina, entre o vivo e o robotizado? Entre os vários cenários que vemos discutidos na mídia, o mais aterrorizador é aquele em que nós nos tornaremos forçosamente obsoletos, uma vez que clones bioeletrônicos serão muito mais inteligentes e resistentes do que nós. Ou seja, quando (e se) essas tecnologias estiverem disponíveis, a ciência passará a controlar o processo evolutivo: a nossa missão final é criar seres "melhores" do que nós, tomando a seleção natural em nossas próprias mãos. O resultado, claro, é que terminaremos por causar a nossa própria extinção, sendo apenas mais um elo na longa cadeia evolutiva. O filme "Inteligência Artificial", de Steven Spielberg, relata precisamente esse cenário lúgubre para o nosso futuro, a inventividade humana causando a sua destruição final. É difícil saber como lidar com essa possibilidade. Se tomarmos o caso da tecnologia nuclear como exemplo, vemos que a sua história começou com o assassinato de centenas de milhares de cidadãos japoneses, justamente pela potência que se rotula o "lado bom". Esse rótulo, por mais ridículo que seja, é levado a sério por grande parte da população norte-americana. É o velho argumento maquiavélico de que os fins justificam os meios: "Se não jogássemos as bombas em Hiroshima e Nagasaki, os japoneses jamais teriam se rendido e muito mais gente teria morrido em uma invasão por terra", dizem as autoridades militares e políticas norte-americanas. Isso não só não é verdade como mostra que são os fins político-econômicos que definem os usos e abusos da ciência: os americanos queriam manter o seu domínio no Pacífico, tentando amedrontar os soviéticos que desciam pela Manchúria. As bombas não só detiveram os soviéticos como redefiniram o equilíbrio de poder no mundo. Ao menos até os soviéticos desenvolverem a sua bomba, o que deu início à Guerra Fria. As consequências de um conflito nuclear global são tão horrendas que até mesmo os líderes das potências nucleares conseguiram resistir à tentação de abusar de seu poder: criamos uma guerra sem vencedores e, portanto, inútil. Porém, as tecnologias nucleares não são propriedade exclusiva das potências nucleares. A possibilidade de que um grupo terrorista obtenha ou construa uma pequena bomba é remota, mas não inexistente. Em casos de extremismo religioso, escolhas morais são redefinidas de acordo com os preceitos (distorcidos) da religião: isso foi verdade tanto nas Cruzadas como hoje, nas mãos de suicidas muçulmanos. Eles não hesitariam em usar uma arma atômica, caso a tivessem. E sentiriam suas ações perfeitamente justificadas. Essa discussão mostra que a ciência não tem uma dimensão moral: somos nós os seres morais, os que optamos por usar as nossas invenções de modo criativo ou destrutivo. Somos nós que descobrimos curas para doenças e gases venenosos. Daí que o futuro da sociedade está em nossas mãos e será definido pelas escolhas que fizermos daqui para a frente. (...) Não é da ciência que devemos ter medo, mas de nós mesmos e da nossa imaturidade moral.

(Marcelo Gleiser, in Folha de São Paulo, 7 de julho de 2002)

06. **(SESAU/RO – 2009 – Administrador de Hospital – FUNCAB)** Em "Eles não hesitariam em usar uma arma atômica, caso a tivessem.", a oração adverbial grifada expressa ideia de:

A) conformidade;
B) proporção;
C) condição;
D) finalidade;
E) concessão.

Comentário: a oração em destaque está expressando uma de ideia de condição, ou seja, a condição para que eles não hesitem em usar uma arma atômica é ter uma. Se quisermos substituir a conjunção ***caso*** *por uma outra condicional, teríamos: Eles não hesitariam em usar uma arma atômica,* ***se*** *a tivessem.*

Gabarito: C

07. **(SESAU/RO – 2009 – Administrador de Hospital – FUNCAB)** No período "As consequências de um conflito nuclear global são tão horrendas que até mesmo os líderes das potências nucleares conseguiram resistir à tentação

de abusar de seu poder...”, a palavra grifada introduz uma oração classificada como:

A) subordinada adjetiva restritiva;

B) subordinada adjetiva explicativa;

C) subordinada substantiva objetiva direta;

D) subordinada adverbial causal;

E) subordinada adverbial consecutiva.

*Comentário: a conjunção **que** em destaque introduz uma oração subordinada adverbial consecutiva, pois a segunda oração tem carga semântica de consequência em relação à primeira.*

Gabarito: E

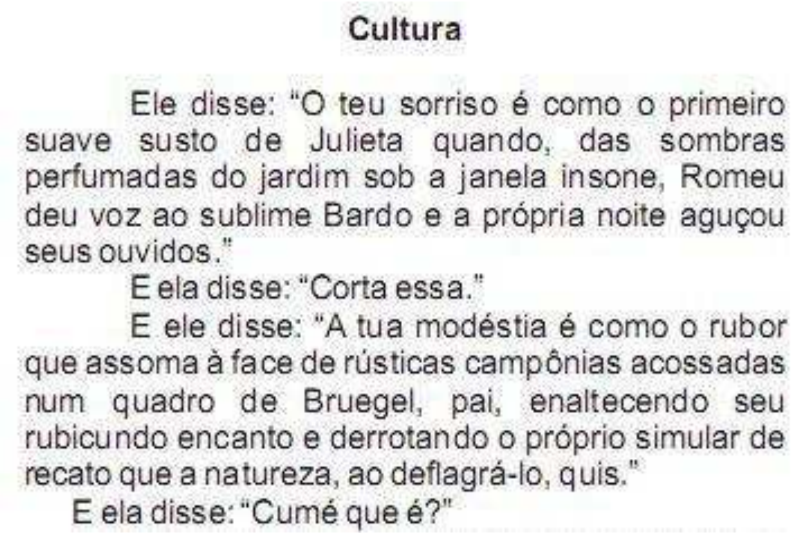

Cultura

Ele disse: “O teu sorriso é como o primeiro suave susto de Julieta quando, das sombras perfumadas do jardim sob a janela insone, Romeu deu voz ao sublime Bardo e a própria noite aguçou seus ouvidos.”

E ela disse: “Corta essa.”

E ele disse: “A tua modéstia é como o rubor que assoma à face de rústicas campônias acossadas num quadro de Bruegel, pai, enaltecendo seu rubicundo encanto e derrotando o próprio simular de recato que a natureza, ao deflagrá-lo, quis.”

E ela disse: “Cumé que é?”

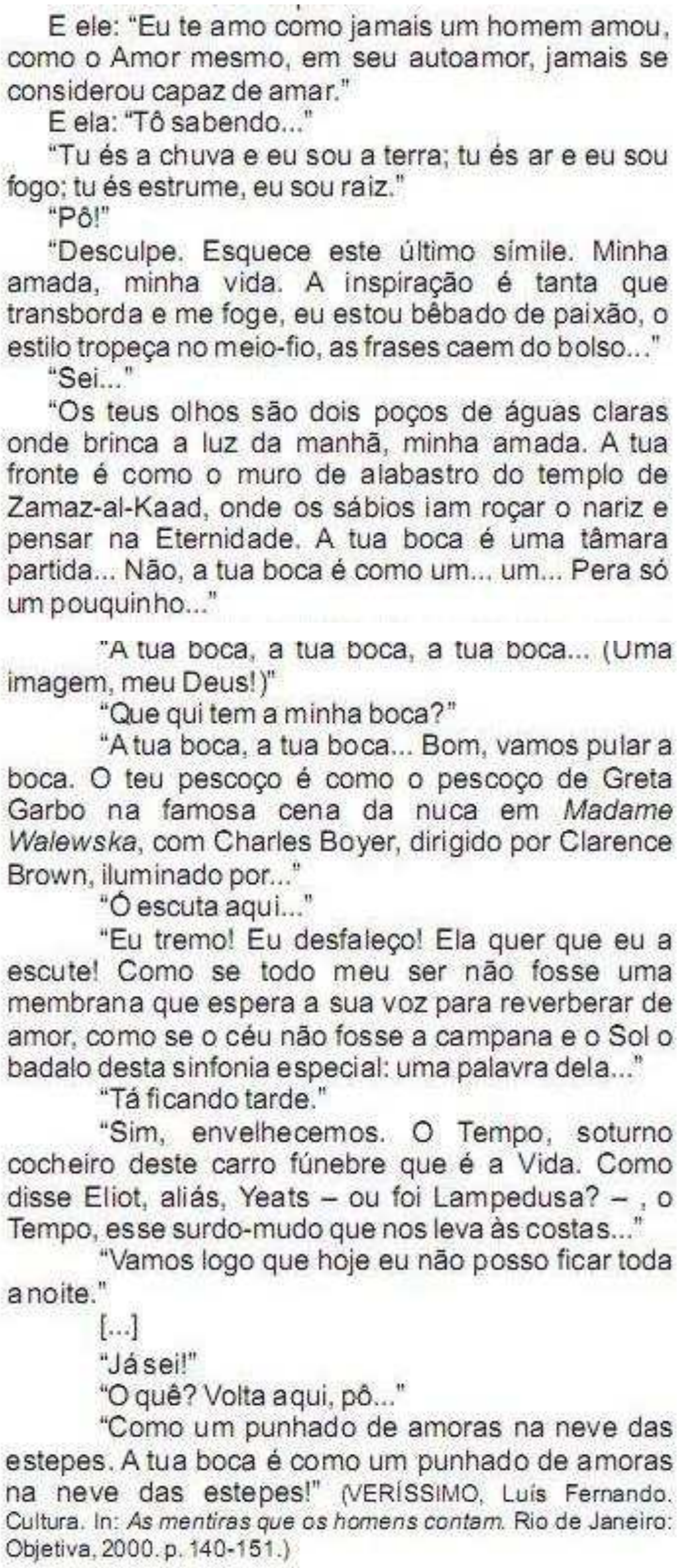

E ele: "Eu te amo como jamais um homem amou, como o Amor mesmo, em seu autoamor, jamais se considerou capaz de amar."

E ela: "Tô sabendo..."

"Tu és a chuva e eu sou a terra; tu és ar e eu sou fogo; tu és estrume, eu sou raiz."

"Pô!"

"Desculpe. Esquece este último símile. Minha amada, minha vida. A inspiração é tanta que transborda e me foge, eu estou bêbado de paixão, o estilo tropeça no meio-fio, as frases caem do bolso..."

"Sei..."

"Os teus olhos são dois poços de águas claras onde brinca a luz da manhã, minha amada. A tua fronte é como o muro de alabastro do templo de Zamaz-al-Kaad, onde os sábios iam roçar o nariz e pensar na Eternidade. A tua boca é uma tâmara partida... Não, a tua boca é como um... um... Pera só um pouquinho..."

"A tua boca, a tua boca, a tua boca... (Uma imagem, meu Deus!)"

"Que qui tem a minha boca?"

"A tua boca, a tua boca... Bom, vamos pular a boca. O teu pescoço é como o pescoço de Greta Garbo na famosa cena da nuca em *Madame Walewska*, com Charles Boyer, dirigido por Clarence Brown, iluminado por..."

"Ó escuta aqui..."

"Eu tremo! Eu desfaleço! Ela quer que eu a escute! Como se todo meu ser não fosse uma membrana que espera a sua voz para reverberar de amor, como se o céu não fosse a campana e o Sol o badalo desta sinfonia especial: uma palavra dela..."

"Tá ficando tarde."

"Sim, envelhecemos. O Tempo, soturno cocheiro deste carro fúnebre que é a Vida. Como disse Eliot, aliás, Yeats – ou foi Lampedusa? – , o Tempo, esse surdo-mudo que nos leva às costas..."

"Vamos logo que hoje eu não posso ficar toda a noite."

[...]

"Já sei!"

"O quê? Volta aqui, pô..."

"Como um punhado de amoras na neve das estepes. A tua boca é como um punhado de amoras na neve das estepes!" (VERÍSSIMO, Luís Fernando. Cultura. In: *As mentiras que os homens contam*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. p. 140-151.)

08. **(PC-ES – 2013 – Médico Legista – FUNCAB)** A oração destacada em "Ela quer QUE EU A ESCUTE!" está corretamente classificada em:

a) subordinada adverbial consecutiva.
b) subordinada substantiva predicativa.
c) subordinada substantiva objetiva direta.
d) coordenada sindética explicativa.
e) subordinada adjetiva restritiva.

Comentário: "que eu a escute" é uma oração subordinada substantiva objetiva direta, pois está funcionando como complemento do verbo querer, que, por sua vez, não exige preposição, sendo assim o seu complemento é um objeto direto. A alternativa correta é a letra C.

Gabarito: C

Maneira de amar

O jardineiro conversava com as flores, e elas se habituaram ao diálogo. Passava manhãs contando coisas a uma cravina ou escutando o que lhe confiava um gerânio. O girassol não ia muito com sua cara, ou porque não fosse homem bonito, ou porque os girassóis são orgulhosos de natureza.

Em vão o jardineiro tentava captar-lhe as graças, pois o girassol chegava a voltar-se contra a luz para não ver o rosto que lhe sorria. Era uma situação bastante embaraçosa, que as outras flores não comentavam. Nunca, entretanto, o jardineiro deixou de regar o pé de girassol e de renovar-lhe a terra, na ocasião devida.

O dono do jardim achou que seu empregado perdia muito tempo parado diante dos canteiros, aparentemente não fazendo coisa alguma. E mandou-o embora, depois de assinar a carteira de trabalho.

Depois que o jardineiro saiu, as flores ficaram tristes e censuravam-se porque não tinham induzido o girassol a mudar de atitude. A mais triste de todas era o girassol, que não se conformava com a ausência do homem. "Você o tratava mal, agora está arrependido?" "Não, respondeu, estou triste porque agora não posso tratá-lo mal. É a minha maneira de amar, ele sabia disso, e gostava.”

Maneira de amar (ANDRADE, Carlos Drummond. *A cor de cada um*. Rio de Janeiro: Record, 1997. p. 30).

09. **(SC-CE – 2013 - Analista de Desenvolvimento Urbano - Engenharia Agronômica – FUNCAB)** No primeiro parágrafo, as orações que indicam os prováveis motivos do tratamento dado pelo girassol ao jardineiro são:

a) coordenadas sindéticas explicativas
b) subordinadas adverbiais causais.
c) subordinadas adverbiais consecutivas.
d) coordenadas sindéticas alternativas.
e) subordinadas adverbiais concessivas.

Comentário: no período “O girassol não ia muito com sua cara, ***ou porque não fosse homem bonito, ou porque os girassóis são orgulhosos de natureza.”*** *O trecho destacado é constituído de orações coordenadas, por serem independentes entre si, sindéticas, por serem ligadas por conjunções, alternativas porque há uma ideia de alternância entre elas, que é levantada pela conjunção* ***ou****. A opção correta, portanto, é a letra D.*

Gabarito: D

Segurança

O ponto de venda mais forte do condomínio era a sua segurança. Havia as belas casas, os jardins, os playgrounds as piscinas, mas havia, acima de tudo, segurança. Toda a área era cercada por um muro alto. Havia um portão principal com muitos guardas que controlavam tudo por um circuito fechado de

TV. Só entravam no condomínio os proprietários e visitantes devidamente identificados e crachados.

Mas os assaltos começaram assim mesmo. Ladrões pulavam os muros e assaltavam as casas.

Os condôminos decidiram colocar torres com guardas ao longo do muro alto. Nos quatro lados. As inspeções tornaram-se mais rigorosas no portão de entrada. Agora não só os visitantes eram obrigados a usar crachá. Os proprietários e seus familiares também. Não passava ninguém pelo portão sem se identificar para a guarda. Nem as babás. Nem os bebês.

Mas os assaltos continuaram. Decidiram eletrificar os muros. Houve protestos, mas no fim todos concordaram. O mais importante era a segurança. Quem tocasse no fio de alta-tensão em cima do muro morreria eletrocutado. Se não morresse, atrairia para o local um batalhão de guardas com ordens de atirar para matar.

Mas os assaltos continuaram. Grades nas janelas de todas as casas. Era o jeito. Mesmo se os ladrões ultrapassassem os altos muros, e o fio de alta-tensão, e as patrulhas, e os cachorros, e a segunda cerca, de arame farpado, erguida dentro do perímetro, não conseguiriam entrar nas casas. Todas as janelas foram gradeadas.

Mas os assaltos continuaram.

Foi feito um apelo para que as pessoas saíssem de casa o mínimo possível. Dois assaltantes tinham entrado no condomínio no banco de trás do carro de um proprietário, com um revólver apontado para a sua nuca. Assaltaram a casa, depois saíram no carro roubado, com crachás roubados. Além do controle das entradas, passou a ser feito um rigoroso controle das saídas. Para sair, só com um exame demorado do crachá e com autorização expressa da guarda, que não queria conversa nem aceitava suborno.

Mas os assaltos continuaram.

Foi reforçada a guarda.

Construíram uma terceira cerca. As famílias de mais posses, com mais coisas para serem roubadas, mudaram-se para uma chamada área de segurança máxima.

E foi tomada uma medida extrema. Ninguém pode entrar no condomínio. Ninguém. Visitas, só num local predeterminado pela guarda, sob sua severa vigilância e por curtos períodos.

E ninguém pode sair.

Agora a segurança é completa. Não tem havido mais assaltos. Ninguém precisa temer pelo seu patrimônio. Os ladrões que passam pela calçada só conseguem espiar através do grande portão de ferro e talvez avistar um ou outro condômino agarrado às grades da sua casa, olhando melancolicamente para a rua.

Mas surgiu outro problema.

As tentativas de fuga. E há motins constantes de condôminos que tentam de qualquer maneira atingir a liberdade.

A guarda tem sido obrigada a agir com energia.

(*VERISSIMO, Luis Fernando. Segurança. In: Novas Comédias da Vida Privada Porto Alegre: L&PM, 1996. p. 103-104.*)

10. **(SEPLAG-MG – 2013 – Médico perito – FUNCAB)** As alternativas a seguir correspondem a períodos compostos por coordenação, EXCETO:

a) "Assaltaram a casa, depois saíram no carro roubado, com crachás roubados." (parágrafo 9)

b) "Houve protestos, mas no fim todos concordaram." (parágrafo 5)

c) "Se não morresse, atrairia para o local um batalhão de guardas [...]" (parágrafo 5)

d) "Ladrões pulavam os muros e assaltavam as casas." (parágrafo 2)

Comentário: na alternativa A, que é a opção que gera dúvida, as orações são coordenadas, pois são interligadas, mas independem sintaticamente umas *das outras para terem sentido. Uma oração é subordinada quando desempenha alguma função sintática em relação à oração principal. Sendo assim, temos: "Assaltaram a casa", oração completa e independente; "depois saíram no carro roubado", oração também completa e independente, lembrando que depois não é conjunção e sim advérbio que indica tempo; "com crachás roubados" levanta a dúvida porque é independente, mas relativamente incompleta por necessitar do verbo da oração anterior para ser compreendida. Devemos observar que não há dependência sintática entre as orações, há apenas um verbo implícito. Reescrevendo a oração, temos:* ***Saíram*** *com crachás roubados.*

Na letra B, há duas orações coordenadas conectadas pela conjunção adversativa "mas".

Já em C, temos a primeira oração "Se não morresse..." subordinada à oração principal "...atrairia para o local um batalhão de guardas [...]". Esse é nosso gabarito.

Na letra D, temos duas coordenadas interligadas pela conjunção aditiva ***e****.*

Gabarito: C

11. **(MPE-RO – 2012 – Analista – FUNCAB)** Em "(...) Garanto: naquela região se operam, de fato, milagres QUE SALVAM VIDAS DIARIAMENTE. (...)", a oração em destaque classifica-se como:

a) subordinada substantiva subjetiva
b) subordinada substantiva predicativa.
c) coordenada sindética explicativa.
d) subordinada adjetiva restritiva.
e) subordinada adjetiva explicativa.

Comentário: a oração em destaque está funcionando como um especificador do termo ***milagres****, portanto trata-se de uma oração subordinada adjetiva restritiva.*

Gabarito: D

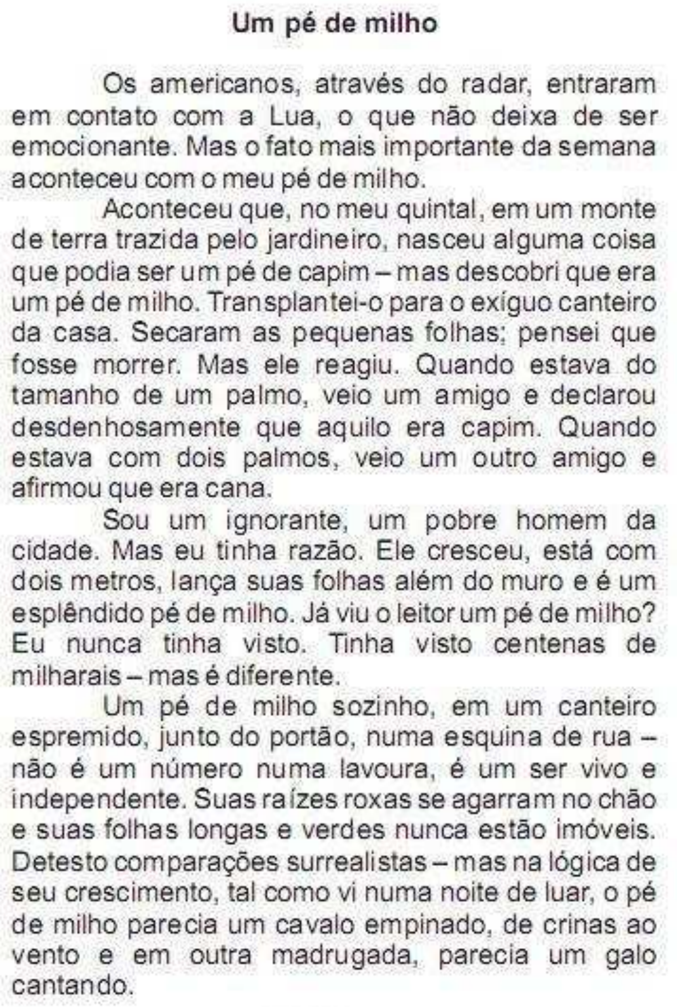

Um pé de milho

Os americanos, através do radar, entraram em contato com a Lua, o que não deixa de ser emocionante. Mas o fato mais importante da semana aconteceu com o meu pé de milho.

Aconteceu que, no meu quintal, em um monte de terra trazida pelo jardineiro, nasceu alguma coisa que podia ser um pé de capim – mas descobri que era um pé de milho. Transplantei-o para o exíguo canteiro da casa. Secaram as pequenas folhas; pensei que fosse morrer. Mas ele reagiu. Quando estava do tamanho de um palmo, veio um amigo e declarou desdenhosamente que aquilo era capim. Quando estava com dois palmos, veio um outro amigo e afirmou que era cana.

Sou um ignorante, um pobre homem da cidade. Mas eu tinha razão. Ele cresceu, está com dois metros, lança suas folhas além do muro e é um esplêndido pé de milho. Já viu o leitor um pé de milho? Eu nunca tinha visto. Tinha visto centenas de milharais – mas é diferente.

Um pé de milho sozinho, em um canteiro espremido, junto do portão, numa esquina de rua – não é um número numa lavoura, é um ser vivo e independente. Suas raízes roxas se agarram no chão e suas folhas longas e verdes nunca estão imóveis. Detesto comparações surrealistas – mas na lógica de seu crescimento, tal como vi numa noite de luar, o pé de milho parecia um cavalo empinado, de crinas ao vento e em outra madrugada, parecia um galo cantando.

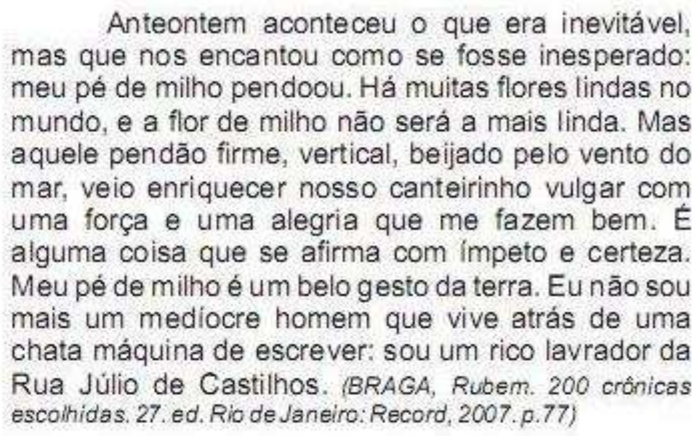

Anteontem aconteceu o que era inevitável, mas que nos encantou como se fosse inesperado: meu pé de milho pendoou. Há muitas flores lindas no mundo, e a flor de milho não será a mais linda. Mas aquele pendão firme, vertical, beijado pelo vento do mar, veio enriquecer nosso canteirinho vulgar com uma força e uma alegria que me fazem bem. É alguma coisa que se afirma com ímpeto e certeza. Meu pé de milho é um belo gesto da terra. Eu não sou mais um medíocre homem que vive atrás de uma chata máquina de escrever: sou um rico lavrador da Rua Júlio de Castilhos. *(BRAGA, Rubem. 200 crônicas escolhidas. 27. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. p.77)*

12. **(Prefeitura de Várzea Grande – MT – 2011 – Auditor de Controle Interno – FUNCAB)** Em "O pé de milho cresceu, POIS reagiu à mudança.", o termo em destaque é:

a) conjunção subordinativa concessiva.

b) conjunção coordenativa explicativa.

c) conjunção coordenativa conclusiva.

d) conjunção subordinativa conformativa.

e) conjunção subordinativa causal.

Comentário: a conjunção em destaque é coordenativa explicativa, pois está introduzindo uma oração coordenada sindética explicativa, que tem a característica de fornecer uma explicação para o fato expresso na oração anterior.

Essa questão levanta uma dúvida clássica gerada pela diferença entre as orações coordenadas explicativas e as orações subordinadas causais. Vejamos: no caso da oração destacada, que é coordenada explicativa, temos uma explicação para o milho ter crescido e não a causa desse crescimento. Porém, se alterarmos a oração para "O pé de milho cresceu porque colocamos um bom adubo nele.", teremos uma oração subordinada adverbial causal, já que fornece a causa de o milho ter crescido. A diferença é basicamente semântica, mas as orações adverbiais causais não têm vírgula antes da conjunção como têm as coordenadas explicativas.

Gabarito: B

Você sabe com quem está falando? Não nos parece uma tarefa fácil conciliar desejos (que geralmente são ilimitados e odeiam controles) e a questão fundamental de cumprir regras, seguir leis e construir espaços públicos seguros e igualitários, válidos para todos, numa sociedade que também tem o seu lado claramente aristocrático e hierárquico. Um sistema que ama a democracia, mas também gosta de usar o "Você sabe com quem está falando?". O nosso amor simultâneo pela igualdade e, a seu lado, o nosso afeto pelo familismo e pelo partidarismo governados pela ética de condescendência tão nossa conhecida, que diz: nós somos diferentes e temos biografia; para os amigos tudo, aos inimigos (e estranhos, os que não conhecemos) a lei! O resultado dessa tomada de posição, básica numa democracia, é simples, mas muitas vezes ignorado entre nós: a minha liberdade teoricamente ilimitada tem de se ajustar à sua, e as duas acabam promovendo uma conformidade voluntária com limites, com fronteiras cívicas que não podem ser ultrapassadas, como a de furar a fila ou a de dar uma carteirada. Na sua simplicidade, a fila é um dos melhores, se não for o melhor, exemplos de como operam os limites numa democracia. Seus princípios são simples e reveladores: quem chega primeiro é atendido em primeiro lugar. Numa fila, portanto, não vale o oculto. Ou temos uma clara linha de pessoas, umas atrás das outras, ou a vaca vai para o brejo. Quando eu era menino, lembro-me bem de como era impossível ter uma fila no Brasil. As velhas senhoras e as pessoas importantes (sobretudo os políticos) não se conformavam com suas regras e traziam como argumento para serem atendidos, passando na frente dos outros, ou a idade, ou o cargo, ou conhecimento com quem estava atendendo, ou algum laço de família. Hoje, sabemos que idosos e deficientes não entram em fila. Mas estamos igualmente alertas para o fato de que um cargo ou um laço de amizade não faz de alguém um supercidadão com poderes ilimitados junto aos que estão penando numa fila por algumas horas. Do mesmo modo e pela mesma lógica, ninguém pode ser sempre o primeiro da fila (e nem o último), como ninguém pode ser campeão para sempre. Se isso acontece, ou seja, se um time campeão mudar as regras para ser campeão para sempre, então o futebol vai pros quintos dos infernos. Ele simplesmente acaba com o jogo como uma disputa. Na disputa, o adversário não é um inimigo; numa fila, quem está na frente não é um superior. O poder ilimitado e congelado ou fixo em pessoas ou partidos, como ocorre nas ditaduras, liquida a democracia justamente porque ele usurpa os limites nos quais se baseia a fila.

DA MATTA, Roberto (Adaptado de revistatrip.uol.com.br.)

13. **(CRF/RO – 2015 – Administrador – FUNCAB)** A oração destacada em “Hoje, sabemos QUE IDOSOS E DEFICIENTES NÃO ENTRAM EM FILA.” é:

A) coordenada sindética explicativa.

B) subordinada substantiva objetiva direta.

C) subordinada substantiva objetiva indireta.

D) subordinada adverbial consecutiva.

E) subordinada adverbial causal.

Comentário: a oração em destaque no enunciado está funcionando como complemento do verbo saber, é o seu objeto direto. Então temos:

Hoje ***(adjunto adverbial de tempo)****,*

Sabemos ***(verbo transitivo direto)***

QUE IDOSOS E DEFICIENTES NÃO ENTRAM EM FILA. ***(objeto direto – oração subordinada substantiva objetiva direta)***

A resposta correta é a letra B.

Gabarito: B

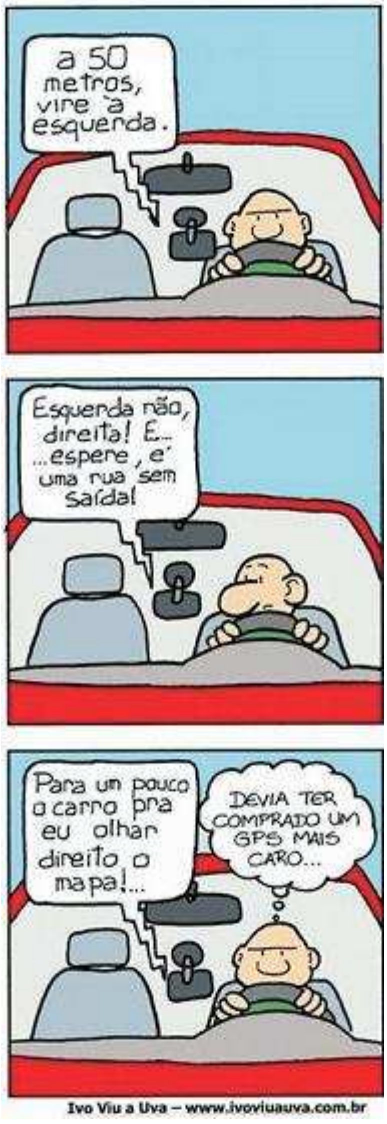
a 50 metros, vire à esquerda.
Esquerda não, direita! E... ...espere, é uma rua sem saída!
Para um pouco o carro pra eu olhar direito o mapa!...
DEVIA TER COMPRADO UM GPS MAIS CARO...
Ivo Viu a Uva – www.ivoviuauva.com.br

14. **(ODAM-AM – 2014 – Auxiliar – FUNCAB)** No terceiro quadrinho, que função sintática exerce o termo O MAPA?

a) objeto indireto.

b) objeto direto.

c) predicativo.

d) adjunto adnominal.

e) adjunto adverbial.

Comentário: o termo "o mapa" é um complemento do verbo olhar, que é transitivo direto, sendo assim seu complemento é um objeto direto. Resposta correta, letra B.

Gabarito: B

Internet e a importância da imprensa

Este artigo não é sobre a pornografia no mundo virtual nem tampouco sobre os riscos de as redes sociais empobrecerem o relacionamento humano. Trata de um dos aspectos mais festejados da internet: o empowerment ("empoderamento", fortalecimento) do cidadão proporcionado pela grande rede.

É a primeira vez na História em que todos, ou quase todos, podem exercer a sua liberdade de expressão, escrevendo o que quiserem na internet. De forma instantânea, o que cada um publica está virtualmente acessível aos cinco continentes. Tal fato, inimaginável décadas atrás, vem modificando as relações sociais e políticas: diversos governos caíram em virtude da mobilização virtual, notícias antes censuradas são agora publicadas na rede, etc. Há um novo cenário democrático mais aberto, mais participativo, mais livre.

E o que pode haver de negativo nisso tudo? A facilidade de conexão com outras pessoas tem provocado um novo fenômeno social. Com a internet, não é mais necessário conviver (e conversar) com pessoas que pensam de forma diferente. Com enorme facilidade, posso encontrar indivíduos "iguais" a mim, por mais minoritária que seja a minha posição.

O risco está em que é muito fácil aderir ao seu clube" e, por comodidade, quase sem perceber, ir se encerrando nele. Não é infrequente que dentro dos guetos, físicos ou virtuais, ocorra um processo que desemboca no fanatismo e no extremismo.

Em razão da ausência de diálogo entre posições diversas, o ativismo na internet nem sempre tem enriquecido o debate público. O empowerment digital é frequentemente utilizado apenas como um instrumento de pressão, o que é legítimo democraticamente, mas, não raras vezes, cruza a linha, para se configurar como intimidação, o que já não é tão legítimo assim...

A internet, como espaço de liberdade, não garante por si só a criação de consensos nem o estabelecimento de uma base comum para o debate.

Evidencia-se, aqui, um ponto importante. A internet não substitui a imprensa. Pelo contrário, esse fenômeno dos novos guetos põe em destaque o papel da imprensa no jogo democrático. Ao selecionar o que se publica, ela acaba sendo um importante moderador do debate público. Aquilo que muitos poderiam ver como uma limitação é o que torna possível o diálogo, ao criar um espaço de discussão num contexto de civilidade democrática, no qual o outro lado também é ouvido.

A racionalidade não dialogada é estreita, já que todos nós temos muitos condicionantes, que configuram o nosso modo de ver o mundo. Sozinhos, nunca somos totalmente isentos, temos sempre um determinado viés. Numa época de incertezas sobre o futuro da mídia, aí está um dos grandes diferenciais de um jornal em relação ao que simplesmente é publicado na rede.

Imprensa e internet não são mundos paralelos: comunicam-se mutuamente, o que é benéfico a todos. No entanto, seria um empobrecimento democrático para um país se a primeira página de um jornal fosse simplesmente o reflexo da audiência virtual da noite anterior. Nunca foi tão necessária uma ponderação serena e coletiva do que será manchete no dia seguinte.

O perigo da internet não está propriamente nela. O risco é considerarmos que, pelo seu sucesso, todos os outros âmbitos devam seguir a sua mesma lógica, predominantemente quantitativa. O mundo contemporâneo, cada vez mais intensamente marcado pelo virtual, necessita também de outros olhares, de outras cores. A internet, mesmo sendo plural, não tem por que se tornar um monopólio.

(CAVALCANTI, N. da Rocha. Jornal “O Estado de S. Paulo”, 12/05/14, com adaptações.)

15. **(PRODAM-AM – 2014 – Engenharia Elétrica – FUNCAB)** "Trata de um dos aspectos mais festejados da internet..." (§ 1)

De acordo com a sintaxe do texto, o termo em função de sujeito em relação ao verbo da oração transcrita acima é:

a) "o relacionamento humano."

b) "Este artigo."

c) "a pornografia."

d) "no mundo virtual."

e) "o empowerment."

Comentário: para responder a essa questão é preciso retornar ao texto e reler o parágrafo indicado. Feito isso, concluímos que a opção correta é a letra B. "Este artigo" é o sujeito do verbo tratar. O sujeito está implícito, mas pode ser identificado pelo contexto.

Gabarito: B

16. **(PRODAM-AM – 2014 – Analista de Contabilidade – FUNCAB)** Leia com atenção as orações abaixo, extraídas do segundo parágrafo do texto:

I. "Tal fato, inimaginável décadas atrás, vem modificando as relações sociais e políticas..."

II. "Há um novo cenário democrático mais aberto, mais participativo, mais livre."

De acordo com o contexto em que as duas orações ocorrem, pode-se afirmar que a oração do item II exprime, em relação à oração do item I, o sentido de:

a) consequência.

b) comparação.

c) finalidade.

d) causa.

e) concessão.

Comentário: as duas orações, de acordo com o contexto, têm uma relação de causa e consequência, sendo que a segunda para a primeira tem uma relação de consequência e o contrário, relação de causa. Opção correta é a letra A.

Gabarito: A

O recente interesse na regulamentação da astrologia como profissão oferece a oportunidade de refletir sobre questões que vão desde as raízes históricas da ciência até a percepção, infelizmente muito popular, de seu dogmatismo. Preocupa-me, e imagino que a muitos dos colegas cientistas, a rotulação do cientista como um sujeito inflexível, bitolado, que só sabe pensar dentro dos preceitos da ciência. Ela vem justamente do desconhecimento sobre como funciona a ciência. Talvez esteja aqui a raiz de tanta confusão e desentendimento.

Longe dos cientistas achar que a ciência é o único modo de conhecer o mundo e as pessoas, ou que a ciência está sempre certa. Muito ao contrário, seria absurdo não dar lugar às artes, aos mitos e às religiões como instrumentos complementares de conhecimento, expressões de como o mundo é visto por pessoas e culturas muito diversas entre si.

Um mundo sem esse tipo de conhecimento não científico seria um mundo menor e, na minha opinião, insuportável. O que existe é uma distinção entre as várias formas de conhecimento, distinção baseada no método pertinente a cada uma delas. A confusão começa quando uma tenta entrar no território da outra, e os métodos passam a ser usados fora de seus contexto.

Portanto, é (ou deveria ser) inútil criticar a astrologia por ela não ser ciência, pois ela não é. Ela é uma outra forma de conhecimento. [...]

Essa caracterização da astrologia como não ciência não é devida ao dogmatismo dos cientistas. É importante lembrar que, para a ciência progredir, dúvida e erro são fundamentais. Teorias não nascem prontas, mas são refinadas com o passar do tempo, a partir da comparação constante com dados. Erros são consertados, e, aos poucos, chega-se a um resultado aceito pela comunidade científica.

A ciência pode ser apresentada como um modelo de democracia: não existe o dono da verdade, ao menos a longo prazo. (Modismos, claro, existem sempre.) Todos podem ter uma opinião, que será sujeita ao escrutínio dos colegas e provada ou não. E isso tudo ocorre independentemente de raça, religião ou ideologia. Portanto, se cientistas vão contra alguma coisa, eles não vão como donos da verdade, mas com o mesmo ceticismo que caracteriza a sua atitude com relação aos próprios colegas. Por outro lado, eles devem ir dispostos a mudar de opinião, caso as provas sejam irrefutáveis.

Astrologia lida com questões de relevância imediata na vida de cada um, tendo um papel emocional que a astronomia jamais poderia (ou deveria) suprir.

A astrologia está conosco há 4.000 anos e não irá embora. E nem acho que deveria. Ela faz parte da história das ideias, foi fundamental no desenvolvimento da astronomia e é testemunha da necessidade coletiva de conhecer melhor a nós mesmos e os que nos cercam. De minha parte, acho que viver com a dúvida pode ser muito mais difícil, mas é muito mais gratificante. Se erramos por não saber, ao menos aprendemos com os nossos erros e, com isso, crescemos como indivíduos. Afinal, nós somos produtos de nossas escolhas, inspiradas ou não pelos astros.

(GLEISER, Marcelo. Folha de São Paulo, 22 set. 2002)

17. **(SEPLAG-MG – 2014 – Gestão Pública – FUNCAB)** O termo oracional em destaque que funciona como objeto direto encontra-se em:

a) “Ela vem justamente do desconhecimento sobre como funciona A CIÊNCIA.” (§ 1)

b) “Preocupa-me [...] A ROTULAÇÃO DO CIENTISTA COMO UM SUJEITO INFLEXÍVEL, BITOLADO [...]” (§ 1)

c) “[...] existem MUITO MAIS ASTRÓLOGOS do que astrônomos.” (§ 7)

d) "[...] que caracteriza A SUA ATITUDE COM RELAÇÃO AOS PRÓPRIOS COLEGAS." (§ 6)

Comentário: na alternativa A, temos o verbo funcionar, que é intransitivo, portanto não necessita de complemento e a oração que está destacada após ele é seu sujeito.

Em B, a oração que segue o verbo preocupar, também está funcionando como seu sujeito.

Em C, o verbo existir também é intransitivo e a oração destacada é o seu sujeito.

Já em D, a oração destacada funciona como objeto direto do verbo caracterizar. Essa, portanto, é a resposta correta para essa questão.

Gabarito: D

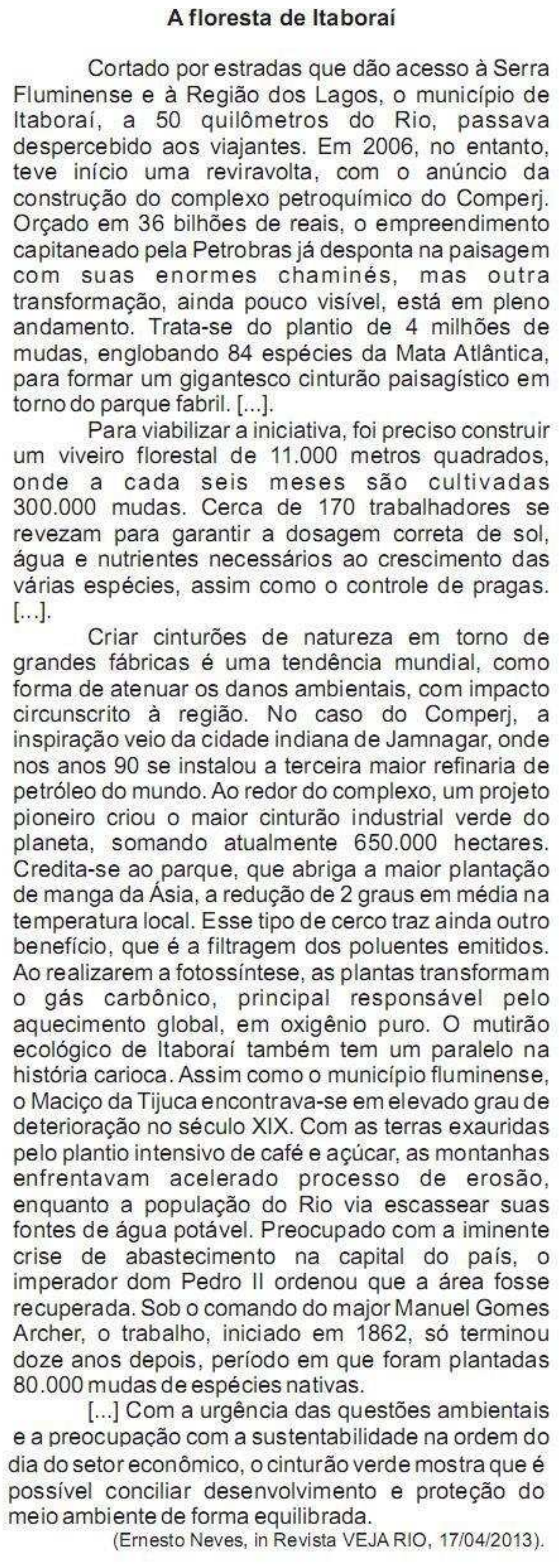

A floresta de Itaboraí

Cortado por estradas que dão acesso à Serra Fluminense e à Região dos Lagos, o município de Itaboraí, a 50 quilômetros do Rio, passava despercebido aos viajantes. Em 2006, no entanto, teve início uma reviravolta, com o anúncio da construção do complexo petroquímico do Comperj. Orçado em 36 bilhões de reais, o empreendimento capitaneado pela Petrobras já desponta na paisagem com suas enormes chaminés, mas outra transformação, ainda pouco visível, está em pleno andamento. Trata-se do plantio de 4 milhões de mudas, englobando 84 espécies da Mata Atlântica, para formar um gigantesco cinturão paisagístico em torno do parque fabril. [...].

Para viabilizar a iniciativa, foi preciso construir um viveiro florestal de 11.000 metros quadrados, onde a cada seis meses são cultivadas 300.000 mudas. Cerca de 170 trabalhadores se revezam para garantir a dosagem correta de sol, água e nutrientes necessários ao crescimento das várias espécies, assim como o controle de pragas. [...].

Criar cinturões de natureza em torno de grandes fábricas é uma tendência mundial, como forma de atenuar os danos ambientais, com impacto circunscrito à região. No caso do Comperj, a inspiração veio da cidade indiana de Jamnagar, onde nos anos 90 se instalou a terceira maior refinaria de petróleo do mundo. Ao redor do complexo, um projeto pioneiro criou o maior cinturão industrial verde do planeta, somando atualmente 650.000 hectares. Credita-se ao parque, que abriga a maior plantação de manga da Ásia, a redução de 2 graus em média na temperatura local. Esse tipo de cerco traz ainda outro benefício, que é a filtragem dos poluentes emitidos. Ao realizarem a fotossíntese, as plantas transformam o gás carbônico, principal responsável pelo aquecimento global, em oxigênio puro. O mutirão ecológico de Itaboraí também tem um paralelo na história carioca. Assim como o município fluminense, o Maciço da Tijuca encontrava-se em elevado grau de deterioração no século XIX. Com as terras exauridas pelo plantio intensivo de café e açúcar, as montanhas enfrentavam acelerado processo de erosão, enquanto a população do Rio via escassear suas fontes de água potável. Preocupado com a iminente crise de abastecimento na capital do país, o imperador dom Pedro II ordenou que a área fosse recuperada. Sob o comando do major Manuel Gomes Archer, o trabalho, iniciado em 1862, só terminou doze anos depois, período em que foram plantadas 80.000 mudas de espécies nativas.

[...] Com a urgência das questões ambientais e a preocupação com a sustentabilidade na ordem do dia do setor econômico, o cinturão verde mostra que é possível conciliar desenvolvimento e proteção do meio ambiente de forma equilibrada.

(Ernesto Neves, in Revista VEJA RIO, 17/04/2013).

18. **(SUDECO – 2013 – Agente Administrativo – FUNCAB)** As duas orações subordinadas destacadas abaixo classificam-se, respectivamente, como:

"PARA VIABILIZAR A INICIATIVA, foi preciso CONSTRUIR UM VIVEIRO FLORESTAL DE 11.000 METROS QUADRADOS, onde a cada seis meses são cultivadas 300.000 mudas."

a) adjetiva restritiva e adverbial proporcional

b) adverbial final e substantiva subjetiva.

c) substantiva predicativa e adjetiva explicativa

d) adjetiva restritiva e adverbial condicional.

e) adverbial temporal e substantiva objetiva direta.

Comentário: a primeira oração destacada está expressando uma finalidade para o fato expresso na segunda oração, é uma oração subordinada adverbial final; já a segunda funciona no período como sujeito do verbo da oração principal foi. Resposta certa, então, letra B.

Gabarito: B

19. **(Prefeitura de Porto Velho - RO – 2009 – Médico – FUNCAB)** No trecho abaixo, as orações introduzidas pelos termos grifados são classificadas, em relação às imediatamente anteriores, como:

"Não há dúvida de que precisaremos curtir mais o dia a dia, mas nunca à custa de nossos filhos..."

a) subordinada substantiva objetiva indireta e coordenada sindética adversativa;

b) subordinada adjetiva restritiva e coordenada sindética explicativa;

c) subordinada adverbial conformativa e subordinada adverbial concessiva;

d) subordinada substantiva completiva nominal e coordenada sindética adversativa;

e) subordinada adjetiva restritiva e subordinada adverbial concessiva.

*Comentário: a expressão **de que** introduz uma oração que funciona como complemento nominal da palavra **dúvida**, portanto, é uma oração subordinada substantiva completiva nominal; e **mas** introduz uma oração independente sintaticamente e com carga de contraste relativa ao que foi expresso na anterior, é uma oração coordenada sindética adversativa. Nosso gabarito é letra D.*

Gabarito: D

Verdade ou mentira

Verdade ou mentira, o que eu vou contar aqui é meio esquisito e merece ser lido com alguma atenção. [...]

Por mais impressionante que seja a história, procure controlar os nervos. [...]

Houve uma mulher que amou um amor de verdade.

Por mais estranho que pareça, foi isso que me contaram exatamente.

Um dia ela conheceu um homem, então descobriu que seu amanhecer já não era o mesmo, e os dois trocaram juras eternas, e, o que é mais fantástico ainda, essa mulher, pelo que consta, amou mesmo esse homem, só a ele, muito e sempre.

Parece que ele não era especialmente bonito, rico nem inteligente, era boa gente apenas e (segundo fontes seguras) tinha um sorriso engraçado.

Ela também era uma pessoa normal (pelo menos aparentemente) e só apresentou esse comportamento estapafúrdio em toda a sua vida.

Os motivos que levaram essa mulher a amar tanto esse tal homem, de forma tão descabida e excessiva, nunca ficaram provados.

Primeiro levantaram a hipótese de um surto de loucura passageiro. (Um atestado de insanidade resolveria a questão sem a necessidade de uma análise mais apurada.) Não era. [...]

O fato foi tomando proporções maiores à medida que o tempo passava e o amor daquela mulher não diminuía. [...]

Houve quem apostasse que aquele amor todo era mentira da mulher, com a clara intenção de aparecer na mídia. [...]

A mulher foi ficando meio assustada com aquela agonia de gente e *flashes* de repórter, confere daqui, examina de lá, até que acabou fugindo, coitada. Aquilo já estava impossível.

O homem ficou muito triste, é óbvio, por perder um amor assim tão interessante.

Há quem garanta que até hoje ele passa o dia bebendo na esquina e chora constantemente.

Dela, nunca mais se teve notícia. Possivelmente se auto exilou em algum lugar ignorado.

FALCÃO, Adriana. *O doido da garrafa*. São Paulo: Planeta,2003. p. 43-44. (Fragmento)

20. **(SEMAD - 2013 – Engenharia Agronômica – FUNCAB)** A opção em que está correta, quanto aos aspectos gramatical e sintático, a análise do período "Houve uma mulher que amou um amor de verdade.", é:

a) o verbo HAVER está no singular, porque concorda com o núcleo do sujeito MULHER.

b) a locução adjetiva DE VERDADE exerce a função sintática de predicativo do sujeito da segunda oração.

c) o pronome relativo QUE exerce a função sintática de sujeito da segunda oração.

d) o período é composto por coordenação.

Comentário: a afirmativa da letra A está incorreta, o verbo haver com sentido de existir é impessoal e será flexionado sempre na terceira pessoa do singular. Em B, o verbo amar é transitivo direto, "um amor de verdade", então, é objeto direto, sendo assim, a locução "de verdade" é predicativo do objeto. A alternativa C está correta, pois "que" retoma a palavra mulher, que é *o sujeito da oração que inicia. Na letra D há uma afirmação incorreta porque o período é composto por subordinação, tendo como oração principal "Houve uma mulher", e "que amou um amor de verdade" como oração subordinada adjetiva restritiva. Alternativa correta é a letra C.*

Gabarito: C

LISTA DE QUESTÕES COMENTADAS NESTA AULA

Desenredo

Do narrador seus ouvintes:

– Jó Joaquim, cliente, era quieto, respeitado, bom como o cheiro de cerveja. Tinha o para não ser célebre. Como elas quem pode, porém? Foi Adão dormir e Eva nascer. Chamando-se Livíria, Rivília ou Irlívia, a que, nesta observação, a Jó Joaquim apareceu.

Antes bonita, olhos de viva mosca, morena mel e pão. Aliás, casada. Sorriram-se, viram-se. Era infinitamente maio e Jó Joaquim pegou o amor. Enfim, entenderam-se. Voando o mais em ímpeto de nau tangida a vela e vento. Mas tendo tudo de ser secreto, claro, coberto de sete capas.

Porque o marido se fazia notório, na valentia com ciúme; e as aldeias são a alheia vigilância. Então ao rigor geral os dois se sujeitaram, conforme o clandestino amor em sua forma local, conforme o mundo é mundo. Todo abismo é navegável a barquinhos de papel.

Não se via quando e como se viam. Jó Joaquim, além disso, existindo só retraído, minuciosamente. Esperar é reconhecer-se incompleto. Dependiam eles de enorme milagre. O inebriado engano.

Até que deu-se o desmastreio. O trágico não vem a conta-gotas. Apanhara o marido a mulher: com outro, um terceiro... Sem mais cá nem mais lá, mediante revólver, assustou-a e matou-o. Diz-se, também, que a ferira, leviano modo.

[...]

Ela – longe – sempre ou ao máximo mais formosa, já sarada e sã. Ele exercitava-se a aguentar-se, nas defeituosas emoções.

Enquanto, ora, as coisas amaduravam. Todo fim é impossível? Azarado fugitivo, e como à Providência praz, o marido faleceu, afogado ou de tifo. O tempo é engenhoso.

[...]

Sempre vem imprevisível o abominoso? Ou: os tempos se seguem e parafraseiam-se. Deu-se a entrada dos demônios.

Da vez, Jó Joaquim foi quem a deparou, em péssima hora: traído e traidora. De amor não a matou, que não era para truz de tigre ou leão. Expulsou-a apenas, apostrofando-se, como inédito poeta e homem. E viajou a mulher, a desconhecido destino.

Tudo aplaudiu e reprovou o povo, repartido. Pelo fato, Jó Joaquim sentiu-se histórico, quase criminoso, reincidente. Triste, pois que tão calado. Suas lágrimas corriam atrás dela, como formiguinhas brancas. Mas, no frágio da barca, de novo respeitado, quieto. Vá-se a camisa, que não o dela dentro. Era o seu um amor meditado, a prova de remorsos.

Dedicou-se a endireitar-se.

[...]

Celebrava-a, ufanático, tendo-a por justa e averiguada, com convicção manifesta. Haja o absoluto amar – e qualquer causa se irrefuta.

Pois produziu efeito. Surtiu bem. Sumiram-se os pontos das reticências, o tempo secou o assunto. Total o transato desmanchava-se, a anterior evidência e seu nevoeiro. O real e válido, na árvore, é a reta que vai para cima. Todos já acreditavam. Jó Joaquim primeiro que todos.

Mesmo a mulher, até, por fim. Chegou-lhe lá a notícia, onde se achava, em ignota, defendida, perfeita distância. Soube-se nua e pura. Veio sem culpa. Voltou, com dengos e fofos de bandeira ao vento.

Três vezes passa perto da gente a felicidade. Jó Joaquim e Vilíria retomaram-se, e conviveram, convolados, o verdadeiro e melhor de sua útil vida.

E pôs-se a fábula em ata.

ROSA, João Guimarães.*Tutameia – Terceiras estórias* . Rio de Janeiro: José Olympio, 1967. p. 38-40.

Vocabulário

frágio: neologismo criado a partir de naufrágio.

ufanático: neologismo: ufano+fanático.

01. **(PC-AC – 2015 – Perito Criminal – FUNCAB)** A classificação da oração destacada no fragmento "O real e válido, na árvore, é a reta QUE VAI PARA CIMA." é oração subordinada:

a) adverbial causal.

b) substantiva predicativa.

c) substantiva subjetiva.

d) adjetiva restritiva.

e) adjetiva explicativa.

Inauguração da Avenida

[...]

Já lá se vão cinco dias. E ainda não houve aclamações, ainda não houve delírio. O choque foi rude demais. Acalma ainda não renasceu.

Mas o que há de mais interessante na vida dessa mó de povo que se está comprimindo e revoluteando na Avenida, entre a Prainha e o Boqueirão, é o tom das conversas, que o ouvido de um observador apanha aqui e ali, neste ou naquele grupo.

Não falo das conversas da gente culta, dos "doutores" que se julgam doutos.

Falo das conversas do povo - do povo rude, que contempla e critica a arquitetura dos prédios: "Não gosto deste... Gosto mais daquele... Este é mais rico... Aquele tem mais arte... Este é pesado... Aquele é mais elegante...".

Ainda nesta sexta-feira, à noite, entremeti-me num grupo e fiquei saboreando uma dessas discussões. Os conversadores, à luz rebrilhante do gás e da eletricidade, iam apontando os prédios: e - cousa consoladora - eu, que acompanhava com os ouvidos e com os olhos a discussão, nem uma só vez deixei de concordar com a opinião do grupo. Com um instintivo bom gosto subitamente nascido, como por um desses milagres a que os teólogos dão o nome de "mistérios da Graça revelada" - aquela simples e rude gente, que nunca vira palácios, que nunca recebera a noção mais rudimentar da arte da arquitetura, estava ali discernindo entre o bom e o mau, e discernindo com clarividência e precisão, separando o trigo do joio, e distinguindo do vidro ordinário o diamante puro.

É que o nosso povo - nascido e criado neste fecundo clima de calor e umidade, que tanto beneficia as plantas como os homens - tem uma inteligência nativa, exuberante e pronta, que é feita de sobressaltos e relâmpagos, e que apanha e fixa na confusão as ideias, como a placa sensibilizada de uma máquina fotográfica apanha e fixa, ao clarão instantâneo de uma faísca de luz oxídrica, todos os objetos mergulhados na penumbra de uma sala...

E, pela Avenida em fora, acotovelando outros grupos, fui pensando na revolução moral e intelectual que se vai operar na população, em virtude da reforma material da cidade.

A melhor educação é a que entra pelos olhos. Bastou que, deste solo coberto de baiucas e taperas, surgissem alguns palácios, para que imediatamente nas almas mais incultas brotasse de súbito a fina flor do bom gosto: olhos, que só haviam contemplado até então betesgas, compreenderam logo o que é a arquitetura. Que não será quando da velha cidade colonial, estupidamente conservada até agora como um pesadelo do passado, apenas restar a lembrança?

[...]

E quando cheguei ao Boqueirão do Passeio, voltei-me, e contemplei mais uma vez a Avenida, em toda sua gloriosa e luminosa extensão. [...]

Gazeta de Notícias - 19 nov.1905. Bilac, Olavo. *Vossa Insolência: crônicas*. São Paulo: Companhia de Letras, 1996, p. 264-267.

Vocabulário:
baiuca: local de última categoria, malfrequentado.
betesga: rua estreita, sem saída,
mó: do latim "mole" , multidão; grande quantidade,
revolutear: agitar-se em várias direções,
tapera: lugar malconservado e de mau aspecto

02. **(PRF – 2014 – Agente Administrativo – FUNCAB)** Sobre a oração destacada em "Não falo das conversas da gente culta, dos 'doutores' QUE SE JULGAM DOUTOS." (texto - § 3), é correto afirmar que:

a) ocorre no texto sob a forma de um sintagma adverbial, no qual a palavra gramatical conjuntiva dá a base da oração.

b) a expressão gramatical típica da consequência se concretiza na conjunção que.

c) combina-se, independente, para expressar um ato discursivo diferente do estabelecido pela primeira oração.

d) ocorre no texto sob a forma de um sintagma adjetivo, conhecido como oração adjetiva, delimitando a parte de um conjunto.

e) a unidade subordinada adquire um padrão no qual juntam-se as orações para formar um sintagma adverbial.

As intermitências da morte (Fragmento)

A morte conhece tudo a nosso respeito, e talvez por isso seja triste. Se é certo que nunca sorri, é só porque lhe faltam os lábios, e esta lição anatômica nos diz que, ao contrário do que os vivos julgam, o sorriso não é uma questão de dentes. Há quem diga, com humor menos macabro que de mau gosto, que ela leva afivelada uma espécie de sorriso permanente, mas isso não é verdade, o que ela traz à vista é um esgar de sofrimento, porque a recordação do tempo em que tinha boca, e a boca língua, e a língua saliva, a persegue continuamente. Com um breve suspiro, puxou para si uma folha de papel e começou a escrever a primeira carta deste dia, Cara senhora, lamento comunicar-lhe que a sua vida terminará no prazo irrevogável e improrrogável de uma semana, desejo-lhe que aproveite o melhor que puder o tempo que lhe resta, sua atenta servidora, morte. Duzentas e noventa e oito folhas, duzentos e noventa e oito sobrescritos, duzentas e noventa e oito descargas na lista, não se poderá dizer que um trabalho destes seja de matar, mas a verdade é que a morte chegou ao fim exausta. Com o gesto da mão direita que já lhe conhecemos fez desaparecer as duzentas e noventa e oito cartas, depois, cruzando sobre a mesa os magros braços, deixou descair a cabeça sobre eles, não para dormir, porque morte não dorme, mas para descansar. Quando meia hora mais tarde, já refeita da fadiga, a levantou, a carta que havia sido devolvida à procedência e outra vez enviada, estava novamente ali, diante das suas órbitas atônitas. Se a morte havia sonhado com a esperança de alguma surpresa que a viesse distrair dos aborrecimentos da rotina, estava servida. [...] Entre ir e vir, a carta não havia demorado mais que meia hora, provavelmente muito menos, dado que já se encontrava em cima da mesa quando a morte levantou a cabeça do duro amparo dos antebraços, isto é, do cúbito e do rádio, que para isso mesmo é que são entrelaçados. Uma força alheia, misteriosa, incompreensível, parecia opor-se à morte da pessoa, apesar de a data da sua defunção estar fixada, como para toda a gente, desde o próprio dia do nascimento. É impossível, disse a morte à gadanha silenciosa, ninguém no mundo ou fora dele teve alguma vez mais poder do que eu. eu sou a morte, o resto é nada.

SARAMAGO, José. . São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 139-40.

03. **(FACELI – 2015- Administrador – FUNCAB)** Em "CARA SENHORA, lamento comunicar-lhe que a sua vida terminará no prazo irrevogável e improrrogável de uma semana." os termos destacados compõem a função de:

A) vocativo.

B) aposto.

C) sujeito.

D) adjunto adnominal.

E) complemento nominal.

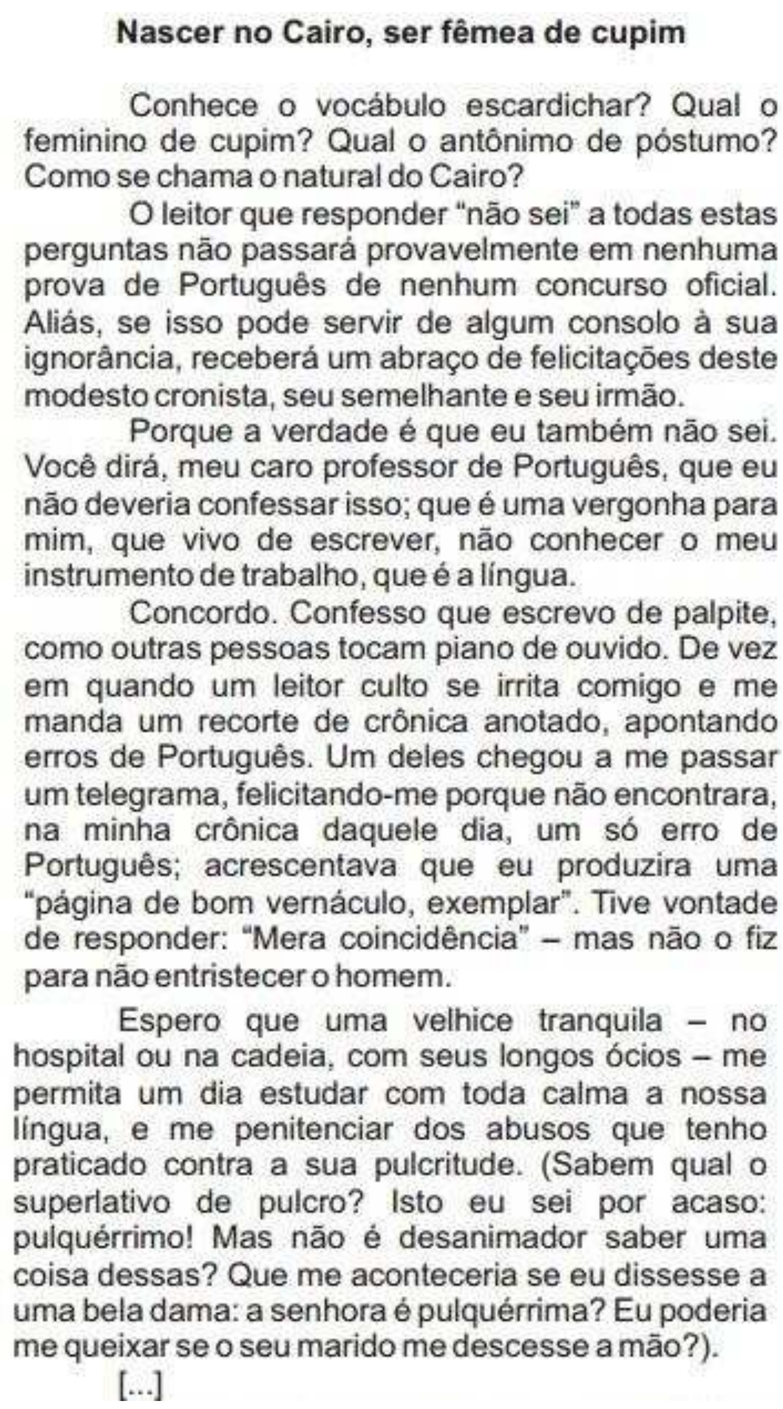

Nascer no Cairo, ser fêmea de cupim

Conhece o vocábulo escardichar? Qual o feminino de cupim? Qual o antônimo de póstumo? Como se chama o natural do Cairo?

O leitor que responder "não sei" a todas estas perguntas não passará provavelmente em nenhuma prova de Português de nenhum concurso oficial. Aliás, se isso pode servir de algum consolo à sua ignorância, receberá um abraço de felicitações deste modesto cronista, seu semelhante e seu irmão.

Porque a verdade é que eu também não sei. Você dirá, meu caro professor de Português, que eu não deveria confessar isso; que é uma vergonha para mim, que vivo de escrever, não conhecer o meu instrumento de trabalho, que é a língua.

Concordo. Confesso que escrevo de palpite, como outras pessoas tocam piano de ouvido. De vez em quando um leitor culto se irrita comigo e me manda um recorte de crônica anotado, apontando erros de Português. Um deles chegou a me passar um telegrama, felicitando-me porque não encontrara, na minha crônica daquele dia, um só erro de Português; acrescentava que eu produzira uma "página de bom vernáculo, exemplar". Tive vontade de responder: "Mera coincidência" – mas não o fiz para não entristecer o homem.

Espero que uma velhice tranquila – no hospital ou na cadeia, com seus longos ócios – me permita um dia estudar com toda calma a nossa língua, e me penitenciar dos abusos que tenho praticado contra a sua pulcritude. (Sabem qual o superlativo de pulcro? Isto eu sei por acaso: pulquérrimo! Mas não é desanimador saber uma coisa dessas? Que me aconteceria se eu dissesse a uma bela dama: a senhora é pulquérrima? Eu poderia me queixar se o seu marido me descesse a mão?).

[...]

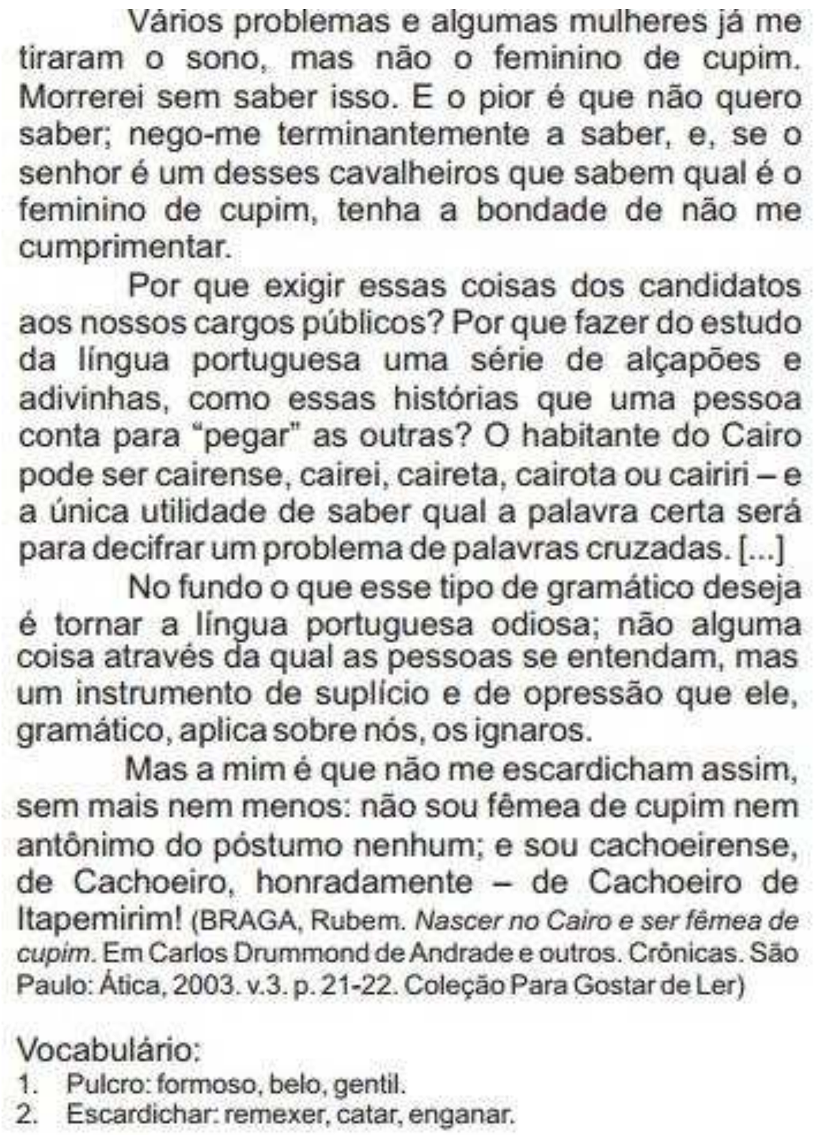

Vários problemas e algumas mulheres já me tiraram o sono, mas não o feminino de cupim. Morrerei sem saber isso. E o pior é que não quero saber; nego-me terminantemente a saber, e, se o senhor é um desses cavalheiros que sabem qual é o feminino de cupim, tenha a bondade de não me cumprimentar.

Por que exigir essas coisas dos candidatos aos nossos cargos públicos? Por que fazer do estudo da língua portuguesa uma série de alçapões e adivinhas, como essas histórias que uma pessoa conta para "pegar" as outras? O habitante do Cairo pode ser cairense, cairei, caireta, cairota ou cairiri – e a única utilidade de saber qual a palavra certa será para decifrar um problema de palavras cruzadas. [...]

No fundo o que esse tipo de gramático deseja é tornar a língua portuguesa odiosa; não alguma coisa através da qual as pessoas se entendam, mas um instrumento de suplício e de opressão que ele, gramático, aplica sobre nós, os ignaros.

Mas a mim é que não me escardicham assim, sem mais nem menos: não sou fêmea de cupim nem antônimo do póstumo nenhum; e sou cachoeirense, de Cachoeiro, honradamente – de Cachoeiro de Itapemirim! (BRAGA, Rubem. *Nascer no Cairo e ser fêmea de cupim*. Em Carlos Drummond de Andrade e outros. Crônicas. São Paulo: Ática, 2003. v.3. p. 21-22. Coleção Para Gostar de Ler)

Vocabulário:

1. Pulcro: formoso, belo, gentil.
2. Escardichar: remexer, catar, enganar.

04. **(DETRAN-PB – 2013 – Advogado – FUNCAB)** "Porque a verdade é que eu também não sei." A respeito desse período, analise as afirmativas a seguir.

I. O período é composto por coordenação.

II. O QUE é uma conjunção integrante.

III. A segunda oração é subordinada substantiva predicativa.

A alternativa que indica apenas a (s) afirmativa (s) correta (s) é:

a) II

b) II e III

c) III

d) I e III

e) I

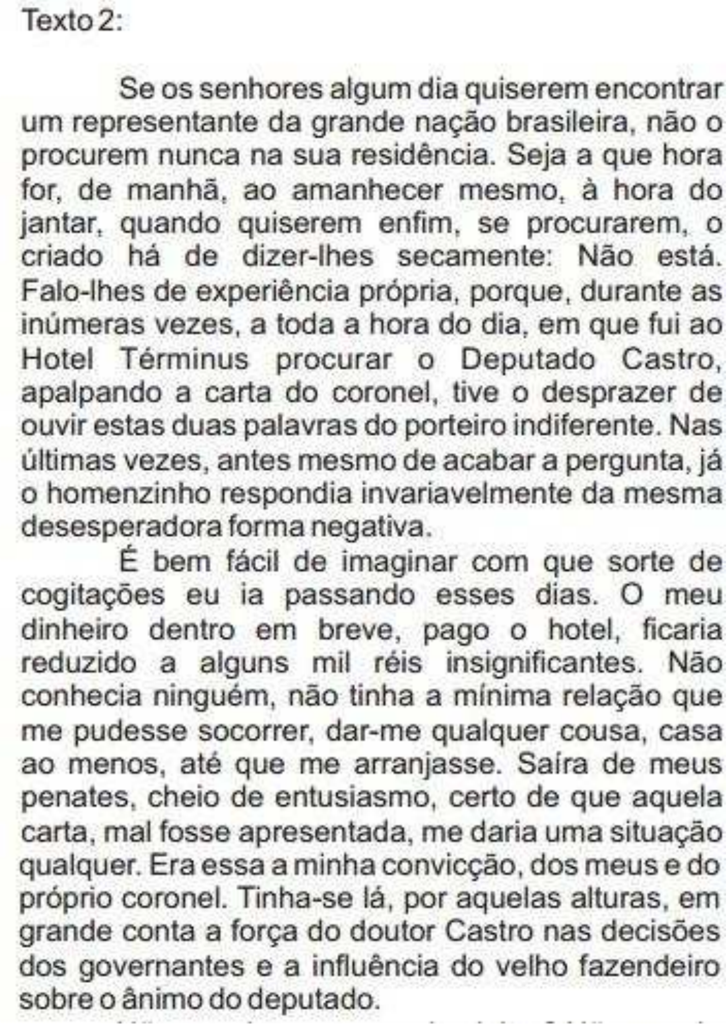

Texto 2:

Se os senhores algum dia quiserem encontrar um representante da grande nação brasileira, não o procurem nunca na sua residência. Seja a que hora for, de manhã, ao amanhecer mesmo, à hora do jantar, quando quiserem enfim, se procurarem, o criado há de dizer-lhes secamente: Não está. Falo-lhes de experiência própria, porque, durante as inúmeras vezes, a toda a hora do dia, em que fui ao Hotel Términus procurar o Deputado Castro, apalpando a carta do coronel, tive o desprazer de ouvir estas duas palavras do porteiro indiferente. Nas últimas vezes, antes mesmo de acabar a pergunta, já o homenzinho respondia invariavelmente da mesma desesperadora forma negativa.

É bem fácil de imaginar com que sorte de cogitações eu ia passando esses dias. O meu dinheiro dentro em breve, pago o hotel, ficaria reduzido a alguns mil réis insignificantes. Não conhecia ninguém, não tinha a mínima relação que me pudesse socorrer, dar-me qualquer cousa, casa ao menos, até que me arranjasse. Saíra de meus penates, cheio de entusiasmo, certo de que aquela carta, mal fosse apresentada, me daria uma situação qualquer. Era essa a minha convicção, dos meus e do próprio coronel. Tinha-se lá, por aquelas alturas, em grande conta a força do doutor Castro nas decisões dos governantes e a influência do velho fazendeiro sobre o ânimo do deputado.

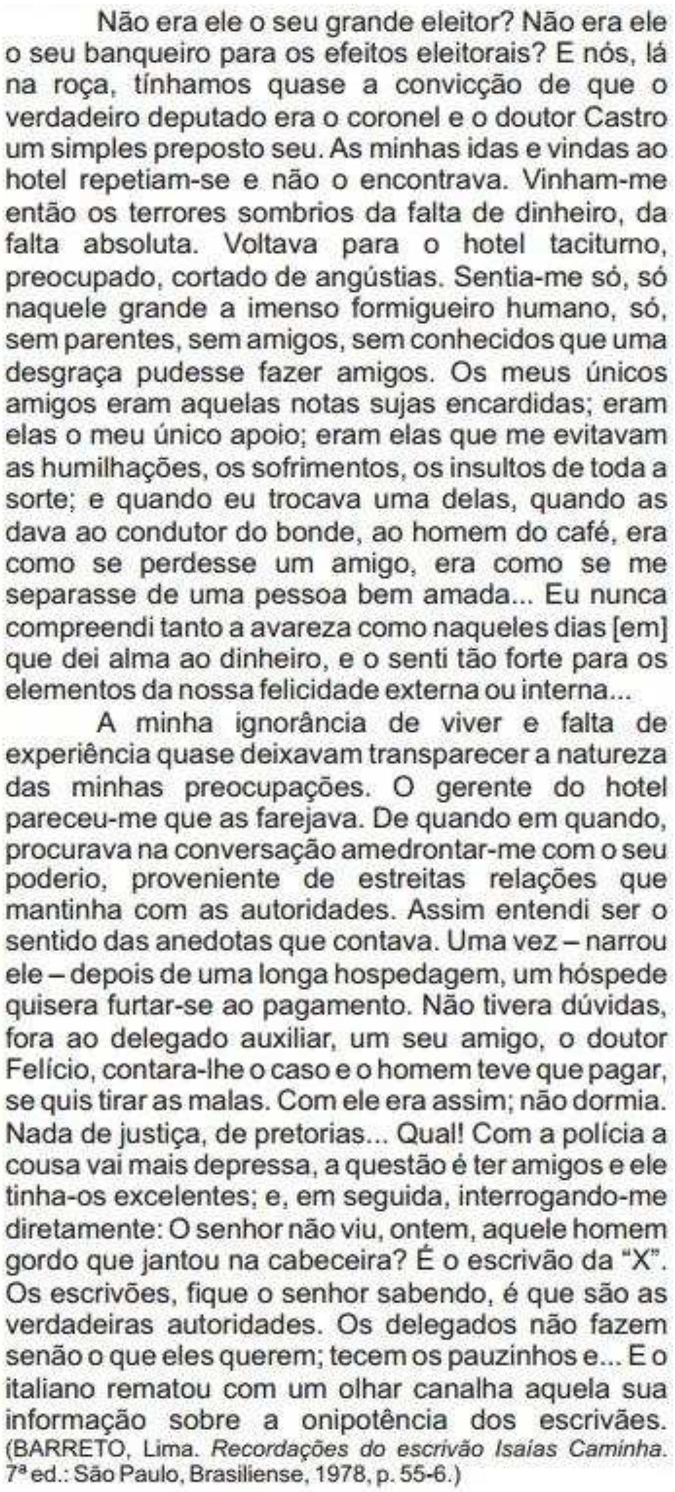

Não era ele o seu grande eleitor? Não era ele o seu banqueiro para os efeitos eleitorais? E nós, lá na roça, tínhamos quase a convicção de que o verdadeiro deputado era o coronel e o doutor Castro um simples preposto seu. As minhas idas e vindas ao hotel repetiam-se e não o encontrava. Vinham-me então os terrores sombrios da falta de dinheiro, da falta absoluta. Voltava para o hotel taciturno, preocupado, cortado de angústias. Sentia-me só, só naquele grande a imenso formigueiro humano, só, sem parentes, sem amigos, sem conhecidos que uma desgraça pudesse fazer amigos. Os meus únicos amigos eram aquelas notas sujas encardidas; eram elas o meu único apoio; eram elas que me evitavam as humilhações, os sofrimentos, os insultos de toda a sorte; e quando eu trocava uma delas, quando as dava ao condutor do bonde, ao homem do café, era como se perdesse um amigo, era como se me separasse de uma pessoa bem amada... Eu nunca compreendi tanto a avareza como naqueles dias [em] que dei alma ao dinheiro, e o senti tão forte para os elementos da nossa felicidade externa ou interna...

A minha ignorância de viver e falta de experiência quase deixavam transparecer a natureza das minhas preocupações. O gerente do hotel pareceu-me que as farejava. De quando em quando, procurava na conversação amedrontar-me com o seu poderio, proveniente de estreitas relações que mantinha com as autoridades. Assim entendi ser o sentido das anedotas que contava. Uma vez – narrou ele – depois de uma longa hospedagem, um hóspede quisera furtar-se ao pagamento. Não tivera dúvidas, fora ao delegado auxiliar, um seu amigo, o doutor Felício, contara-lhe o caso e o homem teve que pagar, se quis tirar as malas. Com ele era assim; não dormia. Nada de justiça, de pretorias... Qual! Com a polícia a cousa vai mais depressa, a questão é ter amigos e ele tinha-os excelentes; e, em seguida, interrogando-me diretamente: O senhor não viu, ontem, aquele homem gordo que jantou na cabeceira? É o escrivão da "X". Os escrivões, fique o senhor sabendo, é que são as verdadeiras autoridades. Os delegados não fazem senão o que eles querem; tecem os pauzinhos e... E o italiano rematou com um olhar canalha aquela sua informação sobre a onipotência dos escrivães. (BARRETO, Lima. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. 7ª ed.: São Paulo, Brasiliense, 1978, p. 55-6.)

05. **(PC-ES – 2013 – Escrivão de Polícia – FUNCAB)** A relação semântica entre as duas orações coordenadas de: "As minhas idas e vindas ao hotel repetiam-se e não o encontrava." (§ 3), é análoga à que se observa na seguinte passagem de Graciliano Ramos:

a) Ela se revelou pouco a pouco, e nunca se revelou inteiramente.

b) O nordeste começou a soprar, e a porta bateu com fúria.

c) Despertaram todos, e a lourinha fez um movimento para se levantar.

d) Assinei as cartas e meti-as nos envelopes.

e) No tempo de D. Pedro, corria pouco dinheiro, e quem possuía um conto de reis era rico.

A percepção pública da ciência é, com razão, repleta de conflitos. Alguns acreditam que a ciência seja a chave para a liberdade do homem, para a melhora das condições de vida de todos, para a cura dos tantos males que afligem pobres e ricos, desde a fome até as mais variadas doenças. Já outros veem a ciência com grande desconfiança e até com desprezo, como sendo a responsável pela criação de várias armas de destruição inventadas através da história, da espada à bomba atômica. Para esse grupo, os homens não são maduros o suficiente para lidar com o grande poder que resulta de nossas descobertas científicas. No início do século 21, a clonagem e a possibilidade de construirmos máquinas inteligentes prometem até mesmo uma redefinição do que significa ser humano. Na medida em que será possível desenhar geneticamente um indivíduo ou modificar a sua capacidade mental por meio de implantes eletrônicos, onde ficará a linha divisória entre homem e máquina, entre o vivo e o robotizado? Entre os vários cenários que vemos discutidos na mídia, o mais aterrorizador é aquele em que nós nos tornaremos forçosamente obsoletos, uma vez que clones bioeletrônicos serão muito mais inteligentes e resistentes do que nós. Ou seja, quando (e se) essas tecnologias estiverem disponíveis, a ciência passará a controlar o processo evolutivo: a nossa missão final é criar seres "melhores" do que nós, tomando a seleção natural em nossas próprias mãos. O resultado, claro, é que terminaremos por causar a nossa própria extinção, sendo apenas mais um elo na longa cadeia evolutiva. O filme "Inteligência Artificial", de Steven Spielberg, relata precisamente esse cenário lúgubre para o nosso futuro, a inventividade humana causando a sua destruição final. É difícil saber como lidar com essa possibilidade. Se tomarmos o caso da tecnologia nuclear como exemplo, vemos que a sua história começou com o assassinato de centenas de milhares de cidadãos japoneses, justamente pela potência que se rotula o "lado bom". Esse rótulo, por mais ridículo que seja, é levado a sério por grande parte da população norte-americana. É o velho argumento maquiavélico de que os fins justificam os meios: "Se não jogássemos as bombas em Hiroshima e Nagasaki, os japoneses jamais teriam se rendido e muito mais gente teria morrido em uma invasão por terra", dizem as autoridades militares e políticas norte-americanas. Isso não só não é verdade como mostra que são os fins político-econômicos que definem os usos e abusos da ciência: os americanos queriam manter o seu domínio no Pacífico, tentando amedrontar os soviéticos que desciam pela Manchúria. As bombas não só detiveram os soviéticos como redefiniram o equilíbrio de poder no mundo. Ao menos até os soviéticos desenvolverem a sua bomba, o que deu início à Guerra Fria. As consequências de um conflito nuclear global são tão horrendas que até mesmo os líderes das potências nucleares conseguiram resistir à tentação de abusar de seu poder: criamos uma guerra sem vencedores e, portanto, inútil. Porém, as tecnologias nucleares não são propriedade exclusiva das potências nucleares. A possibilidade de que um grupo terrorista obtenha ou construa uma pequena bomba é remota, mas não inexistente. Em casos de extremismo religioso, escolhas morais são redefinidas de acordo com os preceitos (distorcidos) da religião: isso foi verdade tanto nas Cruzadas como hoje, nas mãos de suicidas muçulmanos. Eles não hesitariam em usar uma arma atômica, caso a tivessem. E sentiriam suas ações perfeitamente justificadas. Essa discussão mostra que a ciência não tem uma dimensão moral: somos nós os seres morais, os que optamos por usar as nossas invenções de modo criativo ou destrutivo. Somos nós que descobrimos curas para doenças e gases venenosos. Daí que o futuro da sociedade está em nossas mãos e será definido pelas escolhas que fizermos daqui para a frente. (...) Não é da ciência que devemos ter medo, mas de nós mesmos e da nossa imaturidade moral.

(Marcelo Gleiser, in Folha de São Paulo, 7 de julho de 2002)

06. **(SESAU/RO – 2009 – Administrador de Hospital – FUNCAB)** Em "Eles não hesitariam em usar uma arma atômica, caso a tivessem.", a oração adverbial grifada expressa ideia de:

A) conformidade;
B) proporção;
C) condição;
D) finalidade;
E) concessão.

07. **(SESAU/RO – 2009 – Administrador de Hospital – FUNCAB)** No período "As consequências de um conflito nuclear global são tão horrendas que até mesmo os líderes das potências nucleares conseguiram resistir à tentação de abusar de seu poder...", a palavra grifada introduz uma oração classificada como:

A) subordinada adjetiva restritiva;
B) subordinada adjetiva explicativa;
C) subordinada substantiva objetiva direta;
D) subordinada adverbial causal;
E) subordinada adverbial consecutiva.

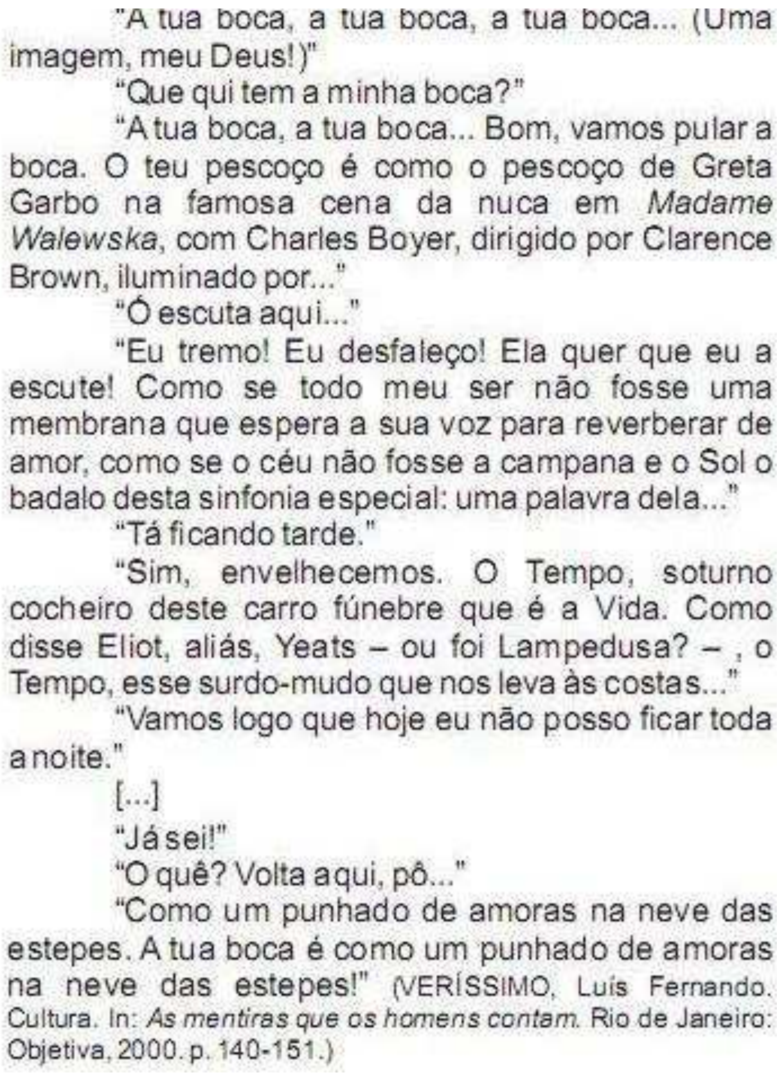

"A tua boca, a tua boca, a tua boca... (Uma imagem, meu Deus!)"

"Que qui tem a minha boca?"

"A tua boca, a tua boca... Bom, vamos pular a boca. O teu pescoço é como o pescoço de Greta Garbo na famosa cena da nuca em *Madame Walewska*, com Charles Boyer, dirigido por Clarence Brown, iluminado por..."

"Ó escuta aqui..."

"Eu tremo! Eu desfaleço! Ela quer que eu a escute! Como se todo meu ser não fosse uma membrana que espera a sua voz para reverberar de amor, como se o céu não fosse a campana e o Sol o badalo desta sinfonia especial: uma palavra dela..."

"Tá ficando tarde."

"Sim, envelhecemos. O Tempo, soturno cocheiro deste carro fúnebre que é a Vida. Como disse Eliot, aliás, Yeats – ou foi Lampedusa? – , o Tempo, esse surdo-mudo que nos leva às costas..."

"Vamos logo que hoje eu não posso ficar toda a noite."

[...]

"Já sei!"

"O quê? Volta aqui, pô..."

"Como um punhado de amoras na neve das estepes. A tua boca é como um punhado de amoras na neve das estepes!" (VERÍSSIMO, Luís Fernando. Cultura. In: *As mentiras que os homens contam*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. p. 140-151.)

08. **(PC-ES – 2013 – Médico Legista – FUNCAB)** A oração destacada em "Ela quer QUE EU A ESCUTE!" está corretamente classificada em:

a) subordinada adverbial consecutiva.

b) subordinada substantiva predicativa.

c) subordinada substantiva objetiva direta.

d) coordenada sindética explicativa.

e) subordinada adjetiva restritiva.

Maneira de amar

O jardineiro conversava com as flores, e elas se habituaram ao diálogo. Passava manhãs contando coisas a uma cravina ou escutando o que lhe confiava um gerânio. O girassol não ia muito com sua cara, ou porque não fosse homem bonito, ou porque os girassóis são orgulhosos de natureza.

Em vão o jardineiro tentava captar-lhe as graças, pois o girassol chegava a voltar-se contra a luz para não ver o rosto que lhe sorria. Era uma situação bastante embaraçosa, que as outras flores não comentavam. Nunca, entretanto, o jardineiro deixou de regar o pé de girassol e de renovar-lhe a terra, na ocasião devida.

O dono do jardim achou que seu empregado perdia muito tempo parado diante dos canteiros, aparentemente não fazendo coisa alguma. E mandou-o embora, depois de assinar a carteira de trabalho.

Depois que o jardineiro saiu, as flores ficaram tristes e censuravam-se porque não tinham induzido o girassol a mudar de atitude. A mais triste de todas era o girassol, que não se conformava com a ausência do homem. "Você o tratava mal, agora está arrependido?" "Não, respondeu, estou triste porque agora não posso tratá-lo mal. É a minha maneira de amar, ele sabia disso, e gostava."

Maneira de amar (ANDRADE, Carlos Drummond. *A cor de cada um*. Rio de Janeiro: Record, 1997. p. 30).

09. **(SC-CE – 2013 - Analista de Desenvolvimento Urbano - Engenharia Agronômica – FUNCAB)** No primeiro parágrafo, as orações que indicam os prováveis motivos do tratamento dado pelo girassol ao jardineiro são:

a) coordenadas sindéticas explicativas

b) subordinadas adverbiais causais.

c) subordinadas adverbiais consecutivas.

d) coordenadas sindéticas alternativas.

e) subordinadas adverbiais concessivas.

Segurança

O ponto de venda mais forte do condomínio era a sua segurança. Havia as belas casas, os jardins, os playgrounds as piscinas, mas havia, acima de tudo, segurança. Toda a área era cercada por um muro alto. Havia um portão principal com muitos guardas que controlavam tudo por um circuito fechado de TV. Só entravam no condomínio os proprietários e visitantes devidamente identificados e crachados.

Mas os assaltos começaram assim mesmo. Ladrões pulavam os muros e assaltavam as casas.

Os condôminos decidiram colocar torres com guardas ao longo do muro alto. Nos quatro lados. As inspeções tornaram-se mais rigorosas no portão de entrada. Agora não só os visitantes eram obrigados a usar crachá. Os proprietários e seus familiares também. Não passava ninguém pelo portão sem se identificar para a guarda. Nem as babás. Nem os bebês.

Mas os assaltos continuaram. Decidiram eletrificar os muros. Houve protestos, mas no fim todos concordaram. O mais importante era a segurança. Quem tocasse no fio de alta-tensão em cima do muro morreria eletrocutado. Se não morresse, atrairia para o local um batalhão de guardas com ordens de atirar para matar.

Mas os assaltos continuaram. Grades nas janelas de todas as casas. Era o jeito. Mesmo se os ladrões ultrapassassem os altos muros, e o fio de alta-tensão, e as patrulhas, e os cachorros, e a segunda cerca, de arame farpado, erguida dentro do perímetro, não conseguiriam entrar nas casas. Todas as janelas foram gradeadas.

Mas os assaltos continuaram.

Foi feito um apelo para que as pessoas saíssem de casa o mínimo possível. Dois assaltantes tinham entrado no condomínio no banco de trás do carro de um proprietário, com um revólver apontado para a sua nuca.

Assaltaram a casa, depois saíram no carro roubado, com crachás roubados. Além do controle das entradas, passou a ser feito um rigoroso controle das saídas. Para sair, só com um exame demorado do crachá e com autorização expressa da guarda, que não queria conversa nem aceitava suborno.

Mas os assaltos continuaram.

Foi reforçada a guarda.

Construíram uma terceira cerca. As famílias de mais posses, com mais coisas para serem roubadas, mudaram-se para uma chamada área de segurança máxima.

E foi tomada uma medida extrema. Ninguém pode entrar no condomínio. Ninguém. Visitas, só num local predeterminado pela guarda, sob sua severa vigilância e por curtos períodos.

E ninguém pode sair.

Agora a segurança é completa. Não tem havido mais assaltos. Ninguém precisa temer pelo seu patrimônio. Os ladrões que passam pela calçada só conseguem espiar através do grande portão de ferro e talvez avistar um ou outro condômino agarrado às grades da sua casa, olhando melancolicamente para a rua.

Mas surgiu outro problema.

As tentativas de fuga. E há motins constantes de condôminos que tentam de qualquer maneira atingir a liberdade.

A guarda tem sido obrigada a agir com energia.

(*VERISSIMO, Luis Fernando. Segurança. In: Novas Comédias da Vida Privada Porto Alegre: L&PM, 1996. p. 103-104.*)

10. **(SEPLAG-MG – 2013 – Médico perito – FUNCAB)** As alternativas a seguir correspondem a períodos compostos por coordenação, EXCETO:

a) "Assaltaram a casa, depois saíram no carro roubado, com crachás roubados." (parágrafo 9)

b) "Houve protestos, mas no fim todos concordaram." (parágrafo 5)

c) "Se não morresse, atrairia para o local um batalhão de guardas [...]" (parágrafo 5)

d) "Ladrões pulavam os muros e assaltavam as casas." (parágrafo 2)

11. **(MPE-RO – 2012 – Analista – FUNCAB)** Em "(...) Garanto: naquela região se operam, de fato, milagres QUE SALVAM VIDAS DIARIAMENTE. (...)", a oração em destaque classifica-se como:

a) subordinada substantiva subjetiva

b) subordinada substantiva predicativa.

c) coordenada sindética explicativa.

d) subordinada adjetiva restritiva.

e) subordinada adjetiva explicativa.

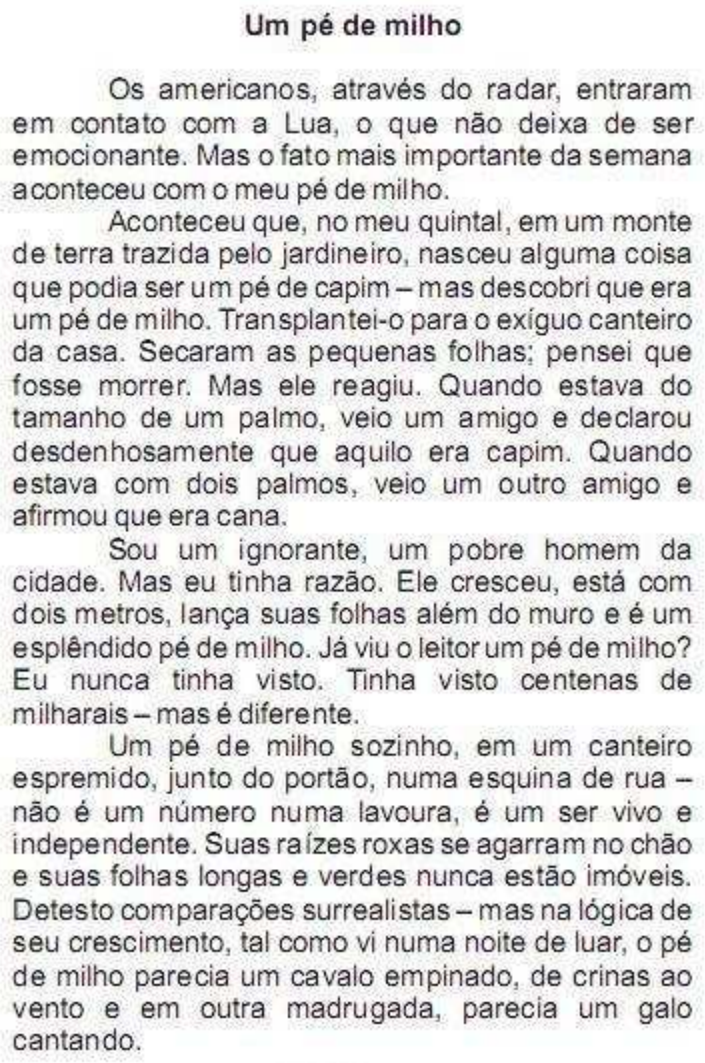

Um pé de milho

Os americanos, através do radar, entraram em contato com a Lua, o que não deixa de ser emocionante. Mas o fato mais importante da semana aconteceu com o meu pé de milho.

Aconteceu que, no meu quintal, em um monte de terra trazida pelo jardineiro, nasceu alguma coisa que podia ser um pé de capim – mas descobri que era um pé de milho. Transplantei-o para o exíguo canteiro da casa. Secaram as pequenas folhas; pensei que fosse morrer. Mas ele reagiu. Quando estava do tamanho de um palmo, veio um amigo e declarou desdenhosamente que aquilo era capim. Quando estava com dois palmos, veio um outro amigo e afirmou que era cana.

Sou um ignorante, um pobre homem da cidade. Mas eu tinha razão. Ele cresceu, está com dois metros, lança suas folhas além do muro e é um esplêndido pé de milho. Já viu o leitor um pé de milho? Eu nunca tinha visto. Tinha visto centenas de milharais – mas é diferente.

Um pé de milho sozinho, em um canteiro espremido, junto do portão, numa esquina de rua – não é um número numa lavoura, é um ser vivo e independente. Suas raízes roxas se agarram no chão e suas folhas longas e verdes nunca estão imóveis. Detesto comparações surrealistas – mas na lógica de seu crescimento, tal como vi numa noite de luar, o pé de milho parecia um cavalo empinado, de crinas ao vento e em outra madrugada, parecia um galo cantando.

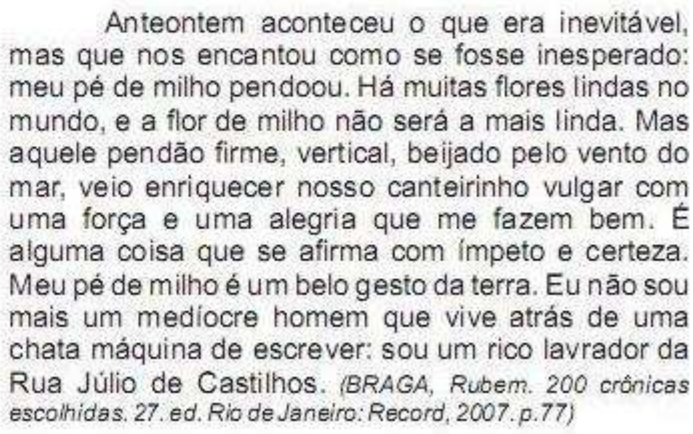

Anteontem aconteceu o que era inevitável, mas que nos encantou como se fosse inesperado: meu pé de milho pendoou. Há muitas flores lindas no mundo, e a flor de milho não será a mais linda. Mas aquele pendão firme, vertical, beijado pelo vento do mar, veio enriquecer nosso canteirinho vulgar com uma força e uma alegria que me fazem bem. É alguma coisa que se afirma com ímpeto e certeza. Meu pé de milho é um belo gesto da terra. Eu não sou mais um medíocre homem que vive atrás de uma chata máquina de escrever: sou um rico lavrador da Rua Júlio de Castilhos. *(BRAGA, Rubem. 200 crônicas escolhidas. 27. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. p.77)*

12. **(Prefeitura de Várzea Grande – MT – 2011 – Auditor de Controle Interno – FUNCAB)** Em "O pé de milho cresceu, POIS reagiu à mudança.", o termo em destaque é:

a) conjunção subordinativa concessiva.

b) conjunção coordenativa explicativa.

c) conjunção coordenativa conclusiva.

d) conjunção subordinativa conformativa.

e) conjunção subordinativa causal.

Você sabe com quem está falando? Não nos parece uma tarefa fácil conciliar desejos (que geralmente são ilimitados e odeiam controles) e a questão fundamental de cumprir regras, seguir leis e construir espaços públicos seguros e igualitários, válidos para todos, numa sociedade que também tem o seu lado claramente aristocrático e hierárquico. Um sistema que ama a democracia, mas também gosta de usar o "Você sabe com quem está falando?". O nosso amor simultâneo pela igualdade e, a seu lado, o nosso afeto pelo familismo e pelo partidarismo governados pela ética de condescendência tão nossa conhecida, que diz: nós somos diferentes e temos biografia; para os amigos tudo, aos inimigos (e estranhos, os que não conhecemos) a lei! O resultado dessa tomada de posição, básica numa democracia, é simples, mas muitas vezes ignorado entre nós: a minha liberdade teoricamente ilimitada tem de se ajustar à sua, e as duas acabam promovendo uma conformidade voluntária com limites, com fronteiras cívicas que não podem ser ultrapassadas, como a de furar a fila ou a de dar uma carteirada. Na sua simplicidade, a fila é um dos melhores, se não for o melhor, exemplos de como operam os limites numa democracia. Seus princípios são simples e reveladores: quem chega primeiro é atendido em primeiro lugar. Numa fila, portanto, não vale o oculto. Ou temos uma clara linha de pessoas, umas atrás das outras, ou a vaca vai para o brejo. Quando eu era menino, lembro-me bem de como era impossível ter uma fila no Brasil. As velhas senhoras e as pessoas importantes (sobretudo os políticos) não se conformavam com suas regras e traziam como argumento para serem atendidos, passando na frente dos outros, ou a idade, ou o cargo, ou conhecimento com quem estava atendendo, ou algum laço de família. Hoje, sabemos que idosos e deficientes não entram em fila. Mas estamos igualmente alertas para o fato de que um cargo ou um laço de amizade não faz de alguém um supercidadão com poderes ilimitados junto aos que estão penando numa fila por algumas horas. Do mesmo modo e pela mesma lógica, ninguém pode ser sempre o primeiro da fila (e nem o último), como ninguém pode ser campeão para sempre. Se isso acontece, ou seja, se um time campeão mudar as regras para ser campeão para sempre, então o futebol vai pros quintos dos infernos. Ele simplesmente acaba com o jogo como uma disputa. Na disputa, o adversário não é um inimigo; numa fila, quem está na frente não é um superior. O poder ilimitado e congelado ou fixo em pessoas ou partidos, como ocorre nas ditaduras, liquida a democracia justamente porque ele usurpa os limites nos quais se baseia a fila.

DA MATTA, Roberto (Adaptado de revistatrip.uol.com.br.)

13. **(CRF/RO – 2015 – Administrador – FUNCAB)** A oração destacada em “Hoje, sabemos QUE IDOSOS E DEFICIENTES NÃO ENTRAM EM FILA.” é:

A) coordenada sindética explicativa.

B) subordinada substantiva objetiva direta.

C) subordinada substantiva objetiva indireta.

D) subordinada adverbial consecutiva.

E) subordinada adverbial causal.

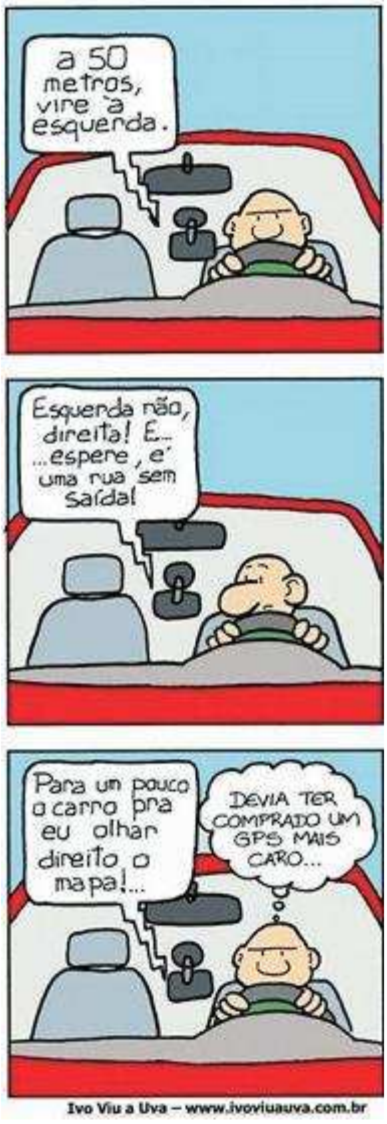
a 50 metros, vire à esquerda.
Esquerda não, direita! E... ...espere, é uma rua sem saída!
Para um pouco o carro pra eu olhar direito o mapa!...
DEVIA TER COMPRADO UM GPS MAIS CARO...
Ivo Viu a Uva – www.ivoviuauva.com.br

14. **(ODAM-AM – 2014 – Auxiliar – FUNCAB)** No terceiro quadrinho, que função sintática exerce o termo O MAPA?

a) objeto indireto.

b) objeto direto.

c) predicativo.

d) adjunto adnominal.

e) adjunto adverbial.

Internet e a importância da imprensa

Este artigo não é sobre a pornografia no mundo virtual nem tampouco sobre os riscos de as redes sociais empobrecerem o relacionamento humano. Trata de um dos aspectos mais festejados da internet: o empowerment ("empoderamento", fortalecimento) do cidadão proporcionado pela grande rede.

É a primeira vez na História em que todos, ou quase todos, podem exercer a sua liberdade de expressão, escrevendo o que quiserem na internet. De forma instantânea, o que cada um publica está virtualmente acessível aos cinco continentes. Tal fato, inimaginável décadas atrás, vem modificando as relações sociais e políticas: diversos governos caíram em virtude da mobilização virtual, notícias antes censuradas são agora publicadas na rede, etc. Há um novo cenário democrático mais aberto, mais participativo, mais livre.

E o que pode haver de negativo nisso tudo? A facilidade de conexão com outras pessoas tem provocado um novo fenômeno social. Com a internet, não é mais necessário conviver (e conversar) com pessoas que pensam de forma diferente. Com enorme facilidade, posso encontrar indivíduos "iguais" a mim, por mais minoritária que seja a minha posição.

O risco está em que é muito fácil aderir ao seu clube" e, por comodidade, quase sem perceber, ir se encerrando nele. Não é infrequente que dentro dos guetos, físicos ou virtuais, ocorra um processo que desemboca no fanatismo e no extremismo.

Em razão da ausência de diálogo entre posições diversas, o ativismo na internet nem sempre tem enriquecido o debate público. O empowerment digital é frequentemente utilizado apenas como um instrumento de pressão, o que é legítimo democraticamente, mas, não raras vezes, cruza a linha, para se configurar como intimidação, o que já não é tão legítimo assim...

A internet, como espaço de liberdade, não garante por si só a criação de consensos nem o estabelecimento de uma base comum para o debate.

Evidencia-se, aqui, um ponto importante. A internet não substitui a imprensa. Pelo contrário, esse fenômeno dos novos guetos põe em destaque o papel da imprensa no jogo democrático. Ao selecionar o que se publica, ela acaba sendo um importante moderador do debate público. Aquilo que muitos poderiam ver como uma limitação é o que torna possível o diálogo, ao criar um espaço de discussão num contexto de civilidade democrática, no qual o outro lado também é ouvido.

A racionalidade não dialogada é estreita, já que todos nós temos muitos condicionantes, que configuram o nosso modo de ver o mundo. Sozinhos, nunca somos totalmente isentos, temos sempre um determinado viés. Numa época de incertezas sobre o futuro da mídia, aí está um dos grandes diferenciais de um jornal em relação ao que simplesmente é publicado na rede.

Imprensa e internet não são mundos paralelos: comunicam-se mutuamente, o que é benéfico a todos. No entanto, seria um empobrecimento democrático para um país se a primeira página de um jornal fosse simplesmente o reflexo da audiência virtual da noite anterior. Nunca foi tão necessária uma ponderação serena e coletiva do que será manchete no dia seguinte.

O perigo da internet não está propriamente nela. O risco é considerarmos que, pelo seu sucesso, todos os outros âmbitos devam seguir a sua mesma lógica, predominantemente quantitativa. O mundo contemporâneo, cada vez mais intensamente marcado pelo virtual, necessita também de outros olhares, de outras cores. A internet, mesmo sendo plural, não tem por que se tornar um monopólio.

(CAVALCANTI, N. da Rocha. Jornal “O Estado de S. Paulo”, 12/05/14, com adaptações.)

15. **(PRODAM-AM – 2014 – Engenharia Elétrica – FUNCAB)** “Trata de um dos aspectos mais festejados da internet...” (§ 1)

De acordo com a sintaxe do texto, o termo em função de sujeito em relação ao verbo da oração transcrita acima é:

a) "o relacionamento humano."
b) "Este artigo."
c) "a pornografia."
d) "no mundo virtual."
e) "o empowerment."

16. **(PRODAM-AM – 2014 – Analista de Contabilidade – FUNCAB)** Leia com atenção as orações abaixo, extraídas do segundo parágrafo do texto:

I. "Tal fato, inimaginável décadas atrás, vem modificando as relações sociais e políticas..."

II. "Há um novo cenário democrático mais aberto, mais participativo, mais livre."

De acordo com o contexto em que as duas orações ocorrem, pode-se afirmar que a oração do item II exprime, em relação à oração do item I, o sentido de:

a) consequência.
b) comparação.
c) finalidade.
d) causa.
e) concessão.

O recente interesse na regulamentação da astrologia como profissão oferece a oportunidade de refletir sobre questões que vão desde as raízes históricas da ciência até a percepção, infelizmente muito popular, de seu dogmatismo. Preocupa-me, e imagino que a muitos dos colegas cientistas, a rotulação do cientista como um sujeito inflexível, bitolado, que só sabe pensar dentro dos preceitos da ciência. Ela vem justamente do desconhecimento sobre como funciona a ciência. Talvez esteja aqui a raiz de tanta confusão e desentendimento.

Longe dos cientistas achar que a ciência é o único modo de conhecer o mundo e as pessoas, ou que a ciência está sempre certa. Muito ao contrário, seria absurdo não dar lugar às artes, aos mitos e às religiões como instrumentos complementares de conhecimento, expressões de como o mundo é visto por pessoas e culturas muito diversas entre si.

Um mundo sem esse tipo de conhecimento não científico seria um mundo menor e, na minha opinião, insuportável. O que existe é uma distinção entre as várias formas de conhecimento, distinção baseada no método pertinente a cada uma delas. A confusão começa quando uma tenta entrar no território da outra, e os métodos passam a ser usados fora de seus contexto.

Portanto, é (ou deveria ser) inútil criticar a astrologia por ela não ser ciência, pois ela não é. Ela é uma outra forma de conhecimento. [...]

Essa caracterização da astrologia como não ciência não é devida ao dogmatismo dos cientistas. É importante lembrar que, para a ciência progredir, dúvida e erro são fundamentais. Teorias não nascem prontas, mas são refinadas com o passar do tempo, a partir da comparação constante com dados. Erros são consertados, e, aos poucos, chega-se a um resultado aceito pela comunidade científica.

A ciência pode ser apresentada como um modelo de democracia: não existe o dono da verdade, ao menos a longo prazo. (Modismos, claro, existem sempre.) Todos podem ter uma opinião, que será sujeita ao escrutínio dos colegas e provada ou não. E isso tudo ocorre independentemente de raça, religião ou ideologia. Portanto, se cientistas vão contra alguma coisa, eles não vão como donos da ve rd ad e, mas com o mesmo ceticismo que caracteriza a sua atitude com relação aos próprios colegas. Por outro lado, eles devem ir dispostos a mudar de opinião, caso as provas sejam irrefutáveis.

Astrologia lida com questões de relevância imediata na vida de cada um, tendo um papel emocional que a astronomia jamais poderia (ou deveria) suprir.

A astrologia está conosco há 4.000 anos e não irá embora. E nem acho que deveria. Ela faz parte da história das ideias, foi fundamental no desenvolvimento da astronomia e é testemunha da necessidade coletiva de conhecer melhor a nós mesmos e os que nos cercam. De minha parte, acho que viver com a dúvida pode ser muito mais difícil, mas é muito mais gratificante. Se erramos por não saber, ao menos aprendemos com os nossos erros e, com isso, crescemos como indivíduos. Afinal, nós somos produtos de nossas escolhas, inspiradas ou não pelos astros.

(GLEISER, Marcelo. Folha de São Paulo, 22 set. 2002)

17. **(SEPLAG-MG – 2014 – Gestão Pública – FUNCAB)** O termo oracional em destaque que funciona como objeto direto encontra-se em:

a) "Ela vem justamente do desconhecimento sobre como funciona A CIÊNCIA." (§ 1)

b) "Preocupa-me [...] A ROTULAÇÃO DO CIENTISTA COMO UM SUJEITO INFLEXÍVEL, BITOLADO [...]" (§ 1)

c) "[...] existem MUITO MAIS ASTRÓLOGOS do que astrônomos." (§ 7)

d) "[...] que caracteriza A SUA ATITUDE COM RELAÇÃO AOS PRÓPRIOS COLEGAS." (§ 6)

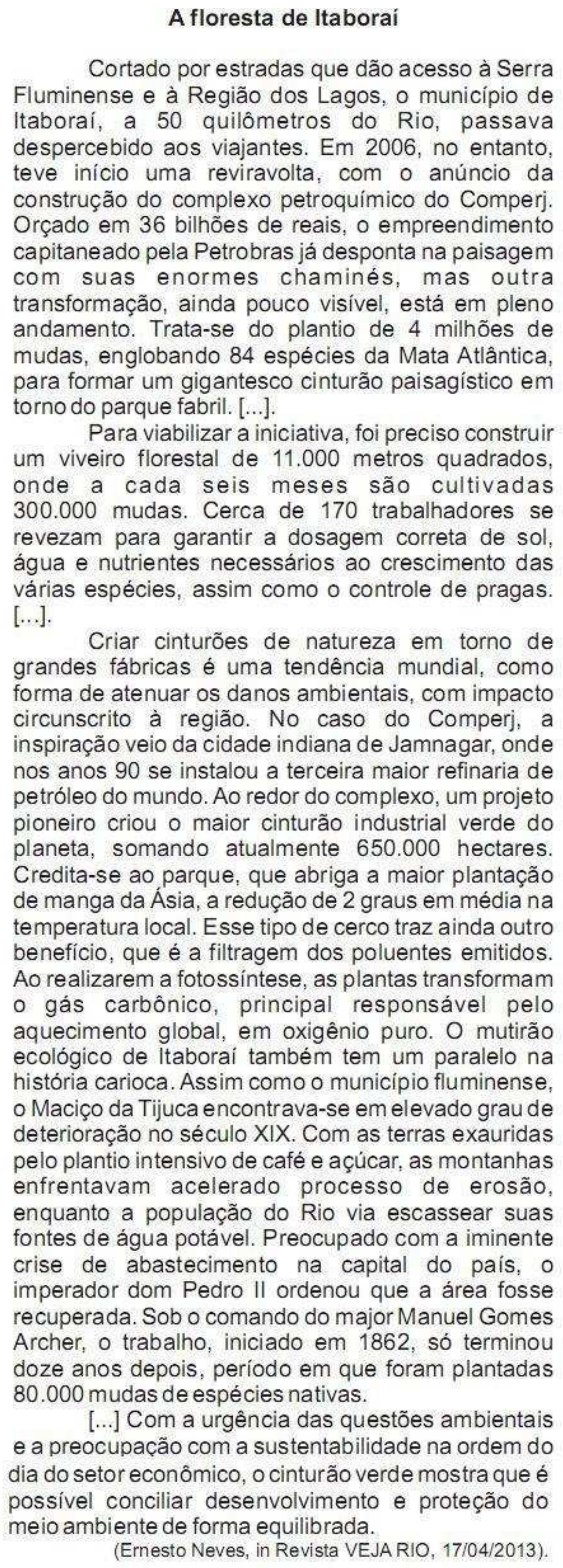

A floresta de Itaboraí

Cortado por estradas que dão acesso à Serra Fluminense e à Região dos Lagos, o município de Itaboraí, a 50 quilômetros do Rio, passava despercebido aos viajantes. Em 2006, no entanto, teve início uma reviravolta, com o anúncio da construção do complexo petroquímico do Comperj. Orçado em 36 bilhões de reais, o empreendimento capitaneado pela Petrobras já desponta na paisagem com suas enormes chaminés, mas outra transformação, ainda pouco visível, está em pleno andamento. Trata-se do plantio de 4 milhões de mudas, englobando 84 espécies da Mata Atlântica, para formar um gigantesco cinturão paisagístico em torno do parque fabril. [...].

Para viabilizar a iniciativa, foi preciso construir um viveiro florestal de 11.000 metros quadrados, onde a cada seis meses são cultivadas 300.000 mudas. Cerca de 170 trabalhadores se revezam para garantir a dosagem correta de sol, água e nutrientes necessários ao crescimento das várias espécies, assim como o controle de pragas. [...].

Criar cinturões de natureza em torno de grandes fábricas é uma tendência mundial, como forma de atenuar os danos ambientais, com impacto circunscrito à região. No caso do Comperj, a inspiração veio da cidade indiana de Jamnagar, onde nos anos 90 se instalou a terceira maior refinaria de petróleo do mundo. Ao redor do complexo, um projeto pioneiro criou o maior cinturão industrial verde do planeta, somando atualmente 650.000 hectares. Credita-se ao parque, que abriga a maior plantação de manga da Ásia, a redução de 2 graus em média na temperatura local. Esse tipo de cerco traz ainda outro benefício, que é a filtragem dos poluentes emitidos. Ao realizarem a fotossíntese, as plantas transformam o gás carbônico, principal responsável pelo aquecimento global, em oxigênio puro. O mutirão ecológico de Itaboraí também tem um paralelo na história carioca. Assim como o município fluminense, o Maciço da Tijuca encontrava-se em elevado grau de deterioração no século XIX. Com as terras exauridas pelo plantio intensivo de café e açúcar, as montanhas enfrentavam acelerado processo de erosão, enquanto a população do Rio via escassear suas fontes de água potável. Preocupado com a iminente crise de abastecimento na capital do país, o imperador dom Pedro II ordenou que a área fosse recuperada. Sob o comando do major Manuel Gomes Archer, o trabalho, iniciado em 1862, só terminou doze anos depois, período em que foram plantadas 80.000 mudas de espécies nativas.

[...] Com a urgência das questões ambientais e a preocupação com a sustentabilidade na ordem do dia do setor econômico, o cinturão verde mostra que é possível conciliar desenvolvimento e proteção do meio ambiente de forma equilibrada.

(Ernesto Neves, in Revista VEJA RIO, 17/04/2013).

18. **(SUDECO – 2013 – Agente Administrativo – FUNCAB)** As duas orações subordinadas destacadas abaixo classificam-se, respectivamente, como:

"PARA VIABILIZAR A INICIATIVA, foi preciso CONSTRUIR UM VIVEIRO FLORESTAL DE 11.000 METROS QUADRADOS, onde a cada seis meses são cultivadas 300.000 mudas."

a) adjetiva restritiva e adverbial proporcional

b) adverbial final e substantiva subjetiva.

c) substantiva predicativa e adjetiva explicativa

d) adjetiva restritiva e adverbial condicional.

e) adverbial temporal e substantiva objetiva direta.

19. **(Prefeitura de Porto Velho - RO – 2009 – Médico – FUNCAB)** No trecho abaixo, as orações introduzidas pelos termos grifados são classificadas, em relação às imediatamente anteriores, como:

"Não há dúvida de que precisaremos curtir mais o dia a dia, mas nunca à custa de nossos filhos..."

a) subordinada substantiva objetiva indireta e coordenada sindética adversativa;

b) subordinada adjetiva restritiva e coordenada sindética explicativa;

c) subordinada adverbial conformativa e subordinada adverbial concessiva;

d) subordinada substantiva completiva nominal e coordenada sindética adversativa;

e) subordinada adjetiva restritiva e subordinada adverbial concessiva.

Verdade ou mentira

Verdade ou mentira, o que eu vou contar aqui é meio esquisito e merece ser lido com alguma atenção. [...]

Por mais impressionante que seja a história, procure controlar os nervos. [...]

Houve uma mulher que amou um amor de verdade.

Por mais estranho que pareça, foi isso que me contaram exatamente.

Um dia ela conheceu um homem, então descobriu que seu amanhecer já não era o mesmo, e os dois trocaram juras eternas, e, o que é mais fantástico ainda, essa mulher, pelo que consta, amou mesmo esse homem, só a ele, muito e sempre.

Parece que ele não era especialmente bonito, rico nem inteligente, era boa gente apenas e (segundo fontes seguras) tinha um sorriso engraçado.

Ela também era uma pessoa normal (pelo menos aparentemente) e só apresentou esse comportamento estapafúrdio em toda a sua vida.

Os motivos que levaram essa mulher a amar tanto esse tal homem, de forma tão descabida e excessiva, nunca ficaram provados.

Primeiro levantaram a hipótese de um surto de loucura passageiro. (Um atestado de insanidade resolveria a questão sem a necessidade de uma análise mais apurada.) Não era. [...]

O fato foi tomando proporções maiores à medida que o tempo passava e o amor daquela mulher não diminuía. [...]

Houve quem apostasse que aquele amor todo era mentira da mulher, com a clara intenção de aparecer na mídia. [...]

A mulher foi ficando meio assustada com aquela agonia de gente e *flashes* de repórter, confere daqui, examina de lá, até que acabou fugindo, coitada. Aquilo já estava impossível.

O homem ficou muito triste, é óbvio, por perder um amor assim tão interessante.

Há quem garanta que até hoje ele passa o dia bebendo na esquina e chora constantemente.

Dela, nunca mais se teve notícia. Possivelmente se auto exilou em algum lugar ignorado.

FALCÃO, Adriana. *O doido da garrafa*. São Paulo: Planeta,2003. p. 43-44. (Fragmento)

20. **(SEMAD - 2013 – Engenharia Agronômica – FUNCAB)** A opção em que está correta, quanto aos aspectos gramatical e sintático, a análise do período "Houve uma mulher que amou um amor de verdade.", é:

a) o verbo HAVER está no singular, porque concorda com o núcleo do sujeito MULHER.

b) a locução adjetiva DE VERDADE exerce a função sintática de predicativo do sujeito da segunda oração.

c) o pronome relativo QUE exerce a função sintática de sujeito da segunda oração.

d) o período é composto por coordenação.

Gabarito

1)	D	11)	D
2)	D	12)	B
3)	A	13)	B
4)	B	14)	B
5)	A	15)	B
6)	C	16)	A
7)	E	17)	D
8)	C	18)	B
9)	D	19)	D
10)	C	20)	C

É isso aí, alunos! Chegamos ao final da aula!

Não deixe de tirar as suas dúvidas! O assunto tratado é muito importante!!

Contatos:

professorarafaelafreitas@gmail.com

Ou fórum de dúvidas.

Será um prazer atendê-los!

Até a próxima aula,

Rafaela Freitas

CRASE

QUESTÕES POR ASSUNTO + GABARITO

50

QUESTÕES COMENTADAS

Simplifique seus estudos

+

PLUS

Suporte pelo
whatsApp do
Professor Leo

portuguesplay.com.br

1000 Questões comentadas de Português

R$44,90

Português Play

portuguesplay.com.br

Redação Simplificada

R$24,90

Português Play

portuguesplay.com.br

200 DICAS E MACETES DE PORTUGUÊS

R$24,90

Português Play

portuguesplay.com.br

Resumões de Português

R$24,90

Português Play

portuguesplay.com.br

Simplificando a Intepretação de Textos

R$29,90

Português Play

portuguesplay.com.br

Gramática Simplificada

R$89,90

Português Play

QUESTÕES DE CRASE

CRASE INCORRETA

1. A crase foi utilizada incorretamente em:
a) Ela está à procura de ajuda.
b) Saímos às quatro horas.
c) José perdoou à mulher.
d) Assisti àquele filme.
e) Estou disposto à perdoar.

***Comentário**: Não se emprega a crase antes de verbo no infinitivo, uma vez que o "a" é meramente um preposição, isto é, não há união de preposição mais artigo.*

2. Assinale a alternativa em que a crase foi utilizada INCORRETAMENTE:
a) O desrespeito em relação às pessoas da terceira idade é grande.
b) Não deixe seu idoso isolado e sem nenhuma tarefa à realizar.
c) Às vezes, reconheço a importância.
d) Estamos à espera de socorro.
e) Fui ao colégio às oito horas.

***Comentário**: Não se emprega crase antes de verbos no infinitivo, isto é, verbo que terminem em "r".*

3. Assinale a afirmativa em que o uso da crase apresenta-se INCORRETO:
a) Eu me referi à aluna.
b) Eles chegaram à noite.
c) Ela está à procura de ajuda.
d) Vou à Argentina no próximo mês.
e) Estou aqui desde às sete horas.

***Comentário**: Muito cuidado, nem sempre se emprega a crase antes de horas. Não se emprega crase após preposição "desde" mesmo que esteja diante de uma expressão de horas.*

4. Assinale a alternativa em que o uso da crase encontra-se INCORRETO:
a) Não assisto à filme de aventura.
b) Deram emprego àquela senhora.
c) Ela agia às escondidas.
d) Assistiam àquela novela.
e) Vou à Itália.

***Comentário**: Não se emprega a crase antes de palavras masculinas: "filme".*

5. Foi usado INCORRETAMENTE o acento grave, indicador da crase:
a) As leis penais acarretam danos à sociedade brasileira.
b) O rapaz foi o primeiro à fazer uma acusação ao sistema penitenciário.
c) Todos ficam à espera de mudanças nas leis penais.
d) As pessoas dirigiram-se à diretora da instituição.
e) O artigo faz referência às leis que trazem benefícios àqueles crimes bárbaros.

***Comentário**: Não se emprega crase antes de verbo no infinitivo, isto é, verbos terminados em "r".*

6. Assinale a alternativa em que o uso da crase encontra-se INCORRETO:
a) Ficamos frente à frente com a crise.
b) Ele chegou à uma hora em ponto.
c) Eles andavam às pressas.
d) Voltamos cedo à casa do político.
e) Assisti àquele filme sobre a destruição da natureza.

***Comentário**: Não se emprega crase entre palavras repetidas, tais como: "dia a dia, frente a frente, face a face...".*

7. Assinale a alternativa em que o uso da crase encontra-se INCORRETO:
a) Retornamos às praias.
b) Chegaram à noite.
c) Não assisto à filme de comédia.
d) Às famílias não resta outra opção.
e) Aspiro àquela vaga.

***Comentário**: Não se emprega crase antes de palavra masculina. Para ocorrer a crase, deve haver palavra feminina.*

8. Não deveria haver sinal de crase:
a) Comprei uma casa à beira-mar.
b) Teremos de sair à noitinha.
c) Teremos de ficar à espera.
d) À nosso juízo não há nada errado.

***Comentário**: Não se emprega crase antes de pronome possessivo masculino "nosso".*

9. Assinale a alternativa em que o uso da crase está incorreto:
a) A carta é semelhante àquela que vi.
b) Assinou o contrato à lápis.
c) Fui à feira na terça-feira.
d) Viajamos à Bahia.
***Comentário**: Não se usa crase antes de palavra masculina: "lápis", pois não aceita o artigo definido "a".*

10. Assinale a frase que contém erro:
a) Paguei à cabeleireira.
b) Fizemos um churrasco à gaúcha.
c) Vou a Porto Alegre.
d) Comemos bife a milanesa.

***Comentário**: Deveria haver crase já que apresenta ideia de "moda": "Comemos bife à moda milanesa."*

11. Assinale a frase que está incorreta:
a) Ele vive às custas do pai.
b) O professor age sempre às claras.
c) Sairei às três horas.
d) Não te conto às vezes que viajou.
e) Examinou o doente às pressas.

***Comentário**:"as vezes" completa o verbo, fazendo papel de objeto direto. Portanto, o verbo não pede preposição.*

12. A frase em que a crase está usada incorreta:
a) A mulher à que me refiro foi atendida.
b) Doaram os livros àqueles homens.
c) Disseram às suas amigas que viria.
d) Mostrava-se sensível às decisões.

***Comentário**: Basta trocar a palavra “a mulher” por outra masculina; caso a preposição “a” aceite a troca pela preposição “ao”, empregaremos a crase: “O homem a que me refiro...”. Note que não aceitou a preposição “ao”, por tal razão não cabe a crase.*

13. Assinale a alternativa em que o acento indicador de crase esteja errado:
a) Teoria e prática devem andar aliadas uma à outra.
b) Trabalha 45 horas por semana, de segunda à sábado.
c) Foi até à cidade mais próxima, onde conseguiu ajuda médica.
d) A empresa funciona das 8 às 18 horas, da segunda à sexta-feira.

***Comentário**: Não há crase, já que o termo “sábado” é uma palavra masculina. Além disso, por uma questão de paralelismo: Se houver a preposição “de”, não haverá crase; se houver “da", crase haverá: Da segunda à sexta.*

14. Assinale a opção em que o uso do acento grave esteja incorreto:
a) A leitura é igual à que foi publicada.
b) Obedeço à qualquer sinalização.
c) Fomos à casa de minha sogra.
d) Comunicamos o fato às alunas.

***Comentário**: Não se emprega crase antes de pronomes indefinidos: qualquer, todos, nada, alguém, tudo, ninguém...*

CRASE CORRETA

15. O acento indicativo de crase está correto em:
a) Saíram de casa às sete horas.
b) À cada momento, examinavam tudo.
c) O casal chegou à pé ao local.
d) À partir da sua prisão, nada falaram.
e) Pedimos à Vossa Excelência que analise.

***Comentário**: Emprega-se, normalmente, crase nas locuções adverbiais de tempo, ou seja, quando se trata de horas. Exceto após preposição: após as 10h, durante as 10h..*

16. Assinale a alternativa em que o uso da crase está correto:
a) Compramos à obra por um ótimo.
b) Referiu-se à leitura de poemas.
c) Obrigaram-me à ler aquelas crônicas.
d) Foi à uma conhecida feira de livros.
e) Foram à Paraty para conhecer você.

***Comentário**: O verbo “referiu-se” pede objeto indireto, ou seja, um complemento com preposição. Portanto, empregou-se a crase, respeitando a regência do verbo. Basta também fazer a troca do feminino por outro termo masculino: “Referiu-se ao homem”.*

17. O emprego do acento indicativo da crase está correto na seguinte frase:
a) Há exames destinados à cardíacos.
b) Quando o paciente necessita, pede auxílio à enfermagem.
c) O questionário é entregue à cada um dos internos.
d) Obedeci à seu pedido, de pronto.
e) Os jovens vão à festas todos os finais de semana.

***Comentário**: Quem pede auxílio, pede auxílio a alguém; note que o verbo pede a preposição, isto é, o “a” deverá ser craseado, pois se encontra antes de palavra feminina. Os demais casos são proibidos.*

18. Analise as frases abaixo em relação à utilização da crase e assinale a correta:
I *- Ele está disposto à trabalhar.*
II *- Irei à casa de meu pai.*
III *- Inundou a cozinha, gota à gota.*
a) Somente I está correta.
b) I, II e III estão corretas.
c) Somente II está correta.
d) Somente III está incorreta.

***Comentário**: **I.** Não se emprega crase antes de verbo no infinitivo. **II.** A palavra “casa” está determinada, por isso o uso de crase. **III.** Não se emprega a crase entre palavras repetidas.*

19. Analise as frases abaixo em relação à utilização da crase e assinale a correta:
I *- Pintava quadros a óleo.*
II *- Ele foi à cidade de Franco da Rocha prestar um concurso.*
III *- Dirigi-me àquele Senhor com respeito.*
a) Somente II está correta.
b) Somente I está incorreta.
c) I e II estão corretas.
d) Todas estão corretas.

***Comentário**: **I.** “óleo” é uma palavra masculina. **II.** Ele foi ao local prestar um concurso Basta trocar por masculino para saber se há crase. **III.** Basta trocar pelo “ao”: Dirigi-me ao Senhor com a educação necessária.*

20. O acento grave está empregado de acordo com a norma-padrão:
a) O velho deu à informação errada.
b) O rapaz disse à todos o que sabia.
c) Ele trouxe o carro à Copacabana.
d) O açougue fica à direita da farmácia.
e) O motorista seguiu à sinalização.

***Comentário**: Ocorre crase antes das locuções prepositivas, tais como: “à esquerda de, à espera de, à procura de, à beira de".*

21. O sinal de crase é necessário em:
a) A venda de computadores chegou a reduzir o preço do equipamento.
b) Os atendentes devem vir a ter novo treinamento.
c) É possível ir as aulas sem levá-lo.
d) Não desejo a ninguém uma vida ruim.
e) A instrutora chegou a tempo para a prova.

***Comentário**: O verbo “ir” pede adjunto adverbial de lugar seguido de preposição. Basta também trocar o termo “as aulas” por uma expressão masculina: É possível ir ao evento.*

22. Marque a opção em que a crase foi empregada CORRETAMENTE:
a) Levamos entusiasmo à essa reunião.
b) Isto me levou à uma solução inédita.
c) Falamos apenas àquelas pessoas.
d) Refiro-me à questões anteriores.

***Comentário**: Quando houver “àquelas”, basta trocar por “a estas” para realmente ver se há ou não crase: Falamos apenas a estas pessoas...*

23. Assinale a única opção em que o uso da crase está correto:
a) "O crack provoca sensação semelhante à do baque...".
b) "subi às escadas...".
c) "um dos primeiros à passar foi ele...".
d) "viemos apelar para à sua boa vontade...".

***Comentário**: Antes da preposição “de” se o “a” substituir algum termo na frase e a regência pedir a preposição, haverá crase. Note que o termo “semelhante” pede a preposição “a”, e o “a” faz referência ao termo “sensação”.*

24. Observando as palavras destacadas, é CORRETO afirmar que estão corretas:
I. Cheguei a **casa** da sogra à **noite**.
II. Fale à **tal** pessoa que isso foi em vão.
III. Ele se referia à **vitória** de João, não à **sua**.
a) I e II, apenas
b) I, II e III
c) I e III, apenas
d) II e III, apenas

***Comentário**: I. Quando as palavras “casa, terra, distância” vierem determinadas ou especificadas, haverá a presença do acento grave; note que a “casa” está determinada pela expressão “da sogra”. II. Empregou-se a crase respeitando a regência do verbo “falar” e pode-se empregar crase antes do pronome demonstrativo “tal". III. É obrigatório o uso de crase antes dos pronomes possessivos femininos quando estes forem pronomes substantivos e a regência pedir a preposição “a”.*

25. A crase foi usada de forma correta:
a) Eles estavam dispostos à muitas concessões.
b) A atenção às nossas propostas acabou.
c) Durante a visita, ele se referia à nós.
d) À partir das considerações propostas, saímos.

***Comentário**: O termo “atenção” pede a preposição “a”, ocorrendo a fusão de preposição mais artigo. Basta trocar a palavra “às nossas propostas” por um termo masculino “aos nossos problemas”.*

26. A crase foi usada adequadamente em:
a) As informações às quais as mulheres se referiam eram verdadeiras.
b) Só me irá receber à partir das 8h.
c) Recorreu-se à Vossa Senhoria ontem.
d) Distribuí o livro à qualquer aluna.

***Comentário**: Basta trocar o termo feminino “as informações” por outro masculino: “Os problemas aos quais as mulheres se referiam...” Sempre que ocorrer a presença da preposição “aos” antes do pronome relativo “qual”, empregaremos a crase.*

27. Assinale a alternativa correta:
I. Você deu parabéns à Sua Excelência?
II. Vendemos à prazo todas as coisas.
III. Só prestei atenção à notícias boas.
a) se apenas o item I estiver correto
b) se apenas o item II estiver correto
c) se apenas o item III estiver correto
d) se nenhum dos itens estiver correto

***Comentário**: I. Não se emprega crase antes de pronomes de tratamento: Vossa Excelência, Sua Excelência… II.* Não se emprega crase antes de palavra masculina “prazo”. III. Não se emprega crase quando o “a” estiver no singular e o substantivo estiver no plural.

28. O acento grave, indicador de crase, está empregado CORRETAMENTE em:
a) Encaminhamos os pareceres à Vossa Senhoria e não tivemos resposta.
b) A nossa reação foi deixá-los admirar à belíssima paisagem.
c) Rapidamente, encaminhamos o produto à firma especializada.
d) Todos estávamos dispostos à aceitar o seu convite.

***Comentário**: Usou-se a crase, pois o termo “à firma” exerce a função de objeto indireto por está completando o verbo “encaminhar”. Os demais casos são obrigatórios.*

MESMA RAZÃO

29. "Fiz referência à menina que estava ali.” Usou-se a crase pela mesma razão.
a) A pipa d’água supria à carência dela.
b) Vínhamos pagando à conta d’água.
c) O preço era referente à necessidade.
d) O registro não deixa à água correr.
e) Entregava a água à preço barato.

***Comentário:** “à menina” exerce função de complemento nominal, já que completa ao termo “referência”, ocorrrendo a mesma regra em "referente à necessidade". Nos demais casos, é proibido o acento grave.*

30. ...explicava à professora de português tudo. Assinale a alternativa em que também deve ocorrer o acento grave indicador da crase pela mesma razão:
a) Ficamos à espera de você na festa.
b) A empresa estava à beira da falência.
c) Eles não fazem referência à menina.
d) O pai pediu à garota o que faltava.
e) O diretor recorreu à minha amiga.

***Comentário**: Ocorreu a crase, porque houve a fusão da preposição e o artigo feminino. Note que também a crase se deu por se tratar de um objeto indireto, termo que completa o verbo por meio de uma preposição.*

31. Empregou-se a crase pela mesma razão que na frase: "Maria foi até a praia."
a) Estou à procura de ajuda.
b) Fomos à feira.
c) Fui à sua cidade.
d) Ela agia sempre às escondidas.
e) Estávamos à beira da lagoa.

***Comentário**: Empregou-se a crase por ser um caso facultativo, o que ocorre também antes dos pronomes possessivos femininos "sua, tua, minha, nossa, vossa + substantivo feminino".*

32. Assinale a alternativa em que a crase foi aplicada pela mesma razão da frase: " À beira da praia, ele ficou o dia todo."
a) Houve um baile à fantasia.
b) Comprou tudo à vista.
c) Mandou o marinheiro à terra.
d) Entrou à esquerda do pai.

***Comentário**: Empregou-se a crase por ser uma locução prepositiva feminina "à beira de", o que ocorre também em "à espera de". Lembre-se de que a locução prepositiva é forma por " a + substantivo feminino + de".*

33. Assinale a opção em que o uso do acento grave se dá pela mesma regra de "Ela, às vezes, estuda português.":
a) Saiu às 18h para a festa.
b) Obedeço às ordens da professora.
c) Fomos à casa de minha sogra.
d) À medida que aprendo, fico mais feliz.

***Comentário**: A expressão "às vezes" é uma locução adverbial feminina de tempo; ocorre a mesma regra em "às 18h", já que se trata de uma locução adverbial de tempo.*

34. Usou-se a crase por se tratar de uma fusão de preposição com um pronome.
a) A destruição das florestas é uma agressão à natureza.
b) Refiro-me às que não compareceram.
c) Já expliquei esse assunto à menina.
d) Às vezes, penso em você.
e) O exame começou às oito horas.

***Comentário**: A crase é a fusão de dois "as = a + a", sendo o primeiro preposição e o segundo artigo definido; todavia é possível a fusão de preposição + pronome = a + aquela(s). Note que há um pronome "Refiro-me a + aquelas que...".*

35. Assinale a opção em que deve ocorrer o acento indicativo de crase, como ocorreu em “trazer à tona”.
a) Ele deve ser tomado gota a gota.
b) Respondi a todas perguntas.
c) Estava disposto a colaborar.
d) Saímos as pressas.
e) Referiram-se a nós ontem?

***Comentário**: “à tona” é uma locução adverbial feminina assim como a expressão “às pressas”. Lembrando que não há crase entre palavras repetidas, antes de plural, verbo no infinitivo, antes de pronome oblíquo.*

36. Identifique a alternativa que apresenta uma locução adverbial feminina e que por este motivo recebeu o acento grave indicador da crase:
a) Dou seta à esquerda.
b) Refiro-me à Avenida 23 de Maio.
c) Tenho “amor” às filas quilométricas.
d) Respondi à pergunta da jovem.
e) Ele disse à garota recém chegada.

***Comentário**: Emprega-se crase antes das locuções adverbiais femininas: à noite, à tarde, às vezes, às pressas, às claras, à esquerda, à direita...*

COMPLETAR

37. ___mais de meio século se iniciou a indústria petrolífera no Brasil.______partir de então, muitas pessoas tendem _______pensar que o petróleo aqui encontrado pertence___nação brasileira.
a) Há – A – a – à
b) Há – À – à – à
c) Há – À – a – à
d) À – A – à – a
e) À – A – a – a

***Comentário**: Emprega-se o “há”, pois apresenta ideia de tempo passado; não se emprega a crase antes de verbo no infinitivo “partir – pensar”; uma coisa pertence “à outra”, logo o termo “nação" virá precedido de crase.*

38. ____ dois anos foi criado, na região de Irapé, um projeto de cursos, para dar capacitação profissional ____ pessoas que quisessem ter uma ocupação, como Maria Rodrigues, que aprendeu ____ fabricar queijos. A opção que preenche corretamente as lacunas é:
a) Há – às – a
b) Há – às – à
c) Há – as – a
d) Á – as – a
e) À – as – à

***Comentário**: Emprega-se “há”, já que apresenta ideia de tempo passado; na segunda lacuna, basta fazer a troca por outra palavra masculina: “Dar capacitação profissional aos homens”; na terceira lacuna, não há crase, pois é proibido usá-la antes de verbo no infinitivo.*

39. I. Partiram dali ____ uma hora.
II. A notícia foi publicada ____ cinco anos.
III. Isso aconteceu ___ cinquenta metros.
a) a, há, a
b) há, a, a
c) há, a, há
d) a, a, há
e) há, há, a

***Comentário**: Não se emprega a crase após os advérbios “dali, daqui”; emprega-se o “há” já que se trata de tempo passado; emprega-se o “a” quando se remete a ideia de distância ou espaço.*

40. ___ medida que o tempo passava, ela ficava mais nervosa, ___espera de uma intuição que__levasse___fazer__ escolha.
a) À – a – a – a – a
b) À – à – a – a – a
c) A – à – a – à – a
d) A – a – à – a – à
e) A – a – a – à – a

***Comentário**: Emprega-se crase nas locuções conjuntivas: “à medida que, à proporção que”; emprega-se a crase nas locuções prepositivas femininas: “à espera de, à procura de”; não se emprega a crase, pois se trata de um pronome oblíquo que equivale ao pronome reto “ela”; não se emprega a crase antes de verbo no infinitivo; “a decisão” faz papel de objeto direto, logo não há crase.*

41. Os incêndios florestais que ocorrem ___ partir de agosto caminham em direção ___ grandes cidades e tendem ___ se alastrar pela região.
a) a – às – a
b) a – as – a
c) à – às – a
d) à – às – à
e) à – as – à

***Comentário**: Não se emprega a crase antes de verbo no infinitivo; “às grandes cidades” exerce função de complemento nominal, por isso deve ocorrer a crase; não se emprega a crase antes de pronomes.*

42. “Não vai ___ recepções, ___ festas, nem ___ reuniões escolares.”
a) a, a, a
b) à, à, à
c) à, a, à
d) à, à, a
e) a, à, à

***Comentário**: Não se emprega a crase antes de palavras no plural, a não ser que o “a” também esteja no plural. Nesse caso, ocorre apenas preposição.*

43. “O sítio fica ______ esquerda de quem desce a rua, ______ três quadras da avenida principal.”
a) à – à
b) à – a
c) a – a
d) a – à

***Comentário**: Emprega-se crase nas locuções prepositivas femininas “à esquerda de, à espera de, à procura de”; e emprega-se o “a” quando apresenta ideia de espaço, distância.*

44. A ciência produz resultados passo ...... passo, como se fosse um quebra-cabeça ...... ser devidamente montado, para chegar-se ...... confirmação de uma hipótese qualquer. As lacunas da frase acima estão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – à – a
b) a – a – à
c) a – à – à
d) à – à – à
e) a – a – a

***Comentário**: Não se emprega crase entre palavras repetidas "passo a passo"; não se usa crase antes de verbo no infinitivo "ser"; o verbo pede adjunto adverbial com preposição, logo o "a" recebe o acento grave. Caso tenha dúvida, basta usar a tática da troca: Chegar-se ao problema.*

45. Urologistas têm se dedicado ...... investigar o que muda no cérebro ...... medida que envelhecemos; segundo alguns estudos, a aptidão da memória para resgatar informações abstratas diminui, enquanto a propensão ...... divagar aumenta.
a) a - a - a
b) a - à - a
c) à - a - à
d) a - à - à
e) à - à - à

***Comentário**: Não se emprega crase antes de verbo no infinitivo "investigar, divagar"; emprega-se a crase nas locuções conjuntivas "à medida que, à proporção que".*

46. Cientistas em todo o mundo dedicam-se ...... pesquisas com células-tronco, destinadas ...... combater certas doenças degenerativas, que trazem sofrimento ...... uma grande parte da população.
a) à - a - a
b) à - à - a
c) a - a - a
d) a - à - à
e) a - a - à

***Comentário**: Não há crase quando não houver concordância entre o "a" e a palavra posterior "pesquisas", nesse caso, o "a" é meramente uma preposição; não se emprega crase antes de verbo no infinitivo "combater"; não há crase antes de artigo indefinido "um, uma".*

47. I. O cheque foi descontado ____ mais de uma semana.
II. O jornalista se refere ____ sua filha e não ____ Vossa Excelência.
III. O aeroporto fica ____ mais de uma hora do centro da cidade.
a) há – à – a – há
b) há – a – a – a
c) a – à – a – a
d) à – à – à – à

***Comentário**: O primeiro caso trata-se de "há", já que apresenta ideia de tempo passado; no segundo caso é facultativa a crase por estar antes de pronome adjetivo feminino no singular, e não há crase antes de pronome de tratamento "Vossa Excelência"; no último caso, deve-se empregar o "a" quando houver ideia de espaço.*

CASOS FACULTATIVOS

48. Assinale a alternativa em que o sinal indicativo de crase é facultativo:
a) "... só puderam se desenvolver na Terra graças à nossa grande lua..."
b) "... planetas semelhantes à Terra e com vida..."
c) As viagens à Lua foram interrompidas.
d) Os cientistas se referiram à influência que a Lua exerce sobre a Terra.
e) A Lua que vemos brilhar, à noite, no céu, possui propriedades incontáveis.

***Comentário**: A crase é facultativa em três casos: antes de pronomes possessivos adjetivos femininos no singular; após a preposição "até"; antes de nomes de "mulheres". Lembre-se de que se deve analisar também a regência do verbo.*

49. Assinale a afirmativa em que o uso da crase é facultativo:
a) Sairei às duas horas da tarde.
b) Refiro-me à Carla Regina.
c) À medida que o tempo passa, fico rico.
d) Chegamos cedo à casa de meu pai.
e) Temos amor à arte.

***Comentário**: A crase é facultativa antes de nomes de mulheres. Nos demais casos, são todos obrigatórios.*

50. O acento da crase é facultativo em:
a) "...o índio gigante confere às suas galinhas..."
b) "Criado à base de boa alimentação..."
c) "... a produção de pequenos plantéis pode atender à demanda."
d) À noite as galinhas ficam presas.
e) Aquele fazendeiro se dedica à sua criação de galos reprodutores.

***Comentário**: Muito cuidado, pois a crase só é facultativa antes dos pronomes possessivos femininos, no caso do pronome no plural, a banca considerou como obrigatório.*

51. O uso do acento indicativo de crase é facultativo na seguinte afirmativa:
a) A inovação tecnológica melhora a energia.
b) A economia aumentou a noite.
c) Obedeço a minha mãe.
d) Ficamos frente a frente pela manhã.
e) As vezes, reciclar o lixo e complicado.

***Comentário**: A crase é facultativa antes de pronomes possessivos femininos adjetivos: sua, tua, minha, nossa, vossa.*

52. Assinale a afirmativa em que o uso da crase é facultativo:
a) Eles chegaram às pressas.
b) Estou disposto à continuar.
c) Patrícia se referiu à apostila.
d) Se entregar a gula não interessa à ela.
e) Obedeço à minha nutricionista.

***Comentário**: A crase é facultativa antes de pronomes possessivos femininos: "sua, tua, minha, nossa, vossa" quando estiverem ao lado do substantivo. Nas letras "a, c", o acento grave é obrigatório; já nas letras "b,d" são proibidas.*

53. Assinale a frase em que o uso do acento indicador de crase não é facultativo:
a) Diga a sua tia a verdade.
b) Ele cheirava a gasolina.
c) A Maria eu dedico esta rosa.
d) Falei a outra mulher.

***Comentário**: A crase é facultativa antes de pronomes possessivos femininos "sua, tua, minha, nossa, vossa"; quando apresenta duplicidade, "cheirar" pode ter dois sentidos pelo contexto; antes de nomes de mulheres. Emprega-se a crase antes do pronome indefinido "outra", basta fazer a troca: "Falei ao outro homem.*

GABARITO																			
1	E	2	B	3	E	4	A	5	B	6	A	7	C	8	D	9	B	10	D
11	D	12	A	13	B	14	B	15	A	16	B	17	B	18	C	19	D	20	D
21	C	22	C	23	A	24	D	25	B	26	A	27	D	28	C	29	C	30	D
31	C	32	D	33	A	34	B	35	D	36	A	37	A	38	A	39	A	40	B
41	A	42	A	43	B	44	B	45	B	46	C	47	B	48	A	49	B	50	E
51	C	52	E	53	D														

POR QUE VOCÊ APRENDERÁ PORTUGUÊS?

Veja dezenas de pessoas que estudaram com o Professor Leo e aprenderam muito mais. Esses comentários estão no facebook!

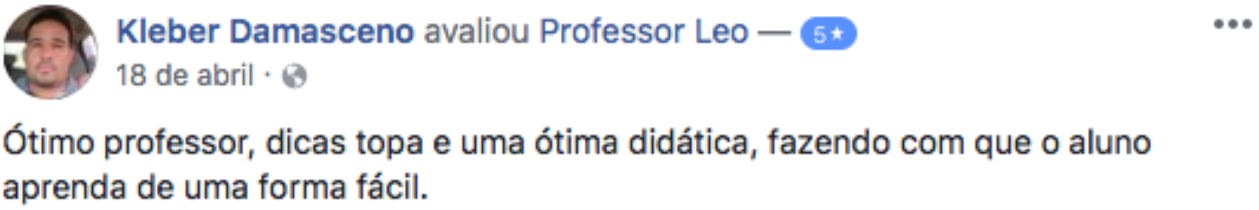

Kleber Damasceno avaliou Professor Leo — 5★
18 de abril ·

Ótimo professor, dicas topa e uma ótima didática, fazendo com que o aluno aprenda de uma forma fácil.

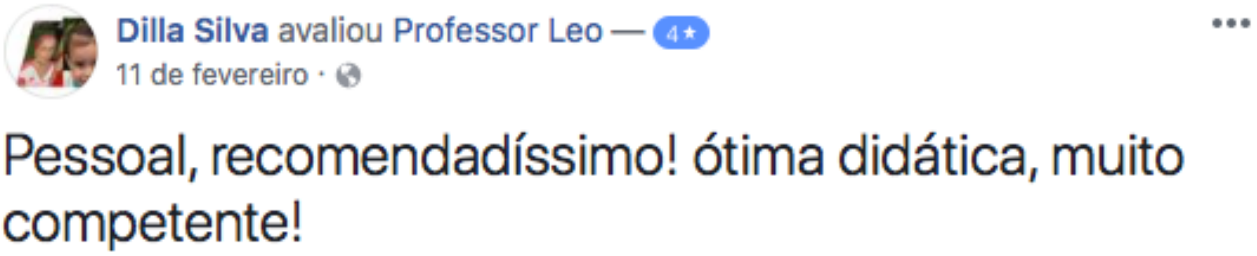

Dilla Silva avaliou Professor Leo — 4★
11 de fevereiro ·

Pessoal, recomendadíssimo! ótima didática, muito competente!

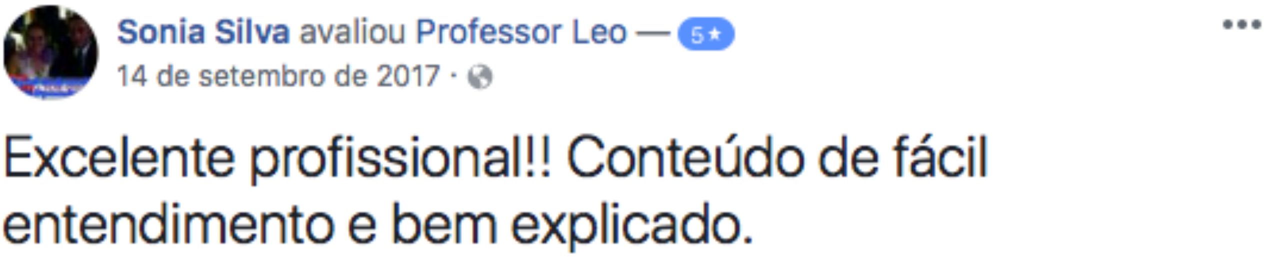

Sonia Silva avaliou Professor Leo — 5★
14 de setembro de 2017 ·

Excelente profissional!! Conteúdo de fácil entendimento e bem explicado.

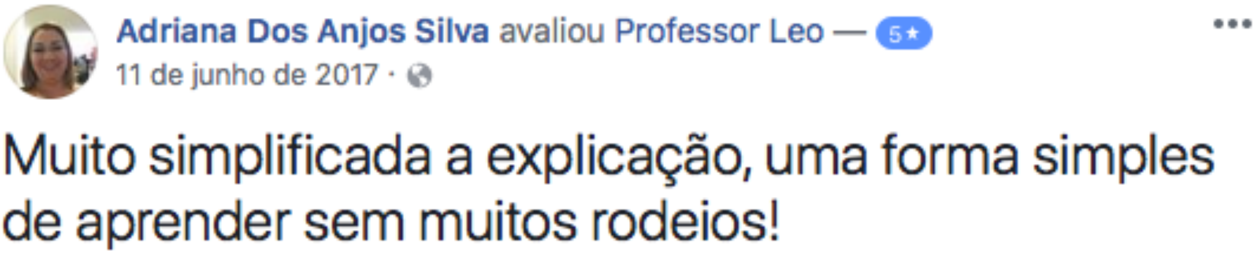

Adriana Dos Anjos Silva avaliou Professor Leo — 5★
11 de junho de 2017 ·

Muito simplificada a explicação, uma forma simples de aprender sem muitos rodeios!

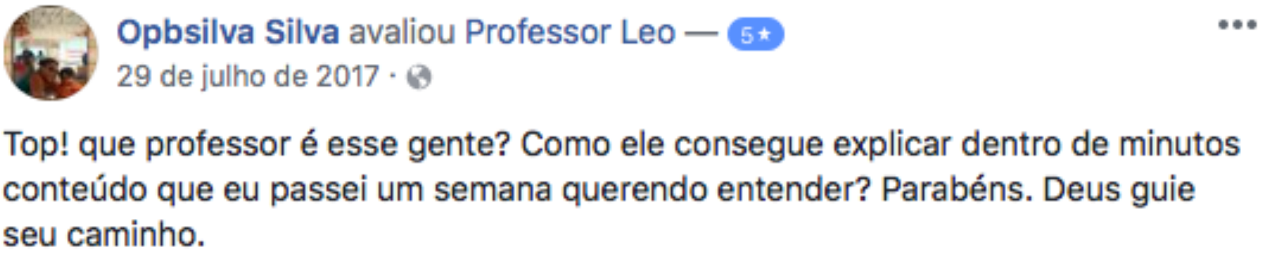

Opbsilva Silva avaliou Professor Leo — 5★
29 de julho de 2017 ·

Top! que professor é esse gente? Como ele consegue explicar dentro de minutos conteúdo que eu passei um semana querendo entender? Parabéns. Deus guie seu caminho.

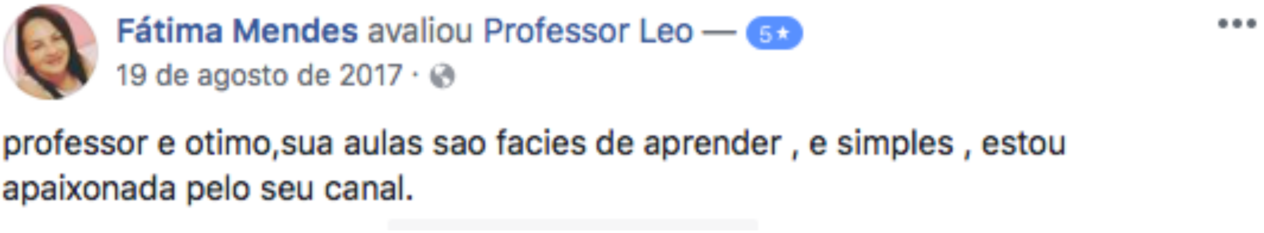

Fátima Mendes avaliou Professor Leo — 5★
19 de agosto de 2017 ·

professor e otimo,sua aulas sao facies de aprender , e simples , estou apaixonada pelo seu canal.

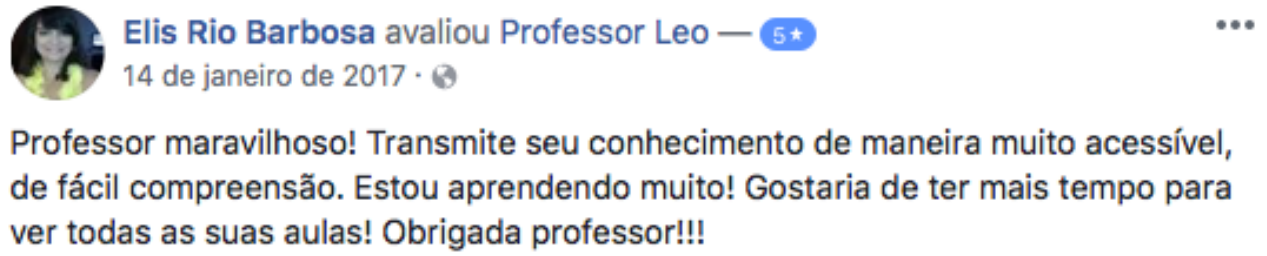

Elis Rio Barbosa avaliou Professor Leo — 5★
14 de janeiro de 2017 ·

Professor maravilhoso! Transmite seu conhecimento de maneira muito acessível, de fácil compreensão. Estou aprendendo muito! Gostaria de ter mais tempo para ver todas as suas aulas! Obrigada professor!!!

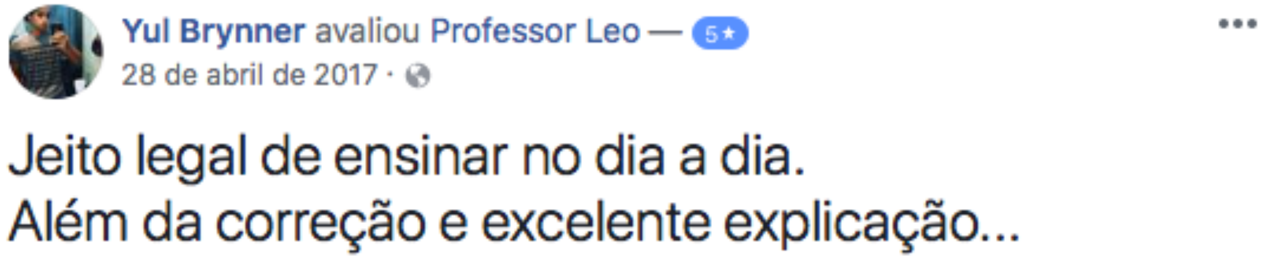

Yul Brynner avaliou Professor Leo — 5★
28 de abril de 2017 ·

Jeito legal de ensinar no dia a dia.
Além da correção e excelente explicação...

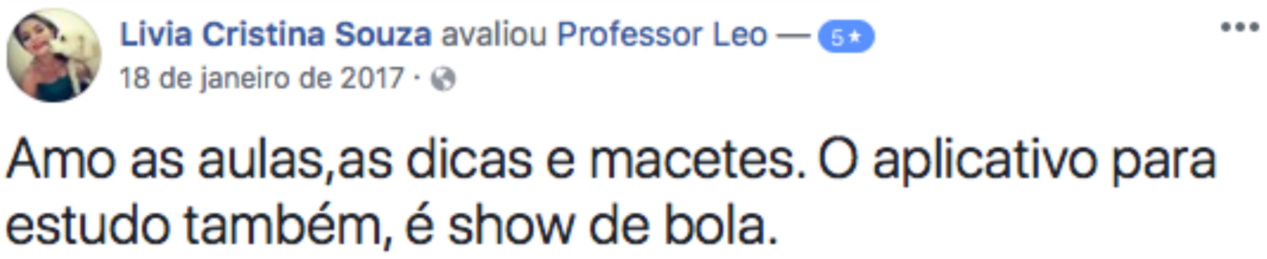

Livia Cristina Souza avaliou Professor Leo — 5★
18 de janeiro de 2017 ·

Amo as aulas,as dicas e macetes. O aplicativo para estudo também, é show de bola.

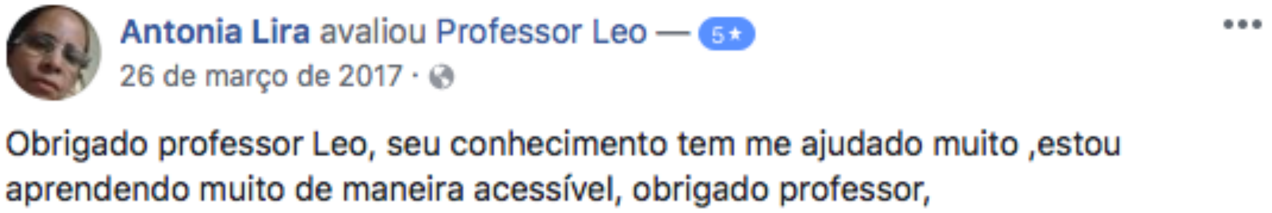

Antonia Lira avaliou Professor Leo — 5★
26 de março de 2017 ·

Obrigado professor Leo, seu conhecimento tem me ajudado muito ,estou aprendendo muito de maneira acessível, obrigado professor,

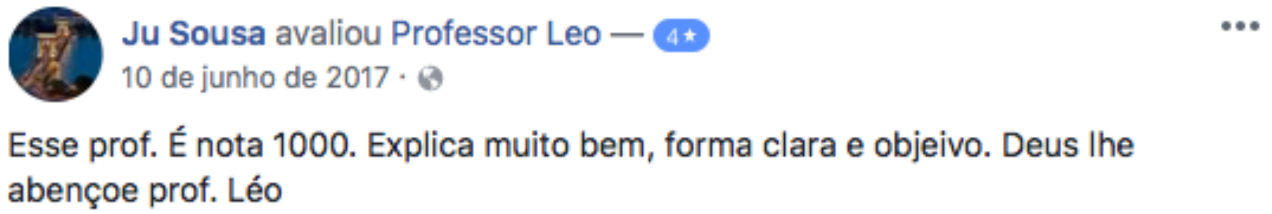

Ju Sousa avaliou Professor Leo — 4★
10 de junho de 2017 ·

Esse prof. É nota 1000. Explica muito bem, forma clara e objeivo. Deus lhe abençoe prof. Léo

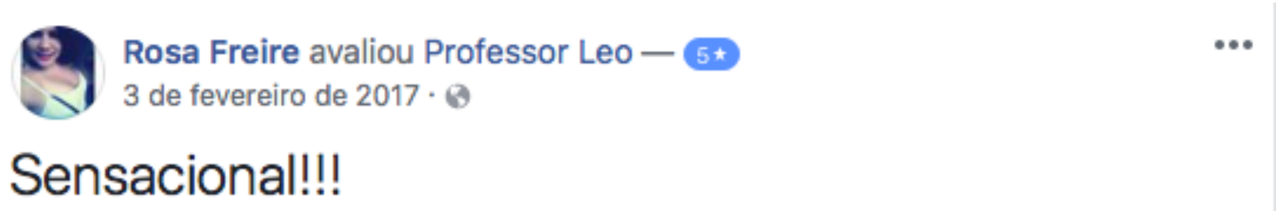

Rosa Freire avaliou Professor Leo — 5★
3 de fevereiro de 2017 ·

Sensacional!!!

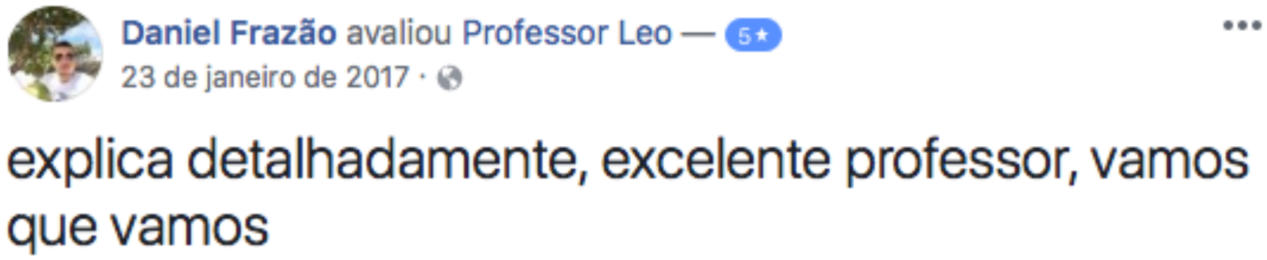

Daniel Frazão avaliou Professor Leo — 5★
23 de janeiro de 2017 ·

explica detalhadamente, excelente professor, vamos que vamos

Veja dezenas de pessoas que estudaram com o Professor Leo no youtube!

AGORA SÓ DEPENDE DE VOCÊ!

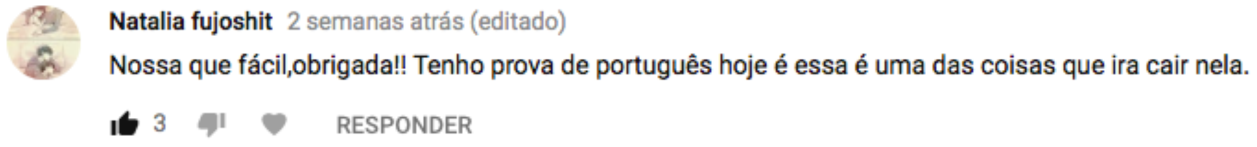
Natalia fujoshit 2 semanas atrás (editado)

Nossa que fácil,obrigada!! Tenho prova de português hoje é essa é uma das coisas que ira cair nela.

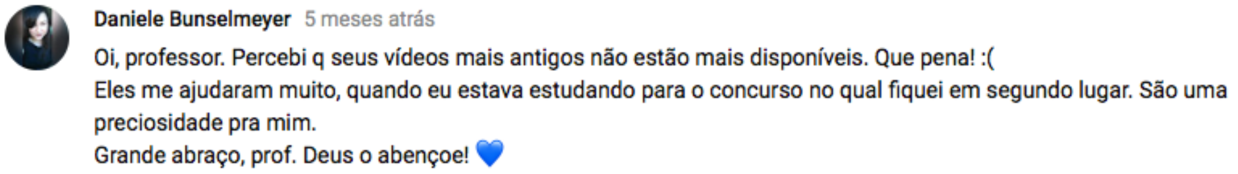
Daniele Bunselmeyer 5 meses atrás

Oi, professor. Percebi q seus vídeos mais antigos não estão mais disponíveis. Que pena! :(
Eles me ajudaram muito, quando eu estava estudando para o concurso no qual fiquei em segundo lugar. São uma preciosidade pra mim.
Grande abraço, prof. Deus o abençoe! 💙

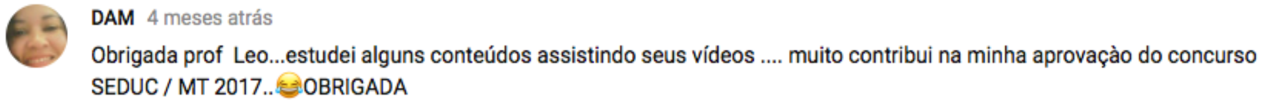
DAM 4 meses atrás

Obrigada prof Leo...estudei alguns conteúdos assistindo seus vídeos .... muito contribui na minha aprovaçào do concurso SEDUC / MT 2017..😂OBRIGADA

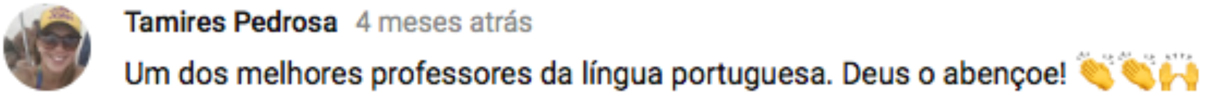
Tamires Pedrosa 4 meses atrás

Um dos melhores professores da língua portuguesa. Deus o abençoe! 👏👏🙌

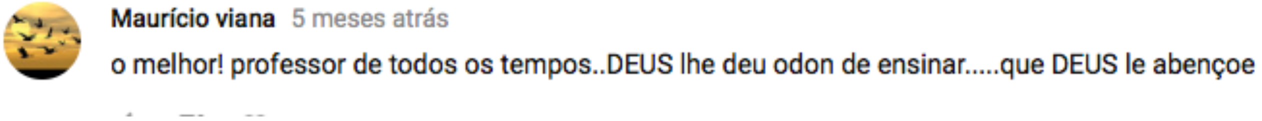
Maurício viana 5 meses atrás

o melhor! professor de todos os tempos..DEUS lhe deu odon de ensinar.....que DEUS le abençoe

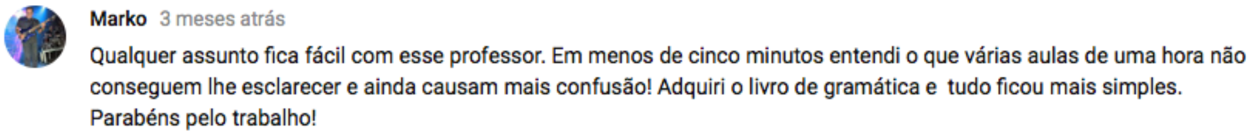
Marko 3 meses atrás

Qualquer assunto fica fácil com esse professor. Em menos de cinco minutos entendi o que várias aulas de uma hora não conseguem lhe esclarecer e ainda causam mais confusão! Adquiri o livro de gramática e tudo ficou mais simples.
Parabéns pelo trabalho!

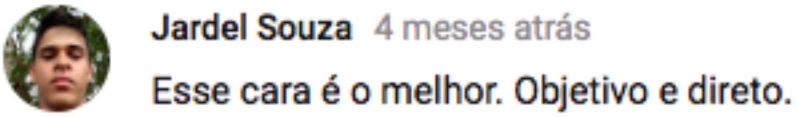
Jardel Souza 4 meses atrás

Esse cara é o melhor. Objetivo e direto.

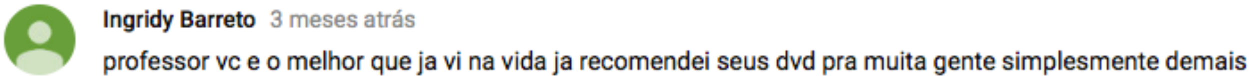
Ingridy Barreto 3 meses atrás

professor vc e o melhor que ja vi na vida ja recomendei seus dvd pra muita gente simplesmente demais

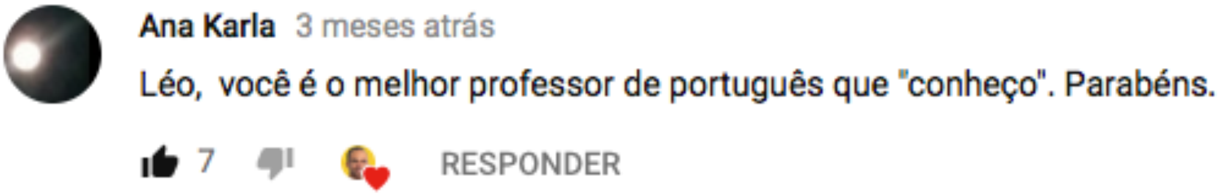
Ana Karla 3 meses atrás

Léo, você é o melhor professor de português que "conheço". Parabéns.

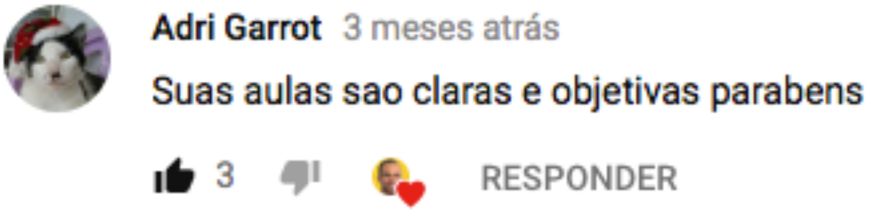
Adri Garrot 3 meses atrás

Suas aulas sao claras e objetivas parabens

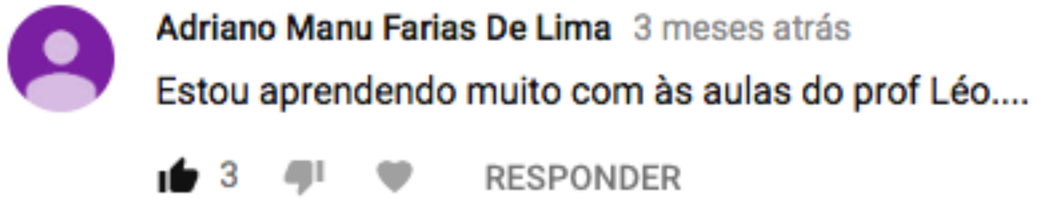

Adriano Manu Farias De Lima 3 meses atrás

Estou aprendendo muito com às aulas do prof Léo....

William Carvalho 3 semanas atrás

Infalível, massa, isto s globo nao moxtra, bom professor

1
RESPONDER

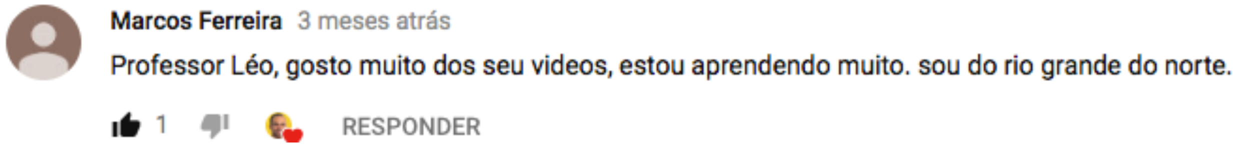

Marcos Ferreira 3 meses atrás

Professor Léo, gosto muito dos seu videos, estou aprendendo muito. sou do rio grande do norte.

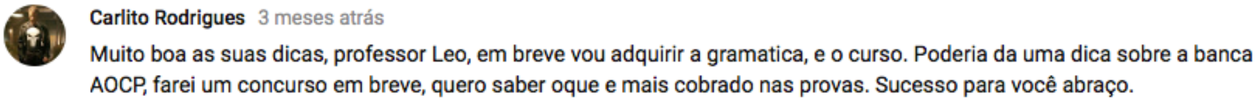

Carlito Rodrigues 3 meses atrás

Muito boa as suas dicas, professor Leo, em breve vou adquirir a gramatica, e o curso. Poderia da uma dica sobre a banca AOCP, farei um concurso em breve, quero saber oque e mais cobrado nas provas. Sucesso para você abraço.

Geovana Silva 3 meses atrás

Muito bom! Mais questões FCC para Detran-MA e Aged-ma ❤✌👍💋😙😍📚💌Obrigada!

1
RESPONDER

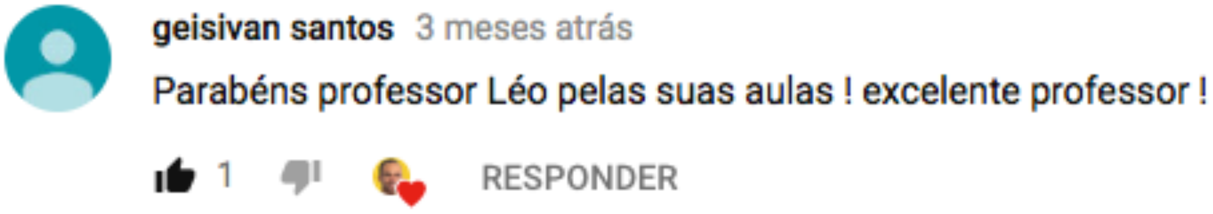

geisivan santos 3 meses atrás

Parabéns professor Léo pelas suas aulas ! excelente professor !

VEJA O NOSSO ÍNDICE DE APROVAÇÃO NOS VÍDEOS, IMAGINE TENDO ACESSO AO CONTEÚDO TOTALMENTE EXCLUSIVO! 97% DE APROVAÇÃO QUANTO À DIDÁTICA!

Adjunto Adverbial - Portuguesplay

1.261 visualizações

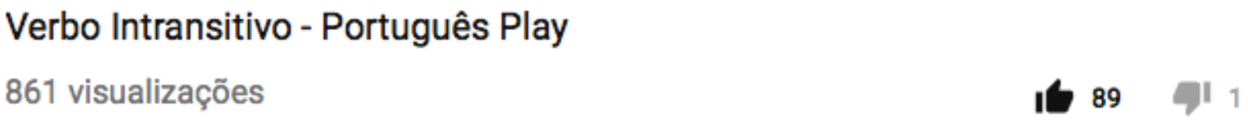

Verbo Intransitivo - Português Play

861 visualizações

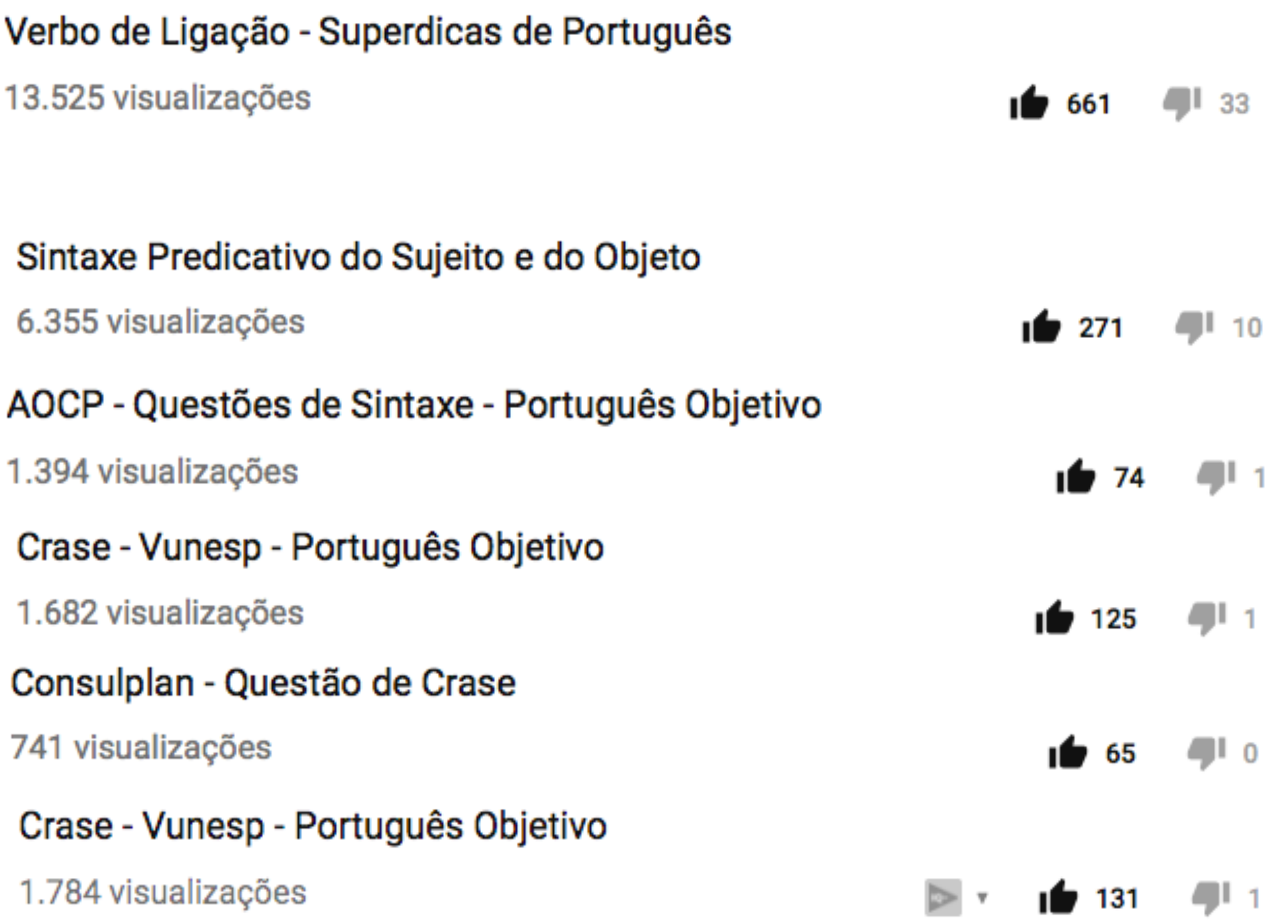

Verbo de Ligação - Superdicas de Português

13.525 visualizações 👍 661 👎 33

Sintaxe Predicativo do Sujeito e do Objeto

6.355 visualizações 👍 271 👎 10

AOCP - Questões de Sintaxe - Português Objetivo

1.394 visualizações 👍 74 👎 1

Crase - Vunesp - Português Objetivo

1.682 visualizações 👍 125 👎 1

Consulplan - Questão de Crase

741 visualizações 👍 65 👎 0

Crase - Vunesp - Português Objetivo

1.784 visualizações 👍 131 👎 1

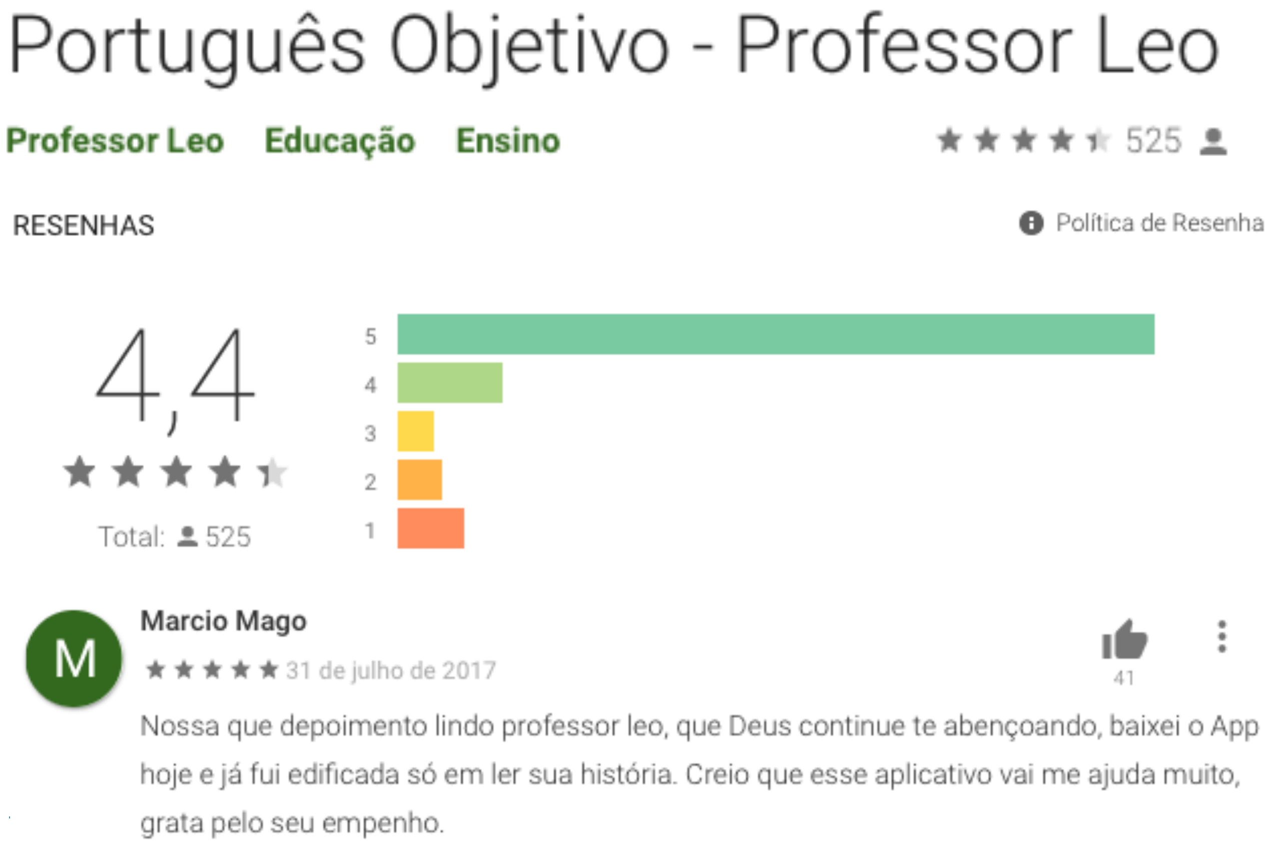

Português Objetivo - Professor Leo

Professor Leo **Educação** **Ensino** ★★★★☆ 525

RESENHAS

Política de Resenha

4,4

★★★★☆

Total: 525

Marcio Mago

★★★★★ 31 de julho de 2017

👍 41

Nossa que depoimento lindo professor leo, que Deus continue te abençoando, baixei o App hoje e já fui edificada só em ler sua história. Creio que esse aplicativo vai me ajuda muito, grata pelo seu empenho.

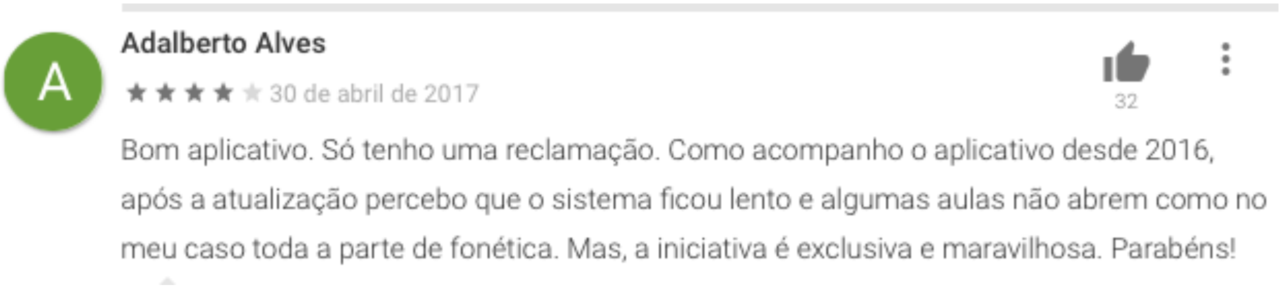

Adalberto Alves

★★★★☆ 30 de abril de 2017

32

Bom aplicativo. Só tenho uma reclamação. Como acompanho o aplicativo desde 2016, após a atualização percebo que o sistema ficou lento e algumas aulas não abrem como no meu caso toda a parte de fonética. Mas, a iniciativa é exclusiva e maravilhosa. Parabéns!

VEJA O NOSSO ÍNDICE DE APROVAÇÃO NOS VÍDEOS, IMAGINE TENDO ACESSO AO CONTEÚDO TOTALMENTE EXCLUSIVO! 95% DE APROVAÇÃO QUANTO À DIDÁTICA!

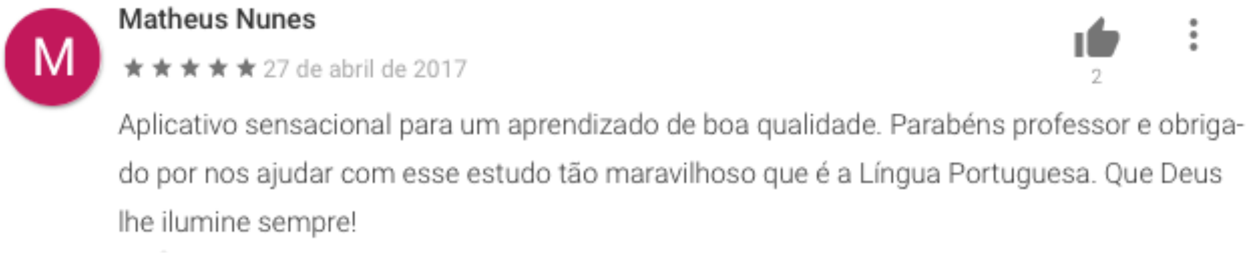

Matheus Nunes

★★★★★ 27 de abril de 2017

2

Aplicativo sensacional para um aprendizado de boa qualidade. Parabéns professor e obrigado por nos ajudar com esse estudo tão maravilhoso que é a Língua Portuguesa. Que Deus lhe ilumine sempre!

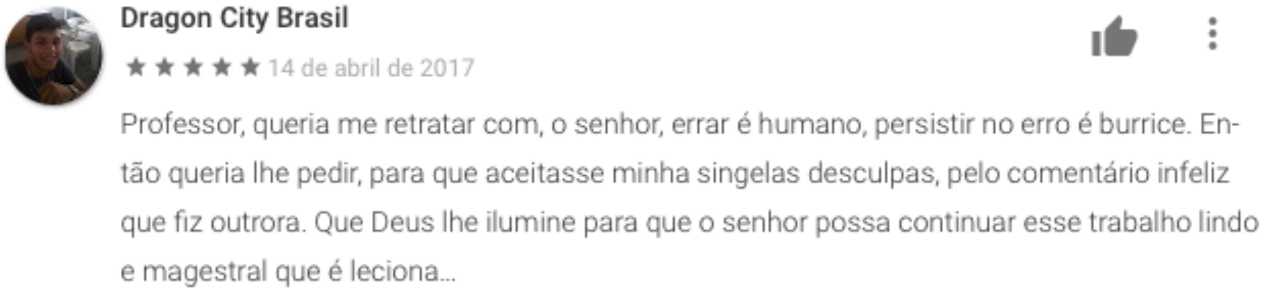

Dragon City Brasil

★★★★★ 14 de abril de 2017

Professor, queria me retratar com, o senhor, errar é humano, persistir no erro é burrice. Então queria lhe pedir, para que aceitasse minha singelas desculpas, pelo comentário infeliz que fiz outrora. Que Deus lhe ilumine para que o senhor possa continuar esse trabalho lindo e magestral que é leciona...

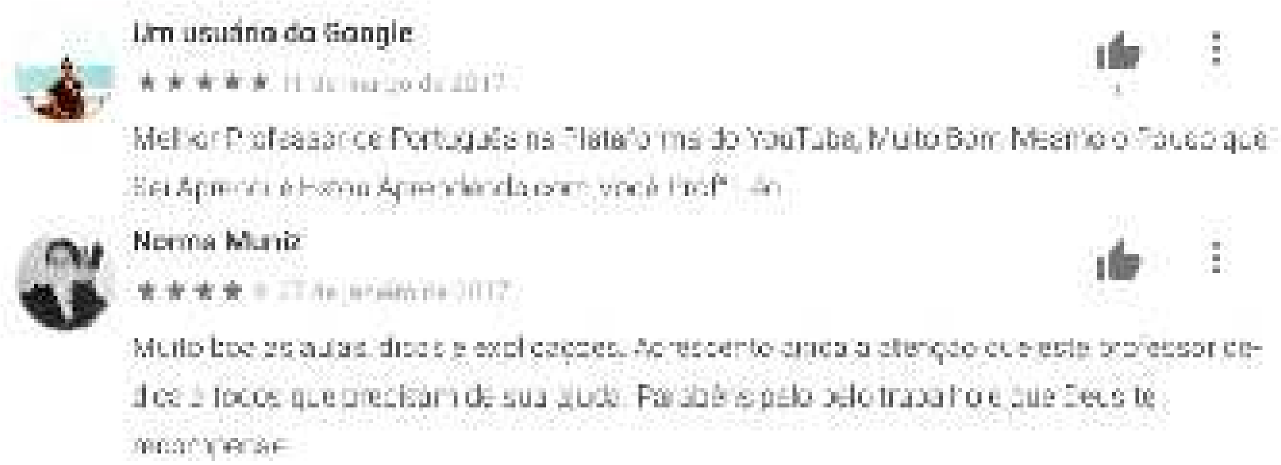

Um usuário do Google

★★★★★ [illegible]

Melhor Professor de Português na Plataforma do YouTube, Muito Bom. Mesmo o Pouco que Sei Aprendi e Estou Aprendendo com você Prof° [illegible]

Norma Muniz

★★★★☆ [illegible]

Muito boa as aulas, dicas e explicações. Acrescento ainda a atenção que este professor dedica a todos que precisam de sua ajuda. Parabéns pelo belo trabalho e que Deus te recompense.

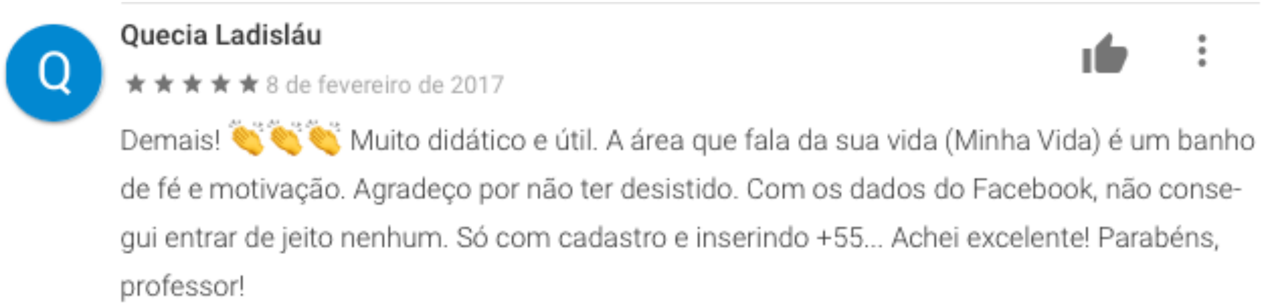

Quecia Ladisláu

★★★★★ 8 de fevereiro de 2017

Demais! 👏👏👏 Muito didático e útil. A área que fala da sua vida (Minha Vida) é um banho de fé e motivação. Agradeço por não ter desistido. Com os dados do Facebook, não consegui entrar de jeito nenhum. Só com cadastro e inserindo +55... Achei excelente! Parabéns, professor!

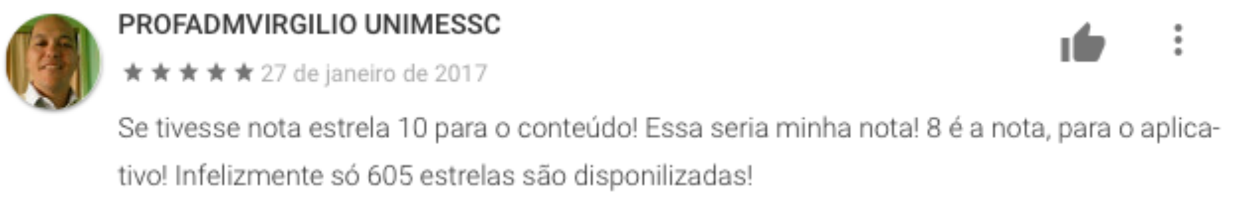

PROFADMVIRGILIO UNIMESSC

★★★★★ 27 de janeiro de 2017

Se tivesse nota estrela 10 para o conteúdo! Essa seria minha nota! 8 é a nota, para o aplicativo! Infelizmente só 605 estrelas são disponilizadas!

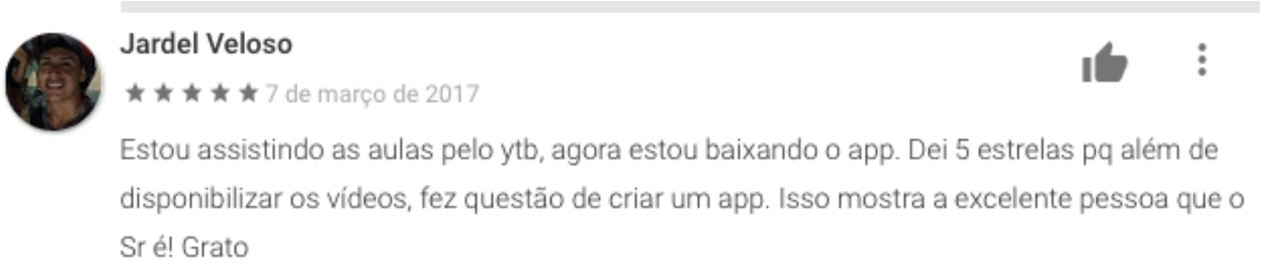

Jardel Veloso

★★★★★ 7 de março de 2017

Estou assistindo as aulas pelo ytb, agora estou baixando o app. Dei 5 estrelas pq além de disponibilizar os vídeos, fez questão de criar um app. Isso mostra a excelente pessoa que o Sr é! Grato

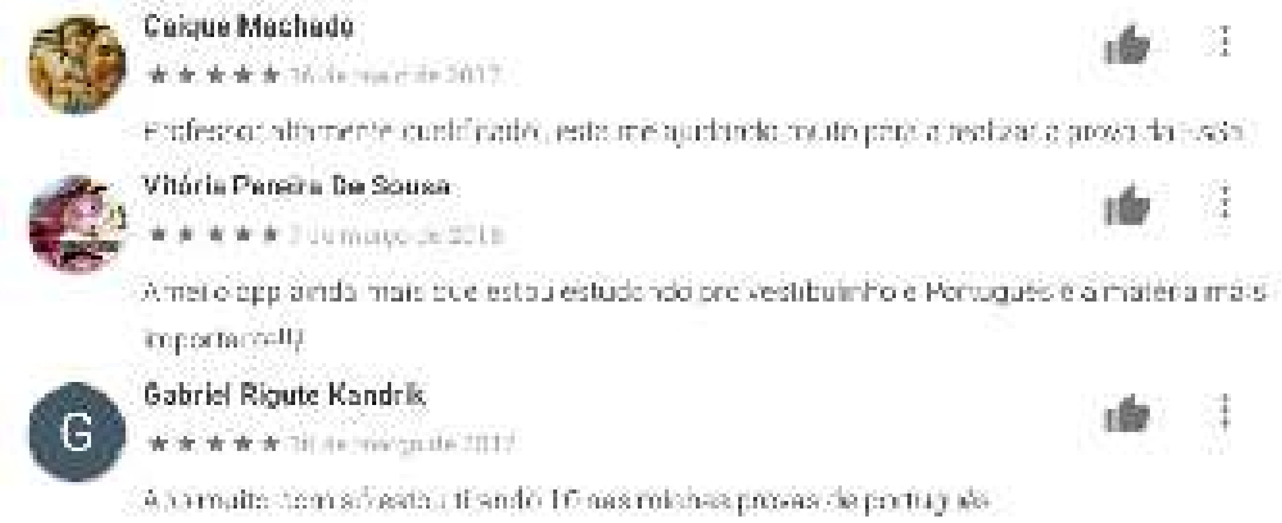

Caique Machado

★★★★★ [illegible]

[illegible]

Vitória Pereira De Sousa

★★★★★ [illegible]

[illegible]

Gabriel Rigute Kandrik

★★★★★ [illegible]

[illegible] 10 [illegible] português

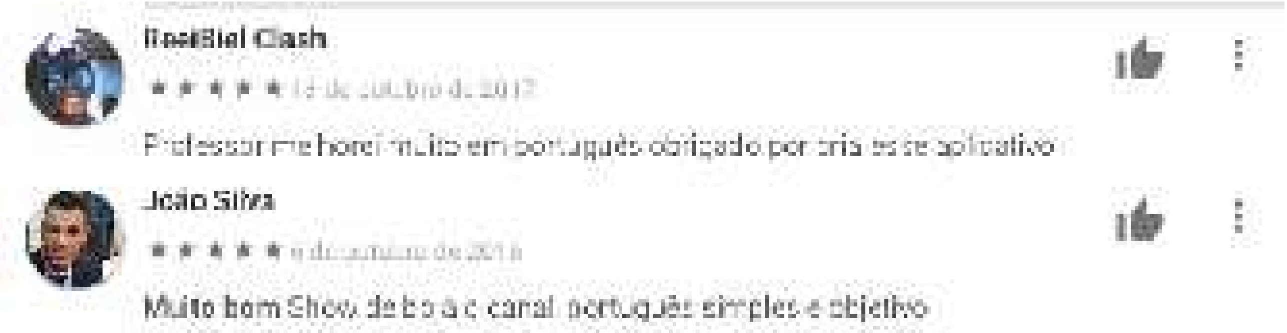

RealBiel Clash

★★★★★ [illegible]

Professor melhorei muito em português obrigado por cria esse aplicativo

João Silva

★★★★★ [illegible]

Muito bom Show de bola canal português simples e objetivo

ISSO É O QUE FAZEMOS! AO ASSINAR NOSSOS CURSOS, VOCÊ TERÁ TODO SUPORTE DURANTE O PERÍODO E FICARÁ BASTANTE SATISFEITO COM NOSSO TRALHO.

LEIA MAIS PESSOAS COMO VOCÊ QUE ESTÃO FELIZES COMO NOSSOS CURSOS E MATERIAIS. NÃO PERCA TEMPO E FAÇA PARTE DA NOSSA PLATAFORMA!

1. "Boa noite! Os produtos do professor Leo são ótimos, os materiais bem explicativos, aulas bem objetivas com uma excelente didática. As aulas estão ajudando-me muito, pois aumentei meu índice em Português e pretendo gabaritar provas. Obrigada professor. Estudem com o melhor!" **Meury Vieira Salvador - Bahia**

2. "Bom dia, boa tarde e boa madrugada. Meu nome é **Jônatas, moro em Rondônia-Porto Velho.** Venho agradecer ao Professor Leo e as pessoas que ajudam ele nesse trabalho. Há poucos messes comprei o livro (Macetes e Dicas de Português), gostei muito dessas dicas. Me ajudou bastantes nas provas da escola e testes de vestibulares. Apoio seu trabalho e fico feliz pela sua dedicação em nos ajudar."

3. "As aulas do professor Léo são um luxo!!! Estudei pelos videos postados na internet e consegui passar no concurso publico da Universidade Federal do Tocantins. **Lucinéia Medrado de Souza Porto Nacional-Tocantins**"

4. "Na internet, me deparei com diversas aulas de português e, sem dúvida, a objetividade e didática do Professor Leo, aliadas ao material utilizado, foi o melhor que encontrei. Por isso, recomendo que assistam às suas aulas no youtube e adquiram o material disponível. Com certeza, o aprendizado será facilitado." **Carla Teixeira.**

5. "Adoro as aulas do professor Leo, são claras e bem objetivas, ótimas para quem está estudando para concursos públicos." **Rita J. Pinheiro - Porto Alegre/RS**

6. "**Meu nome é Maysa, moro em Anchieta, RJ**. Comprei os dvds do professor Leo e um de seus livros. Tenho gostado muito, pois ele está me ajudando a entender melhor a gramática, além de dicas sobre como redigir bem uma redação. Indico para todos."

7. Excelente material didático! PROFESSOR altamente qualificado na arte de ensinar e com método de fácil raciocínio. **JOSÉ, RIO DE JANEIRO, SÃO GONÇALO**.

8. "Excelente material para o meu estudo, principalmente o manual de português para o concurso juntamente com 200 dicas e macetes. Ressalto ainda que o professor Leo tem uma ótima didática para ensinar. Que Deus continue abençoando a sua vida e de seus familiares." **Francisco Afonso - Guaratinguetá**

9. "Boa noite, professor! O seu material é o melhor que já vi.Tem muitos exercícios para ficar bem treinado. Com esse tipo de material, já consigo entender os exercícios. Muito obrigado pelo material." De seu aluno M**arcelo Novaes**

10. "Os cursos do Prof. Leo, são excelentes e de ótima qualidade. Recomendo-os a quem se interessar fazer. Eu comprei alguns DVDS e também fiz aulas de redação onde obtive respostas e suportes necessários. Parabéns prof. Leo, que Deus continue a te abençoar sempre." Lázara I. **Santana Cardoso -São José do Rio Preto- S/P**

11. "**Antônio Doniseti, sou do estado de São Paulo** e acho o professor Leo excelente no modo de explicar bem como os materiais gratuitos que ele dispõe na internet."

12. "Boa noite, meu nome é **Telma moro em Realengo no RJ**, gostaria de parabenizar o prof. Leo pela qualidade de suas aulas e pela vocação que tem para explicar matérias com entusiasmo e simplicidade, tornando um grande sucesso cada conteúdo, indicaria com certeza todos os seus produtos didáticos, pois são objetivos, e tem somente uma finalidade....a satisfação do aluno. Um abraço."

13. "Estou muito satisfeito com o material utilizado no curso. Tenho plena convicção de que os métodos utilizados pelo Prof. Leo estão influenciando o meu aprendizado. Recomendo e tenho a certeza de que irão gostar." **Hermes Ricardo Ferreira da Silva - RJ**

14. "Olá, eu sou **Clécio Grilo, moro em Parnamirim/RN** e venho por meio deste e-mail, indicar o curso do professor Leo, eu fiz e aprovei, venho estudando para concursos e as videoaulas me ajudaram bastante, o professor Leo usa uma didática muito boa e de fácil compreensão, um excelente curso de português, as apostilas altamente explicativas que tiram por completo todas as nossas dúvidas. Por isso indico a você que vem estudando para concursos e o ENEM, garanto que agora você não terá mais dúvidas no português, vale a pena conferir!Estudando com o professor Léo consegui ser aprovado no concurso da Prefeitura de Tacima/PB e estou me preparando para o da PM de Parnamirim/RN."

15. DANIEL FERREIRA BRITO- PAULO AFONSO/BA "O material e de ótima importância para os nossos estudos. Todo o material é atualizado. Gostei muito!

16. Rozeli de Melo-Ribeirão Preto-SP "Bom dia! Só passei a compreender e gostar de português, depois que conheci a didática do professor Leo! ele é demais!!!! Obrigada!!!"

17. "Os produtos do professor Leo são muito bons! Ajudaram-me e ajudam-me muito. O Leo tem uma excelente didática e suas explicações são de fácil compreensão, por isso eu recomendo seus materiais." **Maria Francisca - Guarujá - SP**

18. "Os produtos são ótimos. Metodologia também ótima, em fim, recomendo quem deseja fazer um ótimo curso de português." **José Figueiredo de Bem - Florianópolis - Santa Catarina**

19. Viviane, Petrópolis-RJ "Os produtos e didática do Professor Leo são ótimos, eles têm sido de grande ajuda para mim. Eu já fiz outros cursos on-line até muito conhecidos no meio digital, mas do Prof, com certeza supera os outros por ter uma linguagem de fácil compreensão. Eu, certamente indico esse curso. Um grande abraço, Prof."

Esses foram apenas alguns comentários de milhares de nossos alunos. Isso é para que você veja que pode ser o próximo e aprender português de forma clara e objetiva.

CRASE

QUESTÕES POR ASSUNTO + GABARITO

50

QUESTÕES COMENTADAS

Simplifique seus estudos

PLUS

Suporte pelo whatsApp do Professor Leo

Compre através do nosso site:
portuguesplay.com.br

1000 Questões comentadas de Português

R$44,90

Português Play

Compre através do nosso site:
portuguesplay.com.br

Redação Simplificada

R$24,90

Português Play

Compre através do nosso site:
portuguesplay.com.br

200 DICAS E MACETES DE PORTUGUÊS

R$24,90

Português Play

Compre através do nosso site:
portuguesplay.com.br

Resumões de Português

R$24,90

Português Play

Compre através do nosso site:
portuguesplay.com.br

Simplificando a Intepretação de Textos

R$29,90

Português Play

Compre através do nosso site:
portuguesplay.com.br

Gramática Simplificada

R$89,90

Português Play

QUESTÕES DE CRASE

CRASE INCORRETA

1. A crase foi utilizada incorretamente em:
a) Ela está à procura de ajuda.
b) Saímos às quatro horas.
c) José perdoou à mulher.
d) Assisti àquele filme.
e) Estou disposto à perdoar.

***Comentário**: Não se emprega a crase antes de verbo no infinitivo, uma vez que o "a" é meramente um preposição, isto é, não há união de preposição mais artigo.*

2. Assinale a alternativa em que a crase foi utilizada INCORRETAMENTE:
a) O desrespeito em relação às pessoas da terceira idade é grande.
b) Não deixe seu idoso isolado e sem nenhuma tarefa à realizar.
c) Às vezes, reconheço a importância.
d) Estamos à espera de socorro.
e) Fui ao colégio às oito horas.

***Comentário**: Não se emprega crase antes de verbos no infinitivo, isto é, verbo que terminem em "r".*

3. Assinale a afirmativa em que o uso da crase apresenta-se INCORRETO:
a) Eu me referi à aluna.
b) Eles chegaram à noite.
c) Ela está à procura de ajuda.
d) Vou à Argentina no próximo mês.
e) Estou aqui desde às sete horas.

***Comentário**: Muito cuidado, nem sempre se emprega a crase antes de horas. Não se emprega crase após preposição "desde" mesmo que esteja diante de uma expressão de horas.*

4. Assinale a alternativa em que o uso da crase encontra-se INCORRETO:
a) Não assisto à filme de aventura.
b) Deram emprego àquela senhora.
c) Ela agia às escondidas.
d) Assistiam àquela novela.
e) Vou à Itália.

***Comentário**: Não se emprega a crase antes de palavras masculinas: "filme".*

5. Foi usado INCORRETAMENTE o acento grave, indicador da crase:
a) As leis penais acarretam danos à sociedade brasileira.
b) O rapaz foi o primeiro à fazer uma acusação ao sistema penitenciário.
c) Todos ficam à espera de mudanças nas leis penais.
d) As pessoas dirigiram-se à diretora da instituição.
e) O artigo faz referência às leis que trazem benefícios àqueles crimes bárbaros.

***Comentário**: Não se emprega crase antes de verbo no infinitivo, isto é, verbos terminados em "r".*

6. Assinale a alternativa em que o uso da crase encontra-se INCORRETO:
a) Ficamos frente à frente com a crise.
b) Ele chegou à uma hora em ponto.
c) Eles andavam às pressas.
d) Voltamos cedo à casa do político.
e) Assisti àquele filme sobre a destruição da natureza.

***Comentário**: Não se emprega crase entre palavras repetidas, tais como: "dia a dia, frente a frente, face a face...".*

7. Assinale a alternativa em que o uso da crase encontra-se INCORRETO:
a) Retornamos às praias.
b) Chegaram à noite.
c) Não assisto à filme de comédia.
d) Às famílias não resta outra opção.
e) Aspiro àquela vaga.

***Comentário**: Não se emprega crase antes de palavra masculina. Para ocorrer a crase, deve haver palavra feminina.*

8. Não deveria haver sinal de crase:
a) Comprei uma casa à beira-mar.
b) Teremos de sair à noitinha.
c) Teremos de ficar à espera.
d) À nosso juízo não há nada errado.

***Comentário**: Não se emprega crase antes de pronome possessivo masculino "nosso".*

9. Assinale a alternativa em que o uso da crase está incorreto:
a) A carta é semelhante àquela que vi.
b) Assinou o contrato à lápis.
c) Fui à feira na terça-feira.
d) Viajamos à Bahia.
***Comentário**: Não se usa crase antes de palavra masculina: "lápis", pois não aceita o artigo definido "a".*

10. Assinale a frase que contém erro:
a) Paguei à cabeleireira.
b) Fizemos um churrasco à gaúcha.
c) Vou a Porto Alegre.
d) Comemos bife a milanesa.

***Comentário**: Deveria haver crase já que apresenta ideia de "moda": "Comemos bife à moda milanesa."*

11. Assinale a frase que está incorreta:
a) Ele vive às custas do pai.
b) O professor age sempre às claras.
c) Sairei às três horas.
d) Não te conto às vezes que viajou.
e) Examinou o doente às pressas.

***Comentário**:"as vezes" completa o verbo, fazendo papel de objeto direto. Portanto, o verbo não pede preposição.*

12. A frase em que a crase está usada incorreta:
a) A mulher à que me refiro foi atendida.
b) Doaram os livros àqueles homens.
c) Disseram às suas amigas que viria.
d) Mostrava-se sensível às decisões.

***Comentário**: Basta trocar a palavra “a mulher” por outra masculina; caso a preposição “a” aceite a troca pela preposição “ao”, empregaremos a crase: “O homem a que me refiro...”. Note que não aceitou a preposição “ao”, por tal razão não cabe a crase.*

13. Assinale a alternativa em que o acento indicador de crase esteja errado:
a) Teoria e prática devem andar aliadas uma à outra.
b) Trabalha 45 horas por semana, de segunda à sábado.
c) Foi até à cidade mais próxima, onde conseguiu ajuda médica.
d) A empresa funciona das 8 às 18 horas, da segunda à sexta-feira.

***Comentário**: Não há crase, já que o termo “sábado” é uma palavra masculina. Além disso, por uma questão de paralelismo: Se houver a preposição “de”, não haverá crase; se houver “da", crase haverá: Da segunda à sexta.*

14. Assinale a opção em que o uso do acento grave esteja incorreto:
a) A leitura é igual à que foi publicada.
b) Obedeço à qualquer sinalização.
c) Fomos à casa de minha sogra.
d) Comunicamos o fato às alunas.

***Comentário**: Não se emprega crase antes de pronomes indefinidos: qualquer, todos, nada, alguém, tudo, ninguém...*

CRASE CORRETA

15. O acento indicativo de crase está correto em:
a) Saíram de casa às sete horas.
b) À cada momento, examinavam tudo.
c) O casal chegou à pé ao local.
d) À partir da sua prisão, nada falaram.
e) Pedimos à Vossa Excelência que analise.

***Comentário**: Emprega-se, normalmente, crase nas locuções adverbiais de tempo, ou seja, quando se trata de horas. Exceto após preposição: após as 10h, durante as 10h..*

16. Assinale a alternativa em que o uso da crase está correto:
a) Compramos à obra por um ótimo.
b) Referiu-se à leitura de poemas.
c) Obrigaram-me à ler aquelas crônicas.
d) Foi à uma conhecida feira de livros.
e) Foram à Paraty para conhecer você.

***Comentário**: O verbo “referiu-se” pede objeto indireto, ou seja, um complemento com preposição. Portanto, empregou-se a crase, respeitando a regência do verbo. Basta também fazer a troca do feminino por outro termo masculino: “Referiu-se ao homem”.*

17. O emprego do acento indicativo da crase está correto na seguinte frase:
a) Há exames destinados à cardíacos.
b) Quando o paciente necessita, pede auxílio à enfermagem.
c) O questionário é entregue à cada um dos internos.
d) Obedeci à seu pedido, de pronto.
e) Os jovens vão à festas todos os finais de semana.

***Comentário**: Quem pede auxílio, pede auxílio a alguém; note que o verbo pede a preposição, isto é, o “a” deverá ser craseado, pois se encontra antes de palavra feminina. Os demais casos são proibidos.*

18. Analise as frases abaixo em relação à utilização da crase e assinale a correta:
***I** - Ele está disposto à trabalhar.*
***II** - Irei à casa de meu pai.*
***III** - Inundou a cozinha, gota à gota.*
a) Somente I está correta.
b) I, II e III estão corretas.
c) Somente II está correta.
d) Somente III está incorreta.

***Comentário**: **I.** Não se emprega crase antes de verbo no infinitivo. **II.** A palavra “casa” está determinada, por isso o uso de crase. **III.** Não se emprega a crase entre palavras repetidas.*

19. Analise as frases abaixo em relação à utilização da crase e assinale a correta:
***I** - Pintava quadros a óleo.*
***II** - Ele foi à cidade de Franco da Rocha prestar um concurso.*
***III** - Dirigi-me àquele Senhor com respeito.*
a) Somente II está correta.
b) Somente I está incorreta.
c) I e II estão corretas.
d) Todas estão corretas.

***Comentário**: **I.** “óleo” é uma palavra masculina. **II.** Ele foi ao local prestar um concurso Basta trocar por masculino para saber se há crase. **III.** Basta trocar pelo “ao”: Dirigi-me ao Senhor com a educação necessária.*

20. O acento grave está empregado de acordo com a norma-padrão:
a) O velho deu à informação errada.
b) O rapaz disse à todos o que sabia.
c) Ele trouxe o carro à Copacabana.
d) O açougue fica à direita da farmácia.
e) O motorista seguiu à sinalização.

***Comentário**: Ocorre crase antes das locuções prepositivas, tais como: “à esquerda de, à espera de, à procura de, à beira de".*

21. O sinal de crase é necessário em:
a) A venda de computadores chegou a reduzir o preço do equipamento.
b) Os atendentes devem vir a ter novo treinamento.
c) É possível ir as aulas sem levá-lo.
d) Não desejo a ninguém uma vida ruim.
e) A instrutora chegou a tempo para a prova.

***Comentário**: O verbo “ir” pede adjunto adverbial de lugar seguido de preposição. Basta também trocar o termo “as aulas” por uma expressão masculina: É possível ir ao evento.*

22. Marque a opção em que a crase foi empregada CORRETAMENTE:
a) Levamos entusiasmo à essa reunião.
b) Isto me levou à uma solução inédita.
c) Falamos apenas àquelas pessoas.
d) Refiro-me à questões anteriores.

***Comentário**: Quando houver “àquelas”, basta trocar por “a estas” para realmente ver se há ou não crase: Falamos apenas a estas pessoas...*

23. Assinale a única opção em que o uso da crase está correto:
a) "O crack provoca sensação semelhante à do baque...".
b) "subi às escadas...".
c) "um dos primeiros à passar foi ele...".
d) "viemos apelar para à sua boa vontade...".

***Comentário**: Antes da preposição “de” se o “a” substituir algum termo na frase e a regência pedir a preposição, haverá crase. Note que o termo “semelhante” pede a preposição “a”, e o “a” faz referência ao termo “sensação”.*

24. Observando as palavras destacadas, é CORRETO afirmar que estão corretas:
I. Cheguei a **casa** da sogra à **noite**.
II. Fale à **tal** pessoa que isso foi em vão.
III. Ele se referia à **vitória** de João, não à **sua**.
a) I e II, apenas
b) I, II e III
c) I e III, apenas
d) II e III, apenas

***Comentário**: I. Quando as palavras “casa, terra, distância” vierem determinadas ou especificadas, haverá a presença do acento grave; note que a “casa” está determinada pela expressão “da sogra”. II. Empregou-se a crase respeitando a regência do verbo “falar” e pode-se empregar crase antes do pronome demonstrativo “tal". III. É obrigatório o uso de crase antes dos pronomes possessivos femininos quando estes forem pronomes substantivos e a regência pedir a preposição “a”.*

25. A crase foi usada de forma correta:
a) Eles estavam dispostos à muitas concessões.
b) A atenção às nossas propostas acabou.
c) Durante a visita, ele se referia à nós.
d) À partir das considerações propostas, saímos.

***Comentário**: O termo “atenção” pede a preposição “a”, ocorrendo a fusão de preposição mais artigo. Basta trocar a palavra “às nossas propostas” por um termo masculino “aos nossos problemas”.*

26. A crase foi usada adequadamente em:
a) As informações às quais as mulheres se referiam eram verdadeiras.
b) Só me irá receber à partir das 8h.
c) Recorreu-se à Vossa Senhoria ontem.
d) Distribuí o livro à qualquer aluna.

***Comentário**: Basta trocar o termo feminino “as informações” por outro masculino: “Os problemas aos quais as mulheres se referiam...” Sempre que ocorrer a presença da preposição “aos” antes do pronome relativo “qual”, empregaremos a crase.*

27. Assinale a alternativa correta:
I. Você deu parabéns à Sua Excelência?
II. Vendemos à prazo todas as coisas.
III. Só prestei atenção à notícias boas.
a) se apenas o item I estiver correto
b) se apenas o item II estiver correto
c) se apenas o item III estiver correto
d) se nenhum dos itens estiver correto

***Comentário**: I. Não se emprega crase antes de pronomes de tratamento: Vossa Excelência, Sua Excelência… II.* Não se emprega crase antes de palavra masculina “prazo”. III. Não se emprega crase quando o “a” estiver no singular e o substantivo estiver no plural.

28. O acento grave, indicador de crase, está empregado CORRETAMENTE em:
a) Encaminhamos os pareceres à Vossa Senhoria e não tivemos resposta.
b) A nossa reação foi deixá-los admirar à belíssima paisagem.
c) Rapidamente, encaminhamos o produto à firma especializada.
d) Todos estávamos dispostos à aceitar o seu convite.

***Comentário**: Usou-se a crase, pois o termo “à firma” exerce a função de objeto indireto por está completando o verbo “encaminhar”. Os demais casos são obrigatórios.*

MESMA RAZÃO

29. "Fiz referência à menina que estava ali.” Usou-se a crase pela mesma razão.
a) A pipa d’água supria à carência dela.
b) Vínhamos pagando à conta d’água.
c) O preço era referente à necessidade.
d) O registro não deixa à água correr.
e) Entregava a água à preço barato.

***Comentário:** “à menina” exerce função de complemento nominal, já que completa ao termo “referência”, ocorrrendo a mesma regra em "referente à necessidade". Nos demais casos, é proibido o acento grave.*

30. ...explicava à professora de português tudo. Assinale a alternativa em que também deve ocorrer o acento grave indicador da crase pela mesma razão:
a) Ficamos à espera de você na festa.
b) A empresa estava à beira da falência.
c) Eles não fazem referência à menina.
d) O pai pediu à garota o que faltava.
e) O diretor recorreu à minha amiga.

***Comentário**: Ocorreu a crase, porque houve a fusão da preposição e o artigo feminino. Note que também a crase se deu por se tratar de um objeto indireto, termo que completa o verbo por meio de uma preposição.*

31. Empregou-se a crase pela mesma razão que na frase: "Maria foi até a praia."
a) Estou à procura de ajuda.
b) Fomos à feira.
c) Fui à sua cidade.
d) Ela agia sempre às escondidas.
e) Estávamos à beira da lagoa.

***Comentário**: Empregou-se a crase por ser um caso facultativo, o que ocorre também antes dos pronomes possessivos femininos "sua, tua, minha, nossa, vossa + substantivo feminino".*

32. Assinale a alternativa em que a crase foi aplicada pela mesma razão da frase: " À beira da praia, ele ficou o dia todo."
a) Houve um baile à fantasia.
b) Comprou tudo à vista.
c) Mandou o marinheiro à terra.
d) Entrou à esquerda do pai.

***Comentário**: Empregou-se a crase por ser uma locução prepositiva feminina "à beira de", o que ocorre também em "à espera de". Lembre-se de que a locução prepositiva é forma por " a + substantivo feminino + de".*

33. Assinale a opção em que o uso do acento grave se dá pela mesma regra de "Ela, às vezes, estuda português.":
a) Saiu às 18h para a festa.
b) Obedeço às ordens da professora.
c) Fomos à casa de minha sogra.
d) À medida que aprendo, fico mais feliz.

***Comentário**: A expressão "às vezes" é uma locução adverbial feminina de tempo; ocorre a mesma regra em "às 18h", já que se trata de uma locução adverbial de tempo.*

34. Usou-se a crase por se tratar de uma fusão de preposição com um pronome.
a) A destruição das florestas é uma agressão à natureza.
b) Refiro-me às que não compareceram.
c) Já expliquei esse assunto à menina.
d) Às vezes, penso em você.
e) O exame começou às oito horas.

***Comentário**: A crase é a fusão de dois "as = a + a", sendo o primeiro preposição e o segundo artigo definido; todavia é possível a fusão de preposição + pronome = a + aquela(s). Note que há um pronome "Refiro-me a + aquelas que...".*

35. Assinale a opção em que deve ocorrer o acento indicativo de crase, como ocorreu em “trazer à tona”.
a) Ele deve ser tomado gota a gota.
b) Respondi a todas perguntas.
c) Estava disposto a colaborar.
d) Saímos as pressas.
e) Referiram-se a nós ontem?

***Comentário**: “à tona” é uma locução adverbial feminina assim como a expressão “às pressas”. Lembrando que não há crase entre palavras repetidas, antes de plural, verbo no infinitivo, antes de pronome oblíquo.*

36. Identifique a alternativa que apresenta uma locução adverbial feminina e que por este motivo recebeu o acento grave indicador da crase:
a) Dou seta à esquerda.
b) Refiro-me à Avenida 23 de Maio.
c) Tenho “amor” às filas quilométricas.
d) Respondi à pergunta da jovem.
e) Ele disse à garota recém chegada.

***Comentário**: Emprega-se crase antes das locuções adverbiais femininas: à noite, à tarde, às vezes, às pressas, às claras, à esquerda, à direita...*

COMPLETAR

37. ___mais de meio século se iniciou a indústria petrolífera no Brasil.______partir de então, muitas pessoas tendem _______pensar que o petróleo aqui encontrado pertence___nação brasileira.
a) Há – A – a – à
b) Há – À – à – à
c) Há – À – a – à
d) À – A – à – a
e) À – A – a – a

***Comentário**: Emprega-se o “há”, pois apresenta ideia de tempo passado; não se emprega a crase antes de verbo no infinitivo “partir – pensar”; uma coisa pertence “à outra”, logo o termo “nação" virá precedido de crase.*

38. ____ dois anos foi criado, na região de Irapé, um projeto de cursos, para dar capacitação profissional ____ pessoas que quisessem ter uma ocupação, como Maria Rodrigues, que aprendeu ____ fabricar queijos. A opção que preenche corretamente as lacunas é:
a) Há – às – a
b) Há – às – à
c) Há – as – a
d) Á – as – a
e) À – as – à

***Comentário**: Emprega-se “há”, já que apresenta ideia de tempo passado; na segunda lacuna, basta fazer a troca por outra palavra masculina: “Dar capacitação profissional aos homens”; na terceira lacuna, não há crase, pois é proibido usá-la antes de verbo no infinitivo.*

39. I. Partiram dali ____ uma hora.
II. A notícia foi publicada ____ cinco anos.
III. Isso aconteceu ___ cinquenta metros.
a) a, há, a
b) há, a, a
c) há, a, há
d) a, a, há
e) há, há, a

***Comentário**: Não se emprega a crase após os advérbios “dali, daqui”; emprega-se o “há” já que se trata de tempo passado; emprega-se o “a” quando se remete a ideia de distância ou espaço.*

40. ___ medida que o tempo passava, ela ficava mais nervosa, ___espera de uma intuição que__levasse___fazer__ escolha.
a) À – a – a – a – a
b) À – à – a – a – a
c) A – à – a – à – a
d) A – a – à – a – à
e) A – a – a – à – a

***Comentário**: Emprega-se crase nas locuções conjuntivas: “à medida que, à proporção que”; emprega-se a crase nas locuções prepositivas femininas: “à espera de, à procura de”; não se emprega a crase, pois se trata de um pronome oblíquo que equivale ao pronome reto “ela”; não se emprega a crase antes de verbo no infinitivo; “a decisão” faz papel de objeto direto, logo não há crase.*

41. Os incêndios florestais que ocorrem ___ partir de agosto caminham em direção ___ grandes cidades e tendem ___ se alastrar pela região.
a) a – às – a
b) a – as – a
c) à – às – a
d) à – às – à
e) à – as – à

***Comentário**: Não se emprega a crase antes de verbo no infinitivo; “às grandes cidades” exerce função de complemento nominal, por isso deve ocorrer a crase; não se emprega a crase antes de pronomes.*

42. “Não vai ___ recepções, ___ festas, nem ___ reuniões escolares.”
a) a, a, a
b) à, à, à
c) à, a, à
d) à, à, a
e) a, à, à

***Comentário**: Não se emprega a crase antes de palavras no plural, a não ser que o “a” também esteja no plural. Nesse caso, ocorre apenas preposição.*

43. “O sítio fica ______ esquerda de quem desce a rua, ______ três quadras da avenida principal.”
a) à – à
b) à – a
c) a – a
d) a – à

***Comentário**: Emprega-se crase nas locuções prepositivas femininas “à esquerda de, à espera de, à procura de”; e emprega-se o “a” quando apresenta ideia de espaço, distância.*

44. A ciência produz resultados passo ...... passo, como se fosse um quebra-cabeça ...... ser devidamente montado, para chegar-se ...... confirmação de uma hipótese qualquer. As lacunas da frase acima estão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – à – a
b) a – a – à
c) a – à – à
d) à – à – à
e) a – a – a

***Comentário**: Não se emprega crase entre palavras repetidas "passo a passo"; não se usa crase antes de verbo no infinitivo "ser"; o verbo pede adjunto adverbial com preposição, logo o "a" recebe o acento grave. Caso tenha dúvida, basta usar a tática da troca: Chegar-se ao problema.*

45. Urologistas têm se dedicado ...... investigar o que muda no cérebro ...... medida que envelhecemos; segundo alguns estudos, a aptidão da memória para resgatar informações abstratas diminui, enquanto a propensão ...... divagar aumenta.
a) a - a - a
b) a - à - a
c) à - a - à
d) a - à - à
e) à - à - à

***Comentário**: Não se emprega crase antes de verbo no infinitivo "investigar, divagar"; emprega-se a crase nas locuções conjuntivas "à medida que, à proporção que".*

46. Cientistas em todo o mundo dedicam-se ...... pesquisas com células-tronco, destinadas ...... combater certas doenças degenerativas, que trazem sofrimento ...... uma grande parte da população.
a) à - a - a
b) à - à - a
c) a - a - a
d) a - à - à
e) a - a - à

***Comentário**: Não há crase quando não houver concordância entre o "a" e a palavra posterior "pesquisas", nesse caso, o "a" é meramente uma preposição; não se emprega crase antes de verbo no infinitivo "combater"; não há crase antes de artigo indefinido "um, uma".*

47. I. O cheque foi descontado ____ mais de uma semana.
II. O jornalista se refere ____ sua filha e não ____ Vossa Excelência.
III. O aeroporto fica ____ mais de uma hora do centro da cidade.
a) há – à – a – há
b) há – a – a – a
c) a – à – a – a
d) à – à – à – à

***Comentário**: O primeiro caso trata-se de "há", já que apresenta ideia de tempo passado; no segundo caso é facultativa a crase por estar antes de pronome adjetivo feminino no singular, e não há crase antes de pronome de tratamento "Vossa Excelência"; no último caso, deve-se empregar o "a" quando houver ideia de espaço.*

CASOS FACULTATIVOS

48. Assinale a alternativa em que o sinal indicativo de crase é facultativo:
a) "... só puderam se desenvolver na Terra graças à nossa grande lua..."
b) "... planetas semelhantes à Terra e com vida..."
c) As viagens à Lua foram interrompidas.
d) Os cientistas se referiram à influência que a Lua exerce sobre a Terra.
e) A Lua que vemos brilhar, à noite, no céu, possui propriedades incontáveis.

***Comentário**: A crase é facultativa em três casos: antes de pronomes possessivos adjetivos femininos no singular; após a preposição "até"; antes de nomes de "mulheres". Lembre-se de que se deve analisar também a regência do verbo.*

49. Assinale a afirmativa em que o uso da crase é facultativo:
a) Sairei às duas horas da tarde.
b) Refiro-me à Carla Regina.
c) À medida que o tempo passa, fico rico.
d) Chegamos cedo à casa de meu pai.
e) Temos amor à arte.

***Comentário**: A crase é facultativa antes de nomes de mulheres. Nos demais casos, são todos obrigatórios.*

50. O acento da crase é facultativo em:
a) "...o índio gigante confere às suas galinhas..."
b) "Criado à base de boa alimentação..."
c) "... a produção de pequenos plantéis pode atender à demanda."
d) À noite as galinhas ficam presas.
e) Aquele fazendeiro se dedica à sua criação de galos reprodutores.

***Comentário**: Muito cuidado, pois a crase só é facultativa antes dos pronomes possessivos femininos, no caso do pronome no plural, a banca considerou como obrigatório.*

51. O uso do acento indicativo de crase é facultativo na seguinte afirmativa:
a) A inovação tecnológica melhora a energia.
b) A economia aumentou a noite.
c) Obedeço a minha mãe.
d) Ficamos frente a frente pela manhã.
e) As vezes, reciclar o lixo e complicado.

***Comentário**: A crase é facultativa antes de pronomes possessivos femininos adjetivos: sua, tua, minha, nossa, vossa.*

52. Assinale a afirmativa em que o uso da crase é facultativo:
a) Eles chegaram às pressas.
b) Estou disposto à continuar.
c) Patrícia se referiu à apostila.
d) Se entregar a gula não interessa à ela.
e) Obedeço à minha nutricionista.

***Comentário**: A crase é facultativa antes de pronomes possessivos femininos: "sua, tua, minha, nossa, vossa" quando estiverem ao lado do substantivo. Nas letras "a, c", o acento grave é obrigatório; já nas letras "b,d" são proibidas.*

53. Assinale a frase em que o uso do acento indicador de crase não é facultativo:
a) Diga a sua tia a verdade.
b) Ele cheirava a gasolina.
c) A Maria eu dedico esta rosa.
d) Falei a outra mulher.

***Comentário**: A crase é facultativa antes de pronomes possessivos femininos "sua, tua, minha, nossa, vossa"; quando apresenta duplicidade, "cheirar" pode ter dois sentidos pelo contexto; antes de nomes de mulheres. Emprega-se a crase antes do pronome indefinido "outra", basta fazer a troca: "Falei ao outro homem.*

GABARITO																			
1	E	2	B	3	E	4	A	5	B	6	A	7	C	8	D	9	B	10	D
11	D	12	A	13	B	14	B	15	A	16	B	17	B	18	C	19	D	20	D
21	C	22	C	23	A	24	D	25	B	26	A	27	D	28	C	29	C	30	D
31	C	32	D	33	A	34	B	35	D	36	A	37	A	38	A	39	A	40	B
41	A	42	A	43	B	44	B	45	B	46	C	47	B	48	A	49	B	50	E
51	C	52	E	53	D														

POR QUE VOCÊ APRENDERÁ PORTUGUÊS?

Veja dezenas de pessoas que estudaram com o Professor Leo e aprenderam muito mais. Esses comentários estão no facebook!

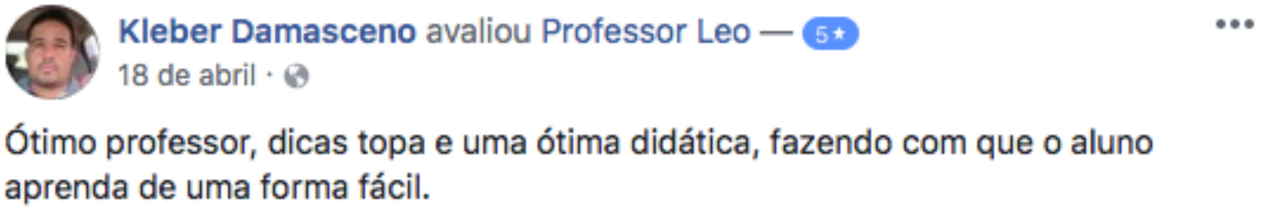

Kleber Damasceno avaliou Professor Leo — 5★
18 de abril ·

Ótimo professor, dicas topa e uma ótima didática, fazendo com que o aluno aprenda de uma forma fácil.

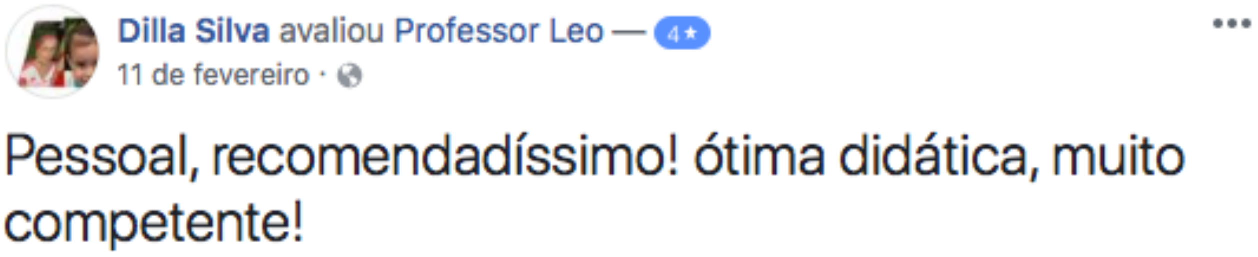

Dilla Silva avaliou Professor Leo — 4★
11 de fevereiro ·

Pessoal, recomendadíssimo! ótima didática, muito competente!

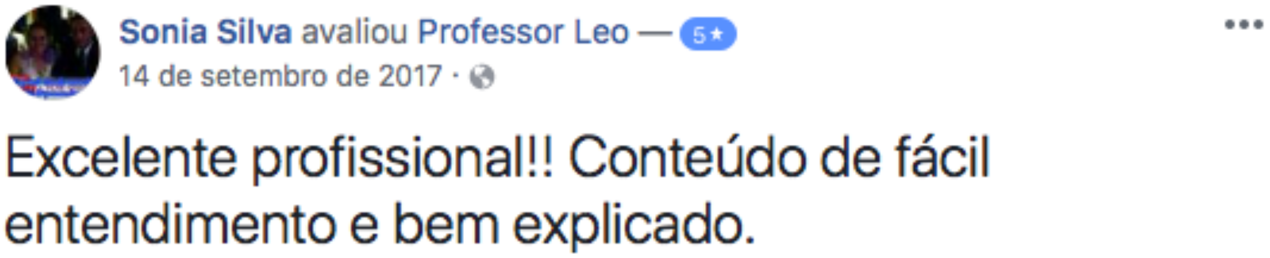

Sonia Silva avaliou Professor Leo — 5★
14 de setembro de 2017 ·

Excelente profissional!! Conteúdo de fácil entendimento e bem explicado.

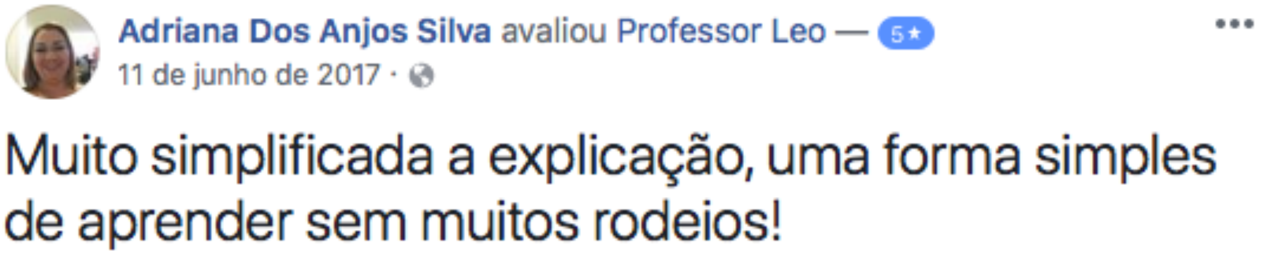

Adriana Dos Anjos Silva avaliou Professor Leo — 5★
11 de junho de 2017 ·

Muito simplificada a explicação, uma forma simples de aprender sem muitos rodeios!

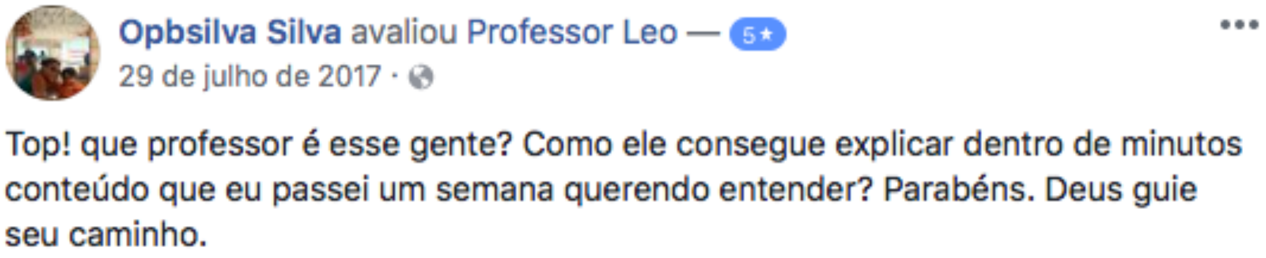

Opbsilva Silva avaliou Professor Leo — 5★
29 de julho de 2017 ·

Top! que professor é esse gente? Como ele consegue explicar dentro de minutos conteúdo que eu passei um semana querendo entender? Parabéns. Deus guie seu caminho.

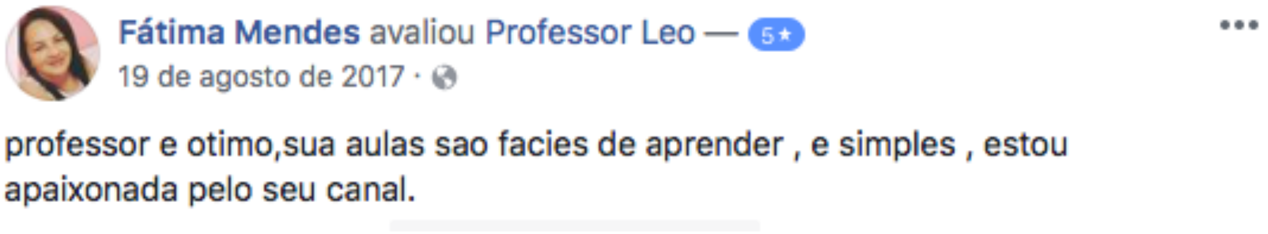

Fátima Mendes avaliou Professor Leo — 5★
19 de agosto de 2017 ·

professor e otimo,sua aulas sao facies de aprender , e simples , estou apaixonada pelo seu canal.

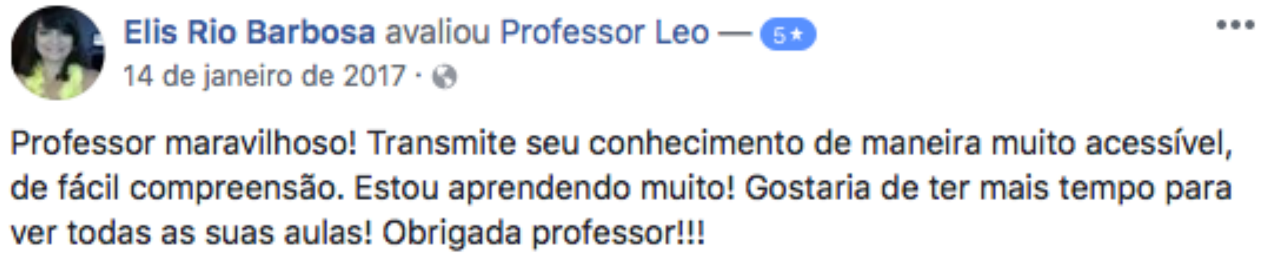

Elis Rio Barbosa avaliou Professor Leo — 5★
14 de janeiro de 2017 ·

Professor maravilhoso! Transmite seu conhecimento de maneira muito acessível, de fácil compreensão. Estou aprendendo muito! Gostaria de ter mais tempo para ver todas as suas aulas! Obrigada professor!!!

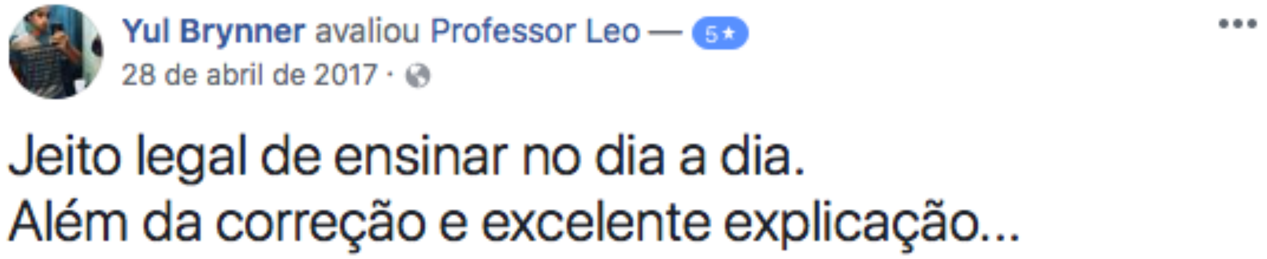

Yul Brynner avaliou Professor Leo — 5★
28 de abril de 2017 ·

Jeito legal de ensinar no dia a dia.
Além da correção e excelente explicação...

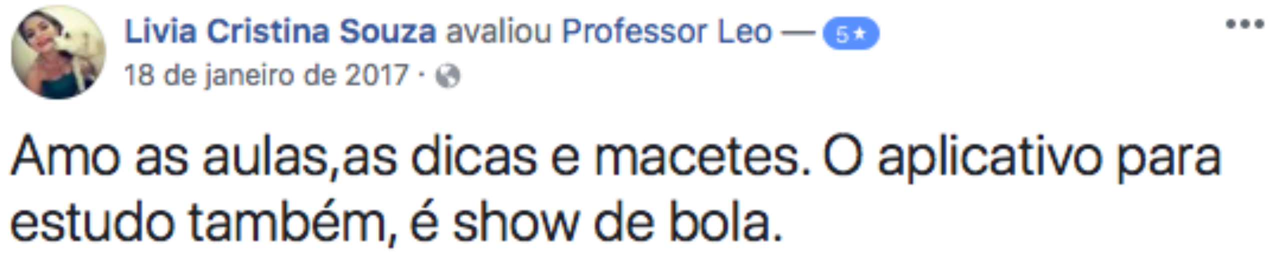

Livia Cristina Souza avaliou Professor Leo — 5★
18 de janeiro de 2017 ·

Amo as aulas,as dicas e macetes. O aplicativo para estudo também, é show de bola.

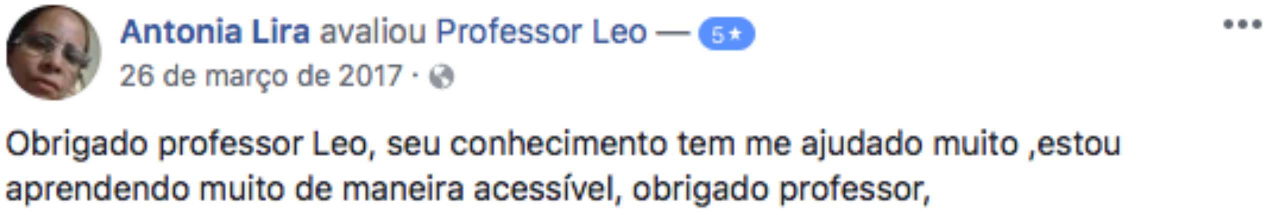

Antonia Lira avaliou Professor Leo — 5★
26 de março de 2017 ·

Obrigado professor Leo, seu conhecimento tem me ajudado muito ,estou aprendendo muito de maneira acessível, obrigado professor,

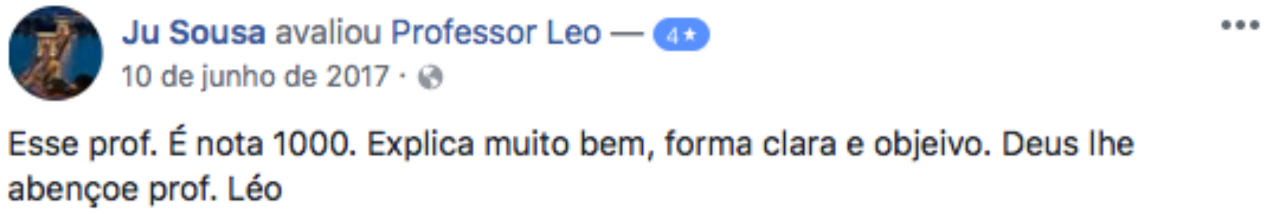

Ju Sousa avaliou Professor Leo — 4★
10 de junho de 2017 ·

Esse prof. É nota 1000. Explica muito bem, forma clara e objeivo. Deus lhe abençoe prof. Léo

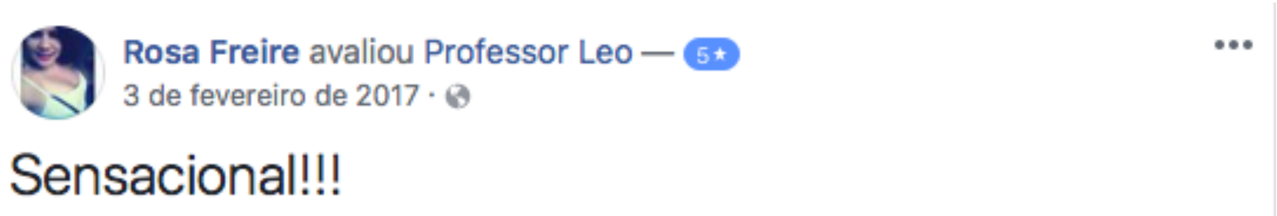

Rosa Freire avaliou Professor Leo — 5★
3 de fevereiro de 2017 ·

Sensacional!!!

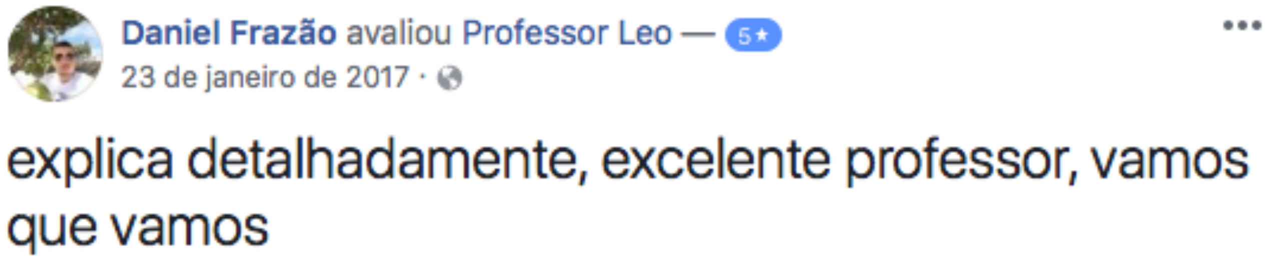

Daniel Frazão avaliou Professor Leo — 5★
23 de janeiro de 2017 ·

explica detalhadamente, excelente professor, vamos que vamos

Veja dezenas de pessoas que estudaram com o Professor Leo no youtube!

AGORA SÓ DEPENDE DE VOCÊ!

Natalia fujoshit 2 semanas atrás (editado)

Nossa que fácil,obrigada!! Tenho prova de português hoje é essa é uma das coisas que ira cair nela.

3
RESPONDER

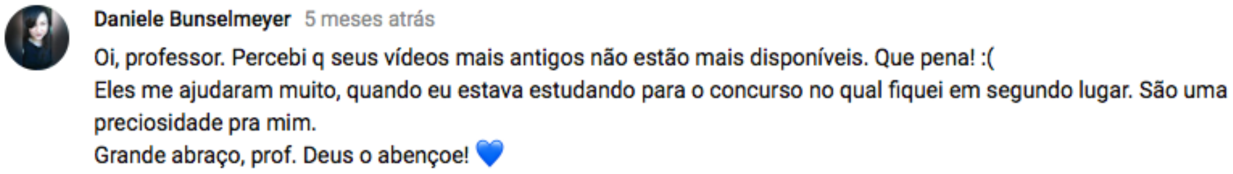
Daniele Bunselmeyer 5 meses atrás

Oi, professor. Percebi q seus vídeos mais antigos não estão mais disponíveis. Que pena! :(
Eles me ajudaram muito, quando eu estava estudando para o concurso no qual fiquei em segundo lugar. São uma preciosidade pra mim.
Grande abraço, prof. Deus o abençoe! 💙

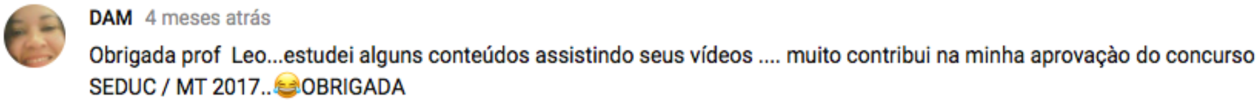
DAM 4 meses atrás

Obrigada prof Leo...estudei alguns conteúdos assistindo seus vídeos .... muito contribui na minha aprovaçào do concurso SEDUC / MT 2017..😂OBRIGADA

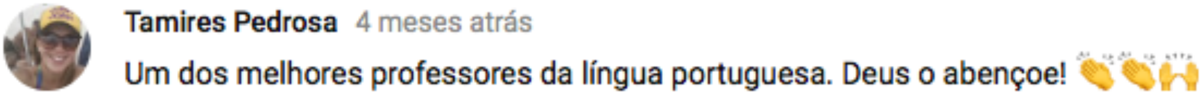
Tamires Pedrosa 4 meses atrás

Um dos melhores professores da língua portuguesa. Deus o abençoe! 👏👏🙌

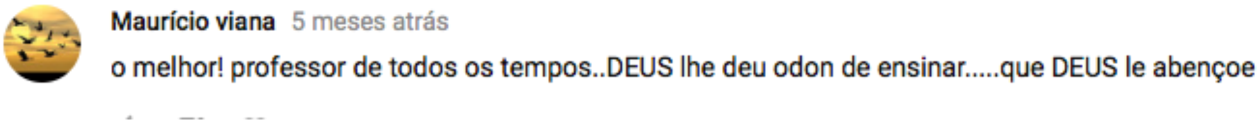
Maurício viana 5 meses atrás

o melhor! professor de todos os tempos..DEUS lhe deu odon de ensinar.....que DEUS le abençoe

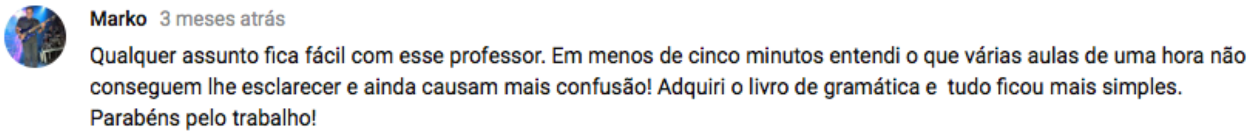
Marko 3 meses atrás

Qualquer assunto fica fácil com esse professor. Em menos de cinco minutos entendi o que várias aulas de uma hora não conseguem lhe esclarecer e ainda causam mais confusão! Adquiri o livro de gramática e tudo ficou mais simples. Parabéns pelo trabalho!

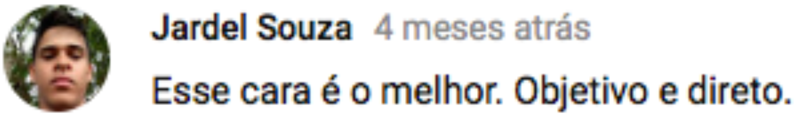
Jardel Souza 4 meses atrás

Esse cara é o melhor. Objetivo e direto.

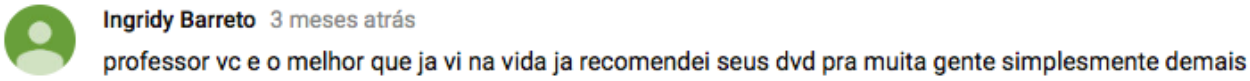
Ingridy Barreto 3 meses atrás

professor vc e o melhor que ja vi na vida ja recomendei seus dvd pra muita gente simplesmente demais

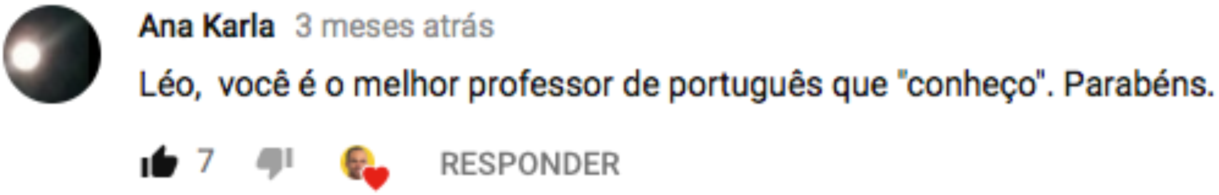
Ana Karla 3 meses atrás

Léo, você é o melhor professor de português que "conheço". Parabéns.

Adri Garrot 3 meses atrás

Suas aulas sao claras e objetivas parabens

3
RESPONDER

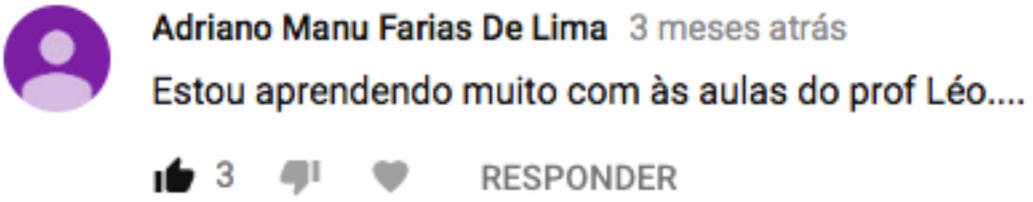

Adriano Manu Farias De Lima 3 meses atrás

Estou aprendendo muito com às aulas do prof Léo....

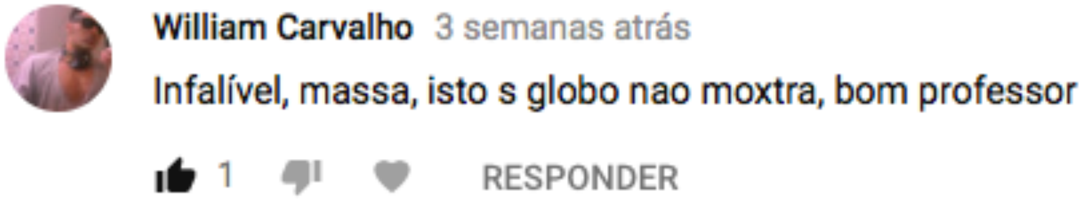

William Carvalho 3 semanas atrás

Infalível, massa, isto s globo nao moxtra, bom professor

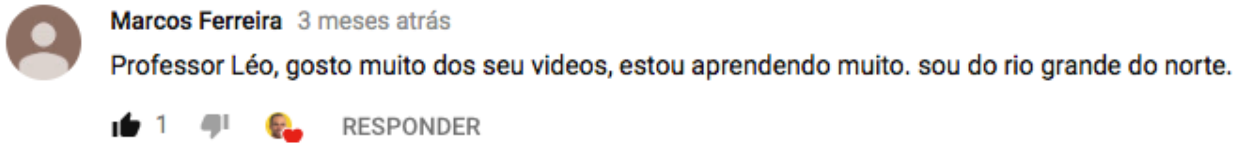

Marcos Ferreira 3 meses atrás

Professor Léo, gosto muito dos seu videos, estou aprendendo muito. sou do rio grande do norte.

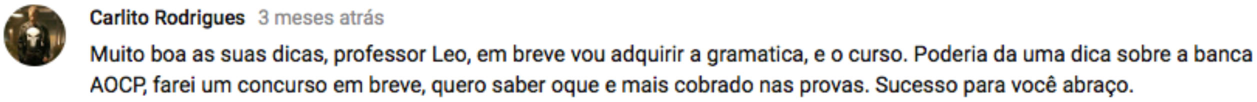

Carlito Rodrigues 3 meses atrás

Muito boa as suas dicas, professor Leo, em breve vou adquirir a gramatica, e o curso. Poderia da uma dica sobre a banca AOCP, farei um concurso em breve, quero saber oque e mais cobrado nas provas. Sucesso para você abraço.

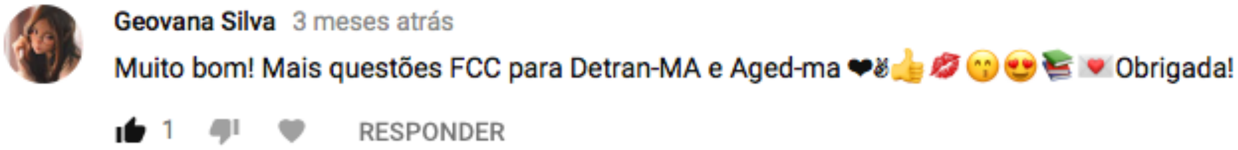

Geovana Silva 3 meses atrás

Muito bom! Mais questões FCC para Detran-MA e Aged-ma ❤✌👍💋😙😍📚💌Obrigada!

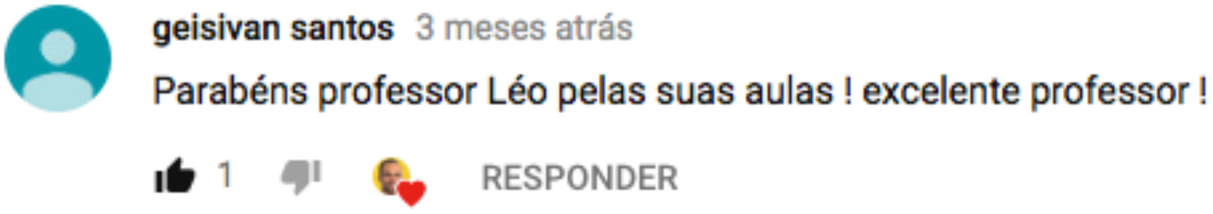

geisivan santos 3 meses atrás

Parabéns professor Léo pelas suas aulas ! excelente professor !

VEJA O NOSSO ÍNDICE DE APROVAÇÃO NOS VÍDEOS, IMAGINE TENDO ACESSO AO CONTEÚDO TOTALMENTE EXCLUSIVO! 97% DE APROVAÇÃO QUANTO À DIDÁTICA!

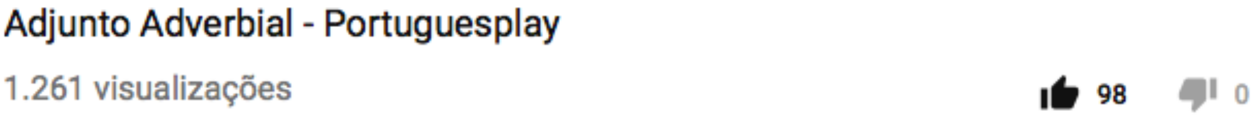

Adjunto Adverbial - Portuguesplay

1.261 visualizações

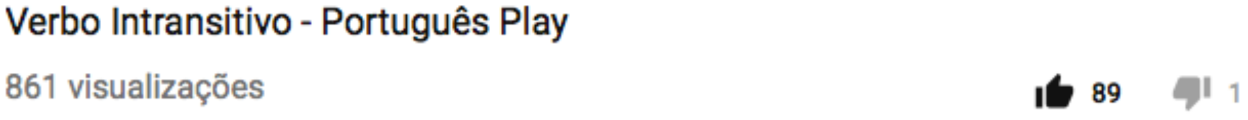

Verbo Intransitivo - Português Play

861 visualizações

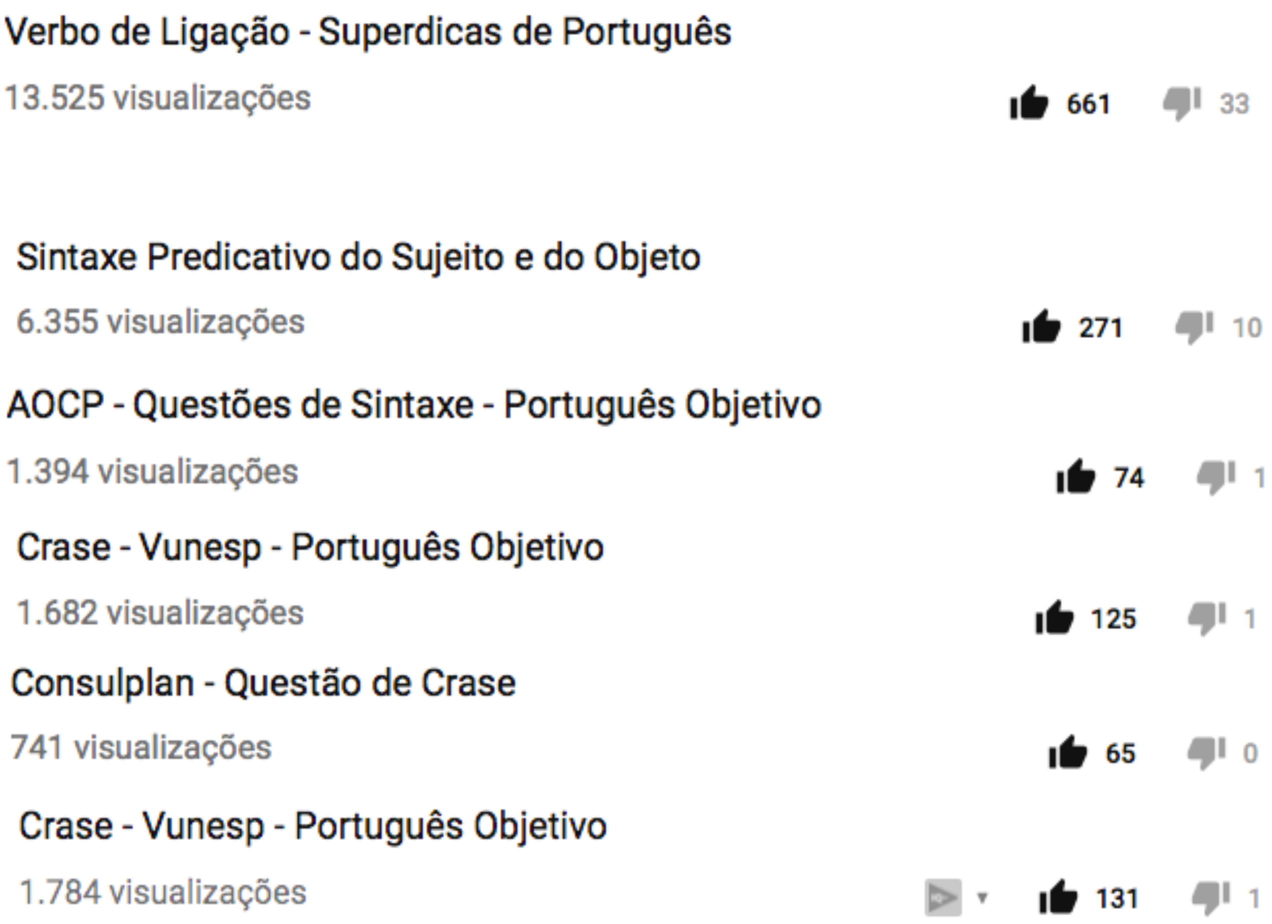

Verbo de Ligação - Superdicas de Português
13.525 visualizações 👍 661 👎 33

Sintaxe Predicativo do Sujeito e do Objeto
6.355 visualizações 👍 271 👎 10

AOCP - Questões de Sintaxe - Português Objetivo
1.394 visualizações 👍 74 👎 1

Crase - Vunesp - Português Objetivo
1.682 visualizações 👍 125 👎 1

Consulplan - Questão de Crase
741 visualizações 👍 65 👎 0

Crase - Vunesp - Português Objetivo
1.784 visualizações 👍 131 👎 1

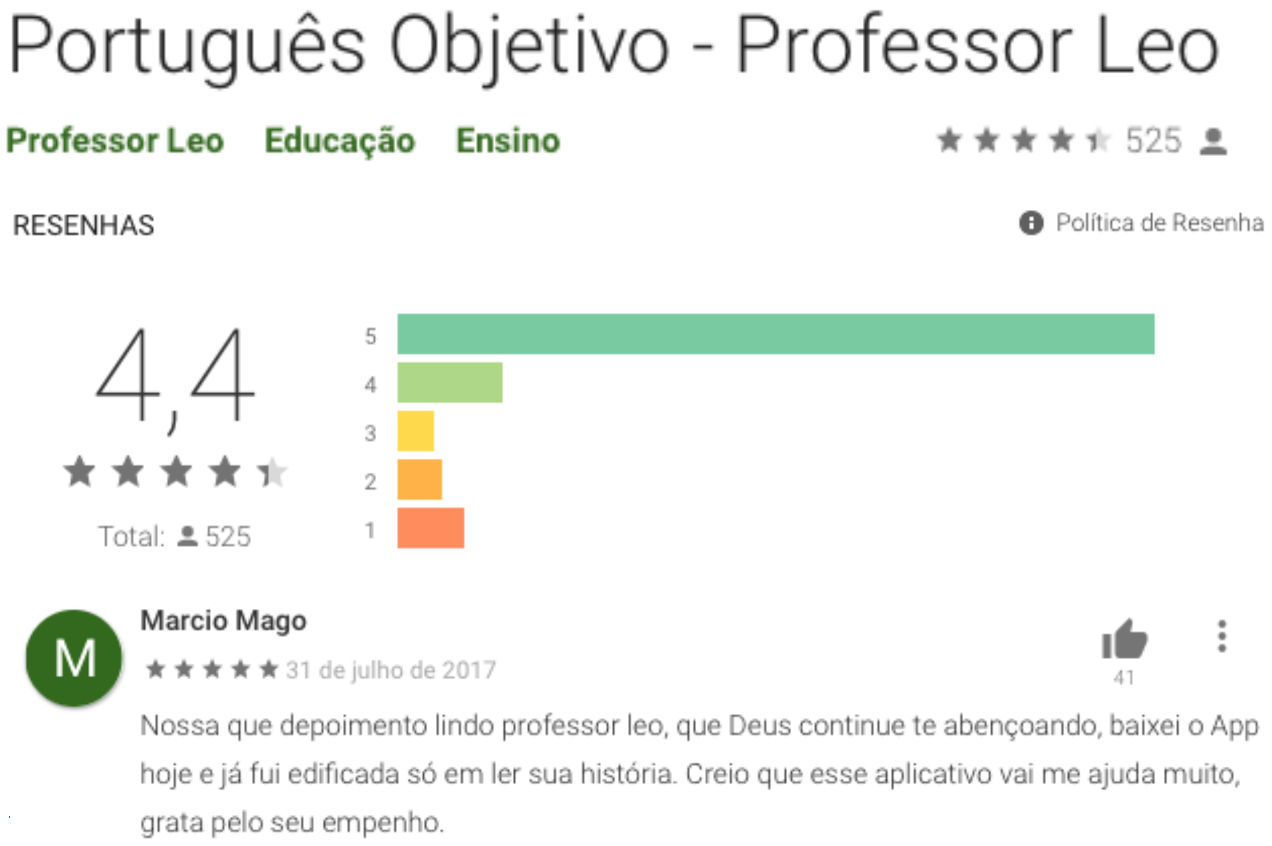

Português Objetivo - Professor Leo

Professor Leo **Educação** **Ensino** ★★★★☆ 525

RESENHAS

Política de Resenha

4,4
★★★★☆
Total: 525

Marcio Mago
★★★★★ 31 de julho de 2017
👍 41

Nossa que depoimento lindo professor leo, que Deus continue te abençoando, baixei o App hoje e já fui edificada só em ler sua história. Creio que esse aplicativo vai me ajuda muito, grata pelo seu empenho.

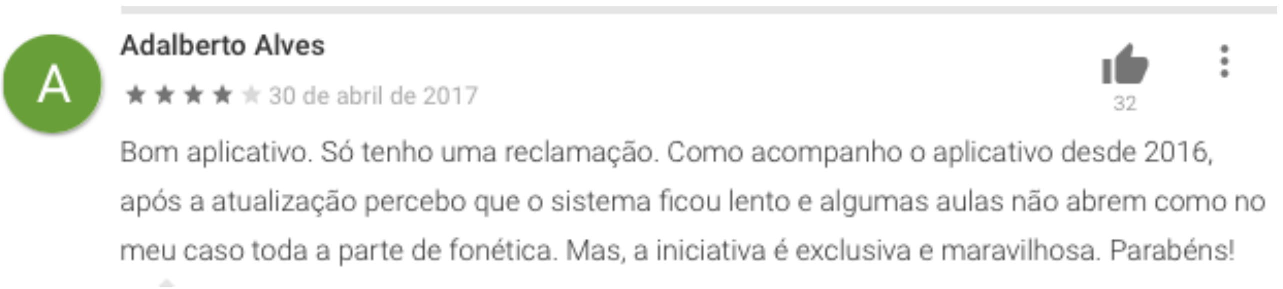

Adalberto Alves

★★★★☆ 30 de abril de 2017

32

Bom aplicativo. Só tenho uma reclamação. Como acompanho o aplicativo desde 2016, após a atualização percebo que o sistema ficou lento e algumas aulas não abrem como no meu caso toda a parte de fonética. Mas, a iniciativa é exclusiva e maravilhosa. Parabéns!

VEJA O NOSSO ÍNDICE DE APROVAÇÃO NOS VÍDEOS, IMAGINE TENDO ACESSO AO

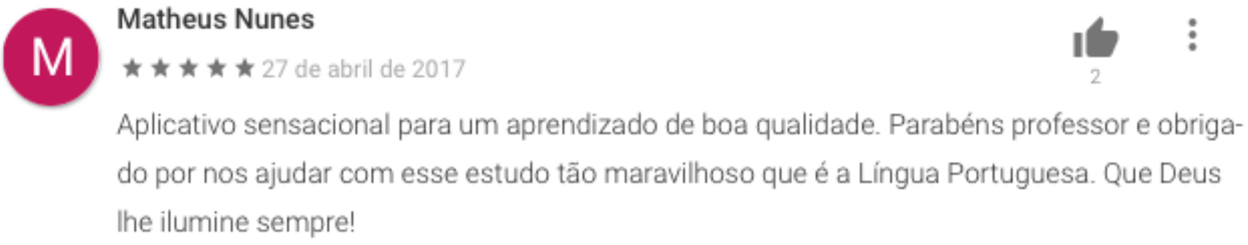

Matheus Nunes

★★★★★ 27 de abril de 2017

2

Aplicativo sensacional para um aprendizado de boa qualidade. Parabéns professor e obrigado por nos ajudar com esse estudo tão maravilhoso que é a Língua Portuguesa. Que Deus lhe ilumine sempre!

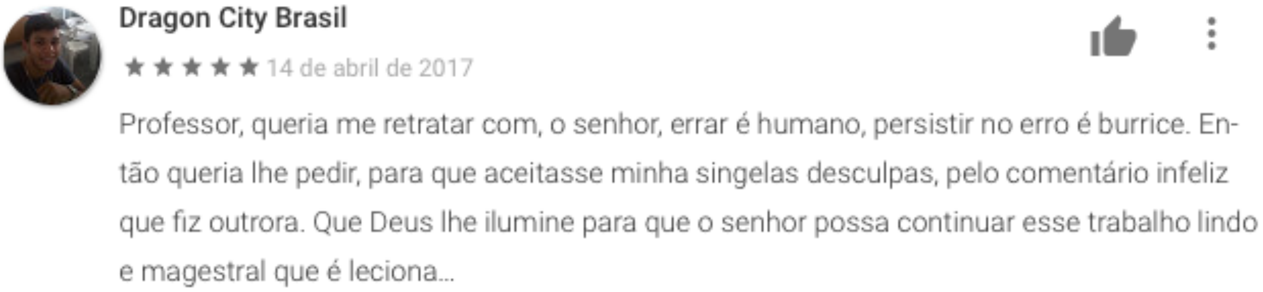

Dragon City Brasil

★★★★★ 14 de abril de 2017

Professor, queria me retratar com, o senhor, errar é humano, persistir no erro é burrice. Então queria lhe pedir, para que aceitasse minha singelas desculpas, pelo comentário infeliz que fiz outrora. Que Deus lhe ilumine para que o senhor possa continuar esse trabalho lindo e magestral que é leciona...

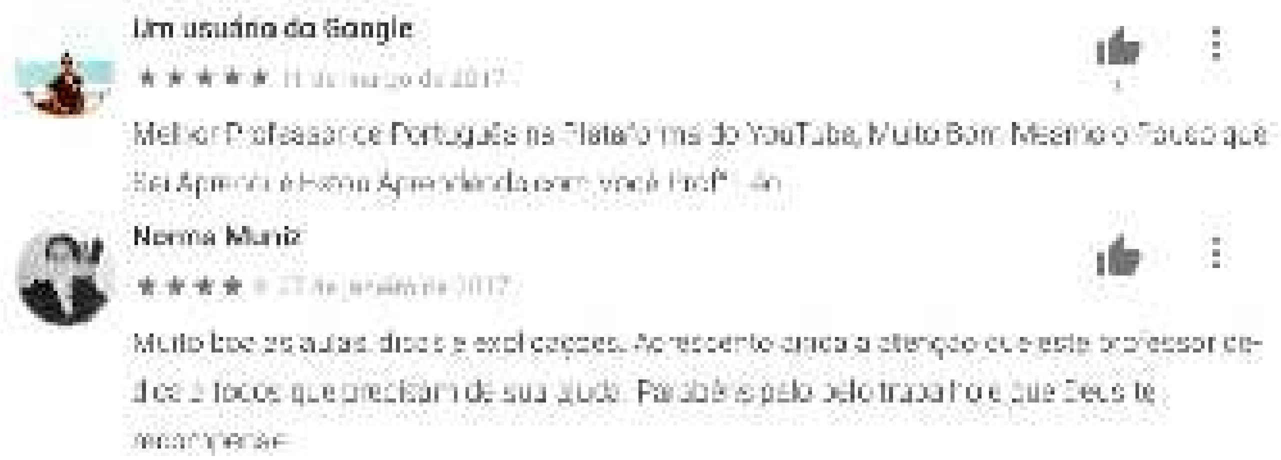

Um usuário do Google

★★★★★ 11 de março de 2017

Melhor Professor de Português na Plataforma do YouTube, Muito Bom. Mesmo o Pouco que Sei Aprendi e Estou Aprendendo com você Prof° [illegible]

Norma Muniz

★★★★☆ 27 de janeiro de 2017

Muito boas as aulas, dicas e explicações. Acrescento ainda a atenção que este professor dedica a todos que precisam de sua ajuda. Parabéns pelo belo trabalho e que Deus te recompense.

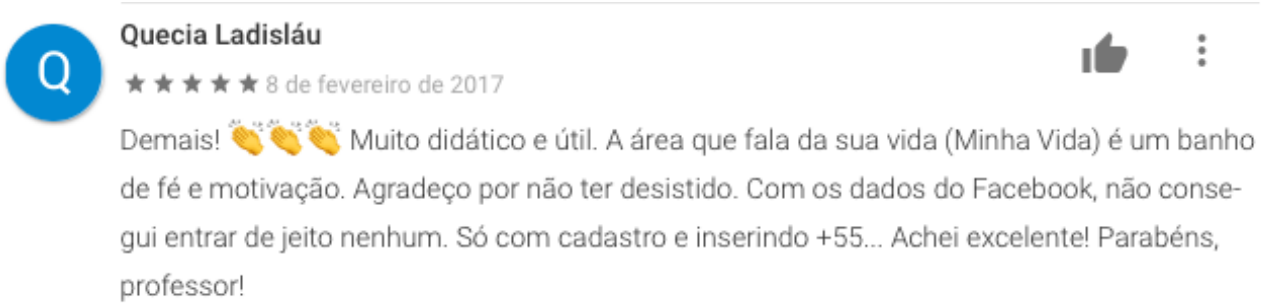

Quecia Ladisláu

★★★★★ 8 de fevereiro de 2017

Demais! 👏👏👏 Muito didático e útil. A área que fala da sua vida (Minha Vida) é um banho de fé e motivação. Agradeço por não ter desistido. Com os dados do Facebook, não consegui entrar de jeito nenhum. Só com cadastro e inserindo +55... Achei excelente! Parabéns, professor!

CONTEÚDO TOTALMENTE EXCLUSIVO! 95% DE APROVAÇÃO QUANTO À DIDÁTICA!

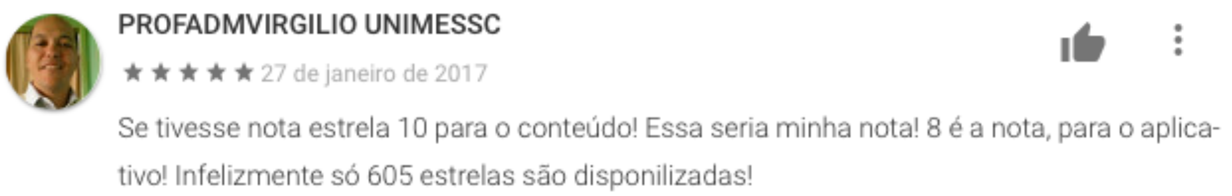

PROFADMVIRGILIO UNIMESSC

★★★★★ 27 de janeiro de 2017

Se tivesse nota estrela 10 para o conteúdo! Essa seria minha nota! 8 é a nota, para o aplicativo! Infelizmente só 605 estrelas são disponilizadas!

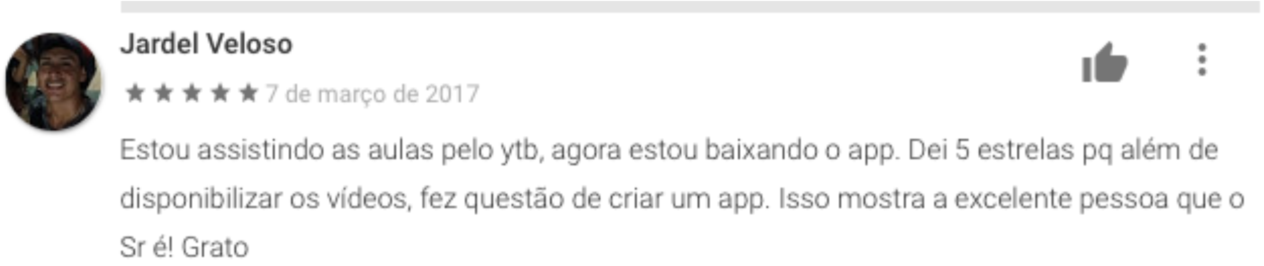

Jardel Veloso

★★★★★ 7 de março de 2017

Estou assistindo as aulas pelo ytb, agora estou baixando o app. Dei 5 estrelas pq além de disponibilizar os vídeos, fez questão de criar um app. Isso mostra a excelente pessoa que o Sr é! Grato

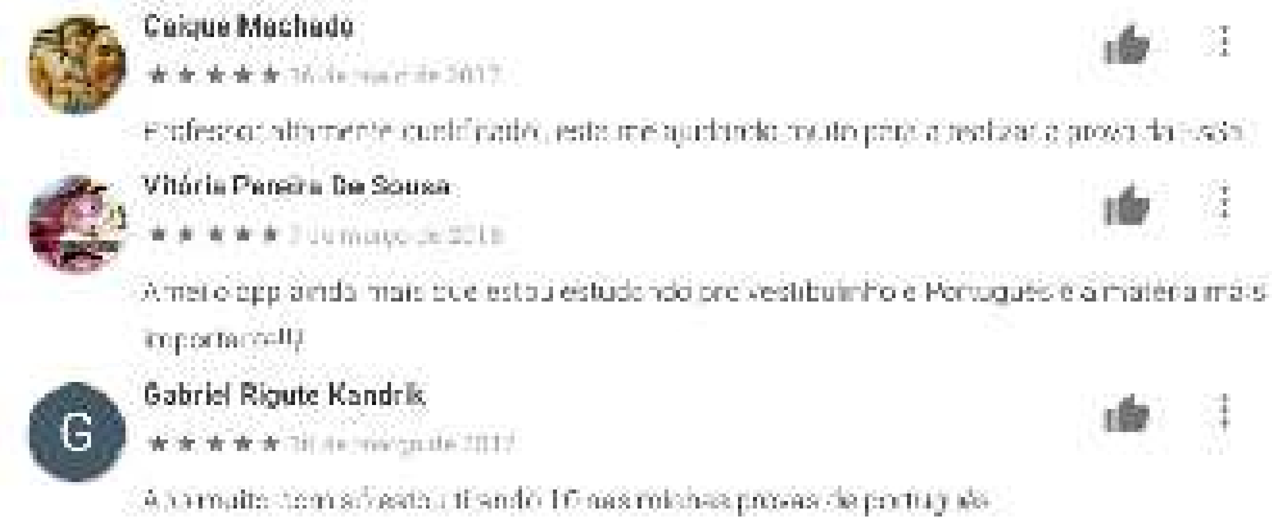

Caique Machado

Vitória Pereira De Sousa

Amei o app ainda mais que estou estudando pro vestibulinho e Português é a matéria mais importante!!!

Gabriel Rigute Kandrik

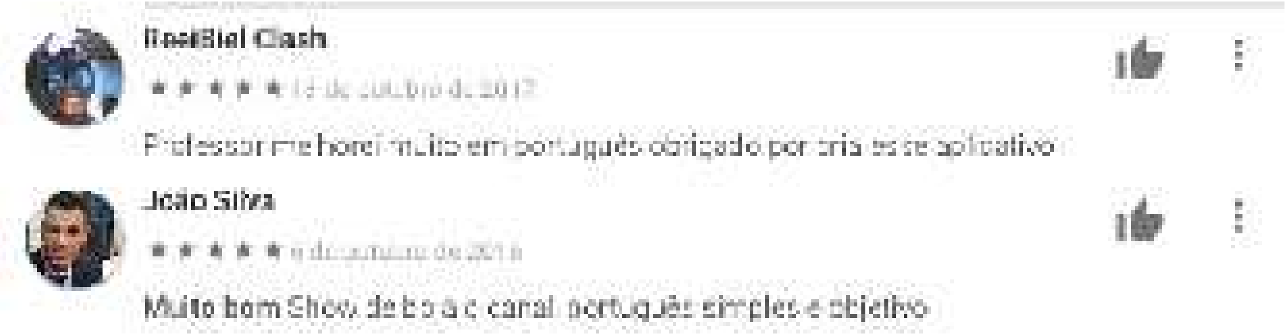

João Silva

Muito bom Show de bola canal português simples e objetivo

ISSO É O QUE FAZEMOS! AO ASSINAR NOSSOS CURSOS, VOCÊ TERÁ TODO SUPORTE DURANTE O PERÍODO E FICARÁ BASTANTE SATISFEITO COM NOSSO TRALHO.

LEIA MAIS PESSOAS COMO VOCÊ QUE ESTÃO FELIZES COMO NOSSOS CURSOS E MATERIAIS. NÃO PERCA TEMPO E FAÇA PARTE DA NOSSA PLATAFORMA!

1. "Boa noite! Os produtos do professor Leo são ótimos, os materiais bem explicativos, aulas bem objetivas com uma excelente didática. As aulas estão ajudando-me muito, pois aumentei meu índice em Português e pretendo gabaritar provas. Obrigada professor. Estudem com o melhor!" **Meury Vieira Salvador - Bahia**

2. "Bom dia, boa tarde e boa madrugada. Meu nome é **Jônatas, moro em Rondônia-Porto Velho.** Venho agradecer ao Professor Leo e as pessoas que ajudam ele nesse trabalho. Há poucos messes comprei o livro (Macetes e Dicas de Português), gostei muito dessas dicas. Me ajudou bastantes nas provas da escola e testes de vestibulares. Apoio seu trabalho e fico feliz pela sua dedicação em nos ajudar."

3. "As aulas do professor Léo são um luxo!!! Estudei pelos videos postados na internet e consegui passar no concurso publico da Universidade Federal do Tocantins. **Lucinéia Medrado de Souza Porto Nacional-Tocantins**"

4. "Na internet, me deparei com diversas aulas de português e, sem dúvida, a objetividade e didática do Professor Leo, aliadas ao material utilizado, foi o melhor que encontrei. Por isso, recomendo que assistam às suas aulas no youtube e adquiram o material disponível. Com certeza, o aprendizado será facilitado." **Carla Teixeira.**

5. "Adoro as aulas do professor Leo, são claras e bem objetivas, ótimas para quem está estudando para concursos públicos." **Rita J. Pinheiro - Porto Alegre/RS**

6. "**Meu nome é Maysa, moro em Anchieta, RJ**. Comprei os dvds do professor Leo e um de seus livros. Tenho gostado muito, pois ele está me ajudando a entender melhor a gramática, além de dicas sobre como redigir bem uma redação. Indico para todos."

7. Excelente material didático! PROFESSOR altamente qualificado na arte de ensinar e com método de fácil raciocínio. **JOSÉ, RIO DE JANEIRO, SÃO GONÇALO**.

8. "Excelente material para o meu estudo, principalmente o manual de português para o concurso juntamente com 200 dicas e macetes. Ressalto ainda que o professor Leo tem uma ótima didática para ensinar. Que Deus continue abençoando a sua vida e de seus familiares." **Francisco Afonso - Guaratinguetá**

9. "Boa noite, professor! O seu material é o melhor que já vi.Tem muitos exercícios para ficar bem treinado. Com esse tipo de material, já consigo entender os exercícios. Muito obrigado pelo material." De seu aluno M**arcelo Novaes**

10. "Os cursos do Prof. Leo, são excelentes e de ótima qualidade. Recomendo-os a quem se interessar fazer. Eu comprei alguns DVDS e também fiz aulas de redação onde obtive respostas e suportes necessários. Parabéns prof. Leo, que Deus continue a te abençoar sempre." Lázara I. **Santana Cardoso -São José do Rio Preto- S/P**

11. "**Antônio Doniseti, sou do estado de São Paulo** e acho o professor Leo excelente no modo de explicar bem como os materiais gratuitos que ele dispõe na internet."

12. "Boa noite, meu nome é **Telma moro em Realengo no RJ**, gostaria de parabenizar o prof. Leo pela qualidade de suas aulas e pela vocação que tem para explicar matérias com entusiasmo e simplicidade, tornando um grande sucesso cada conteúdo, indicaria com certeza todos os seus produtos didáticos, pois são objetivos, e tem somente uma finalidade....a satisfação do aluno. Um abraço."

13. "Estou muito satisfeito com o material utilizado no curso. Tenho plena convicção de que os métodos utilizados pelo Prof. Leo estão influenciando o meu aprendizado. Recomendo e tenho a certeza de que irão gostar." **Hermes Ricardo Ferreira da Silva - RJ**

14. "Olá, eu sou **Clécio Grilo, moro em Parnamirim/RN** e venho por meio deste e-mail, indicar o curso do professor Leo, eu fiz e aprovei, venho estudando para concursos e as videoaulas me ajudaram bastante, o professor Leo usa uma didática muito boa e de fácil compreensão, um excelente curso de português, as apostilas altamente explicativas que tiram por completo todas as nossas dúvidas. Por isso indico a você que vem estudando para concursos e o ENEM, garanto que agora você não terá mais dúvidas no português, vale a pena conferir!Estudando com o professor Léo consegui ser aprovado no concurso da Prefeitura de Tacima/PB e estou me preparando para o da PM de Parnamirim/RN."

15. DANIEL FERREIRA BRITO- PAULO AFONSO/BA "O material e de ótima importância para os nossos estudos. Todo o material é atualizado. Gostei muito!

16. Rozeli de Melo-Ribeirão Preto-SP "Bom dia! Só passei a compreender e gostar de português, depois que conheci a didática do professor Leo! ele é demais!!!! Obrigada!!!"

17. "Os produtos do professor Leo são muito bons! Ajudaram-me e ajudam-me muito. O Leo tem uma excelente didática e suas explicações são de fácil compreensão, por isso eu recomendo seus materiais." **Maria Francisca - Guarujá - SP**

18. "Os produtos são ótimos. Metodologia também ótima, em fim, recomendo quem deseja fazer um ótimo curso de português." **José Figueiredo de Bem - Florianópolis - Santa Catarina**

19. Viviane, Petrópolis-RJ "Os produtos e didática do Professor Leo são ótimos, eles têm sido de grande ajuda para mim. Eu já fiz outros cursos on-line até muito conhecidos no meio digital, mas do Prof, com certeza supera os outros por ter uma linguagem de fácil compreensão. Eu, certamente indico esse curso. Um grande abraço, Prof."

Esses foram apenas alguns comentários de milhares de nossos alunos. Isso é para que você veja que pode ser o próximo e aprender português de forma clara e objetiva.

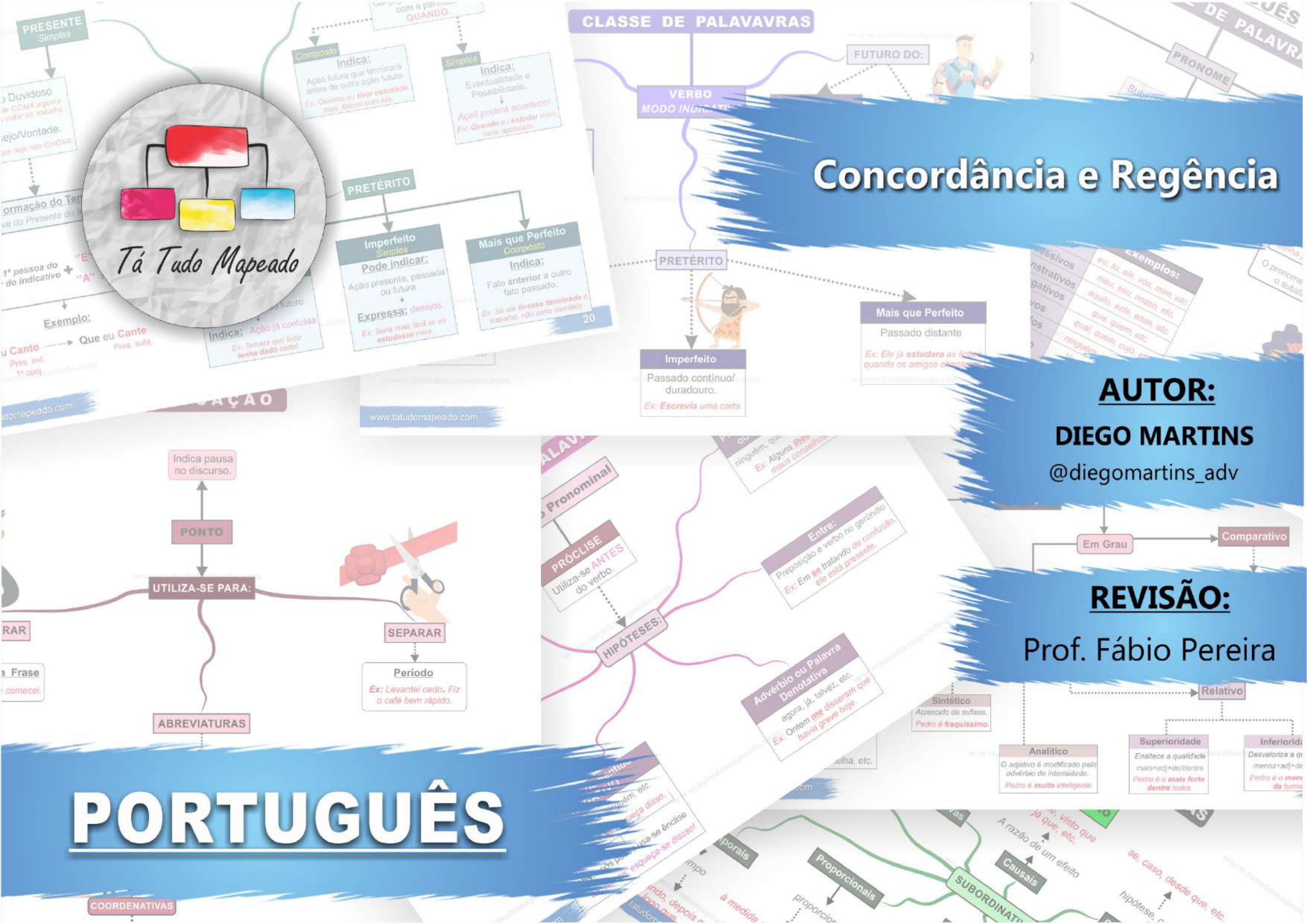

Concordância e Regência

AUTOR:

DIEGO MARTINS

@diegomartins_adv

REVISÃO:

Prof. Fábio Pereira

PORTUGUÊS

IMPORTANTE!

Este material é protegido por direitos autorais **(copyright)**, nos termos da **Lei 9.610/98**, que altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências.

A reprodução deste material é condicionada a autorização, sendo terminantemente proibido o seu uso para fins comerciais. A violação do direito autoral é crime, punido com prisão e multa, sem prejuízo da busca e apreensão do material e indenizações patrimoniais e morais cabíveis.

www.tatudomapeado.com

Índice

Concordância Nominal....4
Concordância Nominal - Casos Especiais....5
Concordância Verbal - Com Sujeito Simples....6
Concordância Verbal - Com Sujeito Simples - Parte 2....7
Concordância Verbal - Com Sujeito Composto....8
Concordância Verbal - Verbo Ser....9
Concordância Verbal - Verbo Ser - Parte 2....10
Regência Verbal....11
Regência Verbal - Parte 2....12

PORTUGUÊS

CONCORDÂNCIA

NOMINAL

FUNÇÃO DE ADJ. ADNOMINAL

www.tatudomapeado.com

Um adj. se refere a um Sub.

(concorda com ele)

*Ex: O **menino** foi muito **corajoso***

Antes do Substantivo

Concorda com o mais próximo.

Ex: Chegou feliz a menina e o menino.

Adj. refere-se a + de um sub.

Concorda com todos ou o mais próximo.

*Ex: **Os meninos** e as meninas **atentos** perceberam tudo*

*Ex: Os meninos e **as meninas atentas** perceberam tudo*

Adjetivo composto

Somente o último concorda com o substantivo.

*Ex: **Os sapatos** marron-**escuros** são lindos*

Sub. sinônimos, antônimos ou em gradação

Concorda com o + próximo

*Ex: Neste lugar, é sempre calor e **frio absurdo***

Adj. regido pela Preposição ''DE'' referenciado-se a pronome indefinido

→ **Em regra:** fica no masculino

*Ex: Sua vida não tem nada de **sedutor***

→ **Por atração:** pode concordar com o sujeito.

*Ex: **Sua vida** não tem nada de **sedutora***

2 ou + adjetivos

O substantivo fica no plural

*Ex: Os locais **públicos e privados** formam **serviços gratuitos.***

www.tatudomapeado.com

PORTUGUÊS

CONCORDÂNCIA

NOMINAL

CASOS ESPECIAIS

www.tatudomapeado.com

Palavras:

- Caro
- Barato
- Bastante
- Meio
- Junto

→ **Quando advérbios:** *Não variam*

Ex: Está meio preocupado

→ **Quando Adjetivos:** *Variam*

Ex: Comeu meia fatia.

Palavras:

- *Anexo*
- *Incluso*
- *Obrigado*
- *Mesmo*
- *Próprio*

→ Concordam com os substantivos a que se referem.

*Ex: As **cópias** seguem **anexos***

Obs: '' em anexo'' é invariável.

PRONOME DE TRATAMENTO

A concordância se dá com o sexo da pessoa.

→ *Ex: Vossa Majestade está animada*
(rainha)

→ *Ex: Vossa Majestade está animado*
(rei)

TODO

Variável ou Invariável

→ *Ex: Ela chegou todo cheirosa*

→ *Ex: Ela chegou toda cheirosa*

***Obs:** ''todo poderoso'' é invariável.*

TAL QUAL

→ Concorda com o antecedente

Ex: O menino age tal quais os professores

→ Concorda com o consequente

www.tatudomapeado.com

PORTUGUÊS

CONCORDÂNCIA

VERBAL

Quando o verbo se flexiona para concordar com o sujeito.

CASOS:
COM SUJEITO SIMPLES

Em regra concorda com o núcleo do sujeito em: Número e Grau

*Ex: **Nós saímos** de casa*

Coletivo

Verbo no singular

*Ex: A **multidão clamou** por justiça*

Pronome de Tratamento

Verbo na 3 pessoa.

Ex: Vossa Majestade solicitou sua presença.

Pronome relativo ''QUEM''

Verbo na 3 pessoa do singular ou concorda com o antecedente do pronome.

*Ex: Fui eu **quem derramou** o café.*
*Fui eu **quem derramei** o café.*

Pronome relativo ''QUE''

o Verbo após o ''que'' concorda com o antecedente do pronome realtivo.

Ex: Fomos nós que jogamos fora o lixo.

Pronome

- Interrogativo;
- Demonstrativo;
- Indefinido.

No Plural **+** *Ne Nos ou De Nós*

Ex: Quais de vós me ajudarão?

Formado por Nomes no PLural

***Ser vier S/ artigo** → *Verbo singular*

Ex: Estados Unidos é um país desenvolvido.

***Ser vier C/ artigo** → *Verbo concorda com o anterior.*

Ex: Os Estados Unidos são uma nação desenvolvida.

www.tatudomapeado.com

PORTUGUÊS

CONCORDÂNCIA

www.tatudomapeado.com

www.tatudomapeado.com

VERBAL

CASOS:
COM SUJEITO SIMPLES

EXPRESSÕES

www.tatudomapeado.com

ed by freepik.com

- **A maioria;**
- **Grande parte.**

Singular: *concordância lógica*

Plural: *concordância atrativa*

Ex:
- ***A maioria*** *das pessoas* ***saiu***
- *A maioria das* ***pessoas saíram***

- **Número;**
- **Porcentagem;**
- **Fração**

Concordância é atrativa

Ex: ***1****/4 dos estudantes* ***aprendeu*** *o que foi ensinado.*

Obs1: pode concordar com o especificador dele

Ex: 1/4 dos ***estudantes aprenderam*** *o que foi ensinado.*

Obs 2: Quando há determinante concorda apenas com o número

Ex: ***Os 50%*** *da população* ***sabem*** *dirigir.*

www.tatudomapeado.com

www.tatudomapeado.com

www.tatudomapeado.com

PORTUGUÊS

CONCORDÂNCIA

VERBAL

COM SUJEITO COMPOSTO

EM REGRA

Concorda em:
- → Número
- → Pessoa

Com os Núcleos do sujeito.

www.tatudomapeado.com

CASOS ESPECIAIS

Sujeito Precedido por:
- *- Nada;*
- *- Tudo;*
- *- Ninguém;*

→ Verbo concorda com o aposto.

Ex: As lágrimas, súplicas, pedidos, nada o comoveu.

www.tatudomapeado.com

Gradação entre Núcleos

Pode concordar com: → *Todos os núcleos ou Núcleo + próximo*

*Ex: Uma palavra, um gesto, um olhar **bastavam***
bastava

Expressões
- *- Um e outro;*
- *- Nem outro nem outro;*

→ Fica no Singular ou Plural.

*Ex: Um e outro já **chegou**.*
chegaram

www.tatudomapeado.com

Núcleo no Infinitivo

Fica no singular.

Ex: Caminhar e correr faz bem para a saúde.

NÚCLEOS

C/ Pessoas Gramaticais Diferentes

Verbo fica no plural na ordem de prioridade:1ª, 2ª e 3 pessoa.

*Ex: **EU** e ELE **faremos** um bolo.*
1ª pessoa plural

Do Sujeito Sinônimos e no Singular

Fica no singular ou pural

*Ex: A **doença** e **enfermidade** destruirão ele*
*A **doença** e **enfermidade** destruirá ele*

www.tatudomapeado.com

Núcleos ligados por Correlativos:
- *- Tanto... quanto;*
- *- Não só... mas também;*
- *- Assim... como.*

→ Em regra vai para o **plural**

Obs: Pode ficar no singular se os núcleos também estiverem.

www.tatudomapeado.com

*Ex: tanto Diego quanto Fabio **são muito inteligentes**.*
é muito inteligente.

Núcleos ligados por "OU"

Pode ficar no:

→ **Plural:** ideia de inclusão

Ex: A raiva ou a incompreensão destrõe o homem.

www.tatudomapeado.com

→ **Singular:** ideia de exclusão

Ex: Diego ou Fábio irá lhe atender.

PORTUGUÊS

CONCORDÂNCIA

www.tatudomapeado.com

www.tatudomapeado.com

COM O VERBO SER

Concorda com o Sujeito
Quando o sujeito for:

Pronome Pessoal do caso Reto	Pessoa
*Ex: **Eles são** amigos*	*Ex: **Pablo é** muito inteligente.*

Concorda com o Predicado
Quando o sujeito for:

Pronome Interrogativo

QUE ou QUEM

*Ex: Quem **foram** os **escolhidos?***

Indicações de:

- *Hora;*
- *Data;*
- *Tempo;*
- *Distância.*

Concorda com a expressão numérica.

Exemplos:

*- **É** uma hora.*

*-**São** oito horas.*

Nas datas pode concordar com:

- *Numeral;*
- *Palavra (dia)*

Exemplos:

*- Hoje **são** 30 de outubro.*

*- Hoje **é** dia 30 de outubro.*

Sujeito ou Predicativo Pronome Pessoal

Concorda com o pronome.

*Ex: Aqui o professor **sou eu***

www.tatudomapeado.com

www.tatudomapeado.com

www.tatudomapeado.com

PORTUGUÊS

CONCORDÂNCIA

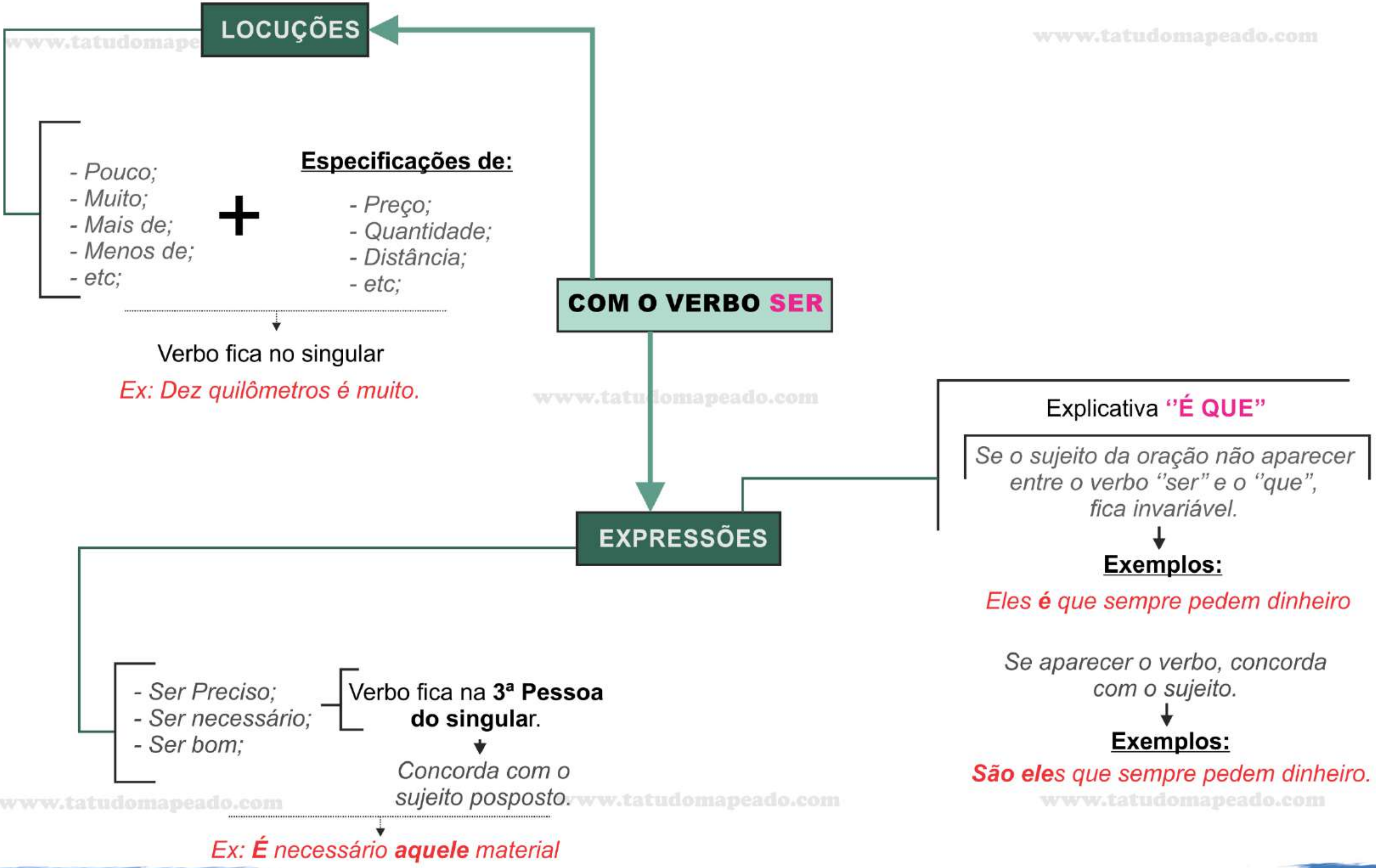

COM O VERBO SER

LOCUÇÕES

- Pouco;
- Muito;
- Mais de;
- Menos de;
- etc;

+

Especificações de:

- Preço;
- Quantidade;
- Distância;
- etc;

Verbo fica no singular

Ex: Dez quilômetros é muito.

EXPRESSÕES

Explicativa **''É QUE''**

Se o sujeito da oração não aparecer entre o verbo ''ser'' e o ''que'', fica invariável.

↓

Exemplos:

*Eles **é** que sempre pedem dinheiro*

Se aparecer o verbo, concorda com o sujeito.

↓

Exemplos:

__São eles__ que sempre pedem dinheiro.

- Ser Preciso;
- Ser necessário;
- Ser bom;

Verbo fica na **3ª Pessoa do singular**.

↓

Concorda com o sujeito posposto.

*Ex: **É** necessário **aquele** material*

www.tatudomapeado.com
www.tatudomapeado.com
www.tatudomapeado.com
www.tatudomapeado.com
www.tatudomapeado.com
www.tatudomapeado.com

PORTUGUÊS

REGÊNCIA

VERBAL

ASPIRAR

VTD	**Sentido de:** - *Respirar;* - *Inspirar;* - *Sugar.* *Ex: Aspiramos o ar.*
VTI	**Sentido de:** - *Almejar* *Ex: Aspiramos a uma vida melhor.*

ASSITIR

VTD	**Sentido de:** *Cuidar* *Ex: O médico assistiu o paciente.*
VTI	**Sentido de:** *Ver* *Ex: Assistimos ao jogo.*
VI	**Sentido de:** *Morar/Residir* *Ex: Você assiste em Brasília.*

QUERER

VTD	**Sentido de:** *Desejar* *Ex: Eu quero aquela bolsa.*
VTI	**Sentido de:** *Estimar* *Ex: Quero aos meus amigos*

VISAR

VTD	**Sentido de:** *Apontar/ Mirar* *Ex: O arqueiro visou o bandido.*
VTI	**Sentido de:** *Dar o visto* *Ex: O gerente do banco visou o cheque.*
VI	**Sentido de:** *Almejar* *Ex: Visava a sua fortuna*

CUSTAR

VTI	**Sentido de:** *Ser difícil* *Ex: Custou-me caro a sua ideia.*
VTDI	**Sentido de:** *Acarretar* *Ex: O desleixo custou-lhe caro.*

www.tatudomapeado.com

PORTUGUÊS

REGÊNCIA

VERBAL

www.tatudomapeado.com

NAMORAR

VTD

Ex: ***Namorei** aquela menina*

VTD OD

PREFERIR

VTDI

+ Preposição ''a" no O.I.

Ex: Prefiro doce a salgado

VTDI OD OI

IMPLICAR

VTD	**Sentido de:** *Acarretar* *Ex: Sua atitude **implica punição*** *VTD OD*
VTI + ''COM"	**Sentido de:** *Antipatizar* *Ex: Ele **implicou com a menina*** *VTI OI*
VTI + ''EM"	**Sentido de:** *Comprometer-se* *Ex: O delator **implicou diversos políticos em todo o contrabando***
VTDI *''EM" no Objeto Indireto*	**Sentido de:** *Envolver* *Ex: Ela implicou o homem no assalto* VTDI OD OI

PRECISAR

VTI	**Sentido de:** *Ter necessidade* *Ex: Nos **precisamos de sabedoria*** VTI OI
VTD	**Sentido de:** *Precisão* *Ex: Ela não sabe **precisar o valor.*** VTD OD

www.tatudomapeado.com

REFERÊNCIAS:

Fernando Pestana - **A Gramática Para Concursos Públicos** - Série Provas e Concursos - Ed. Método

Henrique Subi - **Português Para Concursos. Manual Completo** - Ed. Foco

TÁ TUDO MAPEADO:

www.tatudomapeado.com.br

@mapasmentais_direito

@diegomartins_adv

facebook.com/tudomapeado

FÁBIO PEREIRA FREITAS

PRONOMES

Quando o belo ganha a máscara da plástica

Pouco tempo atrás, a escritora americana Stacy Schiff desfrutava uma linda tarde ao lado de um amigo francês que visitava Nova York pela primeira vez. No fim do dia, porém, ele mostrou-se intrigado. Queria saber o que havia acontecido com as pessoas mais velhas na cidade. Seus rostos eram esticados demais, lustrosos demais. Em Paris, disse ele, os velhos pareciam velhos – e não havia nada de errado nisso. A idade do amigo francês de Stacy: 8 anos. Sim, até mesmo uma criança mais observadora pode perceber que algo de estranho vem ocorrendo. E não só em Nova York, é claro. Basta ir a shoppings e restaurantes de qualquer grande cidade brasileira, como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, para deparar com pessoas de pele alaranjada (sessões de bronzeamento artificial podem dar esse efeito), maçãs do rosto salientes, testa estirada, lábios inflados e dentes branquíssimos, de uma alvura inexistente na natureza. É um contingente que, pelo jeito, tende a aumentar, graças aos avanços técnicos e ao barateamento dos procedimentos estéticos. Ficou mais fácil, enfim, fazer uma intervenção atrás da outra – e isso dá vazão à obsessão doentia pela manutenção da beleza e juventude. “O resultado dessa obsessão são bizarrices produzidas por falta de bom senso não só dos pacientes, como dos próprios médicos”, diz o presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica – Regional São Paulo, João de Moraes Prado Neto.

Não há nada de errado em querer consertar uma falta de acabamento congênita, melhorar a silhueta castigada pelo excesso de comida e pelo sedentarismo ou atenuar as marcas do tempo. A questão é quando se exagera na dose. Tem-se aí uma patologia. Pessoas que não se cansam de encontrar defeitos ao espelho (na maioria das vezes, inexistentes) e, para corrigi-los, perseguem compulsivamente um padrão estético inatingível, sofrem do que os médicos chamam de transtorno dismórfico corporal. Descrito em 1987 pela Associação Americana de Psiquiatria, o distúrbio, nos casos mais graves, causa ansiedade e depressão profundas – e pode levar a pessoa a deformar-se nas mãos de cirurgiões inescrupulosos.

BUCHALLA, Ana Paula. *Quando o belo ganha a máscara da plástica.* Disponível em:

<http://www.veja.abril.com.br.> Acesso em: 13 jul. 2008.

PRONOME

Palavra que substitui ou acompanha substantivos, situando-os no tempo, no espaço ou no discurso e, algumas vezes, indicando posse, indeterminação e interrogação.

> Pouco tempo atrás, a escritora americana Stacy Schiff desfrutava uma linda tarde ao lado de um amigo francês **que** visitava Nova York [...]. No fim do dia, porém, **ele** mostrou-se intrigado. Queria saber o que havia acontecido com as pessoas mais velhas da cidade. **Seus** rostos eram esticados demais, lustrosos demais.

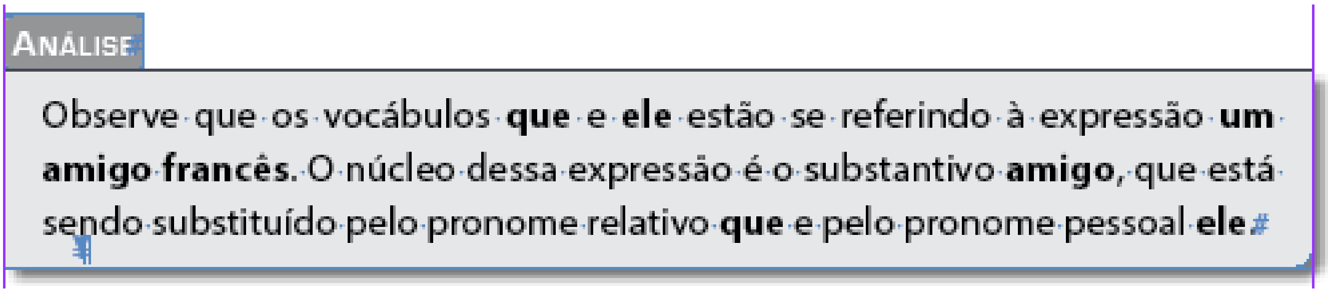

ANÁLISE

Observe que os vocábulos **que** e **ele** estão se referindo à expressão **um amigo francês**. O núcleo dessa expressão é o substantivo **amigo**, que está sendo substituído pelo pronome relativo **que** e pelo pronome pessoal **ele**

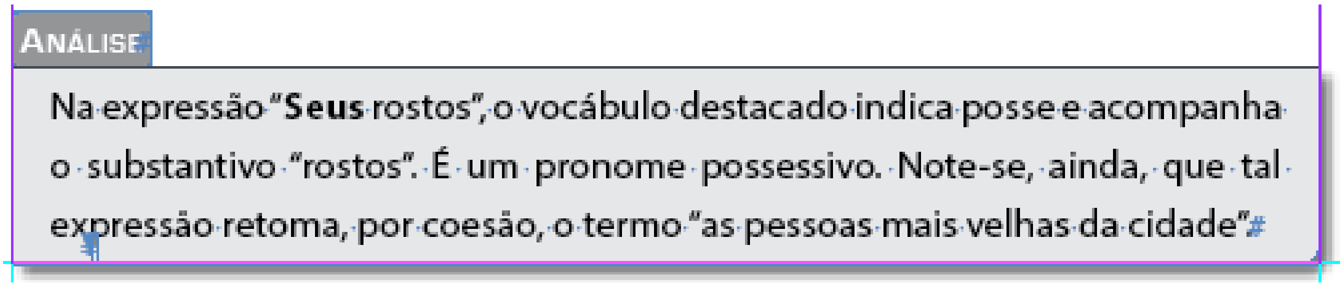

ANÁLISE

Na expressão "**Seus** rostos", o vocábulo destacado indica posse e acompanha o substantivo "rostos". É um pronome possessivo. Note-se, ainda, que tal expressão retoma, por coesão, o termo "as pessoas mais velhas da cidade".

Os pronomes classificam-se em:

1) pessoais

> Em Paris, disse **ele**, os velhos pareciam velhos – e não havia nada de errado nisso.

> A questão é quando **se** exagera na dose. Tem-**se** aí uma patologia. Pessoas que não se cansam de encontrar defeitos ao espelho e, para corrigi-**los**, perseguem compulsivamente um padrão estético inatingível.

2) relativos

Pouco tempo atrás, a escritora americana Stacy Schiff desfrutava uma linda tarde ao lado de um amigo francês **que** visitava Nova York pela primeira vez.

É um contingente **que**, pelo jeito, tende a aumentar, graças aos avanços técnicos e ao barateamento dos procedimentos estéticos.

3) demonstrativos

Em Paris, disse ele, os velhos pareciam velhos – e não havia nada de errado n**isso**.

[...] sessões de bronzeamento artificial podem dar **esse** efeito.

4) indefinidos

Sim, até mesmo uma criança mais observadora pode perceber que **algo** de estranho vem ocorrendo.

Basta ir a shoppings e restaurantes de **qualquer** grande cidade brasileira.

5) interrogativos

O que houve com as pessoas mais velhas da cidade?

Quem disse que para ser bonito tem de fazer plástica?

6) possessivos

Queria saber o que havia acontecido com as pessoas mais velhas da cidade. **Seus** rostos eram esticados demais, lustrosos demais.

Na **minha** opinião, quando se exagera na dose, tem-se aí uma patologia.

Em primeiro lugar, estudaremos as duas subclasses mais importantes: pessoais e relativos. Em seguida, veremos algumas informações sobre as outras subclasses.

Pronomes Pessoais

São aqueles que substituem termos substantivos, evitando repetições desnecessárias, e indicam as pessoas (elementos) do discurso. Considera-se **discurso** qualquer ato de fala.

Num discurso, há três elementos:

1ª pessoa: **emissor** (quem emite a mensagem)

2ª pessoa: **interlocutor** (quem recebe a mensagem e a processa)

3ª pessoa: **referente** (assunto)

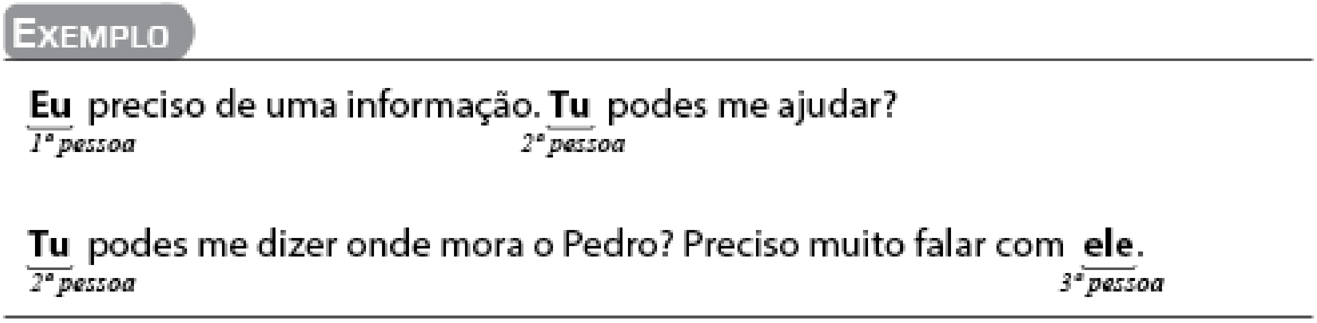

EXEMPLO

$\underbrace{\text{Eu}}_{1^a\ pessoa}$ preciso de uma informação. $\underbrace{\text{Tu}}_{2^a\ pessoa}$ podes me ajudar?

$\underbrace{\text{Tu}}_{2^a\ pessoa}$ podes me dizer onde mora o Pedro? Preciso muito falar com $\underbrace{\text{ele}}_{3^a\ pessoa}$.

Quadro dos pronomes pessoais

NÚMERO	PESSOA	CASO RETO	OBLÍQUOS ÁTONOS (sem preposição)	OBLÍQUOS TÔNICOS (com preposição)
SINGULAR	1ª	eu	me	mim, comigo
	2ª	tu	te	ti, contigo
	3ª	ele, ela	se, o, a, lhe	si, consigo
PLURAL	1ª	nós	nos	conosco
	2ª	vós	vos	convosco
	3ª	eles, elas	se, os, as, lhes	si, consigo

PRONOMES DO CASO RETO (pronomes subjetivos)

Funcionam como sujeito ou predicativo.

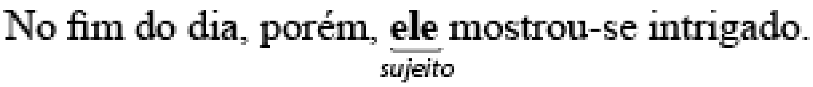

No fim do dia, porém, **ele** mostrou-se intrigado.
sujeito

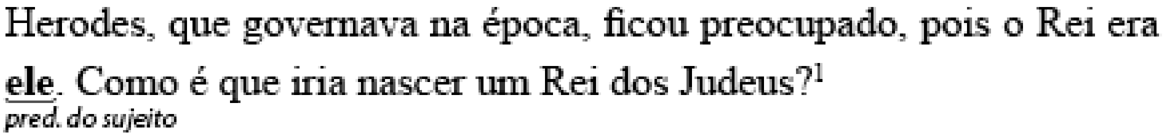

Herodes, que governava na época, ficou preocupado, pois o Rei era **ele**. Como é que iria nascer um Rei dos Judeus?[1]
pred. do sujeito

PRONOMES DO CASO OBLÍQUO (pronomes objetivos)

Funcionam como complementos (objeto ou complemento nominal).

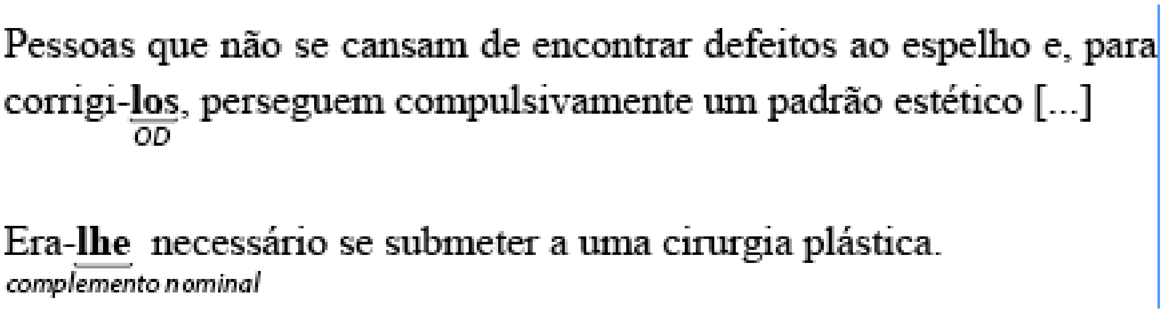

Pessoas que não se cansam de encontrar defeitos ao espelho e, para corrigi-**los**, perseguem compulsivamente um padrão estético [...]
OD

Era-**lhe** necessário se submeter a uma cirurgia plástica.
complemento nominal

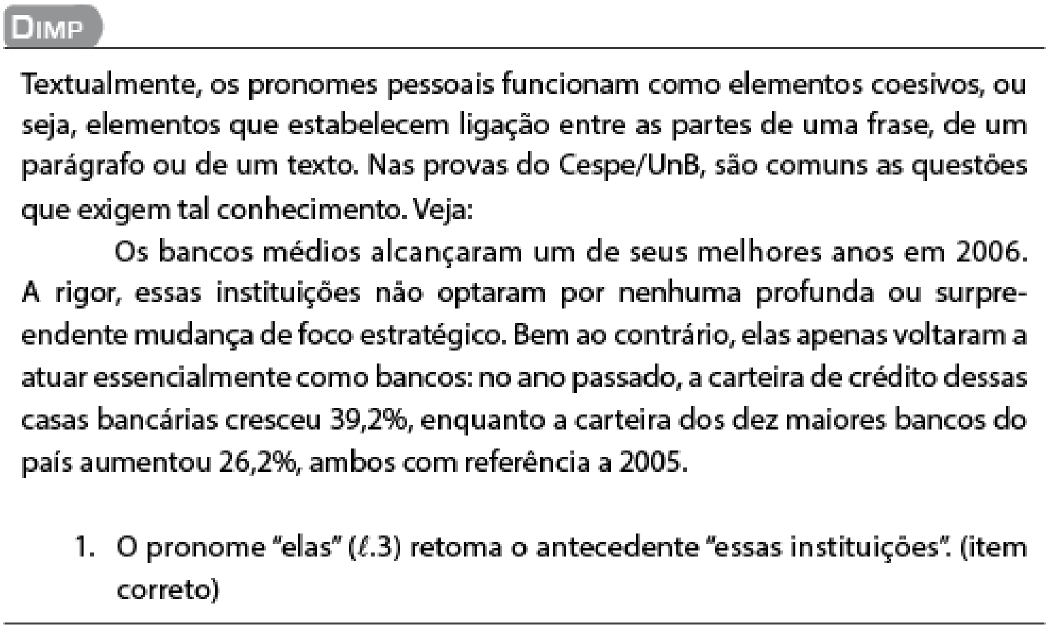

DIMP

Textualmente, os pronomes pessoais funcionam como elementos coesivos, ou seja, elementos que estabelecem ligação entre as partes de uma frase, de um parágrafo ou de um texto. Nas provas do Cespe/UnB, são comuns as questões que exigem tal conhecimento. Veja:

> Os bancos médios alcançaram um de seus melhores anos em 2006. A rigor, essas instituições não optaram por nenhuma profunda ou surpreendente mudança de foco estratégico. Bem ao contrário, elas apenas voltaram a atuar essencialmente como bancos: no ano passado, a carteira de crédito dessas casas bancárias cresceu 39,2%, enquanto a carteira dos dez maiores bancos do país aumentou 26,2%, ambos com referência a 2005.

1. O pronome "elas" (ℓ.3) retoma o antecedente "essas instituições". (item correto)

PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS COMO COMPLEMENTOS VERBAIS

- O pronome "lhe" pode significar: a ele/para ele; a ela/para ela; a você/para você.

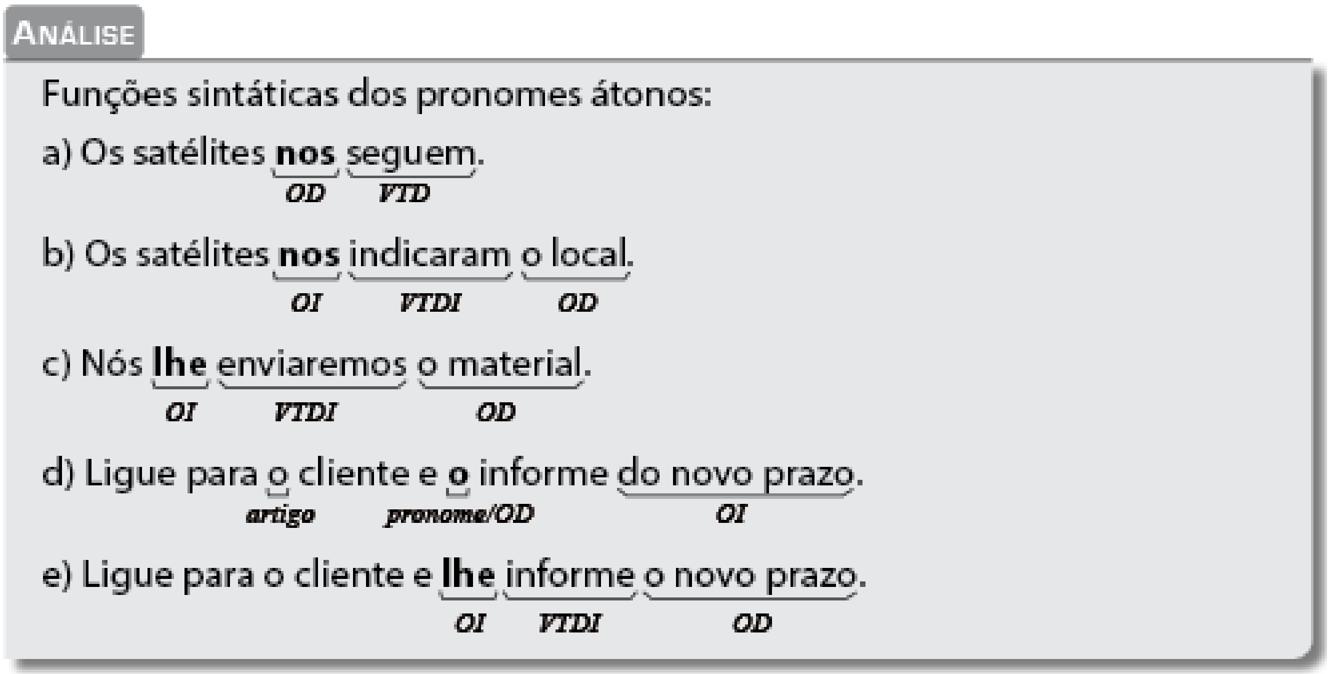

ANÁLISE

Funções sintáticas dos pronomes átonos:

a) Os satélites $\underbrace{\textbf{nos}}_{OD}\ \underbrace{\text{seguem}}_{VTD}$.

b) Os satélites $\underbrace{\textbf{nos}}_{OI}\ \underbrace{\text{indicaram}}_{VTDI}\ \underbrace{\text{o local}}_{OD}$.

c) Nós $\underbrace{\textbf{lhe}}_{OI}\ \underbrace{\text{enviaremos}}_{VTDI}\ \underbrace{\text{o material}}_{OD}$.

d) Ligue para $\underbrace{\text{o}}_{artigo}$ cliente e $\underbrace{\textbf{o}}_{pronome/OD}$ informe $\underbrace{\text{do novo prazo}}_{OI}$.

e) Ligue para o cliente e $\underbrace{\textbf{lhe}}_{OI}\ \underbrace{\text{informe}}_{VTDI}\ \underbrace{\text{o novo prazo}}_{OD}$.

DIMP

Os verbos **avisar**, **informar**, **advertir**, **notificar**, **cientificar** admitem uma alternância entre os objetos diretos e indiretos, mas continuam sendo VTDI.

$$\text{Quem informa, } \underbrace{\text{informa}}_{VTDI}\ \underbrace{\text{algo}}_{OD}\ \underbrace{\text{a alguém}}_{OI}.$$

$$\text{Quem informa, } \underbrace{\text{informa}}_{VTDI}\ \underbrace{\text{alguém}}_{OD}\ \underbrace{\text{de algo}}_{OI}.$$

NOTAS IMPORTANTES

Quanto à posição em relação ao verbo, o pronome átono pode estar proclítico (antes), mesoclítico (no meio) ou enclítico (depois) ao verbo.

Vejam-se algumas informações importantes sobre colocação pronominal:

- O pronome oblíquo átono poderá estar em posição proclítica ou enclítica se o antecedente do verbo for um substantivo ou um pronome pessoal.

  O governador **se** enganou.

  O governador enganou-**se**.

  Eu **me** esforcei para chegar a tempo.

  Eu esforcei-**me** para chegar a tempo.

- Se o verbo estiver no futuro do presente ou no futuro do pretérito, podemos fazer apenas duas colocações: próclise ou mesóclise; jamais haverá ênclise.

  Próclise: Nós **lhe** enviaremos o material.

  Mesóclise: Nós enviar-**lhe**-emos o material.

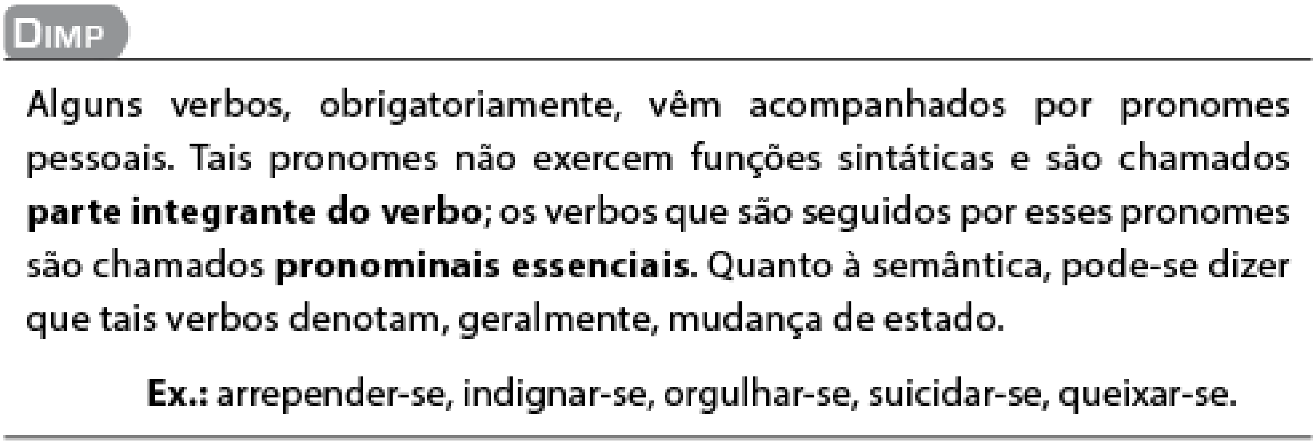

DIMP

Alguns verbos, obrigatoriamente, vêm acompanhados por pronomes pessoais. Tais pronomes não exercem funções sintáticas e são chamados **parte integrante do verbo**; os verbos que são seguidos por esses pronomes são chamados **pronominais essenciais.** Quanto à semântica, pode-se dizer que tais verbos denotam, geralmente, mudança de estado.

Ex.: arrepender-se, indignar-se, orgulhar-se, suicidar-se, queixar-se.

Notas importantes

Pronomes pessoais

1) **EU** e **TU** só admitem preposição se estiverem seguidos por verbos no infinitivo. Verbos no infinitivo são aqueles que possuem as desinências AR, ER, IR, OR.

a) $\underbrace{\text{Para}}_{\textit{preposição}}$ **eu** $\underbrace{\textbf{entrar}}_{\textit{verbo no infinitivo}}$ com o recurso, preciso daquela informação.

b) Não posso viajar $\underbrace{\text{sem}}_{\textit{preposição}}$ **tu** $\underbrace{\text{aprovares}}_{\textit{verbo no infinitivo}}$.

Erros e acertos

Tudo será resolvido por {
~~eu~~ e você. *(uso inadequado)*
mim e você.

Não há semelhanças entre {
~~eu~~ e ele. *(uso inadequado)*
mim e ele.

Eles não viajarão sem {
~~tu~~ e tua família. *(uso inadequado)*
ti e tua família.

2) O pronome **MIM** não pode funcionar como sujeito.

Traga as fotos {
para ~~mim~~ ver. *(uso inadequado)*
para eu ver.

Não foi fácil $\underbrace{\textbf{para mim}}_{\textit{complemento nominal}}$ ver aquelas fotos. *(uso adequado)*

Análise

"Ver aquelas fotos" = sujeito oracional de "Não foi fácil".

"para mim" = complemento nominal do adjetivo "fácil".

- $\underbrace{\textbf{Para mim}}_{\textit{adj. adv. de opinião}}$ trabalhar é algo prazeroso. *(uso adequado)*
- $\underbrace{\text{Trabalhar}}_{\textit{sujeito}}$ $\underbrace{\text{é}}_{\textit{VL}}$ $\underbrace{\text{algo prazeroso}}_{\textit{predicativo}}$ $\underbrace{\textbf{para mim}}_{\textit{adj. adv. de opinião}}$.

DIMP

Se a expressão PARA MIM estiver no início da oração, coloque-a no final; se estiver no meio da oração, coloque-a no início. Caso, com essas mudanças, o sentido permaneça inalterado, a oração estará correta. Porém, se houver prejuízo semântico e gramatical, deve-se substituir o pronome MIM pelo pronome EU.

Para mim trabalhar é algo prazeroso. *(uso adequado)*

Trabalhar é algo prazeroso **para mim**. *(uso adequado)*

Não foi fácil **para mim** ver aquelas fotos. *(uso adequado)*

Para mim não foi fácil ver aquelas fotos. *(uso adequado)*

3) Pronomes retos, em princípio, não podem funcionar como objeto. Entretanto, se estiverem preposicionados serão considerados oblíquos e poderão exercer tal função.

Leva ~~ele~~ / Leva-o.

Tragam ~~eles~~ / Tragam-nos.

Você vai levar ~~ela~~ / Você vai levá-la.

Entregue $\underbrace{\textbf{a ela}}_{OI}$.

Mostre $\underbrace{\textbf{a nós}}_{OI}$.

4) Pronomes oblíquos átonos funcionam como sujeito de verbos no infinitivo se estiverem antecedidos por verbos causativos (mandar, deixar, fazer – e sinônimos) e sensitivos (ver, sentir, ouvir – e sinônimos).

Deixa ~~ele~~ falar / Deixa-$\underbrace{\textbf{o}}_{\textit{sujeito}}$ falar.

Ele mandou ~~eu~~ entrar / Ele mandou-$\underbrace{\textbf{me}}_{\textit{sujeito}}$ entrar.

Nós vimos ~~ele~~ sair / Nós $\underbrace{\textbf{o}}_{\textit{sujeito}}$ vimos sair.

Ouça ~~ele~~ cantar / Ouça-$\underbrace{\textbf{o}}_{\textit{sujeito}}$ cantar.

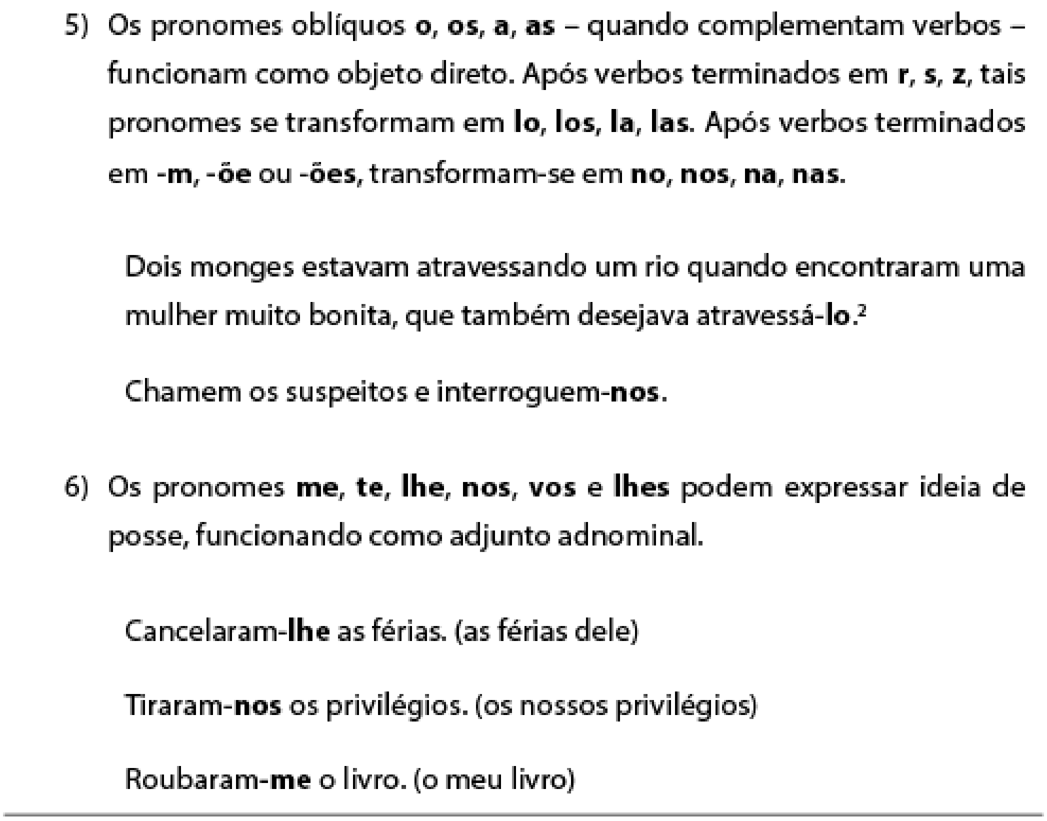

5) Os pronomes oblíquos **o, os, a, as** – quando complementam verbos – funcionam como objeto direto. Após verbos terminados em **r, s, z**, tais pronomes se transformam em **lo, los, la, las**. Após verbos terminados em **-m, -õe** ou **-ões**, transformam-se em **no, nos, na, nas**.

Dois monges estavam atravessando um rio quando encontraram uma mulher muito bonita, que também desejava atravessá-**lo**.[2]

Chamem os suspeitos e interroguem-**nos**.

6) Os pronomes **me, te, lhe, nos, vos** e **lhes** podem expressar ideia de posse, funcionando como adjunto adnominal.

Cancelaram-**lhe** as férias. (as férias dele)

Tiraram-**nos** os privilégios. (os nossos privilégios)

Roubaram-**me** o livro. (o meu livro)

PRONOMES PESSOAIS DE TRATAMENTO

São utilizados em tratamento cerimonioso. São pronomes de 2ª pessoa, mas exigem verbos e outros pronomes em 3ª pessoa. Atualmente, estão praticamente restritos a correspondências oficiais.

Pronomes de tratamento	Abreviatura	Destinação
Vossa Senhoria	V. S.ª	Funcionários graduados
Vossa Excelência	V. Ex.ª	Altas autoridades
Vossa Reverendíssima	V. Revm.ª	Sacerdotes em geral
Vossa Eminência	V. Em.ª	Cardeais e arcebispos
Vossa Santidade	V. S.	Papa

Vossa Magnificência	V. Mag.ª	Reitores de universidades
Vossa Alteza	V. A.	Príncipes e duques
Vossa Majestade	V. M.	Reis e imperadores

PRONOMES RELATIVOS

Palavras que substituem um termo da oração anterior e exercem a função sintática que o termo substituído exerceria se ali estivesse. Introduzem orações subordinadas adjetivas.

variáveis	invariáveis
	que
o qual	quem
cujo	onde
quanto	quando
	como

Os pronomes relativos mais usados são: **que**, **quem**, **onde**, **o qual** e **cujo**.

Veja:

1) Não gostei das roupas / **que** experimentei.

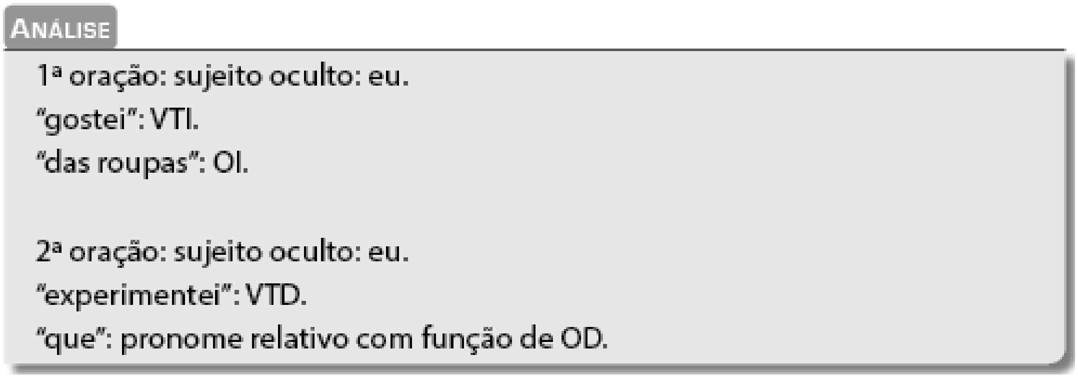

ANÁLISE

1ª oração: sujeito oculto: eu.
"gostei": VTI.
"das roupas": OI.

2ª oração: sujeito oculto: eu.
"experimentei": VTD.
"que": pronome relativo com função de OD.

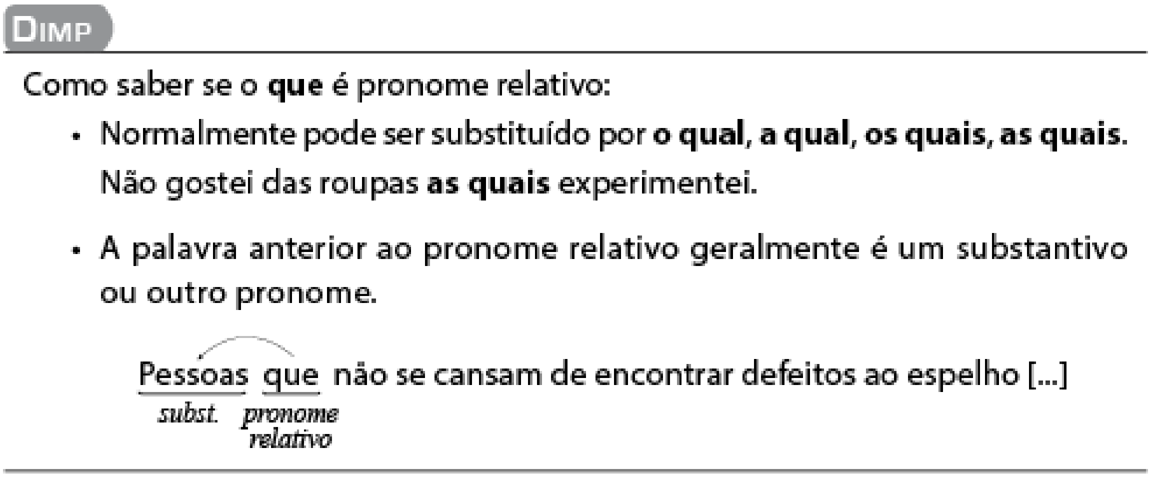

DIMP

Como saber se o **que** é pronome relativo:

- Normalmente pode ser substituído por **o qual**, **a qual**, **os quais**, **as quais**.
  Não gostei das roupas **as quais** experimentei.
- A palavra anterior ao pronome relativo geralmente é um substantivo ou outro pronome.

Pessoas que não se cansam de encontrar defeitos ao espelho [...]

subst.
pronome relativo

2) Não me lembro da pessoa / a **quem** você se referiu.

“quem”: pronome relativo (refere-se a “pessoa”)

“pessoa”: substantivo.

“referiu-se”: VTI.

“quem”: **OI** da forma verbal “se referiu”.

3) A cidade / **onde** ele nasceu / fica em Pernambuco.

“cidade”: substantivo.

“onde”: pronome relativo com função sintática de adjunto adverbial de lugar.

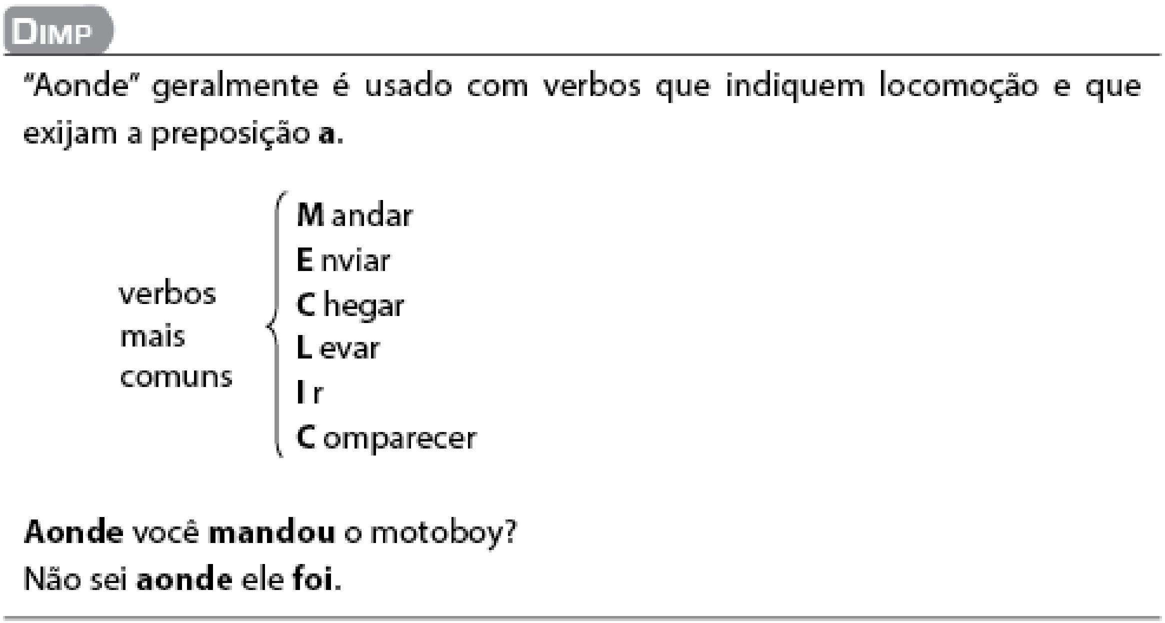

DIMP

"Aonde" geralmente é usado com verbos que indiquem locomoção e que exijam a preposição **a**.

verbos mais comuns:
Mandar
Enviar
Chegar
Levar
Ir
Comparecer

Aonde você **mandou** o motoboy?
Não sei **aonde** ele **foi**.

4) Os veículos / **cujos** motoristas não portavam habilitação / ficaram retidos.

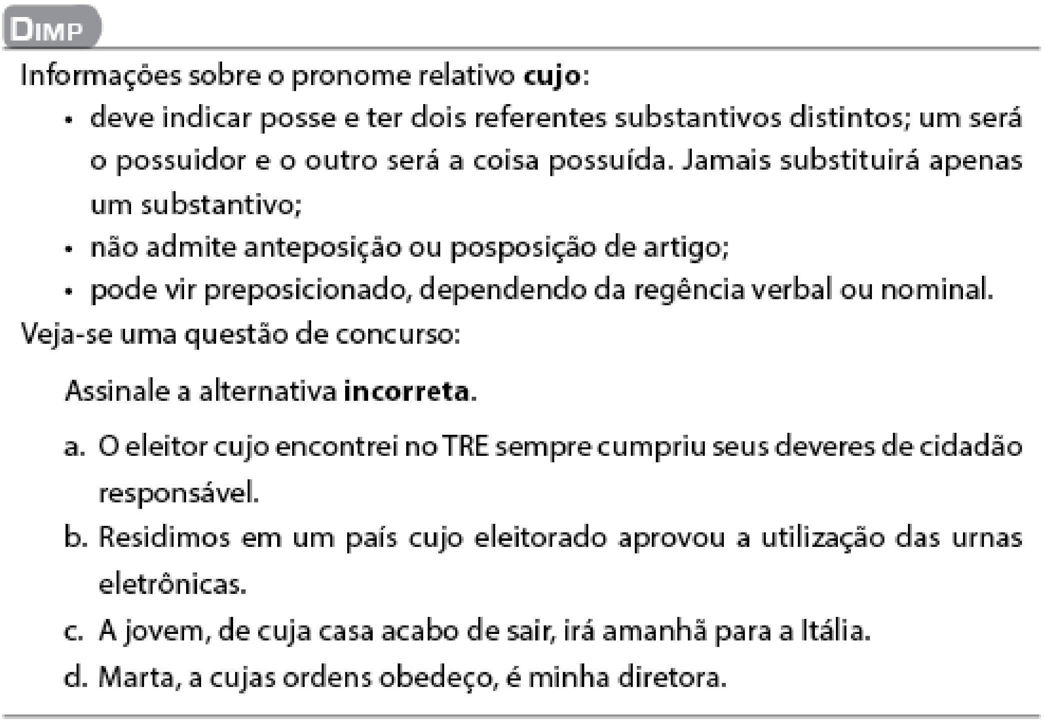

DIMP

Informações sobre o pronome relativo **cujo**:

- deve indicar posse e ter dois referentes substantivos distintos; um será o possuidor e o outro será a coisa possuída. Jamais substituirá apenas um substantivo;
- não admite anteposição ou posposição de artigo;
- pode vir preposicionado, dependendo da regência verbal ou nominal.

Veja-se uma questão de concurso:

Assinale a alternativa **incorreta.**

a. O eleitor cujo encontrei no TRE sempre cumpriu seus deveres de cidadão responsável.
b. Residimos em um país cujo eleitorado aprovou a utilização das urnas eletrônicas.
c. A jovem, de cuja casa acabo de sair, irá amanhã para a Itália.
d. Marta, a cujas ordens obedeço, é minha diretora.

Análise da questão:

a. **ERRADA**: o pronome **cujo** não tem dois referentes substantivos distintos; tem apenas um (“O eleitor”), o que configura erro gramatical. Para que a frase estivesse correta, seria necessário substituir “cujo” por “que” ou “o qual”.
b. CERTA: o pronome **cujo** indica posse e tem dois referentes: “país” e “eleitorado”.
c. CERTA: o pronome **cuja** indica posse e tem dois referentes: “jovem” e “casa”. A preposição “de”, anterior ao pronome, é uma exigência do verbo “sair” (regência verbal).
d. CERTA: o pronome **cujas** indica posse e tem dois referentes: “Marta” e “ordens”. A preposição “a” anterior ao pronome é uma exigência do verbo “obedecer” (regência verbal).

Exercício de Fixacão

Sublinhe a partícula “que” apenas quando for classificada como pronome relativo.

a. Quando escrevo, só quero narrar. Os temas que escolho são minhas obsessões pessoais.
b. Só FHC, que conheço desde 1982, e que também estava lá, me parecia digno de governar seu país.
c. Os operários, que não estavam satisfeitos com a política salarial da empresa, fizeram greve.
d. Estive fazendo um levantamento de todas as informações que me enviaram pela Internet e observei como elas mudaram minha vida.
e. Primeiro, deixei de ir a boates com medo de me envolver com alguém ligado a alguma quadrilha de ladrões de órgãos, com terror de que me roubem as córneas [...].
f. Deixei de ter relações sexuais por medo de comprar preservativos furados que me contagiem com alguma doença venérea [...].
g. [...] por comprar todos os antivírus existentes para evitar que a maldita rã invadisse meu micro ou que os Teletubbies se apoderassem do meu protetor de tela.
h. E acabei acreditando que tudo de ruim e injusto que me aconteceu é porque quebrei todas as correntes ridículas que me enviaram [...].

Gabarito

a. Quando escrevo, só quero narrar. Os temas que escolho são minhas obsessões pessoais.
b. Só FHC, que conheço desde 1982, e que também estava lá, me parecia digno de governar seu país.
c. Os operários, que não estavam satisfeitos com a política salarial da empresa, fizeram greve.
d. Estive fazendo um levantamento de todas as informações que me enviaram pela Internet e observei como elas mudaram minha vida.
e. Primeiro, deixei de ir a boates com medo de me envolver com alguém ligado a alguma quadrilha de ladrões de órgãos, com terror de que me roubem as córneas [...].

f. Deixei de ter relações sexuais por medo de comprar preservativos furados que me contagiem com alguma doença venérea [...].
g. [...] por comprar todos os antivírus existentes para evitar que a maldita rã invadisse meu micro ou que os Teletubbies se apoderassem do meu protetor de tela.
h. E acabei acreditando que tudo de ruim e injusto que me aconteceu é porque quebrei todas as correntes ridículas que me enviaram [...].

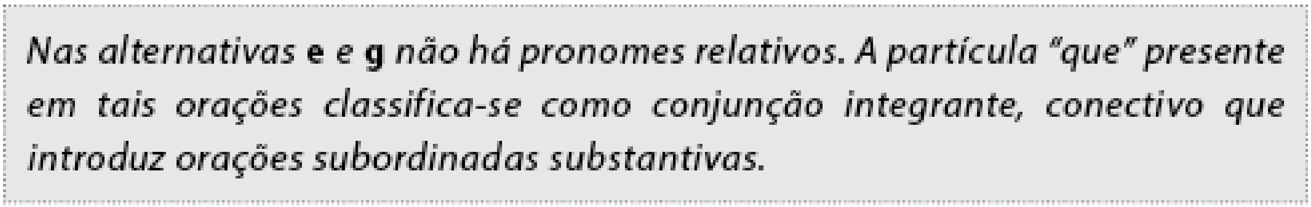

Nas alternativas **e** *e* **g** *não há pronomes relativos. A partícula "que" presente em tais orações classifica-se como conjunção integrante, conectivo que introduz orações subordinadas substantivas.*

SUBCLASSES DE PRONOMES

Até agora, estudamos os pronomes pessoais e os pronomes relativos. Entretanto, existem outras classificações dos pronomes, que também são importantes. Vejamos:

Pronomes demonstrativos

São os que indicam a posição, a localização dos seres em relação às três pessoas do discurso. Essa localização pode ser no espaço, no tempo ou no discurso.

1ª pessoa – este, esta, isto

2ª pessoa – esse, essa, isso

3ª pessoa – aquele, aquela, aquilo

a) **FUNÇÃO ESPACIAL:** a principal função dos pronomes demonstrativos é marcar a posição espacial de um elemento qualquer em relação a uma das três pessoas do discurso. São usados da seguinte forma:

- **este**, **estes**, **esta**, **estas**, **isto:** marcam a posição próxima do **emissor**:

Bem-vindo ao *blog* BrasilDigital@Intel. **Este** *blog* apresenta os artigos e opiniões de gerentes da Intel do Brasil reconhecidos como *experts* em suas respectivas áreas.[3]

Por que nós criamos **este** *site*? A comunidade hispano-latina é uma população em crescimento e pouco ajudada. É, na verdade, uma categoria racial com um crescimento mais rápido que qualquer outra nos Estados Unidos.[4]

- **esse**, **esses**, **essa**, **essas**, **isso**: marcam posição próxima do **receptor**:

Você trouxe **isso** em si

E o tempo está acabado e você o deixou por aí

Deite aqui e descanse sua mente

E sonhe com algo melhor que **isso**[5]

- **aquele**, **aqueles**, **aquela**, **aquelas**, **aquilo**: marcam posição distante dos **dois interlocutores**:

– Querido, onde está **aquele** livro: “Como viver 100 anos”?

– Joguei fora!

– Jogou fora? Por quê?

– É que a sua mãe vem nos visitar amanhã e eu não quero que ela leia essas coisas![6]

b) **FUNÇÃO TEMPORAL:** os pronomes demonstrativos marcam também posição no tempo.

- **este**, **estes**, **esta**, **estas**: marcam um tempo presente ou imediato ao ato da fala.

Dell prevê alta nas vendas de PCs **este** ano: Michael Dell, presidente da companhia, disse que **neste** ano serão vendidos 300 milhões de *notebooks*, e que a sua empresa crescerá mais rápido do que a indústria.[7]

Conab leiloa 60 mil toneladas de arroz **este** mês: Para o presidente do Irga, a quantidade de arroz a ser leiloada não deve trazer depreciação do produto. N**este** ano já foram comercializadas 483 mil toneladas dos estoques públicos de arroz, sendo 270 mil toneladas apenas em maio, quando, no mês anterior, o preço do produto oferecido ao consumidor chegou a ter uma alta de 40%.[8]

- **esse**, **esses**, **essa**, **essas**: marcam um tempo proximamente anterior ou posterior ao ato da fala.

Confira o melhor da programação olímpica para **essa** madrugada:

00h10: atletismo **–** Anselmo da Silva disputa as eliminatórias dos 110m com barreiras, mesma prova do astro chinês Liu Xiang – que, por sinal, pode nem participar devido a uma contusão recentemente divulgada.

01h: (imperdível!) vôlei masculino – A equipe de Bernardinho quer vencer para terminar a primeira fase como líder do Grupo B, posto que a Rússia ocupa no momento. O adversário é a ascendente seleção da Alemanha.[9]

- **aquele**, **aqueles**, **aquela**, **aquelas**: marcam um tempo anterior ou posterior ao ato da fala.

Há 48 anos acontecia no Brasil o golpe militar de 64. Depois de realizar um comício em 13 de março **daquele** ano, onde prometeu a nacionalização das empresas de petróleo e a reforma agrária, Jango conquistou definitivamente a antipatia das organizações militares.[10]

O dia amanheceu nublado **naquele** mês de julho. Como em todas as manhãs de julho, não faria sol. Ele acordou e, sem abrir a janela, sabia que a cidade ainda era a mesma. Havia dias em que, quando acordava, imaginava estar em algum lugar que não era o seu quarto.[11]

c) **FUNÇÃO COGNOSCITIVA:** refere-se à capacidade de os pronomes demonstrativos fazerem referência ao que já foi dito e ao que se vai dizer.

- **este**, **estes**, **esta**, **estas**, **isto**: fazem referência àquilo que vai ser dito.

Isto é como dizem: primeiramente a Fênix molda um ovo de mirra tão pesado quanto pode carregar, então abre cavidades no ovo e coloca os restos de seu pai nele, selando o ovo.[12]

Você já se perguntou **isto**: Qual a base biológica da consciência? Que mudanças genéticas nos tornaram humanos?[13]

- **esse**, **esses**, **essa**, **essas**, **isso**: fazem referência àquilo que já foi dito no discurso.

A pobreza dos tempos coloniais jamais levaria a imaginar a pujança e o dinamismo econômico, social e cultural, que são característicos de São Paulo. Quem construiu toda **essa** riqueza? [14]

O documentário "Liberdade, **essa** palavra" foi um trabalho do jornalista Marcelo Baêta, feito para conclusão do curso de graduação em Comunicação Social da UFMG.[15]

d) **FUNÇÃO COGNOSCITIVA DISTRIBUTIVA:** refere-se, também, à capacidade de os pronomes se referirem a informações ou termos já mencionados. Entretanto, difere-se da cognoscitiva comum por distribuir ações entre dois termos simultaneamente.

- **este** e **aquele:** são utilizados, também, com uma função distributiva, indicando elementos já citados.

Em 1958, todos os estados elegeram seus governadores e vice-governadores. Uns, com mandatos de dois anos. Foi o caso de Goiás, quando a disputa se feriu entre políticos das duas maiores cidades sudoestinas: César Bastos, da UDN, de Rio Verde, contra José Feliciano, do PSD, de Jataí. **Este** venceu **aquele** na sua terra natal e na terra do seu concorrente.[16]

Dois homens subiram ao templo com o propósito de orar: um, fariseu, e o outro, publicano. O fariseu, posto em pé, orava de si para si mesmo, desta forma: Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros, nem ainda como este publicano; jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho. O publicano, estando em pé, longe, não ousava nem ainda levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, sê propício a mim, pecador! Digo-vos que **este** desceu justificado para sua casa, e não **aquele**; porque todo o que se exalta será humilhado; mas o que se humilha será exaltado.[17]

PRONOMES INDEFINIDOS

São os que se aplicam à terceira pessoa com sentido vago ou exprimindo quantidade indeterminada. Funcionam como pronomes indefinidos substantivos: **alguém**, **ninguém**, **tudo**, **nada**, **algo**, **outrem**.

São pronomes indefinidos adjetivos: **nenhum**, **outro**, **certo**, **qualquer**, **algum** e **cada**.

Aplicam-se a quantidades indeterminadas os indefinidas: **muito**, **mais**, **menos**, **pouco**, **todo**, **algum**, **tanto**, **quanto**, **diverso**, **bastante**.

> "Preciso que **alguém** me ajude", diz moradora da Bororé. Na Ilha do Bororé desde 1994 e em São Paulo desde 1970, Dona Zinha tem uma batalha neste momento: terminar a creche para as cerca de 300 crianças que vivem no afastado bairro da zona sul da capital.[18]

> A linguagem era nova, cheia de referências visuais, e **tudo** estava ali, combinando temas que nem sempre pareciam combinar: despreocupação, engajamento político, tecnologia, lirismo...[19]

> "**Nenhum** escritor é bom a não ser que tenha sofrido", disse Henry Miller.[20]

> A consideração de um livro como apócrifo varia de acordo com a religião. Por exemplo, **alguns** livros considerados canônicos pelos católicos são considerados apócrifos pelos judeus e pelos evangélicos (protestantes).[21]

> Como havia **menos** pessoas para trabalhar, os nobres impuseram uma maior carga de trabalho sobre os camponeses, o que gerou revoltas populares como a Jacquerie e a Revolta camponesa de 1381.[22]

> A boa notícia é que o corte certo de cabelo pode fazer toda a diferença. A má notícia é que **poucas** mulheres percebem o que um bom corte pode fazer por elas. **Muitas** mulheres simplesmente assumem que ficar mais velha significa que elas podem cortar os cabelos mais curtos. Para **algumas** mulheres, um penteado mais curto é muito bom, mas tem que ser o estilo curto certo, e "curto" é relativo.[23]

PRONOMES INTERROGATIVOS

São os pronomes indefinidos **quem**, **que**, **qual** e **quanto** que se empregam nas perguntas, diretas ou indiretas. No lugar de **que** pode-se usar a forma enfática **o que**.

- O pronome **quem** refere-se a pessoas e é pronome substantivo. O pronome **que** refere-se a pessoas ou coisas e é pronome substantivo ou adjetivo.

O que aconteceu?

Por **que** está tão triste o seu olhar?

Se foi erro meu

Fala logo, eu quero consertar

Pelo amor de Deus

Me diz por **que** mudou comigo assim

Pelo amor de Deus[24]

Que homem teria coragem de dizer isso com tanta convicção? **Que** homem seria condenado a morte por espalhar felicidade e esperança? **Que** homem seria considerado uma ameaça ao governo sem almejar um trono político? **Que** homem é esse que diz "Eu e o Pai somos um". **Quem** é esse homem?[25]

PRONOMES POSSESSIVOS

São os que indicam posse em referência às três pessoas do discurso:

singular	1ª pessoa	meu	minha	meus	minhas
	2ª pessoa	teu	tua	teus	tuas
	3ª pessoa	seu	sua	seus	suas

plural	1ª pessoa	nosso	nossa	nossos	nossas
	2ª pessoa	vosso	vossa	vossos	vossas
	3ª pessoa	seu	sua	seus	suas

Cazuza foi, sim, rebelde e transgressor ao extremo, mais exagerado até do que diz **sua** própria música. Mas isso não tira dele o mérito por **suas** canções nem diminui em nenhum grau a **sua** genialidade.[26]

Ao contrário do que acontecia com a turma de Cazuza, vivemos um período no qual desfrutamos de liberdade de expressão e que a voz popular tem cada vez mais poder. Mas nós simplesmente ignoramos **nosso** poder transformador. “**Nossas** ideias não correspondem aos fatos.”[27]

NOTAS IMPORTANTES

1) **Pronomes pessoais de tratamento** exigem verbos e outros pronomes em 3ª pessoa.

Vossa Senhoria **deverá** trazer **seus** documentos pessoais.

2) **O**, **os**, **a**, **as** – são demonstrativos quando substituem termos e equivalem a **aquele(s)**, **aquela(s)** e **aquilo**.

Deus te dê em dobro tudo **o** que me desejares.

3) **Mesmo**, **próprio** – quando são demonstrativos, designam um termo idêntico a outro que já tenha ocorrido no discurso. São palavras reforçadoras:

Eles **mesmos** construíram a casa. / O **próprio** pai denunciou o filho.

Ela **própria** afirmou isso. / Eu **mesma** verifiquei as contas.

4) **Tal** – é demonstrativo quando equivale a **esse(s)**, **essas(s)**.

O jogador agrediu o árbitro. **Tal** atitude implicou punição.

5) **Pronomes indefinidos** – referem-se à terceira pessoa de modo vago, genérico.

Muitos concorreram; **poucos** foram aceitos.

6) **Os pronomes indefinidos** podem ocorrer sob forma de locução (conjunto de palavras com unidade de sentido). Locução pronominal indefinida (pronome + pronome)

Cada um diz o que quer.

Qualquer um pode acessar o *site*.

7) **Certo** – se estiver anteposto ao substantivo, será classificado como pronome indefinido; caso esteja posposto, será um adjetivo.

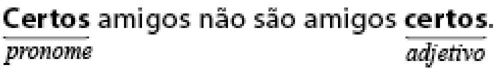

Certos amigos não são amigos **certos.**

pronome
adjetivo

8) **Outrem** – pronome indefinido. Significa "qualquer outra pessoa".

Não faças a **outrem** o que não desejas para ti.

9) **Tudo o que** / **Tudo que** – facultativos.

Leve tudo (**o**) que quiser.

10) **Todo o** – significa **totalidade**. **Todo** – significa **qualquer**.

Todo o partido comemorou a vitória do candidato. *(o partido completo)*

Todo partido deseja participar do financiamento de campanha. *(qualquer partido)*

11) **Menos e Mais** – se se referirem a substantivos, serão pronomes indefinidos.

Se houver **menos** despesas, teremos **mais** dinheiro.

Nos exemplos seguintes, serão advérbios:

Algumas mulheres falam **mais** alto que os homens.

Neste ano, trabalhamos **mais** que no ano passado.

DIMP

Advérbio é a classe que modifica semanticamente os verbos. Porém, existem os advérbios de intensidade, que modificam também adjetivos e até mesmo outros advérbios. Vejam-se alguns exemplos com os vocábulos **bastante** e **muito**. Tais vocábulos, contextualmente, poderão ser advérbios ou pronomes indefinidos.

- **pronomes indefinidos** (referem-se a substantivos)

Havia **bastante** gente no auditório.
Você tem **bastante** tempo para estudar.
Você teve **muito** tempo para falar.
Os deputados ganham **muito** dinheiro.

- **advérbios** (referem-se a verbos, adjetivos e outros advérbios)

A sala estava **bastante** organizada.
Os oradores discursaram **bastante**.
Você fala **muito** alto.
Os atletas correram **muito**.

12) Pronomes interrogativos são pronomes indefinidos utilizados em orações interrogativas diretas ou indiretas.

Quem virá à reunião?
Eu lhe perguntei **quem** virá à reunião.

DIMP

Observe que o pronome "quem", nas duas ocorrências, funciona como sujeito.

Aula 00

Direito Constitucional p/ Polícia Civil-PA (Investigador e Escrivão) - Com videoaulas

Professores: Nádia Carolina, Ricardo Vale

00000000000 - DEMO

AULA 00 – DIREITO CONSTITUCIONAL

SUMÁRIO

Apresentação 2

Conceito de Constituição 4

O Direito Constitucional e os Demais Ramos do Direito 4

Estrutura das Constituições... 6

A Pirâmide de Kelsen – Hierarquia das Normas 7

Aplicabilidade das normas constitucionais 11

Poder Constituinte..18

Princípios Fundamentais da República Federativa do Brasil 22
- **1) Regras e Princípios:..22**
- **2) Princípios Fundamentais: 23**
  - 2.1 - Fundamentos da República Federativa do Brasil: 24
  - 2.2- Forma de Estado / Forma de Governo / Regime Político: 28
  - 2.3- Harmonia e Independência entre os Poderes: 32
  - 2.3- Objetivos Fundamentais da República Federativa do Brasil: 34
  - 2.4- Princípios das Relações Internacionais: 36

LISTA DE QUESTÕES...59

Gabarito 71

00000000000 - DEMO

Apresentação

Olá, amigos do Estratégia Concursos, tudo bem?

É com enorme alegria que damos início hoje ao nosso "***Curso de Direito Constitucional p/ Polícia Civil – PA (Investigador e Escrivão)***", focado na banca ***FUNCAB***. Antes de qualquer coisa, pedimos licença para nos apresentar:

> ***- Nádia Carolina***: Sou professora de Direito Constitucional do Estratégia Concursos desde 2011. Trabalhei como ***Auditora-Fiscal da Receita Federal do Brasil*** de 2010 a 2015, tendo sido aprovada no concurso de 2009. Tenho uma larga experiência em concursos públicos, já tendo sido aprovada para os seguintes cargos: CGU 2008 (6º lugar), TRE/GO 2008 (22º lugar) ATA-MF 2009 (2º lugar), Analista-Tributário RFB (16º lugar) e Auditor-Fiscal RFB (14º lugar).
>
> ***- Ricardo Vale***: Sou professor e coordenador pedagógico do Estratégia Concursos. Entre 2008-2014, trabalhei como ***Analista de Comércio Exterior*** (ACE/MDIC), concurso no qual fui aprovado em 3º lugar. Ministro aulas presenciais e online nas disciplinas de Direito Constitucional, Comércio Internacional e Legislação Aduaneira. Além das aulas, tenho duas grandes paixões na minha vida: a Profª Nádia e a minha pequena Sofia!! ☺

Como você já deve ter percebido, esse curso será ***elaborado a 4 mãos***. Eu (Nádia) ficarei responsável pelas ***aulas escritas***, enquanto o Ricardo ficará por conta das ***videoaulas***. Tenham certeza: iremos nos esforçar bastante para produzir o melhor e mais completo conteúdo para vocês.

Vejamos como será o cronograma do nosso curso:

Aulas	Tópicos abordados	Data
Aula 00	Conceitos Introdutórios. Princípios Fundamentais.	**18/04**
Aula 01	Direitos e deveres individuais e coletivos (Parte 01).	**20/04**
Aula 02	Dos direitos e deveres individuais e coletivos (Parte 02)	**22/04**
Aula 03	Direitos sociais. Nacionalidade	**25/04**
Aula 04	Poder Executivo.	**27/04**
Aula 05	Poder Legislativo.	**29/04**
Aula 06	Processo Legislativo.	**02/05**
Aula 07	Poder Judiciário.	**06/05**

Dito tudo isso, já podemos partir para a nossa aula 00! Todos preparados?

Um grande abraço,

Nádia e Ricardo

00000000000 - DEMO

Para **tirar dúvidas** e ter **acesso a dicas e conteúdos gratuitos**, acesse nossas redes sociais:

Facebook do Prof. Ricardo Vale:

https://www.facebook.com/profricardovale

Facebook da Profª. Nádia Carolina:

https://www.facebook.com/nadia.c.santos.16?fref=ts

Canal do YouTube do Ricardo Vale:

https://www.youtube.com/channel/UC32LlMyS96biplI715yzS9Q

Periscope do Prof. Ricardo Vale: @profricardovale

00000000000 - DEMO

Conceito de Constituição

Começamos esse tópico com a seguinte pergunta: o que se entende por Constituição?

Objeto de estudo do Direito Constitucional, a Constituição é a **lei fundamental e suprema de um Estado**, criada pela vontade soberana do povo. É ela que determina a **organização político-jurídica** do Estado, dispondo sobre a sua forma, os órgãos que o integram e as competências destes e, finalmente, a aquisição e o exercício do poder. Cabe também a ela estabelecer as limitações ao poder do Estado e enumerar os direitos e garantias fundamentais.[1]

A concepção de **constituição ideal** foi preconizada por J. J. Canotilho. Trata-se de constituição de **caráter liberal**, que apresenta os seguintes elementos:

a) Deve ser escrita;

b) Deve conter um sistema de direitos fundamentais individuais (liberdades negativas);

c) Deve conter a definição e o reconhecimento do princípio da separação dos poderes;

d) Deve adotar um sistema democrático formal.

Note que todos esses elementos estão intrinsecamente relacionados à **limitação do poder coercitivo do Estado**. Cabe destacar, por estar relacionado ao conceito de constituição ideal, o que dispõe o art. 16, da Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão (1789): "*Toda sociedade na qual não está assegurada a garantia dos direitos nem determinada a separação de poderes, não tem constituição.*"

É importante ressaltar que a doutrina não é pacífica quanto à definição do conceito de constituição, podendo este ser analisado a partir de **diversas concepções**. Isso porque o Direito não pode ser estudado isoladamente de outras ciências sociais, como Sociologia e Política, por exemplo.

O Direito Constitucional e os Demais Ramos do Direito

Como vimos, a Constituição é **fundamento de validade** de todas as demais normas do ordenamento jurídico. Por esse motivo, o Direito Constitucional é um **tronco de onde partem todas as ramificações que constituem os demais campos do Direito**. Desse modo, é o Direito Constitucional que

---

[1] MORAES, Alexandre de. ***Constituição do Brasil Interpretada e Legislação Constitucional***, 9ª edição. São Paulo Editora Atlas: 2010, pp. 17.

00000000000 - DEMO

confere unidade ao Direito como um todo, seja ele público ou privado. Veja como a nossa disciplina se relaciona com os demais ramos do Direito:

a) Direito Constitucional e Direito Administrativo - o Direito Constitucional determina os princípios gerais e os fundamentos da Administração Pública, bem como estabelece normas para os servidores públicos.

b) Direito Constitucional e Direito Penal - é o Direito Constitucional que fixa os fundamentos e determina os limites da pretensão punitiva do Estado, bem como garante o direito de defesa do acusado. Os limites à atuação do Estado se encontram nos direitos e garantias fundamentais estabelecidos pela Constituição, estando insertos implícita ou explicitamente no art. 5º da Carta Magna, que estudaremos adiante neste curso.

c) Direito Constitucional e Direito Processual - o Direito Constitucional está intimamente ligado ao Direito Processual, uma vez que:

- Garante o acesso à Justiça (art. 5º, XXXV, CF);

- Estabelece o devido processo legal (art. 5º, LIV, CF), bem como o contraditório e a ampla defesa (art. 5º, LV);

- Determina a inadmissibilidade, no processo, de provas obtidas por meios ilícitos (art. 5º, LVI, CF);

- Prevê remédios constitucionais como o mandado de segurança individual e coletivo (art. 5º, LXIX e LXX, CF), o habeas data (art. 5º, LXXII, CF) e a ação popular (art. 5º, LXXIII, CF);

- Garante a assistência jurídica integral e gratuita aos que comprovarem insuficiência de recursos (art. 5º, LXXIV, CF), bem como a razoável duração do processo, no âmbito judicial e administrativo, e os meios que garantam a celeridade de sua tramitação (art. 5º, LXXVIII, CF);

- Regula a ação direta de inconstitucionalidade, a ação declaratória de constitucionalidade, a arguição de descumprimento de preceito fundamental e a ação direta de inconstitucionalidade por omissão.

d) Direito Constitucional e Direito do Trabalho - é a Constituição que prevê os principais direitos sociais do empregado (arts. 7º a 10, CF), o que torna o Direito Constitucional intrinsecamente relacionado ao Direito do Trabalho.

e) Direito Constitucional e Direito Civil - a partir da Constituição de 1988, houve o fenômeno da **constitucionalização do Direito Civil**, que passou a ter suas normas sujeitas aos princípios e regras constitucionais. Valores constitucionais como a dignidade da pessoa humana, a solidariedade social e a igualdade substancial, previstos na Constituição, conferiram ao Direito Civil um caráter mais humanista, em oposição à base patrimonial que se verificava

00000000000 - DEMO

outrora. Uma das consequências desse fenômeno é a **aplicabilidade dos direitos fundamentais às relações privadas** e não apenas às relações com o Poder Público. Assim, pode o particular opor um direito ou garantia fundamental a outro particular, o que reduz a autonomia privada.

f) Direito Constitucional e Direito Tributário - o Direito Constitucional delineia o sistema tributário nacional, estabelece o conceito de tributo[2], discrimina a competência tributária e fixa limites ao poder de tributar.

Estrutura das Constituições

As Constituições, de forma geral, dividem-se em três partes: **preâmbulo**, **parte dogmática** e **disposições transitórias**.

O **preâmbulo** é a parte que antecede o texto constitucional propriamente dito. O preâmbulo serve para definir as **intenções do legislador constituinte**, proclamando os princípios da nova constituição e rompendo com a ordem jurídica anterior. Sua função é servir de elemento de integração dos artigos que lhe seguem, bem como **orientar a sua interpretação**. Serve para sintetizar a ideologia do poder constituinte originário, expondo os valores por ele adotados e os objetivos por ele perseguidos.

Segundo o Supremo Tribunal Federal, ele **não é norma constitucional**. Portanto, não serve de parâmetro para a declaração de inconstitucionalidade e não estabelece limites para o Poder Constituinte Derivado, seja ele Reformador ou Decorrente. Por isso, o STF entende que suas disposições **não são de reprodução obrigatória pelas Constituições Estaduais**. Segundo o STF, o Preâmbulo **não dispõe de força normativa, não tendo caráter vinculante**[3]. Apesar disso, a doutrina não o considera juridicamente irrelevante, uma vez que deve ser uma das linhas mestras interpretativas do texto constitucional. [4]

A **parte dogmática** da Constituição é o texto constitucional propriamente dito, que prevê os direitos e deveres criados pelo poder constituinte. Trata-se do corpo permanente da Carta Magna, que, na CF/88, vai do art. 1º ao 250. Destaca-se que falamos em **"corpo permanente"** porque, a princípio, essas normas não têm caráter transitório, embora possam ser modificadas pelo poder constituinte derivado, mediante emenda constitucional.

---

[2] Segundo Geraldo Ataliba, o conceito de tributo tem origem na Constituição, não podendo ser alargado, reduzido ou modificado pelo legislador constitucional. Isso por ser ele um conceito-chave para demarcação das competências legislativas e balizador do regime tributário, conjunto de princípios e regras constitucionais de proteção do contribuinte contra o chamado poder tributário, exercido, nas respectivas faixas delimitadas de competências, por União, Estados e Municípios (Hipótese de Incidência Tributária, São Paulo: Malheiros).

[3] ADI 2.076-AC, Rel. Min. Carlos Velloso, DJU de 23.08.2002.

[4] MORAES, Alexandre de. ***Constituição do Brasil Interpretada e Legislação Constitucional***, 9ª edição. São Paulo Editora Atlas: 2010, pp. 53-55

00000000000 - DEMO

Por fim, a **parte transitória** da Constituição visa **integrar a ordem jurídica antiga à nova**, quando do advento de uma nova Constituição, garantindo a segurança jurídica e evitando o colapso entre um ordenamento jurídico e outro. Suas normas são **formalmente constitucionais**, embora, no texto da CF/88, apresente numeração própria (vejam ADCT – Ato das Disposições Constitucionais Transitórias). Assim como a parte dogmática, **a parte transitória pode ser modificada por reforma constitucional**. Além disso, também pode servir como **paradigma para o controle de constitucionalidade** das leis.

HORA DE praticar!	**(DPE-MS – 2014)** O preâmbulo da Constituição não constitui norma central, não tendo força normativa e, consequentemente, não servindo como paradigma para a declaração de inconstitucionalidade. **Comentários**: O preâmbulo não tem força normativa e, em razão disso, não serve de paradigma para o controle de constitucionalidade. Questão correta.

A Pirâmide de Kelsen – Hierarquia das Normas

Para compreender bem o Direito Constitucional, é fundamental que estudemos a hierarquia das normas, através do que a doutrina denomina **"pirâmide de Kelsen"**. Essa pirâmide foi concebida pelo jurista austríaco para fundamentar a sua teoria, baseada na ideia de que as normas jurídicas inferiores (normas fundadas) retiram seu **fundamento de validade** das normas jurídicas superiores (normas fundantes).

Iremos, a seguir, nos utilizar da "pirâmide de Kelsen" para explicar o escalonamento normativo no ordenamento jurídico brasileiro.

A pirâmide de Kelsen tem a **Constituição** como seu vértice **(topo)**, por ser esta fundamento de validade de todas as demais normas do sistema. Assim, nenhuma norma do ordenamento jurídico pode se opor à Constituição: ela é superior a todas as demais normas jurídicas, as quais são, por isso mesmo, denominadas infraconstitucionais.

Na Constituição, há **normas constitucionais originárias** e **normas constitucionais derivadas**. As normas constitucionais originárias são produto do Poder Constituinte Originário (o poder que elabora uma nova Constituição); elas integram o texto constitucional desde que ele foi promulgado, em 1988. Já as normas constitucionais derivadas são aquelas que resultam da manifestação do Poder Constituinte Derivado (o poder que altera a Constituição); são as chamadas **emendas constitucionais**, que também se situam no topo da pirâmide de Kelsen.

00000000000 - DEMO

É relevante destacar, nesse ponto, alguns entendimentos doutrinários e jurisprudenciais **bastante cobrados em prova** acerca da hierarquia das normas constitucionais (originárias e derivadas):

> **a) Não existe hierarquia entre normas constitucionais originárias**. Assim, não importa qual é o conteúdo da norma. Todas as normas constitucionais originárias têm o mesmo status hierárquico. Nessa ótica, as normas definidoras de direitos e garantias fundamentais têm a mesma hierarquia do ADCT (Atos das Disposições Constitucionais Transitórias) ou mesmo do art. 242, § 2º, que dispõe que o Colégio Pedro II, localizado na cidade do Rio de Janeiro, será mantido na órbita federal.
>
> **b) Não existe hierarquia entre normas constitucionais originárias e normas constitucionais derivadas**. Todas elas se situam no mesmo patamar.
>
> **c)** Embora não exista hierarquia entre normas constitucionais originárias e derivadas, há uma importante diferença entre elas: as **normas constitucionais originárias não podem ser declaradas inconstitucionais**. Em outras palavras, as normas constitucionais originárias não podem ser objeto de controle de constitucionalidade. Já as emendas constitucionais (normas constitucionais derivadas) poderão, sim, ser objeto de controle de constitucionalidade.
>
> **d)** O alemão Otto Bachof desenvolveu relevante obra doutrinária denominada "**Normas constitucionais inconstitucionais**", na qual defende a possibilidade de que existam normas constitucionais originárias eivadas de inconstitucionalidade. Para o jurista, o texto constitucional possui dois tipos de normas: as cláusulas pétreas (normas cujo conteúdo não pode ser abolido pelo Poder Constituinte Derivado) e as normas constitucionais originárias. As **cláusulas pétreas**, **na visão de Bachof, seriam superiores às demais normas constitucionais originárias** e, portanto, serviriam de parâmetro para o controle de constitucionalidade destas. Assim, o jurista alemão considerava legítimo o controle de constitucionalidade de normas constitucionais originárias. No entanto, bastante cuidado: **no Brasil, a tese de Bachof não é admitida**. As cláusulas pétreas se encontram no mesmo patamar hierárquico das demais normas constitucionais originárias.

Com a promulgação da Emenda Constitucional nº 45/2004, abriu-se uma nova e importante possibilidade no ordenamento jurídico brasileiro. Os **tratados e convenções internacionais de direitos humanos** aprovados em cada Casa do Congresso Nacional (Câmara dos Deputados e Senado Federal), em dois turnos, por três quintos dos votos dos respectivos membros, passaram a ser **equivalentes às emendas constitucionais**. Situam-se, portanto, no topo da pirâmide de Kelsen, tendo "status" de emenda constitucional.

00000000000 - DEMO

Diz-se que os tratados de direitos humanos, ao serem aprovados por esse rito especial, ingressam no chamado "**bloco de constitucionalidade**". Em virtude da matéria de que tratam (direitos humanos), esses tratados estão **gravados por cláusula pétrea**[5] e, portanto, **imunes à denúncia**[6] pelo Estado brasileiro. O primeiro tratado de direitos humanos a receber o status de emenda constitucional foi a "*Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo*".

Os **demais tratados internacionais sobre direitos humanos**, aprovados pelo rito ordinário, têm, segundo o STF, **"status" supralegal**. Isso significa que se situam logo abaixo da Constituição e acima das demais normas do ordenamento jurídico.

A EC nº 45/2004 trouxe ao Brasil, portanto, segundo o Prof. Valério Mazzuoli, um novo tipo de controle da produção normativa doméstica: o **controle de convencionalidade das leis**. Assim, as leis internas estariam sujeitas a um **duplo processo de compatibilização vertical**, devendo obedecer aos comandos previstos na Carta Constitucional e, ainda, aos previstos em tratados internacionais de direitos humanos regularmente incorporados ao ordenamento jurídico brasileiro.[7]

As normas imediatamente abaixo da Constituição (**infraconstitucionais**) e dos tratados internacionais sobre direitos humanos são as **leis** (complementares, ordinárias e delegadas), as **medidas provisórias**, os **decretos legislativos**, as **resoluções legislativas**, os **tratados internacionais em geral** incorporados ao ordenamento jurídico e os **decretos autônomos**. Todas essas normas serão estudadas em detalhes em aula futura, não se preocupe! Neste momento, quero apenas que você guarde quais são as normas infraconstitucionais e que elas **não possuem hierarquia entre si**, segundo doutrina majoritária. Essas normas são primárias, sendo capazes de gerar direitos e criar obrigações, desde que não contrariem a Constituição.

Novamente, gostaríamos de trazer à baila alguns entendimentos doutrinários e jurisprudenciais muito cobrados em prova:

a) Ao contrário do que muitos podem ser levados a acreditar, as **leis federais, estaduais, distritais e municipais possuem o mesmo grau hierárquico**. Assim, um eventual conflito entre leis federais e estaduais ou entre leis estaduais e municipais **não será resolvido por um critério hierárquico**; a solução dependerá da repartição

---

[5] Estudaremos mais à frente sobre as cláusulas pétreas, que são normas que não podem ser objeto de emenda constitucional tendente a aboli-las. As cláusulas pétreas estão previstas no art. 60, § 4º, da CF/88. Os direitos e garantias individuais são cláusulas pétreas (art. 60, § 4º, inciso IV).

[6] **Denúncia** é o ato unilateral por meio do qual um Estado se desvincula de um tratado internacional.

[7] MAZZUOLI, Valério de Oliveira. ***Teoria Geral do Controle de Convencionalidade no Direito Brasileiro***. In: Controle de Convencionalidade: um panorama latino-americano. Gazeta Jurídica. Brasília: 2013.

00000000000 - DEMO

constitucional de competências. Deve-se perguntar o seguinte: de qual ente federativo (União, Estados ou Municípios) é a competência para tratar do tema objeto da lei? Nessa ótica, é plenamente possível que, num caso concreto, uma lei municipal prevaleça diante de uma lei federal.

b) Existe hierarquia entre a Constituição Federal, as Constituições Estaduais e as Leis Orgânicas dos Municípios? Sim, a **Constituição Federal está num patamar superior** ao das Constituições Estaduais que, por sua vez, são hierarquicamente superiores às Leis Orgânicas.

b) As **leis complementares**, apesar de serem aprovadas por um procedimento mais dificultoso, têm o **mesmo nível hierárquico das leis ordinárias**. O que as diferencia é o conteúdo: ambas têm campos de atuação diversos, ou seja, a matéria (conteúdo) é diferente. Como exemplo, citamos o fato de que a CF/88 exige que normas gerais sobre direito tributário sejam estabelecidas por lei complementar.

c) As **leis complementares podem tratar de tema reservado às leis ordinárias**. Esse entendimento deriva da ótica do "quem pode mais, pode menos". Ora, se a CF/88 exige lei ordinária (cuja aprovação é mais simples!) para tratar de determinado assunto, não há óbice a que uma lei complementar regule o tema. No entanto, caso isso ocorra, a lei complementar será considerada **materialmente ordinária**; essa lei complementar poderá, então, ser revogada ou modificada por simples lei ordinária. Diz-se que, nesse caso, a lei complementar irá subsumir-se ao regime constitucional da lei ordinária.[8]

d) As **leis ordinárias não podem tratar de tema reservado às leis complementares.** Caso isso ocorra, estaremos diante de um caso de inconstitucionalidade formal (nomodinâmica).

e) Os **regimentos dos tribunais** do Poder Judiciário são considerados **normas primárias**, equiparados hierarquicamente às leis ordinárias. Na mesma situação, encontram-se as resoluções do CNMP (Conselho Nacional do Ministério público) e do CNJ (Conselho Nacional de Justiça).

f) Os **regimentos das Casas Legislativas** (Senado e Câmara dos Deputados), por constituírem resoluções legislativas, também são considerados **normas primárias**, equiparados hierarquicamente às leis ordinárias.

Finalmente, abaixo das leis encontram-se as **normas infralegais**. Elas são **normas secundárias**, não tendo poder de gerar direitos, nem, tampouco, de impor obrigações. Não podem contrariar as normas primárias, sob pena de invalidade. É o caso dos decretos regulamentares, portarias, das instruções normativas, dentre outras. Tenham bastante **cuidado para não confundir** os

---

[8] AI 467822 RS, p. 04-10-2011.

00000000000 - DEMO

decretos autônomos (normas primárias, equiparadas às leis) com os **decretos regulamentares** (normas secundárias, infralegais).

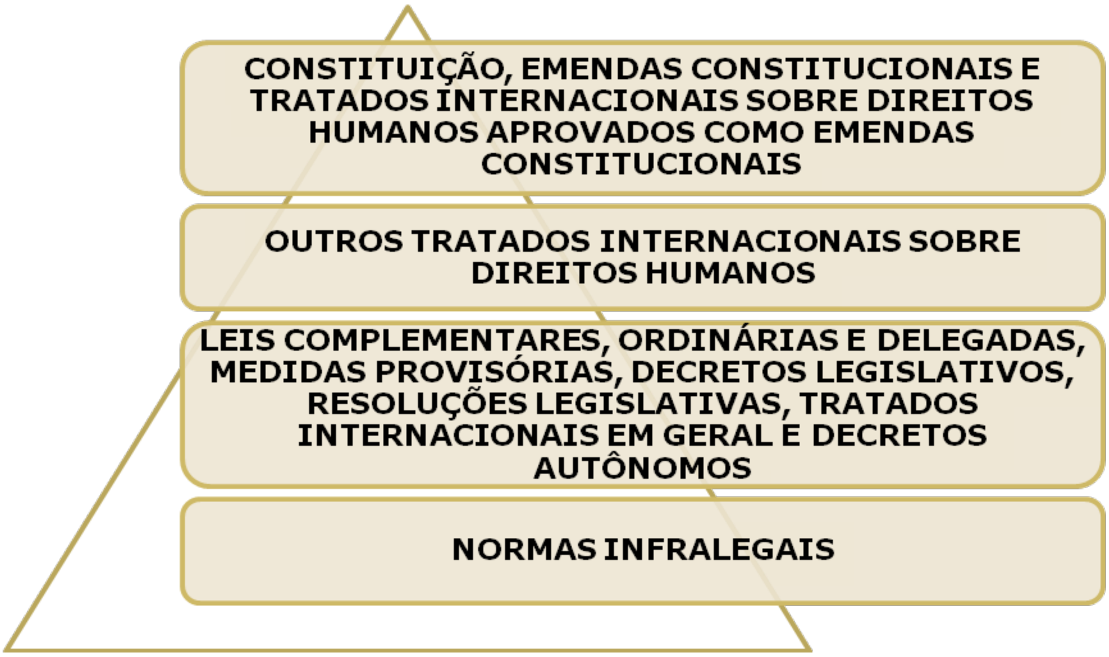
CONSTITUIÇÃO, EMENDAS CONSTITUCIONAIS E TRATADOS INTERNACIONAIS SOBRE DIREITOS HUMANOS APROVADOS COMO EMENDAS CONSTITUCIONAIS
OUTROS TRATADOS INTERNACIONAIS SOBRE DIREITOS HUMANOS
LEIS COMPLEMENTARES, ORDINÁRIAS E DELEGADAS, MEDIDAS PROVISÓRIAS, DECRETOS LEGISLATIVOS, RESOLUÇÕES LEGISLATIVAS, TRATADOS INTERNACIONAIS EM GERAL E DECRETOS AUTÔNOMOS
NORMAS INFRALEGAIS

HORA DE praticar!	**(MPE-BA – 2015)** Existe hierarquia entre lei complementar e lei ordinária, bem como entre lei federal e estadual. **Comentários**: Não há hierarquia entre lei ordinária e lei complementar. Elas têm o mesmo nível hierárquico. Também não há hierarquia entre lei federal e lei estadual. Questão errada.

Aplicabilidade das normas constitucionais

O estudo da aplicabilidade das normas constitucionais é essencial à correta interpretação da Constituição Federal. É a compreensão da aplicabilidade das normas constitucionais que nos permitirá entender exatamente o **alcance** e a **realizabilidade** dos diversos dispositivos da Constituição.

Todas as normas constitucionais apresentam juridicidade. Todas elas são imperativas e cogentes ou, em outras palavras, **todas as normas constitucionais surtem efeitos jurídicos**: o que varia entre elas é o **grau de eficácia**.

00000000000 - DEMO

A doutrina americana (clássica) distingue duas espécies de normas constitucionais quanto à aplicabilidade: as normas autoexecutáveis (*"self executing"*) e as normas não-autoexecutáveis.

As **normas autoexecutáveis** são normas que podem ser aplicadas sem a necessidade de qualquer complementação. São normas completas, bastantes em si mesmas. Já as **normas não-autoexecutáveis** dependem de complementação legislativa antes de serem aplicadas: são as normas incompletas, as normas programáticas (que definem diretrizes para as políticas públicas) e as normas de estruturação (instituem órgãos, mas deixam para a lei a tarefa de organizar o seu funcionamento). [9]

Embora a doutrina americana seja bastante didática, a classificação das normas quanto à sua aplicabilidade mais aceita no Brasil foi a proposta pelo Prof. José Afonso da Silva.

A partir da aplicabilidade das normas constitucionais, **José Afonso da Silva** classifica as normas constitucionais em três grupos: **i) normas de eficácia plena**; **ii) normas de eficácia contida** e; **iii) normas de eficácia limitada**.

1) Normas de eficácia plena:

São aquelas que, desde a entrada em vigor da Constituição, produzem, ou têm possibilidade de produzir, todos os efeitos que o legislador constituinte quis regular. É o caso do art. 2º da CF/88, que diz: *"são Poderes da União, independentes e harmônicos entre si, o Legislativo, o Executivo e o Judiciário"*.

As normas de eficácia plena possuem as seguintes características:

a) são **autoaplicáveis**, é dizer, elas independem de lei posterior regulamentadora que lhes complete o alcance e o sentido. Isso não quer dizer que não possa haver lei regulamentadora versando sobre uma norma de eficácia plena; a **lei regulamentadora até pode existir**, mas a norma de eficácia plena já produz todos os seus efeitos de imediato, independentemente de qualquer tipo de regulamentação.

b) são **não-restringíveis**, ou seja, caso exista uma lei tratando de uma norma de eficácia plena, esta não poderá limitar sua aplicação.

c) possuem **aplicabilidade direta** (não dependem de norma regulamentadora para produzir seus efeitos), **imediata** (estão aptas a produzir todos os seus efeitos desde o momento em que é promulgada a Constituição) e **integral** (não podem sofrer limitações ou restrições em sua aplicação).

---

[9] FERREIRA FILHO, Manoel Gonçalves. ***Curso de Direito Constitucional***, 38ª edição. Editora Saraiva, São Paulo: 2012, pp. 417-418.

00000000000 - DEMO

2) Normas constitucionais de eficácia contida ou prospectiva:

São normas que estão **aptas a produzir todos os seus efeitos** desde o momento da promulgação da Constituição, mas que **podem ser restringidas** por parte do Poder Público. Cabe destacar que a atuação do legislador, no caso das normas de eficácia contida, é **discricionária**: ele não precisa editar a lei, mas poderá fazê-lo.

Um exemplo clássico de norma de eficácia contida é o art.5º, inciso XIII, da CF/88, segundo o qual "*é livre o exercício de qualquer trabalho, ofício ou profissão, atendidas as qualificações profissionais que a lei estabelecer*". Em razão desse dispositivo, é assegurada a liberdade profissional: desde a promulgação da Constituição, todos já podem exercer qualquer trabalho, ofício ou profissão. No entanto, a **lei poderá estabelecer restrições** ao exercício de algumas profissões. Citamos, por exemplo, a exigência de aprovação no exame da OAB como pré-requisito para o exercício da advocacia.

As normas de eficácia contida possuem as seguintes características:

a) são **autoaplicáveis**, ou seja, estão aptas a produzir todos os seus efeitos, independentemente de lei regulamentadora. Em outras palavras, não precisam de lei regulamentadora que lhes complete o alcance ou sentido. Vale destacar que, antes da lei regulamentadora ser publicada, o direito previsto em uma norma de eficácia contida pode ser exercitado de maneira ampla (plena); só depois da regulamentação é que haverá restrições ao exercício do direito.

b) são **restringíveis**, isto é, estão sujeitas a limitações ou restrições, que podem ser impostas por:

- uma **lei**: o direito de greve, na iniciativa privada, é norma de eficácia contida prevista no art. 9º, da CF/88. Desde a promulgação da CF/88, o direito de greve já pode exercido pelos trabalhadores do regime celetista; no entanto, a lei poderá restringi-lo, definindo os "*serviços ou atividades essenciais*" e dispondo sobre "*o atendimento das necessidades inadiáveis da comunidade*".

> ***Art. 9º** É assegurado o direito de greve, competindo aos trabalhadores decidir sobre a oportunidade de exercê-lo e sobre os interesses que devam por meio dele defender.*
> *§ 1º - A lei definirá os serviços ou atividades essenciais e disporá sobre o atendimento das necessidades inadiáveis da comunidade.*

- outra **norma constitucional**: o art. 139, da CF/88 prevê a possibilidade de que sejam impostas restrições a certos direitos e garantias fundamentais durante o estado de sítio.

00000000000 - DEMO

- **conceitos ético-jurídicos indeterminados**: o art. 5º, inciso XXV, da CF/88 estabelece que, no caso de "*iminente perigo público*", o Estado poderá requisitar propriedade particular. Esse é um conceito ético-jurídico que poderá, então, limitar o direito de propriedade.

c) possuem **aplicabilidade direta** (não dependem de norma regulamentadora para produzir seus efeitos), **imediata** (estão aptas a produzir todos os seus efeitos desde o momento em que é promulgada a Constituição) e **possivelmente não-integral** (estão sujeitas a limitações ou restrições).

HORA DE praticar!	**(Advogado FUNASG – 2015)** As normas de eficácia contida têm eficácia plena até que seja materializado o fator de restrição imposto pela lei infraconstitucional. **Comentários**: As normas de eficácia contida são ***restringíveis*** por lei infraconstitucional. Até que essa lei seja publicada, a norma de eficácia contida terá aplicação integral. Questão correta

3) Normas constitucionais de eficácia limitada:

São aquelas que **dependem de regulamentação** futura para produzirem todos os seus efeitos. Um exemplo de norma de eficácia limitada é o art. 37, inciso VII, da CF/88, que trata do **direito de greve dos servidores públicos** ("*o direito de greve será exercido nos termos e nos limites definidos em lei específica*").

Ao ler o dispositivo supracitado, é possível perceber que a Constituição Federal de 1988 outorga aos servidores públicos o direito de greve; no entanto, para que este possa ser exercido, faz-se necessária a edição de lei ordinária que o regulamente. Assim, enquanto não editada essa norma, o direito não pode ser usufruído.

As normas constitucionais de eficácia limitada possuem as seguintes características:

a) são **não-autoaplicáveis**, ou seja, dependem de complementação legislativa para que possam produzir os seus efeitos.

b) possuem **aplicabilidade indireta** (dependem de norma regulamentadora para produzir seus efeitos) **mediata** (a promulgação do texto constitucional não é suficiente para que possam produzir todos

00000000000 - DEMO

os seus efeitos) e **reduzida** (possuem um grau de eficácia restrito quando da promulgação da Constituição).

DESPENCA
na prova

Muito cuidado para não confundir!

As **normas de eficácia** contida estão **aptas a produzir todos os seus efeitos** desde o momento em que a Constituição é promulgada. A lei posterior, caso editada, irá **restringir** a sua aplicação.

As **normas de eficácia limitada não estão aptas a produzirem todos os seus efeitos** com a promulgação da Constituição; elas dependem, para isso, de uma lei posterior, que irá **ampliar** o seu alcance.

José Afonso da Silva **subdivide as normas de eficácia limitada** em dois grupos:

a) normas declaratórias de princípios institutivos ou organizativos: são aquelas que dependem de lei para estruturar e organizar as atribuições de instituições, pessoas e órgãos previstos na Constituição. É o caso, por exemplo, do art. 88, da CF/88, segundo o qual "*a lei disporá sobre a criação e extinção de Ministérios e órgãos da administração pública*."

As normas definidoras de princípios institutivos ou organizativos podem ser **impositivas** (quando impõem ao legislador uma obrigação de elaborar a lei regulamentadora) ou **facultativas** (quando estabelecem mera faculdade ao legislador). O art. 88, da CF/88, é exemplo de norma impositiva; como exemplo de norma facultativa citamos o art. 125, § 3º, CF/88, que dispõe que a "*lei estadual poderá criar, mediante proposta do Tribunal de Justiça, a Justiça Militar estadual*".

b) normas declaratórias de princípios programáticos: são aquelas que estabelecem programas a serem desenvolvidos pelo legislador infraconstitucional. Um exemplo é o art. 196 da Carta Magna ("*a saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação*"). Cabe destacar que a presença de normas programáticas na Constituição Federal é que nos permite classifica-la como uma **Constituição-dirigente**.

É importante destacar que as **normas de eficácia limitada**, embora tenham aplicabilidade reduzida e não produzam todos os seus efeitos desde a promulgação da Constituição, **possuem eficácia jurídica**. Guarde bem isso: a eficácia dessas normas é limitada, porém existente! Diz-se que as normas de eficácia limitada possuem **eficácia mínima**.

00000000000 - DEMO

Diante dessa afirmação, cabe-nos fazer a seguinte pergunta: quais são os efeitos jurídicos produzidos pelas normas de eficácia limitada?

As normas de eficácia limitada produzem imediatamente, desde a promulgação da Constituição, dois tipos de efeitos: **i)** efeito negativo; e **ii)** efeito vinculativo.

O **efeito negativo** consiste na **revogação de disposições anteriores** em sentido contrário e na **proibição de leis posteriores que se oponham a seus comandos**. Sobre esse último ponto, vale destacar que as normas de eficácia limitada servem de parâmetro para o controle de constitucionalidade das leis.

O **efeito vinculativo**, por sua vez, se manifesta na **obrigação de que o legislador ordinário edite leis regulamentadoras**, sob pena de haver **omissão inconstitucional**, que pode ser combatida por meio de mandado de injunção ou Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão. Ressalte-se que o efeito vinculativo também se manifesta na obrigação de que o Poder Público concretize as normas programáticas previstas no texto constitucional. A Constituição não pode ser uma mera "folha de papel"; as normas constitucionais devem refletir a realidade político-social do Estado e as políticas públicas devem seguir as diretrizes traçadas pelo Poder Constituinte Originário.

NORMAS DE EFICÁCIA PLENA

- **PRODUZEM OU ESTÃO APTAS A PRODUZIR, DESDE SUA ENTRADA EM VIGOR, TODOS OS EFEITOS**
- **APLICABILIDADE DIRETA, IMEDIATA E INTEGRAL**

NORMAS DE EFICÁCIA CONTIDA

- **PODEM SOFRER RESTRIÇÕES**
- **APLICABILIDADE DIRETA E IMEDIATA, MAS NÃO INTEGRAL**

NORMAS DE EFICÁCIA LIMITADA

- **NECESSITAM DE REGULAMENTAÇÃO PARA PRODUZIREM TODOS OS SEUS EFEITOS**
- **APLICABILIDADE INDIRETA, MEDIATA E REDUZIDA**

HORA DE praticar!	**(Advogado FUNASG – 2015)** As normas constitucionais de eficácia limitada são aquelas que, no momento em que a Constituição é promulgada, não têm o condão de produzir todos os seus efeitos, necessitando de lei integrativa infraconstitucional.

00000000000 - DEMO

	Comentários: É isso mesmo! As normas de eficácia limitada ***não produzem todos os seus efeitos*** no momento em que a Constituição é promulgada. Para produzirem todos os seus efeitos, elas dependem da edição de lei regulamentadora. Questão correta. **(CNMP – 2015)** As normas constitucionais de aplicabilidade diferida e mediata, que não são dotadas de eficácia jurídica e não vinculam o legislador infraconstitucional aos seus vetores, são de eficácia contida. **Comentários**: As ***normas de eficácia limitada*** é que têm aplicabilidade diferida e mediata. Cabe destacar que as normas de eficácia limitada possuem eficácia jurídica e vinculam o legislador infraconstitucional. Questão errada.

Outra classificação das normas constitucionais bastante cobrada em concursos públicos é aquela proposta por **Maria Helena Diniz**, explanada a seguir.

1) Normas com eficácia absoluta:

São aquelas que **não podem ser suprimidas** por meio de emenda constitucional. Na CF/88, são exemplos aquelas enumeradas no art. 60, §4º, que determina que "*não será objeto de deliberação a proposta de emenda tendente a abolir a forma federativa de Estado; o voto direto, secreto, universal e periódico; a separação dos Poderes e, finalmente, os direitos e garantias individuais*." São as denominadas **cláusulas pétreas** expressas.

2) Normas com eficácia plena:

O conceito utilizado pela autora é o **mesmo aplicado por José Afonso da Silva para as normas de eficácia plena**. Destaque-se que essas normas se assemelham às de eficácia absoluta por possuírem, como estas, aplicabilidade imediata, independendo de regulamentação para produzirem todos os seus efeitos. A distinção entre elas se dá pelo fato de as normas com eficácia plena poderem sofrer emendas tendentes a suprimi-las.

3) Normas com eficácia relativa restringível:

Correspondem às **normas de eficácia contida** de José Afonso da Silva, referidas anteriormente. Essas normas possuem **cláusula de redutibilidade** (podem ser restringidas), possibilitando que atos

00000000000 - DEMO

infraconstitucionais lhes componham o significado. Além disso, sua eficácia poderá ser restringida ou suspensa pela própria Constituição.

4) Normas com eficácia relativa complementável ou dependentes de complementação:

São equivalentes às **normas de eficácia limitada** de José Afonso da Silva, ou seja, dependem de legislação infraconstitucional para produzirem todos os seus efeitos.

Alguns autores consideram, ainda, a existência de **normas constitucionais de eficácia exaurida e aplicabilidade esgotada**. São normas cujos efeitos cessaram, não mais apresentando eficácia jurídica. É o caso de vários dispositivos do ADCT da CF/88. Por terem a eficácia exaurida, essas normas não poderão ser objeto de controle de constitucionalidade.

Poder Constituinte

É hora de aprendermos tudo sobre Poder Constituinte. Vamos lá?

A teoria do poder constituinte foi originalmente concebida pelo abade francês **Emmanuel Sieyès**, no século XVIII, em sua obra "*O que é o Terceiro Estado?*". Nesse trabalho, concluído às vésperas da Revolução Francesa, Sieyès trouxe tese inovadora, que rompia com a legitimação dinástica do poder. [10] Ao mesmo tempo, colocava por terra as teorias anteriores ao Iluminismo, que determinavam que a origem do poder era divina. Quanta coragem para um clérigo, não é mesmo?

A teoria do poder constituinte, que se aplica somente aos Estados com Constituição escrita e rígida, distingue poder constituinte de poderes constituídos. **Poder Constituinte** é aquele que cria a Constituição, enquanto os **poderes constituídos** são aqueles estabelecidos por ela, ou seja, são aqueles que resultam de sua criação.

Pergunta importante que se deve fazer é a seguinte: quem é o titular do Poder Constituinte?

Para **Emmanuel Sieyès**, a titularidade do Poder Constituinte é da **nação**. Todavia, numa **leitura moderna** dessa teoria, há que se concluir que a **titularidade do Poder Constituinte é do povo**, pois só este pode determinar a criação ou modificação de uma Constituição.

Segundo Canotilho, o "*problema do titular do poder constituinte só pode ter hoje uma resposta democrática. Só o povo entendido como um sujeito constituído por pessoas - mulheres e homens - pode 'decidir' ou deliberar*

---

[10] MENDES, Gilmar Ferreira; BRANCO, Paulo Gustavo Gonet, COELHO, Inocência Mártires. ***Curso de Direito Constitucional***, 5ª edição. São Paulo: Saraiva, 2010.

00000000000 - DEMO

sobre a conformação da sua ordem político-social. Poder constituinte significa, assim, poder constituinte do povo."[11]

Embora o povo seja o titular do poder constituinte, **seu exercício nem sempre é democrático**. Muitas vezes, a Constituição é criada por ditadores ou grupos que conquistam o poder autocraticamente.

Assim, diz-se que a forma do exercício do poder constituinte pode ser **democrática ou por convenção** (quando se dá pelo povo) ou **autocrática ou por outorga** (quando se dá pela ação de usurpadores do poder). Note que em ambas as formas **a titularidade do poder constituinte é do povo**. O que muda é unicamente a forma de exercício deste poder.

A forma democrática de exercício pode se dar tanto **diretamente** quanto **indiretamente**. Na primeira, o povo participa diretamente do processo de elaboração da Constituição, por meio de plebiscito, referendo ou proposta de criação de determinados dispositivos constitucionais. Na segunda, mais frequente, a participação popular se dá indiretamente, por meio de assembleia constituinte, composta por representantes eleitos pelo povo.

A Assembleia Constituinte, quando tem o poder de elaborar e promulgar uma constituição, sem consulta ou ratificação popular, é **considerada soberana**. Isso se dá por ela representar a vontade do povo. Por isso mesmo, seu poder independe de consulta ou ratificação popular. Diz-se que a **Assembleia Constituinte é exclusiva** quando é composta por **pessoas que não pertençam a qualquer partido político**. Seus representantes seriam professores, cientistas políticos e estudiosos do Direito, que representariam a nação. A Assembleia Constituinte de 1988 era soberana, mas não exclusiva.

O poder constituinte pode ser de dois tipos: **originário** ou **derivado**.

Poder constituinte originário (poder constituinte de primeiro grau ou genuíno) é o poder de criar uma nova Constituição. Apresenta 6 (seis) características que o distinguem do derivado: é político, inicial, incondicionado, permanente, ilimitado juridicamente e autônomo.

> **a) Político**: O Poder Constituinte Originário é um **poder de fato** (e não um poder de direito). Ele é extrajurídico, anterior ao direito. É ele que cria o ordenamento jurídico de um Estado.

Cabe destacar que os jusnaturalistas defendem que o Poder Constituinte seria, na verdade, um poder de direito. A visão de que ele seria um poder de fato é a forma como os positivistas enxergam o Poder Constituinte Originário. Cabe destacar que a doutrina dominante segue a corrente positivista.

---

[11] CANOTILHO, José Joaquim Gomes. **Direito Constitucional e Teoria da Constituição**, 7ª edição. Coimbra: Almedina, 2003.

00000000000 - DEMO

b) Inicial: O Poder Constituinte Originário dá **início a uma nova ordem jurídica**, rompendo com a anterior. A manifestação do Poder Constituinte tem o efeito de criar um novo Estado.

c) Incondicionado: O Poder Constituinte Originário não se sujeita a qualquer forma ou procedimento predeterminado em sua manifestação.

d) Permanente: O Poder Constituinte Originário pode se manifestar a qualquer tempo. Ele **não se esgota** com a elaboração de uma nova Constituição, mas permanece em "*estado de latência*", aguardando um novo chamado para manifestar-se, aguardando um novo "*momento constituinte*".

e) Ilimitado juridicamente: O Poder Constituinte Originário **não se submete a limites determinados pelo direito anterior**. Pode mudar completamente a estrutura do Estado ou os direitos dos cidadãos, por exemplo, sem ter sua validade contestada com base no ordenamento jurídico anterior. Por esse motivo, o STF entende que **não há possibilidade de se invocar direito adquirido** contra normas constitucionais originárias[6].

A doutrina se divide quanto a essa característica do Poder Constituinte. Os **positivistas** entendem que, de fato, o Poder Constituinte Originário é ilimitado juridicamente; já os **jusnaturalistas** entendem que ele encontra limites no direito natural, ou seja, em valores suprapositivos. No Brasil, a doutrina majoritária adota a corrente positivista, reconhecendo que o Poder Constituinte Originário é ilimitado juridicamente.

Embora os positivistas defendam que o Poder Constituinte Originário é ilimitado, é importante que todos reconheçamos, como o Prof. Canotilho, que ele deverá obedecer a "*padrões e modelos de conduta espirituais, culturais, éticos e sociais radicados na consciência jurídica geral da comunidade*". [12]

f) Autônomo: tem liberdade para definir o conteúdo da nova Constituição. Destaque-se que muitos autores tratam essa característica como sinônimo de ilimitado.

DESPENCA na prova	As bancas examinadoras adoram confundir os candidatos com relação às características do Poder Constituinte Originário. Vamos entender o que elas fazem? Veja a frase abaixo: **"***O poder constituinte originário é inicial porque não sofre restrição de nenhuma limitação imposta por norma de direito positivo anterior."* Ora, sabemos que o Poder Constituinte é mesmo **inicial**.

---

[12] CANOTILHO, José Joaquim Gomes. **Direito Constitucional e Teoria da Constituição**, 7ª edição. Coimbra: Almedina, 2003.

00000000000 - DEMO

	Mas por que ele é considerado inicial? Porque ele **inaugura a ordem jurídica** (e não porque ele não encontra limites em norma de direito positivo anterior!) A questão **estaria correta** se ela tivesse dito o seguinte: **"***O poder constituinte originário é ilimitado porque não sofre restrição de nenhuma limitação imposta por norma de direito positivo anterior."* Portanto, amigos, fiquem atentos! Não basta saber as características do Poder Constituinte Originário: é fundamental conhecer também a característica associada a cada uma delas.

O Poder Constituinte Originário pode ser classificado**,** **quanto ao momento de sua manifestação**, em histórico (fundacional) ou pós-fundacional (revolucionário). O Poder Constituinte Originário **histórico** é o responsável pela criação da **primeira Constituição de um Estado**. Por sua vez, o poder **pós-fundacional** é aquele que cria uma **nova Constituição** para o Estado, em substituição à anterior. Ressalte-se que essa nova Constituição poderá ser fruto de uma revolução ou de uma transição constitucional.

O Poder Constituinte Originário é, ainda, classificado, **quanto às dimensões**, em material e formal. Na verdade, esses podem ser considerados dois momentos distintos na manifestação do Poder Constituinte Originário. Primeiro, há o **momento material**, que antecede o momento formal; é o poder material que determina quais serão os valores a serem protegidos pela Constituição. É nesse momento que toma-se a decisão de constituir um novo Estado. O **poder formal,** por sua vez, sucede o poder material e fica caracterizado no momento em que se atribui juridicidade àquele que será o texto da Constituição.

Trataremos, agora, da segunda forma de Poder Constituinte: o Derivado.

O **Poder Constituinte Derivado** (poder constituinte de segundo grau) é o poder de modificar a Constituição Federal bem como de elaborar as Constituições Estaduais. É fruto do poder constituinte originário, estando previsto na própria Constituição. Tem como características ser jurídico, derivado, limitado (ou subordinado) e condicionado.

a) Jurídico: é regulado pela Constituição, estando, portanto, previsto no ordenamento jurídico vigente.

b) Derivado: é fruto do poder constituinte originário

c) Limitado ou **subordinado**: é limitado pela Constituição, não podendo desrespeitá-la, sob pena de inconstitucionalidade.

00000000000 - DEMO

d) Condicionado: a forma de seu exercício é determinada pela Constituição. Assim, a aprovação de emendas constitucionais, por exemplo, deve obedecer ao procedimento estabelecido no artigo 60 da Constituição Federal (CF/88).

O Poder Constituinte Derivado subdivide-se em dois: **i) Poder Constituinte Reformador** e; **ii) Poder Constituinte Decorrente**.

O primeiro consiste no poder de modificar a Constituição. Já o segundo é aquele que a CF/88 confere aos Estados de se auto-organizarem, por meio da elaboração de suas próprias Constituições. Ambos devem respeitar as limitações e condições impostas pela Constituição Federal.

Em nosso mundo globalizado, fala-se hoje em um **poder constituinte supranacional.** Atualmente, tal modalidade de poder constituinte existe na União Europeia, onde vários Estados abriram mão de parte de sua soberania em prol de um poder central. É a manifestação máxima daquilo que se chama direito comunitário, reconhecido como hierarquicamente superior aos direitos internos de cada Estado.

Princípios Fundamentais da República Federativa do Brasil

1) Regras e Princípios:

Antes de tratarmos dos princípios fundamentais da República Federativa do Brasil, é necessário que compreendamos dois conceitos: o de **regras** e o de **princípios**.

De início, vale destacar que as **normas se dividem em dois tipos**: **i)** regras e; **ii)** princípios. Em outras palavras, regras e princípios são espécie do gênero normas; se estivermos tratando de regras e princípios (implícitos e explícitos) previstos na Constituição, estaremos nos referindo a **normas constitucionais**.

As **regras são mais concretas**, servindo para definir condutas. Já os **princípios são mais abstratos**: não definem condutas, mas sim diretrizes para que se alcance a máxima concretização da norma. As regras não admitem o cumprimento ou descumprimento parcial, seguindo a lógica do "tudo ou nada". Ou são cumpridas totalmente, ou, então, descumpridas. Portanto, quando duas regras entram em conflito, cabe ao aplicador do direito determinar qual delas foi suprimida pela outra.

Por outro lado, os princípios podem ser cumpridos apenas parcialmente. No caso de colisão entre princípios, o conflito é apenas aparente, ou seja, um não será excluído pelo outro. Assim, apesar de a Constituição, por exemplo, garantir a livre manifestação do pensamento (art. 5º, IV, CF/88), esse direito não é absoluto. Ele encontra limites na proteção à vida privada (art. 5º, X, CF/88), outro direito protegido constitucionalmente.

00000000000 - DEMO

2) Princípios Fundamentais:

Os princípios constitucionais, segundo Canotilho, podem ser de duas espécies:

> **a) Princípios político-constitucionais**: representam decisões políticas fundamentais, conformadoras de nossa Constituição. São os chamados **princípios fundamentais**, que estudaremos a seguir, os quais preveem as características essenciais do Estado brasileiro. Como exemplo de princípios político-constitucionais, citamos o princípio da separação de poderes, a indissolubilidade do vínculo federativo, o pluralismo político e a dignidade da pessoa humana.
>
> **b) Princípios jurídico-constitucionais**: são **princípios gerais** referentes à ordem jurídica nacional, encontrando-se dispersos pelo texto constitucional. Em regra, derivam dos princípios político-constitucionais. Como exemplo de princípios jurídico constitucionais, citamos os princípios do devido processo legal, do juiz natural e da legalidade.

Uma vez entendidos esses conceitos, passaremos à análise dos princípios fundamentais (político-constitucionais), responsáveis pela determinação das características essenciais do Estado brasileiro.

Princípios Fundamentais são os valores que **orientaram o Poder Constituinte Originário** na elaboração da Constituição, ou seja, são suas escolhas políticas fundamentais. Segundo Canotilho, são os princípios constitucionais politicamente conformadores do Estado, que explicitam as valorações políticas fundamentais do legislador constituinte, revelando as concepções políticas triunfantes numa Assembleia Constituinte, constituindo-se, assim, no cerne político de uma Constituição política. [13]

Na Constituição Federal de 1988, os **princípios fundamentais** estão dispostos no Título I, o qual é composto por quatro artigos. Cada um desses dispositivos apresenta um **tipo de princípio fundamental**. O art. 1º trata dos fundamentos da República Federativa do Brasil (RFB); o art. 2º, do princípio da separação de Poderes; o art. 3º, dos objetivos fundamentais; e o art. 4º, dos princípios da RFB nas relações internacionais.

---

[13] CANOTILHO, J. J. Gomes. **Direito Constitucional e Teoria da Constituição**, p. 1091-92.

00000000000 - DEMO

FIQUE
atento!

Se uma questão disser que um determinado **fundamento** da RFB (por exemplo, a soberania) é um princípio fundamental, ela estará correta. Da mesma forma, se uma questão disser que um **objetivo fundamental** da RFB (por exemplo, "construir uma sociedade livre, justa e solidária"), é um princípio fundamental, ela também estará correta. Ou, ainda, se a questão afirmar que um **princípio das relações internacionais** (por exemplo, "igualdade entre os Estados"), é um princípio fundamental, esta, mais uma vez, estará correta.

A explicação para isso é o fato de que os art. 1º - art. 4º evidenciam, todos eles, **espécies de princípios fundamentais**.

2.1 - Fundamentos da República Federativa do Brasil:

Os **fundamentos** da República Federativa do Brasil estão previstos no art. 1º, da Constituição Federal de 1988. São eles os pilares, a base do ordenamento jurídico brasileiro.

> **Art. 1º** A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:
> **I** - a soberania;
> **II** - a cidadania;
> **III -** a dignidade da pessoa humana;
> **IV** - os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;
> **V** - o pluralismo político.
> **Parágrafo único**. Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição.

Para memorizá-los, usamos a famosa sigla "**SOCIDIVAPLU**": soberania, cidadania, dignidade da pessoa humana, valores sociais do trabalho e da livre iniciativa e pluralismo político.

00000000000 - DEMO

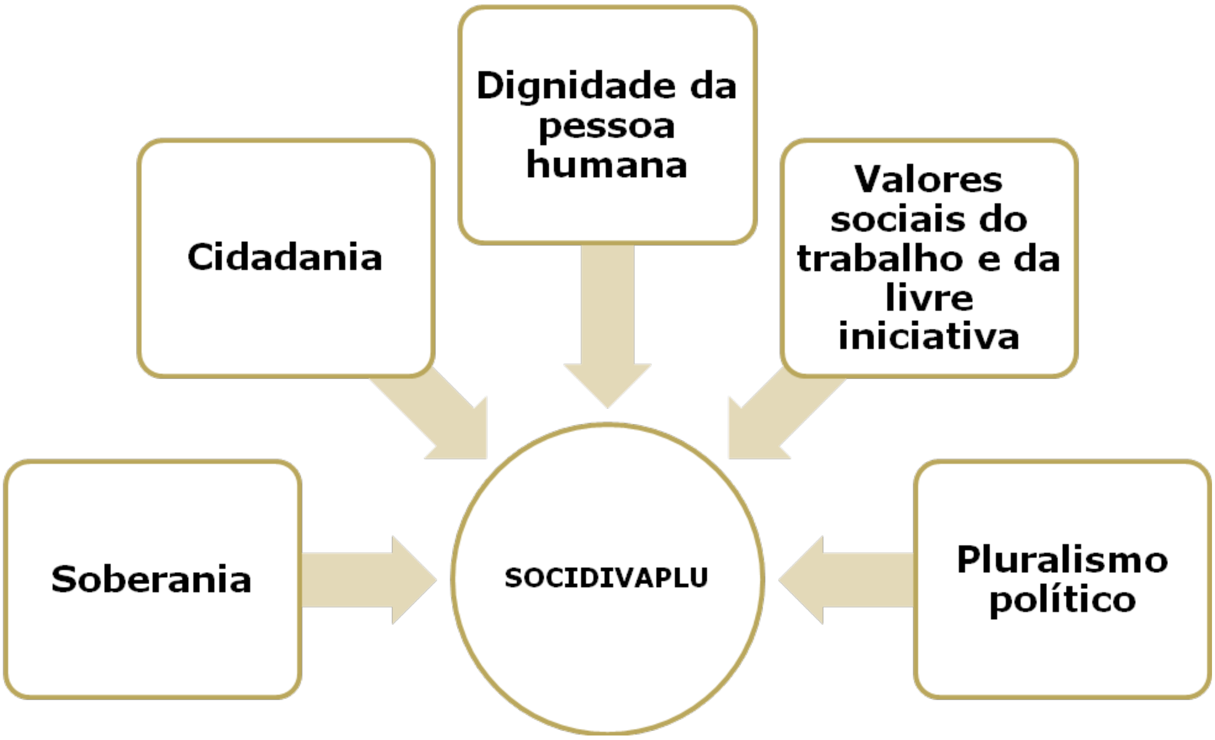
Dignidade da pessoa humana
Cidadania
Valores sociais do trabalho e da livre iniciativa
Soberania
SOCIDIVAPLU
Pluralismo político

A **soberania** é um atributo essencial ao Estado, garantindo que sua vontade não se subordine a qualquer outro poder, seja no plano interno ou no plano internacional. A soberania é considerada um **poder supremo e independente**: supremo porque não está limitado a nenhum outro poder na ordem interna; independente porque, no plano internacional, não se subordina à vontade de outros Estados.[14]

Assim, no âmbito interno, as normas e decisões elaboradas pelo Estado prevalecem sobre as emanadas de grupos sociais intermediários como família, escola e igreja, por exemplo. Por sua vez, na órbita internacional, o Estado somente se submete a regras em relação às quais manifestar livremente o seu consentimento. A soberania guarda correlação direta com o princípio da igualdade entre os Estados, que é um dos princípios adotados pela República Federativa do Brasil em suas relações internacionais (art. 4º, V, CF/88).

É relevante destacar que a soberania deve ser vista sob uma **perspectiva** (sentido) **democrática**, donde surge a expressão "**soberania popular**". Com efeito, o art. 1º, parágrafo único, dispõe que "*todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente*" nos termos da Constituição.

A **cidadania,** por sua vez, é simultaneamente um objeto e um direito fundamental das pessoas; ela representa um verdadeiro *status* do ser humano: o de ser cidadão e, com isso, ter assegurado o seu direito de

---

[14] CAETANO, Marcelo. ***Direito Constitucional***, 2ª edição. Rio de Janeiro, Forense, 1987, volume 1, pag. 169.

00000000000 - DEMO

participação na vida política do Estado. [15] A previsão da cidadania como fundamento do Estado brasileiro exige que o Poder Público incentive a participação popular nas decisões políticas do Estado. Nesse sentido, está intimamente ligada ao conceito de democracia, pois supõe que o cidadão se sinta responsável pela construção de seu Estado, pelo bom funcionamento das instituições.

A **dignidade da pessoa humana** é outro fundamento da República Federativa do Brasil e consiste no valor-fonte do ordenamento jurídico, a base de todos os direitos fundamentais. Trata-se de princípio que coloca o ser humano como a preocupação central para o Estado brasileiro: a proteção às pessoas deve ser vista como um fim em si mesmo.

Segundo o STF, a dignidade da pessoa humana é princípio supremo, "*significativo vetor interpretativo, verdadeiro valor-fonte que conforma e inspira todo o ordenamento constitucional vigente em nosso País e que traduz, de modo expressivo, um dos fundamentos em que se assenta, entre nós, a ordem republicana e democrática consagrada pelo sistema de direito constitucional positivo*."[16]

O princípio da dignidade da pessoa humana possui **elevada densidade normativa** e pode ser usado, por si só e independentemente de regulamentação, como fundamento de decisão judicial. Além de possuir eficácia negativa (invalidando qualquer norma com ele conflitante), o princípio da dignidade da pessoa humana vincula o Poder Público, impelindo-o a adotar políticas para sua total implementação.

Em razão da importância do princípio da dignidade da pessoa humana, o STF já o utilizou como **fundamento de diversas decisões importantes**. A seguir, comentaremos os principais entendimentos do STF acerca da dignidade humana:

a) O STF considerou legítima a **união homoafetiva** como entidade familiar, em razão do princípio da dignidade da pessoa humana e do direito à busca pela felicidade.

Segundo a Corte:

> "*a extensão, às uniões homoafetivas, do mesmo regime jurídico aplicável à união estável entre pessoas de gênero distinto justifica-se e legitima-se pela direta incidência, dentre outros, dos princípios constitucionais da igualdade, da liberdade, da dignidade, da segurança jurídica e do postulado constitucional implícito que consagra o direito à busca da felicidade, os quais configuram, numa estrita dimensão que privilegia o sentido de inclusão decorrente da própria Constituição da República (art. 1º, III, e art. 3º, IV), fundamentos autônomos e*

---

[15] MORAES, Alexandre de. ***Constituição do Brasil Interpretada e Legislação Constitucional***, 9ª edição. São Paulo Editora Atlas: 2010, pp. 61.

[16] STF, HC 85.237, Rel. Min. Celso de Mello, j. 17.03.05, DJ de 29.04.05.

00000000000 - DEMO

> *suficientes aptos a conferir suporte legitimador à qualificação das conjugalidades entre pessoas do mesmo sexo como espécie do gênero entidade familiar".* [17]

b) O STF considera que não ofende o direito à vida e a dignidade da pessoa humana a **pesquisa com células-tronco embrionárias** obtidas de embriões humanos produzidos por fertilização "*in vitro*" e não utilizados neste procedimento.[18] Sobre esse ponto, vale a pena esclarecer que, quando é realizada uma fertilização "*in vitro*", são produzidos vários embriões e apenas alguns deles são implantados no útero da futura mãe. Os embriões não utilizados no procedimento (que seriam congelados ou descartados) é que poderão ser objeto de pesquisa com células-tronco.

c) O STF entende que **não é possível**, por violar o princípio da dignidade da pessoa humana, a **submissão compulsória do pai ao exame de DNA** na ação de investigação de paternidade.[19]

...

Voltando à análise dos fundamentos da República Federativa do Brasil, a elevação dos **valores sociais do trabalho** e da **livre iniciativa** a essa condição reforça que o nosso Estado é capitalista, e, simultaneamente, demonstra que o trabalho tem um valor social. É o trabalho, afinal, ferramenta essencial para garantir, em perspectiva menos ampla, a subsistência das pessoas e, em perspectiva mais abrangente, o desenvolvimento e crescimento econômico do País.

Observe que o art. 170 da CF/88 reitera esse fundamento, ao determinar que "*a ordem econômica, **fundada na valorização do trabalho humano e na livre iniciativa**, tem por fim assegurar a todos existência digna, conforme os ditames da justiça social*".

Por último, o Estado brasileiro também tem como fundamento o **pluralismo político**. Esse princípio visa garantir a inclusão dos diferentes grupos sociais no processo político nacional, outorgando aos cidadãos liberdade de convicção filosófica e política. Como seu corolário, tem-se a liberdade de criação e funcionamento dos partidos políticos. O STF entende que a **crítica jornalística** é um direito cujo suporte legitimador é o pluralismo político; o exercício desse direito deve, assim, ser preservado contra ensaios autoritários de repressão penal. [20]

Cabe destacar que o pluralismo político **exclui os discursos de ódio**, assim considerada qualquer comunicação que tenha como objetivo inferiorizar uma pessoa com base em raça, gênero, nacionalidade, religião ou orientação

---

[17] RE 477554 MG, DJe-164 DIVULG 25-08-2011 PUBLIC 26-08-2011 EMENT VOL-02574-02 PP-00287.
[18] STF, ADI 3510/DF – Rel. Min Ayres Britto, DJe 27.05.2010
[19] STF, Pleno, HC 71.373/RS, rel. Min. Francisco Rezek, Diário da Justiça, Seção I, 22.11.1996.
[20] STF – Pet 3486/DF, Rel. Ministro Celso de Mello. DJe. 22.08.2005.

00000000000 - DEMO

sexual. No Brasil, considera-se que os discursos de ódio **não estão amparados** pela liberdade de manifestação de pensamento.

HORA DE
praticar!

(FUB – 2015) O pluralismo político, fundamento da República Federativa do Brasil, é pautado pela tolerância a ideologias diversas, o que exclui discursos de ódio, não amparados pela liberdade de manifestação do pensamento.

Comentários:

O discurso de ódio não está protegido pela liberdade de manifestação de pensamento. Por isso, o pluralismo político exclui discursos de ódio. Questão correta.

(TJ-SE – 2014) A dignidade da pessoa humana, princípio fundamental da República Federativa do Brasil, promove o direito à vida digna em sociedade, em prol do bem comum, fazendo prevalecer o interesse coletivo em detrimento do direito individual.

Comentários:

A dignidade da pessoa humana é um fundamento da República Federativa do Brasil. Enquadra-se como ***princípio fundamental***, assim como todos os outros inscritos dos art. 1º a art. 4º, CF/88. Esse princípio coloca o ***indíviduo*** (o ser humano) como a ***preocupação central do Estado***. Assim, não há que se falar em "prevalência do interesse coletivo em detrimento do direito individual". Questão errada.

2.2- Forma de Estado / Forma de Governo / Regime Político:

Dentre as decisões políticas fundamentais, estão a definição da forma de Estado e a forma de governo. Essas opções políticas foram escolhidas pelo Poder Constituinte Originário logo no início do texto constitucional (art. 1º, *caput*).

a) **Forma de estado** diz respeito à maneira pela qual o poder está territorialmente repartido; em outras palavras, é a repartição territorial do Poder que irá definir a forma de Estado. Nesse sentido, um Estado poderá ser **unitário** (quando o poder está territorialmente centralizado) ou **federal** (quando o poder está territorialmente descentralizado). [21]

---

[21] O objetivo dessa aula não é nos aprofundarmos no conceito de Estado unitário e Estado federal. Nesse momento, os conceitos acima mencionados já são suficientes ao nosso aprendizado.

00000000000 - DEMO

O Brasil é um Estado federal, ou seja, adota a **federação** como forma de Estado. Há diversos entes federativos (União, Estados, Distrito Federal e Municípios), todos eles **autônomos**, dotados de governo próprio e de capacidade política. São pessoas jurídicas de direito público que mantêm entre si um **vínculo indissolúvel**. Em razão dessa indissolubilidade, um estado ou município brasileiro não pode se separar do Brasil; diz-se que, em uma federação não há o direito de secessão. É esse o princípio da **indissolubilidade do vínculo federativo**, o qual é reforçado pelo fato de que a federação é cláusula pétrea da CF/88 (art. 60§ 4º, I, CF), não podendo, portanto, ser objeto de emenda constitucional tendente à sua abolição.

O Estado federal, segundo a doutrina, apresenta duas características: **autonomia** e **participação.** A autonomia traduz-se na possibilidade de os Estados e Municípios terem sua própria estrutura governamental e competências, distintas daquelas da União. A participação, por sua vez, consiste em dar aos Estados a possibilidade de interferir na formação das leis. Ela é garantida, em nosso ordenamento jurídico, pelo Senado, órgão legislativo que representa os Estados.

Cabe destacar que **autonomia difere de soberania**. No Brasil, apenas a República Federativa do Brasil (RFB) é considerada soberana, inclusive para fins de direito internacional; só ela possui personalidade internacional. Isso porque, na Federação, os entes reunidos, apesar de não perderem suas personalidades jurídicas, abrem mão de algumas prerrogativas, em benefício do todo (Estado Federal). Dessas, a principal é a soberania.

A **União** é quem representa a RFB no plano internacional (art. 21, inciso I), mas **possui apenas autonomia**, jamais soberania. Destaque-se, todavia, que os outros entes federativos até podem atuar no plano internacional, mas apenas na medida em que a RFB os autoriza. Como exemplo, pode-se citar a contratação de empréstimo junto ao Banco Mundial pelo Estado de São Paulo, para fins de construção de uma rodovia.

Na CF/88, os Municípios foram incluídos, pela primeira vez, como entidades federativas. Com essa previsão constitucional, o federalismo brasileiro passou a ser considerado um **federalismo de terceiro grau**: temos uma federação composta por União, Estados e Municípios.[22]

No Brasil, a União, os Estados-membros e os Municípios, todos igualmente autônomos, têm o mesmo "*status*" hierárquico, recebendo tratamento jurídico isonômico. O governo de qualquer um deles não pode determinar o que o governo do outro pode ou não fazer. Cada um exerce suas competências dentro dos limites reservados pela Constituição.

A federação brasileira tem como característica ser resultado de um **movimento centrífugo**, ou seja, formou-se **por segregação**. Isso porque no

---

[22] O Prof. Manoel Gonçalves Ferreira Filho diz que o Brasil é um federalismo de 2º grau, mas essa é a posição minoritária. Para esse autor, haveria dois graus: um da União para os Estados, e outro, dos Estados para os Municípios.

00000000000 - DEMO

Brasil, até a Constituição de 1891, o Estado era unitário (centralizado), tendo, então, se desmembrado para a formação dos estados-membros. Já nos Estados Unidos, por exemplo, os Estados se agregaram, num movimento centrípeto, para formar o Estado federal.

Outra característica de nosso federalismo é que ele é **cooperativo**. A repartição de competências entre os entes da federação se dá de forma que todos eles contribuam para que o Estado alcance seus objetivos. Algumas competências são comuns a todos, havendo, ainda, a colaboração técnica e financeira entre eles para a prestação de alguns serviços públicos, bem como repartição das receitas tributárias.

b) Forma de Governo é o modo como se dá a instituição do poder na sociedade e a relação entre governantes e governados. Quanto à forma de governo, um Estado poderá ser uma monarquia ou uma república.

No Brasil, a forma de governo adotada (art. 1º, caput), foi a **república**.

São características da República o **caráter eletivo, representativo e transitório** dos detentores do poder político e **responsabilidade dos governantes**.

Os governantes, na República, são eleitos pelo povo, o que vincula essa forma de governo à democracia. Além disso, na República, o governo é limitado e responsável, surgindo a ideia de responsabilidade da Administração Pública. Finalmente, o caráter transitório dos detentores do poder político é inerente ao governo republicano, sendo ressaltado, por exemplo, no art. 60, §4º da CF/88, que impede que seja objeto de deliberação a proposta de emenda constitucional tendente a abolir o "*voto direto, secreto, universal e periódico*".

Outra importante característica da República é que ela é fundada na **igualdade formal das pessoas**. Nessa forma de governo é intolerável a discriminação, sendo todos formalmente iguais, ou seja, iguais perante o Direito.

c) O **regime político** adotado pelo Brasil é a democracia, o que fica claro quando o art. 1º, caput, da CF/88 dispõe que a República Federativa do Brasil constitui-se um **Estado democrático de direito**.

O Estado de Direito é aquele no qual existe uma limitação dos poderes estatais; ele representa uma superação do antigo modelo absolutista, no qual o governante tinha poderes ilimitados. O surgimento do Estado de direito se deve aos movimentos constitucionalistas modernos.

A evolução histórica do Estado de Direito nos evidencia que, inicialmente, predominava a ideologia liberal; era o chamado **Estado Liberal de Direito**, no qual a limitação do poder estatal e a garantia das liberdades negativas eram os principais objetivos. Posteriormente, com a Revolução Industrial e a Revolução Russa, o Estado liberal dá lugar ao **Estado Social de Direito**,

00000000000 - DEMO

marcado pela exigência de que o Estado oferte prestações positivas em favor dos indivíduos (direitos sociais).

Hoje, vive-se o momento do **Estado Constitucional**, que é, ao mesmo tempo, um Estado de Direito e um Estado democrático. Cabe destacar que a expressão "**Estado Democrático de Direito**" não implica uma mera reunião dos princípios do Estado de Direito e do Estado Democrático, uma vez que os supera, trazendo em si um conceito novo, mais abrangente.

Trata-se, na verdade, da garantia de uma sociedade pluralista, em que todas as pessoas se submetem às leis e ao Direito, que, por sua vez, são criados pelo povo, por meio de seus representantes. A lei e o Direito, nesse Estado, visam a garantir o respeito aos direitos fundamentais, assegurando a todos uma igualdade material, ou seja, condições materiais mínimas a uma existência digna. Nos dizeres de Dirley da Cunha Jr, "*o Estado Democrático de Direito, portanto, é o Estado Constitucional submetido à Constituição e aos valores humanos nela consagrados.*" [23]

O **princípio democrático** é reforçado pelo parágrafo único do art.1º da Constituição Federal. Segundo esse dispositivo, *todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente*" nos termos da Constituição."

No Brasil, existe uma **democracia semidireta ou participativa**, assim caracterizada pelo fato de que o povo, além de participar das decisões políticas por meio de seus representantes eleitos, também possui instrumentos de participação direta. São formas de participação direta do povo na vida política do Brasil o plebiscito, o referendo, a iniciativa popular de leis e ação popular. Esses mecanismos são o que a doutrina chama "institutos da democracia semidireta".

FIQUE atento!	Cuidado para não confundir plebiscito e referendo! É simples: o **plebiscito** é convocado **antes** da criação da norma (ato legislativo ou administrativo) para que os cidadãos, por meio do voto, aprovem ou não a questão que lhes foi submetida. Já o **referendo** é convocado **após** a edição da norma, devendo esta ser ratificada pelos cidadãos para ter validade.

HORA DE praticar!	**(FUB – 2015)** O regime político adotado na CF caracteriza a República Federativa do Brasil como um estado democrático de direito em que se conjuga o princípio representativo com a participação direta do povo por meio do voto, do plebiscito, do

---

[23] CUNHA JÚNIOR, Dirley. ***Curso de Direito Constitucional***, 6ª edição, p. 543.

00000000000 - DEMO

referendo e da iniciativa popular.

Comentários:

No Brasil, vigora uma democracia semidireta, na qual se conjuga o princípio representativo com a participação direta do povo através do voto, plebiscito, referendo e iniciativa popular. Questão correta.

(Câmara dos Deputados – 2014) A democracia brasileira é indireta, ou representativa, haja vista que o poder popular se expressa por meio de representantes eleitos, que recebem mandato para a elaboração das leis e a fiscalização dos atos estatais.

Comentários:

No Brasil, vigora uma democracia ***semidireta***. Questão errada.

(Polícia Federal – 2014) A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos estados, municípios e Distrito Federal (DF), adota a federação como forma de Estado.

Comentários:

A forma de Estado adotada pela RFB é a federação. Questão correta.

(TRE-AM – 2014) O Brasil adotou como sistema de govemo a República, o presidencialismo como forma de governo e a Federação como forma de Estado.

Comentários:

O examinador inverteu as coisas. A ***forma de governo*** adotado pelo Brasil é a República; o presidencialismo é o sistema de governo. Questão errada.

2.3- Harmonia e Independência entre os Poderes:

A separação de poderes é um princípio cujo objetivo é evitar arbitrariedades e o desrespeito aos direitos fundamentais[24]; ele se baseia na premissa de que quando o poder político está concentrado nas mãos de uma só pessoa, há uma tendência ao abuso do poder. Sob essa perspectiva, a separação de poderes é verdadeira técnica de **limitação do poder estatal**.

---

[24] MORAES, Alexandre de. ***Constituição do Brasil Interpretada e Legislação Constitucional***, 9ª edição. São Paulo Editora Atlas: 2010, pp. 72.

As origens da separação de poderes remontam a Aristóteles, com a obra "*A Política*". Posteriormente, o tema também foi trabalhado por João Locke e, finalmente, por Montesquieu, em sua célebre obra "*O espírito das leis*".

Modernamente, a separação de poderes não é vista como algo rígido. Com efeito, o **poder político é uno, indivisível**; assim, o que pode ser objeto de separação são as funções estatais (e não o poder político). Assim, apesar de a Constituição falar em três Poderes, na verdade ela está se referindo a **funções distintas de um mesmo Poder**: a legislativa, a executiva e a judiciária.

A Constituição Federal de 1988 adotou, assim, uma separação de Poderes **flexível**. Isso significa que eles não exercem exclusivamente suas **funções típicas**, mas também outras, denominadas **atípicas.** Um exemplo disso é o exercício da função administrativa (típica do Executivo) pelo Judiciário e pelo Legislativo, quando dispõem sobre sua organização interna e sobre seus servidores, nomeando-os ou exonerando-os. Ou, então, quando o Poder Executivo exerce função legislativa (típica do Poder Legislativo), ao editar medidas provisórias ou leis delegadas.

A Constituição Federal de 1988, em seu art. 2º, trata da separação de poderes, dispondo que "*são poderes da União, **independentes e harmônicos** entre si, o Legislativo, o Executivo e o Judiciário*."

Chama-nos a atenção o fato de que a Constituição explicita que os três Poderes são "*independentes e harmônicos*". **Independência** é a ausência de subordinação, de hierarquia entre os Poderes; cada um deles é livre para se organizar e não pode intervir indevidamente (fora dos limites constitucionais) na atuação do outro. **Harmonia**, por sua vez, significa colaboração, cooperação; visa garantir que os Poderes expressem uniformemente a vontade da União.

A **independência** entre os Poderes não é absoluta. Ela é **limitada pelo sistema de freios e contrapesos**, de origem norte-americana. Esse sistema prevê a **interferência legítima de um Poder sobre o outro**, nos limites estabelecidos constitucionalmente. É o que acontece, por exemplo, quando o Congresso Nacional (Poder Legislativo) fiscaliza os atos do Poder Executivo (art. 49, X, CF/88). Ou, então, quando o Poder Judiciário controla a constitucionalidade de leis elaboradas pelo Poder Legislativo.

FIQUE atento!	Alguns entendimentos importantes do STF sobre o sistema de freios e contrapesos: **1)** Os mecanismos de controle recíprocos entre os Poderes (os freios e contrapesos) previstos nas Constituições Estaduais somente se legitimam quando guardarem estreita similaridade com os previstos na Constituição Federal **(ADI 1.905-MC)**

00000000000 - DEMO

	2) Os mecanismos de freios e contrapesos estão previstos na Constituição Federal, sendo vedado à Constituição Estadual criar outras formas de interferência de um Poder sobre o outro. **(ADI 3046)** **3)** É inconstitucional, por ofensa ao princípio da independência e harmonia entre os Poderes, norma que subordina acordos, convênios, contratos e atos de Secretários de Estado à aprovação da Assembleia Legislativa. **(ADI 476).**

2.3- Objetivos Fundamentais da República Federativa do Brasil:

Os **objetivos fundamentais** são as finalidades que devem ser perseguidas pelo Estado brasileiro. Que tal analisarmos o art. 3º da Carta Magna?

> **Art. 3º** Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:
> **I** - construir uma sociedade livre, justa e solidária;
> **II** - garantir o desenvolvimento nacional;
> **III** - erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;
> **IV** - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

Como se lembrar do rol de objetivos da República Federativa do Brasil, uma vez que o art. 3º da CF/88 costuma ser cobrado em sua literalidade? Leia-o e releia-o até decorá-lo! Para ajudá-lo na memorização do mesmo, peço que preste atenção nos verbos, sempre no infinitivo: **construir**, **garantir, erradicar e promover**.

Calma, o curso não descambou para o Português! É que apenas com essa observação, você poderá resolver a questão de sua prova, mesmo se não se lembrar de nada que esteja escrito no art. 3º, CF/88.

Outra dica é que esses verbos formam a sigla "Conga Erra Pro", que serve de memorização. Pense em um rapaz, de apelido **CONGA**, que tem como **OBJETIVO** não **ERRA**r na **PRO**va:

00000000000 - DEMO

OBJETIVOS FUNDAMENTAIS DA RFB ("CONGA ERRA PRO")

- **CONSTRUIR UMA SOCIEDADE LIVRE, JUSTA E SOLIDÁRIA**
- **GARANTIR O DESENVOLVIMENTO NACIONAL**
- **ERRADICAR A POBREZA E A MARGINALIZAÇÃO E REDUZIR AS DESIGUALDADES SOCIAIS E REGIONAIS**
- **PROMOVER O BEM DE TODOS, SEM PRECONCEITOS DE ORIGEM, RAÇA, SEXO, COR, IDADE E QUAISQUER OUTRAS FORMAS DE DISCRIMINAÇÃO**

A **promoção do bem de todos**, sem preconceitos, alçada pela Carta Magna à condição de objetivo fundamental da República Federativa do Brasil, consagra a **igualdade material** como um dos objetivos da República Federativa do Brasil. O Estado não pode se contentar com a atribuição de igualdade perante a lei aos indivíduos; ao invés disso, deve buscar reduzir as disparidades econômicas e sociais.

Um exemplo da aplicação desse princípio é a reserva de vagas nas Universidades Federais, a serem ocupadas exclusivamente por alunos egressos de escolas públicas (cotas raciais). Busca-se tornar o sistema educacional mais justo, mais igual. Não se trata de preconceito, mas de uma **ação afirmativa** do Estado.

Elucidando esse conceito, o STJ dispôs o seguinte:

> *"ações afirmativas são medidas especiais tomadas com o objetivo de assegurar progresso adequado de certos grupos raciais, sociais ou étnicos ou indivíduos que necessitem de proteção, e que possam ser necessárias e úteis para proporcionar a tais grupos ou indivíduos igual gozo ou exercício de direitos humanos e liberdades fundamentais, contanto que, tais medidas não conduzam, em consequência, à manutenção de direitos separados para diferentes grupos raciais, e não prossigam após terem sido alcançados os seus objetivos"* (REsp 1132476/PR, Rel. Ministro Humberto Martins, 2ª Turma, julgado em 13/10/2009, DJe 21/10/2009)

HORA DE praticar!	**(MPE-SC – 2014)** Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: construir uma sociedade soberana, justa e solidária; garantir o desenvolvimento internacional; erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais; promover o bem de todos,

00000000000 - DEMO

	sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. **Comentários:** Há dois erros na assertiva. Primeiro, é objetivo fundamental construir uma sociedade ***livre***, justa e solidária. Segundo, é o objetivo fundamental garantir o desenvolvimento ***nacional***. Questão errada.

2.4- Princípios das Relações Internacionais:

Estudaremos, agora, os princípios que regem a República Federativa do Brasil em suas relações internacionais, os quais estão relacionados no art. 4º, da Constituição Federal.

> **Art. 4º** A República Federativa do Brasil rege-se nas suas relações internacionais pelos seguintes princípios:
>
> **I** - independência nacional;
>
> **II** - prevalência dos direitos humanos;
>
> **III** - autodeterminação dos povos;
>
> **IV** - não-intervenção;
>
> **V** - igualdade entre os Estados;
>
> **VI** - defesa da paz;
>
> **VII** - solução pacífica dos conflitos;
>
> **VIII** - repúdio ao terrorismo e ao racismo;
>
> **IX** - cooperação entre os povos para o progresso da humanidade;
>
> **X** - concessão de asilo político.
>
> **Parágrafo único**. A República Federativa do Brasil buscará a integração econômica, política, social e cultural dos povos da América Latina, visando à formação de uma comunidade latino-americana de nações.

Como costuma ser cobrado esse artigo? Geralmente o examinador tenta confundir esses princípios com os objetivos expostos no art. 3º e os fundamentos da RFB, apresentados no art. 1º da Carta Magna.

00000000000 - DEMO

O legislador constituinte se inspirou na Carta da ONU, assinada em 1945, ao escrever o art. 4º da CF/88. Naquela Carta, expressou-se o maior sentimento da humanidade após o início da II Guerra Mundial: busca da paz. Em nossa Constituição, tal sentimento foi registrado nos incisos III, IV, VI, VII e IX. Observe que nela determina-se que a RFB buscará a **autodeterminação dos povos**, ou seja, respeitar a sua soberania, **não intervindo** em suas decisões. Isso porque **defende a paz** e, para tal, **a solução pacífica dos conflitos**, assumindo que as relações entre os povos deve ser de **cooperação**.

Uma das consequências da II Guerra Mundial foi a independência das colônias. Percebeu-se que, para haver paz, é necessário **independência nacional**, ou seja, ter sua soberania respeitada pelas outras nações. Além disso, verificou-se que a paz somente é possível com a **igualdade entre os Estados**, pois a existência de colônias e as sanções impostas à Alemanha após a Primeira Guerra Mundial foram as principais causas para a eclosão da Segunda. A igualdade entre os Estados é uma contrapartida à independência nacional: é o compromisso de que uns respeitem a soberania dos outros. Esses são os motivos pelos quais os incisos I e V do art. 4º foram escolhidos por nosso constituinte como princípios das relações internacionais do Brasil.

Finalmente, qual a imagem mais forte da II Guerra Mundial? O massacre dos judeus, nos campos de concentração, promovido pelos nazistas. Uma vergonha para a Humanidade. A Carta da ONU, em consequência, assume como princípio o estímulo aos direitos humanos. Inspirado naquela Carta, nosso constituinte elevou à condição de princípios a serem buscados pela RFB em suas relações internacionais a **prevalência dos direitos humanos** e o **repúdio ao terrorismo e ao racismo**.

O parágrafo único do art. 4º da Constituição traz um objetivo a ser buscado pelo Brasil em suas relações internacionais: a **integração econômica, política, social e cultural dos povos da América Latina**, visando à formação de uma comunidade latino-americana de nações. Quando é cobrado, o examinador geralmente troca América Latina por América do Sul, para confundi-lo(a). Portanto, fique atento!

HORA DE praticar!	**(UFRB – 2015)** A República Federativa do Brasil buscará a integração econômica, política, social e cultural dos povos das Américas, visando à formação de uma comunidade americana de nações. **Comentários**: A CF/88 prevê a busca pela integração na América Latina. Questão errada. **(DPE-PR – 2014)** São fundamentos da República Federativa do Brasil: o pluralismo político, a cidadania, a soberania, a dignidade da pessoa humana, os valores do trabalho e da livre iniciativa. E são princípios expressos adotados pelo Brasil no

00000000000 - DEMO

	âmbito internacional: a independência nacional, o desenvolvimento nacional, a não intervenção, a prevalência dos direitos humanos, a concessão de asilo político e a solução pacífica das controvérsias. **Comentários**: Pegadinha! O desenvolvimento nacional ***não é princípio*** das relações internacionais. Questão errada. **(TRT 13 Região – 2013)** A Constituição Federal de 1988 (CF) não prevê expressamente o princípio da concessão de asilo político. **Comentários:** A concessão de asilo político é um princípio que rege a República Federativa do Brasil em suas relações internacionais. Questão errada.

Questões Comentadas

1. A Pirâmide de Kelsen – A Hierarquia das Normas

1. (FGV / AL-MT – 2013) A tese de que há hierarquia entre normas constitucionais originárias, dando azo à declaração de inconstitucionalidade de uma em face de outras, é incompatível com o sistema de Constituição rígida.

Comentários:

No Brasil, considera-se que não existe hierarquia entre normas constitucionais originárias. Todavia, destacamos a tese de Otto Bachof, para quem as cláusulas pétreas são hierarquicamente superiores às demais normas constitucionais originárias. Essa tese, todavia, é ***incompatível com o sistema de Constituição rígida***, conforme já decidiu o STF na ADI nº 815-3. Questão correta.

2. (FGV / SEFAZ-RJ – 2011) Não é norma de mesma hierarquia o(a):

a) lei ordinária.

b) lei complementar.

c) medida provisória.

d) decreto.

e) lei delegada

00000000000 - DEMO

Comentários:

As leis (ordinárias, complementares e delegadas), as medidas provisórias, os decretos legislativos, as resoluções e os decretos autônomos são normas primárias e estão todas no mesmo nível hierárquico. Por outro lado, os decretos executivos (ou simplesmente decretos) são normas secundárias, infralegais. O gabarito é a letra D.

3. (FGV / SEFAZ-RJ – 2008) São elementos orgânicos da Constituição:

a) a estruturação do Estado e os direitos fundamentais.

b) a divisão dos poderes e o sistema de governo.

c) a tributação e o orçamento e os direitos sociais.

d) as forças armadas e a nacionalidade.

e) a segurança pública e a intervenção.

Comentários:

Letra A: errada. Os direitos fundamentais são elementos limitativos, à exceção dos direitos sociais (que são elementos socioideológicos).

Letra B: correta. A organização do Estado e a organização dos Poderes são, de fato, elementos orgânicos.

Letra C: errada. Os direitos sociais e a tributação e orçamento são elementos socioideológicos.

Letra D: errada. As Forças Armadas são elemento de estabilização constitucional. Os direitos de nacionalidade são elementos limitativos.

Letra E: errada. A segurança pública e a intervenção são elementos de estabilização constitucional.

2. Aplicabilidade das normas constitucionais

4. (FUNCAB/ ANS – 2015) José Afonso da Silva classifica as normas constitucionais, quanto à aplicabilidade, em três espécies: normas de eficácia plena, contida e limitada. O artigo 93, inciso IX, da Carta Magna aduz que "todos os julgamentos dos órgãos do Poder Judiciário serão públicos, e fundamentadas todas as decisões, sob pena de nulidade, podendo a lei limitar a presença, em determinados atos, às próprias partes e a seus advogados, ou somente a estes, em casos nos quais a preservação do direito à intimidade do interessado no sigilo não prejudique o interesse público à informação". Neste sentido, o artigo é exemplo de norma constitucional:

00000000000 - DEMO

a) limitada, pois a norma constitucional em apreço não é provida de aplicabilidade direta e imediata, dependendo esta de interposição legislativa.

b) contida, pois a norma constitucional em apreço é dotada de aplicabilidade direta, imediata, mas não integral, admitindo-se contenção de seu conteúdo.

c) plena, pois a norma constitucional em apreço não é dotada de aplicabilidade integral, vez que há a possibilidade do alcance do preceito ser reduzido pela legislação ordinária, de forma que a norma infraconstitucional logra restringir os efeitos da norma constitucional regulamentada.

d) plena, pois a norma constitucional em apreço dispõe de aplicabilidade direta, imediata e integral, tendo em vista que não depende de regulamentação para se tornar aplicável.

e) contida, pois a norma constitucional em apreço tem aplicabilidade indireta, mediata e reduzida, somente incidindo em sua totalidade após uma normativa ulterior que lhe desenvolva a eficácia.

Comentários:

O art. 93 da Constituição é norma constitucional de eficácia contida, com ***produção de todos os efeitos desde a sua edição***. Seu alcance pode ser limitado por lei, que ***poderá restringir a presença nos julgamentos dos órgãos do Poder*** Judiciário às próprias partes e a seus advogados, ou somente a estes, em casos nos quais a preservação do direito à intimidade do interessado no sigilo não prejudique o interesse público à informação. O gabarito é a letra B.

5. (FUNCAB / ANS – 2013) No que diz respeito à eficácia das normas constitucionais, assinale a opção correta.

a) Há hierarquia entre normas constitucionais.

b) As normas de eficácia plena admitem lei infraconstitucional que lhes restrinja o conteúdo.

c) Considera-se norma de eficácia restringível aquela que tem aplicabilidade direta e integral.

d) É de eficácia limitada de princípio programático, o art. 12, I, da Constituição Federal que qualifica como "os nascidos na República Federativa do Brasil, ainda que de pais estrangeiros, desde que estes não estejam a serviço do seu país."

e) Tem-se como exemplo de norma de eficácia limitada de princípio institutivo aquela que trata da contratação excepcional do servidor (art. 37, IX, da CF).

Comentários:

00000000000 - DEMO

Letra A: errada. As normas constitucionais não possuem hierarquia entre si. Todas elas estão no mesmo patamar hierárquico.

Letra B: errada. As normas de eficácia plena não podem ser restringidas. Elas possuem aplicabilidade direta, imediata e integral.

Letra C: errada. As normas de eficácia contida (ou restringível) possuem aplicabilidade direta e possivelmente não integral.

Letra D: errada. O art. 12, I, é norma de eficácia plena. As normas de eficácia limitada dependem de regulamentação para produzirem todos os seus efeitos.

Letra E: correta. O art. 37, IX, estabelece que "***a lei estabelecerá*** *os casos de contratação por tempo determinado para atender a necessidade temporária de excepcional interesse público*". Como é possível perceber, trata-se de norma de eficácia limitada, uma vez que é necessária lei para estabelecer os casos de contratação temporária.

6. (FUNCAB / Procurador DER – RO – 2010) Na clássica classificação de José Afonso da Silva, a norma constitucional de eficácia contida pode ser definida como aquela que:

a) não produz efeitos enquanto não for complementada por outra norma de mesmo nível constitucional, oriunda do poder constituinte originário.

b) tem condições de produzir todos os seus efeitos quando da promulgação de uma nova Constituição, mas a norma infraconstitucional poderá reduzir a sua abrangência.

c) pode ter seu âmbito de abrangência contido por decisão do Supremo Tribunal Federal, em controle concentrado, ao lhe ser dada interpretação conforme o restante da Constituição Federal.

d) não é aplicável ou não pode produzir efeitos enquanto norma infraconstitucional integrativa não entrar em vigor.

e) declara princípios institutivos que contêm esquemas gerais de estruturação de instituições, órgãos ou entidades.

Comentários:

A norma de eficácia contida tem aplicabilidade direta, imediata e possivelmente não integral. Ela ***pode produzir todos os seus efeitos*** desde a promulgação da Constituição, mas uma ***norma infraconstitucional poderá restringi-la***, ou seja, reduzir o seu alcance. A resposta é a letra B.

7. (FGV / DPE-MT – Advogado – 2015) Considerando a classificação das normas constitucionais, assinale a opção que indica a norma de eficácia contida.

00000000000 - DEMO

a) É livre o exercício de qualquer profissão, atendidas as qualificações que a lei venha a estabelecer.

b) O Estado deve garantir o desenvolvimento nacional.

c) O Presidente da República não está sujeito à prisão antes da sentença penal condenatória.

d) As atribuições do Conselho de Defesa das Minorias serão definidas em lei.

e) É dever da sociedade proteger os idosos, na forma definida em lei.

Comentários:

Letra A: correta. A liberdade profissional é uma ***norma de eficácia contida***. Isso porque, desde a promulgação da Constituição, todos já podem exercer qualquer trabalho, ofício ou profissão. No entanto, a ***lei poderá estabelecer restrições*** ao exercício de algumas profissões.

Letra B: errada. É uma ***norma de eficácia limitada***, de natureza programática. Para garantir o desenvolvimento nacional, o Estará deverá implementar políticas públicas que tenham essa finalidade.

Letra C: errada. É uma ***norma de eficácia plena***, pois já produz todos os seus efeitos e não é restringível.

Letra D: errada. É uma ***norma de eficácia limitada***. Há necessidade de edição de lei regulamentadora para definir as atribuições do Conselho de Defesa Nacional.

Letra E: errada. Essa é uma ***norma de eficácia limitada***, uma vez que necessita da edição de lei regulamentadora para produzir todos os seus efeitos. É a lei que irá definir como será a proteção aos idosos.

O gabarito é a letra A.

8. (FGV / CGE-MA – 2014) A Constituição Federal estabelece que *é livre o exercício de qualquer trabalho, ofício ou profissão, atendidas as qualificações profissionais que a lei estabelecer*. Observadas as regras de aplicabilidade das normas constitucionais, trata-se de norma considerada de eficácia:

a) plena.

b) organizacional.

c) contida.

d) institutiva.

00000000000 - DEMO

e) programática.

Comentários:

A liberdade de exercício profissional é ***norma de eficácia contida***. Desde a promulgação da Constituição, já é possível exercer o direito ao livre exercício profissional. Todavia, a lei poderá restringir esse direito, estabelecendo critérios para o exercício de determinadas profissões. A resposta é a letra C.

9. (FGV/TCE-BA – 2013) As normas de eficácia contida são aquelas que somente produzem efeitos essenciais após um desenvolvimento normativo, a cargo dos poderes constituídos.

Comentários:

Esse é o conceito de normas constitucionais de ***eficácia limitada*** (e não de eficácia contida!). As normas de eficácia limitada ***dependem de regulamentação*** para que possam produzir todos os seus efeitos. As normas de eficácia contida, por outro lado, já produzem todos os seus efeitos desde a promulgação da Constituição; todavia, podem ser restringidas por lei. Questão incorreta.

10. (FGV / AL-MT – 2013) A tradicional classificação tricotômica das normas constitucionais afirma que, no tocante à sua eficácia e aplicabilidade, existem normas constitucionais de eficácia plena e aplicabilidade imediata, normas constitucionais de eficácia contida e aplicabilidade imediata, mas passiveis de restrição e normas constituidoras de eficácia limitada ou reduzida.

Comentários:

A classificação de José Afonso da Silva é uma ***classificação tricotômica***. Para o autor, existem: **i)** normas de eficácia plena (aplicabilidade direta, imediata e integral); **ii)** normas de eficácia contida (aplicabilidade direta, imediata e possivelmente não integral) e; **iii)** normas de eficácia limitada (aplicabilidade indireta, mediata e reduzida). Questão correta.

11. (FGV / TJ-MS – 2008) As normas constitucionais de eficácia plena são aquelas que desde a entrada em vigor da Constituição produzem, ou podem produzir, todos os efeitos essenciais, relativos aos interesses, comportamentos e situações, que o legislador constitucional, direta e normativamente, quis regular.

Comentários:

É isso mesmo! As normas de eficácia plena já estão aptas a produzir todos os seus efeitos desde a entrada em vigor da Constituição. Elas não dependem de lei regulamentadora para isso. Questão correta.

00000000000 - DEMO

12. (FGV / TJ-MS – 2008) As normas constitucionais de eficácia contida são aquelas que apresentam aplicação indireta, mediata e reduzida, porque somente incidem totalmente sobre os interesses, após uma normatividade ulterior que lhes desenvolva a aplicabilidade.

Comentários:

As normas de eficácia limitada é que possuem aplicabilidade indireta mediata e reduzida, dependendo de regulamentação (normatividade ulterior) para que possam produzir todos os seus efeitos. As normas de eficácia contida possuem aplicabilidade direta, imediata e possivelmente não-integral. Questão incorreta.

13. (FEPESE / JUCESC – 2013) O artigo constitucional que assevera que São Poderes da União, independentes e harmônicos entre si, o *Legislativo*, o *Executivo* e o *Judiciário*, trata de norma de:

a) eficácia plena.

b) eficácia contida.

c) eficácia limitada.

d) princípio institutivo.
e) princípio programática.

Comentários:

Essa norma, que consagra o princípio da separação de poderes, é típica norma de eficácia plena. A resposta é a letra A.

14. (FEPESE / SEFAZ-SC – 2010) Com respeito ao modelo constitucional brasileiro, é correto afirmar:

a) Normas constitucionais de eficácia limitada podem, apenas, ser restringidas por leis ou atos normativos.

b) Normas de eficácia plena são as que determinam a criação de novas instituições públicas.

c) Normas programáticas são aquelas cujo conteúdo remete-se a direitos fundamentais de primeira dimensão.

d) Normas constitucionais de eficácia contida são de aplicabilidade direta e imediata, podendo ser restringidas por norma ulterior.

e) Políticas públicas são normatizadas por normas de eficácia contida.

Comentários:

00000000000 - DEMO

Letra A: errada. As normas de eficácia contida é que podem ser restringidas (por lei, por outra norma constitucional ou, ainda, por conceitos ético-jurídicos indeterminados).

Letra B: errada. Normas de eficácia plena são aquelas que já estão aptas, desde a promulgação da Constituição, a produzir todos os seus efeitos. Não podem ser restringidas.

Letra C: errada. As normas programáticas são aquelas que traçam diretrizes para o futuro.

Letra D: correta. É exatamente isso. As normas de eficácia contida são restringíveis. Todavia, já produzem todos os seus efeitos desde a promulgação da Constituição, independentemente de regulamentação.

Letra E: errada. As normas constitucionais que estabelecem diretrizes para as políticas públicas são normas de eficácia limitada.

3. Poder Constituinte:

15. (FUNCAB / PC-MT – 2014) Tendo em vista o tema Poder Constituinte, assinale a alternativa correta.

a) O poder constituinte derivado reformador é aquele que instaura uma nova ordem jurídica, rompendo por completo com a ordem jurídica precedente.

b) O poder constituinte derivado decorrente é caracterizado, em sua essência, pela sua ausência de vinculação a qualquer regra anterior, pela sua autonomia e pela sua incondicionalidade.

c) As normas acrescidas ao Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) pelo poder constituinte de reforma não admitem controle de constitucionalidade.

d) O exercício do poder constituinte derivado não deve obediência às normas de natureza procedimental estabelecidas pelo legislador constituinte originário.

e) A competência atribuída aos Estados Federados brasileiros para a elaboração de suas constituições, segundo doutrina pacífica a esse respeito, é denominada de poder constituinte derivado decorrente.

Comentários:

Letra A: errada. O Poder Constituinte Originário é aquele que ***instaura uma nova ordem jurídica***, rompendo completamente com a anterior. O Poder Constituinte Originário é aquele que elabora uma nova Constituição.

Letra B: errada. O Poder Constituinte Originário é que é incondicionado e juridicamente ilimitado. O Poder Constituinte Derivado é condicionado e limitado.

00000000000 - DEMO

Letra C: errada. As normas do ADCT também podem ser objeto de controle de constitucionalidade.

Letra D: errada. O exercício do Poder Constituinte Derivado deve obediência às normas de natureza procedimental previstas na Constituição.

Letra E: correta. O Poder Constituinte Derivado Decorrente é o poder atribuído aos Estados para que elaborem as Constituições estaduais.

16. (FUNCAB / SC-CE – 2013) O poder de elaborar ou atualizar uma Constituição mediante supressão, modificação ou acréscimo de normas constitucionais denomina-se poder:

a) de polícia.

b) executivo.

c) constituinte.

d) regulamentar.

e) discricionário

Comentários:

O poder de elaborar ou modificar (atualizar) uma Constituição é denominado Poder Constituinte. O Poder Constituinte pode ser: i) Poder Constituinte Originário (elabora uma nova Constituição) ou; ii) Poder Constituinte Derivado (modifica a Constituição). A resposta é a letra C.

17. (FUNCAB / Procurador DER – RO – 2010) O poder constituinte derivado decorrente pode ser definido como aquele que:

a) decorre do poder constituinte originário para modificar a Constituição Federal por meio de procedimento específico, sem que haja uma verdadeira revolução.

b) emana diretamente da soberania popular decorrente de Emendas Constitucionais da iniciativa popular.

c) decorre do poder constituinte originário para modificar a Constituição Federal de forma condicionada e limitada às regras instituídas por aquele.

d) decorre da capacidade de auto-organização estabelecida aos Estados-membros pelo poder constituinte originário.

e) decorre de Emendas Constitucionais que modificam a forma de estado e sistema de governo após consulta popular por meio de plebiscito.

Comentários:

00000000000 - DEMO

O Poder Constituinte Derivado Decorrente é o ***poder atribuído aos Estados federados*** para que elaborem as suas Constituições estaduais. É um poder que decorre da ***capacidade de auto-organização*** que o Poder Constituinte Originário concedeu aos Estados federados. A resposta é a letra D.

18. (FUNCAB / PC-ES – 2013) Quanto à Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, pode-se afirmar:

I. Adota o princípio da hierarquia das normas, assim as leis federais têm maior valor que as leis estaduais e estas maior valor que as leis municipais.

II. É rígida, motivo pelo qual não pode ser alterada.

III. Caso haja aprovação em plebiscito, poderá ser objeto de deliberação de proposta de emenda tendente a abolir a forma federativa de Estado.

IV. Toda modificação constitucional, feita com desrespeito do procedimento especial estabelecido ou de preceito que não possa ser objeto de emenda, padecerá de vício de inconstitucionalidade.

Indique a opção que contempla a(s) assertiva(s) correta(s).

a) I, II, III e IV.

b) II e III, apenas.

c) I e IV, apenas.

d) I, apenas.

e) IV, apenas.

Comentários:

A primeira assertiva está errada. As leis federais, estaduais e municipais estão no ***mesmo nível hierárquico***.

A segunda assertiva está errada. A CF/88 é rígida, o que significa que ela ***poderá ser alterada*** por procedimento mais dificultoso que o de elaboração das leis ordinárias.

A terceira assertiva está errada. A forma federativa de Estado é uma ***cláusula pétrea***. Logo, uma emenda constitucional não poderá ser tendente a aboli-la.

A quarta assertiva está correta. As emendas constitucionais que forem elaboradas sem obediência aos procedimentos especiais previstos na CF ou que violem cláusulas pétreas padecerão de inconstitucionalidade.

O gabarito é a letra E.

00000000000 - DEMO

19. (FGV / TJ-AM – 2013 – adaptada) Os Estados da Federação editam suas constituições por meio do Poder Constituinte Derivado Decorrente.

Comentários:

É exatamente isso! Ao elaborarem as Constituições Estaduais, os estados estão exercendo o Poder Constituinte Derivado Decorrente. Questão correta.

4. Princípios Fundamentais:

20. (FUNCAB / SC-CE – 2013) Nos termos da Constituição Federal, a República Federativa do Brasil é formada pela união indissolúvel:

a) dos Estados Federados.

b) dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

c) dos Estados, do Distrito Federal e dos Territórios.

d) dos Estados e do Distrito Federal.

e) dos Estados e dos Municípios.

Comentários:

Segundo o art. 1º, CF/88, a República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos ***Estados e Municípios e do Distrito Federal***. A resposta é letra B. Cabe destacar que os Territórios não são entes federativos.

21. (FUNCAB / IF-RR – 2013) No artigo 1º, caput, da Constituição Federal de 1988 tem-se que: "A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito [...]". Um dos seus fundamentos é:

a) o pluralismo político.

b) a independência nacional.

c) a inviolabilidade dos domicílios.

d) o respeito à propriedade individual.

e) a prevalência dos direitos humanos.

Comentários:

Os fundamentos da República Federativa do Brasil são os seguintes: **i)** soberania; **ii)** cidadania; **iii)** dignidade da pessoa humana; **iv)** valores sociais

00000000000 - DEMO

do trabalho e da livre iniciativa e; **v)** pluralismo político. Logo, a resposta é a letra A.

22. (FUNCAB / MPE-RO – 2012) Segundo a Constituição Federal, constitui objetivo fundamental da República Federativa do Brasil:

a) a cidadania.

b) a dignidade da pessoa humana.

c) os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa.

d) garantir o desenvolvimento nacional.

e) a soberania.

Comentários:

Letra A: errada. A cidadania é um ***fundamento*** da República Federativa do Brasil.

Letra B: errada. A dignidade da pessoa humana também é um ***fundamento*** da República Federativa do Brasil.

Letra C: errada. Os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa são ***fundamentos*** da República Federativa do Brasil.

Letra D: correta. Os objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil são os seguintes:

- construir uma sociedade livre, justa e solidária;

- ***garantir o desenvolvimento nacional***;

- erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;

- promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

Letra E: errada. A soberania é um ***fundamento*** da República Federativa do Brasil.

23. (FUNCAB / SESACRE – 2013) A vigente Constituição Federal estabelece expressamente como um dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

a) a erradicação da utilização da energia nuclear.

b) o reconhecimento e a promoção das desigualdades sociais e regionais.

00000000000 - DEMO

c) a promoção do bem de todos e de todas as formas de discriminação.

s) o compromisso com uma economia eminentemente agrária.

e) a erradicação da marginalização e da pobreza.

Comentários:

A erradicação da marginalização e da pobreza é um objetivo fundamental da República Federativa do Brasil (art. 3º, III, CF/88). A resposta é a letra E.

24. (FUNCAB / PC-RJ – 2012) No que se refere às três funções do Estado, quando o Executivo, através do Presidente da República, adota medida provisória com força de lei; o Judiciário elabora seu regimento interno; o Legislativo julga o Presidente da República nos crimes de responsabilidade e, ainda, o Legislativo pratica atos de fiscalização financeira do Executivo, é correto afirmar:

a) Ocorrem respectivamente: função atípica do Executivo de natureza legislativa, função atípica do Judiciário de natureza executiva, função atípica do Legislativo de natureza jurisdicional e, por último, função típica do Legislativo.

b) Ocorrem respectivamente: função atípica do Executivo de natureza jurisdicional, função atípica do Judiciário de natureza legislativa, função típica do Legislativo e, por último, função atípica do Legislativo de natureza executiva.

c) Ocorrem respectivamente: função atípica do Executivo de natureza legislativa, função atípica do Judiciário de natureza legislativa, função atípica do Legislativo de natureza jurisdicional e, por último, função típica do Legislativo.

d) Ocorrem respectivamente: função típica do Executivo, função típica do Judiciário, função atípica do Legislativo de natureza executiva e, por último, função atípica do Legislativo de natureza executiva.

e) Ocorrem respectivamente: função atípica do Executivo de natureza jurisdicional, função atípica do Judiciário de natureza executiva, função atípica do Legislativo de natureza jurisdicional e, por último, função atípica do Legislativo de natureza executiva.

Comentários:

Quando o Presidente da República edita medida provisória com força de lei, ele está exercendo ***função atípica legislativa***.

Quando um Tribunal do Poder Judiciário elabora seu Regimento Interno, ele também está exercendo ***função atípica legislativa***.

00000000000 - DEMO

Quando o Poder Legislativo julga o Presidente da República nos crimes de responsabilidade, está exercendo ***função atípica de natureza jurisdicional.***

Por fim, quando o Poder Legislativo realiza atos de fiscalização financeira do Executivo, ele está exercendo sua ***função típica*** de fiscalizar.

Por tudo o que comentamos, o gabarito é a letra C.

25. (FUNCAB / PC-RJ – 2012) Quanto aos Princípios Fundamentais da República Federativa do Brasil, elencados na Constituição Federal, é correto afirmar como fundamento e objetivo, respectivamente:

a) pluralismo político e promoção do bem de todos.

b) independência nacional e construção de uma sociedade livre, justa e solidária.

c) defesa da paz e igualdade entre os Estados.

d) soberania da União e garantia do desenvolvimento nacional.

e) livre-iniciativa e eliminação das desigualdades sociais e econômicas.

Comentários:

Letra A: correta. O pluralismo político é um ***fundamento*** da República Federativa do Brasil. Por sua vez, é ***objetivo fundamental*** promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação

Letra B: errada. A independência nacional é um ***princípio das relações internacionais***.

Letra C: errada. A defesa da paz e a igualdade entre os Estados são ***princípios das relações internacionais***.

Letra D: errada. A União não possui soberania. É a República Federativa do Brasil que detém soberania.

Letra E: errada. Um dos objetivos da República Federativa do Brasil é a ***redução*** (e não eliminação!) das desigualdades sociais e econômicas.

26. (FGV / DPDF – 2014) Sobre os Princípios Fundamentais da República Federativa do Brasil, à luz do texto constitucional de 1988, é INCORRETO afirmar que:

a) a República Federativa do Brasil tem como fundamentos: a soberania, a cidadania, a dignidade da pessoa humana, os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa e o pluralismo politico.

00000000000 - DEMO

b) a República Federativa do Brasil tem como objetivos fundamentais: construir uma sociedade livre, justa e solidária; garantir o desenvolvimento nacional, erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais; promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

c) todo o poder emana do povo, que o exerce unicamente por meio de representantes eleitos.

d) entre outros, são princípios adotados pela República Federativa do Brasil nas suas relações internacionais, os seguintes: a independência nacional, a prevalência dos direitos humanos e o repúdio ao terrorismo e ao racismo.

e) a autodeterminação dos povos, a não intervenção e a defesa da paz são princípios regedores das relações internacionais da República Federativa do Brasil.

Comentários:

Letra A: correta. São ***fundamentos*** da República Federativa do Brasil: i) soberania; ii) cidadania; iii) dignidade da pessoa humana; iv) valores sociais do trabalho e da livre iniciativa e; v) pluralismo político.

Letra B: correta. De fato, são esses os ***objetivos fundamentais*** da RFB, os quais estão previstos no art. 3º, CF/88.

Letra C: errada. Segundo o art. 1º, parágrafo único, "*todo o poder emana do povo, que o exerce* ***por meio de representantes eleitos*** *ou* ***diretamente****, nos termos desta Constituição*". Assim, não se pode dizer que o povo exerce o poder somente por meio de seus representantes; como o Brasil é uma democracia semidireta, também há formas de exercício do poder diretamente pelo povo.

Letra D: correta. A independência nacional, a prevalência dos direitos humanos e o repúdio ao terrorismo e ao racismo são princípios das relações internacionais da RFB.

Letra E: correta. Esses princípios, previstos no art. 4º, CF/88, regem as relações internacionais da RFB.

27. (FGV / CGE-MA – 2014) A Constituição Federal estabelece que, em determinadas situações, projetos de lei aprovados pelo legislativo devem ser ratificados pela vontade popular. Essas normas realizam o princípio fundamental da:

a) soberania.

b) democracia.

c) participação.

00000000000 - DEMO

d) dignidade.

e) República.

Comentários:

A ratificação popular de projetos de lei aprovados pelo Poder Legislativo é o que se chama de referendo. Trata-se de um instituto da democracia semidireta ou participativa. Busca-se, por meio do referendo, a realização do princípio fundamental da democracia. A resposta é a letra B.

28. (FGV/TJ-AM – 2013) A Constituição de 1988 rompeu com a ordem jurídica anterior, instituindo novos compromissos com a sociedade brasileira. Sobre a "Constituição Cidadã", assinale a afirmativa correta.

a) O pluralismo político, apesar de desejável, não é princípio fundamental da Constituição democrática, uma vez que não há como exigir dos cidadãos que constituam diversos partidos políticos.

b) O modelo de separação de poderes adotado no país significa o monopólio da função judicante para o Poder Judiciário, assim como o da função legislativa para o Poder Legislativo.

c) A Constituição de 1988 fundou um Estado social em que se adota o valor social do trabalho como princípio fundante, não tendo a livre-iniciativa recebido igual tratamento.

d) A erradicação da pobreza é um dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil.

e) A forma federativa de Estado veda a redução das desigualdades regionais como um dos objetivos do país, uma vez que todos os Estados devem ser tratados com igualdade de direitos.

Comentários:

Letra A: errada. O pluralismo político é, sim, um princípio fundamental. Ele está previsto no art. 1º, que relaciona os fundamentos da República Federativa do Brasil.

Letra B: errada. No Brasil, ***a separação de poderes não é rígida***. Cada um dos Poderes exerce funções típicas e funções atípicas. O Poder Legislativo, por exemplo, tem a responsabilidade por julgar o Presidente nos crimes de responsabilidade. O Poder Executivo, por sua vez, pode legislar, ao editar uma medida provisória.

Letra C: errada. Os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa são fundamentos da República Federativa do Brasil.

00000000000 - DEMO

Letra D: correta. De fato, a erradicação da pobreza e da marginalização é um objetivo fundamental da República Federativa do Brasil.

Letra E: errada. A redução das desigualdades regionais é um objetivo fundamental da República Federativa do Brasil.

O gabarito é a letra D.

29. (FGV/TRE-PA – 2011) A Constituição brasileira apresenta como seus fundamentos:

a) o respeito à liberdade de qualquer cidadão de ser candidato a cargo político.

b) a defesa da cidadania, soberania e dignidade da pessoa humana.

c) a existência de partidos políticos que possam disputar eleições pelo critério majoritário.

d) a construção de uma sociedade que valorize o capital intelectual do ser humano.

e) a construção de uma sociedade que seja uniforme no que diz respeito à composição de sua população.

Comentários:

Os fundamentos da República Federativa do Brasil são: i) soberania; ii) cidadania; iii) dignidade da pessoa humana; iv) valores sociais do trabalho e da livre iniciativa e; v) pluralismo político. A resposta é a letra B.

30. (FGV/MEC – 2009) Assinale a opção que reune todos os fundamentos da República Federativa do Brasil, tal como previstos no art. 1º da Constituição de 1988.

a) a soberania; a cidadania; a dignidade da pessoa humana; a cooperação entre os povos para o progresso da humanidade.

b) a soberania; a cidadania; a dignidade da pessoa humana; a autodeterminação dos povos.

c) a soberania; a cidadania; a dignidade da pessoa humana; a concessão de asilo político.

d) a soberania; a cidadania; a dignidade da pessoa humana; a solução pacífica dos conflitos.

e) a soberania; a cidadania; a dignidade da pessoa humana; os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa; o pluralismo político.

Comentários:

00000000000 - DEMO

Os ***fundamentos*** da República Federativa do Brasil são: i) soberania; ii) cidadania; iii) dignidade da pessoa humana; iv) valores sociais do trabalho e da livre iniciativa e; v) pluralismo político.

A cooperação entre os povos para o progresso da humanidade (letra A), a autodeterminação dos povos (letra B), a concessão de asilo político (letra C) e a solução pacífica dos conflitos (letra D) são princípios que regem a RFB em suas relações internacionais (art. 4º, CF). O gabarito é a letra E.

31. (FGV/Senado Federal – 2008) Não é (são) fundamento(s) da República Federativa do Brasil:

a) pluralismo político.

b) dignidade da pessoa humana.

c) valores sociais da livre iniciativa.

d) divisão dos Poderes do Estado.

e) valores sociais do trabalho.

Comentários:

Os ***fundamentos*** da República Federativa do Brasil são: i) soberania; ii) cidadania; iii) dignidade da pessoa humana; iv) valores sociais do trabalho e da livre iniciativa e; v) pluralismo político. Não é fundamento da RFB a divisão dos Poderes do Estado. O gabarito é a letra D.

32. (FGV/MEC – 2009) Entre os objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil, constantes da Constituição Federal/88, não se inclui:

s) promover o bem de todos.

b) erradicar a marginalização.

c) reduzir as desigualdades sociais.

d) priorizar o desenvolvimento das regiões rurais.

e) construir uma sociedade livre, justa e solidária.

Comentários:

Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil (art. 3º, CF):

- Construir uma sociedade livre, justa e solidária;

00000000000 - DEMO

- Garantir o desenvolvimento nacional;

- Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;

- Promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

A letra D é o gabarito.

33. (FGV/Senado Federal – 2008) A respeito dos princípios fundamentais consagrados na Constituição Federal, sob os quais se organiza o Estado Brasileiro, analise as afirmativas a seguir:

I. A República Federativa do Brasil constitui-se em Estado Democrático de Direito. Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos da Constituição.

II. Dentre os objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil estão o de construir uma sociedade justa e solidária, erradicar a pobreza e a marginalização, reduzir as desigualdades sociais e regionais, e socializar a propriedade dos meios de produção.

III. A República Federativa do Brasil tem como fundamentos a soberania, a cidadania, a dignidade da pessoa humana, os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa e o pluralismo político.

IV. São alguns dos princípios que regem a República Federativa do Brasil nas suas relações internacionais: a prevalência dos direitos humanos, o exercício da hegemonia política na América Latina e o repúdio ao terrorismo e ao racismo.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas II e IV estiverem corretas.

b) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

c) se apenas as afirmativas I e IV estiverem corretas.

d) se apenas a afirmativa I estiver correta.

e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

Comentários:

O item I está correto. No "caput" do art. 1º da Carta Magna, o legislador constituinte expressa que a RFB constitui–se em Estado Democrático de Direito. No parágrafo único do mesmo artigo declara, ainda, que nossa democracia é semidireta, ao afirmar que "*todo o poder emana do povo, que o*

00000000000 - DEMO

exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição".

O item II está incorreto. Socializar a propriedade dos meios de produção não é objetivo fundamental da RFB, uma vez que nosso modo de produção é capitalista.

O item III está correto. Esses são os fundamentos da RFB previstos no art. 1º da Carta Magna.

O item IV está incorreto. A hegemonia (superioridade) política na América Latina não é objetivo que rege a RFB em suas relações internacionais. Pelo contrário: busca-se a ***integração com os povos da América Latina*** (art. 4º, parágrafo único, CF).

A letra B é o gabarito.

34. (FGV/TJ-AM – 2013) Os artigos 1º e 3º da Constituição estabelecem os fundamentos e os objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil. Assinale a alternativa que contempla, exclusivamente, previsões constantes naqueles dispositivos.

a) Soberania, planificação econômica, cidadania, garantir o desenvolvimento nacional e construir uma sociedade livre, justa e solidária.

b) Dignidade da pessoa humana, cidadania, erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais.

c) Pluralismo político, soberania, participação do Estado no desenvolvimento econômico e concessão de asilo político.

d) Cidadania, valores sociais do trabalho e da livre iniciativa, pluralismo político e defesa intransigente do livre-mercado.

e) Construir uma sociedade livre, justa e solidária, dignidade da pessoa humana e progressiva adoção do socialismo de mercado.

Comentários:

A letra A está incorreta. A planificação econômica não é fundamento nem objetivo fundamental da República Federativa do Brasil (RFB).

A letra B está correta. A dignidade da pessoa humana e a cidadania são fundamentos da República Federativa do Brasil, enquanto erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais são objetivos fundamentais da RFB.

A letra C está incorreta. A participação do Estado no desenvolvimento econômico não está prevista como fundamento ou objetivo fundamental da

00000000000 - DEMO

República Federativa do Brasil. Além disso, a concessão de asilo político é princípio que rege a RFB em suas relações internacionais (art. 4º, CF).

A letra D está incorreta. A defesa intransigente do livre-mercado não está prevista nos arts. 1º e 3º da Constituição.

A letra E está incorreta. A adoção do socialismo de mercado não é fundamento, tampouco objetivo da República Federativa do Brasil.

35. (FGV / MEC – 2009) Relativamente aos princípios fundamentais, assinale a alternativa incorreta:

a) A República Federativa do Brasil é formada pela união dissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal.

b) A República Federativa do Brasil constitui-se em Estado Democrático de Direito

c) Constitui objetivo fundamental da República Federativa do Brasil construir uma sociedade livre, justa e solidária.

d) São Poderes da União, independentes e harmônicos entre si, o Legislativo, o Executivo e o Judiciário.

e) Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos da Constituição.

Comentários:

Letra A: errada. A República Federativa do Brasil é formada pela união ***indissolúvel*** dos Estados, Municípios e do Distrito Federal. A indissolubilidade da federação representa uma vedação ao direito de secessão.

Letra B: correta. O Brasil é um Estado democrático de direito.

Letra C: correta. A construção de uma sociedade livre, justa e solidária é um dos objetivos da República Federativa do Brasil.

Letra D: correta. Esse é o exato teor do art. 2º, da CF/88, que estabelece a separação de poderes.

Letra E: correta. A República Federativa do Brasil é uma democracia semidireta. O povo irá exercer o poder por meio de seus representantes eleitos ou, diretamente, nos termos da Constituição.

O gabarito é a letra A.

00000000000 - DEMO

LISTA DE QUESTÕES

1. A Pirâmide de Kelsen – A Hierarquia das Normas

1. (FGV / AL-MT – 2013) A tese de que há hierarquia entre normas constitucionais originárias, dando azo à declaração de inconstitucionalidade de uma em face de outras, é incompatível com o sistema de Constituição rígida.

2. (FGV / SEFAZ-RJ – 2011) Não é norma de mesma hierarquia o(a):

a) lei ordinária.

b) lei complementar.

c) medida provisória.

d) decreto.

e) lei delegada

3. (FGV / SEFAZ-RJ – 2008) São elementos orgânicos da Constituição:

a) a estruturação do Estado e os direitos fundamentais.

b) a divisão dos poderes e o sistema de governo.

c) a tributação e o orçamento e os direitos sociais.

d) as forças armadas e a nacionalidade.

e) a segurança pública e a intervenção.

2. Aplicabilidade das normas constitucionais

4. (FUNCAB/ ANS – 2015) José Afonso da Silva classifica as normas constitucionais, quanto à aplicabilidade, em três espécies: normas de eficácia plena, contida e limitada. O artigo 93, inciso IX, da Carta Magna aduz que "todos os julgamentos dos órgãos do Poder Judiciário serão públicos, e fundamentadas todas as decisões, sob pena de nulidade, podendo a lei limitar a presença, em determinados atos, às próprias partes e a seus advogados, ou somente a estes, em casos nos quais a preservação do direito à intimidade do interessado no sigilo não prejudique o interesse público à informação". Neste sentido, o artigo é exemplo de norma constitucional:

a) limitada, pois a norma constitucional em apreço não é provida de aplicabilidade direta e imediata, dependendo esta de interposição legislativa.

00000000000 - DEMO

b) contida, pois a norma constitucional em apreço é dotada de aplicabilidade direta, imediata, mas não integral, admitindo-se contenção de seu conteúdo.

c) plena, pois a norma constitucional em apreço não é dotada de aplicabilidade integral, vez que há a possibilidade do alcance do preceito ser reduzido pela legislação ordinária, de forma que a norma infraconstitucional logra restringir os efeitos da norma constitucional regulamentada.

d) plena, pois a norma constitucional em apreço dispõe de aplicabilidade direta, imediata e integral, tendo em vista que não depende de regulamentação para se tornar aplicável.

e) contida, pois a norma constitucional em apreço tem aplicabilidade indireta, mediata e reduzida, somente incidindo em sua totalidade após uma normativa ulterior que lhe desenvolva a eficácia.

5. (FUNCAB / ANS – 2013) No que diz respeito à eficácia das normas constitucionais, assinale a opção correta.

a) Há hierarquia entre normas constitucionais.

b) As normas de eficácia plena admitem lei infraconstitucional que lhes restrinja o conteúdo.

c) Considera-se norma de eficácia restringível aquela que tem aplicabilidade direta e integral.

d) É de eficácia limitada de princípio programático, o art. 12, I, da Constituição Federal que qualifica como “os nascidos na República Federativa do Brasil, ainda que de pais estrangeiros, desde que estes não estejam a serviço do seu país.”

e) Tem-se como exemplo de norma de eficácia limitada de princípio institutivo aquela que trata da contratação excepcional do servidor (art. 37, IX, da CF).

6. (FUNCAB / Procurador DER – RO – 2010) Na clássica classificação de José Afonso da Silva, a norma constitucional de eficácia contida pode ser definida como aquela que:

a) não produz efeitos enquanto não for complementada por outra norma de mesmo nível constitucional, oriunda do poder constituinte originário.

b) tem condições de produzir todos os seus efeitos quando da promulgação de uma nova Constituição, mas a norma infraconstitucional poderá reduzir a sua abrangência.

c) pode ter seu âmbito de abrangência contido por decisão do Supremo Tribunal Federal, em controle concentrado, ao lhe ser dada interpretação conforme o restante da Constituição Federal.

00000000000 - DEMO

d) não é aplicável ou não pode produzir efeitos enquanto norma infraconstitucional integrativa não entrar em vigor.

e) declara princípios institutivos que contêm esquemas gerais de estruturação de instituições, órgãos ou entidades.

7. (FGV / DPE-MT – Advogado – 2015) Considerando a classificação das normas constitucionais, assinale a opção que indica a norma de eficácia contida.

a) É livre o exercício de qualquer profissão, atendidas as qualificações que a lei venha a estabelecer.

b) O Estado deve garantir o desenvolvimento nacional.

c) O Presidente da República não está sujeito à prisão antes da sentença penal condenatória.

d) As atribuições do Conselho de Defesa das Minorias serão definidas em lei.

e) É dever da sociedade proteger os idosos, na forma definida em lei.

8. (FGV / CGE-MA – 2014) A Constituição Federal estabelece que *é livre o exercício de qualquer trabalho, ofício ou profissão, atendidas as qualificações profissionais que a lei estabelecer*. Observadas as regras de aplicabilidade das normas constitucionais, trata-se de norma considerada de eficácia:

a) plena.

b) organizacional.

c) contida.

d) institutiva.

e) programática.

9. (FGV/TCE-BA – 2013) As normas de eficácia contida são aquelas que somente produzem efeitos essenciais após um desenvolvimento normativo, a cargo dos poderes constituídos.

10. (FGV / AL-MT – 2013) A tradicional classificação tricotômica das normas constitucionais afirma que, no tocante à sua eficácia e aplicabilidade, existem normas constitucionais de eficácia plena e aplicabilidade imediata, normas constitucionais de eficácia contida e aplicabilidade imediata, mas passiveis de restrição e normas constituidoras de eficácia limitada ou reduzida.

00000000000 - DEMO

11. (FGV / TJ-MS – 2008) As normas constitucionais de eficácia plena são aquelas que desde a entrada em vigor da Constituição produzem, ou podem produzir, todos os efeitos essenciais, relativos aos interesses, comportamentos e situações, que o legislador constitucional, direta e normativamente, quis regular.

12. (FGV / TJ-MS – 2008) As normas constitucionais de eficácia contida são aquelas que apresentam aplicação indireta, mediata e reduzida, porque somente incidem totalmente sobre os interesses, após uma normatividade ulterior que lhes desenvolva a aplicabilidade.

13. (FEPESE / JUCESC – 2013) O artigo constitucional que assevera que São Poderes da União, independentes e harmônicos entre si, o *Legislativo*, o *Executivo* e o *Judiciário*, trata de norma de:

a) eficácia plena.

b) eficácia contida.

c) eficácia limitada.

d) princípio institutivo.

e) princípio programática.

14. (FEPESE / SEFAZ-SC – 2010) Com respeito ao modelo constitucional brasileiro, é correto afirmar:

a) Normas constitucionais de eficácia limitada podem, apenas, ser restringidas por leis ou atos normativos.

b) Normas de eficácia plena são as que determinam a criação de novas instituições públicas.

c) Normas programáticas são aquelas cujo conteúdo remete-se a direitos fundamentais de primeira dimensão.

d) Normas constitucionais de eficácia contida são de aplicabilidade direta e imediata, podendo ser restringidas por norma ulterior.

e) Políticas públicas são normatizadas por normas de eficácia contida.

3. Poder Constituinte

15. (FUNCAB / PC-MT – 2014) Tendo em vista o tema Poder Constituinte, assinale a alternativa correta.

a) O poder constituinte derivado reformador é aquele que instaura uma nova

00000000000 - DEMO

ordem jurídica, rompendo por completo com a ordem jurídica precedente.

b) O poder constituinte derivado decorrente é caracterizado, em sua essência, pela sua ausência de vinculação a qualquer regra anterior, pela sua autonomia e pela sua incondicionalidade.

c) As normas acrescidas ao Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) pelo poder constituinte de reforma não admitem controle de constitucionalidade.

d) O exercício do poder constituinte derivado não deve obediência às normas de natureza procedimental estabelecidas pelo legislador constituinte originário.

e) A competência atribuída aos Estados Federados brasileiros para a elaboração de suas constituições, segundo doutrina pacífica a esse respeito, é denominada de poder constituinte derivado decorrente.

16. (FUNCAB / SC-CE – 2013) O poder de elaborar ou atualizar uma Constituição mediante supressão, modificação ou acréscimo de normas constitucionais denomina-se poder:

a) de polícia.

b) executivo.

c) constituinte.

d) regulamentar.

e) discricionário

17. (FUNCAB / Procurador DER – RO – 2010) O poder constituinte derivado decorrente pode ser definido como aquele que:

a) decorre do poder constituinte originário para modificar a Constituição Federal por meio de procedimento específico, sem que haja uma verdadeira revolução.

b) emana diretamente da soberania popular decorrente de Emendas Constitucionais da iniciativa popular.

c) decorre do poder constituinte originário para modificar a Constituição Federal de forma condicionada e limitada às regras instituídas por aquele.

d) decorre da capacidade de auto-organização estabelecida aos Estados-membros pelo poder constituinte originário.

e) decorre de Emendas Constitucionais que modificam a forma de estado e sistema de governo após consulta popular por meio de plebiscito.

00000000000 - DEMO

18. (FUNCAB / PC-ES – 2013) Quanto à Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, pode-se afirmar:

I. Adota o princípio da hierarquia das normas, assim as leis federais têm maior valor que as leis estaduais e estas maior valor que as leis municipais.

II. É rígida, motivo pelo qual não pode ser alterada.

III. Caso haja aprovação em plebiscito, poderá ser objeto de deliberação de proposta de emenda tendente a abolir a forma federativa de Estado.

IV. Toda modificação constitucional, feita com desrespeito do procedimento especial estabelecido ou de preceito que não possa ser objeto de emenda, padecerá de vício de inconstitucionalidade.

Indique a opção que contempla a(s) assertiva(s) correta(s).

a) I, II, III e IV.

b) II e III, apenas.

c) I e IV, apenas.

d) I, apenas.

e) IV, apenas.

19. (FGV / TJ-AM – 2013 – adaptada) Os Estados da Federação editam suas constituições por meio do Poder Constituinte Derivado Decorrente.

4. Princípios Fundamentais:

20. (FUNCAB / SC-CE – 2013) Nos termos da Constituição Federal, a República Federativa do Brasil é formada pela união indissolúvel:

a) dos Estados Federados.

b) dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

c) dos Estados, do Distrito Federal e dos Territórios.

d) dos Estados e do Distrito Federal.

e) dos Estados e dos Municípios.

21. (FUNCAB / IF-RR – 2013) No artigo 1º, caput, da Constituição Federal de 1988 tem-se que: "A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito

00000000000 - DEMO

Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito [...]". Um dos seus fundamentos é:

a) o pluralismo político.

b) a independência nacional.

c) a inviolabilidade dos domicílios.

d) o respeito à propriedade individual.

e) a prevalência dos direitos humanos.

22. (FUNCAB / MPE-RO – 2012) Segundo a Constituição Federal, constitui objetivo fundamental da República Federativa do Brasil:

a) a cidadania.

b) a dignidade da pessoa humana.

c) os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa.

d) garantir o desenvolvimento nacional.

e) a soberania.

23. (FUNCAB / SESACRE – 2013) A vigente Constituição Federal estabelece expressamente como um dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

a) a erradicação da utilização da energia nuclear.

b) o reconhecimento e a promoção das desigualdades sociais e regionais.

c) a promoção do bem de todos e de todas as formas de discriminação.

s) o compromisso com uma economia eminentemente agrária.

e) a erradicação da marginalização e da pobreza.

24. (FUNCAB / PC-RJ – 2012) No que se refere às três funções do Estado, quando o Executivo, através do Presidente da República, adota medida provisória com força de lei; o Judiciário elabora seu regimento interno; o Legislativo julga o Presidente da República nos crimes de responsabilidade e, ainda, o Legislativo pratica atos de fiscalização financeira do Executivo, é correto afirmar:

a) Ocorrem respectivamente: função atípica do Executivo de natureza legislativa, função atípica do Judiciário de natureza executiva, função atípica do Legislativo de natureza jurisdicional e, por último, função típica do Legislativo.

00000000000 - DEMO

b) Ocorrem respectivamente: função atípica do Executivo de natureza jurisdicional, função atípica do Judiciário de natureza legislativa, função típica do Legislativo e, por último, função atípica do Legislativo de natureza executiva.

c) Ocorrem respectivamente: função atípica do Executivo de natureza legislativa, função atípica do Judiciário de natureza legislativa, função atípica do Legislativo de natureza jurisdicional e, por último, função típica do Legislativo.

d) Ocorrem respectivamente: função típica do Executivo, função típica do Judiciário, função atípica do Legislativo de natureza executiva e, por último, função atípica do Legislativo de natureza executiva.

e) Ocorrem respectivamente: função atípica do Executivo de natureza jurisdicional, função atípica do Judiciário de natureza executiva, função atípica do Legislativo de natureza jurisdicional e, por último, função atípica do Legislativo de natureza executiva.

25. (FUNCAB / PC-RJ – 2012) Quanto aos Princípios Fundamentais da República Federativa do Brasil, elencados na Constituição Federal, é correto afirmar como fundamento e objetivo, respectivamente:

a) pluralismo político e promoção do bem de todos.

b) independência nacional e construção de uma sociedade livre, justa e solidária.

c) defesa da paz e igualdade entre os Estados.

d) soberania da União e garantia do desenvolvimento nacional.

e) livre-iniciativa e eliminação das desigualdades sociais e econômicas.

26. (FGV / DPDF – 2014) Sobre os Princípios Fundamentais da República Federativa do Brasil, à luz do texto constitucional de 1988, é INCORRETO afirmar que:

a) a República Federativa do Brasil tem como fundamentos: a soberania, a cidadania, a dignidade da pessoa humana, os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa e o pluralismo politico.

b) a República Federativa do Brasil tem como objetivos fundamentais: construir uma sociedade livre, justa e solidária; garantir o desenvolvimento nacional, erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais; promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

c) todo o poder emana do povo, que o exerce unicamente por meio de representantes eleitos.

00000000000 - DEMO

d) entre outros, são princípios adotados pela República Federativa do Brasil nas suas relações internacionais, os seguintes: a independência nacional, a prevalência dos direitos humanos e o repúdio ao terrorismo e ao racismo.

e) a autodeterminação dos povos, a não intervenção e a defesa da paz são princípios regedores das relações internacionais da República Federativa do Brasil.

27. (FGV / CGE-MA – 2014) A Constituição Federal estabelece que, em determinadas situações, projetos de lei aprovados pelo legislativo devem ser ratificados pela vontade popular. Essas normas realizam o princípio fundamental da:

a) soberania.

b) democracia.

c) participação.

d) dignidade.

e) República.

28. (FGV/TJ-AM – 2013) A Constituição de 1988 rompeu com a ordem jurídica anterior, instituindo novos compromissos com a sociedade brasileira. Sobre a "Constituição Cidadã", assinale a afirmativa correta.

a) O pluralismo político, apesar de desejável, não é princípio fundamental da Constituição democrática, uma vez que não há como exigir dos cidadãos que constituam diversos partidos políticos.

b) O modelo de separação de poderes adotado no país significa o monopólio da função judicante para o Poder Judiciário, assim como o da função legislativa para o Poder Legislativo.

c) A Constituição de 1988 fundou um Estado social em que se adota o valor social do trabalho como princípio fundante, não tendo a livre-iniciativa recebido igual tratamento.

d) A erradicação da pobreza é um dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil.

e) A forma federativa de Estado veda a redução das desigualdades regionais como um dos objetivos do país, uma vez que todos os Estados devem ser tratados com igualdade de direitos.

29. (FGV/TRE-PA – 2011) A Constituição brasileira apresenta como seus fundamentos:

00000000000 - DEMO

a) o respeito à liberdade de qualquer cidadão de ser candidato a cargo político.

b) a defesa da cidadania, soberania e dignidade da pessoa humana.

c) a existência de partidos políticos que possam disputar eleições pelo critério majoritário.

d) a construção de uma sociedade que valorize o capital intelectual do ser humano.

e) a construção de uma sociedade que seja uniforme no que diz respeito à composição de sua população.

30. (FGV/MEC – 2009) Assinale a opção que reune todos os fundamentos da República Federativa do Brasil, tal como previstos no art. 1º da Constituição de 1988.

a) a soberania; a cidadania; a dignidade da pessoa humana; a cooperação entre os povos para o progresso da humanidade.

b) a soberania; a cidadania; a dignidade da pessoa humana; a autodeterminação dos povos.

c) a soberania; a cidadania; a dignidade da pessoa humana; a concessão de asilo político.

d) a soberania; a cidadania; a dignidade da pessoa humana; a solução pacífica dos conflitos.

e) a soberania; a cidadania; a dignidade da pessoa humana; os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa; o pluralismo político.

31. (FGV/Senado Federal – 2008) Não é (são) fundamento(s) da República Federativa do Brasil:

a) pluralismo político.

b) dignidade da pessoa humana.

c) valores sociais da livre iniciativa.

d) divisão dos Poderes do Estado.

e) valores sociais do trabalho.

32. (FGV/MEC – 2009) Entre os objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil, constantes da Constituição Federal/88, não se inclui:

s) promover o bem de todos.

00000000000 - DEMO

b) erradicar a marginalização.

c) reduzir as desigualdades sociais.

d) priorizar o desenvolvimento das regiões rurais.

e) construir uma sociedade livre, justa e solidária.

33. (FGV/Senado Federal – 2008) A respeito dos princípios fundamentais consagrados na Constituição Federal, sob os quais se organiza o Estado Brasileiro, analise as afirmativas a seguir:

I. A República Federativa do Brasil constitui-se em Estado Democrático de Direito. Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos da Constituição.

II. Dentre os objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil estão o de construir uma sociedade justa e solidária, erradicar a pobreza e a marginalização, reduzir as desigualdades sociais e regionais, e socializar a propriedade dos meios de produção.

III. A República Federativa do Brasil tem como fundamentos a soberania, a cidadania, a dignidade da pessoa humana, os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa e o pluralismo político.

IV. São alguns dos princípios que regem a República Federativa do Brasil nas suas relações internacionais: a prevalência dos direitos humanos, o exercício da hegemonia política na América Latina e o repúdio ao terrorismo e ao racismo.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas II e IV estiverem corretas.

b) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

c) se apenas as afirmativas I e IV estiverem corretas.

d) se apenas a afirmativa I estiver correta.

e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

34. (FGV/TJ-AM – 2013) Os artigos 1º e 3º da Constituição estabelecem os fundamentos e os objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil. Assinale a alternativa que contempla, exclusivamente, previsões constantes naqueles dispositivos.

a) Soberania, planificação econômica, cidadania, garantir o desenvolvimento nacional e construir uma sociedade livre, justa e solidária.

00000000000 - DEMO

b) Dignidade da pessoa humana, cidadania, erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais.

c) Pluralismo político, soberania, participação do Estado no desenvolvimento econômico e concessão de asilo político.

d) Cidadania, valores sociais do trabalho e da livre iniciativa, pluralismo político e defesa intransigente do livre-mercado.

e) Construir uma sociedade livre, justa e solidária, dignidade da pessoa humana e progressiva adoção do socialismo de mercado.

35. (FGV / MEC – 2009) Relativamente aos princípios fundamentais, assinale a alternativa incorreta:

a) A República Federativa do Brasil é formada pela união dissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal.

b) A República Federativa do Brasil constitui-se em Estado Democrático de Direito

c) Constitui objetivo fundamental da República Federativa do Brasil construir uma sociedade livre, justa e solidária.

d) São Poderes da União, independentes e harmônicos entre si, o Legislativo, o Executivo e o Judiciário.

e) Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos da Constituição.

00000000000 - DEMO

Gabarito

1.	CERTA
2.	LETRA D
3.	LETRA B
4.	LETRA B
5.	LETRA E
6.	LETRA B
7.	LETRA A
8.	LETRA C
9.	ERRADA
10.	CERTA
11.	CERTA
12.	ERRADA
13.	LETRA A
14.	LETRA D
15.	LETRA E
16.	LETRA C
17.	LETRA D
18.	LETRA E
19.	CERTA
20.	LETRA B
21.	LETRA A
22.	LETRA D
23.	LETRA E
24.	LETRA C
25.	LETRA A
26.	LETRA C
27.	LETRA B
28.	LETRA D
29.	LETRA B
30.	LETRA E
31.	LETRA D
32.	LETRA D
33.	LETRA B
34.	LETRA B
35.	LETRA A

00000000000 - DEMO

ESSA LEI TODO MUNDO CONHECE:
PIRATARIA É CRIME.

Mas é sempre bom revisar o porquê e como você pode ser prejudicado com essa prática.

1. Professor investe seu tempo para elaborar os cursos e o site os coloca à venda.

2. Pirata divulga ilicitamente (grupos de rateio), utilizando-se do anonimato, nomes falsos ou laranjas (geralmente o pirata se anuncia como formador de "grupos solidários" de rateio que não visam lucro).

3. Pirata cria alunos fake praticando falsidade ideológica, comprando cursos do site em nome de pessoas aleatórias (usando nome, CPF, endereço e telefone de terceiros sem autorização).

4. Pirata compra, muitas vezes, clonando cartões de crédito (por vezes o sistema anti-fraude não consegue identificar o golpe a tempo).

5. Pirata fere os Termos de Uso, adultera as aulas e retira a identificação dos arquivos PDF (justamente porque a atividade é ilegal e ele não quer que seus fakes sejam identificados).

6. Pirata revende as aulas protegidas por direitos autorais, praticando concorrência desleal e em flagrante desrespeito à Lei de Direitos Autorais (Lei 9.610/98).

7. Concurseiro(a) desinformado participa de rateio, achando que nada disso está acontecendo e esperando se tornar servidor público para exigir o cumprimento das leis.

8. O professor que elaborou o curso não ganha nada, o site não recebe nada, e a pessoa que praticou todos os ilícitos anteriores (pirata) fica com o lucro.

Deixando de lado esse mar de sujeira, aproveitamos para agradecer a todos que adquirem os cursos honestamente e permitem que o site continue existindo.

LÍNGUA PORTUGUESA

Pontuação

Livro Eletrônico

GRAN CURSOS ONLINE

ELIAS SANTANA

Licenciado em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura – pela Universidade de Brasília. Possui mestrado pela mesma instituição, na área de concentração "Gramática – Teoria e Análise", com enfoque em ensino de gramática. Foi servidor da Secretaria de Educação do DF, além de professor em vários colégios e cursos preparatórios. Ministra aulas de gramática, redação discursiva e interpretação de textos. Ademais, é escritor, com uma obra literária já publicada. Por essa razão, recebeu Moção de Louvor da Câmara Legislativa do Distrito Federal.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

SUMÁRIO

Pontuação 5
1. A Pontuação e a Ordem Direta 6
2. A Pontuação e os Termos Ligados ao Nome 12
3. As Enumerações 13
4. A Pontuação e outras Funções Sintáticas 16
4.1. Vocativo 16
4.2. Aposto..19
5. O Zeugma 23
Questões de Concurso...25
Gabarito...40
Gabarito Comentado 41

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

PONTUAÇÃO

Olá, querido(a) amigo(a)! Tudo bem com você?

Já passeamos por alguns assuntos importantes da Língua Portuguesa, e a disposição dos conteúdos não é aleatória! Tudo aquilo que já vimos é completamente necessário para entender outros assuntos. Na verdade, em gramática, um assunto sempre é pré-requisito para outro. Por isso, é preciso estudar de forma orientada. O assunto deste PDF só é compreensível se você tiver estudado os assuntos anteriores com consciência. Na verdade, a maior dificuldade das pessoas com pontuação reside justamente na falta de pré-requisitos. Entender vírgula não é meramente saber como colocar uma pontuação, mas entender se a estrutura morfossintática de uma sentença depende de pontuação para tornar a informação clara e inteligível.

Na verdade, a principal finalidade da pontuação na Língua Portuguesa é esta: clareza. A língua falada se vale de vários recursos para garantir que a informação seja transmitida, como entonação, expressões faciais e gestos. A língua escrita possui comportamento bem diferente. As palavras chapadas em um papel não possuem o mesmo potencial comunicativo. Para que as mensagens escritas alcancem o receptor de maneira adequada, os sinais de pontuação se fazem necessários.

Antes de entrarmos no conteúdo, faço uma última ressalva: o assunto pontuação costuma deixar os(as) alunos(as) ansiosos(as), por gerar dúvidas frequentemente. Mas eu peço que você "se respeite". Não queira resolver em algumas linhas os problemas de muitos anos! Para se tornar *expert* em pontuação, faça o seguinte: estude este PDF; faça muitos exercícios sobre o assunto; leia textos, tentando identificar a razão da pontuação; por fim, aplique tudo isso na sua escrita. É uma técnica que envolve conscientização, internalização e aplicação! Não espere, ao fim da leitura deste PDF, já se tornar um(a) craque da pontuação nas redações! Siga o meu passo a passo, com paciência! O resultado virá!

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

1. A PONTUAÇÃO E A ORDEM DIRETA

A ordem direta da oração (S + V + C + A. Adv.) é a base para que você entenda pontuação! Em linhas gerais, o esquema é o seguinte:

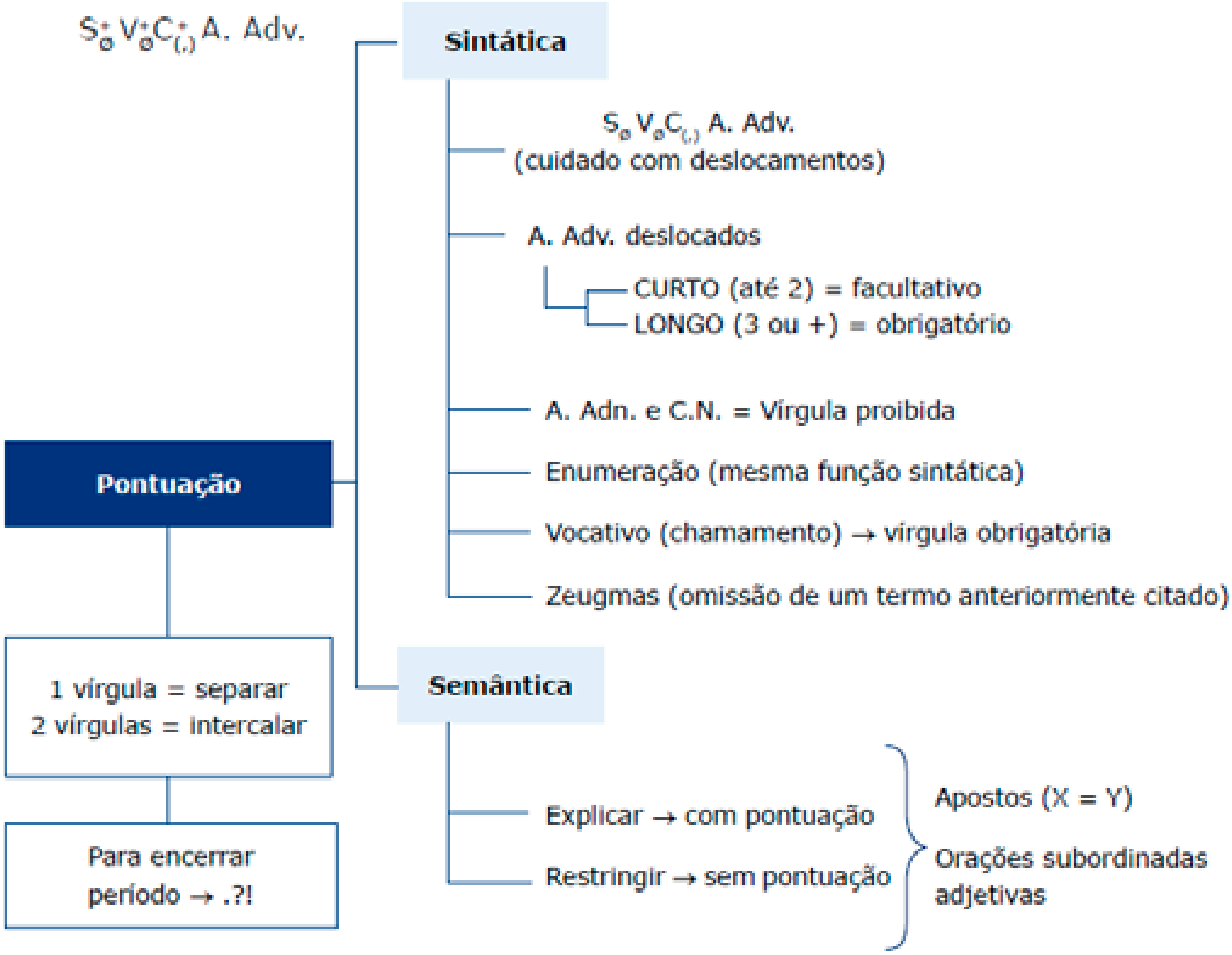
$S_{\emptyset}V_{\emptyset}C_{(,)}$ A. Adv.
Sintática
$S_{\emptyset}V_{\emptyset}C_{(,)}$ A. Adv.
(cuidado com deslocamentos)
A. Adv. deslocados
CURTO (até 2) = facultativo
LONGO (3 ou +) = obrigatório
A. Adn. e C.N. = Vírgula proibida
Enumeração (mesma função sintática)
Vocativo (chamamento) → vírgula obrigatória
Zeugmas (omissão de um termo anteriormente citado)
Pontuação
1 vírgula = separar
2 vírgulas = intercalar
Para encerrar
período → .?!
Semântica
Explicar → com pontuação
Restringir → sem pontuação
Apostos (X = Y)
Orações subordinadas
adjetivas

Em outras palavras: não se separa o sujeito do verbo por vírgula; não se separa o verbo do complemento por vírgula. Facultativamente – por razões principalmente estilísticas –, é possível separar por vírgula um adjunto adverbial. Tudo isso NA ORDEM DIRETA!

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Obs.: a pontuação é dividida em três seguimentos: sintático, semântico e estilístico. O que frequentemente aparece em prova são os dois primeiros. Isso porque a estilística, como o próprio nome diz, revela o estilo de quem escreve, que é individual. Veja a definição de estilística, segundo o Houaiss: ramo da linguística que estuda a língua na sua função expressiva, analisando o uso dos processos fônicos, sintáticos e de criação de significados que **individualizam** estilos. Uma pontuação estilística pode estar além das regras, mas encontra justificativa na finalidade do redator. Por isso, pouco aparece em provas!

Veja o exemplo:

(1) Os deputados votaram a nova emenda nesta quinta.

Sobre a pontuação no trecho: nada de vírgula entre "deputados" e "votaram"; nada de vírgula entre "votaram" e "a". Facultativamente, uma vírgula poderia ser colocada entre "emenda" e "nesta".

Elias, e se a oração não estiver na ordem direta? É a partir de agora que o assunto começa a ficar mais interessante!

O sujeito pode estar em qualquer posição. **Não se separa o sujeito do verbo por vírgula.**

Se o complemento verbal (estou falando de OD ou OI) estiver deslocado, pode-se empregar vírgula (A nova emenda, os deputados votaram nesta quinta). Não preciso nem esclarecer que a forma verbal "pode-se" empregada logo acima indica que a vírgula é facultativa nesse caso, né?

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

O predicativo do sujeito NÃO é um complemento verbal, mas que acaba se comportando como um no que diz respeito ao ordenamento da oração. Em ordem direta, o predicativo também não é separado por vírgula. Mas, se deslocado, ele DEVE receber vírgula (caso não haja verbo de ligação). Veja:

Os jogadores estavam cansados. (Ordem direta)

Cansados os jogadores estavam. (Pred. suj. deslocado)

Os trabalhadores manifestavam revoltados durante a passeata. (Ordem direta)

Revoltados, os trabalhadores manifestavam durante a passeata. (Pred. suj. deslocado).

Obs.: para você que já está pensando: "professor, mas 'cansados' e 'revoltados' não são adjuntos adverbiais?", aí vai o meu lembrete: adjuntos adverbiais são INVARIÁVEIS! Veja que as duas palavras concordam com "jogadores"e "trabalhadores", respectivamente.

E o adjunto adverbial deslocado? Agora, quero de você toda a atenção possível, pois, dos quatro tópicos que acabei de listar, esse é o mais cobrado em provas! Veja comigo o seguinte exemplo:

Nesta quinta, os deputados votaram a nova emenda.

O que fiz: peguei a oração (1) e desloquei o adjunto adverbial para o início da sentença. Conforme você observou, o emprego da vírgula é **facultativo**. Isso devido à extensão do adjunto adverbial.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Atenção!

Extensão do adjunto adverbial: quando o assunto se refere aos adjuntos adverbiais deslocados, não se pode deixar de avaliar a extensão deles, uma vez que adjuntos adverbiais curtos podem ser isolados por vírgula, ao passo que adjuntos adverbiais longos devem. Via de regra, o adjunto adverbial curto é aquele que possui até duas palavras. Os longos, três ou mais. Esse critério não é muito preciso (pois a própria gramática trata o assunto com bastante subjetividade), mas é o mais adequado às provas de concursos públicos. A banca Cespe, por exemplo, se posicionou acerca do assunto em 2012 e afirmou que essa contagem de palavras é o traço distintivo entre adjuntos adverbiais curtos e longos. O entendimento dos gramáticos é um pouco mais amplo: o adjunto adverbial deslocado recebe vírgulas para não criar ambiguidades. Nessa esteira de raciocínio, os longos são os mais propícios a criar duplas interpretações.

Vamos à outra possibilidade:

Os deputados, nesta quinta, votaram a nova emenda.

Note que, agora, o adjunto adverbial está entre o sujeito e o verbo. Por ser curto, as vírgulas permanecem facultativas. Mas, agora, é preciso empregar duas, e não apenas uma.

Atenção!

Quantidade de vírgulas: tenha sempre o seguinte entendimento com você:

- vírgula = SEPARAR;
- vírgula = INTERCALAR.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Intercalar significa que a leitura da informação começa antes da vírgula e continua depois dela. Em casos assim, via de regra, as duas vírgulas podem ser substituídas por travessões ou parênteses. Detalhe: nem sempre duas vírgulas em um mesmo período significam uma intercalação! É importante perceber se há essa interferência na leitura da informação!

E se ampliarmos o adjunto adverbial?

Nesta manhã de quinta, os deputados votaram a nova emenda.

Os deputados, nesta manhã de quinta, votaram a nova emenda.

Agora, os adjuntos adverbiais são longos, e o emprego da vírgula passou a ser obrigatório. Viu como é simples?

Obs.: reitero que, se o adjunto adverbial estiver em posição canônica (no fim da oração) o emprego da vírgula é facultativo, não importa se ele é curto ou longo! Isso só vale para os deslocados, ok?

Direto do concurso

Questão 1 (2013/CESPE/ANS) Durante o período de janeiro a março de 2013, foram recebidas 13.348 reclamações de beneficiários de planos de saúde referentes à garantia de atendimento.

A vírgula logo após “2013” foi empregada para isolar adjunto adverbial anteposto.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Comentário

Certo.

Primeiramente, note: a ação de receber ocorreu "durante o período de janeiro a março de 2013". Isso mostra que a expressão deslocada se refere ao verbo. Por isso, é um adjunto adverbial deslocado. Como ele está antes do verbo, podemos dizer que está anteposto. Nesse caso, por ser de longa extensão o emprego da vírgula é obrigatório.

QUESTÃO 2 (2011/IADES/SE-DF) Todo dia, você acorda de manhã e pega o jornal para saber das últimas novidades enquanto toma café. Em seguida, vai até a caixa de correio e descobre que recebeu folhetos de propaganda e (surpresa!) uma carta de um amigo que está morando em outro país. Depois, vai até a escola e separa livros para planejar uma atividade com seus alunos.

As vírgulas presentes nas linhas 1, 2 e 4 são empregadas pela mesma regra.

Comentário

Certo.

Em todos os casos, a vírgula foi empregada em função de adjuntos adverbiais deslocados. No primeiro caso, note que a ação de acordar ocorre "todo dia"; no segundo, a ação de ir acontece "em seguida"; no terceiro, a ação de ir ocorre "depois".

QUESTÃO 3 (2013/CESPE/ANS) Os planos com pior avaliação – durante dois períodos 10 consecutivos – estão sujeitos à suspensão temporária da comercialização.

A substituição dos travessões por vírgulas ou por parênteses preservaria a correção gramatical do período.

Comentário

Certo.

Conforme expliquei acima, para realizar intercalações, via de regra, pode-se usar travessões, parênteses ou vírgulas.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

2. A PONTUAÇÃO E OS TERMOS LIGADOS AO NOME

Em pontuação, esse conhecimento é importante. Mas o princípio é fácil: **não se separa por vírgula o nome do seu adjunto adnominal ou o nome do seu complemento nominal**! Só isso!

Direto do concurso

QUESTÃO 4 (2014/IADES/SEAP) No período "Não existem registros oficiais sobre a fundação da cidade.", de acordo com a norma-padrão, o emprego da vírgula

a) poderia ocorrer entre "existem" e "registros".

b) é facultativo para separar o sujeito do predicado.

c) deveria ocorrer para isolar da oração o termo "sobre a fundação da cidade".

d) não poderia ocorrer entre "registros" e "oficiais".

e) poderia ocorrer desde que "registros oficiais sobre a fundação da cidade" fosse deslocado para o início do período.

Comentário

Letra d.

Primeiramente, note a estrutura sintática do período: há apenas o verbo "existem", que é intransitivo; o sujeito é "registros oficiais sobre a fundação da cidade"; "não" é um advérbio de negação, todavia colocar uma vírgula em um "não" pode mudar completamente o sentido de uma frase. Veja:

Não estudei. (realmente não foi praticada a ação de estudar)

Não, estudei. (na verdade a ação de estudar foi praticada)

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Dentro do sujeito, há um núcleo, que é "registros", "oficiais" e "sobre a fundação da cidade" são dois adjuntos adnominais. Em outras palavras: **no período em questão, não há qualquer possibilidade de colocação de vírgula.**

As letras "a", "b" e "e" sugerem colocar uma vírgula entre o sujeito e o verbo, o que é proibido. A letra "c" propõe colocar uma vírgula entre o nome e o adjunto adnominal, o que também é proibido. Já a letra "d" diz que não pode ocorrer uma vírgula entre o nome e o adjunto adnominal. Por isso essa alternativa é a correta.

3. AS ENUMERAÇÕES

Esse talvez seja o uso da pontuação mais famoso de todos! As enumerações são facilmente reconhecíveis em qualquer texto!

Direto do concurso

QUESTÃO 5 (2012/CESPE/BANCO DA AMAZÔNIA) Entre os esforços empreendidos para ampliar e melhorar o acesso da população aos serviços bancários, o presidente do Banco Central do Brasil (BACEN) ressaltou que a autoridade monetária prioriza três linhas de ação para aperfeiçoar a inclusão financeira: a identificação da demanda por serviços financeiros, o aprimoramento do marco regulatório e a promoção da educação financeira com transparência.

A vírgula logo após "financeiros" justifica-se porque isola elementos de mesma função sintática componentes de uma enumeração de itens.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Comentário

Certo.

Entenda o texto: o autor menciona a existência de "três linhas de ação para aperfeiçoar a inclusão financeira". Após os dois pontos, ele lista, enumera essas três linhas. Além disso, há a estrutura clássica de qualquer enumeração: o emprego de vírgula entre os primeiros e a conjunção "e" entre o penúltimo e o último. Detalhe importante: **toda enumeração é feita com elementos de mesma função sintática!**

Mas nem toda questão acerca de enumeração é tão óbvia assim! É um assunto que exige atenção!

Direto do concurso

Questão 6 (2013/CESPE/MJ) A assistência gratuita inclui orientação e defesa jurídica, divulgação de informações sobre direitos e deveres, prevenção da violência e patrocínio de causas perante o Poder Judiciário.

O trecho "A assistência gratuita (...) Poder Judiciário" pode ser reescrito, mantendo-se a correção e as ideias do texto, da seguinte forma: A assistência gratuita inclui: orientação, defesa jurídica, divulgação de informações sobre direitos e deveres, prevenção da violência e patrocínio de causas frente ao Poder Judiciário.

Comentário

Errado.

Qual foi o grande problema dessa reescrita? A enumeração! Veja que, no texto original, há a enumeração de quatro elementos: a assistência gratuita inclui orien-

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

tação e defesa jurídica (1), divulgação de informações sobre direitos e deveres (2), prevenção da violência (3) e patrocínio de causas perante o Poder Judiciário (4).

Já na reescrita, são cinco: A assistência gratuita inclui: orientação (1), defesa jurídica (2), divulgação de informações sobre direitos e deveres (3), prevenção da violência (4) e patrocínio de causas frente ao Poder Judiciário (5).

Além disso, há outras mudanças. No original, tanto a orientação quanto a defesa possuem a característica de serem jurídicas; na reescrita, apenas a defesa é jurídica. Os dois pontos após "inclui" são estilísticos. Não ferem a correção. Além disso, "frente ao" é uma estrutura gramatical correta para Celso Pedro Luft.

Questão 7 (2012/CESPE/CÂMARA DOS DEPUTADOS) A divisão do trabalho doméstico, a socialização de homens e mulheres e as relações de poder entre os gêneros são aspectos que contribuem para a construção e reprodução dessa desvalorização. No trecho "A divisão do trabalho doméstico, a socialização de homens e mulheres e as relações de poder entre os gêneros", o emprego da vírgula no lugar do conectivo "e", em "homens e mulheres", não alteraria a relação semântico-sintática entre os termos da oração.

Comentário

Errado.

Questão semelhante à anterior. Faça, novamente, a contagem dos termos na enumeração original: A divisão do trabalho doméstico (1), a socialização de homens e mulheres (2) e as relações de poder entre os gêneros (3) são aspectos que contribuem para a construção e reprodução dessa desvalorização.

Agora, vamos fazer a alteração sugerida pelo examinador: A divisão do trabalho doméstico (1), a socialização de homens (2)**,** mulheres (3) e as relações de poder

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

entre os gêneros (4) são aspectos que contribuem para a construção e reprodução dessa desvalorização.

Isso já torna o item errado! A alteração de sentido é evidente. Sintaticamente, há também mudanças: no trecho original, os núcleos do sujeito são "divisão", "socialização" e "relações"; na reescrita, "mulheres" também passa a ser núcleo do sujeito, uma vez que não pertence mais ao sintagma "socialização de homem e (de) mulheres".

Agora você percebe como é preciso ter cuidado com as enumerações? As bancas sabem que os(as) candidatos(as) consideram essa parte do assunto fácil! Por isso, elas capricham!

4. A PONTUAÇÃO E OUTRAS FUNÇÕES SINTÁTICAS

Existem funções sintáticas que ainda não estudamos, mas que também fazem parte da análise do período simples. Normalmente, são estudadas nas aulas de pontuação, devido à proximidade com o assunto. Vamos a elas!

4.1. VOCATIVO

O vocativo nada mais é do que um chamamento! Serve para evocar alguém que está participando do discurso.

(2) Maria, não podemos começar sem você!
(3) Senhor, tende piedade de nós!

Detalhe importante: todo vocativo deve ser isolado por vírgula! Isso é para evitar qualquer tipo de ambiguidade!

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Direto do concurso

QUESTÃO 8 (2014/IADES/CAU-RJ)

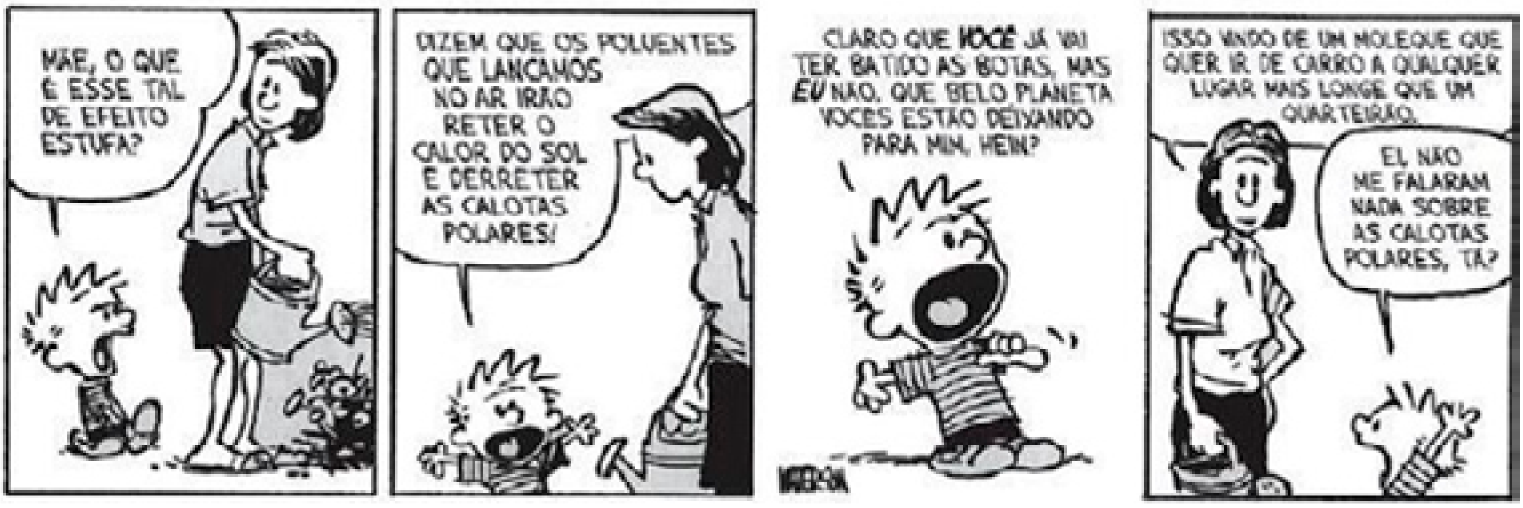
MÃE, O QUE É ESSE TAL DE EFEITO ESTUFA?
DIZEM QUE OS POLUENTES QUE LANÇAMOS NO AR IRÃO RETER O CALOR DO SOL E DERRETER AS CALOTAS POLARES!
CLARO QUE VOCÊ JÁ VAI TER BATIDO AS BOTAS, MAS EU NÃO. QUE BELO PLANETA VOCÊS ESTÃO DEIXANDO PARA MIM, HEIN?
ISSO VINDO DE UM MOLEQUE QUE QUER IR DE CARRO A QUALQUER LUGAR MAIS LONGE QUE UM QUARTEIRÃO.
EI, NÃO ME FALARAM NADA SOBRE AS CALOTAS POLARES, TÁ?
WATERSON

a) No primeiro quadro, a vírgula após a palavra “Mãe” é facultativa.

b) No segundo quadro, é correto inserir ponto final em substituição ao ponto de exclamação que encerra o período, garantindo assim a correção gramatical desse trecho.

Comentário

(A) Errado. Veja que o vocábulo “mãe” foi usado como um chamamento. Por se tratar de um vocativo, o emprego da vírgula é obrigatório.

(B) Certo. Existem três pontuações que podem ser usadas para encerrar períodos: **ponto final, ponto de interrogação e ponto de exclamação.** Tanto é que, depois delas, deve-se empregar letra maiúscula. Troca de uma exclamação por um ponto final altera, no máximo, a prosódia (a entoação da frase). Isso não prejudica a correção gramatical.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

QUESTÃO 9 (2010/IADES/FCA) O interessante é que esta quebra de paradigmas científicos seria seguida, décadas mais tarde, por mudanças que sacudiram as noções sociais de tempo e a percepção sobre o status da ciência.

O termo "décadas mais tarde" é um vocativo.

Comentário

Errado.

Eu pergunto: já ouviu alguém ser chamado de "décadas mais tarde"? É evidente que isso não é um vocativo! Trata-se de um adjunto adverbial deslocado e longo.

QUESTÃO 10 (2011/IBFC/MPE-SP) Considere o período abaixo e as afirmações que seguem.

Paulo, chegou tarde ontem?

I – A vírgula está empregada incorretamente.
II – Se a vírgula for retirada, o sentido será alterado.

Está correto o que se afirma em:

a) somente I
b) somente II
c) I e II
d) nenhuma

Comentário

Letra b.

A frase original está com vírgula, pois "Paulo" é um vocativo! A ideia é**: Paulo, (você) chegou tarde ontem?** Em outras palavras, entende-se que alguém está falando **com** Paulo (por isso, a vírgula está empregada corretamente). Com a retirada da vírgula, "Paulo" passa a ser o sujeito, ou seja, entende-se que alguém está falando sobre **Paulo** (por isso, o sentido é alterado).

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

4.2. Aposto

Analise comigo o seguinte período:

(4) Bernardinho, ex-técnico da seleção brasileira de vôlei, ministra palestras.

Perceba que, segundo a oração (4), podemos estabelecer a seguinte relação: Bernardinho = ex-técnico da seleção brasileira de vôlei.

Em minhas aulas, costumo até dizer o seguinte: se chamarmos "Bernardinho" de X e "ex-técnico da seleção brasileira de vôlei" de Y, podemos estabelecer que X=Y. Em outras palavras, esses dois termos estabelecem entre si uma relação de **equivalência semântica**. Essa é a característica fundamental dos **apostos**. Aliás, preciso que você tenha isto bem claro na sua cabeça: aposto é um termo acessório que estabelece equivalência semântica com outro termo de natureza substantiva, e não o termo que aparece entre vírgulas! Nem todo aposto aparece entre vírgulas, e nem tudo que está entre vírgulas é aposto!

Atenção!

Uma das finalidades da pontuação, na Língua Portuguesa, é atribuir sentido. Serei ainda mais direto:

- para explicar, emprega-se vírgula;
- para restringir, não se emprega vírgula.

Primeiramente, você precisa entender que explicar significa **dizer o que é**, **tornar claro** ao passo que restringir é o mesmo que **limitar**. Além disso, saiba que essa pontuação semântica só é aplicada a duas estruturas da sintaxe da língua portuguesa: **os apostos** e **as orações subordinadas adjetivas** (este último assunto veremos em período composto).

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Dessa forma, podemos entender que, em (4), "ex-técnico da seleção brasileira de vôlei" é aposto devido à equivalência semântica. Como a finalidade dele é explicar quem é "Bernardinho", aplica-se as vírgulas, a fim de indicar que se trata de um **aposto explicativo**.

Agora, vamos falar um pouco sobre os tipos de apostos:

- **Explicativo:** "Elvis, **o Rei do Rock**, não morreu.";
- **Enumerativo**: "Tudo – **calças**, **camisas e sapatos** – foi vendido em alguns minutos.";[1]
- **Resumitivo:** "Calças, camisas, sapatos, **tudo** foi vendido em alguns minutos.";
- **Especificativo**: "A escritora **Clarice Lispector** causa-me emoção.".

Como foi possível perceber, os dois últimos apostos não dependem de isolamento por vírgula; mantêm, todavia, a equivalência semântica com termos anteriormente apresentados.

---

[1] É em construções semelhantes a essa que os dois pontos costumam ser empregados! Poderíamos redigir o texto assim:
Em alguns minutos, foi vendido tudo: calças, camisas e sapatos.
OU
Em alguns minutos, foi vendido tudo – calças, camisas e sapatos. OU
Em alguns minutos, foi vendido tudo (calças, camisas e sapatos).
Nesse caso, a vírgula não é recomendada (no lugar dos dois pontos, do travessão ou dos parênteses), uma vez que "tudo" pode se confundir com os termos da enumeração subsequente. A troca entre pontuações não é um simples capricho! Em muitas oportunidades, abrimos mão de usar a vírgula e optamos por outras pontuações para conferir ao texto clareza, que é a principal finalidade da pontuação!

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Direto do concurso

Questão 11 (2013/CESPE/MI) O Projeto de Integração do Rio São Francisco com Bacias Hidrográficas do Nordeste Setentrional é um empreendimento do governo federal sob a responsabilidade do Ministério da Integração Nacional. Esse projeto tem o objetivo de assegurar a oferta de água para 12 milhões de habitantes de 391 municípios do Agreste e do Sertão dos estados de Pernambuco, do Ceará, da Paraíba e do Rio Grande do Norte.

As vírgulas são empregadas para isolar aposto explicativo.

Comentário

Errado.

Primeiramente, note que não há qualquer equivalência semântica entre "Pernambuco", "Ceará" e "Paraíba". Além disso, as vírgulas foram empregadas para isolar elementos de uma enumeração.

Questão 12 (2013/CESPE/MPU) No período colonial, o Brasil foi orientado pelo direito lusitano.

A vírgula após "colonial" é utilizada para isolar aposto.

Comentário

Errado.

Além de não haver equivalência semântica, a vírgula foi empregada por outra razão: adjunto adverbial de tempo deslocado.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Questão 13 (2010/IADES/CFA) Não é também uma tarefa punir os maus e honrar os bons? Portanto, Nicomaquides, não desprezeis homens hábeis em administrar seus haveres. O vocábulo "Nicomaquides" exerce função de aposto.

Comentário

Errado.

Mais uma vez, não há qualquer equivalência semântica. "Nicomaquides" está entre vírgulas por ser vocativo.

Questão 14 (2013/CESPE/PC-DF) Balanço divulgado pela Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP/DF) aponta redução de 39% nos casos de roubo com restrição de liberdade, o famoso sequestro-relâmpago, ocorridos entre 1.º de janeiro e 31 de agosto deste ano, em comparação com o mesmo período do ano passado. A expressão "o famoso sequestro-relâmpago" está entre vírgulas porque explica, em termos populares, a expressão "roubo com restrição de liberdade".

Comentário

Certo.

Primeiramente, note a equivalência semântica entre "roubo com restrição de liberdade" e "o famoso sequestro-relâmpago". Isso denuncia o valor apositivo dessa expressão. Além disso, as vírgulas reforçam o entendimento de que o aposto é explicativo.

Questão 15 (2013/CESPE/BACEN) – O único meio é lançar mão de um regime debilitante: ler compêndios de retórica, ouvir certos discursos etc.; para esse fim, deves evitar as livrarias, mas, de quando em quando, elas serão de grande conveniência para falares do boato do dia; de um contrabando, de qualquer coisa: verás

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

que muitos dos leitores, estimáveis cavalheiros, repetir-te-ão as mesmas opiniões, e uma tal monotonia é saudável. Com tal regime, durante – suponhamos – dois anos, reduzes o intelecto, por mais pródigo que seja, ao equilíbrio comum.

O segmento "estimáveis cavalheiros" é um aposto explicativo da expressão "muitos dos leitores".

Comentário

Certo.

Cuidado com essa questão! Talvez, desavisadamente, você tenha classificado "estimáveis cavalheiros" como vocativo; essa é, contudo, uma possibilidade inválida. Se você observar com carinho o texto, verá que quem está falando se refere a uma única pessoa. Como perceber isso? A ocorrência de verbos na segunda pessoa do **singular** ("deves", "falares", "verás", "reduzes") e a presença do pronome oblíquo átono "te" em "repetir-te-ão". Ora, se a segunda pessoa – com quem se fala – é singular, não há razão para usar um vocativo no plural! Isso deixa claro que há uma equivalência semântica entre "muitos dos leitores" e "estimáveis cavalheiros", o que confirma o valor apositivo desta expressão.

5. O ZEUGMA

Para entendermos melhor esse tópico, precisamos falar um pouco sobre figuras de linguagem. Há duas que são muito importantes para concursos: **elipse** e **zeugma**.

- **Elipse**: a omissão de um termo. Ex.: " Estudamos bastante para a prova." (omissão de "nós");
- **Zeugma:** a omissão de um termo anteriormente citado. Ex.: "A criança é fonte de alegria, futuro do nosso país." (omissão de "a criança é" antes de "futuro").

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Detalhe importante: o zeugma nada mais é do que um tipo de elipse. Para ser ainda mais claro, **todo zeugma é uma elipse**. Já o contrário não é válido.

Existe uma vírgula que marca a ocorrência de zeugmas. Veja:

(5) Maria tem três filhos. Antônio, dois.

A finalidade da vírgula nesse texto é marcar a omissão de "tem" e "filhos".

O que cai, Elias? Acabamos de passar por um assunto extremamente importante para as provas, para as redações e para a vida: pontuação! Tudo o que coloquei aqui é muito importante mesmo! Nada pode passar batido nos seus estudos. Alguns empregos, todavia, mostram-se ainda mais importantes: a ordem SVC, os adjuntos adverbiais deslocados e os apostos. Esses são frequentes em quaisquer provas!

Ainda aproveito para destacar algo: esse assunto não acabou! Falei aqui sobre a pontuação no período simples! Ainda falaremos acerca de pontuação no período composto. Porém, o que muitos(as) alunos(as) não conseguem entender é que o período composto é uma mera extensão do período simples! Dessa forma, muito do que falamos aqui acerca de pontuação será repetido lá no período composto! Não pense que são assuntos completamente diferentes. Você se lembra de nossa conversa inicial, acerca dos pré-requisitos? Este PDF é fundamental para que você, mais adiante, não tenha dificuldades com o período composto!

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

QUESTÕES DE CONCURSO

Questão 1 (2017/FCC/TRT-24ª) As peças em geral trazem à tona temas referentes ao Pantanal e às populações indígenas, são feitas em cores da paisagem regional e, além da fauna e da flora, podem retratar tipos humanos e costumes da região. (3º parágrafo)

Após o deslocamento da expressão destacada, sem alterar o sentido da frase original, o uso da vírgula fica correto em:

a) As peças em geral além da fauna e da flora, trazem à tona temas referentes ao Pantanal e às populações indígenas, são feitas nas cores da paisagem regional e podem retratar tipos humanos e costumes da região.

b) As peças em geral trazem à tona temas referentes ao Pantanal e às populações indígenas, são feitas nas cores da paisagem regional e podem além da fauna e da flora, retratar tipos humanos e costumes da região.

c) As peças em geral trazem à tona temas referentes ao Pantanal e às populações indígenas, além da fauna e da flora são feitas nas cores da paisagem regional e podem retratar tipos humanos e costumes da região.

d) Além da fauna e da flora as peças em geral trazem à tona temas referentes ao Pantanal e às populações indígenas, são feitas nas cores da paisagem regional e, podem retratar tipos humanos e costumes da região.

e) As peças em geral trazem à tona temas referentes ao Pantanal e às populações indígenas, são feitas nas cores da paisagem regional e podem retratar tipos humanos e costumes da região, além da fauna e da flora.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Questão 2 (2017/FCC/TRE-SP) O museu não é uma estrutura sagrada e quem o frequenta deve permanecer em contato com a natureza do lado de fora... (1º parágrafo) Quanto à pontuação do período acima, pode-se

I – acrescentar uma vírgula imediatamente antes da conjunção "e", uma vez que separaria orações com sujeitos diferentes.
II – substituir a conjunção "e" por dois-pontos, pois o que se segue pode ser entendido como uma explicação da primeira parte da frase.
III – isolar com vírgulas a expressão "em contato", uma vez que se trata de locução adverbial, sem alteração do sentido original.

Está correto o que consta em

a) II, apenas.
b) I, II e III.
c) II e III, apenas.
d) I e III, apenas.
e) I e II, apenas.

Questão 3 (2017/FCC/TRE-SP) Atente para as frases abaixo.

I – Sendo a amizade, um exercício de limites afetivos, há que se considerar alguma insatisfação, que disso decorra.
II – A própria passagem do tempo faz com que, nossas amizades, venham a encontrar uma boa forma de depuração.
III – Uma amizade, ainda que imperfeita, não nos decepcionará, a menos que lhe dermos um valor absoluto.

É inteiramente adequada a virgulação do que está APENAS em

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

a) I.

b) II.

c) I e III.

d) III.

e) II e III.

QUESTÃO 4 (2017/FCC/TRE-SP) Atente para as seguintes frases:

I – O sentido controverso da palavra discussão, deve-se ao modo pelo qual costumam agir, os contendores, ao exporem seus argumentos.

II – Há discussões nas quais, por excesso de paixão, os argumentos sequer são considerados, dada a exacerbação dos ânimos.

III – Parece improvável que numa discussão acirrada, possa imperar a racionalidade dos argumentos que sequer são analisados.

Quanto à virgulação, está inteiramente correto o que consta APENAS em

a) II.

b) I.

c) III.

d) I e II.

e) II e III.

QUESTÃO 5 (2016/FCC/PGE-MT) A colocação de ambas as vírgulas está plenamente adequada na frase:

a) Não é indispensável tanto na ciência, como na religião que haja uma teoria unificada, para fortalecer o nosso espírito.

b) Mesmo que nosso esforço lograsse chegar, a uma teoria unificada, muitos ainda continuariam a duvidar de tudo.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

c) Uma teoria unificada, que explicasse tanto as questões religiosas como as científicas, viria a eliminar muitas ansiedades.

d) Como se sabe, as teologias humanas, constituem a teoria unificada a que chegaram os pensadores religiosos.

e) A desobrigação de pensar é de todos os atrativos, aquele que mais nos seduz, entre os acenados pela teoria unificada.

QUESTÃO 6 (2016/FCC/TRT-20ª) Nos últimos quatro anos, desde que comecei a publicar os meus cordéis, recebi centenas de mensagens com depoimentos de educadores que compram meus folhetos e utilizam minhas rimas para falar sobre questões raciais, de gênero, de diversidade sexual e história. Com a série Heroínas Negras na História do Brasil, séculos de esquecimento começam a ser rompidos e muita gente escuta falar, pela primeira vez, sobre as mulheres negras que foram líderes quilombolas e guerreiras na luta contra a escravidão.

Leia as afirmações abaixo a respeito da pontuação do 2º parágrafo.

I – A vírgula imediatamente após "anos" tem por função separar dois segmentos de função sintática semelhante no período.

II – A vírgula imediatamente após "cordéis" justifica-se pelo fato de que todo o trecho anterior a ela, de caráter adverbial, antecede a oração principal.

III – Imediatamente após o termo "rompidos" pode-se acrescentar uma vírgula, uma vez que separaria orações de sujeitos diferentes.

Está correto o que se afirma em

a) II e III, apenas.

b) I e II, apenas.

c) I, II e III.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

d) I, apenas.

e) III, apenas.

QUESTÃO 7 (2016/FCC/SEGEP-MA) A frase escrita com correção é:

a) Humberto de Campos, jornalista, critico, contista, e memorialista nasceu, em Miritiba, hoje Humberto de Campos no Maranhão, em 1886, e falesceu, no Rio de Janeiro em 1934.

b) O escritor Humberto de Campos, em 1933, publicou o livro que veio à ser considerado, o mais celebre de sua obra: Memórias, crônica dos começos de sua vida.

c) Em 1912, Humberto de Campos, transferiu-se para o Rio de Janeiro, e entrou para O Imparcial, na fase em que ali encontrava-se um grupo de eximios escritores.

d) De infância pobre e orfão de pai aos seis anos; Humberto de Campos, começou a trabalhar cedo no comércio, como meio de subsistencia.

e) Humberto de Campos publicou seu primeiro livro em 1910, a coletânea de versos intitulada Poeira; em 1920, já membro da Academia Brasileira de Letras, foi eleito deputado federal pelo Maranhão.

QUESTÃO 8 (2016/FCC/SEGEP-MA) Será que a internet está a matar a democracia? Vyacheslav W. Polonski, um acadêmico da Universidade de Oxford, faz essa pergunta na revista Newsweek. E oferece argumentos a respeito que desaguam em águas tenebrosas.

Atente para as afirmações abaixo a respeito do 1º parágrafo do texto.

I – O ponto de interrogação pode ser excluído, sem prejuízo para a correção e o sentido, por se tratar de pergunta retórica.

II – As vírgulas isolam o aposto.

III – Na última frase do parágrafo, o pronome "que" retoma "argumentos".

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

IV – No contexto, o verbo "desaguar" está empregado em sentido figurado.

Está correto o que se afirma APENAS em

a) I e II.

b) II, III e IV.

c) II e III.

d) I e IV.

e) I, III e IV.

Questão 9 (2016/FCC/PREFEITURA DE TERESINA-PI) É preciso sabedoria para aceitar que nossos atributos se modificam com o passar dos anos. Que nenhuma cirurgia devolverá aos 60 o rosto que tínhamos aos 18, mas que envelhecer não é sinônimo de decadência física para os que se movimentam, não fumam, comem com parcimônia, exercitam a cognição e continuam atentos às transformações do mundo. (5º parágrafo)

A respeito do segmento acima, afirma-se corretamente:

a) Haverá prejuízo da correção e do sentido caso o segmento "aos 60" seja isolado por vírgulas.

b) Sem prejuízo do sentido e da correção gramatical, a vírgula colocada imediatamente após "18" pode ser substituída pelo sinal de dois-pontos.

c) Fazendo-se as devidas alterações entre maiúsculas e minúsculas, o ponto final após "anos" pode ser substituído por "vírgula", sem prejudicar a compreensão do sentido e a correção gramatical.

d) A vírgula colocada imediatamente após "parcimônia" é facultativa e pode ser suprimida.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

e) Sem alterar a correção e o sentido original, o sinal de travessão pode ser colocado imediatamente após "movimentam".

Questão 10 (2016/FCC/PREFEITURA DE TERESINA-PI) As mães de hoje, descabeladas, começam a planejar: uma semana no acampamento, depois um dia vão ao cinema, no outro ao teatrinho, no terceiro à lanchonete, no quarto ao clube, no quinto ao parque, no sexto à casa dos avós, no sétimo ao shopping... mas, pensando bem, ainda faltam duas semanas inteirinhas para preencher. (3º parágrafo)

As reticências (...), no trecho acima, sinalizam

a) a frustração das mães por não poderem levar os filhos aos lugares que desejam.

b) as dúvidas que as mães enfrentam ao fazerem o planejamento das férias dos filhos.

c) a certeza que as mães têm de que seus filhos irão se comportar bem nas férias.

d) o estado de empolgação das mães ao verem que passarão mais tempo com os filhos.

e) o cansaço das mães após passarem duas semanas levando os filhos a diferentes lugares.

Questão 11 (2016/FCC/COPERGÁS-PE) Está escrita corretamente a frase:

a) Meninos e meninas corriam no terraço onde os raios de sol, secavam as roupas extendidas nos varaus.

b) O sol do outono refletia nos vitrais, enquanto as crianças brincavam sob a copa de árvores milenares.

c) Os jovens sentados sobre os degrais da entrada do colegio, esperavam animados, o inicio das aulas.

d) Os trabalhadores no fim da tarde, voltavam a suas residencias com a espectativa, de rever a família.

e) Os cidadães passaram o dia na praia, no mar ou na areia, onde se dedicaram, a praticas esportivas.

Questão 12 (2016/FCC/TRF-3ª) Estava mal chegando a São Paulo, quando um repórter me provocou: "Mas como, Chico, mais um samba? Você não acha que isso já está superado?" Não tive tempo de me defender ou de atacar os outros, coisa que anda muito em voga. Já era hora de enfrentar o dragão, como diz o Tom, enfrentar as luzes, os cartazes, e a plateia, onde distingui um caro colega regendo um coro pra frente, de franca oposição. Fiquei um pouco desconcertado pela atitude do meu amigo, um homem sabidamente isento de preconceitos. Foi-se o tempo em que ele me censurava amargamente, numa roda revolucionária, pelo meu desinteresse em participar de uma passeata cívica contra a guitarra elétrica. Nunca tive nada contra esse instrumento, como nada tenho contra o tamborim. O importante é Mutantes e Martinho da Vila no mesmo palco.

Mas, como eu ia dizendo, estava voltando da Europa e de sua música estereotipada, onde samba, toada etc. são ritmos virgens para seus melhores músicos, indecifráveis para seus cérebros eletrônicos. "Só tenho uma opção, confessou-me um italiano – sangue novo ou a antimúsica. Veja, os Beatles, foram à Índia..." Donde se conclui como precipitada a opinião, entre nós, de que estaria morto o nosso ritmo, o lirismo e a malícia, a malemolência. É certo que se deve romper com as estruturas. Mas a música brasileira, ao contrário de outras artes, já traz dentro de si os elementos de renovação. Não se trata de defender a tradição, família ou propriedade de ninguém. Mas foi com o samba que João Gilberto rompeu as estruturas da

nossa canção. E se o rompimento não foi universal, culpa é do brasileiro, que não tem vocação pra exportar coisa alguma.

Sem que se altere o sentido da frase, todas as vírgulas podem ser substituídas por travessão, EXCETO em:

a) Não se trata de defender a tradição, família ou propriedade... (2º parágrafo)

b) Fiquei um pouco desconcertado pela atitude do meu amigo, um homem... (1º parágrafo)

c) Mas, como eu ia dizendo, estava voltando da Europa... (2º parágrafo)

d)... como precipitada, entre nós, de que estaria morto... (2º parágrafo)

e) Mas a música brasileira, ao contrário de outras artes, já traz... (2º parágrafo)

Questão 13 (2016/FCC/TRT-23ª)

Nasci na Rua Faro, a poucos metros do Bar Joia, e, muito antes de ir morar no Leblon, o Jardim Botânico foi meu quintal. Era ali, por suas aleias de areia cor de creme, que eu caminhava todas as manhãs de mãos dadas com minha avó. Entrávamos pelo portão principal e seguíamos primeiro pela aleia imponente que vai dar no chafariz. Depois, íamos passear à beira do lago, ver as vitórias-régias, subir as escadarias de pedra, observar o relógio de sol. Mas íamos, sobretudo, catar mulungu.

Mulungu é uma semente vermelha com a pontinha preta, bem pequena, menor do que um grão de ervilha. Tem a casca lisa, encerada, e em contraste com a pontinha preta seu vermelho é um vermelho vivo, tão vivo que parece quase estranho à natureza. É bonita. Era um verdadeiro prêmio conseguir encontrar um mulungu em meio à vegetação, descobrir de repente a casca vermelha e viva cintilando por entre as lâminas de grama ou no seio úmido de uma bromélia. Lembro bem com

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

que alegria eu me abaixava e estendia a mão para tocar o pequeno grão, que por causa da ponta preta tinha uma aparência que a mim lembrava vagamente um olho. Disse isso à minha avó e ela riu, comentando que eu era como meu pai, sempre prestava atenção nos detalhes das coisas. Acho que já nessa época eu olhava em torno com olhos mínimos. Mas a grandeza das manhãs se media pela quantidade de mulungus que me restava na palma da mão na hora de ir para casa. Conseguia às vezes juntar um punhado, outras vezes apenas dois ou três. E é curioso que nunca tenha sabido ao certo de onde eles vinham, de que árvore ou arbusto caíam aquelas sementes vermelhas. Apenas sabíamos que surgiam no chão ou por entre as folhas e sempre numa determinada região do Jardim Botânico.

Mas eu jamais seria capaz de reconhecer uma árvore de mulungu. Um dia, procurei no dicionário e descobri que mulungu é o mesmo que corticeira e que também é conhecido pelo nome de flor-de-coral. ‵′Árvore regular, ornamental, da família das leguminosas, originária da Amazônia e de Mato Grosso, de flores vermelhas, dispostas em racimos multifloros, sendo as sementes do fruto do tamanho de um feijão (mentira!), e vermelhas com mácula preta (isto, sim)′′, dizia.

Mas há ainda um outro detalhe estranho – é que não me lembro de jamais ter visto uma dessas sementes lá em casa. De algum modo, depois de catadas elas desapareciam e hoje me pergunto se não era minha avó que as guardava e tornava a despejá-las nas folhagens todas as manhãs, sempre que não estávamos olhando, só para que tivéssemos o prazer de encontrá-las. O fato é que não me sobrou nenhuma e elas ganharam, talvez por isso, uma aura de magia, uma natureza impalpável. Dos mulungus, só me ficou a memória – essa memória mínima.

(Adaptado de: SEIXAS, Heloísa. Semente da Memória. Disponível em: http://heloisaseixas.com.br)

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Com respeito à pontuação, atente para as seguintes afirmações:

I – Na frase Conseguia às vezes juntar um punhado, outras vezes apenas dois ou três (3º parágrafo), pode-se acrescentar uma vírgula imediatamente antes de apenas, mantendo-se a correção e o sentido.

II – No 4º parágrafo, os parênteses indicam juízos da escritora, que, portanto, não constam da definição encontrada no dicionário.

III – No segmento O fato é que não me sobrou nenhuma e elas ganharam, talvez por isso... (5º parágrafo), pode-se acrescentar uma vírgula imediatamente antes de "e", sem prejuízo para a correção e o sentido.

Está correto o que consta em

a) II e III, apenas.

b) II, apenas.

c) I e II, apenas.

d) I, II e III.

e) I e III, apenas.

Questão 14 (2016/FCC/TRT-23ª) Está pontuada corretamente, a frase:

a) Nascido em Cuiabá, em 1916 Manoel de Barros estreou, com o livro, Poemas Concebidos sem Pecado em 1937.

b) Cronologicamente vinculado, à Geração de 45, mas formalmente, ao Modernismo brasileiro, Manoel de Barros criou um estilo próprio.

c) Subvertendo a sintaxe e criando construções que não respeitam as normas da língua padrão, Manoel de Barros é comparado a Guimarães Rosa.

d) Em 1986, o poeta Carlos Drummond de Andrade declarou, que Manoel de Barros era o maior poeta brasileiro vivo.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

e) Antonio Houaiss, um dos mais importantes filólogos e críticos brasileiros confessou nutrir, pela obra de Manoel de Barros grande admiração.

Questão 15 (2016/FCC/SEDU-ES) Em 1596, William Shakespeare e seus atores tiveram de deixar o teatro isabelino The Theatre, localizado em Shoreditch, em Londres, até então o recanto da dramaturgia inglesa. O período de 21 anos de concessão do terreno ao ator e empresário James Burbage havia chegado ao fim, e o senhorio exigia as terras de volta. Desolados, Shakespeare e os homens de sua companhia, Lord Chamberlain's Men, se uniram para roubar o teatro – tábua por tábua, prego por prego – e reconstruí-lo em outro lugar.

No texto, a função dos travessões em "– tábua por tábua, prego por prego –" é destacar

a) o modo de realização da ação verbal.

b) a locução adverbial temporal.

c) a expressão nominal retificadora.

d) o duplo adjunto adnominal.

e) a conclusão da ação verbal.

Questão 16 (2016/FCC/DPE-RR) Considere as afirmações acerca da pontuação no texto.

I – Quando entram em contato com as nossas células, eles causam danos e contribuem para o aparecimento de doenças... – A vírgula nessa passagem pode ser substituída por ponto final sem prejuízo da correção da frase.

II – Os radicais livres são compostos formados normalmente no nosso organismo pela respiração. – Essa frase se mantém correta com o uso de vírgulas antes e depois do termo sublinhado.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

III – Duas dessas misturas – preparadas com camucamu, acerola, açaí, cajá, caju e abacaxi – foram testadas em cobaias animais. – Os travessões podem ser substituídos por parênteses sem prejuízo da correção da frase.

Está correto o que se afirma em

a) I e II, apenas.
b) II e III, apenas.
c) I, apenas.
d) III, apenas.
e) I, II e III.

QUESTÃO 17 (2015/FCC/DPE-RR) Vamos, confesse. Confesso. Eu queria um boi perdido no asfalto; sei que era exatamente isso o que eu queria... (3º parágrafo)

Mantendo-se a correção, uma pontuação alternativa para o trecho acima encontra-se em:

a) – Vamos! confesse – confesso: – Eu queria um boi perdido no asfalto... sei que era, exatamente, isso o que eu queria.

b) – Vamos – confesse. – Confesso: eu queria um boi perdido no asfalto (sei que era exatamente isso o que eu queria).

c) – Vamos, confesse! – Confesso: eu queria um boi perdido no asfalto... sei que era exatamente isso o que eu queria.

d) – Vamos: – Confesse. – Confesso: eu queria um boi – perdido no asfalto –; sei que era exatamente isso o que eu queria.

e) – Vamos – confesse: confesso. Eu queria um boi perdido no asfalto – sei que era exatamente isso o que eu queria.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Questão 18 (2015/FCC/TRE-SE) A frase citada do texto que permanece correta após o acréscimo das vírgulas é:

a) Já trocamos, uns cinco e-mails e uns dez recados, pelo celular. (quinto parágrafo)

b) Acredito, que acabei me adaptando, a esse mundo moderno. (primeiro parágrafo)

c) Há três semanas, que estou combinando, um almoço com um grande amigo. (quinto parágrafo)

d) Hoje cedo, eu me lembrei da minha mãe, à beira do fogão, separando os marinheiros do arroz e tirando as pedras do feijão. (terceiro parágrafo)

e) Estou pensando, seriamente, em sair daqui uma hora dessas, chegar, à casa dele e tocar, a campainha. (sexto parágrafo)

Questão 19 (2015/FCC/TRE-SE) Ocorre pontuação plenamente adequada na frase:

a) Criador de frases ferinas, Machado de Assis aproveitou-se dessa qualidade para, num romance famoso, compor um capítulo unicamente com aforismos, sempre bem-humorados e argutos, entre os quais alguns que volta e meia são citados até hoje.

b) Criador de frases ferinas Machado de Assis, aproveitou-se dessa qualidade, para num romance famoso compor um capítulo unicamente com aforismos, sempre bem-humorados e argutos, entre os quais, alguns que volta e meia são citados até hoje.

c) Criador de frases ferinas, Machado de Assis, aproveitou-se dessa qualidade para num romance famoso compor um capítulo, unicamente com aforismos, sempre bem-humorados, e argutos entre os quais alguns que volta e meia são citados até hoje.

d) Criador de frases ferinas, Machado de Assis aproveitou-se dessa qualidade, para num romance famoso, compor um capítulo, unicamente com aforismos sem-

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

pre bem-humorados, e argutos, entre os quais alguns que volta e meia são citados até hoje.

e) Criador de frases ferinas Machado de Assis aproveitou-se dessa qualidade, para num romance famoso compor um capítulo, unicamente com aforismos, sempre bem-humorados, e argutos entre os quais, alguns que volta e meia são citados até hoje.

Questão 20 (2015/FCC/TRT-3ª) A frase escrita corretamente, no que se refere ao emprego dos sinais de pontuação, é:

a) A aula de Xiaomei a professora robô, foi organizada a partir de um programa de computador chamado PowerPoint e apresentada, aos alunos da Universidade Jiujiang.

b) A Universidade Jiujiang fica na província chinesa de Jiangxi; e foi lá que ocorreu a aula dada por uma professora robô, Xiaomei.

c) Xiaomei a professora-robô, gesticulava com seus braços articulados e se deslocava pela sala. Enquanto ensinava a lição.

d) Projetada por uma equipe de pesquisa da universidade; a robô Xiaomei é capaz de ensinar as lições para as quais foi programada, além de deslocar-se pela sala.

e) A robô (Xiaomei) é capaz também, de estabelecer interações simples com os estudantes que formam sua audiência.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

GABARITO

1. e
2. e
3. d
4. a
5. c
6. c
7. e
8. b
9. c
10. b
11. b
12. a
13. d
14. c
15. a
16. b
17. c
18. d
19. a
20. b

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

GABARITO COMENTADO

Questão 1 (2017/FCC/TRT-24ª) As peças em geral trazem à tona temas referentes ao Pantanal e às populações indígenas, são feitas em cores da paisagem regional e, além da fauna e da flora, podem retratar tipos humanos e costumes da região. (3º parágrafo)

Após o deslocamento da expressão destacada, sem alterar o sentido da frase original, o uso da vírgula fica correto em:

a) As peças em geral além da fauna e da flora, trazem à tona temas referentes ao Pantanal e às populações indígenas, são feitas nas cores da paisagem regional e podem retratar tipos humanos e costumes da região.

b) As peças em geral trazem à tona temas referentes ao Pantanal e às populações indígenas, são feitas nas cores da paisagem regional e podem além da fauna e da flora, retratar tipos humanos e costumes da região.

c) As peças em geral trazem à tona temas referentes ao Pantanal e às populações indígenas, além da fauna e da flora são feitas nas cores da paisagem regional e podem retratar tipos humanos e costumes da região.

d) Além da fauna e da flora as peças em geral trazem à tona temas referentes ao Pantanal e às populações indígenas, são feitas nas cores da paisagem regional e, podem retratar tipos humanos e costumes da região.

e) As peças em geral trazem à tona temas referentes ao Pantanal e às populações indígenas, são feitas nas cores da paisagem regional e podem retratar tipos humanos e costumes da região, além da fauna e da flora.

Letra e.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

A questão sugere o deslocamento de um adjunto adverbial pelo período. Apesar de haver essa possibilidade, essa movimentação não é aleatória, pois pode ferir a correção gramatical (como ocorre na letra "a", em que a vírgula está separando o sujeito do verbo) ou alterar o sentido original do texto (como ocorre nas demais alternativas).

Questão 2 (2017/FCC/TRE-SP) O museu não é uma estrutura sagrada e quem o frequenta deve permanecer em contato com a natureza do lado de fora... (1º parágrafo) Quanto à pontuação do período acima, pode-se

I – acrescentar uma vírgula imediatamente antes da conjunção "e", uma vez que separaria orações com sujeitos diferentes.
II – substituir a conjunção "e" por dois-pontos, pois o que se segue pode ser entendido como uma explicação da primeira parte da frase.
III – isolar com vírgulas a expressão "em contato", uma vez que se trata de locução adverbial, sem alteração do sentido original.

Está correto o que consta em

a) II, apenas.
b) I, II e III.
c) II e III, apenas.
d) I e III, apenas.
e) I e II, apenas.

Letra e.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

I – Certo. A inclusão da vírgula antes da conjunção "e" é permitida, pois são duas orações com sujeitos diferentes (assunto que veremos com ainda mais detalhes em período composto).

II – Certo. Conforme expliquei na parte teórica, a principal finalidade dos dois pontos é sinalizar explicações, e o segundo período pode ser usado como uma explicação do primeiro.

III – Errado. Note que a expressão "em contato com a natureza do lado de fora" é um constituinte único, pois "com a natureza do lado de fora" complementa a palavra "contato". Por isso, a inserção de uma vírgula é proibida.

Questão 3 (2017/FCC/TRE-SP) Atente para as frases abaixo.

I – Sendo a amizade, um exercício de limites afetivos, há que se considerar alguma insatisfação, que disso decorra.

II – A própria passagem do tempo faz com que, nossas amizades, venham a encontrar uma boa forma de depuração.

III – Uma amizade, ainda que imperfeita, não nos decepcionará, a menos que lhe dermos um valor absoluto.

É inteiramente adequada a virgulação do que está APENAS em

a) I.

b) II.

c) I e III.

d) III.

e) II e III.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Letra d.

Em **I**, a vírgula após "amizade" está separando o verbo "sendo" do predicativo do sujeito.

Em **II**, ambas as vírgulas estão incorretas, pois "nossas amizades" é sujeito de "venham".

Em **III,** "ainda que imperfeita" e "a menos que lhe demos um valor absoluto" são expressões de valor adverbial.

Questão 4 (2017/FCC/TRE-SP) Atente para as seguintes frases:

I – O sentido controverso da palavra discussão, deve-se ao modo pelo qual costumam agir, os contendores, ao exporem seus argumentos.

II – Há discussões nas quais, por excesso de paixão, os argumentos sequer são considerados, dada a exacerbação dos ânimos.

III – Parece improvável que numa discussão acirrada, possa imperar a racionalidade dos argumentos que sequer são analisados.

Quanto à virgulação, está inteiramente correto o que consta APENAS em

a) II.

b) I.

c) III.

d) I e II.

e) II e III.

Letra a.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Em questões assim, lembre-se sempre do seguinte preceito: você precisa identificar um único erro, mesmo que haja outros!

Em **I**, a vírgula após "discussão" separa o sujeito do verbo, assim como a vírgula após "agir".

Em **II**, tanto "por excesso de paixão" quanto "dada a exacerbação dos ânimos" são adjuntos adverbiais.

Em **III,** deveria haver uma vírgula após "que", para isolar o adjunto adverbial "numa discussão acirrada".

QUESTÃO 5 (2016/FCC/PGE-MT) A colocação de ambas as vírgulas está plenamente adequada na frase:

a) Não é indispensável tanto na ciência, como na religião que haja uma teoria unificada, para fortalecer o nosso espírito.

b) Mesmo que nosso esforço lograsse chegar, a uma teoria unificada, muitos ainda continuariam a duvidar de tudo.

c) Uma teoria unificada, que explicasse tanto as questões religiosas como as científicas, viria a eliminar muitas ansiedades.

d) Como se sabe, as teologias humanas, constituem a teoria unificada a que chegaram os pensadores religiosos.

e) A desobrigação de pensar é de todos os atrativos, aquele que mais nos seduz, entre os acenados pela teoria unificada.

Letra c.

a) Errada. Não deveria haver vírgula após "ciência", uma vez que "tanto na ciência como na religião" representa uma enumeração.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

b) Errada. "A uma teoria unificada" é complemento do verbo "chegar" e, por isso, não poderia haver vírgula.

c) Errada. Note que a oração principal é uma teoria unificada viria a eliminar muitas ansiedades, ou seja, há uma intercalação sinalizada pelas duas vírgulas.

Questão 6 (2016/FCC/TRT-20ª) Nos últimos quatro anos, desde que comecei a publicar os meus cordéis, recebi centenas de mensagens com depoimentos de educadores que compram meus folhetos e utilizam minhas rimas para falar sobre questões raciais, de gênero, de diversidade sexual e história. Com a série Heroínas Negras na História do Brasil, séculos de esquecimento começam a ser rompidos e muita gente escuta falar, pela primeira vez, sobre as mulheres negras que foram líderes quilombolas e guerreiras na luta contra a escravidão.

Leia as afirmações abaixo a respeito da pontuação do 2º parágrafo.

I – A vírgula imediatamente após "anos" tem por função separar dois segmentos de função sintática semelhante no período.

II – A vírgula imediatamente após "cordéis" justifica-se pelo fato de que todo o trecho anterior a ela, de caráter adverbial, antecede a oração principal.

III – Imediatamente após o termo "rompidos" pode-se acrescentar uma vírgula, uma vez que separaria orações de sujeitos diferentes.

Está correto o que se afirma em

a) II e III, apenas.

b) I e II, apenas.

c) I, II e III.

d) I, apenas.

e) III, apenas.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Letra c.

I – Certo. Tanto "nos últimos quatro anos" quanto "desde que comecei a publicar os meus cordéis" são adjuntos adverbiais de tempo que se referem ao verbo "recebi".

II – Certo. Conforme expliquei, são adjuntos adverbiais.

III – Certo. O sujeito do verbo "começam" e "escuta" são distintos e, por isso, as orações aditivas podem ser separadas por vírgula (veremos isso com mais detalhes em período composto).

Questão 7 (2016/FCC/SEGEP-MA) A frase escrita com correção é:

a) Humberto de Campos, jornalista, critico, contista, e memorialista nasceu, em Miritiba, hoje Humberto de Campos no Maranhão, em 1886, e falesceu, no Rio de Janeiro em 1934.

b) O escritor Humberto de Campos, em 1933, publicou o livro que veio à ser considerado, o mais celebre de sua obra: Memórias, crônica dos começos de sua vida.

c) Em 1912, Humberto de Campos, transferiu-se para o Rio de Janeiro, e entrou para O Imparcial, na fase em que ali encontrava-se um grupo de eximios escritores.

d) De infância pobre e orfão de pai aos seis anos; Humberto de Campos, começou a trabalhar cedo no comércio, como meio de subsistencia.

e) Humberto de Campos publicou seu primeiro livro em 1910, a coletânea de versos intitulada Poeira; em 1920, já membro da Academia Brasileira de Letras, foi eleito deputado federal pelo Maranhão.

Letra e.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

a) Errada. Deveria haver uma vírgula após "memorialista", retirar a vírgula após "nasceu", acrescentar uma vírgula após a segunda ocorrência de "Campos" e alterar a escrita para "faleceu".

b) Errada. Não deveria haver o sinal indicativo de crase em "veio a ser", não deveria haver vírgula após "considerado" e "célebre" deveria vir com acento.

c) Errada. As vírgulas após "Campos" e "Janeiro" são indevidas, a colocação pronominal em "encontrava-se" está incorreta, pois "ali" é um advérbio" e "exímios" deve ser acentuado.

d) Errada. "Órfão" deve ter acento, após "anos" deve-se empregar vírgula (e não ponto e vírgula), deve-se retirar a vírgula após "Campos" e acentuar a palavra "subsistência".

QUESTÃO 8 (2016/FCC/SEGEP-MA) Será que a internet está a matar a democracia? Vyacheslav W. Polonski, um acadêmico da Universidade de Oxford, faz essa pergunta na revista Newsweek. E oferece argumentos a respeito que desaguam em águas tenebrosas.

Atente para as afirmações abaixo a respeito do 1º parágrafo do texto.

I – O ponto de interrogação pode ser excluído, sem prejuízo para a correção e o sentido, por se tratar de pergunta retórica.
II – As vírgulas isolam o aposto.
III – Na última frase do parágrafo, o pronome "que" retoma "argumentos".
IV – No contexto, o verbo "desaguar" está empregado em sentido figurado.

Está correto o que se afirma APENAS em

a) I e II.

b) II, III e IV.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

c) II e III.

d) I e IV.

e) I, III e IV.

Letra b.

I – Errado. A interrogação, além de marcar o encerramento do período, possui o uso reforçado pela presença do verbo "será" no início do texto.

II – Certo. Há equivalência semântica entre "Vyacheslav W. Polonski" e "um acadêmico da Universidade de Oxford".

III – Certo. O pronome relativo "que" (que pode ser substituído por **os quais**) introduz uma informação que acrescenta informações acerca de "argumentos".

IV – Certo. O verbo "desaguar" significa literalmente "fazer a água escoar".

QUESTÃO 9 (2016/FCC/PREFEITURA DE TERESINA-PI) É preciso sabedoria para aceitar que nossos atributos se modificam com o passar dos anos. Que nenhuma cirurgia devolverá aos 60 o rosto que tínhamos aos 18, mas que envelhecer não é sinônimo de decadência física para os que se movimentam, não fumam, comem com parcimônia, exercitam a cognição e continuam atentos às transformações do mundo. (5º parágrafo)

A respeito do segmento acima, afirma-se corretamente:

a) Haverá prejuízo da correção e do sentido caso o segmento "aos 60" seja isolado por vírgulas.

b) Sem prejuízo do sentido e da correção gramatical, a vírgula colocada imediatamente após "18" pode ser substituída pelo sinal de dois-pontos.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

c) Fazendo-se as devidas alterações entre maiúsculas e minúsculas, o ponto final após "anos" pode ser substituído por "vírgula", sem prejudicar a compreensão do sentido e a correção gramatical.

d) A vírgula colocada imediatamente após "parcimônia" é facultativa e pode ser suprimida.

e) Sem alterar a correção e o sentido original, o sinal de travessão pode ser colocado imediatamente após "movimentam".

Letra c.

a) Errada. "Aos 60" é um adjunto adverbial curto, e as vírgulas são facultativas.

b) Errada. A vírgula separa uma oração adversativa, e não uma explicação.

d) Errada. A vírgula separa termos de uma enumeração.

e) Errada. Em enumerações, não se usa travessão.

QUESTÃO 10 (2016/FCC/PREFEITURA DE TERESINA-PI) As mães de hoje, descabeladas, começam a planejar: uma semana no acampamento, depois um dia vão ao cinema, no outro ao teatrinho, no terceiro à lanchonete, no quarto ao clube, no quinto ao parque, no sexto à casa dos avós, no sétimo ao shopping... mas, pensando bem, ainda faltam duas semanas inteirinhas para preencher. (3º parágrafo)

As reticências (...), no trecho acima, sinalizam

a) a frustração das mães por não poderem levar os filhos aos lugares que desejam.

b) as dúvidas que as mães enfrentam ao fazerem o planejamento das férias dos filhos.

c) a certeza que as mães têm de que seus filhos irão se comportar bem nas férias.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

d) o estado de empolgação das mães ao verem que passarão mais tempo com os filhos.

e) o cansaço das mães após passarem duas semanas levando os filhos a diferentes lugares.

Letra b.

Logo no começo do texto, há uma ideia de que as mães não planejam com calma as atividades dos filhos, justamente porque há muito para elaborar. Algumas ideias surgem, mas muitas outras são necessárias. Escolher entre as opções oferece dúvidas às mães. Vale notar que as reticências possuem um valor mais semântico e estilístico. É preciso interpretar o texto para entender o emprego dessa pontuação.

QUESTÃO 11 (2016/FCC/COPERGÁS-PE) Está escrita corretamente a frase:

a) Meninos e meninas corriam no terraço onde os raios de sol, secavam as roupas extendidas nos varaus.

b) O sol do outono refletia nos vitrais, enquanto as crianças brincavam sob a copa de árvores milenares.

c) Os jovens sentados sobre os degrais da entrada do colegio, esperavam animados, o inicio das aulas.

d) Os trabalhadores no fim da tarde, voltavam a suas residencias com a espectativa, de rever a família.

e) Os cidadães passaram o dia na praia, no mar ou na areia, onde se dedicaram, a praticas esportivas.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Letra b.

a) Errada. Erros: vírgula após "sol", grafia de "extendidas" (estendidas) e varaus (varais).

c) Errada. Erros: grafia de "degrais" (degraus), acento de "colégio", vírgula após "colégio e após "animados" e acento de "início".

d) Errada. Erros: ausência de vírgula após "trabalhadores", acento de "residências", grafia de "espectativa" (expectativa) e vírgula antes de "de".

e) Errada. Erros: grafia de "cidadães" (cidadãos), vírgula após "dedicaram" e acento em "práticas".

Questão 12 (2016/FCC/TRF-3ª) Estava mal chegando a São Paulo, quando um repórter me provocou: "Mas como, Chico, mais um samba? Você não acha que isso já está superado?" Não tive tempo de me defender ou de atacar os outros, coisa que anda muito em voga. Já era hora de enfrentar o dragão, como diz o Tom, enfrentar as luzes, os cartazes, e a plateia, onde distingui um caro colega regendo um coro pra frente, de franca oposição. Fiquei um pouco desconcertado pela atitude do meu amigo, um homem sabidamente isento de preconceitos. Foi-se o tempo em que ele me censurava amargamente, numa roda revolucionária, pelo meu desinteresse em participar de uma passeata cívica contra a guitarra elétrica. Nunca tive nada contra esse instrumento, como nada tenho contra o tamborim. O importante é Mutantes e Martinho da Vila no mesmo palco.

Mas, como eu ia dizendo, estava voltando da Europa e de sua música estereotipada, onde samba, toada etc. são ritmos virgens para seus melhores músicos, indecifráveis para seus cérebros eletrônicos. "Só tenho uma opção, confessou-me um italiano – sangue novo ou a antimúsica. Veja, os Beatles, foram à Índia..." Donde se

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

conclui como precipitada a opinião, entre nós, de que estaria morto o nosso ritmo, o lirismo e a malícia, a malemolência. É certo que se deve romper com as estruturas. Mas a música brasileira, ao contrário de outras artes, já traz dentro de si os elementos de renovação. Não se trata de defender a tradição, família ou propriedade de ninguém. Mas foi com o samba que João Gilberto rompeu as estruturas da nossa canção. E se o rompimento não foi universal, culpa é do brasileiro, que não tem vocação pra exportar coisa alguma.

Sem que se altere o sentido da frase, todas as vírgulas podem ser substituídas por travessão, EXCETO em:

a) Não se trata de defender a tradição, família ou propriedade... (2º parágrafo)

b) Fiquei um pouco desconcertado pela atitude do meu amigo, um homem... (1º parágrafo)

c) Mas, como eu ia dizendo, estava voltando da Europa... (2º parágrafo)

d)... como precipitada, entre nós, de que estaria morto... (2º parágrafo)

e) Mas a música brasileira, ao contrário de outras artes, já traz... (2º parágrafo)

Letra a.

Na letra “a”, a vírgula foi empregada em função de uma enumeração. Nesse caso, não se pode empregar travessões. A vírgula da letra “b” marca a ocorrência de um aposto explicativo. Nos demais casos, há intercalações.

QUESTÃO 13 (2016/FCC/TRT-23ª)

Nasci na Rua Faro, a poucos metros do Bar Joia, e, muito antes de ir morar no Leblon, o Jardim Botânico foi meu quintal. Era ali, por suas aleias de areia cor de

creme, que eu caminhava todas as manhãs de mãos dadas com minha avó. Entrávamos pelo portão principal e seguíamos primeiro pela aleia imponente que vai dar no chafariz. Depois, íamos passear à beira do lago, ver as vitórias-régias, subir as escadarias de pedra, observar o relógio de sol. Mas íamos, sobretudo, catar mulungu.

Mulungu é uma semente vermelha com a pontinha preta, bem pequena, menor do que um grão de ervilha. Tem a casca lisa, encerada, e em contraste com a pontinha preta seu vermelho é um vermelho vivo, tão vivo que parece quase estranho à natureza. É bonita. Era um verdadeiro prêmio conseguir encontrar um mulungu em meio à vegetação, descobrir de repente a casca vermelha e viva cintilando por entre as lâminas de grama ou no seio úmido de uma bromélia. Lembro bem com que alegria eu me abaixava e estendia a mão para tocar o pequeno grão, que por causa da ponta preta tinha uma aparência que a mim lembrava vagamente um olho. Disse isso à minha avó e ela riu, comentando que eu era como meu pai, sempre prestava atenção nos detalhes das coisas. Acho que já nessa época eu olhava em torno com olhos mínimos. Mas a grandeza das manhãs se media pela quantidade de mulungus que me restava na palma da mão na hora de ir para casa. Conseguia às vezes juntar um punhado, outras vezes apenas dois ou três. E é curioso que nunca tenha sabido ao certo de onde eles vinham, de que árvore ou arbusto caíam aquelas sementes vermelhas. Apenas sabíamos que surgiam no chão ou por entre as folhas e sempre numa determinada região do Jardim Botânico.

Mas eu jamais seria capaz de reconhecer uma árvore de mulungu. Um dia, procurei no dicionário e descobri que mulungu é o mesmo que corticeira e que também é conhecido pelo nome de flor-de-coral. ‵’Árvore regular, ornamental, da família das leguminosas, originária da Amazônia e de Mato Grosso, de flores vermelhas,

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

dispostas em racimos multifloros, sendo as sementes do fruto do tamanho de um feijão (mentira!), e vermelhas com mácula preta (isto, sim)", dizia.

Mas há ainda um outro detalhe estranho – é que não me lembro de jamais ter visto uma dessas sementes lá em casa. De algum modo, depois de catadas elas desapareciam e hoje me pergunto se não era minha avó que as guardava e tornava a despejá-las nas folhagens todas as manhãs, sempre que não estávamos olhando, só para que tivéssemos o prazer de encontrá-las. O fato é que não me sobrou nenhuma e elas ganharam, talvez por isso, uma aura de magia, uma natureza impalpável. Dos mulungus, só me ficou a memória – essa memória mínima.

(Adaptado de: SEIXAS, Heloísa. Semente da Memória. Disponível em: http://heloisaseixas.com.br)

Com respeito à pontuação, atente para as seguintes afirmações:

I – Na frase Conseguia às vezes juntar um punhado, outras vezes apenas dois ou três (3º parágrafo), pode-se acrescentar uma vírgula imediatamente antes de apenas, mantendo-se a correção e o sentido.

II – No 4º parágrafo, os parênteses indicam juízos da escritora, que, portanto, não constam da definição encontrada no dicionário.

III – No segmento O fato é que não me sobrou nenhuma e elas ganharam, talvez por isso... (5º parágrafo), pode-se acrescentar uma vírgula imediatamente antes de "e", sem prejuízo para a correção e o sentido.

Está correto o que consta em

a) II e III, apenas.

b) II, apenas.

c) I e II, apenas.

d) I, II e III.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

e) I e III, apenas.

Letra d.

I – Certo. O trecho "outras vezes" é um adjunto adverbial de tempo curto e deslocado.

II – Certo. Os trechos entre parênteses são comentários da autora acerca das informações disponibilizadas por ela.

III – Certo. A vírgula separaria orações aditivas com sujeitos diferentes.

Questão 14 (2016/FCC/TRT-23ª) Está pontuada corretamente, a frase:

a) Nascido em Cuiabá, em 1916 Manoel de Barros estreou, com o livro, Poemas Concebidos sem Pecado em 1937.

b) Cronologicamente vinculado, à Geração de 45, mas formalmente, ao Modernismo brasileiro, Manoel de Barros criou um estilo próprio.

c) Subvertendo a sintaxe e criando construções que não respeitam as normas da língua padrão, Manoel de Barros é comparado a Guimarães Rosa.

d) Em 1986, o poeta Carlos Drummond de Andrade declarou, que Manoel de Barros era o maior poeta brasileiro vivo.

e) Antonio Houaiss, um dos mais importantes filólogos e críticos brasileiros confessou nutrir, pela obra de Manoel de Barros grande admiração.

Letra c.

a) Errada. Deveria haver vírgula após "1916" e a vírgula após "livro" deve ser eliminada.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

b) Errada. As vírgulas após "vinculado" e "formalmente" devem ser eliminadas.

d) Errada. A vírgula após "declarou" está incorreta.

e) Errada. Deveria haver vírgula após "brasileiros" e "Barros".

Questão 15 (2016/FCC/SEDU-ES) Em 1596, William Shakespeare e seus atores tiveram de deixar o teatro isabelino The Theatre, localizado em Shoreditch, em Londres, até então o recanto da dramaturgia inglesa. O período de 21 anos de concessão do terreno ao ator e empresário James Burbage havia chegado ao fim, e o senhorio exigia as terras de volta. Desolados, Shakespeare e os homens de sua companhia, Lord Chamberlain's Men, se uniram para roubar o teatro − tábua por tábua, prego por prego − e reconstruí-lo em outro lugar.

No texto, a função dos travessões em "− tábua por tábua, prego por prego −" é destacar

a) o modo de realização da ação verbal.

b) a locução adverbial temporal.

c) a expressão nominal retificadora.

d) o duplo adjunto adnominal.

e) a conclusão da ação verbal.

Letra a.

Pela construção textual, é possível entender que "tábua por tábua, prego por prego" expressa o modo como eles roubaram o teatro. O adjunto adverbial está deslocado e deve receber as pontuações.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Questão 16 (2016/FCC/DPE-RR) Considere as afirmações acerca da pontuação no texto.

I – Quando entram em contato com as nossas células, eles causam danos e contribuem para o aparecimento de doenças... – A vírgula nessa passagem pode ser substituída por ponto final sem prejuízo da correção da frase.

II – Os radicais livres são compostos formados normalmente no nosso organismo pela respiração. – Essa frase se mantém correta com o uso de vírgulas antes e depois do termo sublinhado.

III – Duas dessas misturas – preparadas com camucamu, acerola, açaí, cajá, caju e abacaxi – foram testadas em cobaias animais. – Os travessões podem ser substituídos por parênteses sem prejuízo da correção da frase.

Está correto o que se afirma em

a) I e II, apenas.
b) II e III, apenas.
c) I, apenas.
d) III, apenas.
e) I, II e III.

Letra b.

I – Errado. A oração "quando entram em contato com as nossas células" não pode formar um período sozinho. Isso é fácil perceber, pois essa oração não possui sentido completo.

II – Certo. Se trata de um adjunto adverbial de curta extensão (logo, a vírgula é facultativa).

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

III – Certo. O isolamento da expressão entre travessões seria mantido.

Questão 17 (2015/FCC/DPE-RR) Vamos, confesse. Confesso. Eu queria um boi perdido no asfalto; sei que era exatamente isso o que eu queria... (3º parágrafo)

Mantendo-se a correção, uma pontuação alternativa para o trecho acima encontra-se em:

a) – Vamos! confesse – confesso: – Eu queria um boi perdido no asfalto... sei que era, exatamente, isso o que eu queria.

b) – Vamos – confesse. – Confesso: eu queria um boi perdido no asfalto (sei que era exatamente isso o que eu queria).

c) – Vamos, confesse! – Confesso: eu queria um boi perdido no asfalto... sei que era exatamente isso o que eu queria.

d) – Vamos: – Confesse. – Confesso: eu queria um boi – perdido no asfalto –; sei que era exatamente isso o que eu queria.

e) – Vamos – confesse: confesso. Eu queria um boi perdido no asfalto – sei que era exatamente isso o que eu queria.

Letra c.

Para você resolver essa questão com sucesso, é importante notar que se trata de um diálogo, o que justifica a ocorrência dos travessões. Logo no começo, é fácil entender por que a **letra "c"** é a correta. A primeira fala completa inclui tanto "vamos" quanto "confesse". Isso já elimina as **letras "b", "d" e "e",** pois ocorre travessão entre esses dois vocábulos. Na **letra "a",** após a exclamação, foi colocada letra minúscula, o que é agramatical.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Questão 18 (2015/FCC/TRE-SE) A frase citada do texto que permanece correta após o acréscimo das vírgulas é:

a) Já trocamos, uns cinco e-mails e uns dez recados, pelo celular. (quinto parágrafo)

b) Acredito, que acabei me adaptando, a esse mundo moderno. (primeiro parágrafo)

c) Há três semanas, que estou combinando, um almoço com um grande amigo. (quinto parágrafo)

d) Hoje cedo, eu me lembrei da minha mãe, à beira do fogão, separando os marinheiros do arroz e tirando as pedras do feijão. (terceiro parágrafo)

e) Estou pensando, seriamente, em sair daqui uma hora dessas, chegar, à casa dele e tocar, a campainha. (sexto parágrafo)

Letra d.

a) Errada. Erro: vírgula após "trocamos", separando o verbo do complemento.

b) Errada. Erro: ambas as vírgulas separam os verbos "acredito" e "adaptando" de seus complementos.

c) Errada. Erro: a ocorrência do "que" impede a vírgula após "semanas", e a vírgula após "combinando" separa o verbo do complemento.

e) Errada. Erro: vírgula após "chegar", separando o verbo do complemento, e vírgula após "tocar", separando o verbo do complemento.

Questão 19 (2015/FCC/TRE-SE) Ocorre pontuação plenamente adequada na frase:

a) Criador de frases ferinas, Machado de Assis aproveitou-se dessa qualidade para, num romance famoso, compor um capítulo unicamente com aforismos, sempre

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

bem-humorados e argutos, entre os quais alguns que volta e meia são citados até hoje.

b) Criador de frases ferinas Machado de Assis, aproveitou-se dessa qualidade, para num romance famoso compor um capítulo unicamente com aforismos, sempre bem-humorados e argutos, entre os quais, alguns que volta e meia são citados até hoje.

c) Criador de frases ferinas, Machado de Assis, aproveitou-se dessa qualidade para num romance famoso compor um capítulo, unicamente com aforismos, sempre bem-humorados, e argutos entre os quais alguns que volta e meia são citados até hoje.

d) Criador de frases ferinas, Machado de Assis aproveitou-se dessa qualidade, para num romance famoso, compor um capítulo, unicamente com aforismos sempre bem-humorados, e argutos, entre os quais alguns que volta e meia são citados até hoje.

e) Criador de frases ferinas Machado de Assis aproveitou-se dessa qualidade, para num romance famoso compor um capítulo, unicamente com aforismos, sempre bem-humorados, e argutos entre os quais, alguns que volta e meia são citados até hoje.

Letra a.

Após "ferinas" deve haver vírgula (o que invalida as **letras "b"** e **"e"**); não pode haver vírgula após "Assis" (o que invalida a **letra "c"**).; "num romance famoso" deve vir entre vírgulas (o que invalida a **letra "d"**). A vírgula após "humorados" também está inadequada.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

QUESTÃO 20 (2015/FCC/TRT-3ª) A frase escrita corretamente, no que se refere ao emprego dos sinais de pontuação, é:

a) A aula de Xiaomei a professora robô, foi organizada a partir de um programa de computador chamado PowerPoint e apresentada, aos alunos da Universidade Jiujiang.

b) A Universidade Jiujiang fica na província chinesa de Jiangxi; e foi lá que ocorreu a aula dada por uma professora robô, Xiaomei.

c) Xiaomei a professora-robô, gesticulava com seus braços articulados e se deslocava pela sala. Enquanto ensinava a lição.

d) Projetada por uma equipe de pesquisa da universidade; a robô Xiaomei é capaz de ensinar as lições para as quais foi programada, além de deslocar-se pela sala.

e) A robô (Xiaomei) é capaz também, de estabelecer interações simples com os estudantes que formam sua audiência.

Letra b.

a) Errada. Erros: "a professora robô" deve estar entre vírgulas e a vírgula após "apresentada" está incorreta.

c) Errada. Erros: "a professora robô" deve estar entre vírgulas e o ponto final após "sala" deve ser trocado por vírgula.

d) Errada. O ponto e vírgula deve ser trocado por vírgula.

e) Errada. Erro: ou "também" vem entre vírgulas ou sem vírgulas.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

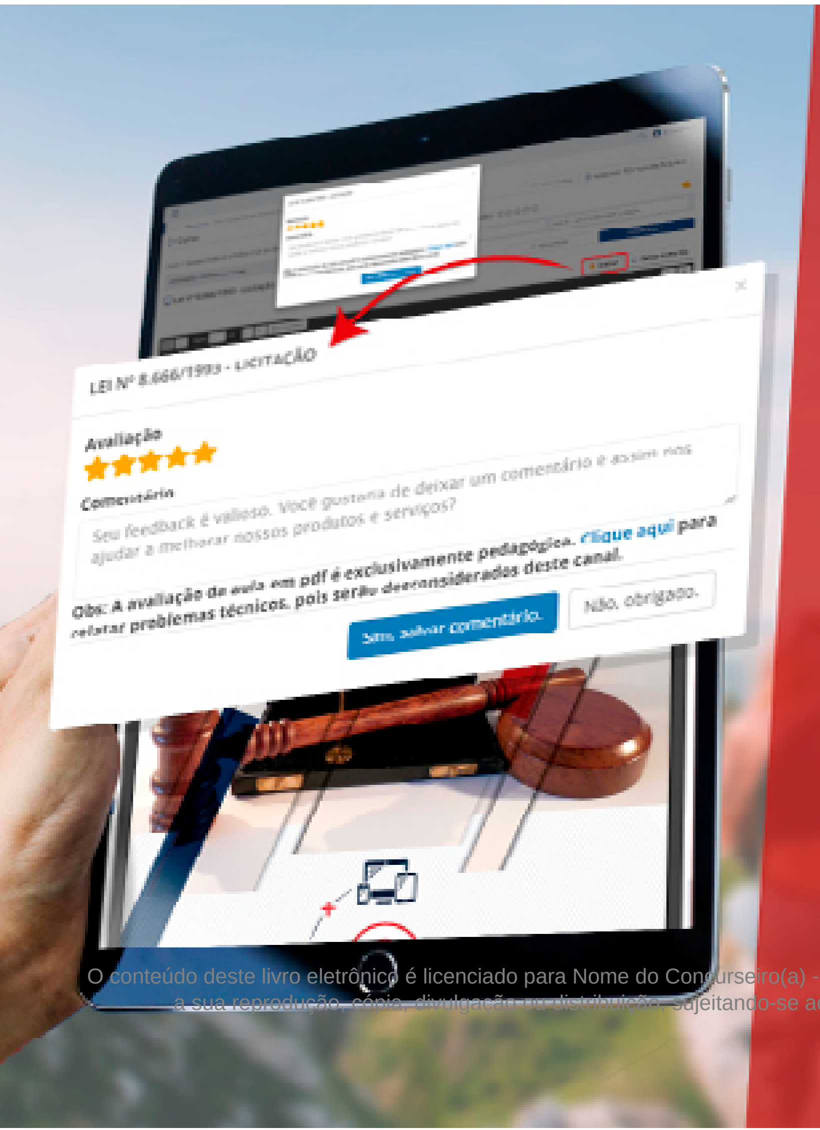

LEI Nº 8.666/1993 - LICITAÇÃO

Avaliação

Comentário

Seu feedback é valioso. Você gostaria de deixar um comentário e assim nos ajudar a melhorar nossos produtos e serviços?

Obs: A avaliação de aula em pdf é exclusivamente pedagógica. Clique aqui para relatar problemas técnicos, pois serão desconsiderados deste canal.

NÃO SE ESQUEÇA DE AVALIAR ESTA AULA!

SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE PARA MELHORARMOS AINDA MAIS NOSSOS MATERIAIS.

ESPERAMOS QUE TENHA GOSTADO DESTA AULA!

PARA AVALIAR, BASTA CLICAR EM LER A AULA E, DEPOIS, EM AVALIAR AULA.

AVALIAR

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Aula 05

Noções de Informática p/ Polícia Civil-PA (Investigador, Escrivão e Papiloscopista) - Com videoaulas

Professores: Fernando Mesquita, Victor Dalton

AULA 05: Correio eletrônico

SUMÁRIO	PÁGINA
1. Correio eletrônico	2
Exercícios Comentados	25
Considerações Finais	44
Exercícios	45

Olá pessoal! Prontos para mais uma rodada?

Desta vez falaremos sobre **ferramentas de correio eletrônico**.

Continuarei recomendando a utilização das ferramentas relacionadas, o **Outlook Express** (se você ainda possuir o Windows XP) e o **Mozilla Thunderbird**. Ambas são gratuitas.

Podemos começar?

CORREIO ELETRÔNICO

1. Correio eletrônico (e-mail)

1.1 Considerações iniciais

O correio eletrônico é um serviço básico de comunicação em rede, para o ***intercâmbio de mensagens eletrônicas***.

Até os dias atuais percebe-se a alusão que o e-mail faz ao serviço postal. Ícones de envelopes, Caixas de entradas (em referência à caixa de correio), enfim...

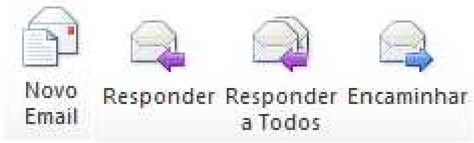

Ícones da ferramenta de email Microsoft Outlook: ilustração.

Para poder enviar e receber e-mails, é necessário possuir uma **conta de usuário** em um **provedor de e-mail**. Uma conta de email válida possui o seguinte formato:

nomedacontadeusuario@provedordeemail.tipodedominio(**.país** - opcional)

Exemplos:

professorvictordalton@gmail.com

fulanodetal@yahoo.com.br

exemplo@camara.leg.br

A **arroba** é o "símbolo" do e-mail, e caracter **obrigatório** em uma conta de e-mail válida.

O provedor de e-mail é a empresa ou organização que oferece o serviço de e-mail. Existem muitos provedores de e-mails famosos, como o **Yahoo, Outlook, Hotmail, Gmail, Uol.**

Entretanto, qualquer outro tipo de organização, como empresas e órgãos públicos, também pode possuir provedor próprio de e-mail, desde que monte infraestrutura de TI para isso. Tais e-mails poderão ser restritos à Intranet/Extranet da organização, ou abertos para troca de mensagens com toda a Internet, a critério do órgão.

Para utilizar um serviço de email, um usuário deverá:

1) Ter ***conta de usuário* cadastrada junto a um provedor de email**;e

2) Utilizar uma ***ferramenta de email***, devidamente configurada, ou um ***navegador web*** para acessar o provedor de e-mail (*webmail*).

Mais adiante, veremos algumas destas ferramentas de email e webmail.

Ah, e não custa lembrar que o e-mail é uma forma de comunicação **assíncrona**, isto é, não há necessidade de o destinatário da mensagem estar *online* no momento do envio da mensagem. A mensagem vai para o provedor do destinatário (este sim, online o tempo todo). Quando o destinatário acessar o seu provedor de email, aí sim, ele receberá a mensagem.

1.2 Principais protocolos de email

Na aula de conceitos básicos de Internet e redes de computadores vimos alguns dos protocolos mais comuns da Internet. Apenas revisando este conhecimento:

SMTP: O **Simple Mail Transfer Protocol**, ou Protocolo Simples de Transferência de Correio, é responsável apenas pelo **envio** de **email**. Utiliza a porta **25**. Quando um provedor de e-mail encaminha a mensagem de email para o provedor de destino, é esse protocolo que é utilizado.

POP3: O **Post Office Protocol Version 3**, ou Protocolo de Agência de Correio, é utilizado para o **recebimento** de mensagens de **email**, transferindo a mensagem armazenada no servidor de e-mail para a máquina do usuário. Utiliza a porta **110.** Foi o principal protocolo de e-mail da era da internet discada, ainda é utilizado nos dias de hoje, mas tem perdido espaço para o protocolo seguinte. Quando um cliente de e-mail "puxa" a mensagem que está armazenada em seu servidor de e-mail, é o protocolo POP3 que é utilizado.

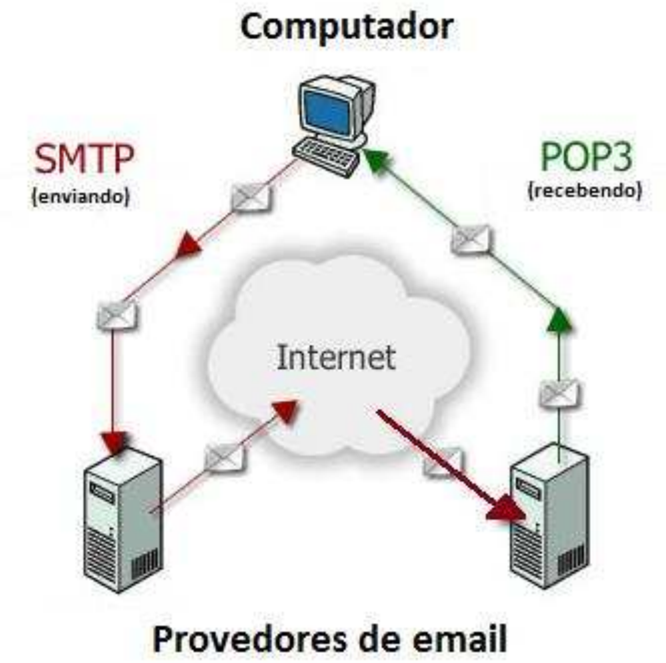

IMAP: O **Internet Message Access Protocol**, ou Protocolo de Acesso à Mensagem da Internet, é o protocolo mais utilizado dentre os **webmails** modernos, que permitem que a mensagem seja lida sem transferi-la do servidor na qual se encontra. Dessa forma, você pode acessar o seu Gmail (por exemplo) da sua residência, do seu smartphone, ou de qualquer computador do mundo, e sua mensagem estará disponível para leitura. Nesse caso, ***a mensagem não é descarregada do provedor para o computador***, uma vez que o e-mail é visualizado dentro do navegador web. Desta forma, a mensagem permanece no provedor de email.

1.3 Preenchimento de mensagem de e-mail

Uma mensagem de e-mail possui os seguintes campos:

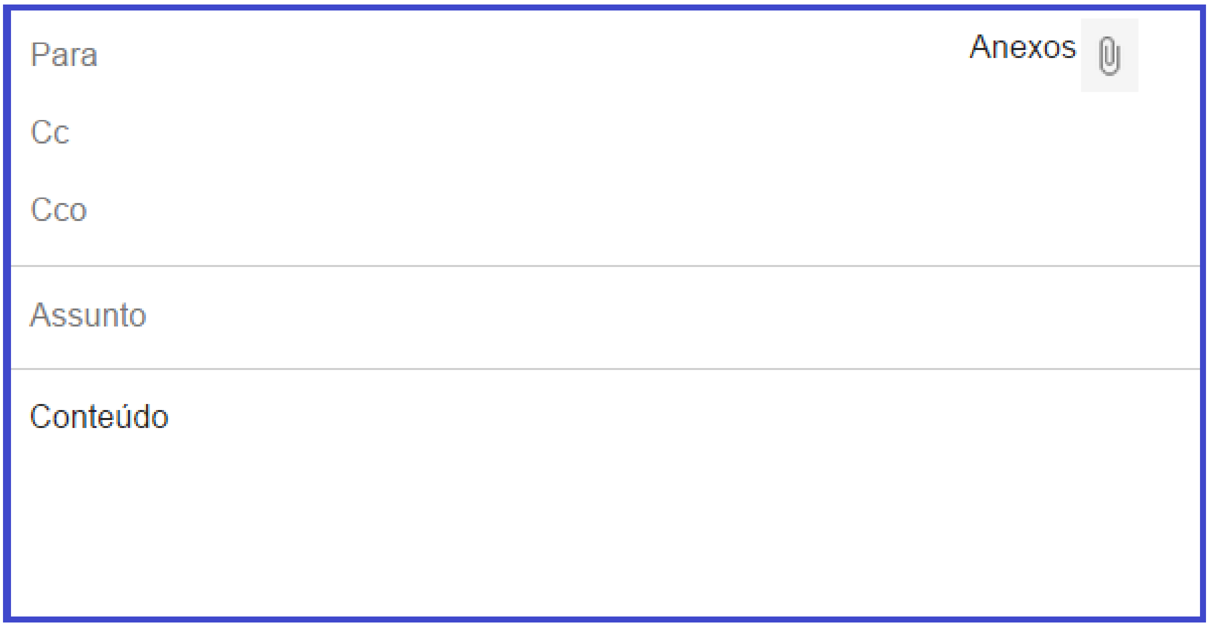

Para, Cc, Cco, Assunto, Anexo.

Uma mensagem precisa ir para alguém. Portanto, em um email, é obrigatório o preenchimento de **ao menos um** desses três campos abaixo:

Para (to):	Preenchido com o destinatário da mensagem
Cc:	Recebe cópia da mensagem. Em termos práticos, tem o mesmo efeito do campo **Para**.
Cco:	Recebe cópia ***oculta*** da mensagem. Os demais destinatários não sabem que esta pessoa recebeu a mensagem.

Cc (***carbon copy*** – cópia comum) e **Cco** (***blind carbon copy*** – cópia oculta) possuem uma diferença essencial: esconder (ou não) para quem a mensagem é enviada.

Exemplo: Quando uma mensagem é enviada a várias pessoas, inclusive você, preenchendo-se somente o campo Cc, todos sabem quem recebeu a mensagem.

Exemplo:

Remetente: Z

Para: A

Cc: B, C, D, E

A, B, C, D e E recebem a mensagem assim:

De: Z

Para: A

Cc: B, C, D, E

Desse modo, A, B, C, D e E saberão que todos eles receberam a mensagem.

Porém, pode ser conveniente para quem envia a mensagem não divulgar algum destinatário. Por exemplo, vamos supor que Z também deseje que F e G recebam a mensagem, mas não quer que os demais saibam disso. Isto posto, Z pode preencher o campo Cco com F e G. A saber:

De: Z

Para: A

Cc: B, C, D, E

Cco: F, G

Nesse caso, A, B, C, D e E permanecem recebendo a mensagem assim:

De: Z

Para: A

Cc: B, C, D, E

Mas F e G também recebem a mensagem. F vê:

De: Z

Para: A

Cc: B, C, D, E

Cco: F

E G vê:

Mas F e G também recebem a mensagem. F vê:

De: Z

Para: A

Cc: B, C, D, E

Cco: G

Interessante é que, apesar de F e G saberem que A, B, C, D e E receberam a mensagem, nem G saberá que F recebeu cópia da mensagem, e nem F saberá que G recebeu cópia da mensagem. Afinal, a cópia oculta serve para esconder o destinatário de todos, inclusive dos outros ocultos.

Quer enviar uma mensagem para várias pessoas, e que ninguém saiba quem recebeu? Basta enviar uma mensagem preenchendo todos os destinatários no campo **Cco**. #ficaadica, isso é útil.

Ainda temos os demais campos no email, todos de preenchimento **não obrigatório**:

Assunto (subject):	Título da mensagem
Anexo (attachment):	Para envio de arquivos (texto, aúdio, vídeo....)
Conteúdo	Corpo da mensagem

Como falado acima, nenhum desses campos é obrigatório, embora não seja razoável que uma mensagem seja enviada completamente vazia.

Por fim, cabe destacar que os provedores de email, ou mesmo as ferramentas de email, podem implementar políticas para esses campos, como alertar quando conteúdo ou assunto está vazio, proibir o envio de alguns tipos de arquivo (como executáveis), limitar o tamanho de envio do arquivo, dentre outros.

1.4 Recebendo uma mensagem de e-mail

Não se preenche o campo **Remetente** quando se cria um email (esse campo nem existe), uma vez que é desnecessário falar que você é você.

Porém, quando se recebe um email, o campo **De** vem preenchido com quem lhe enviou a mensagem.

A interação com um email, além da leitura, ocorre em três procedimentos básicos, a saber:

Responder: inicia o preenchimento de um email de resposta, colocando o remetente como destinatário da mensagem. Dependendo do provedor ou da ferramenta de email, coloca um **RE:** ou **ANS:** (de *answer*, resposta) no início do campo **Assunto**, e complementando o campo com o texto original.

Responder a todos: Similar ao **Responder**, inclui como cópias (Cc) todos aqueles que também foram copiados na mensagem original. Naturalmente, cópias ocultas não aparecem.

Encaminhar: este procedimento transforma você em remetente da mensagem, e deixa os destinatários em aberto, partindo do princípio de que esta mensagem vai para outras pessoas, que não os destinatários da mensagem original. Dependendo do provedor ou da ferramenta de email, coloca um **ENC:** ou **FW:** (de *forward*, adiante) no início do campo **Assunto**, e complementando o campo com o texto original.

É normal, em mensagens respondidas ou encaminhadas, que um pequeno cabeçalho seja inserido no início do **conteúdo** da mensagem, com dados a respeito da data e hora de envio, e para quem foi a mensagem original. É interessante observar isso, pois às vezes passamos adiante dados que não devemos. Eu sempre apago esse cabeçalho dentro da mensagem para não revelar dados de outros destinatários. Muitas "correntes" de email servem apenas para capturar destinatários de spam desta forma.

1.5 Webmail

A grande verdade é que a utilização de software de email está em declínio. Com o avanço do **webmail**, baseado no **IMAP**, cada vez menos as pessoas e empresas usam softwares de e-mails.

O webmail possibilita a utilização de um **navegador de Internet** como ferramenta para a visualização dos e-mails.

Efetivamente, o usuário acessa o servidor de email por meio de um domínio na Internet (gmail.com, yahoo.com, o próprio outlook.com), como se estivesse acessando qualquer outro website.

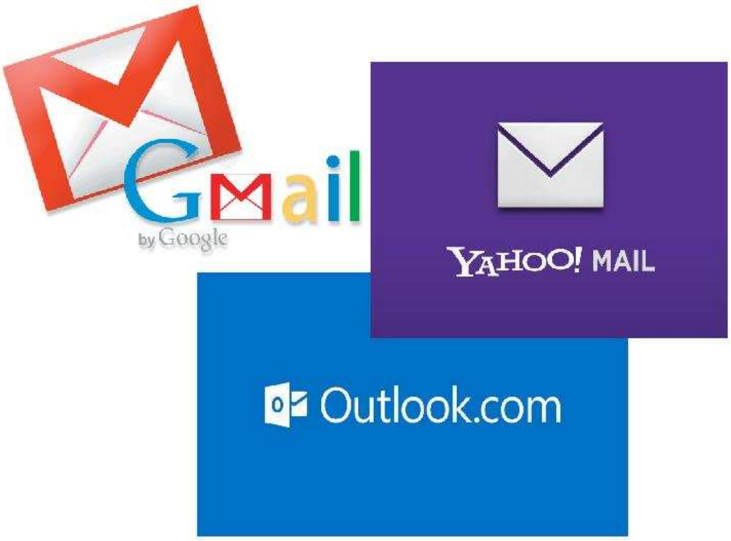

Provedores de email.

O webmail, ao que tudo indica, veio para ficar. Ao utilizar o webmail, ao invés do software tradicional de visualização de e-mails, o usuário percebe as seguintes vantagens:

- **Acesso de qualquer computador *online,* exigindo apenas a existência de um navegador web;**
- **Espaço de armazenamento *online*, economizando espaço em disco;**
- **Diferenciais oferecidos pelos provedores, como verificação de vírus, filtro anti-spam, gerenciamento de grupos, dentre outros.**
- **Gratuidade (regra geral) do serviço, além de não precisar pagar pelo software de email (como o Microsoft Outlook, que é pago)**

O único grande inconveniente dos webmails é confiar a sua correspondência eletrônica a um terceiro, que armazena as suas mensagens, e sabe-se lá o que eles fazem com essas informações, essa é a verdade.

Por causa desses inconvenientes, especialmente no meio corporativo, as empresas ainda preferem estabelecer seus próprios servidores de email, estabelecendo políticas internas rigorosas para proteger informações importantes.

Vamos falar um pouco do **Gmail?** As funcionalidades que ele possui retratam bem o que pode se esperar de um *webmail* atual.

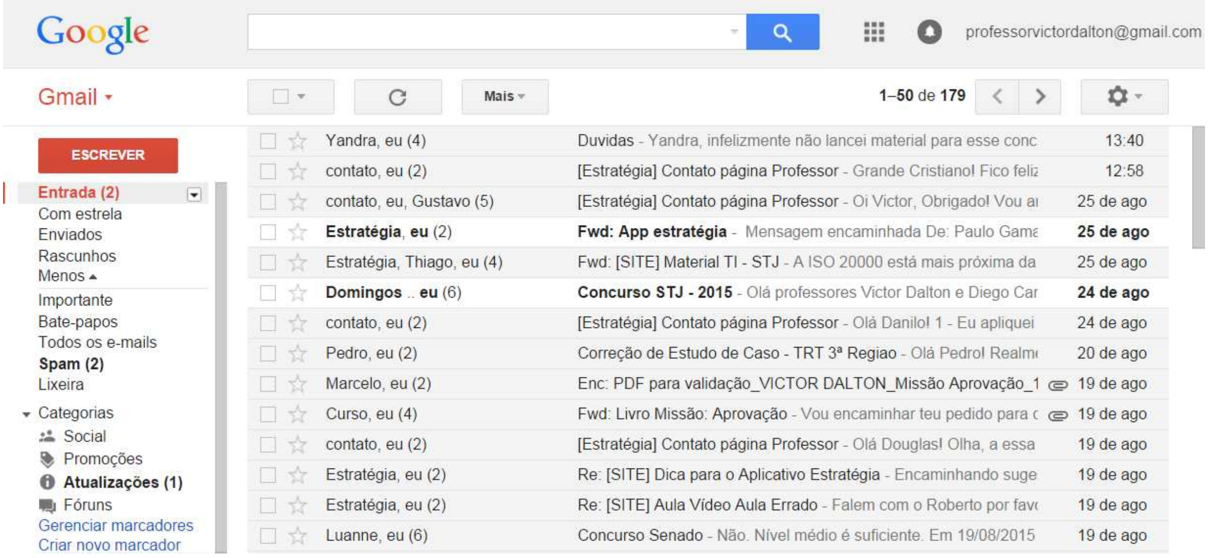
Google
professorvictordalton@gmail.com
Gmail
Mais
1–50 de 179
ESCREVER
Entrada (2)
Com estrela
Enviados
Rascunhos
Menos
Importante
Bate-papos
Todos os e-mails
Spam (2)
Lixeira
Categorias
Social
Promoções
Atualizações (1)
Fóruns
Gerenciar marcadores
Criar novo marcador

Yandra, eu (4)	Duvidas - Yandra, infelizmente não lancei material para esse conc	13:40
contato, eu (2)	[Estratégia] Contato página Professor - Grande Cristiano! Fico feliz	12:58
contato, eu, Gustavo (5)	[Estratégia] Contato página Professor - Oi Victor, Obrigado! Vou ai	25 de ago
Estratégia, eu (2)	**Fwd: App estratégia** - Mensagem encaminhada De: Paulo Gama	**25 de ago**
Estratégia, Thiago, eu (4)	Fwd: [SITE] Material TI - STJ - A ISO 20000 está mais próxima da	25 de ago
Domingos .. eu (6)	**Concurso STJ - 2015** - Olá professores Victor Dalton e Diego Car	**24 de ago**
contato, eu (2)	[Estratégia] Contato página Professor - Olá Danilo! 1 - Eu apliquei	24 de ago
Pedro, eu (2)	Correção de Estudo de Caso - TRT 3ª Regiao - Olá Pedro! Realm	20 de ago
Marcelo, eu (2)	Enc: PDF para validação_VICTOR DALTON_Missão Aprovação_1	19 de ago
Curso, eu (4)	Fwd: Livro Missão: Aprovação - Vou encaminhar teu pedido para c	19 de ago
contato, eu (2)	[Estratégia] Contato página Professor - Olá Douglas! Olha, a essa	19 de ago
Estratégia, eu (2)	Re: [SITE] Dica para o Aplicativo Estratégia - Encaminhando suge	19 de ago
Estratégia, eu (2)	Re: [SITE] Aula Vídeo Aula Errado - Falem com o Roberto por fav	19 de ago
Luanne, eu (6)	Concurso Senado - Não. Nível médio é suficiente. Em 19/08/2015	19 de ago

Tela inicial do Gmail.

Esta é a tela principal do Gmail. Ao centro, vemos os e-mails da pasta na qual estamos navegando (no caso, a pasta **Entrada**). Emails não lidos costumam estar realçados, em negrito, bem como as pastas com e-mails não lidos costumam também estar realçadas, como a Caixa de **Entrada** e a pasta **Spam**, com **2** (duas) mensagens não lidas cada.

Não custa lembrar que é possível **Marcar uma mensagem como não lida**, mesmo depois de lida. É comum fazer isso para que lembremos de relê-la posteriormente. Da mesma forma, é possível marcar uma mensagem como lida, mesmo sem lê-la.

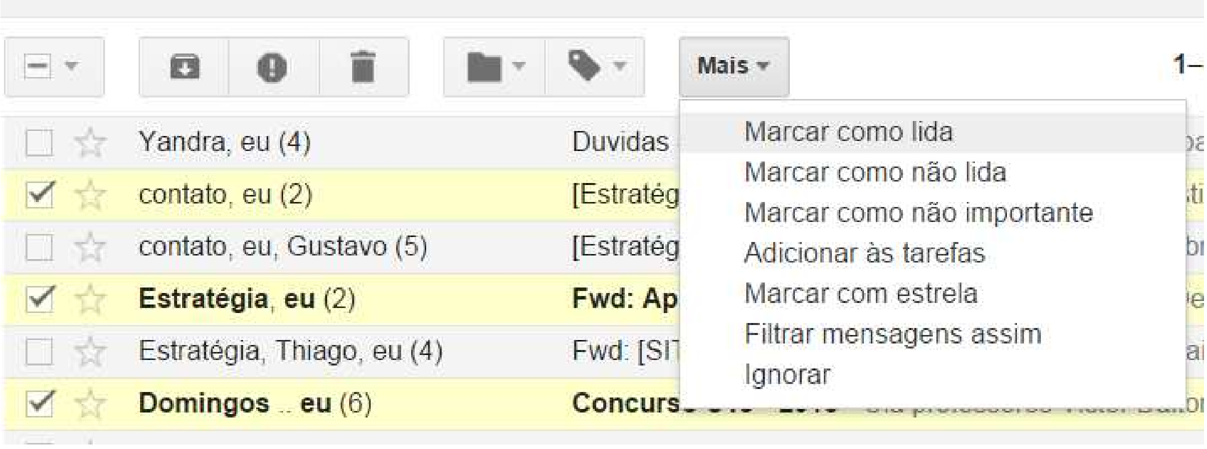
Mais
1–
Yandra, eu (4)
Duvidas
contato, eu (2)
[Estratég
contato, eu, Gustavo (5)
[Estratég
Estratégia, eu (2)
Fwd: Ap
Estratégia, Thiago, eu (4)
Fwd: [SI
Domingos .. eu (6)
Concurs
Marcar como lida
Marcar como não lida
Marcar como não importante
Adicionar às tarefas
Marcar com estrela
Filtrar mensagens assim
Ignorar

Procedimentos comuns com mensagens de email.

Outro recurso interessante nas ferramentas e provedores de email é possibilitar a criação de **pastas** ou **marcadores** para melhor organizar os e-mails recebidos. Assim, ao entrar na pasta ou buscar por marcadores, fica mais fácil encontrar o que se deseja.

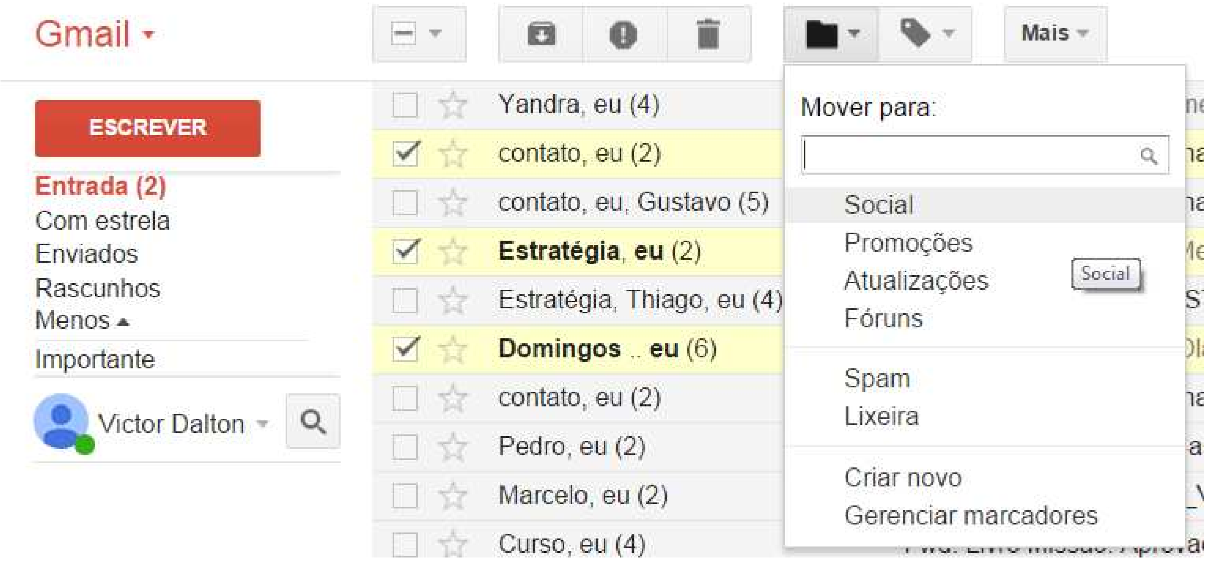
Gmail
Mais
ESCREVER
Entrada (2)
Com estrela
Enviados
Rascunhos
Menos
Importante
Victor Dalton
Yandra, eu (4)
contato, eu (2)
contato, eu, Gustavo (5)
Estratégia, eu (2)
Estratégia, Thiago, eu (4)
Domingos .. eu (6)
contato, eu (2)
Pedro, eu (2)
Marcelo, eu (2)
Curso, eu (4)
Mover para:
Social
Promoções
Atualizações
Fóruns
Social
Spam
Lixeira
Criar novo
Gerenciar marcadores

Movendo emails.

Por fim, acho que o recurso mais interessante que podemos mostrar é a aplicação de **filtros** às mensagens. Via de regra, os provedores de e-mails já possuem alguma inteligência para reconhecer mensagens de **Spam** (mensagens indesejadas com propagandas, ou mesmo conteúdo malicioso). Mas é possível ir além com a criação de filtros personalizados.

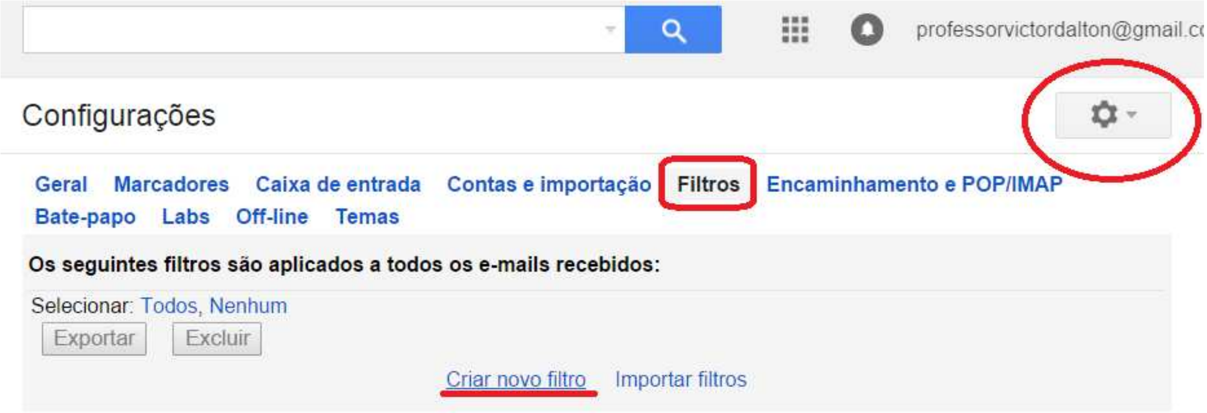
professorvictordalton@gmail.c
Configurações
Geral
Marcadores
Caixa de entrada
Contas e importação
Filtros
Encaminhamento e POP/IMAP
Bate-papo
Labs
Off-line
Temas
Selecionar: Todos, Nenhum
Exportar
Excluir
Criar novo filtro
Importar filtros

Os seguintes filtros são aplicados a todos os e-mails recebidos:

Ao pressionar o botão de "engrenagem" no Gmail, selecione a opção "Configurações". A seguir, escolha a aba "Filtros". Será possível visualizar os filtros existentes e criar um novo filtro. Outros serviços de email oferecem funcionalidades similares.

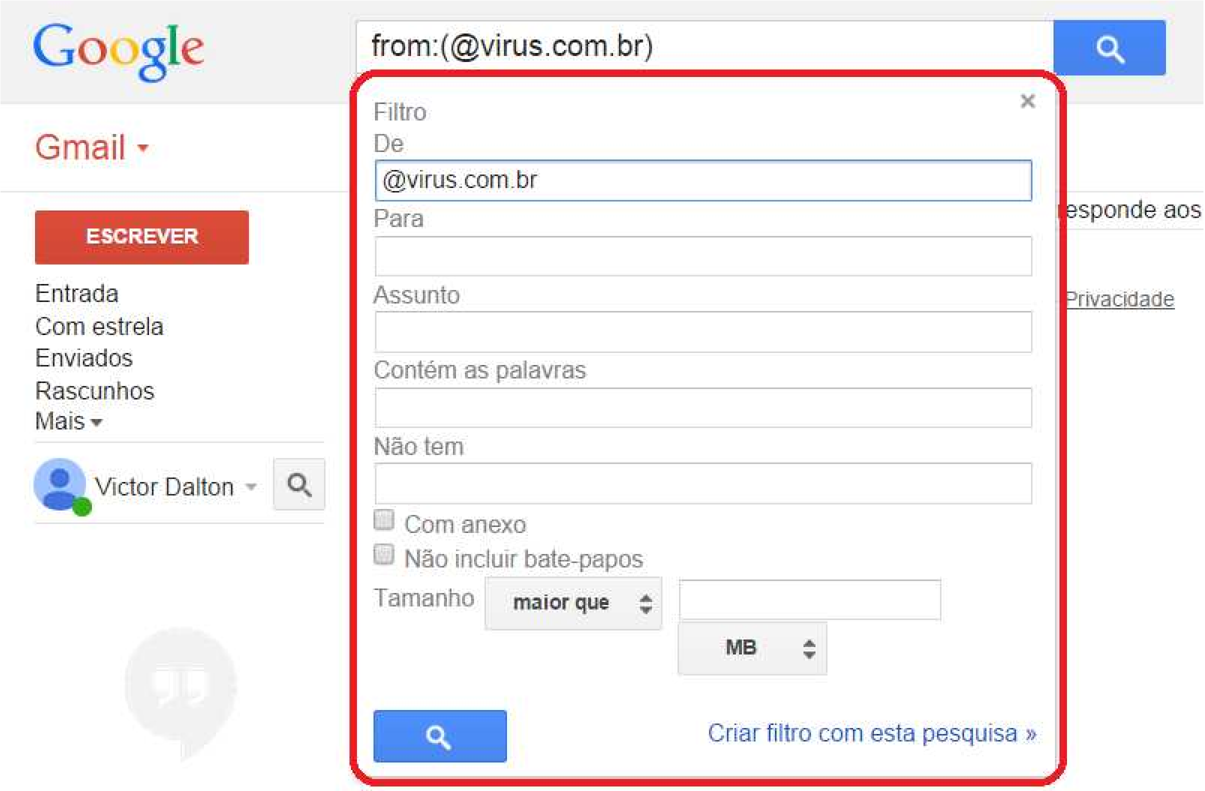
Google
Gmail
ESCREVER
Entrada
Com estrela
Enviados
Rascunhos
Mais
Victor Dalton
esponde aos
Privacidade
Filtro
Para
Assunto
Contém as palavras
Não tem
☐ Com anexo
☐ Não incluir bate-papos
Tamanho
Criar filtro com esta pesquisa »

from:(@virus.com.br)

De: @virus.com.br

Tamanho: maior que MB

É possível filtrar e-mails em função dos diversos campos do cabeçalho e do conteúdo da mensagem.

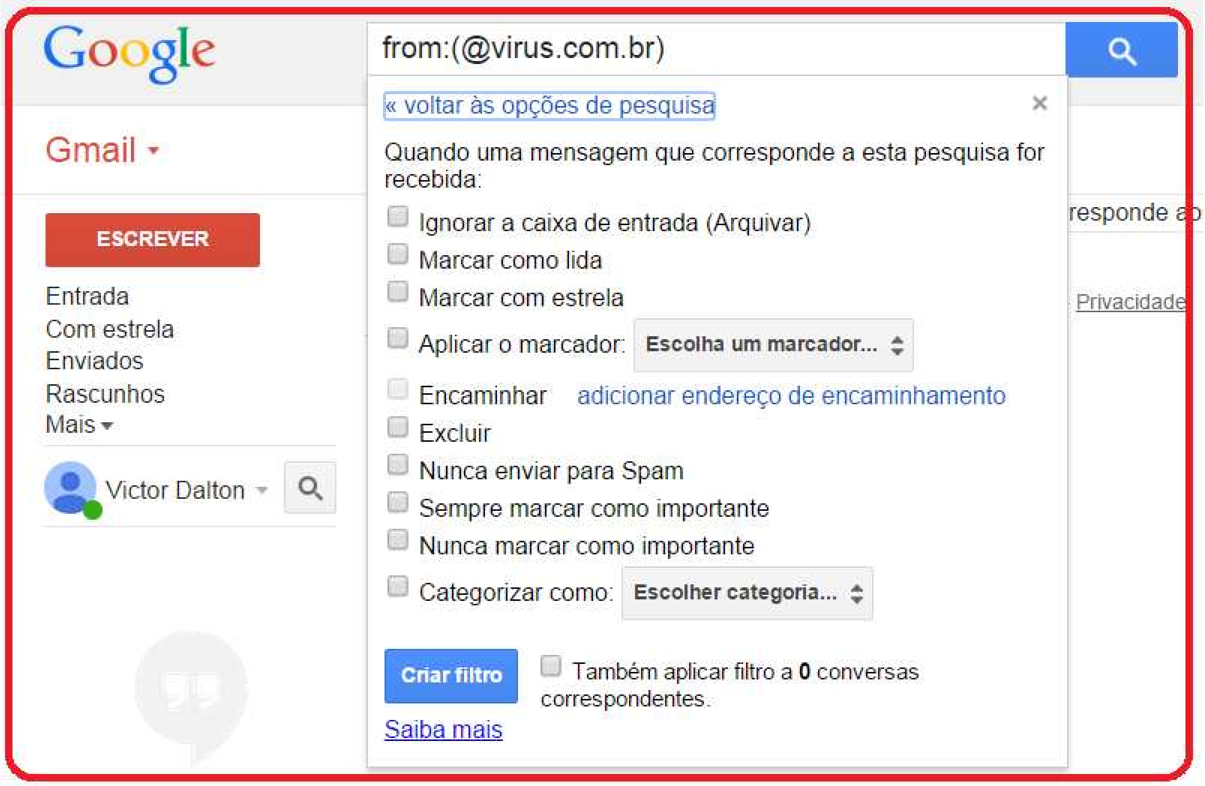

from:(@virus.com.br)

« voltar às opções de pesquisa

Quando uma mensagem que corresponde a esta pesquisa for recebida:

☐ Ignorar a caixa de entrada (Arquivar)
☐ Marcar como lida
☐ Marcar com estrela
☐ Aplicar o marcador: Escolha um marcador...
☐ Encaminhar adicionar endereço de encaminhamento
☐ Excluir
☐ Nunca enviar para Spam
☐ Sempre marcar como importante
☐ Nunca marcar como importante
☐ Categorizar como: Escolher categoria...

Criar filtro ☐ Também aplicar filtro a **0** conversas correspondentes.

Saiba mais

São muitas as possibilidades de filtro: arquivar diretamente, já marcar como lida, aplicar um marcador, Encaminhar, dentre outros.

Nada como a prática para conhecer melhor as possibilidades de seu provedor de email. Além disso, esse conhecimento pode cair em prova.

1.6 Listas de discussão

Lista de discussão, também denominado **grupo de discussão,** é uma ferramenta gerenciável pela Internet que permite a um grupo de pessoas a troca de mensagens via e-mail entre todos os membros do grupo.

Os principais provedores de email costumam oferecer esse serviço. Cria-se o grupo no provedor de email, adicionam-se os membros e estes podem trocar mensagens entre si.

A lista de discussão é um endereço de e-mail para o qual um usuário envia uma mensagem. Esta mensagem é automaticamente enviada para todos os membros cadastrados nesta lista. Estas mensagens são recebidas através do e-mail de cada participante.

Os participantes podem a qualquer tempo colocar uma dúvida ou um tema na lista. A partir daí, os que puderem contribuir vão enviar seus e-mails de resposta que também serão recebidos por todos. Não é necessário instalar nenhum programa no computador para sua utilização, pois o único pré-requisito é possuir um endereço de e-mail.

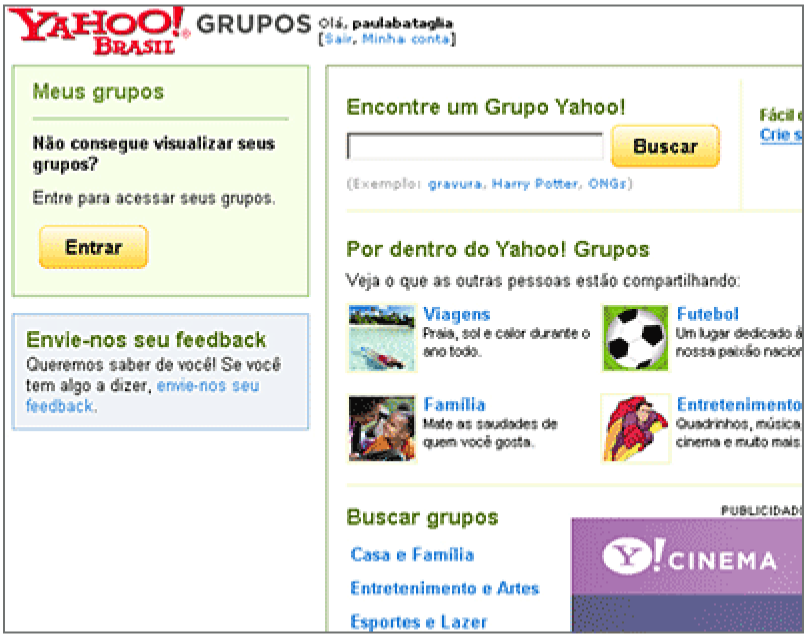
YAHOO! BRASIL GRUPOS
Olá, paulabataglia
[Sair, Minha conta]
Meus grupos
Entrar
Encontre um Grupo Yahoo!
Buscar
Fácil
Crie s
Por dentro do Yahoo! Grupos
Viagens
Futebol
Família
Entretenimento
Buscar grupos
Casa e Família
Entretenimento e Artes
Esportes e Lazer
PUBLICIDAD
Y! CINEMA

Não consegue visualizar seus grupos?

Entre para acessar seus grupos.

Envie-nos seu feedback

Queremos saber de você! Se você tem algo a dizer, envie-nos seu feedback.

(Exemplo: gravura, Harry Potter, ONGs)

Veja o que as outras pessoas estão compartilhando:

Viagens – Praia, sol e calor durante o ano todo.

Futebol – Um lugar dedicado à nossa paixão nacior

Família – Mate as saudades de quem você gosta.

Entretenimento – Quadrinhos, música, cinema e muito mais.

Yahoo Grupos, Google Grupos... todos oferecem o serviço de listas de discussão.

1.7 Ferramentas de email

Existem diversas aplicações de email no mercado, e citaremos duas em especial.

Como solução profissional (e paga), a Microsoft disponibiliza o **Microsoft Outlook**. É ferramenta disponível nas versões mais completas do Microsoft Office, e que pode ser adquirida separadamente.

Office
Outlook
2013
Microsoft

Microsoft Outlook.

Por seu turno, o **Mozilla Thunderbird** continua sendo disponibilizado (e atualizado) **gratuitamente** pela **Mozilla**, mesma empresa responsável pelo navegador **Firefox**. Você pode baixar facilmente na Internet, e configurar em seu computador. É aprendizado que pode garantir pontos em prova!

Hora de conhecer um pouco mais das ferramentas.

1.8 Mozilla Thunderbird

mozilla
Thunderbird

Mozilla Thunderbird.

O Thunderbird se apresenta como uma alternativa gratuita ao Microsoft Outlook (não confundir com o finado e gratuito Microsoft Outlook Express).

Esta é a tela inicial do Mozilla Thunderbird.

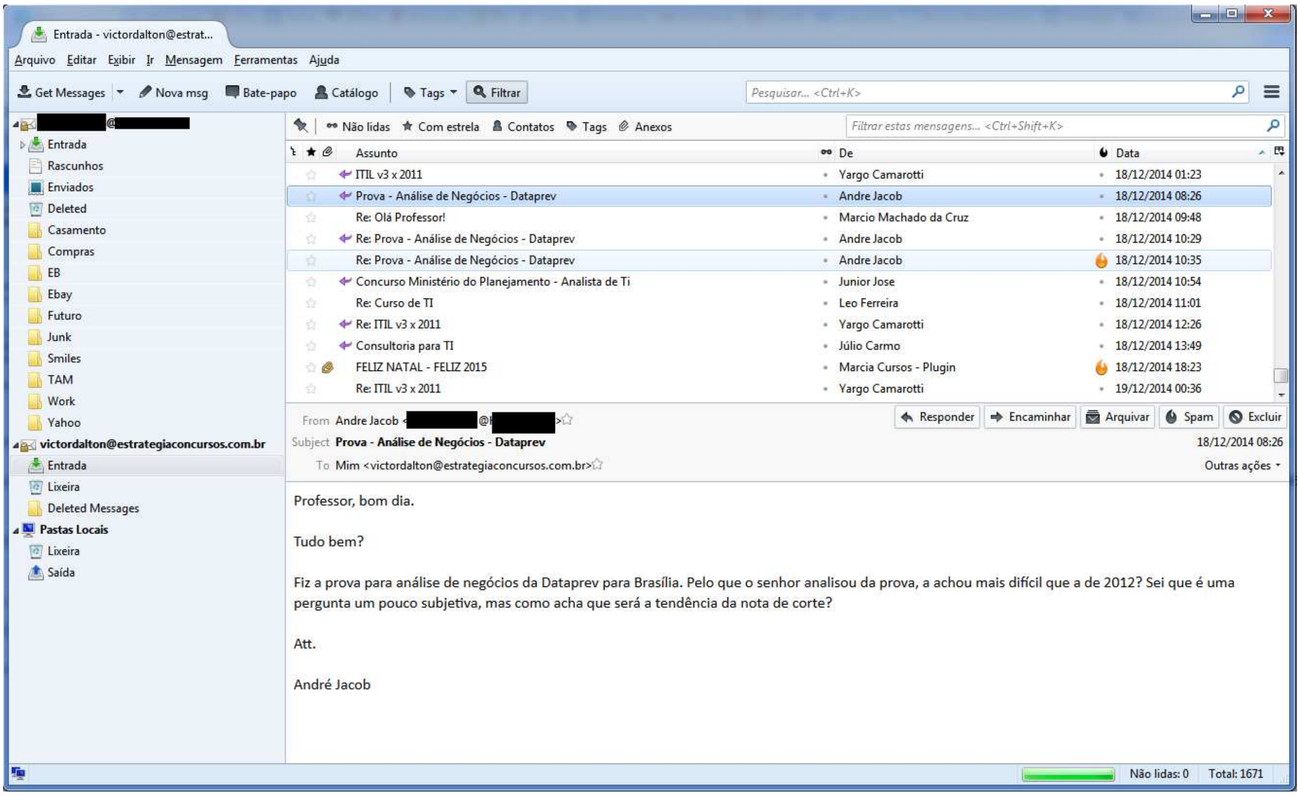
Entrada - victordalton@estrat...
Arquivo
Editar
Exibir
Ir
Mensagem
Ferramentas
Ajuda
Get Messages
Nova msg
Bate-papo
Catálogo
Tags
Filtrar
Pesquisar... <Ctrl+K>
[redacted]@[redacted]
Entrada
Rascunhos
Enviados
Deleted
Casamento
Compras
EB
Ebay
Futuro
Junk
Smiles
TAM
Work
Yahoo
victordalton@estrategiaconcursos.com.br
Entrada
Lixeira
Deleted Messages
Pastas Locais
Lixeira
Saída
Não lidas
Com estrela
Contatos
Tags
Anexos
Filtrar estas mensagens... <Ctrl+Shift+K>
Responder
Encaminhar
Arquivar
Spam
Excluir
Outras ações
Não lidas: 0
Total: 1671

Assunto	De	Data
ITIL v3 x 2011	Yargo Camarotti	18/12/2014 01:23
Prova - Análise de Negócios - Dataprev	Andre Jacob	18/12/2014 08:26
Re: Olá Professor!	Marcio Machado da Cruz	18/12/2014 09:48
Re: Prova - Análise de Negócios - Dataprev	Andre Jacob	18/12/2014 10:29
Re: Prova - Análise de Negócios - Dataprev	Andre Jacob	18/12/2014 10:35
Concurso Ministério do Planejamento - Analista de Ti	Junior Jose	18/12/2014 10:54
Re: Curso de TI	Leo Ferreira	18/12/2014 11:01
Re: ITIL v3 x 2011	Yargo Camarotti	18/12/2014 12:26
Consultoria para TI	Júlio Carmo	18/12/2014 13:49
FELIZ NATAL - FELIZ 2015	Marcia Cursos - Plugin	18/12/2014 18:23
Re: ITIL v3 x 2011	Yargo Camarotti	19/12/2014 00:36

From Andre Jacob <[redacted]@[redacted]>
Subject **Prova - Análise de Negócios - Dataprev** 18/12/2014 08:26
To Mim <victordalton@estrategiaconcursos.com.br>

Professor, bom dia.

Tudo bem?

Fiz a prova para análise de negócios da Dataprev para Brasília. Pelo que o senhor analisou da prova, a achou mais difícil que a de 2012? Sei que é uma pergunta um pouco subjetiva, mas como acha que será a tendência da nota de corte?

Att.

André Jacob

Esta tela possui três grandes divisões: à esquerda, temos o **Menu de Navegação**, por meio do qual o usuário navega por entre as pastas das suas contas de e-mail; já a **Área de Navegação** (parte maior e à direita da imagem) divide-se em duas. Acima, o usuário e as mensagens contidas na pasta selecionada no menu de navegação; abaixo, o usuário lê a mensagem eventualmente selecionada.

Conhecido o Layout do Thunderbird, vejamos os seus principais recursos, segundo a própria Mozilla. Neles, também existem links pra o site da empresa, aprofundando alguns itens relevantes. Compensa fazer uma visita!

Gerenciar múltiplas contas de emails

Com o Thunderbird você baixa ou apenas acessa seus emails do Hotmail, Gmail, Yahoo, iG, UOL, Oi Mail, iBest, Terra, BOL ou qualquer outro provedor com suporte a SMTP/POP3/IMAP.

Redes sociais - Facebook Chat, Google Talk, Twitter, IRC

As novas versões possuem suporte a bate-papo. Cadastre suas contas e converse pelo Thunderbird!

Ferramenta anti-spam

O Thunderbird oferece a ferramenta mais efetiva de detecção de spam. As ferramentas analisam seu email e identificam aqueles que provavelmente são indesejados. Você pode ter seus spans excluídos automaticamente ou pode movê-los para outra pasta, caso queira ler as mensagens.

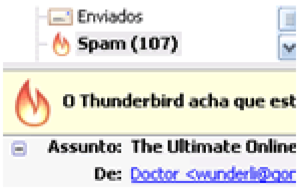

O Thunderbird acha que est

Assunto: The Ultimate Online

De: Doctor <wunderli@gor

Mensagens do seu jeito

Visualize suas mensagens do jeito que você quiser. Escolha entre três layouts para visualização de mensagens. Personalize a barra de ferramentas. Agrupe por vários critérios. Use os modos de visualização, pastas de pesquisa ou os marcadores para achar mensagens rapidamente.

Funcionalidades ilimitadas

O Thunderbird permite que você adicione novo recursos à medida que você precisar através de extensões. As extensões são ferramentas poderosas que auxiliam você a criar um cliente de email de acordo com suas necessidades.

Tags

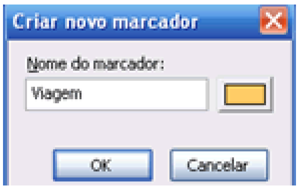

Nome do marcador: Viagem

Se você usa o Gmail já sabe como as tags funcionam. Você marca uma mensagem com palavras ou frases para conseguir achá-lo com mais facilidade. É possível agrupar mensagens pelas suas tags e também usá-los como parâmetros de pastas de pesquisa e modos de visualização.

Proteção contra fraudes (anti-phishing)

O Thunderbird protege você dos emails falsos conhecidos como scams ou phishing. Eles tentam enganar você para conseguir senhas e outras informações. O Thunderbird alertará quando detectar uma mensagem ou link suspeitos.

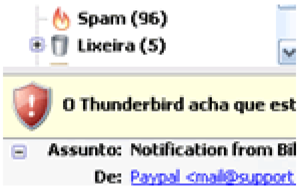

O Thunderbird acha que est

Assunto: Notification from Bil

De: Paypal <mail@support

Repleto de recursos

O Thunderbird vem com suporte POP/IMAP, leitor RSS, suporte para mensagens formatadas (HTML), localizar rápido, catálogo de endereços, controles de privacidade, filtros de mensagens (regras), ferramentas de importação, pesquisa e a capacidade de gerenciar múltiplas contas de email e newsgroup.

Sólido e seguro

O Thunderbird oferece recursos necessários a empresas, tais como S/MIME, assinaturas digitais, criptografia de mensagens, suporte a certificados e dispositivos de segurança.

Você pode baixar o Thunderbird em https://www.mozilla.org/pt-BR/thunderbird/. Recomendo que você instale e pratique, pois, às vezes, as bancas fazem perguntas que só podem ser respondidas com convicção por usuários que realmente mexeram nas ferramentas.

Você pode baixar o Thunderbird em https://www.mozilla.org/pt-BR/thunderbird/. Recomendo que você instale e pratique, pois, às vezes, as bancas fazem perguntas que só podem ser respondidas com convicção por usuários que realmente mexeram nas ferramentas.

1.9 Microsoft Outlook Express

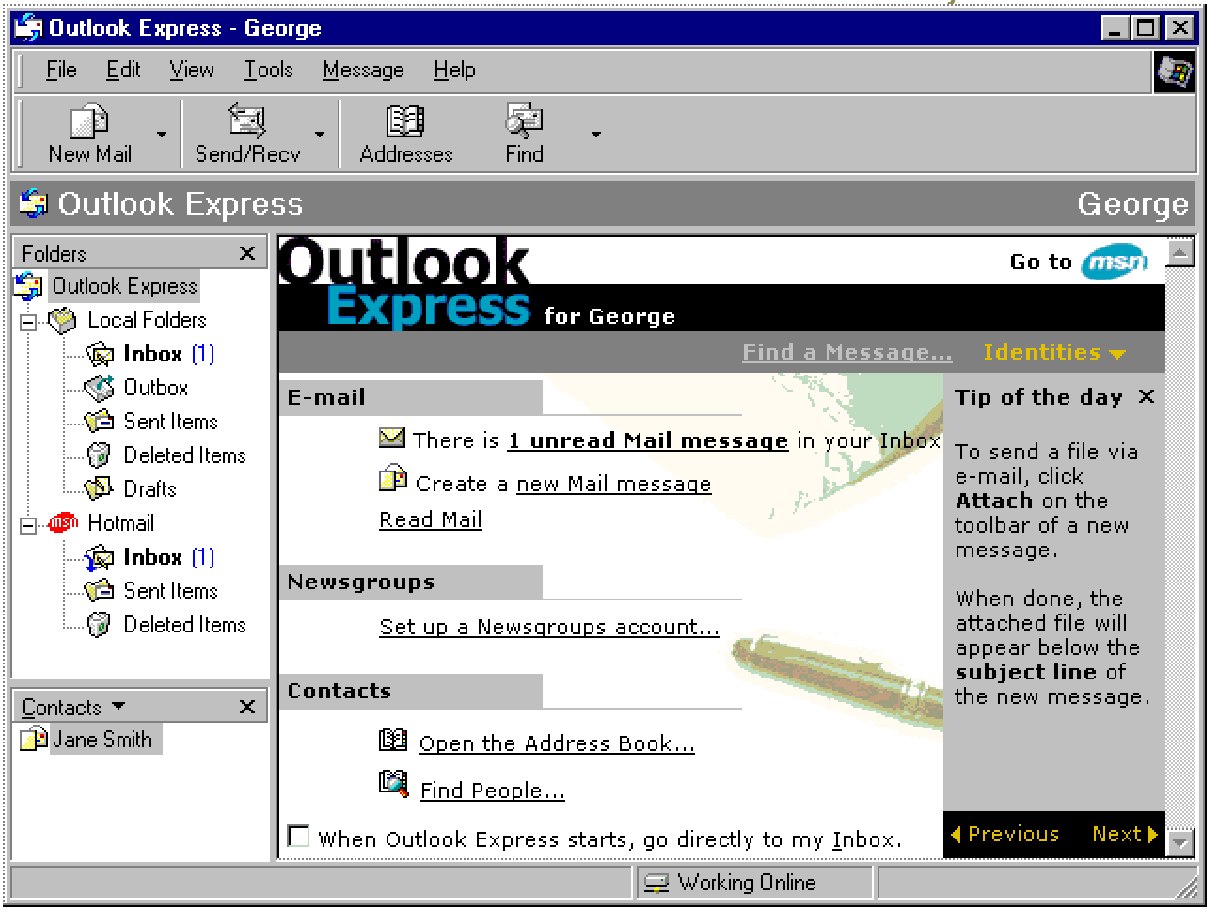
Outlook Express - George
File
Edit
View
Tools
Message
Help
New Mail
Send/Recv
Addresses
Find
Outlook Express
George
Folders
Outlook Express
Local Folders
Inbox (1)
Outbox
Sent Items
Deleted Items
Drafts
Hotmail
Inbox (1)
Sent Items
Deleted Items
Contacts
Jane Smith
Outlook Express for George
Go to msn
Find a Message...
Identities
E-mail
Read Mail
Newsgroups
Set up a Newsgroups account...
Contacts
Open the Address Book...
Find People...
Previous
Next
Working Online

There is **1 unread Mail message** in your Inbox

Create a new Mail message

Tip of the day

To send a file via e-mail, click **Attach** on the toolbar of a new message.

When done, the attached file will appear below the **subject line** of the new message.

☐ When Outlook Express starts, go directly to my Inbox.

Tela do Outlook Express.

O Microsoft Outlook Express é ferramenta abandonada pela Microsoft. Honestamente, acho que sua permanência nos editais de concursos reside mais no fato de copiar e colar editais do que qualquer outra coisa.

Conheçamos os seus principais recursos:

Gerir múltiplas contas de correio e de newsgroups (notícias)

É possível gerenciar várias contas de correio ou newsgroups a partir de uma só janela. Também pode-se criar vários utilizadores, ou identidades, para o mesmo computador. Cada identidade tem pastas de correio e um catálogo de endereços próprio. A capacidade de criar várias contas e identidades facilita a distinção entre trabalho e correio pessoal e também entre utilizadores individuais.

Consultar as mensagens rápida e facilmente

Através da lista de mensagens e do painel de pré-visualização, pode ver uma lista de mensagens e ler mensagens individuais ao mesmo tempo. A lista de pastas tem pastas de correio, servidores de newsgroups e newsgroups, podendo alternar facilmente entre todos. Também pode criar novas pastas para organizar e ordenar mensagens e, em seguida, definir regras de mensagens (filtros) de modo que as mensagens recém-chegadas sejam automaticamente colocadas em uma pasta específica.

Manter o email em um servidor de maneira a poder ser visto em mais do que um computador

Se o seu fornecedor de serviços Internet utilizar um servidor de correio IMAP para a caixa de entrada, é possível ler, armazenar e organizar as suas mensagens em pastas do servidor sem as transferir para o seu computador. Desse modo, poderá ver mensagens a partir de qualquer computador que possa ser ligado a esse servidor. O Outlook Express é compatível com **IMAP, POP3 e SMTP**.

Utilizar o catálogo de endereços para armazenar e obter endereços de correio electrónico

Pode-se guardar nomes e endereços no catálogo de endereços respondendo a uma mensagem ou importando-os de outros programas, escrevendo-os, adicionando-os a partir de mensagens de correio eletrônico recebidas ou procurando em serviços de diretórios populares da Internet (*white pages*). O catálogo de endereços suporta o LDAP (Lightweight Directory Service Access Protocol) para acessar serviços de diretórios da Internet.

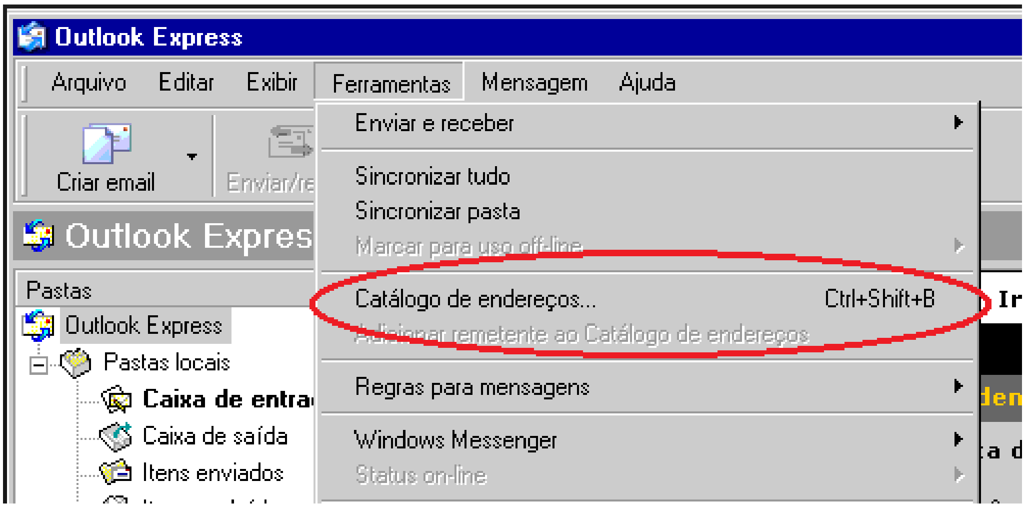
Outlook Express
Arquivo
Editar
Exibir
Ferramentas
Mensagem
Ajuda
Criar email
Enviar/re
Outlook Expres
Pastas
Outlook Express
Pastas locais
Caixa de entra
Caixa de saída
Itens enviados
Enviar e receber
Sincronizar tudo
Sincronizar pasta
Marcar para uso off-line
Catálogo de endereços... Ctrl+Shift+B
Adicionar remetente ao Catálogo de endereços
Regras para mensagens
Windows Messenger
Status on-line

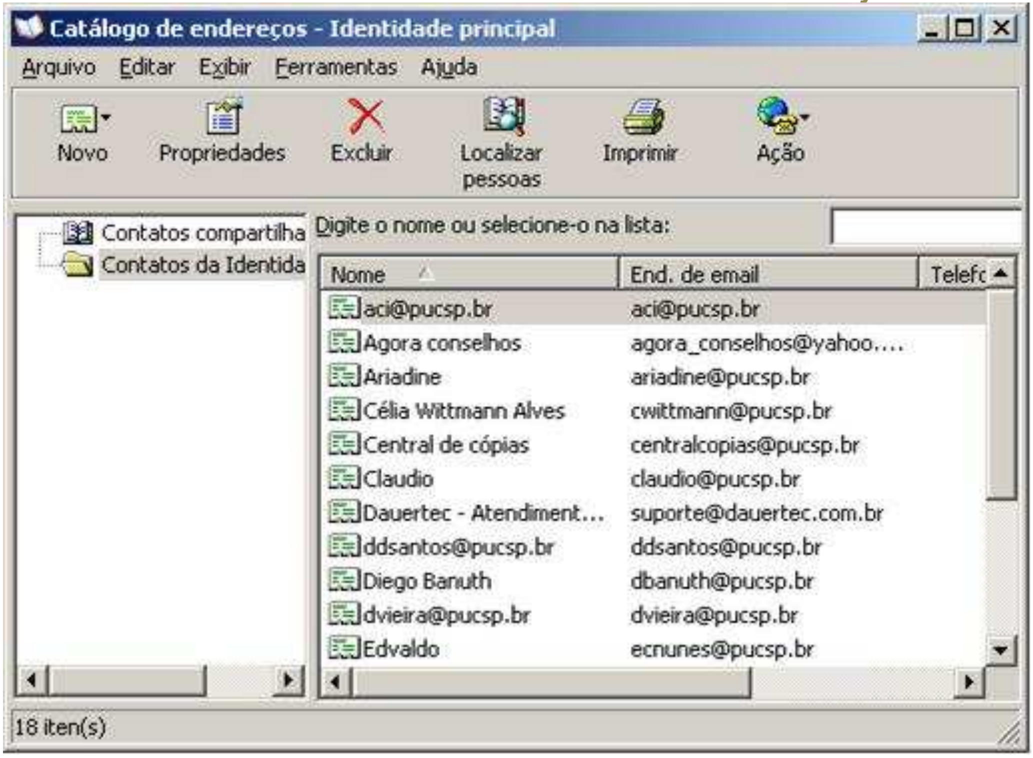
Catálogo de endereços - Identidade principal
Arquivo
Editar
Exibir
Ferramentas
Ajuda
Novo
Propriedades
Excluir
Localizar pessoas
Imprimir
Ação
Contatos compartilha
Contatos da Identida
Digite o nome ou selecione-o na lista:

Nome	End. de email	Telefo
aci@pucsp.br	aci@pucsp.br	
Agora conselhos	agora_conselhos@yahoo....	
Ariadine	ariadine@pucsp.br	
Célia Wittmann Alves	cwittmann@pucsp.br	
Central de cópias	centralcopias@pucsp.br	
Claudio	claudio@pucsp.br	
Dauertec - Atendiment...	suporte@dauertec.com.br	
ddsantos@pucsp.br	ddsantos@pucsp.br	
Diego Baruth	dbanuth@pucsp.br	
dvieira@pucsp.br	dvieira@pucsp.br	
Edvaldo	ecnunes@pucsp.br	

18 iten(s)

Catálogo de Endereços do Outlook Express.

Adicionar uma assinatura pessoal ou papel de carta às suas mensagens

Pode-se inserir informações essenciais em mensagens a enviar como parte da sua assinatura pessoal ou criar várias assinaturas para utilizar em diferentes situações. Para informações mais detalhadas, pode incluir um cartão de visita. Para tornar as mensagens mais atrativas, pode adicionar padrões e fundos de papel de carta ou alterar a cor e o estilo do texto.

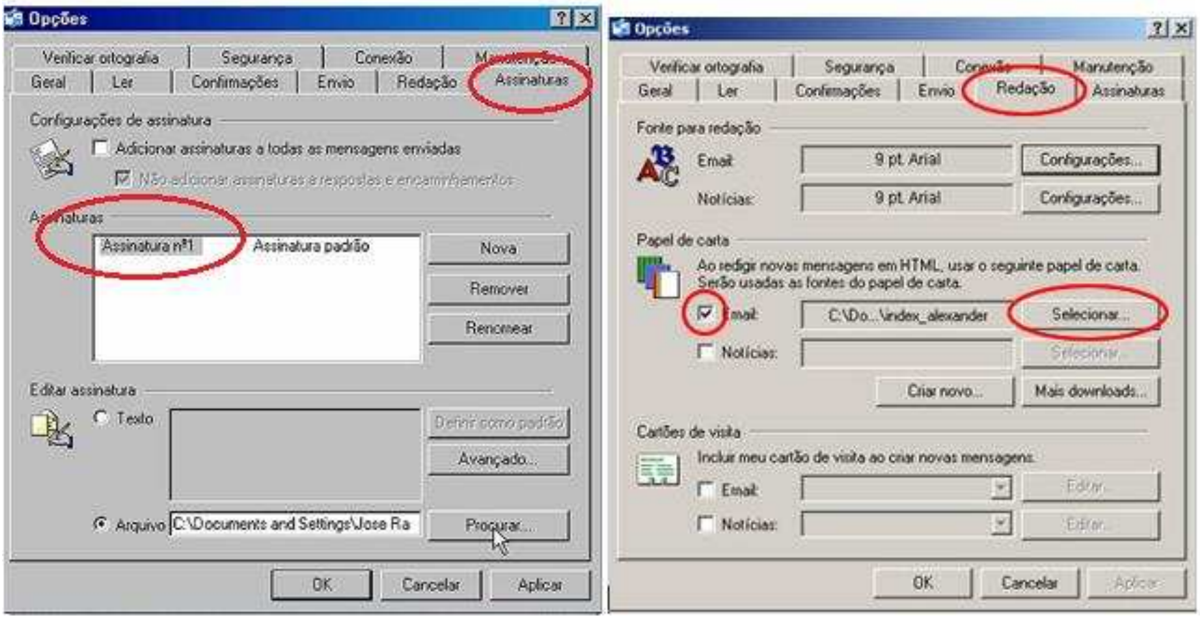
Opções
Verificar ortografia
Segurança
Conexão
Manutenção
Geral
Ler
Confirmações
Envio
Redação
Assinaturas
Nova
Remover
Renomear
Definir como padrão
Avançado...
Procurar...
OK
Cancelar
Aplicar
Configurações...
Selecionar...
Criar novo...
Mais downloads...
Editar...

Configurações de assinatura

☐ Adicionar assinaturas a todas as mensagens enviadas

☑ Não adicionar assinaturas a respostas e encaminhamentos

Assinaturas

Assinatura nº1	Assinatura padrão

Editar assinatura

○ Texto

● Arquivo C:\Documents and Settings\Jose Ra

Fonte para redação

Email: 9 pt. Arial

Notícias: 9 pt. Arial

Papel de carta

Ao redigir novas mensagens em HTML, usar o seguinte papel de carta. Serão usadas as fontes do papel de carta.

☑ Email: C:\Do...\index_alexander

☐ Notícias:

Cartões de visita

Incluir meu cartão de visita ao criar novas mensagens.

☐ Email:

☐ Notícias:

Adicionando assinaturas ou papel de carta aos emails.

HORA DE
praticar!

EXERCÍCIOS COMENTADOS FUNCAB

1. (FUNCAB – SUPEL/RO – Engenharia Civil - 2016) Um endereço de correio eletrônico contém duas partes separadas pelo símbolo @. A parte posterior a este símbolo identifica o(a):

a) URL.
b) domínio do servidor de correio.
c) DNS.
d) protocolo utilizado.
e) caixa postal do usuário.

Uma conta de email válida possui o seguinte formato:

nomedacontadeusuario@provedordeemail.tipodedominio (**.país** - opcional)

Resposta certa, **alternativa b)**.

2. (FUNCAB – PRODAM/AM – Assistente - 2014) Considerando a configuração padrão de um aplicativo de correio eletrônico, ao receber uma mensagem, esta será salva:

A) na Caixa de Entrada.
B) na pasta Rascunhos.
C) na Caixa de Saída.
D) em Itens Enviados.
E) na pasta Preferências.

O procedimento padrão de uma mensagem, ao chegar em um aplicativo de correio eletrônico, é ser colocada na **Caixa de Entrada**, como uma **Mensagem Não Lida**, a não ser que alguma política configurada (palavras-chave, filtro de spam) mude o destino da mesma.

Resposta certa, **alternativa a)**.

3. (FUNCAB – PRODAM/AM – Assistente - 2014) Sobre a criação e o envio de mensagens utilizando um aplicativo de correio eletrônico, é correto afirmar que:

a) nos campos Cc e Cco somente podem ser informados endereços eletrônicos que façam parte do catálogo de contatos.

b) somente arquivos analisados por sistemas antivírus podem ser anexados à mensagem

c) é possível utilizar recursos de formatação de fonte no campo Assunto da mensagem.

d) a mensagem somente pode ser salva e armazenada na pasta Rascunho após ser enviada.

e) mensagens podem ser enviadas em formato RichText ou HTML.

Vejamos as alternativas:

a) Qualquer destinatário pode ser informado nos campos Cc e Cco, e não somente aqueles que já existam previamente em um catálogo de endereços.
b) Embora alguns aplicativos façam essa verificação, não existe essa obrigação em inspecionar arquivos antes de anexar à mensagem;
c) Recursos de formatação de fonte são aplicados apenas no teor da mensagem, e não nos campos Assunto ou Destinatários;
d) Mensagens não enviadas podem perfeitamente ser salvas na pasta Rascunhos antes de seu envio;
e) **Correta**. Quem nunca recebeu um email com conteúdo "estilo" página Web?

4. (FUNCAB – PRODAM/AM – Engenharia Elétrica - 2014) Sobre manipulação de mensagens em aplicativos de correio eletrônico, é correto afirmar que:

a) somente mensagens lidas podem ser movidas para outras pastas.

b) ao excluir uma mensagem, ela é removida definitivamente da Caixa de Correio Eletrônico.

c) mensagens enviadas com sucesso são armazenadas na Caixa de Saída

d) mensagens, quando recebidas, são armazenadas em sua Caixa de Entrada como não lidas.

e) para se criar pastas em sua Caixa de Correio Eletrônico é preciso solicitar autorização do administrador de sistema.

Vejamos as alternativas:

a) É perfeitamente possível mover uma mensagem sem ler;
b) Por padrão, mensagens excluídas vão para a **Lixeira** antes de serem excluídas em definitivo;
c) Mensagens ficam na Caixa de Saída antes de serem enviadas. Após o envio, elas são movidas para a pasta **Itens Enviados**;
d) **Correta.**
e) É perfeitamente possível criar pastas em sua Caixa de Email, sem solicitar permissão a ninguém.

5. (FUNCAB – PRODAM/AM – Engenharia Elétrica - 2014) Considerando a configuração padrão das aplicações de correio eletrônico, a forma comumente utilizada para diferenciar emails não lidos de emails lidos é o recurso:

A) mensagem em Caixa Alta.

B) mensagem em negrito.

C)

D) 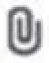

E) 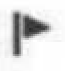

Mensagem em negrito é o procedimento padrão para identificar uma mensagem não lida.

Exclamação indica mensagem urgente, clips representa arquivo anexo e bandeira indica uma marcação realizada pelo usuário para destacar aquela mensagem.

Resposta certa, **alternativa b)**.

6. (FUNCAB – PC/RO – Delegado - 2014) Sobre recursos e conceitos disponíveis nos principais aplicativos de Correio Eletrônico disponíveis no mercado, é correto afirmar que:

a) o antivírus instalado em seu computador impedirá a abertura de arquivos contaminados por vírus.

b) não é permitido enviar mais de um arquivo em anexo.

c) as opções de formatação de fonte no conteúdo da mensagem são permitidas para mensagens em formato HTML.

d) não é permitido enviar mensagens para endereços que estejam na caixa "com cópia" e "com cópia oculta", simultaneamente.

e) é mandatório que o endereço eletrônico do destinatário esteja armazenado no arquivo em anexo.

Vejamos as alternativas:

a) Um antivírus pode alertar, mas não proíbe o usuário de abrir um arquivo contaminado, se ele realmente quiser abri-lo;
b) Alguns e-mails gostam de restringir o tamanho total dos anexos, mas não limitam quantidade;
c) Correta.
d) Não existe tal restrição.
e) O destinatário é colocado no campo "Para", e não no anexo.

7. (FUNCAB – IF/RR – Jornalista - 2013) Na Caixa de Entrada de um aplicativo de Correio Eletrônico, é exibida a lista de mensagens recebidas. Considerando a configuração-padrão, são exibidas diversas informações referentes à mensagem, EXCETO:

a) endereço eletrônico do remetente.

b) conteúdo do arquivo anexado.

c) assunto.

d) data de recebimento.

e) tamanho.

Em uma mensagem padrão, conseguimos ver todos os itens citados nas assertivas, exceto a **alternativa b)**.

Para visualizar o conteúdo do arquivo anexado, via de regra, é necessário abri-lo.

8. (FUNCAB – IF/RR – Assistente de Administração - 2013) Ao enviar um email através de aplicativos de correio eletrônico, é obrigatório informar:

a) o assunto

b) um arquivo anexado

c) um texto no corpo do email.

d) uma assinatura eletrônica

e) o endereço eletrônico do destinatário.

Você sabia que o único campo obrigatório em um email é o **endereço do destinatário**? Assunto, conteúdo... tudo pode estar vazio.

Resposta certa, **alternativa e).**

9. (FUNCAB – POLITEC/MT – Psiquiatra - 2013) Considerando a configuração padrão de um aplicativo de correio eletrônico, após o envio com êxito de uma mensagem, esta será salva:

a) na Caixa de Entrada.

b) na pasta Rascunhos.

c) na Caixa de Saída.

d) em Itens Enviados.

e) em Itens Excluídos.

Uma mensagem enviada costuma ser armazenada na pasta **Itens Enviados**.

Resposta certa, **alternativa d)**.

10. (FUNCAB – Prefeitura de Vassouras/RJ – Auditor - 2013) A identificação, na Caixa de Entrada, de mensagens que contenham anexos é através:

a) de destaque em negrito do remetente.

b) do assunto em caixa alta.

c) da imagem

d) da imagem 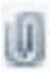

e) da imagem 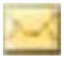

O clips é o símbolo de arquivo anexo a mensagens.

Resposta certa, **alternativa d)**.

11. (FUNCAB – CODATA – Técnico de Administração - 2013) Considerando os padrões de funcionamento adotados pelos principais aplicativos de correio eletrônico existentes no mercado, é correto afirmar que:

a) mensagens não lidas são destacadas na lista de mensagens coma cor de fonte azul.

b) um ou mais arquivos podem ser anexados a um e-mail, ainda que o formato da mensagem seja "texto sem formatação".

c) o duplo-clique exclui a mensagem selecionada.

d) destinatários em cópia oculta são conhecidos somente por quem o enviou e pelo destinatário principal.

e) destinatários em cópia oculta não possuem privilégio para reencaminhar uma mensagem.

Vejamos as alternativas:

a) Mensagens não lidas ficam em **negrito**;
b) Correta.
c) Cliques duplos normalmente abrem uma mensagem;
d) "Destinatário principal" também não vê cópia oculta. Apenas o remetente conhece as cópias ocultas;
e) Destinatários em cópia oculta podem fazer o que quiser com a mensagem recebida, inclusive reencaminhá-la.

12. (FUNCAB – DETRAN/PB – Advogado - 2013) A nomenclatura padrão adotada pelos principais aplicativos de correio eletrônico para destinatários em cópia oculta é:

a) Blind.

b) Cc.

c) Cco.

d) Oculto.

e) Hide.

CCo (*blind carbon copy*) é o campo utilizado para enviar mensagens para destinatário em cópia oculta.

Resposta certa, **alternativa c)**.

EXERCÍCIOS COMENTADOS CESPE

3.3 - Programas de correio eletrônico (Outlook Express e Mozilla Thunderbird).

1 (CESPE – Assembléia Legislativa/CE – Cargo 10 - 2011) O Mozilla Thunderbird é um programa de correio eletrônico que possibilita a implementação de filtro anti-spam adaptável.

Correto. O Mozilla Thunderbird é o concorrente do Microsoft Outlook, e ambos servem para gerenciar e-mails. Um filtro de anti-spam adaptável é uma tecnologia que consegue detectar determinados e-mails como spam, de maneira antecipada, e evoluir essa capacidade de detecção, seja com informações que o usuário passa (como, por exemplo, clicando em uma mensagem e dizendo "isso não é spam" ou "marque isso como spam"), seja com atualizações da aplicação. E, como você deve imaginar, tal recurso hoje é indispensável a qualquer aplicação comercial.

2 (CESPE – MPE/PI – Cargos 1 a 5 e 7 a 9 - 2011) No Microsoft Outlook Express é possível realizar configuração para ler emails em mais de um provedor. Todavia, novas mensagens, recebidas após essa configuração, ficam necessariamente misturadas na pasta denominada caixa de entrada dos referidos servidores.

Errado! O usuário pode, livremente, escolher caixas de entradas separadas para cada provedor, e filtrar suas mensagens para que caiam diretamente em pastas personalizadas, sem assim o usuário desejar. Por exemplo: o usuário pode filtrar as mensagens que venham da TAM e da GOL para que caiam diretamente na pasta "Passagens Aéreas", sem passar pela Caixa de Entrada.

3 (CESPE – STJ – Todos os cargos exceto 5 - 2012) Por meio do software Microsoft Outlook pode-se acessar o serviço de correio eletrônico, mediante o uso de certificado digital, para abrir a caixa postal do usuário de um servidor remoto.

Correto.

4 (CESPE – TELEBRÁS – Conhecimentos Básicos Nível Médio - 2013) No Outlook Express, por meio da opção Salvar Como, as mensagens recebidas podem ser armazenadas em pastas de arquivamento localizadas na estrutura de diretórios do Windows.

Correto.

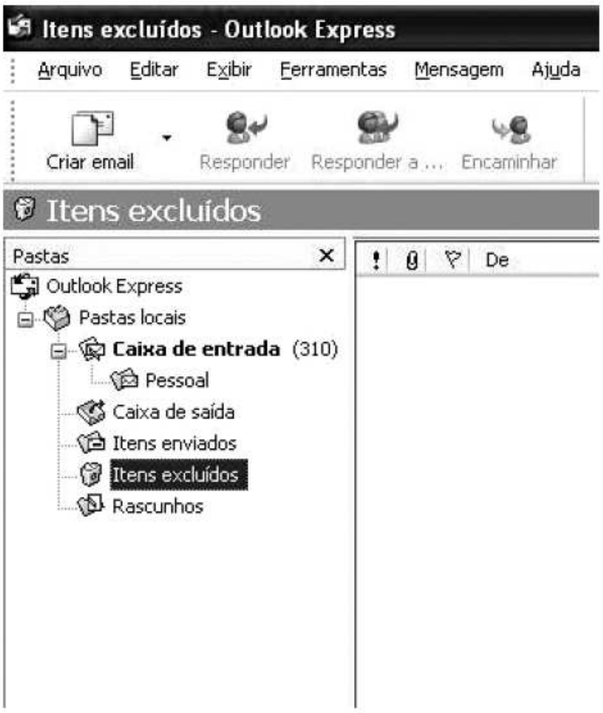
Itens excluídos - Outlook Express
Arquivo
Editar
Exibir
Ferramentas
Mensagem
Ajuda
Criar email
Responder
Responder a ...
Encaminhar
Itens excluídos
Pastas
De
Outlook Express
Pastas locais
Caixa de entrada (310)
Pessoal
Caixa de saída
Itens enviados
Itens excluídos
Rascunhos

5 (CESPE – MPU – Analista - 2013) Ao se clicar a pasta Itens enviados, na figura acima, será apresentada a lista de todos os emails que foram enviados a partir do Outlook Express.

Correto.

6 (CESPE – MPU – Analista - 2013) Se o usuário em questão possuísse inscrição em Grupos de discussão ou Redes sociais, a opção Responder a ... — Responder a todos — seria habilitada.

Errado! A opção "Responder a Todos" fica habilitada quando algum email é selecionado. No caso, o item selecionado é a pasta "Itens Excluídos", logo, não há o que ser respondido, e a opção não fica habilitada.

7 (CESPE – MPU – Analista - 2013) O número (310) mostrado ao lado da opção 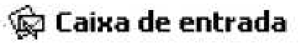 Caixa de entrada indica o número de amigos que o usuário em questão possui.

Errado! O número entre parênteses nesta pasta indica a quantidade de **mensagens não lidas** na pasta.

8 (CESPE – Polícia Federal – Perito - 2013) Considere que um usuário necessite utilizar diferentes dispositivos computacionais, permanentemente conectados à Internet, que utilizem diferentes clientes de email, como o Outlook Express e Mozilla Thunderbird. Nessa situação, o usuário deverá optar pelo uso do protocolo IMAP (Internet Message Access Protocol), em detrimento do POP3 (post office protocol), pois isso permitirá a ele manter o conjunto de emails no servidor remoto ou, alternativamente, fazer o download das mensagens para o computador em uso.

Correto. O IMAP permite ambas as opções (download ou manter no servidor remoto), bem como o acesso por diferentes clientes de email. O POP3 não oferece a alternativa de manter as mensagens no servidor remoto.

9 (CESPE – CADE – Nível Médio - 2014) O Mozilla Thunderbird permite que cada conta de email tenha o seu próprio local de arquivamento das mensagens.

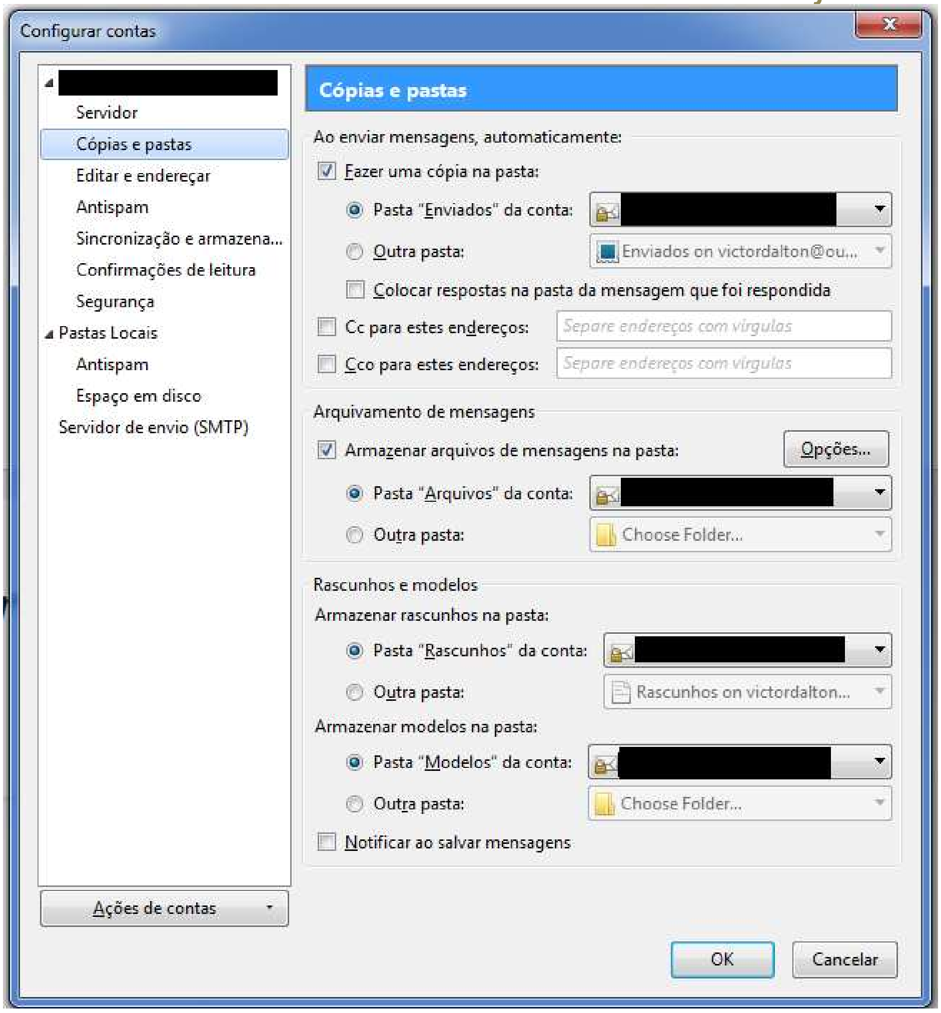
Configurar contas
[redacted]
Servidor
Cópias e pastas
Editar e endereçar
Antispam
Sincronização e armazena...
Confirmações de leitura
Segurança
Pastas Locais
Antispam
Espaço em disco
Servidor de envio (SMTP)
Ações de contas
Opções...
OK
Cancelar

Cópias e pastas

Ao enviar mensagens, automaticamente:

☑ Fazer uma cópia na pasta:

● Pasta "Enviados" da conta: [redacted]

○ Outra pasta: Enviados on victordalton@ou...

☐ Colocar respostas na pasta da mensagem que foi respondida

☐ Cc para estes endereços: Separe endereços com vírgulas

☐ Cco para estes endereços: Separe endereços com vírgulas

Arquivamento de mensagens

☑ Armazenar arquivos de mensagens na pasta:

● Pasta "Arquivos" da conta: [redacted]

○ Outra pasta: Choose Folder...

Rascunhos e modelos

Armazenar rascunhos na pasta:

● Pasta "Rascunhos" da conta: [redacted]

○ Outra pasta: Rascunhos on victordalton...

Armazenar modelos na pasta:

● Pasta "Modelos" da conta: [redacted]

○ Outra pasta: Choose Folder...

☐ Notificar ao salvar mensagens

Correto. Como um bom programa de gerenciamento de e-mails, o Thuderbird permite que o usuário configure as pastas de armazenamento de cada conta de email individualmente, se o usuário assim desejar.

10 (CESPE – CADE – Nível Médio - 2014) O Mozilla Thunderbird possui recursos que permitem que uma pasta em disco seja compactada tanto de forma automática quanto de forma manual.

Correto. Característica também desejável em um gerenciador de e-mails.

11 (CESPE – Câmara dos Deputados – Agente de Polícia Legislativa - 2014) Ferramenta de correio eletrônico, o Outlook Express permite baixar todos os emails do usuário para a máquina local, sendo desnecessária a conexão à Internet para se acessar os e-mails que estejam na caixa de entrada.

Correto. Se configurado para baixar os e-mails para a máquina local, por meio do protocolo POP3, não será necessário estar conectado à Internet para ler esses e-mails.

12 (CESPE – Câmara dos Deputados – Agente de Polícia Legislativa - 2014) Atualmente, a criptografia é utilizada automaticamente por todos os aplicativos de email, em especial os usados via Web (ou Webmail).

Errado! Perceba o "todos os aplicativos" de email. Esse tipo de sentença normalmente está errado. Será que o examinador conhece todos os aplicativos de email do mundo para afirmar que todos usam criptografia?

13 (CESPE – TCDF – Múltiplos cargos - 2014) Funcionalidades disponibilizadas no Mozilla Thunderbird possibilitam mover uma mensagem da caixa de entrada de uma conta para uma pasta localizada em outra conta.

Correto. O Thunderbird permite a movimentação das mensagens entre contas diferentes.

14 (CESPE – ICMBIO – Nível Superior - 2014) O recurso do Mozilla Thunderbird que permite agrupar e ordenar mensagens é utilizado somente quando cada mensagem tiver sido marcada por um dos filtros da opção Marcadores.

Errado! Os recursos de agrupar e ordenar mensagens funcionam independentemente de marcação das mensagens.

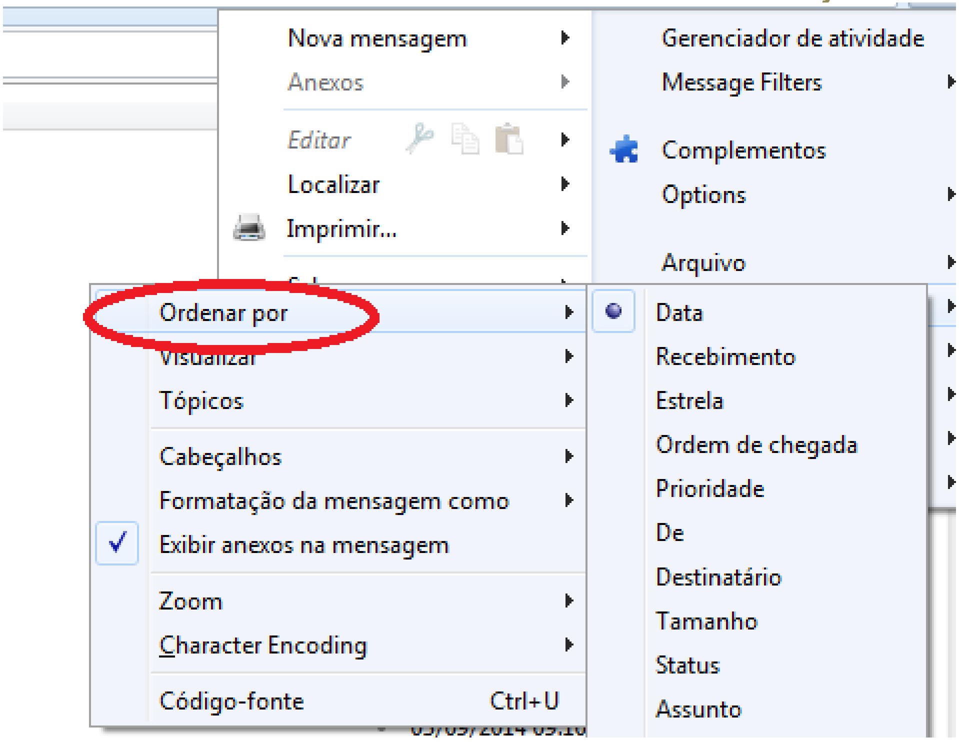
Nova mensagem
Anexos
Editar
Localizar
Imprimir...
Gerenciador de atividade
Message Filters
Complementos
Options
Arquivo
Ordenar por
Visualizar
Tópicos
Cabeçalhos
Formatação da mensagem como
Exibir anexos na mensagem
Zoom
Character Encoding
Código-fonte Ctrl+U
Data
Recebimento
Estrela
Ordem de chegada
Prioridade
De
Destinatário
Tamanho
Status
Assunto

15 (CESPE – ICMBIO – Nível Superior - 2014) No Outlook Express, caso se envie uma mensagem com o uso do recurso CCo: a mais de um endereço eletrônico, a mensagem encaminhada permitirá a todos os recebedores ver a relação de destinatários.

Errado! O **CCo, Cópia Oculta**, serve para que estes destinatários não sejam vistos pelos demais. O **Cc**, **Cópia Comum**, mostra os destinatários das mensagens uns aos outros.

16 (CESPE – MDIC – Agente Administrativo - 2014) Ao utilizar o Mozilla Thunderbird como ferramenta de correio eletrônico, o usuário pode manter uma pasta Inbox compartilhada entre todas as suas contas de correio eletrônico.

Correto. Funcionalidade comum das principais ferramentas de correio eletrônico, é possível manter uma caixa de entrada comum para múltiplas contas de correio eletrônico.

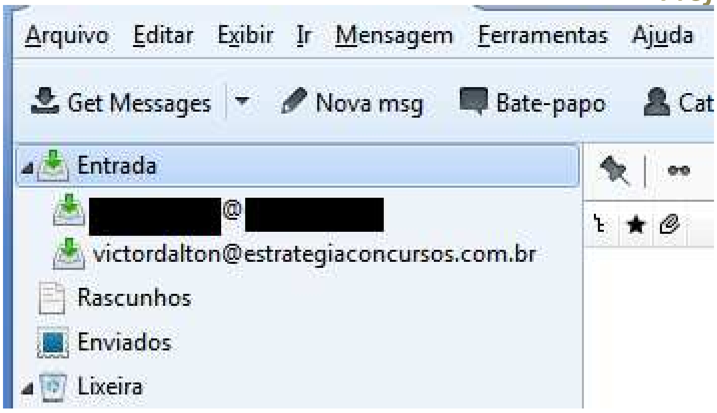
Arquivo
Editar
Exibir
Ir
Mensagem
Ferramentas
Ajuda
Get Messages
Nova msg
Bate-papo
Cat
Entrada
[redacted]@[redacted]
victordalton@estrategiaconcursos.com.br
Rascunhos
Enviados
Lixeira

Caixa de entrada unificada. É possível a visualização das caixas de email unificadas ou separadamente.

17 (CESPE – MTE – Agente Administrativo - 2014) O Mozilla Thunderbird fornece, entre os recursos de segurança, a integração com software de antivírus.

Correto. Nas Opções do Thunderbird, Guia Segurança, é possível permitir a antivírus interceptem mensagens com conteúdo malicioso e coloquem em quarentena.

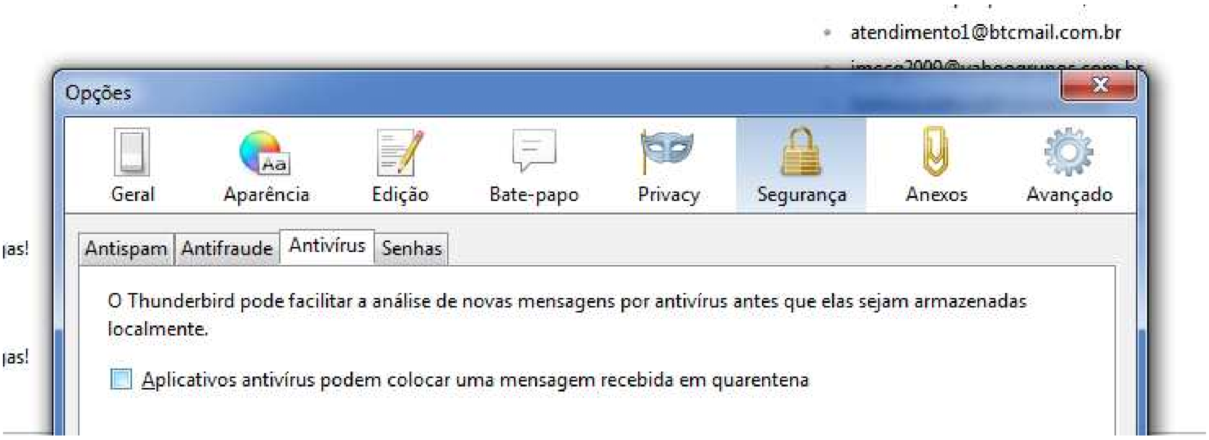
atendimento1@btcmail.com.br
Opções
Geral
Aparência
Edição
Bate-papo
Privacy
Segurança
Anexos
Avançado
Antispam
Antifraude
Antivírus
Senhas

O Thunderbird pode facilitar a análise de novas mensagens por antivírus antes que elas sejam armazenadas localmente.

☐ Aplicativos antivírus podem colocar uma mensagem recebida em quarentena

18 (CESPE – MTE – Agente Administrativo - 2014) Por padrão, durante a inicialização do aplicativo, ocorre uma verificação automática junto ao servidor de e-mails a fim de que sejam apresentadas ao usuário as novas mensagens recebidas.

Correto. Toda ferramenta de correio eletrônico é pré-configurada para fazer isso. Afinal de contas, parte-se do princípio que o usuário deseja ver as novas mensagens quando abre o correio eletrônico.

19 (CESPE – CBM/CE – Soldado Bombeiro - 2014) O Outlook Express é um aplicativo para computadores pessoais, portanto não é possível a configuração de mais de uma conta de correio eletrônico em um mesmo aplicativo.

Errado! Qualquer ferramenta moderna de correio eletrônico permite que várias contas de email sejam configuradas.

20 (CESPE – CBM/CE – 1º Tenente - 2014) Em comparação ao Microsoft Outlook, o Mozilla Thunderbird tem a desvantagem de não realizar a filtragem de mensagens de spam recebidas pelo usuário desse programa de email.

Errado! As ferramentas modernas de correio eletrônico oferecem filtragem de spam.

21 (CESPE – ICMBIO – Nível Médio - 2014) Considere-se que um servidor do ICMBio, após receber, por meio do Outlook Express, uma mensagem com o arquivo animais_extincao.doc, em anexo, tenha executado as seguintes ações: abrir o arquivo, incluir uma nova informação ao documento, salvar o arquivo e, em seguida, encaminhar a mensagem ao seu chefe imediato. Nesse caso, o chefe receberá a mensagem com o arquivo atualizado.

Errado! **Pegadinha do CESPE**! Para que o chefe receba a mensagem com o arquivo atualizado, é necessário que o usuário anexe a mensagem atualizada à mensagem encaminhada. Quando o usuário encaminha uma mensagem com anexo, é o anexo original que é encaminhado.

22 (CESPE – FUB – Nível Superior - 2014) O Mozilla Thunderbird permite que o usuário exclua automaticamente mensagens indesejadas por meio da utilização de filtros, ainda que não forneça a opção de bloquear emails de um domínio específico.

Correto. Funcionalidade fornecida por todas as ferramentas modernas de correio eletrônico.

23 (CESPE – TJ/AC – Técnico em Informática - 2013) O Mozilla Thunderbird 16 possui arquivamento de mensagem sem retirá-la da sua caixa de entrada e salvá-la em uma pasta específica.

Correto. Não gosto de orientar para que você chute uma questão CESPE, ainda mais porque uma questão marcada incorretamente anula um acerto seu. Mas existem recursos em aplicações que você, mesmo sem conhecer, pode imaginar se existem ou não. O Mozilla Thunderbird é um concorrente do Microsoft Outlook, e seria uma aplicação muito fraca se não possuísse um recurso simples como o citado nessa questão. Veja se o seu raciocínio pode ser útil para as questões seguintes!

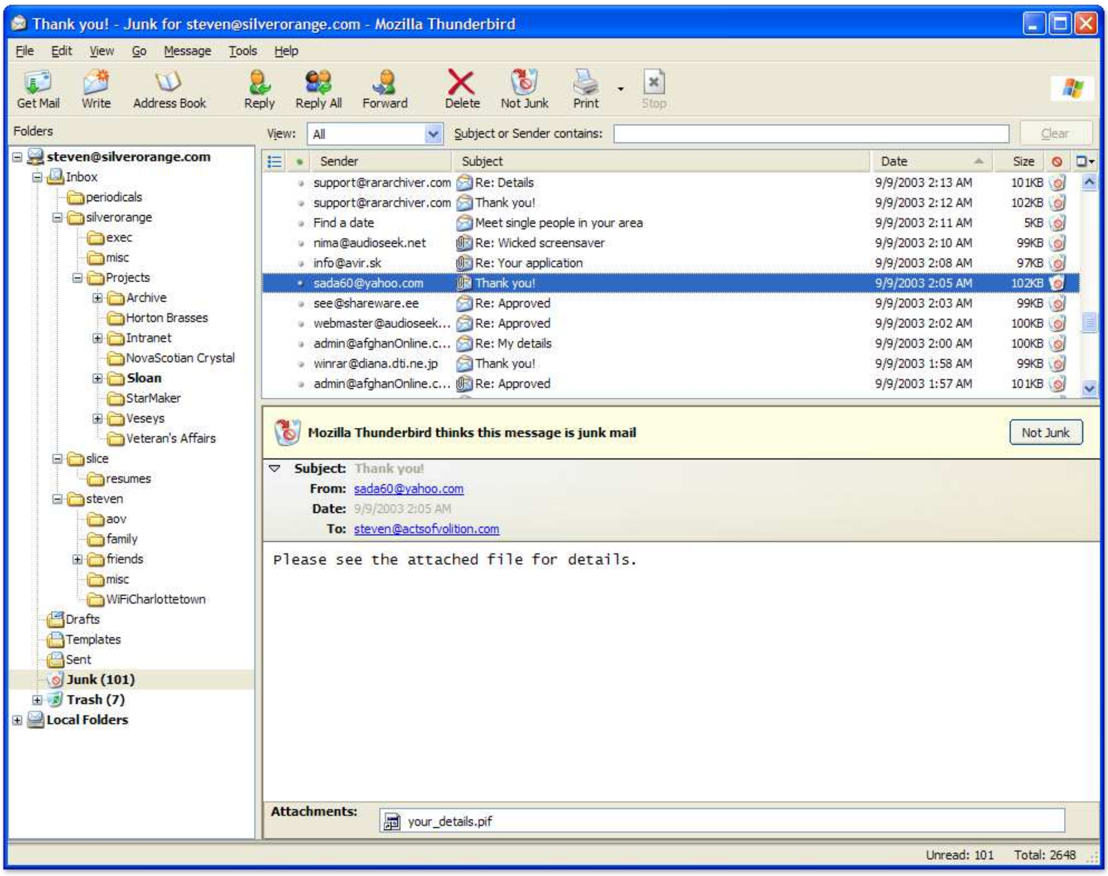

Thank you! - Junk for steven@silverorange.com - Mozilla Thunderbird
File
Edit
View
Go
Message
Tools
Help
Get Mail
Write
Address Book
Reply
Reply All
Forward
Delete
Not Junk
Print
Stop
Folders
View:
All
Subject or Sender contains:
Clear
steven@silverorange.com
Inbox
periodicals
silverorange
exec
misc
Projects
Archive
Horton Brasses
Intranet
NovaScotian Crystal
Sloan
StarMaker
Veseys
Veteran's Affairs
slice
resumes
steven
aov
family
friends
misc
WiFiCharlottetown
Drafts
Templates
Sent
Junk (101)
Trash (7)
Local Folders
Not Junk
Attachments:
your_details.pif
Unread: 101
Total: 2648

Sender	Subject	Date	Size
support@rararchiver.com	Re: Details	9/9/2003 2:13 AM	101KB
support@rararchiver.com	Thank you!	9/9/2003 2:12 AM	102KB
Find a date	Meet single people in your area	9/9/2003 2:11 AM	5KB
nima@audioseek.net	Re: Wicked screensaver	9/9/2003 2:10 AM	99KB
info@avir.sk	Re: Your application	9/9/2003 2:08 AM	97KB
sada60@yahoo.com	Thank you!	9/9/2003 2:05 AM	102KB
see@shareware.ee	Re: Approved	9/9/2003 2:03 AM	99KB
webmaster@audioseek...	Re: Approved	9/9/2003 2:02 AM	100KB
admin@afghanOnline.c...	Re: My details	9/9/2003 2:00 AM	100KB
winrar@diana.dti.ne.jp	Thank you!	9/9/2003 1:58 AM	99KB
admin@afghanOnline.c...	Re: Approved	9/9/2003 1:57 AM	101KB

Mozilla Thunderbird thinks this message is junk mail

Subject: Thank you!
From: sada60@yahoo.com
Date: 9/9/2003 2:05 AM
To: steven@actsofvolition.com

Please see the attached file for details.

Mozilla Thunderbird.

24 (CESPE – TJ/AC – Técnico em Informática - 2013) No Thunderbird 16, como forma a gerenciar o consumo de banda da rede, as mensagens são configuradas nativamente sem formatação, ou seja, sem a visualização de imagens incorporadas à mensagem ou estilos de textos.

Errado! Que absurdo! Gerenciar consumo de banda da rede não formatando texto de email? Quantos kbytes consomem uma formatação em negrito ou em itálico de um texto de email? No mínimo, incoerente.

25 (CESPE – TJ/AC – Técnico em Informática - 2013) Tanto no Outlook Express quanto no Thunderbird é possível configurar contas de emails do Gmail e do Yahoo, por exemplo, permitindo receber ou enviar mensagens por esses servidores.

Correto. E isso é possível não somente porque o Outlook e Thunderbird são compatíveis, mas porque o Gmail e o Yahoo também permitem a configuração de suas contas de email nessas aplicações.

26 (CESPE – TJ/AC – Técnico em Informática - 2013) No MS Outlook 2010 o recurso Marcar Anti-spam ao ser criado pelo usuário em sua estação, é replicado para o servidor, sendo aplicado aos outros usuários.

Errado! A configuração Anti-spam valerá apenas para o usuário que a ativou.

27 (CESPE – TJ/AC – Técnico em Informática - 2013) Como meio de combater a proliferação de vírus, o Mozilla Thunderbird 15 não admite que vídeos e músicas sejam anexados a emails. Caso o usuário necessite enviar esse tipo de arquivo deve primeiramente compactá-lo para então enviar o arquivo.

Errado! Pode-se enviar músicas e imagens por email. Talvez haja restrições quanto ao tamanho da mensagem, definidas pelo **provedor** do email.

28 (CESPE – MDIC – Analista Técnico Administrativo - 2014) O Outlook Express pode ser configurado para solicitar ao destinatário de um email a confirmação do recebimento de uma mensagem.

Correto.

29 (CESPE – Polícia Federal – Agente - 2014) Se um usuário do Mozilla Thunderbird receber email de pessoa cujo nome esteja contido na lista de endereços desse usuário, o endereço de email do remetente não será mostrado ao destinatário.

Correto. Quando um usuário já existe no **Catálogo de Endereços** do Thunderbird, seja esse contato inserido pelo usuário ou coletado pela aplicação, o Thunderbird deixa de exibir o email do usuário, exibindo apenas seu nome.

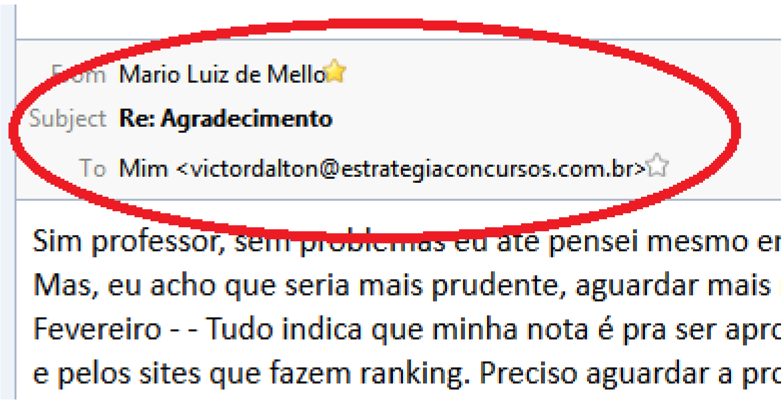

From Mario Luiz de Mello
Subject **Re: Agradecimento**
To Mim <victordalton@estrategiaconcursos.com.br>

Sim professor, sem problemas eu até pensei mesmo e
Mas, eu acho que seria mais prudente, aguardar mais
Fevereiro - - Tudo indica que minha nota é pra ser apr
e pelos sites que fazem ranking. Preciso aguardar a pr

Usuário incluso no catálogo de endereços. Perceba que o endereço de email do usuário não está sendo exibido.

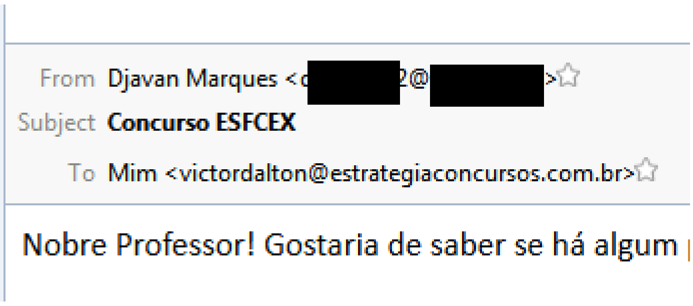

From Djavan Marques <[redacted]@[redacted]>
Subject **Concurso ESFCEX**
To Mim <victordalton@estrategiaconcursos.com.br>

Nobre Professor! Gostaria de saber se há algum

Usuário não incluso no catálogo de endereços. Perceba que o endereço de email é exibido.

30 (CESPE – FUB – Conhecimentos Básicos - 2015) Por meio de programas de correio eletrônico denominados *webmails*, os usuários podem acessar suas contas a partir de computadores com acesso à Internet.

Correto. Por meio do navegador web.

31 (CESPE – FUB – Conhecimentos Básicos - 2015) No Mozilla Thunderbird, o recurso Bloquear Usuário, disponível no menu Editar, tem a finalidade de criar um filtro para impedir o recebimento de mensagens indesejadas e também a de realizar o bloqueio daquelas pessoas que as enviem e que não façam parte da lista de contatos do usuário.

Errado! Não existe o recurso "Bloquear Usuário" em ferramentas de email. Uma coisa é filtrar o email de um remetente e encaminhá-lo direto para a Lixeira, por exemplo (disponível no menu Ferramentas), mas não existe o Bloqueio de e-mails (que seria, a meu ver, impedir que o usuário envie o email).

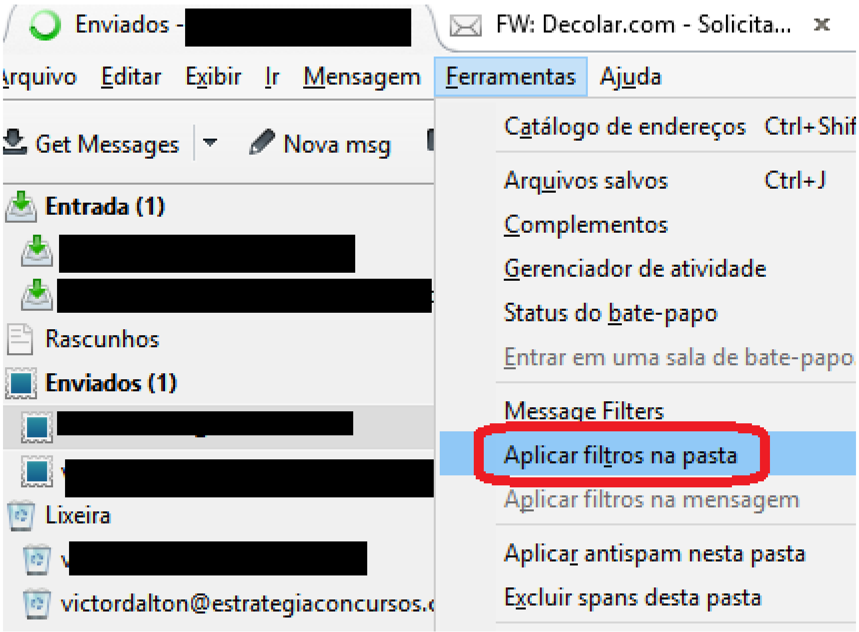
Enviados - [redacted]
FW: Decolar.com - Solicita...
rquivo
Editar
Exibir
Ir
Mensagem
Ferramentas
Ajuda
Get Messages
Nova msg
Entrada (1)
[redacted]
[redacted]
Rascunhos
Enviados (1)
[redacted]
[redacted]
Lixeira
[redacted]
victordalton@estrategiaconcursos.
Catálogo de endereços Ctrl+Shif
Arquivos salvos Ctrl+J
Complementos
Gerenciador de atividade
Status do bate-papo
Entrar em uma sala de bate-papo
Message Filters
Aplicar filtros na pasta
Aplicar filtros na mensagem
Aplicar antispam nesta pasta
Excluir spans desta pasta

Aplicando filtros no Thunderbird.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

E encerramos a parte de correio eletrônico!

Particularmente, é a parte da matéria que a experiência prática conta mais do que a teoria. Por isso, minha insistência para que você procure praticar as ferramentas apresentadas. Meu papel acaba sendo de um facilitador, aquele que mostra o conteúdo cobrado, para que você saiba o que praticar.

Até a próxima aula!

Victor Dalton

LISTA DE EXERCÍCIOS FUNCAB

1. (FUNCAB – SUPEL/RO – Engenharia Civil - 2016) Um endereço de correio eletrônico contém duas partes separadas pelo símbolo @. A parte posterior a este símbolo identifica o(a):

a) URL.
b) domínio do servidor de correio.
c) DNS.
d) protocolo utilizado.
e) caixa postal do usuário.

2. (FUNCAB – PRODAM/AM – Assistente - 2014) Considerando a configuração padrão de um aplicativo de correio eletrônico, ao receber uma mensagem, esta será salva:

A) na Caixa de Entrada.
B) na pasta Rascunhos.
C) na Caixa de Saída.
D) em Itens Enviados.
E) na pasta Preferências.

3. (FUNCAB – PRODAM/AM – Assistente - 2014) Sobre a criação e o envio de mensagens utilizando um aplicativo de correio eletrônico, é correto afirmar que:

a) nos campos Cc e Cco somente podem ser informados endereços eletrônicos que façam parte do catálogo de contatos.

b) somente arquivos analisados por sistemas antivírus podem ser anexados à mensagem

c) é possível utilizar recursos de formatação de fonte no campo Assunto da mensagem.

d) a mensagem somente pode ser salva e armazenada na pasta Rascunho após ser enviada.

e) mensagens podem ser enviadas em formato RichText ou HTML.

4. (FUNCAB – PRODAM/AM – Engenharia Elétrica - 2014) Sobre manipulação de mensagens em aplicativos de correio eletrônico, é correto afirmar que:

a) somente mensagens lidas podem ser movidas para outras pastas.

b) ao excluir uma mensagem, ela é removida definitivamente da Caixa de Correio Eletrônico.

c) mensagens enviadas com sucesso são armazenadas na Caixa de Saída

d) mensagens, quando recebidas, são armazenadas em sua Caixa de Entrada como não lidas.

e) para se criar pastas em sua Caixa de Correio Eletrônico é preciso solicitar autorização do administrador de sistema.

5. (FUNCAB – PRODAM/AM – Engenharia Elétrica - 2014) Considerando a configuração padrão das aplicações de correio eletrônico, a forma comumente utilizada para diferenciar emails não lidos de emails lidos é o recurso:

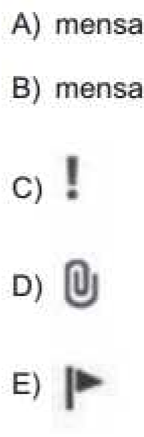

A) mensagem em Caixa Alta.

B) mensagem em negrito.

C) !

D) 📎

E) ⚑

6. (FUNCAB – PC/RO – Delegado - 2014) Sobre recursos e conceitos disponíveis nos principais aplicativos de Correio Eletrônico disponíveis no mercado, é correto afirmar que:

a) o antivírus instalado em seu computador impedirá a abertura de arquivos contaminados por vírus.

b) não é permitido enviar mais de um arquivo em anexo.

c) as opções de formatação de fonte no conteúdo da mensagem são permitidas para mensagens em formato HTML.

d) não é permitido enviar mensagens para endereços que estejam na caixa "com cópia" e "com cópia oculta", simultaneamente.

e) é mandatório que o endereço eletrônico do destinatário esteja armazenado no arquivo em anexo.

7. (FUNCAB – IF/RR – Jornalista - 2013) Na Caixa de Entrada de um aplicativo de Correio Eletrônico, é exibida a lista de mensagens recebidas. Considerando a configuração-padrão, são exibidas diversas informações referentes à mensagem, EXCETO:

a) endereço eletrônico do remetente.

b) conteúdo do arquivo anexado.

c) assunto.

d) data de recebimento.

e) tamanho.

8. (FUNCAB – IF/RR – Assistente de Administração - 2013) Ao enviar um email através de aplicativos de correio eletrônico, é obrigatório informar:

a) o assunto

b) um arquivo anexado

c) um texto no corpo do email.

d) uma assinatura eletrônica

e) o endereço eletrônico do destinatário.

9. (FUNCAB – POLITEC/MT – Psiquiatra - 2013) Considerando a configuração padrão de um aplicativo de correio eletrônico, após o envio com êxito de uma mensagem, esta será salva:

a) na Caixa de Entrada.

b) na pasta Rascunhos.

c) na Caixa de Saída.

d) em Itens Enviados.

e) em Itens Excluídos.

10. (FUNCAB – Prefeitura de Vassouras/RJ – Auditor - 2013) A identificação, na Caixa de Entrada, de mensagens que contenham anexos é através:

a) de destaque em negrito do remetente.

b) do assunto em caixa alta.

c) da imagem

d) da imagem 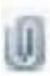

e) da imagem 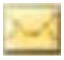

11. (FUNCAB – CODATA – Técnico de Administração - 2013) Considerando os padrões de funcionamento adotados pelos principais aplicativos de correio eletrônico existentes no mercado, é correto afirmar que:

a) mensagens não lidas são destacadas na lista de mensagens coma cor de fonte azul.

b) um ou mais arquivos podem ser anexados a um e-mail, ainda que o formato da mensagem seja “texto sem formatação”.

c) o duplo-clique exclui a mensagem selecionada.

d) destinatários em cópia oculta são conhecidos somente por quem o enviou e pelo destinatário principal.

e) destinatários em cópia oculta não possuem privilégio para reencaminhar uma mensagem.

12. (FUNCAB – DETRAN/PB – Advogado - 2013) A nomenclatura padrão adotada pelos principais aplicativos de correio eletrônico para destinatários em cópia oculta é:

a) Blind.

b) Cc.

c) Cco.

d) Oculto.

e) Hide.

GABARITO FUNCAB

1	**B**
2	**A**
3	**E**
4	**D**
5	**B**
6	**C**
7	**B**
8	**E**
9	**D**
10	**D**
11	**B**
12	**C**

LISTA DE EXERCÍCIOS CESPE

3.3 - Programas de correio eletrônico (Outlook Express e Mozilla Thunderbird).

1 (CESPE – Assembléia Legislativa/CE – Cargo 10 - 2011) O Mozilla Thunderbird é um programa de correio eletrônico que possibilita a implementação de filtro anti-spam adaptável.

2 (CESPE – MPE/PI – Cargos 1 a 5 e 7 a 9 - 2011) No Microsoft Outlook Express é possível realizar configuração para ler emails em mais de um provedor. Todavia, novas mensagens, recebidas após essa configuração, ficam necessariamente misturadas na pasta denominada caixa de entrada dos referidos servidores.

3 (CESPE – STJ – Todos os cargos exceto 5 - 2012) Por meio do software Microsoft Outlook pode-se acessar o serviço de correio eletrônico, mediante o uso de certificado digital, para abrir a caixa postal do usuário de um servidor remoto.

4 (CESPE – TELEBRÁS – Conhecimentos Básicos Nível Médio - 2013) No Outlook Express, por meio da opção Salvar Como, as mensagens recebidas podem ser armazenadas em pastas de arquivamento localizadas na estrutura de diretórios do Windows.

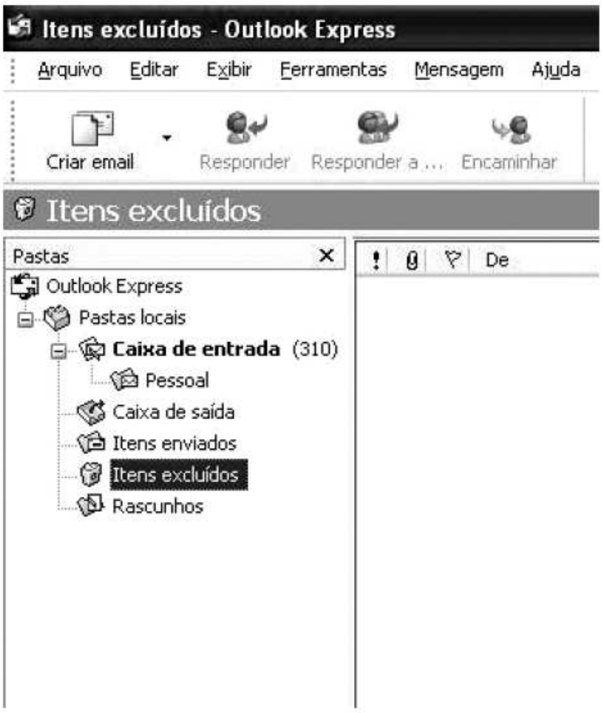
Itens excluídos - Outlook Express
Arquivo
Editar
Exibir
Ferramentas
Mensagem
Ajuda
Criar email
Responder
Responder a ...
Encaminhar
Itens excluídos
Pastas
Outlook Express
Pastas locais
Caixa de entrada (310)
Pessoal
Caixa de saída
Itens enviados
Itens excluídos
Rascunhos
De

5 (CESPE – MPU – Analista - 2013) Ao se clicar a pasta Itens enviados, na figura acima, será apresentada a lista de todos os emails que foram enviados a partir do Outlook Express.

6 (CESPE – MPU – Analista - 2013) Se o usuário em questão possuísse inscrição em Grupos de discussão ou Redes sociais, a opção Responder a ... — Responder a todos — seria habilitada.

7 (CESPE – MPU – Analista - 2013) O número (310) mostrado ao lado da opção **Caixa de entrada** indica o número de amigos que o usuário em questão possui.

8 (CESPE – Polícia Federal – Perito - 2013) Considere que um usuário necessite utilizar diferentes dispositivos computacionais, permanentemente conectados à Internet, que utilizem diferentes clientes de email, como o Outlook Express e Mozilla Thunderbird. Nessa situação, o usuário deverá optar pelo uso do protocolo IMAP (Internet Message Access

Protocol), em detrimento do POP3 (post office protocol), pois isso permitirá a ele manter o conjunto de emails no servidor remoto ou, alternativamente, fazer o download das mensagens para o computador em uso.

9 (CESPE – CADE – Nível Médio - 2014) O Mozilla Thunderbird permite que cada conta de email tenha o seu próprio local de arquivamento das mensagens.

10 (CESPE – CADE – Nível Médio - 2014) O Mozilla Thunderbird possui recursos que permitem que uma pasta em disco seja compactada tanto de forma automática quanto de forma manual.

11 (CESPE – Câmara dos Deputados – Agente de Polícia Legislativa - 2014) Ferramenta de correio eletrônico, o Outlook Express permite baixar todos os emails do usuário para a máquina local, sendo desnecessária a conexão à Internet para se acessar os e-mails que estejam na caixa de entrada.

12 (CESPE – Câmara dos Deputados – Agente de Polícia Legislativa - 2014) Atualmente, a criptografia é utilizada automaticamente por todos os aplicativos de email, em especial os usados via Web (ou Webmail).

13 (CESPE – TCDF – Múltiplos cargos - 2014) Funcionalidades disponibilizadas no Mozilla Thunderbird possibilitam mover uma mensagem da caixa de entrada de uma conta para uma pasta localizada em outra conta.

14 (CESPE – ICMBIO – Nível Superior - 2014) O recurso do Mozilla Thunderbird que permite agrupar e ordenar mensagens é utilizado somente quando cada mensagem tiver sido marcada por um dos filtros da opção Marcadores.

15 (CESPE – ICMBIO – Nível Superior - 2014) No Outlook Express, caso se envie uma mensagem com o uso do recurso CCo: a mais de um endereço eletrônico, a mensagem encaminhada permitirá a todos os recebedores ver a relação de destinatários.

16 (CESPE – MDIC – Agente Administrativo - 2014) Ao utilizar o Mozilla Thunderbird como ferramenta de correio eletrônico, o usuário pode manter uma pasta Inbox compartilhada entre todas as suas contas de correio eletrônico.

17 (CESPE – MTE – Agente Administrativo - 2014) O Mozilla Thunderbird fornece, entre os recursos de segurança, a integração com software de antivírus.

18 (CESPE – MTE – Agente Administrativo - 2014) Por padrão, durante a inicialização do aplicativo, ocorre uma verificação automática junto ao servidor de e-mails a fim de que sejam apresentadas ao usuário as novas mensagens recebidas.

19 (CESPE – CBM/CE – Soldado Bombeiro - 2014) O Outlook Express é um aplicativo para computadores pessoais, portanto não é possível a configuração de mais de uma conta de correio eletrônico em um mesmo aplicativo.

20 (CESPE – CBM/CE – 1º Tenente - 2014) Em comparação ao Microsoft Outlook, o Mozilla Thunderbird tem a desvantagem de não realizar a filtragem de mensagens de spam recebidas pelo usuário desse programa de email.

21 (CESPE – ICMBIO – Nível Médio - 2014) Considere-se que um servidor do ICMBio, após receber, por meio do Outlook Express, uma mensagem com o arquivo animais_extincao.doc, em anexo, tenha executado as seguintes ações: abrir o arquivo, incluir uma nova informação ao documento, salvar o arquivo e, em seguida, encaminhar a mensagem ao seu chefe imediato. Nesse caso, o chefe receberá a mensagem com o arquivo atualizado.

22 (CESPE – FUB – Nível Superior - 2014) O Mozilla Thunderbird permite que o usuário exclua automaticamente mensagens indesejadas por meio da utilização de filtros, ainda que não forneça a opção de bloquear emails de um domínio específico.

23 (CESPE – TJ/AC – Técnico em Informática - 2013) O Mozilla Thunderbird 16 possui arquivamento de mensagem sem retirá-la da sua caixa de entrada e salvá-la em uma pasta específica.

24 (CESPE – TJ/AC – Técnico em Informática - 2013) No Thunderbird 16, como forma a gerenciar o consumo de banda da rede, as mensagens são configuradas nativamente sem formatação, ou seja, sem a visualização de imagens incorporadas à mensagem ou estilos de textos.

25 (CESPE – TJ/AC – Técnico em Informática - 2013) Tanto no Outlook Express quanto no Thunderbird é possível configurar contas de emails do Gmail e do Yahoo, por exemplo, permitindo receber ou enviar mensagens por esses servidores.

26 (CESPE – TJ/AC – Técnico em Informática - 2013) No MS Outlook 2010 o recurso Marcar Anti-spam ao ser criado pelo usuário em sua estação, é replicado para o servidor, sendo aplicado aos outros usuários.

27 (CESPE – TJ/AC – Técnico em Informática - 2013) Como meio de combater a proliferação de vírus, o Mozilla Thunderbird 15 não admite que vídeos e músicas sejam anexados a emails. Caso o usuário necessite enviar esse tipo de arquivo deve primeiramente compactá-lo para então enviar o arquivo.

28 (CESPE – MDIC – Analista Técnico Administrativo - 2014) O Outlook Express pode ser configurado para solicitar ao destinatário de um email a confirmação do recebimento de uma mensagem.

29 (CESPE – Polícia Federal – Agente - 2014) Se um usuário do Mozilla Thunderbird receber email de pessoa cujo nome esteja contido na lista de endereços desse usuário, o endereço de email do remetente não será mostrado ao destinatário.

30 (CESPE – FUB – Conhecimentos Básicos - 2015) Por meio de programas de correio eletrônico denominados *webmails*, os usuários podem acessar suas contas a partir de computadores com acesso à Internet.

31 (CESPE – FUB – Conhecimentos Básicos - 2015) No Mozilla Thunderbird, o recurso Bloquear Usuário, disponível no menu Editar, tem a finalidade de criar um filtro para impedir o recebimento de mensagens indesejadas e também a de realizar o bloqueio daquelas pessoas que as enviem e que não façam parte da lista de contatos do usuário.

GABARITO 3. 3

1.c	2.e	3.c	4.c	5.c	6.e	7.e	8.c	9.c	10.c
11.c	12.e	13.c	14.e	15.e	16.c	17.c	18.c	19.e	20.e
21.e	22.c	23.c	24.e	25.c	26.e	27.e	28.c	29.c	30.c
31.e									

EXERCÍCIOS

1. (CESPE/PMES) "...um passo nesse sentido é o aparecimento da máquina *ultrashape*. Não há cânulas nem agulhas no procedimento, apenas ondas de ultra-som..."

(E) A correção gramatical da oração será mantida se, no trecho "Não há cânulas nem agulhas" a forma verbal "há" for substituída pela forma verbal**existe**.

Existe - verbo pessoal = Existem cânulas

2. (CESPE-ANATEL/2009)"Não se trata de supor que há, de um lado, a *coisa* física ou material e, de outro, a *coisa* como ideia e significação."

(C) Devido à organização da estrutura linguística em que ocorre a forma verbal "há" (l.1), sua substituição por **existem** respeitaria as regras gramaticais. Concorda co o sujeito composto

3. (CESPE/TCE/TO)"A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade"

(E) No trecho "Casos houve, ainda que raros", a forma verbal "houve" é substituível por **houveram**, sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido original do texto.

Haver = Existir - Verbo impessoal = Singular

4. (CESPE/TRT/ES) Se tanta companhia não vale como consolo, a vantagem de ter muita gente sofrendo com o problema é que isso estimula as pesquisas científicas. "Há equipes estudando o uso de células-tronco para tratamento da calvície", conta Leite Jr.

(E) Na linha 2, o sujeito da forma verbal 'Há' é o substantivo 'equipes'. Verbo Impessoal = s/ suj

5. –(CESPE/MPOG/2008-S) "As chamadas cidades globais fornecem a infraestrutura de que a economia mundial necessita para as suas transações. Fazem parte dessa infra-estrutura, entre outros, o sistema bancário, hoteleiro, de telecomunicação, bem como aeroportos, segurança. Precisa haver um número significativo de pessoas qualificadas e competentes para dar conta de todos os serviços demandados para a realização das grandes transações econômicas, manipulações das bolsas de valores, transferências bancárias, entre outras.

(E) Seria privilegiada a concisão do texto se, no trecho "Precisa haver ***um número significativo de*** pessoas qualificadas e competentes", o segmento sublinhado fosse suprimido. Nesse caso, no entanto, seria necessária a alteração de "Precisa haver" para ***Precisam haver.***

Haver = Existir - Verbo Impessoal - Singular

6. CESGRANRIO Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - BNDES - Federal – BR
Transpondo o período " Há pai que nunca viu o próprio filho." (l. 36) para o plural e substituindo haver por outro verbo ou locução verbal de sentido equivalente, o período que NÃO apresenta ERRO quanto à concordância verbal é:

CORRETA:

[✓ a.] Existem pais que nunca viram os próprios filhos.
Deve b. Devem haver pais que nunca viram os próprios filhos.
Devem c. Deve existir pais que nunca viram os próprios filhos.
Há d. Hão de haver pais que nunca viram os próprios filhos.
Hão e. Há de existir pais que nunca viram os próprios filhos.

7. Prova: FCC - 2013 - TRT - 18ª Região (GO) - Técnico Judiciário - Tecnologia da Informação
O verbo empregado no singular que também poderia ter sido empregado no plural, sem prejuízo do respeito às normas de concordância verbal, está grifado em:

a. Uma pesquisa recente [...] procurou avaliar como o mundo corporativo se prepara para o fenômeno.
b. A juniorização, por ser realizada com o propósito de reduzir custos, compromete a qualidade da gestão...
c. Então, o trabalho emperra, os clientes reclamam, mas a planilha de custos fala mais alto.
d. Em terceiro lugar, há poucas iniciativas para garantir maior qualidade de vida e para ter quadros mais saudáveis no futuro.
[✓ e.] Consequentemente, a maioria das empresas não possui mecanismos para atrair e manter tais quadros.

O verbo concorda com o quantidativo ou com empresas.

8. Prova: FCC - 2013 - TRT - 9ª REGIÃO (PR) - Técnico Judiciário
O verbo que pode ser corretamente flexionado no plural está grifado em:

a. Mais tarde, nas cidades, havia discussões em praça pública...
b. Como teria sido a Primavera Árabe sem e-mail, Twitter e Facebook?
c. ...na última década surgiu a comunicação digital...
[✓ d.] ...e parte das interações sociais adquiriu um caráter virtual.
e. ...é difícil definir e medir separadamente a contribuição..

O verbo concorda com o quantidativo ou com interações sociais.

9. Prova: FCC - 2013 - TRT - 1ª REGIÃO (RJ) Substituindo-se o segmento em destaque pelo colocado entre parênteses ao final da frase, o verbo que deverá manter-se no singular está em:

[✓ a.] Houve um sonho monumental... (sonhos monumentais)
b. Bem disse Le Corbusier que Niemeyer... (os que mais conheciam a sua obra)
c. Assim pensava o maior arquiteto... (grandes arquitetos como Niemeyer)
d. O comunismo resolve o problema da vida... (As revoluções vitoriosas da esquerda)
e. Niemeyer vira a possibilidade... (Os arquitetos da geração de Niemeyer)

Haver = Existir - Verbo Impessoal - Singular

10. CETRO - Prefeitura Municipal de Pinheiral - Advogado
Assinale a alternativa incorreta gramaticalmente na transcrição da frase grifada.
"Para que os peixinhos não ficassem melancólicos, haveria grandes festas aquáticas de vez em quando, pois os peixinhos alegres têm melhor sabor do que os tristes."

a. poderia haver grandes festas aquáticas.
b. existiriam grandes festas aquáticas.
c. deveriam existir grandes festas aquáticas.
d. poderiam existir grandes festas aquáticas.
[✓ e.] poderiam haver grandes festas aquáticas.

Haver = Existir - Verbo Impessoal - Singular

11. CETRO Prefeitura Municipal de Mairinque – 201 – Agente Controlador de Vetores

Assinale a alternativa que apresenta a concordância correta.

[✓ a.] Cada um dos alunos fez sua parte.
b. Haviam mais defeitos que qualidades naquele
c. homem. E
d. Os homens e as mulheres daquela cidade é que
e. sabe viver. E
f. Carla e André teve que refazer a prova. E
g. Ana ficou meia preocupada com os acontecimentos. E

12. Prova: CETRO - 2012 - TJ-RS - Oficial de Transportes - Classe F

De acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa, assinale a alternativa correta em relação ao verbo.

a. A expectativa é a de que hajam mais alunos do que no ano passado. E - haja
b. Houveram discussões sobre a implantação do novo curso. E - Haver = Ocorrer - VI - Sing
c. Se haver desistentes, a empresa adotará uma nova medida de contratação. E - houver
[✓ d.] Embora muitos tenham trabalhado no curso, somente alguns poderão continuar. C
e. Encerrou-se os prazos para candidatura ao novo cargo
E - encerraram-se

13. FUNCAB - 2012 - MPE-RO - Analista - Auditoria

Assinale a opção correta quanto à concordância verbal.

a. Devem haver formas mais eficazes de mobilizar a sociedade. E - Deve
b. Haviam tantas pessoas na fila, que fecharam o guichê. E- Havia
c. Descobriu-se novas formas de resolver o problema. E- Descobriram
[✓ d.] Eram eles quem fazia a ronda no local.
e. Surgiu, de repente, no final da rua, os dois comparsas
E- Surgiram

14. Prova: UFMT - 2013 - COPEL - Profissional de Nível Médio

A concordância dos verbos haver e fazer merece cuidado também em texto de ordem prática.Assinale a alternativa em que tais verbos estão corretamente empregados.

a. O gerente concordou que houveram muitos problemas.Sabe que faziam anos que não o via? E
b. Ele sabe que sempre haverão casos estranhos com esses indivíduos. Segundo o chefe, nem fazem 2 meses de sua contratação. E
c. Todos conhecem as etapas que haviam no procedimento padrão.Comunicamos que já fazem 30 dias desde a última aquisição de material E
[✓ d.] Há graves problemas sociais no país. Faz exatamente 10 anos que estamos nesta empresa.

15. Prova: FCC - 2013 - PGE-BA - Assistente de Procuradoria

A concordância verbal está correta em:

a. Haviam pessoas que não se importavam com seus vizinhos de viagem, falavam alto ao celular. E
b. Os usuários pareciam gostarem daquela bagunça: o som alto, mesmo de qualidade duvidosa. E
c. Já fazem meses que entro no ônibus, no mesmo horário, com as mesmas pessoas que sempre falam ao celular. E
[✓ d.] Sempre havia pessoas que não se importavam em expor sua vida particular, pareciam até se divertir.
e. Sempre vai existir passageiros que se incomodem com o som alto e com músicas de gosto duvidoso. E

16. Prova: CONSULPLAN - 2013 - PM-TO - Soldado da Polícia Militar

O verbo “haver” em “que haviam desaparecido no Rio Amazonas” aparece flexionado estabelecendo concordância com o sujeito a que se refere. De acordo com a ideia indicada pelo verbo “haver” a concordância está de acordo com a norma padrão em:

a. Haviam anos que não conversávamos. E
[✓ b.] Havia graves problemas sociais no país.
c. Sempre houveram graves problemas sociais no país. E
d. Eles havia sido os melhores funcionários daquele setor E

17. Prova: VUNESP - 2013 - SEJUS-ES - Agente Penitenciário

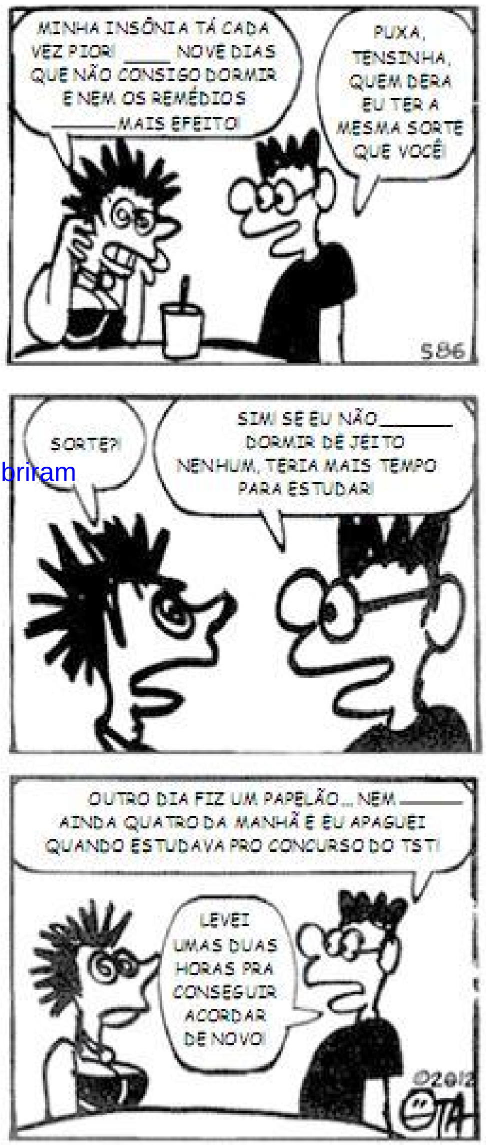
MINHA INSÔNIA TÁ CADA VEZ PIOR! ____ NOVE DIAS QUE NÃO CONSIGO DORMIR E NEM OS REMÉDIOS ____ MAIS EFEITO!
PUXA, TENSINHA, QUEM DERA EU TER A MESMA SORTE QUE VOCÊ!
586
SORTE?!
SIM! SE EU NÃO ____ DORMIR DE JEITO NENHUM, TERIA MAIS TEMPO PARA ESTUDAR!
OUTRO DIA FIZ UM PAPELÃO... NEM ____ AINDA QUATRO DA MANHÃ E EU APAGUEI QUANDO ESTUDAVA PRO CONCURSO DO TST!
LEVEI UMAS DUAS HORAS PRA CONSEGUIR ACORDAR DE NOVO!
©2012 OTA

FAZ
FAZEM
CONSEGUISSE
ERAM

As lacunas da tirinha devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

a. Fazem ... fazem ... conseguirei ... eram
[✓ b.] Faz ... fazem ... conseguisse ... eram
c. Havia ... faz ... conseguia ... era
d. Há ... faz ... consigo ... eram
e. Fazem ... fazem ... conseguiria ... era

18. Assinale a alternativa em que a concordância do verbo grifado está CORRETA**:**

a. Mesmo que se tratem de pessoas honestas, exija um fiador. E
[✓ b.] É importante que **haja** muitas faculdades de Letras.
c. Espero que, em fevereiro, **façam** dias menos ventosos. E
d. **Haviam** quatro semanas que o navio estava no porto. E
e. Se não **houverem** imprevistos, chegaremos amanhã. E

19. – Assinale a alternativa em que a concordância do verbo grifado está ERRADA:

[✓ f.] Onde você andava? **Fazem** mais de três horas que a espero. E
g. Talvez **houvesse** soluções melhores do que aquela. C
h. Você não acha que **basta** de provocações? C
i. **Vão** terminar acontecendo coisas desagradáveis C
j. **Haviam** ocorrido vários acidentes naquele local. C

20. Assinale a alternativa em que a concordância do verbo grifado está ERRADA

a. Acho que **devem** bastar duas colheres de açúcar. C
b. **Há** de haver outras saídas. C
c. **Hão** de existir outras saídas. C
d. **Podem** tratar-se de vírus desconhecidos. C
[✓ e.] **Deve** passar das quatro horas. E

21. No domingo, ……… seis meses que as aulas começaram; pode-se dizer que só ………. trinta dias para as férias.

a. fará – falta
b. farão – falta
[✓ c.] fará – faltam
d. faz – falta
e. fazem – faltam

FARÁ
FALTAM

22. Não ……… condições para se …….. os trabalhos; mesmo que as …….., era tarde.

[✓ a.] havia – recomeçar – houvessem
b. haviam – recomeçarem – houvessem
c. haviam – recomeçar – houvesse
d. haviam – recomeçar – houvessem
e. havia – recomeçarem – houvesse

HAVIA
RECOMEÇAR
HOUVESSEM

23. ………ainda muitos dias para que ele volte? Afinal, ………bem uns dois meses que ele foi viajar.

a. Faltará – deve fazer
b. Faltará – devem fazer
c. Faltarão – devem fazerem
d. Faltarão – devem fazer
[✓ e.] Faltarão – deve fazer

FALTARÃO
DEVE FAZER

24. Já ……… muitos anos que só ………. ruínas das construções que…….. nesta cidade.

a. fazem – existe – haviam
b. fazem – existe – havia
c. fazem – existem – haviam
[✓ d.] faz – existem – havia
e. faz – existem – haviam

FAZ
EXISTEM
HAVIA

25. Todos os parafusos que ………. demais naquele relógio, noutros ………. falta. ………. dez anos que a queixa era a mesma.

[✓ a.] havia – fazia – Havia
b. havia – faziam – Havia
c. haviam – faziam – Haviam
d. haviam – fazia – Haviam
e. haviam – faziam – Havia

HAVIA
FAZIA
HAVIA

26. Faça a Concordância correta usando uma das duas formas entre parênteses:

1) (Faz / Fazem) vinte minutos que estamos a sua espera.
2) (Havia / Haviam) poucas vagas para o curso.
3) Conhecido o resultado da votação, (choveu / choveram) vaias.
4) Não (havia / haviam) vizinhos naquele deserto.
5) (Havia / Haviam) já dois anos que não nos víamos.
6) Conhecera-o assim, (fazia / faziam) quase vinte anos.
7) (Deverá haver / Deverão haver) cinco anos que ocorreu o incêndio.
8) Aqui (faz / fazem) verões terríveis.
9) (Vai fazer/ Vão fazer) cem anos que nasceu o genial artista.
10) (Começou a haver / Começaram a haver) abusos.
11) Não (podem / pode) haver rasuras neste documento.
12) (Haviam / Havia) muitos anos que não vinha ao Rio.
13) (Choviam / Chovia) insultos entre os torcedores, após o jogo.
14) Talvez ainda (haja / hajam) vagas naquela escola.
15) Por cima do fogão (deviam / devia) haver fósforos.
16) (Fazem / Faz) hoje precisamente sete anos.
17) Não pode (haverem / haver) boas leis sem bons legisladores.
18) (Vai / Vão) haver grandes festas.
19) Nas fazendas (haveriam / haveria) alimentos frescos e baratos.
20) Males inevitáveis (iam / ia) chover sobre mim.
21) Naquela época (tinha / tinham) muitos feriados religiosos.
22) (Faz / Fazem) mil anos que aquela estrela está ali.
23) (Vai / Vão) haver desistências.
24) Nessa época (haviam / havia) ali muitas rivalidades.
25) (Faz / Fazem) alguns anos que nós viajamos.
26) (Há / Hão) de haver razões para ele não vir.
27) Após a reunião (haverá / haverão) debates.
28) (Houve / Houveram) alterações na folha de pagamento.
29) Nos rios e lagos não (havia / haviam) mais peixes.
30) (Há / Hão) de existir ainda outro motivo.
31) Na minha turma (havia / haviam) alunos brilhantes.
32) No Rio de Janeiro (faz / fazem) dias muito bons.
33) (Haveria / Haveriam) estrelas brilhando no céu?

34) (Deve \ Devem) fazer uns cinco anos que não vou lá.
35) Não parecia que dali (houvessem / houvesse) saído tantas riquezas.
36) Na cidade (havia / haviam) poucos médicos.
37) Cinco meses (vai / vão) fazer que não chove mais no sertão.
38) (Deve / Devem) haver alternativas energéticas.
39) (Deve / Devem) existir outras opções de investimentos.
40) A noite está tão fria que (chove / chovem) tristezas em meu pensamento

GABARITO

1. e
2. c
3. e
4. e
5. e
6. a
7. e
8. d
9. a
10. e
11. a
12. d
13. d
14. d
15. d
16. b
17. b
18. b
19. a
20. d
21. c
22. e
23. e
24. d
25. b
26. 1) faz
    2) havia
    3) choveram
    4) havia
    5) havia
    6) fazia
    7) deverá
    8) faz
    9) vai fazer
    10) começou
    11) pode
    12) havia
    13) choviam
    14) haja
    15) devia
    16) faz
    17) pode
    18) vai
    19) Haveria
    20) iam
    21) tinham
    22) faz
    23) vai
    24) havia
    25) faz
    26) há
    27) haverá
    28) houve
    29) havia
    30) hão
    31) havia
    32) faz
    33) haveria
    34) deve
    35) houvessem
    36) havia
    37) vai
    38) deve
    39) devem
    40) chovem

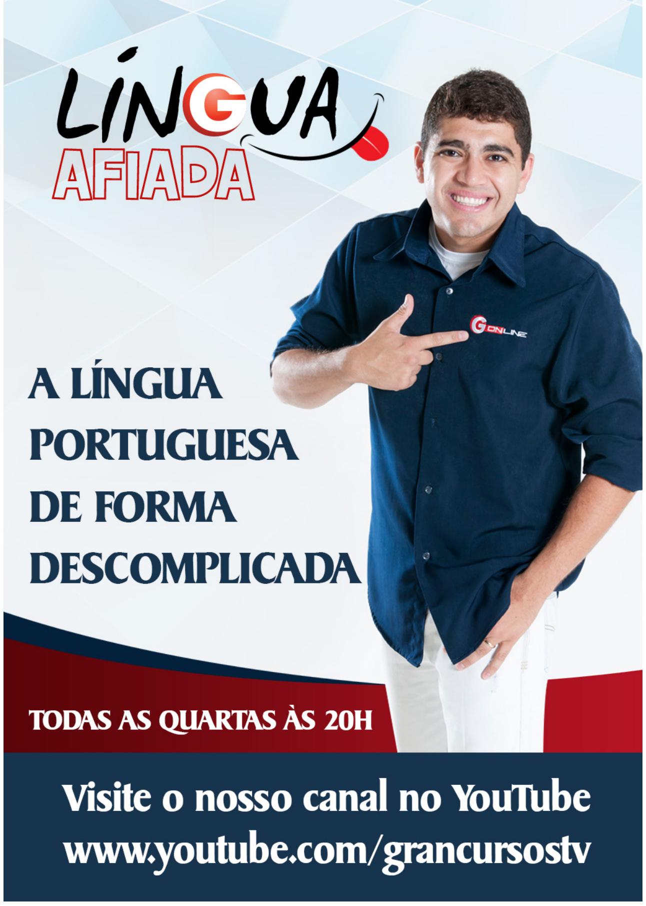
LÍNGUA AFIADA
A LÍNGUA PORTUGUESA DE FORMA DESCOMPLICADA
TODAS AS QUARTAS ÀS 20H
Visite o nosso canal no YouTube
www.youtube.com/grancursostv

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

APRENDA A DISCIPLINA QUE MAIS REPROVA EM CONCURSOS COM OS MAIORES MESTRES

GRAN CURSOS
ESCOLA PARA CONCURSOS PÚBLICOS
24 ANOS DE TRADIÇÃO

GRAN CURSOS ONLINE
O CLICK QUE PODE MUDAR O SEU FUTURO

Acesse www.grancursos.com.br e SAIBA +

Aula 04

Português p/ DETRAN-CE (Agente de Trânsito e Fiscal de Transportes) Com videoaulas

Professor: Felipe Luccas

23277017915 - Davi Pedro da Silva

AULA 03

EMPREGO DAS CLASSES III (VERBO)

Sumário

Sumário ... 1
Noções Introdutórias ... 2
Emprego de tempos e modos verbais ... 2
Modo Indicativo ... 3
Modo Subjuntivo ... 15
Modo Imperativo ... 21
Verbos Auxiliares ... 24
Verbos de Ligação ... 26
Tempos compostos ... 28
Verbos traiçoeiros, dissimulados e polêmicos ... 30
Verbos defectivos ... 40
Verbo Vicário ... 43
Formas nominais do verbo ... 44
Correlação dos tempos verbais ... 51
Vozes Verbais ... 58
Locução Verbal x Tempo Composto ... 70
Verbos Pronominais ... 72
Lista de questões comentadas na aula ... 73
Gabaritos ... 95

23277017915 - Davi Pedro da Silva

VERBO

Noções Introdutórias

Olá, pessoal! Vamos riscar mais um item desse edital?? 😝

Verbo é um assunto muito cheio de detalhes e cai demais em provas. Abordaremos esse assunto de uma maneira mais prática, usando verbos conhecidos como referência. Esses verbos vão servir de modelos para a conjugação daqueles que mais caem na prova, então você tem que dominar a conjugação dos verbos modelo. **Praticaremos muito**! Não há muito pra onde fugir rs...

Eu proponho também outra forma de estudar a matéria, isto é, focar muito mais nos exemplos do que tentar gravar as regras com todos aqueles nomes técnicos de tempos e modos verbais. Vou economizar no gramatiquês sempre que possível e enriquecer a aula com mais exemplos, que você deve ler e incorporar como uma possibilidade da língua. Isso vai te ajudar a reconhecer a alternativa correta na hora da prova.

Quando eu trouxer a conjugação de um verbo, leia com atenção e grife aquelas terminações que você não conhecia ou que soaram "estranhas". Escreva-as no canto do material, para poder revisar. Essas são as que podem te confundir.

Nos temas correlação e modo imperativo, é fundamental memorizar os exemplos, pois eles se repetem muito e são mais palatáveis que a teoria que os justifica.

Aprenderemos também que, embora os tempos e modos verbais tenham seus sentidos mais "clássicos", muitas vezes, outros elementos do contexto podem dar a eles outras nuances semânticas. A banca explora muito isso. Vamos começar, olho na vaga!!

Emprego de tempos e modos verbais

Verbos é a classe ***variável*** (varia em tempo, modo, número, pessoa, voz) que expressa ***ação, estado, fenômeno e processos em geral***.

Agora vamos ao que interessa.

Para trabalharmos com verbos, temos que dominar um verbo de cada conjugação, que nos sirva de modelo. Depois estudaremos as exceções que as bancas mais gostam de cobrar, verbos que se parecem, enganam, mas não seguem uma determinada conjugação, como verbos irregulares e anômalos.

Os verbos podem ser de **1ª** conjugação (terminam em **-ar**), de **2ª** (terminam em **-er**) e **3ª** (terminam em **-ir**). Assim mesmo, na ordem alfabética **A**, **E**, **I**...Temos então que saber um verbo de cada conjugação e usá-lo como modelo.

Por finalidade mnemônica, nesta aula vamos usar como modelo os verbos beb**er** (**2ª** conjugação), ca**ir** (**3ª** conjugação) e levant**ar** (**1ª** conjugação) =).

23277017915 - Davi Pedro da Silva

O verbo é formado de **radical**+**vogal temática**+**desinências modo-temporais e número-pessoais** (DMT) e (DNP). Essas "partes" do verbo vão denunciar seu sentido primário, tempo, modo, número, pessoa, conjugação.

Por exemplo, em "Agora ama**mos** chocolate" a desinência número-pessoal **–mos** revela que o sujeito é a primeira pessoa do plural, ***nós***, e que a ação de amar se passa no presente. A desinência**–va** em "eu amava um beija-flor" revela que o verbo amar está no pretérito imperfeito, que indica hábito no passado.

O modo indica a atitude da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia. Há 3 modos verbais: Indicativo, Subjuntivo e Imperativo.

Modo Indicativo

Modo verbal que expressa certeza.

Presente do indicativo:

	Levantar	**Beber**	**Cair**
Eu	Levant**o**	Beb**o**	Ca**io**
Tu	Levant**as**	Beb**es**	Ca**is**
Ele	Levant**a**	Beb**e**	Ca**i**
Nós	Levant**amos**	Beb**emos**	Ca**ímos**
Vós	Levant**ais**	Beb**eis**	Ca**ís**
Eles	Levant**am**	Beb**em**	Ca**em**

Semântica: Indica um fato que ocorre no momento em que se fala. Veja os sentidos que seu uso pode implicar.

- ✓ **Fato permanente, verdade atemporal:** A água ferve a 100 graus.
- ✓ **Hábito ou rotina:** Eu corro e nado todo dia.
- ✓ **Fato pontual:** Ele está ranzinza hoje.
- ✓ **Futuro próximo:** A novela começa hoje à noite.
- ✓ **Presente histórico:** Em 1908, nasce o mito. (dá caráter de atualidade)

Para reconhecer esse tempo, pense "***hoje*** eu_________": Hoje eu corro/Hoje ele está/hoje começa/hoje nasce...

23277017915 - Davi Pedro da Silva

HORA DE
PRATICAR!

1. (CESPE / Funpresp / 2016) Adaptada

> *...Creio que os artigos de psicologia não foram publicados, pois há tempo li este anúncio num semanário: "Intelectual desempregado. Amadeu Amaral Júnior, em estado de desemprego, aceita esmolas, donativos, roupa velha, pão dormido. Também aceita trabalho". O anúncio não produziu nenhum efeito.*
>
> Com relação às ideias e aos aspectos linguísticos do texto, julgue o item que se segue.
>
> O sujeito da oração 'também aceita trabalho' está elíptico e se refere a 'Amadeu Amaral Júnior', o que justifica o emprego da forma verbal "aceita" na terceira pessoa do singular.

Comentários:

Questão simples de conjugação no presente do indicativo. O sujeito é Amadeu: Eu, primeira; tu, segunda; Ele, terceira pessoa do singular. **Ele** aceit**a** esmolas... (ele) também aceita trabalho.

Observe que essa separação por ponto final foi proposital: serve para quebrar a expectativa do leitor, ao introduzir um item de natureza diferente daqueles que vinham sendo listados. Questão correta.

2. (CESPE / TJ-DF / 2015) Adaptada

> *...O direito não é mero pensamento, mas sim força viva. Por isso, a justiça segura, em uma das mãos, a balança, com a qual pesa o direito, e, na outra, a espada, com a qual o defende.*
>
> Com referência às ideias apresentadas no texto precedente e a seus aspectos linguísticos, julgue o item a seguir.
>
> A forma verbal "defende" está flexionada na terceira pessoa do singular por concordar com seu sujeito, cujo referente é "a justiça".

Comentários:

Vamos ver os referentes das palavras: com a qual (a espada) o (o direito) defende (a justiça). Organizando: ***A justiça*** *(ela, 3ª pessoa)* ***defende*** *o direito com a espada.* Esse é um exemplo de flexão verbal, em número e pessoa.

Aproveito aqui para explicar a diferença entre referente e sujeito, que nem sempre coincidem. Sujeito é categoria sintática, é gramatical. Referente é categoria semântica. Vejam:

A espada que defende o direito é afiada. O **sujeito** do verbo defender é o pronome relativo "**que**", dentro de uma oração adjetiva, marcada em amarelo. Já o **referente** do relativo "que" é seu antecedente "**espada**", que é sujeito do verbo ser, na oração principal (a espada é afiada). Logo, o referente é espada e o sujeito é o pronome "que".

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Vamos ver mais uma: *Tenho problemas* ***que*** *poderiam ser resolvidos logo.*

Quem é o referente? É o substantivo **"problemas"**, a quem o verbo "***resolver"*** se refere semanticamente.

Quem é o sujeito sintático dentro dessa oração destacada? É o pronome relativo "que"; por isso o verbo está concordando na terceira do plural, para concordar com o antecedente do "que": "problemas".

Observe que não há concordância do "que" com o verbo. Questão correta.

3. (CESPE / STJ / 2015) Adaptada

> *Com a justiça privada, o tipo de pena ou sanção deixou de ser uma surpresa para seu destinatário, e não mais correspondia a todo e qualquer ato que o ofendido pretendesse; ao contrário, a punição do ofensor passou a sofrer os limites da extensão e da intensidade do dano causado.*
>
> Acerca das estruturas linguísticas do texto, julgue o item a seguir.
>
> A substituição das formas verbais "deixou", "correspondia" e "passou" por "deixa", "corresponde" e "passa", respectivamente, manteria a correção e a coerência do texto.

Comentários:

O texto traz a evolução histórica da responsabilidade civil, mostra como funcionava a justiça no passado. Naturalmente, é escrito predominantemente no pretérito imperfeito, que expressa hábitos e ações contínuas no passado. Porém, a banca sugere que troquemos alguns verbos no pretérito por verbos no presente:

Com a justiça privada, o tipo de pena ou sanção ~~deixou~~ deixa de ser uma surpresa para seu destinatário, e não mais ~~correspondia~~ corresponde a todo e qualquer ato que o ofendido pretendesse; ao contrário, a punição do ofensor passa a sofrer os limites da extensão e da intensidade do dano causado.

Observe que a substituição não causa erro ou incoerência, **apenas usa o presente histórico para aproximar o fato passado do tempo real, do tempo da fala**. Essa é uma das possibilidades semânticas do presente do indicativo. Basta lembrar as biografias: "Em 1839 nasce Machado de Assis...". No entanto, a referência temporal continua sendo o passado.

Questão correta.

Pretérito Perfeito do indicativo:

	Levantar	**Beber**	**Cair**
Eu	Levant**ei**	Beb**i**	Ca**í**
Tu	Levant**aste**	Beb**este**	Ca**íste**
Ele	Levant**ou**	Beb**eu**	Ca**iu**

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Nós	Levant**amos**	Beb**emos**	Caí**mos**
Vós	Levant**astes**	Beb**estes**	Caí**stes**
Eles	Levant**aram**	Beb**eram**	Caí**ram**

Semântica: Na sua forma simples, indica um **fato perfeitamente acabado** no passado, isto é, ações concluídas antes do momento da fala. Pense "***ontem*** eu______". Ontem levantei/ele bebeu/eles caíram...

Veja os sentidos que seu uso pode implicar.

- ✓ **Fato que teve início e fim num passado próximo ou distante**.

Ex: Li duas aulas de constitucional hoje.

Ex: Li muitos livros na minha infância.

- ✓ **O pretérito perfeito composto (tenho+particípio) expressa uma ação que começou no passado e se prolonga até o presente.**

Ex: Tenho levantado cedo todos os dias ultimamente.

Essa locução também poderia ser substituída por ***"venho levantando"***, pois o gerúndio mantém essa ideia de 'continuidade' e 'duração' do processo.

Obs: Nos tempos compostos (TER/HAVER+PARTICÍPIO), o tempo de conjugação do verbo auxiliar normalmente dá o nome do tempo verbal composto. Por exemplo: *eu **terei** feito*. O auxiliar ***terei*** está no futuro do presente, então este é o futuro do presente composto.

Porém, excepcionalmente, isso não acontece no **pretérito perfeito composto**, pois o verbo auxiliar, apesar do nome, fica no presente.

4. (MPE-SC / Promotor de Justiça / 2016)

> Em "*os navegadores europeus reconheceram*" a forma verbal encontra-se no pretérito perfeito do indicativo, tempo que indica ação ocorrida e concluída em determinado momento do passado.

Comentários:

Exato. Chama-se pretérito perfeito porque indica uma ação concluída, perfeitamente acabada. Questão correta.

Pretérito Imperfeito do indicativo:

	Levantar	**Beber**	**Cair**
Eu	eu levantav**a**	eu beb**ia**	eu ca**ía**
Tu	tu levantav**as**	tu beb**ias**	tu ca**ías**
Ele	ele levantav**a**	ele beb**ia**	ele ca**ía**

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Nós	nós levantáv**amos**	nós bebíam**os**	nós caíam**os**
Vós	vós levantáv**eis**	vós bebí**eis**	vós caí**eis**
Eles	eles levantav**am**	eles bebi**am**	eles caí**am**

Para conjugar esse verbo, pense: "***antigamente*** eu______": Antigamente eu bebia/eles caíam/elas levantavam...

Veja os sentidos que seu uso pode implicar.

✓ **Fatos repetidos, frequentes, habituais no passado**:

Ex: Antigamente eu estudava todo dia e ainda malhava.

Ex: Quando eu era pequeno, eu achava a vida chata.

✓ **Uma ação que estava ocorrendo (ação durativa ou contínua) quando outra (instantânea) aconteceu**.

Ex: Eu estava dormindo, quando o cachorro latiu.

✓ **Ação planejada, esperada, que não se realizou.**

Ex: Eu pretendia começar hoje o curso, porém foi tudo cancelado.

Ex: Quando eu ia avisar, já era tarde demais.

5. (CESPE / TCE-PA / 2016)

> *Mas o tenente Souza pensava de modo contrário!*
>
> *Apontava à lua com o dedo, deixava-se ficar deitado quando passava um enterro, não se benzia ouvindo o canto da mortalha, dormia sem camisa, ria-se do trovão! Alardeava o ardente desejo de encontrar um curupira, um lobisomem ou uma feiticeira. Ficava impassível vendo cair uma estrela, e achava graça ao canto agoueiro do acauã, que tantas desgraças ocasiona. Enfim, ao encontrar um agouro, sorria e passava tranquilamente sem tirar da boca o seu cachimbo de verdadeira espuma do mar.*
>
> Julgue o item que se segue, referente aos aspectos linguísticos do texto.
>
> No último parágrafo do texto, o emprego das formas verbais no pretérito imperfeito do indicativo indica que as ações do tenente Souza eram habituais. Tais hábitos acabam por caracterizar o personagem.

Comentários:

Exatamente. O pretérito imperfeito tem sentido de ações continuadas, habituais, frequentes, durativas no passado. No texto em tela, o personagem foi caracterizado por meio desses hábitos expressos pelo pretérito imperfeito do indicativo. Questão correta.

6. (FCC / MANAUSPREV / 2015)

> *"na época, o látex representava 50% da exportação do Brasil"*
>
> O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima encontra-se em:

23277017915 - Davi Pedro da Silva

> a) ... mas conheço um pouco o interior da Amazônia.
>
> b) .. quando já era uma fortaleza avançada dos portugueses...
>
> c) A temática amazônica se impõe...
>
> d) ... escreveria sobre Paraty ou Pequim, certamente.
>
> e) E teve uma importância econômica fundamental durante 40 anos...

Comentários:

“represent**ava**” está no pretérito imperfeito, que denota um aspecto durativo, uma ação continuada ou habitual no passado. Outra pista nesse sentido é o adjunto adverbial de tempo “na época”. Analisemos cada alternativa.

a) conheço – presente do indicativo.

b) era – pretérito imperfeito. Nossa resposta.

c) se impõe - presente do indicativo

d) escreveria- futuro do pretérito.

e) E teve – pretérito perfeito.

Gabarito Letra B.

7. (FCC / Auditor Fiscal / SEFAZ-RJ / 2014)

> *Portugal e os Países baixos tinham uma longa história de relações comerciais, quando, em 1580, o Reino uniu-se à monarquia plural dos Habsburgo madrilenos...*
>
> Está correto o que se afirma em:
>
> Na frase inicial do segundo parágrafo, a correlação entre as formas verbais empregadas evidencia que, em um cenário de ação prolongada, foi fixada uma outra ação, enquadrada em um espaço de tempo determinado.

Comentários:

Um dos usos do pretérito perfeito é indicar que uma ação, que teve início e fim num espaço de tempo determinado, interrompeu outra que estava em curso, em caráter continuado.

A relação Portugal-Países baixos é mostrada como sendo duradoura, prolongada, até o momento em que foi interrompida pela aliança com a Monarquia dos Habsburgo. Questão correta.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo:

	Levantar	**Beber**	**Cair**
Eu	eu levant**ara**	eu beb**era**	eu ca**íra**
Tu	tu levant**aras**	tu beb**eras**	tu ca**íras**
Ele	ele levant**ara**	ele beb**era**	ele ca**íra**
Nós	nós levantáramos	nós beb**êramos**	nós ca**íramos**

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Vós	vós levant**áreis**	vós beb**êreis**	vós ca**íreis**
Eles	eles levant**aram**	eles beb**eram**	eles ca**íram**

✓ **Indica um evento perfeitamente acabado antes de outro no passado, ou seja, uma ação passada antes de outra passada.**

Ex: Quando cheguei ao ponto, o ônibus já **passara**.

Ex: Já **passara** das dez quando o taxi chegou.

Fique atento, sua terminação é **–RA**.

Esse tempo caiu em desuso na língua portuguesa. Hoje, sua principal função linguística é derrubar o combalido candidato de concurso público. Interessa-nos saber aqui que existe o pretérito **mais-que-perfeito composto, que é semanticamente equivalente ao mais-que-perfeito simples**.

O mais que perfeito composto é formado pela locução **Tinha/Havia+Particípio**

Ex: Quando cheguei ao ponto, o ônibus já **havia passado**.

Ex: Já **tinha passado** das dez quando o taxi chegou.

Repito, é possível a substituição do simples pelo composto sem alteração semântica ou prejuízo à coesão, à coerência ou à correção gramatical. As frases acima são reescrituras semanticamente equivalentes.

8. (FGV / TJ-SC / 2015)

> *"Quebrado de cansaço pelo excesso de trabalho, o policial tinha adormecido na portaria da revista".*
>
> O tempo simples correspondente à forma verbal sublinhada é:
>
> a) havia adormecido; b) adormecendo; c) adormecia; d) adormeceria;
>
> e) adormecera.

Comentários:

O pretérito mais que perfeito simples é marcado pela terminação **–ra** e equivale à locução **tinha/havia+particípio**. Então, "tinha adormecido" equivale a "adormecera". A letra A era pegadinha, pois também traz tempo composto e a questão pede o tempo simples equivalente. Gabarito letra e.

INDO MAIS
FUNDO!

Atenção: é *"possível", em alguns casos específicos,* usar o pretérito perfeito no lugar do pretérito mais-que-perfeito sem prejuízo gramatical ou mudança de sentido. Isso ocorre em orações temporais, ou quando se subentende pelo contexto que aquela ação ocorreu antes de outras, numa

23277017915 - Davi Pedro da Silva

narrativa que já posiciona os fatos no passado. Esse uso é abonado por gramáticos tradicionais, como Bechara e Sacconi.

Ex: Depois que viu (= vira) a confusão, achou melhor se afastar.

Ressalto que tem que haver um contexto específico que permita essa equivalência. Não é para sair por aí pensando que tanto faz um ou outro, hein!!!

Bem, nunca é demais alertar, pois esse uso foi cobrado recentemente!

9. (ESAF / ANAC / Analista / 2016)

> Assinale a opção que apresenta substituição correta para a forma verbal **contribuiu**
>
> *No início da década de 60, trinta anos depois de sua fundação, a Panair já era totalmente nacional. Era uma época de crise na aviação comercial brasileira, pois todas as companhias apresentavam problemas operacionais e crescentes dívidas para a modernização geral do serviço que prestavam. Uma novidade **contribuiu** para apertar ainda mais a situação financeira dessas empresas — a inflação. Apesar disso, não foram esses problemas, comuns às concorrentes, que causaram a extinção da Panair.*
>
> a) contribuísse b) contribua c) contribuíra d) contribuindo e) contribuído

Comentários:

O pretérito mais-que-perfeito indica uma ação acabada em relação a outra também acabada no passado. Por essa razão, nesse contexto, poderíamos substituir pelo pretérito perfeito simples, porque já há um marco temporal passado definido e referências a outras ações passadas: "na década de 60", "não foram esses problemas que causaram". A banca explorou essa possibilidade aqui e usou no texto original o pretérito perfeito no lugar do mais-que-perfeito.

A única opção válida é a letra c, pois é a única que traz uma ação perfeita, acabada, assim como "contribuiu". Nas letras a e b, há sentido hipotético, pois temos modo subjuntivo; na D, há sentido de continuidade. Na letra e, temos um particípio, não faria sentido: ***Uma novidade ~~contribuído~~... Gabarito letra c.

10. (IF-CE / Técnico TI / 2017)

> *Agi com boa intenção. Talvez ele gostasse. Veio um hambúrguer de quinoa frita. Duas desvantagens de uma vez: engordava por causa da fritura e só tinha gosto do óleo em que **mergulhara**! Quase perdi o amigo!*
>
> O verbo "mergulhar" está empregado no pretérito mais-que-perfeito do indicativo e assinala
>
> a) uma ação habitual.
>
> b) uma ação anterior a outro fato do passado.
>
> c) um fato passado, mas de incerta localização no tempo.
>
> d) um acontecimento que ocorria com frequência no passado.
>
> e) um fato já concluído em determinado momento do passado.

Comentários:

O verbo "mergulha**ra**" traz a terminação **–ra**, marca do pretérito mais-que-

23277017915 - Davi Pedro da Silva

perfeito. Este tempo indica uma ação passada que é anterior a outra ação também passada. No caso, o hamburguer foi mergulhado antes de vir, ação também ocorrida no passado (veio). Gabarito letra B.

Futuro do presente do indicativo:

	Levantar	**Beber**	**Cair**
Eu	eu levantar**ei**	eu beber**ei**	eu cair**ei**
Tu	tu levantar**ás**	tu beber**ás**	tu cair**ás**
Ele	ele levantar**á**	ele beber**á**	ele cair**á**
Nós	nós levantar**emos**	nós beber**emos**	nós cair**emos**
Vós	vós levantar**eis**	vós beber**eis**	vós cair**eis**
Eles	eles levantar**ão**	eles beber**ão**	eles cair**ão**

Para conjugar o futuro do presente, pense: "amanhã eu_______": amanhã eu farei/ele levantará/eles cairão...

- ✓ **Indica fato futuro em relação ao momento da fala.**

Ex: Passarei no concurso dos meus sonhos.

- ✓ **Indica também um futuro considerado certo por quem fala:**

Ex: O táxi chegará às 23h.

- ✓ **Pode também indicar incerteza ou dúvida (geralmente em perguntas).**

Ex: Será que a prova vai vir fácil?

Ressalto que, atualmente, praticamente não se usa o futuro do presente simples na linguagem falada. O falante normalmente substitui esse tempo por uma expressão verbal formada por **Presente do verbo IR+Verbo no Infinitivo**: "eu vou fazer" no lugar de "eu farei".

11. (Fepese / SJC-SC / 2016) Adaptada

> *(ii) "O Governo vai gastar mais dinheiro com cadeia. Falam que lá dentro não é fácil, que aqui sim é uma escolinha."*
>
> Em (ii), a perífrase verbal *"vai gastar"* está no tempo presente, podendo ser substituída pela forma simples *"gasta"*, sem alterar o significado temporal da frase..

Comentários:

Perífrase quer significa uma reescritura com mais palavras. Sabemos que a expressão "Presente do verbo IR+INFINITIVO" é uma forma equivalente do futuro do presente simples: Vai gastar=gastará. Trocar futuro por presente (gasta) com certeza vai alterar o significado temporal. Questão incorreta.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

12. (CESPE / TELEBRAS / 2015) Adaptada

> *Com a construção do primeiro satélite geoestacionário brasileiro, a segurança do tráfego de dados importantes no país poderá aumentar, uma vez que eles passarão a ser criptografados. Segundo o presidente da TELEBRAS, um dos objetivos do desenvolvimento do satélite será a proteção às redes que transmitem informações sensíveis do governo federal.*
>
> No que se refere às estruturas linguísticas do texto acima e às ideias nele desenvolvidas, julgue o item a seguir.
>
> Haveria prejuízo da correção e da coerência do texto caso, no primeiro parágrafo, as formas verbais "poderá" e "será" fossem substituídas por "**pode"** e "**é"**, respectivamente.

Comentários:

Não haveria prejuízo, pois o *presente do indicativo* indica certeza, fato e o *futuro do presente* também pode indicar fato futuro considerado certo pela pessoa que fala. Tendo ambos sentidos semelhantes, a substituição não causa incoerência, nem erro gramatical. Além disso, apesar do verbo no futuro, o objetivo do satélite já ***é*** a proteção, já há sentido presente e atual. Questão incorreta.

Futuro do pretérito do indicativo:

Grave que esse tempo traz terminação **–RIA.** Para reconhecer esse tempo verbal, uma dia é pensar: "se eu pudesse, eu______". Nessa lacuna você vai inserir verbos como *levanta**ria**, bebe**ria**, cai**ria**, viaja**ria**...*

	Levantar	**Beber**	**Cair**
Eu	eu levantar**ia**	eu beber**ia**	eu cair**ia**
Tu	tu levantar**ias**	tu beber**ias**	tu cair**ias**
Ele	ele levantar**ia**	ele beber**ia**	ele cair**ia**
Nós	nós levantar**íamos**	nós beber**íamos**	nós cair**íamos**
Vós	vós levantar**íeis**	vós beber**íeis**	vós cair**íeis**
Eles	eles levantar**iam**	eles beber**iam**	eles cair**iam**

Como sugere o nome, indica fato futuro em relação a outro fato, no passado. O marco temporal é o pretérito e após esse marco pretérito ocorre uma ação.

Em outras palavras, designa ações posteriores à época de que se fala.

Ex: Eu di**sse** que você consegui**ria**. (primeiro eu disse, depois você conseguiu)

- ✓ **Assim como o futuro do presente, pode expressar incerteza sobre fatos passados:**

Ex: Quem seria capaz de acertar essa questão?

Ex: Ela teria, segundo estimativas, 4 milhões de libras.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

- ✓ **Em contextos condicionais, indica fatos que não se ocorreram e provavelmente não ocorrerão:**

Ex: Se eu soubesse, teria contado a todos.

Ex: Eu continuaria trabalhando, mesmo se ganhasse na loteria.

Nesse ponto, percebemos que há estreita correlação entre futuro do pretérito (-ia) e pretérito imperfeito do subjuntivo (-sse).

- ✓ **Pode ser usado para expressar polidez em pedidos e conselhos.**

Ex: Seria bom você estudar mais português.

Ex: Quem gostaria de uma sobremesa?

O futuro do pretérito composto (teria+particípio), funciona de forma muito semelhante. Observe:

Ex: Se tivéssemos morados juntos, teríamos sido felizes? ***(fato que teria ocorrido no passado, se concretizada uma condição)***

Ex: Imaginei que o ladrão teria escapado pela janela. ***(possibilidade ou incerteza sobre um fato passado).***

13. (CESPE / TRE-GO / 2015) Adaptada

> *Em 1880, o deputado Rui Barbosa, da Bahia, redigiu, a pedido do presidente do Conselho de Ministros, José Antônio Saraiva, o projeto de lei de reforma eleitoral. Em abril de 1880, o Ministério do Império enviaria o documento à Câmara dos Deputados. Aprovado posteriormente pelo Senado, em janeiro do ano seguinte seria transformado no Decreto n.º 3.029 e ficaria popularmente conhecido como Lei Saraiva. Por intermédio dela, seriam instituídas eleições diretas no país para todos os cargos, à exceção do de regente, amparado pelo Ato Adicional.*
>
> O tempo empregado nas formas verbais "enviaria" (l.3), "seria transformado", "ficaria" e "seriam instituídas" dá a entender que as ações correspondentes a essas formas verbais não se concretizaram, de fato, no ano de 1880.

Comentários:

As formas verbais do enunciado estão no futuro do pretérito, tempo que pode indicar hipótese, incerteza, ou ações que iriam acontecer, mas não ocorreram (Iria à praia, mas choveu). No entanto, no contexto, temos uma narrativa histórica (Em 1880...), de modo que o **texto informa que esses eventos aconteceram de fato**. O uso do futuro do subjuntivo é um recurso textual de modalização, para aproximar o fato do momento em que eles estavam para acontecer, de forma análoga ao uso do presente do indicativo para aproximar os fatos do tempo atual. Fique atento, pois o sentido final que um tempo verbal ***será sempre dito no contexto***, mesmo que tradicionalmente se atribua certo aspecto àquele tempo verbal. Questão incorreta.

14. (FGV / TJ-RO / Administrador / 2015) Adaptada

> *Segundo o seu criador Mark Zuckerberg, em seu segundo ano da Universidade de Harvard (2004), ele e seus amigos tinham muito a compartilhar: suas fotos, o que estudavam, de que gostavam, entre tantas*

23277017915 - Davi Pedro da Silva

> *outras coisas que os amigos curtem. Pensando nisso, Mark elaborou – em duas semanas e com apenas 19 anos de idade – a primeira versão do que se* ***tornaria*** *essa famosa rede social.*
>
> A forma verbal "tornaria" foi empregada com o seguinte valor:
>
> a) marcar um fato futuro, mas próximo;
>
> b) transportarmo-nos a uma época passada e descrevermos o que seria ação futura;
>
> c) designar fatos passados concebidos como contínuos ou permanentes;
>
> d) indicar ações posteriores à época em que se fala;
>
> e) exprimir a incerteza sobre fatos passados.

Comentários:

Exatamente como diz a letra B, como sugere o próprio nome "futuro do pretérito". Quando se usa o futuro do pretérito, levamos a ação para um futuro que toma como marco temporal de referência um momento passado. Em 2004, Mark criaria o *facebook* porque naquele momento ainda não o tinha criado. Se tomarmos como referência o momento atual, diremos: Em 2004, Mark criou o *facebook*. Se quisermos trazer a narrativa para próximo do momento o exato momento em que ocorria, poderia dizer, como presente histórico: Em 2004, Mark cria o *facebook*. A língua traz todas essas possibilidades; fique atento ao enfoque que autor pretende dar à sua narração. A resposta não poderia ser a letra E, pois não há incerteza sobre o fato de que o *facebook* foi criado. Sabemos que ele foi de fato criado. Essa alternativa era para pegar aqueles que simplesmente decoram o valor semântico que modo verbal costuma ter e sai marcando sem observar o contexto. Vamos comentar as outras:

a) marcar um fato futuro, mas próximo;

Futuro do presente ou o próprio presente: hoje saio às 22h.

c) designar fatos passados concebidos como contínuos ou permanentes;

Pretérito imperfeito do indicativo: Eu malhava e nadava todo dia;

d) indicar ações posteriores à época em que se fala;

Futuro do presente: Morrerei muito idoso; presente do indicativo: vou tomar posse amanhã;

Gabarito letra b.

15. (Cesgranrio / UNIRIO / 2016)

> *O tempo do carnaval era obrigatório. A despeiro de todas as mudanças, ele continua sendo a pausa que dá sentido e razão ao tempo como uma majestade humana. Este imperador sem rivais que diz que passa quando, de fato, quem passa somos nós.*
>
> No final do parágrafo, o autor compara o tempo a um imperador sem rivais, pois é o tempo "que diz que passa quando, de fato, quem passa somos nós" (l. 4-5).
>
> O presente do indicativo, empregado três vezes nessa passagem, produz o seguinte efeito de sentido:

23277017915 - Davi Pedro da Silva

> a) atribui validade permanente a uma afirmação.
>
> b) confere atualidade a uma ação ocorrida no passado.
>
> c) retrata algo ocorrido no momento da fala do imperador.
>
> d) indica um fato próximo, cuja realização é dada como certa.
>
> e) infere à cena apresentada uma descrição do momento vivido.

Comentários:

O modo indicativo expressa certeza. O presente do indicativo é utilizado para atribuir ao verbo tom de verdade universal, atemporal, geral e permanente: "a água ferve a 100 graus". Gabarito letra a.

Letra b: para conferir atualidade a ação ocorrida no passado, usamos o presente histórico: "Em 1839, nasce Machado de Assis". Não foi esse o uso do presente no contexto.

Letra c: o presente do indicativo pode, sim, ser utilizado para descrever algo que ocorre presentemente, no momento da fala: "está calor". Porém, no contexto, o presente foi utilizado para dar aspecto de verdade permanente.

Letra d: para indicar fato próximo, dado como certo, podemos utilizar o presente do indicativo no lugar do futuro: "a novela começa em duas horas". Porém, no contexto, o presente não foi utilizado com valor de futuro.

Letra e: não há descrição aqui, pessoal, apenas uma afirmação geral. Gabarito letra a.

Modo Subjuntivo

Expressa possibilidade, hipótese, fato incerto, duvidoso ou irreal.

As conjunções subordinativas, como regra, levam o verbo para o subjuntivo: ***ainda que eu estude; se eu pudesse; embora fosse; quando você vir; espero que passe na prova;***

Esse também é o tempo das orações subordinadas adjetivas: *quero um emprego que me faça bem*.

Presente do subjuntivo:

Para reconhecer esse tempo, pense: "Maria quer ***que eu***______", aí você terá um verbo no presente do subjuntivo: *que eu faça, que eu fale, que eu caia, que eu suba, que eu beba*...Veja:

	Levantar	**Beber**	**Cair**
Eu	que eu levant**e**	que eu beb**a**	que eu cai**a**
Tu	que tu levant**es**	que tu beb**as**	que tu cai**as**
Ele	que ele levant**e**	que ele beb**a**	que ele cai**a**
Nós	que nós levant**emos**	que nós beb**amos**	que nós cai**amos**

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Vós	que vós levant**eis**	que vós beb**ais**	que vós cai**ais**
Eles	que eles levant**em**	que eles beb**am**	que eles cai**am**

✓ **Indica possibilidade no presente ou no futuro:**

Ex: Pena que a vida não seja assim tão colorida.

Ex: Temo que a prova venha difícil.

Ex: Não quero que você beba mais.

16. (Fepese / SJC-SC / 2016) Adaptada

> *(i) "Ainda que os esforços institucionais sejam legítimos e variados para dar a esses jovens a rotina de uma escola de bairro, eles estão encarcerados e, ao contrário de quem está fora, não se esquecem disso."*
>
> Em (i), as formas verbais "sejam" e "esquecem" estão no tempo presente, mas diferem quanto ao modo, pois a primeira está no modo subjuntivo e a segunda, no indicativo.

Comentários:

Os modos verbais indicam a atitude do falante em relação ao que declara.

Para reconhecer o presente do subjuntivo, pense "maria quer que eu_____". O "que" vai levar o verbo para o subjuntivo, com terminação A/E: que eu faç**A**, que eles estud**E**m. Na questão, temos "que eles sej**A**m", nesse mesmo tempo e modo.

Esquecem está no presente, mas do indicativo, o mais comum: hoje eu esqueço, tu esqueces, ele esquece, nós esquecemos, vós esqueceis, **eles esquecem.**

Questão correta.

INDO MAIS
FUNDO!

Como mencionei antes, a conjunção subordinativa geralmente leva o verbo para o subjuntivo. Porém, observe a mudança de sentido que ocorre se trocarmos um tempo indicativo por um subjuntivo.

Ex: Alunos que estudam passam mais rápido. **(indicativo>certeza)**

Ex: Alunos que estudem passam mais rápido. **(subjuntivo>dúvida)**

Na primeira, o aluno estuda. Na segunda, talvez venham a estudar.

Ex: Há quem comete maldade e não sabe dizer a verdade. **(indicativo>certeza)**

Ex: Há quem cometa maldade e não saiba dizer a verdade. **(subjuntivo>dúvida)**

Na primeira, alguém comete. Na segunda, talvez venham a cometer.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

17. (CESPE / Telebrás / 2015) Adaptada

> *Revoltados com a mecanização, que diminuiria empregos e pioraria as condições de trabalho, movimentos organizados de trabalhadores ingleses calcularam que o melhor a fazer era destruir as máquinas das indústrias.*
>
> Acerca das ideias e das estruturas linguísticas do texto Tecnologia gera emprego, julgue o item subsequente. Seriam mantidas a correção gramatical e as relações de sentido do texto caso a forma verbal "diminuiria" fosse substituída por "poderia diminuir".

Comentários:

O futuro do pretérito pode indicar hipótese, porém, temos que observar o contexto. A forma "diminuiria" está sendo usada como indicativo de uma consequência certa da mecanização. Se mecanizar, vai diminuir. Já a locução "poderia diminuir" revela hipótese, possibilidade, algo pouco provável até: Se mecanizar, pode diminuir. Vejam que há mudança de sentido, pois alteraria o grau de certeza e probabilidade do fato no texto. Como a banca pergunta se a alteração manteria as relações de sentido do texto, o item está incorreto.

18. (CESPE / TCE / 2015) Adaptada

> *Embora a fiscalização de contas conste dos registros mais antigos...*
>
> O emprego do modo subjuntivo na forma verbal "conste" depende sintaticamente da presença da conjunção "Embora".

Comentários:

O subjuntivo é modo que expressa dúvida e incerteza. Mas nem sempre que houver um verbo no subjuntivo poderemos afirmar que ele está ali para expressar essa ideia. Muitas vezes ele é exigência de uma conjunção subordinativa.

Ex: Ainda que doesse, tomou a injeção (A injeção foi tomada, não há dúvida; o modo subjuntivo está sendo usado por demanda da conjunção subordinativa "ainda que").

O mesmo ocorre na questão, a fiscalização de contas de fato constava dos registros antigos; o modo subjuntivo depende sintaticamente da presença da conjunção *embora*. Questão correta.

19. (CESPE / TJ-DF 2015) Adaptada

> *Nesse sentido, a política de universalização do acesso à justiça deve contemplar dois eixos de atuação: o de proteção dos direitos violados (inclusive quando o órgão violador é o próprio Estado) e o de prevenção da violência, por meio do envolvimento da sociedade na formulação de uma política que assegure direitos e promova a paz.*
>
> No que se refere aos aspectos linguísticos do texto, julgue o próximo item.
> O uso do modo subjuntivo em "*que assegure direitos e promova a paz*" indica que a ideia expressa nessas orações é uma possibilidade.

Comentários:

Os dois eixos em questão ainda não foram aplicados. Seus efeitos estão, pois, no campo ainda da possibilidade e da incerteza. Esse sentido é tipicamente

23277017915 - Davi Pedro da Silva

expresso pelo modo subjuntivo, no caso da questão, no presente. Questão correta.

20. (CESPE / MPU / 2015) Adaptada

> *Em outras palavras, o inquérito policial é um procedimento policial que tem por finalidade construir um lastro probatório mínimo, ensejando justa causa para que o titular da ação penal possa formar seu convencimento, a* opinio delicti*, e, assim, instaurar a ação penal cabível.*
>
> Julgue o item que se segue, a respeito das estruturas linguísticas do texto.
>
> A correção gramatical e a coerência do texto seriam preservadas, caso as formas verbais "possa formar" e "instaurar" fossem substituídas, respectivamente, por **forme e instaure**.

Comentários:

Nas locuções verbais, somente o verbo auxiliar se flexiona. Na questão, "possa" está no presente do subjuntivo e forma um paralelismo, pois está implícito antes de "informar": possa formar e (possa) instaurar... Desse modo, não fere a coerência e a correção a substituição pelo verbo principal sozinho, no mesmo tempo e modo do verbo auxiliar da locução. O subjuntivo na locução também se deve pela presença da conjunção subordinativa integrante "que". Assim, temos: "Para que possa formar/instaurar" equivale a "que forme/instaure." Apenas a locução desapareceu. Questão correta.

21. (FCC / Técnico / TRE-RR / 2015)

> (nem creio que venha a ter)
>
> O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o sublinhado acima está em:
>
> a) ... que existam pássaros ...
>
> b) ... que ele entendia ...
>
> c) ... o que lhes ensinam ...
>
> d) ... que assim se chama.
>
> e) ... que uns dizem com voz rouca ...

Comentários:

Como dica para lembrar da conjugação de um verbo no subjuntivo, você deve pensar: "maria quer que eu______".

"Que venha a ter" é presente do subjuntivo, assim como "que existam". Até a conjunção que ajuda a matar a questão! "Entendia" é pretérito imperfeito do indicativo; "ensinam", "chama" e "dizem" estão no presente do indicativo. Gabarito letra A.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Pretérito imperfeito do subjuntivo:

	Levantar	**Beber**	**Cair**
Eu	se eu levanta**sse**	se eu bebe**sse**	se eu caí**sse**
Tu	se tu levanta**sses**	se tu bebe**sses**	se tu caí**sses**
Ele	se ele levanta**sse**	se ele bebe**sse**	se ele caí**sse**
Nós	se nós levantá**ssemos**	se nós bebê**ssemos**	se nós caí**ssemos**
Vós	se vós levantá**sseis**	se vós bebê**sseis**	se vós caí**sseis**
Eles	se eles levanta**ssem**	se eles bebe**ssem**	se eles caí**ssem**

✓ **Denota ação posterior a outro fato na oração principal:**

Ex: Duvidei que minha vó bebesse tanta tequila.

Ex: Pedia que eles se levantassem.

✓ **Denota , hipóteses, conjectura, condição ou desejo:**

Ex: Se eu estudasse todo dia, passaria em qualquer prova.

Ex: Seria melhor que falassem logo.

Ex: Temia que fosse um golpe.

O pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo pode indicar uma "ação irreal no passado":

Ex: Se a sorte tivesse nos favorecido, não faltaria dinheiro hoje.

Futuro do subjuntivo:

Para ajudar a conjugação, pense: "quando eu______"...

	Levantar	**Beber**	**Cair**
Eu	quando eu levanta**r**	quando eu bebe**r**	quando eu cai**r**
Tu	quando tu levanta**r**es	quando tu bebe**r**es	quando tu caí**r**es
Ele	quando ele levanta**r**	quando ele bebe**r**	quando ele cai**r**
Nós	quando nós levanta**r**mos	quando nós bebe**r**mos	quando nós cai**r**mos
Vós	quando vós levanta**r**des	quando vós bebe**r**des	quando vós cai**r**des
Eles	quando eles levanta**r**em	quando eles bebe**r**em	quando eles caí**r**em

✓ **Denota ação eventual ou hipotética no futuro:**

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Ex: Quando você me pagar, eu entregarei o produto.

Ex: "Se eu quiser falar com Deus, tenho que ficar a sós"

Ex: Direi adeus àqueles que me traírem.

Futuro do Subjuntivo X Infinitivo

Cuidado para não confundir o futuro do subjuntivo com o infinitivo, pois, em muitos verbos, a terminação é idêntica. Veja:

Ex: Quando eu **entregar** o trabalho, ficarei tranquilo. (futuro do subjuntivo)

Ex: Para **entregar** o trabalho, faço horas extras. (infinitivo)

Para distinguir um do outro, deve-se observar o contexto. Ressalto que o futuro do subjuntivo tem ideia de possibilidade/hipótese futura e geralmente vem apoiado numa conjunção "quando/se". O infinitivo geralmente vem após uma preposição.

Porém, o macete para fazer essa diferenciação imediatamente é trocar por um verbo que tenha infinitivo diferente do futuro do subjuntivo. **Troque pelo verbo fazer:**

Ex: Quando eu entregar **(fizer)** o trabalho, ficarei tranquilo. (futuro do subjuntivo)

Ex: Para entregar **(fazer)** o trabalho, faço horas extras. (infinitivo)

NÃO
CONFUNDA!

Propor (Infinitivo) **X** Propuser (futuro do subjuntivo)

Entreter (Infinitivo) **X** Entretiver (futuro do subjuntivo)

Ver (Infinitivo) **X** Vir (futuro do subjuntivo)

Vir (Infinitivo) **X** Vier (futuro do subjuntivo)

Essa diferença vale para os verbos derivados de ***por, ter, ver e vir***!!

22. (CESPE / SEDF / 2017)

> *O transporte é público, o corpo da mulher não.*
>
> *Asssédio sexual no ônibus é crime.*
>
> *Se você for ou vir alguém sendo assediado, ligue 190 e denuncie.*
>
> No terceiro período, "for" e "vir" são formas flexionadas no modo subjuntivo dos verbos de movimento **ir** e **vir**, empregadas em um jogo de palavras que

23277017915 - Davi Pedro da Silva

> aproxima o campo semântico do movimento com o campo semântico do transporte.

Comentários:

Na verdade, "for" e "vir" são formas flexionadas no modo subjuntivo dos verbos de movimento **ir** e **vEr.** O modo subjuntivo do verbo "vir" seria "vier". Questão incorreta.

Modo Imperativo

Expressa ordem, conselho, pedido, convite, súplica. Divide-se em afirmativo e negativo.

O imperativo afirmativo deriva quase inteiramente do presente do subjuntivo **(que eu beba, que eu caia, que eu levante)**, **exceto** nas pessoas **"tu"** e **"vós"**, que derivam do presente do indicativo (tu bebes, vós bebeis). Advinha o que cai mais na prova! A exceção! Naturalmente as exceções, que estão marcadas.

Resumindo: Com "tu" e "vós", teremos a mesma conjugação do presente do indicativo, só que sem o "S": ***Tu bebe~~s~~*** e ***Vós bebei~~s~~*** vai virar no imperativo ***bebe tu e bebei vós***.

Afirmativo	**Levantar**	**Beber**	**Cair**
Tu	**levanta** tu	**bebe** tu	**cai** tu
Ele (você)	levante ele	beba ele	caia ele
Nós	levantemos nós	bebamos nós	caiamos nós
Vós	**levantai** vós	**bebei** vós	**caí** vós
Eles	levantem eles	bebam eles	caiam eles

Ressalto que **não há imperativo na primeira pessoa**, pois não é possível dar uma ordem a sim mesmo =).

Abaixo segue o imperativo negativo, que segue o padrão do presente do subjuntivo normalmente, sem aquelas exceções do "tu" e "vós" explicadas acima. Você conjuga o subjuntivo, depois insere o "não". Simples!

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Negativo	**Levantar**	**Beber**	**Cair**
Tu	não levantes tu	não bebas tu	não caias tu
Ele (você)	não levante ele	não beba ele	não caia ele
Nós	não levantemos nós	não bebamos nós	não caiamos nós
Vós	não levanteis vós	não bebais vós	não caiais vós
Eles	não levantem eles	não bebam eles	não caiam eles

Importante é saber que não podemos misturar as pessoas, tu e você, pois a gramática exige uniformidade de tratamento.

Cuidado com verbos terminados em **–ZER/-ZIR**, pois geram um imperativo "meio estranho" aos ouvidos, mas correto: **Faze tu** ou Faz tu; **Conduze** ou conduz tu. O verbo *ser* tem as seguintes formas de imperativo: **Sê tu/Sede vós**.

ESTA CAI
NA PROVA!

23. (IESES / Bioquímico / PREF. SJC / 2017) Adaptada.

> Sobre alguns verbos, são apresentadas análises nas alternativas que seguem. Marque a única INCORRETA.
>
> a) "Jogai" está conjugado no modo imperativo afirmativo.
>
> b) Disser" está conjugado no presente do modo subjuntivo.
>
> c) "Seria" está conjugado no futuro do pretérito do modo indicativo.
>
> d) "Possa" está conjugado no presente do modo subjuntivo.

Comentários:

a) Correta. A forma "jogai" decorre da segunda pessoa do plural do presente do indicativo, sem o "S": nós jogamos, vós jogais. Daí temos: jogai vós.

b) Incorreta. Veja: "quando" eu disser (futuro do subjuntivo). A forma infinitiva seria "dizer".

c) Correta. A terminação "-ia" é marca do pretérito imperfeito, tempo que indica ação continuada, durativa ou habitual no passado.

d) Correta. "Possa" está conjugado no **presente** do modo subjuntivo. A marca do pretérito imperfeito do subjuntivo é a terminação **–SSE.**

Gabarito letra B.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

24. (UFSC / 2016)

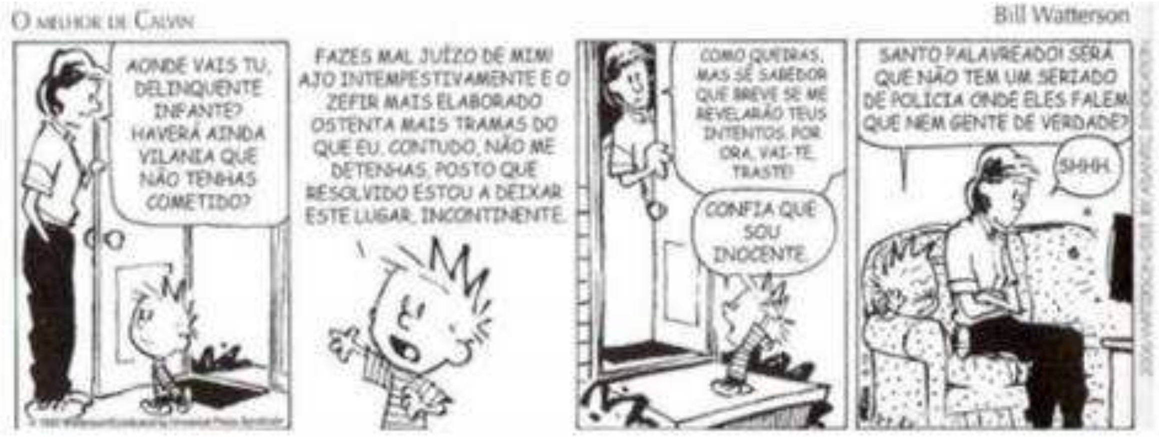
O MELHOR DE CALVIN
Bill Watterson
AONDE VAIS TU, DELINQUENTE INFANTE? HAVERÁ AINDA VILANIA QUE NÃO TENHAS COMETIDO?
FAZES MAL JUÍZO DE MIM! AJO INTEMPESTIVAMENTE E O ZÉFIR MAIS ELABORADO OSTENTA MAIS TRAMAS DO QUE EU. CONTUDO, NÃO ME DETENHAS, POSTO QUE RESOLVIDO ESTOU A DEIXAR ESTE LUGAR INCONTINENTE.
COMO QUEIRAS, MAS SÊ SABEDOR QUE BREVE SE ME REVELARÃO TEUS INTENTOS. POR ORA, VAI-TE, TRASTE!
CONFIA QUE SOU INOCENTE
SANTO PALAVREADO! SERÁ QUE NÃO TEM UM SERIADO DE POLÍCIA ONDE ELES FALEM QUE NEM GENTE DE VERDADE?
SHHH

Assinale a alternativa que completa CORRETAMENTE a frase.

A forma verbal "confia", no terceiro quadrinho do Texto 4, está empregada na:

a) terceira pessoa do imperativo afirmativo.

b) segunda pessoa do futuro do subjuntivo.

c) segunda pessoa do presente do indicativo.

d) segunda pessoa do imperativo afirmativo.

e) terceira pessoa do presente do indicativo..

Comentários:

Observe que Calvin se dirige a sua mãe, usando a segunda pessoa (tu). Aprendemos que o imperativo deriva quase todo do presente do subjuntivo, exceto nas pessoas "tu" e "vós", que seguem a conjugação do presente do indicativo, sem o "S".

Traduzindo, veja o presente do indicativo:

Eu confia, tu confias, ele confia, nós confiamos, vós confiais, eles confiam.

Para o imperativo, retire o "S": Confia Tu; Confiai Vós.

Gabarito letra d.

25. (CESPE / MI / ATA / 2009) Adaptada

A forma verbal "Escutai" está flexionada no modo subjuntivo e indica a incerteza do falante a respeito do que está dizendo.

Comentários:

"Escutai" é forma imperativa do verbo escutar, derivada do presente do indicativo *Vós escutais*, suprimindo o "s": Escutai vós. O imperativo expressa ordem, conselho, apelo. O subjuntivo, por sua vez, expressa dúvida, incerteza, hipótese. Questão incorreta.

26. (VUNESP / 2015)

Assinale a alternativa em que o verbo destacado está empregado no modo imperativo.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

> a) Ninguém lhe roubava a paz.
>
> b) O homem começou a insultá-lo...
>
> c) ... espalhará paz para todos...
>
> d) ... é uma pessoa muito mais feliz...
>
> e) ... mantenha-se em silêncio por alguns segundos.

Comentários:

“Manter”, no presente do subjuntivo, seria: que eu mantenha. Esse tempo origina o Imperativo: Mantenha você.

Se fossem as pessoas *tu* ou *vós*, o imperativo viria do presente do indicativo, suprimido o “s”, e teríamos: Tu mantén~~s~~ > Mantém tu/ Vós mantende~~s~~ > Mantende vós. Mais simples que isso seria observar que só a letra E tem tom de ordem, conselho.

“roubava” está no pretérito imperfeito do indicativo; “começou” está no pretérito perfeito do indicativo; “espalhará” está no futuro do presente do indicativo; “é” está no presente do indicativo. Gabarito letra E.

Verbos Auxiliares

Verbos auxiliares são aqueles se unem ao verbo principal em locuções verbais, formando uma oração única. Então, eles auxiliam na formação da locução e também adicionam algum sentido extra.

O verbo auxiliar se flexiona para concordar com o sujeito, enquanto o verbo principal permanece invariável, numa de suas formas nominais: infinitivo, particípio ou gerúndio.

O sentido principal está no verbo principal, ao passo que o auxiliar traz especificações semânticas da ação, como duração, modo, possibilidade.

Ex: Ele ***deve pensar*** muito em adotar um cão. (auxiliar “dever”+ infinitivo, indicando possibilidade, especulação...)

Ex: Eu ***tenho pensado*** muito em adotar um cão. (auxiliar “ter”+ Particípio, formando tempo composto- Pret. Perfeito)

Ex: ***Estou pensando*** muito em adotar um cão. (auxiliar “estar”+ gerúndio, indicando duração e continuidade do verbo “pensar”)

Os verbos Auxiliares podem trazer matizes semânticos de modo, “refinando” o sentido do verbo principal com informação extra sobre a “atitude” do locutor em relação ao verbo.

Ex: Ele ***pode*** estar doente (possibilidade, dúvida)

Ex: Você não ***pode*** entrar aqui (permissão, proibição)

Ex: Ele ***pode*** ficar horas sem dormir e não ficar cansado (capacidade, habilidade)

Ex: O credor ***deve*** depositar um caução (imposição, dever, obrigação)

Ex: Ele ***deve*** estar chegando (possibilidade, probabilidade)

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Ex: ***Deve*** haver centenas como você (possibilidade, probabilidade)

Ex: Você ***deve*** estudar mais, se quiser vencer. (conselho)

Ex: Vocês ***hão*** de passar (desejo)

Ex: ***Tenho*** que ir (dever, obrigação)

Ex: Ele ***parece*** ser esforçado (aparência, incerteza, possibilidade)

Ex: ***Comecei*** a fumar (aspecto incoativo, inceptivo, de início; *na fumava antes*)

Ex: ***Estou*** para tirar férias (sentido de iminência, ação por iniciar)

Esses auxiliares podem ser chamados de modalizadores, pois podem ser utilizados para suavizar ou intensificar o "tom" de verdade, certeza e possibilidade de uma afirmação.

27. (CESPE / TRE-PE / Técnico / 2017)

> *A moralidade, que deve ser uma característica do conjunto de indivíduos da sociedade, deve caracterizar de modo mais intenso ainda aqueles que exercem funções administrativas e de gestão pública ou privada. Com relação a essa ideia, vale destacar que o alcance da moralidade vincula-se a princípios ou normas de conduta, aos padrões de comportamento geralmente reconhecidos, pelos quais são julgados os atos dos membros de determinada coletividade. Disso é possível deduzir que os membros de uma corporação profissional — no caso, funcionários e servidores da administração pública — também* ***devem ser submetidos ao julgamento ético-moral****. A administração pública deve pautar-se nos princípios constitucionais que a regem. É necessário, ainda, que tais princípios estejam pública e legalmente disponíveis ao conhecimento de todos os cidadãos, para que estes possam respeitá-los e vivenciá-los.*
>
> No texto, a forma verbal *"devem"*, no trecho *"os membros de uma corporação profissional* ***(...) também devem ser submetidos ao julgamento ético-moral"*** , foi empregada no sentido de
>
> A) probabilidade.
>
> B) capacidade.
>
> C) permissão.
>
> D) obrigação.
>
> e) necessidade.

Comentários:

Pela leitura do texto, entendemos que os servidores públicos devem ser submetidos a julgamento ético-moral por decorrência do princípio constitucional da moralidade. Se essa submissão decorre de norma constitucional, o verbo "dever" indica obrigação, imposição. Gabarito letra D.

28. (FUNCAB / Polícia Civil / Papiloscopista / 2016)

> Ao substituir-se "um fato" por "fatos", em*: "existe um fato na Psicologia-Psiquiatria forense que é 100% de certeza"*, preserva-se a norma de concordância verbal com a seguinte construção modalizadora:
>
> a) devem haver fatos.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

> b) deve existir fatos.
>
> c) deve haverem fatos.
>
> d) devem existirem fatos.
>
> e) deve haver fatos..

Comentários:

Como regra geral, o verbo auxiliar se flexiona para concordar com seu sujeito. Já o verbo haver (com sentido de existir), é impessoal, não tem sujeito e permanece no singular. Devem existir fatos=**Deve** haver fatos

Quando a banca diz "expressão modalizadora", se refere ao uso de um auxiliar modal numa locução verbal: foi trocado "existe" (certeza) por "deve haver" (possibilidade, dúvida). Gabarito letra e.

29. (UFC / Assistente em Administração / 2016) Adaptada

> *Após recomendar uma sequência de procedimentos, o autor afirma: A instalação deve começar automaticamente*. Com a forma verbal deve, o autor prevê o início da instalação automática como algo:
>
> a) provável.   b) desejável.   c) garantido.   d) permitido.   e) obrigatório.

Comentários:

O verbo dever é um auxiliar modal que pode trazer diversos sentidos, como obrigação, imposição, probabilidade, dúvida, conselho. No contexto, o sentido é de "provável", pois o autor tem como certo o fato de que a instalação vai começar instantaneamente. Gabarito letra a.

30. (FCC / Auditor Fiscal / SEFAZ-RJ / 2014)

> *Em "**começaram a edificar"** o verbo auxiliar empresta um matiz semântico ao verbo principal, indicando a iminência da ação de edificar*.

Comentários:

O auxiliar "começaram" indica um aspecto inceptivo, de início, de que a ação "acabou de começar". Questão incorreta.

Verbos de Ligação

Os verbos que indicam ação são chamados de "nocionais. Os verbos de ligação, por sua vez, são chamados verbos de estado ou verbos relacionais.

As bancas têm cobrado as "variações semânticas" dos estados expressos pelos verbos de ligação, como mudança e permanência. Vejamos:

- ✓ **Estado permanente:**

Ex: Minha mãe é mal-humorada

- ✓ **Estado continuado:**

Ex: Minha mãe continua/permanece mal-humorada

- ✓ **Estado transitório/circunstancial:**

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Ex: Minha mãe está feliz.

Ex: Minha mãe anda silenciosa ultimamente.

- ✓ **Mudança de estado:**

Ex: Minha mãe ficou mal-humorada.

Ex: Minha mãe tornou-se organizada por causa do concurso.

Ex: Minha mãe virou síndica do prédio.

- ✓ **Estado aparente:**

Ex: Minha mãe parece distraída.

INDO MAIS
FUNDO!

Sutilezas semânticas: Observem que o estado continuado se distingue do permanente porque aquele traz sentido um estado que começou e continuou, o começo é um pressuposto da continuidade. O foco está nela. Já o estado permanente indica uma qualidade inerente, atemporal, sem referência a quando ela começou ou quando vai terminar. Por essa razão, o fato de um verbo de estado permanente estar no passado ("era", "foram") não faz que ele perca sentido de "permanência". Fique ligado!!!

31. (FGV / MPE-RJ / Analista Processual / 2016)

> Os verbos de estado indicam: estado permanente, estado transitório, mudança de estado, aparência de estado e continuidade de estado. A frase que mostra um verbo de estado com valor de mudança de estado é:
>
> a) "áreas que antes eram baratas e de fácil acesso";
>
> b) "tornam-se mais caras";
>
> c) "habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários";
>
> d) "Além disso, à medida que as cidades crescem";
>
> e) "a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes". -

Comentários:

Falou em "verbos de estado", pode caçar os verbos de ligação mais tradicionais, "ser", "estar", "permanecer", "continuar", "tornar-se". Na letra a, "eram", o verbo "ser" indica estado permanente. Na letra b, "tornam-se" indica que houve mudança de um estado anterior para um posterior.

Na letra c, "são" indica estado permanente. Na letras D e E, "crescem" e "busque" são verbos nocionais, de ação, não de estado. Gabarito letra b.

32. (FGV / Fiscal de Tributos / Prefeitura de Niterói / 2015)

> Os verbos de ligação mostram noções distintas de estados.
>
> A noção do verbo sublinhado indicada corretamente é:

23277017915 - Davi Pedro da Silva

> a) "O Mc Donald's se tornou o maior distribuidor mundial de brinquedos" / mudança de estado;
>
> b) "Na minha vida, devo admitir que andei fascinado pelo brilho do consumo" / estado permanente;
>
> c) "As casas em que passamos tão pouco tempo são repletas de objetos" / continuidade de estado;
>
> d) "há apenas cinco anos eram de última geração" / estado transitório;
>
> e) "São os nossos brinquedos" / aparência de estado.

Comentários:

Na letra a, "tornou-se" indica mudança de estado. Na letra b, "ando" indica estado transitório, circunstancial. Na letra c, "passamos" é verbo de ação, não de estado. Nas letras D e E, "eram" e "são" indicam estado permanente. Gabarito letra a.

33. (CESPE / SEDF / 2017)

> *A língua **continua sendo** forte elemento de discriminação social, seja no próprio contexto escolar, seja em outros contextos sociais, como no acesso ao emprego e aos serviços públicos em geral (serviços de saúde, por exemplo).*
>
> O emprego do verbo "continua" permite que se infira que não houve mudança na caracterização da língua como "forte elemento de discriminação social".

Comentários:

Exatamente. O verbo "continua" dá ideia de estado permanente, o que é reforçado pelo caráter durativo do gerúndio "sendo". Se algo "continua sendo", então "ainda é", ou seja, não mudou. Questão correta.

Tempos compostos

Os tempos compostos trazem a estrutura **TER/HAVER+ VERBO NO PARTICÍPIO**. O "nome" do tempo composto, de modo geral, estará no verbo auxiliar.

Futuro do presente composto: Terei sido aprovado (auxiliar no fut.do pres.)

Futuro do pretérito composto: Teria estudado. (auxiliar no fut.do pret.)

Infinitivo composto: Ter passado. (auxiliar no infinitivo.)

Gerúndio composto: Tendo passado. (auxiliar no gerúndio.)

No entanto, há exceções:

Pretérito Perfeito composto (indica continuidade, ação que se inicia no passado e se estende até o presente):

Ex: Tenho estudado nos últimos meses. (auxiliar no presente!)

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Ex: Tenho andado distraído... (auxiliar no presente!)

As bancas costuma cobrar a substituição por "venho estudando", que conserva a ideia de continuidade.

Pretérito mais-que-perfeito composto (indica uma ação no passado que foi concluída antes de outra ação também no passado)

Ex: Quando cheguei, a pizza tinha acabado. (a pizza acabou, depois cheguei)

Ex: Levantei cedo, mas mamãe já tinha saído. (mamãe saiu, depois levantei)

Atenção. O tempo composto (**ter+particípio**: tinha bebido) é o mais utilizado na língua e é alternativa de reescritura ao tempo simples (terminação **–RA**: bebera). OU SEJA: **tinha bebido=bebera**!

34. (IBFC / EBSERH / Advogado / 2017)

> *Há algum tempo venho afinando certa mania. Nos começos chutava tudo o que achava.*
>
> A locução verbal "venho afinando", presente no primeiro período do texto, constrói um sentido de ação:
>
> a) passada e concluída.
>
> b) que ainda será realizada.
>
> c) pontual e ocorrida no presente.
>
> d) com ideia de continuidade.
>
> e) passada que não mais se realiza.

Comentários:

A locução "venho estudando", composta de presente+gerúndio, indica ação continuada, durativa. Gabarito letra D.

a) O pretérito perfeito indica ação passada e concluída.

b) O futuro do presente indica ação que ainda será realizada.

c) O presente do indicativo expressa ação pontual e ocorrida no presente.

e) O futuro do pretérito composto (teria feito) indica passada que não mais se realiza.

35. (CESPE / Polícia Científica / 2016)

> Seriam mantidos os sentidos e a correção gramatical caso a forma verbal "entrara" fosse substituída por
>
> a) entrava. b) haveria entrado. c) tinha entrado. d) há de entrar. e) entraria.

Comentários:

A forma "entrara" está no pretérito mais-que-perfeito simples e equivale a "tinha entrado", no mais-que-perfeito composto. Gabarito letra C.

36. (FGV / TL / 2015) Adaptada

> Na frase *"A epidemia de dengue neste ano no Estado de São Paulo tem provocado, em média, mais de uma morte por dia."* o emprego da forma

23277017915 - Davi Pedro da Silva

> verbal *"tem provocado"* mostra uma ação que
>
> a) se iniciou há muito pouco tempo.
>
> b) se encerrou em passado recente.
>
> c) se iniciou no passado e continua no presente.
>
> d) começou num momento anterior a outra ação passada.
>
> e) mostrou curta duração em passado recente.

Comentários:

Tem provocado (presente do ter+particípio) é pretérito perfeito composto e indica que uma ação começa a ser praticada no passado e se prolonga no presente. Gabarito letra c.

37. (CESPE / TCU / 2015) Adaptada

> *...A LRF, logo nos primeiros anos, atinge boa parte de seus objetivos, notadamente em relação à observância dos limites da despesa com pessoal, o que permitiu uma descompressão da receita líquida e propiciou maior capacidade de investimento público. O regulamento marca avanços também no controle de gastos em fins de gestão e em relação ano novo papel que as leis de diretrizes orçamentárias passaram a desempenhar. Não obstante todos os avanços, o momento exige cautela e reflexões.*
>
> No que se refere às ideias e aos aspectos linguísticos do texto acima, julgue o item. O presente foi empregado nas formas verbais *"atinge", "marca", "exige" e "passa"* para indicar uma ação habitual, iniciada no passado e que se estende ao momento em que o texto foi escrito.

Comentários:

Os verbos estão conjugados no presente do indicativo. Qual é o tempo que indica ações que começam no passado e perduram até o presente? É o pretérito perfeito composto, que traz o verbo auxiliar excepcionalmente no presente: **tenho estudado** muito. Só por isso já poderíamos acertar a questão.

Observe que "atinge" e "marca" estão no presente, mas se referem a fato passado, ocorrido nos primeiros anos da LRF. Esse uso do "presente histórico" é muito explorado pelas bancas e serve para aproximar o fato histórico passado do leitor e do momento atual, além de dar mais "verossimilhança". Já a forma "exige" está no presente por indicar fato atual "o momento exige", esse momento, o momento atual.

A propósito, o tempo verbal que indica ação iniciada no passado e que se estende ao momento presente é o "pretérito perfeito composto": tenho estudado...

Questão incorreta.

Verbos traiçoeiros, dissimulados e polêmicos

Nesta parte da aula veremos verbos que se comportam de maneira a enganar, iludir e criar problemas para o destemido candidato. Temos verbos que se parecem com outros, mas não seguem a conjugação que aparentemente

23277017915 - Davi Pedro da Silva

deveriam. Há outros verbos que não tem conjugação completa, os defectivos. Muito cuidado com eles.

Verbos regulares são os que mantêm seu radical e as desinências ao longo da conjugação. Ex: Levantar, Beber, Cair. O verbos irregulares, ao contrário, sofrem alteração nos radicais ou nas desinências, quando são conjugados: faço, fiz, farei, fizesse...

Os verbos chamados "anômalos" sofrem alterações ainda mais profundas que os irregulares, por exemplo:

IR - eu vou, eu fui, nós fomos, tu irás

SER - eu sou, tu és, ele é, nós seremos, nós somos, eu era, tu eras, ele era, que ele seja.

A principal estratégia da banca para enganar o candidato é conjugar um verbo irregular como se fosse regular. Vejamos:

Verbos terminados em EAR/IAR

Os verbos terminados em **IAR** são **regulares**. Devem ser conjugados como o verbo criar: Eu crio, tu crias, ele cria... Seguem esse modelo os verbos "variar", "copiar", "espiar". Há exceções conhecidas, que já veremos.

Os verbos terminados em **EAR** são **irregulares**, recebem um "**i**" em algumas formas. Sejamos práticos, vamos seguir a conjugação do verbo ***passear***, NAS FORMAS EM QUE TEMOS **"I".**

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE SUBJUNTIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
Eu passeio	**que eu passeie**	***NÃO HÁ***
tu passeias	**que tu passeies**	**passeia tu**
ele passeia	**que ele passeie**	**passeie ele**
nós passeamos	**que nós passeemos**	**passeemos nós**
vós passeais	**que vós passeeis**	**passeai vós**
eles passeiam	**que eles passeiem**	**passeiem eles**

A conjugação do verbo ***passear*** é importante para alguns ***verbos excepcionais*** que são terminados em IAR, mas se conjugam como se terminassem em EAR. São as famosas exceções MARIO!

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Mediar
Ansiar
Remediar
Incendiar/intermediar
Odiar

} Se conjugam como **passear/odiar**

Vir e derivados

O verbo *vir* também é irregular. Outros importantes verbos que caem em prova derivam dele. Devemos ficar atentos:

Provir
Intervir
Convir
Advir
Sobrevir

} Se conjugam como **vir**

Então, acostume-se com sentenças como: *ele conveio, ele interveio, se ele proviesse...*

Ver, Prover e Provir

"Prover" significa "tomar providências", "providenciar", "fornecer", conjuga-se pelo verbo "ver" nos tempos presentes (vejo/provejo; vê/provê; vêem/provêem) e futuros (verei/proverei), (veria/proveria). Também segue o verbo "ver" no pretérito imperfeito (via/provia). O verbo "prover" é regular nos outros tempos (se eu prov**esse**).

Em suma, **"PROVER" é funciona como "ver" nos tempos presentes e futuros e como "beber" nos outros tempos**. Fique ligado!!

Cuidado com o futuro do subjuntivo: *prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.*

"Provir" significa "ter origem de", "descender", "derivar", "resultar", conjuga-se pelo verbo **"vir"** (vem/provém; veio/proveio; vêm/provêm; viesse/proviesse).

Temos absoluta necessidade de conhecer a conjugação do verbo "ver", pois isso vai facilitar o contraste com a conjugação do verbo "vir", assunto cobrado em muitas questões! Trago aqui a conjugação mais cobrada, a do futuro do subjuntivo, recite-a como um mantra!

Quando... eu vir; tu vires; ele vir; nós virmos; vós virdes; eles virem.

38. (CESPE / TCE-RN / 2015) Adaptada

> *A garantia desse preceito advém da própria Constituição...*

23277017915 - Davi Pedro da Silva

> Julgue o item seguinte.
>
> A forma verbal "advém" está no singular porque concorda com o núcleo do sujeito da oração em que se insere: "garantia".

Comentários:

O verbo *advir,* assim como *provir, convir, sobrevir e intervir*, na 3ªp. do singular, é acentuado (provém, convém, sobrevém, intervém). O sujeito é "a garantia desse preceito", tendo como núcleo o substantivo "garantia", que leva, de fato, o verbo para a 3ª p.s para concordar com ele.

Questão correta.

Ver, ter e derivados

Prever
Antever
Rever
Telever
Entrever

} Se conjugam como **ver**

Os demais verbos terminados em **VER** são regulares. Porém, teremos a seguinte diferença: Se eu **vi**sse, se eu ante**vi**sse, se eu prescre**ve**sse...

Deter
Entreter
Manter
Obter
Reter
Abster
Conter
Ater
Suster

} Se conjugam como **ter**

Os verbos VIR e TER são de segunda conjugação e possuem as mesmas desinências.

Atente para o acento diferencial de número: Ele tem/vem; Eles t**ê**m/v**ê**m. O mesmo vale para os derivados.

Cuidado!!! O verbo **abater** não segue a conjugação de "ter", é verbo regular de segunda conjugação e segue o verbo ***"beber"***.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Ex: Se eles ~~abativessem~~ ***abatessem*** minhas dívidas.

Transcrevo também aqui o futuro e o pretérito imperfeito do subjuntivo, pela incidência em provas:

Quando... *eu vier, tu vieres, ele vier, nós viermos; vós vierdes; eles vierem.*

Se... *eu viesse, tu viesses, ele viesse, nós viéssemos, vós viésseis; eles viessem.*

Quando... *eu tiver, tu tiveres, ele tiver, nós tivermos; vós tivéreis; eles tiverem.*

Se... *eu tivesse, tu tivesses, ele tivesse, nós tivéssemos, vós tivésseis; tivessem.*

Só para reforçar, estão erradas as formas: **~~deteram, detessem, entreteram, quando eu ver, se eu propor~~**...

As formas corretas são **detiveram, detivessem, entretiveram, quando eu vir, se eu propuser**...

39. (VUNESP / MPE-SP / Médico Psiquiatra / 2016)

> *Mesmo quando envelhece, e não tem como ser trocado, ele se mantém atualizável e altamente customizado.*
>
> Assinale a alternativa em que o verbo está corretamente conjugado, seguindo o padrão de conjugação de "manter".
>
> a) Chegaria a conclusões mais acertadas, caso se detesse a examinar os dados com o cuidado necessário.
>
> b) Para que se abstessem de votar, seria necessário que os convencessem com bons argumentos.
>
> c) Acusam-nas de desonestas, porque reteram informações que teriam de ter disponibilizado.
>
> d) Pediu que nos contivéssemos diante das provocações, pois elas poderiam nos desestabilizar.
>
> e) Em vez de atender aos clientes, alguns dos rapazes se entretiam com o celular, trocando mensagens.

Comentários:

Vamos seguir a conjugação do verbo "ter". Na letra a, a forma correta é detivesse. Na b, abstivessem. Na c, retiveram. Na e, entretinham. Contivéssemos está correto: que nós tivéssemos. Gabarito letra D.

40. (FCC / Auditor Fiscal / SEFAZ-SP / 2013)

> Acerca de verbos encontrados no texto é correto afirmar, tomando como parâmetro o padrão culto escrito:
>
> "abater" - está adequadamente empregado na frase "Se eles abativessem pelo menos 10% do valor total, eu pagaria à vista".

Comentários:

O verbo abater não é derivado de ter. Ele segue a conjugação de beber:

23277017915 - Davi Pedro da Silva

abatessem. Questão incorreta.

41. (CESPE / FUB / 2015)

> *O fator mais importante para prever a performance de um grupo é a igualdade da participação na conversa. Grupos em que poucas pessoas dominam o diálogo têm desempenho pior do que aqueles em que há mais troca. O segundo fator mais importante é a inteligência social dos seus membros, medida pela capacidade que eles têm de ler os sinais emitidos pelos outros membros do grupo. As mulheres têm mais inteligência social que os homens, por isso grupos mais diversificados têm desempenho melhor.*
>
> Julgue o item seguinte, referente às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima. Em todas as ocorrências de “têm” no texto é exigido o uso do acento circunflexo para marcar o plural.

Comentários:

Isso mesmo. Os verbos ter e ver, e seus derivados, na terceira pessoa do plural, ainda trazem o acento diferencial de número: eles têm/vêm. Questão correta.

Verbo *Aderir* e similares

Polir
Aderir
Repelir
Transferir
Expelir

Se conjugam como **Ferir**

Vamos relembrar: ***Eu firo, tu feres, ele fere, nós ferimos, vós feris, eles ferem...Que... eu fira, tu firas, ele fira, eles firam, vós firais, eles firam...***

Também seguem essa conjugação os verbos ***advertir, competir, convergir, divergir, despir, digerir, gerir, mentir, perseguir, sugerir, vestir***.

Verbo *Pôr* e derivados

O verbo pôr (ainda acentuado) segue a forma da segunda conjugação, como “beber”: Eu ponh**o**, tu põ**es**, ele põ**e**, nós po**mos**, vós po**is**, eles põ**em**...

Em alguns tempos, sofre alteração e sua base de conjugação é -puse-

Puser, pusermos, puséramos, puserdes, pusesse...

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Entrepor
Supor
Compor
Repor
Opor
Transpor
Interpor
Dispor
Impor
Sobrepor

Se conjugam como **Pôr**

Grave suas ***alterações:***

no futuro do subjuntivo: quando eu **puse**r…;

no imperfeito do subjuntivo: se eu **puse**sse, se tu **puse**sses…;

no pretérito mais-que-perfeito do indicativo: eu **puse**ra, nós **pusé**ramos…

no pretérito perfeito do indicativo: tu **puse**stes, nós **puse**mos, vós **puse**stes, eles **puse**ram.

Esses são os formatos que caem mais em prova, conjugações com base **– puse+desinências modo-temporais**.

Só mais um detalhe: saliento que o verbo *pôr* é acentuado, por ser monossílabo tônico. Seus derivados não são acentuados (*compor, propor*), pois serão oxítonas terminadas em R e só as oxítonas terminadas em a(s), e(s), o(s), em, ens são acentuadas.

DESPENCA NA
PROVA!

42. (FCC / TRE-AP / Administrativa / 2015)

> *Pesquisas que ...... a identificar sítios geoturísticos poderão favorecer o turismo em bases sustentáveis. O geoturismo, assim, ... assumir um grau de importância estratégica para o futuro do desenvolvimento turístico do Brasil, desde que não ...... danos aos sítios geológicos, como a remoção ilegal de fósseis e minerais.*
>
> Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
>
> a) se proporem – deverá – ocorrem

23277017915 - Davi Pedro da Silva

b) se proporiam – devia – ocorresse
c) proporem-se – deveria – ocorram
d) se propuserem – deve – ocorram
e) propuserem-se – deverá – ocorrem

Comentários:

Questão que mistura conjugação do verbo "propor" com correlação verbal. Vamos eliminar de cara as alternativas C e E, pois há palavra invariável atraindo o pronome, que não pode estar depois do verbo. Vamos eliminar a letra A, pois sabemos que ~~proporem~~ não existe, o verbo "pôr" e seus derivados se conjugam no futuro do subjuntivo com a base –puse: propuserem. A letra B traz um problema de concordância: ocorresse danos. "danos" é sujeito de ocorrer, então tinha que estar no plural: "ocorresseM danos". Restou a letra D, que traz a conjugação e correlação verbal correta.

Querer X requerer

Vamos relembrar um verbo parcialmente regular.

Requerer não é derivado de "querer", ele segue as terminações do verbo "beber". Porém tem um detalhe: ele recebe um "i" na primeira pessoa do presente do indicativo *(reque**I**ro)* e também no presente do subjuntivo, que deriva do indicativo *(que eu requeIra; que tu requeIras; que ele requeIra...)*

Os verbos *requerer*, *dizer*, *fazer e trazer*, na 2.a pessoa do singular, apresentam no imperativo afirmativo duas formas: ***dize*** *ou* ***diz, faze*** *ou* ***faz, traze*** *ou* ***traz, requere*** *ou* ***requer***. Vale muito a pena memorizar a sua conjugação.

Cai demais!!!

ATENÇÃO
DECORE!

Presente do indicativo: *requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem.*

Pretérito perfeito do indicativo: *requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.*

Pretérito imperfeito do indicativo: *requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam.*

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: *requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.*

Futuro do presente do indicativo: *requererei, requererás, requererá, requereremos, requerereis, requererão.*

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Futuro do pretérito do indicativo: *requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.*

Presente do subjuntivo: *requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.*

Pretérito imperfeito do subjuntivo: *requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.*

Futuro do subjuntivo: *requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.*

Imperativo afirmativo: *requer(e), requeira, requeiramos, requerei, requeiram.*

Imperativo negativo: *não requeiras, não requeira, não requeiramos, não requeirais, não requeiram.*

Infinitivo pessoal: *requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.*

43. (CESPE / FUB 2015) Adaptada

> No trecho *"A sustentabilidade (...) ambientais" (A sustentabilidade corporativa requer negócios amparados em boas práticas de governança e em benefícios sociais e ambientais...),* para expressar um fato ocorrido em momento anterior ao atual, que foi totalmente terminado, a forma verbal *"requer"* deveria ser substituída por ***requereu****.* Nesse caso, mesmo após a alteração do tempo verbal, a referência à pessoa do discurso seria mantida.

Comentários:

A banca pede dois conhecimentos. Primeiro: o pretérito perfeito expressa fato ocorrido em momento anterior, fato que foi totalmente terminado? Sim.

Segundo: a forma do requerer no pretérito perfeito, na terceira pessoa do singular (sustentabilidade, ela) é mesmo requereu? Sim.

O verbo requerer não segue a forma do verbo querer, segue o verbo beber. Questão correta.

ESQUEMATIZANDO

Essas conjugações vão aparecer em geral quando o verbo vier conjugado no subjuntivo, em função de conjunções: *se/que/quando/caso/embora/ainda* que... Grave essas "bases", pois nelas estarão nas questões.

Ter- **TIVE+DESINÊNCIA:** se tivesse, quando tiver...

Por- **PUSE+DESINÊNCIA:** Se puser, quando supuséramos...

Requerer- **REQUERE+DESINÊNCIA:** Se requeresse, quando requereu...

Precaver- **PRECAVE+DESINÊNCIA:** Se precavesse, quando precaveu...

Prover- **PROVE+DESINÊNCIA:** se provesse, quando proveu...

Ver-**VI+DESINÊNCIA:** se visse, quando víssemos, se vir...

Vir- **VIE+DESINÊNCIA:** se viessemos, quando vier, se vierem...

23277017915 - Davi Pedro da Silva

44. (Cesgranrio / IBGE / 2016)

> A frase em que a palavra destacada está flexionada de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa é:
>
> a) Para comunicar a seus acionistas o resultado financeiro semestral, o relatório **abrangeu** os aspectos principais relacionados à produção da empresa.
>
> b) Quando o Congresso **propor** que as lâmpadas incandescentes não sejam mais vendidas no país, a população terá de se acostumar ao novo padrão.
>
> c) O governo **interviu** na fabricação de lâmpadas quando decidiu que novos modelos deveriam tornar-se obrigatórios no nosso país.
>
> d) Se os moradores **obterem** lâmpadas modernas para iluminar suas casas, farão economia de eletricidade.
>
> e) Se você **ver** águas paradas, tome uma providência para evitar a proliferação do mosquito.

Comentários:

a) O verbo abranger é regular e segue a conjugação de "beber". Ele bebeu, Ele abrangeu. Questão correta.

b) Propor é derivado de Pôr. O "quando" é pista para o futuro do subjuntivo, tempo que o verbo tem forma "propuser".

c) O verbo intervir deriva do vir. O governo veio/interveio. Questão incorreta.

d) Obter deriva de Ter. O "se" também é pista para o futuro do subjuntivo: se os moradores tiverem/obtiverem. Questão incorreta.

e) O "se" também é pista para o futuro do subjuntivo. Decore que a forma correta é "vir". Quando/Se eu VIR. Questão incorreta. Gabarito letra a.

45. (FCC / Eletrobrás / 2016) Adaptada

> A frase está escrita corretamente, de acordo com a norma-padrão:
>
> *- O autor expressou o desejo que os livros mantessem margens estensas e páginas em branco. -*

Comentários:

Manter se conjuga como *ter*. A forma correta do pretérito imperfeito do subjuntivo é "tivessem" > "mantivessem". Questão incorreta.

46. (FCC / Auditor Fiscal / SEFAZ-RJ / 2014)

> Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:
>
> *Para quem se ater ao espírito das leis, segundo Voltaire, é preferível fazer justiça com os leigos ponderados do que deixar-lhe nas mãos de juristas empertigados e autoritários.*

Comentários:

O verbo "ater" é devivado de "ter". Então, no futuro subjuntivo, teremos as formas "Tiver/Ativer". Ater é a forma do infinitivo. Questão incorreta.

Gabarito letra c.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Verbo aprazer

Esse verbo é bastante irregular e compartilha o radical do adjetivo *aprazível*, com sentido de agradável. Para lidar com ele na hora da prova, lembre-se de **algumas** terminações do verbo haver em que há **"V"** e base "ou" na palavra, a saber:

Pretérito mais que perfeito: Eu aprouvera, tu aprouveras...

Pretérito imperfeito do subjuntivo: Se eu aprouvesse; se tu aprouvesses...

Futuro do subjuntivo: Quando eu aprouver; quanto tu aprouveres...

Acima estão as primeiras pessoas de cada conjugação, basta seguir o padrão.

ESTA É
DIFÍCIL!

47. (CESPE / Diplomata / 2015)

> *...Houve quem passasse a escrever registo, em vez de registro, e preguntar, em vez de perguntar, porque assim se escrevia em Portugal. Já ao tempo de José de Alencar, um publicista ríspido, José Feliciano de Castilho, viera de Lisboa para o Rio de Janeiro, com a missão de ensinar-nos a escrever como se escrevia em Portugal. Daí a reação do romancista cearense no prefácio de seus Sonhos d'Ouro, em 1872: "Censurem, piquem, ou calem-se, como lhes aprouver. Não alcançarão jamais que eu escreva, neste meu Brasil, coisa que pareça vinda em conserva lá da outra banda, como a fruta que nos mandam em lata."*
>
> Com relação a aspectos gramaticais do texto acima, julgue o próximo item. Na oração *'como lhes aprouver',* foi empregada uma forma flexionada do verbo aprazer, cujo radical é o mesmo que o do adjetivo aprazível, de uso corrente na atualidade.

Comentários:

Questão estilo "sabe ou não sabe". O verbo *aprazer* de fato tem o mesmo radical do adjetivo aprazível e sofre transformação no futuro e no pretérito imperfeito do subjuntivo, bem como no pretérito perfeito e mais-que-perfeito do indicativo, assumindo a terminação **–ouve**+**desinência**. No caso em tela, a conjunção subordinativa "como" joga o verbo para o futuro do subjuntivo: ***aprazer*** se torna ***aprouver***. Questão correta

Verbos defectivos

São aqueles verbos que têm *defeito* de conjugação, pois não são conjugados em todas as pessoas, normalmente pela semelhança que a conjugação teria com outro verbo (Falar e Falir: eu falo), ou pelo mau som: "ela computa"... Na maioria

23277017915 - Davi Pedro da Silva

dos casos, são conjugados só na primeira e segunda pessoa do plural do modo indicativo, na segunda pessoa do plural do modo imperativo e não possuem flexões no presente do subjuntivo.

São defectivos os verbos: ***adequar, falir, doer, reaver, abolir, banir, brandir, carpir, colorir, delir, explodir, ruir, exaurir, demolir, puir, delinqüir, fulgir (resplandecer), feder, aturdir, bramir, esculpir, extorquir, retorquir, soer (costumar: ter costume de)***.

Esses verbos podem organizados pelas suas conjugações, veja:

1.ª conjugação (terminação em –a): Verbo computar; Verbo adequar; Verbo antiquar.

2.ª conjugação (terminação em –e): Verbo reaver; Verbo precaver; Verbo doer; Verbo feder.

3.ª conjugação (terminação em –i): Verbo colorir; Verbo falir; Verbo demolir; Verbo esculpir; Verbo delinquir.

Há certa controvérsia entre esses verbos, pois alguns gramáticos e dicionários listam verbos defectivos como regulares. Não podemos entrar nessa discussão, então vamos destacar alguns que já foram cobrados em prova.

Verbo Reaver:

Para você não ter que estudar a conjugação dele inteira, siga essa dica: o verbo Reaver **só se conjuga naquelas pessoas em que o verbo Haver tem "v"** na palavra. Segue a primeira pessoa de cada tempo em que isso ocorre, para você saber o padrão: ***reouve, reavia, reouvera, reaverei, reaveria.***

Verbo precaver:

No presente do indicativo, só se conjuga com ***nós*** **(precavemos)** e ***vós*** **(precaveis)**. Como o presente do indicativo é a base do presente do subjuntivo, esse verbo não é conjugado neste tempo. Sabendo disso, basta conjugar o verbo precaver seguindo a segunda conjugação, como Beber.

Obs: Reaver e precaver não trazem "J" nem "nh" na sua conjugação. Então, estão incorretas formas como ~~**"precaveja", "reaveja", "reavenha".**~~

Obs2: Os verbos "prover" e "precaver" não trazem "vi" na sua conjugação. Então, teremos: prov**e**ram, prov**e**u, precav**e**sse.

~~**Proviram e precaviram**~~ são formas incorretas.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Verbo adequar:

Esse verbo é polêmico. A maioria dos gramáticos o considera defectivo. No entanto, há precedente de o CESPE/UNB ter considerado esse verbo como de conjugação completa: *eu (me) adéquo, tu (te) adéquas, ele (se) adéqua... eles (se) adéquam.*

Apesar de "estranhos", estes verbos não são considerados defectivos: caber, valer, redimir, polir, sortir, rir, escapulir, entupir, sacudir.

48. (IF-CE / Técnico TI / 2017)

> O verbo abolir, em *"Aboli a carne de porco (...)"*, é defectivo, pois sua conjugação não é completa. Não é verbo defectivo:
>
> a) trovejar. b) falir. c) computar. d) suar. e) colorir.

Comentários:

O verbo abolir, em "Aboli a carne de porco (...)", é defectivo, pois sua conjugação não é completa, pois não temos "eu abulo", "que eu abula".

Os verbos "trovejar", "colorir" e "falir" não são conjugados em primeira pessoa. (***eu ~~trovejo~~/***eu ~~falo~~/***eu ~~coloro~~).

O verbo "suar", de "suor", tem conjugação completa. Não confunda com o defectivo "soer", com sentido de "costumar".

Gabarito letra D.

49. (CESPE / CÂM. DOS DEPUTADOS / ANALISTA / 2012)

> Sem prejuízo para a ideia original do texto, o período *"Como as realidades são diferentes, por nem sempre se adequarem aos padrões internacionais, as interpretações falavam em cópias malfeitas, em empreendimentos mal realizados, em promessas a se cumprir"* poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: *Como as realidades, às vezes, não se adéquam aos padrões internacionais por serem diferentes, as interpretações referiam-se a cópias que eram malfeitas, a empreendimentos que eram mal realizados e a promessas que não foram cumpridas.*

Comentários:

A banca considerou o item preliminarmente correto, o que indica que não viu erro na conjugação "adéquam". Posteriormente, mudou para errado, mas por entender que haveria mudança de sentido na reescritura. Não mencionou que seria pelo verbo. Deste modo, para o CESPE/UNB, aconselho considerar o verbo *adequar* como não defectivo. Questão incorreta.

50. (VUNESP / Delegado / Polícia Civil-CE / 2015)

> Assinale a alternativa em que o emprego das formas verbais está em conformidade com a norma-padrão da língua portuguesa.
>
> a) As entidades que propuserem medidas para valorizar os idosos deverão beneficiar o convívio entre as gerações.
>
> b) A geração atual certamente teria muito a ganhar se reavisse o conhecimento acumulado pelos mais velhos.
>
> c) Quanto mais se manterem atentos aos ensinamentos dos idosos, mais os

23277017915 - Davi Pedro da Silva

> jovens perceberão o valor da experiência vivida.
>
> d) Precisamos de governantes comprometidos com as reformas que se fazerem necessárias para integrar o idoso à sociedade.
>
> e) Se esta geração se dispor a ensinar os mais velhos, é possível que eles atualizem suas informações rapidamente.

Comentários:

a) Lembre-se da base **Puse+DMT: Propuserem.** Questão correta

b) A geração atual certamente teria muito a ganhar se ~~reavisse~~ **reouvesse** o conhecimento acumulado pelos mais velhos.

c) Quanto mais se ~~manterem~~ **mantiverem** atentos aos ensinamentos dos idosos, mais os jovens perceberão o valor da experiência vivida.

d) Precisamos de governantes comprometidos com as reformas que se ~~fazerem~~ **fizerem** necessárias para integrar o idoso à sociedade.

e) Se esta geração se ~~dispor~~ **dispuser** a ensinar os mais velhos, é possível que eles atualizem suas informações rapidamente. Gabarito Letra a.

Verbo Vicário

São chamados de Verbos Vicários aqueles que fazem as vezes de outros verbos, substituindo-os para evitar repetição. Os mais comuns são os verbos ***ser*** e ***fazer***.

Normalmente vêm acompanhados de um pronome demonstrativo ***o***, que retoma a ação ou o evento da oração anterior.

Ex: Eu poderia ter fugido, mas não o fiz. ("o fiz" retoma "ter fugido")

Ex: Se você não estudou foi porque teve preguiça. ("foi" retoma "teve preguiça")

Ex: Já não constrói violões como fazia antigamente ("fazia" retoma "constrói")

Ex: Se ela não aceita ir ao cinema é porque não quer. ("é" retoma "aceita")

Observe que há dois verbos e um substitui o outro, quando vicário, o "fazer" não traz seu sentido próprio, pois assume o sentido do outro verbo.

As estruturas com esses verbos costuma ser cobradas até em questões de compreensão textual, quando a banca pode perguntar o referente do pronome.

51. (FCC / Auditor Fiscal / ISS Teresina / 2016)

> Fazer parte constitui um específico uso de "fazer", verbo que, em outros contextos, pode assumir distintas funções e acepções. Empregado como "verbo vicário", faz as vezes de outro, como se exemplifica em:
>
> a) Tentarei hoje mesmo fazê-lo ver a questão sob ponto de vista menos rígido.
>
> b) Foi ele quem fez uma bela mesa de madeira maciça.
>
> c) O mediador poderia ter evitado a discussão, mas não o fez.
>
> d) Fizeram frente à situação adversa com coragem e elegância, o que nos comoveu.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

> e) O discurso foi bastante positivo, pois o orador o fez de modo acalorado e consistente..

Comentários:

O verbo "fazer" tem vários sentidos, que foram explorados nas alternativas. No entanto, é na letra C que ele funciona como "vicário", pois substitui o verbo "evitar". Observe a presença do demonstrativo "o", retomando o fato de "evitar a discussão".

Observe que devemos ter dois verbos diferentes, e o verbo vicário estará substituindo o outro.

Na letra E só há um verbo, "discurso" não é verbo! O verbo "foi" é de ligação e só serviu para dar qualidade ao discurso. Não tem sentido de ação. Além disso, o orador "fez o discurso", o verbo fazer está sendo utilizado com sentido de "fazer" mesmo, de produzir, realizar. Não está substituindo outro verbo.

Gabarito letra C.

Formas nominais do verbo

As formas nominais do verbo são ***Gerúndio, Particípio e Infinitivo***. São chamadas assim, pois podem funcionar como nomes (substantivos, adjetivos, advérbios). Geralmente o Infinitivo funciona como substantivo, o particípio como adjetivo e o gerúndio como advérbio.

Ex: O meu **viver** é minha esposa.

(viver está substantivado, precedido de artigo, como sujeito)

Ex: A quantia **investida** é altíssima.

(investida qualifica o substantivo quantia, como adjetivo)

Ex: **Chegando** a visita, convide-a para sentar.

(chegando=quando chegar, circunstância de tempo, adverbial)

Infinitivo pessoal x impessoal:

O infinitivo é uma forma neutra, que dá nome ao verbo. O infinitivo pode ser **pessoal**, quando **tem sujeito**; ou **impessoal**, quando **não tem**. O infinitivo impessoal, não flexionado, não concorda com nenhum termo, pois enuncia uma ação vaga, sem agente determinado. Então, é um recurso de indeterminação do sujeito.

O fato de estar no singular não quer dizer que seja impessoal, pois pode estar flexionado no singular porque seu sujeito é singular. Vejamos:

Ex: É importante estudarmos para a prova.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

(sujeito explícito na desinência**-mos**=**nós**; o infinitivo concorda com ele)

Ex: É importante estudar para a prova.

(quem estudar? A ação é vaga, indeterminada, não há sujeito para concordar)

Ex: É importante ele estudar para a prova.

(sujeito explícito no pronome; o infinitivo concorda com **"ele"**, no singular! Atenção!! É pessoal, singular não significa necessariamente impessoal!)

Obs: O uso do infinitivo pessoal é um dos assuntos mais controvertidos da gramática. Gramáticos como Celso Cunha e Sacconi apenas listam casos de uso "recomendado" ou "conveniente", sem bater o martelo em regras absolutas de concordância. Então, de modo geral, não há regras rígidas para a concordância do infinitivo pessoal. Na maioria dos casos, se houver um sujeito explícito para o infinitivo, é permitido concordar com ele. Na locução verbal, o infinitivo é impessoal.

REITERO:

Não confunda o Infinitivo com o Futuro do subjuntivo. Em alguns verbos eles são idênticos na grafia. Observe:

Ex: Quando o inverno chegar, eu quero estar junto a ti. (Futuro do Subjuntivo)

Ex: Ao chegar à casa dos outros, limpe os pés. (Infinitivo).

O contexto quase sempre denuncia essa diferença. Porém, se bater aquela dúvida, troque o verbo por outro que não tenha essa identidade gráfica, troque pelo verbo **FAZER**. Se o verbo virar "f**iz**ER", é subjuntivo. Se permanecer "fazER", é infinitivo.

Quando eu vir o trabalho. (Quando eu **fizer** o trabalho: futuro do subjuntivo)

Está na hora de vir o resultado. (Está na hora de **fazer** o resultado: Infinitivo)

Repare que o futuro do subjuntivo do verbo "ver" é idêntico ao "infinitivo" do verbo vir. Fique atento a esses verbos e teste a substituição!!!

52. (Instituto Excelência / Almoxarife / 2017)

> Considere o seguinte trecho: *"São grandes as chances de você **estar suando** em bicas [...]".*
>
> Os verbos destacados estão respectivamente nas formas nominais:
>
> a) Gerúndio e Particípio.
>
> b) Infinitivo e Particípio.
>
> c) Infinitivo e Gerúndio.
>
> d) Nenhuma das alternativas.

Comentários:

O infinitivo é a forma substantiva do verbo, pois é "nome" do verbo: **estar.**

O gerúndio é a forma nominal indicativa de processo contínuo, terminada em

23277017915 - Davi Pedro da Silva

NDO: **suando**. Gabarito letra C.

Carga semântica do gerúndio:

O gerúndio geralmente indica uma ***ação continuada*** ou ações que ocorrem ***simultaneamente***. Mas, em questões de concurso, geralmente também são cobrados outros sentidos: *Tempo, Condição, Modo e Causa.*

Ex: ***Chegando*** ao banco, se assustou com a fila. (Tempo: se assustou quando chegou ao banco.)

Ex: ***Lavando*** a louça, deixo você sair. (Condição: se lavar a louça, poderá sair.)

Ex: Desenvolveu a memória ***fazendo*** exercícios (Modo: exercícios foram a maneira que usou para desenvolver a memória.)

Ex: ***Estudando*** com dedicação por anos, foi aprovada em primeiro lugar. (Causa: foi aprovada em primeiro lugar porque estudou por anos.)

Para expressar continuidade, é possível usar locução de gerúndio (Ele *vem buscando* a aprovação), ou, alternativamente, locução de infinitivo (Ele está *a buscar* a aprovação) e particípio (Ele tem buscado a aprovação).

O gerúndio também pode funcionar com valor adjetivo:

Ex: Tenho um livro ***ensinando*** essa questão (um livro que ensina).

53. (CS-UFG / 2016)

> No título do texto, *"Festejando no precipício",* o uso do verbo no gerúndio
>
> a) caracteriza uma forma nominal e neutra.
>
> b) tem a função de indicar uma ação prolongada.
>
> c) reforça a ideia de progressividade no futuro.
>
> d) configura-se como um usual vício de linguagem.

Comentários:

Primariamente, o gerúndio indica ação continuada, prolongada, durativa. Esse é seu principal sentido. O infinitivo caracteriza uma forma nominal e neutra. Gabarito letra B.

54. (FCC / TRT 3ª REGIÃO / Oficial de Justiça / 2015)

> Considere o trecho abaixo, extraído da Nova gramática do português contemporâneo, de Celso Cunha e Luís F. Lindley Cintra.
>
> *...o gerúndio apresenta duas formas: uma simples [...], outra composta [...].*
>
> *A forma composta é de caráter perfeito e indica uma ação concluída anteriormente à que exprime o verbo da oração principal [...].*
>
> O que está exposto acima justifica o emprego do gerúndio na frase:

23277017915 - Davi Pedro da Silva

> a) Sendo considerada em plena posse de seu juízo no momento de depor, pôde falar a favor da sobrinha.
>
> b) Combinamos que, no horário das 13 às 15h, estarei atendendo aos fornecedores de laticínios.
>
> c) Os alunos estão indo para o laboratório porque já vai começar a aula de Biologia.
>
> d) Tendo já se consumido em lágrimas, despediu-se de todos e partiu.
>
> e) A professora lia sorrindo a narrativa do aluno espirituoso.

Comentários:

Não se apavore com essa teoria de gerúndio composto! Tudo o que a banca quer é a sentença em que uma ação é perfeitamente terminada antes da ação ocorrida na oração principal.

Logo na letra a está uma pegadinha, pois parece que "sendo considerada" antecede "pôde falar". O detalhe é que "sendo considerada" é uma ação durativa, permanente. "Ser" é um verbo de estado, não uma ação que possa ser perfeitamente terminada, em caráter instantâneo. Ela era e permanecia sendo considerada em plena posse de seu juízo. Por essa razão, a resposta é letra d.

Primeiro ela se consumiu em lágrimas, depois se despediu. Nas letras b e c, o gerúndio expressa uma ação continuada, em curso, inclusive a letra b marca o tempo por que ela perdura, das 13 às 15h. Na letra d, o gerúndio tem valor adverbial, pois indica o modo que a professora lia. Gabarito letra d.

55. (FGV / DPE-MT / 2015) Adaptada

> A frase que identifica o primeiro erro – *"Usar água da chuva para beber, tomar banho e cozinhar"* – emprega a forma verbal do infinitivo. Com isso, o autor do texto consegue um resultado conveniente para esse tipo de texto, que é não personalizar as ações.

Comentários:

O infinitivo impessoal, não flexionado, não se refere a nenhum sujeito explícito. Por isso, tem o efeito de não personalizar as ações e indicá-las de modo vago. Questão correta.

56. (CONSULPLAN / TJ-MG / 2015) Adaptada

> No trecho *"Para os cargos do Poder Executivo (Presidente, Governadores e Prefeitos), pode haver segundo turno, a ser realizado no último domingo de outubro."*, a forma verbal *"pode haver"* exerce o valor semântico de hipótese.

Comentários:

As locuções verbais com verbo auxiliar ***poder*** são um clássico recurso de modalização, usadas geralmente para retirar o caráter incisivo e certo das afirmações no presente do indicativo: *pode/poderia* haver no lugar de *vai haver/há*. Aqui temos o sentido de hipótese, pode haver ou não, dependendo do caso, pois só há uma hipótese de segundo turno, que é aquela de o candidato não conseguir maioria absoluta dos votos etc... Questão correta.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

57. (FGV / TJ-SC / Administrativo / 2015)

> Dos verbos assinalados, só está corretamente empregado o que aparece na frase:
>
> *a) O atual síndico quer crescer a arrecadação de condomínios em cerca de 40%.*
>
> *b) Os candidatos participaram das provas sem que a chegada com atraso prejudicou a organização.*
>
> *c) Se fazer cálculos sobre os resultados do concurso já era difícil, agora tornou-se mais problemático.*
>
> *d) O treinador ficará contente quando vencer metade dos jogos e transpor os adversários mais difíceis.*
>
> *e) Por mais que os jogadores se esforçam nos treinos, a colocação na tabela está cada vez pior.*

Comentários:

a) *O atual síndico quer ~~crescer a arrecadação~~ de condomínios em cerca de 40%.*

Crescer é verbo intransitivo, não pode ter objeto. Se alguma coisa cresce, alguma coisa é sujeito, não objeto direto.

b) *Os candidatos participaram das provas sem que a chegada com atraso ~~prejudicou~~ prejudicasse a organização.*

c) *Se fazer cálculos sobre os resultados do concurso já era difícil, agora tornou-se mais problemático.*

Fazer é infinitivo na função de sujeito dos verbos "era" e "tornou-se". Certo.

d) *O treinador ficará contente quando vencer metade dos jogos e ~~transpor~~* ***transpuser*** *os adversários mais difíceis.*

A conjunção quando leva o verbo para o subjuntivo. Transpor é derivado de Pôr: quando eu puser, quando eu transpuser.

e) *Por mais que os jogadores se ~~esforçam~~ esforcem nos treinos, a colocação na tabela está cada vez pior.*

"Por mais que" é conjunção subordinativa concessiva, leva o verbo para o subjuntivo, que eles se *esforcem*.

Gabarito letra c.

58. (FGV / SEE / PROFESSOR / 2016)

> *"Os textos, especialmente os literários, são capazes de recriar as informações sobre a humanidade, vinculando o leitor aos indivíduos de outros tempos. Nas palavras de Larrosa (2000), ler consiste em ver as coisas diferentes, coisas dantes nunca vistas, entregar-se ao texto, abandonar-se nele e não apenas apropriar-se dele para nossos fins".*
>
> Nesse segmento do texto, a forma de gerúndio sublinhada possui o valor de
>
> a) tempo: quando vinculam o leitor.
>
> b) condição: caso vinculem o leitor.
>
> c) concessão: mesmo que vinculem o leitor.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

> d) causa: já que vinculam o leitor.
>
> e) lugar: onde vinculam o leitor.

Comentários:

Questão difícil, mas possível para quem estudou os sentidos subjacentes do gerúndio. A relação aqui é de **causa**: Os textos literários recriam informações sobre a humanidade ***porque*** tem a capacidade de vincular o leitor a pessoas de outros tempos. Essa conexão com o passado é que faz com que o leitor recrie informações sobre indivíduos de outros tempos, anteriores ao dele.

Se você marcou "tempo", a diferença era sutil. Observe que se fosse feita a substituição por "quando vinculam o leitor", haveria um sentido mais restrito, de que somente em algumas ocasiões o texto vincula o leitor. Nesse caso, a parte "capacidade de recriar informações sobre a humanidade" ficaria solta, sem uma causa. O tempo verbal presente do indicativo "são" é de fato concreto, imediato, não tem sentido de tempo futuro ou hipotético. Compare:

> *Os textos **são capazes** de recriar as informações sobre a humanidade, PORQUE vinculam o leitor aos indivíduos de outros tempos.* (Tom de certeza, de fato + justificativa)
>
> *Os textos são capazes de recriar as informações sobre a humanidade, QUANDO vinculam o leitor aos indivíduos de outros tempos.* (Tom de hipótese: "só vincula nesses momentos", na hipótese de esse momento ocorrer)

Também não poderia ser "condição", pois isso daria caráter hipotético e o autor foi categórico: os textos **são** capazes— fato. Gabarito Letra D.

Particípios Abundantes

Há verbos que trazem mais de um particípio, um regular, terminado em **–do**, e um não regular, que pode ter diversas terminações. Isso sempre gera muita dúvida no dia a dia e nas provas. Segue uma pequena lista deles.

Infinitivo	**Particípio regular**	**Particípio irregular**
Aceitar	Aceitado	Aceito
Acender	**Acendido**	**Aceso**
Afligir	***Afligido***	***Aflito***
Assentar	**Assentado**	**Assento**
Corrigir	Corrigido	Correto
Encher	**Enchido**	**Cheio**
Entregar	Entregado	Entregue
Expressar	**Expressado**	**Expresso**

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Extinguir	Extinguido	Extinto
Fixar	**Fixado**	**Fixo**
Fritar	Fritado	Frito
Limpar	**Limpado**	**Limpo**
Misturar	Misturado	Misto
Morrer	**Morrido**	**Morto**
Pagar	Pagado	Pago
Submeter	***Submetido***	***Submisso***
Suspender	Suspendido	Suspenso
Tingir	**Tingido**	**Tinto**
Vagar	Vagado	Vago
Imprimir	**Imprimido**	**Impresso**

A regra é simples: com os particípios com terminação regular **–do** serão usados na voz ativa, com os verbos **TER/HAVER**:

✓ Ex: Tenho pagado minhas dívidas em débito automático.

✓ Ex: Eu nunca havia aceitado bem críticas.

Os particípios irregulares, com **outras terminações**, por exceção, serão usados na voz passiva, com os verbos **SER/ESTAR**:

✓ Ex: O boleto foi pago em dinheiro vivo.

✓ Ex: Estive suspenso do trabalho, por desafiar ordens sem sentido.

Só não vale misturar!

✗ Ex: Tenho impresso meus cursos em PDF!

✗ Ex: Meu cigarro foi acendido.

Um último alerta: ~~“trago”~~ e ~~“chego”~~ não existem (na prova)! Os particípios corretos são “trazido” e “chegado”.

59. (FCC / Auditor Fiscal / SEFAZ-SP / 2013)

> Acerca de verbos encontrados no texto é correto afirmar, tomando como parâmetro o padrão culto escrito:
>
> *"afligir"* - a única forma de particípio aceitável é *"aflito",* pois *"afligido"* é

23277017915 - Davi Pedro da Silva

> forma incorreta.

Comentários:

Afligir é verbo com particípio abundante. Ambas as formas são válidas. Como regra "afligido" deve ser usado com ter/haver e "aflito", com ser/estar. Questão incorreta.

60. (FCC / Auditor Fiscal / SEFAZ-SP / 2013)

> Acerca de verbos encontrados no texto é correto afirmar, tomando como parâmetro o padrão culto escrito: "submeter" - tem duplo particípio.

Comentários:

Exato, submeter tem particípio abundante, duas formas válidas: "submetido" e "submisso". Questão correta

61. (CESPE / TRE-BA / TÉC. JUDICIÁRIO / 2010) Adaptada

> Os vocábulos *"impressa" e "entregue"* são particípios irregulares dos verbos *imprimir e entregar,* respectivamente; tais verbos admitem, também, as formas participiais regulares: *imprimido e entregado.*

Comentários:

Exato. As formas regulares **(-do)** acompanharão os verbos ter e haver; as irregulares acompanharão os verbos ser e estar. Questão correta.

Correlação dos tempos verbais

Já vimos ao longo da aula a semântica dos tempos e modos verbais. Agora, esse conhecimento vai nos ajudar a observar a correlação entre eles num período.

Essa parte é muito intuitiva, pois diversas combinações são aceitas, com uma ligeira mudança de sentido. De modo geral, verbos do mesmo tempo e modo podem se relacionar: ***Sei*** *que* ***quero*** *passar.* ***Sabia*** *que* ***queria*** *passar.* ***Saberei*** *se* ***conseguirei*** *passar*. ***Jurava*** *que você* ***era*** *maluco*.

Como regra geral, também temos que, se o verbo da oração principal estiver em algum tempo pretérito do indicativo, o verbo da subordinada substantiva *(introduzida pela conjunção integrante QUE e substituível por ISSO)* pode estar em qualquer tempo verbal do indicativo: Disse/dizia/dissera que o homem roubava/roubara/roubará/roubaria.

Há muitas combinações possíveis, vamos ver combinações mais "padrão", sem esquecer que a coerência entre os tempos é fundamental e está por traz de todas elas: *Se eu pudesse (hipótese), teria um cão (hipótese). Cantei (ação acabada) porque eu quis (ação acabada). Leio (hábito) porque estudo (hábito) lá*.

Antes de mais nada, se esse fosse seu último minuto para estudar para a prova, eu pediria que gravasse essas correlações:

Se eu pude***sse***, far***ia***/ Se eu pud***er***, far***ei***

Esse é o exemplo simples. Na hora da prova você deve fazer as adaptações adequadas para os verbos e pessoas que virão nos itens. Vamos adiante!!

23277017915 - Davi Pedro da Silva

A regra mais importante:

✓ **O futuro do presente só se correlaciona com tempo presente ou com tempo futuro.**

Temos que respeitar o marco temporal da fala, o tempo de referência das ações. Se começarmos uma sentença com o presente, o futuro que se relaciona a ele é o futuro do presente. Se iniciarmos com uma sentença no pretérito, o futuro que se correlaciona a ele é o futuro do pretérito. Ficou claro?

(pres.) **(fut.pres)**

Ex: **Prometo** que **estudarei** mais.

(fut.pres) **(fut.subj)**

Ex: **Farei** tudo tudo o que eu **puder**.

(pres.) **(pres.)**

Ex: **Juro** que não **deixo** mais de revisar.

(pres.subj) **(fut.pres.)**

Ex: Aonde quer que eu **vá**, eu **levarei** você no olhar...

(pres.subj) **(pres.)**

Ex: Aonde quer que eu **vá,** eu **levo** você no olhar...

Nunca é demais lembrar, atenção às correlações: Se eu pud***er***, far***ei***/Caso eu poss***a***, far***ei***.

✓ **O futuro do pretérito, chatinho, só se relaciona com tempo pretérito.**

(fut.pret) **(pret. Imp. Subj)**

Ex: Eu **morreria** se ele **descobrisse**

Outras correlações clássicas:

(pret.imp) **(pret. Perf.)**

Ex: **Estava** estudando RLM quando meu cachorro **acendeu** um charuto.

(pret.imp) **(pret.imp)**

Ex: Eu **estudava** enquanto ele **soltava** fumaça pelo nariz.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Nos exemplos acima um ação interrompe a outra ou ocorre simultaneamente à outra, respectivamente.

TOME NOTA!

Recapitulando: essas são **as correlações que mais caem**, leiam-nas várias vezes!

- ✓ *Ex: Vejo que você malha.*
- ✓ *Ex: É preciso que você estude.*
- ✓ *Ex: Quando terminarem, estarei dormindo.*
- ✓ *Ex: Se eu tivesse esse carro, já teria morrido.*
- ✓ *Ex: Vi que você trouxe um presente.*
- ✓ *Ex: Sugiro que procure um psiquiatra.*
- ✓ *Ex: Sugeri que procurasse um psiquiatra.*
- ✓ *Ex: Espero que tenha procurado um psiquiatra.*
- ✓ *Ex: Esperei que tivesse procurado um psiquiatra.*

62. (FCC / Eletrobrás / Eletrosul / 2016)

Há adequada correlação entre os tempos e os modos verbais presentes na seguinte frase:

a) A responsabilidade pelos defeitos do mundo só seria nossa caso já não estivessem prontos os elementos que constituem essa imensa infraestrutura, à qual todos estamos submetidos.

b) Nenhum de nós terá qualquer responsabilidade na injusta distribuição dos males e benefícios do mundo, a menos que a algum de nós caberia a tomada de todas as decisões.

c) Provavelmente o mundo natural apresentaria ainda mais falhas, se viermos a tomar as decisões que implicassem uma profunda alteração na ordem dos fenômenos.

d) Quem ousará remanejar os ventos e suprimir correntes marítimas, se tais poderes estivessem à disposição dos nossos interesses e caprichos?

e) Na opinião do autor do texto, o síndico ideal seria aquele cujos serviços sequer se notem, pois ele manterá com discrição sua eficiência e sua dedicação ao trabalho.

Comentários:

Em questões desse tipo, procure logo as correlações clássicas!!

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Se eu pude***sse***, far***ia***/ Se eu pud***er***, far***ei***

a) A responsabilidade pelos defeitos do mundo só ser**ia** nossa caso já não estive**sse**m prontos os elementos que constituem essa imensa infraestrutura...

Lembrou do Se eu pude***sse***, far***ia***? Aqui a banca utilizou a correlação mais clássica: pretérito imperfeito do subjuntivo (-SSE) com futuro do pretérito (-IA).

Hipótese com hipótese. Isso já bastava para acertar a questão. Questão correta.

b) Nenhum de nós **terá** qualquer responsabilidade na injusta distribuição dos males e benefícios do mundo, a menos que a algum de nós ~~caberia~~ **caiba** a tomada de todas as decisões.

c) Provavelmente o mundo natural **apresentaria** ainda mais falhas, se ~~viermos~~ **viéssemos** a tomar as decisões que implicassem uma profunda alteração na ordem dos fenômenos.

d) Quem **ousará** remanejar os ventos e suprimir correntes marítimas, se tais poderes ~~estivessem~~ **estiverem** à disposição dos nossos interesses e caprichos?

e) Na opinião do autor do texto, o síndico ideal **seria** aquele cujos serviços sequer se ~~notem~~ **notassem,** pois ele manterá com discrição sua eficiência e sua dedicação ao trabalho. Gabarito letra A!

63. (SERTCAM / Advogado / 2016)

> Assinale a alternativa, cuja correlação entre os tempos verbais esteja correta.
>
> a) Se a gente for, certamente, avisamos à turma.
>
> b) Se Carlinhos escrevesse mais rápido, não se atrasava tanto.
>
> c) Entra, Flávia, mas não fechas a porta.
>
> d) Quando você vim, por favor, avisa-nos.
>
> e) Tudo dará certo, se todos se impuserem quanto ao horário.

Comentários:

Vamos partir logo para aquelas correlações que alertei e fazer comparações:

Se eu pude***sse***, far***ia***/ Se eu pud***er***, far***ei***

a) Se a gente **for**, certamente, ~~avisamos~~ **avisaremos** à turma.
Puder ***faremos***

b) Se Carlinhos **escrevesse** mais rápido, não se ~~atrasava~~ **atrasaria** tanto.
Pudesse ***faria***

c) Entra, Flávia, mas não ~~fechas~~ **feches** a porta.

A banca misturou as pessoas "tu" e "você". (Imp. Afirm: tu entras**>**entra tu; Imp. Negativo: que tu entres**>**não entres tu)

23277017915 - Davi Pedro da Silva

d) Quando você ~~vim~~ **vier**, por favor, ~~avisa-nos~~ **avise-nos**.

e) Tudo **dará** certo, se todos se **impuserem** quanto ao horário.
farei (ok!) ***puderem (ok!)***

Veja que gravar as correlações básicas já nos garantiria essa questão! Gabarito letra E.

64. (FCC / Eletrobrás / Eletrosul / 2016) Adaptada

> A frase está escrita corretamente, de acordo com a norma-padrão:
>
> - *As crianças terão a liberdade de expor os desenhos que julgarem mais apropriados ao livro.. -*

Comentários:

Foi utilizada a correlação " Se eu puder, farei". Veja " Se eles julgarem/terão". Questão correta.

65. (FCC / TRT 15ª REGIÃO / Enfermagem / 2015)

> *Ninguém* ***ignora*** *a enorme influência que simples palavras _________ na história do pensamento e do sentimento dos povos.*
>
> Preenche corretamente a lacuna da frase acima:
>
> a) exercem b) a transmitam c) possuíssem d) sejam desempenhadas e) apresentem-se

Comentários:

Questão fácil de correlação. *Ignorar* e *exercer* estão no presente do indicativo e se correlacionam com coerência por estarem no mesmo tempo e modo. Basta lembrar a combinação clássica: Ex: Vejo (pres. Ind) que você malha (pres.ind). Além disso, a palavra "influência" era pista certa para o verbo adequado: exercer.

Gabarito letra A.

66. (VUNESP / SAP-SP / 2015)

> Considere o trecho – *"Tem gente que não acredita em um ensino que não impõe autoridade. Nós acreditamos…"* –, para responder à questão.
>
> Assinale a alternativa em que o trecho está corretamente reescrito, com todos os verbos no tempo passado.
>
> a) Tem gente que não acreditava em um ensino que não impunha autoridade. Nós acreditamos.
>
> b) Terá gente que não acreditasse em um ensino que não impusera autoridade. Nós acreditáramos.
>
> c) Tinha gente que não acreditava em um ensino que não impusesse autoridade. Nós acreditávamos.
>
> d) Teve gente que não acreditou em um ensino que não impõe autoridade. Nós acreditamos.
>
> e) Teria gente que não acreditaria em um ensino que não imporá autoridade.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

> Nós acreditaremos.

Comentários:

Questão boa de reescritura e correlação. A banca quer que todos os verbos estejam conjugados no pretérito:

a) ~~Tem~~ gente que não acreditava em um ensino que não impunha autoridade. Nós acreditamos. (verbo no presente)

b) ~~Terá~~ gente que não acreditasse em um ensino que não impusera autoridade. Nós acreditáramos. (verbo no futuro)

c) **Tinha** gente que não acreditava em um ensino que não impusesse autoridade. Nós acreditávamos. (verbo no pretérito imperfeito)

Tinha, acreditava e acreditávamos estão no pretérito imperfeito; impusesse está no pretérito imperfeito do subjuntivo. Essa é nossa resposta.

d) Teve gente que não acreditou em um ensino que não ~~impõe~~ autoridade. Nós acreditamos. (verbo no presente)

e) Teria gente que não acreditaria em um ensino que não ~~imporá~~ autoridade. Nós ~~acreditaremos~~. (verbo no futuro). Gabarito letra C.

67. (FCC / TCE-CE / Controle Externo / 2015)

> A articulação entre os tempos e os modos verbais está adequada na frase:
>
> a) Uma vez que o preconceito se revelasse inevitável será oportuna a criação de leis com o intuito de que foram coibidas atitudes preconceituosas.
>
> b) É natural que há preconceito nas relações interpessoais: mesmo que tenhamos externado uma avaliação preconceituosa.
>
> c) Qualquer sociedade tem preconceitos, mas era importante que existissem leis para que pessoas preconceituosas forem exemplarmente julgadas e punidas.
>
> d) É preciso que se tenha cautela com nosso comportamento em sociedade, pois seria possível que reações preconceituosas surjam mesmo sem que nós possamos perceber.
>
> e) O preconceito teria raízes sociais fundas: ele se disseminaria pelas pessoas e, quando déssemos por nós, estaríamos repetindo algo que sequer teríamos investigado.

Comentários:

Vamos marcar os erros:

a) Uma vez que o preconceito se revelasse inevitável ~~será~~ **seria** oportuna a criação de leis com o intuito de que foram coibidas atitudes preconceituosas.

b) **É** natural que ~~há~~ **haja** preconceito nas relações interpessoais: mesmo que tenhamos externado uma avaliação preconceituosa.

c) Qualquer sociedade tem preconceitos, mas ~~era~~ **seria** importante que existissem leis para que pessoas preconceituosas ~~forem~~ **fossem** exemplarmente julgadas e punidas.

d) É preciso que se tenha cautela com nosso comportamento em sociedade, pois ~~seria~~ **é** possível que reações preconceituosas surjam mesmo sem que nós

23277017915 - Davi Pedro da Silva

possamos perceber.

e) O preconceito **teria** raízes sociais fundas: ele se **disseminaria** pelas pessoas e, quando **déssemos** por nós, **estaríamos** repetindo algo que sequer **teríamos investigado**.

Observem as correlações clássicas futuro do pretérito **(-ia)** + pretérito imperfeito do subjuntivo **(-sse)**; presente do indicativo +presente do subjuntivo. Gabarito letra e.

68. (FGV / TJ-SC / 2015) Adaptada

> *"Ainda que cercado de adversidades, se preservares tua ecobiologia interior, serás feliz, porque trarás em teu coração tesouros indevassáveis".*
>
> A correspondência entre as formas verbais sublinhadas se manteria correta na seguinte opção: tivesses preservado / terias sido.

Comentários:

Clássica correlação: pretérito imperfeito do subjuntivo **(-sse)** + futuro do pretérito **(-ia)**. Questão correta.

69. (CESPE / TCE-RS / 2013) Adaptada

> *O Tribunal enviou ofício aos gestores municipais, alertando que o envio de dados e documentos relacionados às inativações na esfera municipal passará a ser realizado pela Internet, o que exigirá que as administrações adquiram certificados digitais...*
>
> Em relação às estruturas linguísticas do texto acima, julgue os itens a seguir.
>
> A substituição de "exigirá" por *exigiriam* manteria a correta correlação entre os tempos e modos verbais empregados no período.

Comentários:

A modificação traria um erro de concordância, já que "exigirá" está no singular para concordar com o antecedente do "que", o pronome demonstrativo "o". *Exigiriam* está no plural e não pode concordar com sujeito singular. Além disso, a correlação correta não seria mantida, pois já sabemos que o futuro do pretérito se correlaciona com o pretérito do subjuntivo: se eu pude**sse**, eu far**ia.** Finalmente, não poderia também ser inserida somente a forma "exigiria" sem a correta modificação do outro verbo, adquirir. Teríamos que mexer nos dois para ter: "exigiria" e "adquirissem". Questão incorreta.

ESQUEMATIZANDO

Substituições válidas entre correlações verbais já cobradas:

Têm de ser fiscalizados = devem ser fiscalizados

Tem gerado nas últimas décadas = gerou nas últimas décadas

Tinha estado=estivera; Tenha sido=haja sido

Se pudéssemos, faríamos = se pudermos, faremos

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Vozes Verbais

O verbo pode ter voz ativa (sujeito pratica ação), passiva (sujeito sofre ação), reflexiva (sujeito pratica e sofre a ação).

Há casos em que o verbo tem sentido passivo (levei um soco), mas ainda assim, sintaticamente, a voz é ativa, porque o sujeito sintático pratica a ação. A voz passiva é um importante recurso para se ***omitir o agente da ação e somente focar no sujeito paciente.*** A voz passiva se divide em analítica e sintética ou pronominal.

➢ Voz passiva analítica (SER + Particípio)

Na conversão da voz ativa para a passiva, o sujeito da voz ativa vira o agente da passiva. O objeto direto da ativa vira sujeito paciente na passiva.

Ex: O **desafiante** derrotou **o campeão** (voz ativa)

Sujeito **objeto direto**

Ex: **O campeão** foi derrotado pelo desafiante. (voz passiva analítica)

Suj Paciente **Ser + Particípio** **Agente da passiva**

➢ Voz passiva sintética ou Pronominal (VTD + SE):

Ex: Derrotou**-se** **o campeão**, acabaram**-se** **as esperanças**.

Pron. Apassivador **Suj.paciente** **Pron. Apassivador** **Suj.paciente**

A transposição para a voz passiva depende de um objeto direto na voz ativa. Observe que na transposição da voz passiva analítica para a sintética ocorre:

1) A locução passiva vira um pronome apassivador

2) O agente da passiva fica implícito.

3) O tempo e modo do verbo é mantido ao longo da transposição.

4) O agente da passiva corresponde ao sujeito da voz ativa

Pelo fato de o agente da passiva não aparecer mais na voz passiva sintética, é possível transpor para esta voz uma sentença em **voz ativa com sujeito indeterminado**, já que, em ambas as estruturas, o sujeito ficará "escondido":

- ✓ A esposa flagrou o homem comendo Nutela escondido (Voz ativa).
- ✓ O homem foi flagrado pela esposa comendo Nutela escondido (Voz Passiva Analítica).
- ✓ **Flagraram** o homem comendo Nutela escondido. (Voz ativa com sujeito indeterminado, na terceira pessoa do singular).

23277017915 - Davi Pedro da Silva

✓ **Fragrou-se** o homem comendo Nutela escondido. (Voz passiva sintética)

A voz passiva sintética tem esse nome porque é “menor”, já que traz somente o “SE”, sem a locução passiva com particípio. Lembre-se, a forma sintática da voz passiva é VTD+SE.

ESTA CAI
NA PROVA!

70. (FCC / TRT 24ª Região / Técnico / 2017)

> Está na voz passiva o verbo do seguinte fragmento do texto:
>
> a) É produzido com matérias primas da própria região...
>
> b) Essa cultura estadual retrata, também, uma mistura de várias outras contribuições das muitas migrações...
>
> c) A cultura de Mato Grosso do Sul é o conjunto de manifestações artístico-culturais...
>
> d) O artesanato, uma das mais ricas expressões culturais de um povo, no Mato Grosso do Sul, evidencia crenças, hábitos, tradições e demais referências culturais do Estado.
>
> e) As peças em geral trazem à tona temas referentes ao Pantanal e às populações indígenas...

Comentários:

Para identificarmos a voz passiva, devemos procurar o “SE” apassivador ou a locução passiva “SER+Particípio”. Logo na letra A, encontramos essa locução: “***é*** produz***ido***”. Nas demais opções, não há particípio, apenas verbos conjugados no presente do indicativo, na voz ativa: “retrata”, “é”, “evidencia” e “trazem”.

71. (FCC / ELETROBRAS / TÉC. SEG. DO TRABALHO / 2016)

> *Os revestimentos das paredes isolam o calor.*
>
> Essa oração está corretamente reescrita na voz passiva em:
>
> a) Isola o calor os revestimentos das paredes.
>
> b) O calor é isolado pelos revestimentos das paredes.
>
> c) Isolam-se o calor ao ser revestido as paredes.
>
> d) O calor é que isola os revestimentos das paredes.
>
> e) Os revestimentos das paredes são isolado do calor.

Comentários:

Sejamos práticos: 1º Objeto direto vira sujeito paciente. 2º Sujeito vira agente da passiva. “Isolar” está no presente, logo o “ser” também estará: “é”.

Os revestimentos das paredes isolam o calor

O calor é isolado **pelos revestimentos das paredes**

Gabarito letra B.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

72. (IFBC / Advogado / 2016)

> Em "*O toco de vela apaga-se às primeiras gotas da chuva, que volta a cair.*", considerando as vozes do verbo, pode-se reescrever, corretamente, o trecho em destaque da seguinte forma:
>
> a) O toco de vela é apagado
>
> b) O toco de vela apaga a si mesmo
>
> c) Apagam o toco de vela
>
> d) O toco de vela pode ser apagado.

Comentários:

Apaga-se (Voz passiva sintética: VTD+SE) equivale a "é apagado" (Voz passiva analítica "ser+particípio"). Gabarito letra a.

Na letra b, não há voz reflexiva, pois não é a vela que apaga a si mesma. Ela é apagada pela chuva. Pelo mesmo motivo, não poderia ser a letra C, que traz sujeito indeterminado "apagam". Gabarito letra a.

73. (CS-UFG / 2016)

> No segmento "*vivem perguntando em redor*", o uso da locução verbal
>
> a) refere-se ao enunciador do texto.
>
> b) indica a eventualidade da ação.
>
> c) apresenta o resultado do processo verbal.
>
> d) indica a indeterminação do sujeito da ação.

Comentários:

Uma das formas de indeterminação do sujeito é o uso da terceira pessoa do singular. Dessa forma, o agente daquele verbo fica oculto, indeterminado. Para você não esquecer, lembre da linguagem do fofoqueiro, sempre na terceira pessoa: — *disseram que te viram...* — *falaram isso ou aquilo...* Gabarito letra d.

74. (VUNESP / PREF. SÃO PAULO / ANALISTA / 2015)

> Na voz ativa, a passagem – *Charges, montagens e até samba [...] foram criados para chamar a atenção sobre o tema.* – assume a seguinte redação:
>
> a) Para chamar a atenção sobre o tema, criaram charges, montagens e até samba.
>
> b) Criaram-se charges, montagens e até samba para chamar a atenção sobre o tema.
>
> c) A atenção sobre o tema foi chamada com a criação de charges, montagens e até samba.
>
> d) Criou-se charges, montagens e até samba para chamar-se a atenção sobre o tema.
>
> e) A chamada de atenção sobre o tema fez-se com criação de charges, montagens e até samba.

Comentários:

Na voz pasiva analítica com o agente da passiva omitido, não temos

23277017915 - Davi Pedro da Silva

conhecimento de quem pratica a ação. Então, na voz ativa, essa omissão do agente se coaduna com forma de sujeito indeterminado, na terceira pessoa do plural: “criaram”.

Nas demais alternativas temos voz passiva também, marcadas por locução passivas “foi chamada” ou “se” pronome apassivador.

Gabarito letra A.

Impossibilidade de conversão para voz passiva

A voz passiva pressupõe alguém praticando uma ação e um paciente recebendo seus efeitos. Alguns verbos, porém, por sua semântica, quando assumem sentido passivo, não aceitam transposição para voz passiva: *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer, pesar (massa), ter (posse), haver (impessoal)*. ***Também não aceita voz passiva o verbo de ligação***, pois é um verbo de estado, não é de ação.

Guarde uma informação: a voz passiva está diretamente relacionada à existência de um objeto direto na voz ativa, pois ele vai virar sujeito paciente na voz passiva. Se não for possível transformar um objeto direto em sujeito paciente, não será possível fazer a transposição para a voz passiva. Por isso, ***verbos intransitivos e transitivos indiretos não aceitam voz passiva.***

Desafio: tente aí você em casa transpor estas sentenças para a voz passiva:

Tenho 50 anos.

Tive um cachorro.

Permaneceríamos fiéis.

Gosto de pessoas gentis.

O dólar caiu muito ontem.

Choveu torrencialmente hoje.

Aguentei muito assédio moral.

Havia um artista na minha cela.

Levei um soco nos dentes da frente.

Se você não conseguiu, parabéns! Essas sentenças não aceitam transposição por trazerem sentido passivo, de posse ou existência ou por trazerem verbos transitivos indiretos ou intransitivos.

Ainda que haja um “OD” em “tive um cachorro”, o verbo “ter” não vai poder assumir um sentido passivo, por razões semânticas. Veja que incoerente: “um cachorro foi tido por mim”. Entendeu?

23277017915 - Davi Pedro da Silva

OBS: O agente da passiva pode ser introduzido pela preposição "por", "pelo(a)(s)" e "de".

Ex: A quadrilha foi cercada **por/pelos/de** policiais.

75. (FCC / TRF 3ª REGIÃO / Analista / 2016)

> A frase que NÃO admite transposição para a voz passiva encontra-se em:
>
> a) ... o acesso das obras a um status estético que as exalta.
>
> b) ... elas protestam contra os fatos da realidade, os poderes...
>
> c) Muitas obras antigas celebram vitórias militares e conquistas...
>
> d) O museu, por retirar as obras de sua origem...
>
> e) ... a crítica mais comum contra o museu apresenta-o...

Comentários:

A voz passiva é a conversão de um objeto direto em sujeito paciente. Então, precisamos de um objeto direto. Em questões desse tipo, temos que buscar os verbos transitivos indiretos, intransitivos e de ligação, pois não têm OD.

Os verbos "exaltar", "celebrar", "retirar" e "apresentar" são todos VTD e trazem um objeto direto. Por outro lado, "protestar" é VTI, pois pede a preposição "contra". Logo, não admite transposição. Gabarito letra b.

Implicações sintáticas da voz passiva

Fique ligado numa pegadinha clássica de prova.

Não se espera que o governo resolva tudo sozinho

Aí vem a banca e pergunta se a frase destacada é complemento verbal.

O aluno pensa: "quem espera espera alguma coisa, é objeto direto!!!É complemento verbal sim! Uhulllll! Essa foi mole!!"

Dias depois, sai o gabarito **ERRADO** e o combalido candidato fica aos prantos: *"eu erreeeeei, vou si matá , concurso é impossível!!!!"*

Calma: vejamos a voz passiva analítica correspondente:

*Não **se** espera que o governo resolva tudo sozinho*

Não é esperado que o governo resolva tudo sozinho.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Não é esperado ISTO

Essa oração é sujeito paciente, ***ISTO*** não é esperado. Somente na voz ativa é que essa oração seria objeto direto. *Eu espero que o governo resolva tudo sozinho* (espero ISTO). Só nesse caso seria um complemento verbal. Observe que há um "SE" bem grande para indicar sentido passivo.

Entendido? Sigamos!!

DESPENCA NA
PROVA!

76. (FCC / Copergás / Analista Administrador / 2016)

> Transpondo-se para a voz passiva a frase *Um dos guardas seguia a velhinha para que a flagrasse como contrabandista*, as formas verbais resultantes deverão ser
>
> a) era seguida – fosse flagrada
>
> b) tinha seguido – vir a flagrá-la
>
> c) tinha sido seguida – se flagrasse
>
> d) estava seguindo – se tivesse flagrado
>
> e) teria seguido – tivesse sido flagrada.

Comentários:

Para resolver questões como essa sem ter que fazer a transposição em cada uma das opções, temos logo que "caçar" aquela em que o tempo não foi mantido ao longo da conversão.

Sabemos que o tempo e o modo do verbo na voz ativa serão mantidos no verbo "ser" da locução passiva. Então, se temos "seguia", no pretérito imperfeito, teremos na voz passiva "era",. Se temos, "flagrasse", no pretérito imperfeito do subjuntivo, teremos na voz passiva "fosse". Feita essa análise, basta procurar nas opções. Gabarito letra a.

Nas letras B e C, não temos locução passiva, pois não temos o verbo "ser". Na letra E temos gerúndio: a locução de voz passiva é "ser+particípio". Na letra e, temos verbo no futuro do pretérito.

77. (FCC / Auditor do Tesouro Estadual / SEFAZ-PI / 2015)

> Se numa transformação da frase ***O borracheiro coçou a desmatada cabeça e proferiu a sentença tranquilizadora*** atribuirmos aos termos sublinhados a função de sujeito, as formas verbais que lhes correspondem deverão ser, na ordem dada:
>
> a) havia coçado – tinha proferido
>
> b) coçara – proferira
>
> c) tinha coçado – teria proferido
>
> d) estava sendo coçada – tinha sido proferida

23277017915 - Davi Pedro da Silva

> e) foi coçada – foi proferida

Comentários:

Prova de altíssimo nível. Porém a questão não era nenhum desafio. O objeto direto na voz ativa vira sujeito paciente na voz passiva. Coçou a cabeça vira a cabeça foi coçada; preferiu a sentença vira a sentença foi proferida. Gabarito letra E.

78. (FUNCAB / Polícia Civil / Escrivão / 2016)

> Considere-se o seguinte período:
>
> *Mas, por outro lado, é na maneira como o delito FOI PRATICADO que SE ENCONTRAM características 100% seguras da mente de quem o praticou, A EVIDENCIAR fatos, tal qual a imagem fotográfica REVELA-nos exatamente algo, seja muito ou pouco, do momento em que FOI REGISTRADA.*
>
> Feitos eventuais ajustes indispensáveis, a substituição da forma verbal (em destaque) que altera fundamentalmente o sentido do enunciado está registrada em:
>
> a) foi registrada / se registrou.
>
> b) se encontram / são encontradas.
>
> c) a evidenciar / evidenciando.
>
> d) foi praticado / praticou-se.
>
> e) revela / tem revelado.

Comentários:

Nas letras D, A e B há mera troca de voz passiva analítica (ser+particípio) por sintética (VTD+SE). As formas são equivalentes.

Na letra C, temos duas expressões verbais que indicam continuidade "a evidenciar" e o gerúndio "evidenciando". Ambas são equivalentes.

Já na letra E, há mudança de sentido, já que "revela" está no presente do indicativo e indica fato, verdade universal, evento que sempre ocorre. Já a expressão "tem revelado" está no pretérito perfeito composto, indicando ação que começou no passado e perdura até o presente. Observe que uma foto não poderia começar a revelar algo no passado e continuar revelando até o presente momento. No contexto, revelar é ação instantânea, sem caráter durativo.

Gabarito letra E.

79. (CESPE / DPU / 2016)

> *No Brasil, pode-se considerar marco da história da assistência jurídica, ou justiça gratuita, a própria colonização do país, ainda no século XVI.*
>
> No que se refere às ideias e informações do texto, julgue o item a seguir.
>
> Sem prejuízo do sentido e da correção gramatical do texto, o primeiro período poderia ser reescrito da seguinte forma: *A própria colonização do Brasil, ainda no século XVI, pode ser considerada marco da história da assistência jurídica, ou justiça gratuita, no país.*

Comentários:

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Vamos organizar a casa, trazendo o sujeito para antes do verbo:

a própria colonização...pode-se considerar marco da (**VTD+SE**)

a própria colonização ...pode ser considerada marco (**SER+particípio**)

A banca simplesmente transpôs a voz passiva sintética para a analítica com locução verbal. Observe também que o verbo poderia flexionar para concordar com eventual sujeito no plural: as próprias colonizações podem ser consideradas marco... Questão correta.

80. (CESPE / Funpresp / 2016) Adaptada

> A supressão da partícula *"se"*, em *"a notícia espalhou-se rapidamente"*, prejudicaria a correção gramatical do texto e seu sentido original.

Comentários:

"A notícia espalhou-se" é voz passiva sintética: foi espalhada. A notícia sofre a ação de ser espalhada. Se retirarmos o –se, "notícia" passa a ser sujeito e fica faltando um objeto direto para o verbo espalhar. A supressão prejudica o sentido e correção gramatical. Questão correta.

81. (CESPE / Analista / INSS / 2016)

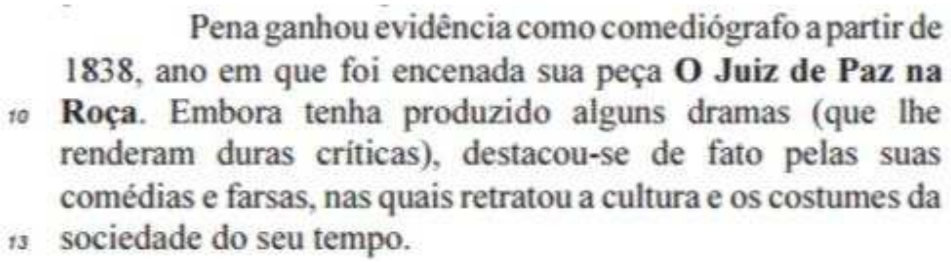

> Pena ganhou evidência como comediógrafo a partir de 1838, ano em que foi encenada sua peça **O Juiz de Paz na Roça**. Embora tenha produzido alguns dramas (que lhe renderam duras críticas), destacou-se de fato pelas suas comédias e farsas, nas quais retratou a cultura e os costumes da sociedade do seu tempo.
>
> Julgue o item subsequente, que versam sobre os sentidos e os aspectos linguísticos do texto acima.
>
> A substituição de "destacou-se" (l.11) por **foi destacado** prejudicaria o sentido original do período.

Comentários:

Não prejudicaria. A forma "destacou-se" indica voz reflexiva, pois o autor destacou-se a si mesmo, exerceu a ação de destacar sobre si. A forma "foi destacado" traz voz passiva analítica (SER+Particípio). Não são equivalentes. Questão correta.

82. (CESPE / MPOG / 2015) Adaptada

> A correção gramatical do período seria preservada ao se substituir *"implementou-se" (Assim, implementou-se a administração gerencial...)* por foi *"implementada".*

Comentários:

"A administração gerencial foi implementada" é oração em voz passiva analítica, pois traz locução passiva formada por SER+Particípio de VTD. Essa estrutura é perfeitamente equivalente a "Implementou-se a administração grencial", voz passiva sintética, formada por VTD+SE. Questão correta.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

83. (CESPE / DEPEN / 2015) Adaptada

> *"O que se constata é que, na prática, o cidadão preso perde muito mais que sua liberdade."*
>
> Em relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto, julgue o item que segue. A substituição de *"se constata"* por ***é constatado*** manteria a correção gramatical e o sentido original do texto.

Comentários:

Retirando o termo entre vírgulas, temos: O (aquilo) que é constatado é que o cidadão preso perde muito mais do que sua liberdade (isso), esse ISSO está sendo retomado pelo pronome relativo "que", sujeito do verbo: Se constata Isso (sintética) = Isso é constatado (analítica). A voz passiva sintética é equivalente à analítica, por isso, a mudança mantém a correção e o sentido original. Observe que o pronome apassivador vem antes porque é atraído por palavra invariável, o relativo "que". Questão correta.

84. (CESPE / MPU / 2015) Adaptada

> *Só no Império, em 1832, iniciou-se a sistematização das ações do Ministério Público.*
>
> Caso se substituísse *"iniciou-se"* por *foi iniciada,* a correção gramatical do período seria prejudicada.

Comentários:

Não seria prejudicada, a voz passiva sintética (iniciou-se a sistematização) é equivalente à analítica (a sistematização foi iniciada). Questão incorreta.

85. (CESPE / TRE-GO / 2015) Adaptada

> *"Logo a seguir, os equipamentos são retirados dos seus locais de origem e levados, ainda no sábado, para as sedes dos TREs, onde permanecem sob vigilância."*
>
> O item a seguir apresenta uma proposta de reescrita de trecho do texto II — indicado entre aspas —, que deve ser julgada certa se estiver gramaticalmente correta e mantiver o sentido do texto, ou errada, em caso contrário.
>
> *"Em seguida, retiram-se os equipamentos dos seus locais de origem e levam-se, ainda no sábado, para as sedes dos TREs, onde as quais permanecem sob vigilância."*

Comentários:

Na transposição para a voz passiva, devem ser mantidos tempo e modo verbal. Os equipamentos são retirados (presente) equivale a retiram-se os equipamentos (presente). Até aí tudo bem. O problema é esse acúmulo de pronomes relativos em "onde as quais". Não poderia haver dois pronomes relativos juntos e, além disso, "as quais" é feminino e não poderia se referir ao substantivo masculino "equipamentos". Questão incorreta.

86. (CESPE / TRE-GO / 2015) Adaptada

> O item a seguir apresenta uma proposta de reescrita — indicado entre aspas —, que deve ser julgada certa se estiver gramaticalmente correta e mantiver

23277017915 - Davi Pedro da Silva

> o sentido do texto, ou errada, em caso contrário.
>
> *"Na votação paralela, o conteúdo das células é digitado nas urnas eletrônicas sorteadas" : Na votação paralela, o conteúdo das cédulas são digitados nas urnas eletrônicas sorteadas.*

Comentários:

O verbo concorda com o núcleo do sujeito: conteúdo. Não confunda com expressões partitivas (a maioria dos brasileiros...), que também permitem concordância com o núcleo do Adjunto. A questão permaneceria incorreta ainda que fosse admitida a concordância com o núcleo do adjunto, pois digitados (masculino) não concorda em gênero com cédulas (feminino). Questão incorreta.

Voz Passiva X Índice de indeterminação do sujeito

Grave: a voz passiva depende de um objeto direto na ativa. Agora, compare:

Deseja-se um futuro melhor X Visa-se a um futuro melhor.

Como sabemos, somente VT**D** ou VT**D**I podem ter voz passiva, isso porque o objeto direto da voz ativa vira sujeito paciente na voz passiva e o sujeito não pode ser preposicionado.

Então, **VTI+SE** é clássica estrutura de **sujeito indeterminado**. Verifique se o verbo pede preposição.

Ex: Precisa-se **de** médicos. (Não há OD, não há sujeito paciente)

Ex: Acredita-se **em** deuses. (Não há OD, não há sujeito paciente)

Ex: Não é disso que vamos falar: trata-se **de** outros assuntos. (VTI+SE, sujeito indeterminado, não há OD, não há sujeito paciente)

Verbos intransitivos (VI) não pedem complemento, não têm objeto, por isso também não aceitam voz passiva. Se VIs vierem acompanhados de **SE**, pode apostar que é um sujeito indeterminado.

Ex: Vive-se bem aqui

Não custa lembrar: cuidado com a voz reflexiva, em que o agente pratica a ação e sofre seus efeitos ao mesmo tempo. Na dúvida, troque o "se" por a si mesmo e veja se a coerência se mantém.

Na hora da análise, o tipo de verbo é uma fortíssima pista sintática sobre a presença de voz passiva ou sujeito indeterminado. Contudo, você deve sempre conferir o sentido do texto, verificar se há sentido passivo, reflexivo ou se há um verbo sem sujeito conhecido no texto.

87. (ESAF / ANAC / Técnico / 2016)

> *Assinale a opção cujas palavras completam com correção gramatical as lacunas do texto a seguir.*
>
> *A versão oficial e clássica da Independência tem sido infelizmente por demais simplista e esquemática. Resolve-se sumariamente em torno de dois termos*

23277017915 - Davi Pedro da Silva

> *de uma oposição: Brasil colônia e Portugal metrópole. No contraste desses dois polos divergentes ______(1)______ situar todo o movimento da nossa emancipação política, sem levar em conta o sem-número de ações e reações ______(2)______ no seio e interior de cada qual.*
>
> a) (1) costumam-se (2) a se desenrolarem
>
> b) (1) costuma-se (2) que se processam
>
> c) (1) é hábito (2) de que ocorrem
>
> d) (1) habituamos a (2) que desenvolvem
>
> e) (1) habituamos-nos (2) a que instauram

Comentários:

O verbo "costumar" tem estrutura clássica de trazer como objeto direto um verbo no infinitivo: Eu costumo estudar. Eles costumam viajar.

Dessa forma, temos que ler o período da primeira lacuna nessa ordem:

Todo o movimento da nossa emancipação COSTUMA se situar. Então, o verbo tem que estar no singular. Não há termo no plural que pudesse concordar com ele. Alguém poderia pensar também que o verbo concordaria com a oração "situar", o que também levaria o verbo para o singular.

Na segunda lacuna, há voz passiva analítica: "que se processem"="que sejam processadas".

Na letra C, não há nenhum termo que demande essa preposição "DE". Na letra d, falta um objeto para "desenvolvem": desenvolvem o quê? Na letra e, falta a preposição "a": habituamos-nos "a" alguma coisa. Gabarito letra b.

88. (ESAF / ANAC / Analista / 2016)

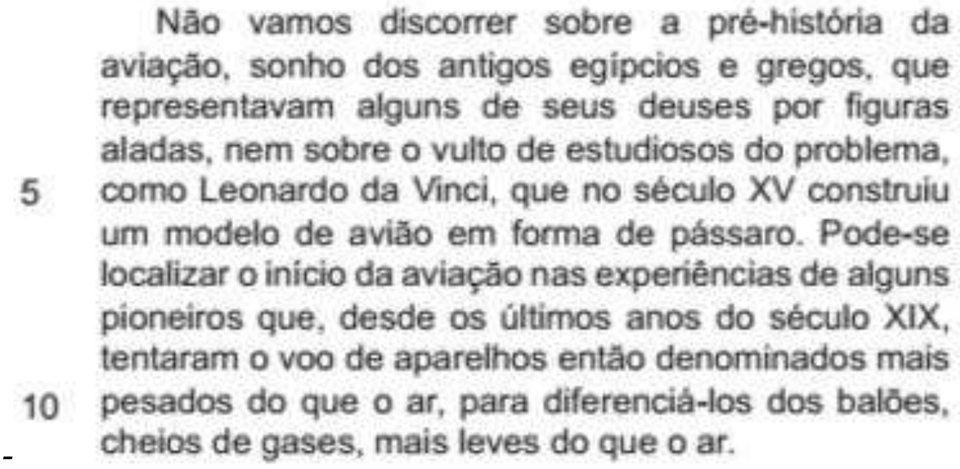

> Não vamos discorrer sobre a pré-história da aviação, sonho dos antigos egípcios e gregos, que representavam alguns de seus deuses por figuras aladas, nem sobre o vulto de estudiosos do problema, como Leonardo da Vinci, que no século XV construiu um modelo de avião em forma de pássaro. Pode-se localizar o início da aviação nas experiências de alguns pioneiros que, desde os últimos anos do século XIX, tentaram o voo de aparelhos então denominados mais pesados do que o ar, para diferenciá-los dos balões, cheios de gases, mais leves do que o ar.
>
> Em *"Pode-se"* o pronome *"se"* indica a noção de condição*.*

Comentários:

O "se" indica indeterminação do sujeito. Procure no texto quem pode localizar e vai perceber que não sabemos o agente dessa ação. Não era possível confundir com voz passiva, pois, aqui, "pode" é verbo auxiliar, não tem objeto direto e, ademais, não há sentido passivo. Questão incorreta.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

89. (ESAF / ANAC / Analista / 2016)

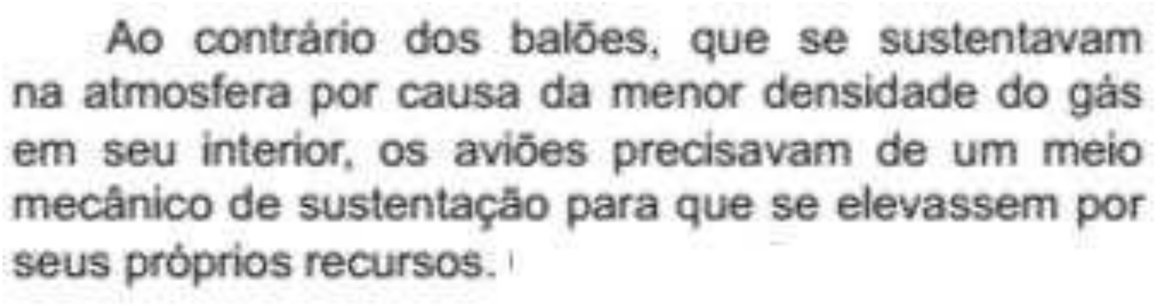

> Ao contrário dos balões, que se sustentavam na atmosfera por causa da menor densidade do gás em seu interior, os aviões precisavam de um meio mecânico de sustentação para que se elevassem por seus próprios recursos.
>
> Em *"se sustentavam"* e *"se elevassem"* o pronome *"se"* indica voz reflexiva.

Comentários:

O "se" indica voz reflexiva. Pois o avião de fato eleva a si mesmo e sustenta a si mesmo no ar. Ele não recebe essa ação de outro agente, por isso, não é possível confundir com a voz passiva. Questão correta.

90. (FCC / Agente de Segurança / METRO-SP / 2015)

> A frase que pode ser transposta para a voz passiva encontra-se em:
>
> a) Podemos fazer opções mais ousadas.
>
> b) Por que a vida seria como um cardápio, Alfredo?
>
> c) Nesse momento, dois chopes desceram sobre a mesa.
>
> d) Concordo com o restaurante a quilo.
>
> e) Não me venha com essa conversa de cardápio existencial.

Comentários:

Só verbos que pedem objeto direto podem ser transposto para voz passiva. Verbos intransitivos, transitivos indiretos e verbos de ligação não aceitam essa passagem. Fazer é VTD, então seu objeto, "opções mais ousadas", pode virar sujeito paciente na voz passiva. "*Seria*" é verbo de ligação; "desceram" e "venha" são verbos intransitivos; "concordo" é transitivo indireto. Gabarito letra A.

91. (CESPE / FUB / 2014) Adaptada

> Em *"a disponibilidade de mão de obra estreitou-se"* o pronome *"se"*, em *"estreitou-se"*, indica que o sujeito da forma verbal *"estreitou"* é indeterminado.

Comentários:

O sujeito está bem claro: a disponibilidade. Por isso, o **–se** não é índice de indeterminação do sujeito, é parte integrante de um verbo pronominal. Veja a definição do Mini-dicionário Aurélio: *estreitar-se: verbo intransitivo e pronominal. Tornar-se estreito*. O Houaiss também aponta esse verbo como pronominal em todas as acepções. Ainda que ficasse a dúvida entre voz passiva e verbo pronominal, a questão se resolveria pela identificação do sujeito.

Ressalto que é importante sempre observar o contexto, pois se tomássemos como ponto de partida só a estrutura VTD+SE, poderíamos pensar que se trata de voz passiva (e acertaríamos a questão pelo motivo errado). Porém, ao ler a sentença, vemos que a disponibilidade não sofre a ação de ser estreitada por

23277017915 - Davi Pedro da Silva

ninguém, basta substituir por um verbo sinônimo: a disponibilidade diminuiu, ficou menor. Lembro também que verbos que já têm sentido passivo não aceitam transposição para voz passiva. Questão incorreta.

Locução Verbal x Tempo Composto

Na voz passiva, o particípio concorda em gênero e número com o sujeito paciente:

Ex: Eu fui assaltado > Elas foram assaltadas.

O particípio formador de tempo composto na voz ativa não se flexiona.

Ex: Elas tem estudado muito.

Voz Passiva

- **Analítica: SER+PARTICÍPIO (Casas são vendidas)**
- **Sintética: VTD/VTDI+SE (Vendem-se casas)**

Locução Verbal tempo composto

- **TER/HAVER+PARTICÍPIO:**
- **(Tenho andado distraído)**
- **(Tem sido difícil estudar)**

Para ficar ainda mais claro, vamos fazer uma transposição da voz ativa com tempo composto para voz passiva. Observe que o tempo composto não muda:

- ✓ O homem **havia realizado** sua missão. (voz ativa com tempo composto)
- ✓ A missão **havia sido realizada** pelo homem (voz passiva com tempo composto)

Na voz passiva analítica, observe que o particípio varia em gênero e número para concordar com seu referente.

Ressalto que, para concurso, voz passiva sintética e voz passiva analítica são equivalentes, constituindo alternativas sintáticas para o mesmo enunciado.

Entretanto, cuidado com a colocação pronominal na hora de substituir uma pela outra:

- ✓ Alguns pontos não foram contabilizados na minha prova discursiva.
- ✓ Alguns pontos não se contabilizaram na minha prova discursiva.(próclise)

Embora as estruturas sejam equivalentes, "Não contabilizaram-se" seria erro de colocação pronominal, pois palavra negativa atrai o pronome para antes do verbo.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

92. (FCC / ELETROBRAS / ELETROSUL / 2016)

> Transpondo-se para a voz ativa a frase *Eficazes sistemas de irrigação teriam sido utilizados pelos antigos em suas culturas de cereais*, a forma verbal resultante deverá ser
>
> a) seriam utilizados.
>
> b) teriam utilizado.
>
> c) foram utilizados.
>
> d) utilizaram-se.
>
> e) haveriam de utilizar..

Comentários:

Se a voz é passiva, "eficazes sistemas de irrigação" é sujeito paciente. Na voz ativa, esse termo deverá assumir função de objeto direto e o agente da passiva "pelos antigos" vai ter que virar sujeito. O "ser" da voz passiva desaparece:

Eficazes sistemas de irrigação teriam sido utilizados pelos antigos

Os antigos teriam utililizado **eficazes sistemas de irrigação**.

Há uma locução de tempo composto "Ter+particípio", essa locução de tempo composto se mantém; então basta subtrair o verbo "ser" da locução passiva que teremos a voz ativa de novo. Gabarito letra b.

93. (FGV / Prefeitura de Paulínia / 2016)

> *"Teria sido o mundo criado jamais se o seu criador tivesse medo de suscitar confusão? Criar vida quer dizer criar confusão."*
>
> Sobre a estruturação gramatical da frase acima, está correta a afirmativa:
>
> A forma ativa correspondente a "Teria sido criado" é "teria criado".

Comentários:

O mundo teria sido criado pelo criador. (voz passiva)

O criador teria criado **o mundo**. (voz ativa)

O sujeito paciente "o mundo" vira objeto direto na voz ativa. O agente da passiva vira sujeito. O tempo futuro do pretérito é mantido na conversão.Questão correta.

94. (FGV / DPE-MT / Advogado / 2015)

> Assinale a opção que indica o segmento que não exemplifica a voz passiva.
>
> a) "Assim que pisa em solo estrangeiro, todo turista logo é descoberto".
>
> b) "Só poucos minutos de convivência com os nativos e o estrangeiro é abordado e questionado".
>
> c) "O brasileiro que viaja ao exterior está acostumado a ouvir".
>
> d) "a identidade do brasileiro é inevitavelmente ligada a esta trinca".
>
> e) "Nossa identidade é invejada e desejada por qualquer estrangeiro!"

Comentários:

Na letra C, temos verbo de *ligação+adjetivo*. Verbo de ligação não aceita voz

23277017915 - Davi Pedro da Silva

passiva. Nas outras alternativas temos ***Ser+particípio***: passiva analítica. Gabarito letra C.

Verbos Pronominais

São aqueles que **trazem um pronome "integrante"** do verbo e que não podem ser conjugados sem ele.

Veja alguns deles: *Arrepender-se, atrever-se, assemelhar-se, candidatar-se, dignar-se, esforçar-se; queixar-se; refugiar-se, suicidar-se, estreitar-se...*

Há diversos verbos que podem ser usados como pronominais: Lembrar-se; esquecer-se. Nesses casos, a regência passa a exigir a preposição "DE".

Ex: Lembrei/esqueci a letra ou Lembrei-**me**/Esqueci-**me da** letra.

As bancas gostam de perguntar se o pronome é parte integrante do verbo e/ou, se exerce função sintática, ou se pode ser suprimida. Nos verbos que não são essencialmente pronominais, como ***lembrar e esquecer***, a retirada do pronome DEVE ser acompanhada também da retirada da preposição.

Ex: Eles deram-se, após a tragédia, uma segunda chance.

Nesse caso, o pronome "se" tem função sintática de objeto indireto (deu a si).

Ex: Eles não se arrependem de nada. (o "se" é parte integrante, não pode ser retirado e nem exerce qualquer função sintática. Não pense que é reflexivo, tampouco recíproco, pois não podemos arrepender a outra pessoa nem a nós mesmos: se arrepender não é arrepender a si mesmo. Claro?)

Um critério importante é sempre verificar se o verbo vai ter sentido passivo, pois a banca vai tentar confundir você afirmando que o "se" representa voz passiva sintética.

95. (CESPE / Análise Sistemas / 2015) Adaptada

> *A vida do direito é a luta: a luta de povos, de governos, de classes, de indivíduos. Todo o direito do mundo foi assim conquistado. Todo ordenamento jurídico que se lhe contrapôs teve de ser eliminado e todo direito, o direito de um povo ou o de um indivíduo, teve de ser conquistado com luta.*
>
> A correção gramatical e o sentido original do texto seriam preservados caso a oração *"que se lhe contrapôs"* fosse reescrita como ***que foi contraposto a ele***.

Comentários:

Só verbos transitivos diretos (ou VTDI) podem ser transpostos para voz passiva. O ordenamento jurídico se contrapôs a ele. O pronome "lhe" tem função de objeto indireto. Se o verbo é objeto indireto, esse "se" que o acompanha não é pronome apassivador, é parte integrante de um verbo pronominal (contrapor-se); basta lembrar o verbo "opor", que também tem um pronome atrelado a ele: Oponho-me a isso, Opomo-nos a isso... Assim sendo, não é possível a transposição para voz passiva, por ser VTI. A partícula **–se** também não pode ser retirada, pois é parte integrante do verbo. Questão incorreta.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

96. (CESPE / TCE-RO / 2013)

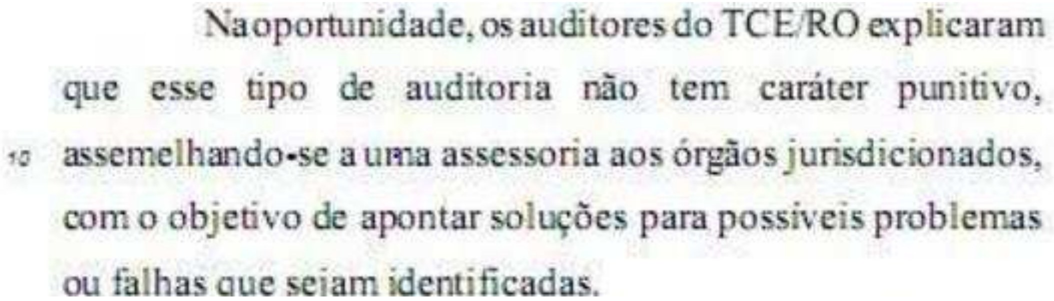

> Na oportunidade, os auditores do TCE/RO explicaram que esse tipo de auditoria não tem caráter punitivo, assemelhando-se a uma assessoria aos órgãos jurisdicionados, com o objetivo de apontar soluções para possíveis problemas ou falhas que sejam identificadas.
>
> Julgue os itens que se seguem, relativos às informações e estruturas linguísticas do texto acima.
>
> Em *"assemelhando-se"*, o emprego da partícula "*-se*" deve-se ao emprego pronominal do verbo assemelhar.

Comentários:

Caso você não soubesse que "assemelhar-se" é um típico verbo pronominal, teríamos ainda dois caminhos para acertar essa questão. O primeiro era saber que não poderia ser pronome apassivador, pois se trata de verbo transitivo indireto. O segundo era saber que não poderia ser índice de indeterminação do sujeito, porque o sujeito está explícito: "auditoria". Questão correta.

LISTA DE QUESTÕES

Lista de questões comentadas na aula

1. (CESPE / Funpresp / 2016) Adaptada

> *...Creio que os artigos de psicologia não foram publicados, pois há tempo li este anúncio num semanário: "Intelectual desempregado. Amadeu Amaral Júnior, em estado de desemprego, aceita esmolas, donativos, roupa velha, pão dormido. Também aceita trabalho". O anúncio não produziu nenhum efeito.*
>
> Com relação às ideias e aos aspectos linguísticos do texto, julgue o item que se segue.
>
> O sujeito da oração 'também aceita trabalho' está elíptico e se refere a 'Amadeu Amaral Júnior', o que justifica o emprego da forma verbal "aceita" na terceira pessoa do singular.

2. (CESPE / TJ-DF / 2015) Adaptada

> *...O direito não é mero pensamento, mas sim força viva. Por isso, a justiça segura, em uma das mãos, a balança, com a qual pesa o direito, e, na outra, a espada, com a qual o defende.*

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Com referência às ideias apresentadas no texto precedente e a seus aspectos linguísticos, julgue o item a seguir.

A forma verbal "defende" está flexionada na terceira pessoa do singular por concordar com seu sujeito, cujo referente é "a justiça".

3. (CESPE / STJ / 2015) Adaptada

Com a justiça privada, o tipo de pena ou sanção deixou de ser uma surpresa para seu destinatário, e não mais correspondia a todo e qualquer ato que o ofendido pretendesse; ao contrário, a punição do ofensor passou a sofrer os limites da extensão e da intensidade do dano causado.

Acerca das estruturas linguísticas do texto, julgue o item a seguir.

A substituição das formas verbais "deixou", "correspondia" e "passou" por "deixa", "corresponde" e "passa", respectivamente, manteria a correção e a coerência do texto.

4. (MPE-SC / Promotor de Justiça / 2016)

Em "*os navegadores europeus reconheceram*" a forma verbal encontra-se no pretérito perfeito do indicativo, tempo que indica ação ocorrida e concluída em determinado momento do passado.

5. (CESPE / TCE-PA / 2016)

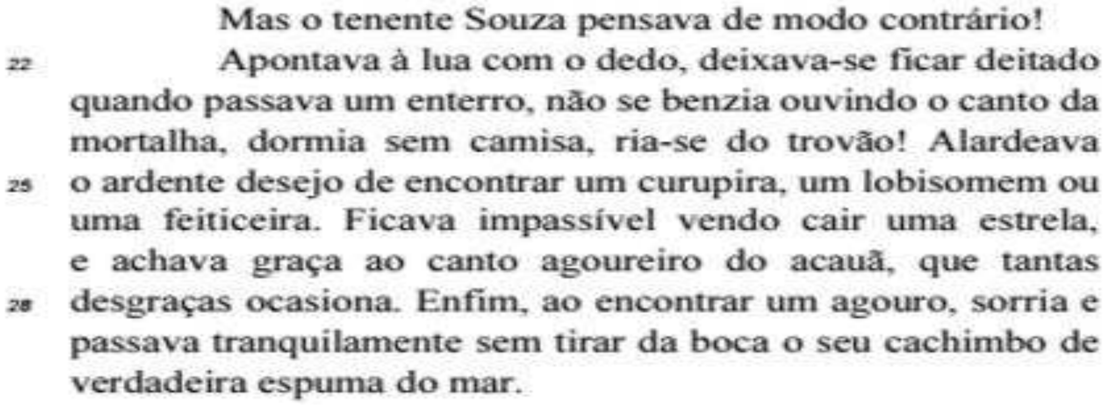

Mas o tenente Souza pensava de modo contrário!

Apontava à lua com o dedo, deixava-se ficar deitado quando passava um enterro, não se benzia ouvindo o canto da mortalha, dormia sem camisa, ria-se do trovão! Alardeava o ardente desejo de encontrar um curupira, um lobisomem ou uma feiticeira. Ficava impassível vendo cair uma estrela, e achava graça ao canto agoureiro do acauã, que tantas desgraças ocasiona. Enfim, ao encontrar um agouro, sorria e passava tranquilamente sem tirar da boca o seu cachimbo de verdadeira espuma do mar.

Julgue o item que se segue, referente aos aspectos linguísticos do texto.

No último parágrafo do texto, o emprego das formas verbais no pretérito imperfeito do indicativo indica que as ações do tenente Souza eram habituais. Tais hábitos acabam por caracterizar o personagem.

6. (FCC / MANAUSPREV / 2015)

"*na época, o látex representava 50% da exportação do Brasil*"

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima encontra-se em:

a) ... mas conheço um pouco o interior da Amazônia.

b) .. quando já era uma fortaleza avançada dos portugueses...

c) A temática amazônica se impõe...

d) ... escreveria sobre Paraty ou Pequim, certamente.

e) E teve uma importância econômica fundamental durante 40 anos...

23277017915 - Davi Pedro da Silva

7. (FCC / Auditor Fiscal / SEFAZ-RJ / 2014)

Portugal e os Países baixos tinham uma longa história de relações comerciais, quando, em 1580, o Reino uniu-se à monarquia plural dos Habsburgo madrilenos...

Está correto o que se afirma em:

Na frase inicial do segundo parágrafo, a correlação entre as formas verbais empregadas evidencia que, em um cenário de ação prolongada, foi fixada uma outra ação, enquadrada em um espaço de tempo determinado.

8. (FGV / TJ-SC / 2015)

"Quebrado de cansaço pelo excesso de trabalho, o policial tinha adormecido na portaria da revista".

O tempo simples correspondente à forma verbal sublinhada é:

a) havia adormecido; b) adormecendo; c) adormecia; d) adormeceria;

e) adormecera.

9. (ESAF / ANAC / Analista / 2016)

Assinale a opção que apresenta substituição correta para a forma verbal **contribuiu**

No início da década de 60, trinta anos depois de sua fundação, a Panair já era totalmente nacional. Era uma época de crise na aviação comercial brasileira, pois todas as companhias apresentavam problemas operacionais e crescentes dívidas para a modernização geral do serviço que prestavam. Uma novidade ***contribuiu*** *para apertar ainda mais a situação financeira dessas empresas — a inflação. Apesar disso, não foram esses problemas, comuns às concorrentes, que causaram a extinção da Panair.*

a) contribuísse b) contribua c) contribuíra d) contribuindo e) contribuído

10. (IF-CE / Técnico TI / 2017)

Agi com boa intenção. Talvez ele gostasse. Veio um hambúrguer de quinoa frita. Duas desvantagens de uma vez: engordava por causa da fritura e só tinha gosto do óleo em que ***mergulhara****! Quase perdi o amigo!*

O verbo "mergulhar" está empregado no pretérito mais-que-perfeito do indicativo e assinala

a) uma ação habitual.

b) uma ação anterior a outro fato do passado.

c) um fato passado, mas de incerta localização no tempo.

d) um acontecimento que ocorria com frequência no passado.

e) um fato já concluído em determinado momento do passado.

11. (Fepese / SJC-SC / 2016) Adaptada

(ii) "O Governo vai gastar mais dinheiro com cadeia. Falam que lá dentro não é fácil, que aqui sim é uma escolinha."

Em (ii), a perífrase verbal *"vai gastar"* está no tempo presente, podendo ser

23277017915 - Davi Pedro da Silva

substituída pela forma simples *"gasta"*, sem alterar o significado temporal da frase..

12. (CESPE / TELEBRAS / 2015) Adaptada

Com a construção do primeiro satélite geoestacionário brasileiro, a segurança do tráfego de dados importantes no país poderá aumentar, uma vez que eles passarão a ser criptografados. Segundo o presidente da TELEBRAS, um dos objetivos do desenvolvimento do satélite será a proteção às redes que transmitem informações sensíveis do governo federal.

No que se refere às estruturas linguísticas do texto acima e às ideias nele desenvolvidas, julgue o item a seguir.

Haveria prejuízo da correção e da coerência do texto caso, no primeiro parágrafo, as formas verbais "poderá" e "será" fossem substituídas por "**pode"** e "**é"**, respectivamente.

13. (CESPE / TRE-GO / 2015) Adaptada

Em 1880, o deputado Rui Barbosa, da Bahia, redigiu, a pedido do presidente do Conselho de Ministros, José Antônio Saraiva, o projeto de lei de reforma eleitoral. Em abril de 1880, o Ministério do Império enviaria o documento à Câmara dos Deputados. Aprovado posteriormente pelo Senado, em janeiro do ano seguinte seria transformado no Decreto n.º 3.029 e ficaria popularmente conhecido como Lei Saraiva. Por intermédio dela, seriam instituídas eleições diretas no país para todos os cargos, à exceção do de regente, amparado pelo Ato Adicional.

O tempo empregado nas formas verbais "enviaria" (l.3), "seria transformado", "ficaria" e "seriam instituídas" dá a entender que as ações correspondentes a essas formas verbais não se concretizaram, de fato, no ano de 1880.

14. (FGV / TJ-RO / Administrador / 2015) Adaptada

Segundo o seu criador Mark Zuckerberg, em seu segundo ano da Universidade de Harvard (2004), ele e seus amigos tinham muito a compartilhar: suas fotos, o que estudavam, de que gostavam, entre tantas outras coisas que os amigos curtem. Pensando nisso, Mark elaborou – em duas semanas e com apenas 19 anos de idade – a primeira versão do que se ***tornaria*** *essa famosa rede social.*

A forma verbal "tornaria" foi empregada com o seguinte valor:

a) marcar um fato futuro, mas próximo;

b) transportarmo-nos a uma época passada e descrevermos o que seria ação futura;

c) designar fatos passados concebidos como contínuos ou permanentes;

d) indicar ações posteriores à época em que se fala;

e) exprimir a incerteza sobre fatos passados.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

15. (Cesgranrio / UNIRIO / 2016)

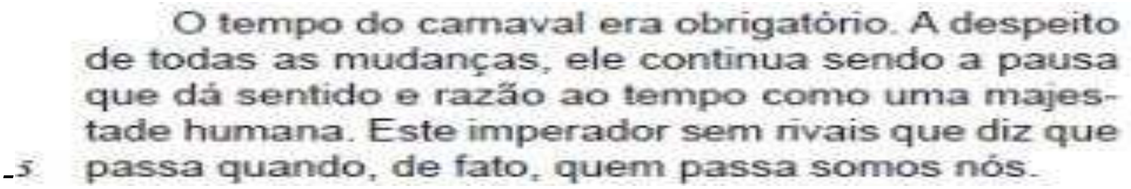

O tempo do carnaval era obrigatório. A despeito de todas as mudanças, ele continua sendo a pausa que dá sentido e razão ao tempo como uma majestade humana. Este imperador sem rivais que diz que passa quando, de fato, quem passa somos nós.

No final do parágrafo, o autor compara o tempo a um imperador sem rivais, pois é o tempo "que diz que passa quando, de fato, quem passa somos nós" (l. 4-5).

O presente do indicativo, empregado três vezes nessa passagem, produz o seguinte efeito de sentido:

a) atribui validade permanente a uma afirmação.

b) confere atualidade a uma ação ocorrida no passado.

c) retrata algo ocorrido no momento da fala do imperador.

d) indica um fato próximo, cuja realização é dada como certa.

e) infere à cena apresentada uma descrição do momento vivido.

16. (Fepese / SJC-SC / 2016) Adaptada

(i) "Ainda que os esforços institucionais sejam legítimos e variados para dar...... esses jovens a rotina de uma escola de bairro, eles estão encarcerados e, ao contrário de quem está fora, não se esquecem disso."

Em (i), as formas verbais "sejam" e "esquecem" estão no tempo presente, mas diferem quanto ao modo, pois a primeira está no modo subjuntivo e a segunda, no indicativo.

17. (CESPE / Telebrás / 2015) Adaptada

Revoltados com a mecanização, que diminuiria empregos e pioraria as condições de trabalho, movimentos organizados de trabalhadores ingleses calcularam que o melhor a fazer era destruir as máquinas das indústrias.

Acerca das ideias e das estruturas linguísticas do texto Tecnologia gera emprego, julgue o item subsequente. Seriam mantidas a correção gramatical e as relações de sentido do texto caso a forma verbal "diminuiria" fosse substituída por "poderia diminuir".

18. (CESPE / TCE / 2015) Adaptada

Embora a fiscalização de contas conste dos registros mais antigos...

O emprego do modo subjuntivo na forma verbal "conste" depende sintaticamente da presença da conjunção "Embora".

19. (CESPE / TJ-DF 2015) Adaptada

Nesse sentido, a política de universalização do acesso à justiça deve contemplar dois eixos de atuação: o de proteção dos direitos violados (inclusive quando o órgão violador é o próprio Estado) e o de prevenção da violência, por meio do envolvimento da sociedade na formulação de uma política que assegure direitos e promova a paz.

No que se refere aos aspectos linguísticos do texto, julgue o próximo

23277017915 - Davi Pedro da Silva

item.
O uso do modo subjuntivo em *"que assegure direitos e promova a paz"* indica que a ideia expressa nessas orações é uma possibilidade.

20. (CESPE / MPU / 2015) Adaptada

Em outras palavras, o inquérito policial é um procedimento policial que tem por finalidade construir um lastro probatório mínimo, ensejando justa causa para que o titular da ação penal possa formar seu convencimento, a opinio delicti*, e, assim, instaurar a ação penal cabível.*

Julgue o item que se segue, a respeito das estruturas linguísticas do texto.

A correção gramatical e a coerência do texto seriam preservadas, caso as formas verbais "possa formar" e "instaurar" fossem substituídas, respectivamente, por **forme e instaure**.

21. (FCC / Técnico / TRE-RR / 2015)

(nem creio que venha a ter)

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o sublinhado acima está em:

a) ... que existam pássaros ...

b) ... que ele entendia ...

c) ... o que lhes ensinam ...

d) ... que assim se chama.

e) ... que uns dizem com voz rouca ...

22. (CESPE / SEDF / 2017)

O transporte é público, o corpo da mulher não.

Asssédio sexual no ônibus é crime.

Se você for ou vir alguém sendo assediado, ligue 190 e denuncie.

No terceiro período, "for" e "vir" são formas flexionadas no modo subjuntivo dos verbos de movimento **ir** e **vir**, empregadas em um jogo de palavras que aproxima o campo semântico do movimento com o campo semântico do transporte.

23. (IESES / Bioquímico / PREF. SJC / 2017) adaptada

Sobre alguns verbos, são apresentadas análises nas alternativas que seguem. Marque a única INCORRETA.

a) "Jogai" está conjugado no modo imperativo afirmativo.

b) Disser" está conjugado no presente do modo subjuntivo.

c) "Seria" está conjugado no futuro do pretérito do modo indicativo.

d) "Possa" está conjugado no presente do modo subjuntivo.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

24. (UFSC / 2016)

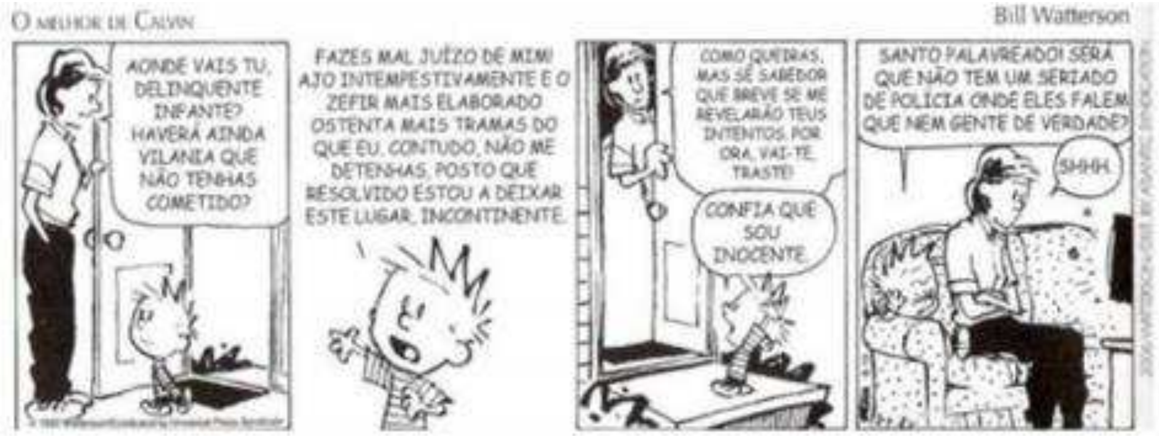
O MELHOR DE CALVIN
Bill Watterson
AONDE VAIS TU, DELINQUENTE INFANTE? HAVERÁ AINDA VILANIA QUE NÃO TENHAS COMETIDO?
FAZES MAL JUÍZO DE MIM! AJO INTEMPESTIVAMENTE E O ZEFIR MAIS ELABORADO OSTENTA MAIS TRAMAS DO QUE EU. CONTUDO, NÃO ME DETENHAS, POSTO QUE RESOLVIDO ESTOU A DEIXAR ESTE LUGAR, INCONTINENTE.
COMO QUEIRAS, MAS SÊ SABEDOR QUE BREVE SE ME REVELARÃO TEUS INTENTOS. POR ORA, VAI-TE TRASTE!
CONFIA QUE SOU INOCENTE.
SANTO PALAVREADO! SERÁ QUE NÃO TEM UM SERIADO DE POLÍCIA ONDE ELES FALEM QUE NEM GENTE DE VERDADE?
SHHH.

Assinale a alternativa que completa CORRETAMENTE a frase.

A forma verbal "confia", no terceiro quadrinho do Texto 4, está empregada na:

a) terceira pessoa do imperativo afirmativo.
b) segunda pessoa do futuro do subjuntivo.
c) segunda pessoa do presente do indicativo.
d) segunda pessoa do imperativo afirmativo.
e) terceira pessoa do presente do indicativo..

25. (CESPE / MI / ATA / 2009) Adaptada

A forma verbal "Escutai" está flexionada no modo subjuntivo e indica a incerteza do falante a respeito do que está dizendo.

26. (VUNESP / 2015)

Assinale a alternativa em que o verbo destacado está empregado no modo imperativo.

a) Ninguém lhe roubava a paz.
b) O homem começou a insultá-lo…
c) … espalhará paz para todos…
d) … é uma pessoa muito mais feliz…
e) … mantenha-se em silêncio por alguns segundos.

27. (CESPE / TRE-PE / Técnico / 2017)

A moralidade, que deve ser uma característica do conjunto de indivíduos da sociedade, deve caracterizar de modo mais intenso ainda aqueles que exercem funções administrativas e de gestão pública ou privada. Com relação a essa ideia, vale destacar que o alcance da moralidade vincula-se a princípios ou normas de conduta, aos padrões de comportamento geralmente reconhecidos, pelos quais são julgados os atos dos membros de determinada coletividade. Disso é possível deduzir que os membros de uma corporação profissional — no caso, funcionários e servidores da administração pública — também ***devem ser submetidos ao julgamento ético-moral****. A administração pública deve pautar-se nos princípios*

23277017915 - Davi Pedro da Silva

constitucionais que a regem. É necessário, ainda, que tais princípios estejam pública e legalmente disponíveis ao conhecimento de todos os cidadãos, 16 para que estes possam respeitá-los e vivenciá-los.

No texto, a forma verbal *"devem"*, no trecho *"os membros de uma corporação profissional* ***(...) também devem ser submetidos ao julgamento ético-moral"*** *,* foi empregada no sentido de

A) probabilidade.

B) capacidade.

C) permissão.

D) obrigação.

e) E necessidade.

28. (FUNCAB / Polícia Civil / Papiloscopista / 2016)

Ao substituir-se "um fato" por "fatos", em*: "existe um fato na Psicologia-Psiquiatria forense que é 100% de certeza",* preserva-se a norma de concordância verbal com a seguinte construção modalizadora:

a) devem haver fatos.

b) deve existir fatos.

c) deve haverem fatos.

d) devem existirem fatos.

e) deve haver fatos..

29. (UFC / Assistente em Administração / 2016) Adaptada

Após recomendar uma sequência de procedimentos, o autor afirma: A instalação deve começar automaticamente. Com a forma verbal deve, o autor prevê o início da instalação automática como algo:

a) provável. b) desejável. c) garantido. d) permitido. e) obrigatório.

30. (FCC / Auditor Fiscal / SEFAZ-RJ / 2014)

*Em "**começaram a edificar"** o verbo auxiliar empresta um matiz semântico ao verbo principal, indicando a iminência da ação de edificar*.

31. (FGV / MPE-RJ / Analista Processual / 2016)

Os verbos de estado indicam: estado permanente, estado transitório, mudança de estado, aparência de estado e continuidade de estado. A frase que mostra um verbo de estado com valor de mudança de estado é:

a) "áreas que antes eram baratas e de fácil acesso";

b) "tornam-se mais caras";

c) "habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários";

d) "Além disso, à medida que as cidades crescem";

e) "a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes". -

23277017915 - Davi Pedro da Silva

32. (FGV / Fiscal de Tributos / Prefeitura de Niterói / 2015)

Os verbos de ligação mostram noções distintas de estados.

A noção do verbo sublinhado indicada corretamente é:

a) "O Mc Donald's se tornou o maior distribuidor mundial de brinquedos" / mudança de estado;

b) "Na minha vida, devo admitir que andei fascinado pelo brilho do consumo" / estado permanente;

c) "As casas em que passamos tão pouco tempo são repletas de objetos" / continuidade de estado;

d) "há apenas cinco anos eram de última geração" / estado transitório;

e) "São os nossos brinquedos" / aparência de estado.

33. (CESPE / SEDF / 2017)

A língua ***continua sendo*** *forte elemento de discriminação social, seja no próprio contexto escolar, seja em outros contextos sociais, como no acesso ao emprego e aos serviços públicos em geral (serviços de saúde, por exemplo).*

O emprego do verbo "continua" permite que se infira que não houve mudança na caracterização da língua como "forte elemento de discriminação social".

34. (IBFC / EBSERH / Advogado / 2017)

Há algum tempo venho afinando certa mania. Nos começos chutava tudo o que achava.

A locução verbal "venho afinando", presente no primeiro período do texto, constrói um sentido de ação:

a) passada e concluída.

b) que ainda será realizada.

c) pontual e ocorrida no presente.

d) com ideia de continuidade.

e) passada que não mais se realiza.

35. (CESPE / Polícia Científica / 2016)

Seriam mantidos os sentidos e a correção gramatical caso a forma verbal "entrara" fosse substituída por

a) entrava. b) haveria entrado. c) tinha entrado. d) há de entrar. e) entraria.

36. (FGV / TL / 2015) Adaptada

Na frase "*A epidemia de dengue neste ano no Estado de São Paulo tem provocado, em média, mais de uma morte por dia.*" o emprego da forma verbal "*tem provocado*" mostra uma ação que

a) se iniciou há muito pouco tempo.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

b) se encerrou em passado recente.

c) se iniciou no passado e continua no presente.

d) começou num momento anterior a outra ação passada.

e) mostrou curta duração em passado recente.

37. (CESPE / TCU / 2015) Adaptada

...A LRF, logo nos primeiros anos, atinge boa parte de seus objetivos, notadamente em relação à observância dos limites da despesa com pessoal, o que permitiu uma descompressão da receita líquida e propiciou maior capacidade de investimento público. O regulamento marca avanços também no controle de gastos em fins de gestão e em relação ano novo papel que as leis de diretrizes orçamentárias passaram a desempenhar. Não obstante todos os avanços, o momento exige cautela e reflexões.

No que se refere às ideias e aos aspectos linguísticos do texto acima, julgue o item. O presente foi empregado nas formas verbais *"atinge"*, *"marca"*, *"exige"* e *"passa"* para indicar uma ação habitual, iniciada no passado e que se estende ao momento em que o texto foi escrito.

38. (CESPE / TCE-RN / 2015) Adaptada

A garantia desse preceito advém da própria Constituição...

Julgue o item seguinte.

A forma verbal "advém" está no singular porque concorda com o núcleo do sujeito da oração em que se insere: "garantia".

39. (VUNESP / MPE-SP / Médico Psiquiatra / 2016)

Mesmo quando envelhece, e não tem como ser trocado, ele se mantém atualizável e altamente customizado.

Assinale a alternativa em que o verbo está corretamente conjugado, seguindo o padrão de conjugação de "manter".

a) Chegaria a conclusões mais acertadas, caso se detesse a examinar os dados com o cuidado necessário.

b) Para que se abstessem de votar, seria necessário que os convencessem com bons argumentos.

c) Acusam-nas de desonestas, porque reteram informações que teriam de ter disponibilizado.

d) Pediu que nos contivéssemos diante das provocações, pois elas poderiam nos desestabilizar.

e) Em vez de atender aos clientes, alguns dos rapazes se entretiam com o celular, trocando mensagens.

40. (FCC / Auditor Fiscal / SEFAZ-SP / 2013)

Acerca de verbos encontrados no texto é correto afirmar, tomando como parâmetro o padrão culto escrito:

"abater" - está adequadamente empregado na frase "Se eles abativessem pelo menos 10% do valor total, eu pagaria à vista".

23277017915 - Davi Pedro da Silva

41. (CESPE / FUB / 2015)

O fator mais importante para prever a performance de um grupo é a igualdade da participação na conversa. Grupos em que poucas pessoas dominam o diálogo têm desempenho pior do que aqueles em que há mais troca. O segundo fator mais importante é a inteligência social dos seus membros, medida pela capacidade que eles têm de ler os sinais emitidos pelos outros membros do grupo. As mulheres têm mais inteligência social que os homens, por isso grupos mais diversificados têm desempenho melhor.

Julgue o item seguinte, referente às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima. Em todas as ocorrências de "têm" no texto é exigido o uso do acento circunflexo para marcar o plural.

42. (FCC / TRE-AP / Administrativa / 2015)

Pesquisas que ...... a identificar sítios geoturísticos poderão favorecer o turismo em bases sustentáveis. O geoturismo, assim, ... assumir um grau de importância estratégica para o futuro do desenvolvimento turístico do Brasil, desde que não ...... danos aos sítios geológicos, como a remoção ilegal de fósseis e minerais.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) se proporem – deverá – ocorrem

b) se proporiam – devia – ocorresse

c) proporem-se – deveria – ocorram

d) se propuserem – deve – ocorram

e) propuserem-se – deverá – ocorrem

43. (CESPE / FUB 2015) Adaptada

No trecho *"A sustentabilidade (...) ambientais" (A sustentabilidade corporativa requer negócios amparados em boas práticas de governança e em benefícios sociais e ambientais...),* para expressar um fato ocorrido em momento anterior ao atual, que foi totalmente terminado, a forma verbal *"requer"* deveria ser substituída por ***requereu***. Nesse caso, mesmo após a alteração do tempo verbal, a referência à pessoa do discurso seria mantida.

44. (Cesgranrio / IBGE / 2016)

A frase em que a palavra destacada está flexionada de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa é:

a) Para comunicar a seus acionistas o resultado financeiro semestral, o relatório **abrangeu** os aspectos principais relacionados à produção da empresa.

b) Quando o Congresso **propor** que as lâmpadas incandescentes não sejam mais vendidas no país, a população terá de se acostumar ao novo padrão.

c) O governo **interviu** na fabricação de lâmpadas quando decidiu que novos modelos deveriam tornar-se obrigatórios no nosso país.

d) Se os moradores **obterem** lâmpadas modernas para iluminar suas casas, farão economia de eletricidade.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

e) Se você **ver** águas paradas, tome uma providência para evitar a proliferação do mosquito.

45. (FCC / Eletrobrás / 2016) Adaptada

A frase está escrita corretamente, de acordo com a norma-padrão:

- *O autor expressou o desejo que os livros mantessem margens estensas e páginas em branco.* -

46. (FCC / Auditor Fiscal / SEFAZ-RJ / 2014)

Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:

Para quem se ater ao espírito das leis, segundo Voltaire, é preferível fazer justiça com os leigos ponderados do que deixar-lhe nas mãos de juristas empertigados e autoritários.

47. (CESPE / Diplomata / 2015)

...Houve quem passasse a escrever registo, em vez de registro, e preguntar, em vez de perguntar, porque assim se escrevia em Portugal. Já ao tempo de José de Alencar, um publicista ríspido, José Feliciano de Castilho, viera de Lisboa para o Rio de Janeiro, com a missão de ensinar-nos a escrever como se escrevia em Portugal. Daí a reação do romancista cearense no prefácio de seus Sonhos d'Ouro, em 1872: "Censurem, piquem, ou calem-se, como lhes aprouver. Não alcançarão jamais que eu escreva, neste meu Brasil, coisa que pareça vinda em conserva lá da outra banda, como a fruta que nos mandam em lata."

Com relação a aspectos gramaticais do texto acima, julgue o próximo item. Na oração '*como lhes aprouver*', foi empregada uma forma flexionada do verbo aprazer, cujo radical é o mesmo que o do adjetivo aprazível, de uso corrente na atualidade.

48. (IF-CE / Técnico TI / 2017)

O verbo abolir, em *"Aboli a carne de porco (...)"*, é defectivo, pois sua conjugação não é completa. Não é verbo defectivo:

a) trovejar. b) falir. c) computar. d) suar. e) colorir.

49. (CESPE / CÂM. DOS DEPUTADOS / ANALISTA / 2012)

Sem prejuízo para a ideia original do texto, o período *"Como as realidades são diferentes, por nem sempre se adequarem aos padrões internacionais, as interpretações falavam em cópias malfeitas, em empreendimentos mal realizados, em promessas a se cumprir"* poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: *Como as realidades, às vezes, não se adéquam aos padrões internacionais por serem diferentes, as interpretações referiam-se a cópias que eram malfeitas, a empreendimentos que eram mal realizados e a promessas que não foram cumpridas.*

50. (VUNESP / Delegado / Polícia Civil-CE / 2015)

Assinale a alternativa em que o emprego das formas verbais está em conformidade com a norma-padrão da língua portuguesa.

a) As entidades que propuserem medidas para valorizar os idosos deverão beneficiar o convívio entre as gerações.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

b) A geração atual certamente teria muito a ganhar se reavisse o conhecimento acumulado pelos mais velhos.

c) Quanto mais se manterem atentos aos ensinamentos dos idosos, mais os jovens perceberão o valor da experiência vivida.

d) Precisamos de governantes comprometidos com as reformas que se fazerem necessárias para integrar o idoso à sociedade.

e) Se esta geração se dispor a ensinar os mais velhos, é possível que eles atualizem suas informações rapidamente.

51. (FCC / Auditor Fiscal / ISS Teresina / 2016)

Fazer parte constitui um específico uso de “fazer”, verbo que, em outros contextos, pode assumir distintas funções e acepções. Empregado como “verbo vicário”, faz as vezes de outro, como se exemplifica em:

a) Tentarei hoje mesmo fazê-lo ver a questão sob ponto de vista menos rígido.

b) Foi ele quem fez uma bela mesa de madeira maciça.

c) O mediador poderia ter evitado a discussão, mas não o fez.

d) Fizeram frente à situação adversa com coragem e elegância, o que nos comoveu.

e) O discurso foi bastante positivo, pois o orador o fez de modo acalorado e consistente..

52. (Instituto Excelência / Almoxarife / 2017)

Considere o seguinte trecho: *“São grandes as chances de você* ***estar suando*** *em bicas [...]”.*

Os verbos destacados estão respectivamente nas formas nominais:

a) Gerúndio e Particípio.

b) Infinitivo e Particípio.

c) Infinitivo e Gerúndio.

d) Nenhuma das alternativas.

53. (CS-UFG / 2016)

No título do texto, *“Festejando no precipício”,* o uso do verbo no gerúndio

a) caracteriza uma forma nominal e neutra.

b) tem a função de indicar uma ação prolongada.

c) reforça a ideia de progressividade no futuro.

d) configura-se como um usual vício de linguagem.

54. (FCC / TRT 3ª REGIÃO / Oficial de Justiça / 2015)

Considere o trecho abaixo, extraído da Nova gramática do português contemporâneo, de Celso Cunha e Luís F. Lindley Cintra.

...o gerúndio apresenta duas formas: uma simples [...], outra composta [...].

23277017915 - Davi Pedro da Silva

A forma composta é de caráter perfeito e indica uma ação concluída anteriormente à que exprime o verbo da oração principal [...].

O que está exposto acima justifica o emprego do gerúndio na frase:

a) Sendo considerada em plena posse de seu juízo no momento de depor, pôde falar a favor da sobrinha.

b) Combinamos que, no horário das 13 às 15h, estarei atendendo aos fornecedores de laticínios.

c) Os alunos estão indo para o laboratório porque já vai começar a aula de Biologia.

d) Tendo já se consumido em lágrimas, despediu-se de todos e partiu.

e) A professora lia sorrindo a narrativa do aluno espirituoso.

55. (FGV / DPE-MT / 2015) Adaptada

A frase que identifica o primeiro erro – *"Usar água da chuva para beber, tomar banho e cozinhar"* – emprega a forma verbal do infinitivo. Com isso, o autor do texto consegue um resultado conveniente para esse tipo de texto, que é não personalizar as ações.

56. (CONSULPLAN / TJ-MG / 2015) Adaptada

No trecho *"Para os cargos do Poder Executivo (Presidente, Governadores e Prefeitos), pode haver segundo turno, a ser realizado no último domingo de outubro."*, a forma verbal *"pode haver"* exerce o valor semântico de hipótese.

57. (FGV / TJ-SC / Administrativo / 2015)

Dos verbos assinalados, só está corretamente empregado o que aparece na frase:

a) O atual síndico quer crescer a arrecadação de condomínios em cerca de 40%.

b) Os candidatos participaram das provas sem que a chegada com atraso prejudicou a organização.

c) Se fazer cálculos sobre os resultados do concurso já era difícil, agora tornou-se mais problemático.

d) O treinador ficará contente quando vencer metade dos jogos e transpor os adversários mais difíceis.

e) Por mais que os jogadores se esforçam nos treinos, a colocação na tabela está cada vez pior.

58. (FGV / SEE / PROFESSOR / 2016)

"Os textos, especialmente os literários, são capazes de recriar as informações sobre a humanidade, vinculando o leitor aos indivíduos de outros tempos. Nas palavras de Larrosa (2000), ler consiste em ver as coisas diferentes, coisas dantes nunca vistas, entregar-se ao texto, abandonar-se nele e não apenas apropriar-se dele para nossos fins".

Nesse segmento do texto, a forma de gerúndio sublinhada possui o valor de

a) tempo: quando vinculam o leitor.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

b) condição: caso vinculem o leitor.

c) concessão: mesmo que vinculem o leitor.

d) causa: já que vinculam o leitor.

e) lugar: onde vinculam o leitor.

59. (FCC / Auditor Fiscal / SEFAZ-SP / 2013)

Acerca de verbos encontrados no texto é correto afirmar, tomando como parâmetro o padrão culto escrito:

"afligir" - a única forma de particípio aceitável é *"aflito",* pois *"afligido"* é forma incorreta.

60. (FCC / Auditor Fiscal / SEFAZ-SP / 2013)

Acerca de verbos encontrados no texto é correto afirmar, tomando como parâmetro o padrão culto escrito: "submeter" - tem duplo particípio.

61. (CESPE / TRE-BA / TÉC. JUDICIÁRIO / 2010) Adaptada

Os vocábulos *"impressa" e "entregue"* são particípios irregulares dos verbos *imprimir e entregar,* respectivamente; tais verbos admitem, também, as formas participiais regulares: *imprimido e entregado.*

62. (FCC / Eletrobrás / Eletrosul / 2016)

Há adequada correlação entre os tempos e os modos verbais presentes na seguinte frase:

a) A responsabilidade pelos defeitos do mundo só seria nossa caso já não estivessem prontos os elementos que constituem essa imensa infraestrutura, à qual todos estamos submetidos.

b) Nenhum de nós terá qualquer responsabilidade na injusta distribuição dos males e benefícios do mundo, a menos que a algum de nós caberia a tomada de todas as decisões.

c) Provavelmente o mundo natural apresentaria ainda mais falhas, se viermos a tomar as decisões que implicassem uma profunda alteração na ordem dos fenômenos.

d) Quem ousará remanejar os ventos e suprimir correntes marítimas, se tais poderes estivessem à disposição dos nossos interesses e caprichos?

e) Na opinião do autor do texto, o síndico ideal seria aquele cujos serviços sequer se notem, pois ele manterá com discrição sua eficiência e sua dedicação ao trabalho.

63. (SERTCAM / Advogado / 2016)

Assinale a alternativa, cuja correlação entre os tempos verbais esteja correta.

a) Se a gente for, certamente, avisamos à turma.

b) Se Carlinhos escrevesse mais rápido, não se atrasava tanto.

c) Entra, Flávia, mas não fechas a porta.

d) Quando você vim, por favor, avisa-nos.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

e) Tudo dará certo, se todos se impuserem quanto ao horário.

64. (FCC / Eletrobrás / Eletrosul / 2016) Adaptada

A frase está escrita corretamente, de acordo com a norma-padrão:

- As crianças terão a liberdade de expor os desenhos que julgarem mais apropriados ao livro.. -

65. (FCC / TRT 15ª REGIÃO / Enfermagem / 2015)

*Ninguém **ignora** a enorme influência que simples palavras _________ na história do pensamento e do sentimento dos povos.*

Preenche corretamente a lacuna da frase acima:

a) exercem b) a transmitam c) possuíssem d) sejam desempenhadas e) apresentem-se

66. (VUNESP / SAP-SP / 2015)

Considere o trecho – *"Tem gente que não acredita em um ensino que não impõe autoridade. Nós acreditamos..."* –, para responder à questão.

Assinale a alternativa em que o trecho está corretamente reescrito, com todos os verbos no tempo passado.

a) Tem gente que não acreditava em um ensino que não impunha autoridade. Nós acreditamos.

b) Terá gente que não acreditasse em um ensino que não impusera autoridade. Nós acreditáramos.

c) Tinha gente que não acreditava em um ensino que não impusesse autoridade. Nós acreditávamos.

d) Teve gente que não acreditou em um ensino que não impõe autoridade. Nós acreditamos.

e) Teria gente que não acreditaria em um ensino que não imporá autoridade. Nós acreditaremos.

67. (FCC / TCE-CE / Controle Externo / 2015)

A articulação entre os tempos e os modos verbais está adequada na frase:

a) Uma vez que o preconceito se revelasse inevitável será oportuna a criação de leis com o intuito de que foram coibidas atitudes preconceituosas.

b) É natural que há preconceito nas relações interpessoais: mesmo que tenhamos externado uma avaliação preconceituosa.

c) Qualquer sociedade tem preconceitos, mas era importante que existissem leis para que pessoas preconceituosas forem exemplarmente julgadas e punidas.

d) É preciso que se tenha cautela com nosso comportamento em sociedade, pois seria possível que reações preconceituosas surjam mesmo sem que nós possamos perceber.

e) O preconceito teria raízes sociais fundas: ele se disseminaria pelas pessoas e, quando déssemos por nós, estaríamos repetindo algo que sequer teríamos investigado.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

68. (FGV / TJ-SC / 2015) Adaptada

"Ainda que cercado de adversidades, se preservares tua ecobiologia interior, serás feliz, porque trarás em teu coração tesouros indevassáveis".

A correspondência entre as formas verbais sublinhadas se manteria correta na seguinte opção: tivesses preservado / terias sido.

69. (CESPE / TCE-RS / 2013) Adaptada

O Tribunal enviou ofício aos gestores municipais, alertando que o envio de dados e documentos relacionados às inativações na esfera municipal passará a ser realizado pela Internet, o que exigirá que as administrações adquiram certificados digitais...

Em relação às estruturas linguísticas do texto acima, julgue os itens a seguir.

A substituição de "exigirá" por exigiriam manteria a correta correlação entre os tempos e modos verbais empregados no período.

70. (FCC / TRT 24ª Região / Técnico / 2017)

Está na voz passiva o verbo do seguinte fragmento do texto:

a) É produzido com matérias primas da própria região...

b) Essa cultura estadual retrata, também, uma mistura de várias outras contribuições das muitas migrações...

c) A cultura de Mato Grosso do Sul é o conjunto de manifestações artístico-culturais...

d) O artesanato, uma das mais ricas expressões culturais de um povo, no Mato Grosso do Sul, evidencia crenças, hábitos, tradições e demais referências culturais do Estado.

e) As peças em geral trazem à tona temas referentes ao Pantanal e às populações indígenas...

71. (FCC / ELETROBRAS / TÉC. SEG. DO TRABALHO / 2016)

Os revestimentos das paredes isolam o calor.

Essa oração está corretamente reescrita na voz passiva em:

a) Isola o calor os revestimentos das paredes.

b) O calor é isolado pelos revestimentos das paredes.

c) Isolam-se o calor ao ser revestido as paredes.

d) O calor é que isola os revestimentos das paredes.

e) Os revestimentos das paredes são isolado do calor. -

72. (IFBC / Advogado / 2016)

Em "*O toco de vela apaga-se às primeiras gotas da chuva, que volta a cair.*", considerando as vozes do verbo, pode-se reescrever, corretamente, o trecho em destaque da seguinte forma:

a) O toco de vela é apagado

b) O toco de vela apaga a si mesmo

23277017915 - Davi Pedro da Silva

c) Apagam o toco de vela

d) O toco de vela pode ser apagado.

73. (CS-UFG / 2016)

No segmento "*vivem perguntando em redor*", o uso da locução verbal

a) refere-se ao enunciador do texto.

b) indica a eventualidade da ação.

c) apresenta o resultado do processo verbal.

d) indica a indeterminação do sujeito da ação.

74. (VUNESP / PREF. SÃO PAULO / ANALISTA / 2015)

Na voz ativa, a passagem – *Charges, montagens e até samba [...] foram criados para chamar a atenção sobre o tema.* – assume a seguinte redação:

a) Para chamar a atenção sobre o tema, criaram charges, montagens e até samba.

b) Criaram-se charges, montagens e até samba para chamar a atenção sobre o tema.

c) A atenção sobre o tema foi chamada com a criação de charges, montagens e até samba.

d) Criou-se charges, montagens e até samba para chamar-se a atenção sobre o tema.

e) A chamada de atenção sobre o tema fez-se com criação de charges, montagens e até samba.

75. (FCC / TRF 3ª REGIÃO / Analista / 2016)

A frase que NÃO admite transposição para a voz passiva encontra-se em:

a) ... o acesso das obras a um status estético que as exalta.

b) ... elas protestam contra os fatos da realidade, os poderes...

c) Muitas obras antigas celebram vitórias militares e conquistas...

d) O museu, por retirar as obras de sua origem...

e) ... a crítica mais comum contra o museu apresenta-o...

76. (FCC / Copergás / Analista Administrador / 2016)

Transpondo-se para a voz passiva a frase *Um dos guardas seguia a velhinha para que a flagrasse como contrabandista*, as formas verbais resultantes deverão ser

a) era seguida – fosse flagrada

b) tinha seguido – vir a flagrá-la

c) tinha sido seguida – se flagrasse

d) estava seguindo – se tivesse flagrado

e) teria seguido – tivesse sido flagrada.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

77. (FCC / Auditor do Tesouro Estadual / SEFAZ-PI / 2015)

Se numa transformação da frase ***O borracheiro coçou a desmatada cabeça e proferiu a sentença tranquilizadora*** atribuirmos aos termos sublinhados a função de sujeito, as formas verbais que lhes correspondem deverão ser, na ordem dada:

a) havia coçado – tinha proferido

b) coçara – proferira

c) tinha coçado – teria proferido

d) estava sendo coçada – tinha sido proferida

e) foi coçada – foi proferida

78. (FUNCAB / Polícia Civil / Escrivão / 2016)

Considere-se o seguinte período:

Mas, por outro lado, é na maneira como o delito FOI PRATICADO que SE ENCONTRAM características 100% seguras da mente de quem o praticou, A EVIDENCIAR fatos, tal qual a imagem fotográfica REVELA-nos exatamente algo, seja muito ou pouco, do momento em que FOI REGISTRADA.

Feitos eventuais ajustes indispensáveis, a substituição da forma verbal (em destaque) que altera fundamentalmente o sentido do enunciado está registrada em:

a) foi registrada / se registrou.

b) se encontram / são encontradas.

c) a evidenciar / evidenciando.

d) foi praticado / praticou-se.

e) revela / tem revelado.

79. (CESPE / DPU / 2016)

No Brasil, pode-se considerar marco da história da assistência jurídica, ou justiça gratuita, a própria colonização do país, ainda no século XVI.

No que se refere às ideias e informações do texto, julgue o item a seguir.

Sem prejuízo do sentido e da correção gramatical do texto, o primeiro período poderia ser reescrito da seguinte forma: *A própria colonização do Brasil, ainda no século XVI, pode ser considerada marco da história da assistência jurídica, ou justiça gratuita, no país.*

80. (CESPE / Funpresp / 2016) Adaptada

A supressão da partícula *"se"*, em *"a notícia espalhou-se rapidamente"*, prejudicaria a correção gramatical do texto e seu sentido original.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

81. (CESPE / Analista / INSS / 2016)

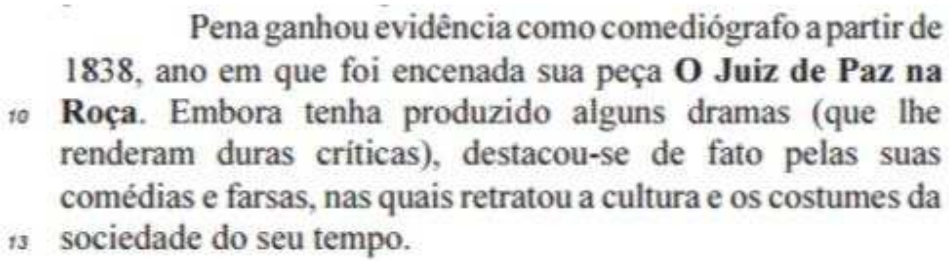

Pena ganhou evidência como comediógrafo a partir de 1838, ano em que foi encenada sua peça **O Juiz de Paz na Roça**. Embora tenha produzido alguns dramas (que lhe renderam duras críticas), destacou-se de fato pelas suas comédias e farsas, nas quais retratou a cultura e os costumes da sociedade do seu tempo.

Julgue o item subsequente, que versam sobre os sentidos e os aspectos linguísticos do texto acima.

A substituição de "destacou-se" (l.11) por **foi destacado** prejudicaria o sentido original do período.

82. (CESPE / MPOG / 2015) Adaptada

A correção gramatical do período seria preservada ao se substituir *"implementou-se" (Assim, implementou-se a administração gerencial...)* por foi *"implementada".*

83. (CESPE / DEPEN / 2015) Adaptada

"O que se constata é que, na prática, o cidadão preso perde muito mais que sua liberdade."

Em relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto, julgue o item que se segue. A substituição de *"se constata"* por ***é constatado*** manteria a correção gramatical e o sentido original do texto.

84. (CESPE / MPU / 2015) Adaptada

Só no Império, em 1832, iniciou-se a sistematização das ações do Ministério Público.

Caso se substituísse *"iniciou-se"* por *foi iniciada,* a correção gramatical do período seria prejudicada.

85. (CESPE / TER-GO / 2015) Adaptada

"Logo a seguir, os equipamentos são retirados dos seus locais de origem e levados, ainda no sábado, para as sedes dos TREs, onde permanecem sob vigilância."

O item a seguir apresenta uma proposta de reescrita de trecho do texto II — indicado entre aspas —, que deve ser julgada certa se estiver gramaticalmente correta e mantiver o sentido do texto, ou errada, em caso contrário.

"Em seguida, retiram-se os equipamentos dos seus locais de origem e levam-se, ainda no sábado, para as sedes dos TREs, onde as quais permanecem sob vigilância."

86. (CESPE / TRE-GO / 2015) Adaptada

O item a seguir apresenta uma proposta de reescrita — indicado entre aspas —, que deve ser julgada certa se estiver gramaticalmente correta e mantiver o sentido do texto, ou errada, em caso contrário.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

"Na votação paralela, o conteúdo das células é digitado nas urnas eletrônicas sorteadas" : Na votação paralela, o conteúdo das cédulas são digitados nas urnas eletrônicas sorteadas.

87. (ESAF / ANAC / Técnico / 2016)

Assinale a opção cujas palavras completam com correção gramatical as lacunas do texto a seguir.

A versão oficial e clássica da Independência tem sido infelizmente por demais simplista e esquemática. Resolve-se sumariamente em torno de dois termos de uma oposição: Brasil colônia e Portugal metrópole. No contraste desses dois polos divergentes _______(1)_______ situar todo o movimento da nossa emancipação política, sem levar em conta o sem-número de ações e reações _______(2)_______ no seio e interior de cada qual.

a) (1) costumam-se (2) a se desenrolarem

b) (1) costuma-se (2) que se processam

c) (1) é hábito (2) de que ocorrem

d) (1) habituamos a (2) que desenvolvem

e) (1) habituamos-nos (2) a que instauram

88. (ESAF / ANAC / Analista / 2016)

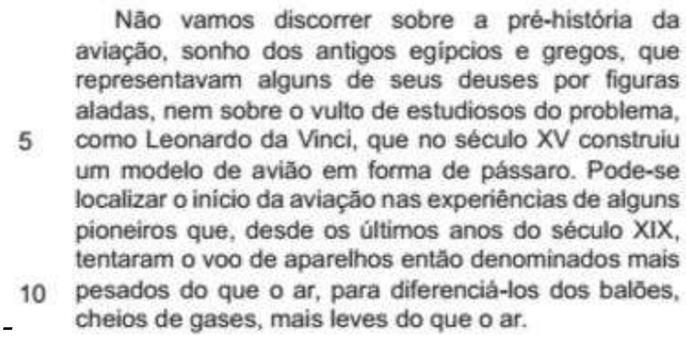

Não vamos discorrer sobre a pré-história da aviação, sonho dos antigos egípcios e gregos, que representavam alguns de seus deuses por figuras aladas, nem sobre o vulto de estudiosos do problema, como Leonardo da Vinci, que no século XV construiu um modelo de avião em forma de pássaro. Pode-se localizar o início da aviação nas experiências de alguns pioneiros que, desde os últimos anos do século XIX, tentaram o voo de aparelhos então denominados mais pesados do que o ar, para diferenciá-los dos balões, cheios de gases, mais leves do que o ar.

Em *"Pode-se"* o pronome *"se"* indica a noção de condição.

89. (ESAF / ANAC / Analista / 2016)

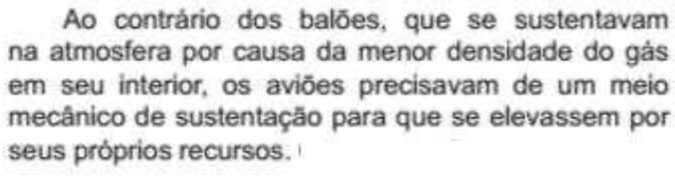

Ao contrário dos balões, que se sustentavam na atmosfera por causa da menor densidade do gás em seu interior, os aviões precisavam de um meio mecânico de sustentação para que se elevassem por seus próprios recursos.

Em *"se sustentavam"* e *"se elevassem"* o pronome *"se"* indica voz reflexiva.

90. (FCC / Agente de Segurança / METRO-SP / 2015)

A frase que pode ser transposta para a voz passiva encontra-se em:

a) Podemos fazer opções mais ousadas.

b) Por que a vida seria como um cardápio, Alfredo?

c) Nesse momento, dois chopes desceram sobre a mesa.

d) Concordo com o restaurante a quilo.

e) Não me venha com essa conversa de cardápio existencial.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

91. (CESPE / FUB / 2014) Adaptada

Em *"a disponibilidade de mão de obra estreitou-se"* o pronome *"se"*, em *"estreitou-se"*, indica que o sujeito da forma verbal *"estreitou"* é indeterminado.

92. (FCC / ELETROBRAS / ELETROSUL / 2016)

Transpondo-se para a voz ativa a frase *Eficazes sistemas de irrigação teriam sido utilizados pelos antigos em suas culturas de cereais*, a forma verbal resultante deverá ser

a) seriam utilizados.

b) teriam utilizado.

c) foram utilizados.

d) utilizaram-se.

e) haveriam de utilizar..

93. (FGV / Prefeitura de Paulínia / 2016)

"Teria sido o mundo criado jamais se o seu criador tivesse medo de suscitar confusão? Criar vida quer dizer criar confusão."

Sobre a estruturação gramatical da frase acima, está correta a afirmativa:

A forma ativa correspondente a "Teria sido criado" é "teria criado".

94. (FGV / DPE-MT / Advogado / 2015)

Assinale a opção que indica o segmento que não exemplifica a voz passiva.

a) "Assim que pisa em solo estrangeiro, todo turista logo é descoberto".

b) "Só poucos minutos de convivência com os nativos e o estrangeiro é abordado e questionado".

c) "O brasileiro que viaja ao exterior está acostumado a ouvir".

d) "a identidade do brasileiro é inevitavelmente ligada a esta trinca".

e) "Nossa identidade é invejada e desejada por qualquer estrangeiro!"

95. (CESPE / Análise Sistemas / 2015) Adaptada

A vida do direito é a luta: a luta de povos, de governos, de classes, de indivíduos. Todo o direito do mundo foi assim conquistado. Todo ordenamento jurídico que se lhe contrapôs teve de ser eliminado e todo direito, o direito de um povo ou o de um indivíduo, teve de ser conquistado com luta.

A correção gramatical e o sentido original do texto seriam preservados caso a oração *"que se lhe contrapôs"* fosse reescrita como ***que foi contraposto a ele***.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

96. (CESPE / TCE-RO / 2013)

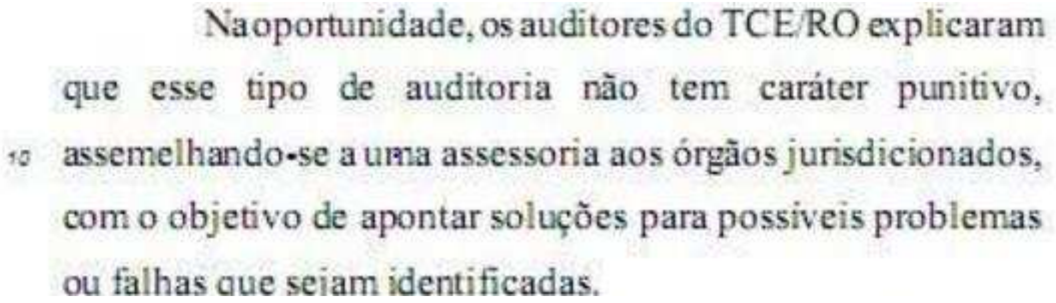

> Na oportunidade, os auditores do TCE/RO explicaram que esse tipo de auditoria não tem caráter punitivo, assemelhando-se a uma assessoria aos órgãos jurisdicionados, com o objetivo de apontar soluções para possíveis problemas ou falhas que sejam identificadas.

> Julgue os itens que se seguem, relativos às informações e estruturas linguísticas do texto acima.
>
> Em *"assemelhando-se"*, o emprego da partícula "*-se*" deve-se ao emprego pronominal do verbo assemelhar.

Gabaritos

1.	CORRETA
2.	CORRETA
3.	CORRETA
4.	CORRETA
5.	CORRETA
6.	LETRA B
7.	CORRETA
8.	LETRA E
9.	LETRA C
10.	LETRA B
11.	INCORRETA
12.	INCORRETA
13.	INCORRETA
14.	LETRA B
15.	LETRA A
16.	CORRETA
17.	INCORRETA

18.	CORRETA
19.	CORRETA
20.	CORRETA
21.	LETRA A
22.	INCORRETA
23.	LETRA B
24.	LETRA D
25.	INCORRETA
26.	LETRA E
27.	LETRA D
28.	LETRA E
29.	LETRA A
30.	INCORRETA
31.	LETRA B
32.	LETRA A
33.	CORRETA
34.	LETRA D

35.	LETRA C
36.	LETRA C
37.	INCORRETA
38.	CORRETA
39.	LETRA D
40.	INCORRETA
41.	CORRETA
42.	LETRA D
43.	CORRETA
44.	LETRA A
45.	INCORRETA
46.	LETRA C
47.	CORRETA
48.	LETRA D
49.	INCORRETA
50.	LETRA A
51.	LETRA C

23277017915 - Davi Pedro da Silva

52.	LETRA C
53.	LETRA B
54.	LETRA D
55.	CORRETA
56.	CORRETA
57.	LETRA C
58.	LETRA D
59.	INCORRETA
60.	CORRETA
61.	CORRETA
62.	LETRA A
63.	LETRA E
64.	CORRETA
65.	LETRA A
66.	LETRA C

67.	LETRA E
68.	CORRETA
69.	INCORRETA
70.	LETRA A
71.	LETRA B
72.	LETRA A
73.	LETRA D
74.	LETRA A
75.	LETRA B
76.	LETRA A
77.	LETRA E
78.	LETRA E
79.	CORRETA
80.	CORRETA
81.	CORRETA

82.	CORRETA
83.	CORRETA
84.	INCORRETA
85.	INCORRETA
86.	INCORRETA
87.	LETRA B
88.	INCORRETA
89.	CORRETA
90.	LETRA A
91.	INCORRETA
92.	LETRA B
93.	CORRETA
94.	LETRA C
95.	INCORRETA
96.	CORRETA

23277017915 - Davi Pedro da Silva

ACORDO ORTOGRÁFICO (MUDANÇAS NO PORTUGUÊS DO BRASIL)

ALFABETO Como era	NOVA REGRA:	Como será
O alfabeto era formado por **23** letras, mais as letras chamadas de ‘especiais’ **k,w,y**.	O alfabeto é formado por **26** letras.	As letras **k,w,y** fazem parte do alfabeto. São usadas em siglas, símbolos, nomes próprios estrangeiros e seus derivados. Exemplo: Km, watt, Byron, byroniano.

TREMA Como era	NOVA REGRA:	Como será
ag**u**entar, conseq**u**ência, cinq**u**enta, q**u**inq**u**ênio, freq**u**ência, freq**u**ente, eloq**u**ência, eloq**u**ente, arg**u**ição, delinq**u**ir, ping**u**im, tranq**u**ilo, ling**u**iça	O trema é **eliminado** em palavras portuguesas e aportuguesadas.	ag**u**entar, conseq**u**ência, cinq**u**enta, q**u**inq**u**ênio, freq**u**ência, freq**u**ente, eloq**u**ência, eloq**u**ente, arg**u**ição, delinq**u**ir, ping**u**im, tranq**u**ilo, ling**u**iça

*O trema permanece em nomes próprios estrangeiros e seus derivados: **Muller**, **mulleriano**, **hubneriano**.*

ACENTUAÇÃO Como era	NOVA REGRA:	Como será
assembl**éi**a, plat**éi**a, id**éi**a, colm**éi**a, bol**éi**a, panac**éi**a, Cor**éi**a, hebr**éi**a, b**ói**a, paran**ói**a, jib**ói**a, ap**ói**o (forma verbal), her**ói**co, paran**ói**co	**Não** se acentuam os ditongos abertos -**ei** e -**oi** nas palavras paroxítonas.	assembl**ei**a, plat**ei**a, id**ei**a, colm**ei**a, bol**ei**a, panac**ei**a, Cor**ei**a, hebr**ei**a, b**oi**a, paran**oi**a, jib**oi**a, ap**oi**o (forma verbal), her**oi**co, paran**oi**co

- *O acento nos ditongos **-éi** e **-ói** permanece nas palavras oxítonas e monossílabos tônicos de som aberto: **herói**, **constrói**, **dói**, **anéis**, **papéis**, **anzóis**.*
- *O acento no ditongo aberto –**éu** permanece: **chapéu**, **véu**, **céu**, **ilhéu**.*

enj**ôo** (subst. e forma verbal), v**ôo** (subst. e forma verbal), cor**ôo**, perd**ôo**, c**ôo,** m**ôo**, abenç**ôo**, pov**ôo**	**Não** se acentua o hiato **-oo**.	enj**oo** (subst. e forma verbal), v**oo** (subst. e forma verbal), cor**oo**, perd**oo**, c**oo**, m**oo**, abenç**oo**
cr**êe**m, d**êe**m, l**êe**m, v**êe**m, descr**êe**m, rel**êe**m, rev**êe**m	**Não** se acentua o hiato **-ee** dos verbos crer, dar, ler, ver e seus derivados (3ª p. pl.).	cr**ee**m, d**ee**m, l**ee**m, v**ee**m, descr**ee**m, rel**ee**m, rev**ee**m
p**á**ra (verbo), p**é**la (subst. e verbo), p**ê**lo (subst.), p**ê**ra (subst.), p**é**ra (subst.), p**ó**lo (subst.)	**Não** se acentuam as palavras paroxítonas que são homógrafas.	p**a**ra (verbo), p**e**la (subst. E verbo), p**e**lo (subst.), p**e**ra (subst.), p**e**ra (subst.), p**o**lo (subst.)

• O acento diferencial permanece nos homógrafos: **pode** (3ª pessoa do sing. do presente do indicativo do verbo poder) e **pôde** (3ª pessoa do pretérito perfeito do indicativo).
• O acento diferencial permanece em **pôr** (verbo) em oposição a **por** (preposição).

arg**ú**i, apazig**ú**e, averig**ú**e, enxag**ú**e, obliq**ú**e	**Não** se acentua o **-u** tônico nas formas verbais rizotônicas (acento na raiz), quando precedido de -g ou -q e seguido de –e ou -i (grupos que/qui e gue/gui).	arg**u**i, apazig**u**e, averig**u**e, enxag**u**e, obliq**u**e
bai**ú**ca, boi**ú**na, chei**í**nho, sa**í**nha, fei**ú**ra, fei**ú**me	**Não** se acentuam o **-i** e **-u** tônicos das palavras paroxítonas quando precedidas de ditongo.	bai**u**ca, boi**u**na, chei**i**nho, sai**i**nha, fei**u**ra, fei**u**me

USO DO HÍFEN Como era	NOVA REGRA:	Como será
ant**e-s**ala, ant**e-s**acristia, aut**o-r**etrato, ant**i-s**ocial, ant**i-r**ugas, arqu**i-r**omântico, arqu**i-r**ivalidade, aut**o-r**egulamentação, aut**o-s**ugestão, contr**a-s**enso,contr**a-r**egra, contr**a-s**enha, extr**a-r**egimento, extr**a-s**ístole, extr**a-s**eco, infr**a-s**om, infr**a-r**enal, ultr**a-r**omântico, ultr**a-s**onografia, sem**i-r**eal, sem**i-s**intético, supr**a-r**enal, supr**a-s**ensível	**Não** se emprega o hífen nos compostos em que o prefixo ou falso prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por **r** ou **s**, devendo essas consoantes se duplicarem.	ante**ss**ala, ante**ss**acristia, auto**rr**etrato, anti**ss**ocial, anti**rr**ugas, arqui**rr**omântico, arqui**rr**ivalidade, auto**rr**egulamentação, auto**ss**ugestão, contra**ss**enso, contra**rr**egra, contra**ss**enha, extra**rr**egimento, extra**ss**ístole, extra**ss**eco, infra**ss**om, infra**rr**enal, ultra**rr**omântico, ultra**ss**onografia, semi**rr**eal, semi**ss**intético, supra**rr**enal, supra**ss**ensível

• *O uso do hífen **permanece** nos compostos em que os prefixos **super**, **hiper**, **inter**, terminados em **-r**, aparecem combinados com elementos também iniciados por **-r**: hiper-rancoroso, hiper-realista, hiper-requintado, hiper-requisitado, inter-racial, inter-regional, inter-relação, super-racional, super-realista, super-resistente, super-revista etc.*

aut**o-a**firmação, aut**o-a**juda, aut**o-a**prendizagem, aut**o-e**scola, aut**o-e**strada, aut**o-i**nstrução, contr**a-e**xemplo, contr**a-i**ndicação, contr**a-o**rdem, extr**a-e**scolar, extr**a-o**ficial, infr**a-e**strutura, intr**a-o**cular, intr**a-u**terino, ne**o-e**xpressionista, ne**o-i**mperialista, sem**i-a**berto, sem**i-á**rido, sem**i-a**utomático, sem**i-e**mbriagado, sem**i-o**bscuridade, supr**a-o**cular, ultr**a-e**levado	**Não** se emprega o hífen nos compostos em que o prefixo ou falso prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por vogal **diferente**.	aut**oa**firmação, aut**oa**juda, aut**oa**prendizagem, aut**oe**scola, aut**oe**strada, aut**oi**nstrução, contr**ae**xemplo, contr**ai**ndicação, contr**ao**rdem, extr**ae**scolar, extr**ao**ficial, infr**ae**strutura, intr**ao**cular, intr**au**terino, ne**oe**xpressionista, ne**oi**mperialista, sem**ia**berto, sem**ia**utomático, sem**iá**rido, sem**ie**mbriagado, sem**io**bscuridade, supr**ao**cular, ultr**ae**levado

- *Esta nova regra normatiza os casos do uso do hífen entre vogais diferentes, como já acontecia anteriormente na língua em compostos como: antiaéreo, antiamericanismo, coeducação, agroindustrial, socioeconômico etc.*
- *O uso do hífen **permanece** nos compostos com prefixo em que o segundo elemento começa por **-h**: ante-hipófise, anti-herói, anti-higiênico, anti-hemorrágico, extra-humano, neo-helênico, semi-herbáceo, super-homem, supra-hepático etc.*

ant**ii**bérico, ant**ii**nflamatório, ant**ii**nflacionário, ant**ii**mperalista, arqu**ii**nimigo, arqu**ii**rmandade, micr**oo**ndas, micr**oô**nibus, micr**oo**rgânico	**Emprega-se** o hífen nos compostos em que o prefixo ou falso prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por vogal **igual**.	ant**i-i**bérico, ant**i-i**nflamatório, ant**i-i**mperalista, arqu**i-i**nimigo, arqu**i-i**rmandade, micr**o-o**ndas, micr**o-ô**nibus, micr**o-o**rgânico

- *Estes compostos, anteriormente grafados em uma única palavra, escrevem-se agora com hífen por força da regra anterior.*
- *Esta regra normatiza todos os casos do uso do hífen entre vogais iguais, como já acontecia anteriormente na língua em compostos como: auto-observação, contra-argumento, contra-almirante, eletro-ótica, extra-atmosférico, infra-assinado, infra-axilar , semi-interno, semi-integral, supra-auricular, supra-axilar, ultra-apressado etc. (Nestes casos, o hífen permanece.)*
- *Nos prefixos átonos **co-**, **pre-**, **re-** e **pro-**, não se usa o hífen: coordenar, reescrever, propor, preestabelecer.*

Manda-chuva, pára-quedas, pára-quedista	**Não** se emprega o hífen em certos compostos em que se perdeu, em certa medida, a noção de composição.	mandachuva, paraquedas, paraquedista

- *O uso do hífen **permanece** nas palavras compostas que não contêm umzz elemento de ligação e constituem uma unidade sintagmática e semântica, mantendo acento próprio, bem como naquelas que designam espécies botânicas e zoológicas: ano-luz, azul-escuro, médico-cirurgião, conta-gotas, guarda-chuva, segunda-feira, tenente-coronel, beija-flor, couve-flor, erva- doce, mal-me-quer, bem-te-vi, formiga-branca etc.*

OBSERVAÇÕES GERAIS

1. *O uso do hífen **permanece**:*
   - ***a)*** *nos compostos com os prefixos **ex-**, **vice-**, **soto-**: ex-marido, vice-presidente, soto-mestre;*
   - ***b)*** *nos compostos com os prefixos **circum-** e **pan-** quando o segundo elemento começa por **vogal**, **m** ou **n**: pan-americano, circum-navegação;*
   - ***c)*** *nos compostos com os prefixos tônicos acentuados **pré-**, **pró-** e **pós-** quando o segundo elemento tem vida própria na língua: pré-natal, pró-desarmamento, pós-graduação.*
   - ***d)*** *nos compostos terminados por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, como **-açu**, **-guaçu** e **-mirim**, quando o primeiro elemento acaba em vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica entre ambos: amoré-guaçu, manacá-açu, jacaré-açu, Ceará-Mirim, paraná-mirim.*
   - ***e)*** *nos topônimos iniciados pelos adjetivos **grão** e **grã** ou por forma verbal ou por elementos que incluam um artigo: Grã-Bretanha, Santa Rita do Passa-Quatro, Baía de Todos-os-Santos etc.*
   - ***f)*** *nos compostos com os advérbios **mal** e **bem** quando estes formam uma unidade sintagmática e semântica e o segundo elemento começa por **vogal** ou **-h**: bem-aventurado, bem-estar, bem-humorado, mal-estar, mal-humorado. Entretanto, nem sempre os compostos com o advérbio **bem** escrevem-se sem hífen quando este prefixo é seguido por um elemento iniciado por consoante: bem-nascido, bem-criado, bem-visto (ao contrário de malnascido, malcriado e malvisto).*
   - ***g)*** *nos compostos com os elementos **além**, **aquém**, **recém** e **sem**: além-mar, além-fronteiras, aquém-oceano, recém-casados, sem-número, sem-teto.*
   - ***h)*** *com **sub,** usa-se hífen diante de palavra iniciada por **r**:sub-raça, sub-região.*
2. ***Não** se emprega o hífen nas locuções de qualquer tipo (substantivas, adjetivas, pronominais, verbais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais): cão de guarda, fim de semana, café com leite, pão de mel , sala de jantar, cor de vinho, ele próprio, à vontade, abaixo de , acerca de, a fim de que etc.*

- *São exceções algumas locuções já consagradas pelo uso: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao-deus-dará, à queima-roupa.*

SIMULADOS COMENTADOS DE GRAMÁTICA

QUADRIX 15/5, terça-feira, das 8h15 às 11h50
iades 16/5, quarta-feira, das 14h15 às 17h50
iades 18/5, sexta-feira, das 19h15 às 22h50
Cebraspe 19/5, sábado, das 8h15 às 11h50

GILBER BOTELHO

IGB INSTITUTO Gilber Botelho TREINAMENTO E CURSOS ESPECIAIS
Matrículas Abertas
(61) 3034-0060
(61) 9 8216-8929

GRAMÁTICA

APLICADA AO TEXTO

DO BÁSICO AO AVANÇADO

TURMA 1

Início: 12/6, às terças-feiras,
das 8h15 às11h50

TURMA 2

Início: 13/6, às quartas-feiras,
das 14h15 às17h50

TURMA 3

Início: 15/6, às sextas-feiras,
das 19h15 às 22h50

TURMA 4

Início: 16/6, aos sábados,
das 8h15 às 11h50

ESPECIAL PARA:

- Concursos Públicos;
- Vestibulares;
- Pas 1, Pas 2 e Pas 3;
- Enem; e
- Atualização linguística.

Gilber Botelho

Promoção:

Traga um amigo e ganhe
50% de desconto no curso

* DESCONTO NÃO CUMULATIVO

INSTITUTO Gilber Botelho
TREINAMENTO E CURSOS ESPECIAIS

Endereço: Setor "D" Sul - Lote 8, salas 103 e 106
Pistão Sul - Taguatinga-DF Ed. Itacaramby
Telefone: (61) 3034-0060 / (61) 9 8216-8929

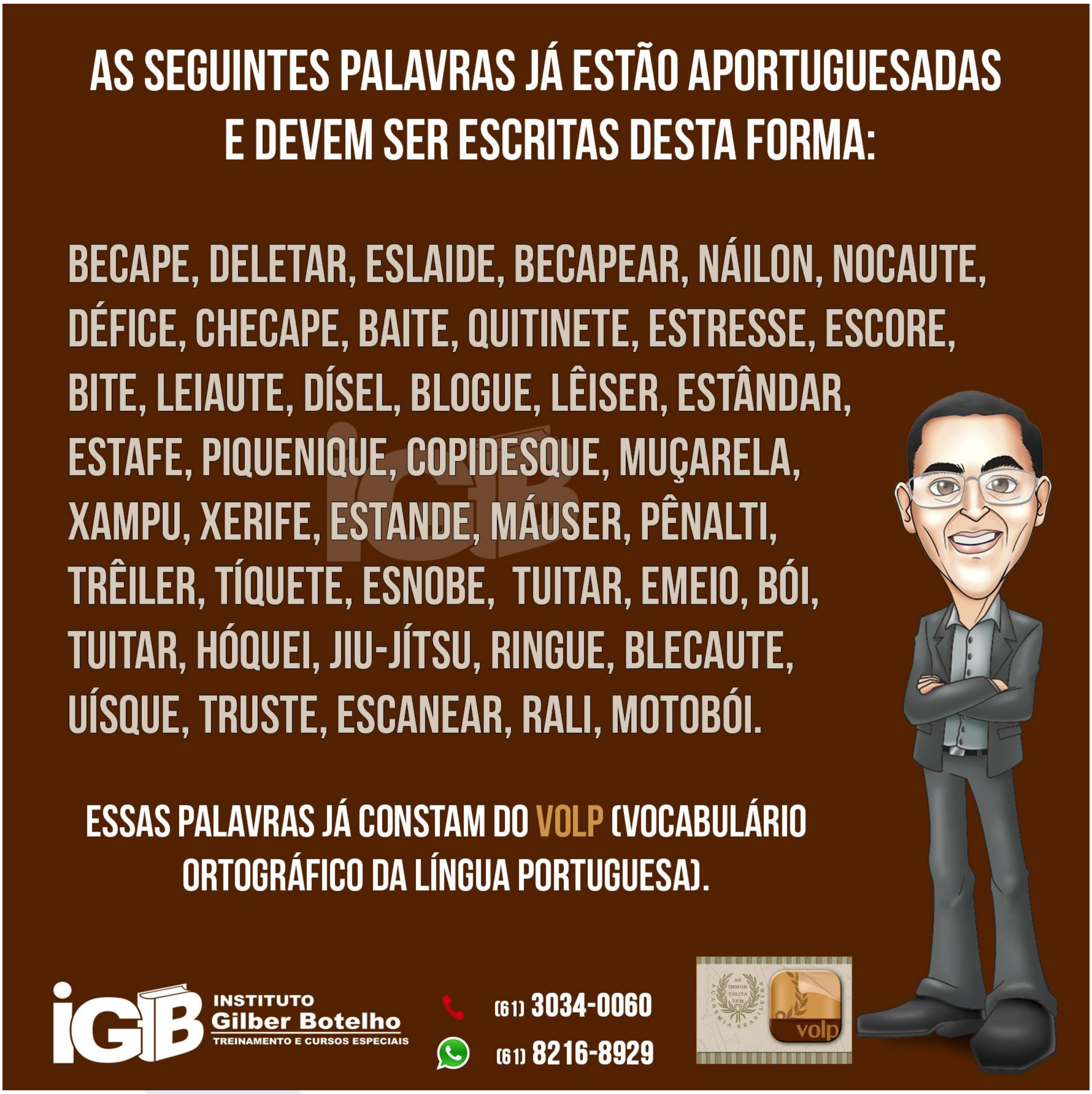

AS SEGUINTES PALAVRAS JÁ ESTÃO APORTUGUESADAS E DEVEM SER ESCRITAS DESTA FORMA:

BECAPE, DELETAR, ESLAIDE, BECAPEAR, NÁILON, NOCAUTE, DÉFICE, CHECAPE, BAITE, QUITINETE, ESTRESSE, ESCORE, BITE, LEIAUTE, DÍSEL, BLOGUE, LÊISER, ESTÂNDAR, ESTAFE, PIQUENIQUE, COPIDESQUE, MUÇARELA, XAMPU, XERIFE, ESTANDE, MÁUSER, PÊNALTI, TRÊILER, TÍQUETE, ESNOBE, TUITAR, EMEIO, BÓI, TUITAR, HÓQUEI, JIU-JÍTSU, RINGUE, BLECAUTE, UÍSQUE, TRUSTE, ESCANEAR, RALI, MOTOBÓI.

ESSAS PALAVRAS JÁ CONSTAM DO VOLP (VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA).

IGB INSTITUTO Gilber Botelho TREINAMENTO E CURSOS ESPECIAIS
(61) 3034-0060
(61) 8216-8929
volp

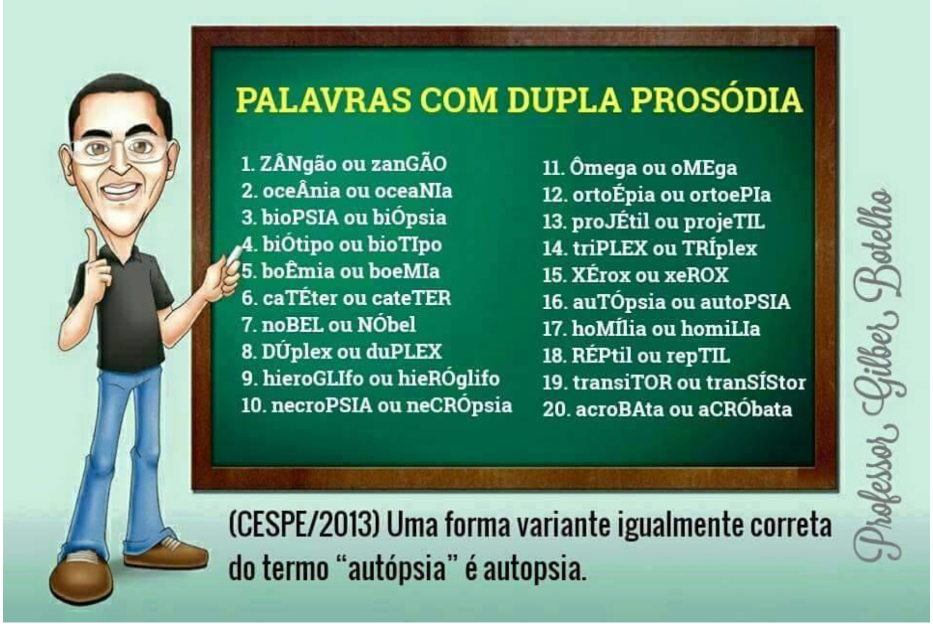

PALAVRAS COM DUPLA PROSÓDIA

1. ZÂNgão ou zanGÃO
2. oceÂnia ou oceaNIa
3. bioPSIA ou biÓpsia
4. biÓtipo ou bioTIpo
5. boÊmia ou boeMIa
6. caTÉter ou cateTER
7. noBEL ou NÓbel
8. DÚplex ou duPLEX
9. hieroGLIfo ou hieRÓglifo
10. necroPSIA ou neCRÓpsia
11. Ômega ou oMEga
12. ortoÉpia ou ortoePIa
13. proJÉtil ou projeTIL
14. triPLEX ou TRÍplex
15. XÉrox ou xeROX
16. auTÓpsia ou autoPSIA
17. hoMÍlia ou homiLIa
18. RÉPtil ou repTIL
19. transiTOR ou tranSÍStor
20. acroBAta ou aCRÓbata

(CESPE/2013) Uma forma variante igualmente correta do termo "autópsia" é autopsia.

Exercícios com Gabarito de Português
Sintaxe - Período Composto

1) (Faap-1996) Dario vinha apressado, o guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina, diminuiu o passo até parar, encostando-se à parede de uma casa. Foi escorregando por ela, de costas, sentou-se na calçada, ainda úmida da chuva, e descansou no chão o cachimbo.

Dois ou três passantes rodearam-no, indagando se não estava se sentindo bem. Dario abriu a boca, moveu os lábios, mas não se ouviu resposta. Um senhor gordo, de branco, sugeriu que ele devia sofrer de ataque.

Estendeu-se mais um pouco, deitado agora na calçada, o cachimbo a seu lado tinha apagado. Um rapaz de bigode pediu ao grupo que se afastasse, deixando-o respirar. E abriu-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe retiraram os sapatos, Dario roncou pela garganta e um fio de espuma saiu do canto da boca.

Cada pessoa que chegava se punha na ponta dos pés, embora não pudesse ver. Os moradores da rua conversavam de uma porta à outra, as crianças foram acordadas e vieram de pijama às janelas. O senhor gordo repetia que Dario sentara-se na calçada, soprando ainda a fumaça do cachimbo e encostando o guarda-chuva na parede. Mas não se via guarda-chuva ou cachimbo ao lado dele.

Uma velhinha de cabeça grisalha gritou que Dario estava morrendo. Um grupo transportou-o na direção do táxi estacionado na esquina. Já tinha introduzido no carro metade do corpo, quando o motorista protestou: se ele morresse na viagem? A turba concordou em chamar a ambulância. Dario foi conduzido de volta e encostado à parede - não tinha os sapatos e o alfinete de pérola na gravata.

(Dalton Trevisan)

"(1) Cada pessoa / (2) que chegava, / (1) se punha na ponta dos pés, / (3) embora não pudesse ver."
Há no texto três orações, e estão numeradas. A primeira - CADA PESSOA SE PUNHA NA PONTA DOS PÉS - chama-se:
a) absoluta
b) principal
c) coordenada assindética
d) coordenada sindética
e) subordinada

2) (Mack-2004) "De aorcdo com uma pqsieusa de uma uinrvesiddae ignlsea, não ipomtra em qaul odrem as lrteas de uma plravaa etãso, a úncia csoia iprotmatne é que a piremria e a úlmlia lrteas etejasm no lgaur crteo. O rseto pdoe ser uma ttaol bçguana que vcoê pdoe anida ler sem pobrlmea. Itso é poqrue nós não lmeos cdaa lrtea isladoa, mas a plaravaa cmoo um tdoo." Não, o trecho acima não foi publicado por descuido. Trata-se de uma brincadeira que está circulando na internet, mas que é baseada em princípios científicos: "O cérebro aplica um sistema de inferência nos processo de leitura. Esse sistema, chamado 'sistema de preenchimento', se baseia em pontos nodais ou relevantes, a partir dos quais o cérebro completa o que falta ou coloca as partes corretas nos seus devidos lugares", explica o neurologista Benito Damasceno. Esse mecanismo não funciona apenas com a leitura: "Quando vemos apenas uma ponta de caneta, por exemplo, somos capazes de inferir que aquilo é uma caneta inteira", diz Damasceno.

No trecho Quando vemos apenas uma ponta de caneta, por exemplo, somos capazes de inferir que aquilo é uma caneta inteira,
a) inteira tem função de complemento nominal e quantifica o predicado aquilo é uma caneta.
b) a última oração exerce a função de adjunto adnominal, sendo, portanto, classificada como oração adjetiva.
c) Quando introduz uma circunstância relativa a freqüência e pode ser substituído por "Toda vez que".
d) uma ponta de caneta e uma caneta inteira têm, no período, a mesma função sintática.
e) por exemplo introduz uma das possibilidades de interpretação da imagem da ponta de caneta mencionada na oração anterior.

3) (UEPB-2006) "O governo federal não pode tratar igualmente os desiguais, tem de investir mais nas regiões **que** venha possibilitar um crescimento maior e a unificação desses dois Brasis." (Correio da Paraíba, 24/05/05) Listamos abaixo (de I a IV) explicações sobre o termo **QUE**, sob os aspectos morfológico e sintático. Assinale a alternativa (de **a** a **e**) que corresponde à(às) justificativa(s) possível(is) quanto à escolha do autor no trecho citado:
I. QUE é uma conjunção consecutiva e estabelece uma relação de resultado ou conseqüência entre investimento nas regiões e crescimento dos dois Brasis.
II. QUE é uma conjunção final (com elipse da preposição "para") e estabelece uma relação de finalidade entre investimento nas regiões e crescimento dos dois Brasis.
III. QUE é um pronome relativo e expressa noção de ênfase à possibilidade de crescimento e unificação dos dois Brasis.
IV. QUE é um pronome relativo e tem como referente o termo "regiões".
a) Apenas a explicação IV está correta.
b) As explicações III e IV estão corretas.
c) Apenas a explicação I está correta.
d) Apenas a explicação II está correta.
e) As explicações I e II estão corretas.

4) (Mack-2005) 01 Aurélia pousara a mão no ombro do marido (...), colocou-se
02 diante de seu cavalheiro e entregou-lhe a cintura mimosa.
03 Era a primeira vez, e já tinham mais de seis meses de casados; era
04 a primeira vez que o braço de Seixas enlaçava a cintura de Aurélia. Explica-
05 se pois o estremecimento que ambos sofreram ao mútuo contacto (...).
06 As senhoras não gostam da valsa, senão pelo prazer de
07 sentirem-se arrebatadas no turbilhão.(...) Mas é justamente aí que o
08 está perigo. Esse enlevo inocente da dança entrega a mulher
09 palpitante, inebriada, às tentações do cavalheiro, delicado embora,
10 mas homem, que ela sem querer está provocando com o casto requebro
11 de seu talhe e traspassando com as tépidas emanações de seu corpo.
José de Alencar

Explica-se pois o estremecimento que ambos sofreram ao mútuo contacto.
Considerando o contexto, assinale a alternativa que é correta e mantém o sentido da frase acima transcrita.
a) O estremecimento que ambos reciprocamente sofreram deu-se pelo contato, e isso explica-se.
b) Ambos Aurélia e Seixas estremeceram; assim, pode-se explicar que sofreram pelo contato mútuo.
c) Sofreram um contato entre eles, logo o estremecimento ocorreu, e explica-se o fato.
d) Portanto, está explicado o estremecimento que um e outro sofreram ao contato recíproco.
e) Mutuamente sofreram, ambos, o contato entre um e outro, dado que houve um estremecimento, o que se pode explicar.

5) (UFSC-2007)

TEXTO 2

1 " 'Há mais de meio século', continuou. 'Eu era
moleque, e eles uns curumins que já carregavam tudo,
iam dos barcos para o alto da praça, o dia todo assim.
Eu vendia tudo, de porta em porta. Entrei em centenas
5 de casas de Manaus, e quando não vendia nada, me
ofereciam guaraná, banana frita, tapioquinha com café.
Em vinte e poucos, por aí, conheci o restaurante do
Galib e vi a Zana... Depois, a morte do Galib, o
nascimento dos gêmeos...' "

HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 133.

Ainda considerando o TEXTO 2, assinale a(s) proposição(ões) **CORRETA(S)**.

01. Em "Eu era moleque, e eles uns curumins que já carregavam tudo" (linhas 1-2) houve, na segunda oração, elipse de um verbo, cuja compreensão é possível a partir da leitura da oração anterior.
02. "Em vinte e poucos, por aí, [...]" (linhas 4-5) corresponde semanticamente a *Quando eu tinha vinte e poucos anos...*
04. Na frase "Entrei em centenas de casas de Manaus" (linha 3), pode-se substituir a forma verbal por "entrava", sem prejuízo do sentido.
08. Na última sentença do excerto, o paralelismo sintático obtido através da omissão dos verbos em nada prejudicou a compreensão do texto.
16. No trecho apresentado, a expressão "por aí" (linha 5) faz referência ao local onde o casal Galib e Zana se conheceu.

6) (FGV - SP-2007)
À aldeia chamam-lhe Azinhaga, está naquele lugar por assim dizer desde os alvores da nacionalidade (já tinha foral no século décimo terceiro), mas dessa estupenda veterania nada ficou, salvo o rio que lhe passa mesmo ao lado (imagino que desde a criação do mundo), e que, até onde alcançam as minhas poucas luzes, nunca mudou de rumo, embora das suas margens tenha saído um número infinito de vezes. A menos de um quilómetro das últimas casas, para o sul, o Almonda, que é esse o nome do rio da minha aldeia, encontra- se com o Tejo, ao qual (ou a quem, se a licença me é permitida), ajudava, em tempos idos, na medida dos seus limitados caudais, a alagar a lezíria* quando as nuvens despejavam cá para baixo as chuvas torrenciais do Inverno e as barragens a montante, pletóricas, congestionadas, eram obrigadas a descarregar o excesso de água acumulada. A terra é plana, lisa como a palma da mão, sem acidentes orográficos dignos de tal nome, um ou outro dique que por ali se tivesse levantado mais servia para guiar a corrente aonde causasse menos dano do que para conter o ímpeto poderoso das cheias. Desde tão distantes épocas a gente nascida e vivida na minha aldeia aprendeu a negociar com os dois rios que acabaram por lhe configu rar o carácter, o Almonda, que a seus pés desliza, o Tejo, lá mais adiante, meio oculto por trás da muralha de choupos, freixos e salgueiros que lhe vai acompanhando o curso, e um e outro, por boas ou más razões, omnipresentes na memória e nas falas das famílias.
*Lezíria: planície de inundação junto a certos rios.
Saramago, José. As pequenas memórias. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

Na construção chamam-lhe Azinhaga, o pronome lhe:
a) Reitera Azinhaga.

b) Tem valor possessivo.
c) Realça o objeto direto.
d) Expressa tratamento cerimonioso.
e) Reitera aldeia.

7) (Mack-2001) A moça não era formosa, talvez nem tivesse graça; os cabelos caíam despenteados, e as lágrimas
faziam-lhe encarquilhar os olhos.

Assinale a alternativa correta em relação ao fragmento acima.
a) formosa e graça são, sintaticamente, predicativos do sujeito moça.
b) Na estrutura sintática predomina a subordinação.
c) A anteposição do adjetivo despenteados ao verbo alteraria o sentido da oração.
d) O pronome oblíquo refere-se a lágrimas.
e) O ponto e vírgula estabelece a relação de concessão entre as orações.

8) (ITA-2002) A norma gramatical não é seguida com rigor em:

Água Pura. Valorizando a vida.

Assinale a opção indicativa da transgressão:
a) As frases incompletas não fazem sentido.
b) Na segunda frase não há oração principal.
c) As frases estão fora de ordem.
d) O tempo verbal está inadequado.
e) Não há sujeito na segunda frase.

9) (UFTM-2007) Adeus, meus sonhos, eu pranteio e morro!
Não levo da existência uma saudade!
E tanta vida que meu peito enchia
Morreu na minha triste mocidade!
Misérrimo! votei meus pobres dias
À sina douda de um amor sem fruto...
E minha alma na treva agora dorme
Como um olhar que a morte envolve em luto.
Que me resta, meu Deus? morra comigo
A estrela de meus cândidos amores,
Já que não levo no meu peito morto
Um punhado sequer de murchas flores!
(Álvares de Azevedo, Adeus, meus sonhos!; em *Lira dos Vinte Anos*)

A oração em destaque no período – E tanta vida que meu peito enchia morreu – tem a mesma classificação sintática que a oração destacada em:
a) Que me resta, meu Deus?
b) Morra comigo a estrela [...] já que não levo no meu peito morto.
c) Dorme como um olhar.
d) Adeus meus sonhos, eu pranteio e morro!
e) Como um olhar que a morte envolve em luto.

10) (IBMEC-2006) Assinale o período composto por três orações somente.
a) Os homens se esquecem de que a verdadeira amizade é fundamental.
b) Nunca fiz questão de que você viesse no horário.
c) Vou ao cinema agora, ele ao teatro, mas nos encontraremos à noite.
d) Tua chegada causa espanto e admiração, faz com que eu sonhe e delire.
e) Nunca mais ouviram falar daquele caso. O pouco que soubemos veio pelos jornais.

11) (Faap-1997) BAILADO RUSSO
Guilherme de Almeida

A mão firme e ligeira
puxou com força a fieira:
e o pião
fez uma elipse tonta
no ar e fincou a ponta
no chão.

É o pião com sete listas
de cores imprevistas.
Porém,
nas suas voltas doudas,
não mostra as cores todas
que tem:

- fica todo cinzento,
no ardente movimento...
E até
parece estar parado,
teso, paralisado,
de pé.

Mas gira. Até que, aos poucos,
em torvelins tão loucos
assim,
já tonto, bamboleia,
e bambo, cambaleia...

Enfim,
tomba. E, como uma cobra,
corre mole e desdobra
então,
em hipérboles lentas,
sete cores violentas
no chão.

"O pião parece estar parado mas gira". Começando o período pela segunda oração, sem prejuízo do sentido, escreveríamos:
a) O pião gira, porque parece estar parado.
b) O pião gira, quando parece estar parado.
c) O pião gira, embora pareça estar parado.
d) O pião gira, desde que pareça estar parado.
e) O pião gira, para que pareça estar parado.

12) (FMTM-2005) Daqui em diante trataremos o nosso memorando pelo seu nome de batismo: não nos ocorre se já dissemos que ele tinha o nome do pai; mas se o não dissemos, fique agora dito. E para que se possa saber quando falamos do pai e quando do filho, daremos a este o nome de Leonardo, e acrescentaremos o apelido de Pataca, já muito vulgarizado nesse tempo, quando quisermos tratar daquele. Leonardo havia pois chegado à época em que os rapazes começam a notar que o seu coração palpita mais forte e mais apressado, em certas ocasiões, quando se encontra com certa pessoa, com quem, sem saber por que, se sonha umas poucas de noites seguidas, e cujo nome se acode continuamente a fazer cócegas nos lábios. Já dissemos que D. Maria tinha agora em casa sua sobrinha; o compadre, como a própria D. Maria lhe pedira, continuou a visitá-la, e nessas visitas passavam longo tempo em conversas particulares. Leonardo acompanhava sempre o seu padrinho e fazia diabruras pela casa enquanto estava em idade disso, e, depois que lhes perdeu o gosto, sentava-se em um canto e dormia de aborrecimento. Disso resultou que detestava profundamente as visitas e que só se sujeitava a elas obrigado pelo padrinho. Depois [...] D. Maria chamou por sua sobrinha, e esta apareceu. Leonardo lançou-lhe os olhos, e a custo conteve o riso. Era a sobrinha de D. Maria já muito desenvolvida, porém que, tendo perdido as graças de menina, ainda não tinha adquirido a beleza de moça; era alta, magra, pálida: andava com o queixo enterrado no peito, trazia as pálpebras sempre baixas, e olhava a furto; tinha os braços finos e compridos; o cabelo, cortado, dava-lhe apenas até o pescoço, e como andava mal penteada e trazia a cabeça sempre baixa, uma grande porção lhe caía sobre a testa e olhos, como uma viseira. Durante alguns dias umas poucas de vezes Leonardo falou na sobrinha da D. Maria; e apenas o padrinho lhe anunciou que teriam de fazer a visita do costume, sem saber por que, pulou de contente, e, ao contrário dos outros dias, foi o primeiro a vestirse e dar-se por pronto.
(Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias.* Adaptado)

Assinale a alternativa em que se identifica corretamente, nos parênteses, o sentido da circunstância expressa pela oração em destaque no período.
a) O compadre, como a própria D. Maria lhe pedira, continuou a visitá-la. (comparação)
b) Era a sobrinha [...] já muito desenvolvida, porém, que, tendo perdido as graças de menina, ainda não tinha adquirido a beleza de moça. (condição)
c) ...se o não dissemos, fique agora dito. (modo)
d) ...como andava mal penteada [...], uma grande porção lhe caía sobre a testa e olhos, como uma viseira. (causa)
e) ...depois que lhes perdeu o gosto, sentava-se em um canto. (lugar)

13) (Mack-1996) Guilherme possui a revista. Nesta revista, foram publicados os artigos. Necessito dos artigos da revista. Falei ontem, por telefone, com o pai de Guilherme. Aponte a alternativa que apresenta a transformação correta dessa seqüência de frases em um período composto por subordinação.
a) Guilherme possui a revista onde foram publicados os artigos que necessito e falei ontem, por telefone, com o pai dele.
b) Guilherme possui a revista, na qual foram publicados os artigos que necessito, e falei ontem, por telefone, com o pai dele.
c) Guilherme possui a revista em que foram publicados os artigos os quais necessito e falei ontem, por telefone, com o pai dele.
d) Guilherme possui a revista onde foram publicados os artigos os quais necessito, por isso falei ontem, por telefone, com seu pai.
e) Guilherme, com cujo pai falei ontem, por telefone, possui a revista em que foram publicados os artigos de que necessito.

14) (Vunesp-2005) INSTRUÇÃO: A questão a seguir toma por base um soneto do simbolista brasileiro Augusto dos Anjos (1884-1914), uma passagem de um texto escrito em Bristol, em 1879, por Eça de Queirós (1845-1900) e um trecho do *Prefácio Interessantíssimo* de Mário de Andrade (1893-1945).

Soneto
Podre meu Pai! A Morte o olhar lhe vidra.
Em seus lábios que os meus lábios osculam
Micro-organismos fúnebres pululam
Numa fermentação gorda de cidra.

Duras leis as que os homens e a hórrida hidra
A uma só lei biológica vinculam,
E a marcha das moléculas regulam,
Com a invariabilidade da clepsidra!...

Podre meu Pai! E a mão que enchi de beijos
Roída toda de bichos, como os queijos
Sobre a mesa de orgíacos festins!...

Amo meu Pai na atômica desordem
Entre as bocas necrófagas que o mordem
E a terra infecta que lhe cobre os rins!

(Augusto dos Anjos. Eu. 1935.)

Idealismo e Realismo
Eu sou pois associado a estes dois movimentos, e se ainda ignoro o que seja a *idéia nova*, sei pouco mais ou menos o que chamam aí a *escola realista*. Creio que em Portugal e no Brasil se chama realismo*,* termo já velho em 1840, ao movimento artístico que em França e em Inglaterra é conhecido por "naturalismo" ou "arte experimental". Aceitemos, porém, *realismo,* como a alcunha familiar e amiga pela qual o Brasil e Portugal conhecem uma certa fase na evolução da arte.
(...)
Não - perdoem-me - não há escola realista. Escola é a imitação sistemática dos processos dum mestre. Pressupõe uma origem individual, uma retórica ou uma maneira consagrada. Ora o naturalismo não nasceu da estética peculiar dum artista; é um movimento geral da arte, num certo momento da sua evolução. A sua maneira não está consagrada, porque cada temperamento individual tem a sua maneira própria: Daudet é tão diferente de Flaubert, como Zola é diferente de Dickens. Dizer "escola realista" é tão grotesco como dizer "escola republicana". O naturalismo é a forma científica que toma a arte, como a república é a forma política que toma a democracia, como
o positivismo é a forma experimental que toma a filosofia. Tudo isto se prende e se reduz a esta fórmula geral: que fora da observação dos factos e da experiência dos fenômenos, o espírito não pode obter nenhuma soma de verdade.
Outrora uma novela romântica, em lugar de estudar o homem, inventava-o. Hoje o romance estuda-o na sua realidade social. Outrora no drama, no romance, concebia-se o jogo das paixões *a priori*; hoje, analisa-se *a posteriori*, por processos tão exactos como os da própria fisiologia. Desde que se descobriu que a lei que rege os corpos brutos é a mesma que rege os seres vivos, que a constituição intrínseca duma pedra obedeceu às mesmas leis que a constituição do espírito duma donzela, que há no mundo uma fenomenalidade única, que a lei que rege os movimentos dos mundos não difere da lei que rege as paixões humanas, o romance, em lugar de imaginar, tinha simplesmente de observar. O verdadeiro autor do naturalismo não é pois Zola - é Claude Bernard. A arte tornou-se o estudo dos fenômenos vivos e não a idealização das imaginações inatas...
(Eça de Queirós. Cartas Inéditas de Fradique Mendes. In: *Obras de Eça de Queirós*.)

Prefácio Interessantíssimo
24 Belo da arte: arbitrário, convencional, transitório - questão de moda. Belo da natureza: imutável, objetivo, natural - tem a eternidade que a natureza tiver. Arte não consegue reproduzir natureza, nem este é seu fim. Todos os grandes artistas, ora consciente (Rafael das Madonas, Rodin do Balzac, Beethoven da Pastoral, Machado de Assis do Brás Cubas), ora inconscientemente (a grande maioria) foram deformadores da natureza. Donde infiro que o belo artístico será tanto mais artístico, tanto mais subjetivo quanto mais se afastar do belo natural. Outros infiram o que quiserem. Pouco me importa.
*
25 Nossos sentidos são frágeis. A percepção das coisas exteriores é fraca, prejudicada por mil véus, provenientes das nossas taras físicas e morais: doenças, preconceitos, indisposições, antipatias, ignorâncias, hereditariedade, circunstâncias de tempo, de lugar, etc... Só idealmente podemos conceber os objetos como os atos na sua inteireza bela ou feia. A arte que, mesmo tirando os seus temas do mundo objetivo, desenvolve-se em comparações afastadas, exageradas, sem exatidão aparente, ou indica os objetos, como um universal, sem delimitação qualificativa nenhuma, tem o poder de nos conduzir a essa idealização livre, musical. Esta idealização livre, subjetiva, permite criar todo um ambiente de realidades ideais onde sentimentos, seres e coisas, belezas e defeitos se apresentam na sua plenitude heróica, que ultrapassa a defeituosa percepção
dos sentidos. Não sei que futurismo pode existir em quem quase perfilha a concepção estética de Fichte. Fujamos da natureza! Só assim a arte não se ressentirá da ridícula fraqueza da fotografia... colorida.
(Mário de Andrade. Paulicéia Desvairada. In: *Poesias completas.* 1987.)

Os processos de coordenação e de subordinação, quando surgem de modo recorrente ao longo de um mesmo período, podem produzir seqüências bastante simétricas, que facilitam não apenas a compreensão, mas também o reconhecimento da própria estrutura sintática adotada. Releia o último período do segundo parágrafo do fragmento de Eça de Queirós e, a seguir,
a) indique o substantivo que, repetido simetricamente ao longo do período, apresenta sempre a mesma função sintática nas orações em que se insere;
b) fazendo as eliminações de conectivos que julgar necessárias e alterando a pontuação, transforme esse período composto por coordenação e subordinação em três períodos.

15) (UFMG-2007) Na sociedade neoliberal, cresce a produção de bens supérfluos, oferecidos como mercadorias indispensáveis. O consumidor, massacrado pela publicidade, acaba se convencendo de que a saúde de seu cabelo depende de uma determinada marca de xampu. Melhor cortar a cabeça do que viver sem o tal produto...
Para o neoliberalismo, o que importa não é o progresso, mas o mercado; não é a qualidade do produto, mas seu alcance publicitário; não é o valor de uso de uma mercadoria, mas o fetiche que a reveste.
Compra-se um produto pela aura que o envolve. A grife da mercadoria promove o status do usuário. Exemplo: Se

chego de ônibus à casa de um estranho e você desembarca de um BMW, acredita que seremos encarados do mesmo modo?
Para o neoliberalismo, não é o ser humano que imprime valor à mercadoria; ao contrário, a grife da roupa "promove" socialmente seu usuário, assim como um carro de luxo serve de nicho à exaltação de seu dono, que passa a ser visto pelos bens que envolvem sua pessoa.
Em si, a pessoa parece não ter nenhum valor à luz da ótica neoliberal. Por isso, quem não possui bens é desprezado e excluído. Quem os possui é invejado, cortejado e festejado. A pessoa passa a ser vista (e valorizada) pelos bens que ostenta.
O mercado é como Deus: invisível, onipotente, onisciente e, agora, com o fim do bloco soviético, onipresente. Dele depende nossa salvação. Damos mais ouvidos aos profetas do mercado - os indicadores financeiros - que à palavra das Escrituras.
Idolatrias à parte, o mercado é seletivo. Não é uma feira livre, cujos produtos carecem de controle de qualidade e garantia. É como shopping center, onde só entra quem tem (ou aparenta ter) poder aquisitivo.
O mercado é global. Abarca os milhardários de Boston e os zulus da África, os vinhos da mesa do Papa e as peles de ovelha que agasalham os monges do Tibete. Tudo se compra, tudo se vende: alfinetes e afetos; televisores e valores; deputados e pastores. Para o mercado, honra é uma questão de preço.
Fora do mercado, não há salvação - é o dogma do neoliberalismo. Ai de quem não acreditar e ousar pensar diferente! No mercado, ninguém tem valor por ser alguém. O valor é proporcional à posição no mercado. Quem vende ocupa maior hierarquia do que quem compra. E quem comanda o mercado controla os dois.
O mercado tem suas sofisticações. Não fica bem dizer "tudo é uma questão de mercado". Melhor o anglicismo marketing. É uma questão de marketing o tema da telenovela, o sorriso do apresentador de TV, o visual do candidato e até o anúncio do suculento produto que prepara o colesterol para as olimpíadas do infarto. Vende-se até a imagem primeiro-mundista de um país atulhado de indigentes perambulando pelos sertões à cata de terra para plantar.
Outrora, olhava-se pela janela para saber como andava o tempo. Hoje, liga-se o rádio e a TV para saber como se comporta o mercado. É ele que traz verão ou inverno às nossas vidas. Seus arautos merecem mais espaço que os meteorologistas. Dele dependem importações e exportações, inversões e fugas de capitais, contratos e fraudes.
É no mínimo preocupante constatar como, hoje, se enche a boca para falar de livre mercado e competitividade, e se esvazia o coração de solidariedade. Se continuar assim, só restarão os valores da bolsa. E em que mercado comprar nossas mais profundas aspirações: amor e comunhão, felicidade e paz?
O mercado desempenha, pois, função religiosa. Ergue-se como novo sujeito absoluto, legitimado por sua perversa lógica de expansão das mercadorias, concentração da riqueza e exclusão dos desfavorecidos. Já reparou como os comentaristas da TV se referem ao mercado? "Hoje o mercado reagiu às últimas declarações do líder da oposição". Ou: "O mercado retraiu-se diante da greve dos trabalhadores".
Parece que o mercado é um elegante e poderoso senhor que habita o alto de um castelo e, de lá, observa o que acontece aqui embaixo. Quando se irrita, pega o celular e liga para o Banco Central. Seu mau humor faz baixar os índices da Bolsa de Valores ou subir a cotação do dólar. Quando está de bom humor, faz subir os índices de valorização das aplicações financeiras.
BETTO, Frei. Estado de Minas, Belo Horizonte, 8 jun. 2006. Caderno Cultura, p. 10.
(Texto adaptado)

Assinale a alternativa em que, nos trechos transcritos, os dois termos destacados NÃO exercem a mesma função.
a) ... acaba se convencendo... (linha 3)
Quando se irrita... (linhas 61-62)
b) ... olhava-se pela janela... (linha 44)
Ergue-se como novo sujeito... (linhas 54-55)
c) Se chego de ônibus... (linha 10)
Se continuar assim... (linha 51)
d) Tudo se compra... (linha 30)
Vende-se até a imagem... (linha 42)

16) (Fatec-2007) Não importa se você acredita (I) que sucesso é resultado de sorte ou competência (II), por que te oferecemos os dois (III): o melhor servidor com uma imperdível condição de pagamento.
(Texto de anúncio publicitário)
Assinale a alternativa contendo análise correta de fatos de língua pertinentes a esse texto.
a) A oração (I) exerce a mesma função sintática que a oração (II) – ambas são complemento de verbos.
b) É coerente, no contexto, associar a idéia de sorte a – imperdível condição de pagamento – e a idéia de competência a – o melhor servidor.
c) A redação do texto obedece aos princípios da norma culta, apresentando clareza e correção gramatical.
d) O receptor do anúncio é tratado de maneira uniforme no texto, em 3ª pessoa.
e) A oração III tem equivalente sintático e de sentido em – portanto te oferecemos os dois.

17) (Mack-2004) O major era pecador antigo, e no seu tempo fora daqueles de que se diz que não deram o seu quinhão ao vigário: restava-lhe ainda hoje alguma cousa que às vezes lhe recordava o passado: essa alguma *cousa* era a Maria-Regalada que morava na prainha. Maria-Regalada fora no seu tempo uma mocetona de truz, como

vulgarmente se diz: era de um gênio sobremaneira folgazão, vivia em contínua alegria, ria-se de tudo, e de cada vez que se ria fazia-o por muito tempo e com muito gosto; daí é que vinha o apelido - regalada - que haviam ajuntado a seu nome. Isto de apelidos, era no tempo destas histórias uma cousa muito comum; não estranhem pois os leitores que muitas das personagens que aqui figuram tenham esse apêndice ao seu nome.

Obs.: de truz - de primeira ordem, magnífica

Manuel Antônio de Almeida, Memórias de um sargento de milícias

A frase que, no contexto, pode ser corretamente entendida como uma conseqüência é:

a) essa alguma cousa era a Maria-Regalada.
b) Maria-Regalada fora no seu tempo uma mocetona de truz.
c) era de um gênio sobremaneira folgazão.
d) fazia-o por muito tempo e com muito gosto.
e) não estranhem pois os leitores.

18) (UEMG-2006) O MUNDO

Tornar a leitura e a escrita significativas para os jovens é um desafio para professores de português, que precisam romper as barreiras entre as salas de aula e a realidade

Quem nunca teve que ler uma bula de remédio? Onde encontrá-las, em caso de necessidade? (...) A maioria de nós encarou aquele texto em letras miúdas à procura de um esclarecimento sobre dose, efeitos colaterais, contra-indicações ou freqüência com que o produto deve ser tomado.(...) Embora a linguagem em que o texto da bula era escrito não fosse lá muito amigável, os usuários faziam o possível para obter ao menos as informações mais importantes para não matar o paciente envenenado nem deixá-lo sem tratamento.

Há alguns meses, a agência nacional reguladora da saúde no Brasil, a Anvisa, mandou que as bulas fossem escritas para o público, e não mais para os especialistas. A idéia foi ótima e o usuário, especialmente aquele menos letrado, agradece muito que se mude o público-alvo do texto que ensina a usar os remédios.(...)

Ler a bula dos remédios é uma ação que, muito provavelmente, só acontece diante da necessidade. Se meu filho pequeno tem febre, corro para ler a bula e entender que dose de antitérmico devo administrar. Se eu tenho dor de cabeça, leio a bula do analgésico para saber como devo tomá-lo. E assim procedem outras pessoas em circunstâncias diversas. Sempre diante da necessidade e, claro, após a consulta ao médico.

Essa é a “leitura significativa” que funciona como acesso a um conhecimento, mesmo que ele seja tão circunstancial, e preparação para uma ação, mesmo que seja a de tomar um comprimido. Daí em diante, saberei o procedimento de ler bulas e talvez nem precise mais ler se me acontecer novamente a necessidade do mesmo remédio. Outras leituras significativas são o rótulo de um produto que se vai comprar, os preços do bem de consumo, o tíquete do cinema, as placas do ponto de ônibus, o regulamento de um concurso, a notícia de um jornal.

Se estou precisando trocar de carro, leio os anúncios classificados; caso queira me divertir no cinema, recorro às sinopses e às resenhas para me ajudarem a escolher o filme, o cinema e as sessões. Caso eu me sinta meio sem perspectivas, posso recorrer aos regulamentos de concurso. Nesses casos, há quem prefira as páginas do horóscopo. Também posso ler para me informar, para aprender a usar uma ferramenta, ligar um aparelho eletrônico, aumentar meu conhecimento sobre algo menos tangível ou mesmo ler para escrever em reação a algo que foi lido. Em muitos casos, posso ler para aprender.

A leitura significativa acontece diariamente com as pessoas à medida que elas interagem com o mundo e com todas as peças escritas que nos circundam. E estamos tão acostumados a isso que esquecemos de que ler é hoje algo muito trivial, especialmente para as pessoas que moram nas cidades.

Já outros gêneros de texto não são assim tão fáceis de achar. Os poemas (infelizmente!) não estão nos rótulos de embalagens nem junto aos frascos de remédio. Talvez não fossem lá muito informativos e de grande ajuda para quem está com uma lancinante dor de cabeça. Os romances não cabem nos *outdoors* e os contos não costumam acompanhar os tíquetes-refeição. Embora todas essas coisas possam se cruzar em instâncias específicas, os gêneros de texto artísticos não são tão funcionais quanto os anteriormente citados, mas também têm seus “códigos” de leitura. São lidos em momentos específicos, por exemplo: quando alguém quer ter prazer, experiência estética, conhecimento, vocabulário, etc. Em alguns casos, é necessário ler para um concurso ou para se divertir. Esta também é a leitura significativa.

E o que é que a leitura se torna quando entra pelos portões da escola? O que acontece com a leitura significativa quando ela deixa de ser feita a partir de uma necessidade ou de uma motivação mais “real” e passa a ser feita como tarefa pontuada? Como compreender a leitura de uma bula de remédio sem precisar dela? (...) Como ter prazer em ler um poema perto da hora do recreio, quando se sente mais a necessidade de ler o quadro de salgadinhos (e seus preços) na cantina da escola?

A leitura ganha contornos de “cobaia de laboratório” quando sai de sua significação e cai no ambiente artificial e na situação inventada. No entanto, é extremamente difícil para o professor, especialmente o de português, tornar a sala de aula um ambiente confortável para a leitura significativa. Como trazer as necessidades e as motivações para dentro da sala de aula?

Quando o assunto é a escrita, a situação se agrava ainda mais. Quando é que sentimos necessidade de escrever? Que textos são necessários à nossa comunicação diária, seja no trabalho ou entre amigos na Internet? Como agir por meio de textos em circunstâncias reais? E como trazer essas circunstâncias para a escola?

Já que o mundo inteiro não cabe numa sala, quem sabe se o professor de português saísse mais da sala de aula e levasse o aluno às situações em que ler e escrever se tornam muito tangíveis? E se a sala de aula de português não fosse tão inibitória ao encontro, à conversa e ao texto e se tornasse uma "sala ambiente", à maneira dos professores de biologia?

Em lugar de cadeiras individuais de costas umas para as outras estariam as mesas redondas. No lugar do quadro, uma estante de livros de referência sobre língua e muitos outros assuntos. Ou talvez a biblioteca fosse muito adequada à conversão dos alunos-repetidores em alunos interventores.

Quem sabe se o professor de português fizesse a necessidade acontecer? Uma sessão de cinema de verdade pode ensejar resenhas de verdade. Um lugar onde publicar as resenhas (e aí é impossível não citar a Internet) pode transformar textos-obrigação em textos formadores de opinião, ao menos para uso daquela comunidade.

(...) ler e escrever são condutas da vida em sociedade. Não são ratinhos mortos de laboratório prontinhos para ser desmontados e montados, picadinhos e jogados fora.

Quem sabe o professor de português reconfigure a sala de aula e transforme a escola numa extensão sem muros e sem cercas elétricas do mundo de textos que a rodeia?

(RIBEIRO, Ana Elisa. *Estado de Minas,* Belo Horizonte, 10 set.2005.Caderno PENSAR - texto adaptado)

Observe, ainda, o seguinte trecho:

"Embora a linguagem em que o texto da bula era escrito não fosse lá muito amigável..."

Assinale a alternativa em que a substituição do articulador em destaque se fez *de maneira inadequada* e *prejudicial* ao sentido da idéia objetivada.

a) Apesar de a linguagem em que o texto da bula era escrito não ser lá muito amigável...

b) Conquanto a linguagem em que o texto da bula era escrito não fosse lá muito amigável...

c) Ainda que a linguagem em que o texto da bula era escrito não fosse lá muito amigável...

d) Caso a linguagem em que o texto da bula era escrito não fosse lá muito amigável...

19) (PUC-SP-2005) Observe o enunciado a seguir:

Em Goiânia o folião Cândido Teixeira de Lima brincava fantasiado de Papa Paulo VI ***e provava no salão*** que não é tão cândido assim, ***pois aproveitava o mote da marcha Máscara Negra*** e beijava tudo que era mulher que passasse dando sopa.

As orações sublinhadas, em relação às anteriores, indicam, respectivamente, a idéia de

a) adição e finalidade.

b) meio e fim.

c) alternância e oposição.

d) adição e causa.

e) explicação e conclusão.

20) (UFPA-1998) OS BACHARÉIS E A LÍNGUA NACIONAL

A Ordem dos Advogados do Brasil está alarmada com o índice de reprovação dos bacharéis, candidatos ao título de advogado. Como é sabido, desde 1970, criaram-se os exames da Ordem, sem cuja aprovação, nenhum bacharel em Direito obtém inscrição junto à OAB. Sem estar inscrito, não pode advogar, nem obter a carteira e o título de advogado.

Os exames se realizam em todo o Brasil, em diversas épocas do ano, junto às secções estaduais da Ordem e Subsecções respectivas, nas capitais e no interior. As matérias exigidas, em provas escritas, abrangem conteúdo do Direito Positivo - Civil, Penal, Trabalhista, Processual, etc..., - e Português. Seria de esperar que a maior porcentagem de reprovação fosse nas matérias jurídicas, propriamente ditas, que fazem parte dos currículos. Engano. A reprovação maior é motivada pela ignorância dos candidatos, bacharéis, em relação à língua nacional. Não sabem redigir, desconhecem os princípios elementares da gramática, lêem mal, interpretam pior, têm dificuldade intolerável em se exprimir, o que fazem como se fossem estrangeiros incultos, torturados pela necessidade de fazer uma redação simples. Nestas condições, 70% são reprovados, no país.

(Adelino Brandão. A Província do Pará, 16.11.97)

O trecho "Seria de esperar que a maior porcentagem de reprovação fosse nas matérias jurídicas, propriamente ditas, que fazem parte dos currículos. Engano.", pode ser convertido em um só período, sem prejuízo da coerência, se a parte em destaque for substituída por:

a) ..., embora seja engano.

b) ..., onde é engano.

c) ..., mas é engano.

d) ..., ou seja, é engano.

e) ..., ainda que seja engano.

21) (UEL-2006) Recordações do Escrivão Isaías Caminha (1909), de Lima Barreto (1881-1922).

[...] Aquele começo de mês foi para mim de grande sossego e de muito egoísmo. Embora minha mãe tivesse afinal morrido havia alguns meses, eu não tinha sentido senão uma leve e ligeira dor. Depois de empregado no jornal, pouco lhe escrevi. Sabia-a muito doente, arrastando a vida com esforço. Não me preocupava... Os ditos do Floc, as pilhérias de Losque, as sentenças do sábio Oliveira, tinham feito chegar a mim uma espécie de vergonha pelo meu nascimento, e esse vexame me veio diminuir em muito a amizade e a ternura com que sempre envolvi a sua lembrança. Sentia-me separado dela.

Conquanto não concordasse ser ela a espécie de besta de carga e máquina de prazer que as sentenças daqueles idiotas a abrangiam no seu pensamento de lorpas,

entretanto eu, seu filho, julgava-me a meus próprios olhos muito diverso dela, saído de outra estirpe, de outro sangue e de outra carne. Ainda não tinha coordenado todos os elementos que mais tarde vieram encher-me de profundo desgosto e a minha inteligência e a minha sensibilidade não tinham ainda organizado bem e disposto convenientemente o grande *stock* de observações e de emoções que eu vinha fazendo e sentindo dia a dia. Vinham uma a uma, invadindo-me a personalidade insidiosamente para saturar-me mais tarde até ao aborrecimento e ao desgosto de viver. Vivia, então, satisfeito, gozando a temperatura, com almoço e jantar, ignobilmente esquecido do que sonhara e desejara. Houve mesmo um dia em que quis avaliar ainda o que sabia. Tentei repetir a lista dos Césares - não sabia; quis resolver um problema de regra de três composta, não sabia; tentei escrever a fórmula da área da esfera, não sabia. E notei essa ruína dos meus primeiros estudos cheio de indiferença, sem desgosto, lembrando-me daquilo tudo como impressões de uma festa a que fora e a que não devia voltar mais. Nada me afastava da delícia de almoçar e jantar por sessenta mil-réis mensais.
(BARRETO, Lima. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. Rio de Janeiro: Garnier, 1989. p. 194-195.)

Sobre o período “Conquanto não concordasse ser ela a espécie de besta de carga e máquina de prazer que as sentenças daqueles idiotas a abrangiam no seu pensamento de lorpas, entretanto eu, seu filho, julgava-me a meus próprios olhos muito diverso dela, saído de outra estirpe, de outro sangue e de outra carne”, considere as afirmativas a seguir.
I. “Conquanto” e “entretanto” podem ser substituídos respectivamente por “como” e “portanto”, sem prejuízo do sentido original.
II. As duas ocorrências do pronome “seu” remetem a diferentes personagens.
III. O uso da primeira pessoa nos pronomes “eu”, “me” e “meus”, tão próximos entre si, acentua a autoria do julgamento citado.
IV. A segunda vírgula está sendo utilizada obedecendo ao mesmo critério da última.
Estão corretas apenas as afirmativas:
a) I e II.
b) I e IV.
c) II e III.
d) I, III e IV.
e) II, III e IV.

22) (Fuvest-2002) Sua história tem pouca coisa de notável. Fora Leonardo algibebe[1] em Lisboa, sua pátria; aborrecera-se porém do negócio, e viera ao Brasil. Aqui chegando, não se sabe por proteção de quem, alcançou o emprego de que o vemos empossado, e que exercia, como dissemos, desde tempos remotos. Mas viera com ele no mesmo navio, não sei fazer o quê, uma certa Maria da hortaliça, quitandeira das praças de Lisboa, saloia[2] rechonchuda e bonitota. O Leonardo, fazendo-se-lhe justiça, não era nesse tempo de sua mocidade mal apessoado, e sobretudo era maganão[3]. Ao sair do Tejo, estando a Maria encostada à borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto dela, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. Era isto uma declaração em forma, segundo os usos da terra: levaram o resto do dia de namoro cerrado; ao anoitecer passou-se a mesma cena de pisadela e beliscão, com a diferença de serem desta vez um pouco mais fortes; e no dia seguinte estavam os dois amantes tão extremosos e familiares, que pareciam sê-lo de muitos anos.
(Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias*)

Glossário:
1 algibebe: mascate, vendedor ambulante.
2 saloia: aldeã das imediações de Lisboa.
3 maganão: brincalhão, jovial, divertido.

O trecho “fazendo-se lhe justiça” mantém com o restante do período em que aparece uma relação de
a) causa.
b) conseqüência.
c) tempo.
d) contradição.
e) condição.

23) (Mack-2005) Talvez o esquecimento seja o aspecto mais predominante da memória, mas conservamos e usamos o suficiente dela para ter uma vida satisfatória como pessoas. Lembramos onde fica nossa casa, nosso trabalho, o nome dos familiares e amigos. Podemos dizer que há algo de seletivo e proposital no nosso esquecimento. Nossa mente nos faz perder muitas coisas, entre elas, várias que nos são caras, mas conservamos aquelas com as quais vivemos e seguimos em frente.
Adaptado de Iván Izqui

Talvez o esquecimento seja o aspecto mais predominante da memória, mas conservamos e usamos o suficiente dela para ter uma vida satisfatória como pessoas.
Assinale a alternativa que contém paráfrase apropriada do trecho acima.
a) Se conservássemos e usássemos o suficiente da memória, talvez o esquecimento não predominasse em relação às nossas lembranças.
b) O esquecimento talvez nos leve a aproveitar e conservar melhor a parte da memória que nos permite ter uma vida satisfatória enquanto pessoas humanas.

c) Uma parte suficiente da memória é conservada e usada para levarmos uma vida satisfatória, apesar de o esquecimento provavelmente superar nossas lembranças.
d) Conservamos e usamos a parte predominante da memória, embora o esquecimento talvez nos impeça de ter uma vida satisfatória.
e) O esquecimento certamente é o fator predominante quando usamos a memória; porém, conseguimos nos lembrar daquilo que é importante para uma vida satisfatória.

24) (UFV-2005)

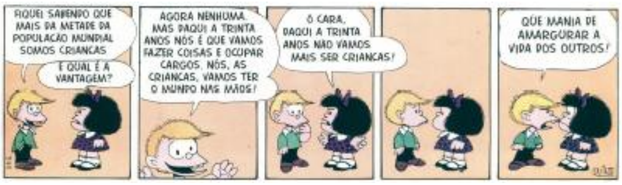
FIQUEI SABENDO QUE MAIS DA METADE DA POPULAÇÃO MUNDIAL SOMOS CRIANÇAS
E QUAL É A VANTAGEM?
AGORA NENHUMA. MAS DAQUI A TRINTA ANOS NÓS É QUE VAMOS FAZER COISAS E OCUPAR CARGOS. NÓS, AS CRIANÇAS, VAMOS TER O MUNDO NAS MÃOS!
Ô CARA, DAQUI A TRINTA ANOS NÃO VAMOS MAIS SER CRIANÇAS!
QUE MANIA DE AMARGURAR A VIDA DOS OUTROS!

“Mas daqui a trinta anos nós é que vamos fazer coisas e ocupar cargos.” Das alterações processadas abaixo, aquela em que NÃO ocorre substancial mudança de sentido é:
a) Por isso daqui a trinta anos nós é que vamos fazer coisas inclusive ocupar cargos.
b) Além disso daqui a trinta anos nós é que vamos fazer coisas sem ocupar cargos.
c) Tanto que daqui a trinta anos nós é que vamos fazer coisas e ocupar cargos.
d) No entanto daqui a trinta anos nós é que vamos fazer coisas além de ocupar cargos.
e) Portanto daqui a trinta anos nós é que vamos fazer coisas assim como ocupar cargos.

25) (UFC-2002) Sobre o trecho “As **próprias** plantas venenosas são úteis: a **ciência** faz do veneno mais violento um meio destruidor de **moléstias**, regenerador da saúde, conservador da vida.”, é correto afirmar que:

I. o período é composto por duas orações.
II. há somente três palavras formadas por sufixação.
III. a acentuação gráfica das palavras grifadas se justifica pela mesma regra.

a) apenas I é correta.
b) apenas II é correta.
c) apenas I e II são corretas.
d) apenas I e III são corretas.
e) apenas II e III são corretas.

26) (UFMG-1995) MORDENDO A ISCA

Para Clarice Lispector, "escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não-palavra morde a isca, alguma coisa se escreveu."
O que seria, então, essa não-palavra, se estamos mergulhados num mundo verbal e repleto de informações que nos atordoam a todo instante? Se tudo o que lemos e vemos já está devidamente fabricado, mastigado e até digerido, restando-nos apenas a contemplação passiva? Essa não-palavra poderia ser aquela idéia, sensação ou opinião só nossa que ninguém jamais expressou, como: a vivência de uma paixão, o prazer de caminhar por uma praia deserta, o abrir da janela de manhã, a indignação diante dos horrores de uma guerra ou da corrupção desenfreada em nosso país ou mesmo nossos sonhos, desejos e utopias. Entrando em contato com essas emoções, podemos descobrir um lado oculto de nós mesmos ou até deixar aparecer um pouco de nosso caráter rebelde, herói, vítima, santo e louco. Estar aberto, com o olhar descondicionado para captar essa "não-palavra" é fundamental para que possamos escrever, não as famigeradas trinta linhas do vestibular mas um texto que revele nossa singularidade. Por isso, o ato de escrever requer coragem e, principalmente, uma mudança de atitude em relação ao mundo: precisamos nos tomar sujeitos do nosso discurso e pensar com nossa própria cabeça.
E como isso pode ser difícil! Quantas vezes queremos emitir nosso ponto de vista sobre um assunto e percebemos que nossa formação religiosa, familiar e escolar nos impede, deixando que o preconceito e a culpa falem mais alto! Quantas vezes o nó está preso na garganta e não podemos desatá-lo por força das circunstâncias! Ou, pior ainda, quantas vezes nos mostramos indiferentes diante das maiores atrocidades! A rotina diária deixa nossa visão de mundo bastante opaca. No dizer de Otto Lara Resende, o hábito "suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Só a criança e o poeta têm os olhos atentos para o espetáculo do mundo." No entanto, a superação dessas barreiras pode ser bastante prazerosa, já que o prazer não é uma dádiva e sim uma conquista. Conquista essa que podemos obter por meio da escrita, caminho eficaz para esse desvendamento de nós mesmos e do mundo.
Para escrever, portanto, não necessitamos de inspirações divinas ou de técnicas e receitas mas de um olhar curioso, esperto e liberto de preconceitos e de padrões preestabelecidos. Só assim morderemos a isca.
MOURA, Chico. Agenda do Professor. São Paulo: Ática, 1994.

IDENTIFIQUE a função sintática dos elementos destacados no seguinte período do texto:

PARA ESCREVER, portanto, não necessitamos de inspirações DIVINAS ou de técnicas e receitas, mas de um OLHAR curioso, esperto e liberto de PRECONCEITOS e de padrões preestabelecidos.
Para escrever:
divinas:
olhar:
preconceitos:

27) (Faap-1996) OS DESASTRES DE SOFIA

Qualquer que tivesse sido o seu trabalho anterior, ele o abandonara, mudara de profissão e passara pesadamente a ensinar no curso primário: era tudo o que sabíamos dele.

O professor era gordo, grande e silencioso, de ombros contraídos. Em vez de nó na garganta, tinha ombros contraídos. Usava paletó curto demais, óculos sem aro, com um fio de ouro encimando o nariz grosso e romano. E eu era atraída por ele. Não amor, mas atraída pelo seu silêncio e pela controlada impaciência que ele tinha em nos ensinar e que, ofendida, eu adivinhara. Passei a me comportar mal na sala. Falava muito alto, mexia com os colegas, interrompia a lição com piadinhas, até que ele dizia, vermelho:

- Cale-se ou expulso a senhora da sala.

Ferida, triunfante, eu respondia em desafio: pode me mandar! Ele não mandava, senão estaria me obedecendo. Mas eu o exasperava tanto que se tornara doloroso para mim ser objeto do ódio daquele homem que de certo modo eu amava. Não o amava como a mulher que eu seria um dia, amava-o como uma criança que tenta desastrosamente proteger um adulto, com a cólera de quem ainda não foi covarde e vê um homem forte de ombros tão curvos. (...)

(Clarice Lispector)

"Óculos sem aro ... ENCIMANDO o nariz grosso e romano."
ENCIMANDO, no texto, é:

a) colocado em cima
b) escondendo parte de
c) ocultando o todo
d) ornamentando
e) tirando o brilho

28) (Mack-2004) “De aorcdo com uma pqsieusa de uma uinrvesiddae ignlsea, não ipomtra em qaul odrem as lrteas de uma plravaa etão, a úncia csoia iprotmatne é que a piremria e a úlmlia lrteas etejasm no lgaur crteo. O rseto pdoe ser uma ttaol bçguana que vcoê pdoe anida ler sem pobrlmea. Itso é poqrue nós não lmeos cdaa lrtea isladoa, mas a plaravaa cmoo um tdoo.” Não, o trecho acima não foi publicado por descuido. Trata-se de uma brincadeira que está circulando na internet, mas que é baseada em princípios científicos: “O cérebro aplica um sistema de inferência nos processo de leitura. Esse sistema, chamado ‘sistema de preenchimento’, se baseia em pontos nodais ou relevantes, a partir dos quais o cérebro completa o que falta ou coloca as partes corretas nos seus devidos lugares”, explica o neurologista Benito Damasceno. Esse mecanismo não funciona apenas com a leitura: “Quando vemos apenas uma ponta de caneta, por exemplo, somos capazes de inferir que aquilo é uma caneta inteira”, diz Damasceno.

Considere as seguintes afirmações sobre o segundo parágrafo.

I. A conjunção “mas” permite pressupor que conhecimentos científicos, geralmente, não se manifestam em brincadeiras.
II. A negativa com que é iniciado tem a função de simular um diálogo com o leitor.
III. Os dois-pontos introduzem trecho que fundamenta a informação enunciada anteriormente.

Assinale

a) se todas as afirmativas estiverem corretas.
b) se todas as afirmativas estiverem incorretas.
c) se apenas I e II estiverem corretas.
d) se apenas I e III estiverem corretas.
e) se apenas II e III estiverem corretas.

29) (FGV-2004) 1. Era no tempo que ainda os portugueses não
2. haviam sido por uma tempestade empurrados para
3. a terra de Santa Cruz. Esta pequena ilha abundava
4. de belas aves e em derredor pescava-se excelente
5. peixe. Uma jovem tamoia, cujo rosto moreno parecia
6. tostado pelo fogo em que ardia-lhe o coração,
7. uma jovem tamoia linda e sensível, tinha por habitação
8. esta rude gruta, onde ainda então não se via
9. a fonte que hoje vemos. Ora, ela, que até os quinze
10. anos era inocente como a flor, e por isso alegre
11. e folgazona como uma cabritinha nova, começou a
12. fazer-se tímida e depois triste, como o gemido da
13. rola; a causa disto estava no agradável parecer de
14. um mancebo da sua tribo, que diariamente vinha
15. caçar ou pescar à ilha, e vinte vezes já o havia feito
16. sem que de uma só desse fé dos olhares ardentes
17. que lhe dardejava a moça. O nome dele era Aoitin;
18. o nome dela era Ahy.
19. A pobre Ahy, que sempre o seguia, ora lhe apanhava
20. as aves que ele matava, ora lhe buscava as flechas
21. disparadas, e nunca um só sinal de reconhecimento
22. obtinha; quando no fim de seus trabalhos,
23. Aoitin ia adormecer na gruta, ela entrava de manso
24. e com um ramo de palmeira procurava, movendo o
25. ar, refrescar a fronte do guerreiro adormecido. Mas
26. tantos extremos eram tão mal pagos que Ahy, de

27. cansada, procurou fugir do insensível moço e fazer
28. por esquecê-lo; porém, como era de esperar, nem
29. fugiu-lhe e nem o esqueceu.
30. Desde então tomou outro partido: chorou. Ou
31. porque a sua dor era tão grande que lhe podia
32. exprimir o amor em lágrimas desde o coração até
33. os olhos, ou porque, selvagem mesmo, ela já tinha
34. compreendido que a grande arma da mulher está
35. no pranto, Ahy chorou.

MACEDO, Joaquim Manuel de. A Moreninha. São Paulo: Ática, 1997, p. 62-63.

Observe:
“A pobre Ahy, que sempre o seguia, ora lhe apanhava as aves que ele matava, ora lhe buscava as flechas disparadas, e nunca um só sinal de reconhecimento obtinha...” (L. 19-20-21-22)
a) Que diferenças podem ser apontadas entre a palavra ora, nesse trecho, e a palavra hora, que não está no texto?
b) Cite outra passagem do texto em que se encontram palavras com o mesmo emprego e sentido semelhante ao de ora, nesse trecho.

30) (Unifesp-2003) A questão a seguir é relacionada a uma passagem bíblica e a um trecho da canção “Cálice”, realizada em 1973, por Chico Buarque (1944-) e Gilberto Gil (1942-).

Texto Bíblico
Pai, se queres, afasta de mim este cálice! Contudo, não a minha vontade, mas a tua seja feita! (Lucas, 22)
(in: Bíblia de Jerusalém. 7ª impressão. São Paulo: Paulus, 1995)

Trecho de Canção
Pai, afasta de mim esse cálice!
Pai, afasta de mim esse cálice!
Pai, afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue.

Como beber dessa bebida amarga,
Tragar a dor, engolir a labuta,
Mesmo calada a boca, resta o peito,
Silêncio na cidade não se escuta.
De que me vale ser filho da santa,
Melhor seria ser filho da outra,
Outra realidade menos morta,
Tanta mentira, tanta força bruta.
....
(in: www.uol.com.br/chicobuarque/)

A frase *Contudo, não a minha vontade, mas a tua seja feita!* contém dois conectivos adversativos. O conectivo mas estabelece coesão entre a oração a tua [vontade] seja feita e a oração não [seja feita] a minha vontade. O conectivo contudo estabelece coesão entre
a) a oração implícita [se não queres] e a oração não [seja feita] a minha vontade.
b) a oração se queres e a oração não [seja feita] a minha vontade.
c) a oração afasta de mim este cálice! e a oração a tua [vontade] seja feita.
d) a oração implícita [se não queres] e a oração a tua [vontade] seja feita.
e) a oração a tua [vontade] seja feita e a oração não [seja feita] a minha vontade.

31) (Unifesp-2003) A questão seguinte baseia-se no poema “Pneumotórax”, do modernista Manuel Bandeira (1886-1968).

Pneumotórax
Febre, hemoptise, dispnéia e suores noturnos.
A vida inteira que podia ter sido e que não foi.
Tosse, tosse, tosse.
Mandou chamar o médico:
- Diga trinta e três.
- Trinta e três... trinta e três... trinta e três...
- Respire.
....
- O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.
- Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?
- Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.
(Manuel Bandeira, Libertinagem)

Em uma de suas ocorrências, no poema Pneumotórax, a conjunção *e* poderia ser substituída por *mas*, sem prejuízo semântico. Essa possibilidade verifica-se em
a) dispnéia, e suores noturnos
b) trinta e três... trinta e três
c) Diga trinta e três
d) pulmão esquerdo e o pulmão direito
e) ter sido e que não foi

32) (FGV-2006) Amor de Salvação
Escutava o filho de Eulália o discurso de D. José, lardeado de facécias, e, por vezes, atendível por umas razões que se lhe cravavam fundas no espírito. As réplicas saíam-lhe frouxas e mesmo timoratas. Já ele se temia de responder coisa de fazer rir o amigo. Violentava sua condição para o igualar na licença da idéia, e, por vezes, no desbragado da frase. Sentia-se por dentro reabrir em nova primavera de alegrias para muitos amores, que se haviam de destruir uns aos outros, a bem do coração desprendido salutarmente de todos. A sua casa de Buenos Aires aborreceu-a por afastada do mundo, boa tão somente para tolos infelizes que fiam do anjo da soledade o despenarem-se, chorando. Mudou residência para o centro de Lisboa, entre os salões e os teatros, entre o rebuliço dos botequins e concurso dos passeios. Entrou em tudo. As primeiras impressões enjoaram-no; mas, à beira

dele, estava D. José de Noronha, rodeado dos próceres da bizarriz *(sic)*, todos porfiados em tosquiarem um dromedário provinciano, que se escondera em Buenos Aires a delir em prantos uma paixão calosa, trazida lá das serranias minhotas. Ora, Afonso de Teive antes queria renegar da virtude, que já muito a medo lhe segredava os seus antigos ditames, que expor-se à irrisão de pessoas daquele quilate. É verdade que às vezes duas imagens lagrimosas se lhe antepunham: a mãe, e Mafalda. Afonso desconstrangia-se das visões importunas, e a si se acusava de pueril visionário, não emancipado ainda das crendices do poeta inesperto da prosa necessária à vida.

Escrever, porém, a Teodora, não vingaram as sugestões de D. José. Porventura, outras mulheres superiormente belas, e agradecidas às suas contemplações, o traziam preocupado e algum tanto esquecido da morgada da Fervença.

Mas, um dia, Afonso, numa roda de mancebos a quem dava de almoçar, recebeu esta carta de Teodora:

"Compadeceu-se o Senhor. Passou o furacão. Tenho a cabeça fria da beira da sepultura, de onde me ergui. Aqui estou em pé diante do mundo. Sinto o peso do coração morto no seio; mas vivo eu, Afonso. Meus lábios já não amaldiçoam, minhas mãos estão postas, meus olhos não choram. O meu cadáver ergueu-se na imobilidade da estátua do sepulcro. Agora não me temas, não me fujas. Pára aí onde estás, que as tuas alegrias devem ser muito falsas, se a voz duma pobre mulher pode perturbá-las. Olha... se eu hoje te visse, qual foste, ao pé de mim, anjo da minha infância, abraçava-te. Se me dissesses que a tua inocência se baqueara à voragem das paixões, repelia-te. Eu amo a criança de há cinco anos, e detesto o homem de hoje.

Serena-te, pois. Esta carta que mal pode fazer-te, Afonso? Não me respondas; mas lê. À mulher perdida relanceou o Cristo um olhar de comiseração e ouviu-a. E eu, se visse passar o Cristo, rodeado de infelizes, havia de ajoelhar e dizer-lhe: Senhor! Senhor! É uma desgraçada que vos ajoelha e não uma perdida. Infâmias, uma só não tenho que a justiça da terra me condene. Estou acorrentada a um dever imoral, tenho querido espadaçá-lo, mas estou pura. Dever imoral... por que, não, Senhor! Vós vistes que eu era inocente; minha mãe e meu pai estavam convosco.''

Na mesma passagem, "Ora, Afonso de Teive antes queria renegar da virtude, que já muito a medo lhe segredava os seus antigos ditames, que expor-se à irrisão de pessoas daquele quilate." (L. 12-13), a oração em destaque tem valor:

A) Comparativo.
B) Causal.
C) Temporal.
D) Concessivo.
E) Consecutivo.

33) (Mack-2004) Assim, por uma ironia da sorte, os bens do coronel vinham parar às minhas mãos. Cogitei em recusar a herança. Parecia-me odioso receber um vintém do tal espólio (...). Pensei nisso três dias, e esbarrava sempre na consideração de que a recusa podia fazer desconfiar alguma cousa. No fim dos três dias, assentei num meio-termo; receberia a herança e dá-la-ia toda, aos bocados e às escondidas. (...) era também o modo de resgatar o crime por um ato de virtude; pareceu-me que ficava assim de contas saldas. (...) Entrando na posse da herança, converti-a em títulos e dinheiro. Eram então passados muitos meses, e a idéia de distribuí-la toda em esmolas e donativos pios não me dominou como da primeira vez; achei mesmo que era afetação.

Machado de Assis

I - Cogitei em recusar a herança.
II - Parecia-me odioso receber um vintém do tal espólio.

Com relação aos segmentos acima, é correto afirmar que

a) I é conseqüência de II.
b) II expressa restrição ao que se afirma em I.
c) I e II se excluem mutuamente.
d) I expressa uma hipótese e II, sua conseqüência.
e) I expressa um fato e II, sua conclusão.

34) (Mack-2005) Assinale a alternativa correta sobre o fragmento de **Memórias póstumas de Brás Cubas** citado.

A valsa é uma deliciosa cousa. Valsamos; não nego que, ao aconchegar ao meu corpo aquele corpo flexível e magnífico, tive uma singular sensação, uma sensação de homem roubado. (...)

Cerca de três semanas depois recebi um convite dele *[Lobo Neves, marido de Virgília]* para uma reunião íntima. Fui; Virgília recebeu-me com esta graciosa palavra: - O senhor hoje há de valsar comigo. Em verdade, eu tinha fama e era valsista emérito; não admira que ela me preferisse. Valsamos uma vez, e mais outra vez. Um livro perdeu Francesca; cá foi a valsa que nos perdeu. Creio que nessa noite apertei-lhe a mão com muita força, e ela deixou-a ficar, como esquecida, e eu a abraçá-la, e todos com os olhos em nós, e nos outros que também se abraçavam e giravam ... Um delírio.

Machado de Assis

Obs.:o amor luxurioso entre Francesca da Rimini e Paolo Malatesta obriga Dante Alighieri a colocá-los no Inferno, em sua **Divina Comédia**. O livro que os perdeu é a narrativa do amor adulterino de Lancelote do Lago e Ginebra, mulher do Rei Artur - uma novela de cavalaria pertencente ao ciclo bretão.

a) Pelo trecho destacado em eu tinha fama **e era valsista emérito** , subentende-se que o narrador acredita que nem sempre a reputação de uma pessoa é merecida.

b) O narrador cita uma singular sensação , mas contraria o que diz ao caracterizar de maneira banal essa sensação "incomum": uma sensação **de homem roubado** .
c) O emprego da dupla negação (não nego) revela que o narrador não quer admitir que a valsa lhe dava prazer.
d) A frase não admira que ela me preferisse expressa a causa do fato anteriormente mencionado.
e) A frase como esquecida equivale a "porque estava esquecida".

35) (IBMEC-2006) Assinale a alternativa **incorreta** com relação a este fragmento da letra da música Verdade chinesa - texto de
Carlos Colla e Gilson.
"Senta, se acomoda, à vontade, tá em casa
Toma um copo, dá um tempo, que a tristeza vai passar
Deixa, pra amanhã tem muito tempo
O que vale é o sentimento
E o amor que a gente tem no coração".
(http://emilio-santiago.letras.terra.com.br/letras/45703)
a) Os dois primeiros versos são compostos exclusivamente por orações coordenadas assindéticas.
b) A palavra "que" aparece três vezes no texto. No segundo verso é uma conjunção coordenativa; já no quinto verso é um pronome relativo.
c) A primeira oração do segundo verso consiste numa metonímia.
d) Aparecendo duas vezes no texto, a palavra "tempo" tem a função de objeto direto.
e) Os verbos sentar, tomar, dar e deixar aparecem flexionados na segunda pessoa do singular, no modo imperativo afirmativo e configuram, deste modo, o uso da função apelativa da linguagem.

36) (Fuvest-2001) Considerando-se a relação lógica existente entre os dois segmentos dos provérbios adiante citados, o espaço pontilhado **NÃO** poderá ser corretamente preenchido pela conjunção ***mas***, apenas em:
a) Morre o homem, (...) fica a fama.
b) Reino com novo rei (...) povo com nova lei.
c) Por fora bela viola, (...) por dentro pão bolorento.
d) Amigos, amigos! (...) negócios à parte.
e) A palavra é de prata, (...) o silêncio é de ouro.

37) (PUC-SP-2005) É CARNAVAL
E então chegava o Carnaval, registrando-se grandes comemorações ao Festival de Besteira. Em Goiânia o folião Cândido Teixeira de Lima brincava fantasiado de Papa Paulo VI e provava no salão que não é tão cândido assim, pois aproveitava o mote da marcha Máscara Negra e beijava tudo que era mulher que passasse dando sopa.
Um padre local, por volta da meia-noite, recebeu uma denúncia e foi para o baile, exigindo da Polícia que o Papa de araque fosse preso. Em seguida, declarou: "Brincar o Carnaval já é um pecado grave. Brincar fantasiado de Papa é uma blasfêmia terrível."
O caso morreu aí e nunca mais se soube o que era mais blasfêmia: um cidadão se fantasiar de Papa ou o piedoso sacerdote encanar o Sumo Pontífice.
E enquanto todos pulavam no salão, o dólar pulava no câmbio. Há coisas inexplicáveis! Até hoje não se sabe por que foi durante o Carnaval que o Governo aumentou o dólar, fazendo muito rico ficar mais rico. E, porque o Ministro do Planejamento e seus cúmplices, aliás, digo, seus auxiliares, aumentaram o dólar e desvalorizaram o cruzeiro em pleno Carnaval, passaram a ser conhecidos por Acadêmicos do Cruzeiro - numa homenagem também aos salgueirenses que, no Carnaval de 1967, entraram pelo cano.
(PRETA, Stanislaw Ponte.FEBEAPÁ 2 - 2º- Festival de Besteira que Assola o País. 9ª- edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993, p. 32)

Observe o enunciado a seguir:
Em Goiânia o folião Cândido Teixeira de Lima brincava fantasiado de Papa Paulo VI e provava no salão que não é tão cândido assim, pois aproveitava o mote da marcha Máscara Negra e beijava tudo que era mulher que passasse dando sopa.
As orações sublinhadas, em relação às anteriores, indicam, respectivamente, a idéia de
a) adição e finalidade.
b) meio e fim.
c) alternância e oposição.
d) adição e causa.
e) explicação e conclusão.

38) (Mack-2005) Eu também já fui brasileiro
moreno como vocês.
Ponteei viola, guiei forde
e aprendi na mesa dos bares
que o nacionalismo é uma virtude.
Mas há uma hora em que os bares se fecham
e todas as virtudes se negam.
Carlos Drummond de Andrade

Assinale a alternativa que apresenta conjunção com sentido equivalente ao de Mas (sexto verso).
a) Anda que anda até que desanda.
b) Não só venceu mas também convenceu.
c) Mas que beleza, Dona Creuza!
d) Atirou-se do vigésimo sétimo andar e não se feriu.
e) Há sempre um "mas" em nossos discursos.

39) (ITA-2003) Há algum tempo, apareceu na imprensa a notícia de uma controvérsia sobre a Lei de Aposentadoria, envolvendo duas teses que podem ser expressas nas sentenças abaixo:
I. Poderão aposentar-se os trabalhadores com 65 anos e 30 anos de contribuição para o INSS.

II. Poderão aposentar-se os trabalhadores com 65 anos ou 30 anos de contribuição para o INSS.
Aponte a alternativa que apresenta a interpretação que **NÃO** pode ser feita a partir dessas sentenças:
a) de acordo com (I), para aposentar-se, uma pessoa deve ter simultaneamente, pelo menos, 65 anos de idade e, pelo menos, 30 anos de contribuição para o INSS.
b) de acordo com (II), para aposentar-se, uma pessoa deve ter simultaneamente, pelo menos, 65 anos de idade e, pelo menos, 30 anos de contribuição para o INSS.
c) de acordo com (II), uma pessoa que tenha 65 anos de idade e 5 anos de contribuição para o INSS poderá se aposentar.
d) de acordo com (II), para aposentar-se, basta que uma pessoa tenha 65 anos de idade, pelo menos.
e) de acordo com (II), para aposentar-se, basta que uma pessoa tenha contribuído para o INSS por, pelo menos, 30 anos.

40) (Mack-2001) I
A lição é que não peçais nunca dinheiro grosso aos deuses, senão com a cláusula expressa de saber que é dinheiro grosso. Sem ela, os bens são menos que as flores de um dia. Tudo vale pela consciência. (...) Passai das riquezas materiais às intelectuais: é a mesma cousa. Se o mestre-escola da tua rua imaginar que não sabe vernáculo nem latim, em vão lhe provarás que ele escreve como Vieira ou Cícero, ele perderá as noites e os sonos em cima dos livros, comerá as unhas em vez de pão, encanecerá ou encalvecerá, e morrerá crendo que mal distingue o verbo do advérbio.
Machado de Assis

II
Poucos dias depois morreu... Não morreu súdito nem vencido. Antes de principiar a agonia, que foi curta, pôs a coroa na cabeça,- uma coroa que não era, ao menos, um chapéu velho ou uma bacia, onde os espectadores palpassem a ilusão. Não, senhor; ele pegou em nada, levantou nada e cingiu nada; só ele via a insígnia imperial, pesada de ouro, rútila de brilhantes e outras pedras preciosas. O esforço que fizera para erguer meio corpo não durou muito; o corpo caiu outra vez; o rosto conservou porventura uma expressão gloriosa.
- Guardem a minha coroa, murmurou. Ao vencedor...
A cara ficou séria, porque a morte é séria; dous minutos de agonia, um trejeito horrível, e estava assinada a abdicação.
Machado de Assis

Em I, entre *Cícero* e *ele*, pode-se incluir, sem alterar o sentido original do período,
a) no entanto.
b) pois.
c) ou.
d) onde.
e) assim.

41) (FGV-2003) Leia o fragmento abaixo, do conto A cartomante de Machado de Assis. Depois, responda às perguntas.
“Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante.”
Observe o seguinte trecho, extraído do texto:
Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes...
Justifique o uso de ***mas***, nesse caso.

42) (PUC - PR-2007) Leia o trecho atentamente:
“Em geral as pessoas pensam no letramento digital como conhecimento "técnico", relacionado ao uso de teclados, interfaces gráficas e programas de computador. **Porém**, o letramento digital é mais abrangente do que isso”.
Em qual das alternativas o elemento lingüístico destacado tem o mesmo sentido ao atribuído no fragmento acima?
A) Há estudiosos que preferem o conceito de letramento eletrônico - e não o de alfabetização eletrônica - por entender que não se trata apenas de ensinar a pessoa a codificar e decodificar a escrita, **mas** de inserir-se em práticas sociais nas quais a escrita tem um papel significativo.
B) O professor deve considerar que a nova geração, nascida na era do computador, exige que ele seja letrado digitalmente. **Portanto**, cabe ao professor investir nesse aprendizado.
C) Na pesquisa, os alunos mostraram que estão conscientes de que devem usar termos mais formais em certos contextos, **pois** cada processo de interlocução tem suas próprias exigências.
D) O problema é que há pessoas que fazem tudo para a gente lá na escola. **Com isso**, a gente nunca tem a chance de enfrentar os desafios que o computador oferece.
E) É importante mostrar para o professor que a aprendizagem digital se dará mais facilmente se ele interagir com pessoas que sejam fluentes no uso da máquina **e** não só com a máquina.

43) (Mack-2002) Na semana passada, ouvi uma senhora suspirar: - “Tudo anda tão confuso!”. E, de fato, o homem moderno é um pobre ser dilacerado de perplexidades. Nunca se duvidou tanto. Outro dia, um diplomata português perguntou se a mulher bonita era realmente bonita. Respondi-lhe: - “Às vezes”.

Já escrevi umas cinqüenta vezes que a grã-fina é a falsa bonita. Seu penteado, seus cílios, seus vestidos, seu decote, sua maquiagem, suas jóias - tudo isso não passa de uma minuciosa montagem. E se olharmos bem, veremos que sua beleza é uma fraude admirável. Todos se iludem, menos a própria. No terreno baldio, e sem testemunhas, ela há de reconhecer que apenas realiza uma imitação de beleza.
Portanto, a pergunta do diplomata português tem seu cabimento. E minha resposta também foi justa. Às vezes, a mulher bonita não é bonita, como a grã-fina. Mesmo as que são bem-dotadas fisicamente têm suas dúvidas.
Crônica de Nelson Rodrigues

Assinale a alternativa correta sobre o último parágrafo do texto.
a) Se o texto se referisse a homem bonito estaria correta a expressão como o grão-fino.
b) O uso de também indica que o cronista considera justa a pergunta do diplomata português.
c) Está subentendido o segmento destacado em: como a grã-fina **poderia ser bonita**.
d) Portanto introduz uma explicação relativa ao que se afirma na oração anterior.
e) Em seu cabimento, o pronome expressa posse relativa ao diplomata português.

44) (UERJ-2003) O DEFEITO
Note algo muito curioso. É o defeito que faz a gente pensar. Se o carro não tivesse parado, você teria continuado sua viagem calmamente, ouvindo música, sem sequer pensar que automóveis têm motores. *O que não é problemático não é pensado.* Você nem sabe que tem fígado até o momento em que ele funciona mal. Você nem sabe que tem coração até que ele dá umas batidas diferentes. Você nem toma consciência do sapato, até que uma pedrinha entre lá dentro. Quando está escrevendo, você se esquece da ponta do lápis até que ela quebra. Você não sabe que tem olhos - o que significa que eles vão muito bem. Você toma consciência dos olhos quando eles começam a funcionar mal. Da mesma forma que você não toma consciência do ar que respira, até que ele começa a feder... Fernando Pessoa diz que "pensamento é doença dos olhos". É verdade, mas nem toda. O mais certo seria "pensamento é doença do corpo".
Todo pensamento começa com um problema. Quem não é capaz de perceber e formular problemas com clareza não pode fazer ciência. Não é curioso que nossos processos de ensino de ciência se concentrem mais na capacidade do aluno para responder? Você já viu alguma prova ou exame em que o professor pedisse que o aluno formulasse o problema? (...) Freqüentemente, fracassamos no ensino da ciência porque apresentamos soluções perfeitas para problemas que nunca chegaram a ser formulados e compreendidos pelo aluno."
(ALVES, Rubem. Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras. São Paulo: Brasiliense, 1995.)

As frases que formam um texto mantêm entre si relações semânticas que podem ser expressas por elementos lingüísticos coesivos - conectivos - ou não.
Observe estas frases do texto:

Todo pensamento começa com um problema. Quem não é capaz de perceber e formular problemas com clareza não pode fazer ciência .

Considerando o contexto no qual estão inseridas e a ordem em que se apresentam, identifique o tipo de relação estabelecida pelas frases entre si e cite duas conjunções que poderiam ser usadas para marcar essa relação.

45) (UFRJ-2008) O ex-cineclubista
(João Gilberto Noll)
Aquele homem meio estrábico, ostentando um mau humor maior do que realmente poderia dedicar a quem lhe cruzasse o caminho e que agora entrava no cinema, numa segunda-feira à tarde, para assistir a um filme nem tão esperado, a não ser entre pingados amantes de cinematografias de cantões os mais exóticos, aquele homem, sim, sentou-se na sala de espera e chorou, simplesmente isso: chorou. Vieram lhe trazer um copo d´água logo afastado, alguém sentou-se ao lado e lhe perguntou se não passava bem, mas ele nada disse, rosnou, passou as narinas pela manga, levantou-se num ímpeto e assistiu ao melhor filme em muitos meses, só isso. Ao sair do cinema, chovia.Ficou sob a marquise, à espera da estiagem. Tão absorto no filme que se esqueceu de si. E não soube mais voltar.

O texto VI procura reproduzir na escrita uma característica da linguagem cinematográfica: "o filme, sob o ponto de vista formal, pode ser considerado como uma seqüência de espaços e tempos concretamente apresentados pela imagem." (Enciclopédia Mirador-Internacional, s.v. cinema – 13.1.1).
Justifique a afirmativa, tomando por base a organização do plano sintático do texto.

46) (ENEM-2001) O mundo é grande
O mundo é grande e cabe
Nesta janela sobre o mar.
O mar é grande e cabe
Na cama e no colchão de amar.
O amor é grande e cabe
No breve espaço de beijar.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.

Neste poema, o poeta realizou uma opção estilística: a reiteração de determinadas construções e expressões lingüísticas, como o uso da mesma conjunção para

estabelecer a relação entre as frases. Essa conjunção estabelece, entre as idéias relacionadas, um sentido de
a) oposição.
b) comparação.
c) conclusão.
d) alternância.
e) finalidade.

47) (UFV-2005) O tabaco consome dinheiro público. Bilhões de reais saem do bolso do contribuinte para tratar a dependência do tabaco e as graves doenças que ela causa. A dependência do tabaco também aumenta as desigualdades sociais porque muitos trabalhadores fumantes, além de perderem a saúde, gastam com cigarros o que poderia ser usado em alimentação e educação. Em muitos casos, com o dinheiro de um maço de cigarros pode-se comprar, por exemplo, um litro de leite e sete pães. Para romper com esse perverso círculo de pobreza, países no mundo inteiro estão se unindo através da Convenção-Quadro de Controle do Tabaco para conter a expansão do tabagismo e os graves danos que causa, sobretudo nos países em desenvolvimento. Incluir o Brasil nesse grupo interessa a todos os brasileiros. É um passo importante para criar uma sociedade mais justa.
(Propaganda do Ministério da Saúde. Brasil um país de todos. Governo Federal, 2004.)

"A dependência do tabaco também aumenta as desigualdades sociais porque muitos trabalhadores fumantes, além de perderem a saúde [...]." O termo "além de", neste fragmento, estabelece relação lógico-semântica de:
a) condição.
b) concessão.
c) adição.
d) conformidade.
e) consecução.

48) (UFSCar-2001) Ora, suposto que já somos pó, e não pode deixar de ser, pois Deus o disse; perguntar-me-eis, e com muita razão, em que nos distinguimos logo os vivos dos mortos? Os mortos são pó, nós também somos pó: em que nos distinguimos uns dos outros? Distinguimo-nos os vivos dos mortos, assim como se distingue o pó do pó. Os vivos são pó levantado, os mortos são pó caído; os vivos são pó que anda, os mortos são pó que jaz: Hic jacet[1]. Estão essas praças no verão cobertas de pó: dá um pé-de-vento, levanta-se o pó no ar e que faz? O que fazem os vivos, e muito vivos. **Não aquieta o pó, nem pode estar quedo: anda, corre, voa; entra por esta rua, sai por aquela; já vai adiante, já torna atrás; tudo enche, tudo cobre, tudo envolve, tudo perturba, tudo toma, tudo cega, tudo penetra, em tudo e por tudo se mete, sem aquietar nem sossegar um momento, enquanto o vento dura.** Acalmou o vento: cai o pó, e onde o vento parou, ali fica; ou dentro de casa, ou na rua, ou em cima de um telhado, ou no mar, ou no rio, ou no monte, ou na campanha. Não é assim? Assim é.
(VIEIRA, Antônio. Trecho do Cap. V do Sermão da Quarta-Feira de Cinza. Apud: Sermões de Padre Antônio Vieira. São Paulo: Núcleo, 1994, p. 123-4.)
1 - Hic jacet: aqui jaz.

Segundo o **Novo Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**, "sermão" é um "discurso religioso geralmente pregado no púlpito".
a) De que forma o autor reproduz, no texto escrito, características próprias do discurso falado?
b) O texto apresenta uma relação de oposição entre estaticidade e movimento. Indique, no trecho destacado em negrito, qual dessas idéias é abordada e a forma de construção de período utilizada para exprimi-la.

49) (VUNESP-2007) Os Tratados com a Bolívia
A Bolívia é uma espécie de Estado de Minas da América do Sul; não tem comunicação com o mar. Quando a Standard Oil abriu lá os poços de petróleo de Santa Cruz de la Sierra, na direção de Corumbá de Mato Grosso, a desvantagem da situação interna da Bolívia tornou-se patente. Estava com petróleo, muito petróleo, mas não tinha porto por onde exportá-lo. Ocorreu então um fato que parece coisa de romance policial.
Os poços de petróleo da Standard trabalhavam sem cessar mas o petróleo que passava pelas portas aduaneiras bolivianas e pagava a taxa estabelecida no contrato de concessão era pouco. O boliviano desconfiou. "Aqueles poços não cessam de jorrar e o petróleo que paga taxa é tão escasso... Neste pau tem mel."
E tinha. A espionagem boliviana acabou descobrindo o truque: havia um oleoduto secreto que subterraneamente passava por baixo das fronteiras e ia emergir na Argentina. A maior parte do petróleo boliviano escapava à taxação do governo e entrava livre no país vizinho. Um negócio maravilhoso.
Ao descobrir a marosca, a Bolívia fez um barulho infernal e cassou todas as concessões de petróleo dadas à Standard Oil. Vitórias momentâneas sobre a Standard quantas a história não registra! Vitórias momentâneas. Meses depois um coronel ou general encabeça um pronunciamento político, derruba o governo e toma o poder. O primeiro ato do novo governo está claro que foi restaurar as concessões da Standard Oil cassadas pelo governo caído...
Mas como resolver o problema da saída daquele petróleo fechado? De todas as soluções estudadas a melhor consistia no seguinte: forçar o Brasil por meio dum tratado a ser o comprador do petróleo boliviano; esse petróleo iria de Santa Cruz a Corumbá por uma estrada de ferro a construir-se e de Corumbá seguiria pela Estrada de Ferro Noroeste. Isto, provisoriamente. Mais tarde se construiria um oleoduto de La Sierra a Santos, Paranaguá ou outro porto brasileiro do Atlântico. Desse modo o petróleo

boliviano abasteceria as necessidades do Brasil e também seria exportado por um porto do Brasil.

Ótima a combinação, mas para que não viesse a falhar era indispensável que o Brasil não tirasse petróleo. Eis o segredo de tudo. A hostilidade oficial contra o petróleo brasileiro vem de grande número de elementos oficiais fazerem parte do grande grupo americano, boliviano e brasileiro que propugna essa solução — maravilhosa para a Bolívia, desastrosíssima para nós.

Os tratados que sobre a matéria o Brasil assinou com a Bolívia não foram comentados pelos jornais dos tempos; era assunto petróleo e a Censura não admitia nenhuma referência a petróleo nos jornais. A 25 de janeiro de 1938 foi assinado o tratado entre o Brasil e a Bolívia no qual se estabelecia o orçamento para a realização de estudos e trabalhos de petróleo no total de 1.500.000 dólares, dos quais o Brasil entrava com a metade, 750 mil dólares, hoje 15 milhões de cruzeiros. O Brasil entrava com esse dinheiro para estudos de petróleo na Bolívia, o mesmo Brasil

oficial que levou sete anos para fornecer a Oscar Cordeiro uma sondinha de 500 metros...

Um mês depois, a 25 de fevereiro de 1938, novo tratado entre os dois países, com estipulações para a construção duma estrada de ferro Corumbá a Santa Cruz de la Sierra; a benefício dessas obras em território boliviano o Brasil entrava com um milhão de libras ouro...

O representante do Brasil para a formulação e execução dos dois tratados tem sido o Sr. Fleury da Rocha.

Chega. Não quero nunca mais tocar neste assunto do petróleo. Amargurou-me doze anos de vida, levou-me à cadeia — mas isso não foi o pior. O pior foi a incoercível sensação de repugnância que desde então passei a sentir sempre que leio ou ouço a expressão Governo Brasileiro...

(José Bento Monteiro Lobato. Obras completas — volume 7. São Paulo:
Editora Brasiliense, 1951, p.225-227.)

No primeiro período do segundo parágrafo de Os Tratados com a Bolívia, ocorre a ausência da vírgula entre uma oração coordenada sindética adversativa e a anterior, o que contraria o uso comum. Releia o período com atenção e reescreva-o, colocando a vírgula onde seria empregada normalmente.

50) (UECE-2002) OUTRO NOME DO RACISMO

Odeio surtos de bom-mocismo, remorsos súbitos, arrastões morais. Abomino a retórica politicamente correta, paternalismos vesgos, equívocos bem-intencionados.

Assisto pois com fastio e espanto às discussões sobre a implantação de um sistema de cotas, na universidade, para estudantes de pele negra. No Ceará, baseado no mesmo voluntarismo míope, tramita na Assembléia projeto que garante cotas no vestibular para estudantes da escola pública. As duas propostas padecem do mesmo pecado original: pretendem remediar uma injustiça histórica através de outra.

A perversa desigualdade brasileira tem raízes profundas, construídas ao longo de 500 anos de exploração, preconceito e exclusão. Portanto, não será resolvida na base de decretos e canetadas oficiais. O tal sistema de cotas aponta no alvo errado. Em vez de combater o problema em suas causas primeiras, procura apaziguar nossas consciências cívicas investindo contra o que, na verdade, é só uma conseqüência.

Se queremos, de fato, estabelecer políticas compensatórias a favor dos excluídos, que apontemos então nossa indignação para o coração da desigualdade: é preciso investir maciçamente na educação básica, elevando efetivamente o nível da escola pública.

Ao adotarmos cotas e cursinhos pré-universitários exclusivos para negros, estaríamos na verdade estabelecendo um retrocesso histórico, institucionalizando o questionável conceito de raça. Ressuscitaríamos assim, quem sabe, as teses de Nina Rodrigues. Reforçaríamos a idéia anacrônica de que as raças são naturais e, por conseqüência, que uma pode realmente ser superior às outras. Assim, só alimentaríamos ainda mais o preconceito. Oficializaríamos o gueto e a discriminação.

Os adeptos da idéia se defendem com nova pérola do pensamento politicamente correto. Falam de uma tal ''discriminação positiva''. Em bom português, não passa de uma outra forma de racismo. Um racismo às avessas. Mas o mais puro e insuportável racismo.

(Lira Neto. O POVO: 14/9/2001)

Sobre o termo *pois* (*Assisto* ***pois*** *com fastio e espanto às...*), podemos dizer que tem a função de

I - marcar uma relação textual-discursiva
II - concluir o que é enunciado no primeiro parágrafo
III - constituir um elo de coordenação entre orações

É correto o que se afirma

a) em I e II
b) em I e III
c) apenas em III
d) em I, II e III

51) (FVG - SP-2007)

Pastora de nuvens, fui posta a serviço por uma campina tão desamparada que não principia nem também termina, e onde nunca é noite e nunca madrugada.

(Pastores da terra, vós tendes sossego, que olhais para o sol e encontrais direção. Sabeis quando é tarde, sabeis quando é cedo. Eu, não.)
Cecilia Meireles
Esse trecho faz parte de um poema de Cecília Meireles, intitulado *Destino*, uma espécie de profissão de fé da autora.

O conjunto das duas orações coordenadas que compõem o segundo verso da segunda estrofe – *que olhais para o sol e encontrais direção* – tem sentido
a) explicativo.
b) comparativo.
c) condicional.
d) concessivo.
e) temporal.

52) (FGV-2005) Que trecho do texto é retomado pela palavra **mas**, na linha 18?

1. HORA DA SESTA. Um grande silêncio no casarão.
2. Faz sol, depois de uma semana de dias sombrios e úmidos.
3. Clarissa abre um livro para ler. Mas o silêncio é tão grande que, inquieta, ela torna a pôr o
4. volume na prateleira, ergue-se e vai até a janela, para ver um pouco de vida.
5. Na frente da farmácia está um homem metido num grosso sobretudo cor de chumbo. Um
6. cachorro magro atravessa a rua. A mulher do coletor aparece à janela. Um rapaz de pés
7. descalços entra na Panificadora.
8. Clarissa olha para o céu, que é dum azul tímido e desbotado, olha para as sombras fracas
9. sobre a rua e depois se volta para dentro do quarto.
10. Aqui faz frio. Lá no fundo do espelho está uma Clarissa indecisa, parada, braços caídos,
11. esperando. Mas esperando quê?
12. Clarissa recorda. Foi no verão. Todos no casarão dormiam. As moscas dançavam no ar,
13. zumbindo. Fazia um solão terrível, amarelo e quente. No seu quarto, Clarissa não sabia que
14. fazer. De repente pensou numa travessura. Mamãe guardava no sótão as suas latas de
15. doce, os seus bolinhos e os seus pães que deviam durar toda a semana. Era proibido entrar
16. lá. Quem entrava, dos pequenos, corria o risco de levar palmadas no lugar de
17. costume.
18. Mas o silêncio da sesta estava cheio de convites traiçoeiros. Clarissa ficou pensando.
19. Lembrou-se de que a chave da porta da cozinha servia no quartinho do sótão.
20. Foi buscá-la na ponta dos pés. Encontrou-a no lugar. Subiu as escadas devagarinho. Os
21. degraus rangiam e a cada rangido ela levava um sustinho que a fazia estremecer.
22. Clarissa subia, com a grande chave na mão. Ninguém... Silêncio...
23. Diante da porta do sótão, parou, com o coração aos pulos. Experimentou a chave. A
24. princípio não entrava bem na fechadura. Depois entrou. Com muita cautela, abriu a porta e
25. se viu no meio duma escuridão perfumada, duma escuridão fresca que cheirava a doces,
26. bolinhos e pão.
27. Comeu muito. Desceu cheia de medo. No outro dia D. Clemência descobriu a violação, e
28. Clarissa levou meia dúzia de palmadas.
29. Agora ela recorda... E de repente se faz uma grande claridade, ela tem a grande idéia. "A
30. chave da cozinha serve na porta do quarto do sótão." O quarto de Vasco fica no sótão...
31. Vasco está no escritório... Todos dormem... Oh!
32. E se ela fosse buscar a chave da cozinha e subisse, entrasse no quarto de Vasco e
33. descobrisse o grande mistério?
34. Não. Não sou mais criança. Não. Não fica direito uma moça entrar no quarto dum rapaz.
35. Mas ele não está lá... que mal faz? Mesmo que estivesse, é teu primo. Sim, não sejas
36. medrosa. Vamos. Não. Não vou. Podem ver. Que é que vão pensar? Subo a escada,
37. alguém me vê, pergunta: "Aonde vais, Clarissa?" Ora, vou até o quartinho das malas.
38. Pronto. Ninguém pode desconfiar. Vou. Não, não vou. Vou, sim!

(Porto Alegre: Globo, 1981. pp. 132-133)

53) (FGV-2001) Religiosamente, pela manhã, ele dava milho na mão para a galinha cega. As bicadas tontas, de violentas, faziam doer a palma da mão calosa. E ele sorria. Depois a conduzia ao poço, onde ela bebia com os pés dentro da água. A sensação direta da água nos pés lhe anunciava que era hora de matar a sede; curvava o pescoço rapidamente, mas nem sempre apenas o bico atingia a água: muita vez, no furor da sede longamente guardada, toda a cabeça mergulhava no líquido, e ela a sacudia, assim molhada, no ar. Gotas inúmeras se espargiam nas mãos e no rosto do carroceiro agachado junto do poço. Aquela água era como uma bênção para ele. Como água benta, com que um Deus misericordioso e acessível aspergisse todas as dores animais. Bênção, água benta, ou coisa parecida: uma impressão de doloroso triunfo, de sofredora vitória sobre a desgraça inexplicável, injustificável, na carícia dos pingos de água, que não enxugava e lhe secavam lentamente na pele. Impressão, aliás, algo confusa, sem requintes psicológicos e sem literatura.

Depois de satisfeita a sede, ele a colocava no pequeno cercado de tela separado do terreiro (as outras galinhas martirizavam muito a branquinha) que construíra especialmente para ela. De tardinha dava-lhe outra vez milho e água e deixava a pobre cega num poleiro solitário, dentro do cercado.
Porque o bico e as unhas não mais catassem e ciscassem, puseram-se a crescer. A galinha ia adquirindo um aspecto irrisório de rapace, ironia do destino, o bico recurvo, as unhas aduncas. E tal crescimento já lhe atrapalhava os passos, lhe impedia de comer e beber. Ele notou essa miséria e, de vez em quando, com a tesoura, aparava o excesso de substância córnea no serzinho desgraçado e querido.
Entretanto, a galinha já se sentia de novo quase feliz. Tinha delidas lembranças da claridade sumida. No terreiro plano ela podia ir e vir à vontade até topar a tela de arame, e abrigar-se do sol debaixo do seu poleiro solitário. Ainda tinha liberdade - o pouco de liberdade necessário à sua cegueira. E milho. Não compreendia nem procurava compreender aquilo. Tinham soprado a lâmpada e acabou-se. Quem tinha soprado não era da conta dela. Mas o que lhe doía fundamente era já não poder ver o galo de plumas bonitas. E não sentir mais o galo perturbá-la com o seu cócó-có malicioso. O ingrato.
(João Alphonsus - Galinha Cega. Em MORICONI, Italo, Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século. São Paulo: Objetiva, 2000.)

No último parágrafo do texto, há uma frase aparentemente solta: *E milho*. Explique seu sentido, no contexto.

54) (Mack-2002) Sou um homem arrasado. Doença? Não. Gozo perfeita saúde.
O que estou é velho. (...) cinqüenta anos gastos sem objetivo, a maltratar-me e a maltratar os outros. O resultado é que endureci, calejei, e não é um arranhão que penetra esta casca espessa e vem ferir cá dentro a sensibilidade embotada.
Cinqüenta anos! Quantas horas inúteis! (...) Comer e dormir como um porco! (...) E depois guardar comida para os filhos, para os netos, para muitas gerações. Que estupidez! (...)
Penso em Madalena com insistência. Se fosse possível recomeçarmos ... Para que enganar-me?
Se fosse possível recomeçarmos, aconteceria exatamente o que aconteceu.
Graciliano Ramos - S. Bernardo

“O resultado é que endureci, calejei, **e** não é um arranhão que penetra esta casca espessa.”

A conjunção **e** do período acima pode ser corretamente substituída, sem prejuízo do sentido original, por:
a) mas.
b) portanto.
c) pois.
d) por que
e) no entanto.

55) (Mack-2002) Tanto de meu estado me acho incerto,
Que em vivo ardor tremendo estou de frio;
Sem causa, juntamente choro e rio;
O mundo todo abarco e nada aperto.
Camões

Assinale a alternativa correta sobre o texto.
a) A dúvida sugerida no primeiro verso é sobre o mundo exterior.
b) As orações coordenadas (verso 3) desenvolvem o sentido sugerido pelo adjetivo incerto.
c) *Juntamente* introduz ações que alternativamente se excluem.
d) *Abarcar* é antônimo de *conter* e *encerrar*.
e) *O mundo todo* representa aquilo de que o poeta quer se afastar.

56) (UFPB-2006) TEXTO I

Amor
AS CORTINAS DA JANELA cerraram-se; Cecília tinha-se deitado.
Junto da inocente menina, adormecida na isenção de sua alma pura e virgem, velavam três sentimentos profundos, palpitavam três corações bem diferentes.
Em Loredano, o aventureiro de baixa extração, esse sentimento era um desejo ardente, uma sede de gozo, uma febre que lhe requeimava o sangue; o instinto brutal dessa natureza vigorosa era ainda aumentado pela impossibilidade moral que a sua condição criava, pela barreira que se elevava entre ele, pobre colono, e a filha de D. Antônio de Mariz, rico fidalgo de solar e brasão.
Para destruir esta barreira e igualar as posições, seria necessário um acontecimento extraordinário, um fato que alterasse completamente as leis da sociedade naquele tempo mais rigorosas do que hoje; era precisa uma dessas situações à face das quais os indivíduos, qualquer que seja a sua hierarquia, nobres e párias, nivelam-se; e descem ou sobem à condição de homens.
O aventureiro compreendia isto; talvez que o seu espírito italiano já tivesse sondado o alcance dessa idéia; em todo o caso o que afirmamos é que ele esperava, e esperando vigiava o seu tesouro com um zelo e uma constância a toda a prova; os vinte dias que passara no Rio de Janeiro tinham sido verdadeiro suplício.
Em Álvaro, cavalheiro delicado e cortês, o sentimento era uma afeição nobre e pura, cheia da graciosa timidez que perfuma as primeiras flores do coração, e do entusiasmo cavalheiresco que tanta poesia dava aos amores daquele tempo de crença e lealdade.

Sentir-se perto de Cecília, vê-la e trocar alguma palavra a custo balbuciada, corarem ambos sem saberem por quê, e fugirem desejando encontrar-se, era toda a história desse afeto inocente, que se entregava descuidosamente ao futuro, librando-se nas asas da esperança.

Nessa noite Álvaro ia dar um passo que na sua habitual timidez, ele comparava quase com um pedido formal de casamento; tinha resolvido fazer a moça aceitar malgrado seu o mimo que recusara, deitando-o na sua janela; esperava que encontrando-o no dia seguinte, Cecília lhe perdoaria o seu ardimento, e conservaria a sua prenda.

Em Peri o sentimento era um culto, espécie de idolatria fanática, na qual não entrava um só pensamento de egoísmo; amava Cecília não para sentir um prazer ou ter uma satisfação, mas para dedicar-se inteiramente a ela, para cumprir o menor dos seus desejos, para evitar que a moça tivesse um pensamento que não fosse imediatamente uma realidade.

Ao contrário dos outros ele não estava ali, nem por um ciúme inquieto, nem por uma esperança risonha; arrostava a morte unicamente para ver se Cecília estava contente, feliz e alegre; se não desejava alguma coisa que ele adivinharia no seu rosto, e iria buscar nessa mesma noite, nesse mesmo instante.

Assim o amor se transformava tão completamente nessas organizações, que apresentava três sentimentos bem distintos: um era uma loucura, o outro uma paixão, o último uma religião.

(ALENCAR, José de. **O Guarani**. São Paulo: FTD, 1999, p. 78-79)

GLOSSÁRIO

isentar: livrar, dispensar, desobrigar.
extração: nascimento, origem.
párias: homens excluídos da sociedade.
balbuciar: articular imperfeitamente e com hesitação.

Leia o fragmento:

"... amava Cecília não ***para*** *sentir um prazer ou ter uma satisfação, mas* ***para*** *dedicar-se inteiramente a ela,* ***para*** *cumprir o menor dos seus desejos,* ***para*** *evitar que a moça tivesse um pensamento que não fosse imediatamente uma realidade."* (linhas 26-28)

Considerando as orações introduzidas pela preposição **para,** pode-se afirmar que essas orações

I. são todas reduzidas de infinitivo.
II. expressam idéia de finalidade.
III. estão interligadas por meio de um processo de coordenação.

Está(ão) correta(s):

a) apenas I
b) apenas I e II
c) apenas II e III
d) apenas I e III
e) I, II e III

57) (Fuvest-2004) Texto para a questão a seguir

Uma flor, o Quincas Borba. Nunca em minha infância, nunca em toda a minha vida, achei um menino mais gracioso, inventivo e travesso. Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade. A mãe, viúva, com alguma cousa de seu, adorava o filho e trazia-o amimado, asseado, enfeitado, com um vistoso pajem atrás, um pajem que nos deixava gazear a escola, ir caçar ninhos de pássaros, ou perseguir lagartixas nos morros do Livramento e da Conceição, ou simplesmente arruar, à toa, como dous peraltas sem emprego. E de imperador! Era um gosto ver o Quincas Borba fazer de imperador nas festas do Espírito Santo. De resto, nos nossos jogos pueris, ele escolhia sempre um papel de rei, ministro, general, uma supremacia, qualquer que fosse. Tinha garbo o traquinas, e gravidade, certa magnificência nas atitudes, nos meneios. Quem diria que... Suspendamos a pena; não adiantemos os sucessos. Vamos de um salto a 1822, data da nossa independência política, e do meu primeiro cativeiro pessoal.
(Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas)

Em "Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade.", a palavra assinalada pode ser substituída, sem que haja alteração de sentido, por:
a) mas sim.
b) de outro modo.
c) exceto.
d) portanto.
e) ou.

58) (PUC-RS-2001) Para responder à questão, relacione as colunas, de modo que as expressões da direita completem adequadamente as frases da esquerda.

( ) A descoberta _______ se referia o cientista era surpreendente ( ) Estes são dados sigilosos, _____divulgação é reservada. ( ) Áreas _______ há maior pobreza merecem toda atenção dos estudiosos. ( ) A pesquisa, ________ não faltam recursos financeiros, está parada por razões políticas. ( ) A penúria _______ passa grande parte da humanidade exige uma ciência ética.	1. onde 2. que 3. a que 4. por que 5 . cuja 6. à qual 7. aonde 8. pela qual

Relacionando as duas colunas, a seqüência correta, de cima para baixo, é
a) 1 - 4 - 7 - 6 - 2

b) 2 - 1 - 7 - 1 - 4
c) 3 - 5 - 1 - 6 - 4
d) 5 - 6 - 1 - 3 - 3
e) 6 - 5 - 7 - 2 - 8

59) (UEPB-2006) “ Será através da educação que faremos a revolução no campo. Para tanto é necessário capital. **Como** Zé Américo podemos dizer:
“eu sei onde está o dinheiro”. O dinheiro existe, mas o que não pode continuar é essa roubalheira escancarada...”
(Correio da Paraíba, 24/05/05)
Assinale, entre as propostas abaixo, aquela em que a expressão **COMO** tem a mesma classificação daquele em destaque no trecho citado, mantendo um sentido aproximado.
a) “O resto é calúnia, eles são dois velhinhos que dividem uma linda história de amor, tratam-se de senhor e senhora, como se fazia antigamente, e sempre viveram juntos, embora em domicílios separados”, diz a advogada dele, Paule Le Bail.
(Veja, n. 23, ano 38, 08/06/05)
b) (...) os consumidores mais endinheirados trocam de celular todo ano, em busca de funções mais avançadas, como telas com mais cores e câmaras com resolução superior.
(Veja, n.14, ano 38, 06/04/05)
c) Como escolher um plano familiar (...) O primeiro passo ao escolher um plano de descontos em ligações no celular é levantar quanto cada pessoa da família usa o telefone.
(Veja, n.14, ano 38, 06/04/05)
d) O Banco Central estuda como tornar os caixas eletrônicos compatíveis entre si.
(Veja, n. 23, ano 38, 08/06/05)
e) Como todo sucesso tem seu preço, Gislaine convive com ameaças de morte ... e anda escoltada por seguranças.
(Veja, n.14, ano 38, 06/04/05)

60) (UEPB-2006) “Eu ouço de várias empregadas domésticas que é comuníssimo aqui no Rio de Janeiro que responsáveis pela merenda escolar retirem substancial quantidade de víveres e alimentos das crianças para levar para casa, distribuir entre parentes e até montar quitandas.”
(João Ubaldo Ribeiro, Veja, n. 20, ano 38, 18/05/05)
Assinale, entre as afirmações relativas a esse excerto, a única correta:
a) Há uma impropriedade sintática, pois o verbo OUVIR foi construído com complemento preposicionado.
b) VÍVERES é uma palavra substantivada, derivada do infinitivo flexionado.
c) Depreende-se que as empregadas domésticas dizem que os responsáveis pela merenda escolar são socialistas.
d) Pode-se concluir que o comunismo no Rio de Janeiro é responsável pela merenda escolar.
e) Os QUÊS têm a mesma função, sem referência e sem significado.

61) (UFSC-2007)

TEXTO 3

“Quando a noite está escura, e cai o vento noroeste, vê-se dois vultos brancos como a neve atravessarem o mar, vindos da *Ilha do Mel* à *Ponta Grossa*, e irem costeando até a *Ponta da Pedreira*. Dali se transformam em duas pombas brancas, e voam pelo mesmo caminho que vieram; porém então são perseguidas por três corvos que procuram agarrá-las com seus bicos hediondos, grasnando horrivelmente: chegando bem no meio do mar, os corvos se transformam em Meninos queimados, e lançam gritos tão agudos que fazem acordar as crianças em seus berços, iluminando todo o mar com o clarão de suas caudas inflamadas.”

CASTRO, Ana Luísa de Azevedo. *D. Narcisa de Villar*. 4. ed. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2000, p. 126.

Considerando ainda o TEXTO 3, assinale a(s) proposição(ões) **CORRETA(S)**.

01. De acordo com a norma culta, na frase “vê-se dois vultos brancos como a neve atravessarem o mar [...]” (linhas 1-2) há problema de concordância verbal, uma vez que o verbo “vê” deveria estar no plural, por ter como sujeito “dois vultos brancos como a neve”.
02. Em “... três corvos que procuram agarrá-las...” (linhas 4-5), o pronome oblíquo faz referência à palavra “crianças” (linha 7).
04. Em “Dali se transformam em duas pombas brancas” (linha 3), houve elipse do sujeito que pode ser resgatado no período anterior.
08. De acordo com as informações do Texto 3, é possível avistar os “vultos brancos como a neve atravessarem o mar” (linhas 1-2) sob duas condições: que a noite esteja escura e sem vento noroeste.
16. Em “... lançam gritos tão agudos que fazem acordar as crianças em seus berços” (linhas 6-7) temos, na segunda oração, uma relação de conseqüência.
32. Os vocábulos *está*, *vê-(se)*, *porém*, *três*, *agarrá-(las)*, sublinhados no Texto 3, recebem acento gráfico pela mesma regra, ou seja, por serem todos oxítonos, condição suficiente para que os vocábulos sejam acentuados.

62) (PUC-SP-2006) A animalização do país
Clóvis Rossi, Folha de São Paulo, 21 de fevereiro de 2006

SÃO PAULO - No sóbrio relato de Elvira Lobato, lia-se ontem, nesta Folha, a história de um Honda Fit abandonado em uma rua do Rio de Janeiro "com uma cabeça sobre o capô e os corpos de dois jovens negros, retalhados a machadadas, no interior do veículo".
Prossegue o relato: "A reação dos moradores foi tão chocante como as brutais mutilações. Vários moradores buscaram seus celulares para fotografar os corpos, e os mais jovens riram e fizeram troça dos corpos.
Os próprios moradores descreveram a algazarra à reportagem. "Eu gritei: Está nervoso e perdeu a cabeça?", relatou um motoboy que pediu para não ser identificado, enquanto um estudante admitiu ter rido e feito piada ao ver que o coração e os intestinos de uma das vítimas tinham sido retirados e expostos por seus algozes.
"Ri porque é engraçado ver um corpo todo picado", respondeu o estudante ao ser questionado sobre a causa de sua reação.
O crime em si já seria uma clara evidência de que bestas-feras estão à solta e à vontade no país. Mas ainda daria, num esforço de auto-engano, para dizer que crimes bestiais ocorrem em todas as partes do mundo.
Mas a reação dos moradores prova que não se trata de uma perversidade circunstancial e circunscrita. Não. O país perde, crescentemente, o respeito à vida, a valores básicos, ao convívio civilizado. O anormal, o patológico, o bestial, vira normal. "É engraçado", como diz o estudante.
O processo de animalização contamina a sociedade, a partir do topo, quando o presidente da
República diz que seu partido está desmoralizado, mas vai à festa dos desmoralizados e confraterniza com trambiqueiros confessos. Também deve achar "engraçado".
Alguma surpresa quando é declarado inocente o comandante do massacre de 111 pessoas, sob aplausos de parcela da sociedade para quem presos não têm direito à vida? São bestas-feras, e deve ser "engraçado" matá-los. É a lei da selva, no asfalto.

Em relação ao trecho "A reação dos moradores foi tão chocante como as brutais mutilações", é possível afirmar que a conjunção COMO estabelece o sentido de
a) causa.
b) comparação.
c) conseqüência.
d) concessão.
e) conformidade.

63) (ESPM-2006) A morte do livro
FERREIRA GULLAR
A morte do livro como veículo da literatura já foi profetizada várias vezes na chamada época moderna. E não por inimigos da literatura, mas pelos escritores mesmos. Até onde me lembro, o primeiro a fazer essa profecia foi nada menos que o poeta Guillaume Apollinaire, no começo do século 20. Entusiasmado com a invenção do gramofone (ou vitrola), acreditou que os poetas em breve deixariam de imprimir seus poemas em livros para gravá-los em discos, com a vantagem — segundo ele, indiscutível — de o antigo leitor, tornado ouvinte, ouvi-los na voz do próprio poeta. [...]
De qualquer modo, Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas enquanto o disco veio servir mesmo foi aos cantores e compositores de canções populares, [...].
O mais recente profeta do fim do livro é o romancista norte-americano Philip Roth, que, numa entrevista, fez o prenúncio. Na verdade, ele anunciou o fim da própria literatura e não por falta de escritores, mas de leitores.
Certamente, referia-se a certo tipo de literatura, pois obras de ficção como "O Código Da Vinci" e "Harry Potter" alcançam tiragens de milhões de exemplares em todos os idiomas.
Outro fenômeno que contradiz a tese de que as pessoas lêem cada vez menos é o crescente tamanho dos "best-sellers": ultimamente, os volumes ultrapassam as 400 ou 500 páginas, havendo os que atingem mais de 800. Tais dados põem em dúvida, mais uma vez, as previsões da morte do livro e da literatura. [...]
A visão simplificadora consiste em não levar em conta alguns fatores que estão ocultos, mas atuantes na sociedade de massa: fatores qualitativos que a avaliação meramente quantitativa ignora. Começa pelo fato de que são as obras literárias de qualidade, e não as que constituem mero passatempo, que influem na construção do universo imaginário da época. É indiscutível que tais obras atingem, inicialmente, um número reduzido de leitores, mas é verdade também que, através deles, com o passar do tempo, influem sobre um número cada vez maior de indivíduos — e especialmente sobre aqueles que constituem o núcleo social irradiador das idéias.
Costumo, a propósito desta discussão, citar o exemplo de um livro de poemas que nasceu maldito: "As Flores do Mal", de Charles Baudelaire, cuja primeira edição, em reduzida tiragem, data de 1857. Naquela mesma época havia autores cujos livros alcançavam tiragens consideráveis, que às vezes chegavam a mais de 30 mil exemplares. Esses livros cumpriram sua missão, divertiram os leitores e depois foram esquecidos, como muitos "best-sellers" de nossa época. Enquanto isso, o livro de poemas de Baudelaire — cuja venda quase foi proibida pela Justiça —, que vem sendo reeditado e traduzido em todas as línguas, já deve ter atingido, no total das tiragens, muitos milhões de exemplares. O verdadeiro "best-seller" é ele ou não é? [...]
*(*Folha de São Paulo*, 19/03/2006)*

No trecho: "...Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas...", o conector em negrito só não possui o mesmo valor semântico de:
a) porque.

b) conquanto.
c) visto que.
d) uma vez que.
e) como.

64) (Unifesp-2003) A questão a seguir baseia-se em duas tirinhas de quadrinhos, de Maurício de Sousa (1935-), e na “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias (1823-1864).

Primeira tirinha

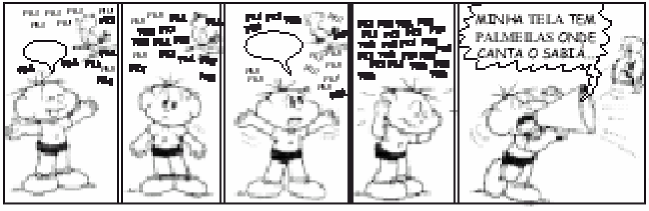
MINHA TELA TEM PALMEILAS ONDE CANTA O SABIÁ...

(Estúdio Maurício de Sousa. *Bidu Especial*. São Paulo: Abril, 1975)

Segunda tirinha

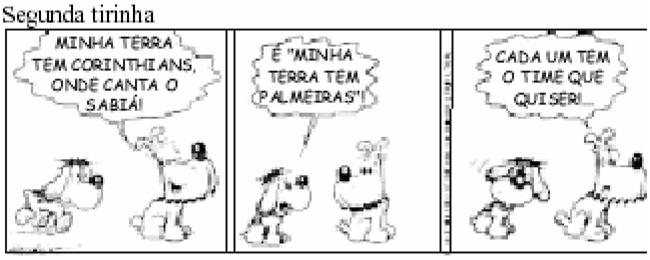
MINHA TERRA TEM CORINTHIANS, ONDE CANTA O SABIÁ!
É "MINHA TERRA TEM PALMEIRAS"!
CADA UM TEM O TIME QUE QUISER!...

(Estúdio Maurício de Sousa. *Bidu Especial*. São Paulo: Abril, 1973)

Canção do Exílio
(...)
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar - sozinho, à noite -
Mais prazer encontro eu lá;

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;

Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu’inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
(Antônio Gonçalves Dias, Primeiros Cantos)

Nas falas “Minha terra tem Corinthians, **onde** canta o sabiá!” e “cada um tem o time **que** quiser!...”, da segunda tirinha, os vocábulos em destaques estabelecem, respectivamente, as relações sintático-semânticas de
a) conector de oração adjetiva em relação a minha terra e conector de oração adjetiva em relação a o time.
b) conector de oração adverbial em relação a terra e conector de oração adjetiva em relação a time.
c) conector de oração adjetiva em relação a Corinthians e conector de oração adjetiva em relação a cada um.
d) conector de oração adverbial em relação a Corinthians e conector de oração adverbial em relação a um.
e) conector de oração adverbial de lugar em relação a minha terra e conector de oração adjetiva em relação a cada um.

65) (UFMG-1999) A REVOLUÇÃO DIGITAL

Texto e papel. Parceiros de uma história de êxitos. Pareciam feitos um para o outro.

Disse "pareciam", assim, com o verbo no passado, e já me explico: estão em processo de separação.

Secular, a união não ruirá do dia para a noite. Mas o divórcio virá, certo como o pôr-do-sol a cada fim de tarde.

O texto mantinha com o papel uma relação de dependência. A perpetuação da escrita parecia condicionada à produção de celulose.

Súbito, a palavra descobriu um novo meio de propagação: o cristal líquido. Saem as árvores. Entram as nuvens de elétrons.

A mudança conduz a veredas ainda inexploradas. De concreto há apenas a impressão de que, longe de enfraquecer, a ebulição digital tonifica a escrita.

E isso é bom. Quando nos chega por um ouvido, a palavra costuma sair por outro. Vazando-nos pelos olhos, o texto inunda de imagens a alma.

Em outras palavras: falada, a palavra perde-se nos desvãos da memória; impressa, desperta o cérebro, produzindo uma circulação de idéias que gera novos textos.

A Internet é, por assim dizer, um livro interativo. Plugados à rede, somos, autores e leitores. Podemos visitar as páginas de um clássico da literatura. Ou simplesmente arriscar textos próprios.

Otto Lara Resende costumava dizer que as pessoas haviam perdido o gosto pela troca de correspondências. Antes de morrer, brindou-me com dois telefonemas. Em um deles prometeu: "Mando-te uma carta qualquer dia desses".

Não sei se teve tempo de render-se ao computador. Creio que não. Mas, vivo, Otto estaria surpreso com a popularização crescente do correio eletrônico.

O papel começa a experimentar o mesmo martírio imposto à pedra quando da descoberta do papiro. A era digital está revolucionando o uso do texto. Estamos virando uma página. Ou, por outra, estamos pressionando a tecla "enter".

SOUZA, Josias de. A revolução digital. Folha de São Paulo, São Paulo, 6 de maio de 1996. Caderno Brasil, p. 2.

Observe as expressões destacadas nestas frases:
... falada, a palavra perde-se nos desvãos da memória;
impressa, desperta o cérebro
.... **vivo**, Otto estaria surpreso com a popularização crescente do correio eletrônico.

Assinale a alternativa que apresenta uma interpretação CORRETA dessas três expressões, na ordem em que aparecem nas frases acima.

a) apesar de ser falada / apesar de ser impressa / se estivesse vivo
b) quando é falada / quando é impressa / se estivesse vivo
c) porque é falada / porque é impressa / ainda que estivesse vivo
d) se é falada / se é impressa / ainda que estivesse vivo

66) (PUC-SP-2001) APELO

Amanhã faz um mês que a Senhora está longe de casa. Primeiros dias, para dizer a verdade, não senti falta, bom chegar tarde, esquecido na conversa da esquina. Não foi ausência por uma semana: o batom ainda no lenço, o prato na mesa por engano, a imagem de relance no espelho.

Com os dias, Senhora, o leite pela primeira vez coalhou. A notícia de sua perda veio aos poucos: a pilha de jornais ali no chão, ninguém os guardou debaixo da escada. Toda a casa era um corredor deserto, e até o canário ficou mudo. Para não dar parte de fraco, ah, Senhora, fui beber com os amigos. Uma hora da noite eles se iam e eu ficava só, sem o perdão de sua presença a todas as aflições do dia, como a última luz na varanda.

E comecei a sentir falta das primeiras brigas por causa do tempero na salada - o meu jeito de querer bem. Acaso é saudade, Senhora? Às suas violetas, na janela, não lhes poupei água e elas murcham. Não tenho botão na camisa, calço a meia furada. Que fim levou o saca-rolhas? Nenhum de nós sabe, sem a Senhora, conversar com os outros: bocas raivosas mastigando. Venha para casa, Senhora, por favor.

Dalton Trevisan In BOSI, A. (org.) O conto brasileiro contemporâneo. São Paulo, Cultrix, 1997, p. 190.

Sobre a subordinação, relembre: é a construção sintática em que uma oração determinante, e pois subordinada, se articula com outra, determinada por ela e principal em relação a ela. (Mattoso Câmara Jr - Dicionário de Filologia e Gramática, Rio de Janeiro, J. Ozon, 1971, p. 362). Em seguida, assinale a alternativa correta

a) Em "Para não dar parte de fraco, ah, Senhora, fui beber com os amigos." - estabelece-se uma relação de meio e fim.
b) Em "Amanhã faz um mês que a Senhora está longe de casa." - a subordinação se dá entre o verbo faz e seu complemento verbal que a Senhora está longe de casa.
c) Em "Uma hora da noite eles se iam e eu ficava só,..." - a relação de subordinação expressa a idéia de adição consecutiva.
d) Em "Nenhum de nós sabe, sem a Senhora, conversar com os outros: bocas raivosas mastigando." - a subordinação se dá entre o verbo sabe e seu sujeito representado pela oração reduzida de infinitivo conversar com os outros.
e) Em "E comecei a sentir falta das primeiras brigas por causa do tempero na salada - o meu jeito de querer bem." - estabelece-se uma relação de condição-condicionado.

67) (UEL-2006) As questões de 01 a 04 referem-se ao Canto V de *Os Lusíadas* (1572), de Luís Vaz de Camões (1524/5?-1580).

XXXVII
Porém já cinco sóis eram passados
Que dali nos partíramos, cortando
Os mares nunca de outrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando,
Quando ua noite, estando descuidados
Na cortadora proa vigiando,
Ua nuvem, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças aparece.
XXXVIII
Tão temerosa vinha e carregada,
Que pôs nos corações um grande medo.
Bramindo, o negro mar de longe brada,
Como se desse em vão nalgum rochedo
- "Ó Potestade - disse - sublimada,
Que ameaço divino ou que segredo
Este clima e este mar nos apresenta,
Que mor cousa parece que tormenta?"

(CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas.* 4ª. ed. Porto: Editorial Domingos Barreira, s.d. p. 332.)

Com base no segundo verso da estrofe XXXVIII, considere as afirmativas a seguir.

I. O "que" substitui "nuvem", termo presente no penúltimo verso da estrofe anterior.
II. O "que" é um conectivo com valor de conseqüência das situações apresentadas no verso anterior.
III. A expressão "um grande medo" é complemento da forma verbal "pôs".
IV. O agente da forma verbal "pôs" é "nuvem", termo omitido neste verso.

Estão corretas apenas as afirmativas:
a) I e II.

b) I e III.
c) III e IV.
d) I, II e IV.
e) II, III e IV.

68) (UDESC-1996) Indique a alternativa INCORRETA quanto à função sintática da palavra QUE ou SE em frases do texto, escritas em maiúsculas,
a) "Ser rico - quer dizer ter em mãos as possibilidades de poder e os privilégios QUE o dinheiro dá..." - objeto direto;
b) "Pois QUE ele só nos vale até certo ponto..." - conjunção subordinativa condicional;
c) "E entretanto é bom notar QUE isso tem um limite bastante rígido." - conjunção subordinativa integrante;
d) "...porque a natureza não SE vende." - pronome apassivador;
e) "...inveje o simples abastado QUE pode satisfazer as suas necessidades..." - sujeito.

69) (PUC-SP-1995) Leia o período:
"Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu."
Considerando a possibilidade de várias organizações sintáticas para os períodos compostos, assinale a alternativa em que **não** há alteração de sentido em relação ao período indicado:
a) Meu pai disse-me, à porta do Ateneu, que lá eu encontraria o mundo.
b) À porta do Ateneu, meu pai disse-me que lá eu teria de encontrar o mundo.
c) Disse-me meu pai, à porta do Ateneu, que somente lá eu encontraria o mundo.
d) Quando chegamos à porta do Ateneu, meu pai disse-me que lá eu precisaria encontrar o mundo.
e) Ao chegarmos à porta do Ateneu, meu pai orientou-me para que lá eu encontrasse o mundo.

70) (FVG - SP-2007) Leia os sete versos abaixo e responda às questões a eles pertinentes.
(1) Metafísica? Que metafisica têm aquelas árvores?
(2) A de serem verdes e copadas e de terem ramos
(3) E a de dar fruto na sua hora, o que não nos faz pensar,
(4) A nós, que não sabemos dar por elas. .
(5) Mas que melhor metafísica que a delas.
(6) Que é a de não saber por que vivem
(7) Nem que o não sabem?
Alberco Caeiro

Nos quatro últimos versos, há várias ocorrências da palavra **que**. Sobre essa palavra, pode-se dizer:
a) No quinto verso, tem-se um pronome definido e uma conjunção comparativa.
b) No sétimo verso, tem-se um pronome relativo.
c) No quarto verso, tem-se um pronome relativo.
d) No sexto verso, tem-se uma conjunção comparativa e um pronome interrogativo.
e) No sexto verso, tem-se uma conjunção integrante e um advérbio.

71) (Fatec-2007) LIBRA (23 set. a 22 out.)
Com a Lua transitando em Gêmeos, os librianos podem esperar mais clareza mental, acuidade, boa expressão e facilidade ambiente, porque o mundo irá girar num ritmo consoante com seu jeito de ser. Justamente porque tudo flui melhor você não precisa reagir com extremos. Segure essa impaciência.
(**Folha de S.Paulo**, 13-09-2006)
Considere as seguintes afirmações relacionadas a esse texto.
I. Na frase - *segure essa impaciência* - poderia ser empregado também o pronome *esta*, pois se trata de referência à pessoa a quem se dirige a sugestão contida no texto.
II. O texto mantém-se de acordo com a norma culta caso se empregue - *contém essa impaciência* - em lugar de - *segure essa impaciência*.
III. Pode-se interpretar como de causa a circunstância expressa por - *Com a Lua transitando em Gêmeos.*
IV. As palavras "acuidade" e "consoante" podem ser substituídas, no contexto, correta e respectivamente, por "agudeza" e "em harmonia".
V. A relação sintática e de sentido expressa em - *porque tudo flui melhor* - tem equivalente em - *como tudo flui melhor*.
Estão corretas apenas as afirmações
a) I, II e III.
b) I, II e IV.
c) II, III e IV.
d) III, IV e V.
e) II, III, IV e V.

72) (Fuvest-1999) **Mesmo sem ver** quem está do outro lado da linha, os fãs dos bate-papos virtuais viram amigos, namoram e alguns chegam até a casar.
(Época, n°1, 25/05/98)

a) O segmento sublinhado constitui uma oração reduzida. Substitua-a por uma oração (introduzida por conjunção e com o verbo no modo indicativo ou subjuntivo), sem produzir alteração do sentido.
b) Reescreva a oração "os fãs dos bate-papos virtuais viram amigos" sem mudar-lhe o sentido e sem provocar incorreção, apenas substituindo o verbo.

73) (UFMG-1997) Não foi há tanto tempo assim. Cheguei à praia com minhas filhas e encontrei um aglomerado de cidadãos. Eles montavam guarda num pequeno trecho da areia, caras alarmadas, pior: pungidas. Não fui eu quem viu o grupo: foi o grupo que me viu e dois de seus membros vieram em minha direção, delicadamente me afastaram

das meninas e comunicaram: - "Tire depressa suas filhas daqui!" As palavras foram duras mas o tom era ameno, cúmplice. Quis saber por quê. Em voz baixa, conspiratória, um dos cidadãos me comunicou que ali na arrebentação, boiando como uma anêmona, alga desprendida das profundezas oceânicas, havia uma camisinha - que na época atendia pelo poético nome de "camisa de Vênus".
O grupo de cidadãos - num tempo em que direitos e deveres da cidadania ainda esperavam pela epifania de Betinho - ali estava desde cedo, alertando pais incautos, como se a camisinha fosse uma pastilha de material nuclear, uma cápsula de césio com pérfidas e letais emanações.
Não me lembro da reação que tive, é possível que tenha levado as meninas para outro canto, mas tenho certeza de que nem alarmado fiquei. Hoje, a camisinha aparece na televisão, é banal e inocente como um par de patins, um aparelho de barba.
Domingo último, levando minhas setters à unica praia em que são permitidos animais domésticos, encontrei um grupo de cidadãos em volta de uma coisa. Não, não era aquele monstro marinho que Felini colocou no final de um de seus filmes. Tampouco era uma camisinha - que as praias estão cheias delas, mais numerosas que as conchas e os tatuís de antigamente. O motivo daquela expressão de cidadania era uma seringa que as águas despejaram na areia. Objeto na certa infectado, trazendo na ponta de sua agulha o vírus da Aids que algum viciado ali deixara, para contaminar inocentes e culpados. Daqui a dois, cinco anos, espero que a Aids não mais preocupe a humanidade. Mas os cidadãos continuarão alarmado, descobrindo novas misérias na efêmera eternidade das espumas.
Carlos Heitor Cony   Folha de São Paulo, p. 1-2, 09.01.1994.

Em todas as alternativas, a palavra destacada está corretamente interpretada, EXCETO em:
a) Em voz baixa, conspiratória, um dos cidadãos me comunicou que ali na arrebentação (...) havia uma camisinha. (que = um dos cidadãos)
b) Não me lembro da reação que tive, é possível que tenha levado as meninas para outro canto... (que = a reação)
c) Não, não era aquele monstro marinho que Fellini colocou no final de um de seus filmes. (que = aquele monstro marinho)
d) O motivo daquela expressão de cidadania era uma seringa que as águas despejaram na areia. (que = uma seringa)

74) (UFMG-1997) Não foi há tanto tempo assim. Cheguei à praia com minhas filhas e encontrei um aglomerado de cidadãos. Eles montavam guarda num pequeno trecho da areia, caras alarmadas, pior: pungidas. Não fui eu quem viu o grupo: foi o grupo que me viu e dois de seus membros vieram em minha direção, delicadamente me afastaram das meninas e comunicaram: - "Tire depressa suas filhas daqui!" As palavras foram duras mas o tom era ameno, cúmplice. Quis saber por quê. Em voz baixa, conspiratória, um dos cidadãos me comunicou que ali na arrebentação, boiando como uma anêmona, alga desprendida das profundezas oceânicas, havia uma camisinha - que na época atendia pelo poético nome de "camisa de Vênus".
O grupo de cidadãos - num tempo em que direitos e deveres da cidadania ainda esperavam pela epifania de Betinho - ali estava desde cedo, alertando pais incautos, como se a camisinha fosse uma pastilha de material nuclear, uma cápsula de césio com pérfidas e letais emanações.
Não me lembro da reação que tive, é possível que tenha levado as meninas para outro canto, mas tenho certeza de que nem alarmado fiquei. Hoje, a camisinha aparece na televisão, é banal e inocente como um par de patins, um aparelho de barba.
Domingo último, levando minhas setters à unica praia em que são permitidos animais domésticos, encontrei um grupo de cidadãos em volta de uma coisa. Não, não era aquele monstro marinho que Felini colocou no final de um de seus filmes. Tampouco era uma camisinha - que as praias estão cheias delas, mais numerosas que as conchas e os tatuís de antigamente. O motivo daquela expressão de cidadania era uma seringa que as águas despejaram na areia. Objeto na certa infectado, trazendo na ponta de sua agulha o vírus da Aids que algum viciado ali deixara, para contaminar inocentes e culpados. Daqui a dois, cinco anos, espero que a Aids não mais preocupe a humanidade. Mas os cidadãos continuarão alarmado, descobrindo novas misérias na efêmera eternidade das espumas.
Carlos Heitor Cony   Folha de São Paulo, p. 1-2, 09.01.1994.

Tampouco era uma camisinha **- que** as praias estão cheias delas, mais numerosas que as conchas e os tatuís de antigamente.
A alternativa que apresenta a interpretação correta da palavra destacada é:
a) Tampouco era uma camisinha - cujas praias estão cheias delas...
b) Tampouco era uma camisinha - logo as praias estão cheias delas...
c) Tampouco era uma camisinha - no entanto as praias estão cheias delas...
d) Tampouco era uma camisinha - uma vez que as praias estão cheias delas...

75) (UFPB-2006) O "Adeus" de Teresa

A vez primeira que eu fitei Teresa,
Como as plantas que arrasta a correnteza,
A valsa nos levou nos giros seus...
E amamos juntos... E depois na sala
"Adeus" eu disse-lhe a tremer co'a fala...

E ela, corando, murmurou-me: "adeus".

Uma noite... entreabriu-se um reposteiro...
E da alcova saía um cavaleiro

Inda beijando uma mulher sem véus...
Era eu... Era a pálida Teresa!
"Adeus" lhe disse conservando-a presa...

12 E ela entre beijos murmurou-me: "adeus!"

Passaram tempos... séc'los de delírio
Prazeres divinais... gozos do Empíreo...
... Mas um dia volvi aos lares meus.
Partindo eu disse - "Voltarei!... descansa!..."
Ela, chorando mais que uma criança,

18 Ela em soluços murmurou-me: "adeus!"

Quando voltei... era o palácio em festa!...
E a voz d'*Ela* e de um homem lá na orquestra
Preenchiam de amor o azul dos céus.
Entrei!... Ela me olhou branca... surpresa!
Foi a última vez que eu vi Teresa!...

24 E ela arquejando murmurou-me: "adeus!"

São Paulo, 28 de agosto de 1868.

(ALVES, Castro. Espumas Flutuantes. São Paulo: FTD, 1987, p. 53).

GLOSSÁRIO
reposteiro: cortina.
alcova: quarto de dormir.
Empíreo: morada dos deuses (mitologia).
volver: voltar.
arquejar: respirar com dificuldade, ofegar.
librar: fundamentar, basear, concentrar.
malgrado: apesar de, a despeito de.
ardimento: astúcia.
arrostar: olhar de frente, afrontar, encarar sem medo.
Considere os versos:

"Como as plantas que arrasta a correnteza, (verso 2)
A valsa nos levou nos giros seus..." (verso 3)

Quanto a sua organização sintático-semântica, é correto afirmar:

a) O conectivo *"que"* recupera o termo *"plantas"*, funcionando como sujeito do verbo *arrastar*.
b) O termo *"nos giros seus"* modifica o sentido do verbo *levar*, expressando uma idéia de comparação.
c) O termo *"a correnteza"* funciona como complemento do verbo *arrastar*.
d) O conectivo *"que"* introduz uma estrutura oracional de valor restritivo.
e) O conectivo *"como"* estabelece uma idéia de causa em relação ao verso *"A valsa nos levou nos giros seus..."*.

76) (UFSCar-2000) O cajueiro já devia ser velho quando nasci. Ele vive nas mais antigas recordações de minha infância: belo, imenso, no alto do morro, atrás de casa. Agora vem uma carta dizendo que ele caiu.
Eu me lembro do outro cajueiro que era menor, e morreu há muito mais tempo. Eu me lembro dos pés de pinha, do cajá-manga, da grande touceira de espadas-de-são-jorge (que nós chamávamos simplesmente "tala") e da alta saboneteira que era nossa alegria e a cobiça de toda a meninada do bairro, porque fornecia centenas de bolas pretas para o jogo de gude. Lembro-me da tamareira, e de tantos arbustos e folhagens coloridas, lembro-me da parreira que cobria o caramanchão, e dos canteiros de flores humildes, "beijos", violetas. Tudo sumira; mas o grande pé de fruta-pão ao lado de casa e o imenso cajueiro lá no alto eram como árvores sagradas protegendo a família. Cada menino que ia crescendo ia aprendendo o jeito de seu tronco, a cica de seu fruto, o lugar melhor para apoiar o pé e subir pelo cajueiro acima, ver de lá o telhado das casas do outro lado e os morros além, sentir o leve balanceio na brisa da tarde.
(Rubem Braga: Cajueiro. In: **O Verão e as Mulheres**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1991, p. 84-5.)

Há no texto orações reduzidas de gerúndio e de infinitivo. Assinale a alternativa em que a forma verbal da oração reduzida está desenvolvida corretamente, entre parênteses.
a) ... protegendo a família (que protegiam a família).
b) ... para apoiar o pé ... (porque apoiaria o pé).
c) ... e subir pelo cajueiro acima ... (e que subiria pelo cajueiro acima).
d) ... ver de lá o telhado das casas do outro lado e os morros além ... (para que veja de lá o telhado das casas do outro lado e os morros além).
e) ... sentir o leve balanceio da brisa da tarde (quando sentisse o leve balanceio da brisa da tarde).

77) (FATEC-2006) O mundo já dispõe de informação e tecnologia para resolver a maioria dos problemas enfrentados pelos pais pobres, mas falta implementar esse conhecimento na escala necessária. Foi a partir desse pressuposto que a Organização das nações Unidas (ONU) lançou no Brasil o Projeto do Milênio das Nações Unidas. A novidade propõe um conjunto de ações praticas para que o mundo alcance os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio – uma serie de metas socioeconômicas com os paises da ONU se comprometerem a atingir até 2015, abrangendo áreas como renda, educação, saúde, meio ambiente.
Uma grande mudança nas políticas globais é necessária em 2005, para que os paises mais pobres do mundo avancem para alcançar os Objetivos, alerta o projeto. Se forem alcançados, mais de 500 milhões de pessoas sairão da pobreza e 250 milhões não passarão mais fome.

O relatório do projeto recomenda que cada pais mapeie as principais dimensões da extrema pobreza e faça um plano de ação, incluindo os investimentos públicos necessários. Recomenda também que os governos trabalhem ativamente com todos os segmentos, particularmente com a sociedade civil organizada e o setor privado.

" Este triunfo do espírito humano nos da a esperança e a confiança de que a extrema pobreza pode ser reduzida pela metade até o ano de 2015, e até mesmo eliminada totalmente nos próximos anos. A comunidade mundial dispõe de tecnologias políticas, recursos financeiros e , o mais importante, coragem e compaixão humana para fazer isso acontecer", diz o coordenador no prefacio do relatório.

(texto adaptado da revista Fórum número 24, de 2005)

Considere as seguintes afirmações sobre trechos do texto:

O mundo já dispõe de informação e tecnologia / para resolver a maioria dos problemas enfrentados pelos paises pobres, / mas falta implementar esse conhecimento na escala necessária. Nesse período, a relação de sentido entre a 1° e a 2° oração é de finalidade: na 3° oração, a substituição de MAS por CONTUDO matem o sentido do original.

A passagem – problemas enfrentados pelos paises pobres – está redigida na voz passiva: sua adequada redação em voz ativa: os paises mais pobres enfrentam problemas.

Se [os Objetivo] forem alcançados, / mais de 500 milhões de pessoas sairão da pobreza. A oração que inicia esse período expressa condição em relação à seqüência de idéias expressas.

Caso [os Objetivos] fossem alcançados, mais de 500 milhões de pessoas sairão da pobreza. Essa versão do trecho está redigida de acordo com a norma culta.

Deve-se concluir que está correto o que se afirma em

a) I e II somente.
b) II e III somente.
c) I, II e III somente.
d) II, III e IV somente.
e) I, II, III e IV.

78) (UEMG-2007) Os pássaros, a canção e a pressa

Considerações sobre a indústria da urgência e o caso de um brasileiro que escapou dela

Roberto Pompeu de Toledo

Houve tempo em que quem falava sozinho na rua era considerado louco. Hoje, em nove casos em dez, trata-se do portador de um telefone celular, pessoa considerada normal. Esta observação, como já terá adivinhado o leitor, vem a propósito da morte desse grande brasileiro que foi Antonio Carlos Jobim, mas vamos por partes, começando por um retrospecto do que tem sido a aventura humana neste século.

A aceleração do tempo é uma das características do século XX, talvez a principal delas. As coisas chegam e vão embora com impressionante rapidez. Flâmula – quem se lembra desse objeto? Nos anos 50 e 60, não havia quarto de rapaz que não fosse decorado com flâmulas – espécie de bandeira triangular homenageando clubes ou universidades, cidades ou países. As flâmulas chegaram, fizeram grande sucesso e foram embora. O bambolê teve a mesma sorte.

O século XX viu nascer e morrer o long-playing, o comunismo, o Zeppelin, Che Guevara, a admiração por Che Guevara, John Kennedy, a admiração por John Kennedy, o charleston, o musical de Hollywood, a Iugoslávia, o radinho de pilha, os hippies, os yuppies, o bonde elétrico, o Concorde, as viagens espaciais tripuladas, o surrealismo, o gramofone, a vitrola de alta fidelidade ("hi-fi"), o hidroavião, o concretismo, o disco de 78 rotações e a União Soviética. Algumas invenções pareciam irremediavelmente destinadas à absolescência quando experimentaram um espetacular retorno. Exemplo: camisinha. Outras pareciam destinadas a um espetacular retorno quando experimentaram o fracasso. Exemplo: o Cometa de Halley, que fez enorme sucesso em 1910 e falhou em 1986.

Pode-se alegar que em outros séculos também houve costumes, tecnologias e cometas de vida breve. Não como no século XX, nem em quantidade nem em velocidade. No curto espaço de cinqüenta, sessenta ou setenta anos passou-se do 14-Bis ao Boeing 747, da Mariafumaça ao Trem-bala,(...) do cinema mudo ao vídeo laser, do lampião de gás ao forno de microondas. Como resultado, a própria velocidade do tempo passou a ser um valor em si. Se as coisas não andam depressa, ficam aborrecidas. Parar é chatear-se, e lá vamos nós: gastança do tempo, a gula de digeri-lo, o consumo compulsivo (...) dessa substância sem cor nem cheiro chamada tempo passou a ser a mais invencível dependência do período, a droga mais mortal. Esta é a hora dos excitados.

Nesse processo, uma das criações mais características do século foi a indústria da urgência. É preciso correr atrás do tempo. Ou correr na frente, melhor ainda. Chegar antes dele, fazer uma hora em menos de uma hora, eis o ideal. Quem não consegue capota, está fora do ritmo, fora de seu tempo, e pronto – com isso chegamos ao telefone celular. Ele é a culminância apoteótica da indústria da urgência que caracteriza estes nossos anos. Contabilize o leitor com rigor científico: quantas vezes deu na vida, ou recebeu, um telefonema realmente urgente? Algo que não pudesse esperar meia hora, até o próximo orelhão? (...)

E no entanto os celulares se multiplicam como saúvas, brotam como capim. Centenas deles, milhares, entram em circulação a cada dia. As pessoas na rua portam o aparelhinho como se fosse uma nova peça do vestuário, ou um novo complemento, como o guarda-chuvaainda que mal comparando, pois o guarda-chuva (...) não toca, não

fala nem é histérico como o telefone celular. De repente um monte de gente percebeu que tem pressa, não pode esperar, que é urgente chamar, é urgente ser chamado, é urgente, é urgente, é tudo tão urgente...
Antonio Carlos Jobim não tinha nada a ver com isso, e é por isso que é lembrado nestas linhas. Era um homem de vagares. Gostava de passarinhos, árvores, canções e poesia, quatro produtos fora do alcance da indústria da urgência. Ele andou na contramão da mistificação da pressa que se abateu sobre as vidas da esmagadora maioria de seus contemporâneos. E porque tinha uma outra percepção do tempo conseguiu, mesmo num território do efêmero como da música popular, deixar uma obra que o ultrapassa, em duração.
(Veja, ed.1371, p.150)
Nas alternativas a seguir, assinale aquela em que se identificou INCORRETAMENTE nos parênteses a idéia do articulador em negrito.
a) É preciso correr atrás do tempo. Ou correr na frente, melhor ainda. (negação)
b) Não como no século XX, nem em quantidade nem em velocidade. (comparação)
c) Ainda que mal comparado, o guarda-chuva não toca como o celular (concessão)
d) Antonio Carlos Jobim não tinha pressa, e é por isso que é lembrado. (causa)

79) (VUNESP-2007) Resta a idéia de que o escravo morria jovem porque trabalhava demais. Na verdade, a noção de excesso de trabalho é relativa.
Não há dúvida de que os escravos trabalhavam muito. De todos eles, e em qualquer serviço, os senhores exigiam de 15 a 17 horas de trabalho diário, e a tradição os dá como implacáveis nesse ponto. (...)
No campo, alternam-se fases de paradeiro e outras de intensa atividade, ao ritmo das colheitas e das estações. Nas minas, chuvas pesadas interrompem toda a atividade. E o trabalho noturno é impossível, a não ser nos engenhos e durante a fase do cozimento do melaço. Além disso, a jornada de trabalho era cortada por várias pausas. As crianças e os velhos traziam aos trabalhadores do campo grandes vasilhas de água e sopa. Por outro lado, os feriados são numerosos no calendário brasileiro: Maurício Goulart calculou que os dias de trabalho não passavam de 250 por ano.
O excesso de trabalho não explica, portanto, a grande mortalidade entre os escravos.
A explicação estará mais facilmente, talvez, nas condições desse trabalho. O escravo o pratica em climas muito severos. No nordeste, há calor e umidade, muita umidade, durante todo o ano, e os saltos bruscos da temperatura são freqüentes. De uma hora para outra, o termômetro pode passar de 24 a 18 graus. Ora, nessas regiões os escravos usam habitualmente roupas leves, de algodão. Capas e casacos são raros e os resfriados ligeiros, mal curados, fazem-se crônicos e provocam bronquites, anginas, pneumonias, tuberculose. No centro, no oeste e no sul, o inverno é rigoroso, a temperatura cai facilmente abaixo de zero e não existe qualquer espécie de calefação na casa do senhor ou na senzala. Ocorre com freqüência que os escravos não possuam cobertores e roupas de lã para se protegerem suficientemente do frio. E a terapêutica é muito tateante. Raros médicos diplomados visitam as fazendas para cuidar de doentes.
(Kátia M. de Queirós Mattoso, Ser escravo no Brasil.)

Compare estes trechos, extraídos do fragmento de Mattoso:
Resta a idéia de que o escravo morria jovem porque trabalhava demais.
O excesso de trabalho não explica, portanto, a grande mortalidade entre os escravos.
Comente o valor com que os termos destacados foram empregados, no texto, apontando uma diferença na sua função de elementos relacionantes.

80) (Mack-1998) Segundo a crença popular do Nordeste, quando morrem anjinhos, ainda não acostumados com as coisas da vida e quase sem conhecer as coisas de Deus, é preciso que os seus olhos sejam mantidos abertos para que possam encontrar com mais facilidade o caminho do céu. Pois, com os olhos fechados, os anjinhos errariam cegamente pelo limbo, sem nunca encontrar a morada do Senhor.
Sebastião Salgado

Assinale a alternativa correta.

a) Quanto à predicação, o verbo "encontrar", da última oração, é transitivo direto e indireto.
b) A oração "que os seus olhos sejam mantidos abertos" é subordinada substantiva objetiva direta.
c) No primeiro período há duas orações reduzidas, cuja função é caracterizar o sujeito da oração anterior, a qual é, por sua vez, subordinada adverbial temporal.
d) A conjunção "pois" que inicia o segundo período dá idéia de conclusão.
e) A terceira pessoa do plural de "sejam mantidos abertos" indica a indeterminação do sujeito.

81) (FMTM-2005) Sua diplomacia dividia-se por escaninhos numerados, segundo a categoria de recepção que queria dispensar. No trecho, o termo segundo inicia oração subordinada
a) causal.
b) proporcional.
c) comparativa.
d) concessiva.
e) conformativa.

82) (Faap-1997) "Queria dizer aqui o fim do Quincas Borba, que adoeceu também, ganiu infinitamente, fugiu desvairado em busca do dono, e amanheceu morto na rua, três dias depois. Mas, vendo a morte do cão narrada em capítulo especial, é provável que me perguntes se ele, se o seu defunto homônimo é que dá o título ao livro, e por que antes um que outro, - questão prenhe de questões, que nos levariam longe... Eia! chora os dous recentes mortos, se tens lágrimas. Se só tens riso, ri-te! É a mesma cousa. O Cruzeiro, que a linda Sofia não quis fitar, como lhe pedia Rubião, está assaz alto para não discernir os risos e as lágrimas dos homens."
Machado de Assis

"... é provável que me perguntes...". Sujeito do verbo ser:
a) ele
b) provável
c) que
d) que me perguntes
e) indeterminado.

83) (ITA-1995) As questões a seguir referem-se ao texto adiante. Analise-as e assinale, para cada uma, a alternativa incorreta.

Litania dos Pobres

Cruz e Souza

01Os miseráveis, os rotos
São as flores dos esgotos

São espectros implacáveis
Os rotos, os miseráveis.

05São prantos negros de furnas
Caladas, mudas, soturnas.

São os grandes visionários
Dos abismos tumultuários.

As sombras das sombras mortas,
10Cegos, a tatear nas portas.

Procurando os céus, aflitos
12E varando os céus de gritos.

Inúteis, cansados braços
Mãos inquietas, estendidas.

a) Na terceira estrofe há elipse do sujeito.
b) A quinta estrofe só se estende como havendo elipse do sujeito e do verbo.
c) 'A tatear'(v.10) tem valor de 'que tateiam', é oração adjetiva.
d) A vírgula após 'cegos' (v.10) é dispensável.
e) 'de'(v.12) indica posse.

84) (Faap-1996) Dario vinha apressado, o guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina, diminuiu o passo até parar, encostando-se à parede de uma casa. Foi escorregando por ela, de costas, sentou-se na calçada, ainda úmida da chuva, e descansou no chão o cachimbo.

Dois ou três passantes rodearam-no, indagando se não estava se sentindo bem. Dario abriu a boca, moveu os lábios, mas não se ouviu resposta. Um senhor gordo, de branco, sugeriu que ele devia sofrer de ataque.

Estendeu-se mais um pouco, deitado agora na calçada, o cachimbo a seu lado tinha apagado. Um rapaz de bigode pediu ao grupo que se afastasse, deixando-o respirar. E abriu-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe retiraram os sapatos, Dario roncou pela garganta e um fio de espuma saiu do canto da boca.

Cada pessoa que chegava se punha na ponta dos pés, embora não pudesse ver. Os moradores da rua conversavam de uma porta à outra, as crianças foram acordadas e vieram de pijama às janelas. O senhor gordo repetia que Dario sentara-se na calçada, soprando ainda a fumaça do cachimbo e encostando o guarda-chuva na parede. Mas não se via guarda-chuva ou cachimbo ao lado dele.

Uma velhinha de cabeça grisalha gritou que Dario estava morrendo. Um grupo transportou-o na direção do táxi estacionado na esquina. Já tinha introduzido no carro metade do corpo, quando o motorista protestou: se ele morresse na viagem? A turba concordou em chamar a ambulância. Dario foi conduzido de volta e encostado à parede - não tinha os sapatos e o alfinete de pérola na gravata.

(Dalton Trevisan)

"(1) Cada pessoa / (2) que chegava, / (1) se punha na ponta dos pés, / (3) embora não pudesse ver."
Há no texto três orações, e estão numeradas. A segunda - QUE CHEGAVA - é subordinada:
a) substantiva subjetiva
b) substantiva objetiva direta
c) adverbial causal
d) adverbial final
e) adjetiva

85) (Faap-1996) Dario vinha apressado, o guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina, diminuiu o passo até parar, encostando-se à parede de uma casa. Foi escorregando por ela, de costas, sentou-se

na calçada, ainda úmida da chuva, e descansou no chão o cachimbo.

Dois ou três passantes rodearam-no, indagando se não estava se sentindo bem. Dario abriu a boca, moveu os lábios, mas não se ouviu resposta. Um senhor gordo, de branco, sugeriu que ele devia sofrer de ataque.

Estendeu-se mais um pouco, deitado agora na calçada, o cachimbo a seu lado tinha apagado. Um rapaz de bigode pediu ao grupo que se afastasse, deixando-o respirar. E abriu-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe retiraram os sapatos, Dario roncou pela garganta e um fio de espuma saiu do canto da boca.

Cada pessoa que chegava se punha na ponta dos pés, embora não pudesse ver. Os moradores da rua conversavam de uma porta à outra, as crianças foram acordadas e vieram de pijama às janelas. O senhor gordo repetia que Dario sentara-se na calçada, soprando ainda a fumaça do cachimbo e encostando o guarda-chuva na parede. Mas não se via guarda-chuva ou cachimbo ao lado dele.

Uma velhinha de cabeça grisalha gritou que Dario estava morrendo. Um grupo transportou-o na direção do táxi estacionado na esquina. Já tinha introduzido no carro metade do corpo, quando o motorista protestou: se ele morresse na viagem? A turba concordou em chamar a ambulância. Dario foi conduzido de volta e encostado à parede - não tinha os sapatos e o alfinete de pérola na gravata.

(Dalton Trevisan)

"(1) Cada pessoa / (2) que chegava, / (1) se punha na ponta dos pés, / (3) embora não pudesse ver."
Há no texto três orações, e estão numeradas. A terceira - EMBORA NÃO PUDESSE VER - oferece uma idéia de:
a) causa
b) fim
c) condição
d) concessão
e) conseqüência

86) (Faap-1996) Dario vinha apressado, o guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina, diminuiu o passo até parar, encostando-se à parede de uma casa. Foi escorregando por ela, de costas, sentou-se na calçada, ainda úmida da chuva, e descansou no chão o cachimbo.

Dois ou três passantes rodearam-no, indagando se não estava se sentindo bem. Dario abriu a boca, moveu os lábios, mas não se ouviu resposta. Um senhor gordo, de branco, sugeriu que ele devia sofrer de ataque.

Estendeu-se mais um pouco, deitado agora na calçada, o cachimbo a seu lado tinha apagado. Um rapaz de bigode pediu ao grupo que se afastasse, deixando-o respirar. E abriu-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe retiraram os sapatos, Dario roncou pela garganta e um fio de espuma saiu do canto da boca.

Cada pessoa que chegava se punha na ponta dos pés, embora não pudesse ver. Os moradores da rua conversavam de uma porta à outra, as crianças foram acordadas e vieram de pijama às janelas. O senhor gordo repetia que Dario sentara-se na calçada, soprando ainda a fumaça do cachimbo e encostando o guarda-chuva na parede. Mas não se via guarda-chuva ou cachimbo ao lado dele.

Uma velhinha de cabeça grisalha gritou que Dario estava morrendo. Um grupo transportou-o na direção do táxi estacionado na esquina. Já tinha introduzido no carro metade do corpo, quando o motorista protestou: se ele morresse na viagem? A turba concordou em chamar a ambulância. Dario foi conduzido de volta e encostado à parede - não tinha os sapatos e o alfinete de pérola na gravata.

(Dalton Trevisan)

Assinale a forma errada do imperativo:
a) põe-te na ponta dos pés / não te ponhas na ponta dos pés.
b) ponha-se na ponta dos pés / não se ponha na ponta dos pés.
c) ponhamo-nos na ponta dos pés / não nos ponhamos na ponta dos pés.
d) ponhais-vos na ponta dos pés / não vos ponhais na ponta dos pés.
e) ponham-se na ponta dos pés / não se ponham na ponta dos pés.

87) (IBMEC-2006) A busca da felicidade
Ser feliz é provavelmente o maior desejo de todo ser humano. Na prática, ninguém sabe definir direito a palavra felicidade. Mas todos sabem exatamente o que ela significa. Nos últimos tempos, psicólogos, neurocientistas e filósofos têm voltado sua atenção de modo sistemático para esse tema que sempre fascinou, intrigou e desafiou a humanidade.
As últimas conclusões a que eles chegaram são o tema de uma densa reportagem escrita pelo redator-chefe de ÉPOCA, David Cohen, em parceria com a editora Aida Veiga. O texto, conduzido com uma dose incomum de bom humor, inteligência e perspicácia, contradiz várias noções normalmente tidas como verdade pela maior parte das pessoas. A felicidade, ao contrário do que parece, não é mais fácil para os belos e ricos.
A maioria dos prazeres ao alcance daqueles que possuem mais beleza ou riqueza tem, segundo as pesquisas, um impacto de curtíssima duração. Depois de usufruí-los, as pessoas retornam a seu nível básico de satisfação com a vida. Por isso, tanta gente parece feliz à toa, enquanto tantos outros não perdem uma oportunidade de reclamar da existência.

Mesmo quem passa por experiências de impacto decisivo, como ganhar na loteria ou perder uma perna, costuma voltar a seu estado natural de satisfação. Seria então a felicidade um dado da natureza, determinado exclusivamente pelo que vem inscrito na carga genética? De acordo com os estudos, não é bem assim. Muitas práticas vêm tendo sua eficácia comprovada para tornar a vida mais feliz: ter amigos, ter atividades que exijam concentração e dedicação completas, exercer o controle sobre a própria vida, ter um sentido de gratidão para com as coisas ou pessoas boas que apareçam, cuidar da saúde, amar e ser amado. Uma das descobertas mais fascinantes dos pesquisadores é que parece não adiantar nada ir atrás de todas as conquistas que, segundo julgamos, nos farão mais felizes. Pelo contrário, é o fato de sermos mais felizes que nos ajuda a conquistar o que desejamos.

Nada disso quer dizer que os cientistas tenham descoberto a fórmula mágica nem que tenha se tornado fácil descobrir a própria felicidade. Olhando aqui de fora, até que David e Aida parecem felizes com o resultado do trabalho que fizeram. Agora, é esperar que esse resultado também ajude você a se tornar mais feliz.

(Gurovitz, Hélio. Revista ÉPOCA. Editora Globo, São Paulo. Número 412, 10 de abril de 2006, p. 6)

Assinale o período composto por oração subordinada substantiva objetiva direta:

a) “Mesmo quem passa por experiências de impacto decisivo, como ganhar na loteria ou perder uma perna, costuma voltar a seu estado natural de satisfação.”

b) “Por isso, tanta gente parece feliz à toa, enquanto tantos outros não perdem uma oportunidade de reclamar da existência.”

c) “O texto, conduzido com uma dose incomum de bom humor, inteligência e perspicácia, contradiz várias noções normalmente tidas como verdade pela maior parte das pessoas.”

d) “Ser feliz é provavelmente o maior desejo de todo ser humano.”

e) “Nada disso quer dizer que os cientistas tenham descoberto a fórmula mágica...”

88) (UECE-2007) A PEDREIRA

Daí à pedreira, restavam apenas uns cinqüenta passos e o chão era já todo coberto por uma farinha de pedra moída que sujava como a cal.

Aqui, ali, por toda a parte, encontravam-se trabalhadores, uns ao sol, outros debaixo de pequenas barracas feitas de lona ou de folha de palmeira. De um lado cunhavam pedra cantando; de outro a quebravam a picareta; de outro afeiçoavam lajedos a ponta de picão; mais adiante faziam paralelepípedos a escopro e macete. E todo aquele retintim de ferramentas, e o martelar da forja, e o corpo dos que lá em cima brocavam a rocha para lançar-lhe fogo, e a surda zoada ao longe, que vinha do cortiço, como de uma aldeia alarmada; tudo dava a idéia de uma atividade feroz, de uma luta de vingança e de ódio. Aqueles homens gotejantes de suor, bêbedos de calor, desvairados de insolação, a quebrarem, a espicaçarem, a torturarem a pedra, pareciam um punhado de demônios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante que os contemplava com desprezo, imperturbável a todos os golpes e a todos os tiros que lhe desfechavam no dorso, deixando sem um gemido que lhe abrissem as entranhas de granito. O membrudo cavouqueiro havia chegado à fralda do orgulhoso monstro de pedra; tinha-o cara a cara, mediu-o de alto a baixo, arrogante, num desafio surdo.

A pedreira mostrava nesse ponto de vista o seu lado mais imponente. Descomposta, com o escalavrado flanco exposto ao sol, erguia-se altaneira e desassombrada, afrontando o céu, muito íngreme, lisa, escaldante e cheia de cordas que, mesquinhamente, lhe escorriam pela ciclópica nudez com um efeito de teias de aranha. Em certos lugares, muito alto do chão, lhe haviam espetado alfinetes de ferro, amparando, sobre um precipício, miseráveis tábuas que, vistas cá de baixo, pareciam palitos, mas em cima das quais uns atrevidos pigmeus de forma humana equilibravamse, desfechando golpes de picareta contra o gigante.

(AZEVEDO, Aluísio de. O Cortiço. 25a ed. São Paulo. Ática, 1992, 48-49)

Na passagem “...pareciam um punhado de demônios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante que os contemplava com desprezo ...” (linhas 19 a 22), a oração sublinhada tem função de

a) predicativo.

b) aposto.

c) sujeito.

d) adjunto.

89) (Unifor-2003) A questão a seguir refere-se ao texto apresentado abaixo.

Uma das mudanças fundamentais ocorridas no Brasil destes últimos 20 a 30 anos é o envelhecimento de nossa população. No entanto, não houve mudanças significativas na qualidade de vida, na distribuição da riqueza e, principalmente, das terras, que no Brasil sempre foram o privilégio histórico da minoria. A população ficou mais velha e mais pobre também. A distância entre ricos e pobres só fez aumentar nestas décadas e, até hoje, esse processo não foi revertido. (Qual seria a verdadeira causa?) Aqui se cruzam a luta pela cidadania e a terceira idade, numa quase barbárie. No seu longo período de juventude, a sociedade brasileira, tanto a urbana quanto a rural, ignorou os velhos e desenvolveu uma série de preconceitos contra a velhice e a participação dos idosos na vida econômica e cultural do país. Era duro ser velho nos anos 60 e 70. E aí não precisava ser muito velho para ser velho, bastava passar dos 30 ou 40 anos! Nas relações

de emprego esse preconceito transformou-se em lei e estendeu-se a todas as formas de relação social e em família.
O velho foi sendo recolhido a sua "inferioridade" e a um mundo limitado, depressivo e solitário. A aposentadoria precoce agravou o problema, e a ausência de equipamentos e serviços destinados a atender a terceira idade tornou a situação ainda mais dramática.
(Herbert de Souza - **Revista Sras. e Srs.** Ano 1, julho/97, p. 41)

A expressão sublinhada no segmento *Destinados* ***a atender a terceira idade*** está corretamente substituída em:
a) pela atenção à terceira idade.
b) a atenderem-na a terceira idade.
c) no atendimento a terceira idade.
d) à atenção da terceira idade.
e) ao atendimento à terceira idade.

90) (FEI-1995) Assinalar a alternativa que indica a função sintática exercida pelas orações entre aspas, nos seguintes períodos:

I. Insistiu "em que permanecesse no clube".
II. Não há dúvida "de que disse a verdade".
III. É preciso "que aprendas a ser independente".
IV. A verdade é "que não saberia viver sem ela".

a) sujeito -objeto direto - complemento nominal - predicativo do sujeito.
b) predicativo do sujeito - complemento nominal - objeto direto - sujeito.
c) sujeito - predicativo do sujeito - objeto indireto - complemento nominal.
d) objeto indireto - complemento nominal - sujeito - predicativo do sujeito.
e) complemento nominal - sujeito - predicativo do sujeito - objeto indireto.

91) (FGV-2004) Assinale a alternativa em que a oração sublinhada funciona como sujeito do verbo da oração principal.

a) Não queria que José fizesse nenhum mal ao garoto.
b) Não interessa se o trem solta fumaça ou não.
c) As principais ações dependiam de que os componentes do grupo tomassem a iniciativa.
d) Era uma vez um sapo que não comia moscas.
e) Nossas esperanças eram que a viatura pudesse voltar a tempo de sair atrás do bandido.

92) (Mack-1997) I - Na oração
Eu considerava aquele homem meu amigo,
o predicado é verbo-nominal com predicativo do objeto.
II - No período
O jovem anseia que os mais velhos confiem nele, a oração subordinada é substantiva objetiva indireta, mas está faltando a preposição regida pelo verbo ansiar.
III - No período
A ser muito sincero, não sei como isto aconteceu, a oração subordinada é adverbial final reduzida de infinitivo.

Quanto às afirmações anteriores, assinale:
a) se apenas I está correta.
b) se apenas II está correta.
c) se apenas III está correta.
d) se todas estão corretas.
e) se todas estão incorretas.

93) (UERJ-2002) O Brasil ainda não é propriamente uma nação. Pode ser um Estado nacional, no sentido de um aparelho estatal organizado, abrangente e forte, que acomoda, controla ou dinamiza tanto estados e regiões como grupos raciais e classes sociais. Mas as desigualdades entre as unidades administrativas e os segmentos sociais, que compõem a sociedade, são de tal monta que seria difícil dizer que o todo é uma expressão razoável das partes - se admitimos que o todo pode ser uma expressão na qual as partes também se realizam e desenvolvem.
Os estados e as regiões, por um lado, e os grupos e as classes, por outro, vistos em conjunto e em suas relações mútuas reais, apresentam-se como um conglomerado heterogêneo, contraditório, disparatado. O que tem sido um dilema brasileiro fundamental, ao longo do Império e da República, continua a ser um dilema do presente: o Brasil se revela uma vasta desarticulação. O todo parece uma expressão diversa, estranha, alheia às partes. E estas permanecem fragmentadas, dissociadas, reiterando-se aqui ou lá, ontem ou hoje, como que extraviadas, em busca de seu lugar.
É verdade que o Brasil está simbolizado na língua, hino, bandeira, moeda, mercado, Constituição, história, santos, heróis, monumentos, ruínas. Há momentos em que o país parece uma nação compreendida como um todo em movimento e transformação. Mas são freqüentes as conjunturas em que se revelam as disparidades inerentes às diversidades dos estados e regiões, dos grupos raciais e classes sociais. Acontece que as forças da dispersão freqüentemente se impõem àquelas que atuam no sentido da integração. As mesmas forças que predominam no âmbito do Estado, conferindo-lhe a capacidade de controlar, acomodar e dinamizar, reiteram continuamente as desigualdades e os desencontros que promovem a desarticulação.
(IANNI, Octávio. *A idéia de Brasil moderno*. São Paulo: Brasiliense, 1992.)

Acontece que as forças da dispersão freqüentemente se impõem àquelas que atuam no sentido da integração.”

A análise isolada deste período, do último parágrafo, mostra o verbo “acontece” como oração principal, deixando todo o restante como uma oração subordinada com função de sujeito. A leitura de todo o texto, no entanto, nos permite perceber a expressão “acontece que” com uma função adicional. Essa função seria a de:

a) reafirmar um conceito
b) desenvolver uma afirmação
c) estabelecer um paralelismo
d) enfatizar uma contraposição

94) (UFAC-1997) O PRIMO
Primeira noite ele conheceu que Santina não era moça. Casado por amor, Bento se desesperou. Matar a noiva, suicidar-se, e deixar o outro sem castigo? Ela revelou que, havia dois anos, o primo Euzébio lhe fizera mal, por mais que se defendesse. De vergonha, prometeu a Nossa Senhora ficar solteira. O próprio Bento não a deixava mentir, testemunha de sua aflição antes do casamento. Santina pediu perdão, ele respondeu que era tarde - noiva de grinalda sem ter direito.
(Cemitério de elefantes. Apud CARNEIRO, Agostinho Dias)

"Primeira noite ele conheceu **que Santina não era moça**."
"Santina pediu perdão, ele respondeu **que era tarde**..."

As orações sublinhadas nas frases acima classificam-se, respectivamente, como:
a) subordinada substantiva subjetiva e subordinada substantiva objetiva direta.
b) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva subjetiva.
c) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada adjetiva restritiva.
d) subordinada adjetiva restritiva e subordinada substantiva objetiva direta.
e) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva objetiva direta.

95) (FGV-2005) Os tiranos e os autocratas sempre compreenderam que a capacidade de ler, o conhecimento, os livros e os jornais são potencialmente perigosos. Podem insuflar idéias independentes e até rebeldes nas cabeças de seus súditos. O governador real britânico da colônia de Virgínia escreveu em 1671:
Graças a Deus não há escolas, nem imprensa livre; e espero que não [as] tenhamos nestes [próximos] cem anos; pois o conhecimento introduziu no mundo a desobediência, a heresia e as seitas, e a imprensa divulgou-as e publicou os libelos contra os melhores governos. Que Deus nos guarde de ambos!
Mas os colonizadores norte-americanos, compreendendo em que consiste a liberdade, não pensavam assim. Em seus primeiros anos, os Estados Unidos se vangloriavam de ter um dos índices mais elevados - talvez o mais elevado - de cidadãos alfabetizados no mundo.
Atualmente, os Estados Unidos não são o líder mundial em alfabetização. Muitos dos que são alfabetizados não conseguem ler, nem compreender material muito simples - muito menos um livro da sexta série, um manual de instruções, um horário de ônibus, o documento de uma hipoteca ou um programa eleitoral.
As rodas dentadas da pobreza, ignorância, falta de esperança e baixa auto-estima se engrenam para criar um tipo de máquina do fracasso perpétuo que esmigalha os sonhos de geração a geração. Nós todos pagamos o preço de mantê-la funcionando. O analfabetismo é a sua cavilha. Ainda que endureçamos os nossos corações diante da vergonha e da desgraça experimentadas pelas vítimas, o ônus do analfabetismo é muito alto para todos os demais - o custo de despesas médicas e hospitalização, o custo de crimes e prisões, o custo de programas de educação especial, o custo da produtividade perdida e de inteligências potencialmente brilhantes que poderiam ajudar a solucionar os dilemas que nos perseguem.
Frederick Douglass ensinou que a alfabetização é o caminho da escravidão para a liberdade. Há muitos tipos de escravidão e muitos tipos de liberdade. Mas saber ler ainda é o caminho.
(Carl Sagan, O caminho para a liberdade. Em O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro. Adaptado)

Assinale a alternativa cuja oração em destaque tem a mesma classificação sintática que a oração destacada no período - Frederick Douglass ensinou *que a alfabetização é o caminho da escravidão para a liberdade*.
a) ... espero *que não [as] tenhamos nestes [próximos] cem anos*.
b) ... um tipo de máquina do fracasso perpétuo *que esmigalha os sonhos de geração a geração*.
c) ... os Estados Unidos se vangloriavam *de ter um dos índices mais elevados de cidadãos alfabetizados no mundo*.
d) Mas os colonizadores norte-americanos, *compreendendo em que consiste a liberdade*, não pensavam assim.
e) ... solucionar os dilemas *que nos perseguem*.

96) (Faap-1997) Quando Pedro I lança aos ecos o seu grito histórico e o país desperta esturvinhado à crise de uma mudança de dono, o caboclo ergue-se, espia e acocora-se, de novo.
Pelo 13 de maio, mal esvoaça o florido decreto da Princesa e o negro exausto larga num uf! o cabo da enxada, o caboclo olha, coça a cabeça, imagina e deixa que do velho mundo venha quem nele pegue de novo.
A 15 de novembro troca-se um trono vitalício pela cadeira quadrienal. O país bestifica-se ante o inopinado da mudança. O caboclo não dá pela coisa.

Vem Floriano: estouram as granadas de Custódio; Gumercindo bate às portas de Roma; Incitatus derranca o país. O caboclo continua de cócoras, a modorrar...
Nada o desperta. Nenhuma ferretoada o põe de pé. Social, como individualmente, em todos os atos da vida, Jeca antes de agir, acocora-se.
Monteiro Lobato

Na oração adiante, o sujeito do verbo VIR (venha) é:
" ...o caboclo deixa que do velho mundo venha quem nele pegue de novo."
a) ele (caboclo)
b) caboclo
c) que
d) velho mundo
e) quem nele pegue de novo.

97) (PUC - RJ-2007) TEXTO 1

A revolução do cérebro

O seu cérebro é capaz de quase qualquer coisa. Ele consegue parar o tempo, ficar vários dias numa boa sem dormir, ler pensamentos, mover objetos a distância e se reconstruir de acordo com a necessidade. Parecem superpoderes de histórias em quadrinhos, mas são apenas algumas das descobertas que os neurocientistas fizeram ao longo da última década. Algumas dessas façanhas sempre fizeram parte do seu cérebro e só agora conseguimos perceber. Outras são fruto da ciência: ao decifrar alguns mecanismos da nossa mente, os pesquisadores estão encontrando maneiras de realizar coisas que antes pareciam impossíveis. O resultado é uma revolução como nenhuma outra, capaz de mudar não só a maneira como entendemos o cérebro, mas também a imagem que fazemos do mundo, da realidade e de quem somos nós.
[...]
O seu corpo, ao que parece, é muito pequeno para conter uma máquina tão poderosa quanto o cérebro. Prova disso veio em julho, quando foram divulgadas as aventuras de Matthew Nagle, um americano que ficou paralítico em uma briga em 2001. Três anos depois, cientistas da Universidade Brown, EUA, e de quatro outras instituições implantaram eletrodos na parte do cérebro dele responsável pelos movimentos dos braços e registraram os disparos de mais de 100 neurônios. Enviados a um computador, esses sinais permitiram que ele controlasse um cursor em uma tela, abrisse e-mails, jogasse videogames e comandasse um braço robótico. Somente com o pensamento, Nagle conseguiu mover objetos. [...] Foi [...] uma prova de que o nosso cérebro é capaz de comandar objetos fora do corpo – uma idéia que pode mudar nossa relação com o mundo.
Extraído da Revista Superinteressante, Editora Abril, agosto de 2006, pp.50-59.

TEXTO 2

O século louco

Do século XX, no futuro, se dirá que foi louco. Um século que usou ao máximo o poder do cérebro para manipular as coisas do mundo e não usou o coração para fazer isso com sentimento solidário.
Um século no qual a palavra inteligência perdeu o seu sentido pleno, porque o raciocínio foi capaz de manipular a natureza nos limites da curiosidade científica, mas não foi usado para fazer um mundo melhor e mais belo para todos. A inteligência do século XX foi burra. Foi capaz de fabricar uma bomba atômica, liberar a energia escondida dentro dos átomos, mas incapaz de evitar que se usassem duas delas, matando centenas de milhares de pessoas.
O que se pode dizer da bomba atômica, como símbolo do século XX, vale para o conjunto das técnicas usadas nestes cem anos loucos: fomos capazes de tudo, menos de fazer o mundo mais decente – como teria sido possível.
Vivemos um tempo em que a inteligência humana conseguiu fazer robôs que substituem os trabalhadores, mas no lugar de libertar o homem da necessidade do trabalho, os robôs provocam a miséria do desemprego.
Inventamos a maravilha do automóvel e aumentamos o tempo perdido para ir de casa ao trabalho. Fizemos armas inteligentes, que acertam os alvos sem necessidade de arriscar a vida de pilotos, mas põem em risco a paz entre os povos.[...]
BUARQUE, Cristovam. Os instrangeiros. A aventura da opinião na fronteira dos séculos.
Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2002, pp. 113-115.

a) Retire, do Texto 1, uma expressão que tem um caráter excessivamente informal em relação ao restante do mesmo.
b) Fazendo todas as modificações necessárias, reescreva o período abaixo sem empregar a conjunção integrante "**que**". "Enviados a um computador, esses sinais permitiram que ele controlasse um cursor em uma tela, abrisse e-mails, jogasse videogame e comandasse um braço robótico."
c) Reescreva o período abaixo, utilizando a conjunção "embora" para marcar a relação estabelecida entre as duas orações. "Inventamos a maravilha do automóvel e aumentamos o tempo perdido para ir de casa ao trabalho."

98) (Faap-1996) Dario vinha apressado, o guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina, diminuiu o passo até parar, encostando-se à parede de uma casa. Foi escorregando por ela, de costas, sentou-se na calçada, ainda úmida da chuva, e descansou no chão o cachimbo.

Dois ou três passantes rodearam-no, indagando se não estava se sentindo bem. Dario abriu a boca, moveu os lábios, mas não se ouviu resposta. Um senhor gordo, de branco, sugeriu que ele devia sofrer de ataque.

Estendeu-se mais um pouco, deitado agora na calçada, o cachimbo a seu lado tinha apagado. Um rapaz de bigode pediu ao grupo que se afastasse, deixando-o respirar. E abriu-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe retiraram os sapatos, Dario roncou pela garganta e um fio de espuma saiu do canto da boca.

Cada pessoa que chegava se punha na ponta dos pés, embora não pudesse ver. Os moradores da rua conversavam de uma porta à outra, as crianças foram acordadas e vieram de pijama às janelas. O senhor gordo repetia que Dario sentara-se na calçada, soprando ainda a fumaça do cachimbo e encostando o guarda-chuva na parede. Mas não se via guarda-chuva ou cachimbo ao lado dele.

Uma velhinha de cabeça grisalha gritou que Dario estava morrendo. Um grupo transportou-o na direção do táxi estacionado na esquina. Já tinha introduzido no carro metade do corpo, quando o motorista protestou: se ele morresse na viagem? A turba concordou em chamar a ambulância. Dario foi conduzido de volta e encostado à parede - não tinha os sapatos e o alfinete de pérola na gravata.

(Dalton Trevisan)

Começando o período com a terceira oração, respeitando o sentido, escreveríamos assim:

a) cada pessoa que chegava não podia ver, porque se punha na ponta dos pés.

b) cada pessoa que chegava não podia ver, se se pusesse na ponta dos pés.

c) cada pessoa que chegava não podia ver, mas se punha na ponta dos pés.

d) cada pessoa que chegava não podia ver, a fim de se pôr na ponta dos pés.

e) cada pessoa que chegava não podia ver, quando se punha na ponta dos pés.

99) (Faap-1996) "Mas eu o exasperava tanto QUE se tornara doloroso para mim ser o objeto do ódio daquele homem QUE de certo modo eu amava."

Há no período duas orações que se iniciam com o conectivo QUE. A segunda tem valor de um:

a) substantivo

b) conseqüência

c) adjetivo

d) advérbio

e) verbo

100) (Mack-1996) "Não morrerá sem poetas nem soldados
A língua em que cantaste rudemente
As armas e os barões assinalados."

Assinale a alternativa correta.

a) O sujeito da oração principal está no primeiro verso.

b) O primeiro verso apresenta três adjuntos adnominais.

c) O segundo verso introduz uma oração subordinada substantiva subjetiva.

d) A estrofe apresenta um período composto por três orações.

e) O terceiro verso funciona como objeto direto de cantaste.

101) (Fuvest-1996) "Os meninos de rua que procuram trabalho são repelidos pela população."

a) Reescreva a frase, alterando-lhe o sentido apenas com o emprego de vírgulas.

b) Explique a alteração de sentido ocorrida.

102) (Unitau-1995) "Vivemos numa época de tamanha insegurança externa e interna, e de tamanha carência de objetivos firmes, que a simples confissão de nossas convicções pode ser importante, mesmo que essas convicções, como todo julgamento de valor, não possam ser provadas por deduções lógicas.

Surge imediatamente a pergunta: podemos considerar a busca da verdade - ou, para dizer mais modestamente, nossos esforços para compreender o universo cognoscível através do pensamento lógico construtivo - como um objeto autônomo de nosso trabalho? Ou nossa busca da verdade deve ser subordinada a algum outro objetivo, de caráter prático, por exemplo? Essa questão não pode ser resolvida em bases lógicas. A decisão, contudo, terá considerável influência sobre nosso pensamento e nosso julgamento moral, desde que se origine numa convicção profunda e inabalável Permitam-me fazer uma confissão: para mim, o esforço no sentido de obter maior percepção e compreensão é um dos objetivos independentes sem os quais nenhum ser pensante é capaz de adotar uma atitude consciente e positiva ante a vida.

Na própria essência de nosso esforço para compreender o fato de, por um lado, tentar englobar a grande e complexa variedade das experiências humanas, e de, por outro lado, procurar a simplicidade e a economia nas hipóteses básicas. A crença de que esses dois objetivos podem existir paralelamente é, devido ao estágio primitivo de nosso conhecimento científico, uma questão de fé. Sem essa fé eu não poderia ter uma convicção firme e inabalável acerca do valor independente do conhecimento.

Essa atitude de certo modo religiosa de um homem engajado no trabalho científico tem influência sobre toda sua personalidade. Além do conhecimento proveniente da experiência acumulada, e além das regras do pensamento lógico, não existe, em princípio, nenhuma autoridade cujas confissões e declarações possam ser consideradas "Verdade " pelo cientista. Isso leva a uma situação paradoxal: uma pessoa que devota todo seu esforço a objetivos materiais se tornará, do ponto de vista social, alguém extremamente individualista, que, a princípio, só tem fé em seu próprio julgamento, e em nada mais. É

possível afirmar que o individualismo intelectual e a sede de conhecimento científico apareceram simultaneamente na história e permaneceram inseparáveis desde então. "
(Einstein, in: O Pensamento Vivo de Einstein, p. 13 e 14, 5a. edição, Martin Claret Editores)

Na frase "... nenhuma autoridade 'cujas' confissões...", a palavra, entre aspas, no plano morfológico, sintático e semântico é:
a) pronome indefinido, complemento nominal, deles.
b) pronome relativo, adjunto adnominal, deles.
c) pronome relativo, complemento nominal, delas.
d) pronome indefinido, adjunto adnominal, delas.
e) pronome relativo, complemento nominal, deles.

103) (ITA-2005) (...) defendemos a adoção de normas e o investimento na formação de brinquedistas*, pessoas bem mais preparadas para a função do que estagiários que têm jeito e paciência para cuidar de crianças. (Veja-SP, 13/08/2003)
* brinquedistas - neologismo, que designa as pessoas que brincam com as crianças em creches, escolas e brinquedotecas.
A ambigüidade desse texto deve-se
a) às expressões de comparação “bem mais” / “do que”.
b) à ausência de flexão do pronome relativo “que” em “que tem jeito”.
c) à distinção das funções sintáticas de “brinquedistas” e de “estagiários”.
d) à ausência de vírgula após a palavra “estagiários”.
e) à ordem dos termos.

104) (FGV-2004) 1. Era no tempo que ainda os portugueses não
2. haviam sido por uma tempestade empurrados para
3. a terra de Santa Cruz. Esta pequena ilha abundava
4. de belas aves e em derredor pescava-se excelente
5. peixe. Uma jovem tamoia, cujo rosto moreno parecia
6. tostado pelo fogo em que ardia-lhe o coração,
7. uma jovem tamoia linda e sensível, tinha por habitação
8. esta rude gruta, onde ainda então não se via
9. a fonte que hoje vemos. Ora, ela, que até os quinze
10. anos era inocente como a flor, e por isso alegre
11. e folgazona como uma cabritinha nova, começou a
12. fazer-se tímida e depois triste, como o gemido da
13. rola; a causa disto estava no agradável parecer de
14. um mancebo da sua tribo, que diariamente vinha
15. caçar ou pescar à ilha, e vinte vezes já o havia feito
16. sem que de uma só desse fé dos olhares ardentes
17. que lhe dardejava a moça. O nome dele era Aoitin;
18. o nome dela era Ahy.
19. A pobre Ahy, que sempre o seguia, ora lhe apanhava
20. as aves que ele matava, ora lhe buscava as flechas
21. disparadas, e nunca um só sinal de reconhecimento
22. obtinha; quando no fim de seus trabalhos,
23. Aoitin ia adormecer na gruta, ela entrava de manso
24. e com um ramo de palmeira procurava, movendo o
25. ar, refrescar a fronte do guerreiro adormecido. Mas
26. tantos extremos eram tão mal pagos que Ahy, de
27. cansada, procurou fugir do insensível moço e fazer
28. por esquecê-lo; porém, como era de esperar, nem
29. fugiu-lhe e nem o esqueceu.
30. Desde então tomou outro partido: chorou. Ou
31. porque a sua dor era tão grande que lhe podia
32. exprimir o amor em lágrimas desde o coração até
33. os olhos, ou porque, selvagem mesmo, ela já tinha
34. compreendido que a grande arma da mulher está
35. no pranto, Ahy chorou.

MACEDO, Joaquim Manuel de. A Moreninha. São Paulo: Ática, 1997, p. 62-63.

Justifique o uso das vírgulas em: “A pobre Ahy, que sempre o seguia, ...” (L. 19)

105) (UFMG-1997) A cara do médico não é boa, mas a cara dos médicos, do outro lado da mesa, é sempre enigmática, faz parte da consulta, da profissão e dos honorários: o jeito é o paciente ficar paciente e aguardar os exames. Mas até os exames há os hieróglifos que ele procura decifrar. Há nomes com raízes gregas e desinências latinas, ele não entende nada, sabe apenas que um pedaço de sua carne será retirado e irá para os provetas, os reagentes, o diabo. Por falar no diabo, passa pela igreja e tem vontade de entrar, acender velas, pedir qualquer coisa. Mas pedir o quê, exatamente? Mesmo assim entra na igreja. Está escura, vazia, somente uma velha, lá na frente, deve estar pedindo também alguma coisa. Pelo jeito, ela deve saber o que está pedindo - o que não é o caso dele.
E vem de volta a cara do médico: "Se tudo correr bem, podemos salvar a vista. Sejamos otimistas, o senhor ficará bom!" Ali na igreja a frase é uma espécie de oração às avessas. O que significa "ficar bom"? Significa ser como antes, e ele nunca fora bom. Olhar as coisas, o mar, as crianças, a noite, a velha lá na frente.
Sim, o senhor ficará bom, mas pode haver raízes gregas e declinações latinas e tudo ficará complicado. Não importa, agora. Está numa igreja onde se adora um Deus em que ele

não acredita. Mas precisa acreditar, ao menos no laboratório. Novamente na rua, confere o endereço, entra em números errados, toma elevadores equivocados, desce em andares estranhos. Até que vê a porta de vidro com o nome gravado em azul: "análises clínicas". É ali. A enfermeira começa a preparar as pinças, as placas de vidro. Em breve, uma gota de seu sangue será uma pitanga muito vermelha pousada numa delas. A solução - não a salvação de todos os enigmas. Brevemente, o mundo acabará para seus olhos. E as mulheres, as crianças, o mar, os livros que gostaria de ler - tudo será a mancha tão escura e estranha como a velha que rezava na igreja.
Pela janela, vê o ônibus fazendo a curva na praça. Tem um pensamento idiota: será essa a última imagem que ficará em seus olhos? De que adiantou ter visto a fachada de Santa Maria dei Fiori, as mulheres que amou? De que adiantou...? O pagamento é adiantado. Seu nome no cheque o surpreende: não é mais ele.
Carlos Heitor Cony Folha de São Paulo, p. 1-2, 28.01.1994

Em todas as alternativas, a palavra destacada está corretamente interpretada, EXCETO em:
a) E as mulheres, as crianças, o mar, os livros **que** gostaria de ler - tudo será a mancha tão escura e estranha como a velha que rezava na igreja. (que = os livros)
b) Está numa igreja onde se adora um Deus em **que** ele não acredita. (que = Deus)
c) Mas até os exames há os hieróglifos **que** ele procura decifrar. (que = os hieróglifos)
d) Pelo jeito, ela deve saber o **que** está pedindo - o que não é o caso dele. (que = ela)

106) (Vunesp-2004) A questão a seguir toma por base uma passagem de uma carta do poeta parnasiano Raimundo Correia (1859-1911) e fragmentos de um ensaio do poeta modernista Jorge de Lima (1893-1953).

A Rodolfo Leite Ribeiro
(...) Noto nas poesias tuas, que o Vassourense *tem publicado, muita naturalidade e cor local, além da nitidez do estilo e correção da forma. Sentes e conheces o que cantas, são aprazivelmente brasileiros os assuntos, que escolhes. Um pedaço de nossa bela natureza esplêndida palpita sempre em cada estrofe tua, com todo o vigor das tintas que aproveitas. No "Samba" que me dedicas, por exemplo, nenhuma particularidade falta dessa nossa dança* macabra, *movimento, graça e verdade ressaltam de cada um dos quatorze versos, que constituem o soneto. / Como eu invejo isso, eu devastado completamente pelos prejuízos dessa escola a que chamam* parnasiana, *cujos produtos aleijados e raquíticos apresentam todos os sintomas da decadência e parecem condenados, de nascença, à morte e ao olvido! Dessa literatura que importamos de Paris, diretamente, ou com escala por Lisboa, literatura tão falsa, postiça e alheia da nossa índole, o que breve resultará, pressinto-o, é uma triste e lamentável esterilidade. Eu sou talvez uma das vítimas desse mal, que vai grassando entre nós. Não me atrevo, pois, a censurar ninguém; lastimo profundamente a todos! / É preciso erguer-se mais o sentimento de nacionalidade artística e literária, desdenhando-se menos o que é pátrio, nativo e nosso; e os poetas e escritores devem cooperar nessa grande obra de restauração. Não achas? Canta um poeta, entre nós, um Partenon*
de Atenas, que nunca viu; outro os costumes de um Japão a que nunca foi... Nenhum, porém, se lembrara de cantar a Praia do Flamengo, *como o fizeste, e qualquer julgaria indigno de um soneto o* Samba, *que ecoa melancolicamente na solidão das nossas fazendas, à noite. / Entretanto, este e outros assuntos vivem na tradição de nossos costumes, e é por desprezá-los assim que não temos um poeta verdadeiramente nacional. / Qualquer assunto, por mais chilro e corriqueiro que pareça ser, pode deixar de sê-lo, quando um raio do gênio o doure e inflame. / Tu me soubeste dar uma prova desse asserto. Teus formosos versos é que hão de ficar, porque eles estão alumiados pela imensa luz da verdade. Essa rota que me apontas é que eu deveria ter seguido, e que, infelizmente, deixei de seguir. O sol do futuro vai romper justamente da banda para onde caminhas, e não da banda por onde nós outros temos errado até hoje. / Continua, meu Rodolfo. Mais alguns sonetos no mesmo gênero; e terás um livro que, por si só, valerá mais que toda a biblioteca de* parnasianos. *Onde, nestes, a pitoresca simplicidade, a saudável frescura, a verdadeira poesia de teus versos?!*
(Raimundo Correia. Correspondência. In: Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1961.)
Todos Cantam sua Terra...
(1929)
[...] Acha Tristão de Ataíde que a literatura brasileira moderna, apesar de tudo, enxergou qualquer cousa às claras. Pois que deu fé que estava em erro. Que se esquecera do Brasil, que se expressava numa língua que não era a fala do povo, que enveredara por terras de Europa e lá se perdera, com o mundo do Velho Mundo. Trabalho deu a esse movimento literário atual, a que chamam de moderno, trazer a literatura brasileira ao ritmo da nacionalidade, isto é, integrá-la com as nossas realidades reais. Mais ou menos isso falou o grande crítico. Assim como falou do novo erro em que caiu esta literatura atual criando um convencionalismo modernista, uma brasilidade forçada, quase tão errada, quanto a sua imbrasilidade. Em tudo isso está certo Tristão. Houve de fato ausência de Brasil nos antigos, hoje parece que há Brasil de propósito nos modernos. Porque nós não poderíamos com sinceridade achar Brasil no índio que Alencar isolou do negro, cedendo-lhe as qualidades lusas, batalhando por um abolicionismo literário do índio que nos dá a impressão de que o escravo daqueles tempos não era o preto, era o autóctone. O mesmo se deu com Gonçalves Dias em que o índio entrou com o vestuário de penas pequeno e escasso demais para disfarçar o que havia de Herculano no escritor.
[...]

Da mesma forma que os nossos primeiros literatos cantaram a terra, os nossos poetas e escritores de hoje querem expressar *o Brasil numa campanha literária de "custe o que custar". Surgiram no começo verdadeiros manifestos, verdadeiras paródias ao Casimiro e ao Gonçalves Dias: "Todos dizem a sua terra, também vou dizer a minha". E do Norte, do Sul, do sertão, do brejo, de todo o país brotaram grupos, programas, proclamações modernistas brasileiras, umas ridículas à beça. Ninguém melhor compreendeu, adivinhou mesmo, previu o que se ia dar, botando o preto no branco, num estudo apenso ao meu primeiro livro de poesia em 1927, do que o meu amigo José Lins do Rego. (...)*
Dois anos depois é o mesmo protesto de Tristão de Ataíde: "esse modernismo intencional não vale nada!" Entretanto nós precisamos achar a nossa expressão que é o mesmo que nos acharmos. E parece que o primeiro passo para o achamento é procurar trazer o homem brasileiro à sua realidade étnica, política e religiosa.[...]
No seio deste Modernismo já se opera uma reação anti-ANTISINTAXE, anti-ANTIGRAMATICAL em oposição ao desleixo que surgiu em alguns escritos, no começo. Nós não temos um passado literário comprido (como têm os italianos, para citar só um povo), que nos endosse qualquer mudança no presente, pela volta a ele, renascimento dele, pela volta de sua expressão estilística ou substancial. A nossa tradição estilística, de galho deu, na terra boa em que se plantando dá tudo, apenas garranchos.
(Jorge de Lima. Ensaios. In: Poesias completas - v. 4. Rio de Janeiro: José Aguilar/MEC, 1974.)

As orações subordinadas adjetivas se identificam por se referirem, como os adjetivos, a um substantivo antecedente, integrando-se, deste modo, ao sintagma nominal de que tal substantivo constitui o núcleo. De posse desta informação,
a) indique as duas orações adjetivas que aparecem no período seguinte do texto de Raimundo Correia e identifique o sintagma nominal a que se integram: "Canta um poeta, entre nós, um Partenon de Atenas, que nunca viu; outro os costumes de um Japão a que nunca foi".
b) aponte dois termos de orações desse período que estejam ocultos, isto é, não expressos na superfície da oração, embora implícitos em sua estrutura.

107) (UNIUBE-2002) A questão abaixo refere-se ao texto retirado de "Dom Casmurro", de Machado de Assis, transcrito abaixo.

Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei num trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos. A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem inteiramente maus. Sucedeu, porém, que, como eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso.
- Continue, disse eu acordando.
- Já acabei, murmurou ele.
- São muito bonitos.
Vi-lhe fazer um gesto para tirá-los outra vez do bolso, mas não passou do gesto; estava amuado.
No dia seguinte entrou a dizer de mim nomes feios, e acabou alcunhando-me "Dom Casmurro". Os vizinhos, que não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha, que afinal pegou. Nem por isso me zanguei. Contei a anedota aos amigos da cidade, e eles, por graça, chamam-me assim, alguns em bilhetes: "Dom Casmurro, domingo vou jantar com você." " ___ Vou para Petrópolis, Dom Casmurro; a casa é a mesma da Renânia; vê se deixas essa caverna do Engenho Novo, e vai lá passar uns quinze dias comigo." "___ Meu caro Dom Casmurro, não cuide que o dispenso do teatro amanhã; venha e dormirá aqui na cidade; dou-lhe camarote, dou-lhe chá, dou-lhe cama; só não lhe dou moça."
Não consultes dicionários. "Casmurro" não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. "Dom" veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo. Tudo por estar cochilando! Também não achei melhor título para a minha narração ___ se não tiver outro daqui até ao fim do livro, vai este mesmo. O meu poeta do trem ficará sabendo que não lhe guardo ranço. E com pequeno esforço, sendo o título seu, poderá cuidar que a obra é sua. Há livros que apenas terão isso dos seus autores; alguns nem tanto.

Observe os seguintes trechos:
I) "... encontrei no trem da Central um rapaz aqui do bairro, **que** eu conheço de vista e de chapéu."
II) "Sucedeu, porém, **que**, como eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes..."
III) "Os vizinhos, **que** não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha..."
IV) "...não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha, **que** afinal pegou."
V) "Meu caro Dom Casmurro, não cuide **que** o dispenso do teatro amanhã; venha e dormirá aqui na cidade..."

Assinale a alternativa correta que completa a sentença abaixo.

O elemento, em destaque, introduz orações com o mesmo valor sintático em
a) III, IV e V
b) II, IV e V
c) I, III e IV
d) I, II e V

108) (UDESC-1998) Assinale a alternativa INCORRETA:

Em "Hoje, crianças invejam outras que já viajaram para a Disney":

a) há duas orações, sendo a segunda uma subordinada adjetiva restritiva;
b) <que> é um pronome relativo;
c) <invejam> é verbo intransitivo;
d) <para a Disney> é um adjunto adverbial de lugar;
e) <hoje> e <já>, <outras>, <para>, <a> correspondem, respectivamente, a advérbios de tempo, pronome indefinido, preposição e artigo definido.

109) (UFC-2002) Assinale a alternativa que apresenta corretamente os antecedentes dos relativos grifados no fragmento abaixo.

"Horrorizado da aranha, desviei dela a minha luneta mágica e em movimento de repulsão levei-a até uma das extremidades do telhado, onde encontrei metade do corpo de um rato **que**^{1} me olhava esperto, e com ar **que**^{2} me pareceu de zombaria.

Senti vivo desejo de estudar o rato e fixei-o com a minha luneta; mas o tratante somente me deixou exposto durante minuto e meio, e fugiu-me, deixando-me ouvir certo ruído **que**^{3} me pareceu verdadeira risada de rato."

	que^1	**que**^{2}	**que**^{3}
a)	um rato	ar	o rato
b)	um rato	ar	certo ruído
c)	um rato	ar	vivo desejo
d)	uma aranha	esperto	vivo desejo
e)	uma aranha	esperto	o rato

110) (IBMEC-2007)

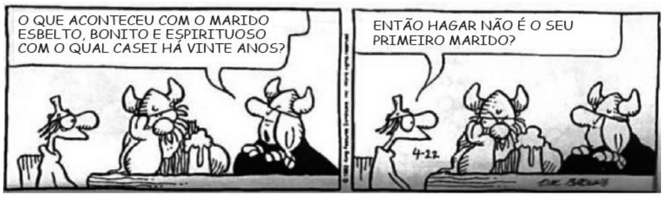
O QUE ACONTECEU COM O MARIDO ESBELTO, BONITO E ESPIRITUOSO COM O QUAL CASEI HÁ VINTE ANOS?
ENTÃO HAGAR NÃO É O SEU PRIMEIRO MARIDO?
4-22

(Dik Browne, O melhor de Hagar, o Horrível, L&PM

Considere as afirmações:

I. No primeiro quadrinho, a seqüência dos adjetivos (esbelto, bonito, espirituoso) resulta na intensificação progressiva de seus significados, dando origem à figura de estilo chamada de hipérbole.

II. Se em vez de empregar o verbo "haver" (para indicar tempo decorrido), Helga utilizasse o verbo "fazer", segundo a norma culta, o período deveria ser assim reescrito: o que aconteceu com o marido esbelto, bonito e espirituoso com o qual casei fazem vinte anos?

III. A oração "com o qual casei" é subordinada adjetiva restritiva.

Está(ão) correta(s):
a) Apenas I.
b) Apenas II.
c) Apenas III.
d) I e II.
e) I e III.

111) (UFF-2001) E eis que a utopia volta à cena.

Mas não temos por que surpreender-nos com isso. Os que decretaram o fim das utopias ignoraram os autores que viram na consciência utópica uma dimensão permanente da condição humana e os que compreenderam a utopia no sentido sociológico, como expressão de grupos e estratos marginalizados, sempre presentes em qualquer sociedade.

Entre os pensadores do primeiro grupo está Freud, que descobriu a força e a materialidade do desejo, sua capacidade ilimitada de construir mundos imaginários para anular privações reais. Entreeles, também, figura Ernst Bloch, que, sintetizando Freud e Marx, disse que a utopia é um 'sonhar para a frente', a concretização do 'princípio esperança', graças ao qual a humanidade marcha no longo caminho que leva à redenção. A lista inclui, finalmente, Jürgen Habermas e Karl-Otto Apel, para os quais cada ato lingüístico remete necessariamente à utopia da comunicação perfeita, ordem das coisas na qual os homens se relacionam entre si de modo igualitário e não-violento, ou seja, à utopia da comunidade argumentativa ideal.

O segundo grupo inclui autores como Karl Mannheim, que viu na utopia uma reflexão voltada para a superação da sociedade existente, em contraste com a ideologia, que tenta legitimar essa sociedade. A utopia, nesse sentido, é a antevisão de uma sociedade mais justa, formulada por minorias e classes sociais descontentes com o *status quo*.

ROUANET, Sérgio Paulo. *A morte e o renascimento das utopias*. In: Folha de S. Paulo, Caderno MAIS!, São Paulo, 25/06/2000, p. 15

UTOPIA [Do lat. mod. utopia < gr. o oï, 'não', + gr. tópos, 'lugar', + gr. -ía, (v. -ia1).] S. f. 1. País imaginário, criação de Thomas Morus (1480-1535), escritor inglês, onde um governo, organizado da melhor maneira, proporciona ótimas condições de vida a um povo equilibrado e feliz. 2. P. ext. Descrição ou representação de qualquer lugar ou situação ideais onde vigorem normas e/ou instituições políticas altamente aperfeiçoadas. 3. P. ext. Projeto irrealizável; quimera; fantasia. (Aurélio eletrônico, versão 3.0)

O segundo grupo inclui autores como Karl Mannheim, que viu na utopia uma reflexão voltada para a superação da sociedade existente, em contraste com a ideologia, que tenta legitimar essa sociedade. (linhas 14-16).

Transcreva do período acima apenas um exemplo de termo com a mesma função sintática do termo sublinhado.

112) (IBMEC-2007) Fim da polêmica

Pesquisadores americanos criam cultura de células-tronco sem destruir o embrião A pesquisa com células-tronco embrionárias é uma dessas áreas da ciência em que os métodos têm de se adaptar aos dogmas. Os cientistas defendem que as células-tronco, capazes de formar diferentes tecidos do corpo, podem levar, no futuro, à cura de doenças como o mal de Alzheimer e o diabetes tipo 1. Os críticos argumentam que o método usado nesses estudos, que passa pela destruição de embriões humanos, é um atentado contra a vida. Na semana passada, a Advanced Cell Technology, uma empresa de biotecnologia dos Estados Unidos com sede na Califórnia, anunciou ter descoberto uma maneira de desenvolver células-tronco embrionárias sem destruir o embrião que lhes deu origem. Se for confirmada sua eficiência, o novo método vai tirar do caminho o principal argumento do lobby conservador que tenta atravancar o progresso científico nos Estados Unidos, na Europa e até no Brasil. A técnica consiste em fazer uma biópsia, retirando uma única célula de um embrião de dois dias. Nesse estágio, ele normalmente não passa de um aglomerado de oito células. Pelo método antigo, o material que dá origem à linhagem de células-tronco é retirado do interior de embriões mais desenvolvidos, com cinco dias. Nessa fase, o embrião não resiste à retirada de células de seu centro.

A experiência já havia sido feita com ratos no ano passado, mas é a primeira vez que dá certo com células humanas. “A questão é que, até hoje, ninguém havia conseguido criar culturas de células-tronco a partir de uma única célula retirada de um embrião humano em início de desenvolvimento — e esse é o grande mérito da nova técnica”, diz Mayana Zatz, coordenadora do Centro de Estudos do Genoma Humano da Universidade de São Paulo.

Na pesquisa divulgada na semana passada, apenas duas entre 91 células retiradas de embriões de dois dias geraram linhagens de células-tronco. Trata-se de um índice de aproveitamento baixo, mas os cientistas dizem ser possível melhorar. A biópsia em embriões de 2 dias não é uma novidade em si. A técnica vem sendo utilizada há dez anos por casais que fazem fertilização in vitro e querem saber se seu filho terá doenças como hemofilia. As análises genéticas são feitas na célula isolada enquanto o embrião continua a se desenvolver normalmente. Confrontados com esses fatos, os representantes do lobby cristão — responsáveis por convencer o presidente George W. Bush a vetar, em julho, um projeto de lei que facilitava a pesquisa com células-tronco — saíram-se com um novo argumento: o de que qualquer manipulação de embriões humanos é um desrespeito à vida. Pelo jeito, de nada adianta uma lanterna para quem não quer abrir os olhos.

(*Veja*, edição 1971. 30 agosto de 2006)

Assinale a alternativa que transforma o período coordenado “Trata-se de um índice de aproveitamento baixo, mas os cientistas dizem ser possível melhorar“ em um período subordinado, preservando-se a mesma idéia e mantendo-se a coerência e a correção gramatical.

a) Como se trata de um índice de aproveitamento baixo, os cientistas dizem ser possível melhorar.
b) Trata-se de um índice de aproveitamento baixo, à medida que os cientistas dizem ser possível melhorar.
c) Ainda que se trate de um índice de aproveitamento baixo, os cientistas dizem ser possível melhorar.
d) Embora os cientistas digam ser possível melhorar, se trata de um índice de aproveitamento baixo.
e) Caso se trate de um índice de aproveitamento baixo, os cientistas dizem ser possível melhorar.

113) (UEL-1996) Foi impossível A VENDA DO TERRENO (a), mas eles deixaram OS DOCUMENTOS (b) lá porque precisavam de UMA CÓPIA AUTENTICADA (c), que seria feita por UM FUNCIONÁRIO (d), assim que eles fechassem O EXPEDIENTE (e).

É sujeito de uma oração o segmento assinalado com a letra:

a) (a).
b) (b).
c) (c).
d) (d).
e) (e).

114) (Faap-1996) Hão de chorar por ela os cinamomos,
Murchando as flores ao tombar do dia.
Dos laranjais hão de cair os pomos,
Lembrando-se daquela que os colhia.

As estrelas dirão: - "Ai! nada somos,
Pois ela se morreu, silente e fria..."
E pondo os olhos nela como pomos,
Hão de chorar a irmã que lhes sorria.

A lua, que lhe foi mãe carinhosa,
Que a viu nascer e amar, há de envolvê-la
Entre lírios e pétalas de rosa.

Os meus sonhos de amor serão defuntos...
E os arcanjos dirão no azul ao vê-la,
Pensando em mim: - "Por que não vieram juntos?"
(Alphonsus de Guimaraens)

"Lembrando-se daquela que os colhia". Sujeito do verbo COLHER:

a) ela
b) Constança
c) que (no lugar de aquela)
d) indeterminado
e) inexistente

115) (PUC-SP-1998) Leia abaixo alguns trechos do capítulo 36, da obra São Bernardo, de Graciliano Ramos, e responda às questões.

"Foi aí que me surgiu a idéia esquisita de, com o auxílio de pessoas mais entendidas que eu, compor esta história. A idéia gorou, o que já declarei. Há cerca de quatro meses, porém, enquanto escrevia a certo sujeito de Minas, recusando um negócio confuso de porcos e gado zebu, ouvi um grito de coruja e sobressaltei-me.
(...)
De repente voltou-me a idéia de construir o livro. Assinei a carta ao homem dos porcos e, depois de vacilar um instante, porque nem sabia começar a tarefa, redigi um capítulo.
Desde então procuro descascar fatos, aqui sentado à mesa da sala de jantar, fumando cachimbo e bebendo café, à hora em que os grilos cantam e a folhagem das laranjeiras se tinge de preto.
(...)
Anteontem e ontem, por exemplo, foram dias perdidos. Tentei debalde canalizar para termo razoável esta prosa que se derrama como a chuva da serra, e o que me apareceu foi um grande desgosto. Desgosto e a vaga compreensão de muitas coisas que sinto."

Leia com atenção as afirmações abaixo.

I. Em "Há cerca de quatro meses...", se empregássemos o verbo haver por fazer, teríamos: Fazem cerca de quatro meses.
II. Em "fumando cachimbo e bebendo café", há paralelismo sintático e ambas as orações são subordinadas adverbiais temporais, reduzidas de gerúndio.
III. A oração "que me apareceu" é subordinada adjetiva, iniciada pelo conectivo que, pronome relativo, cuja função sintática é sujeito.

Podemos considerar corretas as informações:
a) I e II apenas;
b) II e III apenas;
c) I e III apenas;
d) Todas;
e) Nenhuma.

116) (ITA-2001) Leia o texto seguinte:

Levantamento inédito com dados da Receita revela quantos são, quanto ganham e no que trabalham *os ricos brasileiros que pagam impostos*. (...)
Entre os nove que ganham mais de 10 milhões por ano, há cinco empresários, dois empregados do setor privado, um que vive de rendas. O outro, *quem diria*, é servidor público.
(Veja, 12/7/2000.)

a) A ausência de vírgula no trecho em destaque, no primeiro parágrafo, afeta o sentido? Justifique.
b) Por que o emprego da vírgula é obrigatório no trecho em destaque, no segundo parágrafo? O que esse trecho permite inferir?

117) (Unifor-2003) O cronista trabalha com um instrumento de grande divulgação, influência e prestígio, que é a palavra impressa. Um jornal, por menos que seja, é um veículo de idéias que são lidas, meditadas e observadas por uma determinada corrente de pensamento formada à sua volta.
Um jornal é um pouco como um organismo humano. Se o editorial é o cérebro; os tópicos e notícias, as artérias e veias; as reportagens, os pulmões; o artigo de fundo, o fígado; e as seções, o aparelho digestivo - a crônica é o seu coração. A crônica é matéria tácita de leitura, que desafoga o leitor da tensão do jornal e lhe estimula um pouco a função do sonho e uma certa disponibilidade dentro de um cotidiano quase sempre “muito tido, muito visto, muito conhecido”, como diria o poeta Rimbaud.
Daí a seriedade do ofício do cronista e a freqüência com que ele, sob a pressão de sua tirania diária, aplica-lhe balões de oxigênio. Os melhores cronistas do mundo, que foram os do século XVIII, na Inglaterra - os chamados **essayists** - praticaram o **essay**, isto de onde viria a sair a crônica moderna, com um zelo artesanal tão proficiente quanto o de um bom carpinteiro ou relojoeiro. Libertados da noção exclusivamente moral do primitivo **essay**, os oitocentistas ingleses deram à crônica suas primeiras lições de liberdade, casualidade e lirismo, sem perda do valor formal e da objetividade. Addison, Steele, Goldsmith e sobretudo Hazlitt e Lamb - estes os dois maiores, - fizeram da crônica, como um bom mestre carpinteiro o faria com uma cadeira, um objeto leve mas sólido, sentável por pessoas gordas ou magras. (...)
Num mundo doente a lutar pela saúde, o cronista não se pode comprazer em ser também ele um doente; em cair na vaguidão dos neurastenizados pelo sofrimento físico; na falta de segurança e objetividade dos enfraquecidos por excessos de cama e carência de exercícios. Sua obrigação é ser leve, nunca vago; íntimo, nunca intimista; claro e preciso, nunca pessimista. Sua crônica é um copo d’água em que todos bebem, e a água há de ser fresca, limpa, luminosa, para satisfação real dos que nela matam a sede.
(Vinicius de Moraes. **Poesia Completa e Prosa.** Aguilar, 1974, p. 591-2)

... meditadas e observadas por uma determinada corrente de pensamento ***formada à sua volta***.
(1º parágrafo)
A oração grifada acima tem sua forma desenvolvida equivalente a

a) que se forma à sua volta.
b) visto que se forma à sua volta.
c) embora se forme à sua volta.
d) enquanto se forma à sua volta.
e) à medida que se forma à sua volta.

118) (UECE-2002) O ÓDIO À DIFERENÇA
É milenar o hábito de estranhamento entre os homens. Indivíduos que por algum motivo destoam num grupo qualquer costumam provocar sentimentos de antipatia entre aqueles que se sentem iguais entre si - e superiores ao que lhes parece diferente. O racismo, baseado em preconceito, nasce daí. Povos mais escuros, mais pobres, menos cultos ou simplesmente de outra etnia sempre foram vítimas de desprezo irracional por parte de coletividades que se consideram superiores na comparação.
(*VEJA*. 26/9/2001)

Na sentença, *O racismo, baseado em preconceito, nasce daí*, o fato de a expressão *baseado em preconceito* vir entre vírgulas indica que
a) todo racismo se apóia em preconceito
b) há um racismo apoiado em preconceito e outro não apoiado em preconceito
c) há diferença entre o racismo apoiado e o não apoiado em preconceito
d) há mais racismo apoiado em preconceito do que racismo não apoiado em preconceito

119) (ITA-2002) O Programa Mulheres está mudando. Novo cenário, novos apresentadores, muito charme, mais informação, moda, comportamento e prestação de serviços. Assista amanhã, a revista eletrônica feminina que é a referência do gênero na TV.

a) Por que não está adequada a vírgula empregada após a palavra “amanhã”?
b) A inclusão de uma vírgula após o termo “feminina” alteraria o entendimento da frase. Nesse caso, o que seria modificado em relação ao significado de “revista eletrônica feminina”?

120) (PUC-SP-2003) Os cinco sentidos
Os sentidos são dispositivos para a interação com o mundo externo que têm por função receber informação necessária à sobrevivência. É necessário ver o que há em volta para poder evitar perigos. O tato ajuda a obter conhecimentos sobre como são os objetos. O olfato e o paladar ajudam a catalogar elementos que podem servir ou não como alimento. O movimento dos objetos gera ondas na atmosfera que são sentidas como sons.
As informações, baseadas em diferentes fenômenos físicos e químicos, apresentam-se na natureza de formas muito diversas. Os sentidos são sensores cujo desígnio é perceber, de modo preciso, cada tipo distinto de informação. A luz é parte da radiação magnética de que estamos rodeados. Essa radiação é percebida através dos olhos. O tato e o ouvido baseiam-se em fenômenos que dependem de deformações mecânicas. O ouvido registra ondas sonoras que se formam por variações na densidade do ar, variações que podem ser captadas pelas deformações que produzem em certas membranas. Ouvido e tato são sentidos mecânicos. Outro tipo de informação nos chega por meio de moléculas químicas distintas que se desprendem das substâncias. Elas são captadas por meio dos sentidos químicos, o paladar e o olfato. Esses se constituem nos tradicionais cinco sentidos que foram estabelecidos já por Aristóteles.
SANTAELLA, Lucia. Matrizes da Linguagem e Pensamento. São Paulo: Iluminuras, 2001.

O 2º parágrafo do texto, tendo em vista sua organização sintática, constitui-se basicamente de orações complexas, isto é, principais, seguidas por orações
a) substantivas e adverbiais.
b) adjetivas e adverbiais.
c) adverbiais.
d) adjetivas.
e) substantivas.

121) (UFPR-2002) Os promotores públicos que não se intimidam com as ameaças do poder procuram apurar provas contra os donos das empreiteiras, que têm obtido vantagens nas negociações com os órgãos públicos. Por esses motivos, a sociedade manifesta em relação a eles sentimentos de apoio e repúdio, respectivamente.

A partir das afirmações acima pode-se deduzir:
( ) A sociedade manifesta sentimentos de apoio e repúdio em relação aos promotores públicos.
( ) Todos os promotores públicos procuram apurar provas contra os donos das empreiteiras.
( ) Todos os donos das empreiteiras têm obtido vantagens nas negociações com os órgãos públicos.
( ) Alguns promotores públicos não se intimidam com as ameaças do poder.
( ) Em relação às negociatas com os donos das empreiteiras, a sociedade manifesta repúdio.
( ) Alguns donos de empreiteiras têm obtido vantagens nas negociações com os órgãos públicos e apenas esses têm sido objeto de investigação por parte dos promotores públicos.

122) (Faap-1996) SONETO DE SEPARAÇÃO

De repente do riso fez-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma

E das bocas unidas fez-se a espuma
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.

De repente da calma fez-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama
E da paixão fez-se o pressentimento
E do momento imóvel fez-se o drama.

De repente, não mais que de repente
Fez-se de triste o que se fez amante
E de sozinho o que se fez contente

Fez-se do amigo próximo o distante
Fez-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente.
(Vinícius de Morais)

"De repente da calma fez-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama"
Sujeito do verbo desfazer (desfez):
a) calma
b) vento
c) que (no lugar de vento)
d) olhos
e) chama

123) (Faap-1996) SONETO DE SEPARAÇÃO

De repente do riso fez-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma
E das bocas unidas fez-se a espuma
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.

De repente da calma fez-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama
E da paixão fez-se o pressentimento
E do momento imóvel fez-se o drama.

De repente, não mais que de repente
Fez-se de triste o que se fez amante
E de sozinho o que se fez contente

Fez-se do amigo próximo o distante
Fez-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente.
(Vinícius de Morais)

"Que dos olhos desfez a última chama"
Oração subordinada:
a) substantiva subjetiva.
b) substantiva objetiva direta.
c) substantiva objetiva indireta.
d) substantiva completiva nominal.
e) adjetiva.

124) (ITA-2002) Tem gente que junta os trapos, outros juntam os pedaços.

O **que**, empregado como conectivo, introduz uma oração:
a) substantiva.
b) adverbial causal.
c) adverbial consecutiva.
d) adjetiva explicativa.
e) adjetiva restritiva.

125) (Faap-1997) Texto I

"Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Gonçalves Dias

Texto II

Minha terra tem macieiras da Califórnia
onde cantam gaturamos de Veneza.
Os poetas da minha terra
são pretos que vivem em torres de ametista,
os sargentos do exército são monistas, cubistas,
os filósofos são polacos vendendo a prestações.
A gente não pode dormir
com os oradores e os pernilongos.
Os sururus em família têm por testemunha a Gioconda.
Eu morro sufocado
em terra estrangeira.
Nossas flores são mais bonitas
nossas frutas mais gostosas
mas custam cem mil réis a dúzia.
Ai quem me dera chupar uma carambola de verdade
e ouvir um sabiá com certidão de idade!

Murilo Mendes

"As aves QUE aqui gorjeiam...".
O pronome em maiúsculo é relativo; vem no lugar de aves e exerce a função sintática de:
a) sujeito
b) objeto direto
c) objeto indireto
d) complemento nominal
e) agente da passiva.

126) (UECE-2002) Texto: IRACEMA
Além, muito além daquela serra que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.
O favo da jati não era doce como o seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.
Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.
(José de Alencar)

O objetivo principal do texto é caracterizar Iracema. Essa intenção se materializa pelo(a)
I. uso de formas verbais de aspecto durativo
II. predominância de verbos no pretérito perfeito do indicativo
III. emprego de adjetivos e orações relativas

É correto o que se afirma
a) em I e II
b) em I e III
c) em I, II e III
d) apenas em III

127) (Fuvest-2002) - Mandaram ler este livro...
Se o tal do livro for fraquinho, o desprazer pode significar um precipitado mas decisivo adeus à literatura; se for estimulante, outros virão sem o peso da obrigação.
As experiências com que o leitor se identifica não são necessariamente as mais familiares, mas as que mostram o quanto é vivo um repertório de novas questões. Uma leitura proveitosa leva à convicção de que as palavras podem constituir um movimento profundamente revelador do próximo, do mundo, de nós mesmos. Tal convicção faz caminhar para uma outra, mais ampla, que um antigo pensador romano assim formulou: Nada do que é humano me é alheio.
(Cláudio Ferraretti, inédito)

Mantém-se o sentido da frase “se for estimulante” em:
a) conquanto seja estimulante.
b) desde que seja estimulante.
c) ainda que seja estimulante.
d) porquanto é estimulante.
e) posto que é estimulante.

128) (UFSCar-2004) As pessoas que admitem, por razões que consideram moralmente justificáveis, a eutanásia, o fato de acelerar ou mesmo de provocar a morte de um ente querido, para lhe abreviar os sofrimentos causados por uma doença incurável ou para terminar a existência miserável de uma criança monstruosa, ficam escandalizadas com o fato de que, do ponto de vista jurídico, a eutanásia seja assimilada, pura e simplesmente, a um homicídio. Supondo-se que, do ponto de vista moral, se admita a eutanásia, não se atribuindo um valor absoluto à vida humana, sejam quais forem as condições miseráveis em que ela se prolonga, devem-se pôr os textos legais em paralelismo com o juízo moral? Seria uma solução perigosíssima, pois, em direito, como a dúvida normalmente intervém em favor do acusado, corre-se o risco de graves abusos, promulgando uma legislação indulgente nessa questão de vida ou de morte. Mas constatou- se que, quando o caso julgado reclama mais a piedade do que o castigo, o júri não hesita em recorrer a uma ficção, qualificando os fatos de uma forma contrária à realidade, declarando que o réu não cometeu homicídio, e isto para evitar a aplicação da lei. Parece-me que esse recurso à ficção, que possibilita em casos excepcionais evitar a aplicação da lei - procedimento inconcebível em moral -, vale mais do que o fato de prever expressamente, na lei, que a eutanásia constitui um caso de escusa ou de justificação.

(Perelman, *Ética e Direito*.)

Assinale a alternativa em que a construção sintática mantém o mesmo sentido de *como a dúvida normalmente intervém em favor do acusado, corre-se o risco de graves abusos*.
a) Se a dúvida normalmente intervém em favor do acusado, corre-se o risco de graves abusos.
b) Corre-se o risco de graves abusos, uma vez que a dúvida normalmente intervém em favor do acusado.
c) Corre-se o risco de graves abusos, como a dúvida normalmente intervém em favor do acusado.
d) A fim de que a dúvida normalmente intervenha em favor do acusado, corre-se o risco de graves abusos.
e) Corre-se o risco de graves abusos, à proporção que a dúvida normalmente intervenha em favor do acusado.

129) (UFSCar-2004) Se você quer construir um navio, não peça às pessoas que consigam madeira, não dê a elas tarefas e trabalhos. Fale, antes, a elas, longamente, sobre a grandeza e a imensidão do mar.

(Saint-Exupéry)

Uma outra versão do início do texto, mantendo seu sentido original, é:
a) Querendo construir um navio...
b) Construído um navio...
c) À medida que construir um navio...
d) Por querer construir um navio...
e) Ainda que queira construir um navio...

130) (Faap-1996) "Mas eu o exasperava tanto QUE se tornara doloroso para mim ser o objeto do ódio daquele homem QUE de certo modo eu amava."
Há no período duas orações que se iniciam com o conectivo QUE. A primeira dá idéia de:
a) condição
b) conseqüência

c) concessão
d) causa
e) tempo

131) (Mack-2005) 1. Me sinto com a cara no chão, mas a verdade precisa ser dita ao
2. menos uma vez: aos 52 anos eu ignorava a admirável forma lírica da
3. canção paralelística (...).
4. O “Cantar de amor” foi fruto de meses de leitura dos cancioneiros.
5. Li tanto e tão seguidamente aquelas deliciosas cantigas, que fiquei
6. com a cabeça cheia de “velidas” e “mha senhor” e “nula ren”;
7. sonhava com as ondas do mar de Vigo e com romarias a San Servando.
8. O único jeito de me livrar da obsessão era fazer uma cantiga.

Manuel Bandeira

No trecho Li tanto e tão seguidamente aquelas deliciosas cantigas, **que fiquei com a cabeça cheia** *(linhas 05 e 06), a circunstância expressa pela frase destacada é de:*
a) temporalidade.
b) condição.
c) causa.
d) conformidade
e) conseqüência

132) (UFRJ-2005) A CIDADE SITIADA
(1949)
LÍNGUA PORTUGUESA / LITERATURA BRASILEIRA

O subúrbio de S. Geraldo, no ano de 192..., já misturava ao cheiro de estrebaria algum progresso. Quanto mais fábricas se abriam nos arredores, mais o subúrbio se erguia em vida própria sem que os habitantes pudessem dizer que transformação os atingia. Os movimentos já se haviam congestionado e não se poderia atravessar uma rua sem desviar-se de uma carroça que os cavalos vagarosos puxavam, enquanto um automóvel impaciente buzinava atrás lançando fumaça. Mesmo os crepúsculos eram agora enfumaçados e sanguinolentos. De manhã, entre os caminhões que pediam passagem para a nova usina, transportando madeira e ferro, as cestas de peixe se espalhavam pela calçada, vindas através da noite de centros maiores. Dos sobrados desciam mulheres despenteadas com panelas, os peixes eram pesados quase na mão, enquanto vendedores em manga de camisa gritavam os preços. E quando sobre o alegre movimento da manhã soprava o vento fresco e perturbador, dir-se-ia que a população inteira se preparava para um embarque. Ao pôr-do-sol galos invisíveis ainda cocoricavam. E misturando-se ainda à poeira metálica das fábricas o cheiro das vacas nutria o entardecer. Mas de noite, com as ruas subitamente desertas, já se respirava o silêncio com desassossego, como numa cidade; e nos andares piscando de luz todos pareciam estar sentados. As noites cheiravam a estrume e eram frescas. Às vezes chovia.
(LISPECTOR, Clarice. A Cidade sitiada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.)

Nos trechos transcritos a seguir, a conjunção enquanto expressa o mesmo valor semântico fundamental, mas, em um deles, em virtude do contexto, ela expressa também um valor de contraste:
1) não se poderia atravessar uma rua sem desviar-se de uma carroça que os cavalos vagarosos puxavam, enquanto um automóvel impaciente buzinava atrás lançando fumaça. (_. 7 - 11)
2) Dos sobrados desciam mulheres despenteadas com panelas, os peixes eram pesados quase na mão, enquanto vendedores em manga de camisa gritavam os preços. (_. 16 - 20)

a) Classifique sintaticamente as orações introduzidas por enquanto e indique o valor semântico fundamental expresso por essa conjunção nos dois trechos.
b) Identifique o trecho em que a conjunção expressa também o valor de contraste e justifique sua resposta.

133) (Fatec-1995) A oração entre aspas está em forma reduzida (de infinitivo):

"Apesar de só dizer a verdade", não lhe deram crédito.

Assinale a alternativa em que ela aparece desenvolvida de forma correta.
a) Apesar que só dizia a verdade, não lhe deram crédito.
b) Apesar que só dissesse a verdade, não lhe deram crédito.
c) Visto que só dizia a verdade, não lhe deram crédito.
d) Embora só dissesse a verdade, não lhe deram crédito.
e) Mesmo dizendo a verdade, não lhe deram crédito.

134) (UECE-2007) A PEDREIRA

Daí à pedreira, restavam apenas uns cinqüenta passos e o chão era já todo coberto por uma farinha de pedra moída que sujava como a cal.
Aqui, ali, por toda a parte, encontravam-se trabalhadores, uns ao sol, outros debaixo de pequenas barracas feitas de lona ou de folha de palmeira. De um lado cunhavam pedra cantando; de outro a quebravam a picareta; de outro afeiçoavam lajedos a ponta de picão; mais adiante faziam paralelepípedos a escopro e macete. E todo aquele retintim de ferramentas, e o martelar da forja, e o corpo dos que lá em cima brocavam a rocha para lançar-lhe fogo, e a surda zoada ao longe, que vinha do cortiço, como de uma aldeia alarmada; tudo dava a idéia de uma atividade feroz, de uma luta de vingança e de ódio. Aqueles homens gotejantes de suor, bêbedos de calor, desvairados de

insolação, a quebrarem, a espicaçarem, a torturarem a pedra, pareciam um punhado de demônios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante que os contemplava com desprezo, imperturbável a todos os golpes e a todos os tiros que lhe desfechavam no dorso, deixando sem um gemido que lhe abrissem as entranhas de granito. O membrudo cavouqueiro havia chegado à fralda do orgulhoso monstro de pedra; tinha-o cara a cara, mediu-o de alto a baixo, arrogante, num desafio surdo.
A pedreira mostrava nesse ponto de vista o seu lado mais imponente. Descomposta, com o escalavrado flanco exposto ao sol, erguia-se altaneira e desassombrada, afrontando o céu, muito íngreme, lisa, escaldante e cheia de cordas que, mesquinhamente, lhe escorriam pela ciclópica nudez com um efeito de teias de aranha. Em certos lugares, muito alto do chão, lhe haviam espetado alfinetes de ferro, amparando, sobre um precipício, miseráveis tábuas que, vistas cá de baixo, pareciam palitos, mas em cima das quais uns atrevidos pigmeus de forma humana equilibravamse, desfechando golpes de picareta contra o gigante.
(AZEVEDO, Aluísio de. O Cortiço. 25a ed. São Paulo. Ática, 1992, 48-49)

Assinale a alternativa na qual NÃO se altera o sentido da frase “Descomposta, com o escalavrado
flanco exposto ao sol, erguia-se altaneira e desassombrada...” (linhas 30 a 32).
a) Depois que fora descomposta, com o escalavrado flanco exposto ao sol, erguia-se altaneira e desassombrada.
b) Assim que fora descomposta, com o escalavrado flanco exposto ao sol, erguia-se altaneira e desassombrada.
c) Quando fora descomposta, com o escalavrado flanco exposto ao sol, erguia-se altaneira e desassombrada.
d) Como fora descomposta, com o escalavrado flanco exposto ao sol, erguia-se altaneira e desassombrada.

135) (ITA-2003) A questão a seguir refere-se ao texto abaixo.

A universidade de Taubaté (UNITAU) conta, no total, com 720 universitários [no curso de Comunicação Social], sendo 130 formandos. Com tantos universitários saindo para o mercado de trabalho, o coordenador do curso de Comunicação Social da UNITAU (...) mencionou que o Vale do Paraíba é inexplorado e tem potencial de absorver os formandos.
(Jornal ComunicAção, n.1, março 2002, p. 3)

Um leitor pode relacionar o conteúdo da construção “com tantos universitários saindo para o mercado de trabalho...” com o que é mencionado pelo coordenador do curso de Comunicação Social da UNITAU. No entanto, essa leitura torna-se problemática, pois o leitor poderia esperar, a partir daquela construção, uma
a) conseqüência.
b) causa.
c) finalidade.
d) condição.
e) proporção.

136) (ITA-2003) A questão a seguir refere-se ao texto abaixo.

A universidade de Taubaté (UNITAU) conta, no total, com 720 universitários [no curso de Comunicação Social], sendo 130 formandos. Com tantos universitários saindo para o mercado de trabalho, o coordenador do curso de Comunicação Social da UNITAU (...) mencionou que o Vale do Paraíba é inexplorado e tem potencial de absorver os formandos.
(Jornal ComunicAção, n.1, março 2002, p. 3)

Considerando o período *Com tantos universitários saindo para o mercado de trabalho*, assinale a alternativa que, completando a oração abaixo, apresenta a relação mais coerente entre as idéias.
O coordenador do curso de Comunicação Social mencionou que,
a) à medida que muitos universitários saem para o mercado de trabalho, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.
b) como muitos universitários saem para o mercado de trabalho, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.
c) há muitos universitários saindo para o mercado de trabalho, de modo que o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.
d) muitos universitários saem para o mercado de trabalho; portanto, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.
e) embora muitos universitários estejam saindo para o mercado de trabalho, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.

137) (UNIUBE-2002) A questão abaixo refere-se ao texto retirado de “Dom Casmurro”, de Machado de Assis, transcrito abaixo.

Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei num trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos. A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem inteiramente maus. Sucedeu, porém, que, como eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso.
- Continue, disse eu acordando.
- Já acabei, murmurou ele.

- São muito bonitos.
Vi-lhe fazer um gesto para tirá-los outra vez do bolso, mas não passou do gesto; estava amuado.
No dia seguinte entrou a dizer de mim nomes feios, e acabou alcunhando-me “Dom Casmurro”. Os vizinhos, que não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha, que afinal pegou. Nem por isso me zanguei. Contei a anedota aos amigos da cidade, e eles, por graça, chamam-me assim, alguns em bilhetes: “Dom Casmurro, domingo vou jantar com você.” “ ___ Vou para Petrópolis, Dom Casmurro; a casa é a mesma da Renânia; vê se deixas essa caverna do Engenho Novo, e vai lá passar uns quinze dias comigo.” “___ Meu caro Dom Casmurro, não cuide que o dispenso do teatro amanhã; venha e dormirá aqui na cidade; dou-lhe camarote, dou-lhe chá, dou-lhe cama; só não lhe dou moça.”
Não consultes dicionários. “Casmurro” não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. “Dom” veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo. Tudo por estar cochilando! Também não achei melhor título para a minha narração ___ se não tiver outro daqui até ao fim do livro, vai este mesmo. O meu poeta do trem ficará sabendo que não lhe guardo ranço. E com pequeno esforço, sendo o título seu, poderá cuidar que a obra é sua. Há livros que apenas terão isso dos seus autores; alguns nem tanto.

“Sucedeu, porém, que, **como eu estava cansado**, fechei os olhos três ou quatro vezes...”

Assinale a alternativa que melhor corresponde ao trecho destacado acima.
a) apesar de eu estar cansado.
b) enquanto eu estava cansado.
c) porque eu estava cansado.
d) embora eu estivesse cansado.

138) (FGV-2005) A última das três abordagens, entre as teorias idealistas, é a que considera cultura como sistemas. simbólicos. Esta posição foi desenvolvida nos Estados Unidos principalmente por dois antropólogos: o já conhecido Clifford Geertz e David Schneider. O primeiro deles busca uma definição de homem baseada na definição de cultura. Para isto, refuta a idéia de uma forma ideal de homem, decorrente do iluminismo e da antropologia clássica, perto da qual as demais eram distorções ou aproximações, e tenta resolver o paradoxo (...) de uma imensa variedade cultural que contrasta com a unidade da espécie humana. Para isto, a cultura deve ser considerada “não um complexo de comportamentos concretos mas um conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras, instruções (que os técnicos de computadores chamam programa) para governar o comportamento”. Assim, para Geertz, todos os homens são geneticamente aptos para receber um programa, e este programa é o que chamamos cultura. E esta formulação - que consideramos uma nova maneira de encarar a unidade da espécie - permitiu a Geertz afirmar que “um dos mais significativos fatos sobre nós pode se finalmente a constatação de que todos nascemos com um equipamento para viver mil vidas, mas terminamos no fim tendo vivido uma só!”
Roque de Barros Laraia. Cultura, um conceito antropológico. 16. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 62.

Das alternativas abaixo, assinale aquela em que a oração sublinhada indica uma condição.
a) A menos que ele faça o pagamento da fatura, seu crédito não será restabelecido.
b) Não sabia se devia esperar pelo chefe naquela rua deserta.
c) Se o trator derrubar o casebre, seus moradores vão ficar na rua.
d) O garoto não era assim tão forte; por isso, devia-se ajudá-lo.
e) Ei-la que passa sem perceber que é bonita como uma deusa.

139) (UFF-2001) Acompanho com assombro o que andam dizendo sobre os primeiros 500 anos do brasileiro. Concordo com todas as opiniões emitidas e com as minhas em primeiríssimo lugar. Tenho para mim que há dois referenciais literários para nos definir. De um lado, o produto daquilo que Gilberto Freyre chamou de Casagrande e senzala, o homem miscigenado, potente e tendendo a ser feliz. De outro, o Macunaíma, herói sem nenhuma definição, ou sem nenhum caráter - como queria o próprio Mário de Andrade.
Fomos e seremos assim, em nossa essência, embora as circunstâncias mudem e nós mudemos com elas.
Retomando a imagem literária, citemos a Capitu menina - e teremos como sempre a intervenção soberana de Machado de Assis.
Um rapaz da platéia me perguntou onde ficaria o homem de Guimarães Rosa - outra coordenada que nos ajuda a definir o brasileiro. Evidente que o universo de Rosa é sobretudo verbal, mas o homem é causa e efeito do verbo. Por isso mesmo, o personagem rosiano tem a ver com o homem de Gilberto Freyre e de Mário de Andrade. É um refugo consciente da casa-grande e da senzala, o opositor de uma e de outra, criando a sua própria vereda mas sem esquecer o ressentimento social do qual se afastou e contra o qual procura lutar.
É também macunaímico, pois sem definição catalogada na escala de valores culturais oriundos de sua formação racial. Nem por acaso um dos personagens mais importantes do mundo de Rosa é uma mulher que se faz passar por jagunço. Ou seja, um herói - ou heroína - sem nenhum caráter.
Tomando Gilberto Freyre como a linha vertical e Mário de Andrade como a linha horizontal de um ângulo reto,

teríamos Guimarães Rosa como a hipotenusa fechando o triângulo. A imagem geométrica pode ser forçada, mas foi a que me veio na hora - e acho que fui entendido.
CONY, Carlos Heitor. Folha Ilustrada, 5º Caderno, São Paulo, 21/04/2000, p.12.

Os diversos tipos de relação sintática entre orações podem ser estabelecidos sem conectivo explícito, através das formas de infinitivo, gerúndio ou particípio, como vemos no seguinte exemplo:

“Tomando Gilberto Freyre como a linha vertical e Mário de Andrade como a linha horizontal de um ângulo reto, teríamos Guimarães Rosa como a hipotenusa fechando o triângulo.”

Reconheça o tipo de relação sintática expressa pelo gerúndio sublinhado no período acima.

a) conclusão
b) temporalidade
c) condicionalidade
d) mediação
e) conformidade

140) (UFF-2001) Acompanho com assombro o que andam dizendo sobre os primeiros 500 anos do brasileiro. Concordo com todas as opiniões emitidas e com as minhas em primeiríssimo lugar. Tenho para mim que há dois referenciais literários para nos definir. De um lado, o produto daquilo que Gilberto Freyre chamou de Casagrande e senzala, o homem miscigenado, potente e tendendo a ser feliz. De outro, o Macunaíma, herói sem nenhuma definição, ou sem nenhum caráter - como queria o próprio Mário de Andrade.
Fomos e seremos assim, em nossa essência, embora as circunstâncias mudem e nós mudemos com elas.
Retomando a imagem literária, citemos a Capitu menina - e teremos como sempre a intervenção soberana de Machado de Assis.
Um rapaz da platéia me perguntou onde ficaria o homem de Guimarães Rosa - outra coordenada que nos ajuda a definir o brasileiro. Evidente que o universo de Rosa é sobretudo verbal, mas o homem é causa e efeito do verbo. Por isso mesmo, o personagem rosiano tem a ver com o homem de Gilberto Freyre e de Mário de Andrade. É um refugo consciente da casa-grande e da senzala, o opositor de uma e de outra, criando a sua própria vereda mas sem esquecer o ressentimento social do qual se afastou e contra o qual procura lutar.
É também macunaímico, pois sem definição catalogada na escala de valores culturais oriundos de sua formação racial. Nem por acaso um dos personagens mais importantes do mundo de Rosa é uma mulher que se faz passar por jagunço. Ou seja, um herói - ou heroína - sem nenhum caráter.
Tomando Gilberto Freyre como a linha vertical e Mário de Andrade como a linha horizontal de um ângulo reto, teríamos Guimarães Rosa como a hipotenusa fechando o triângulo. A imagem geométrica pode ser forçada, mas foi a que me veio na hora - e acho que fui entendido.
CONY, Carlos Heitor. Folha Ilustrada, 5º Caderno, São Paulo, 21/04/2000, p.12.

Os dois referenciais literários definidores de nossa identidade, de acordo com o texto, seriam:

“Fomos e seremos assim, em nossa essência, **embora** as circunstâncias mudem e nós mudemos com elas.”

Assinale a opção em que, ao reescrever-se o fragmento acima, substituiu-se o conectivo sublinhado por outro de valor condicional, fazendo-se alterações aceitáveis.

a) Fomos e seremos assim em nossa essência, porque as circunstâncias mudaram e nós mudamos com elas.
b) Fomos e seremos assim em nossa essência, enquanto as circunstâncias mudarem e nós mudarmos com elas.
c) Éramos e somos assim em nossa essência, à medida que as circunstâncias mudaram e nós mudamos com elas.
d) Teríamos sido e seríamos assim em nossa essência, se as circunstâncias mudassem e nós mudássemos com elas.
e) Temos sido e somos assim em nossa essência, conforme as circunstâncias têm mudado e nós temos mudado com elas.

141) (UFES-2002) Ainda que mal
Carlos Drummond de Andrade

Ainda que mal pergunte,
ainda que mal respondas;
ainda que mal te entenda,
ainda que mal repitas;
ainda que mal insista,
ainda que mal desculpes;
ainda que mal me exprima,
ainda que mal me julgues;
ainda que mal me mostre,
ainda que mal me vejas;
ainda que mal te encare,
ainda que mal te furtes
ainda que mal te siga,
ainda que mal te voltes;
ainda que mal te ame,
ainda que mal o saibas;
ainda que mal te agarre,
ainda que mal te mates;
ainda assim te pergunto
e me queimando em teu seio,
me salvo e me dano: amor.

O termo que introduz a maioria dos versos do texto acima estabelece relação de

a) comparação.
b) condição.
c) concessão.
d) conformidade.
e) finalidade.

142) (Fuvest-2000) Ao se discutirem as idéias expostas na assembléia, chegou-se à seguinte conclusão: pôr em confronto **essas idéias** com outras menos polêmicas seria avaliar melhor o peso **dessas idéias** , à luz do princípio geral que vem regendo **as mesmas idéias**.
a) Transcreva o texto, substituindo as expressões sublinhadas por pronomes pessoais que lhes sejam correspondentes e efetuando as alterações necessárias.
b) Reescreva a oração *Ao se discutirem as idéias expostas na assembléia*, introduzindo-a pela conjunção adequada e mantendo a correlação entre os tempos verbais.

143) (UFRJ-2008) Aprendi a aprender com filmes (DUARTE, Rosália. Cinema & educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.)

TEXTO I
Como se comportar no cinema (A arte de namorar)
(Vinicius de Moraes)

Poucas atividades humanas são mais agradáveis que o ato de namorar, e é sobre a arte de praticá-lo dentro dos cinemas que queremos fazer esta crônica. Porque constitui uma arte fazê-lo bem no interior de recintos cobertos, mormente quando se dispõe da vantagem de ambiente escuro propício.
A tendência geral do homem é abusar das facilidades que lhe são dadas, e nada mais errado; pois a verdade é que namorando em público, além dos limites, perturba ele aos seus circunstantes, podendo atrair sobre si a curiosidade, a inveja e mesmo a ira daqueles que vão ao cinema sozinhos e pagam pelo direito de assistir ao filme em paz de espírito.
Ora, o namoro é sabidamente uma atividade que se executa melhor a coberto da curiosidade alheia. Se todos os freqüentadores dos cinemas fossem casais de namorados, o problema não existiria, nem esta crônica, pois a discrição de todos com relação a todos estaria na proporção direta da entrega de cada um ao seu namoro específico. [...]
De modo que, uma das coisas que os namorados não deveriam fazer é se enlaçar por sobre o ombro e juntar as cabeças. Isso atrapalha demais o campo visual dos que estão à retaguarda. [...] Cochichar, então, é uma grande falta de educação entre namorados no cinema. Nada perturba mais que o cochicho constante e, embora eu saiba que isso é pedir muito dos namorados, é necessário que se contenham nesse ponto, porque afinal de contas aquilo não é casa deles. Um homem pode fazer milhões de coisas – massagem no braço da namorada, cosquinha no seu joelho, festinha no rostinho delazinha; enfim, a grande maioria do trabalho de "mudanças" em automóveis não hidramáticos – sem se fazer notar e, conseqüentemente, perturbar aos outros a fruição do filme na tela. Porque uma coisa é certa: entre o namoro na tela – e pode ser até Clark Gable versus Ava Gardner – e o namoro no cinema, este é que é o real e positivo, o perturbador,
o autêntico.

O texto de Vinicius de Moraes, sobre a "arte de namorar" no cinema, levanta uma hipótese que anularia a existência da crônica. Transcreva exclusivamente a oração subordinada adverbial que traduz a referida hipótese.

144) (FGV-2004) Assinale a alternativa em que a oração sublinhada indica a causa da ação da oração principal.

a) Tomava conta das crianças durante o dia, portanto não podia avistar-se com os amigos.
b) Choveu muito mesmo, pois eu vi com estes olhos. Acreditem.
c) Ninguém o aceitava como empregado porque ele vivia embriagado.
d) Tanto ele bebia, que muitas vezes era necessário a esposa ir buscá-lo à adega.
e) Começava a descer a rua, quando Aurélia se aproximou e segredou-lhe algo.

145) (ITA-2002) Beber é mal, mas é muito bom. (FERNANDES, Millôr. Mais! Folha de S. Paulo, 5 ago. 2001, p. 28.)

O efeito de sentido da frase de Millôr Fernandes deve-se a uma relação de:
a) causa.
b) semelhança.
c) antecedência.
d) concessão.
e) conseqüência.

146) (ITA-1995) Cada alternativa da questão a seguir consta de dois itens. A primeira oração do item 1 deve estar na forma reduzida correta no item 2. Assinale a alternativa em que isso 'não' ocorre:
a)
1 - Porque saiu de casa, se machucou.
2 - Por sair de casa, se machucou.
b)
1 - Quando saiu de casa, ouviu um apito.
2 - Tendo saído de casa, ouviu um apito.
c)
1 - Já que se aprontara, queria ver o espetáculo.
2 - Tendo se aprontado, queria ver o espetáculo.
d)
1 - Porque saiu da linha, foi despedido.

2 - Saindo da linha, foi despedido.
e)
1 - Depois que soube o resultado, alegrou-se.
2 - Sabido o resultado, alegrou-se.

147) (ITA-2001) Certos mitos são repetidos tantas e tantas vezes que muitos acabam se convencendo de que eles são de fato verdadeiros. Um desses casos é o que envolve a palavra “saudade”, que seria uma exclusividade mundial da língua portuguesa. Trata-se de uma grande e pretensiosa balela.

Todas as línguas do mundo exprimem com maior ou menor grau de complexidade todos os sentimentos humanos. E seria uma grande pretensão acreditar que o sentimento que batizamos de “saudade” seja exclusivo dos povos lusófonos.

Embora línguas que nos são mais familiares como o inglês e o francês tenham de recorrer a mais de uma expressão (seus equivalentes de “nostalgia” e “falta”) para exprimir o que chamamos de saudade em todas as circunstâncias, existem outros idiomas que o fazem de forma até mais sintética que o português.

Em uma de suas colunas semanais nesta Folha, o professor Josué Machado lembrou pelo menos dez equivalentes da palavra “saudade”. Os russos têm “tosca”; alemães, “Sehnsucht”; árabes, “shauck” e também “hanim”; armênios, “garod”; sérvios e croatas, “jal”; letões, “ilgas”; japoneses, “natsukashi”; macedônios, “nedôstatok”; e húngaros, “sóvárgás”.

Pode-se ainda acrescentar a essa lista o “desiderium” latino, o “póthos” dos antigos gregos e sabe-se lá quantas mais expressões equivalentes nas cerca de 6 mil línguas atualmente faladas no planeta ou nas 10 mil que já existiram.

Ora, se até os cães demonstram sentir saudades de seus donos quando ficam separados por um motivo qualquer, seria de um etnocentrismo digno de fazer inveja à Alemanha nazista acreditar que esse sentimento é próprio apenas aos que falam português.

Desde que o homem é homem, ou talvez mesmo antes, ele sente saudade; desde que aprendeu a falar aprendeu também, de uma forma ou de outra, a dizê-lo.

(Saudade. Folha de S. Paulo, 6/4/1996, adaptado.)

No trecho “existem outros idiomas que **o** fazem de forma até mais sintética que o português” (3º parágrafo), o termo “o”, em destaque, substitui

a) uma oração indicativa de finalidade.
b) uma oração indicativa de causa.
c) uma oração indicativa de conseqüência.
d) a oração antecedente.
e) o sujeito da oração antecedente.

148) (ENEM-2004) Cidade grande
Que beleza, Montes Claros.
Como cresceu Montes Claros.
Quanta indústria em Montes Claros.
Montes Claros cresceu tanto,
ficou urbe tão notória,
prima-rica do Rio de Janeiro,
que já tem cinco favelas
por enquanto, e mais promete.
(Carlos Drummond de Andrade)

No trecho “Montes Claros cresceu tanto,/ (...),/ que já tem cinco favelas”, a palavra *que* contribui para estabelecer uma relação de conseqüência. Dos seguintes versos, todos de Carlos Drummond de Andrade, apresentam esse mesmo tipo de relação:

a) “Meu Deus, por que me abandonaste / se sabias que eu não era Deus / se sabias que eu era fraco.”
b) “No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu / a ninar nos longes da senzala - e nunca se esqueceu / chamava para o café.”
c) “Teus ombros suportam o mundo / e ele não pesa mais que a mão de uma criança.”
d) “A ausência é um estar em mim. / E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços, / que rio e danço e invento exclamações alegres.”
e) “Penetra surdamente no reino das palavras. / Lá estão os poemas que esperam ser escritos.”

149) (UNIFESP-2005) Considere as afirmações:

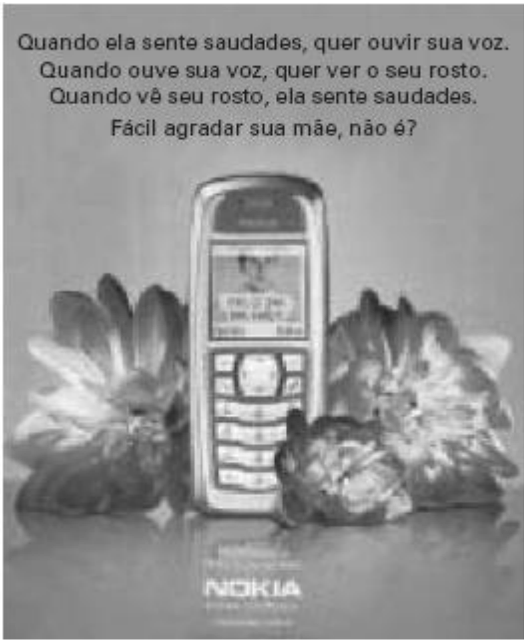
Quando ela sente saudades, quer ouvir sua voz.
Quando ouve sua voz, quer ver o seu rosto.
Quando vê seu rosto, ela sente saudades.
Fácil agradar sua mãe, não é?

(Veja, 12.05.2004.)

I. Os pronomes sua e seu referem-se ao receptor da mensagem, que pode ser uma pessoa do sexo masculino ou do sexo feminino.
II. Se a conjunção Quando fosse substituída por Se, os verbos teriam outra flexão.

III. Embora possua classificação gramatical diferente da conjunção Quando, Se poderia configurar na propaganda, pois apresentaria a idéia de forma coerente.
IV. Num nível de linguagem bastante informal, a última frase poderia assumir a seguinte forma: “Facinho agradar sua mãe, né?”
Estão corretas somente as afirmações:
a) I e II.
b) II e IV.
c) III e IV.
d) I, II e III.
e) I, III e IV.

150) (UFPB-2006) Considere as palavras destacadas nos versos abaixo, retirados do fragmento da *Carta 2*.

*“Aquele, Doroteu, que não é Santo /****Mas*** *quer fingir-se Santo aos outros homens,”* (versos 1 e 2)
*“****Mal*** *se põe nas Igrejas, de joelhos, / Abre os braços em cruz, a terra beija,”* (versos 5 e 6)

Quanto ao emprego de ***mas*** e ***mal***, é correto afirmar que essas palavras

a) estabelecem as mesmas relações de sentido expressas, respectivamente, por **todavia** e **antes que**.
b) podem ser substituídas, sem alteração de sentido, respectivamente, por **contudo** e **assim que**.
c) indicam, respectivamente, idéias de **oposição** e **modo**.
d) modificam o sentido das formas verbais “quer fingir-se” e “se põe”, expressando, respectivamente, idéias de **adição** e **tempo**.
e) introduzem, em ambos os versos, **circunstância de tempo**.

151) (FUVEST-2007) Das vãs sutilezas
Os homens recorrem por vezes a sutilezas fúteis e vãs para atrair nossa atenção. (...) Aprovo a atitude daquele personagem a quem apresentaram um homem que com tamanha habilidade atirava um grão de alpiste que o fazia passar pelo buraco de uma agulha sem jamais errar o golpe. Tendo pedido ao outro que lhe desse uma recompensa por essa habilidade excepcional, atendeu o solicitado, de maneira prazenteira e justa a meu ver, mandando entregar-lhe três medidas de alpiste a fim de que pudesse continuar a exercer tão nobre arte. É prova irrefutável da fraqueza de nosso julgamento apaixonarmo-nos pelas coisas só porque são raras e inéditas, ou ainda porque apresentam alguma dificuldade, muito embora não sejam nem boas nem úteis em si.
Montaigne, Ensaios.

A expressão sublinhada no trecho “...ou ainda porque apresentam alguma dificuldade, **muito embora** não sejam nem boas nem úteis em si” pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido, por
a) desde que.
b) contanto que.
c) uma vez que.
d) a não ser que.
e) se bem que.

152) (PUC - SP-2007) Em uma peça publicitária recentemente veiculada em jornais impressos, pode-se ler o seguinte: “Se a prática leva à perfeição, então imagine o sabor de pratos elaborados bilhões e bilhões de vezes.”
Acerca da primeira oração desse trecho, é lingüisticamente adequado afirmar que, em relação à segunda oração, ela expressa uma circunstância de
a) comparação.
b) condição.
c) conformidade.
d) conseqüência.
e) proporção.

153) (FATEC-2006) Enquanto um misto de tragédia e pantomima se desenrola aos nossos olhos atônitos, escrevo esta coluna meio ressabiada: como estará o Brasil quando ela for publicada, isto é, em dois dias? Estamos no meio de um vendaval desconcertante: numa mistura entre público e privado como nunca se viu, correntes inimagináveis de dinheiro sem origem ou destino declarados jorram sobre nós levando embora confiança, ética e ilusões.
O drama é que não somos arrastados por “forças ocultas” ou ventos inesperados. Devíamos ter sabido. Muitos sabiam e vários participaram - embora apontem o dedo uns para os outros feito meninos de colégio: “Foi ele, foi ele, eu não fiz nada, eu nem sabia de nada, ele fez muito pior”. Espetáculo deprimente, que desaloja de seu acomodamento até os mais crédulos.
Se mais bem informados, poderíamos ter optado diferentemente em várias eleições - mas nos entregamos a miragens sedutoras e idéias sem fundamento. Agimos como cidadãos assim como fazemos na vida: omissos por covardia ou fragilidade, por fugir da realidade que assume tantos disfarces. Deixamos de pegar nas mãos as rédeas da nossa condição de indivíduos ou de brasileiros, e isso pode não ter volta. Fica ali feito um fantasma pérfido: anos depois, salta da fresta, mostra a língua, faz careta, ri da nossa impotência. Não dá para voltar, nem sempre há como corrigir o que se fez de errado, ou que deixou de ser feito e causou graves mazelas.
(Lya Luft, É hora de agir. **Veja**, 27 de julho de 2005.)

Considere as orações em destaque e numeradas nos períodos abaixo.
Muitos sabiam e vários participaram - (I) embora apontem o dedo uns para os outros.

(II) Se mais bem informados, poderíamos ter optado diferentemente em várias eleições - (III) mas nos entregamos a miragens sedutoras e idéias sem fundamento.

Assinale a alternativa correta.

a) A oração (I) expressa condição e tem equivalente adequado em - mesmo apontando o dedo uns para os outros.

b) A oração (II) expressa modo e tem equivalente adequado em - a menos que fôssemos mais bem informados.

c) A oração (III) expressa conseqüência e tem equivalente adequado em - entretanto nos entregamos a miragens sedutoras e idéias sem fundamento.

d) As orações (I) e (III) são sintaticamente equivalentes, e as conjunções que as introduzem podem ser corretamente substituídas por desde que.

e) As orações (II) e (III) expressam, respectivamente, condição e ressalva, e a (II) tem equivalente adequado em - caso fôssemos mais bem informados.

154) (ETEs-2007) Façamos as pazes com a Terra (fragmento)

"O chamado que nos é feito hoje para pormos fim à guerra contra a natureza é por uma solidariedade sem precedentes com as gerações futuras. Será que, para chegar a isso, a humanidade precisará selar um novo pacto, um "contrato natural" de co-desenvolvimento com o planeta, assinando um armistício com a natureza? Precisamos da sabedoria necessária para defender uma ética para o futuro, pois, se quisermos fazer as pazes com a Terra, essa ética terá que prevalecer. Este planeta é o nosso reflexo: se ele está ferido, nós estamos feridos; se ele está mutilado, a humanidade também está."

(MATSUURA, Koïchiro. Façamos as pazes com a Terra. In: Folha de S. Paulo, 4 de jul. 2007.)

Mãos dadas
Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus
/companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem
/grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito,
/vamos de mãos dadas.
Não serei o cantor de uma mulher,
/de uma história,
não direi os suspiros ao anoitecer,
/a paisagem vista da janela,
não distribuirei entorpecentes ou
/cartas de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei
/raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, o tempo
/presente, os homens presentes,
a vida presente.

(DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. "Mãos dadas". In: *Sentimento do Mundo.* Record.)

Assinale a alternativa em cujo verso a conjunção expressa oposição entre as idéias.

a) "Também não cantarei o mundo futuro."

b) "Estou preso à vida e olho meus companheiros."

c) "Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças."

d) "não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida"

e) "não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins."

155) (PUC - RJ-2007) Feliz aniversário

A família foi pouco a pouco chegando. Os que vieram de Olaria estavam muito bem vestidos porque a visita significava ao mesmo tempo um passeio a Copacabana. A nora de Olaria apareceu de azul-marinho, com enfeites de paetês e um drapejado disfarçando a barriga sem cinta. O marido não veio por razões óbvias: não queria ver os irmãos. Mas mandara sua mulher para que nem todos os laços fossem cortados - e esta vinha com o seu melhor vestido para mostrar que não precisava de nenhum deles, acompanhada dos três filhos: duas meninas já de peito nascendo, infantilizadas com babados cor-de-rosa e anáguas engomadas, e o menino acovardado pelo terno novo e pela gravata.

Tendo Zilda - a filha com quem a aniversariante morava - disposto cadeiras unidas ao longo das paredes, como numa festa em que se vai dançar, a nora de Olaria, depois de cumprimentar com cara fechada aos de casa, aboletou-se numa das cadeiras e emudeceu, a boca em bico, mantendo sua posição ultrajada. "Vim para não deixar de vir", dissera ela a Zilda, e em seguida sentara-se ofendida. As duas mocinhas de cor-de-rosa e o menino, amarelos e de cabelo penteado, não sabiam bem que atitude tomar e ficaram de pé ao lado da mãe, impressionados com seu vestido azul-marinho e com os paetês.

Depois veio a nora de Ipanema com dois netos e a babá. O marido viria depois. E como Zilda – a única mulher entre os seis irmãos homens e a única que, estava decidido já havia anos, tinha espaço e tempo para alojar a aniversariante -, e como Zilda estava na cozinha a ultimar com a empregada os croquetes e sanduíches, ficaram: a nora de Olaria empertigada com seus filhos de coração inquieto ao lado; a nora de Ipanema na fila oposta das cadeiras fingindo ocupar-se com o bebê para não encarar a concunhada de Olaria; a babá ociosa e uniformizada, com a boca aberta.

E à cabeceira da mesa grande a aniversariante que fazia hoje oitenta e nove anos.

LISPECTOR, Clarice. Laços de família. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979, pp. 59-60.

a) “não sabiam bem que atitude tomar e ficaram de pé ao lado da mãe”
As duas orações acima, embora estejam ligadas pela conjunção e, apresentam entre si a relação de causa e conseqüência. Atendendo aos comandos abaixo, reescreva essas orações, substituindo a conjunção por uma outra que deixe explícita tal relação de sentido.
(a) Mantenha a mesma ordem das orações.
(b) Faça a inversão da ordem das orações.

b) (i) E à cabeceira da mesa grande a aniversariante que fazia hoje oitenta e nove anos.
(ii) Fazia um ano que o filho de Olaria não aparecia nas festas familiares.
Embora o verbo fazer tenha sido flexionado na 3ª. pessoa do singular nos dois períodos acima, a concordância se deu em cada um dos casos por razões distintas. Identifique-as.

156) (Fuvest-2004) Leia com atenção as seguintes frases, extraídas do termo de garantia de um produto para emagrecimento:
I) Esta garantia ficará automaticamente cancelada se o produto não for corretamente utilizado.
II) Não se aceitará a devolução do produto caso ele contenha menos de 60% de seu conteúdo.
III) As despesas de transporte ou quaisquer ônus decorrente do envio do produto para troca corre por conta do usuário.

a) Reescreva os trechos sublinhados nas frases I e II, substituindo as conjunções que os iniciam por outras equivalentes e fazendo as alterações necessárias.
b) Reescreva a frase III, fazendo as correções necessárias.

157) (FMTM-2003) Leia o texto, para responder à questão a seguir.

Cão reencontrado
As lembranças, a história e a lição de Veludo
Ivan Angelo
Era muitas vezes com lágrimas nos olhos que se aprendia a dar valor à amizade, ao caráter e ao amor. Exemplos melodramáticos não faltavam, e talvez por isso se tenham tornado marcantes.
Nunca pude me esquecer de um longo poema lido em aula pela professora, no 2º ano primário. Falava de um cão, feio mas dedicado, de que o dono procura se desfazer, afogando-o no mar. Lembro-me da forte emoção com que acompanhamos a leitura, e da minha atenção ao copiá-lo depois. Decorei-o inteiro, e declamava-o para outros meninos, provavelmente quando tinha por perto algum bolo de aniversário. Ao terminar a narrativa da tragédia de Veludo, havia olhos úmidos na pequena platéia.
Era esse o nome do cão: Veludo. *Magro, asqueroso, revoltante, imundo* - dizia o poema. Passaram-se os anos, e restavam dele em minha memória os seis primeiros versos e uma lição de moral.
Aquele cachorro incomodava o dono. Deu-o à mulher de um carvoeiro. Respirou aliviado por não ser mais de dar um osso diariamente *a um bicho vil, a um feio cão imundo*. Porém à noite alguém bateu à porta: *Era Veludo*. Lambeu as mãos do narrador, farejou a casa satisfeito e foi dormir *junto do meu leito*. Para se livrar dele, resolveu matá-lo. Numa noite, em que *zunia a asa fúnebre dos ventos,* levou Veludo para o mar, de barco. Longe da costa, ergueu o cão nos braços e atirou-o ao mar. Deixou-o lá, voltou a terra, entrou em casa e, ao tirar o manto, notou - *oh grande dor!* - que havia perdido na operação o cordão de prata com o retrato da mãe. Concluiu, com rancor, que a culpa era do cão: *Foi esse cão imundo / A causa do meu mal*! E completou: se duas vidas o animal tivesse, duas vidas lhe arrancaria.
Nesse momento, ouviu uivos à porta. *Era Veludo!* (Arrepiado, leitor?) O cão arfava. Estendeu-se a seus pés *e docemente / Deixou cair da boca que espumava / A medalha suspensa da corrente*.
Sacudiu-o, chamou-o. *Estava morto*.
Aprendiam-se dramaticamente os valores da vida.
(Veja São Paulo, Adaptado)

Aquele cachorro incomodava o dono. Deu-o à mulher de um carvoeiro.
Assinale a alternativa na qual se expressa corretamente a relação de sentido entre as orações do período acima.
a) Aquele cachorro incomodava o dono, senão deu-o à mulher de um carvoeiro.
b) Assim como aquele cachorro incomodava o dono, deu-o à mulher de um carvoeiro.
c) Embora aquele cachorro incomodasse o dono, deu-o à mulher de um carvoeiro.
d) Aquele cachorro incomodava o dono, no entanto deu-o à mulher de um carvoeiro.
e) Como aquele cachorro o incomodava, o dono deu-o à mulher de um carvoeiro.

158) (FEI-1997) LEMBRANÇA DE MORRER
(Fragmento)

Eu deixo a vida como deixa o tédio
Do deserto, o poento caminheiro
- Como as horas de um longo pesadelo
Que se desfaz ao dobre de um sineiro

Como o desterro de minh' alma errante,
Onde fogo insensato a consumia:
Só levo uma saudade - é desses tempos
Que amorosa ilusão embelecia.

Só levo uma saudade - é dessas sombras
Que eu sentia velar nas noites minhas...
De ti, ó minha mãe, pobre coitada
Que por minha tristeza te definhas!

De meu pai!... de meus únicos amigos,
Poucos - bem poucos - e que não zombavam
Quando, em noite de febre endoudecido,
Minhas pálidas crenças duvidaram.

Observe os dois primeiros versos do poema: "Eu deixo a vida COMO DEIXA O TÉDIO / DO DESERTO, O POENTO CAMINHEIRO".
A oração destacada é:
a) oração subordinada substantiva subjetiva.
b) oração subordinada adjetiva restritiva.
c) oração subordinada adverbial comparativa.
d) oração coordenada sindética explicativa.
e) oração principal.

159) (UFMG-2005) NÃO SABEMOS O QUE COMEMOS
A introdução, entre os alimentos do homem ou de animais de criação, de organismos geneticamente modificados ou produtos que contêm tais organismos vem gerando questionamentos em relação a vários aspectos. Do ponto de vista cultural, essa alteração vem acentuar um problema: o mal-estar da alimentação, causado pela perda do controle sobre o que comemos e pela sensação de artificialidade no alimento. Os alimentos transgênicos, ou seja, que contêm produtos ou subprodutos de organismos geneticamente modificados, constituem uma das mais recentes alterações introduzidas na alimentação. As empresas de biotecnologia ampliaram seu controle do mercado da alimentação humana animal por meio da invenção de novos organismos vivos, plantas e/ou animais - produtos artificiais da combinação de genes de espécies distintas. A tecnologia de manipulação genética de espécies animais e vegetais para fins industriais, medicinais ou alimentares certamente pode ter usos adequados, com uma potencialidade imensa ainda desconhecida. No entanto o uso atual dos transgênicos na agricultura tem trazido a marca de uma expansão precipitada, levando ao temor global de uma decomposição ainda maior na qualidade da alimentação humana. As conseqüências da disseminação de produtos transgênicos no mercado têm várias dimensões. Do ponto de vista histórico, a maior transformação na forma como a humanidade se alimenta ocorreu na revolução neolítica, quando surgiu a agricultura. Desde então, as técnicas agrícolas, em especial o saber dos agricultores sobre as sementes e a forma de selecionar as melhores para o replantio, estiveram na base da produção de alimentos. A segunda maior transformação, produto do intercâmbio moderno de gêneros entre os continentes, seguido da industrialização, permitiu uma globalização do saber arcaico sobre a domesticação das plantas alimentícias, levando as especiarias e várias espécies vegetais a tornarem-se peças-chaves no mercado mundial moderno. Atualmente, a adoção de sementes transgênicas que geram plantas com grãos infecundos ameaça a autonomia dos produtores agrícolas sobre as sementes, tornando-os inteiramente dependentes de grandes fornecedores de fertilizantes, agrotóxicos e das próprias sementes. O direito de propriedade estende-se a organismos vivos, mercantilizando a vida. Essa agricultura subordinada a empresas transnacionais de *agrobusiness* expropria os saberes etnobotânicos e etnoagrícolas, destrói os pequenos produtores, inviabiliza a reforma agrária, interfere no equilíbrio ecológico e concentra a renda. A produtividade agrícola ampliada, nas condições da competitividade do mercado oligopolizado, vem levando a um fenômeno paradoxal: mais agricultura para animais do que para seres humanos. Como já ocorreu com o milho, a pressão pelo aumento da produção de soja decorre principalmente da sua utilização em ração para gado de corte. Esse modelo alimentar de carne produzida cada vez em maior quantidade e a um custo sempre reduzido provocou desastres na indústria alimentar. Confinamento, abuso de hormônios e antibióticos e, no caso específico da vaca louca, rações com restos de animais para herbívoros criaram a pior doença veterinária do final do século 20, obrigando os pecuaristas a abater rebanhos inteiros. Os organismos geneticamente manipulados, usados na indústria alimentar, trazem questionamentos quanto à plena segurança, à contaminação e à diminuição da diversidade genética e ainda em relação à intensificação da dependência econômica dos países pobres diante de empresas transnacionais que, ao obter patentes biológicas, ampliaram o âmbito da propriedade privada. Do ponto de vista cultural, há outro aspecto menos evidenciado. Os transgênicos reforçam uma alimentação e uma cultura alimentar mais heteronômica. Sabe-se e controla-se cada vez menos o que se está comendo. A sombria previsão da ficção de que pílulas substituiriam a comida ainda não aconteceu. Embora haja uso crescente de pílulas de vitaminas ou suplementos alimentares, estas não se tornaram a forma predominante de se alimentar, mas a natureza sintética do que comemos torna-se cada vez mais dominante. A industrialização produziu um resultado ambíguo, ampliando as capacidades de produção e tornando global o intercâmbio de produtos, mas retirou a autonomia que as sociedades agrárias tinham para produzir e identificar o alimento na sua gênese. O que ocorre com os transgênicos não é apenas a artificialidade química, mas também a biológica. Os híbridos produzidos remetem a velhos pesadelos do imaginário contemporâneo sobre os riscos da ciência. Isso evidencia apenas um aspecto da importância crescente do “biopoder”. A engenharia genética poderá criar espécies de plantas e animais. Resta saber se as diferenças genéticas entre as populações humanas não podem intensificar-se e ser manipuladas para fins de suposta eugenia e predomínio racial, para não falarmos da criação de seres híbridos, com resultados imprevisíveis na biosfera.
CARNEIRO, H. S. Não sabemos o que comemos. Ciência Hoje, v. 34, n. 203, abr. 2004. p. 40-42. (Texto adaptado)

Em todas as alternativas, o termo destacado está corretamente interpretado entre colchetes, EXCETO em
a) A industrialização produziu um resultado ambíguo, **ampliando** as capacidades de produção... (linhas 64-65) = [POIS AMPLIOU]
b) Atualmente, a adoção de sementes transgênicas [...] ameaça a autonomia dos produtores [...], **tornando**-os inteiramente dependentes de grandes fornecedores de fertilizantes... (linhas 30-33) =[PORQUE os TORNA]
c) Confinamento, abuso de hormônios e antibióticos [...] criaram a pior doença veterinária do final do século 20, **obrigando** os pecuaristas a abater rebanhos inteiros. (linhas 46-49) = [PORQUE OBRIGOU]
d) No entanto o uso atual dos trangênicos na agricultura tem trazido a marca de uma expansão precipitada, **levando** ao temor global... (linhas 15-17) = [QUE LEVA]

160) (Mack-2004) Navegava Alexandre em uma poderosa armada pelo mar Eritreu a conquistar a Índia, e como fosse trazido à sua presença um pirata, que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício; porém ele, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim: Basta, senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador? Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza; o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres.

Assinale a alternativa em que a palavra "como" assume a mesma função que exerce em como fosse trazido à sua presença um pirata.
a) Como você conseguiu chegar até aqui?
b) Como todos podem ver, a situação não é das melhores.
c) Não só leu os livros indicados, como também outros de interesse pessoal.
d) Como não telefonou, resolvi procurá-lo pessoalmente.
e) O arquiteto projetou o jardim exatamente como lhe pediram.

161) (PUC-SP-1997) No trecho, "Se Leonardo se afligira do modo que acabamos de ver pelo contratempo que lhe sobreviera com o aparecimento e com as disposições de José Manuel, o padrinho não se incomodava menos com isso..." a última oração funciona como um argumento em relação à primeira. Esse argumento indica:
a) causa em relação à primeira oração, apresentando uma hipótese diante da idéia proposta.
b) condição em relação à primeira oração, apresentando uma hipótese diante da idéia proposta.
c) fim em relação à primeira oração, mostrando a finalidade da idéia proposta.
d) oposição em relação à primeira oração, invertendo a idéia proposta.
e) acréscimo em relação à primeira oração, reforçando a idéia proposta.

162) (Mack-2007) Nós já investimos mais de 100 milhões de dólares em pesquisas sobre o eucalipto. Você não acha que a nossa opinião deve valer alguma coisa?
Quase 40 anos e mais de 100 milhões de dólares em pesquisas depois, podemos afirmar que entendemos um bocado desse negócio chamado eucalipto. E que conhecemos em detalhes cada etapa do seu cultivo e as conseqüências que ele traz para a biodiversidade e para a economia. E nossas pesquisas nos levam a conclusões parecidas com as de muitos outros estudiosos. Muitos deles dizem que o eucalipto deixa o solo muito seco. Mas a pesquisa científica mostra que a quantidade de água consumida pelo eucalipto não é diferente da consumida por qualquer outra árvore de floresta nativa, desde que adotadas as técnicas corretas de cultivo. Outros dizem que o eucalipto prejudica a biodiversidade. Nossa experiência mostra que as florestas de eucalipto formam corredores que interligam as áreas de vegetação nativa, além de criar novos ambientes para a fauna. Algumas espécies buscam esses bosques para abrigo, alimentação e reprodução.
E, se o eucalipto não faz mal ao nosso solo, ele faz muito bem à nossa terra. A Aracruz Celulose é uma das maiores empresas brasileiras e exporta celulose para diversos países, favorecendo a balança comercial, gerando riquezas através de impostos e criando milhares de empregos diretos e indiretos.
Propaganda veiculada em agosto de 2006

Assinale a alternativa correta.
a) A substituição de que ele traz (linha 07) por "trazidas por ele" altera o sentido do texto.
b) desde que adotadas as técnicas corretas de cultivo (linha 13) demarca uma restrição à idéia anteriormente defendida.
c) Os gerúndios favorecendo (linha 21) , gerando e criando (linha 22) poderiam ser substituídos por "quando favorecem", "quando geram" e "quando criam", uma vez que expressam circunstância temporal.
d) A expressão além de (linha 16) é empregada com o sentido de "a não ser, exceto", como em "Que faz o senhor além desses gracejos impertinentes?".
e) Em bosques para abrigo (linha 17), a preposição poderia ser substituída por "de", como acontece com "óleo para bronzeamento" e "óleo de bronzeamento".

163) (FGV-2001) Nos períodos abaixo, estão sublinhadas quatro orações subordinadas, na forma reduzida.
Sendo o agregado homem de poucas palavras, entrou ele mudo e saiu calado.
Acabada a missa, o gerente do banco retornou a seu trabalho.

Conhecendo melhor a jovem, não teria recomendado para o cargo.
Mesmo chorando a menina, seus lábios se abriram em amplo sorriso.

Assinale a alternativa que, na ordem, corresponda ao sentido das orações sublinhadas.
a) Embora o agregado fosse... / Depois que... / Porque conhecia... / Porque chorava...
b) Se o agregado fosse... / Porque a missa tinha acabado... / Embora conhecesse... / Embora chorasse...
c) Porque o agregado era... / Quando a missa acabou... / Ainda que conhecesse... / Se chorasse...
d) À medida que... / Quando a missa acabou..../ Embora conhecesse... / Ainda que chorasse...
e) Como o agregado era... / Logo que a missa acabou... / Se conhecesse... / Embora chorasse...

164) (Fuvest-2005) O filme **Cazuza - O tempo não pára** me deixou numa espécie de felicidade pensativa. Tento explicar por quê.
Cazuza mordeu a vida com todos os dentes. A doença e a morte parecem ter-se vingado de sua paixão exagerada de viver. É impossível sair da sala de cinema sem se perguntar mais uma vez: o que vale mais, a preservação de nossas forças, que garantiria uma vida mais longa, ou a livre procura da máxima intensidade e variedade de experiências?
Digo que a pergunta se apresenta "mais uma vez" porque a questão é hoje trivial e, ao mesmo tempo, persecutória. (...) Obedecemos a uma proliferação de regras que são ditadas pelos progressos da prevenção. Ninguém imagina que comer banha, fumar, tomar pinga, transar sem camisinha e combinar, sei lá, nitratos com Viagra seja uma boa idéia. De fato não é. À primeira vista, parece lógico que concordemos sem hesitação sobre o seguinte: não há ou não deveria haver prazeres que valham um risco de vida ou, simplesmente, que valham o risco de encurtar a vida. De que adiantaria um prazer que, por assim dizer, cortasse o galho sobre o qual estou sentado?
Os jovens têm uma razão básica para desconfiar de uma moral prudente e um pouco avara que sugere que escolhamos sempre os tempos suplementares. É que a morte lhes parece distante, uma coisa com a qual a gente se preocupará mais tarde, muito mais tarde. Mas sua vontade de caminhar na corda bamba e sem rede não é apenas a inconsciência de quem pode esquecer que "o tempo não pára". É também (e talvez sobretudo) um questionamento que nos desafia: para disciplinar a experiência, será que temos outras razões que não sejam só a decisão de durar um pouco mais?
(Contardo Calligaris, **Folha de S. Paulo**)

Entre as frases "Cazuza mordeu a vida com todos os dentes" e "A doença e a morte parecem ter-se vingado de sua paixão exagerada de viver" estabelece-se um vínculo que pode ser corretamente explicitado com o emprego de
a) desde que.
b) tanto assim que.
c) uma vez que.
d) à medida que.
e) apesar de que.

165) (Mack-2001) O pranto da moça redobrou tanto que senti meus olhos molhados e fugi.

Assinale a alternativa cujo período tem sentido equivalente ao acima transcrito.
a) Quis fugir porque senti meus olhos molhados ao ver a moça chorar.
b) Ao fugir, sentindo meus olhos molhados, o pranto da moça redobrou.
c) O pranto da moça aumentou muito: senti meus olhos molhados e fugi.
d) Quando senti que o pranto da moça poderia aumentar, fugi com os olhos molhados.
e) Embora o pranto da moça aumentasse, fugi, ao sentir meus olhos molhados.

166) (UFV-2005) O texto abaixo apresenta um problema associado à coesão textual afetando também a coerência textual:
O computador vem assumindo um papel cada vez mais importante na educação. Apesar de incluir enciclopédias em CD-rom, possui jogos que educam e divertem.

a) Identifique o problema de coesão textual.

b) Reescreva o texto acima, de modo a torná-lo coerente e coeso.

167) (Mack-2004) O trovador
Sentimentos em mim do asperamente
dos homens das primeiras eras ...
As primaveras de sarcasmo
intermitentemente no meu coração arlequinal ...
Intermitentemente ...
Outras vezes é um doente, um frio
na minha alma doente como um longo som redondo ...
Cantabona! Cantabona!
Dlorom ...
Sou um tupi tangendo um alaúde!
Mário de Andrade
Obs.: alaúde - instrumento de cordas, com larga difusão na Europa, da Idade Média ao Barroco.

Assinale a afirmativa correta.
a) As palavras alaúde e "túnel" recebem acento gráfico pela mesma razão.
b) Nas palavras trovador e asperamente, observa-se processo de derivação sufixal.
c) No último verso, tangendo um alaúde equivale a uma oração adverbial condicional se tange um alaúde.

d) As reticências usadas no texto têm a função de evidenciar o tom irônico do poema.
e) Em arlequinal e “cafezal”, o sufixo “al” tem o mesmo sentido.

168) (Fuvest-2000) Óbito do autor
Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo.
(Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas, capítulo primeiro)

No texto, o particípio suposto expressa uma idéia de
a) causa.
b) finalidade.
c) tempo.
d) concessão.
e) conformidade.

169) (FGV-2004) Observe o seguinte fragmento:
“Ou porque a sua dor era tão grande que lhe podia exprimir o amor em lágrimas desde o coração até os olhos, ou porque, selvagem mesmo, ela já tinha compreendido que a grande arma da mulher está no pranto, Ahy chorou.”
O que significa **mesmo** nesse fragmento? Justifique sua resposta.

170) (FGV-2002) Observe os períodos abaixo e escolha a alternativa correta em relação à idéia expressa, respectivamente, pelas conjunções ou locuções SEM QUE, POR MAIS QUE, COMO, CONQUANTO, PARA QUE.

1. Sem que respeites pai e mãe, não serás feliz.
2. Por mais que corresse, não chegou a tempo.
3. Como não tivesse certeza, preferiu não responder.
4. Conquanto a enchente lhe ameaçasse a vida, Gertrudes negou-se a abandonar a casa.
5. Mandamos colocar grades em todas as janelas para que as crianças tivessem mais segurança.

a) Condição, concessão, causa, concessão, finalidade.
b) Concessão, causa, concessão, finalidade, condição.
c) Causa, concessão, finalidade, condição, concessão.
d) Condição, finalidade, condição, concessão, causa.
e) Finalidade, condição, concessão, causa, concessão.

171) (FGV-2003) Observe, nos seguintes períodos, as orações que contêm verbo no gerúndio:

Estando as meninas em Araxá, foi Ronaldo ter com elas.
Sendo o aluno um jovem estudioso, deverá facilmente obter aprovação.
Sendo brasileiro o advogado, poderei atendê-lo; caso contrário, não.

Essas orações são subordinadas adverbiais. Assinale a alternativa que indique respectivamente a circunstância de cada uma. Leve em conta que a oração pode indicar mais de uma circunstância.

a) Causa, causa, conseqüência.
b) Tempo, causa, finalidade.
c) Conseqüência, concessão, finalidade.
d) Tempo, causa, condição.
e) Condição, finalidade, tempo.

172) (ITA-1996) OS CÃES

- Lutar. Podes escachá-los ou não; o essencial é que lutes. Vida é luta. Vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal.
DAÍ A POUCO demos COM UMA BRIGA de cães¤; fato que AOS OLHOS DE UM HOMEM VULGAR não teria valor, Quincas Borba fez-me parar e observar os cães. Eram dois. Notou que ao pé deles estava um osso, MOTIVO DA GUERRA, e não deixou de chamar a minha atenção para a circunstância de que o osso não tinha carne. Um simples osso nu. Os cães mordiam-se, rosnavam, COM O FUROR NOS OLHOS... Quincas Borba meteu a bengala DEBAIXO DO¦ BRAÇO, e parecia em êxtase.
- Que belo que isto é! dizia ele de quando em quando. Quis arrancá-lo dali, mas não pude; ele estava arraigado AO CHÃO, e só continuou A ANDAR, quando a briga cessou£ INTEIRAMENTE, e um dos cães, MORDIDO e vencido, foi levar a sua fome A OUTRA PARTE. Notei que ficara sinceramente ALEGRE, posto contivesse a ALEGRIA, segundo convinha a um grande filósofo. Fez-me observar a beleza do espetáculo, relembrou o objeto da luta, concluiu que os cães tinham fome; mas a privação do alimento era nada para os efeitos gerais da filosofia. Nem deixou de recordar que em algumas partes do globo o espetáculo é mais grandioso: as criaturas humanas é que disputam¤ aos cães os ossos e outros manjares menos APETECÍVEIS; luta que se complica muito, porque entra em ação a inteligência do homem, com todo o acúmulo de sagacidade que lhe deram os séculos etc.

A oração " posto contivesse a alegria " indica:
a) conformidade.
b) causa.
c) proporção.
d) condição.
e) concessão.

173) (Faap-1997) Os gatos

Deus fez o homem à sua imagem e semelhança, e fez o crítico à semelhança do gato. Ao crítico deu ele, como ao gato, a graça ondulosa e o assopro, o ronrom e a garra, a língua espinhosa. Fê-lo nervoso e ágil, refletido e preguiçoso; artista até ao requinte, sarcasta até a tortura, e para os amigos bom rapaz, desconfiado para os indiferentes, e terrível com agressores e adversários... .

Desde que o nosso tempo englobou os homens em três categorias de brutos, o burro, o cão e o gato - isto é, o animal de trabalho, o animal de ataque, e o animal de humor e fantasia - por que não escolheremos nós o travesti do último? É o que se quadra mais ao nosso tipo, e aquele que melhor nos livrará da escravidão do asno, e das dentadas famintas do cachorro.

Razão por que nos acharás aqui, leitor, miando um pouco, arranhando sempre e não temendo nunca.

Fialho de Almeida

Desde que o nosso tempo englobou os homens em três categorias de brutos, porque não escolheremos nós o travesti do último?.
A análise que se faz está correta, exceto:
a) tempo (sujeito).
b) os homens (objeto direto).
c) nós (sujeito).
d) travesti (objeto indireto).
e) o (travesti) adnominal.

174) (FGV-2005) Os tiranos e os autocratas sempre compreenderam que a capacidade de ler, o conhecimento, os livros e os jornais são potencialmente perigosos. Podem insuflar idéias independentes e até rebeldes nas cabeças de seus súditos. O governador real britânico da colônia de Virgínia escreveu em 1671:
Graças a Deus não há escolas, nem imprensa livre; e espero que não [as] tenhamos nestes [próximos] cem anos; pois o conhecimento introduziu no mundo a desobediência, a heresia e as seitas, e a imprensa divulgou-as e publicou os libelos contra os melhores governos. Que Deus nos guarde de ambos!
Mas os colonizadores norte-americanos, compreendendo em que consiste a liberdade, não pensavam assim. Em seus primeiros anos, os Estados Unidos se vangloriavam de ter um dos índices mais elevados - talvez o mais elevado - de cidadãos alfabetizados no mundo.
Atualmente, os Estados Unidos não são o líder mundial em alfabetização. Muitos dos que são alfabetizados não conseguem ler, nem compreender material muito simples - muito menos um livro da sexta série, um manual de instruções, um horário de ônibus, o documento de uma hipoteca ou um programa eleitoral.
As rodas dentadas da pobreza, ignorância, falta de esperança e baixa auto-estima se engrenam para criar um tipo de máquina do fracasso perpétuo que esmigalha os sonhos de geração a geração. Nós todos pagamos o preço de mantê-la funcionando. O analfabetismo é a sua cavilha. Ainda que endureçamos os nossos corações diante da vergonha e da desgraça experimentadas pelas vítimas, o ônus do analfabetismo é muito alto para todos os demais - o custo de despesas médicas e hospitalização, o custo de crimes e prisões, o custo de programas de educação especial, o custo da produtividade perdida e de inteligências potencialmente brilhantes que poderiam ajudar a solucionar os dilemas que nos perseguem. Frederick Douglass ensinou que a alfabetização é o caminho da escravidão para a liberdade. Há muitos tipos de escravidão e muitos tipos de liberdade. Mas saber ler ainda é o caminho.
(Carl Sagan, O caminho para a liberdade. Em O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro. Adaptado)

Ainda que endureçamos os nossos corações diante da vergonha e da desgraça experimentadas pelas vítimas, o ônus do analfabetismo é muito alto para todos os demais.
A locução *ainda que* e o advérbio *muito* estabelecem, nesse enunciado, relações de sentido, respectivamente, de
a) restrição e quantidade.
b) causa e modo.
c) tempo e meio.
d) concessão e intensidade.
e) condição e especificação.

175) (UECE-2002) OUTRO NOME DO RACISMO

Odeio surtos de bom-mocismo, remorsos súbitos, arrastões morais. Abomino a retórica politicamente correta, paternalismos vesgos, equívocos bem-intencionados.
Assisto pois com fastio e espanto às discussões sobre a implantação de um sistema de cotas, na universidade, para estudantes de pele negra. No Ceará, baseado no mesmo voluntarismo míope, tramita na Assembléia projeto que garante cotas no vestibular para estudantes da escola pública. As duas propostas padecem do mesmo pecado original: pretendem remediar uma injustiça histórica através de outra.
A perversa desigualdade brasileira tem raízes profundas, construídas ao longo de 500 anos de exploração, preconceito e exclusão. Portanto, não será resolvida na base de decretos e canetadas oficiais. O tal sistema de cotas aponta no alvo errado. Em vez de combater o problema em suas causas primeiras, procura apaziguar nossas consciências cívicas investindo contra o que, na verdade, é só uma conseqüência.
Se queremos, de fato, estabelecer políticas compensatórias a favor dos excluídos, que apontemos então nossa indignação para o coração da desigualdade: é preciso investir maciçamente na educação básica, elevando efetivamente o nível da escola pública.

Ao adotarmos cotas e cursinhos pré-universitários exclusivos para negros, estaríamos na verdade estabelecendo um retrocesso histórico, institucionalizando o questionável conceito de raça. Ressuscitaríamos assim, quem sabe, as teses de Nina Rodrigues. Reforçaríamos a idéia anacrônica de que as raças são naturais e, por conseqüência, que uma pode realmente ser superior às outras. Assim, só alimentaríamos ainda mais o preconceito. Oficializaríamos o gueto e a discriminação. Os adeptos da idéia se defendem com nova pérola do pensamento politicamente correto. Falam de uma tal ''discriminação positiva''. Em bom português, não passa de uma outra forma de racismo. Um racismo às avessas. Mas o mais puro e insuportável racismo.
(Lira Neto. O POVO: 14/9/2001)

O enunciado *Ao adotarmos cotas e cursinhos pré-universitários exclusivos para negros, estaríamos na verdade institucionalizando o questionável conceito de raça* conservará o mesmo sentido se for assim reescrito:
a) Quando adotarmos cotas e cursinhos pré-universitários exclusivos para negros, estaremos na verdade estabelecendo um retrocesso histórico, institucionalizando o questionável conceito de raça.
b) Caso adotássemos cotas e cursinhos pré-universitários exclusivos para negros, estaríamos na verdade estabelecendo um retrocesso histórico, institucionalizando o questionável conceito de raça.
c) Se adotarmos cotas e cursinhos pré-universitários exclusivos para negros, estaremos na verdade estabelecendo um retrocesso histórico, institucionalizando o questionável conceito de raça.
d) Porquanto adotássemos cotas e cursinhos pré-universitários exclusivos para negros, estaríamos na verdade estabelecendo um retrocesso histórico, institucionalizando o questionável conceito de raça.

176) (Cesgranrio-1997) Quando estou, quando estou apaixonado
tão fora de mim eu vivo
que nem sei se vivo ou morto
quando estou estou apaixonado.

Não pode a fera comigo
quando estou, quando estou apaixonado,
mas me derrota a formiga
se é que estou apaixonado.

Estarei, quem, e entende, apaixonado
neste arco de danação?
Ou é a morta paixão
que me deixa, que me deixa neste estado?

Carlos Drummond de Andrade

Assinale a opção em que se encontra exemplo de elipse.
a) "tão fora de mim eu vivo" (v.2)
b) "que nem sei se vivo ou morto" (v.3)
c) "Não pode a fera comigo" (v.5)
d) "mas me derrota a formiga" (v.7)
e) "Ou é a morta paixão" (v.11)

177) (FGV-2001) Religiosamente, pela manhã, ele dava milho na mão para a galinha cega. As bicadas tontas, de violentas, faziam doer a palma da mão calosa. E ele sorria. Depois a conduzia ao poço, onde ela bebia com os pés dentro da água. A sensação direta da água nos pés lhe anunciava que era hora de matar a sede; curvava o pescoço rapidamente, mas nem sempre apenas o bico atingia a água: muita vez, no furor da sede longamente guardada, toda a cabeça mergulhava no líquido, e ela a sacudia, assim molhada, no ar. Gotas inúmeras se espargiam nas mãos e no rosto do carroceiro agachado junto do poço. Aquela água era como uma bênção para ele. Como água benta, com que um Deus misericordioso e acessível aspergisse todas as dores animais. Bênção, água benta, ou coisa parecida: uma impressão de doloroso triunfo, de sofredora vitória sobre a desgraça inexplicável, injustificável, na carícia dos pingos de água, que não enxugava e lhe secavam lentamente na pele. Impressão, aliás, algo confusa, sem requintes psicológicos e sem literatura.
Depois de satisfeita a sede, ele a colocava no pequeno cercado de tela separado do terreiro (as outras galinhas martirizavam muito a branquinha) que construíra especialmente para ela. De tardinha dava-lhe outra vez milho e água e deixava a pobre cega num poleiro solitário, dentro do cercado.
Porque o bico e as unhas não mais catassem e ciscassem, puseram-se a crescer. A galinha ia adquirindo um aspecto irrisório de rapace, ironia do destino, o bico recurvo, as unhas aduncas. E tal crescimento já lhe atrapalhava os passos, lhe impedia de comer e beber. Ele notou essa miséria e, de vez em quando, com a tesoura, aparava o excesso de substância córnea no serzinho desgraçado e querido.
Entretanto, a galinha já se sentia de novo quase feliz. Tinha delidas lembranças da claridade sumida. No terreiro plano ela podia ir e vir à vontade até topar a tela de arame, e abrigar-se do sol debaixo do seu poleiro solitário. Ainda tinha liberdade - o pouco de liberdade necessário à sua cegueira. E milho. Não compreendia nem procurava compreender aquilo. Tinham soprado a lâmpada e acabou-se. Quem tinha soprado não era da conta dela. Mas o que lhe doía fundamente era já não poder ver o galo de plumas bonitas. E não sentir mais o galo perturbá-la com o seu cócó-có malicioso. O ingrato.
(João Alphonsus - Galinha Cega. Em MORICONI, Italo, Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século. São Paulo: Objetiva, 2000.)

Observe o período abaixo:
Ele fala mais / do que eu (falo).
Entre as duas orações sublinhadas, há uma relação de comparação.
Agora observe o período seguinte:
"As bicadas tontas, de violentas, faziam doer a mão calosa."
Nesse período, qual a relação estabelecida entre, de um lado, de violentas e, de outro, faziam doer a mão calosa?

178) (IBMEC-2006) Sapos, desculpas e proxenetas
Do "vão ter que me engolir" à cafetina Jane:
fecundos capítulos da novela do mensalão
(fragmento)
Em Zagallo já era feio. O então técnico da seleção tinha o rosto transtornado de fúria, a voz cheia de rancor, e encarava a câmera de TV com ganas de pit bull ferido, quando despejou sua famosa frase: " VOCÊS VÃO TER QUE ME ENGOLIR!". No presidente da República fica muito pior. O "eles vão ter que engolir" destinado pelo presidente Lula aos adversários na semana passada inscreve-se na galeria das grandes grosserias já disparadas pelos presidentes do Brasil. Lembra o "Me esqueçam" do general João Figueiredo quando, em sua última entrevista como presidente, o jornalista Alexandre Garcia lhe perguntou que palavras gostaria de endereçar naquele momento ao povo brasileiro. Com a ameaça de adentrar goela abaixo de uma parcela de brasileiros, o "Lulinha paz e amor" dava abrupta marcha a ré em direção aos tempos espinhudos do sapo barbudo.
O presidente Lula tem andado exaltado em seus pronunciamentos. Um dia diz que "ninguém tem mais moral e ética" do que ele, no outro que a "elite brasileira" não vai fazê-lo baixar a cabeça. Por duas vezes, bateu na tecla de que, se se deve investigar até o fim as denúncias que sacodem o país e punir os culpados, deve-se, também, absolver os inocentes e pedir-lhes desculpas. "Que pelo menos a imprensa brasileira divulgue e peça desculpas àqueles que foram acusados injustamente", disse, no mesmo discurso do "vão ter que me engolir". É nessa hora que eleva o tom de voz e embica num fraseado compassado, sinal para a claque dos comícios de que é hora de aplaudir. Fica a impressão de que a pregação que veio antes, de punição aos culpados, foi, além de obrigatório tributo à obviedade, mero contraponto ao apelo à absolvição, o ponto que realmente interessa ao presidente. "Vamos inocentar!", isso, na verdade, é o que ele mais está querendo dizer.
(TOLEDO, Roberto Pompeu de. Revista Veja. *Ensaio. São Paulo. Editora Abril. Ano 38, Nº- 32, 10 de agosto de 2005. p.142)*

Tem-se oração subordinada adverbial condicional em:
a) "... se se deve investigar até o fim as denúncias que sacodem o país e punir os culpados..."
b) "... quando despejou sua famosa frase..."
c) "Fica a impressão de que a pregação que veio antes..."
d) "O 'eles vão ter que engolir' destinado pelo presidente Lula aos adversários na semana passada inscreve-se na galeria das grandes grosserias já disparadas pelos presidentes do Brasil."
e) "... isso, na verdade, é o que ele mais está querendo dizer."

179) (UFPR-2002) Segundo o dicionário Aurélio, *círculo vicioso* é a "demonstração ou definição de A por meio de B que, por sua vez, só se pode demonstrar por meio de A". Uma conhecida campanha publicitária usou como mote uma pergunta cuja resposta tem a forma de um círculo vicioso: "Tostines vende mais porque é fresquinho e é fresquinho porque vende mais."
Mylton Severiano, em várias edições da revista *Caros Amigos*, inclui na sua coluna *Enfermaria* a seção *Tostines*, com perguntas que podem ter respostas análogas à da propaganda da bolacha. Entre as alternativas abaixo, adaptadas da coluna de Severiano, tem-se um círculo vicioso em:
( ) Você ouve música triste porque se sente deprimido e porque ouve música triste se sente deprimido.
( ) As pessoas não se interessam por política porque esta é corrupta e há um desinteresse das pessoas pela política por causa da corrupção.
( ) Quanto mais poder tem o "coronel", mais miserável seu povo, e quanto mais miserável o povo, mais poder tem o "coronel".
( ) Você não ousa porque a situação está difícil e, porque a situação não está fácil, você não age com ousadia.
( ) Fugimos do perigo porque sentimos medo e, porque sentimos medo, fugimos do perigo.
( ) É preciso arrumar um novo amor para sentir-se jovem, e para arrumar um novo amor é preciso sentir-se jovem.

180) (Fuvest-2001) Só os roçados da morte
compensam aqui cultivar,
e cultivá-los é fácil:
simples questão de plantar;
não se precisa de limpa,
de adubar nem de regar;
as estiagens e as pragas
fazem-nos mais prosperar;
e dão lucro imediato;
nem é preciso esperar
pela colheita: recebe-se
na hora mesma de semear.
(João Cabral de Melo Neto, Morte e vida severina)

Substituindo-se os dois-pontos por uma conjunção, em "(...) pela colheita: recebe-se (...)", mantém-se o sentido do texto APENAS em "(...) pela colheita,

a) embora se receba (...)”..
b) ou se recebe (...)”.
c) ainda que se receba (...)”.
d) já que se recebe (...)”
e) portanto se recebe (...)”.

181) (Mack-2002) Tanto de meu estado me acho incerto,
Que em vivo ardor tremendo estou de frio;
Sem causa, juntamente choro e rio;
O mundo todo abarco e nada aperto.
Camões

No verso *Que em vivo ardor tremendo estou de frio* **NÃO** ocorre:
a) paradoxo.
b) ordem inversa dos termos na oração.
c) relação de conseqüência com a oração anterior.
d) emprego de verbo no gerúndio.
e) equivalência sintática entre *de frio* e “poema **de Camões**”.

182) (UFU-2006) Tenho desprezo por gente que se orgulha da própria raça. Nem tanto pelo orgulho, sentimento menos nobre, porém inerente à natureza humana, mas pela estupidez. Que mérito pessoal um pobre de espírito pode pleitear por haver nascido branco, negro ou amarelo, de olhos azuis ou lilases?
Tradicionalmente, o conceito popular de raça está ligado a características externas do corpo humano, como cor da pele, formato dos olhos e as curvas que o cabelo faz ou deixa de fazer. Existe visão mais subjetiva?
Na Alemanha nazista, bastava ter a pele morena para o cidadão ser considerado de uma raça inferior à dos que se proclamavam arianos. Nos Estados Unidos, são classificadas como negras pessoas que no Brasil consideramos brancas; lá, os mineiros de Governador Valadares são rotulados de hispânicos. Conheci um cientista português que se orgulhava de descender diretamente dos godos!
Há cerca de 100 mil anos, seres humanos de anatomia semelhante à da mulher e à do homem moderno migraram da África, berço de nossa espécie, para os quatro cantos do mundo. Tais ondas migratórias criaram forte pressão seletiva sobre nossos ancestrais. Não é difícil imaginar as agruras de uma família habituada ao sol da savana etíope, obrigada a adaptar-se à escuridão do inverno russo; ou as dificuldades de adaptação de pessoas acostumadas a dietas vegetarianas ao migrar para regiões congeladas.
Apesar de primatas aventureiros, éramos muito mais apegados à terra natal nessa época em que as viagens precisavam ser feitas a pé; a maioria de nossos antepassados passava a existência no raio de alguns quilômetros ao redor da aldeia natal. Como descendemos de um pequeno grupo de hominídeos africanos e o isolamento favorece o acúmulo de semelhanças genéticas, traços externos como a cor da pele, dos olhos e dos cabelos tornaram-se característicos de determinadas populações.
Mas seria possível estabelecer critérios genéticos mais objetivos para definir o que chamamos de raça? Em outras palavras: além dessa meia dúzia de aspectos identificáveis externamente, o que diferenciaria um negro de um branco ou de um asiático?
Para determinar o grau de parentesco entre dois indivíduos, os geneticistas modernos fazem comparações entre certos genes contidos no DNA de cada um.
Lembrando que os genes nada mais são do que pequenos fragmentos da molécula de DNA, a tecnologia atual permite que semelhanças e disparidades porventura existentes entre dois genes sejam detectadas com precisão.
Tecnicamente, essas diferenças recebem o nome de polimorfismos. É na análise desses polimorfismos que se baseia o teste de DNA para exclusão de paternidade, por exemplo.
Na Universidade de Stanford, Noah Rosemberg e Jonathan Pritchard testaram 375 polimorfismos genéticos em 52 grupos de habitantes da Ásia, África, Europa e das Américas. Através da comparação, conseguiram dividilos em cinco grupos étnicos cujos ancestrais estiveram isolados por barreiras geográficas, como desertos extensos, montanhas intransponíveis ou oceanos: os africanos da região abaixo do deserto do Saara, os asiáticos do leste, os europeus e asiáticos que vivem a oeste dos Himalaias, os habitantes da Nova Guiné e Melanésia e os indígenas das Américas.
No entanto, quando os autores tentaram atribuir identidade genética aos habitantes do sul da Índia, verificaram que seus traços eram comuns a europeus e a asiáticos, observação consistente com a influência exercida por esses povos naquela área do país.
A conclusão é que só é possível identificar grupos de indivíduos com semelhanças genéticas ligadas a suas origens geográficas quando descendem de populações isoladas por barreiras que impediram a miscigenação.
Mas o conceito popular de raça está distante da complexidade das análises de polimorfismos genéticos: para o povo, raça é questão de cor da pele, tipo de cabelo e traços fisionômicos.
Nada mais primário!
Essas características sofreram forte influência do processo de seleção natural que, no decorrer da evolução de nossa espécie, eliminou os menos aptos. Pessoas com mesma cor de pele podem apresentar profundas divergências genéticas, como é o caso de um negro brasileiro comparado com um aborígene australiano ou com um árabe de pele escura.
Ao contrário, indivíduos semelhantes geneticamente, quando submetidos a forças seletivas distintas, podem adquirir aparências diversas. Nos transplantes de órgãos, ninguém é louco de escolher um doador apenas por ser

fisicamente parecido ou por ter cabelo crespo como o do receptor.

Excluídos os gêmeos univitelinos, entre os 6 bilhões de seres humanos não existem dois indivíduos geneticamente idênticos. Dos 30 mil genes que formam nosso genoma, os responsáveis pela cor da pele e pelo formato do rosto não passam de algumas dezenas.

Como as combinações de genes maternos e paternos admitem infinitas alternativas, teoricamente pode haver mais identidade genética entre dois estranhos do que entre primos consangüíneos; entre um negro brasileiro e um branco argentino, do que entre dois negros sul-africanos ou dois brancos noruegueses.

Dráuzio Varela. *Folha de S. Paulo,* 1º de abril de 2006.

Observe o fragmento abaixo.

Ao contrário, indivíduos semelhantes geneticamente, quando submetidos a forças seletivas distintas, podem adquirir aparências diversas. **Nos transplantes de órgãos, ninguém é louco de escolher um doador apenas por ser fisicamente parecido ou por ter cabelo crespo como o do receptor.**

O período em destaque poderia ser introduzido pelas expressões apresentadas abaixo, sem alteração de sentido, **EXCETO**:

a) Além disso
b) Por isso
c) Por essa razão
d) Em virtude disso

183) (UFU-2006) Tenho desprezo por gente que se orgulha da própria raça. Nem tanto pelo orgulho, sentimento menos nobre, porém inerente à natureza humana, mas pela estupidez. Que mérito pessoal um pobre de espírito pode pleitear por haver nascido branco, negro ou amarelo, de olhos azuis ou lilases?

Tradicionalmente, o conceito popular de raça está ligado a características externas do corpo humano, como cor da pele, formato dos olhos e as curvas que o cabelo faz ou deixa de fazer. Existe visão mais subjetiva?

Na Alemanha nazista, bastava ter a pele morena para o cidadão ser considerado de uma raça inferior à dos que se proclamavam arianos. Nos Estados Unidos, são classificadas como negras pessoas que no Brasil consideramos brancas; lá, os mineiros de Governador Valadares são rotulados de hispânicos. Conheci um cientista português que se orgulhava de descender diretamente dos godos!

Há cerca de 100 mil anos, seres humanos de anatomia semelhante à da mulher e à do homem moderno migraram da África, berço de nossa espécie, para os quatro cantos do mundo. Tais ondas migratórias criaram forte pressão seletiva sobre nossos ancestrais. Não é difícil imaginar as agruras de uma família habituada ao sol da savana etíope, obrigada a adaptar-se à escuridão do inverno russo; ou as dificuldades de adaptação de pessoas acostumadas a dietas vegetarianas ao migrar para regiões congeladas.

Apesar de primatas aventureiros, éramos muito mais apegados à terra natal nessa época em que as viagens precisavam ser feitas a pé; a maioria de nossos antepassados passava a existência no raio de alguns quilômetros ao redor da aldeia natal. Como descendemos de um pequeno grupo de hominídeos africanos e o isolamento favorece o acúmulo de semelhanças genéticas, traços externos como a cor da pele, dos olhos e dos cabelos tornaram-se característicos de determinadas populações.

Mas seria possível estabelecer critérios genéticos mais objetivos para definir o que chamamos de raça? Em outras palavras: além dessa meia dúzia de aspectos identificáveis externamente, o que diferenciaria um negro de um branco ou de um asiático?

Para determinar o grau de parentesco entre dois indivíduos, os geneticistas modernos fazem comparações entre certos genes contidos no DNA de cada um. Lembrando que os genes nada mais são do que pequenos fragmentos da molécula de DNA, a tecnologia atual permite que semelhanças e disparidades porventura existentes entre dois genes sejam detectadas com precisão.

Tecnicamente, essas diferenças recebem o nome de polimorfismos. É na análise desses polimorfismos que se baseia o teste de DNA para exclusão de paternidade, por exemplo.

Na Universidade de Stanford, Noah Rosemberg e Jonathan Pritchard testaram 375 polimorfismos genéticos em 52 grupos de habitantes da Ásia, África, Europa e das Américas. Através da comparação, conseguiram dividilos em cinco grupos étnicos cujos ancestrais estiveram isolados por barreiras geográficas, como desertos extensos, montanhas intransponíveis ou oceanos: os africanos da região abaixo do deserto do Saara, os asiáticos do leste, os europeus e asiáticos que vivem a oeste dos Himalaias, os habitantes da Nova Guiné e Melanésia e os indígenas das Américas.

No entanto, quando os autores tentaram atribuir identidade genética aos habitantes do sul da Índia, verificaram que seus traços eram comuns a europeus e a asiáticos, observação consistente com a influência exercida por esses povos naquela área do país.

A conclusão é que só é possível identificar grupos de indivíduos com semelhanças genéticas ligadas a suas origens geográficas quando descendem de populações isoladas por barreiras que impediram a miscigenação.

Mas o conceito popular de raça está distante da complexidade das análises de polimorfismos genéticos: para o povo, raça é questão de cor da pele, tipo de cabelo e traços fisionômicos.

Nada mais primário!

Essas características sofreram forte influência do processo de seleção natural que, no decorrer da evolução de nossa espécie, eliminou os menos aptos. Pessoas com mesma cor de pele podem apresentar profundas divergências genéticas, como é o caso de um negro brasileiro comparado com um aborígene australiano ou com um árabe de pele escura.

Ao contrário, indivíduos semelhantes geneticamente, quando submetidos a forças seletivas distintas, podem adquirir aparências diversas. Nos transplantes de órgãos, ninguém é louco de escolher um doador apenas por ser fisicamente parecido ou por ter cabelo crespo como o do receptor.

Excluídos os gêmeos univitelinos, entre os 6 bilhões de seres humanos não existem dois indivíduos geneticamente idênticos. Dos 30 mil genes que formam nosso genoma, os responsáveis pela cor da pele e pelo formato do rosto não passam de algumas dezenas.

Como as combinações de genes maternos e paternos admitem infinitas alternativas, teoricamente pode haver mais identidade genética entre dois estranhos do que entre primos consangüíneos; entre um negro brasileiro e um branco argentino, do que entre dois negros sul-africanos ou dois brancos noruegueses.

Dráuzio Varela. *Folha de S. Paulo,* 1º de abril de 2006.

Observe o período abaixo.

...só é possível identificar grupos de indivíduos com semelhanças genéticas ligadas a suas origens geográficas **quando** descendem de populações isoladas... (linhas 52-54)

Assinale a **ÚNICA** alternativa em que a substituição do termo em destaque mantém a mesma relação de sentido entre as proposições.

a) porque
b) se
c) pois
d) posto que

184) (Cesgranrio-1997) Tomava café, quando um empregado subiu para dizer que lá embaixo estava um senhor, acompanhado de duas praças, e que desejava falar ao dono da casa.

- Vou já, respondeu este. E acrescentou para Botelho: - São eles!

- Deve ser, confirmou o velho.

E desceram logo.

- Quem me procura?... exclamou João Romão com disfarce, chegando ao armazém.

Um homem alto, com ar de estróina, adiantou-se e entregou-lhe uma folha de papel.

João Romão, um pouco trêmulo, abriu-a defronte dos olhos e leu-a demoradamente. Um silêncio formou-se em torno dele: os caixeiros pararam em meio do serviço, intimidados por aquela cena em que entrava a polícia.

- Está aqui com efeito... disse afinal o negociante. Pensei que fosse livre...

- É minha escrava, afirmou o outro. Quer entregar-ma?...

- Mas imediatamente.

- Onde está ela?

- Deve estar lá dentro. Tenha a bondade de entrar...

O sujeito fez sinal aos dois urbanos que o acompanharam logo, e encaminharam-se todos para o interior da casa. Botelho, à frente deles, ensinava-lhes o caminho. João Romão ia atrás, pálido, com as mãos cruzadas nas costas.

Atravessaram o armazém, depois um pequeno corredor que dava para um pátio calçado, chegaram finalmente à cozinha. Bertoleza, que havia já feito subir o jantar dos caixeiros, estava de cócoras, no chão escamando peixe, para a ceia do seu homem, quando viu parar defronte dela aquele grupo sinistro.

Reconheceu logo o filho mais velho do seu primitivo senhor, e um calafrio percorreu-lhe o corpo. Num relance de grande perigo compreendeu a situação; adivinhou tudo com a lucidez de quem se vê perdido para sempre: adivinhou que tinha sido enganada; que a sua carta de alforria era uma mentira, e que o seu amante, não tendo coragem para matá-la, restituía-a ao cativeiro.

Seu primeiro impulso foi o de fugir. Mal, porém circunvagou os olhos em torno de si, procurando escapula, o senhor adiantou-se dela e segurou-lhe o ombro.

- É esta! disse aos soldados que, com um gesto, intimaram a desgraçada a segui-los. - Prendam-na! É escrava minha!

A negra, imóvel, cercada de escamas e tripas de peixe, com uma das mãos espalmada no chão e com a outra segurando a faca de cozinha, olhou aterrada para eles, sem pestanejar.

Os policiais, vendo que ela se não despachava, desembainharam os sabres. Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravia, recuou de um salto, e antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um só golpe certeiro e fundo rasgara o ventre de lado a lado.

E depois emborcou para a frente, rugindo e esfocinhando moribunda numa lameira de sangue.

João Romão fugira até ao canto mais escuro do armazém, tapando o rosto com as mãos.

Nesse momento parava à porta da rua uma carruagem. Era uma comissão de abolicionistas que vinha, de casaca, trazer-lhe respeitosamente o diploma de sócio benemérito.

Ele mandou que os conduzissem para a sala de visitas.

Aluísio de Azevedo" O Cortiço"

Depreende-se do trecho "não tendo coragem” idéia de:

a) causa.
b) conseqüência.
c) finalidade.

d) concessão.
e) explicação.

185) (FGV-2002) Um cachorro de maus bofes acusou uma pobre ovelhinha de lhe haver furtado um osso.
- Para que furtaria eu esse osso - ela - se sou herbívora e um osso para mim vale tanto quanto um pedaço de pau?
- Não quero saber de nada. Você furtou o osso e vou levá-la aos tribunais.
E assim fez.
Queixou-se ao gavião-de-penacho e pediu-lhe justiça. O gavião reuniu o tribunal para julgar a causa, sorteando para isso doze urubus de papo vazio.
Comparece a ovelha. Fala. Defende-se de forma cabal, com razões muito irmãs das do cordeirinho que o lobo em tempos comeu.
Mas o júri, composto de carnívoros gulosos, não quis saber de nada e deu a sentença:
- Ou entrega o osso já e já, ou condenamos você à morte!
A ré tremeu: não havia escapatória!... Osso não tinha e não podia, portanto, restituir; mas tinha vida e ia entregá-la em pagamento do que não furtara.
Assim aconteceu. O cachorro sangrou-a, espostejou-a, reservou para si um quarto e dividiu o restante com os juízes famintos, a título de custas...
(Monteiro Lobato. Fábulas e Histórias Diversas)

No texto, encontramos o seguinte período: “ - Para que furtaria eu esse osso - ela - se sou herbívora e um osso para mim vale tanto quanto um pedaço de pau?” Nesse período, teria sido possível escrever ***Por que*** em vez de ***Para que***. Isso teria provocado sentido diferente à frase? Explique.

186) (FVG - SP-2007)
Ver é muito complicado. Isso é estranho porque os olhos, de todos os órgãos dos sentidos, são os de mais fácil compreensão científica.
A sua física é idêntica à física óptica de uma máquina fotográfica: o objeto do lado de fora aparece refletido do lado de dentro. Mas existe algo na visão que não pertence à física. William Blake* sabia disso e afirmou: "A árvore que o sábio vê não é a mesma árvore que o tolo vê". Sei disso por experiência própria. Quando vejo os ipês floridos, sinto-me como Moisés diante da sarça ardente: ali está uma epifania do sagrado. Mas uma mulher que vivia perto da minha casa decretou a morte de um ipê que florescia à frente de sua casa porque ele sujava o chão, dava muito trabalho para a sua vassoura. Seus olhos não viam a beleza. Só viam o lixo.
Adélia Prado disse: "Deus de vez em quando me tira a poesia. Olho para uma pedra e vejo uma pedra".
Drummond viu uma pedra e não viu uma pedra. A pedra que ele viu virou poema.
(Rubem Alves. *A complicada arte de ver. Folha de S.Paulo*, 26.10.2004)
* William Blake (1757-1827) foi poeta romântico, pintor e gravador inglês.
Autor dos livros de poemas *Song of Innocence e Gates of Paradise*.

Assinale a alternativa em que as vírgulas estão sendo usadas pela mesma razão que são empregadas no trecho: *Quando vejo os ipês floridos, sinto-me como Moisés diante da sarça ardente.*
a) Se entramos em conflito, lutamos contra nossa consciência.
b) O pródigo pode lastimado, mas o avarento é quase sempre aborrecido.
c) A modéstia doura os talentos, a vaidade os deslustra.
d) Os grandes e os sábios sorriem, os pequenos e os néscios gargalham.
e) O velho calcula muito, executa pouco: a mocidade é mais executiva que deliberativa.

GABARITO

1) Alternativa: B

2) Alternativa: C

3) Alternativa: E

4) Alternativa: D

5) Resposta: 13
01-V
02-F
04-V
08-V
16-F
32-F
64-F

6) Alternativa: E

7) Alternativa: C

8) Alternativa: B

9) Alternativa: E

10) Alternativa: C

11) Alternativa: C

12) Alternativa: D

13) Alternativa: A

14) a) forma (funciona com Predicativo do Sujeito)
b) O naturalismo é a forma científica que toma a arte. A república é a forma política que toma a democracia. O positivismo é a forma experimental que toma a filosofia.

15) Alternativa: B

16) Alternativa: B

17) Alternativa: E

18) Alternativa: D

19) Alternativa: D

20) Alternativa: C

21) Alternativa: C

22) Alternativa: E

23) Alternativa: C

24) Alternativa: D

25) Alternativa: D

26) Divinas - adjunto adnominal
Olhar - objeto indireto
Preconceitos - complemento nominal

27) Alternativa: A

28) Alternativa: A

29) a) A palavra “ora” empregada no texto funciona como conjunção coordenativa alternativa; já “hora” é um substantivo cuja referência é um segmento de tempo, equivalente a 60 minutos.
b) No último parágrafo é também empregada uma conjunção coordenativa alternativa: “Ou porque a sua dor era tão grande... , ou porque, selvagem mesmo, ela já tinha compreendido...”

30) Alternativa: A

31) Alternativa: A

32) Alternativa: A

33) Alternativa: A

34) Alternativa: A

35) Alternativa: A

36) Alternativa: B

37) Alternativa: D
Trata-se de questão mal formulada. Indiscutivelmente, a primeira oração estabelece relação de adição, mas a segunda tem valor explicativo e não causal.

38) Alternativa: D

39) Alternativa: B

40) Alternativa: B

41) Mas está sendo usado para estabelecer uma relação de adição enfática. Note que no texto está subentendida a palavra também: Camilo, não só o estava, mas (também) via-a estremecer....

42) Alternativa: A

43) Alternativa: B

44) Tipo de relação: conclusão.
Duas dentre as conjunções:

- logo
- então
- portanto

45) A seqüência de espaços e tempos – antes e depois de assistir ao filme, dentro (1° e 2° períodos) e fora do cinema (do 3º ao 5º período) – manifesta-se na predominância de estruturas coordenadas, justapostas, sempre no passado, numa seqüência rápida de ações (rosnou, passou as narinas pelas mangas, levantou-se, assistiu ao filme), e com rupturas (aquele homem meio estrábico [...], aquele homem, sim, [...]). Esses elementos sintáticos são alguns dos recursos que procuram reproduzir, na escrita, a linguagem cinematográfica.

46) Alternativa: A

PERCENTUAIS DE RESPOSTA NO EXAME

A	B	C	D	E
12	46	19	14	9

Esta questão apresenta, para leitura e análise, o poema "O mundo é grande", onde os recursos lingüísticos expressivos utilizados geram um efeito de oposição entre as idéias.
A análise sintático-semântica é necessária para a compreensão do valor de oposição assumido pela conjunção "e": imagens justapostas estão relacionadas, contrapondo-se em planos diferentes. Um percentual significativo (46%) de participantes considerou que o valor da conjunção "e", nesse poema, é de comparação, o que não reflete o sentido estilístico proposto pelo poeta, mas corresponde apenas à primeira operação que se realiza para estabelecer o sentido de oposição. De maneira análoga, pode-se analisar os equívocos daqueles que optaram pelas alternativas C e D.

Fonte: relatório pedagógico ENEM 2001

47) Alternativa: C

48) a) O discurso falado tem como características principais a presença de interlocutores e um único espaço e tempo. Como marcas dessas características, temos a primeira pessoa do plural, *nós*, que marca tanto o emissor quanto o interlocutor e a seqüência de perguntas, com o efeito de introduzir o interlocutor de alguma forma no diálogo. Os pronomes *esta* e *aquela*, cujos referenciais só podem ser obtidos no momento da fala, também são indícios fortes do discurso oral.
b) Dinamicidade. O período é marcado pela coordenação, que cria um efeito dinâmico, de sucessão de ações.

49) A oração coordenada sindética adversativa é a que começa com a conjunção *mas*. Esse tipo de oração, segundo o uso comum, deve ser separado da anterior por meio de uma vírgula. Tem-se, então:
Os poços de petróleo da Standard trabalhavam sem cessar, mas o petróleo que passava pelas portas aduaneiras bolivianas e pagava a taxa estabelecida no contrato de concessão era pouco.

50) Alternativa: A

51) Alternativa: A

52) A palavra "mas" está estabelecendo uma relação de oposição entre a oração que introduz e o período anterior. Assim, o trecho a que se associa é "Quem entrava, dos pequenos, corria o risco de levar palmadas no lugar de costume".
Observação: Há uma impropriedade no emprego da palavra "retoma", usualmente utilizada para caracterizar o processo de coesão por elemento anafórico.

53) A frase está apenas aparentemente solta. Na verdade ela adiciona um outro complemento ao verbo *ter*, da oração anterior, ou seja, a galinha tinha liberdade e milho. Vale salientar, ainda, que milho, neste contexto, deve ser interpretado como metonímia de alimento.

54) Alternativa: B

55) Alternativa: B

56) Alternativa: E

57) Alternativa: A

58) Alternativa: C

59) Alternativa: A

60) Alternativa: E

61) Resposta: 24
01-F
02-F
04-F
08-V
16-V
32-F
64-F

62) Alternativa: B

63) Alternativa: B

64) Alternativa: A

65) Alternativa: B

66) Alternativa: A

67) Alternativa: E

68) Alternativa: B

69) Alternativa: A

70) Alternativa: C

71) Alternativa: D

72) a): Ainda que não se veja, Embora não se veja, Mesmo que não se veja, Conquanto não se veja.
b) Viram deve ser substituído por um verbo de ligação: tornam-se, ficam, etc.

73) Alternativa: A

74) Alternativa: D

75) Alternativa: D

76) Alternativa: A

77) Alternativa: C

78) Alternativa: B

79) Porque dá a idéia de causalidade e portanto tem sentido conclusivo.

80) Alternativa: E

81) Alternativa: E

82) Alternativa: D

83) Alternativa: E

84) Alternativa: E

85) Alternativa: D

86) Alternativa: D

87) Alternativa: E

88) Alternativa: A

89) Alternativa: A

90) Alternativa: D

91) Alternativa: B

92) Alternativa: A

93) Alternativa: D

94) Alternativa: A

95) Alternativa: A

96) Alternativa: E

97) a) “numa boa”
b) Enviados a um computador, esses sinais permitiram a ele controlar um cursor em uma tela, abrir e-mails, jogar videogame e comandar um braço robótico.
c) Embora tenhamos inventado a maravilha do automóvel, aumentamos o tempo perdido para ir de casa ao trabalho.

98) Alternativa: C

99) Alternativa: C

100) Alternativa: E

101) a)"Os meninos de rua, que procuram trabalho, são repelidos pela população."
b) a oração entre vírgulas explica a respeito dos meninos de rua, tal como um aposto.

102) Alternativa: C

103) Alternativa: E

104) A oração isolada por vírgulas, “que sempre o seguia”, é subordinada adjetiva explicativa.

105) Alternativa: D

106) a) As duas orações adjetivas do período do texto de Raimundo Correia são:
• “(...) que nunca viu (...)” e “(...) a que nunca foi.”
Já os sintagmas nominais a que se integram são respectivamente:
• “(...) um Partenon de Atenas (...)” e “(...) os costumes de um Japão (...)”
b) Os termos estão em destacados.
Canta um poeta, entre nós, um Partenon de Atenas, que ***o poeta*** *nunca viu; outro* ***poeta canta*** *os costumes de um Japão a que* ***o poeta*** *nunca foi.*

107) Alternativa: C

108) Alternativa: C

109) Alternativa: B

110) Alternativa: C

111) que viu ou que tenta

112) Alternativa: C

113) A

114) Alternativa: C

115) Alternativa: B

116) a) Certamente. Sem a vírgula, a oração "que pagam impostos" é adjetiva restritiva, ou seja, apenas alguns ricos brasileiros pagam impostos. Caso seja colocada a vírgula, a oração passaria a ser adjetiva explicativa, ou seja, todos os ricos brasileiros passariam a pagar impostos.
b) As vírgulas são obrigatórias, uma vez que se trata de uma oração intercalada (entre o sujeito e o seu verbo). A expressão "quem diria" expressa a surpresa de entre os ricos brasileiros haver um funcionário público. Essa surpresa pode ser motivada pela crença de que funcionário público ganha pouco ou pela indignação diante da descoberta de mais um 'marajá'.

117) Alternativa: A

118) Alternativa: A

119) a) A palavra **amanhã** funciona como Adjunto Adverbial. Como é uma palavra pequena e vem intercalada na oração, há duas possibilidades de pontuação:
- isolando a palavra **amanhã**, com uma vírgula antes e outra depois;
- eliminando-se a vírgula após **amanhã**, para que se evite a separação de termos essenciais da oração (verbo *assistir* e seu complemento *revista eletrônica*).

b) **Sem** a vírgula, imagina-se a existência de **vários** tipos de “revista eletrônica feminina”, pois a oração *que é a referência do gênero na TV* torna-se uma oração subordinada adjetiva **restritiva**; **com** a vírgula, imagina-se só haver **um** tipo de “revista eletrônica feminina”, pois a oração *que é a referência do gênero na TV* passa a ser oração subordinada adjetiva **explicativa**.

120) Alternativa: D

121) F
F
V
V
V
F

122) Alternativa: C

123) Alternativa: E

124)

125) Alternativa: A

126) Alternativa: B

127) Alternativa: B

128) Alternativa: B

129) Alternativa: A

130) Alternativa: B

131) Alternativa: E

132) a) Subordinadas adverbiais temporais.
Simultaneidade.

b) Trecho 1.
Há contraste entre a impaciência do automóvel e a lentidão dos cavalos.

133) Alternativa: D

134) Alternativa: A

135) Alternativa: A

136) Alternativa: A

137) Alternativa: C

138) Alternativa: A

139) Alternativa: C

140) Alternativa: D

141) Alternativa: C

142) a) Há várias possibilidades. Entre elas:
Ao se discutirem as idéias expostas na assembléia, chegou-se à seguinte conclusão: pô-**las** em confronto com outras menos polêmicas seria avaliar-**lhes** melhor o peso, à luz do princípio geral que **as** vem regendo.
-Ao se discutirem as idéias expostas na assembléia, chegou-se à seguinte conclusão: pô-**las** em confronto com

outras menos polêmicas seria avaliar melhor o **seu** peso, à luz do princípio geral que vem regendo-**as**.
- Ao se discutirem as idéias expostas na assembléia, chegou-se à seguinte conclusão: pô-**las** em confronto com outras menos polêmicas seria avaliar melhor o peso **delas**, à luz do princípio geral que vem regendo **a elas**.
É evidente que também seriam possíveis combinações das formas acimas.
b) Há várias formas, entre elas:
Quando se **discutiram** as idéias expostas na assembléia,...
Assim que se **discutiram** as idéias expostas na assembléia,...
Logo que se **discutiram** as idéias expostas na assembléia,...

143) "Se todos os freqüentadores dos cinemas fossem casais de namorados".

144) Alternativa: C

145) Alternativa: D

146) Alternativa: B

147) Alternativa: A

148) Alternativa: D

149) Alternativa: E

150) Alternativa: B

151) Alternativa: E

152) Alternativa: B

153) Alternativa: E

154) Alternativa: C

155) a) – (a) não sabiam bem que atitude tomar, logo (portanto, por isso) ficaram de pé ao lado da mãe
(b) ficaram de pé ao lado da mãe porque (pois, já que) não sabiam bem que atitude tomar

b) – Na primeira frase, o verbo fazer concorda com o referente do pronome relativo que (a aniversariante), exercendo o pronome a função de sujeito do verbo fazer. Na segunda, o verbo fazer indica tempo e não apresenta sujeito; é um verbo impessoal, o que implica seu emprego na 3ª. pessoa do singular.

156) a) I - ... caso o produto não seja corretamente utilizado.
II - ... se ele contiver menos de 60% de seu conteúdo.

b) "As despesas de transporte ou quaisquer ônus **decorrentes** do envio do produto para troca **correm** por conta do usuário."

157) Alternativa: A

158) Alternativa: C

159) Alternativa: C

160) Alternativa: D

161) Alternativa: E

162) Alternativa: B

163) Alternativa: A

164) Alternativa: B

165) Alternativa: C

166) a) A conjunção *apesar de* estabelece uma relação de concessão, ou seja, liga duas idéias contrárias. No fragmento em questão, as idéias ligadas (ter um papel importante e incluir enciclopédias e jogos que educam) não são opostas.
b) Há várias possibilidades:
O computador vem assumindo um papel cada vez mais importante na educação, ***já que/porque/uma vez que*** inclui enciclopédias em CD-rom e possui jogos que educam e divertem.

167) Alternativa: B

168) Alternativa: D

169) A palavra "mesmo" tem valor concessivo, significando "apesar de, embora, ainda que".

170) Alternativa: A

171) Alternativa: D

172) Alternativa: A

173) Alternativa: D

174) Alternativa: D

175) Alternativa: B

176) Alternativa: B

177) Faziam doer a mão calosa funciona como conseqüência e de tão violentas funciona como causa. A relação é, portanto, de causa e conseqüência.

178) Alternativa: A

179) V
F
V
F
F
V

180) Alternativa: D

181) Alternativa: A

182) Alternativa: A

183) Alternativa: B

184) Alternativa: A

185) Sim. Usando-se **Por que**, cria-se uma relação de causa e usando-se **Para que**, finalidade.

186) Alternativa: A

ORTOGRAFIA PARA ALFABÉTICOS

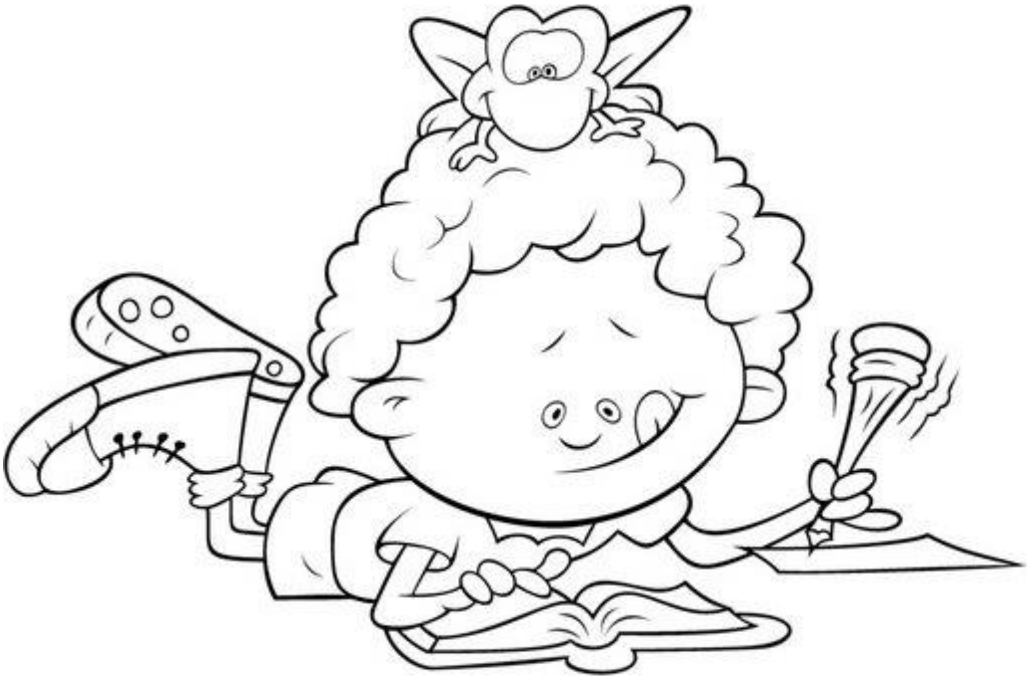

ESCOLA: ____

ALUNO: ____

CLASSE: _______________ PROFESSOR: _____________________

NOME: ____

DATA: _______________ PROFESSOR: ___________________________

Objetivo: diferenciar o sons de f e v, identificar letra inicial, compreender instruções diretas, treinar lateralidade e refletir sobre a escrita.

TUDO CERTINHO! F OU V?

OBSERVE AS IMAGENS E SIGA AS INSTRUÇÕES PARA RESOLVER A ATIVIDADE:

1. ANOTE NO CÍRCULO DA ESQUERDA F OU V, DE ACORDO COM A LETRA INICIAL DA PALAVRA.
2. SE COMEÇAR COM F, PINTE O CÍRCULO DA DIREITA DE AMARELO.
3. SE COMEÇAR COM V, PINTE O CÍRCULO DA DIREITA DE LARANJA.
4. ESCREVA O NOME DA PALAVRA.
5. PINTE AS IMAGENS COM CAPRICHO.

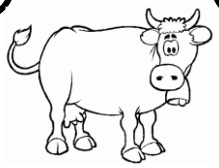

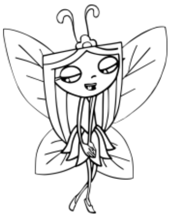

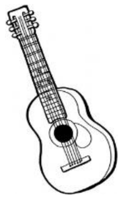

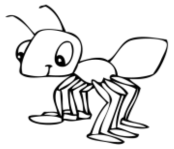

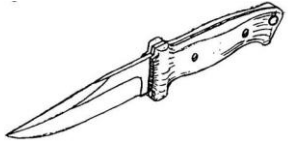

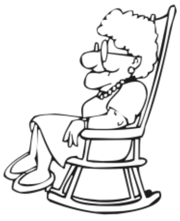

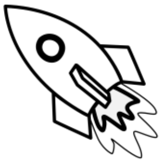

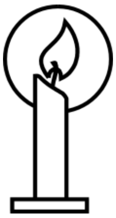

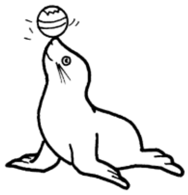

NOME: ____

DATA: ________________ PROFESSOR: ___________________________

Objetivo: diferenciar os sons de f e v, desenvolver estratégias de leitura, refletir sobre a escrita e usar repertório anterior de palavras.

MONTANDO PARES

OBSERVE AS IMAGENS, PROCURE OS NOMES CORRESPONDENTES NAS PALAVRAS E RELACIONE.

1. ANOTE O NÚMERO QUE CORRESPONDE À IMAGEM;
2. ESCREVA A PALAVRA NA IMAGEM CORRESPONDENTE;
3. PINTE AS FIGURAS COM CAPRICHO.

①
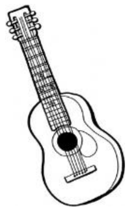

②
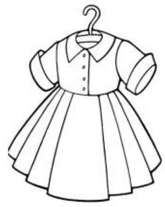

③
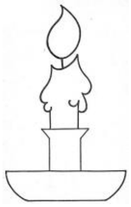

④
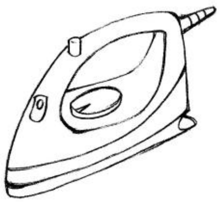

⑤
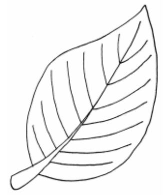

⑥
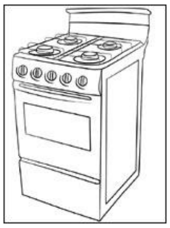

⑦
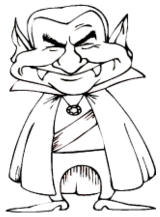

⑧
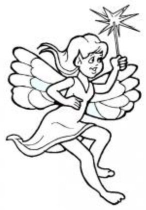

○ FOLHA

○ FOGÃO

○ VESTIDO

○ VAMPIRO

○ VELA

○ FADA

○ VIOLÃO

○ FERRO

ANOTE ABAIXO QUAIS PALAVRAS DA FOLHA ANTERIOR COMEÇAM COM F E QUAIS COMEÇAM COM V:

F	**V**

ESCREVA O NOME DO QUE SE PEDE, COMEÇANDO COM AS LETRAS INDICADAS:

NOME	
F	
V	

ALIMENTO	
F	
V	

ANIMAL	
F	
V	

QUAIS OUTRAS PALAVRAS VOCÊ CONHECE QUE COMECEM COM F OU V?

F

V

NOME: ____

DATA: _______________ PROFESSOR: ___________________________

Por uma educação melhor!

Objetivo: diferenciar o sons de f e v, desenvolver estratégias de leitura e refletir sobre a escrita.

F OU V?

TODAS AS PALAVRAS ABAIXO TÊM F OU V EM ALGUMA PARTE DELAS. LEIA AS PALAVRAS E COMPLETE COM F OU V. DEPOIS, ANOTE OS NOMES NAS FIGURAS CORRESPONDENTES:

1 GOL__INHO

2 CA__ALO

3 SO___Á

4 CA___ERNA

5 POL___O

6 AL___ACE

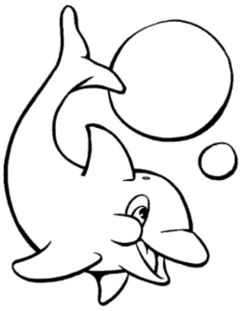

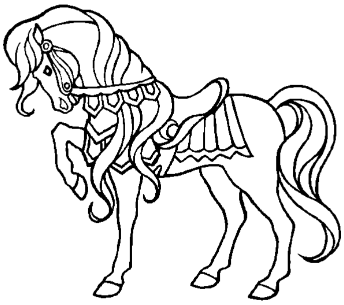

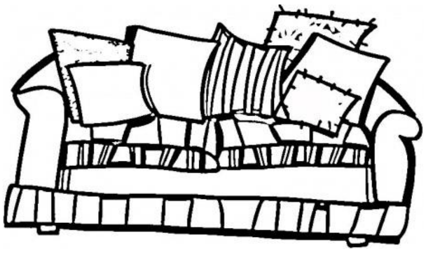

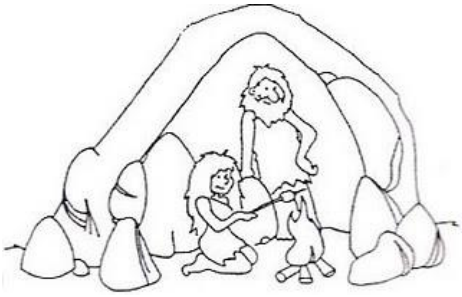

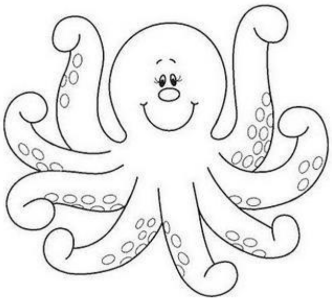

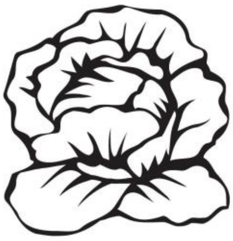

NOME: ____

DATA: ________________ PROFESSOR: ___________________________

Objetivo: diferenciar o sons de d e t e refletir sobre a escrita.

PINTANDO LETRAS

OBSERVE AS FIGURAS E PINTE AS LETRAS QUE COMPLETAM CORRETAMENTE SEUS NOMES. DEPOIS, REESCREVA CADA PALAVRA:

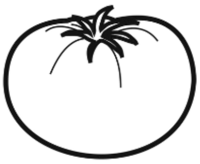

D
T
OMATE

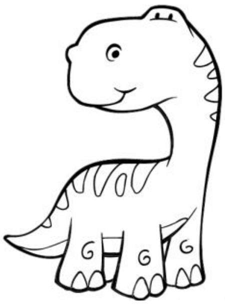

D
T
INOSSAURO

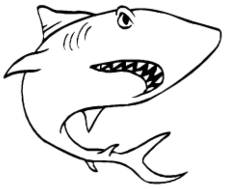

D
T
UBARÃO

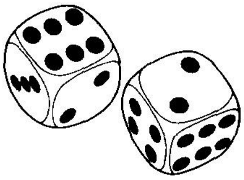

D
T
ADOS

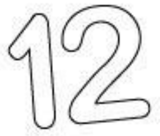

D
T
OZE

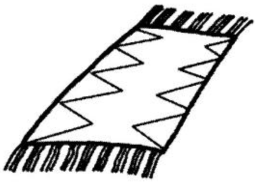

D
T
APETE

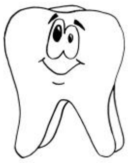

D
T
ENTE

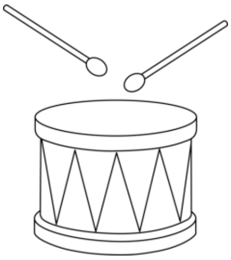

D
T
AMBOR

NOME: ____

DATA: _______________ PROFESSOR: ___________________________

Objetivo: diferenciar o sons de d e t e refletir sobre a escrita.

CRUZADINHA - D OU T?

RESOLVA A CRUZADINHA, ESCREVENDO OS NOMES DAS FIGURAS:

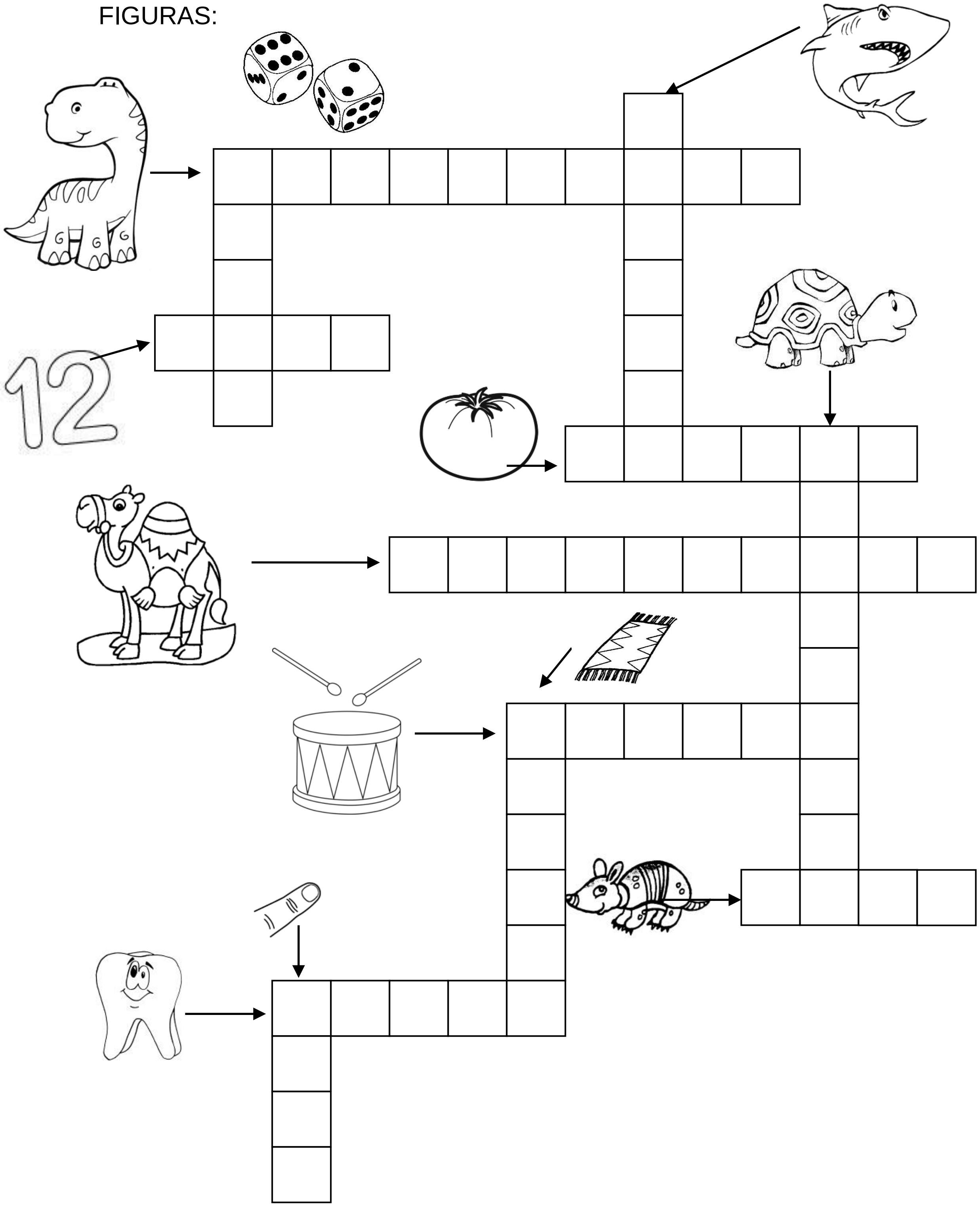

NOME: ____

DATA: ______________ PROFESSOR: ______________________

Objetivo: desenvolver a noção de segmentação entre palavras, identificar letra inicial pedida, aprimorar a interpretação de textos.

DIRCE E DANIEL

EM CADA PARÁGRAFO, ENCONTRE AS PALAVRAS QUE COMEÇAM COM T OU DE E CIRCULE-AS. DEPOIS, ANOTE:

DIRCE E DANIEL SÃO IRMÃOS GÊMEOS. ELES BRINCAM BASTANTE JUNTOS, EMBORA TENHAM GOSTOS BEM DIFERENTES.

T: ____

D: ____

DIRCE GOSTA DE FAZER SONS COM SEU TAMBOR. DANIEL GOSTA DE BRINCAR COM SEUS BONECOS TIGRE E DINOSSAURO.

T: ____

D: ____

HOJE ELES AJUDARAM SUA MÃE A FAZER DOCE DE LEITE. A MÃE DELES COLOCOU UM POUCO NA TIGELA PARA EXPERIMENTAREM.

T: ____

D: ____

DANIEL LEVOU A TIGELA PARA O TAPETE ONDE COSTUMA BRINCAR E ACABOU DERRUBANDO O DOCE.

T: ____

D: ____

ATIVIDADES

1. QUAL É O NOME DAS CRIANÇAS?

____

2. DE QUAIS BRINQUEDOS ELES GOSTAM?

3. O QUE ELES AJUDARAM A MÃE A FAZER?

____

4. ELES GOSTAM MUITO DESSE DOCE. E VOCÊ? QUAL É SEU DOCE PREFERIDO? ESCREVA E DESENHE:

5. O QUE DANIEL FEZ COM A TIGELA DE DOCE?

____

____

____

6. QUAL VOCÊ ACHA QUE FOI A REAÇÃO DA MÃE DELE?

____

____

____

NOME: ____

DATA: _______________ PROFESSOR: ___________________________

Objetivo: aprimorar conhecimentos de organização, refletir sobre os sons das letras t e d e compreender o uso de legendas.

TRÊS EM UM

COMPLETE AS PALAVRAS COM T OU D, PINTE AS BOLINHAS DE ACORDO COM A LEGENDA E FAÇA UM DESENHO DA PALAVRA:

LEGENDA:

T = AZUL
D = AMARELO

○	__UBARÃO	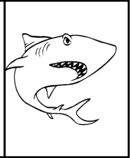

PINTAR DE AMARELO

○	__RIÂNGULO		○	__IGRE	
○	__EDO		○	__IGELA	
○	__OZE		○	__ADO	
○	__ESOURA		○	__ OCE	

PALAVRAS COM T
____
____
____
____

PALAVRAS COM D
____
____
____
____

NOME: ____

DATA: ________________ PROFESSOR: __________________________

Objetivo: refletir sobre os sons das letras p e b, aprimorar a organização em lições e desenvolver estratégias de leitura.

COLCHA DE INICIAIS
P E B

OBSERVE AS IMAGENS E FAÇA O QUE SE PEDE:

1. ESCREVA O NOME DA PALAVRA
2. PINTE A BORDA DO QUADRO DE VERMELHO SE O NOME COMEÇAR COM P
3. PINTE A BORDA DO QUADRO DE VERDE SE O NOME COMEÇAR COM B

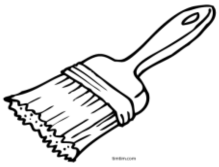	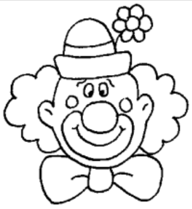	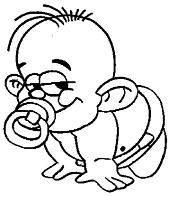	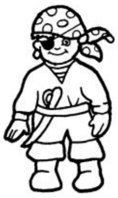
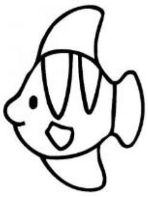	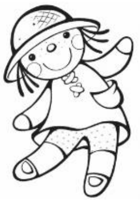	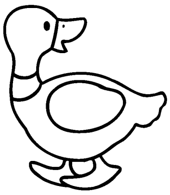	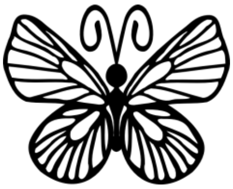
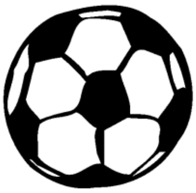	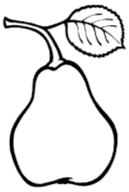	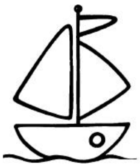	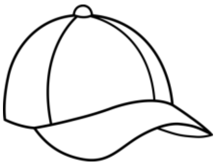

QUAIS PALAVRAS COMEÇAVAM COM B?

QUAIS COMEÇAVAM COM P?

AGORA, LEIA O NOME DE OUTRAS PALAVRAS QUE COMEÇAM COM P E COM B E FAÇA UM DESENHO PARA ELAS:

POLVO

BALA

BATATA

PIPOCA

PRAIA

BULE

BOTA

PÃO

PICOLÉ

NOME: ____

DATA: ________________ PROFESSOR: ______________________________

por uma educação melhor!

Objetivo: desenvolver estratégias de leitura, aprimorar o raciocínio linguístico e diferenciar o som da letra p da b.

UM POUCO MAIS DE P E B

RECORTE AS FIGURAS E COLE-AS NOS NOMES CORRESPONDENTES:

PALHAÇO	BONECA	BONÉ	PEIXE
PERA	BARCO	BOLA	PATO

AGORA, ENCONTRE NO CAÇA-PALAVRAS AS PALAVRAS. PINTE DE VERDE AS COMEÇADAS POR P E DE LARANJA AS INICIADAS POR B:

P	A	L	H	A	Ç	O	L	N	P	E	R	A	I
E	V	G	F	D	X	T	R	E	P	Ç	Ã	O	I
I	V	B	O	N	É	C	P	O	T	R	E	N	J
X	C	V	T	R	E	D	P	O	M	J	K	L	A
E	Ç	O	P	A	L	H	A	N	J	P	L	O	L
O	T	A	P	X	C	R	E	Y	T	H	J	I	O
B	R	B	A	R	C	O	V	A	C	E	N	O	B
S	V	T	R	J	P	Ç	O	H	T	R	D	F	H

ANOTE NOS QUADROS CORRESPONDENTES AS PALAVRAS QUE VOCÊ ENCONTROU, COMEÇADAS POR...

P
____
____
____
____

B
____
____
____
____

FORME UMA FRASE COM CADA PALAVRA:

1. ____
2. ____
3. ____
4. ____
5. ____
6. ____
7. ____
8. ____

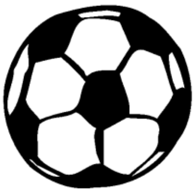	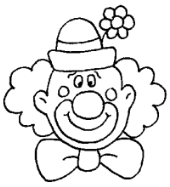	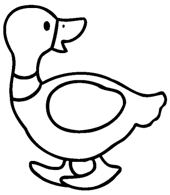	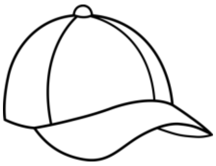
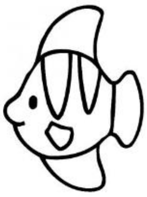	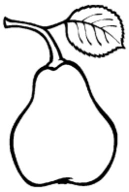	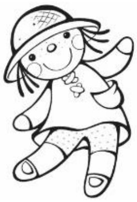	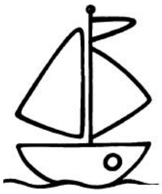

NOME: ____

DATA: ________________ PROFESSOR: ___________________________

Objetivo: desenvolver estratégias de leitura, diferenciar o som do p do b e aprimorar a ortografia.

Ó DÚVIDA CRUEL!

LEIA AS PALAVRAS ESCRITAS EM CADA QUADRO E PINTE A QUE ESTÁ ESCRITA CORRETAMENTE. DEPOIS, FAÇA UM DESENHO REFERENTE À PALAVRA. AO FINAL, REESCREVA A PALAVRA CORRETA:

EXEMPLO:

CARACOL	**GARACOL**	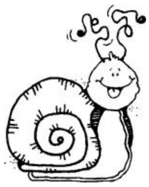	**CARACOL**

CACHORRO	**GACHORRO**		
CALINHA	**GALINHA**		
CABIDE	**GABIDE**		
CAVETA	**GAVETA**		

CAMA	GAMA
CARFO	GARFO
COBRA	GOBRA
CAVALO	GAVALO
CAIOLA	GAIOLA
CATO	GATO
CARRAFA	GARRAFA
CAMISA	GAMISA

NOME: ____

DATA: ______________ PROFESSOR: ________________________

Por uma educação melhor!

Objetivo: diferenciar os sons das letras C e G, desenvolver estratégias de leitura e refletir sobre a escrita.

UMA LIÇÃO ANIMAL

O DOUTOR SELVÁRIO ESTÁ FAZENDO UM CATÁLOGO DOS ANIMAIS QUE JÁ ESTUDOU EM SEU TRABALHO. ELE QUER ORGANIZÁ-LOS DE ACORDO COM A LETRA INICIAL.

ELE SEMPRE TEVE DIFICULDADE COM AS LETRAS C E G. AJUDE-O, ANOTANDO A LETRA INICIAL DOS NOMES DOS ANIMAIS.

☐ OBRA 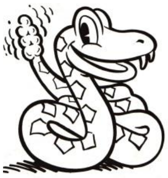	☐ AMBÁ 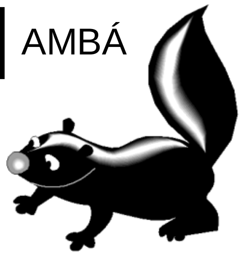	☐ AVALO 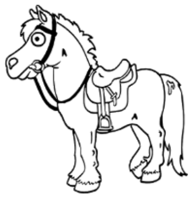
☐ ORILA 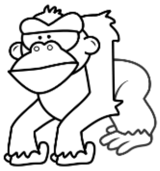	☐ AVIÃO 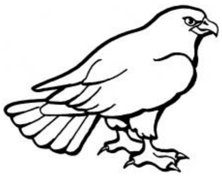	☐ ARACOL 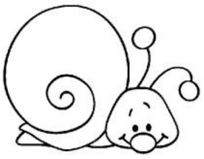

ESCREVA OS NOMES DOS ANIMAIS NO QUADRO CORRETO, DE ACORDO COM A INICIAL DO NOME:

C

____

____

____

G

____

____

____

NOME: ____

DATA: ______________ PROFESSOR: __________________________

por uma educação melhor!

Objetivo: diferenciar os sons das letras G e C, refletir sobre a escrita e revisar o som da letra F.

A REGRA DOS TALHERES

VAMOS FAZER UMA ATIVIDADE COM A REGRA DOS TALHERES! PARA COMEÇAR, ESCREVA O NOME DOS TALHERES ABAIXO:

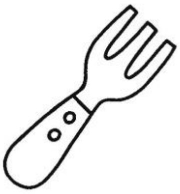

ESTA PALAVRA COMEÇA COM A LETRA...

☐

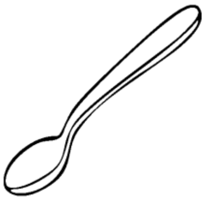

ESTA PALAVRA COMEÇA COM A LETRA...

☐

A REGRA DA ATIVIDADE É QUE AS PALAVRAS ESCRITAS NA LISTA DE CADA TALHER DEVEM COMEÇAR COM A MESMA LETRA DELES.

1. OBSERVE AS IMAGENS. ANOTE NO QUADRINHO SE O NOME COMEÇA COM C OU COM G.

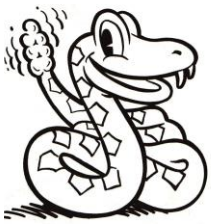

☐

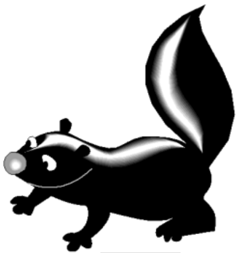

☐

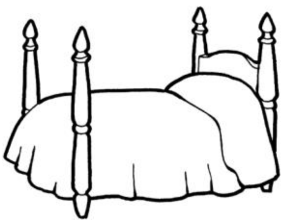

☐

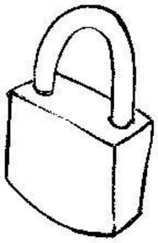

☐

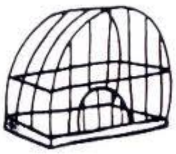

☐

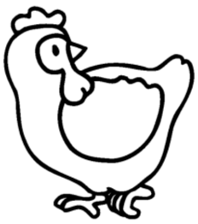

☐

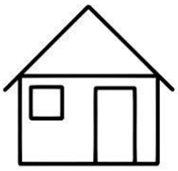

☐

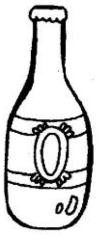

☐

2. SABENDO DA REGRA DOS TALHERES, EM QUAL GRUPO DEVEM SER ESCRITAS AS PALAVRAS CORRESPONDENTES ÀS FIGURAS DA ATIVIDADE 1? REFLITA E ESCREVA!

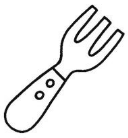

____

____

____

____

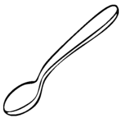

____

____

____

____

3. HÁ UM OUTRO TALHER QUE NÃO FOI COLOCADO NA ATIVIDADE, MAS JÁ ESTUDAMOS A LETRA INICIAL DELE. OBSERVE E COMPLETE:

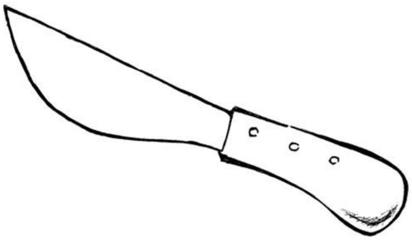

ESTA PALAVRA COMEÇA COM A LETRA...

☐

4. SE VOCÊ FOSSE PENSAR EM PALAVRAS PARA FICAR NO GRUPO DESSE ÚLTIMO TALHER, QUAIS SERIAM? PENSE EM 4 PALAVRAS E ESCREVA-AS ABAIXO:

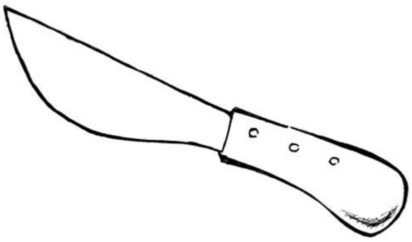

NOME: ____

DATA: ________________ PROFESSOR: ____________________________

Objetivo: revisar os sons das letras C e G e adequar a escrita às convenções ortográficas.

CRUZADINHA

RESOLVA A CRUZADINHA, ESCREVENDO O NOME DAS FIGURAS:

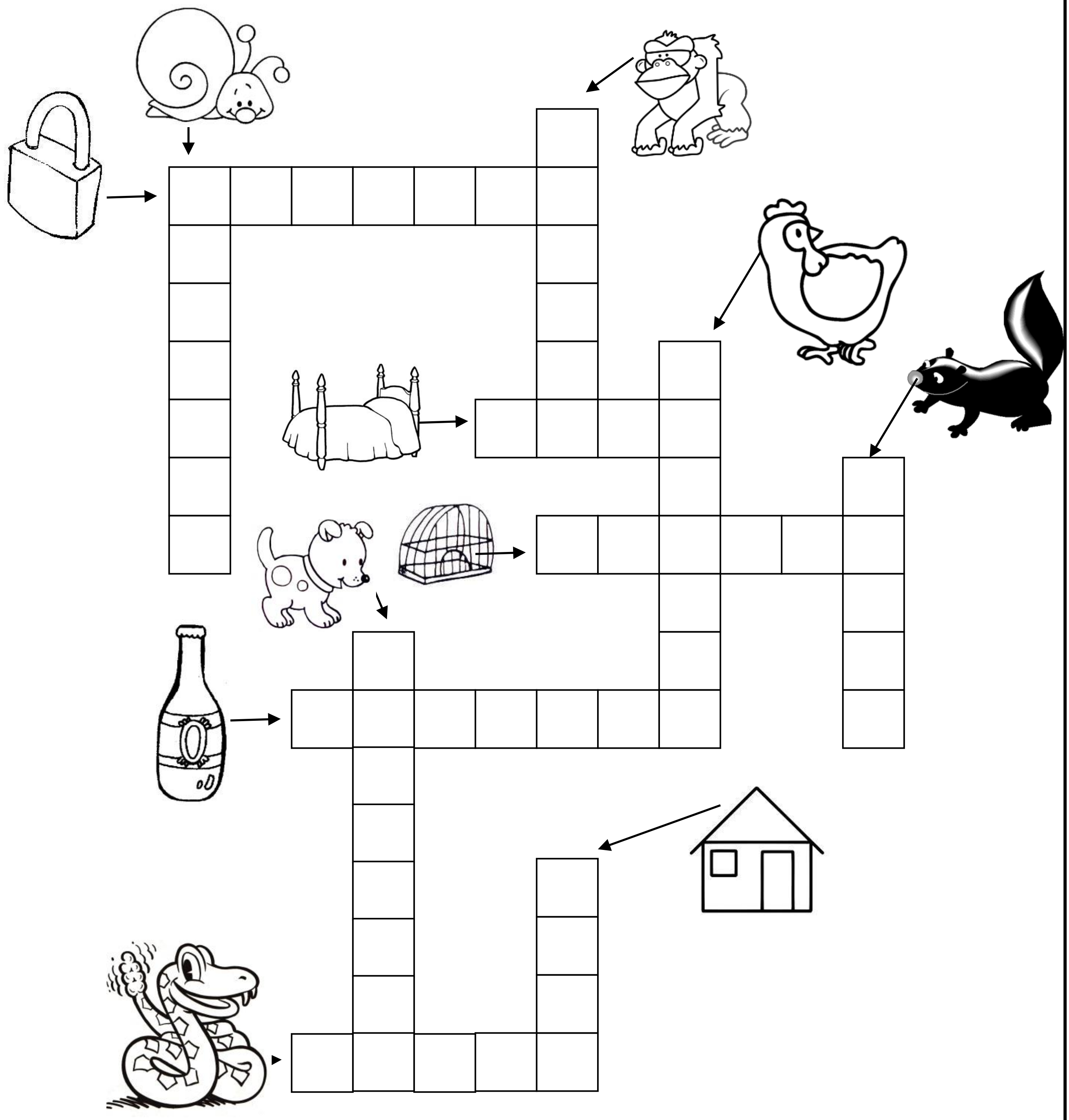

ANTONIO CANDIDO

Literatura e Sociedade

Ouro sobre Azul

ANTONIO CANDIDO

LITERATURA E SOCIEDADE

9ª edição revista pelo autor

Ouro sobre Azul | Rio de Janeiro *2006*

A Maria Amélia e Sérgio Buarque de Holanda

http://groups.google.com.br/group/digitalsource

Esta obra foi digitalizada pelo grupo Digital Source para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

ÍNDICE

Prefácio à 3ª edição 9

PRIMEIRA PARTE

Crítica e sociologia.. 13
A literatura e a vida social 27
Estímulos da criação literária 51

SEGUNDA PARTE

O escritor e o público 83
Letras e idéias no período colonial 99
Literatura e cultura de 1900 a 1945.. 117
A literatura na evolução de uma comunidade 147
Estrutura literária e função histórica 177
Nota bibliográfica 201

PREFÁCIO A 3ª EDIÇÃO

Os estudos deste livro (cuja primeira edição é de 1965) procuram focalizar vários níveis da correlação entre literatura e sociedade, evitando o ponto de vista mais usual, que se pode qualificar de paralelístico, pois consiste essencialmente em mostrar, de um lado, os aspectos sociais e, de outro, a sua ocorrência nas obras, sem chegar ao conhecimento de uma efetiva interpenetração.

Aqui há estudos de história literária mais ou menos convencional, como LETRAS E IDÉIAS NO PERÍODO COLONIAL; e alguns nos quais as conexões sociais são mais acentuadas, como LITERATURA E CULTURA DE 1900 A 1945, mas sobretudo A LITERATURA NA EVOLUÇÃO DE UMA COMUNIDADE, onde a função da produção literária é referida constantemente à estrutura da sociedade.

Outros poderiam ser qualificados de estudos sobre aspectos sociais envolvidos no processo literário, como A LITERATURA E A VIDA SOCIAL e O ESCRITOR E O PÚBLICO. Finalmente, há os que considero mais empenhados teoricamente: CRÍTICA E SOCIOLOGIA, ESTÍMULOS DA CRIAÇÃO LITERÁRIA, ESTRUTURA LITERÁRIA E FUNÇÃO HISTÓRICA.

Nestes está formulado, em planos cada vez mais particularizados, o problema fundamental para a análise literária de grande número de obras, sobretudo de teatro e ficção: averiguar como a realidade social se transforma em componente de uma estrutura literária, a ponto dela poder ser estudada em si mesma; e como só o conhecimento desta estrutura permite compreender a função que a obra exerce.

Os referidos escritos esboçam uma posição segundo a qual a estrutura constitui aspecto privilegiado e ponto de referência para o trabalho analítico. Neste sentido, numa nota que está na página

25 desta edição, onde uso as palavras "estrutural" e "funcional", eu falava nas edições precedentes em ponto de vista "estruturalista" ou "funcionalista", termos que atualmente se repelem, tendo o primeiro adquirido conotação bastante diversa. De fato, a nota foi escrita em 1964, e logo depois ele passou a designar de modo avassalador, que não admite outras acepções, a aplicação do estruturalismo linguístico ao estudo da literatura, com amputação, ainda que de modo estratégico, das conexões histórico-sociais que isto importa. Mas o que eu desejava naquele tempo era apenas acentuar o relevo especial que deve ser dado à estrutura, como momento de uma realidade mais complexa, cujo conhecimento adequado não dispensa o estudo da circunstância onde mergulha a obra, nem da sua função.

A propósito, convém esclarecer que a acepção aqui utilizada foi desenvolvida com certa influência da antropologia social inglesa (tão atacada neste aspecto por Lévi-Strauss) e se aproximaria antes da noção de "forma orgânica", relativa a cada obra e constituída pela inter-relação dinâmica dos seus elementos, exprimindo-se pela "coerência". Aproximar-se-ia, portanto, de algo que constitui verdadeiro espantalho para muitos estruturalistas apegados à idéia de uma estrutura genérica, nunca específica, abstraída da realidade como um paradigma que se constrói. Isto é dito para esclarecer o uso de um termo; não para menoscabar uma tendência decisiva no progresso dos estudos de teoria literária, pois me convenço cada vez mais de que só através do estudo formal é possível apreender convenientemente os aspectos sociais.

Este livro se compõe na maior parte de formulações gerais e de estudos de períodos. Considero-o etapa inicial para os ensaios analíticos que venho elaborando desde 1964 e publicando aqui e ali desde 1970, para no futuro juntá-los em volume.

[pág. 10]

PRIMEIRA PARTE

CRÍTICA E SOCIOLOGIA

(tentativa de esclarecimento) *

1

Nada mais importante para chamar a atenção sobre uma verdade do que exagerá-la. Mas também, nada mais perigoso, porque um dia vem a reação indispensável e a relega injustamente para a categoria do erro, até que se efetue a operação difícil de chegar a um ponto de vista objetivo, sem desfigurá-la de um lado nem de outro. É o que tem ocorrido com o estudo da relação entre a obra e o seu condicionamento social, que a certa altura do século passado chegou a ser vista como chave para compreendê-la, depois foi rebaixada como falha de visão, — e talvez só agora comece a ser proposta nos devidos termos. Seria o caso de dizer, com ar de paradoxo, que estamos avaliando melhor o vínculo entre a obra e o ambiente, após termos chegado à conclusão de que a análise estética precede considerações de outra ordem.

De fato, antes procurava-se mostrar que o valor e o significado de uma obra dependiam de ela exprimir ou não certo aspecto da realidade, e que este aspecto constituía o que ela tinha de essencial. Depois, chegou-se à posição oposta, procurando-se mostrar que a matéria de uma obra é secundária, e que a sua importância deriva das operações formais postas em jogo, conferindo-lhe uma peculiaridade que a torna de fato independente de quaisquer condicionamentos, sobretudo social, considerado inoperante como elemento de compreensão.

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra,

em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno.*

---

* Nota | Este estudo é o desenvolvimento de uma pequena exposição feita sob a forma de intervenção nos debates do *II Congresso de Crítica e História Literária,* realizado na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, em julho de 1961.

Aqui, é preciso estabelecer uma distinção de disciplinas, lembrando que o tratamento *externo* dos fatores *externos* pode ser legítimo quando se trata de sociologia da literatura, pois esta não propõe a questão do valor da obra, e pode interessar-se, justamente, por tudo que é condicionamento. Cabe-lhe, por exemplo, pesquisar a voga de um livro, a preferência estatística por um gênero, o gosto das classes, a origem social dos autores, a relação entre as obras e as idéias, a influência da organização social, econômica e política etc. É uma disciplina de cunho científico, sem a orientação estética necessariamente assumida pela crítica.

O problema desta é diverso, e pode ser ilustrado por uma questão formulada por Lukács no início da sua carreira intelectual, antes de adotar o marxismo, que o levaria a concentrar-se por vezes demasiadamente nos aspectos políticos e econômicos da literatura. Discutindo o teatro moderno, estabelecia em 1914 a seguinte alternativa: "O elemento histórico-social possui, em si mesmo, significado para a estrutura da obra, e em que medida?" Ou "seria o elemento sociológico na forma dramática apenas a possibilidade de realização do valor estético (…) mas não determinante dele?".[1]

É este, com efeito, o núcleo do problema, pois quando estamos no terreno da crítica literária somos levados a analisar a intimidade das obras, e o que interessa é averiguar que fatores atuam na organização interna, de maneira a constituir uma estrutura peculiar. Tomando o fator social, procuraríamos determinar se ele fornece apenas matéria (ambiente, costumes, traços grupais, idéias), que

[pág. 14]

1| Georg Lukács, ZUR SOZIOLOGIE DES MODERN DRAMAS, in *Schriften zur Litera-tursoziologie,* Herman Luchterhand Verlag, Neuwied, 1961, p. 262.

serve de veículo para conduzir a corrente criadora (nos termos de Lukács, se apenas possibilita a realização do valor estético); ou se, além disso, é elemento que atua na constituição do que há de essencial na obra enquanto obra de arte (nos termos de Lukács, se é determinante do valor estético).

É o que vem sendo percebido ou intuído por vários estudiosos contemporâneos, que, ao se interessarem pelos fatores sociais e psíquicos, procuram vê-los como agentes da estrutura, não como enquadramento nem como matéria registrada pelo trabalho criador; e isto permite alinhá-los entre os fatores estéticos. A análise crítica, de fato, pretende ir mais fundo, sendo basicamente a procura dos elementos responsáveis pelo aspecto e o significado da obra, unificados para formar um todo indissolúvel, do qual se pode dizer, como Fausto do Macrocosmos, que tudo é tecido num conjunto, cada coisa vive e atua sobre a outra:

… alies sich zum Ganzen webt!
Eins in dem andem wirkt und lebt!

Tomemos um exemplo simples: o do romance *Senhora,* de José de Alencar. Como todo livro desse tipo, ele possui certas dimensões sociais evidentes, cuja indicação faz parte de qualquer estudo, histórico ou crítico: referências a lugares, modas, usos; manifestações de atitudes de grupo ou de classe; expressão de um conceito de vida entre burguês e patriarcal. Apontá-las é tarefa de rotina e não basta para definir, o caráter sociológico de um estudo.

Mas acontece que, além disso, o próprio assunto repousa sobre condições sociais que é preciso compreender e indicar, a fim de penetrar no significado. Trata-se da compra de um marido; e teremos dado um passo adiante se refletirmos que essa compra tem um sentido social simbólico, pois é ao mesmo tempo representação e desmascaramento de costumes vigentes na época, como o casamento por dinheiro. Ao inventar a situação crua do esposo que se vende em contrato, mediante pagamento estipulado, o romancista desnuda as raízes da relação, isto é, faz uma análise socialmente radical, reduzindo

[pág. 16]

o ato ao seu aspecto essencial de compra e venda. Mas, ao vermos isto, ainda não estamos nas camadas mais fundas da análise, — o que só ocorre quando este traço social constatado é visto funcionando para formar a estrutura do livro.

Se, pensando nisto, atentarmos para a composição de *Senhora,* veremos que repousa numa espécie de longa e complicada transação, — com cenas de avanço e recuo, diálogos construídos como pressões e concessões, um enredo latente de manobras secretas, — no correr da qual a posição dos cônjuges se vai alterando. Vemos que o comportamento do protagonista exprime, em cada episódio, uma obsessão com o ato de compra a que se submeteu, e que as relações humanas se deterioram por causa dos motivos econômicos. A heroína, endurecida no desejo de vingança, possibilitada pela posse do dinheiro, inteiriça a alma como se fosse agente duma operação de esmagamento do outro por meio do capital, que o reduz a coisa possuída. E as próprias imagens do estilo manifestam a mineralização da personalidade, tocada pela desumanização capitalista, até que a dialética romântica do amor recupere a sua normalidade convencional. No conjunto, como no pormenor de cada parte, os mesmos princípios estruturais enfermam a matéria.

Referindo esta verificação às anteriores, feitas em nível mais simples, constatamos que se o livro é ordenado em torno desse longo duelo, é porque o duelo representa a transposição, no plano da estrutura do livro, do mecanismo da compra e venda. E, neste caso de relações que deveriam pautar-se por uma exigência moral mais alta, a compra e venda funciona como verdadeira conspurcação. Esta não é afirmada abstratamente pelo romancista, nem apenas ilustrada com exemplos, mas sugerida na própria composição do todo e das partes, na maneira por que organiza a matéria, a fim de lhe dar uma certa expressividade.

Quando fazemos uma análise deste tipo, podemos dizer que levamos em conta o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como

[pág. 16]

fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo.

Neste caso, saímos dos aspectos periféricos da sociologia, ou da história sociologicamente orientada, para chegar a uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte. Quando isto se dá, ocorre o paradoxo assinalado inicialmente: o *externo* se torna *interno* e a crítica deixa de ser sociológica, para ser apenas crítica. O elemento social se torna um dos muitos que interferem na economia do livro, ao lado dos psicológicos, religiosos, linguísticos e outros. Neste nível de análise, em que a estrutura constitui o ponto de referência, as divisões pouco importam, pois ludo se transforma, para o crítico, em fermento orgânico de que resultou a diversidade coesa do todo.

Está visto que, segundo esta ordem de idéias, o ângulo sociológico adquire uma validade maior do que tinha. Em compensação, não pode mais ser imposto como critério único, ou mesmo preferencial, pois a importância de cada fator depende do caso a ser analisado. Uma crítica que se queira integral deixará de ser unilateralmente sociológica, psicológica ou linguística, para utilizar livremente os elementos capazes de conduzirem a uma interpretação coerente. Mas nada impede que cada crítico ressalte o elemento da sua preferência, desde que o utilize como componente da estruturação da obra. E nós verificamos que o que a crítica moderna superou não foi a orientação sociológica, sempre possível e legítima, mas o sociologismo crítico, a tendência devoradora de tudo explicar por meio dos fatores sociais.

Coisa semelhante aconteceu, aliás, na própria sociologia, cuja evolução modificou as suas relações com a crítica. Os estudiosos estão habituados a pensar, neste tópico, segundo posições estabelecidas no século XIX, quando ela estava na fase das grandes generalizações sistemáticas, que levavam a conceber um condicionamento global da obra, da personalidade literária ou dos conjuntos de obras pelos sistemas sociais, principalmente do ângulo histórico. Todavia, a marcha da pesquisa e da teoria levou a um senso mais agudo das relações entre o traço e o contexto, permitindo desviar a atenção para o aspecto estrutural e funcional de cada unidade considerada.

[pág. 17]

Isto se deu ao mesmo tempo em que nos estudos críticos a análise descia ao papel das unidades estilísticas, consideradas chaves para conhecer o sentido do todo; e, em ambos os casos, com absoluta predominância do aspecto sincrônico sobre o diacrônico.

Portanto, falar hoje em ponto de vista sociológico nos estudos literários deveria significar coisa bastante diversa do que foi há cinquenta anos. A mudança nos dois campos provocará certamente um refluxo sobre a sociologia da literatura, que não apenas tenderá à pesquisa concreta (como vem sugerida, por exemplo, no livro de Robert Escarpit, *La Sociologie de la Littérature),* mas deixará de lado as ambiciosas explicações causais de sabor oitocentista. O perigo, tanto na sociologia quanto na crítica, está em que o pendor pela análise oblitere a verdade básica, isto é, que a precedência lógica e empírica pertence ao todo, embora apreendido por uma referência constante à função das partes. Outro perigo é que a preocupação do estudioso com a integridade e a autonomia da obra exacerbe, além dos limites cabíveis, o senso da função interna dos elementos, em detrimento dos aspectos históricos, — dimensão essencial para apreender o sentido do objeto estudado.

De qualquer modo, convém evitar novos dogmatismos, lembrando sempre que a crítica atual, por mais interessada que esteja nos aspectos formais, não pode dispensar nem menosprezar disciplinas independentes como a sociologia da literatura e a história literária sociologicamente orientada, bem como toda a gama de estudos aplicados à investigação de aspectos sociais das obras, — frequentemente com finalidade não literária.

2

Para fixar idéias e delimitar terrenos, pode-se tentar uma enumeração das modalidades mais comuns de estudos de tipo sociológico em literatura, feitos conforme critérios mais ou menos tradicionais e oscilando entre a sociologia, a história e a crítica de conteúdo.

Um primeiro tipo seria formado por trabalhos que procuram relacionar o conjunto de uma literatura, um período, um gênero,

[pág. 18]

com as condições sociais. É o método tradicional, esboçado no século XVIII, que encontrou porventura em Taine o maior representante e foi tentado entre nós por Sílvio Romero. A sua maior virtude consiste no esforço de discernir uma ordem geral, um arranjo, que facilita o entendimento das sequências históricas e traça o panorama das épocas. O seu defeito está na dificuldade de mostrar efetivamente, nesta escala, a ligação entre as condições sociais e as obras. Daí quase sempre, como resultado decepcionante, uma composição paralela, em que o estudioso enumera os fatores, analisa as condições políticas, econômicas, e em seguida fala das obras segundo as suas intuições ou os seus preconceitos herdados, incapaz de vincular as duas ordens de realidade. Isto é tanto mais grave quanto, para a maioria dos estudiosos desta linha, há entre ambas um nexo causai de tipo determinista. É o que se pode observar não apenas em obras de menor alcance intelectual, mas em trabalhos de rigorosa informação e bom nível, como *Drama and Society in the Age of Johnson,* de L. C. Knights.

Os estudos deste tipo ficam ainda mais decepcionantes quando o estudioso, deixando a tarefa de relacionar com a sociedade o conjunto de uma literatura, ou um gênero, transporta o referido paralelismo à interpretação de obras e escritores isolados, que servem de mero pretexto para apontar aspectos e problemas sociais, cuja exposição não precisaria desta mediação duvidosa, — como é o caso do livro de Heitor Ferreira Lima sobre Castro Alves.

Um segundo tipo poderia ser formado pelos estudos que procuram verificar a medida em que as obras espelham ou representam a sociedade, descrevendo os seus vários aspectos. É a modalidade mais simples e mais comum, consistindo basicamente em estabelecer correlações entre os aspectos reais e os que aparecem no livro. Quando se fala em crítica sociológica, ou em sociologia da literatura, pensa-se geralmente nessa modalidade, que tem um arquétipo ilustre no *La Fontaine et ses Fables,* de Taine. Um exemplo de bom nível é o estudo de W. F. Bruford sobre a fidelidade com que a sociedade russa do tempo de Checov é representada nas suas peças e contos (*Chekhov and his Rússia).*

[pág. 19]

Se este segundo tipo tende mais à sociologia elementar do que à crítica literária, o terceiro é apenas sociologia, e muito mais coerente, consistindo no estudo da relação entre a obra e o público, — isto é, o seu destino, a sua aceitação, a ação recíproca de ambos. Exemplo conhecido é o ensaio de Lewin Schücking, no *Handwörterbuch der Soziologie,* de Vierkandt, SOCIOLOGIA DO GOSTO LITERÁRIO, mais tarde posto em volume e traduzido em várias línguas. Apesar do renome, não passa de uma indicação das pesquisas a serem feitas neste sentido.

Há outros de teor menos sistemático, e em compensação mais ancorados nos fatos, como *Le Public et la Vie Littéraire à Rome,* de A. M. Guillemin. *Fiction and the Reading Public,* de Q. D. Leavis, explora a função da literatura junto aos leitores. Quando o autor aborda o problema histórico da aceitação pública através do tempo, surge uma variante geralmente menos sociológica e mais baseada nos levantamentos tradicionais da erudição; é o que se observa igualmente em estudos similares de literatura comparada, como o *Byron et le Romantisme Français,* de Edmond Esteve.

Ainda quase exclusivamente dentro da sociologia se situa o quarto tipo, que estuda a posição e a função social do escritor, procurando relacionar a sua posição com a natureza da sua produção e ambas com a organização da sociedade. No terreno genérico, temos uma série de obras fora do âmbito literário, como a de Geiger sobre o estatuto e a tarefa do intelectual (*Aufgabe und Stellung der Intelligenz in der Gesellschaft*), ou as importantes considerações da sociologia do conhecimento, em particular de Mannheim. É exemplar, no campo histórico, o espírito com que Henri Brunschvicg utiliza este ângulo para analisar a situação e o papel dos intelectuais na formação da sociedade alemã moderna *(La Crise de L'État Prussien à la Pin du XVIIP Siècle).* No campo literário, é conhecida a monografia de Alexandre Beljame sobre o homem de letras na Inglaterra setecentista.

Desdobramento do anterior é o quinto tipo, que investiga a função política das obras e dos autores, em geral com intuito ideológico marcado. Nos nossos dias tem tido a preferência dos marxistas, — compreendendo desde as formulações primárias da crítica

[pág. 20]

de partido até as observações matizadas e não raro poderosas de Lukács, na obra posterior a 1930. Na Itália, além dos fragmentos de Gramsci, há uma floração significativa de obras deste tipo, com uma liberdade pouco frequente nos autores de orientação marxista em outros países, como é o caso de Galvano delia Volpe.

Lembremos, finalmente, um sexto tipo, voltado para a investigação hipotética das origens, seja da literatura em geral, seja de determinados gêneros. Estão nesta chave certas obras clássicas, como a de Gunmere sobre as raízes da poesia, a de Bücher sobre a correlação entre o trabalho e o ritmo poético, ou a investigação marxista de Christopher Caudwell sobre a natureza e as origens da poesia. Muito mais sólido é o estudo de George Thomson sobre as raízes sociais da tragédia grega, norteado igualmente pelas diretrizes do marxismo (*Aeschylus and Athens*).

Todas estas modalidades e suas numerosas variantes são legítimas e, quando bem conduzidas, fecundas, na medida em que as tomarmos, não como crítica, mas como teoria e história sociológica da literatura, ou como sociologia da literatura, embora algumas delas satisfaçam também as exigências próprias do crítico. Em todas nota-se o deslocamento de interesse da obra para os elementos sociais que formam a sua matéria, para as circunstâncias do meio que influíram na sua elaboração, ou para a sua função na sociedade.

Ora, tais aspectos são capitais para o historiador e o sociólogo, mas podem ser secundários e mesmo inúteis para o crítico, interessado em interpretar, se não forem considerados segundo a função que exercem na economia interna da obra, para a qual podem ter contribuído de maneira tão remota que se tornam dispensáveis para esclarecer os casos concretos.

Com efeito, todos sabemos que a literatura, como fenômeno de civilização, depende, para se constituir e caracterizar, do entrelaçamento de vários fatores sociais. Mas, daí a determinar se eles interferem diretamente nas características essenciais de determinada obra, vai um abismo, nem sempre transposto com felicidade. Do mesmo modo, sabemos que a constituição neuroglandular e as primeiras experiências da infância traçam o rumo do nosso modo de

[pág. 21]

ser. Decorrerá necessariamente que a constituição neuroglandular e as experiências infantis de um determinado escritor dêem a chave para entender e avaliar a sua obra, como ainda recentemente pretendeu mostrar J. P. Weber de maneira tão exclusivista e radical em *La Gênese de L'Oeuvre Poétique?* Estas questões, fáceis de abordar no plano especulativo, se tornam de resposta difícil quando passamos a cada autor, mas ajudam a firmar a noção básica neste terreno, isto é: não se trata de afirmar ou negar uma dimensão evidente do fato literário; e sim, de averiguar, do ângulo específico da crítica, se ela é decisiva ou apenas aproveitável para entender as obras particulares.

O primeiro passo (que apesar de óbvio deve ser assinalado) é ter consciência da relação arbitrária e deformante que o trabalho artístico estabelece com a realidade, mesmo quando pretende observá-la e transpô-la rigorosamente, pois a mimese é sempre uma forma de *poiese*. Conta o médico Fernandes Figueira, no livro *Velaturas* (com o pseudônimo de Alcides Flávio), que o seu amigo Aluísio Azevedo o consultou, durante a composição de *O homem,* sobre o envenenamento por estricnina; mas não seguiu as indicações recebidas. Apesar do escrúpulo informativo do Naturalismo, desrespeitou os dados da ciência e deu ao veneno uma ação mais rápida e mais dramática, porque necessitava que assim fosse para o seu desígnio.

Esta liberdade, mesmo dentro da orientação documentária, é o quinhão da fantasia, que às vezes precisa modificar a ordem do mundo justamente para torná-la mais expressiva; de tal maneira que o sentimento da verdade se constitui no leitor graças a esta traição metódica. Tal paradoxo está no cerne do trabalho literário e garante a sua eficácia como representação do mundo. Achar, pois, que basta aferir a obra com a realidade exterior para entendê-la é correr o risco de uma perigosa simplificação causai.

Mas se tomarmos o cuidado de considerar os fatores sociais (como foi exposto) no seu papel de formadores da estrutura, veremos que tanto eles quanto os psíquicos são decisivos para a análise literária, e que pretender definir sem uns e outros a integridade estética da obra é querer, como só o barão de Münchhausen conseguiu, arrancar-se de um atoleiro puxando para cima os próprios cabelos.

[pág. 22]

3

Em muitos críticos de orientação sociológica já se nota o esforço de mostrar essa interiorização dos dados de natureza social, tornados núcleos de elaboração estética. O próprio Lukács, quando não incorre em certas limitações do sectarismo político, indica de maneira convincente que, por exemplo, *I Promessi Sposi,* de Manzoni, é um supremo romance histórico porque a construção literária exprime uma visão coerente da sociedade descrita (*Der Historische lioman*). De maneira mais detalhada, Arnold Kettle sugere que a estrutura do *Oliver Twist,* de Dickens, é literariamente eficaz e sugestiva enquanto o autor desenvolve o contraste entre o egoísmo bem pensante e a inconsciência da burguesia com o mundo revolto do crime, que se pressupõem mutuamente, e entre os quais é sacudido o pequeno protagonista. Mas, quando o recolhe ao seio da bondade conciliadora do avô, que atenua o travo da desigualdade e das contradições sociais, a composição perde o mordente e mesmo a coerência profunda, causando a queda de qualidade que todo leitor sensível repara a certa altura (*The English Novel*, vol. I). Num caso e noutro, temos o efeito de uma determinada visão da sociedade atuando como fator estético e permitindo compreender a economia do livro.

Este problema ocorre, amplificado em sentido diverso, e prejudicado por certo luxo especulativo, na obra de Lucien Goldmann, que tem procurado mostrar como a criação, não obstante singular e autônoma, decorre de uma certa visão do mundo, que é fenômeno coletivo na medida em que foi elaborada por uma classe social, segundo o seu ângulo ideológico próprio. Embora não considere os problemas de fatura (como Kettle), tenta demonstrar que a visão peculiar transmitida pela tragédia raciniana se aparenta com a que deriva do pensamento de Pascal; e que ambas radicam, de maneira especial e independente, no pessimismo jansenista, por meio do qual um importante setor da burguesia francesa, desajustado na estrutura de castas então reinante, exprimiu ideologicamente este desajuste (*Le Dieu Cachê*).

[pág. 24]

Em todos estes casos, o fator social é invocado para explicar a estrutura da obra e o seu teor de idéias, fornecendo elementos para determinar a sua validade e o seu efeito sobre nós. Num plano menos explícito e mais sutil, mencionemos a tentativa de Erich Auerbach, fundindo os processos estilísticos com os métodos histórico-sociológicos para investigar os fatos da literatura (*Mimesis — Dargestellte Wirklichkeit in der Abendländischen Literatur).* Foi a propósito de tentativas semelhantes que Otto Maria Carpeaux aludiu a um método sintético, a que chamou "estilístico-sociológico", na INTRODUÇÃO da sua magnífica *História da literatura ocidental.* Tal método, cujo aperfeiçoamento será decerto uma das tarefas desta segunda metade do século, no campo dos estudos literários, permitirá levar o ponto de vista sintético à intimidade da interpretação, desfazendo a dicotomia tradicional entre fatores *externos* e *internos,* que ainda serve atualmente para suprir a carência de critérios adequados. Veremos então, provavelmente, que os elementos de ordem social serão filtrados através de uma concepção estética e trazidos ao nível da fatura, para entender a singularidade e a autonomia da obra. E isto será o avesso do que se observava na crítica determinista, contra a qual se rebelaram justamente muitos críticos deste século, pois ela anulava a individualidade da obra, integrando-a numa visão demasiado ampla e genérica dos elementos sociais, como se vê no seu exemplo maior: o brilhante esquematismo de Taine, ao estudar a literatura inglesa.

No estágio ainda insatisfatório em que nos achamos, a situação é de caráter polêmico, dada a insegurança dos pontos de vista. São por isso compreensíveis certos exageros compensatórios, que vão ao extremo oposto e afirmam que a obra, no que tem de significativo, é um todo que se explica a si mesmo, como um universo fechado. Este estruturalismo radical, cabível como um dos momentos da análise, é inviável no trabalho prático de interpretar, porque despreza, entre outras coisas, a dimensão histórica, sem a qual o pensamento contemporâneo não enfrenta de maneira adequada os problemas que o preocupam. Mas às suas diversas modalidades devemos resultados fecundos, como o referido conceito de organicidade da obra, que, embora conhecido pela crítica anterior, recebeu das correntes modernas o que lhe faltava: instrumentos de investigação, inclusive terminologia adequada.

Hoje sentimos que, ao contrário do que pode parecer à primeira vista, é justamente esta concepção da obra como organismo que permite, no seu estudo, levar em conta e variar o jogo dos fatores que a condicionam e motivam; pois quando é interpretado como elemento de estrutura, cada fator se torna componente essencial do caso em foco, não podendo a sua legitimidade ser contestada nem glorificada *a priori.*[2]

[pág. 25]

---

2 | Por ter escolhido, como ponto de referência, a linha que se poderia chamar funcional, ou estrutural, deixo de mencionar outras tentativas de interesse, como as que decorrem da obra de Kenneth Burke, voltada para a análise da literatura como forma de comunicação simbólica, envolvendo o individual e o social num processo dialético. Ver a sua aplicação, ao lado de outras sugestões, em Hugh Dalziel Duncan, Language and Literature in Society, Chicago University Press, Chicago, 1953.

A LITERATURA E A VIDA SOCIAL*

1

Não desejo aqui propor uma teoria sociológica da arte e da literatura, nem mesmo fazer uma contribuição original à sociologia de ambas; mas apenas focalizar aspectos sociais que envolvem a vida artística e literária nos seus diferentes momentos.

Do século passado aos nossos dias, este gênero de estudos tem permanecido insatisfatório, ou ao menos incompleto, devido à falta de um sistema coerente de referência, isto é, um conjunto de formulações e conceitos que permitam limitar objetivamente o campo de análise e escapar, tanto quanto possível, ao arbítrio dos pontos de vista. Não espanta, pois, que a aplicação das ciências sociais ao estudo da arte tenha tido consequências frequentemente duvidosas, propiciando relações difíceis no terreno do método.

Com efeito, sociólogos, psicólogos e outros manifestam às vezes intuitos imperialistas, tendo havido momentos em que julgaram poder explicar apenas com os recursos das suas disciplinas a totalidade do fenômeno artístico. Assim, problemas que desafiavam gerações de filósofos e críticos pareceram de repente facilmente solúveis, graças a um simplismo que não raro levou ao descrédito as orientações; sociológicas e psicológicas, como instrumentos de interpretação do fato literário. É inútil recordar, neste sentido, famosas reduções esquemáticas, que se poderiam reduzir a fórmulas, como: "Dai-me o meio e a raça, eu vos darei a obra"; ou: "Sendo o talento e o gênio formas especiais de desequilíbrio, a obra constitui essencialmente um sintoma", e assim por diante.

[pág. 27]

A propósito, e para evitar equívocos, mencionemos um trecho de Sainte-Beuve, que parece exprimir exatamente as relações entre o artista e o meio: "O poeta não é uma resultante, nem mesmo um simples foco refletor; possui o seu próprio espelho, a sua mônada individual e única. Tem o seu núcleo e o seu órgão, através do qual tudo o que passa se transforma, porque ele combina e cria ao devolver à realidade".[1]

---

* Nota | Este estudo é a redação de uma conferência pronunciada, em 1957, na Sociedade de Psicologia, São Paulo.

O primeiro cuidado em nossos dias é, portanto, delimitar os campos e fazer sentir que a sociologia não passa, neste caso, de disciplina auxiliar; não pretende explicar o fenômeno literário ou artístico, mas apenas esclarecer alguns dos seus aspectos. Em relação a grande número de fatos dessa natureza, a análise sociológica é ineficaz, e só desorientaria a interpretação; quanto a outros, pode ser considerada útil; para um terceiro grupo, finalmente, é indispensável. Dele nos ocuparemos. Neste ponto, surge uma pergunta: qual a influência exercida pelo meio social sobre a obra de arte? Digamos que ela deve ser imediatamente completada por outra: qual a influência exercida pela obra de arte sobre o meio? Assim poderemos chegar mais perto de uma interpretação dialética, superando o caráter mecanicista das que geralmente predominam. Algumas das tendências mais vivas da estética moderna estão empenhadas em estudar como a obra de arte plasma o meio, cria o seu público e as suas vias de penetração, agindo em sentido inverso ao das influências externas. Esta preocupação é visível na obra estética de Malraux e notória em trabalhos recentes de Étienne Souriau e Mikel Dufrenne.[2]

[pág. 28]

Este estudo abordará de preferência o primeiro aspecto, — sem desdenhar de todo o segundo, — começando por indagar quais são as possíveis influências efetivas do meio sobre a obra.

Há neste sentido duas respostas tradicionais, ainda fecundas conforme o caso, que devem todavia ser afastadas numa investigação como esta. A primeira consiste em

---

1 | Apud René Bady, *Introduction à L'Étude de la Littérature Française,* Éditions de la Librairie de l'Université, Friburgo, 1943, p. 31.

2 | André Malraux, *Les Voix du Silence,* Gallimard, Paris, 1951; Étienne Souriau, L'ART ET LA VIE SOCIALE, *Cahiers Internationaux de Sociologie,* V, 1948, p. 66-96; Mikel Dufrenne, POUR UNE SOCIOLOGIE DU PUBLIC, ibid., VI, 1949, p. 101-112; idem, *Phénoménologie de L'Expérience Esthétique, 2* vols., Presses Universitaires de France, 1953, sobretudo vol. I, cap. 3o, p. 81-110.

estudar em que medida a arte é expressão da sociedade; a segunda, em que medida é *social,* isto é, interessada nos problemas sociais.

Dizer que ela exprime a sociedade constitui hoje verdadeiro truísmo; mas houve tempo em que foi novidade e representou algo historicamente considerável. No que toca mais particularmente à literatura, isto se esboçou no século XVIII, quando filósofos como Vico sentiram a sua correlação com as civilizações, Voltaire, com as instituições, Herder, com os povos. Talvez tenha sido Madame de Staél, na França, quem primeiro formulou e esboçou sistematicamente a verdade que a literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre.[3] Durante o século XIX não se foi muito além desta verificação de ordem geral, adequada mais aos panoramas do que aos casos concretos, mesmo quando Taine introduziu o conceito mais flexível e rico de momento, para completar o meio e a raça dos tratadistas anteriores.[4] Na prática, chegou-se à posição criticamente pouco fecunda de avaliar

[pág. 29]

em que medida certa forma de arte ou certa obra correspondem à realidade. E pulularam análises superficiais, que tentavam explicar a arte na medida em que ela descreve os modos de vida e interesses de tal classe ou grupo, verdade epidérmica, pouco satisfatória como interpretação. Exemplo típico é o livro sobre Martins Pena, onde Sílvio Romero se limita a descrever os tipos criados pelo teatrólogo e indicar que espelham os da vida corrente.[5]

A segunda tendência é a de analisar o conteúdo social das obras, geralmente com base em motivos de ordem moral ou política, redundando praticamente em

---

3 | Ver uma exposição do vínculo entre Madame de Staél e os seus predecessores alemães em Mary M. Colum, *From these Roots, the Ideas that Have Made Modem Literature,* Columbia University Press, Nova York, 1944.

4 | Ver Harry Levin, LITERATURE AS AN INSTITUTION, in Morton Dauwen Zabel, *Literary Opinion in America,* Harper & Bros., Nova York, 1951, para uma exposição atualizada do papel de Taine e suas idéias e, ao mesmo tempo, para avaliar o atraso em que estão críticos de alta qualidade, como Levin, no tratamento do problema, por se manterem, ainda, mais ou menos presos a uma concepção demasiado genérica.

A exposição sistemática das idéias de Taine se encontra, de modo sucinto, na famosa introdução *da Histoire de la Littérature Anglaise,* 17ª ed., Hachette, Paris, s. d., vol. I, p. V-XLIV.

5 | Sílvio Romero, *Martins Pena,* Ensaio crítico, Chardron, Porto, 1900.

afirmar ou deixar implícito que a arte deve ter um conteúdo deste tipo, e que esta é a medida do seu valor. Como se vê, é mais afirmação de princípios do que hipótese de investigação; representa o retorno, em vestes de sociologia ou filosofia do século XIX, da velha tendência sectária que levava Bossuet a proscrever o teatro, e hoje irmana marxistas sectários e católicos rígidos na condenação de obras que não correspondam aos valores das suas ideologias respectivas. Talvez a formulação mais famosa nesta ordem de idéias, e sem dúvida a mais coerente no seu radicalismo, seja o estudo em que Tolstoi julga, sem apelo, as obras que não lhe parecem transmitir uma mensagem moral adequada ao anarquismo místico da sua velhice.[6]

Para o sociólogo moderno, ambas as tendências tiveram a virtude de mostrar que a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. Isto decorre da própria natureza da obra e independe do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores de arte.

Para a sociologia moderna, porém, interessa principalmente analisar os tipos de relações e os fatos estruturais ligados à vida artísti-

[pág. 30]

ca, como causa ou consequência. Neste sentido, a própria literatura hermética apresenta fenômenos que a tornam tão social, para o sociólogo, quanto a poesia política ou o romance de costumes, como é o caso do desenvolvimento de uma linguagem pouco acessível, com a consequente diferenciação de grupos iniciados, e efeitos positivos e negativos nas correntes de opinião.

Assim, a primeira tarefa é investigar as influências concretas exercidas pelos fatores socioculturais. É difícil discriminá-los, na sua quantidade e variedade, mas pode-se dizer que os mais decisivos se ligam à estrutura social, aos valores e ideologias, às técnicas de comunicação. O grau e a maneira por que influem estes três grupos de fatores variam conforme o aspecto considerado no processo artístico. Assim, os primeiros se manifestam mais visivelmente na definição da posição social do artista, ou na configuração de grupos receptores; os segundos, na forma e conteúdo da obra; os terceiros, na sua fatura e transmissão. Eles marcam, em todo o caso, os quatro momentos da produção, pois: a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões da sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio.

---

[6] | Leon Tolstoi, *What is Art? and Essays on Art,* trad. A Maude, Oxford University Press, 1942.

Como se vê, não convém separar a repercussão da obra da sua feitura, pois, sociologicamente ao menos, ela só está acabada no momento em que repercute e atua, porque, sociologicamente, a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana, e como tal interessa ao sociólogo. Ora, todo processo de comunicação pressupõe um comunicante, no caso o artista; um comunicado, ou seja, a obra; um comunicando, que é o público a que se dirige; graças a isso define-se o quarto elemento do processo, isto é, o seu efeito.[7]

Este caráter não deve obscurecer o fato da arte ser, eminentemente, comunicação expressiva, expressão de realidades profundamente radicadas no artista, mais que transmissão de noções e conceitos. Neste sentido, depende essencialmente da intuição, tanto na

[pág. 31]

fase criadora quanto na fase receptiva, dando impressão a alguns, como Croce, que exprime apenas traços irredutíveis da personalidade, desvinculados, no que possuem de essencial, de quaisquer condicionantes externos. Embora um sociólogo não possa aceitar as consequências teóricas da sua estética idealista, o fato é que ela tem o mérito de assinalar este aspecto intuitivo e expressivo da arte, vendo a poesia, por exemplo, como um tipo de linguagem, que manifesta o seu conteúdo na medida em que é forma, isto é, no momento em que se define a expressão. A palavra seria pois, ao mesmo

---

7 | Ver, a propósito destes elementos, Hartley e Hartley, *Fundamentais of Social Psychology,* Knopf, Nova York, 1952, caps. II-VII, notadamente p. 27.

tempo, forma e conteúdo, e neste sentido a estética não se separa da linguística.[8]

Mas, justamente porque é uma comunicação expressiva, a arte pressupõe algo diferente e mais amplo do que as vivências do artista. Estas seriam nela tudo, se fosse possível o solipsismo; mas na medida em que o artista recorre ao arsenal comum da civilização para os temas e formas da obra, e na medida em que ambos se moldam sempre ao público, atual ou prefigurado (como *alguém* para quem se exprime *algo*), é impossível deixar de incluir na sua explicação todos os elementos do processo comunicativo, que é integrador e bitransitivo por excelência.

Este ponto de vista leva a investigar a maneira por que são condicionados socialmente os referidos elementos, que são também os três momentos indissoluvelmente ligados da produção, e se traduzem, no caso da comunicação artística, como *autor, obra, público.* A atuação dos fatores sociais varia conforme a arte considerada e a orientação geral a que obedecem as obras. Estas — de um ponto de vista sociológico — podem dividir-se em dois grupos, dando lugar ao que chamaríamos dois tipos de arte, sobretudo de literatura, e que sugiro para fixar as idéias em vista da discussão subsequente, não com o intuito de estabelecer uma distinção categórica: arte de agregação e arte de segregação.

[pág. 32]

A primeira se inspira principalmente na experiência coletiva e visa a meios comunicativos acessíveis. Procura, neste sentido, incorporar-se a um sistema simbólico vigente, utilizando o que já está estabelecido como forma de expressão de determinada sociedade. A segunda se preocupa em renovar o sistema simbólico, criar novos recursos expressivos e, para isto, dirige-se a um número ao menos inicialmente reduzido de receptores, que se destacam, enquanto tais, da sociedade.

A objeção imediata é que, na verdade, não se trata de dois tipos, sendo, como são, aspectos constantes de toda obra, ocorrendo em proporção variável segundo o jogo dialético entre a expressão grupai e as características individuais do artista. Mas

---

8 | Benedetto Croce, *Estética come Scienza Del L'Espressione e Linguística Generale,* 8ª ed, Laterza, Bari, 1946, passim.

se considerarmos apenas a predominância de um ou de outro, a distinção pode ser mantida, o que nos interessa aqui sobremaneira, pois foi feita com o pensamento em dois fenômenos sociais muito gerais e importantes: a integração e a diferenciação. A integração é o conjunto de fatores que tendem a acentuar no indivíduo ou no grupo a participação nos valores comuns da sociedade. A diferenciação, ao contrário, é o conjunto dos que tendem a acentuar as peculiaridades, as diferenças existentes em uns e outros. São processos complementares, de que depende a socialização do homem; a arte, igualmente, só pode sobreviver equilibrando, à sua maneira, as duas tendências referidas.

2

Se encararmos os fatores presentes em bloco na estrutura social, nos valores e nas técnicas de comunicação, veremos logo a necessidade de particularizar o seu campo de atuação. Tomemos os três elementos fundamentais da comunicação artística — autor, obra, público — e vejamos sucessivamente como a sociedade define a posição e o papel do artista; como a obra depende dos recursos técnicos para incorporar os valores propostos; como se configuram os públicos. Tudo isso interessa na medida em que esclarecer a produção artística, e, embora nos ocupemos aqui principalmente

[pág. 33]

com um dos sentidos da relação (sociedade-arte), faremos as referências necessárias para que se perceba a importância do outro (arte-sociedade). Com efeito, a atividade do artista estimula a diferenciação de grupos; a criação de obras modifica os recursos de comunicação expressiva; as obras delimitam e organizam o público. Vendo os problemas sob esta dupla perspectiva, percebe-se o movimento dialético que engloba a arte e a sociedade num vasto sistema solidário de influências recíprocas.

1 — A posição do artista

A posição social é um aspecto da estrutura da sociedade. No nosso caso, importa averiguar como esta atribui um papel específico ao criador de arte, e como define a sua posição na escala social, o que envolve não apenas o artista individualmente, mas a formação de grupos de artistas. Daí sermos levados a indicar sucessivamente o aparecimento individual do artista na sociedade como posição e papel configurados; em seguida, as condições em que se diferenciam os grupos de artistas; finalmente, como tais grupos se apresentam nas sociedades estratificadas.

Comecemos lembrando que houve um tempo em que se exagerou muito o aspecto coletivo da criação, concebendo-se o povo, no conjunto, como criador de arte. Esta idéia de obras praticamente anônimas, surgidas da coletividade, veio sobretudo da Alemanha, onde Wolff afirmou, no século XVIII, que os poemas atribuídos a Homero haviam sido, na verdade, criação do gênio coletivo da Grécia, através de múltiplos cantos em que os *aedos* recolhiam a tradição, e que foram depois reunidos numa unidade precária. Tempos depois, a coletânea de contos populares dos irmãos Grimm veio como prova aparente das hipóteses deste tipo, — sem que se atentasse para o abismo que vai entre a ingênua história folclórica e o refinamento, a altura de concepção da *Ilíada* e da *Odisséia.* Nessa mesma era, encharcada de *Volksgeist,* esboçaram-se teorias sobre a formação popular das epopéias e romances medievais, o que era facilitado pela míngua de informação a respeito dos autores. Hoje, está superada esta noção de cunho acentuadamente romântico, e sabemos que

[pág. 34]

a obra exige necessariamente a presença do artista criador. O que chamamos arte coletiva é a arte criada pelo indivíduo a tal ponto identificado às aspirações e valores do seu tempo, que parece dissolver-se nele, sobretudo levando em conta que, nestes casos, perde-se quase sempre a identidade do criador-protótipo.

Devido a um e outro motivo, à medida que remontamos na história temos a impressão duma presença cada vez maior do coletivo nas obras; e é certo, como já sabemos, que forças sociais condicionantes guiam o artista em grau maior ou menor. Em primeiro lugar, determinando a ocasião da obra ser produzida; em segundo, julgando da necessidade dela ser produzida; em terceiro, se vai ou não se tornar um bem coletivo.

Os elementos individuais adquirem significado social na medida em que as pessoas correspondem a necessidades coletivas; e estas, agindo, permitem por sua vez que os indivíduos possam exprimir-se, encontrando repercussão no grupo. As relações entre o artista e o grupo se pautam por esta circunstância e podem ser esquematizadas do seguinte modo: em primeiro lugar, há necessidade de um agente individual que tome a si a tarefa de criar ou apresentar a obra; em segundo lugar, ele é ou não reconhecido como criador ou intérprete pela sociedade, e o destino da obra está ligado a esta circunstância; em terceiro lugar, ele utiliza a obra, assim marcada pela sociedade, como veículo das suas aspirações individuais mais profundas.

Considerações deste tipo fazem ver o que há de insatisfatório e pouco exato nas discussões que procuram indagar, como alternativas mutuamente exclusivas, se a obra é fruto da iniciativa individual ou de condições sociais, quando na verdade ela surge na confluência de ambas, indissoluvelmente ligadas. Isto nos leva a retomar o problema, indagando qual é a função do artista, qual a sua posição social e quais os limites da sua autonomia criadora. O último ponto ficará esclarecido com a discussão dos dois primeiros e com a apresentação subsequente do problema do público.

[pág. 35]

As características da arte paleolítica tendem a provar que, sejam quais forem as utilizações comunitárias ou práticas da arte primitiva, ela dependia do exercício do talento individual. (...) Devemos pôr de lado a idéia que as pinturas foram produto casual do lazer forçado de uma tribo de caçadores, ou mesmo subprodutos de cultos mágicos. Elas estavam sem dúvida associadas a tais atividades, mas o pressuposto da sua produção foi a existência de raros indivíduos dotados de sensibilidade e habilidade expressiva excepcionais.[9]

Assim, a arte pressupõe um indivíduo que assume a iniciativa da obra. Mas precisa ele ser necessariamente um artista, definido e reconhecido pela sociedade como tal? Ou, em termos sociológicos, a produção da arte depende de posição social e papéis definidos em função dela? A resposta seria: conforme a sociedade, o tipo de arte e, sobretudo, a perspectiva considerada. Se para a atitude romântica a coletividade é criadora, no outro pólo um estudioso contemporâneo, Hauser, acha que as pinturas pré-históricas já demonstram a existência de um artista especializado, uma espécie de feiticeiro-artista, dispensado das tarefas de produção econômica para poder de certa maneira especializar-se.[10]

Isto significaria o reconhecimento da sua função social desde as sociedades pré-históricas, sendo preciso notar que Hauser entra pelo terreno da conjetura; mas de qualquer modo sugere o vínculo estreito entre a arte e a sociedade, por meio da diferenciação precoce da função do artista. Poder-se-ia talvez dizer que nas sociedades primitivas ocorre o reconhecimento desta sempre que corresponda a necessidades coletivas. E qual seria a necessidade social de reconhecer a identidade e a posição do artista, ou, por outras palavras, de pressupor a existência de um artista definido como tal? Respondamos por meio de dois exemplos.

[pág. 36]

Entre os tonga, grupo banto de Moçambique, existe o costume da louvação pública dos chefes. Em consequência, surge um tipo de louvador por assim dizer profissional, uma espécie de poeta palaciano: são os *mbongi,* ou "arautos", como traduz Junod, que precedem os homens importantes, cantando poemas laudatórios, principalmente sobre a sua genealogia.[11] É sem dúvida uma função social, que realça certos aspectos da estrutura e reforça o sistema de dominação, traduzindo-se pelos papéis atribuídos a tais arautos, peças essenciais da etiqueta dos tonga, e que se diferenciam como grupo de artistas parasitários.

---

[9] | Herbert Read, *Art and Society,* Pantheon Books, Nova York, s.d, p. 14-15.

[10] | Arnold Hauser, *The Social History of Art, 2* vols., Routledge & Kegan Paul, Londres, 1951, vol. I, p. 39-45.

[11] | Henri A. Junod, *Moeurs et Coutumes des Bantous, La Vie d'une Tribu Sud-Africaine, 2* vols., Payot, Paris, 1936, vol. 1o, p. 395-399.

Mas existem também, entre os primitivos, verdadeiros embriões de artistas profissionais, como se vê pelo segundo exemplo, tomado a Rivers. Este registra, nas ilhas Banks, o costume das pessoas possuírem uma canção pessoal, que as distingue (se couber a expressão contraditória) como um brasão oral, e de que necessitam para serem bem recebidas além-túmulo pelos espíritos dos mortos.

Entretanto, como nem todos são capazes de elaborar essas canções, intervém indivíduos bem dotados, que tendem a especializar-se como compositores. As cantigas são encomendadas a eles mediante pagamento, parte adiantado, parte depois da tarefa pronta.[12] Aí está um outro tipo de necessidade social, determinando o aparecimento de uma função, que o artista desempenha como papel reconhecido e remunerado.

Em todo o caso, a existência de artista realmente profissional, que vive da sua arte, dedicando-se apenas a ela, não é frequente entre os primitivos e constitui, via de regra, desenvolvimento mais recente. Nas sociedades arcaicas ele não se diferencia sempre claramente de outros papéis, correspondentes a outras funções, porque a arte, notadamente a poesia, não se encontra ela própria diferenciada de outras manifestações culturais. Nas sociedades modernas,

[pág. 37]

a autonomia da arte permite atribuir a qualidade de artista mesmo a quem a pratique ao lado de outras atividades; assim é que um poeta que seja inspetor de ensino, como foi Alberto de Oliveira, ou médico, como Jorge de Lima, não confunde as esferas de atividade e é identificado socialmente pelo papel de maior relevo na situação considerada, funcionando não raro o de artista (são os casos citados) como apoio para o desempenho de outros e como eixo central da personalidade socialmente definida. Mas, quando a própria arte não se dissocia com nitidez, o artista permanece mergulhado no sincretismo das funções.

---

12 | W. H. R. Rivers, *The History of Melanesian Society,* 2 vols., Cambridge University Press, 1914, vol. 1o, p. 78-79.

Caso esclarecedor é o da construção de canoas entre os trobriandeses, da Melanésia, que Malinowski imortalizou nos livros porventura mais belos da etnologia moderna. O trabalho de fabricação é confiado a um especialista, que atua ajudado ora pelos parentes (deste modo iniciados no ofício), ora pelo proprietário e por toda a comunidade. As fases, desde o corte da árvore até o lançamento ao mar, são pontilhadas de esconjuros e invocações, na maior parte de acentuado teor poético, proferidos conforme a importância do momento pelo construtor, o proprietário, ou o mágico.[13] Temos neste caso uma união realmente indissolúvel entre a técnica material, a magia, a poesia, repartindo-se, além disso, as responsabilidades entre três papéis sociais diferentes. Não é possível, no caso, falar de um artista, embora a sua função integre de modo latente a construção da canoa. A mesma verificação pode ser feita, no tocante às atividades agrícolas, pelo exame do abundante material apresentado noutra obra de Malinowski.[14]

Uma vez reconhecidos como tais, os artistas podem permanecer desligados entre si ou vincular-se, seja por meio de uma consciência comum, seja pela formação de grupos geralmente determinados pela técnica. Esta é, em grau maior ou menor, pressuposto de toda

[pág. 38]

arte, envolvendo uma série de fórmulas e modos de fazer que, uma vez estabelecidos, devem ser conservados e transmitidos. É então frequente nas civilizações primitivas, mas também nas históricas, a existência de certas confrarias que as detêm e nelas iniciam outros indivíduos. Nestes grupos diferenciados e coesos, cuja sociabilidade se alimenta da atividade técnica, podemos ver um tipo de atuação da arte na configuração da estrutura social. Eles são decisivos nas civilizações sem escrita, pois sabemos que as técnicas são perecíveis e que a sua conservação acarreta problemas delicados de preservação, iniciação e transmissão, que só podem ser resolvidos mediante uma forte

---

13 | Bronislaw Malinowski, *Argonauts fo the Western Pacific,* Routledge, Londres, 1932, caps. V, VI, XVII e XVIII.

14 | Bronislaw Malinowski, *Coral Gardens and their Magic,* 2 vols., American Book Company, Nova York 1935, passim.

concentração de sociabilidade em torno delas. Vemos então a arte se associar ao segredo e ao rito, dando lugar à formação de grupos esotéricos, subordinando a aprendizagem a condições de ordem iniciatória.[15]

Não é apenas entre os primitivos, todavia, que a arte assume aspectos marcadamente grupais. Nas altas civilizações acontece o mesmo, bastando lembrar as confrarias de *aedos* na Grécia ou, na Idade Média, as de construtores de catedrais. A sociedade como que destaca do seu meio um agrupamento detentor dos segredos técnicos, para realizar num dado setor as necessidades de todos.

Nas sociedades estratificadas e de estrutura mais complexa, podemos notar a influência das camadas sociais sobre a distribuição e o caráter dos grupos de artistas e intelectuais, que tendem a diferenciar-se funcionalmente conforme o tipo de hierarquia social. Em um estudo famoso, Max Weber descreve como se formou a elite intelectual da China, sob a pressão de injunções administrativas, dando lugar ao mandarinato, recrutado pelo saber mediante um complicado e árduo critério de provas. Peritos na caligrafia — que na China é realmente uma arte — os mandarins se exprimiam por verdadeiro estilo de casta. Este estilo constituiu um fator de diferenciação grupai, como requintado instrumento acessível a poucos

[pág. 39]

pela sutileza, o uso do chiste, o maneirismo, chegando os funcionários letrados a enviar relatórios sob a forma de poema didático.[16]

No Ocidente medieval, os intelectuais e artistas se congregavam em agrupamentos por vezes poderosos. Se os tomarmos em relação à estratificação social, veremos que ela os ordenou à sua imagem, orientando em consequência a sua produção. Assim, temos o clérigo — filósofo, teólogo, cientista — assimilado ao estamento religioso; o trovador, assimilado ao estamento cavaleiresco, ou girando em

---

15 | Vejam-se os dados reunidos sobre a força associativa dos ofícios, inclusive os de caráter artístico e pré-científico, em Richard Thurnwald, *L'Économie Primitive,* trad. Mourey, Payot, Paris 1937, p. 157-185.

16 | Max Weber, DIE WIRTSCHAFTSETHIK DER WELTRELIGIONEN, Ia parte, p. 395-430, in *Gesammelte Aufsaetze zur Religionssoziologie,* 4ª ed., Mohr, Tübingen, 1947.

torno dos seus valores; os arquitetos e pintores, identificados aos ofícios burgueses — para não mencionar os jograis de toda espécie, criando e difundindo poesia pelas camadas populares. É desnecessário frisar o quanto semelhantes correlações influíam diretamente nos temas e na forma das obras.

2 — A configuração da obra

A obra depende estritamente do artista e das condições sociais que determinam a sua posição. Mas por motivo de clareza preferi relacionar ao artista os aspectos estruturais propriamente ditos. Quanto à obra, focalizemos o influxo exercido pelos valores sociais, ideologias e sistemas de comunicação, que nela se transmudam em conteúdo e forma, discerníveis apenas logicamente, pois na realidade decorrem do impulso criador como unidade inseparável. Aceita, porém, a divisão, lembremos que os valores e ideologias contribuem principalmente para o *conteúdo,* enquanto as modalidades de comunicação influem mais *na forma.*

A poesia das sociedades primitivas permite avaliar a importância da experiência quotidiana como fonte de inspiração, sobretudo com referência às atividades e objetos fortemente impregnados de valor pelo grupo. A medida que fala deles, o poeta assegura a sua posição de intérprete, num sentido que a nós poderia frequentemente parecer anestético. É o caso do poema esquimó citado por Boas, no qual as mulheres celebram a volta de uma caçada feliz, com versos deste tipo:

[pág. 40]

Nossos maridos vêm chegando, eu vou comer!

E o autor comenta que "pode parecer de todo prosaico para quem não conheça as privações da vida esquimó; mas talvez estes versos insignificantes dêem vazão à alegria de ver os homens voltando imunes dos perigos da caça, mais à perspectiva de uma alegre noitada, com todos reunidos para comer e pairar".[17] Aí está um caso em que determinada atividade se transforma em ocasião e matéria de poesia, pelo fato de representar para o grupo algo singularmente prezado, o que garante o seu impacto emocional. Lembremos um exemplo mais chegado à nossa tradição artística e literária: a constituição e voga dos gêneros e estilos pastorais, que exprimem na origem uma atividade econômica básica para a sobrevivência dos gregos, a criação de cabras e ovelhas, com os costumes decorrentes dos seus pastores. Entretanto, mais tarde, a poesia pastoral desprendeu-se das motivações imediatas e carregou-se de valores mitológicos e simbólicos (como a nostalgia da Idade de Ouro), para chegar finalmente a ser um requinte artificial de sociedades urbanas, baseadas em economia totalmente diversa, como as do Ocidente europeu durante o Renascimento e depois dele.

Num setor em que os valores assumem nítido caráter ideológico, atente-se para a influência decisiva e imensurável do cristianismo nas artes, dando lugar à formação de constantes que perduram até os nossos dias, nos temas da pintura, da escultura, da música, da literatura. Se as rosáceas, estátuas e vitrais das igrejas floresceram em imagens, de santos e demônios, símbolos marianos e alegorias bíblicas, a *Divina comédia é* construída em torno de princípios teológicos, dividida em um número ritual de versos e cantos, desenvolvendo um sistema alusivo em torno dos valores intelectuais e afetivos da religião. No *Siglo de Oro* espanhol, os problemas de aperfeiçoamento espiritual deram lugar a uma rica poesia, refinando-se no hermetismo de imagens correspondentes aos movimentos

[pág. 41]

interiores, como a "noche oscura", o "ciervo herido", o "amado" e a "amada", de São João da Cruz. Em nossos dias o bolchevismo, na sua fase ascendente, deu lugar a um tipo de romance coletivista, em que os protagonistas são substituídos pelo esforço anônimo da massa, como *O cimento,* de Fiodor Gladkov; e a uma poesia sintética, agressiva e marcante, tendendo, nas mãos de alguns, ao cartaz poético, feito para a apreensão imediata das multidões, como nos versos de circunstância de Maiakovski.

---

[17] | Boas, LITERATURE, Music AND DANCE, in Franz Boas (org.), *General Anthropohgy,* Heath & Company, Nova York, 1938, p. 594-595.

Tanto quanto os valores, as técnicas de comunicação de que a sociedade dispõe influem na obra, sobretudo na forma, e, através dela, nas suas possibilidades de atuação no meio. Estas técnicas podem ser imateriais — como o estribilho das canções, destinadas a ferir a atenção e a gravar-se na memória; ou podem associar-se a objetos materiais, como o livro, um instrumento musical, uma tela.

Sabemos, por exemplo, que a forma moderna do quarteto musical se definiu, no século XVIII, em grande parte devido ao fato dos seresteiros vienenses não poderem transportar o cravo, necessário ao "baixo contínuo", e precisarem, em consequência, desenvolver um novo sistema de coordenação dos instrumentos de corda.[18] Em poesia, o refrão, a recapitulação, a própria medida do verso estão ligados ao fato dela se haver originado em fases onde não havia escrita, prendendo-se, pois, necessariamente, aos requisitos da enunciação verbal, às exigências de memorização, audição etc. Quem lê os poemas homéricos nota imediatamente a recorrência de fórmulas, a constância dos atributos, a repetição de invocações, episódios, reflexões, e mesmo — o que parece estranho a um moderno — a presença de trechos optativos, os famosos *doublets,* que tanto preocupam os eruditos. Um intérprete racionalista seria levado, como Victor Bérard, a ver em quase tudo isto interpolações devidas às vicissitudes por que passaram os manuscritos antigos. Os estudiosos mais prudentes lembram que "essas repetições têm algo de refrão e podem estar criando atmosfera"; que os "poemas são essencial-

[pág. 42]

mente obras cantadas, cantadas por episódios, não na íntegra"; que os *äoublets* "podem ser originais", a fim de que os *aedos* "tivessem a possibilidade de escolher entre duas versões segundo o que desejassem declamar ou conforme o público a que se dirigiam".[19]

---

18 | Cf. Rosemary Hughes, *Haydn,* Dent., Londres, 1950, p. 152-153.

19 | Robert Aubreton, *Introdução a Homero,* Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Boletim n° 214, 1956, p. 55-56.

Mas, no momento em que a escrita triunfa como meio de comunicação, o panorama se transforma. A poesia deixa de depender exclusivamente da audição, concentra-se em valores intelectuais e pode, inclusive, dirigir-se de preferência à vista, como os poemas em forma de objetos ou figuras, e, modernamente, os "caligramas" de Apollinaire. A poesia pura do nosso tempo esqueceu o auditor e visa principalmente a um leitor atento e reflexivo, capaz de viver no silêncio e na meditação o sentido do seu canto mudo.

Todos sabem — para dar mais um exemplo — a influência decisiva do jornal sobre a literatura, criando gêneros novos, como a chamada crônica, ou modificando outros já existentes, como o romance. Com a invenção do folhetim romanesco por Gustave Planche na França, no decênio de 1820, houve uma alteração não só nos personagens, mas no estilo e técnica narrativa. É o clássico "romance de folhetim", com linguagem acessível, temas vibrantes, suspensões para nutrir a expectativa, diálogo abundante com réplicas breves. Por sua vez, este gênero veio a influir poderosamente, quase um século depois, sobre a nova arte do cinema, que se difundiu em grande parte, na fase muda, graças aos seriados, que obedeciam mais ou menos aos mesmos princípios, ajustados à tela.

Lembremos, enfim, que é impossível imaginar as grandes sonatas de Beethoveri escritas para cravo ou espineta; foi a introdução do piano, com a sua imensa riqueza sonora, que lhe permitiu aquelas obras-primas, para as quais, na falta dele, teria forçosamente de recorrer a outros meios.[20]

[pág. 43]

3 — O público

O último ponto a considerar é o do receptor de arte (notadamente de literatura), que integra o público em seus diferentes aspectos. As influências sociais são aqui tão

---

20 | Ver Beniamino dal Fabro, *Crepuscolo del Pianoforte,* Einaudi, Turim, 1951, onde há indicações muito inteligentes sobre a relação entre o piano e os tipos correspondentes de composição e execução.

marcadas quanto nos casos vistos anteriormente, a começar pelas estruturais.

No que se refere às sociedades primitivas, ou aos grupos rústicos, ainda à margem da escrita e das modernas técnicas de comunicação, é menos nítida a separação entre o artista e os receptores, não se podendo falar muitas vezes num público propriamente dito, em sentido corrente. O pequeno número de componentes da comunidade e o entrosamento íntimo das manifestações artísticas com os demais aspectos da vida social dão lugar seja a uma participação de todos na execução de um canto ou dança, seja à intervenção dum número maior de artistas, seja a uma tal conformidade do artista aos padrões e expectativas, que mal chega a se distinguir. Na vida do caipira paulista vemos manifestações como a cana-verde, onde praticamente todos os participantes se tornam poetas, trocando versos e apodos; ou o cururu tradicional, onde o número de cantadores pode ampliar-se ao sabor da inspiração dos presentes, ampliando-se os contendores.

À medida, porém, que as sociedades se diferenciam e crescem em volume demográfico, artista e público se distinguem nitidamente. Só então se pode falar em público diferenciado, no sentido moderno — embora haja sempre, em qualquer sociedade, o fenômeno básico de um segmento do grupo que participa da vida artística como elemento receptivo, que o artista tem em mente ao criar, e que decide do destino da obra, ao interessar-se por ela e nela fixar a atenção. Mas, enquanto numa sociedade menos diferenciada os receptores se encontram, via de regra, em contacto direto com o criador, tal não se dá as mais das vezes em nosso tempo, quando o público não constitui um grupo, mas um conjunto informe, isto é, sem estrutura, de onde podem ou não desprender-se agrupamentos configurados. Assim, os auditores de um programa de rádio, ou os leitores dos romancistas contemporâneos, podem dar origem a um "clube dos amigos do cantor X", ou dos "leitores de Érico Veríssi-

[pág. 44]

mo". Ou podem, esporadicamente, reunir-se em grupos limitados para congressos e iniciativas. Mas o seu estado normal é de "massa abstrata", ou "virtual", como a caracterizou Von Wiese.[21]

Existem, numa sociedade contemporânea, várias dessas coleções informes de pessoas, espalhadas por toda parte, formando os vários públicos das artes. Elas aumentam e se fragmentam à medida que cresce a complexidade da estrutura social, tendo como denominador comum apenas o interesse estético. A sua ação é enorme sobre o artista. Desgostoso com a pouca ressonância dos seus romances, Thomas Hardy abandona a ficção e se dedica exclusivamente à poesia. Premido pela exigência dos leitores, Conan Doyle ressuscita Sherlock Holmes — que lhe interessava secundariamente — e prolonga por mais vinte anos a série das suas aventuras. Desejosos de fama e bens materiais, muitos autores modernos se ajustam às normas do romance comercial.

Vejamos agora a influência de um fator sociocultural, a técnica, sobre a formação e caracterização dos públicos. No caso da literatura, ou da música, as manifestações primitivas se ligam necessariamente à transmissão imediata, por contacto direto, e isto se junta aos motivos já apontados de ordem estrutural para limitar o público e intensificar a sua relação com o artista, criador ou executante, e frequentemente ambas as coisas. A invenção da escrita (para o caso da literatura) mudou esta situação, abrindo uma era em que foram tendendo a predominar os públicos indiretos, de contactos secundários, já referidos, e que adquiriram ímpeto vertiginoso com a invenção da tipografia e o fim do mecenato estamental. Em nossos dias, invenções como o fonógrafo e o rádio, para o caso da música, e a reprodução generalizada dos quadros, para a pintura, em condições de admirável fidelidade, deram lugar a um tipo inteiramente novo de público, alterando a própria atitude geral em face da arte, como ressalta nítido nos estudos de Malraux.[22]

[pág. 45]

---

21 | Leopold von Wiese, *System der Allgemeinen Soziologie,* 2a ed., Dunkler und Humblotl, Munique e Leipzig, 1933, p. 406-446.

22 | André Malraux, *Les Voix du Silence,* cit, sobretudo a primeira parte, LE MUSÉE IMAGINAIRE. AL, O autor chega a dizer que "a reprodução criou artes fictícias" (p. 22).

Se nos voltarmos agora para o comportamento artístico dos públicos, veremos uma terceira influência social, a dos valores, que se manifestam sob várias designações — gosto, moda, voga — e sempre exprimem as expectativas sociais, que tendem a cristalizar-se em rotina. A sociedade, com efeito, traça normas por vezes tirânicas para o amador de arte, e muito do que julgamos reação espontânea de nossa sensibilidade é, de fato, conformidade automática aos padrões. Embora esta verificação fira a nossa vaidade, o certo é que muito poucos dentre nós seriam capazes de manifestar um juízo livre de injunções diretas do meio em que vivemos.

Em 1837 Liszt deu em Paris um concerto, onde se anunciava uma peça de Beethoven e outra de Pixis, obscuro compositor já então considerado de qualidade ínfima. Por inadvertência, o programa trocou os nomes, atribuindo a um a obra de outro, de tal modo que a assistência, composta de gente musicalmente culta e refinada, cobriu de aplausos calorosos a de Pixis, que aparecia como de Beethoven, e manifestou fastio desprezivo em relação a esta, chegando muitos a se retirarem.[23] Este fato verídico ilustra com mais eloquência do que qualquer exposição o que pretendo sugerir, isto é, que mesmo quando pensamos ser nós mesmos, somos público, pertencemos a uma massa cujas reações obedecem a condicionantes do momento e do meio.

Como tendemos a introjetar as normas sociais, a nossa reação é perfeitamente sincera e nos dá satisfação equivalente à das descobertas, tanto positivas quanto negativas. A este respeito, lembremos a queda brusca da alta conta em que foi tido Charles Morgan pelas elites cultas do Brasil (que nele foram iniciadas pelas da França, através da crítica), no momento em que se verificou a sua nenhuma cotação na Inglaterra, onde foi sempre considerado escritor de terceira ordem, hábil e ameno pastichador sem personalidade, incapaz de satisfazer aos que falavam a mesma língua dele… Ou, no terreno

[pág. 46]

---

23 | É o próprio Liszt quem relata a ocorrência, que cito conforme Stanley Edgar Hyman, *The Armed Vision,* Knopf, Nova York, 1948, p. 323-324.

da música, o sincero enfado que o público habitual dos concertos vai sentindo em relação à tríade clássica Haydn-Mozart-Beethoven, e o correspondente entusiasmo pelos italianos barrocos, agora redescobertos: Corelli, Geminiani, Vivaldi etc. Há algo mais que humor e ironia nos conselhos "para parecer entendido", com que um autor recente termina o seu livro, indicando de maneira jocosa certos tipos de atitude e comentário que, embora não exprimam com sinceridade o nosso julgamento ou a nossa cultura real, servem para despertar nos outros uma impressão de requinte.[24] Eles exprimem a necessidade, insuspeitada em muitos, de aderir ao que nos parece distintivo de um grupo, minoritário ou majoritário, ancorando a nossa reação no reconhecimento coletivo.

3

Se forem válidas, as considerações anteriores mostram de que maneira os fatores sociais atuam concretamente nas artes, em especial na literatura. Não desejo insinuar que as influências apontadas sejam as únicas, nem, sobretudo, que bastem para explicar a obra de arte e a criação, como deixei claro de início. Muitos escritores, mais incompreendidos que Hardy, persistem no seu rumo; muitos amadores resistem ao gosto geral; sem falar que os impulsos pessoais predominam na verdadeira obra de arte sobre quaisquer elementos sociais a que se combinem. Mas num plano mais profundo, encontraremos sempre a presença do meio, num sentido como o que sugeri; e, se for legítimo o estudo sociológico da arte (o que não sofre dúvida), os traços estudados parecem ponderáveis.

Terminando, desejo voltar à relação inextricável, do ponto de vista sociológico, entre a obra, o autor e o público, cuja posição respectiva foi apontada. Na medida em que a arte é — como foi apresentada aqui — um sistema simbólico de comunicação inter-humana, ela pressupõe o jogo permanente de relações entre os três, que formam

---

24 | Roland de Cande, *Ouverture pour une Discothèque,* Éditions du Seuil, Paris, 1957, p. 287-288.

[pág. 47]

uma tríade indissolúvel. O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador. Os artistas incompreendidos, ou desconhecidos em seu tempo, passam realmente a viver quando a posteridade define afinal o seu valor. Deste modo, o público é fator de ligação entre o autor e a sua própria obra.

A obra, por sua vez, vincula o autor ao público, pois o interesse deste é inicialmente por ela, só se estendendo à personalidade que a produziu depois de estabelecido aquele contacto indispensável. Assim, à série autor-público-obra, junta-se outra: autor-obra-público. Mas o autor, do seu lado, é intermediário entre a obra, que criou, e o público, a que se dirige; é o agente que desencadeia o processo, definindo uma terceira série interativa: obra-autor-público.

Um estudioso contemporâneo, tratando da linguagem literária, exprime bem este fato, ao dizer que a invenção da escrita "tornou possível a um ser humano criar num dado tempo e lugar uma série de sinais, a que pode reagir outro ser humano, noutro tempo e lugar. Resulta que o escritor vê apenas ele próprio e as palavras, mas não vê o leitor; que o leitor vê as palavras e ele próprio, mas não vê o escritor; e um terceiro pode ver apenas a escrita, como parte de um objeto físico, sem ter consciência do leitor nem do escritor. Isso pode fazer com que o escritor suponha, irrefletidamente, que as únicas partes do processo sejam a primeira e a segunda; e o leitor suponha que o processo consiste na segunda e terceira; e um crítico irrefletido, que a segunda parte é tudo. (...) Mas (a) verdade básica é que o ato completo da linguagem depende da interação das três partes, cada uma das quais, afinal, só é inteligível (...) no contexto normal do conjunto.[25]

Não é possível aprofundar agora a análise complementar da ação da obra sobre a sociedade, delimitando setores de gosto e correntes de opinião, formando grupos,

---

25 | Thomas Clark Pollock, *The Nature of Literature, Its Reíation to Science, Language and Human Experience,* Princeton, 1942, p. 16-17.

veiculando padrões estéticos e

[pág. 48]

morais, o que deixaria mais patente este sistema de relações. Mas, penso ter ficado claro que o estudo sociológico da arte, aflorado aqui sobretudo através da literatura, se não explica a essência do fenômeno artístico, ajuda a compreender a formação e o destino das obras; e, neste sentido, a própria criação.

[pág. 49]

[pág. 50] *página em branco*

ESTÍMULOS DA CRIAÇÃO LITERÁRIA

1

O ponto de vista preponderante nos estudos filosóficos e sociais quase até os nossos dias foi, para usar uma expressão corriqueira, o do adulto, branco, civilizado, que reduz à sua própria realidade a realidade dos outros. O mundo das crianças, por exemplo, ou o dos povos estranhos — sobretudo os chamados primitivos — era passado por este crivo deformante. Quando lembramos que Rousseau discerniu há mais de duzentos anos que o menino não é um adulto em miniatura, mas um ser com problemas peculiares, devendo o adulto esforçar-se por compreendê-lo em função de tais problemas, não dos seus próprios; e que, no entanto, depois de dois séculos a maioria dos brancos, civilizados, continua a tratar os seus filhos e alunos como se esta verdade não estivesse consagrada pelos teóricos e pela observação de todo dia, — quando pensamos nisso podemos, comparativamente, avaliar a força da chamada ilusão antropocêntrica.

O mais curioso é que, se desejarmos evitá-la, podemos ir ao erro oposto e exagerar as diferenças que há entre os indivíduos, os grupos, as idades, as civilizações. Querendo, por exemplo, fugir ao erro de considerar a criança um modelo reduzido, que deve ser ajustado o mais depressa possível às normas da gente grande, podemos acentuar as suas peculiaridades ao ponto de considerá-la uma espécie de ser diferente, que é preciso tratar como se vivesse à parte, num mundo também diferente, — sem norma nem barreira, guiado por uma lei obscura da própria evolução, que acabaria por domesticá-lo. E então passamos da escola autocrática para as experiências de Hamburgo, baseadas numa espécie de anarquismo lírico.

Em relação aos povos primitivos, a oscilação de atitude é igualmente acentuada. Nos quatro ou cinco séculos que decorreram da sua entrada mais ou menos direta para o convívio dos povos civi-

[pág. 51]

lizados, eles têm sido considerados pendularmente como brutos e como seres privilegiados, através de concepções que assumem diversos matizes. Há cerca de meio século apareceu um modo renovado de encará-los como bichos, com todas as ressalvas da ciência e da filosofia. É a teoria famosa de Lévy-Bruhl, segundo a qual a mentalidade do primitivo seria, por assim dizer, qualitativamente diversa, na medida em que subordina a visão do mundo, não a princípios lógicos, como nós, mas a uma espécie de indiferenciação entre sujeito e objeto, entre as categorias e os corpos, de modo a definir um espírito "pré-lógico", incapaz de abstrair e de observar o princípio de contradição.

Esta concepção é sedutora. Permite interpretar fenômenos aparentemente obscuros, conserva em torno do primitivo um halo de mistério, e não há dúvida que contribuiu para investigar os aspectos alógicos da mente humana. Mas, pouco depois do seu êxito, Malinowski, ao invés de compulsar relatos de viagem ou repositórios de folclore, foi viver dois anos numa aldeia de melanésios, e os seus trabalhos fizeram ver que, relacionada ao quotidiano, a bela construção era falaciosa. Os povos primitivos distinguem, essencialmente como nós, o lógico e o mágico, embora na sua mente ambos formem configurações diversas, e o mágico sobressaia proporcionalmente mais do que o lógico no tecido da sua existência. Quando lança ao mar uma canoa, com toda sorte de esconjuros para que os espíritos da flutuação a façam sobrenadar contra os espíritos da submersão, o artesão de Sinaketa não supõe que ela navegue por obra e graça deles. Conhecendo empiricamente os princípios da flutuação e os processos adequados para os utilizar, jamais lhe passaria pela cabeça pegar um tronco e jogá-lo na água, confiado em que apenas a força dos espíritos o manteria emerso. Ele aplica rigorosamente a sua técnica, mas crê também na eficácia indispensável do ritual mágico. Forçando a nota, diríamos que, de modo parecido, o engenheiro moderno levanta cientificamente a sua ponte e pede a um santo que a mantenha de pé. E talvez (como já foi lembrado), o historiador do ano 3000 venha a dizer que os civilizados do século XX lançavam os seus navios com a bênção de

[pág. 52]

um sacerdote e a quebra ritual duma garrafa de vinho, acreditando que boiavam graças a estas práticas. No homem de hoje, perduram lado a lado o mágico e o lógico, fazendo ver que, ao menos sob este aspecto, as mentalidades de todos os homens têm a mesma base essencial. Num livro recente, diz Lévi-Strauss, com exemplos sugestivos, que em muitos casos o primitivo revela uma capacidade de racionalização e de observação sistemática maior que a do civilizado. O que a muitos pareceu incapacidade de generalizar pode ser requinte analítico, e certas formas em que realmente ele dissolve o particular numa aparente indiferenciação manifestam a capacidade generalizadora de cunho lógico, que lhe foi contestada.[1]

Isto retifica as teorias da mentalidade pré-lógica, mas pode reconduzir de maneira algo simples ao velho postulado do espírito humano igual em toda parte. Ora, ambas as posições são modalidades da falácia antropocêntrica, — seja por verem no primitivo um bicho quase de outra espécie, seja por quererem reduzi-lo mecanicamente à nossa imagem, dispensando o esforço de penetrar nas suas singularidades. A verificação de que as culturas são relativas leva a meditar em tais singularidades, que seriam explicadas, não à luz de diferenças ontológicas, mas das maneiras peculiares com que cada contexto geral interfere no significado dos traços particulares, e reciprocamente, — determinando configurações diversas. Assim, a atitude correta seria investigar a atuação variável dos estímulos condicionantes, pois se a mentalidade do homem é basicamente a mesma, e as diferenças ocorrem sobretudo nas suas manifestações, estas devem ser Relacionadas às condições do meio social e cultural. Isso explicaria por que os comportamentos, as soluções, as criações variam tanto no primitivo e no civilizado, sem que se possa falar em mentalidade pré-lógica.

---

1 | Claude Lévi-Strauss, *La Pensée Sauvage,* cap. I, LA SCIENCE DU CONCRET, p. 4-15 e passim, Plon, Paris, 1962.

2

Quando se trata de estudar manifestações literárias, a concepção de Lévy-Bruhl seduz pelo que tem de favorável à exaltação das faculdades poéticas, dos elementos irredutíveis da fantasia, que nela parece estender-se sobre a vida do espírito como um estofo transfigurador. Mas mesmo sem pressupor diferenças essenciais entre a nossa literatura e a dos povos primitivos, é evidente que os problemas suscitados por ambas são diversos. E talvez a meditação sobre tais diversidades ajude a compreender certos aspectos da criação literária, tanto dos primitivos quanto, em certa medida, dos grupos rústicos iletrados nas sociedades civilizadas.

Diversamente do que ocorre com a nossa, a atividade artística do homem primitivo e do homem rústico (que nisso se aparentam) mantém com a vida social e seus fatores básicos ligamentos de tal ordem, que só podem ser bem compreendidos se estudados por meio da combinação de pelo menos três disciplinas, — ciência do folclore, sociologia e análise literária — que, isoladamente, não permitem interpretação justa. A predominância de uma das três depende do objetivo, — que pode ser a mera descrição; o estudo do condicionamento e função social; a análise estética. Mas a sua conjugação é necessária, pois nas literaturas orais a autonomia do autor é menos acentuada, enquanto é mais nítido o papel exercido pela obra na organização da sociedade.

A falta de integração dos pontos de vista dá muitas vezes um aspecto fragmentário aos trabalhos do folclorista, fazendo com que pareçam meras etapas preliminares da verdadeira compreensão. Por outro lado, quando aborda as formas orais, o estudioso de literatura não é geralmente capaz de perceber a sua atuação viva na comunidade, tratando os seus produtos com a ilusão de autonomia, como se fossem textos de alta civilização. Finalmente, o sociólogo costuma despi-los do sentido estético, essencial para compreender a sua natureza, manipulando-os como traços entre outros de um sistema cultural ou social. Isso, provavelmente, porque está habituado a prestar maior atenção aos fenômenos de estrutura e de in-

[pág. 53]

fra-estrutura (econômicos, políticos, familiares), aos quais reduz de maneira algo mecânica os de superestrutura (religiosos, artísticos, éticos). No entanto, para entender a função da literatura oral, é preciso não perder de vista a sua integridade estética. E é preciso começar distinguindo, nela como na literatura escrita, — função total, função social e função ideológica.

A função total deriva da elaboração de um sistema simbólico, que transmite certa visão do mundo por meio de instrumentos expressivos adequados. Ela exprime representações individuais e sociais que transcendem a situação imediata, inscrevendo-se no patrimônio do grupo. Quando, por exemplo, encaramos a *Odisséia,* o aspecto central que fere a sensibilidade e a inteligência é esta representação de humanidade que ela contém, este contingente de experiência e beleza, que por meio dela se fixou no patrimônio da civilização, desprendendo-se da função social que terá exercido no mundo helênico. A grandeza de uma literatura, ou de uma obra, depende da sua relativa intemporalidade e universalidade, e estas dependem por sua vez da função total que é capaz de exercer, desligando-se dos fatores que a prendem a um momento determinado e a um determinado lugar. Esta função é aparentemente menos acentuada na literatura oral, que parece limitar-se ao âmbito restrito dos grupos em que atua e que a produziram. Todavia, quando surgem possibilidades de comunicação entre os grupos, a sua universalidade pode afirmar-se, e até mais do que sucede com as obras da literatura erudita, — pois se de um lado ela radica em experiências peculiares ao grupo, de outro encarna certos temas da mais acentuada intemporalidade, como os de alguns mitos, análogos em vários povos. Daí o encanto e a emoção que as lendas e canções primitivas despertam em nós, mesmo precariamente traduzidas e arrancadas ao seu contexto.

A função social (ou "razão de ser sociológica", para falar como Malinowski) comporta o papel que a obra desempenha no estabelecimento de relações sociais, na satisfação de necessidades espirituais e materiais, na manutenção ou mudança de uma certa ordem na sociedade. Assim, os episódios da *Odisséia,* cantados nas festas

[pág. 54]

gregas, reforçavam a consciência dos valores sociais, sublinhavam a unidade fundamental do mundo helênico e a sua oposição ao universo de outras culturas, marcavam as prerrogativas, a etiqueta, os deveres das classes, estabeleciam entre os ouvintes uma comunhão de sentimentos que fortalecia a sua solidariedade, preservavam e transmitiam crenças e fatos que compunham a tradição da cultura. Na literatura dos grupos iletrados, talvez esta função prepondere, pesando mais do que na literatura erudita dos nossos dias, feita para a leitura individual e voltada antes para a singularidade diferenciadora dos indivíduos, do que para o patrimônio comum dos grupos.

Considerada em si, a função social independe da vontade ou da consciência dos autores e consumidores de literatura. Decorre da própria natureza da obra, da sua inserção no universo de valores culturais e do seu caráter de expressão, coroada pela comunicação. Mas quase sempre, tanto os artistas quanto o público estabelecem certos desígnios conscientes, que passam a formar uma das camadas de significado da obra. O artista quer atingir determinado fim; o auditor ou leitor deseja que ele lhe mostre determinado aspecto da realidade. Todo este lado voluntário da criação e da recepção da obra concorre para uma função específica, menos importante que as outras duas e frequentemente englobada nelas, e que se poderia chamar de função ideológica, — tomado o termo no sentido amplo de um desígnio consciente, que pode ser formulado como idéia, mas que muitas vezes é uma ilusão do autor, desmentida pela estrutura objetiva do que escreveu. Ela se refere em geral a um sistema de idéias. O autor dirá, por exemplo, que tencionou mostrar como a vida é enganadora e como a virtude é uma questão de aparência, — coisas que poderíamos imaginar Machado de Assis falando das *Memórias póstumas de Brás Cubas.* Do seu lado, o público dirá se a obra lhe mostrou ou não esta concepção. Neste caso, a obra pode ser dita *interessada,* no sentido próprio, e não sectário, embora geralmente a função ideológica se torne mais clara nos casos de objetivo político, religioso ou filosófico. Esta função é importante para o destino da obra e para a sua apreciação crítica, mas de modo

[pág. 56]

algum é o âmago do seu significado, como costuma parecer à observação desprevenida.

Só a consideração simultânea das três funções permite compreender de maneira equilibrada a obra literária, seja a dos povos civilizados, seja, sobretudo, a dos grupos iletrados. Se naquela os aspectos propriamente estéticos sobressaem de maneira a realçar a função total, nesta a função social avança para o primeiro plano, tornando-a ininteligível se não for levada na devida conta. E agora poderemos entender melhor por que a pesquisa folclórica assume frequentemente um caráter fragmentário, ao ignorar não só o aspecto funcional do objeto que estuda, mas a complexidade dos elementos que o integram.

3

Um trabalho ideal sobre a literatura dos grupos iletrados, primitivos mas também rústicos, deveria partir da observação concreta dos fatos, passar às análises estruturais e comparativas, para chegar à sua função na sociedade, sem sacrificar o aspecto estético nem o sociológico. Naturalmente, a própria escolha de um tema folclórico já traz o perigo de pressupor que as formas *inferiores* de arte e literatura explicam necessariamente as *superiores,* — o que não apenas é relativo, mas, quando ocorre, não constitui o aspecto verdadeiramente importante e que pode ser estudado com maior proveito. O que interessa de fato é a combinação da análise estrutural com a da função social, pois a literatura dos grupos iletrados liga-se diretamente à vida coletiva, sendo as suas manifestações mais comuns do que pessoais, no sentido de que, ao contrário do que pode ocorrer nas literaturas eruditas, nunca o artista ou poeta deixa de exprimir aspectos que interessam a todos. Por isso, o ângulo sociológico é nelas indispensável, além de possuir razão de ser mais evidente. À medida que a coletividade vai reconhecendo no criador uma personalidade bem definida, com o direito de se exprimir sem referência necessária às solicitações do meio, a sociologia vai ficando cada vez menos apta para interpretar a função total das obras. O artista en-

[pág. 57]

quanto individualidade criadora lhe escapa em grande parte, para se tornar objeto da psicologia literária e da crítica.

Por isso, para não ser acusada de onívora e totalitária, a sociologia não pode pretender o lugar da teoria literária. Embora possa constituir um elemento importante para a análise estrutural, o que propriamente lhe cabe são os aspectos sociais da criação, da apreciação, da circulação das obras. Ora, nas sociedades primitivas e nas rústicas, estas dependem por tal forma do entrosamento geral dos fatos sociais, que a sociologia tem nelas uma posição privilegiada como ponto de vista.

Pode-se com efeito duvidar da sua eficácia para compreender, individualmente, os temas poéticos de Baudelaire ou as inovações formais de Mário de Andrade; mas não para entender os contos populares, as modas de viola, as adivinhas ou o canto de morte dos tupinambás. Tais fatos, comparados com a arte individualizada dos nossos dias, chamam a atenção pelo aspecto coletivo; e a insuficiência do estudioso de literatura ao abordá-las provém, geralmente, da falta de preparo sociológico. Elas não podem ser entendidas mediante a aplicação pura e simples dos métodos a que ele está habituado, e que supõem na obra uma relativa autonomia, pois, mesmo quando transcritos, não são *textos,* decifráveis diretamente. Não podem ser desligadas do *contexto,* — isto é, da pessoa que as interpreta, do ato de interpretar e, sobretudo, da situação de vida e de convivência, em função das quais foram elaboradas e são executadas. Feitas para serem incorporadas imediatamente à experiência do grupo, à sua visão do mundo e da sociedade, pouco significam separadas da circunstância, pois, sendo palavra atuante, são menos e mais do que um registro a ser animado pelo decifLramento de um leitor solitário.

Tomemos, por exemplo, certas manifestações elaboradas sob o estímulo de um fato tão individual quanto a morte, mas que, dado o seu caráter inelutável, é transformado por todos os povos em situação de ressonância coletiva. Veremos, então, que cantos fúnebres como o *roia kurireu,* dos bororó, não têm sentido pleno se forem apreciados como se apreciariam a NÊNIA de Firmino Silva, à morte

[pág. 58]

de Francisco Bernardino Ribeiro, ou o ADONAI, escrito por Shelley para lamentar a de Keats. A compreensão e o efeito emocional destes dois poemas independem da participação da coletividade, do desempenho de um cantor e mesmo do conhecimento das circunstâncias que os motivaram. Embora não sejam elementos indiferentes para o seu entendimento, as mortes respectivas de Bernardino e de Keats acabam por transformar-se em mero acidente, comparadas ao sistema expressional autônomo constituído por cada poema. Já o *roia kurireu,* o "canto grande" bororó, lido, ou ouvido de um informante nativo, perde o verdadeiro significado, pois não apenas foi feito para celebrar experiências coletivas, mas funciona em vista de uma dada situação, é executado no momento conveniente, requer uma recriação a cada execução, pelos cantores e bailarinos. Noutro universo social e estético, evoquemos a "excelência", canto fúnebre de origem portuguesa, ainda praticado por algumas populações nordestinas. Produção de uma cultura rústica, que é afinal uma etapa da nossa, pode por isso nos atrair numa coletânea de folclore, — com a sua curiosa estrutura de tangolomango invertido como se a morte fosse chegando cada vez mais perto do alvo, à medida que o estribilho enumera progressivamente as "espadinhas de ouro", ao modo de etapas que vão sendo vencidas entre nós e ela.[2] Todavia, o efeito de mera leitura é forçosamente parcial. A "excelência" existe como um conjunto, feito para funcionar num ambiente em que todos a conhecem, em que todos a aguardam, a

---

2 | Ouvi pessoalmente a forma que menciono num velório dos arrabaldes de Granja, Estado do Ceará, na noite de 26 de dezembro de 1957, em companhia de Lívio Xavier Júnior.

cada morte, sempre a mesma, acompanhando a monotonia das longas "sentinelas", como uma espécie de ritual coletivo, entremeado às rezas. O seu significado e o seu impacto só se perfazem com a melodia, o cenário fúnebre, a inflexão patética do cantador, que repisa pela noite afora:

[pág. 59]

É uma espadinha de ouro
Da Virgem da Conceição

São seis espadinhas de ouro
Da Virgem da Conceição

São doze espadinhas de ouro
Da Virgem da Conceição

A constância inalterável do canto reduz cada morto à uniformidade da Morte; e a eficácia provém da experiência total da situação, de que os versos são um fragmento, sem sentido completo em si mesmo. Em relação às nossas formas literárias, há um cruzamento de significados, fazendo com que a composição poética, — motivada pela Morte, não pelo morto, — só funcione com relação a cada morto, e não à Morte. Inversamente, na poesia erudita, as nênias, motivadas em geral por um determinado morto, acabam por funcionar, não em relação a ele, mas ao fenômeno impessoal da Morte. É porque, na literatura oral, o mergulho na circunstância determina uma estrutura de palavras com menor autonomia. Esta só se desenvolve quando a obra, não dependendo essencialmente para ser criada e comunicada de nenhum ato coletivo, ganha independência em relação às condições de produção. Aí, o trabalho artístico sobre a palavra — isto é, a composição — adquire tal requinte, que mesmo quando a obra é escrita para ser executada (é o caso das peças de teatro), ela adquire a singularidade e a aparência de coisa incondicionada, peculiar aos textos literários propriamente ditos. Assim, uma tragédia grega, composta para ser encenada em dadas ocasiões e de certa maneira, pode ser lida hoje e guarda, nesta leitura, um impacto suficiente para fazer sentir a pujança da sua "função total". É que, na literatura erudita, a extrema plurivalência da palavra confere ao texto uma elasticidade que lhe permite ajustar-se aos mais diversos contextos.

Mas, se o estudioso de literatura erra ao tratar as suas formas orais como texto, ajustando-as ao nosso sistema simbólico, transpondo-as para o nosso mundo de valores, o erro do folclorista é simétrico.

[pág. 60]

Incapaz, como aquele, de jogar com um certo número de conceitos interpretativos, tende ao registro puro e simples, ou a comparações arbitrárias, — dando-se em geral por satisfeito quando estabelece uma descrição coerente e uma explicação genética, por meio de processos que desligam a obra do seu ambiente, para lançá-la num mundo por vezes fantástico de aproximações com outras culturas. Por isso, em princípio, o sociólogo e o etnólogo estão melhor aparelhados para reunir numa síntese a descrição folclórica e a análise estética, porque dispõem de recursos que permitem chegar à função social, que, na literatura dos grupos iletrados, é o elemento que unifica os demais e esclarece o seu sentido. Doutro lado, tanto o sociólogo quanto o etnólogo podem ficar no nível da organização social, ignorando o plano estético e o simbólico-descritivo, limitando o fato à sua mera dimensão sociológica. O ideal, como vimos, seria a união dos três pontos de vista, levando em conta o quadro sociocultural em que as manifestações literárias se situam, mas procurando captá-las na integridade do seu significado. Deste modo, a interpretação pode abranger tanto o aspecto coletivo de manifestação emocional e ideológica, quanto o tipo de formalização expressiva elaborado segundo os seus padrões. Esquematizando, diríamos que, no limite, as formas eruditas de literatura dispensam o ponto de vista sociológico, mas de modo algum a análise estética; enquanto as suas formas orais dispensariam a análise estética, mas de modo algum o ponto de vista sociológico.

Daí a parcialidade dum conceito de Herskovits, que simplifica o problema e chancela a imprecisão metodológica com que são frequentemente encaradas as produções literárias do primitivo e do rústico: "As formas literárias abordadas pelo antropólogo são conhecidas como folclore. A sua análise se desenvolve mais ou menos segundo a mesma orientação dada a qualquer estudo de literatura".[3]

[pág. 61]

Esta formulação algo drástica parece ignorar que, nas suas manifestações primitivas e rústicas, a literatura (e a arte em geral) é devida a um jogo de motivações funcionais muito mais evidentes do que costuma ser o caso nas literaturas eruditas, requerendo em consequência tratamento especial.

A este propósito, alarguemos o âmbito do que aqui estamos considerando literatura, para abranger não apenas o folclore propriamente dito, mas a mitologia, frequentemente considerada no tópico dos fenômenos de religião e magia. O seu estudo foi revolucionado por Malinowski, que procurou mostrar, baseado numa experiência de investigação intensiva, que os mitos, como as lendas, não podem ser compreendidos fora do seu contexto total. E, chegando a um extremo pragmatista, oposto ao de Herskovits, sugere que interessa apenas o estudo do seu papel na vida coletiva, sendo desimportante o elemento estético. Falando das narrativas, diz que possuem, obviamente, um aspecto literário, "indevidamente ressaltado pela maioria dos estudiosos, mas que, todavia, *não deve ser completamente descuidado"*.[4] Isto porque, partindo de uma atitude quase polêmica contra a etnologia tradicional, que estuda o mito como texto, fora do contexto, Malinowski insistiu na integridade deste e no seu caráter decisivo para a compreensão do mito. E por contexto entende não apenas a referência sociológica, a função na cultura e na organização social, mas o

---

3 | Melville J. Herskovits, *Man and his Works,* Knopf, Nova York, 1949, p. 11.

4 | Bronislaw Malinowski, MYTH IN PRIMITIVE PSYCHOLOGY, in *Magk, Science and Religion,* The Free Press, Glencoe, 1948, p. 119 (grifo meu).

próprio ato de narrar, com os seus recursos de gesto e voz,[5] — chegando ao seguinte:

> Baseado no meu estudo dos mitos vivos, atuantes entre os selvagens, eu diria que o homem primitivo só em grau muito limitado possui interesse de tipo puramente estético, ou puramente científico, em relação à natureza; há pouco lugar para o simbolismo nas suas idéias e narrativas; e o mito não é de fato uma rapsódia ociosa, nem o extravasamento sem objetivo de
> [pág. 62]
> imaginações vazias, mas uma força cultural extremamente importante e operante.[6]

Descartando um utilitarismo algo estreito, que já tem sido apontado, devemos todavia adotar as indicações de Malinowski quanto à importância do conjunto de uma situação social, para entender qualquer dos seus aspectos particulares, pois só assim poderemos apreender a integridade do fato literário na sua manifestação entre os grupos primitivos. Mas é bom lembrar que já superamos a fase em que era preciso ou conceber a arte primitiva como jogo gratuito, ou concebê-la como atividade pragmática no sistema das funções sociais. A arte, e portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando uma atitude de gratuidade. Gratuidade tanto do criador, no momento de conceber e executar, quanto do receptor, no momento de sentir e apreciar. Isto ocorre em qualquer tipo de arte, primitiva ou civilizada. Mas na arte primitiva o elemento que podemos chamar pragmático é frequentemente mais ostensivo, sem com isso abafar e nem mesmo atenuar o outro. Numa esteira feita para servir de cama, motivos aparentemente abstratos mostram uma liberdade de estilização dos elementos naturais inspiradores como se eles não importassem, ou fossem apenas ponto de partida para uma realização

---

5 | Idem, p. 82.
6 | Idem, p. 75.

desvinculada de qualquer aplicação prática. Ademais (e ao contrário do que parece sugerir Malinowski a certa altura), os estímulos que despertam o desejo ou a necessidade de estilização formal são frequentemente diversos dos nossos, na arte e na literatura primitivas, além de aparecerem de maneira mais palpável na obra acabada, desde que os observemos no seu contexto. E justamente neste ponto intervém uma diferença entre a literatura do primitivo e a do civilizado, que

[pág. 63]

compromete a afirmação de Herskovits: o estudioso da primeira deve estar preparado para considerar certas manifestações biológicas ou sociais, tão remotas na literatura escrita, que não podem nem devem, no estudo desta, ser tomadas como condições significativas. Uma vez que as manifestações do impulso estético variam segundo a cultura, o que para nós é acessório pode ser fundamental para os grupos iletrados. Diz Lévi-Strauss que

> a nossa cultura tradicional (…) se compraz na oposição entre o patético do amor infeliz e a comicidade do ventre satisfeito. Todavia, na imensa maioria das sociedades humanas os dois problemas são propostos no mesmo nível, porque tanto num domínio quanto noutro a natureza deixa o homem em presença do mesmo risco; o destino do homem saciado oferece o mesmo valor emotivo, e pode ser pretexto para a mesma expressão lírica, que a do homem amado. A experiência primitiva afirma, aliás, a continuidade entre as sensações orgânicas e as experiências espirituais.[7]

Este trecho permite passar a um tema concreto, para mostrar de que maneira, na poesia das comunidades iletradas, os fatos de infra-estrutura podem ganhar um sentido estético direto, motivando imediatamente um certo tipo de emoção que se transfunde em obra de arte, — ao contrário do que ocorre nas sociedades civilizadas, onde os estímulos elementares devem passar por sucessivas mediações, antes de adquirir um teor artístico satisfatório para o homem culto.

---

7 | Claude Lévi-Strauss, *Les Structures Élémentaires de Ia Parente,* Presses Universi-taires de France, Paris, 1949, p. 45.

A poesia do primitivo mostra, com efeito, que o critério do gosto, concebido à nossa maneira como discernimento de certas qualidades não utilitárias da obra, mas percebidas graças a uma exigência de gratuidade estética, não dá a chave para interpretar toda e qualquer literatura. Nas suas manifestações primitivas, esta lucra em ser previamente analisada como satisfação emocional de neces-

[pág. 64]

sidades dos grupos, e como reforço, explicação ou substitutivo de ações reais, cujo significado é deste modo esclarecido. Trata-se da passagem da *realidade* à *ilusão,* segundo Caudwell:

> O poema ajusta o coração a um novo intuito, sem mudar os desejos eternos do coração humano. Ele faz isto projetando o homem num mundo de fantasia, que é superior à sua realidade presente, ainda não compreendida, e cuja compreensão requer a própria poesia, que a antecipa de maneira fantasiosa. Aqui podem ocorrer vários erros, pois o poema sugere alguma coisa cujo próprio tratamento poético é justificado pelo fato de não podermos tocá-la, cheirá-la ou prová-la. Mas só por meio dessa ilusão pode ser trazida à existência uma realidade que de outra maneira não existiria.[8]

Portanto, a criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo, às vezes como preâmbulo a *uma praxis* socialmente condicionada. Mas isto só se torna possível graças a uma redução ao gratuito, ao teoricamente incondicionado, que dá ingresso ao mundo da *ilusão* e se transforma dialeticamente em algo empenhado, na medida em que suscita uma visão do mundo. E para deixar claro este aspecto de derivação e retorno em face da realidade, poderíamos investigar o significado que a obra adquire como elaboração estética de um problema fundamental, e para nós bastante prosaico: o do ajustamento ao meio físico para sobrevivência do grupo, fenômeno básico em toda sociedade humana e sobretudo absorvente nas primitivas e menos evoluídas. Deste ângulo primário, a literatura aparecerá como algo

---

8 | Christopher Caudwell, *Illusion and Reality, A Study ofthe Sources of Poetry,* Lawrence and Wishart, Londres, 1937, p. 30.

que só a análise sociológica é capaz de interpretar convenientemente, pois ela mostra que naquelas sociedades o sentimento estético pode ser determinado por fatores diferentes dos que o condicionam entre nós, ligando-se estreitamente aos meios de vida, à organização social, e representando uma nítida sublimação de normas, valores e tradições.

[pág. 65]

5

Para isso, nada melhor do que focalizar como exemplo as necessidades fundamentais do homem, sobretudo as da nutrição, que, já vimos, não se associam geralmente para nós a idéias de beleza ou de vibração emocional. No primitivo, constataremos que a cenestesia e as representações ligadas ao alimento podem motivar um tipo de sensibilidade estética diferente da nossa. O estudo de Audrey Richards, sobre a alimentação de uma tribo banto e sua relação com a vida social, mostra que a comida e o processo digestivo assumem, para o primitivo, uma importância e um significado psicológico que não podemos supor a partir do nosso próprio comportamento; e que são capazes de suscitar manifestações artísticas incompreensíveis para o civilizado, acostumado a elaborá-las e senti-las sobre outras bases psicossociais. Segundo a pesquisadora inglesa, "os fortes sentimentos ligados à função fisiológica da nutrição explicam a crença do primitivo de que comer é, de certo modo, um ato mágico. É sem dúvida um ato que transforma o seu estado e o faz por vezes sentir como se estivesse possuído por novos poderes".[9] E se quisermos conclusões parecidas em autor diametralmente oposto, pelos métodos e pela concepção da antropologia, basta percorrer na obra clássica de Frazer o material relativo às consequências mágicas do alimento e do processo alimentar, sobretudo as relações entre homem e animal com referência à propiciação, ingestão, qualidades

---

9 | Audrey I. Richards, *Hunger and Work in a Savage Tribe, A Functional Study of Nutrition Among* the *Southern Bantu,* p. 168, Routledge & Sons, Londres, 1932. Sobre o assunto, ver todo o capítulo VIII, p. 162-214.

atribuídas etc.[10]

É o problema da "sacralização do alimento", isto é, a formação de representações mentais e de práticas que tendem a conferir à comida, à sua busca e à sua ingestão, um caráter mágico, ritual ou poético. Nos povos primitivos, a construção da dieta depende de

[pág. 66]

um abastecimento bastante precário, que a submete a um ritmo irregular, em que as quadras de fartura e desbragado consumo alternam com outras de privação extrema. Dá-se inclusive o fato de alguns alimentos aparecerem com exclusividade num determinado momento, para logo depois cederem lugar a outro. Há, portanto, uma série de problemas suscitados a todo instante com premência angustiosa, motivando tensão emocional, com formação de interditos, normas de etiqueta, exaltação da realidade. Depois de passar do estudo fisiológico às consequências sociais da alimentação, Richards chega a conclusões que permitem entrever a importância das técnicas de sobrevivência para interpretar a arte e a literatura do primitivo: "O alimento é fonte de algumas das suas emoções mais intensas, fornecendo a base para algumas das suas idéias mais abstratas e para as metáforas da sua vida religiosa".[11]

Estas palavras confluem com as de Lévi-Strauss, anteriormente citadas, e com certas considerações fundamentais de Boas,[12] fazendo compreender a possibilidade da formação de símbolos poéticos, representações gráficas, danças propiciatórias, que tendem a obter não apenas eficiência na caçada, na pesca, na coleta e na colheita, mas a regulamentar a distribuição e o consumo do seu produto; e a dar forma à angústia ou à euforia resultante, numa manifestação de caráter estético. É preciso lembrar que alguns dos exemplares mais remotos da arte humana parecem ligados a práticas de magia imitativa, como os desenhos de Altamira, mostrando que o pragmático e o desinteressado, a necessidade de atuar e o desejo de fantasia, ocorrem estreitamente

---

10 | Sir James George Frazer, *The Golden Bough,* 3a ed., 13 vols. Macmillan, Nova York, 1951, vols. I, III, V, VIII e X.
11 Audrey Richards, ob. cit., p. 173.
12 | Ver atrás a citação de Boas, na p. 41 deste livro.

ligados na vida dos grupos. É o que se pode observar, entre índios nossos, nos cantos e danças de fundo zoomórfico, como os descreveu, por exemplo, Barbosa Rodrigues, e de que encontramos resquícios entre as populações rústicas. Neles, a mimese das operações de caça e dos hábitos dos bichos mistura de modo indissolúvel o gratuito e o prático, sem que possamos dizer o que é magia e o que é expressão artística.

[pág. 67]

A observação desse vasto complexo, ligado ao tema central da "sacralização do alimento", mostra que uma boa parte da criação poética do homem primitivo se liga ao drama permanente da sobrevivência imediata do grupo pela exploração do meio; e que apenas os critérios sociológicos poderão mostrar o seu significado. As formas primitivas da atividade estética aparecem, então, vinculadas imediatamente à experiência do grupo, e a função total da obra só pode ser entendida sobre esta base, porque o elemento da gratuidade, indispensável à configuração da arte, depende da comunhão do indivíduo com a experiência do grupo.

A este respeito, são interessantes as sugestões que podemos extrair de uma pesquisa sobre os *nuer*, povo das regiões do Alto Nilo, de estatura elevada e ânimo belicoso. Algum tempo depois dos ingleses os submeterem, impondo costumes e alterando tradições (o que os tornou arredios e avessos ao branco), foram visitados por Evans-Pritchard, que teve bastante dificuldade em abordá-los. Afinal, conseguiu obter elementos suficientes para vários artigos e dois livros, o principal dos quais estuda os seus meios de vida.[13]

Os nuer se dedicam à criação de bois como fonte quase exclusiva de subsistência. A importância do gado se torna por isso muito grande, influindo na distribuição espacial, nos meios de explorar a região, na organização social, nos critérios de prestígio, na própria representação do mundo. O homem vive em simbiose estreita com os bois, dos quais obtém alimento e garantia de sobreviver.

---

13 | E. E. Evans-Pritchard, *The Nuer, A Description of the Modes of livelihood and Political Institutions of a Nilotic People,* Clarendon Press, Oxford, 1940.

As consequências no domínio espiritual são muitas, inclusive a formação de um rico vocabulário e a aquisição de nomes bovinos, — o indivíduo acrescentando ao seu próprio um nome ligado a particularidades do animal que lhe pertence, ou partilhando com ele o mesmo nome. Embora o etnólogo se tenha ocupado apenas incidentalmente do assunto, é possível registrar na poesia a ocorrência de imagens e locuções carregadas de uma afetividade que se poderia chamar bovina, pois pela análise das pouquíssimas amostras percebemos que

[pág. 68]

o poeta *Nuer*, ao celebrar um amor, ao expandir sentimentos, dele e dos outros, associa à expressão, como ingrediente necessário, que lhe dá validade, alusões ao representante do seu meio básico de vida. É o que se observa nos versos abaixo, pertencentes ao começo de uma canção que o etnólogo ouviu as moças cantarem à tarde, na porta das cubatas, depois dos trabalhos do dia:

> O vento sopra do norte,
> Para onde sopra ele?
> Sopra do lado do rio.
> A vaca do chifre curto
>
> Leva ao pasto os ubres cheios;
> Que Naiagaak vá ordenhá-la;
> Minha barriga se encherá de leite.
> Orgulho de Naiaual,
> Turbulento Rolniang:
>
> Os estrangeiros dominaram nossa terra;
> Jogaram nossos enfeites no rio,
> E, postos na margem, tiram a água.
> Cabelo-preto, minha irmã,
> Estou atônito;
>
> Estamos todos perplexos;
> Olhamos estarrecidos para as estrelas de Deus.[14]

---

14 | Eis o texto, na "tradução livre" de Pritchard: *The wind blows wirawira; I Where does it blow to? /It blows to the river. / The shorthorn carries its full udder to the pastures; /Let her be milked by Nyagaak; / My belly will befilled with*

Em notas, Evans-Pritchard dá algumas explicações que esclarecem o trecho; O vento norte *(uirauira)* é "o vento que sopra no tempo dos pastos bons, quando as vacas produzem bastante leite; daí a ligação entre os três primeiros versos e os que seguem". Os versos

[pág. 69]

4 e 5 significam que "a vaca não deixou que o bezerro mamasse, nem que a ordenhassem, antes de ir pastar". "Naiagaak é a irmã do poeta. Orgulho é o nome de dança da moça Naiaual. Rolniang é o nome bovino de um rapaz." "Os estrangeiros são as tropas inglesas; a referência à água tirada da margem é obscura." "Cabelo-preto é o nome de uma moça. Os *Nuer* estão perplexos com a invasão estrangeira, e o último verso é uma prece para que Deus os ajude na adversidade." Até aqui, Pritchard.

A análise do trecho mostra que o tema central é a manifestação de fortes emoções coletivas, expressas do verso 8 ao verso 16: o grupo está inseguro com a presença dos ingleses, perturbadores da ordem tradicional. Mas, para chegar até aí, o poeta nos faz passar por um intróito, do verso 1 ao verso 7, construído segundo a mencionada afetividade bovina, que surge assim como alusão capaz de dispor a sensibilidade para assuntos decisivos. Trata-se do uso de um tema sugestivo a fim de preparar o ambiente para o tema central; ou seja, trata-se de um recurso que também ocorre na poesia erudita dos povos civilizados, — e isto nos permite comparar e mostrar a diferença entre ambas, no próprio seio da semelhança.

Devemos tomar para exemplo poemas cuja ambientação é devida igualmente ao quadro natural, como LOUVAÇÃO DA TARDE, de Mário de Andrade, SUB TEGMINE FAGI, de Castro Alves, INTTMATIONS OF IMMORTALITY, de Wordsworth, ou LA TRISTESSE D'OLYMPIO, de Victor Hugo. Vejamos este último.

---

milk. / Thou pride of Nyawal, / Ever-quarreling Rolnyang. / This country is overrun by strangers; / They throw our ornaments into the river; / They draw their waterfrom the bank./ Blackhair my sister, / I am bewildered. / Weareperplexed; / Wegazeat thestars of God. (Ob. cit, p. 46-47).

O poeta (isto é, o personagem que fala na primeira pessoa) narra uma experiência pessoal, que adquire sentido genérico à medida que ele passa da emoção a uma concepção da vida. O assunto é a visita a uma casa de campo, onde outrora o narrador conheceu dias de plenitude amorosa. No momento em que fala, constata a mutação dos sentimentos e registra o fluir do tempo, que destrói os lugares, atenua as paixões, e contra o qual o esforço espiritual da recordação tenta criar uma permanência. O ambiente é descrito com minúcia enquanto vai sendo percorrido pelo personagem, que o visita movido pela saudade. Não é a natureza onde se trabalha, mas a natureza poetizada, extraída por assim dizer da sua contin-

[pág. 70]

gência para tornar-se um lugar irreal, que possibilita a meditação. Para o poeta, as associações que ela motiva são elevadas a um nível de refinamento muito distante do quotidiano:

> Les champs n'étaient point noirs, les cieux n'étaient pas mornes,
> Non, le jour rayonnait dans un azur sans bornes,
> Sur la terre étendu,
> L'air était plein d'encens et les prés de verdures,
> Quand il revit ces lieux ou par tant de blessures
> Son coeur s'est répandu.

Deixando de lado o poder dos recursos formais, que estabelecem ritmos e homofonias de grande sugestividade, apontemos somente a elevação do real à potência da ilusão poética. A natureza é aqui representação mental que passou pelo crivo de uma filosofia; figura um universo expressivo distanciado da realidade material e, sobretudo, de qualquer aspecto econômico, — que pareceria incompatível com a transcendência que se quer sugerir. Graças a isto, o Eu se revela através da natureza, e esta ganha sentido à medida que é experimentada e pensada pelo Eu.

No poema Nuer, há também um apelo ao quadro natural como entrada na matéria, e não se pense que, sendo *primitivo,* o poeta é informal e sem plano. Ele compõe, como o civilizado, ao escolher a invocação inicial ao vento norte, o *uirauira;* ao marcar a divisão de cada segmento pelo vocativo a um amigo ou amiga, que sublinha a participação coletiva do sentimento, compartilhado por todo o grupo (versos 7-8, 13 e 15). Mas, atentando para a função do vento, vemos que este não é transposto ao nível simbólico, nem foi tomado como entidade poética em si. A capacidade de despertar emoção, que ele manifesta claramente, é inseparável de uma realidade econômica e fisiológica, pois anuncia o tempo do leite farto, que enche os estômagos e dá alegria.

Vejamos agora o mesmo fenômeno natural em Victor Hugo:

[pág. 71]

Il entendait frémir dans la forêt qu'il aime
Ce doux vent qui, faisant tout vibrer em nous-même,
    Y réveille l'amour,
Et, remuant le chêne ou balançant la rose,
Semble l'âme de tout qui va sur chaque chose
    Se poser tour à tour.

Nesta estrofe (e mais ainda numa obra em que ele é o símbolo principal, como a ODE AO VENTO OESTE, de Shelley), o vento é expressamente uma espécie de alma das coisas, de princípio imanente que dá vida ao universo, — bem ao sabor do idealismo romântico. É o contrário do que ocorre no poema Nuer, onde é de um tipo particular, ligado a um determinado efeito e evocado em função deste. Nada tem de *anima rerum,* pois a emoção que desperta vem do fato de corresponder à quadra da fartura, — das vacas gordas no sentido próprio. E enquanto nos versos de LA TRISTESSE D'OLYMPIO ele favorece (como os demais elementos da natureza) um certo estado de transporte de toda a personalidade em face do tempo e do amor, no poema Nuer desperta associações de euforia alimentar. Num e noutro caso, evidentemente, a utilização da natureza é regida por uma concepção das coisas elaborada pelo grupo. Na literatura erudita, esta concepção implica que a arte opera a partir de um certo nível de estilização da realidade, atuando de preferência sobre motivos já afastados das necessidades imediatas. Na literatura primitiva, dado o fato do grupo estar muito mais diretamente condicionado por elas, a sua presença é crua, e elas se tornam fatores de poesia. Tanto assim, que desejando exprimir a inquietação do seu grupo ante os estrangeiros, o poeta escolhe como ambientação estimulante emoções ligadas à sobrevivência, com invocação à realidade econômica. As alusões ao tempo do leite bom, das vacas altanadas e bem nutridas, à certeza do alimento, constituem um complexo tão eloquente, geram emoções tão acentuadas de segurança, que são adequadas ao estabelecimento do contraste necessário para ressaltar a incerteza coletiva, de que o poeta se faz porta-voz.

[pág. 72]

Mas o principal não é que este cante aspectos da atividade econômica; e o estudioso não deve limitar a sua tarefa a essa verificação meramente descritiva. O importante é ver que a referência a aspectos da vida econômica aparece como uma espécie de ingrediente poético geral, de veículo necessário à marcha de um poema cujo tema básico é outro. A interpretação do mundo se liga à presença do gado; e este é de tal modo importante para a sobrevivência do grupo, que passa a constituir um aspecto decisivo da sensibilidade individual. A este título, é usado no plano estético como ambientação de outras emoções, mais particulares e contingentes; é usado, pois, como recurso de estilo. A essa altura, não estamos mais considerando o traço social como assunto; estamos interpretando-o como componente da estrutura das obras. No poema citado, a evocação das vacas se torna um elemento de alta capacidade sugestiva graças à sua generalidade para os Nuer; o recurso a elas desencadeia a sua emotividade e predispõe o espírito para compreender a inquietação causada pela presença do estrangeiro. Nós podemos ver, nessa hipóstase da pecuária leiteira, que para os Nuer o sentimento poético (ou seja, a sensibilidade especial que predispõe para elaborar um verso, ou para aceitá-lo de modo compreensivo) nasce de uma emoção coletiva e não se separa do sentimento mais geral de identificação afetiva ao gado, — isto é, ao recurso básico da vida econômica. Neste caso, a poesia é sobretudo uma forma de organizar no plano da *ilusão,* por meio de recursos formais, uma *realidade* transfundida pela solidariedade entre homem e boi, a fim de que a realidade do;mundo possa tornar-se inteligível ao espírito. A beleza ou a expressividade dependem do tipo de plenitude que a poesia proporciona, estilizando e de certo modo recapitulando a experiência coletiva. E o ato criador aparece como uma espécie de operação, de ação adequada sobre a realidade, possibilitada pela *ilusão.*

Podemos então concluir que as formas primitivas de literatura repousam mais direta e perceptivelmente sobre os estímulos imediatos da vida social, sobretudo os fatos de infra-estrutura, que nas literaturas eruditas só aparecem como elemento condicionante depois de filtrados até a desfiguração por uma longa série de outros fatos.

[pág. 73]

6

Bem poderíamos agora, para sublinhar diferenças entre a literatura do primitivo e a do civilizado, evocar a ocorrência do alimento nesta última, indicando as modificações que lhe imprimiram as influências mediadoras.

Num plano acessório, que não interessa aqui, ele pode aparecer como elemento descritivo, que compõe o cenário e, ao mesmo título que os outros traços escolhidos pelo autor, funciona como recurso de composição.

Num esquecido romance brasileiro do Naturalismo, *O padre Eusébio,* de Antônio Celestino, almoça-se e janta-se frequentemente, inclusive porque nestas horas o pároco lascivo se encontra com as senhoras da casa em que está hospedado; mas o autor se limita, quando muito, a mencionar as "finas iguarias". Já em *A conquista,* Coelho Neto descreve e mesmo celebra os pratos de uma refeição excepcional de estudante pobre, — mas eles não passam de episódio pitoresco, que contrastam com a sua penúria. No jantar descrito por Graciliano Ramos em *Caetés,* os pratos servem para dar verossimilhança, povoar o ambiente, mas também para encaminhar as réplicas. No *A ilustre casa de Ramires,* bem mais significativamente, há uma travessa de ovos queimados que revela a afeição ainda viva da dona da casa pelo convidado, André Cavalheiro.

Outras vezes (principalmente na poesia), a sua presença, ainda acessória, vai adquirindo independência; veja-se a descrição dos manjares exóticos no CANTO XXIX do *Colombo,* de Araújo Porto-Alegre. Em nível mais complexo, ele é tomado como elemento central da elaboração estética, sobretudo sob o aspecto sensorial; é o caso de um poema de Guilherme de Almeida, onde as frutas ocorrem com toda a sua força de aroma, colorido e sabor, sem referência, todavia, à qualidade nutritiva:

> NATUREZA-MORTA
> Na sala fechada ao sol seco do meio-dia
> sobre a ingenuidade da faiança portuguesa
> os frutos cheiram violentamente e a toalha é fria e alva sobre a mesa.
> [pág. 74]
> Há um gosto áspero de ananases e um brilho fosco de uvaias flácidas
> e um aroma adstringente de cajus, de pálidas
> carambolas de âmbar desbotado e um estalo oco
> de jabuticabas de polpa esticada e um fogo
> bravo de tangerinas.
> E sobre este jogo
> de cores, gostos e perfumes a sala toma
> a transparência abafada de uma redoma.

Neste exemplo, a qualidade alimentícia não passa de algo virtual e remoto, pois na verdade as frutas são objetos de contemplação, valorizados pela cor, a consistência e as associações que o poeta estabelece, tratando-as da maneira por que são tratadas em geral, nas literaturas eruditas, outras realidades, como a paisagem.

Já em *À la Recherche du Temps Perdu,* a galantina ou o *boeufà la mode* de *Françoise* servem de pretexto para aludir às operações spientes da culinária, e estas acabam simbolizando o trabalho do artista. Noutra parte, certas iluminações da memória, fundamentais na estrutura do livro, são desencadeadas por um pedaço de bolo molhado no chá de tília, sem que todavia o aspecto alimentar seja causa específica, pois o mesmo efeito é obtido a partir de outros estímulos inesperados, e tão diversos entre si quanto um desequilíbrio no pisar duas lajes desiguais, o contacto de um guardanapo engomado ou o som de uma colher batendo no pires.

Num plano mais depurado, o alimento parece acrescentar um aspecto simbólico ao aspecto estético. Seria o caso de pelo menos um dos *Sonetos a Orfeu,* onde Rilke esboça aparentemente uma natureza-morta, com a maçã redonda, a pêra, a banana e a groselha, focaliza depois o sabor que difundem na boca, para torná-las finalmente portadoras de um sentido obscuro e germinal, em que certos mistérios da natureza e da vida perpassam sem que os possamos apreender claramente. A fruta é descrita como prazer gustativo, mas, ao invés de qualquer alusão final à qualidade nutritiva em si, o que temos é a emergência do símbolo:

[pág. 75]

Voller Apfel, Birne und Banane,
Stachelbeere… Alies dieses spricht
Tod und Leben in den Mund… Ich ahne…
Lest es einem Kind vom Angesicht,

Wenn es sie erschmeckt. Dies kommt von weit.
Wird euch langsam namenlos im Munde?
Wo sonst Wort waren, fliessen Funde,
Aus dem Fruchtfleisch überrascht befreit.

Wagt zu sagen, was ihr Apfel nennt.
Diese Süsse, die sich erst verdichtet,
Um, im Schmecken leise aufgerichtet,

Klarzu werden, wach und transparent,
Doppeldeutig, sonnig, erdig, biesig —
O Erfahrung, Fühlung, Freude —, riesig! [15]

---

15 | "Túrgida maçã, pêra e banana, groselha… Tudo isso fala de morte e vida em tua boca… Eu pressinto… Decifra-o no rosto de uma criança, quando ela as prova, É algo que vem de longe. Na tua boca esse algo se anula lentamente. Onde antes havia palavras, fluem descobrimentos, surpresos por se libertarem da carne da fruta. Ousa pronunciar o que chamas maçã. Essa doçura, condensada a princípio, para, emergindo brandamente do gosto, tornar-se clara, alerta e transparente, dúbia, ensolarada, terrena, deste lugar-: ó experiência, sensação, alegria —, gigantesco!"

Este processo de alusão ao gustativo, para logo sublimá-lo, é nítido quando se trata de alimentos portadores de um simbolismo imanente que oblitera o caráter material. Seria o caso do leite, que para os Nuer é sinal de atividade econômica e de sobrevivência do grupo, mas que para nós é geralmente metonímia da maternidade, como num soneto da *Invenção de Orfeu,* em que Jorge de Lima assimila oniricamente a sua ama a uma vaca benfazeja, dando um toque quase sobrenatural ao leite que o nutriu.

[pág. 76]

Mesmo em contextos intencionalmente vulgares (cuja importância veremos daqui a pouco) o alimento pode assumir uma certa função redentora, — como na sequência inicial do *Ulysses,* de James Joyce, em que aparecem lenços enxovalhados, roupas esfiapadas, água ensaboada de barba e toda a constelação do desalinho. Entre o cinismo de Mulligan, a passividade sem fibra de Dedalus, a brutalidade de Haines, surge a velha camponesa, risonha, tolerante, e o capitoso leite que vende é puro, matinal como um símbolo de nutrições simbólicas, de energias mais lídimas. No limite, o processo pode alcançar as formas transcendentes da sacralização, afastadas não só de qualquer referência nutritiva, mesmo remota, mas da própria busca dos efeitos exteriores de beleza. É o caso das substâncias de comunhão, como o pão e o vinho que a mãe de Luigi Murica reparte no velório do filho, no romance de Silone; ou a própria hóstia de um poema de Anchieta:

Oh que divino manjar.

Em todos estes casos, como é notório, não há vestígio da dimensão fisiológica. Inversamente, o aspecto estético ou simbólico, neles presente, não ocorre na poesia do primitivo, ou pelo menos não ocorre separado do aspecto fisiológico, pois para o primitivo a emoção orgânica da nutrição pode manifestar-se livre e diretamente no plano da arte, sem necessidade das numerosas mediações que o civilizado estabelece entre ambas. Observa-se, ainda, que há uma diferença da função nos dois casos. Para o primitivo, o alimento pode desempenhar um papel genérico de "inspirador", de motor de outras emoções, — papel que, para o civilizado, é atribuído a outras realidades, como o amor, a natureza, Deus. E mais ainda: enquanto para o primitivo a emoção é condicionada por uma referência aos alimentos básicos (o leite, no caso dos Nuer), nós pudemos ver que para o civilizado estes só se vinculam ao universo da emoção estética se passarem por um processo de perda da sua realidade nutritiva. E em geral o escritor prefere, em tais casos, alimentos simbólicos (leite, pão, vinho), ou que, não sendo básicos, e tendo um aspecto

[pág. 77]

ornamental, como as frutas, podem ter a qualidade nutritiva relegada facilmente para segundo plano.

Quando, porém, não se trata de criar emoção lírica, nem de penetrar no universo do símbolo, o alimento aparece com toda a sua força de comida. É o que acontece principalmente na ficção realista (de que foram apontados há pouco alguns exemplos), em que ele é um componente do mundo e uma das manifestações da condição econômica. Nesta chave se enquadram as alusões e descrições abundantíssimas da fome, que encontra na obra clássica de Knut Hansum um dos tratamentos mais conhecidos na literatura moderna.

É curioso observar que no tempo em que a hierarquia dos gêneros literários impunha normas severas, fome e comida só apareciam, com a sua realidade própria, nos gêneros secundários, que focalizavam as classes baixas, frequentemente com intenção grotesca, e de qualquer modo sem as conotações mais prezadas do lírico e do trágico. Lembremos a sequência do escudeiro pobre no *Lazarillo de Tormes,* ou a do internato na *Vida dei Buscón,* de Quevedo.

Nestes casos, ele pode tornar-se um verdadeiro Caliban das substâncias e readquirir às avessas o cunho metafórico e simbólico, servindo como elemento realista e mesmo grotesco, de contraste entre o ideal e a vulgaridade. O pão com cebola que Sancho Pança vai comendo, enquanto o seu amo tresvaria, é comida, sem dúvida, mas é também signo, — como são, no *Uraguai,* o presunto e os paios do Irmão Patusca, mediante os quais Basílio da Gama desejou caricaturar a grosseria e a avidez que atribuiu aos jesuítas.

Mas onde encontrar, na literatura dos povos civilizados, a comida celebrada fisiologicamente como fonte de lirismo e introdução estética à expressão das emoções mais intensas, — como vimos no comovente poema Nuer? Os grupos que produzem literatura, entre nós, vivem num meio que resolveu teoricamente o problema do abastecimento regular, e adotam modelos sugeridos pela ideologia de classes que não participam diretamente no processo de obtenção dos meios de vida. Por isso, apenas nas obras de cunho realista ou grotesco o alimento aparece na sua realidade básica de comida. Nas obras de expressão lírica e timbre emocional elevado, só se mani-

[pág. 78]

festa despido da sua natureza específica e reformulado em função dos valores estéticos da civilização.

Certas manifestações da emoção e da elaboração estética podem ser melhor compreendidas, portanto, se forem referidas ao contexto social. No caso dos grupos primitivos é maior a importância deste, dado o caráter imediato com que as condições de vida se refletem na obra. Sobre a unidade fundamental do espírito humano, as diferenças de organização social e de nível cultural determinam formas diferentes de arte e literatura no primitivo e no civilizado.

Isto posto, convém ressaltar o indispensável aspecto "desinteressado" da arte primitiva, a fim de que a análise do seu intenso compromisso com os valores e estados de ânimo coletivos não leve a considerá-la uma atividade utilitária, que se explicaria totalmente pelo conhecimento da sua função social. Os evolucionistas chegaram a uma interpretação de fundo biológico, pragmático e determinista, que suprimia praticamente o elemento criador e os impulsos específicos da criação. O ponto de vista sociológico bem conduzido mostra, ao contrário, que a poesia e a arte primitivas não são atividades práticas, no sentido estreito, nem vicariantes, — como pressupunha a teoria de Spencer, segundo a qual serviriam de escoadouro ao excesso de energia não aplicada diretamente nas atividades econômicas, guerreiras etc. Isto levaria a concluir (no plano hipotético) que seria possível haver sociedade humana sem arte, desde que as energias fossem completamente absorvidas pelas tarefas *úteis* — concepção que, latente na teoria de Spencer, sempre formou a base do filistinismo e da obtusidade de todos os tempos, e que ainda hoje fundamenta, consciente ou inconscientemente, as atitudes negativas em face da arte. No mesmo sentido vai o pragmatismo ingênuo e bastante difundido, segundo o qual a literatura exprime uma fase pré-científica, tendendo a desaparecer à medida que vamos encontrando interpretação racional e experimental para os fatos.

Ora, tanto quanto sabemos, as manifestações artísticas são inerentes à própria vida social, não havendo sociedade que não as ma-

[pág. 79]

nifeste como elemento necessário à sua sobrevivência, pois, como vimos, elas são uma das formas de atuação sobre o mundo e de equilíbrio coletivo e individual. São, portanto, socialmente necessárias, traduzindo impulsos e necessidades de expressão, de comunicação e de integração que não é possível reduzir a impulsos marginais de natureza biológica. Encaradas sob o aspecto funcional, ou multifuncional, como foi sugerido acima, adquirem um sentido expressivo atuante, necessário à existência do grupo, ao mesmo título que os fenômenos econômicos, políticos, familiais ou mágico-religiosos, integrando-se no complexo de relações e instituições a que chamamos abstratamente sociedade. O seu caráter mais peculiar, do ponto de vista sociológico, com importantes consequências no terreno estético, consiste na possibilidade que apresentam, mais que outros setores da cultura, de realização individual. Isto permite, ao mesmo tempo, uma ampla margem criadora e a possibilidade de incorporá-la ao patrimônio comum, fazendo do artista um intérprete de todos, através justamente do que tem de mais seu. Nas sociedades primitivas, e nas rústicas, é mais claro este nexo, muitas vezes difícil de apreender nas sociedades urbanas. Na verdade, há problemas difíceis nos dois campos, pois se nas primeiras o elemento coletivo parece fazer da arte uma função social pura, que dispensa a própria interferência do criador autônomo, nas segundas, inversamente, este parece causa e condição, esbatendo para segundo plano aquele elemento. Em ambos os casos, verifica-se que a produção da arte e da literatura se processa por meio de representações estilizadas, de uma certa visão das coisas, coletiva na origem, que traz em si um elemento de gratuidade como parte essencial da sua natureza.

[pág. 80]

[pág. 81] *página em branco*

[pág. 82] *Título*

SEGUNDA PARTE

O ESCRITOR E O PÚBLICO

1

Frequentemente tendemos a considerar a obra literária como algo incondicionado, que existe em si e por si, agindo sobre nós graças a uma força própria que dispensa explicações. Esta idéia elementar repousa na hipótese de uma virtude criadora do escritor, misteriosamente pessoal; e mesmo quando desfeita pela análise, permanece um pouco em todos nós, leitores, na medida em que significa repugnância do afeto às tentativas de definir os seus fatores, isto é, traçar de algum modo os seus limites.

Por isso, quando investigamos tais fatores e tentamos distingui-los, percebemos, na medida em que é possível, que os mais plenamente significativos são os *internos,* que costeiam as zonas indefiníveis da criação, além das quais, intacto e inabordável, persiste o mistério. Há todavia os *externos,* como aqueles de que se ocupará este artigo; secundários, não há dúvida, como explicação; dependendo de um ponto de vista mais sociológico do que estético; mas necessários, senão à sondagem profunda das obras e dos criadores, pelo menos à compreensão das correntes, períodos, constantes estéticas. Um autor alemão chega a dizer, neste sentido, que mesmo considerando-se *a priori* metafísico o valor artístico, só de modo sociológico é possível elucidá-lo nas suas formas concretas particulares — pois nas sociedades civilizadas a criação é eminentemente *relação* entre grupos criadores e grupos receptores de vários tipos.[1] Isto quer dizer que o escritor, numa determinada sociedade, é não apenas o *indivíduo* capaz de exprimir a sua originalidade (que o delimita e especifica entre todos), mas alguém desempenhan-

---

[1] | Müller-Freienfels, SCHRIFTLICHE BEITRÄGE ZUM THEMA SOZIOLOGIE DER KUNST etc, *Verhandlungen des Siebenten Deutschen Soziologentages,* Tübingen, 1931, p. 279 -280.

do um *papel social,* ocupando uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certas expectativas dos leitores ou auditores. A matéria e a forma da sua obra dependerão em parte da tensão entre as veleidades profundas e a consonância ao meio, caracterizando um diálogo mais ou menos vivo entre criador e público.

Mas o panorama é dinâmico, complicando-se pela ação que a obra realizada exerce tanto sobre o público, no momento da criação e na posteridade, quanto sobre o autor, a cuja realidade se incorpora em acréscimo, e cuja fisionomia espiritual se define através dela. Em contraposição à atitude tradicional e unilateral, que considerava de preferência a ação do meio sobre o artista, vem-se esboçando na estética e na sociologia da arte uma atenção mais viva para este dinamismo da obra, que esculpe na sociedade as suas esferas de influência, cria o seu público, modificando o comportamento dos 84 grupos e definindo relações entre os homens.[2]

A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo.

Qual a influência entre eles; como se condicionam mutuamente; que relações humanas pressupõem ou motivam? São questões que o crítico propõe ao sociólogo, ou responde ele próprio colocando-se no ângulo deste. Procuremos falar como ambos, partindo da hipótese que, sob tal ponto de vista, a produção da obra literária deve ser inicialmente encarada com referência à posição social do escritor e à formação do público.

Aquela depende, em primeiro lugar, da consciência grupal, isto

[pág. 84]

---

[2] | Ver na nota 2 da p. 28, neste livro, as obras de Souriau e Dufrenne, citadas sobre o assunto.

é, a noção desenvolvida pelos escritores de constituírem segmento especial da sociedade. Ela se manifesta de maneira diversa conforme o momento histórico (exprimindo-se, por exemplo, como vocação, consciência artesanal, senso de missão, inspiração, dever social etc), permitindo-lhes definir um papel específico, diferente dos demais, e servindo-lhes de identificação enquanto membros de um agrupamento delimitado.

O fato deste grupo configurar-se nitidamente ou permanecer virtual depende em boa parte do segundo fator: as condições de existência que os seus membros, enquanto tais, encontram na sociedade. Decorre ou não daí a profissionalização, que, embrionária noutras épocas, é tendência no mundo moderno, mas não fator essencial para estruturar um grupo de escritores. Com efeito, há diversas formas de remunerar o trabalho de criação literária nas diferentes sociedades e épocas: mecenato, incorporação ao corpo de servidores, atribuição de cargos, geralmente prebendas etc.

Finalmente, a posição do escritor depende do conceito social que os grupos elaboram em relação a ele, e não corresponde necessariamente ao seu próprio. Este fator exprime o reconhecimento coletivo da sua atividade, que deste modo se justifica socialmente. Deve-se notar, a propósito, que, embora certos escritores tenham individualmente alcançado o pináculo da consideração em todas as épocas da civilização ocidental, o certo é que, como grupo e função, apenas nos tempos modernos ela lhe foi dispensada pela sociedade.

Tais fatores aparecem na realidade unidos e combinados, dependendo uns dos outros e determinando-se uns aos outros conforme a situação analisada. Deste modo é que se deve considerá-los, relacionando-os, além disso, ao segundo grupo de fatores, que integram o conceito de público.

Se a obra é mediadora entre o autor e o público, este é mediador entre o autor e a obra, na medida em que o autor só adquire plena consciência da obra quando ela lhe é *mostrada* através da reação de terceiros. Isto quer dizer que o público é condição para o autor conhecer a si próprio, pois esta revelação da obra é a sua revelação. Sem o público, não haveria ponto de referência para o autor, cujo

[pág. 85]

esforço se perderia caso não lhe correspondesse uma resposta, que é definição dele próprio. Quando se diz que escrever é imprescindível ao verdadeiro escritor, quer isto dizer que ele é psiquicamente organizado de tal modo que a reação do outro, necessária para a autoconsciência, é por ele motivada através da criação. Escrever é propiciar a manifestação alheia, em que a nossa imagem se revela a nós mesmos.[3]

Por isso, todo escritor depende do público. E quando afirma desprezá-lo, bastando-lhe o colóquio com os sonhos e a satisfação dada pelo próprio ato criador, está, na verdade, rejeitando determinado tipo de leitor insatisfatório, reservando-se para o leitor ideal em que a obra encontrará verdadeira ressonância. Tanto assim que a ausência ou presença da reação do público, a sua intensidade e qualidade podem decidir a orientação de uma obra e o destino de um artista. Mesmo porque nem sempre há contacto tangível do escritor com os leitores, e estes nem sempre se ordenam em grupos definidos, podendo permanecer no estado amorfo, isolados uns dos outros, por vezes em estado potencial. Para Von Wiese (a quem devemos a melhor caracterização sociológica deste fenômeno tão mal estudado desde os primórdios da sociologia contemporânea), o público nunca é um grupo social, sendo sempre uma coleção inorgânica de indivíduos, cujo denominador comum é o interesse por um fato. É a "massa abstrata", ou "virtual", da sua terminologia.[4] Entretanto, dentro dela podem diferenciar-se agrupamentos menores, mais coesos, às vezes com tendência a organizar-se, como são os círculos de leitores e amadores entre os quais se recrutam quase sempre as

[pág. 86]

elites, que pesarão mais diretamente na orientação do autor.

---

3 | A discussão mais importante sobre o papel do *outro* na autoconsciência se encontra em J.-P. Sartre, *L'Être et le Néant,* Gallimard, Paris, 1943, p. 275-503.

4 | Leopold von Wiese, *System der Allgemeinen Soziologie,* Zweite Auflage, Dunkler und Humblot, Munique e Leipzig, 1933, p. 405-446, especialmente 419-422 e 438-440. É preciso, todavia, completar a sua análise com o trabalho recente de Karl Nühlen, DAS PUBLIKUM UND SEINE AKTIONSAETEN, *Kblner Zeitschrift für Soziologie,* v4, p. 46-74.

De qualquer modo, um público se configura pela existência e natureza dos meios de comunicação, pela formação de uma opinião literária e a diferenciação de setores mais restritos que tendem à liderança do gosto — as *elites.* O primeiro fator envolve o grau de ilustração, os hábitos intelectuais, os instrumentos de divulgação (livro, jornal, auditórios etc); o segundo e o terceiro se definem automaticamente, e aliás acabam de ser sugeridos.

Para correlacionar (agora em termos práticos) o problema do escritor e do público no quadro da presente análise, lembremos que o reconhecimento da posição do escritor (a aceitação das suas idéias ou da sua técnica, a remuneração do seu trabalho) depende da aceitação da sua obra, por parte do público. Escritor e obra constituem, pois, um par solidário, funcionalmente vinculado ao público; e no caso deste conhecer determinado livro apenas depois da morte do autor, a relação se faz em termos de posteridade. De modo geral, todavia, a existência de uma obra levará sempre, mais cedo ou mais tarde, a uma reação, mínima que seja; e o autor a sentirá no seu trabalho, inclusive quando ela lhe pesa pela ausência.

2

Quando consideramos a literatura no Brasil, vemos que a sua orientação dependeu em parte dos públicos disponíveis nas várias fases, a começar pelos catecúmenos, estímulo dos autos de Anchieta, a eles ajustados e sobre eles atuando como lição de vida e concepção do mundo. Vemos em seguida que durante cerca de dois séculos, pouco mais ou menos, os públicos normais da literatura foram aqui os auditórios — de igreja, academia, comemoração. O escritor não existia enquanto *papel social definido;* vicejava como atividade marginal de outras, mais requeridas pela sociedade pouco diferenciada: sacerdote, jurista, administrador. Querendo fugir daí e afirmar-se, só encontrava os círculos populares de cantigas e anedotas, a que se dirigiu o grande irregular sem ressonância nem influência, que foi Gregório de Matos na sua fase brasileira.

[pág. 87]

A cerimônia religiosa, a comemoração pública foram ocasião para se formarem os públicos mais duradouros em nossa literatura colonial, dominada pelo sermão e pelo recitativo. As fugazes Academias constituem caso sugestivo, representando, do ponto de vista em que nos colocamos, esforço de criação artificial de um público por parte dos próprios escritores (escritores parciais, como vimos), que eram ao mesmo tempo grupo criador, transmissor e receptor; grupo multifuncional de ressonância limitada e dúbia caracterização, onde a literatura acabava por abafar a si mesma, esterilizando-se por falta de um ponto de apoio.

É preciso chegarmos ao fim do século XVIII e à fase que precede a Independência para podermos avaliar como se esboçam os elementos característicos do público e da posição social do escritor, definindo-se os valores de comunicação entre ambos. Como não se pretende aqui uma descrição completa, apenas estes elementos serão destacados, tentando-se avaliar qual foi a sua influência e persistência na evolução posterior.

Destaquemos desse contexto a função de Silva Alvarenga, provavelmente o primeiro escritor brasileiro que procurou harmonizar a criação com a militância intelectual, graças ao senso quase didático do seu papel. Em torno dele formou-se um grupo, o da *Sociedade Literária,* que se prolongou pelos dos alunos por ele formados como Mestre de Retórica e Poética, entre os quais alguns próceres da Independência. Assim, não apenas difundiu certa concepção da tarefa do homem de letras como agente positivo na vida civil, mas animou um movimento que teve continuidade, suscitando pequenos públicos fechados que se ampliariam, pela ação cívica e intelectual, até as reivindicações da autonomia política e, inseparável dela, da autonomia literária.

Digamos pois que, a exemplo do melodioso Alcino Palmireno, o escritor começou a adquirir consciência de si mesmo, no Brasil, como cidadão, homem *da polis,* a quem incumbe difundir as *luzes* e trabalhar pela pátria. Assim tocamos no principal elemento com que se integram aqui, a princípio, a sua consciência grupai e o seu conceito social: o nativismo, logo tornado em nacionalismo, ma-

[pág. 88]

nifestado nos escritos e em toda a sorte de associações político-culturais que reuniram sábios, poetas, oradores e, ao contrário das velhas Academias, os encaminharam para a ação sobre a sociedade, abrindo-se para o exterior por meio da paixão libertária, mesmo quando fechadas sobre si mesmas pelo esoterismo maçônico. Esta literatura militante chegou ao grande público como sermão, artigo, panfleto, ode cívica; e o grande público aprendeu a esperar dos intelectuais palavras de ordem ou incentivo, com referência aos problemas da jovem nação que surgia.

Esta união da literatura à política permitiu o primeiro contacto vivo do escritor com os leitores e auditores potenciais; e nada exprime melhor a ardente fé nas *luzes* do que os cursos organizados na prisão pelos revolucionários de 1817, em proveito dos que esperavam a condenação, talvez a morte, e onde Muniz Tavares ensinava lógica; frei Caneca, português; Basílio Torreão, geografia e história; Antônio Carlos, inglês… Futuros revoltosos de 1824, como Tristão de Alencar Araripe, aí se aperfeiçoaram e ganharam novas razões para lutar.[5]

Ao nativismo e às associações é preciso acrescentar a presença dos religiosos, frades e padres, preeminentes nos dois casos, que vieram trazer o prestígio de uma instituição básica da Monarquia, a Igreja, pondo-a ao serviço das novas idéias e conferindo respeitabilidade à atividade intelectual *ilustrada.* Um sacerdote, Sousa Caldas, escreveu no último decênio do século XVIII um dos mais vigorosos libelos nativistas e *ilustrados,* o poema d'As AVES; e as cinco restantes dentre as suas perdidas CARTAS defendem a liberdade de pensamento em face do poder civil e religioso, com um *modernismo* e um vigor que permitem considerar o extravio das outras como das maiores perdas para a nossa literatura e a evolução do nosso pensamento.

---

[5] | V. Damasceno Vieira, *Memórias históricas brasileiras,* Bahia, 1903, vol. I, p. 434. Ver também Muniz Tavares, *História da revolução de Pernambuco* em 1817, 3a ed., Pernambuco, 1917, p. CCLXXI

De tudo se conclui que no primeiro quartel do século XIX esboçaram-se no Brasil condições para definir tanto o público quanto o papel social do escritor em conexão estreita com o nacionalismo.

[pág. 89]

Decorre que os escritores, conscientes pela primeira vez da sua realidade como grupo graças ao papel desempenhado no processo da Independência e ao reconhecimento da sua liderança no setor espiritual, vão procurar, como tarefa patriótica, definir conscientemente uma literatura mais ajustada às aspirações da jovem pátria, favorecendo entre criador e público relações vivas e adequadas à nova fase.

A posição do escritor e a receptividade do público serão decisivamente influenciadas pelo fato da literatura brasileira ser então encarada como algo a criar-se voluntariamente para exprimir a sensibilidade nacional, manifestando-se como ato de brasilidade. Os jovens românticos da *Niterói* são em primeiro lugar patriotas que desejam complementar a Independência no plano estético; e como os moldes românticos previam tanto o sentimento de *segregação* quanto o de *missão* — que o compensa — o escritor pôde apresentar-se ao leitor como militante inspirado da idéia nacional.

Vemos, então, que nativismo e civismo foram grandes pretextos, funcionando como justificativa da atividade criadora; como critério de dignidade do escritor; como recurso para atrair o leitor e, finalmente, como valores a transmitir. Se as edições dos livros eram parcas, e lentamente esgotadas, a revista, o jornal, a tribuna, o recitativo, a cópia volante, conduziam as suas idéias ao público de homens livres, dispostos a vibrar na grande emoção do tempo.

Tão importante é esta circunstância para a criação e difusão da literatura, que outras tendências literárias buscavam nela razão de ser, como foi o caso das que se designam pelo nome genérico de sentimentalismo. Assim, a melancolia, a nostalgia, o amor da terra foram tidos como próprios do brasileiro; foram considerados *nacionais* a seu modo, de valor quase cívico, e frequentemente inseparáveis do patriotismo.

Verifica-se, pois, que escritor e público definiram-se aqui em torno de duas características decisivas para a configuração geral da literatura: Retórica e nativismo, fundidos no movimento romântico depois de um desenvolvimento anterior. A ação dos pregadores, dos conferencistas de academia, dos glosadores de mote, dos oradores

[pág. 90]

nas comemorações, dos recitadores de toda hora correspondia a uma sociedade de iletrados, analfabetos ou pouco afeitos à leitura.[6] I teste modo, formou-se, dispensando o intermédio da página impressa, um público de auditores, muito maior do que se dependesse dela e favorecendo, ou mesmo requerendo, no escritor, certas características de facilidade e ênfase, certo ritmo oratório que passou a timbre de boa literatura e prejudicou entre nós a formação dum estilo realmente *escrito* para ser *lido.* A grande maioria dos nossos escritores, em prosa e *verso, fala* de pena em punho e prefigura um leitor que ouve o som da sua voz brotar a cada passo por entre as linhas.

Esta tendência recebeu incremento do nacionalismo, propenso a assumir o tom verbal e mesmo verboso, que desperta a emoção. Formado sob a sua égide, o escritor brasileiro guardou sempre algo daquela vocação patriótico-sentimental, com que justificou a princípio a sua posição na sociedade do país autonomista, e logo depois independente; o público, do seu lado, sempre tendeu a exigi-la como critério de aceitação e reconhecimento do escritor. Ainda hoje, a *cor local,* a exibição afetiva, o pitoresco descritivo e a eloquência são requisitos mais ou menos prementes, mostrando que o homem de letras foi aceito como cidadão, disposto a *falar* aos grupos; e como amante da terra, pronto a celebrá-la com arroubo, para edificação de

---

6 | "(…) as peças oratórias eram escritas para ser recitadas, mas eram-no com verdadeiro entusiasmo. O povo, que nada lia, era ávido por ouvir os oradores mais famosos (…) Não havia divertimentos públicos, como hoje; o teatro era nulo; as festas de igreja eram concorridíssimas." (Sílvio Romero, *História da literatura brasileira,* 2a ed., vol. I, Garnier, Rio de Janeiro, 1902-1903, p. 270).

quantos, mesmo sem o ler, estavam dispostos a ouvi-lo. Condições todas, como se vê, favorecendo o desenvolvimento, a penetração coletiva de uma literatura sem leitores, como foi e é em parte a nossa.

Sob este ponto de vista, exemplo interessante é o Indianismo, que constitui elaboração ideológica do grupo intelectual em resposta a solicitações do momento histórico e, desenvolvendo-se na dire-

[pág. 91]

ção referida, satisfez às expectativas gerais do público disponível; mas graças ao seu dinamismo como sistema simbólico, atuou ativamente sobre ele, criando o seu público próprio. Não se pode aceitar a opinião de Capistrano de Abreu, para quem ele possui raízes populares, dando forma a certas tendências que, no seio do povo, opunham ao português, o índio, em sentido nativista.[7] A sua raiz é erudita. Mergulha imediatamente no exemplo de Chateaubriand, com uma vitalidade compreensível pela influência mediata de Basílio da Gama e Santa Rita Durão — eles próprios desenvolvendo uma linha de aproveitamento ideológico do índio como protótipo da virtude natural, que remonta aos humanistas do século XVI.[8] Os românticos fundiram a tradição humanista na expressão patriótica e forneceram deste modo à sociedade do novo Brasil um temário nacionalista e sentimental, adequado às suas necessidades de auto-valorização. De tal forma que ele transbordou imediatamente dos livros e operou independentemente deles — na canção, no discurso, na citação, na anedota, nas artes plásticas, na onomástica, propiciando a formação de um público incalculável e constituindo possivelmente o maior complexo de influência literária junto ao público, que já houve entre nós.

Mencionemos agora outra consequência importante da literatura se haver incorporado ao civismo da Independência e ter-se ajustado a públicos mais amplos do que os habilitados para a leitura compreensiva: a sua aceitação pelas instituições

---

7 | Capistrano de Abreu, *Ensaios e estudos,* 1a série, Briguiet, Rio de Janeiro, 1931, p. 94.

8 | Ver Afonso Arinos de Mello Franco, O *índio brasileiro e a Revolução Francesa,* José Olympio, Rio de Janeiro, 1937.

governamentais, com a decorrente dependência em relação às ideologias dominantes. Neste sentido, avultam três fatores: o frequente amparo oficial de D. Pedro II, o Instituto Histórico e as Faculdades de Direito (Olinda-Recife e São Paulo). A sua função consistiu, de um lado, em acolher a atividade literária como função digna; de outro, a podar as suas demasias, pela padronização imposta ao comportamento do

[pág. 92]

escritor, na medida em que era funcionário, pensionado, agraciado, apoiado de qualquer modo. Houve, neste sentido, um mecenato por meio da prebenda e do favor imperial, que vinculavam as letras (os literatos à administração e à política, e que se legitima na medida em que o Estado reconhecia, desta forma (confirmando-o junto ao público), o papel cívico e construtivo que o escritor atribuía a si próprio como justificativa da sua atividade.

À medida, porém, que o século correu, foi-se vendo outro aspecto desta realidade, que a completa e é em parte devida às próprias Faculdades jurídicas: a reação ante essa ordem excessiva por parte do boêmio e do estudante, que muitas vezes eram o escritor antes da idade burocrática. Este elemento renovador e dinamizador acabou por ser parcialmente racionalizado pelas ideologias dominantes, esboçando-se nos costumes certa simpatia complacente pelo jovem irregular, que antes de ser homem grave quebrava um pouco a monotonia do nosso Império encartolado, mas nem por isso perdia o benefício do seu apoio futuro. Conta-se que Guimarães Passos, moço e miserável, sem ter o que almoçar, planejou com um companheiro de boêmia roubar a carne servida às feras que o Imperador mantinha na Quinta da Boa Vista. Tentando retirá-la de uma jaula, foi afugentado pelos rugidos do animal e veio, em carreira desabalada, parar nas janelas da biblioteca. O bibliotecário, com senso de humor, interessou-se pelo caso, e o talentoso gatuno acabou nomeado arquivista do Palácio… [9]

---

9 | Paulo Barreto (João do Rio), ELOGIO DE GUIMARÃES PASSOS, *Revista Americana,* anol. nos 10-11, julho-agosto, 1910, p. 16-17.

A anedota simboliza admiravelmente a atitude paternal do Governo, numa sociedade em que o escritor esperava acomodar-se nas carreiras paralelas e respeitáveis, que lhe permitiriam viver com aprovação pública, redimindo ou compensando a originalidade e a rebeldia. Por isso mesmo, talvez tenha sido uma felicidade a morte de tantos escritores de talento antes da servidão burocrática.

Não estranha, pois, que se tenha desenvolvido na nossa literatura oitocentista um certo conformismo de forma e fundo, apesar

[pág. 93]

das exceções já referidas. Ele se liga ao caráter, não raro assumido pelo escritor, de apêndice da vida social, pronto para submeter sua criação a uma tonalidade média, enquadrando a expressão nas bitolas de gosto. Muitos dos nossos maiores escritores — inclusive Gonçalves Dias e Machado de Assis — foram homens ajustados à superestrutura administrativa. A condição de escritor funcionou muitas vezes como justificativa de prebenda ou de sinecura; e para o público, como reconhecimento do direito a ambas, — num Estado patrimonialista como era o nosso. Ainda depois da Revolução de 1930, certa reforma severa no então recente Ministério da Educação, obrigando os inspetores de ensino a desempenhar efetivamente os cargos, esbarrou em três eminentes escritores e os deixou à margem da exigência, reconhecendo desta forma o direito secular do homem de letras, cuja atividade específica justificava o desleixo das que lhe eram dadas por acréscimo. O Estado e os grupos dirigentes não funcionavam, porém, apenas como patronos, mas como sucedâneo do público; público vicariante, poderíamos dizer. Com efeito, na ausência de públicos amplos e conscientes, o apoio ou pelo menos o reconhecimento oficial valeram por estímulo, apreciação e retribuição da obra, colocando-se ante o autor como ponto de referência.

Note-se, também, que prosseguiu por todo o século XIX, e até o início do século XX, a tradição de auditório (ou que melhor nome tenha), graças não apenas à grande voga do discurso em todos os setores da nossa vida, mas, ainda, ao recitativo e à musicalização dos poemas. Foram estas as maneiras principais de veicular a poesia —

tanto a dos poetas *oficiais,* como Magalhães ou Porto Alegre, quanto a dos *irregulares* como Laurindo Rabelo ou Aureliano Lessa. Se as edições eram escassas, a serenata, o sarau e a reunião multiplicavam a circulação do verso, recitado ou cantado. Desta maneira, românticos e pós-românticos penetraram melhor na sociedade, graças a públicos receptivos de *auditores.* E não esqueçamos que, para o homem médio e do povo, em nosso século a encarnação suprema da inteligência e da literatura foi um orador, Rui Barbosa, que quase ninguém lê fora de algumas páginas de antologia.

[pág. 94]

Como traço importante, devido ao desenvolvimento social do Segundo Reinado, mencionemos o papel das revistas e jornais familiares, que habituaram os autores a escrever para um público de mulheres, ou para os serões onde se lia em voz alta. Daí um amaneiramento bastante acentuado que pegou em muito estilo; um tom de crônica, de fácil humorismo, de pieguice, que está em Macedo, Alencar e até Machado de Assis. Poucas literaturas terão sofrido, tanto quanto a nossa, em seus melhores níveis, esta influencia caseira e dengosa, que leva o escritor a prefigurar um público feminino e a ele se ajustar.

Se for válida esta análise esquemática, devemos concluir que as condições que presidiram, no Brasil, à definição tanto do público quanto do escritor deviam ter favorecido entre ambos uma comunicação fácil e ampla. Mas ficou também visto que o escritor não pôde contar, da parte do público, com uma remuneração que este não era capaz de fornecer, obrigando o Estado a interpor-se entre ambos, como fonte de outras formas de retribuição.

Daí uma situação peculiar no tocante às relações entre o escritor e o grande público — que agora vamos encarar como conjunto eventual de leitores. É que no Brasil, embora exista tradicionalmente uma literatura muito acessível, na grande maioria, verifica-se ausência de comunicação entre o escritor e a massa. O paradoxo é apenas aparente, podendo talvez explicar-se por meio do critério seguido no presente estudo.

Com efeito, o escritor se habituou a produzir para públicos simpáticos, mas restritos, e a contar com a aprovação dos grupos dirigentes, igualmente reduzidos. Ora, esta circunstância, ligada à esmagadora maioria de iletrados que ainda hoje caracteriza o país, nunca lhe permitiu diálogo efetivo com a massa, ou com um público de leitores suficientemente vasto para substituir o apoio e o estímulo de pequenas *elites.* Ao mesmo tempo, a pobreza cultural destas nunca permitiu a formação de uma literatura complexa, de qualidade rara, salvo as devidas exceções. *Elite* literária, no Brasil, significou até bem pouco tempo, não refinamento de gosto, mas apenas capacidade de interessar-se pelas letras.

[pág. 95]

Correspondendo aos públicos disponíveis de leitores, — pequenos e singelos — a nossa literatura foi geralmente acessível como poucas, pois até o Modernismo não houve aqui escritor realmente difícil, a não ser a dificuldade fácil do rebuscamento verbal que, justamente porque se deixa vencer logo, tanto agrada aos falsos requintados. De onde se vê que o afastamento entre o escritor e a massa veio da falta de públicos quantitativamente apreciáveis, não da qualidade pouco acessível das obras.

Daí o êxito (dentro das limitações apontadas) de tanto escritor de talento, apesar de muita demagogia romântica em contrário. Nenhum exemplo mais significativo que o de Euclides da Cunha, *difícil,* afrontando os poderes, fustigando o Exército — e no entanto aceito triunfalmente pelo Exército, pelos poderes, pelos leitores.

Mas, ainda aqui, devemos voltar ao chavão inicial que nos vem guiando, e lembrar que a constituição do patriotismo como *pretexto,* e a consequente adoção pelo escritor do papel didático de quem contribui para a coletividade, devem ter favorecido a legibilidade das obras. Tornar-se legível pelo conformismo aos padrões correntes; exprimir os anseios de todos; dar testemunho sobre o país; exprimir ou *reproduzir* a sua realidade, — é tendência que verificamos em Magalhães, Alencar, Domingos Olímpio, Bilac, Mário de Andrade, Jorge Amado. Mesmo quando o grande público permanece indiferente, e ele só conta com os pequenos grupos, o escritor brasileiro permanece fácil na maioria dos casos. Como aconteceu na Rússia e na América Espanhola (isto é, nações visando à ocidentalização rápida), ele sempre reivindicou entre nós tarefas mais largas do que as comumente atribuídas à sua função específica.

Estas considerações mostram por que quase não há no Brasil literatura verdadeiramente requintada no sentido favorável da palavra, inacessível aos públicos disponíveis. A literatura considerada de *elite* na tradição ocidental, sendo hermética em relação ao leitor de cultura mediana, exprime quase sempre a autoconsciência extrema de um grupo, reagindo à opinião cristalizada da maioria, que se tornou pesada e sufocadora. Entre nós, nunca tendo havido consolidação da opinião literária, o grupo literário nunca se espe-

[pág. 96]

cializou a ponto de diferenciar-se demasiadamente do teor comum de vida e de opinião. Quase sempre produziu literatura como a produziriam leigos inteligentes, pois quase sempre a sua atividade se elaborou à margem de outras, com as quais a sociedade o retribuía. Papel social reconhecido ao escritor, mas pouca remuneração para o seu exercício específico; público receptivo, mas restrito e pouco refinado. Consequência: literatura acessível mas pouco difundida; consciência grupai do artista, mas pouco refinamento artesanal.

3

As considerações anteriores procuram apontar algumas condições da produção da literatura no Brasil, quase até os nossos dias, do ponto de vista das relações do escritor com o público e dos valores de comunicação.

Na primeira metade do século XX houve alterações importantes no panorama traçado, principalmente a ampliação relativa dos públicos, o desenvolvimento da indústria editorial, o aumento das possibilidades de remuneração específica. Em consequência, houve certa desoficialização da literatura, que havia atingido nos dois primeiros decênios extremos verdadeiramente lamentáveis de dependência ideológica, tornando-se praticamente complemento da vida mundana e de banais padrões acadêmicos. A partir de 1922 o escritor desafogou; e embora arriscando a posição tradicionalmente definida de "ornamento da sociedade" e as consequentes retribuições, pôde definir um papel mais liberto, mesmo não se afastando na maioria dos casos do esquema traçado anteriormente — de participação na vida e aspiração nacionais. A diferenciação dos públicos, alguns dos quais melhor aparelhados para a vida literária, permitiu maiores aventuras intelectuais e a produção de obras marcadas por visível inconformismo, como se viu nas de alguns modernistas e pós-modernistas. Convém mencionar que as *elites* mais refinadas do segundo quartel do século XX não coincidiram sempre, felizmente, a partir de então, com as elites administrativas e mundanas, permitindo assim às letras ressonância mais viva.

[pág. 97]

Se considerarmos o panorama atual, talvez notemos duas tendências principais no que se refere à posição social do escritor.[10] De um lado, a profissionalização acentua as características tradicionais ligadas à participação na vida social e à acessibilidade da forma; de outro, porventura como reação, a diferenciação de elites exigentes acentua as qualidades até aqui recessivas de refinamento, e o escritor procura sublinhar as suas virtudes de ser excepcional. Há, portanto, uma dissociação do panorama anterior, que lhe dá maior riqueza e, afinal, um contraponto mais vivo. Ao contrário do que se tinha verificado até então, quase sem exceções (pois a supervisão dos grupos dominantes incorporava e amainava imediatamente as inovações e os inovadores), assistiu-se entre nós ao esboço de uma vanguarda literária mais ou menos dinâmica.

---

10 | O "atual" deste escrito é o ano de 1955, quando foi publicado. (Nota de 2005).

É preciso agora mencionar, como circunstância sugestiva, a continuidade da "tradição de auditório", que tende a mantê-la nos caminhos tradicionais da facilidade e da comunicabilidade imediata, de literatura que tem muitas características de produção falada para ser ouvida. Daí a voga da oratória, da melodia verbal, da imagem colorida. Em nossos dias, quando as mudanças assinaladas indicavam um possível enriquecimento da leitura e da escrita feita para ser lida, — como é a de Machado de Assis, — outras mudanças no campo tecnológico e político vieram trazer elementos contrários a isto. O rádio, por exemplo, reinstalou a literatura oral, e a melhoria eventual dos programas pode alargar perspectivas neste sentido. A ascensão das massas trabalhadoras propiciou, de outro lado, não apenas maior envergadura coletiva à oratória, mas um sentimento de missão social nos romancistas, poetas e ensaístas, que não raro escrevem como quem fala para convencer ou comover.

[pág. 98]

LETRAS E IDÉIAS NO PERÍODO COLONIAL

(exposição didática)

1

Os primeiros estudiosos da nossa literatura, no tempo do Romantismo, se preocuparam em determinar como ela surgiu aqui, já que o relativismo então reinante ensinara que as instituições da cultura radicam nas condições do meio, variando segundo elas. E como a época era de exigente nacionalismo, consideravam que lutara dois séculos para se formar, a partir do nada, como expressão de uma realidade local própria, descobrindo aos poucos o verdadeiro caminho, isto é, a descrição dos elementos diferenciais, notadamente a natureza e o índio. Um expositor radical desta corrente, Joaquim Norberto, chegou a imaginar a existência de uma literatura indígena, autenticamente nossa, que, a não ter sido sufocada maliciosamente pelo colonizador, teria desempenhado o papel formador que coube à portuguesa…

Daí, a concepção passou à crítica naturalista, e dela aos nossos dias, levando a conceber a literatura como processo retilíneo de a brasileiramente), por descoberta da realidade da terra ou recuperação de uma posição idealmente pré-portuguesa, quando não antiportuguesa. Resultaria uma espécie de espectrograma em que a mesma cor fosse passando das tonalidades esmaecidas para as mais densamente carregadas, até o nacionalismo triunfal dos indianistas românticos.

Este ponto de vista é historicamente compreensível como elemento de tomada de consciência da jovem nação, tanto mais quanto os letrados brasileiros, a certa altura do século XVIII, passaram conscientemente a querer fundar ou criar uma literatura nossa, embora sem as aspirações separatistas que os românticos teriam mais tarde. O ponto de vista moderno tenderia mais ao deles, pois o que realmente interessa é investigar como se formou aqui uma literatura, concebida menos como apoteose de cambucás e moru-

[pág. 99]

bixabas, de sertanejos e cachoeiras, do que como manifestação dos grandes problemas do homem do Ocidente nas novas condições de existência. Do ponto de vista histórico, interessa averiguar como se manifestou uma literatura enquanto sistema orgânico, articulado, de escritores, obras e leitores ou auditores, reciprocamente atuantes, dando lugar ao fenômeno capital de formação de uma tradição literária.

Sob este aspecto, notamos, no processo formativo, dois blocos diferentes: um, constituído por manifestações literárias ainda não inteiramente articuladas; outro, em que se esboça e depois se afirma esta articulação. O primeiro compreende sobretudo os escritores de diretriz cultista, ou conceptista, presentes na Bahia, de meados do século XVII a meados do século XVIII; o segundo, os escritores neo-clássicos Ou arcádicos, os publicistas liberais, os próprios românticos, porventura até o terceiro quartel do século XIX. Só então se pode considerar formada a nossa literatura, como sistema orgânico que funciona e é capaz de dar lugar a uma vida literária regular, servindo de base a obras ao mesmo tempo universais e locais.

Historicamente considerado, o problema da ocorrência de uma literatura no Brasil se apresenta ligado de modo indissolúvel ao do ajustamento de uma tradição literária já provada há séculos — a portuguesa — às novas condições de vida no trópico. Os homens que escrevem aqui durante todo o período colonial são, ou formados em Portugal, ou formados à portuguesa, iniciando-se no uso de instrumentos expressivos conforme os moldes da mãe-pátria. A sua atividade intelectual ou se destina a um público português, quando desinteressada, ou é ditada por necessidades práticas (administrativas, religiosas etc). É preciso chegar ao século XIX para encontrar os primeiros escritores formados aqui e destinando a sua obra ao magro público local.

Por isso, não se deve perder de vista duas circunstâncias capitais: o imediatismo das intenções e a exiguidade dos públicos, que produziram algumas importantes consequências. Assim, ou a obra se confundia à atividade prática, como elemento dela (sermão, relatório, polêmica, catequese), ou se fechava na fronteira de pequenos

[pág. 100]

grupos letrados, socialmente ligados às classes dominantes, com a tendência consequente ao requinte formal. Num caso e noutro pesava a composição da obra o destino que ela teria. O auditório de igreja, os convivas de sarau seriam os públicos mais à mão; o curso oral, à boca pequena, o meio principal de divulgar. Também a obra exclusivamente escrita pouco se aparta da intenção e pontos de vista práticos, na medida em que é crônica, informação, divulgação.

Estas considerações sugerem alguns dos modos por que se teria processado o ajuste entre a tradição européia e os estímulos locais, faltando mencionar que os padrões estéticos do momento — os do atualmente chamado Barroco — atuaram como ingrediente decisivo.

2

Procurando sintetizar estas condições, poderíamos dizer que as manifestações literárias, ou de tipo literário, se realizaram no Brasil até a segunda metade do século XVIII, sob o signo da religião e da transfiguração.

Aquela foi a grande diretriz ideológica, justificando a conquista, a catequese, a defesa contra o estrangeiro, a própria cultura intelectual. Era idéia e princípio político, era forma de vida e padrão administrativo; não espanta que fosse, igualmente, princípio estético e filosófico. À sua luz se abriga toda a obra de José de Anchieta (1533-1597), desde as admiráveis cartas-relatórios, descrevendo o quadro natural e social em que se travavam as lutas da fé, até os autos didáticos, os cantos piedosos em que as suas verdades eram postas ao alcance do catecúmeno. As crônicas do jesuíta português Simão de Vasconcelos obedecem a um princípio declaradamente religioso, de informar e edificar; mas o mesmo acontece, no fundo, *à História* do franciscano brasileiro Vicente do Salvador (156?-163?), sob aparência de piedade menos imediata. E até a crônica do militar português Francisco de Brito Freire, tão política, pinta no fundo os progressos da fé, encarnados no guerreiro e administrador que luta contra o protestante flamengo — o que também verificamos no *Valeroso Lucideno,* de frei Manuel Calado.

[pág. 101]

Se sairmos dessa literatura histórica, deparamos com a oratória sagrada, seara do maior luso-brasileiro do século, o jesuíta Antônio Vieira (1608-1697). Já aqui a religião-doutrina se mistura indissoluvelmente à religião-símbolo. Estamos em pleno espaço Barroco, e a dialética intelectual esposa as formas, as metáforas, toda a marcha em arabesco da expressão culta. Estamos, além disso, no gênero ideal para o tempo e o meio, em que o falado se ajusta às condições de atraso da colônia, desprovida de prelos, de gazetas, quase de leitores. Nunca o verbal foi tão importante e tão adequado, sendo ao mesmo tempo a via requerida pela propaganda ideológica e o recurso cabível nas condições locais. E nunca outro homem encarnou tão bem este conjunto de circunstâncias, que então cercavam a vida do espírito no Brasil — pois era ao mesmo tempo missionário, político, doutrinador e incomparável artífice da palavra, penetrando com a religião como ponta de lança pelo campo do profano. Seu contemporâneo Gregório de Matos (1633-1696) foi o profano a entrar pela religião adentro com o clamor do pecado, da in-temperança, do sarcasmo, nela buscando guia e lenitivo. Ao orador junta-se este poeta repentista e recitador para configurar ao seu modo, e também sob o signo do Barroco, a oralidade característica do tempo, que permaneceu tendência-limite no meio baiano até os nossos dias. Apesar de conhecido sobretudo pelas poesias burlescas, talvez seja nas religiosas que Gregório alcance a expressão mais alta, manifestando a obsessão com a morte, tão própria da sua época, e nele muito pungente, porque vem misturada à exuberância carnal e ao humorismo satírico, desbragados e saudáveis. Nascido na Bahia, amadureceu no Reino e só voltou à pátria na quadra dos quarenta; lá e aqui não parece ter cuidado em imprimir as obras, que se malbarataram nas cópias volantes e no curso deformador da reprodução oral, propiciando a confusão e a deformação que ainda hoje as cercam.

Em torno dessas duas grandes figuras circulam outras, também da Bahia — clérigos e homens de prol, cultores do discurso e da glosa. Mas um apenas dentre eles parece ter-se considerado realmente homem de letras, tendo sido o primeiro brasileiro nato a publicar

[pág. 102]

um livro: Manuel Botelho de Oliveira (1636-1711). Já aqui não estamos na região elevada em que o estilo culto exprime uma visão da lima e do mundo, emprestando-lhe o seu caprichoso vigor expressivo, listamos, antes, no âmbito do Barroco vazio e malabarístico, contra o qual se erguerão os árcades, e que passou à posteridade como índice pejorativo da época. Botelho de Oliveira é, deste ponto de vista, mais representativo que os outros da média da nossa literatura culta, as mais das vezes apenas alambicada. E nos serve para Introduzir o segundo tema dominante, que se definiu justamente graças ao espírito Barroco.

O espanto ante as novidades da terra levou facilmente à hipérbole. As modas literárias e artísticas, dominantes desde os fins do século XVI, somaram-lhe a agudeza e a busca deliberada da expressão complicada e rica. Em consequência, estendeu-se sobre o Brasil, por quase dois séculos, um manto rutilante que transfigurou a realidade — ampliando, suprimindo, torcendo, requintando. Sobre o traço objetivo e descarnado de certos cronistas atentos ao real — Gabriel Soares, Antonil — brotou uma folhagem até certo ponto redentora, que emprestou à terra bruta estatura de lenda e contornos de maravilha. Lembremos apenas o caso do mundo vegetal, primeiro descrito, depois retocado, finalmente alçado a metáfora. Se em Gabriel Soares de Sousa (1587) o abacaxi é fruta, nas *Notícias curiosas e necessárias das cousas do Brasil* (1668), de

Simão de Vasconcelos, é fruta real, coroada e soberana; e nas *Frutas do Brasil* (1702), de frei Antônio do Rosário, a alegoria se eleva ao simbolismo moral, pois a regia polpa é doce às línguas sadias, mas mortifica as machucadas — isto é, galardoa a virtude e castiga o pecado. Por isto, o arguto franciscano constrói à sua roda um complicado edifício alegórico, nela encarnando os diferentes elementos do rosário. Nesta fruta, americana entre todas, compendiou-se a transfiguração da realidade pelo Barroco e a visão religiosa. Em Botelho de Oliveira, Rocha Pita, Itaparica, Durão, São Carlos, Porto-Alegre, ela e outras do seu séquito conduzem, até o cerne do século XIX, a própria idéia de mudança da sensibilidade européia nas condições do Novo Mundo.

[pág. 103]

A historiografia barroca estendeu o processo a toda a realidade, natural e humana, e os esforços de pesquisa documentária promovidos pelas Academias (dos Esquecidos, 1724-1726; dos Renascidos, 1759-1760) só deixam de ser listas neutras de bispos e governadores quando os seus dados se organizam num sistema nativista de interpretação religiosa e de metáfora transfiguradora. É o caso, sobretudo, da *História da América portuguesa,* de Sebastião da Rocha Pita (1660-1738), onde o Brasil se desdobra como um portento de glórias nos três reinos da natureza, enquadrando a glória do homem, — que converte o gentio, expulsa o herege e recebe como salário as dádivas vegetais e minerais, a cana e o ouro.

Não suprimindo, mas envolvendo e completando o conhecimento objetivo da realidade, a visão ideológica e estética da colônia se fixa de preferência na apoteose da realidade e no destino do europeu, do pecador resgatado pela conquista e premiado com os bens da terra, quando não redimido pela morte justa. Isto mostra como o verbo literário foi aqui — ajudado e enformado pela mão do Barroco — sobretudo instrumento de doutrina e composição transfiguradora. Alegoria do mundo e dos fatos; drama interior da carne e do espírito; concepção teológica da existência. Rocha Pita, Gregório de Matos, Antônio Vieira encarnam as vigas mestras do ajustamento do verbo ocidental à paisagem moral e natural do Brasil.

3

Essa visão transfiguradora se incorporou para sempre à literatura e aos estudos, constituindo um dos elementos centrais da nossa educação e do nosso ponto de vista sobre as coisas. Em meados do século XVIII veio juntar-se a ela uma concepção até certo ponto nova que representa, nas idéias em geral, a influência das correntes ilustradas do tempo; a literatura do Classicismo de inspiração francesa e do Arcadismo italiano. Sem anular as tendências anteriores, as correntes então dominantes no gosto e na inteligência apresentam caracteres diversos. Poderíamos esquematizá-las dizendo: 1) que a confiança na razão procurou, senão substituir, ao menos alargar

[pág. 104]

a visão religiosa; 2) que o ponto de vista exclusivamente moral se completou — sobretudo nas interpretações sociais — pela fé no princípio do progresso; 3) que, em lugar da transfiguração da natureza dos sentimentos, acentuou-se a fidelidade ao real. Em suma, formou se uma camada mais ou menos neoclássica, rompida a cada passo pelos afloramentos do forte sedimento barroco.

Aproximadamente com tais características, ocorreu no Brasil uma pequena Época das Luzes, que se encaminhou para a independência política e as teorias da emancipação intelectual, tema básico do nosso Romantismo após 1830. Historicamente, ela se liga no pombalismo, muito propício ao Brasil e aos brasileiros, e exemplo do ideal setecentista de bom governo, desabusado e reformador. Para uma colônia habituada à tirania e carência de liberdade, pouco pesaria o despotismo de Pombal; em compensação, avultaram a sua simpatia pessoal pelos colonos, que utilizou e protegeu em grande número, assim como os planos e medidas para o nosso desenvolvimento. Algo moderno parecia acontecer; e os escritores do Brasil se destacam no ciclo do pombalismo literário, com o *Uraguai,* de Basílio da Gama, justificando a luta contra os jesuítas; O *desertor,* de Silva Alvarenga, celebrando a reforma da Universidade; *O reino da estupidez,* de Francisco de Melo Franco, atacando a reação do tempo de D. Maria I. Isto, sem contar uma série de poemas ilustrados de Cláudio Manuel da Costa e Alvarenga Peixoto, formulando a teoria do bom governo, apelando para as grandes obras públicas, louvando o governante capaz: Pombal, Gomes Freire de Andrada, Luís Diogo Lobo da Silva.

Daí resultou incremento do nativismo, voltado, agora, não apenas para a transfiguração do país, mas para a investigação sistemática da sua realidade e para os problemas de transformação do seu estatuto político. As condições econômicas eram outras, impondo-se a libertação dos monopólios metropolitanos — sobretudo o do comércio — num país que sofrerá o baque do ouro decadente e necessitava maior desafogo para manter a sua população. As revoluções norte-americana e francesa, o exemplo das instituições inglesas, o nascente liberalismo oriundo de certas tendências ilustradas

[pág. 105]

completariam o impacto do pombalismo, formando um ambiente receptivo para as idéias e medidas de modernização político-econômica e cultural, logo esboçadas aqui com a presença da Corte, a partir de 1808. No Brasil joanino conjugaram-se as tendências e as circunstâncias, tornando inevitável a autonomia política.

Estas considerações visam sugerir que, no período em questão, houve entrosamento acentuado entre a vida intelectual e as preocupações político-sociais. As diretrizes respectivas — conforme as entreviam os nossos homens de então nos modelos franceses e ingleses — se harmonizavam pela confiança na força da razão, considerada tanto como instrumento de ordenação do mundo, quanto como modelo de uma certa arte clássica, abstrata e universal. A isto se juntavam: 1) o culto da natureza, que favoreceu a busca da naturalidade de expressão e sinceridade de emoção, contrabalançando a sua eventual secura; 2) o desejo de investigar o mundo, conhecer a lei da sua ordem, que a razão apreendia; 3) finalmente, a aspiração à verdade, como descoberta intelectual, como fidelidade consciente ao natural, como sentimento de justiça na sociedade.

No caso brasileiro, estes pendores se manifestaram frequentemente pelo desejo de mostrar que também nós tínhamos capacidade para criar uma expressão racional da natureza, generalizando o nosso particular mediante as disciplinas intelectuais aprendidas com a Europa. E que havia uma verdade relativa às coisas locais, desde a descrição nativista das suas características, até a busca das normas justas, que deveriam pautar o nosso comportamento como povo.

A passagem a esta nova maneira de ver é clara na diferença entre dois grêmios, que se sucederam na segunda metade do século XVIII. A Academia dos Renascidos, fundada na Bahia em 1759 por um grupo de legistas, clérigos e latifundiários, abordava temas literários e históricos, — de uma história lendária e próxima à epopéia, ou de uma crônica mais ou menos ingênua de acontecimentos. Dela resultaram os *Desagravos do Brasil,* de Loreto Couto, *a História militar,* de José Mirales, as *Memórias para a história da capitania de São Vicente,* de frei Gaspar da Madre de Deus. A Academia assinala

[pág. 106]

um instante capital na formação da nossa literatura, ao congregar homens de letras de várias partes da colônia, num primeiro lampejo de integração nacional.

A Academia Científica, fundada no Rio em 1771 por médicos, e reformada sob o nome de Sociedade Literária em 1786, para durar intermitentemente até 1795, propagou a cultura do anil e da cochonilha, introduziu processos industriais, promoveu estudos sobre as condições do Rio e acabou criticando a situação da colônia, com base em Raynal e inspirações também em Rousseau e Mably.

Nos escritores deste período encontramos os que representam uma passagem, ou mistura, de Barroco e Arcadismo; os que manifestam diferentes aspectos de um nativismo que vai deixando de ser apenas extático para ser também racional; os que procuram superar a contorção do estilo culto por uma expressão adequada à natureza e à verdade; os que passam da transfiguração da terra para as perspectivas do seu progresso.

Muito interessantes como sintoma são os *Diálogos político-morais* (1758), de Feliciano Joaquim de Sousa Nunes, ou antes a sua INTRODUÇÃO, onde vem claramente expresso o tema do ressentimento dos intelectuais brasileiros, que desejavam ser reconhecidos a par dos metropolitanos e se apegavam, como defesa, à teoria de que o critério da avaliação deveria ser o mérito, não as circunstâncias de naturalidade ou posição social.

Esta atitude ocorre também em Cláudio Manuel da Costa (1729-1789), escritor de transição entre o cultismo e as novas tendências, representando de algum modo o início de uma atividade literária regular e de alta qualidade no seu país. Contemporâneo dos fundadores da Arcádia Lusitana (1756), que empreendeu a campanha neo-clássica em Portugal, reajustou conforme os seus preceitos a forte vocação barroca, encontrando a solução numa espécie do Neoquinhentismo — parecendo um novo Diogo Bernardes pela síntese da simplicidade clássica e certo maneirismo infuso. Há muita beleza nas suas éclogas, apesar da eventual prolixidade; mas nos sonetos está o melhor do seu estro, como forma e elaboração dos dados humanos.

[pág. 107]

Apegado à terra natal, é visível nele a impregnação em profundidade dos seus aspectos típicos, naturais e sociais: rocha, ouro, mineração, angústia fiscal. Neste sentido, empreendeu cantar numa epopéia a vitória das normas civis sobre o caos da zona pioneira de aventureiros, narrando a história da capitania de Minas. O resultado foi mau, não chegando a publicar o referido poema — VILA RICA — embora o tivesse aprontado antes de 1780.

Seu amigo Inácio José de Alvarenga Peixoto (1744-1793) deixou obra pequena, próxima da sua pela forma e as preocupações políticas, e igualmente embebida na realidade mineira. Com Tomás Antônio Gonzaga (1744-1810), companheiro de ambos em Ouro Preto, o Arcadismo encontrou no Brasil a mais alta expressão. Na sua obra há um aspecto de erotismo frívolo, expresso principalmente nas poesias de metro curto, anacreônticas em grande parte, celebrando a namorada, depois noiva, sob o nome pastoral de Marília. Mas ela vale sobretudo pelas de metro longo, voltadas para a expressão lírica da sua própria personalidade. Nelas, com admirável simplicidade e nobreza, traça um roteiro das suas preocupações, da sua visão do mundo e, depois de preso, do seu otimismo estóico. A ele se tem atribuído cada vez mais a autoria das famosas *Cartas chilenas,* sátira violenta contra um governador de Minas, verberando desmandos administrativos e revelando costumes do tempo, em verso enérgico e expressivo.

Estes três poetas se envolveram na Inconfidência Mineira, mas parece que apenas Alvarenga Peixoto desempenhou nela papel militante. De qualquer modo, foram duramente castigados e representam no Brasil o primeiro e até hoje maior holocausto da inteligência às idéias do progresso social.

Igualmente progressistas e muito estritamente pombalinos (como ficou dito) foram dois outros contemporâneos, que formam um par separado: José Basílio da Gama (1741-1795) e Manuel Inácio da Silva Alvarenga (1749-1814).

O *Uraguai* (1769), do primeiro (porventura a mais bela realização poética do nosso Setecentos), classificado em geral como epopéia, é na verdade um curto poema narrativo de assunto bélico, visando

[pág. 108]

ostensivamente atacar os jesuítas e defender a intervenção pombalina nas suas missões do Sul. Visivelmente atrapalhado por um material polêmico que não teria tempo, ou disposição de elaborar, o poeta relegou-o para as notas o mais que pôde. No corpo do poema resultou a simpatia pelo índio, esmagado entre interesses opostos; e a fantasia criadora elaborou um admirável universo plástico, descrevendo a natureza e os feitos com um decassílabo solto de rara beleza e expressividade, nutrido de modelos italianos. Graças a isto, o *Uraguai* se tornou um dos momentos-chave da nossa literatura, descrevendo o encontro de culturas (européia e ameríndia), que Inspiraria o Romantismo indianista, para depois se desdobrar, como preocupação com o novo encontro entre a cultura urbanizada e a rústica, até *Os sertões,* de Euclides da Cunha, o romance social e a sociologia. No tempo de Basílio, tratava-se de optar, neste processo, entre a tradicional orientação catequética e a nova direção estatal, colocando-se ele francamente ao lado desta.

Na mesma linha se pôs seu amigo Silva Alvarenga, que veio para o Rio depois de formado, enquanto ele permanecia em Portugal. Silva Alvarenga, no poema herói-cômico O DESERTOR (1774), apoia a reforma da Universidade, atacando os velhos métodos escolásticos; e, pela vida afora, mesmo após a reação que sucedeu à queda de Pombal, continuou fiel à sua obra e às tendências ilustradas, em poemas didáticos e, sobretudo, pela já referida atuação na Sociedade Literária, de que foi mentor e lhe valeu quase quatro anos de prisão. O seu papel foi muito importante no Rio dos últimos decênios do século XVIII, pois influiu, como professor, na geração de que sairiam alguns próceres da Independência, — o que faz do velho árcade um elo entre as primeiras aspirações *ilustradas* brasileiras e a sua consequência político-social.

Como poeta, entretanto, é sobretudo o autor de *Glaura* (1799), que contém uma série de rondós e outra de madrigais. Os primeiros são uma forma poética inventada por ele com base numa estrofe de Metastasio e constituindo, apesar da monotonia, melodioso encanto em que perpassam imagens admiravelmente escolhidas para denotar o velho tema da esperança e decepção amorosa. Os madri-

[pág. 109]

gais, mais austeros como forma, mostram a capacidade clássica de exprimir os sentimentos em breve suma equilibrada. Dentre os árcades, é o mais fácil e musical dos poetas, já que Domingos Caldas Barbosa (1740-1800) é antes um modinheiro cujas letras têm pouca força sem a partitura.

Para encerrar este grupo de homens superiormente dotados, falta mencionar frei José de Santa Rita Durão (1722-1784), que fica à parte pela decidida oposição à ideologia pombalina e fidelidade à tradição camoniana. A sua cultura escolástica e o afastamento dos meios literários, mais a influência de cronistas e poetas que se ocuparam do Brasil no modo barroco (Vasconcelos, Rocha Pita, Jaboatão, Itaparica), fazem dele, sob muitos aspectos, prolongamento da visão religiosa e transfiguradora atrás mencionada, levando-o a avaliar a colonização do ângulo estritamente catequético. Mas a época e o talento fizeram-no buscar, superando a falsa e afetada epopéia pós-camoniana, um veio quinhentista mais puro, para celebrar a história da sua pátria no *Caramuru* (1781). Resultou um poema passadista como ideologia e fatura, mas fluente e legível, com belos trechos descritivos e narrativos, devido à imaginação reprodutiva e à capacidade de metrificar as melhores sugestões das fontes que utilizou. Ele representa uma posição intermediária importante, por ter atualizado a linha nativista de celebração da terra, abrindo caminho para a sua florescência no século XIX.

Costumava-se abranger estes poetas sob o nome coletivo de Escola Mineira. Na verdade, formam, como vimos, três segmentos distintos no movimento arcádico, e a designação só se justificaria caso tomada como sinônimo do grupo brasileiro dentro do Arcadismo português, dada a circunstância de todos eles terem ou nascido em Minas, ou lá passado as partes decisivas da vida.

4

A geração que fez os estudos em Coimbra, depois da Reforma Pombalina de 1759, encontrou oportunidades novas de formação científica. Os brasileiros as agarraram com notável sofreguidão, sendo proporcionalmente grande o número dos que seguiram cursos de matemática, ciências naturais e medicina. Além disso, começam a ir segui-los em outras universidades européias, como Edimburgo e Montpellier, alargando os horizontes mentais. Não nos esqueçamos que eram médicos formados nesta Jacinto José da Silva, um dos principais acusados no processo da Sociedade Literária, e Manuel de Arruda Câmara, mentor dos liberais pernambucanos, enquanto um dos ideadores da Inconfidência Mineira, José Álvares Maciel, estudara ciências naturais e química, em Coimbra e na Inglaterra.

Ocorre então um fato ainda não bem estudado — o da quantidade de jovens bem dotados e de boa formação que, não obstante, se perdem para a vida científica, ou não tiram dela os frutos possíveis. É que a multiplicidade das tarefas que então se apresentam os solicita para outros rumos, enquanto a pobreza do meio condena a sua atividade ao empirismo, ou ao abafamento pela falta de repercussão. Isto, não só para os que trabalham na pátria, mas ainda para os que servem na metrópole. O motivo se prende em parte à própria estrutura social, pois a inexistência de estratos intermédios entre o homem culto e o homem comum, bem como a falta de preparação dos estratos superiores, os forçava às posições de liderança administrativa ou profissional. Eram por assim dizer aspirados pelos postos de responsabilidade, quaisquer que eles fossem — vendo-se o mesmo homem ser oficial, professor, escritor e político; ou desembargador, químico e administrador. Outros, que logravam ficar nos limites da sua especialidade, viam os seus trabalhos votados ao esquecimento, inéditos por desinteresse do meio ou dispersos pela desídia e desonestidade.

De qualquer modo, representam um triunfo relativo das Luzes, e muitos marcaram o seu tempo. Poucas vezes o Brasil terá produzido, no espaço dum quarto de século, numa população livre que talvez não atingisse dois milhões, na absoluta maioria analfabetos, homens da habilitação científica de Alexandre Rodrigues Ferreira, Francisco José de Lacerda e Almeida, José Bonifácio de Andrada e Silva, Francisco de Melo Franco, José Vieira Couto, Manuel Ferreira da Câmara de Bittencourt e Sá, seu irmão José de Sá Bittencourt Câ-

[pág. 111]

mara, José Mariano da Conceição Veloso, Leandro do Sacramento — para citar os de maior porte, deixando fora uma excelente segunda linha de estudiosos e divulgadores, que se contam por dezenas.

Todos, ou quase todos estes homens tinham, como era próprio às concepções do tempo, uma noção muito civil da atividade científica, desejando que ela revertesse imediatamente em benefício da sociedade, como proclamavam tanto um Rodrigues Ferreira no último quartel do século XVIII, quanto o matemático Manuel Ferreira de Araújo Guimarães em 1813, na apresentação da sua revista *O Patriota.* A eles devemos os primeiros reconhecimentos sistemáticos do território, em larga escala, seja do ponto de vista geodésico (Lacerda e Almeida), seja zoológico e etnográfico (Rodrigues Ferreira), seja botânico (Veloso, Leandro), bem como as primeiras tentativas de exploração e utilização científica das riquezas minerais (Vieira Couto, Câmara). Entre eles se recrutaram alguns dos líderes mais importantes da Independência e do Primeiro Reinado, como o naturalista José Bonifácio, os matemáticos Vilela Barbosa e Ribeiro de Resende, pois muitos deles passaram (consequência natural da filosofia das Luzes, e solicitação de um meio pobre em homens capazes) da ciência à política, da especulação à administração.

Ao seu lado avulta um segundo grupo (a que muitos deles pertencem igualmente), também formado sob o influxo das reformas do grande marquês: são os publicistas, estudiosos da realidade social, doutrinadores dos problemas por ela apresentados, como José da Silva Lisboa (1756-1835), divulgador da economia liberal entre nós, porta-voz dos interesses comerciais da burguesia litorânea; ou Hipólito José da Costa Pereira (1774-1823), o nosso primeiro jornalista, que a partir de 1808 empreendeu no *Correio Brasiliense,* publicado em Londres, uma esclarecida campanha a favor da modernização da vida brasileira, sugerindo uma série de medidas do maior alcance, como responsabilidade dos governadores, representação provincial, abolição do cativeiro, imigração de artífices e técnicos, fundação da Universidade, transferência da capital para o interior.

Figura de relevo foi a de D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho (1743-1821), que talvez encarne como ninguém as ten-

[pág. 112]

dências características da nossa Ilustração — ao mesmo tempo religiosa e racional, passadista e progressista, realista e utópica, misturando as influências dos filósofos ao policiamento clerical. A sua obra de educador no famoso Seminário de Olinda é considerada o marco do ensino moderno entre nós, enquanto *o Ensaio econômico* (1794) entra pelo devaneio e o plano salvador (que tanto nos caracteriza daí por diante), procurando associar o índio ao progresso graças ao aproveitamento das suas aptidões naturais, canalizando-as para a navegação, e esta para o comércio do sal, reputada fonte revolucionadora de riqueza.

Com este bispo ilustre, tocamos num terceiro grupo intelectual que desempenhou papel decisivo nas nossas Luzes e sua aplicação ao plano político: os sacerdotes liberais, diretamente ligados à preparação dos movimentos autonomistas. Núcleo fundamental foi, por exemplo, o que se reuniu em Pernambuco à volta do padre Manuel de Arruda Câmara (1752-1810), provavelmente de caráter maçônico — o chamado Areópago de Itambé — e se prolongou através do proselitismo do padre João Ribeiro Pessoa, seu discípulo, formando OS quadros das rebeliões de 1817 e 1824, a que se ligam outros tonsurados liberais: os padres Roma e Alencar; os frades Miguelinho e Joaquim do Amor Divino Caneca (1779-1825), este, panfletário e jornalista de extraordinário vigor, teórico do regionalismo pernambucano, fuzilado pelo seu papel na Confederação do Equador.

Os oradores sacros se desenvolveram então em grande relevo, graças à paixão de D. João VI pelos sermões; e muitos deles, além de contribuírem para formar o gosto literário, usaram o púlpito como tribuna de propaganda liberal, sobretudo na preparação final da Independência e no Primeiro Reinado, sendo muitos deles maçons praticantes, como Januário da Cunha Barbosa (1780-1846), companheiro de Gonçalves Ledo no jornal *Revérbero Constitucional.* Outros, como os frades Sampaio e Monte Alverne, chegaram a exercer acerbamente o direito de crítica em relação às tendências autoritárias do primeiro imperador. Assim, pela mistura de devoção e liberalismo, o clero brasileiro do primeiro quartel do século XIX — classe culta por excelência — encarnou construtivamente al-

[pág. 113]

guns aspectos peculiares da nossa Época das Luzes, ardente e contraditória.

O quarto grupo nos traz de volta aos escritores propriamente ditos, os literatos, que então eram quase exclusivamente poetas. Entre 1750 e 1800 nascem umas duas gerações, unificadas em grande parte por caracteres comuns e, no conjunto, nitidamente inferiores às precedentes. Árcades, eles ainda o são; mas empedernidos, usando fórmulas que muitos deles começam a pôr em dúvida. Como recebem algumas influências diversas, ampliam, por outro lado, as preocupações, ou modificam o rumo com que elas antes se manifestavam. É o caso de certo naturismo didático ou meditativo, que aprendem no inglês Thomson, nos franceses Saint-Lambert e Delille, e ocorre nalguns versos de José Bonifácio (1765-1837) e Francisco Vilela Barbosa (1769-1846). E se este não sai, poeticamente falando, do âmbito setecentista, o primeira chega a interessar-se por Walter Scott e Byron, enquanto sua boa formação de helenista o conduz a traduções e imitações, reveladoras de um Neoclassicismo diferente do que, entre os árcades anteriores, decorria da leitura assídua de autores em língua latina.

Se um Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha (1769-1811) é continuador puro e simples dos aspectos neoquinhentistas da Arcádia, José Elói Ottoni (1764-1851) opta decididamente pelas cadências melodiosas da poética bocagiana, usando o decassílabo sáfico (acentuado na 4ª, 8ª e 10ª sílabas) de um modo bastante próximo ao dos futuros românticos.

Estes costumavam dizer de dois outros poetas — padre Antônio Pereira de Sousa Caldas (1762-1814) e frei Francisco de São Carlos (1763-1829) — que haviam sido seus precursores, por se terem aplicado à poesia religiosa em detrimento das sugestões mitológicas. A opinião é superficial, ao menos quanto ao segundo, e se explica pelo desejo de criar uma genealogia literária, pois não apenas os temas religiosos foram largamente versados na tradição portuguesa, como, estética e ideologicamente, o poema *Assunção,* de São Carlos, é prolongamento do nativismo ornamental de outros poetas nossos (Itaparica, Durão). É aliás uma obra frouxa, sem inspiração, preju-

[pág. 114]

dicada pela monotonia fácil dos decassílabos rimados em parelhas. Mas como foi composta no tempo da vinda de D. João VI, manteve muito mais que os anteriores, o senso de integração nacional, abrangendo todo o país na sua louvação ingênua e descosida.

A maior destas figuras literárias é Sousa Caldas, inspirado na intimidade pelas idéias de Rousseau, que o levaram à humilhação dum auto-de-fé penitenciário e à reclusão em convento. Mas o seu liberalismo era acompanhado de fé igualmente viva, que o fez tomar ordens sacras aos trinta anos e destruir quase todas as poesias profanas que compusera. Daí por diante escreveu poemas sagrados, duros, corretos, fastidiosos — e traduziu com mão bem mais inspirada a primeira parte dos *Salmos* de Davi. Mas permaneceu fiel as idéias, sempre suspeito às autoridades. Por altura de 1812-1813 redigiu uma série de ensaios político-morais sob a forma de cartas, de que infelizmente restam apenas cinco, para amostra do quanto perdemos. Elas manifestam ousadia e penetração, versando a liberdade de pensamento e as relações da Igreja com o Estado, num molde de avançado radicalismo. Já em 1791 escrevera uma admirável carta burlesca, em prosa e verso, alternadamente, sugerindo atitude mais adequada ao homem moderno, inclusive repúdio à imitação servil da antiguidade e à tirania dos clássicos no ensino.

Provavelmente por influência de Sousa Caldas — que admirava e cujo epitáfio redigiu — Elói Ottoni se dedicou a traduzir textos sagrados, publicando *os Provérbios* (1815) e deixando inédito *o Livro de Jó.* Note-se a preocupação destes poetas com o Velho Testamento — que seria largamente utilizado no Romantismo — definindo um universo religioso diverso da piedade rotineira que São Carlos representa.

Em 1813, o matemático Araújo Guimarães (1777-1838) fundou no Rio *O Patriota,* que durou até o ano seguinte e foi a primeira revista de cultura a funcionar regularmente entre nós, estabelecendo inclusive o padrão que regeria as outras pelo século afora: trabalhos de ciência pura e aplicada ao lado de memórias literárias e históricas, traduções, poemas, notícias. Como diretriz, o empenho em difundir a cultura a bem do progresso nacional.

[pág. 115]

O Patriota publicou versos de Tomás Antônio Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa, Silva Alvarenga. Dentre os colaboradores contemporâneos, sobressaiu, com a inicial B. em oito artigos de ciência aplicada, Domingos Borges de Barros (1779-1855), árcade influenciado pelos franceses, sobretudo Parny e Delille, que encontrou a certa altura uma tonalidade pré-romântica de melancolia e meditação, redimindo a banalidade de uma obra medíocre tanto na parte frívola quanto na patética, esta representada por um poema fúnebre sobre a morte do filho, *Os túmulos* (1825). Com José da Natividade Saldanha (1795-1830) — tipo curioso de agitador liberal, exilado a partir de 1824, — chegamos ao fim da poesia brasileira anterior ao Romantismo, no que ela tem de aproveitável. É um árcade meticuloso, nas obras líricas e nas patrióticas, mostrando que o civismo incrementava e consolidava a diretriz neoclássica, em virtude do apelo constante aos modelos romanos. Maior agitação interior e claras premonições de Romantismo encontramos nos sermões do referido frei Francisco de Monte Alverne (1784-1857), que sofreu a influência de Chateaubriand e manifestou pela primeira vez, entre nós, aquele sentimento religioso simultaneamente espetacular e langue, típico dos românticos, parecendo menos devoção que ensejo de emoção pessoal. Apesar da pompa convencional e da monotonia nas idéias, muitos dos seus discursos ainda resistem hoje à leitura, permitindo avaliar o fascínio que exerceu sobre os contemporâneos.

* * *

As letras e idéias no Brasil colonial se ordenam, pois, com certa coerência, quando encaradas segundo as grandes diretrizes que as regeram. Em ambas coexistiram a pura pesquisa intelectual e artística, e uma preocupação crescente pela superação do estatuto colonial. Esse pendor, favorecido pela concepção ilustrada da inteligência a partir da segunda metade do século XVIII, permitiu a precipitação rápida da consciência nacional durante a fase joanina, fornecendo bases para o desenvolvimento mental da nação independente.

[pág. 116]

LITERATURA E CULTURA DE 1900 A 1945*

(panorama para estrangeiro)

1

Se fosse possível estabelecer uma lei de evolução da nossa vida espiritual, poderíamos talvez dizer que toda ela se rege pela dialética do localismo e do cosmopolitismo, manifestada pelos modos mais diversos. Ora a afirmação premeditada e por vezes violenta do nacionalismo literário, com veleidades de criar Até uma língua diversa; ora o declarado conformismo, a imitação consciente dos padrões europeus. Isto se dá no plano dos programas, porque no plano psicológico profundo, que rege com maior eficácia a produção das obras, vemos quase sempre um âmbito menor de oscilação, definindo afastamento mais reduzido entre os dois extremos. E para além da intenção ostensiva, a obra resulta num compromisso mais ou menos feliz da expressão com o padrão universal. O que temos realizado de mais perfeito como obra e como personalidade literária (um Gonçalves Dias, um Machado de Assis, um Joaquim Nabuco, um Mário de Andrade) representa os momentos de equilíbrio ideal entre as duas tendências.

Pode-se chamar dialético a este processo porque ele tem realmente consistido numa integração progressiva de experiência literária e espiritual, por meio da tensão entre o dado local (que se apresenta como substância da expressão) e os moldes herdados da tradição européia (que se apresentam como forma da expressão). A nossa literatura, tomado o termo tanto no sentido restrito quanto amplo, tem, sob este aspecto, consistido numa superação constante de obstáculos, entre os quais o sentimento de inferioridade que um país novo, tropical e largamente mestiçado, desenvolve em face de

---

* Nota | É preciso ter em mente que o "atual" deste estudo é o ano de 1950, quando foi redigido. Isso explica certos erros de avaliação e de perspectiva, bem como o sentido então diferente de algumas palavras, como é o caso de "nacionalismo".

[pág. 117]

velhos países de composição étnica estabilizada, com uma civilização elaborada em condições geográficas bastante diferentes. O intelectual brasileiro, procurando identificar-se a esta civilização, se encontra todavia ante particularidades de meio, raça e história nem sempre correspondentes aos padrões europeus que a educação lhe propõe, e que por vezes se elevam em face deles como elementos divergentes, aberrantes. A referida dialética e, portanto, grande parte da nossa dinâmica espiritual, se nutrem deste dilaceramento, que observamos desde Gregório de Matos no século XVII, ou Cláudio Manuel da Costa no século XVIII, até o sociologicamente expressivo

Grito imperioso de brancura em mim de Mário de Andrade, — que exprime, sob a forma de um desabafo individual, uma ânsia coletiva de afirmar componentes europeus da nossa formação.

Dentre as manifestações particulares daquela dialética, ressalta o que se poderia chamar "diálogo com Portugal", que é uma das vias pelas quais tomamos consciência de nós mesmos. Na lenta maturação da nossa personalidade nacional, a princípio não nos destacávamos espiritualmente dos nossos pais portugueses. Mas, à medida que fomos tomando consciência da nossa diversidade, a eles nos opusemos, num esforço de auto-afirmação, enquanto, do seu lado, eles nos opunham certos excessos de autoridade ou desprezo, como quem sofre ressentimento ao ver afirmar-se com autonomia um fruto seu. A fase culminante da nossa afirmação — a Independência política e o nacionalismo literário do Romantismo — se processou por meio de verdadeira negação dos valores portugueses, até que a autoconfiança do amadurecimento nos levasse a superar, no velho diálogo, esta fase de rebeldia. Tomada de consciência, portanto, como rebeldia de um lado e despeitado menosprezo de outro. Os respectivos estereótipos se formaram lentamente. Do lado brasileiro, o "magano de Portugal" prenuncia, desde Gregório de Matos, o "marinheiro" dos dias da

Independência e da Regência, o "galego"

[pág. 118]

do Naturalismo e de todo o anedotário desenvolvido até os nossos dias, culminando, como última manifestação, na diatribe grosseira e ingênua de Antônio Torres, *em As razões da Inconfidência* (1925). Do lado português, veio desde o crudelíssimo "*neto da rainha Gin*ga" de Bocage, contra o nosso pobre Caldas Barbosa, até o: "Entenderam? É claro como o mulato" — de Camilo Castelo Branco, divertido e agressivo desprezador de brasileiros.

Na verdade, esse longo e por vezes áspero diálogo de família apresenta outros aspectos, se, ainda aqui, passarmos da atitude literária para o mecanismo profundo das influências e das trocas culturais. Pode-se mesmo dizer que a nossa rebeldia estereotipada contra o Português, representando um recurso de autodefinição, recobria no fundo um fascínio e uma dependência. Todo o nosso século XIX, apesar da imitação francesa e inglesa, depende literariamente de Portugal, através de onde recebíamos não raro o exemplo e o tom da referida imitação. Quando o diálogo se despoja da sua aspereza, amainando-se em mesuras acadêmicas, convênios ortográficos, exaltações e louvores recíprocos, na retórica sentimental e vazia das missões culturais (estamos descrevendo o que se passa no século XX), podemos ver que a influência morreu, praticamente, tanto é verdade que a vida se nutre das tensões e dos conflitos.

2

Na literatura brasileira há dois momentos decisivos que mudam os rumos e vitalizam toda a inteligência: o Romantismo, no século XIX (1836-1870), e o ainda chamado Modernismo, no presente século (1922-1945). Ambos representam fases culminantes de particularismo literário na dialética do local e do cosmopolita; ambos se inspiram, não obstante, no exemplo europeu. Mas, enquanto o primeiro procura superar a influência portuguesa e afirmar contra ela a peculiaridade literária do Brasil, o segundo já desconhece Portugal, pura e simplesmente: o diálogo perdera o mordente e não ia além da conversa de salão. Um fato capital se torna deste modo claro na história da nossa cultura; a velha mãe pátria deixara de

[pág. 119]

existir para nós como termo a ser enfrentado e superado. O particularismo se afirma agora contra todo academismo, inclusive o de casa, que se consolidara no primeiro quartel do século XX, quando chegaram ao máximo o amaciamento do diálogo e a consequente atenuação da rebeldia.

Convém assinalar que a literatura brasileira no século XX se divide quase naturalmente em três etapas: a primeira vai de 1900 a 1922, a segunda de 1922 a 1945 e a terceira começa em 1945. A primeira etapa pertence organicamente ao período que se poderia chamar pós-romântico e vai, grosso modo, de 1880 a 1922, enquanto as duas outras integram um período novo, em que ainda vivemos: sob este ponto de vista, o século literário começa para nós com o Modernismo. Para compreendê-lo, é necessário partir de antes, isto é, da fase 1900-1922.

Comparada com a da fase seguinte (1922-1945), a literatura aparece aí essencialmente como literatura de *permanência.* Conserva e elabora os traços desenvolvidos depois do Romantismo, sem dar origem a desenvolvimentos novos; e, o que é mais interessante, parece acomodar-se com prazer nesta conservação. Como a fase 1880-1900 tinha sido, em contraposição ao Romantismo, antes de busca de equilíbrio que de ruptura, esta, que a acompanha sem ter o seu vigor, dá quase impressão de estagnar-se. Uma literatura satisfeita, sem angústia formal, sem rebelião nem abismos. Sua única mágoa é não parecer de todo européia; seu esforço mais tenaz é conseguir pela cópia o equilíbrio e a harmonia, ou seja, o academismo.

No romance, o Naturalismo, desprovido da forte convicção determinista que animou um Aluísio Azevedo e um Adolfo Caminha, enlanguesce nas mãos de

Emanuel Guimarães, Xavier Marques, Canto e Mello. A *écriture artiste* e o relevo psicológico de Raul Pompéia são agora a retórica e o amaneiramento de Coelho Neto, que domina esta fase com foros de gênio. Mas o produto típico do momento é o romance ameno, picante, feito com alma de cronista social para distrair e embalar o leitor. Forma-se pela confluência do que há de mais superficial em Machado de Assis, da ironia amena de Anatole France e dos romances franceses do Pós-naturalismo,

[pág. 120]

sentenciosos, repassados de sexualismo frívolo: Paul Bourget, Abel Hermant. Afrânio Peixoto é o representante-padrão desta tríplice tendência, enquanto Léo Vaz se atem aos aspectos mais puramente iruchadianos. Veiga Miranda, Hilário Tácito, Théo Filho, Benjamin Costallat são exemplos, em escala decrescente, do pendor cada vez mais acentuado para a leviandade do tema sexual-humorístico.

O regionalismo, que desde o início do nosso romance constitui uma das principais vias de autodefinição da consciência local, com José de Alencar, Bernardo Guimarães, Franklin Távora, Taunay, transforma-se agora no "conto sertanejo", que alcança voga surpreendente. Gênero artificial e pretensioso, criando um sentimento subalterno e fácil de condescendência em relação ao próprio país, a pretexto de amor da terra, ilustra bem a posição dessa fase que procurava, na sua vocação cosmopolita, um meio de encarar com olhos europeus as nossas realidades mais típicas. Esse meio foi o "tonto sertanejo", que tratou o homem rural do ângulo pitoresco, sentimental e jocoso, favorecendo a seu respeito idéias-feitas perigosas tanto do ponto de vista social quanto, sobretudo, estético. É a banalidade dessorada de Catulo da Paixão Cearense, a ingenuidade de Gornélio Pires, o pretensioso exotismo de Valdomiro Silveira ou do Coelho Neto de *Sertão;* é toda a aluvião *sertaneja* que desabou sobre o país entre 1900 e 1930 e ainda perdura na subliteratura e no rádio.

A publicação de *Os sertões,* de Euclides da Cunha, em 1902, assim como a divulgação dos estudos de etnografia e folclore, contribuiu certamente para esse movimento. Ele falhou na medida em que não soube corresponder ao interesse então multiplicado pelas coisas e os homens do interior do Brasil, que se isolavam no retardamento das culturas rústicas. Caberia ao Modernismo orientá-lo no rumo certo, ao redescobrir a visão de Euclides, que não comporta o pitoresco exótico da literatura sertaneja.

A poesia se apresenta, nessa fase, bastante solidária em espírito ao romance. Ao contrário do Naturalismo, que trouxe a este um vigoroso impulso de análise social, o Parnasianismo pouco trouxera de essencial à nossa poesia, apesar do grande talento de Olavo

[pág. 121]

Bilac, Alberto de Oliveira, Raimundo Corrêa ou Vicente de Carvalho. Dera-lhe uma regularidade plástica maior, mas agravara a sua tendência para a retórica, aproximando-a do tipo de expressão prosaica e ornamental. Talvez o que haja de melhor nos parnasianos seja o seu romantismo — e foi justamente o que desapareceu nos epígonos deste século, para deixar em campo as fórmulas e a logomaquia, num academismo rotundo que lembra os neoclássicos da última geração (primeiro quartel do século XIX).

O Simbolismo, projeção final do espírito romântico, constitui desenvolvimento mais original, limitando-se, porém, à obra de Cruz e Sousa (ainda próxima dos parnasianos a despeito de tudo), e à de Alphonsus de Guimaraens, pouco conhecida antes dos nossos dias. Como movimento estético e ideológico, o Simbolismo serviu de núcleo a manifestações espiritualistas, contrapostas ao Naturalismo plástico dos parnasianos. As tendências oriundas do Naturalismo de 1880-1900, tanto na poesia quanto no romance e na crítica, propiciaram na fase 1900-1922 um compromisso da literatura com as formas visíveis, concebidas pelo espírito principalmente como encantamento plástico, euforia verbal, regularidade. É o que se poderia chamar Naturalismo acadêmico, fascinado pelo Classicismo greco-latino já diluído na convenção acadêmica européia, que os escritores procuravam sobrepor às formas rebeldes da vida natural e social do Novo Mundo.

> Alma de origem ática e paga
> Nascida sob aquele Armamento
> Que azulou as divinas epopéias,
> Sou irmão de Epicuro e de Renan,
> Tenho o prazer sutil do pensamento
>
> E a serena elegância das idéias — diz no fim dessa fase Raul de Leoni, resumindo toda a ideologia de que se nutriram os seus contemporâneos mais característicos.

Esta busca de elegância mediterrânea — em que se adelgaçou até esgarçar o Naturalismo vigoroso do século anterior, de intenção

[pág. 122]

mais científica do que estética, — contamina a própria exploração dos temas regionais, pelo gênero ambíguo do conto *sertanejo.*

Em Alphonsus de Guimaraens e Augusto dos Anjos, em Euclides da Cunha e Lima Barreto, poderiam os escritores dessa fase encontrar discordâncias estimulantes para a sua atividade literária. No entanto, ou os deixaram de lado, ou foram buscar neles o que tinham de comum com as limitações de que padeciam: a tenuidade afetiva do primeiro, o desequilíbrio verbal dos outros dois, a ironia superficial do último.

Em crítica literária, a fase 1880-1900, por suas três principais figuras — Sílvio Romero, Araripe Júnior e José Veríssimo, — havia desenvolvido e apurado a tendência principal do nosso pensamento crítico, isto é, o que se poderia chamar a *crítica nacionalista,* de origem romântica. Como em todos os países empenhados então na independência política, o Romantismo foi no Brasil um vigoroso esforço de afirmação nacional; tanto mais quanto se tratava aqui, também, da construção de uma consciência literária. A nossa crítica, rudimentar antes de Sílvio Romero e do Naturalismo, participou do movimento por meio do "critério de nacionalidade", tomado como elemento fundamental de interpretação e consistindo em definir e avaliar um escritor ou obra por meio do grau maior ou menor com que exprimia a terra e a sociedade brasileira.

Fruto direto da estética romântica, — relativista, ciosa dos fatores históricos, inspirada sobretudo em Madame de Staél e Schlegel, através de Garrett e Ferdinand Denis — ela foi no Brasil um elemento importante de autodefinição e diferenciação, principalmente quando se associou às filosofias naturalistas da segunda metade do século.

Na fase que nos ocupa, esta linha se prolonga sem a coerência e sem a necessidade do século anterior. Não é injusto dizer que, amparando-se nos três mestres e modelos já citados, os críticos se eximiram de aprofundar e renovar pontos de vista. Denotam conformismo e superficialidade, indicando não apenas o esgotamento da *crítica nacionalista,* mas a incapacidade de orientar-se para rumos mais estéticos e menos *científicos,* como se esperaria de uma geração inclinada ao diletantismo, o purismo gramatical, o culto

[pág. 123]

da forma. A passagem do historicismo à estética se esboçava na obra de José Veríssimo, o mais literário dos nossos velhos críticos, e nessa fase é tentada pela crítica de inspiração simbolista e idealista, representada sobretudo por Nestor Victor, mas que não chegou a amadurecer e realizar-se. A crítica se acomodara em fórmulas estabelecidas pelos predecessores.

A *Pequena história da literatura brasileira,* de Ronald de Carvalho (1919), resume toda a evolução crítica anterior, combinando o arcabouço interpretativo do *nacionalismo* com um sentimento mais vivo da beleza, devido, porém, menos a um critério estético definido do que à euforia verbal própria do autor. Neste livro e nos ensaios posteriores de Ronald, se encontra a fusão superficial e elegante da crítica brasileira do século anterior, menos a ideologia naturalista, com a inclinação estética dos simbolistas, menos o fervor espiritualista.

3

Desde o tempo da Primeira Guerra Mundial vinha-se esboçando aqui um fermento de renovação literária, ligado ao Espiritualismo e ao Simbolismo. As suas manifestações mais interessantes são a difusão da filosofia de Farias Brito, a crítica já mencionada de Nestor Victor e, mais tarde, o apostolado intelectual do católico Jackson de Figueiredo; coincidindo com isso, a poesia penumbrista e intimista, o verso livre, ligados à influência dos belgas (Maeterlinck, Rodenbach, Verhaeren) e de Antônio Nobre, que vem a ser o último português de acentuada influência em nossa literatura, antes da voga atual de Fernando Pessoa entre os jovens. Esta tendência costeou por assim dizer o Modernismo, conservando uma atmosfera algo bolorenta de Espiritualismo lírico, que se manifestará no grupo das revistas *Terra de Sol* e *Festa* e, depois, sobretudo a partir de 1930, constituirá até os nossos dias o contrapeso do localismo, da libertinagem intelectual, do Neonaturalismo implícito no movimento modernista. Convém notar que desta tendência brotaram sugestões decisivas para a criação das modernas ideologias de direita, como o integralismo e certas orientações do pensamento católico.

[pág. 124]

todavia, a renovação que propunha, na sua fase inicial, não teve lugar, porque ela não se separava marcadamente da tradição, constituindo de certo modo outro aspecto da *literatura de permanência, já referida*; e sobretudo porque irrompeu noutro plano, e com espírito diverso, o movimento muito mais forte e radical do Modernismo.

A Semana da Arte Moderna (São Paulo, 1922) foi realmente o catalisador da nova literatura, coordenando, graças ao seu dinamismo e à ousadia de alguns protagonistas, as tendências mais vivas I capazes de renovação, na poesia, no ensaio, na música, nas artes plásticas. Integram o movimento alguns escritores intimistas como Manuel Bandeira, Guilherme de Almeida; outros, mais conservadores, como

Ronald de Carvalho, Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo; e alguns novos que estrearam com livre e por vezes desbragada fantasia: Mário de Andrade, Oswald de Andrade, na poesia e na ficção; Sérgio Milliet, Sérgio Buarque de Holanda, Prudente de Moraes, neto, no ensaio. Dirigindo aparentemente por um momento, e por muito tempo proclamando e divulgando, um escritor famoso da geração passada: Graça Aranha.

No terreno literário, os novos encontraram as duas referidas tendências estéticas, em grande parte combinadas entre si de vária forma, e como se disse, praticamente esgotadas pela ausência de agitação intelectual: o idealismo simbolista e o Naturalismo convencional. Aquele dissolvendo-se no penumbrismo *vers-libriste;* este no diletantismo acadêmico.

A primeira corrente se amparava sobretudo na pesquisa lírica de intenção psicológica; procurava a beleza na expressão de estados inefáveis, por meio de tonalidades raras ou delicadas. Quando erótica, preferiu certa anemia afetiva nem sempre desprovida de perversidade, como se pode ver em Ribeiro Couto *(O jardim das confidencias)* e Manuel Bandeira *(Cinza das horas, Carnaval).* No ensaio, visava ao debate metafísico (Renato Almeida: *Fausto — Ensaio sobre o problema do ser)* ou o idealismo estético (Andrade Muricy: *O suave convívio),* não raro resvalando para o ético e religioso (Tasso da Silveira: *A igreja silenciosa*). Vista de conjunto, parece-nos hoje uma solução literária e ideológica frágil e pouco construtiva. Uma espécie de gorjeio esmaecido, em que se refletia aqui o idealismo literário da burguesia européia; e, por isso mesmo, pouco apto a intervir na nova fase que se impunha, ante o esgotamento do academismo cosmopolita, diletante e pós-naturalista.

Como vimos, este era sobretudo uma conservação de formas cada vez mais vazias de conteúdo; uma tendência a repisar soluções plásticas que, na sua superficialidade, conquistaram por tal forma o gosto médio, que até hoje representam para ele a boa norma literária. Uma literatura para a qual o mundo exterior existia no sentido mais banal da palavra, e que por isso mesmo se instalou num certo oficialismo graças, em parte, à ação estabilizadora da Academia Brasileira, que de 1900 a 1925 teve o seu grande, de certo modo único, período de funcionamento bem ajustado. As letras, o público burguês e o mundo oficial se entrosavam numa harmoniosa mediania.

O Modernismo rompe com as duas tendências, mas sobretudo esta, que ataca com a cooperação assustada dos espiritualistas. Na verdade, ele inaugura um novo momento na dialética do universal e do particular, inscrevendo-se neste com força e até arrogância, por meio de armas tomadas a princípio ao arsenal daquele. Deixa de lado a corrente literária estabelecida, que continua a fluir; mas retoma certos temas que ela e o Espiritualismo simbolista haviam deixado no ar. Dentre estes, a pesquisa lírica tanto no plano dos temas quanto dos meios formais; a indagação sobre o destino do homem e, sobretudo, do homem brasileiro; a busca de uma forte convicção. Dentre os primeiros, o culto do pitoresco nacional, o estabelecimento de uma expressão inserida na herança européia e de uma literatura que exprimisse a sociedade.

É uma retomada, porém, que aparece sobretudo como ruptura, e realmente o é se atentarmos para o fato de que o plano em que se dá é bem diverso.

Na pesquisa lírica, por exemplo, em lugar do idealismo vagamente esotérico e decadente veremos um apelo às camadas profundas do inconsciente coletivo e pessoal. O nosso Modernismo importa essencialmente, em sua fase heróica, na libertação de uma série de

[pág. 126]

recalques históricos, sociais, étnicos, que são trazidos triunfalmente a tona da consciência literária. Este sentimento de triunfo, que assinala o fim da posição de inferioridade no diálogo secular com Portugal e já nem o leva mais em conta, define a originalidade própria do Modernismo na dialética do geral e do particular.

Na nossa cultura há uma ambiguidade fundamental: a de sermos um povo *latino,* de herança cultural européia, mas etnicamente mestiço, situado no trópico, influenciado por culturas primitivas, ameríndias e africanas. Esta ambiguidade deu sempre às afirmações particularistas um tom de constrangimento, que geralmente se resolvia pela idealização. Assim, o índio era europeizado nas virtudes e costumes (processo tanto mais fácil quanto desde o século XVIII os nossos centros intelectuais não o conheciam mais diretamente); a mestiçagem era ignorada; a paisagem, amaneirada. No período 1900-1920, vimos que o caboclo passou por um processo de idealização; no plano sociológico, Oliveira Viana elabora a partir de 1917 a sua ridícula teoria das *elites* rurais, arianas e fidalgas, como foco de energia nacional.

O Modernismo rompe com este estado de coisas. As nossas *deficiências,* supostas ou reais, são reinterpretadas como *superioridades.* A filosofia cósmica e superficial, que alguns adotaram certo momento nas pegadas de Graça Aranha, atribui um significado construtivo, heróico, ao cadinho de raças e culturas localizado numa natureza áspera. Não se precisaria mais dizer e escrever, como no tempo de Bilac ou do conde Afonso Celso, que tudo é aqui belo e risonho: acentuam-se a rudeza, os perigos, os obstáculos da natureza tropical. O mulato e o negro são definitivamente incorporados como temas de estudo, inspiração, exemplo. O primitivismo é agora fonte de beleza e não mais empecilho à elaboração da cultura. Isso, na literatura, na pintura, na música, nas ciências do homem.

Mário de Andrade, em *Macunaíma* (a obra central e mais característica do movimento), compendiou alegremente lendas de índios, ditados populares, obscenidades, estereótipos desenvolvidos na sátira popular, atitudes em face do europeu, mostrando como a cada valor aceito na tradição acadêmica e oficial correspondia, na

[pág. 127]

tradição popular, um valor recalcado que precisava adquirir estado de literatura.

Ao lado do problema de aceitação (poder-se-ia até dizer redenção) destas componentes recalcadas da nacionalidade, colocava-se de modo indissolúvel o problema da sua expressão literária. No campo da pesquisa formal os modernistas vão inspirar-se em parte, de maneira algo desordenada, nas correntes literárias de vanguarda na França e na Itália. Assinalemos, porém, que esse empréstimo se reveste de caráter bastante diverso dos anteriores. Com efeito, o Brasil se encontrava, depois da Primeira Guerra Mundial, muito mais ligado ao Ocidente europeu do que antes; não apenas pela participação mais intensa nos problemas sociais e econômicos da hora, como pelo desnível cultural menos acentuado. Além disso, alguns estímulos da vanguarda artística européia agiam também sobre nós: a velocidade, a mecanização crescente da vida nos impressionavam em virtude do brusco surto industrial de 1914-1918, que rompeu nos maiores centros o ritmo tradicional. As agitações sociais, trazendo ao nível da consciência literária inspirações populares comprimidas, esboçavam-se também aqui, embora em miniatura. No campo operário, com as grande greves de 1917, 1918, 1919 e 1920, em São Paulo e no Rio, a fundação do Partido Comunista em 1922. No setor burguês, com a fermentação política desfechada no levante de 1922, mais tarde na revolução de 1924. Finalmente, não se ignora o papel que a arte primitiva, o folclore, a etnografia tiveram na definição das estéticas modernas, muito atentas aos elementos arcaicos e populares comprimidos pelo academismo. Ora, no Brasil as culturas primitivas se misturam à vida quotidiana ou são reminiscências ainda vivas de um passado recente. As terríveis ousadias de um Picasso, um Brancusi, um Max Jacob, um Tristan Tzara eram, no fundo, mais coerentes com a nossa herança cultural do que com a deles. O hábito em que estávamos do fetichismo negro, dos calungas, dos ex-votos, da poesia folclórica nos predispunha a aceitar e assimilar processos artísticos que na Europa representavam ruptura profunda com o meio social e as tradições espirituais. Os nossos modernistas se informaram pois rapidamente da arte

[pág. 128]

Européia de vanguarda, aprenderam a psicanálise e plasmaram um tipo ao mesmo tempo local e universal de expressão, reencontrando a influência européia por um mergulho no detalhe brasileiro. É Impressionante a concordância com que um

Apollinaire e um Cendrars ressurgem, por exemplo, em Oswald de Andrade.

Desrecalque localista; assimilação da vanguarda européia. Sublinhemos também o nacionalismo acentuado desta geração renovadora, que deixa de lado o patriotismo ornamental de Bilac, Coelho Neto ou Rui Barbosa, para amar com veemência o exótico descoberto no próprio país pela sua curiosidade liberta das injunções acadêmicas. Um certo número de escritores se aplica a mostrar como somos diferentes da Europa e como, por isso, devemos ver e exprimir diversamente as coisas. Em todos eles encontramos latente o sentimento de que a expressão livre, principalmente na poesia, é a grande possibilidade que tem para manifestar-se com autenticidade um país de contrastes, onde tudo se mistura e as formas regulares não correspondem à realidade. Cria o teu ritmo livremente.

Este verso de Ronald de Carvalho assinala o novo estado de espírito.

> Enquanto certos escritores procuravam *exprimir* a forma e a essência do seu país, outros mais arrojados porfiavam em *pesquisar,* em experimentar formas novas e descobrir sentimentos ocultos. Dentre os primeiros, Guilherme de Almeida (*Raça, Meu*) e Ronald de Carvalho (*Toda a América*), atraídos pela clareza, a harmonia que se poderia captar na terra virgem, no povo moço. É uma derivação da linha cósmica de Graça Aranha, muito afeita aos ritmos dinâmicos, à exaltação da paisagem, e procurando embriagar-se pela ação e o nativismo. Na sequência, ou num desvio desta linha, situam-se porventura as correntes que, no Modernismo, passaram do nacionalismo estético ao político, e até ao fascismo: o *Verde-amarelismo,* o movimento da *Anta*
>
> (Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo, Plínio Salgado)

[pág. 129]

A segunda linha, quiçá mais típica, aborda temas análogos com espírito diferente. Mais *humour,* maior ousadia formal, elaboração mais autêntica do folclore e dos dados etnográficos, irreverência mais consequente, produzindo uma crítica bem mais profunda. Sobretudo a descoberta de símbolos e alegorias densamente sugestivos, carregados de obscura irregularidade; a adesão franca aos elementos recalcados da nossa civilização, como o negro, o mestiço, o filho de imigrantes, o gosto vistoso do povo, a ingenuidade, a malandrice. E toda a vocação dionisíaca de Oswald de Andrade, Raul Bopp, Mário de Andrade; este haveria, aliás, de elaborar as diversas tendências do movimento numa síntese superior. A poesia *Pau Brasil* e a *Antropofagia,* animadas pelo primeiro, exprimem a atitude de *devoração* em face dos valores europeus, e a manifestação de um lirismo telúrico, ao mesmo tempo crítico, mergulhado no inconsciente individual e coletivo, de que *Macunaima* seria a mais alta expressão.

Esta corrente é a que assimila melhor as influências das vanguardas francesas e do Futurismo italiano, no que respeita às técnicas de pesquisa e expressão artística. Da sua atividade, combinada com a influência de Manuel Bandeira, reponta propriamente o estilo moderno na literatura, que encontra as suas mais típicas expressões nas lindes da poesia e da prosa. Prosa telegráfica e sintética de Oswald de Andrade, nas *Memórias sentimentais de João Miramar,* que avança a cada instante rumo à poesia; poesia vibrante e seca de Manuel Bandeira em *Libertinagem,* anexando virtudes da prosa.

É característico dessa geração o fato de toda ela tender para o ensaio. Desde a crônica polêmica (arma tática por excelência, nas mãos de Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Ronald de Carvalho, Sérgio Buarque de Holanda), até o longo ensaio histórico e sociológico, que incorporou o movimento ao pensamento nacional, — é grande a tendência para a análise. Todos esquadrinham, tentam sínteses, procuram explicações. Com o recuo do tempo, vemos agora que se tratava de redefinir a nossa cultura à luz de uma avaliação nova dos seus fatores. Pode-se dizer que o Modernismo veio criar condições para aproveitar e desenvolver as intuições de um Sílvio

[pág. 130]

Romero, ou um Euclides da Cunha, bem como as pesquisas de um Mina Rodrigues.

Sob este ponto de vista, o decênio mais importante é o seguinte, de 1930. Na maré montante da Revolução de Outubro, que encerra fermentação antioligárquica já referida, a literatura e o pensa mento se aparelham numa grande arrancada. A prosa, liberta e amadurecida, se desenvolve no romance e no conto, que vivem uma de suas quadras mais ricas. Romance fortemente marcado de Neo-naturalismo e de inspiração popular, visando aos dramas contidos em aspectos característicos do país: decadência da aristocracia rural e formação do proletariado (José Lins do Rego); poesia e luta do trabalhador (Jorge Amado, Amando Fontes); êxodo rural, cangaço (José Américo de Almeida, Raquel de Queirós, Graciliano Ramos); vida difícil das cidades em rápida transformação (Érico Veríssimo). Nesse tipo de romance, o mais característico do período e frequentemente de tendência radical, é marcante a preponderância do problema sobre o personagem. É a sua força e a sua fraqueza. Raramente, como em um ou outro livro de José Lins do Rego (*Banguê*) e sobretudo Graciliano Ramos (*S. Bernardo*), a humanidade singular dos protagonistas domina os fatores do enredo: meio social, paisagem, problema político. Mas, ao mesmo tempo, tal limitação determina o importantíssimo caráter de *movimento* dessa fase do romance, que aparece como instrumento de pesquisa humana e social, no centro de um dos maiores sopros de radicalismo da nossa história.

Ao lado da ficção, o ensaio histórico-sociológico é o desenvolvimento mais interessante do período. A obra de Gilberto Freyre assinala a expressão, neste terreno, das mesmas tendências do Modernismo, a que deu por assim dizer coroamento sistemático, ao estudar com livre fantasia o papel do negro, do índio e do colonizador na formação de uma sociedade ajustada às condições do meio tropical e da economia latifundiária (*Casa-grande & senzala, Sobrados e mucambos, Nordeste*). Outras obras completam a sua, válida sobretudo para o Nordeste canavieiro, como a síntese de Sérgio Buarque de Holanda *(Raízes do Brasil)* e a interpretação ma-

[pág. 131]

terialista de Caio Prado Júnior (*Evolução política do Brasil*). Os ensaios desse gênero se multiplicam, nesse decênio de intensa pesquisa e interpretação do país. Ajustando-se a uma tendência secular, o pensamento brasileiro se exprime, ainda aí, no terreno predileto e sincrético do ensaio não especializado de assunto histórico-social.

Parece que o Modernismo (tomado o conceito no sentido amplo de movimento das idéias, e não apenas das letras) corresponde à tendência mais autêntica da arte e do pensamento brasileiro. Nele, e sobretudo na culminância em que todos os seus frutos amadureceram (1930-1940), fundiram-se a libertação do academismo, dos recalques históricos, do oficialismo literário; as tendências de educação política e reforma social; o ardor de conhecer o país. A sua expansão coincidiu com a radicalização posterior à crise de 1929, que marcou em todo o mundo civilizado uma fase nova de inquietação social e ideológica. Em consequência, manifestou-se uma "ida ao povo", um *V Narod,* por toda parte e também aqui, onde foi o coroamento natural da pesquisa localista, da redefinição cultural desencadeada em 1922. A alegria turbulenta e iconoclástica dos modernistas preparou, no Brasil, os caminhos para a arte interessada e a investigação histórico-sociológica do decênio de 1930. A instauração do Estado Novo ditatorial e antidemocrático marcaria o início de uma fase nova. Ele coincide realmente com o zênite do Modernismo ideológico e uma recrudescência do Espiritualismo, estético e ideológico, que vimos perdurar ao lado dele, tendo começado antes e, mais de uma vez, convergido nos seus esforços de luta contra o academismo.

O decênio de 1930 é com efeito, no Brasil, sobretudo em seus últimos anos, de intensa fermentação espiritualista. Do Simbolismo, da pregação católica de Jackson de Figueiredo, do nacionalismo, resultarão várias tendências ideológicas e estéticas. O romance introspectivo de Cornélio Pena (*Fronteira*) e Lúcio Cardoso (*Luz no subsolo*, *Mãos vazias*)*;* social, de Plínio Salgado (O *esperado, O cavaleiro de Itararé*)*;* dramático, de Octávio de Faria (*Mundos mortos, Caminhos da vida*)*,* exprimem, seja um inconformismo com o Neorealismo dos modernos, seja com a sua interpretação geralmente

[pág. 132]

radical da sociedade. A poesia de Augusto Frederico Schmidt, neo-romântica, a de

Jorge de Lima e Murilo Mendes, católica, marcam neste campo tendências dependentes do Modernismo.

No terreno propriamente das idéias, sociais e políticas, o catolicismo de Tristão de Ataíde (Alceu Amoroso Lima) se afirma como oposição a certas posições ideológicas do Modernismo, no sentido amplo, porque nelas via perigo de dissolver a tradição religiosa e moral do país. Mais extremado na resistência à transformação dos valores surge, à imitação do fascismo, o integralismo de Plínio Salgado, logo avolumado em poderosa organização partidária. Ele representou, de certo modo, a exacerbação de um aspecto do localismo modernista: o nacionalismo, transferido para o terreno da política.

Assim, vemos que as tensões da Europa repercutiram ponderavelmente aqui. Não mais como transposição, mas como manifestação de uma solidariedade cultural intensificada depois da Primeira Guerra Mundial e do nosso progresso econômico. Direita e esquerda política refletindo na literatura; populismo literário e problemas psicológicos; socialismo e neotomismo; Surrealismo e Neo-realismo; laicismo e arregimentação católica; libertação nos costumes, formação da opinião política; eis alguns traços marcados e frequentemente contraditórios do decênio de 1930, assinalando, quer a projeção estética e ideológica do Modernismo, quer a reação do Espiritualismo literário e ideológico.

4

Depois de 1940, ou pouco antes, vamos percebendo a constituição de um período novo. Nos dois decênios de 1920 e 1930, assistimos o admirável esforço de construir uma literatura universalmente válida (pela sua participação nos problemas gerais do momento, pela nossa crescente integração nestes problemas) por meio de uma intransigente fidelidade ao local. A partir de 1940, mais ou menos, assistiremos, ao lado disso, a um certo repúdio do local, reputado apenas pitoresco e extraliterário; e um novo anseio generalizador, procurando fazer da expressão literária um problema de inteligên-

[pág. 133]

cia formal e de pesquisa interior. O Modernismo regionalista, folclórico, libertino, populista, se amaina, inclusive nas obras que os seus próceres escrevem agora, — revelando preocupação mais exigente com a forma ou esforço anti-sectário no conteúdo. Não obstante, é o momento em que os próceres dos dois decênios publicam algumas das suas melhores produções (*Fogo morto,* de José Lins do Rego, e *Terras do sem-fim,* de Jorge Amado, por exemplo, ambos de 1943; *Sentimento do mundo e Rosa do povo,* de Carlos Drummond de Andrade, em 1940 e 1946).

Até 1945, mais ou menos, vemos uma produção intensa, favorecida por grande surto editorial, em que brilham veteranos e novos, estes com tendência crescente para repudiar a literatura social e ideológica, o que veio finalmente a predominar sob a forma de uma queda da qualidade média do romance e uma grande voga de pesquisas formais e psicológicas na poesia. Entretanto, o abandono da linha modernista não se deu segundo os rumos previstos e propugnados pelos espiritualistas, — a saber, a atenção para o drama moral e o catolicismo poético. Os novos manifestaram pouco interesse pela literatura ideológica de esquerda e de direita, e os que tinham vocação política desleixaram não raro a literatura, passando diretamente à militância. Desenvolve-se, desse modo, o que parece constituir um dos traços salientes dessa fase: a separação abrupta entre a preocupação estética e a preocupação político-social, cuja coexistência relativamente harmoniosa tinha assegurado o amplo movimento cultural do decênio de 1930. Com a definição cada vez mais clara das posições políticas (não só entre direita e esquerda, como antes, mas dentro da própria esquerda e da própria direita), os escritores políticos se tornaram cada vez mais sectários, no sentido técnico da expressão. Tornaram-se especializados na direção propagandística e panfletária, enquanto por outro lado os escritos de cunho mais propriamente estético (sobretudo a poesia e a crítica, os dois gêneros em expansão nos nossos dias) se insulavam no desconhecimento, propositado ou não, da realidade social.

O decênio de 1930 nos aparece agora como um momento de equilíbrio entre a pesquisa local e as aspirações cosmopolitas, já

[pág. 134]

novamente dissociadas em nossos dias de sectarismo estreito acotovelando-se com o formalismo. A queda do movimento editorial, a voga avassaladora da rádio-novela e do rádio-teatro, do cinema e dos *strips;* o conflito entre a inteligência participante e a inteligência contemplativa, que se vão tornando, uma e outra, cada vez mais estritas e inconciliáveis; a própria mobilidade da opinião culta, sempre fascinada pela Europa e agora também pelos Estados Unidos: — eis alguns traços que ajudam a compreender as contradições literárias dos nossos dias e o afastamento em relação ao período precedente. Vivemos uma fase crítica, demasiado refinada nuns, demasiado grosseira noutros; em todo o caso, pouco criadora, embora muito engenhosa.

Em poesia, as melhores vozes ainda nos vêm de antes, com a de Henriqueta Lisboa (*Flor da morte,* 1949) ou Vinícius de Moraes (*Poemas, sonetos e baladas,* 1946), para não citar Murilo Mendes e Carlos Drummond de Andrade, cujos primeiros livros são de 1930, ou Manuel Bandeira, pré-modernista e modernista da primeira hora. No romance, é significativo o êxito de um veterano, José Geraldo Vieira, cuja obra é revalorizada depois da publicação, em 1943, de *A quadragésima porta.* Obra de cunho cosmopolita, às voltas com problemas intemporais do destino humano, não raro tendo a Europa por cenário, carregada de intenções simbólicas, de vistosa erudição e complicados arrojos vocabulares. Não menos significativo, o de Clarice Lispector *(Perto do coração selvagem,* 1944; O *lustre,* 1946), que situa os seus romances fora do espaço, em curiosas encruzilhadas do tempo psicológico.

Mais significativo do que tudo, porém, são as revistas e agrupamentos poéticos e críticos, as mais das vezes fascinados por problemas de organização formal da sensibilidade, de clarividência poética, e manifestando irritada impaciência com as impurezas literárias da geração anterior. Rapazes frequentemente afeitos à nova crítica, neoformalista, ou à dialética existencial; admiradores de T. S. Eliot e Rilke, umas vezes excessivamente maduros, outras com o ingênuo egotismo da adolescência. Em qualquer caso, raras vezes passando além da habilidade superficial, do drama simulado ou da

[pág. 135]

revolta aparente. Para quem lê com mais atenção a poesia brasileira dos últimos anos, impressiona desde logo o pouco ou nada que ela tem para dizer. E quando tem, o quanto é devido à sensibilidade e aos temas da geração anterior. Salvo num ou noutro mais bem dotado (um Bueno de Rivera, um Wilson Figueiredo, sobretudo um João Cabral de Melo Neto, para citar apenas três), esta poesia é de pouca personalidade e menor ressonância humana. Em vão buscaríamos entre estes jovens o sopro ardente das *Cinco elegias,* de Vinicius de Moraes, ou a comovedora profundidade de Henriqueta Lisboa em *Flor da morte.*

No entanto, como conjunto e como experiência, os novos poetas representam algo apreciável: com a sua exigência crítica e psicológica, representam a barragem que será estourada quando as correntes represadas da inspiração adquirirem, na experiência individual e coletiva, energia suficiente para superar as atuais experiências técnicas, mais de poética do que de poesia.

É uma constante não desmentida de toda a nossa evolução literária que a verdadeira poesia só se realiza, no Brasil, quando sentimos na sua mensagem uma certa presença dos homens, das coisas, dos lugares do país. Esta presença pode ser ostensiva em certas obras-primas, como o LEITO DE FOLHAS VERDES, de Gonçalves Dias, e mais ainda O NAVIO NEGREIRO, de Castro Alves; e pode ser implícita, misteriosamente pressentida, como em JUVENÍLIA, de Varela. De qualquer modo, ela é por assim dizer o penhor de eficácia dos nossos poetas, e a condição de que dependem para chegar a esferas menos presas às condições locais. Para alçarem o vôo dos HINOS, (Gonçalves Dias), de SUB TEGMINE FAGI (Castro Alves), do CÂNTICO DO CALVÁRIO (Varela). Pouco sentimos desta impregnação nos atuais poetas. Terão eles superado realmente uma etapa de poesia mais contingente, toda cheia de modismos, pitoresco, sentimentos, para lançar a nossa literatura em sendas mais largas, nas quais seja definitivamente sublimada a dialética do local e do geral? Ou representam (ao mesmo título que os últimos parnasianos, embora sob aspectos totalmente diversos) um momento de cosmopolitismo, que convém ultrapassar rapidamente? Não é possível responder

[pág. 136]

desde já. Apenas parece que orientações como as deles (ou melhor, dos mais característicos dentre eles) são antes experiências do que realizações; neste caso, terão cumprido o papel de fornecer aos sucessores um instrumento renovado e ajustável às necessidades de uma sensibilidade nova, que se desenvolverá certamente quando transpusermos este limiar de coletivismo em que vivemos. A sua consciência artesanal poderá, então, ser conservada e fecundada.

5

Tendo feito a síntese interpretativa do movimento literário nos últimos cinquenta anos, podemos agora fazer algumas considerações sociológicas sobre a função da literatura na cultura brasileira e a sua posição atual.

Constatemos de início (como já tive oportunidade de fazer em outro escrito) que as melhores expressões do pensamento e da sensibilidade têm quase sempre assumido, no Brasil, forma literária. Isto é verdade não apenas para o romance de José de Alencar, Machado de Assis, Graciliano Ramos; para a poesia de Gonçalves Dias, Castro Alves, Mário de Andrade, como para *Um estadista do Império,* de Joaquim Nabuco, *Os sertões,* de Euclides da Cunha, *Casa-grande & senzala,* de Gilberto Freyre — livros de intenção histórica e sociológica. Diferentemente do que sucede em outros países, a literatura tem sido aqui, mais do que a filosofia e as ciências humanas, o fenômeno central da vida do espírito.

O exemplo da sociologia é elucidativo a este respeito. Esboçados os trabalhos e a orientação sociológica desde o último quartel do século XIX, sobretudo com *A mulher e a sociogenia,* de Lívio de Castro, e alguns trabalhos de Sílvio Romero, o primeiro livro propriamente sociológico, no sentido estrito da palavra, só veio a aparecer entre nós em 1939: *Assimilação e populações marginais no Brasil,* de Emílio Willems. Antes, de Euclides da Cunha a Gilberto Freyre, a sociologia aparecia mais como "ponto de vista" do que como pesquisa objetiva da realidade presente. O poderoso ímã da literatura interferia com a tendência sociológica, dando origem àquele gêne-

[pág. 137]

ro misto de ensaio, construído na confluência da história com a economia, a filosofia ou a arte, que é uma forma bem brasileira de investigação e descoberta do Brasil, e à qual devemos a pouco literária *História da literatura brasileira —,* de Sílvio Romero, *Os sertões,* de Euclides da Cunha, *Populações meridionais do Brasil,* de Oliveira Viana, a obra de Gilberto Freyre e as *Raízes do Brasil,* de Sérgio Buarque de Holanda. Não será exagerado afirmar que esta linha de ensaio, — em que se combinam com felicidade maior ou menor a imaginação e a observação, a ciência e a arte — constitui o traço mais característico e original do nosso pensamento. Notemos que, esboçada no século XIX, ela se desenvolve principalmente no atual, onde funciona como elemento de ligação entre a pesquisa puramente científica e a criação literária, dando, graças ao seu caráter sincrético, uma certa unidade ao panorama da nossa cultura.

Ora, nos nossos dias houve uma transformação essencial deste estado de coisas. Deixando de constituir atividade sincrética, a literatura volta-se sobre si mesma, especificando-se e assumindo uma configuração propriamente estética; ao fazê-lo, deixa de ser uma viga mestra, para alinhar-se em pé de igualdade com outras atividades do espírito. Se focalizarmos não mais o ritmo estético da nossa literatura (que parece desenvolver-se conforme a dialética do local e do cosmopolita), mas o seu ritmo histórico e social, poderíamos talvez defini-la como *literatura de incorporação* que vai passando a *literatura da depuração.*

Com efeito, é fácil perceber que o verbo literário vai perdendo terreno, não apenas em relação à matéria que lhe cabia, mas ao prestígio que tinha como padrão de cultura. Para dar um único exemplo: hoje não compreenderíamos mais fenômenos como a escola baiana de medicina, ou o prolongamento que lhe deram, na Faculdade do Rio, Francisco de Castro e os seus discípulos. Não se poderia admitir, de um lado, a ciência médica expressa em retórica literária; de outro, a literatura considerada como requisito de preeminência científica e social.

A longa soberania da literatura tem, no Brasil, duas ordens de fatores. Uns, derivados da nossa civilização européia e dos nossos

[pág. 138]

contatos permanentes com a Europa, quais sejam o prestígio das humanidades clássicas e a demorada irradiação do espírito científico. Outros, propriamente locais, que prolongaram indefinidamente aquele prestígio e obstaram esta irradiação. Assinalemos, entre os fatores locais (que nos interessam mais de perto), a ausência de iniciativa política implicada no estatuto colonial, o atraso ainda hoje tão sensível da instrução, a fraca divisão do trabalho intelectual.

A literatura se adaptou muito bem a estas condições, ao permitir, e mesmo forçar, a preeminência da interpretação poética, da descrição subjetiva, da técnica metafórica (da *visão,* numa palavra), sobre a interpretação racional, a descrição científica, o estilo direto (ou seja, o *conhecimento).* Ante a impossibilidade de formar aqui pesquisadores, técnicos, filósofos, ela preencheu a seu modo a lacuna, criando mitos e padrões que serviram para orientar e dar forma ao pensamento. Veja-se, por exemplo, o significado e a voga do Indianismo romântico, que satisfazia tanto às exigências rudimentares do conhecimento (graças a uma etnografia intuitiva e fantasiosa), quanto às da sensibilidade e da consciência nacional, dando-lhes o índio cavalheiresco como alimento para o orgulho e superação das inferioridades sentidas.

Uma consequência interessante foi a supremacia dos estudos de direito. Aos problemas coloniais de estabelecimento de fronteiras e consolidação do território, sucederam no século XIX os graves problemas de estabelecimento e consolidação do Estado, inclusive a ordenação de uma sociedade pouco organizada além dos limites paternalistas da família. É pois compreensível que se tenha propiciado a cultura jurídica (provida desde logo de bases universitárias), com toda a sua tendência para o formalismo, como orientação, através da retórica, como técnica. Se lembrarmos que o discurso e o sermão (sobretudo este) foram os tipos mais frequentes e prezados de manifestação intelectual no tempo da Colônia, veremos quanto a sua fusão no corpo da jurisprudência importa em triunfo do espírito literário como elemento de continuidade cultural.

Justamente devido a essa inflação literária, a literatura contribuiu com eficácia maior do que se supõe para formar uma consciência

[pág. 139]

nacional e pesquisar a vida e os problemas brasileiros. Pois ela foi menos um empecilho à formação do espírito científico e técnico (sem condições para desenvolver-se) do que um paliativo à sua fraqueza. Basta refletir sobre o papel importantíssimo do romance oitocentista como exploração e revelação do Brasil aos brasileiros.

No período em que a nossa literatura ganhou corpo (do século XVIII ao século XIX) eram muito restritos os grupos sociais ao seu alcance. Foi justamente em função destes que ela trabalhou, dando-lhes de certo modo alimento espiritual e recursos mentais para compreender o país. As ciências naturais e humanas, a despeito do belo início que tiveram aqui em fins de século XVIII e início do XIX (quando delimitam a nossa breve *Aufklärung),* não se desenvolveram em seguida no mesmo ritmo que as letras ou o direito. Em parte, porque não tinham ressonância ou possibilidade, como demonstra simbolicamente o ineditismo em que os poderes conservaram os escritos de Alexandre Rodrigues Ferreira, ou a odisséia das pranchas de frei Mariano da Conceição Veloso; em parte, porque a tarefa social mais urgente era, como ficou indicado, de ordem política e jurídica. Desde modo, o espírito da burguesia brasileira se desenvolveu sob influxos dominantemente literários, e a sua maneira de interpretar o mundo circundante foi estilizada em termos, não de ciência, filosofia ou técnica, mas de literatura. Toda a renovação intelectual do Naturalismo, a partir do que Sílvio Romero chamou a Escola do Recife, nos aparece hoje sobretudo como um sistema de retórica. Bacharéis de mente acesa, alastrando de literatura, e mesmo literatice, noções científicas vagamente aprendidas em Haeckel, Huxley ou Büchner. É difícil encontrar maior verbalismo do que, por exemplo, nos estudos em que Fausto Cardoso pretendeu consolidar cientificamente os fundamentos da sociologia por meio do monismo haeckeliano.

Toda essa onda vem quebrar n'*Os sertões,* típico exemplo da fusão, bem brasileira, de ciência mal digerida, ênfase oratória e intuições fulgurantes. Livro posto entre a literatura e a sociologia naturalista, *Os sertões* assinalam um fim e um começo: o fim do imperialismo literário, o começo da análise científica aplicada aos aspectos mais

[pág. 140]

importantes da sociedade brasileira (no caso, as contradições contidas na diferença de cultura entre as regiões litorâneas e o interior).

A obra de Euclides da Cunha foi escrita num tempo em que já estavam bastante modificadas as condições de formação do nosso pensamento, com indícios vivos de superação da tirania jurídico-retórica. Mas, como vimos acima, a literatura se caracterizava, no início do século XX, por uma acentuada inconsciência desta transformação. Ajustava-se à superfície da vida burguesa, sem pressentir as novas exigências de sensibilidade e conhecimento, percebidas apenas por alguns.

Nesta ordem de considerações, o Modernismo representa um esforço brusco e feliz de reajustamento da cultura às condições sociais e ideológicas, que vinham, desde o fim da Monarquia, em lenta mudança, acelerada pelas fissuras que a Primeira Guerra Mundial abriu também aqui na estrutura social, econômica e política. A força do Modernismo reside na largueza com que se propôs encarar a nova situação, facilitando o desenvolvimento até então embrionário da sociologia, da história social, da etnografia, do folclore, da teoria educacional, da teoria política. Não é preciso lembrar a sincronia dos acontecimentos literários, políticos, educacionais, artísticos, para sugerir o poderoso impacto que os anos de 1920-1935 representam na sociedade e na ideologia do passado.

Mas, apesar da cultura intelectual se haver desenvolvido em ritmo acelerado desde o início do século; apesar da intensa divisão do trabalho intelectual, com o estabelecimento da vida científica, em escala apreciável; apesar do surto das ciências humanas a partir sobretudo de 1930; apesar de tudo isto, a literatura permaneceu em posição-chave. Vimos que alguns dos produtos mais excelentes dessa época no campo dos estudos sociais, como *Casa-grande & senzala, Sobrados e mucambos, Raízes do Brasil,* lhe são tributários, não apenas pelo estilo mas principalmente pelo ritmo da composição e a própria qualidade da interpretação. Por outro lado, o romance social e narrativo do decênio de 1930 segue a tradição naturalista de concorrência ao conhecimento científico; só que, neste caso, conhecimento mais sociológico e político, não obstante a ciência já

[pág. 141]

haver, neste setor, alcançado e superado os recursos da ficção. Em todo o caso, os decênios de 1920 e de 1930 ficarão em nossa história intelectual como de harmoniosa convivência e troca de serviços entre literatura e estudos sociais.

Hoje, vemos que é necessário chamar Modernismo, no sentido amplo, ao movimento cultural brasileiro de entre as duas guerras, correspondente à fase em que a literatura, mantendo-se ainda muito larga no seu âmbito, coopera com os outros setores da vida intelectual no sentido da diferenciação das atribuições, de um lado; da criação de novos recursos expressivos e interpretativos, de outro.

A inteligência tomou finalmente consciência da presença das massas como elemento construtivo da sociedade; isto, não apenas pelo desenvolvimento de sugestões de ordem sociológica, folclórica, literária, mas sobretudo porque as novas condições da vida política e econômica pressupunham cada vez mais o advento das camadas populares. Pode-se dizer que houve um processo de convergência, segundo o qual a consciência popular amadurecia, ao mesmo tempo em que os intelectuais se iam tornando cientes dela. E este alargamento da inteligência em direção aos temas e problemas populares contribuiu poderosamente para criar condições de desenvolvimento das aspirações radicais, que tentariam orientar, dar forma, ou quando menos sentir a inquietação popular. O que se poderia, no melhor sentido, chamar de libertinagem espiritual do Modernismo contribuiu para o fermento de negação da ordem estabelecida, sem o qual não se desenvolvem a rebeldia social e o consequente radicalismo político. Aquilo que chamei o *V Narod* do decênio de 1930 apresenta, visto de hoje, uma configuração nitidamente renovadora, a despeito da atitude política e filosófica assumida ulteriormente pelos seus protagonistas. É preciso colocá-los no contexto daquele momento para compreender o sentido da sua ação. Um autor como Gilberto Freyre, que parece hoje um sociólogo conservador, significou então uma força poderosa de crítica social, com a desabusada liberdade das suas interpretações. A destruição dos tabus formais, a libertação do idioma literário, a paixão pelo dado folclórico, a busca do espírito popular, a irre-

[pág. 142]

verência como atitude: eis algumas contribuições do Modernismo que permitiriam a expressão simultânea da literatura *interessada,* do ensaio histórico-social, da poesia libertada.

Paralelamente, a ameaça aos valores tradicionais estimulou, no plano intelectual, manifestações que, embora tributárias em parte do Modernismo (como vimos), constituem sobretudo um prolongamento ou uma superação da linha espiritualista originada do Simbolismo e que hauriu no Modernismo alguns instrumentos formais, mas sobretudo o nacionalismo e a pesquisa do eu profundo. A poesia espiritualista, o romance de orientação *problemática,* o ensaio católico tradicionalista constituem modos, bastante diversos, e nem sempre ligados entre si, de reagir no sentido de uma preservação, ou reajustamento de valores sociais, políticos, ideológicos, ameaçados pelas manifestações modernistas. Diante da crise das velhas estruturas, e portanto dos valores tradicionais, a literatura reagiu com bastante sensibilidade — quer no sentido da reforma, contribuindo para a formação de uma atitude crítica, quer no da reação, intensificando o apelo daqueles valores.

Em nossos dias, estamos assistindo ao fim da literatura onívora, infiltrada como critério de valor nas várias atividades do pensamento. Assistimos, assim, ao fim da literatice tradicional, ou seja, da intromissão indevida da literatura; da literatura sem propósito. Em consequência, presenciamos também a formação de padrões literários mais puros, mais exigentes e voltados para a consideração de problemas estéticos, não mais sociais e históricos. É a maneira pela qual as letras reagiram à crescente divisão do trabalho intelectual, manifestado sobretudo no desenvolvimento das ciências da cultura, que vão permitindo elaborar, do país, um conhecimento especializado e que não reveste mais a forma literária.

Vista à luz da evolução literária, esta divisão do trabalho significa o aparecimento de um conflito no interior da literatura, na medida em que esta se vê atacada em campos que haviam sido até aqui (numas fases mais, noutras menos) seus campos preferenciais. Um Alencar ou um Domingos Olímpio eram, ao mesmo tempo, o Gilberto Freyre e o José Lins do Rego em seu tempo; a sua ficção

[pág. 143]

adquiria significado de iniciação ao conhecimento da realidade do país. Mas hoje, os papéis sociais do romancista e do sociólogo já se diferenciaram, e a literatura deve retrair, se não a profundidade, certamente o âmbito da sua ambição. Daí as modernas tendências estetizantes aparecerem ao sociólogo e ao historiador da cultura como reação de defesa e ajustamento às novas condições da vida intelectual; uma delimitação de campo que, para o crítico, é principalmente uma tendência ao formalismo, e por vezes à gratuidade e ao solipsismo literário. Tanto para o crítico quanto para o estudioso da cultura e da sociedade, ela é, contudo, uma elaboração de novos meios expressivos e um desenvolvimento de nova consciência artesanal, que produzirão novas formas de expressão literária, mais ou menos ligadas à vida social, conforme os acontecimentos o solicitem.

Não há dúvida, porém, que o presente momento é de relativa perplexidade, manifestada pelo abuso de pesquisas formais, a queda na qualidade média da produção, a omissão da crítica militante. Se encararmos estes fatos de um ângulo sociológico, veremos que eles estão ligados — entre outras causas — à transformação do público e à transformação do grupo de escritores.

Vejamos o primeiro caso. Os analfabetos eram no Brasil, em 1890, cerca de 84%; em 1920 passaram a 75%; em 1940 eram 57%. A possibilidade de leitura aumentou, pois, consideravelmente. Muito mais, todavia, aumentou o número relativo de leitores, possibilitando a existência, sobretudo a partir de 1930, de numerosas casas editoras, que antes quase não existiam. Formaram-se então novos laços entre escritor e público, com uma tendência crescente para a redução dos laços que antes o prendiam aos grupos restritos de diletantes e "conhecedores". Mas este novo público, à medida que crescia, ia sendo rapidamente conquistado pelo grande desenvolvimento dos novos meios de comunicação. Viu-se então que no momento em que a literatura brasileira conseguia forjar uma certa tradição literária, criar um certo sistema expressivo que a ligava ao passado e abria caminhos para o futuro, — neste momento as tradições literárias começavam a não mais funcionar como estimulante.

[pág. 144]

Com efeito, as formas escritas de expressão entravam em relativa crise, ante a concorrência de meios expressivos novos, ou novamente reequipados, para nós, —

como o rádio, o cinema, o teatro atual, as histórias em quadrinhos. Antes que a consolidação da instrução permitisse consolidar a difusão da *literatura literária* (por assim dizer), estes veículos possibilitaram, graças à palavra oral, à imagem, ao som (que superam aquilo que no texto escrito são limitações para quem não se enquadrou numa certa tradição), que um número sempre maior de pessoas participasse de maneira mais fácil dessa quota de sonho e de emoção que garantia o prestígio tradicional do livro. E para quem não se enquadrou numa certa tradição, o livro apresenta limitações que aquelas vias superam, diminuindo a exigência de concentração espiritual.

O grupo de escritores, aumentado e mais claramente diferenciado do conjunto das atividades intelectuais, reage ou reagirá de maneira diversa em face deste estado de coisas: ou fornecerá ao público o "retalho de vida", próximo à reportagem jornalística e radiofônica, que permitirá então concorrer com os outros meios comunicativos e assegurar a função de escritor; ou se retrairá, procurando assegurá-la por meio de um exagero da sua dignidade, da sua singularidade, e visando ao público restrito dos conhecedores. São dois perigos, e ambos se apresentam a cada passo nesta era de incertezas. O primeiro faria da literatura uma presa fácil da não-literatura, subordinando-a a desígnios políticos, morais, propagandísticos em geral. O segundo, separá-la-ia da vida e seus problemas, a que sempre, esteve ligada pelo seu passado, no Brasil. E a alternativa só se resolverá por uma redefinição das relações do escritor com o público, bem como por uma redefinição do papel específico do grupo de escritores em face dos novos valores de vida e de arte, que devem ser extraídos da substância do tempo presente.

[pág. 145]

[pág. 146] *página em branco*

A LITERATURA NA EVOLUÇÃO DE UMA COMUNIDADE

1

Se não existe literatura paulista, gaúcha ou pernambucana, há sem dúvida uma literatura brasileira manifestando-se de modo diferente nos diferentes Estados. Neste artigo, não interessa, por isso mesmo, delimitar produções e autores segundo o critério estrito do nascimento, mas segundo o critério mais compreensivo e certo da participação na vida social e espiritual da cidade de São Paulo. Esta apresenta algumas características, e é compreensível que a sua influência marque literariamente os que nela vivem, de modo mais forte que as do lugar onde nasceram.

Com efeito, entendemos por literatura, neste contexto, fatos eminentemente associativos; obras e atitudes que exprimem certas relações dos homens entre si, e que, tomadas em conjunto, representam uma socialização dos seus impulsos íntimos. Toda *obra é* pessoal, única e insubstituível, na medida em que brota de uma confidencia, um esforço de pensamento, um assomo de intuição, tornando-se uma "expressão". A *literatura,* porém, é coletiva, na medida em que requer uma certa comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem), e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento, para chegar a uma "comunicação".

Assim, não há literatura enquanto não houver essa congregação espiritual e formal, manifestando-se por meio de homens pertencentes a um grupo (embora ideal), segundo um estilo (embora nem sempre tenham consciência dele); enquanto não houver um sistema de valores que enferme a sua produção e dê sentido à sua atividade; enquanto não houver outros homens (um público) aptos a criar ressonância a uma e outra; enquanto, finalmente, não se estabelecer a continuidade (uma transmissão e uma herança), que signifique a integridade do espírito criador na dimensão do tempo.

[pág. 147]

Segundo este critério, só há literatura em São Paulo depois da Independência, e notadamente depois da Faculdade de Direito. Mas antes, na segunda metade do século XVIII, já se esboçavam aquelas condições. Manifestações literárias, — que é coisa diferente, — isto houve desde os autos e poemas de José de Anchieta.

Nem podia ser de outra maneira. Que meio seria o paulistano, para permitir a atividade intelectual? No século XVIII, quando os costumes principiam a civilizar-se, sabemos que não havia por aqui homens de letras senão os clérigos, e um ou outro civil. Grandes paulistas como Alexandre de Gusmão, Teresa Margarida, Matias Aires, Lacerda e Almeida são na verdade portugueses pela inteligência, não chegando a contribuir diretamente para as luzes da pátria. O ambiente era culturalmente tão pobre, que em 1801 o governador Antônio Manuel de Melo Castro e Mendonça oficiava do seguinte modo ao agitado D. Rodrigo de Sousa Coutinho, dando conta dos resultados da sua política cultural:

> Recebi o Avizo n° 19 de 6 de agosto de 1800, e com elle a relação de alguns Impressos com a importância de 165$780 rs. cujos Impressos já chegarão a esta Capitania; mais como nella há tanta falta de compradores, quanta é a negligência, e descuido q' tem havido em se cultivar as Artes e as sciencias não há que se anime a comprar hum só livro, de maneira que muitos dos que se tem espalhado, tem sido dados por mim etc.[1]

As letras compareciam de maneira oficial, em sentido puramente comemorativo, como verso e prosa de circunstância, nas solenidades públicas. Artur Mota cita um manuscrito pertencente a Ian de Almeida Prado, onde se compendia a parte literária das solenidades em homenagem a Sant'Ana, por ordem do Morgado de Mateus no ano

---

1 | *Documentos interessantes para servir à história e costumes de S. Paulo,* vol. XXX, 1899, p. 37.

de 1770 — a cargo de clérigos e professores na maior parte.[2] De

[pág.148]

que maneira o poder público incorporava a literatura, geralmente pífia, às suas comemorações, podemos ver, por exemplo, no ofício do governador Franca e Horta, datado de 10 de março de 1808, "Pa. os Professores de Philozofia, Retórica e Gramática", no ensejo da chegada da Família Real:

> No detalhe das Festas, — q' se vão apromptar pa. festejarmos a feliz chegada de S.A.R., e de sua Augusta Família a Capital do Ro. de Janro. está determinado, q' nas três noites de Encamizadas, q' hão de fazer os Cavalleiros Milicianos e nas três noites de fogos dados pelo Corpo do Negocio, os Estudantes de todas as classes darão hum Carro de Parnazo com Oi-teiro em q' se repitão, e facão obras aluzivas a tão sublime assumpto: o q' participo a V. Mces. não só pa. q. assim o facão saber aos seus respectivos alunos, mas tão bem pa. os derigirem não só em o do. festejo mas tão bem nas mmas. Compuzições Poéticas afim de poderem ser todas aplaudidas pelo Povo. Não devo recommendar-lhes a Importância desta Matteria, pr. q' conto com as suas vontades, ainda mais amplas q' os meus desejos.[3]

Outra via de manifestação literária seriam as verrinas contra o governo. Em Minas, — onde a vida urbana bastante intensa permitiu floração brusca e magnífica nas artes — elas eram de qualidade invulgar, haja vista as *Cartas chilenas.* Seriam bem menos polidas as de São Paulo, como as que escarneciam o Morgado de Mateus em 1767, "chamando-me de destruhidor do Povo (…) carreiro (…) fidalgo de aldeya, e de meya tigela, e outros impropérios indignos".[4] E que proliferavam também nas vilas, como se vê pela repreensão de Franca e Horta ao Juiz Ordinário de Cananéia, em 1804, por não haver providenciado contra os que lá se afixaram.[5]

Fora daí, as letras existiriam como atividade privada de um ou outro homem culto, — frade bento, vigário, mestre régio, magistra-

---

2 | *História da literatura brasileira, 2* vols., Companhia Editora Nacional, S. Paulo, 1930, vol. II, p. 29-31.
3 | *Documentos interessantes,* vol. LVD, 1937, p. 255-256.
4 | Idem, vol. XXIII, 1897, p. 187.
5 | Idem, vol. L V I, 1937, p. 69.

do, — não dando lugar a relações intelectuais capazes de caracterizar, uma literatura, de acordo com o critério acima proposto.

* * *

Este estudo pretende sugerir o papel das formas de sociabilidade intelectual, e da sua relação com a sociedade, na caracterização das diferentes etapas da literatura brasileira em São Paulo. Escolhendo um ângulo de visão — o sociológico — tentará reconhecer no seu processo evolutivo cinco momentos, socialmente condicionados, desde estes primórdios toscos até a atividade intensa dos nossos dias. Trata-se, para isto, de analisar rapidamente os tipos de associação entre escritores, os valores específicos que os norteiam e a sua posição em face dos valores gerais e da organização da sociedade. Não é uma interpretação estética, portanto, nem se deseja apresentá-la como única, pois é de alcance voluntariamente delimitado. Parece, todavia, que não há outra mais adequada para esclarecer a ligação orgânica entre produção literária e vida social.

1— Um grupo virtual

O primeiro agrupamento de escritores eminentes participando de valores comuns, procurando construir uma obra em torno deles e agindo em função de um estímulo recíproco, parece haver-se esboçado no intercâmbio e na produção de Pedro Taques de Almeida Paes Leme, na do seu parente frei Gaspar da Madre de Deus e na de Cláudio Manuel da Costa. Os dois primeiros eram amigos, comunicavam-se nos estudos, valiam-se em mais de um transe. A circunstância que os aproximou do terceiro, nascido em Minas, onde viveu, foi a Academia Brasílica dos Renascidos, da qual foram acadêmicos supranumerários Cláudio e frei Gaspar, e que, da sua sede baiana, deitou laços de congregação sobre outras Capitanias, num primeiro arremedo de consciência literária comum. O paulista e o mineiro talvez nunca se tenham visto, e não restou correspondência escrita de um a outro. Entre ambos, porém, forma elemento de ligação Pedro Taques e, mais ainda, como veremos, o sentimento comum de paulistanismo à busca de expressão intelectual.

[pág. 150]

Na resposta à comunicação de que fora eleito para os Renascidos, e aceitando a incumbência de escrever a história do Bispado de São Paulo, pondera frei Gaspar: "Se o Sargento-mor Pedro Taques de Almeida Paes, natural daquela cidade e nela morador, fosse nosso sócio, ajudar-me-ia muito, ainda mais que escreveu as Memórias para a História Secular da dita Capitania" etc.[6] O nome do linhagista andou, portanto, nas cogitações da Academia, e decerto teria sido eleito se ela não acabasse tão depressa.

Assim, Cláudio, frei Gaspar e Taques estiveram congregados espiritualmente a certa altura, além de terem mantido, a seguir, um intercâmbio que podemos inferir por vários motivos. No FUNDAMENTO HISTÓRICO do seu poema *Vila Rica* (terminado depois de 1770), diz Cláudio: "O sargento-mor Pedro Taques de Almeida Paes Leme, natural (...) da cidade de São Paulo, e ali morador, de estimável engenho e de completo merecimento, remeteu ao autor desde aquela cidade todos os documentos que conduziram ao bom discernimento desta obra" etc.[7]

Esta relação é da maior importância, pois estes três homens foram os primeiros a dar expressão intelectual coerente ao sentimento localista dos naturais de São Paulo, e não apenas tiveram consciência disso, mas colaboraram neste sentido em alguns casos.

Antes de entrar em contacto com os outros, Cláudio já se manifestara ufano da tradição paulista em 1759, nos APONTAMENTOS PARA SE UNIR AO CATHALOGO DOS ACADÊMICOS DA ACADEMIA BRAZILICA DOS RENASCIDOS, que Lamego divulgou, e cujo manuscrito se encontra na Biblioteca

---

6 | Alberto Lamego, *A Academia Brasílica dos Renascidos,* p. 109. Gáudio, Paris-Bruxelas, 1923.

7 | *Obras poéticas,* org. João Ribeiro, 2 vols. Garnier, Rio, 1903, vol. II, p. 152.

Central da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. Declinando a filiação, é flagrante a diferença de importância que atribui à linhagem paterna e à linhagem materna:

> "*Seus avós por parte paterna:* Antônio Gonçalves e Antonia Fernandez, moradores que forão no lugar das Arêas, Freguezia de S. Mamede das Ta-
> [pág. 151]
> lhadas, Bispado de Coimbra. *Pela parte materna:* O capitão Francisco de Barros Freire e D. Izabel Rodrigues de Alvarenga, moradores que foram na Freguezia de N. S. de Guarapiranga, Comarca do Ribeirão do Carmo, hoje cidade de Marianna, vindos de S. Paulo onde tem a sua ascendência de Famílias mui distinctas".[8]

Esta prosápia o liga a Pedro Taques e a frei Gaspar, e ele a exprime poeticamente no poema épico *Vila Rica,* sugerido talvez pela epopéia perdida de Diogo Grasson Tinoco em louvor a Fernão Dias. Encarando em conjunto as obras dos três homens, veremos que elas representam a elaboração de um sistema de valores, difusos na sociedade paulista e reforçados tanto pelo conflito com os Emboabas quanto pelo encerramento do ciclo bandeirante. Figuremos essa sociedade limitada na sua expansão geográfica, privada da riqueza efêmera das minas, sangrada de certo modo pela dispersão de muitos dos seus filhos, obrigada a buscar novo amparo na agricultura sedentária. Figuremo-la, ainda, já estruturada por um sistema estável de vilas e freguesias, e, na cidade capital, com certo desenvolvimento da civilização. A consciência heróica do passado, emergindo do sentimento nativista, aparece como recurso de integração; como justificação de uma sociedade em crise de reajustamento das suas atividades. Daí o recurso à história, por meio da qual se cristaliza a tradição, projetando no plano ideológico os valores grupais, que deste modo se organizam.

Este processo se manifesta pela criação de uma consciência de estirpe, na *Nobiliarquia,* de Pedro Taques; pela definição de uma sequência histórica, nas

---

8 | Lamego, ob. cit., p. 101.

Memórias, de frei Gaspar; pela transfiguração épica, no *Vila Rica,* de Cláudio Manuel.

Debruçados sobre o passado da terra, os três homens procuram traçar a sua projeção no tempo, irmanados pelo sentimento de orgulho ancestral e a consciência de dar estilo aos duros trabalhos que plasmaram metade do Brasil. A verdade e a fantasia irmanam-se igualmente no seu labor, e dele sairá a primeira visão intelectual coerente da grande empresa bandeirante.

[pág. 152]

Contrariando as informações dos jesuítas, e de vários reinóis, acentuam a lealdade, a magnanimidade, a nobreza dos aventureiros de Piratininga, traçando-lhes o perfil convencional que passou à posteridade.

Vê os Pires, Camargos e Pedrosos, Alvarengas, Godóis, Cabrais, Cardosos, Lemos, Toledos, Pais, Guerras, Furtados, E os outros, que primeiro assinalados Se fizeram no arrojo das conquistas, Ó sempre grandes, ó imortais Paulistas! brada Cláudio Manuel em versos que parecem transpostos da *Nobiliarquia;* Cláudio, cujo amor tão vivo à sua terra mineira fundava-se na consciência de ser ela devida ao esforço do bandeirismo:

Dos meus Paulistas honrarei a fama.
Eles a fome e sede vão sofrendo,
Rotos e nus os corpos vêm trazendo,
Na enfermidade a cura lhes falece,
E a miséria por tudo se conhece;
Em seu zelo outro espírito não obra
Mais que o amor do seu rei: isto lhes sobra.

Pedro Taques, do seu lado, dourava e redourava linhagens, procurando ajeitar às convenções européias o destino mameluco e americano desse povo errante, guindando os "modestos fidalgotes portugueses companheiros da travessia aventurosa de Martim Afonso de Sousa" (Taunay).

Nesta ordem de idéias, mencionemos a valorização do antepassado vermelho, feita pelos três à maneira do que faziam, para Pernambuco e Bahia, Jaboatão e Borges da Fonseca.

Afirmar o Autor, que da mistura do sangue saiu uma geração perversa, é supor que o sangue dos índios influiu para a maldade, suposição que muito desonra, senão a crença, ao menos o juízo de um sábio católico:

[pág. 153]

> porquanto nem a Divina Graça perde a sua eficácia, nem a natureza se perverte, ou a malícia adquire maiores forças, quando o sangue europeu se ajunta com o brasílico. Pelo contrário, a experiência sempre mostrou, que os indivíduos nascidos desta união, reluzem aquelas belas qualidades, que caracterizam em geral o indígena do Brasil.[9]

Nesta excelente refutação a Charlevoix, frei Gaspar lança as bases de um argumento que será por excelência romântico. Dando um passo a mais, Pedro Taques aristocratiza as Bartiras criadeiras do planalto, promovendo-as a "princesas do sangue brasílico" e fazendo grande cabedal da sua ancestralidade. Cláudio, recorrendo largamente ao índio para o maravilhoso e o romanesco do seu poema, culmina traçando amores ideais entre Garcia Paes e uma silvícola, tão mimosa, Que à vista sua desmaiava a rosa.

Vê-se, pois, que o "paulistanismo" aparece ideologicamente configurado, norteando as obras desses três escritores e nutrindo as suas relações, além de adquirir nelas as tonalidades características, que serviriam para definir a consciência do paulista moderno, e que operariam como poderosa arma de sentimento de classe, de um lado, e assimilação dos forasteiros, de outro.

2 — Um grupo real

---

9 | Frei Gaspar da Madre de Deus, *Memórias para a história da capitania de São Vicente,* 3a ed., Melhoramentos, São Paulo, 1920, p. 230.

Depois desse momento inicial, uma ou outra manifestação literária em São Paulo, ou de paulista — inclusive José Bonifácio, o poeta Américo Elísio — nada trazem de novo para o nosso ponto de vista. Por volta de 1830 é que vamos encontrar uma segunda congregação de homens, valores e idéias, em torno da *Revista da Sociedade Filomática,* de importância apreciável em nosso Pré-romantismo, como assinalou José Aderaldo Castelo.

[pág. 154]

Aqui, não se trata de personalidades tão eminentes quanto as dos três anteriores, nem a sua obra escassa possui o mesmo relevo que a deles. Trata-se, porém, de um agrupamento efetivo, não mais virtual, além de exercer sobre os grupos sucessores uma influência direta, como não aconteceu com a dos outros. O seu fator foi a criação da Faculdade de Direito (1827), que desempenharia papel decisivo na literatura em São Paulo.

Num estudo sugestivo, A. Almeida Júnior define com acerto e precisão o verdadeiro caráter da Academia de São Paulo — menos uma escola de juristas do que um ambiente, um meio plasmador da mentalidade das nossas elites do século passado. Bastante deficiente do ponto de vista didático e científico, foi não obstante o ponto de encontro de quantos se interessavam pelas coisas do espírito e da vida pública, vinculando-os numa solidariedade de grupo, fornecendo-lhes elementos para elaborar a sua visão do país, dos homens e do pensamento.[10]

Interessa-nos aqui, justamente, apontar algumas manifestações desse espírito de grupo na literatura; mostrar como a convivência acadêmica propiciou em São Paulo a formação de agrupamentos, caracterizados por idéias estéticas, manifestações literárias e atitudes, dando lugar a expressões originais.

A *Sociedade Filomática,* fundada em 1833, reuniu alunos e jovens professores, entre os quais Francisco Bernardino Ribeiro, Justiniano José da Rocha, Francisco

---

10 | O CONVÍVIO ACADÊMICO E A FORMAÇÃO DA NACIONALIDADE BRASILEIRA, in *Revista da Faculdade de Direito,* vol. XLVII, S. Paulo, 1952, p. 271-292.

Pinheiro Guimarães, Antônio Augusto Queiroga, José Salomé Queiroga, nenhum dos quais nascido em São Paulo (eram cariocas os três primeiros, mineiros os dois últimos). Publicaram seis números de uma revista, esboçaram uma atitude bastante ambivalente de reforma anticlássica, promoveram reuniões e representações — agitaram, numa palavra, a pequena cidade de então, estabelecendo nela a literatura como atividade permanente, por meio do seu corpo estudantil. Quanto mais não fosse, este feito bastaria para consagrá-los, a despeito da pobreza

[pág. 155]

quantitativa e qualitativa da sua produção. Há mais, todavia: desse agrupamento de amigos, tomados pelo entusiasmo da construção literária (que foi no Brasil a mola patriótica do Romantismo, a sua motivação consciente), surgiria, como breve fogacho, um poema que iria iluminar a posterior evolução das letras em São Paulo e abrir caminho para uma das suas mais típicas manifestações. O caso foi que em 1837 falecia Francisco Bernardino, aos vinte e três anos, já lente da Faculdade, guia da *Filomática,* grande esperança do tempo. O moço jurista protegia e orientava nos estudos um conterrâneo, Firmino Rodrigues Silva, já no fim do curso, e que podemos considerar rebento, primeiro produto do mencionado grupo literário. A amizade entre ambos era grande, e o mais moço nutria pelo mentor uma exaltada admiração. Morto este, a dor inspirou-lhe alguns belos poemas (quase os únicos que fez), entre os quais, e sobretudo, a famosa *Nênia.* Nela, o sentimento de amizade se exprimia de um modo já próximo às tonalidades românticas. Ao lamento se incorpora uma figura simbólica de índia — alegoria do Rio de Janeiro — que formula, pela primeira vez no Brasil, certos torneios indianistas, como seriam desenvolvidos na obra de Gonçalves Dias:

> Tupá, Tupá, oh numen de meus pais!

Álvares de Azevedo, José de Alencar, Paulo do Vale, Sílvio Romero, Paranapiacaba — todos consideram-na o início da "escola brasileira". Nela se entronca o Indianismo inicial, em São Paulo, que em seguida recebeu o influxo decisivo e dominador de Gonçalves Dias. Em 1844, três anos antes dos *Primeiros cantos,* temos aqui CÂNTICO DO TUPÍ, IMPRECAÇÃO DO ÍNDIO, PRISIONEIRO ÍNDIO, do futuro barão de Paranapiacaba (natural de Santos), prefigurando o tom gonçalvino. Poetas menores da Faculdade de Direito ligaram-se à mesma tradição, como Antônio Lopes de Oliveira Araújo, autor do belo GEMIDO DO ÍNDIO (1850).

Quando a obra do maranhense dominou o meio literário, dando a impressão de que, afinal, havia poesia brasileira, o terreno já estava

[pág. 156]

preparado em São Paulo, graças a Firmino. Também o ambiente criado pela *Filomática* não se dissolveria mais, e, extremamente receptivo, iria ficando daí por diante cada vez mais denso, — associações sucedendo a associações, revistas a revistas, até criar aquela saturação rompida pelo advento das correntes parnasianas e naturalistas.

3 — O grupo se justapõe à comunidade

A partir dessa etapa preliminar, em que os estudantes se articulam e adquirem consciência do seu estado, forma-se o que se poderia chamar a sua sociabilidade específica. Mesmo antes de 1840 eles já aparecem como grupo diferenciado na pequena cidade de então (doze a quinze mil habitantes); a partir mais ou menos daquele ano, firma-se nitidamente o processo de elaboração de uma expressão própria desse grupo. Imaginemos o estado de coisas àquela altura na capital sossegada e provinciana, que um acadêmico irreverente definia assim: "Depois, o povo paulista tem o mesmo tipo: é monótono por excelência. Chilenas, banguês, burros, padres, capas, mantilhas, lama, caipiras (machos e fêmeas) eis o que encontrava Genesco".[11] Os padrões sociais previam o comportamento de sitiantes, proprietários, comerciantes, advogados, magistrados, funcionários, deputados — isto é, daquilo que os rapazes seriam depois do curso, depois de casados, compadres, pais de família, liberais ou conservadores, almoçando às oito, jantando às três, ceando às sete, dormindo às nove. Mas que padrões se ajustariam ao comportamento de dezenas e logo centenas de moços de gravata lavada, ocupados em atividades tão fora do esquadro? No flanco da comunidade paulistana cresceu e se firmou, com características próprias, o grupo diferenciado de acadêmicos.

---

[11] | (Teodomiro Alves Santiago), *Genesco, Romance de costumes acadêmicos,* 2a ed., 2 vols., *2°* vol., Rio de Janeiro, 1866, p. 16.

Na idade em que estavam, de passagem da adolescência à maturidade, quase todos longe das famílias, socialmente colocados aquém da vida prática, nutridos de idéias e princípios diferentes dos que norteavam os paulistanos, é natural que desenvolvessem tipos

[pág. 157

excepcionais de comportamento. Antes, tinham sido meninos de família, como os outros; depois, seriam letrados, políticos e proprietários, como os outros. No breve curso da Academia, porém, eram algo diferente. Tanto mais diferentes, quanto os haviam concentrado na pequena e pacata São Paulo, que não possuía estrutura social constituída de modo a englobá-los.

Desse caráter de exceção nutriu-se a sua sociabilidade peculiar, definida por determinados tipos de comportamento, determinada consciência corporativa, e, finalmente, uma expressão intelectual própria.

A sua localização histórica é reconhecível pelo apogeu das manifestações características, que podemos delimitar, de um lado, pela fundação da *Sociedade Epicuréia* (1845); de outro, pela estadia de Castro Alves (1868). A partir de 1870 a convivência acadêmica se vai alterando. O crescimento rápido da cidade, a diferenciação crescente das funções, modificaram pouco a pouco o sistema de relações entre os dois grupos — o de estudantes e a comunidade. Aquele foi perdendo o relevo próprio, encontrando vias cada vez mais numerosas de conexão com esta, dissolvendo-se na vida comum. Em consequência, perdeu a sua gloriosa exceção, embora não a sua importância.

Na fase que nos interessa, portanto, o "corpo acadêmico" se define sociologicamente como um segmento diferenciado na estrutura da cidade, à qual por enquanto se justapõe, sem propriamente incorporar-se, caracterizando-se pela formação de uma consciência grupal própria. A boêmia e a literatura constituem a manifestação mais tangível desta, configurando o tipo clássico do estudante paulistano, exprimindo o seu *ethos* peculiar. É verdade que sempre houve numerosos rapazes alheios à vida acadêmica, tendendo por isto a integrar-se nos outros agrupamentos da comunidade e aproximando-se dos seus padrões. Eram os que decoravam o compêndio, cortejavam bons partidos, agradavam os figurões — antecipando-se à vida. Mas o fato é que os momentos de crise tornavam patente o elevado grau de coesão estudantil, como foi o caso, em 1843, das assuadas ao presidente Joaquim José Luís de Sousa, quando a prisão de dois rapazes levou grande parte dos colegas a se constituírem

[pág. 158]

prisioneiros em solidariedade.[12] E mais ainda no chamado "conflito dos cadetes" (1854), em que houve um morto e a cidade se pôs em pé de guerra, acabando tudo com a remoção do batalhão do Exército envolvido nas ocorrências. Nessa ocasião, toda a Academia saiu a limpo, a despeito da situação dramática, reagindo coesa, exigindo e obtendo desagravos aos seus brios, que reputara ofendidos.[13]

Esta situação criava tensões frequentes entre os estudantes e a comunidade, e não há melhor prova da estrutura dual que era então a de São Paulo do que o seu reconhecimento tácito pela administração, nomeando em 1851 e mantendo por longos anos no cargo de delegado de polícia um lente da Faculdade, o conselheiro Furtado, que nesta qualidade servia de ponte entre a população e o grupo estudantil.

Além das estudantadas e da boêmia, a sociabilidade acadêmica se manifestava

---

12 | Almeida Nogueira, *Tradições e reminiscências da Academia de São Paulo,* 9vols., S. Paulo, 1907-1912, *2o* vol., 1907, p. 66-93.

13 | Idem,vol. 9o, 1912, p. 75-91.

de modo mais estruturado nas "repúblicas", agremiações literárias, jornais e revistas.

Há em São Paulo uma reunião original, vivendo louca, caprichosa e interessante, que tem uma crônica importantíssima, mas que varia tanto, como o caráter de seus protagonistas.

Não sabemos que mente de poeta, ou de socialista observador, batizou essa reunião sob o nome simpático de República.

Três ou quatro rapazes reúnem-se, pactuam e vão viver na mesma casa, fazendo em comum as despesas do alimento, do aluguel etc. Eis a República proclamada.[14]

Estruturadas pelo princípio da origem comum (taubateanos, mineiros, fluminenses) ou do interesse comum (troça, literatura, estudo), elas eram a unidade básica da vida estudantil. Unidades não apenas de pouso, mas de recreio e atividade intelectual. Nelas

[pág. 159]

se originaram muitos escritos, muitos projetos literários. Pelos fins do decênio de 1840, nelas se reuniam para improvisar bestialógicos em prosa e verso (gênero da mais alta importância, cujas produções se dispersaram infelizmente quase todas) João Cardoso de Menezes, Silveira de Sousa, José Bonifácio, o moço, Aureliano Lessa, Bernardo Guimarães — autor do estupendo soneto:

Eu vi dos pólos o gigante alado…

Das repúblicas a sociabilidade literária se expandia pelos grêmios, inaugurados pela *Filomática:* o *Ensaio Filosófico,* 1850; o *Ateneu Paulistano,* 1852; *a Associação Culto à Ciência,* 1857 (de preparatorianos); o *Instituto Acadêmico,* 1858; o *Clube Literário,* o *Instituto Científico.* Merece lugar à parte a *Epicuréia* (1845), espécie de ponto de encontro entre a literatura e a vida onde os jovens procuraram dar realidade às suas imaginações românticas. Foi uma experiência do maior significado para definir o que houve de mais característico no Romantismo paulistano, na qual o exemplo

---

14 | *Genesco,* cit, vol. 1º, p. 75.

conscientemente seguido dos personagens de Byron e Musset foi entroncar-se inconscientemente na tradição do marquês de Sade.

Algumas dessas associações tiveram o seu periódico, destacando-se os famosos *Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano* e *Ensaios Literários do Ateneu Paulistano.* E houve jornais, como o *Acaiaba* (1851), *O Guaianá* (1856) (cujos nomes indicam a tendência), *A Academia* (1856), *íris* (1857).[15]

Concluindo, registremos, do ponto de vista que nos interessa, o caráter complexo e multifuncional do grupo estudantino, no que se refere à literatura.

Note-se, com efeito, que ele constituía um meio estimulante para a produção literária, seja envolvendo o estudante numa atmosfera de exceção, seja integrando-o num sistema de relações em que a atitude literária predominava. Muita gente, que pela vida afora nunca mais

[pág. 160]

ia abrir um livro de ficção ou de poesia, era desta maneira conduzida a pagar o seu tributo, contribuindo para o patrimônio do grupo com produções as mais das vezes sem maior significado estético.

Mais ainda: era um sistema de intercâmbio literário, garantindo o curso das produções, seja por escrito, seja nas frequentes sessões de grêmio, seja nos recitativos, discursos e debates de república ou tertúlia. Era uma bolsa de livros, trocados, emprestados, *filados* — circulando de qualquer forma, na falta de bibliotecas e livrarias. Lembremos a importância decisiva que teve na formação de José de Alencar o fato de morar na República de um amigo de Francisco Otaviano — cujos livros pôde assim devorar, familiarizando-se com a literatura francesa, sobretudo Balzac. Conheço uma coleção encadernada dos *Ensaios literários,* em cuja primeira página se lê, numa letrinha corrente e amarelecida: "Foi arranjado com muito custo e por isso é infilável por sua natureza". Nada mais significativo das formas estudantis de circulação

---

15 | Ap. Couto de Magalhães, artigo na *Revista Acadêmica,* n° 4, 1859, transcrito como introdução a Paulo *Vale, Parnaso Acadêmico Paulistano,* S. Paulo, 1881.

bibliográfica…

Além disso, as repúblicas constituíam o público, — elemento básico no funcionamento e na continuidade da literatura. No século passado, os estudantes de São Paulo tiveram este privilégio pouco vulgar no Brasil de então: saída certa para a sua atividade intelectual. Imagine-se o estímulo que decorria, devido à ressonância entre os colegas, espécie de auditório ou conjunto permanente de leitores, cuja opinião formava pedestal para a evidência das obras na comunidade e eventualmente no país.

Finalmente, o corpo estudantil fornecia a crítica, a sistematização das apreciações impressionistas, a tentativa de interpretar o significado das obras. Nas revistas e nos jornaizinhos, censores e apologistas ombreavam com poetas e prosadores. Alguns, da melhor e mais promissora qualidade, como Álvares de Azevedo e Antônio Joaquim de Macedo Soares — este, um embrião de grande crítico, sem dúvida superior aos que então pontificavam. Dedicando grande interesse à análise dos trabalhos de acadêmicos e ex-acadêmicos, ele enriquece as coleções da *Revista Mensal,* dos *Ensaios* e, no Rio, da *Revista Popular,* com um juízo agudo e equilibrado, que é pena tenha sido desviado em seguida para outros setores.

[pág. 161]

Estas considerações nada significam, todavia, se não lhes juntarmos uma última, a saber, que o Romantismo facilitou a constituição autárquica do corpo acadêmico, fornecendo-lhe uma ideologia adequada, pelas três vias em que se manifestou aqui: nacionalismo indianista, sentimentalismo ultra-romântico, satanismo. O primeiro, menos que os outros; o terceiro, mais do que todos.

Depois da publicação das poesias de Gonçalves Dias, o regato brotado na fonte de *Nênia,* de Firmino, alargou-se numa torrente imperiosa, a cujo fio se deixaram ir muitos dos jovens. O *Acaiaba,* redigido por Couto de Magalhães, depois o *Guaianá,* votaram-se ao Indianismo, que alastrou também pelas outras revistas, em poesia e crítica. Reconhecido por todos como fundador da poesia brasileira, Gonçalves Dias era por alguns considerado o modelo necessário. Dentro dos critérios de nacionalismo estético, imperantes em nosso Romantismo, julgou-se o valor dos poetas pela presença ou ausência, na sua obra, do pitoresco nacional, mormente o indígena. Álvares de Azevedo, embora admirado, era tido por muitos como pouco, ou não brasileiro, poeticamente. "Manuel Álvares de Azevedo pouco e muito pouco tem de brasileiro: apontaremos só a *Canção do sertanejo",* escrevem dois estudantes.[16] "As suas poesias, embelezadas nos perfumes da escola byroniana" — diz outro — "não foram inspiradas ao fogo de nossos lares. As harmonias do nosso céu, os perfumes de nossa terra não ofereciam àquela alma ardente, senão um espetáculo quase sem vida; eram maravilhas por assim dizer murchas, ante as quais o poeta não se inclinava".[17] Pode-se ver a que ponto chegou a obsessão indianista dos estudantes de então por esta primeira estrofe de *O canto de Ibitinga,* de L. B. Castilho:

[pág. 162]

Deixei taba adornada de crânios,
Meus djicks, meu forte cuang,
Deixei inis aonde embalava
Meus amores mais doces que o pang.

E o mocinho explica em notas, complacentemente, que *djick é* flecha, *cuang é* arco, *inis* é rede, *pang* é mel…[18]

O Indianismo chegou pois a adquirir aspectos característicos na atmosfera acadêmica. Não obstante, era linguagem de maior comunicabilidade, ligando os estudantes ao nacionalismo — que se manifestou em São Paulo de forma ainda mais geral, na celebração constante do Ipiranga, tema localista correspondente ao que foram o Dois de Julho, na Bahia, a Guerra Holandesa, em Pernambuco, a Inconfidência, em Minas.

---

16 | M. Nascimento Fonseca Galvão e L. R Peres Moreno, PARECER, *Revista do Ensaio Filosófico Paulistano,* 7a série, n° 2, p. 19.

17 | A. Correia de Oliveira, FRAGMENTO DE UM ESCRITO — III — A POESIA, *Revista do Instituto Científico,* 2 série, n 2, 1863, p. 41.

18 | *Ensaios literários do Ateneu Paulistano,* n° 4-5-6, 1853, p. 99.

Igualmente acessível ao gosto comum foi o sentimentalismo ultra-romântico, — a idealização amorosa, a pieguice, a melancolia, vazadas em ritmos melodiosos e fáceis, desenvolvidos sob a inspiração direta dos portugueses. Constitui a maioria da produção estudantina do tempo, e bem se compreende a importância que teve para definir a ideologia do grupo, graças à sua insistência no poeta solitário, incompreendido, infeliz, separado por um abismo da comunidade dos homens comuns. Era uma solução para exprimir a posição autárquica do estudante, confirmando-o na sua singularidade, na sua *diferença.*

> Ide, minhas canções, voai aos ermos,
> Filhas da solidão, voltai a ela!
> [B. Guimarães]

Em face do burguês que lhe esconde a filha e resmunga com as suas tropelias, o moço se define como alma de escol, incompreendida do mundo, fadada à infelicidade. Abundam nas revistas de então as diatribes contra a hipocrisia, a corrupção, a dureza da sociedade — saídas por vezes da pena de algum salteador noturno de galinhei-

[pág. 163]

ros, ou comparsa de pândegas inconfessáveis. Em face da comunidade estática, o grupo trepidante de moços encontra na atitude romântica uma solução ideal para exprimir a sua diferenciação.

Foi, contudo, o satanismo que constituiu a manifestação mais típica dessa singularidade do poeta-estudante nos meados do século, fornecendo uma ideologia de revolta espiritual, de negação dos valores comuns, de desenfreado egotismo. Foi ele o ingrediente principal das lendas joviais e turvas que envolvem a vida acadêmica de São Paulo numa atmosfera de desvario. A melancolia, o humor negro, o sarcasmo, o gosto da morte traçam à roda do grupo estudantil um círculo de isolamento que acentua, para o observador, o seu caráter de exceção na sociedade ambiente. É a típica tonalidade paulistana, difundida por todo o país, contribuição original desta cidade ao

Romantismo brasileiro, ligada à pessoa e à obra de Álvares de Azevedo — principalmente o *Macário* e *A noite na taverna.* Aureliano Lessa, Bernardo Guimarães e ele encarnam este momento da nossa literatura — sólida trinca de amigos que fascinou muitas gerações de acadêmicos-literatos. E realmente participaram de tal modo dos padrões excepcionais do seu grupo, que não se acomodaram fora dele: Manuel Antônio morreu antes de deixá-lo; Aureliano jamais conseguiu escapar ao seu influxo, a ponto de morrer de bêbado, inadaptado integral à vida; Bernardo deixou a poesia (pelo menos a verdadeira), buscando outro rumo no romance, e na vida foi sempre um inadaptado pouco melhor que o seu infeliz e fraternal amigo.

Com esta corrente, o grupo da Academia atingiu o ponto mais alto da diferenciação e forjou a sua expressão mais característica. Não era possível ir mais longe sem a ruptura total com a sociedade ambiente. E de fato não foi. As "exagerações" da sua poesia não cessam de ser apontadas nos jornaizinhos, e o grupo acadêmico, apesar do fascínio exercido pela lembrança do satanismo, irá pouco a pouco descobrindo conexões que possibilitem a sua integração na comunidade. Varela, que veio pouco depois refazer na vida, e um pouco na poesia, o caminho da famosa tríade, já não passaria de um continuador. Castro Alves dará o sinal da mudança deslocando

[pág. 164]

os rapazes da sua autarquia para a vasta comunhão dos problemas sociais. E o grupo, crescido como floração estranha no flanco da pequena cidade, integrar-se-á lentamente na vida da grande cidade que desponta.

4 — A comunidade absorve o grupo

O terceiro momento que pretendemos fixar situa-se na passagem do século XIX: entre 1890 e 1910, digamos sem maior preocupação cronológica.

A cidade é outra. Tem setenta mil habitantes naquela data; duzentos e quarenta mil nesta. É um importante centro ferroviário, comercial, político, onde a indústria se esboça. A população mudou radicalmente. Não há mais escravos, os caipiras vão sumindo, chegaram magotes de italianos, espanhóis, portugueses, alemães. Há uma diferenciação social muito mais acentuada, quer no sentido horizontal do aparecimento de novos grupos, e alargamento dos que havia, quer no vertical, em que as camadas se superpõem de modo diverso, recompostas quanto ao número, à composição, aos padrões de comportamento. A Faculdade de Direito é importante, mas já surgiram ou vão surgir outros institutos de ensino superior, e o novo perfil da estrutura social e demográfica não favorece mais a sua posição excepcional. É um segmento integrado, ao lado de outros. A literatura já não depende mais dos estudantes para sobreviver, nem eles precisam mais da literatura como expressão sua, para equilibrar-se na sociedade. No lapso corrido desde o decênio transformador de 1870, deu-se um processo decisivo: a literatura é absorvida pela comunidade — antes impermeável a ela — e deixa de ser manifestação encerrada no âmbito de um grupo multifuncional, ao mesmo tempo produtor e consumidor. Formou-se um público, e se não a profissão de escritor (cuja primeira associação se esboça aqui pouco antes de 1890), certamente uma atividade literária que não mais depende de um só grupo, recrutando os seus membros em vários deles.

Deixando de ser manifestação grupai, ela vai tornar-se manifestação de uma classe — a nova burguesia, recém-formada, que refi-

nava os costumes segundo o modelo europeu, envernizada de academismo, decadentismo e *art-nouveau.*

Nesse terceiro momento a literatura se torna acentuadamente *social,* no sentido mundano da palavra. Manifesta-se na atividade dos profissionais liberais, nas revistas, nos jornais, nos salões que então aparecem. E por uma conjunção verdadeiramente providencial, é o momento do Parnasianismo e do Naturalismo.

Com efeito, assim como as tendências românticas prestaram-se à definição de uma literatura de grupo, oposta de certo modo à comunidade tacanha, pelo coeficiente de isolamento e antagonismo que trazia, o Parnasianismo e o Naturalismo se ajustaram com vantagem a essa difusão da literatura na comunidade em mudança, pelos seus cânones de comunicabilidade e consciência formal. Expressão clara, embora elaborada; sentimentos naturais; conformidade ao bom senso e à realidade como ela é; comunicabilidade, porém definida segundo os padrões da gente culta, incorporada à classe dominante e dispersando-se a partir dela pela população.

Daí um certo aristocratismo intelectual, certo refinamento de superfície, tão do agrado da burguesia, que nele encontra atmosfera confortável e lisonjeira. Não é de estranhar, portanto, que as concepções literárias de então se hajam enraizado em São Paulo, a ponto de até hoje formarem a base do gosto médio, que parou em Vicente de Carvalho e Martins Fontes. Os oradores, os jornalistas, os homens públicos ainda se reportam automaticamente a elas, quando elaboram a sua expressão, e os poetas modernos mais queridos são os que a elas mais se prendem: Guilherme de Almeida, Menotti del Picchia.

Grande significado social, como se vê, tem este processo por meio do qual a produção literária se transferiu do grupo fechado de estudantes para a comunidade, organizando-se de acordo com padrões definidos pelos da elite social. Processo que serviu à própria poesia romântica — ao alargar o âmbito dos seus consumidores, dando-lhes difusão que antes não possuía. E ao fazê-lo, recalcou as tendências satânicas tão características do meado do século, selecionando as do sentimentalismo e do nacionalismo, mais comunicáveis, e de

[pág. 166]

fato incorporados pela musa parnasiana. Resultado: talvez nunca tenha havido em São Paulo uma coincidência tão grande entre a inspiração dos criadores, o gosto do público, a aprovação das elites. Contos e romances *reais* ("a gente parece ver"; *"parece* que *aconteceu* com a gente"); poemas sonoros, límpidos, fáceis de decorar e recitar, mas ao mesmo tempo corretos, de acordo com as normas da língua — cujo cultivo encontra então o seu apogeu. Não é por mera coincidência que dois dos poetas mais característicos da época sejam professores: Francisca Júlia e Sílvio de Almeida — este, bom conhecedor do idioma. Nem que o mais famoso romancista, dentre os que viviam em São Paulo, fosse Júlio Ribeiro, gramático eminente. "Língua", "linguagem", "apuro", "estilo terso", "escoimado de erros", "vernáculo"; "decoro", "lapidar", "escorreito", "nitidamente desenhado", "fino lavor", "opulento", "riqueza de vocabulário"; "real", "traçado ao vivo", "tirado da vida", "só falta falar", — eis um ramalhete da crítica do tempo, mais eloquente do que tudo que pudéssemos dizer.

Compreensível, portanto, que ocorresse então o beneplácito dos poderes à literatura. Literatura na política, na administração. Literatura como degrau de ascensão social. Solenidades públicas. Academias literárias — não mais de mocinhos imberbes, cedo dispersados pela vida, mas de respeitáveis senhores, com posição na sociedade. *Salons* em vez de repúblicas; em vez das sessões de grêmio, a acolhida ampla de um público já constituído, com interesses norteados pela burguesia semiletrada.

No entanto, a herança dos mocinhos parece qualitativamente mais sólida, — pois de todo esse período, tão cheio de talentos estimáveis e de um real fervor pelas coisas do espírito, apenas nos fere a sensibilidade, hoje em dia, Vicente de Carvalho. Olhando-o em bloco, vemos que a sua função foi sobretudo social: a incorporação efetiva da literatura à vida da comunidade paulistana, por meio dos padrões de suas classes dominantes.

5 — O grupo se desprende da comunidade

Esta incorporação da literatura à comunidade — que noutras

[pág. 167]

partes do Brasil já se havia dado antes — e a maneira por que se processou, explicam muitos aspectos do quinto e, para este estudo, último momento, que agora vamos considerar. Trata-se do Movimento Modernista, que nesta cidade se desenvolveu e teve as suas manifestações mais características de 1922 a 1935. Foi uma profunda renovação literária, estreitamente ligada à constituição de um agrupamento criador, como era o dos estudantes românticos; não mais justaposto à comunidade, todavia, mas formado a partir dela, oriundo da sua própria dinâmica, diferenciando-se de dentro para fora — por assim dizer. No plano funcional, diríamos que corresponde à necessidade de reajustar a expressão literária às novas aspirações intelectuais e às solicitações da mudança artística em todo o Ocidente. No plano da estrutura, diríamos que foi um esforço — em parte vitorioso — para substituir a uma expressão nitidamente de classe (como a dos anos 1890-1920) por uma outra, cuja fonte inspiradora e cujos limites de ação fossem a sociedade total.

Nesta parte, estamos ao alcance da memória de gente viva, e não há necessidade, como para os períodos anteriores, de aduzir documentos e provas. Todos sabem, por exemplo, que este movimento é o único, na literatura em São Paulo, cujo início pode ser precisamente datado: começa na famosa Semana de Arte Moderna, realizada em 1922 no Teatro Municipal. Espanemos mais uma vez a imagem cediça, para dizer que o Brasil teve, ali, a sua "noite do *Ernâni*"... Com efeito, ali se defrontaram duas facções, uma lutando por renovar a literatura de acordo com o espírito do tempo; outra, defendendo indignada uma tradição que, em São Paulo, correspondia a algo enraizado na sensibilidade. De ambos os lados, boa-fé e energia. Do lado dos conservadores, a aprovação tácita da comunidade; mas os renovadores tinham por si a premonição dos tempos novos e (tocamos no ponto que nos concerne sobretudo) formavam um agrupamento capaz de provocar o seu advento.

No seu estudo clássico sobre SUPERORDENAÇÃO E SUBORDINAÇÃO, procurando explicar o motivo pelo qual o tirano — que é um só — pode manter submisso o povo, — que são todos, — argumenta Simmel que *todos* apenas de passagem se aplicam a pensar ou agir contra a opressão, e ainda assim com uma parte mínima das suas energias, empenhadas nos interesses vários da vida; portanto, exercem uma reação desconexa e parcial. O tirano, pelo contrário, põe no ato de mandar toda a sua personalidade em todos os momentos da sua vida, de tal forma que as reações parciais encontram sempre de volta a ação total da sua energia, expressa na inteireza do sistema repressivo.

Podemos aproveitar esta explicação para dizer que, ao passo que as tendências conservadoras se ocupavam apenas eventualmente em defender o seu ponto de vista, houve em São Paulo, durante anos, um grupo que punha na ação renovadora toda a sua capacidade de criação e agressão. De tal modo, que se as suas opiniões não chegaram a substituir a literatura dominante, elas exerceram atração poderosa sobre as forças criadoras, sobretudo o que havia de vivo e promissor. Com isso, encurralaram a literatura oficial no academismo mais estéril, e abriram caminho para a literatura nova, que dominaria completamente em nossos dias.

A ação de grupo foi, portanto, decisiva. Não só da parte do bloco inicial dos modernistas, que se manteve coeso durante algum tempo, como dos subgrupos que dele se originaram, decantando os vários aspectos contidos no movimento: *Verdeamarelismo, Anta, Antropofagia,* grupo do *Diário Nacional,* da *Revista Nova* etc.

No começo, o referido bloco abrangia os modernistas do Rio, dos quais Graça Aranha desejava passar por chefe. Os principais dentre os paulistas eram Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo, A. Couto de Barros, Guilherme de Almeida, Rubens Borba de Morais, Sérgio Milliet — mais tarde Antônio de Alcântara Machado. O grupo desenvolveu uma linguagem própria, e muito do que se tornou expressão oficial do movimento, e pareceu ao público hermetismo voluntariamente perverso, se explica no fundo por certas formas de intercomunicação dos seus membros. Os modismos, o estritamente pessoal de cada um, passaram ao verso e à prosa, suscitando, para os não iniciados, problemas angustiosos de exegese, como certos versos de Mário de Andrade:

[pág. 169]

E os goianos governados por meu avô,
ou
A Flandres inimaginável
E a decadência dos Almeidas.

Ou ainda certo final de capítulo do *Serafim Ponte Grande,* jovial e realista, carregado de sentido para os que conheciam os motivos do autor.

Além desse esoterismo que reforça a coesão interna, opondo o grupo aos outros, e à sociedade geral, os modernistas desenvolveram as famosas atitudes "futuristas": interpelações públicas, protestos, intimidação, confusão do adversário. Estabeleceram uma desnorteante mistura de valores, como a citação do Guaraná Zanotta ao lado de referências a Bilac ou Fídias. Organizaram tertúlias famosas, espécies de cerimônias confirmatórias, em fazendas e salões de amigos, em excursões distantes, — a Ouro Preto, à Amazônia.

Passaram no crivo a tradição clássica, afetando total indiferença pelos seus valores. Todavia, este aparato esotérico e exotérico não passava de blindagem do grupo para a luta, cuja finalidade real foi o trabalho aturado e profundo de revisão literária. Pode-se reconhecer a autenticidade de um escritor dessa fase pela sua identificação com a vida aparente e a vida profunda do movimento. Os que dele participaram como quem tem catapora, e os que se realizaram nele, como obra e personalidade.

Na constituição desse, ou desses agrupamentos de campanha literária, deve-se apontar a relação que mantiveram com os salões burgueses, alguns oriundos da fase anterior e que, tendo constituído atmosfera estimulante para os efeitos convencionais do Parnasianismo, forneceram também, em certos casos, ambiente para os modernos. Algumas casas da classe dominante em São Paulo os acolheram, dando-lhes deste modo não apenas amparo e reconhecimento em face da tradição, mas reforçando os vínculos entre eles, confirmando-os na sua sociabilidade própria. Houve mesmo tensões e rupturas na base do apoio ou fidelidade aos vários mecenas. Dentre tais salões deve-se mencionar a famosa Vila Kyrial, onde

[pág. 170]

"Freitas Vale o magnífico", — o poeta simbolista Jacques D'Avray, — congregou sucessivamente, por mais de um quarto de século, simbolistas, parnasianos, modernistas, estabelecendo um elo profundo entre estas diversas tendências. A circunstância dos modernistas se ligarem a formas tradicionais de sociabilidade literária mostra que a estrutura social da cidade, bastante rica a esta altura, já se encontrava aparelhada para assimilar as formações divergentes, originadas pela dinâmica do seu desenvolvimento.

Esta observação nos leva a outra, de natureza comparativa. Enquanto na São Paulo romântica a literatura surgiu e encorpou como expressão de um grupo, que não encontrava manifestação possível da sua integridade no quadro das atividades sociais disponíveis; na São Paulo pós-parnasiana o grupo modernista surgiu (isto é, constituiu-se enquanto grupo) como veículo de tendências intelectuais que não podiam manifestar-se através dos grupos literários (efetivos ou virtuais) então existentes.

Prossigamos na linha comparativa. Em 1922, como em 1845, o grupo literário se constituiu em oposição consciente à comunidade, na afirmação de uma existência própria. Em 1845, porém, a oposição era entre duas visões do mundo, e por assim dizer entre duas idades — adolescência e maturidade. Em 1922, era, além disso, de uma literatura a outra — pois o que se desejava era destruir um sistema literário solidamente constituído, coisa inexistente em São Paulo ao tempo do Romantismo.

Daí o estabelecimento, no plano literário, de uma competição com os grupos que representavam o sistema oficial: jornais, salões, academias, correntes de opinião. Foi nitidamente (e isto é o seu caráter diferencial do ponto de vista sociológico) uma porfia em torno da liderança intelectual em São Paulo. Foi uma concorrência em que se empenharam os defensores de uma literatura ajustada à ordem burguesa tradicional, implicando um "gosto de classe" (dominante), fielmente servido por escritores providos de beneplácito, difundindo-se pelo exemplo por toda a pirâmide social; e os renovadores, procurando exprimir valores mais profundos, aspirações e estilos recalcados na literatura popular pelo oficialismo burguês.

[pág. 171]

Por isso, embora os escritores de 1922 não manifestassem a princípio nenhum caráter revolucionário, no sentido político, e não pusessem em dúvida os fundamentos da ordem vigente, a sua atitude, analisada em profundidade, representa um esforço para retirar à literatura o caráter de classe, transformando-a em bem comum a todos. Daí o seu populismo — que foi a maneira por que retomaram o nacionalismo dos românticos. Mergulharam no folclore, na herança africana e ameríndia, na arte popular, no caboclo, no proletário. Um veemente desrecalque, por meio do qual as componentes cuidadosamente abafadas, ou laboriosamente deformadas (é o caso de "literatura sertaneja") pela ideologia tradicional, foram trazidas à tona da consciência artística. O admirável TUPI OR NOT TUPI, do *Manifesto Antropófago* de Oswald de Andrade — mestre incomparável das fórmulas lapidares —, resume todo este processo, de decidida incorporação da riqueza profunda do povo, da herança total do país, na estilização erudita da literatura. Sob este ponto de vista, as intuições da Antropofagia, a ele devidas, representam o momento mais denso da dialética modernista, em contraposição ao superficial "dinamismo cósmico" de Graça Aranha.

Outro traço, que reforça a semelhança geral do Romantismo com o Modernismo, é a atitude de negação, que lá foi satanismo e aqui troça, piada. O humor e a chacota pertencem também à atitude romântica, e uma das suas manifestações mais típicas, A ORGIA DOS DUENDES, de Bernardo Guimarães, é um xadrez de brincadeira, melancolia e perversidade, com predomínio das duas últimas. Já o Modernismo é o movimento mais alegre e jovial da nossa literatura, — manifestado no próprio comportamento dos seus protagonistas, na sua furiosa ânsia de diversão.

Lembremos O CLARO RISO DOS MODERNOS, de Ronald de Carvalho, para sugerir que a alegria foi dogma equivalente à tristeza romântica e, por isso mesmo, não raro artificial, como esta. Ambas foram norma e expressão de grupo, a que se conformavam os seus membros respectivos. *Macunaíma,* de Mário de Andrade, a maior obra do movimento, reflete bem esta condição; mas termina num quebranto de melancolia, que revela as correntes profundas da atitude modernista.

[pág. 172]

E agora, terminando, lembremos a analogia derradeira: como o Romantismo, o Modernismo é, de todas as nossas correntes literárias, a que adquiriu tonalidades especificamente paulistanas. Se em São Paulo não tivesse havido os escritores que houve no período clássico, no Naturalismo, no Parnasianismo e no Simbolismo, a literatura brasileira teria perdido um ou outro bom escritor, mas nada de irremediável. Se tal acontecesse no Romantismo e no Modernismo, o Brasil ficaria mutilado de algumas das suas mais altas realizações artísticas, como são a tonalidade noturna do *Macário* e a explosão rabelaisiana de *Macunaíma,* com tudo o que se organizou de fecundo em volta dessas obras culminantes. Dois momentos paulistanos, portanto; dois momentos em que a cidade se projeta sobre o país e procura dar estilo às aspirações do país todo:

> Dançamos juntos no Carnaval das gentes,
> Bloco pachola do "Custa mas vai!"
> Mário de Andrade

* * *

Se as considerações anteriores alcançaram o objetivo, o leitor terá obtido uma rápida visão da literatura nas suas relações com a comunidade paulistana. Terá visto que ambas se explicam e se complementam, se as quisermos ver solidariamente.

Com efeito, os cinco momentos mostram cinco maneiras diversas de associação dos escritores, de participação dos mesmos na vida social, de ajuste da expressão à dinâmica dessas relações e sua influência nelas.

A princípio, uma cidade em que não há condições para a vida organizada da inteligência, mas onde há alguns indivíduos animados do desejo de exprimir os valores locais. É o primeiro e vago esboço de uma literatura paulistana, definida pelo encontro de poucos intelectuais com os valores tradicionais da comunidade, já socialmente amadurecidos, mas ainda não simbólica e intelectualmente elaborados.

[pág. 173]

Decênios mais tarde, vemos desenvolver-se um agrupamento que permite a atividade literária permanente. Ele pertence à cidade, está demograficamente integrado nela, mas lhe é espiritualmente alheio. Não possui forças para elaborar uma expressão original, mas dá lugar a certas tendências que floresceriam mais tarde.

Em seguida, encontramos o corpo estudantino já estruturado e solidamente justaposto à cidade. A sua duração, a evolução das formas de sociabilidade, que lhe são próprias, deram lugar a uma atmosfera espiritual altamente condutora, que o segrega da comunidade. Os aspectos satânicos do Romantismo se casam admiravelmente a estas condições, e surge pela primeira vez uma literatura de tonalidade paulistana — expressão de um grupo que é corpo estranho na pequena cidade.

Mas esta cresce, e a moda romântica passa. O aumento de densidade demográfica e social abre novas possibilidades de ajuste dos moços, e deste modo rompe a sua sociabilidade hermética. As novas tendências literárias acentuam o caráter comunicativo da palavra, surgem escritores que não dependem da Faculdade de Direito. A literatura e os escritores se integram na comunidade. Como a sociedade é de classes, constitui-se uma literatura convencional, ajustada aos padrões de refinamento e inteligibilidade da classe dominante, cujo prestígio garante a sua difusão pelas outras camadas.

Ora, nessas condições, a literatura passa de tal modo a ser um elemento da ordem social, que não se sente nela a vibração e a receptividade em face das novas sugestões da vida, em constante fluxo. Daí um novo movimento, para lhe dar amplitude ainda maior, fundando-a, não no gosto e no interesse de um limitado setor da sociedade, mas na vida profunda de toda esta, na sua totalidade. O Modernismo completa o processo iniciado na segunda metade do século XVIII, quando os seus grupos revolucionários procuram alargar o âmbito da criação artística, englobando os aspectos recalcados da sociedade e da cultura nacional. É o segundo momento em que a cidade de São Paulo contribui com algo próprio ao patrimônio comum do país.

Um grupo virtual, bruxuleando na cidade indiferente; um grupo ordenado, estabelecendo a tradição literária; um grupo ordenado e

[pág. 174]

vivo, criando uma expressão à margem da cidade; a cidade absorvendo este grupo e chamando a si a atividade literária, que se ordena pelos padrões eruditos da burguesia culta; da cidade surgindo um grupo que rompe esta dependência de classe e, quebrando as barreiras acadêmicas, faz da literatura um bem de todos. Há uma história da literatura que se projeta na cidade de São Paulo; e há uma história da cidade de São Paulo que se projeta na literatura.

[pág. 175]

[pág. 176] *Página em branco*

ESTRUTURA LITERÁRIA E FUNÇÃO HISTÓRICA

É curioso que o *Caramuru,* de frei José de Santa Rita Durão, haja sido pouco apreciado no seu tempo, indo ter, quase meio século depois de publicado, um papel eminente na definição do caráter *nacional* da nossa literatura. Os estudiosos conhecem a abundância, durante o Romantismo, de referências a Durão e a Basílio da Gama como verdadeiros poetas *nacionais,* precursores e, mesmo, segundo alguns, fundadores da tendência que então se preconizava.

Este ensaio pretende investigar como e por que isto aconteceu, sugerindo que a função histórica ou social de uma obra depende da sua estrutura literária. E que esta repousa sobre a organização formal de certas representações mentais, condicionadas pela sociedade em que a obra foi escrita. Devemos levar em conta, pois, um nível de realidade e um nível de elaboração da realidade; e também a diferença de perspectiva dos contemporâneos da obra, inclusive o próprio autor, e a da posteridade que ela suscita, determinando variações históricas de função numa estrutura que permanece esteticamente invariável. Em face da ordem formal que o autor estabeleceu para sua matéria, as circunstâncias vão propiciando maneiras diferentes de interpretar, que constituem o destino da obra no tempo.

1

Começando por um lugar-comum, lembremos que a literatura brasileira adquire consciência da sua realidade, — ou seja, da circunstância de ser algo diverso da portuguesa, — depois da Independência; e isto decorreu, a princípio, mais de um desejo, ou mesmo de um ato consciente da vontade, que da verificação objetiva de um estado de coisas. Com efeito, pouco havia nas débeis letras de então que permitisse falar em literatura autônoma, — seja pelas características das obras, seja pelo número reduzido de autores, seja, principalmente, pela falta de articulação palpável de obras, autores e leitores num sistema coerente. Não havia tradição orgânica própria, nem densidade espiritual do meio.

Todavia, uma conjugação de fatores levou a esboçar-se, logo após a Independência, a referida consciência de autonomia, podendo-se, entre eles, destacar o desejo de dar equivalente espiritual à liberdade política, rompendo, também neste setor, os laços com Portugal. Destaquemos ainda as tendências historicistas, marcadas de relativismo, que, vendo na literatura uma consequência direta dos fatores do meio e da época, concluíram que cada país e cada povo possui, necessariamente, a sua própria, com características peculiares. Imaginemos que andava pelo ar, mais ou menos difuso, o raciocínio seguinte: "O Brasil tem uma natureza e uma população diferentes das de Portugal, e acaba de mostrar que possui também uma organização política diferente; a literatura é relativa ao meio físico e humano; logo, o Brasil tem uma literatura própria, diferente da de Portugal".

Esta foi (poderíamos dizer) a grande hipótese de trabalho dos românticos, que acabaram por erigi-la em dogma. Dela proveio muito da teoria e da prática do nosso Romantismo, seja no terreno da criação, seja no da crítica. Era preciso mostrar que tínhamos uma literatura, exprimindo características que se julgavam *nacionais;* e para lhe dar validade era preciso também provar que o meio já a vinha destilando antes, graças ao poder causal que lhe atribuíam os pressupostos românticos.

Ser bom, literariamente, significava ser *brasileiro;* ser *brasileiro* significava incluir nas obras o que havia de específico do país, notadamente a paisagem e o aborígine. Por isso o Indianismo aparece como timbre supremo de brasilidade, e a tarefa crítica se orientou, desde logo, para a sua busca retrospectiva, procurando sondar o passado para nele localizar os *verdadeiros* predecessores, que segundo os românticos teriam conseguido, graças principalmente ao pitoresco, romper a carapaça da convenção portuguesa (clássica). Diz saborosamente Mário da Silva Brito que "era preciso urgentemente, para os *nouveaux riches* da nacionalidade, descobrir uma tradição, uma tradição galharda, heróica, um mito nacional. Estava tudo no índio".[1]

Esta tendência se enquadra noutra mais ampla, típica da nossa civilização, e que se poderia chamar tendência genealógica, tomando a expressão em sentido bem lato.

Num país sem tradições, é compreensível que se tenha desenvolvido a ânsia de ter raízes, de aprofundar no passado a própria realidade, a fim de demonstrar a mesma dignidade histórica dos velhos países. Neste afã, os românticos de certo modo *compuseram* uma literatura para o passado brasileiro, estabelecendo troncos a que se pudessem filiar e, com isto, parecer herdeiros de uma tradição respeitável, embora mais nova em relação à européia. E aqui tocamos numa contradição, frequente nos arrivistas, e típica dessas gerações, entre o orgulho de ser criador de algo novo, e o desejo de ter uma velha prosápia.

Depois dessas considerações, o tema do nosso estudo pode ser formulado mais ou menos da seguinte maneira: no referido processo de construção *genealógica,* isto é, no grande esforço para definir a continuidade das manifestações do específico brasileiro na vida espiritual, com base nas particularidades do meio e do homem americano, desempenhou grande papel o *Caramuru,* publicado em Lisboa no ano de 1.781, meio século antes do nosso movimento romântico e nacionalista. Isto foi possível graças às suas características, que permitiram submetê-lo a um duplo aproveitamento, estético e ideológico, no sentido das tendências nacionalistas e românticas.

Sendo assim, deveremos investigar o seguinte:

[pág. 179]

---

1 | INFORME SOBRE O HOMEM E O POETA GONÇALVES DIAS, Gonçalves Dias, *Poesias completas,* Saraiva, S. Paulo, 1957, p. 58.

1) em que consistiu a sua participação nos antecedentes do movimento *genealógico* dos românticos;
2) quais das suas características se ligam a ele;
3) por que, por quem e como foi utilizado no mencionado sentido ideológico.

Quanto à literatura, o *movimento genealógico* começa com os pródromos do Romantismo; mas é anterior no que se refere à visão histórica do país. Sob este aspecto, o século XVIII pode ser considerado decisivo, sem prejuízo de esboços prévios. Tendo-se estabilizado nele a ocupação da terra, os homens de pensamento foram levados a uma primeira reflexão de conjunto sobre o significado do que se fizera até então. Isto principia nas zonas mais estáveis e antigas, já dotadas de certa tradição social, como Bahia, Pernambuco, São Paulo, manifestando-se pela história apologética da colônia e pelo esforço nobiliárquico, ou, se for permitido o termo, linhagístico, no sentido de definir uma aristocracia local.

As duas tendências se ligam estreitamente, pois a concepção de história não se separava do registro de feitos individuais, ou familiares. E numa sociedade de castas, em que os três *Estados* (clero, nobreza e povo) eram reconhecidos e mesmo requeridos para funcionamento das instituições, os feitos ou eram praticados pelos membros da casta guerreira e administrativa, ou davam acesso a ela, quando praticados por outros, havendo uma corrente constante que conduzia da aventura à aristocracia. A existência de uma *nobreza,* decorrente do serviço das armas, da governança, da produção econômica, provaria a existência de uma história (concebida como registro de feitos); portanto, de uma dignidade através do tempo.

As Academias Literárias promoveram esforços neste sentido. A primeira, dos Esquecidos, incumbiu Sebastião da Rocha Pita de escrever uma história do Brasil, que efetivamente se publicou em Lisboa, no ano de 1730, em edição magnífica, sob o título de *História da América portuguesa.* Como se sabe, é uma crônica barroca, desejosa de emprestar caráter de sublimidade à natureza e à história locais.

No setor estrito das linhagens, destacam-se Borges da Fonseca e a sua *Nobiliarquia pernambucana,* escrita de 1771 a 1777, muito famosa apesar de ter ficado inédita; e Pedro Taques, autor da *Nobiliarquia paulista,* escrita no decênio de 1760 e estampada apenas no século seguinte.

Ambos representam a tomada de consciência de uma classe que, já se considerando senhora da terra por direito da tradição, tentava exprimir-se no campo da política e da cultura. Classe que fará a Independência, em 1822, como esforço para se libertar política e economicamente dos estatutos metropolitanos.

A meio caminho entre história e nobiliarquia, citemos frei Antônio de Santa Maria Jaboatão, em Pernambuco, com o excelente *Novo orbe seráfico* (1761), e frei Gaspar da Madre de Deus, em São Paulo, cuja obra principal são as *Memórias para a história da capitania de São Vicente* (1797).

Todos eles exprimem a mesma aspiração *genealógica* (no sentido amplo) e constituem um movimento coeso para definir a tradição local, — celebrando a pujança da terra, o heroísmo dos homens, os seus títulos à preeminência, a limpeza das suas estirpes. A última tarefa é bastante relativa e mesmo ilusória, num país de mestiçagem, desde que seja encarada segundo padrões europeus, como faziam estes cronistas, conformando-se à teoria *da puritate sanguinis.* Sentindo o problema, eles se adequaram à situação, criando o mito da nobreza indígena, que redimiria a *mancha* da mestiçagem; e chamaram *princesas* às filhas dos caciques, incorporadas à família do branco a título de companheiras ou esposas, além de disfarçar quanto puderam a poligamia de fato, com que os primeiros colonizadores se ajustaram às condições do meio. "Princesas do sangue brasílico" foram, complacentemente, reputadas as índias Maria do Espírito Santo, em Pernambuco; Catarina Paraguaçu, na Bahia; Bartira e Antônia Rodrigues, em São Paulo, — antepassadas das estirpes mais importantes dessas capitanias, por seus casamentos, respectivamente, com Jerônimo de Albuquerque, Diogo Álvares, João Ramalho e Antônio Rodrigues. Este processo foi auxiliado pela relativa dignificação do índio, graças à atitude generosa dos jesuítas, e, afinal, à lei pombalina que extinguiu a sua escravização.

Estas observações permitem dizer que houve de fato um esforço genealógico no século XVIII, e servem de introdução histórica ao poema de Durão, que significa, no campo literário, a tentativa épica

[pág. 181]

de dar dignidade à tradição, engrandecer os povoadores, justificar a política colonial.

2

O herói de Durão se vincula tanto à tradição histórica quanto à linhagística. De um lado, sabemos que, tendo chegado à Bahia quiçá pela altura de 1510 (conforme o poema, teria vindo no decênio de 1530), morreu em 1557, tendo sido excepcionalmente considerado pelos índios e, depois, pelos colonos e autoridades, que ajudou de maneira substancial. De outro lado, é sabido que da sua ligação com algumas índias da Bahia, e pelo matrimônio subsequente com uma delas, Paraguaçu, provieram importantes linhagens baianas. Fonte de civilização e fonte da nobreza local, Diogo se valeu de alegados direitos da mulher para obter e ceder à Coroa largos tratos de gleba.

Como é natural, foi desde logo envolvido em lendas, sobretudo quanto à parte inicial da sua estadia, quando era o único branco entre os índios da região, que costumavam devorar ritualmente os prisioneiros e, entretanto, não apenas o pouparam, mas lhe deram considerável ascendência na vida tribal, — o que mais tarde lhe permitiria o papel de intermediário entre eles e os portugueses.

Durão operou em Diogo um curioso trabalho de *limpeza.* Além de fazê-lo recusar os favores das jovens postas à sua disposição, conforme o uso da hospitalidade tupinambá, fê-lo comprometer-se desde logo com Paraguaçu, para todavia só efetuar a união depois dela ter sido batizada na França, e, portanto, estar apta para o matrimônio cristão. Em resumo, o herói se comporta como um jovem adepto de São Luís Gonzaga, quebrado pela educação da contra-reforma e ajudado pelo amparo divino:

Mas desde o Céu a Santa Inteligência Com doce inspiração mitiga a chama; Onde a amante paixão ceda à prudência, E a razão pode mais, que a ardente flama. (II, 83)

[pág. 182]

Este comportamento exemplar acentua a sua mediocridade como personagem, isento de erros normais em heróis de epopéia, até nos da piedosa *Jerusalém libertada,* o que o faz corresponder apenas em parte à definição de Bowra: "(...) os autores de epopéias literárias são quase forçados a indicar uma ética. Os seus heróis são exemplos do que o homem deve ser ou tipos de destino humano cujos próprios erros devem ser registrados e lembrados".[2]

Esta simplificação se torna compreensível quando notamos que, embora utilize Diogo como elemento romanesco, o principal interesse de Durão é celebrar, na escala da epopéia, a colonização portuguesa no Brasil, segundo um certo ponto de vista, — e ainda aí se enquadra na tradição da épica literária que, diz Bowra, passou, com Virgílio, dos feitos pessoais ao destino nacional: "(...) ele quis escrever um poema sobre algo muito mais vasto que o destino de heróis individuais (...) O assunto de Camões é Portugal, como Roma é o de Virgílio".[3] Tomemos ao crítico inglês uma terceira consideração, que ajuda a compreender o poeta. Segundo ele, a epopéia literária (que contrapõe à popular) não medra no fastígio das nações ou das causas, mas no seu declínio.[4] Encarado como epopéia da nossa colonização, o *Caramuru* confirma a regra. Durão celebra-a quando o domínio português no Brasil começava a

---

2 | C. M. Bowra, *From Virgil to Milton,* Macmillan, Londres, 1948, p. 16.
3 | Ob. cit, p. 15.
4 | Ob. cit.,p. 28.

dar os primeiros sinais de declínio, e o próprio sistema colonial entrava em contradição com as realidades locais. A classe dominante adquiriu progressivamente consciência disso e passou a discernir com nitidez que havia uma tradição histórica brasileira, justificando a individualidade política do país. É o momento de passagem da consciência de uma tradição para o seu *aproveitamento* em sentido nacional pela classe dominante, que nela encontraria, inclusive, justificativas para a Independência.

Mas convém sublinhar que Durão exaltava a obra colonizadora principalmente na medida em que era uma empresa religiosa, uma incorporação do gentio ao universo da fé católica.

[pág. 183]

Entre os estímulos que o levaram a escrever o poema, talvez esteja o intuito de replicar ao *Uraguai,* de Basílio da Gama (1769), que apresentara a catequese dos jesuítas como acervo de iniquidades, dentro da linha de propaganda pombalina a que obedecia. Durão quis mostrar, ao contrário, que a civilização se identificava ao catolicismo e era devida ao catequizador, — em particular ao jesuíta. E que a nossa história se explicava, de um lado, como incorporação progressiva do aborígine a esta ordem de crenças e práticas; de outro, como esforço do português para manter a ortodoxia, contra protestantes franceses e flamengos. É significativo a este respeito o fato de, ao recapitular a nossa formação, limitar-se praticamente às guerras contra eles, transformando a história do Brasil numa crônica militar, em que o guerreiro se torna, a seu modo, missionário na defesa da fé (CANTOS VIII e IX). Trata-se, portanto, de uma epopéia eminentemente religiosa, antipombalina, em que até na forma o autor se mostra passadista, ao repudiar o verso branco, tão prezado pelos seus contemporâneos, para voltar aos processos camonianos. Isto, é claro, não impede que sofra influências do seu tempo, inclusive as que o levam a suprimir quase completamente o maravilhoso, fato que Hernani Cidade aponta, atribuindo-a à doutrina de Verney.[5]

---

5 | Santa Rita Durão, *Caramuru,* Poema Épico do Descobrimento da Bahia, por Hernani Cidade, Livraria Agir Editora (Coleção Nossos Clássicos, nº 13), Rio, 1957, p. 9e 11-12.

O segundo elemento básico é a visão grandiosa e eufórica da natureza do país, que funciona como cenário digno de grandes feitos e acrescenta mais uma dimensão às proporções da epopéia. A este propósito, convém estabelecer algumas correlações entre a técnica de Durão e o tópico do *locus amoenus,* estudado por Curtius.[6]

O jardim de delícias, o lugar maravilhoso, é um elemento constitutivo da estrutura das epopéias, servindo para contrastar os trabalhos da vida com a promessa ou miragem do ideal. É a Ilha dos

[pág. 184]

Amores, em *Os lusíadas;* o jardim de Armida, ou a vida entre os pastores, na *Jerusalém libertada;* o paraíso bíblico, em Milton; o paraíso à moda brasileira, no céu do *Assunção,* de frei São Carlos. No *Caramuru,* todavia, há uma generalização desta prática, pois o poeta amplia o lugar de maravilhas até fazê-lo coincidir com todo o país e, deste modo, descaracterizar a sua função. Não se trata mais de um segmento excepcional do espaço épico: é todo ele que se identifica ao horto ameno.

A este propósito, convém notar que Durão deu semelhante tratamento à natureza porque, em parte, isto se vinha efetuando na visão que os portugueses manifestaram do Brasil, desde o século XVI, e que se comunicara aos escritores brasileiros na passagem do XVII para XVIII, com Botelho de Oliveira, seguido por Rocha Pita e Itaparica. Esta visão traz latente uma espécie de esforço coletivo da literatura para erigir o país em vasto *lugar ameno,* não mais concebido como ponto privilegiado no conjunto de uma paisagem, mas como paisagem totalmente bela e deleitosa, no conjunto do mundo, — o que se define em Rocha Pita.

Talvez mais por influência deste que de outro qualquer, o poeta efetuou a hipertrofia do natural em maravilhoso. Mas poderia também ter influído a circunstância de haver deixado a pátria aos nove anos para nunca mais voltar, — o que ajudaria a imaginação a aceitá-la facilmente como um continente de poesia, um

---

6 | Ernst Robert Curtius, *Europäische Literatur und Lateinisches Mittelalter,* Francke, Berna, 1948, cap. 10: DIE IDEALLANDSCHAFT.

material para exercício literário. Daí nortear-se por uma "visão do Paraíso" (como diria Sérgio Buarque de Holanda), procedendo à verdadeira explosão nuclear do *lugar ameno.*

Em tais condições, é claro, este conceito se desfigura, pois ele está essencialmente vinculado às idéias de segmento e de contraste, sendo "um tópico bem delimitado no conjunto das descrições da natureza".[7] Se o invoquei, foi por constituir um tipo característico de "paisagem ideal" (*Ideallandschaft*) e porque no estudo de Curtius há indicações de que os seus elementos componentes podem aumentar relativamente de quantidade.[8] Daí imaginarmos, de ma-

[pág. 185]

neira figurada, que ele se distendeu até descaracterizar-se, pois assim podemos sugerir o tipo de hipertrofia realizado por Durão, ao cobrir todo o país com um manto de excepcional beleza.

O terceiro elemento básico do *Caramuru* é o homem natural, o índio, que aparece vivendo, sob certos aspectos, num estado de pureza cuja perfeição o europeu admira, não custando ver que os seus princípios morais e a conduta decorrente são uma espécie de depuração dos ideais do branco (CANTO III). Neste sentido, o poema se enquadra na atitude utópica, renascentista e pós-renascentista, na visão de uma existência justa, inocente e eficaz, em um ambiente fora do comum.

Considerando os três elementos básicos, acima discriminados (colonização, natureza, índio), do ângulo da construção geral vemos que constituem os ativos *princípios estruturais—,* segundo os quais se ordenam as partes, os motivos, os episódios. E vemos que em todos os três ocorre um elemento fundamental na organização expressiva do *Caramuru:* a ambiguidade. Não no sentido estilístico, sistematizado por Empson, mas no sentido propriamente estrutural. Com efeito, a colonização é uma iniciativa capital dos portugueses, — mas representa, ao mesmo

---

7 | Curtius, ob. cit, p. 203.

8 | Ob. cit., p. 200-203.

tempo, a justificação do brasileiro, que começava a ter consciência da sua individualidade. A natureza total do país, por sua vez, é tratada como "visão do paraíso", — mas conforme um ângulo que, na verdade, só vale para segmentos excepcionais da paisagem. Finalmente, o índio (na narrativa de Gupeva, CANTO III) apresenta traços de "bondade natural" e uma ordenação social baseada na razão, — mas de outro lado é antropófago e bárbaro, privado da luz da graça, não podendo, portanto, ser plenamente feliz.

Estas ambiguidades se justificam, todavia, se levarmos em conta o *princípio organizador* do poema, que coincide neste caso com a ideologia, isto é, a religião, — argamassa que liga as partes e solve as contradições.

Graças a ele, *os princípios estruturais* se vinculam sutilmente uns aos outros, pois considerando que a fé católica vai operar e imperar por meio da colonização, a grandiosidade insólita do país se explica

[pág. 186]

como cenário de lutas e trabalhos da religião; e os germens de plenitude no índio, que nele vive, são, ainda, uma outra predisposição para o futuro converso, que dele surgirá. O local e o universal se fundem, na unidade expressional e ideologicamente superior do catolicismo.

A literatura é essencialmente uma reorganização do mundo em termos de arte; a tarefa do escritor de ficção é construir um sistema arbitrário de objetos, atos, ocorrências, sentimentos, representados ficcionalmente conforme um princípio de organização adequado à situação literária dada, que mantém a estrutura da obra. Durão fez esta recomposição do mundo por meio de dados tomados de segunda mão aos cronistas, para chegar a uma certa visão. O seu princípio organizador (digamos pela última vez) foi a interpretação religiosa, que começa pela visão paradisíaca, sugere o problema do mérito do homem que desfruta o paraíso, sem estar para isto espiritualmente qualificado, e chega aos esforços para a justificação temporal deste paraíso, através da implantação da fé católica.

3

Estes elementos são vivificados, no plano da ação épica, pela presença de um personagem simbólico, que une as duas culturas, os dois continentes, as duas realidades humanas, — Diogo-Caramuru, — cuja caracterização permitirá completar a análise estrutural anterior e preparar o entendimento da função do poema.

Neste sentido, enumeremos as seguintes hipóteses:

1) a importância da obra de Durão, no Romantismo, vem, sob certos aspectos, da ambiguidade da situação narrativa, em geral, e do herói, em particular;
2) da ambiguidade deste provém a sua força como personagem;
3) desta força provém o seu caráter de paradigma, graças ao qual pôde identificar-se, em plano profundo, à própria essência da civilização brasileira.

Qualquer leitura atenta do poema (que, aliás, parece ter sido poucas vezes lido com real atenção) revela, mais do que as ambi-

[pág. 187]

guidades anteriores, a ambiguidade fundamental do herói. Quando procuramos Diogo, encontramos Caramuru; quando buscamos Caramuru, encontramos Diogo. Por outras palavras, quando tentamos ver um colonizador português, provido do equipamento civilizador da metrópole, encontramos o náufrago que se identificou aos índios, que viveu entre eles, fala por eles, celebra o país como seu, funde o seu destino ao da índia Paraguaçu. É um homem embutido na terra americana, a que veio misteriosamente como um peixe fantástico, emerso do desconhecido, — o "Dragão do Mar".

Basta, todavia, apertar este para sermos trazidos de volta a Diogo Álvares, minhoto, que transforma o Novo Mundo. Ele modifica a arte da guerra, com a disposição tática das forças, o uso do mosque-te, da partazana, do elmo, da couraça. Ele intervém nos costumes e começa a desagregá-los, — impedindo o canibalismo, preconizando a monogamia, observando a castidade. Ele modifica as crenças, não apenas divulgando as suas, mas procurando interpretar as que encontra como um remoto esboço delas. E é evidente que o poeta o apresenta como uma espécie de missionário em embrião, que prepara os caminhos regulares da catequese. As várias mulheres, que na verdade teve, o poeta as afoga, como candidatas rejeitadas, na figura desesperada de Moema. E o mostra em contacto com o rei, aconselhando o povoamento, assistindo aos governadores, determinando o local da primeira capital, tornando-se instrumento maior na introdução da civilidade européia, trazendo a ela os índios.

Esta oscilação é reforçada pela de Paraguaçu que, sendo índia, era não obstante alva e rósea, "branca e vermelha", como a mais lídima heroína da tradição européia; e que rejeitava espontaneamente a nudez das outras, cobrindo-se com um manto espesso de algodão. Assim como Diogo se asselvaja em parte, ao tornar-se Caramuru, ela se torna de Paraguaçu em Catarina, civilizando-se num movimento contrário e simétrico, que os aproxima da mesma situação ideal de ambiguidade. O caminho dele, rumo à natureza primitiva do aborígine, é encontrado em meio pelo de Paraguaçu, rumo à natureza do branco. A estrutura psicológica e simbólica do poema requer este cruzamento, que gemina os dois num casal ao mesmo

[pág. 188]

tempo real e alegórico. Paraguaçu é a metade americana de Diogo, como este é a sua metade européia, formando ambos uma mesma e complexa realidade.

Trata-se, pois, aqui mais do que em qualquer outro aspecto, de um elemento fortemente ambíguo, entranhado no poema e vinculado inclusive à sua estrutura geral. Com efeito, nos CANTOS I, II e III Diogo é Diogo, — isto é, o europeu desolado, depois triunfante, verificando com olhos europeus os costumes locais e confrontando a sua religião com as crenças da terra. Nos CANTOS IV e V, a que a guerra entre os índios vem dar cunho de epopéia brasileira, há mistura equilibrada, pois o europeu traz a sua técnica, mas de certo modo começa a sair de si, ao imiscuir-se no âmago da vida indígena, esposando os seus valores. Nos CANTOS VI e VII, Diogo já é o americano que expõe à Europa (nas pessoas de Du Plessis, capitão do navio que o leva à França, e, depois, do rei Henrique II, em Paris) as maravilhas incomparáveis da terra. Nos CANTOS VIII e IX a palavra, num movimento inverso, passa a Paraguaçu, já agora Catarina, batizada e casada, que narra em antevisão a história futura das lutas pela fé, justificativa e galardão do colono e seu descendente. Assim, o europeu americanizado fala do que há de específico na terra, e em seu nome; a americana europeizada fala pela civilização, que lhe é sobreposta, e a que ela se identifica. No CANTO X, como plenitude deste processo, ela recebe a visão que Deus reserva aos escolhidos e funda a igreja da Graça, terminando o poema como conclusão glorificadora que unifica os dois elementos culturais em presença.

Completado por Paraguaçu, Diogo é, portanto, um ser misto e fluido, oscilando entre duas civilizações. O poeta resolve a ambiguidade, também aqui, por meio da religião, que se revela plenamente como ideologia, no sentido marxista de disfarce ou ocultação dos motivos reais. Ela é o vínculo que prende civilizado e primitivo, não só ao irmaná-los nas mesmas representações espirituais, mas porque insinua que as crenças selvagens eram formas corrompidas de verdade originalmente recebidas de Deus e desvirtuadas, lentamente, na dispersão pós-diluviana, que deixou os americanos inatingidos pela posterior redenção cristã, até a vinda do branco. Esta é justificada, precisamen-

[pág. 189]

redenção cristã, até a vinda do branco. Esta é justificada, precisamente, como tentativa de refazer o caminho e apagar os efeitos da corrupção, operada desde eras imemoriais. O europeu nada mais faria que trazer à estrada certa um homem desviado, que se esgalhara precoce-mente do tronco bíblico. E Tamandaré se equipara a Noé, Sumé a São Tome, superando a contradição na síntese religiosa.

Mais fundo, porém, que esta unificação pelo substrato da fé, persiste na individualidade histórica e lendária de Diogo-Caramuru uma força que explica e torna fecunda a ambiguidade: o seu caráter de antepassado mítico e civilizador, já pressentido por Varnhagen,[9] mediante o qual se justifica a sua natureza de branco assimilado ao índio, e que ao mesmo tempo o assimila. Como João Ramalho, é um herói epônimo, situado simbolicamente no nascedouro de uma cultura mista e, tanto quanto ela, equívoco. Daí, a despeito da frouxa caracterização do poeta, o seu vigor como personagem e a sua duração na memória coletiva, por repousar numa dualidade de caráter simultaneamente histórico e lendário.

Na perspectiva da nossa formação histórica, Diogo-Caramuru é paradigma do encontro das culturas, que compuseram a sociedade brasileira e dialogaram muitas vezes em pé de igualdade, até que a ocidental predominasse em todos os setores, a partir da segunda metade do século XVIII, quando o Morgado de Mateus proibiu o uso da língua geral em São Paulo, seu último reduto em zona civilizada. A esta altura, já Durão e os seus contemporâneos se encontravam numa posição-chave, que permitiu interpretar e sistematizar o passado com certa coerência.

Se Diogo-Caramuru é ambíguo, é porque o fomos, e talvez ainda o sejamos, sob o impacto de civilizações díspares, à busca de uma síntese frequentemente difícil, mas que se torna possível pela redução de muitas diferenças ao padrão básico da cultura portuguesa, leito por onde fluímos e engrossamos, e que Diogo exprime, ao exprimir a adaptação do branco à América.

[pág. 190]

---

[9] | O CARAMURU PERANTE A HISTÓRIA (FRAGMENTO), *Épicos brasileiros,* Lisboa, 1845, p. 416-417.

Daí decorre uma ambiguidade final, a mais saborosa para o historiador: é que a obra de Durão pode ser vista tanto como expressão do triunfo português na América, quanto das posições particularistas dos americanos; e serviria, em princípio, seja para simbolizar a lusitanização do país, seja para acentuar o nativismo. A essa altura, interveio, mais ou menos consciente, o ato de vontade dos românticos e seus precursores: quando se começou a voltar atrás, à busca do específico brasileiro, houve uma opção, uma escolha, quanto ao significado da obra, que acabou, devido a isto, definida como poema indianista e nacionalista, precursor e indicador do caminho que então se preconizava. A justificativa de semelhante redução não está apenas no fato dele se voltar para a glorificação do país, mas em haver sido o primeiro a manifestar, na poesia, um aproveitamento exaustivo e sistemático da vida indígena, ao contrário das pinceladas sumárias e admiráveis de Basílio da Gama. A este se prende muito do *espírito* e da técnica dos românticos, em toda a extensão do território poético. A influência de Durão (formalmente antiquado e pouco lírico) se restringiu ao setor indianista, onde, em compensação, foi maior, tanto nos gêneros em verso quanto em prosa, como revela a análise da repercussão dos elementos do *Caramuru* no temário e na própria *maneira* do Indianismo romântico.

Estas considerações expõem o essencial do nosso tema, ou seja, *por que* se deu o aproveitamento *genealógico* do *Caramuru;* resta indicar por quem e como isto foi feito ou sugerido.

4

Significativamente, a faísca foi acesa pelos franceses que se ocuparam do Brasil pela altura da Independência, influindo em nossa vida intelectual e artística de maneira profunda e duradoura, — umas vezes para bem, outras, para mal.

Publicado em 1781, parece que o *Caramuru* não foi aceito com entusiasmo, ou sequer simpatia; afirma-o, no decênio de 1830, Costa e Silva, cujos dados, é certo, são frequentemente duvidosos: "O *Caramuru* no seu aparecimento foi recebido com grande frieza

[pág. 191]

em Portugal, e ainda maior no Brasil".[10] O que se pode dizer é que entre a data de publicação (1781) e a da INTRODUÇÃO de Garrett ao *Parnaso lusitano,* mas, sobretudo, da *História literária,* de Ferdinand Denis (ambos de 1826), parece não haver elementos apreciáveis quanto ao destino do poema. Este escritor francês de segunda ordem definiu a teoria do Romantismo brasileiro, como a expus no início; e, para ele, o grande exemplo de "literatura nacional" era o *Caramuru.* Embora assinale a qualidade secundária, esteticamente falando, acentua o seu significado de paradigma, dizendo que "indica bem o alvo a que deve tender a poesia americana".[11] O rebate foi ouvido em primeiro lugar na França, onde apareceu, no ano de 1829, a tradução em prosa de Monglave, e, em 1830, o romance de Gavet e Boucher, *Jakaré-Ouassou.*

A tradução é da maior importância para elucidar o nosso tema. Esclareçamos, previamente, que ela pode ou não ter sido difundida no Brasil; que, mesmo, pode ou não ter influído diretamente, embora seja provável que sim, pois Monglave protegeu e encaminhou o grupo de reformadores literários brasileiros que, de Paris, ensaiavam renovar as nossas letras. Tendo vivido aqui, era conhecido e estimado, sendo admissível que os seus trabalhos, relativos a nós, tivessem alguma repercussão. O certo, porém, é que a sua versão é de natureza a ter encaminhado o *Caramuru* para o aproveitamento romântico, de que nos ocupamos; e isto basta para considerá-la uma etapa significativa.

François Eugène Garay de Monglave — admirador, amigo e propagandista de Pedro I — planejou traduzir uma série de vinte romances portugueses e brasileiros, a fim de mostrar que também em nossa língua florescia o gênero mais afortunado junto ao público de então.

---

[10] | José Maria da Costa e Silva, *Ensaio biográfico-crítico sobre os melhores poetas portugueses,* vol. 6, Imprensa Silviana, Lisboa, 1853, p. 260.

[11] | *Résumé de L'Histoire Littéraire du Portugal Suivi du Résumé de L'Histoire Littéraire du Brésil,* Lecointe et Durey, Paris, 1826, p. 553.

[pág. 192]

Existem romances portugueses e brasileiros? — perguntou-me em tom de dúvida mais dum literato a quem falava do meu projeto, como se não pudesse existir, ao lado de um povo que viu nascer os Cervantes, os Lope de Vega, os Calderon, um outro povo que se honra de um Bernardim Ribeiro, um Francisco de Morais, um Mousinho de Quevedo; e como se o sol americano, que aqueceu o gênio de Cooper, houvera sido de gelo para os Santa Rita Durão, os Basílio da Gama.[12]

E, logo a seguir, numa interessante extensão da novelística, vai considerando romancistas a todos os épicos, inclusive os nossos: "Sim, existem numerosos romances nessa literatura portuguesa que mal conhecemos, e que no entanto se orgulha de ter dado à Europa o seu primeiro épico moderno". "Os brasileiros (...) podem opor, sem grande prejuízo, ao *Último moicano,* de Cooper, duas produções que precederam de um século às do romancista dos Estados Unidos: o *Caramuru,* de Santa Rita Durão, e o *Uraguai,* de Basílio da Gama."[13]

Por aí se nota a preocupação *modernista* e atualizadora de Monglave. A passagem do verso à prosa na sua tradução foi um primeiro recurso importante, que ressaltou o elemento novelístico do enredo, ao quebrar as sugestões especificamente ligadas à estrutura métrica e estrófica. E, apesar do romance francês exótico daquele tempo ser vazado na prosa melódica, metafórica e amplamente ritmada, à Chateaubriand, Monglave não abusou do recurso, buscando, pelo contrário, um estilo mais chão e prosaico.

Além disso, suprimiu alguns trechos especificamente épicos, que não poderia acomodar e que manifestariam o caráter peculiar de poema, em contraposição à tonalidade novelística. É o caso da invocação e do exórdio, que suprimiu, cortando as oito estrofes iniciais para entrar diretamente na narrativa. Outra supressão interessante

---

12 | *Caramuru ou la Découverte de Bahia, Roman-poème Brésilien por* José de Santa Rita Durão, 3 vols., Eugène Renduel, Paris, 1829, INTRODUCTION, vol. 1, p. 4-5.
13 | Ob. cit.,p. 5e7.

(ditada, provavelmente, por saborosas considerações políticas) foi a das onze estrofes iniciais do CANTO VIII, que falam da proposta

[pág. 193]

dos franceses a Diogo para passar ao seu serviço, em detrimento de Portugal. Nelas, aliás, há uns versos que poderiam servir de epígrafe ao sentimento dos escritores brasileiros do tempo:

> E durando eu na pátria obediência,
> Serei francês na obrigação e agência.
> (VIII, 10)

O principal recurso de descaracterização utilizado por Monglave foi, todavia, o abandono da estrutura em dez cantos, a favor de uma redivisão em trinta e dois episódios, de tamanho desigual, providos de títulos alusivos, que bem poderiam encimar capítulos, e que destroem o ritmo geral de epopéia.

De tudo resulta um caráter intermediário, de passagem, entre poema e romance ("Roman-poème", diz o subtítulo aposto), que aproxima singularmente a obra do gosto do tempo e prepara terreno para a ficção indianista, já introduzida aqui pelo conto de Denis, LES MACHAKALIS. [14]

O passo imediato foi dado por dois jovens de íntima categoria literária, Daniel Gavet e Philippe Boucher, que escreveram um romance ligado diretamente ao tema do Caramuru, aproveitando não apenas o seu material, mas a sua orientação narrativa: *Jakaré-Ouassou.*[15]

Denis havia dito, no *Résumé,* que, a seu ver, Durão escolhera mal o assunto: teria sido melhor, na história da fundação da Bahia, o momento dos conflitos entre o donatário Francisco Pereira Coutinho e os índios, que acabaram por devorá-lo. É

---

14 | Ferndinand Denis, *Scènes de la Nature sous les Tropiques suivies de Camoens et Joze índio,* Paris, Louis Janet, 1824, p. 130-194.

15 | D. Gavet et P. Boucher, *Jakaré-Ouassou ou les Toupinambas, Chronique Brésilienne,* Timothée de Hay, Paris, 1830.

interessante mencionar esse ponto de vista como subsídio para conhecer os pendores literários da época, que influiriam decisivamente em nossa literatura. Parece que Denis, talvez inconscientemente, estava puxando o tema de Diogo Álvares para episódios mais consentâneos à ficção

[pág. 194]

novelística pré-romântica e romântica, procurando enquadrá-lo na situação predileta do seu fundador, Chateaubriand. Com efeito, sabemos que o romance indianista, na Europa e nas Américas, explorou de modo predominante as consequências do encontro de culturas, — a branca e a aborígine. Ora, foi o que Durão amainou no poema, falando, alternativamente, só do índio, ou só do branco, e deixando ao personagem ambíguo Diogo-Caramuru (e o seu duplo, Paraguaçu-Catarina) a função de operar simbolicamente o contacto. Assim, consciente ou inconscientemente, evitou os aspectos fatais do choque. (A bela advertência feita, neste sentido, por Jararaca é apresentada como manifestação de animosidade à obra civilizadora, por parte dum índio-vilão.) Fatais, seja do ponto de vista coletivo (como nos *Natchez,* de Chateaubriand, ou nos MACHAKALIS, de Denis), seja do ponto de vista individual (como em *Iracema).*

Gavet e Boucher tomaram a deixa de Denis, como ficou dito, e indo mais longe que o meio caminho de Monglave, publicaram o que se pode considerar o primeiro romance indianista de assunto brasileiro. "O Brasil é um belo país pouco conhecido. Um de nós morou lá sete anos. Percorreu as costas e o interior dessa paragem tão poética, onde a alma se sente tão bem, sendo de espantar que ninguém ainda tenha feito sobre ela uma obra de imaginação. *Jakaré-Ouassou* é a primeira".[16] Nele encontramos os elementos que mais tarde caracterizarão a nossa ficção indianista: índio nobre e índio vil; branco nobre e branco vil; colonizador piedoso e colonizador brutal; amores impossíveis entre branca e índio; linguagem figurada e poética, para dar o *tom* da mente primitiva. O entrecho gira em torno da inquietação dos tupinambás do

---

16 | Ob. cit., p. XI.

Recôncavo, ante as prepotências do donatário e, principalmente, do seu filho. Diogo e Paraguaçu perpassam em segundo plano, como símbolo da harmonia perdida (ou inviável) entre as duas raças.

Lembremos agora o modo por que o tema do *Caramuru,* depois de considerado manifestação *nacional,* por excelência, foi devida-

[pág. 196]

mente explorado neste sentido, sofrendo uma deformação que o adaptou às concepções do tempo. Refiro-me à escolha da substância novelística, em lugar da propriamente épica, — o que o tornou mais próximo e familiar à sensibilidade romântica, voltada para a ficção e o lirismo. Observando este fato, podemos avaliar a importância do trabalho realizado pelos franceses, — numa sequência coerente e progressiva, que, entre 1824 e 1830, preludiou, por assim dizer, a nossa ficção romântica.

Do lado brasileiro, a primeira mostra de interesse consequente a isto foi a inclusão de largos trechos do poema (sessenta e cinco estrofes) no 5º Caderno do *Parnaso brasileiro,* de Januário da Cunha Barbosa, com menção expressa da opinião de Denis, a mostrar quem lhe reavivara a atenção: "Alguns estrangeiros lhe dão por isso mesmo elogios. *Ferdinand Deniz (sic)* faz dele honrosa menção no seu *Resumo da história literária do Brasil,* analisando muitas das suas belezas, e nós nos gloriamos de possuir uma epopéia brasileira unida a outras de menor extensão, de igual merecimento, como por exemplo o *Uraguai,* de J. B. da Gama".[17]

Desde que o grupo da *Niterói* proclamou em Paris a literatura autônoma do Brasil, em 1836, Durão e Basílio estiveram sempre nos escritos dos jovens, como exemplos por excelência do que o passado apontava de mais válido na direção dos temas *nacionais.* Com isto coincide significativamente um interesse novo pelo poema, segundo o testemunho de Costa e Silva: "Também já se começa a fazer justiça ao

---

17 | *Parnaso brasileiro ou Coleção das melhores poesias dos poetas do Brasil, tanto inéditas como já impressas, 2* vols., Tipografia Imperial e Nacional, Rio de Janeiro, 1829-1831, vol. II, 5° Caderno, p. 6.

Caramuru, já os críticos o examinam, e aplaudem, os poetas o louvam, e não tardará muito que uma nova edição saia dos prelos do Brasil e torne a sua lição vulgar". E este trecho, capital para a nossa argumentação: "É porém muito de notar que os estrangeiros sentiram melhor o mérito do *Caramuru* do que os portugueses, e brasileiros, pois que M. Garay de Monglave o julgou digno de tomar o trabalho de fazer dele uma tradução francesa, que publicou pela imprensa".[18]

[pág. 196]

Uma breve análise cronológica das edições do poema sugere não apenas que foi redescoberto pelo Romantismo (enquanto o *Uraguai* vinha tendo sorte mais regular), mas que então conheceu o fastígio da sua voga. A 1ª é de 1781, Lisboa; a 2ª, de 1836, mesmo lugar; a 3ª, de 1837, Bahia; a 4ª, de 1845, Lisboa; a 5ª, de 1878, Rio; a 6ª, de 1887, Rio; a 7ª, da mesma cidade, não traz data, devendo ser dos decênios de 1880 ou 1890; a 8ª, última até agora, é de São Paulo, 1944.

Assim entre 1781 e 1836 apareceu uma única edição em cinquenta e cinco anos; de 1836 a 1878 apareceram quatro edições em quarenta e dois anos, isto é, mais ou menos uma por dez anos; de 1887 a 1961, em setenta e quatro anos, apareceram três edições, ou seja, uma a cada vinte e cinco anos. Dentro do período romântico ainda é possível demarcar uma fase inicial, caracterizada pelos ímpetos de inovação estética, no qual o *Caramuru* foi editado três vezes em nove anos (1836-1845), isto é, uma edição de três em três anos.[19]

Estes dados ajudam a verificar que de fato houve uma concentração de interesse no momento do Romantismo, — verificação reforçada pelas manifestações pessoais dos escritores, que louvam no poema o seu nacionalismo inspirador. Andando por Paris, antes de 1836, Gonçalves de Magalhães encarna a pátria na heroína de Durão,

---

18 | Ob. cit, p. 262.

19 | Artur Mota, que não menciona a "edição popular" de 1887, menciona, em compensação, uma de 1843, que seria, pelo que se depreende, a 1a dos *Épicos brasileiros,* de Varnhagen (*História da literatura brasileira, 2* vols., Editora Nacional, São Paulo, 1930, vol. II, p. 250). Ora, este, na APOSTILA ACERCA DESTA EDIÇÃO, data de 20 de julho de 1845, sem qualquer menção à tiragem anterior. Como na folha de rosto vem a referência "nova edição", talvez isto haja induzido em erro Artur Mota; na verdade, o editor estaria querendo dizer que a sua era nova em relação às que a tinham precedido, organizadas por outros.

lembrando que Aqui Paraguaçu, filha dos bosques, Do esposo ao lado entrou extasiada, Vendo a grandeza da européia corte.

[pág. 197]

Um rei lhe deu a mão; e uma rainha Da boca sua ouviu as maravilhas Do seu caro Brasil, então deserto.

Notemos que a descrição da terra é transferida do português Dio-go à lídima brasileira, talvez por inadvertência, talvez num intuito simbólico. Noutra poesia, para falar da saudade, evoca "a delirante Moema (...) quase insana" e "Lindóia, entregue à dor". Mas, revelando como os dois poemas eram pouco conhecidos, explica em nota quem são estes personagens.[20]

Depois dele, manifestam-se favoravelmente a Durão e Basílio, como precursores da literatura nacional, homens tão diferentes quanto Araújo Porto-Alegre, Joaquim Norberto, Pereira da Silva, Santiago Nunes, Fernandes Pinheiro, José de Alencar, Álvares de Azevedo e outros mais, no sentido de caracterizar o *Caramuru,* ao lado do *Uraguai,* como encarnação do espírito particularista e nacional, que os românticos desejavam a todo custo vislumbrar no passado, a fim de sentir a presença de uma tradição que apoiasse e desse foros à sua tomada de consciência.

* * *

O processo descrito parece confirmar a hipótese inicial: na formação de uma consciência literária de autonomia, eclodida com o Romantismo, o *Caramuru,* que teve então o seu grande momento, desempenhou uma função importante, graças ao caráter de paradigma, ressaltado pelos referidos escritores franceses. Isto foi possível, em grande parte, por causa da natureza ambígua do poema, tanto na estrutura quanto na configuração do protagonista. Daí terem podido os precursores franceses e os

---

20 | São as poesias: UM PASSEIO ÀS TUILERIAS e INVOCAÇÃO À SAUDADE, *Suspiros poéticos e saudades,* 3ª ed., B. L. Garnier, Rio, 1865, p. 101 e 292.

primeiros românticos brasileiros operar nele uma dupla distorção, ideológica e estética. Ante um poema que poderia ser tomado, tanto como celebração da

[pág. 198]

colonização portuguesa, quanto como afirmação nativista das excelências e peculiaridades locais, optaram pelo segundo aspecto, encarando a obra como epopéia indianista e *brasileira.* De outro lado, no complexo estético da epopéia, apegaram-se de preferência ao elemento novelístico e ao toque exótico, vendo nela uma espécie de pré-romance indianista. O *Uraguai,* talvez mais imitado e sem dúvida muito superior, teria influência sobretudo em sentido lírico.

Do ponto de vista metodológico, podemos concluir que o estudo da função histórico-literária de uma obra só adquire pleno significado quando referido intimamente à sua estrutura, superando-se deste modo o hiato frequentemente aberto entre a investigação histórica e as orientações estéticas.

[pág. 199]

NOTA BIBLIOGRÁFICA

1 | CRÍTICA E SOCIOLOGIA, inédito.

2 | A LITERATURA E A VIDA SOCIAL, publicado com o título ARTE E VIDA SOCIAL no *Boletim de Psicologia,* n°s 35-36, São Paulo, 1958.

3 | ESTÍMULOS DA CRIAÇÃO LITERÁRIA, inédito.

4 | O ESCRITOR E O PÚBLICO, publicado como capítulo da obra coletiva dirigida por Afrânio Coutinho, *A literatura no Brasil—,* vol. I, tomo 1, Editora Sul-Americana, Rio, 1955.

5 | LETRAS E IDÉIAS NO PERÍODO COLONIAL, publicado como capítulo da obra coletiva dirigida por Sérgio Buarque de Holanda, *História geral da civilização brasileira,* vol. I, tomo 2, Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1961.

6 | LITERATURA E CULTURA DE 1900 A 1945, publicado em alemão, em duas partes, com títulos independentes, no *Staden-fahrbuch,* n°s 1 e 3, São Paulo, 1953 e 1955.

7 | A LITERATURA NA EVOLUÇÃO DE UMA COMUNIDADE, publicado com o título ASPECTOS SOCIAIS DA LITERATURA EM SÃO PAULO, no número comemorativo do IV Centenário da Cidade do jornal *O Estado de S. Paulo,* janeiro de 1954.

8 | ESTRUTURA LITERÁRIA E FUNÇÃO HISTÓRICA, publicado com o título ESTRUTURA E FUNÇÃO DO CARAMURU, na *Revista de Letras,* n° 2, Assis, 1961.

Digitalização: *Lara*

Revisão e formatação: *Dayse Duarte*

Esta obra foi digitalizada pelo grupo Digital Source para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

DIGITAL Source

Viciados em Livros
seu grupo de compartilhamento de ebooks

http://groups.google.com.br/group/digitalsource
http://groups.google.com/group/expresso_literario

Fundação Victor Civita

FUNDAÇÃO VICTOR CIVITA

EDIÇÃO ESPECIAL

A REVISTA DE QUEM EDUCA

NOVA escola

+ editora ática editora scipione

Abril

Manual da nova ortografia

- O que muda no jeito de escrever
- Regras de acentuação, trema, hífen...
- As adaptações nos textos e livros
- PARA GUARDAR E CONSULTAR

7 893614 051697

Acordo ortográfico

Apresentação 4

O que muda 8

Artigo 14

Carta ao leitor

Para consultar sem moderação

Escrever bem é cada vez mais importante, tanto nas relações de trabalho quanto nos contatos com os amigos. Quem domina corretamente as palavras tem mais chances de crescer profissionalmente e merece o reconhecimento de todos à sua volta. E, porque não é fácil dominar todas as regras, cada proposta de reforma na língua preocupa (e às vezes assusta) tanta gente. É o que vai ocorrer mais uma vez nos próximos meses, com a entrada em vigor de um acordo ortográfico fechado entre os oito países que têm no português seu idioma oficial.

Para ajudar você a entender melhor essas mudanças, NOVA ESCOLA e as editoras Ática e Scipione uniram-se na produção deste *Manual da Nova Ortografia,* o primeiro do gênero no Brasil. Aqui você encontra um breve histórico das transformações pelas quais a língua portuguesa passou, os próximos passos do tratado que muda o jeito de escrever as palavras, as principais alterações previstas pelo acordo e um artigo exclusivo sobre o impacto desses ajustes na vida de todos nós. Tenho certeza de que você vai querer guardar esta edição especial para ler e consultar sem moderação.

Boa leitura e um grande abraço,

Gabriel Pillar Grossi
Diretor de Redação

Fundação Victor Civita

Presidente: Roberto Civita
Diretor Executivo: David Saad
Conselheiros:
Roberto Civita, Giancarlo Francesco Civita, Victor Civita, Roberta Anamaria Civita, Maria Antonia Magalhães Civita, Claudia Costin, Claudio de Moura Castro, José Augusto Pinto Moreira, Marcos Magalhães e Jorge Gerdau Johannpeter

Diretor de Redação: Gabriel Pillar Grossi
Redatora-chefe: Denise Pellegrini
Diretora de Arte: Manuela Novais
Consultora Pedagógica: Regina Scarpa
Editores: Paola Gentile, Ricardo Falzetta (on-line), Rodrigo Ratier e Ronaldo Nunes (projetos especiais)
Editores-assistentes: Arthur Guimarães (on-line) e Beatriz Vichessi
Repórteres: Amanda Polato (estagiária), Ana Rita Martins, Anderson Moço, Beatriz Santomauro, Gustavo Heidrich (on-line) e Thais Gurgel (projetos especiais)
Editores de Arte: Sonia Schwartz (projetos especiais) e Vilmar Oliveira
Designers: Fernanda Vidal e Julia Browne
Desenvolvedores Web: Leonardo Lima e Thiago Barbosa de Moura
Atendimento ao Leitor: Marina Simeoni

COMERCIAL
Gerente de Publicidade: Sandra Moskovich
Publicidade: Fernanda Sant'Anna Rocha
Gerente de Publicações: Mirian Di Nizo
Gerente de Assinaturas: Rosana Berbel
Assistente de Circulação e Marketing: Elizabeth Sachetti
Pacotes de Assinaturas: Cynthia Vasconcellos
Processos Gráficos: Vanildo Carvalho
Analista de Planejamento e Controle Operacional:
Kátia Gimenes

EDIÇÃO ESPECIAL
MANUAL DA NOVA ORTOGRAFIA

Diretor de Redação: Gabriel Pillar Grossi
Diretora de Arte: Manuela Novais
Designer: Fernanda Vidal
Colaboraram nesta edição: Mariana Sgarioni (textos e edição), Miguel Sanches Neto (texto), Ana Maria Herrera, Andrea Damasco, Carlos Rosa, Helia Gonsaga, Lavínia Fávero, Miriam Aboes, Roberta Martins, Roberta Vaiano, Sueli Campopiano, Teresa Porto (equipe Abril Educação) e Rosângela Ducati (revisão)

Diretor Geral: Mauro Calliari
Diretor de Marketing: Marcelo Luciano Martins
Diretor Editorial: Aurelio Gonçalves Filho

NOVA ESCOLA edição especial **Manual da Nova Ortografia** (EAN 789-3614-05169/7) é uma publicação da Fundação Victor Civita. Distribuída em todo o país pela Distribuidora Nacional de Publicações (Dinap S.A.), São Paulo. **NOVA ESCOLA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, CEP 02909-900,
Freguesia do Ó, São Paulo, SP

AGOSTO, 2008

enjoo
coletivo
tranquilo
feiura
km
pela
autoestrada

Um novo jeito de escrever

Acordo vem para unificar a ortografia oficial dos países de língua portuguesa e aproximar nações

POR MARIANA SGARIONI

“A adopção de uma única ortografia entre países de língua portuguesa pode ser óptima.” Se este texto fosse escrito em Portugal, a frase anterior estaria corretíssima. Já no Brasil, a letra **p** (nas palavras **adopção** e **óptima**) está sobrando e parece um erro de digitação – apesar de todos sabermos que se trata do mesmo idioma. Do ponto de vista da ortografia, existem diferenças bastante relevantes na língua portuguesa. E não apenas entre os dois países. Nas outras seis nações que falam e escrevem o português (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste) ocorre o mesmo.

Para acabar com essas diferenças, foi criado, em 1990, um acordo ortográfico – que deve vigorar no Brasil a partir do ano que vem *(saiba mais sobre os próximos passos da implementação do acordo no quadro da página 7)*. “A existência de duas grafias oficiais acarreta problemas na redação de documentos em tratados internacionais e na publicação de obras de interesse público”, defendia o filólogo Antônio Houaiss, o principal responsável pelo processo de unificação aqui no Brasil.

Originalmente, o combinado era que todos os membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) deveriam ratificar o acordo para que ele tivesse valor. Em 2004, porém, os chefes de Estado da CPLP decidiram que bastava a aprovação de três nações para a reforma ortográfica entrar em vigor. O Brasil, no entanto, definiu que mudaria o jeito de escrever somente se Portugal também o fizesse (e o “sim” de Lisboa às novas normas só veio no ano passado). É importante ressaltar que a pronúncia, o vocabulário e a sintaxe permanecem exatamente como estão. A novidade é a unificação da grafia de algumas palavras.

Língua internacional

Daqui para a frente, a língua portuguesa (comum aos países lusófonos) tem tudo para ganhar espaço – até mesmo em fóruns internacionais –, pois o intercâmbio de informações e textos ficará mais fácil. Unificar a grafia também visa aproximar as oito nações da CPLP, reduzir custos de produção e adaptação de livros e facilitar a difusão bibliográfica de novas tecnologias, bem como simplificar algumas regras (que suscitam dúvidas até entre especialistas).

Do ponto de vista prático, ganha força o idioma falado no Brasil. Isso porque os portugueses terão de promover mais mudanças na escrita do que nós, adaptando várias palavras à grafia brasileira. Por exemplo, **acção** passa a ser **ação**. E cai também o **h** inicial de **herva** e **húmido** *(confira as alterações a partir da página 8)*.

O português é a única língua com dois cânones oficiais ortográficos, um europeu e outro brasileiro, e isso não só dificulta nossa vida lá fora como também a dos estrangeiros que querem aprendê-lo. “Inscreve-se, finalmente, a língua portuguesa no rol daquelas que conseguiram beneficiar-se há mais tempo da unificação de seu sistema de grafar, numa demonstração de consciência da política do idioma e de maturidade na defesa, na difusão e na ilustração da língua da lusofonia”, afirma Cícero Sandroni, presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL).

Além da unificação da grafia, o acordo propõe simplificar o idioma, no mesmo espírito do que ocorreu na década de 1910, quando uma reforma semelhante alterou o modo de escrever palavras como **pharmacia** e **christallino** (para **farmácia** e **cristalino**, sem o **ph**, o **ch** e o **ll**). Na época, porém, as mudanças foram encabeçadas por Portugal, que não consultou o Brasil e acabou aprofundando algumas diferenças ortográficas.

exato
ideia
Kuwait
antirreligioso
pera
voo
sagui

A história da língua portuguesa no Brasil

Desde que os portugueses chegaram a este lado do Atlântico, há cinco séculos, muita coisa mudou no jeito de falar

1500

OS CERCA DE 5 MILHÕES DE INDÍGENAS QUE AQUI VIVIAM, DISTRIBUÍDOS EM MAIS DE 1 500 POVOS, FALAVAM EM TORNO DE MIL LÍNGUAS DE VÁRIOS GRUPOS LINGÜÍSTICOS

1580

COMEÇA A SER REGISTRADA A LÍNGUA GERAL PAULISTA, DIFUNDIDA POR PADRES JESUÍTAS E BANDEIRANTES. “TUCURIURI” SIGNIFICAVA “GAFANHOTOS VERDES”

1700

SURGEM REGISTROS DA LÍNGUA GERAL AMAZÔNICA, DE BASE TUPINAMBÁ, E DO DIALETO DE MINAS, MISTO DE PORTUGUÊS COM O EVÉ-FON, TRAZIDO POR ESCRAVOS AFRICANOS

1759

O MARQUÊS DE POMBAL PROMULGA LEI IMPONDO O USO DA LÍNGUA PORTUGUESA, MAS AINDA COEXISTEM NO PAÍS DIVERSOS IDIOMAS INDÍGENAS E AFRICANOS

O acordo prevê simplificações (como o fim do trema), mas tem inúmeros pontos obscuros, que só serão esclarecidos com o lançamento de gramáticas atualizadas e um novo *Vocabulário Ortográfico* oficial (tarefa a cargo da Academia Brasileira de Letras). O professor Pasquale Cipro Neto é um dos que se manifestaram contra o documento. "Ele não se limita a uniformizar a grafia: estabelece outras alterações no sistema ortográfico, várias delas para pior."

Tempo de adaptação

Aqui no Brasil, a última grande reforma do idioma foi realizada em 1971, a fim de aproximar mais nosso jeito de escrever do de Portugal. Desde então foi abolido o acento diferencial em alguns vocábulos, bem como o acento grave ou circunflexo nas palavras derivadas de outras acentuadas – mais de dois terços dos acentos que causavam divergências foram suprimidos. Nessa mesma época os substantivos **acôrdo** e **govêrno** viraram **acordo** e **governo** (perderam o circunflexo que os diferenciava das formas verbais **eu acordo** e **eu governo**, que eram e continuam sendo pronunciadas de forma diferente). Outras palavras, como **somente**, **propriamente**, **rapidamente**, **cortesmente**, **sozinho**, **cafezinho** e **cafezal**, também deixaram de ser acentuadas. Naquela ocasião, muitas pessoas estranharam a alteração (sem falar que diversos materiais impressos, como livros, levaram um bom tempo até ter novas edições com o jeito certo de escrever). Até hoje, aliás, ainda há quem escreva **êle**, com o circunflexo extinto no início dos anos 1970.

Nas próximas páginas, você vai conhecer (de forma simplificada) as mudanças trazidas pelo acordo, com exemplos de grafias atuais e de como vamos passar a escrever. São regras bastante fáceis, mas que precisam ser bem compreendidas para ser usadas corretamente em textos produzidos no papel ou na tela do computador. Guarde este manual e consulte-o sempre que necessário.

O QUE MUDA DAQUI PARA A FRENTE

Dezenove anos depois de sua elaboração, tratado deve enfim sair do papel em 2009

Não é de hoje que os integrantes da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) pensam em unificar as ortografias de nosso idioma. Os trabalhos da Academia Brasileira de Letras e da Academia de Ciências de Lisboa tiveram início em 1980 e consumiram dez anos de negociações até o acordo ortográfico ficar pronto. No Brasil, o Congresso Nacional aprovou o texto em 1995, mas sua implementação ficou "na gaveta", à espera da aprovação pelos parlamentares de Portugal. Agora, basta um decreto do presidente Luiz Inácio Lula da Silva para que a nova grafia entre em vigor no país (até o fechamento desta edição não havia uma data determinada, mas a previsão é que isso ocorra em 2009).

Mesmo sem o decreto presidencial, a Comissão de Língua Portuguesa (Colip), do Ministério da Educação, já propôs que a reforma entre em vigor no próximo dia 1º de janeiro. Estima-se que o período de transição para a nova norma dure três anos.

Se a proposta do MEC for cumprida, todos os textos produzidos a partir de 2009 terão de ser impressos segundo as novas regras lingüísticas. Vestibulares, concursos e avaliações poderão aceitar as duas grafias como corretas até 31 de dezembro de 2011. Quanto aos livros didáticos, deve haver um escalonamento. A partir de 2010 os alunos de 1º a 5º ano do Ensino Fundamental receberão os livros dentro da nova norma – o que deve ocorrer com as turmas de 6º a 9º ano e de Ensino Médio, respectivamente, em 2011 e 2012.

1808

A CHEGADA DA FAMÍLIA REAL É DECISIVA PARA A DIFUSÃO DA LÍNGUA: SÃO CRIADAS BIBLIOTECAS, ESCOLAS E GRÁFICAS (E, COM ELAS, JORNAIS E REVISTAS)

1850

IMIGRANTES EUROPEUS APORTAM EM GRANDE NÚMERO NO PAÍS, INCENTIVANDO TRANSFORMAÇÕES NO IDIOMA COM A INTRODUÇÃO DE DIVERSOS ESTRANGEIRISMOS

1922

A SEMANA DE ARTE MODERNA LEVA O PORTUGUÊS INFORMAL PARA AS ARTES. A CRESCENTE URBANIZAÇÃO E O SURGIMENTO DO RÁDIO AJUDAM A MISTURAR VARIEDADES LINGÜÍSTICAS

1988

A CONSTITUIÇÃO GARANTE A PRESERVAÇÃO DOS DIALETOS DE GRUPOS INDÍGENAS E REMANESCENTES DE QUILOMBOS. HOJE HA 180 LÍNGUAS INDÍGENAS E MIL QUILOMBOLAS

1990

COM A TV PRESENTE EM MAIS DE 90% DOS LARES, NÃO SE CONSTATA ISOLAMENTO LINGÜÍSTICO. COMEÇA A NASCER A LINGUAGEM RÁPIDA USADA NA INTERNET

Acordo ortográfico – O que muda

Acentuação

1

Acento agudo

O acento agudo desaparece das palavras da língua portuguesa em três casos, como se pode ver a seguir:

- nos ditongos (encontro de duas vogais proferidas em uma só sílaba) abertos **ei** e **oi** das palavras paroxítonas (aquelas cuja sílaba pronunciada com mais intensidade é a penúltima).

COMO É HOJE	COMO VAI FICAR
assembléia	assembleia
heróico	heroico
idéia	ideia
jibóia	jiboia

NO ENTANTO, as oxítonas (palavras com acento na última sílaba) e os monossílabos tônicos terminados em **éi**, **éu** e **ói** continuam com o acento (no singular e/ou no plural). Exemplos: **herói(s)**, **ilhéu(s)**, **chapéu(s)**, **anéis**, **dói**, **céu.**

- nas palavras paroxítonas com **i** e **u** tônicos que formam hiato (seqüência de duas vogais que pertencem a sílabas diferentes) com a vogal anterior quando esta faz parte de um ditongo;

COMO É HOJE	COMO VAI FICAR
baiúca	baiuca
boiúna	boiuna
feiúra	feiura

NO ENTANTO, as letras **i** e **u** continuam a ser acentuadas se formarem hiato mas estiverem sozinhas na sílaba ou seguidas de **s**. Exemplos: **baú, baús, saída.**

No caso das palavras oxítonas, nas mesmas condições descritas no item anterior, o acento permanece. Exemplos: **tuiuiú, Piauí.**

- nas formas verbais que têm o acento tônico na raiz, com o **u** tônico precedido das letras **g** ou **q** e seguido de **e** ou **i**. Esses casos são pouco freqüentes na língua portuguesa: apenas nas formas verbais de *argüir* e *redargüir*.

COMO É HOJE	COMO VAI FICAR
argúis	arguis
argúem	arguem
redargúis	redarguis
redargúem	redarguem

2

Acento diferencial

O acento diferencial é utilizado para permitir a identificação mais fácil de palavras homófonas, ou seja, que têm a mesma pronúncia. Atualmente, usamos o acento diferencial – agudo ou circunflexo – em vocábulos como **pára** (forma verbal), a fim de não confundir com **para** (a preposição), entre vários outros exemplos.

Com a entrada em vigor do acordo, o acento diferencial não será mais usado nesse caso e também nos que estão a seguir:

- **péla** (do verbo pelar) e **pela** (a união da preposição com o artigo);
- **pólo** (o substantivo) e **polo** (a união antiga e popular de **por** e **lo**);
- **pélo** (do verbo pelar) e **pêlo** (o substantivo);
- **pêra** (o substantivo) e **péra** (o substantivo arcaico que significa **pedra**), em oposição a **pera** (a preposição arcaica que significa **para**).

NO ENTANTO, duas palavras obrigatoriamente continuarão recebendo o acento diferencial:

- **pôr** (verbo) mantém o circunflexo para que não seja confundido com a preposição **por**;
- **pôde** (o verbo conjugado no passado) também mantém o circunflexo para que não haja confusão com **pode** (o mesmo verbo conjugado no presente).

Observação: já em **fôrma/forma**, o acento é facultativo.

3

Acento circunflexo

Com o acordo ortográfico, o acento circunflexo não será mais usado nas palavras terminadas em **oo.**

COMO É HOJE	COMO VAI FICAR
enjôo	enjoo
vôo	voo
abençôo	abençoo
corôo	coroo
magôo	magoo
perdôo	perdoo

Da mesma forma, deixa de ser usado o circunflexo na conjugação da terceira pessoa do plural do presente do indicativo ou do subjuntivo dos verbos **crer**, **dar**, **ler**, **ver** e seus derivados.

COMO É HOJE	COMO VAI FICAR
crêem	creem
dêem	deem
lêem	leem
vêem	veem
descrêem	descreem
relêem	releem
revêem	reveem

NO ENTANTO, nada muda na acentuação dos verbos **ter**, **vir** e seus derivados. Eles continuam com o acento circunflexo no plural (**eles têm**, **eles vêm)** e, no caso dos derivados, com o acento agudo nas formas que possuem mais de uma sílaba no singular (**ele detém**, **ele intervém**).

● Trema

4

Um sinal a menos

O trema, sinal gráfico de dois pontos usado em cima do **u** para indicar que essa letra, nos grupos **que**, **qui**, **gue** e **gui**, é pronunciada, será abolido. É simples assim: ele deixa de existir na língua portuguesa. Vale lembrar, porém, que a pronúncia continua a mesma.

COMO É HOJE	COMO VAI FICAR
agüentar	aguentar
eloqüente	eloquente
freqüente	frequente
lingüiça	linguiça
sagüi	sagui
seqüestro	sequestro
tranqüilo	tranquilo
anhangüera	anhanguera

NO ENTANTO, o acordo prevê que o trema seja mantido em nomes próprios de origem estrangeira, bem como em seus derivados. Exemplos: **Bündchen**, **Müller**, **mülleriano**.

● Hífen

5

Palavras compostas

O hífen deixa de ser empregado nas seguintes situações:

- quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa com as consoantes **s** ou **r**. Nesse caso, a consoante obrigatoriamente passa a ser duplicada;
- quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa com uma vogal diferente.

COMO É HOJE	COMO VAI FICAR
anti-religioso	antirreligioso
anti-semita	antissemita
auto-aprendizagem	autoaprendizagem
auto-estrada	autoestrada
contra-regra	contrarregra
contra-senha	contrassenha
extra-escolar	extraescolar
extra-regulamentação	extrarregulamentação

NO ENTANTO, o hífen permanece quando o prefixo termina com **r** (**hiper, inter** e **super**) e a primeira letra do segundo elemento também é **r**. Exemplos: **hiper-requintado**, **super-resistente**.

• Alfabeto

6

Novas letras

O acordo prevê que nosso alfabeto passe a ter 26 letras – hoje são 23. Além das atuais, serão oficialmente incorporadas as letras **k**, **w** e **y**. No entanto, seu emprego fica restrito a apenas alguns casos, como já ocorre atualmente. Confira os principais exemplos:

- em nomes próprios de pessoas e seus derivados;
  Exemplos: **Franklin**, **frankliniano**, **Darwin**, **darwinismo**, **Wagner**, **wagneriano**, **Taylor**, **taylorista**, **Byron**, **byroniano**.
- em nomes próprios de lugares originários de outras línguas e seus derivados;
  Exemplos: **Kuwait**, **kuwaitiano**, **Washington**, **Yokohama**, **Kiev**.
- em símbolos, abreviaturas, siglas e palavras adotadas como unidades de medida internacionais;
  Exemplos: **km** (quilômetro), **KLM** (companhia aérea), **K** (potássio), **W** (watt), **www** (sigla de *world wide web*, expressão que é sinônimo para a rede mundial de computadores).
- em palavras estrangeiras incorporadas à língua.
  Exemplo: **sexy**, **show**, **download**, **megabyte**.

• O que muda em Portugal

7

Considerações gerais

Boa parte das mudanças previstas no novo acordo não afeta o português escrito no Brasil, mas tem relação direta com a grafia atual das palavras em Portugal.

Um exemplo é a eliminação da letra **h** no início de palavras como **herva** e **húmido** (que há muito tempo são **erva** e **úmido** por aqui e passarão a ser escritas só dessa forma em todos os países lusófonos).

Além disso, como regra geral, desaparecem o **c** e o **p** das palavras em que essas letras não são pronunciadas.

COMO É HOJE	COMO VAI FICAR
acção	ação
aflicto	aflito
colectivo	coletivo
director	diretor
exacto	exato
baptizar	batizar

NO ENTANTO, em alguns casos em que a letra **c** é pronunciada, seu uso poderá ser facultativo. Exemplos: **facto, sector**.

O acordo prevê também dupla grafia (ou seja, a forma de escrever é opcional, conforme o uso mais comum em cada local) nas palavras proparoxítonas cuja vogal tônica admita mudança de timbre. Exemplos: **acadêmico** (ou **académico**, grafia mais comum em Portugal), **cômodo** (ou **cómodo**), **ingênuo** (ou **ingénuo**), **oxigênio** (ou **oxigénio**).

As chamadas proparoxítonas aparentes também permitem dupla grafia: **gênio** (ou **génio**), **insônia** (ou **insónia**).

QUER SABER MAIS?

Portal da Língua Portuguesa
http://www.portaldalinguaportuguesa.org
O site do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior de Portugal traz o acordo oficial, assinado pela Comunidade dos Países da Língua Portuguesa, na íntegra. Contém ainda acordos anteriores, como o de 1945, e um histórico das reformas ortográficas do português.

Wikipedia
http://pt.wikipedia.org/wiki/Acordo_Ortogr%C3%A1fico_de_1990
A página da enciclopédia livre Wikipedia é bem completa. Traz detalhes das mudanças, histórico, negociações entre os governos e a situação em Portugal, além de diversos links de referências.

Jornal *Público*
http://static.publico.clix.pt/docs/cultura/acordoOrtografico.aspx
Link elaborado pelo jornal português *Público* que traz algumas das principais perguntas e respostas sobre o acordo.

Academia Brasileira de Letras
http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?tpl=home
No site da Academia Brasileira de Letras há textos sobre a aprovação do texto e um link para você enviar dúvidas sobre os pontos obscuros do acordo.

Comissão de Língua Portuguesa
http://portal.mec.gov.br/sesu/index.php?option=content&task=view&id=693&Itemid=303
Página oficial da Comissão de Língua Portuguesa (Colip), do Ministério da Educação, órgão responsável pela implantação do acordo no Brasil.

Uma questão de tempo

POR MIGUEL SANCHES NETO

Demorei para aprender ortografia. E essa aprendizagem contou com a ajuda dos editores de texto, no computador. Quando eu cometia uma infração, pequena ou grande, o programa grifava em vermelho meu deslize. Fui assim me obrigando a escrever minimamente do jeito correto.

Mas de meu tempo de escola trago uma grande descoberta, a do monstro ortográfico. O nome dele era Qüeqüi Güegüi. Sim, esse animal existiu de fato. A professora de Português nos disse que devíamos usar trema nas sílabas qüe, qüi, güe e güi quando o u é pronunciado. Fiquei com essa expressão tão sonora quanto enigmática na cabeça. Quando meditava sobre algum problema terrível – pois na pré-adolescência sempre temos problemas terríveis –, eu tentava me libertar da coisa repetindo em voz alta: “Qüeqüi Güegüi”. Se numa prova de Matemática eu não conseguia me lembrar de uma fórmula, lá vinham as palavras mágicas.

Um desses problemas terríveis, uma namorada, ouvindo minha evocação, quis saber o que era esse tal de Qüeqüi Güegüi.

– Você nunca ouviu falar nele? – perguntei.

– Ainda não fomos apresentados – ela disse.

– É o abominável monstro ortográfico – fiz uma falsa voz de terror.

– E ele faz o quê?

– Atrapalha a gente na hora de escrever.

Ela riu e se desinteressou do assunto. Provavelmente não sabia usar trema nem se lembrava da regrinha.

Aos poucos, eu me habituei a colocar as letras e os sinais no lugar certo. Como essa aprendizagem foi demorada, não sei se conseguirei escrever de outra forma – agora que teremos novas regras. Por isso, peço desde já que perdoem meus futuros erros, que servirão ao menos para determinar minha idade.

– Esse aí é do tempo do trema.

Miguel Sanches Neto é escritor, crítico literário e professor de Literatura Brasileira. Nasceu em 1965 em Bela Vista do Paraíso, PR. Autor, entre outros, dos romances *Chove Sobre Minha Infância*, *Um Amor Anarquista* e *A Primeira Mulher*, lançou em 2008 a novela juvenil *Amor de Menino* (todos pela Ed. Record). Mantém o site www.miguelsanches.com.br.

Pontuação

Abordagem Teórica

Você sabe que, na linguagem falada, tem-se a oportunidade de dar ênfase a determinadas palavras ou expressões, fazer pausas marcantes, enfim, usar desses recursos de expressão.

Mas quando estamos escrevendo, como fazer o mesmo? Como indicar para nosso leitor a entonação que deve dar à leitura, a ênfase que deve dar a determinada palavra? É possível fazer isso?

Sim, e para isso utilizamos os sinais gráficos de pontuação.

Eles servem para marcar basicamente duas características do texto: pausa e melodia (entonação).

Os sinais de pontuação cujo uso devemos conhecer e dominar são os seguintes:

- a vírgula;
- o ponto;
- o ponto de exclamação;
- o ponto de interrogação;
- o ponto-e-vírgula;
- os dois-pontos;
- as reticências;
- os travessões;
- as aspas;
- os parênteses;
- os colchetes.

Achou muitos? Pois não se preocupe: a maioria deles você já sabe como usar sem problemas. Na realidade, há apenas alguns sinais de pontuação com os quais os escritores do português têm dificuldades. Acredite: o pior caso de todos é a vírgula.

Geralmente, dizem que a vírgula deve ser posta no texto para que nós possamos respirar... Bingo! Se respiramos a todo o momento, nosso texto só tem vírgulas! Claro que a vírgula não foi feita para nós respirarmos na leitura de um texto. Ela marca uma pausa. Uma pausa que é sintática! Para dominar o uso da vírgula há dois caminhos: um, mais longo, que consiste em leitura constante, o que recomendamos a todos os que aspiram ao domínio da língua; o outro, mais curto, é o que consiste na análise sintática. É esse que buscaremos seguir neste módulo.

Objetivos do módulo

Ao final deste módulo, o aluno deverá ser capaz de:

- reconhecer e justificar a necessidade do uso da vírgula no texto;
- reconhecer e justificar os usos do ponto, do ponto de exclamação, do ponto de interrogação, dos dois-pontos e do ponto-e-vírgula;
- reconhecer e justificar os usos das reticências, das aspas, do travessão, dos parênteses e dos colchetes.

Uso da vírgula

Para estudarmos mais didaticamente o uso da vírgula, vamos dividir este estudo em duas partes: na primeira, vamos entender como se emprega a vírgula no interior da oração (análise interna); em seguida, veremos como a vírgula é empregada entre orações (análise externa).

No interior da oração

A vírgula é utilizada, sobretudo:

a) para indicar a existência de mais de um núcleo no sintagma nominal, com exceção do último, que vem, geralmente, ligado pela conjunção aditiva **e**. Separam-se assim, termos que exercem a mesma função sintática;

A serra, a faca, o punhal e a corda foram achados junto ao corpo da vítima.

As vírgulas, no exemplo acima, separam elementos que exercem a mesma função sintática: a de núcleos do sujeito. Veja outros exemplos:

Luciano odiava **os velhos, as crianças de rua, os mendigos e todos** que fossem diferentes dele.

Observe que, no caso de vir reiterada a conjunção "e" ligando núcleos, a vírgula será empregada mesmo antes do conectivo.

Chegaram Pedro, **e** Paulo, **e** Jonas.

b) para isolar o aposto explicativo ou qualquer elemento de natureza explicativa;

O Rio, **uma verdadeira cidade maravilhosa**, tornou-se muito violento.

Luma, **a professora**, foi assassinada ontem.

Os termos isolados pela vírgula nos exemplos acima são apostos explicativos. Veja agora a vírgula separando outros elementos de natureza explicativa.

Ninguém disse isso, **isto é**, não com estas palavras.

É preciso que se estudem todas essas probabilidades, **ou seja**, que se dê atenção a elas.

O homem não queria ajudá-la, **isto é**, não sem que ganhasse algo em troca.

Ele era um boêmio, **ou melhor**, quase um boêmio.

c) para isolar o vocativo;

Maria, venha cá!

O que fizeram, **meu anjo**, que estás tão triste?

"Meu canto de morte, **guerreiros**, ouvi!"

d) para isolar elementos repetidos;

Nada, nada pode separar o que Deus une.

Esse livro é **meu, meu** e não quero que ponhas a mão nele.

e) para destacar o adjunto adverbial no início da oração, se sua extensão assim o pedir, ou se houver necessidade de realce do adjunto;

Na calada da noite, tudo era medo, solidão e angústia.

Às dez horas da noite, ela virava uma loba que uivava para todos os homens.

Observe que, no caso de adjuntos adverbiais não extensos, o isolamento do termo dependerá das intenções do escritor. Caso queira realçar o adjunto, deverá isolá-lo.

Aqui se faz, **aqui** se paga.

Aqui, só há morte.

f) para separar o lugar em início de cartas ou citações;

Juiz de Fora, 30 de maio de 1979.

Nova Iorque, 11 de setembro de 2001.

g) para indicar elipse (supressão) de uma palavra (geralmente um verbo);

No jardim, uma luz fosca. No quarto, o escuro.

Observe nesse exemplo a elipse do verbo **haver**. Veja outro exemplo.

Ela veio de ônibus; eu, de carro. (elipse de **vir**)

h) em respostas rápidas do tipo:

– Sim**,** senhor.

– Não**,** senhor.

Entre orações

Entre orações, a vírgula é utilizada, sobretudo:

a) para separar orações coordenadas assindéticas;

Saiu de casa, **tomou** chuva, não **chegou** ao lugar do encontro.

Ele **veio** aqui, **deu**-me um soco no rosto.

Ela **sorria**, **chorava**, **gritava**, **fazia** tudo ao mesmo tempo.

b) para separar as orações coordenadas sindéticas, salvo as introduzidas por "e" aditivo;

Vem, **que tua mãe está chamando**.

Saí, **mas não os encontrei**.

Vi o assassino **e persegui-o pela estrada**.

Veja que, portanto, a não-ocorrência da vírgula separando orações coordenadas sindéticas aditivas introduzidas por "e" é exceção, e não regra. Entretanto, deve-se ressaltar que a vírgula antes do "e" aditivo ocorrerá obrigatoriamente nas seguintes situações:

1.ª: caso o sujeito da oração aditiva seja diferente do da anterior.

Ele não veio aqui**, e eu** não pude dizer-lhe nada.

2.ª: caso venha reiterada caracterizando um polissíndeto.

Ele ria**, e** gritava**, e** pulava**, e** corria.

3.ª: caso seja necessário separar, por paralelismo, o "e" aditivo que inicia a oração aditiva de um "e" aditivo que coordena termos da oração anterior.

Comprou doces **e** salgados**, e** saiu contente da loja.

4.ª: caso haja a necessidade de separar complementos de verbos distintos.

Bebeu vinho, e **pão comeu** pouco.

Observação

Quando não introduzem as orações sindéticas, as conjunções adversativas (à exceção de "mas") vêm isoladas. Veja:

Ele tinha medo, **mas enfrentou todos os perigos na viagem.**

Ele tinha medo, **porém enfrentou todos os perigos na viagem.**

Ele tinha medo; enfrentou, **porém**, todos os perigos da viagem.

O mesmo é válido para as conjunções conclusivas. Veja:

Ela chegou ontem, **portanto não a acorde**.

Ela chegou ontem; não a acorde, **portanto**.

c) para isolar as orações intercaladas;

Marta, **disse ele**, estou precisando de tua ajuda.

"Se ele diz que está certo", **disse Paula**, "não serei eu a tentar corrigi-lo".

"Cirilo", **chamou Maria Joaquina, resmungando**, "você está muito chato hoje".

d) para isolar orações subordinadas adjetivas **explicativas**;

O homem, **que é mortal**, precisa ser mais humilde por sua falta de conhecimento.

A vida, **que é curta**, deve-se saber aproveitar.

Não se deve esquecer, porém, que as orações adjetivas restritivas não vêm, sob hipótese nenhuma, isoladas pela vírgula. Veja um exemplo:

O homem **que chora** é corajoso.

e) para separar orações subordinadas adverbiais das principais, principalmente quando antepostas. Pospostas, separam-se das principais de acordo com as intenções do autor. Intercaladas, isolam-se com as vírgulas.

Quando ele chegar, avise-me.

Se ele telefonar, não se esqueça de mim.

Como não haveria festa, todos foram para casa.

Fazendo frio, não iremos.

Morto o marido, ela era só orgias.

Os dois, **embora estivessem fora da cidade**, ligavam para o filho todos os dias.

Saíram (,) **a fim de que se divertissem**.

Não vim (,) **porque choveu**.

Ele veio (,) **embora estivesse muito cansado**.

Casos de não-uso da vírgula

Não se usa a vírgula para separar o sujeito do predicado, ou o verbo de seus complementos.

O professor, chegou cedo. (Desvio)

Maria amava, as crianças e os idosos. (Desvio)

Assim, a vírgula também não deve ser usada para separar a oração principal da subjetiva ou das objetivas (diretas e indiretas).

Maria sempre soube, **que o marido a traía com Vera**. (Desvio)

Precisava-se**, de que você fosse conosco**. (Desvio)

Quem não deve**,** não teme. (Desvio)

Também não se separa o nome de seu complemento nominal ou o predicativo na ordem direta. O mesmo vale para as orações predicativas e completivas nominais. Veja:

Ela estava**, cansada** demais. (Desvio)

O problema era**, que eles não queriam trabalhar**.

(Desvio)

Não estaria nunca apto**, para realizar tal serviço**.

(Desvio)

Também não se separa a locução verbal passiva do agente da passiva.

O trabalho foi realizado**, por homens competentes**.

(Desvio)

Observação

Se aparece o pleonástico, o objeto direto e o indireto iniciando a oração devem vir separados por vírgula. Também se isola pela vírgula o predicativo disposto em ordem inversa.

Maria, Pedro **a** amava de todo o coração. (objeto direto antecipado com presença do pleonástico)

A mim, ele nunca **me** deu nada. (objeto indireto antecipado com presença do pleonástico)

As meninas, **cansadas**, chegaram.

Preocupado, o jovem desceu as escadas desesperadamente.

Para saber mais

A vírgula, pequena notável

João Cabral de Melo Neto escreveu: “Todo mundo aceita que ao homem /cabe pontuar a própria vida”.

Escrever é desenhar um texto cheio de sentido. E nesse desenho há detalhes como o da vírgula, a pequena notável da difícil arte de pontuar.

A vírgula, embora minúscula, oferece armadilhas. Muitos admitem sofrer com esse tracinho, que em latim já se escrevia assim, vírgula, isto é, pequena vara.

Os melhores escritores cutucam a varinha com vara curta, brincam com as armadilhas do texto, transformam perigo em beleza. Clarice Lispector, num gesto de ousadia, inicia o seu *Uma Aprendizagem* ou *O Livro dos Prazeres* com uma vírgula, sem nenhuma palavra antes:

“estando tão ocupada, viera das compras de casa que a empregada fizera às pressas...”

Sua intenção é demonstrar que o relato começa assim, *in media res*, no meio da história. O leitor que corra e pegue a leitura andando.

O senso comum nos ensina que a vírgula marca as pausas da respiração. Não deixa de ser verdade. Mas seu uso não se reduz à observância desse critério.

É principalmente pelo fator sintático que devemos nos guiar – a vírgula une e separa os elementos do texto, ordenando-os segundo a lógica de uma leitura equilibrada. Um erro gramatical, e lógico, é o de pôr uma vírgula entre sujeito e predicado: “Eu, gosto de escrever”. Ora, a menos que eu goste mesmo de escrever, deverei pensar antes de dividir o meu “eu gostador” daquilo que tanto gosto de fazer!

A vírgula possui também um caráter filosófico, como na interjeição tipicamente brasileira...

– Você trouxe seu amigo, o José?

– Meu amigo uma vírgula!

Contestando uma afirmação, pedimos ao outro que volte atrás, que repense o que disse, pois o que disse é questionável. A vírgula, varinha envergada, aponta para a idéia anterior, e de algum modo nos ajuda a não deixar para trás o que foi escrito.

A vírgula, disse um gramático espanhol, é o sinal de pontuação mais carismático, por seu dom de mobilidade, por sua capacidade de aparecer em muitos lugares, pelo trabalho que dá...

Que o diga Oscar Wilde. Ironizando os escritores meticulosos, escreveu certa vez que passara uma manhã toda para colocar uma vírgula no seu texto, e uma tarde inteira para tirá-la.

(PERISSÉ, Gabriel. **A Vírgula, Pequena Notável**. Disponível em: <www.correiocidadania.com.br>.)

Não só de vírgulas fazemos os textos. Ao contrário, quanto mais dominarmos os sinais de pontuação, mais seremos capazes de expressar exatamente as ideias que desejamos.

Não podemos deixar de considerar que, assim como a vírgula, há outros sinais tão importantes de que, às vezes, não fazemos uso.

Pare e pense: quantas vezes você empregou o ponto-e-vírgula corretamente no seu último texto? E os dois-pontos?

E se disséssemos agora que esses dois sinais podem contribuir, e muito, para sua expressão escrita?

Usos do ponto

O ponto é utilizado para marcar a pausa máxima do discurso. É ele que marca o fim da oração absoluta ou da derradeira de um período composto.

Assim, para se usar o ponto, deve-se atentar para as seguintes perguntas:

a) se o período for simples, todos os termos da oração absoluta estão expressos?

b) se o período for composto, todas as orações, coordenadas e subordinadas, estão expressas com seus termos?

Partindo dessas perguntas, nota-se uma maior facilidade para se saber se realmente existe a pausa marcada pelo ponto ou não. Veja os exemplos:

Maria partiu cedo. Levava consigo uma arma. O marido, desgraçado, iria pagar caro. Ela chorava, mas estava convicta de que iria matá-lo.

O homem saiu. Olhei para Julieta, e ela sabia que eu estava com medo. Ajoelhou-se a meus pés e começou a orar.

Usos do ponto-e-vírgula

Indica uma pausa intermediária entre o ponto e a vírgula. É usado sobretudo:

a) para separar partes de um período, das quais pelo menos uma está marcada por vírgulas;

Vim de carro; **ele, de ônibus**.

Eram cinco horas; **e, de acordo com o guarda, haveria uma forte chuva ao amanhecer**.

Sua mãe te ligará tentando convencê-lo a não ir a São Paulo; **mas, por precisar do emprego, você não vai escutá-la.**

b) para separar orações longas de mesma natureza;

Não podia chorar; era um lutador; tinha coragem demais para entregar-me às lágrimas.

Não quis dizer-lhe nada; o homem estava nervoso demais.

c) para separar itens de enunciados enumerativos (como leis, estatutos), exceto o último, que vem marcado com o ponto;

Fica, ainda, proibido aos funcionários da empresa:

I) ingressarem nas dependências de trabalho sem portar crachá;

II) deixarem o posto fora dos horários previstos;

III) comunicarem-se com os gerentes de venda antes do meio-dia.

d) em enumerações longas em que pelo menos um dos termos de tal enumeração seja longo e já apresente vírgulas em sua estrutura;

Há três motivos principais pelos quais esta guerra aconteceu: as disputas colonialistas entre as superpotências, que necessitavam de mercados exportadores de matérias-primas e importadores de capital e de produtos industrializados; os nacionalismos exaltados; e a corrida armamentista que se deu durante a primeira metade da década de 1910.

e) para marcar o alongamento da pausa antes de orações coordenadas sindéticas adversativas (mas, porém, contudo, todavia, no entanto, entretanto) e conclusivas (logo, portanto, pois), acentuando o valor da coordenação.

Os funcionários podem chegar atrasados, mas nunca faltar.

Os funcionários podem chegar atrasados; mas nunca faltar.

O governo anunciou que não haverá aumento de preço para a gasolina, porém deve-se ficar atento.

O governo anunciou que não haverá aumento de preço para a gasolina; porém deve-se ficar atento.

O governo anunciou que não haverá aumento de preço para a gasolina; deve-se, porém, ficar atento.

O dever é seu, portanto faça-o.

O dever é seu; portanto faça-o.

O dever é seu; faça-o, portanto.

Em alguns casos, mesmo para coordenações, pode-se usar o ponto ou os dois-pontos, também para enfatizar o tom conclusivo ou adversativo.

O dever é seu. Faça-o, pois.

O dever é seu: faça-o, pois.

Usos dos dois-pontos

Os dois-pontos são usados, sobretudo, para:

a) indicar a ocorrência de uma citação de discurso direto num texto;

Chegou cansada, olhou para todos e perguntou:

- Quem são vocês?

Olhou para o namorado, que acabara de terminar o noivado, e disse:

- Estou grávida. Levarei para sempre uma memória sua.

b) indicar a ocorrência de uma citação de discurso direto num texto;

Ali estavam presentes todos: o presidente, a primeira-dama, o bispo e até um frade beneditino.

c) indicar esclarecimentos, sínteses ou consequências do que foi enunciado;

Não era um jovem forte: era a reencarnação de Hércules.

Não a advirto nunca: exijo que ponha em prática o que aprendeu.

Observação

Depois do vocativo em cartas, pode-se usar o ponto, os dois-pontos, a vírgula, ou ainda dispensar qualquer sinal de pontuação.

Querida Gervásia,

Querida Gervásia:

Querida Gervásia.

Querida Gervásia

Usos do ponto de interrogação

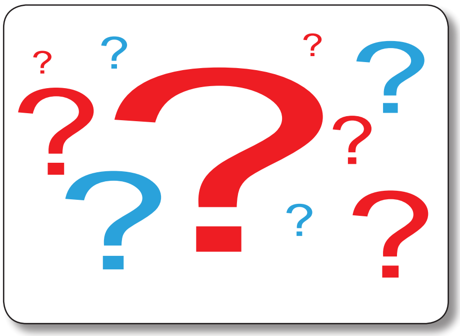

Usado para marcar interrogativas diretas, mas não indiretas. Pode aparecer combinado ao ponto de exclamação, o que confere uma diferente melodia ao discurso.

Por que não vieste?

O quê?! Morreu?!

Observação

Observe que, em interrogativas indiretas, não se usará o ponto de interrogação.

Diga-me por que não vieste.

Usos do ponto de exclamação

É usado para marcar:

a) surpresa, emoção, alegria, dor, ira, e outros sentimentos;

Que lindo! Vocês dois brigando desse jeito!

Fantástico! Foi demais a entrevista do "*serial killer*" na TV!

b) o vocativo e apóstrofes, quando introduzidos por interjeições;

Oh, Deus! Por que és tão impiedoso?

Adeus, Rosa, adeus!

c) o imperativo.

Vem logo! Só estamos esperando por ti.

Vamos! Não sejamos lentos ou perderemos o jogo!

Observação

É comum, para se denotar maior emoção no caso das exclamativas, ou curiosidade no caso das interrogativas, marcarem-se as frases com mais de um sinal de exclamação ou interrogação.

Por quê**???** Repita**!!!** Por quê**???**

Para saber mais

A morte e a pontuação

Domínio público.

Monteiro Lobato.

"Que pretendo fazer? Rebolar-me dentro da goiaba, contemplar o umbigo e preparar-me num convento para a viagem final. O meu cavalo está cansado, querendo cova – e o cavaleiro tem muita curiosidade em verificar pessoalmente se a morte é vírgula, ponto-e-vírgula ou ponto final."

Agora que você conhece os sinais de pontuação mencionados por Monteiro Lobato em sua célebre frase poética, pare e pense: o que significa, em sua opinião, "a morte ser vírgula", "a morte ser ponto-e-vírgula" e "a morte ser ponto final"?

"O fazendeiro tinha um bezerro e a mãe do fazendeiro também era o pai do bezerro."

Há algo de estranho com a famosa frase acima, você com certeza percebeu isso. Porém, podemos resolver esse problema pondo sinais de pontuação em seus devidos lugares. Você acredita que há pelo menos duas maneiras de se dar sentido e lógica à frase acima? Pois, se você ainda não sabe como, pense um pouquinho antes de prosseguir seus estudos.

Agora observe:

1. O fazendeiro tinha um bezerro, e a mãe do fazendeiro também: era o pai do bezerro.

2. O fazendeiro tinha um bezerro e a mãe; do fazendeiro também era o pai do bezerro.

Note que os sentidos atribuídos a cada uma das frases divergem totalmente. Podemos, na frase 1, substituir os dois-pontos por outro sinal. Observe:

3. O fazendeiro tinha um bezerro, e a mãe do fazendeiro também – era o pai do bezerro.

Utilizamos o travessão em vez dos dois-pontos.

Para completarmos nosso estudo de pontuação e ampliarmos nosso domínio sobre o idioma, precisamos aprender os usos de outros sinais: além do travessão, estudaremos também as aspas, as reticências, os parênteses e os colchetes.

Usos das reticências

As reticências marcam uma suspensão na melodia da frase, podendo esta ser dada por necessidade:

a) de ruptura do raciocínio e início de novas considerações.

Minha mãe estava pensando que**...** Aquele chalezinho na montanha**...** Não deve estar morando ninguém lá**...**

b) de enfatizar surpresa, dúvida, timidez.

– Você**...** linda como**...** ninguém mais**...** está sozinha nessa festa?

– Estava pensando**...** Há tanto tempo que eu e você**...** Bem, nós**...** É tão difícil dizer isso, que**...** Ah, esqueça!

c) de indicação de inflexões de natureza emocional (alegria, tristeza, cólera, sarcasmo...).

Jogar um balde de água nele? Não**...** imagina**...** ele não merece**...**

Encontraria, uma noite qualquer, uma mulher, uma mulher que o amasse**...**

d) de deixar o complemento da sentença à imaginação do leitor.

Se eu tivesse o dinheiro que ele tem**...**

Ela é bonita e jovem, o marido velho e feio**...**

e) para indicar interferência no discurso.

– Senhora, eu gostaria de**...**

– Não quero saber, você já está**...**

– Desculpe-me, só queria**...**

– E ponha-se daqui pra fora!

Usos das aspas

As aspas são usadas:

a) no início e fim de citações de palavras de outrem.

Pois para Che Guevara, a coragem, a força, a determinação eram importantíssimas, mas “**perder a ternura, jamais**”.

O amor pode não ser imortal, **“posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure”**.

b) para marcar estrangeirismos, neologismos, arcaísmos, vulgarismos etc.

Chegou à lanchonete e pediu um **“*hot-dog*”**.

O pai dizia que a filha **“confusionava”** todo mundo que a ouvisse dando explicações.

Era um **“merdinha”** como a própria mãe o chamava.

c) para acentuar o valor expressivo de uma palavra.

O **“eu”** meu é diferente do **“eu”** seu, compreende?

A palavra **“república”** é proveniente do latim.

d) para usar uma palavra em sentido irônico, desde que a ironia não fique explícita.

Ela era um **“anjinho”**... nunca faria mal a ninguém... imagina...

e) nos títulos de obra.

Já leste **“Dom Casmurro”**?

– ?

– Não?!

– E **“Vidas Secas”**?

– ?

– Também não?!

f) na mudança de interlocutor, quando se opta pelo discurso direto com as aspas substituindo o travessão.

“Quem era ele?”, perguntei.

“Não sei”, ela respondeu, secamente. Após longo tempo, cerca de meia hora, ainda balbuciou algo que não entendi.

“Como é?”, disse eu para que ela repetisse.

“Não sei.”

Observação

Em citações, quando o período é inteiramente tomado pelas aspas, usa-se o ponto dentro das aspas; se apenas uma parte do período é constituída pela citação, deve-se deixar o ponto fora.

Naquela época, o regime militar fazia uso da máxima **“Brasil: ame-o ou deixe-o”**.

“Brasil: ame-o ou deixe-o.” Essa máxima, utilizada pelo regime militar...

Naquela época, o regime militar fazia uso da máxima **“Brasil: ame-o ou deixe-o”** para deixar claro que...

Usos dos parênteses

Os parênteses são normalmente utilizados:

a) para marcar uma explicação ou circunstância mencionada de modo incidental.

E foi ali **(no carro)** que Elaine teve o filho.

b) uma reflexão ou comentário sobre o que se afirma.

Ele então saiu de casa **(embora não devesse ter feito)** para procurar sua amada.

Tinha consciência **(se é que essa palavra se aplica a ele)** de que estava errado.

c) uma nota emocional sobre o que se afirma.

E depois ele sacou a arma, apontando para a cabeça de minha mulher **(meu Deus, quase enlouqueci!)**, mas não ousaria atirar.

Usos do travessão

O travessão é usado para:

a) marcar mudança de interlocutor, suspensão e retorno de sua fala.

– O que você fez? – ela perguntou – não vê que eu estou doente e não posso me levantar daqui?

– Desculpe-me, papai – tentei argumentar – fiz isso porque estava entediado.

b) marcar locuções do tipo:

Viagem Rio – São Paulo.

c) substituir os parênteses.

E foi ali **– no carro –** que Elaine teve o filho.

Ele então saiu de casa **– embora não devesse ter feito –** para procurar sua amada.

Tinha consciência **– se é que essa palavra se aplica a ele –** de que estava errado.

E depois ele sacou a arma, apontando para a cabeça de minha mulher **– meu Deus, quase enlouqueci! –**, mas não ousaria atirar.

Usos dos colchetes

Os colchetes (variantes dos parênteses) são usados, sobretudo, para:

a) intercalar observações próprias dentro de citações.

"O que ela **[Maria]** desejava era poder revê-lo."

Observe que o uso dos parênteses nesse caso poderia sugerir que foram empregados pelo autor do texto original. Os colchetes são uma indicação de quem copiou o trecho original de que o elemento "Maria" não pertence ao texto primitivo.

b) substituir parênteses quando estes já são usados dentro da expressão que se deseja isolar.

Não queria se dirigir a ele (ao marido **[Paulo]**).

Para saber mais

Andrea Micheloni.

Você certamente já ouviu falar de Fernando Pessoa, um dos maiores poetas de língua portuguesa. E também já ouviu falar das múltiplas personalidades que ele manifestou em sua poesia. O texto abaixo foi escrito por um de seus heterônimos, Álvaro de Campos.

Reticências

Álvaro de Campos

Arrumar a vida, pôr prateleiras na vontade e na ação.

Quero fazer isto agora, como sempre quis, com o mesmo resultado;

Mas que bom ter o propósito claro, firme só na clareza, de fazer qualquer coisa!

Vou fazer as malas para o Definitivo, Organizar Álvaro de Campos,
E amanhã ficar na mesma coisa que antes de ontem – um antes de ontem que é sempre...
Sorrio do conhecimento antecipado da coisa-nenhuma que serei.
Sorrio ao menos; sempre é alguma coisa o sorrir...
Produtos românticos, nós todos...
E se não fôssemos produtos românticos, se calhar não seríamos nada.
Assim se faz a literatura...
Santos Deuses, assim até se faz a vida!
Os outros também são românticos,
Os outros também não realizam nada, e são ricos e pobres,
Os outros também levam a vida a olhar para as malas a arrumar,
Os outros também dormem ao lado dos papéis meio compostos,
Os outros também são eu.
Vendedeira da rua cantando o teu pregão como um hino inconsciente,
Rodinha dentada na relojoaria da economia política,
Mãe, presente ou futura, de mortos no descascar dos Impérios,
A tua voz chega-me como uma chamada a parte nenhuma, como o silêncio da vida...
Olho dos papéis que estou pensando em arrumar para a janela,
Por onde não vi a vendedeira que ouvi por ela,
E o meu sorriso, que ainda não acabara, inclui uma crítica metafísica.
Descri de todos os deuses diante de uma secretária por arrumar,
Fitei de frente todos os destinos pela distração de ouvir apregoando,
E o meu cansaço é um barco velho que apodrece na praia deserta,
E com esta imagem de qualquer outro poeta fecho a secretária e o poema...
Como um deus, não arrumei nem uma coisa nem outra...

Exercícios Resolvidos

1. (Cescem) Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

a) A velhice ridícula é, porventura, a mais triste e derradeira surpresa da natureza humana.

b) A velhice ridícula é porventura a mais triste e, derradeira surpresa da natureza humana.

c) A velhice ridícula é, porventura a mais triste, e derradeira surpresa da natureza humana.

d) A velhice ridícula é porventura, a mais triste e, derradeira surpresa da natureza humana.

e) A velhice ridícula é, porventura, a mais triste e, derradeira surpresa da natureza humana.

Solução: *A*

Na sentença, à exceção do advérbio porventura, todos os outros termos estão na ordem direta e não se justifica o emprego da vírgula. A única possibilidade de uso da vírgula seria reforçar o adjunto adverbial.

2. (ITA – adap.) Dadas as sentenças:

1. Quase todos os habitantes daquela região pantanosa e longe da civilização, morrem de malária.
2. Pedra, que rola, não cria limo.
3. Muitas pessoas observavam com interesse, o eclipse solar.

Deduzimos que:

a) apenas a sentença n.º 1 está correta.

b) apenas a sentença n.º 2 está correta.

c) apenas a sentença n.º 3 está correta.

d) todas estão corretas.

e) nenhuma está correta.

Solução: *E*

Em (1), a vírgula está separando o sujeito do verbo, o que não está de acordo com o padrão da língua. Em (2), o que se deseja afirmar é que algumas pedras apenas não criam limo, as que rolam; assim, a oração separada pelas vírgulas é restritiva e não explicativa, o que invalida o uso das vírgulas. Em (3), a vírgula está separando o verbo de seu objeto direto, o que não está de acordo com o padrão; nesse caso, também seria correto o uso da vírgula isolando o adjunto adverbial com interesse, mas nesse caso seriam necessárias duas vírgulas.

3. (Fuvest) Assinale o período que está pontuado corretamente:

a) Solicitamos aos candidatos que respondam às perguntas a seguir, importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.

b) Solicitamos aos candidatos, que respondam, às perguntas a seguir importantes para efeito de pesquisas aos vestibulares.

c) Solicitamos aos candidatos, que respondam às pesquisas, a seguir importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.

d) Solicitamos, aos candidatos que respondam às perguntas a seguir importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.

e) Solicitamos aos candidatos, que respondam às perguntas, a seguir, importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.

Solução: *A*

Não se deve usar a vírgula para separar a oração principal (solicitamos aos candidatos) da subordinada substantiva objetiva direta. Deve-se usar a vírgula para separar termos que exercem a mesma função sintática (“a seguir” e “importantes” – adjuntos adnominais para “perguntas”).

4. (PUC-SP) Observe as frases:

I. Ele foi, logo eu não fui.

II. O menino, disse ele, não vai.

III. Deus, que é Pai, não nos abandona.

IV. Saindo ele e os demais, os meninos ficarão sós.

Assinale a afirmativa correta.

a) Em I há erro de pontuação.

b) Em II e III as vírgulas podem ser retiradas sem que haja erro.

c) Na I, se acaso mudar a vírgula de posição, muda-se o sentido da frase.

d) Na II, faltam dois-pontos depois de *disse*.

Solução: *C*

Comentário das alternativas:

a) Não há erro no emprego da vírgula porque ela separa uma oração cordenada assindética de uma sindética conclusiva.

b) Em II, as vírgulas isolam uma oração intercalada; em III, uma oração adjetiva explicativa, portanto são fudamentais nos contextos em que aparecem.

*c) Haveria mudança de sentido caso se pusesse a vírgula após **logo** (que deixaria de ser conjunção conclusiva e se tornaria advérbio de tempo): Ele foi logo, eu não fui.*

d) Errada. Caso se pusessem os dois-pontos cairiam as vírgulas porque o sentido seria outro e o sujeito não se separa do verbo pela vírgula.

O menino disse: ele não vai.

5. (UEM) No trecho: *Do fundo bem do fundo de questões como esta vem o apelo Leia um pouco rapaz Abra de vez em quando um livro de contos do velho Machado garota.*

Podem-se usar os seguintes sinais de pontuação e na ordem seguinte:

a) vírgula, ponto, vírgula, ponto, vírgula, ponto.

b) vírgula, dois-pontos, vírgula, ponto-e-vírgula, ponto.

c) vírgula, dois-pontos, ponto de interrogação, ponto-e-vírgula, ponto.

d) ponto-e-vírgula, ponto, ponto de exclamação, vírgula, ponto de interrogação.

e) ponto-e-vírgula, ponto de exclamação, vírgula, vírgula, ponto.

Solução: *A*

O termo “do fundo” e “bem do fundo de questões como essa” exercem a mesma função sintática, portanto devem ser separados pela vírgula. Como o período seguinte começa por inicial maiúscula, deve-se usar o ponto após apelo. Como rapaz é vocativo, deve vir isolado por vírgula, o período termina em ponto de exclamação (ou ponto simples) por se tratar de frase imperativa. Também há necessidade da vírgula e do ponto de exclamação (ou ponto simples) no período seguinte pelos mesmos motivos. Como se usa o ponto no último (dado pela banca), opta-se, por simetria, por usar no primeiro também. Assim, a frase ficaria deste modo:

Do fundo, bem do fundo de questões como esta vem o apelo. Leia um pouco, rapaz. Abra de vez em quando um livro de contos do velho Machado, garota.

A explosão dos computadores pessoais, as “infovias”, as grandes redes – a Internet e a *World Wide Web* – atropelaram o mundo. Tornaram as leis antiquadas, reformularam a economia, reordenaram prioridades, redefiniram os locais de trabalho, desafiaram constituições, mudaram o conceito de realidade e obrigaram as pessoas a ficar sentadas, durante longos períodos de tempo, diante de telas de computadores, enquanto o CD-Rom trabalha. Não há dúvida de que vivemos a revolução da informação e, diz o professor do MIT, Nicholas Negroponte, revoluções não são sutis.

(**Jornal do Brasil**, 13 fev. 1996)

6. (Fuvest) As aspas foram usadas em "infovias" pela mesma razão por que foram usadas em:

a) Mesmo quando a punição foi confirmada, o "Alemão", seu apelido no Grêmio, não esmoreceu.

b) ... fica fácil entender por que há cada vez mais pessoas preconizando a "fujimorização" do Brasil.

c) Paralamas, que normalmente sai "carregado" de prêmios, só venceu em edição.

d) A renda média "*per capita*" da América latina baixou para 25% em 1995.

e) A torcida gritava "olé" a cada toque de seus jogadores.

Solução: *B*

7. (PUC-SP) Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

a) Inserido numa sociedade complexa, o jovem de hoje, encontra grandes dificuldades, não só na escolha de uma profissão como também, na sua aceitação no campo de trabalho.

b) Como estavam todos suficientemente esclarecidos a respeito do projeto; saíram para providenciar os últimos detalhes – dispostos a se dedicarem, com seriedade à tarefa.

c) Este lhe caiu muito bem! – disse o marido, aproximando-se da mulher, que se olhava ao espelho. – É da cor que você queria?

d) Plantas e animais, submetidos a condições inadequadas para sua sobrevivência reagem das maneiras mais variadas; tentando sempre adequarem-se, às condições que lhes são impostas.

e) Você sabe o que quer, menino, disse o pai – sorridente; Aqui está o que você pediu; a autorização e, o dinheiro para a passagem.

Solução: *C*

Exercícios Grupo 1

Enunciado para as questões de 1 a 5.

Cada um dos períodos seguintes foi pontuado de cinco formas diferentes. Leia-os e selecione a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

1. (FCC-MG)

a) Prezados colegas deixemos agora a boa conversa, de lado!

b) Prezados colegas deixemos agora, a boa conversa de lado!

c) Prezados, colegas, deixemos agora, a boa conversa de lado!

d) Prezados colegas deixemos agora a boa conversa de lado!

e) Prezados colegas, deixemos agora a boa conversa de lado!

2. (FCCMG)

a) E, palavra, no caso desta última, senti profundamente o que aconteceu.

b) E palavra, no caso, desta última senti, profundamente o que aconteceu.

c) E palavra no caso desta última: senti profundamente, o que aconteceu.

d) E, palavra, no caso desta última senti profundamente o que, aconteceu.

e) E palavra: no caso desta última senti, profundamente o que aconteceu.

3. (FCCMG)

a) Apesar de toda a atenção o fato passou despercebido a todos.

b) Apesar de, toda a atenção, o fato, passou despercebido a todos.

c) Apesar de, toda a atenção o fato passou, despercebido a todos.

d) Apesar de toda a atenção o fato, passou despercebido, a todos.

e) Apesar de toda a atenção, o fato passou despercebido a todos.

4. (FCCMG)

a) Tantos fatos agradáveis, guardo-os a todos na memória.

b) Tantos fatos agradáveis guardo-os a todos na memória.

c) Tantos fatos agradáveis, guardo-os a todos, na memória.

d) Tantos fatos agradáveis, guardo-os, a todos na memória.

e) Tantos fatos, agradáveis guardo-os, a todos na memória.

5. (FCCMG)

a) Imagine, comadre quem é que morreu?

b) Imagine comadre, quem é que morreu?

c) Imagine comadre, quem é, que morreu?

d) Imagine, comadre, quem é que morreu?

e) Imagine comadre quem é, que morreu?

6. (Faap) Justifique a pontuação do texto:

"Entre lojas de flores e de sapatos, bares, mercados, butiques, viajo num ônibus Estrada de Ferro-Leblon. Volto do trabalho, a noite em meio, fatigado de mentira."

7. (Faap) Assinale a alternativa corretamente pontuada.

a) No inverno através dos vidros ele vê a trama dos finos galhos negros.

b) No inverno através dos vidros, ele vê, a trama dos finos galhos negros.

c) No inverno através dos vidros ele vê: a trama dos finos galhos, negros.

d) No inverno, através dos vidros, ele vê, a trama dos finos galhos negros.

e) No inverno, através dos vidros, ele vê a trama dos finos galhos negros.

8. (Fuvest) "Donde houveste, ó pélago revolto, Esse rugido teu?"

Explique o emprego das vírgulas no texto acima.

9. (Aman) "Justiça falível, és balança de dois pesos que só não pesam nas consciências!" (José Américo de Almeida)

A vírgula (após falível) tem a seguinte justificativa:

a) será o aposto.

b) será o vocativo.

c) separa os termos da mesma função, assindéticos.

d) marca a inversão da oração.

e) separa adjunto adverbial deslocado de seu lugar normal.

10. (Cesgranrio) Das seguintes redações abaixo, assinale a que **não** está pontuada corretamente:

a) Os meninos, inquietos, esperavam o resultado do pedido.

b) Inquietos, os meninos esperavam o resultado do pedido.

c) Os meninos esperavam, inquietos, o resultado do pedido.

d) Os meninos inquietos esperavam o resultado do pedido.

e) Os meninos, esperavam inquietos, o resultado do pedido.

11. (FE-Bauru) Assinale a alternativa em que há erro de pontuação.

a) Era do conhecimento de todos a hora da prova, mas, alguns se atrasaram.

b) A hora da prova era do conhecimento de todos; alguns se atrasaram, porém.

c) Todos conhecem a hora da prova; não se atrasem, pois.

d) Todos conhecem a hora da prova, portanto não se atrasem.

e) n.d.a

12. (Medicina ABC) A pontuação mais adequada está na alternativa:

a) Enquanto não estudava sofria; agora, que sabe muito, sofre mais pois, a consciência de tudo o atormenta.

b) Enquanto não estudava, sofria; agora que sabe muito, sofre mais, pois a consciência de tudo o atormenta.

c) Enquanto não estudava sofria, agora que sabe muito, sofre mais, pois, a consciência de tudo o atormenta.

d) Enquanto não estudava, sofria; agora, que sabe muito, sofre mais pois a consciência de tudo, o atormenta.

e) Enquanto não estudava, sofria; agora que sabe muito, sofre mais pois a consciência, de tudo, o atormenta.

13. (Faap) Justifique a pontuação empregada por Carlos Drummond de Andrade em: "Outros leram da vida um capítulo, tu leste o livro inteiro."

Que outras possibilidades estão previstas pela gramática para este caso?

14. (FCC) Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

a) Quase todos procediam da Prússia Oriental, da Pomerânia; havia porém, alguns, que vinham das bandas do Reno.

b) Quase todos, procediam da Prússia Oriental da Pomerânia; havia porém alguns que vinham das bandas do Reno.

c) Quase todos, procediam da Prússia Oriental da Pomerânia, havia porém, alguns que vinham das bandas do Reno.

d) Quase todos procediam da Prússia Oriental, da Pomerânia; havia, porém, alguns que vinham das bandas do Reno.

e) Quase todos procediam da Prússia Oriental; da Pomerânia havia, porém, alguns, que vinham das bandas do Reno.

15. (FCC) Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

a) O assunto do romance: é o naufrágio, do navio no mar encapelado, o tema a força, trágica, do destino.

b) O assunto do romance é o naufrágio do navio no mar encapelado; o tema, a força trágica do destino.

c) O assunto do romance é, o naufrágio do navio, no mar encapelado; o tema, a força trágica, do destino.

d) O assunto do romance é o naufrágio do navio no mar encapelado: o tema a força, trágica do destino.

e) O assunto do romance é, o naufrágio do navio, no mar encapelado, o tema a força trágica do destino.

16. (Unimep) "Assim eu quereria a minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso."

Assinale a alternativa correta:

a) Os dois pontos anunciam e introduzem um esclarecimento.

b) Os dois pontos anunciam e introduzem uma citação.

c) Os dois pontos foram empregados para encurtar a frase.

d) Os dois pontos denotam sempre uma separação mais ampla que a da vírgula.

e) Os dois pontos antecipam um desejo do autor.

17. (Faap) Justifique a pontuação da seguinte frase:

Tangas, miçangas, sol, mar, toalhas estendidas, areia morna, garotas e celebridades seminuas curtindo o calor: eis a praia mais badalada do Brasil.

18. (FCC) Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra correspondente ao período de pontuação correta.

a) Hoje, eu daria o mesmo conselho, menos doutrina e, mais análise.

b) Hoje eu daria o mesmo conselho: menos doutrina e mais análise.

c) Hoje, eu, daria o mesmo conselho, menos doutrina e mais, análise.

d) Hoje eu daria o mesmo conselho menos doutrina e mais análise.

e) Hoje eu, daria o mesmo conselho: menos doutrina, e, mais análise.

19. (Cesgranrio) Assinale a opção em que está corretamente indicada a ordem dos sinais de pontuação que devem preencher as lacunas da frase abaixo.

Quando se trata de trabalho científico ___ duas coisas devem ser consideradas _____ uma é a contribuição teórica que o trabalho oferece ___ a outra é o valor prático que possa ter.

a) dois pontos, ponto-e-vírgula, ponto-e-vírgula.

b) dois pontos, vírgula, ponto-e-vírgula.

c) vírgula, dois pontos, ponto-e-vírgula.

d) ponto-e-vírgula, dois pontos, ponto-e-vírula.

e) ponto-e-vírgula, vírgula, vírgula.

20. (Fau–Santos) Terminada a aula, o professor Jacinto, dirigindo-se à classe, disse: "Todos deverão trazer dicionário na próxima aula."

No texto, as **aspas** foram colocadas:

a) para enfatizar a necessidade do dicionário.

b) porque a oração entre as aspas vem depois dos dois pontos.

c) porque os componentes da frase estão em ordem inversa.

d) para sugerir que a falta do dicionário será prejudicial para os alunos.

e) para indicar uma citação.

21. (Fuvest) Escolha a alternativa em que o texto é apresentado com a pontuação mais adequada:

a) Depois que há algumas gerações, o arsênico deixou de ser vendido, em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio, ou envenenamento criminoso, mas aumentou — e quanto ... o número de ratos.

b) Depois que há algumas gerações o arsênico, deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de envenenamento criminoso, mas aumentou — e quanto! o número de ratos.

c) Depois que, há algumas gerações, o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou — e quanto! — o número de ratos.

d) Depois que há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias — não diminuíram os casos de suicídio, ou envenenamento criminoso, mas aumentou, e quanto — o número de ratos.

e) Depois que, há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou; e quanto, o número de ratos!

22. (Cescem) Nesta questão, os períodos foram pontuados de cinco formas diferentes. Leia-os e assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta:

a) Um deles muito menor, que todos, apegava-se às calças de outro taludo.

b) Um deles, muito menor que todos, apegava-se às calças de outro, taludo.

c) Um deles, muito menor que todos apegava-se, às calças de outro, taludo.

d) Um deles – muito menor – que todos, apegava-se às calças de outro taludo.

e) Um deles muito menor que todos, apegava-se, às calças de outro taludo.

23. (Fuvest) Assinale a alternativa que está com a pontuação correta.

a) Citando o dito da rainha de Navarra, ocorre-me que entre o nosso povo, quando uma pessoa vê outra pessoa arrufada, costuma perguntar-lhe: "Gentes, quem matou seus cachorrinhos?"

b) Citando o dito, da rainha de Navarra, ocorre-me que entre o nosso povo quando, uma pessoa vê outra arrufada costuma perguntar-lhe: "Gentes, quem matou seus cachorrinhos?"

c) Citando, o dito da rainha de Navarra, ocorre-me que entre o nosso povo, quando uma pessoa vê outra pessoa arrufada costuma perguntar-lhe: "Gentes quem matou seus cachorrinhos?"

d) Citando o dito da rainha de Navarra, ocorre-me que entre o nosso povo, quando uma pessoa vê outra pessoa arrufada, costuma perguntar-lhe: "Gentes quem matou seus cachorrinhos?"

e) Citando o dito, da rainha de Navarra, ocorre-me, que, entre o nosso povo, quando uma pessoa, vê outra arrufada, costuma perguntar-lhe: "Gentes, quem matou seus cachorrinhos?"

24. (PUCRS) A alternativa com pontuação correta é:

a) Tenha cuidado, ao parafrasear o que ouvir. Nossa capacidade de retenção é variável e muitas vezes inconscientemente, deturpamos o que ouvimos.

b) Tenha cuidado ao parafrasear o que ouvir: nossa capacidade de retenção é variável e, muitas vezes, inconscientemente, deturpamos o que ouvimos.

c) Tenha cuidado, ao parafrasear o que ouvir! Nossa capacidade de retenção é variável e muitas vezes inconscientemente, deturpamos o que ouvimos.

d) Tenha cuidado ao parafrasear o que ouvir; nossa capacidade de retenção, é variável e – muitas vezes inconscientemente, deturpamos o que ouvimos.

e) Tenha cuidado, ao parafrasear o que ouvir. Nossa capacidade de retenção é variável – e muitas vezes inconscientemente – deturpamos, o que ouvimos.

25. (AFTN) Assinale a sequência de sinais de pontuação que preenche corretamente os espaços numerados no texto:

"É através da dinâmica institucional 1 que se fabrica 2 quase sempre 3 o delinquente juvenil. A instituição 4 ao invés de recuperar 5 perverte 6 ao invés de reintegrar e ressociatizar 7 exclui e marginaliza 8 ao invés de proteger 9 estigmatiza." (Vicente Faleiros)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
a)		,	,	,	;	,	;	,	
b)		,	,	,	,	;	,	;	,
c)	,		,		:	;	:	;	:
d)				,		,		;	,
e)	,	,	,	—	—	,	,	;	,

26. (UfSCar) Assinale a correta.

a) O fogo, está apagado; defendeu-se a moça; mas, o almoço está pronto.

b) O fogo está apagado, defendeu-se a moça. Mas, o almoço, está pronto.

c) O fogo está apagado... defendeu-se, a moça; mas o almoço está pronto.

d) O fogo está apagado? Defendeu-se a moça. Mas o almoço, está pronto.

e) O fogo está apagado – defendeu-se a moça. Mas o almoço está pronto.

27. (Fuvest) Os sinais de pontuação foram bem utilizados em:

a) Nesse instante, muito pálido, macérrimo, Prudente de Morais entrou no Catete, sentou-se e, seco, declarou ao silêncio atônito dos que o contemplavam: "Voltei."

b) "Mãe onde estão os nossos: os parentes, os amigos e os vizinhos?" Mãe, não respondia.

c) Os estados, que ainda devem ao governo, não poderão obter financiamentos, mas os estados que já resgataram suas dívidas ainda terão créditos.

d) Ao permitir a apreensão, de jornais e revistas, o projeto, retira do leitor o direito a ser informado pelo veículo que ele escolheu.

e) Assim, passa-se a permitir, condenações absurdas, desproporcionais aos danos causados.

28. (ITA) Observe as frases abaixo quanto à pontuação:

(1) Muito estimado, como pássaro de gaiola dá o pintassilgo, quando cruzado, com o canário-do-reino, um hídrido chamado pintagol.

(2) Muito estimado como pássaro de gaiola, dá o pintassilgo, quando cruzado com o canário-do-reino, um híbrido chamado pintagol.

(3) Nas minas, no final do século XVIII, viviam-se momentos de insatisfação – a lembrança de um passado perdido –, que propiciaram novas atitudes e novos laços de solidariedade entre os homens.

(4) Nas minas – no final do século XVIII – viviam-se momentos de insatisfação: a lembrança de um passado perdido, que propiciaram novas atitudes e novos laços de solidariedade entre os homens.

(5) Pênalti, ou penalidade máxima no futebol, é a falta máxima, dentro da grande área cometida por jogador que defende, que é punida, com um tiro direto – sem barreira, a onze metros do gol.

Estão corretas:

a) 1, 4, 5.

b) 2, 3.

c) 2, 4, 5.

d) 1, 3, 5.

e) 2, 4.

29. (Vunesp) "A quinhentos metros, os vossos belos olhos desaparecem; e essa claridade do vosso rosto; e a fascinação da vossa palavra. É uma pena (eu também acho que é uma pena!) mas, a quinhentos metros, tudo se torna muito reduzido: sois uma pequena figura sem pormenores; vossas amáveis singularidades fundem-se numa sombra neutra e vulgar. Ao longe, caminhais como qualquer pessoa – e até como certas aves: é o que resta de vós: esse ritmo, na imensa estrada que também se vai projetando, estreita e indistinta, sobre o horizonte."

Cecília Meireles

Explique o uso dos parênteses existentes nesse parágrafo.

Exercícios Grupo 2

Texto para as questões 1 a 5.

Consta que ao iniciar uma das palestras, durante sua mítica visita ao Brasil, Jean-Paul Sartre encarou a plateia, vasculhou o recinto com os olhos incertos e disparou a pergunta: Onde estão os negros? O Brasil não era um país de ampla população negra? Não se tratava, além disso, de uma das raras democracias raciais do planeta? Sendo assim, onde estavam os negros? Sartre vasculhava o recinto e não via nenhum. Por que haviam faltado naquele dia?

Tal visita é mítica porque constituiu um marco, como os mitos, e também porque, como os mitos, deixou atrás de si uma zona de penumbra. Teria ele feito mesmo aquela pergunta à plateia, ou fora ela inventada por outrem e atribuída a ele como a indagação perfeita que a um filósofo perfeito cabia naquela hora e local? Não importa. O que se quer dizer aqui é que o grande Sartre fez a pergunta errada. Ou melhor: fez a pergunta certa, mas no local errado. Deveria tê-la feito mais adiante, quando ________ jantar, no restaurante.

Explique-se. Não surpreende que os negros não estivessem na conferência. Eles não tinham, e continuam não tendo, acesso à boa educação. Então como agora, só uns raros chegavam à universidade. Ir à conferência de Sartre significaria superar uma série de obstáculos, começando pelo lar pobre e continuando com a escola precária, o cansaço produzido por pesadas tarefas, o tempo perdido em intermináveis deslocamentos de ida e volta a distantes periferias. Já no restaurante, ele perceberia, com muito mais surpresa, que igualmente não ________ negros – e não entre os clientes, nisso não haveria nada de surpreendente, mas entre o próprio pessoal de serviço, ou seja, entre os garçons. Ora, o ofício de garçom é relativamente simples. ________ pés resistentes, para andar de cá para lá a noite toda, e habilidade para segurar uma bandeja. Não precisa chegar à universidade. Tudo o que se precisa ler é o cardápio. E, no entanto, salvo exceções, não há negros entre garçons no Brasil. Eis a discriminação no seu ponto mais cruel.

(TOLEDO, Roberto Pompeu de.
A pergunta do filósofo. **Veja**, 29 ago. 2001. Adaptado.)

1. (UFRGS) A alternativa que preenche corretamente as lacunas das linhas 19, 31 e 34 é:

a) foi – havia – É exigido.

b) iria – haviam – São exigidos.

c) isse – tinham – Exige-se.

d) fora – haviam – Exigem-se.

e) fosse – havia – Exige.

2. (UFRGS) Assinale a alternativa que apresenta uma afirmação correta de acordo com o texto.

a) Segundo a crença oficial, há uma correlação entre a existência de uma significativa população negra e uma suposta democracia racial.

b) A ausência de negros na conferência de Sartre demonstra que o Brasil não tem uma política eficaz contra o racismo.

c) O filósofo Sartre não esperava encontrar uma numerosa população negra no Brasil.

d) O autor não tem certeza de que Sartre tenha realizado a mítica visita.

e) O autor acredita que o Brasil é um país racista, mas que luta para integrar sua sociedade.

3. (UFRGS - adap.) As afirmações abaixo referem-se ao emprego de vírgulas no texto. Assinale com **V** as afirmações verdadeiras e com **F** as falsas.

( ) As duas primeiras vírgulas do texto isolam um adjunto adverbial.

( ) A terceira vírgula do texto marca a separação de orações coordenadas.

( ) As duas últimas vírgulas do segundo parágrafo marcam a separação de oração subordinada.

( ) O termo destacado no texto está entre vírgulas por ser uma expressão explicativa.

( ) As duas últimas vírgulas do texto sinalizam um aposto explicativo.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

a) V, V, V, V, F.

b) F, F, V, V, F.

c) F, V, F, F, V.

d) V, F, V, V, V.

e) V, V, F, V, V.

4. (UFRGS) No texto, há expressões e palavras que se referem a elementos mencionados anteriormente no próprio texto. Este é o caso das expressões e palavras abaixo, à **exceção** de:

a) além disso (1.º parágrafo).

b) assim (1.º parágrafo).

c) mesmo (2.º parágrafo).

d) naquela hora (2.º parágrafo).

e) igualmente (3.º parágrafo).

5. (UFRGS) O último período do texto encerra:

a) uma conclusão que prescinde da argumentação anterior.

b) uma constatação que traz novos argumentos à tese defendida pelo autor.

c) uma declaração que refuta as afirmações anteriores.

d) uma confirmação enfática da opinião do autor.

e) uma dedução contrária à tese apresentada pelo autor.

Leia, atentamente, o seguinte texto para responder às questões 6 a 8.

O grande passeio

Clarice Lispector

Era uma velha sequinha que, doce e obstinada, não parecia compreender que estava só no mundo. Os olhos lacrimejavam sempre, as mãos repousavam sobre o vestido preto e opaco, velho documento de sua vida. No tecido já endurecido, encontravam-se pequenas crostas de pão coladas pela baba que lhe ressurgia agora em lembrança do berço. Lá estava uma nódoa amarelada, de um ovo que comera há duas semanas. E as marcas dos lugares onde dormia. Achava sempre onde dormir, casa de um, casa de outro. Quando lhe perguntavam o nome, dizia com a voz purificada pela fraqueza e por longuíssimos anos de boa educação.

– Mocinha.

As pessoas sorriam. Contente pelo interesse despertado, explicava:

– Nome, nome mesmo, é Margarida.

O corpo era pequeno, escuro, embora ela tivesse sido alta e clara.

Tivera pai, mãe, marido, dois filhos. Todos aos poucos tinham morrido. Só ela restara com os olhos sujos e expectantes quase cobertos por um tênue veludo branco. Quando lhe davam alguma esmola, davam-lhe pouca, pois ela era pequena e realmente não precisava comer muito. Quando lhe davam cama para dormir, davam-na estreita e dura porque Margarida fora aos poucos perdendo volume. Ela também não agradecia muito: sorria e balançava a cabeça.

Dormia agora, não se sabia mais por que motivo, no quarto dos fundos de uma casa grande, numa rua larga cheia de árvores, em Botafogo. A família achava graça em Mocinha, mas esquecia-se dela a maior parte do tempo. É que também se tratava de uma velha misteriosa. Levantava-se de madrugada, arrumava sua casa de anão e disparava lépida como se a casa estivesse pegando fogo. Ninguém sabia por onde andava. Um dia uma das moças da casa perguntou-lhe o que andava fazendo. Respondeu com um sorriso gentil:

– Passeando.

Acharam graça que uma velha, vivendo de caridade, andasse a passear. Mas era verdade. Mocinha nascera no Maranhão, onde sempre vivera. Viera para o Rio não há muito, com uma senhora muito boa que pretendia interná-la num asilo, mas depois não pudera ser: a senhora viajara para Minas e dera algum dinheiro para Mocinha se arrumar no Rio. E a velha passeava para ficar conhecendo a cidade. Bastava aliás uma pessoa sentar-se num banco de uma praça e já via o Rio de Janeiro.

(**Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro: Sabiá, 1971, p. 25-26)

6. (Effom) No primeiro parágrafo, o elemento mais importante na construção da figura do personagem e por meio do qual mais se evidencia sua força dramática é:

a) o fato de seus olhos lacrimejarem sempre.

b) sua sequidão.

c) sua voz purificada pela fraqueza.

d) sua boa educação.

e) seu vestido.

7. (Effom) "Quando lhe davam alguma esmola, davam-lhe pouca, pois ela era pequena e realmente não precisava comer muito". Tais palavras nos deixam entrever uma atitude reveladora de:

a) alegria da velha, por receber a esmola.

b) amargura da velha ao receber a esmola.

c) ironia do autor em relação aos que dão a esmola.

d) satisfação pelo fato de se dar a esmola.

e) generosidade dos que dão a esmola.

8. Cabem vírgulas na oração da alternativa:

a) "Ninguém sabia por onde andava".

b) "Bastava aliás uma pessoa sentar-se num banco de praça...".

c) "Acharam graça que uma velha, vivendo de caridade, andasse a passear".

d) "Mocinha nascera no Maranhão, onde sempre vivera".

e) "Era uma velha sequinha que, doce e obstinada, não parecia compreender que estava só no mundo."

Conexões

A importância dos gêmeos

Na espécie humana, os gêmeos falsos são maioria, constituindo aproximadamente 75% dos casos de nascimentos de gêmeos. Os gêmeos verdadeiros são importantes para a genética, pois, como possuem a mesma formação genética, qualquer diferença entre eles deve-se, provavelmente, à ação do meio em que vivem.

Assim, através do estudo dos gêmeos, podemos avaliar a influência relativa do gene e do ambiente nas características de nossa espécie. Por isso, é importante para o geneticista distinguir gêmeos verdadeiros de falsos.

(LINHARES, Sérgio; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **Biologia hoje**. Volume 2. São Paulo: Ática, 2003, p. 383)

9. Baseado no texto e em seus conhecimentos, julgue os itens abaixo.

I. No segundo período do texto, a primeira vírgula empregada separa orações coordenadas; a segunda e a terceira isolam uma oração adverbial.

II. Os gêmeos verdadeiros podem ser tanto monovitelinos quanto polivitelinos.

III. Os gêmeos verdadeiros se formam quando nascem presos por uma parte comum do corpo e são também conhecidos como gêmeos siameses.

Quais estão corretas?

a) Apenas I.

b) Apenas II.

c) Apenas III.

d) Apenas I e II.

e) Apenas I e III.

"O Programa Mulheres está mudando. Novo cenário, novos apresentadores, muito charme, mais informação, moda, comportamento e prestação de serviços. Assista amanhã, à revista eletrônica feminina que é a referência do gênero na TV."

10. (ITA)

a) Por que não está adequada a vírgula empregada após a palavra "amanhã"?

b) A inclusão de uma vírgula após o termo "feminina" alteraria o entendimento da frase. Nesse caso, o que seria modificado em relação ao significado de "revista eletrônica feminina"?

Texto para as questões de 11 a 14.

Os mais antigos homens modernos

Agora, parece que foi **mesmo** na África que a espécie humana **assim como a conhecemos** surgiu – e dali se espalhou para o restante do mundo. Foi no leste do continente africano, precisamente no deserto de Awash, na porção central da Etiópia, que uma equipe de pesquisadores norte-americanos e etíopes ____ os fósseis mais antigos do homem moderno (*Homo sapiens*). São três crânios — dois de adultos e um de uma criança de aproximadamente 7 anos — e mais alguns dentes de outros sete indivíduos, encontrados entre ossos de hipopótamos e antílopes e ferramentas de pedra. Com cerca de 160 mil anos, segundo a datação com argônio, os crânios guardam semelhanças com o do **homem moderno:** face mais achatada e caixa craniana em forma de globo. No entanto, traços mais primitivos, como os olhos mais ______ um do outro, levaram os pesquisadores a classificar os crânios como sendo de *Homo sapiens idaltu*, uma subespécie do *H. sapiens*. _______em conjunto, essas características colocam esses hominídeos nas raízes da árvore evolutiva humana e são um reforço às evidências genéticas de que o homem moderno surgiu na África – ainda não se sabe se em apenas uma ou em mais regiões – e depois migrou para os outros **continentes**, o oposto do que ______ as teorias que sugerem que as primeiras características do *H. sapiens* apareceram quase ao **mesmo** tempo em diferentes pontos do planeta.

(Pesquisa FAPESP, n. 89, p. 28, jul. 2003. Adaptado.)

11. (UFRGS) Assinale a alternativa que preenche correta e respectivamente as lacunas do texto.

a) descobriram – afastado – Analisadas – prevêm.

b) descobriu – afastados – Analisadas – prevêem.

c) descobriu – afastados – Analisada – preveem.

d) descobriu – afastado – Analisada – prevêem.

e) descobriram – afastados – Analisadas – prevêm.

12. (UFRGS) Assinale a alternativa que encontra suporte no texto.

a) Os recentes achados arqueológicos sugerem que o berço ancestral do homem moderno esteja situado no continente africano.

b) Até a recente descoberta, as evidências genéticas apontavam para o surgimento do homem moderno em diferentes pontos do planeta.

c) Os fragmentos de fósseis encontrados constituem-se em respostas definitivas para a pergunta sobre onde teria surgido o *Homo sapiens*.

d) Os artefatos de pedra encontrados no sítio arqueológico no deserto de Awash são um indício seguro de que os hominídeos encontrados pertencem à linhagem do homem moderno.

e) As teorias concorrentes propunham que o homem moderno tivesse surgido em outras partes do planeta e depois se deslocado para o continente africano.

13. (UFRGS) Considere as afirmações abaixo.

I. Ao iniciar o texto com o advérbio **Agora**, o autor busca dar destaque ao momento exato da descoberta dos crânios.

II. O segundo emprego de **mesmo** destacado tem a função de expressar igualdade, que é também a desempenhada pela palavra **mesmo** em seu primeiro emprego destacado.

III. Ao iniciar a segunda frase com "**Foi no leste do continente africano [...] que [...]**", o autor está enfatizando a questão da localização da gênese do homem moderno.

Quais estão corretas?

a) Apenas I.

b) Apenas II.

c) Apenas III.

d) Apenas I e III.

e) Apenas II e III.

14. (UFRGS) Considere as seguintes afirmações sobre pontuação no texto.

I. A sequência "assim como a conhecemos" poderia ser colocada entre vírgulas, sem acarretar erro.

II. Em lugar dos dois-pontos após "homem moderno", poderia ser usada, entre vírgulas, a expressão "a saber".

III. Em lugar da vírgula depois de "continentes", poderia ser colocado um ponto final, iniciando-se a frase seguinte por "É".

Quais estão corretas?

a) Apenas I.

b) Apenas II.

c) Apenas III.

d) Apenas I e II.

e) I, II e III.

Texto para as questões 15 a 18.

Auschwitz – O campo de Auschwitz foi libertado há sessenta anos pelas tropas soviéticas. Assisto à cerimônia pela televisão. Ironia cruel: os sobreviventes estão sob neve e frio; os políticos, não. É o eterno retorno. Depois, os discursos e a inevitável retórica dos discursantes. Auschwitz nunca mais, dizem. Woody Allen discorda: o problema dos recordes é que eles se fizeram para serem ultrapassados. Pior: ao contrário do que se pensa, ou diz, o antisemitismo cresce na Europa, sobretudo no centro e no Leste.

Não passa um único dia em que as notícias não surjam com violências várias: sinagogas destruídas, cemitérios judaicos vandalizados. E um ódio ao "Judeu", considerado inimigo do mundo e manipulador do planeta. Às vezes penso que estou lendo o "Protocolo dos Sábios do Sião", o documento forjado pelas autoridades czaristas da Rússia e que foi rampa de lançamento para perseguições e massacres ao longo do século XX.

Dizem que a hostilidade, na Europa, não é contra judeus; é contra Israel, Sharon e suas políticas no Oriente Médio. Engano. O antisemitismo de hoje, partilhado pela extrema-esquerda e pela extrema-direita, excede as políticas do Oriente Médio e a situação dos palestinos.

Lembro que ninguém quer saber dos chechenos na Rússia ou dos muçulmanos de Gujarat, na Índia. O problema, uma vez mais, é ideológico. Com a queda do Muro de Berlim, em 1989, e a falência do "socialismo real", gerou-se um vazio que teve de ser preenchido. Todos sabemos como: os Estados Unidos ocuparam esse espaço e, claro, os "judeus" que manipulam a política de Washington e a cabeça de Bush.

A idéia "conspirativa", que transformou os "Protocolos" em *best-seller*, continua à solta. Auschwitz foi há sessenta anos. Sessenta anos depois, voltamos ao início. Futuro negro.

(COUTINHO, João Pereira. **Os dias da Europa**.
Disponível em: <folha.uol.com.br>. Adaptado.)

15. De acordo com o texto, julgue os itens abaixo.

I. Para o autor, o antissemitismo hoje encontra-se mascarado e cresce continuamente.

II. O texto apresenta certo pessimismo em relação ao futuro no que concerne ao antissemitismo.

III. A ideia de conspiração é estimulada pela mídia, que mascara o antissemitismo no Ocidente.

Quais estão corretas?

a) I apenas.

b) I e II apenas.

c) I e III apenas.

d) II e III apenas.

e) I, II e III.

16. Levando em consideração o contexto em que a frase "Woody Allen discorda: o problema dos recordes é que eles se fizeram para serem ultrapassados" ocorre, responda:

a) O que, no contexto, é considerado um recorde?

b) O que sugere a frase de Woody Allen no contexto em que aparece?

17. No penúltimo parágrafo, o autor isola uma palavra ou expressão que, embora reporte ao óbvio, aqui se revela irônica.

a) Que palavra ou expressão é essa?

b) Qual o efeito de sentido perdido do texto caso essa palavra ou expressão fosse retirada?

18. Sobre a pontuação no texto, fazem-se as seguintes afirmações.

I. No primeiro parágrafo os dois-pontos aparecem frequentemente a fim de se explicitar uma idéia não desenvolvida por uma frase ou sintagma que os antecedem.

II. No terceiro parágrafo, o ponto-e-vírgula poderia ser substituído pelos dois-pontos, e o texto manteria sentido e correção.

III. O ponto após ideológico (4.º parágrafo) poderia ser substituído por dois-pontos, o que manteria sentido e correção do texto.

Quais estão corretas?

a) I apenas.

b) I e II apenas.

c) I e III apenas.

d) II e III apenas.

e) I, II e III.

Conexões

19. Seja f uma expressão numérica definida por:

$$f(x) = x^2 - 3x + 2$$

Em que x representa o número das frases abaixo.

1. Só te desejo duas coisas, o sucesso, que tanto almejas; e a felicidade em seu casamento.

2. Não pude encará-la: tinha medo do que ela pudesse vir a me dizer.
3. Eu disse a você: que ela não voltará.
4. Quando voltares, não te esqueças de duas coisas: fechar a porta à chave; e, sem fazer barulho, tirar o cachorro da cozinha.

Calcule a soma dos valores de f(y), em que y são as frases que estiverem pontuadas de acordo com a norma-padrão.

20. (ITA) Dadas as afirmações:

I. Em "José, por não concordar com as ordens do chefe, retirou-se." a supressão de uma das vírgulas constituirá erro, pois virá quebrar a concatenação da oração, por separar o sujeito do predicado.

II. Em "Disse ele muitas coisas e mais coisas teria dito se não fosse a carência de tempo." é necessária a vírgula antes da conjunção aditiva para separar complementos de verbos diferenciais.

III. Usa-se o ponto-e-vírgula para separar as partes principais de uma frase, sobretudo se longas, nas quais já existem elementos virgulados.

Deduzimos que, de acordo com as normas de pontuação, pode(m) estar correta(s):

a) Todas.
b) Apenas a I.
c) Apenas a II.
d) Apenas a III.
e) Apenas a I e III.

Texto para as questões de 21 a 24.

Divulgação Abtronic.

Divulgação Ginsu.

Seus problemas acabaram!

Assistir àquelas boas – e toscas – propagandas enlatadas da TV americana pode não ter convencido você a comprar o produto, mas já deve ao menos ter garantido boas risadas, não? A ladainha começa assim: "Esqueça tudo o que você já viu em termos de (complete com um artigo tipo mangueira/aparelho de ginástica/depilador/colchão)! O novo (combine a função do tal com uma das seguintes palavras: *super/power/shape/best*) vai mudar sua maneira de ver o mundo". Corta para um pobre-diabo às voltas com um esguicho assassino, uma avalanche de fitas de ginástica, uma gilete parecida com facão de açougue ou um colchão fino como papel. Depois, entram cenas do ex-infeliz sorrindo feito bobo e balançando a cabeça, manuseando a aquisição milagrosa. Ah, sim! Não podem faltar gráficos óbvios ou figurantes vestidos de branco, fazendo as vezes de médicos, para dar credibilidade ao anúncio. E daí, 30 longos minutos depois, teremos visto a fórmula mais divertida da televisão.

(Garotas que dizem Ni. **Época**, 20 set. 2004)

21. De acordo com o texto:

a) propagandas pouco convincentes podem propiciar diversão.
b) muitos produtos vendidos nas propagandas de TV americanas mudam nossa maneira de ver o mundo.
c) as propagandas sempre usam de recursos pouco convincentes para vender produtos.
d) a credibilidade de uma propaganda está associada ao aparecimento de autoridades que deem credibilidade ao produto.
e) propagandas rápidas são mais eficazes que a ladainha das campanhas publicitárias das TVs americanas.

22. No texto, verificam-se vários recursos usados pelos publicitários para conferir credibilidade a um produto. Assinale a opção que não traga um desses recursos.

a) O uso de uma terminologia associada à qualidade.
b) A demonstração de aplicação do produto.
c) A associação de felicidade a aquisição do produto.
d) O longo tempo da propaganda.
e) O depoimento de supostos especialistas no assunto a que se refere o produto.

23. Sobre a pontuação no texto, julgue os itens abaixo.

I. Os travessões do primeiro período poderiam ser substituídos por parênteses.

II. As aspas são empregadas no texto visando ao efeito de ironia.

III. No trecho "Corta para um pobre-diabo às voltas com um esguicho assassino, uma avalanche de fitas de ginástica, uma gilete parecida com facão de açougue ou um colchão fino como papel", as vírgulas são empregadas para separar termos que exercem a mesma função sintática.

Quais estão corretas?

a) Apenas I.

b) Apenas I e II.

c) Apenas I e III.

d) Apenas II e III.

e) I, II e III.

24. Sobre a pontuação no texto, julgue os itens abaixo.

I. Os dois-pontos empregados após "A ladainha começa assim:" são empregados para introduzir uma síntese do que foi apresentado.

II. Os parênteses empregados no texto podem ser corretamente substituídos por vírgulas.

III. No trecho "E daí, 30 longos minutos depois, teremos visto a fórmula mais divertida da televisão", as vírgulas isolam um adjunto adverbial.

Quais estão corretas?

a) Apenas I.

b) Apenas III.

c) Apenas I e II.

d) Apenas I e III.

e) Apenas II e III.

25. Justifique o uso do acento grave no trecho "Assistir àquelas boas – e toscas – propagandas enlatadas da TV americana..." e a ausência de seu emprego no trecho "Não podem faltar gráficos óbvios ou figurantes vestidos de branco, fazendo as vezes de médicos".

Texto para as questões de 26 a 28.

A "nova" Europa

Como se sabe, as relações franco-americanas se deterioraram profundamente com a invasão do Iraque comandada pelos Estados Unidos. Ao lado dos russos e alemães, os franceses se opuseram de maneira enfática à operação militar, temendo os efeitos do unilateralismo de Washington. Passado o período crítico, as desavenças vão agora dando lugar ao entendimento.

A recondução de George W. Bush à Casa Branca criou um fato consumado – a necessidade de conviver com o presidente norte-americano por mais quatro anos – e as eleições no Iraque serviram para tornar mais palatável a reaproximação.

Por pragmatismo ou em nome de afinidades políticas com longas raízes históricas, o fato é que os EUA e a "velha Europa" – assim designada, com ironia, pelo secretário da Defesa, Donald Rumsfeld – vão trabalhando em prol de formas mais amistosas de convivência.

Preparando a próxima viagem de Bush à Europa, a nova secretária de Estado dos EUA, Condoleezza Rice, esteve em Paris e referiu-se às divergências como um episódio do passado. Segundo Rice, hoje as prioridades de norte-americanos e europeus seriam a expansão mundial da democracia e o combate ao terrorismo.

É uma linguagem distante daquela utilizada pela própria Rice, que, como conselheira de segurança da Casa Branca, sugeriu que os EUA deveriam "punir a França, ignorar a Alemanha e perdoar a Rússia".

Selando a nova fase, o ministro das Relações Exteriores da França, Michel Bernier, declarou que "o mundo vai melhor quando os EUA e a Europa cooperam e trabalham juntos".

Embora a posição da França e da Alemanha, contrária à invasão do Iraque, fosse a mais sensata, o roteiro que o episódio seguiu, de resto previsível, ilustra as hesitações da União Europeia, suas dificuldades de intervir de maneira unificada na cena internacional e a sua subordinação, em que pesem os esforços retóricos, aos desígnios de Washington.

(**Folha de S.Paulo**, 10 fev. 2005)

26. Nas alternativas a seguir, a pontuação do texto foi alterada. Assinale a opção que apresenta **incorreção**.

Observação: [...] apenas indica que partes do texto foram retiradas.

a) A recondução de George W. Bush à Casa Branca criou um fato consumado: a necessidade de conviver com o presidente norte-americano por mais quatro anos e as eleições no Iraque serviram para tornar mais palatável a reaproximação.

b) Como se sabe, as relações franco-americanas se deterioraram profundamente com a invasão do Iraque, comandada pelos Estados Unidos.

c) [...] o ministro das Relações Exteriores da França, Michel Bernier, declarou: "o mundo vai melhor quando os EUA e a Europa cooperam e trabalham juntos".

d) Embora a posição da França e da Alemanha – contrária à invasão do Iraque – fosse a mais sensata, o roteiro que o episódio seguiu [...]

e) Preparando a próxima viagem de Bush à Europa, a nova secretária de Estado dos EUA (Condoleezza Rice) esteve em Paris [...]

27. As aspas usadas no título do texto:

a) são empregadas para indicar uma citação.

b) indicam que a palavra destacada se encontra em variedade linguística diversa da do resto do texto.

c) isolam o que disse Donald Rumsfeld da opinião do jornal.

d) indicam a presença de gíria, vulgarismo ou estrangeirismo.

e) são, na verdade, outra ironia, desta vez do próprio jornal, numa referência à ironia de Donald Rumsfeld.

28. De acordo com o texto, julgue os itens abaixo.

I. Rússia, Alemanha e França se opuseram à invasão do Iraque.

II. A declaração do Ministro das Relações Exteriores da França sugere que os Estados Unidos devem adotar uma política mais austera em relação à Europa.

III. A reaproximação da Europa com os Estados Unidos deve-se, em parte, ao fato de George W. Bush ter sido reeleito por mais quatro anos como presidente dos Estados Unidos.

Quais estão corretas?

a) Apenas I.

b) Apenas II.

c) Apenas III.

d) Apenas I e II.

e) Apenas I e III.

Conexões

Um companheiro cientista, porém não-biólogo, certa vez me observou:

– O defeito de vocês, biólogos, foi terem se enamorado das células.

Creio que ergui as sobrancelhas.

– Olhe, disse ele, vocês sempre iniciam seus livros didáticos com uma exposição sobre as células. Há um diagrama com núcleos, mitocôndrias e toda sorte de coisas estranhas, cuidadosamente classificadas. Ninguém jamais viu uma célula sem o microscópio. Ela é completamente estranha e difícil de compreender. O estudante se perde logo no princípio de seu estudo. Por que não iniciar com um cão, um coelho, ou um carvalho, que são familiares, e chegar, gradualmente, até a célula?

(BATES, Marston. **A Floresta e o Mar**.)

29. Com base no texto e em seus conhecimentos, assinale a alternativa **incorreta**.

a) Não é correta a afirmação do cientista não-biólogo de que não se pode ver uma célula sem um microscópio.

b) Em sua sugestão de como iniciar o estudo da Biologia, o cientista não-biólogo cita dois animais mamíferos e um vegetal.

c) No quarto parágrafo, as vírgulas que isolam a oração intercalada poderiam ser substituídas por travessões.

d) A única organela celular citada no texto tem a função de realizar a síntese protéica.

e) Os dois-pontos empregados no primeiro parágrafo servem para indicar o início de discurso direto.

30. Assinale a opção em que as reticências se empregam a fim de se registrar forte carga emotiva.

a) “O primeiro e crucial problema de linguística geral que Saussure focalizou dizia respeito à natureza da linguagem. Encarava-a como um sistema de signos [...] Considerava a linguística, portanto, como um aspecto de uma ciência mais geral, a ciência dos signos...” (Mattoso Camara Jr.)

b) “Morrerei, Simão, morrerei. Perdoa tu ao meu destino... Perdi-te... Bem sabes que sorte eu queria dar-te... e morro, porque não posso, nem poderei jamais resgatar-te.” (Camilo Castelo Branco)

c) “– Bem; eu retiro-me, que sou prudente. Levo a consciência de que fiz o meu dever. Mas o mundo saberá...” (Júlio Dinis)

d) “– Eu... eu... queria... uma agasalho – respondeu soluçando a miserável.” (Graça Aranha)

GABARITO

Exercícios Grupo 1

1. E

Vocativo fica entre vírgulas.

2. A

Adjunto adverbial vem entre vírgulas.

3. E

4. A

5. D

Vocativo fica entre vírgulas.

6. As vírgulas depois de sapatos, bares, mercados servem para separar entre si elementos coordenados dispostos em enumeração.

A vírgula após butiques serve para marcar o deslocamento do adjunto adverbial (anteposto ao verbo).

As duas últimas vírgulas servem para marcar a intercalação de um conjunto adverbial.

7. E

Adjuntos adverbiais deslocados ficam entre vírgulas.

8. A vírgula está isolando o vocativo (ó pélago revolto)

9. B

10. E

Não separa sujeito e predicado (verbo).

11. a) Era do conhecimento de todos a hora da prova, mas alguns se atrasaram.

12. B

13. Outros leram da vida um capítulo; tu leste o livro inteiro.

Seria possível ainda o ponto (.).

14. D

15. B

16. A

17. As vírgulas estão separando elementos coordenados entre si, dispostos em enumeração. Os dois-pontos estão introduzindo uma explicação, um esclarecimento da passagem anterior.

18. B

Os dois-pontos servem para anunciar uma explicação.

19. C

20. E

21. C

22. B

As vírgulas foram usadas para separar os apostos.

23. A

24. B

25. B

26. E

27. A

28. B

29. Os parênteses servem apra isolar, do resto do texto, uma nota do narrador sobre a matéria narrada.

Exercícios Grupo 2

1. E

2. B

3. E

4. C

5. D

6. E

7. C

8. B

Bastava, aliás, uma pessoa sentar-se no banco da praça.

9. A

10.

a) Porque essa vírgula está separando o verbo de seu complemento indireto.

b) Com a vírgula, a "revista eletrônica feminina" seria a única na TV e seria referência para o gênero revista eletrônica; sem a vírgula, "revista eletrônica feminina" é uma de várias, mas é a referência para todas as outras.

11. B

12. A

13. C

I – Nesta época.

II – O primeiro mesmo dá ideia de "realmente".

14. E

15. B

16.

a) O número de pessoas mortas em Auschwitz.

b) Que, apesar do que afirmam os governantes, não é tão segura assim a ideia de que Auschwitz não se repetiria na história da humanidade.

17.

a) "claro".

b) A palavra "claro" nesse contexto sugere, ao contrário do que está escrito, que os Estados Unidos não são controlados por judeus.

18. E

19. Estão pontuadas corretamente 2 e 4.

$f(2) = 3$

$f(4) = 6$

$f(2) + f(4) = 9$

20. A

21. A

22. D

23. C

As aspas são usadas no texto para demonstrar as falas.

24.

I – Os dois-pontos são empregados para demonstrar toda a "ladainha" da propaganda.

II – Os parênteses não podem ser substituídos por vírgulas.

25. Em "assistir àquelas boas (...) propagandas" ocorre crase da preposição regida pelo verbo transitivo indireto assistir com o demonstrativo aquelas. Em "fazendo as vezes de médicos", o sintagma "as vezes"não é o adjunto adverbial que traduz noção de frequência no tempo, mas sim o objeto direto do verbo fazer: equivale a "fazendo o papel de...".

26. A

27. E

28. E

29. D

30. B

MANUAL DE REDAÇÃO:

O QUE FAZER E O QUE NÃO FAZER PARA GARANTIR NOTA 1000 NO ENEM.

Professor Noslen

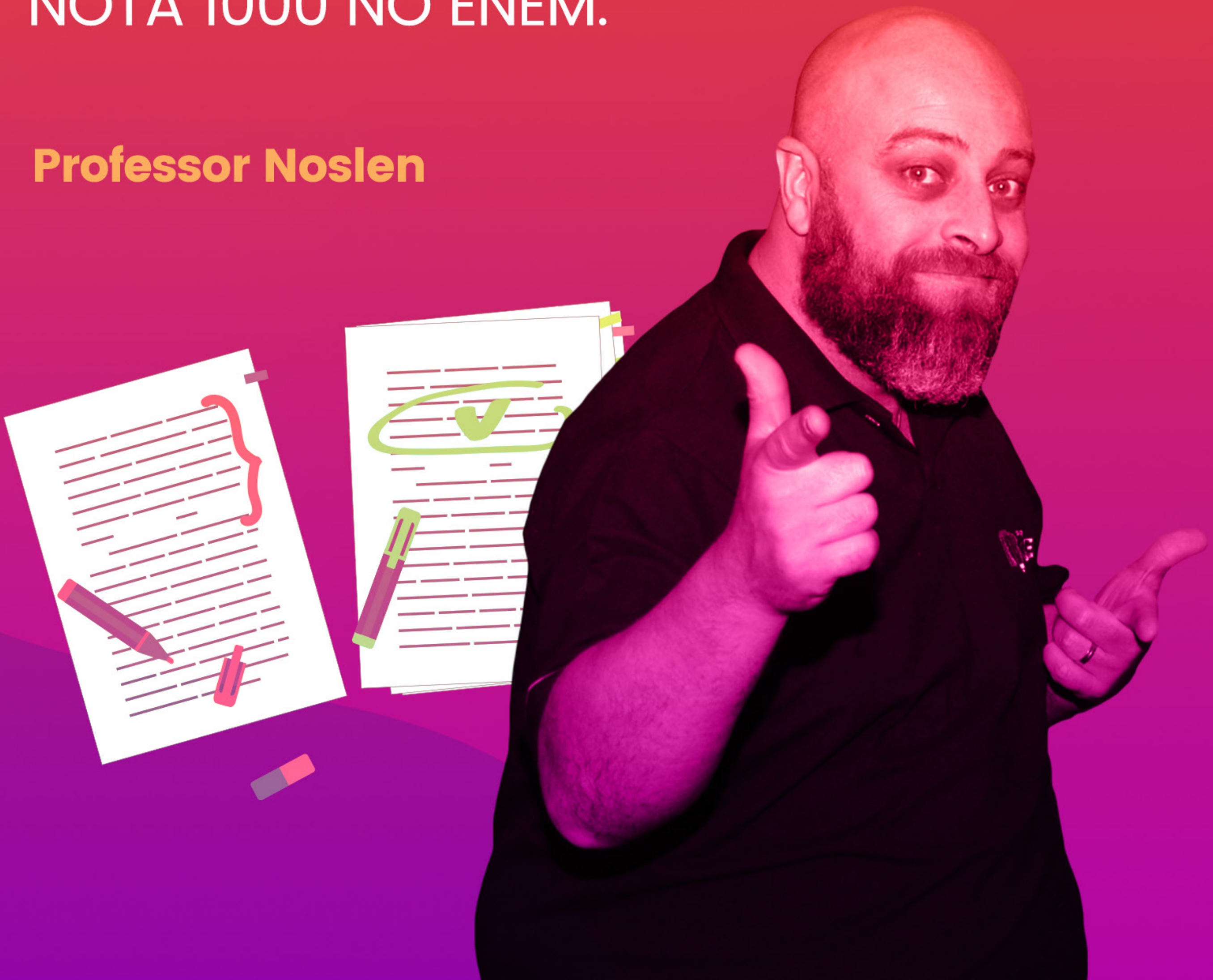

Sumário

Introdução 3
O gênero textual exigido na redação..4
As 5 competências avaliadas na Redação do Enem.......4
O que NÃO fazer na redação do Enem..6
O que fazer na redação do Enem...9

O Exame Nacional do Ensino Médio está chegando. Em 2019, o Enem será realizado nos dois primeiros domingos de novembro, dias **3** e **10**, e os gabaritos serão divulgados já no dia 13.

No primeiro dia, além das provas de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias e Ciências Humanas e suas Tecnologias, acontece a prova de Redação.

Temida por muitos, a Redação tem um peso enorme no desempenho final do candidato e pode ser determinante para o seu sucesso.

No entanto, não há razão para desespero. Alunos que tiraram nota 1000 na Redação do Enem não nasceram com um dom especial ou foram sortudos. Para escrever um bom texto, é preciso estudar e, o mais importante, conhecer o gênero solicitado na prova, bem como os critérios de avaliação.

Por isso, neste eBook, vamos entender melhor o gênero textual que é cobrado no Enem e as competências que são avaliadas pelos corretores. Além disso, veremos o que fazer e o que não fazer para redigir uma Redação nota 1000.

Boa leitura e boa escrita!

O gênero textual exigido na redação

Texto dissertativo-argumentativo: esse é o gênero cobrado na Redação do Enem. Nele, o candidato deve desenvolver uma tese sobre o tema proposto e apresentar argumentos de naturezas diferentes para defender o seu ponto de vista. Por fim, deve apresentar a proposta de intervenção, explicitando estes cinco elementos: agente, ação, meio/modo, efeito e detalhamento.

Não é complicado: a proposta vem sempre acompanhada por textos de apoio, gráficos, tabelas, ilustrações e até mesmo tirinhas. Eles devem servir como ponto de partida para o desenvolvimento da Redação.

Nesse sentido, é fundamental expor as ideias de maneira clara. É importante que o candidato tenha em mente que os avaliadores não buscam um texto genial ou inovador. O que será avaliado é a capacidade do candidato em escrever uma redação que seja bem estruturada, coesa, coerente e que se mantenha fiel ao tema proposto.

As 5 competências avaliadas na Redação do Enem

A redação do Enem é corrigida com base em cinco critérios principais, chamados de competências, cada uma com valor de 0 a 200 pontos.

Conhecê-las é fundamental para saber qual caminho seguir ao longo do texto e, assim, garantir uma boa nota. São elas:

Competência 1: domínio da norma culta da língua escrita

A primeira competência avalia o domínio do candidato em relação à norma-padrão da Língua Portuguesa. Para isso, são considerados critérios como respeito às regras gramaticais e sintaxe.

O avaliador vai buscar indícios de que os candidatos conhecem a nossa língua, o que inclui grafia correta das palavras, emprego correto de conjunções e conectivos, organização coerente do texto, etc.

Competência 2: compreender a proposta da redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo

A descrição é grande, mas não é difícil entendê-la. Em primeiro lugar, é avaliada a compreensão do tema proposto para a redação e se o candidato manteve-se fiel a ele ao longo do texto, sem perder o foco ou desviar para outros assuntos.

Outro critério para a avaliação dessa competência é a argumentação utilizada.
Em um texto dissertativo-argumentativo, é preciso convencer o leitor das suas posições, utilizando dados, conceitos, comparações e outros argumentos sólidos que mostrem que você tem conhecimento sobre o tema.

Competência 3: selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um poto de vista

A terceira competência diz respeito à construção do texto e à organização das ideias apresentadas pelo candidato. O que os avaliadores buscam é um texto fluido, com argumentos claros e organizados. A relevância das justificativas e a forma como a defesa da tese levantada é feita também são levadas em consideração.

Competência 4: demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação

O foco dessa competência é a coesão textual. É preciso que o candidato demonstre que sabe utilizar os recursos linguísticos que colaboram para a construção de um texto coeso e coerente.

Para isso, é preciso utilizar preposições e conjunções da maneira correta, amarrando o texto de forma que faça sentido e contribua para a compreensão da argumentação.

Competência 5: elaborar proposta de solução para o problema abordado, mostrando respeito aos valores humanos e considerando a diversidade sociocultural

Basicamente, o que será avaliado é a parte final do texto. É preciso que o candidato apresente proposta de solução detalhada, coerente e exequível em relação ao que expôs em toda a redação. Para isso, deve explicitar estes cinco elementos: agente, ação, meio/modo, efeito e detalhamento.

Além disso, aqui, é fundamental manter-se fiel a preceitos como:
respeito aos direitos humanos, diversidade cultural e social e liberdade.

Agora que entendemos melhor como funciona a redação do Enem,
vamos ver o que fazer e o que não fazer para garantir nota 1000. **Confira!**

O que NÃO fazer na redação do Enem

1. Não fuja do tema

Como vimos, a segunda competência da redação do Enem refere-se à capacidade do candidato em manter-se fiel ao tema proposto. Por isso, evite fazer divagações ou forçar relações improváveis com outros assuntos. Leia bem o enunciado e argumente dentro do que é proposto.

2. Evite a primeira pessoa do singular

A dissertação é um texto impessoal. Portanto, evite escrever na primeira pessoa do singular, com construções como "penso que" ou "na minha opinião".
Além disso, não escreva como se estivesse falando diretamente com o leitor.
Construções como "entendeu a importância disto?" ou "faça a sua parte!"
devem ser evitadas a todo custo.

3. Não utilize ditados populares

Como vimos, a segunda competência da redação do Enem refere-se à capacidade do candidato em manter-se fiel ao tema proposto. Por isso, evite fazer divagações ou forçar relações improváveis com outros assuntos. Leia bem o enunciado e argumente dentro do que é proposto.

4. Não use marcas de coloquialidade

Em um texto do gênero dissertativo-argumentativo, é preciso seguir o padrão da norma culta, condição que impede o uso de gírias e expressões consideradas vulgares. Por isso, construções como “tipo assim” e “tá ligado?” são expressamente proibidas.

Vale apontar, porém, que isso não significa que você tenha que escrever de maneira rebuscada ou pouco natural. É aconselhável, sim, utilizar uma linguagem simples; apenas evite expressões excessivamente coloquiais.

Nesse sentido, é importante destacar que também se deve evitar o uso de marcas de coloquialidade. O melhor exemplo para este caso é o emprego do verbo “ter” no sentido de “haver” e “existir”.

Observe: “tem muitas pessoas na sala”. Embora a oralidade permita esse tipo de construção, ela não é adequada à norma culta. Por isso, a forma mais recomendada para a redação do Enem seria “há muitas pessoas na sala” ou, até mesmo, “existem muitas pessoas na sala”.

5. Fuja do “internetês”

Evite a todo custo abreviaturas típicas dos meios digitais, como “vc” ou “tbm”. Lembre-se de que essas palavras são consideradas erros de grafia, fazendo com que você perca pontos valiosos na redação.

6. Evite generalizações

Ao longo da sua redação, evite generalizações, como “nenhum político é honesto” ou “o brasileiro nunca protesta pelos seus direitos”. Esse tipo de construção empobrece o seu texto. Lembre-se de que sempre existem exceções e não é possível aferir se realmente 100% de um grupo segue determinada regra.

Sendo assim, no lugar de expressões como “nenhum” ou “nunca”, tente relativiza sua colocação e prefira opções como “boa parte” ou “poucas vezes”.

7. Não enrole

Evite “encher linguiça” ao longo do texto. Os corretores estão atentos a tudo e sabem quando o candidato tenta utilizar atalhos na redação. Por isso, evite frases sem sentido ou construções que só servem para aumentar o tamanho das sentenças.

O estilo de redação do Enem exige clareza e objetividade nos argumentos apresentados, valorizando muito mais a qualidade de um texto conciso e bem escrito do que a quantidade de um texto longo, mas sem sentido.

8. Evite polêmicas

Não faça piadas, deboches ou críticas levianas ao longo do texto. Além disso, não faça desenhos. Use seu senso crítico e defenda posições coerentes, o que supõe, por exemplo, respeito aos direitos humanos e a preceitos democráticos. Evite “achismos” e jamais exponha uma visão sem argumentos ou dados que a sustentem.

9. Não faça letras grandes demais

As pessoas que corrigem as redações são profissionais experientes e conhecem todas as artimanhas utilizadas pelos candidatos. Muitos estudantes, no anseio de ocupar o número de linhas exigido pela prova, escrevem com letras muito grandes para tentar “cortar caminho”. Não faça isso! Respeite as regras e escreva normalmente.

10. Não deixe a redação por último

Não deixe para escrever a redação somente depois de terminar todas as outras provas do dia. Isso porque o cansaço e a pressão do tempo se esgotando podem atrapalhar a organização do texto e a sua capacidade de argumentação.

O ideal é escolher um momento no começo da prova para, pelo menos, ler o tema proposto e os textos de apoio e estruturar os tópicos que você vai abordar na redação.

Feito isso, não há necessidade de escrever imediatamente. Se preferir, resolva o restante da prova enquanto as ideias se organizam melhor na sua cabeça. Esse tempo pode ser muito benéfico para que você possa estruturar seu texto com segurança.

O que fazer na redação do Enem

1. Respeite as regras gramaticais

Lembre-se da primeira competência da redação do Enem: domínio da norma culta da língua portuguesa. Tenha em mente que os avaliadores não estão buscando um novo Machado de Assis, mas apenas alguém que conheça e faça uso do bom português. Sendo assim, respeite a norma culta e revise seu texto em busca de erros de grafia, acentuação, concordância e pontuação. Fico atento à regência dos verbos e utilize sinônimos para evitar a repetição excessiva de palavras.

2. Utilize os textos de apoio a seu favor

Frequentemente, os textos de apoio apresentam tabelas e gráficos. Preste bastante atenção aos dados que são apresentados e veja se é possível fazer alguma relação entre eles e se há alguma informação relevante que possa ser utilizada no texto.

Isso mostra que você domina a habilidade de interpretação de texto e que compreendeu o tema proposto, além de fornecer dados sólidos para sustentar sua argumentação.

Atenção: não copie trechos do texto de apoio ou baseie todos os seus argumentos neles!

3. Estruture o seu texto

O texto dissertativo-argumentativo deve ser estruturado em três partes claras: introdução, desenvolvimento e conclusão.

A introdução é a abertura do texto, em que você deve apresentar o tema e preparar o leitor para a linha de raciocínio que você vai utilizar; o desenvolvimento é a parte em que você vai detalhar o seu ponto de vista e expor seus argumentos; já a conclusão é o fechamento do seu texto. É o momento em que você deve apresentar a sua solução ao tema abordado durante a redação.

Lembre-se de que o Enem impõe um limite de 30 linhas à redação. Sendo assim, o ideal é que o texto tenha entre quatro a seis parágrafos, cada um com, aproximadamente, cinco linhas.

Organize-se. Não saia escrevendo logo de cara. Após definir a tese e a abordagem que será feita, anote suas ideias em um canto do papel e pense no que você vai escrever em cada parte do texto.

4. Faça um rascunho

Estruturada a sua redação, faça uma primeira versão do texto e releia. Organize suas ideias e veja se elas seguem um fluxo lógico de pensamento. Feito isso, faça os ajustes necessários antes de escrever a versão definitiva

5. Respeite o número de linhas

Preste atenção ao que diz a prova e respeite o número de linhas. Ao mesmo tempo em que muitos candidatos têm dificuldades em ser sucintos, outros o são em demasia.

Como comentamos, o limite máximo da redação do Enem é de 30 linhas. Porém, você sabia que existe um limite mínimo? Pois é. Todos os textos com menos de sete linhas (ou em branco) serão zerados.

6. Utilize conectivos diferentes

Conectivos são elementos fundamentais para dar coesão ao texto, e o uso equivocado dessas expressões pode comprometer a coerência de toda a redação.

Utilizar corretamente conjunções e preposições para ligar frases e parágrafos é um dos principais critérios da terceira e da quarta competências da redação do Enem, que focam na organização das ideias e no conhecimento dos mecanismos linguísticos.

Sendo assim, antes da prova, revise os principais conectivos, conheça seus significados e utilize-os ao longo texto, fazendo um esforço extra para não os repetir.

7. Mostre estar bem-informado

Para fazer o Enem (e não só a redação, diga-se de passagem), é preciso estar por dentro das principais notícias e debates que acontecem no Brasil e, também, no mundo. Os temas propostos para a prova geralmente são bastante atuais e, por isso, estar bem informado faz com que você tenha uma melhor capacidade argumentativa, selecionando dados e fatos que colaborem para as suas justificativas.

Atenção: não utilize dados sem citar a fonte!

8. Use seu repertório cultural

Demonstrar conhecimento em outras esferas do saber é sempre um bônus importante na redação do Enem. Por isso, a capacidade do candidato em relacionar as propostas com outras áreas do saber, como Artes, Filosofia, História, Literatura e Sociologia, é muito bem vista.

Embora uma das exigências para a redação do Enem seja a autenticidade, uma dica é citar alguma frase dita por alguma autoridade reconhecida, como escritores, cientistas, filósofos e poetas.

Porém, tenha em mente que isso só deve ser feito se você souber dizer com certeza de quem é a citação, se ela fizer sentido no contexto da redação e colaborar para enriquecer seus argumentos. Além disso, evite abusos. Uma frase é mais do que o suficiente!

9. Capriche na caligrafia

Embora a caligrafia não some ou tire pontos do candidato, é importante fazer um esforço para escrever com a letra mais legível possível. Quando o corretor tem dificuldade em entender o que está escrito, ele tende a perder a linha de raciocínio, o que pode prejudicar a correção da sua redação.

Além da caligrafia, busque escrever até o final da linha e evite diminuir ou aumentar o tamanho da letra de uma hora para a outra. Se tiver dificuldade de escrever com letra cursiva, utilize a letra de forma. Basicamente, pense na estética do seu texto!

10. Elabore sua conclusão

Como vimos, uma das competências da redação avalia a proposta de intervenção apresentada pelo candidato na conclusão do texto. Quer dizer, só o final do texto vale 200 pontos!

Por isso, explique bem a proposta de solução que irá indicar. Utilize dados e informações relevantes sobre o atual contexto social, econômico e cultural do Brasil, que permitam a você elaborar uma proposta factível e que possa, de fato, ser colocada em prática.

Procure citar ao menos duas soluções e sempre indique a ação (o que), os agentes (quem), o modo de realização (como), quais são os efeitos/resultados esperados (para que) e os detalhes da sua proposta.

E aí, gostou do meu manual?

Para mais aulas e conteúdos preparatórios para o Enem, visite meu blog e assista às minhas aulas no meu canal no YouTube.

Espero você por lá!

OBRIGADO
POR BAIXAR
MEU E-BOOK!

Gostou do conteúdo?

Conheça a PLATAFORMA DE ESTUDO DO PROFESSOR NOSLEN, turbine seu aprendizado em língua portuguesa e alcance seus objetivos!

Sobre o professor Noslen

O professor Noslen é formado em Letras Português/ Espanhol pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), leciona em diversos cursos pré-vestibular de Curitiba e região, bem como cursos preparatórios para Concursos. Com uma didática diferenciada, procura ser um facilitador no ensino da Língua Portuguesa, tanto na gramática, quanto na redação! Hoje, Professor Noslen tem o maior canal de Língua Portuguesa do YouTube Brasil, figurando entre os maiores do mundo em sua disciplina com mais de 2 milhões de inscritos e 100 milhões de visualizações.

Redes Sociais You Tube

Blog **Plataforma**

Apostila de Português

Assunto:

PORTUGUÊS para CONCURSO PÚBLICO

EDVALDO FERREIRA

ESTRUTURA SINTÁTICA

A ORAÇÃO

Todo enunciado que apresenta verbo é uma oração. Logo, o verbo é o núcleo de qualquer estrutura oracional. Por conseguinte, a análise sintática de uma oração exige que partamos do verbo. Ora os verbos apresentam complementos verbais, ora não apresentam complementos verbais. São complementos verbais: objeto direto e objeto indireto. O estudo dos complementos verbais é chamado de predicação verbal.

Os auditores **analisaram** os balancetes.

O exemplo acima é uma oração, pois foi empregado o verbo analisar. É a expressão de uma ação. Está flexionado no pretérito perfeito simples do modo indicativo. Contextualiza-se, portanto, a prática de uma ação, o tempo em que essa ação ocorreu, o agente da ação e o referente passivo à ação executada pelo sujeito agente.

O fiscal **está apurando** as denúncias.

Temos também uma oração. Trata-se do verbo apurar na forma composta. "**está**" é o seu auxiliar. E "**apurando**" é o verbo principal no gerúndio. Trata-se de uma locução verbal.

Os relatórios **que foram analisados** comprometem a candidatura de Luíza.

Cada verbo é uma oração. Temos acima duas orações. Os termos grifados constituem a primeira oração, com um verbo na forma simples. O termo em negrito constitui a segunda oração. Nesta, o verbo analisar está na forma composta, ou seja, verbo auxiliar + verbo principal no particípio. A oração em negrito integra o sujeito do verbo "comprometem".

A PREDICAÇÃO VERBAL

Há orações que apresentam complemento verbal (objeto direto e objeto indireto). Transitivos são os verbos que trazem complemento. A transitividade direta ocorre quando entre o verbo e seu complemento não houver preposição, embora haja casos de objeto direto preposicionado. Já a transitividade indireta se caracteriza pelo emprego de preposição entre o verbo e seu complemento. Havendo objeto direto e objeto indireto, temos a transitividade direta e indireta.

E os verbos intransitivos? Intransitivos são os que não trazem complementos verbais. CUIDADO: Existem verbos intransitivos que apresentam preposição, não para formar objeto indireto, mas para compor adjunto adverbial. Observem os exemplos que seguem:

a) Os cientistas descobriram plausíveis soluções.
Sujeito v.t.d. Objeto direto

* Observe que o verbo em uso é transitivo, ou seja, apresenta complemento. Os cientistas descobriram algo. “plausíveis soluções” complementa o verbo DESCOBRIR. Como o complemento não apresenta preposição, a relação entre verbo e complemento se mostra direta. É bom ressaltar que o sujeito praticou a ação de descobrir e “plausíveis soluções” recebeu a ação. Todo complemento verbal direto, ou seja, todo objeto direto tem valor passivo.

b) Os cientistas necessitam de novos dados.
Sujeito v.t.i. objeto indireto

* Já nesse exemplo, o verbo vai buscar complemento com o apoio de uma preposição. A preposição “de” caracteriza uma transitividade indireta. Quem necessita, necessita de algo. Justifica-se, assim, a transitividade indireta, pois entre o verbo e seu complemento existe conectivo prepositivo.

c) As provas trouxeram complexidades aos candidatos
Sujeito v.t.d.i. obj. dir. obj. indir.

* O que o contexto verbal nos revela? “As provas” trouxeram algo a alguém. Dois são os complementos verbais. Temos o objeto direto e o objeto indireto. O objeto direto é “complexidades” ; o objeto indireto é “aos candidatos”. Verifique, candidato(a), que o objeto indireto está constituído por três classes de palavras: preposição, artigo e substantivo. A preposição “a” e o artigo masculino/plural “os” se aglutinam.

d) Luciano viajou.
v.i.

* A intransitividade se justifica pela ausência de complemento verbal. O prefixo "in" comunica a não transitividade verbal, isto é, o verbo não vai buscar complemento verbal. Intransitivo, portanto, é o verbo que não apresenta complemento verbal (objeto direto e/ou objeto indireto).

e) A polícia chegou ao morro.
v.i. adjunto adverbial de lugar

f) Ela assiste em Olinda.
v.i. adjunto adverbial de lugar

* Os dois exemplos acima demonstram que, às vezes, a palavra verbal traz preposição. Todavia, esse conectivo prepositivo não constitui complemento verbal. A preposição "a" do verbo CHEGAR e a preposição "em" do verbo ASSISTIR (no sentido de morar, residir) proporcionam a composição de adjuntos adverbiais de lugar. É mister esclarecer que também é comum um verbo apresentar preposição para constituir adjuntos adverbiais. Com isso, podemos concluir que nem sempre a preposição vinda do verbo gera complemento verbal indireto. É como se o verbo chegasse à sua estabilidade com o apoio do adjunto adverbial.

A TRANSITIVIDADE VERBAL E A INTRANSITIVIDADE VERBAL EM ORAÇÕES RELATIVAS

Após a visão básica de transitividade e intransitividade verbal, como aproveitar essa revisão de predicação verbal para aplicá-la em provas públicas? É comum solicitarem transitividade e intransitividade verbal em períodos compostos que tragam pronomes relativos.

Toda oração que apresentar pronome relativo é subordinada adjetiva. Por conseguinte, essas orações também são chamadas de orações relativas. E, ao se usar uma oração relativa, é necessário observar se antes do pronome relativo o emprego de preposições é oportuno ou não à norma culta do idioma. Para tanto, basta estar atento na predicação do verbo que estiver integrando a oração subordinada adjetiva. Temos como pronomes relativos: QUE/ QUEM/ QUAL/ ONDE/ CUJO. Confira:

g) O livro **de que necessito** proporciona novos conhecimentos.
que

***** O correto é "... de que necessito..." , pois quem necessita, necessita de algo. Como o verbo necessitar pede a preposição "de", devemos deslocá-la para antes do pronome relativo "que". Trata-se de pronome relativo, visto que esse conectivo está sendo usado, de fato, para substituir o substantivo empregado anteriormente. A função do pronome relativo é justamente substituir um termo empregado anteriormente (geralmente um substantivo ou um outro pronome). Sua função, portanto, é um recurso gramatical que evita a pobreza de vocabulário, ou seja, impede a repetição literal do termo utilizado anteriormente. No exemplo acima, se o concurso público exigir a função sintática do pronome relativo "que", devemos afirmar ser objeto indireto, pois a preposição exigida pelo verbo NECESSITAR se desloca para sinalizar seu objeto indireto.

h) O cargo **o qual** **me referi** traz conforto.
ao qual

* "O cargo ao qual me referi traz conforto" é a estrutura que atenda à norma culta da Língua. Assim, o pronome relativo "qual" exerce a função de objeto indireto, tendo a preposição "a" a função de materializar a transitividade indireta exigida pelo verbo pronominal REFERIR-SE.. Esse pronome "se" deve ser lido como pronome integrante ao verbo.

i) Os diretores **a quem** **aludiram** são corruptos. { correta a regência da oração relativa }
Objeto indireto

PARTICULARIDADE DO PRONOME RELATIVO "*ONDE*"

É comum afirmarem que a diferença entre "onde" e "aonde" é que "onde" não indica movimento, e "aonde" indica movimento. Não é bem assim que devemos ler! O "a" aglutinado à forma "onde" é justamente a preposição. Então, se houver necessidade do emprego da preposição "a" na oração subordinada adjetiva, vinda da predicação verbal, que se desloque esse conectivo prepositivo para antes do pronome relativo "onde". Em "**onde**", "a**onde**", "d**onde**" e "por **onde**" não há diferença. Nas quatro exposições temos o único emprego da forma ONDE: só que nas três últimas exposições existem preposições em uso explícito. Acompanhe os exemplos que seguem:

j) A casa **onde irei** é tranqüila.
a**onde**

* "... aonde irei..." é a forma correta, pois o verbo IR pede a preposição "a", para constituir seu adjunto adverbial de lugar.

k) A casa a**onde moro** é tranqüila
onde

* **Morar** não pede a preposição "a" . Assim, como poderia usar "aonde" no exemplo acima? A forma correta é "... onde moro..." Ressaltemos, inclusive, que podemos substituir "onde" por "em que" . Morar solicita a preposição "em". Como a preposição "em" está inclusa no pronome relativo "onde", reafirmamos que a substituição de "onde" por "em que" tem procedência.

l) A casa **donde vim** é tranqüila
onde

* Quem vem, vem de algum lugar. Então, "... donde vim..." é a forma correta. Poderíamos empregar "... por onde vim..." , pois quem vem, vem por algum lugar, também.

APLICAÇÃO

Proposição única: Julgue as estruturas que seguem, empregando V ou F.

a) Os relatórios **a que** aspiro desapareceram da pasta. [V – F]

b) As fichas **as quais** aludiram provam que Murilo é incapaz. [V – F]

c) Renato encontrou as irmãs **em quem** confiamos [V – F]

d) Há drogas **aonde** ele se hospedou. [V – F]

e) O apartamento **no qual** chegamos há pinturas raras. [V – F]

f) Os livros **a cujas** páginas me referi esclarecem complexos tópicos. [V – F]

g) O bairro **por onde** caminhei não proporciona segurança. [V – F]

h) O bairro **de onde** vim não proporciona segurança. [V – F]

i) O bairro **onde** moro não proporciona segurança. [V – F]

j) O bairro **aonde** andei não proporciona segurança. [V – F]

RESPOSTA:

a) V
b) F ("...às quais...")
c) V
d) F ("...onde ele...)
e) F (" No apartamento ao qual chegamos há pinturas raras") * O verbo CHEGAR pede a preposição "a" para constituir seu adjunto adverbial de lugar "aonde" . Outrossim, também se deve verificar a composição da oração principal, ou seja, a oração que não apresenta pronome relativo, pois a irregularidade gramatical pode estar presente. Verifica-se erro ao não se empregar a preposição "em" fundida com o artigo masculino/singular que antecede o substantivo "apartamento".
f) V
g) V
h) V

i) V
j) F (" ... onde andei...) / ("... por onde andei...") * Ambas corretas ao lado.

VERBO DE LIGAÇÃO

Sua função é ligar o sujeito ao predicativo do sujeito, sem expressar ação. Geralmente o predicativo comunica uma "qualidade" ou um "estado" do sujeito. Os principais verbos de ligação são: SER / ESTAR / FICAR / PERMANECER / CONTINUAR / PARECER ... Todavia, é bom ressaltar que verbo de ligação exige o emprego do sujeito e do predicativo do sujeito, sem expressar ação verbal. Se não houver sujeito ou predicativo do sujeito, o verbo passa a ser intransitivo. CUIDADO: Não é o verbo de ligação que expressa "estado"ou "qualidade". Tais idéias surgem do predicativo.

a) Sílvia **está** animada.
b) Gustavo **está** animado

c) Tânia **continua** ansiosa.
d) Lula **está** apreensivo.

e) Marieta **ficou** doente.
f) As crianças **ficaram** doentes.

* Os verbos destacados acima são de ligação. Há sujeito e predicativo empregados nas estruturas frasais. Os predicativos são os núcleos de cada predicado, caracterizando o predicado nominal. Portanto, quem configura o predicado nominal é o predicativo. Cabe apenas aos verbos em uso a função de ligar o sujeito ao **estado** ou à **qualidade** atribuídos. Todavia, existem predicativos que não expressam qualidade ou estado.

g) As crianças ficaram na sala.
h) Mônica trabalhou preocupada.

i) Paulo está no quarto.
j) São seis horas.

l) É noite.
m) Hoje é 25 de junho de 2002.

- Em "As crianças ficaram na sala", o verbo não é de ligação. Não existe predicativo, embora haja sujeito. Assim, o verbo FICAR passa a ser intransitivo.
- Em "Mônica trabalhou preocupada", embora haja predicativo e sujeito, o verbo TRABALHAR não é de ligação, pois expressa ação. E o verbo de ligação não pode expressar ação. O predicativo do sujeito pode ser empregado com verbos intransitivos e transitivos. Só não haverá predicativo do sujeito se o verbo na frase for impessoal, ou seja, se a oração apresentar sujeito inexistente. Temos, portanto, "Mônica" sendo sujeito; "trabalhou" como verbo intransitivo e "preocupada" sendo predicativo do sujeito.
- Em " Paulo está no quarto", o verbo é intransitivo. O adjunto adverbial "no quarto" auxilia a intransitividade verbal. Como poderia ser de ligação o verbo da oração, se não existe predicativo? Assim como o verbo ASSISTIR (no sentido de morar, residir) pede a preposição "em" para constituir seu adjunto adverbial, o verbo ESTAR alcança sua intransitividade.

DICA: Os comuns verbos de ligação, quando perdem essa propriedade natural, passam a ser intransitivos.

- O verbo SER ao indicar tempo/hora é impessoal. Sendo impessoal, perdem a identidade de verbo de ligação. Adquirem a intransitividade verbal, mantendo relação com seu adjunto adverbial de tempo. “Seis horas”, “noite” e “hoje” / “25 de junho de 2002 são adjuntos adverbiais de tempo.

EXERC ÍCIO DIDÁTICO

01. Classifique, quanto à predicação, os verbos das orações de 1 a 12:

1. “A dissonância será bela.
2. “ Eu vejo um novo começo de era.”
3. “Hoje o tempo voa, amor.”
4. A noite oferece todos os sonhos aos jovens.
5. A natureza estava tão triste.
6. “ O bicho estava perto.”
7. “O tempo trouxe a sua ação benéfica ao meu coração.”
8. “... pensei no seminário...”
9. “Ouvimos passos no corredor...”
10. Todos viviam muito cansados naquela época.
11. “Vivo à margem da vida.”
12. Mandei recado a sua mãe agora mesmo.

Gabarito: 01. VL / 02. VTD / 03. VI / 04. VTDI / 05. VL / 06. VI / 07. VTDI / 08. VTI / 09. VTD / 10. VL 11. VI / 12. VTDI

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

São os termos que acompanham determinadas estruturas para torná-las completas. Ei-los: Objeto direto, objeto indireto, complemento nominal e agente da passiva.

OBJETO DIRETO E OBJETO INDIRETO

a) Examinei o relógio de parede.
Objeto direto

b) Distribuí alegria a todos os convidados.
Obj. dir. objeto indireto

c) Desejo que ela seja feliz.
objeto direto oracional

* O complemento verbal será oracional, quando apresentar estrutura verbal em sua composição. Temos uma oração subordinada substantiva objetiva direta, sendo "que" a conjunção subordinada integrante. Em período, iremos esclarecer essa classificação da oração no exemplo acima.

d) Vi as crianças **que estavam brincando no quintal**.

* Lembra da oração com pronome relativo? Observe que a oração em negrito acima traz o pronome relativo "que" (conectivo usado para substituir o termo "as crianças"). Como se classifica essa oração? **Oração subordinada adjetiva** é sua classificação. Há dois tipos de orações adjetivas: **restritiva** (não apresenta sinais de pontuação) e **explicativa** (apresenta sinais de pontuação: vírgula ou travessão). Como não há pontuação antes do pronome relativo "que", a oração em negrito acima é subordinada adjetiva restritiva. Se puséssemos uma vírgula ou um travessão antes do pronome relativo, ela passaria a ser explicativa. É comum em provas públicas "eles" lançarem a hipótese do emprego ou não emprego da vírgula antes do pronome relativo, questionando o candidato se haveria ou não existiria mudança de sentido. Como a idéia ou sentido das adjetivas está enraizado em sua classificação, com vírgula sua idéia é explicar e, sem o sinal de pontuação, sua idéia ou carga semântica é restringir. Portanto, a alteração de sua pontuação acarretaria em mudança de sentido, não sendo optativa a vírgula, enfim.

e) Dependo de maiores informações.
objeto indireto

f) Obedecemos aos antigos costumes.
objeto indireto

g) Confiamos nos investigadores.
objeto indireto

h) Preciso de orientações **que assegurem sólidos resultados**.

Nota: Toda oração que apresentar pronome relativo é subordinada adjetiva. Exerce a função de adjunto adnominal. Veremos que os adjuntos adnominais estão sempre contidos em um outro termo sintático. Assim sendo, a oração relativa em negrito acima é adjunto adnominal oracional do núcleo do objeto indireto do verbo PRECISAR. Todas as vezes que empregarem uma oração relativa, ela será subconjunto do termo sintático que apresenta o substantivo ou pronome absorvido pelo pronome relativo. Digamos que seja uma maneira regular de "elastecer" o termo sintático anteposto ao pronome relativo acima. Então, o objeto indireto do verbo PRECISAR é " de orientações que assegurem sólidos resultados" , sendo "orientações" o núcleo do objeto indireto, e "que assegurem sólidos resultados" é o adjunto adnominal oracional do núcleo do objeto indireto.

i) Os fiscais **a quem confiaram as investigações** solicitaram mais documentos.

* Todo o termo grifado é o sujeito do verbo SOLICITAR, sendo "fiscais" o núcleo do sujeito e, de fato, "os" e "a quem confiaram as investigações" adjuntos adnominais. Trata-se de um adjunto adnominal não oracional e um adjunto adnominal oracional, respectivamente. A oração relativa em negrito é restritiva, mas se fosse explicativa exigiria vírgulas ou travessões após "fiscais" e antes de "solicitaram". Essa pontuação à qual fazemos alusão hipoteticamente acarretaria em mudança de sentido e, por conseguinte, não deveria ser lida como pontuação facultativa.

j) Obedeço às normas que disciplinam o exercício dos bons costumes.

* "...**normas**..." = núcleo do objeto indireto.
"... **que disciplinam o exercício dos bons costumes**." = oração subordinada adjetiva. Logo, adjunto adnominal do núcleo do objeto indireto.
"... **às normas que disciplinam o exercício dos bons costumes**." é todo o objeto indireto do verbo OBEDECER.

k) Nas repartições públicas **onde Silveira e Antunes trabalham**, de fato, há crimes.

* Sendo "Nas repartições públicas" um termo que indica lugar, temo-lo como adjunto adverbial de lugar. Porém, ao se perceber o emprego do pronome relativo "onde", faz-se necessário estender a leitura do adjunto adverbial de lugar até a palavra "trabalham", pois a oração subordinada adjetiva está contida no adjunto adverbial, uma vez que exerce a função de adjunto adnominal oracional. Como o adjunto adnominal sempre está integrado a um outro termo sintático, o adjunto adverbial é definitivamente "Nas repartições públicas onde Silveira e Antunes trabalham".

OS PRONOMES PESSOAIS E A FUNÇÃO DE OBJETO DIRETO E INDIRETO

Pronomes Pessoais são conectivos usados para substituírem substantivos. Em exames públicos é comum o emprego acentuado de pronomes em textos.

O uso de pronomes possibilita questões de semântica, de emprego e de colocação pronominal. Vejamos:

Leia o texto que segue para responder às questões 01 e 02/

A rotina e a quimera

Sempre **se** falou mal de funcionários, inclusive d**os que** passam a hora do expediente escrevinhando literatura. Não sei se **esse** tipo de burocrata-escritor existe ainda. A racionalização do serviço público, ou o esforço por essa racionalização, trouxe modificações sensíveis ao ambiente de nossas repartições, e é de crer que as vocações literárias manifestadas à sombra de processos **se** hajam ressentido desses novos métodos de trabalho. Sem embargo, não **se** terão estiolado de todo, tão forte é, no escritor, a necessidade de exprimir-**se**, dentro da rotina **que lhe** é imposta. Se não escrever no espaço de tempo destinado à produção de ofícios, escreverá na hora do sono ou da comida, escreverá debaixo do chuveiro, na fila, ao sol, escreverá até sem papel – no interior do próprio cérebro, como os poetas prisioneiros da última guerra, **que** voltaram ao soneto como uma forma **que** por si mesma **se** grava na memória.

E por que **se** maldizia tanto o literato-funcionário? Porque desperdiçava os minutos do seu dia, reservado aos interesses da Nação, no trato de quimeras pessoais. A Nação pagava-**lhe** para estudar papéis obscuros e emaranhados, ordenar casos difíceis, promover medidas úteis, ouvir com benignidade as “partes”. Em vez d**isso**, **nosso** poeta afinava a lira, **nosso** romancista convocava **suas** personagens, e toca a povoar o papel da repartição com palavras, figuras e abstrações **que** em nada adiantam à sorte do público.

É bem verdade que esse público, logo em seguida, ia consolar-**se** de **suas** penas na trova do poeta ou no mundo imaginado pelo ficcionista. Mas, sem gratidão especial ao autor, ou talvez separando n**este** o artista do rond-de-cuir, para estimar o primeiro sem reabilitar o segundo.

O certo é que um e outro são inseparáveis, ou antes, **este** determina **aquele**. O emprego do Estado concede com que viver, de ordinário sem folga, e **essa** é condição ideal para bom número de espíritos: certa mediania **que** elimina os cuidados imediatos, porém não abre perspectiva de ócio absoluto. O indivíduo tem apenas a calma necessária para refletir na mediocridade de uma vida **que** não conhece a fome nem o fausto; sente o peso dos regulamentos, **que lhe** compete observar ou fazer observar; o papel barra-**lhe** a vista dos objetos naturais, como uma cortina parda. É então que intervém a imaginação criadora, para fazer d**esse** papel precisamente o veículo de fuga, sorte de tapete mágico, em **que** o funcionário embarca, arrebatando consigo a doce ou amarga invenção, **que** irá maravilhar outros indivíduos, igualmente prisioneiros de outras rotinas, por **este** vasto mundo de obrigações não escolhidas. (...)

Carlos Drummond de Andrade. **Passeios na ilha.** In: **Poesia completa e prosa** Rio de Janeiro: José Aguilar, 1973, p. 841.

QUESTÃO 01

Julgue os itens a seguir.

1- No fragmento “que voltaram ao soneto” (linha.7), o vocábulo “que “ tem como referente “última guerra” (linha.7).
2- Em “A Nação pagava-lhe para estudar papéis” (linha.10), o vocábulo “lhe” tem como referente “o literato-funcionário” (linha.9).
3- Em “ouvir com benignidade as ‘partes’ “(linha.11), o vocábulo “partes” tem como referente “quimeras pessoais”(linha.10).
4- O vocábulos “primeiro” (linha.16) e “segundo” (linha.16) tem como referentes “poeta” (linha.14) e “ficcionista” (linha.15), respectivamente.
5- O vocábulos “este” e “aquele” (linha.17) tem como referentes “rond-de-cuir” (linha.15) e “artista” (linha.15), respectivamente.

QUESTÃO 02

Quanto à correção da substituição do fragmento sublinhado por pronome, apresentada no trecho em negrito, julgue os seguintes itens.

1- “A racionalização do serviço público (...) trouxe modificações sensíveis ao ambiente de nossas repartições” (linha.2-3) **/ A racionalização do serviço público (...) trouxe-lhas**
2- “Porque desperdiçava os minutos do seu dia, reservado aos interesses da Nação, no trato de quimeras pessoais” (linha.9-10) / **Porque os desperdiçava no trato de quimeras pessoais**
3- “e toca a povoar o papel da repartição com palavras”(linha.12) / **e toca a povoá-lo com palavras**
4- “É bem verdade que esse público, logo em seguida, ia consolar-se de suas penas na trova do poeta” (linha.14) / **É bem verdade que esse público, logo em seguida, ia consolar-se delas na trova do poeta**
5- “sente o peso dos regulamentos, que lhe compete observar ou fazer observar” (linha.20-21) / **sente-lhe o peso**

RESPOSTA:

1: E C E E C

2: C C C C E

Enquanto os pronomes pessoais do caso reto, geralmente, exercem a função de sujeito, os pronomes pessoais do caso oblíquo funcionam como complementos verbais. Os pronomes oblíquos o / a / os / as / **me** / **te** / **se** / **nos** / **vos** podem funcionar como objeto direto. Porém, o pronome "lhe(s)" funciona como objeto indireto. Os pronomes em negrito s também podem exercer a função de objeto indireto, dependendo da regência do verbo.

a) Encontrei-**as** ao passar pela esquina. [objeto direto]

b) Vi-**os** preocupados. [objeto direto]

c) Não **lhe** disseram a verdade. [objeto indireto]

d) Obedeço-**te**. [objeto indireto]

e) Vi-**te**. [objeto direto]

f) Deu-**se** ares de imponente. [objeto indireto]

g) Ele feriu-**se**. [objeto direto]

h) Vi o rapaz que saiu cedo. [Vi-**o**] * O pronome em negrito no colchete representa o termo grifado.

i) Ofereci o livro ao amigo. [Ofereci-**o** ao amigo]

j) Ofereci o livro ao amigo. [Ofereci-**lhe** o livro]

k) Ofereci o livro ao amigo. [Ofereci-**lho**] * O pronome em negrito representa os termos grifados

OBJETO DIRETO INTERNO

Denominação dada ao complemento representado por uma palavra que possui o mesmo radical do verbo ou apresenta a mesma característica significativa:

a) Morreu morte natural.

* A espontaneidade do verbo MORRER é ser intransitiva. Todavia, por termos empregado o substantivo "morte" – que traz a idéia já contida na palavra verbal – o verbo MORRER deixa de ser intransitivo e, de fato, passa a ser transitivo direto. Todas as vezes que um verbo intransitivo apresentar um substantivo que expresse a idéia que o próprio verbo já comunique, não teremos mais uma intransitividade, mas uma transitividade direta, constituindo um pleonasmo na estrutura sintática do período.

b) Dormiu o sono dos justos e corajosos.

c) Chorava lágrimas de felicidade.

d) Ventava o vento da morte.

OBJETO DIRETO E OBJETO INDIRETO PLEONÁSTICOS

É a dupla ocorrência da função sintática dos complementos verbais na mesma oração, a fim de enfatizar o significado do termo em referência.

a) **As crianças**, amo-**as** bastante.

* O segundo termo em negrito é o pleonasmo. Temos um objeto direto pleonástico, pois o pronome oblíquo representa "As crianças" – que já exerce a função de objeto direto. O pleonasmo é usado para destacar o objeto direto que o emissor usara.

b) **Ao pobre**, não **lhe** devo.

c) **Ao comerciante**, paguei-**lhe** a dívida.

d) **Ao diretor** a quem me referi, à semana passada, dei-**lhe** as devidas atenções.

COMPLEMENTO NOMINAL

Completa advérbio, predicativo, substantivos vindos de verbos transitivos indiretos, substantivos vindos de verbos transitivos diretos (desde que apresentem valor passivo), substantivos abstratos.

a) Não às determinações inflexíveis.
Complemento nominal [completa advérbio]

b) Ela é fiel a seus pais.
Compl. nominal [completa o predicativo do sujeito]

c) Sou-lhe grato. [O sujeito está implícito; "grato" é o predicativo do sujeito implícito; o pronome grifado complementa o predicativo. Logo, "lhe" é complemento nominal por completar o predicativo do sujeito. Como o predicativo do sujeito está constituído por um adjetivo, podemos argumentar morfologicamente, dizendo que o pronome grifado é complemento nominal por complementar um adjetivo].

d) A necessidade de orientações. [complemento nominal]

e) Necessitar de orientações [complemento verbal / objeto indireto]

* “Necessitar é um verbo transitivo indireto, sendo “de orientações” objeto indireto; “necessidade” é substantivo vindo de verbo transitivo indireto. Portanto, quando um substantivo vier de um verbo transitivo indireto, teremos complemento nominal.

f) A dependência de drogas proporcionou ao infeliz rapaz amarga existência.
[complemento nominal]

g) A produção de leite trouxe expressivo lucro ao fazendeiro.

Produzir leite foi oportuno ao fazendeiro.

- Quando um substantivo vier de verbo transitivo direto, haverá complemento nominal se existir valor passivo; havendo valor ativo, teremos adjunto adnominal. No exemplo acima, “de leite” é complemento nominal, pois mantém relação com um substantivo vindo de um verbo transitivo direto (produzir) e o valor é passivo (Leite é produzido por alguém).

h) O consumo de drogas nas favelas garantiu a violência a todos os moradores. [compl. nominal]

i) Tenho medo de fantasmas. [complemento nominal]

j) De que os policiais federais, garantiu o porta-voz da presidência, estão preocupados **com os crimes acentuados nas fronteiras**, não há dúvida. [O termo grifado é complemento nominal oracional, sendo o termo regente a palavra “dúvida”; o termo em negrito é complemento nominal, sendo o termo regente o predicativo “preocupados”.]

k) A necessidade de obediência às normas de proteção às terras é expressiva.

- “**de obediência**” é complemento nominal, sendo o termo regente “necessidade”
- “**às normas de proteção**” é complemento nominal, sendo o termo regente “obediência”
- “**às terras**” é complemento nominal, sendo o termo regente “proteção”

O livro de cuja necessidade tenho custa caro. [complemento nominal]

- O pronome relativo “cuja” no exemplo acima dá início à composição de uma oração subordinada adjetiva restritiva. Lendo a oração relativa, temos: um sujeito implícito para o verbo “tenho”; “necessidade” é o objeto direto do verbo “tenho”; “de cuja” é complemento nominal, sendo seu termo regente a palavra “necessidade” (... tenho necessidade do livro).

- Assim, além da comum função sintática de adjunto adnominal, o pronome relativo “cujo” pode exercer a função de complemento nominal.

VOZES VERBAIS E O AGENTE DA PASSIVA

a) voz ativa = sujeito pratica a ação
b) voz passiva = sujeito sofre a ação
c) voz reflexiva = sujeito pratica e sofre a ação ao mesmo tempo
d) voz recíproca = há correspondência de ações verbais

Exs.:

1. Eu reconheci os criminosos. [voz ativa]

2. Os criminosos foram reconhecidos por mim. [voz passiva analítica]

3. Reconheceram-se os criminosos. [voz passiva sintética]

4. Paulo feriu-se. [voz reflexiva]

5. Lourdes e Gustavo se amam. [voz recíproca]

Obs.: A voz passiva pode ser sintética e analítica. Havendo pronome apassivador, temos a voz passiva sintética (v.t.d. + se / v.t.d.i + se). Já a voz passiva analítica não apresenta partícula apassivadora.

6. Comunicaram os fatos ao diretor. [voz ativa]

7. Comunicaram-se os fatos ao diretor. [voz passiva sintética]

8. Os fatos foram comunicados ao diretor. [voz passiva analítica]

9. O que se vê é um poço sem fim, o mal em estado puro.

* Todas as vezes que encontrarmos "o" antes do conectivo "que", podendo substituir "o" por "aquele" ou "aquilo" , "o" é pronome demonstrativo e "que" é pronome relativo. No exemplo acima, "o" é pronome demonstrativo, pois podemos substituí-lo por "aquilo". Sendo "que" pronome relativo, temos o início da oração subordinada adjetiva, visto que toda oração subordinada adjetiva é iniciada por pronome relativo. Trata-se a oração grifada acima de uma oração subordinada adjetiva restritiva. Sua voz verbal é passiva sintética (verbo transitivo direto acompanhado da partícula apassiva "se"). Já a oração principal "O ... é um poço sem fim, o mal em estado puro" não apresenta voz verbal, pois temos verbo de ligação em sua estrutura. Como teríamos voz verbal se verbo de ligação não expressa ação?

TESTE:

01. Tendo por parâmetro o texto original, julgue o período reescrito quanto à manutenção de sentido na nova versão.

Texto original: A racionalização do serviço público, ou o esforço por essa racionalização trouxe modificações sensíveis ao ambiente de nossas repartições.

Versão: Modificações sensíveis ao ambiente de nossas repartições foram trazidas pela racionalização do serviço público, ou pelo esforço por essa racionalização.

- **No texto original temos o emprego da voz ativa; na versão se empregou a voz passiva analítica. Verifica-se que o sujeito da ativa ("**A racionalização do serviço público, ou o esforço por essa racionalização **) passou a ser agente da passiva, e o objeto direto da ativa ("**modificações sensíveis" **) passou a ser sujeito da passiva. Com isso, não há na versão mudança de sentido e não existe na transformação da ativa para a passiva impropriedade gramatical. É comum em provas públicas eles exigirem o tópico** SEMÂNTICA, mudando um determinado fragmento do texto de ativa para passiva ou de passiva para ativa.

02. Em " O volume de contrabando que está ingressando no país..." está na voz ativa. Passando para a voz passiva, não haverá mudança de sentido. V - F

- **Falso. Não se passa para a passiva estrutura oracional ativa que não apresenta objeto direto. Só podemos passar uma oração na voz ativa para a voz passiva, se houver objeto direto, pois todo objeto direto tem valor passivo. Passar para a passiva nunca acarreta mudança de sentido. Todavia, tem-se como falso o julgamento da proposição, pois não se pode passar para a passiva a estrutura oracional. Trata-se o termo grifado ("**está ingressando**") de uma locução verbal intransitiva, sendo "**no país**" o adjunto adverbial de lugar.**

03. Quanto à correção da substituição do fragmento sublinhado por pronome, apresentada no trecho em negrito, julgue os seguintes itens.

1 - 1 "A racionalização do serviço público (...) trouxe modificações sensíveis ao ambiente de nossas repartições" / **A racionalização do serviço público (...) trouxe-lhas. [V – F]**

*** Verdadeiro. Todo o termo grifado representa o objeto direto e o objeto indireto do verbo trazer. Ora, sendo "modificações" o núcleo do objeto direto e "ambiente" o núcleo do objeto indireto, temos a contração do pronome "lhe" (pronome que representa o objeto indireto) com o pronome "as" (pronome que representa o objeto direto).**

2 - 2 “Porque desperdiçava os minutos do seu dia, reservado aos interesses da Nação, no trato de quimeras pessoais” / **Porque os desperdiçava no trato de quimeras pessoais. [V – F]**

*** Quem desperdiça, desperdiça algo. Desperdiçar traz sua transitividade direta no exemplo acima. O termo grifado é o objeto direto do verbo desperdiçar. O núcleo do objeto direto é “minutos”, enquanto “os”, “do seu dia” e “reservado aos interesses da Nação” são adjuntos adnominais. Este último termo (“reservado aos interesses da Nação) é o adjunto adnominal oracional, pois a oração é subordinada adjetiva explicativa reduzida de particípio. Como apenas o núcleo dos termos sintáticos são representados sintaticamente, temos o pronome “os” proclítico ao verbo corretamente empregado para substituir todo o termo grifado na proposição.**

3 - 3 “...sente o peso dos regulamentos, que lhe compete observar ou fazer observar” / **sente-lhe o peso. [V – F]**

*** Falso. O pronome “lhe” precisa receber a desinência de número /s/ para que represente o substantivo núcleo “regulamentos”. Sua função sintática é de adjunto adnominal. Nem sempre o pronome “lhe” exerce a função de objeto indireto: o verbo SENTIR pede apenas objeto direto. O termo sintático “**que lhe compete observar ou fazer observar**” é o adjunto adnominal oracional do adjunto adnominal (“**dos regulamentos**”) do núcleo do objeto direto do verbo sentir, ou seja, o substantivo “peso”.**

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

São aqueles que vão acompanhar substantivos, pronomes ou verbos, informando alguma característica ou circunstância. Ei-los: aposto, adjunto adnominal e adjunto adverbial.

APOSTO

Sua finalidade é explicar, identificar, esclarecer, especificar, comentar ou simplesmente apontar algo, alguém ou um fato.

APOSTO EXPLICATIVO:

Sônia, a tia de meu tio, viajou.

Marília e Dirceu, os noivos da Inconfidência, eram Maria Dorotéia e Tomás Antônio Gonzaga.

APOSTO ENUMERATIVO:

Víamos somente três coisas: vales, montanhas, campinas.

APOSTO RESUMITIVO:

Os pais, os avós, os tios, todos, foram a Portugal.

Amor, dinheiro, fama, tudo, passam.

APOSTO COMPARATIVO:

Meu coração, uma nau ao vento, está sem rumo.

APOSTO ESPECIFICATIVO:

O poeta Manuel Bandeira proporcionou inovações literárias a nós.

O rio Beberibe está sujo.

O Estados Unidos é um mau exemplo.

APOSTO DISTRIBUTIVO:

Separe duas folhas: uma para o texto e a outra para as perguntas.

APOSTO ORACIONAL:

Gritou a verdade a todos: que Lourdes é a criminosa.

ADJUNTO ADNOMINAL (perto, perto, perto do substantivo)

Termo que mantém relação com o substantivo. O substantivo é a classe gramatical que tem precedência em relação às demais palavras, pois é quem dá nome aos seres. Assim sendo, as demais classes gramaticais estão subordinadas ao substantivo. Geralmente exercem a função de adjunto adnominal o **adjetivo**, o **numera**l, o **pronome** e o **artigo**.

a) Os simpáticos rapazes voltaram do clube.

Sujeito : "Os simpáticos rapazes"
Núcleo do sujeito: "rapazes"
Adjuntos adnominais do sujeito: "Os" , "simpáticos"

Adjunto adverbial: "do clube"
Núcleo do adjunto adverbial: "clube"
Adjunto adnominal do núcleo do adjunto adverbial: o artigo "o" que está aglutinado com a preposição "de"

b) Todo sábado, estudamos alguns tópicos, caro amigo.

Adjunto adverbial de tempo: "Todo sábado"
Núcleo do adjunto adverbial de tempo: "sábado"
Adjunto adnominal do núcleo do adjunto adverbial de tempo: "Todo"

Objeto direto do verbo "estudamos": "alguns tópicos"
Núcleo do objeto direto: "tópicos"
Adjunto adnominal do núcleo do objeto direto: "alguns"

Vocativo: "caro amigo"
Núcleo do vocativo: "amigo"
Adjunto adnominal do núcleo do vocativo: "caro"

c) A pessoa que estuda vence expressivas fronteiras.

Sujeito: "A pessoa que estuda"
Núcleo do sujeito: "pessoa"
Adjuntos adnominais do núcleo do sujeito: "A" e "que estuda" (trata-se de uma oração subordinada adjetiva. Como toda oração subordinada adjetiva exerce a função de adjunto adnominal, temos um adjunto adnominal oracional restritivo, sendo

"que" o pronome relativo que exerce a função de sujeito do verbo "estuda". Os adjuntos adnominais estão sempre "dentro", ou melhor, integrando o termo sintático que o apresenta.)
Objeto direto: "expressivas fronteiras".
Núcleo do objeto direto: "fronteiras"
Adjunto adnominal do núcleo do objeto direto: "expressivas"

d) Vi as provas que Sônia fez, à semana passada.

O objeto direto do verbo VER é "as provas que Sônia fez, à semana passada". Observe que o núcleo do objeto direto é o substantivo "provas", o artigo que está anteposto ao substantivo "provas" é adjunto adnominal do núcleo do objeto direto. Todavia, não existe apenas um adjunto adnominal, pois o termo grifado é uma oração que apresenta pronome relativo ("que" substitui o substantivo "provas"). Lembra? Toda oração que apresentar pronome relativo é subordinada adjetiva, exercendo a função de adjunto adnominal oracional. Como todo adjunto adnominal está contido em uma função sintática maior, devemos incluir a oração subordinada adjetiva como termo sintático que constitui também o objeto direto do verbo VER.

e) João Paulo II, **que é o Papa**, está doente.

O termo em negrito acima é adjunto adnominal oracional do núcleo do sujeito do verbo ESTAR. Temos uma oração subordinada adjetiva explicativa. Cuidado: Não é difícil encontrar em questões do provas públicas impropriedade gramatical no emprego da pontuação das orações adjetivas. No exemplo acima, a oração em negrito só pode ser explicativa, pois seu valor é absoluto. Como pensar em restrição, se apenas uma pessoa assume o papado. Toda oração subordinada adjetiva com valor absoluto só pode ser explicativa, devendo ser pontuada com vírgulas ou travessões.

ADJUNTO ADVERBIAL

Termo representado por advérbios, relacionando-se com o verbo, o adjetivo ou com outro advérbio. São classificados pela idéia que comunicam.

a) Paulo emprestou o dinheiro sábado passado. [adjunto adverbial de tempo]

b) Onde a marcha alegre se espalhou? [adjunto adverbial de lugar]
c) Como acabou o dia? [adjunto adverbial de modo]
d) Almoçou pouco. [adjunto adverbial de intensidade]
e) Por que ele tremia? De medo. [adjunto adverbial de causa]
f) Venha jantar comigo. [adjunto adverbial de companhia]
g) Com a máquina conseguiu fazer todo o trabalho. [adjunto adverbial de instrumento]
h) Talvez ele chegue mais cedo. [adjunto adverbial de dúvida]
i) Vivia para o trabalho. [adjunto adverbial de finalidade]
j) Viajou de avião. [adjunto adverbial de meio]
k) Falávamos sobre produtos importados, à mesa. [adjunto adverbial de lugar]
l) Não permitirei a sua dispensa. [adjunto adverbial de negação]
m) Descendia de nobres. [adjunto adverbial de origem]
n) Sairia sim, naquela manhã. [adjunto adverbial de afirmação]
o) Comprou um relógio de ouro. [adjunto adverbial de matéria]
p) A camisa custou vinte reais. [adjunto adverbial de valor ou de preço]
q) Andava a cavalo, tranqüilamente. [adjunto adverbial de meio]
r) Trocou uma caneta por um lápis. [adjunto adverbial de permuta]
s) Sobre a mesa, Senhores e Senhoras, há suficientes provas. [adjunto adverbial de lugar]

TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

Sujeito e predicado são, no geral, os termos essenciais da oração. No geral, pois existe oração sem sujeito. Ao sujeito se atribui a prática da ação, na maioria das vezes. O predicado é tudo menos o sujeito.

SUJEITO

a) **Sujeito determinado simples** – Quando empregado na oração, apresentando um núcleo.

Ex.: **Antônio** continua inquieto.

b) **Sujeito determinado composto** – Há mais de um núcleo.

Ex.: **Regina e Roberto** estão inquietos.

c) **Sujeito indeterminado** – verbo na 3ª pessoa do plural sem referenciar o sujeito; verbo no infinitivo sem referenciar o sujeito; v.t.i. + se / v.i. + se / v. de ligação + se

Exs.:

Estudam Matemática e Língua Portuguesa, todos os dias.

* Verbo na 3ª pessoa do plural, sem indicar quem pratica a ação espelha um sujeito indeterminado. Contudo, se o contexto comunicar ou revelar o sujeito, passamos a ter um sujeito

implícito. Ou seja, em “Lúcia e Paula foram à praia. Beberam água de coco.” Para o verbo BEBER o sujeito está implícito .

Aspira-se a cargos públicos. [verbo transitivo indireto + índice de indet. do sujeito]

Está-se orgulhoso. [verbo de ligação + índice de indeterminação do sujeito]

Trabalha-se bastante, naquele escritório. [verbo intransitivo + índice de indet. do sujeito]

* Nos três exemplos acima, o sujeito está indeterminado. Cuidado com os concursos públicos, pois é comum flexionarem os verbos em negrito s, pondo-os na 3ª pessoa do plural. Verbo intransitivo, transitivo indireto ou verbo de ligação seguido do pronome “se” não recebe flexão verbal. Flexioná-los seria erro de concordância verbal.

Reviver boas ações é oportuno ao homem.

- **“Reviver boas ações”** é o sujeito oracional do verbo SER
- **“boas ações”** é o objeto direto do verbo REVIVER.
- **“Reviver boas ações”**, por ser uma oração com o verbo no infinitivo sem referenciar o agente da ação traz um sujeito indeterminado.

d) **Sujeito acusativo** – Quando o sujeito exerce a função de objeto direto, também. Ocorre apenas com os verbos MANDAR, DEIXAR, FAZER, OUVIR, SENTIR e VER + o termo que será o sujeito acusativo + verbo no infinitivo ou no gerúndio.

Mandar
Deixar
Fazer + Substantivo ou pronome + verbo no infinitivo ou no gerúndio
Ouvir
Sentir
Ver

Exs.:

Vi o rapaz cantar (vi-o cantar) * O termo grifado é o sujeito acusativo, pois exerce a função de objeto direto do verbo VER e a função de sujeito do verbo CANTAR.

Não o deixei dormindo. * o termo grifado é sujeito acusativo oracional.

Ouvi pessoas trabalhar. * O sujeito acusativo é representado pronominalmente por pronomes pessoais do caso oblíquo. Assim, o pronome em negrito ao lado representa o substantivo grifado “pessoas”. Se usássemos “Ouvi elas trabalhar” haveria erro quanto ao emprego de pronomes.

Ouvi-**as** trabalhar.

Percebi eles chegando à porta [correto]

Percebi-os chegando à porta [errado, pois não temos sujeito acusativo]

> * O sujeito acusativo, ou seja, o sujeito objetivo direto só ocorre com os verbos selecionados acima [mandar/deixar/fazer/ouvir/sentir/ver]. Em latim, o nosso objeto direto é chamado de acusativo. Logo, sujeito acusativo é o sujeito do infinitivo ou do gerúndio que exerce a função do objeto direto dos verbos selecionados acima. Sua representação pronominal é com os oblíquos. Não havendo sujeito acusativo, o termo referenciado (o substantivo contextualizado) deve ser substituído por pronome pessoal do caso reto.

e) **Sujeito oracional** – Quando o núcleo do sujeito for constituído por um verbo.
Exs.:

Estudar todo o programa é necessário.

Quem estuda edifica castelos.

* **CUIDADO**: O uso de vírgula entre o sujeito oracional e seu verbo diretamente empregados é comum. Logo, “**Quem estuda, edifica castelos**” apresenta erro de pontuação.

Comunicar os fatos que nos circundam aos leitores que nos acompanham proporciona conforto.

- Todo o termo em negrito acima é o sujeito oracional do verbo “proporciona”. Os dois termos grifados são respectivamente objeto direto e objeto indireto. Existem orações subordinadas adjetivas (adjuntos adnominais oracionais) integrando os complementos verbais. Só o ponto final no período estaria correto. Todavia, se o emissor quiser, pode tornar as orações subordinadas adjetivas restritivas em orações subordinadas adjetivas explicativas. Para tanto, bastaria pontuar com vírgulas ou travessões as orações adjetivas. Vejamos:
- 1) Comunicar os fatos, que nos circundam, aos leitores, que nos acompanham, proporciona conforto;
- 2) Comunicar os fatos - que nos circundam - aos leitores – que nos acompanham – proporciona conforto;
- 3) Comunicar os fatos, que nos circundam, aos leitores que nos acompanham proporciona conforto (apenas a primeira oração subordinada adjetiva é explicativa);
- 4) Comunicar os fatos que nos circundam aos leitores , que nos acompanham, proporciona conforto. (apenas a segunda oração adjetiva é explicativa).

f) Sujeito Inexistente

São estruturas que não apresentam sujeito:
- Verbo “haver” no sentido de “existir”.
- Verbo “fazer” indicando tempo.
- Verbos que expressam fenômenos naturais.
- Verbo “ser” indicando tempo / hora.

Exs.:
Haveria reuniões, se...

Há de haver dificuldades.

- O verbo HAVER no sentido de existir é impessoal, ou seja, a oração é sem sujeito. Deve ser empregado sempre na 3ª pessoa do singular. Os concursos públicos geralmente solicitam a concordância verbal. Logo, é oportuno ressaltar que o verbo HAVER nesse caso (no sentido de EXISTIR) não se flexiona. Quanto à predicação, deve ser lido como transitivo direto. Em “Haveria reuniões, se...”, “reuniões” é objeto direto. Como verbo não concorda com complemento verbal, use o verbo na 3ª pessoa do singular, sempre. Em “Há de haver dificuldades”, observe que o verbo auxiliar da locução verbal permanece na 3ª pessoa do singular. Portanto, também está correta a concordância verbal, não havendo impropriedade gramatical na estrutura frasal.

São quatro horas.

* Trata-se de uma oração sem sujeito. Mesmo assim, o verbo está com propriedade no plural. É que o verbo SER deve manter concordância com o núcleo do adjunto adverbial de tempo. Sintaticamente, “quatro horas” é adjunto adverbial de tempo, sendo “horas” o núcleo do adjunto adverbial de tempo, e “quatro” é adjunto adnominal do adjunto adverbial de tempo. Embora haja literaturas dizendo que “quatro horas” é predicativo, leia “quatro horas” como adjunto adverbial de tempo. Outrossim, ressaltemos que o verbo SER não está concordando com o número de horas. Em verdade, o verbo SER está concordando com o núcleo do adjunto adverbial de tempo, visto que o substantivo tem precedência, sendo o numeral seu adjunto adnominal. Assim, se encontrar em uma prova a afirmação de que em “**São quatro horas**” não há impropriedade gramatical, pois o verbo SER está concordando com o número de horas, julgue como incorreta tal argumentação.

Faz duas semanas, apenas.

* FAZER, indicando tempo, também é impessoal. Deve ser empregado na 3ª pessoa do singular. Cuidado para não confundir com o verbo FALTAR. Este é pessoal. Assim, devemos escrever, por exemplo, “FALTAM DUAS SEMANAS, APENAS” e FAZ DUAS SEMANAS, APENAS. Na primeira estrutura, “DUAS SEMANAS” é sujeito, enquanto na segunda oração, de fato, “DUAS SEMANAS” é adjunto adverbial.

Choveu pouco, ontem.

Choveram conflitos durante o jantar.

* Os verbos que expressam fenômenos naturais apresentam oração sem sujeito, permanecendo na 3ª pessoa do singular. Contudo, em “Choveram conflitos durante o jantar”, temos a flexão na concordância, pois está no sentido figurado.

Faz / Fazem dois anos, deixando-nos convictos que os amamos, **os gêmeos**. (Use o verbo no plural, pois “os gêmeos”é o sujeito do verbo FAZER.

PREDICADO

É o que se diz quanto ao sujeito. Tudo menos o sujeito é o predicado. E se a oração não apresentar sujeito, teremos apenas predicado. Neste último caso, predicado já não será o que se diz sobre o sujeito. Classifica-se em predicado nominal, verbal, verbo-nominal. Quem caracteriza o predicado verbal é o verbo principal (v.t.d./ v.t.i. / v.t.d.i. / vi); quem caracteriza o predicado nominal é o predicativo do sujeito. Havendo verbo principal e predicativo, temos predicado verbo nominal.

a) Luciana trabalhou pouco. [predicado verbal]

b) Hortência está animada. [predicado nominal]

c) Hortência jogou animada. [predicado verbo nominal]

d) São duas horas. [predicado verbal]

e) Elas permanecem na sala. [predicado verbal]

f) Elas viraram freiras. [predicado nominal]

g) Elas estão na sala preocupadas. [predicado nominal]

EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

1. Classifique sintaticamente os termos sublinhados:

   a) Insisti no oferecimento da madeira, e ele estremeceu. A nossa conversa era seca.

      “no oferecimento” ....
      “da madeira” ....
      “A nossa conversa” ....
      “seca” ....

b) Relativamente aos limites, julgo que podemos resolver isso depois, com calma.”

“aos limites” ....
“isso” ....
“depois” ....
“com calma” ....

2. O termo sublinhado nas frases abaixo deve ser classificado de acordo com o seguinte código:

[1] sujeito [2] predicativo [3] objeto direto [4] objeto indireto
[5] complemento nominal [6] adjunto adnominal

a) [ ] Os homens se enganam no conhecimento das coisas visíveis.
b) [ ] Uma coisa preferem os melhores a tudo: a glória eterna.
c) [ ] Se todas as coisas se tornassem fumaça, conhecer-se-iam com as narinas.
d) [ ] É cansativo servir e obedecer aos mesmos senhores.
e) [ ] Não confio suficientemente na compreensão dos leitores.

f) [ ] Foi lá que me ofereceram certa vez um raio de sol.
g) [ ] ... passa-se o ano inteiro com o coração repleto das alegrias do Natal.
h) [ ] ... dava-lhe uma estranha sensação de orfandade.
i) [ ] E agora lhe vinha uma súbita e enternecida saudade do pai.
j) [ ] Há homens que nasceram talhados para o sacrifício.
l) [ ] Eu não tenho vocação para mártir.
m) [ ] ... que com freqüência vinha ao semblante das mulheres do Rio Grande: o medo ancestral da guerra.
n) [ ] Não era um triunfo que ela julgasse digno de si.
o) [ ] Não era um triunfo que ela julgasse digno de si a torpe humilhação dessa gente ante sua riqueza.
p) [ ] Vi as grandes raivas do mouro, por causa de um lenço, um simples lenço.
q) [ ] ... e aqui dou matéria à meditação dos psicólogos deste e de outros continentes.
r) [ ] Mal os Carapicus sentiram a aproximação dos rivais...]
s) [ ] Cada qual correu a casa em busca do ferro, do pau e de tudo que servisse para resistir.
t) [ ] ... e todos tiveram confiança nele.
u) [ ] As navalhas, traziam-nas abertas e escondidas na palma das mãos.
v) [ ] As navalhas, traziam-nas abertas...
x) [ ] Verias, então, a sombra da tua forma anterior a ti mesma.
z) [ ] Quisera dar-te também o mar onde nadei menino.

GABARITO:

1. a)
no oferecimento: objeto indireto
da madeira : compl. nominal
a nossa conversa: sujeito
seca: predicativo

b)
aos limites : compl. nominal
isso: objeto direto
depois: adj. Adv. de tempo
com calma: adj. Adv. de modo

02.
a) 5
b) 1
c) 2
d) 4
e) 6
f) 6
g) 6
h) 5
i) 5
j) 5
l) 5
m) 5
n) 5
o) 5
p) 6
q) 6
r) 6
s) 5
t) 5
u) 3
v) 2
x) 5
z) 2

SIMULADO I

1. Numa oração, o predicado pode ser: 1) nominal, 2) verbal, 3) verbo-nominal

   Use esse código nos parênteses e assinale a série obtida.
   ( ) Pois para mim esta sua idéia é novidade.
   ( ) ...tornar a língua portuguesa odiosa.
   ( ) A recepção do Aston vivia sempre cheia de gente.
   ( ) As palavras significam pouco.
   ( ) Alguém já me escreveu.

   a) 1 – 3 – 1 – 2 – 1 b) 3 – 1 – 1 – 2 – 2 c) 1 – 3 – 1 – 2 – 2
   d) 2 – 3 – 1 – 1 – 2 e) 3 – 2 – 1 – 1 – 2

2. O termo sublinhado não é sujeito em:
   a) Se o leitor conhece um homem forte, mas muito forte mesmo, imagine uma pessoa duas vezes mais forte.
   b) ... e encaminha-lo ao hotel, onde lhe fora reservado um apartamento.
   c) Que o Santa Cruz me perdoe, mas era um caso de vida ou de morte.
   d) Ora, se meu amigo de fato era meio ruivo, seu jeitão era mineiro.
   e) Ninguém está com relógio nesta casa.

3. Só não é predicativo o termo sublinhado em:

   a) Parecia feliz em sua casa.
   b) Assim, vendo o passarinho encorujado a um canto, decidimos doá-lo.
   c) Este refrão me deixa meio esquisito.
   d) Era um canário ordinário.
   e) O garoto ficou firme.

4. Objeto indireto é o complemento verbal introduzido por preposição exigida pelo verbo. Há objeto indireto em:

   a) O primeiro não agüentou a crise da puberdade.
   b) Nós o amávamos desse amor vagaroso e distraído.
   c) Não importa, conseguiu depressa um lugar em nossa afeição.
   d) Às crianças, aqui de casa tocaram um bicudo e um canário.
   e) O choro da menina se desfez em uma gargalhada cheia de lágrimas.

5. “Vai-te embora, canarinho, que não te quero mais.” Os termos sublinhados são, respectivamente:

   a) objeto direto / objeto direto
   b) objeto indireto / objeto direto
   c) palavra de realce / objeto direto

d) objeto direto / palavra de realce
e) palavra de realce / palavra de realce

6. Há complemento nominal em:

a) Você devia vir cá fora receber o beijo da madrugada.
b) ... embora fosse quase certa a sua possibilidade de ganhar a vida.
c) Ela estava na janela do edifício.
d) ... sem saber ao certo se gostávamos dele.
e) Pouco depois começaram a brincar de bandido e mocinho de cinema.

7. Diz-se impessoal o verbo que não tem sujeito. Não ocorre verbo impessoal em:

a) Em São Paulo, há 7 anos, nasceu também uma criança assim.
b) Vamos supor que tenha nascido às cinco da tarde.
c) Há esperança de bonde em todos os postes.
d) Ainda é noite dentro do quarto fechado.
e) Quando tem comida para levar, eu almoço. Quando não tem, não tem.

8. Em que caso o SE funciona como pronome apassivador?

a) ... a rua inteira, atravancada, sabia que se estava perpetrando um assalto ao banco.
b) Moleques de carrinho corriam em todas as direções, atropelando-se uns aos outros.
c) ... melancias rolavam, tomates esborrachavam-se.
d) Os grupos divergentes chocavam-se.
e) Mas a mulher já se trancara lá dentro.

9. É adjunto adnominal o termo sublinhado em:

a) Lá em baixo todo o mundo carrega o coração dentro do peito.
b) Tinha o coração fora do peito, como se fora um coração postiço.
c) Menino do coração fora do peito, você devia cá fora receber o beijo da madrugada.
d) Se ele ficar fora do peito é logo ferido e morto.
e) O anjinho está no céu.

10. “Os anjinhos estavam cada vez mais espanados. Pouco depois começaram a brincar de bandido e mocinho de cinema, e aí, acabou a história. Porém, o menino estava aborrecido, foi dormir. Deixa o anjinho dormir sono sossegado, Dr. Cláudio.”. Não funciona como sujeito:

a) os anjinhos
b) a história

c) o menino
d) o anjinho
e) Dr. Cláudio.

GABARITO:

01.c
02. a
03. d
04. d
05. c
06. b
07. b
08. a
09. c
10. e

SIMULADO II

Nas questões de 01 a 04, marque o item sublinhado que apresenta erro de estrutura sintática ou de propriedade vocabular.

01. Ao falarmos em [**a**] inspeção pericial, para fins [**b**] de perícia da Justiça do trabalho, é necessário que se faça [**c**], primeiramente, uma rápida recapitulação do histórico da legislação no que [**d**] tange à [**e**] doenças ocupacionais.

a) A b) B c) C d) D e) E

02. Para o desempenho de suas funções, pode o perito e assistente técnico utilizar-se [**a**] de todos os meios necessários, ouvindo testemunhas, obtendo informações, solicitando documentos que estejam em poder da parte ou em repartições públicas, bem como [**b**] instruir o laudo com plantas, desenhos e quaisquer outras peças. O artigo 429 se aplica, por exemplo, aos locais em que a obra está concluída, não mais havendo ali trabalhadores em exercício. Então, baseados [**c**] nesse artigo, podemos realizar a inspeção pericial em outra obra, desde que mantido [**d**] as mesmas condições técnicas de trabalho do tempo em que [**e**] o reclamante ali trabalhava.

a) A b) B c) C d) D e) E

03. A Justiça do Trabalho custará R$ 3 bilhões em 1999. Essa importância não seria excessiva se acaso viesse [**a**] sendo acionada unicamente em casos relevantes e inevitáveis, após falharem[**b**] todas as tentativas de prevenção e solução dos conflitos diretamente pelas partes. A vulgarização do Judiciário, talvez estimulada pela inexistência de custos, não deveria contribuir para projetar imagem negativa do País, desencorajando a geração de empregos. Se desejamos ampliar e modernizar o mercado, é indispensável colocarmos o dedo na ferida, procurando saber as razões por que [**c**], à medida que[**d**] aumentam o desemprego e as relações informais de trabalho, o País se converte em fonte inesgotável de reclamações trabalhistas, sem que disso resultem[**e**] a elevação do padrão de vida dos assalariados.

a) A b) B c) C d) D e) E

04. As reações inflamatórias brônquicas nas broncopneumonias ocupacionais (BPO) são menos [a] claras, ou, pelo menos, não estão conceituadas com a mesma firmeza que [b] as broncoespásticas. A não ser a bronquiolite dos enchedores de silo, causada pela exposição aguda a [c] gases de N2, as demais inflamações brônquicas têm sua relação com a exposição ocupacional insuficientemente comprovada. Morgan, o principal estudioso desse assunto, tem, porém, desde 1978, uma posição favorável à [d] hipótese que [e] a exposição ocupacional a poeiras possa causar sintomas respiratórios.

a) A b) B c) C d) D e) E

05. Assinale a opção em que o(s) fragmento(s) sublinhado(s) está(ão) substituído(s) incorretamente por pronome(s).

a) Quando peço a observância da lei, é justamente porque a lei é o abrigo da tolerância e da bondade. / Quando peço a **sua** observância, é justamente porque **ela** é o abrigo da tolerância e da bondade.

b) (...) aquela que consiste na distribuição da justiça, isto é, no bem distribuído aos bons (...) / (...) aquela que consiste na distribuição da justiça, isto é, no bem distribuído-**lhes**(...)

c) Há algum chefe de partido (...) que não goze de prerrogativas especiais? / Há algum chefe de partido (...) que não goze **delas**?

d) Nas poucas vezes em que me atrevo a perturbar a serenidade absoluta deste recinto e a contrariar os sentimentos dos meus honrados colegas, tenho consciência, Sr. Presidente, de ter-me colocado sempre em um plano, que não se opõe nem à tolerância nem à paz (...) / Nas poucas vezes em que me atrevo a perturbá-l**a** e a contrariá-l**os**, tenho consciência, Sr. Presidente, de ter-me colocado sempre em um plano, que não se opõe nem à tolerância nem à paz (...)

e) (...) o único terreno em que nós, todos nós poderíamos aproximar e dar-nos as mãos (...) / (...) o único terreno **onde** nós todos nos poderíamos aproximar **dar-no-las** (...)

06. Observando a sintaxe de determinados fragmentos, assinale a opção que apresenta a associação incorreta entre a(s) expressão(ões) ou o(s) termo(s) sublinhado(s) e a respectiva função sintática.

a) A paz! Não a vejo. Não há, como não pode existir, senão uma, é a que assenta na lei. [predicativo]
b) ...a paz que nenhuma criatura humana pode tolerar sem abaixar a cabeça envergonhada. [objeto direto].
c) ... a paz que nenhuma criatura humana pode tolerar sem abaixar a cabeça envergonhada. [predicativo do objeto direto]

a) Porventura temos sido nós iguais perante a lei, neste regime, nestes quatro anos de Governo, especialmente? [adjuntos adverbiais]
b) ... o único terreno em que nós todos nos poderíamos aproximar e dar-nos as mãos. [objeto indireto]

07. Marque o texto que contém erro de estrutura sintática.

a) A partir deste ano, as empresas serão obrigadas a fazer a declaração de ajuste do Imposto de Renda por via magnética (disquete ou internet).
b) O trabalho da Receita será simplificado, mas o Fisco ainda não tem idéia do impacto em que a medida pode causar nas 900 mil empresas que, no ano passado, declararam imposto por meio de formulário impresso.
c) As declarações de pessoa jurídica em 1997, referentes ao ano base 1996, totalizaram três milhões.
d) Só estão livres da obrigação as microempresas que optaram pelo Sistema Integrado de Pagamento de Impostos e Contribuições Simples.
e) Deste total, dois milhões foram entregues à Receita em disquete e outras 100 mil, via Internet; o restante optou pelo tradicional formulário de papel.

08. Marque o texto que contém erro de estrutura sintática.
a) Os profissionais liberais têm-se mostrado conscientes e dispostos a participar do movimento pela reforma da sociedade.
b) O Secretário solicita a essas pessoas que recorram a profissionais credenciados para obter esclarecimentos.
c) Cidadãos e governo colocaram-se frente a frente e finalmente entraram em acordo sobre a reforma tributária.
d) Para diminuir a sonegação fiscal, o governo concede anistia a quem apresentar a retificação de sua declaração de renda.
e) Devido a necessidade de tornar a tarefa política mais ética e saudável, tem havido significativa mobilização.

Leia o texto que segue para responder a questão 09.

Ocorre que o contribuinte, ao ingressar no Refis, pode ter, pendente de decisão judicial, pretensão à restituição de tributo que tenha pago indevidamente. Nesse caso, a questão que se coloca é a de saber se a Fazenda Pública, afinal vencida na ação de repetição do indébito, poderá exercer o direito à compensação, deduzindo simplesmente o valor, a cuja restituição foi condenada, do valor do débito consolidado no Refis.

09. Marque a alternativa que não é verdadeira.

a) Em “... a questão que se coloca é a de saber se a Fazenda Pública...” (linhas 2 e 3) pode-se suprimir “a de” sem prejuízo da correção do enunciado.
b) Em “tenha pago” (linha 2) pode-se usar também o particípio passado regular.
c) “pendente de decisão judicial” (linha 01) refere-se à “pretensão à restituição do tributo” (linha linha 02)
d) “indébito”(linha 04) é o mesmo que dívida.
e) Em “a cuja restituição foi condenada”(linhas 04 e 05) a preposição é indispensável porque está introduzido o objeto indireto da forma verbal passiva “foi condenada” (linha 05).

10.Transpondo para a voz passiva a frase “Eles não me dão prazer algum”, resultará a forma verbal

a) tem dado
b) é dado
c) tem sido dado
d) teriam dado
e) foi dado

GABARITO
01. E
02. D
03. E
04. E
05. B
06. C
07. B
08. E
09. D
10. B

SINTAXE DE PERÍODO E O ESTUDO DAS CONJUNÇÕES

O período pode ser simples ou composto. **Simples**, quando houver apenas uma oração. Neste caso, temos oração absoluta. **Composto**, quando existir mais de uma oração.

Quando período composto, temos por subordinação e por coordenação. A subordinação é caracterizada por existir dependência sintática entre as orações; a coordenação não apresenta dependência sintática.

I - ORAÇÕES SUBORDINADAS são classificadas em:

- **Substantivas** objetiva direta
  objetiva indireta
  completiva nominal

apositiva
subjetiva
predicativa

- **Adjetivas** adjunto adnominal

Restritiva = não é pontuada
Explicativa = é pontuada

- **Adverbiais** adjunto adverbial [causal, temporal, final, proporcional, concessiva, comparativa, condicional, consecutiva e conformativa.

As orações subordinadas substantivas são as orações que exercem as funções sintáticas de objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto, sujeito e predicativo. Em "Desejo **que** você participe" é um período composto por subordinação. A primeira oração é a que não está sublinhada; a segunda oração está grifada. Observe que a segunda oração completa a primeira oração, exercendo a função sintática de objeto direto. Quando uma oração exercer a função sintática de objeto direto, devemos classificá-la de oração subordinada substantiva objetiva direta. Eis a classificação da segunda oração. O conectivo em negrito é a conjunção subordinada integrante. Só existe conjunção subordinada integrante nas orações subordinadas substantivas.

As orações subordinadas adjetivas exercem a função de adjunto adnominal. A maneira mais fácil de reconhecer uma oração subordinada adjetiva é identificar o pronome relativo no período composto. Toda oração subordinada adjetiva apresenta pronome relativo. É no pronome relativo que se inicia a oração subordinada adjetiva. Quanto à sua classificação, temos as subordinadas adjetivas restritivas e explicativas. Aquelas, quanto à pontuação, não recebem pontuação; estas recebem vírgula ou travessão.
Em "Luciano que é o coordenador do projeto está viajando", há pronome relativo na oração grifada, iconizando ser subordinada adjetiva. O não emprego da pontuação comunica sua idéia de restrição. Se empregarmos as duas vírgulas ou travessões, ela passa a ser explicativa. As vírgulas, portanto, são facultativas, já que usando ou deixando de empregar não há impropriedade gramatical quanto à pontuação? Não. É comum em provas públicas afirmarem ser facultativo o uso das vírgulas para que você julgue se verdadeira ou falsa a afirmação. Claro que a resposta é falsa. Não se trata de um caso facultativo, pois há mudança de sentido. Com vírgula, a adjetiva expressa a idéia de explicação; sem a vírgula ou travessão, a idéia ou o sentido da oração adjetiva é de restrição. Em "João Paulo II, que é o Papa, está doente", temos a oração grifada como subordinada adjetiva explicativa. Se retirarmos as vírgulas haverá mudança de sentido? Não! Cuidado com as orações explicativas que não podem ser restritivas. Impossível o valor de restrição no contexto, uma vez que apenas uma pessoa assume o papado. Não há liberdade contextual para se pensar em restrição. As orações com valores absolutos só podem ser explicativas. Toda explicativa em sua naturalidade não pode ser explicativa, mas toda explicativa pode ser restritiva, basta retirar a pontuação. São mais alguns exemplos de orações subordinadas adjetivas que só podem ser explicativas: A Constituição Federal do Brasil, que é a Carta Magna, está sempre revisada por um grupo de professores. / He, Ne, Ar, Kr, Xe e Rn – que são gases nobres –

estão sempre estudados pelo professor Reinaldo Xavier. / Joaquim José da Silva Xavier, que é o mártir da Inconfidência Mineira, é sempre lembrado por nós.

As orações subordinadas adverbiais exercem a função de adjunto adverbial. Como os adjuntos adverbiais são classificados pela idéia que cada um comunica, temos oração subordinada adverbial temporal, causal, condicional, concessiva, conformativa, final, proporcional, consecutiva, comparativa e comparativa. Em "Saí **para** comprar chocolate", a oração grifada expressa finalidade, sendo classificada como subordinada adverbial final. Quando ao conectivo em negrito , trata-se de uma conjunção subordinada adverbial final. Vejamos outro exemplo: Quando me chamaram, entrei com a confiança **que** eu tinha. A oração sublinhada é subordinada adverbial temporal, sendo "Quando" a conjunção subordinada adverbial temporal; o termo em negrito é pronome relativo, dando início à oração subordinada adjetiva restritiva; a oração principal das duas orações é "entrei com a confiança". Eis as principais conjunções subordinadas adverbiais:

a) **proporcionais**: à proporção que, à medida que, na medida em que...
b) **finais**: a fim de que, para que, para, que...
c) **temporais**: quando, enquanto, logo que, desde que, assim que...
d) **concessivas**: embora, se bem que, ainda que, mesmo que, conquanto...
e) **conformativas**: como, conforme, segundo...
f) **comparativas**: como, que, do que...
g) **consecutivas**: que (precedida de tão, tal, tanto), de modo que, de maneira que...
h) **condicionais**: se, caso, contanto que...
i) **causais**: porque, visto que, já que, uma vez que, como...

II – ORAÇÕES COORDENADAS são orações independentes quanto à estrutura sintática, ou seja, as orações não desempenham funções sintáticas ao se relacionarem com as demais orações do período. Classificam-se em assindéticas e sindéticas. As assindéticas não apresentam conjunção; as sindéticas apresentam conjunção. As principais conjunções coordenadas são:

a) **aditivas**: e, nem, mas também, mas ainda
b) **adversativas**: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto
c) **alternativas:** ou, ora... ora, ou... ou, já... já, quer... quer
d) **explicativas**: pois (quando anteposta ao verbo), porque, que
e) **conclusivas:** pois (quando posposta ao verbo), logo, portanto, então

Exs.:

1. Ele trabalhou durante todo o mês, e não recebeu seu salário.
[Or. coord. Sindét. Adversativa]
2. Luciana trabalha e estuda. [or. coord. Sindét. Aditiva]

3. Ou Renata estuda, ou Renata trabalha. [orações coord. Sindét. Alternativas]

4. Fez sozinho toda a planta do prédio. Sabe, pois, senhores, todos os riscos.

[or. Coord. Sindét. Conclusiva].

5. Ela não irá à festa, pois seu pai não permite. [or. Coord. Sindét. Explicativa]

* As orações não sublinhadas acima são coordenadas assindéticas, pois não apresentam conjunções. Segue, abaixo, mais alguns períodos compostos por coordenação, por subordinação e por coordenação e subordinação (período misto).

a) Confirmo que Sebastiana conhece o rapaz . * Observe que o verbo da oração principal
Or. princ. Or. Subord. Subst. Objtiva. direta. é transitivo direto, solicitando objeto direto.

b) Quando a encontrei sozinha, beijei-lhe as faces, deixando-a trêmula.
Or. subord. Adverbial temp. or. Princ. Or. Subord. Adverbial consecutiva

c) A necessidade de que ela aprove o projeto é imensa.
Or. subord. Substantiva completiva nominal

d) Apresentaram-me a verdade à qual Mércia aludiu: que Simone está grávida.
Or. subord. Adjetiva Or. subord. Subst. apositiva

e) Fiz o que me solicitaram: arrumar o quarto cuja poeira estava se alastrando pelo corredor.

Oração principal : "Fiz o" . O termo grifado ao lado é pronome demonstrativo. No período acima, podemos substituir "o" por "aquilo". É comum em concurso público afirmarem que o "o" é artigo. Assim, não se trata de artigo.
Oração subordinada adjetiva restritiva : "que me solicitaram.
Oração subordinada substantiva apositiva reduzida de infinitivo: "arrumar o quarto"
Oração subordinada adjetiva restritiva: "cuja poeira estava se alastrando pelo corredor".

d) Gostaria de que ela mostrasse os problemas, de que propusesse mudanças e de que ela
X **Y** **Z**
apresentasse convicção no que disser.

- São orações subordinadas substantivas objetivas indiretas: **X, Y** e **Z**

e) Quero que Aurélio seja feliz. [oração subordinada substantiva objetiva direta]

f) **Se** ela sobreviveu, ignoro. [Oração subordinada substantiva objetiva direta]

* A conjunção em negrito não é condicional; temos uma conjunção subordinada integrante, pois a oração subordinada é substantiva. Nas orações subordinadas substantivas, os conectivos são conjunções subordinadas integrantes, apenas.

g) Ela confia **no** que lhe digo. (o termo grifado é a contração da preposição "em" + o pronome demonstrativo "o", exercendo a função sintático de objeto indireto. Já o termo oracional grifado é a oração subordinada adjetiva restritiva, sendo "que" seu pronome relativo que exerce a função sintática de objeto direto do verbo "digo")

h) Revelaram aos interessados que aguardavam por respostas: que ele não sobreviveu.

Oração principal: "Revelaram aos interessados"
Oração subordinada adjetiva restritiva: "que aguardavam por respostas
Oração subordinada substantiva objetiva direta: "que ele não sobreviveu"

i) Mesmo não tendo estudado, foi aprovado no concurso. [or. subord. Adverbial concessiva]

j) Fui à feira para comprar frutas. [oração subordinada adverbial final]

k) Conforme ficou claro, as ações de Pedro não foram agressivas. [oração subordinada adverbial conformativa]

TESTE:

1. - Considere o seguinte período do texto para analisar os esquemas propostos abaixo: Descumprir a lei gera o risco da punição prevista pelo Código Penal ou de sofrer sanções civis.

A = Descumprir a lei
B = gera o risco
C = da punição prevista pelo Código Penal
D = de sofrer sanções civis

Considerando que as setas representam relações sintáticas entre as expressões lingüísticas, assinale a opção que corresponde à estrutura do período.

a)

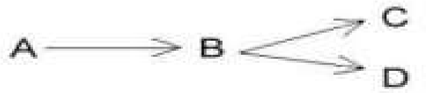

b)

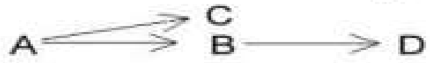

c)

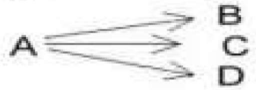

d)

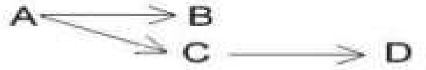

e)

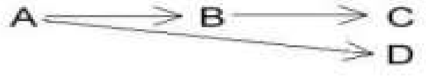

2.“Como ontem estivesse chovendo, tive a infeliz idéia, ao sair à rua, de calçar velho par de galochas.”

a) adverbial causal – adverbial temporal – substantiva completiva nominal.
b) Adverbial comparativa – adverbial temporal – subst. objetiva direta.
c) Adverbial causal – adverbial condicional – subst. objetiva indireta.
d) Adverbial consecutiva – adverbial temporal – substantiva completiva nominal.
e) Adverbial comparativa – adverbial condicional – subst. completiva nominal.

5. Leia atentamente o fragmento abaixo:

“(...) A liberdade identificou-se com a idéia de consumo. Os meios de produção, que surgiram no avanço técnico, visam ampliar o nível dos meios de produção.”
[Polícia Federal 2000]

Proposição: Se fosse suprimida a vírgula que antecede a oração grifada, seria mantida correta a pontuação e não haveria alteração da estrutura sintática do período. V - F

Leia o seguinte texto para responder a questão 04.

A entrada dos anos 2000 tem trazido a reversão das expectativas de que haveria a inauguração de tempos de fraternidade, harmonia e entendimento da humanidade. Os resultados das cúpulas mundiais alimentaram esperanças que novos tempos trariam novas perspectivas referentes à qualidade de vida e relacionamento humano em todos os níveis. Contudo, o movimento que se observa em nível mundial sinaliza perdas que ainda não podemos avaliar. O recrudescimento do conservadorismo e de práticas autoritárias, efetivadas à sombra do medo, tem representado fonte de frustração dos ideais historicamente buscados.

(Roseli Fischmann, Correio Braziliense, 26.08.2002, com adaptações)

04. Se cada período sintático do texto for representado, respectivamente, pelas letras X, Y, W e Z, as relações semânticas que se estabelecem no trecho correspondem às idéias expressas pelos seguintes conectivos:

a) X e Y mas W e Z
b) X porque Y porém W logo Z
c) X mas Y e W porque Z
d) Não só X mas também Y porque W e Z
e) Tanto X como Y e W embora Z

Leia o gráfico que segue para responder a questão 05.

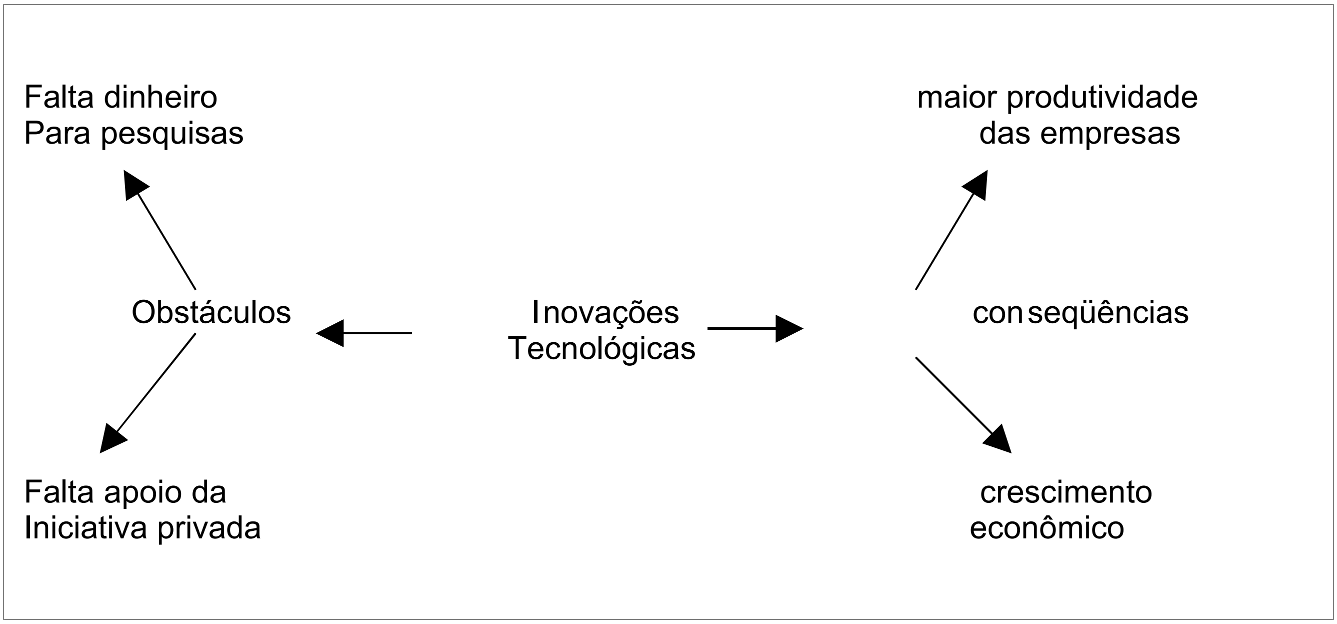
Falta dinheiro
Para pesquisas
maior produtividade
das empresas
Obstáculos
Inovações
Tecnológicas
conseqüências
Falta apoio da
Iniciativa privada
crescimento
econômico

05. Assinale a opção que, em apenas um período sintático, dá redação textualmente coerente e gramaticalmente correta ao desenvolvimento e à relação de idéias sintetizadas no esquema acima, adaptado de Istoé, 19/9/2001, p. 94.

a) A falta de dinheiro para pesquisas, decorrente da falta de apoio por parte da iniciativa privada, tem como obstáculo que as inovações tecnológicas decorrentes da maior produtividade das empresas se acresce ao crescimento econômico.
b) Investir em inovações tecnológicas traz maior produtividade às empresas e acarreta crescimento econômico; no entanto, falta dinheiro para pesquisas e o apoio da iniciativa privada ainda não é suficiente.

c) Sem dinheiro para pesquisas, no tanto, a falta de apoio à iniciativa privada tem por obstáculos que as inovações tecnológicas são conseqüência do aumento da produtividade das empresas e do crescimento econômico.
d) Apesar da falta de dinheiro e da carência de apoio da iniciativa privada, os obstáculos são superáveis. Inovações tecnológicas têm como conseqüência crescimento econômico e – é claro – aumento da produtividade das empresas.
e) Inovações tecnológicas provocam crescimento econômico como conseqüência do aumento da produtividade das empresas. Os obstáculos, no entanto, vêm da iniciativa privada, que não têm verba.

GABARITO DO TESTE: 1) A 2) A 3) Falso 4) A 5) B

CONCORDÂNCIA VERBAL

A concordância verbal é marcada pela relação, em geral, entre o verbo e o sujeito. É o verbo que se desloca, mantendo relação com o sujeito. Temos três tipos de concordância verbal: a concordância lógica (contato físico, corpóreo, material, empírico, morfológico com todos os núcleos do sujeito), a concordância atrativa (concordância com o termo mais próximo) e a concordância lógica (concordância com a idéia que o termo expressa). Das três concordância, a concordância lógica é a concordância precedente. Mas o verbo também mantém contato com termos que não exercem a função de sujeito. Iniciemos os estudos de concordância.

1. **REGRA GERAL**: Verbo concorda com o sujeito

1.1 Sujeito composto anteposto ao verbo = Verbo no plural, relacionando-se com todos os núcleos. * Se os núcleos forem sinônimos, podemos usar a concordância com o núcleo mais próximo (concordância atrativa).

1.2 Sujeito composto posposto ao verbo = verbo concorda com todos os núcleos ou concorda com o mais próximo. Neste último caso, não precisam ser sinônimos os núcleos.

Obs.: Se os núcleos forem antônimos, o verbo será usado sempre no plural.

Ex.;

a) Honestidade e sabedoria fortalecem todos nós.
b) Escárnio e sarcasmo estão/está em seu semblante.
c) Amor e ódio estão em suas ações.
d) Existe(m) bondade e sabedoria em seus gestos.
e) Existem alegria e tristeza em seus gestos.

2. Sujeito + adjunto adverbial de companhia = verbo concorda apenas com o sujeito ou verbo concorda com os dois termos sintáticos. Se o adjunto adverbial estiver virgulado, verbo concorda apenas com o sujeito.

Exs.:
- a) Sandra com seu pai foi/foram à praia.
- b) Sandra, com seu pai, foi à praia.
- c) Os rapazes, com o pai de Laura, viajaram.

3. Sujeito formado por coletivo + determinante = verbo concorda com o coletivo, indo para o singular ou verbo concorda com o determinante. Porém, se o primeiro elemento não for coletivo, verbo não concorda com o determinante.
   Exs.:

   - a) A maioria dos presentes não gostou/ gostaram do evento.
   - b) Boa parte dos brasileiros ignora(m) os fatos.
   - c) Uma chuva de torcedores acredita na seleção
   - d) * O povo foi às ruas. Pediu/Pediram mudanças.
   - e) Têm-se/Tem-se resolvido uma porção de questões.

4. Sujeito formado por número decimal ou fracionário seguidos de determinante = Verbo concorda com o número inteiro ou com o numerador. A concordância com o determinante também é correta.
   Exs.:
   - a) 1,2% do público pagou os impostos.
   - b) 2,1% do público pagou/pagaram os impostos.
   - c) 1/3 dos brasileiros compareceu(compareceram) às urnas.
   - d) 1,2 milhão foi entregue aos cofres públicos.
   - e) 1/3 do brasileiro exige mudanças.

5. Os verbos EXISTIR / CONSTAR / RESTAR/ BASTAR/ FALTAR/ OCORRER/ SURGIR pedem sujeito, concordando com o sujeito.
   Exs.
   - a) Ocorreu / Ocorreram, depois que os fiscais entregaram as provas, surpresa e satisfação por parte dos candidatos.
   - b) Faltam dois meses, apenas.
   - c) Falta, amigos, as provas entregar.

6. Verbos que expressam fenômenos naturais, verbo haver no sentido de existir e verbo fazer indicando tempo = São empregados na 3ª pessoa do singular.
   Exs.:
   - a) Faz dois meses, apenas.
   - b) Choveu muito, ontem.
   - c) * Choveram discórdias durante a sessão.
   - d) Haveria dificuldades, se...

7. V.T.I + SE / V.I + SE / V. de Lig. + SE = O “SE” é índice de indeterminação do sujeito, sendo usado na 3ª pessoa do singular, apenas.

   V.T.D + SE / V.T.D.I + SE = O “SE” é partícula apassivadora. A concordância verbal será com o sujeito.

Exs.:

a) Têm-se anunciado conclusões inéditas.
b) Aspira-se a títulos acadêmicos.
c) Reconheceu-se/ Reconheceram-se, de fato, o erro e a ignorância do réu.
d) É-se calmo.
e) Dorme-se pouco, naquela casa.
f) Os erros, aos quais há de se chamar de incipientes atitudes, foram compreendidos por todos da sala.

8. QUE X QUEM = Quando pronomes relativos.

   Exs.:

   a) Foram eles quem determinou/determinaram as regras do jogo.
   b) Foram eles que determinaram as regras do jogo.

   * No primeiro exemplo acima, sendo "quem" pronome relativo, temos a oração grifada subordinada adjetiva em relação à oração principal "Foram eles". Ora, qual a função do pronome relativo "quem"? Substituir o pronome pessoal do caso reto "eles", que exerce a função de sujeito do verbo "Foram" (verbo SER). Mas quem é o sujeito da oração subordinada adjetiva? O pronome relativo "quem". Portanto, ou você, caro leitor, utiliza a concordância lógica, fazendo com que o verbo da oração subordinada adjetiva concorde com o próprio pronome relativo, ficando na 3ª pessoa do singular, ou você emprega a concordância ideológica, ou seja, apresenta a concordância do verbo DETERMINAR com a idéia que o pronome relativo traz, utilizando o verbo na 3ª pessoa do plural. Ambas estruturas ou flexões verbais corretas, enfim. Já com o emprego do pronome relativo "que", só podemos usar a concordância ideológica.

9. Sujeito constituído por elementos gradativos = verbo no singular ou no plural. Todavia, se houver quebra da gradação, verbo no plural.

   Exs.:

   a) Um mês, um ano, uma década marca/marcam nossa história.
   b) Um dia, uma semana, um ano, um mês documentam nossos interesses.

10. Sujeito formado por pronomes pessoais distintos: a concordância será respeitando a precedência dos pronomes pessoais. Temos apenas três pronomes pessoais do caso reto: EU/ TU/ ELE. O plural do pronome "eu" é "nós", o plural do pronome "tu" é "vós" e o plural do pronome "ele" é "eles". No exemplo "Tu, eu e ela iremos ao clube", o sujeito está constituído por três pronomes pessoais. Sendo "eu" o pronome de primeira pessoa do singular, terá precedência, proporcionando a flexão do verbo na 1ª pessoa do plural . Todavia, no último exemplo abaixo, a flexão do verbo na 2ª pessoa do plural também é correta, gramaticalmente, embora seja norma popular ou coloquial culta. Geralmente em concursos públicos, o enunciado da questão exige apenas o uso da norma culta.

Exs.;

a) Tu, eu e ela iremos ao clube.
b) Irá/Iremos ela e eu ao clube.
c) Ele e tu ireis/irão ao clube.

11. "Mais de um(a)" integrando o sujeito = faça a concordância com o núcleo do sujeito.
    a) Mais de uma menina morreu.
    b) Mais de um menino, mais de uma garota morreram.
    c) Fugiu/Fugiram mais de um preso, mais de um suspeito.
    d) Mais de um grupo de crianças correu/correram.
    e) Mais de um jogador abraçaram-se / abraçou-se com a taça.

12. "Um dos que/Uma das que" = verbo no singular ou no plural.

    a) Ela foi uma das que gritou/gritaram.
    b) Virgínia é uma das que acredita/acreditam no projeto.

13. Verbo "**SER**" :

13.1 Ao indicar tempo/hora, a flexão do verbo SER será com o núcleo do adjunto adverbial de tempo. Mas se usarem os termos "cerca de", "perto de", "próximo de", a flexão no singular – relacionando o verbo com essas expressões – também é prudente gramaticalmente.

13.2 Ao empregar o verbo SER indicando data, a concordância será com o núcleo do adjunto adverbial de tempo que comunica a data da semana, ou seja, com a palavra "dia" que geralmente fica implícita. Ou você a considera implícita antes do n umeral, ou você a considera implícita após o numeral. Todavia, para o primeiro dia do mês não use numeral cardinal; use apenas ordinal.

13.3 Quando o verbo SER estiver relacionado a substantivo e a pronome pessoal do caso reto, a precedência será com o pronome relativo, impedindo a concordância com o substantivo.

a) É uma hora.
b) São seis horas.
c) Devem ser três horas.
d) É /São cerca de quatro horas.
        perto de
        próximo de
e) Hoje é 29 de julho de 2002. / Hoje são 29 de julho de 2002.
f) Alegria somos nós.
g) Eu não sou ele.
h) Ele não sou eu.
i) Ele é ele.

j) Os brasileiros somos nós.
k) Tudo é / são flores. [ambas flexões verbais corretas]

14. Sujeito constituído por termos pluralícios : Os termos grifados nos exemplos abaixo são pluralícios, ou seja, usados apenas no plural. É comum encontrar registros dizendo que o verbo concorda com o artigo. Tal argumento está incorreto. Artigo se relaciona com substantivo, estabelecendo concordância nominal. No primeiro exemplo abaixo, o sujeito do verbo "participaram" é "Os Estados Unidos", sendo "Estados Unidos" o núcleo. Ora, nada mais coerente que o verbo ir para o plural, concordando com o núcleo do sujeito. Já no segundo exemplo, há um termo implícito: "país". Portanto, o verbo "participou"está concordando com o núcleo do sujeito que é a palavra implícita "país". Quanto ao artigo explícito, trata-se do adjunto adnominal do sujeito, cujo núcleo já verificamos que está implícito. E quanto ao termo pluralício "Estados Unidos"? Este é o aposto. Temos em uso do aposto especificativo (substantivo comum seguido de substantivo próprio). É o único aposto que não recebe pontuação. Na terceira exemplificação abaixo, o sujeito está completamente implícito, ficando apenas explícito o aposto especificativo "Estados Unidos" . E quando o sujeito for constituído por um termo pluralício que constitui o nome de uma obra artístico-literária? No quanto exemplo, empregue o verbo na terceira pessoa do plural, tendo "Os Sertões" como sendo sujeito, ou use o verbo PARTICIPAR na terceira pessoa do singular, tendo o termo "Os Sertões" como sendo aposto. Neste último caso, o sujeito está completamente implícito (a obra, o texto, o livro).

a) Os Estados Unidos participaram.
b) O Estados Unidos participou.
c) Estados Unidos participou.
d) Os Sertões refletem/reflete valores do nordeste.
e) Os Alpes proporcionam riquezas.
f) Minas Gerais é rica.

15. "Cada um(uma)" = Verbo no singular, quando não repetido; verbo no plural, quando repetido. É que o termo "Cada um(a)" expressa a individualização de ações. Quando o termo estiver repetido, leva-se em consideração a soma de individualizações de ações.

a) Cada um dos curiosos permaneceu na rua.
b) Cada um dos diretores, cada um dos professores pediram ajuda aos discentes.

16. Sujeito formado por pronome indefinido + determinante = Se o pronome indefinido estiver no singular, verbo no singular, concordando com o pronome indefinido. Porém, se o pronome indefinido estiver no plural, o verbo concorda com o pronome indefinido, ou o verbo concorda com o determinante.

a) Alguns de nós escolherão/escolheremos os anúncios que...

b) Algum de nós escolherá os anúncios que...

17. HAJA VISTA

a) Haja vista os crimes cometidos, é necessário... [V]
b) Hajam vista os crimes cometidos, é necessário... [V]
c) Haja vista aos crimes cometidos, é necessário... [V]
d) Hajam vista aos crimes cometidos, é necessário... [F]
e) Haja visto os crimes cometidos, é necessário... [F]

- Após "haja vista" a preposição "a" é optativa.
- Usando a preposição, "haja vista" não varia.
- Não empregando a preposição, ou se flexiona o primeiro elemento, ou permanece invariável todo o termo em estudo (haja vista)
- "vista" nunca varia.

APLICAÇÀO

Leia o texto a seguir para responder à questão 1.

Texto 1

Por último, afirmam-se que os episódios envolvendo os policiais militares de Minas, que desencadearam um "efeito dominó" em vários Estados, e as exibições de delitos graves, que chocaram a opinião pública nacional e internacional, como os casos da favela Naval e de Cidade de Deus, motivaram o governo federal e o Congresso a estabelecer um amplo debate sobre modificações das polícias no Brasil, que até agora se mostrou infrutífero.

A proposta de emenda constitucional elaborada pelo governador Mário Covas, que unificava as funções de polícia, nem sequer foi discutida naquele momento, e algumas questões pontuais também deixaram de constar da agenda política federal.

A resistência a mudanças estruturais nas polícias e a falta de uma política nacional de segurança pública também alimenta a violência. A questão é: quem quer um novo modelo de polícia?

- Benedito Domingos Mariano, sociólogo

1. Julgue os itens a seguir.

( ) O verbo "motivaram" [linha 4] concorda com o sujeito composto.
( ) Em vez de "... motivaram o governo federal e o Congresso a estabelecer..." [linha 4], também estaria correto: "... motivaram o governo federal e o Congresso a estabelecerem..."

( ) Em “... quem quer um novo modelo de polícia?” [linhas 10,11], o verbo concorda com a terceira pessoa do singular em virtude de o sujeito estar indeterminado.
( ) Em “... e algumas questões pontuais também deixaram de constar da agenda política federal” [linhas 7,8], o verbo também poderia concordar com o termo “agenda política federal”[linha 8]
( ) No trecho “A resistência a mudanças estruturais nas polícias e a falta de uma política nacional de segurança publica também alimenta a violência”[linhas 9,10], a concordância verbal está correta.
( ) Em “,,, afirmam-se que os episódios envolvendo os policiais militares de Minas(...) motivaram...” [linhas 1 a 4], a concordância do verbo destacado está incorreta.

CONCORDÂNCIA NOMINAL : Consiste no estudo de relações entre adjetivo e substantivo, pronome e substantivo, artigo e substantivo, numeral e substantivo. É ,enfim, a relação entre nomes.

Condição Geral:

01. O nome impõe seu gênero e seu número a seus determinantes e aos pronomes que o substituem.

a) Meu **irmão**, minhas **irmãs**, dois **reis**, duas **rainhas**, este **tronco**, estas **árvores.**
b) Comprei alguns **livros** e já os li.

02. Um determinante se referindo a mais de um substantivo

2.1 Quando o determinante vem depois dos substantivos: A concordância do adjetivo é com o substantivo mais próximo, sendo adjunto adnominal; a concordância será com o substantivo mais próximo ou com todos os substantivos, sendo o adjetivo predicativo.

a) Ele se perdeu em bosques e vales escuros.
b) Ele se perdeu em florestas e cavernas escuras
c) Ele se perdeu em florestas e vales escuros
d) Ele se perdeu em vales e florestas escuras
e) Comprei um livro e uma revista importados
f) Comprei um livro e uma revista importada

2.2 Quando o determinante vem antes dos nomes: a concordância será com o substantivo mais próximo. Todavia, se os substantivos forem nomes de pessoa, o adjetivo concorda com todos os núcleos, apenas.

a) Sua mulher e filhos tinham viajado.
b) Você escolheu má hora e lugar para o nosso encontro
c) Você escolheu mau lugar e hora para o nosso encontro.

d) Os destemidos César e Napoleão...

2. Um determinante [predicativo do sujeito] : observe a concordância verbal e acompanhe com a concordância nominal.

   a) O clima e a água eram ótimos.
   b) Eram ótimos o clima e a água.
   c) Era ótimo o clima e a água.
   d) Era ótima a água e o clima.

3. Um determinante [predicativo do objeto]: a concordância será com o substantivo mais próximo ou com todos os substantivos. Porém, se o contexto não permite a concordância com todos os núcleos, claro que a concordância será apenas com o mais próximo (exemplo "c").

   a) Considero o chapéu e o colete supérfluo(s)
   b) Considero a gravata e a blusa supérflua(s)
   c) Comi uva e carne frita
   d) Considero supérflua(os) a gravata e o terno.

05. Um substantivo para mais de um adjetivo: se o substantivo estiver no plural, não use artigo ou qualquer adjunto adnominal antes do segundo adjetivo; se o substantivo estiver no singular, é necessário o emprego de artigo ou de qualquer adjunto adnominal antes do segundo adjetivo, pois será o ícone a deixar implícito o substantivo antes empregado no singular.

a) Ele conhece bem as línguas grega e latina
b) Ele conhece bem a língua grega e a latina

06. Embora o predicativo deva concordar com o sujeito, há casos em que isso não ocorre, assumindo o gênero masculino. Aparentemente, porque, na realidade, trata-se de uma reminiscência do gênero neutro em latim. Isso ocorre quando a palavra feminina aparece sem nenhuma determinação, tomando um sentido vago, abstrato. Assim:

a) Pinga não é bom para a saúde.
b) É proibido entrada.
c) Cerveja é permitido.
d) É necessário coragem.

Tão logo esses substantivos recebam uma determinação, a concordância passa a ser com o gênero do substantivo.

a) A cerveja é boa
b) Esta pinga não é boa para a saúde.
c) É ardida a pimenta.

07. O particípio concorda com seu substantivo

a) Estabelecidas essas premissas, vamos à conclusão.
b) Postos estes fundamentos, pode-se afirmar que...

Todavia, se o particípio integrar uma locução vergal, apenas se flexiona o particípio na voz passiva analítica.

a) Ele tem participado
b) Eles têm participado
c) Têm-se entregue os materiais
d) Estão sendo elaborados os dados

08. ANEXO / INCLUSO / APENSO / JUNTO

Concordam com quem se relacionam. Porém, ANEXO precedido da preposição EM não varia.

a) As estatísticas vão anexas ao relatório.
b) Os gráficos inclusos esclarecem a tese.
c) O formulário e a carta estão apensos.
d) À ficha está anexo o ofício.
e) As fichas seguem em anexo

09. MEIO

Pode ser substantivo, adjetivo, numeral e advérbio. Só não se flexiona quando advérbio.

a) O que ela disse é apenas meia verdade.
b) Ela ficou meio tonta.
c) Ao meio-dia e meia, saímos.
d) Ao meio-dia e meio defronte à farmácia, ficamos.
e) Meias palavras bastam
f) Bebi meia chávena de café.

10. MENOS / PSEUDO / A OLHOS VISTOS são sempre invariáveis

a) Há menos pessoas aqui.
b) Ela é uma pseudo-advogada

c) A crianças continuam a olhos vistos

11. TAL ... QUAL: "tal" concorda com o substantivo posposto imediatamente a ele; "qual" concorda com o substantivo posposto imediatamente a ele.

a) Tal pai, qual filho
b) Tal pai, quais filhos

12. OBRIGADO / GRATO / AGRADECIDO concordam com o emissor.

a) "Obrigada!" – disse Eliane aos coordenadores.
b) - Nós estamos gratos.
c) "Obrigados!" – falaram os convidados.
d) Agradecidos estão Lourdes e Marcos.

13. SÓ / SÓS / A SÓS

a) Só estamos nós. (invariável, pois o termo grifado é advérbio)
b) Sós, estamos nós. (o termo grifado é predicativo do sujeito, concordando com o sujeito)
c) Elas estão sós. (trata-se de um adjetivo, concordando com seu sujeito)
d) Elas estão a sós.(a locução "a sós" não se flexiona)
e) Só estudamos Contabilidade. (trata-se de um advérbio de limitação, não se declinando)
f) Sós, estudamos Contabilidade. (flexiona-se, pois é adjetivo/predicativo do sujeito)

14. MAL / MAU :

MAL: **Advérbio** (invariável) * O advérbio mantém relação com um verbo, com um adjetivo ou com outro advérbio)
Conjunção subordinada adverbial temporal (invariável)
Substantivo (variável) * O mal / os males
MAU : **Adjetivo** (variável: mau/má/maus/más)

a) Mal chegamos, pediram satisfações. [conjunção subordinada adverbial temporal]
b) Conduzimos mal os trabalhos. [advérbio]
c) Ele é mau. [adjetivo]
d) Ela é má. [adjetivo]
e) Más pessoas assaltaram aquele homem idoso. [adjetivo]
f) O mal destrói o homem; o bem edifica-o [substantivo]

15. QUITE / ALERTA

* QUITE varia em número , apenas. * ALERTA só varia quando for substantivo

a) Ela está quite, mas nós não estamos quites.
b) Ela está alerta.
c) Elas estão alerta.
d) Alerta e preocupadas continuam as garotas.
e) Os americanos estão alerta aos alertas.

16. CARO / BARATO

- Quando advérbios, invariáveis; quando adjetivos, flexionam-se.

b) As laranjas custaram caro. [V / F] * Verdadeiro
c) As cebolas foram caras. [V / F] * Verdadeiro
d) Aquelas caras mangas custaram barato, naquela outra loja. [V / F] * Verdadeiro
e) Champanhe é caro, amigo.[V / F] * Verdadeiro

17. O PRONOME RELATIVO "CUJO" : Flexiona-se em gênero e número.

f) O livro cuja as páginas me referi está sobre a mesa. [V / F] * Falso. Correção: O livro a cujas páginas me referi está sobre a mesa.
g) A revista cujo textos li ontem sumiu. [V / F] * Falso. Correção: A revista cujos textos li ontem sumiu.
h) A menina de cuja beleza aludiram com entusiasmo viajou. [V / F] * Falso. Correção: A menina a cuja beleza aludiram com entusiasmo viajou.

- Não use artigo após o pronome relativo "cujo".
- O pronome relativo "cujo" concorda nominalmente com o substantivo que o segue.
- Caso a oração que apresente o pronome "cujo" peça preposição, use-a antes do pronome relativo.

EXERCÍCIO

Leia o texto a seguir para responder à questão 01

Faz dois anos que Madalena morreu, dois anos difíceis. E quando os amigos deixaram de vir discutir política, isto se tornou insuportável.

Foi aí que me surgiu a idéia esquisita de, com o auxílio de pessoas mais entendidas que eu, compor esta história. A idéia gorou, o que já declarei. Há cerca de quatro meses, porém, enquanto escrevia a certo sujeito de Minas, recusando um negócio confuso de porcos e gado zebu, ouvi um grito de coruja e sobressaltei-me.

Era necessário mandar no dia seguinte Marciano ao forro da igreja.

De repente voltou-me a idéia de construir o livro. Assinei a carta ao homem dos porcos e, depois de vacilar um instante, porque nem sabia começar a tarefa, redigi um capítulo.

Desde então procuro descansar fatos, aqui sentado à mesa da sala de jantar, fumando cachimbo e bebendo café, à hora em que os grilos cantam e a folhagem das laranjeiras se tinge de preto.

Às vezes entro pela noite, passo tempo sem fim acordando lembranças. Outras vezes não me ajeito com esta ocupação nova.

- Graciliano Ramos

01. Julgue os itens que seguem

( ) Se reconstruíssemos a frase "... isto se tornou insuportável" [linha 2] e obtivéssemos "... a discussão e a política se tornaram **insuportável**" , a concordância do termo em destaque estaria correta em virtude de este estar concordando estilisticamente com o elemento mais próximo.
Resp.: Falso

( ) Flexionando-se no plural o período "Era necessário mandar no dia seguinte Marciano ao forro da igreja"[linha 7], obtém-se "Eram necessários mandar nos dias seguintes Marciano aos forros das igrejas.
Resp.: Falso

02. Faça a devida correção, observando a concordância.

FALTAS DO CANDIDATO NA PROVA DE DIREÇÃO VEICULAR, CATEGORIAS B, C, D e E

Existe motoristas que, sem o devido cuidado, entra na via preferencial, ocasionando acidentes.

Grande parte dos condutores de veículos também sobe na calçada destinada ao trânsito de pedestres ou estaciona. Haviam, na década de 70, os que morriam por excederem a velocidade indicada para a via. 2,1% do motorista brasileiro deixam de usar o cinto de segurança. Humberto é um dos que fazem incorretamente a sinalização devida ou deixam de fazê-la. Mais de uma pessoa usam a contramão de direção. Essas imprudências são chamadas de faltas graves. Todavia, verifica-se faltas médias: Tânia com sua irmã fazem conversão com imperfeição; algum dos meus colegas usam a buzina sem necessidade ou em local proibido; surge amadores que trafega em velocidade inadequada para as condições da via, a olhos visto. Fui eu e minha avó quem recebemos uma falta média, há dois minutos, na João de Barros, por utilizar incorretamente os freios. Já minha filha é mais prudente. Geralmente, recebe faltas leves. Quando desengrenou o veículo em um declive – recebendo uma falta média – ficou meia preocupada. Renatinha, minha filha, é quem melhor dirige.

Fazem três anos apenas que senta ao volante. Suas mais comuns faltas leves ocorre por apoiar o pé no pedal da embreagem com sua Brasília engrenada e em movimento; engrenar

as marchas de maneira incorreta; provocar movimentos irregulares, sem motivo justificado. Raras são as vezes, mas ajusta incorretamente o
banco do veículo destinado ao condutor. Essas suas faltas leves tem uma freqüência menor que as provocadas por Alberto, professor de Informática. O Estados Unidos apresentam, como falta grave mais acentuada, usar a contramão de direção.
O aproveitamento do candidato na prova prática de direção veicular deverá ser avaliado em função da pontuação negativa por faltas cometida no percurso.

CORREÇÃO DO TEXTO SUPRA

FALTAS DO CANDIDATO NA PROVA DE DIREÇÃO VEICULAR, CATEGORIAS B, C, D e E

Existem motoristas que, sem o devido cuidado, **entram** na via preferencial, ocasionando acidentes. Grande parte dos condutores de veículos também sobe na calçada destinada ao trânsito de pedestres ou estaciona. **Havia**, na década de 70, os que morriam por excederem a velocidade indicada para a via. 2,1% do motorista brasileiro deixam de usar o cinto de segurança.
Humberto é um dos que fazem incorretamente a sinalização devida ou deixam de fazê-la. Mais de uma pessoa **usa** a contramão de direção. Essas imprudências são chamadas de faltas graves. Todavia, **verificam-se** faltas médias: Tânia com sua irmã fazem conversão com imperfeição; algum dos meus colegas **usa** a buzina sem necessidade ou em local proibido; **surgem** amadores que **trafegam** em velocidade inadequada para as condições da via, a olhos **vistos**. Fui eu e minha avó quem recebemos uma falta média, há dois minutos, na João de Barros, por utilizar incorretamente os freios. Já minha filha é mais prudente. Geralmente, recebe faltas leves. Quando desengrenou o veículo em um declive – recebendo uma falta média – ficou **meio** preocupada. Renatinha, minha filha, é quem melhor dirige. **Faz** três anos apenas que senta ao volante. Suas mais comuns faltas leves **ocorrem** por apoiar o pé no pedal da embreagem com sua Brasília engrenada e em movimento; engrenar as marchas de maneira incorreta; provocar movimentos irregulares, sem motivo justificado. Raras são as vezes, mas ajusta incorretamente o banco do veículo destinado ao condutor. Essas suas faltas leves **têm** uma freqüência menor que as provocadas por Alberto, professor de Informática. O Estados Unidos **apresenta,** como falta grave mais acentuada, usar a contramão de direção.

O aproveitamento do candidato na prova prática de direção veicular deverá ser avaliado em função da pontuação negativa por faltas **cometidas** no percurso.

SINTAXE DE REGÊNCIA

A sintaxe de regência verbal consiste em reconhecer no contexto o sentido do verbo, para o emprego correto da predicação verbal ou o não uso de preposição entre o verbo e seu complemento. Desta forma, temos o emprego do complemento verbal como conseqüência de uma análise semântica. É mister reconhecer a polissemia dos principais verbos em concurso público. Também, há casos que exigem a substituição do complemento verbal por pronomes. O verbo ASSISTIR, por exemplo, no sentido de ver, presenciar, caro leitor, não aceita o uso do pronome LHE. Em "Assisti ao jogo", o termo grifado não aceita o pronome LHE. Assim, "Assisti –lhe" é incorreto. O modo correto é escrever: "Assisti a ele". Observe que a regência verbal também nos orienta quanto ao emprego de pronomes. Eis os principais verbais e suas respectivas regências:

01. **ASPIRAR**: Cheirar, absorver o ar = v.t.d.
Desejar = v.t.i.(a) * Não admite o pronome LHE

02. **VISAR**: Apontar, mirar ou rubricar, dar visto = v.t.d.
Desejar = v.t.i. (a) * Não admite o pronome LHE

03. **PREFERIR**: v.t.d.i. * Não é necessário usar os dois complementos. O objeto indireto expressa o que não se prefere, constituído com a preposição "a".

04. **ASSISTIR**: Ver, presenciar = v.t.i. (a) *Não admite o pron. LHE
Socorrer, dar assistência = v.t.d ou v.t.i. (a) * A transitividade indireta é a norma culta.
Residir = v.i. (em), apresentando o adjunto adv. de lugar.
Caber, pertencer = v.t.i. (a) * Admite o pronome "lhe"

Exs.:

a) Aspiramos conquistas heróicas. [F] / Aspiro a conquistas heróicas. [V]

b) Você aspira a / à rosa, às suas mãos, lembrando-se do rapaz. [Ambas corretas. Todavia, há mudança de sentido, não caracterizando caso facultativo de crase].

c) Você aspira àquela vaga, mas eu não aspiro a ela. [V]

d) O cargo que / à que ela visa, Rogério, Luciana não aspira a ele. [Ambas incorretas. Correção: Ao cargo a que ela visa, Rogério, Luciana não aspira a ele]

e) A informação que / à que eles aspiram, Lúcio, eu prefiro aludir a guardar em meu silêncio. [Use o acento grave antes do pronome relativo "que" e o período deve ser iniciado por acento grave (À informação...), pois "à informação será objeto indireto do verbo "aludir"]

f) Prefiro a viver na inércia aventuras que liberem adrenalina. [V]

g) Assistimos ao filme, mas Paulo não assistiu a ele.[V]

h) O médico assistiu o enfermo / O médico assistiu ao enfermo. [De acordo com a norma culta, apenas a segunda versão está correta. Todavia, “o médico assistiu o enfermo é norma popular]

i) O resultado da sentença assiste ao Juiz Leopoldo. [V]

j) O apartamento em que você assiste há drogas. [F] Correção: No apartamento em que você assiste há drogas.

05. **INFORMAR, AVISAR, CERTIFICAR, CIENTIFICAR, ACONSELHAR, PREVENIR, ADVERTIR:** v.t.d.i. *São pronominalizados apenas os complementos constituídos por “pessoa”.

Exs.:

a) Avisei o chefe do fato.

Avisei-o do fato

b) Avisei o fato ao chefe.
Avisei-lhe o fato.

c) Certificamo-lo do fato [V]
Certificamos-lhe o fato [V]

d) Advertiram-no das conseqüências [V]
Advertiram-nos as conseqüências. [V]

06. **CHAMAR:** Mandar vir = v.t.d.
Rogar = v.t.i. (por)
Cognominar, dizer algo a respeito de alguém ou de algo = Use a transitividade direta ou a indireta. Além do complemento verbal, o verbo exige o emprego do predicativo (preposicionado ou não preposicionado)

Exs.:

a) Chamei o soldado. Como ele não compareceu, chamei pelo soldado. [V]

b) Chamaram aquela terra de paraíso. / Chamaram aquela terra paraíso. [V]

c) Chamaram àquela terra de paraíso. / Chamaram àquela terra paraíso. [V]

d) Todos os rapazes, conforme registros pelos feitos, que veio a se chamar heróis receberam medalhas. [F] Correção: “... que vieram a se chamar heróis...”

e) Todos os rapazes, conforme registros pelos feitos, a que vieram a se chamar heróis receberam medalhas. [F] Correção: “... a que veio a se chamar heróis...”

07. **LEMBRAR e ESQUECER** = v.t.d.
* Quando pronominais, use a transitividade indireta. Também é bom ressaltar que **LEMBRAR** pode ser transitivo direto e indireto.

08. **QUERER:** Desejar = v.t.d. Quero alguns anúncios em locais estratégicos.[V]
Gostar, estimar = v.t.i. (a) As crianças a quem quero estão dormindo.[V]

09. **SIMPATIZAR:** v.t.i. (com) * Não pode ser usado pronominalmente
Simpatizei com você, Dulcinéia.[V]

010.**PAGAR** = v.t.d.i. Paguei a taxa ao cartório
Paguei o banco. / Paguei ao banco. [A forma correta é "Paguei ao banco"]

011.**CHEGAR**: v.i. * Não admite o uso da preposição "em"

Cheguei o clube / Cheguei ao clube. [A forma correta é "Cheguei ao clube"]
Cheguei do clube.

012.**ALUDIR**: v.t.i. (a) O resultado a que aludimos não foi lícito.. [V]

013.**CUSTAR**: Acarretar = v.t.d.i.
Relacionado a preço = v.i.
Demorar, ser difícil = v.t.i. (a) e pede sujeito oracional.

Exs.:
a) Lembrei que ela é culpada. [V]

b) Lembrei-me de que ela é culpada. [V]

c) Esqueci você, ontem. / Esqueci-me de você, ontem.[V]

d) Esqueci as informações, mas não me esqueci de você.[V]

e) Quero meus avós com intensidade.[F] * Quero a meus avós com intensidade.

f) Paguei à universidade, mas não paguei o colégio.[F] * ... não paguei ao colégio.

g) Simpatizei-me com suas idéias, Leandro.[F] * Simpatizei com suas idéias, Leandro.

h) O fato a que aludiram nos jornais locais não é tão grave.[V]

i) Sua má participação custou danos às filiais.[V]

j) A camisa custou vinte reais.[V]

k) Custou-me dividir os pertences.[V]

l) Custou-me reconhecer os criminosos.[V]

m) Eu custei a responder a prova.[F] * Custou-me perceber os erros na planilha

n) Esqueci de alguns livros que Marcus aludiu, ontem, como indispensáveis ao entendimento da metafísica. Sinceramente, prefiro aos presentes os substanciosos ensinamentos socráticos que possibilitam valores e conhecimentos densos, alimentando-nos em completude.[F] * Esqueci alguns livros (ou "Esqueci-me de alguns livros...") a que Marcus aludiu, ontem, como...

o) Posso informar aos senhores de que ninguém ousou aludir a tão delicado assunto.[F]
* Posso informar os senhores de que ninguém ousou aludir a tão delicado assunto / Posso informar aos senhores que ninguém ...

p) Lembrou-lhe que precisava voltar ao trabalho.[V]

q) Elas custaram para entender todas as situações.[F] * Custou-lhes entender todas as situações.

r) As informações que dispomos não são suficientes para esclarecer o caso.[F] * As informações de que dispomos não são suficientes para esclarecer o caso.

CRASE

PLANO BÁSICO

A + A = À
A + AQUELA = ÀQUELA
A + AQUELE = ÀQUELE
A + AQUILO = ÀQUILO

LEITURA DO PLANO BÁSICO: Observe que a crase ocorre da fusão entre a preposição "A" e o artigo "A". Logo, o acento grave surge de termos sintáticos que apresentam preposição. Assim sendo, quais os termos sintáticos que trazem preposição? **Objeto indireto, complemento nominal e adjunto adverbial.** Portanto, use o acento grave apenas em adjunto adverbial, complemento nominal e objeto indireto, desde que os núcleos sejam palavras femininas e definidas ou masculinas, quando precedidas do pronome demonstrativo "aquele".

1. Os colegas foram **a** praia, **as** pressas, **a** vontade, **as** 8 horas. [Use acento grave em todos os termos em negrito s, pois são adjuntos adverbiais, os núcleos são constituídos por palavras femininas e definidas]
2. **A** amiga Luciana, durante a reunião , os diretores fizeram alusão. [Use acento grave no termo em negrito . Trata-se de complemento nominal, tendo "alusão" como termo regente]
3. Obedeço às normas tradicionais. [O emprego do acento grave é correto, pois termos objeto indireto]
4. Irei a alguma praia. [embora seja adjunto adverbial o termo grifado, não é correto o uso do cento grave, pois o substantivo "praia" está indefinido]
5. Aludiram a Roma. [V]
6. Aludiram a Roma de César. [F]
7. Vi os meninos a distância. [V]
8. Vi os meninos a distância de dois metros. [F]
9. Cheguei a casa.[V]
10. Cheguei a casa de meus avós. [F]
11. Os marinheiros desceram a terra, após meses de explorações marítimas.[V]
12. Após duas semanas, desceu a terra, reconfortando-se com os seus.[F]

* No item 12, o erro está na ausência do acento grave antes da palavra "terra" . O termo grifado é uma oração subordinada adjetiva explicativa reduzida de gerúndio. Sua forma desenvolvida seria: "...onde se estava reconfortando com os seus / na qual se estava reconfortando com os seus / em que se estava reconfortando com os seus". Ora, se a oração é subordinada adjetiva, exerce a função de adjunto adnominal (sintaticamente) e morfologicamente tem valor de adjetivo . Eis o determinante, então. Resta-nos, enfim, o emprego do acento grave no item 12.

Obs.: Com as palavras "Roma", "Terra", "Distância" e "Casa", exercendo os valores sintáticos de objeto indireto, complemento nominal e adjunto adverbial, apenas use o acento grave quando acompanhadas de um determinante.

13. A menina a quem ofereceram rosas viajou, novamente. [nunca use acento grave antes do pronome relativo "quem", pois se trata de um pronome relativo indefinido]
14. Daqui a uma hora, amigos, partiremos. [como a hora não está definida, não use o acento grave]
15. Cheguei a colinas barrocas.[não se usa o acento grave, quando o "a" estiver no singular e o substantivo estiver no plural, pois fica evidente que não existe artigo. E se não há artigo, o substantivo está indefinido, sendo o "a" apenas a preposição]
16. Cheguei as colinas barrocas. [F]
17. Dei o material a Sérgio.[não há crase, pois "Sergio" é uma palavra masculina]
18. Ela usa sapatos à Luís XV. [Use acento grave, pois existe implícita a palavra "moda"]
19. Viso aquele emprego, Amélia. [Falso, pois falta o acento grave. A preposição vinda da regência verbal irá se aglutinar com o "a" do pronome demonstrativo "aquele". De fato, temos acento grave diante de palavra masculina]
20. Prefiro isto aquilo. [F]
21. Estou a analisar processos. [nunca use acento grave antes de palavra verbal]

Nota: Não se emprega acento grave diante de palavras de gênero masculino, exceto quando precedidas do pronome demonstrativo “aquele”.

22. Fiz referências a algumas propostas oportunas. [V]
23. A beleza a que me referi lembra quadros simbolistas. [F]
24. As propostas a que aspiro eles não estão bem certos de que são benéficas. [V]
25. As propostas as quais aspiro eles não estão bem certos de que são benéficas.[F]
26. A diretora a quem entreguei os projetos continua ansiosa por mudanças.[V]

Nota: Usar-se acento grave antes do pronome relativo “QUE”, quando ele representar palavra feminina/definida e, claro, a Or. Subord. Adjetiva exigir em sua regência a preposição “A”. [**23**]

Mesmo sendo representação de palavra feminina/definida, não haverá acento grave antes do pron. Relativo “QUE”, caso o termo anterior ao pronome relativo esteja no plural. [**24**]

Use acento grave antes do pronome relativo “QUAL”, quando substituir palavra definida/feminina, desde que haja regência oportuna na or. Adjetiva. [**25**]

Não se emprega acento grave diante do pronome relativo “QUEM”, por ser indefinido. [**26**]

27. As 18 horas, nós estaremos viajando. [F]
28. Elas saíram da sala, Sônia, a uma, as 20 horas. [F]
29. Saímos a uma da tarde.[F]
30. A carta a cuja mensagem fui grata guardo com carinho.[antes do pronome relativo “cuja” não use o acento grave]
31. Fui a Bahia. [F]
32. Fui a Salvador [V]
33. Irei a Portugal. [V]

* Fui à Bahia / Voltei da Bahia (ao inverter a ação verbal, percebam que a preposição “de” se fundiu com o artigo. Logo, em “Fui à Bahia” empregue o acento grave. Porém, se na inversão verbal, não ocorrer a fusão da preposição “de” com o artigo “a”, não use o acento indicativo de crase. É que o substantivo próprio não aceita o emprego do artigo.

34. Dei os relatórios a sua amiga. [caso facultativo]
35. Dei os relatórios a suas amigas. [o acento grave não pode ser usado]
36. Forneci os dados a minha colega, mas não os dei a sua. [F] * Se o pronome possessivo não estiver seguido de substantivo, o acento grave passa a ser obrigatório, desde que haja a preposição “a” precedendo o pronome, claro.
37. Chegaremos até a esquina. [V]
38. Comuniquei as mudanças a Helena.[V]
39. Aludiram a Joana D`Arc.[V]

Nota: O acento grave é facultativo diante do pronome possessivo feminino/no singular, após a palavra “ATÉ” e diante de nome de mulher (subst. Próprio) quando não conhecida publicamente. É facultativo antes de pronome possessivo feminino no singular, pois a opção de uso é do artigo.

40. Chamei as meninas de tolas, apesar de não serem. [caso facultativo]
41. A enfermeira assistiu a enferma com amor. [V]
42. Aspiro à rosa / Aspiro a rosa.[embora corretas as duras versões, mas não temos caso facultativo, pois há mudança de sentido]
43. Haja vista a nova informação, é melhor. [caso facultativo]
44. Assisti a novela *o cravo e a rosa*, mas minha amiga não assistiu a ela. [F]

Obs.: Não use acento grave diante de sujeito e objeto direto.
Não use acento grave diante de pronomes de tratamento, exceto Senhora, Senhorita, Dona e Madame.

Definiu-se a distância de quatro metros. [V]
Vendi a casa de meus avós.[V]
Ofereci livros a V. Sa. e a senhora Lourdes, mas a Senhora Lourdes não quis.[F]

EXERCÍCIO - CRASE

01. Indique a seqüência que preenche corretamente as lacunas:

A exegese que se vem impondo nesta Casa, acerca do assunto, decorre da análise conjunta de três elementos que lhe dão lastro. São eles: ---- notória especialização da contratada; ----singularidade do objeto, examinada sempre, em relação --- existência no mercado de muitos profissionais na área, aptos --- desenvolverem os mesmos serviços com ---- mesma qualidade; --- inviabilidade de competição, descaracterizada em face de se ver prejudicada --- singularidade do objeto, porquanto, uma vez que várias empresas podem realizá-lo, não existem motivos para que não haja --- competição. Esta interpretação, que vem sendo efetuada no texto da lei, leva-nos quase que --- idéia de exclusividade da contratada, ou seja, o objeto só será singular se apenas uma empresa for capaz de realizá-lo.

(*Adaptado de Eduardo Bittencourt Carvalho)*

a) a, a, a, a, à, a, à, a, a
b) a, à, a, a, à, a, a, a, à
c) a, a, à, a, a, a ,a ,a, à
d) a, a, à, a, a, à, a, a, a
e) a, a, à, à, a, a, a, a, a

02- Marque a opção que preenche corretamente as lacunas.

Completamente excluídos das engrenagens de desenvolvimento da sociedade, os miseráveis são reduzidos _____ uma condição subumana. Seu único horizonte passa ____ ser ____ luta feroz pela sobrevivência. No lixão do Valparaíso, ____ poucos quilômetros de Brasília, ____ gente disputando os restos com os animais. (Fonte: Revista VEJA, edição 1735)

a) à, a, a, há, há

b) a, à, à há, a

c) a, a, a, a, há

d) à, a, a, à, há

e) a, à, à, há, a

03. CRASE - “Lá vinha ele trotando à frente de sua dona, arrastando seu comprimento. Desprevenido, acostumado, cachorro.”
Na frase acima e na frase “Enquanto Pedro se dedicava à oração, os outros viviam apenas para as farras e as diversões profanas”, o sinal indicativo da crase foi usada pela mesma razão.
[V – F]

04. As provas ...... quais eles se submeteram foram entregues ...... coordenação ..... dezesseis horas.
a) as - à - as
b) às - à - as
c) às - a - às
d) às - à - às
e) as - a – às

05. U**so ou omissão do sinal indicativo da crase no** *Texto 1*.

V	F	
0	**0**	*Em "Às vezes, de tão descrente, tinha vontade de contar a Mira", usou-se o sinal indicativo de crase por se tratar de uma locução adverbial de que participa uma palavra feminina.*
1	**1**	*Em "Apenas espaçou as idas à casa de Mira e..." o sinal indicativo de crase está errado, porque "casa" significa "lar", "residência própria".*
2	**2**	*Em "... deixou de ir ao Lograador, até dar à luz um menino bem feitinho de corpo...", o sinal indicativo de crase foi usado corretamente porque o termo antecedente exige a preposição "a" e o termo conseqüente admite o artigo feminino "a".*
3	**3**	*Em "Ana, numa última homenagem àquele que em tão curto espaço de tempo recompensara-lhe os desprazeres vividos...", o sinal indicativo de crase deveria ter sido omitido, porque "aquele" é sujeito de "recompensara".*
4	**4**	*Se em "Floriam os campos agora bem visíveis aos seus olhos", substituíssemos "aos seus olhos" por "a toda hora", haveria necessidade de usar o sinal indicativo de crase, porque o termo antecedente exige a preposição "a" e o termo conseqüente admite o artigo feminino "a".*

GABARITO DO TESTE (CRASE) :

01. C   02. C   03. F   04. D   05. V/F/F/F/F

SINTAXE DE COLOCAÇÃO PRONOMINAL.

Próclise = Pronome oblíquo antes do verbo.
Ênclise = Pronome oblíquo após o verbo.
Mesóclise ou Tmese = Pronome oblíquo entre o verbo.

Obs.: A próclise pode ser empregada, desde que não inicie orações. Todavia, existindo termo atrativo, a próclise deve ser usada.

São termos atrativos:

Advérbio;
Palavras negativas;
Pronome demonstrativo;
Conjunção Subordinada;
Frases optativas;
Frases exclamativas;
Pronome relativo;
A palavra “ambos”;
Pronome indefinido;
Frases interrogativas.
Verbos no gerúndio precedido da prep. “em”

Exs.:

1. Não se mostrou animado com as novidades que se firmaram através da imprensa.
mostrou-se [F] que firmaram-se [F]
Alguém o considerou hermético. Em se tratando de opacidade, ninguém o precede.
considerou-o [F] tratando-se [F]
precede-o [F]

- Em todos os casos acima, temos o uso da próclise, em virtude do emprego de termos atrativos.

2. Ela se inquietou quando a chamaram de inconseqüente. Os que lhe lançaram julgamentos não maduros serão repreendidos, de fato. [V]

- Em “Ela se inquietou”, temos o uso da próclise, embora devemos usar a próclise. Com isso, não tenhamos a próclise como erro gramatical. É que a precedência é do pronome enclítico. Quando o termo não for atrativo, próclise e ênclise estão corretas, mas a ênclise tem precedência em relação à próclise, pois a ênclise demonstra a ordem direta, que tem precedência em comparação com o uso da próclise, que demonstra o uso da ordem inversa. Assim, em concurso público, se afirmarem que em “Ela se inquietou”, temos o uso da próclise, mas podemos usar a ênclise, está incorreta a afirmação. O que fundamenta erro é que não podemos usar a ênclise, mas devemos usar a ênclise.

3. Bons ventos o levem. [V] * A frase optativa é a expressão de um desejo, cabendo ao sujeito
levem-no [F] a opção em realizar a ação.

4. Receptivo ao convite, o juiz se entregou à polícia Federal. A operação Moréia foi um sucesso. [V] * Como “juiz” não é termo atrativo, também estaria correto “.. entregou-se”

5. Eu te amo!
amo-te! [F] * A frase é exclamativa.

6. Eu te amo. [V] Como pronome pessoal não é termo atrativo, ambos corretos, embora a ênclise te-
amo-te [V] nha precedência.

7. Comprei o livro que ofereceram-me. [F] * pronome relativo é termo atrativo.
me ofereceram [V]

8. Quero que se esqueçam de tudo. [V] * Conjunção subordinada é termo atrativo.
esqueçam-se [F]

9. Nada incomoda-me [F]
me incomoda [V]

10. Não te devolver [V] o material é a única alternativa que me resta.[V]
devolver-te [V] resta-me. [F]

Obs.: Mesmo existindo termo atrativo, se o verbo estiver no infinitivo, devo empregar a Próclise, mas posso usar a ênclise.

11. Se não se envolvesse com drogas, estaria vivo. [V]
Se se não envolvesse [F]
Se não envolvesse-se [F]

Obs.: Existindo mais de um termo atrativo, o pronome oblíquo deve ser usado após o último termo atrativo.

12. Quando me chamarem, entregar-lhe-ei as provas do crime que... [V]
chamaram-me, entregarei-lhe [F]
lhe entregarei [F]

Obs.: Usar-se-á a mesóclise com verbos no futuro do presente e no futuro do pretérito, desde que não haja termo atrativo.

13. Se se preocupasse com todos, dir-nos-ia a verdade. [V]
diria-nos [F]

14. Ninguém me forneceria as provas, se Leandro não autorizasse. [V]
fornecer-me-ia [F]
forneceria-me

TOPOLOGIA PRONOMINAL EM LOCUÇÃO VERBAL

Não devo-lhe dizer. (F) * Como há termo atrativo, corrija usando o pronome proclítico ao auxiliar.
Devo-lhe dizer. (V)
Dever-lhe-ia dizer. (V) * Como o auxiliar está no futuro do pretérito, está correta a mesóclise.
Não devo lhe dizer. (F) * Como há termo atrativo, corrija usando o pronome proclítico ao auxiliar.
Devo lhe dizer. (V)
Deveria dizer-lhe. (V) * Está correta a estrutura. Apenas o particípio não aceita pronome posposto.
Não lhe devo dizer. (V)
Lhe devo dizer. (F) * Não se inicia oração com pronome oblíquo.
Não dever-lhe-ia dizer. (F) * Está incorreta, pois a mesóclise não pode ser usado quando houver termo atrativo.
Não devo dizer-lhe. (V) * Mesmo existindo termo atrativo, mas o verbo principal está no infinitivo. É a única condição de se ignorar um termo atrativo, caso o emissor queira.
Devo dizer-lhe. (V)
Alguém me tem dito. (V) * O pronome indefinido atrai o pronome oblíquo.
Tem-me dito. (V)
Alguém ter-me-ia dito. (F) * Como empregar a mesóclise com termo atrativo? Impossível.
Alguém tem-me dito. (F)
Tem me dito. (V)
Ter-me-ão falado. (V)
Alguém tem me dito. (F) * O pronome indefinido atrai o pronome oblíquo.
Me tem dito. (F) * Não se inicia oração com pronome oblíquo.
Ter-se-lhe-ia entregue o livro. (V)
Alguém tem dito-me. (F) * Particípio não aceita a ênclise
Tem dito-me.(F) * Particípio não aceita pronome oblíquo posposto a ele.
Teria devolvido-lhe o livro. (F)

PONTUAÇÃO

01. Os clientes solicitaram acentuados descontos ao comerciante .

02. Prefiro a salgados alguns doces.

Nota: Não use vírgula entre sujeito e verbo, entre verbo e complemento verbal, entre objeto direto e objeto indireto, entre objeto indireto e objeto direto. Haverá momentos em que existirá uma pausa na oralidade, mas não empregue a vírgula entre esses termos sintáticos, quando diretamente ligados.

03. **À noite**, Luciana escreveu a carta

04. Luciana, **à noite**, escreveu a carta.

05. Luciana irá **à praia**.

Nota: Mesmo deslocado, se o adjunto adverbial não for oracional, a vírgula é optativa. Todavia, se a preposição do adjunto adverbial vier do termo anterior a ele, a vírgula é inaceitável. O emprego da vírgula nos casos 03 e 04 apenas dão destaque a idéia expressa pelo adjunto adverbial.

06. Se ela estivesse aqui, dar-lhe-ia uma rosa.

07. Dar-lhe-ia uma rosa, se ela estivesse aqui.

Nota: Se o adjunto adverbial for oracional, quando deslocado, a vírgula é obrigatória. A vírgula nesse caso estará justapondo as orações do período. Porém, não estando deslocada, a vírgula passa a ser optativa, pois a conjunção subordinada do adjunto adverbial oracional tem a função de justapor as orações do período. Se usar a vírgula, estaremos apenas dando destaque ao adjunto adverbial oracional.

08. O homem, que é animal racional, edifica sonhos.

09. João Paulo II, que é o papa, está doente.

10. A manga **que estava madura** sumiu.

Nota: Nos itens 08 e 09, a pontuação é mister. As orações subordinadas adjetivas explicativas são demarcadas por vírgula ou travessão. Representam valores absolutas, não havendo espaço para restrição. Não se restringe valores absolutos. Já no item 10, virgular a oração em negrito é opção do emissor.

Caso queira torná-la explicativa, a vírgula concretiza essa idéia. Como a idéia ou carga semântica de uma oração está alicerçada em sua classificação, pondo as vírgulas na oração em negrito, haverá mudança de sentido.

11. Gustavo, **o presidente do clube**, reconhece seus erros.

12**. O presidente do clube**, Gustavo reconhece seus erros.

13. Renata, Leandro chegou à sala

14. Leandro, Renata, chegou à sala.

15. Leandro chegou à sala, Renata.

Nota: Aposto e vocativo são demarcados por pontuação. Os termos em negrito representam o aposto e os termos grifados espelham o vocativo. Iniciando a estrutura oracional, use a vírgula após; no final da frase, use vírgula antes e, por fim, no “meio” da oração , use-os entre vírgulas. Não obstante, é bom ressaltar que o aposto no final da oração pode vir sinalizado por dois-pontos, travessão ou vírgula; no “meio” da oração pode ser pontuado por travessão. Também ha o caso do aposto especificativo, ou seja, substantivo comum seguido de substantivo próprio. Neste último caso, o aposto não será demarcado por pontuação (O gerente **Lúcio Almeida** saiu). “Lúcio Almeida” é aposto. Se colocássemos entre vírgulas, ele passaria a ser vocativo.

16. Li romances, contos, novelas .

17. Li romances, novelas e contos.

18. Li romances e novelas e contos e bíblias e teses e ensaios.

Nota: Use vírgula para justapor termos sintáticos iguais (item 16), caracterizando uma figura de construção chamada assíndeto. No item 17, se antes do último elemento em seqüência usarmos a conjunção : “e”, esta substitui a vírgula. E no item 18 temos a figura de construção chamada polissíndeto, que na composição de um texto dissertativo não deve ser empregada. Todavia, não caracteriza erro gramatical. Outrossim, gostaria de ressaltar que, no item 18, a vírgula anteposta aos conectivos aditivos não seria erro gramatical.

19. Construí prédios, aumentei o número de galerias, refiz plataformas.

Nota: Use vírgula para justapor orações.

20. Alberto elaborou projetos, e Sérgio ergueu pontes.

Nota: Quando a conjunção aditiva “e” ligar oração com sujeitos distintos, a vírgula antes da conjunção é obrigatória.

21. Comeu bastante, e continua faminto.

Nota: Sendo “e” conjunção adversativa, embora o sujeito seja o mesmo referente, a vírgula antes da conjunção é necessária.

22. Construí, caro amigo, prédios; aumentei, senhoras, o número de galerias; refiz, meu povo, plataformas.

Nota: As vírgulas acima foram empregadas para demarcar o vocativo. O ponto-e-vírgula deve ser usado para justapor orações que já apresentem vírgula em suas estruturas internas. O emprego do ponto também estaria correto, substituindo o ponto-e-vírgula.

23. O mal destrói o homem; o bem edifica-o.

Nota: Use ponto-e-vírgula para justapor orações que apresentam idéias opostas. O emprego do ponto substituindo o ponto-e-vírgula também estaria correto.

24. São condições necessárias no ato da inscrição: ter curso superior; ser brasileiro; falar língua estrangeira; estar com os compromissos tributários atualizados.

Nota: Empregue ponto-e-vírgula para justapor citações. Se antes da última citação for empregada a conjunção aditiva “e”, esta substitui o ponto-e-vírgula.

25. Recife, 05 de agosto de 2000. * A vírgula ao lado está justapondo termos sintáticos iguais.

26. Preocupados, os rapazes estão.

27. Preocupados estão os rapazes.

Nota: Se o predicativo do sujeito estiver deslocado, use vírgula para demarcar o termo deslocado [26] . Todavia, se for empregado verbo de ligação entre o sujeito e o predicativo, este – mesmo deslocado – não recebe vírgula [27] .

28. Quem gerencia seus dias vence alguns dos obstáculos que lhe chegam à frente.

* Sendo “Quem gerencia seus dias” sujeito oracional do verbo **vencer**, não podemos usar uma vírgula após a palavra “dias”. Mas, caso o emissor queira, ele pode usar uma vírgula após a palavra “obstáculos”. Não se trata de um caso facultativo, pois “que lhe chegam à frente” é uma oração subordinada adjetiva.
Pondo a vírgula, temo-la como oração subordinada adjetiva explicativa; não escrevendo a vírgula antes do pronome relativo, passamos a ter uma oração subordinada adjetiva restritiva.

Portanto, não temos um caso facultativo de vírgula nas orações subordinadas adjetivas, pois haveria mudança de sentido.

29. Falar a verdade a todos os circundantes é necessário a todos os seres humanos quando se deseja o reconhecimento do exercício da ética e da moral.

Nota: A oração grifada é subordinada adverbial temporal. A vírgula antes da conjunção subordinada temporal "quando" é optativa, visto não está deslocada.

30. À noite, às escondidas, com meus filhos assisti a jogos esportivos.

Nota: As duas vírgulas acima estão justapondo termos sintáticos iguais. Não use vírgula antes do termo grifado, pois complemento verbal seguido por seu predicativo não admite vírgula. Caso você queira, pode usar uma vírgula após a palavra "filhos", dando destaque ao adjunto adverbial de companhia "com meus filhos".

31. Os curiosos, **que, à semana passada, foram àquela praia**, voltaram surpresos com a situação presente.

Nota: As vírgulas acima na oração subordinada adjetiva não são facultativas: a oração em negrito é subordinada adjetiva explicativa com as vírgulas antes do pronome relativo e após a palavra "praia". Ambas se relacionam. Se retirarmos as vírgulas, a oração passaria a ser restritiva. Também é oportuno observar que na estrutura interna da oração subordinada adjetiva há um adjunto adverbial de tempo não oracional. Logo, as vírgulas desse adjunto adverbial são optativas. Usando-as, passa o adjunto adverbial a ser destacado. O termo grifado exerce a função de complemento nominal, sendo impossível o uso da vírgula após a palavra "surpresos", pois não se emprega vírgula entre o termo regente e seu complemento nominal, quando diretamente ligados. Se o concurso público disser que a substituição das vírgulas da oração adjetiva por travessão teria precedência, estaria correta a afirmação, visto já existir vírgula na estrutura interna da adjetiva explicativa. Vejamos, por fim, as quatro maneiras de pontuar o período supra:

- Os curiosos que à semana passada foram àquela praia voltaram surpresos com a situação presente.
- Os curiosos, que à semana passada foram àquela praia, voltaram surpresos com a situação presente.
- Os curiosos que, à semana passada, foram àquela praia voltaram surpresos com a situação presente.
- Os curiosos, que, à semana passada, foram àquela praia, voltaram surpresos com a situação presente.

EXERCÍCIOS

01. IDENTIFIQUE O ITEM EM QUE A PONTUAÇÃO ESTÁ CORRETA

a) Sobre a sociedade, acima das classes, o aparelhamento político – uma camada social, comunitária embora nem sempre articulada – impera, rege e governa, em nome próprio, num círculo impermeável de comando. Esta camada, que não representa a nação, quando forçada pela lei do tempo, renova-se e substitui velhos por moços, inaptos por aptos, num processo que cunha e nobilita os recém-vindos, imprimindo-lhes os seus valores.

b) Sobre a sociedade acima das classes, o aparelhamento político – uma camada social, comunitária embora nem sempre articulada; impera, rege e governa, em nome próprio, num círculo impermeável de comando. Esta camada, que não representa a nação, quando forçada pela lei do tempo, renova-se e substitui velhos por moços, inaptos por aptos, num processo que cunha, e nobilita os recém-vindos, imprimindo-lhes os seus valores.

c) Sobre a sociedade, acima das classes, o aparelhamento político: uma camada social, comunitária embora nem sempre articulada – impera, rege e governa, em nome próprio, num círculo impermeável, de comando. Esta camada, que não representa a nação, quando forçada pela lei do tempo, renova-se e, substgitui velhos por moços, inaptos por aptos, num processo que cunha e nobilita os recém-vindos, imprimindo-lhes, os seus valores.

d) Sobre a sociedade acima das classes, o aparelhamento político; uma camada social, comunitária embora nem sempre articulada; impera, rege e governa em nome próprio, num círculo impermeável, de comando. Esta camada, que não representa a nação, quando forçada pela lei do tempo, renova-se e substitui, velhos, por moços, inaptos por aptos num processo que cunha e nobilita, os recém-vindos, imprimindo-lhes os seus valores.

e) Sobre a sociedade acima das classes o aparelhamento político. Uma camada social, comunitária embora nem sempre articulada – impera rege e governa, em nome próprio, num círculo impermeável de comando. Esta camada, que não representa, a nação quando forçada pela lei do tempo renova-se e substitui velhos por moços, inaptos por aptos, num processo que cunha, e nobilita os recém-vindos, imprimindo-lhes os seus valores. [Raymundo Faoro – Os Donos do Poder]

02. Assinale a frase em que a pontuação está incorreta.

a) E ficou de olhos abertos, concentrado esperando, que o dia nascesse e seus mortos, partissem.
b) Tomado de surpresa, fico imóvel, e somos como um feliz, ainda que insólito, casal de namorados.
c) O escuro da garagem reteve-as por alguns momentos, até que a vencedora emergiu, vagarosa, arquejante.

d) É bom que um homem, vez por outra, deixe o litoral misterioso e grande, querendo contemplar uma lagoa.
e) Pegou o telefone, deu instruções à companhia, acrescentando com meio desprezo: o que tem mais aqui é livro.

03.Assinale a frase em que faltam vírgulas.

a) Quem sabe se os dois tinham uma receita de felicidade?
b) Seria inútil explicar-lhe que um celeiro de brejo não tem preço.
c) Boa distração a gente sonhar construir castelos arquitetar episódios romanescos.
d) As pessoas distantes atingiram essa altura desolada em que papel e tinta nada significam.
e) A lembrança dele é grata aos que conheceram os últimos dias de glória dos teatros do interior.

04. Leia o texto com a finalidade de pontuá-lo corretamente.

> "Diz a sabedoria popular chinesa (1) que toda marcha (2) por mais longa (3) e importante que seja (4) começa (5) com o primeiro passo. Dar (6) esse primeiro passo (7) às vezes (8) exige (9) grande determinação (10) esforço monumental e (11) muita coragem . Principalmente se o passo (12) for em direção (13) a um caminho desconhecido (14) com o qual (15) não estamos acostumados a lidar por conta dos vícios adquiridos."
>
> (Revista Veja)

Os números que devem ser substituídos por vírgulas são

a) 2 – 4 – 7 – 8 – 10 – 14
b) 1 – 4 – 5 – 9 – 11 – 14
c) 3 – 5 – 6 – 8 – 10 – 12
d) 1 – 2 - 3 – 4 – 7 – 10 - 12
e) 2 – 3 – 4 – 7 – 9 – 13 - 15

GABARITO: 01. A 02. A 03. C 04. A

COERÊNCIA E COESÃO TEXTUAL

Nas questões 02 e 03, numere os períodos de modo a constituírem um texto coeso e coerente e, depois, indique a seqüência numérica correta.

02 - ( ) Por isso era desprezado por amplos setores, visto como resquício da era do capitalismo desalmado.

( ) Durante décadas, Friedman – que hoje tem 85 anos e há muito aposentou-se da Universidade de Chicago – foi visto como uma espécie de pária brilhante.

( ) Mas isso mudou; o impacto de Friedman foi tão grande que ele já se aproxima do status de John Maynard Keynes (1883-1945) como o economista mais importante do século.

( ) Foi apenas nos últimos 10 a 15 anos que Milton Friedman começou a ser visto como realmente é: o mais influente economista vivo desde a Segunda Guerra Mundial.

( ) Ele exaltava a 'liberdade', louvava os 'livres mercados' e criticava o 'excesso de intervenção governamental.'

(Baseado em Robert J. Samuelson, Exame, 1/7/1998)

a) 4, 2, 5, 1, 3
b) 1, 2, 5, 3, 4
c) 3, 1, 5, 2, 4
d) 5, 2, 4, 1, 3
e) 2, 5, 4, 3, 1

03 - ( ) Na verdade, significa aquilo que um liberal americano descreveria (sem estar totalmente correto, porém) como conservadorismo.

( ) Nos Estados Unidos, liberalismo significa a atuação de um governo ativista e intervencionista, que expande seu envolvimento e as responsabilidades que assume, estendendo-os à economia e à tomada centralizada de decisões.

( ) A guerra global entre estado e mercado contrapõe 'liberalismo' a 'liberalismo'.

( ) No resto do mundo, liberalismo significa quase o oposto.

( ) Esta última definição contém o sentido tradicional dado ao liberalismo.

( ) Esse tipo de liberalismo defende a redução do papel do Estado, a maximização da liberdade individual, da liberdade econômica e do papel do mercado.

(Exame, 1/7/1998)

a) 1, 5, 3, 4, 2, 6
b) 3, 1, 4, 5, 6, 2
c) 2, 4, 5, 3, 6, 1
d) 4 , 2, 1, 3, 6, 5
e) 1, 3, 2, 6, 5, 4

04- Numere o segundo conjunto de sentenças de acordo com o primeiro, de modo que cada par forme uma seqüência coesa e lógica.

(1) A experiência mundial produziu uma ordem razoavelmente depurada de radicalismos ideológicos neste fim de século.

(2) As reformas tributária, da legislação trabalhista e da previdência são necessárias à consolidação de uma economia de mercado com altas doses de investimento e de geração de empregos.

(3) O Plano Real interrompeu a ciranda de preços e, com isso, erradicou o imposto inflacionário.

(4) Um fator crítico para consolidar a moeda forte é um banco central independente.

(5) Os governos nacionais que compreendem a lógica da economia de mercado implementam políticas públicas compatíveis com a nova ordem em formação.

(Baseado em Paulo Guedes, Exame, 1/7/1998)

( ) Este era politicamente ilegítimo (uma taxação sem legislação) e socialmente injusto.

( ) Ele remeteria ao Congresso o ritual de aprovação de despesas e arrecadação de impostos, o que poderia aumentar a transparência da atuação do Estado.

( ) Os que não a compreendem, quer por preconceitos ideológicos, quer por motivos religiosos, quer por ignorância, cavam um fosso no qual aprisionam populações inteiras.

( ) Mas elas precisam ser transmitidas em linguagem cotidiana para que ‘globalização’ não signifique ‘desnacionalização industrial somada a ciranda financeira internacional’.

( ) Seus alicerces são sistemas políticos democráticos, economias de mercado em processo de globalização, ação social descentralizada por parte de governos nacionais e a consolidação de moedas fortes.

A seqüência numérica correta é:

a) 5, 4, 2, 3, 1
b) 3, 4, 5, 2, 1
c) 1, 5, 3, 4, 2
d) 2, 1, 4, 5, 3
e) 4, 2, 5, 1, 3

05- Assinale o segmento que apresenta erro de concordância.

a) As empresas estrangeiras registram o capital que investe no país como empréstimos feitos pela matriz para poder remeter os juros às matrizes sem pagar imposto de renda. Há muitas propostas para reduzir a evasão fiscal no país. Uma delas é a cobrança de imposto sobre o faturamento das empresas.
b) No sistema financeiro, 34% dos débitos reconhecidos com a Receita estão com o pagamento suspenso por causa de liminares. As empresas deixaram de pagar cerca de 12 bilhões de reais em impostos nos últimos cinco anos, dos quais 3,5 bilhões seriam devidos pelos bancos.
c) O motivo: a Lei nº 8200, de 1991, permitiu a correção monetária das despesas nos balanços, mas não fez o mesmo com as receitas. Boa parte dos dólares aplicados por investidores estrangeiros no país seria de brasileiros. O dinheiro, depositado em paraísos fiscais, retorna ao país sob a forma de investimento em ações e em aplicações de renda fixa, sem identificação do titular da conta, e sai sem pagar imposto algum.
d) As empresas acumulam prejuízos de 183 bilhões de reais e querem transformá-los em créditos com o Fisco. Desse total, 23 bilhões são perdas contabilizadas por instituições financeiras. Se esse volume de recursos fosse usado de uma só vez, equivaleria a mais de um ano de arrecadação.
e) Das 530 maiores empresas do país, metade não pagou imposto de renda em 1997. O mesmo ocorreu com os bancos. Das 66 maiores instituições financeiras, 42% não recolheram imposto de renda. A Receita tem 115 bilhões de reais a receber em impostos devidos pelas empresas que não foram pagos por causa do que se chamou de “indústria de liminares”.

(*Exame, 02/06/1999, p.14 e 15, com adaptações)*

06- Assinale a opção em que o texto foi transcrito com erro de concordância verbal.

a) Um delegado mal-intencionado pode perse-guir um cidadão ou uma empresa ou, da mesma forma, proteger um sonegador. Por isso, essas indicações sempre foram olimpicamente disputadas pelos partidos.
b) A partir de 1994, a Receita Federal passou a nomear todos os delegados e superinten-dentes do órgão nos Estados, sem nenhuma interferência política. Esses cargos compõe o sistema nervoso da Receita.
c) Há casos de funcionários, como os inspetores alfandegários de aeroportos e portos, que há anos eram escolhidos por políticos. O resultado é que a fiscalização ganhou mais independência.
d) As mudanças surtiram, de imediato, efeitos práticos. O primeiro é que o raio de ação dos fiscais cresceu consideravelmente.
e) Os auditores passaram a visitar empresas e pessoas que antes se sentiam seguras graças às amizades que tinham em determinados postos.

(VEJA, Edição 1621 - 27/10/1999)

07- Os fragmentos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os de forma coesa e coerente e assinale a resposta correta.

A. Na sede da entidade, a Receita recolheu para análise dezenas de notas fiscais, comprovantes de pagamentos e livros contábeis. Com base nos documentos, o órgão federal espera esclarecer a questão. O movimento financeiro durante os dez dias da festa é avaliado pelo Sebrae da cidade em R$ 278 milhões.

B. Segundo sua análise, o evento reúne 1 milhão de pessoas, com uma média de R$ 278 gastos por freqüentador. Desses R$ 278 milhões, a média de arrecadação é de 3%. Segundo informações obtidas pela Receita, metade desse percentual estaria sendo sonegado - ou seja, R$ 4,17 milhões. Além do clube, devem ser fiscalizados hotéis, restaurantes e a empresa que vende os anúncios da festa.

C. A suspeita de sonegação surgiu porque o recolhimento dos tributos por parte de comerciantes e empresários da região, no período da festa, é o mesmo dos outros meses do ano. "Todo mundo diz que o faturamento dobra ou triplica no período da festa, mas o total arrecadado em impostos fica igual", diz o delegado da Receita. O primeiro alvo dos auditores na cidade foi o clube *Os Independentes*, instituição responsável pela organização da Festa do Peão de Boiadeiro.

D. A Receita Federal de Franca está apurando a sonegação de impostos praticada pelas empresas e associações que atuam na Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos.

(Rogério Pagnan, Folha de S. Paulo, 15/08/2000, p. F2, com adaptações)

a) C, A, B, D
b) D, C, A, B
c) A, B, C, D
d) D, B, C, A
e) B, C, D, A

PROVA I [Polícia Rodoviária / 98]

"Arrumar o homem"
(Dom Lucas Moreira Neves Jornal do Brasil, Jan. 1997)

Não boto a mão no fogo pela autenticidade da estória que estou para contar. Não posso, porém, duvidar da veracidade da pessoa de quem a escutei e, por isso, tenho-a como verdadeira. Salva-me, de qualquer modo, o provérbio italiano: "Se não é verdadeira... é muito graciosa!"

Estava, pois, aquele pai carioca, engenheiro de profissão, posto em sossego, admitido que, para um engenheiro, é sossego andar mergulhado em cálculos de estrutura. Ao lado, o filho, de 7 ou 8 anos, não cessava de atormentá-lo com perguntas de todo jaez, tentando conquistar um companheiro de lazer.

A idéia mais luminosa que ocorreu ao pai, depois de dez a quinze convites a ficar quieto e a deixá-lo trabalhar, foi a de pôr nas mãos do moleque um belo quebra-cabeça trazido da última viagem à Europa. "Vá brincando enquanto eu termino esta conta". sentencia entre dentes, prelibando pelo menos uma hora, hora e meia de trégua. O peralta não levará menos do que isso para armar o mapa do mundo com os cinco continentes, arquipélagos, mares e oceanos, comemora o pai-engenheiro.

Quem foi que disse hora e meia? Dez minutos depois, dez minutos cravados, e o menino já o puxava triunfante: "Pai, vem ver!" No chão, completinho, sem defeito, o mapa do mundo.

Como fez, como não fez? Em menos de uma hora era impossível. O próprio herói deu a chave da proeza: "Pai, vocë não percebeu que, atrás do mundo, o quebra-cabeça tinha um homem? Era mais fácil. E quando eu arrumei o homem, o mundo ficou arrumado!"
"Mas esse garoto é um sábio!", sobressaltei, ouvindo a palavra final. Nunca ouvi verdade tão cristalina: "Basta arrumar o homem (tão desarrumado quase sempre) e o mundo fica arrumado!"

Arrumar o homem é a tarefa das tarefas, se é que se quer arrumar o mundo.

01. Assinale o item cuja afirmativa está de acordo com o primeiro parágrafo do texto:
(A) embora o autor do texto não confie na veracidade da estória narrada, conta-a por seu valor moral;
(B) como o autor do texto confia na pessoa que lhe narrou a estória, ele a transfere para o leitor, mesmo sabendo que não é autêntica;
(C) A despeito de ser bastante graciosa a história narrada, o autor do texto tem certeza de sua inautenticidade ;
(D) O autor do texto nos narra uma história de cuja autenticidade não está certo, apesar de ter sido contada por pessoas dignas de confiança ;
(E) a estória narrada possui autenticidade, veracidade e , além disso, certa graça.

02. O título dado ao texto:
(A) representa a tarefa que deveria ser executada pelo menino;
(B) indica a verdadeira finalidade do jogo de quebra- cabeça;
(C) mostra a desorganização reinante na família moderna;
(D) assinala a tarefa básica inicial para a organização do mundo;
(E) demonstra a sabedoria precoce do menino da estória narrada.

03. Na continuidade de um texto, algumas palavras referem-se a outras anteriormente expressas; assinale o item em que a palavra destacada tem sua referência corretamente indicada:
(A) Não boto a mão no fogo pela autenticidade da estória que estou para contar - refere-se à autenticidade da estória narrada;
(B) Não posso, porém, duvidar da veracidade da pessoa de quem a escutei... - refere-se à veracidade da estória narrada;
(C) ...e, por isso tenho-a como verdadeira. - refere-se a não poder duvidar da veracidade da pessoa que lhe narrou a estória;
(D) ...tenho-a como verdadeira. - refere-se à pessoa que lhe narrou a estória do texto;
(E) Salva-me de qualquer modo, o provérbio italiano. - refere-se à pessoa de cuja veracidade o autor do texto não pode duvidar.

04. O item em que o vocábulo sublinhado está tomado em sentido não- figurado é:
(A) Não boto a mão no fogo pela autenticidade da estória...
(B) Estava, pois, aquele pai carioca ...
(C) ...não cessava de atormentá-lo com perguntas...
(D) ...comemora o pai-engenheiro.
(E) Mas esse garoto é um sábio !

05. ..por nas mãos do moleque um belo quebra-cabeça...; o substantivo quebra-cabeça forma o plural de modo idêntico a um dos substantivos abaixo:
(A) guarda-chuva;
(B) tenente-coronel;
(C) terça-feira;
(D) ponto-de-vista;
(E) caneta-tinteiro.

06. O item em que o vocábulo destacado tem seu sinônimo corretamente indicado é:
(A) Salva-me, de qualquer modo, o provérbio italiano... - citação;
(B) ...com perguntas de todo jaez .. - tipo;
(C) ...tentando conquistar um companheiro de lazer. - aventuras;
(D) ...prelibando pelo menos uma hora... - desejando;
(E) o peralta não levará menos do que isso... - revolucionário.

07. Vá brincando enquanto eu termino esta conta; se fossem dois engenheiros querendo trabalhar e

dois os meninos, esta mesma frase, mantidas as pessoas, deveria ter a seguinte forma:
(A) Vão brincando enquanto nós terminamos esta conta;
(B) Ide brincar enquanto eu termino esta conta;
(C) Vamos brincando enquanto nós terminamos esta conta;
(D) Vadé brincando enquanto eles terminam esta conta;
(E) Vai brincando enquanto nós terminamos esta conta.

08. Basta arrumar o homem (...) e o mundo fica arrumado! A noção expressa pela primeira oração, em relação à segunda é:
(A) concessão;
(B) causa;
(C) tempo;
(D) comparação;
(E) condição.

09. A frase do menino: E quando eu arrumei o homem, o mundo ficou arrumado! mostra que:
(A) o pai do menino desconhecia a brilhante inteligência do filho;
(B) o menino tinha uma visão critica do mundo bastante apurada;
(C) o menino já havia feito a mesma tarefa antes;
(D) o autor do texto quer mostrar a sabedoria do menino;
(E) o menino descobrira um meio mais fácil de completar a tarefa.

10. Mas esse garoto é um sábio...; esta frase do autor do .texto é introduzida por uma conjunção adversativa que marca, nesse caso, a oposição entre:
(A) a idade e a sabedoria;
(B) a autoridade e a desobediência;
(C) o trabalho e o lazer;

(D) a teoria e a prática;
(E) a ignorância e o conhecimento.

11. O segmento do texto que NÃO apresenta qualquer processo de intensificação vocabular é:
(A) Arrumar o homem é a tarefa das tarefas...;
(B) Em menos de uma hora era impossível.;
(C) Era mais fácil.;
(D) Nunca ouvi verdade tão cristalina;
(E) A idéia mais luminosa que ocorreu ao pai...

12. ... você não percebeu que atrás do mundo, o quebra-cabeça tinha um homem? ...se é que se quer arrumar o mundo ; a palavra mundo nesses dois segmentos:
(A) apresenta significados idênticos;
(B) representa significados opostos;
(C) mostra significados abstratos;
(D) possui alguns traços em comum;

(E) é exemplo de substantivo próprio.

13. ...pôr nas mãos do moleque um belo quebra-cabeça...; a palavra pôr leva acento gráfico pela mesma razão que nos leva a acentuar:
(A) você;
(B) têm;
(C) pára;
(D) nó;
(E) pôde.

14. "Mas esse garoto é um sábio!", sobressaltei, ouvindo a palavra final. ; a oração reduzida sublinhada só NÃO pode equivaler semanticamente a:
(A) ...porquanto ouvia a palavra final;
(B) ...quando ouvi a palavra final;
(C) ...após ouvir a palavra final;
(D) ...enquanto ouvia a palavra final;
(E) ..depois de ouvir a palavra final.

15..se é quer se quer arrumar o mundo.; a frase final do texto mostra que:
(A) o autor do texto participa do desejo geral de mudar o mundo;
(B) só uma parte da população anseia por mudanças;
(C) o autor do texto faz uma ressalva negativa sobre o desejo das pessoas;
(D) o filho do engenheiro desconfia das reais intenções das pessoas;
(E) só o mundo, por si mesmo, pode salvar-se.

16. Ao lado, o filho, de 7 ou 8 anos, não cessava de atormentá-lo...; as vírgulas que envolvem o segmento sublinhado:
(A) marcam um adjunto adverbial deslocado;
(B) indicam a presença de uma oração intercalada;

(C) mostram que há uma quebra da ordem direta da frase;
(D) estão usadas erradamente porque separam o sujeito do verbo;
(E) assinalam a presença de um aposto.

Gabarito Oficial - Prova da polícia Rodoviária Federal / 98

01 D

02 D

03 C

04 B

05 A

06 B

07 A

08 Anulada

09 E

10 A

11 B

12 D

13 C

14 A

15 C

16 E

PROVA II [Polícia Rodoviária / 2002]

01. Em 2001, os números de acidentes, mortos e feridos nas rodovias federais do país diminuíram em relação a 2000, segundo dados da Polícia Rodoviária Federal(PRF) divulgados no dia 21/02/2002.

* Para que sejam preservadas as relações semânticas e a correção gramatical do primeiro período do texto, ao se empregar a expressão "os números" no singular, devem ser feitas as seguintes substituições: "diminuíram"por diminuiu e "divulgados" por divulgado. { C – E }

02. Segundo esse coordenador, o comportamento do motorista brasileiro ainda é preocupante. "As tragédias ocorrem em decorrência da falta de respeito às leis de trânsito", disse.

* De acordo com os sentidos textuais, a expressão "em decorrência da falta de respeito às leis de trânsito" mantém a coerência e a correção gramatical do texto ao ser substituída por como decorrência do desrespeito às leis de trânsito ou como decorrência de se desrespeitarem as leis de trânsito. { C – E }

TEXTO 01: Hotel incluído

Em viagens acima de 300 km, não vale a pena usar o carro quando se está sozinho. O preço médio da passagem de ônibus entre as cidades de São Paulo e São José do Rio Preto é de R$ 50,00 (ida e volta), enquanto, de carro, gasta-se R$ 65,00 só de pedágios (doze). Some a esse valor 1,5 tanque de combustível (R$ 130,00) e você terá gasto quatro vezes mais para desfrutar do prazer de dirigir do que gastaria se trocasse a direção por um assento de passageiro. Isso sem falar no desgaste do veículo e na possibilidade de ser multado se a pressa de chegar ao destino reduzir o seu cuidado em dirigir defensivamente.

Ao usar o ônibus, é como se você ganhasse de presente uma diária em um hotel de bom nível na cidade para a qual viaja. Ou, se preferir, todas as refeições do fim de semana incluídas.

03. Como estratégia argumentativa, o leitor do texto ora é referido pelo índice de indeterminação "se", ora pelo pronome "você". { C – E }

04. Embora o verbo "usar" não tenha explicitamente sujeito, textualmente pode-se para ele subentender o pronome **se .** { C – E }

05. O tempo verbal de "terá gasto" indica uma ação que terá sido realizada antes de outra ocorrer no futuro, na hipótese de não se trocar a direção por um assento de passageiro. { C – E }

06. Na linha 5, a conjunção "e" adiciona dois complementos ligados a "falar"(linha 5) { C – E }

TEXTO 02: CAPÍTULO XV - DAS INFRAÇÕES

Art. 161. Constitui infração de trânsito a inobservância de qualquer preceito deste Código, da legislação complementar ou das resoluções do CONTRAN, sendo o infrator sujeito às penalidades e medidas administrativas indicadas em cada artigo, além das punições previstas no Capítulo XIX.

(...)

Art. 165. Dirigir sob a influência de álcool, em nível superior a seis decigramas por litro de sangue, ou de qualquer substância entorpecente ou que determine dependência física ou psíquica: Infração – gravíssima; Penalidade – multa (cinco vezes) e suspensão do direito de dirigir; Medidas...

07. As palavras “inobservância(linha 1), “indicadas” (linha 3), “influência” (linha 5) apresentam o mesmo prefixo, apesar de pertencerem a classes gramaticais diferentes. { C – E }

08. A coerência do texto e as regras gramaticais seriam respeitadas, caso se inserisse **às** imediatamente antes de “medidas” (linha 2). { C – E }

09. Para efeito de aplicação das penalidades previstas, a conjunção “ou” (linha 4) deve ser entendida como também inclusiva. { C – E }

TEXTO 03: As ações de respeito para com os pedestres.

- Motorista, ao primeiro sinal do entardecer, acenda os faróis. Procure não usar a meia-luz.
- Não use faróis auxiliares na cidade.
- Nas rodovias, use sempre os faróis ligados. Isso evita 50% dos atropelamentos. Seu carro fica mais visível aos pedestres.
- Sempre, sob chuva ou neblina, use os faróis acesos.
- Ao se aproximar de uma faixa de pedestres, reduza a velocidade e preste atenção. O pedestre tem a preferência na passagem.
- Motorista, atrás de uma bola vem sempre uma criança.
- Nas rodovias, não dê sinal de luz quando verificar um trabalho de radar da polícia. Você estará ajudando um motorista irresponsável, que trafega em alta velocidade, a não ser punido. Esse motorista, não sendo punido hoje, poderá causar uma tragédia no futuro.
- Não estacione nas faixas de pedestres.

10. Entre os diversos fatores que ampliam as ações de respeito para com os pedestres, está o fortalecimento do conceito de cidadania, marcante na civilização contemporânea. { C – E }

11. Embora o vocativo “Motorista” esteja explícito apenas em dois tópicos do texto, o emprego dos tempos verbais indica que está subentendido em todos os demais. { C – E }

12. As relações semânticas no terceiro tópico permitem subentender a idéia de **porque** entre “atropelamentos” e “Seu”. { C – E }

13. No quarto tópico, a circunstância “sob chuva ou neblina” tem função caracteristicamente explicativa e, por isso, se for retirada, não se alterarão as condições de uso para “faróis acesos”. { C – E }

14. O sexto tópico, diferentemente dos outros, não explicita a ação do motorista, apenas fornece uma condição para que seja subentendida **cautela**. { C – E }

TEXTO 04 : Educação para o trânsito: RS, ES e DF integram o Rumo à Escola

Buscando implementar a temática do trânsito nas escolas de ensino fundamental, o Departamento Nacional de Trânsito (DENATRAN) implantou o projeto Rumo à Escola. Até o momento, 165 escolas das capitais de 11 estados estão integradas ao projeto. Nessa quarta-feira (27/2), integram o programa o Rio Grande do Sul e o Espírito Santo. No dia 28, será a vez do DF e, em 14 de março, de São Paulo.

Após sua implementação em São Paulo, o projeto terá concluído a adesão de sua primeira de três etapas. No dia 21 de março, está prevista uma teleconferência nos estados contemplados pelo programa.

15. O gerúndio em “Buscando” inicia uma oração subordinada que mantém com a principal do período um nexo de circunstância causal. { C – E }

16. No texto, a idéia terminativa da ação em “estão integradas” (linha 3), que corresponde, em geral, às formas de pretérito perfeito, opõe-se à idéia não-terminativa do presente em “integram”(linha 3), que pode ser interpretada como a ocorrer no futuro. { C – E }

17. Mantém-se a coerência textual, mas altera-se a voz do verbo, de passiva para reflexiva, ao se substituir a construção verbal “está prevista” (linha 6) por **prevê-se**. { C – E }

TEXTO 05

Os EUA acreditam que o Brasil seja o segundo maior consumidor de cocaína do mundo. Segundo o subsecretário do Escritório Internacional para Assuntos de Entorpecentes, James Mack, estima-se que o país consuma entre 40 e 50 toneladas de cocaína por ano. A estimativa baseia-se na produção e circulação da droga no mundo. Em 2000, foram produzidas 700 toneladas de cocaína, estando 95% da produção concentrada na Colômbia.

Desse total, segundo Mack, 100 toneladas passam pelo Brasil, mas apenas entre 50 t e 60 t chegam à Europa. Os norte-americanos acreditam que a droga que não vai para a Europa é consumida no Brasil. O Brasil só ficaria atrás dos EUA, que, em 2000, consumiram 266t . “Em 1999, 80% da cocaína do mundo foi consumida nos EUA e, em 2000, conseguimos reduzir esse total para menos da metade. O problema é que a droga está indo para outros países, entre eles o Brasil”, disse Mack.

Mack veio ao Brasil, acompanhado de outros especialistas norte-americanos no assunto, para a reunião anual entre o Brasil e os EUA sobre coordenação no combate ao narcotráfico e outros ilícitos, como lavagem de dinheiro, por exemplo.

18. O fato de o Brasil ser "o segundo maior consumidor de cocaína do mundo"(linha 1) conservará as mesmas relações de coerência com a argumentação do texto se, em lugar de "acreditam" (linha 1), dor usado **sabem,** com as devidas alterações sintáticas. { C – E }

19. O emprego de "consuma" (linha 3) indica, sintaticamente, uma ação dependente de outra, ao mesmo tempo que denota uma hipótese, algo de que não se pode afirmar a certeza. { C – E }

20. Mantêm-se as mesmas relações percentuais ao se empregar a preposição **em** no lugar de "para" na expressão "para menos da metade" (linha 9) . { C – E }

21. Mantêm-se a coerência e a coesão textuais ao deslocar-se a expressão "acompanhado de outros especialistas norte-americanos no assunto" (linha 11) para o início do período ou para imediatamente após "ilícitos" (linha 12). { C – E }

22. Nas linhas 1 e 12, "Brasil" e "EUA" estão sendo utilizados para designar **representantes brasileiros** e **representantes norte-americanos**. { C – E }

GABARITO:

01	E	06	C	11	C	16	C	21	E
02	C	07	E	12	C	17	E	22	E
03	C	08	C	13	E	18	E		
04	C	09	C	14	C	19	C		
05	C	10	C	* 15	C	20	E		

, ? ! .

SINAIS DE PONTUAÇÃO

PONTO FINAL

SERVE PARA INDICAR
O FIM DE UMA FRASE. ●

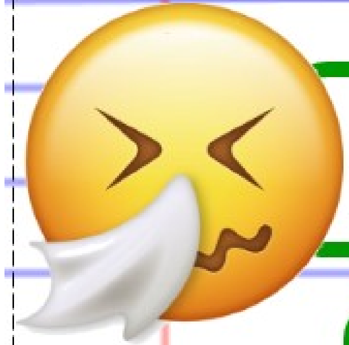

ESTOU MUITO GRIPADO.

HOJE ESTÁ FRIO.

INTERROGAÇÃO

INDICA UMA PERGUNTA.

🤔 QUANTOS ANOS VOCÊ TEM?

A ATIVIDADE JÁ ESTÁ PRONTA? 🧐

EXCLAMAÇÃO

!

INDICA ADMIRAÇÃO, ALEGRIA E ESPANTO.

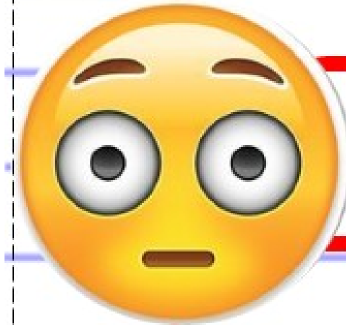

QUE SUSTO !

PARABÉNS !

VÍRGULA

SERVE PARA INDICAR UMA PEQUENA PAUSA NA LEITURA.

GOSTO DE SORVETE DE MORANGO, CHOCOLATE, AMENDOIM E FLOCOS.

TRAVESSÃO

INDICA QUE ALGUÉM VAI FALAR.

—

- QUANTO VOCÊ TIROU NA PROVA?

- TIREI 10.

DOIS PONTOS

USADO PARA AVISAR QUE UM PERSONAGEM VAI FALAR OU PARA INICIAR UMA LISTA.

DE REPENTE JOÃO TEVE UMA IDEIA:

- PRECISAMOS COMPRAR: TINTA, PINCEL E PAPEL.

RETICÊNCIAS

●●●

INDICA UM PENSAMENTO NÃO FINALIZADO.

EU PRECISO IR À ESCOLA, MAS...

Por uma
EDUCAÇÃO
MELHOR
Uma publicação de Janaina Spolidorio

Sobre o material

Você está adquirindo um material elaborado por Janaína Spolidorio. Todas as atividades e textos são de propriedade intelectual da autora e protegidos pela Lei de Direitos Autorais, de nº 9.610/ 98.

O material deve ser usado somente em sala de aula e fica proibida a distribuição, exposição ou comercialização do mesmo sem consentimento da autora. Fica também proibida a troca em grupos de redes sociais.

Qualquer reprodução não autorizada incide no crime de contrafação, previsto na lei 9.610/98.

CADERNO INTERATIVO

PONTUAÇÃO

Os Sinais de Pontuação

Entregue para cada aluno as páginas do caderno interativo e peça que recortem ao redor das peças e colem no caderno interativo apenas a parte de cima de cada quadro de pontuação, formando uma aba inferior.

Os alunos deverão então relacionar os nomes aos sinais e colar embaixo da aba correspondente.

Veja abaixo imagens para entender melhor a proposta.

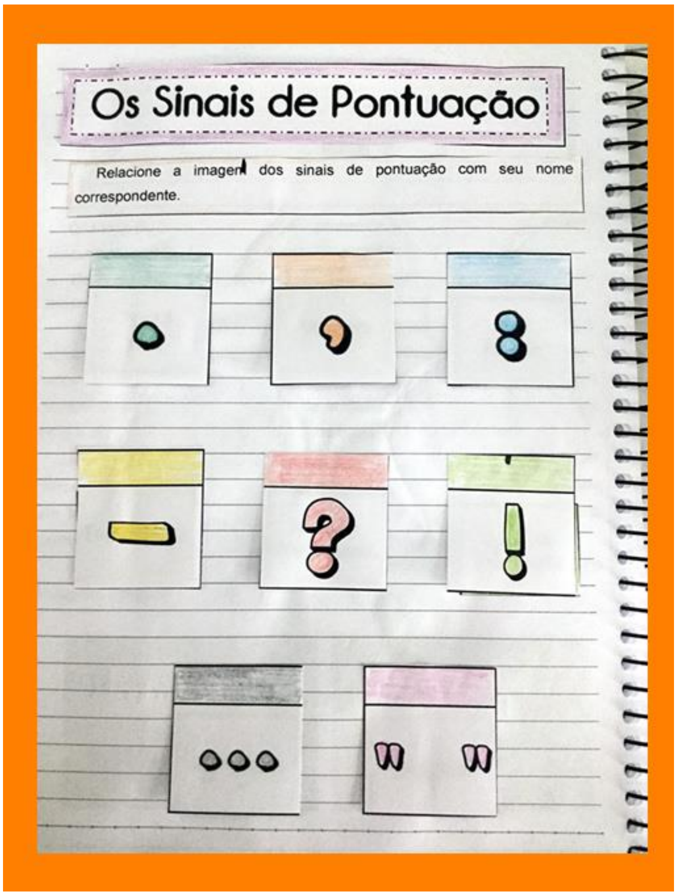

Os Sinais de Pontuação

Relacione a imagem dos sinais de pontuação com seu nome correspondente.

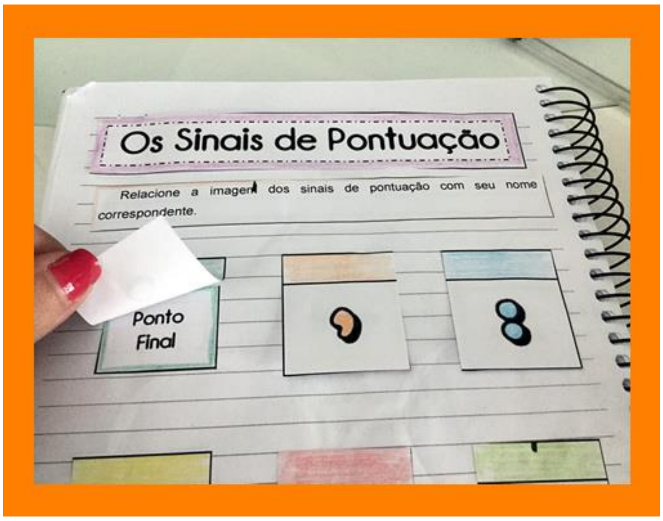

Os Sinais de Pontuação

Relacione a imagem dos sinais de pontuação com seu nome correspondente.

Ponto Final

Os Sinais de Pontuação

Relacione a imagem dos sinais de pontuação com seu nome correspondente.

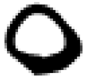

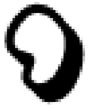

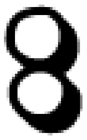

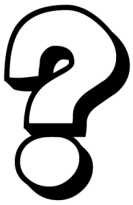

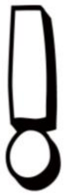

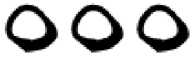

Ponto de Interrogação	Ponto de Exclamação	Aspas	Ponto Final
Reticências	Dois Pontos	Vírgula	Travessão

O uso da pontuação

Entregue para cada aluno a página.

Peça para que os alunos recortem ao redor do quadro e, em seguida, recortem também as linhas horizontais, entre as imagens de pontuações.

Oriente-os a colar a parte central no caderno. Em seguida, deverão descobrir quais explicações se referem a cada pontuação, embaixo de cada uma delas.

Os alunos podem treinar seus conhecimentos de pontuação com desafios interativos, como perguntar ao colega a função de determinado sinal de pontuação e depois verificar, abaixo da aba, se a resposta está correta.

Observe as imagens para compreender melhor a proposta e veja o gabarito dos sinais:

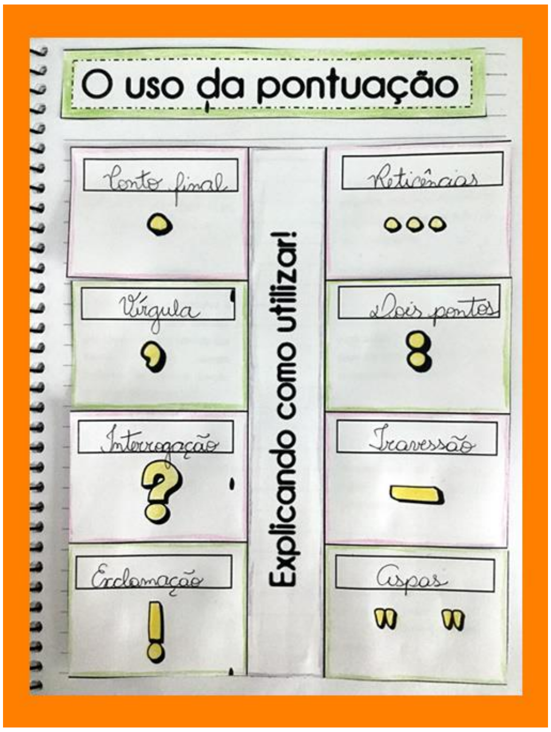
O uso da pontuação
Ponto final
Vírgula
Interrogação
Exclamação
Explicando como utilizar!
Reticências
Dois pontos
Travessão
Aspas

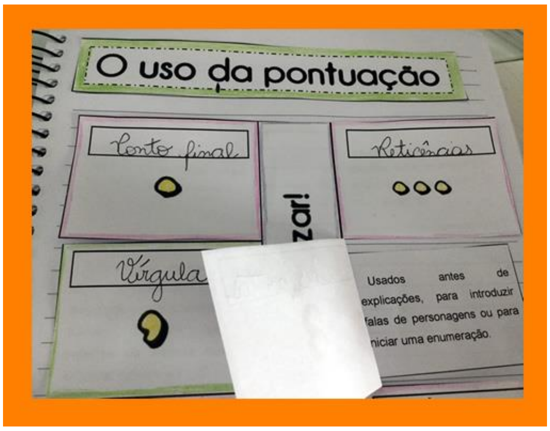
O uso da pontuação
Ponto final
Vírgula
zar!
Reticências

Usados antes de explicações, para introduzir falas de personagens ou para iniciar uma enumeração.

Gabarito - Lado Esquerdo

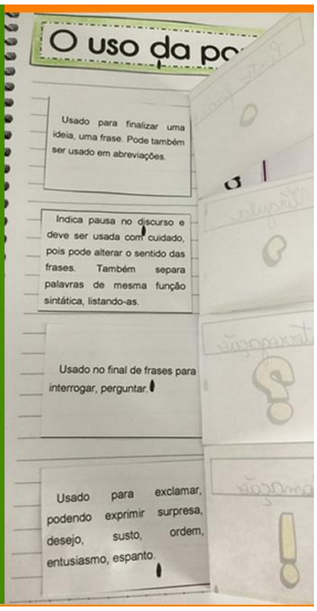

Usado para finalizar uma ideia, uma frase. Pode também ser usado em abreviações.

Indica pausa no discurso e deve ser usada com cuidado, pois pode alterar o sentido das frases. Também separa palavras de mesma função sintática, listando-as.

Usado no final de frases para interrogar, perguntar.

Usado para exclamar, podendo exprimir surpresa, desejo, susto, ordem, entusiasmo, espanto.

Gabarito - Lado Direito

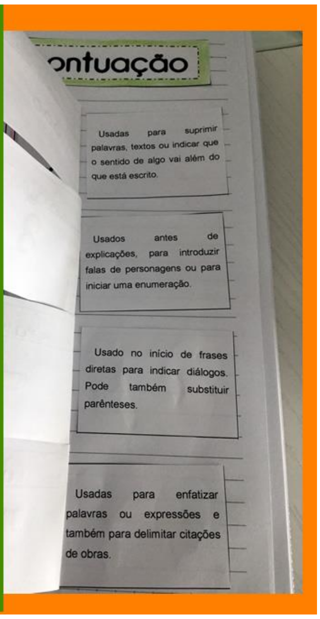

Usadas para suprimir palavras, textos ou indicar que o sentido de algo vai além do que está escrito.

Usados antes de explicações, para introduzir falas de personagens ou para iniciar uma enumeração.

Usado no início de frases diretas para indicar diálogos. Pode também substituir parênteses.

Usadas para enfatizar palavras ou expressões e também para delimitar citações de obras.

O uso da pontuação

.	Explicando como utilizar!	...
,		:
?		—
!		" "

Indica pausa no discurso e deve ser usada com cuidado, pois pode alterar o sentido das frases. Também separa palavras de mesma função sintática, listando-as.	Usados antes de explicações, para introduzir falas de personagens ou para iniciar uma enumeração.
Usado para exclamar, podendo exprimir surpresa, desejo, susto, ordem, entusiasmo, espanto.	Usadas para suprimir palavras, textos ou indicar que o sentido de algo vai além do que está escrito.
Usadas para enfatizar palavras ou expressões e também para delimitar citações de obras.	Usado no início de frases diretas para indicar diálogos. Pode também substituir parênteses.
Usado no final de frases para interrogar, perguntar.	Usado para finalizar uma ideia, uma frase. Pode também ser usado em abreviações.

Detetive de Pontuação

Entregue para cada aluno as páginas do caderno interativo e peça que recortem ao redor das. Depois, deverão ler os trechos, que estão SEM pontuação, à esquerda. Em seguida, deverão anotar no quadro do meio quais sinais deverão ser usados e quantos de cada sinal.

Indico que, ao verificar o trecho, o aluno pinte ou faça uma indicação dos locais onde estão faltando a pontuação, para que o trabalho fique mais organizado (na imagem você poderá ver que os lugares que faltam pontuação estão indicados com amarelo).

Por fim, peça que escrevam no terceiro quadro o trecho, pontuando-o.

Veja a seguir imagens da proposta e gabarito das frases.

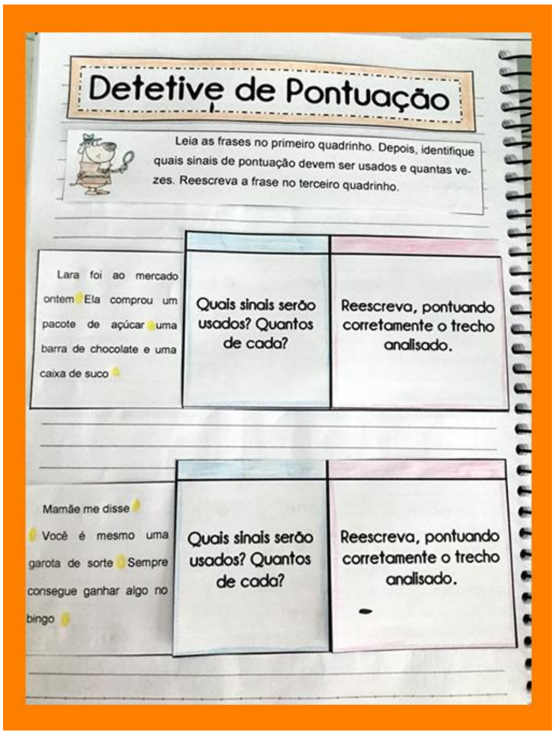

Detetive de Pontuação

Leia as frases no primeiro quadrinho. Depois, identifique quais sinais de pontuação devem ser usados e quantas vezes. Reescreva a frase no terceiro quadrinho.

Lara foi ao mercado ontem Ela comprou um pacote de açúcar uma barra de chocolate e uma caixa de suco	Quais sinais serão usados? Quantos de cada?	Reescreva, pontuando corretamente o trecho analisado.
Mamãe me disse Você é mesmo uma garota de sorte Sempre consegue ganhar algo no bingo	Quais sinais serão usados? Quantos de cada?	Reescreva, pontuando corretamente o trecho analisado.

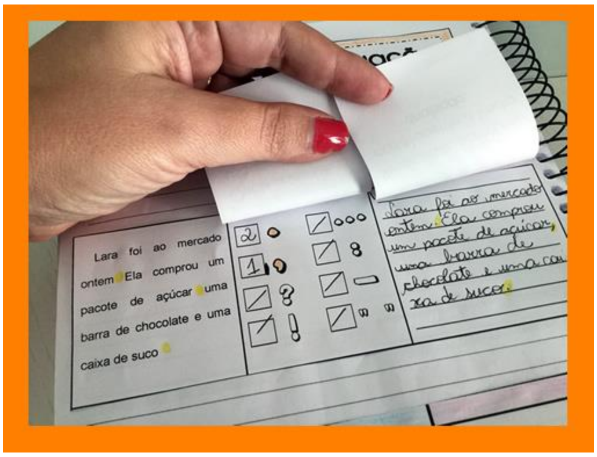

Lara foi ao mercado ontem Ela comprou um pacote de açúcar uma barra de chocolate e uma caixa de suco

Lara foi ao mercado ontem. Ela comprou um pacote de açúcar, uma barra de chocolate e uma caixa de suco.

Gabarito:

Lara foi ao mercado ontem. Ela comprou um pacote de açúcar, uma barra de chocolate e uma caixa de suco.

Mamãe me disse:

– Você é mesmo uma garota de sorte! Sempre consegue ganhar algo no bingo.

Não sei o que dizer para ele... preciso pensar no assunto com mais calma. Qual é a sua opinião?

Não acredito! Somente ele para se gabar como "o bom" depois de tudo o que fez para a prima no verão passado.

Carmem precisa de lápis, papel, borracha e apontador. O que será que vai desenhar agora?

Detetive de Pontuação

Leia as frases no primeiro quadrinho. Depois, identifique quais sinais de pontuação devem ser usados e quantas vezes. Reescreva a frase no terceiro quadrinho.

Lara foi ao mercado ontem Ela comprou um pacote de açúcar uma barra de chocolate e uma caixa de suco	☐ . ☐ ... ☐ , ☐ : ☐ ? ☐ — ☐ ! ☐ “ ”	
Mamãe me disse Você é mesmo uma garota de sorte Sempre consegue ganhar algo no bingo	☐ . ☐ ... ☐ , ☐ : ☐ ? ☐ — ☐ ! ☐ “ ”	
Não sei o que dizer para ele preciso pensar no assunto com mais calma Qual é a sua opinião	☐ . ☐ ... ☐ , ☐ : ☐ ? ☐ — ☐ ! ☐ “ ”	

Não acredito Somente ele para se gabar como o bom depois de tudo o que ele fez para a prima no verão passado	☐ . ☐ ... ☐ , ☐ : ☐ ? ☐ — ☐ ! ☐ " "	
Carmem precisa de lápis papel borracha e apontador O que será que vai desenhar agora	☐ . ☐ ... ☐ , ☐ : ☐ ? ☐ — ☐ ! ☐ " "	

Reescreva, pontuando corretamente o trecho analisado.

Quais sinais serão usados? Quantos de cada?

Reescreva, pontuando corretamente o trecho analisado.

Quais sinais serão usados? Quantos de cada?

Quais sinais serão usados? Quantos de cada?	Reescreva, pontuando corretamente o trecho analisado.

Quais sinais serão usados? Quantos de cada?	Reescreva, pontuando corretamente o trecho analisado.

Quais sinais serão usados? Quantos de cada?	Reescreva, pontuando corretamente o trecho analisado.

Analisando a Pontuação

Entregue para cada aluno as páginas do caderno interativo e peça que pintem e recortem ao redor das peças.

As peças quadradas, com desenho central devem ser coladas com cuidado, passando cola somente na área central, delimitada pelo desenho, formando abas nos cantos.

Os alunos deverão reescrever a frase sugerida, com a pontuação pedida em cada canto de aba. Em seguida, deverão ler, em voz alta, as frases. O objetivo é perceber que a pontuação altera o sentido ou significado de cada frase, mesmo que elas sejam idênticas em palavras.

Para finalizar, deverão explicar essas diferenças no registro final. Veja a seguir ilustrações da proposta e sugestão de registro final.

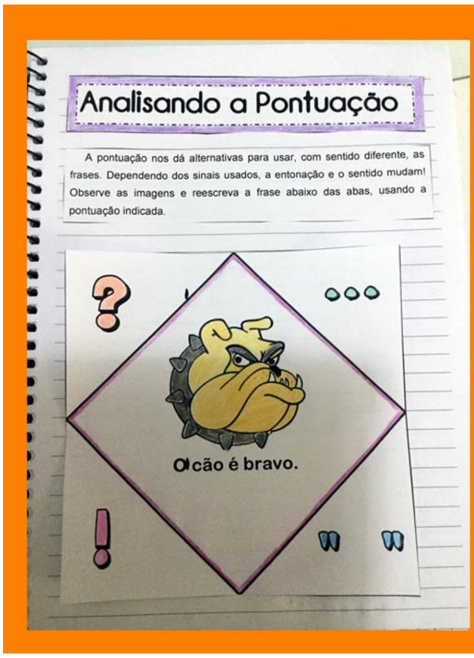

Analisando a Pontuação

A pontuação nos dá alternativas para usar, com sentido diferente, as frases. Dependendo dos sinais usados, a entonação e o sentido mudam! Observe as imagens e reescreva a frase abaixo das abas, usando a pontuação indicada.

O cão é bravo.

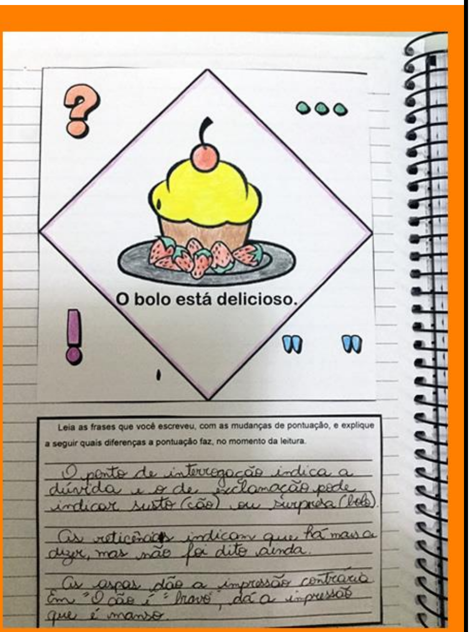

O bolo está delicioso.

Leia as frases que você escreveu, com as mudanças de pontuação, e explique a seguir quais diferenças a pontuação faz, no momento da leitura.

O ponto de interrogação indica a dúvida e o de exclamação pode indicar susto (cão) ou surpresa (bolo).

As reticências indicam que há mais a dizer, mas não foi dito ainda.

As aspas dão a impressão contrária. Em "O cão é" bravo", dá a impressão que é manso.

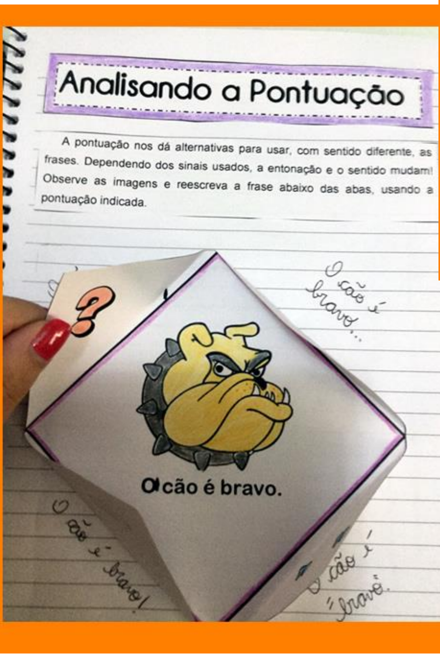

Analisando a Pontuação

A pontuação nos dá alternativas para usar, com sentido diferente, as frases. Dependendo dos sinais usados, a entonação e o sentido mudam! Observe as imagens e reescreva a frase abaixo das abas, usando a pontuação indicada.

O cão é bravo.

O cão é bravo...

O cão é bravo!

O cão é "bravo".

Analisando a Pontuação

A pontuação nos dá alternativas para usar, com sentido diferente, as frases. Dependendo dos sinais usados, a entonação e o sentido mudam! Observe as imagens e reescreva a frase abaixo das abas, usando a pontuação indicada.

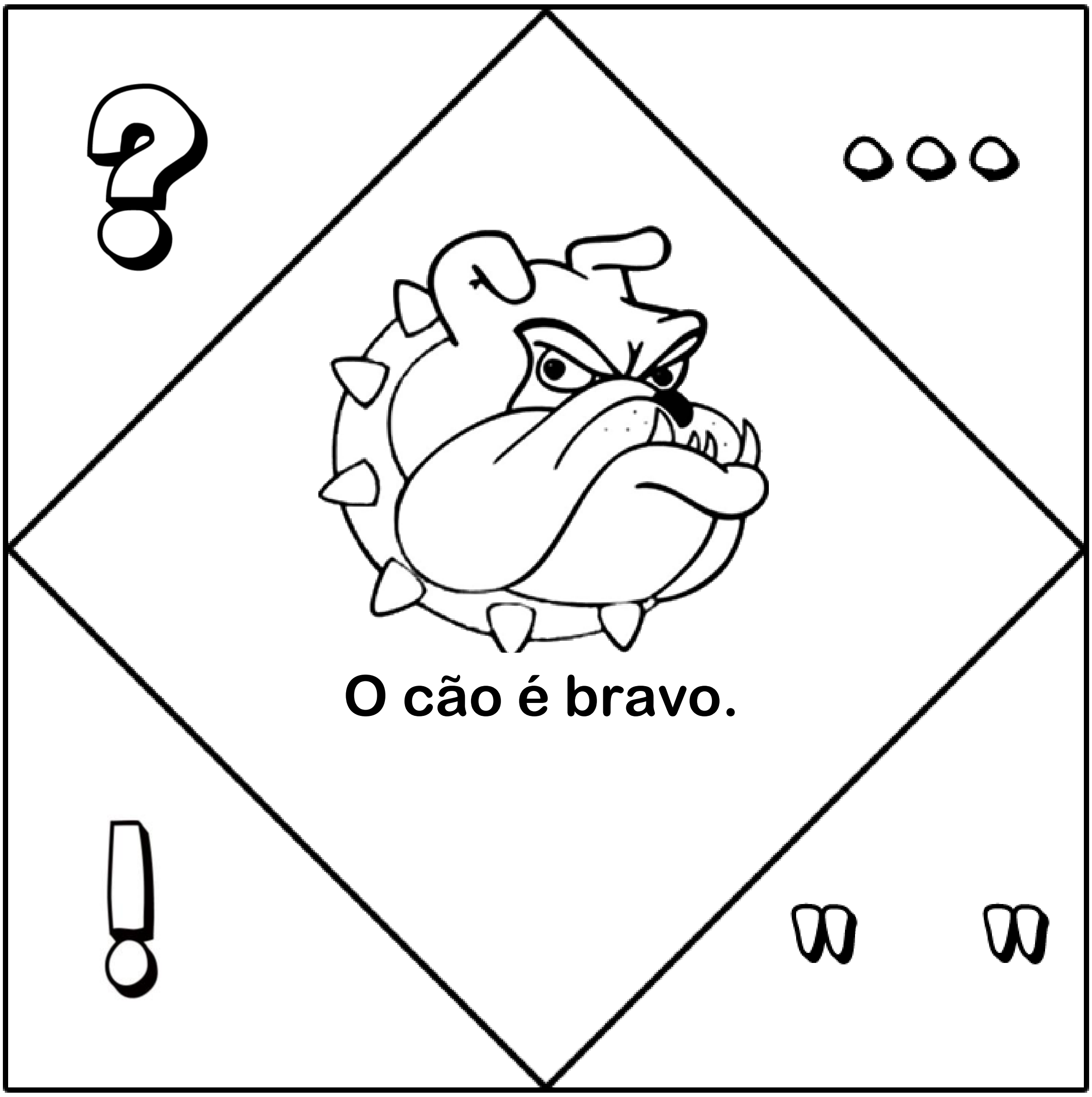

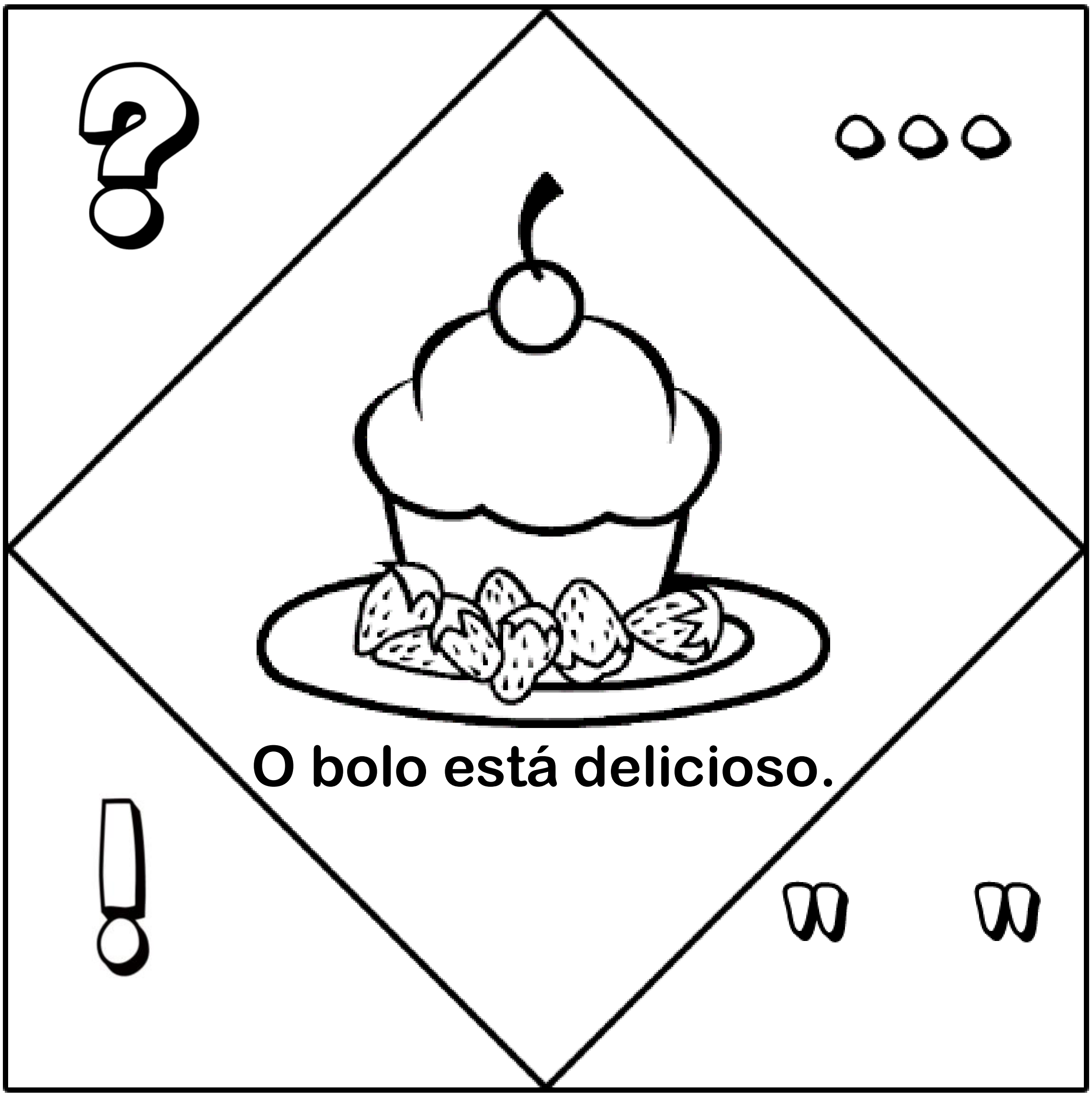

O bolo está delicioso.

Leia as frases que você escreveu, com as mudanças de pontuação, e explique a seguir quais diferenças a pontuação faz, no momento da leitura.

Aprofundando Conhecimentos

Entregue para cada aluno as páginas do caderno interativo.

Peça que pintem e recortem os quadros.

Depois de já recortados os quadrinhos de palavras avulsas, os alunos deverão agrupar de acordo com as indicações de cada quadro de abas (palavras interrogativas, possível uso de aspas e indicadores de fala em diálogo). Deverão então colas as palavras já agrupadas no mesmo grupo e depois embaixo da aba correspondente, com cuidado para passar cola somente na lateral retangular esquerda.

Para finalizar a proposta, deverão fazer a tarefa complementar pedida no material. Veja a seguir ilustrações para entender melhor a proposta e também exemplos para a tarefa complementar.

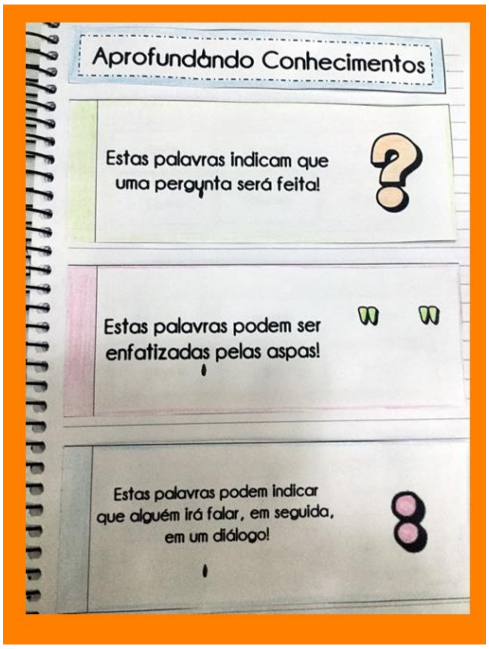
Aprofundando Conhecimentos
Estas palavras indicam que uma pergunta será feita!
Estas palavras podem ser enfatizadas pelas aspas!
Estas palavras podem indicar que alguém irá falar, em seguida, em um diálogo!

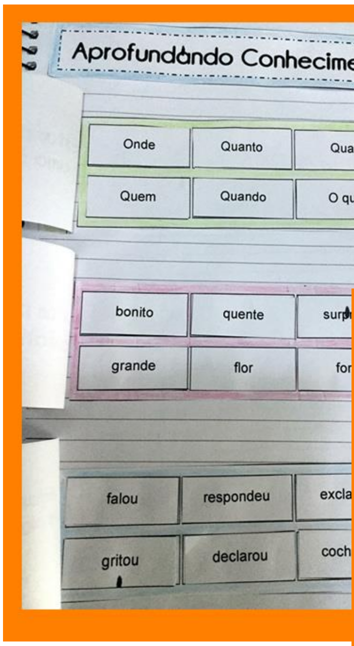
Aprofundando Conhecimentos
Onde
Quanto
Qual
Quem
Quando
O que
bonito
quente
surp
grande
flor
for
falou
respondeu
excla
gritou
declarou
coch

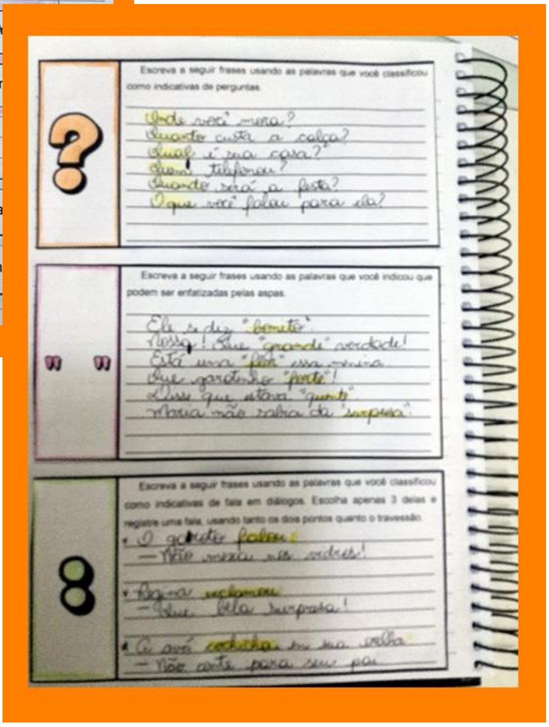

Escreva a seguir frases usando as palavras que você classificou como indicativas de perguntas.

Onde você mora?
Quanto custa a calça?
Qual é sua casa?
Quem telefonou?
Quando será a festa?
O que você falou para ela?

Escreva a seguir frases usando as palavras que você indicou que podem ser enfatizadas pelas aspas.

Ele se diz "bonito".
Nossa! Que "grande" verdade!
Está uma "flor" essa menina.
Que garotinho "forte"!
Disse que estava "quente".
Maria não sabia da "surpresa".

Escreva a seguir frases usando as palavras que você classificou como indicativas de fala em diálogos. Escolha apenas 3 delas e registre uma fala, usando tanto os dois pontos quanto o travessão.

- O garoto falou:
  — Não mexa nos vidros!
- Regina exclamou:
  — Que bela surpresa!
- O avô cochichou na sua orelha
  — Não conte para seu pai

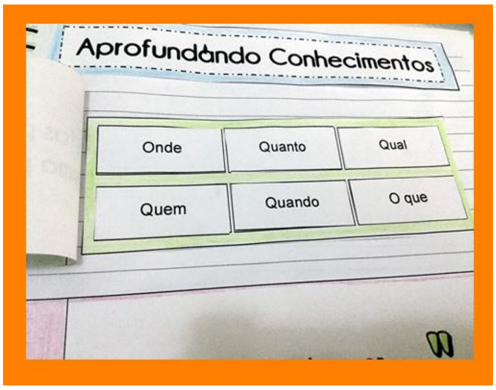
Aprofundando Conhecimentos
Onde
Quanto
Qual
Quem
Quando
O que

Aprofundando Conhecimentos

Estas palavras indicam que
uma pergunta será feita!

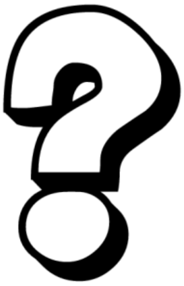

Estas palavras podem ser
enfatizadas pelas aspas!

Estas palavras podem indicar
que alguém irá falar, em seguida,
em um diálogo!

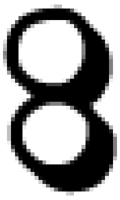

O que	gritou	flor	Quem
falou	Quando	exclamou	respondeu
grande	bonito	Qual	forte
Quanto	Onde	declarou	quente
cochichou	surpresa		

Escreva a seguir frases usando as palavras que você classificou como indicativas de perguntas.

____

____

____

____

____

____

____

____

____

Escreva a seguir frases usando as palavras que você indicou que podem ser enfatizadas pelas aspas.

____

____

____

____

____

____

____

____

____

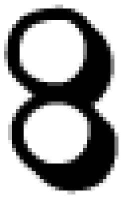

Escreva a seguir frases usando as palavras que você classificou como indicativas de fala em diálogos. Escolha apenas 3 delas e registre uma fala, usando tanto os dois pontos quanto o travessão.

____

____

____

____

____

____

____

____

Por uma
EDUCAÇÃO
MELHOR
Uma publicação de Janaina Spolidorio

Sobre o material

Você está adquirindo um material elaborado por Janaína Spolidorio. Todas as atividades e textos são de propriedade intelectual da autora e protegidos pela Lei de Direitos Autorais, de nº 9.610/ 98.

O material deve ser usado somente em sala de aula e fica proibida a distribuição, exposição ou comercialização do mesmo sem consentimento da autora. Fica também proibida a troca em grupos de redes sociais.

Qualquer reprodução não autorizada incide no crime de contrafação, previsto na lei 9.610/98.

CADERNO INTERATIVO

PONTUAÇÃO

Os Sinais de Pontuação

Entregue para cada aluno as páginas do caderno interativo e peça que recortem ao redor das peças e colem no caderno interativo apenas a parte de cima de cada quadro de pontuação, formando uma aba inferior.

Os alunos deverão então relacionar os nomes aos sinais e colar embaixo da aba correspondente.

Veja abaixo imagens para entender melhor a proposta.

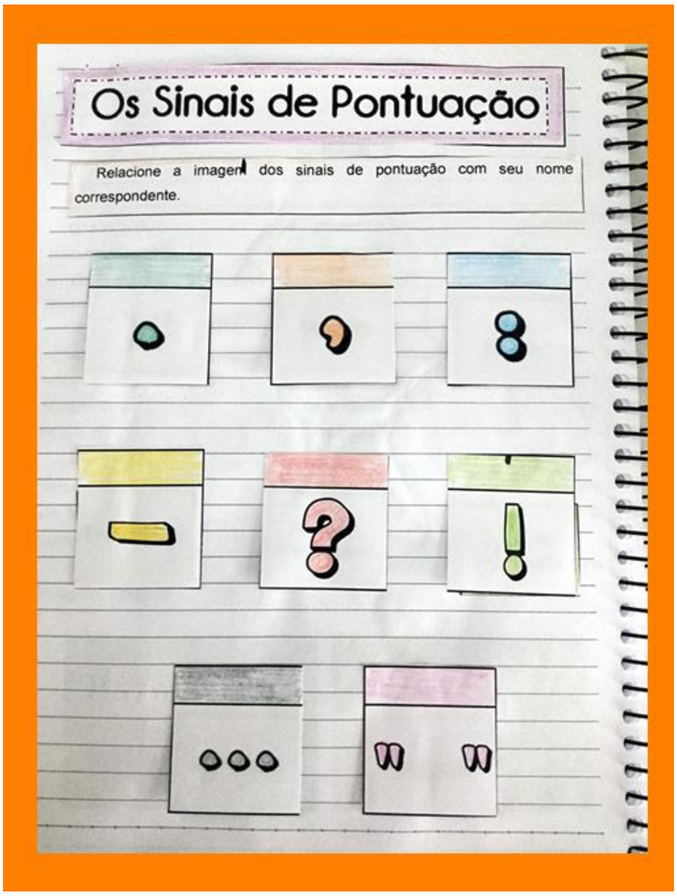

Os Sinais de Pontuação

Relacione a imagem dos sinais de pontuação com seu nome correspondente.

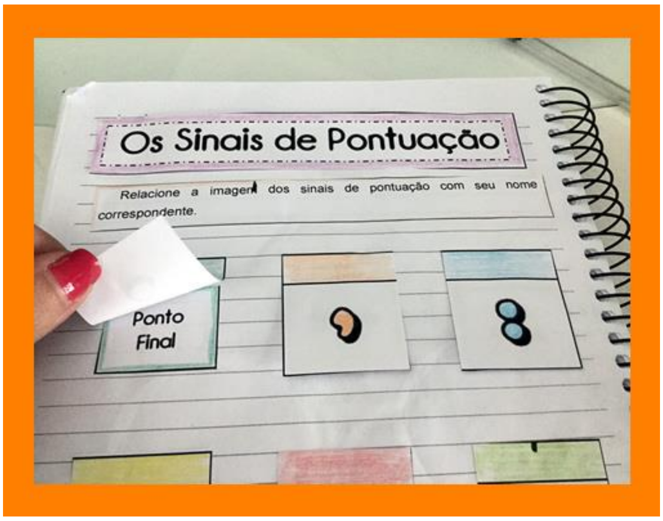

Os Sinais de Pontuação

Relacione a imagem dos sinais de pontuação com seu nome correspondente.

Os Sinais de Pontuação

Relacione a imagem dos sinais de pontuação com seu nome correspondente.

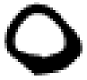

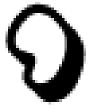

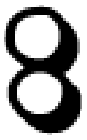

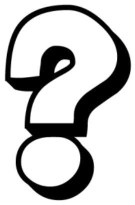

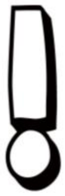

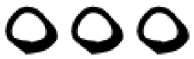

Ponto de Interrogação	Ponto de Exclamação	Aspas	Ponto Final
Reticências	Dois Pontos	Vírgula	Travessão

O uso da pontuação

Entregue para cada aluno a página.

Peça para que os alunos recortem ao redor do quadro e, em seguida, recortem também as linhas horizontais, entre as imagens de pontuações.

Oriente-os a colar a parte central no caderno. Em seguida, deverão descobrir quais explicações se referem a cada pontuação, embaixo de cada uma delas.

Os alunos podem treinar seus conhecimentos de pontuação com desafios interativos, como perguntar ao colega a função de determinado sinal de pontuação e depois verificar, abaixo da aba, se a resposta está correta.

Observe as imagens para compreender melhor a proposta e veja o gabarito dos sinais:

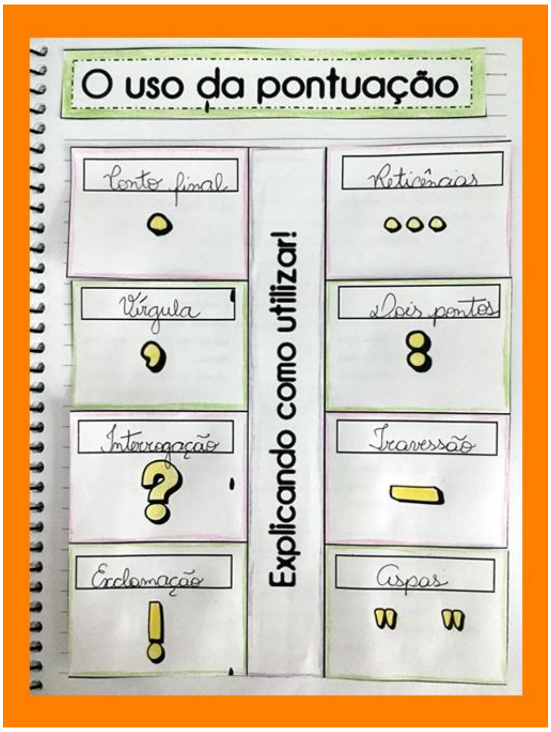
O uso da pontuação
Ponto final
Reticências
Vírgula
Dois pontos
Interrogação
Travessão
Exclamação
Aspas
Explicando como utilizar!

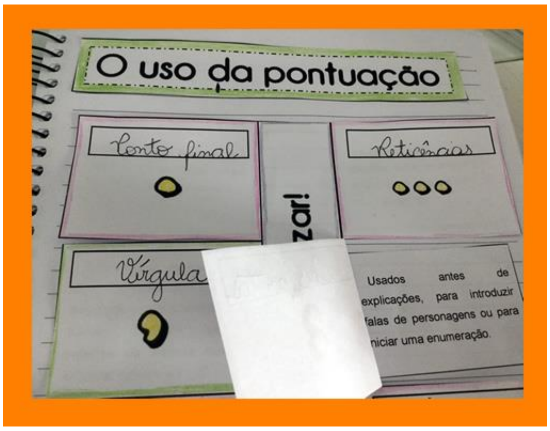
O uso da pontuação
Ponto final
Reticências
Vírgula
zar!

Usados antes de explicações, para introduzir falas de personagens ou para niciar uma enumeração.

Gabarito - Lado Esquerdo

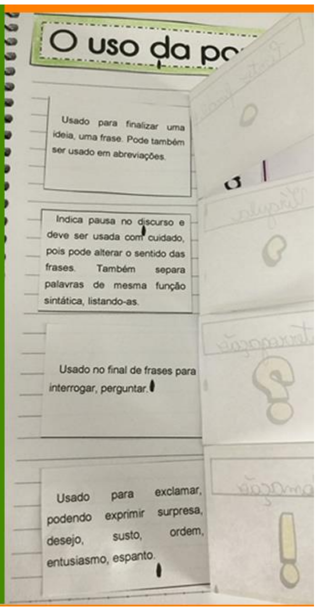

Usado para finalizar uma ideia, uma frase. Pode também ser usado em abreviações.

Indica pausa no discurso e deve ser usada com cuidado, pois pode alterar o sentido das frases. Também separa palavras de mesma função sintática, listando-as.

Usado no final de frases para interrogar, perguntar.

Usado para exclamar, podendo exprimir surpresa, desejo, susto, ordem, entusiasmo, espanto.

Gabarito - Lado Direito

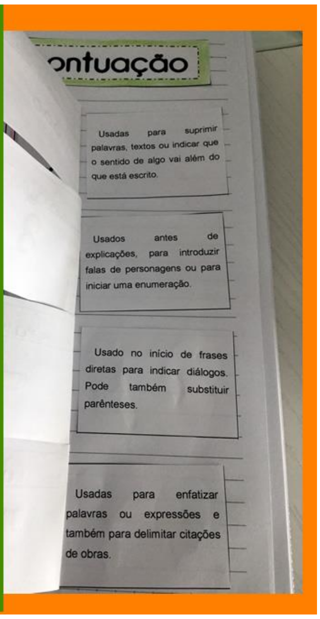

Usadas para suprimir palavras, textos ou indicar que o sentido de algo vai além do que está escrito.

Usados antes de explicações, para introduzir falas de personagens ou para iniciar uma enumeração.

Usado no início de frases diretas para indicar diálogos. Pode também substituir parênteses.

Usadas para enfatizar palavras ou expressões e também para delimitar citações de obras.

O uso da pontuação

Explicando como utilizar!

.	...
,	:
?	—
!	" "

Indica pausa no discurso e deve ser usada com cuidado, pois pode alterar o sentido das frases. Também separa palavras de mesma função sintática, listando-as.	Usados antes de explicações, para introduzir falas de personagens ou para iniciar uma enumeração.
Usado para exclamar, podendo exprimir surpresa, desejo, susto, ordem, entusiasmo, espanto.	Usadas para suprimir palavras, textos ou indicar que o sentido de algo vai além do que está escrito.
Usadas para enfatizar palavras ou expressões e também para delimitar citações de obras.	Usado no início de frases diretas para indicar diálogos. Pode também substituir parênteses.
Usado no final de frases para interrogar, perguntar.	Usado para finalizar uma ideia, uma frase. Pode também ser usado em abreviações.

Detetive de Pontuação

Entregue para cada aluno as páginas do caderno interativo e peça que recortem ao redor das. Depois, deverão ler os trechos, que estão SEM pontuação, à esquerda. Em seguida, deverão anotar no quadro do meio quais sinais deverão ser usados e quantos de cada sinal.

Indico que, ao verificar o trecho, o aluno pinte ou faça uma indicação dos locais onde estão faltando a pontuação, para que o trabalho fique mais organizado (na imagem você poderá ver que os lugares que faltam pontuação estão indicados com amarelo).

Por fim, peça que escrevam no terceiro quadro o trecho, pontuando-o.

Veja a seguir imagens da proposta e gabarito das frases.

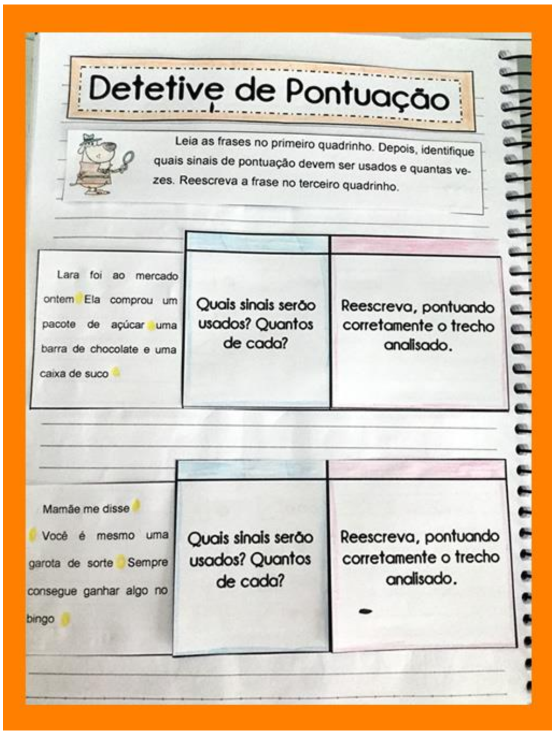

Detetive de Pontuação

Leia as frases no primeiro quadrinho. Depois, identifique quais sinais de pontuação devem ser usados e quantas vezes. Reescreva a frase no terceiro quadrinho.

Lara foi ao mercado ontem Ela comprou um pacote de açúcar uma barra de chocolate e uma caixa de suco	Quais sinais serão usados? Quantos de cada?	Reescreva, pontuando corretamente o trecho analisado.
Mamãe me disse Você é mesmo uma garota de sorte Sempre consegue ganhar algo no bingo	Quais sinais serão usados? Quantos de cada?	Reescreva, pontuando corretamente o trecho analisado.

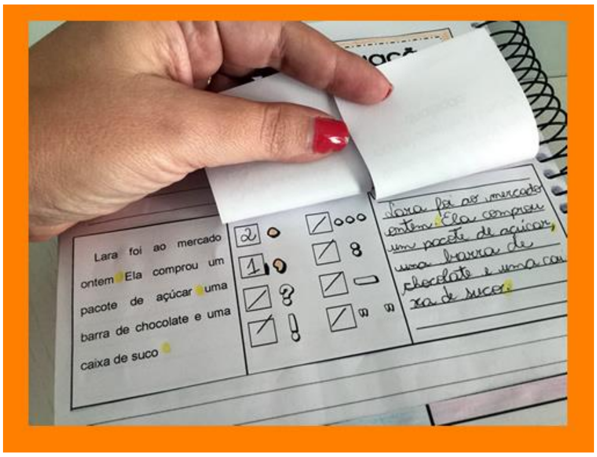

Lara foi ao mercado ontem Ela comprou um pacote de açúcar uma barra de chocolate e uma caixa de suco

2

1

Lara foi ao mercado
ontem Ela comprou
um pacote de açúcar,
uma barra de
chocolate e uma cai-
xa de suco

Gabarito:

Lara foi ao mercado ontem. Ela comprou um pacote de açúcar, uma barra de chocolate e uma caixa de suco.

Mamãe me disse:

– Você é mesmo uma garota de sorte! Sempre consegue ganhar algo no bingo.

Não sei o que dizer para ele... preciso pensar no assunto com mais calma. Qual é a sua opinião?

Não acredito! Somente ele para se gabar como “o bom” depois de tudo o que fez para a prima no verão passado.

Carmem precisa de lápis, papel, borracha e apontador. O que será que vai desenhar agora?

Detetive de Pontuação

Leia as frases no primeiro quadrinho. Depois, identifique quais sinais de pontuação devem ser usados e quantas vezes. Reescreva a frase no terceiro quadrinho.

Lara foi ao mercado ontem Ela comprou um pacote de açúcar uma barra de chocolate e uma caixa de suco	☐ . ☐ ... ☐ , ☐ : ☐ ? ☐ — ☐ ! ☐ " "	
Mamãe me disse Você é mesmo uma garota de sorte Sempre consegue ganhar algo no bingo	☐ . ☐ ... ☐ , ☐ : ☐ ? ☐ — ☐ ! ☐ " "	
Não sei o que dizer para ele preciso pensar no assunto com mais calma Qual é a sua opinião	☐ . ☐ ... ☐ , ☐ : ☐ ? ☐ — ☐ ! ☐ " "	

Não acredito Somente ele para se gabar como o bom depois de tudo o que ele fez para a prima no verão passado	☐ . ☐ ... ☐ , ☐ : ☐ ? ☐ — ☐ ! ☐ " "	____________________ ____________________ ____________________ ____________________ ____________________ ____________________ ____________________ ____________________
Carmem precisa de lápis papel borracha e apontador O que será que vai desenhar agora	☐ . ☐ ... ☐ , ☐ : ☐ ? ☐ — ☐ ! ☐ " "	____________________ ____________________ ____________________ ____________________ ____________________ ____________________ ____________________ ____________________

Reescreva, pontuando corretamente o trecho analisado.

Quais sinais serão usados? Quantos de cada?

Reescreva, pontuando corretamente o trecho analisado.

Quais sinais serão usados? Quantos de cada?

Quais sinais serão usados? Quantos de cada?	Reescreva, pontuando corretamente o trecho analisado.

Quais sinais serão usados? Quantos de cada?	Reescreva, pontuando corretamente o trecho analisado.

Quais sinais serão usados? Quantos de cada?	Reescreva, pontuando corretamente o trecho analisado.

Analisando a Pontuação

Entregue para cada aluno as páginas do caderno interativo e peça que pintem e recortem ao redor das peças.

As peças quadradas, com desenho central devem ser coladas com cuidado, passando cola somente na área central, delimitada pelo desenho, formando abas nos cantos.

Os alunos deverão reescrever a frase sugerida, com a pontuação pedida em cada canto de aba. Em seguida, deverão ler, em voz alta, as frases. O objetivo é perceber que a pontuação altera o sentido ou significado de cada frase, mesmo que elas sejam idênticas em palavras.

Para finalizar, deverão explicar essas diferenças no registro final. Veja a seguir ilustrações da proposta e sugestão de registro final.

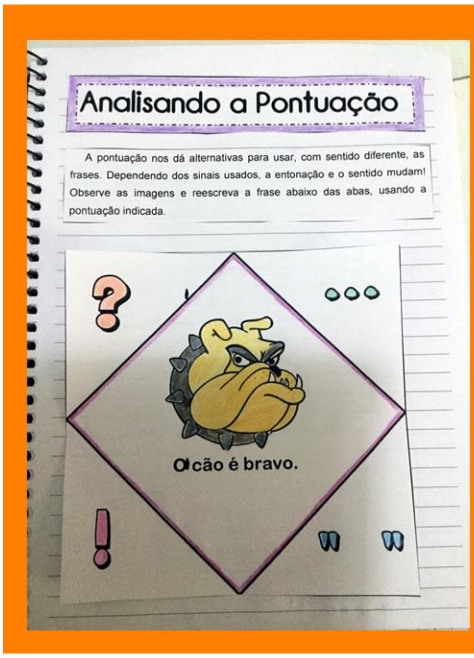

Analisando a Pontuação

A pontuação nos dá alternativas para usar, com sentido diferente, as frases. Dependendo dos sinais usados, a entonação e o sentido mudam! Observe as imagens e reescreva a frase abaixo das abas, usando a pontuação indicada.

O cão é bravo.

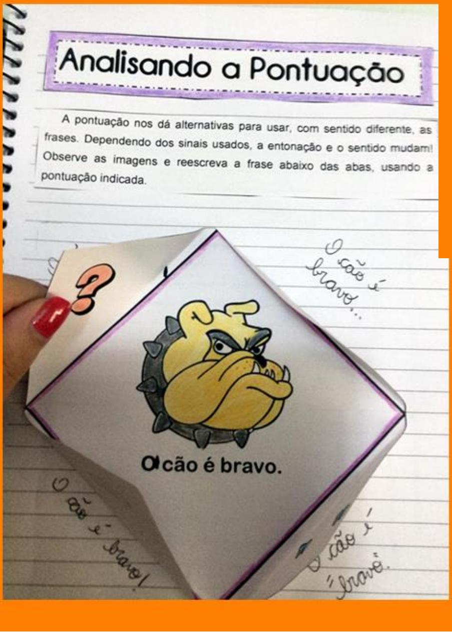

Analisando a Pontuação

A pontuação nos dá alternativas para usar, com sentido diferente, as frases. Dependendo dos sinais usados, a entonação e o sentido mudam! Observe as imagens e reescreva a frase abaixo das abas, usando a pontuação indicada.

O cão é bravo.

O cão é bravo...

O cão é bravo!

O cão é "bravo".

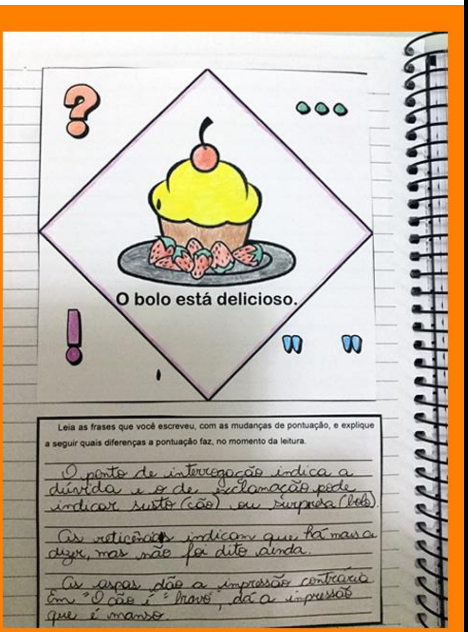

O bolo está delicioso.

Leia as frases que você escreveu, com as mudanças de pontuação, e explique a seguir quais diferenças a pontuação faz, no momento da leitura.

O ponto de interrogação indica a dúvida e o de exclamação pode indicar susto (cão) ou surpresa (bolo).

As reticências indicam que há mais a dizer, mas não foi dito ainda.

As aspas dão a impressão contrária. Em "O cão é "bravo", dá a impressão que é manso.

Analisando a Pontuação

A pontuação nos dá alternativas para usar, com sentido diferente, as frases. Dependendo dos sinais usados, a entonação e o sentido mudam! Observe as imagens e reescreva a frase abaixo das abas, usando a pontuação indicada.

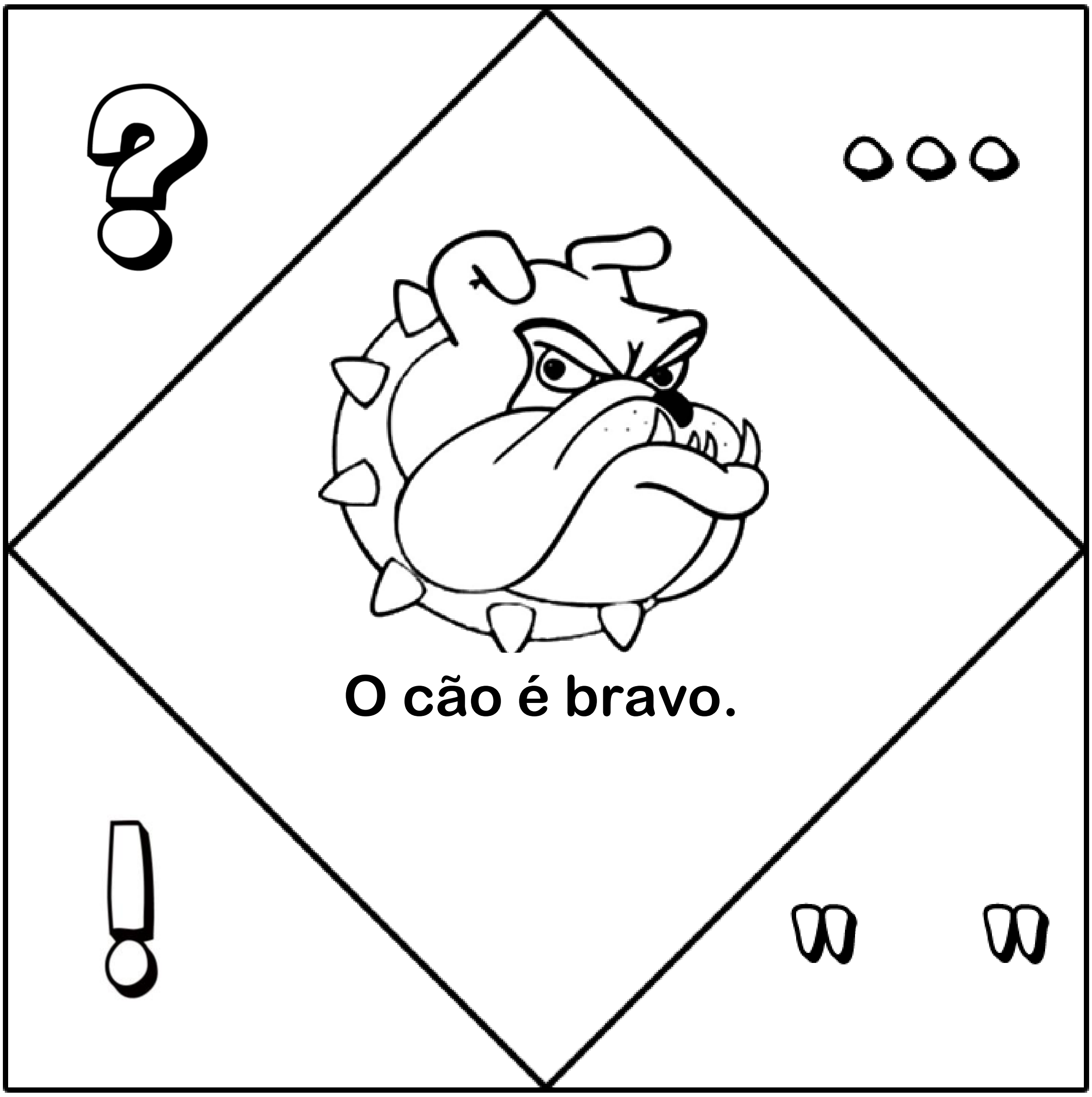

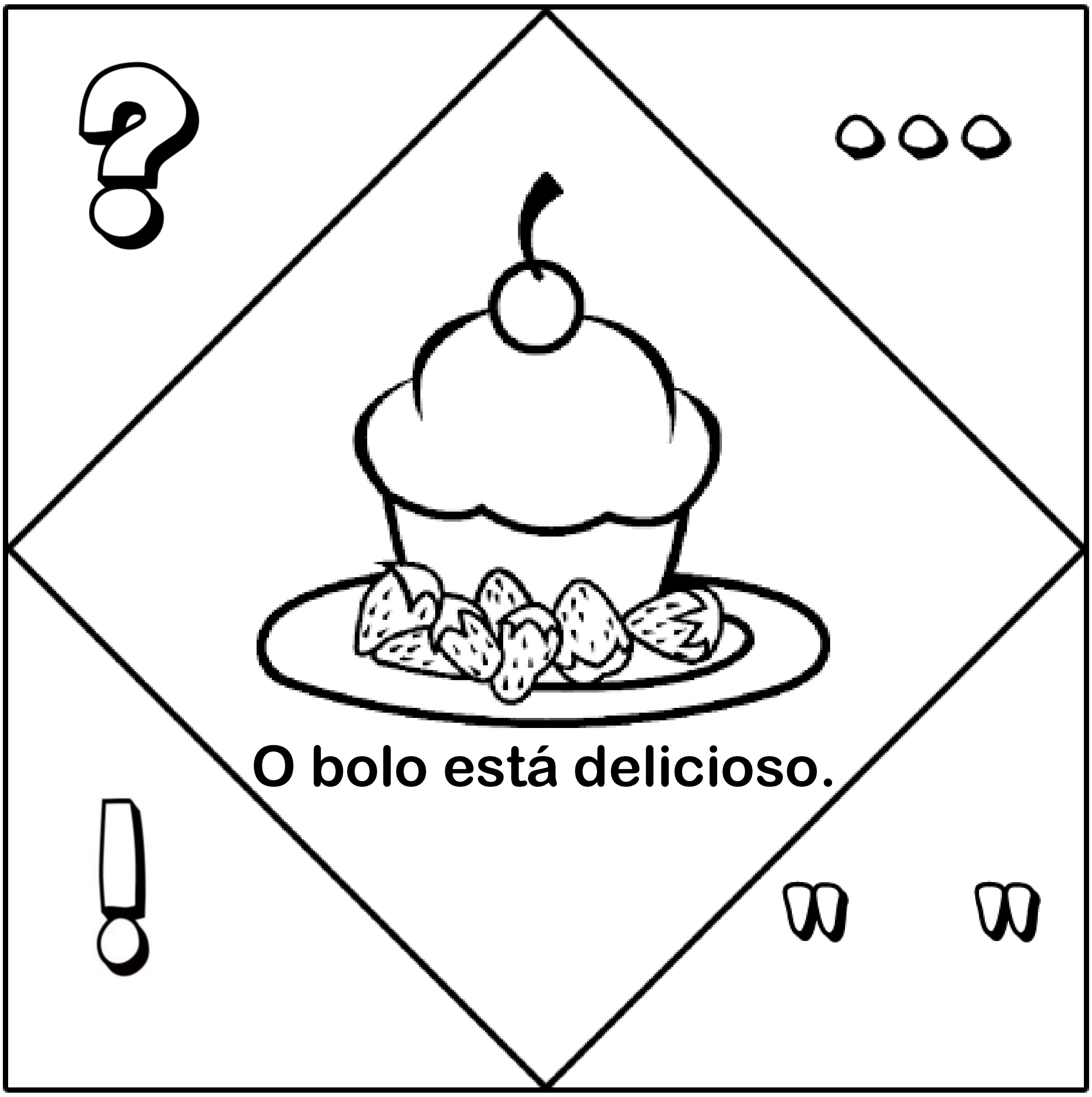

O bolo está delicioso.

Leia as frases que você escreveu, com as mudanças de pontuação, e explique a seguir quais diferenças a pontuação faz, no momento da leitura.

Aprofundando Conhecimentos

Entregue para cada aluno as páginas do caderno interativo.

Peça que pintem e recortem os quadros.

Depois de já recortados os quadrinhos de palavras avulsas, os alunos deverão agrupar de acordo com as indicações de cada quadro de abas (palavras interrogativas, possível uso de aspas e indicadores de fala em diálogo). Deverão então colas as palavras já agrupadas no mesmo grupo e depois embaixo da aba correspondente, com cuidado para passar cola somente na lateral retangular esquerda.

Para finalizar a proposta, deverão fazer a tarefa complementar pedida no material. Veja a seguir ilustrações para entender melhor a proposta e também exemplos para a tarefa complementar.

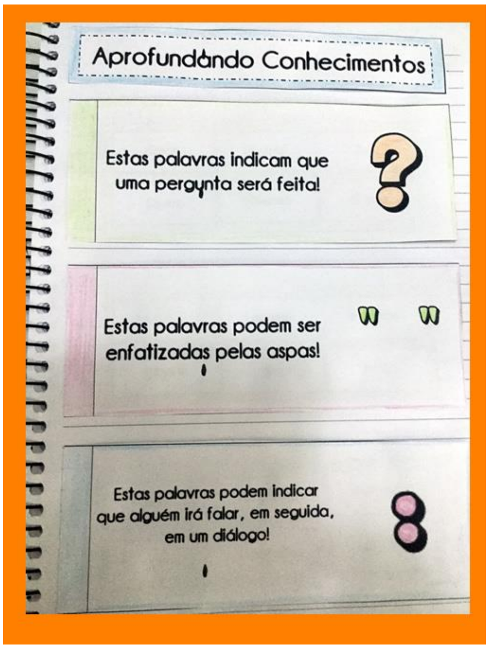

Aprofundando Conhecimentos

Estas palavras indicam que uma pergunta será feita!

Estas palavras podem ser enfatizadas pelas aspas!

Estas palavras podem indicar que alguém irá falar, em seguida, em um diálogo!

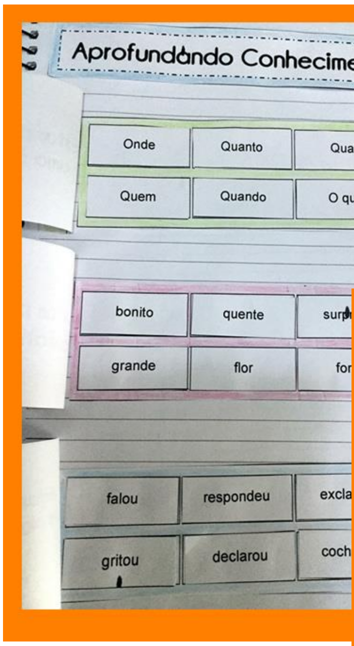

Aprofundando Conhecimentos

Onde Quanto Qual
Quem Quando O que

bonito quente surp
grande flor for

falou respondeu excla
gritou declarou coch

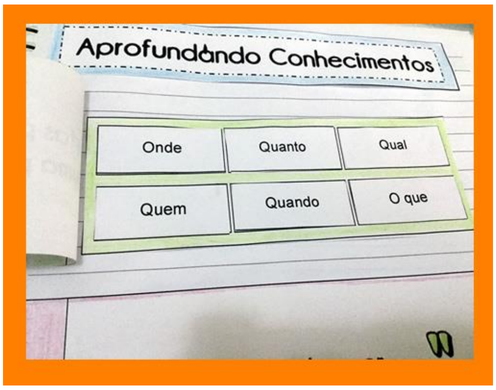

Aprofundando Conhecimentos

Onde Quanto Qual
Quem Quando O que

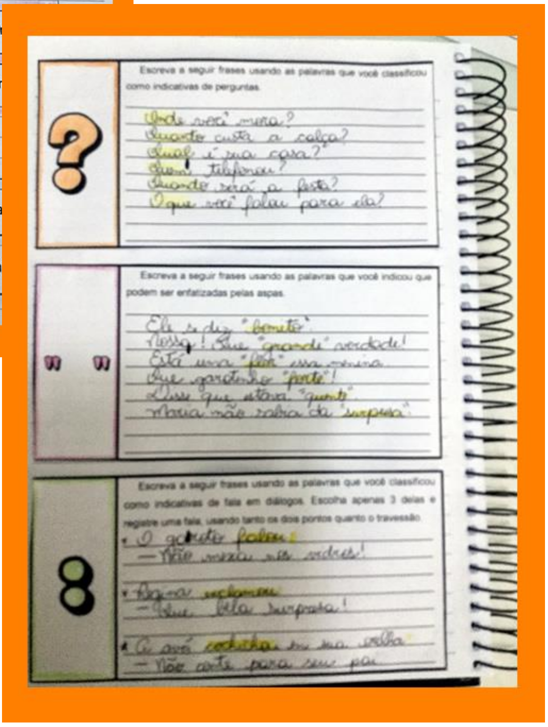

Escreva a seguir frases usando as palavras que você classificou como indicativas de perguntas.

Onde você mora?
Quanto custa a calça?
Qual é sua casa?
Quem telefonou?
Quando será a festa?
O que você falou para ela?

Escreva a seguir frases usando as palavras que você indicou que podem ser enfatizadas pelas aspas.

Ele se diz "bonito".
Nossa! Que "grande" verdade!
Está uma "flor" essa menina.
Que garotinho "forte"!
Disse que estava "quente".
Maria não sabia da "surpresa".

Escreva a seguir frases usando as palavras que você classificou como indicativas de fala em diálogos. Escolha apenas 3 delas e registre uma fala, usando tanto os dois pontos quanto o travessão.

• O garoto falou:
— Não mexa nos vidros!
• Regina exclamou:
— Que bela surpresa!
• A avó cochichou na sua orelha:
— Não conte para seu pai.

Aprofundando Conhecimentos

Estas palavras indicam que uma pergunta será feita!

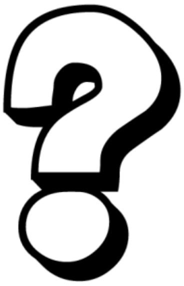

Estas palavras podem ser enfatizadas pelas aspas!

Estas palavras podem indicar que alguém irá falar, em seguida, em um diálogo!

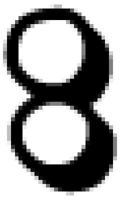

O que	gritou	flor	Quem
falou	Quando	exclamou	respondeu
grande	bonito	Qual	forte
Quanto	Onde	declarou	quente
cochichou	surpresa		

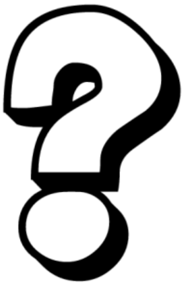

Escreva a seguir frases usando as palavras que você classificou como indicativas de perguntas.

Escreva a seguir frases usando as palavras que você indicou que podem ser enfatizadas pelas aspas.

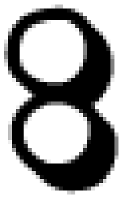

Escreva a seguir frases usando as palavras que você classificou como indicativas de fala em diálogos. Escolha apenas 3 delas e registre uma fala, usando tanto os dois pontos quanto o travessão.

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

TIPOLOGIA TEXTUAL

(Bloco II)

Vânia Araújo

INJUNTIVO (INSTRUCIONAL/PRESCRITIVO)

É o texto que visa a dar instruções, ordens, avisos, conselhos, fazer advertências ou prescrever procedimentos, com o propósito de instruir o leitor/interlocutor. Os textos *injuntivos* são:

- **Do cotidiano:** receitas culinárias ou médicas, manuais de instrução, bulas de medicamentos, placas de sinalização, campanhas comunitárias.
- **Do universo dos concursos:** leis e artigos de modo geral, estatutos/regimentos, Constituição Federal, Declaração Universal dos Direitos do Homem e até os próprios editais.

Características do texto injuntivo:

- Emprega verbos normalmente no modo imperativo.
- Utiliza sempre o padrão culto da língua, com linguagem clara e acessível a todo tipo de pessoa.
- Tem predominância da função referencial da linguagem, embora a conativa seja também bastante recorrente.

CUIDADOS PARA EVITAR ENVENENAMENTOS

- Mantenha sempre medicamentos e produtos tóxicos fora do alcance das crianças;
- Não utilize medicamentos sem orientação de um médico e leia a bula antes de consumi-los;
- Não armazene restos de medicamentos e tenha atenção ao seu prazo de validade;
- Nunca deixe de ler o rótulo ou a bula antes de usar qualquer medicamento;
- Não ingira nem dê remédio no escuro para que não haja trocas perigosas;
- Mantenha os medicamentos nas embalagens originais;
- Cuidado com remédios de uso infantil e de uso adulto com embalagens muito parecidas; erros de identificação podem causar intoxicações graves e, às vezes, fatais.

Internet: **HTTP://189.28.128.100/portal/aplicacoes/noticias (**Adaptado)

DISSERTATIVO ARGUMENTATIVO

- É o texto que visa a influenciar o leitor, por meio de uma linha de raciocínio consistente, procurando convencê-lo (ante a evidência dos fatos) a concordar e aceitar como correto e válido o ponto de vista expresso.

- Como tem finalidade persuasiva, o autor precisa fazer um encadeamento de ideias e raciocínios, com o objetivo de **convencer** o interlocutor.

CARACTERÍSTICAS DO TEXTO ARGUMENTATIVO

- ✓ É um texto de caráter **opinativo** e **persuasivo**, que tem o propósito de convencer o leitor.

- ✓ Segue a estrutura dissertativa padrão (com introdução, desenvolvimento e conclusão).

- ✓ Para descobrir se esse texto é mesmo argumentativo, é necessário que o leitor tente responder a três perguntas básicas:

  1ª) Sobre qual assunto o autor escreve? → TEMÁTICA.
  2ª) O que o autor pensa sobre esse assunto? → TESE.
  3ª) Por que ele "pensa" assim? → ARGUMENTOS.

Com o advento do século XXI, novas ameaças ganharam relevo no mosaico dos problemas que colocam em risco a segurança dos povos, a estabilidade dos países e a concentração de esforços em favor da paz mundial. O terrorismo internacional, devido a seu poder de infiltração em diferentes regiões e sua capacidade para gerar instabilidade na comunidade internacional, constitui uma das principais ameaças da atualidade.

A expansão do terrorismo internacional na última década está diretamente relacionada ao crescimento de sua vertente islâmica, que, por sua vez, ampliou-se na esteira da disseminação de interpretações radicais do Islã, que se opõem a qualquer tipo de intervenção no universo dos valores muçulmanos e pregam o uso da violência — guerra santa (jihad) — como forma de defender, expandir e manter a comunidade islâmica mundial.

Paulo de Tarso Resende Paniago. ***O desafio do terrorismo internacional***. In: **Revista Brasileira de Inteligência.** Brasília: ABIN, v. 3, n.º 4, set./2007, p. 36.

DISSERTATIVO EXPOSITIVO

Neste tipo de texto, o autor procura somente informar, explicar ou interpretar ideias, conceitos ou pontos de vista, por meio de uma explanação imparcial – que não conduza à polêmica e não tenha o propósito imediato de persuadir ou formar a opinião do leitor. **Tem finalidade informativa**.

Características do texto expositivo:

- ✓ Como tem a finalidade de construir ou transmitir conhecimentos, deve ter o máximo de precisão e rigor nos conceitos e informações utilizados.
- ✓ Geralmente explica ou fundamenta as afirmações com base em informações objetivas, dados cientificamente comprovados.
- ✓ Tem predomínio da função referencial, ou seja, utiliza uma linguagem precisa, objetiva e impessoal, que obedece ao padrão culto da língua.

Um dos mais fortes argumentos contra qualquer espécie de racismo vem das recentes descobertas no campo da genética, que consolidaram, no campo científico, a ideia bastante conhecida atualmente de que todos os seres humanos existentes hoje em dia são originários de um mesmo grupo de hominídeos que viveram na África Ocidental há dezenas de milhares de anos.

As pesquisas realizadas pelo geneticista Marc Feldman, professor da Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, que comparou os códigos genéticos de 1.056 voluntários de 52 regiões do planeta, revelaram diferenças tão pequenas que a única conclusão possível é a de que toda a humanidade descende de uma população bem pequena.

(...) Essa população, por motivos ainda desconhecidos, migrou em direção ao norte, passando pelo Oriente Médio, povoando a Europa e a Ásia e posteriormente migrando dessa região para o continente americano e demais partes do mundo.

Reinaldo Dias. Antepassados humanos comuns. In: ***Introdução à sociologia***. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005, p. 175 (com adaptações).

TEXTOS VERBO-VISUAIS

INFOGRÁFICO

- É um quadro informativo que mistura texto e ilustração, com forte apelo visual – para transmitir uma informação por meio de detalhes mais relevantes. Assim, o infográfico, em vez de “contar” a notícia, “*mostra*” como ela é.
- É uma modalidade usada corriqueiramente no design de jornais, com a função de mostrar como aconteceu determinado fato e quais as suas consequências; ou de explicar (por meio de ilustrações, diagramas e textos) fatos que o próprio texto não consegue detalhar com a mesma eficiência.
- É um texto que funciona como um grande atrativo para a leitura das matérias, tendo em vista que oferece uma noção mais rápida e clara dos sujeitos, do tempo e do espaço da notícia, facilitando o entendimento da informação.

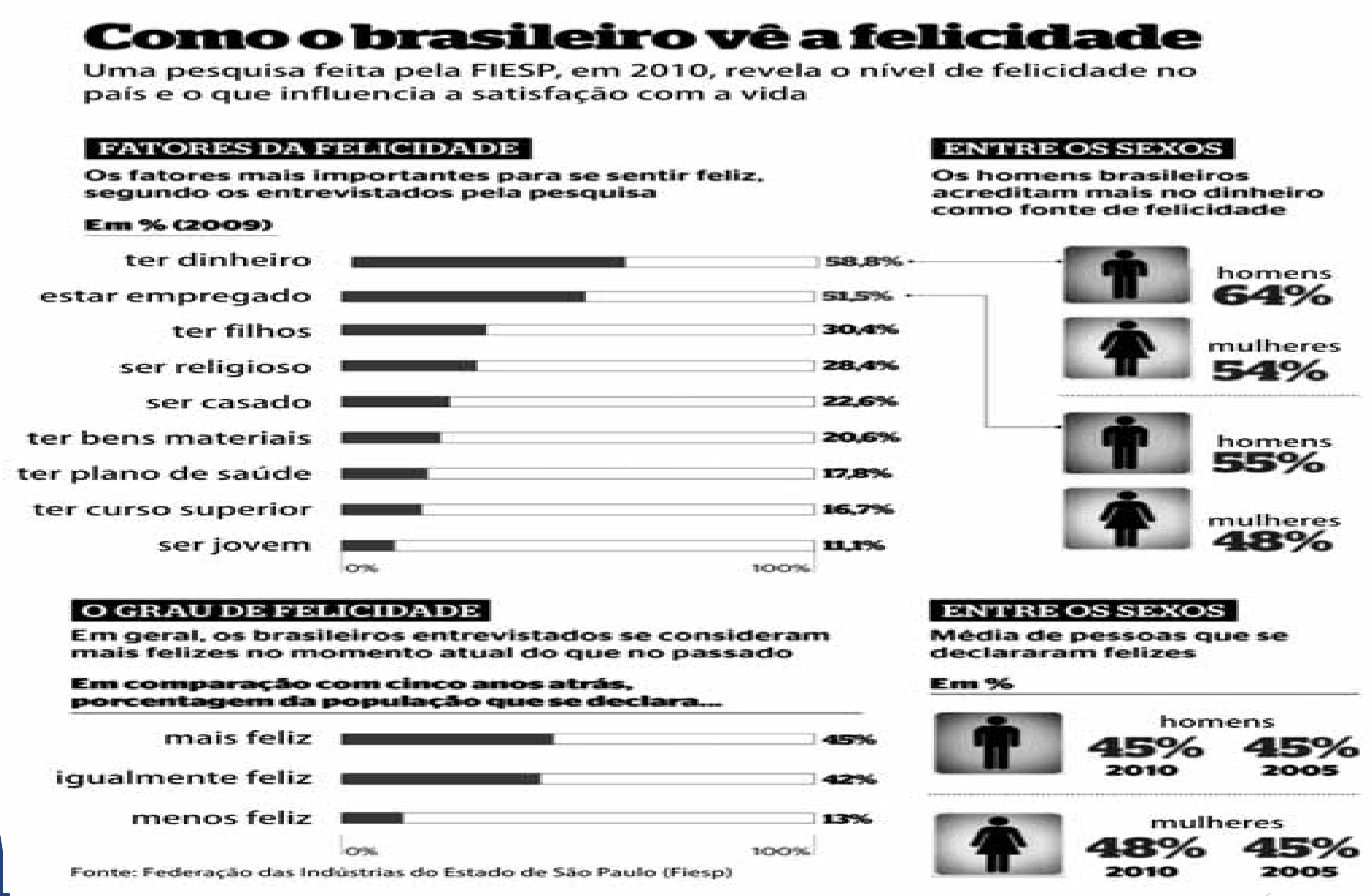

Como o brasileiro vê a felicidade

Uma pesquisa feita pela FIESP, em 2010, revela o nível de felicidade no país e o que influencia a satisfação com a vida

FATORES DA FELICIDADE

Os fatores mais importantes para se sentir feliz, segundo os entrevistados pela pesquisa

Em % (2009)

ter dinheiro	58,8%
estar empregado	51,5%
ter filhos	30,4%
ser religioso	28,4%
ser casado	22,6%
ter bens materiais	20,6%
ter plano de saúde	17,8%
ter curso superior	16,7%
ser jovem	11,1%

ENTRE OS SEXOS

Os homens brasileiros acreditam mais no dinheiro como fonte de felicidade

homens	64%
mulheres	54%
homens	55%
mulheres	48%

O GRAU DE FELICIDADE

Em geral, os brasileiros entrevistados se consideram mais felizes no momento atual do que no passado

Em comparação com cinco anos atrás, porcentagem da população que se declara...

mais feliz	45%
igualmente feliz	42%
menos feliz	13%

Fonte: Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp)

ENTRE OS SEXOS

Média de pessoas que se declararam felizes

Em %

	2010	2005
homens	45%	45%
mulheres	48%	45%

O mito da felicidade. In: Época. 27/5/2011. Internet: <www.revistaepoca.globo.com> (com adaptações).

CARTUM

Termo oriundo do inglês, “cartoon”.

✓ É um desenho humorístico (uma “anedota gráfica”) que tem amplo espaço na imprensa escrita atual e retrata de maneira crítica temas que podem ser entendidos em qualquer parte do mundo por diferentes culturas e em diferentes épocas (ou seja, não se insere em um contexto específico).

✓ Por ser uma forma de manifestação caricatural, é uma modalidade que pode prescindir de textos de apoio, representando as ideias apenas pela expressão dos personagens no desenho.

✓ **No cartum, os “alvos” são as pessoas comuns.**

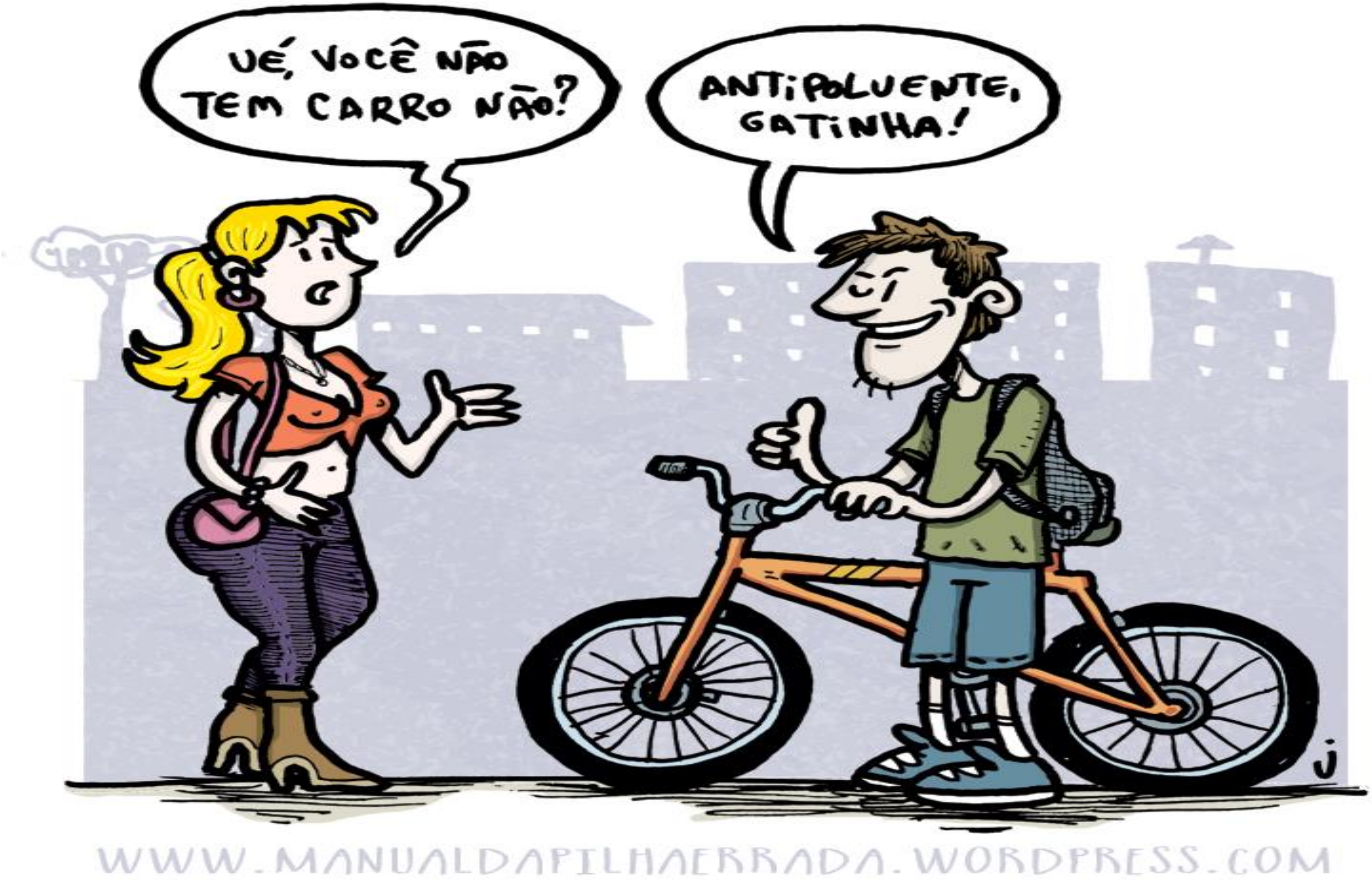
UÉ, VOCÊ NÃO TEM CARRO NÃO?
ANTIPOLUENTE, GATINHA!
J
WWW.MANUALDAPILHAERRADA.WORDPRESS.COM

Em: www.manualdapilhaerrada.wordpress.com

CHARGE

Termo oriundo do francês “charger”, que significa “carregar”.

- É uma forma de manifestação caricatural que consiste em satirizar costumes ocorridos em um contexto (cultural, econômico e social) definido, específico. Por isso, é necessário que o leitor/interlocutor tenha conhecimento desses fatores para entender o que provoca o humor, já que, fora desse contexto, a charge perde sua força comunicativa.

- **Na charge, os “alvos” são os personagens da vida pública (políticos, artistas, etc.) ou mesmo coisas personificadas que têm algum relevo na mídia.**

- Utilizando-se da caricatura e da ridicularização de uma situação, a **charge** transforma a intenção artística em uma prática política, em uma forma de resistir aos acontecimentos – nem sempre objetivando o riso, embora muitas vezes o tenha como atrativo.

IMPORTANTE!

O que diferencia, basicamente, a charge do cartum é que o conteúdo desta é mais ácido, com uma crítica mais veemente, enquanto o daquele é mais ameno, mais cômico.

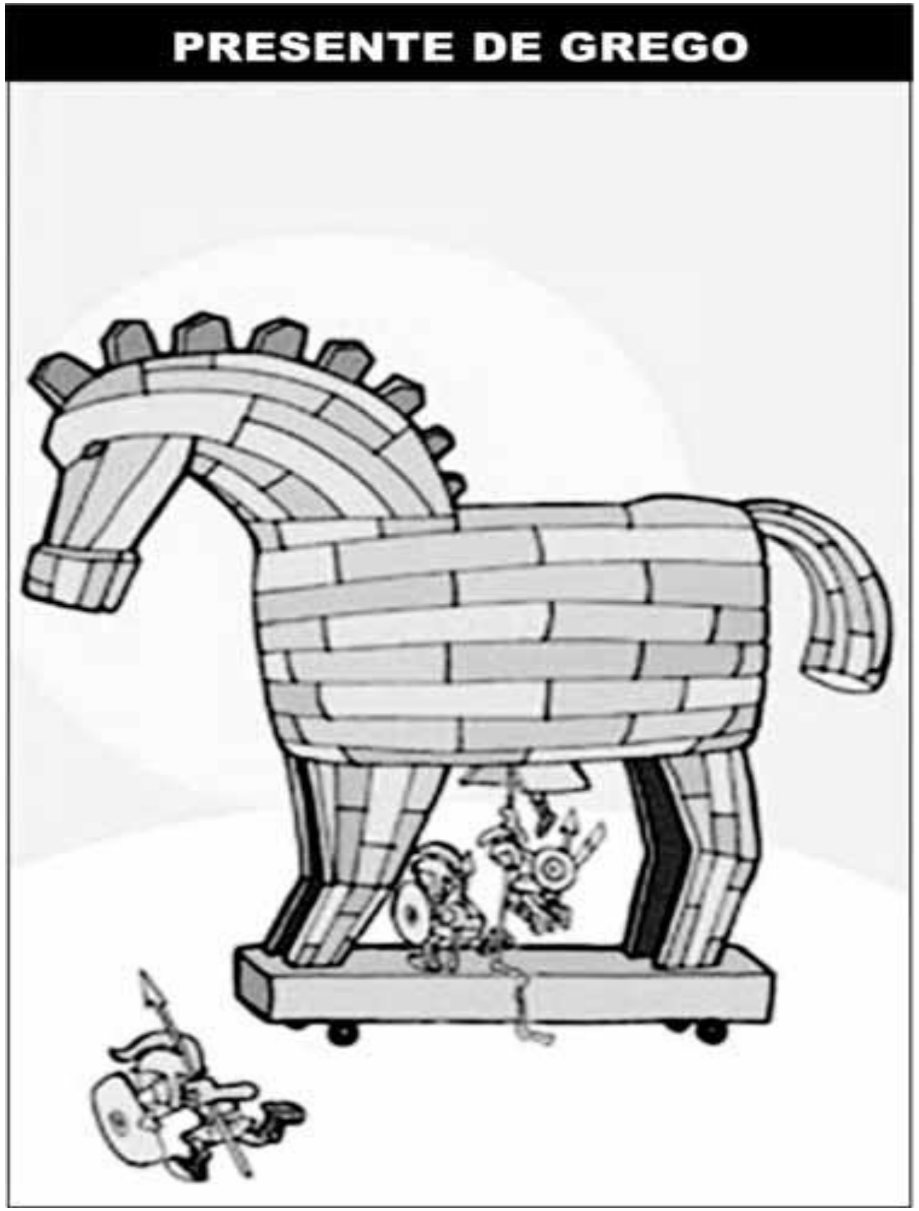
PRESENTE DE GREGO

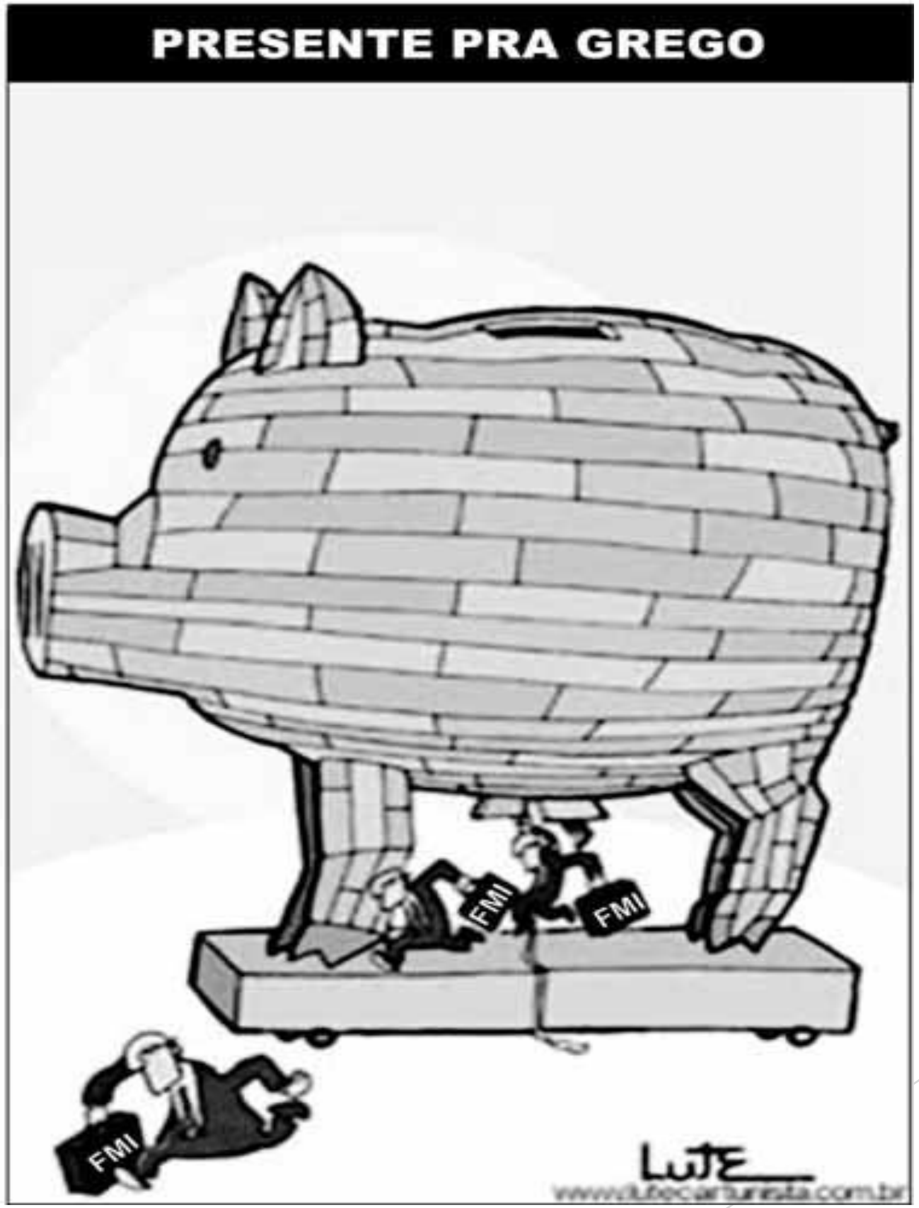
PRESENTE PRA GREGO
FMI
FMI
FMI
LUTE
www.lutecartunista.com.br

Internet: <http://economidiando.blogspot.com.br>.

FOLDER

Termo oriundo do inglês “fold” (folha)

- É um folheto, com **uma dobra ou duas,** que visa a dar informações ao público.
- É composto pela capa (página principal), a mensagem interna e a última página - que costuma conter elementos como contatos e outras informações relevantes.

TIPOS DE FOLDER:

- ✓ **Promocional - é usado** para promover determinado produto, serviço ou área comercial.
- ✓ **Institucional -** é usado no âmbito de uma instituição (muitas vezes, circula somente dentro da empresa).
- ✓ **Informativo -** é distribuído à população, com o objetivo de anunciar ou promover determinado evento.

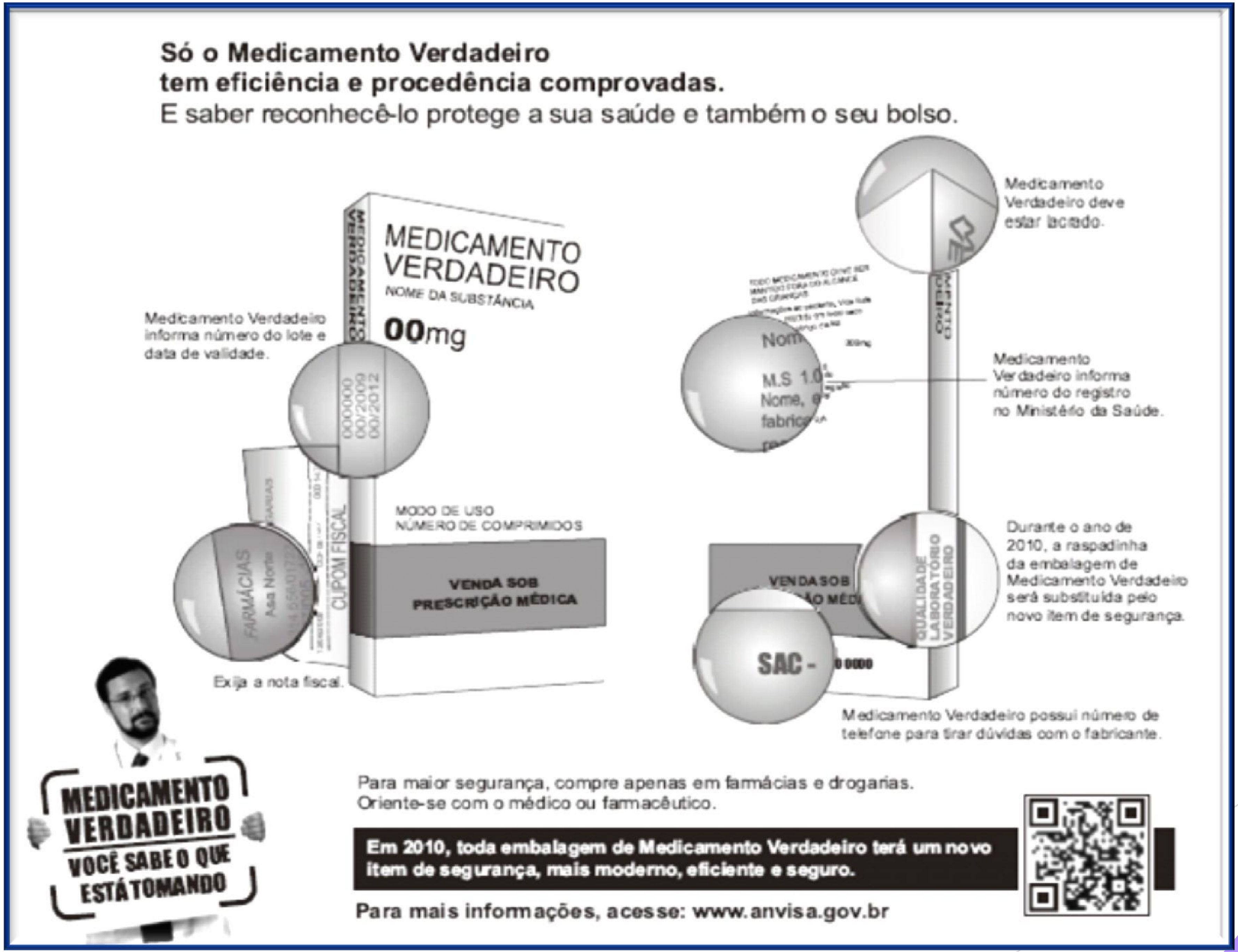

Só o Medicamento Verdadeiro tem eficiência e procedência comprovadas.

E saber reconhecê-lo protege a sua saúde e também o seu bolso.

Medicamento Verdadeiro informa número do lote e data de validade.

Exija a nota fiscal.

Medicamento Verdadeiro deve estar lacrado.

Medicamento Verdadeiro informa número do registro no Ministério da Saúde.

Durante o ano de 2010, a raspadinha da embalagem de Medicamento Verdadeiro será substituída pelo novo item de segurança.

Medicamento Verdadeiro possui número de telefone para tirar dúvidas com o fabricante.

Para maior segurança, compre apenas em farmácias e drogarias.
Oriente-se com o médico ou farmacêutico.

Em 2010, toda embalagem de Medicamento Verdadeiro terá um novo item de segurança, mais moderno, eficiente e seguro.

Para mais informações, acesse: www.anvisa.gov.br

MEDICAMENTO VERDADEIRO
NOME DA SUBSTÂNCIA
00mg
000000
00/2009
00/2012
FARMÁCIAS
CUPOM FISCAL
MODO DE USO
NÚMERO DE COMPRIMIDOS
VENDA SOB PRESCRIÇÃO MÉDICA
M.S 1.0
SAC -
QUALIDADE LABORATÓRIO VERDADEIRO
MEDICAMENTO VERDADEIRO
VOCÊ SABE O QUE ESTÁ TOMANDO

TIRAS DE QUADRINHOS

Expressão oriunda do inglês, “*comic strips*”.

- ✓ Trata-se de uma série de vinhetas que se utilizam de códigos verbais (com enunciados curtos) e não-verbais (desenhos), com um conteúdo no qual predomina a crítica (com humor) a determinadas formas de comportamento, valores, sentimentos etc.

- ✓ As “tirinhas” são publicadas regularmente em jornais, revistas e, mais recentemente, nas páginas da internet (as chamadas *webcomics*).

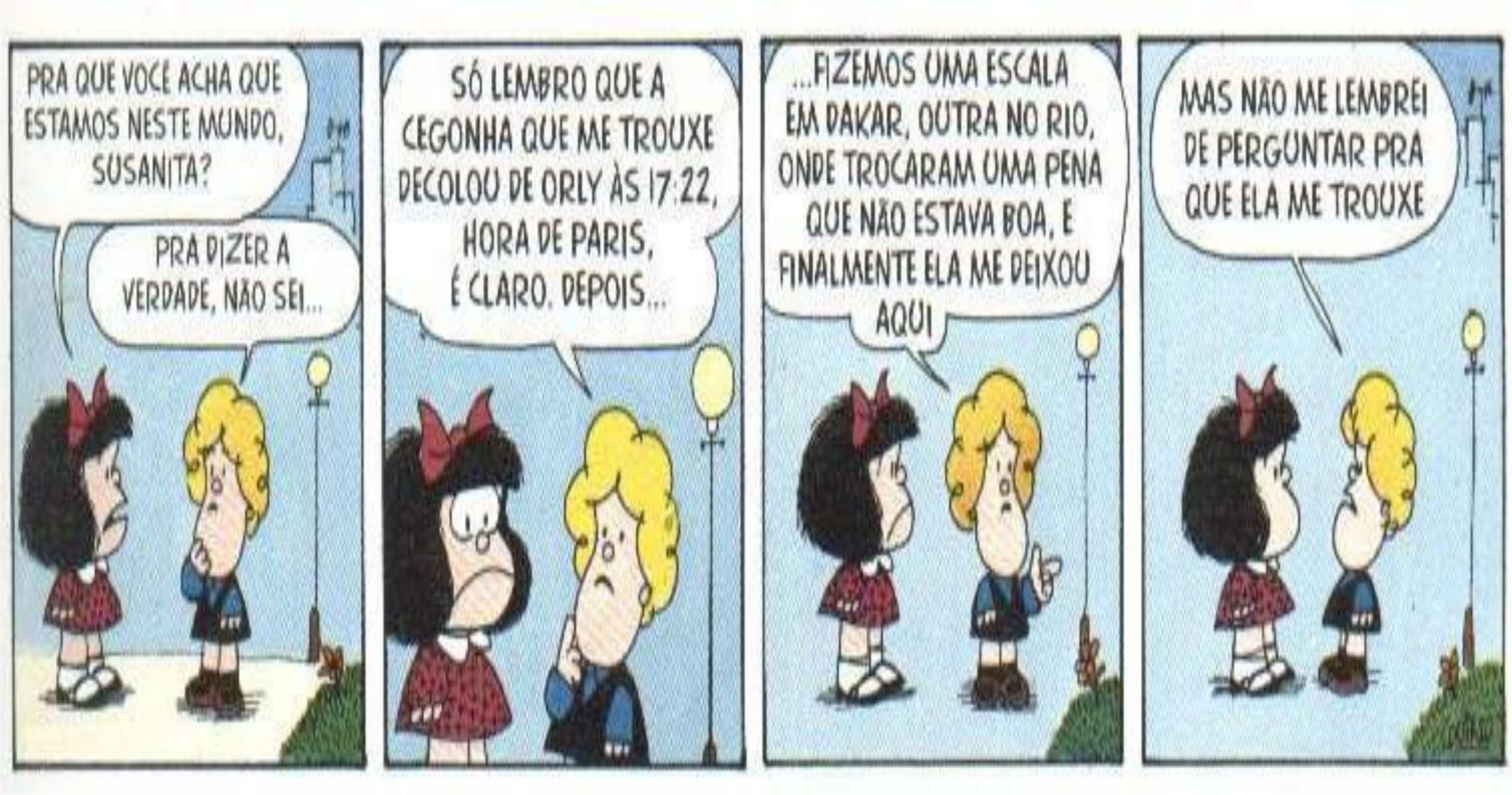
PRA QUE VOCE ACHA QUE ESTAMOS NESTE MUNDO, SUSANITA?
PRA DIZER A VERDADE, NÃO SEI...
SÓ LEMBRO QUE A CEGONHA QUE ME TROUXE DECOLOU DE ORLY ÀS 17:22, HORA DE PARIS, É CLARO. DEPOIS...
...FIZEMOS UMA ESCALA EM DAKAR, OUTRA NO RIO, ONDE TROCARAM UMA PENA QUE NÃO ESTAVA BOA, E FINALMENTE ELA ME DEIXOU AQUI
MAS NÃO ME LEMBREI DE PERGUNTAR PRA QUE ELA ME TROUXE

CLÁUDIO MORENO

NOVA ORTOGRAFIA

guia prático do português correto

para gostar de aprender

ORTOGRAFIA

- O EMPREGO DAS LETRAS
- ACENTOS E SINAIS
- HÍFEN
- COMO SE DIZ

para gostar de aprender

L&PM POCKET

para gostar de aprender

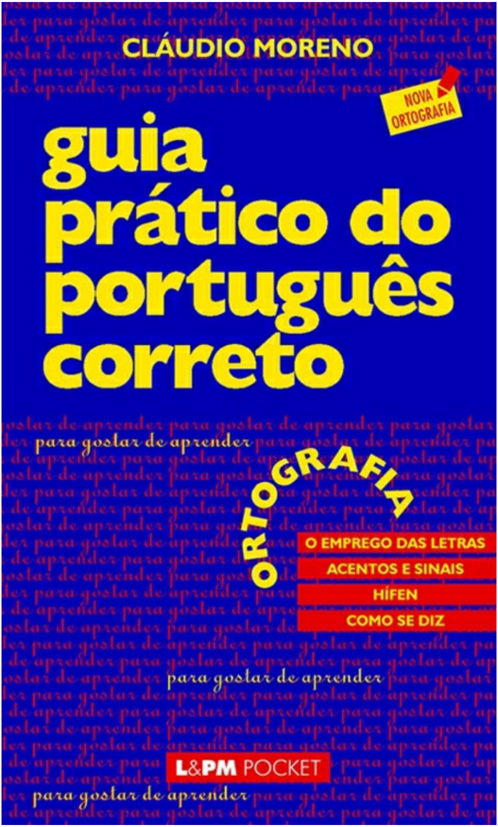

CLÁUDIO MORENO

NOVA ORTOGRAFIA

guia prático do português correto

para gostar de aprender

ORTOGRAFIA

- O EMPREGO DAS LETRAS
- ACENTOS E SINAIS
- HÍFEN
- COMO SE DIZ

para gostar de aprender

L&PM POCKET

para gostar de aprender

CLÁUDIO MORENO

guia prático do português correto

para gostar de aprender

ORTOGRAFIA

O EMPREGO DAS LETRAS
ACENTOS E SINAIS
HÍFEN
COMO SE DIZ

www.lpm.com.br
L&PM POCKET

À memória de Joaquim Moreno, meu pai, e de Celso Pedro Luft, mestre e amigo.

Advertência

Caro leitor:

Esta é uma edição completamente reformulada do 1o volume do *Guia prático do Português correto*. Além de acrescentar vários artigos para explicar o novo Acordo, modifiquei todos os demais para adequá-los às novas regras de nossa ortografia.

Professor Cláudio Moreno

Apresentação

Cláudio Moreno

Este livro é a narrativa de minha volta para casa – ou, ao menos, para essa casa especial que é a língua que falamos. Assim como, muito tempo depois, voltamos a visitar o lar em que passamos nossos primeiros anos – agora mais velhos e mais sábios –, trato de revisitar aquelas regras que aprendi quando pequeno, na escola, com todos aqueles detalhes que nem eu nem meus professores entendíamos muito bem.

Quando, há quase dez anos, criei minha página sobre o Português (**www.sualingua.com.br**), percebi, com surpresa, que os leitores que me escrevem continuam a ter as mesmas dúvidas e hesitações que eu tinha quando saí do colégio nos turbulentos anos 60. As perguntas que me fazem são as mesmas que eu fazia, quando ainda não tinha toda esta experiência e formação que acumulei ao longo de trinta anos, que me permitem enxergar bem mais claro o desenho da delicada tapeçaria que é a Língua Portuguesa. Por isso, quando respondo a um leitor, faço-o com prazer e entusiasmo, pois sinto que, no fundo, estou respondendo a mim mesmo, àquele jovem idealista e cheio de interrogações que resolveu dedicar sua vida ao estudo do idioma.

Por essa mesma razão, este livro, da primeira à última linha, foi escrito no tom de quem conversa com alguém que gosta de sua língua e está interessado em entendê-la. Este interlocutor é você, meu caro leitor, e também todos aqueles que enviaram as perguntas que compõem este volume, reproduzidas na íntegra para dar mais sentido às respostas. Cada unidade está dividida em três níveis: primeiro, vem uma explicação dos princípios mais gerais que você deve conhecer para aproveitar melhor a leitura; em seguida, as perguntas mais significativas, com discussão detalhada; finalmente, uma série de perguntas curtas, pontuais, acompanhadas da respectiva resposta.

Devido à extensão do material, decidimos dividi-lo em quatro volumes. O primeiro reúne questões sobre **Ortografia** (emprego das letras, acentuação, emprego do hífen e pronúncia correta). O segundo, questões sobre **Morfologia** (flexão dos substantivos e adjetivos, conjugação verbal, formação de novas palavras). O terceiro, questões sobre **Sintaxe** (regência, concordância, crase, etc.). O quarto, finalmente, será totalmente dedicado à **Pontuação**.

Sempre que, para fins de análise ou de comparação, foi preciso escrever uma forma **errada**, ela foi antecedida de um **asterisco**, segundo a praxe de todos

os modernos trabalhos em Linguística (por exemplo, "o dicionário registra **obcecado**, e não ***obscecado** ou ***obsecado**"). O que vier indicado entre duas barras inclinadas refere-se exclusivamente à pronúncia e não pode ser considerado como uma indicação da forma correta de grafia (por exemplo: **afta** vira, na fala, **/á-fi-ta/**).

2003-2009

Por que escrevemos desta maneira e não de outra?

O Português tem uma ortografia muito difícil?

Ao contrário do que muita gente pensa, nossa ortografia até que não é das piores; mais simples do que a nossa, das línguas irmãs e vizinhas, só mesmo a do Espanhol. A do Francês é aquele mistério cheio de letras mudas; por exemplo, *ver* (verme), *vert* (verde), *verre* (vidro; copo) e *vers* (em direção a), apesar das diferenças de grafia, são **homófonos perfeitos**, isto é, são pronunciados exatamente da mesma forma (/vér/). A ortografia do Inglês (que muitos ingênuos pensam ser mais fácil do que a nossa, só porque não tem acentos...) é um horror até para os franceses: a pronúncia da sequência [ough] em *bough* (ramo), *cough* (tosse) e *trough* (através) é completamente diferente: /bou/, /cóf/ e /thru/. **Lives** pode ser lido /livs/ (ele vive) ou /laivz/ (vidas). A sequência [ey] soa como /i/ em *key* (chave), mas como /êi/ em *they* (eles); [oes] é lido como /us/ em *shoes* (sapatos), mas como /ous/ em *goes*. A primeira sílaba de *giraffe* (girafa) é lida como /ji/; a de *gift* (presente), como /gui/. E assim por diante. Enquanto eles escrevem *typography*, *pharmacy*, *theater, psychology*, nós, a partir do Acordo de 1943, passamos para **tipografia**, **farmácia**, **teatro**, **psicologia**. O nosso modo de escrever é mais simples porque é mais jovem, apropriado para um país como o nosso, que vive uma eterna juventude.

Quem determinou que você deve escrever desta ou daquela maneira?

O Português nem sempre foi escrito assim como o fazemos hoje; desde os primeiros documentos do século XIII, foi um longo caminho até chegar ao ponto em que nos encontramos. Até o início do século XX – mais precisamente, até o início da Segunda Guerra Mundial – coabitavam, no Brasil, vários sistemas ortográficos; entre eles, os de maior destaque eram o **fonético**, o **etimológico** e, como não poderia deixar de ser, o **misto**. Cada brasileiro escolhia qual deles preferia seguir, o que gerava,

como se pode imaginar, um pandemônio ortográfico indescritível, com perversas repercussões no mundo escolar: qual dos sistemas a ser ensinado? Como evitar os evidentes prejuízos para o aluno que tinha de trocar de escola e, consequentemente, de sistema?

Com Getúlio Vargas, nosso benévolo ditador tropical, tudo ficou mais simples, já que o projeto de uma ortografia unificada passou a fazer parte do seu plano de modernização nacional, juntamente com a consolidação das leis trabalhistas (a C.L.T.). Como naquela época a Linguística ainda não tinha assumido o seu papel de verdadeira ciência, criou-se uma comissão com os especialistas do momento – gramáticos de renome e membros da Academia Brasileira de Letras –, com a tarefa de criar um sistema ortográfico simplificado, que fosse utilizado em todo o território nacional. Esse grupo de notáveis fez o que podia com os recursos de que dispunha. É claro que hoje podemos enxergar vários defeitos no seu projeto, mas isso é natural; primeiro, porque nenhuma ciência humana avançou tanto quanto a Linguística, nos últimos cinquenta anos; segundo, porque, à semelhança de um novo modelo de automóvel, os problemas que não foram visíveis na prancheta terminaram aparecendo depois de meio século de uso. No entanto, o balanço final era positivo, e, na maioria dos casos, a lógica e a coerência eram mantidas.

O único defeito sério do modelo de 1943 eram os acentos diferenciais, criados por puro excesso de zelo. Mais uma vez se comprovava que de boas intenções o inferno está cheio... **Sêde** tinha acento para distinguir de **sede**; **almôço**, para distinguir de **almoço**, etc. – mais de quatrocentos pares semelhantes, numa lista que precisava ser guardada na memória; quem escreveu durante a vigência desta regra conhece muito bem o pesadelo em que ela se tornou. Diante do clamor generalizado, a Academia, em 1971, editou uma pequena reforma (na verdade, apenas um retoque) que eliminou o famigerado circunflexo diferencial. A meu ver, tínhamos chegado a um modelo sólido e estável, apesar das pequenas imperfeições: o Acordo de 1943 tinha padronizado nossa grafia, o de 1971 tinha corrigido o que precisava ser corrigido. Infelizmente, as bruxas cozinhavam, no seu caldeirão de feitiços, um novo monstrengo que viria assombrar a vida do

pacato cidadão: o Acordo Ortográfico de 1990, que entrou em vigor no memorável ano de 2009.

1943 [1945]*

padronização

Promovida por Getúlio Vargas, foi nossa primeira reforma oficial. Seu intuito era **simplificar** e **padronizar** a ortografia em todo o território nacional. Eliminou velharias como o **ph**, o **th**, o **h** interno, o **m** duplo, entre outras. Ainda é a base do atual sistema.

1971

retificação

Veio corrigir os defeitos do modelo de 1943, identificados após quase trinta anos de uso. Suprimiu o acento SUBTÔNICO (**cafèzinho**, **ràpidamente**, **cômodamente**) e o acento DIFERENCIAL — o circunflexo usado para assinalar o E e o O fechados em pares como **almôço**: **almoço**, **gêlo**: **gelo**, **sêde**: **sede**, **pôrto**: **porto**, etc.

1990

unificação

Segundo seus defensores, veio para, finalmente, unificar a grafia usada em todos os países lusófonos. No Brasil, pouca coisa mudou no modelo de 1943, além da eliminação do trema, da supressão de alguns acentos pouco expressivos e da reformulação das regras do hífen. Não há alteração alguma no emprego das letras. Em Portugal e nos países sob sua área de influência, a mudança atinge também as consoantes não-pronunciadas.

---

* Em **1945**, entrou em vigor um novo Acordo, diferente em vários pontos do modelo de **1943**. No entanto, naquele mesmo ano, o Brasil, embora tivesse assinado e ratificado essa reforma, recuou e voltou, unilateralmente, ao modelo anterior. A partir daquela data, portanto, passaram a viger dois sistemas paralelos de grafia: do lado de lá do Atlântico, o Acordo de 1945; do lado de cá, o Acordo de 1943. O Acordo de 1990 – ao menos teoricamente – veio pôr um fim a essa divergência.

Este novo Acordo era mesmo necessário?

Não. Ele nasceu por volta de 1980, objeto de um movimento messiânico que se empenhava numa utópica “unificação” da ortografia da Língua Portuguesa. Sua meta declarada era diminuir ao máximo as diferenças de grafia entre os países lusófonos, cobrando de cada país signatário uma determinada taxa de sacrifício. O Brasil cederia aqui, Portugal cederia lá, os países africanos cederiam acolá – e pronto: teríamos uma forma única de grafar cada palavra de nosso idioma! As vantagens? Segundo os “acordistas”, seriam inúmeras: uma vez unificado, o Português poderia se elevar finalmente ao patamar iluminado em que vivem as grandes línguas internacionais; a ONU incluiria nosso idioma como uma de suas línguas oficiais; o ensino do Português seria simplificado, facilitando o combate ao analfabetismo; abrir-se-ia um mercado editorial mais amplo e homogêneo, favorecendo os autores de todos os países participantes – e assim por diante. Embrulhado com papel e fita tão brilhantes, o **Acordo** terminou sendo aprovado por uma coligação de “políticos estultos e acadêmicos espertalhões”, como bem disse um jornalista brasileiro.

Ora, como já se pôde ver no primeiro ano de vigência das novas regras, todas essas promessas viraram fumaça, pois se baseavam numa unificação que simplesmente não vai ocorrer. Além das óbvias diferenças lexicais que existem e sempre existirão entre os vários países lusófonos, o próprio texto do **Acordo** admite uma série de “facultatividades”, permitindo que hábitos ortográficos locais sejam mantidos – isto é, permitindo que se mantenham diferenças na maneira de grafar a mesma palavra.

Por que a ortografia não vai ser unificada

Embora pareça absurdo, o próprio texto do **Acordo** que foi aprovado fulmina qualquer esperança de unificação. Vejamos um exemplo: **antes** do **Acordo**, escrevia-se assim em

Portugal:

> “Como **noticiámos** ontem, o **facto** mais pitoresco da semana foi o **bebé** raptado pela **hospedeira** da Air France. Depois da **descolagem**, a torre de **controlo**, avisada por telefonema **anónimo**, obrigou o piloto a fazer uma **aterragem** forçada”.

No Brasil, o mesmo texto seria escrito assim:

> “Como **noticiamos** ontem, o **fato** mais pitoresco da semana foi o **bebê** raptado pela **aeromoça** da Air France. Depois da **decolagem**, a torre de **controle**, avisada por telefonema **anônimo**, obrigou o piloto a fazer uma **aterrissagem** forçada”.

São **oito** divergências em tão poucas linhas! Felizmente, foi promulgado o **Acordo**, e agora... – pois agora, meu caro leitor, fique sabendo que os dois textos acima continuam a ser escritos da mesmíssima forma, com as mesmas oito divergências de antes da reforma! Enquanto o leitor esfrega os olhos, para certificar-se de que não está sonhando, vou explicar o que houve.

Para maior comodidade de explanação, vamos dividir essas diferenças em três grupos. Em primeiro lugar vêm as diferenças **morfológicas**: **descolagem** (decolagem), **controlo** (controle) e **aterragem** (aterrissagem) são variantes permitidas na estrutura do nosso léxico, da mesma forma que, entre muitos outros, **patinagem** (patinação), **equipa** (equipe), **camião** (caminhão), **chuto** (chute), **aguarela** (aquarela), **altifalante** (alto-falante), **canadiano** (canadense), **bolseiro** (bolsista), **transplantação** (transplante), **fumar** (defumar; um brasileiro ficaria perplexo se ouvisse que “Os índios costumavam fumar o peixe que pescavam”...). As escolhas feitas por Portugal já estão consolidadas, da mesma forma que as nossas, que coloquei entre parênteses – e não serão alcançadas por uma simples reforma ortográfica, a qual, como muita gente esquece, só pode regular o emprego das letras, dos acentos e dos sinais.

Em segundo lugar, vêm as diferenças **lexicais**. Assim como **hospedeira de**

bordo e **aeromoça**, existem centenas de outros casos em que os dois países adotaram palavras diferentes para denominar a mesma coisa. Exemplos bem significativos, porque extraídos do quotidiano, são **talho** (açougue), **claque** (torcida), **jante** (aro de roda), **travão** (freio), **biberão** (mamadeira), **tablier** (painel do automóvel), **mãos-livres** (viva-voz), **barbatana** (pé-de-pato), **berma** (acostamento), **penso higiénico** (absorvente íntimo), **penso rápido** (bandeide), **ecrã** (tela de TV ou de cinema), **agrafador** (grampeador). Nossos irmãos do outro lado do Atlântico **afagam** o cimento do piso (aqui, "alisam" ou "nivelam") e assistem a retrospectivas de filmes dos impagáveis **Bucha** e **Estica** – para nós, o **Gordo** e o **Magro**.

Em terceiro lugar vêm as diferenças **ortográficas**: **noticiámos** (noticiamos), **facto** (fato), **bebé** (bebê) e **anónimo** (anônimo). Pois não é que o texto do **Acordo**, adotando uma espantosa e inexplicável atitude salomônica, permite que cada país conserve muitos de seus hábitos particulares, sem mudar um níquel? Portugal continuará a marcar com acento agudo a 1ª pessoa do plural do pretérito perfeito (**noticiámos**, **amámos**, **encontrámos**), como sempre fez. O timbre do /e/ e do /o/ tônico das oxítonas ficará, como sempre, a critério do falante: **bebé** (bebê), **bidé** (bidê), **caraté** (caratê), **guiché** (guichê), **cocó** (cocô – os portuguesinhos fazem **cocó** na fralda). O "c" de **facto** vai continuar ali onde está, pois o léxico dos portugueses distingue entre o **facto** (fato, acontecimento) e o **fato**, que significa "traje" (na verdade, o pai da nossa **fatiota**). Por fim, o timbre das vogais tônicas /e/ e /o/ (sempre elas!) das proparoxítonas também fica à vontade do freguês: **anónimo** (anônimo), **efémero** (efêmero), **António** (Antônio), **fenómeno** (fenômeno).

Por que, então, insistir em fazer reformas?

A recente reforma não precisava ter acontecido. O pouco que foi mudado não vale o custo de mudá-lo. Nossa ortografia deveria ser deixada em paz por várias gerações, tempo

suficiente para sedimentar e consolidar-se. Alterações na ortografia têm consequências ainda mais profundas do que, por exemplo, a troca de moeda (a que já estamos acostumados); seu impacto no sistema educacional e na renovação de todo o material impresso de um país do tamanho do nosso é incalculável. Os países avançados (e ricos) não se preocupam em "reformar" sua ortografia, por mais anacrônica que ela seja; seus cidadãos convivem com as dificuldades do sistema, e dele se queixam tanto quanto nós – mas consideram, muito adequadamente, que grafar corretamente as palavras se trata de uma opção pessoal do indivíduo, o qual, se julgar isso importante, vai dedicar ao problema todo o esforço e a atenção necessários.

O Brasil, no entanto, adora essa ideia de "reforma". Primeiro, por causa de nossa herança portuguesa, temos uma verdadeira veneração pela lei, pela norma, pelo regulamento, pela portaria; adoramos esses documentos que nos dizem exatamente o que fazer (e que, evidentemente, também adoramos desrespeitar), e por isso criamos a curiosa figura (os estrangeiros ficam de boca aberta, quando falamos nisso!) de uma "**lei ortográfica**", de uma "**ortografia oficial**", que permite aos poucos iluminados uma ilusória superioridade de apontar o dedo acusador para os demais e bradar "está errado!". A Espanha e a França não têm uma "lei"; a forma de escrever é comandada por suas respectivas academias, que fixam o que seria o **padrão culto**, embora, também como aqui, a pouca expressividade cultural dos acadêmicos não inspire muito respeito nas suas recomendações. No caso do Espanhol, acresça-se a inevitável revolta dos países latino-americanos contra a tentativa da metrópole de monopolizar o controle do que é certo ou errado através da famigerada Real Academia Espanhola...

Os ingleses chegaram, a meu ver, ao ápice do ambiente democrático: nem academia eles têm! Jamais houve a "Academia Britânica de Letras", o que deixa o Inglês correto submetido à discussão das grandes universidades e das editoras de dicionários, que nem sempre estão de acordo umas com as outras – e nem por isso surgiu o caos e a desordem na sua maneira de escrever, pois todos seguem aproximadamente o mesmo padrão culto, respeitando as pequenas divergências. Veja uma pequena amostra das formas que convivem

pacificamente no Inglês; para a maioria dos brasileiros, a existência de duas maneiras diferentes para grafar a mesma palavra seria uma aberração insuportável:

aeroplane ou **airplane** (aeroplano)
centre ou **center** (centro)
colour ou **color** (cor)
defence ou **defense** (defesa)
disc ou **disk**(disco)
fibre ou **fiber** (fibra)
gray ou **grey** (cinza)
harbour ou **harbor** (porto)
judgement ou **judgment** (julgamento)
neighbour ou **neighbor** (vizinho)
pyjamas ou **pajamas** (pijama)
sceptical ou **skeptical** (cético)
theatre ou **theater** (teatro)

Afinal, o que vai mudar para nós, brasileiros?

Como vimos, foi o Acordo de 1943 que trouxe ao país a unidade que hoje conhecemos, criando um modelo estável que sofreu, em 1971, apenas um pequeno retoque (friso que foi a única modificação ocorrida de 1943 até hoje): foi suprimido o acento subtônico dos derivados em -**mente** e em -**zinho** (escrevia-se **gêniozinho**, **sòmente**, **cafèzinho**, **espontâneamente**), e caiu o malfadado acento circunflexo diferencial dos pares com **E** ou **O** aberto e fechado (**gêlo**: gelo, **almôço**: almoço; **tôda**: toda; **mêdo**: medo). Sucinto como deve ser, o texto desta minirreforma gastou apenas um parágrafo para definir os acentos que seriam eliminados do sistema de 1943 – e pronto.

Em vez de seguir a mesma prática de indicar apenas as supressões, o

Acordo que entrou em vigor este ano é um amontoado de regras desordenadas, mal concebidas e redigidas de maneira pedestre. Os participantes desta confusa comissão dedicaram-se à tarefa completamente redundante de dizer, de novo, tudo o que 1943 já tinha conseguido dizer de forma mais clara e organizada. A consequência é a falsa aparência de complexidade que o texto assume para o leitor não-especializado, que não percebe, por trás desse palavreado cheio de farofa, que a montanha está parindo apenas um esquálido ratinho. Vamos esclarecer, de uma vez por todas, o que mudará – para o Brasil, para nós, para mim e para você, meu caro leitor – o que mudará, repito, se a comunidade aceitar este novo modelo e consagrá-lo pelo uso.

Para nós, brasileiros, é importante esclarecer que este **Acordo** só inova, com relação ao modelo de 1943/1971, na **acentuação** e no **emprego do hífen**; o **emprego das letras** fica exatamente como sempre foi. Na acentuação, ocorre a **supressão** de algumas regras hoje vigentes – e só; no **uso do hífen**, a comissão propõe algumas mudanças muito bem-vindas, outras cujas consequências ela própria desconhece. Faço questão de assinalar que este livro seria totalmente diferente se fosse destinado aos leitores de Portugal, pois as mudanças que eles vão ter de engolir são de outra ordem e calibre.

1. Como se escreve: emprego das letras

Neste capítulo, ao discutir com meus leitores várias dificuldades naturais de nosso sistema ortográfico, espero deixar mais evidente a maneira como ele, na verdade, funciona, e demonstrar que o uso das letras obedece a princípios racionais e bem intencionados. Sempre que possível, descrevo as soluções empregadas por nossos grandes escritores e gramáticos, ao longo da história de nossa língua, esperando que esses exemplos ajudem você a entender minhas opções.

Finalmente, acho importantíssimo que você entenda que há casos em que não chegaremos a uma resposta absoluta. Precisamos aceitar, com tranquilidade, o fato de que o sistema tem limitações e que devemos conviver com elas, sem desespero ou histeria. O que faremos, por exemplo, no caso de **berinjela**, que o **Aurélio** e muitos outros escrevem com **J**, mas que o **Houaiss** corrige, alegando que deve ser escrito com **G**? Muito simples: vamos escolher uma das formas, baseados em nossa intuição, em nossas preferências, em nossa convicção íntima. Qualquer solução que adotarmos terá a seu favor uma das grandes figuras de nosso idioma.

O que muda no emprego das letras?

Para nós, brasileiros, absolutamente nada. A reforma diz que nosso alfabeto passa a incluir também as letras **k**, **w** e **y**. Isso muda alguma coisa em nossa vida? Nada. Nadinha. O uso que elas terão obedecerá às mesmas regras que vigem há muito tempo: serão empregadas apenas nos símbolos internacionais e nos vocábulos derivados de nomes próprios das Artes e das Ciências (**shakespeariano**, **darwinista**, **keynesiano**), como você verá adiante. A novidade é que, fazendo parte do alfabeto oficial, a escola deverá ensinar às crianças o lugar que essas três letras ocupam na ordem alfabética.

O **Acordo** também elimina as chamadas **consoantes mudas**. Em que isso vai nos afetar? Em nada, de novo. Elas desapareceram do sistema brasileiro há mais de sessenta anos. Desde 1943, a grafia só registra as consoantes que pronunciamos. Escrevemos **compacto**, **convicto**, **adepto**, **corrupto**, **eucalipto**, **ficção**, **núpcias**, etc. porque pronunciamos aquele **c** ou aquele **p** antes da outra consoante. Portugal e os países africanos é que são seriamente afetados por esta regra, pois terão de suprimir da escrita a consoante que não pronunciam, em palavras como **acção**, **afectivo**, **acto**, **director**, **exacto**, **adoptar**, **baptizar**, **Egipto**, **nocturno** e muitas outras. Este é um dos pontos do **Acordo** que mais desagradaram aos nossos irmãos de além-mar, que começam a resistir bravamente à aplicação da reforma no território português.

- eano ou **-iano**?

A foto, tirada num desfile beneficente, mostrava uma tradicional apresentadora de TV usando apenas roupas íntimas; comentando s corpo bem-cuidado, a legenda dizia: “A poderosa **balzaqueana** dei muita jovenzinha morrendo de inveja”. Ou seria **balzaquiana**?

O sufixo **-ano**, com sua variante **-iano**, tinha um significado básico de lugar de **proveniência**, de **origem**: doces **serranos**, autores **italianos**, monges **tibetanos**. Com o tempo, passou a indicar também a proveniência de uma ideia, a partir do nome de um autor ou de um movimento intelectual: sonetos **camonianos**, ideal **republicano**, igreja **anglicana**. Sua definição semântica, como vemos, é muito simples; o problema é sua **representação gráfica**. É aí que as pessoas encontram problemas – e com toda a razão. Basta examinarmos uma lista de palavras com esse sufixo para perceber o quanto o quadro parece confuso: ao lado de formas simples em **-ano** (**tebano**, **curitibano**), encontramos vocábulos em **-eano** (**coreano**, **montevideano**) e em **-iano** (**machadiano**, **açoriano**). Um ator especializado em peças de Shakespeare é shakespear**eano** ou shakespear**iano**? Aquela apresentadora de TV é uma charmosa balzaqu**eana** ou balzaqu**iana**? Quem nasce no Acre é acr**eano** ou acr**iano**? Em benefício da grande maioria de nossos leitores, que não são especializados em Linguística, vou passar ao largo das questões teóricas de Morfologia e de Fonologia envolvidas nessas derivações

e tratar de estabelecer uma distinção prática para o emprego das duas formas.

Quando usar -eano? – Comparando-se a desproporcional ocorrência das duas formas, fica muito mais fácil para nosso leitor tomar **-iano** como a forma normal e **-eano** como a forma excepcional. Colocando de maneira simples:

■ use sempre **-iano**,
a não ser nos poucos casos
em que vai ter de usar **-eano**.

E que casos são esses? Principalmente aqueles em que o **E** está na sílaba tônica, fazendo parte, portanto, do **radical** do vocábulo primitivo: Taubaté + ano = **taubateano**, Galileu + ano = **galileano**. Os dicionários trazem poucos exemplos além desses: **bruneano** (Brunei), **borneano** (Bornéu), **coreano** (Coreia), **daomeano** (Daomé), **gouveano** (Gouveia), **guaxupeano** (Guaxupé), **guineano** (Guiné), **lineano** (Lineu), **mallarmeano** (Mallarmé), **montevideano** (Montevidéu), **nazareano** (Nazaré), **pompeano** (Pompeia), **tieteano** (Tietê), **traqueano** (traqueia), entre outros.

Quando usar -iano? – Todos os demais vão apresentar a forma **-iano**, que se acrescenta diretamente ao radical ou depois da queda da vogal temática: **bachiano** (Bach), **balzaquiano** (Balzac), **bilaquiano** (Bilac), **bocagiano** (Bocage), **borgiano** (Borges), **drummondiano** (Drummond), **freudiano** (Freud), **machadiano** (Machado), **mozartiano** (Mozart), **poundiano** (Pound), **rosiano** (Rosa), **sartriano** (Sartre), **shakespeariano** (Shakespeare), **veneziano** (Veneza), entre muitos outros. Costuma-se ver lógica **booleana** (de Boole), mas os especialistas não a consideram correta, preferindo **booliana**, como fazem Aurélio e Houaiss. O caso mais comentado é **acriano**. O sempre respeitado **Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**, editado em 1943 pela Academia Brasileira de Letras – geralmente referido pela sigla **PVOLP** –, registrou como **acreano** o gentílico do Acre, numa evidente contradição com os princípios que defendia. Celso Luft chamou isso de "erro ginasiano"; Aurélio, mais diplomático, diz que é uma variante "menos boa". No **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa** (conhecido como **VOLP**), recentíssimo, a Academia corrigiu para **acriano**,

como já fazia Houaiss. Agora é definitivo, embora os acrianos já comecem a protestar. Ah, em tempo: a personagem da foto era uma charmosa **balzaquiana**.

radicais evoluídos e radicais reconstituídos: **erva**, **herbívoro**

Um estudante de Letras pergunta: "se o elefante é um grande **herb**
com **H**, por que razão ele passa o dia comendo **ervas,** sem **H**?"

Professor, queria saber por que **erva***, que vem do latim* **herba***, escreve-se sem o* **h***, e seus derivados, com o* **h***? Sou estudante de Letras e, fazendo estágio em um colégio, o aluno perguntou ao professor o porquê dessa diferença; o professor disse ao aluno que era simplesmente uma* **norma da gramática**. *Por que a gramática distancia tantas coisas de suas origens?*

Anônimo

Meu caro Estudante de Letras Anônimo, seguramente o professor a que você se refere não é um modelo que deva ser seguido. Como pode ele evocar uma "norma da gramática" onde não há nenhuma? Pares como **erva**/**herbívoro** são muito comuns em nosso idioma – e simples de explicar a nossos alunos. O radical latino **herb**- evoluiu, dentro do Português, para **erv**- (o **H** desapareceu e o **B**, por regras de fonética histórica, passou a **V**); no entanto, como você deve ter estudado na faculdade, os humanistas do Renascimento português voltaram-se para o Latim em busca de palavras que aumentassem nosso vocabulário incipiente e terminaram criando os famosos "**dublês**", que estão presentes em todas as Línguas Românicas. Temos, portanto, **dois** radicais que coexistem, o **evoluído** e o **reconstituído**; há vocábulos que derivam do radical antigo, latino (**herbívoro**, **herbáceo**, **herborizar**), e vocábulos que derivam do radical moderno (**erva**, **ervaçal**, **ervateira**). O mesmo acontece, por exemplo, com **hibernal**, **hibernar**, **hibernação**, de um lado, e **inverno**, **invernada**, **invernia**, de outro. Se nós, professores, não tivermos claros os princípios e os conceitos, o que será de nossos pobres alunos? Abraço, e boa sorte!

grafia de nomes próprios: **Manoela** ou **Manuela**?

Pode-se falar em “certo” e “errado” no que se refere à grafia dos nomes próprios? O professor explica que sim.

Prezado professor, escreve-se **Manuela** *ou* **Manoela***? Qual é a forma correta do nome? Obrigada.*

Luciene A. – Salvador (BA)

Minha cara Luciene: o nome é português da gema, de reis e princesas lusas: **Manuel**, **Manuela**. Há um Período **Manuelino** na História, bem como um estilo **manuelino** de móveis. Há vários pássaros na nossa fauna com esse nome (**manuel**-de-barro, **manuel**-vaqueiro, etc.), todos assim registrados nos melhores dicionários. Fomos descobertos durante o reinado de D. **Manuel**, que, por ter a sorte que teve (descobrir o Brasil não é pouca coisa!), passou a se chamar “D. Manuel, o Venturoso”. A forma **Manoel** é bem difundida, mas não tem razão de ser.

Agora, você faz muito bem em trazer essa dúvida. Muita gente vive sob a ilusão de que os nomes próprios não estão sujeitos a regras. Claro que estão; o que é assegurado por lei, ao cidadão, é portar o seu nome da forma como foi registrado. Muitas vezes recebemos um nome que se transmite de geração em geração dentro da família e o usamos com orgulho, mesmo que não esteja grafado dentro da norma atual. É o caso dos **Mathias**, dos **Thiagos**, etc. Outras vezes, porém, a grafia do nome é alterada por mera ignorância ou por alguma idiossincrasia dos pais; se o filho suportar a carga que isso representa, ele tem o direito de conservar o nome assim como está no registro. Caso contrário, pedirá uma retificação da grafia: se alguém odeia o suficiente o seu filho para condená-lo a arrastar um nome como **Cerjio**, o infeliz pode, se quiser, solicitar à Justiça a correção para **Sérgio**.

Por outro lado, quando falamos de **personagens da história** ou nos referimos aos nomes de uma **maneira genérica**, sempre vai prevalecer a forma **correta**: **Luís** (e não *Luiz) de Camões, **Casimiro** (e não *Casemiro) de Abreu, **Rui** (e não *Ruy) Barbosa; “na minha lista de chamada, não há uma só **Juçara** (e não *Jussara) ou uma só **Susana** (e não *Suzana)”. Eu sei que esse assunto é

dinamite pura, porque existe nos nomes que escolhemos uma grande quantidade de conteúdos inconscientes, mas sempre recomendo empregar a forma correta.

Isabela – com **S**

O Doutor explica por que o nome da pequenina **Isabela** – talvez um futura leitora – deve ser escrito com **S**.

Professor, quando minha filha nasceu, escolhi o nome **Isabela**. *Logo as tias e avós queriam bordar toalhinhas, roupinhas e veio a pergunta inevitável: o* **Isabela** *de sua filha vai ser com* **S** *ou com* **Z**? *Sempre imaginei o nome com* **S**, *mas agora fiquei com dúvida sobre a letra que devemos usar entre duas vogais.*

Janaína B. – Belo Horizonte (MG)

Minha cara Janaína: em primeiro lugar, parabéns por ter dúvidas quanto à grafia do nome da sua filha; infelizmente, essa não é uma atitude comum, no Brasil. Para a maioria das pessoas – mesmo para muitas que utilizam um Português bem cuidado –, é como se os nomes próprios não precisassem obedecer às normas ortográficas. Esse é um velho engano, nascido do fato de que a lei faculta ao cidadão usar o nome na forma em que foi registrado. Você pode ter certeza de que sua filha vai agradecer o bom-senso em pesquisar a forma correta.

Agora, os princípios ortográficos: entre duas vogais, o som de /**z**/ pode ser representado por três letras diferentes: o **S** (**casa**, **camisa**), o **Z** (**azar**, **baliza**) e o **X** (**exato**, **exame**). Não existe um sistema bem definido que regulamente o emprego de cada uma delas, pois aqui pesa, e muito, a tradição de novecentos anos de escrita do Português. Neste caso específico, o nome é **Isabel** – ou **Isabela**, variante que muitos preferem pela sugestão de "beleza" que contém. É considerado o equivalente espanhol do **Elizabeth** inglês, e sempre foi grafado com **S**, como a famosa rainha **Isabel, a Católica**, que apoiou a viagem de Colombo. Há, no dicionário, uma uva **isabel**, variedade muito popular no Rio Grande do Sul, e **isabelino**, sinônimo de **elisabetano**, período histórico batizado a

partir da rainha Elisabete I, da Inglaterra, no séc. XVI. É significativo que no Italiano e no Francês, nossas duas irmãs latinas, o nome seja **Isabella** e **Isabelle**, respectivamente – sempre com o **S**.

M antes de **P** e de **B**

Existe alguma razão para só usarmos o **M** antes do **P** e do **B**?

Caro professor, gostaria de saber por que usamos **M** *antes de* **P** *ou* **B**. *Obrigado.*

Osmar L. A. – Florianópolis (SC)

Meu caro Osmar, a razão para essa escolha, imagino, vai ser encontrada em algum princípio presente em todas as línguas românicas: que eu me lembre, o Italiano, o Francês e o Espanhol, além do Português, também usam apenas **M** antes de **P** e de **B**. A base dessa restrição deve ser de ordem fonológica (hoje se sabe que a Fonologia está na base de todos os sistemas ortográficos, que não são tão arbitrários e caprichosos como geralmente se pensa): como o /**p**/ e o /**b**/ são fonemas tradicionalmente classificados como **bilabiais** (temos de unir os dois lábios para poder pronunciá-los), a **letra** escolhida para representar a nasal antes desses fonemas só poderia ser o **M**, correspondente ao fonema /**m**/, também classificado como **bilabial**. Assim, a combinação de letras adotada na nossa ortografia (**M+P** e **M+B**) é a que melhor corresponde à natureza dos fonemas representados. É por essa e por outras que reformas ortográficas devem ser feitas por linguistas, e não por "acadêmicos" das mais variadas origens e formações, como é o caso dos nossos imortais da Academia.

o nome do **Y** e do **W**

O professor explica como devem ser chamadas essas duas letrinha exóticas.

Como é, em Português, o nome das letras **W** *e* **Y***?* **Dabliú** *e* **ipissilone** *não é nome em Português, ou é? Obrigado*.

Odilon A. – Curitiba (PR)

Meu caro Odilon, apesar das controvérsias, o nome do **Y** é mesmo **ípsilon**, com as variantes populares bem conhecidas de **ipsilone**, **ipissilone** ou até mesmo **pissilone**, como se pode ver nos pitorescos **ABCs** da Literatura de Cordel. **Caldas Aulete** (o genuíno, o da 1ª edição) não hesita: **ípsilon**. **Antônio Geraldo da Cunha**, no seu **Dicionário Etimológico**, acompanha: **ípsilon**. **Gama Kury** faz coro: **ípsilon**. **Celso Pedro Luft**, meu grande mestre, no seu incomparável **Grande Manual de Ortografia**, é taxativo: é **ípsilon**. E lá do fundo da mata, **Antenor Nascentes** vive repetindo: **ípsilon**. O pusilânime **VOLP** (o atual vocabulário ortográfico que é publicado pela Academia) registra também as variantes **ipsilo** e **ipsílon** – assim mesmo, **paroxítonas**! –, completamente exóticas ao nosso uso, adotadas hoje por alguns poucos excêntricos desgarrados. **Houaiss** chega para encerrar a questão: é **ípsilon**.

Uma das maiores virtudes do velho Aurélio Buarque de Hollanda era o sólido bom-senso, a qualidade suprema de um bom lexicógrafo. No entanto, desta vez me entristece ver o seu dicionário fazer aqui uma mixórdia inaceitável. O **Aurélio-em-vida** (até a 2ª edição) escolhe como forma canônica a esquisitíssima **hipsilo** (!), enquanto o **Aurélio XXI** elege como preferida a forma **ipsílon** (com a tônica em **SI**!), plural **ipsílons**, embora ambos reconheçam, entre parênteses, no final do verbete, que a forma corrente é **ípsilon**. Ora, essa observação é completamente incompatível com a prática de todos os bons dicionários do mundo: se a forma corrente é **ípsilon**, como reconhecia Aurélio e todos os autores que citei no parágrafo acima, é esta, e não as outras, a preferível. Esse é o critério válido para as palavras vindas do Grego, que vão apresentar no Português uma prosódia (leia-se: posição da sílaba tônica) que muitas vezes nada tem a ver com a pronúncia original. Se no jogo do bicho vale o que está **escrito**, em prosódia vale o que está sendo **dito** – "e todo mundo

conhece o **ípsilon**, de dizer ou ouvir dizer" (Luft).

O **W** é mais pacífico. A forma mais usada é **dáblio**, embora também apareçam, nos dicionários, as formas paralelas **dable-u**, **dabliú**, **doble-vê** ou **vê-duplo**. A oportunidade de pronunciar o nome desta letra multiplicou-se por mil com a implantação da Internet, já que a maioria dos domínios da rede mundial começa por **WWW** – ditos **dáblio**, **dáblio**, **dáblio**. Nesse caso, temos mais sorte que nossos vizinhos da Espanha, que se enredam tanto com o *uve doble*, *uve doble*, *uve doble*, que muitos já se limitam a dizer **triple uve doble**.

quando usar **K**, **W** e **Y**

O Acordo incorporou o **K**, o **W** e o **Y** ao nosso alfabeto. Isso muda alguma coisa?

Professor, as letras **K**, **W** *e* **Y** *voltaram a fazer parte do nosso alfabeto, mas não sei exatamente quando deverão ser empregadas. O que mudou?*

Liliane – Monte Carmelo (MG)

Todas as línguas do Ocidente usam, com pequenas variações, o alfabeto **latino** ou **romano**. O "alfabeto português", definido pelo Acordo Ortográfico de 1943, era composto de 23 letras, entre as quais não se encontravam o **K**, o **W** e o **Y**. Essas três letras eram consideradas exóticas, sendo admitido o seu emprego em dois casos especiais: (1) em abreviaturas e símbolos técnicos internacionais – **kg** (quilograma, quilo), **km** (quilômetro), **yd** (jarda); (2) em vocábulos derivados de nomes estrangeiros (o que é especialmente importante no mundo das ciências e das artes): **darwinismo**, **shakespeariano**, **hollywoodiano**, **wagneriano**, **kleiniano**, **keinesianismo**, **kardecista**, etc.

Com o Acordo de 1990, nossas três amigas retornaram ao nosso alfabeto, que, mais uma vez, passou a contar com 26 letras. E agora, quando são usadas? Exatamente nos dois casos acima descritos. O que mudou no seu emprego? Nada. Mas nada mesmo – a não ser o fato de que agora vão figurar mais à vontade na ordem alfabética. Elas não deverão aparecer, portanto, em palavras

em que antes não eram empregadas. Mantém-se tudo como estava.

É evidente que elas serão usadas normalmente na grafia de nomes estrangeiros: **Kennedy**, **Jackson**, **Washington**, **Kremlin**, **Niemeyer**, **Winchester**, etc. Entre nós, um só nome de origem indígena manteve o **Y** depois do Acordo de 1943: falo, como não poderia deixar de ser, do **Itamaraty**, em cujo lago deveriam deslizar, por coerência, "ymponentes cysnes" brancos.

Para aqueles que se atrapalham um pouco com a ordem alfabética, tomo a liberdade de relacionar o alfabeto completo, incluindo as três letras no seu devido lugar: A B C D E F G H I J [**K**] L M N O P Q R S T U V [**W**] X [**Y**] Z.

usando o **J**, o **Ç** e o **X**

Uma jovem professora vem pedir ajuda para melhor ensinar a se alunos o emprego dessas letras; além disso, honestamente confessa não sabe como enquadrar o **Ç** em nosso alfabeto.

Olá! Meu nome é Ana e sou professora da classe de alfabetização. Este é o meu primeiro ano na série e muitas dúvidas estão surgindo. Gostaria de lhe pedir, caso seja possível, dicas sobre explicações para palavras escritas com **X** *ou* **CH***,* **G** *ou* **J***,* **Ç** *ou* **SS***, entre outras.*

Ana Cecília

Minha cara Ana Cecília, para ajudá-la (e para ajudar os seus alunos), começo lembrando que foi a Reforma Ortográfica de 1943 que definiu o verdadeiro semblante de nossa grafia (esta recente Reforma, que entrou em vigor em 2009, é apenas cosmética), Em 1943, dois grupos de palavras receberam um tratamento especial. Em primeiro lugar, os vocábulos originários de **línguas ágrafas** – sem escrita, como eram todas as nossas línguas indígenas e todas as línguas africanas que entraram aqui no período da Escravidão. Em segundo lugar, os vocábulos originários de línguas com **alfabetos exóticos** (entenda-se: todos os alfabetos que não forem o alfabeto latino – o grego, o cirílico, o hebraico, o japonês, etc.). Nessas palavras, **jamais** usaremos **CH**, **SS** ou **G**, mas sim o **X**, o **Ç** e o **J**: **açaí**, **Iguaçu**, **Paraguaçu**, **miçanga**; **xaxim**, **Hiroxima**,

xale, **paxá**; **acarajé**, **mujique**, **jiló**, etc. É um bom princípio geral; só acho que ele ainda não é de utilidade para alunos tão jovenzinhos quanto os seus, que não devem ter a cultura linguística necessária para “sentir” quando um vocábulo faz parte dos dois grupos acima; no caso deles, vão ter de simplesmente ir memorizando cada palavra. Quanto ao **Ç**, ele não é uma letra extra; trata-se apenas de um **C** com um sinal adicional (a cedilha), da mesma forma que o **Ã**, o **Â** ou o **Á**.

o nome das letras

Leitores perguntam como se escrevem os nomes das letras e por q
todos masculinos.

Prezado Professor, dizemos “a letra **A***” ou “as letras* **B***,* **C***...”, e assim por diante. Entretanto, quando nos referimos a alguma letra, dizemos “o* **B***”; “o* **F***”, etc. Não seria mais adequado dizer “a* **F***”; “a* **B***”? Por que usamos o masculino? A letra (não a palavra “letra”) é masculina ou feminina?*

Nicholas – São Paulo (SP)

Como se escreve, em Português, o nome das letras do alfabeto? Obrigada, desde já!

Selma – Amestelveen (Holanda)

Meu caro Nicholas, as letras são **femininas** no Espanhol e no Francês, **neutras** no Inglês e **masculinas** no Português. Isso depende do espírito de cada idioma; não há nenhuma razão lógica para o fato de ser **um F**, como dizemos aqui, ou *una F*, como dizem nossos irmãos do Prata. É o mesmo destino arbitrário que fez com que **Sol** e **Lua** fossem, respectivamente, masculino e feminino no Português e exatamente o contrário no Alemão. O fato de **letra** ser feminino nada influi no gênero das letras em si – da mesma forma que o fato de **ferramenta** ser feminino não obriga também **martelo**, **alicate** e **serrote** a sê-lo.

Quanto aos nomes das letras do alfabeto, Selma, são eles os seguintes: **á, bê, cê, dê, é, efe, gê, agá, i, jota, cá, ele, eme, ene, ó, pê, quê, erre, esse, tê, u, vê, dáblio, xis, ípsilon, zê**. Alguns desses nomes ficam bem visíveis em palavras como **á-bê-cê, á-é-i-ó-u**, **bê-á-bá**, **cê-cedilha**, **régua-tê**.

shopping, **xópin**

O plural correto é **shopping centers** ou **shoppings centers**? Ou seri melhor usar **xópins**?

Olá, Professor, gostaria de saber qual é o plural de **shopping center***: o correto é* **shopping centers** *ou* **shoppings centers***? Já li as duas versões; eu prefiro a primeira opção, mas não tenho certeza. Atenciosamente.*

Daniel M. – Passo Fundo (RS)

Prezado Daniel, se você usar a expressão completa em Inglês, só poderá flexionar o substantivo **center**: *shopping* **centers**. Não se esqueça de que o **adjetivo**, naquele idioma, vem à **esquerda** e nunca se flexiona. Por isso, **shoppings centers* é uma versão impossível (e abominável!). Agora, já vi muita gente usando apenas *shopping*, substantivado, à moda brasileira: "Construíram um *shopping*". Neste caso, vamos ter plural: "Construíram vários *shoppings* nesta região".

Temos, entretanto, duas outras opções, bem mais simpáticas: (1) usar a **tradução** da expressão inglesa ("centros comerciais"), ou (2) partir para o **aportuguesamento** de *shopping* – **xópin**, **xópins**. Esta última requer um pouco mais de coragem, mas começa a ser usada por alguns autores e jornalistas (Luís Fernando Veríssimo é um belo exemplo). Não franza o nariz, leitor; seu bisavô deve ter feito o mesmo quando viu escrito, pela primeira vez, **futebol** em vez de *foot-ball*, mas depois acostumou.

Agora, por que **X**, e não **CH**? A resposta é simples: porque é com **X** que costumamos nacionalizar os vocábulos estrangeiros grafados com **SH**: *shilling* –> **xelim**; *shampoo* –> **xampu**; *shaman* –> **xamã**; *Shangai* –> **Xangai**; *Sherazade* –>

Xerazade; *Hiroshima* –> **Hiroxima**. Celso Pedro Luft aponta como um raro caso divergente o nosso **chutar**, proveniente do Inglês *shoot*, que deveria ter dado ***xutar**, mas não deu, e agora é tarde. Se um dia vencermos nossas resistências e aportuguesarmos *show*, a forma resultante vai ser **xou** – a mesma usada pela Xuxa em um de seus programas de televisão, que tantos bois-cornetas criticavam (cá para nós, mil vezes essa grafia, por esquisita que seja, do que a original, com seu **SH** e o seu **W**!).

viajem ou **viagem**?

"Espero que vocês **viajem** bem; espero que vocês façam uma boa **viagem**" – como vou saber se devo usar o **J** ou o **G**?

Escreve uma misteriosa leitora, de nome "Tsiu": *"Saudações! Gostaria de saber quando empregamos as palavras* **viagem** *e* **viajem**. *Obrigada".*

Minha cara Tsiu: em primeiro lugar, lembre sempre que todos os substantivos terminados em **-agem** (com exceção de **pajem** e do obscuro **lajem**) são grafados com **G**. **Viagem** é um substantivo. Dele deriva o verbo **viajar**, que, naturalmente, é obrigado a trocar o **G** pelo **J**. Ora, como todas as formas flexionadas de um verbo devem seguir a grafia de seu **infinitivo**, o presente do subjuntivo fica "viaje, viajes, viaje, viajemos, viajeis, **viajem**". Pronto: aí temos as duas formas. "Esta **viagem** não termina", "Vamos começar a **viagem**", mas "Espero que eles **viajem** cedo"; "**Viajem** bem – **viajem** Varig". Há um interessante livro com dicas para viajantes (e blogue também), escrito por Ricardo Freire, que leva o título **Viaje na Viagem**. Que tal?

úmido, **umedecido**

As coisas que se molham ficam **úmidas**, e as que eu molho ficam **umedecidas**?

Caro professor, como é mesmo? Se algo se molha, fica **úmido***, e se eu o molho, fica* **umedecido** *(e não* **umidecido***)? Grato.*

Rebelo – Sorocaba (SP)

Meu caro Rebelo, não é bem assim. Se algo se molha, fica **úmido** ou **umedecido**; se eu o molho, fica também **úmido** ou **umedecido**. O problema não é estar no polo passivo ou ativo da situação; acontece que o adjetivo **úmido**, que produz derivados como **umidade** e **umidificar**, corresponde ao verbo **umedecer**, que tem essa sílaba -**me**- em todas as formas flexionadas, inclusive no particípio **umedecido**, irmão de **umectar**, **umectante**. Não é novidade ocorrerem variações no radical de uma família vocabular: a **lágrima** sai pelo canal **lacrimal**, o movimento da **roda** é **rotativo**, a higiene da **boca** é **bucal**, e assim por diante. Não esqueça que, na maior parte das vezes, essas aparentes "incongruências" de nossa ortografia correspondem, na verdade, a vestígios de diferentes momentos na história de nosso léxico.

talibã, **talebã**, **taliban** ou **taleban**

É só o que se pergunta: como se escreve o nome do grupo islâmic
dominava o Afeganistão?

Muita gente ainda tem dúvida sobre como escrever o nome do grupo islâmico que dominava o Afeganistão: a grafia correta seria **talibã**, **talebã**, **taliban** ou **taleban**? A dúvida se justifica, pois encontramos todas essas formas empregadas nos jornais, nas revistas e nos sítios de notícias, numa dança enlouquecedora de grafias alternativas. Afinal, qual é o certo? Para quem só quer a respostinha seca, já vou dizendo: eu escrevo **talibã**, **talibãs**. Para quem não se contenta com isso, vou apresentar minhas razões.

Quero que meus leitores saibam que, em nomes como esse, não existe a **forma correta**, mas sim a mais **recomendável**. Isso acontece, aliás, com todos os nomes provenientes de línguas que não usam o **alfabeto romano** (o nosso) e que precisam, portanto, ser **transliterados**. Ao fazermos a transliteração, tentamos reproduzir, com nosso próprio alfabeto, o som que o nome tem na sua língua original – o que sempre vai produzir, é lógico, um resultado meramente

aproximado, pois tentamos representar fonemas que nossa língua desconhece, usando um sistema gráfico que foi elaborado para dar conta da fonologia do Português. Lembro as diferentes propostas de transliteração para **Kruschev** (ou **Khruschev**, ou **Khruschov**, ou **Kruchev**, etc.), ou para o falecido camarada **Mao**, que eu cresci chamando de **Tse Tung**, e hoje aparece como **Zedong** (ou coisa assim). Quem já leu traduções diferentes de **Dostoievski** (ou **Dostoievsky**?) está acostumado a mudanças na grafia dos nomes das personagens.

A forma **talibã** também é uma transliteração e, portanto, também aproximativa; de todas as outras, contudo, é a que está mais de acordo com a tradição e a que melhor se enquadra em nossos padrões fonológicos, como passo a demonstrar.

(1) Por que a vogal "**i**" na segunda sílaba? Embora na pronúncia lá deles, dependendo da região, registre-se um som intermediário entre o /i/ e o /e/, nas línguas ocidentais mais importantes vem prevalecendo, como no Português, a forma grafada com "**i**", e não com "**e**": para o Inglês, é "*the Taliban*"; para o Francês, "*le taliban*"; para o Espanhol, nosso irmão mais próximo, "*el talibán*".

(2) Por que o final em **Ã**? Há muitos nomes asiáticos terminados em /a/ seguido de consoante nasal. Enquanto o Inglês registra tudo como **-an** (*Afghanistan*, *Pakistan*, *Jordan*; *Iran*, *Teheran*, *Oman*, *Ramadan*), nós aportuguesamos essa terminação de duas maneiras diferentes: ora como **-ão** (**Afeganistão**, **Paquistão**, **Jordão**), ora (mais frequente) como **-ã** (**Irã**, **Teerã**, **Omã**, **Ramadã**). Contudo, como Said Ali muito bem observa em seu **Dificuldades da Língua Portuguesa**, os terminados em **-ão** são casos excepcionais, diante da esmagadora preferência pelo final **-ã**. Por isso, entre **talibão** (nossa!) e **talibã**, a escolha é óbvia. O que nós não temos é o final **-an**, como o Inglês; é impossível, portanto, em nosso sistema, uma forma como ***taliban**.

Outro problema que ronda esse vocábulo é o do **plural**. Acontece que, no dialeto persa falado pelos talibãs, o vocábulo já é uma variante **plural** do vocábulo árabe *talib*, que significa "estudante; aquele que procura o conhecimento"; na verdade, "estudante da teologia islâmica" – o que reflete

historicamente a origem do movimento, nascido nas agitações estudantis dos anos 60. Por esse motivo, a maior parte da imprensa europeia usa o vocábulo como se já fosse um plural (“*the Taliban are*”; “*les taliban*”; “*los talibán*”). Julgo, entretanto, que imitar essa prática no Português seria criar uma injustificável exceção ao paradigma (imaginem “*os talibã”!) e ignorar a extraordinária capacidade que nosso idioma tem de deglutir os vocábulos estrangeiros e nacionalizá-los fonológica, ortográfica e morfologicamente. Já escrevi várias vezes sobre isso: para entrar no Português, o vocábulo estrangeiro tem de aprender a dançar miudinho, tratando de comportar-se como seus colegas nativos. Um **talismã**, dois **talismãs**; um **talibã**, dois **talibãs**.

treis e **hum** no cheque

Um leitor quer saber se pode escrever **treis** em cheques; o profess explica que poder, pode, mas é um atentado à ortografia.

Caro professor, gostaria de saber se é permitida a grafia do número “3” como **treis** *em cheques. Grato.*

Guilherme S. – Viçosa (MG)

Meu caro Guilherme, você pode escrever no **cheque** do jeito que quiser, desde que o caixa aceite. Isso não depende das regras de ortografia; se você escrever ***tres**, ***treis**, ***trez**, ***trêz** ou ***treiz**, todas estão erradas quanto à norma, que é **três**, mas podem valer (quem sabe?) no mundo bancário. Da mesma forma, ***hum** é uma aberração ortográfica, mas é recomendável em cheques e títulos de crédito **manuscritos**, para evitar a fácil adulteração para **cem** (agora, usar ***hum** em texto **datilografado** é de uma burrice oceânica!). ***Seicentos** está errado, mas a maioria dos caixas paga um cheque escrito assim, porque não lhes cabe ficar corrigindo a grafia errada dos outros. Espero que você perceba, portanto, que o “permitida”, na sua pergunta, nada tem a ver com a norma ortográfica vigente.

um mil

O Brasil foi descoberto em “mil e quinhentos” ou em “**um** mil e

quinhentos"? Dá para escrever **mil reais** por extenso no cheque?

Caro Professor, qual seria a forma correta de escrever **1986** *por extenso? Seria "***um mil** *novecentos e oitenta e seis" ou apenas "***mil** *novecentos e oitenta e seis"? Por quê? Grato!*

Delintro B. A. – Anápolis (GO)

Meu caro Delintro: na expressão da unidade de milhar, o Português não usa **um mil**. A sequência correta é **mil**, **dois mil**, **três mil**... O ano do tricampeonato brasileiro no futebol foi **1970** – **mil**, novecentos e setenta. Só o uso bancário insere aquele esquisito **um** – e são tão teimosos e onipotentes que a maioria dos caixas e gerentes não quer aceitar um cheque preenchido com **mil e duzentos reais**. "É para evitar fraudes", dizem aqueles sabidinhos; acontece que o emitente tem o direito de correr o risco que ele quiser, se não quiser insultar a língua portuguesa. Além disso, como é infinita a estultice alheia, estendem essa exigência até mesmo a cheques **datilografados** ou com o valor por extenso escrito **entre parênteses**, casos em que obviamente fica afastada qualquer hipótese de adulteração posterior...

Quem já levantou uma forte reação contra isso foi o velho gramático Napoleão Mendes de Almeida, que se indignava com essa ditadura dos bancos que se metem a legislar sobre o que não entendem. Em divertido e impertinente artigo de seu **Dicionário de Questões Vernáculas**, verbera esses despotazinhos que fazem essa "exigência mais uma vez humilhante, por obrigar que se escreva o que não existe em nosso idioma". E lembra, sarcástico, que falamos Português no Brasil, que certamente não foi descoberto no ano **um mil e quinhentos**.

estado ou **Estado**

Quando me refiro ao Mato Grosso, à Bahia ou ao Maranhão, escre **estado** com inicial minúscula ou maiúscula?

Prezado Professor, na qualificação de uma pessoa – por exemplo, "João da Cachoeira, brasileiro, casado, agricultor, filho de José Cachoeira e Maria dos Anjos Cachoeira, nascido em Cuiabá, neste **Estado***" – o vocábulo* **estado** *deve ser grafado com maiúscula ou minúscula?*

Astúrio F. – Cuiabá (MT)

Meu caro Astúrio, só deveríamos usar maiúsculas em **Estado** quando o vocábulo se referisse à instituição: "O homem sente-se sufocado pela presença do **Estado**"; "Em assuntos econômicos, ele defende o afastamento gradual do **Estado**"; "Para os pensadores anarquistas, o **Estado** é uma forma organizada de opressão". Por outro lado, as divisões administrativas de nosso país devem ficar com inicial minúscula: "o **estado** em que eu nasci faz fronteira com o Uruguai", "o **estado** do Rio de Janeiro tem uma capital do mesmo nome", "a falta de energia pode afetar todos os **estados** do Sul". É muito diferente escrever que o "**estado** de Minas Gerais" ou que o "**Estado** de Minas Gerais" está preocupado com a violência; no primeiro caso, são os cidadãos, a sociedade; no segundo, estamos falando do governo e de suas instituições. Contudo, tenho visto, principalmente em documentos oficiais e em linguagem jurídica, o uso da maiúscula sempre que o vocábulo se refere a uma das entidades jurídicas que compõem a federação brasileira: "O **Estado** da Bahia ..." Se você quer ficar em paz, use a maiúscula, que ninguém vai reclamar, enquanto a minúscula (que, repito, acho a mais indicada) pode despertar contra você a desconfiança de alguns. Meu conselho é sempre o mesmo: em caso de dúvida, evite a encrenca.

minúsculas com nomes geográficos

Os nomes dos acidentes geográficos devem ser escritos em minús
ilha do Bananal, **rio** das Antas, **baía** de Guanabara.

Prezado Professor, quando uso maiúsculas ao escrever acidentes geográficos? Segundo o **Manual de Redação do Estadão***, eu não uso maiúsculas para* **rio** *Tietê e* **monte** *Everest. Mas e* **baía***,* **estuário***, etc.? Eu agradeço sua atenção, pois estou precisando dessas informações, e nem* **Cunha** *nem* **Luft** *(em seus livros) resolveram meu problema. Obrigada.*

Estela – Porto Alegre (RS)

Minha cara Estela, é quase impossível encontrar alguma coisa de ortografia que o professor Luft não tenha esmiuçado. Às vezes fica difícil ter acesso ao que o mestre escreveu, pois temos de buscar naqueles 3.000 artigos (três mil!) publicados no jornal **Correio do Povo**, na seção **No Mundo das Palavras**; outras vezes é bem mais fácil, como no seu caso. No seu **Grande Manual de Ortografia Globo**, falando sobre o emprego das minúsculas, Luft diz que devemos usar minúsculas nos "nomes comuns que acompanham nomes geográficos: a **baía** de Guanabara, o **canal** de Suez, o **estreito** de Magalhães, o **oceano** Atlântico, o **rio** Amazonas, etc.". Que tal? Claro como água. Você pode estender isso ao **pico** da Neblina, à **ilha** de Marajó, a **serra** da Mantiqueira. Essa é a norma oficial; no entanto, o uso dos principais jornais e revistas vem sistematicamente contrariando esse preceito, acostumando os leitores a grafias como **Baía** de Guanabara, **Canal** de Suez, **Oceano** Atlântico, **Estreito** de Magalhães, **Golfo** Pérsico. Ou seja: é mais um caso em que o usuário vai ter de escolher de que lado da guerra ele quer se alistar.

maiúscula após dois-pontos?

Deve-se usar maiúscula
após o dois-pontos?

Prezado Doutor, como santo de casa não faz milagre, solicito esclarecimento sobre o uso de letras maiúsculas em enumerações, após dois-pontos. Ex.:

Os seguintes ajustes devem ser efetuados:
a) Incluir o percentual de...;
b) Informar o valor de...;
c) Identificar o saldo... .

Inara Cristina

Minha prezada Inara, em princípio, os sinais que devem ser seguidos por maiúsculas são os sinais de **pontuação final** (**ponto**, **ponto de interrogação** e **ponto de exclamação**), o que não é o caso do **dois-pontos**, que, assim como o ponto-e-vírgula, é um sinal de **pontuação interna**. Vamos ter maiúscula depois desse sinal apenas quando se tratar de uma **citação** – O deputado defende o contrário: "Não podemos transigir com o FMI" – ou de **substantivo próprio** (o que é óbvio) – "Três foram os indiciados: João, Pedro e Mateus".

No caso de uma enumeração **em alíneas**, como o exemplo que você enviou, contudo, o caldo pode ficar um pouco mais grossinho. Explico: se as alíneas forem curtas e pudermos separá-las com vírgula ou ponto-e-vírgula, a inicial fica em minúscula. O exemplo é o daquela famosa enciclopédia chinesa "descoberta" pelo Jorge Luis Borges:

"Os animais se dividem em:
a) pertencentes ao Imperador,
b) embalsamados,
c) domesticados,
d) leitões,
e) sereias,
f) fabulosos,
g) cães em liberdade,
h) incluídos na presente classificação,
i) que se agitam como loucos,
j) inumeráveis,

k) desenhados com um pincel muito fino de pêlo de camelo,

l) et caetera,

m) que acabam de quebrar a bilha,

n) que de longe parecem moscas.”

Se, entretanto, as alíneas formarem verdadeiros **períodos**, recomendo usar maiúscula, mesmo na primeira:

“Três são os processos mais comuns de ampliação do léxico do Português:

a) Forma-se uma palavra nova a partir de uma já existente. Este processo é chamado de derivação, que pode ser prefixal, sufixal ou parassintética.

b) Forma-se um vocábulo pela união de dois (geralmente) vocábulos já existentes. Este processo, chamado de composição, só produz substantivos ou adjetivos.

c) Importa-se o vocábulo de uma língua estrangeira, adaptando-o às características fonológicas e ortográficas dos vocábulos vernáculos. É o processo denominado de importação ou empréstimo.”

Concluo dizendo-lhe estas palavras sinceras: faça como lhe aprouver, Inara. O uso das maiúsculas raramente tem alguma importância, e as regras que estipulam o seu emprego são poucas e (ao meu ver) equivocadas, em muitos casos. No fundo, não passam de fúteis recomendações de etiqueta, emanadas da Comissão de 1943, que os deuses a tenham, ou da Comissão de 1990 (que o diabo a carregue), e não significam conhecimento real do Português, que envolve matéria muito mais densa e mais profunda.

maiúsculas nos nomes de aves

Prezado Professor Moreno: fiz uma compilação dos nomes populares das aves brasileiras. Alguém me alertou que a norma ortográfica manda escrever estes nomes sempre com todas as palavras iniciando em minúsculas, mesmo se tratando de nomes próprios. Acho muito estranho escrever, por exemplo, o **pavãozinho-do-pará** *desta forma e não* **pavãozinho-do-Pará**. *Temos diversos nomes de aves que incluem nomes próprios, como* **bacurau-do-**

São-Francisco, choca-de-Roraima, tapaculo-de-Brasília, arapaçu-de-Wagler *e por aí afora. Fico pensando a confusão que daria se tivéssemos uma ave do Rio de Janeiro que o povo chamasse de* **fulaninho-do-Rio**. *Se escrevêssemos* **fulaninho-do-rio**, *certamente ninguém imaginaria que esse "***rio***" se refere ao Rio de Janeiro e não ao curso d'água, como ocorre com a* **andorinha-do-rio***, o* **arredio-do-rio** *e diversos outros. O que o senhor pensa a respeito?*

Luiz Fernando F. – Osasco, São Paulo

Meu caro Luiz Fernando, você está fazendo uma pequena tempestade num dedal. É verdade que, no caso do Rio, haveria ambiguidade – mas, vamos convir, seriam pouquíssimos casos dentro de um sistema muito amplo. Não se trata apenas de nomes de aves, mas de uma regra abrangente que regula a presença de nomes próprios como parte de substantivos compostos: **castanha-do-pará**, **sururu-de-alagoas**, **carne-do-ceará**, **cerejeira-do-uruguai**, **cerejeira-do-rio-grande**, **queijo-de-minas**, **jasmim-do-paraguai**, **narciso-de-portugal**, **folha-de-flandres**, **funcho-da-itália**, **coco-da-baía**, **chagas-de-são-francisco**, **sambaíba-do-rio-são-francisco**, **louro-branco-do-paraná**, **pinho-do-paraná**.

Note que os nomes próprios perdem sua individualidade gráfica: se forem compostos, como **Rio Grande**, ganham hífen entre seus elementos (**cerejeira-do-rio-grande**); se tiverem a sua grafia justificada por alguma regra especial (**Bahia**, por exemplo, que mantém aquele exclusivo **H** interno), voltam a ser simples mortais como os outros (**coco-da-baía**). Note também que há a preocupação de desambiguizar na própria construção do nome: **chagas-de-são-francisco** e **samambaia-do-rio-são-francisco** (um é do santo, o outro é do rio). Por último, observe como a ambiguidade a que você se referia, com relação a **rio/Rio**, realmente ocorre em **louro-branco-do-paraná** e **pinho-do-paraná**, nos quais, ao que parece, o primeiro se refere à bacia do rio Paraná e o segundo ao estado do Paraná. Como diz um velho provérbio árabe, "Azar, azia, azeite". Nas línguas naturais, existem ambiguidades por toda parte, e temos de aprender a conviver com elas. Quem quiser evitá-las, vai ter de fazer a distinção na própria nomenclatura, fazendo o bichinho chamar-se, por exemplo (hipotético),

"caturrita-do-rio", para diferençá-la da "caturrita-da-lagoa", ou "caturrita-do-rio-de-janeiro", para diferençá-la da "caturrita-de-goiás" (como no exemplo acima, da **samambaia-do-rio-são-francisco**).

Curtas

Jorge ou **George?**

Frederico, de Belo Horizonte, relata que houve uma grande discussão na aula de Português sobre qual seria a forma correta, se **Jorge** ou **George**. "Apesar da explicação da professora, ainda continuo com dúvidas e gostaria de saber qual é a forma correta."

Meu caro Frederico, não entendo qual é o problema. O nome em Português é **Jorge**; em Inglês, é **George**. Muita gente dá a seus filhos nomes estrangeiros: **Ronald**, **William**, **Philip**, **Jean**, **Elizabeth**, etc.; outros preferem usar seus equivalentes em Português: **Ronaldo**, **Guilherme**, **Filipe**, **João**, **Elisabete**.

muçarela, **mozarela**

Cláudia, de Pará de Minas (MG), escreve para dizer que encontrou no dicionário a palavra **muçarela**, e quer saber se é errado grafar **mussarela**.

Minha cara Cláudia, ou escrevemos **muçarela**, ou **mozarela**, no Português; se você preferir, pode usar também a forma do Italiano, que é *mozzarela* (os dois **Zs** soam como em *pizza*).

estorno ou **extorno**?

O leitor chamado Klein quer saber se um cheque é **extornado** ou **estornado**.

Meu caro Klein, a forma correta é **estorno**, com **S** mesmo, pois vem do vocabulário contábil italiano (*storno*). Eu também já tive essa mesma dúvida, quando trabalhava em banco, pois esse /es/ parece o nosso prefixo **EX** (pronunciado também /es/), que estaria bem de acordo com a ideia de **estornar** um lançamento indevido.

garage ou **garagem**?

Alexandre escreve sobre **garage** e **garagem**: qual das duas está correta? Ou ambas estão corretas?

Meu caro Alexandre, quando um vocábulo estrangeiro ingressa em nosso léxico, ele se adapta aos vocábulos nativos já existentes. Os substantivos franceses terminados em **-age** (*sabotage*, *mirage*, *garage*, etc.), ao entrarem no Português, receberam um **M** final que os deixou semelhantes aos numerosos vocábulos já existentes com esse perfil (**selvagem**, **bobagem**, **passagem**, etc.). Por isso, ficaram **sabotagem**, **miragem**, **garagem**.

concertar ou **consertar**?

Nossa leitora Terezinha, de São José dos Campos (SP), quer saber como ela pode convencer (os colegas, imagino?) de que a forma correta é **concertar** os autos (ou o processo), em vez de **consertar**.

Minha cara Terezinha, não posso responder à sua pergunta porque não sei exatamente o que vocês fazem com os autos. Se é uma **correção**, **retificação**, então teremos **consertar**. Se, no entanto, é um **rearranjo** ou uma **integração** de autos de diferentes processos (isso existe?), poderíamos falar de **concertar** (harmonizar). Aqui termina a minha ciência e começa a dos juristas.

torácico

O dr. Alessandro, de Ribeirão Preto (SP), traz uma dúvida corrente entre seus colegas: o termo correto para "através do tórax" grafa-se **transtoráxico** ou **transtorácico**?

Meu caro Alessandro, se o adjetivo é **torácico**, só podemos ter **transtorácico**, com **C**. Você deve lembrar que há um velho namoro entre o **X** e o **C** no final das palavras. A forma **índex** ficou antiquada, cedendo lugar a **índice**. O **cálix,** os **cálix** foram abandonadas por **cálice**, **cálices**. No caso de **tórax**, o radical subjacente é **torac-**, como podemos ver no plural **tóraces** e em todos aqueles derivados científicos que você, como médico, deve estar habituado a utilizar (**toracoplastia**, **toracometria**, **toracostomia**, etc.).

marketing

Evandro, de São Paulo (SP), quer saber se existe alguma palavra ou expressão em português para a palavra *marketing*.

Meu caro Evandro, é essa mesma – *marketing***.** Aposto os meus diplomas que esta é uma daquelas palavras que jamais será substituída, pela absoluta falta de candidatas. Ela já entrou em nosso idioma, como *pizza*, *jazz* e outras mais, que resistem tanto à tradução quanto à adaptação pura e simples ao nosso sistema ortográfico e fonológico. Devemos fazer como as línguas das grandes culturas do mundo fazem: se a palavra é útil e necessária, vamos nos apropriar dela. O Inglês é o maior pirata de vocábulos que conheço; vai pegando tudo o que acha interessante ou funcional. Como resultado, seu vocabulário é hoje o maior das línguas ocidentais.

casa, bazar

Leila, de São Paulo, gostaria de saber por que usamos **S** para escrever **casa** e **Z**para escrever **bazar**, se ambos têm o som de /z/ e as vogais que vêm antes e depois são as mesmas. Além disso, estranha que pronunciemos o **S** de sozinho como /z/ (**casa**, **asilo**, **Brasil**), enquanto o som /s/ mesmo deve ser representado por **SS** (**assunto**, **osso**). “Como explicar isso? Tenho dúvidas desse tipo e preciso orientar um paciente meu com relação às regras ortográficas.”

Minha prezada Leila: você não vai poder orientar seu paciente, se não tiver a formação necessária para distinguir **fonemas** de **letras**. Não sei qual a sua especialidade, mas você não pode se manifestar sobre problemas ortográficos enquanto não sanar essa lacuna na sua formação. O fonema /s/ pode ser representado de várias maneiras gráficas no Português: **C**eleste, **S**apato, ca**Ç**a, ma**SS**a, má**X**imo, na**SC**er, na**SÇ**a, e**XS**udar (ou seja, pelas letras e dígrafos **C**, **Ç**, **S**, **SS**, **SC**, **SÇ**, **X** e **XS**). O fonema /z/ é representado assim: ca**S**a, Xa**Z**ar, e**X**ato (pelo **S** intervocálico, por **Z**e por **X**). Por que essa variedade? Porque nossa ortografia está apenas refletindo as diferentes origens dos vocábulos e as diferentes etapas de sua evolução. Isso acontece em todas as línguas ocidentais, e temos de nos acostumar com o fato. Talvez você se console em saber que é assim em todas as partes do mundo.

-ção e -ssão

Carmen Montenegro, da Costa Rica, é falante do Espanhol e está aprendendo Português. Ela gostaria de saber qual a regra para empregar **-ção** ou **-ssão**.

Prezada Carmen, sinto desapontá-la, mas não existe uma regra definida quanto ao emprego de **Ç** ou de **SS** antes de **-ão**. O que posso lhe dizer, estatisticamente, é que o sufixo **-ção** é muito mais frequente (**realização**, **iniciação**, **paralisação**); no entanto, há também vários vocábulos que são escritos com **SS**, como **repercussão**, **discussão**, **demissão**, **cessão**, **pressão**, **agressão**. Os brasileiros, que também têm a mesma dificuldade que você tem, só podem resolvê-la indo ao dicionário.

maiúsculas em compostos

Cláudio R., de Piraçununga (SP), quer saber se, em nomes próprios compostos separados por hífen, devemos empregar a inicial maiúscula nos dois elementos ou somente no primeiro. “Por exemplo, devo escrever **Acordo Luso-Brasileiro** ou **Acordo Luso-brasileiro**?”

Prezado Cláudio, lembre-se de que, ao formarmos uma palavra composta com hífen, os elementos presentes conservam sua individualidade **fonética**, **mórfica** e **gráfica**. Portanto, cada um leva sua maiúscula: **Grã-Bretanha**, **Decreto-Lei**, **Instituto Ítalo-Brasileiro**.

maiúsculas religiosas

Hamilton, de Pomerode (SC), quer saber: o correto é “Deus derrama sobre nós **a** Sua graça” ou “**da** Sua graça”? Neste mesmo caso, o pronome possessivo **Sua**, referindo-se a um atributo divino, deve sempre ser escrito com maiúscula?

Prezado Hamilton, o correto é “derrama **a** sua graça”. Quanto ao uso das maiúsculas, isso é um caso de decisão individual. Quem é religioso, escreve “o **Seu** nome”, “respeitá-**Lo**”, “dirigiu-se a **Ele**”, etc.; quem não é, não faz isso. É estritamente pessoal, e não pode haver regra gramatical que dependa do credo de cada um.

Deus e as maiúsculas

Irene, de Goiânia, diz que, ao se referir a Deus, sempre usa **Seu** com **S** maiúsculo; usa **dEle** e **Ele** também com **E** maiúsculo, mas fica em dúvida quando vai usar **para si**, por exemplo, ou **se**, ou **lhe**, referindo-se a Deus. Deve escrever “Deus resgatou o homem para **sI** mesmo”? “Ele **sE** deu em meu lugar”? “Vou dar-**lhE** meu coração”?

Minha cara Irene, você está fazendo uma pequena confusão. Se você é religiosa e quer usar o tratamento respeitoso para com a sua divindade, use maiúscula em todos os pronomes que a representem: “Perdoe a **Sua** filha”, “nós **O** amamos”, “enviamos-**Lhe** nossas preces”, “Deus resgatou o homem para **Si** mesmo” (se foi para ele próprio; se foi para o homem, seria

minúscula), “Ele **Se** deu em meu lugar”. A estranha grafia **dEle** ocorre por causa da combinação da preposição **de**, em minúsculas, com o pronome **Ele**, com a inicial maiúscula. **Se**, **si** e **lhe** são pronomes simples, sem combinações, e só poderão ter maiúscula na sua letra inicial (se assim desejarmos). Agora, entenda bem o que você está fazendo: as maiúsculas são apenas para que seus leitores percebam o respeito que você tem a Deus; ele próprio, na sua infinita sabedoria, não liga para essas ninharias.

meses com minúsculas

Thiago B., de Fortaleza, tem uma dúvida que, segundo ele, “pode entrar para o *hall* das perguntas cujas respostas são curtas, porém finas”: a primeira letra dos meses do ano deve ser grafada em maiúsculas ou em minúsculas?

Prezado Thiago, escrevem-se com iniciais **minúsculas** os nomes dos meses do ano e os dias da semana. É a norma. Vamos escrever **janeiro** e **dezembro**, assim como **sábado** e **domingo**. Portugal, diferentemente do Brasil, usava **maiúsculas** no nome dos meses, mas agora, pelo Acordo, deverá fazer como nós.

pus

A leitora Célia pergunta qual a maneira correta de se escrever o verbo **pôr** na primeira pessoa, se é **pus** ou **puz**. Nos dicionários que consultou, só encontrou o substantivo **pus**, mas nada sobre o verbo.

Minha cara Célia, a 1ª pessoa do verbo **pôr** (eu **pus**) é homógrafa (tem a mesma grafia) da palavra **pus** (aquele que sai da ferida). Lembre-se de que os dicionários não registram verbos conjugados; foi por isso que você não o encontrou. A forma verbal não pode ser escrita com **Z** por uma razão muito simples: só podem ter **Z**os verbos que ostentarem esta letra em seu infinitivo (**trazer**, **fazer**, **dizer**, **conduzir**, etc.); os demais só podem usar **S** (**quis**, **pus**, **quiser**, **puser**, etc.).

2. Como se escreve: acentos e sinais

A base de nosso sistema de acentuação gráfica foi estabelecida pela Comissão de 1943. Muito se discute se os acentos gráficos são ou não necessários para a ortografia do Português; não são poucos os autores que, olhando para o Inglês (que vive muito bem sem acentos), defendem a total inutilidade desses sinaizinhos. Outros, olhando para o inferno acentual do Francês – que escreve *dégoût* (desgosto), *élève* (aluno), *théâtre* (teatro) –, felicitam-se por ter um sistema tão simples e racional como o nosso. O que eu tenho notado é que a maioria dos brasileiros (incluindo aqui muitos professores de Português) não sabe exatamente qual a finalidade dos acentos; em outras palavras, poucos sabem por que os acentos vieram a este mundo.

A tradição de utilizar esses sinais nasceu na Grécia, por volta do ano 200 a. C., para marcar a sílaba tônica das palavras e assinalar os fonemas aspirados. É claro que os gregos não precisariam dessa sinalização para falar corretamente o seu próprio idioma, da mesma forma que um brasileiro não precisa saber escrever para poder falar o Português. O alvo era bem outro: com a expansão territorial do Grego, principalmente por obra de Alexandre Magno, um número imenso de falantes não-nativos passou a usar essa língua, e foi para esses recém-chegados, que não conheciam intuitivamente a maneira correta de pronunciar os vocábulos, que Aristófanes de Bizâncio concebeu o sistema de acentos e sinais que os textos gregos apresentam até hoje. Muitas línguas modernas incorporaram acentos à sua grafia, sem se dar conta de que se trata de uma sinalização útil para estrangeiros, mas geralmente supérflua para os nativos.

O sistema vigente

No Brasil, a acentuação manteve o mesmo objetivo que tinha na Grécia Antiga: ao contrário do que muita gente pensa, os acentos não têm a função de distinguir entre duas palavras muito parecidas, mas são usados para sinalizar, **quando for necessário**, a **prosódia** de uma palavra. Numa definição simplificada, a prosódia seria a correta colocação da sílaba tônica dentro do

vocábulo; quem diz /RUbrica/, com a tônica no /ru/, está cometendo exatamente um **erro de prosódia**, pois a pronúncia correta é /ruBRIca/. Como aprendemos desde os primeiros anos de escola, a sílaba tônica pode ser a última sílaba da palavra (as **oxítonas**), a penúltima (as **paroxítonas**) ou a antepenúltima (as **proparoxítonas**).

Como é natural, a maior parte de nossos vocábulos **não** necessita de acento porque sua prosódia está de acordo com a expectativa dos falantes. Os vocábulos acentuados – na verdade, apenas 20% de nosso vocabulário total – são exatamente os que se **afastam** dessa pronúncia esperada, como você verá logo a seguir. Neste caso, o acento indica aquela sílaba tônica que fica onde normalmente não se esperaria que ela ficasse. Por exemplo: por que **táxi** é acentuado? Usando a experiência que todos nós temos do Português escrito, vemos que a maioria dos vocábulos que terminam em "**i**" são lidos instintivamente como oxítonos: **sucuri, aqui, saci**. Esta é uma tendência comprovada estatisticamente. Em **TÁxi**, portanto, o acento nos avisa de que esta palavra **não** segue o padrão, já que sua tônica não é a última. Examine os exemplos abaixo e verá que os vocábulos que recebem acento são os que contrariam a tendência normal:

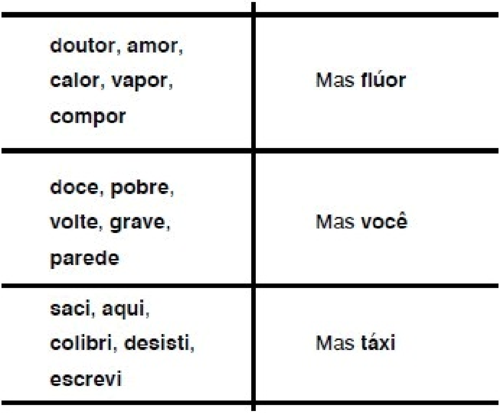

doutor, amor, calor, vapor, compor	Mas **flúor**
doce, pobre, volte, grave, parede	Mas **você**
saci, aqui, colibri, desisti, escrevi	Mas **táxi**

Com base nesse princípio muito simples – **assinalar o inesperado, deixar sem marca o que é previsível** –, a Comissão de 1943, com sua lógica geométrica, passou a decidir quais são os vocábulos que precisam de acento. Isso foi feito através de regras que são aplicadas a determinados perfis de vocábulos, sem casos especiais ou exceções:

(1) – Como o tipo de vocábulo mais frequente do Português são os paroxítonos terminados em **A(s)**, **E(s)**, **O(s)**, **EM** e **ENS**, estes ficaram **sem** acento. Inversamente, todos os que tiverem outros finais (**i, um, ã, l, r, ps,** etc.) ficaram **com** acento. É por isso que escrevemos **tolo, cera, coroa, totem, vezes, doce, gelo, deve** (sem acento), mas **hífen, ônix, flúor, ímã, órgão, ravióli, álbum** (com acento). Esta distribuição de acento nos **paroxítonos** vai determinar o acento dos **oxítonos**, classe muito menos importante:

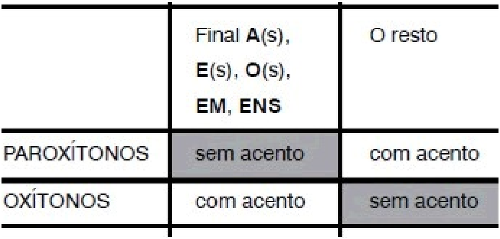

	Final **A**(s), **E**(s), **O**(s), **EM, ENS**	O resto
PAROXÍTONOS	sem acento	com acento
OXÍTONOS	com acento	sem acento

(2) – Todos os **proparoxítonos** recebem acento gráfico para assinalar que a sílaba mais forte é a antepenúltima; caso contrário, a tendência normal seria lê-las como **paroxítonos**:

médico pólvora intrépido víramos

Aqui se incluem os paroxítonos terminados em **ditongo crescente** (-**ie**, -**ia**, -**uo**, -**ua**, etc.): **série**, **água**, **mágoa**, **núcleo**, **história**. Devido à elasticidade dos ditongos crescentes na fala, essa sílaba final pode (repito: **pode**), numa pronúncia mais escandida, ser dividida em duas (/sé-ri-e/, /nú-cle-o), o que transforma essas palavras, na fala, em proparoxítonas. Alguns autores, inclusive, para assinalar o fato, dizem que essas palavras especiais podem ser chamadas de “proparoxítonas eventuais, acidentais ou relativas” – mas isso só diz respeito à acentuação, pois continuam a ser **paroxítonas**, como atesta a sua divisão em sílabas: **sé-rie**, **nú-cleo**, **his-tó-ria**.

(3) – Em seguida, o sistema de 1943 contemplava com acento gráfico alguns **encontros vocálicos** (hiatos e ditongos) cuja pronúncia a Comissão julgou necessário assinalar: os ditongos abertos **éi**, **éu** e **ói** (**herói**, **geléia**); os (raríssimos) hiatos **êe**, **ôo** (**zôo**, **crêem**); e os hiatos em que o **I** e o **U** formam sílaba sozinhos ou juntamente com **S** (**saúde**, **caímos**, **caíste**). O recente acordo, assinado em 1990, manteve as mesmas regras de 1943, mas suprimiu o acento nos hiatos **EE**, **OO** (**vôo** e **lêem**, por exemplo, passam a **voo** e **leem**) e retirou – apenas nas

paroxítonas! – o acento dos ditongos abertos (**idéia** e **heróico**, por exemplo, passam a **ideia** e **heroico**; **céu** e **anéis**, contudo, continuam acentuados).

Críticas cabíveis ao sistema de acentuação

Apesar do sistema ter uma lógica interna consistente, ele peca por se basear num falso princípio. Aqui reside exatamente o calcanhar de Aquiles de nosso sistema de acentuação: ele parte da ideia equivocada de que a escrita teria supremacia sobre a fala, imaginando um falante que primeiro vai ver como uma palavra está escrita para então saber como deverá pronunciá-la. Ora, qualquer falante, em princípio, conhece a pronúncia dos vocábulos que estão a seu alcance, sem que seja necessário indicar-lhe, por meio de um sistema de sinais, qual a sílaba predominante – um exemplo eloquente é o Inglês, que vive muito bem sem os acentos.

Além disso, a grafia não tem valor normativo sobre a maneira de pronunciar os vocábulos, já que é ela que depende da fala, e não vice-versa. Basta ver que no mundo letrado subsistem discussões sobre como se devem pronunciar determinadas palavras; debate-se qual a sílaba tônica de **xerox**, se a vogal de **colmeia** é aberta ou fechada, se o **S** de **subsídio** soa como em **subsetor** ou como em **obséquio**, etc. Aliás, a resposta a algumas dessas perguntas trará diferentes consequências para sua grafia: vou escrever **xerox** ou **xérox**, dependendo da sílaba que eu considere tônica. Não poderia deixar de ser assim, já que a escrita não passa de uma tentativa de representar graficamente a fala e, portanto, vem depois dela. Deste modo, quando ponho – ou deixo de pôr – o acento em **xerox**, o que estou fazendo, na verdade, é manifestar a minha posição quanto à sua pronúncia. Nada mais.

É verdade que algumas (poucas) vezes o acento serve para desambiguizar a leitura: "ele não **pode** sair" é diferente de "ele não **pôde** sair", e "vou **por** aqui" não é igual a "vou **pôr** aqui". No entanto, na maioria dos casos, a própria frase se encarrega de tornar supérfluo o acento, mesmo em palavras com a mesma grafia: "ele nunca **medica** sem antes fazer um exame completo do paciente" e "ela é a **médica** mais importante da equipe"; "não **contem** comigo" e "a caixa

contém uma grosa de lápis", e assim por diante.

Ora, para quem foram, então, concebidos os acentos? Para um tipo muito especial de pessoa: aquela que quer saber como se diz uma palavra e vai ao dicionário para encontrar ali a recomendação, ou que leu uma palavra que desconhecia e quer começar a utilizá-la em sua fala usual. É em nome desses raros cidadãos que todos os que escrevem em Português necessitam utilizar o sistema gráfico de acentuação, mesmo naquelas palavras cuja pronúncia é conhecida por todos, até por coerência da regra. Como nos exemplos acima, se **táxi**, **café** ou **dólar** vierem sem acento, não vai haver a leitura instintiva de /taXI/, /CAfe/, /doLAR/. No entanto, apesar de desnecessário, elas vão ser acentuadas, porque a regra não poderia ser aplicada a apenas algumas palavras, e não a todas.

De qualquer forma, acho que a solução mais racional seria suprimir totalmente os acentos gráficos (como no Inglês); a Comissão que trabalhou no novo Acordo Ortográfico, contudo, foi perdendo aos poucos a coragem para dar este passo radical, mas definitivo, e acabou introduzindo apenas algumas mudanças cosméticas no modelo que a Comissão de 1943 tinha elaborado. Não adiantou nada.

Mudanças introduzidas pelo Acordo

As regras que vão ser alteradas são poucas e, excetuando-se a supressão do trema, abrangem um número muito restrito de vocábulos:

1. Os hiatos tônicos **ÊE**, **ÔO**, muito raros, recebiam acento na primeira vogal: **vôo**, **abençôo**, **relêem**, **dêem**, etc. O Acordo suprime esta regra: **voo**, **abençoo**, **releem**, **deem**.

2. Até agora acentuávamos os ditongos abertos **ÉI**, **ÉU**, **ÓI**, onde quer que eles estivessem: **jibóia**, **heróico**, **paranóia**, **geléia**, **idéia**; **réu**, **herói**, **dói**, **réis**. O Acordo só mantém esse acento nas palavras oxítonas: **réu**, **herói**, **dói**, **réis**, **troféu**; as paroxítonas ficam sem acento: **jiboia**, **heroico**, **paranoia**, **geleia**, **ideia**, **assembleia**, **apoiam**, etc.

3. Tendo em vista que a letra **U** – quando colocada entre **Q** e **E**, **Q** e **I**, **G** e **E**, **G** e **I** – pode ter **três** valores diferentes, utilizávamos um sistema tripartite que indicava claramente quando ela é **muda**, **tônica** ou **átona**: (1) se era **muda**, ficava sem marca (**quilo**, **guerra**); (2) se era tônica, levava acento (**argúi**, **argúem**); (3) se era átona, levava trema (**pingüim**, **agüenta**). O Acordo elimina esta regra inteirinha, escrevendo tudo sem acento ou trema: **quilo**, **guerra**, **argui**, **arguem**, **pinguim**, **aguenta**. O leitor certamente entenderá que estamos falando de **grafia**; a **pronúncia** das palavras não muda, nem pode mudar. Por isso, mesmo que se passe a escrever **linguiça** (assim, sem trema), o **U** continuará a ser pronunciado obrigatoriamente.

4. A regra de 1943 manda acentuar o **I** e o **U** tônicos quando vierem depois de vogal ou ditongo e estiverem sozinhos ou formando sílaba com **S**: **juízes**, **gaúcho**, **saíste**, **reúno**, **feiúra**, **baiúca**. O novo Acordo apenas suprime o acento quando a vogal vier **depois de ditongo decrescente**: continuamos a escrever **juízes**, **gaúcho**, **saíste** e **reúno**, mas passamos a escrever **feiura**, **baiuca**, **gaiuta**, **bocaiuva**, **reiuno**.

5. Dos poucos acentos diferenciais que sobreviveram à reforma de 1971, o novo Acordo poupa alguns e elimina outros. Caem (com toda a justiça) os absurdos acentos de **pêlo(s)**, **pélo**, **péla(s)**, **côa(s)**, **pólo(s)** e **pêra**, que não serviam para nada. Continua, como era de esperar, o acento de **pôr** e de **pôde**. O acento em **fôrma**, velha reivindicação de mestre Aurélio Buarque de Holanda, passa a ser facultativo; eu, de minha parte, sempre usei e vou continuar usando. O inexplicável foi a supressão do acento de **pára** (verbo), que vai fazer muita falta ("Você não para para pensar", etc.) e que, a meu ver, foi suprimido por absoluta falta de experiência linguística dos membros da Comissão.

Permanece inalterada, portanto, a regra das proparoxítonas (todas levam acento), bem como a das paroxítonas e oxítonas (ver quadro no próximo artigo – "item, itens").

item, itens

O sonho do professor: "Se eu ganhasse dez centavos cada vez que

visse **item** ou **itens** escrito com acento, nunca mais precisaria traba

Prezado Professor, gostaria que o senhor me elucidasse sobre o uso do acento nas palavras **item** *(ou* **ítem***) e no seu plural. Obrigado.*

Jansen W. – Santos (SP)

Meu caro Jansen, em todos os meus anos de magistério, sempre me fascinou a verdadeira compulsão que as pessoas têm de acentuar **item**, ou **itens**, ou ambos. Eu não hesitaria em eleger essas duas formas como o melhor exemplo para provar que há uma falha na maneira como o sistema de acentuação, criado em 1943, vem sendo transmitido a todos nós, os brasileiros que sabem escrever. As gramáticas e os livros didáticos geralmente apresentam os acentos numa sequência de regras que parecem ser arbitrárias e casuísticas, impedindo que os alunos (e muitos professores) percebam a límpida economia do sistema.

Consulte qualquer um dos bons livros didáticos que temos no mercado: você vai aprender que as **oxítonas** terminadas em **-a**, **-e**, **-o** (com ou sem **S** final), **-em** e **-ens** devem ser marcadas com acento gráfico, enquanto as **paroxítonas** acentuadas são as terminadas em **-ps**, **-ã**, **-ão**, **-r**, **-x**, **-l**, etc. – uma lista de finais exóticos e pouco comuns. Ora, falar sobre quais as oxítonas e quais as paroxítonas **são** acentuadas é deixar de perceber o caráter **binário**, **complementar** do sistema. O fundamental é sabermos que as palavras **paroxítonas** mais comuns, mais **numerosas** (e que, portanto, **não** devem ser acentuadas) são as terminadas exatamente em **-a**, **-e**, **-o**, **-em** e **-ens**. A partir daí, podemos estabelecer o seguinte quadro, que já vimos anteriormente, mas que prefiro repetir em nome da clareza:

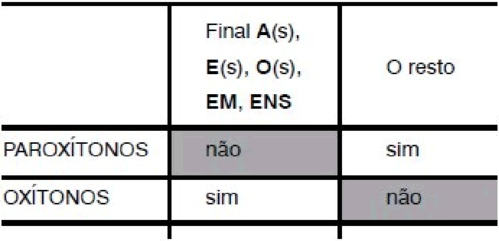

	Final **A**(s), **E**(s), **O**(s), **EM**, **ENS**	O resto
PAROXÍTONOS	não	sim
OXÍTONOS	sim	não

O quadro pode ser lido da seguinte maneira: as palavras mais frequentes de nosso idioma, que são as paroxítonas terminadas em **-a**, **-e**, **-o** (seguidas ou não de **S**), **-em** e **-ens** NÃO levam acento; o resto (uma miuçalha variada) leva. Consequentemente, o sistema fez valer o **inverso** para as **oxítonas**: as que têm esses finais vão ser acentuadas, enquanto o resto fica sem acento. É por isso que **casa, mestre, coroa, homem** ficam sem acento, enquanto **táxi**, **flúor**, **nível**, **látex** são acentuadas. E assim por diante (há uma pequena bateria de regras adicionais que vão, posteriormente, aplicar-se a alguns problemas específicos de ditongos e de hiatos – mas isso foge ao problema específico que estou tentando esclarecer neste artigo).

Seguindo essa linha de raciocínio, perceba que **homem** não é acentuado porque pertence a um grupo muito expressivo de vocábulos em nossa língua: as paroxítonas com o final **-em**. Elas formam um grupo de vários milhares de palavras, do qual fazem parte (1) os substantivos terminados em **-agem** (**selvagem**, **homenagem**); (2) as terceiras pessoas do plural de vários de nossos tempos verbais (**fazem**, **estudem**, **fiquem**, **voltarem**); (3) um grande número de substantivos e adjetivos com **-m** final (**homem**, **jovem**, **nuvem**, **virgem**); etc. Ora, se uma pessoa (e quantas existem!) sente a tentação de colocar um acento em **item**, só posso concluir que ela não percebeu ainda como funciona o sistema. Na verdade, ela está sonhando com uma regra que deixe sem acento **homem**,

trazem, **nuvem** e **virgem**, mas que acentue – o que seria, agora sim, uma odiosa exceção! – o vocábulo **item**. Felizmente isso não é possível em nosso sistema. Se uma palavra leva acento, todas as similares também levam (o inverso também é verdadeiro). Portanto, **item** não tem acento, assim como **itens**. Não têm e nunca tiveram; se escrevêssemos ***ítem**, ***ítens**, como muita gente gostaria, teríamos de escrever também ***hômem**, ***hômens** (o asterisco indica uma forma errada).

acentuação das paroxítonas

Olá, professor Cláudio. Escrevo-lhe para tirar uma dúvida sobre acentuação gráfica. Achei ótima a sua tabelinha sobre as palavras paroxítonas e oxítonas e, de fato, comecei a usá-la para simplificar as tais regras de acentuação, até o momento em que percebi que todas as formas verbais como **falam**, **falaram**, **falavam**, **comeram**, **abriram** *não levam acento, é claro! O que se pode fazer? Colocar uma observação especial para as terminadas em* **-am**, *ou é a regra toda que deve ser repensada, pois talvez ainda haja outros casos que não foram contemplados?*

Valentina V. – Roma.

Prezada Valentina, aquele quadro que construí tem por base um sistema binário, como você percebeu. O **sim** se opõe ao **não**, e vice-versa. As paroxítonas mais comuns – e, portanto, **sem** acento – são as terminadas em **-a**, **-e**, **-o** (seguidos ou não de **-S**), **-em**, **-ens**, o que nos leva a acentuar as oxítonas com as mesmas terminações.

Agora chegamos ao seu problema: é claro que há também centenas de paroxítonas terminadas em **-am** (especialmente, como você mesma diz, nas terminações verbais da 3ª pessoa), mas não podemos incluir este final no nosso quadro porque, sendo ele binário, pressuporia que as oxítonas com igual terminação tivessem acento, o que não ocorre. A formulação (errônea) ficaria assim:

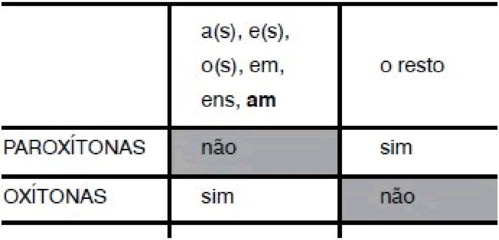

	a(s), e(s), o(s), em, ens, **am**	o resto
PAROXÍTONAS	não	sim
OXÍTONAS	sim	não

Por isso, nas minhas aulas (eu ainda leciono regularmente), depois de apresentar o quadro, explico que as paroxítonas terminadas em -am também não são acentuadas (pelo mesmo motivo estatístico), mas não cabem na oposição binária que construí. É só isso; é pena, mas nem sempre os fatos cabem dentro das teorias. Se não fosse pelo final -am, o binarismo seria perfeito; assim mesmo, ainda o considero uma eficiente ferramenta para o usuário entender o princípio fundamental de nossa acentuação gráfica e perceber que o sistema não é tão arbitrário ou caótico como querem seus detratores.

Caro professor Cláudio, muito obrigada pela rápida resposta. Eu também ensino Português, mas para italianos (em Roma). A sua tabela é de grande ajuda, já que permite aposentar aquela tal das paroxítonas terminadas pelas iniciais de "ROUXINOL", que, aliás, não faz sentido para alunos estrangeiros! O curioso é que nenhuma gramática, dentre as que consultei, menciona esses casos dos verbos terminados em **-am***, um número expressivo de palavras.*

Valentina V. – Roma

Prezada Valentina, o motivo é simples: as gramáticas não trabalham com os vocábulos que **não** têm acento; preferem, isso sim, relacionar apenas os finais dos vocábulos que são acentuados. Eu passei minha vida de estudante memorizando a relação das paroxítonas que **levam** acento (aquela lista enorme),

convicto de que nosso sistema ortográfico era um amontoado inexplicável de casos particulares e de exceções. Quando percebi a beleza do sistema, já tinha começado a lecionar na Graduação em Letras e fiz questão de divulgá-la para todos os futuros professores que foram meus alunos. Devo ter plantado muitas sementes, mas, pelo que percebo pelas perguntas dos leitores, a maior parte dos professores brasileiros ainda se limita a repetir aquela execrável lista de terminações.

qual a regra mais difícil de pegar

Professor, eu posso mais ou menos me considerar uma colega sua, porque também leciono Língua Portuguesa numa escola municipal de minha cidade. Por isso, gostaria de saber, com a experiência que o senhor tem, qual é o seu palpite: qual das regras de acentuação vai ser mais difícil de "pegar", isto é, vai ser mais desrespeitada nos primeiros dias (meses?) da Reforma?

Lucinda V. W. – Ribeirão Preto (SP)

Prezada Lucinda, não tem nada de mais ou menos; para mim, empunhou o giz, enfrentou a lousa, então é colega. Quanto à sua pergunta, você sabe muito bem que as regras que foram alteradas (caem o trema e o acento agudo no **U** depois do **G** e do **Q** , o acento agudo no ditongos abertos **ÉI**, **ÉU** e **ÓI**, e o acento circunflexo nos hiatos **ÔO** e **ÊE**) já não eram muito populares, mesmo; muita gente simplesmente não usava o trema, por exemplo, e nem vai sentir a mudança. Fora o hífen – este sim, um caso sério, que ainda aguarda regulamentação por parte da Academia e que vai dar muitíssimo pano para manga –, o maior problema de adaptação que eu pressinto, por parte dos usuários, é essa regra caprichosa que tira o acento dos ditongos abertos nas **paroxítonas** mas o mantém nas **oxítonas**: **heroico**, mas **herói**; **geleia**, mas **anéis**; **joia**, mas **sóis**; e assim por diante. Melhor teria sido tirar o acento de todas, ou conservá-lo em todas.

acento em nomes próprios

Nome próprio também leva **acento**, ou é grafado à vontade do dor
Professor esclarece essa delicada questão.

Olá, Professor, gostaria de saber se os nomes próprios precisam realmente levar acento. Por exemplo, **Claudio***, pela regra, deveria ser acentuado, mas em alguns casos isso não acontece. Por quê?*

Vanessa F. – Rio de Janeiro (RJ)

Minha cara Vanessa, os nomes próprios estão sujeitos às mesmas regras de acentuação que os nomes comuns. **Cláudio**, **Sérgio**, **Flávio**, **César**, **Aníbal**, **Félix**, **Dóris**, **Zilá**, **André** – todos são acentuados. Ocorre que a lei permite ao cidadão portar (se ele quiser – e se ele aguentar!) o nome da maneira como foi registrado. Ora, como os acentos que conhecemos foram introduzidos pela Reforma de 1943, muitos **Claudios**, **Sergios**, etc. nascidos antes dessa data escrevem lá à sua maneira – da mesma forma que também se vê a grafia **Cezar**, **Luiz**, **Suzana**, que hoje se escrevem com **S**.

A alteração do nome para sua forma correta pode ser requerida ao Judiciário, num processo relativamente simples. Esse recurso, no entanto, não me parece necessário se o problema for simplesmente o **acento**: quem foi registrado sem o acento devido, ou com um acento desnecessário, pode corrigir por conta própria a grafia de seu nome, pois isso não é um detalhe que prejudique a sua identificação civil em documentos. Por exemplo, se meu pai e minha mãe não tivessem posto o acento no meu **Cláudio**, eu o poria por mim mesmo, e ninguém poderia alegar que "na certidão está sem acento". O acento **não** é levado em conta na caracterização do nome do indivíduo; por isso, o melhor é sempre acentuar de acordo com a regra de acentuação que estiver vigorando, independente do registro civil.

Note que isso também vale para o **futuro**: se um dia os acentos vierem a ser eliminados do nosso sistema ortográfico (a esperança é a última que morre!), nessa mesma data deixarei de usar o meu acento no **A** de **Cláudio**. Já vimos isso:

quando foi adotado o sistema de 1943, o nome da cidade de **Porto Alegre** passou a ser grafado com o acento circunflexo diferencial: **Pôrto Alegre**. Em 1971, esse infeliz acento foi eliminado, e voltamos a escrever **Porto Alegre**. Vale o que estiver vigendo na hora de escrever.

acento em verbo com pronome

Se **comprá-lo**, **vendê-lo** e **destruí-lo** têm acento, por que **parti-lo** n tem?

Caro Professor, quando devo acentuar a última sílaba de um verbo, antes do hífen? Por exemplo: o que determina ser **abraçá-la** *ou* **abraça-la***;* **destruí-lo** *ou* **destrui-lo***? Quais seriam as regras para construções desse tipo?*

Vívian C. – Volta Redonda (RJ)

Minha cara Vívian, este hífen é considerado um sinal que indica o fim de um vocábulo; logo, qualquer vocábulo com hífen tem duas partes distintas (**antes** e **depois** desse sinal). Nos verbos com **pronomes enclíticos**, devemos descartar o pronome e ficar apenas com o **verbo**, já que este é o vocábulo que será levado em conta pelas regras de acentuação. **Comprar**, **perder**, **repor**, **partir** e **construir** não recebem acento por não se enquadrarem na regra das oxítonas (terminam em **R**). Quando essas formas perdem o **R** devido ao acréscimo do pronome enclítico, no entanto, devem ser reexaminadas quanto à acentuação. **Comprá**-lo, **perdê**-lo, **repô**-lo e **construí**-lo ganham acento, enquanto **parti**-lo não (como **vatapá**, **você**, **avô** e **açaí**, de um lado, e **saci**, do outro).

coco e **cocô**

Ao contrário do que muita gente pensa, o acento de **coco** – que nã mais – nada tinha a ver com o popular **cocô**.

Professor, desde que aprendi a escrever me ensinaram que deveria escrever **côco** *com acento circunflexo no primeiro* **O***, para diferenciar de* **cocô***. Porém, tem gente que diz que eu estou errada ao acentuar essa palavra, dizendo que já não se usa mais. Eles estão tentando derrubar algo que já virou uma convicção que trago desde o Ensino Fundamental! Afinal, como é que se escreve o fruto do coqueiro?*

Elisa M. F.

Minha cara Elisa, a maneira como escrevemos as palavras do Português tem como base o Acordo Ortográfico de 1943, com as pequenas modificações introduzidas em 1971 e em 1990; a consolidação desses textos constitui o sistema que o brasileiro médio chama respeitosamente de "ortografia oficial", atribuindo-lhe uma infalibilidade maior do que a do Papa. Os estudiosos sabem que ele não é tão oficial nem tão infalível assim; prefiro, contudo, discutir isso noutra ocasião, que não sou homem de mexer em abelheiro e sair correndo.

Quando o Acordo de 1943 entrou em vigor, muitos dos brasileiros que já tinham sido alfabetizados ficaram com uma sensação natural de insegurança, uma vez que perceberam que o sistema que tinham estudado na escola havia sido substituído por outro. Quem escrevia **theatro**, **commercio** e **pharmacia**, por exemplo, teve de aprender as novas formas **teatro**, **comércio** e **farmácia**. Se as pessoas têm dificuldade em assimilar uma nova moeda (cruzeiros, cruzados, reais, etc.), podemos imaginar o quanto mais vão ter, tratando-se de algo muito mais complexo, como é um sistema ortográfico...

Pois bem, o Acordo de 1943 instituiu o equivocado **acento diferencial** para desmanchar aqueles pares de vocábulos homógrafos ("que se escrevem da mesma forma") cuja diferença, na pronúncia, repousa na oposição entre **E/O fechado** e **E/O aberto**. A partir daquele ano, desapareceu essa homografia, porque passou a escrever-se **gêlo**, **almôço**, **pôrto**, **sêde**, diferentemente de **gelo**, **almoço**, **porto** e **sede** – e aqui entrou o **côco**, acentuado para distinguir de **coco** (do verbo **cocar**; nunca usei, mas existe). Isso nada tem a ver com o acento de

cocô (oxítona terminada em **O**, como **vovô** ou **camelô**); aliás, se não existisse o vocábulo **cocô** (os nenês portugueses dizem **cocó**...), assim mesmo o Acordo de 1943 manteria o acento de **côco**, indicando que o **O** aqui é fechado.

Acontece que o acento diferencial, na prática, revelou-se inútil e extremamente perturbador do sistema ortográfico – a tal ponto que a única alteração introduzida, de 1943 até 1990 (friso: foi a **única** vez que se alterou a regra ortográfica antes de chegarmos à atual Reforma, embora muitos de meus leitores jurem que houve inúmeras mudanças, deste então!) – repito, a única alteração foi feita em **1971**, eliminando-se esse malfadado acentinho, voltando os vocábulos a ser homógrafos: "eu estou com **sede**" e "leve isso à **sede** do sindicato"; "está faltando **gelo**" e "eu **gelo** a cerveja com o extintor" (é técnica de emergência...); "na hora do **almoço**" e "eu **almoço** sempre com meus filhos". Pelos exemplos que dou, você pode ver que o contexto normalmente se encarrega de esclarecer qual dos dois vocábulos está sendo empregado. Foi aqui que o **coco** perdeu o acento.

Ora, embora mínima, a Reforma de 1971 era também uma mudança, e ocasionou os problemas já conhecidos: quem já tinha introjetado o sistema de 1943 passou a sentir-se inseguro, não sabendo exatamente até que ponto ele tinha sido modificado. Imagine como se sente um bravo brasileiro que nasceu em 1930: aprendeu a escrever lá por 1940; em 1943, tudo mudou; vamos supor que, com esforço e persistência, ele tenha conseguido atualizar-se, só para ver, estarrecido, nova mudança em 1971; quando já estava acostumando a ela, veio o Acordo de 1990... Pobre diabo!

Vou dar uma de Sherlock Holmes: se a sua professorinha ensinava **côco** com acento, deduzo que você entrou na escola **depois** de 1943 e que a deixou **antes** da reforma de 1971 (sem ter sido apresentada ao novo **coco** desacentuado). Não estou certo?

Para seu consolo, fique sabendo que você não é a única a errar: milhares de pessoas, alfabetizadas antes de 1971, continuam a usar o circunflexo nesses vocábulos. Desafio alguém a encontrar um depósito de **gelo** sem acento, ou algum produto alimentício feito com **coco** sem acento – são verdadeiras

raridades! Por essas e por outras, minha cara Elisa, é que sinto vontade de esganar qualquer um desses inconsequentes que defendem a nova reforma ortográfica! Eles realmente não sabem o que fazem; só alguém completamente divorciado da realidade de nosso pobre país pode pensar em tamanha asneira!

fluido ou **fluído**

Afinal, devemos trocar o **fluido** ou o **fluído** do freio? A sala está ch maus **fluidos** ou **fluídos**? Qual é a maneira certa de escrever e pror essa palavra?

Caro Professor, afinal, a gente escreve **fluido** *ou* **fluído***? Eu pensava que só existia o segundo, mas a professora ensinou que o certo é o primeiro. Agora fiquei sabendo que existem os dois. Como é que eu fico?*

Carla C. – Botucatu (SP)

Prezada Carla, estamos falando de dois vocábulos diferentes, com sentido e grafia também diversos.

1) O primeiro, **fluido**, tem o **U** tônico e divide-se em duas sílabas (/flui-do/), com a primeira sílaba pronunciada como **fui** ou **Rui.** Se você se lembra de seu tempo de colégio, o **ui** é um **ditongo**. Este vocábulo tem o sentido genérico de "líquido": mecânica dos **fluidos**, **fluido** de freio; "a Aids se transmite pela troca de **fluidos** do corpo". Modernamente, acho que passou também a significar algo meio invisível e misterioso; pelo menos, é o que sugere o uso que dele fazem as pessoas místicas: "nesta sala há maus **fluidos**", "podem-se perceber os bons **fluidos**", etc. Em todos os exemplos acima, é classificado como **substantivo**; às vezes é usado como **adjetivo** (ainda com o mesmo sentido de "líquido"): "estava muito quente, e o mel ficou mais **fluido**". Ou no início do poema **Antífona**, de Cruz e Sousa:

Ó Formas alvas, brancas, Formas claras
De luares, de neves, de neblinas!
Ó Formas vagas, **fluidas**, cristalinas...
Incensos dos turíbulos das aras.

2) O segundo, **fluído**, tem o "**i**" tônico; é uma palavra de três sílabas (/flu-í-do/). É o que chamamos de **hiato**. Aliás, é exatamente por ser um hiato que o "**i**" precisa levar esse acento gráfico. Agora estamos diante do particípio do verbo **fluir** (correr, transcorrer), formado da mesma maneira que **caído** (de **cair**) e **saído** (de **sair**): "as horas tinham **fluído** sem que nós nos déssemos conta"; "todo o óleo tinha **fluído** para o chão da garagem". Note que os dois vocábulos são diferentes na **pronúncia**, na **grafia** e no **sentido**.

No entanto, nove entre dez brasileiros não distinguem um vocábulo do outro, pronunciando /flu-í-do/ em ambos os casos. Em geral, as pessoas dizem "**flu-í-do** de freio", "mecânica dos **flu-í-dos**", "maus **flu-í-dos**". Isso acontece porque há uma forte tendência popular em mudar a prosódia de termos como **gratuito**, **circuito**, **fortuito**. Em muitas rádios já se ouve "entradas gratu-**I**-tas", "curto-circu-**I**-to", com o **I** tônico – o que é um contra-senso, porque, se fosse tônico, deveria levar o mesmo acento de **ruído** e **caído**. Este é o processo que está agindo sobre o **fluido**, levando as pessoas descuidadas a pronunciá-lo da mesma forma que o particípio **fluído**. Devemos evitar essa confusão; note que não estou falando apenas de algum detalhe secundário que eu, reacionariamente, esteja tentando preservar, mas sim da **diferença entre dois vocábulos distintos**, o que não é pouca coisa.

câmpus e outras expressões latinas aportuguesadas

Em Latim, **o campus** e **os campi**; em Português, **o câmpus** e **os cân**

Prezado Professor, no **Manual de Redação e Estilo***, editado pelo* O Estado de S. Paulo*, temos* **o câmpus***,* **os câmpus**. *Mas é habitual nas universidades ver, ler e ouvir* **o campus***,* **os campi**. *Qual o correto, professor?*

Prof. Marcos Fernando

Meu caro Marcos, essa é uma daquelas palavras mutantes que se encontram numa espécie de limbo entre o Latim e o Português. Alguns a usam no Latim, dando-lhe a grafia e a flexão latina: **o** *campus*, **os** *campi*; outros já a

tornaram nossa, grafando-a como outros vocábulos latinos similares (**ônus**, **ângelus**, **íctus**, **múnus**, **tônus**, etc. – já dentro de nosso sistema flexional e ortográfico). Eu sempre aconselho o uso da forma evoluída **câmpus**, já que a outra pressupõe conhecimento do Latim (que a maioria de nosso público acadêmico infelizmente não tem) e acarreta complicações desnecessárias na forma de escrevê-la (como não é Português, deve vir sempre em **itálico** ou **sublinhada**). O Inglês, muito menos flexível que nossa língua, vive às turras com esses plurais latinos – *datum*, *data*; *memorandum*, *memoranda*; *erratum*, *errata*; *agendum*, *agenda*; etc. Nós, que usamos o Português, filho direto do Latim, temos a tendência de deixar a palavra entrar no nosso sistema flexional, já que ela é mesmo de casa: **o memorando**, **os memorandos**; **a errata**, **as erratas**. Você quer saber mais? Acho que deveríamos estender isso a **córpus**, com todas as pompas: **o córpus**, **os córpus** (abandonando o *corpus*, os *corpora*, com sua incômoda flexão latina).

fôrma, **forma**, **forminha**: os acentos nos diminutivos

Se usarmos, como propõe o **Aurélio**, o uso do acento para diferenc
fôrma de **forma**, como fazemos para distinguir entre seus diminuti

Caro Professor, tentei solucionar minha dúvida no **Aurélio***, mas não consegui. O acento diferencial existe no caso da palavra* **forma** *(jeito, maneira) e* **fôrma** *(utensílio de cozinha). A minha dúvida é no diminutivo de* **fôrma***. O correto é* **fôrminha** *ou* **forminha***?*

Sandra A. – São Paulo (SP)

Minha cara Sandra: para começar, o acento de **fôrma**, considerado opcional pelo atual Acordo, foi uma conquista do velho Aurélio (o homem, e, por consequência, também seu dicionário). Ele achava que esse acento deveria ter sido poupado pela Reforma de 1971 (e não foi!), porque ele é fundamental para distinguir **forma** (/fórma/) de **forma** (/fôrma/) – com o que, aliás, também concordo. Em textos de Metalurgia, de Prótese Dentária, de Artes Plásticas, de Culinária, os vocábulos **forma** e **fôrma** se confundiriam miseravelmente sem o

auxílio do famigerado “chapeuzinho”. No famoso poema **Os Sapos**, de Manuel Bandeira, que se tornou um dos manifestos da Semana de Arte Moderna, se o acento não fosse usado, ficaria o leitor sem entender a acusação que Bandeira faz contra os poetas parnasianos:

> Vai por cinquenta anos
> Que lhes dei a norma:
> Reduzi sem danos
> A **fôrmas** a **forma**.

Coerente com sua opinião, o dicionário de Aurélio sempre trouxe **fôrma** com acento, incluindo, no verbete, uma longa e satisfatória justificativa dessa sua insubordinação contra a decisão da Academia, que agora, finalmente, reconhece como válida a sugestão do velho professor. No diminutivo, porém, a coisa muda: o acréscimo do sufixo **-inho** (como, de resto, a maioria dos sufixos) vai alterar a sílaba tônica da palavra. Se em **fôrma** a tônica é /for/, em **forminha** passou a ser /mi/ – o que torna impossível deixar o acento diferencial em cima do **O**. É importante lembrar que **nenhum acento persiste** depois do acréscimo do sufixo diminutivo: **só**, **sozinho**; **café**, **cafezinho**; **chá**, **chazinho**; **árvore**, **arvorezinha**. Em ambos os casos, portanto, fica **forminha** – o mesmo que se verifica em pares como **pezinho** (de **pé**) e **pezinho** (de **pê**, o nome da letra); ou **boizinho** (de **boi**) e **boizinho** (de **bói**, aportuguesamento de **boy**).

quê?

Quando e por que devemos
acentuar o vocábulo **que**.

Caro Professor, na frase “Tudo o **que** *você põe na sua casa, menos o cansaço”, este “que” deve ser acentuado? Sei que, no final da frase, ele tem acento (“Não sei bem* **por quê**”), *mas nesse caso fiquei em dúvida.*

Sandra V. M. – Canoas (RS)

Minha cara Sandra, este “que” não tem acento. Você sabe que esta partícula – seja ela pronome, seja conjunção – é apenas um **monossílabo átono**,

assim como **se**, **lhe**, **me**, etc., escapando, portanto, à regra de acentuação (que, por razões óbvias, só diz respeito aos vocábulos **tônicos**). Para que ela receba o circunflexo, é indispensável que ela se torne **tônica**, passando então a fazer parte daquele grupo integrado também por **lê**, **crê**, **dê**, **vê**, entre outros.

Essa mudança na tonicidade vai ocorrer em duas situações: em primeiro lugar, quando o “que” se encontra **no final da frase** (refiro-me à **fala**, não à **escrita**):

– Obrigado! Não há de **quê**.

– Não há de **quê**, amigo.

– Você está falando do **quê**?

– Quero pagar, mas não tenho com **quê**.

Em segundo lugar, quando o “que” tornar-se um substantivo (admitindo, nesse caso, o plural). Isso acontece quando ele passa a ser o núcleo de um sintagma, antecedido daqueles vocábulos que habitualmente acompanham os substantivos: artigos, numerais, pronomes possessivos, pronomes indefinidos ou pronomes demonstrativos adjetivos:

– Ela tinha um **quê** de fascinante.

– Esta cidadezinha tem lá os seus **quês**.

No entanto, em frases como “tudo **o que** você fez”, “não sei **o que** queres”, este **O** não é um artigo, mas um pronome demonstrativo substantivo (equivalente a **aquilo**: tudo **aquilo** que você fez), que não vai alterar a tonicidade do “que”.

Um antigo gramático sugeria a seguinte maneira prática de distinguir o “que” tônico do átono: quando ele é **átono**, o falante pode pronunciá-lo como /kê/ ou /ki/ (com preferência esmagadora pela segunda forma); quando ele é **tônico**, só pode pronunciá-lo como /kê/. Seguindo esse útil critério, o fato de podermos dizer “tudo o /ki/ você fez” reforça o que já sabíamos: esse “que” é átono.

Detalhe: quando o vocábulo estiver substantivado em metalinguagem – isto é, quando estivermos falando dele, como ocorreu várias vezes nas linhas acima –, não devemos acentuá-lo, mas grifá-lo ou colocá-lo entre aspas, como fiz.

grafia do nome Júlia

Prof. Moreno, numa resposta anterior, o senhor afirmou que devemos escrever **Júlia** *com acento. Porém, gostaria de saber se, com a aprovação das novas regras ortográficas, este nome continua a ser acentuado. Muito obrigada!*

Karla D. – Brasília

Prezada Karla, as novas regras não alteraram a acentuação das paroxítonas terminadas em **ditongo crescente**, como **Mário**, **água**, **história**, **Júlia**, etc. Como você bem sabe, tanto a regra de 1943 quanto a atual consideram necessário marcar essas palavras com acento por causa da instabilidade intrínseca dos **ditongos crescentes**: numa pronúncia silabada, eles facilmente podem se desfazer, o que resulta no incremento de uma sílaba após a tônica. **Júlia**, por exemplo, tem duas sílabas na escrita (**Jú-lia**) e duas na fala (/jú-lia/), mas nada impede que, numa pronúncia escandida, ela passe a ter **três** (/jú-li-a/) – o que a tornaria, neste momento, uma **proparoxítona**. Para distinguir estas palavras das verdadeiras proparoxítonas, os gramáticos costumam chamá-las de **proparoxítonas eventuais**, **relativas** ou **aparentes**. Este acento continua.

o trema não vai fazer falta?

Caro Professor, sei que o acento gráfico é usado para indicar os casos em que a pronúncia do vocábulo vai contra o que seria sua pronúncia "natural". Correto? Então, como vamos fazer com as palavras que tinham o trema para sinalizar que o **U** *era pronunciado? Se seguirmos o padrão de palavras como* **preguiça** *ou* **enguiço**, **linguiça** *vai acabar sendo pronunciada da mesma maneira. É claro que falantes nativos sabem que o* **U** *de* **linguiça** *tem som, mas como ficam os aprendizes de Português como língua estrangeira?*

Daniela Santos – Montevidéu, Uruguai

Minha cara Daniela, os falantes não-nativos vão ter de consultar o dicionário para saber se o **U** é ou não pronunciado (como fazemos com os vocábulos do Inglês, por exemplo); para os nativos, como percebeste, a ausência do trema não vai atrapalhar.

Na verdade, os acentos de uma língua sempre interessaram muito mais aos estrangeiros; a prática de usá-los sobre as vogais escritas foi introduzida na Grécia por um bibliotecário de Alexandria, quando o Grego se tornou a língua da cultura de toda a bacia mediterrânea. Como grande parte dos novos leitores não conhecia a prosódia daquela língua, ele teve a idéia de assinalar a sílaba tônica por meio de pequenos sinais diacríticos, inventando, assim, a acentuação gráfica.

É exatamente por isso que sempre critiquei a atual Reforma Ortográfica por ter mexido apenas em **alguns** acentos; na minha óptica, ou deixávamos como estava, ou evoluíamos radicalmente, eliminando **todos** os acentos do idioma. O que fizeram foi desfigurar um sistema que estava funcionando, em nome de uma utópica (e impossível) unificação do Português.

pôr (verbo)

Caro Prof. Moreno, li recentemente um de seus livros e hoje fui conferir o seu site. Gostei muito de ambos! Tenho uma dúvida quanto à grafia de **por** *no sentido de "colocar". Este verbo leva acento circunflexo ("***pôr***") ou não? Já li frases como "Fulano vai* **pôr** *fim às tentativas de roubo...". Está certo assim, ou deveria ser sem acento, como ocorre com* **coco***,* **sede***,* **gelo***, etc., desde a pequena reforma ortográfica de 1971?*

Rosalvo M. Júnior

Meu caro Rosalvo, toda vez que você for escrever o verbo **pôr**, deve usar o acento circunflexo. Este vocábulo só não vai receber acento quando for **preposição**: "Ela fez isso **por** você". **Pôr**, **pára** (do verbo **parar**) e **pôde** estão entre os raros acentos diferenciais que são realmente úteis, e por isso sobreviveram, em 1971, àquela reformazinha que eliminou os acentos diferenciais – **gelo**, **coco**, **almoço**, **medo** e muitos outros. A atual reforma eliminou, incompreensivelmente (por que é muito útil), o acento de **pára**, mas conservou, num rasgo de sensatez, o circunflexo do verbo **pôr**. Ele foi mantido, aliás, porque é indispensável para orientar a leitura correta da frase. Comparando, por exemplo, "Vou **por** aqui" com "Vou **pôr** (colocar) aqui", você vai perceber a sua utilidade.

Guaíra ou **Guaira?**

Professor Moreno, num manual de ortografia na internet vi que **Guaíra***, o nome da minha cidade, passará a ser escrito* **sem** *acento, pois a Reforma aboliu o acento do* **I** *e do* **U** *tônico depois de* **ditongo**. *Ele deu como exemplo* **feiura** *e* **bocaiuva***, mas não me parece ser exatamente o mesmo caso. O senhor confirma?*

Klésio W. – Guaíra (PR)

Meu caro Klésio, **Guaíra** vai continuar com seu tradicional acento. Quem redigiu aquele manual cometeu um pequeno equívoco ao interpretar a regra que retira o acento que colocávamos em **bocaiuva** e de **baiuca**. Não o culpo, pois o Acordo usa o conceito de **ditongo** de forma muito imprecisa; é necessário ler o texto todo, com muita atenção, para perceber que ele, quando fala de **ditongo**, está se referindo exclusivamente aos **ditongos descrescentes** – aqueles que apresentam a semivogal **depois** da vogal (**ai**, **ei**, **oi**, **ui**; **au**, **eu**, **iu**, **oi**).

Aliás, é por isso que **feiura** e **baiuca** nunca deveriam ter sido incluídos na regra que acentua **saúde**, por exemplo. Nesta, o /u/ é tônico, vem depois da vogal /a/ (há um **hiato**, portanto) e está sozinho na sílaba. Em **feiura**, contudo, o /u/ é tônico mas vem depois de uma **semivogal**, o que, por si só, já deveria impedir que a regra se aplique. Assim, além de **feiura** e **baiuca**, "perderam" também o acento **gaiuta**, **boiuno**, **cauila**, **Sauipe**, **reiuno**, **guaraiuva**, **Ipuiuna**, **seiudo**, entre outros. Como você pode ver, o Acordo apenas providenciou para que um erro histórico fosse corrigido. Desses, só escapam os oxítonos: **Piauí**, **teiú**, **tuiuiú**.

Em casos como **Guaíra** ou **suaíli**, contudo, que são ditongos **crescentes**, o /i/ tônico está contíguo à **vogal** /a/, não a uma semivogal (/gu**a-í**-ra/, /su**a-í**-li), e a regra encontra as condições necessárias para ser aplicada. Isso também vale para **Guaíba**, **jatuaúba**, **biguaúna**, **tatuaíva** e mais uma meia dúzia de vocábulos de origem indígena.

tem e **têm**, **vem** e **vêm**, **lê** e **leem**

Como fica o verbo **conter** na 3a pessoa do plural? Eles **contém**, **co** ou **conteem**? Existe alguma lógica aqui, ou é pura loucura?

Caríssimo Professor, como funciona a acentuação e grafia corretas dos

verbos **ter** *e* **conter**? *Ele* **tem** *um carro, mas eles* **têm**, **teem** *ou nenhum dos dois? Isto* **contém** *aquilo? E no plural? Qual a regra?*

Lea – Rio de Janeiro (RJ)

Minha cara Lea: não me admiro que você pergunte sobre essas duas formas verbais: são casos especialíssimos, ortográfica e morfologicamente. A comissão que tratou de nossos acentos, em 1943, procurou – e conseguiu na grande maioria das vezes – criar regras que tivessem um valor geral e fossem aplicáveis a todo e qualquer vocábulo que se enquadrasse em determinado perfil prosódico e ortográfico. Para solucionar o problema de **têm** e **vêm**, contudo, não teve outro remédio senão criar uma regra *ad hoc* ("feita especialmente para esse fim").

Numa espécie de azar flexional, a 3ª pessoa do singular e a 3ª do plural do Presente de **ter** e **vir**, dois de nossos mais importantes verbos, são absolutamente idênticas: ele **tem**, eles **tem**; ele **vem**, eles **vem**. Muita gente me escreve "sugerindo uma solução" para o problema. Santa ingenuidade! Como o mundo pode ser tão simples assim para alguns? Bastaria, dizem eles, dobrar o **E** no plural – ele **tem**, eles ***teem** – e pronto! O que eles não sabem é que as formas terminadas em **-eem** na 3ª do plural correspondem, morfologicamente, a uma 3ª do singular terminada em **-ê**: ele **lê**, eles **leem**; ele **provê**, eles **proveem**; ele **relê**, eles **releem**. Ninguém decidiu que seria assim; é assim porque foi desta forma que o Português assim se estruturou, sem pedir sugestão ou opinião de professor, de gramático, de leitor ou de transeunte. Portanto, fica descartada a brilhante solução.

Os próprios acadêmicos que reformaram nossa ortografia nada poderiam fazer quanto a esse "defeito" flexional dos dois verbos. Só tinham poderes para decidir sobre a **maneira de grafá-los** – e aí eles puderam dar sua pequena contribuição: assinalaram o plural com um acento circunflexo, tornando as duas formas distintas ao menos na escrita: ele **tem**, eles **têm**; ele **vem**, eles **vêm**. Friso que a pronúncia continua exatamente a mesma, não vá algum desavisado tentar pronunciar com mais força e entusiasmo a 3ª do plural.

Dentro do que podiam fazer, estava solucionado o problema. Quer dizer:

quase, porque mexer em ortografia é como mexer em abelheiro – vem inseto zumbindo de todos os lados. Não podemos esquecer que **ter** e **vir** produzem muitos outros verbos deles derivados, formados com o acréscimo de **prefixos**: **man**[ter], **con**[ter], **entre**[ter], **abs**[ter], **de**[ter], etc.; **pro**[vir], **con**[vir], **sobre**[vir], **inter**[vir], **ad**[vir], etc. Ora, como todos os verbos derivados herdam as características flexionais de seus primitivos, vamos encontrar aqui o mesmo problema: ele **contem**, eles **contem**; ele **provem**, eles **provem**. Dizendo melhor: o problema é o mesmo, mas agora com um novo complicador – **contem** e **provem**, com o acréscimo do prefixo, já não são formas **monossilábicas**, estando, por isso mesmo, submetidas à regra geral que acentua todas as oxítonas terminadas em **-em** (**armazém**, **porém**, **também**): ele **contém**, eles **contém**; ele **provém**, eles **provém**. O acento agudo deixaria essas formas corretamente acentuadas, mas voltaríamos à estaca zero: a 3ª do singular continuaria idêntica à 3ª do plural. É nesse momento que entra em cena, de novo, o circunflexo que identifica o plural: ele **contém**, eles **contêm**; ele **provém**, eles **provêm** (não preciso dizer outra vez: a pronúncia é idêntica; a grafia é que é diferente!).

Recapitulando, Lea:

1) Para **ter** e **vir**: ele **tem**, eles **têm**; ele **vem**, eles **vêm** (o singular, sem acento, contrasta com o plural, acentuado);

2) Para todos os seus **derivados**: ele **contém**, eles **contêm**; ele **provém**, eles **provêm** (ambos, o singular e o plural, são acentuados; a diferença está no **tipo** de acento – o singular recebe o acento **agudo** das oxítonas terminadas em **-em**, enquanto o plural recebe o acento **circunflexo** diferencial).

Este é um bom exemplo para os leitores perceberem como um sistema ortográfico está sempre em luta contra suas limitações intrínsecas. E sejamos justos: é também um bom exemplo de uma solução inteligente encontrada pela comissão de 1943, funcional até hoje.

para ou **pra**?

Professor, quando se usa **para** *e quando se usa* **pra**? *“Viajarei* **para** *Porto Seguro ou* **pra** *Porto Seguro”?*

Lucas C. L.

Caro Lucas, quanto à fala, não há dúvida: sempre – mas sempre mesmo – dizemos /pra/. Quando falamos, esta preposição, que é átona, fica reduzida a uma sílaba apenas. Só se ouve /para/, completinho, com as duas sílabas, em leitura de criança recém-alfabetizada ou na fala de estrangeiro que está aprendendo Português (ou alienígena; como será que falava o ET de Varginha?). Agora, escrever é outra coisa; escrevemos sempre **para**, a não ser em textos especiais (letra de música, poemas, frase de publicidade, cartas pessoais, *e-mails*), onde podemos usar o **pra**, se quisermos. E não podemos esquecer que **pra**, sendo vocábulo átono, jamais poderá ter acento.

Curtas

acentuação dos monossílabos

*Nas frases "***Dê** *a classificação", "Luis* **vê** *a bola", "Não* **dá** *para falar", as palavras* **dê***,* **dá** *e* **vê** *continuam com acento ou perderam, pela regra do acento diferencial? Obrigada.*

Maria Aparecida C. – Rio de Janeiro

Prezada Maria Aparecida, os monossílabos tônicos (**pá**, **pé**, **dê**, **dá**, **sê**, **sé**, **pó**, **vê**, etc.) continuam a ser acentuados pela mesma regra que sempre os acentuou – a das oxítonas terminadas em A, E e O. Eles nunca tiveram nada a ver com os acentos diferenciais.

ideia e **idéia**

Se num texto eu usar **ideia** *sem acento, como manda o Acordo, e colocar a mesma palavra, mais adiante, mas desta vez com acento, há chance de ser considerado errado este último* **idéia***? Sou obrigada a usar todos de uma mesma forma?*

Jane Maria C.

Prezada Jane, já que até 2012 está correto escrever tanto **idéia** quanto **ideia**, isso deixa de ser uma questão de ortografia e passa a ser uma questão de foro

íntimo de quem vai corrigir o texto. Em lugar nenhum está estabelecido que devo manter sempre a mesma opção; é claro que o senso comum ou o senso de simetria poderiam indicar que o emprego de uma das duas grafias deveria ser consistente, mas, e eu com isso? Aí está mais uma das perturbações que este desastrado Acordo veio trazer – sem falar na possibilidade que, numa mesma sala, duas pessoas optem por escrever **fato** ou **facto**, **António** ou **Antônio**, **tênis** ou **ténis**, porque todos são variantes aceitáveis no idioma, sem estar obrigatoriamente vinculadas a Brasil ou Portugal...

mini ou **míni**?

Caro Professor, gostaria de saber qual é a grafia correta: é **mini** *ou* **míni***? Já observei que muitos livros escrevem* **sem** *acento, mas o dicionário* **Houaiss** *que comprei recentemente (3ª edição, 2009) traz o seguinte título na capa: "***Míni** *Houaiss – Dicionário da Língua Portuguesa".*

Bernardo S. – Porto Alegre

Meu caro Bernardo, quando o prefixo **mini-** se torna um **substantivo** (por redução de um vocábulo maior: uma **minissaia** – uma **míni**), ele vai ser submetido às regras habituais da acentuação (**táxi**, **dândi**, **míni**). Essa substantivação acontece também com **maxi-**; você deve estar lembrado de como o Brasil vivia com receio de uma nova **máxi** (de **maxidesvalorização**). Seu exemplo, no entanto, é curioso. Se interpretarmos "o mini **Houaiss**" como "o pequeno **Houaiss**", teremos ali o prefixo, não o substantivo; contudo, se o virmos como a redução de **minidicionário**, teremos ali o substantivo **míni**, como a editora estampou na capa.

patrimônio ou **património**?

Samuel D., de Camaquã (RS), quer saber qual é a forma correta: é **patrimonio**, **patrimônio** ou **património**?

Meu caro Samuel, ***patrimonio** está errado, pois as paroxítonas terminadas em ditongo crescente devem ser acentuadas. As outras duas, no entanto, são consideradas corretas. Escreve-se **patrimônio** no Brasil, **património** em Portugal, tudo dentro do novo Acordo (e isso que ele veio, como diziam, para "unificar" a nossa ortografia...).

reúso

Antônia W., de Petrópolis (RJ) pergunta se existe o vocábulo **reúso** e se ele deve ser acentuado pela nova ortografia.

Sim, Antônia, existe **reúso** como sinônimo de "reutilização". O termo é muito empregado pela indústria e pelas instituições públicas, e já vem registrado no dicionário **Houaiss**. O seu acento é determinado pela regra do U tônico, depois de vogal, sozinho na sílaba (como **gaúcho**, **miúdo**, etc.), mantida pelo novo Acordo. Outro vocábulo recente é seu irmão **multiúso**, acentuado pela mesma razão.

súper

Professor, nesta semana o jornal de minha cidade estampou a palavra **súper** *acentuada, mas eu já vi várias vezes sem acento. As duas formas estão corretas?*

Jonathas V.

Meu caro Jonathas: quando **super-** é usado como prefixo, é átono e não leva acento. Entretanto, **súper**, usado como redução de **supermercado**, é um substantivo, acentuado pela regra das paroxítonas, da mesma forma que **éter**, **dólar** ou **mártir**.

acentos em abreviações

Luciana Pinheiro ouviu dizer que uma palavra acentuada perde o acento quando é abreviada. Acrescenta: "Por exemplo, **mínimo**, quando abreviado, ficaria **min**., sem o acento. Isso procede?"

Prezada Luciana: quando abreviamos um vocábulo, interrompendo-o num ponto determinado, os acentos que porventura existirem vão ficar onde sempre estiveram: **século** dá **séc**., **Lógica** dá **Lóg**., **gíria** dá **gír**., **mínimo** vai dar **mín**., e assim por diante.

Edu

Eduardo, de São Paulo, gostaria de esclarecer se o apelido **Edú**, escrito desta forma, está incorreto.

Meu caro Eduardo, está sim. As oxítonas terminadas em **U** não levam acento, sejam elas nomes próprios ou comuns: **urubu**, **caju**, **bauru**, **Iguaçu**, **Edu**, **Lu**, etc.

Dário ou **Dario**?

Sidnei, de São Paulo, quer saber qual a forma correta de escrever: é **Dário** ou **Dario**? Pode-se usar **Mário** como base para isto?

Meu caro Sidnei, este nome tão antigo (vem dos Persas) sempre foi pronunciado, em Português, **Dario**, rimando com **navio**. Conheço também um **Dário**, rimando com o famoso **armário**, mas foi uma escolha muito pessoal dos pais dele.

Célia ou **Celia**?

Marcelo Elias, futuro pai, diz que sua filha, que está por nascer, vai se chamar **Célia** (ou **Celia**); como não quer registrar o nome de maneira errada, pede a nossa sábia assistência.

Meu caro Marcelo: assim, sem grandes explicações, digo-lhe que é **Célia**, com acento – é uma daquelas paroxítonas terminadas em ditongo, como **história**, **Mário**, **série**. Você fará um grande bem para a sua filhinha, se registrar corretamente o nome dela. Abraço e

parabéns (pelo bebê e pela humildade de perguntar).

construí-lo

Júlio, leitor de Toronto, Canadá, quer saber qual a razão de haver acento em **construí-lo** e não em **polui-lo**.

Meu caro Júlio, nenhuma! De onde você tirou esses exemplos? Ambos levam acento pelo mesmo motivo: o "**i**" é tônico, vem depois de uma vogal (forma hiato) e está sozinho na sílaba. É o mesmo acento de **saída**, **caímos**, **aí**. Já formas como **parti-lo** e **demoli-lo** não levam acento porque são meros oxítonos terminados em "**i**", como **saci** ou **aqui**.

Leo x **Léu**

Francisco, de Vitória, quer saber por que **constroem** não é acentuado, se existe aí o ditongo aberto /ói/.

Prezado Francisco, é bom não esquecer que a norma de acentuação usa conceitos de ditongo, hiato, etc. exclusivamente **gráficos**. Encontramos o ditongo **ói** (na escrita) em **constrói**, mas não em **constroem**. Um bom exemplo é **Leo** e **léu** – o segundo é acentuado por apresentar o ditongo aberto **éu**, enquanto o primeiro, nome próprio, não se enquadra na regra (embora ambos soem /léw/). Como no jogo do bicho, aqui o que vale é o escrito (e não o falado).

til, **tis**

Vivian, de Lisboa (Portugal), está com a tecla do til e do circunflexo estragada. Ao escrever um *e-mail* para um jornal de Lisboa, solicitando a oportunidade de realizar um estágio de jornalismo, concluiu (muito acertadamente, aliás) que seu texto, sem aqueles dois sinais, ficaria desfigurado, passando uma impressão de desleixo e despreparo. Para evitar esse efeito indesejável, quis acrescentar uma nota explicando o problema de seu teclado, mas ficou em dúvida sobre o nome científico do sinal "~". "Será que **til** é o nome popular do sinal, e ele tem um nome mais científico, como tem o famoso "chapelinho", cujo

nome correto é **circunflexo**? E no plural, como fica?”

Prezada Vivian, o nome do diacrítico “~” é mesmo **til**, assim como no Espanhol é *tilde*; o plural, que raramente empregamos (mas que pode ser necessário) é **tis**. Olhe o que diz o dicionário do Houaiss: “Na ortografia do Português, são diacríticos os acentos gráficos, a cedilha, o trema e o til”. Abraço (e trate de consertar essa tecla tão importante!).

água

Glécio, de Porto Alegre, está intrigado com o acento em **água**.

Meu caro Glécio, **água** é acentuado pela mesma razão que **égua**, **mágoa**, etc. – todas elas são paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Se não puséssemos acento nela, a leitura sugerida seria /a-GU-a/ – com o **U** tônico, como **continua**.

acentuação com maiúsculas

Sônia Mara Nascimento Fernandes quer saber se existe alguma regra que fale que **não** é necessário acentuar palavras escritas em maiúsculas, como, por exemplo, **Índia**.

Prezada Sônia, sim, essa regra existe – mas no Francês. Em nosso idioma, as palavras são acentuadas quando a regra exigir, não importando se estão em minúsculas ou maiúsculas: **Índia**, **África**, **ÍNDIA**, **ÁFRICA**.

til duas vezes?

Daniela, do *Jornal do Bairro*, diz que há grande discussão entre os redatores quanto à maneira de escrever o nome do jogador de basquete **Mãozão** (que tem mão grande mesmo!). Eles acham muito estranho, com razão, usar **dois tis**.

Prezada Daniela, pode parecer estranho, mas o til é necessário para indicar que o “**a**” tem som de /**ã**/. Este sinal

não tem relação necessária com a sílaba tônica, que pode ser outra (**ÓR-fã**, **ÓR-gão**). Se acrescentarmos o sufixo **-zão** a **pão** e **irmão**, teremos **pãozão** e **irmãozão**. O substantivo **mão**, que é feminino, forma o aumentativo **mãozona**; no entanto, aqui se trata do apelido de um atleta: **Mãozão**. Se os redatores acham estranho, experimentem então escrever **sem** os dois tis: ***Mãozao** ou ***Maozão** ficaria dez vezes mais estranho.

hiato em **juíza**

Cláudia, de Guarujá (SP), gostaria de saber se o hiato em **juíza** deve ou não ser acentuado. "Ele não está nos casos de hiato em que a vogal **I** ou **U** vem acompanhada de outra letra que não é o **S**, e, portanto, deveria ficar sem acento?"

Minha cara Cláudia, compare **juiz** com **juíza**. Em ambos o "**i**" é tônico, em ambos há um hiato, mas só **juíza** é acentuado. Por quê? Porque só neste vocábulo o "**i**" forma uma sílaba sozinho: **ju-í-za**, mas **ju-iz**.

qual a regra de **item**?

Caro professor, tenho uma dúvida quanto à regra de acentuação em que se deve enquadrar a palavra **item**. *Não seria a que manda acentuar o* **I** *e o* **U** *tônicos dos hiatos, quando estes formam sílabas sozinhas ou seguidos de* **S**? *Por que não escrevemos* **ítem** *como escrevemos* **balaústre**, **baú**, **egoísta**, **faísca**, **heroína**, **saída**, **saúde**, **viúvo**, *etc.?*

Aníbal F.

Meu caro Aníbal, **item** não se enquadra neste caso. A regra a que você se refere estabelece três condições para o acento no "**i**" e no "**u**": (1) que sejam tônicos orais; (2) que venham após vogal (o que faz com que alguns autores denominem esta regra de "Regra do Hiato"); (3) que formem sílaba sozinhos ou acompanhados de **S**. Em **item**, a condição (2) está ausente – exatamente como em **ida**, **ilha** ou **idem**.

acentos com **-mente**

A leitora Thais M. gostaria muito de saber se **analogamente** deve ou não ser acentuado.

Prezada Thais, nenhum vocábulo pode ter, ao mesmo tempo, acento gráfico e o elemento **mente**. Isto é: sempre que esse sufixo é acrescentado a um vocábulo, a nova sílaba tônica passa a ser /men/, fazendo com que o acento primitivo desapareça: **rápido**, **rapidamente**; **só**, **somente**; **espontâneo**, **espontaneamente**. Portanto, **análogo**, **analogamente**.

somente

Enzo, de Balneário Camboriú (SC), quer saber por que a palavra **somente** não é acentuada, já que é de regra acentuar todas as proparoxítonas.

Meu caro Enzo: você tem razão em afirmar que todas as proparoxítonas são acentuadas. No entanto, o vocábulo **somente** (a sílaba tônica é /men/) é apenas uma **paroxítona** e, por isso, não tem acento. Lembre-se de que todos os advérbios terminados em **mente** são paroxítonos, não importando qual fosse a prosódia do adjetivo primitivo.

3. Como se escreve: hífen e assemelhados

Que ninguém espere coerência no uso do hífen; não há exagero algum quando Mattoso Câmara Jr. afirma que “o emprego deste sinal gráfico é incoerente e confuso”. Os ortógrafos divergem entre si e do que ficou estabelecido no atual **VOLP**. Não existe, nem poderá existir um critério unitário quanto ao seu emprego, porque as palavras em que este sinal mais aparece – os substantivos e os adjetivos compostos – constituem uma área extremamente movediça, simplesmente porque não sabemos ao certo se estamos diante de um verdadeiro **vocábulo** ou de uma simples **locução** (um **sintagma**). Por que o **Aurélio** registra **pedra filosofal**, **pedra lascada**, **pedra de toque**, mas **pedra-ímã**, **pedra-sabão** e **pedra-mármore**? Por que **pára-sol**, **vai-volta**, **passa-pé** e **sangue-frio**, mas **girassol**, **vaivém**, **pontapé** e **sanguessuga**? Escreve-se **anteontem** e **antes de ontem**, **ponto e vírgula** e **ponto-e-vírgula** – e, seja junto ou separado, sempre haverá justificativas para uma ou a outra forma.

A única regulamentação mais ou menos organizada do hífen refere-se aos vocábulos formados com **prefixos**, que, por existirem em número limitado, permitem (ao contrário dos compostos comuns) uma razoável padronização. Há, por exemplo, prefixos que sempre serão seguidos de hífen: **ex-** (“o que não é mais”), **vice-** e todos os prefixos que receberem acento gráfico (**pré-**, **pós-**, etc.): **ex-marido**, **vice-prefeito**, **pré-fabricado**, **pós-operatório**. Assim dispunha a Reforma de 1943, assim dispõe o atual Acordo.

Mudanças no hífen com prefixos

Das novas regras introduzidas pela atual Reforma, **três** vieram realmente aperfeiçoar nossa ortografia e facilitar o trabalho do usuário (se o Acordo apenas acrescentasse estas três regras ao sistema 1943-1971, teríamos chegado muito perto da perfeição):

1. Usaremos hífen sempre que o prefixo terminar por vogal idêntica à que inicia o segundo elemento: **anti-inflamatório**, **micro-onda**, **micro-organismo**, **neo-ortodoxo**. Se as vogais forem diferentes, contudo, não há hífen: **antiestático**,

microindústria, **neoexpressionismo**, **infraestrutura**, **autoestrada**. Esta regra é um grande progresso em comparação com o sistema anterior, porque não exige memorização alguma por parte do usuário. Encontraram-se duas vogais idênticas? Hífen.

2. Usaremos hífen sempre que o segundo elemento começar por **H**: **geo-história**, **mini-hospital**, **sub-habitação**, **co-herdeiro**. Outra regra elogiável, pois evita que a palavra original fique desfigurada com a perda do **H** inicial.

3. Não há hífen quando o prefixo terminar em **vogal** e o segundo elemento iniciar por **R** ou **S**, o que nos obriga a duplicar o **R** ou o **S**: **contrarregra**, **autosserviço**, **contrassenha**, **neorrealismo**, **ultrassom**, **antissemita**.

Há outras regrinhas menores (e menos felizes) sobre o emprego do hífen, mas elas – bem como as que mencionei acima – serão examinadas adiante, nas respostas aos leitores.

sócio-econômico

Aspectos **sociais** e **econômicos** são aspectos **sócio-econômicos** ou **socioeconômicos**? Cirurgia **buco-maxilo-facial** ou **bucomaxilofacia** Segundo o **Aurélio** e o **Houaiss**, deveríamos empregar a forma ser hífen; contudo, como vamos ver, a coisa não é tão simples assim.

Um doutor em Odontologia relata que, ao defender sua tese, foi questionado pela banca sobre a grafia de **buco-maxilo-facial**, que é escrita sem hífen na PUCRS, mas com hífen na UFES, sua universidade de origem. Essa divergência entre a forma de grafar este vocábulo nas duas universidades não me espanta. Temos aqui mais um daqueles casos em que dois entendimentos diferentes podem ser extraídos de uma mesma regra – e que ninguém, por causa disso, comece a esbravejar contra o Português. Este é um problema intrínseco a qualquer regra; mais da metade do esforço intelectual de quem trabalha com o Direito, por exemplo, é dispendido para verificar quais os fatos concretos que se enquadram numa determinada norma.

Quando se forma um adjetivo composto de dois outros adjetivos (adjetivo +

adjetivo), nosso sistema ortográfico determina que se use o hífen quando o primeiro sofre uma **redução**. No esporte, temos uma categoria **infantil** e uma categoria **juvenil**; temos também uma categoria [infantil + juvenil] = **infanto-juvenil**. Temos uma culinária **lusitana**; temos uma culinária **brasileira**; temos alguns pratos da culinária [lusitana + brasileira] = **luso-brasileira**. E assim por diante. Se considerarmos que houve aqui a união de [bucal + maxilar + facial], a forma resultante será **buco-maxilo-facial** (similar a aspectos [sociais + políticos + econômicos] = **sócio-político-econômicos**; atividades [agrárias + pecuárias] = **agro-pecuárias**; e assim por diante).

Se considerarmos, contudo, **buco**, **socio**, **gastro**, **agro**, etc. como meros **elementos de composição**, semelhantes a **hidro** (água), **bio** (vida), **termo** (calor), como fazem o **Aurélio** e o **Houaiss**, escreveremos **agropecuário**, **gastrointestinal**, **bucofacial**, **socioeconômico**.

Prefiro seguir a lição de meu mestre Celso Pedro Luft, que advogava o uso do hífen em todos esses casos em que o primeiro adjetivo está reduzido. Em **sócio-econômico**, vejo **sócio** como um vocábulo independente, resultante da redução de **social**, e não como uma forma presa, quase prefixal. A autonomia deste primeiro elemento fica comprovada pela ocorrência da vogal **aberta** /ó/, que só pode aparecer, em nossa língua, na posição **tônica**. Compare-se **sociologia** (a vogal tônica é o /i/; o /o/ da primeira sílaba é fechado) com **sócio**-econômico (as vogais tônicas são o /o/ aberto do primeiro elemento e o /o/ fechado do segundo); como não existem duas tônicas em um só vocábulo, fica evidente que estamos unindo aqui dois vocábulos independentes, **social** e **econômico**, para formar um composto. Além disso, esta opção pelo hífen nos permite escrever **sócio-político-geográfico-econômico**, por exemplo, que, no modelo do **Aurélio**, seria **sociopoliticogeograficoeconômico** – duro de ler, difícil de entender e totalmente contrário à intuição que nós, falantes, fazemos de compostos desse tipo. Essa é a razão por que me parece mais adequado grafar **buco-maxilo-facial**, **gastro-intestinal**, etc.

No entanto, como espero ter deixado bem claro, perceba que a outra grafia,

sem hífen, tem também seus argumentos (e seus ilustres defensores). Aqui, prezado leitor, como em muitos outros casos, é indispensável uma **decisão** por parte do usuário; o conjunto dessas decisões vai formando um **estilo**. Como você já deve ter visto, muitas revistas científicas tornam públicas suas decisões sobre vários desses pontos controvertidos por meio de uma "folha de estilo" ou "normas para publicação".

bem-vindo

Muitas cidades colocam uma placa na estrada dizendo que ali sere **bem-vindos**; outras, igualmente cordiais, anunciam que seremos **benvindos**. Esse hífen ainda é necessário, ou já foi abolido?

> *Professor, escreve-se* **bem-vindo** *ou* **benvindo***? Pesquisei em alguns dicionários e constatei que todos utilizam o hífen; no entanto, consultando alguns amigos, professores universitários, eles me informaram de uma nova regra em que foi abolido o hífen.*
>
> Eliane – Ribeirão Preto (SP)

Minha cara Eliane, toda vez que construímos um vocábulo composto formado de [**bem** + outro vocábulo], temos de usar o hífen: **bem-aventurado**, **bem-querer**, **bem-vindo**, **bem-estar**, **bem-me-quer**, etc. Note que esta é uma regra específica para o elemento **bem**. Por isso, em faixas, em pórticos, em cartazes, escrevemos sempre (ou, ao menos, deveríamos...) **bem-vindo**, **bem-vindos**. Existe **Benvindo**, mas só como nome próprio, como o famoso escultor renascentista Benvenuto Cellini.

Quanto ao hífen, **nada** foi alterado no que se refere aos compostos em que intervém o advérbio **bem**. Os dicionários em que você pesquisou estavam corretos. Tenho certeza de que os seus professores universitários são de outra área que não a de Letras, pois estes sabem que **bem-vindo** continua a ser escrito como sempre foi.

junto ou separado?

Veja como o espaço em branco deixado entre as palavras também
ser fonte de erros de ortografia.

Eu sempre escrevi **a partir***, separado. Nos anúncios do último Natal, no entanto, vi ofertas de crediário com pagamentos iniciando* **apartir** *de fevereiro deste ano. O mesmo parece estar acontecendo com* **de repente***, que andam escrevendo* **derrepente**. *Agora já não sei mais quando se escreve junto ou separado. Existe alguma regra?*

Maria D. – Aracaju (SE)

Minha cara Maria, o emprego de um espaço em branco entre duas palavras distintas foi um dos grandes avanços dos sistemas ortográficos do Ocidente. Ao contrário do que possa parecer, ele não é tão óbvio assim, e tivemos de aprender a usá-lo da mesma forma que aprendemos a usar as letras ou os acentos. Decidir quando este espaço deverá ou não estar presente depende da nossa capacidade de reconhecer os vocábulos isoladamente – o que nem sempre é muito simples, principalmente porque, ao longo da história do Português escrito, há vários casos de preposições que terminaram se juntando para sempre ao vocábulo que acompanhavam. O substantivo **pressa** (“eu tenho **pressa**”; “a **pressa** é inimiga da perfeição”), por exemplo, formava uma locução adverbial com a preposição **de** (**de pressa**, como **com pressa**, **sem pressa**, etc.); aos poucos, porém, as duas partes da locução soldaram-se num bloco único, desaparecendo o espaço em branco que as separava: **depressa**. Ora, para escrever corretamente esse vocábulo é imprescindível, portanto, que lembremos que agora ele não tem mais aquele espaço que tinha antes.

Dentro desse cenário, podemos distinguir dois tipos de erro bem frequentes. O primeiro é separar o que a tradição ortográfica já juntou; é comum encontrar ***por ventura**, ***de vagar**, ***em baixo** escritos como **locuções**, quando deveriam estar **porventura**, **devagar**, **embaixo**, já grafados como **vocábulos unitários**. O segundo erro vem exatamente na direção contrária: consiste em juntar

elementos que ainda são mantidos separados. Nesse caso, é comum encontrar ***apartir**, ***derrepente** e ***porisso** onde deveria estar escrito **a partir**, **de repente** e **por isso**.

Não são erros grosseiros, se você bem me entende; apenas espelham uma hesitação natural do usuário ao se deparar com essa fronteira imprecisa entre uma **locução** e um **vocábulo unitário**, imprecisão que também vem nos assombrar no caso dos compostos. Você pode entender agora o que os linguistas descobriram na carne: não é fácil definir o que é uma palavra e o que não é.

mato-grossense

Prezado Professor, seguindo a orientação dos dicionários, achamos que a forma correta é **mato-grossense**. *No entanto, a Federação de Futebol do nosso estado exige que se corrija para* **matogrossense***, por ser a maneira mais empregada em nossa imprensa – como no Rio Grande do Sul, em que a forma* **rio-grandense***, recomendada pelo dicionário, não é a mais comum na imprensa escrita. Existe realmente essa tolerância, ou devo bater o pé para incluir o hífen aí?*

Jorge – Sinop (MT)

Meu caro Jorge, você deve bater o pé; melhor ainda: deve bater os dois pés! Felizmente para nós todos, a ortografia está acima de todas as autoridades e instituições. Imagine se a Federação Mato-Grossense de Futebol tivesse poderes para legislar sobre a maneira correta de grafar os vocábulos do Português! A julgar pela pouca ciência que demonstram ao "condenar" esse hífen, ia ser um verdadeiro horror! Todos os **gentílicos compostos** levam hífen; esta é a regra. Por isso, **passo-fundense**, **rio-branquense**, **mato-grossense**, **cabo-verdiano**. Não há o que discutir: é uma das poucas regras absolutas do emprego do hífen. Os dicionários escrevem assim, a Academia escreve assim, os gramáticos também – e a Federação Mato-Grossense de Futebol não concorda? A imprensa mato-grossense costuma escrever sem o tracinho? Deveriam todos ficar

envergonhados. No Rio Grande do Sul, as pessoas que tiveram estudo escrevem **rio-grandense** e **sul-rio-grandense**; as outras, não.

onão como prefixo

Professor, não tenho certeza sobre como devo grafar "anti-inflamatórios **não-esteroides***" (é uma classe de medicamento). As gramáticas que consultei não falam sobre o emprego daquele hífen depois do* **não***, mas sei que é assim, hifenizado, que o vocábulo aparece em muitos livros e manuais médicos. Afinal, qual é o correto? Em que casos podemos usar o hífen depois da palavra* **não***?*

Áurea A. – São Paulo (SP)

Prezada Áurea: para desmentir aqueles que vivem resmungando que nosso idioma só piora com o passar do tempo, este **não** com valor de prefixo, estrela recém-chegada no firmamento da língua, constitui um notável (e moderníssimo) mecanismo para a formação de antônimos. Você quer saber quando ele vem seguido de hífen? Pois sou obrigado, por desencargo de consciência, a registrar que há uma certa controvérsia sobre este ponto, principalmente depois das trapalhadas da última edição do VOLP (mais sobre isso depois). Por isso, como você terá de escolher um dos lados desta disputa, faço questão de lhe fornecer os subsídios que julgo necessários para uma decisão consciente. Em primeiro lugar, reproduzo, abaixo, o que consta sobre o tema no livro *Português para convencer*, escrito por Túlio Martins e por este seu criado:

"Historicamente, o Português sempre formou palavras negativas usando os prefixos **i(n)-** e **des-**: **ilegal**, **improdutivo**, **intempestivo**; **desleal**, **desarmônico**, **descabido**. Desde o século passado, no entanto, teve início a prática (também presente em outras línguas, como o Inglês, o Francês e o Espanhol) de usar o **não** como um prefixo negativo universal, que se acrescenta a um vocábulo já existente (geralmente **adjetivo** ou **substantivo abstrato**) para formar um

antônimo perfeito.

"O uso do **não** como prefixo foi uma das grandes novidades com que a língua nos brindou no fim do século XX, permitindo que tudo possa ser dividido em duas categorias complementares, **X** e **não-X** – o que constitui uma ferramenta muito útil no discurso argumentativo. Com esse providencialíssimo **não**, podemos criar divisões binárias de praticamente tudo o que quisermos: os **votantes** e os **não-votantes**, os **alfabetizados** e os **não-alfabetizados**, os **hispânicos** e os **não-hispânicos**, os **marxistas** e os **não-marxistas**. Ele até nos permite falar no **não-eu** ou no **não-ser**, vocábulos que seriam impensáveis com nossos prefixos negativos clássicos, o **in**- e o **des**-. (...)

"Em muitos vocábulos esse prefixo vai concorrer com os tradicionais prefixos negativos, e geralmente com vantagem. É o que está acontecendo entre duas formações relativamente recentes, **inocorrência** e **não-ocorrência**. Ambos são amplamente usados em textos jurídicos, com uma leve preferência, por enquanto, pela primeira forma, que é tradicional. No entanto, não temos dúvida de que a segunda vai prevalecer em poucos anos; o **não** prefixal permite uma decodificação muito mais rápida do significado do vocábulo por parte do leitor, o que é sempre uma grande vantagem na disputa entre duas formas linguísticas concorrentes."**[1]**

Como você pode ver, não se trata de uma simples moda, mas sim de um processo que veio para ficar, superior em muito às outras formas de antonímia porque preserva integralmente o vocábulo original que está sendo antagonizado. Este recurso permite uma simetria perfeita entre afirmativa e negativa, o que nem sempre se consegue através de construções tradicionais.

Qual é a natureza deste processo? Não importa. Sejam formadas por **derivação prefixal** ou por **composição** (para muitos, aliás, dois nomes para um mesmo fenômeno), as novas palavras ficam melhor **com hífen**. Alguns gramáticos mais antigos negavam-se a usá-lo, mas a prática já o consagrou, especialmente porque ele serve para assinalar que o **não**, aqui, não é um advérbio de negação, mas sim um elemento da composição do vocábulo. Os bons dicionários o usam; o **Houaiss**, embora declare textualmente que considera

este hífen mais adequado em **substantivos** (**não-violência**, **não-proliferação**, **não-alinhamento**), não deixa de registrar também **adjetivos** hifenizados, "especialmente no caso de tecnônimos, pois o uso assim os havia consagrado no jargão técnico ou tecnológico escrito". Apuradas as urnas, constata-se que há uma inegável tendência a empregar o hífen, mesmo que persistam divergências quanto a alguns punhados de palavras.

Sempre coerente na sua onipotência, contudo, a comissão de Lexicologia da ABL, encarregada de elaborar o novo VOLP, foi muito além das chinelas — isto é, foi muito além do texto do Acordo Ortográfico e anunciou, em uma *Nota Explicativa*, que tinha decidido excluir o hífen dos casos em que a palavra "*não*" funciona como prefixo, mencionando, como exemplos, **não-agressão** e **não-fumante**, grafados por ela como **não agressão** e **não fumante**. No entanto, logo depois, no parágrafo seguinte da mesma *Nota* — talvez prevendo a inevitável reação contra esta decisão unilateral —, a douta comissão dá uma contemporizada tipicamente brasileira: "Está claro que, para atender a especiais situações de expressividade estilística com a utilização de recursos ortográficos, se pode recorrer ao emprego do hífen nestes e em todos os outros casos que o uso permitir". Que tal? Firmes como uma rocha...

Eu escreveria, sem a menor hesitação, "anti-inflamatórios **não-esteróides**", seguindo o consenso da maioria culta; respeito a decisão dos que preferem não fazê-lo, mas não me venham alegar uma pretensa "grafia oficial" a seu favor, pois aquela *Nota Explicativa* é apenas a opinião isolada de alguns acadêmicos e não integra o Acordo que o Brasil assinou com os demais países lusófonos. Agora cabe a você, Áurea, escolher o caminho que lhe aprouver.

palavras que perderam a noção de composição

Olá, professor Cláudio! Sou formanda de Letras e tenho dúvida quanto a um item da Reforma Ortográfica: quando se considera que uma palavra perdeu a noção de composição? Como posso identificar os casos em que isso ocorreu? Por exemplo, **bate-boca**. *Aqui foi perdida a noção de composição porque se tornou uma expressão? É uma questão semântica? Não entendi essa explicação para o não uso do hífen. Por favor, professor, se puder me ajudar, ficarei grata.*

Raquel G. – Santa Maria (RS)

Raquel, você tocou no nervo deste confuso Acordo: como saberemos se os falantes perderam ou não a consciência da composição de um vocábulo? Quem vai decidir quais os vocábulos que entram nesta lista? Como se pode obedecer a uma regra tão vaga e tão fluida, redigida cabalisticamente, que, segundo eles, abrange "**certos** compostos, em relação aos quais se perdeu, **em certa medida**, a noção de composição". **Certos** compostos? Em **certa** medida? Que portento! Nem consigo imaginar o esforço necessário para chegar a tamanha imprecisão usando tão poucas palavras!

Para mim, aliás, a composição de **para-quedas** continua bem consciente, ao contrário do que alegam as "sumidades" que assumiram o poder na República Ortográfica. Quantos concordariam comigo, quantos discordariam? Quem é que vai saber? Esta regra é o dedo que revela o gigante, isto é, revela a prepotência dos autores deste Acordo e prova que eles, como eu sempre vou afirmar, não são do ramo. Não conhecem Linguística, não conhecem nosso idioma e nâo têm a menor noção de como funciona a mente dos falantes. Pobre Brasil!

para-choque, **para-brisa**, para-lama

Duas leitoras querem saber a mesma coisa: **para-brisa**, **choque**, **para-lama** e **para-raio** vão perder o hífen, com ocorreu com **paraquedas**?

1. Escreve Luciana R., de Salvador:

Olá, professor! Sou bióloga, mas faço questão de escrever corretamente.

*Pesquisei bastante em seu site, mas não obtive a informação que procuro. A nova ortografia promete deixar o uso do hífen mais lógico, mas eu não entendi muito bem aquela parte que fala de certos compostos que perderam a noção de composição – “***girassol***,* **madressilva***,* **mandachuva***,* **pontapé***,* **paraquedas***,* **paraquedista***, etc.”. Este “etc.” é o problema: como vou saber se a noção de composição também foi perdida em outros vocábulos?*

2. Aninha, de Piracicaba (SP):

Caro professor, aqui no escritório estamos em dúvida quanto ao uso do hífen na nova ortografia. Em alguns dicionários encontramos a palavra **parachoque** *e* **paraquedas** *juntos, em outros* **para-choque** *e* **para-quedas***. Qual é o certo? Lembramos que no programa do Caldeirão do Huck, no* **Soletrando***, a palavra* **para-choque** *foi soletrada com hífen. No dicionário* **Michaelis***, contudo, está escrito* **parachoque***,* **paraquedas***. Qual o correto? Ajude-nos, por favor.*

Prezadas leitoras: como vocês têm, no fundo, a mesma dúvida, acho que posso responder às duas numa só mensagem. Concordo com a Luciana: aquele “etc.” colocado ao final da lista de exemplos é a coisa mais desastrada que eu já vi no texto de um Acordo Ortográfico. Quem é a divindade que vai decidir quais são os vocábulos cuja composição deixou de ser percebida pelos falantes? O silêncio da Academia sobre este ponto vai estimular o aparecimento de listas de todo o tipo, já que temos, no Brasil, tantas “autoridades” sobre o idioma quanto candidatos a técnico da seleção canarinho. Ao contrário do que se deveria esperar, a Reforma vai aumentar ainda mais a hesitação sobre a grafia correta dos compostos – a começar pelos casos que eles relacionaram expressamente no texto, pois a composição de **para-quedas**, para mim, ainda está bem visível...

Além disso, ao deixar a enumeração em aberto, a regra tornou-se uma

fonte inevitável de discórdia entre os dicionários. A nova edição de bolso do **Aurélio** e do **Houaiss** já nos forneceu uma prévia do que vem por aí: o primeiro incluiu no "etc." **paralama**, **parabrisa**, **pararraio**, **parachoque**, seguindo o modelo de **paraquedas**; o segundo só tirou o hífen de **paraquedas**, conservando-o nos outros. Resultado: os dois dicionários se tornaram inconfiáveis, porque ambos, apesar de anunciar que já seguem a nova ortografia, divergem nestas e em muitas outras palavras.

locução x vocábulo composto

Este é o ponto mais controvertido do Vocabulário Ortográfico da A Reunimos aqui três perguntas que versam sobre o mesmo ponto, esperando, assim, fornecer todo o material necessário para o leitor decidir de que lado vai ficar.

1) Caro Professor, há diferença entre **locução substantiva** *e* **substantivo composto***? Em caso afirmativo, poderia o Professor me esclarecer qual é essa diferença? Um grande abraço!*

Paulo Sérgio A. – Rio de Janeiro

Meu caro Paulo, este sempre foi (e sempre será) o grande problema do uso do hífen em nosso idioma: saber quando uma **locução** passa a ser um **substantivo composto**. Em que momento saímos da Sintaxe (vários vocábulos) e entramos na Morfologia (um só vocábulo)? Por que **papel almaço** e **papel da Índia** são locuções, e **papel-bíblia** é um substantivo composto? Por que alguns (Aurélio, por exemplo) consideram **pôr-do-sol** um substantivo, enquanto Houaiss classifica como uma simples locução (**pôr do sol**)? Apesar de existirem vários "palpites" sobre como se poderia fazer esta diferenciação, acho que nunca poderemos chegar a uma resposta definitiva – não por deficiência de nossas teorias ou incompetência de nossos estudiosos, mas exatamente pela natureza difusa do problema.

Embora não seja especificamente sobre este assunto, minha tese de

doutorado trata desta progressiva lexicalização de estruturas sintáticas (em outras palavras, da passagem da Sintaxe para o Léxico), um processo usual no Português em que a frase ou locução **X** passa a ser o vocábulo composto **Y**). Examinando os dados, a conclusão obrigatória é que não existe um limite definido para essa passagem. Em vez de uma alteração definitiva, pontual, em que **X** se transforma em **Y** (assim como, num dado momento, a lagarta vira borboleta), o que temos é uma transformação tipo "O Médico e o Monstro", em que o novo ser é, ao mesmo tempo, médico e monstro, se bem entendes a metáfora.

Note que a presença do hífen, aqui, é o que serve para distinguir aquilo que consideramos **locução** daquilo que consideramos **vocábulo**. Há gramáticos que veem em **ponto e vírgula** uma locução (daí não usarem o hífen); Aurélio e Houaiss, por sua vez, consideram-no um vocábulo e, *ipso facto*, escrevem **ponto-e-vírgula** (como você pode ver, é uma repetição do **pôr-do-sol/por do sol** do primeiro parágrafo).

É exatamente por isso que ninguém entendeu essa orientação esdrúxula do **VOLP** de eliminar o hífen de vocábulos compostos que tenham preposição ou conjunção entre os elementos. Foi uma interpretação equivocada do texto do Acordo, e tenho certeza de que a ABL acabará voltando atrás, para não se cobrir de ridículo. Portugal entendeu corretamente o que foi disposto e manteve os hifens em vocábulos como **pé-de-moleque**, **maria-vai-com-as-outras**, **mula-sem-cabeça**, **dia-a-dia**, **pé-de-cabra**, etc.

2) Caro professor, desculpe-me incomodá-lo mais uma vez, porém, uma dúvida veio à baila e gostaria, se possível, que o senhor me esclarecesse. Há alguns dias, ouvi num programa de rádio que o hífen havia sido abolido em todas as palavras compostas ligadas por preposição (ex.: **fora-da-lei***,* **à-toa***,* **pão-de-ló***,* **dia-a-dia***, etc.). Pois bem, ontem mesmo, vi numa edição atualizada do* **Aurélio** *(apregoando estar de acordo com o Acordo Ortográfico) a palavra* **pão-de-ló** *com hífen (como sempre escrevemos). Bem, o que de fato é*

verdade? Grato mais uma vez.

Valdecir T. – São José dos Campos (SP)

Meu prezado Valdecir: sua pergunta toca no ponto mais controvertido do novo **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa** (o famoso **VOLP**), recentemente publicado por nossa Academia de Letras. Interpretando equivocadamente o texto do Acordo, a comissão brasileira decidiu, sem tir-te nem guar-te, eliminar o hífen de **qualquer composto** que tenha preposição ou conjunção unindo os seus elementos – exatamente como **pão-de-ló** ou **dia-a-dia**, como você perguntou.

Ora, mesmo que aqui o texto do Acordo não tenha uma redação muito feliz (como todo o resto, aliás), fica bem claro, numa leitura mais cuidadosa, que o princípio geral é usar o hífen apenas nos **vocábulos compostos**, distinguindo-os das meras **locuções**. Afinal, essa sempre foi a utilidade deste sinal: distinguir uma **mesa redonda** (quadrada, oval, etc) de uma **mesa-redonda** (reunião para discutir um tema ou fazer uma deliberação), ou seja, distinguir uma **locução** composta de duas palavras independentes (**mesa redonda**) de um **vocábulo** composto (**mesa-redonda**).

Pois nossas autoridades resolveram manter este hífen apenas quando o vocábulo é composto de **dois** elementos (**pombo-correio**, **couve-flor**, **água-furtada**); quando tem mais de dois, a comissão, numa **atitude inexplicável e completamente equivocada**, decidiu suprimi-lo. Dessa forma, se fôssemos levar a sério esta sandice, substantivos compostos como **pé-de-moleque**, **fora-da-lei**, **mula-sem-cabeça** passariam a ser escritos **pé de moleque**, **fora da lei**, **mula sem cabeça**! Teríamos, pela primeira vez na História, substantivos com **espaços em branco entre os seus elementos**! Um **vocábulo** com espaços entre seus componentes? Isso não existe. A diferença entre vocábulo e locução deve ser assinalada por hífen, não importa o número de componentes que o composto venha a ter. "Ele vive **fora da lei**": é uma **locução** formada de três vocábulos. "O xerife prendeu os **fora-da-lei**": é um **vocábulo composto**.

Infelizmente, a nova edição do **Vocabulário Ortográfico** traz todos esses

vocábulos sem o hífen, mas, curiosamente, classificados ora como substantivo, ora como adjetivo. Ao lado de **maria vai com as outras**, tiveram a coragem de registrar "**s.f**.". Substantivo feminino? Mas isso é uma frase completa, com sujeito, verbo e tudo mais! Sem o hífen, fica completamente impreciso o limite entre a Morfologia e a Sintaxe.

Não preciso dizer que este escandaloso equívoco, que torna o **VOLP** uma fonte pouco confiável, é a interpretação **brasileira**; os portugueses, com mais prudência, ainda hesitam em adotar o seu **VOLP**, mas todos os especialistas lusitanos que comentam o **Acordo** são unânimes em conservar o hífen de **pé-de-moleque**, **pé-de-valsa**, **pão-de-ló**, **deus-nos-acuda**, **bumba-meu-boi** e tantos outros. É assim que todos nós também devemos escrever. A Academia foi contra? Pior para ela, que vai se cobrir de vergonha por ter chancelado uma publicação tão irresponsável como esta.

derrepente?

Boa noite, Professor! Ontem, "conversando" por e-mail com uma colega, ela me disse que **de repente** *teria sofrido alteração na grafia após a Reforma, passando a ser escrito* **derrepente**. *Eu não acreditei, mas, como nada li sobre a Reforma, não posso afirmar que ela esteja errada. Pode esclarecer minha dúvida? Desde já, lhe agradeço.*

Isabel Costa C.

Mas que confusão fez essa sua amiga, hein, Isabel! Ela deve ter ouvido falar na nova regra que determina que vocábulos iniciados por **R**, quando receberem prefixo terminado em **vogal**, terão o **R** duplicado (**birreator**, **autorretrato**, **contrarrevolução**, **infrarrenal**, etc.) – o que é verdade. O problema é que ela não tinha nada que aplicar a regra a **de repente**! O **de**, aqui, é uma simples **preposição**, não um **prefixo**! São duas palavras separadas – **de** e **repente** –, como **de resto**, **de ré**, **de rastros**, **de relance**, entre muitos. Avise para a amiga

que ***derrepente** sempre será um erro cabeludo!

adjetivos pátrios ou gentílicos

Diferentes leitores perguntam sobre a manutenção – ou não – do h nos adjetivos gentílicos compostos.

1) Caro Prof. Moreno, com a atual Reforma Ortográfica, os adjetivos pátrios que apresentam o hífen em sua composição, como **ouro-finense***, de Ouro Fino,* **pouso-alegrense***, de Pouso Alegre,* **porto-alegrense***, de Porto Alegre, dentre tantos outros, sofrerão alguma modificação em sua grafia? Em meu entendimento, não. Entretanto, encareço-lhe os esclarecimentos pertinentes.*

José Édison C. – Campinas

2) Professor Moreno, moro na cidade de Santa Cruz do Capibaribe, em Pernambuco, cujo gentílico é **santa-cruzense**. *Gostaria de saber se com o novo* **Acordo** *ele perderá o hífen. Em um guia vi que* **porto-alegrense** *continua com hífen.*

Lucinaldo T.

3) Bom dia, professor; os gentílicos entraram na nova regra do hífen? Vamos escrever **norte-americano** *ou* **norteamericano***?*

Regina F. – São Paulo

Prezados amigos, as novas regras do hífen se referem especialmente aos vocábulos formados com **prefixos**; a grafia dos **gentílicos** (ou adjetivos pátrios) continua inalterada, seguindo as mesmas disposições que conhecemos desde 1943: **mato-grossense**, **cruz-altense**, **sul-rio-grandense**; **norte-americano**, **norte-africano**, **sul-americano**, **norte-coreano**. Agora, especialmente para o Lucinaldo (mas extensivo a todos): em ortografia, sempre podemos confiar no raciocínio por analogia. Se escrevemos **porto-alegrense**,

podemos deduzir, com segurança, que **santa-cruzense** também será escrito com hífen. Se **caju** não tem acento, o mesmo vai ocorrer com **Iguaçu** e **bauru**; se **táxi** é acentuado, também o serão **ravióli** e **biquíni**. Esta é a regra máxima deste jogo: o que vale para um, vale também para os seus semelhantes.

bem-estar

Olá, Professor Moreno! Esta nova Reforma Ortográfica introduziu alguma mudança na ortografia da palavra **bem-estar***?*

José G. – Itapema (SC)

Felizmente não, meu caro José; continuaremos a escrever **bem-estar**, como sempre fizemos. O **Acordo** não mudou nada quanto a isso; vamos colocar um hífen depois de **bem** sempre que ele se ligar a um vocábulo que **tenha existência autônoma** no nosso idioma: **bem-falante**, **bem-aventurado**, **bem-querer**, **bem-vindo**, etc.

Aqui, mais do que em qualquer outro lugar, ficam evidenciadas as duas funções que o hífen acumula, pois ele é, ao mesmo tempo, um sinal que **separa** e um sinal que **une** (o famoso **traço-de-união**): em **bem-estar**, ele sinaliza, ao mesmo tempo, (1) que estamos diante de um vocábulo uno, embora composto, e (2) que os dois elementos que entram em sua composição têm vida própria.

É exatamente por isso que não temos hífen em **benfazejo** ou **benquisto**; embora não seja difícil reconhecer ali a presença do radical de **fazer** e de **querer**, respectivamente, não temos mais ***fazejo** ou ***quisto** como formas livres.

o hífen depois do **Acordo**

Gostaria de saber como ficou a escrita de **boa-fé**, *com as novas regras. E as palavras* **horas-extras**, **aviso-prévio** *e* **Advocacia-Geral**?

Michele B. – Porto Alegre

Michele, com as novas regras, **boa-fé** será escrito... **boa-fé**. O **Acordo** só alterou as regras que envolvem formação com **prefixos**, o que não é o caso de **boa**, que aqui é um **adjetivo**. Quanto às demais – **horas-extras**, **aviso-prévio** e **Advocacia-Geral** – persiste, mesmo depois do **Acordo**, aquela indefinição intrínseca que sempre existirá entre o que é **vocábulo** e o que é **locução**. Acho importante lembrar que existe uma faixa imprecisa entre eles, uma espécie de **terra-de-ninguém** (que uns escrevem **terra de ninguém**, sem hífen – estás vendo como é?) que jamais poderá ter contornos precisos. Vemos tanto **ponto e vírgula** quanto **ponto-e-vírgula**, **aviso prévio** quanto **aviso-prévio**, etc. Eu prefiro usar hífen nestes casos, pois ele serve para distinguir a **locução** (o **aviso prévio**, isto é, o aviso que foi feito previamente, o prévio aviso) do **vocábulo** (o **aviso-prévio** – termo da linguagem jurídica que designa a comunicação da rescisão de um contrato de trabalho). Outros, no entanto, preferem deixá-los sem hífen.

pronto-socorro ou **prontossocorro**?

Prof. Moreno, trabalho em uma indústria gráfica onde elaboramos e produzimos vários modelos de agendas. As novas regras de ortografia nos deixaram em dúvida em relação à palavra **pronto-socorro**. *Conforme o manual que consultamos, se o prefixo terminar em* **vogal** *e o segundo elemento começar por* **R** *ou* **S**, *temos de duplicar essas letras. Isso quer dizer que* **pronto-socorro** *vai ficar* **prontossocorro**? *Gostaria da sua ajuda, pois achei muito estranha esta palavra!*

Daiane C.

Prezada Daiane, vocês estão fazendo uma confusão essencial: esta regra do

Acordo a que você se refere (a duplicação do **R** e do **S**) aplica-se exclusivamente a **prefixos** (**contra**, **infra**, **ante**, **anti**, **auto**, **supra**, **semi**, **neo**, etc.) e a **prefixoides** (elementos gregos e latinos que funcionam como se prefixos fossem: **macro**, **micro**, **hidro**, **geo**, **bio**, **termo**, **nefro**, etc.). Por isso, [anti+semita], **antissemita**; [supra+renal], **suprarrenal**; [mini+saia], **minissaia**; [bi+reator], **birreator**; [auto+retrato], **autorretrato**.

Por outro lado, os vocábulos compostos de substantivos, adjetivos, verbos, etc. (entenda-se: os que não são formados pelo acréscimo de um prefixo, mas sim pela união de dois ou mais vocábulos existentes no idioma) continuam a ser escritos **com** hífen, como sempre foram: **pronto-socorro**, **ítalo-soviético**, **mestre-sala**, **puro-sangue**. Parece que isso não ficou bem claro na divulgação do **Acordo**, pois esta tem sido uma pergunta recorrente de leitores de toda parte.

minissalada

Prezado professor, sou redator e estou atualizando um cardápio em que constam as opções **mini bolo***,* **mini torta***,* **mini salada**. *Pois bem, pelo novo Acordo Ortográfico estas palavras passam a ser* **minibolo***,* **minitorta***,* **minissalada***?*

Ari D. – São Paulo

Meu caro Ari, assim já se escrevia antes do **Acordo**, assim vamos continuar a escrever depois dele: **minitorta**, **minibolo**, **minissalada** – formas que eu acho horripilantes! Se fosse eu o dono do restaurante, eu escreveria no cardápio **torta míni**, **bolo míni**, **salada míni**, muito mais aceitável (**míni**, usado em separado, tem acento).

ecossustentabilidade?

Olá, caro professor. Acho que o aumento da consciência ecológica, criou um probleminha para a língua – ainda mais agora, que estamos de ortografia nova. Embora os dicionários ainda se omitam quanto a esta palavra, já a encontrei na rede com três grafias diferentes: **eco-sustentabilidade***,* **ecossustentabilidade** *e* **ecosustentabilidade**. *O senhor pode me dizer qual delas eu devo usar?*

Fernando G. – São Paulo

Meu caro Fernando, não há problema algum: pelo sistema vigente **antes** do **Acordo**, o elemento grego **eco-** nunca era seguido de hífen. Escrevia-se, portanto, **ecossustentabilidade** (o **S** deve ser duplicado; caso contrário, como está entre duas vogais, passaria a representar o som de /z/).

Agora, pelo **Acordo**, **eco-** vai ter hífen quando se ligar a um vocábulo que comece por **H** ou por **O** (eu não conheço nenhum, por enquanto, mas posso imaginar uma hipotética **eco-organização**, ou uma animada **eco-olimpíada**...). Como esse não é o caso de **sustentabilidade**, você vai ter de duplicar o **S** e escrever exatamente como antes: **ecossustentabilidade**, no mesmo modelo de **ecossistema**, há muito dicionarizado.

minissaia e **microrregião**

Prof. Moreno, estou estudando para concurso público e me deparei com palavras novas ao estudar o emprego do hífen: **audiosseletivo***,* **cardiorrenal***,* **microrregião***,* **psicossocial***,* **minissaia**... *Pelo meu humilde Português posso afirmar que dá para aceitar a ausência do hífen, mas não consigo entender a repetição do* **R** *e do* **S**. *Por isso, venho pedir sua ajuda.*

Mariana L.

Prezada Mariana, o fato de não usarmos hífen com esses prefixos traz

evidentes consequências ortográficas. O princípio é muito simples (e muito antigo): se escrevermos ***microregião**, o **R** isolado entre duas vogais vai ser lido com o som de /r/ fraco (como em **caro** ou **tiro**); é por isso que temos de duplicá-lo. O mesmo acontece com o **S**; ***minisaia** será lido como /minizaia/, se não duplicarmos o S.

Você não deve estranhar este procedimento; pelas regras do novo **Acordo**, ele vai ocorrer todas as vezes em que um prefixo **terminado por vogal** encontrar um vocábulo iniciado por **R** ou **S**: **autossuficiente**, **antissemita**, **hidrossanitário**; **contrarregra**, **autorregulável**, **semirreta**. Vamos demorar um pouco a nos acostumar a essa nova forma, mas sou obrigado a reconhecer que assim é bem mais racional.

Beira-Rio ou **Beirarrio**?

Prof. Moreno, trabalho para um semanário do interior do estado, cujo editor, que é gremista, parece estar louco para utilizar a Reforma Ortográfica contra tudo que refira ao nosso querido Internacional. Ele sugeriu que, pelas novas regras, o estádio da Beira-Rio deve passar a ser escrito **Beirarrio***, sem hífen e com o* **R** *duplo, como* **biorritmo** *ou* **antirreligioso***.* **Beirarrio***! Argh! O senhor poderia esclarecer esta dúvida? Respeitamos muito sua opinião.*

Márcio – Santa Maria (RS)

Meu caro Márcio, diga aí para esse editor que essa regra da duplicação do **R** vai se aplicar apenas a vocábulos formados com **prefixos terminados em vogal**: [auto+regulação]= **autorregulação**; [semi+reta]= **semirreta**. Os vocábulos compostos de dois ou mais substantivos, adjetivos, verbos ou advérbios (ou seja, não formados por prefixação) vão continuar a ser escritos como sempre foram: **porta-retrato**, **bomba-relógio**, **caga-regras**, **coisa-ruim**, **guarda-roupa**, etc. Ora, como **beira** está muito longe de ser um prefixo, pois é um substantivo, e bem concreto, vamos continuar escrevendo **beira-rio**; o nosso

generoso estádio, portanto, continua a ser o **Beira-Rio**.

repetição do hífen na translineação

Prezado Professor, com o grande sucesso do uso do computador para se redigir textos, tenho observado que raramente ocorre a separação das sílabas das palavras (translineação), pois os programas se incumbem de ajustá-las ou passá-las para a outra linha, com exceção das formas pronominais. Neste caso, como proceder quanto ao hífen de separação? Deve-se colocar apenas um hífen no final da linha ou há obrigatoriedade de colocar também outro no início da linha seguinte? Onde encontrar sobre este assunto? O que dizem sobre isso a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) e a ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas)?

Tenho uma amiga que é professora de Língua Portuguesa aposentada, formada há trinta anos, ex-aluna de Evanildo Bechara e Celso Cunha, que afirma ter aprendido com eles a obrigatoriedade do uso do traço de separação no final da linha e também no início da próxima linha. Ela está correta?

Marilema P. – Rio de Janeiro

Prezada Marilema: não existe tal regra na NGB, que só enumera os títulos e as divisões da Gramática (jamais se ocupou de ortografia). A ABNT, por sua vez, emite apenas normas técnicas; não tem competência para discutir ortografia e, sejamos justos, jamais tentou mesmo. A autoridade é a Academia Brasileira de Letras, através dos seus Vocabulários Ortográficos, editados exatamente para mostrar, concretamente, a aplicação das regras dos acordos assinados entre o Brasil e os demais países lusófonos. Atualmente, escrevemos dentro dos parâmetros do Acordo de 1943, com a mínima modificação introduzida pelo Acordo de 1971. Nada houve desde então, a não ser tentativas que, se os deuses me ouvirem, continuarão infrutíferas. O Brasil não precisa mais de reformas ortográficas. [Quando escrevi essas linhas, mal podia suspeitar que vinha chegando uma desastrada reforma, aos trancos e barrancos...]

Quanto à sua dúvida específica, o Acordo de 1943 não diz nada sobre ser "aceitável" ou não a repetição do **hífen** (ou **traço-de-união**) no início da nova linha, se o hífen de **palavras compostas** e de **pronomes oblíquos** for o último caractere da linha anterior. No entanto, no texto do próprio **Acordo** ocorrem várias coincidências desse tipo, e em nenhuma delas o hífen foi repetido – o que implica dizer que, ao menos **implicitamente**, o uso oficial **não** nos obriga a esta prática.

Esse costume tinha vários defensores quando o texto, manuscrito ou datilografado, era entregue ao tipógrafo para ser composto. Como as linhas do original raramente iam coincidir com as linhas do texto impresso, o autor, por precaução, podia usar o hífen repetido para ter certeza de que o vocábulo seria grafado corretamente na hora da composição. Vamos imaginar que, no meu texto original, os vocábulos **contraproposta** e **contra-ataque** tivessem de ser divididos por translineação, e, em ambos os casos, as linhas terminassem exatamente na divisa do prefixo (**contra-**). Como iriam começar as linhas seguintes? O normal seria iniciar uma por **proposta** e a outra por **ataque** – e assim eu faço, e assim faz praticamente todo o mundo que escreve em Português hoje em dia. Naquela época, no entanto, em que existia a figura intermediária do tipógrafo, havia o risco dele não saber distinguir se aqueles hifens eram apenas os hifens normais da translineação (como em **contraproposta**), ou se eram hifens internos de um vocábulo composto (como em **contra-ataque**). Quando esses vocábulos caíam no meio da linha impressa, o tipógrafo era obrigado a tomar uma decisão sobre a forma de grafá-los; dependendo da sua cultura ortográfica, poderia cometer erros como ***contra-proposta** ou ***contraataque**. Por isso, para evitar esse equívoco (não muito provável, porque os tipógrafos geralmente sabiam muito mais ortografia que a maioria dos autores), eu **poderia** repetir o hífen no início da linha no caso de **contra-ataque** (...**contra-/-ataque**). Muitos autores adotavam esse mecanismo de precaução também com o hífen dos pronomes oblíquos, para evitar confusão em pares como **ver-te** e **verte**, **impor-te** e **importe**, **alinha-vos** e **alinhavos**, **ter-nos** e **ternos**, **ver-me** e **verme**, etc.

Hoje não vejo muita razão para continuar fazendo isso. O recurso de

justificação das linhas nos modernos processadores eliminou consideravelmente a partição das palavras na margem direita do texto e, na maioria das vezes, a eventual confusão que se pretendia combater com esse hífen repetido fica desfeita, de modo muito mais eficiente, pelo contexto (confundir **ver-me** com **verme** é de amargar!). É claro que nada proíbe o uso desse hifenzinho repetido, Marilema, assim como ninguém proíbe o uso daquelas polainas do Tio Patinhas – mas ambos são traços decididamente anacrônicos.

Você deve ter percebido que o debate é sobre a **possibilidade** de repetir o hífen, mas não sobre a sua **obrigatoriedade**, que nem entra em cogitação. A memória deve estar pregando uma peça à sua amiga; jamais Bechara ou Celso Cunha diriam que esse hífen duplo é obrigatório.

Com o novo Acordo – Parece que o novo **Acordo** está decidido a revogar o que já estava consolidado desde 1943, mesmo que não haja um motivo que justifique esse rompimento. Eles não erram nunca, quando se trata de acertar no alvo trocado! Pois não é que o texto atual considera **obrigatória** essa prática de repetir o hífen no início da linha seguinte? Estranho muito que ressuscitem um procedimento tão retrógrado, principalmente se considerarmos que o **Acordo** elimina o trema e vários acentos sob a alegação (legítima, aliás) de que o sentido e o contexto eram suficientes para desmanchar as eventuais dúvidas do leitor – o que deveria ser razão suficiente para não repetir esse hífen bizarro no início da linha.

hífen ou travessão

1) Sílvio Gomes, de Santos, diz que sempre distinguiu o **hífen** do **travessão** (encontrável, segundo ele, digitando-se **Alt+0151** no teclado numérico). Por isso mesmo não entende por que a imprensa trata os dois sinais da mesma forma. "Afinal, eles não têm diferenças de forma e de emprego?"

Meu caro Sílvio, você tem razão ao dizer que não são caracteres iguais, embora a prática da imprensa, no Brasil, esteja fundindo as duas coisas. Eu

sempre os distingo, quando escrevo; abri a janela de “Symbol”, no Word, e atribuí ao travessão uma combinação cômoda de teclas. A diferença fundamental entre eles é o âmbito em que aparecem. O **hífen** está restrito ao âmbito do **vocábulo**; serve para separar sílabas ou unir os elementos que formam um vocábulo composto. O **travessão** é um sinal de pontuação da **frase**, com vários empregos importantes que serão examinados oportunamente no volume sobre a pontuação. Uma de suas funções é ligar o ponto inicial e o ponto final de um trajeto ou de um período de tempo: a rodovia **Belém–Brasília**, o triênio **1971–1974**, e assim por diante.

Agora, se você quiser precisão milimétrica, deve ler os livros de editoração em Inglês. Ali, eles distinguem entre o *m-dash*, o *mm-dash* e o *mmm-dash* – velha denominação tipográfica que se refere a um travessão da largura de **uma**, **duas** ou **três** letras **M**, cada um com seu emprego distinto.

2) Prezado professor, não consigo perceber diferenças entre o **hífen** *e o* **travessão***, fora o fato do segundo ter mais ou menos o dobro do tamanho do primeiro. Tenho visto, em seu site, que o senhor às vezes usa o travessão duplo no lugar de vírgulas, mas também lembro que usávamos, na escola, este sinal para indicar a mudança da pessoa no diálogo. Existe uma diferença clara entre eles?*

Homero Z. – Goiânia

A diferença fundamental entre os dois sinais, meu caro Homero, é o seu âmbito de atuação. O **hífen**, presente no teclado, é um sinal que atua **no interior do vocábulo**; o **travessão**, que se obtém digitando (no teclado numérico) 0151, enquanto se mantém a tecla ALT pressionada, é um sinal de **pontuação interna da frase**.

É por isso que usamos o **hífen** apenas em três situações: (1) para indicar que dois vocábulos formam um novo vocábulo composto (**couve-flor**, **decreto-lei**); (2) para ligar o pronome enclítico ao seu verbo (**fazê-lo**, **vendeu-o**); e (3) para

separar as sílabas numa eventual translineação. É por causa disso – por esse uso exclusivamente morfológico, e não sintático – que o hífen não é considerado, propriamente, um "sinal de pontuação", mas um simples sinal ortográfico, como os **acentos**, o **til** ou o **trema**.

O **travessão** já é vinho de outra pipa; ele serve (1) para indicar, num diálogo, o início da fala de um personagem; (2) para, exatamente como os parênteses, indicar a intercalação de um elemento na frase (como eu próprio fiz, no último período do parágrafo anterior); (3) para introduzir, ao final de um argumento ou de uma enumeração, uma síntese ou conclusão ("Imagine um entardecer de domingo, escuro e frio, debaixo de uma chuva fina, numa estaçãozinha de trens do interior do estado – uma verdadeira desolação!"; (4) para indicar o ponto inicial e final de um percurso ou de um espaço de tempo: a ponte **Rio–Niterói**; a obra de Tobias Barreto (**1839–1869**).

Com o novo Acordo – Eu já devia saber que, quanto mais rezo, mais assombração me aparece! Pois não é que esse primor de Acordo Ortográfico, que consegue ser, a cada dia, pior do que na véspera, determina, com todas as letras, que devemos usar o **hífen**, e não o **travessão**, para os dois pontos extremos de um trajeto? Ou seja, segundo eles, deveríamos escrever "Ponte **Rio-Niterói**", e não "**Rio–Niterói**", desrespeitando, de uma vez por todas, o limite entre o que é **vocábulo composto** (com hífen) do que é uma **locução** (com travessão)! É mais um ponto na lista do que vai ter de ser revisado por essas desastradas "autoridades"...

regulamentação do hífen

Gostaria de saber se as palavras **Advocacia-Geral** *e* **Procurador-Chefe** *têm hífen ou não, e como se justifica. Muito grato.*

Protásio B.

Meu caro Protásio, pouca coisa existe de regulamentado

quanto ao uso do hífen. Podemos ter alguma certeza com os **prefixos** (**sub-reitor**, **neo-ortodoxia** e **inter-relacionado** têm hífen, ao contrário de **subordem**, **neoliberal** e **interestadual**); com **gentílicos compostos** (**mato-grossense**, **rio-grandense**); com adjetivos reduzidos (**infanto-juvenil**, **austro-húngaro**). A grande maioria dos compostos, no entanto, é hifenizada por **costume**, apenas. **Não há regra**! Isso pode parecer assustador, mas na prática vai funcionando muito bem (principalmente porque ninguém tem segurança para cobrar o certo e o errado). Escrevemos **mão-de-obra** com hífen por uma espécie de consenso; nada nos obrigaria a fazê-lo. O **Aurélio** registra assim, o **Houaiss** registra assado, o **VOLP** dá a versão da Academia: são valiosas opiniões, mas opiniões de seres humanos, nada mais. Há um exemplo que gosto muito de mencionar, porque deixa às claras essa indefinição: o sinal de pontuação "**;**" é chamado, pelos gramáticos mais tradicionais, de **ponto e vírgula**; pelos mais modernos, de **ponto-e-vírgula**. Eu prefiro esta última, mas sei que a outra tem ilustres e sábios defensores. Ora, se isso acontece no próprio acampamento gramatical, o que não diremos dos demais? **Procurador-Chefe** ou **Procurador Chefe**? Eu prefiro com hífen, mas acho que você deve seguir a sua intuição e, principalmente, o costume do meio em que você se move.

ultrassom

Professor, gostaria de consultá-lo sobre como devem ser escritos os seguintes compostos: (1) **ultra-som** *ou* **ultrassom***? (teste* **ultra-sônico** *ou teste* **ultrassônico***?); (2)* **micro-estrutura** *e* **micro-estrutural***, ou* **microestrutura** *e* **microestrutural***? Essas dúvidas ficam ainda mais fortes porque a maior parte da literatura que aplica estes vocábulos é escrita em Inglês e usa ultrasonic, ultrasound; microstructure, microstructural.*

Euclydes T. – São Paulo (SP)

Meu caro Euclydes, vamos por partes:

(1) **Ultra** é um daqueles prefixos que terão hífen antes de vocábulo iniciado por “**h**” ou pela vogal “**a**”. Como em todos os demais casos ele não receberá hífen, aqui vai ocorrer a inevitável duplicação do “**s**”. Assim como temos **surgir** e **ressurgir**, **suscitar** e **ressuscitar**, teremos **ultrassom**, **ultrassônico**, **ultrassonografia**, da mesma forma que escrevemos **ultrassecreto**, **ultrassensível**, **ultrassofisticado**;

(2) Por outro lado, **micro** e **macro**, dois elementos de origem grega, presentes em centenas de compostos, só vão ter hífen quando vierem antes de vocábulo iniciado por “**h**” ou “**o**”. Logo, **microestrutura** e **microestrutural, microssistema** e **microrregião**, mas **micro-ônibus**, **micro-história**, **micro-onda**. Nossas regras de hífen são decididamente diferentes das regras do Inglês.

micro-hábitat?

Prezado Professor, existe, afinal, alguma regra confiável para o emprego do hífen depois de **micro***,* **macro***,* **mini***? No* **Aurélio-XXI** *não encontrei hífen ligando os prefixos* **mini** *e* **macro***, mas encontrei* **micro-hábitat**. **Macro e mini** *também teriam hífen diante de palavras com* **H***?*

Gerusa Martins

Minha cara Gerusa, em princípio, **micro**, **macro** e **mini** só devem receber hífen quando se ligarem a vocábulo iniciado por “**h**” ou pela vogal que trazem no final (“**o**” para **macro** e **micro**, “**i**” para **mini**): **macro-organização**, **micro-onda**, **mini-indústria**, **mini-hélice**; isso nos obriga a uma série de incômodas (mas necessárias) adaptações ortográficas, tais como **microrregião**, **macrossistema**, **minissaia**, etc. Este hífen em **micro-hábitat**, portanto, está dentro do que foi prescrito pelo novo **Acordo**.

Estranho, apenas, o acento colocado em *habitat* no **Aurélio-XXI**. Este vocábulo permanece em sua forma latina – isto é, **não** foi aportuguesado ainda,

como se pode perceber pelo "**t**" que encerra a última sílaba (fonema inaceitável, nesta posição, no padrão silábico de nosso idioma). Ora, se ainda não entrou no sistema, não pode submeter-se a nossas regras de acentuação – assim como *habeas corpus* não leva acento nem hífen porque ainda se mantém em sua forma latina original. O **Houaiss**, mais preciso, registra este vocábulo sem acento e com o itálico recomendado para as palavras exóticas ao Português (*habitat*).

alto-falante ou **auto-falante**?

O **alto-falante** faz parte do equipamento de som do **automóvel**; por não escrevemos **auto-falante**, à semelhança de **auto-escola**?

Prezado Doutor, vejo muitas vezes escrito **autofalante** *e* **auto-falante***, mas creio que a forma correta é* **alto-falante***, pois vem de* **alto** *e não de* **auto***. Ou seja, acho que não quer dizer que "fala sozinho", mas sim que "fala alto". Poderia me esclarecer? Grato.*

Juan G. – São Paulo (SP)

Meu caro Juan, realmente, um **alto-falante** é um dispositivo que "fala alto". É composto do advérbio **alto** (que é invariável) mais o antigo particípio presente **falante** (como **bem-pensante**). No plural, portanto, só pode formar **alto-falantes**.

O problema que as pessoas têm com este vocábulo já começa no nível fonológico. Você já deve ter percebido que, em nosso idioma, o **L** em final de sílaba é normalmente realizado como um /u/: **mel** soa /méu/, **animal** soa /animau/ e o Ed Motta pode cantar tranquilamente "**Manuel** foi pro **céu**" sem assassinar a rima. Esse fenômeno, embora perfeitamente inofensivo na esmagadora maioria dos casos, vai tornar indistinguíveis, na fala, pares como **mau** e **mal**, **alto** e **auto**. Está aberta a porta para a confusão.

Como os alto-falantes fazem parte do equipamento de som do automóvel, eu também já vi, em muitas lojas especializadas, a grafia ***auto-falante**. É claro que isso está errado, Juan, mas não se trata aqui do uso indevido do prefixo **auto** com o sentido de "a si mesmo" – como no fogão de forno **autolimpante**, que,

segundo a lenda, teria a capacidade de limpar a si mesmo! Parece-me, antes, a crença errônea de que os **alto-falantes** sejam parte do **automóvel**; por isso, usam **auto** pensando tratar-se de algo assim como **autopeças**, **autódromo**, **automecânica**, **autoescola**.

Minha convicção de que essa foi a origem do erro ficou ainda mais reforçada quando percebi que muitos técnicos de sonorização para ambientes, para espetáculos, etc., utilizam apenas **falantes**, como se estivessem preocupados em frisar que não se trata de som de carro: "Aqui vamos instalar doze **falantes**". Essa forma, por ser mais curta e por evitar a velha dificuldade do plural dos compostos, talvez até venha, no futuro, a substituir **alto-falante** – na mesma direção seguida pelo Inglês, que de *loud speaker* está passando a usar apenas *speaker*.

por isso ou **porisso**?

Se **por que** às vezes se escreve **porque**, também não poderíamos escrever **porisso** como um único vocábulo?

Professor, lembro que nos meus áureos tempos de estudante (e eles já se vão um tanto longe) eu costumava usar a grafia **porisso**, *nunca tendo sido contestado pelos meus mestres. Todavia, hoje, várias vezes já chamaram minha atenção, dizendo que* **porisso** *não existe e que, em seu lugar, eu deveria usar* **por isso**. *Será que isso procede?*

Edilberto L. – São Paulo (SP)

Meu caro Edilberto, nunca foi correto usar ***porisso**. Na verdade, trata-se de uma locução formada pela preposição **por** mais o pronome **isso**; se fossem juntáveis, teríamos também as horripilantes formas ***poristo** e ***poraquilo**, com a mesma composição. Se os seus mestres não estrilavam, é porque talvez não tenham notado. Você teve mais sorte que juízo.

Agora, se isso lhe serve de consolo, saiba que escrever ***porisso**, sem o espaço, é um daqueles **erros naturais**, isto é, um daqueles erros que cometemos

com mais frequência por existir uma força que nos empurra perigosamente em sua direção – mais ou menos assim como a gravidade nos ajuda a cair quando estamos aprendendo a caminhar. Trata-se aqui da hesitação em usar ou não o **espaço em branco**, um dos importantes (e muitas vezes esquecido) componentes do sistema da escrita. Há uma forte hesitação na hora de grafar esta e outras locuções, uma vez que é difícil, em muitos casos, determinar se estamos diante de elementos múltiplos, que devem ser grafados individualmente, ou se eles já são percebidos pelo sistema como um vocábulo único. Se você olhar com um pouco mais de atenção, não vai deixar de notar que vocábulos como **porventura**, **depressa**, **devagar** foram, um dia, expressões formadas por uma **preposição** mais um **substantivo** (por+ventura, de+pressa). Não é de estranhar, portanto, que se tente escrever ***porisso**, ***apartir** ou ***derrepente**, erros que encontro por toda parte. Abraço, e olho vivo!

demais e de mais

Nem sempre é fácil determinar quando se deve usar o famoso esp em branco entre as palavras.

Caro Professor, nunca tenho certeza quando devo usar **demais** *(uma só palavra) ou* **de mais** *(duas). Não ficou claro nas gramáticas que consultei. Acho que os exemplos se contradizem e, quanto mais estudo, mais confusa eu fico. O senhor tem uma boa regra para isso?*

Juçara – Londrina (PR)

Minha prezada Juçara, em linguagem, como na vida, certas coisas são como são. Se um geólogo estuda um lençol de areia movediça e o faz assinalar em todos os mapas, ganham os viajantes, que passarão por ali com todo o cuidado – mas essa areia não vai ficar menos móvel só por causa disso. O mesmo ocorre, em Português, nessa nebulosa região em que se misturam **vocábulos** e **locuções**. Ali a luz é escassa e a sombra é espessa; ali formas como **debaixo**, **demais**, **detrás** convivem com locuções como **de baixo**, **de mais** e **de**

trás. Meu mapa diz que essa parte do terreno não está bem sedimentada, e o máximo que eu posso fazer por você é mostrar algumas coisas básicas que aprendi nos tantos anos em que vivi nesse território.

1) Usamos o vocábulo **demais** em duas situações básicas (vamos deixar de fora expressões como **de mais a mais**, etc.). Primeiro, como **advérbio de intensidade** (é um irmão de **muito**, **pouco**, **bastante**, etc.), com o sentido de "excessivamente, além da conta" ou de "muitíssimo". Devemos lembrar que esse tipo de advérbio pode modificar um verbo, um adjetivo ou mesmo outro advérbio (os demais só modificam verbos):

Eu **falei** demais. Vocês **comem** demais.O relógio é **caro** demais.

Isso é **bom** demais! Ela canta **bem** demais! É **tarde** demais!

Em segundo lugar, esse **demais** pode ser um **pronome indefinido**, significando "os outros, os restantes". Como é um **pronome adjetivo**, sempre vai acompanhar um **substantivo** (expresso ou elíptico):

Convidaram Laura e os **demais** colegas.

Contrate este candidato e dispense os **demais**.

2) Usamos a locução **de mais**, formada pela preposição **de** e o advérbio **mais**, para significar "de sobra", "a mais", opondo-se simetricamente à locução **de menos**:

Cuide para não colocar sal **de mais** no churrasco.

Uns têm coisas **de mais**, outros **de menos**.

O **Aurélio** registra, também, o sentido "capaz de causar estranheza; anormal":

Não vejo nada **de mais** em sua resposta.

Essas distinções vão ajudá-la a navegar com serenidade no mar de nosso idioma. Afinal, os simples viajantes não precisam saber que, lá das profundezas, espreitam perigos que preferimos nem conhecer. Um espírito de porco poderia contrapor "ela falou **demais**" ("excessivamente") com "ela estudou **de mais**" (por oposição a "ela estudou **de menos**"), mas seria o caso de jogá-lo por cima da borda e continuar a viagem.

detrás, **de trás**

Mostramos, mais uma vez, quão importante pode ser o espaço em branco deixado entre as palavras.

Professor, na sua resposta sobre **demais***, o senhor mencionou também o caso de* **detrás** *e* **debaixo***, dizendo que eles também podem ser escritos como dois vocábulos separados. Quando está correto escrever* **de trás** *e* **de baixo***?*

Wellington C. – Brasília

Meu caro Wellington: acho que **detrás** e **debaixo** são um pouco mais simples que o movediço **demais**; nosso idioma parece estar marcando, aqui, a distinção entre "lugar onde" e "lugar **de** onde". Compare:

(1) Ele estava **debaixo** da cama. (onde)

(2) Ele saiu **de baixo** da cama. (de onde)

Na frase (2), **de baixo** se opõe a **de cima**; é a mesma oposição que vamos encontrar em "ele mora no andar **de baixo**", "ele mora no andar **de cima**".

O advérbio **detrás** também expressa "lugar onde"; é sinônimo de **atrás**. A expressão **de trás** expressa "lugar de onde"; essa preposição **de** é exigida por um grupo expressivo de verbos de movimento. Compare:

(3) Ele escondeu-se **detrás** da pedra. (onde)

(4) Ele veio **de trás** da pedra. (de onde)

(5) Tirou o violão **de trás** do armário. (de onde)

Nas frases (4) e (5), **de trás** se opõe a **da frente**; é a mesma oposição que vamos encontrar em "de trás para a frente, da frente para trás". Como você pode ver, a paisagem é aqui mais definida que no caso do **demais** – mas nem tudo são rosas, quando se trata desse diabólico espacinho em branco. Pense, por exemplo, na frase "A criatura surgiu **detrás/de trás** da pedra"; **separado**, significa que ela veio de lá; **junto**, que foi lá que ela nasceu (ou se materializou...). Tenho certeza de que poderíamos encontrar vários pares

interessantes como esse, se ficássemos remexendo nesse poço.

Curtas

extracurricular

Ronaldo, de Santos (SP), criou em seu "curriculum vitae" uma seção de "cursos **extra-curriculares**" e precisa saber se está certo assim, com hífen, ou se deveria escrever tudo junto.

Prezado Ronaldo, escreva **extracurriculares**, do mesmo modo como vamos escrever **extraclasse**, **extranumerário**, **extraconjugal**, etc. Sem hífen.

compostos com **hemi-**

Grasiela, de Florianópolis (SC), está redigindo sua tese de doutorado em Odontologia e gostaria de saber se a palavra **hemimandíbula** está correta ou se necessita do hífen.

Minha cara Grasiela, apesar de ser um mostrengo, escreva **hemimandíbula**. O elemento **hemi-** (metade) só tem hífen antes de "**h**" (hemi-hidratado) ou, hipoteticamente de "**i**"; em todos os demais casos, sempre vai ser usado **sem hífen**. Da mesma forma, vamos escrever **hemialgia**, **hemicrania**, **hemifacial**, **hemiplégico**.

hífen com **macro-**

Eiji quer saber se **macrofluxo**, palavra utilizada em sua área de trabalho mas inexistente nos dicionários, deve ser escrita com ou sem hífen.

Meu caro Eiji, as novas regras de hífen estabelecem que o elemento **macro** só tem hífen quando vem antes de "h" ou de "**o**". Em todos os demais casos, ele **jamais** será hifenizado. Por isso escrevemos **macroeconomia**, **macroatacado**, **macrobiótica**, **macrofluxo**, seja lá o que for.

seminovos

A leitora Denise trabalha numa agência de publicidade, onde surgiu uma discussão sobre o uso do hífen na palavra **seminovos**. "Verifiquei na gramática e cheguei à conclusão que é sem hífen, mas como já li em muitos anúncios a palavra hifenizada, preferi consultar um especialista."

Prezada Denise, o prefixo **semi-** só pode ter hífen antes de palavras começadas por "**h**" ou por "**i**" **(semi-humano**, **semi-internato**). Antes das demais letras do alfabeto ele **jamais** vai ser hifenizado: **semidireto**, **seminua**, **semicírculo**, **seminovo**. Esse nem ao menos é um daqueles casos discutíveis ou duvidosos; ao contrário, é daqueles básicos e elementares. Se você tem uma boa gramática, deve acreditar nela. **Seminovo** não tem hífen mesmo!

subobjeto

Rogério gostaria de saber se a grafia correta é **sub objeto** (com espaço), **sub-objeto** (com hífen) ou **subobjeto** (tudo junto).

Caro Rogério, o prefixo **sub** é uma **forma presa** e não pode ser usado isoladamente, o que elimina o "sub objeto". Além disso, este prefixo somente vai ter hífen antes de palavras iniciadas por "**r**", "**b**" ou "**h**" (**sub-reitor**, **sub-base**, **sub-habitação**). Por isso, por horrível que pareça, devemos escrever **subobjeto**, como **subestação**, **subordem**, **subagência, subgerente, subsolo, subaxilar** e por aí vai a valsa.

georreferenciamento

Eliana, funcionária da Secretaria do Meio Ambiente, está fazendo um trabalho que abrangerá o estado de São Paulo inteiro e tem dúvidas quanto à grafia correta da palavra **georreferenciada**.

Minha cara Eliana, vocábulos em que aparece o elemento grego **geo** ("terra", em Português) só terão hífen antes de "**h**" e de "**o**"; por isso, **geopolítica**, **geofagia**, **geossíncrono** e, *ipso facto*, **georreferenciada**. É feio, mas é assim.

subchefe

Célia e Helena, de Jundiaí, gostariam de saber minha opinião: escrevemos **subchefe** (como está no **Aurélio**), ou **sub-chefe** (segundo o prof. Douglas Tufano)?

Minhas caras, o prefixo **sub** só vai ter hífen antes de vocábulos iniciados por "**r**", "**b**" ou "**h**": **sub-raça, sub-biblioteca**, **sub-humano**. São pouquíssimos vocábulos. Em todos os demais casos – friso: em todos os demais casos! – ele não vai ser hifenizado: **subordem**, **subgerente**, **subchefe**, **subsolo**, **sublocação**, etc. Não sei o que o prof. Tufano diz sobre isso, mas não acredito que ele vá defender um mostrengo como ***sub-chefe**. Vocês devem ter-se enganado.

bem-vinda

Antônio, de Caxias (RJ), quer saudar a sua filha que vai nascer com uma faixa de boas-vindas, e precisa saber se está certo escrever "Giovana Seja Benvinda".

Meu caro Antônio, a faixa para a sua filhinha deve ser assim escrita: **Giovana, seja bem-vinda!** – com **vírgula** depois do vocativo e **hífen** no composto. Assim ela já vai nascer sob o signo da linguagem correta, o que é sempre de bom augúrio. Abraço, e felicidades.

semi- e **multi-**

Pergunta a leitora Marlene, que trabalha numa empresa de material de segurança e está preparando a edição dos novos catálogos: o correto é escrever **semi-máscara** ou **semimáscara**? É **multigás** ou **multi-gás**? As revistas usam com hífen, mas ela não acredita.

Prezada Marlene, em primeiro lugar, é **semimáscara**, da mesma forma que **semidireto**, **semicolcheia**, **seminua**, **semimorto**, etc. (**semi** leva hífen só antes de "**h**" e de "**i**"**)**. Para **multi**, o hífen está previsto antes de "**h**" ou de "**i**" (ainda não há vocábulos em que isso aconteça, mas um dia eles haverão de surgir). Em todos os demais casos, escrevemos sem hífen: **multifacetado**, **multimilionário**, **multifocal**, **multigás**. As revistas podem ser especializadas na área de segurança, mas não o são em Português.

pentacampeão

Lys Nunes Osório, de Canoas (RS), quer saber como se escreve: é **penta-campeão** ou **pentacampeão**?

Prezada Lys, escreva **pentacampeão**, sem hífen. Lembre que os prefixos numéricos – **bi**, **tri**, **tetra**, **penta**, **hexa**, etc. – só vão ter hífen antes de palavra começada por "**h**" ou pela vogal final de cada prefixo: **bi-harmônico**, **bi-iodeto**, **tri-hibridismo**, **penta-atleta**, **hexa-hidrato**. Em todos os demais casos, não serão hifenizados: **birreator**, **trifásico**, **hexadecimal**, **pentacampeão**, **bissexual**, etc.

soroteste

Lúcia quer saber se **soro teste** e **soro controle** se escrevem com hífen, juntas ou separadas. "Por analogia, de acordo com o **VOLP** (**sororreação**, **sororreagente** e outras), eu as usaria como sendo uma única palavra (juntas, sem hífen). Está correto?"

Minha cara Lúcia, você estava seguindo o caminho certo; se **sororreação** é tratado como vocábulo uno, podemos concluir que todos os demais compostos com o elemento **soro** também o serão: **soroteste**, **sorocontrole**, **sorocoagulação**, etc.

minirreforma

Vania, de Jaboticabal (SP), estranhou a seguinte manchete da *Gazeta Mercantil*: "A **minirreforma** deu mais poderes à Receita Federal". O termo **minirreforma** está correto?

Prezada Vânia, o prefixoide **mini** (elemento que se assemelha a um prefixo verdadeiro) só admite hífen antes de "**h**" ou de "**i**"; é por isso que temos combinações como **minissaia**, **minissistema**, **minirreforma**, em que o "**s**" ou o "**r**" precisam ser duplicados para manter o som original.

ante-sala

Andréia Bueno, de Porto Alegre, ficou em dúvida quanto à grafia correta de **ante-sala**. O **Aurélio** dá **ante-sala**, mas o **Dicionário Universal**, on-line, aponta a forma **antessala**.

Prezada Andréia, o seu **Aurélio** deve ser anterior ao **Acordo**, quando realmente se escrevia **ante-sala**. Agora o prefixo **ante** só vai ter hífen antes de vocábulos começados por "**h**" ou por "**e**" (**ante-histórico**, **ante-estreia**). Em todos os demais casos, não será hifenizado: **antessala**, **antessacristia**, **antessocrático**. O **Dicionário Universal**, por ser on-line, sempre vai estar mais atualizado do que a versão em papel; lá você vai encontrar **antessala**.

megassena

Claudinei, de Piracicaba (SP), leu que o prefixo **mega** não é separado por hífen. “Se unirmos este prefixo a palavras iniciadas por **S**, devemos dobrar esta letra?”

Meu caro Claudinei, o prefixo **mega** só é seguido de hífen depois de “**h**” ou de “**a**”. Portanto, sempre que ele se juntar a vocábulo iniciado por “**s**”, essa letra deverá ser dobrada, para que não fique sozinha entre duas vogais: **megassistema**, **megassena**, **megassísmico**. Se escrevêssemos ***megasistema**, a leitura indicada seria /megazistema/, porque a letra “**s**” intervocálica representa o fonema /z/. Essa duplicação do “**s**” e do “**r**” iniciais, aliás, acontece também com qualquer outro prefixo que termine em vogal: **macrorregião**, **macrossistema**, **microssonda**, **ressurgir**, etc.

[**1**] MORENO & MARTINS. *Português para convencer*. São Paulo, Ática, 2006. p. 169.

4. Como se diz

A hesitação sobre a **grafia** de uma palavra é mais frequente que a hesitação sobre a sua **pronúncia**, o que é muito natural. O brasileiro sabe que existe um conjunto de normas e costumes que regem a escrita e sente que é socialmente condenável não se adequar a este grande consenso que transparece nos dicionários e nas gramáticas. Há quem diga que essa é uma tola preocupação com as aparências, mas os sábios há muito perceberam que as aparências têm muito mais importância do que se pensava. Cá entre nós: a não ser por razões muito especiais, ninguém quer escrever diferente do uso da maioria culta; bem pelo contrário, um texto correto e bem escrito nos deixa tão orgulhosos e confiantes quanto uma elegante roupa nova. Errar no papel é coisa séria: os textos que eu escrevo não se dissolvem no ar, como os sons da fala; podem ser guardados, arquivados, lidos e relidos indefinidamente – às vezes com olhos do bem, às vezes com olhos do mal. Daí o nosso cuidado.

A fala, no entanto, não tem essa existência duradoura (a não ser em registros gravados). Nosso aparelho fonador é um legítimo instrumento de sopro, e as notas que produzimos (os fonemas) duram o tempo fugaz de chegar aos nossos interlocutores. Ou, como disse muito melhor o bom Rafael Bluteau, nosso dicionarista do século XVIII, a palavra falada tem "o ar por corpo, a língua por mãe, e a boca por berço, mas com tão instantâneo descanso, que apenas nascida voa, e com tão breve vida, que logo nos ouvidos dos circunstantes se sepulta". Assim, sem a carne e o osso do papel, fica muito mais difícil comparar o uso das pessoas cultas para chegar a uma norma de **como dizer**. Se lembrarmos ainda que existem as variantes regionais de pronúncia, fica explicado por que temos uma norma ortográfica mas nunca teremos uma norma fonética. Os dicionários, as gramáticas, os professores, os usuários sabidos (e os que pensam que sabem...), todos apenas expressam **opiniões** – algumas certamente mais valiosas do que outras. Há questões centenárias: é **catéter** ou **cateter**? **Clítoris** ou **clitóris**? **Grelha** tem o /e/ aberto ou fechado? O plural de **caroço** é /caróços/? Há questões moderninhas: **xérox** ou **xerox**? **Récorde** ou **recorde**? **Subsídio** rima

com **suicídio** ou com **presídio**? Os autores se dividem, argumentam, explicam, e cabe ao usuário decidir-se por uma ou por outra proposta. No entanto, meu caro leitor, fique sempre atento a um sinal muito importante: neste mundo movediço da língua falada, todo aquele que expressar sua opinião de uma forma autoritária e imperial ("não pode!"; "está errado!"; "é proibido!"; etc.) sabe pouco ou quase nada; fuja dele e do que ele escreveu, porque essa atitude revela que lhe falta o mínimo de formação em Linguística para entender o problema.

Outra coisa: nunca se esqueça de que a fala vem primeiro, a escrita vem depois, isto é, ela é uma tentativa de representar, com sinais gráficos, uma realidade sonora. Portanto, não caia naquela falácia conhecida de basear-se na **grafia** para concluir que uma palavra deve ser **pronunciada** assim ou assado. Um bom exemplo é **colmeia**: até 1990, a regra mandava acentuar todas as ocorrências do ditongo aberto **éi**, tanto nas oxítonas quanto nas paroxítonas. Ora, muitos gramáticos conservadores alegavam que a pronúncia desse /e/ devia ser fechada, pois, se fosse aberta, o vocábulo seria acentuado. O raciocínio é exatamente o inverso: a gramática que mandava escrever **colmeia** estava apenas indicando que, na opinião de seu autor, aquela vogal devia ser fechada; eu sempre escrevi esta palavra **com** acento, pois acredito que a pronúncia seja com a vogal aberta, como pude comprovar ao longo de toda a minha vida (com o novo **Acordo**, a única **grafia** possível é **colmeia**, mas a discussão quanto a sua **pronúncia** permanece). Em suma: escrevemos **rubrica** sem acento porque, na pronúncia, a sílaba tônica é /bri/; ridículo seria fazer o raciocínio inverso e afirmar que a sílaba tônica é /bri/ porque a palavra não tem acento na escrita.

pronúncia dos encontros consonantais

Duas jovens leitoras da Paraíba divergem quanto à pronúncia corr nome **Ramsés**. Veja como devem ser pronunciados os encontros consonantais do Português.

Mestre, tenho 13 anos e gosto muito de ler. Como devo pronunciar o nome do faraó **Ramsés**? *É /ram–sés/ ou /rámi–sés/? Penso que o certo é da primeira forma e discuti com minha prima. Creio que da segunda forma parece pronúncia inglesa, não?*

Mariana – Campina Grande (PB)

Minha cara Mariana, as coisas não são tão simples quanto parecem. Sabe por que você e sua prima divergiram quanto a **Ramsés**? Porque aqui aparece aquele velho fantasma dos **encontros consonantais imperfeitos**. É um nome pouco empregado, hoje em dia (era usado pelos gramáticos de outrora), mas continua muito oportuno. Quando duas consoantes se encontram, ou formam um encontro consonantal **perfeito** (todo aquele cuja segunda consoante for "**r**" ou "**l**": **aBRaço**, **PLaca**, **PRova**, **TRova**, **aCLamar**, etc.), ou **imperfeito** (os demais: **aFTa**, **diGNo**, **PNeu**, **aDVogado**, **oBTurar**, etc. – geralmente em vocábulos de origem grega ou erudita).

Essa denominação de **perfeito** e **imperfeito**, claramente avaliativa, está ligada à facilidade ou à dificuldade de pronunciar esses encontros. Para podermos adequar os **imperfeitos** aos padrões fonológicos do Português, introduzimos, ao falar, uma vogal /i/ entre as duas consoantes, desmanchando assim o encontro e formando duas sílabas comuns: **aFTa** vira, na fala, /á-fi-ta/ (falando, tem o mesmo número de sílabas que **África**); **riTMo** vira /rí-ti-mo/; **PNeu** (ainda bem!) vira /pi-neu/. Não preciso dizer que essa vogal não se escreve; estou representando, entre as barras inclinadas, a maneira como **pronunciamos** esses vocábulos. Por causa dessa vogal extra, todas as palavras que têm encontros imperfeitos passam a ter, na fala, uma sílaba a mais que na escrita.

É claro que as pessoas mais cultas, ao usarem uma fala mais cuidada (**fala tensa**, como alguns chamam), tratam de manter o mais discreta possível essa vogalzinha. Eu pronuncio a segunda sílaba de /a-**di**-vo-ga-do/ com um /i/ mal e mal perceptível; muitos falantes, no entanto, carregam nesse fonema, e alguns, inclusive, tentam trocá-lo por /e/ (dizem algo assim como /a-DE-vo-ga-do/, erro típico dos pretensiosos de pouco estudo).

Sabe o que houve entre vocês duas? A pronúncia de ambas inclui esse pequeno /i/: o que você usa pode ser mais discreto, o dela pode ser mais aparente, **mas ambas o estão pronunciando**. Ambas estão dizendo /ra-**mi**-sés/, com **três**

sílabas. O Inglês, sim, que admite sílaba fechada por consoante, pronuncia /ram-ses/. Espero ter solucionado o problema.

optar, **indignar**

■ "Eu me **indigno**" – a pronúncia do verbo é /**indíguina**/ ou /**indiguina**

Professor, tenho uma grande dúvida quanto ao verbo **optar**. *Quando pergunto: "Vamos tomar um sorvete? Você* **opta** *por morango ou limão?", qual é a forma correta de pronunciar o verbo? É /ópta/ ou /opíta/? E a resposta seria: "Eu /ópito/ ou /opíto/ por limão"?*

Rose C.

Prezada Rose, quando pronunciamos os encontros consonantais chamados de **imperfeitos** (encontros de duas consoantes como **DV, PT, GN, TM, BT**, etc., como em **advogado, optar, digno, ritmo, obturar**), sempre intercalamos entre as duas consoantes um fonema vocálico (/i/), ficando mais ou menos assim a pronúncia: /adivogado/, /opitar/, /díguino/, /obiturar/. Já escrevi sobre isso no tópico anterior.

No caso do verbo **optar**, a conjugação é eu **opto** (/ópito/), tu **optas** (/ópitas/), etc. Note que essa vogalzinha de apoio, intrometida, nunca deverá ser pronunciada como se fosse **tônica – o que daria / *opíto/. Foi exatamente assim que nasceu outra forma esquisita que, com a vitalidade da erva daninha, está se alastrando entre os falantes mais jovens: o famigerado / *indiguino/, que já está contaminando / *resiguino/. Uma pessoa preocupada com sua formação, como você, deve dizer "eu /ópito/", "eu me /indíguino/", "eu me /resíguino/".**

recorde

Professor, em todos os livros de Português, vejo a palavra **recorde** *com a sílaba tônica assim: /reCORde/. Por que, então, nos telejornais (Globo, Record, Bandeirantes...) e em jornais de rádio, alguns conceituados como a Jovem Pan, além do Jô Soares, enfim... toda essa mídia, fala-se /REcorde/ (puxado com a fonética do inglês* **record***)? Que salada! Por favor, qual, afinal, é a forma correta?*

Geraldo

Meu caro Geraldo, não existe a "forma correta". Se você considerar (como eu e a maioria dos que escrevem sobre nosso idioma) o vocábulo como **já aportuguesado**, você vai defender a grafia **recorde** e a pronúncia /reCORde/; se, no entanto, ainda o considerar um vocábulo estrangeiro, vai escrever *record* e pronunciar /REcord/, com a tônica no **re**. Tanto no **Houaiss** quanto no **Aurélio** já se encontra a forma nacionalizada **recorde**, sem acento (portanto, paroxítona), com o "**e**" epentético no final. A hesitação, no entanto, é natural: todos os vocábulos estrangeiros que entram no Português passam por um tempo de indefinição, em que as forças mais progressistas defendem a forma adaptada e as forças conservadoras se plantam ainda na forma tradicional, estrangeira.

Agora, por que tanta gente na mídia prefere a forma em Inglês, isso eu não sei responder não; posso apenas especular que deve se tratar de uma tentativa de soar chique, sofisticado. A vizinha da minha avó costumava dizer que ia ao /restorã/, quando falava no **restaurante**; seu marido, para combinar, só tomava /vermu/ (em vez de **vermute**) doce. Pode?

micrômetro

Caro mestre, sou engenheiro, consultor de pintura industrial, trabalhei durante muito tempo como elaborador de normas técnicas brasileiras. A unidade de medida adotada para espessura de película de tinta é usualmente conhecida, no meio técnico, como **micrometro***, sem acento, correspondente à milionésima parte do* **metro***, enquanto a palavra* **micrômetro** *serve para identificar o aparelho de medida. Pergunto se tudo isso faz sentido, e se existe alguma norma para o caso.*

Alfredo J. R.

Meu caro Alfredo: acho que há um equívoco aqui. A milionésima parte do metro é também **micrômetro**. Não se trata de um **micro metro**, mas de uma unidade com a mesma **prosódia** (leia-se: posição da sílaba tônica) das outras unidades da mesma espécie: **centímetro**, **decímetro**, **milímetro**, etc. O aparelho

usado para medir também é **micrômetro**, da mesma forma que seus companheiros de função: **paquímetro**, **telêmetro**, **hodômetro**. Os dois vocábulos coincidiram; isso acontece. Agora, se no uso do pessoal técnico está começando a se criar uma diferença, então vamos esperar para ver. Se for funcional (minha intuição diz que não é), o sistema da língua vai incorporar a distinção.

nokia, nókia

Como é que se pronuncia **Nokia**? E a **Hilux**, a nova camioneta da T

Gostaria de saber a pronúncia correta da marca de telefone **Nokia**. *Liguei para a minha operadora de celular e a atendente insistiu que o correto é /nókia/, enquanto defendi que fosse /nokía/. Ela informou que essa foi a instrução que recebeu no treinamento. Vem ainda a marca de camionete* **Hilux**. *Em revendas de autopeças a briga é grande; na concessionária Toyota o pessoal pronuncia /railux/, enquanto outros dizem simplesmente /rilux/. Sem mais, agradeço.*

André P. – Cuiabá (MT)

Meu caro André, você deve perceber que sua dúvida é sobre a pronúncia de nomes estrangeiros, o que vai muito além do alcance de um professor de Português como eu. No entanto, acho que posso fornecer alguns dados para meditação. Os nomes comerciais de outros países devem, em princípio, ser pronunciados do jeito deles. Sei que os finlandeses dizem /nókia/, e assim eu pronuncio. No entanto, é normal que um leitor brasileiro aí tente aplicar o padrão fonológico habitual para vocábulos com essa grafia, que leva à leitura instintiva /nokía/. O jeito é esperar, para ver qual delas será a preferida. No caso da **Texaco**, por exemplo, venceu no Brasil a pronúncia /techaco/, bem diferente da /teksakou/ dos americanos. Já nos produtos **Cashemere Bouquet**, tradicionais patrocinadores de novelas de rádio, a pronúncia vitoriosa foi a mesma proposta pelos fabricantes; apesar de exigir uma leitura à francesa, a divulgação via rádio do nome tornou fácil sua aceitação por todos: /caximir buquê/.

Claro que está fora de questão aplicar a esses nomes as nossas exigências de acentuação gráfica ou de emprego das letras. Com marca estrangeira, cada um lê como sabe (ou acha que sabe); não é, portanto, de espantar que haja

divergências na pronúncia da nova **Hilux** da Toyota. Por falar nisso, como é que você pronuncia **Renault**? E **American Airlines**? E o "**air**" de **Air France**? E **Goodyear**? E quando você diz **Volkswagen**, o primeiro fonema que pronuncia é /f/ ou /v/? Pense sobre isso, e entenderá a minha mensagem.

O aberto ou fechado?

Veja como encontrar, no dicionário, uma informação que parece
estar lá.

Caro Professor, qual é a pronúncia correta da palavra **isomorfo***? É /isomôrfo/ ou /isomórfo/? Sou professor de Matemática e, entre meus colegas, as duas formas de pronúncia são ouvidas. Aprendi a pronunciar /isomórfo/. Não encontrei nem no* **Aurélio** *nem no* **Houaiss** *a resposta para essa indagação.*

Aurélio S. – Curitiba (PR)

Prezado Aurélio, a informação está lá, sim, tanto no **Houaiss** quanto no **Aurélio**; você a viu, mas não se deu conta. É uma prática consagrada entre nossos dicionaristas, mas pouco conhecida pelos leitores, indicar, entre parênteses, quando a pronúncia for /ê/ ou /ô/ fechados; quando nada mencionam, é porque a pronúncia é /ó/ ou /é/. Dê uma olhada em **porta** ou **loja**, e depois em **mofo** ou **corvo**, e você vai ver que as vogais abertas são tomadas como *default*. Por isso, a pronúncia para o seu vocábulo é /isomórfo/; se fosse /isomôrfo/, o verbete traria a indicação /ô/.

O dicionário do **Houaiss**, que tem uma sólida e generosa seção sobre a técnica lexicográfica utilizada, deixa isso bem explicitado na seção *Campo da ortoépia e da pronúncia*, que fica no "Detalhamento dos verbetes" (na versão eletrônica, está dentro da "Ajuda/Conhecendo o Dicionário"; na versão papel, está na página XIX). Entretanto, em certos casos de pronúncia duvidosa, o **Houaiss** indica também entre parênteses o /é/ aberto: é o caso de **besta** (/é/), arma de arremessar setas, e **lobo** (/ó/), parte do cérebro ou da orelha, que se confundem com os homógrafos **besta** e **lobo**. Esse zelo foi estendido também àquelas palavras em que se verifica uma insistente pronúncia equivocada por

parte dos falantes; assumindo uma postura didática, o dicionário achou importante registrar, por exemplo, **cateter** (/tér/) e **ibero** (/bé/).

parámos

Veja uma das diferenças entre o Português falado aqui e o falado Portugal.

Prezado Professor, tive uma mestra de Português que iniciava suas aulas com a pergunta "Onde nós paramos?", que ela pronunciava /parámos/ – nesse caso, sua pronúncia era com a vogal aberta, diferente da usual. Existe uma explicação para isso?

Rodolfo K. – São Paulo (SP)

Meu caro Rodolfo, sim, há uma explicação: sua professora devia ser **cidadã portuguesa** (espero; se não, era tantã). No Português Europeu, o sistema flexional faz a nítida distinção (que nós, no Brasil, não temos) entre a 1ª pessoa do plural do **presente** e a do **pretérito perfeito**. Eles dizem (e escrevem) "Nós **compramos** tudo o que aparece" (presente) e "Nós **comprámos** todo o material na feira da semana passada" (pretérito). Essa possibilidade de distinguir entre os dois tempos do indicativo, aliás, é a mais notável das pouquíssimas diferenças entre o nosso sistema verbal e o dos nossos avós portugueses. Ela é tão significativa para o Português Europeu que o novo **Acordo** autoriza a manutenção daquele acento no "a" (**levámos**, **amámos**, etc.), desconhecido aqui no Brasil.

Pasárgada

Um estudante de Letras quer saber como se pronuncia o nome dessa lendária cidade, cantada por Manuel Bandeira.

Caro Professor, venho pedir uma solução para uma velha dúvida: qual a pronúncia da palavra **Pasárgada***, que aparece no famoso poema de Manuel Bandeira? Gostaria de saber se o "***s***" tem som de /z/ ou de /s/, pois nem meus professores souberam responder.*

Marcelo Nunes, estudante de Letras.

Meu caro Marcelo, a pronúncia é /pazárgada/, ao contrário do que muita gente pensa. Na minha experiência, o fato de ser descrita, no poema, uma cidade fantástica, com uma sociedade e uma paisagem paradisíacas, favorece a errônea associação com **pássaro**, o que levaria à pronúncia equivocada /passárgada/.

Você deve saber que o Manuel Bandeira não inventou a cidade; trata-se da lendária cidade de Ciro, fundada quase quinhentos anos antes de Cristo para ser a capital do Império Persa. Suas ruínas ainda podem ser visitadas, no Irã, a aproximadamente uns setenta quilômetros da não menos famosa Persépolis. A História imortalizou a grandeza de Pasárgada, com seus imensos monumentos espalhados por belos terraços e verdes jardins.

Não raras vezes, fãs desse poema (da poesia moderna brasileira, um de meus preferidos), quando informados sobre a verdadeira origem desse nome, declararam seu mais absoluto desapontamento; um deles, um estrangeiro extremamente culto, chegou a me acusar, amigavelmente, de ter destruído uma linda imagem que o poema lhe evocava, de uma cidade tropical, com palmeiras verdejantes e pássaros em profusão (talvez ele estivesse, sem perceber, sob a influência da maravilhosa **Canção do Exílio**, do Gonçalves Dias...).

De qualquer forma, há um testemunho incontestável: o próprio Manuel Bandeira chegou a gravar em disco o poema, deixando definida, com sua própria voz, a pronúncia /pazárgada/. Quem tiver curiosidade, pode ouvir sua interpretação em "http://www.culturabrasil.pro.br/bandeira.htm", autêntica até nos chiados do velho disco de vinil. Uma última observação: professores do curso de Letras não poderiam desconhecer o que acabo de explicar.

pronúncia de **BMW**

Um leitor de São Paulo queria saber como se deve ler a marca alemã **BMW**: é /bê-ême-dáblio/ ou /bê-ême-vê/? Eu prefiro a primeira forma, baseado no que escrevi em **o nome do Y e do W**. Afinal, é o nosso hábito ignorar a origem das

siglas estrangeiras e atribuir-lhes uma leitura genuinamente nacional. Já falei nisso alhures, a propósito de **CD** (*Compact Disc*) e de **LP** (*Long Playing*), que entraram aqui pronunciadas como qualquer vocábulo nosso – /cedê/ e /elepê/ – e não /cidi/ ou /elpi/, como soam no Inglês.

Sei, no entanto, que muitos se opõem a essa pronúncia à brasileira, sustentando que a pronúncia deve seguir o Alemão, idioma nativo desta marca de carro: /bê-em-vê/. Os partidários dessa corrente citam o exemplo do simpático **DKW**, carro dos anos 60, que a maioria chamava de /dê-cá-vê/, e não /dê-cá-dáblio/. Admito que o exemplo é procedente; aliás, sempre me dispus a aceitar a mesma coisa também para o **BMW**. No entanto, contesto que as pessoas que dizem /bê-eme-vê/ o façam por fidelidade à língua alemã. Em primeiro lugar, leem o **M** como /eme/, não como /em/; em segundo lugar (e muito mais importante!), não usam aqui o nome da letra no Português ("dáblio") pela simples razão, que só agora me ocorreu, de que lemos o **W** de todas as siglas como /vê/: **WC**, para *water closet*, deveria ser lido /dâbliu-ci/, seguindo o Inglês, ou /dáblio-cê/, seguindo o Português, mas aqui é /vê-cê/ mesmo; **WO**, para *walkover* (no Inglês, uma corrida em que só há um cavalo inscrito e que só tem de cumprir a formalidade de caminhar pela pista, até ultrapassar a linha de chegada), deveria ser lido /dâbliu-ou/ ou /dáblio-ó/, mas aqui é /vê-ó/ mesmo. Ou seja: o nosso uso não segue exatamente o que a lógica indicaria, e sabemos que, em confrontos desse tipo, o uso é sempre soberano. Eu continuo pronunciando o nome de cada letra, em Português (/bê-eme-dáblio/), mas começo a sentir que essa não é a música que a maioria está dançando. Sou obrigado a admitir que a leitura /bê-eme-vê/, longe de ser estrangeira, também tem raiz nos hábitos e costumes de nosso idioma e, pelo que conheço de Linguística, vai terminar suplantando a outra, que é mais lógica do que intuitiva.

a pronúncia do **X**

Professor, minha pergunta é sobre a palavra **inexorável**. *A pronúncia correta da letra* **X**, *nesse caso, seria com som de /z/ ou de /cs/?*

Leonardo Alexandre

Meu caro Leonardo: você quer a pronúncia **correta**? Só posso dar a pronúncia **aconselhável** (ou **preferível**), porque nem tudo é sólido quando entramos no mundo dos sons. Podemos julgar isso por um simples detalhe: a correta maneira de pronunciar os sons da língua é chamada de **ortoepia** (do Grego *orthos*, "correto", e *epos*, "palavra") – vocábulo cuja pronúncia é controvertida, já que não poucos estudiosos preferem **ortoépia**. Ou seja: há controvérsia sobre a **pronúncia correta** da palavra que significa "pronúncia correta". Deu para sentir?

É por esse motivo que procuramos, em dúvidas como a sua, ouvir a opinião de autoridades de reconhecida ciência e comprovado bom senso (é bom acrescentar aí uma pitada de bom gosto...). Quatro dos meus guias – **Houaiss**, **Aurélio**, **Celso Pedro Luft** e **Antenor Nascentes** – recomendam que o **X** de **inexorável** seja pronunciado como /z/, e não como /cs/ ou /cz/, como se pode ouvir às vezes. Olha, quando os quatro concordam, acho melhor segui-los respeitosamente.

P. S.: A propósito de pronúncia, o pouco lembrado **Dicionário da Academia Brasileira de Letras**, em quatro volumes, de autoria de Antenor Nascentes, é o único dicionário respeitável que traz, ao lado de cada vocábulo, a pronúncia que o autor sugere, indicada por meio de uma **transcrição fonética** simplificada.

/fécha/ ou **/fêcha/**?

Nunca saiu da minha cabeça uma dúvida: minha antiga professora de Português, na frase "fecha a porta", pronunciava o verbo com o som do **E** *fechado, pois dizia que assim é a conjugação do verbo* **fechar**. *Está errado dizer* **fecha** *com o* **E** *aberto, rimando com* **mecha**?

Júnia – Porto Alegre (RS)

Minha cara Júnia, confesso que eu também digo /fêcha/ a porta. É um cacoete dos professores de Português: a gramática tradicional recomenda assim, e nenhum de nós quer ser apanhado falando de outro jeito. Acho que é uma daquelas recomendações que já perderam o sentido, visto que todo o mundo diz

/fécha/. Eu, por dever de ofício (aliado a uma pitada de covardia), obrigo-me a conjugar o verbo **fechar** assim: /fêcho/, /fêchas/, /fêcha/, etc. No entanto, não corrijo meus alunos quando preferem a pronúncia com o **E** aberto. Lembre-se de que não existem **regras** sobre a pronúncia; apenas **recomendações**. Ao contrário da grafia, que segue uma norma específica (e olhe lá!), a **pronúncia** é uma área de grande diversidade regional. Neste imenso país que é o Brasil, uns assam na /grêlha/, outros na /grélha/; uns comem /quibébe/, outros /quibêbe/; uns metem o pé na /pôça/, outros na /póça/. É natural, portanto, que uns /fêchem/ e outros /féchem/ as portas.

P.S.: Não preciso dizer que as barras inclinadas indicam que estamos tratando da **pronúncia** desses vocábulos, e não de sua **grafia**.

xerox

A pronúncia de um vocábulo pode obedecer a um determinado est
da evolução de uma língua.

*Eu sempre disse xe***ROX** *(com a tônica na última sílaba), mas aqui no Tribunal já me corrigiram várias vezes para* **XÉ***rox. Afinal, qual é a forma correta? Leva ou não leva acento?*

“Secretária” – Londrina (PR)

É sempre mais complicado definir a forma correta de **pronunciar** uma palavra, minha cara Secretária. As pessoas sentem-se mais seguras no que se refere à escrita, porque esta, por sua própria função de registro, é mais estável – sem contar que existe, no Brasil, uma lei que (mal ou bem) ajuda a fixar uma grafia uniforme. Afinal, sempre podemos consultar o **vocabulário ortográfico** – um dicionário em que as palavras não são **definidas**, mas simplesmente relacionadas, numa grande lista, com a forma que a Academia considera correta. No que se refere à pronúncia, contudo, o falante precisa basear-se no exemplo das pessoas cultas e na opinião dos gramáticos e dos dicionaristas (faço questão de frisar: a pronúncia que um dicionário indica para uma determinada palavra representa apenas a opinião de seu autor; é uma opinião especializada, mas é uma opinião).

Entretanto, se examinar com cuidado as palavras e as frases de uma língua, um especialista em Fonologia pode ir além da simples opinião e estabelecer alguns fatos concretos sobre a organização intrínseca dos sons que a compõem – e, o que me parece mais importante, identificar quais são as tendências que essa língua apresenta no momento. Por exemplo, no caso do **xerox**, posso apontar uma tendência mais ou menos nítida, a partir dos anos 50, para os vocábulos terminados em **X** (na fala, algo como /cs/): até a primeira metade do século XX, eram unanimemente paroxítonos, isto é, com a tônica na penúltima, e com um indisfarçável caráter erudito. No **Aurélio**, entre outros, encontrei **tórax**, **bórax**, **clímax**, **córtex**, **látex**, **sílex**, **cóccix**, **fênix**, **ônix**.

De 1950 para cá, todavia, o modelo parece ter-se deslocado nitidamente: as palavras novas que entraram no Português desde então foram recebendo a tônica na sílaba final: **durex**, **inox**, **pirex**, **gumex**, **telex**, **jontex**, **relax**, **prafrentex**, **redox**. Não importa que muitas ainda sejam, ou tenham sido, nomes comerciais: os falantes dão-lhes instintivamente o padrão que a língua está usando neste momento para palavras com este perfil. Não tenho a menor dúvida de que todas as próximas que virão (e as palavras não param nunca de ingressar no nosso léxico) seguirão este padrão.

Como é que eu arrisco a data dos anos 50? Bem, aqui temos apenas mais uma confirmação de que a verdadeira análise linguística precisa levar em consideração o componente cultural e histórico da língua que está estudando. O **pirex** e o **inox**, por exemplo, apontam para o final da Segunda Guerra, como subprodutos do avanço tecnológico que o esforço bélico produziu. A eles eu acrescento um vocábulo que omiti nas relações acima: **dúplex**, o avô de nossas coberturas, em que um apartamento é ligado ao de cima por uma escada interna (naquela época, um dos símbolos de *status* da classe poderosa de Rio e São Paulo; alguns chegavam ao **clímax** ao adquirirem um **tríplex**). Ora, **dúplex** é uma palavra muito antiga, usada como sinônimo de **dúplice** (“convento **dúplex** – convento para frades e freiras”, ensina Antenor Nascentes), portadora daquela nítida aura de palavra erudita e alatinada. Ao passar a denominar esse tipo de apartamento (que assim se chama até hoje), o vocábulo entrou verdadeiramente

na corrente sanguínea do Português e tomou a forma **duPLEX**. O **Aurélio**, com honestidade, registra, no verbete **dúplex**: “Pronuncia-se correntemente como oxítono”.

O **xerox** é recente, como o **telex**, e não vejo por que não seria pronunciado dessa forma. O **Houaiss** indica as duas – **xerox** e **xérox** –, dando preferência à primeira, enquanto o **Aurélio**, que também registra as duas, dá preferência à segunda. Isso está coerente com a orientação deste dicionário, que é excelente em muitos aspectos, mas nitidamente atrasado em sua orientação fonológica. A pronúncia **xérox** representaria uma volta ao molde que a própria língua já abandonou (que levaria a algo como ***télex**, ***dúrex**, ***pírex**). Por outro lado, entre as pessoas que dizem **xérox**, suspeito que algumas o façam numa tentativa equivocada de manter a pronúncia estrangeira, com todo aquele prestígio que o Inglês dá aos vocábulos tecnológicos; se for por isso, deram com os burros n’água, já que no Inglês a palavra soa /zírocs/, com a tônica no /zi/ e o /o/ bem aberto, como em **vovó**.

transar, **obséquio** e **subsídio**

Por que há certos vocábulos em que as regras de pronúncia da letr parecem estar sendo desconsideradas?

Diferentes leitores escrevem sobre diferentes vocábulos, mas todos envolvendo o mesmo problema: a pronúncia da letra **S**. René, de São Paulo, implica com a grafia de **transar**: “Meu caro Mestre: a grafia não deveria ser **tranzar**? Aprendi, desde minha alfabetização, já faz muitos anos, que a letra **S** só tem o som de /z/ quando está **entre vogais**. Ora, se vejo escrita a palavra **transar** e escuto na TV falarem /tranzar/, alguma coisa deve estar errada”.

A leitora Gisele F., por sua vez, estranha a pronúncia de **obséquio**: “Professor, por que o **S** de **obséquio** é pronunciado como um /z/?”

Por último, Ezequiel G., do Rio de Janeiro, quer saber como deve pronunciar **subsídio**: “Prezado Professor, gostaria que esclarecesse a minha dúvida a respeito da pronúncia da palavra **subsídio**. O **S** tem som de /z/ ou de /s/?”.

Meus caros amigos, é um princípio geral de nosso sistema ortográfico que o

S depois de consoante tenha sempre o som de /s/: **observar**, **subsolo**, **absoluto**, **imprensa**, **denso**, **lapso**. Nessa posição, o **S** só vai ter o som de /z/ em **obséquio** (e derivados) e nos vocábulos formados com **trans-**: **transa**, **transação**, **transacionar**, **transalpino**, **transandino**, **transamazônico**, **transatlântico**, **transoceânico**, **transe**, **transeunte**, **trânsito**, **transigir**, **transição**, **transistor**. Notem que isso só **não** acontece quando o vocábulo originário começa por /s/: **transaariano** (trans + Saara), **transecção**, (trans + secção), **transecular**, (trans + secular), **transexual** (trans + sexual) – em todos estes fica mantida a pronúncia /s/.

Por que **obséquio** e **transar** se afastam do princípio geral? Podemos descobrir aqui a influência de alguns fatores fonológicos, mas o problema ainda permanece obscuro. Digamos que são idiossincrasias de nosso idioma; cada língua tem as suas manias (o Inglês tem muitas, o Português quase nada – por incrível que possa parecer ao observador leigo).

Afora esses dois casos, há outros que começam pouco a pouco a despontar, embora ainda sejam repelidos pela fala culta. O primeiro é **subsídio**. A pronúncia do **S** em **subsolo**, **subsequente**, **subserviente**, **subsistema** aponta para a pronúncia /subcídio/, /subcidiar/. É assim que as gramáticas e os dicionários recomendam, e assim devemos usar na fala cuidada, consciente, de banho tomado e de cabelo penteado. É impossível negar, contudo, que a tendência natural dos falantes é dizer /subzídio/. Eu diria que 95% das pessoas que usam o vocábulo preferem o som de /z/, e isso é **muito** significativo, não pela força da estatística, mas porque revela a atuação de alguma força concreta e irresistível. Será a mesma que leva os falantes (eu, inclusive) a pronunciar como /z/ o **S** de **subsistência**, **subsistir**, contrariando a lição do próprio Aurélio, que recomenda a pronúncia /subcistência/, /subcistir/, rimando com **assistência** e **assistir**? Ou aqui é apenas um caso isolado, que sofre a influência de **existência**, **existir**? Não sei dizer, mas mantenho o ouvido atento; o futuro vai nos mostrar qual é a tendência da língua.

os sons do **X**

Uma professora veio em busca de nove sons para a letra **X**, mas a
levando apenas cinco.

Olá, Professor, conheço **cinco** *sons diferentes para o* **X**, *mas fiquei sabendo que são* **nove**. *Seria possível alguma orientação a respeito?*

Marta T., professora

Prezada Marta, sua pergunta tem uma pequena imprecisão inicial, que vou eliminar por minha conta e risco: quando você menciona "os sons do X", imagino que se trate da relação entre a **letra X** e os **fonemas** que ela pode representar, em nosso sistema ortográfico (estamos dentro da **Fonologia**). Por ser técnica demais, exclusiva dos cursos de pós-graduação, estou deixando de lado a hipótese de que você estaria pedindo informações sobre as várias maneiras que temos de pronunciar o /x/ (estaríamos dentro da **Fonética**).

Pois bem: a letra **X** pode ter **cinco** valores diferentes (se considerarmos os casos em que ela é **muda**):

(1) representa duas consoantes (/ks/): **sexo**, **conexão**, **maxilar**;

(2) representa a consoante /s/: **máximo**, **auxílio**, **próximo**;

(3) representa a consoante /z/: **exato**, **exame**, **êxito**;

(4) representa a consoante /x/: **abacaxi**, **paixão**, **xarope**;

(5) tem apenas valor etimológico; não representa fonema algum: **exsudação** (/eçudação/), **exceção** (/eceção/), **exsicar** (/ecicar/).

Lembre que o fonema /s/ **final** tem diferentes maneiras de ser realizado **foneticamente**, dependendo da região do Brasil a que pertença o falante; isso fica mais do que evidente quando comparamos a maneira como um gaúcho e um carioca pronunciam vocábulos como **dois** ou **vocês** – enquanto um sibila, o outro chia. Ora, é natural, portanto, que este fonema /s/ final, quando estiver representado pela letra **X** – como em **cóccix** ou no prefixo **ex-**, que já virou substantivo para designar o companheiro, namorado ou cônjuge anterior –, apresente as mesmas diferenças regionais de pronúncia, sem que isso signifique novos valores para a letra **X**, já que o fonema continua sendo o mesmo.

Não é nada simples essa diferença entre **Fonética** e **Fonologia**, mas você

pode ter certeza de que a base do sistema ortográfico é a **Fonologia**. Um foneticista vai distinguir diversas maneiras de pronunciar o /r/ inicial de **rato**. Para um fonólogo, no entanto, não passam de variantes do mesmo fonema; da mesma forma, para mim e para você – os usuários do idioma – não importam essas variantes na pronúncia, porque todos vamos representar esse som pela letra **R**. Faço esse comentário porque fiquei preocupado com a afirmativa de que seriam **nove** os valores do **X**, quando, na verdade, são apenas **cinco**.

pronúncia de Roraima

Caríssimo Doutor, sou um apaixonado pela língua portuguesa e, de fato, sempre fui um ótimo aluno na disciplina. Porém, reconheço que praticamente nada sei e que muito tenho a aprender. Gostaria de saber se existe uma forma correta de pronunciar nomes como **Jaime***,* **Janaína** *ou* **Roraima** *– isto é, se a primeira sílaba deve soar como /ja/ ou como /jã/. Certo de que receberei sua atenção, desde já agradeço.*

Pedro da Gama – Porto Alegre (RS)

Meu caro Pedro, não existe regra sobre a pronúncia do Português, o que, aliás, facilmente se explica: na evolução da espécie humana, a fala precede, em centenas de milhares de anos, a escrita. Esta sim, por ser uma simples convenção entre as pessoas que a utilizam, pode ser objeto de um sistema de regras (o qual, no Brasil, já foi modificado várias vezes). A Fonologia e a Fonética estudam "**como**" as pessoas falam, descrevendo os fenômenos com a mesma imparcialidade que a Biologia tenta descrever as formas de vida. Por isso, assim como não se pode falar de **certo** e **errado** na Natureza, não existe uma forma de determinar o que é certo ou errado na pronúncia (como algumas sumidades andam fazendo por aí, exatamente por lhes faltar um maior embasamento linguístico). Posso, isso sim, apontar **diferenças regionais** de pronúncia (um bom exemplo é o /s/ final no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro, completamente diferentes), ou comparar pronúncias que são **sociolinguisticamente condicionadas** (fala popular x fala culta, fala infantil x fala adulta, etc.).

No caso específico da sua pergunta, Pedro, há duas maneiras de pronunciar aquele **A** antes de nasal: eu digo /câma/, /jâime/ e /rorâima/, mas /jánaína/ e /bánana/. Caetano Veloso diz /bânana/, e não sei como pronuncia **Roraima** ou **Jaime**. O pessoal da Rede Globo gosta muito de /roráima/ e de /jáime/. Lembro que essa variação é muito mais comum do que se pensa; um leitor sergipano ficou espantado quando eu disse que o **O**, apesar de ser aberto em **porta**, fechava nos seus derivados (**porteiro**, **portaria**, **portal**, etc.): para ele e seus amigos, a prática é dizer /pôrteiro/, mas /pórtal/ e /pórtaria/!

Por isso, cada um de nós escolhe a maneira de falar; isso vai nos identificar tanto quanto a roupa que preferimos vestir ou a comida com que procuramos nos alimentar. Eu sou gaúcho, e tento falar, vestir e comer como gaúcho – mas é apenas uma questão de escolha pessoal.

Curtas

outrem

Caro professor Moreno, gostaria que esclarecesse qual é a pronúncia correta da palavra **outrem***: /ôutrem/ ou /outrém/? Pode justificar as razões de sua opinião? Pessoalmente acho que é a segunda forma a correta. Estou certo?*

Luiz Antonio M. – Campinas

Sinto dizer, meu caro Luiz, mas você **não** está certo; a pronúncia realmente é /ôutrem/. Se **outrem** fosse oxítona, como você afirma, teria acento na última sílaba, como **ninguém** ou **porém**. Agora, por que é assim? Não há porquês para a prosódia (a correta posição da sílaba tônica dos vocábulos); ela vai se fixando ao longo dos séculos, ao sabor deste plebiscito silencioso de que participam todos os falantes.

pronúncia de **ruim**

Gabriel, de Maringá, gostaria de saber se **ruim** deve ser pronunciado

> tônico no /**ru**/ ou no /**im**/, ou se não há regras para isso.

Meu caro Gabriel, não existem regras para a **pronúncia**, você sabe. O que temos são costumes tradicionalmente aceitos pela maioria dos falantes cultos – e isso se torna uma espécie de norma não-escrita. A forma elegante de pronunciar esse vocábulo é com **duas sílabas** (é um hiato), sendo tônico o "**i**": /ru-ím/. Contudo, na fala não-tensa, grande parte dos brasileiros (eu me incluo nesse grupo) pronuncia **ruim** como um monossílabo, com o **U** tônico (/rúim/).

pronúncia de **persuasão**

> Daniella M., de Camboriú (SC), quer saber a pronúncia correta da palavra **persuasão**.

Minha cara Daniela, não vejo onde pode estar sua dúvida. Pronuncia a primeira parte (**persu-**) como **persa**; na parte restante, (**-asão**) o **S** está entre duas vogais e tem, consequentemente, o som de /z/: /perçuazão/. Abraço.

mas, **mais**

> Manoel Alves de Castilho, do Rio de Janeiro, gostaria de saber como devemos usar corretamente as palavras **mas** e **mais**, porque, diz ele, muita gente boa tem dúvidas quanto ao uso delas.

Meu caro Manoel, essa confusão só se dá, basicamente, no falar carioca, em que a conjunção **mas** é pronunciada algo assim como /maix/. No Rio Grande do Sul, por exemplo, onde se fala /más/, ela se distingue perfeitamente do **mais**. No seu caso, o remédio é lembrar sempre que você só pode escrever **mais** onde poderia escrever **menos**, que é o seu antônimo: "Ela não veio, **mas** mandou um recado" (não cabe **menos**); "ela corre **mais** que a irmã" (aqui sim). É o que posso dizer para ajudá-lo.

alfabeto fonético

> A leitora Larcy, de São Paulo, quer saber mais sobre aquelas "letras

> estranhas” que nos ensinam a dizer corretamente cada palavra, no dicionário Inglês-Português. Gostaria de saber se aquilo é um código universal ou uma espécie de **alfabeto fonético**. “Se for universal, será fácil ler uma palavra em qualquer idioma ...”

Minha cara Larcy, muitos dicionários indicam a pronúncia usando o **Alfabeto Fonético Internacional**, um conjunto de símbolos utilizados pelos linguistas para descrever todos os sons que ocorrem em todas as línguas do mundo (mesmo as mais exóticas – indígenas, orientais, etc.). Eu, particularmente, não gosto dessa prática, porque os sinais são desconhecidos da maioria dos leitores e terminam não ajudando em nada. Outros dicionários, mais espertos, usam um conjunto adaptado de símbolos, mantendo sempre à vista de seu leitor uma tabela de comparações (“a” como em **vale**; “o” como em **bola**; “o” como em **cor**; etc.). O **American Heritage**, por exemplo (que eu uso na versão eletrônica), faz isso com bom resultado.

Cláudio Moreno nasceu na cidade de Rio Grande (RS). No final dos anos 60, concluiu o curso de Letras da UFRGS, com habilitação em Português e Grego. Em 1972 ingressou como docente no Instituto de Letras da mesma universidade, tendo sido responsável por várias disciplinas nos cursos de Letras e de Jornalismo, assim como pela disciplina de Redação para os cursos de Pós-Graduação de Medicina. Em 1977, concluiu o mestrado em Língua Portuguesa com a dissertação *Os diminutivos em -inho e -zinho e a delimitação do vocábulo nominal no Português*; em 1997, obteve o título de Doutor em Letras com a tese *Morfologia nominal do Português*. Do jardim-de-infância à universidade, estudou toda sua vida em escolas públicas e gratuitas, razão pela qual, sentindo-se em dívida para com aqueles que indiretamente custearam sua educação, resolveu criar e manter o sítio **www.sualingua.com.br** como uma pequena retribuição por aquilo que recebeu.

Coordena, atualmente, a área de Língua Portuguesa dos colégios Leonardo da Vinci Alfa e Beta, de Porto Alegre, do Sistema Unificado de Ensino. É professor regular das Teleaulas de Língua Portuguesa da Universidade Estácio de Sá, do Rio de Janeiro. Na imprensa, assinou uma coluna mensal sobre etimologia na revista *Mundo Estranho*, da Abril, e escreve regularmente no jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, onde mantém uma seção sobre Mitologia Clássica e outra sobre questões de nosso idioma.

Publicou, em coautoria, livros sobre a área da redação – *Redação técnica* (Formação), *Curso básico de redação* (Ática) e *Português para convencer* (Ática). Sobre gramática, publicou o *Guia prático do Português correto* pela L&PM Editores, em quatro volumes: *Ortografia* (2003), *Morfologia* (2004), *Sintaxe* (2005) e *Pontuação* (2010). Pela mesma editora, lançou *O prazer das palavras* – v.1 (2007) e v.2 (2008), com artigos sobre etimologia e curiosidades de nosso idioma. Além disso, é o autor do romance *Troia* (2004) e de dois livros de crônicas sobre Mitologia Clássica, *Um rio que vem da Grécia* (2004) e *100 lições para viver melhor* (2008), todos pela L&PM Editores.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Projeto gráfico e capa: Ana Cláudia Gruszynski
Revisão: Bianca Pasqualini, Jó Saldanha e Patrícia Yurgel
Revisão final: Cláudio Moreno

M843g

Moreno, Cláudio
Guia prático do português correto: ortografia/ Cláudio Moreno. – Porto Alegre: L&PM, 2011.
(Coleção L&PM POCKET; v. 336)

ISBN 978.85.254.2329-0

1.Português-ortografia. I.Título. II.Série.
CDU 801.3=690(035)

Catalogação elaborada por Izabel A. Merlo, CRB 10/329.

© Cláudio Moreno, 2004

e-mail do autor: **cmoreno@terra.com.br**
Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores
Rua Comendador Coruja 314, loja 9 – Floresta – 90220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-5380

Pedidos & Depto. Comercial: **vendas@lpm.com.br**
Fale conosco: **info@lpm.com.br**
www.lpm.com.br

CLÁUDIO MORENO

NOVA ORTOGRAFIA

guia prático do português correto

para gostar de aprender

ORTOGRAFIA

O EMPREGO DAS LETRAS
ACENTOS E SINAIS
HÍFEN
COMO SE DIZ

para gostar de aprender

L&PM POCKET

para gostar de aprender

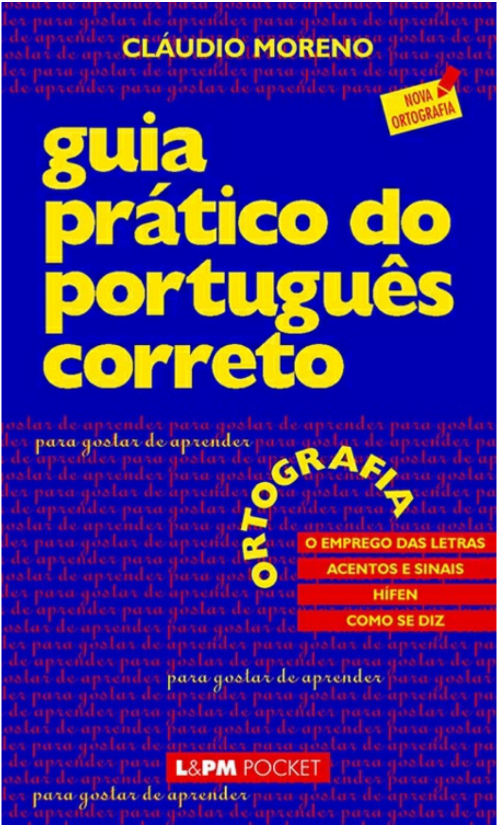

CLÁUDIO MORENO

NOVA ORTOGRAFIA

guia prático do português correto

para gostar de aprender

ORTOGRAFIA

O EMPREGO DAS LETRAS
ACENTOS E SINAIS
HÍFEN
COMO SE DIZ

para gostar de aprender

L&PM POCKET

para gostar de aprender

CLÁUDIO MORENO

guia prático do português correto

para gostar de aprender

ORTOGRAFIA

O EMPREGO DAS LETRAS
ACENTOS E SINAIS
HÍFEN
COMO SE DIZ

www.lpm.com.br
L&PM POCKET

À memória de Joaquim Moreno, meu pai, e de Celso Pedro Luft, mestre e amigo.

Advertência

Caro leitor:

Esta é uma edição completamente reformulada do 1o volume do *Guia prático do Português correto*. Além de acrescentar vários artigos para explicar o novo Acordo, modifiquei todos os demais para adequá-los às novas regras de nossa ortografia.

Professor Cláudio Moreno

Apresentação

Cláudio Moreno

Este livro é a narrativa de minha volta para casa – ou, ao menos, para essa casa especial que é a língua que falamos. Assim como, muito tempo depois, voltamos a visitar o lar em que passamos nossos primeiros anos – agora mais velhos e mais sábios –, trato de revisitar aquelas regras que aprendi quando pequeno, na escola, com todos aqueles detalhes que nem eu nem meus professores entendíamos muito bem.

Quando, há quase dez anos, criei minha página sobre o Português (**www.sualingua.com.br**), percebi, com surpresa, que os leitores que me escrevem continuam a ter as mesmas dúvidas e hesitações que eu tinha quando saí do colégio nos turbulentos anos 60. As perguntas que me fazem são as mesmas que eu fazia, quando ainda não tinha toda esta experiência e formação que acumulei ao longo de trinta anos, que me permitem enxergar bem mais claro o desenho da delicada tapeçaria que é a Língua Portuguesa. Por isso, quando respondo a um leitor, faço-o com prazer e entusiasmo, pois sinto que, no fundo, estou respondendo a mim mesmo, àquele jovem idealista e cheio de interrogações que resolveu dedicar sua vida ao estudo do idioma.

Por essa mesma razão, este livro, da primeira à última linha, foi escrito no tom de quem conversa com alguém que gosta de sua língua e está interessado em entendê-la. Este interlocutor é você, meu caro leitor, e também todos aqueles que enviaram as perguntas que compõem este volume, reproduzidas na íntegra para dar mais sentido às respostas. Cada unidade está dividida em três níveis: primeiro, vem uma explicação dos princípios mais gerais que você deve conhecer para aproveitar melhor a leitura; em seguida, as perguntas mais significativas, com discussão detalhada; finalmente, uma série de perguntas curtas, pontuais, acompanhadas da respectiva resposta.

Devido à extensão do material, decidimos dividi-lo em quatro volumes. O primeiro reúne questões sobre **Ortografia** (emprego das letras, acentuação, emprego do hífen e pronúncia correta). O segundo, questões sobre **Morfologia** (flexão dos substantivos e adjetivos, conjugação verbal, formação de novas palavras). O terceiro, questões sobre **Sintaxe** (regência, concordância, crase, etc.). O quarto, finalmente, será totalmente dedicado à **Pontuação**.

Sempre que, para fins de análise ou de comparação, foi preciso escrever uma forma **errada**, ela foi antecedida de um **asterisco**, segundo a praxe de todos

os modernos trabalhos em Linguística (por exemplo, “o dicionário registra **obcecado**, e não ***obscecado** ou ***obsecado**”). O que vier indicado entre duas barras inclinadas refere-se exclusivamente à pronúncia e não pode ser considerado como uma indicação da forma correta de grafia (por exemplo: **afta** vira, na fala, **/á-fi-ta/**).

2003-2009

Por que escrevemos desta maneira e não de outra?

O Português tem uma ortografia muito difícil?

Ao contrário do que muita gente pensa, nossa ortografia até que não é das piores; mais simples do que a nossa, das línguas irmãs e vizinhas, só mesmo a do Espanhol. A do Francês é aquele mistério cheio de letras mudas; por exemplo, *ver* (verme), *vert* (verde), *verre* (vidro; copo) e *vers* (em direção a), apesar das diferenças de grafia, são **homófonos perfeitos**, isto é, são pronunciados exatamente da mesma forma (/vér/). A ortografia do Inglês (que muitos ingênuos pensam ser mais fácil do que a nossa, só porque não tem acentos...) é um horror até para os franceses: a pronúncia da sequência [ough] em *bough* (ramo), *cough* (tosse) e *trough* (através) é completamente diferente: /bou/, /cóf/ e /thru/. **Lives** pode ser lido /livs/ (ele vive) ou /laivz/ (vidas). A sequência [ey] soa como /i/ em *key* (chave), mas como /êi/ em *they* (eles); [oes] é lido como /us/ em *shoes* (sapatos), mas como /ous/ em *goes*. A primeira sílaba de *giraffe* (girafa) é lida como /ji/; a de *gift* (presente), como /gui/. E assim por diante. Enquanto eles escrevem *typography*, *pharmacy*, *theater, psychology*, nós, a partir do Acordo de 1943, passamos para **tipografia**, **farmácia**, **teatro**, **psicologia**. O nosso modo de escrever é mais simples porque é mais jovem, apropriado para um país como o nosso, que vive uma eterna juventude.

Quem determinou que você deve escrever desta ou daquela maneira?

O Português nem sempre foi escrito assim como o fazemos hoje; desde os primeiros documentos do século XIII, foi um longo caminho até chegar ao ponto em que nos encontramos. Até o início do século XX – mais precisamente, até o início da Segunda Guerra Mundial – coabitavam, no Brasil, vários sistemas ortográficos; entre eles, os de maior destaque eram o **fonético**, o **etimológico** e, como não poderia deixar de ser, o **misto**. Cada brasileiro escolhia qual deles preferia seguir, o que gerava,

como se pode imaginar, um pandemônio ortográfico indescritível, com perversas repercussões no mundo escolar: qual dos sistemas a ser ensinado? Como evitar os evidentes prejuízos para o aluno que tinha de trocar de escola e, consequentemente, de sistema?

Com Getúlio Vargas, nosso benévolo ditador tropical, tudo ficou mais simples, já que o projeto de uma ortografia unificada passou a fazer parte do seu plano de modernização nacional, juntamente com a consolidação das leis trabalhistas (a C.L.T.). Como naquela época a Linguística ainda não tinha assumido o seu papel de verdadeira ciência, criou-se uma comissão com os especialistas do momento – gramáticos de renome e membros da Academia Brasileira de Letras –, com a tarefa de criar um sistema ortográfico simplificado, que fosse utilizado em todo o território nacional. Esse grupo de notáveis fez o que podia com os recursos de que dispunha. É claro que hoje podemos enxergar vários defeitos no seu projeto, mas isso é natural; primeiro, porque nenhuma ciência humana avançou tanto quanto a Linguística, nos últimos cinquenta anos; segundo, porque, à semelhança de um novo modelo de automóvel, os problemas que não foram visíveis na prancheta terminaram aparecendo depois de meio século de uso. No entanto, o balanço final era positivo, e, na maioria dos casos, a lógica e a coerência eram mantidas.

O único defeito sério do modelo de 1943 eram os acentos diferenciais, criados por puro excesso de zelo. Mais uma vez se comprovava que de boas intenções o inferno está cheio... **Sêde** tinha acento para distinguir de **sede**; **almôço**, para distinguir de **almoço**, etc. – mais de quatrocentos pares semelhantes, numa lista que precisava ser guardada na memória; quem escreveu durante a vigência desta regra conhece muito bem o pesadelo em que ela se tornou. Diante do clamor generalizado, a Academia, em 1971, editou uma pequena reforma (na verdade, apenas um retoque) que eliminou o famigerado circunflexo diferencial. A meu ver, tínhamos chegado a um modelo sólido e estável, apesar das pequenas imperfeições: o Acordo de 1943 tinha padronizado nossa grafia, o de 1971 tinha corrigido o que precisava ser corrigido. Infelizmente, as bruxas cozinhavam, no seu caldeirão de feitiços, um novo monstrengo que viria assombrar a vida do

pacato cidadão: o Acordo Ortográfico de 1990, que entrou em vigor no memorável ano de 2009.

1943 [1945]*	1971	1990
padronização	retificação	unificação
Promovida por Getúlio Vargas, foi nossa primeira reforma oficial. Seu intuito era **simplificar** e **padronizar** a ortografia em todo o território nacional. Eliminou velharias como o **ph**, o **th**, o **h** interno, o **m** duplo, entre outras. Ainda é a base do atual sistema.	Veio corrigir os defeitos do modelo de 1943, identificados após quase trinta anos de uso. Suprimiu o acento SUBTÔNICO (**cafèzinho**, **ràpidamente**, **cômodamente**) e o acento DIFERENCIAL — o circunflexo usado para assinalar o E e o O fechados em pares como **almôço**: **almoço**, **gêlo**: **gelo**, **sêde**: **sede**, **pôrto**: **porto**, etc.	Segundo seus defensores, veio para, finalmente, unificar a grafia usada em todos os países lusófonos. No Brasil, pouca coisa mudou no modelo de 1943, além da eliminação do trema, da supressão de alguns acentos pouco expressivos e da reformulação das regras do hífen. Não há alteração alguma no emprego das letras. Em Portugal e nos países sob sua área de influência, a mudança atinge também as consoantes não-pronunciadas.

---

* Em **1945**, entrou em vigor um novo Acordo, diferente em vários pontos do modelo de **1943**. No entanto, naquele mesmo ano, o Brasil, embora tivesse assinado e ratificado essa reforma, recuou e voltou, unilateralmente, ao modelo anterior. A partir daquela data, portanto, passaram a viger dois sistemas paralelos de grafia: do lado de lá do Atlântico, o Acordo de 1945; do lado de cá, o Acordo de 1943. O Acordo de 1990 – ao menos teoricamente – veio pôr um fim a essa divergência.

Este novo Acordo era mesmo necessário?

Não. Ele nasceu por volta de 1980, objeto de um movimento messiânico que se empenhava numa utópica “unificação” da ortografia da Língua Portuguesa. Sua meta declarada era diminuir ao máximo as diferenças de grafia entre os países lusófonos, cobrando de cada país signatário uma determinada taxa de sacrifício. O Brasil cederia aqui, Portugal cederia lá, os países africanos cederiam acolá – e pronto: teríamos uma forma única de grafar cada palavra de nosso idioma! As vantagens? Segundo os “acordistas”, seriam inúmeras: uma vez unificado, o Português poderia se elevar finalmente ao patamar iluminado em que vivem as grandes línguas internacionais; a ONU incluiria nosso idioma como uma de suas línguas oficiais; o ensino do Português seria simplificado, facilitando o combate ao analfabetismo; abrir-se-ia um mercado editorial mais amplo e homogêneo, favorecendo os autores de todos os países participantes – e assim por diante. Embrulhado com papel e fita tão brilhantes, o **Acordo** terminou sendo aprovado por uma coligação de “políticos estultos e acadêmicos espertalhões”, como bem disse um jornalista brasileiro.

Ora, como já se pôde ver no primeiro ano de vigência das novas regras, todas essas promessas viraram fumaça, pois se baseavam numa unificação que simplesmente não vai ocorrer. Além das óbvias diferenças lexicais que existem e sempre existirão entre os vários países lusófonos, o próprio texto do **Acordo** admite uma série de “facultatividades”, permitindo que hábitos ortográficos locais sejam mantidos – isto é, permitindo que se mantenham diferenças na maneira de grafar a mesma palavra.

Por que a ortografia não vai ser unificada

Embora pareça absurdo, o próprio texto do **Acordo** que foi aprovado fulmina qualquer esperança de unificação. Vejamos um exemplo: **antes** do **Acordo**, escrevia-se assim em

Portugal:

> “Como **noticiámos** ontem, o **facto** mais pitoresco da semana foi o **bebé** raptado pela **hospedeira** da Air France. Depois da **descolagem**, a torre de **controlo**, avisada por telefonema **anónimo**, obrigou o piloto a fazer uma **aterragem** forçada”.

No Brasil, o mesmo texto seria escrito assim:

> “Como **noticiamos** ontem, o **fato** mais pitoresco da semana foi o **bebê** raptado pela **aeromoça** da Air France. Depois da **decolagem**, a torre de **controle**, avisada por telefonema **anônimo**, obrigou o piloto a fazer uma **aterrissagem** forçada”.

São **oito** divergências em tão poucas linhas! Felizmente, foi promulgado o **Acordo**, e agora... – pois agora, meu caro leitor, fique sabendo que os dois textos acima continuam a ser escritos da mesmíssima forma, com as mesmas oito divergências de antes da reforma! Enquanto o leitor esfrega os olhos, para certificar-se de que não está sonhando, vou explicar o que houve.

Para maior comodidade de explanação, vamos dividir essas diferenças em três grupos. Em primeiro lugar vêm as diferenças **morfológicas**: **descolagem** (decolagem), **controlo** (controle) e **aterragem** (aterrissagem) são variantes permitidas na estrutura do nosso léxico, da mesma forma que, entre muitos outros, **patinagem** (patinação), **equipa** (equipe), **camião** (caminhão), **chuto** (chute), **aguarela** (aquarela), **altifalante** (alto-falante), **canadiano** (canadense), **bolseiro** (bolsista), **transplantação** (transplante), **fumar** (defumar; um brasileiro ficaria perplexo se ouvisse que “Os índios costumavam fumar o peixe que pescavam”...). As escolhas feitas por Portugal já estão consolidadas, da mesma forma que as nossas, que coloquei entre parênteses – e não serão alcançadas por uma simples reforma ortográfica, a qual, como muita gente esquece, só pode regular o emprego das letras, dos acentos e dos sinais.

Em segundo lugar, vêm as diferenças **lexicais**. Assim como **hospedeira de**

bordo e **aeromoça**, existem centenas de outros casos em que os dois países adotaram palavras diferentes para denominar a mesma coisa. Exemplos bem significativos, porque extraídos do quotidiano, são **talho** (açougue), **claque** (torcida), **jante** (aro de roda), **travão** (freio), **biberão** (mamadeira), **tablier** (painel do automóvel), **mãos-livres** (viva-voz), **barbatana** (pé-de-pato), **berma** (acostamento), **penso higiénico** (absorvente íntimo), **penso rápido** (bandeide), **ecrã** (tela de TV ou de cinema), **agrafador** (grampeador). Nossos irmãos do outro lado do Atlântico **afagam** o cimento do piso (aqui, "alisam" ou "nivelam") e assistem a retrospectivas de filmes dos impagáveis **Bucha** e **Estica** – para nós, o **Gordo** e o **Magro**.

Em terceiro lugar vêm as diferenças **ortográficas**: **noticiámos** (noticiamos), **facto** (fato), **bebé** (bebê) e **anónimo** (anônimo). Pois não é que o texto do **Acordo**, adotando uma espantosa e inexplicável atitude salomônica, permite que cada país conserve muitos de seus hábitos particulares, sem mudar um níquel? Portugal continuará a marcar com acento agudo a 1ª pessoa do plural do pretérito perfeito (**noticiámos**, **amámos**, **encontrámos**), como sempre fez. O timbre do /e/ e do /o/ tônico das oxítonas ficará, como sempre, a critério do falante: **bebé** (bebê), **bidé** (bidê), **caraté** (caratê), **guiché** (guichê), **cocó** (cocô – os portuguesinhos fazem **cocó** na fralda). O "c" de **facto** vai continuar ali onde está, pois o léxico dos portugueses distingue entre o **facto** (fato, acontecimento) e o **fato**, que significa "traje" (na verdade, o pai da nossa **fatiota**). Por fim, o timbre das vogais tônicas /e/ e /o/ (sempre elas!) das proparoxítonas também fica à vontade do freguês: **anónimo** (anônimo), **efémero** (efêmero), **António** (Antônio), **fenómeno** (fenômeno).

Por que, então, insistir em fazer reformas?

A recente reforma não precisava ter acontecido. O pouco que foi mudado não vale o custo de mudá-lo. Nossa ortografia deveria ser deixada em paz por várias gerações, tempo

suficiente para sedimentar e consolidar-se. Alterações na ortografia têm consequências ainda mais profundas do que, por exemplo, a troca de moeda (a que já estamos acostumados); seu impacto no sistema educacional e na renovação de todo o material impresso de um país do tamanho do nosso é incalculável. Os países avançados (e ricos) não se preocupam em "reformar" sua ortografia, por mais anacrônica que ela seja; seus cidadãos convivem com as dificuldades do sistema, e dele se queixam tanto quanto nós – mas consideram, muito adequadamente, que grafar corretamente as palavras se trata de uma opção pessoal do indivíduo, o qual, se julgar isso importante, vai dedicar ao problema todo o esforço e a atenção necessários.

O Brasil, no entanto, adora essa ideia de "reforma". Primeiro, por causa de nossa herança portuguesa, temos uma verdadeira veneração pela lei, pela norma, pelo regulamento, pela portaria; adoramos esses documentos que nos dizem exatamente o que fazer (e que, evidentemente, também adoramos desrespeitar), e por isso criamos a curiosa figura (os estrangeiros ficam de boca aberta, quando falamos nisso!) de uma "**lei ortográfica**", de uma "**ortografia oficial**", que permite aos poucos iluminados uma ilusória superioridade de apontar o dedo acusador para os demais e bradar "está errado!". A Espanha e a França não têm uma "lei"; a forma de escrever é comandada por suas respectivas academias, que fixam o que seria o **padrão culto**, embora, também como aqui, a pouca expressividade cultural dos acadêmicos não inspire muito respeito nas suas recomendações. No caso do Espanhol, acresça-se a inevitável revolta dos países latino-americanos contra a tentativa da metrópole de monopolizar o controle do que é certo ou errado através da famigerada Real Academia Espanhola...

Os ingleses chegaram, a meu ver, ao ápice do ambiente democrático: nem academia eles têm! Jamais houve a "Academia Britânica de Letras", o que deixa o Inglês correto submetido à discussão das grandes universidades e das editoras de dicionários, que nem sempre estão de acordo umas com as outras – e nem por isso surgiu o caos e a desordem na sua maneira de escrever, pois todos seguem aproximadamente o mesmo padrão culto, respeitando as pequenas divergências. Veja uma pequena amostra das formas que convivem

pacificamente no Inglês; para a maioria dos brasileiros, a existência de duas maneiras diferentes para grafar a mesma palavra seria uma aberração insuportável:

aeroplane ou **airplane** (aeroplano)
centre ou **center** (centro)
colour ou **color** (cor)
defence ou **defense** (defesa)
disc ou **disk**(disco)
fibre ou **fiber** (fibra)
gray ou **grey** (cinza)
harbour ou **harbor** (porto)
judgement ou **judgment** (julgamento)
neighbour ou **neighbor** (vizinho)
pyjamas ou **pajamas** (pijama)
sceptical ou **skeptical** (cético)
theatre ou **theater** (teatro)

Afinal, o que vai mudar para nós, brasileiros?

Como vimos, foi o Acordo de 1943 que trouxe ao país a unidade que hoje conhecemos, criando um modelo estável que sofreu, em 1971, apenas um pequeno retoque (friso que foi a única modificação ocorrida de 1943 até hoje): foi suprimido o acento subtônico dos derivados em -**mente** e em -**zinho** (escrevia-se **gêniozinho**, **sòmente**, **cafèzinho**, **espontâneamente**), e caiu o malfadado acento circunflexo diferencial dos pares com **E** ou **O** aberto e fechado (**gêlo**: gelo, **almôço**: almoço; **tôda**: toda; **mêdo**: medo). Sucinto como deve ser, o texto desta minirreforma gastou apenas um parágrafo para definir os acentos que seriam eliminados do sistema de 1943 – e pronto.

Em vez de seguir a mesma prática de indicar apenas as supressões, o

Acordo que entrou em vigor este ano é um amontoado de regras desordenadas, mal concebidas e redigidas de maneira pedestre. Os participantes desta confusa comissão dedicaram-se à tarefa completamente redundante de dizer, de novo, tudo o que 1943 já tinha conseguido dizer de forma mais clara e organizada. A consequência é a falsa aparência de complexidade que o texto assume para o leitor não-especializado, que não percebe, por trás desse palavreado cheio de farofa, que a montanha está parindo apenas um esquálido ratinho. Vamos esclarecer, de uma vez por todas, o que mudará – para o Brasil, para nós, para mim e para você, meu caro leitor – o que mudará, repito, se a comunidade aceitar este novo modelo e consagrá-lo pelo uso.

Para nós, brasileiros, é importante esclarecer que este **Acordo** só inova, com relação ao modelo de 1943/1971, na **acentuação** e no **emprego do hífen**; o **emprego das letras** fica exatamente como sempre foi. Na acentuação, ocorre a **supressão** de algumas regras hoje vigentes – e só; no **uso do hífen**, a comissão propõe algumas mudanças muito bem-vindas, outras cujas consequências ela própria desconhece. Faço questão de assinalar que este livro seria totalmente diferente se fosse destinado aos leitores de Portugal, pois as mudanças que eles vão ter de engolir são de outra ordem e calibre.

1. Como se escreve: emprego das letras

Neste capítulo, ao discutir com meus leitores várias dificuldades naturais de nosso sistema ortográfico, espero deixar mais evidente a maneira como ele, na verdade, funciona, e demonstrar que o uso das letras obedece a princípios racionais e bem intencionados. Sempre que possível, descrevo as soluções empregadas por nossos grandes escritores e gramáticos, ao longo da história de nossa língua, esperando que esses exemplos ajudem você a entender minhas opções.

Finalmente, acho importantíssimo que você entenda que há casos em que não chegaremos a uma resposta absoluta. Precisamos aceitar, com tranquilidade, o fato de que o sistema tem limitações e que devemos conviver com elas, sem desespero ou histeria. O que faremos, por exemplo, no caso de **berinjela**, que o **Aurélio** e muitos outros escrevem com **J**, mas que o **Houaiss** corrige, alegando que deve ser escrito com **G**? Muito simples: vamos escolher uma das formas, baseados em nossa intuição, em nossas preferências, em nossa convicção íntima. Qualquer solução que adotarmos terá a seu favor uma das grandes figuras de nosso idioma.

O que muda no emprego das letras?

Para nós, brasileiros, absolutamente nada. A reforma diz que nosso alfabeto passa a incluir também as letras **k**, **w** e **y**. Isso muda alguma coisa em nossa vida? Nada. Nadinha. O uso que elas terão obedecerá às mesmas regras que vigem há muito tempo: serão empregadas apenas nos símbolos internacionais e nos vocábulos derivados de nomes próprios das Artes e das Ciências (**shakespeariano**, **darwinista**, **keynesiano**), como você verá adiante. A novidade é que, fazendo parte do alfabeto oficial, a escola deverá ensinar às crianças o lugar que essas três letras ocupam na ordem alfabética.

O **Acordo** também elimina as chamadas **consoantes mudas**. Em que isso vai nos afetar? Em nada, de novo. Elas desapareceram do sistema brasileiro há mais de sessenta anos. Desde 1943, a grafia só registra as consoantes que pronunciamos. Escrevemos **compacto**, **convicto**, **adepto**, **corrupto**, **eucalipto**, **ficção**, **núpcias**, etc. porque pronunciamos aquele **c** ou aquele **p** antes da outra consoante. Portugal e os países africanos é que são seriamente afetados por esta regra, pois terão de suprimir da escrita a consoante que não pronunciam, em palavras como **acção**, **afectivo**, **acto**, **director**, **exacto**, **adoptar**, **baptizar**, **Egipto**, **nocturno** e muitas outras. Este é um dos pontos do **Acordo** que mais desagradaram aos nossos irmãos de além-mar, que começam a resistir bravamente à aplicação da reforma no território português.

-eano ou **-iano**?

A foto, tirada num desfile beneficente, mostrava uma tradicional apresentadora de TV usando apenas roupas íntimas; comentando s corpo bem-cuidado, a legenda dizia: “A poderosa **balzaqueana** dei muita jovenzinha morrendo de inveja”. Ou seria **balzaquiana**?

O sufixo **-ano**, com sua variante **-iano**, tinha um significado básico de lugar de **proveniência**, de **origem**: doces **serranos**, autores **italianos**, monges **tibetanos**. Com o tempo, passou a indicar também a proveniência de uma ideia, a partir do nome de um autor ou de um movimento intelectual: sonetos **camonianos**, ideal **republicano**, igreja **anglicana**. Sua definição semântica, como vemos, é muito simples; o problema é sua **representação gráfica**. É aí que as pessoas encontram problemas – e com toda a razão. Basta examinarmos uma lista de palavras com esse sufixo para perceber o quanto o quadro parece confuso: ao lado de formas simples em **-ano** (**tebano**, **curitibano**), encontramos vocábulos em **-eano** (**coreano**, **montevideano**) e em **-iano** (**machadiano**, **açoriano**). Um ator especializado em peças de Shakespeare é shakespear**eano** ou shakespear**iano**? Aquela apresentadora de TV é uma charmosa balzaqu**eana** ou balzaqu**iana**? Quem nasce no Acre é acr**eano** ou acr**iano**? Em benefício da grande maioria de nossos leitores, que não são especializados em Linguística, vou passar ao largo das questões teóricas de Morfologia e de Fonologia envolvidas nessas derivações

e tratar de estabelecer uma distinção prática para o emprego das duas formas.

Quando usar -eano? – Comparando-se a desproporcional ocorrência das duas formas, fica muito mais fácil para nosso leitor tomar **-iano** como a forma normal e **-eano** como a forma excepcional. Colocando de maneira simples:

> ■ use sempre **-iano**,
> a não ser nos poucos casos
> em que vai ter de usar **-eano**.

E que casos são esses? Principalmente aqueles em que o **E** está na sílaba tônica, fazendo parte, portanto, do **radical** do vocábulo primitivo: Taubaté + ano = **taubateano**, Galileu + ano = **galileano**. Os dicionários trazem poucos exemplos além desses: **bruneano** (Brunei), **borneano** (Bornéu), **coreano** (Coreia), **daomeano** (Daomé), **gouveano** (Gouveia), **guaxupeano** (Guaxupé), **guineano** (Guiné), **lineano** (Lineu), **mallarmeano** (Mallarmé), **montevideano** (Montevidéu), **nazareano** (Nazaré), **pompeano** (Pompeia), **tieteano** (Tietê), **traqueano** (traqueia), entre outros.

Quando usar -iano? – Todos os demais vão apresentar a forma **-iano**, que se acrescenta diretamente ao radical ou depois da queda da vogal temática: **bachiano** (Bach), **balzaquiano** (Balzac), **bilaquiano** (Bilac), **bocagiano** (Bocage), **borgiano** (Borges), **drummondiano** (Drummond), **freudiano** (Freud), **machadiano** (Machado), **mozartiano** (Mozart), **poundiano** (Pound), **rosiano** (Rosa), **sartriano** (Sartre), **shakespeariano** (Shakespeare), **veneziano** (Veneza), entre muitos outros. Costuma-se ver lógica **booleana** (de Boole), mas os especialistas não a consideram correta, preferindo **booliana**, como fazem Aurélio e Houaiss. O caso mais comentado é **acriano**. O sempre respeitado **Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**, editado em 1943 pela Academia Brasileira de Letras – geralmente referido pela sigla **PVOLP** –, registrou como **acreano** o gentílico do Acre, numa evidente contradição com os princípios que defendia. Celso Luft chamou isso de “erro ginasiano”; Aurélio, mais diplomático, diz que é uma variante “menos boa”. No **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa** (conhecido como **VOLP**), recentíssimo, a Academia corrigiu para **acriano**,

como já fazia Houaiss. Agora é definitivo, embora os acrianos já comecem a protestar. Ah, em tempo: a personagem da foto era uma charmosa **balzaquiana**.

radicais evoluídos e radicais reconstituídos: **erva**, **herbívoro**

Um estudante de Letras pergunta: "se o elefante é um grande **herb** com **H**, por que razão ele passa o dia comendo **ervas,** sem **H**?"

Professor, queria saber por que **erva***, que vem do latim* **herba***, escreve-se sem o* **h***, e seus derivados, com o* **h***? Sou estudante de Letras e, fazendo estágio em um colégio, o aluno perguntou ao professor o porquê dessa diferença; o professor disse ao aluno que era simplesmente uma* **norma da gramática***. Por que a gramática distancia tantas coisas de suas origens?*

Anônimo

Meu caro Estudante de Letras Anônimo, seguramente o professor a que você se refere não é um modelo que deva ser seguido. Como pode ele evocar uma "norma da gramática" onde não há nenhuma? Pares como **erva**/**herbívoro** são muito comuns em nosso idioma – e simples de explicar a nossos alunos. O radical latino **herb**- evoluiu, dentro do Português, para **erv**- (o **H** desapareceu e o **B**, por regras de fonética histórica, passou a **V**); no entanto, como você deve ter estudado na faculdade, os humanistas do Renascimento português voltaram-se para o Latim em busca de palavras que aumentassem nosso vocabulário incipiente e terminaram criando os famosos "**dublês**", que estão presentes em todas as Línguas Românicas. Temos, portanto, **dois** radicais que coexistem, o **evoluído** e o **reconstituído**; há vocábulos que derivam do radical antigo, latino (**herbívoro**, **herbáceo**, **herborizar**), e vocábulos que derivam do radical moderno (**erva**, **ervaçal**, **ervateira**). O mesmo acontece, por exemplo, com **hibernal**, **hibernar**, **hibernação**, de um lado, e **inverno**, **invernada**, **invernia**, de outro. Se nós, professores, não tivermos claros os princípios e os conceitos, o que será de nossos pobres alunos? Abraço, e boa sorte!

grafia de nomes próprios: **Manoela** ou **Manuela**?

Pode-se falar em “certo” e “errado” no que se refere à grafia dos nomes próprios? O professor explica que sim.

Prezado professor, escreve-se **Manuela** *ou* **Manoela***? Qual é a forma correta do nome? Obrigada.*

Luciene A. – Salvador (BA)

Minha cara Luciene: o nome é português da gema, de reis e princesas lusas: **Manuel**, **Manuela**. Há um Período **Manuelino** na História, bem como um estilo **manuelino** de móveis. Há vários pássaros na nossa fauna com esse nome (**manuel**-de-barro, **manuel**-vaqueiro, etc.), todos assim registrados nos melhores dicionários. Fomos descobertos durante o reinado de D. **Manuel**, que, por ter a sorte que teve (descobrir o Brasil não é pouca coisa!), passou a se chamar “D. Manuel, o Venturoso”. A forma **Manoel** é bem difundida, mas não tem razão de ser.

Agora, você faz muito bem em trazer essa dúvida. Muita gente vive sob a ilusão de que os nomes próprios não estão sujeitos a regras. Claro que estão; o que é assegurado por lei, ao cidadão, é portar o seu nome da forma como foi registrado. Muitas vezes recebemos um nome que se transmite de geração em geração dentro da família e o usamos com orgulho, mesmo que não esteja grafado dentro da norma atual. É o caso dos **Mathias**, dos **Thiagos**, etc. Outras vezes, porém, a grafia do nome é alterada por mera ignorância ou por alguma idiossincrasia dos pais; se o filho suportar a carga que isso representa, ele tem o direito de conservar o nome assim como está no registro. Caso contrário, pedirá uma retificação da grafia: se alguém odeia o suficiente o seu filho para condená-lo a arrastar um nome como **Cerjio**, o infeliz pode, se quiser, solicitar à Justiça a correção para **Sérgio**.

Por outro lado, quando falamos de **personagens da história** ou nos referimos aos nomes de uma **maneira genérica**, sempre vai prevalecer a forma **correta**: **Luís** (e não *Luiz) de Camões, **Casimiro** (e não *Casemiro) de Abreu, **Rui** (e não *Ruy) Barbosa; “na minha lista de chamada, não há uma só **Juçara** (e não *Jussara) ou uma só **Susana** (e não *Suzana)”. Eu sei que esse assunto é

dinamite pura, porque existe nos nomes que escolhemos uma grande quantidade de conteúdos inconscientes, mas sempre recomendo empregar a forma correta.

Isabela – com **S**

O Doutor explica por que o nome da pequenina **Isabela** – talvez un futura leitora – deve ser escrito com **S**.

Professor, quando minha filha nasceu, escolhi o nome **Isabela***. Logo as tias e avós queriam bordar toalhinhas, roupinhas e veio a pergunta inevitável: o* **Isabela** *de sua filha vai ser com* **S** *ou com* **Z***? Sempre imaginei o nome com* **S***, mas agora fiquei com dúvida sobre a letra que devemos usar entre duas vogais.*

Janaína B. – Belo Horizonte (MG)

Minha cara Janaína: em primeiro lugar, parabéns por ter dúvidas quanto à grafia do nome da sua filha; infelizmente, essa não é uma atitude comum, no Brasil. Para a maioria das pessoas – mesmo para muitas que utilizam um Português bem cuidado –, é como se os nomes próprios não precisassem obedecer às normas ortográficas. Esse é um velho engano, nascido do fato de que a lei faculta ao cidadão usar o nome na forma em que foi registrado. Você pode ter certeza de que sua filha vai agradecer o bom-senso em pesquisar a forma correta.

Agora, os princípios ortográficos: entre duas vogais, o som de /**z**/ pode ser representado por três letras diferentes: o **S** (**casa**, **camisa**), o **Z** (**azar**, **baliza**) e o **X** (**exato**, **exame**). Não existe um sistema bem definido que regulamente o emprego de cada uma delas, pois aqui pesa, e muito, a tradição de novecentos anos de escrita do Português. Neste caso específico, o nome é **Isabel** – ou **Isabela**, variante que muitos preferem pela sugestão de "beleza" que contém. É considerado o equivalente espanhol do **Elizabeth** inglês, e sempre foi grafado com **S**, como a famosa rainha **Isabel, a Católica**, que apoiou a viagem de Colombo. Há, no dicionário, uma uva **isabel**, variedade muito popular no Rio Grande do Sul, e **isabelino**, sinônimo de **elisabetano**, período histórico batizado a

partir da rainha Elisabete I, da Inglaterra, no séc. XVI. É significativo que no Italiano e no Francês, nossas duas irmãs latinas, o nome seja **Isabella** e **Isabelle**, respectivamente – sempre com o **S**.

M antes de **P** e de **B**

Existe alguma razão para só usarmos o **M** antes do **P** e do **B**?

Caro professor, gostaria de saber por que usamos **M** *antes de* **P** *ou* **B**. *Obrigado.*

Osmar L. A. – Florianópolis (SC)

Meu caro Osmar, a razão para essa escolha, imagino, vai ser encontrada em algum princípio presente em todas as línguas românicas: que eu me lembre, o Italiano, o Francês e o Espanhol, além do Português, também usam apenas **M** antes de **P** e de **B**. A base dessa restrição deve ser de ordem fonológica (hoje se sabe que a Fonologia está na base de todos os sistemas ortográficos, que não são tão arbitrários e caprichosos como geralmente se pensa): como o /**p**/ e o /**b**/ são fonemas tradicionalmente classificados como **bilabiais** (temos de unir os dois lábios para poder pronunciá-los), a **letra** escolhida para representar a nasal antes desses fonemas só poderia ser o **M**, correspondente ao fonema /**m**/, também classificado como **bilabial**. Assim, a combinação de letras adotada na nossa ortografia (**M+P** e **M+B**) é a que melhor corresponde à natureza dos fonemas representados. É por essa e por outras que reformas ortográficas devem ser feitas por linguistas, e não por “acadêmicos” das mais variadas origens e formações, como é o caso dos nossos imortais da Academia.

o nome do **Y** e do **W**

O professor explica como devem ser chamadas essas duas letrinha exóticas.

Como é, em Português, o nome das letras **W** *e* **Y**? **Dabliú** *e* **ipissilone** *não é nome em Português, ou é? Obrigado*.

Odilon A. – Curitiba (PR)

Meu caro Odilon, apesar das controvérsias, o nome do **Y** é mesmo **ípsilon**, com as variantes populares bem conhecidas de **ipsilone**, **ipissilone** ou até mesmo **pissilone**, como se pode ver nos pitorescos **ABCs** da Literatura de Cordel. **Caldas Aulete** (o genuíno, o da 1ª edição) não hesita: **ípsilon**. **Antônio Geraldo da Cunha**, no seu **Dicionário Etimológico**, acompanha: **ípsilon**. **Gama Kury** faz coro: **ípsilon**. **Celso Pedro Luft**, meu grande mestre, no seu incomparável **Grande Manual de Ortografia**, é taxativo: é **ípsilon**. E lá do fundo da mata, **Antenor Nascentes** vive repetindo: **ípsilon**. O pusilânime **VOLP** (o atual vocabulário ortográfico que é publicado pela Academia) registra também as variantes **ipsilo** e **ipsílon** – assim mesmo, **paroxítonas**! –, completamente exóticas ao nosso uso, adotadas hoje por alguns poucos excêntricos desgarrados. **Houaiss** chega para encerrar a questão: é **ípsilon**.

Uma das maiores virtudes do velho Aurélio Buarque de Hollanda era o sólido bom-senso, a qualidade suprema de um bom lexicógrafo. No entanto, desta vez me entristece ver o seu dicionário fazer aqui uma mixórdia inaceitável. O **Aurélio-em-vida** (até a 2ª edição) escolhe como forma canônica a esquisitíssima **hipsilo** (!), enquanto o **Aurélio XXI** elege como preferida a forma **ipsílon** (com a tônica em **SI**!), plural **ipsílons**, embora ambos reconheçam, entre parênteses, no final do verbete, que a forma corrente é **ípsilon**. Ora, essa observação é completamente incompatível com a prática de todos os bons dicionários do mundo: se a forma corrente é **ípsilon**, como reconhecia Aurélio e todos os autores que citei no parágrafo acima, é esta, e não as outras, a preferível. Esse é o critério válido para as palavras vindas do Grego, que vão apresentar no Português uma prosódia (leia-se: posição da sílaba tônica) que muitas vezes nada tem a ver com a pronúncia original. Se no jogo do bicho vale o que está **escrito**, em prosódia vale o que está sendo **dito** – "e todo mundo

conhece o **ípsilon**, de dizer ou ouvir dizer” (Luft).

O **W** é mais pacífico. A forma mais usada é **dáblio**, embora também apareçam, nos dicionários, as formas paralelas **dable-u**, **dabliú**, **doble-vê** ou **vê-duplo**. A oportunidade de pronunciar o nome desta letra multiplicou-se por mil com a implantação da Internet, já que a maioria dos domínios da rede mundial começa por **WWW** – ditos **dáblio**, **dáblio**, **dáblio**. Nesse caso, temos mais sorte que nossos vizinhos da Espanha, que se enredam tanto com o *uve doble*, *uve doble*, *uve doble*, que muitos já se limitam a dizer **triple uve doble**.

quando usar **K**, **W** e **Y**

O Acordo incorporou o **K**, o **W** e o **Y** ao nosso alfabeto. Isso muda alguma coisa?

Professor, as letras **K**, **W** *e* **Y** *voltaram a fazer parte do nosso alfabeto, mas não sei exatamente quando deverão ser empregadas. O que mudou?*

Liliane – Monte Carmelo (MG)

Todas as línguas do Ocidente usam, com pequenas variações, o alfabeto **latino** ou **romano**. O “alfabeto português”, definido pelo Acordo Ortográfico de 1943, era composto de 23 letras, entre as quais não se encontravam o **K**, o **W** e o **Y**. Essas três letras eram consideradas exóticas, sendo admitido o seu emprego em dois casos especiais: (1) em abreviaturas e símbolos técnicos internacionais – **kg** (quilograma, quilo), **km** (quilômetro), **yd** (jarda); (2) em vocábulos derivados de nomes estrangeiros (o que é especialmente importante no mundo das ciências e das artes): **darwinismo**, **shakespeariano**, **hollywoodiano**, **wagneriano**, **kleiniano**, **keinesianismo**, **kardecista**, etc.

Com o Acordo de 1990, nossas três amigas retornaram ao nosso alfabeto, que, mais uma vez, passou a contar com 26 letras. E agora, quando são usadas? Exatamente nos dois casos acima descritos. O que mudou no seu emprego? Nada. Mas nada mesmo – a não ser o fato de que agora vão figurar mais à vontade na ordem alfabética. Elas não deverão aparecer, portanto, em palavras

em que antes não eram empregadas. Mantém-se tudo como estava.

É evidente que elas serão usadas normalmente na grafia de nomes estrangeiros: **Kennedy**, **Jackson**, **Washington**, **Kremlin**, **Niemeyer**, **Winchester**, etc. Entre nós, um só nome de origem indígena manteve o **Y** depois do Acordo de 1943: falo, como não poderia deixar de ser, do **Itamaraty**, em cujo lago deveriam deslizar, por coerência, “ymponentes cysnes” brancos.

Para aqueles que se atrapalham um pouco com a ordem alfabética, tomo a liberdade de relacionar o alfabeto completo, incluindo as três letras no seu devido lugar: A B C D E F G H I J [**K**] L M N O P Q R S T U V [**W**] X [**Y**] Z.

usando o **J**, o **Ç** e o **X**

Uma jovem professora vem pedir ajuda para melhor ensinar a se alunos o emprego dessas letras; além disso, honestamente confess não sabe como enquadrar o **Ç** em nosso alfabeto.

Olá! Meu nome é Ana e sou professora da classe de alfabetização. Este é o meu primeiro ano na série e muitas dúvidas estão surgindo. Gostaria de lhe pedir, caso seja possível, dicas sobre explicações para palavras escritas com **X** *ou* **CH***,* **G** *ou* **J***,* **Ç** *ou* **SS***, entre outras.*

Ana Cecília

Minha cara Ana Cecília, para ajudá-la (e para ajudar os seus alunos), começo lembrando que foi a Reforma Ortográfica de 1943 que definiu o verdadeiro semblante de nossa grafia (esta recente Reforma, que entrou em vigor em 2009, é apenas cosmética), Em 1943, dois grupos de palavras receberam um tratamento especial. Em primeiro lugar, os vocábulos originários de **línguas ágrafas** – sem escrita, como eram todas as nossas línguas indígenas e todas as línguas africanas que entraram aqui no período da Escravidão. Em segundo lugar, os vocábulos originários de línguas com **alfabetos exóticos** (entenda-se: todos os alfabetos que não forem o alfabeto latino – o grego, o cirílico, o hebraico, o japonês, etc.). Nessas palavras, **jamais** usaremos **CH**, **SS** ou **G**, mas sim o **X**, o **Ç** e o **J**: **açaí**, **Iguaçu**, **Paraguaçu**, **miçanga**; **xaxim**, **Hiroxima**,

xale, **paxá**; **acarajé**, **mujique**, **jiló**, etc. É um bom princípio geral; só acho que ele ainda não é de utilidade para alunos tão jovenzinhos quanto os seus, que não devem ter a cultura linguística necessária para "sentir" quando um vocábulo faz parte dos dois grupos acima; no caso deles, vão ter de simplesmente ir memorizando cada palavra. Quanto ao **Ç**, ele não é uma letra extra; trata-se apenas de um **C** com um sinal adicional (a cedilha), da mesma forma que o **Ã**, o **Â** ou o **Á**.

o nome das letras

Leitores perguntam como se escrevem os nomes das letras e por q
todos masculinos.

Prezado Professor, dizemos "a letra **A***" ou "as letras* **B***,* **C***...", e assim por diante. Entretanto, quando nos referimos a alguma letra, dizemos "o* **B***"; "o* **F***", etc. Não seria mais adequado dizer "a* **F***"; "a* **B***"? Por que usamos o masculino? A letra (não a palavra "letra") é masculina ou feminina?*

Nicholas – São Paulo (SP)

Como se escreve, em Português, o nome das letras do alfabeto? Obrigada, desde já!

Selma – Amestelveen (Holanda)

Meu caro Nicholas, as letras são **femininas** no Espanhol e no Francês, **neutras** no Inglês e **masculinas** no Português. Isso depende do espírito de cada idioma; não há nenhuma razão lógica para o fato de ser **um F**, como dizemos aqui, ou *una F*, como dizem nossos irmãos do Prata. É o mesmo destino arbitrário que fez com que **Sol** e **Lua** fossem, respectivamente, masculino e feminino no Português e exatamente o contrário no Alemão. O fato de **letra** ser feminino nada influi no gênero das letras em si – da mesma forma que o fato de **ferramenta** ser feminino não obriga também **martelo**, **alicate** e **serrote** a sê-lo.

Quanto aos nomes das letras do alfabeto, Selma, são eles os seguintes: **á, bê, cê, dê, é, efe, gê, agá, i, jota, cá, ele, eme, ene, ó, pê, quê, erre, esse, tê, u, vê, dáblio, xis, ípsilon, zê**. Alguns desses nomes ficam bem visíveis em palavras como **á-bê-cê, á-é-i-ó-u**, **bê-á-bá**, **cê-cedilha**, **régua-tê**.

shopping, xópin

O plural correto é **shopping centers** ou **shoppings centers**? Ou seri melhor usar **xópins**?

Olá, Professor, gostaria de saber qual é o plural de **shopping center***: o correto é* **shopping centers** *ou* **shoppings centers***? Já li as duas versões; eu prefiro a primeira opção, mas não tenho certeza. Atenciosamente.*

Daniel M. – Passo Fundo (RS)

Prezado Daniel, se você usar a expressão completa em Inglês, só poderá flexionar o substantivo **center**: *shopping* **centers**. Não se esqueça de que o **adjetivo**, naquele idioma, vem à **esquerda** e nunca se flexiona. Por isso, **shoppings centers* é uma versão impossível (e abominável!). Agora, já vi muita gente usando apenas *shopping*, substantivado, à moda brasileira: “Construíram um *shopping*”. Neste caso, vamos ter plural: “Construíram vários *shoppings* nesta região”.

Temos, entretanto, duas outras opções, bem mais simpáticas: (1) usar a **tradução** da expressão inglesa (“centros comerciais”), ou (2) partir para o **aportuguesamento** de *shopping* – **xópin**, **xópins**. Esta última requer um pouco mais de coragem, mas começa a ser usada por alguns autores e jornalistas (Luís Fernando Veríssimo é um belo exemplo). Não franza o nariz, leitor; seu bisavô deve ter feito o mesmo quando viu escrito, pela primeira vez, **futebol** em vez de *foot-ball*, mas depois acostumou.

Agora, por que **X**, e não **CH**? A resposta é simples: porque é com **X** que costumamos nacionalizar os vocábulos estrangeiros grafados com **SH**: *shilling* –> **xelim**; *shampoo* –> **xampu**; *shaman* –> **xamã**; *Shangai* –> **Xangai**; *Sherazade* –>

Xerazade; *Hiroshima* –> **Hiroxima**. Celso Pedro Luft aponta como um raro caso divergente o nosso **chutar**, proveniente do Inglês *shoot*, que deveria ter dado ***xutar**, mas não deu, e agora é tarde. Se um dia vencermos nossas resistências e aportuguesarmos *show*, a forma resultante vai ser **xou** – a mesma usada pela Xuxa em um de seus programas de televisão, que tantos bois-cornetas criticavam (cá para nós, mil vezes essa grafia, por esquisita que seja, do que a original, com seu **SH** e o seu **W**!).

viajem ou **viagem**?

“Espero que vocês **viajem** bem; espero que vocês façam uma boa **viagem**” – como vou saber se devo usar o **J** ou o **G**?

Escreve uma misteriosa leitora, de nome “Tsiu”: *“Saudações! Gostaria de saber quando empregamos as palavras* **viagem** *e* **viajem**. *Obrigada”.*

Minha cara Tsiu: em primeiro lugar, lembre sempre que todos os substantivos terminados em **-agem** (com exceção de **pajem** e do obscuro **lajem**) são grafados com **G**. **Viagem** é um substantivo. Dele deriva o verbo **viajar**, que, naturalmente, é obrigado a trocar o **G** pelo **J**. Ora, como todas as formas flexionadas de um verbo devem seguir a grafia de seu **infinitivo**, o presente do subjuntivo fica “viaje, viajes, viaje, viajemos, viajeis, **viajem**”. Pronto: aí temos as duas formas. “Esta **viagem** não termina”, “Vamos começar a **viagem**”, mas “Espero que eles **viajem** cedo”; “**Viajem** bem – **viajem** Varig”. Há um interessante livro com dicas para viajantes (e blogue também), escrito por Ricardo Freire, que leva o título **Viaje na Viagem**. Que tal?

úmido, **umedecido**

As coisas que se molham ficam **úmidas**, e as que eu molho ficam **umedecidas**?

Caro professor, como é mesmo? Se algo se molha, fica **úmido**, *e se eu o molho, fica* **umedecido** *(e não* **umidecido***)? Grato.*

Rebelo – Sorocaba (SP)

Meu caro Rebelo, não é bem assim. Se algo se molha, fica **úmido** ou **umedecido**; se eu o molho, fica também **úmido** ou **umedecido**. O problema não é estar no polo passivo ou ativo da situação; acontece que o adjetivo **úmido**, que produz derivados como **umidade** e **umidificar**, corresponde ao verbo **umedecer**, que tem essa sílaba -**me**- em todas as formas flexionadas, inclusive no particípio **umedecido**, irmão de **umectar**, **umectante**. Não é novidade ocorrerem variações no radical de uma família vocabular: a **lágrima** sai pelo canal **lacrimal**, o movimento da **roda** é **rotativo**, a higiene da **boca** é **bucal**, e assim por diante. Não esqueça que, na maior parte das vezes, essas aparentes “incongruências” de nossa ortografia correspondem, na verdade, a vestígios de diferentes momentos na história de nosso léxico.

talibã, **talebã**, **taliban** ou **taleban**

É só o que se pergunta: como se escreve o nome do grupo islâmic
dominava o Afeganistão?

Muita gente ainda tem dúvida sobre como escrever o nome do grupo islâmico que dominava o Afeganistão: a grafia correta seria **talibã**, **talebã**, **taliban** ou **taleban**? A dúvida se justifica, pois encontramos todas essas formas empregadas nos jornais, nas revistas e nos sítios de notícias, numa dança enlouquecedora de grafias alternativas. Afinal, qual é o certo? Para quem só quer a respostinha seca, já vou dizendo: eu escrevo **talibã**, **talibãs**. Para quem não se contenta com isso, vou apresentar minhas razões.

Quero que meus leitores saibam que, em nomes como esse, não existe a **forma correta**, mas sim a mais **recomendável**. Isso acontece, aliás, com todos os nomes provenientes de línguas que não usam o **alfabeto romano** (o nosso) e que precisam, portanto, ser **transliterados**. Ao fazermos a transliteração, tentamos reproduzir, com nosso próprio alfabeto, o som que o nome tem na sua língua original – o que sempre vai produzir, é lógico, um resultado meramente

aproximado, pois tentamos representar fonemas que nossa língua desconhece, usando um sistema gráfico que foi elaborado para dar conta da fonologia do Português. Lembro as diferentes propostas de transliteração para **Kruschev** (ou **Khruschev**, ou **Khruschov**, ou **Kruchev**, etc.), ou para o falecido camarada **Mao**, que eu cresci chamando de **Tse Tung**, e hoje aparece como **Zedong** (ou coisa assim). Quem já leu traduções diferentes de **Dostoievski** (ou **Dostoievsky**?) está acostumado a mudanças na grafia dos nomes das personagens.

A forma **talibã** também é uma transliteração e, portanto, também aproximativa; de todas as outras, contudo, é a que está mais de acordo com a tradição e a que melhor se enquadra em nossos padrões fonológicos, como passo a demonstrar.

(1) Por que a vogal "**i**" na segunda sílaba? Embora na pronúncia lá deles, dependendo da região, registre-se um som intermediário entre o /i/ e o /e/, nas línguas ocidentais mais importantes vem prevalecendo, como no Português, a forma grafada com "**i**", e não com "**e**": para o Inglês, é "*the Taliban*"; para o Francês, "*le taliban*"; para o Espanhol, nosso irmão mais próximo, "*el talibán*".

(2) Por que o final em **Ã**? Há muitos nomes asiáticos terminados em /a/ seguido de consoante nasal. Enquanto o Inglês registra tudo como **-an** (*Afghanistan*, *Pakistan*, *Jordan*; *Iran*, *Teheran*, *Oman*, *Ramadan*), nós aportuguesamos essa terminação de duas maneiras diferentes: ora como **-ão** (**Afeganistão**, **Paquistão**, **Jordão**), ora (mais frequente) como **-ã** (**Irã**, **Teerã**, **Omã**, **Ramadã**). Contudo, como Said Ali muito bem observa em seu **Dificuldades da Língua Portuguesa**, os terminados em **-ão** são casos excepcionais, diante da esmagadora preferência pelo final **-ã**. Por isso, entre **talibão** (nossa!) e **talibã**, a escolha é óbvia. O que nós não temos é o final **-an**, como o Inglês; é impossível, portanto, em nosso sistema, uma forma como ***taliban**.

Outro problema que ronda esse vocábulo é o do **plural**. Acontece que, no dialeto persa falado pelos talibãs, o vocábulo já é uma variante **plural** do vocábulo árabe *talib*, que significa "estudante; aquele que procura o conhecimento"; na verdade, "estudante da teologia islâmica" – o que reflete

historicamente a origem do movimento, nascido nas agitações estudantis dos anos 60. Por esse motivo, a maior parte da imprensa europeia usa o vocábulo como se já fosse um plural ("*the Taliban are*"; "*les taliban*"; "*los talibán*"). Julgo, entretanto, que imitar essa prática no Português seria criar uma injustificável exceção ao paradigma (imaginem "*os talibã"!) e ignorar a extraordinária capacidade que nosso idioma tem de deglutir os vocábulos estrangeiros e nacionalizá-los fonológica, ortográfica e morfologicamente. Já escrevi várias vezes sobre isso: para entrar no Português, o vocábulo estrangeiro tem de aprender a dançar miudinho, tratando de comportar-se como seus colegas nativos. Um **talismã**, dois **talismãs**; um **talibã**, dois **talibãs**.

treis e **hum** no cheque

Um leitor quer saber se pode escrever **treis** em cheques; o profess explica que poder, pode, mas é um atentado à ortografia.

Caro professor, gostaria de saber se é permitida a grafia do número "3" como **treis** *em cheques. Grato.*

Guilherme S. – Viçosa (MG)

Meu caro Guilherme, você pode escrever no **cheque** do jeito que quiser, desde que o caixa aceite. Isso não depende das regras de ortografia; se você escrever ***tres**, ***treis**, ***trez**, ***trêz** ou ***treiz**, todas estão erradas quanto à norma, que é **três**, mas podem valer (quem sabe?) no mundo bancário. Da mesma forma, ***hum** é uma aberração ortográfica, mas é recomendável em cheques e títulos de crédito **manuscritos**, para evitar a fácil adulteração para **cem** (agora, usar ***hum** em texto **datilografado** é de uma burrice oceânica!). ***Seicentos** está errado, mas a maioria dos caixas paga um cheque escrito assim, porque não lhes cabe ficar corrigindo a grafia errada dos outros. Espero que você perceba, portanto, que o "permitida", na sua pergunta, nada tem a ver com a norma ortográfica vigente.

um mil

O Brasil foi descoberto em "mil e quinhentos" ou em "**um** mil e

quinhentos"? Dá para escrever **mil reais** por extenso no cheque?

Caro Professor, qual seria a forma correta de escrever **1986** *por extenso? Seria "***um mil** *novecentos e oitenta e seis" ou apenas "***mil** *novecentos e oitenta e seis"? Por quê? Grato!*

Delintro B. A. – Anápolis (GO)

Meu caro Delintro: na expressão da unidade de milhar, o Português não usa **um mil**. A sequência correta é **mil**, **dois mil**, **três mil**... O ano do tricampeonato brasileiro no futebol foi **1970** – **mil**, novecentos e setenta. Só o uso bancário insere aquele esquisito **um** – e são tão teimosos e onipotentes que a maioria dos caixas e gerentes não quer aceitar um cheque preenchido com **mil e duzentos reais**. "É para evitar fraudes", dizem aqueles sabidinhos; acontece que o emitente tem o direito de correr o risco que ele quiser, se não quiser insultar a língua portuguesa. Além disso, como é infinita a estultice alheia, estendem essa exigência até mesmo a cheques **datilografados** ou com o valor por extenso escrito **entre parênteses**, casos em que obviamente fica afastada qualquer hipótese de adulteração posterior...

Quem já levantou uma forte reação contra isso foi o velho gramático Napoleão Mendes de Almeida, que se indignava com essa ditadura dos bancos que se metem a legislar sobre o que não entendem. Em divertido e impertinente artigo de seu **Dicionário de Questões Vernáculas**, verbera esses despotazinhos que fazem essa "exigência mais uma vez humilhante, por obrigar que se escreva o que não existe em nosso idioma". E lembra, sarcástico, que falamos Português no Brasil, que certamente não foi descoberto no ano **um mil e quinhentos**.

estado ou **Estado**

Quando me refiro ao Mato Grosso, à Bahia ou ao Maranhão, escre **estado** com inicial minúscula ou maiúscula?

Prezado Professor, na qualificação de uma pessoa – por exemplo, "João da Cachoeira, brasileiro, casado, agricultor, filho de José Cachoeira e Maria dos Anjos Cachoeira, nascido em Cuiabá, neste **Estado***" – o vocábulo* **estado** *deve ser grafado com maiúscula ou minúscula?*

Astúrio F. – Cuiabá (MT)

Meu caro Astúrio, só deveríamos usar maiúsculas em **Estado** quando o vocábulo se referisse à instituição: "O homem sente-se sufocado pela presença do **Estado**"; "Em assuntos econômicos, ele defende o afastamento gradual do **Estado**"; "Para os pensadores anarquistas, o **Estado** é uma forma organizada de opressão". Por outro lado, as divisões administrativas de nosso país devem ficar com inicial minúscula: "o **estado** em que eu nasci faz fronteira com o Uruguai", "o **estado** do Rio de Janeiro tem uma capital do mesmo nome", "a falta de energia pode afetar todos os **estados** do Sul". É muito diferente escrever que o "**estado** de Minas Gerais" ou que o "**Estado** de Minas Gerais" está preocupado com a violência; no primeiro caso, são os cidadãos, a sociedade; no segundo, estamos falando do governo e de suas instituições. Contudo, tenho visto, principalmente em documentos oficiais e em linguagem jurídica, o uso da maiúscula sempre que o vocábulo se refere a uma das entidades jurídicas que compõem a federação brasileira: "O **Estado** da Bahia ..." Se você quer ficar em paz, use a maiúscula, que ninguém vai reclamar, enquanto a minúscula (que, repito, acho a mais indicada) pode despertar contra você a desconfiança de alguns. Meu conselho é sempre o mesmo: em caso de dúvida, evite a encrenca.

minúsculas com nomes geográficos

Os nomes dos acidentes geográficos devem ser escritos em minús
ilha do Bananal, **rio** das Antas, **baía** de Guanabara.

Prezado Professor, quando uso maiúsculas ao escrever acidentes geográficos? Segundo o **Manual de Redação do Estadão***, eu não uso maiúsculas para* **rio** *Tietê e* **monte** *Everest. Mas e* **baía***,* **estuário***, etc.? Eu agradeço sua atenção, pois estou precisando dessas informações, e nem* **Cunha** *nem* **Luft** *(em seus livros) resolveram meu problema. Obrigada.*

Estela – Porto Alegre (RS)

Minha cara Estela, é quase impossível encontrar alguma coisa de ortografia que o professor Luft não tenha esmiuçado. Às vezes fica difícil ter acesso ao que o mestre escreveu, pois temos de buscar naqueles 3.000 artigos (três mil!) publicados no jornal **Correio do Povo**, na seção **No Mundo das Palavras**; outras vezes é bem mais fácil, como no seu caso. No seu **Grande Manual de Ortografia Globo**, falando sobre o emprego das minúsculas, Luft diz que devemos usar minúsculas nos “nomes comuns que acompanham nomes geográficos: a **baía** de Guanabara, o **canal** de Suez, o **estreito** de Magalhães, o **oceano** Atlântico, o **rio** Amazonas, etc.”. Que tal? Claro como água. Você pode estender isso ao **pico** da Neblina, à **ilha** de Marajó, a **serra** da Mantiqueira. Essa é a norma oficial; no entanto, o uso dos principais jornais e revistas vem sistematicamente contrariando esse preceito, acostumando os leitores a grafias como **Baía** de Guanabara, **Canal** de Suez, **Oceano** Atlântico, **Estreito** de Magalhães, **Golfo** Pérsico. Ou seja: é mais um caso em que o usuário vai ter de escolher de que lado da guerra ele quer se alistar.

maiúscula após dois-pontos?

Deve-se usar maiúscula
após o dois-pontos?

Prezado Doutor, como santo de casa não faz milagre, solicito esclarecimento sobre o uso de letras maiúsculas em enumerações, após dois-pontos. Ex.:

Os seguintes ajustes devem ser efetuados:
a) Incluir o percentual de...;
b) Informar o valor de...;
c) Identificar o saldo... .

Inara Cristina

Minha prezada Inara, em princípio, os sinais que devem ser seguidos por maiúsculas são os sinais de **pontuação final** (**ponto**, **ponto de interrogação** e **ponto de exclamação**), o que não é o caso do **dois-pontos**, que, assim como o ponto-e-vírgula, é um sinal de **pontuação interna**. Vamos ter maiúscula depois desse sinal apenas quando se tratar de uma **citação** – O deputado defende o contrário: "Não podemos transigir com o FMI" – ou de **substantivo próprio** (o que é óbvio) – "Três foram os indiciados: João, Pedro e Mateus".

No caso de uma enumeração **em alíneas**, como o exemplo que você enviou, contudo, o caldo pode ficar um pouco mais grossinho. Explico: se as alíneas forem curtas e pudermos separá-las com vírgula ou ponto-e-vírgula, a inicial fica em minúscula. O exemplo é o daquela famosa enciclopédia chinesa "descoberta" pelo Jorge Luis Borges:

"Os animais se dividem em:
a) pertencentes ao Imperador,
b) embalsamados,
c) domesticados,
d) leitões,
e) sereias,
f) fabulosos,
g) cães em liberdade,
h) incluídos na presente classificação,
i) que se agitam como loucos,
j) inumeráveis,

k) desenhados com um pincel muito fino de pêlo de camelo,

l) et caetera,

m) que acabam de quebrar a bilha,

n) que de longe parecem moscas.”

Se, entretanto, as alíneas formarem verdadeiros **períodos**, recomendo usar maiúscula, mesmo na primeira:

“Três são os processos mais comuns de ampliação do léxico do Português:

a) Forma-se uma palavra nova a partir de uma já existente. Este processo é chamado de derivação, que pode ser prefixal, sufixal ou parassintética.

b) Forma-se um vocábulo pela união de dois (geralmente) vocábulos já existentes. Este processo, chamado de composição, só produz substantivos ou adjetivos.

c) Importa-se o vocábulo de uma língua estrangeira, adaptando-o às características fonológicas e ortográficas dos vocábulos vernáculos. É o processo denominado de importação ou empréstimo.”

Concluo dizendo-lhe estas palavras sinceras: faça como lhe aprouver, Inara. O uso das maiúsculas raramente tem alguma importância, e as regras que estipulam o seu emprego são poucas e (ao meu ver) equivocadas, em muitos casos. No fundo, não passam de fúteis recomendações de etiqueta, emanadas da Comissão de 1943, que os deuses a tenham, ou da Comissão de 1990 (que o diabo a carregue), e não significam conhecimento real do Português, que envolve matéria muito mais densa e mais profunda.

maiúsculas nos nomes de aves

Prezado Professor Moreno: fiz uma compilação dos nomes populares das aves brasileiras. Alguém me alertou que a norma ortográfica manda escrever estes nomes sempre com todas as palavras iniciando em minúsculas, mesmo se tratando de nomes próprios. Acho muito estranho escrever, por exemplo, o **pavãozinho-do-pará** *desta forma e não* **pavãozinho-do-Pará**. *Temos diversos nomes de aves que incluem nomes próprios, como* **bacurau-do-**

São-Francisco, choca-de-Roraima, tapaculo-de-Brasília, arapaçu-de-Wagler *e por aí afora. Fico pensando a confusão que daria se tivéssemos uma ave do Rio de Janeiro que o povo chamasse de* **fulaninho-do-Rio**. *Se escrevêssemos* **fulaninho-do-rio**, *certamente ninguém imaginaria que esse "***rio***" se refere ao Rio de Janeiro e não ao curso d'água, como ocorre com a* **andorinha-do-rio***, o* **arredio-do-rio** *e diversos outros. O que o senhor pensa a respeito?*

Luiz Fernando F. – Osasco, São Paulo

Meu caro Luiz Fernando, você está fazendo uma pequena tempestade num dedal. É verdade que, no caso do Rio, haveria ambiguidade – mas, vamos convir, seriam pouquíssimos casos dentro de um sistema muito amplo. Não se trata apenas de nomes de aves, mas de uma regra abrangente que regula a presença de nomes próprios como parte de substantivos compostos: **castanha-do-pará**, **sururu-de-alagoas**, **carne-do-ceará**, **cerejeira-do-uruguai**, **cerejeira-do-rio-grande**, **queijo-de-minas**, **jasmim-do-paraguai**, **narciso-de-portugal**, **folha-de-flandres**, **funcho-da-itália**, **coco-da-baía**, **chagas-de-são-francisco**, **sambaíba-do-rio-são-francisco**, **louro-branco-do-paraná**, **pinho-do-paraná**.

Note que os nomes próprios perdem sua individualidade gráfica: se forem compostos, como **Rio Grande**, ganham hífen entre seus elementos (**cerejeira-do-rio-grande**); se tiverem a sua grafia justificada por alguma regra especial (**Bahia**, por exemplo, que mantém aquele exclusivo **H** interno), voltam a ser simples mortais como os outros (**coco-da-baía**). Note também que há a preocupação de desambiguizar na própria construção do nome: **chagas-de-são-francisco** e **samambaia-do-rio-são-francisco** (um é do santo, o outro é do rio). Por último, observe como a ambiguidade a que você se referia, com relação a **rio/Rio**, realmente ocorre em **louro-branco-do-paraná** e **pinho-do-paraná**, nos quais, ao que parece, o primeiro se refere à bacia do rio Paraná e o segundo ao estado do Paraná. Como diz um velho provérbio árabe, "Azar, azia, azeite". Nas línguas naturais, existem ambiguidades por toda parte, e temos de aprender a conviver com elas. Quem quiser evitá-las, vai ter de fazer a distinção na própria nomenclatura, fazendo o bichinho chamar-se, por exemplo (hipotético),

"caturrita-do-rio", para diferençá-la da "caturrita-da-lagoa", ou "caturrita-do-rio-de-janeiro", para diferençá-la da "caturrita-de-goiás" (como no exemplo acima, da **samambaia-do-rio-são-francisco**).

Curtas

Jorge ou George?

Frederico, de Belo Horizonte, relata que houve uma grande discussão na aula de Português sobre qual seria a forma correta, se **Jorge** ou **George**. "Apesar da explicação da professora, ainda continuo com dúvidas e gostaria de saber qual é a forma correta."

Meu caro Frederico, não entendo qual é o problema. O nome em Português é **Jorge**; em Inglês, é **George**. Muita gente dá a seus filhos nomes estrangeiros: **Ronald**, **William**, **Philip**, **Jean**, **Elizabeth**, etc.; outros preferem usar seus equivalentes em Português: **Ronaldo**, **Guilherme**, **Filipe**, **João**, **Elisabete**.

muçarela, mozarela

Cláudia, de Pará de Minas (MG), escreve para dizer que encontrou no dicionário a palavra **muçarela**, e quer saber se é errado grafar **mussarela**.

Minha cara Cláudia, ou escrevemos **muçarela**, ou **mozarela**, no Português; se você preferir, pode usar também a forma do Italiano, que é *mozzarela* (os dois **Zs** soam como em *pizza*).

estorno ou extorno?

O leitor chamado Klein quer saber se um cheque é **extornado** ou **estornado**.

Meu caro Klein, a forma correta é **estorno**, com **S** mesmo, pois vem do vocabulário contábil italiano (*storno*). Eu também já tive essa mesma dúvida, quando trabalhava em banco, pois esse /es/ parece o nosso prefixo **EX** (pronunciado também /es/), que estaria bem de acordo com a ideia de **estornar** um lançamento indevido.

garage ou **garagem**?

Alexandre escreve sobre **garage** e **garagem**: qual das duas está correta? Ou ambas estão corretas?

Meu caro Alexandre, quando um vocábulo estrangeiro ingressa em nosso léxico, ele se adapta aos vocábulos nativos já existentes. Os substantivos franceses terminados em **-age** (*sabotage*, *mirage*, *garage*, etc.), ao entrarem no Português, receberam um **M** final que os deixou semelhantes aos numerosos vocábulos já existentes com esse perfil (**selvagem**, **bobagem**, **passagem**, etc.). Por isso, ficaram **sabotagem**, **miragem**, **garagem**.

concertar ou **consertar**?

Nossa leitora Terezinha, de São José dos Campos (SP), quer saber como ela pode convencer (os colegas, imagino?) de que a forma correta é **concertar** os autos (ou o processo), em vez de **consertar**.

Minha cara Terezinha, não posso responder à sua pergunta porque não sei exatamente o que vocês fazem com os autos. Se é uma **correção**, **retificação**, então teremos **consertar**. Se, no entanto, é um **rearranjo** ou uma **integração** de autos de diferentes processos (isso existe?), poderíamos falar de **concertar** (harmonizar). Aqui termina a minha ciência e começa a dos juristas.

torácico

O dr. Alessandro, de Ribeirão Preto (SP), traz uma dúvida corrente entre seus colegas: o termo correto para “através do tórax” grafa-se **transtoráxico** ou **transtorácico**?

Meu caro Alessandro, se o adjetivo é **torácico**, só podemos ter **transtorácico**, com **C**. Você deve lembrar que há um velho namoro entre o **X** e o **C** no final das palavras. A forma **índex** ficou antiquada, cedendo lugar a **índice**. O **cálix,** os **cálix** foram abandonadas por **cálice**, **cálices**. No caso de **tórax**, o radical subjacente é **torac-**, como podemos ver no plural **tóraces** e em todos aqueles derivados científicos que você, como médico, deve estar habituado a utilizar (**toracoplastia**, **toracometria**, **toracostomia**, etc.).

marketing

Evandro, de São Paulo (SP), quer saber se existe alguma palavra ou expressão em português para a palavra *marketing*.

Meu caro Evandro, é essa mesma – *marketing***.** Aposto os meus diplomas que esta é uma daquelas palavras que jamais será substituída, pela absoluta falta de candidatas. Ela já entrou em nosso idioma, como *pizza*, *jazz* e outras mais, que resistem tanto à tradução quanto à adaptação pura e simples ao nosso sistema ortográfico e fonológico. Devemos fazer como as línguas das grandes culturas do mundo fazem: se a palavra é útil e necessária, vamos nos apropriar dela. O Inglês é o maior pirata de vocábulos que conheço; vai pegando tudo o que acha interessante ou funcional. Como resultado, seu vocabulário é hoje o maior das línguas ocidentais.

casa, bazar

Leila, de São Paulo, gostaria de saber por que usamos **S** para escrever **casa** e **Z**para escrever **bazar**, se ambos têm o som de /z/ e as vogais que vêm antes e depois são as mesmas. Além disso, estranha que pronunciemos o **S** de sozinho como /z/ (**casa**, **asilo**, **Brasil**), enquanto o som /s/ mesmo deve ser representado por **SS** (**assunto**, **osso**). “Como explicar isso? Tenho dúvidas desse tipo e preciso orientar um paciente meu com relação às regras ortográficas.”

Minha prezada Leila: você não vai poder orientar seu paciente, se não tiver a formação necessária para distinguir **fonemas** de **letras**. Não sei qual a sua especialidade, mas você não pode se manifestar sobre problemas ortográficos enquanto não sanar essa lacuna na sua formação. O fonema /s/ pode ser representado de várias maneiras gráficas no Português: **C**eleste, **S**apato, ca**Ç**a, ma**SS**a, má**X**imo, na**SC**er, na**SÇ**a, e**XS**udar (ou seja, pelas letras e dígrafos **C**, **Ç**, **S**, **SS**, **SC**, **SÇ**, **X** e **XS**). O fonema /z/ é representado assim: ca**S**a, Xa**Z**ar, e**X**ato (pelo **S** intervocálico, por **Z**e por **X**). Por que essa variedade? Porque nossa ortografia está apenas refletindo as diferentes origens dos vocábulos e as diferentes etapas de sua evolução. Isso acontece em todas as línguas ocidentais, e temos de nos acostumar com o fato. Talvez você se console em saber que é assim em todas as partes do mundo.

-ção e **-ssão**

Carmen Montenegro, da Costa Rica, é falante do Espanhol e está aprendendo Português. Ela gostaria de saber qual a regra para empregar **-ção** ou **-ssão**.

Prezada Carmen, sinto desapontá-la, mas não existe uma regra definida quanto ao emprego de **Ç** ou de **SS** antes de **-ão**. O que posso lhe dizer, estatisticamente, é que o sufixo **-ção** é muito mais frequente (**realização**, **iniciação**, **paralisação**); no entanto, há também vários vocábulos que são escritos com **SS**, como **repercussão**, **discussão**, **demissão**, **cessão**, **pressão**, **agressão**. Os brasileiros, que também têm a mesma dificuldade que você tem, só podem resolvê-la indo ao dicionário.

maiúsculas em compostos

Cláudio R., de Piraçununga (SP), quer saber se, em nomes próprios compostos separados por hífen, devemos empregar a inicial maiúscula nos dois elementos ou somente no primeiro. “Por exemplo, devo escrever **Acordo Luso-Brasileiro** ou **Acordo Luso-brasileiro**?”

Prezado Cláudio, lembre-se de que, ao formarmos uma palavra composta com hífen, os elementos presentes conservam sua individualidade **fonética**, **mórfica** e **gráfica**. Portanto, cada um leva sua maiúscula: **Grã-Bretanha**, **Decreto-Lei**, **Instituto Ítalo-Brasileiro**.

maiúsculas religiosas

Hamilton, de Pomerode (SC), quer saber: o correto é “Deus derrama sobre nós **a** Sua graça” ou “**da** Sua graça”? Neste mesmo caso, o pronome possessivo **Sua**, referindo-se a um atributo divino, deve sempre ser escrito com maiúscula?

Prezado Hamilton, o correto é “derrama **a** sua graça”. Quanto ao uso das maiúsculas, isso é um caso de decisão individual. Quem é religioso, escreve “o **Seu** nome”, “respeitá-**Lo**”, “dirigiu-se a **Ele**”, etc.; quem não é, não faz isso. É estritamente pessoal, e não pode haver regra gramatical que dependa do credo de cada um.

Deus e as maiúsculas

Irene, de Goiânia, diz que, ao se referir a Deus, sempre usa **Seu** com **S** maiúsculo; usa **dEle** e **Ele** também com **E** maiúsculo, mas fica em dúvida quando vai usar **para si**, por exemplo, ou **se**, ou **lhe**, referindo-se a Deus. Deve escrever “Deus resgatou o homem para **sI** mesmo”? “Ele **sE** deu em meu lugar”? “Vou dar-**lhE** meu coração”?

Minha cara Irene, você está fazendo uma pequena confusão. Se você é religiosa e quer usar o tratamento respeitoso para com a sua divindade, use maiúscula em todos os pronomes que a representem: “Perdoe a **Sua** filha”, “nós **O** amamos”, “enviamos-**Lhe** nossas preces”, “Deus resgatou o homem para **Si** mesmo” (se foi para ele próprio; se foi para o homem, seria

minúscula), "Ele **Se** deu em meu lugar". A estranha grafia **dEle** ocorre por causa da combinação da preposição **de**, em minúsculas, com o pronome **Ele**, com a inicial maiúscula. **Se**, **si** e **lhe** são pronomes simples, sem combinações, e só poderão ter maiúscula na sua letra inicial (se assim desejarmos). Agora, entenda bem o que você está fazendo: as maiúsculas são apenas para que seus leitores percebam o respeito que você tem a Deus; ele próprio, na sua infinita sabedoria, não liga para essas ninharias.

meses com minúsculas

Thiago B., de Fortaleza, tem uma dúvida que, segundo ele, "pode entrar para o *hall* das perguntas cujas respostas são curtas, porém finas": a primeira letra dos meses do ano deve ser grafada em maiúsculas ou em minúsculas?

Prezado Thiago, escrevem-se com iniciais **minúsculas** os nomes dos meses do ano e os dias da semana. É a norma. Vamos escrever **janeiro** e **dezembro**, assim como **sábado** e **domingo**. Portugal, diferentemente do Brasil, usava **maiúsculas** no nome dos meses, mas agora, pelo Acordo, deverá fazer como nós.

pus

A leitora Célia pergunta qual a maneira correta de se escrever o verbo **pôr** na primeira pessoa, se é **pus** ou **puz**. Nos dicionários que consultou, só encontrou o substantivo **pus**, mas nada sobre o verbo.

Minha cara Célia, a 1ª pessoa do verbo **pôr** (eu **pus**) é homógrafa (tem a mesma grafia) da palavra **pus** (aquele que sai da ferida). Lembre-se de que os dicionários não registram verbos conjugados; foi por isso que você não o encontrou. A forma verbal não pode ser escrita com **Z** por uma razão muito simples: só podem ter **Z**os verbos que ostentarem esta letra em seu infinitivo (**trazer**, **fazer**, **dizer**, **conduzir**, etc.); os demais só podem usar **S** (**quis**, **pus**, **quiser**, **puser**, etc.).

2. Como se escreve: acentos e sinais

A base de nosso sistema de acentuação gráfica foi estabelecida pela Comissão de 1943. Muito se discute se os acentos gráficos são ou não necessários para a ortografia do Português; não são poucos os autores que, olhando para o Inglês (que vive muito bem sem acentos), defendem a total inutilidade desses sinaizinhos. Outros, olhando para o inferno acentual do Francês – que escreve *dégoût* (desgosto), *élève* (aluno), *théâtre* (teatro) –, felicitam-se por ter um sistema tão simples e racional como o nosso. O que eu tenho notado é que a maioria dos brasileiros (incluindo aqui muitos professores de Português) não sabe exatamente qual a finalidade dos acentos; em outras palavras, poucos sabem por que os acentos vieram a este mundo.

A tradição de utilizar esses sinais nasceu na Grécia, por volta do ano 200 a. C., para marcar a sílaba tônica das palavras e assinalar os fonemas aspirados. É claro que os gregos não precisariam dessa sinalização para falar corretamente o seu próprio idioma, da mesma forma que um brasileiro não precisa saber escrever para poder falar o Português. O alvo era bem outro: com a expansão territorial do Grego, principalmente por obra de Alexandre Magno, um número imenso de falantes não-nativos passou a usar essa língua, e foi para esses recém-chegados, que não conheciam intuitivamente a maneira correta de pronunciar os vocábulos, que Aristófanes de Bizâncio concebeu o sistema de acentos e sinais que os textos gregos apresentam até hoje. Muitas línguas modernas incorporaram acentos à sua grafia, sem se dar conta de que se trata de uma sinalização útil para estrangeiros, mas geralmente supérflua para os nativos.

O sistema vigente

No Brasil, a acentuação manteve o mesmo objetivo que tinha na Grécia Antiga: ao contrário do que muita gente pensa, os acentos não têm a função de distinguir entre duas palavras muito parecidas, mas são usados para sinalizar, **quando for necessário**, a **prosódia** de uma palavra. Numa definição simplificada, a prosódia seria a correta colocação da sílaba tônica dentro do

vocábulo; quem diz /RUbrica/, com a tônica no /ru/, está cometendo exatamente um **erro de prosódia**, pois a pronúncia correta é /ruBRIca/. Como aprendemos desde os primeiros anos de escola, a sílaba tônica pode ser a última sílaba da palavra (as **oxítonas**), a penúltima (as **paroxítonas**) ou a antepenúltima (as **proparoxítonas**).

Como é natural, a maior parte de nossos vocábulos **não** necessita de acento porque sua prosódia está de acordo com a expectativa dos falantes. Os vocábulos acentuados – na verdade, apenas 20% de nosso vocabulário total – são exatamente os que se **afastam** dessa pronúncia esperada, como você verá logo a seguir. Neste caso, o acento indica aquela sílaba tônica que fica onde normalmente não se esperaria que ela ficasse. Por exemplo: por que **táxi** é acentuado? Usando a experiência que todos nós temos do Português escrito, vemos que a maioria dos vocábulos que terminam em "**i**" são lidos instintivamente como oxítonos: **sucuri, aqui, saci**. Esta é uma tendência comprovada estatisticamente. Em **TÁxi**, portanto, o acento nos avisa de que esta palavra **não** segue o padrão, já que sua tônica não é a última. Examine os exemplos abaixo e verá que os vocábulos que recebem acento são os que contrariam a tendência normal:

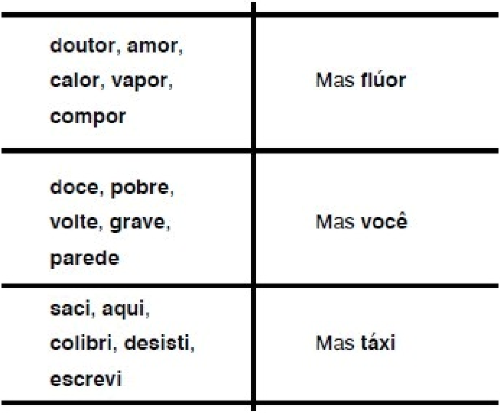

doutor, amor, calor, vapor, compor	Mas flúor
doce, pobre, volte, grave, parede	Mas você
saci, aqui, colibri, desisti, escrevi	Mas táxi

Com base nesse princípio muito simples – **assinalar o inesperado, deixar sem marca o que é previsível** –, a Comissão de 1943, com sua lógica geométrica, passou a decidir quais são os vocábulos que precisam de acento. Isso foi feito através de regras que são aplicadas a determinados perfis de vocábulos, sem casos especiais ou exceções:

(1) – Como o tipo de vocábulo mais frequente do Português são os paroxítonos terminados em **A(s)**, **E(s)**, **O(s)**, **EM** e **ENS**, estes ficaram **sem** acento. Inversamente, todos os que tiverem outros finais (**i, um, ã, l, r, ps,** etc.) ficaram **com** acento. É por isso que escrevemos **tolo, cera, coroa, totem, vezes, doce, gelo, deve** (sem acento), mas **hífen, ônix, flúor, ímã, órgão, ravióli, álbum** (com acento). Esta distribuição de acento nos **paroxítonos** vai determinar o acento dos **oxítonos**, classe muito menos importante:

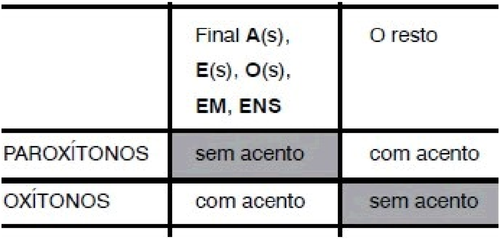

	Final **A**(s), **E**(s), **O**(s), **EM, ENS**	O resto
PAROXÍTONOS	sem acento	com acento
OXÍTONOS	com acento	sem acento

(2) – Todos os **proparoxítonos** recebem acento gráfico para assinalar que a sílaba mais forte é a antepenúltima; caso contrário, a tendência normal seria lê-las como **paroxítonos**:

médico pólvora intrépido víramos

Aqui se incluem os paroxítonos terminados em **ditongo crescente** (-**ie**, -**ia**, -**uo**, -**ua**, etc.): **série**, **água**, **mágoa**, **núcleo**, **história**. Devido à elasticidade dos ditongos crescentes na fala, essa sílaba final pode (repito: **pode**), numa pronúncia mais escandida, ser dividida em duas (/sé-ri-e/, /nú-cle-o), o que transforma essas palavras, na fala, em proparoxítonas. Alguns autores, inclusive, para assinalar o fato, dizem que essas palavras especiais podem ser chamadas de "proparoxítonas eventuais, acidentais ou relativas" – mas isso só diz respeito à acentuação, pois continuam a ser **paroxítonas**, como atesta a sua divisão em sílabas: **sé-rie**, **nú-cleo**, **his-tó-ria**.

(3) – Em seguida, o sistema de 1943 contemplava com acento gráfico alguns **encontros vocálicos** (hiatos e ditongos) cuja pronúncia a Comissão julgou necessário assinalar: os ditongos abertos **éi**, **éu** e **ói** (**herói**, **geléia**); os (raríssimos) hiatos **êe**, **ôo** (**zôo**, **crêem**); e os hiatos em que o **I** e o **U** formam sílaba sozinhos ou juntamente com **S** (**saúde**, **caímos**, **caíste**). O recente acordo, assinado em 1990, manteve as mesmas regras de 1943, mas suprimiu o acento nos hiatos **EE**, **OO** (**vôo** e **lêem**, por exemplo, passam a **voo** e **leem**) e retirou – apenas nas

paroxítonas! – o acento dos ditongos abertos (**idéia** e **heróico**, por exemplo, passam a **ideia** e **heroico**; **céu** e **anéis**, contudo, continuam acentuados).

Críticas cabíveis ao sistema de acentuação

Apesar do sistema ter uma lógica interna consistente, ele peca por se basear num falso princípio. Aqui reside exatamente o calcanhar de Aquiles de nosso sistema de acentuação: ele parte da ideia equivocada de que a escrita teria supremacia sobre a fala, imaginando um falante que primeiro vai ver como uma palavra está escrita para então saber como deverá pronunciá-la. Ora, qualquer falante, em princípio, conhece a pronúncia dos vocábulos que estão a seu alcance, sem que seja necessário indicar-lhe, por meio de um sistema de sinais, qual a sílaba predominante – um exemplo eloquente é o Inglês, que vive muito bem sem os acentos.

Além disso, a grafia não tem valor normativo sobre a maneira de pronunciar os vocábulos, já que é ela que depende da fala, e não vice-versa. Basta ver que no mundo letrado subsistem discussões sobre como se devem pronunciar determinadas palavras; debate-se qual a sílaba tônica de **xerox**, se a vogal de **colmeia** é aberta ou fechada, se o **S** de **subsídio** soa como em **subsetor** ou como em **obséquio**, etc. Aliás, a resposta a algumas dessas perguntas trará diferentes consequências para sua grafia: vou escrever **xerox** ou **xérox**, dependendo da sílaba que eu considere tônica. Não poderia deixar de ser assim, já que a escrita não passa de uma tentativa de representar graficamente a fala e, portanto, vem depois dela. Deste modo, quando ponho – ou deixo de pôr – o acento em **xerox**, o que estou fazendo, na verdade, é manifestar a minha posição quanto à sua pronúncia. Nada mais.

É verdade que algumas (poucas) vezes o acento serve para desambiguizar a leitura: “ele não **pode** sair” é diferente de “ele não **pôde** sair”, e “vou **por** aqui” não é igual a “vou **pôr** aqui”. No entanto, na maioria dos casos, a própria frase se encarrega de tornar supérfluo o acento, mesmo em palavras com a mesma grafia: “ele nunca **medica** sem antes fazer um exame completo do paciente” e “ela é a **médica** mais importante da equipe”; “não **contem** comigo” e “a caixa

contém uma grosa de lápis", e assim por diante.

Ora, para quem foram, então, concebidos os acentos? Para um tipo muito especial de pessoa: aquela que quer saber como se diz uma palavra e vai ao dicionário para encontrar ali a recomendação, ou que leu uma palavra que desconhecia e quer começar a utilizá-la em sua fala usual. É em nome desses raros cidadãos que todos os que escrevem em Português necessitam utilizar o sistema gráfico de acentuação, mesmo naquelas palavras cuja pronúncia é conhecida por todos, até por coerência da regra. Como nos exemplos acima, se **táxi**, **café** ou **dólar** vierem sem acento, não vai haver a leitura instintiva de /taXI/, /CAfe/, /doLAR/. No entanto, apesar de desnecessário, elas vão ser acentuadas, porque a regra não poderia ser aplicada a apenas algumas palavras, e não a todas.

De qualquer forma, acho que a solução mais racional seria suprimir totalmente os acentos gráficos (como no Inglês); a Comissão que trabalhou no novo Acordo Ortográfico, contudo, foi perdendo aos poucos a coragem para dar este passo radical, mas definitivo, e acabou introduzindo apenas algumas mudanças cosméticas no modelo que a Comissão de 1943 tinha elaborado. Não adiantou nada.

Mudanças introduzidas pelo Acordo

As regras que vão ser alteradas são poucas e, excetuando-se a supressão do trema, abrangem um número muito restrito de vocábulos:

1. Os hiatos tônicos **ÊE**, **ÔO**, muito raros, recebiam acento na primeira vogal: **vôo**, **abençôo**, **relêem**, **dêem**, etc. O Acordo suprime esta regra: **voo**, **abençoo**, **releem**, **deem**.

2. Até agora acentuávamos os ditongos abertos **ÉI**, **ÉU**, **ÓI**, onde quer que eles estivessem: **jibóia**, **heróico**, **paranóia**, **geléia**, **idéia**; **réu**, **herói**, **dói**, **réis**. O Acordo só mantém esse acento nas palavras oxítonas: **réu**, **herói**, **dói**, **réis**, **troféu**; as paroxítonas ficam sem acento: **jiboia**, **heroico**, **paranoia**, **geleia**, **ideia**, **assembleia**, **apoiam**, etc.

3. Tendo em vista que a letra **U** – quando colocada entre **Q** e **E**, **Q** e **I**, **G** e **E**, **G** e **I** – pode ter **três** valores diferentes, utilizávamos um sistema tripartite que indicava claramente quando ela é **muda**, **tônica** ou **átona**: (1) se era **muda**, ficava sem marca (**quilo**, **guerra**); (2) se era tônica, levava acento (**argúi**, **argúem**); (3) se era átona, levava trema (**pingüim**, **agüenta**). O Acordo elimina esta regra inteirinha, escrevendo tudo sem acento ou trema: **quilo**, **guerra**, **argui**, **arguem**, **pinguim**, **aguenta**. O leitor certamente entenderá que estamos falando de **grafia**; a **pronúncia** das palavras não muda, nem pode mudar. Por isso, mesmo que se passe a escrever **linguiça** (assim, sem trema), o **U** continuará a ser pronunciado obrigatoriamente.

4. A regra de 1943 manda acentuar o **I** e o **U** tônicos quando vierem depois de vogal ou ditongo e estiverem sozinhos ou formando sílaba com **S**: **juízes**, **gaúcho**, **saíste**, **reúno**, **feiúra**, **baiúca**. O novo Acordo apenas suprime o acento quando a vogal vier **depois de ditongo decrescente**: continuamos a escrever **juízes**, **gaúcho**, **saíste** e **reúno**, mas passamos a escrever **feiura**, **baiuca**, **gaiuta**, **bocaiuva**, **reiuno**.

5. Dos poucos acentos diferenciais que sobreviveram à reforma de 1971, o novo Acordo poupa alguns e elimina outros. Caem (com toda a justiça) os absurdos acentos de **pêlo(s)**, **pélo**, **péla(s)**, **côa(s)**, **pólo(s)** e **pêra**, que não serviam para nada. Continua, como era de esperar, o acento de **pôr** e de **pôde**. O acento em **fôrma**, velha reivindicação de mestre Aurélio Buarque de Holanda, passa a ser facultativo; eu, de minha parte, sempre usei e vou continuar usando. O inexplicável foi a supressão do acento de **pára** (verbo), que vai fazer muita falta ("Você não para para pensar", etc.) e que, a meu ver, foi suprimido por absoluta falta de experiência linguística dos membros da Comissão.

Permanece inalterada, portanto, a regra das proparoxítonas (todas levam acento), bem como a das paroxítonas e oxítonas (ver quadro no próximo artigo – "item, itens").

item, itens

O sonho do professor: "Se eu ganhasse dez centavos cada vez que

visse **item** ou **itens** escrito com acento, nunca mais precisaria traba

Prezado Professor, gostaria que o senhor me elucidasse sobre o uso do acento nas palavras **item** *(ou* **ítem***) e no seu plural. Obrigado.*

Jansen W. – Santos (SP)

Meu caro Jansen, em todos os meus anos de magistério, sempre me fascinou a verdadeira compulsão que as pessoas têm de acentuar **item**, ou **itens**, ou ambos. Eu não hesitaria em eleger essas duas formas como o melhor exemplo para provar que há uma falha na maneira como o sistema de acentuação, criado em 1943, vem sendo transmitido a todos nós, os brasileiros que sabem escrever. As gramáticas e os livros didáticos geralmente apresentam os acentos numa sequência de regras que parecem ser arbitrárias e casuísticas, impedindo que os alunos (e muitos professores) percebam a límpida economia do sistema.

Consulte qualquer um dos bons livros didáticos que temos no mercado: você vai aprender que as **oxítonas** terminadas em **-a**, **-e**, **-o** (com ou sem **S** final), **-em** e **-ens** devem ser marcadas com acento gráfico, enquanto as **paroxítonas** acentuadas são as terminadas em **-ps**, **-ã**, **-ão**, **-r**, **-x**, **-l**, etc. – uma lista de finais exóticos e pouco comuns. Ora, falar sobre quais as oxítonas e quais as paroxítonas **são** acentuadas é deixar de perceber o caráter **binário**, **complementar** do sistema. O fundamental é sabermos que as palavras **paroxítonas** mais comuns, mais **numerosas** (e que, portanto, **não** devem ser acentuadas) são as terminadas exatamente em **-a**, **-e**, **-o**, **-em** e **-ens**. A partir daí, podemos estabelecer o seguinte quadro, que já vimos anteriormente, mas que prefiro repetir em nome da clareza:

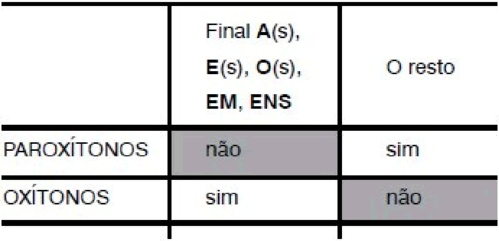

	Final **A**(s), **E**(s), **O**(s), **EM, ENS**	O resto
PAROXÍTONOS	não	sim
OXÍTONOS	sim	não

O quadro pode ser lido da seguinte maneira: as palavras mais frequentes de nosso idioma, que são as paroxítonas terminadas em **-a**, **-e**, **-o** (seguidas ou não de **S**), **-em** e **-ens** NÃO levam acento; o resto (uma miuçalha variada) leva. Consequentemente, o sistema fez valer o **inverso** para as **oxítonas**: as que têm esses finais vão ser acentuadas, enquanto o resto fica sem acento. É por isso que **casa, mestre, coroa, homem** ficam sem acento, enquanto **táxi**, **flúor**, **nível**, **látex** são acentuadas. E assim por diante (há uma pequena bateria de regras adicionais que vão, posteriormente, aplicar-se a alguns problemas específicos de ditongos e de hiatos – mas isso foge ao problema específico que estou tentando esclarecer neste artigo).

Seguindo essa linha de raciocínio, perceba que **homem** não é acentuado porque pertence a um grupo muito expressivo de vocábulos em nossa língua: as paroxítonas com o final **-em**. Elas formam um grupo de vários milhares de palavras, do qual fazem parte (1) os substantivos terminados em **-agem** (**selvagem**, **homenagem**); (2) as terceiras pessoas do plural de vários de nossos tempos verbais (**fazem**, **estudem**, **fiquem**, **voltarem**); (3) um grande número de substantivos e adjetivos com **-m** final (**homem**, **jovem**, **nuvem**, **virgem**); etc. Ora, se uma pessoa (e quantas existem!) sente a tentação de colocar um acento em **item**, só posso concluir que ela não percebeu ainda como funciona o sistema. Na verdade, ela está sonhando com uma regra que deixe sem acento **homem**,

trazem, **nuvem** e **virgem**, mas que acentue – o que seria, agora sim, uma odiosa exceção! – o vocábulo **item**. Felizmente isso não é possível em nosso sistema. Se uma palavra leva acento, todas as similares também levam (o inverso também é verdadeiro). Portanto, **item** não tem acento, assim como **itens**. Não têm e nunca tiveram; se escrevêssemos ***ítem**, ***ítens**, como muita gente gostaria, teríamos de escrever também ***hômem**, ***hômens** (o asterisco indica uma forma errada).

acentuação das paroxítonas

Olá, professor Cláudio. Escrevo-lhe para tirar uma dúvida sobre acentuação gráfica. Achei ótima a sua tabelinha sobre as palavras paroxítonas e oxítonas e, de fato, comecei a usá-la para simplificar as tais regras de acentuação, até o momento em que percebi que todas as formas verbais como **falam**, **falaram**, **falavam**, **comeram**, **abriram** *não levam acento, é claro! O que se pode fazer? Colocar uma observação especial para as terminadas em* **-am**, *ou é a regra toda que deve ser repensada, pois talvez ainda haja outros casos que não foram contemplados?*

Valentina V. – Roma.

Prezada Valentina, aquele quadro que construí tem por base um sistema binário, como você percebeu. O **sim** se opõe ao **não**, e vice-versa. As paroxítonas mais comuns – e, portanto, **sem** acento – são as terminadas em **-a**, **-e**, **-o** (seguidos ou não de **-S**), **-em**, **-ens**, o que nos leva a acentuar as oxítonas com as mesmas terminações.

Agora chegamos ao seu problema: é claro que há também centenas de paroxítonas terminadas em **-am** (especialmente, como você mesma diz, nas terminações verbais da 3ª pessoa), mas não podemos incluir este final no nosso quadro porque, sendo ele binário, pressuporia que as oxítonas com igual terminação tivessem acento, o que não ocorre. A formulação (errônea) ficaria assim:

	a(s), e(s), o(s), em, ens, **am**	o resto
PAROXÍTONAS	não	sim
OXÍTONAS	sim	não

Por isso, nas minhas aulas (eu ainda leciono regularmente), depois de apresentar o quadro, explico que as paroxítonas terminadas em -am também não são acentuadas (pelo mesmo motivo estatístico), mas não cabem na oposição binária que construí. É só isso; é pena, mas nem sempre os fatos cabem dentro das teorias. Se não fosse pelo final -am, o binarismo seria perfeito; assim mesmo, ainda o considero uma eficiente ferramenta para o usuário entender o princípio fundamental de nossa acentuação gráfica e perceber que o sistema não é tão arbitrário ou caótico como querem seus detratores.

Caro professor Cláudio, muito obrigada pela rápida resposta. Eu também ensino Português, mas para italianos (em Roma). A sua tabela é de grande ajuda, já que permite aposentar aquela tal das paroxítonas terminadas pelas iniciais de "ROUXINOL", que, aliás, não faz sentido para alunos estrangeiros! O curioso é que nenhuma gramática, dentre as que consultei, menciona esses casos dos verbos terminados em **-am***, um número expressivo de palavras.*

Valentina V. – Roma

Prezada Valentina, o motivo é simples: as gramáticas não trabalham com os vocábulos que **não** têm acento; preferem, isso sim, relacionar apenas os finais dos vocábulos que são acentuados. Eu passei minha vida de estudante memorizando a relação das paroxítonas que **levam** acento (aquela lista enorme),

convicto de que nosso sistema ortográfico era um amontoado inexplicável de casos particulares e de exceções. Quando percebi a beleza do sistema, já tinha começado a lecionar na Graduação em Letras e fiz questão de divulgá-la para todos os futuros professores que foram meus alunos. Devo ter plantado muitas sementes, mas, pelo que percebo pelas perguntas dos leitores, a maior parte dos professores brasileiros ainda se limita a repetir aquela execrável lista de terminações.

qual a regra mais difícil de pegar

Professor, eu posso mais ou menos me considerar uma colega sua, porque também leciono Língua Portuguesa numa escola municipal de minha cidade. Por isso, gostaria de saber, com a experiência que o senhor tem, qual é o seu palpite: qual das regras de acentuação vai ser mais difícil de "pegar", isto é, vai ser mais desrespeitada nos primeiros dias (meses?) da Reforma?

Lucinda V. W. – Ribeirão Preto (SP)

Prezada Lucinda, não tem nada de mais ou menos; para mim, empunhou o giz, enfrentou a lousa, então é colega. Quanto à sua pergunta, você sabe muito bem que as regras que foram alteradas (caem o trema e o acento agudo no **U** depois do **G** e do **Q** , o acento agudo no ditongos abertos **ÉI**, **ÉU** e **ÓI**, e o acento circunflexo nos hiatos **ÔO** e **ÊE**) já não eram muito populares, mesmo; muita gente simplesmente não usava o trema, por exemplo, e nem vai sentir a mudança. Fora o hífen – este sim, um caso sério, que ainda aguarda regulamentação por parte da Academia e que vai dar muitíssimo pano para manga –, o maior problema de adaptação que eu pressinto, por parte dos usuários, é essa regra caprichosa que tira o acento dos ditongos abertos nas **paroxítonas** mas o mantém nas **oxítonas**: **heroico**, mas **herói**; **geleia**, mas **anéis**; **joia**, mas **sóis**; e assim por diante. Melhor teria sido tirar o acento de todas, ou conservá-lo em todas.

acento em nomes próprios

Nome próprio também leva **acento**, ou é grafado à vontade do dor
Professor esclarece essa delicada questão.

Olá, Professor, gostaria de saber se os nomes próprios precisam realmente levar acento. Por exemplo, **Claudio***, pela regra, deveria ser acentuado, mas em alguns casos isso não acontece. Por quê?*

Vanessa F. – Rio de Janeiro (RJ)

Minha cara Vanessa, os nomes próprios estão sujeitos às mesmas regras de acentuação que os nomes comuns. **Cláudio**, **Sérgio**, **Flávio**, **César**, **Aníbal**, **Félix**, **Dóris**, **Zilá**, **André** – todos são acentuados. Ocorre que a lei permite ao cidadão portar (se ele quiser – e se ele aguentar!) o nome da maneira como foi registrado. Ora, como os acentos que conhecemos foram introduzidos pela Reforma de 1943, muitos **Claudios**, **Sergios**, etc. nascidos antes dessa data escrevem lá à sua maneira – da mesma forma que também se vê a grafia **Cezar**, **Luiz**, **Suzana**, que hoje se escrevem com **S**.

A alteração do nome para sua forma correta pode ser requerida ao Judiciário, num processo relativamente simples. Esse recurso, no entanto, não me parece necessário se o problema for simplesmente o **acento**: quem foi registrado sem o acento devido, ou com um acento desnecessário, pode corrigir por conta própria a grafia de seu nome, pois isso não é um detalhe que prejudique a sua identificação civil em documentos. Por exemplo, se meu pai e minha mãe não tivessem posto o acento no meu **Cláudio**, eu o poria por mim mesmo, e ninguém poderia alegar que "na certidão está sem acento". O acento **não** é levado em conta na caracterização do nome do indivíduo; por isso, o melhor é sempre acentuar de acordo com a regra de acentuação que estiver vigorando, independente do registro civil.

Note que isso também vale para o **futuro**: se um dia os acentos vierem a ser eliminados do nosso sistema ortográfico (a esperança é a última que morre!), nessa mesma data deixarei de usar o meu acento no **A** de **Cláudio**. Já vimos isso:

quando foi adotado o sistema de 1943, o nome da cidade de **Porto Alegre** passou a ser grafado com o acento circunflexo diferencial: **Pôrto Alegre**. Em 1971, esse infeliz acento foi eliminado, e voltamos a escrever **Porto Alegre**. Vale o que estiver vigendo na hora de escrever.

acento em verbo com pronome

Se **comprá-lo**, **vendê-lo** e **destruí-lo** têm acento, por que **parti-lo** n tem?

Caro Professor, quando devo acentuar a última sílaba de um verbo, antes do hífen? Por exemplo: o que determina ser **abraçá-la** *ou* **abraça-la***;* **destruí-lo** *ou* **destrui-lo***? Quais seriam as regras para construções desse tipo?*

Vívian C. – Volta Redonda (RJ)

Minha cara Vívian, este hífen é considerado um sinal que indica o fim de um vocábulo; logo, qualquer vocábulo com hífen tem duas partes distintas (**antes** e **depois** desse sinal). Nos verbos com **pronomes enclíticos**, devemos descartar o pronome e ficar apenas com o **verbo**, já que este é o vocábulo que será levado em conta pelas regras de acentuação. **Comprar**, **perder**, **repor**, **partir** e **construir** não recebem acento por não se enquadrarem na regra das oxítonas (terminam em **R**). Quando essas formas perdem o **R** devido ao acréscimo do pronome enclítico, no entanto, devem ser reexaminadas quanto à acentuação. **Comprá**-lo, **perdê**-lo, **repô**-lo e **construí**-lo ganham acento, enquanto **parti**-lo não (como **vatapá**, **você**, **avô** e **açaí**, de um lado, e **saci**, do outro).

coco e **cocô**

Ao contrário do que muita gente pensa, o acento de **coco** – que nã mais – nada tinha a ver com o popular **cocô**.

Professor, desde que aprendi a escrever me ensinaram que deveria escrever **côco** *com acento circunflexo no primeiro* **O***, para diferenciar de* **cocô***. Porém, tem gente que diz que eu estou errada ao acentuar essa palavra, dizendo que já não se usa mais. Eles estão tentando derrubar algo que já virou uma convicção que trago desde o Ensino Fundamental! Afinal, como é que se escreve o fruto do coqueiro?*

Elisa M. F.

Minha cara Elisa, a maneira como escrevemos as palavras do Português tem como base o Acordo Ortográfico de 1943, com as pequenas modificações introduzidas em 1971 e em 1990; a consolidação desses textos constitui o sistema que o brasileiro médio chama respeitosamente de “ortografia oficial”, atribuindo-lhe uma infalibilidade maior do que a do Papa. Os estudiosos sabem que ele não é tão oficial nem tão infalível assim; prefiro, contudo, discutir isso noutra ocasião, que não sou homem de mexer em abelheiro e sair correndo.

Quando o Acordo de 1943 entrou em vigor, muitos dos brasileiros que já tinham sido alfabetizados ficaram com uma sensação natural de insegurança, uma vez que perceberam que o sistema que tinham estudado na escola havia sido substituído por outro. Quem escrevia **theatro**, **commercio** e **pharmacia**, por exemplo, teve de aprender as novas formas **teatro**, **comércio** e **farmácia**. Se as pessoas têm dificuldade em assimilar uma nova moeda (cruzeiros, cruzados, reais, etc.), podemos imaginar o quanto mais vão ter, tratando-se de algo muito mais complexo, como é um sistema ortográfico...

Pois bem, o Acordo de 1943 instituiu o equivocado **acento diferencial** para desmanchar aqueles pares de vocábulos homógrafos (“que se escrevem da mesma forma”) cuja diferença, na pronúncia, repousa na oposição entre **E/O fechado** e **E/O aberto**. A partir daquele ano, desapareceu essa homografia, porque passou a escrever-se **gêlo**, **almôço**, **pôrto**, **sêde**, diferentemente de **gelo**, **almoço**, **porto** e **sede** – e aqui entrou o **côco**, acentuado para distinguir de **coco** (do verbo **cocar**; nunca usei, mas existe). Isso nada tem a ver com o acento de

cocô (oxítona terminada em **O**, como **vovô** ou **camelô**); aliás, se não existisse o vocábulo **cocô** (os nenês portugueses dizem **cocó**...), assim mesmo o Acordo de 1943 manteria o acento de **côco**, indicando que o **O** aqui é fechado.

Acontece que o acento diferencial, na prática, revelou-se inútil e extremamente perturbador do sistema ortográfico – a tal ponto que a única alteração introduzida, de 1943 até 1990 (friso: foi a **única** vez que se alterou a regra ortográfica antes de chegarmos à atual Reforma, embora muitos de meus leitores jurem que houve inúmeras mudanças, deste então!) – repito, a única alteração foi feita em **1971**, eliminando-se esse malfadado acentinho, voltando os vocábulos a ser homógrafos: "eu estou com **sede**" e "leve isso à **sede** do sindicato"; "está faltando **gelo**" e "eu **gelo** a cerveja com o extintor" (é técnica de emergência...); "na hora do **almoço**" e "eu **almoço** sempre com meus filhos". Pelos exemplos que dou, você pode ver que o contexto normalmente se encarrega de esclarecer qual dos dois vocábulos está sendo empregado. Foi aqui que o **coco** perdeu o acento.

Ora, embora mínima, a Reforma de 1971 era também uma mudança, e ocasionou os problemas já conhecidos: quem já tinha introjetado o sistema de 1943 passou a sentir-se inseguro, não sabendo exatamente até que ponto ele tinha sido modificado. Imagine como se sente um bravo brasileiro que nasceu em 1930: aprendeu a escrever lá por 1940; em 1943, tudo mudou; vamos supor que, com esforço e persistência, ele tenha conseguido atualizar-se, só para ver, estarrecido, nova mudança em 1971; quando já estava acostumando a ela, veio o Acordo de 1990... Pobre diabo!

Vou dar uma de Sherlock Holmes: se a sua professorinha ensinava **côco** com acento, deduzo que você entrou na escola **depois** de 1943 e que a deixou **antes** da reforma de 1971 (sem ter sido apresentada ao novo **coco** desacentuado). Não estou certo?

Para seu consolo, fique sabendo que você não é a única a errar: milhares de pessoas, alfabetizadas antes de 1971, continuam a usar o circunflexo nesses vocábulos. Desafio alguém a encontrar um depósito de **gelo** sem acento, ou algum produto alimentício feito com **coco** sem acento – são verdadeiras

raridades! Por essas e por outras, minha cara Elisa, é que sinto vontade de esganar qualquer um desses inconsequentes que defendem a nova reforma ortográfica! Eles realmente não sabem o que fazem; só alguém completamente divorciado da realidade de nosso pobre país pode pensar em tamanha asneira!

fluido ou **fluído**

Afinal, devemos trocar o **fluido** ou o **fluído** do freio? A sala está ch
maus **fluidos** ou **fluídos**? Qual é a maneira certa de escrever e pror
essa palavra?

Caro Professor, afinal, a gente escreve **fluido** *ou* **fluído***? Eu pensava que só existia o segundo, mas a professora ensinou que o certo é o primeiro. Agora fiquei sabendo que existem os dois. Como é que eu fico?*

Carla C. – Botucatu (SP)

Prezada Carla, estamos falando de dois vocábulos diferentes, com sentido e grafia também diversos.

1) O primeiro, **fluido**, tem o **U** tônico e divide-se em duas sílabas (/flui-do/), com a primeira sílaba pronunciada como **fui** ou **Rui.** Se você se lembra de seu tempo de colégio, o **ui** é um **ditongo**. Este vocábulo tem o sentido genérico de "líquido": mecânica dos **fluidos**, **fluido** de freio; "a Aids se transmite pela troca de **fluidos** do corpo". Modernamente, acho que passou também a significar algo meio invisível e misterioso; pelo menos, é o que sugere o uso que dele fazem as pessoas místicas: "nesta sala há maus **fluidos**", "podem-se perceber os bons **fluidos**", etc. Em todos os exemplos acima, é classificado como **substantivo**; às vezes é usado como **adjetivo** (ainda com o mesmo sentido de "líquido"): "estava muito quente, e o mel ficou mais **fluido**". Ou no início do poema **Antífona**, de Cruz e Sousa:

Ó Formas alvas, brancas, Formas claras
De luares, de neves, de neblinas!
Ó Formas vagas, **fluidas**, cristalinas...
Incensos dos turíbulos das aras.

2) O segundo, **fluído**, tem o “**i**” tônico; é uma palavra de três sílabas (/flu-í-do/). É o que chamamos de **hiato**. Aliás, é exatamente por ser um hiato que o “**i**” precisa levar esse acento gráfico. Agora estamos diante do particípio do verbo **fluir** (correr, transcorrer), formado da mesma maneira que **caído** (de **cair**) e **saído** (de **sair**): “as horas tinham **fluído** sem que nós nos déssemos conta”; “todo o óleo tinha **fluído** para o chão da garagem”. Note que os dois vocábulos são diferentes na **pronúncia**, na **grafia** e no **sentido**.

No entanto, nove entre dez brasileiros não distinguem um vocábulo do outro, pronunciando /flu-í-do/ em ambos os casos. Em geral, as pessoas dizem “**flu-í-do** de freio”, “mecânica dos **flu-í-dos**”, “maus **flu-í-dos**”. Isso acontece porque há uma forte tendência popular em mudar a prosódia de termos como **gratuito**, **circuito**, **fortuito**. Em muitas rádios já se ouve “entradas gratu-**I**-tas”, “curto-circu-**I**-to”, com o **I** tônico – o que é um contra-senso, porque, se fosse tônico, deveria levar o mesmo acento de **ruído** e **caído**. Este é o processo que está agindo sobre o **fluido**, levando as pessoas descuidadas a pronunciá-lo da mesma forma que o particípio **fluído**. Devemos evitar essa confusão; note que não estou falando apenas de algum detalhe secundário que eu, reacionariamente, esteja tentando preservar, mas sim da **diferença entre dois vocábulos distintos**, o que não é pouca coisa.

câmpus e outras expressões latinas aportuguesadas

Em Latim, **o campus** e **os campi**; em Português, **o câmpus** e **os cân**

Prezado Professor, no **Manual de Redação e Estilo***, editado pelo* O Estado de S. Paulo*, temos* **o câmpus***,* **os câmpus**. *Mas é habitual nas universidades ver, ler e ouvir* **o campus***,* **os campi**. *Qual o correto, professor?*

Prof. Marcos Fernando

Meu caro Marcos, essa é uma daquelas palavras mutantes que se encontram numa espécie de limbo entre o Latim e o Português. Alguns a usam no Latim, dando-lhe a grafia e a flexão latina: **o** *campus*, **os** *campi*; outros já a

tornaram nossa, grafando-a como outros vocábulos latinos similares (**ônus**, **ângelus**, **íctus**, **múnus**, **tônus**, etc. – já dentro de nosso sistema flexional e ortográfico). Eu sempre aconselho o uso da forma evoluída **câmpus**, já que a outra pressupõe conhecimento do Latim (que a maioria de nosso público acadêmico infelizmente não tem) e acarreta complicações desnecessárias na forma de escrevê-la (como não é Português, deve vir sempre em **itálico** ou **sublinhada**). O Inglês, muito menos flexível que nossa língua, vive às turras com esses plurais latinos – *datum*, *data*; *memorandum*, *memoranda*; *erratum*, *errata*; *agendum*, *agenda*; etc. Nós, que usamos o Português, filho direto do Latim, temos a tendência de deixar a palavra entrar no nosso sistema flexional, já que ela é mesmo de casa: **o memorando**, **os memorandos**; **a errata**, **as erratas**. Você quer saber mais? Acho que deveríamos estender isso a **córpus**, com todas as pompas: **o córpus**, **os córpus** (abandonando o *corpus*, os *corpora*, com sua incômoda flexão latina).

fôrma, **forma**, **forminha**: os acentos nos diminutivos

Se usarmos, como propõe o **Aurélio**, o uso do acento para diferenc
fôrma de **forma**, como fazemos para distinguir entre seus diminuti

Caro Professor, tentei solucionar minha dúvida no **Aurélio***, mas não consegui. O acento diferencial existe no caso da palavra* **forma** *(jeito, maneira) e* **fôrma** *(utensílio de cozinha). A minha dúvida é no diminutivo de* **fôrma***. O correto é* **fôrminha** *ou* **forminha***?*

Sandra A. – São Paulo (SP)

Minha cara Sandra: para começar, o acento de **fôrma**, considerado opcional pelo atual Acordo, foi uma conquista do velho Aurélio (o homem, e, por consequência, também seu dicionário). Ele achava que esse acento deveria ter sido poupado pela Reforma de 1971 (e não foi!), porque ele é fundamental para distinguir **forma** (/fórma/) de **forma** (/fôrma/) – com o que, aliás, também concordo. Em textos de Metalurgia, de Prótese Dentária, de Artes Plásticas, de Culinária, os vocábulos **forma** e **fôrma** se confundiriam miseravelmente sem o

auxílio do famigerado "chapeuzinho". No famoso poema **Os Sapos**, de Manuel Bandeira, que se tornou um dos manifestos da Semana de Arte Moderna, se o acento não fosse usado, ficaria o leitor sem entender a acusação que Bandeira faz contra os poetas parnasianos:

> Vai por cinquenta anos
> Que lhes dei a norma:
> Reduzi sem danos
> A **fôrmas** a **forma**.

Coerente com sua opinião, o dicionário de Aurélio sempre trouxe **fôrma** com acento, incluindo, no verbete, uma longa e satisfatória justificativa dessa sua insubordinação contra a decisão da Academia, que agora, finalmente, reconhece como válida a sugestão do velho professor. No diminutivo, porém, a coisa muda: o acréscimo do sufixo **-inho** (como, de resto, a maioria dos sufixos) vai alterar a sílaba tônica da palavra. Se em **fôrma** a tônica é /for/, em **forminha** passou a ser /mi/ – o que torna impossível deixar o acento diferencial em cima do **O**. É importante lembrar que **nenhum acento persiste** depois do acréscimo do sufixo diminutivo: **só**, **sozinho**; **café**, **cafezinho**; **chá**, **chazinho**; **árvore**, **arvorezinha**. Em ambos os casos, portanto, fica **forminha** – o mesmo que se verifica em pares como **pezinho** (de **pé**) e **pezinho** (de **pê**, o nome da letra); ou **boizinho** (de **boi**) e **boizinho** (de **bói**, aportuguesamento de **boy**).

quê?

Quando e por que devemos
acentuar o vocábulo **que**.

Caro Professor, na frase "Tudo o **que** *você põe na sua casa, menos o cansaço", este "que" deve ser acentuado? Sei que, no final da frase, ele tem acento ("Não sei bem* **por quê**"*), mas nesse caso fiquei em dúvida.*

Sandra V. M. – Canoas (RS)

Minha cara Sandra, este "que" não tem acento. Você sabe que esta partícula – seja ela pronome, seja conjunção – é apenas um **monossílabo átono**,

assim como **se**, **lhe**, **me**, etc., escapando, portanto, à regra de acentuação (que, por razões óbvias, só diz respeito aos vocábulos **tônicos**). Para que ela receba o circunflexo, é indispensável que ela se torne **tônica**, passando então a fazer parte daquele grupo integrado também por **lê**, **crê**, **dê**, **vê**, entre outros.

Essa mudança na tonicidade vai ocorrer em duas situações: em primeiro lugar, quando o "que" se encontra **no final da frase** (refiro-me à **fala**, não à **escrita**):

– Obrigado! Não há de **quê**.

– Não há de **quê**, amigo.

– Você está falando do **quê**?

– Quero pagar, mas não tenho com **quê**.

Em segundo lugar, quando o "que" tornar-se um substantivo (admitindo, nesse caso, o plural). Isso acontece quando ele passa a ser o núcleo de um sintagma, antecedido daqueles vocábulos que habitualmente acompanham os substantivos: artigos, numerais, pronomes possessivos, pronomes indefinidos ou pronomes demonstrativos adjetivos:

– Ela tinha um **quê** de fascinante.

– Esta cidadezinha tem lá os seus **quês**.

No entanto, em frases como "tudo **o que** você fez", "não sei **o que** queres", este **O** não é um artigo, mas um pronome demonstrativo substantivo (equivalente a **aquilo**: tudo **aquilo** que você fez), que não vai alterar a tonicidade do "que".

Um antigo gramático sugeria a seguinte maneira prática de distinguir o "que" tônico do átono: quando ele é **átono**, o falante pode pronunciá-lo como /kê/ ou /ki/ (com preferência esmagadora pela segunda forma); quando ele é **tônico**, só pode pronunciá-lo como /kê/. Seguindo esse útil critério, o fato de podermos dizer "tudo o /ki/ você fez" reforça o que já sabíamos: esse "que" é átono.

Detalhe: quando o vocábulo estiver substantivado em metalinguagem – isto é, quando estivermos falando dele, como ocorreu várias vezes nas linhas acima –, não devemos acentuá-lo, mas grifá-lo ou colocá-lo entre aspas, como fiz.

grafia do nome **Júlia**

Prof. Moreno, numa resposta anterior, o senhor afirmou que devemos escrever **Júlia** *com acento. Porém, gostaria de saber se, com a aprovação das novas regras ortográficas, este nome continua a ser acentuado. Muito obrigada!*

Karla D. – Brasília

Prezada Karla, as novas regras não alteraram a acentuação das paroxítonas terminadas em **ditongo crescente**, como **Mário**, **água**, **história**, **Júlia**, etc. Como você bem sabe, tanto a regra de 1943 quanto a atual consideram necessário marcar essas palavras com acento por causa da instabilidade intrínseca dos **ditongos crescentes**: numa pronúncia silabada, eles facilmente podem se desfazer, o que resulta no incremento de uma sílaba após a tônica. **Júlia**, por exemplo, tem duas sílabas na escrita (**Jú-lia**) e duas na fala (/jú-lia/), mas nada impede que, numa pronúncia escandida, ela passe a ter **três** (/jú-li-a/) – o que a tornaria, neste momento, uma **proparoxítona**. Para distinguir estas palavras das verdadeiras proparoxítonas, os gramáticos costumam chamá-las de **proparoxítonas eventuais**, **relativas** ou **aparentes**. Este acento continua.

o trema não vai fazer falta?

Caro Professor, sei que o acento gráfico é usado para indicar os casos em que a pronúncia do vocábulo vai contra o que seria sua pronúncia "natural". Correto? Então, como vamos fazer com as palavras que tinham o trema para sinalizar que o **U** *era pronunciado? Se seguirmos o padrão de palavras como* **preguiça** *ou* **enguiço**, **linguiça** *vai acabar sendo pronunciada da mesma maneira. É claro que falantes nativos sabem que o* **U** *de* **linguiça** *tem som, mas como ficam os aprendizes de Português como língua estrangeira?*

Daniela Santos – Montevidéu, Uruguai

Minha cara Daniela, os falantes não-nativos vão ter de consultar o dicionário para saber se o **U** é ou não pronunciado (como fazemos com os vocábulos do Inglês, por exemplo); para os nativos, como percebeste, a ausência do trema não vai atrapalhar.

Na verdade, os acentos de uma língua sempre interessaram muito mais aos estrangeiros; a prática de usá-los sobre as vogais escritas foi introduzida na Grécia por um bibliotecário de Alexandria, quando o Grego se tornou a língua da cultura de toda a bacia mediterrânea. Como grande parte dos novos leitores não conhecia a prosódia daquela língua, ele teve a idéia de assinalar a sílaba tônica por meio de pequenos sinais diacríticos, inventando, assim, a acentuação gráfica.

É exatamente por isso que sempre critiquei a atual Reforma Ortográfica por ter mexido apenas em **alguns** acentos; na minha óptica, ou deixávamos como estava, ou evoluíamos radicalmente, eliminando **todos** os acentos do idioma. O que fizeram foi desfigurar um sistema que estava funcionando, em nome de uma utópica (e impossível) unificação do Português.

pôr (verbo)

Caro Prof. Moreno, li recentemente um de seus livros e hoje fui conferir o seu site. Gostei muito de ambos! Tenho uma dúvida quanto à grafia de **por** *no sentido de "colocar". Este verbo leva acento circunflexo ("***pôr***") ou não? Já li frases como "Fulano vai* **pôr** *fim às tentativas de roubo...". Está certo assim, ou deveria ser sem acento, como ocorre com* **coco***,* **sede***,* **gelo***, etc., desde a pequena reforma ortográfica de 1971?*

Rosalvo M. Júnior

Meu caro Rosalvo, toda vez que você for escrever o verbo **pôr**, deve usar o acento circunflexo. Este vocábulo só não vai receber acento quando for **preposição**: "Ela fez isso **por** você". **Pôr**, **pára** (do verbo **parar**) e **pôde** estão entre os raros acentos diferenciais que são realmente úteis, e por isso sobreviveram, em 1971, àquela reformazinha que eliminou os acentos diferenciais – **gelo**, **coco**, **almoço**, **medo** e muitos outros. A atual reforma eliminou, incompreensivelmente (por que é muito útil), o acento de **pára**, mas conservou, num rasgo de sensatez, o circunflexo do verbo **pôr**. Ele foi mantido, aliás, porque é indispensável para orientar a leitura correta da frase. Comparando, por exemplo, "Vou **por** aqui" com "Vou **pôr** (colocar) aqui", você vai perceber a sua utilidade.

Guaíra ou **Guaira?**

Professor Moreno, num manual de ortografia na internet vi que **Guaíra***, o nome da minha cidade, passará a ser escrito* **sem** *acento, pois a Reforma aboliu o acento do* **I** *e do* **U** *tônico depois de* **ditongo**. *Ele deu como exemplo* **feiura** *e* **bocaiuva***, mas não me parece ser exatamente o mesmo caso. O senhor confirma?*

Klésio W. – Guaíra (PR)

Meu caro Klésio, **Guaíra** vai continuar com seu tradicional acento. Quem redigiu aquele manual cometeu um pequeno equívoco ao interpretar a regra que retira o acento que colocávamos em **bocaiuva** e de **baiuca**. Não o culpo, pois o Acordo usa o conceito de **ditongo** de forma muito imprecisa; é necessário ler o texto todo, com muita atenção, para perceber que ele, quando fala de **ditongo**, está se referindo exclusivamente aos **ditongos descrescentes** – aqueles que apresentam a semivogal **depois** da vogal (**ai**, **ei**, **oi**, **ui**; **au**, **eu**, **iu**, **oi**).

Aliás, é por isso que **feiura** e **baiuca** nunca deveriam ter sido incluídos na regra que acentua **saúde**, por exemplo. Nesta, o /u/ é tônico, vem depois da vogal /a/ (há um **hiato**, portanto) e está sozinho na sílaba. Em **feiura**, contudo, o /u/ é tônico mas vem depois de uma **semivogal**, o que, por si só, já deveria impedir que a regra se aplique. Assim, além de **feiura** e **baiuca**, "perderam" também o acento **gaiuta**, **boiuno**, **cauila**, **Sauipe**, **reiuno**, **guaraiuva**, **Ipuiuna**, **seiudo**, entre outros. Como você pode ver, o Acordo apenas providenciou para que um erro histórico fosse corrigido. Desses, só escapam os oxítonos: **Piauí**, **teiú**, **tuiuiú**.

Em casos como **Guaíra** ou **suaíli**, contudo, que são ditongos **crescentes**, o /i/ tônico está contíguo à **vogal** /a/, não a uma semivogal (/gu**a-í**-ra/, /su**a-í**-li), e a regra encontra as condições necessárias para ser aplicada. Isso também vale para **Guaíba**, **jatuaúba**, **biguaúna**, **tatuaíva** e mais uma meia dúzia de vocábulos de origem indígena.

tem e **têm**, **vem** e **vêm**, **lê** e **leem**

Como fica o verbo **conter** na 3a pessoa do plural? Eles **contém**, **co** ou **conteem**? Existe alguma lógica aqui, ou é pura loucura?

Caríssimo Professor, como funciona a acentuação e grafia corretas dos

verbos **ter** *e* **conter***? Ele* **tem** *um carro, mas eles* **têm***,* **teem** *ou nenhum dos dois? Isto* **contém** *aquilo? E no plural? Qual a regra?*

Lea – Rio de Janeiro (RJ)

Minha cara Lea: não me admiro que você pergunte sobre essas duas formas verbais: são casos especialíssimos, ortográfica e morfologicamente. A comissão que tratou de nossos acentos, em 1943, procurou – e conseguiu na grande maioria das vezes – criar regras que tivessem um valor geral e fossem aplicáveis a todo e qualquer vocábulo que se enquadrasse em determinado perfil prosódico e ortográfico. Para solucionar o problema de **têm** e **vêm**, contudo, não teve outro remédio senão criar uma regra *ad hoc* ("feita especialmente para esse fim").

Numa espécie de azar flexional, a 3ª pessoa do singular e a 3ª do plural do Presente de **ter** e **vir**, dois de nossos mais importantes verbos, são absolutamente idênticas: ele **tem**, eles **tem**; ele **vem**, eles **vem**. Muita gente me escreve "sugerindo uma solução" para o problema. Santa ingenuidade! Como o mundo pode ser tão simples assim para alguns? Bastaria, dizem eles, dobrar o **E** no plural – ele **tem**, eles ***teem** – e pronto! O que eles não sabem é que as formas terminadas em **-eem** na 3ª do plural correspondem, morfologicamente, a uma 3ª do singular terminada em **-ê**: ele **lê**, eles **leem**; ele **provê**, eles **proveem**; ele **relê**, eles **releem**. Ninguém decidiu que seria assim; é assim porque foi desta forma que o Português assim se estruturou, sem pedir sugestão ou opinião de professor, de gramático, de leitor ou de transeunte. Portanto, fica descartada a brilhante solução.

Os próprios acadêmicos que reformaram nossa ortografia nada poderiam fazer quanto a esse "defeito" flexional dos dois verbos. Só tinham poderes para decidir sobre a **maneira de grafá-los** – e aí eles puderam dar sua pequena contribuição: assinalaram o plural com um acento circunflexo, tornando as duas formas distintas ao menos na escrita: ele **tem**, eles **têm**; ele **vem**, eles **vêm**. Friso que a pronúncia continua exatamente a mesma, não vá algum desavisado tentar pronunciar com mais força e entusiasmo a 3ª do plural.

Dentro do que podiam fazer, estava solucionado o problema. Quer dizer:

quase, porque mexer em ortografia é como mexer em abelheiro – vem inseto zumbindo de todos os lados. Não podemos esquecer que **ter** e **vir** produzem muitos outros verbos deles derivados, formados com o acréscimo de **prefixos**: **man**[ter], **con**[ter], **entre**[ter], **abs**[ter], **de**[ter], etc.; **pro**[vir], **con**[vir], **sobre**[vir], **inter**[vir], **ad**[vir], etc. Ora, como todos os verbos derivados herdam as características flexionais de seus primitivos, vamos encontrar aqui o mesmo problema: ele **contem**, eles **contem**; ele **provem**, eles **provem**. Dizendo melhor: o problema é o mesmo, mas agora com um novo complicador – **contem** e **provem**, com o acréscimo do prefixo, já não são formas **monossilábicas**, estando, por isso mesmo, submetidas à regra geral que acentua todas as oxítonas terminadas em **-em** (**armazém**, **porém**, **também**): ele **contém**, eles **contém**; ele **provém**, eles **provém**. O acento agudo deixaria essas formas corretamente acentuadas, mas voltaríamos à estaca zero: a 3ª do singular continuaria idêntica à 3ª do plural. É nesse momento que entra em cena, de novo, o circunflexo que identifica o plural: ele **contém**, eles **contêm**; ele **provém**, eles **provêm** (não preciso dizer outra vez: a pronúncia é idêntica; a grafia é que é diferente!).

Recapitulando, Lea:

1) Para **ter** e **vir**: ele **tem**, eles **têm**; ele **vem**, eles **vêm** (o singular, sem acento, contrasta com o plural, acentuado);

2) Para todos os seus **derivados**: ele **contém**, eles **contêm**; ele **provém**, eles **provêm** (ambos, o singular e o plural, são acentuados; a diferença está no **tipo** de acento – o singular recebe o acento **agudo** das oxítonas terminadas em **-em**, enquanto o plural recebe o acento **circunflexo** diferencial).

Este é um bom exemplo para os leitores perceberem como um sistema ortográfico está sempre em luta contra suas limitações intrínsecas. E sejamos justos: é também um bom exemplo de uma solução inteligente encontrada pela comissão de 1943, funcional até hoje.

para ou **pra**?

Professor, quando se usa **para** *e quando se usa* **pra**? *"Viajarei* **para** *Porto Seguro ou* **pra** *Porto Seguro"?*

Lucas C. L.

Caro Lucas, quanto à fala, não há dúvida: sempre – mas sempre mesmo – dizemos /pra/. Quando falamos, esta preposição, que é átona, fica reduzida a uma sílaba apenas. Só se ouve /para/, completinho, com as duas sílabas, em leitura de criança recém-alfabetizada ou na fala de estrangeiro que está aprendendo Português (ou alienígena; como será que falava o ET de Varginha?). Agora, escrever é outra coisa; escrevemos sempre **para**, a não ser em textos especiais (letra de música, poemas, frase de publicidade, cartas pessoais, *e-mails*), onde podemos usar o **pra**, se quisermos. E não podemos esquecer que **pra**, sendo vocábulo átono, jamais poderá ter acento.

Curtas

acentuação dos monossílabos

*Nas frases "***Dê** *a classificação", "Luis* **vê** *a bola", "Não* **dá** *para falar", as palavras* **dê***,* **dá** *e* **vê** *continuam com acento ou perderam, pela regra do acento diferencial? Obrigada.*

Maria Aparecida C. – Rio de Janeiro

Prezada Maria Aparecida, os monossílabos tônicos (**pá**, **pé**, **dê**, **dá**, **sê**, **sé**, **pó**, **vê**, etc.) continuam a ser acentuados pela mesma regra que sempre os acentuou – a das oxítonas terminadas em A, E e O. Eles nunca tiveram nada a ver com os acentos diferenciais.

ideia e **idéia**

Se num texto eu usar **ideia** *sem acento, como manda o Acordo, e colocar a mesma palavra, mais adiante, mas desta vez com acento, há chance de ser considerado errado este último* **idéia***? Sou obrigada a usar todos de uma mesma forma?*

Jane Maria C.

Prezada Jane, já que até 2012 está correto escrever tanto **idéia** quanto **ideia**, isso deixa de ser uma questão de ortografia e passa a ser uma questão de foro

íntimo de quem vai corrigir o texto. Em lugar nenhum está estabelecido que devo manter sempre a mesma opção; é claro que o senso comum ou o senso de simetria poderiam indicar que o emprego de uma das duas grafias deveria ser consistente, mas, e eu com isso? Aí está mais uma das perturbações que este desastrado Acordo veio trazer – sem falar na possibilidade que, numa mesma sala, duas pessoas optem por escrever **fato** ou **facto**, **António** ou **Antônio**, **tênis** ou **ténis**, porque todos são variantes aceitáveis no idioma, sem estar obrigatoriamente vinculadas a Brasil ou Portugal...

mini ou **míni**?

Caro Professor, gostaria de saber qual é a grafia correta: é **mini** *ou* **míni***? Já observei que muitos livros escrevem* **sem** *acento, mas o dicionário* **Houaiss** *que comprei recentemente (3ª edição, 2009) traz o seguinte título na capa: "***Míni** *Houaiss – Dicionário da Língua Portuguesa".*

Bernardo S. – Porto Alegre

Meu caro Bernardo, quando o prefixo **mini-** se torna um **substantivo** (por redução de um vocábulo maior: uma **minissaia** – uma **míni**), ele vai ser submetido às regras habituais da acentuação (**táxi**, **dândi**, **míni**). Essa substantivação acontece também com **maxi-**; você deve estar lembrado de como o Brasil vivia com receio de uma nova **máxi** (de **maxidesvalorização**). Seu exemplo, no entanto, é curioso. Se interpretarmos "o mini **Houaiss**" como "o pequeno **Houaiss**", teremos ali o prefixo, não o substantivo; contudo, se o virmos como a redução de **minidicionário**, teremos ali o substantivo **míni**, como a editora estampou na capa.

patrimônio ou **património**?

Samuel D., de Camaquã (RS), quer saber qual é a forma correta: é **patrimonio**, **patrimônio** ou **património**?

Meu caro Samuel, ***patrimonio** está errado, pois as paroxítonas terminadas em ditongo crescente devem ser acentuadas. As outras duas, no entanto, são consideradas corretas. Escreve-se **patrimônio** no Brasil, **património** em Portugal, tudo dentro do novo Acordo (e isso que ele veio, como diziam, para "unificar" a nossa ortografia...).

reúso

Antônia W., de Petrópolis (RJ) pergunta se existe o vocábulo **reúso** e se ele deve ser acentuado pela nova ortografia.

Sim, Antônia, existe **reúso** como sinônimo de "reutilização". O termo é muito empregado pela indústria e pelas instituições públicas, e já vem registrado no dicionário **Houaiss**. O seu acento é determinado pela regra do U tônico, depois de vogal, sozinho na sílaba (como **gaúcho**, **miúdo**, etc.), mantida pelo novo Acordo. Outro vocábulo recente é seu irmão **multiúso**, acentuado pela mesma razão.

súper

Professor, nesta semana o jornal de minha cidade estampou a palavra **súper** *acentuada, mas eu já vi várias vezes sem acento. As duas formas estão corretas?*

Jonathas V.

Meu caro Jonathas: quando **super-** é usado como prefixo, é átono e não leva acento. Entretanto, **súper**, usado como redução de **supermercado**, é um substantivo, acentuado pela regra das paroxítonas, da mesma forma que **éter**, **dólar** ou **mártir**.

acentos em abreviações

Luciana Pinheiro ouviu dizer que uma palavra acentuada perde o acento quando é abreviada. Acrescenta: "Por exemplo, **mínimo**, quando abreviado, ficaria **min**., sem o acento. Isso procede?"

Prezada Luciana: quando abreviamos um vocábulo, interrompendo-o num ponto determinado, os acentos que porventura existirem vão ficar onde sempre estiveram: **século** dá **séc**., **Lógica** dá **Lóg**., **gíria** dá **gír**., **mínimo** vai dar **mín**., e assim por diante.

Edu

Eduardo, de São Paulo, gostaria de esclarecer se o apelido **Edú**, escrito desta forma, está incorreto.

Meu caro Eduardo, está sim. As oxítonas terminadas em **U** não levam acento, sejam elas nomes próprios ou comuns: **urubu**, **caju**, **bauru**, **Iguaçu**, **Edu**, **Lu**, etc.

Dário ou **Dario**?

Sidnei, de São Paulo, quer saber qual a forma correta de escrever: é **Dário** ou **Dario**? Pode-se usar **Mário** como base para isto?

Meu caro Sidnei, este nome tão antigo (vem dos Persas) sempre foi pronunciado, em Português, **Dario**, rimando com **navio**. Conheço também um **Dário**, rimando com o famoso **armário**, mas foi uma escolha muito pessoal dos pais dele.

Célia ou **Celia**?

Marcelo Elias, futuro pai, diz que sua filha, que está por nascer, vai se chamar **Célia** (ou **Celia**); como não quer registrar o nome de maneira errada, pede a nossa sábia assistência.

Meu caro Marcelo: assim, sem grandes explicações, digo-lhe que é **Célia**, com acento – é uma daquelas paroxítonas terminadas em ditongo, como **história**, **Mário**, **série**. Você fará um grande bem para a sua filhinha, se registrar corretamente o nome dela. Abraço e

parabéns (pelo bebê e pela humildade de perguntar).

construí-lo

Júlio, leitor de Toronto, Canadá, quer saber qual a razão de haver acento em **construí-lo** e não em **polui-lo**.

Meu caro Júlio, nenhuma! De onde você tirou esses exemplos? Ambos levam acento pelo mesmo motivo: o "**i**" é tônico, vem depois de uma vogal (forma hiato) e está sozinho na sílaba. É o mesmo acento de **saída**, **caímos**, **aí**. Já formas como **parti-lo** e **demoli-lo** não levam acento porque são meros oxítonos terminados em "**i**", como **saci** ou **aqui**.

Leo x **Léu**

Francisco, de Vitória, quer saber por que **constroem** não é acentuado, se existe aí o ditongo aberto /ói/.

Prezado Francisco, é bom não esquecer que a norma de acentuação usa conceitos de ditongo, hiato, etc. exclusivamente **gráficos**. Encontramos o ditongo **ói** (na escrita) em **constrói**, mas não em **constroem**. Um bom exemplo é **Leo** e **léu** – o segundo é acentuado por apresentar o ditongo aberto **éu**, enquanto o primeiro, nome próprio, não se enquadra na regra (embora ambos soem /léw/). Como no jogo do bicho, aqui o que vale é o escrito (e não o falado).

til, **tis**

Vivian, de Lisboa (Portugal), está com a tecla do til e do circunflexo estragada. Ao escrever um *e-mail* para um jornal de Lisboa, solicitando a oportunidade de realizar um estágio de jornalismo, concluiu (muito acertadamente, aliás) que seu texto, sem aqueles dois sinais, ficaria desfigurado, passando uma impressão de desleixo e despreparo. Para evitar esse efeito indesejável, quis acrescentar uma nota explicando o problema de seu teclado, mas ficou em dúvida sobre o nome científico do sinal "~". "Será que **til** é o nome popular do sinal, e ele tem um nome mais científico, como tem o famoso "chapelinho", cujo

nome correto é **circunflexo**? E no plural, como fica?”

Prezada Vivian, o nome do diacrítico “~” é mesmo **til**, assim como no Espanhol é *tilde*; o plural, que raramente empregamos (mas que pode ser necessário) é **tis**. Olhe o que diz o dicionário do Houaiss: “Na ortografia do Português, são diacríticos os acentos gráficos, a cedilha, o trema e o til”. Abraço (e trate de consertar essa tecla tão importante!).

água

Glécio, de Porto Alegre, está intrigado com o acento em **água**.

Meu caro Glécio, **água** é acentuado pela mesma razão que **égua**, **mágoa**, etc. – todas elas são paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Se não puséssemos acento nela, a leitura sugerida seria /a-GU-a/ – com o **U** tônico, como **continua**.

acentuação com maiúsculas

Sônia Mara Nascimento Fernandes quer saber se existe alguma regra que fale que **não** é necessário acentuar palavras escritas em maiúsculas, como, por exemplo, **Índia**.

Prezada Sônia, sim, essa regra existe – mas no Francês. Em nosso idioma, as palavras são acentuadas quando a regra exigir, não importando se estão em minúsculas ou maiúsculas: **Índia**, **África**, **ÍNDIA**, **ÁFRICA**.

til duas vezes?

Daniela, do *Jornal do Bairro*, diz que há grande discussão entre os redatores quanto à maneira de escrever o nome do jogador de basquete **Mãozão** (que tem mão grande mesmo!). Eles acham muito estranho, com razão, usar **dois tis**.

Prezada Daniela, pode parecer estranho, mas o til é necessário para indicar que o “**a**” tem som de /**ã**/. Este sinal

não tem relação necessária com a sílaba tônica, que pode ser outra (**ÓR-fã**, **ÓR-gão**). Se acrescentarmos o sufixo **-zão** a **pão** e **irmão**, teremos **pãozão** e **irmãozão**. O substantivo **mão**, que é feminino, forma o aumentativo **mãozona**; no entanto, aqui se trata do apelido de um atleta: **Mãozão**. Se os redatores acham estranho, experimentem então escrever **sem** os dois tis: ***Mãozao** ou ***Maozão** ficaria dez vezes mais estranho.

hiato em **juíza**

Cláudia, de Guarujá (SP), gostaria de saber se o hiato em **juíza** deve ou não ser acentuado. "Ele não está nos casos de hiato em que a vogal **I** ou **U** vem acompanhada de outra letra que não é o **S**, e, portanto, deveria ficar sem acento?"

Minha cara Cláudia, compare **juiz** com **juíza**. Em ambos o "**i**" é tônico, em ambos há um hiato, mas só **juíza** é acentuado. Por quê? Porque só neste vocábulo o "**i**" forma uma sílaba sozinho: **ju-í-za**, mas **ju-iz**.

qual a regra de **item**?

Caro professor, tenho uma dúvida quanto à regra de acentuação em que se deve enquadrar a palavra **item**. *Não seria a que manda acentuar o* **I** *e o* **U** *tônicos dos hiatos, quando estes formam sílabas sozinhas ou seguidos de* **S**? *Por que não escrevemos* **ítem** *como escrevemos* **balaústre**, **baú**, **egoísta**, **faísca**, **heroína**, **saída**, **saúde**, **viúvo**, *etc.?*

Aníbal F.

Meu caro Aníbal, **item** não se enquadra neste caso. A regra a que você se refere estabelece três condições para o acento no "**i**" e no "**u**": (1) que sejam tônicos orais; (2) que venham após vogal (o que faz com que alguns autores denominem esta regra de "Regra do Hiato"); (3) que formem sílaba sozinhos ou acompanhados de **S**. Em **item**, a condição (2) está ausente – exatamente como em **ida**, **ilha** ou **idem**.

acentos com **-mente**

A leitora Thais M. gostaria muito de saber se **analogamente** deve ou não ser acentuado.

Prezada Thais, nenhum vocábulo pode ter, ao mesmo tempo, acento gráfico e o elemento **mente**. Isto é: sempre que esse sufixo é acrescentado a um vocábulo, a nova sílaba tônica passa a ser /men/, fazendo com que o acento primitivo desapareça: **rápido**, **rapidamente**; **só**, **somente**; **espontâneo**, **espontaneamente**. Portanto, **análogo**, **analogamente**.

somente

Enzo, de Balneário Camboriú (SC), quer saber por que a palavra **somente** não é acentuada, já que é de regra acentuar todas as proparoxítonas.

Meu caro Enzo: você tem razão em afirmar que todas as proparoxítonas são acentuadas. No entanto, o vocábulo **somente** (a sílaba tônica é /men/) é apenas uma **paroxítona** e, por isso, não tem acento. Lembre-se de que todos os advérbios terminados em **mente** são paroxítonos, não importando qual fosse a prosódia do adjetivo primitivo.

3. Como se escreve: hífen e assemelhados

Que ninguém espere coerência no uso do hífen; não há exagero algum quando Mattoso Câmara Jr. afirma que "o emprego deste sinal gráfico é incoerente e confuso". Os ortógrafos divergem entre si e do que ficou estabelecido no atual **VOLP**. Não existe, nem poderá existir um critério unitário quanto ao seu emprego, porque as palavras em que este sinal mais aparece – os substantivos e os adjetivos compostos – constituem uma área extremamente movediça, simplesmente porque não sabemos ao certo se estamos diante de um verdadeiro **vocábulo** ou de uma simples **locução** (um **sintagma**). Por que o **Aurélio** registra **pedra filosofal**, **pedra lascada**, **pedra de toque**, mas **pedra-ímã**, **pedra-sabão** e **pedra-mármore**? Por que **pára-sol**, **vai-volta**, **passa-pé** e **sangue-frio**, mas **girassol**, **vaivém**, **pontapé** e **sanguessuga**? Escreve-se **anteontem** e **antes de ontem**, **ponto e vírgula** e **ponto-e-vírgula** – e, seja junto ou separado, sempre haverá justificativas para uma ou a outra forma.

A única regulamentação mais ou menos organizada do hífen refere-se aos vocábulos formados com **prefixos**, que, por existirem em número limitado, permitem (ao contrário dos compostos comuns) uma razoável padronização. Há, por exemplo, prefixos que sempre serão seguidos de hífen: **ex-** ("o que não é mais"), **vice-** e todos os prefixos que receberem acento gráfico (**pré-**, **pós-**, etc.): **ex-marido**, **vice-prefeito**, **pré-fabricado**, **pós-operatório**. Assim dispunha a Reforma de 1943, assim dispõe o atual Acordo.

Mudanças no hífen com prefixos

Das novas regras introduzidas pela atual Reforma, **três** vieram realmente aperfeiçoar nossa ortografia e facilitar o trabalho do usuário (se o Acordo apenas acrescentasse estas três regras ao sistema 1943-1971, teríamos chegado muito perto da perfeição):

1. Usaremos hífen sempre que o prefixo terminar por vogal idêntica à que inicia o segundo elemento: **anti-inflamatório**, **micro-onda**, **micro-organismo**, **neo-ortodoxo**. Se as vogais forem diferentes, contudo, não há hífen: **antiestático**,

microindústria, **neoexpressionismo**, **infraestrutura**, **autoestrada**. Esta regra é um grande progresso em comparação com o sistema anterior, porque não exige memorização alguma por parte do usuário. Encontraram-se duas vogais idênticas? Hífen.

2. Usaremos hífen sempre que o segundo elemento começar por **H**: **geo-história**, **mini-hospital**, **sub-habitação**, **co-herdeiro**. Outra regra elogiável, pois evita que a palavra original fique desfigurada com a perda do **H** inicial.

3. Não há hífen quando o prefixo terminar em **vogal** e o segundo elemento iniciar por **R** ou **S**, o que nos obriga a duplicar o **R** ou o **S**: **contrarregra**, **autosserviço**, **contrassenha**, **neorrealismo**, **ultrassom**, **antissemita**.

Há outras regrinhas menores (e menos felizes) sobre o emprego do hífen, mas elas – bem como as que mencionei acima – serão examinadas adiante, nas respostas aos leitores.

sócio-econômico

Aspectos **sociais** e **econômicos** são aspectos **sócio-econômicos** ou **socioeconômicos**? Cirurgia **buco-maxilo-facial** ou **bucomaxilofacia** Segundo o **Aurélio** e o **Houaiss**, deveríamos empregar a forma ser hífen; contudo, como vamos ver, a coisa não é tão simples assim.

Um doutor em Odontologia relata que, ao defender sua tese, foi questionado pela banca sobre a grafia de **buco-maxilo-facial**, que é escrita sem hífen na PUCRS, mas com hífen na UFES, sua universidade de origem. Essa divergência entre a forma de grafar este vocábulo nas duas universidades não me espanta. Temos aqui mais um daqueles casos em que dois entendimentos diferentes podem ser extraídos de uma mesma regra – e que ninguém, por causa disso, comece a esbravejar contra o Português. Este é um problema intrínseco a qualquer regra; mais da metade do esforço intelectual de quem trabalha com o Direito, por exemplo, é dispendido para verificar quais os fatos concretos que se enquadram numa determinada norma.

Quando se forma um adjetivo composto de dois outros adjetivos (adjetivo +

adjetivo), nosso sistema ortográfico determina que se use o hífen quando o primeiro sofre uma **redução**. No esporte, temos uma categoria **infantil** e uma categoria **juvenil**; temos também uma categoria [infantil + juvenil] = **infanto-juvenil**. Temos uma culinária **lusitana**; temos uma culinária **brasileira**; temos alguns pratos da culinária [lusitana + brasileira] = **luso-brasileira**. E assim por diante. Se considerarmos que houve aqui a união de [bucal + maxilar + facial], a forma resultante será **buco-maxilo-facial** (similar a aspectos [sociais + políticos + econômicos] = **sócio-político-econômicos**; atividades [agrárias + pecuárias] = **agro-pecuárias**; e assim por diante).

Se considerarmos, contudo, **buco**, **socio**, **gastro**, **agro**, etc. como meros **elementos de composição**, semelhantes a **hidro** (água), **bio** (vida), **termo** (calor), como fazem o **Aurélio** e o **Houaiss**, escreveremos **agropecuário**, **gastrointestinal**, **bucofacial**, **socioeconômico**.

Prefiro seguir a lição de meu mestre Celso Pedro Luft, que advogava o uso do hífen em todos esses casos em que o primeiro adjetivo está reduzido. Em **sócio-econômico**, vejo **sócio** como um vocábulo independente, resultante da redução de **social**, e não como uma forma presa, quase prefixal. A autonomia deste primeiro elemento fica comprovada pela ocorrência da vogal **aberta** /ó/, que só pode aparecer, em nossa língua, na posição **tônica**. Compare-se **sociologia** (a vogal tônica é o /i/; o /o/ da primeira sílaba é fechado) com **sócio**-econômico (as vogais tônicas são o /o/ aberto do primeiro elemento e o /o/ fechado do segundo); como não existem duas tônicas em um só vocábulo, fica evidente que estamos unindo aqui dois vocábulos independentes, **social** e **econômico**, para formar um composto. Além disso, esta opção pelo hífen nos permite escrever **sócio-político-geográfico-econômico**, por exemplo, que, no modelo do **Aurélio**, seria **sociopoliticogeograficoeconômico** – duro de ler, difícil de entender e totalmente contrário à intuição que nós, falantes, fazemos de compostos desse tipo. Essa é a razão por que me parece mais adequado grafar **buco-maxilo-facial**, **gastro-intestinal**, etc.

No entanto, como espero ter deixado bem claro, perceba que a outra grafia,

sem hífen, tem também seus argumentos (e seus ilustres defensores). Aqui, prezado leitor, como em muitos outros casos, é indispensável uma **decisão** por parte do usuário; o conjunto dessas decisões vai formando um **estilo**. Como você já deve ter visto, muitas revistas científicas tornam públicas suas decisões sobre vários desses pontos controvertidos por meio de uma "folha de estilo" ou "normas para publicação".

bem-vindo

Muitas cidades colocam uma placa na estrada dizendo que ali sere **bem-vindos**; outras, igualmente cordiais, anunciam que seremos **benvindos**. Esse hífen ainda é necessário, ou já foi abolido?

Professor, escreve-se **bem-vindo** *ou* **benvindo**? *Pesquisei em alguns dicionários e constatei que todos utilizam o hífen; no entanto, consultando alguns amigos, professores universitários, eles me informaram de uma nova regra em que foi abolido o hífen.*

Eliane – Ribeirão Preto (SP)

Minha cara Eliane, toda vez que construímos um vocábulo composto formado de [**bem** + outro vocábulo], temos de usar o hífen: **bem-aventurado**, **bem-querer**, **bem-vindo**, **bem-estar**, **bem-me-quer**, etc. Note que esta é uma regra específica para o elemento **bem**. Por isso, em faixas, em pórticos, em cartazes, escrevemos sempre (ou, ao menos, deveríamos...) **bem-vindo**, **bem-vindos**. Existe **Benvindo**, mas só como nome próprio, como o famoso escultor renascentista Benvenuto Cellini.

Quanto ao hífen, **nada** foi alterado no que se refere aos compostos em que intervém o advérbio **bem**. Os dicionários em que você pesquisou estavam corretos. Tenho certeza de que os seus professores universitários são de outra área que não a de Letras, pois estes sabem que **bem-vindo** continua a ser escrito como sempre foi.

junto ou separado?

Veja como o espaço em branco deixado entre as palavras també
ser fonte de erros de ortografia.

Eu sempre escrevi **a partir***, separado. Nos anúncios do último Natal, no entanto, vi ofertas de crediário com pagamentos iniciando* **apartir** *de fevereiro deste ano. O mesmo parece estar acontecendo com* **de repente***, que andam escrevendo* **derrepente***. Agora já não sei mais quando se escreve junto ou separado. Existe alguma regra?*

Maria D. – Aracaju (SE)

Minha cara Maria, o emprego de um espaço em branco entre duas palavras distintas foi um dos grandes avanços dos sistemas ortográficos do Ocidente. Ao contrário do que possa parecer, ele não é tão óbvio assim, e tivemos de aprender a usá-lo da mesma forma que aprendemos a usar as letras ou os acentos. Decidir quando este espaço deverá ou não estar presente depende da nossa capacidade de reconhecer os vocábulos isoladamente – o que nem sempre é muito simples, principalmente porque, ao longo da história do Português escrito, há vários casos de preposições que terminaram se juntando para sempre ao vocábulo que acompanhavam. O substantivo **pressa** ("eu tenho **pressa**"; "a **pressa** é inimiga da perfeição"), por exemplo, formava uma locução adverbial com a preposição **de** (**de pressa**, como **com pressa**, **sem pressa**, etc.); aos poucos, porém, as duas partes da locução soldaram-se num bloco único, desaparecendo o espaço em branco que as separava: **depressa**. Ora, para escrever corretamente esse vocábulo é imprescindível, portanto, que lembremos que agora ele não tem mais aquele espaço que tinha antes.

Dentro desse cenário, podemos distinguir dois tipos de erro bem frequentes. O primeiro é separar o que a tradição ortográfica já juntou; é comum encontrar ***por ventura**, ***de vagar**, ***em baixo** escritos como **locuções**, quando deveriam estar **porventura**, **devagar**, **embaixo**, já grafados como **vocábulos unitários**. O segundo erro vem exatamente na direção contrária: consiste em juntar

elementos que ainda são mantidos separados. Nesse caso, é comum encontrar ***apartir**, ***derrepente** e ***porisso** onde deveria estar escrito **a partir**, **de repente** e **por isso**.

Não são erros grosseiros, se você bem me entende; apenas espelham uma hesitação natural do usuário ao se deparar com essa fronteira imprecisa entre uma **locução** e um **vocábulo unitário**, imprecisão que também vem nos assombrar no caso dos compostos. Você pode entender agora o que os linguistas descobriram na carne: não é fácil definir o que é uma palavra e o que não é.

mato-grossense

Prezado Professor, seguindo a orientação dos dicionários, achamos que a forma correta é **mato-grossense**. *No entanto, a Federação de Futebol do nosso estado exige que se corrija para* **matogrossense***, por ser a maneira mais empregada em nossa imprensa – como no Rio Grande do Sul, em que a forma* **rio-grandense***, recomendada pelo dicionário, não é a mais comum na imprensa escrita. Existe realmente essa tolerância, ou devo bater o pé para incluir o hífen aí?*

Jorge – Sinop (MT)

Meu caro Jorge, você deve bater o pé; melhor ainda: deve bater os dois pés! Felizmente para nós todos, a ortografia está acima de todas as autoridades e instituições. Imagine se a Federação Mato-Grossense de Futebol tivesse poderes para legislar sobre a maneira correta de grafar os vocábulos do Português! A julgar pela pouca ciência que demonstram ao “condenar” esse hífen, ia ser um verdadeiro horror! Todos os **gentílicos compostos** levam hífen; esta é a regra. Por isso, **passo-fundense**, **rio-branquense**, **mato-grossense**, **cabo-verdiano**. Não há o que discutir: é uma das poucas regras absolutas do emprego do hífen. Os dicionários escrevem assim, a Academia escreve assim, os gramáticos também – e a Federação Mato-Grossense de Futebol não concorda? A imprensa mato-grossense costuma escrever sem o tracinho? Deveriam todos ficar

envergonhados. No Rio Grande do Sul, as pessoas que tiveram estudo escrevem **rio-grandense** e **sul-rio-grandense**; as outras, não.

onão como prefixo

Professor, não tenho certeza sobre como devo grafar "anti-inflamatórios **não-esteroides***" (é uma classe de medicamento). As gramáticas que consultei não falam sobre o emprego daquele hífen depois do* **não***, mas sei que é assim, hifenizado, que o vocábulo aparece em muitos livros e manuais médicos. Afinal, qual é o correto? Em que casos podemos usar o hífen depois da palavra* **não***?*

Áurea A. – São Paulo (SP)

Prezada Áurea: para desmentir aqueles que vivem resmungando que nosso idioma só piora com o passar do tempo, este **não** com valor de prefixo, estrela recém-chegada no firmamento da língua, constitui um notável (e moderníssimo) mecanismo para a formação de antônimos. Você quer saber quando ele vem seguido de hífen? Pois sou obrigado, por desencargo de consciência, a registrar que há uma certa controvérsia sobre este ponto, principalmente depois das trapalhadas da última edição do VOLP (mais sobre isso depois). Por isso, como você terá de escolher um dos lados desta disputa, faço questão de lhe fornecer os subsídios que julgo necessários para uma decisão consciente. Em primeiro lugar, reproduzo, abaixo, o que consta sobre o tema no livro *Português para convencer*, escrito por Túlio Martins e por este seu criado:

"Historicamente, o Português sempre formou palavras negativas usando os prefixos **i(n)-** e **des-**: **ilegal**, **improdutivo**, **intempestivo**; **desleal**, **desarmônico**, **descabido**. Desde o século passado, no entanto, teve início a prática (também presente em outras línguas, como o Inglês, o Francês e o Espanhol) de usar o **não** como um prefixo negativo universal, que se acrescenta a um vocábulo já existente (geralmente **adjetivo** ou **substantivo abstrato**) para formar um

antônimo perfeito.

“O uso do **não** como prefixo foi uma das grandes novidades com que a língua nos brindou no fim do século XX, permitindo que tudo possa ser dividido em duas categorias complementares, **X** e **não-X** – o que constitui uma ferramenta muito útil no discurso argumentativo. Com esse providencialíssimo **não**, podemos criar divisões binárias de praticamente tudo o que quisermos: os **votantes** e os **não-votantes**, os **alfabetizados** e os **não-alfabetizados**, os **hispânicos** e os **não-hispânicos**, os **marxistas** e os **não-marxistas**. Ele até nos permite falar no **não-eu** ou no **não-ser**, vocábulos que seriam impensáveis com nossos prefixos negativos clássicos, o **in-** e o **des-**. (...)

“Em muitos vocábulos esse prefixo vai concorrer com os tradicionais prefixos negativos, e geralmente com vantagem. É o que está acontecendo entre duas formações relativamente recentes, **inocorrência** e **não-ocorrência**. Ambos são amplamente usados em textos jurídicos, com uma leve preferência, por enquanto, pela primeira forma, que é tradicional. No entanto, não temos dúvida de que a segunda vai prevalecer em poucos anos; o **não** prefixal permite uma decodificação muito mais rápida do significado do vocábulo por parte do leitor, o que é sempre uma grande vantagem na disputa entre duas formas linguísticas concorrentes.”**[1]**

Como você pode ver, não se trata de uma simples moda, mas sim de um processo que veio para ficar, superior em muito às outras formas de antonímia porque preserva integralmente o vocábulo original que está sendo antagonizado. Este recurso permite uma simetria perfeita entre afirmativa e negativa, o que nem sempre se consegue através de construções tradicionais.

Qual é a natureza deste processo? Não importa. Sejam formadas por **derivação prefixal** ou por **composição** (para muitos, aliás, dois nomes para um mesmo fenômeno), as novas palavras ficam melhor **com hífen**. Alguns gramáticos mais antigos negavam-se a usá-lo, mas a prática já o consagrou, especialmente porque ele serve para assinalar que o **não**, aqui, não é um advérbio de negação, mas sim um elemento da composição do vocábulo. Os bons dicionários o usam; o **Houaiss**, embora declare textualmente que considera

este hífen mais adequado em **substantivos** (**não-violência**, **não-proliferação**, **não-alinhamento**), não deixa de registrar também **adjetivos** hifenizados, "especialmente no caso de tecnônimos, pois o uso assim os havia consagrado no jargão técnico ou tecnológico escrito". Apuradas as urnas, constata-se que há uma inegável tendência a empregar o hífen, mesmo que persistam divergências quanto a alguns punhados de palavras.

Sempre coerente na sua onipotência, contudo, a comissão de Lexicologia da ABL, encarregada de elaborar o novo VOLP, foi muito além das chinelas — isto é, foi muito além do texto do Acordo Ortográfico e anunciou, em uma *Nota Explicativa*, que tinha decidido excluir o hífen dos casos em que a palavra "*não*" funciona como prefixo, mencionando, como exemplos, **não-agressão** e **não-fumante**, grafados por ela como **não agressão** e **não fumante**. No entanto, logo depois, no parágrafo seguinte da mesma *Nota* — talvez prevendo a inevitável reação contra esta decisão unilateral —, a douta comissão dá uma contemporizada tipicamente brasileira: "Está claro que, para atender a especiais situações de expressividade estilística com a utilização de recursos ortográficos, se pode recorrer ao emprego do hífen nestes e em todos os outros casos que o uso permitir". Que tal? Firmes como uma rocha...

Eu escreveria, sem a menor hesitação, "anti-inflamatórios **não-esteróides**", seguindo o consenso da maioria culta; respeito a decisão dos que preferem não fazê-lo, mas não me venham alegar uma pretensa "grafia oficial" a seu favor, pois aquela *Nota Explicativa* é apenas a opinião isolada de alguns acadêmicos e não integra o Acordo que o Brasil assinou com os demais países lusófonos. Agora cabe a você, Áurea, escolher o caminho que lhe aprouver.

palavras que perderam a noção de composição

Olá, professor Cláudio! Sou formanda de Letras e tenho dúvida quanto a um item da Reforma Ortográfica: quando se considera que uma palavra perdeu a noção de composição? Como posso identificar os casos em que isso ocorreu? Por exemplo, **bate-boca**. *Aqui foi perdida a noção de composição porque se tornou uma expressão? É uma questão semântica? Não entendi essa explicação para o não uso do hífen. Por favor, professor, se puder me ajudar, ficarei grata.*

Raquel G. – Santa Maria (RS)

Raquel, você tocou no nervo deste confuso Acordo: como saberemos se os falantes perderam ou não a consciência da composição de um vocábulo? Quem vai decidir quais os vocábulos que entram nesta lista? Como se pode obedecer a uma regra tão vaga e tão fluida, redigida cabalisticamente, que, segundo eles, abrange "**certos** compostos, em relação aos quais se perdeu, **em certa medida**, a noção de composição". **Certos** compostos? Em **certa** medida? Que portento! Nem consigo imaginar o esforço necessário para chegar a tamanha imprecisão usando tão poucas palavras!

Para mim, aliás, a composição de **para-quedas** continua bem consciente, ao contrário do que alegam as "sumidades" que assumiram o poder na República Ortográfica. Quantos concordariam comigo, quantos discordariam? Quem é que vai saber? Esta regra é o dedo que revela o gigante, isto é, revela a prepotência dos autores deste Acordo e prova que eles, como eu sempre vou afirmar, não são do ramo. Não conhecem Linguística, não conhecem nosso idioma e nâo têm a menor noção de como funciona a mente dos falantes. Pobre Brasil!

para-choque, **para-brisa**, para-lama

Duas leitoras querem saber a mesma coisa: **para-brisa**, **choque**, **para-lama** e **para-raio** vão perder o hífen, com ocorreu com **paraquedas**?

1. Escreve Luciana R., de Salvador:

Olá, professor! Sou bióloga, mas faço questão de escrever corretamente.

*Pesquisei bastante em seu site, mas não obtive a informação que procuro. A nova ortografia promete deixar o uso do hífen mais lógico, mas eu não entendi muito bem aquela parte que fala de certos compostos que perderam a noção de composição – "***girassol***, **madressilva***,* **mandachuva***,* **pontapé***,* **paraquedas***,* **paraquedista***, etc.". Este "etc." é o problema: como vou saber se a noção de composição também foi perdida em outros vocábulos?*

2. Aninha, de Piracicaba (SP):

Caro professor, aqui no escritório estamos em dúvida quanto ao uso do hífen na nova ortografia. Em alguns dicionários encontramos a palavra **parachoque** *e* **paraquedas** *juntos, em outros* **para-choque** *e* **para-quedas***. Qual é o certo? Lembramos que no programa do Caldeirão do Huck, no* **Soletrando***, a palavra* **para-choque** *foi soletrada com hífen. No dicionário* **Michaelis***, contudo, está escrito* **parachoque***,* **paraquedas***. Qual o correto? Ajude-nos, por favor.*

Prezadas leitoras: como vocês têm, no fundo, a mesma dúvida, acho que posso responder às duas numa só mensagem. Concordo com a Luciana: aquele "etc." colocado ao final da lista de exemplos é a coisa mais desastrada que eu já vi no texto de um Acordo Ortográfico. Quem é a divindade que vai decidir quais são os vocábulos cuja composição deixou de ser percebida pelos falantes? O silêncio da Academia sobre este ponto vai estimular o aparecimento de listas de todo o tipo, já que temos, no Brasil, tantas "autoridades" sobre o idioma quanto candidatos a técnico da seleção canarinho. Ao contrário do que se deveria esperar, a Reforma vai aumentar ainda mais a hesitação sobre a grafia correta dos compostos – a começar pelos casos que eles relacionaram expressamente no texto, pois a composição de **para-quedas**, para mim, ainda está bem visível...

Além disso, ao deixar a enumeração em aberto, a regra tornou-se uma

fonte inevitável de discórdia entre os dicionários. A nova edição de bolso do **Aurélio** e do **Houaiss** já nos forneceu uma prévia do que vem por aí: o primeiro incluiu no "etc." **paralama**, **parabrisa**, **pararraio**, **parachoque**, seguindo o modelo de **paraquedas**; o segundo só tirou o hífen de **paraquedas**, conservando-o nos outros. Resultado: os dois dicionários se tornaram inconfiáveis, porque ambos, apesar de anunciar que já seguem a nova ortografia, divergem nestas e em muitas outras palavras.

locução x vocábulo composto

Este é o ponto mais controvertido do Vocabulário Ortográfico da A
Reunimos aqui três perguntas que versam sobre o mesmo ponto, esperando, assim, fornecer todo o material necessário para o leitor decidir de que lado vai ficar.

1) Caro Professor, há diferença entre **locução substantiva** *e* **substantivo composto***? Em caso afirmativo, poderia o Professor me esclarecer qual é essa diferença? Um grande abraço!*

Paulo Sérgio A. – Rio de Janeiro

Meu caro Paulo, este sempre foi (e sempre será) o grande problema do uso do hífen em nosso idioma: saber quando uma **locução** passa a ser um **substantivo composto**. Em que momento saímos da Sintaxe (vários vocábulos) e entramos na Morfologia (um só vocábulo)? Por que **papel almaço** e **papel da Índia** são locuções, e **papel-bíblia** é um substantivo composto? Por que alguns (Aurélio, por exemplo) consideram **pôr-do-sol** um substantivo, enquanto Houaiss classifica como uma simples locução (**pôr do sol**)? Apesar de existirem vários "palpites" sobre como se poderia fazer esta diferenciação, acho que nunca poderemos chegar a uma resposta definitiva – não por deficiência de nossas teorias ou incompetência de nossos estudiosos, mas exatamente pela natureza difusa do problema.

Embora não seja especificamente sobre este assunto, minha tese de

doutorado trata desta progressiva lexicalização de estruturas sintáticas (em outras palavras, da passagem da Sintaxe para o Léxico), um processo usual no Português em que a frase ou locução **X** passa a ser o vocábulo composto **Y**). Examinando os dados, a conclusão obrigatória é que não existe um limite definido para essa passagem. Em vez de uma alteração definitiva, pontual, em que **X** se transforma em **Y** (assim como, num dado momento, a lagarta vira borboleta), o que temos é uma transformação tipo "O Médico e o Monstro", em que o novo ser é, ao mesmo tempo, médico e monstro, se bem entendes a metáfora.

Note que a presença do hífen, aqui, é o que serve para distinguir aquilo que consideramos **locução** daquilo que consideramos **vocábulo**. Há gramáticos que veem em **ponto e vírgula** uma locução (daí não usarem o hífen); Aurélio e Houaiss, por sua vez, consideram-no um vocábulo e, *ipso facto*, escrevem **ponto-e-vírgula** (como você pode ver, é uma repetição do **pôr-do-sol/por do sol** do primeiro parágrafo).

É exatamente por isso que ninguém entendeu essa orientação esdrúxula do **VOLP** de eliminar o hífen de vocábulos compostos que tenham preposição ou conjunção entre os elementos. Foi uma interpretação equivocada do texto do Acordo, e tenho certeza de que a ABL acabará voltando atrás, para não se cobrir de ridículo. Portugal entendeu corretamente o que foi disposto e manteve os hifens em vocábulos como **pé-de-moleque**, **maria-vai-com-as-outras**, **mula-sem-cabeça**, **dia-a-dia**, **pé-de-cabra**, etc.

2) Caro professor, desculpe-me incomodá-lo mais uma vez, porém, uma dúvida veio à baila e gostaria, se possível, que o senhor me esclarecesse. Há alguns dias, ouvi num programa de rádio que o hífen havia sido abolido em todas as palavras compostas ligadas por preposição (ex.: **fora-da-lei***,* **à-toa***,* **pão-de-ló***,* **dia-a-dia***, etc.). Pois bem, ontem mesmo, vi numa edição atualizada do* **Aurélio** *(apregoando estar de acordo com o Acordo Ortográfico) a palavra* **pão-de-ló** *com hífen (como sempre escrevemos). Bem, o que de fato é*

verdade? Grato mais uma vez.

Valdecir T. – São José dos Campos (SP)

Meu prezado Valdecir: sua pergunta toca no ponto mais controvertido do novo **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa** (o famoso **VOLP**), recentemente publicado por nossa Academia de Letras. Interpretando equivocadamente o texto do Acordo, a comissão brasileira decidiu, sem tir-te nem guar-te, eliminar o hífen de **qualquer composto** que tenha preposição ou conjunção unindo os seus elementos – exatamente como **pão-de-ló** ou **dia-a-dia**, como você perguntou.

Ora, mesmo que aqui o texto do Acordo não tenha uma redação muito feliz (como todo o resto, aliás), fica bem claro, numa leitura mais cuidadosa, que o princípio geral é usar o hífen apenas nos **vocábulos compostos**, distinguindo-os das meras **locuções**. Afinal, essa sempre foi a utilidade deste sinal: distinguir uma **mesa redonda** (quadrada, oval, etc) de uma **mesa-redonda** (reunião para discutir um tema ou fazer uma deliberação), ou seja, distinguir uma **locução** composta de duas palavras independentes (**mesa redonda**) de um **vocábulo** composto (**mesa-redonda**).

Pois nossas autoridades resolveram manter este hífen apenas quando o vocábulo é composto de **dois** elementos (**pombo-correio**, **couve-flor**, **água-furtada**); quando tem mais de dois, a comissão, numa **atitude inexplicável e completamente equivocada**, decidiu suprimi-lo. Dessa forma, se fôssemos levar a sério esta sandice, substantivos compostos como **pé-de-moleque**, **fora-da-lei**, **mula-sem-cabeça** passariam a ser escritos **pé de moleque**, **fora da lei**, **mula sem cabeça**! Teríamos, pela primeira vez na História, substantivos com **espaços em branco entre os seus elementos**! Um **vocábulo** com espaços entre seus componentes? Isso não existe. A diferença entre vocábulo e locução deve ser assinalada por hífen, não importa o número de componentes que o composto venha a ter. "Ele vive **fora da lei**": é uma **locução** formada de três vocábulos. "O xerife prendeu os **fora-da-lei**": é um **vocábulo composto**.

Infelizmente, a nova edição do **Vocabulário Ortográfico** traz todos esses

vocábulos sem o hífen, mas, curiosamente, classificados ora como substantivo, ora como adjetivo. Ao lado de **maria vai com as outras**, tiveram a coragem de registrar "**s.f**.". Substantivo feminino? Mas isso é uma frase completa, com sujeito, verbo e tudo mais! Sem o hífen, fica completamente impreciso o limite entre a Morfologia e a Sintaxe.

Não preciso dizer que este escandaloso equívoco, que torna o **VOLP** uma fonte pouco confiável, é a interpretação **brasileira**; os portugueses, com mais prudência, ainda hesitam em adotar o seu **VOLP**, mas todos os especialistas lusitanos que comentam o **Acordo** são unânimes em conservar o hífen de **pé-de-moleque**, **pé-de-valsa**, **pão-de-ló**, **deus-nos-acuda**, **bumba-meu-boi** e tantos outros. É assim que todos nós também devemos escrever. A Academia foi contra? Pior para ela, que vai se cobrir de vergonha por ter chancelado uma publicação tão irresponsável como esta.

derrepente?

Boa noite, Professor! Ontem, "conversando" por e-mail com uma colega, ela me disse que **de repente** *teria sofrido alteração na grafia após a Reforma, passando a ser escrito* **derrepente**. *Eu não acreditei, mas, como nada li sobre a Reforma, não posso afirmar que ela esteja errada. Pode esclarecer minha dúvida? Desde já, lhe agradeço.*

Isabel Costa C.

Mas que confusão fez essa sua amiga, hein, Isabel! Ela deve ter ouvido falar na nova regra que determina que vocábulos iniciados por **R**, quando receberem prefixo terminado em **vogal**, terão o **R** duplicado (**birreator**, **autorretrato**, **contrarrevolução**, **infrarrenal**, etc.) – o que é verdade. O problema é que ela não tinha nada que aplicar a regra a **de repente**! O **de**, aqui, é uma simples **preposição**, não um **prefixo**! São duas palavras separadas – **de** e **repente** –, como **de resto**, **de ré**, **de rastros**, **de relance**, entre muitos. Avise para a amiga

que ***derrepente** sempre será um erro cabeludo!

adjetivos pátrios ou gentílicos

Diferentes leitores perguntam sobre a manutenção – ou não – do h nos adjetivos gentílicos compostos.

1) Caro Prof. Moreno, com a atual Reforma Ortográfica, os adjetivos pátrios que apresentam o hífen em sua composição, como **ouro-finense***, de Ouro Fino,* **pouso-alegrense***, de Pouso Alegre,* **porto-alegrense***, de Porto Alegre, dentre tantos outros, sofrerão alguma modificação em sua grafia? Em meu entendimento, não. Entretanto, encareço-lhe os esclarecimentos pertinentes.*

José Édison C. – Campinas

2) Professor Moreno, moro na cidade de Santa Cruz do Capibaribe, em Pernambuco, cujo gentílico é **santa-cruzense**. *Gostaria de saber se com o novo* **Acordo** *ele perderá o hífen. Em um guia vi que* **porto-alegrense** *continua com hífen.*

Lucinaldo T.

3) Bom dia, professor; os gentílicos entraram na nova regra do hífen? Vamos escrever **norte-americano** *ou* **norteamericano***?*

Regina F. – São Paulo

Prezados amigos, as novas regras do hífen se referem especialmente aos vocábulos formados com **prefixos**; a grafia dos **gentílicos** (ou adjetivos pátrios) continua inalterada, seguindo as mesmas disposições que conhecemos desde 1943: **mato-grossense**, **cruz-altense**, **sul-rio-grandense**; **norte-americano**, **norte-africano**, **sul-americano**, **norte-coreano**. Agora, especialmente para o Lucinaldo (mas extensivo a todos): em ortografia, sempre podemos confiar no raciocínio por analogia. Se escrevemos **porto-alegrense**,

podemos deduzir, com segurança, que **santa-cruzense** também será escrito com hífen. Se **caju** não tem acento, o mesmo vai ocorrer com **Iguaçu** e **bauru**; se **táxi** é acentuado, também o serão **ravióli** e **biquíni**. Esta é a regra máxima deste jogo: o que vale para um, vale também para os seus semelhantes.

bem-estar

Olá, Professor Moreno! Esta nova Reforma Ortográfica introduziu alguma mudança na ortografia da palavra **bem-estar***?*

José G. – Itapema (SC)

Felizmente não, meu caro José; continuaremos a escrever **bem-estar**, como sempre fizemos. O **Acordo** não mudou nada quanto a isso; vamos colocar um hífen depois de **bem** sempre que ele se ligar a um vocábulo que **tenha existência autônoma** no nosso idioma: **bem-falante**, **bem-aventurado**, **bem-querer**, **bem-vindo**, etc.

Aqui, mais do que em qualquer outro lugar, ficam evidenciadas as duas funções que o hífen acumula, pois ele é, ao mesmo tempo, um sinal que **separa** e um sinal que **une** (o famoso **traço-de-união**): em **bem-estar**, ele sinaliza, ao mesmo tempo, (1) que estamos diante de um vocábulo uno, embora composto, e (2) que os dois elementos que entram em sua composição têm vida própria.

É exatamente por isso que não temos hífen em **benfazejo** ou **benquisto**; embora não seja difícil reconhecer ali a presença do radical de **fazer** e de **querer**, respectivamente, não temos mais ***fazejo** ou ***quisto** como formas livres.

o hífen depois do **Acordo**

Gostaria de saber como ficou a escrita de **boa-fé***, com as novas regras. E as palavras* **horas-extras***,* **aviso-prévio** *e* **Advocacia-Geral***?*

Michele B. – Porto Alegre

Michele, com as novas regras, **boa-fé** será escrito... **boa-fé**. O **Acordo** só alterou as regras que envolvem formação com **prefixos**, o que não é o caso de **boa**, que aqui é um **adjetivo**. Quanto às demais – **horas-extras**, **aviso-prévio** e **Advocacia-Geral** – persiste, mesmo depois do **Acordo**, aquela indefinição intrínseca que sempre existirá entre o que é **vocábulo** e o que é **locução**. Acho importante lembrar que existe uma faixa imprecisa entre eles, uma espécie de **terra-de-ninguém** (que uns escrevem **terra de ninguém**, sem hífen – estás vendo como é?) que jamais poderá ter contornos precisos. Vemos tanto **ponto e vírgula** quanto **ponto-e-vírgula**, **aviso prévio** quanto **aviso-prévio**, etc. Eu prefiro usar hífen nestes casos, pois ele serve para distinguir a **locução** (o **aviso prévio**, isto é, o aviso que foi feito previamente, o prévio aviso) do **vocábulo** (o **aviso-prévio** – termo da linguagem jurídica que designa a comunicação da rescisão de um contrato de trabalho). Outros, no entanto, preferem deixá-los sem hífen.

pronto-socorro ou **prontossocorro**?

Prof. Moreno, trabalho em uma indústria gráfica onde elaboramos e produzimos vários modelos de agendas. As novas regras de ortografia nos deixaram em dúvida em relação à palavra **pronto-socorro***. Conforme o manual que consultamos, se o prefixo terminar em* **vogal** *e o segundo elemento começar por* **R** *ou* **S***, temos de duplicar essas letras. Isso quer dizer que* **pronto-socorro** *vai ficar* **prontossocorro***? Gostaria da sua ajuda, pois achei muito estranha esta palavra!*

Daiane C.

Prezada Daiane, vocês estão fazendo uma confusão essencial: esta regra do

Acordo a que você se refere (a duplicação do **R** e do **S**) aplica-se exclusivamente a **prefixos** (**contra**, **infra**, **ante**, **anti**, **auto**, **supra**, **semi**, **neo**, etc.) e a **prefixoides** (elementos gregos e latinos que funcionam como se prefixos fossem: **macro**, **micro**, **hidro**, **geo**, **bio**, **termo**, **nefro**, etc.). Por isso, [anti+semita], **antissemita**; [supra+renal], **suprarrenal**; [mini+saia], **minissaia**; [bi+reator], **birreator**; [auto+retrato], **autorretrato**.

Por outro lado, os vocábulos compostos de substantivos, adjetivos, verbos, etc. (entenda-se: os que não são formados pelo acréscimo de um prefixo, mas sim pela união de dois ou mais vocábulos existentes no idioma) continuam a ser escritos **com** hífen, como sempre foram: **pronto-socorro**, **ítalo-soviético**, **mestre-sala**, **puro-sangue**. Parece que isso não ficou bem claro na divulgação do **Acordo**, pois esta tem sido uma pergunta recorrente de leitores de toda parte.

minissalada

Prezado professor, sou redator e estou atualizando um cardápio em que constam as opções **mini bolo***,* **mini torta***,* **mini salada**. *Pois bem, pelo novo Acordo Ortográfico estas palavras passam a ser* **minibolo***,* **minitorta***,* **minissalada***?*

Ari D. – São Paulo

Meu caro Ari, assim já se escrevia antes do **Acordo**, assim vamos continuar a escrever depois dele: **minitorta**, **minibolo**, **minissalada** – formas que eu acho horripilantes! Se fosse eu o dono do restaurante, eu escreveria no cardápio **torta míni**, **bolo míni**, **salada míni**, muito mais aceitável (**míni**, usado em separado, tem acento).

ecossustentabilidade?

Olá, caro professor. Acho que o aumento da consciência ecológica, criou um probleminha para a língua – ainda mais agora, que estamos de ortografia nova. Embora os dicionários ainda se omitam quanto a esta palavra, já a encontrei na rede com três grafias diferentes: **eco-sustentabilidade***,* **ecossustentabilidade** *e* **ecosustentabilidade**. *O senhor pode me dizer qual delas eu devo usar?*

Fernando G. – São Paulo

Meu caro Fernando, não há problema algum: pelo sistema vigente **antes** do **Acordo**, o elemento grego **eco-** nunca era seguido de hífen. Escrevia-se, portanto, **ecossustentabilidade** (o **S** deve ser duplicado; caso contrário, como está entre duas vogais, passaria a representar o som de /z/).

Agora, pelo **Acordo**, **eco-** vai ter hífen quando se ligar a um vocábulo que comece por **H** ou por **O** (eu não conheço nenhum, por enquanto, mas posso imaginar uma hipotética **eco-organização**, ou uma animada **eco-olimpíada**...). Como esse não é o caso de **sustentabilidade**, você vai ter de duplicar o **S** e escrever exatamente como antes: **ecossustentabilidade**, no mesmo modelo de **ecossistema**, há muito dicionarizado.

minissaia e **microrregião**

Prof. Moreno, estou estudando para concurso público e me deparei com palavras novas ao estudar o emprego do hífen: **audiosseletivo***,* **cardiorrenal***,* **microrregião***,* **psicossocial***,* **minissaia***... Pelo meu humilde Português posso afirmar que dá para aceitar a ausência do hífen, mas não consigo entender a repetição do* **R** *e do* **S***. Por isso, venho pedir sua ajuda.*

Mariana L.

Prezada Mariana, o fato de não usarmos hífen com esses prefixos traz

evidentes consequências ortográficas. O princípio é muito simples (e muito antigo): se escrevermos ***microregião**, o **R** isolado entre duas vogais vai ser lido com o som de /r/ fraco (como em **caro** ou **tiro**); é por isso que temos de duplicá-lo. O mesmo acontece com o **S**; ***minisaia** será lido como /minizaia/, se não duplicarmos o S.

Você não deve estranhar este procedimento; pelas regras do novo **Acordo**, ele vai ocorrer todas as vezes em que um prefixo **terminado por vogal** encontrar um vocábulo iniciado por **R** ou **S**: **autossuficiente**, **antissemita**, **hidrossanitário**; **contrarregra**, **autorregulável**, **semirreta**. Vamos demorar um pouco a nos acostumar a essa nova forma, mas sou obrigado a reconhecer que assim é bem mais racional.

Beira-Rio ou **Beirarrio**?

Prof. Moreno, trabalho para um semanário do interior do estado, cujo editor, que é gremista, parece estar louco para utilizar a Reforma Ortográfica contra tudo que refira ao nosso querido Internacional. Ele sugeriu que, pelas novas regras, o estádio da Beira-Rio deve passar a ser escrito **Beirarrio***, sem hífen e com o* **R** *duplo, como* **biorritmo** *ou* **antirreligioso***.* **Beirarrio***! Argh! O senhor poderia esclarecer esta dúvida? Respeitamos muito sua opinião.*

Márcio – Santa Maria (RS)

Meu caro Márcio, diga aí para esse editor que essa regra da duplicação do **R** vai se aplicar apenas a vocábulos formados com **prefixos terminados em vogal**: [auto+regulação]= **autorregulação**; [semi+reta]= **semirreta**. Os vocábulos compostos de dois ou mais substantivos, adjetivos, verbos ou advérbios (ou seja, não formados por prefixação) vão continuar a ser escritos como sempre foram: **porta-retrato**, **bomba-relógio**, **caga-regras**, **coisa-ruim**, **guarda-roupa**, etc. Ora, como **beira** está muito longe de ser um prefixo, pois é um substantivo, e bem concreto, vamos continuar escrevendo **beira-rio**; o nosso

generoso estádio, portanto, continua a ser o **Beira-Rio**.

repetição do hífen na translineação

Prezado Professor, com o grande sucesso do uso do computador para se redigir textos, tenho observado que raramente ocorre a separação das sílabas das palavras (translineação), pois os programas se incumbem de ajustá-las ou passá-las para a outra linha, com exceção das formas pronominais. Neste caso, como proceder quanto ao hífen de separação? Deve-se colocar apenas um hífen no final da linha ou há obrigatoriedade de colocar também outro no início da linha seguinte? Onde encontrar sobre este assunto? O que dizem sobre isso a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) e a ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas)?

Tenho uma amiga que é professora de Língua Portuguesa aposentada, formada há trinta anos, ex-aluna de Evanildo Bechara e Celso Cunha, que afirma ter aprendido com eles a obrigatoriedade do uso do traço de separação no final da linha e também no início da próxima linha. Ela está correta?

Marilema P. – Rio de Janeiro

Prezada Marilema: não existe tal regra na NGB, que só enumera os títulos e as divisões da Gramática (jamais se ocupou de ortografia). A ABNT, por sua vez, emite apenas normas técnicas; não tem competência para discutir ortografia e, sejamos justos, jamais tentou mesmo. A autoridade é a Academia Brasileira de Letras, através dos seus Vocabulários Ortográficos, editados exatamente para mostrar, concretamente, a aplicação das regras dos acordos assinados entre o Brasil e os demais países lusófonos. Atualmente, escrevemos dentro dos parâmetros do Acordo de 1943, com a mínima modificação introduzida pelo Acordo de 1971. Nada houve desde então, a não ser tentativas que, se os deuses me ouvirem, continuarão infrutíferas. O Brasil não precisa mais de reformas ortográficas. [Quando escrevi essas linhas, mal podia suspeitar que vinha chegando uma desastrada reforma, aos trancos e barrancos...]

Quanto à sua dúvida específica, o Acordo de 1943 não diz nada sobre ser "aceitável" ou não a repetição do **hífen** (ou **traço-de-união**) no início da nova linha, se o hífen de **palavras compostas** e de **pronomes oblíquos** for o último caractere da linha anterior. No entanto, no texto do próprio **Acordo** ocorrem várias coincidências desse tipo, e em nenhuma delas o hífen foi repetido – o que implica dizer que, ao menos **implicitamente**, o uso oficial **não** nos obriga a esta prática.

Esse costume tinha vários defensores quando o texto, manuscrito ou datilografado, era entregue ao tipógrafo para ser composto. Como as linhas do original raramente iam coincidir com as linhas do texto impresso, o autor, por precaução, podia usar o hífen repetido para ter certeza de que o vocábulo seria grafado corretamente na hora da composição. Vamos imaginar que, no meu texto original, os vocábulos **contraproposta** e **contra-ataque** tivessem de ser divididos por translineação, e, em ambos os casos, as linhas terminassem exatamente na divisa do prefixo (**contra-**). Como iriam começar as linhas seguintes? O normal seria iniciar uma por **proposta** e a outra por **ataque** – e assim eu faço, e assim faz praticamente todo o mundo que escreve em Português hoje em dia. Naquela época, no entanto, em que existia a figura intermediária do tipógrafo, havia o risco dele não saber distinguir se aqueles hifens eram apenas os hifens normais da translineação (como em **contraproposta**), ou se eram hifens internos de um vocábulo composto (como em **contra-ataque**). Quando esses vocábulos caíam no meio da linha impressa, o tipógrafo era obrigado a tomar uma decisão sobre a forma de grafá-los; dependendo da sua cultura ortográfica, poderia cometer erros como ***contra-proposta** ou ***contraataque**. Por isso, para evitar esse equívoco (não muito provável, porque os tipógrafos geralmente sabiam muito mais ortografia que a maioria dos autores), eu **poderia** repetir o hífen no início da linha no caso de **contra-ataque** (...**contra-/-ataque**). Muitos autores adotavam esse mecanismo de precaução também com o hífen dos pronomes oblíquos, para evitar confusão em pares como **ver-te** e **verte**, **impor-te** e **importe**, **alinha-vos** e **alinhavos**, **ter-nos** e **ternos**, **ver-me** e **verme**, etc.

Hoje não vejo muita razão para continuar fazendo isso. O recurso de

justificação das linhas nos modernos processadores eliminou consideravelmente a partição das palavras na margem direita do texto e, na maioria das vezes, a eventual confusão que se pretendia combater com esse hífen repetido fica desfeita, de modo muito mais eficiente, pelo contexto (confundir **ver-me** com **verme** é de amargar!). É claro que nada proíbe o uso desse hifenzinho repetido, Marilema, assim como ninguém proíbe o uso daquelas polainas do Tio Patinhas – mas ambos são traços decididamente anacrônicos.

Você deve ter percebido que o debate é sobre a **possibilidade** de repetir o hífen, mas não sobre a sua **obrigatoriedade**, que nem entra em cogitação. A memória deve estar pregando uma peça à sua amiga; jamais Bechara ou Celso Cunha diriam que esse hífen duplo é obrigatório.

Com o novo Acordo – Parece que o novo **Acordo** está decidido a revogar o que já estava consolidado desde 1943, mesmo que não haja um motivo que justifique esse rompimento. Eles não erram nunca, quando se trata de acertar no alvo trocado! Pois não é que o texto atual considera **obrigatória** essa prática de repetir o hífen no início da linha seguinte? Estranho muito que ressuscitem um procedimento tão retrógrado, principalmente se considerarmos que o **Acordo** elimina o trema e vários acentos sob a alegação (legítima, aliás) de que o sentido e o contexto eram suficientes para desmanchar as eventuais dúvidas do leitor – o que deveria ser razão suficiente para não repetir esse hífen bizarro no início da linha.

hífen ou travessão

1) Sílvio Gomes, de Santos, diz que sempre distinguiu o **hífen** do **travessão** (encontrável, segundo ele, digitando-se **Alt+0151** no teclado numérico). Por isso mesmo não entende por que a imprensa trata os dois sinais da mesma forma. “Afinal, eles não têm diferenças de forma e de emprego?”

Meu caro Sílvio, você tem razão ao dizer que não são caracteres iguais, embora a prática da imprensa, no Brasil, esteja fundindo as duas coisas. Eu

sempre os distingo, quando escrevo; abri a janela de “Symbol”, no Word, e atribuí ao travessão uma combinação cômoda de teclas. A diferença fundamental entre eles é o âmbito em que aparecem. O **hífen** está restrito ao âmbito do **vocábulo**; serve para separar sílabas ou unir os elementos que formam um vocábulo composto. O **travessão** é um sinal de pontuação da **frase**, com vários empregos importantes que serão examinados oportunamente no volume sobre a pontuação. Uma de suas funções é ligar o ponto inicial e o ponto final de um trajeto ou de um período de tempo: a rodovia **Belém–Brasília**, o triênio **1971–1974**, e assim por diante.

Agora, se você quiser precisão milimétrica, deve ler os livros de editoração em Inglês. Ali, eles distinguem entre o *m-dash*, o *mm-dash* e o *mmm-dash* – velha denominação tipográfica que se refere a um travessão da largura de **uma**, **duas** ou **três** letras **M**, cada um com seu emprego distinto.

2) Prezado professor, não consigo perceber diferenças entre o **hífen** *e o* **travessão***, fora o fato do segundo ter mais ou menos o dobro do tamanho do primeiro. Tenho visto, em seu site, que o senhor às vezes usa o travessão duplo no lugar de vírgulas, mas também lembro que usávamos, na escola, este sinal para indicar a mudança da pessoa no diálogo. Existe uma diferença clara entre eles?*

Homero Z. – Goiânia

A diferença fundamental entre os dois sinais, meu caro Homero, é o seu âmbito de atuação. O **hífen**, presente no teclado, é um sinal que atua **no interior do vocábulo**; o **travessão**, que se obtém digitando (no teclado numérico) 0151, enquanto se mantém a tecla ALT pressionada, é um sinal de **pontuação interna da frase**.

É por isso que usamos o **hífen** apenas em três situações: (1) para indicar que dois vocábulos formam um novo vocábulo composto (**couve-flor**, **decreto-lei**); (2) para ligar o pronome enclítico ao seu verbo (**fazê-lo**, **vendeu-o**); e (3) para

separar as sílabas numa eventual translineação. É por causa disso – por esse uso exclusivamente morfológico, e não sintático – que o hífen não é considerado, propriamente, um "sinal de pontuação", mas um simples sinal ortográfico, como os **acentos**, o **til** ou o **trema**.

O **travessão** já é vinho de outra pipa; ele serve (1) para indicar, num diálogo, o início da fala de um personagem; (2) para, exatamente como os parênteses, indicar a intercalação de um elemento na frase (como eu próprio fiz, no último período do parágrafo anterior); (3) para introduzir, ao final de um argumento ou de uma enumeração, uma síntese ou conclusão ("Imagine um entardecer de domingo, escuro e frio, debaixo de uma chuva fina, numa estaçãozinha de trens do interior do estado – uma verdadeira desolação!"; (4) para indicar o ponto inicial e final de um percurso ou de um espaço de tempo: a ponte **Rio–Niterói**; a obra de Tobias Barreto (**1839–1869**).

Com o novo Acordo – Eu já devia saber que, quanto mais rezo, mais assombração me aparece! Pois não é que esse primor de Acordo Ortográfico, que consegue ser, a cada dia, pior do que na véspera, determina, com todas as letras, que devemos usar o **hífen**, e não o **travessão**, para os dois pontos extremos de um trajeto? Ou seja, segundo eles, deveríamos escrever "Ponte **Rio-Niterói**", e não "**Rio–Niterói**", desrespeitando, de uma vez por todas, o limite entre o que é **vocábulo composto** (com hífen) do que é uma **locução** (com travessão)! É mais um ponto na lista do que vai ter de ser revisado por essas desastradas "autoridades"...

regulamentação do hífen

Gostaria de saber se as palavras **Advocacia-Geral** *e* **Procurador-Chefe** *têm hífen ou não, e como se justifica. Muito grato.*

Protásio B.

Meu caro Protásio, pouca coisa existe de regulamentado

quanto ao uso do hífen. Podemos ter alguma certeza com os **prefixos** (**sub-reitor**, **neo-ortodoxia** e **inter-relacionado** têm hífen, ao contrário de **subordem**, **neoliberal** e **interestadual**); com **gentílicos compostos** (**mato-grossense**, **rio-grandense**); com adjetivos reduzidos (**infanto-juvenil**, **austro-húngaro**). A grande maioria dos compostos, no entanto, é hifenizada por **costume**, apenas. **Não há regra**! Isso pode parecer assustador, mas na prática vai funcionando muito bem (principalmente porque ninguém tem segurança para cobrar o certo e o errado). Escrevemos **mão-de-obra** com hífen por uma espécie de consenso; nada nos obrigaria a fazê-lo. O **Aurélio** registra assim, o **Houaiss** registra assado, o **VOLP** dá a versão da Academia: são valiosas opiniões, mas opiniões de seres humanos, nada mais. Há um exemplo que gosto muito de mencionar, porque deixa às claras essa indefinição: o sinal de pontuação "**;**" é chamado, pelos gramáticos mais tradicionais, de **ponto e vírgula**; pelos mais modernos, de **ponto-e-vírgula**. Eu prefiro esta última, mas sei que a outra tem ilustres e sábios defensores. Ora, se isso acontece no próprio acampamento gramatical, o que não diremos dos demais? **Procurador-Chefe** ou **Procurador Chefe**? Eu prefiro com hífen, mas acho que você deve seguir a sua intuição e, principalmente, o costume do meio em que você se move.

ultrassom

Professor, gostaria de consultá-lo sobre como devem ser escritos os seguintes compostos: (1) **ultra-som** *ou* **ultrassom***? (teste* **ultra-sônico** *ou teste* **ultrassônico***?); (2)* **micro-estrutura** *e* **micro-estrutural***, ou* **microestrutura** *e* **microestrutural***? Essas dúvidas ficam ainda mais fortes porque a maior parte da literatura que aplica estes vocábulos é escrita em Inglês e usa ultrasonic, ultrasound; microstructure, microstructural.*

Euclydes T. – São Paulo (SP)

Meu caro Euclydes, vamos por partes:

(1) **Ultra** é um daqueles prefixos que terão hífen antes de vocábulo iniciado por "**h**" ou pela vogal "**a**". Como em todos os demais casos ele não receberá hífen, aqui vai ocorrer a inevitável duplicação do "**s**". Assim como temos **surgir** e **ressurgir**, **suscitar** e **ressuscitar**, teremos **ultrassom**, **ultrassônico**, **ultrassonografia**, da mesma forma que escrevemos **ultrassecreto**, **ultrassensível**, **ultrassofisticado**;

(2) Por outro lado, **micro** e **macro**, dois elementos de origem grega, presentes em centenas de compostos, só vão ter hífen quando vierem antes de vocábulo iniciado por "**h**" ou "**o**". Logo, **microestrutura** e **microestrutural, microssistema** e **microrregião**, mas **micro-ônibus**, **micro-história**, **micro-onda**. Nossas regras de hífen são decididamente diferentes das regras do Inglês.

micro-hábitat?

Prezado Professor, existe, afinal, alguma regra confiável para o emprego do hífen depois de **micro***,* **macro***,* **mini***? No* **Aurélio-XXI** *não encontrei hífen ligando os prefixos* **mini** *e* **macro***, mas encontrei* **micro-hábitat**. **Macro e mini** *também teriam hífen diante de palavras com* **H***?*

Gerusa Martins

Minha cara Gerusa, em princípio, **micro**, **macro** e **mini** só devem receber hífen quando se ligarem a vocábulo iniciado por "**h**" ou pela vogal que trazem no final ("**o**" para **macro** e **micro**, "**i**" para **mini**): **macro-organização**, **micro-onda**, **mini-indústria**, **mini-hélice**; isso nos obriga a uma série de incômodas (mas necessárias) adaptações ortográficas, tais como **microrregião**, **macrossistema**, **minissaia**, etc. Este hífen em **micro-hábitat**, portanto, está dentro do que foi prescrito pelo novo **Acordo**.

Estranho, apenas, o acento colocado em *habitat* no **Aurélio-XXI**. Este vocábulo permanece em sua forma latina – isto é, **não** foi aportuguesado ainda,

como se pode perceber pelo "**t**" que encerra a última sílaba (fonema inaceitável, nesta posição, no padrão silábico de nosso idioma). Ora, se ainda não entrou no sistema, não pode submeter-se a nossas regras de acentuação – assim como *habeas corpus* não leva acento nem hífen porque ainda se mantém em sua forma latina original. O **Houaiss**, mais preciso, registra este vocábulo sem acento e com o itálico recomendado para as palavras exóticas ao Português (*habitat*).

alto-falante ou **auto-falante**?

O **alto-falante** faz parte do equipamento de som do **automóvel**; po
não escrevemos **auto-falante**, à semelhança de **auto-escola**?

Prezado Doutor, vejo muitas vezes escrito **autofalante** *e* **auto-falante***, mas creio que a forma correta é* **alto-falante***, pois vem de* **alto** *e não de* **auto***. Ou seja, acho que não quer dizer que "fala sozinho", mas sim que "fala alto". Poderia me esclarecer? Grato.*

Juan G. – São Paulo (SP)

Meu caro Juan, realmente, um **alto-falante** é um dispositivo que "fala alto". É composto do advérbio **alto** (que é invariável) mais o antigo particípio presente **falante** (como **bem-pensante**). No plural, portanto, só pode formar **alto-falantes**.

O problema que as pessoas têm com este vocábulo já começa no nível fonológico. Você já deve ter percebido que, em nosso idioma, o **L** em final de sílaba é normalmente realizado como um /u/: **mel** soa /méu/, **animal** soa /animau/ e o Ed Motta pode cantar tranquilamente "**Manuel** foi pro **céu**" sem assassinar a rima. Esse fenômeno, embora perfeitamente inofensivo na esmagadora maioria dos casos, vai tornar indistinguíveis, na fala, pares como **mau** e **mal**, **alto** e **auto**. Está aberta a porta para a confusão.

Como os alto-falantes fazem parte do equipamento de som do automóvel, eu também já vi, em muitas lojas especializadas, a grafia ***auto-falante**. É claro que isso está errado, Juan, mas não se trata aqui do uso indevido do prefixo **auto** com o sentido de "a si mesmo" – como no fogão de forno **autolimpante**, que,

segundo a lenda, teria a capacidade de limpar a si mesmo! Parece-me, antes, a crença errônea de que os **alto-falantes** sejam parte do **automóvel**; por isso, usam **auto** pensando tratar-se de algo assim como **autopeças**, **autódromo**, **automecânica**, **autoescola**.

Minha convicção de que essa foi a origem do erro ficou ainda mais reforçada quando percebi que muitos técnicos de sonorização para ambientes, para espetáculos, etc., utilizam apenas **falantes**, como se estivessem preocupados em frisar que não se trata de som de carro: "Aqui vamos instalar doze **falantes**". Essa forma, por ser mais curta e por evitar a velha dificuldade do plural dos compostos, talvez até venha, no futuro, a substituir **alto-falante** – na mesma direção seguida pelo Inglês, que de *loud speaker* está passando a usar apenas *speaker*.

por isso ou **porisso**?

Se **por que** às vezes se escreve **porque**, também não poderíamos escrever **porisso** como um único vocábulo?

Professor, lembro que nos meus áureos tempos de estudante (e eles já se vão um tanto longe) eu costumava usar a grafia **porisso***, nunca tendo sido contestado pelos meus mestres. Todavia, hoje, várias vezes já chamaram minha atenção, dizendo que* **porisso** *não existe e que, em seu lugar, eu deveria usar* **por isso**. *Será que isso procede?*

Edilberto L. – São Paulo (SP)

Meu caro Edilberto, nunca foi correto usar ***porisso**. Na verdade, trata-se de uma locução formada pela preposição **por** mais o pronome **isso**; se fossem juntáveis, teríamos também as horripilantes formas ***poristo** e ***poraquilo**, com a mesma composição. Se os seus mestres não estrilavam, é porque talvez não tenham notado. Você teve mais sorte que juízo.

Agora, se isso lhe serve de consolo, saiba que escrever ***porisso**, sem o espaço, é um daqueles **erros naturais**, isto é, um daqueles erros que cometemos

com mais frequência por existir uma força que nos empurra perigosamente em sua direção – mais ou menos assim como a gravidade nos ajuda a cair quando estamos aprendendo a caminhar. Trata-se aqui da hesitação em usar ou não o **espaço em branco**, um dos importantes (e muitas vezes esquecido) componentes do sistema da escrita. Há uma forte hesitação na hora de grafar esta e outras locuções, uma vez que é difícil, em muitos casos, determinar se estamos diante de elementos múltiplos, que devem ser grafados individualmente, ou se eles já são percebidos pelo sistema como um vocábulo único. Se você olhar com um pouco mais de atenção, não vai deixar de notar que vocábulos como **porventura**, **depressa**, **devagar** foram, um dia, expressões formadas por uma **preposição** mais um **substantivo** (por+ventura, de+pressa). Não é de estranhar, portanto, que se tente escrever ***porisso**, ***apartir** ou ***derrepente**, erros que encontro por toda parte. Abraço, e olho vivo!

demais e **de mais**

Nem sempre é fácil determinar quando se deve usar o famoso esp em branco entre as palavras.

Caro Professor, nunca tenho certeza quando devo usar **demais** *(uma só palavra) ou* **de mais** *(duas). Não ficou claro nas gramáticas que consultei. Acho que os exemplos se contradizem e, quanto mais estudo, mais confusa eu fico. O senhor tem uma boa regra para isso?*

Juçara – Londrina (PR)

Minha prezada Juçara, em linguagem, como na vida, certas coisas são como são. Se um geólogo estuda um lençol de areia movediça e o faz assinalar em todos os mapas, ganham os viajantes, que passarão por ali com todo o cuidado – mas essa areia não vai ficar menos móvel só por causa disso. O mesmo ocorre, em Português, nessa nebulosa região em que se misturam **vocábulos** e **locuções**. Ali a luz é escassa e a sombra é espessa; ali formas como **debaixo**, **demais**, **detrás** convivem com locuções como **de baixo**, **de mais** e **de**

trás. Meu mapa diz que essa parte do terreno não está bem sedimentada, e o máximo que eu posso fazer por você é mostrar algumas coisas básicas que aprendi nos tantos anos em que vivi nesse território.

1) Usamos o vocábulo **demais** em duas situações básicas (vamos deixar de fora expressões como **de mais a mais**, etc.). Primeiro, como **advérbio de intensidade** (é um irmão de **muito**, **pouco**, **bastante**, etc.), com o sentido de "excessivamente, além da conta" ou de "muitíssimo". Devemos lembrar que esse tipo de advérbio pode modificar um verbo, um adjetivo ou mesmo outro advérbio (os demais só modificam verbos):

Eu **falei** demais. Vocês **comem** demais.O relógio é **caro** demais.

Isso é **bom** demais! Ela canta **bem** demais! É **tarde** demais!

Em segundo lugar, esse **demais** pode ser um **pronome indefinido**, significando "os outros, os restantes". Como é um **pronome adjetivo**, sempre vai acompanhar um **substantivo** (expresso ou elíptico):

Convidaram Laura e os **demais** colegas.

Contrate este candidato e dispense os **demais**.

2) Usamos a locução **de mais**, formada pela preposição **de** e o advérbio **mais**, para significar "de sobra", "a mais", opondo-se simetricamente à locução **de menos**:

Cuide para não colocar sal **de mais** no churrasco.

Uns têm coisas **de mais**, outros **de menos**.

O **Aurélio** registra, também, o sentido "capaz de causar estranheza; anormal":

Não vejo nada **de mais** em sua resposta.

Essas distinções vão ajudá-la a navegar com serenidade no mar de nosso idioma. Afinal, os simples viajantes não precisam saber que, lá das profundezas, espreitam perigos que preferimos nem conhecer. Um espírito de porco poderia contrapor "ela falou **demais**" ("excessivamente") com "ela estudou **de mais**" (por oposição a "ela estudou **de menos**"), mas seria o caso de jogá-lo por cima da borda e continuar a viagem.

detrás, de trás

Mostramos, mais uma vez, quão importante pode ser o espaço em branco deixado entre as palavras.

Professor, na sua resposta sobre **demais***, o senhor mencionou também o caso de* **detrás** *e* **debaixo***, dizendo que eles também podem ser escritos como dois vocábulos separados. Quando está correto escrever* **de trás** *e* **de baixo***?*

Wellington C. – Brasília

Meu caro Wellington: acho que **detrás** e **debaixo** são um pouco mais simples que o movediço **demais**; nosso idioma parece estar marcando, aqui, a distinção entre “lugar onde” e “lugar **de** onde”. Compare:

(1) Ele estava **debaixo** da cama. (onde)

(2) Ele saiu **de baixo** da cama. (de onde)

Na frase (2), **de baixo** se opõe a **de cima**; é a mesma oposição que vamos encontrar em “ele mora no andar **de baixo**”, “ele mora no andar **de cima**”.

O advérbio **detrás** também expressa “lugar onde”; é sinônimo de **atrás**. A expressão **de trás** expressa “lugar de onde”; essa preposição **de** é exigida por um grupo expressivo de verbos de movimento. Compare:

(3) Ele escondeu-se **detrás** da pedra. (onde)

(4) Ele veio **de trás** da pedra. (de onde)

(5) Tirou o violão **de trás** do armário. (de onde)

Nas frases (4) e (5), **de trás** se opõe a **da frente**; é a mesma oposição que vamos encontrar em “de trás para a frente, da frente para trás”. Como você pode ver, a paisagem é aqui mais definida que no caso do **demais** – mas nem tudo são rosas, quando se trata desse diabólico espacinho em branco. Pense, por exemplo, na frase “A criatura surgiu **detrás/de trás** da pedra”; **separado**, significa que ela veio de lá; **junto**, que foi lá que ela nasceu (ou se materializou...). Tenho certeza de que poderíamos encontrar vários pares

interessantes como esse, se ficássemos remexendo nesse poço.

Curtas

extracurricular

Ronaldo, de Santos (SP), criou em seu “curriculum vitae” uma seção de “cursos **extra-curriculares**” e precisa saber se está certo assim, com hífen, ou se deveria escrever tudo junto.

Prezado Ronaldo, escreva **extracurriculares**, do mesmo modo como vamos escrever **extraclasse**, **extranumerário**, **extraconjugal**, etc. Sem hífen.

compostos com **hemi-**

Grasiela, de Florianópolis (SC), está redigindo sua tese de doutorado em Odontologia e gostaria de saber se a palavra **hemimandíbula** está correta ou se necessita do hífen.

Minha cara Grasiela, apesar de ser um mostrengo, escreva **hemimandíbula**. O elemento **hemi-** (metade) só tem hífen antes de “**h**” (hemi-hidratado) ou, hipoteticamente de “**i**”; em todos os demais casos, sempre vai ser usado **sem hífen**. Da mesma forma, vamos escrever **hemialgia**, **hemicrania**, **hemifacial**, **hemiplégico**.

hífen com **macro-**

Eiji quer saber se **macrofluxo**, palavra utilizada em sua área de trabalho mas inexistente nos dicionários, deve ser escrita com ou sem hífen.

Meu caro Eiji, as novas regras de hífen estabelecem que o elemento **macro** só tem hífen quando vem antes de “h” ou de “**o**”. Em todos os demais casos, ele **jamais** será hifenizado. Por isso escrevemos **macroeconomia**, **macroatacado**, **macrobiótica**, **macrofluxo**, seja lá o que for.

seminovos

A leitora Denise trabalha numa agência de publicidade, onde surgiu uma discussão sobre o uso do hífen na palavra **seminovos**. “Verifiquei na gramática e cheguei à conclusão que é sem hífen, mas como já li em muitos anúncios a palavra hifenizada, preferi consultar um especialista.”

Prezada Denise, o prefixo **semi-** só pode ter hífen antes de palavras começadas por “**h**” ou por “**i**” **(semi-humano**, **semi-internato**). Antes das demais letras do alfabeto ele **jamais** vai ser hifenizado: **semidireto**, **seminua**, **semicírculo**, **seminovo**. Esse nem ao menos é um daqueles casos discutíveis ou duvidosos; ao contrário, é daqueles básicos e elementares. Se você tem uma boa gramática, deve acreditar nela. **Seminovo** não tem hífen mesmo!

subobjeto

Rogério gostaria de saber se a grafia correta é **sub objeto** (com espaço), **sub-objeto** (com hífen) ou **subobjeto** (tudo junto).

Caro Rogério, o prefixo **sub** é uma **forma presa** e não pode ser usado isoladamente, o que elimina o “sub objeto”. Além disso, este prefixo somente vai ter hífen antes de palavras iniciadas por “**r**”, “**b**” ou “**h**” (**sub-reitor**, **sub-base**, **sub-habitação**). Por isso, por horrível que pareça, devemos escrever **subobjeto**, como **subestação**, **subordem**, **subagência, subgerente, subsolo, subaxilar** e por aí vai a valsa.

georreferenciamento

Eliana, funcionária da Secretaria do Meio Ambiente, está fazendo um trabalho que abrangerá o estado de São Paulo inteiro e tem dúvidas quanto à grafia correta da palavra **georreferenciada**.

Minha cara Eliana, vocábulos em que aparece o elemento grego **geo** ("terra", em Português) só terão hífen antes de "**h**" e de "**o**"; por isso, **geopolítica**, **geofagia**, **geossíncrono** e, *ipso facto*, **georreferenciada**. É feio, mas é assim.

subchefe

Célia e Helena, de Jundiaí, gostariam de saber minha opinião: escrevemos **subchefe** (como está no **Aurélio**), ou **sub-chefe** (segundo o prof. Douglas Tufano)?

Minhas caras, o prefixo **sub** só vai ter hífen antes de vocábulos iniciados por "**r**", "**b**" ou "**h**": **sub-raça,** **sub-biblioteca**, **sub-humano**. São pouquíssimos vocábulos. Em todos os demais casos – friso: em todos os demais casos! – ele não vai ser hifenizado: **subordem**, **subgerente**, **subchefe**, **subsolo**, **sublocação**, etc. Não sei o que o prof. Tufano diz sobre isso, mas não acredito que ele vá defender um mostrengo como ***sub-chefe**. Vocês devem ter-se enganado.

bem-vinda

Antônio, de Caxias (RJ), quer saudar a sua filha que vai nascer com uma faixa de boas-vindas, e precisa saber se está certo escrever "Giovana Seja Benvinda".

Meu caro Antônio, a faixa para a sua filhinha deve ser assim escrita: **Giovana, seja bem-vinda!** – com **vírgula** depois do vocativo e **hífen** no composto. Assim ela já vai nascer sob o signo da linguagem correta, o que é sempre de bom augúrio. Abraço, e felicidades.

semi- e **multi-**

Pergunta a leitora Marlene, que trabalha numa empresa de material de segurança e está preparando a edição dos novos catálogos: o correto é escrever **semi-máscara** ou **semimáscara**? É **multigás** ou **multi-gás**? As revistas usam com hífen, mas ela não acredita.

Prezada Marlene, em primeiro lugar, é **semimáscara**, da mesma forma que **semidireto**, **semicolcheia**, **seminua**, **semimorto**, etc. (**semi** leva hífen só antes de "**h**" e de "**i**"). Para **multi**, o hífen está previsto antes de "**h**" ou de "**i**" (ainda não há vocábulos em que isso aconteça, mas um dia eles haverão de surgir). Em todos os demais casos, escrevemos sem hífen: **multifacetado**, **multimilionário**, **multifocal**, **multigás**. As revistas podem ser especializadas na área de segurança, mas não o são em Português.

pentacampeão

Lys Nunes Osório, de Canoas (RS), quer saber como se escreve: é **penta-campeão** ou **pentacampeão**?

Prezada Lys, escreva **pentacampeão**, sem hífen. Lembre que os prefixos numéricos – **bi**, **tri**, **tetra**, **penta**, **hexa**, etc. – só vão ter hífen antes de palavra começada por "**h**" ou pela vogal final de cada prefixo: **bi-harmônico**, **bi-iodeto**, **tri-hibridismo**, **penta-atleta**, **hexa-hidrato**. Em todos os demais casos, não serão hifenizados: **birreator**, **trifásico**, **hexadecimal**, **pentacampeão**, **bissexual**, etc.

soroteste

Lúcia quer saber se **soro teste** e **soro controle** se escrevem com hífen, juntas ou separadas. “Por analogia, de acordo com o **VOLP** (**sororreação**, **sororreagente** e outras), eu as usaria como sendo uma única palavra (juntas, sem hífen). Está correto?”

Minha cara Lúcia, você estava seguindo o caminho certo; se **sororreação** é tratado como vocábulo uno, podemos concluir que todos os demais compostos com o elemento **soro** também o serão: **soroteste**, **sorocontrole**, **sorocoagulação**, etc.

minirreforma

Vania, de Jaboticabal (SP), estranhou a seguinte manchete da *Gazeta Mercantil*: “A **minirreforma** deu mais poderes à Receita Federal”. O termo **minirreforma** está correto?

Prezada Vânia, o prefixoide **mini** (elemento que se assemelha a um prefixo verdadeiro) só admite hífen antes de “**h**” ou de “**i**”; é por isso que temos combinações como **minissaia**, **minissistema**, **minirreforma**, em que o “**s**” ou o “**r**” precisam ser duplicados para manter o som original.

ante-sala

Andréia Bueno, de Porto Alegre, ficou em dúvida quanto à grafia correta de **ante-sala**. O **Aurélio** dá **ante-sala**, mas o **Dicionário Universal**, on-line, aponta a forma **antessala**.

Prezada Andréia, o seu **Aurélio** deve ser anterior ao **Acordo**, quando realmente se escrevia **ante-sala**. Agora o prefixo **ante** só vai ter hífen antes de vocábulos começados por “**h**” ou por “**e**” (**ante-histórico**, **ante-estreia**). Em todos os demais casos, não será hifenizado: **antessala**, **antessacristia**, **antessocrático**. O **Dicionário Universal**, por ser on-line, sempre vai estar mais atualizado do que a versão em papel; lá você vai encontrar **antessala**.

megassena

Claudinei, de Piracicaba (SP), leu que o prefixo **mega** não é separado por hífen. “Se unirmos este prefixo a palavras iniciadas por **S**, devemos dobrar esta letra?”

Meu caro Claudinei, o prefixo **mega** só é seguido de hífen depois de “**h**” ou de “**a**”. Portanto, sempre que ele se juntar a vocábulo iniciado por “**s**”, essa letra deverá ser dobrada, para que não fique sozinha entre duas vogais: **megassistema**, **megassena**, **megassísmico**. Se escrevêssemos ***megasistema**, a leitura indicada seria /megazistema/, porque a letra “**s**” intervocálica representa o fonema /z/. Essa duplicação do “**s**” e do “**r**” iniciais, aliás, acontece também com qualquer outro prefixo que termine em vogal: **macrorregião**, **macrossistema**, **microssonda**, **ressurgir**, etc.

[1] MORENO & MARTINS. *Português para convencer*. São Paulo, Ática, 2006. p. 169.

4. Como se diz

A hesitação sobre a **grafia** de uma palavra é mais frequente que a hesitação sobre a sua **pronúncia**, o que é muito natural. O brasileiro sabe que existe um conjunto de normas e costumes que regem a escrita e sente que é socialmente condenável não se adequar a este grande consenso que transparece nos dicionários e nas gramáticas. Há quem diga que essa é uma tola preocupação com as aparências, mas os sábios há muito perceberam que as aparências têm muito mais importância do que se pensava. Cá entre nós: a não ser por razões muito especiais, ninguém quer escrever diferente do uso da maioria culta; bem pelo contrário, um texto correto e bem escrito nos deixa tão orgulhosos e confiantes quanto uma elegante roupa nova. Errar no papel é coisa séria: os textos que eu escrevo não se dissolvem no ar, como os sons da fala; podem ser guardados, arquivados, lidos e relidos indefinidamente – às vezes com olhos do bem, às vezes com olhos do mal. Daí o nosso cuidado.

A fala, no entanto, não tem essa existência duradoura (a não ser em registros gravados). Nosso aparelho fonador é um legítimo instrumento de sopro, e as notas que produzimos (os fonemas) duram o tempo fugaz de chegar aos nossos interlocutores. Ou, como disse muito melhor o bom Rafael Bluteau, nosso dicionarista do século XVIII, a palavra falada tem "o ar por corpo, a língua por mãe, e a boca por berço, mas com tão instantâneo descanso, que apenas nascida voa, e com tão breve vida, que logo nos ouvidos dos circunstantes se sepulta". Assim, sem a carne e o osso do papel, fica muito mais difícil comparar o uso das pessoas cultas para chegar a uma norma de **como dizer**. Se lembrarmos ainda que existem as variantes regionais de pronúncia, fica explicado por que temos uma norma ortográfica mas nunca teremos uma norma fonética. Os dicionários, as gramáticas, os professores, os usuários sabidos (e os que pensam que sabem...), todos apenas expressam **opiniões** – algumas certamente mais valiosas do que outras. Há questões centenárias: é **catéter** ou **cateter**? **Clítoris** ou **clitóris**? **Grelha** tem o /e/ aberto ou fechado? O plural de **caroço** é /caróços/? Há questões moderninhas: **xérox** ou **xerox**? **Récorde** ou **recorde**? **Subsídio** rima

com **suicídio** ou com **presídio**? Os autores se dividem, argumentam, explicam, e cabe ao usuário decidir-se por uma ou por outra proposta. No entanto, meu caro leitor, fique sempre atento a um sinal muito importante: neste mundo movediço da língua falada, todo aquele que expressar sua opinião de uma forma autoritária e imperial ("não pode!"; "está errado!"; "é proibido!"; etc.) sabe pouco ou quase nada; fuja dele e do que ele escreveu, porque essa atitude revela que lhe falta o mínimo de formação em Linguística para entender o problema.

Outra coisa: nunca se esqueça de que a fala vem primeiro, a escrita vem depois, isto é, ela é uma tentativa de representar, com sinais gráficos, uma realidade sonora. Portanto, não caia naquela falácia conhecida de basear-se na **grafia** para concluir que uma palavra deve ser **pronunciada** assim ou assado. Um bom exemplo é **colmeia**: até 1990, a regra mandava acentuar todas as ocorrências do ditongo aberto **éi**, tanto nas oxítonas quanto nas paroxítonas. Ora, muitos gramáticos conservadores alegavam que a pronúncia desse /e/ devia ser fechada, pois, se fosse aberta, o vocábulo seria acentuado. O raciocínio é exatamente o inverso: a gramática que mandava escrever **colmeia** estava apenas indicando que, na opinião de seu autor, aquela vogal devia ser fechada; eu sempre escrevi esta palavra **com** acento, pois acredito que a pronúncia seja com a vogal aberta, como pude comprovar ao longo de toda a minha vida (com o novo **Acordo**, a única **grafia** possível é **colmeia**, mas a discussão quanto a sua **pronúncia** permanece). Em suma: escrevemos **rubrica** sem acento porque, na pronúncia, a sílaba tônica é /bri/; ridículo seria fazer o raciocínio inverso e afirmar que a sílaba tônica é /bri/ porque a palavra não tem acento na escrita.

pronúncia dos encontros consonantais

Duas jovens leitoras da Paraíba divergem quanto à pronúncia corr nome **Ramsés**. Veja como devem ser pronunciados os encontros consonantais do Português.

Mestre, tenho 13 anos e gosto muito de ler. Como devo pronunciar o nome do faraó **Ramsés***? É /ram–sés/ ou /rámi–sés/? Penso que o certo é da primeira forma e discuti com minha prima. Creio que da segunda forma parece pronúncia inglesa, não?*

Mariana – Campina Grande (PB)

Minha cara Mariana, as coisas não são tão simples quanto parecem. Sabe por que você e sua prima divergiram quanto a **Ramsés**? Porque aqui aparece aquele velho fantasma dos **encontros consonantais imperfeitos**. É um nome pouco empregado, hoje em dia (era usado pelos gramáticos de outrora), mas continua muito oportuno. Quando duas consoantes se encontram, ou formam um encontro consonantal **perfeito** (todo aquele cuja segunda consoante for "**r**" ou "**l**": **aBRaço**, **PLaca**, **PRova**, **TRova**, **aCLamar**, etc.), ou **imperfeito** (os demais: **aFTa**, **diGNo**, **PNeu**, **aDVogado**, **oBTurar**, etc. – geralmente em vocábulos de origem grega ou erudita).

Essa denominação de **perfeito** e **imperfeito**, claramente avaliativa, está ligada à facilidade ou à dificuldade de pronunciar esses encontros. Para podermos adequar os **imperfeitos** aos padrões fonológicos do Português, introduzimos, ao falar, uma vogal /i/ entre as duas consoantes, desmanchando assim o encontro e formando duas sílabas comuns: **aFTa** vira, na fala, /á-fi-ta/ (falando, tem o mesmo número de sílabas que **África**); **riTMo** vira /rí-ti-mo/; **PNeu** (ainda bem!) vira /pi-neu/. Não preciso dizer que essa vogal não se escreve; estou representando, entre as barras inclinadas, a maneira como **pronunciamos** esses vocábulos. Por causa dessa vogal extra, todas as palavras que têm encontros imperfeitos passam a ter, na fala, uma sílaba a mais que na escrita.

É claro que as pessoas mais cultas, ao usarem uma fala mais cuidada (**fala tensa**, como alguns chamam), tratam de manter o mais discreta possível essa vogalzinha. Eu pronuncio a segunda sílaba de /a-**di**-vo-ga-do/ com um /i/ mal e mal perceptível; muitos falantes, no entanto, carregam nesse fonema, e alguns, inclusive, tentam trocá-lo por /e/ (dizem algo assim como /a-DE-vo-ga-do/, erro típico dos pretensiosos de pouco estudo).

Sabe o que houve entre vocês duas? A pronúncia de ambas inclui esse pequeno /i/: o que você usa pode ser mais discreto, o dela pode ser mais aparente, **mas ambas o estão pronunciando**. Ambas estão dizendo /ra-**mi**-sés/, com **três**

sílabas. O Inglês, sim, que admite sílaba fechada por consoante, pronuncia /ram-ses/. Espero ter solucionado o problema.

optar, **indignar**

■ "Eu me **indigno**" – a pronúncia do verbo é /**indíguina**/ ou /**indiguina**

Professor, tenho uma grande dúvida quanto ao verbo **optar**. *Quando pergunto: "Vamos tomar um sorvete? Você* **opta** *por morango ou limão?", qual é a forma correta de pronunciar o verbo? É /ópta/ ou /opíta/? E a resposta seria: "Eu /ópito/ ou /opíto/ por limão"?*

Rose C.

Prezada Rose, quando pronunciamos os encontros consonantais chamados de **imperfeitos** (encontros de duas consoantes como **DV, PT, GN, TM, BT**, etc., como em **advogado, optar, digno, ritmo, obturar**), sempre intercalamos entre as duas consoantes um fonema vocálico (/i/), ficando mais ou menos assim a pronúncia: /adivogado/, /opitar/, /díguino/, /obiturar/. Já escrevi sobre isso no tópico anterior.

No caso do verbo **optar**, a conjugação é eu **opto** (/ópito/), tu **optas** (/ópitas/), etc. Note que essa vogalzinha de apoio, intrometida, nunca deverá ser pronunciada como se fosse **tônica – o que daria / *opíto/. Foi exatamente assim que nasceu outra forma esquisita que, com a vitalidade da erva daninha, está se alastrando entre os falantes mais jovens: o famigerado / *indiguino/, que já está contaminando / *resiguino/. Uma pessoa preocupada com sua formação, como você, deve dizer "eu /ópito/", "eu me /indíguino/", "eu me /resíguino/".**

recorde

Professor, em todos os livros de Português, vejo a palavra **recorde** *com a sílaba tônica assim: /reCORde/. Por que, então, nos telejornais (Globo, Record, Bandeirantes...) e em jornais de rádio, alguns conceituados como a Jovem Pan, além do Jô Soares, enfim... toda essa mídia, fala-se /REcorde/ (puxado com a fonética do inglês* **record***)? Que salada! Por favor, qual, afinal, é a forma correta?*

Geraldo

Meu caro Geraldo, não existe a "forma correta". Se você considerar (como eu e a maioria dos que escrevem sobre nosso idioma) o vocábulo como **já aportuguesado**, você vai defender a grafia **recorde** e a pronúncia /reCORde/; se, no entanto, ainda o considerar um vocábulo estrangeiro, vai escrever *record* e pronunciar /REcord/, com a tônica no **re**. Tanto no **Houaiss** quanto no **Aurélio** já se encontra a forma nacionalizada **recorde**, sem acento (portanto, paroxítona), com o "**e**" epentético no final. A hesitação, no entanto, é natural: todos os vocábulos estrangeiros que entram no Português passam por um tempo de indefinição, em que as forças mais progressistas defendem a forma adaptada e as forças conservadoras se plantam ainda na forma tradicional, estrangeira.

Agora, por que tanta gente na mídia prefere a forma em Inglês, isso eu não sei responder não; posso apenas especular que deve se tratar de uma tentativa de soar chique, sofisticado. A vizinha da minha avó costumava dizer que ia ao /restorã/, quando falava no **restaurante**; seu marido, para combinar, só tomava /vermu/ (em vez de **vermute**) doce. Pode?

micrômetro

Caro mestre, sou engenheiro, consultor de pintura industrial, trabalhei durante muito tempo como elaborador de normas técnicas brasileiras. A unidade de medida adotada para espessura de película de tinta é usualmente conhecida, no meio técnico, como **micrometro***, sem acento, correspondente à milionésima parte do* **metro***, enquanto a palavra* **micrômetro** *serve para identificar o aparelho de medida. Pergunto se tudo isso faz sentido, e se existe alguma norma para o caso.*

Alfredo J. R.

Meu caro Alfredo: acho que há um equívoco aqui. A milionésima parte do metro é também **micrômetro**. Não se trata de um **micro metro**, mas de uma unidade com a mesma **prosódia** (leia-se: posição da sílaba tônica) das outras unidades da mesma espécie: **centímetro**, **decímetro**, **milímetro**, etc. O aparelho

usado para medir também é **micrômetro**, da mesma forma que seus companheiros de função: **paquímetro**, **telêmetro**, **hodômetro**. Os dois vocábulos coincidiram; isso acontece. Agora, se no uso do pessoal técnico está começando a se criar uma diferença, então vamos esperar para ver. Se for funcional (minha intuição diz que não é), o sistema da língua vai incorporar a distinção.

nokia, nókia

Como é que se pronuncia **Nokia**? E a **Hilux**, a nova camioneta da T

Gostaria de saber a pronúncia correta da marca de telefone **Nokia**. *Liguei para a minha operadora de celular e a atendente insistiu que o correto é /nókia/, enquanto defendi que fosse /nokía/. Ela informou que essa foi a instrução que recebeu no treinamento. Vem ainda a marca de camionete* **Hilux**. *Em revendas de autopeças a briga é grande; na concessionária Toyota o pessoal pronuncia /railux/, enquanto outros dizem simplesmente /rilux/. Sem mais, agradeço.*

André P. – Cuiabá (MT)

Meu caro André, você deve perceber que sua dúvida é sobre a pronúncia de nomes estrangeiros, o que vai muito além do alcance de um professor de Português como eu. No entanto, acho que posso fornecer alguns dados para meditação. Os nomes comerciais de outros países devem, em princípio, ser pronunciados do jeito deles. Sei que os finlandeses dizem /nókia/, e assim eu pronuncio. No entanto, é normal que um leitor brasileiro aí tente aplicar o padrão fonológico habitual para vocábulos com essa grafia, que leva à leitura instintiva /nokía/. O jeito é esperar, para ver qual delas será a preferida. No caso da **Texaco**, por exemplo, venceu no Brasil a pronúncia /techaco/, bem diferente da /teksakou/ dos americanos. Já nos produtos **Cashemere Bouquet**, tradicionais patrocinadores de novelas de rádio, a pronúncia vitoriosa foi a mesma proposta pelos fabricantes; apesar de exigir uma leitura à francesa, a divulgação via rádio do nome tornou fácil sua aceitação por todos: /caximir buquê/.

Claro que está fora de questão aplicar a esses nomes as nossas exigências de acentuação gráfica ou de emprego das letras. Com marca estrangeira, cada um lê como sabe (ou acha que sabe); não é, portanto, de espantar que haja

divergências na pronúncia da nova **Hilux** da Toyota. Por falar nisso, como é que você pronuncia **Renault**? E **American Airlines**? E o "**air**" de **Air France**? E **Goodyear**? E quando você diz **Volkswagen**, o primeiro fonema que pronuncia é /f/ ou /v/? Pense sobre isso, e entenderá a minha mensagem.

O aberto ou fechado?

Veja como encontrar, no dicionário, uma informação que parece estar lá.

Caro Professor, qual é a pronúncia correta da palavra **isomorfo**? *É /isomôrfo/ ou /isomórfo/? Sou professor de Matemática e, entre meus colegas, as duas formas de pronúncia são ouvidas. Aprendi a pronunciar /isomórfo/. Não encontrei nem no* **Aurélio** *nem no* **Houaiss** *a resposta para essa indagação.*

Aurélio S. – Curitiba (PR)

Prezado Aurélio, a informação está lá, sim, tanto no **Houaiss** quanto no **Aurélio**; você a viu, mas não se deu conta. É uma prática consagrada entre nossos dicionaristas, mas pouco conhecida pelos leitores, indicar, entre parênteses, quando a pronúncia for /ê/ ou /ô/ fechados; quando nada mencionam, é porque a pronúncia é /ó/ ou /é/. Dê uma olhada em **porta** ou **loja**, e depois em **mofo** ou **corvo**, e você vai ver que as vogais abertas são tomadas como *default*. Por isso, a pronúncia para o seu vocábulo é /isomórfo/; se fosse /isomôrfo/, o verbete traria a indicação /ô/.

O dicionário do **Houaiss**, que tem uma sólida e generosa seção sobre a técnica lexicográfica utilizada, deixa isso bem explicitado na seção *Campo da ortoépia e da pronúncia*, que fica no "Detalhamento dos verbetes" (na versão eletrônica, está dentro da "Ajuda/Conhecendo o Dicionário"; na versão papel, está na página XIX). Entretanto, em certos casos de pronúncia duvidosa, o **Houaiss** indica também entre parênteses o /é/ aberto: é o caso de **besta** (/é/), arma de arremessar setas, e **lobo** (/ó/), parte do cérebro ou da orelha, que se confundem com os homógrafos **besta** e **lobo**. Esse zelo foi estendido também àquelas palavras em que se verifica uma insistente pronúncia equivocada por

parte dos falantes; assumindo uma postura didática, o dicionário achou importante registrar, por exemplo, **cateter** (/tér/) e **ibero** (/bé/).

parámos

Veja uma das diferenças entre o Português falado aqui e o falado Portugal.

Prezado Professor, tive uma mestra de Português que iniciava suas aulas com a pergunta "Onde nós paramos?", que ela pronunciava /parámos/ – nesse caso, sua pronúncia era com a vogal aberta, diferente da usual. Existe uma explicação para isso?

Rodolfo K. – São Paulo (SP)

Meu caro Rodolfo, sim, há uma explicação: sua professora devia ser **cidadã portuguesa** (espero; se não, era tantã). No Português Europeu, o sistema flexional faz a nítida distinção (que nós, no Brasil, não temos) entre a 1ª pessoa do plural do **presente** e a do **pretérito perfeito**. Eles dizem (e escrevem) "Nós **compramos** tudo o que aparece" (presente) e "Nós **comprámos** todo o material na feira da semana passada" (pretérito). Essa possibilidade de distinguir entre os dois tempos do indicativo, aliás, é a mais notável das pouquíssimas diferenças entre o nosso sistema verbal e o dos nossos avós portugueses. Ela é tão significativa para o Português Europeu que o novo **Acordo** autoriza a manutenção daquele acento no "a" (**levámos**, **amámos**, etc.), desconhecido aqui no Brasil.

Pasárgada

Um estudante de Letras quer saber como se pronuncia o nome dessa lendária cidade, cantada por Manuel Bandeira.

Caro Professor, venho pedir uma solução para uma velha dúvida: qual a pronúncia da palavra **Pasárgada***, que aparece no famoso poema de Manuel Bandeira? Gostaria de saber se o "***s***" tem som de /z/ ou de /s/, pois nem meus professores souberam responder.*

Marcelo Nunes, estudante de Letras.

Meu caro Marcelo, a pronúncia é /pazárgada/, ao contrário do que muita gente pensa. Na minha experiência, o fato de ser descrita, no poema, uma cidade fantástica, com uma sociedade e uma paisagem paradisíacas, favorece a errônea associação com **pássaro**, o que levaria à pronúncia equivocada /passárgada/.

Você deve saber que o Manuel Bandeira não inventou a cidade; trata-se da lendária cidade de Ciro, fundada quase quinhentos anos antes de Cristo para ser a capital do Império Persa. Suas ruínas ainda podem ser visitadas, no Irã, a aproximadamente uns setenta quilômetros da não menos famosa Persépolis. A História imortalizou a grandeza de Pasárgada, com seus imensos monumentos espalhados por belos terraços e verdes jardins.

Não raras vezes, fãs desse poema (da poesia moderna brasileira, um de meus preferidos), quando informados sobre a verdadeira origem desse nome, declararam seu mais absoluto desapontamento; um deles, um estrangeiro extremamente culto, chegou a me acusar, amigavelmente, de ter destruído uma linda imagem que o poema lhe evocava, de uma cidade tropical, com palmeiras verdejantes e pássaros em profusão (talvez ele estivesse, sem perceber, sob a influência da maravilhosa **Canção do Exílio**, do Gonçalves Dias...).

De qualquer forma, há um testemunho incontestável: o próprio Manuel Bandeira chegou a gravar em disco o poema, deixando definida, com sua própria voz, a pronúncia /pazárgada/. Quem tiver curiosidade, pode ouvir sua interpretação em “http://www.culturabrasil.pro.br/bandeira.htm”, autêntica até nos chiados do velho disco de vinil. Uma última observação: professores do curso de Letras não poderiam desconhecer o que acabo de explicar.

pronúncia de **BMW**

Um leitor de São Paulo queria saber como se deve ler a marca alemã **BMW**: é /bê-ême-dáblio/ ou /bê-ême-vê/? Eu prefiro a primeira forma, baseado no que escrevi em **o nome do Y e do W**. Afinal, é o nosso hábito ignorar a origem das

siglas estrangeiras e atribuir-lhes uma leitura genuinamente nacional. Já falei nisso alhures, a propósito de **CD** (*Compact Disc*) e de **LP** (*Long Playing*), que entraram aqui pronunciadas como qualquer vocábulo nosso – /cedê/ e /elepê/ – e não /cidi/ ou /elpi/, como soam no Inglês.

Sei, no entanto, que muitos se opõem a essa pronúncia à brasileira, sustentando que a pronúncia deve seguir o Alemão, idioma nativo desta marca de carro: /bê-em-vê/. Os partidários dessa corrente citam o exemplo do simpático **DKW**, carro dos anos 60, que a maioria chamava de /dê-cá-vê/, e não /dê-cá-dáblio/. Admito que o exemplo é procedente; aliás, sempre me dispus a aceitar a mesma coisa também para o **BMW**. No entanto, contesto que as pessoas que dizem /bê-eme-vê/ o façam por fidelidade à língua alemã. Em primeiro lugar, leem o **M** como /eme/, não como /em/; em segundo lugar (e muito mais importante!), não usam aqui o nome da letra no Português ("dáblio") pela simples razão, que só agora me ocorreu, de que lemos o **W** de todas as siglas como /vê/: **WC**, para *water closet*, deveria ser lido /dâbliu-ci/, seguindo o Inglês, ou /dáblio-cê/, seguindo o Português, mas aqui é /vê-cê/ mesmo; **WO**, para *walkover* (no Inglês, uma corrida em que só há um cavalo inscrito e que só tem de cumprir a formalidade de caminhar pela pista, até ultrapassar a linha de chegada), deveria ser lido /dâbliu-ou/ ou /dáblio-ó/, mas aqui é /vê-ó/ mesmo. Ou seja: o nosso uso não segue exatamente o que a lógica indicaria, e sabemos que, em confrontos desse tipo, o uso é sempre soberano. Eu continuo pronunciando o nome de cada letra, em Português (/bê-eme-dáblio/), mas começo a sentir que essa não é a música que a maioria está dançando. Sou obrigado a admitir que a leitura /bê-eme-vê/, longe de ser estrangeira, também tem raiz nos hábitos e costumes de nosso idioma e, pelo que conheço de Linguística, vai terminar suplantando a outra, que é mais lógica do que intuitiva.

a pronúncia do **X**

Professor, minha pergunta é sobre a palavra **inexorável**. *A pronúncia correta da letra* **X**, *nesse caso, seria com som de /z/ ou de /cs/?*

Leonardo Alexandre

Meu caro Leonardo: você quer a pronúncia **correta**? Só posso dar a pronúncia **aconselhável** (ou **preferível**), porque nem tudo é sólido quando entramos no mundo dos sons. Podemos julgar isso por um simples detalhe: a correta maneira de pronunciar os sons da língua é chamada de **ortoepia** (do Grego *orthos*, "correto", e *epos*, "palavra") – vocábulo cuja pronúncia é controvertida, já que não poucos estudiosos preferem **ortoépia**. Ou seja: há controvérsia sobre a **pronúncia correta** da palavra que significa "pronúncia correta". Deu para sentir?

É por esse motivo que procuramos, em dúvidas como a sua, ouvir a opinião de autoridades de reconhecida ciência e comprovado bom senso (é bom acrescentar aí uma pitada de bom gosto...). Quatro dos meus guias – **Houaiss**, **Aurélio**, **Celso Pedro Luft** e **Antenor Nascentes** – recomendam que o **X** de **inexorável** seja pronunciado como /z/, e não como /cs/ ou /cz/, como se pode ouvir às vezes. Olha, quando os quatro concordam, acho melhor segui-los respeitosamente.

P. S.: A propósito de pronúncia, o pouco lembrado **Dicionário da Academia Brasileira de Letras**, em quatro volumes, de autoria de Antenor Nascentes, é o único dicionário respeitável que traz, ao lado de cada vocábulo, a pronúncia que o autor sugere, indicada por meio de uma **transcrição fonética** simplificada.

/fécha/ ou **/fêcha/**?

Nunca saiu da minha cabeça uma dúvida: minha antiga professora de Português, na frase "fecha a porta", pronunciava o verbo com o som do **E** *fechado, pois dizia que assim é a conjugação do verbo* **fechar**. *Está errado dizer* **fecha** *com o* **E** *aberto, rimando com* **mecha**?

Júnia – Porto Alegre (RS)

Minha cara Júnia, confesso que eu também digo /fêcha/ a porta. É um cacoete dos professores de Português: a gramática tradicional recomenda assim, e nenhum de nós quer ser apanhado falando de outro jeito. Acho que é uma daquelas recomendações que já perderam o sentido, visto que todo o mundo diz

/fécha/. Eu, por dever de ofício (aliado a uma pitada de covardia), obrigo-me a conjugar o verbo **fechar** assim: /fêcho/, /fêchas/, /fêcha/, etc. No entanto, não corrijo meus alunos quando preferem a pronúncia com o **E** aberto. Lembre-se de que não existem **regras** sobre a pronúncia; apenas **recomendações**. Ao contrário da grafia, que segue uma norma específica (e olhe lá!), a **pronúncia** é uma área de grande diversidade regional. Neste imenso país que é o Brasil, uns assam na /grêlha/, outros na /grélha/; uns comem /quibébe/, outros /quibêbe/; uns metem o pé na /pôça/, outros na /póça/. É natural, portanto, que uns /fêchem/ e outros /féchem/ as portas.

P.S.: Não preciso dizer que as barras inclinadas indicam que estamos tratando da **pronúncia** desses vocábulos, e não de sua **grafia**.

xerox

A pronúncia de um vocábulo pode obedecer a um determinado est da evolução de uma língua.

*Eu sempre disse xe***ROX** *(com a tônica na última sílaba), mas aqui no Tribunal já me corrigiram várias vezes para* **XÉ***rox. Afinal, qual é a forma correta? Leva ou não leva acento?*

"Secretária" – Londrina (PR)

É sempre mais complicado definir a forma correta de **pronunciar** uma palavra, minha cara Secretária. As pessoas sentem-se mais seguras no que se refere à escrita, porque esta, por sua própria função de registro, é mais estável – sem contar que existe, no Brasil, uma lei que (mal ou bem) ajuda a fixar uma grafia uniforme. Afinal, sempre podemos consultar o **vocabulário ortográfico** – um dicionário em que as palavras não são **definidas**, mas simplesmente relacionadas, numa grande lista, com a forma que a Academia considera correta. No que se refere à pronúncia, contudo, o falante precisa basear-se no exemplo das pessoas cultas e na opinião dos gramáticos e dos dicionaristas (faço questão de frisar: a pronúncia que um dicionário indica para uma determinada palavra representa apenas a opinião de seu autor; é uma opinião especializada, mas é uma opinião).

Entretanto, se examinar com cuidado as palavras e as frases de uma língua, um especialista em Fonologia pode ir além da simples opinião e estabelecer alguns fatos concretos sobre a organização intrínseca dos sons que a compõem – e, o que me parece mais importante, identificar quais são as tendências que essa língua apresenta no momento. Por exemplo, no caso do **xerox**, posso apontar uma tendência mais ou menos nítida, a partir dos anos 50, para os vocábulos terminados em **X** (na fala, algo como /cs/): até a primeira metade do século XX, eram unanimemente paroxítonos, isto é, com a tônica na penúltima, e com um indisfarçável caráter erudito. No **Aurélio**, entre outros, encontrei **tórax**, **bórax**, **clímax**, **córtex**, **látex**, **sílex**, **cóccix**, **fênix**, **ônix**.

De 1950 para cá, todavia, o modelo parece ter-se deslocado nitidamente: as palavras novas que entraram no Português desde então foram recebendo a tônica na sílaba final: **durex**, **inox**, **pirex**, **gumex**, **telex**, **jontex**, **relax**, **prafrentex**, **redox**. Não importa que muitas ainda sejam, ou tenham sido, nomes comerciais: os falantes dão-lhes instintivamente o padrão que a língua está usando neste momento para palavras com este perfil. Não tenho a menor dúvida de que todas as próximas que virão (e as palavras não param nunca de ingressar no nosso léxico) seguirão este padrão.

Como é que eu arrisco a data dos anos 50? Bem, aqui temos apenas mais uma confirmação de que a verdadeira análise linguística precisa levar em consideração o componente cultural e histórico da língua que está estudando. O **pirex** e o **inox**, por exemplo, apontam para o final da Segunda Guerra, como subprodutos do avanço tecnológico que o esforço bélico produziu. A eles eu acrescento um vocábulo que omiti nas relações acima: **dúplex**, o avô de nossas coberturas, em que um apartamento é ligado ao de cima por uma escada interna (naquela época, um dos símbolos de *status* da classe poderosa de Rio e São Paulo; alguns chegavam ao **clímax** ao adquirirem um **tríplex**). Ora, **dúplex** é uma palavra muito antiga, usada como sinônimo de **dúplice** ("convento **dúplex** – convento para frades e freiras", ensina Antenor Nascentes), portadora daquela nítida aura de palavra erudita e alatinada. Ao passar a denominar esse tipo de apartamento (que assim se chama até hoje), o vocábulo entrou verdadeiramente

na corrente sanguínea do Português e tomou a forma **duPLEX**. O **Aurélio**, com honestidade, registra, no verbete **dúplex**: “Pronuncia-se correntemente como oxítono”.

O **xerox** é recente, como o **telex**, e não vejo por que não seria pronunciado dessa forma. O **Houaiss** indica as duas – **xerox** e **xérox** –, dando preferência à primeira, enquanto o **Aurélio**, que também registra as duas, dá preferência à segunda. Isso está coerente com a orientação deste dicionário, que é excelente em muitos aspectos, mas nitidamente atrasado em sua orientação fonológica. A pronúncia **xérox** representaria uma volta ao molde que a própria língua já abandonou (que levaria a algo como ***télex**, ***dúrex**, ***pírex**). Por outro lado, entre as pessoas que dizem **xérox**, suspeito que algumas o façam numa tentativa equivocada de manter a pronúncia estrangeira, com todo aquele prestígio que o Inglês dá aos vocábulos tecnológicos; se for por isso, deram com os burros n’água, já que no Inglês a palavra soa /zírocs/, com a tônica no /zi/ e o /o/ bem aberto, como em **vovó**.

transar, **obséquio** e **subsídio**

Por que há certos vocábulos em que as regras de pronúncia da letr parecem estar sendo desconsideradas?

Diferentes leitores escrevem sobre diferentes vocábulos, mas todos envolvendo o mesmo problema: a pronúncia da letra **S**. René, de São Paulo, implica com a grafia de **transar**: “Meu caro Mestre: a grafia não deveria ser **tranzar**? Aprendi, desde minha alfabetização, já faz muitos anos, que a letra **S** só tem o som de /z/ quando está **entre vogais**. Ora, se vejo escrita a palavra **transar** e escuto na TV falarem /tranzar/, alguma coisa deve estar errada”.

A leitora Gisele F., por sua vez, estranha a pronúncia de **obséquio**: “Professor, por que o **S** de **obséquio** é pronunciado como um /z/?”

Por último, Ezequiel G., do Rio de Janeiro, quer saber como deve pronunciar **subsídio**: “Prezado Professor, gostaria que esclarecesse a minha dúvida a respeito da pronúncia da palavra **subsídio**. O **S** tem som de /z/ ou de /s/?”.

Meus caros amigos, é um princípio geral de nosso sistema ortográfico que o

S depois de consoante tenha sempre o som de /s/: **observar**, **subsolo**, **absoluto**, **imprensa**, **denso**, **lapso**. Nessa posição, o **S** só vai ter o som de /z/ em **obséquio** (e derivados) e nos vocábulos formados com **trans-**: **transa**, **transação**, **transacionar**, **transalpino**, **transandino**, **transamazônico**, **transatlântico**, **transoceânico**, **transe**, **transeunte**, **trânsito**, **transigir**, **transição**, **transistor**. Notem que isso só **não** acontece quando o vocábulo originário começa por /s/: **transaariano** (trans + Saara), **transecção**, (trans + secção), **transecular**, (trans + secular), **transexual** (trans + sexual) – em todos estes fica mantida a pronúncia /s/.

Por que **obséquio** e **transar** se afastam do princípio geral? Podemos descobrir aqui a influência de alguns fatores fonológicos, mas o problema ainda permanece obscuro. Digamos que são idiossincrasias de nosso idioma; cada língua tem as suas manias (o Inglês tem muitas, o Português quase nada – por incrível que possa parecer ao observador leigo).

Afora esses dois casos, há outros que começam pouco a pouco a despontar, embora ainda sejam repelidos pela fala culta. O primeiro é **subsídio**. A pronúncia do **S** em **subsolo**, **subsequente**, **subserviente**, **subsistema** aponta para a pronúncia /subcídio/, /subcidiar/. É assim que as gramáticas e os dicionários recomendam, e assim devemos usar na fala cuidada, consciente, de banho tomado e de cabelo penteado. É impossível negar, contudo, que a tendência natural dos falantes é dizer /subzídio/. Eu diria que 95% das pessoas que usam o vocábulo preferem o som de /z/, e isso é **muito** significativo, não pela força da estatística, mas porque revela a atuação de alguma força concreta e irresistível. Será a mesma que leva os falantes (eu, inclusive) a pronunciar como /z/ o **S** de **subsistência**, **subsistir**, contrariando a lição do próprio Aurélio, que recomenda a pronúncia /subcistência/, /subcistir/, rimando com **assistência** e **assistir**? Ou aqui é apenas um caso isolado, que sofre a influência de **existência**, **existir**? Não sei dizer, mas mantenho o ouvido atento; o futuro vai nos mostrar qual é a tendência da língua.

Os sons do **X**

Uma professora veio em busca de nove sons para a letra **X**, mas a
levando apenas cinco.

Olá, Professor, conheço **cinco** *sons diferentes para o* **X**, *mas fiquei sabendo que são* **nove**. *Seria possível alguma orientação a respeito?*

Marta T., professora

Prezada Marta, sua pergunta tem uma pequena imprecisão inicial, que vou eliminar por minha conta e risco: quando você menciona "os sons do X", imagino que se trate da relação entre a **letra X** e os **fonemas** que ela pode representar, em nosso sistema ortográfico (estamos dentro da **Fonologia**). Por ser técnica demais, exclusiva dos cursos de pós-graduação, estou deixando de lado a hipótese de que você estaria pedindo informações sobre as várias maneiras que temos de pronunciar o /x/ (estaríamos dentro da **Fonética**).

Pois bem: a letra **X** pode ter **cinco** valores diferentes (se considerarmos os casos em que ela é **muda**):

(1) representa duas consoantes (/ks/): **sexo**, **conexão**, **maxilar**;

(2) representa a consoante /s/: **máximo**, **auxílio**, **próximo**;

(3) representa a consoante /z/: **exato**, **exame**, **êxito**;

(4) representa a consoante /x/: **abacaxi**, **paixão**, **xarope**;

(5) tem apenas valor etimológico; não representa fonema algum: **exsudação** (/eçudação/), **exceção** (/eceção/), **exsicar** (/ecicar/).

Lembre que o fonema /s/ **final** tem diferentes maneiras de ser realizado **foneticamente**, dependendo da região do Brasil a que pertença o falante; isso fica mais do que evidente quando comparamos a maneira como um gaúcho e um carioca pronunciam vocábulos como **dois** ou **vocês** – enquanto um sibila, o outro chia. Ora, é natural, portanto, que este fonema /s/ final, quando estiver representado pela letra **X** – como em **cóccix** ou no prefixo **ex-**, que já virou substantivo para designar o companheiro, namorado ou cônjuge anterior –, apresente as mesmas diferenças regionais de pronúncia, sem que isso signifique novos valores para a letra **X**, já que o fonema continua sendo o mesmo.

Não é nada simples essa diferença entre **Fonética** e **Fonologia**, mas você

pode ter certeza de que a base do sistema ortográfico é a **Fonologia**. Um foneticista vai distinguir diversas maneiras de pronunciar o /r/ inicial de **rato**. Para um fonólogo, no entanto, não passam de variantes do mesmo fonema; da mesma forma, para mim e para você – os usuários do idioma – não importam essas variantes na pronúncia, porque todos vamos representar esse som pela letra **R**. Faço esse comentário porque fiquei preocupado com a afirmativa de que seriam **nove** os valores do **X**, quando, na verdade, são apenas **cinco**.

pronúncia de **Roraima**

Caríssimo Doutor, sou um apaixonado pela língua portuguesa e, de fato, sempre fui um ótimo aluno na disciplina. Porém, reconheço que praticamente nada sei e que muito tenho a aprender. Gostaria de saber se existe uma forma correta de pronunciar nomes como **Jaime***,* **Janaína** *ou* **Roraima** *– isto é, se a primeira sílaba deve soar como /ja/ ou como /jã/. Certo de que receberei sua atenção, desde já agradeço.*

Pedro da Gama – Porto Alegre (RS)

Meu caro Pedro, não existe regra sobre a pronúncia do Português, o que, aliás, facilmente se explica: na evolução da espécie humana, a fala precede, em centenas de milhares de anos, a escrita. Esta sim, por ser uma simples convenção entre as pessoas que a utilizam, pode ser objeto de um sistema de regras (o qual, no Brasil, já foi modificado várias vezes). A Fonologia e a Fonética estudam "**como**" as pessoas falam, descrevendo os fenômenos com a mesma imparcialidade que a Biologia tenta descrever as formas de vida. Por isso, assim como não se pode falar de **certo** e **errado** na Natureza, não existe uma forma de determinar o que é certo ou errado na pronúncia (como algumas sumidades andam fazendo por aí, exatamente por lhes faltar um maior embasamento linguístico). Posso, isso sim, apontar **diferenças regionais** de pronúncia (um bom exemplo é o /s/ final no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro, completamente diferentes), ou comparar pronúncias que são **sociolinguisticamente condicionadas** (fala popular x fala culta, fala infantil x fala adulta, etc.).

No caso específico da sua pergunta, Pedro, há duas maneiras de pronunciar aquele **A** antes de nasal: eu digo /câma/, /jâime/ e /rorâima/, mas /jánaína/ e /bánana/. Caetano Veloso diz /bânana/, e não sei como pronuncia **Roraima** ou **Jaime**. O pessoal da Rede Globo gosta muito de /roráima/ e de /jáime/. Lembro que essa variação é muito mais comum do que se pensa; um leitor sergipano ficou espantado quando eu disse que o **O**, apesar de ser aberto em **porta**, fechava nos seus derivados (**porteiro**, **portaria**, **portal**, etc.): para ele e seus amigos, a prática é dizer /pôrteiro/, mas /pórtal/ e /pórtaria/!

Por isso, cada um de nós escolhe a maneira de falar; isso vai nos identificar tanto quanto a roupa que preferimos vestir ou a comida com que procuramos nos alimentar. Eu sou gaúcho, e tento falar, vestir e comer como gaúcho – mas é apenas uma questão de escolha pessoal.

Curtas

outrem

Caro professor Moreno, gostaria que esclarecesse qual é a pronúncia correta da palavra **outrem***: /ôutrem/ ou /outrém/? Pode justificar as razões de sua opinião? Pessoalmente acho que é a segunda forma a correta. Estou certo?*

Luiz Antonio M. – Campinas

Sinto dizer, meu caro Luiz, mas você **não** está certo; a pronúncia realmente é /ôutrem/. Se **outrem** fosse oxítona, como você afirma, teria acento na última sílaba, como **ninguém** ou **porém**. Agora, por que é assim? Não há porquês para a prosódia (a correta posição da sílaba tônica dos vocábulos); ela vai se fixando ao longo dos séculos, ao sabor deste plebiscito silencioso de que participam todos os falantes.

pronúncia de **ruim**

Gabriel, de Maringá, gostaria de saber se **ruim** deve ser pronunciado

tônico no /**ru**/ ou no /**im**/, ou se não há regras para isso.

Meu caro Gabriel, não existem regras para a **pronúncia**, você sabe. O que temos são costumes tradicionalmente aceitos pela maioria dos falantes cultos – e isso se torna uma espécie de norma não-escrita. A forma elegante de pronunciar esse vocábulo é com **duas sílabas** (é um hiato), sendo tônico o "**i**": /ru-ím/. Contudo, na fala não-tensa, grande parte dos brasileiros (eu me incluo nesse grupo) pronuncia **ruim** como um monossílabo, com o **U** tônico (/rúim/).

pronúncia de **persuasão**

> Daniella M., de Camboriú (SC), quer saber a pronúncia correta da palavra **persuasão**.

Minha cara Daniela, não vejo onde pode estar sua dúvida. Pronuncia a primeira parte (**persu-**) como **persa**; na parte restante, (**-asão**) o **S** está entre duas vogais e tem, consequentemente, o som de /z/: /perçuazão/. Abraço.

mas, **mais**

> Manoel Alves de Castilho, do Rio de Janeiro, gostaria de saber como devemos usar corretamente as palavras **mas** e **mais**, porque, diz ele, muita gente boa tem dúvidas quanto ao uso delas.

Meu caro Manoel, essa confusão só se dá, basicamente, no falar carioca, em que a conjunção **mas** é pronunciada algo assim como /maix/. No Rio Grande do Sul, por exemplo, onde se fala /más/, ela se distingue perfeitamente do **mais**. No seu caso, o remédio é lembrar sempre que você só pode escrever **mais** onde poderia escrever **menos**, que é o seu antônimo: "Ela não veio, **mas** mandou um recado" (não cabe **menos**); "ela corre **mais** que a irmã" (aqui sim). É o que posso dizer para ajudá-lo.

alfabeto fonético

> A leitora Larcy, de São Paulo, quer saber mais sobre aquelas "letras

> estranhas” que nos ensinam a dizer corretamente cada palavra, no dicionário Inglês-Português. Gostaria de saber se aquilo é um código universal ou uma espécie de **alfabeto fonético**. “Se for universal, será fácil ler uma palavra em qualquer idioma ...”

Minha cara Larcy, muitos dicionários indicam a pronúncia usando o **Alfabeto Fonético Internacional**, um conjunto de símbolos utilizados pelos linguistas para descrever todos os sons que ocorrem em todas as línguas do mundo (mesmo as mais exóticas – indígenas, orientais, etc.). Eu, particularmente, não gosto dessa prática, porque os sinais são desconhecidos da maioria dos leitores e terminam não ajudando em nada. Outros dicionários, mais espertos, usam um conjunto adaptado de símbolos, mantendo sempre à vista de seu leitor uma tabela de comparações (“a” como em **vale**; “o” como em **bola**; “o” como em **cor**; etc.). O **American Heritage**, por exemplo (que eu uso na versão eletrônica), faz isso com bom resultado.

Cláudio Moreno nasceu na cidade de Rio Grande (RS). No final dos anos 60, concluiu o curso de Letras da UFRGS, com habilitação em Português e Grego. Em 1972 ingressou como docente no Instituto de Letras da mesma universidade, tendo sido responsável por várias disciplinas nos cursos de Letras e de Jornalismo, assim como pela disciplina de Redação para os cursos de Pós-Graduação de Medicina. Em 1977, concluiu o mestrado em Língua Portuguesa com a dissertação *Os diminutivos em -inho e -zinho e a delimitação do vocábulo nominal no Português*; em 1997, obteve o título de Doutor em Letras com a tese *Morfologia nominal do Português*. Do jardim-de-infância à universidade, estudou toda sua vida em escolas públicas e gratuitas, razão pela qual, sentindo-se em dívida para com aqueles que indiretamente custearam sua educação, resolveu criar e manter o sítio **www.sualingua.com.br** como uma pequena retribuição por aquilo que recebeu.

Coordena, atualmente, a área de Língua Portuguesa dos colégios Leonardo da Vinci Alfa e Beta, de Porto Alegre, do Sistema Unificado de Ensino. É professor regular das Teleaulas de Língua Portuguesa da Universidade Estácio de Sá, do Rio de Janeiro. Na imprensa, assinou uma coluna mensal sobre etimologia na revista *Mundo Estranho*, da Abril, e escreve regularmente no jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, onde mantém uma seção sobre Mitologia Clássica e outra sobre questões de nosso idioma.

Publicou, em coautoria, livros sobre a área da redação – *Redação técnica* (Formação), *Curso básico de redação* (Ática) e *Português para convencer* (Ática). Sobre gramática, publicou o *Guia prático do Português correto* pela L&PM Editores, em quatro volumes: *Ortografia* (2003), *Morfologia* (2004), *Sintaxe* (2005) e *Pontuação* (2010). Pela mesma editora, lançou *O prazer das palavras* – v.1 (2007) e v.2 (2008), com artigos sobre etimologia e curiosidades de nosso idioma. Além disso, é o autor do romance *Troia* (2004) e de dois livros de crônicas sobre Mitologia Clássica, *Um rio que vem da Grécia* (2004) e *100 lições para viver melhor* (2008), todos pela L&PM Editores.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Projeto gráfico e capa: Ana Cláudia Gruszynski
Revisão: Bianca Pasqualini, Jó Saldanha e Patrícia Yurgel
Revisão final: Cláudio Moreno

M843g

Moreno, Cláudio
Guia prático do português correto: ortografia/ Cláudio Moreno. – Porto Alegre: L&PM, 2011.
(Coleção L&PM POCKET; v. 336)

ISBN 978.85.254.2329-0

1.Português-ortografia. I.Título. II.Série.
CDU 801.3=690(035)

Catalogação elaborada por Izabel A. Merlo, CRB 10/329.

© Cláudio Moreno, 2004

e-mail do autor: **cmoreno@terra.com.br**
Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores
Rua Comendador Coruja 314, loja 9 – Floresta – 90220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-5380

Pedidos & Depto. Comercial: **vendas@lpm.com.br**
Fale conosco: **info@lpm.com.br**
www.lpm.com.br

CLÁUDIO MORENO

NOVA ORTOGRAFIA

guia prático do português correto

para gostar de aprender

ORTOGRAFIA

- O EMPREGO DAS LETRAS
- ACENTOS E SINAIS
- HÍFEN
- COMO SE DIZ

para gostar de aprender

L&PM POCKET

para gostar de aprender

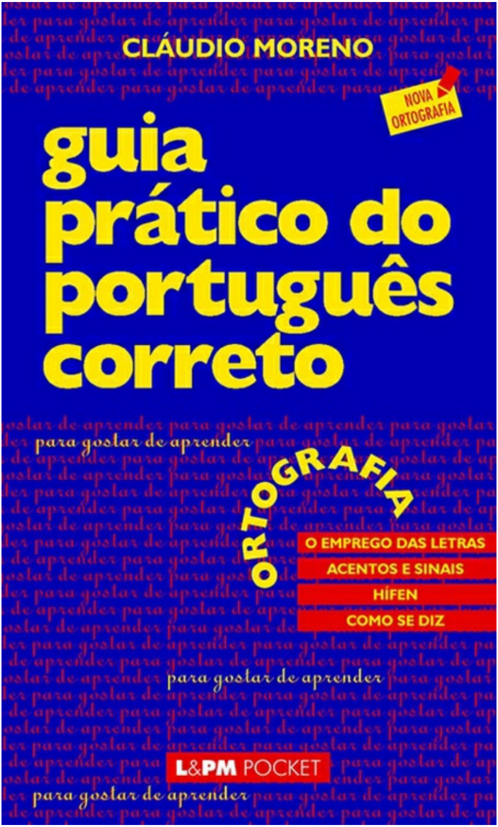

CLÁUDIO MORENO

NOVA ORTOGRAFIA

guia prático do português correto

para gostar de aprender

ORTOGRAFIA

O EMPREGO DAS LETRAS
ACENTOS E SINAIS
HÍFEN
COMO SE DIZ

para gostar de aprender

L&PM POCKET

para gostar de aprender

CLÁUDIO MORENO

guia prático do português correto

para gostar de aprender

ORTOGRAFIA

- O EMPREGO DAS LETRAS
- ACENTOS E SINAIS
- HÍFEN
- COMO SE DIZ

www.lpm.com.br
L&PM POCKET

À memória de Joaquim Moreno, meu pai, e de Celso Pedro Luft, mestre e amigo.

Advertência

Caro leitor:

Esta é uma edição completamente reformulada do 1o volume do *Guia prático do Português correto*. Além de acrescentar vários artigos para explicar o novo Acordo, modifiquei todos os demais para adequá-los às novas regras de nossa ortografia.

Professor Cláudio Moreno

Apresentação

Cláudio Moreno

Este livro é a narrativa de minha volta para casa – ou, ao menos, para essa casa especial que é a língua que falamos. Assim como, muito tempo depois, voltamos a visitar o lar em que passamos nossos primeiros anos – agora mais velhos e mais sábios –, trato de revisitar aquelas regras que aprendi quando pequeno, na escola, com todos aqueles detalhes que nem eu nem meus professores entendíamos muito bem.

Quando, há quase dez anos, criei minha página sobre o Português (**www.sualingua.com.br**), percebi, com surpresa, que os leitores que me escrevem continuam a ter as mesmas dúvidas e hesitações que eu tinha quando saí do colégio nos turbulentos anos 60. As perguntas que me fazem são as mesmas que eu fazia, quando ainda não tinha toda esta experiência e formação que acumulei ao longo de trinta anos, que me permitem enxergar bem mais claro o desenho da delicada tapeçaria que é a Língua Portuguesa. Por isso, quando respondo a um leitor, faço-o com prazer e entusiasmo, pois sinto que, no fundo, estou respondendo a mim mesmo, àquele jovem idealista e cheio de interrogações que resolveu dedicar sua vida ao estudo do idioma.

Por essa mesma razão, este livro, da primeira à última linha, foi escrito no tom de quem conversa com alguém que gosta de sua língua e está interessado em entendê-la. Este interlocutor é você, meu caro leitor, e também todos aqueles que enviaram as perguntas que compõem este volume, reproduzidas na íntegra para dar mais sentido às respostas. Cada unidade está dividida em três níveis: primeiro, vem uma explicação dos princípios mais gerais que você deve conhecer para aproveitar melhor a leitura; em seguida, as perguntas mais significativas, com discussão detalhada; finalmente, uma série de perguntas curtas, pontuais, acompanhadas da respectiva resposta.

Devido à extensão do material, decidimos dividi-lo em quatro volumes. O primeiro reúne questões sobre **Ortografia** (emprego das letras, acentuação, emprego do hífen e pronúncia correta). O segundo, questões sobre **Morfologia** (flexão dos substantivos e adjetivos, conjugação verbal, formação de novas palavras). O terceiro, questões sobre **Sintaxe** (regência, concordância, crase, etc.). O quarto, finalmente, será totalmente dedicado à **Pontuação**.

Sempre que, para fins de análise ou de comparação, foi preciso escrever uma forma **errada**, ela foi antecedida de um **asterisco**, segundo a praxe de todos

os modernos trabalhos em Linguística (por exemplo, "o dicionário registra **obcecado**, e não ***obscecado** ou ***obsecado**"). O que vier indicado entre duas barras inclinadas refere-se exclusivamente à pronúncia e não pode ser considerado como uma indicação da forma correta de grafia (por exemplo: **afta** vira, na fala, **/á-fi-ta/**).

2003-2009

Por que escrevemos desta maneira e não de outra?

O Português tem uma ortografia muito difícil?

Ao contrário do que muita gente pensa, nossa ortografia até que não é das piores; mais simples do que a nossa, das línguas irmãs e vizinhas, só mesmo a do Espanhol. A do Francês é aquele mistério cheio de letras mudas; por exemplo, *ver* (verme), *vert* (verde), *verre* (vidro; copo) e *vers* (em direção a), apesar das diferenças de grafia, são **homófonos perfeitos**, isto é, são pronunciados exatamente da mesma forma (/vér/). A ortografia do Inglês (que muitos ingênuos pensam ser mais fácil do que a nossa, só porque não tem acentos...) é um horror até para os franceses: a pronúncia da sequência [ough] em *bough* (ramo), *cough* (tosse) e *trough* (através) é completamente diferente: /bou/, /cóf/ e /thru/. **Lives** pode ser lido /livs/ (ele vive) ou /laivz/ (vidas). A sequência [ey] soa como /i/ em *key* (chave), mas como /êi/ em *they* (eles); [oes] é lido como /us/ em *shoes* (sapatos), mas como /ous/ em *goes*. A primeira sílaba de *giraffe* (girafa) é lida como /ji/; a de *gift* (presente), como /gui/. E assim por diante. Enquanto eles escrevem *typography*, *pharmacy*, *theater, psychology*, nós, a partir do Acordo de 1943, passamos para **tipografia**, **farmácia**, **teatro**, **psicologia**. O nosso modo de escrever é mais simples porque é mais jovem, apropriado para um país como o nosso, que vive uma eterna juventude.

Quem determinou que você deve escrever desta ou daquela maneira?

O Português nem sempre foi escrito assim como o fazemos hoje; desde os primeiros documentos do século XIII, foi um longo caminho até chegar ao ponto em que nos encontramos. Até o início do século XX – mais precisamente, até o início da Segunda Guerra Mundial – coabitavam, no Brasil, vários sistemas ortográficos; entre eles, os de maior destaque eram o **fonético**, o **etimológico** e, como não poderia deixar de ser, o **misto**. Cada brasileiro escolhia qual deles preferia seguir, o que gerava,

como se pode imaginar, um pandemônio ortográfico indescritível, com perversas repercussões no mundo escolar: qual dos sistemas a ser ensinado? Como evitar os evidentes prejuízos para o aluno que tinha de trocar de escola e, consequentemente, de sistema?

Com Getúlio Vargas, nosso benévolo ditador tropical, tudo ficou mais simples, já que o projeto de uma ortografia unificada passou a fazer parte do seu plano de modernização nacional, juntamente com a consolidação das leis trabalhistas (a C.L.T.). Como naquela época a Linguística ainda não tinha assumido o seu papel de verdadeira ciência, criou-se uma comissão com os especialistas do momento – gramáticos de renome e membros da Academia Brasileira de Letras –, com a tarefa de criar um sistema ortográfico simplificado, que fosse utilizado em todo o território nacional. Esse grupo de notáveis fez o que podia com os recursos de que dispunha. É claro que hoje podemos enxergar vários defeitos no seu projeto, mas isso é natural; primeiro, porque nenhuma ciência humana avançou tanto quanto a Linguística, nos últimos cinquenta anos; segundo, porque, à semelhança de um novo modelo de automóvel, os problemas que não foram visíveis na prancheta terminaram aparecendo depois de meio século de uso. No entanto, o balanço final era positivo, e, na maioria dos casos, a lógica e a coerência eram mantidas.

O único defeito sério do modelo de 1943 eram os acentos diferenciais, criados por puro excesso de zelo. Mais uma vez se comprovava que de boas intenções o inferno está cheio... **Sêde** tinha acento para distinguir de **sede**; **almôço**, para distinguir de **almoço**, etc. – mais de quatrocentos pares semelhantes, numa lista que precisava ser guardada na memória; quem escreveu durante a vigência desta regra conhece muito bem o pesadelo em que ela se tornou. Diante do clamor generalizado, a Academia, em 1971, editou uma pequena reforma (na verdade, apenas um retoque) que eliminou o famigerado circunflexo diferencial. A meu ver, tínhamos chegado a um modelo sólido e estável, apesar das pequenas imperfeições: o Acordo de 1943 tinha padronizado nossa grafia, o de 1971 tinha corrigido o que precisava ser corrigido. Infelizmente, as bruxas cozinhavam, no seu caldeirão de feitiços, um novo monstrengo que viria assombrar a vida do

pacato cidadão: o Acordo Ortográfico de 1990, que entrou em vigor no memorável ano de 2009.

1943 [1945]* — 1971 — 1990

1943

padronização

Promovida por Getúlio Vargas, foi nossa primeira reforma oficial. Seu intuito era **simplificar** e **padronizar** a ortografia em todo o território nacional. Eliminou velharias como o **ph**, o **th**, o **h** interno, o **m** duplo, entre outras. Ainda é a base do atual sistema.

1971

retificação

Veio corrigir os defeitos do modelo de 1943, identificados após quase trinta anos de uso. Suprimiu o acento SUBTÔNICO (**cafèzinho**, **ràpidamente**, **cômodamente**) e o acento DIFERENCIAL — o circunflexo usado para assinalar o E e o O fechados em pares como **almôço**: **almoço**, **gêlo**: **gelo**, **sêde**: **sede**, **pôrto**: **porto**, etc.

1990

unificação

Segundo seus defensores, veio para, finalmente, unificar a grafia usada em todos os países lusófonos. No Brasil, pouca coisa mudou no modelo de 1943, além da eliminação do trema, da supressão de alguns acentos pouco expressivos e da reformulação das regras do hífen. Não há alteração alguma no emprego das letras. Em Portugal e nos países sob sua área de influência, a mudança atinge também as consoantes não-pronunciadas.

---

* Em **1945**, entrou em vigor um novo Acordo, diferente em vários pontos do modelo de **1943**. No entanto, naquele mesmo ano, o Brasil, embora tivesse assinado e ratificado essa reforma, recuou e voltou, unilateralmente, ao modelo anterior. A partir daquela data, portanto, passaram a viger dois sistemas paralelos de grafia: do lado de lá do Atlântico, o Acordo de 1945; do lado de cá, o Acordo de 1943. O Acordo de 1990 – ao menos teoricamente – veio pôr um fim a essa divergência.

Este novo Acordo era mesmo necessário?

Não. Ele nasceu por volta de 1980, objeto de um movimento messiânico que se empenhava numa utópica “unificação” da ortografia da Língua Portuguesa. Sua meta declarada era diminuir ao máximo as diferenças de grafia entre os países lusófonos, cobrando de cada país signatário uma determinada taxa de sacrifício. O Brasil cederia aqui, Portugal cederia lá, os países africanos cederiam acolá – e pronto: teríamos uma forma única de grafar cada palavra de nosso idioma! As vantagens? Segundo os “acordistas”, seriam inúmeras: uma vez unificado, o Português poderia se elevar finalmente ao patamar iluminado em que vivem as grandes línguas internacionais; a ONU incluiria nosso idioma como uma de suas línguas oficiais; o ensino do Português seria simplificado, facilitando o combate ao analfabetismo; abrir-se-ia um mercado editorial mais amplo e homogêneo, favorecendo os autores de todos os países participantes – e assim por diante. Embrulhado com papel e fita tão brilhantes, o **Acordo** terminou sendo aprovado por uma coligação de “políticos estultos e acadêmicos espertalhões”, como bem disse um jornalista brasileiro.

Ora, como já se pôde ver no primeiro ano de vigência das novas regras, todas essas promessas viraram fumaça, pois se baseavam numa unificação que simplesmente não vai ocorrer. Além das óbvias diferenças lexicais que existem e sempre existirão entre os vários países lusófonos, o próprio texto do **Acordo** admite uma série de “facultatividades”, permitindo que hábitos ortográficos locais sejam mantidos – isto é, permitindo que se mantenham diferenças na maneira de grafar a mesma palavra.

Por que a ortografia não vai ser unificada

Embora pareça absurdo, o próprio texto do **Acordo** que foi aprovado fulmina qualquer esperança de unificação. Vejamos um exemplo: **antes** do **Acordo**, escrevia-se assim em

Portugal:

> "Como **noticiámos** ontem, o **facto** mais pitoresco da semana foi o **bebé** raptado pela **hospedeira** da Air France. Depois da **descolagem**, a torre de **controlo**, avisada por telefonema **anónimo**, obrigou o piloto a fazer uma **aterragem** forçada".

No Brasil, o mesmo texto seria escrito assim:

> "Como **noticiamos** ontem, o **fato** mais pitoresco da semana foi o **bebê** raptado pela **aeromoça** da Air France. Depois da **decolagem**, a torre de **controle**, avisada por telefonema **anônimo**, obrigou o piloto a fazer uma **aterrissagem** forçada".

São **oito** divergências em tão poucas linhas! Felizmente, foi promulgado o **Acordo**, e agora... – pois agora, meu caro leitor, fique sabendo que os dois textos acima continuam a ser escritos da mesmíssima forma, com as mesmas oito divergências de antes da reforma! Enquanto o leitor esfrega os olhos, para certificar-se de que não está sonhando, vou explicar o que houve.

Para maior comodidade de explanação, vamos dividir essas diferenças em três grupos. Em primeiro lugar vêm as diferenças **morfológicas**: **descolagem** (decolagem), **controlo** (controle) e **aterragem** (aterrissagem) são variantes permitidas na estrutura do nosso léxico, da mesma forma que, entre muitos outros, **patinagem** (patinação), **equipa** (equipe), **camião** (caminhão), **chuto** (chute), **aguarela** (aquarela), **altifalante** (alto-falante), **canadiano** (canadense), **bolseiro** (bolsista), **transplantação** (transplante), **fumar** (defumar; um brasileiro ficaria perplexo se ouvisse que "Os índios costumavam fumar o peixe que pescavam"...). As escolhas feitas por Portugal já estão consolidadas, da mesma forma que as nossas, que coloquei entre parênteses – e não serão alcançadas por uma simples reforma ortográfica, a qual, como muita gente esquece, só pode regular o emprego das letras, dos acentos e dos sinais.

Em segundo lugar, vêm as diferenças **lexicais**. Assim como **hospedeira de**

bordo e **aeromoça**, existem centenas de outros casos em que os dois países adotaram palavras diferentes para denominar a mesma coisa. Exemplos bem significativos, porque extraídos do quotidiano, são **talho** (açougue), **claque** (torcida), **jante** (aro de roda), **travão** (freio), **biberão** (mamadeira), **tablier** (painel do automóvel), **mãos-livres** (viva-voz), **barbatana** (pé-de-pato), **berma** (acostamento), **penso higiénico** (absorvente íntimo), **penso rápido** (bandeide), **ecrã** (tela de TV ou de cinema), **agrafador** (grampeador). Nossos irmãos do outro lado do Atlântico **afagam** o cimento do piso (aqui, "alisam" ou "nivelam") e assistem a retrospectivas de filmes dos impagáveis **Bucha** e **Estica** – para nós, o **Gordo** e o **Magro**.

Em terceiro lugar vêm as diferenças **ortográficas**: **noticiámos** (noticiamos), **facto** (fato), **bebé** (bebê) e **anónimo** (anônimo). Pois não é que o texto do **Acordo**, adotando uma espantosa e inexplicável atitude salomônica, permite que cada país conserve muitos de seus hábitos particulares, sem mudar um níquel? Portugal continuará a marcar com acento agudo a 1ª pessoa do plural do pretérito perfeito (**noticiámos**, **amámos**, **encontrámos**), como sempre fez. O timbre do /e/ e do /o/ tônico das oxítonas ficará, como sempre, a critério do falante: **bebé** (bebê), **bidé** (bidê), **caraté** (caratê), **guiché** (guichê), **cocó** (cocô – os portuguesinhos fazem **cocó** na fralda). O "c" de **facto** vai continuar ali onde está, pois o léxico dos portugueses distingue entre o **facto** (fato, acontecimento) e o **fato**, que significa "traje" (na verdade, o pai da nossa **fatiota**). Por fim, o timbre das vogais tônicas /e/ e /o/ (sempre elas!) das proparoxítonas também fica à vontade do freguês: **anónimo** (anônimo), **efémero** (efêmero), **António** (Antônio), **fenómeno** (fenômeno).

Por que, então, insistir em fazer reformas?

A recente reforma não precisava ter acontecido. O pouco que foi mudado não vale o custo de mudá-lo. Nossa ortografia deveria ser deixada em paz por várias gerações, tempo

suficiente para sedimentar e consolidar-se. Alterações na ortografia têm consequências ainda mais profundas do que, por exemplo, a troca de moeda (a que já estamos acostumados); seu impacto no sistema educacional e na renovação de todo o material impresso de um país do tamanho do nosso é incalculável. Os países avançados (e ricos) não se preocupam em "reformar" sua ortografia, por mais anacrônica que ela seja; seus cidadãos convivem com as dificuldades do sistema, e dele se queixam tanto quanto nós – mas consideram, muito adequadamente, que grafar corretamente as palavras se trata de uma opção pessoal do indivíduo, o qual, se julgar isso importante, vai dedicar ao problema todo o esforço e a atenção necessários.

O Brasil, no entanto, adora essa ideia de "reforma". Primeiro, por causa de nossa herança portuguesa, temos uma verdadeira veneração pela lei, pela norma, pelo regulamento, pela portaria; adoramos esses documentos que nos dizem exatamente o que fazer (e que, evidentemente, também adoramos desrespeitar), e por isso criamos a curiosa figura (os estrangeiros ficam de boca aberta, quando falamos nisso!) de uma "**lei ortográfica**", de uma "**ortografia oficial**", que permite aos poucos iluminados uma ilusória superioridade de apontar o dedo acusador para os demais e bradar "está errado!". A Espanha e a França não têm uma "lei"; a forma de escrever é comandada por suas respectivas academias, que fixam o que seria o **padrão culto**, embora, também como aqui, a pouca expressividade cultural dos acadêmicos não inspire muito respeito nas suas recomendações. No caso do Espanhol, acresça-se a inevitável revolta dos países latino-americanos contra a tentativa da metrópole de monopolizar o controle do que é certo ou errado através da famigerada Real Academia Espanhola...

Os ingleses chegaram, a meu ver, ao ápice do ambiente democrático: nem academia eles têm! Jamais houve a "Academia Britânica de Letras", o que deixa o Inglês correto submetido à discussão das grandes universidades e das editoras de dicionários, que nem sempre estão de acordo umas com as outras – e nem por isso surgiu o caos e a desordem na sua maneira de escrever, pois todos seguem aproximadamente o mesmo padrão culto, respeitando as pequenas divergências. Veja uma pequena amostra das formas que convivem

pacificamente no Inglês; para a maioria dos brasileiros, a existência de duas maneiras diferentes para grafar a mesma palavra seria uma aberração insuportável:

aeroplane ou **airplane** (aeroplano)
centre ou **center** (centro)
colour ou **color** (cor)
defence ou **defense** (defesa)
disc ou **disk**(disco)
fibre ou **fiber** (fibra)
gray ou **grey** (cinza)
harbour ou **harbor** (porto)
judgement ou **judgment** (julgamento)
neighbour ou **neighbor** (vizinho)
pyjamas ou **pajamas** (pijama)
sceptical ou **skeptical** (cético)
theatre ou **theater** (teatro)

Afinal, o que vai mudar para nós, brasileiros?

Como vimos, foi o Acordo de 1943 que trouxe ao país a unidade que hoje conhecemos, criando um modelo estável que sofreu, em 1971, apenas um pequeno retoque (friso que foi a única modificação ocorrida de 1943 até hoje): foi suprimido o acento subtônico dos derivados em -**mente** e em -**zinho** (escrevia-se **gêniozinho**, **sòmente**, **cafèzinho**, **espontâneamente**), e caiu o malfadado acento circunflexo diferencial dos pares com **E** ou **O** aberto e fechado (**gêlo**: gelo, **almôço**: almoço; **tôda**: toda; **mêdo**: medo). Sucinto como deve ser, o texto desta minirreforma gastou apenas um parágrafo para definir os acentos que seriam eliminados do sistema de 1943 – e pronto.

Em vez de seguir a mesma prática de indicar apenas as supressões, o

Acordo que entrou em vigor este ano é um amontoado de regras desordenadas, mal concebidas e redigidas de maneira pedestre. Os participantes desta confusa comissão dedicaram-se à tarefa completamente redundante de dizer, de novo, tudo o que 1943 já tinha conseguido dizer de forma mais clara e organizada. A consequência é a falsa aparência de complexidade que o texto assume para o leitor não-especializado, que não percebe, por trás desse palavreado cheio de farofa, que a montanha está parindo apenas um esquálido ratinho. Vamos esclarecer, de uma vez por todas, o que mudará – para o Brasil, para nós, para mim e para você, meu caro leitor – o que mudará, repito, se a comunidade aceitar este novo modelo e consagrá-lo pelo uso.

Para nós, brasileiros, é importante esclarecer que este **Acordo** só inova, com relação ao modelo de 1943/1971, na **acentuação** e no **emprego do hífen**; o **emprego das letras** fica exatamente como sempre foi. Na acentuação, ocorre a **supressão** de algumas regras hoje vigentes – e só; no **uso do hífen**, a comissão propõe algumas mudanças muito bem-vindas, outras cujas consequências ela própria desconhece. Faço questão de assinalar que este livro seria totalmente diferente se fosse destinado aos leitores de Portugal, pois as mudanças que eles vão ter de engolir são de outra ordem e calibre.

1. Como se escreve: emprego das letras

Neste capítulo, ao discutir com meus leitores várias dificuldades naturais de nosso sistema ortográfico, espero deixar mais evidente a maneira como ele, na verdade, funciona, e demonstrar que o uso das letras obedece a princípios racionais e bem intencionados. Sempre que possível, descrevo as soluções empregadas por nossos grandes escritores e gramáticos, ao longo da história de nossa língua, esperando que esses exemplos ajudem você a entender minhas opções.

Finalmente, acho importantíssimo que você entenda que há casos em que não chegaremos a uma resposta absoluta. Precisamos aceitar, com tranquilidade, o fato de que o sistema tem limitações e que devemos conviver com elas, sem desespero ou histeria. O que faremos, por exemplo, no caso de **berinjela**, que o **Aurélio** e muitos outros escrevem com **J**, mas que o **Houaiss** corrige, alegando que deve ser escrito com **G**? Muito simples: vamos escolher uma das formas, baseados em nossa intuição, em nossas preferências, em nossa convicção íntima. Qualquer solução que adotarmos terá a seu favor uma das grandes figuras de nosso idioma.

O que muda no emprego das letras?

Para nós, brasileiros, absolutamente nada. A reforma diz que nosso alfabeto passa a incluir também as letras **k**, **w** e **y**. Isso muda alguma coisa em nossa vida? Nada. Nadinha. O uso que elas terão obedecerá às mesmas regras que vigem há muito tempo: serão empregadas apenas nos símbolos internacionais e nos vocábulos derivados de nomes próprios das Artes e das Ciências (**shakespeariano**, **darwinista**, **keynesiano**), como você verá adiante. A novidade é que, fazendo parte do alfabeto oficial, a escola deverá ensinar às crianças o lugar que essas três letras ocupam na ordem alfabética.

O **Acordo** também elimina as chamadas **consoantes mudas**. Em que isso vai nos afetar? Em nada, de novo. Elas desapareceram do sistema brasileiro há mais de sessenta anos. Desde 1943, a grafia só registra as consoantes que pronunciamos. Escrevemos **compacto**, **convicto**, **adepto**, **corrupto**, **eucalipto**, **ficção**, **núpcias**, etc. porque pronunciamos aquele **c** ou aquele **p** antes da outra consoante. Portugal e os países africanos é que são seriamente afetados por esta regra, pois terão de suprimir da escrita a consoante que não pronunciam, em palavras como **acção**, **afectivo**, **acto**, **director**, **exacto**, **adoptar**, **baptizar**, **Egipto**, **nocturno** e muitas outras. Este é um dos pontos do **Acordo** que mais desagradaram aos nossos irmãos de além-mar, que começam a resistir bravamente à aplicação da reforma no território português.

-eano ou **-iano**?

A foto, tirada num desfile beneficente, mostrava uma tradicional apresentadora de TV usando apenas roupas íntimas; comentando s corpo bem-cuidado, a legenda dizia: "A poderosa **balzaqueana** dei muita jovenzinha morrendo de inveja". Ou seria **balzaquiana**?

O sufixo **-ano**, com sua variante **-iano**, tinha um significado básico de lugar de **proveniência**, de **origem**: doces **serranos**, autores **italianos**, monges **tibetanos**. Com o tempo, passou a indicar também a proveniência de uma ideia, a partir do nome de um autor ou de um movimento intelectual: sonetos **camonianos**, ideal **republicano**, igreja **anglicana**. Sua definição semântica, como vemos, é muito simples; o problema é sua **representação gráfica**. É aí que as pessoas encontram problemas – e com toda a razão. Basta examinarmos uma lista de palavras com esse sufixo para perceber o quanto o quadro parece confuso: ao lado de formas simples em **-ano** (**tebano**, **curitibano**), encontramos vocábulos em **-eano** (**coreano**, **montevideano**) e em **-iano** (**machadiano**, **açoriano**). Um ator especializado em peças de Shakespeare é shakespear**eano** ou shakespear**iano**? Aquela apresentadora de TV é uma charmosa balzaqu**eana** ou balzaqu**iana**? Quem nasce no Acre é acr**eano** ou acr**iano**? Em benefício da grande maioria de nossos leitores, que não são especializados em Linguística, vou passar ao largo das questões teóricas de Morfologia e de Fonologia envolvidas nessas derivações

e tratar de estabelecer uma distinção prática para o emprego das duas formas.

Quando usar -eano? – Comparando-se a desproporcional ocorrência das duas formas, fica muito mais fácil para nosso leitor tomar **-iano** como a forma normal e **-eano** como a forma excepcional. Colocando de maneira simples:

> ■ use sempre **-iano**,
> a não ser nos poucos casos
> em que vai ter de usar **-eano**.

E que casos são esses? Principalmente aqueles em que o **E** está na sílaba tônica, fazendo parte, portanto, do **radical** do vocábulo primitivo: Taubaté + ano = **taubateano**, Galileu + ano = **galileano**. Os dicionários trazem poucos exemplos além desses: **bruneano** (Brunei), **borneano** (Bornéu), **coreano** (Coreia), **daomeano** (Daomé), **gouveano** (Gouveia), **guaxupeano** (Guaxupé), **guineano** (Guiné), **lineano** (Lineu), **mallarmeano** (Mallarmé), **montevideano** (Montevidéu), **nazareano** (Nazaré), **pompeano** (Pompeia), **tieteano** (Tietê), **traqueano** (traqueia), entre outros.

Quando usar -iano? – Todos os demais vão apresentar a forma **-iano**, que se acrescenta diretamente ao radical ou depois da queda da vogal temática: **bachiano** (Bach), **balzaquiano** (Balzac), **bilaquiano** (Bilac), **bocagiano** (Bocage), **borgiano** (Borges), **drummondiano** (Drummond), **freudiano** (Freud), **machadiano** (Machado), **mozartiano** (Mozart), **poundiano** (Pound), **rosiano** (Rosa), **sartriano** (Sartre), **shakespeariano** (Shakespeare), **veneziano** (Veneza), entre muitos outros. Costuma-se ver lógica **booleana** (de Boole), mas os especialistas não a consideram correta, preferindo **booliana**, como fazem Aurélio e Houaiss. O caso mais comentado é **acriano**. O sempre respeitado **Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**, editado em 1943 pela Academia Brasileira de Letras – geralmente referido pela sigla **PVOLP** –, registrou como **acreano** o gentílico do Acre, numa evidente contradição com os princípios que defendia. Celso Luft chamou isso de “erro ginasiano”; Aurélio, mais diplomático, diz que é uma variante “menos boa”. No **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa** (conhecido como **VOLP**), recentíssimo, a Academia corrigiu para **acriano**,

como já fazia Houaiss. Agora é definitivo, embora os acrianos já comecem a protestar. Ah, em tempo: a personagem da foto era uma charmosa **balzaquiana**.

radicais evoluídos e radicais reconstituídos: **erva**, **herbívoro**

Um estudante de Letras pergunta: “se o elefante é um grande **herb** com **H**, por que razão ele passa o dia comendo **ervas,** sem **H**?”

Professor, queria saber por que **erva***, que vem do latim* **herba***, escreve-se sem o* **h***, e seus derivados, com o* **h***? Sou estudante de Letras e, fazendo estágio em um colégio, o aluno perguntou ao professor o porquê dessa diferença; o professor disse ao aluno que era simplesmente uma* **norma da gramática**. *Por que a gramática distancia tantas coisas de suas origens?*

Anônimo

Meu caro Estudante de Letras Anônimo, seguramente o professor a que você se refere não é um modelo que deva ser seguido. Como pode ele evocar uma “norma da gramática” onde não há nenhuma? Pares como **erva**/**herbívoro** são muito comuns em nosso idioma – e simples de explicar a nossos alunos. O radical latino **herb**- evoluiu, dentro do Português, para **erv**- (o **H** desapareceu e o **B**, por regras de fonética histórica, passou a **V**); no entanto, como você deve ter estudado na faculdade, os humanistas do Renascimento português voltaram-se para o Latim em busca de palavras que aumentassem nosso vocabulário incipiente e terminaram criando os famosos “**dublês**”, que estão presentes em todas as Línguas Românicas. Temos, portanto, **dois** radicais que coexistem, o **evoluído** e o **reconstituído**; há vocábulos que derivam do radical antigo, latino (**herbívoro**, **herbáceo**, **herborizar**), e vocábulos que derivam do radical moderno (**erva**, **ervaçal**, **ervateira**). O mesmo acontece, por exemplo, com **hibernal**, **hibernar**, **hibernação**, de um lado, e **inverno**, **invernada**, **invernia**, de outro. Se nós, professores, não tivermos claros os princípios e os conceitos, o que será de nossos pobres alunos? Abraço, e boa sorte!

grafia de nomes próprios: **Manoela** ou **Manuela**?

Pode-se falar em “certo” e “errado” no que se refere à grafia dos nomes próprios? O professor explica que sim.

Prezado professor, escreve-se **Manuela** *ou* **Manoela***? Qual é a forma correta do nome? Obrigada.*

Luciene A. – Salvador (BA)

Minha cara Luciene: o nome é português da gema, de reis e princesas lusas: **Manuel**, **Manuela**. Há um Período **Manuelino** na História, bem como um estilo **manuelino** de móveis. Há vários pássaros na nossa fauna com esse nome (**manuel**-de-barro, **manuel**-vaqueiro, etc.), todos assim registrados nos melhores dicionários. Fomos descobertos durante o reinado de D. **Manuel**, que, por ter a sorte que teve (descobrir o Brasil não é pouca coisa!), passou a se chamar “D. Manuel, o Venturoso”. A forma **Manoel** é bem difundida, mas não tem razão de ser.

Agora, você faz muito bem em trazer essa dúvida. Muita gente vive sob a ilusão de que os nomes próprios não estão sujeitos a regras. Claro que estão; o que é assegurado por lei, ao cidadão, é portar o seu nome da forma como foi registrado. Muitas vezes recebemos um nome que se transmite de geração em geração dentro da família e o usamos com orgulho, mesmo que não esteja grafado dentro da norma atual. É o caso dos **Mathias**, dos **Thiagos**, etc. Outras vezes, porém, a grafia do nome é alterada por mera ignorância ou por alguma idiossincrasia dos pais; se o filho suportar a carga que isso representa, ele tem o direito de conservar o nome assim como está no registro. Caso contrário, pedirá uma retificação da grafia: se alguém odeia o suficiente o seu filho para condená-lo a arrastar um nome como **Cerjio**, o infeliz pode, se quiser, solicitar à Justiça a correção para **Sérgio**.

Por outro lado, quando falamos de **personagens da história** ou nos referimos aos nomes de uma **maneira genérica**, sempre vai prevalecer a forma **correta**: **Luís** (e não *Luiz) de Camões, **Casimiro** (e não *Casemiro) de Abreu, **Rui** (e não *Ruy) Barbosa; “na minha lista de chamada, não há uma só **Juçara** (e não *Jussara) ou uma só **Susana** (e não *Suzana)”. Eu sei que esse assunto é

dinamite pura, porque existe nos nomes que escolhemos uma grande quantidade de conteúdos inconscientes, mas sempre recomendo empregar a forma correta.

Isabela – com **S**

O Doutor explica por que o nome da pequenina **Isabela** – talvez um futura leitora – deve ser escrito com **S**.

Professor, quando minha filha nasceu, escolhi o nome **Isabela***. Logo as tias e avós queriam bordar toalhinhas, roupinhas e veio a pergunta inevitável: o* **Isabela** *de sua filha vai ser com* **S** *ou com* **Z***? Sempre imaginei o nome com* **S***, mas agora fiquei com dúvida sobre a letra que devemos usar entre duas vogais.*

Janaína B. – Belo Horizonte (MG)

Minha cara Janaína: em primeiro lugar, parabéns por ter dúvidas quanto à grafia do nome da sua filha; infelizmente, essa não é uma atitude comum, no Brasil. Para a maioria das pessoas – mesmo para muitas que utilizam um Português bem cuidado –, é como se os nomes próprios não precisassem obedecer às normas ortográficas. Esse é um velho engano, nascido do fato de que a lei faculta ao cidadão usar o nome na forma em que foi registrado. Você pode ter certeza de que sua filha vai agradecer o bom-senso em pesquisar a forma correta.

Agora, os princípios ortográficos: entre duas vogais, o som de /**z**/ pode ser representado por três letras diferentes: o **S** (**casa**, **camisa**), o **Z** (**azar**, **baliza**) e o **X** (**exato**, **exame**). Não existe um sistema bem definido que regulamente o emprego de cada uma delas, pois aqui pesa, e muito, a tradição de novecentos anos de escrita do Português. Neste caso específico, o nome é **Isabel** – ou **Isabela**, variante que muitos preferem pela sugestão de "beleza" que contém. É considerado o equivalente espanhol do **Elizabeth** inglês, e sempre foi grafado com **S**, como a famosa rainha **Isabel, a Católica**, que apoiou a viagem de Colombo. Há, no dicionário, uma uva **isabel**, variedade muito popular no Rio Grande do Sul, e **isabelino**, sinônimo de **elisabetano**, período histórico batizado a

partir da rainha Elisabete I, da Inglaterra, no séc. XVI. É significativo que no Italiano e no Francês, nossas duas irmãs latinas, o nome seja **Isabella** e **Isabelle**, respectivamente – sempre com o **S**.

M antes de **P** e de **B**

Existe alguma razão para só usarmos o **M** antes do **P** e do **B**?

Caro professor, gostaria de saber por que usamos **M** *antes de* **P** *ou* **B**. *Obrigado.*

Osmar L. A. – Florianópolis (SC)

Meu caro Osmar, a razão para essa escolha, imagino, vai ser encontrada em algum princípio presente em todas as línguas românicas: que eu me lembre, o Italiano, o Francês e o Espanhol, além do Português, também usam apenas **M** antes de **P** e de **B**. A base dessa restrição deve ser de ordem fonológica (hoje se sabe que a Fonologia está na base de todos os sistemas ortográficos, que não são tão arbitrários e caprichosos como geralmente se pensa): como o /**p**/ e o /**b**/ são fonemas tradicionalmente classificados como **bilabiais** (temos de unir os dois lábios para poder pronunciá-los), a **letra** escolhida para representar a nasal antes desses fonemas só poderia ser o **M**, correspondente ao fonema /**m**/, também classificado como **bilabial**. Assim, a combinação de letras adotada na nossa ortografia (**M+P** e **M+B**) é a que melhor corresponde à natureza dos fonemas representados. É por essa e por outras que reformas ortográficas devem ser feitas por linguistas, e não por "acadêmicos" das mais variadas origens e formações, como é o caso dos nossos imortais da Academia.

o nome do **Y** e do **W**

O professor explica como devem ser chamadas essas duas letrinha exóticas.

Como é, em Português, o nome das letras **W** *e* **Y**? **Dabliú** *e* **ipissilone** *não é nome em Português, ou é? Obrigado.*

Odilon A. – Curitiba (PR)

Meu caro Odilon, apesar das controvérsias, o nome do **Y** é mesmo **ípsilon**, com as variantes populares bem conhecidas de **ipsilone**, **ipissilone** ou até mesmo **pissilone**, como se pode ver nos pitorescos **ABCs** da Literatura de Cordel. **Caldas Aulete** (o genuíno, o da 1ª edição) não hesita: **ípsilon**. **Antônio Geraldo da Cunha**, no seu **Dicionário Etimológico**, acompanha: **ípsilon**. **Gama Kury** faz coro: **ípsilon**. **Celso Pedro Luft**, meu grande mestre, no seu incomparável **Grande Manual de Ortografia**, é taxativo: é **ípsilon**. E lá do fundo da mata, **Antenor Nascentes** vive repetindo: **ípsilon**. O pusilânime **VOLP** (o atual vocabulário ortográfico que é publicado pela Academia) registra também as variantes **ipsilo** e **ipsílon** – assim mesmo, **paroxítonas**! –, completamente exóticas ao nosso uso, adotadas hoje por alguns poucos excêntricos desgarrados. **Houaiss** chega para encerrar a questão: é **ípsilon**.

Uma das maiores virtudes do velho Aurélio Buarque de Hollanda era o sólido bom-senso, a qualidade suprema de um bom lexicógrafo. No entanto, desta vez me entristece ver o seu dicionário fazer aqui uma mixórdia inaceitável. O **Aurélio-em-vida** (até a 2ª edição) escolhe como forma canônica a esquisitíssima **hipsilo** (!), enquanto o **Aurélio XXI** elege como preferida a forma **ipsílon** (com a tônica em **SI**!), plural **ipsílons**, embora ambos reconheçam, entre parênteses, no final do verbete, que a forma corrente é **ípsilon**. Ora, essa observação é completamente incompatível com a prática de todos os bons dicionários do mundo: se a forma corrente é **ípsilon**, como reconhecia Aurélio e todos os autores que citei no parágrafo acima, é esta, e não as outras, a preferível. Esse é o critério válido para as palavras vindas do Grego, que vão apresentar no Português uma prosódia (leia-se: posição da sílaba tônica) que muitas vezes nada tem a ver com a pronúncia original. Se no jogo do bicho vale o que está **escrito**, em prosódia vale o que está sendo **dito** – "e todo mundo

conhece o **ípsilon**, de dizer ou ouvir dizer" (Luft).

O **W** é mais pacífico. A forma mais usada é **dáblio**, embora também apareçam, nos dicionários, as formas paralelas **dable-u**, **dabliú**, **doble-vê** ou **vê-duplo**. A oportunidade de pronunciar o nome desta letra multiplicou-se por mil com a implantação da Internet, já que a maioria dos domínios da rede mundial começa por **WWW** – ditos **dáblio**, **dáblio**, **dáblio**. Nesse caso, temos mais sorte que nossos vizinhos da Espanha, que se enredam tanto com o *uve doble*, *uve doble*, *uve doble*, que muitos já se limitam a dizer **triple uve doble**.

quando usar **K**, **W** e **Y**

O Acordo incorporou o **K**, o **W** e o **Y** ao nosso alfabeto. Isso muda alguma coisa?

Professor, as letras **K**, **W** *e* **Y** *voltaram a fazer parte do nosso alfabeto, mas não sei exatamente quando deverão ser empregadas. O que mudou?*

Liliane – Monte Carmelo (MG)

Todas as línguas do Ocidente usam, com pequenas variações, o alfabeto **latino** ou **romano**. O "alfabeto português", definido pelo Acordo Ortográfico de 1943, era composto de 23 letras, entre as quais não se encontravam o **K**, o **W** e o **Y**. Essas três letras eram consideradas exóticas, sendo admitido o seu emprego em dois casos especiais: (1) em abreviaturas e símbolos técnicos internacionais – **kg** (quilograma, quilo), **km** (quilômetro), **yd** (jarda); (2) em vocábulos derivados de nomes estrangeiros (o que é especialmente importante no mundo das ciências e das artes): **darwinismo**, **shakespeariano**, **hollywoodiano**, **wagneriano**, **kleiniano**, **keinesianismo**, **kardecista**, etc.

Com o Acordo de 1990, nossas três amigas retornaram ao nosso alfabeto, que, mais uma vez, passou a contar com 26 letras. E agora, quando são usadas? Exatamente nos dois casos acima descritos. O que mudou no seu emprego? Nada. Mas nada mesmo – a não ser o fato de que agora vão figurar mais à vontade na ordem alfabética. Elas não deverão aparecer, portanto, em palavras

em que antes não eram empregadas. Mantém-se tudo como estava.

É evidente que elas serão usadas normalmente na grafia de nomes estrangeiros: **Kennedy**, **Jackson**, **Washington**, **Kremlin**, **Niemeyer**, **Winchester**, etc. Entre nós, um só nome de origem indígena manteve o **Y** depois do Acordo de 1943: falo, como não poderia deixar de ser, do **Itamaraty**, em cujo lago deveriam deslizar, por coerência, "ymponentes cysnes" brancos.

Para aqueles que se atrapalham um pouco com a ordem alfabética, tomo a liberdade de relacionar o alfabeto completo, incluindo as três letras no seu devido lugar: A B C D E F G H I J [**K**] L M N O P Q R S T U V [**W**] X [**Y**] Z.

usando o **J**, o **Ç** e o **X**

Uma jovem professora vem pedir ajuda para melhor ensinar a seu alunos o emprego dessas letras; além disso, honestamente confessa não sabe como enquadrar o **Ç** em nosso alfabeto.

Olá! Meu nome é Ana e sou professora da classe de alfabetização. Este é o meu primeiro ano na série e muitas dúvidas estão surgindo. Gostaria de lhe pedir, caso seja possível, dicas sobre explicações para palavras escritas com **X** *ou* **CH***,* **G** *ou* **J***,* **Ç** *ou* **SS***, entre outras.*

Ana Cecília

Minha cara Ana Cecília, para ajudá-la (e para ajudar os seus alunos), começo lembrando que foi a Reforma Ortográfica de 1943 que definiu o verdadeiro semblante de nossa grafia (esta recente Reforma, que entrou em vigor em 2009, é apenas cosmética), Em 1943, dois grupos de palavras receberam um tratamento especial. Em primeiro lugar, os vocábulos originários de **línguas ágrafas** – sem escrita, como eram todas as nossas línguas indígenas e todas as línguas africanas que entraram aqui no período da Escravidão. Em segundo lugar, os vocábulos originários de línguas com **alfabetos exóticos** (entenda-se: todos os alfabetos que não forem o alfabeto latino – o grego, o cirílico, o hebraico, o japonês, etc.). Nessas palavras, **jamais** usaremos **CH**, **SS** ou **G**, mas sim o **X**, o **Ç** e o **J**: **açaí**, **Iguaçu**, **Paraguaçu**, **miçanga**; **xaxim**, **Hiroxima**,

xale, **paxá**; **acarajé**, **mujique**, **jiló**, etc. É um bom princípio geral; só acho que ele ainda não é de utilidade para alunos tão jovenzinhos quanto os seus, que não devem ter a cultura linguística necessária para “sentir” quando um vocábulo faz parte dos dois grupos acima; no caso deles, vão ter de simplesmente ir memorizando cada palavra. Quanto ao **Ç**, ele não é uma letra extra; trata-se apenas de um **C** com um sinal adicional (a cedilha), da mesma forma que o **Ã**, o **Â** ou o **Á**.

o nome das letras

Leitores perguntam como se escrevem os nomes das letras e por q todos masculinos.

Prezado Professor, dizemos “a letra **A***” ou “as letras* **B***,* **C***...”, e assim por diante. Entretanto, quando nos referimos a alguma letra, dizemos “o* **B***”; “o* **F***”, etc. Não seria mais adequado dizer “a* **F***”; “a* **B***”? Por que usamos o masculino? A letra (não a palavra “letra”) é masculina ou feminina?*

Nicholas – São Paulo (SP)

Como se escreve, em Português, o nome das letras do alfabeto? Obrigada, desde já!

Selma – Amestelveen (Holanda)

Meu caro Nicholas, as letras são **femininas** no Espanhol e no Francês, **neutras** no Inglês e **masculinas** no Português. Isso depende do espírito de cada idioma; não há nenhuma razão lógica para o fato de ser **um F**, como dizemos aqui, ou *una F*, como dizem nossos irmãos do Prata. É o mesmo destino arbitrário que fez com que **Sol** e **Lua** fossem, respectivamente, masculino e feminino no Português e exatamente o contrário no Alemão. O fato de **letra** ser feminino nada influi no gênero das letras em si – da mesma forma que o fato de **ferramenta** ser feminino não obriga também **martelo**, **alicate** e **serrote** a sê-lo.

Quanto aos nomes das letras do alfabeto, Selma, são eles os seguintes: **á, bê, cê, dê, é, efe, gê, agá, i, jota, cá, ele, eme, ene, ó, pê, quê, erre, esse, tê, u, vê, dáblio, xis, ípsilon, zê**. Alguns desses nomes ficam bem visíveis em palavras como **á-bê-cê, á-é-i-ó-u**, **bê-á-bá**, **cê-cedilha**, **régua-tê**.

shopping, **xópin**

O plural correto é **shopping centers** ou **shoppings centers**? Ou seri melhor usar **xópins**?

> *Olá, Professor, gostaria de saber qual é o plural de* **shopping center***: o correto é* **shopping centers** *ou* **shoppings centers***? Já li as duas versões; eu prefiro a primeira opção, mas não tenho certeza. Atenciosamente.*
>
> Daniel M. – Passo Fundo (RS)

Prezado Daniel, se você usar a expressão completa em Inglês, só poderá flexionar o substantivo **center**: *shopping* **centers**. Não se esqueça de que o **adjetivo**, naquele idioma, vem à **esquerda** e nunca se flexiona. Por isso, **shoppings centers* é uma versão impossível (e abominável!). Agora, já vi muita gente usando apenas *shopping*, substantivado, à moda brasileira: "Construíram um *shopping*". Neste caso, vamos ter plural: "Construíram vários *shoppings* nesta região".

Temos, entretanto, duas outras opções, bem mais simpáticas: (1) usar a **tradução** da expressão inglesa ("centros comerciais"), ou (2) partir para o **aportuguesamento** de *shopping* – **xópin**, **xópins**. Esta última requer um pouco mais de coragem, mas começa a ser usada por alguns autores e jornalistas (Luís Fernando Veríssimo é um belo exemplo). Não franza o nariz, leitor; seu bisavô deve ter feito o mesmo quando viu escrito, pela primeira vez, **futebol** em vez de *foot-ball*, mas depois acostumou.

Agora, por que **X**, e não **CH**? A resposta é simples: porque é com **X** que costumamos nacionalizar os vocábulos estrangeiros grafados com **SH**: *shilling* –> **xelim**; *shampoo* –> **xampu**; *shaman* –> **xamã**; *Shangai* –> **Xangai**; *Sherazade* –>

Xerazade; *Hiroshima* –> **Hiroxima**. Celso Pedro Luft aponta como um raro caso divergente o nosso **chutar**, proveniente do Inglês *shoot*, que deveria ter dado ***xutar**, mas não deu, e agora é tarde. Se um dia vencermos nossas resistências e aportuguesarmos *show*, a forma resultante vai ser **xou** – a mesma usada pela Xuxa em um de seus programas de televisão, que tantos bois-cornetas criticavam (cá para nós, mil vezes essa grafia, por esquisita que seja, do que a original, com seu **SH** e o seu **W**!).

viajem ou **viagem**?

“Espero que vocês **viajem** bem; espero que vocês façam uma boa **viagem**” – como vou saber se devo usar o **J** ou o **G**?

Escreve uma misteriosa leitora, de nome “Tsiu”: *“Saudações! Gostaria de saber quando empregamos as palavras* **viagem** *e* **viajem***. Obrigada”.*

Minha cara Tsiu: em primeiro lugar, lembre sempre que todos os substantivos terminados em **-agem** (com exceção de **pajem** e do obscuro **lajem**) são grafados com **G**. **Viagem** é um substantivo. Dele deriva o verbo **viajar**, que, naturalmente, é obrigado a trocar o **G** pelo **J**. Ora, como todas as formas flexionadas de um verbo devem seguir a grafia de seu **infinitivo**, o presente do subjuntivo fica “viaje, viajes, viaje, viajemos, viajeis, **viajem**”. Pronto: aí temos as duas formas. “Esta **viagem** não termina”, “Vamos começar a **viagem**”, mas “Espero que eles **viajem** cedo”; “**Viajem** bem – **viajem** Varig”. Há um interessante livro com dicas para viajantes (e blogue também), escrito por Ricardo Freire, que leva o título **Viaje na Viagem**. Que tal?

úmido, **umedecido**

As coisas que se molham ficam **úmidas**, e as que eu molho ficam **umedecidas**?

Caro professor, como é mesmo? Se algo se molha, fica **úmido***, e se eu o molho, fica* **umedecido** *(e não* **umidecido***)? Grato.*

Rebelo – Sorocaba (SP)

Meu caro Rebelo, não é bem assim. Se algo se molha, fica **úmido** ou **umedecido**; se eu o molho, fica também **úmido** ou **umedecido**. O problema não é estar no polo passivo ou ativo da situação; acontece que o adjetivo **úmido**, que produz derivados como **umidade** e **umidificar**, corresponde ao verbo **umedecer**, que tem essa sílaba -**me**- em todas as formas flexionadas, inclusive no particípio **umedecido**, irmão de **umectar**, **umectante**. Não é novidade ocorrerem variações no radical de uma família vocabular: a **lágrima** sai pelo canal **lacrimal**, o movimento da **roda** é **rotativo**, a higiene da **boca** é **bucal**, e assim por diante. Não esqueça que, na maior parte das vezes, essas aparentes "incongruências" de nossa ortografia correspondem, na verdade, a vestígios de diferentes momentos na história de nosso léxico.

talibã, **talebã**, **taliban** ou **taleban**

É só o que se pergunta: como se escreve o nome do grupo islâmic
dominava o Afeganistão?

Muita gente ainda tem dúvida sobre como escrever o nome do grupo islâmico que dominava o Afeganistão: a grafia correta seria **talibã**, **talebã**, **taliban** ou **taleban**? A dúvida se justifica, pois encontramos todas essas formas empregadas nos jornais, nas revistas e nos sítios de notícias, numa dança enlouquecedora de grafias alternativas. Afinal, qual é o certo? Para quem só quer a respostinha seca, já vou dizendo: eu escrevo **talibã**, **talibãs**. Para quem não se contenta com isso, vou apresentar minhas razões.

Quero que meus leitores saibam que, em nomes como esse, não existe a **forma correta**, mas sim a mais **recomendável**. Isso acontece, aliás, com todos os nomes provenientes de línguas que não usam o **alfabeto romano** (o nosso) e que precisam, portanto, ser **transliterados**. Ao fazermos a transliteração, tentamos reproduzir, com nosso próprio alfabeto, o som que o nome tem na sua língua original – o que sempre vai produzir, é lógico, um resultado meramente

aproximado, pois tentamos representar fonemas que nossa língua desconhece, usando um sistema gráfico que foi elaborado para dar conta da fonologia do Português. Lembro as diferentes propostas de transliteração para **Kruschev** (ou **Khruschev**, ou **Khruschov**, ou **Kruchev**, etc.), ou para o falecido camarada **Mao**, que eu cresci chamando de **Tse Tung**, e hoje aparece como **Zedong** (ou coisa assim). Quem já leu traduções diferentes de **Dostoievski** (ou **Dostoievsky**?) está acostumado a mudanças na grafia dos nomes das personagens.

A forma **talibã** também é uma transliteração e, portanto, também aproximativa; de todas as outras, contudo, é a que está mais de acordo com a tradição e a que melhor se enquadra em nossos padrões fonológicos, como passo a demonstrar.

(1) Por que a vogal "**i**" na segunda sílaba? Embora na pronúncia lá deles, dependendo da região, registre-se um som intermediário entre o /i/ e o /e/, nas línguas ocidentais mais importantes vem prevalecendo, como no Português, a forma grafada com "**i**", e não com "**e**": para o Inglês, é "*the Taliban*"; para o Francês, "*le taliban*"; para o Espanhol, nosso irmão mais próximo, "*el talibán*".

(2) Por que o final em **Ã**? Há muitos nomes asiáticos terminados em /a/ seguido de consoante nasal. Enquanto o Inglês registra tudo como **-an** (*Afghanistan*, *Pakistan*, *Jordan*; *Iran*, *Teheran*, *Oman*, *Ramadan*), nós aportuguesamos essa terminação de duas maneiras diferentes: ora como **-ão** (**Afeganistão**, **Paquistão**, **Jordão**), ora (mais frequente) como **-ã** (**Irã**, **Teerã**, **Omã**, **Ramadã**). Contudo, como Said Ali muito bem observa em seu **Dificuldades da Língua Portuguesa**, os terminados em **-ão** são casos excepcionais, diante da esmagadora preferência pelo final **-ã**. Por isso, entre **talibão** (nossa!) e **talibã**, a escolha é óbvia. O que nós não temos é o final **-an**, como o Inglês; é impossível, portanto, em nosso sistema, uma forma como ***taliban**.

Outro problema que ronda esse vocábulo é o do **plural**. Acontece que, no dialeto persa falado pelos talibãs, o vocábulo já é uma variante **plural** do vocábulo árabe *talib*, que significa "estudante; aquele que procura o conhecimento"; na verdade, "estudante da teologia islâmica" – o que reflete

historicamente a origem do movimento, nascido nas agitações estudantis dos anos 60. Por esse motivo, a maior parte da imprensa europeia usa o vocábulo como se já fosse um plural ("*the Taliban are*"; "*les taliban*"; "*los talibán*"). Julgo, entretanto, que imitar essa prática no Português seria criar uma injustificável exceção ao paradigma (imaginem "*os talibã"!) e ignorar a extraordinária capacidade que nosso idioma tem de deglutir os vocábulos estrangeiros e nacionalizá-los fonológica, ortográfica e morfologicamente. Já escrevi várias vezes sobre isso: para entrar no Português, o vocábulo estrangeiro tem de aprender a dançar miudinho, tratando de comportar-se como seus colegas nativos. Um **talismã**, dois **talismãs**; um **talibã**, dois **talibãs**.

treis e **hum** no cheque

Um leitor quer saber se pode escrever **treis** em cheques; o profess explica que poder, pode, mas é um atentado à ortografia.

Caro professor, gostaria de saber se é permitida a grafia do número "3" como **treis** *em cheques. Grato.*

Guilherme S. – Viçosa (MG)

Meu caro Guilherme, você pode escrever no **cheque** do jeito que quiser, desde que o caixa aceite. Isso não depende das regras de ortografia; se você escrever ***tres**, ***treis**, ***trez**, ***trêz** ou ***treiz**, todas estão erradas quanto à norma, que é **três**, mas podem valer (quem sabe?) no mundo bancário. Da mesma forma, ***hum** é uma aberração ortográfica, mas é recomendável em cheques e títulos de crédito **manuscritos**, para evitar a fácil adulteração para **cem** (agora, usar ***hum** em texto **datilografado** é de uma burrice oceânica!). ***Seicentos** está errado, mas a maioria dos caixas paga um cheque escrito assim, porque não lhes cabe ficar corrigindo a grafia errada dos outros. Espero que você perceba, portanto, que o "permitida", na sua pergunta, nada tem a ver com a norma ortográfica vigente.

um mil

O Brasil foi descoberto em "mil e quinhentos" ou em "**um** mil e

quinhentos"? Dá para escrever **mil reais** por extenso no cheque?

Caro Professor, qual seria a forma correta de escrever **1986** *por extenso? Seria "***um mil** *novecentos e oitenta e seis" ou apenas "***mil** *novecentos e oitenta e seis"? Por quê? Grato!*

Delintro B. A. – Anápolis (GO)

Meu caro Delintro: na expressão da unidade de milhar, o Português não usa **um mil**. A sequência correta é **mil**, **dois mil**, **três mil**... O ano do tricampeonato brasileiro no futebol foi **1970 – mil**, novecentos e setenta. Só o uso bancário insere aquele esquisito **um** – e são tão teimosos e onipotentes que a maioria dos caixas e gerentes não quer aceitar um cheque preenchido com **mil e duzentos reais**. "É para evitar fraudes", dizem aqueles sabidinhos; acontece que o emitente tem o direito de correr o risco que ele quiser, se não quiser insultar a língua portuguesa. Além disso, como é infinita a estultice alheia, estendem essa exigência até mesmo a cheques **datilografados** ou com o valor por extenso escrito **entre parênteses**, casos em que obviamente fica afastada qualquer hipótese de adulteração posterior...

Quem já levantou uma forte reação contra isso foi o velho gramático Napoleão Mendes de Almeida, que se indignava com essa ditadura dos bancos que se metem a legislar sobre o que não entendem. Em divertido e impertinente artigo de seu **Dicionário de Questões Vernáculas**, verbera esses despotazinhos que fazem essa "exigência mais uma vez humilhante, por obrigar que se escreva o que não existe em nosso idioma". E lembra, sarcástico, que falamos Português no Brasil, que certamente não foi descoberto no ano **um mil e quinhentos**.

estado ou **Estado**

Quando me refiro ao Mato Grosso, à Bahia ou ao Maranhão, escre **estado** com inicial minúscula ou maiúscula?

Prezado Professor, na qualificação de uma pessoa – por exemplo, "João da Cachoeira, brasileiro, casado, agricultor, filho de José Cachoeira e Maria dos Anjos Cachoeira, nascido em Cuiabá, neste **Estado***" – o vocábulo* **estado** *deve ser grafado com maiúscula ou minúscula?*

Astúrio F. – Cuiabá (MT)

Meu caro Astúrio, só deveríamos usar maiúsculas em **Estado** quando o vocábulo se referisse à instituição: "O homem sente-se sufocado pela presença do **Estado**"; "Em assuntos econômicos, ele defende o afastamento gradual do **Estado**"; "Para os pensadores anarquistas, o **Estado** é uma forma organizada de opressão". Por outro lado, as divisões administrativas de nosso país devem ficar com inicial minúscula: "o **estado** em que eu nasci faz fronteira com o Uruguai", "o **estado** do Rio de Janeiro tem uma capital do mesmo nome", "a falta de energia pode afetar todos os **estados** do Sul". É muito diferente escrever que o "**estado** de Minas Gerais" ou que o "**Estado** de Minas Gerais" está preocupado com a violência; no primeiro caso, são os cidadãos, a sociedade; no segundo, estamos falando do governo e de suas instituições. Contudo, tenho visto, principalmente em documentos oficiais e em linguagem jurídica, o uso da maiúscula sempre que o vocábulo se refere a uma das entidades jurídicas que compõem a federação brasileira: "O **Estado** da Bahia ..." Se você quer ficar em paz, use a maiúscula, que ninguém vai reclamar, enquanto a minúscula (que, repito, acho a mais indicada) pode despertar contra você a desconfiança de alguns. Meu conselho é sempre o mesmo: em caso de dúvida, evite a encrenca.

minúsculas com nomes geográficos

Os nomes dos acidentes geográficos devem ser escritos em minús
ilha do Bananal, **rio** das Antas, **baía** de Guanabara.

Prezado Professor, quando uso maiúsculas ao escrever acidentes geográficos? Segundo o **Manual de Redação do Estadão***, eu não uso maiúsculas para* **rio** *Tietê e* **monte** *Everest. Mas e* **baía***,* **estuário***, etc.? Eu agradeço sua atenção, pois estou precisando dessas informações, e nem* **Cunha** *nem* **Luft** *(em seus livros) resolveram meu problema. Obrigada.*

Estela – Porto Alegre (RS)

Minha cara Estela, é quase impossível encontrar alguma coisa de ortografia que o professor Luft não tenha esmiuçado. Às vezes fica difícil ter acesso ao que o mestre escreveu, pois temos de buscar naqueles 3.000 artigos (três mil!) publicados no jornal **Correio do Povo**, na seção **No Mundo das Palavras**; outras vezes é bem mais fácil, como no seu caso. No seu **Grande Manual de Ortografia Globo**, falando sobre o emprego das minúsculas, Luft diz que devemos usar minúsculas nos "nomes comuns que acompanham nomes geográficos: a **baía** de Guanabara, o **canal** de Suez, o **estreito** de Magalhães, o **oceano** Atlântico, o **rio** Amazonas, etc.". Que tal? Claro como água. Você pode estender isso ao **pico** da Neblina, à **ilha** de Marajó, a **serra** da Mantiqueira. Essa é a norma oficial; no entanto, o uso dos principais jornais e revistas vem sistematicamente contrariando esse preceito, acostumando os leitores a grafias como **Baía** de Guanabara, **Canal** de Suez, **Oceano** Atlântico, **Estreito** de Magalhães, **Golfo** Pérsico. Ou seja: é mais um caso em que o usuário vai ter de escolher de que lado da guerra ele quer se alistar.

maiúscula após dois-pontos?

Deve-se usar maiúscula após o dois-pontos?

Prezado Doutor, como santo de casa não faz milagre, solicito esclarecimento sobre o uso de letras maiúsculas em enumerações, após dois-pontos. Ex.:

Os seguintes ajustes devem ser efetuados:
a) Incluir o percentual de...;
b) Informar o valor de...;
c) Identificar o saldo... .

Inara Cristina

Minha prezada Inara, em princípio, os sinais que devem ser seguidos por maiúsculas são os sinais de **pontuação final** (**ponto**, **ponto de interrogação** e **ponto de exclamação**), o que não é o caso do **dois-pontos**, que, assim como o ponto-e-vírgula, é um sinal de **pontuação interna**. Vamos ter maiúscula depois desse sinal apenas quando se tratar de uma **citação** – O deputado defende o contrário: "Não podemos transigir com o FMI" – ou de **substantivo próprio** (o que é óbvio) – "Três foram os indiciados: João, Pedro e Mateus".

No caso de uma enumeração **em alíneas**, como o exemplo que você enviou, contudo, o caldo pode ficar um pouco mais grossinho. Explico: se as alíneas forem curtas e pudermos separá-las com vírgula ou ponto-e-vírgula, a inicial fica em minúscula. O exemplo é o daquela famosa enciclopédia chinesa "descoberta" pelo Jorge Luis Borges:

"Os animais se dividem em:
a) pertencentes ao Imperador,
b) embalsamados,
c) domesticados,
d) leitões,
e) sereias,
f) fabulosos,
g) cães em liberdade,
h) incluídos na presente classificação,
i) que se agitam como loucos,
j) inumeráveis,

k) desenhados com um pincel muito fino de pêlo de camelo,

l) et caetera,

m) que acabam de quebrar a bilha,

n) que de longe parecem moscas."

Se, entretanto, as alíneas formarem verdadeiros **períodos**, recomendo usar maiúscula, mesmo na primeira:

"Três são os processos mais comuns de ampliação do léxico do Português:

a) Forma-se uma palavra nova a partir de uma já existente. Este processo é chamado de derivação, que pode ser prefixal, sufixal ou parassintética.

b) Forma-se um vocábulo pela união de dois (geralmente) vocábulos já existentes. Este processo, chamado de composição, só produz substantivos ou adjetivos.

c) Importa-se o vocábulo de uma língua estrangeira, adaptando-o às características fonológicas e ortográficas dos vocábulos vernáculos. É o processo denominado de importação ou empréstimo."

Concluo dizendo-lhe estas palavras sinceras: faça como lhe aprouver, Inara. O uso das maiúsculas raramente tem alguma importância, e as regras que estipulam o seu emprego são poucas e (ao meu ver) equivocadas, em muitos casos. No fundo, não passam de fúteis recomendações de etiqueta, emanadas da Comissão de 1943, que os deuses a tenham, ou da Comissão de 1990 (que o diabo a carregue), e não significam conhecimento real do Português, que envolve matéria muito mais densa e mais profunda.

maiúsculas nos nomes de aves

Prezado Professor Moreno: fiz uma compilação dos nomes populares das aves brasileiras. Alguém me alertou que a norma ortográfica manda escrever estes nomes sempre com todas as palavras iniciando em minúsculas, mesmo se tratando de nomes próprios. Acho muito estranho escrever, por exemplo, o **pavãozinho-do-pará** *desta forma e não* **pavãozinho-do-Pará**. *Temos diversos nomes de aves que incluem nomes próprios, como* **bacurau-do-**

São-Francisco, choca-de-Roraima, tapaculo-de-Brasília, arapaçu-de-Wagler *e por aí afora. Fico pensando a confusão que daria se tivéssemos uma ave do Rio de Janeiro que o povo chamasse de* **fulaninho-do-Rio**. *Se escrevêssemos* **fulaninho-do-rio**, *certamente ninguém imaginaria que esse "***rio***" se refere ao Rio de Janeiro e não ao curso d'água, como ocorre com a* **andorinha-do-rio***, o* **arredio-do-rio** *e diversos outros. O que o senhor pensa a respeito?*

Luiz Fernando F. – Osasco, São Paulo

Meu caro Luiz Fernando, você está fazendo uma pequena tempestade num dedal. É verdade que, no caso do Rio, haveria ambiguidade – mas, vamos convir, seriam pouquíssimos casos dentro de um sistema muito amplo. Não se trata apenas de nomes de aves, mas de uma regra abrangente que regula a presença de nomes próprios como parte de substantivos compostos: **castanha-do-pará**, **sururu-de-alagoas**, **carne-do-ceará**, **cerejeira-do-uruguai**, **cerejeira-do-rio-grande**, **queijo-de-minas**, **jasmim-do-paraguai**, **narciso-de-portugal**, **folha-de-flandres**, **funcho-da-itália**, **coco-da-baía**, **chagas-de-são-francisco**, **sambaíba-do-rio-são-francisco**, **louro-branco-do-paraná**, **pinho-do-paraná**.

Note que os nomes próprios perdem sua individualidade gráfica: se forem compostos, como **Rio Grande**, ganham hífen entre seus elementos (**cerejeira-do-rio-grande**); se tiverem a sua grafia justificada por alguma regra especial (**Bahia**, por exemplo, que mantém aquele exclusivo **H** interno), voltam a ser simples mortais como os outros (**coco-da-baía**). Note também que há a preocupação de desambiguizar na própria construção do nome: **chagas-de-são-francisco** e **samambaia-do-rio-são-francisco** (um é do santo, o outro é do rio). Por último, observe como a ambiguidade a que você se referia, com relação a **rio/Rio**, realmente ocorre em **louro-branco-do-paraná** e **pinho-do-paraná**, nos quais, ao que parece, o primeiro se refere à bacia do rio Paraná e o segundo ao estado do Paraná. Como diz um velho provérbio árabe, "Azar, azia, azeite". Nas línguas naturais, existem ambiguidades por toda parte, e temos de aprender a conviver com elas. Quem quiser evitá-las, vai ter de fazer a distinção na própria nomenclatura, fazendo o bichinho chamar-se, por exemplo (hipotético),

"caturrita-do-rio", para diferençá-la da "caturrita-da-lagoa", ou "caturrita-do-rio-de-janeiro", para diferençá-la da "caturrita-de-goiás" (como no exemplo acima, da **samambaia-do-rio-são-francisco**).

Curtas

Jorge ou George?

Frederico, de Belo Horizonte, relata que houve uma grande discussão na aula de Português sobre qual seria a forma correta, se **Jorge** ou **George**. "Apesar da explicação da professora, ainda continuo com dúvidas e gostaria de saber qual é a forma correta."

Meu caro Frederico, não entendo qual é o problema. O nome em Português é **Jorge**; em Inglês, é **George**. Muita gente dá a seus filhos nomes estrangeiros: **Ronald**, **William**, **Philip**, **Jean**, **Elizabeth**, etc.; outros preferem usar seus equivalentes em Português: **Ronaldo**, **Guilherme**, **Filipe**, **João**, **Elisabete**.

muçarela, mozarela

Cláudia, de Pará de Minas (MG), escreve para dizer que encontrou no dicionário a palavra **muçarela**, e quer saber se é errado grafar **mussarela**.

Minha cara Cláudia, ou escrevemos **muçarela**, ou **mozarela**, no Português; se você preferir, pode usar também a forma do Italiano, que é *mozzarela* (os dois **Zs** soam como em *pizza*).

estorno ou extorno?

O leitor chamado Klein quer saber se um cheque é **extornado** ou **estornado**.

Meu caro Klein, a forma correta é **estorno**, com **S** mesmo, pois vem do vocabulário contábil italiano (*storno*). Eu também já tive essa mesma dúvida, quando trabalhava em banco, pois esse /es/ parece o nosso prefixo **EX** (pronunciado também /es/), que estaria bem de acordo com a ideia de **estornar** um lançamento indevido.

garage ou **garagem**?

Alexandre escreve sobre **garage** e **garagem**: qual das duas está correta? Ou ambas estão corretas?

Meu caro Alexandre, quando um vocábulo estrangeiro ingressa em nosso léxico, ele se adapta aos vocábulos nativos já existentes. Os substantivos franceses terminados em **-age** (*sabotage*, *mirage*, *garage*, etc.), ao entrarem no Português, receberam um **M** final que os deixou semelhantes aos numerosos vocábulos já existentes com esse perfil (**selvagem**, **bobagem**, **passagem**, etc.). Por isso, ficaram **sabotagem**, **miragem**, **garagem**.

concertar ou **consertar**?

Nossa leitora Terezinha, de São José dos Campos (SP), quer saber como ela pode convencer (os colegas, imagino?) de que a forma correta é **concertar** os autos (ou o processo), em vez de **consertar**.

Minha cara Terezinha, não posso responder à sua pergunta porque não sei exatamente o que vocês fazem com os autos. Se é uma **correção**, **retificação**, então teremos **consertar**. Se, no entanto, é um **rearranjo** ou uma **integração** de autos de diferentes processos (isso existe?), poderíamos falar de **concertar** (harmonizar). Aqui termina a minha ciência e começa a dos juristas.

torácico

O dr. Alessandro, de Ribeirão Preto (SP), traz uma dúvida corrente entre seus colegas: o termo correto para "através do tórax" grafa-se **transtoráxico** ou **transtorácico**?

Meu caro Alessandro, se o adjetivo é **torácico**, só podemos ter **transtorácico**, com **C**. Você deve lembrar que há um velho namoro entre o **X** e o **C** no final das palavras. A forma **índex** ficou antiquada, cedendo lugar a **índice**. O **cálix,** os **cálix** foram abandonadas por **cálice**, **cálices**. No caso de **tórax**, o radical subjacente é **torac-**, como podemos ver no plural **tóraces** e em todos aqueles derivados científicos que você, como médico, deve estar habituado a utilizar (**toracoplastia**, **toracometria**, **toracostomia**, etc.).

marketing

Evandro, de São Paulo (SP), quer saber se existe alguma palavra ou expressão em português para a palavra *marketing*.

Meu caro Evandro, é essa mesma – *marketing***.** Aposto os meus diplomas que esta é uma daquelas palavras que jamais será substituída, pela absoluta falta de candidatas. Ela já entrou em nosso idioma, como *pizza*, *jazz* e outras mais, que resistem tanto à tradução quanto à adaptação pura e simples ao nosso sistema ortográfico e fonológico. Devemos fazer como as línguas das grandes culturas do mundo fazem: se a palavra é útil e necessária, vamos nos apropriar dela. O Inglês é o maior pirata de vocábulos que conheço; vai pegando tudo o que acha interessante ou funcional. Como resultado, seu vocabulário é hoje o maior das línguas ocidentais.

casa, bazar

Leila, de São Paulo, gostaria de saber por que usamos **S** para escrever **casa** e **Z** para escrever **bazar**, se ambos têm o som de /z/ e as vogais que vêm antes e depois são as mesmas. Além disso, estranha que pronunciemos o **S** de sozinho como /z/ (**casa**, **asilo**, **Brasil**), enquanto o som /s/ mesmo deve ser representado por **SS** (**assunto**, **osso**). “Como explicar isso? Tenho dúvidas desse tipo e preciso orientar um paciente meu com relação às regras ortográficas.”

Minha prezada Leila: você não vai poder orientar seu paciente, se não tiver a formação necessária para distinguir **fonemas** de **letras**. Não sei qual a sua especialidade, mas você não pode se manifestar sobre problemas ortográficos enquanto não sanar essa lacuna na sua formação. O fonema /s/ pode ser representado de várias maneiras gráficas no Português: **C**eleste, **S**apato, ca**Ç**a, ma**SS**a, má**X**imo, na**SC**er, na**SÇ**a, e**XS**udar (ou seja, pelas letras e dígrafos **C**, **Ç**, **S**, **SS**, **SC**, **SÇ**, **X** e **XS**). O fonema /z/ é representado assim: ca**S**a, Xa**Z**ar, e**X**ato (pelo **S** intervocálico, por **Z** e por **X**). Por que essa variedade? Porque nossa ortografia está apenas refletindo as diferentes origens dos vocábulos e as diferentes etapas de sua evolução. Isso acontece em todas as línguas ocidentais, e temos de nos acostumar com o fato. Talvez você se console em saber que é assim em todas as partes do mundo.

-ção e **-ssão**

Carmen Montenegro, da Costa Rica, é falante do Espanhol e está aprendendo Português. Ela gostaria de saber qual a regra para empregar **-ção** ou **-ssão**.

Prezada Carmen, sinto desapontá-la, mas não existe uma regra definida quanto ao emprego de **Ç** ou de **SS** antes de **-ão**. O que posso lhe dizer, estatisticamente, é que o sufixo **-ção** é muito mais frequente (**realização**, **iniciação**, **paralisação**); no entanto, há também vários vocábulos que são escritos com **SS**, como **repercussão**, **discussão**, **demissão**, **cessão**, **pressão**, **agressão**. Os brasileiros, que também têm a mesma dificuldade que você tem, só podem resolvê-la indo ao dicionário.

maiúsculas em compostos

Cláudio R., de Piraçununga (SP), quer saber se, em nomes próprios compostos separados por hífen, devemos empregar a inicial maiúscula nos dois elementos ou somente no primeiro. “Por exemplo, devo escrever **Acordo Luso-Brasileiro** ou **Acordo Luso-brasileiro**?”

Prezado Cláudio, lembre-se de que, ao formarmos uma palavra composta com hífen, os elementos presentes conservam sua individualidade **fonética**, **mórfica** e **gráfica**. Portanto, cada um leva sua maiúscula: **Grã-Bretanha**, **Decreto-Lei**, **Instituto Ítalo-Brasileiro**.

maiúsculas religiosas

Hamilton, de Pomerode (SC), quer saber: o correto é “Deus derrama sobre nós **a** Sua graça” ou “**da** Sua graça”? Neste mesmo caso, o pronome possessivo **Sua**, referindo-se a um atributo divino, deve sempre ser escrito com maiúscula?

Prezado Hamilton, o correto é “derrama **a** sua graça”. Quanto ao uso das maiúsculas, isso é um caso de decisão individual. Quem é religioso, escreve “o **Seu** nome”, “respeitá-**Lo**”, “dirigiu-se a **Ele**”, etc.; quem não é, não faz isso. É estritamente pessoal, e não pode haver regra gramatical que dependa do credo de cada um.

Deus e as maiúsculas

Irene, de Goiânia, diz que, ao se referir a Deus, sempre usa **Seu** com **S** maiúsculo; usa **dEle** e **Ele** também com **E** maiúsculo, mas fica em dúvida quando vai usar **para si**, por exemplo, ou **se**, ou **lhe**, referindo-se a Deus. Deve escrever “Deus resgatou o homem para **sI** mesmo”? “Ele **sE** deu em meu lugar”? “Vou dar-**lhE** meu coração”?

Minha cara Irene, você está fazendo uma pequena confusão. Se você é religiosa e quer usar o tratamento respeitoso para com a sua divindade, use maiúscula em todos os pronomes que a representem: “Perdoe a **Sua** filha”, “nós **O** amamos”, “enviamos-**Lhe** nossas preces”, “Deus resgatou o homem para **Si** mesmo” (se foi para ele próprio; se foi para o homem, seria

minúscula), “Ele **Se** deu em meu lugar”. A estranha grafia **dEle** ocorre por causa da combinação da preposição **de**, em minúsculas, com o pronome **Ele**, com a inicial maiúscula. **Se**, **si** e **lhe** são pronomes simples, sem combinações, e só poderão ter maiúscula na sua letra inicial (se assim desejarmos). Agora, entenda bem o que você está fazendo: as maiúsculas são apenas para que seus leitores percebam o respeito que você tem a Deus; ele próprio, na sua infinita sabedoria, não liga para essas ninharias.

meses com minúsculas

Thiago B., de Fortaleza, tem uma dúvida que, segundo ele, “pode entrar para o *hall* das perguntas cujas respostas são curtas, porém finas”: a primeira letra dos meses do ano deve ser grafada em maiúsculas ou em minúsculas?

Prezado Thiago, escrevem-se com iniciais **minúsculas** os nomes dos meses do ano e os dias da semana. É a norma. Vamos escrever **janeiro** e **dezembro**, assim como **sábado** e **domingo**. Portugal, diferentemente do Brasil, usava **maiúsculas** no nome dos meses, mas agora, pelo Acordo, deverá fazer como nós.

pus

A leitora Célia pergunta qual a maneira correta de se escrever o verbo **pôr** na primeira pessoa, se é **pus** ou **puz**. Nos dicionários que consultou, só encontrou o substantivo **pus**, mas nada sobre o verbo.

Minha cara Célia, a 1ª pessoa do verbo **pôr** (eu **pus**) é homógrafa (tem a mesma grafia) da palavra **pus** (aquele que sai da ferida). Lembre-se de que os dicionários não registram verbos conjugados; foi por isso que você não o encontrou. A forma verbal não pode ser escrita com **Z** por uma razão muito simples: só podem ter **Z**os verbos que ostentarem esta letra em seu infinitivo (**trazer**, **fazer**, **dizer**, **conduzir**, etc.); os demais só podem usar **S** (**quis**, **pus**, **quiser**, **puser**, etc.).

2. Como se escreve: acentos e sinais

A base de nosso sistema de acentuação gráfica foi estabelecida pela Comissão de 1943. Muito se discute se os acentos gráficos são ou não necessários para a ortografia do Português; não são poucos os autores que, olhando para o Inglês (que vive muito bem sem acentos), defendem a total inutilidade desses sinaizinhos. Outros, olhando para o inferno acentual do Francês – que escreve *dégoût* (desgosto), *élève* (aluno), *théâtre* (teatro) –, felicitam-se por ter um sistema tão simples e racional como o nosso. O que eu tenho notado é que a maioria dos brasileiros (incluindo aqui muitos professores de Português) não sabe exatamente qual a finalidade dos acentos; em outras palavras, poucos sabem por que os acentos vieram a este mundo.

A tradição de utilizar esses sinais nasceu na Grécia, por volta do ano 200 a. C., para marcar a sílaba tônica das palavras e assinalar os fonemas aspirados. É claro que os gregos não precisariam dessa sinalização para falar corretamente o seu próprio idioma, da mesma forma que um brasileiro não precisa saber escrever para poder falar o Português. O alvo era bem outro: com a expansão territorial do Grego, principalmente por obra de Alexandre Magno, um número imenso de falantes não-nativos passou a usar essa língua, e foi para esses recém-chegados, que não conheciam intuitivamente a maneira correta de pronunciar os vocábulos, que Aristófanes de Bizâncio concebeu o sistema de acentos e sinais que os textos gregos apresentam até hoje. Muitas línguas modernas incorporaram acentos à sua grafia, sem se dar conta de que se trata de uma sinalização útil para estrangeiros, mas geralmente supérflua para os nativos.

O sistema vigente

No Brasil, a acentuação manteve o mesmo objetivo que tinha na Grécia Antiga: ao contrário do que muita gente pensa, os acentos não têm a função de distinguir entre duas palavras muito parecidas, mas são usados para sinalizar, **quando for necessário**, a **prosódia** de uma palavra. Numa definição simplificada, a prosódia seria a correta colocação da sílaba tônica dentro do

vocábulo; quem diz /RUbrica/, com a tônica no /ru/, está cometendo exatamente um **erro de prosódia**, pois a pronúncia correta é /ruBRIca/. Como aprendemos desde os primeiros anos de escola, a sílaba tônica pode ser a última sílaba da palavra (as **oxítonas**), a penúltima (as **paroxítonas**) ou a antepenúltima (as **proparoxítonas**).

Como é natural, a maior parte de nossos vocábulos **não** necessita de acento porque sua prosódia está de acordo com a expectativa dos falantes. Os vocábulos acentuados – na verdade, apenas 20% de nosso vocabulário total – são exatamente os que se **afastam** dessa pronúncia esperada, como você verá logo a seguir. Neste caso, o acento indica aquela sílaba tônica que fica onde normalmente não se esperaria que ela ficasse. Por exemplo: por que **táxi** é acentuado? Usando a experiência que todos nós temos do Português escrito, vemos que a maioria dos vocábulos que terminam em "**i**" são lidos instintivamente como oxítonos: **sucuri, aqui, saci**. Esta é uma tendência comprovada estatisticamente. Em **TÁxi**, portanto, o acento nos avisa de que esta palavra **não** segue o padrão, já que sua tônica não é a última. Examine os exemplos abaixo e verá que os vocábulos que recebem acento são os que contrariam a tendência normal:

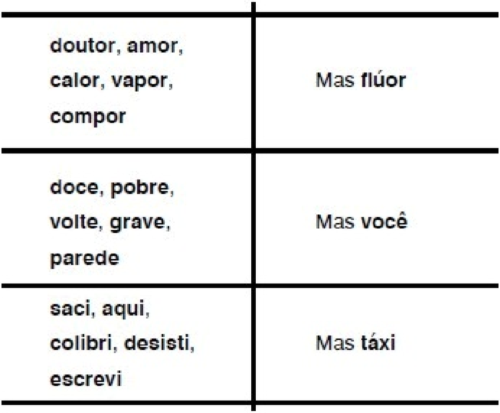

doutor, amor, calor, vapor, compor	Mas **flúor**
doce, pobre, volte, grave, parede	Mas **você**
saci, aqui, colibri, desisti, escrevi	Mas **táxi**

Com base nesse princípio muito simples – **assinalar o inesperado, deixar sem marca o que é previsível** –, a Comissão de 1943, com sua lógica geométrica, passou a decidir quais são os vocábulos que precisam de acento. Isso foi feito através de regras que são aplicadas a determinados perfis de vocábulos, sem casos especiais ou exceções:

(1) – Como o tipo de vocábulo mais frequente do Português são os paroxítonos terminados em **A(s)**, **E(s)**, **O(s)**, **EM** e **ENS**, estes ficaram **sem** acento. Inversamente, todos os que tiverem outros finais (**i, um, ã, l, r, ps,** etc.) ficaram **com** acento. É por isso que escrevemos **tolo, cera, coroa, totem, vezes, doce, gelo, deve** (sem acento), mas **hífen, ônix, flúor, ímã, órgão, ravióli, álbum** (com acento). Esta distribuição de acento nos **paroxítonos** vai determinar o acento dos **oxítonos**, classe muito menos importante:

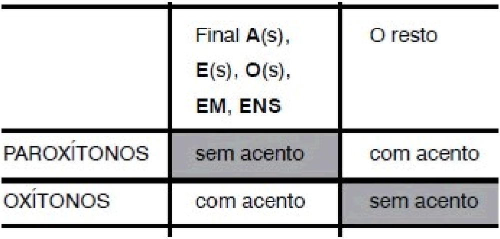

	Final **A**(s), **E**(s), **O**(s), **EM, ENS**	O resto
PAROXÍTONOS	sem acento	com acento
OXÍTONOS	com acento	sem acento

(2) – Todos os **proparoxítonos** recebem acento gráfico para assinalar que a sílaba mais forte é a antepenúltima; caso contrário, a tendência normal seria lê-las como **paroxítonos**:

médico pólvora intrépido víramos

Aqui se incluem os paroxítonos terminados em **ditongo crescente** (-**ie**, -**ia**, -**uo**, -**ua**, etc.): **série**, **água**, **mágoa**, **núcleo**, **história**. Devido à elasticidade dos ditongos crescentes na fala, essa sílaba final pode (repito: **pode**), numa pronúncia mais escandida, ser dividida em duas (/sé-ri-e/, /nú-cle-o), o que transforma essas palavras, na fala, em proparoxítonas. Alguns autores, inclusive, para assinalar o fato, dizem que essas palavras especiais podem ser chamadas de “proparoxítonas eventuais, acidentais ou relativas” – mas isso só diz respeito à acentuação, pois continuam a ser **paroxítonas**, como atesta a sua divisão em sílabas: **sé-rie**, **nú-cleo**, **his-tó-ria**.

(3) – Em seguida, o sistema de 1943 contemplava com acento gráfico alguns **encontros vocálicos** (hiatos e ditongos) cuja pronúncia a Comissão julgou necessário assinalar: os ditongos abertos **éi**, **éu** e **ói** (**herói**, **geléia**); os (raríssimos) hiatos **êe**, **ôo** (**zôo**, **crêem**); e os hiatos em que o **I** e o **U** formam sílaba sozinhos ou juntamente com **S** (**saúde**, **caímos**, **caíste**). O recente acordo, assinado em 1990, manteve as mesmas regras de 1943, mas suprimiu o acento nos hiatos **EE**, **OO** (**vôo** e **lêem**, por exemplo, passam a **voo** e **leem**) e retirou – apenas nas

paroxítonas! – o acento dos ditongos abertos (**idéia** e **heróico**, por exemplo, passam a **ideia** e **heroico**; **céu** e **anéis**, contudo, continuam acentuados).

Críticas cabíveis ao sistema de acentuação

Apesar do sistema ter uma lógica interna consistente, ele peca por se basear num falso princípio. Aqui reside exatamente o calcanhar de Aquiles de nosso sistema de acentuação: ele parte da ideia equivocada de que a escrita teria supremacia sobre a fala, imaginando um falante que primeiro vai ver como uma palavra está escrita para então saber como deverá pronunciá-la. Ora, qualquer falante, em princípio, conhece a pronúncia dos vocábulos que estão a seu alcance, sem que seja necessário indicar-lhe, por meio de um sistema de sinais, qual a sílaba predominante – um exemplo eloquente é o Inglês, que vive muito bem sem os acentos.

Além disso, a grafia não tem valor normativo sobre a maneira de pronunciar os vocábulos, já que é ela que depende da fala, e não vice-versa. Basta ver que no mundo letrado subsistem discussões sobre como se devem pronunciar determinadas palavras; debate-se qual a sílaba tônica de **xerox**, se a vogal de **colmeia** é aberta ou fechada, se o **S** de **subsídio** soa como em **subsetor** ou como em **obséquio**, etc. Aliás, a resposta a algumas dessas perguntas trará diferentes consequências para sua grafia: vou escrever **xerox** ou **xérox**, dependendo da sílaba que eu considere tônica. Não poderia deixar de ser assim, já que a escrita não passa de uma tentativa de representar graficamente a fala e, portanto, vem depois dela. Deste modo, quando ponho – ou deixo de pôr – o acento em **xerox**, o que estou fazendo, na verdade, é manifestar a minha posição quanto à sua pronúncia. Nada mais.

É verdade que algumas (poucas) vezes o acento serve para desambiguizar a leitura: "ele não **pode** sair" é diferente de "ele não **pôde** sair", e "vou **por** aqui" não é igual a "vou **pôr** aqui". No entanto, na maioria dos casos, a própria frase se encarrega de tornar supérfluo o acento, mesmo em palavras com a mesma grafia: "ele nunca **medica** sem antes fazer um exame completo do paciente" e "ela é a **médica** mais importante da equipe"; "não **contem** comigo" e "a caixa

contém uma grosa de lápis", e assim por diante.

Ora, para quem foram, então, concebidos os acentos? Para um tipo muito especial de pessoa: aquela que quer saber como se diz uma palavra e vai ao dicionário para encontrar ali a recomendação, ou que leu uma palavra que desconhecia e quer começar a utilizá-la em sua fala usual. É em nome desses raros cidadãos que todos os que escrevem em Português necessitam utilizar o sistema gráfico de acentuação, mesmo naquelas palavras cuja pronúncia é conhecida por todos, até por coerência da regra. Como nos exemplos acima, se **táxi**, **café** ou **dólar** vierem sem acento, não vai haver a leitura instintiva de /taXI/, /CAfe/, /doLAR/. No entanto, apesar de desnecessário, elas vão ser acentuadas, porque a regra não poderia ser aplicada a apenas algumas palavras, e não a todas.

De qualquer forma, acho que a solução mais racional seria suprimir totalmente os acentos gráficos (como no Inglês); a Comissão que trabalhou no novo Acordo Ortográfico, contudo, foi perdendo aos poucos a coragem para dar este passo radical, mas definitivo, e acabou introduzindo apenas algumas mudanças cosméticas no modelo que a Comissão de 1943 tinha elaborado. Não adiantou nada.

Mudanças introduzidas pelo Acordo

As regras que vão ser alteradas são poucas e, excetuando-se a supressão do trema, abrangem um número muito restrito de vocábulos:

1. Os hiatos tônicos **ÊE**, **ÔO**, muito raros, recebiam acento na primeira vogal: **vôo**, **abençôo**, **relêem**, **dêem**, etc. O Acordo suprime esta regra: **voo**, **abençoo**, **releem**, **deem**.

2. Até agora acentuávamos os ditongos abertos **ÉI**, **ÉU**, **ÓI**, onde quer que eles estivessem: **jibóia**, **heróico**, **paranóia**, **geléia**, **idéia**; **réu**, **herói**, **dói**, **réis**. O Acordo só mantém esse acento nas palavras oxítonas: **réu**, **herói**, **dói**, **réis**, **troféu**; as paroxítonas ficam sem acento: **jiboia**, **heroico**, **paranoia**, **geleia**, **ideia**, **assembleia**, **apoiam**, etc.

3. Tendo em vista que a letra **U** – quando colocada entre **Q** e **E**, **Q** e **I**, **G** e **E**, **G** e **I** – pode ter **três** valores diferentes, utilizávamos um sistema tripartite que indicava claramente quando ela é **muda**, **tônica** ou **átona**: (1) se era **muda**, ficava sem marca (**quilo**, **guerra**); (2) se era tônica, levava acento (**argúi**, **argúem**); (3) se era átona, levava trema (**pingüim**, **agüenta**). O Acordo elimina esta regra inteirinha, escrevendo tudo sem acento ou trema: **quilo**, **guerra**, **argui**, **arguem**, **pinguim**, **aguenta**. O leitor certamente entenderá que estamos falando de **grafia**; a **pronúncia** das palavras não muda, nem pode mudar. Por isso, mesmo que se passe a escrever **linguiça** (assim, sem trema), o **U** continuará a ser pronunciado obrigatoriamente.

4. A regra de 1943 manda acentuar o **I** e o **U** tônicos quando vierem depois de vogal ou ditongo e estiverem sozinhos ou formando sílaba com **S**: **juízes**, **gaúcho**, **saíste**, **reúno**, **feiúra**, **baiúca**. O novo Acordo apenas suprime o acento quando a vogal vier **depois de ditongo decrescente**: continuamos a escrever **juízes**, **gaúcho**, **saíste** e **reúno**, mas passamos a escrever **feiura**, **baiuca**, **gaiuta**, **bocaiuva**, **reiuno**.

5. Dos poucos acentos diferenciais que sobreviveram à reforma de 1971, o novo Acordo poupa alguns e elimina outros. Caem (com toda a justiça) os absurdos acentos de **pêlo(s)**, **pélo**, **péla(s)**, **côa(s)**, **pólo(s)** e **pêra**, que não serviam para nada. Continua, como era de esperar, o acento de **pôr** e de **pôde**. O acento em **fôrma**, velha reivindicação de mestre Aurélio Buarque de Holanda, passa a ser facultativo; eu, de minha parte, sempre usei e vou continuar usando. O inexplicável foi a supressão do acento de **pára** (verbo), que vai fazer muita falta ("Você não para para pensar", etc.) e que, a meu ver, foi suprimido por absoluta falta de experiência linguística dos membros da Comissão.

Permanece inalterada, portanto, a regra das proparoxítonas (todas levam acento), bem como a das paroxítonas e oxítonas (ver quadro no próximo artigo – "item, itens").

item, itens

O sonho do professor: "Se eu ganhasse dez centavos cada vez que

visse **item** ou **itens** escrito com acento, nunca mais precisaria traba

Prezado Professor, gostaria que o senhor me elucidasse sobre o uso do acento nas palavras **item** *(ou* **ítem***) e no seu plural. Obrigado.*

Jansen W. – Santos (SP)

Meu caro Jansen, em todos os meus anos de magistério, sempre me fascinou a verdadeira compulsão que as pessoas têm de acentuar **item**, ou **itens**, ou ambos. Eu não hesitaria em eleger essas duas formas como o melhor exemplo para provar que há uma falha na maneira como o sistema de acentuação, criado em 1943, vem sendo transmitido a todos nós, os brasileiros que sabem escrever. As gramáticas e os livros didáticos geralmente apresentam os acentos numa sequência de regras que parecem ser arbitrárias e casuísticas, impedindo que os alunos (e muitos professores) percebam a límpida economia do sistema.

Consulte qualquer um dos bons livros didáticos que temos no mercado: você vai aprender que as **oxítonas** terminadas em **-a**, **-e**, **-o** (com ou sem **S** final), **-em** e **-ens** devem ser marcadas com acento gráfico, enquanto as **paroxítonas** acentuadas são as terminadas em **-ps**, **-ã**, **-ão**, **-r**, **-x**, **-l**, etc. – uma lista de finais exóticos e pouco comuns. Ora, falar sobre quais as oxítonas e quais as paroxítonas **são** acentuadas é deixar de perceber o caráter **binário**, **complementar** do sistema. O fundamental é sabermos que as palavras **paroxítonas** mais comuns, mais **numerosas** (e que, portanto, **não** devem ser acentuadas) são as terminadas exatamente em **-a**, **-e**, **-o**, **-em** e **-ens**. A partir daí, podemos estabelecer o seguinte quadro, que já vimos anteriormente, mas que prefiro repetir em nome da clareza:

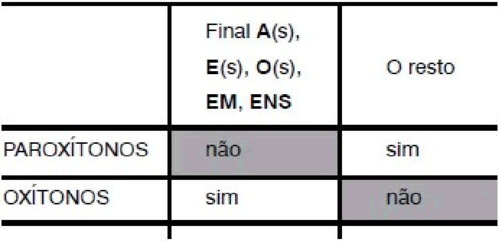

	Final **A**(s), **E**(s), **O**(s), **EM**, **ENS**	O resto
PAROXÍTONOS	não	sim
OXÍTONOS	sim	não

O quadro pode ser lido da seguinte maneira: as palavras mais frequentes de nosso idioma, que são as paroxítonas terminadas em **-a**, **-e**, **-o** (seguidas ou não de **S**), **-em** e **-ens** NÃO levam acento; o resto (uma miuçalha variada) leva. Consequentemente, o sistema fez valer o **inverso** para as **oxítonas**: as que têm esses finais vão ser acentuadas, enquanto o resto fica sem acento. É por isso que **casa, mestre, coroa, homem** ficam sem acento, enquanto **táxi**, **flúor**, **nível**, **látex** são acentuadas. E assim por diante (há uma pequena bateria de regras adicionais que vão, posteriormente, aplicar-se a alguns problemas específicos de ditongos e de hiatos – mas isso foge ao problema específico que estou tentando esclarecer neste artigo).

Seguindo essa linha de raciocínio, perceba que **homem** não é acentuado porque pertence a um grupo muito expressivo de vocábulos em nossa língua: as paroxítonas com o final **-em**. Elas formam um grupo de vários milhares de palavras, do qual fazem parte (1) os substantivos terminados em **-agem** (**selvagem**, **homenagem**); (2) as terceiras pessoas do plural de vários de nossos tempos verbais (**fazem**, **estudem**, **fiquem**, **voltarem**); (3) um grande número de substantivos e adjetivos com **-m** final (**homem**, **jovem**, **nuvem**, **virgem**); etc. Ora, se uma pessoa (e quantas existem!) sente a tentação de colocar um acento em **item**, só posso concluir que ela não percebeu ainda como funciona o sistema. Na verdade, ela está sonhando com uma regra que deixe sem acento **homem**,

trazem, **nuvem** e **virgem**, mas que acentue – o que seria, agora sim, uma odiosa exceção! – o vocábulo **item**. Felizmente isso não é possível em nosso sistema. Se uma palavra leva acento, todas as similares também levam (o inverso também é verdadeiro). Portanto, **item** não tem acento, assim como **itens**. Não têm e nunca tiveram; se escrevêssemos ***ítem**, ***ítens**, como muita gente gostaria, teríamos de escrever também ***hômem**, ***hômens** (o asterisco indica uma forma errada).

acentuação das paroxítonas

Olá, professor Cláudio. Escrevo-lhe para tirar uma dúvida sobre acentuação gráfica. Achei ótima a sua tabelinha sobre as palavras paroxítonas e oxítonas e, de fato, comecei a usá-la para simplificar as tais regras de acentuação, até o momento em que percebi que todas as formas verbais como **falam**, **falaram**, **falavam**, **comeram**, **abriram** *não levam acento, é claro! O que se pode fazer? Colocar uma observação especial para as terminadas em* **-am**, *ou é a regra toda que deve ser repensada, pois talvez ainda haja outros casos que não foram contemplados?*

Valentina V. – Roma.

Prezada Valentina, aquele quadro que construí tem por base um sistema binário, como você percebeu. O **sim** se opõe ao **não**, e vice-versa. As paroxítonas mais comuns – e, portanto, **sem** acento – são as terminadas em **-a**, **-e**, **-o** (seguidos ou não de **-S**), **-em**, **-ens**, o que nos leva a acentuar as oxítonas com as mesmas terminações.

Agora chegamos ao seu problema: é claro que há também centenas de paroxítonas terminadas em **-am** (especialmente, como você mesma diz, nas terminações verbais da 3ª pessoa), mas não podemos incluir este final no nosso quadro porque, sendo ele binário, pressuporia que as oxítonas com igual terminação tivessem acento, o que não ocorre. A formulação (errônea) ficaria assim:

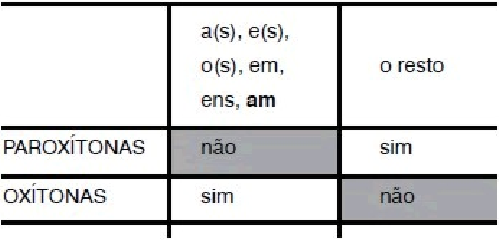

	a(s), e(s), o(s), em, ens, **am**	o resto
PAROXÍTONAS	não	sim
OXÍTONAS	sim	não

Por isso, nas minhas aulas (eu ainda leciono regularmente), depois de apresentar o quadro, explico que as paroxítonas terminadas em -am também não são acentuadas (pelo mesmo motivo estatístico), mas não cabem na oposição binária que construí. É só isso; é pena, mas nem sempre os fatos cabem dentro das teorias. Se não fosse pelo final -am, o binarismo seria perfeito; assim mesmo, ainda o considero uma eficiente ferramenta para o usuário entender o princípio fundamental de nossa acentuação gráfica e perceber que o sistema não é tão arbitrário ou caótico como querem seus detratores.

Caro professor Cláudio, muito obrigada pela rápida resposta. Eu também ensino Português, mas para italianos (em Roma). A sua tabela é de grande ajuda, já que permite aposentar aquela tal das paroxítonas terminadas pelas iniciais de "ROUXINOL", que, aliás, não faz sentido para alunos estrangeiros! O curioso é que nenhuma gramática, dentre as que consultei, menciona esses casos dos verbos terminados em **-am***, um número expressivo de palavras.*

Valentina V. – Roma

Prezada Valentina, o motivo é simples: as gramáticas não trabalham com os vocábulos que **não** têm acento; preferem, isso sim, relacionar apenas os finais dos vocábulos que são acentuados. Eu passei minha vida de estudante memorizando a relação das paroxítonas que **levam** acento (aquela lista enorme),

convicto de que nosso sistema ortográfico era um amontoado inexplicável de casos particulares e de exceções. Quando percebi a beleza do sistema, já tinha começado a lecionar na Graduação em Letras e fiz questão de divulgá-la para todos os futuros professores que foram meus alunos. Devo ter plantado muitas sementes, mas, pelo que percebo pelas perguntas dos leitores, a maior parte dos professores brasileiros ainda se limita a repetir aquela execrável lista de terminações.

qual a regra mais difícil de pegar

Professor, eu posso mais ou menos me considerar uma colega sua, porque também leciono Língua Portuguesa numa escola municipal de minha cidade. Por isso, gostaria de saber, com a experiência que o senhor tem, qual é o seu palpite: qual das regras de acentuação vai ser mais difícil de "pegar", isto é, vai ser mais desrespeitada nos primeiros dias (meses?) da Reforma?

Lucinda V. W. – Ribeirão Preto (SP)

Prezada Lucinda, não tem nada de mais ou menos; para mim, empunhou o giz, enfrentou a lousa, então é colega. Quanto à sua pergunta, você sabe muito bem que as regras que foram alteradas (caem o trema e o acento agudo no **U** depois do **G** e do **Q** , o acento agudo no ditongos abertos **ÉI**, **ÉU** e **ÓI**, e o acento circunflexo nos hiatos **ÔO** e **ÊE**) já não eram muito populares, mesmo; muita gente simplesmente não usava o trema, por exemplo, e nem vai sentir a mudança. Fora o hífen – este sim, um caso sério, que ainda aguarda regulamentação por parte da Academia e que vai dar muitíssimo pano para manga –, o maior problema de adaptação que eu pressinto, por parte dos usuários, é essa regra caprichosa que tira o acento dos ditongos abertos nas **paroxítonas** mas o mantém nas **oxítonas**: **heroico**, mas **herói**; **geleia**, mas **anéis**; **joia**, mas **sóis**; e assim por diante. Melhor teria sido tirar o acento de todas, ou conservá-lo em todas.

acento em nomes próprios

Nome próprio também leva **acento**, ou é grafado à vontade do dor
Professor esclarece essa delicada questão.

Olá, Professor, gostaria de saber se os nomes próprios precisam realmente levar acento. Por exemplo, **Claudio***, pela regra, deveria ser acentuado, mas em alguns casos isso não acontece. Por quê?*

Vanessa F. – Rio de Janeiro (RJ)

Minha cara Vanessa, os nomes próprios estão sujeitos às mesmas regras de acentuação que os nomes comuns. **Cláudio**, **Sérgio**, **Flávio**, **César**, **Aníbal**, **Félix**, **Dóris**, **Zilá**, **André** – todos são acentuados. Ocorre que a lei permite ao cidadão portar (se ele quiser – e se ele aguentar!) o nome da maneira como foi registrado. Ora, como os acentos que conhecemos foram introduzidos pela Reforma de 1943, muitos **Claudios**, **Sergios**, etc. nascidos antes dessa data escrevem lá à sua maneira – da mesma forma que também se vê a grafia **Cezar**, **Luiz**, **Suzana**, que hoje se escrevem com **S**.

A alteração do nome para sua forma correta pode ser requerida ao Judiciário, num processo relativamente simples. Esse recurso, no entanto, não me parece necessário se o problema for simplesmente o **acento**: quem foi registrado sem o acento devido, ou com um acento desnecessário, pode corrigir por conta própria a grafia de seu nome, pois isso não é um detalhe que prejudique a sua identificação civil em documentos. Por exemplo, se meu pai e minha mãe não tivessem posto o acento no meu **Cláudio**, eu o poria por mim mesmo, e ninguém poderia alegar que "na certidão está sem acento". O acento **não** é levado em conta na caracterização do nome do indivíduo; por isso, o melhor é sempre acentuar de acordo com a regra de acentuação que estiver vigorando, independente do registro civil.

Note que isso também vale para o **futuro**: se um dia os acentos vierem a ser eliminados do nosso sistema ortográfico (a esperança é a última que morre!), nessa mesma data deixarei de usar o meu acento no **A** de **Cláudio**. Já vimos isso:

quando foi adotado o sistema de 1943, o nome da cidade de **Porto Alegre** passou a ser grafado com o acento circunflexo diferencial: **Pôrto Alegre**. Em 1971, esse infeliz acento foi eliminado, e voltamos a escrever **Porto Alegre**. Vale o que estiver vigendo na hora de escrever.

acento em verbo com pronome

Se **comprá-lo**, **vendê-lo** e **destruí-lo** têm acento, por que **parti-lo** n tem?

Caro Professor, quando devo acentuar a última sílaba de um verbo, antes do hífen? Por exemplo: o que determina ser **abraçá-la** *ou* **abraça-la***;* **destruí-lo** *ou* **destrui-lo***? Quais seriam as regras para construções desse tipo?*

Vívian C. – Volta Redonda (RJ)

Minha cara Vívian, este hífen é considerado um sinal que indica o fim de um vocábulo; logo, qualquer vocábulo com hífen tem duas partes distintas (**antes** e **depois** desse sinal). Nos verbos com **pronomes enclíticos**, devemos descartar o pronome e ficar apenas com o **verbo**, já que este é o vocábulo que será levado em conta pelas regras de acentuação. **Comprar**, **perder**, **repor**, **partir** e **construir** não recebem acento por não se enquadrarem na regra das oxítonas (terminam em **R**). Quando essas formas perdem o **R** devido ao acréscimo do pronome enclítico, no entanto, devem ser reexaminadas quanto à acentuação. **Comprá**-lo, **perdê**-lo, **repô**-lo e **construí**-lo ganham acento, enquanto **parti**-lo não (como **vatapá**, **você**, **avô** e **açaí**, de um lado, e **saci**, do outro).

coco e **cocô**

Ao contrário do que muita gente pensa, o acento de **coco** – que nã mais – nada tinha a ver com o popular **cocô**.

Professor, desde que aprendi a escrever me ensinaram que deveria escrever **côco** *com acento circunflexo no primeiro* **O***, para diferenciar de* **cocô**. *Porém, tem gente que diz que eu estou errada ao acentuar essa palavra, dizendo que já não se usa mais. Eles estão tentando derrubar algo que já virou uma convicção que trago desde o Ensino Fundamental! Afinal, como é que se escreve o fruto do coqueiro?*

Elisa M. F.

Minha cara Elisa, a maneira como escrevemos as palavras do Português tem como base o Acordo Ortográfico de 1943, com as pequenas modificações introduzidas em 1971 e em 1990; a consolidação desses textos constitui o sistema que o brasileiro médio chama respeitosamente de “ortografia oficial”, atribuindo-lhe uma infalibilidade maior do que a do Papa. Os estudiosos sabem que ele não é tão oficial nem tão infalível assim; prefiro, contudo, discutir isso noutra ocasião, que não sou homem de mexer em abelheiro e sair correndo.

Quando o Acordo de 1943 entrou em vigor, muitos dos brasileiros que já tinham sido alfabetizados ficaram com uma sensação natural de insegurança, uma vez que perceberam que o sistema que tinham estudado na escola havia sido substituído por outro. Quem escrevia **theatro**, **commercio** e **pharmacia**, por exemplo, teve de aprender as novas formas **teatro**, **comércio** e **farmácia**. Se as pessoas têm dificuldade em assimilar uma nova moeda (cruzeiros, cruzados, reais, etc.), podemos imaginar o quanto mais vão ter, tratando-se de algo muito mais complexo, como é um sistema ortográfico...

Pois bem, o Acordo de 1943 instituiu o equivocado **acento diferencial** para desmanchar aqueles pares de vocábulos homógrafos (“que se escrevem da mesma forma”) cuja diferença, na pronúncia, repousa na oposição entre **E/O fechado** e **E/O aberto**. A partir daquele ano, desapareceu essa homografia, porque passou a escrever-se **gêlo**, **almôço**, **pôrto**, **sêde**, diferentemente de **gelo**, **almoço**, **porto** e **sede** – e aqui entrou o **côco**, acentuado para distinguir de **coco** (do verbo **cocar**; nunca usei, mas existe). Isso nada tem a ver com o acento de

cocô (oxítona terminada em **O**, como **vovô** ou **camelô**); aliás, se não existisse o vocábulo **cocô** (os nenês portugueses dizem **cocó**...), assim mesmo o Acordo de 1943 manteria o acento de **côco**, indicando que o **O** aqui é fechado.

Acontece que o acento diferencial, na prática, revelou-se inútil e extremamente perturbador do sistema ortográfico – a tal ponto que a única alteração introduzida, de 1943 até 1990 (friso: foi a **única** vez que se alterou a regra ortográfica antes de chegarmos à atual Reforma, embora muitos de meus leitores jurem que houve inúmeras mudanças, deste então!) – repito, a única alteração foi feita em **1971**, eliminando-se esse malfadado acentinho, voltando os vocábulos a ser homógrafos: "eu estou com **sede**" e "leve isso à **sede** do sindicato"; "está faltando **gelo**" e "eu **gelo** a cerveja com o extintor" (é técnica de emergência...); "na hora do **almoço**" e "eu **almoço** sempre com meus filhos". Pelos exemplos que dou, você pode ver que o contexto normalmente se encarrega de esclarecer qual dos dois vocábulos está sendo empregado. Foi aqui que o **coco** perdeu o acento.

Ora, embora mínima, a Reforma de 1971 era também uma mudança, e ocasionou os problemas já conhecidos: quem já tinha introjetado o sistema de 1943 passou a sentir-se inseguro, não sabendo exatamente até que ponto ele tinha sido modificado. Imagine como se sente um bravo brasileiro que nasceu em 1930: aprendeu a escrever lá por 1940; em 1943, tudo mudou; vamos supor que, com esforço e persistência, ele tenha conseguido atualizar-se, só para ver, estarrecido, nova mudança em 1971; quando já estava acostumando a ela, veio o Acordo de 1990... Pobre diabo!

Vou dar uma de Sherlock Holmes: se a sua professorinha ensinava **côco** com acento, deduzo que você entrou na escola **depois** de 1943 e que a deixou **antes** da reforma de 1971 (sem ter sido apresentada ao novo **coco** desacentuado). Não estou certo?

Para seu consolo, fique sabendo que você não é a única a errar: milhares de pessoas, alfabetizadas antes de 1971, continuam a usar o circunflexo nesses vocábulos. Desafio alguém a encontrar um depósito de **gelo** sem acento, ou algum produto alimentício feito com **coco** sem acento – são verdadeiras

raridades! Por essas e por outras, minha cara Elisa, é que sinto vontade de esganar qualquer um desses inconsequentes que defendem a nova reforma ortográfica! Eles realmente não sabem o que fazem; só alguém completamente divorciado da realidade de nosso pobre país pode pensar em tamanha asneira!

fluido ou fluído

Afinal, devemos trocar o **fluido** ou o **fluído** do freio? A sala está ch maus **fluidos** ou **fluídos**? Qual é a maneira certa de escrever e pror essa palavra?

Caro Professor, afinal, a gente escreve **fluido** *ou* **fluído***? Eu pensava que só existia o segundo, mas a professora ensinou que o certo é o primeiro. Agora fiquei sabendo que existem os dois. Como é que eu fico?*

Carla C. – Botucatu (SP)

Prezada Carla, estamos falando de dois vocábulos diferentes, com sentido e grafia também diversos.

1) O primeiro, **fluido**, tem o **U** tônico e divide-se em duas sílabas (/flui-do/), com a primeira sílaba pronunciada como **fui** ou **Rui.** Se você se lembra de seu tempo de colégio, o **ui** é um **ditongo**. Este vocábulo tem o sentido genérico de "líquido": mecânica dos **fluidos**, **fluido** de freio; "a Aids se transmite pela troca de **fluidos** do corpo". Modernamente, acho que passou também a significar algo meio invisível e misterioso; pelo menos, é o que sugere o uso que dele fazem as pessoas místicas: "nesta sala há maus **fluidos**", "podem-se perceber os bons **fluidos**", etc. Em todos os exemplos acima, é classificado como **substantivo**; às vezes é usado como **adjetivo** (ainda com o mesmo sentido de "líquido"): "estava muito quente, e o mel ficou mais **fluido**". Ou no início do poema **Antífona**, de Cruz e Sousa:

Ó Formas alvas, brancas, Formas claras
De luares, de neves, de neblinas!
Ó Formas vagas, **fluidas**, cristalinas...
Incensos dos turíbulos das aras.

2) O segundo, **fluído**, tem o "**i**" tônico; é uma palavra de três sílabas (/flu-í-do/). É o que chamamos de **hiato**. Aliás, é exatamente por ser um hiato que o "**i**" precisa levar esse acento gráfico. Agora estamos diante do particípio do verbo **fluir** (correr, transcorrer), formado da mesma maneira que **caído** (de **cair**) e **saído** (de **sair**): "as horas tinham **fluído** sem que nós nos déssemos conta"; "todo o óleo tinha **fluído** para o chão da garagem". Note que os dois vocábulos são diferentes na **pronúncia**, na **grafia** e no **sentido**.

No entanto, nove entre dez brasileiros não distinguem um vocábulo do outro, pronunciando /flu-í-do/ em ambos os casos. Em geral, as pessoas dizem "**flu-í-do** de freio", "mecânica dos **flu-í-dos**", "maus **flu-í-dos**". Isso acontece porque há uma forte tendência popular em mudar a prosódia de termos como **gratuito**, **circuito**, **fortuito**. Em muitas rádios já se ouve "entradas gratu-**I**-tas", "curto-circu-**I**-to", com o **I** tônico – o que é um contra-senso, porque, se fosse tônico, deveria levar o mesmo acento de **ruído** e **caído**. Este é o processo que está agindo sobre o **fluido**, levando as pessoas descuidadas a pronunciá-lo da mesma forma que o particípio **fluído**. Devemos evitar essa confusão; note que não estou falando apenas de algum detalhe secundário que eu, reacionariamente, esteja tentando preservar, mas sim da **diferença entre dois vocábulos distintos**, o que não é pouca coisa.

câmpus e outras expressões latinas aportuguesadas

Em Latim, **o campus** e **os campi**; em Português, **o câmpus** e **os cân**

Prezado Professor, no **Manual de Redação e Estilo***, editado pelo* O Estado de S. Paulo*, temos* **o câmpus***,* **os câmpus**. *Mas é habitual nas universidades ver, ler e ouvir* **o campus***,* **os campi**. *Qual o correto, professor?*

Prof. Marcos Fernando

Meu caro Marcos, essa é uma daquelas palavras mutantes que se encontram numa espécie de limbo entre o Latim e o Português. Alguns a usam no Latim, dando-lhe a grafia e a flexão latina: **o** *campus*, **os** *campi*; outros já a

tornaram nossa, grafando-a como outros vocábulos latinos similares (**ônus**, **ângelus**, **íctus**, **múnus**, **tônus**, etc. – já dentro de nosso sistema flexional e ortográfico). Eu sempre aconselho o uso da forma evoluída **câmpus**, já que a outra pressupõe conhecimento do Latim (que a maioria de nosso público acadêmico infelizmente não tem) e acarreta complicações desnecessárias na forma de escrevê-la (como não é Português, deve vir sempre em **itálico** ou **sublinhada**). O Inglês, muito menos flexível que nossa língua, vive às turras com esses plurais latinos – *datum*, *data*; *memorandum*, *memoranda*; *erratum*, *errata*; *agendum*, *agenda*; etc. Nós, que usamos o Português, filho direto do Latim, temos a tendência de deixar a palavra entrar no nosso sistema flexional, já que ela é mesmo de casa: **o memorando**, **os memorandos**; **a errata**, **as erratas**. Você quer saber mais? Acho que deveríamos estender isso a **córpus**, com todas as pompas: **o córpus**, **os córpus** (abandonando o *corpus*, os *corpora*, com sua incômoda flexão latina).

fôrma, **forma**, **forminha**: os acentos nos diminutivos

Se usarmos, como propõe o **Aurélio**, o uso do acento para diferenc
fôrma de **forma**, como fazemos para distinguir entre seus diminuti

Caro Professor, tentei solucionar minha dúvida no **Aurélio***, mas não consegui. O acento diferencial existe no caso da palavra* **forma** *(jeito, maneira) e* **fôrma** *(utensílio de cozinha). A minha dúvida é no diminutivo de* **fôrma**. *O correto é* **fôrminha** *ou* **forminha***?*

Sandra A. – São Paulo (SP)

Minha cara Sandra: para começar, o acento de **fôrma**, considerado opcional pelo atual Acordo, foi uma conquista do velho Aurélio (o homem, e, por consequência, também seu dicionário). Ele achava que esse acento deveria ter sido poupado pela Reforma de 1971 (e não foi!), porque ele é fundamental para distinguir **forma** (/fórma/) de **forma** (/fôrma/) – com o que, aliás, também concordo. Em textos de Metalurgia, de Prótese Dentária, de Artes Plásticas, de Culinária, os vocábulos **forma** e **fôrma** se confundiriam miseravelmente sem o

auxílio do famigerado "chapeuzinho". No famoso poema **Os Sapos**, de Manuel Bandeira, que se tornou um dos manifestos da Semana de Arte Moderna, se o acento não fosse usado, ficaria o leitor sem entender a acusação que Bandeira faz contra os poetas parnasianos:

Vai por cinquenta anos
Que lhes dei a norma:
Reduzi sem danos
A **fôrmas** a **forma**.

Coerente com sua opinião, o dicionário de Aurélio sempre trouxe **fôrma** com acento, incluindo, no verbete, uma longa e satisfatória justificativa dessa sua insubordinação contra a decisão da Academia, que agora, finalmente, reconhece como válida a sugestão do velho professor. No diminutivo, porém, a coisa muda: o acréscimo do sufixo **-inho** (como, de resto, a maioria dos sufixos) vai alterar a sílaba tônica da palavra. Se em **fôrma** a tônica é /for/, em **forminha** passou a ser /mi/ – o que torna impossível deixar o acento diferencial em cima do **O**. É importante lembrar que **nenhum acento persiste** depois do acréscimo do sufixo diminutivo: **só**, **sozinho**; **café**, **cafezinho**; **chá**, **chazinho**; **árvore**, **arvorezinha**. Em ambos os casos, portanto, fica **forminha** – o mesmo que se verifica em pares como **pezinho** (de **pé**) e **pezinho** (de **pê**, o nome da letra); ou **boizinho** (de **boi**) e **boizinho** (de **bói**, aportuguesamento de **boy**).

quê?

Quando e por que devemos acentuar o vocábulo **que**.

Caro Professor, na frase "Tudo o **que** *você põe na sua casa, menos o cansaço", este "que" deve ser acentuado? Sei que, no final da frase, ele tem acento ("Não sei bem* **por quê**"*), mas nesse caso fiquei em dúvida.*

Sandra V. M. – Canoas (RS)

Minha cara Sandra, este "que" não tem acento. Você sabe que esta partícula – seja ela pronome, seja conjunção – é apenas um **monossílabo átono**,

assim como **se**, **lhe**, **me**, etc., escapando, portanto, à regra de acentuação (que, por razões óbvias, só diz respeito aos vocábulos **tônicos**). Para que ela receba o circunflexo, é indispensável que ela se torne **tônica**, passando então a fazer parte daquele grupo integrado também por **lê**, **crê**, **dê**, **vê**, entre outros.

Essa mudança na tonicidade vai ocorrer em duas situações: em primeiro lugar, quando o "que" se encontra **no final da frase** (refiro-me à **fala**, não à **escrita**):

– Obrigado! Não há de **quê**.

– Não há de **quê**, amigo.

– Você está falando do **quê**?

– Quero pagar, mas não tenho com **quê**.

Em segundo lugar, quando o "que" tornar-se um substantivo (admitindo, nesse caso, o plural). Isso acontece quando ele passa a ser o núcleo de um sintagma, antecedido daqueles vocábulos que habitualmente acompanham os substantivos: artigos, numerais, pronomes possessivos, pronomes indefinidos ou pronomes demonstrativos adjetivos:

– Ela tinha um **quê** de fascinante.

– Esta cidadezinha tem lá os seus **quês**.

No entanto, em frases como "tudo **o que** você fez", "não sei **o que** queres", este **O** não é um artigo, mas um pronome demonstrativo substantivo (equivalente a **aquilo**: tudo **aquilo** que você fez), que não vai alterar a tonicidade do "que".

Um antigo gramático sugeria a seguinte maneira prática de distinguir o "que" tônico do átono: quando ele é **átono**, o falante pode pronunciá-lo como /kê/ ou /ki/ (com preferência esmagadora pela segunda forma); quando ele é **tônico**, só pode pronunciá-lo como /kê/. Seguindo esse útil critério, o fato de podermos dizer "tudo o /ki/ você fez" reforça o que já sabíamos: esse "que" é átono.

Detalhe: quando o vocábulo estiver substantivado em metalinguagem – isto é, quando estivermos falando dele, como ocorreu várias vezes nas linhas acima –, não devemos acentuá-lo, mas grifá-lo ou colocá-lo entre aspas, como fiz.

grafia do nome Júlia

Prof. Moreno, numa resposta anterior, o senhor afirmou que devemos escrever **Júlia** *com acento. Porém, gostaria de saber se, com a aprovação das novas regras ortográficas, este nome continua a ser acentuado. Muito obrigada!*

Karla D. – Brasília

Prezada Karla, as novas regras não alteraram a acentuação das paroxítonas terminadas em **ditongo crescente**, como **Mário**, **água**, **história**, **Júlia**, etc. Como você bem sabe, tanto a regra de 1943 quanto a atual consideram necessário marcar essas palavras com acento por causa da instabilidade intrínseca dos **ditongos crescentes**: numa pronúncia silabada, eles facilmente podem se desfazer, o que resulta no incremento de uma sílaba após a tônica. **Júlia**, por exemplo, tem duas sílabas na escrita (**Jú-lia**) e duas na fala (/jú-lia/), mas nada impede que, numa pronúncia escandida, ela passe a ter **três** (/jú-li-a/) – o que a tornaria, neste momento, uma **proparoxítona**. Para distinguir estas palavras das verdadeiras proparoxítonas, os gramáticos costumam chamá-las de **proparoxítonas eventuais**, **relativas** ou **aparentes**. Este acento continua.

o trema não vai fazer falta?

Caro Professor, sei que o acento gráfico é usado para indicar os casos em que a pronúncia do vocábulo vai contra o que seria sua pronúncia "natural". Correto? Então, como vamos fazer com as palavras que tinham o trema para sinalizar que o **U** *era pronunciado? Se seguirmos o padrão de palavras como* **preguiça** *ou* **enguiço**, **linguiça** *vai acabar sendo pronunciada da mesma maneira. É claro que falantes nativos sabem que o* **U** *de* **linguiça** *tem som, mas como ficam os aprendizes de Português como língua estrangeira?*

Daniela Santos – Montevidéu, Uruguai

Minha cara Daniela, os falantes não-nativos vão ter de consultar o dicionário para saber se o **U** é ou não pronunciado (como fazemos com os vocábulos do Inglês, por exemplo); para os nativos, como percebeste, a ausência do trema não vai atrapalhar.

Na verdade, os acentos de uma língua sempre interessaram muito mais aos estrangeiros; a prática de usá-los sobre as vogais escritas foi introduzida na Grécia por um bibliotecário de Alexandria, quando o Grego se tornou a língua da cultura de toda a bacia mediterrânea. Como grande parte dos novos leitores não conhecia a prosódia daquela língua, ele teve a idéia de assinalar a sílaba tônica por meio de pequenos sinais diacríticos, inventando, assim, a acentuação gráfica.

É exatamente por isso que sempre critiquei a atual Reforma Ortográfica por ter mexido apenas em **alguns** acentos; na minha óptica, ou deixávamos como estava, ou evoluíamos radicalmente, eliminando **todos** os acentos do idioma. O que fizeram foi desfigurar um sistema que estava funcionando, em nome de uma utópica (e impossível) unificação do Português.

pôr (verbo)

Caro Prof. Moreno, li recentemente um de seus livros e hoje fui conferir o seu site. Gostei muito de ambos! Tenho uma dúvida quanto à grafia de **por** *no sentido de "colocar". Este verbo leva acento circunflexo ("***pôr***") ou não? Já li frases como "Fulano vai* **pôr** *fim às tentativas de roubo...". Está certo assim, ou deveria ser sem acento, como ocorre com* **coco***,* **sede***,* **gelo***, etc., desde a pequena reforma ortográfica de 1971?*

Rosalvo M. Júnior

Meu caro Rosalvo, toda vez que você for escrever o verbo **pôr**, deve usar o acento circunflexo. Este vocábulo só não vai receber acento quando for **preposição**: "Ela fez isso **por** você". **Pôr**, **pára** (do verbo **parar**) e **pôde** estão entre os raros acentos diferenciais que são realmente úteis, e por isso sobreviveram, em 1971, àquela reformazinha que eliminou os acentos diferenciais – **gelo**, **coco**, **almoço**, **medo** e muitos outros. A atual reforma eliminou, incompreensivelmente (por que é muito útil), o acento de **pára**, mas conservou, num rasgo de sensatez, o circunflexo do verbo **pôr**. Ele foi mantido, aliás, porque é indispensável para orientar a leitura correta da frase. Comparando, por exemplo, "Vou **por** aqui" com "Vou **pôr** (colocar) aqui", você vai perceber a sua utilidade.

Guaíra ou **Guaira?**

Professor Moreno, num manual de ortografia na internet vi que **Guaíra***, o nome da minha cidade, passará a ser escrito* **sem** *acento, pois a Reforma aboliu o acento do* **I** *e do* **U** *tônico depois de* **ditongo***. Ele deu como exemplo* **feiura** *e* **bocaiuva***, mas não me parece ser exatamente o mesmo caso. O senhor confirma?*

Klésio W. – Guaíra (PR)

Meu caro Klésio, **Guaíra** vai continuar com seu tradicional acento. Quem redigiu aquele manual cometeu um pequeno equívoco ao interpretar a regra que retira o acento que colocávamos em **bocaiuva** e de **baiuca**. Não o culpo, pois o Acordo usa o conceito de **ditongo** de forma muito imprecisa; é necessário ler o texto todo, com muita atenção, para perceber que ele, quando fala de **ditongo**, está se referindo exclusivamente aos **ditongos descrescentes** – aqueles que apresentam a semivogal **depois** da vogal (**ai**, **ei**, **oi**, **ui**; **au**, **eu**, **iu**, **oi**).

Aliás, é por isso que **feiura** e **baiuca** nunca deveriam ter sido incluídos na regra que acentua **saúde**, por exemplo. Nesta, o /u/ é tônico, vem depois da vogal /a/ (há um **hiato**, portanto) e está sozinho na sílaba. Em **feiura**, contudo, o /u/ é tônico mas vem depois de uma **semivogal**, o que, por si só, já deveria impedir que a regra se aplique. Assim, além de **feiura** e **baiuca**, "perderam" também o acento **gaiuta**, **boiuno**, **cauila**, **Sauipe**, **reiuno**, **guaraiuva**, **Ipuiuna**, **seiudo**, entre outros. Como você pode ver, o Acordo apenas providenciou para que um erro histórico fosse corrigido. Desses, só escapam os oxítonos: **Piauí**, **teiú**, **tuiuiú**.

Em casos como **Guaíra** ou **suaíli**, contudo, que são ditongos **crescentes**, o /i/ tônico está contíguo à **vogal** /a/, não a uma semivogal (/gu**a-í**-ra/, /su**a-í**-li), e a regra encontra as condições necessárias para ser aplicada. Isso também vale para **Guaíba**, **jatuaúba**, **biguaúna**, **tatuaíva** e mais uma meia dúzia de vocábulos de origem indígena.

tem e **têm**, **vem** e **vêm**, **lê** e **leem**

Como fica o verbo **conter** na 3a pessoa do plural? Eles **contém**, **co** ou **conteem**? Existe alguma lógica aqui, ou é pura loucura?

Caríssimo Professor, como funciona a acentuação e grafia corretas dos

verbos **ter** *e* **conter***? Ele* **tem** *um carro, mas eles* **têm***,* **teem** *ou nenhum dos dois? Isto* **contém** *aquilo? E no plural? Qual a regra?*

Lea – Rio de Janeiro (RJ)

Minha cara Lea: não me admiro que você pergunte sobre essas duas formas verbais: são casos especialíssimos, ortográfica e morfologicamente. A comissão que tratou de nossos acentos, em 1943, procurou – e conseguiu na grande maioria das vezes – criar regras que tivessem um valor geral e fossem aplicáveis a todo e qualquer vocábulo que se enquadrasse em determinado perfil prosódico e ortográfico. Para solucionar o problema de **têm** e **vêm**, contudo, não teve outro remédio senão criar uma regra *ad hoc* ("feita especialmente para esse fim").

Numa espécie de azar flexional, a 3ª pessoa do singular e a 3ª do plural do Presente de **ter** e **vir**, dois de nossos mais importantes verbos, são absolutamente idênticas: ele **tem**, eles **tem**; ele **vem**, eles **vem**. Muita gente me escreve "sugerindo uma solução" para o problema. Santa ingenuidade! Como o mundo pode ser tão simples assim para alguns? Bastaria, dizem eles, dobrar o **E** no plural – ele **tem**, eles ***teem** – e pronto! O que eles não sabem é que as formas terminadas em **-eem** na 3ª do plural correspondem, morfologicamente, a uma 3ª do singular terminada em **-ê**: ele **lê**, eles **leem**; ele **provê**, eles **proveem**; ele **relê**, eles **releem**. Ninguém decidiu que seria assim; é assim porque foi desta forma que o Português assim se estruturou, sem pedir sugestão ou opinião de professor, de gramático, de leitor ou de transeunte. Portanto, fica descartada a brilhante solução.

Os próprios acadêmicos que reformaram nossa ortografia nada poderiam fazer quanto a esse "defeito" flexional dos dois verbos. Só tinham poderes para decidir sobre a **maneira de grafá-los** – e aí eles puderam dar sua pequena contribuição: assinalaram o plural com um acento circunflexo, tornando as duas formas distintas ao menos na escrita: ele **tem**, eles **têm**; ele **vem**, eles **vêm**. Friso que a pronúncia continua exatamente a mesma, não vá algum desavisado tentar pronunciar com mais força e entusiasmo a 3ª do plural.

Dentro do que podiam fazer, estava solucionado o problema. Quer dizer:

quase, porque mexer em ortografia é como mexer em abelheiro – vem inseto zumbindo de todos os lados. Não podemos esquecer que **ter** e **vir** produzem muitos outros verbos deles derivados, formados com o acréscimo de **prefixos**: **man**[ter], **con**[ter], **entre**[ter], **abs**[ter], **de**[ter], etc.; **pro**[vir], **con**[vir], **sobre**[vir], **inter**[vir], **ad**[vir], etc. Ora, como todos os verbos derivados herdam as características flexionais de seus primitivos, vamos encontrar aqui o mesmo problema: ele **contem**, eles **contem**; ele **provem**, eles **provem**. Dizendo melhor: o problema é o mesmo, mas agora com um novo complicador – **contem** e **provem**, com o acréscimo do prefixo, já não são formas **monossilábicas**, estando, por isso mesmo, submetidas à regra geral que acentua todas as oxítonas terminadas em **-em** (**armazém**, **porém**, **também**): ele **contém**, eles **contém**; ele **provém**, eles **provém**. O acento agudo deixaria essas formas corretamente acentuadas, mas voltaríamos à estaca zero: a 3ª do singular continuaria idêntica à 3ª do plural. É nesse momento que entra em cena, de novo, o circunflexo que identifica o plural: ele **contém**, eles **contêm**; ele **provém**, eles **provêm** (não preciso dizer outra vez: a pronúncia é idêntica; a grafia é que é diferente!).

Recapitulando, Lea:

1) Para **ter** e **vir**: ele **tem**, eles **têm**; ele **vem**, eles **vêm** (o singular, sem acento, contrasta com o plural, acentuado);

2) Para todos os seus **derivados**: ele **contém**, eles **contêm**; ele **provém**, eles **provêm** (ambos, o singular e o plural, são acentuados; a diferença está no **tipo** de acento – o singular recebe o acento **agudo** das oxítonas terminadas em **-em**, enquanto o plural recebe o acento **circunflexo** diferencial).

Este é um bom exemplo para os leitores perceberem como um sistema ortográfico está sempre em luta contra suas limitações intrínsecas. E sejamos justos: é também um bom exemplo de uma solução inteligente encontrada pela comissão de 1943, funcional até hoje.

para ou **pra**?

Professor, quando se usa **para** *e quando se usa* **pra**? *"Viajarei* **para** *Porto Seguro ou* **pra** *Porto Seguro"?*

Lucas C. L.

Caro Lucas, quanto à fala, não há dúvida: sempre – mas sempre mesmo – dizemos /pra/. Quando falamos, esta preposição, que é átona, fica reduzida a uma sílaba apenas. Só se ouve /para/, completinho, com as duas sílabas, em leitura de criança recém-alfabetizada ou na fala de estrangeiro que está aprendendo Português (ou alienígena; como será que falava o ET de Varginha?). Agora, escrever é outra coisa; escrevemos sempre **para**, a não ser em textos especiais (letra de música, poemas, frase de publicidade, cartas pessoais, *e-mails*), onde podemos usar o **pra**, se quisermos. E não podemos esquecer que **pra**, sendo vocábulo átono, jamais poderá ter acento.

Curtas

acentuação dos monossílabos

*Nas frases "***Dê** *a classificação", "Luis* **vê** *a bola", "Não* **dá** *para falar", as palavras* **dê***,* **dá** *e* **vê** *continuam com acento ou perderam, pela regra do acento diferencial? Obrigada.*

Maria Aparecida C. – Rio de Janeiro

Prezada Maria Aparecida, os monossílabos tônicos (**pá**, **pé**, **dê**, **dá**, **sê**, **sé**, **pó**, **vê**, etc.) continuam a ser acentuados pela mesma regra que sempre os acentuou – a das oxítonas terminadas em A, E e O. Eles nunca tiveram nada a ver com os acentos diferenciais.

ideia e **idéia**

Se num texto eu usar **ideia** *sem acento, como manda o Acordo, e colocar a mesma palavra, mais adiante, mas desta vez com acento, há chance de ser considerado errado este último* **idéia***? Sou obrigada a usar todos de uma mesma forma?*

Jane Maria C.

Prezada Jane, já que até 2012 está correto escrever tanto **idéia** quanto **ideia**, isso deixa de ser uma questão de ortografia e passa a ser uma questão de foro

íntimo de quem vai corrigir o texto. Em lugar nenhum está estabelecido que devo manter sempre a mesma opção; é claro que o senso comum ou o senso de simetria poderiam indicar que o emprego de uma das duas grafias deveria ser consistente, mas, e eu com isso? Aí está mais uma das perturbações que este desastrado Acordo veio trazer – sem falar na possibilidade que, numa mesma sala, duas pessoas optem por escrever **fato** ou **facto**, **António** ou **Antônio**, **tênis** ou **ténis**, porque todos são variantes aceitáveis no idioma, sem estar obrigatoriamente vinculadas a Brasil ou Portugal...

mini ou **míni**?

Caro Professor, gostaria de saber qual é a grafia correta: é **mini** *ou* **míni***? Já observei que muitos livros escrevem* **sem** *acento, mas o dicionário* **Houaiss** *que comprei recentemente (3ª edição, 2009) traz o seguinte título na capa: "***Míni** *Houaiss – Dicionário da Língua Portuguesa".*

Bernardo S. – Porto Alegre

Meu caro Bernardo, quando o prefixo **mini-** se torna um **substantivo** (por redução de um vocábulo maior: uma **minissaia** – uma **míni**), ele vai ser submetido às regras habituais da acentuação (**táxi**, **dândi**, **míni**). Essa substantivação acontece também com **maxi-**; você deve estar lembrado de como o Brasil vivia com receio de uma nova **máxi** (de **maxidesvalorização**). Seu exemplo, no entanto, é curioso. Se interpretarmos "o mini **Houaiss**" como "o pequeno **Houaiss**", teremos ali o prefixo, não o substantivo; contudo, se o virmos como a redução de **minidicionário**, teremos ali o substantivo **míni**, como a editora estampou na capa.

patrimônio ou **património**?

Samuel D., de Camaquã (RS), quer saber qual é a forma correta: é **patrimonio**, **patrimônio** ou **património**?

Meu caro Samuel, ***patrimonio** está errado, pois as paroxítonas terminadas em ditongo crescente devem ser acentuadas. As outras duas, no entanto, são consideradas corretas. Escreve-se **patrimônio** no Brasil, **património** em Portugal, tudo dentro do novo Acordo (e isso que ele veio, como diziam, para "unificar" a nossa ortografia...).

reúso

Antônia W., de Petrópolis (RJ) pergunta se existe o vocábulo **reúso** e se ele deve ser acentuado pela nova ortografia.

Sim, Antônia, existe **reúso** como sinônimo de "reutilização". O termo é muito empregado pela indústria e pelas instituições públicas, e já vem registrado no dicionário **Houaiss**. O seu acento é determinado pela regra do U tônico, depois de vogal, sozinho na sílaba (como **gaúcho**, **miúdo**, etc.), mantida pelo novo Acordo. Outro vocábulo recente é seu irmão **multiúso**, acentuado pela mesma razão.

súper

Professor, nesta semana o jornal de minha cidade estampou a palavra **súper** *acentuada, mas eu já vi várias vezes sem acento. As duas formas estão corretas?*

Jonathas V.

Meu caro Jonathas: quando **super-** é usado como prefixo, é átono e não leva acento. Entretanto, **súper**, usado como redução de **supermercado**, é um substantivo, acentuado pela regra das paroxítonas, da mesma forma que **éter**, **dólar** ou **mártir**.

acentos em abreviações

Luciana Pinheiro ouviu dizer que uma palavra acentuada perde o acento quando é abreviada. Acrescenta: “Por exemplo, **mínimo**, quando abreviado, ficaria **min**., sem o acento. Isso procede?”

Prezada Luciana: quando abreviamos um vocábulo, interrompendo-o num ponto determinado, os acentos que porventura existirem vão ficar onde sempre estiveram: **século** dá **séc**., **Lógica** dá **Lóg**., **gíria** dá **gír**., **mínimo** vai dar **mín**., e assim por diante.

Edu

Eduardo, de São Paulo, gostaria de esclarecer se o apelido **Edú**, escrito desta forma, está incorreto.

Meu caro Eduardo, está sim. As oxítonas terminadas em **U** não levam acento, sejam elas nomes próprios ou comuns: **urubu**, **caju**, **bauru**, **Iguaçu**, **Edu**, **Lu**, etc.

Dário ou **Dario**?

Sidnei, de São Paulo, quer saber qual a forma correta de escrever: é **Dário** ou **Dario**? Pode-se usar **Mário** como base para isto?

Meu caro Sidnei, este nome tão antigo (vem dos Persas) sempre foi pronunciado, em Português, **Dario**, rimando com **navio**. Conheço também um **Dário**, rimando com o famoso **armário**, mas foi uma escolha muito pessoal dos pais dele.

Célia ou **Celia**?

Marcelo Elias, futuro pai, diz que sua filha, que está por nascer, vai se chamar **Célia** (ou **Celia**); como não quer registrar o nome de maneira errada, pede a nossa sábia assistência.

Meu caro Marcelo: assim, sem grandes explicações, digo-lhe que é **Célia**, com acento – é uma daquelas paroxítonas terminadas em ditongo, como **história**, **Mário**, **série**. Você fará um grande bem para a sua filhinha, se registrar corretamente o nome dela. Abraço e

parabéns (pelo bebê e pela humildade de perguntar).

construí-lo

Júlio, leitor de Toronto, Canadá, quer saber qual a razão de haver acento em **construí-lo** e não em **polui-lo**.

Meu caro Júlio, nenhuma! De onde você tirou esses exemplos? Ambos levam acento pelo mesmo motivo: o "**i**" é tônico, vem depois de uma vogal (forma hiato) e está sozinho na sílaba. É o mesmo acento de **saída**, **caímos**, **aí**. Já formas como **parti-lo** e **demoli-lo** não levam acento porque são meros oxítonos terminados em "**i**", como **saci** ou **aqui**.

Leo x **Léu**

Francisco, de Vitória, quer saber por que **constroem** não é acentuado, se existe aí o ditongo aberto /ói/.

Prezado Francisco, é bom não esquecer que a norma de acentuação usa conceitos de ditongo, hiato, etc. exclusivamente **gráficos**. Encontramos o ditongo **ói** (na escrita) em **constrói**, mas não em **constroem**. Um bom exemplo é **Leo** e **léu** – o segundo é acentuado por apresentar o ditongo aberto **éu**, enquanto o primeiro, nome próprio, não se enquadra na regra (embora ambos soem /léw/). Como no jogo do bicho, aqui o que vale é o escrito (e não o falado).

til, **tis**

Vivian, de Lisboa (Portugal), está com a tecla do til e do circunflexo estragada. Ao escrever um *e-mail* para um jornal de Lisboa, solicitando a oportunidade de realizar um estágio de jornalismo, concluiu (muito acertadamente, aliás) que seu texto, sem aqueles dois sinais, ficaria desfigurado, passando uma impressão de desleixo e despreparo. Para evitar esse efeito indesejável, quis acrescentar uma nota explicando o problema de seu teclado, mas ficou em dúvida sobre o nome científico do sinal "~". "Será que **til** é o nome popular do sinal, e ele tem um nome mais científico, como tem o famoso "chapelinho", cujo

nome correto é **circunflexo**? E no plural, como fica?"

Prezada Vivian, o nome do diacrítico "~" é mesmo **til**, assim como no Espanhol é *tilde*; o plural, que raramente empregamos (mas que pode ser necessário) é **tis**. Olhe o que diz o dicionário do Houaiss: "Na ortografia do Português, são diacríticos os acentos gráficos, a cedilha, o trema e o til". Abraço (e trate de consertar essa tecla tão importante!).

água

Glécio, de Porto Alegre, está intrigado com o acento em **água**.

Meu caro Glécio, **água** é acentuado pela mesma razão que **égua**, **mágoa**, etc. – todas elas são paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Se não puséssemos acento nela, a leitura sugerida seria /a-GU-a/ – com o **U** tônico, como **continua**.

acentuação com maiúsculas

Sônia Mara Nascimento Fernandes quer saber se existe alguma regra que fale que **não** é necessário acentuar palavras escritas em maiúsculas, como, por exemplo, **Índia**.

Prezada Sônia, sim, essa regra existe – mas no Francês. Em nosso idioma, as palavras são acentuadas quando a regra exigir, não importando se estão em minúsculas ou maiúsculas: **Índia**, **África**, **ÍNDIA**, **ÁFRICA**.

til duas vezes?

Daniela, do *Jornal do Bairro*, diz que há grande discussão entre os redatores quanto à maneira de escrever o nome do jogador de basquete **Mãozão** (que tem mão grande mesmo!). Eles acham muito estranho, com razão, usar **dois tis**.

Prezada Daniela, pode parecer estranho, mas o til é necessário para indicar que o "**a**" tem som de /**ã**/. Este sinal

não tem relação necessária com a sílaba tônica, que pode ser outra (**ÓR-fã**, **ÓR-gão**). Se acrescentarmos o sufixo **-zão** a **pão** e **irmão**, teremos **pãozão** e **irmãozão**. O substantivo **mão**, que é feminino, forma o aumentativo **mãozona**; no entanto, aqui se trata do apelido de um atleta: **Mãozão**. Se os redatores acham estranho, experimentem então escrever **sem** os dois tis: ***Mãozao** ou ***Maozão** ficaria dez vezes mais estranho.

hiato em **juíza**

Cláudia, de Guarujá (SP), gostaria de saber se o hiato em **juíza** deve ou não ser acentuado. "Ele não está nos casos de hiato em que a vogal **I** ou **U** vem acompanhada de outra letra que não é o **S**, e, portanto, deveria ficar sem acento?"

Minha cara Cláudia, compare **juiz** com **juíza**. Em ambos o "**i**" é tônico, em ambos há um hiato, mas só **juíza** é acentuado. Por quê? Porque só neste vocábulo o "**i**" forma uma sílaba sozinho: **ju-í-za**, mas **ju-iz**.

qual a regra de **item**?

Caro professor, tenho uma dúvida quanto à regra de acentuação em que se deve enquadrar a palavra **item**. *Não seria a que manda acentuar o* **I** *e o* **U** *tônicos dos hiatos, quando estes formam sílabas sozinhas ou seguidos de* **S**? *Por que não escrevemos* **ítem** *como escrevemos* **balaústre**, **baú**, **egoísta**, **faísca**, **heroína**, **saída**, **saúde**, **viúvo**, *etc.?*

Aníbal F.

Meu caro Aníbal, **item** não se enquadra neste caso. A regra a que você se refere estabelece três condições para o acento no "**i**" e no "**u**": (1) que sejam tônicos orais; (2) que venham após vogal (o que faz com que alguns autores denominem esta regra de "Regra do Hiato"); (3) que formem sílaba sozinhos ou acompanhados de **S**. Em **item**, a condição (2) está ausente – exatamente como em **ida**, **ilha** ou **idem**.

acentos com **-mente**

A leitora Thais M. gostaria muito de saber se **analogamente** deve ou não ser acentuado.

Prezada Thais, nenhum vocábulo pode ter, ao mesmo tempo, acento gráfico e o elemento **mente**. Isto é: sempre que esse sufixo é acrescentado a um vocábulo, a nova sílaba tônica passa a ser /men/, fazendo com que o acento primitivo desapareça: **rápido**, **rapidamente**; **só**, **somente**; **espontâneo**, **espontaneamente**. Portanto, **análogo**, **analogamente**.

somente

Enzo, de Balneário Camboriú (SC), quer saber por que a palavra **somente** não é acentuada, já que é de regra acentuar todas as proparoxítonas.

Meu caro Enzo: você tem razão em afirmar que todas as proparoxítonas são acentuadas. No entanto, o vocábulo **somente** (a sílaba tônica é /men/) é apenas uma **paroxítona** e, por isso, não tem acento. Lembre-se de que todos os advérbios terminados em **mente** são paroxítonos, não importando qual fosse a prosódia do adjetivo primitivo.

3. Como se escreve: hífen e assemelhados

Que ninguém espere coerência no uso do hífen; não há exagero algum quando Mattoso Câmara Jr. afirma que "o emprego deste sinal gráfico é incoerente e confuso". Os ortógrafos divergem entre si e do que ficou estabelecido no atual **VOLP**. Não existe, nem poderá existir um critério unitário quanto ao seu emprego, porque as palavras em que este sinal mais aparece – os substantivos e os adjetivos compostos – constituem uma área extremamente movediça, simplesmente porque não sabemos ao certo se estamos diante de um verdadeiro **vocábulo** ou de uma simples **locução** (um **sintagma**). Por que o **Aurélio** registra **pedra filosofal**, **pedra lascada**, **pedra de toque**, mas **pedra-ímã**, **pedra-sabão** e **pedra-mármore**? Por que **pára-sol**, **vai-volta**, **passa-pé** e **sangue-frio**, mas **girassol**, **vaivém**, **pontapé** e **sanguessuga**? Escreve-se **anteontem** e **antes de ontem**, **ponto e vírgula** e **ponto-e-vírgula** – e, seja junto ou separado, sempre haverá justificativas para uma ou a outra forma.

A única regulamentação mais ou menos organizada do hífen refere-se aos vocábulos formados com **prefixos**, que, por existirem em número limitado, permitem (ao contrário dos compostos comuns) uma razoável padronização. Há, por exemplo, prefixos que sempre serão seguidos de hífen: **ex-** ("o que não é mais"), **vice-** e todos os prefixos que receberem acento gráfico (**pré-**, **pós-**, etc.): **ex-marido**, **vice-prefeito**, **pré-fabricado**, **pós-operatório**. Assim dispunha a Reforma de 1943, assim dispõe o atual Acordo.

Mudanças no hífen com prefixos

Das novas regras introduzidas pela atual Reforma, **três** vieram realmente aperfeiçoar nossa ortografia e facilitar o trabalho do usuário (se o Acordo apenas acrescentasse estas três regras ao sistema 1943-1971, teríamos chegado muito perto da perfeição):

1. Usaremos hífen sempre que o prefixo terminar por vogal idêntica à que inicia o segundo elemento: **anti-inflamatório**, **micro-onda**, **micro-organismo**, **neo-ortodoxo**. Se as vogais forem diferentes, contudo, não há hífen: **antiestático**,

microindústria, **neoexpressionismo**, **infraestrutura**, **autoestrada**. Esta regra é um grande progresso em comparação com o sistema anterior, porque não exige memorização alguma por parte do usuário. Encontraram-se duas vogais idênticas? Hífen.

2. Usaremos hífen sempre que o segundo elemento começar por **H**: **geo-história**, **mini-hospital**, **sub-habitação**, **co-herdeiro**. Outra regra elogiável, pois evita que a palavra original fique desfigurada com a perda do **H** inicial.

3. Não há hífen quando o prefixo terminar em **vogal** e o segundo elemento iniciar por **R** ou **S**, o que nos obriga a duplicar o **R** ou o **S**: **contrarregra**, **autosserviço**, **contrassenha**, **neorrealismo**, **ultrassom**, **antissemita**.

Há outras regrinhas menores (e menos felizes) sobre o emprego do hífen, mas elas – bem como as que mencionei acima – serão examinadas adiante, nas respostas aos leitores.

sócio-econômico

Aspectos **sociais** e **econômicos** são aspectos **sócio-econômicos** ou **socioeconômicos**? Cirurgia **buco-maxilo-facial** ou **bucomaxilofacia** Segundo o **Aurélio** e o **Houaiss**, deveríamos empregar a forma ser hífen; contudo, como vamos ver, a coisa não é tão simples assim.

Um doutor em Odontologia relata que, ao defender sua tese, foi questionado pela banca sobre a grafia de **buco-maxilo-facial**, que é escrita sem hífen na PUCRS, mas com hífen na UFES, sua universidade de origem. Essa divergência entre a forma de grafar este vocábulo nas duas universidades não me espanta. Temos aqui mais um daqueles casos em que dois entendimentos diferentes podem ser extraídos de uma mesma regra – e que ninguém, por causa disso, comece a esbravejar contra o Português. Este é um problema intrínseco a qualquer regra; mais da metade do esforço intelectual de quem trabalha com o Direito, por exemplo, é dispendido para verificar quais os fatos concretos que se enquadram numa determinada norma.

Quando se forma um adjetivo composto de dois outros adjetivos (adjetivo +

adjetivo), nosso sistema ortográfico determina que se use o hífen quando o primeiro sofre uma **redução**. No esporte, temos uma categoria **infantil** e uma categoria **juvenil**; temos também uma categoria [infantil + juvenil] = **infanto-juvenil**. Temos uma culinária **lusitana**; temos uma culinária **brasileira**; temos alguns pratos da culinária [lusitana + brasileira] = **luso-brasileira**. E assim por diante. Se considerarmos que houve aqui a união de [bucal + maxilar + facial], a forma resultante será **buco-maxilo-facial** (similar a aspectos [sociais + políticos + econômicos] = **sócio-político-econômicos**; atividades [agrárias + pecuárias] = **agro-pecuárias**; e assim por diante).

Se considerarmos, contudo, **buco**, **socio**, **gastro**, **agro**, etc. como meros **elementos de composição**, semelhantes a **hidro** (água), **bio** (vida), **termo** (calor), como fazem o **Aurélio** e o **Houaiss**, escreveremos **agropecuário**, **gastrointestinal**, **bucofacial**, **socioeconômico**.

Prefiro seguir a lição de meu mestre Celso Pedro Luft, que advogava o uso do hífen em todos esses casos em que o primeiro adjetivo está reduzido. Em **sócio-econômico**, vejo **sócio** como um vocábulo independente, resultante da redução de **social**, e não como uma forma presa, quase prefixal. A autonomia deste primeiro elemento fica comprovada pela ocorrência da vogal **aberta** /ó/, que só pode aparecer, em nossa língua, na posição **tônica**. Compare-se **sociologia** (a vogal tônica é o /i/; o /o/ da primeira sílaba é fechado) com **sócio**-econômico (as vogais tônicas são o /o/ aberto do primeiro elemento e o /o/ fechado do segundo); como não existem duas tônicas em um só vocábulo, fica evidente que estamos unindo aqui dois vocábulos independentes, **social** e **econômico**, para formar um composto. Além disso, esta opção pelo hífen nos permite escrever **sócio-político-geográfico-econômico**, por exemplo, que, no modelo do **Aurélio**, seria **sociopoliticogeograficoeconômico** – duro de ler, difícil de entender e totalmente contrário à intuição que nós, falantes, fazemos de compostos desse tipo. Essa é a razão por que me parece mais adequado grafar **buco-maxilo-facial**, **gastro-intestinal**, etc.

No entanto, como espero ter deixado bem claro, perceba que a outra grafia,

sem hífen, tem também seus argumentos (e seus ilustres defensores). Aqui, prezado leitor, como em muitos outros casos, é indispensável uma **decisão** por parte do usuário; o conjunto dessas decisões vai formando um **estilo**. Como você já deve ter visto, muitas revistas científicas tornam públicas suas decisões sobre vários desses pontos controvertidos por meio de uma "folha de estilo" ou "normas para publicação".

bem-vindo

Muitas cidades colocam uma placa na estrada dizendo que ali sere **bem-vindos**; outras, igualmente cordiais, anunciam que seremos **benvindos**. Esse hífen ainda é necessário, ou já foi abolido?

Professor, escreve-se **bem-vindo** *ou* **benvindo***? Pesquisei em alguns dicionários e constatei que todos utilizam o hífen; no entanto, consultando alguns amigos, professores universitários, eles me informaram de uma nova regra em que foi abolido o hífen.*

Eliane – Ribeirão Preto (SP)

Minha cara Eliane, toda vez que construímos um vocábulo composto formado de [**bem** + outro vocábulo], temos de usar o hífen: **bem-aventurado**, **bem-querer**, **bem-vindo**, **bem-estar**, **bem-me-quer**, etc. Note que esta é uma regra específica para o elemento **bem**. Por isso, em faixas, em pórticos, em cartazes, escrevemos sempre (ou, ao menos, deveríamos...) **bem-vindo**, **bem-vindos**. Existe **Benvindo**, mas só como nome próprio, como o famoso escultor renascentista Benvenuto Cellini.

Quanto ao hífen, **nada** foi alterado no que se refere aos compostos em que intervém o advérbio **bem**. Os dicionários em que você pesquisou estavam corretos. Tenho certeza de que os seus professores universitários são de outra área que não a de Letras, pois estes sabem que **bem-vindo** continua a ser escrito como sempre foi.

junto ou separado?

Veja como o espaço em branco deixado entre as palavras também
ser fonte de erros de ortografia.

Eu sempre escrevi **a partir***, separado. Nos anúncios do último Natal, no entanto, vi ofertas de crediário com pagamentos iniciando* **apartir** *de fevereiro deste ano. O mesmo parece estar acontecendo com* **de repente***, que andam escrevendo* **derrepente***. Agora já não sei mais quando se escreve junto ou separado. Existe alguma regra?*

Maria D. – Aracaju (SE)

Minha cara Maria, o emprego de um espaço em branco entre duas palavras distintas foi um dos grandes avanços dos sistemas ortográficos do Ocidente. Ao contrário do que possa parecer, ele não é tão óbvio assim, e tivemos de aprender a usá-lo da mesma forma que aprendemos a usar as letras ou os acentos. Decidir quando este espaço deverá ou não estar presente depende da nossa capacidade de reconhecer os vocábulos isoladamente – o que nem sempre é muito simples, principalmente porque, ao longo da história do Português escrito, há vários casos de preposições que terminaram se juntando para sempre ao vocábulo que acompanhavam. O substantivo **pressa** ("eu tenho **pressa**"; "a **pressa** é inimiga da perfeição"), por exemplo, formava uma locução adverbial com a preposição **de** (**de pressa**, como **com pressa**, **sem pressa**, etc.); aos poucos, porém, as duas partes da locução soldaram-se num bloco único, desaparecendo o espaço em branco que as separava: **depressa**. Ora, para escrever corretamente esse vocábulo é imprescindível, portanto, que lembremos que agora ele não tem mais aquele espaço que tinha antes.

Dentro desse cenário, podemos distinguir dois tipos de erro bem frequentes. O primeiro é separar o que a tradição ortográfica já juntou; é comum encontrar ***por ventura**, ***de vagar**, ***em baixo** escritos como **locuções**, quando deveriam estar **porventura**, **devagar**, **embaixo**, já grafados como **vocábulos unitários**. O segundo erro vem exatamente na direção contrária: consiste em juntar

elementos que ainda são mantidos separados. Nesse caso, é comum encontrar ***apartir**, ***derrepente** e ***porisso** onde deveria estar escrito **a partir**, **de repente** e **por isso**.

Não são erros grosseiros, se você bem me entende; apenas espelham uma hesitação natural do usuário ao se deparar com essa fronteira imprecisa entre uma **locução** e um **vocábulo unitário**, imprecisão que também vem nos assombrar no caso dos compostos. Você pode entender agora o que os linguistas descobriram na carne: não é fácil definir o que é uma palavra e o que não é.

mato-grossense

Prezado Professor, seguindo a orientação dos dicionários, achamos que a forma correta é **mato-grossense**. *No entanto, a Federação de Futebol do nosso estado exige que se corrija para* **matogrossense***, por ser a maneira mais empregada em nossa imprensa – como no Rio Grande do Sul, em que a forma* **rio-grandense***, recomendada pelo dicionário, não é a mais comum na imprensa escrita. Existe realmente essa tolerância, ou devo bater o pé para incluir o hífen aí?*

Jorge – Sinop (MT)

Meu caro Jorge, você deve bater o pé; melhor ainda: deve bater os dois pés! Felizmente para nós todos, a ortografia está acima de todas as autoridades e instituições. Imagine se a Federação Mato-Grossense de Futebol tivesse poderes para legislar sobre a maneira correta de grafar os vocábulos do Português! A julgar pela pouca ciência que demonstram ao "condenar" esse hífen, ia ser um verdadeiro horror! Todos os **gentílicos compostos** levam hífen; esta é a regra. Por isso, **passo-fundense**, **rio-branquense**, **mato-grossense**, **cabo-verdiano**. Não há o que discutir: é uma das poucas regras absolutas do emprego do hífen. Os dicionários escrevem assim, a Academia escreve assim, os gramáticos também – e a Federação Mato-Grossense de Futebol não concorda? A imprensa mato-grossense costuma escrever sem o tracinho? Deveriam todos ficar

envergonhados. No Rio Grande do Sul, as pessoas que tiveram estudo escrevem **rio-grandense** e **sul-rio-grandense**; as outras, não.

onão como prefixo

Professor, não tenho certeza sobre como devo grafar "anti-inflamatórios **não-esteroides***" (é uma classe de medicamento). As gramáticas que consultei não falam sobre o emprego daquele hífen depois do* **não***, mas sei que é assim, hifenizado, que o vocábulo aparece em muitos livros e manuais médicos. Afinal, qual é o correto? Em que casos podemos usar o hífen depois da palavra* **não***?*

Áurea A. – São Paulo (SP)

Prezada Áurea: para desmentir aqueles que vivem resmungando que nosso idioma só piora com o passar do tempo, este **não** com valor de prefixo, estrela recém-chegada no firmamento da língua, constitui um notável (e moderníssimo) mecanismo para a formação de antônimos. Você quer saber quando ele vem seguido de hífen? Pois sou obrigado, por desencargo de consciência, a registrar que há uma certa controvérsia sobre este ponto, principalmente depois das trapalhadas da última edição do VOLP (mais sobre isso depois). Por isso, como você terá de escolher um dos lados desta disputa, faço questão de lhe fornecer os subsídios que julgo necessários para uma decisão consciente. Em primeiro lugar, reproduzo, abaixo, o que consta sobre o tema no livro *Português para convencer*, escrito por Túlio Martins e por este seu criado:

"Historicamente, o Português sempre formou palavras negativas usando os prefixos **i(n)-** e **des-**: **ilegal**, **improdutivo**, **intempestivo**; **desleal**, **desarmônico**, **descabido**. Desde o século passado, no entanto, teve início a prática (também presente em outras línguas, como o Inglês, o Francês e o Espanhol) de usar o **não** como um prefixo negativo universal, que se acrescenta a um vocábulo já existente (geralmente **adjetivo** ou **substantivo abstrato**) para formar um

antônimo perfeito.

"O uso do **não** como prefixo foi uma das grandes novidades com que a língua nos brindou no fim do século XX, permitindo que tudo possa ser dividido em duas categorias complementares, **X** e **não-X** – o que constitui uma ferramenta muito útil no discurso argumentativo. Com esse providencialíssimo **não**, podemos criar divisões binárias de praticamente tudo o que quisermos: os **votantes** e os **não-votantes**, os **alfabetizados** e os **não-alfabetizados**, os **hispânicos** e os **não-hispânicos**, os **marxistas** e os **não-marxistas**. Ele até nos permite falar no **não-eu** ou no **não-ser**, vocábulos que seriam impensáveis com nossos prefixos negativos clássicos, o **in-** e o **des-**. (...)

"Em muitos vocábulos esse prefixo vai concorrer com os tradicionais prefixos negativos, e geralmente com vantagem. É o que está acontecendo entre duas formações relativamente recentes, **inocorrência** e **não-ocorrência**. Ambos são amplamente usados em textos jurídicos, com uma leve preferência, por enquanto, pela primeira forma, que é tradicional. No entanto, não temos dúvida de que a segunda vai prevalecer em poucos anos; o **não** prefixal permite uma decodificação muito mais rápida do significado do vocábulo por parte do leitor, o que é sempre uma grande vantagem na disputa entre duas formas linguísticas concorrentes."**[1]**

Como você pode ver, não se trata de uma simples moda, mas sim de um processo que veio para ficar, superior em muito às outras formas de antonímia porque preserva integralmente o vocábulo original que está sendo antagonizado. Este recurso permite uma simetria perfeita entre afirmativa e negativa, o que nem sempre se consegue através de construções tradicionais.

Qual é a natureza deste processo? Não importa. Sejam formadas por **derivação prefixal** ou por **composição** (para muitos, aliás, dois nomes para um mesmo fenômeno), as novas palavras ficam melhor **com hífen**. Alguns gramáticos mais antigos negavam-se a usá-lo, mas a prática já o consagrou, especialmente porque ele serve para assinalar que o **não**, aqui, não é um advérbio de negação, mas sim um elemento da composição do vocábulo. Os bons dicionários o usam; o **Houaiss**, embora declare textualmente que considera

este hífen mais adequado em **substantivos** (**não-violência**, **não-proliferação**, **não-alinhamento**), não deixa de registrar também **adjetivos** hifenizados, “especialmente no caso de tecnônimos, pois o uso assim os havia consagrado no jargão técnico ou tecnológico escrito”. Apuradas as urnas, constata-se que há uma inegável tendência a empregar o hífen, mesmo que persistam divergências quanto a alguns punhados de palavras.

Sempre coerente na sua onipotência, contudo, a comissão de Lexicologia da ABL, encarregada de elaborar o novo VOLP, foi muito além das chinelas — isto é, foi muito além do texto do Acordo Ortográfico e anunciou, em uma *Nota Explicativa*, que tinha decidido excluir o hífen dos casos em que a palavra “*não*” funciona como prefixo, mencionando, como exemplos, **não-agressão** e **não-fumante**, grafados por ela como **não agressão** e **não fumante**. No entanto, logo depois, no parágrafo seguinte da mesma *Nota* — talvez prevendo a inevitável reação contra esta decisão unilateral —, a douta comissão dá uma contemporizada tipicamente brasileira: “Está claro que, para atender a especiais situações de expressividade estilística com a utilização de recursos ortográficos, se pode recorrer ao emprego do hífen nestes e em todos os outros casos que o uso permitir”. Que tal? Firmes como uma rocha...

Eu escreveria, sem a menor hesitação, “anti-inflamatórios **não-esteróides**”, seguindo o consenso da maioria culta; respeito a decisão dos que preferem não fazê-lo, mas não me venham alegar uma pretensa “grafia oficial” a seu favor, pois aquela *Nota Explicativa* é apenas a opinião isolada de alguns acadêmicos e não integra o Acordo que o Brasil assinou com os demais países lusófonos. Agora cabe a você, Áurea, escolher o caminho que lhe aprouver.

palavras que perderam a noção de composição

Olá, professor Cláudio! Sou formanda de Letras e tenho dúvida quanto a um item da Reforma Ortográfica: quando se considera que uma palavra perdeu a noção de composição? Como posso identificar os casos em que isso ocorreu? Por exemplo, **bate-boca**. *Aqui foi perdida a noção de composição porque se tornou uma expressão? É uma questão semântica? Não entendi essa explicação para o não uso do hífen. Por favor, professor, se puder me ajudar, ficarei grata.*

Raquel G. – Santa Maria (RS)

Raquel, você tocou no nervo deste confuso Acordo: como saberemos se os falantes perderam ou não a consciência da composição de um vocábulo? Quem vai decidir quais os vocábulos que entram nesta lista? Como se pode obedecer a uma regra tão vaga e tão fluida, redigida cabalisticamente, que, segundo eles, abrange "**certos** compostos, em relação aos quais se perdeu, **em certa medida**, a noção de composição". **Certos** compostos? Em **certa** medida? Que portento! Nem consigo imaginar o esforço necessário para chegar a tamanha imprecisão usando tão poucas palavras!

Para mim, aliás, a composição de **para-quedas** continua bem consciente, ao contrário do que alegam as "sumidades" que assumiram o poder na República Ortográfica. Quantos concordariam comigo, quantos discordariam? Quem é que vai saber? Esta regra é o dedo que revela o gigante, isto é, revela a prepotência dos autores deste Acordo e prova que eles, como eu sempre vou afirmar, não são do ramo. Não conhecem Linguística, não conhecem nosso idioma e nâo têm a menor noção de como funciona a mente dos falantes. Pobre Brasil!

para-choque, **para-brisa**, para-lama

Duas leitoras querem saber a mesma coisa: **para-brisa**, **choque**, **para-lama** e **para-raio** vão perder o hífen, com ocorreu com **paraquedas**?

1. Escreve Luciana R., de Salvador:

Olá, professor! Sou bióloga, mas faço questão de escrever corretamente.

*Pesquisei bastante em seu site, mas não obtive a informação que procuro. A nova ortografia promete deixar o uso do hífen mais lógico, mas eu não entendi muito bem aquela parte que fala de certos compostos que perderam a noção de composição – “***girassol**, **madressilva**, **mandachuva**, **pontapé**, **paraquedas**, **paraquedista***, etc.”. Este “etc.” é o problema: como vou saber se a noção de composição também foi perdida em outros vocábulos?*

2. Aninha, de Piracicaba (SP):

Caro professor, aqui no escritório estamos em dúvida quanto ao uso do hífen na nova ortografia. Em alguns dicionários encontramos a palavra **parachoque** *e* **paraquedas** *juntos, em outros* **para-choque** *e* **para-quedas**. *Qual é o certo? Lembramos que no programa do Caldeirão do Huck, no* **Soletrando**, *a palavra* **para-choque** *foi soletrada com hífen. No dicionário* **Michaelis**, *contudo, está escrito* **parachoque**, **paraquedas**. *Qual o correto? Ajude-nos, por favor.*

Prezadas leitoras: como vocês têm, no fundo, a mesma dúvida, acho que posso responder às duas numa só mensagem. Concordo com a Luciana: aquele “etc.” colocado ao final da lista de exemplos é a coisa mais desastrada que eu já vi no texto de um Acordo Ortográfico. Quem é a divindade que vai decidir quais são os vocábulos cuja composição deixou de ser percebida pelos falantes? O silêncio da Academia sobre este ponto vai estimular o aparecimento de listas de todo o tipo, já que temos, no Brasil, tantas “autoridades” sobre o idioma quanto candidatos a técnico da seleção canarinho. Ao contrário do que se deveria esperar, a Reforma vai aumentar ainda mais a hesitação sobre a grafia correta dos compostos – a começar pelos casos que eles relacionaram expressamente no texto, pois a composição de **para-quedas**, para mim, ainda está bem visível...

Além disso, ao deixar a enumeração em aberto, a regra tornou-se uma

fonte inevitável de discórdia entre os dicionários. A nova edição de bolso do **Aurélio** e do **Houaiss** já nos forneceu uma prévia do que vem por aí: o primeiro incluiu no "etc." **paralama**, **parabrisa**, **pararraio**, **parachoque**, seguindo o modelo de **paraquedas**; o segundo só tirou o hífen de **paraquedas**, conservando-o nos outros. Resultado: os dois dicionários se tornaram inconfiáveis, porque ambos, apesar de anunciar que já seguem a nova ortografia, divergem nestas e em muitas outras palavras.

locução x vocábulo composto

Este é o ponto mais controvertido do Vocabulário Ortográfico da A
Reunimos aqui três perguntas que versam sobre o mesmo ponto, esperando, assim, fornecer todo o material necessário para o leitor decidir de que lado vai ficar.

1) Caro Professor, há diferença entre **locução substantiva** *e* **substantivo composto***? Em caso afirmativo, poderia o Professor me esclarecer qual é essa diferença? Um grande abraço!*

Paulo Sérgio A. – Rio de Janeiro

Meu caro Paulo, este sempre foi (e sempre será) o grande problema do uso do hífen em nosso idioma: saber quando uma **locução** passa a ser um **substantivo composto**. Em que momento saímos da Sintaxe (vários vocábulos) e entramos na Morfologia (um só vocábulo)? Por que **papel almaço** e **papel da Índia** são locuções, e **papel-bíblia** é um substantivo composto? Por que alguns (Aurélio, por exemplo) consideram **pôr-do-sol** um substantivo, enquanto Houaiss classifica como uma simples locução (**pôr do sol**)? Apesar de existirem vários "palpites" sobre como se poderia fazer esta diferenciação, acho que nunca poderemos chegar a uma resposta definitiva – não por deficiência de nossas teorias ou incompetência de nossos estudiosos, mas exatamente pela natureza difusa do problema.

Embora não seja especificamente sobre este assunto, minha tese de

doutorado trata desta progressiva lexicalização de estruturas sintáticas (em outras palavras, da passagem da Sintaxe para o Léxico), um processo usual no Português em que a frase ou locução **X** passa a ser o vocábulo composto **Y**). Examinando os dados, a conclusão obrigatória é que não existe um limite definido para essa passagem. Em vez de uma alteração definitiva, pontual, em que **X** se transforma em **Y** (assim como, num dado momento, a lagarta vira borboleta), o que temos é uma transformação tipo "O Médico e o Monstro", em que o novo ser é, ao mesmo tempo, médico e monstro, se bem entendes a metáfora.

Note que a presença do hífen, aqui, é o que serve para distinguir aquilo que consideramos **locução** daquilo que consideramos **vocábulo**. Há gramáticos que veem em **ponto e vírgula** uma locução (daí não usarem o hífen); Aurélio e Houaiss, por sua vez, consideram-no um vocábulo e, *ipso facto*, escrevem **ponto-e-vírgula** (como você pode ver, é uma repetição do **pôr-do-sol/por do sol** do primeiro parágrafo).

É exatamente por isso que ninguém entendeu essa orientação esdrúxula do **VOLP** de eliminar o hífen de vocábulos compostos que tenham preposição ou conjunção entre os elementos. Foi uma interpretação equivocada do texto do Acordo, e tenho certeza de que a ABL acabará voltando atrás, para não se cobrir de ridículo. Portugal entendeu corretamente o que foi disposto e manteve os hifens em vocábulos como **pé-de-moleque**, **maria-vai-com-as-outras**, **mula-sem-cabeça**, **dia-a-dia**, **pé-de-cabra**, etc.

2) Caro professor, desculpe-me incomodá-lo mais uma vez, porém, uma dúvida veio à baila e gostaria, se possível, que o senhor me esclarecesse. Há alguns dias, ouvi num programa de rádio que o hífen havia sido abolido em todas as palavras compostas ligadas por preposição (ex.: **fora-da-lei***,* **à-toa***,* **pão-de-ló***,* **dia-a-dia***, etc.). Pois bem, ontem mesmo, vi numa edição atualizada do* **Aurélio** *(apregoando estar de acordo com o Acordo Ortográfico) a palavra* **pão-de-ló** *com hífen (como sempre escrevemos). Bem, o que de fato é*

verdade? Grato mais uma vez.

Valdecir T. – São José dos Campos (SP)

Meu prezado Valdecir: sua pergunta toca no ponto mais controvertido do novo **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa** (o famoso **VOLP**), recentemente publicado por nossa Academia de Letras. Interpretando equivocadamente o texto do Acordo, a comissão brasileira decidiu, sem tir-te nem guar-te, eliminar o hífen de **qualquer composto** que tenha preposição ou conjunção unindo os seus elementos – exatamente como **pão-de-ló** ou **dia-a-dia**, como você perguntou.

Ora, mesmo que aqui o texto do Acordo não tenha uma redação muito feliz (como todo o resto, aliás), fica bem claro, numa leitura mais cuidadosa, que o princípio geral é usar o hífen apenas nos **vocábulos compostos**, distinguindo-os das meras **locuções**. Afinal, essa sempre foi a utilidade deste sinal: distinguir uma **mesa redonda** (quadrada, oval, etc) de uma **mesa-redonda** (reunião para discutir um tema ou fazer uma deliberação), ou seja, distinguir uma **locução** composta de duas palavras independentes (**mesa redonda**) de um **vocábulo** composto (**mesa-redonda**).

Pois nossas autoridades resolveram manter este hífen apenas quando o vocábulo é composto de **dois** elementos (**pombo-correio**, **couve-flor**, **água-furtada**); quando tem mais de dois, a comissão, numa **atitude inexplicável e completamente equivocada**, decidiu suprimi-lo. Dessa forma, se fôssemos levar a sério esta sandice, substantivos compostos como **pé-de-moleque**, **fora-da-lei**, **mula-sem-cabeça** passariam a ser escritos **pé de moleque**, **fora da lei**, **mula sem cabeça**! Teríamos, pela primeira vez na História, substantivos com **espaços em branco entre os seus elementos**! Um **vocábulo** com espaços entre seus componentes? Isso não existe. A diferença entre vocábulo e locução deve ser assinalada por hífen, não importa o número de componentes que o composto venha a ter. "Ele vive **fora da lei**": é uma **locução** formada de três vocábulos. "O xerife prendeu os **fora-da-lei**": é um **vocábulo composto**.

Infelizmente, a nova edição do **Vocabulário Ortográfico** traz todos esses

vocábulos sem o hífen, mas, curiosamente, classificados ora como substantivo, ora como adjetivo. Ao lado de **maria vai com as outras**, tiveram a coragem de registrar "**s.f**.". Substantivo feminino? Mas isso é uma frase completa, com sujeito, verbo e tudo mais! Sem o hífen, fica completamente impreciso o limite entre a Morfologia e a Sintaxe.

Não preciso dizer que este escandaloso equívoco, que torna o **VOLP** uma fonte pouco confiável, é a interpretação **brasileira**; os portugueses, com mais prudência, ainda hesitam em adotar o seu **VOLP**, mas todos os especialistas lusitanos que comentam o **Acordo** são unânimes em conservar o hífen de **pé-de-moleque**, **pé-de-valsa**, **pão-de-ló**, **deus-nos-acuda**, **bumba-meu-boi** e tantos outros. É assim que todos nós também devemos escrever. A Academia foi contra? Pior para ela, que vai se cobrir de vergonha por ter chancelado uma publicação tão irresponsável como esta.

derrepente?

Boa noite, Professor! Ontem, "conversando" por e-mail com uma colega, ela me disse que **de repente** *teria sofrido alteração na grafia após a Reforma, passando a ser escrito* **derrepente**. *Eu não acreditei, mas, como nada li sobre a Reforma, não posso afirmar que ela esteja errada. Pode esclarecer minha dúvida? Desde já, lhe agradeço.*

Isabel Costa C.

Mas que confusão fez essa sua amiga, hein, Isabel! Ela deve ter ouvido falar na nova regra que determina que vocábulos iniciados por **R**, quando receberem prefixo terminado em **vogal**, terão o **R** duplicado (**birreator**, **autorretrato**, **contrarrevolução**, **infrarrenal**, etc.) – o que é verdade. O problema é que ela não tinha nada que aplicar a regra a **de repente**! O **de**, aqui, é uma simples **preposição**, não um **prefixo**! São duas palavras separadas – **de** e **repente** –, como **de resto**, **de ré**, **de rastros**, **de relance**, entre muitos. Avise para a amiga

que ***derrepente** sempre será um erro cabeludo!

adjetivos pátrios ou gentílicos

Diferentes leitores perguntam sobre a manutenção – ou não – do h nos adjetivos gentílicos compostos.

1) Caro Prof. Moreno, com a atual Reforma Ortográfica, os adjetivos pátrios que apresentam o hífen em sua composição, como **ouro-finense***, de Ouro Fino,* **pouso-alegrense***, de Pouso Alegre,* **porto-alegrense***, de Porto Alegre, dentre tantos outros, sofrerão alguma modificação em sua grafia? Em meu entendimento, não. Entretanto, encareço-lhe os esclarecimentos pertinentes.*

José Édison C. – Campinas

2) Professor Moreno, moro na cidade de Santa Cruz do Capibaribe, em Pernambuco, cujo gentílico é **santa-cruzense**. *Gostaria de saber se com o novo* **Acordo** *ele perderá o hífen. Em um guia vi que* **porto-alegrense** *continua com hífen.*

Lucinaldo T.

3) Bom dia, professor; os gentílicos entraram na nova regra do hífen? Vamos escrever **norte-americano** *ou* **norteamericano***?*

Regina F. – São Paulo

Prezados amigos, as novas regras do hífen se referem especialmente aos vocábulos formados com **prefixos**; a grafia dos **gentílicos** (ou adjetivos pátrios) continua inalterada, seguindo as mesmas disposições que conhecemos desde 1943: **mato-grossense**, **cruz-altense**, **sul-rio-grandense**; **norte-americano**, **norte-africano**, **sul-americano**, **norte-coreano**. Agora, especialmente para o Lucinaldo (mas extensivo a todos): em ortografia, sempre podemos confiar no raciocínio por analogia. Se escrevemos **porto-alegrense**,

podemos deduzir, com segurança, que **santa-cruzense** também será escrito com hífen. Se **caju** não tem acento, o mesmo vai ocorrer com **Iguaçu** e **bauru**; se **táxi** é acentuado, também o serão **ravióli** e **biquíni**. Esta é a regra máxima deste jogo: o que vale para um, vale também para os seus semelhantes.

bem-estar

Olá, Professor Moreno! Esta nova Reforma Ortográfica introduziu alguma mudança na ortografia da palavra **bem-estar***?*

José G. – Itapema (SC)

Felizmente não, meu caro José; continuaremos a escrever **bem-estar**, como sempre fizemos. O **Acordo** não mudou nada quanto a isso; vamos colocar um hífen depois de **bem** sempre que ele se ligar a um vocábulo que **tenha existência autônoma** no nosso idioma: **bem-falante**, **bem-aventurado**, **bem-querer**, **bem-vindo**, etc.

Aqui, mais do que em qualquer outro lugar, ficam evidenciadas as duas funções que o hífen acumula, pois ele é, ao mesmo tempo, um sinal que **separa** e um sinal que **une** (o famoso **traço-de-união**): em **bem-estar**, ele sinaliza, ao mesmo tempo, (1) que estamos diante de um vocábulo uno, embora composto, e (2) que os dois elementos que entram em sua composição têm vida própria.

É exatamente por isso que não temos hífen em **benfazejo** ou **benquisto**; embora não seja difícil reconhecer ali a presença do radical de **fazer** e de **querer**, respectivamente, não temos mais ***fazejo** ou ***quisto** como formas livres.

o hífen depois do **Acordo**

Gostaria de saber como ficou a escrita de **boa-fé***, com as novas regras. E as palavras* **horas-extras***,* **aviso-prévio** *e* **Advocacia-Geral***?*

Michele B. – Porto Alegre

Michele, com as novas regras, **boa-fé** será escrito... **boa-fé**. O **Acordo** só alterou as regras que envolvem formação com **prefixos**, o que não é o caso de **boa**, que aqui é um **adjetivo**. Quanto às demais – **horas-extras**, **aviso-prévio** e **Advocacia-Geral** – persiste, mesmo depois do **Acordo**, aquela indefinição intrínseca que sempre existirá entre o que é **vocábulo** e o que é **locução**. Acho importante lembrar que existe uma faixa imprecisa entre eles, uma espécie de **terra-de-ninguém** (que uns escrevem **terra de ninguém**, sem hífen – estás vendo como é?) que jamais poderá ter contornos precisos. Vemos tanto **ponto e vírgula** quanto **ponto-e-vírgula**, **aviso prévio** quanto **aviso-prévio**, etc. Eu prefiro usar hífen nestes casos, pois ele serve para distinguir a **locução** (o **aviso prévio**, isto é, o aviso que foi feito previamente, o prévio aviso) do **vocábulo** (o **aviso-prévio** – termo da linguagem jurídica que designa a comunicação da rescisão de um contrato de trabalho). Outros, no entanto, preferem deixá-los sem hífen.

pronto-socorro ou **prontossocorro**?

Prof. Moreno, trabalho em uma indústria gráfica onde elaboramos e produzimos vários modelos de agendas. As novas regras de ortografia nos deixaram em dúvida em relação à palavra **pronto-socorro***. Conforme o manual que consultamos, se o prefixo terminar em* **vogal** *e o segundo elemento começar por* **R** *ou* **S***, temos de duplicar essas letras. Isso quer dizer que* **pronto-socorro** *vai ficar* **prontossocorro***? Gostaria da sua ajuda, pois achei muito estranha esta palavra!*

Daiane C.

Prezada Daiane, vocês estão fazendo uma confusão essencial: esta regra do

Acordo a que você se refere (a duplicação do **R** e do **S**) aplica-se exclusivamente a **prefixos** (**contra**, **infra**, **ante**, **anti**, **auto**, **supra**, **semi**, **neo**, etc.) e a **prefixoides** (elementos gregos e latinos que funcionam como se prefixos fossem: **macro**, **micro**, **hidro**, **geo**, **bio**, **termo**, **nefro**, etc.). Por isso, [anti+semita], **antissemita**; [supra+renal], **suprarrenal**; [mini+saia], **minissaia**; [bi+reator], **birreator**; [auto+retrato], **autorretrato**.

Por outro lado, os vocábulos compostos de substantivos, adjetivos, verbos, etc. (entenda-se: os que não são formados pelo acréscimo de um prefixo, mas sim pela união de dois ou mais vocábulos existentes no idioma) continuam a ser escritos **com** hífen, como sempre foram: **pronto-socorro**, **ítalo-soviético**, **mestre-sala**, **puro-sangue**. Parece que isso não ficou bem claro na divulgação do **Acordo**, pois esta tem sido uma pergunta recorrente de leitores de toda parte.

minissalada

Prezado professor, sou redator e estou atualizando um cardápio em que constam as opções **mini bolo***,* **mini torta***,* **mini salada**. *Pois bem, pelo novo Acordo Ortográfico estas palavras passam a ser* **minibolo***,* **minitorta***,* **minissalada***?*

Ari D. – São Paulo

Meu caro Ari, assim já se escrevia antes do **Acordo**, assim vamos continuar a escrever depois dele: **minitorta**, **minibolo**, **minissalada** – formas que eu acho horripilantes! Se fosse eu o dono do restaurante, eu escreveria no cardápio **torta míni**, **bolo míni**, **salada míni**, muito mais aceitável (**míni**, usado em separado, tem acento).

ecossustentabilidade?

Olá, caro professor. Acho que o aumento da consciência ecológica, criou um probleminha para a língua – ainda mais agora, que estamos de ortografia nova. Embora os dicionários ainda se omitam quanto a esta palavra, já a encontrei na rede com três grafias diferentes: **eco-sustentabilidade***,* **ecossustentabilidade** *e* **ecosustentabilidade**. *O senhor pode me dizer qual delas eu devo usar?*

Fernando G. – São Paulo

Meu caro Fernando, não há problema algum: pelo sistema vigente **antes** do **Acordo**, o elemento grego **eco-** nunca era seguido de hífen. Escrevia-se, portanto, **ecossustentabilidade** (o **S** deve ser duplicado; caso contrário, como está entre duas vogais, passaria a representar o som de /z/).

Agora, pelo **Acordo**, **eco-** vai ter hífen quando se ligar a um vocábulo que comece por **H** ou por **O** (eu não conheço nenhum, por enquanto, mas posso imaginar uma hipotética **eco-organização**, ou uma animada **eco-olimpíada**...). Como esse não é o caso de **sustentabilidade**, você vai ter de duplicar o **S** e escrever exatamente como antes: **ecossustentabilidade**, no mesmo modelo de **ecossistema**, há muito dicionarizado.

minissaia e **microrregião**

Prof. Moreno, estou estudando para concurso público e me deparei com palavras novas ao estudar o emprego do hífen: **audiosseletivo***,* **cardiorrenal***,* **microrregião***,* **psicossocial***,* **minissaia***... Pelo meu humilde Português posso afirmar que dá para aceitar a ausência do hífen, mas não consigo entender a repetição do* **R** *e do* **S***. Por isso, venho pedir sua ajuda.*

Mariana L.

Prezada Mariana, o fato de não usarmos hífen com esses prefixos traz

evidentes consequências ortográficas. O princípio é muito simples (e muito antigo): se escrevermos ***microregião**, o **R** isolado entre duas vogais vai ser lido com o som de /r/ fraco (como em **caro** ou **tiro**); é por isso que temos de duplicá-lo. O mesmo acontece com o **S**; ***minisaia** será lido como /minizaia/, se não duplicarmos o S.

Você não deve estranhar este procedimento; pelas regras do novo **Acordo**, ele vai ocorrer todas as vezes em que um prefixo **terminado por vogal** encontrar um vocábulo iniciado por **R** ou **S**: **autossuficiente**, **antissemita**, **hidrossanitário**; **contrarregra**, **autorregulável**, **semirreta**. Vamos demorar um pouco a nos acostumar a essa nova forma, mas sou obrigado a reconhecer que assim é bem mais racional.

Beira-Rio ou **Beirarrio**?

Prof. Moreno, trabalho para um semanário do interior do estado, cujo editor, que é gremista, parece estar louco para utilizar a Reforma Ortográfica contra tudo que refira ao nosso querido Internacional. Ele sugeriu que, pelas novas regras, o estádio da Beira-Rio deve passar a ser escrito **Beirarrio***, sem hífen e com o* **R** *duplo, como* **biorritmo** *ou* **antirreligioso***.* **Beirarrio***! Argh! O senhor poderia esclarecer esta dúvida? Respeitamos muito sua opinião.*

Márcio – Santa Maria (RS)

Meu caro Márcio, diga aí para esse editor que essa regra da duplicação do **R** vai se aplicar apenas a vocábulos formados com **prefixos terminados em vogal**: [auto+regulação]= **autorregulação**; [semi+reta]= **semirreta**. Os vocábulos compostos de dois ou mais substantivos, adjetivos, verbos ou advérbios (ou seja, não formados por prefixação) vão continuar a ser escritos como sempre foram: **porta-retrato**, **bomba-relógio**, **caga-regras**, **coisa-ruim**, **guarda-roupa**, etc. Ora, como **beira** está muito longe de ser um prefixo, pois é um substantivo, e bem concreto, vamos continuar escrevendo **beira-rio**; o nosso

generoso estádio, portanto, continua a ser o **Beira-Rio**.

repetição do hífen na translineação

Prezado Professor, com o grande sucesso do uso do computador para se redigir textos, tenho observado que raramente ocorre a separação das sílabas das palavras (translineação), pois os programas se incumbem de ajustá-las ou passá-las para a outra linha, com exceção das formas pronominais. Neste caso, como proceder quanto ao hífen de separação? Deve-se colocar apenas um hífen no final da linha ou há obrigatoriedade de colocar também outro no início da linha seguinte? Onde encontrar sobre este assunto? O que dizem sobre isso a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) e a ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas)?

Tenho uma amiga que é professora de Língua Portuguesa aposentada, formada há trinta anos, ex-aluna de Evanildo Bechara e Celso Cunha, que afirma ter aprendido com eles a obrigatoriedade do uso do traço de separação no final da linha e também no início da próxima linha. Ela está correta?

Marilema P. – Rio de Janeiro

Prezada Marilema: não existe tal regra na NGB, que só enumera os títulos e as divisões da Gramática (jamais se ocupou de ortografia). A ABNT, por sua vez, emite apenas normas técnicas; não tem competência para discutir ortografia e, sejamos justos, jamais tentou mesmo. A autoridade é a Academia Brasileira de Letras, através dos seus Vocabulários Ortográficos, editados exatamente para mostrar, concretamente, a aplicação das regras dos acordos assinados entre o Brasil e os demais países lusófonos. Atualmente, escrevemos dentro dos parâmetros do Acordo de 1943, com a mínima modificação introduzida pelo Acordo de 1971. Nada houve desde então, a não ser tentativas que, se os deuses me ouvirem, continuarão infrutíferas. O Brasil não precisa mais de reformas ortográficas. [Quando escrevi essas linhas, mal podia suspeitar que vinha chegando uma desastrada reforma, aos trancos e barrancos...]

Quanto à sua dúvida específica, o Acordo de 1943 não diz nada sobre ser "aceitável" ou não a repetição do **hífen** (ou **traço-de-união**) no início da nova linha, se o hífen de **palavras compostas** e de **pronomes oblíquos** for o último caractere da linha anterior. No entanto, no texto do próprio **Acordo** ocorrem várias coincidências desse tipo, e em nenhuma delas o hífen foi repetido – o que implica dizer que, ao menos **implicitamente**, o uso oficial **não** nos obriga a esta prática.

Esse costume tinha vários defensores quando o texto, manuscrito ou datilografado, era entregue ao tipógrafo para ser composto. Como as linhas do original raramente iam coincidir com as linhas do texto impresso, o autor, por precaução, podia usar o hífen repetido para ter certeza de que o vocábulo seria grafado corretamente na hora da composição. Vamos imaginar que, no meu texto original, os vocábulos **contraproposta** e **contra-ataque** tivessem de ser divididos por translineação, e, em ambos os casos, as linhas terminassem exatamente na divisa do prefixo (**contra-**). Como iriam começar as linhas seguintes? O normal seria iniciar uma por **proposta** e a outra por **ataque** – e assim eu faço, e assim faz praticamente todo o mundo que escreve em Português hoje em dia. Naquela época, no entanto, em que existia a figura intermediária do tipógrafo, havia o risco dele não saber distinguir se aqueles hifens eram apenas os hifens normais da translineação (como em **contraproposta**), ou se eram hifens internos de um vocábulo composto (como em **contra-ataque**). Quando esses vocábulos caíam no meio da linha impressa, o tipógrafo era obrigado a tomar uma decisão sobre a forma de grafá-los; dependendo da sua cultura ortográfica, poderia cometer erros como ***contra-proposta** ou ***contraataque**. Por isso, para evitar esse equívoco (não muito provável, porque os tipógrafos geralmente sabiam muito mais ortografia que a maioria dos autores), eu **poderia** repetir o hífen no início da linha no caso de **contra-ataque** (...**contra-/-ataque**). Muitos autores adotavam esse mecanismo de precaução também com o hífen dos pronomes oblíquos, para evitar confusão em pares como **ver-te** e **verte**, **impor-te** e **importe**, **alinha-vos** e **alinhavos**, **ter-nos** e **ternos**, **ver-me** e **verme**, etc.

Hoje não vejo muita razão para continuar fazendo isso. O recurso de

justificação das linhas nos modernos processadores eliminou consideravelmente a partição das palavras na margem direita do texto e, na maioria das vezes, a eventual confusão que se pretendia combater com esse hífen repetido fica desfeita, de modo muito mais eficiente, pelo contexto (confundir **ver-me** com **verme** é de amargar!). É claro que nada proíbe o uso desse hifenzinho repetido, Marilema, assim como ninguém proíbe o uso daquelas polainas do Tio Patinhas – mas ambos são traços decididamente anacrônicos.

Você deve ter percebido que o debate é sobre a **possibilidade** de repetir o hífen, mas não sobre a sua **obrigatoriedade**, que nem entra em cogitação. A memória deve estar pregando uma peça à sua amiga; jamais Bechara ou Celso Cunha diriam que esse hífen duplo é obrigatório.

Com o novo Acordo – Parece que o novo **Acordo** está decidido a revogar o que já estava consolidado desde 1943, mesmo que não haja um motivo que justifique esse rompimento. Eles não erram nunca, quando se trata de acertar no alvo trocado! Pois não é que o texto atual considera **obrigatória** essa prática de repetir o hífen no início da linha seguinte? Estranho muito que ressuscitem um procedimento tão retrógrado, principalmente se considerarmos que o **Acordo** elimina o trema e vários acentos sob a alegação (legítima, aliás) de que o sentido e o contexto eram suficientes para desmanchar as eventuais dúvidas do leitor – o que deveria ser razão suficiente para não repetir esse hífen bizarro no início da linha.

hífen ou travessão

1) Sílvio Gomes, de Santos, diz que sempre distinguiu o **hífen** do **travessão** (encontrável, segundo ele, digitando-se **Alt+0151** no teclado numérico). Por isso mesmo não entende por que a imprensa trata os dois sinais da mesma forma. “Afinal, eles não têm diferenças de forma e de emprego?”

Meu caro Sílvio, você tem razão ao dizer que não são caracteres iguais, embora a prática da imprensa, no Brasil, esteja fundindo as duas coisas. Eu

sempre os distingo, quando escrevo; abri a janela de "Symbol", no Word, e atribuí ao travessão uma combinação cômoda de teclas. A diferença fundamental entre eles é o âmbito em que aparecem. O **hífen** está restrito ao âmbito do **vocábulo**; serve para separar sílabas ou unir os elementos que formam um vocábulo composto. O **travessão** é um sinal de pontuação da **frase**, com vários empregos importantes que serão examinados oportunamente no volume sobre a pontuação. Uma de suas funções é ligar o ponto inicial e o ponto final de um trajeto ou de um período de tempo: a rodovia **Belém–Brasília**, o triênio **1971–1974**, e assim por diante.

Agora, se você quiser precisão milimétrica, deve ler os livros de editoração em Inglês. Ali, eles distinguem entre o *m-dash*, o *mm-dash* e o *mmm-dash* – velha denominação tipográfica que se refere a um travessão da largura de **uma**, **duas** ou **três** letras **M**, cada um com seu emprego distinto.

2) Prezado professor, não consigo perceber diferenças entre o **hífen** *e o* **travessão***, fora o fato do segundo ter mais ou menos o dobro do tamanho do primeiro. Tenho visto, em seu site, que o senhor às vezes usa o travessão duplo no lugar de vírgulas, mas também lembro que usávamos, na escola, este sinal para indicar a mudança da pessoa no diálogo. Existe uma diferença clara entre eles?*

Homero Z. – Goiânia

A diferença fundamental entre os dois sinais, meu caro Homero, é o seu âmbito de atuação. O **hífen**, presente no teclado, é um sinal que atua **no interior do vocábulo**; o **travessão**, que se obtém digitando (no teclado numérico) 0151, enquanto se mantém a tecla ALT pressionada, é um sinal de **pontuação interna da frase**.

É por isso que usamos o **hífen** apenas em três situações: (1) para indicar que dois vocábulos formam um novo vocábulo composto (**couve-flor**, **decreto-lei**); (2) para ligar o pronome enclítico ao seu verbo (**fazê-lo**, **vendeu-o**); e (3) para

separar as sílabas numa eventual translineação. É por causa disso – por esse uso exclusivamente morfológico, e não sintático – que o hífen não é considerado, propriamente, um "sinal de pontuação", mas um simples sinal ortográfico, como os **acentos**, o **til** ou o **trema**.

O **travessão** já é vinho de outra pipa; ele serve (1) para indicar, num diálogo, o início da fala de um personagem; (2) para, exatamente como os parênteses, indicar a intercalação de um elemento na frase (como eu próprio fiz, no último período do parágrafo anterior); (3) para introduzir, ao final de um argumento ou de uma enumeração, uma síntese ou conclusão ("Imagine um entardecer de domingo, escuro e frio, debaixo de uma chuva fina, numa estaçãozinha de trens do interior do estado – uma verdadeira desolação!"; (4) para indicar o ponto inicial e final de um percurso ou de um espaço de tempo: a ponte **Rio–Niterói**; a obra de Tobias Barreto (**1839–1869**).

Com o novo Acordo – Eu já devia saber que, quanto mais rezo, mais assombração me aparece! Pois não é que esse primor de Acordo Ortográfico, que consegue ser, a cada dia, pior do que na véspera, determina, com todas as letras, que devemos usar o **hífen**, e não o **travessão**, para os dois pontos extremos de um trajeto? Ou seja, segundo eles, deveríamos escrever "Ponte **Rio-Niterói**", e não "**Rio–Niterói**", desrespeitando, de uma vez por todas, o limite entre o que é **vocábulo composto** (com hífen) do que é uma **locução** (com travessão)! É mais um ponto na lista do que vai ter de ser revisado por essas desastradas "autoridades"...

regulamentação do hífen

Gostaria de saber se as palavras **Advocacia-Geral** *e* **Procurador-Chefe** *têm hífen ou não, e como se justifica. Muito grato.*

Protásio B.

Meu caro Protásio, pouca coisa existe de regulamentado

quanto ao uso do hífen. Podemos ter alguma certeza com os **prefixos** (**sub-reitor**, **neo-ortodoxia** e **inter-relacionado** têm hífen, ao contrário de **subordem**, **neoliberal** e **interestadual**); com **gentílicos compostos** (**mato-grossense**, **rio-grandense**); com adjetivos reduzidos (**infanto-juvenil**, **austro-húngaro**). A grande maioria dos compostos, no entanto, é hifenizada por **costume**, apenas. **Não há regra**! Isso pode parecer assustador, mas na prática vai funcionando muito bem (principalmente porque ninguém tem segurança para cobrar o certo e o errado). Escrevemos **mão-de-obra** com hífen por uma espécie de consenso; nada nos obrigaria a fazê-lo. O **Aurélio** registra assim, o **Houaiss** registra assado, o **VOLP** dá a versão da Academia: são valiosas opiniões, mas opiniões de seres humanos, nada mais. Há um exemplo que gosto muito de mencionar, porque deixa às claras essa indefinição: o sinal de pontuação "**;**" é chamado, pelos gramáticos mais tradicionais, de **ponto e vírgula**; pelos mais modernos, de **ponto-e-vírgula**. Eu prefiro esta última, mas sei que a outra tem ilustres e sábios defensores. Ora, se isso acontece no próprio acampamento gramatical, o que não diremos dos demais? **Procurador-Chefe** ou **Procurador Chefe**? Eu prefiro com hífen, mas acho que você deve seguir a sua intuição e, principalmente, o costume do meio em que você se move.

ultrassom

Professor, gostaria de consultá-lo sobre como devem ser escritos os seguintes compostos: (1) **ultra-som** *ou* **ultrassom***? (teste* **ultra-sônico** *ou teste* **ultrassônico***?); (2)* **micro-estrutura** *e* **micro-estrutural***, ou* **microestrutura** *e* **microestrutural***? Essas dúvidas ficam ainda mais fortes porque a maior parte da literatura que aplica estes vocábulos é escrita em Inglês e usa ultrasonic, ultrasound; microstructure, microstructural.*

Euclydes T. – São Paulo (SP)

Meu caro Euclydes, vamos por partes:

(1) **Ultra** é um daqueles prefixos que terão hífen antes de vocábulo iniciado por "**h**" ou pela vogal "**a**". Como em todos os demais casos ele não receberá hífen, aqui vai ocorrer a inevitável duplicação do "**s**". Assim como temos **surgir** e **ressurgir**, **suscitar** e **ressuscitar**, teremos **ultrassom**, **ultrassônico**, **ultrassonografia**, da mesma forma que escrevemos **ultrassecreto**, **ultrassensível**, **ultrassofisticado**;

(2) Por outro lado, **micro** e **macro**, dois elementos de origem grega, presentes em centenas de compostos, só vão ter hífen quando vierem antes de vocábulo iniciado por "**h**" ou "**o**". Logo, **microestrutura** e **microestrutural, microssistema** e **microrregião**, mas **micro-ônibus**, **micro-história**, **micro-onda**. Nossas regras de hífen são decididamente diferentes das regras do Inglês.

micro-hábitat?

Prezado Professor, existe, afinal, alguma regra confiável para o emprego do hífen depois de **micro***,* **macro***,* **mini***? No* **Aurélio-XXI** *não encontrei hífen ligando os prefixos* **mini** *e* **macro***, mas encontrei* **micro-hábitat**. **Macro e mini** *também teriam hífen diante de palavras com* **H***?*

Gerusa Martins

Minha cara Gerusa, em princípio, **micro**, **macro** e **mini** só devem receber hífen quando se ligarem a vocábulo iniciado por "**h**" ou pela vogal que trazem no final ("**o**" para **macro** e **micro**, "**i**" para **mini**): **macro-organização**, **micro-onda**, **mini-indústria**, **mini-hélice**; isso nos obriga a uma série de incômodas (mas necessárias) adaptações ortográficas, tais como **microrregião**, **macrossistema**, **minissaia**, etc. Este hífen em **micro-hábitat**, portanto, está dentro do que foi prescrito pelo novo **Acordo**.

Estranho, apenas, o acento colocado em *habitat* no **Aurélio-XXI**. Este vocábulo permanece em sua forma latina – isto é, **não** foi aportuguesado ainda,

como se pode perceber pelo "**t**" que encerra a última sílaba (fonema inaceitável, nesta posição, no padrão silábico de nosso idioma). Ora, se ainda não entrou no sistema, não pode submeter-se a nossas regras de acentuação – assim como *habeas corpus* não leva acento nem hífen porque ainda se mantém em sua forma latina original. O **Houaiss**, mais preciso, registra este vocábulo sem acento e com o itálico recomendado para as palavras exóticas ao Português (*habitat*).

alto-falante ou **auto-falante**?

O **alto-falante** faz parte do equipamento de som do **automóvel**; por não escrevemos **auto-falante**, à semelhança de **auto-escola**?

Prezado Doutor, vejo muitas vezes escrito **autofalante** *e* **auto-falante***, mas creio que a forma correta é* **alto-falante***, pois vem de* **alto** *e não de* **auto***. Ou seja, acho que não quer dizer que "fala sozinho", mas sim que "fala alto". Poderia me esclarecer? Grato.*

Juan G. – São Paulo (SP)

Meu caro Juan, realmente, um **alto-falante** é um dispositivo que "fala alto". É composto do advérbio **alto** (que é invariável) mais o antigo particípio presente **falante** (como **bem-pensante**). No plural, portanto, só pode formar **alto-falantes**.

O problema que as pessoas têm com este vocábulo já começa no nível fonológico. Você já deve ter percebido que, em nosso idioma, o **L** em final de sílaba é normalmente realizado como um /u/: **mel** soa /méu/, **animal** soa /animau/ e o Ed Motta pode cantar tranquilamente "**Manuel** foi pro **céu**" sem assassinar a rima. Esse fenômeno, embora perfeitamente inofensivo na esmagadora maioria dos casos, vai tornar indistinguíveis, na fala, pares como **mau** e **mal**, **alto** e **auto**. Está aberta a porta para a confusão.

Como os alto-falantes fazem parte do equipamento de som do automóvel, eu também já vi, em muitas lojas especializadas, a grafia ***auto-falante**. É claro que isso está errado, Juan, mas não se trata aqui do uso indevido do prefixo **auto** com o sentido de "a si mesmo" – como no fogão de forno **autolimpante**, que,

segundo a lenda, teria a capacidade de limpar a si mesmo! Parece-me, antes, a crença errônea de que os **alto-falantes** sejam parte do **automóvel**; por isso, usam **auto** pensando tratar-se de algo assim como **autopeças**, **autódromo**, **automecânica**, **autoescola**.

Minha convicção de que essa foi a origem do erro ficou ainda mais reforçada quando percebi que muitos técnicos de sonorização para ambientes, para espetáculos, etc., utilizam apenas **falantes**, como se estivessem preocupados em frisar que não se trata de som de carro: “Aqui vamos instalar doze **falantes**”. Essa forma, por ser mais curta e por evitar a velha dificuldade do plural dos compostos, talvez até venha, no futuro, a substituir **alto-falante** – na mesma direção seguida pelo Inglês, que de *loud speaker* está passando a usar apenas *speaker*.

por isso ou **porisso**?

Se **por que** às vezes se escreve **porque**, também não poderíamos escrever **porisso** como um único vocábulo?

Professor, lembro que nos meus áureos tempos de estudante (e eles já se vão um tanto longe) eu costumava usar a grafia **porisso***, nunca tendo sido contestado pelos meus mestres. Todavia, hoje, várias vezes já chamaram minha atenção, dizendo que* **porisso** *não existe e que, em seu lugar, eu deveria usar* **por isso**. *Será que isso procede?*

Edilberto L. – São Paulo (SP)

Meu caro Edilberto, nunca foi correto usar ***porisso**. Na verdade, trata-se de uma locução formada pela preposição **por** mais o pronome **isso**; se fossem juntáveis, teríamos também as horripilantes formas ***poristo** e ***poraquilo**, com a mesma composição. Se os seus mestres não estrilavam, é porque talvez não tenham notado. Você teve mais sorte que juízo.

Agora, se isso lhe serve de consolo, saiba que escrever ***porisso**, sem o espaço, é um daqueles **erros naturais**, isto é, um daqueles erros que cometemos

com mais frequência por existir uma força que nos empurra perigosamente em sua direção – mais ou menos assim como a gravidade nos ajuda a cair quando estamos aprendendo a caminhar. Trata-se aqui da hesitação em usar ou não o **espaço em branco**, um dos importantes (e muitas vezes esquecido) componentes do sistema da escrita. Há uma forte hesitação na hora de grafar esta e outras locuções, uma vez que é difícil, em muitos casos, determinar se estamos diante de elementos múltiplos, que devem ser grafados individualmente, ou se eles já são percebidos pelo sistema como um vocábulo único. Se você olhar com um pouco mais de atenção, não vai deixar de notar que vocábulos como **porventura**, **depressa**, **devagar** foram, um dia, expressões formadas por uma **preposição** mais um **substantivo** (por+ventura, de+pressa). Não é de estranhar, portanto, que se tente escrever ***porisso**, ***apartir** ou ***derrepente**, erros que encontro por toda parte. Abraço, e olho vivo!

demais e **de mais**

Nem sempre é fácil determinar quando se deve usar o famoso esp em branco entre as palavras.

Caro Professor, nunca tenho certeza quando devo usar **demais** *(uma só palavra) ou* **de mais** *(duas). Não ficou claro nas gramáticas que consultei. Acho que os exemplos se contradizem e, quanto mais estudo, mais confusa eu fico. O senhor tem uma boa regra para isso?*

Juçara – Londrina (PR)

Minha prezada Juçara, em linguagem, como na vida, certas coisas são como são. Se um geólogo estuda um lençol de areia movediça e o faz assinalar em todos os mapas, ganham os viajantes, que passarão por ali com todo o cuidado – mas essa areia não vai ficar menos móvel só por causa disso. O mesmo ocorre, em Português, nessa nebulosa região em que se misturam **vocábulos** e **locuções**. Ali a luz é escassa e a sombra é espessa; ali formas como **debaixo**, **demais**, **detrás** convivem com locuções como **de baixo**, **de mais** e **de**

trás. Meu mapa diz que essa parte do terreno não está bem sedimentada, e o máximo que eu posso fazer por você é mostrar algumas coisas básicas que aprendi nos tantos anos em que vivi nesse território.

1) Usamos o vocábulo **demais** em duas situações básicas (vamos deixar de fora expressões como **de mais a mais**, etc.). Primeiro, como **advérbio de intensidade** (é um irmão de **muito**, **pouco**, **bastante**, etc.), com o sentido de "excessivamente, além da conta" ou de "muitíssimo". Devemos lembrar que esse tipo de advérbio pode modificar um verbo, um adjetivo ou mesmo outro advérbio (os demais só modificam verbos):

Eu **falei** demais. Vocês **comem** demais.O relógio é **caro** demais.

Isso é **bom** demais! Ela canta **bem** demais! É **tarde** demais!

Em segundo lugar, esse **demais** pode ser um **pronome indefinido**, significando "os outros, os restantes". Como é um **pronome adjetivo**, sempre vai acompanhar um **substantivo** (expresso ou elíptico):

Convidaram Laura e os **demais** colegas.

Contrate este candidato e dispense os **demais**.

2) Usamos a locução **de mais**, formada pela preposição **de** e o advérbio **mais**, para significar "de sobra", "a mais", opondo-se simetricamente à locução **de menos**:

Cuide para não colocar sal **de mais** no churrasco.

Uns têm coisas **de mais**, outros **de menos**.

O **Aurélio** registra, também, o sentido "capaz de causar estranheza; anormal":

Não vejo nada **de mais** em sua resposta.

Essas distinções vão ajudá-la a navegar com serenidade no mar de nosso idioma. Afinal, os simples viajantes não precisam saber que, lá das profundezas, espreitam perigos que preferimos nem conhecer. Um espírito de porco poderia contrapor "ela falou **demais**" ("excessivamente") com "ela estudou **de mais**" (por oposição a "ela estudou **de menos**"), mas seria o caso de jogá-lo por cima da borda e continuar a viagem.

detrás, **de trás**

Mostramos, mais uma vez, quão importante pode ser o espaço em branco deixado entre as palavras.

Professor, na sua resposta sobre **demais***, o senhor mencionou também o caso de* **detrás** *e* **debaixo***, dizendo que eles também podem ser escritos como dois vocábulos separados. Quando está correto escrever* **de trás** *e* **de baixo***?*

Wellington C. – Brasília

Meu caro Wellington: acho que **detrás** e **debaixo** são um pouco mais simples que o movediço **demais**; nosso idioma parece estar marcando, aqui, a distinção entre "lugar onde" e "lugar **de** onde". Compare:

(1) Ele estava **debaixo** da cama. (onde)

(2) Ele saiu **de baixo** da cama. (de onde)

Na frase (2), **de baixo** se opõe a **de cima**; é a mesma oposição que vamos encontrar em "ele mora no andar **de baixo**", "ele mora no andar **de cima**".

O advérbio **detrás** também expressa "lugar onde"; é sinônimo de **atrás**. A expressão **de trás** expressa "lugar de onde"; essa preposição **de** é exigida por um grupo expressivo de verbos de movimento. Compare:

(3) Ele escondeu-se **detrás** da pedra. (onde)

(4) Ele veio **de trás** da pedra. (de onde)

(5) Tirou o violão **de trás** do armário. (de onde)

Nas frases (4) e (5), **de trás** se opõe a **da frente**; é a mesma oposição que vamos encontrar em "de trás para a frente, da frente para trás". Como você pode ver, a paisagem é aqui mais definida que no caso do **demais** – mas nem tudo são rosas, quando se trata desse diabólico espacinho em branco. Pense, por exemplo, na frase "A criatura surgiu **detrás**/**de trás** da pedra"; **separado**, significa que ela veio de lá; **junto**, que foi lá que ela nasceu (ou se materializou...). Tenho certeza de que poderíamos encontrar vários pares

interessantes como esse, se ficássemos remexendo nesse poço.

Curtas

extracurricular

Ronaldo, de Santos (SP), criou em seu “curriculum vitae” uma seção de “cursos **extra-curriculares**” e precisa saber se está certo assim, com hífen, ou se deveria escrever tudo junto.

Prezado Ronaldo, escreva **extracurriculares**, do mesmo modo como vamos escrever **extraclasse**, **extranumerário**, **extraconjugal**, etc. Sem hífen.

compostos com **hemi-**

Grasiela, de Florianópolis (SC), está redigindo sua tese de doutorado em Odontologia e gostaria de saber se a palavra **hemimandíbula** está correta ou se necessita do hífen.

Minha cara Grasiela, apesar de ser um mostrengo, escreva **hemimandíbula**. O elemento **hemi-** (metade) só tem hífen antes de “**h**” (hemi-hidratado) ou, hipoteticamente de “**i**”; em todos os demais casos, sempre vai ser usado **sem hífen**. Da mesma forma, vamos escrever **hemialgia**, **hemicrania**, **hemifacial**, **hemiplégico**.

hífen com **macro-**

Eiji quer saber se **macrofluxo**, palavra utilizada em sua área de trabalho mas inexistente nos dicionários, deve ser escrita com ou sem hífen.

Meu caro Eiji, as novas regras de hífen estabelecem que o elemento **macro** só tem hífen quando vem antes de “h” ou de “**o**”. Em todos os demais casos, ele **jamais** será hifenizado. Por isso escrevemos **macroeconomia**, **macroatacado**, **macrobiótica**, **macrofluxo**, seja lá o que for.

seminovos

A leitora Denise trabalha numa agência de publicidade, onde surgiu uma discussão sobre o uso do hífen na palavra **seminovos**. "Verifiquei na gramática e cheguei à conclusão que é sem hífen, mas como já li em muitos anúncios a palavra hifenizada, preferi consultar um especialista."

Prezada Denise, o prefixo **semi-** só pode ter hífen antes de palavras começadas por "**h**" ou por "**i**" **(semi-humano**, **semi-internato**). Antes das demais letras do alfabeto ele **jamais** vai ser hifenizado: **semidireto**, **seminua**, **semicírculo**, **seminovo**. Esse nem ao menos é um daqueles casos discutíveis ou duvidosos; ao contrário, é daqueles básicos e elementares. Se você tem uma boa gramática, deve acreditar nela. **Seminovo** não tem hífen mesmo!

subobjeto

Rogério gostaria de saber se a grafia correta é **sub objeto** (com espaço), **sub-objeto** (com hífen) ou **subobjeto** (tudo junto).

Caro Rogério, o prefixo **sub** é uma **forma presa** e não pode ser usado isoladamente, o que elimina o "sub objeto". Além disso, este prefixo somente vai ter hífen antes de palavras iniciadas por "**r**", "**b**" ou "**h**" (**sub-reitor**, **sub-base**, **sub-habitação**). Por isso, por horrível que pareça, devemos escrever **subobjeto**, como **subestação**, **subordem**, **subagência, subgerente, subsolo, subaxilar** e por aí vai a valsa.

georreferenciamento

Eliana, funcionária da Secretaria do Meio Ambiente, está fazendo um trabalho que abrangerá o estado de São Paulo inteiro e tem dúvidas quanto à grafia correta da palavra **georreferenciada**.

Minha cara Eliana, vocábulos em que aparece o elemento grego **geo** ("terra", em Português) só terão hífen antes de "**h**" e de "**o**"; por isso, **geopolítica**, **geofagia**, **geossíncrono** e, *ipso facto*, **georreferenciada**. É feio, mas é assim.

subchefe

Célia e Helena, de Jundiaí, gostariam de saber minha opinião: escrevemos **subchefe** (como está no **Aurélio**), ou **sub-chefe** (segundo o prof. Douglas Tufano)?

Minhas caras, o prefixo **sub** só vai ter hífen antes de vocábulos iniciados por "**r**", "**b**" ou "**h**": **sub-raça,** **sub-biblioteca**, **sub-humano**. São pouquíssimos vocábulos. Em todos os demais casos – friso: em todos os demais casos! – ele não vai ser hifenizado: **subordem**, **subgerente**, **subchefe**, **subsolo**, **sublocação**, etc. Não sei o que o prof. Tufano diz sobre isso, mas não acredito que ele vá defender um mostrengo como ***sub-chefe**. Vocês devem ter-se enganado.

bem-vinda

Antônio, de Caxias (RJ), quer saudar a sua filha que vai nascer com uma faixa de boas-vindas, e precisa saber se está certo escrever "Giovana Seja Benvinda".

Meu caro Antônio, a faixa para a sua filhinha deve ser assim escrita: **Giovana, seja bem-vinda!** – com **vírgula** depois do vocativo e **hífen** no composto. Assim ela já vai nascer sob o signo da linguagem correta, o que é sempre de bom augúrio. Abraço, e felicidades.

semi- e **multi-**

Pergunta a leitora Marlene, que trabalha numa empresa de material de segurança e está preparando a edição dos novos catálogos: o correto é escrever **semi-máscara** ou **semimáscara**? É **multigás** ou **multi-gás**? As revistas usam com hífen, mas ela não acredita.

Prezada Marlene, em primeiro lugar, é **semimáscara**, da mesma forma que **semidireto**, **semicolcheia**, **seminua**, **semimorto**, etc. (**semi** leva hífen só antes de “**h**” e de “**i**”**)**. Para **multi**, o hífen está previsto antes de “**h**” ou de “**i**” (ainda não há vocábulos em que isso aconteça, mas um dia eles haverão de surgir). Em todos os demais casos, escrevemos sem hífen: **multifacetado**, **multimilionário**, **multifocal**, **multigás**. As revistas podem ser especializadas na área de segurança, mas não o são em Português.

pentacampeão

Lys Nunes Osório, de Canoas (RS), quer saber como se escreve: é **penta-campeão** ou **pentacampeão**?

Prezada Lys, escreva **pentacampeão**, sem hífen. Lembre que os prefixos numéricos – **bi**, **tri**, **tetra**, **penta**, **hexa**, etc. – só vão ter hífen antes de palavra começada por “**h**” ou pela vogal final de cada prefixo: **bi-harmônico**, **bi-iodeto**, **tri-hibridismo**, **penta-atleta**, **hexa-hidrato**. Em todos os demais casos, não serão hifenizados: **birreator**, **trifásico**, **hexadecimal**, **pentacampeão**, **bissexual**, etc.

soroteste

Lúcia quer saber se **soro teste** e **soro controle** se escrevem com hífen, juntas ou separadas. “Por analogia, de acordo com o **VOLP** (**sororreação**, **sororreagente** e outras), eu as usaria como sendo uma única palavra (juntas, sem hífen). Está correto?”

Minha cara Lúcia, você estava seguindo o caminho certo; se **sororreação** é tratado como vocábulo uno, podemos concluir que todos os demais compostos com o elemento **soro** também o serão: **soroteste**, **sorocontrole**, **sorocoagulação**, etc.

minirreforma

Vania, de Jaboticabal (SP), estranhou a seguinte manchete da *Gazeta Mercantil*: “A **minirreforma** deu mais poderes à Receita Federal”. O termo **minirreforma** está correto?

Prezada Vânia, o prefixoide **mini** (elemento que se assemelha a um prefixo verdadeiro) só admite hífen antes de “**h**” ou de “**i**”; é por isso que temos combinações como **minissaia**, **minissistema**, **minirreforma**, em que o “**s**” ou o “**r**” precisam ser duplicados para manter o som original.

ante-sala

Andréia Bueno, de Porto Alegre, ficou em dúvida quanto à grafia correta de **ante-sala**. O **Aurélio** dá **ante-sala**, mas o **Dicionário Universal**, on-line, aponta a forma **antessala**.

Prezada Andréia, o seu **Aurélio** deve ser anterior ao **Acordo**, quando realmente se escrevia **ante-sala**. Agora o prefixo **ante** só vai ter hífen antes de vocábulos começados por “**h**” ou por “**e**” (**ante-histórico**, **ante-estreia**). Em todos os demais casos, não será hifenizado: **antessala**, **antessacristia**, **antessocrático**. O **Dicionário Universal**, por ser on-line, sempre vai estar mais atualizado do que a versão em papel; lá você vai encontrar **antessala**.

megassena

Claudinei, de Piracicaba (SP), leu que o prefixo **mega** não é separado por hífen. “Se unirmos este prefixo a palavras iniciadas por **S**, devemos dobrar esta letra?”

Meu caro Claudinei, o prefixo **mega** só é seguido de hífen depois de “**h**” ou de “**a**”. Portanto, sempre que ele se juntar a vocábulo iniciado por “**s**”, essa letra deverá ser dobrada, para que não fique sozinha entre duas vogais: **megassistema**, **megassena**, **megassísmico**. Se escrevêssemos ***megasistema**, a leitura indicada seria /megazistema/, porque a letra “**s**” intervocálica representa o fonema /z/. Essa duplicação do “**s**” e do “**r**” iniciais, aliás, acontece também com qualquer outro prefixo que termine em vogal: **macrorregião**, **macrossistema**, **microssonda**, **ressurgir**, etc.

[**1**] MORENO & MARTINS. *Português para convencer*. São Paulo, Ática, 2006. p. 169.

4. Como se diz

A hesitação sobre a **grafia** de uma palavra é mais frequente que a hesitação sobre a sua **pronúncia**, o que é muito natural. O brasileiro sabe que existe um conjunto de normas e costumes que regem a escrita e sente que é socialmente condenável não se adequar a este grande consenso que transparece nos dicionários e nas gramáticas. Há quem diga que essa é uma tola preocupação com as aparências, mas os sábios há muito perceberam que as aparências têm muito mais importância do que se pensava. Cá entre nós: a não ser por razões muito especiais, ninguém quer escrever diferente do uso da maioria culta; bem pelo contrário, um texto correto e bem escrito nos deixa tão orgulhosos e confiantes quanto uma elegante roupa nova. Errar no papel é coisa séria: os textos que eu escrevo não se dissolvem no ar, como os sons da fala; podem ser guardados, arquivados, lidos e relidos indefinidamente – às vezes com olhos do bem, às vezes com olhos do mal. Daí o nosso cuidado.

A fala, no entanto, não tem essa existência duradoura (a não ser em registros gravados). Nosso aparelho fonador é um legítimo instrumento de sopro, e as notas que produzimos (os fonemas) duram o tempo fugaz de chegar aos nossos interlocutores. Ou, como disse muito melhor o bom Rafael Bluteau, nosso dicionarista do século XVIII, a palavra falada tem “o ar por corpo, a língua por mãe, e a boca por berço, mas com tão instantâneo descanso, que apenas nascida voa, e com tão breve vida, que logo nos ouvidos dos circunstantes se sepulta”. Assim, sem a carne e o osso do papel, fica muito mais difícil comparar o uso das pessoas cultas para chegar a uma norma de **como dizer**. Se lembrarmos ainda que existem as variantes regionais de pronúncia, fica explicado por que temos uma norma ortográfica mas nunca teremos uma norma fonética. Os dicionários, as gramáticas, os professores, os usuários sabidos (e os que pensam que sabem...), todos apenas expressam **opiniões** – algumas certamente mais valiosas do que outras. Há questões centenárias: é **catéter** ou **cateter**? **Clítoris** ou **clitóris**? **Grelha** tem o /e/ aberto ou fechado? O plural de **caroço** é /caróços/? Há questões moderninhas: **xérox** ou **xerox**? **Récorde** ou **recorde**? **Subsídio** rima

com **suicídio** ou com **presídio**? Os autores se dividem, argumentam, explicam, e cabe ao usuário decidir-se por uma ou por outra proposta. No entanto, meu caro leitor, fique sempre atento a um sinal muito importante: neste mundo movediço da língua falada, todo aquele que expressar sua opinião de uma forma autoritária e imperial ("não pode!"; "está errado!"; "é proibido!"; etc.) sabe pouco ou quase nada; fuja dele e do que ele escreveu, porque essa atitude revela que lhe falta o mínimo de formação em Linguística para entender o problema.

Outra coisa: nunca se esqueça de que a fala vem primeiro, a escrita vem depois, isto é, ela é uma tentativa de representar, com sinais gráficos, uma realidade sonora. Portanto, não caia naquela falácia conhecida de basear-se na **grafia** para concluir que uma palavra deve ser **pronunciada** assim ou assado. Um bom exemplo é **colmeia**: até 1990, a regra mandava acentuar todas as ocorrências do ditongo aberto **éi**, tanto nas oxítonas quanto nas paroxítonas. Ora, muitos gramáticos conservadores alegavam que a pronúncia desse /e/ devia ser fechada, pois, se fosse aberta, o vocábulo seria acentuado. O raciocínio é exatamente o inverso: a gramática que mandava escrever **colmeia** estava apenas indicando que, na opinião de seu autor, aquela vogal devia ser fechada; eu sempre escrevi esta palavra **com** acento, pois acredito que a pronúncia seja com a vogal aberta, como pude comprovar ao longo de toda a minha vida (com o novo **Acordo**, a única **grafia** possível é **colmeia**, mas a discussão quanto a sua **pronúncia** permanece). Em suma: escrevemos **rubrica** sem acento porque, na pronúncia, a sílaba tônica é /bri/; ridículo seria fazer o raciocínio inverso e afirmar que a sílaba tônica é /bri/ porque a palavra não tem acento na escrita.

pronúncia dos encontros consonantais

Duas jovens leitoras da Paraíba divergem quanto à pronúncia corr nome **Ramsés**. Veja como devem ser pronunciados os encontros consonantais do Português.

Mestre, tenho 13 anos e gosto muito de ler. Como devo pronunciar o nome do faraó **Ramsés**? *É /ram–sés/ ou /rámi–sés/? Penso que o certo é da primeira forma e discuti com minha prima. Creio que da segunda forma parece pronúncia inglesa, não?*

Mariana – Campina Grande (PB)

Minha cara Mariana, as coisas não são tão simples quanto parecem. Sabe por que você e sua prima divergiram quanto a **Ramsés**? Porque aqui aparece aquele velho fantasma dos **encontros consonantais imperfeitos**. É um nome pouco empregado, hoje em dia (era usado pelos gramáticos de outrora), mas continua muito oportuno. Quando duas consoantes se encontram, ou formam um encontro consonantal **perfeito** (todo aquele cuja segunda consoante for "**r**" ou "**l**": **aBRaço**, **PLaca**, **PRova**, **TRova**, **aCLamar**, etc.), ou **imperfeito** (os demais: **aFTa**, **diGNo**, **PNeu**, **aDVogado**, **oBTurar**, etc. – geralmente em vocábulos de origem grega ou erudita).

Essa denominação de **perfeito** e **imperfeito**, claramente avaliativa, está ligada à facilidade ou à dificuldade de pronunciar esses encontros. Para podermos adequar os **imperfeitos** aos padrões fonológicos do Português, introduzimos, ao falar, uma vogal /i/ entre as duas consoantes, desmanchando assim o encontro e formando duas sílabas comuns: **aFTa** vira, na fala, /á-fi-ta/ (falando, tem o mesmo número de sílabas que **África**); **riTMo** vira /rí-ti-mo/; **PNeu** (ainda bem!) vira /pi-neu/. Não preciso dizer que essa vogal não se escreve; estou representando, entre as barras inclinadas, a maneira como **pronunciamos** esses vocábulos. Por causa dessa vogal extra, todas as palavras que têm encontros imperfeitos passam a ter, na fala, uma sílaba a mais que na escrita.

É claro que as pessoas mais cultas, ao usarem uma fala mais cuidada (**fala tensa**, como alguns chamam), tratam de manter o mais discreta possível essa vogalzinha. Eu pronuncio a segunda sílaba de /a-**di**-vo-ga-do/ com um /i/ mal e mal perceptível; muitos falantes, no entanto, carregam nesse fonema, e alguns, inclusive, tentam trocá-lo por /e/ (dizem algo assim como /a-DE-vo-ga-do/, erro típico dos pretensiosos de pouco estudo).

Sabe o que houve entre vocês duas? A pronúncia de ambas inclui esse pequeno /i/: o que você usa pode ser mais discreto, o dela pode ser mais aparente, **mas ambas o estão pronunciando**. Ambas estão dizendo /ra-**mi**-sés/, com **três**

sílabas. O Inglês, sim, que admite sílaba fechada por consoante, pronuncia /ram-ses/. Espero ter solucionado o problema.

optar, **indignar**

“Eu me **indigno**” – a pronúncia do verbo é /**indíguina**/ ou /**indiguina**

Professor, tenho uma grande dúvida quanto ao verbo **optar**. *Quando pergunto: “Vamos tomar um sorvete? Você* **opta** *por morango ou limão?”, qual é a forma correta de pronunciar o verbo? É /ópta/ ou /opíta/? E a resposta seria: “Eu /ópito/ ou /opíto/ por limão”?*

Rose C.

Prezada Rose, quando pronunciamos os encontros consonantais chamados de **imperfeitos** (encontros de duas consoantes como **DV, PT, GN, TM, BT**, etc., como em **advogado, optar, digno, ritmo, obturar**), sempre intercalamos entre as duas consoantes um fonema vocálico (/i/), ficando mais ou menos assim a pronúncia: /adivogado/, /opitar/, /díguino/, /obiturar/. Já escrevi sobre isso no tópico anterior.

No caso do verbo **optar**, a conjugação é eu **opto** (/ópito/), tu **optas** (/ópitas/), etc. Note que essa vogalzinha de apoio, intrometida, nunca deverá ser pronunciada como se fosse **tônica – o que daria / *opíto/. Foi exatamente assim que nasceu outra forma esquisita que, com a vitalidade da erva daninha, está se alastrando entre os falantes mais jovens: o famigerado / *indiguino/, que já está contaminando / *resiguino/. Uma pessoa preocupada com sua formação, como você, deve dizer “eu /ópito/”, “eu me /indíguino/”, “eu me /resíguino/”.**

recorde

Professor, em todos os livros de Português, vejo a palavra **recorde** *com a sílaba tônica assim: /reCORde/. Por que, então, nos telejornais (Globo, Record, Bandeirantes...) e em jornais de rádio, alguns conceituados como a Jovem Pan, além do Jô Soares, enfim... toda essa mídia, fala-se /REcorde/ (puxado com a fonética do inglês* **record***)? Que salada! Por favor, qual, afinal, é a forma correta?*

Geraldo

Meu caro Geraldo, não existe a "forma correta". Se você considerar (como eu e a maioria dos que escrevem sobre nosso idioma) o vocábulo como **já aportuguesado**, você vai defender a grafia **recorde** e a pronúncia /reCORde/; se, no entanto, ainda o considerar um vocábulo estrangeiro, vai escrever *record* e pronunciar /REcord/, com a tônica no **re**. Tanto no **Houaiss** quanto no **Aurélio** já se encontra a forma nacionalizada **recorde**, sem acento (portanto, paroxítona), com o "**e**" epentético no final. A hesitação, no entanto, é natural: todos os vocábulos estrangeiros que entram no Português passam por um tempo de indefinição, em que as forças mais progressistas defendem a forma adaptada e as forças conservadoras se plantam ainda na forma tradicional, estrangeira.

Agora, por que tanta gente na mídia prefere a forma em Inglês, isso eu não sei responder não; posso apenas especular que deve se tratar de uma tentativa de soar chique, sofisticado. A vizinha da minha avó costumava dizer que ia ao /restorã/, quando falava no **restaurante**; seu marido, para combinar, só tomava /vermu/ (em vez de **vermute**) doce. Pode?

micrômetro

Caro mestre, sou engenheiro, consultor de pintura industrial, trabalhei durante muito tempo como elaborador de normas técnicas brasileiras. A unidade de medida adotada para espessura de película de tinta é usualmente conhecida, no meio técnico, como **micrometro***, sem acento, correspondente à milionésima parte do* **metro***, enquanto a palavra* **micrômetro** *serve para identificar o aparelho de medida. Pergunto se tudo isso faz sentido, e se existe alguma norma para o caso.*

Alfredo J. R.

Meu caro Alfredo: acho que há um equívoco aqui. A milionésima parte do metro é também **micrômetro**. Não se trata de um **micro metro**, mas de uma unidade com a mesma **prosódia** (leia-se: posição da sílaba tônica) das outras unidades da mesma espécie: **centímetro**, **decímetro**, **milímetro**, etc. O aparelho

usado para medir também é **micrômetro**, da mesma forma que seus companheiros de função: **paquímetro**, **telêmetro**, **hodômetro**. Os dois vocábulos coincidiram; isso acontece. Agora, se no uso do pessoal técnico está começando a se criar uma diferença, então vamos esperar para ver. Se for funcional (minha intuição diz que não é), o sistema da língua vai incorporar a distinção.

n okia, nókia

Como é que se pronuncia **Nokia**? E a **Hilux**, a nova camioneta da T

Gostaria de saber a pronúncia correta da marca de telefone **Nokia**. *Liguei para a minha operadora de celular e a atendente insistiu que o correto é /nókia/, enquanto defendi que fosse /nokía/. Ela informou que essa foi a instrução que recebeu no treinamento. Vem ainda a marca de camionete* **Hilux**. *Em revendas de autopeças a briga é grande; na concessionária Toyota o pessoal pronuncia /railux/, enquanto outros dizem simplesmente /rilux/. Sem mais, agradeço.*

André P. – Cuiabá (MT)

Meu caro André, você deve perceber que sua dúvida é sobre a pronúncia de nomes estrangeiros, o que vai muito além do alcance de um professor de Português como eu. No entanto, acho que posso fornecer alguns dados para meditação. Os nomes comerciais de outros países devem, em princípio, ser pronunciados do jeito deles. Sei que os finlandeses dizem /nókia/, e assim eu pronuncio. No entanto, é normal que um leitor brasileiro aí tente aplicar o padrão fonológico habitual para vocábulos com essa grafia, que leva à leitura instintiva /nokía/. O jeito é esperar, para ver qual delas será a preferida. No caso da **Texaco**, por exemplo, venceu no Brasil a pronúncia /techaco/, bem diferente da /teksakou/ dos americanos. Já nos produtos **Cashemere Bouquet**, tradicionais patrocinadores de novelas de rádio, a pronúncia vitoriosa foi a mesma proposta pelos fabricantes; apesar de exigir uma leitura à francesa, a divulgação via rádio do nome tornou fácil sua aceitação por todos: /caximir buquê/.

Claro que está fora de questão aplicar a esses nomes as nossas exigências de acentuação gráfica ou de emprego das letras. Com marca estrangeira, cada um lê como sabe (ou acha que sabe); não é, portanto, de espantar que haja

divergências na pronúncia da nova **Hilux** da Toyota. Por falar nisso, como é que você pronuncia **Renault**? E **American Airlines**? E o "**air**" de **Air France**? E **Goodyear**? E quando você diz **Volkswagen**, o primeiro fonema que pronuncia é /f/ ou /v/? Pense sobre isso, e entenderá a minha mensagem.

O aberto ou fechado?

Veja como encontrar, no dicionário, uma informação que parece estar lá.

Caro Professor, qual é a pronúncia correta da palavra **isomorfo**? *É /isomôrfo/ ou /isomórfo/? Sou professor de Matemática e, entre meus colegas, as duas formas de pronúncia são ouvidas. Aprendi a pronunciar /isomórfo/. Não encontrei nem no* **Aurélio** *nem no* **Houaiss** *a resposta para essa indagação.*

Aurélio S. – Curitiba (PR)

Prezado Aurélio, a informação está lá, sim, tanto no **Houaiss** quanto no **Aurélio**; você a viu, mas não se deu conta. É uma prática consagrada entre nossos dicionaristas, mas pouco conhecida pelos leitores, indicar, entre parênteses, quando a pronúncia for /ê/ ou /ô/ fechados; quando nada mencionam, é porque a pronúncia é /ó/ ou /é/. Dê uma olhada em **porta** ou **loja**, e depois em **mofo** ou **corvo**, e você vai ver que as vogais abertas são tomadas como *default*. Por isso, a pronúncia para o seu vocábulo é /isomórfo/; se fosse /isomôrfo/, o verbete traria a indicação /ô/.

O dicionário do **Houaiss**, que tem uma sólida e generosa seção sobre a técnica lexicográfica utilizada, deixa isso bem explicitado na seção *Campo da ortoépia e da pronúncia*, que fica no "Detalhamento dos verbetes" (na versão eletrônica, está dentro da "Ajuda/Conhecendo o Dicionário"; na versão papel, está na página XIX). Entretanto, em certos casos de pronúncia duvidosa, o **Houaiss** indica também entre parênteses o /é/ aberto: é o caso de **besta** (/é/), arma de arremessar setas, e **lobo** (/ó/), parte do cérebro ou da orelha, que se confundem com os homógrafos **besta** e **lobo**. Esse zelo foi estendido também àquelas palavras em que se verifica uma insistente pronúncia equivocada por

parte dos falantes; assumindo uma postura didática, o dicionário achou importante registrar, por exemplo, **cateter** (/tér/) e **ibero** (/bé/).

parámos

Veja uma das diferenças entre o Português falado aqui e o falado Portugal.

Prezado Professor, tive uma mestra de Português que iniciava suas aulas com a pergunta "Onde nós paramos?", que ela pronunciava /parámos/ – nesse caso, sua pronúncia era com a vogal aberta, diferente da usual. Existe uma explicação para isso?

Rodolfo K. – São Paulo (SP)

Meu caro Rodolfo, sim, há uma explicação: sua professora devia ser **cidadã portuguesa** (espero; se não, era tantã). No Português Europeu, o sistema flexional faz a nítida distinção (que nós, no Brasil, não temos) entre a 1ª pessoa do plural do **presente** e a do **pretérito perfeito**. Eles dizem (e escrevem) "Nós **compramos** tudo o que aparece" (presente) e "Nós **comprámos** todo o material na feira da semana passada" (pretérito). Essa possibilidade de distinguir entre os dois tempos do indicativo, aliás, é a mais notável das pouquíssimas diferenças entre o nosso sistema verbal e o dos nossos avós portugueses. Ela é tão significativa para o Português Europeu que o novo **Acordo** autoriza a manutenção daquele acento no "a" (**levámos**, **amámos**, etc.), desconhecido aqui no Brasil.

Pasárgada

Um estudante de Letras quer saber como se pronuncia o nome dessa lendária cidade, cantada por Manuel Bandeira.

Caro Professor, venho pedir uma solução para uma velha dúvida: qual a pronúncia da palavra **Pasárgada***, que aparece no famoso poema de Manuel Bandeira? Gostaria de saber se o "***s***" tem som de /z/ ou de /s/, pois nem meus professores souberam responder.*

Marcelo Nunes, estudante de Letras.

Meu caro Marcelo, a pronúncia é /pazárgada/, ao contrário do que muita gente pensa. Na minha experiência, o fato de ser descrita, no poema, uma cidade fantástica, com uma sociedade e uma paisagem paradisíacas, favorece a errônea associação com **pássaro**, o que levaria à pronúncia equivocada /passárgada/.

Você deve saber que o Manuel Bandeira não inventou a cidade; trata-se da lendária cidade de Ciro, fundada quase quinhentos anos antes de Cristo para ser a capital do Império Persa. Suas ruínas ainda podem ser visitadas, no Irã, a aproximadamente uns setenta quilômetros da não menos famosa Persépolis. A História imortalizou a grandeza de Pasárgada, com seus imensos monumentos espalhados por belos terraços e verdes jardins.

Não raras vezes, fãs desse poema (da poesia moderna brasileira, um de meus preferidos), quando informados sobre a verdadeira origem desse nome, declararam seu mais absoluto desapontamento; um deles, um estrangeiro extremamente culto, chegou a me acusar, amigavelmente, de ter destruído uma linda imagem que o poema lhe evocava, de uma cidade tropical, com palmeiras verdejantes e pássaros em profusão (talvez ele estivesse, sem perceber, sob a influência da maravilhosa **Canção do Exílio**, do Gonçalves Dias...).

De qualquer forma, há um testemunho incontestável: o próprio Manuel Bandeira chegou a gravar em disco o poema, deixando definida, com sua própria voz, a pronúncia /pazárgada/. Quem tiver curiosidade, pode ouvir sua interpretação em "http://www.culturabrasil.pro.br/bandeira.htm", autêntica até nos chiados do velho disco de vinil. Uma última observação: professores do curso de Letras não poderiam desconhecer o que acabo de explicar.

pronúncia de **BMW**

Um leitor de São Paulo queria saber como se deve ler a marca alemã **BMW**: é /bê-ême-dáblio/ ou /bê-ême-vê/? Eu prefiro a primeira forma, baseado no que escrevi em **o nome do Y e do W**. Afinal, é o nosso hábito ignorar a origem das

siglas estrangeiras e atribuir-lhes uma leitura genuinamente nacional. Já falei nisso alhures, a propósito de **CD** (*Compact Disc*) e de **LP** (*Long Playing*), que entraram aqui pronunciadas como qualquer vocábulo nosso – /cedê/ e /elepê/ – e não /cidi/ ou /elpi/, como soam no Inglês.

Sei, no entanto, que muitos se opõem a essa pronúncia à brasileira, sustentando que a pronúncia deve seguir o Alemão, idioma nativo desta marca de carro: /bê-em-vê/. Os partidários dessa corrente citam o exemplo do simpático **DKW**, carro dos anos 60, que a maioria chamava de /dê-cá-vê/, e não /dê-cá-dáblio/. Admito que o exemplo é procedente; aliás, sempre me dispus a aceitar a mesma coisa também para o **BMW**. No entanto, contesto que as pessoas que dizem /bê-eme-vê/ o façam por fidelidade à língua alemã. Em primeiro lugar, leem o **M** como /eme/, não como /em/; em segundo lugar (e muito mais importante!), não usam aqui o nome da letra no Português ("dáblio") pela simples razão, que só agora me ocorreu, de que lemos o **W** de todas as siglas como /vê/: **WC**, para *water closet*, deveria ser lido /dâbliu-ci/, seguindo o Inglês, ou /dáblio-cê/, seguindo o Português, mas aqui é /vê-cê/ mesmo; **WO**, para *walkover* (no Inglês, uma corrida em que só há um cavalo inscrito e que só tem de cumprir a formalidade de caminhar pela pista, até ultrapassar a linha de chegada), deveria ser lido /dâbliu-ou/ ou /dáblio-ó/, mas aqui é /vê-ó/ mesmo. Ou seja: o nosso uso não segue exatamente o que a lógica indicaria, e sabemos que, em confrontos desse tipo, o uso é sempre soberano. Eu continuo pronunciando o nome de cada letra, em Português (/bê-eme-dáblio/), mas começo a sentir que essa não é a música que a maioria está dançando. Sou obrigado a admitir que a leitura /bê-eme-vê/, longe de ser estrangeira, também tem raiz nos hábitos e costumes de nosso idioma e, pelo que conheço de Linguística, vai terminar suplantando a outra, que é mais lógica do que intuitiva.

a pronúncia do **X**

Professor, minha pergunta é sobre a palavra **inexorável**. *A pronúncia correta da letra* **X**, *nesse caso, seria com som de /z/ ou de /cs/?*

Leonardo Alexandre

Meu caro Leonardo: você quer a pronúncia **correta**? Só posso dar a pronúncia **aconselhável** (ou **preferível**), porque nem tudo é sólido quando entramos no mundo dos sons. Podemos julgar isso por um simples detalhe: a correta maneira de pronunciar os sons da língua é chamada de **ortoepia** (do Grego *orthos*, "correto", e *epos*, "palavra") – vocábulo cuja pronúncia é controvertida, já que não poucos estudiosos preferem **ortoépia**. Ou seja: há controvérsia sobre a **pronúncia correta** da palavra que significa "pronúncia correta". Deu para sentir?

É por esse motivo que procuramos, em dúvidas como a sua, ouvir a opinião de autoridades de reconhecida ciência e comprovado bom senso (é bom acrescentar aí uma pitada de bom gosto...). Quatro dos meus guias – **Houaiss**, **Aurélio**, **Celso Pedro Luft** e **Antenor Nascentes** – recomendam que o **X** de **inexorável** seja pronunciado como /z/, e não como /cs/ ou /cz/, como se pode ouvir às vezes. Olha, quando os quatro concordam, acho melhor segui-los respeitosamente.

P. S.: A propósito de pronúncia, o pouco lembrado **Dicionário da Academia Brasileira de Letras**, em quatro volumes, de autoria de Antenor Nascentes, é o único dicionário respeitável que traz, ao lado de cada vocábulo, a pronúncia que o autor sugere, indicada por meio de uma **transcrição fonética** simplificada.

/fécha/ ou **/fêcha/**?

Nunca saiu da minha cabeça uma dúvida: minha antiga professora de Português, na frase "fecha a porta", pronunciava o verbo com o som do **E** *fechado, pois dizia que assim é a conjugação do verbo* **fechar**. *Está errado dizer* **fecha** *com o* **E** *aberto, rimando com* **mecha***?*

Júnia – Porto Alegre (RS)

Minha cara Júnia, confesso que eu também digo /fêcha/ a porta. É um cacoete dos professores de Português: a gramática tradicional recomenda assim, e nenhum de nós quer ser apanhado falando de outro jeito. Acho que é uma daquelas recomendações que já perderam o sentido, visto que todo o mundo diz

/fécha/. Eu, por dever de ofício (aliado a uma pitada de covardia), obrigo-me a conjugar o verbo **fechar** assim: /fêcho/, /fêchas/, /fêcha/, etc. No entanto, não corrijo meus alunos quando preferem a pronúncia com o **E** aberto. Lembre-se de que não existem **regras** sobre a pronúncia; apenas **recomendações**. Ao contrário da grafia, que segue uma norma específica (e olhe lá!), a **pronúncia** é uma área de grande diversidade regional. Neste imenso país que é o Brasil, uns assam na /grêlha/, outros na /grélha/; uns comem /quibébe/, outros /quibêbe/; uns metem o pé na /pôça/, outros na /póça/. É natural, portanto, que uns /fêchem/ e outros /féchem/ as portas.

P.S.: Não preciso dizer que as barras inclinadas indicam que estamos tratando da **pronúncia** desses vocábulos, e não de sua **grafia**.

xerox

A pronúncia de um vocábulo pode obedecer a um determinado est
da evolução de uma língua.

*Eu sempre disse xe***ROX** *(com a tônica na última sílaba), mas aqui no Tribunal já me corrigiram várias vezes para* **XÉ***rox. Afinal, qual é a forma correta? Leva ou não leva acento?*

"Secretária" – Londrina (PR)

É sempre mais complicado definir a forma correta de **pronunciar** uma palavra, minha cara Secretária. As pessoas sentem-se mais seguras no que se refere à escrita, porque esta, por sua própria função de registro, é mais estável – sem contar que existe, no Brasil, uma lei que (mal ou bem) ajuda a fixar uma grafia uniforme. Afinal, sempre podemos consultar o **vocabulário ortográfico** – um dicionário em que as palavras não são **definidas**, mas simplesmente relacionadas, numa grande lista, com a forma que a Academia considera correta. No que se refere à pronúncia, contudo, o falante precisa basear-se no exemplo das pessoas cultas e na opinião dos gramáticos e dos dicionaristas (faço questão de frisar: a pronúncia que um dicionário indica para uma determinada palavra representa apenas a opinião de seu autor; é uma opinião especializada, mas é uma opinião).

Entretanto, se examinar com cuidado as palavras e as frases de uma língua, um especialista em Fonologia pode ir além da simples opinião e estabelecer alguns fatos concretos sobre a organização intrínseca dos sons que a compõem – e, o que me parece mais importante, identificar quais são as tendências que essa língua apresenta no momento. Por exemplo, no caso do **xerox**, posso apontar uma tendência mais ou menos nítida, a partir dos anos 50, para os vocábulos terminados em **X** (na fala, algo como /cs/): até a primeira metade do século XX, eram unanimemente paroxítonos, isto é, com a tônica na penúltima, e com um indisfarçável caráter erudito. No **Aurélio**, entre outros, encontrei **tórax**, **bórax**, **clímax**, **córtex**, **látex**, **sílex**, **cóccix**, **fênix**, **ônix**.

De 1950 para cá, todavia, o modelo parece ter-se deslocado nitidamente: as palavras novas que entraram no Português desde então foram recebendo a tônica na sílaba final: **durex**, **inox**, **pirex**, **gumex**, **telex**, **jontex**, **relax**, **prafrentex**, **redox**. Não importa que muitas ainda sejam, ou tenham sido, nomes comerciais: os falantes dão-lhes instintivamente o padrão que a língua está usando neste momento para palavras com este perfil. Não tenho a menor dúvida de que todas as próximas que virão (e as palavras não param nunca de ingressar no nosso léxico) seguirão este padrão.

Como é que eu arrisco a data dos anos 50? Bem, aqui temos apenas mais uma confirmação de que a verdadeira análise linguística precisa levar em consideração o componente cultural e histórico da língua que está estudando. O **pirex** e o **inox**, por exemplo, apontam para o final da Segunda Guerra, como subprodutos do avanço tecnológico que o esforço bélico produziu. A eles eu acrescento um vocábulo que omiti nas relações acima: **dúplex**, o avô de nossas coberturas, em que um apartamento é ligado ao de cima por uma escada interna (naquela época, um dos símbolos de *status* da classe poderosa de Rio e São Paulo; alguns chegavam ao **clímax** ao adquirirem um **tríplex**). Ora, **dúplex** é uma palavra muito antiga, usada como sinônimo de **dúplice** ("convento **dúplex** – convento para frades e freiras", ensina Antenor Nascentes), portadora daquela nítida aura de palavra erudita e alatinada. Ao passar a denominar esse tipo de apartamento (que assim se chama até hoje), o vocábulo entrou verdadeiramente

na corrente sanguínea do Português e tomou a forma **duPLEX**. O **Aurélio**, com honestidade, registra, no verbete **dúplex**: "Pronuncia-se correntemente como oxítono".

O **xerox** é recente, como o **telex**, e não vejo por que não seria pronunciado dessa forma. O **Houaiss** indica as duas – **xerox** e **xérox** –, dando preferência à primeira, enquanto o **Aurélio**, que também registra as duas, dá preferência à segunda. Isso está coerente com a orientação deste dicionário, que é excelente em muitos aspectos, mas nitidamente atrasado em sua orientação fonológica. A pronúncia **xérox** representaria uma volta ao molde que a própria língua já abandonou (que levaria a algo como ***télex**, ***dúrex**, ***pírex**). Por outro lado, entre as pessoas que dizem **xérox**, suspeito que algumas o façam numa tentativa equivocada de manter a pronúncia estrangeira, com todo aquele prestígio que o Inglês dá aos vocábulos tecnológicos; se for por isso, deram com os burros n'água, já que no Inglês a palavra soa /zírocs/, com a tônica no /zi/ e o /o/ bem aberto, como em **vovó**.

transar, **obséquio** e **subsídio**

Por que há certos vocábulos em que as regras de pronúncia da letr parecem estar sendo desconsideradas?

Diferentes leitores escrevem sobre diferentes vocábulos, mas todos envolvendo o mesmo problema: a pronúncia da letra **S**. René, de São Paulo, implica com a grafia de **transar**: "Meu caro Mestre: a grafia não deveria ser **tranzar**? Aprendi, desde minha alfabetização, já faz muitos anos, que a letra **S** só tem o som de /z/ quando está **entre vogais**. Ora, se vejo escrita a palavra **transar** e escuto na TV falarem /tranzar/, alguma coisa deve estar errada".

A leitora Gisele F., por sua vez, estranha a pronúncia de **obséquio**: "Professor, por que o **S** de **obséquio** é pronunciado como um /z/?"

Por último, Ezequiel G., do Rio de Janeiro, quer saber como deve pronunciar **subsídio**: "Prezado Professor, gostaria que esclarecesse a minha dúvida a respeito da pronúncia da palavra **subsídio**. O **S** tem som de /z/ ou de /s/?".

Meus caros amigos, é um princípio geral de nosso sistema ortográfico que o

S depois de consoante tenha sempre o som de /s/: **observar**, **subsolo**, **absoluto**, **imprensa**, **denso**, **lapso**. Nessa posição, o **S** só vai ter o som de /z/ em **obséquio** (e derivados) e nos vocábulos formados com **trans-**: **transa**, **transação**, **transacionar**, **transalpino**, **transandino**, **transamazônico**, **transatlântico**, **transoceânico**, **transe**, **transeunte**, **trânsito**, **transigir**, **transição**, **transistor**. Notem que isso só **não** acontece quando o vocábulo originário começa por /s/: **transaariano** (trans + Saara), **transecção**, (trans + secção), **transecular**, (trans + secular), **transexual** (trans + sexual) – em todos estes fica mantida a pronúncia /s/.

Por que **obséquio** e **transar** se afastam do princípio geral? Podemos descobrir aqui a influência de alguns fatores fonológicos, mas o problema ainda permanece obscuro. Digamos que são idiossincrasias de nosso idioma; cada língua tem as suas manias (o Inglês tem muitas, o Português quase nada – por incrível que possa parecer ao observador leigo).

Afora esses dois casos, há outros que começam pouco a pouco a despontar, embora ainda sejam repelidos pela fala culta. O primeiro é **subsídio**. A pronúncia do **S** em **subsolo**, **subsequente**, **subserviente**, **subsistema** aponta para a pronúncia /subcídio/, /subcidiar/. É assim que as gramáticas e os dicionários recomendam, e assim devemos usar na fala cuidada, consciente, de banho tomado e de cabelo penteado. É impossível negar, contudo, que a tendência natural dos falantes é dizer /subzídio/. Eu diria que 95% das pessoas que usam o vocábulo preferem o som de /z/, e isso é **muito** significativo, não pela força da estatística, mas porque revela a atuação de alguma força concreta e irresistível. Será a mesma que leva os falantes (eu, inclusive) a pronunciar como /z/ o **S** de **subsistência**, **subsistir**, contrariando a lição do próprio Aurélio, que recomenda a pronúncia /subcistência/, /subcistir/, rimando com **assistência** e **assistir**? Ou aqui é apenas um caso isolado, que sofre a influência de **existência**, **existir**? Não sei dizer, mas mantenho o ouvido atento; o futuro vai nos mostrar qual é a tendência da língua.

os sons do **X**

Uma professora veio em busca de nove sons para a letra **X**, mas a
levando apenas cinco.

Olá, Professor, conheço **cinco** *sons diferentes para o* **X**, *mas fiquei sabendo que são* **nove**. *Seria possível alguma orientação a respeito?*

Marta T., professora

Prezada Marta, sua pergunta tem uma pequena imprecisão inicial, que vou eliminar por minha conta e risco: quando você menciona “os sons do X”, imagino que se trate da relação entre a **letra X** e os **fonemas** que ela pode representar, em nosso sistema ortográfico (estamos dentro da **Fonologia**). Por ser técnica demais, exclusiva dos cursos de pós-graduação, estou deixando de lado a hipótese de que você estaria pedindo informações sobre as várias maneiras que temos de pronunciar o /x/ (estaríamos dentro da **Fonética**).

Pois bem: a letra **X** pode ter **cinco** valores diferentes (se considerarmos os casos em que ela é **muda**):

(1) representa duas consoantes (/ks/): **sexo**, **conexão**, **maxilar**;

(2) representa a consoante /s/: **máximo**, **auxílio**, **próximo**;

(3) representa a consoante /z/: **exato**, **exame**, **êxito**;

(4) representa a consoante /x/: **abacaxi**, **paixão**, **xarope**;

(5) tem apenas valor etimológico; não representa fonema algum: **exsudação** (/eçudação/), **exceção** (/eceção/), **exsicar** (/ecicar/).

Lembre que o fonema /s/ **final** tem diferentes maneiras de ser realizado **foneticamente**, dependendo da região do Brasil a que pertença o falante; isso fica mais do que evidente quando comparamos a maneira como um gaúcho e um carioca pronunciam vocábulos como **dois** ou **vocês** – enquanto um sibila, o outro chia. Ora, é natural, portanto, que este fonema /s/ final, quando estiver representado pela letra **X** – como em **cóccix** ou no prefixo **ex-**, que já virou substantivo para designar o companheiro, namorado ou cônjuge anterior –, apresente as mesmas diferenças regionais de pronúncia, sem que isso signifique novos valores para a letra **X**, já que o fonema continua sendo o mesmo.

Não é nada simples essa diferença entre **Fonética** e **Fonologia**, mas você

pode ter certeza de que a base do sistema ortográfico é a **Fonologia**. Um foneticista vai distinguir diversas maneiras de pronunciar o /r/ inicial de **rato**. Para um fonólogo, no entanto, não passam de variantes do mesmo fonema; da mesma forma, para mim e para você – os usuários do idioma – não importam essas variantes na pronúncia, porque todos vamos representar esse som pela letra **R**. Faço esse comentário porque fiquei preocupado com a afirmativa de que seriam **nove** os valores do **X**, quando, na verdade, são apenas **cinco**.

pronúncia de **Roraima**

Caríssimo Doutor, sou um apaixonado pela língua portuguesa e, de fato, sempre fui um ótimo aluno na disciplina. Porém, reconheço que praticamente nada sei e que muito tenho a aprender. Gostaria de saber se existe uma forma correta de pronunciar nomes como **Jaime***,* **Janaína** *ou* **Roraima** *– isto é, se a primeira sílaba deve soar como /ja/ ou como /jã/. Certo de que receberei sua atenção, desde já agradeço.*

Pedro da Gama – Porto Alegre (RS)

Meu caro Pedro, não existe regra sobre a pronúncia do Português, o que, aliás, facilmente se explica: na evolução da espécie humana, a fala precede, em centenas de milhares de anos, a escrita. Esta sim, por ser uma simples convenção entre as pessoas que a utilizam, pode ser objeto de um sistema de regras (o qual, no Brasil, já foi modificado várias vezes). A Fonologia e a Fonética estudam "**como**" as pessoas falam, descrevendo os fenômenos com a mesma imparcialidade que a Biologia tenta descrever as formas de vida. Por isso, assim como não se pode falar de **certo** e **errado** na Natureza, não existe uma forma de determinar o que é certo ou errado na pronúncia (como algumas sumidades andam fazendo por aí, exatamente por lhes faltar um maior embasamento linguístico). Posso, isso sim, apontar **diferenças regionais** de pronúncia (um bom exemplo é o /s/ final no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro, completamente diferentes), ou comparar pronúncias que são **sociolinguisticamente condicionadas** (fala popular x fala culta, fala infantil x fala adulta, etc.).

No caso específico da sua pergunta, Pedro, há duas maneiras de pronunciar aquele **A** antes de nasal: eu digo /câma/, /jâime/ e /rorâima/, mas /jánaína/ e /bánana/. Caetano Veloso diz /bânana/, e não sei como pronuncia **Roraima** ou **Jaime**. O pessoal da Rede Globo gosta muito de /roráima/ e de /jáime/. Lembro que essa variação é muito mais comum do que se pensa; um leitor sergipano ficou espantado quando eu disse que o **O**, apesar de ser aberto em **porta**, fechava nos seus derivados (**porteiro**, **portaria**, **portal**, etc.): para ele e seus amigos, a prática é dizer /pôrteiro/, mas /pórtal/ e /pórtaria/!

Por isso, cada um de nós escolhe a maneira de falar; isso vai nos identificar tanto quanto a roupa que preferimos vestir ou a comida com que procuramos nos alimentar. Eu sou gaúcho, e tento falar, vestir e comer como gaúcho – mas é apenas uma questão de escolha pessoal.

Curtas

outrem

Caro professor Moreno, gostaria que esclarecesse qual é a pronúncia correta da palavra **outrem***: /ôutrem/ ou /outrém/? Pode justificar as razões de sua opinião? Pessoalmente acho que é a segunda forma a correta. Estou certo?*

Luiz Antonio M. – Campinas

Sinto dizer, meu caro Luiz, mas você **não** está certo; a pronúncia realmente é /ôutrem/. Se **outrem** fosse oxítona, como você afirma, teria acento na última sílaba, como **ninguém** ou **porém**. Agora, por que é assim? Não há porquês para a prosódia (a correta posição da sílaba tônica dos vocábulos); ela vai se fixando ao longo dos séculos, ao sabor deste plebiscito silencioso de que participam todos os falantes.

pronúncia de **ruim**

Gabriel, de Maringá, gostaria de saber se **ruim** deve ser pronunciado

tônico no /**ru**/ ou no /**im**/, ou se não há regras para isso.

Meu caro Gabriel, não existem regras para a **pronúncia**, você sabe. O que temos são costumes tradicionalmente aceitos pela maioria dos falantes cultos – e isso se torna uma espécie de norma não-escrita. A forma elegante de pronunciar esse vocábulo é com **duas sílabas** (é um hiato), sendo tônico o "**i**": /ru-ím/. Contudo, na fala não-tensa, grande parte dos brasileiros (eu me incluo nesse grupo) pronuncia **ruim** como um monossílabo, com o **U** tônico (/rúim/).

pronúncia de **persuasão**

> Daniella M., de Camboriú (SC), quer saber a pronúncia correta da palavra **persuasão**.

Minha cara Daniela, não vejo onde pode estar sua dúvida. Pronuncia a primeira parte (**persu-**) como **persa**; na parte restante, (**-asão**) o **S** está entre duas vogais e tem, consequentemente, o som de /z/: /perçuazão/. Abraço.

mas, **mais**

> Manoel Alves de Castilho, do Rio de Janeiro, gostaria de saber como devemos usar corretamente as palavras **mas** e **mais**, porque, diz ele, muita gente boa tem dúvidas quanto ao uso delas.

Meu caro Manoel, essa confusão só se dá, basicamente, no falar carioca, em que a conjunção **mas** é pronunciada algo assim como /maix/. No Rio Grande do Sul, por exemplo, onde se fala /más/, ela se distingue perfeitamente do **mais**. No seu caso, o remédio é lembrar sempre que você só pode escrever **mais** onde poderia escrever **menos**, que é o seu antônimo: "Ela não veio, **mas** mandou um recado" (não cabe **menos**); "ela corre **mais** que a irmã" (aqui sim). É o que posso dizer para ajudá-lo.

alfabeto fonético

> A leitora Larcy, de São Paulo, quer saber mais sobre aquelas "letras

> estranhas” que nos ensinam a dizer corretamente cada palavra, no dicionário Inglês-Português. Gostaria de saber se aquilo é um código universal ou uma espécie de **alfabeto fonético**. “Se for universal, será fácil ler uma palavra em qualquer idioma ...”

Minha cara Larcy, muitos dicionários indicam a pronúncia usando o **Alfabeto Fonético Internacional**, um conjunto de símbolos utilizados pelos linguistas para descrever todos os sons que ocorrem em todas as línguas do mundo (mesmo as mais exóticas – indígenas, orientais, etc.). Eu, particularmente, não gosto dessa prática, porque os sinais são desconhecidos da maioria dos leitores e terminam não ajudando em nada. Outros dicionários, mais espertos, usam um conjunto adaptado de símbolos, mantendo sempre à vista de seu leitor uma tabela de comparações (“a” como em **vale**; “o” como em **bola**; “o” como em **cor**; etc.). O **American Heritage**, por exemplo (que eu uso na versão eletrônica), faz isso com bom resultado.

Cláudio Moreno nasceu na cidade de Rio Grande (RS). No final dos anos 60, concluiu o curso de Letras da UFRGS, com habilitação em Português e Grego. Em 1972 ingressou como docente no Instituto de Letras da mesma universidade, tendo sido responsável por várias disciplinas nos cursos de Letras e de Jornalismo, assim como pela disciplina de Redação para os cursos de Pós-Graduação de Medicina. Em 1977, concluiu o mestrado em Língua Portuguesa com a dissertação *Os diminutivos em -inho e -zinho e a delimitação do vocábulo nominal no Português*; em 1997, obteve o título de Doutor em Letras com a tese *Morfologia nominal do Português*. Do jardim-de-infância à universidade, estudou toda sua vida em escolas públicas e gratuitas, razão pela qual, sentindo-se em dívida para com aqueles que indiretamente custearam sua educação, resolveu criar e manter o sítio **www.sualingua.com.br** como uma pequena retribuição por aquilo que recebeu.

Coordena, atualmente, a área de Língua Portuguesa dos colégios Leonardo da Vinci Alfa e Beta, de Porto Alegre, do Sistema Unificado de Ensino. É professor regular das Teleaulas de Língua Portuguesa da Universidade Estácio de Sá, do Rio de Janeiro. Na imprensa, assinou uma coluna mensal sobre etimologia na revista *Mundo Estranho*, da Abril, e escreve regularmente no jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, onde mantém uma seção sobre Mitologia Clássica e outra sobre questões de nosso idioma.

Publicou, em coautoria, livros sobre a área da redação – *Redação técnica* (Formação), *Curso básico de redação* (Ática) e *Português para convencer* (Ática). Sobre gramática, publicou o *Guia prático do Português correto* pela L&PM Editores, em quatro volumes: *Ortografia* (2003), *Morfologia* (2004), *Sintaxe* (2005) e *Pontuação* (2010). Pela mesma editora, lançou *O prazer das palavras* – v.1 (2007) e v.2 (2008), com artigos sobre etimologia e curiosidades de nosso idioma. Além disso, é o autor do romance *Troia* (2004) e de dois livros de crônicas sobre Mitologia Clássica, *Um rio que vem da Grécia* (2004) e *100 lições para viver melhor* (2008), todos pela L&PM Editores.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Projeto gráfico e capa: Ana Cláudia Gruszynski
Revisão: Bianca Pasqualini, Jó Saldanha e Patrícia Yurgel
Revisão final: Cláudio Moreno

M843g

Moreno, Cláudio
Guia prático do português correto: ortografia/ Cláudio Moreno. – Porto Alegre: L&PM, 2011.
(Coleção L&PM POCKET; v. 336)

ISBN 978.85.254.2329-0

1.Português-ortografia. I.Título. II.Série.
CDU 801.3=690(035)

Catalogação elaborada por Izabel A. Merlo, CRB 10/329.

© Cláudio Moreno, 2004

e-mail do autor: **cmoreno@terra.com.br**
Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores
Rua Comendador Coruja 314, loja 9 – Floresta – 90220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-5380

Pedidos & Depto. Comercial: **vendas@lpm.com.br**
Fale conosco: **info@lpm.com.br**
www.lpm.com.br

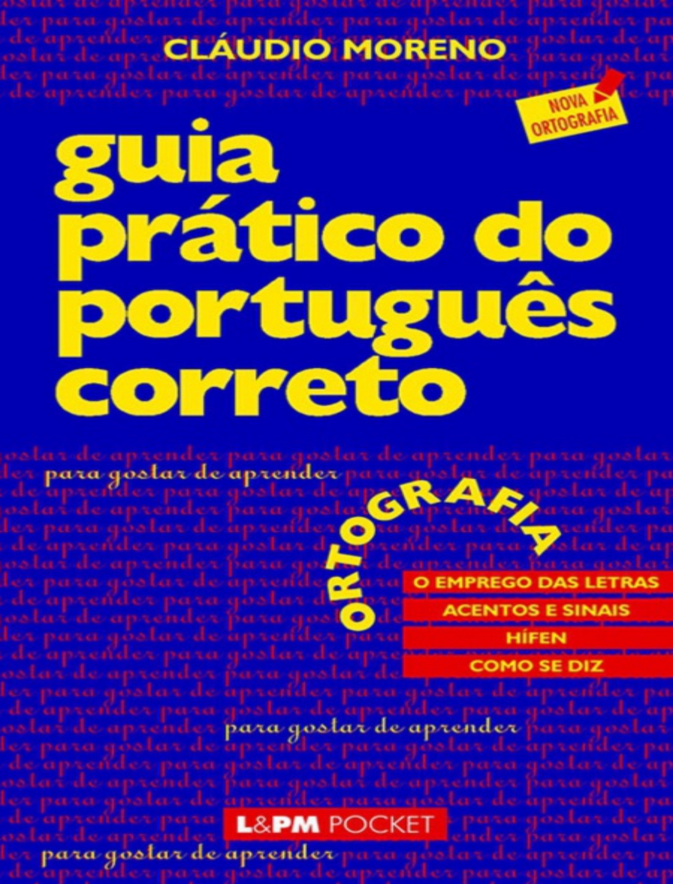

CLÁUDIO MORENO

NOVA ORTOGRAFIA

guia prático do português correto

para gostar de aprender

ORTOGRAFIA

- O EMPREGO DAS LETRAS
- ACENTOS E SINAIS
- HÍFEN
- COMO SE DIZ

para gostar de aprender

L&PM POCKET

para gostar de aprender

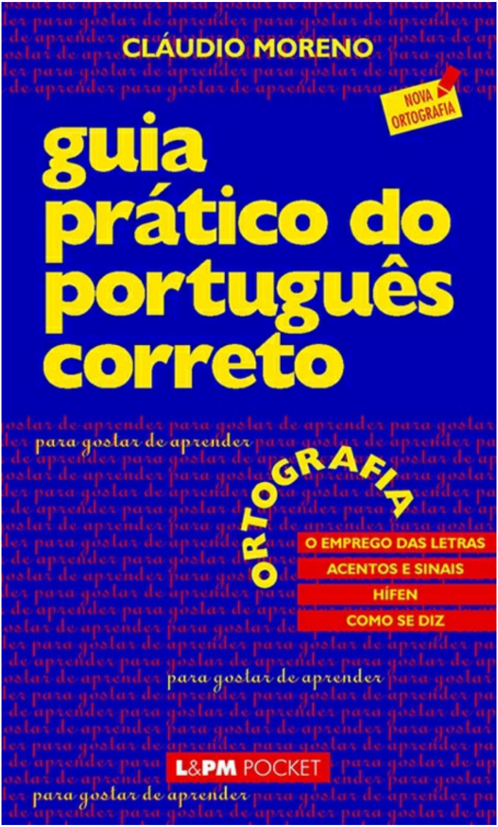

CLÁUDIO MORENO

NOVA ORTOGRAFIA

guia prático do português correto

para gostar de aprender

ORTOGRAFIA

O EMPREGO DAS LETRAS
ACENTOS E SINAIS
HÍFEN
COMO SE DIZ

para gostar de aprender

L&PM POCKET

para gostar de aprender

CLÁUDIO MORENO

guia prático do português correto

para gostar de aprender

ORTOGRAFIA

O EMPREGO DAS LETRAS
ACENTOS E SINAIS
HÍFEN
COMO SE DIZ

www.lpm.com.br
L&PM POCKET

À memória de Joaquim Moreno, meu pai, e de Celso Pedro Luft, mestre e amigo.

Advertência

Caro leitor:

Esta é uma edição completamente reformulada do 1o volume do *Guia prático do Português correto*. Além de acrescentar vários artigos para explicar o novo Acordo, modifiquei todos os demais para adequá-los às novas regras de nossa ortografia.

Professor Cláudio Moreno

Apresentação

Cláudio Moreno

Este livro é a narrativa de minha volta para casa – ou, ao menos, para essa casa especial que é a língua que falamos. Assim como, muito tempo depois, voltamos a visitar o lar em que passamos nossos primeiros anos – agora mais velhos e mais sábios –, trato de revisitar aquelas regras que aprendi quando pequeno, na escola, com todos aqueles detalhes que nem eu nem meus professores entendíamos muito bem.

Quando, há quase dez anos, criei minha página sobre o Português (**www.sualingua.com.br**), percebi, com surpresa, que os leitores que me escrevem continuam a ter as mesmas dúvidas e hesitações que eu tinha quando saí do colégio nos turbulentos anos 60. As perguntas que me fazem são as mesmas que eu fazia, quando ainda não tinha toda esta experiência e formação que acumulei ao longo de trinta anos, que me permitem enxergar bem mais claro o desenho da delicada tapeçaria que é a Língua Portuguesa. Por isso, quando respondo a um leitor, faço-o com prazer e entusiasmo, pois sinto que, no fundo, estou respondendo a mim mesmo, àquele jovem idealista e cheio de interrogações que resolveu dedicar sua vida ao estudo do idioma.

Por essa mesma razão, este livro, da primeira à última linha, foi escrito no tom de quem conversa com alguém que gosta de sua língua e está interessado em entendê-la. Este interlocutor é você, meu caro leitor, e também todos aqueles que enviaram as perguntas que compõem este volume, reproduzidas na íntegra para dar mais sentido às respostas. Cada unidade está dividida em três níveis: primeiro, vem uma explicação dos princípios mais gerais que você deve conhecer para aproveitar melhor a leitura; em seguida, as perguntas mais significativas, com discussão detalhada; finalmente, uma série de perguntas curtas, pontuais, acompanhadas da respectiva resposta.

Devido à extensão do material, decidimos dividi-lo em quatro volumes. O primeiro reúne questões sobre **Ortografia** (emprego das letras, acentuação, emprego do hífen e pronúncia correta). O segundo, questões sobre **Morfologia** (flexão dos substantivos e adjetivos, conjugação verbal, formação de novas palavras). O terceiro, questões sobre **Sintaxe** (regência, concordância, crase, etc.). O quarto, finalmente, será totalmente dedicado à **Pontuação**.

Sempre que, para fins de análise ou de comparação, foi preciso escrever uma forma **errada**, ela foi antecedida de um **asterisco**, segundo a praxe de todos

os modernos trabalhos em Linguística (por exemplo, “o dicionário registra **obcecado**, e não ***obscecado** ou ***obsecado**”). O que vier indicado entre duas barras inclinadas refere-se exclusivamente à pronúncia e não pode ser considerado como uma indicação da forma correta de grafia (por exemplo: **afta** vira, na fala, **/á-fi-ta/**).

2003-2009

Por que escrevemos desta maneira e não de outra?

O Português tem uma ortografia muito difícil?

Ao contrário do que muita gente pensa, nossa ortografia até que não é das piores; mais simples do que a nossa, das línguas irmãs e vizinhas, só mesmo a do Espanhol. A do Francês é aquele mistério cheio de letras mudas; por exemplo, *ver* (verme), *vert* (verde), *verre* (vidro; copo) e *vers* (em direção a), apesar das diferenças de grafia, são **homófonos perfeitos**, isto é, são pronunciados exatamente da mesma forma (/vér/). A ortografia do Inglês (que muitos ingênuos pensam ser mais fácil do que a nossa, só porque não tem acentos...) é um horror até para os franceses: a pronúncia da sequência [ough] em *bough* (ramo), *cough* (tosse) e *trough* (através) é completamente diferente: /bou/, /cóf/ e /thru/. **Lives** pode ser lido /livs/ (ele vive) ou /laivz/ (vidas). A sequência [ey] soa como /i/ em *key* (chave), mas como /êi/ em *they* (eles); [oes] é lido como /us/ em *shoes* (sapatos), mas como /ous/ em *goes*. A primeira sílaba de *giraffe* (girafa) é lida como /ji/; a de *gift* (presente), como /gui/. E assim por diante. Enquanto eles escrevem *typography*, *pharmacy*, *theater, psychology*, nós, a partir do Acordo de 1943, passamos para **tipografia**, **farmácia**, **teatro**, **psicologia**. O nosso modo de escrever é mais simples porque é mais jovem, apropriado para um país como o nosso, que vive uma eterna juventude.

Quem determinou que você deve escrever desta ou daquela maneira?

O Português nem sempre foi escrito assim como o fazemos hoje; desde os primeiros documentos do século XIII, foi um longo caminho até chegar ao ponto em que nos encontramos. Até o início do século XX – mais precisamente, até o início da Segunda Guerra Mundial – coabitavam, no Brasil, vários sistemas ortográficos; entre eles, os de maior destaque eram o **fonético**, o **etimológico** e, como não poderia deixar de ser, o **misto**. Cada brasileiro escolhia qual deles preferia seguir, o que gerava,

como se pode imaginar, um pandemônio ortográfico indescritível, com perversas repercussões no mundo escolar: qual dos sistemas a ser ensinado? Como evitar os evidentes prejuízos para o aluno que tinha de trocar de escola e, consequentemente, de sistema?

Com Getúlio Vargas, nosso benévolo ditador tropical, tudo ficou mais simples, já que o projeto de uma ortografia unificada passou a fazer parte do seu plano de modernização nacional, juntamente com a consolidação das leis trabalhistas (a C.L.T.). Como naquela época a Linguística ainda não tinha assumido o seu papel de verdadeira ciência, criou-se uma comissão com os especialistas do momento – gramáticos de renome e membros da Academia Brasileira de Letras –, com a tarefa de criar um sistema ortográfico simplificado, que fosse utilizado em todo o território nacional. Esse grupo de notáveis fez o que podia com os recursos de que dispunha. É claro que hoje podemos enxergar vários defeitos no seu projeto, mas isso é natural; primeiro, porque nenhuma ciência humana avançou tanto quanto a Linguística, nos últimos cinquenta anos; segundo, porque, à semelhança de um novo modelo de automóvel, os problemas que não foram visíveis na prancheta terminaram aparecendo depois de meio século de uso. No entanto, o balanço final era positivo, e, na maioria dos casos, a lógica e a coerência eram mantidas.

O único defeito sério do modelo de 1943 eram os acentos diferenciais, criados por puro excesso de zelo. Mais uma vez se comprovava que de boas intenções o inferno está cheio... **Sêde** tinha acento para distinguir de **sede**; **almôço**, para distinguir de **almoço**, etc. – mais de quatrocentos pares semelhantes, numa lista que precisava ser guardada na memória; quem escreveu durante a vigência desta regra conhece muito bem o pesadelo em que ela se tornou. Diante do clamor generalizado, a Academia, em 1971, editou uma pequena reforma (na verdade, apenas um retoque) que eliminou o famigerado circunflexo diferencial. A meu ver, tínhamos chegado a um modelo sólido e estável, apesar das pequenas imperfeições: o Acordo de 1943 tinha padronizado nossa grafia, o de 1971 tinha corrigido o que precisava ser corrigido. Infelizmente, as bruxas cozinhavam, no seu caldeirão de feitiços, um novo monstrengo que viria assombrar a vida do

pacato cidadão: o Acordo Ortográfico de 1990, que entrou em vigor no memorável ano de 2009.

1943 [1945]*	1971	1990
padronização	retificação	unificação
Promovida por Getúlio Vargas, foi nossa primeira reforma oficial. Seu intuito era **simplificar** e **padronizar** a ortografia em todo o território nacional. Eliminou velharias como o **ph**, o **th**, o **h** interno, o **m** duplo, entre outras. Ainda é a base do atual sistema.	Veio corrigir os defeitos do modelo de 1943, identificados após quase trinta anos de uso. Suprimiu o acento SUBTÔNICO (**cafèzinho**, **ràpidamente**, **cômodamente**) e o acento DIFERENCIAL — o circunflexo usado para assinalar o E e o O fechados em pares como **almôço**: **almoço**, **gêlo**: **gelo**, **sêde**: **sede**, **pôrto**: **porto**, etc.	Segundo seus defensores, veio para, finalmente, unificar a grafia usada em todos os países lusófonos. No Brasil, pouca coisa mudou no modelo de 1943, além da eliminação do trema, da supressão de alguns acentos pouco expressivos e da reformulação das regras do hífen. Não há alteração alguma no emprego das letras. Em Portugal e nos países sob sua área de influência, a mudança atinge também as consoantes não-pronunciadas.

---

* Em **1945**, entrou em vigor um novo Acordo, diferente em vários pontos do modelo de **1943**. No entanto, naquele mesmo ano, o Brasil, embora tivesse assinado e ratificado essa reforma, recuou e voltou, unilateralmente, ao modelo anterior. A partir daquela data, portanto, passaram a viger dois sistemas paralelos de grafia: do lado de lá do Atlântico, o Acordo de 1945; do lado de cá, o Acordo de 1943. O Acordo de 1990 – ao menos teoricamente – veio pôr um fim a essa divergência.

Este novo Acordo era mesmo necessário?

Não. Ele nasceu por volta de 1980, objeto de um movimento messiânico que se empenhava numa utópica "unificação" da ortografia da Língua Portuguesa. Sua meta declarada era diminuir ao máximo as diferenças de grafia entre os países lusófonos, cobrando de cada país signatário uma determinada taxa de sacrifício. O Brasil cederia aqui, Portugal cederia lá, os países africanos cederiam acolá – e pronto: teríamos uma forma única de grafar cada palavra de nosso idioma! As vantagens? Segundo os "acordistas", seriam inúmeras: uma vez unificado, o Português poderia se elevar finalmente ao patamar iluminado em que vivem as grandes línguas internacionais; a ONU incluiria nosso idioma como uma de suas línguas oficiais; o ensino do Português seria simplificado, facilitando o combate ao analfabetismo; abrir-se-ia um mercado editorial mais amplo e homogêneo, favorecendo os autores de todos os países participantes – e assim por diante. Embrulhado com papel e fita tão brilhantes, o **Acordo** terminou sendo aprovado por uma coligação de "políticos estultos e acadêmicos espertalhões", como bem disse um jornalista brasileiro.

Ora, como já se pôde ver no primeiro ano de vigência das novas regras, todas essas promessas viraram fumaça, pois se baseavam numa unificação que simplesmente não vai ocorrer. Além das óbvias diferenças lexicais que existem e sempre existirão entre os vários países lusófonos, o próprio texto do **Acordo** admite uma série de "facultatividades", permitindo que hábitos ortográficos locais sejam mantidos – isto é, permitindo que se mantenham diferenças na maneira de grafar a mesma palavra.

Por que a ortografia não vai ser unificada

Embora pareça absurdo, o próprio texto do **Acordo** que foi aprovado fulmina qualquer esperança de unificação. Vejamos um exemplo: **antes** do **Acordo**, escrevia-se assim em

Portugal:

> “Como **noticiámos** ontem, o **facto** mais pitoresco da semana foi o **bebé** raptado pela **hospedeira** da Air France. Depois da **descolagem**, a torre de **controlo**, avisada por telefonema **anónimo**, obrigou o piloto a fazer uma **aterragem** forçada”.

No Brasil, o mesmo texto seria escrito assim:

> “Como **noticiamos** ontem, o **fato** mais pitoresco da semana foi o **bebê** raptado pela **aeromoça** da Air France. Depois da **decolagem**, a torre de **controle**, avisada por telefonema **anônimo**, obrigou o piloto a fazer uma **aterrissagem** forçada”.

São **oito** divergências em tão poucas linhas! Felizmente, foi promulgado o **Acordo**, e agora... – pois agora, meu caro leitor, fique sabendo que os dois textos acima continuam a ser escritos da mesmíssima forma, com as mesmas oito divergências de antes da reforma! Enquanto o leitor esfrega os olhos, para certificar-se de que não está sonhando, vou explicar o que houve.

Para maior comodidade de explanação, vamos dividir essas diferenças em três grupos. Em primeiro lugar vêm as diferenças **morfológicas**: **descolagem** (decolagem), **controlo** (controle) e **aterragem** (aterrissagem) são variantes permitidas na estrutura do nosso léxico, da mesma forma que, entre muitos outros, **patinagem** (patinação), **equipa** (equipe), **camião** (caminhão), **chuto** (chute), **aguarela** (aquarela), **altifalante** (alto-falante), **canadiano** (canadense), **bolseiro** (bolsista), **transplantação** (transplante), **fumar** (defumar; um brasileiro ficaria perplexo se ouvisse que “Os índios costumavam fumar o peixe que pescavam”...). As escolhas feitas por Portugal já estão consolidadas, da mesma forma que as nossas, que coloquei entre parênteses – e não serão alcançadas por uma simples reforma ortográfica, a qual, como muita gente esquece, só pode regular o emprego das letras, dos acentos e dos sinais.

Em segundo lugar, vêm as diferenças **lexicais**. Assim como **hospedeira de**

bordo e **aeromoça**, existem centenas de outros casos em que os dois países adotaram palavras diferentes para denominar a mesma coisa. Exemplos bem significativos, porque extraídos do quotidiano, são **talho** (açougue), **claque** (torcida), **jante** (aro de roda), **travão** (freio), **biberão** (mamadeira), **tablier** (painel do automóvel), **mãos-livres** (viva-voz), **barbatana** (pé-de-pato), **berma** (acostamento), **penso higiénico** (absorvente íntimo), **penso rápido** (bandeide), **ecrã** (tela de TV ou de cinema), **agrafador** (grampeador). Nossos irmãos do outro lado do Atlântico **afagam** o cimento do piso (aqui, “alisam” ou “nivelam”) e assistem a retrospectivas de filmes dos impagáveis **Bucha** e **Estica** – para nós, o **Gordo** e o **Magro**.

Em terceiro lugar vêm as diferenças **ortográficas**: **noticiámos** (noticiamos), **facto** (fato), **bebé** (bebê) e **anónimo** (anônimo). Pois não é que o texto do **Acordo**, adotando uma espantosa e inexplicável atitude salomônica, permite que cada país conserve muitos de seus hábitos particulares, sem mudar um níquel? Portugal continuará a marcar com acento agudo a 1ª pessoa do plural do pretérito perfeito (**noticiámos**, **amámos**, **encontrámos**), como sempre fez. O timbre do /e/ e do /o/ tônico das oxítonas ficará, como sempre, a critério do falante: **bebé** (bebê), **bidé** (bidê), **caraté** (caratê), **guiché** (guichê), **cocó** (cocô – os portuguesinhos fazem **cocó** na fralda). O “c” de **facto** vai continuar ali onde está, pois o léxico dos portugueses distingue entre o **facto** (fato, acontecimento) e o **fato**, que significa “traje” (na verdade, o pai da nossa **fatiota**). Por fim, o timbre das vogais tônicas /e/ e /o/ (sempre elas!) das proparoxítonas também fica à vontade do freguês: **anónimo** (anônimo), **efémero** (efêmero), **António** (Antônio), **fenómeno** (fenômeno).

Por que, então, insistir em fazer reformas?

A recente reforma não precisava ter acontecido. O pouco que foi mudado não vale o custo de mudá-lo. Nossa ortografia deveria ser deixada em paz por várias gerações, tempo

suficiente para sedimentar e consolidar-se. Alterações na ortografia têm consequências ainda mais profundas do que, por exemplo, a troca de moeda (a que já estamos acostumados); seu impacto no sistema educacional e na renovação de todo o material impresso de um país do tamanho do nosso é incalculável. Os países avançados (e ricos) não se preocupam em "reformar" sua ortografia, por mais anacrônica que ela seja; seus cidadãos convivem com as dificuldades do sistema, e dele se queixam tanto quanto nós – mas consideram, muito adequadamente, que grafar corretamente as palavras se trata de uma opção pessoal do indivíduo, o qual, se julgar isso importante, vai dedicar ao problema todo o esforço e a atenção necessários.

O Brasil, no entanto, adora essa ideia de "reforma". Primeiro, por causa de nossa herança portuguesa, temos uma verdadeira veneração pela lei, pela norma, pelo regulamento, pela portaria; adoramos esses documentos que nos dizem exatamente o que fazer (e que, evidentemente, também adoramos desrespeitar), e por isso criamos a curiosa figura (os estrangeiros ficam de boca aberta, quando falamos nisso!) de uma "**lei ortográfica**", de uma "**ortografia oficial**", que permite aos poucos iluminados uma ilusória superioridade de apontar o dedo acusador para os demais e bradar "está errado!". A Espanha e a França não têm uma "lei"; a forma de escrever é comandada por suas respectivas academias, que fixam o que seria o **padrão culto**, embora, também como aqui, a pouca expressividade cultural dos acadêmicos não inspire muito respeito nas suas recomendações. No caso do Espanhol, acresça-se a inevitável revolta dos países latino-americanos contra a tentativa da metrópole de monopolizar o controle do que é certo ou errado através da famigerada Real Academia Espanhola...

Os ingleses chegaram, a meu ver, ao ápice do ambiente democrático: nem academia eles têm! Jamais houve a "Academia Britânica de Letras", o que deixa o Inglês correto submetido à discussão das grandes universidades e das editoras de dicionários, que nem sempre estão de acordo umas com as outras – e nem por isso surgiu o caos e a desordem na sua maneira de escrever, pois todos seguem aproximadamente o mesmo padrão culto, respeitando as pequenas divergências. Veja uma pequena amostra das formas que convivem

pacificamente no Inglês; para a maioria dos brasileiros, a existência de duas maneiras diferentes para grafar a mesma palavra seria uma aberração insuportável:

aeroplane ou **airplane** (aeroplano)
centre ou **center** (centro)
colour ou **color** (cor)
defence ou **defense** (defesa)
disc ou **disk**(disco)
fibre ou **fiber** (fibra)
gray ou **grey** (cinza)
harbour ou **harbor** (porto)
judgement ou **judgment** (julgamento)
neighbour ou **neighbor** (vizinho)
pyjamas ou **pajamas** (pijama)
sceptical ou **skeptical** (cético)
theatre ou **theater** (teatro)

Afinal, o que vai mudar para nós, brasileiros?

Como vimos, foi o Acordo de 1943 que trouxe ao país a unidade que hoje conhecemos, criando um modelo estável que sofreu, em 1971, apenas um pequeno retoque (friso que foi a única modificação ocorrida de 1943 até hoje): foi suprimido o acento subtônico dos derivados em -**mente** e em -**zinho** (escrevia-se **gêniozinho**, **sòmente**, **cafèzinho**, **espontâneamente**), e caiu o malfadado acento circunflexo diferencial dos pares com **E** ou **O** aberto e fechado (**gêlo**: gelo, **almôço**: almoço; **tôda**: toda; **mêdo**: medo). Sucinto como deve ser, o texto desta minirreforma gastou apenas um parágrafo para definir os acentos que seriam eliminados do sistema de 1943 – e pronto.

Em vez de seguir a mesma prática de indicar apenas as supressões, o

Acordo que entrou em vigor este ano é um amontoado de regras desordenadas, mal concebidas e redigidas de maneira pedestre. Os participantes desta confusa comissão dedicaram-se à tarefa completamente redundante de dizer, de novo, tudo o que 1943 já tinha conseguido dizer de forma mais clara e organizada. A consequência é a falsa aparência de complexidade que o texto assume para o leitor não-especializado, que não percebe, por trás desse palavreado cheio de farofa, que a montanha está parindo apenas um esquálido ratinho. Vamos esclarecer, de uma vez por todas, o que mudará – para o Brasil, para nós, para mim e para você, meu caro leitor – o que mudará, repito, se a comunidade aceitar este novo modelo e consagrá-lo pelo uso.

Para nós, brasileiros, é importante esclarecer que este **Acordo** só inova, com relação ao modelo de 1943/1971, na **acentuação** e no **emprego do hífen**; o **emprego das letras** fica exatamente como sempre foi. Na acentuação, ocorre a **supressão** de algumas regras hoje vigentes – e só; no **uso do hífen**, a comissão propõe algumas mudanças muito bem-vindas, outras cujas consequências ela própria desconhece. Faço questão de assinalar que este livro seria totalmente diferente se fosse destinado aos leitores de Portugal, pois as mudanças que eles vão ter de engolir são de outra ordem e calibre.

1. Como se escreve: emprego das letras

Neste capítulo, ao discutir com meus leitores várias dificuldades naturais de nosso sistema ortográfico, espero deixar mais evidente a maneira como ele, na verdade, funciona, e demonstrar que o uso das letras obedece a princípios racionais e bem intencionados. Sempre que possível, descrevo as soluções empregadas por nossos grandes escritores e gramáticos, ao longo da história de nossa língua, esperando que esses exemplos ajudem você a entender minhas opções.

Finalmente, acho importantíssimo que você entenda que há casos em que não chegaremos a uma resposta absoluta. Precisamos aceitar, com tranquilidade, o fato de que o sistema tem limitações e que devemos conviver com elas, sem desespero ou histeria. O que faremos, por exemplo, no caso de **berinjela**, que o **Aurélio** e muitos outros escrevem com **J**, mas que o **Houaiss** corrige, alegando que deve ser escrito com **G**? Muito simples: vamos escolher uma das formas, baseados em nossa intuição, em nossas preferências, em nossa convicção íntima. Qualquer solução que adotarmos terá a seu favor uma das grandes figuras de nosso idioma.

O que muda no emprego das letras?

Para nós, brasileiros, absolutamente nada. A reforma diz que nosso alfabeto passa a incluir também as letras **k**, **w** e **y**. Isso muda alguma coisa em nossa vida? Nada. Nadinha. O uso que elas terão obedecerá às mesmas regras que vigem há muito tempo: serão empregadas apenas nos símbolos internacionais e nos vocábulos derivados de nomes próprios das Artes e das Ciências (**shakespeariano**, **darwinista**, **keynesiano**), como você verá adiante. A novidade é que, fazendo parte do alfabeto oficial, a escola deverá ensinar às crianças o lugar que essas três letras ocupam na ordem alfabética.

O **Acordo** também elimina as chamadas **consoantes mudas**. Em que isso vai nos afetar? Em nada, de novo. Elas desapareceram do sistema brasileiro há mais de sessenta anos. Desde 1943, a grafia só registra as consoantes que pronunciamos. Escrevemos **compacto**, **convicto**, **adepto**, **corrupto**, **eucalipto**, **ficção**, **núpcias**, etc. porque pronunciamos aquele **c** ou aquele **p** antes da outra consoante. Portugal e os países africanos é que são seriamente afetados por esta regra, pois terão de suprimir da escrita a consoante que não pronunciam, em palavras como **acção**, **afectivo**, **acto**, **director**, **exacto**, **adoptar**, **baptizar**, **Egipto**, **nocturno** e muitas outras. Este é um dos pontos do **Acordo** que mais desagradaram aos nossos irmãos de além-mar, que começam a resistir bravamente à aplicação da reforma no território português.

-eano ou -iano?

A foto, tirada num desfile beneficente, mostrava uma tradicional apresentadora de TV usando apenas roupas íntimas; comentando s corpo bem-cuidado, a legenda dizia: “A poderosa **balzaqueana** dei muita jovenzinha morrendo de inveja”. Ou seria **balzaquiana**?

O sufixo **-ano**, com sua variante **-iano**, tinha um significado básico de lugar de **proveniência**, de **origem**: doces **serranos**, autores **italianos**, monges **tibetanos**. Com o tempo, passou a indicar também a proveniência de uma ideia, a partir do nome de um autor ou de um movimento intelectual: sonetos **camonianos**, ideal **republicano**, igreja **anglicana**. Sua definição semântica, como vemos, é muito simples; o problema é sua **representação gráfica**. É aí que as pessoas encontram problemas – e com toda a razão. Basta examinarmos uma lista de palavras com esse sufixo para perceber o quanto o quadro parece confuso: ao lado de formas simples em **-ano** (**tebano**, **curitibano**), encontramos vocábulos em **-eano** (**coreano**, **montevideano**) e em **-iano** (**machadiano**, **açoriano**). Um ator especializado em peças de Shakespeare é shakespear**eano** ou shakespear**iano**? Aquela apresentadora de TV é uma charmosa balzaqu**eana** ou balzaqu**iana**? Quem nasce no Acre é acr**eano** ou acr**iano**? Em benefício da grande maioria de nossos leitores, que não são especializados em Linguística, vou passar ao largo das questões teóricas de Morfologia e de Fonologia envolvidas nessas derivações

e tratar de estabelecer uma distinção prática para o emprego das duas formas.

Quando usar -eano? – Comparando-se a desproporcional ocorrência das duas formas, fica muito mais fácil para nosso leitor tomar **-iano** como a forma normal e **-eano** como a forma excepcional. Colocando de maneira simples:

■ use sempre **-iano**,
a não ser nos poucos casos
em que vai ter de usar **-eano**.

E que casos são esses? Principalmente aqueles em que o **E** está na sílaba tônica, fazendo parte, portanto, do **radical** do vocábulo primitivo: Taubaté + ano = **taubateano**, Galileu + ano = **galileano**. Os dicionários trazem poucos exemplos além desses: **bruneano** (Brunei), **borneano** (Bornéu), **coreano** (Coreia), **daomeano** (Daomé), **gouveano** (Gouveia), **guaxupeano** (Guaxupé), **guineano** (Guiné), **lineano** (Lineu), **mallarmeano** (Mallarmé), **montevideano** (Montevidéu), **nazareano** (Nazaré), **pompeano** (Pompeia), **tieteano** (Tietê), **traqueano** (traqueia), entre outros.

Quando usar -iano? – Todos os demais vão apresentar a forma **-iano**, que se acrescenta diretamente ao radical ou depois da queda da vogal temática: **bachiano** (Bach), **balzaquiano** (Balzac), **bilaquiano** (Bilac), **bocagiano** (Bocage), **borgiano** (Borges), **drummondiano** (Drummond), **freudiano** (Freud), **machadiano** (Machado), **mozartiano** (Mozart), **poundiano** (Pound), **rosiano** (Rosa), **sartriano** (Sartre), **shakespeariano** (Shakespeare), **veneziano** (Veneza), entre muitos outros. Costuma-se ver lógica **booleana** (de Boole), mas os especialistas não a consideram correta, preferindo **booliana**, como fazem Aurélio e Houaiss. O caso mais comentado é **acriano**. O sempre respeitado **Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**, editado em 1943 pela Academia Brasileira de Letras – geralmente referido pela sigla **PVOLP** –, registrou como **acreano** o gentílico do Acre, numa evidente contradição com os princípios que defendia. Celso Luft chamou isso de “erro ginasiano”; Aurélio, mais diplomático, diz que é uma variante “menos boa”. No **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa** (conhecido como **VOLP**), recentíssimo, a Academia corrigiu para **acriano**,

como já fazia Houaiss. Agora é definitivo, embora os acrianos já comecem a protestar. Ah, em tempo: a personagem da foto era uma charmosa **balzaquiana**.

radicais evoluídos e radicais reconstituídos: **erva**, **herbívoro**

Um estudante de Letras pergunta: “se o elefante é um grande **herb**
com **H**, por que razão ele passa o dia comendo **ervas,** sem **H**?”

Professor, queria saber por que **erva***, que vem do latim* **herba***, escreve-se sem o* **h***, e seus derivados, com o* **h***? Sou estudante de Letras e, fazendo estágio em um colégio, o aluno perguntou ao professor o porquê dessa diferença; o professor disse ao aluno que era simplesmente uma* **norma da gramática***. Por que a gramática distancia tantas coisas de suas origens?*

Anônimo

Meu caro Estudante de Letras Anônimo, seguramente o professor a que você se refere não é um modelo que deva ser seguido. Como pode ele evocar uma “norma da gramática” onde não há nenhuma? Pares como **erva**/**herbívoro** são muito comuns em nosso idioma – e simples de explicar a nossos alunos. O radical latino **herb**- evoluiu, dentro do Português, para **erv**- (o **H** desapareceu e o **B**, por regras de fonética histórica, passou a **V**); no entanto, como você deve ter estudado na faculdade, os humanistas do Renascimento português voltaram-se para o Latim em busca de palavras que aumentassem nosso vocabulário incipiente e terminaram criando os famosos “**dublês**”, que estão presentes em todas as Línguas Românicas. Temos, portanto, **dois** radicais que coexistem, o **evoluído** e o **reconstituído**; há vocábulos que derivam do radical antigo, latino (**herbívoro**, **herbáceo**, **herborizar**), e vocábulos que derivam do radical moderno (**erva**, **ervaçal**, **ervateira**). O mesmo acontece, por exemplo, com **hibernal**, **hibernar**, **hibernação**, de um lado, e **inverno**, **invernada**, **invernia**, de outro. Se nós, professores, não tivermos claros os princípios e os conceitos, o que será de nossos pobres alunos? Abraço, e boa sorte!

grafia de nomes próprios: **Manoela** ou **Manuela**?

Pode-se falar em “certo” e “errado” no que se refere à grafia dos nomes próprios? O professor explica que sim.

Prezado professor, escreve-se **Manuela** *ou* **Manoela***? Qual é a forma correta do nome? Obrigada.*

Luciene A. – Salvador (BA)

Minha cara Luciene: o nome é português da gema, de reis e princesas lusas: **Manuel**, **Manuela**. Há um Período **Manuelino** na História, bem como um estilo **manuelino** de móveis. Há vários pássaros na nossa fauna com esse nome (**manuel**-de-barro, **manuel**-vaqueiro, etc.), todos assim registrados nos melhores dicionários. Fomos descobertos durante o reinado de D. **Manuel**, que, por ter a sorte que teve (descobrir o Brasil não é pouca coisa!), passou a se chamar “D. Manuel, o Venturoso”. A forma **Manoel** é bem difundida, mas não tem razão de ser.

Agora, você faz muito bem em trazer essa dúvida. Muita gente vive sob a ilusão de que os nomes próprios não estão sujeitos a regras. Claro que estão; o que é assegurado por lei, ao cidadão, é portar o seu nome da forma como foi registrado. Muitas vezes recebemos um nome que se transmite de geração em geração dentro da família e o usamos com orgulho, mesmo que não esteja grafado dentro da norma atual. É o caso dos **Mathias**, dos **Thiagos**, etc. Outras vezes, porém, a grafia do nome é alterada por mera ignorância ou por alguma idiossincrasia dos pais; se o filho suportar a carga que isso representa, ele tem o direito de conservar o nome assim como está no registro. Caso contrário, pedirá uma retificação da grafia: se alguém odeia o suficiente o seu filho para condená-lo a arrastar um nome como **Cerjio**, o infeliz pode, se quiser, solicitar à Justiça a correção para **Sérgio**.

Por outro lado, quando falamos de **personagens da história** ou nos referimos aos nomes de uma **maneira genérica**, sempre vai prevalecer a forma **correta**: **Luís** (e não *Luiz) de Camões, **Casimiro** (e não *Casemiro) de Abreu, **Rui** (e não *Ruy) Barbosa; “na minha lista de chamada, não há uma só **Juçara** (e não *Jussara) ou uma só **Susana** (e não *Suzana)”. Eu sei que esse assunto é

dinamite pura, porque existe nos nomes que escolhemos uma grande quantidade de conteúdos inconscientes, mas sempre recomendo empregar a forma correta.

Isabela – com **S**

O Doutor explica por que o nome da pequenina **Isabela** – talvez un futura leitora – deve ser escrito com **S**.

Professor, quando minha filha nasceu, escolhi o nome **Isabela***. Logo as tias e avós queriam bordar toalhinhas, roupinhas e veio a pergunta inevitável: o* **Isabela** *de sua filha vai ser com* **S** *ou com* **Z***? Sempre imaginei o nome com* **S***, mas agora fiquei com dúvida sobre a letra que devemos usar entre duas vogais.*

Janaína B. – Belo Horizonte (MG)

Minha cara Janaína: em primeiro lugar, parabéns por ter dúvidas quanto à grafia do nome da sua filha; infelizmente, essa não é uma atitude comum, no Brasil. Para a maioria das pessoas – mesmo para muitas que utilizam um Português bem cuidado –, é como se os nomes próprios não precisassem obedecer às normas ortográficas. Esse é um velho engano, nascido do fato de que a lei faculta ao cidadão usar o nome na forma em que foi registrado. Você pode ter certeza de que sua filha vai agradecer o bom-senso em pesquisar a forma correta.

Agora, os princípios ortográficos: entre duas vogais, o som de /**z**/ pode ser representado por três letras diferentes: o **S** (**casa**, **camisa**), o **Z** (**azar**, **baliza**) e o **X** (**exato**, **exame**). Não existe um sistema bem definido que regulamente o emprego de cada uma delas, pois aqui pesa, e muito, a tradição de novecentos anos de escrita do Português. Neste caso específico, o nome é **Isabel** – ou **Isabela**, variante que muitos preferem pela sugestão de "beleza" que contém. É considerado o equivalente espanhol do **Elizabeth** inglês, e sempre foi grafado com **S**, como a famosa rainha **Isabel, a Católica**, que apoiou a viagem de Colombo. Há, no dicionário, uma uva **isabel**, variedade muito popular no Rio Grande do Sul, e **isabelino**, sinônimo de **elisabetano**, período histórico batizado a

partir da rainha Elisabete I, da Inglaterra, no séc. XVI. É significativo que no Italiano e no Francês, nossas duas irmãs latinas, o nome seja **Isabella** e **Isabelle**, respectivamente – sempre com o **S**.

M antes de **P** e de **B**

Existe alguma razão para só usarmos o **M** antes do **P** e do **B**?

Caro professor, gostaria de saber por que usamos **M** *antes de* **P** *ou* **B**. *Obrigado.*

Osmar L. A. – Florianópolis (SC)

Meu caro Osmar, a razão para essa escolha, imagino, vai ser encontrada em algum princípio presente em todas as línguas românicas: que eu me lembre, o Italiano, o Francês e o Espanhol, além do Português, também usam apenas **M** antes de **P** e de **B**. A base dessa restrição deve ser de ordem fonológica (hoje se sabe que a Fonologia está na base de todos os sistemas ortográficos, que não são tão arbitrários e caprichosos como geralmente se pensa): como o /**p**/ e o /**b**/ são fonemas tradicionalmente classificados como **bilabiais** (temos de unir os dois lábios para poder pronunciá-los), a **letra** escolhida para representar a nasal antes desses fonemas só poderia ser o **M**, correspondente ao fonema /**m**/, também classificado como **bilabial**. Assim, a combinação de letras adotada na nossa ortografia (**M+P** e **M+B**) é a que melhor corresponde à natureza dos fonemas representados. É por essa e por outras que reformas ortográficas devem ser feitas por linguistas, e não por "acadêmicos" das mais variadas origens e formações, como é o caso dos nossos imortais da Academia.

o nome do **Y** e do **W**

O professor explica como devem ser chamadas essas duas letrinha exóticas.

Como é, em Português, o nome das letras **W** *e* **Y***?* **Dabliú** *e* **ipissilone** *não é nome em Português, ou é? Obrigado*.

Odilon A. – Curitiba (PR)

Meu caro Odilon, apesar das controvérsias, o nome do **Y** é mesmo **ípsilon**, com as variantes populares bem conhecidas de **ipsilone**, **ipissilone** ou até mesmo **pissilone**, como se pode ver nos pitorescos **ABCs** da Literatura de Cordel. **Caldas Aulete** (o genuíno, o da 1ª edição) não hesita: **ípsilon**. **Antônio Geraldo da Cunha**, no seu **Dicionário Etimológico**, acompanha: **ípsilon**. **Gama Kury** faz coro: **ípsilon**. **Celso Pedro Luft**, meu grande mestre, no seu incomparável **Grande Manual de Ortografia**, é taxativo: é **ípsilon**. E lá do fundo da mata, **Antenor Nascentes** vive repetindo: **ípsilon**. O pusilânime **VOLP** (o atual vocabulário ortográfico que é publicado pela Academia) registra também as variantes **ipsilo** e **ipsílon** – assim mesmo, **paroxítonas**! –, completamente exóticas ao nosso uso, adotadas hoje por alguns poucos excêntricos desgarrados. **Houaiss** chega para encerrar a questão: é **ípsilon**.

Uma das maiores virtudes do velho Aurélio Buarque de Hollanda era o sólido bom-senso, a qualidade suprema de um bom lexicógrafo. No entanto, desta vez me entristece ver o seu dicionário fazer aqui uma mixórdia inaceitável. O **Aurélio-em-vida** (até a 2ª edição) escolhe como forma canônica a esquisitíssima **hipsilo** (!), enquanto o **Aurélio XXI** elege como preferida a forma **ipsílon** (com a tônica em **SI**!), plural **ipsílons**, embora ambos reconheçam, entre parênteses, no final do verbete, que a forma corrente é **ípsilon**. Ora, essa observação é completamente incompatível com a prática de todos os bons dicionários do mundo: se a forma corrente é **ípsilon**, como reconhecia Aurélio e todos os autores que citei no parágrafo acima, é esta, e não as outras, a preferível. Esse é o critério válido para as palavras vindas do Grego, que vão apresentar no Português uma prosódia (leia-se: posição da sílaba tônica) que muitas vezes nada tem a ver com a pronúncia original. Se no jogo do bicho vale o que está **escrito**, em prosódia vale o que está sendo **dito** – "e todo mundo

conhece o **ípsilon**, de dizer ou ouvir dizer" (Luft).

O **W** é mais pacífico. A forma mais usada é **dáblio**, embora também apareçam, nos dicionários, as formas paralelas **dable-u**, **dabliú**, **doble-vê** ou **vê-duplo**. A oportunidade de pronunciar o nome desta letra multiplicou-se por mil com a implantação da Internet, já que a maioria dos domínios da rede mundial começa por **WWW** – ditos **dáblio**, **dáblio**, **dáblio**. Nesse caso, temos mais sorte que nossos vizinhos da Espanha, que se enredam tanto com o *uve doble*, *uve doble*, *uve doble*, que muitos já se limitam a dizer **triple uve doble**.

quando usar **K**, **W** e **Y**

O Acordo incorporou o **K**, o **W** e o **Y** ao nosso alfabeto. Isso muda alguma coisa?

Professor, as letras **K**, **W** *e* **Y** *voltaram a fazer parte do nosso alfabeto, mas não sei exatamente quando deverão ser empregadas. O que mudou?*

Liliane – Monte Carmelo (MG)

Todas as línguas do Ocidente usam, com pequenas variações, o alfabeto **latino** ou **romano**. O "alfabeto português", definido pelo Acordo Ortográfico de 1943, era composto de 23 letras, entre as quais não se encontravam o **K**, o **W** e o **Y**. Essas três letras eram consideradas exóticas, sendo admitido o seu emprego em dois casos especiais: (1) em abreviaturas e símbolos técnicos internacionais – **kg** (quilograma, quilo), **km** (quilômetro), **yd** (jarda); (2) em vocábulos derivados de nomes estrangeiros (o que é especialmente importante no mundo das ciências e das artes): **darwinismo**, **shakespeariano**, **hollywoodiano**, **wagneriano**, **kleiniano**, **keinesianismo**, **kardecista**, etc.

Com o Acordo de 1990, nossas três amigas retornaram ao nosso alfabeto, que, mais uma vez, passou a contar com 26 letras. E agora, quando são usadas? Exatamente nos dois casos acima descritos. O que mudou no seu emprego? Nada. Mas nada mesmo – a não ser o fato de que agora vão figurar mais à vontade na ordem alfabética. Elas não deverão aparecer, portanto, em palavras

em que antes não eram empregadas. Mantém-se tudo como estava.

É evidente que elas serão usadas normalmente na grafia de nomes estrangeiros: **Kennedy**, **Jackson**, **Washington**, **Kremlin**, **Niemeyer**, **Winchester**, etc. Entre nós, um só nome de origem indígena manteve o **Y** depois do Acordo de 1943: falo, como não poderia deixar de ser, do **Itamaraty**, em cujo lago deveriam deslizar, por coerência, "ymponentes cysnes" brancos.

Para aqueles que se atrapalham um pouco com a ordem alfabética, tomo a liberdade de relacionar o alfabeto completo, incluindo as três letras no seu devido lugar: A B C D E F G H I J [**K**] L M N O P Q R S T U V [**W**] X [**Y**] Z.

usando o **J**, o **Ç** e o **X**

Uma jovem professora vem pedir ajuda para melhor ensinar a seu alunos o emprego dessas letras; além disso, honestamente confessa não sabe como enquadrar o **Ç** em nosso alfabeto.

Olá! Meu nome é Ana e sou professora da classe de alfabetização. Este é o meu primeiro ano na série e muitas dúvidas estão surgindo. Gostaria de lhe pedir, caso seja possível, dicas sobre explicações para palavras escritas com **X** *ou* **CH***,* **G** *ou* **J***,* **Ç** *ou* **SS***, entre outras.*

Ana Cecília

Minha cara Ana Cecília, para ajudá-la (e para ajudar os seus alunos), começo lembrando que foi a Reforma Ortográfica de 1943 que definiu o verdadeiro semblante de nossa grafia (esta recente Reforma, que entrou em vigor em 2009, é apenas cosmética), Em 1943, dois grupos de palavras receberam um tratamento especial. Em primeiro lugar, os vocábulos originários de **línguas ágrafas** – sem escrita, como eram todas as nossas línguas indígenas e todas as línguas africanas que entraram aqui no período da Escravidão. Em segundo lugar, os vocábulos originários de línguas com **alfabetos exóticos** (entenda-se: todos os alfabetos que não forem o alfabeto latino – o grego, o cirílico, o hebraico, o japonês, etc.). Nessas palavras, **jamais** usaremos **CH**, **SS** ou **G**, mas sim o **X**, o **Ç** e o **J**: **açaí**, **Iguaçu**, **Paraguaçu**, **miçanga**; **xaxim**, **Hiroxima**,

xale, **paxá**; **acarajé**, **mujique**, **jiló**, etc. É um bom princípio geral; só acho que ele ainda não é de utilidade para alunos tão jovenzinhos quanto os seus, que não devem ter a cultura linguística necessária para "sentir" quando um vocábulo faz parte dos dois grupos acima; no caso deles, vão ter de simplesmente ir memorizando cada palavra. Quanto ao **Ç**, ele não é uma letra extra; trata-se apenas de um **C** com um sinal adicional (a cedilha), da mesma forma que o **Ã**, o **Â** ou o **Á**.

o nome das letras

Leitores perguntam como se escrevem os nomes das letras e por q
todos masculinos.

Prezado Professor, dizemos "a letra **A***" ou "as letras* **B***,* **C***...", e assim por diante. Entretanto, quando nos referimos a alguma letra, dizemos "o* **B***"; "o* **F***", etc. Não seria mais adequado dizer "a* **F***"; "a* **B***"? Por que usamos o masculino? A letra (não a palavra "letra") é masculina ou feminina?*

Nicholas – São Paulo (SP)

Como se escreve, em Português, o nome das letras do alfabeto? Obrigada, desde já!

Selma – Amestelveen (Holanda)

Meu caro Nicholas, as letras são **femininas** no Espanhol e no Francês, **neutras** no Inglês e **masculinas** no Português. Isso depende do espírito de cada idioma; não há nenhuma razão lógica para o fato de ser **um F**, como dizemos aqui, ou *una F*, como dizem nossos irmãos do Prata. É o mesmo destino arbitrário que fez com que **Sol** e **Lua** fossem, respectivamente, masculino e feminino no Português e exatamente o contrário no Alemão. O fato de **letra** ser feminino nada influi no gênero das letras em si – da mesma forma que o fato de **ferramenta** ser feminino não obriga também **martelo**, **alicate** e **serrote** a sê-lo.

Quanto aos nomes das letras do alfabeto, Selma, são eles os seguintes: **á, bê, cê, dê, é, efe, gê, agá, i, jota, cá, ele, eme, ene, ó, pê, quê, erre, esse, tê, u, vê, dáblio, xis, ípsilon, zê**. Alguns desses nomes ficam bem visíveis em palavras como **á-bê-cê, á-é-i-ó-u**, **bê-á-bá**, **cê-cedilha**, **régua-tê**.

shopping, **xópin**

O plural correto é **shopping centers** ou **shoppings centers**? Ou seri melhor usar **xópins**?

Olá, Professor, gostaria de saber qual é o plural de **shopping center***: o correto é* **shopping centers** *ou* **shoppings centers***? Já li as duas versões; eu prefiro a primeira opção, mas não tenho certeza. Atenciosamente.*

Daniel M. – Passo Fundo (RS)

Prezado Daniel, se você usar a expressão completa em Inglês, só poderá flexionar o substantivo **center**: *shopping* **centers**. Não se esqueça de que o **adjetivo**, naquele idioma, vem à **esquerda** e nunca se flexiona. Por isso, **shoppings centers* é uma versão impossível (e abominável!). Agora, já vi muita gente usando apenas *shopping*, substantivado, à moda brasileira: “Construíram um *shopping*”. Neste caso, vamos ter plural: “Construíram vários *shoppings* nesta região”.

Temos, entretanto, duas outras opções, bem mais simpáticas: (1) usar a **tradução** da expressão inglesa (“centros comerciais”), ou (2) partir para o **aportuguesamento** de *shopping* – **xópin**, **xópins**. Esta última requer um pouco mais de coragem, mas começa a ser usada por alguns autores e jornalistas (Luís Fernando Veríssimo é um belo exemplo). Não franza o nariz, leitor; seu bisavô deve ter feito o mesmo quando viu escrito, pela primeira vez, **futebol** em vez de *foot-ball*, mas depois acostumou.

Agora, por que **X**, e não **CH**? A resposta é simples: porque é com **X** que costumamos nacionalizar os vocábulos estrangeiros grafados com **SH**: *shilling* –> **xelim**; *shampoo* –> **xampu**; *shaman* –> **xamã**; *Shangai* –> **Xangai**; *Sherazade* –>

Xerazade; *Hiroshima* –> **Hiroxima**. Celso Pedro Luft aponta como um raro caso divergente o nosso **chutar**, proveniente do Inglês *shoot*, que deveria ter dado ***xutar**, mas não deu, e agora é tarde. Se um dia vencermos nossas resistências e aportuguesarmos *show*, a forma resultante vai ser **xou** – a mesma usada pela Xuxa em um de seus programas de televisão, que tantos bois-cornetas criticavam (cá para nós, mil vezes essa grafia, por esquisita que seja, do que a original, com seu **SH** e o seu **W**!).

viajem ou **viagem**?

"Espero que vocês **viajem** bem; espero que vocês façam uma boa **viagem**" – como vou saber se devo usar o **J** ou o **G**?

Escreve uma misteriosa leitora, de nome "Tsiu": *"Saudações! Gostaria de saber quando empregamos as palavras* **viagem** *e* **viajem**. *Obrigada".*

Minha cara Tsiu: em primeiro lugar, lembre sempre que todos os substantivos terminados em **-agem** (com exceção de **pajem** e do obscuro **lajem**) são grafados com **G**. **Viagem** é um substantivo. Dele deriva o verbo **viajar**, que, naturalmente, é obrigado a trocar o **G** pelo **J**. Ora, como todas as formas flexionadas de um verbo devem seguir a grafia de seu **infinitivo**, o presente do subjuntivo fica "viaje, viajes, viaje, viajemos, viajeis, **viajem**". Pronto: aí temos as duas formas. "Esta **viagem** não termina", "Vamos começar a **viagem**", mas "Espero que eles **viajem** cedo"; "**Viajem** bem – **viajem** Varig". Há um interessante livro com dicas para viajantes (e blogue também), escrito por Ricardo Freire, que leva o título **Viaje na Viagem**. Que tal?

úmido, **umedecido**

As coisas que se molham ficam **úmidas**, e as que eu molho ficam **umedecidas**?

Caro professor, como é mesmo? Se algo se molha, fica **úmido***, e se eu o molho, fica* **umedecido** *(e não* **umidecido***)? Grato.*

Rebelo – Sorocaba (SP)

Meu caro Rebelo, não é bem assim. Se algo se molha, fica **úmido** ou **umedecido**; se eu o molho, fica também **úmido** ou **umedecido**. O problema não é estar no polo passivo ou ativo da situação; acontece que o adjetivo **úmido**, que produz derivados como **umidade** e **umidificar**, corresponde ao verbo **umedecer**, que tem essa sílaba -**me**- em todas as formas flexionadas, inclusive no particípio **umedecido**, irmão de **umectar**, **umectante**. Não é novidade ocorrerem variações no radical de uma família vocabular: a **lágrima** sai pelo canal **lacrimal**, o movimento da **roda** é **rotativo**, a higiene da **boca** é **bucal**, e assim por diante. Não esqueça que, na maior parte das vezes, essas aparentes "incongruências" de nossa ortografia correspondem, na verdade, a vestígios de diferentes momentos na história de nosso léxico.

talibã, talebã, taliban ou taleban

É só o que se pergunta: como se escreve o nome do grupo islâmico dominava o Afeganistão?

Muita gente ainda tem dúvida sobre como escrever o nome do grupo islâmico que dominava o Afeganistão: a grafia correta seria **talibã**, **talebã**, **taliban** ou **taleban**? A dúvida se justifica, pois encontramos todas essas formas empregadas nos jornais, nas revistas e nos sítios de notícias, numa dança enlouquecedora de grafias alternativas. Afinal, qual é o certo? Para quem só quer a respostinha seca, já vou dizendo: eu escrevo **talibã**, **talibãs**. Para quem não se contenta com isso, vou apresentar minhas razões.

Quero que meus leitores saibam que, em nomes como esse, não existe a **forma correta**, mas sim a mais **recomendável**. Isso acontece, aliás, com todos os nomes provenientes de línguas que não usam o **alfabeto romano** (o nosso) e que precisam, portanto, ser **transliterados**. Ao fazermos a transliteração, tentamos reproduzir, com nosso próprio alfabeto, o som que o nome tem na sua língua original – o que sempre vai produzir, é lógico, um resultado meramente

aproximado, pois tentamos representar fonemas que nossa língua desconhece, usando um sistema gráfico que foi elaborado para dar conta da fonologia do Português. Lembro as diferentes propostas de transliteração para **Kruschev** (ou **Khruschev**, ou **Khruschov**, ou **Kruchev**, etc.), ou para o falecido camarada **Mao**, que eu cresci chamando de **Tse Tung**, e hoje aparece como **Zedong** (ou coisa assim). Quem já leu traduções diferentes de **Dostoievski** (ou **Dostoievsky**?) está acostumado a mudanças na grafia dos nomes das personagens.

A forma **talibã** também é uma transliteração e, portanto, também aproximativa; de todas as outras, contudo, é a que está mais de acordo com a tradição e a que melhor se enquadra em nossos padrões fonológicos, como passo a demonstrar.

(1) Por que a vogal "**i**" na segunda sílaba? Embora na pronúncia lá deles, dependendo da região, registre-se um som intermediário entre o /i/ e o /e/, nas línguas ocidentais mais importantes vem prevalecendo, como no Português, a forma grafada com "**i**", e não com "**e**": para o Inglês, é "*the Taliban*"; para o Francês, "*le taliban*"; para o Espanhol, nosso irmão mais próximo, "*el talibán*".

(2) Por que o final em **Ã**? Há muitos nomes asiáticos terminados em /a/ seguido de consoante nasal. Enquanto o Inglês registra tudo como **-an** (*Afghanistan*, *Pakistan*, *Jordan*; *Iran*, *Teheran*, *Oman*, *Ramadan*), nós aportuguesamos essa terminação de duas maneiras diferentes: ora como **-ão** (**Afeganistão**, **Paquistão**, **Jordão**), ora (mais frequente) como **-ã** (**Irã**, **Teerã**, **Omã**, **Ramadã**). Contudo, como Said Ali muito bem observa em seu **Dificuldades da Língua Portuguesa**, os terminados em **-ão** são casos excepcionais, diante da esmagadora preferência pelo final **-ã**. Por isso, entre **talibão** (nossa!) e **talibã**, a escolha é óbvia. O que nós não temos é o final **-an**, como o Inglês; é impossível, portanto, em nosso sistema, uma forma como ***taliban**.

Outro problema que ronda esse vocábulo é o do **plural**. Acontece que, no dialeto persa falado pelos talibãs, o vocábulo já é uma variante **plural** do vocábulo árabe *talib*, que significa "estudante; aquele que procura o conhecimento"; na verdade, "estudante da teologia islâmica" – o que reflete

historicamente a origem do movimento, nascido nas agitações estudantis dos anos 60. Por esse motivo, a maior parte da imprensa europeia usa o vocábulo como se já fosse um plural ("*the Taliban are*"; "*les taliban*"; "*los talibán*"). Julgo, entretanto, que imitar essa prática no Português seria criar uma injustificável exceção ao paradigma (imaginem "*os talibã"!) e ignorar a extraordinária capacidade que nosso idioma tem de deglutir os vocábulos estrangeiros e nacionalizá-los fonológica, ortográfica e morfologicamente. Já escrevi várias vezes sobre isso: para entrar no Português, o vocábulo estrangeiro tem de aprender a dançar miudinho, tratando de comportar-se como seus colegas nativos. Um **talismã**, dois **talismãs**; um **talibã**, dois **talibãs**.

treis e **hum** no cheque

Um leitor quer saber se pode escrever **treis** em cheques; o profess explica que poder, pode, mas é um atentado à ortografia.

Caro professor, gostaria de saber se é permitida a grafia do número "3" como **treis** *em cheques. Grato.*

Guilherme S. – Viçosa (MG)

Meu caro Guilherme, você pode escrever no **cheque** do jeito que quiser, desde que o caixa aceite. Isso não depende das regras de ortografia; se você escrever ***tres**, ***treis**, ***trez**, ***trêz** ou ***treiz**, todas estão erradas quanto à norma, que é **três**, mas podem valer (quem sabe?) no mundo bancário. Da mesma forma, ***hum** é uma aberração ortográfica, mas é recomendável em cheques e títulos de crédito **manuscritos**, para evitar a fácil adulteração para **cem** (agora, usar ***hum** em texto **datilografado** é de uma burrice oceânica!). ***Seicentos** está errado, mas a maioria dos caixas paga um cheque escrito assim, porque não lhes cabe ficar corrigindo a grafia errada dos outros. Espero que você perceba, portanto, que o "permitida", na sua pergunta, nada tem a ver com a norma ortográfica vigente.

um mil

O Brasil foi descoberto em "mil e quinhentos" ou em "**um** mil e

quinhentos"? Dá para escrever **mil reais** por extenso no cheque?

Caro Professor, qual seria a forma correta de escrever **1986** *por extenso? Seria "***um mil** *novecentos e oitenta e seis" ou apenas "***mil** *novecentos e oitenta e seis"? Por quê? Grato!*

Delintro B. A. – Anápolis (GO)

Meu caro Delintro: na expressão da unidade de milhar, o Português não usa **um mil**. A sequência correta é **mil**, **dois mil**, **três mil**... O ano do tricampeonato brasileiro no futebol foi **1970 – mil**, novecentos e setenta. Só o uso bancário insere aquele esquisito **um** – e são tão teimosos e onipotentes que a maioria dos caixas e gerentes não quer aceitar um cheque preenchido com **mil e duzentos reais**. "É para evitar fraudes", dizem aqueles sabidinhos; acontece que o emitente tem o direito de correr o risco que ele quiser, se não quiser insultar a língua portuguesa. Além disso, como é infinita a estultice alheia, estendem essa exigência até mesmo a cheques **datilografados** ou com o valor por extenso escrito **entre parênteses**, casos em que obviamente fica afastada qualquer hipótese de adulteração posterior...

Quem já levantou uma forte reação contra isso foi o velho gramático Napoleão Mendes de Almeida, que se indignava com essa ditadura dos bancos que se metem a legislar sobre o que não entendem. Em divertido e impertinente artigo de seu **Dicionário de Questões Vernáculas**, verbera esses despotazinhos que fazem essa "exigência mais uma vez humilhante, por obrigar que se escreva o que não existe em nosso idioma". E lembra, sarcástico, que falamos Português no Brasil, que certamente não foi descoberto no ano **um mil e quinhentos**.

estado ou **Estado**

Quando me refiro ao Mato Grosso, à Bahia ou ao Maranhão, escre **estado** com inicial minúscula ou maiúscula?

Prezado Professor, na qualificação de uma pessoa – por exemplo, "João da Cachoeira, brasileiro, casado, agricultor, filho de José Cachoeira e Maria dos Anjos Cachoeira, nascido em Cuiabá, neste **Estado***" – o vocábulo* **estado** *deve ser grafado com maiúscula ou minúscula?*

Astúrio F. – Cuiabá (MT)

Meu caro Astúrio, só deveríamos usar maiúsculas em **Estado** quando o vocábulo se referisse à instituição: "O homem sente-se sufocado pela presença do **Estado**"; "Em assuntos econômicos, ele defende o afastamento gradual do **Estado**"; "Para os pensadores anarquistas, o **Estado** é uma forma organizada de opressão". Por outro lado, as divisões administrativas de nosso país devem ficar com inicial minúscula: "o **estado** em que eu nasci faz fronteira com o Uruguai", "o **estado** do Rio de Janeiro tem uma capital do mesmo nome", "a falta de energia pode afetar todos os **estados** do Sul". É muito diferente escrever que o "**estado** de Minas Gerais" ou que o "**Estado** de Minas Gerais" está preocupado com a violência; no primeiro caso, são os cidadãos, a sociedade; no segundo, estamos falando do governo e de suas instituições. Contudo, tenho visto, principalmente em documentos oficiais e em linguagem jurídica, o uso da maiúscula sempre que o vocábulo se refere a uma das entidades jurídicas que compõem a federação brasileira: "O **Estado** da Bahia ..." Se você quer ficar em paz, use a maiúscula, que ninguém vai reclamar, enquanto a minúscula (que, repito, acho a mais indicada) pode despertar contra você a desconfiança de alguns. Meu conselho é sempre o mesmo: em caso de dúvida, evite a encrenca.

minúsculas com nomes geográficos

Os nomes dos acidentes geográficos devem ser escritos em minús
ilha do Bananal, **rio** das Antas, **baía** de Guanabara.

Prezado Professor, quando uso maiúsculas ao escrever acidentes geográficos? Segundo o **Manual de Redação do Estadão***, eu não uso maiúsculas para* **rio** *Tietê e* **monte** *Everest. Mas e* **baía***,* **estuário***, etc.? Eu agradeço sua atenção, pois estou precisando dessas informações, e nem* **Cunha** *nem* **Luft** *(em seus livros) resolveram meu problema. Obrigada.*

Estela – Porto Alegre (RS)

Minha cara Estela, é quase impossível encontrar alguma coisa de ortografia que o professor Luft não tenha esmiuçado. Às vezes fica difícil ter acesso ao que o mestre escreveu, pois temos de buscar naqueles 3.000 artigos (três mil!) publicados no jornal **Correio do Povo**, na seção **No Mundo das Palavras**; outras vezes é bem mais fácil, como no seu caso. No seu **Grande Manual de Ortografia Globo**, falando sobre o emprego das minúsculas, Luft diz que devemos usar minúsculas nos “nomes comuns que acompanham nomes geográficos: a **baía** de Guanabara, o **canal** de Suez, o **estreito** de Magalhães, o **oceano** Atlântico, o **rio** Amazonas, etc.”. Que tal? Claro como água. Você pode estender isso ao **pico** da Neblina, à **ilha** de Marajó, a **serra** da Mantiqueira. Essa é a norma oficial; no entanto, o uso dos principais jornais e revistas vem sistematicamente contrariando esse preceito, acostumando os leitores a grafias como **Baía** de Guanabara, **Canal** de Suez, **Oceano** Atlântico, **Estreito** de Magalhães, **Golfo** Pérsico. Ou seja: é mais um caso em que o usuário vai ter de escolher de que lado da guerra ele quer se alistar.

maiúscula após dois-pontos?

Deve-se usar maiúscula
após o dois-pontos?

Prezado Doutor, como santo de casa não faz milagre, solicito esclarecimento sobre o uso de letras maiúsculas em enumerações, após dois-pontos. Ex.:

Os seguintes ajustes devem ser efetuados:
a) Incluir o percentual de...;
b) Informar o valor de...;
c) Identificar o saldo... .

Inara Cristina

Minha prezada Inara, em princípio, os sinais que devem ser seguidos por maiúsculas são os sinais de **pontuação final** (**ponto**, **ponto de interrogação** e **ponto de exclamação**), o que não é o caso do **dois-pontos**, que, assim como o ponto-e-vírgula, é um sinal de **pontuação interna**. Vamos ter maiúscula depois desse sinal apenas quando se tratar de uma **citação** – O deputado defende o contrário: “Não podemos transigir com o FMI” – ou de **substantivo próprio** (o que é óbvio) – “Três foram os indiciados: João, Pedro e Mateus”.

No caso de uma enumeração **em alíneas**, como o exemplo que você enviou, contudo, o caldo pode ficar um pouco mais grossinho. Explico: se as alíneas forem curtas e pudermos separá-las com vírgula ou ponto-e-vírgula, a inicial fica em minúscula. O exemplo é o daquela famosa enciclopédia chinesa “descoberta” pelo Jorge Luis Borges:

“Os animais se dividem em:
a) pertencentes ao Imperador,
b) embalsamados,
c) domesticados,
d) leitões,
e) sereias,
f) fabulosos,
g) cães em liberdade,
h) incluídos na presente classificação,
i) que se agitam como loucos,
j) inumeráveis,

k) desenhados com um pincel muito fino de pêlo de camelo,

l) et caetera,

m) que acabam de quebrar a bilha,

n) que de longe parecem moscas."

Se, entretanto, as alíneas formarem verdadeiros **períodos**, recomendo usar maiúscula, mesmo na primeira:

"Três são os processos mais comuns de ampliação do léxico do Português:

a) Forma-se uma palavra nova a partir de uma já existente. Este processo é chamado de derivação, que pode ser prefixal, sufixal ou parassintética.

b) Forma-se um vocábulo pela união de dois (geralmente) vocábulos já existentes. Este processo, chamado de composição, só produz substantivos ou adjetivos.

c) Importa-se o vocábulo de uma língua estrangeira, adaptando-o às características fonológicas e ortográficas dos vocábulos vernáculos. É o processo denominado de importação ou empréstimo."

Concluo dizendo-lhe estas palavras sinceras: faça como lhe aprouver, Inara. O uso das maiúsculas raramente tem alguma importância, e as regras que estipulam o seu emprego são poucas e (ao meu ver) equivocadas, em muitos casos. No fundo, não passam de fúteis recomendações de etiqueta, emanadas da Comissão de 1943, que os deuses a tenham, ou da Comissão de 1990 (que o diabo a carregue), e não significam conhecimento real do Português, que envolve matéria muito mais densa e mais profunda.

maiúsculas nos nomes de aves

Prezado Professor Moreno: fiz uma compilação dos nomes populares das aves brasileiras. Alguém me alertou que a norma ortográfica manda escrever estes nomes sempre com todas as palavras iniciando em minúsculas, mesmo se tratando de nomes próprios. Acho muito estranho escrever, por exemplo, o **pavãozinho-do-pará** *desta forma e não* **pavãozinho-do-Pará**. *Temos diversos nomes de aves que incluem nomes próprios, como* **bacurau-do-**

São-Francisco, choca-de-Roraima, tapaculo-de-Brasília, arapaçu-de-Wagler *e por aí afora. Fico pensando a confusão que daria se tivéssemos uma ave do Rio de Janeiro que o povo chamasse de* **fulaninho-do-Rio**. *Se escrevêssemos* **fulaninho-do-rio**, *certamente ninguém imaginaria que esse "***rio***" se refere ao Rio de Janeiro e não ao curso d'água, como ocorre com a* **andorinha-do-rio***, o* **arredio-do-rio** *e diversos outros. O que o senhor pensa a respeito?*

Luiz Fernando F. – Osasco, São Paulo

Meu caro Luiz Fernando, você está fazendo uma pequena tempestade num dedal. É verdade que, no caso do Rio, haveria ambiguidade – mas, vamos convir, seriam pouquíssimos casos dentro de um sistema muito amplo. Não se trata apenas de nomes de aves, mas de uma regra abrangente que regula a presença de nomes próprios como parte de substantivos compostos: **castanha-do-pará**, **sururu-de-alagoas**, **carne-do-ceará**, **cerejeira-do-uruguai**, **cerejeira-do-rio-grande**, **queijo-de-minas**, **jasmim-do-paraguai**, **narciso-de-portugal**, **folha-de-flandres**, **funcho-da-itália**, **coco-da-baía**, **chagas-de-são-francisco**, **sambaíba-do-rio-são-francisco**, **louro-branco-do-paraná**, **pinho-do-paraná**.

Note que os nomes próprios perdem sua individualidade gráfica: se forem compostos, como **Rio Grande**, ganham hífen entre seus elementos (**cerejeira-do-rio-grande**); se tiverem a sua grafia justificada por alguma regra especial (**Bahia**, por exemplo, que mantém aquele exclusivo **H** interno), voltam a ser simples mortais como os outros (**coco-da-baía**). Note também que há a preocupação de desambiguizar na própria construção do nome: **chagas-de-são-francisco** e **samambaia-do-rio-são-francisco** (um é do santo, o outro é do rio). Por último, observe como a ambiguidade a que você se referia, com relação a **rio/Rio**, realmente ocorre em **louro-branco-do-paraná** e **pinho-do-paraná**, nos quais, ao que parece, o primeiro se refere à bacia do rio Paraná e o segundo ao estado do Paraná. Como diz um velho provérbio árabe, "Azar, azia, azeite". Nas línguas naturais, existem ambiguidades por toda parte, e temos de aprender a conviver com elas. Quem quiser evitá-las, vai ter de fazer a distinção na própria nomenclatura, fazendo o bichinho chamar-se, por exemplo (hipotético),

"caturrita-do-rio", para diferençá-la da "caturrita-da-lagoa", ou "caturrita-do-rio-de-janeiro", para diferençá-la da "caturrita-de-goiás" (como no exemplo acima, da **samambaia-do-rio-são-francisco**).

Curtas

Jorge ou **George?**

Frederico, de Belo Horizonte, relata que houve uma grande discussão na aula de Português sobre qual seria a forma correta, se **Jorge** ou **George**. "Apesar da explicação da professora, ainda continuo com dúvidas e gostaria de saber qual é a forma correta."

Meu caro Frederico, não entendo qual é o problema. O nome em Português é **Jorge**; em Inglês, é **George**. Muita gente dá a seus filhos nomes estrangeiros: **Ronald**, **William**, **Philip**, **Jean**, **Elizabeth**, etc.; outros preferem usar seus equivalentes em Português: **Ronaldo**, **Guilherme**, **Filipe**, **João**, **Elisabete**.

muçarela, **mozarela**

Cláudia, de Pará de Minas (MG), escreve para dizer que encontrou no dicionário a palavra **muçarela**, e quer saber se é errado grafar **mussarela**.

Minha cara Cláudia, ou escrevemos **muçarela**, ou **mozarela**, no Português; se você preferir, pode usar também a forma do Italiano, que é *mozzarela* (os dois **Zs** soam como em *pizza*).

estorno ou **extorno**?

O leitor chamado Klein quer saber se um cheque é **extornado** ou **estornado**.

Meu caro Klein, a forma correta é **estorno**, com **S** mesmo, pois vem do vocabulário contábil italiano (*storno*). Eu também já tive essa mesma dúvida, quando trabalhava em banco, pois esse /es/ parece o nosso prefixo **EX** (pronunciado também /es/), que estaria bem de acordo com a ideia de **estornar** um lançamento indevido.

garage ou **garagem**?

Alexandre escreve sobre **garage** e **garagem**: qual das duas está correta? Ou ambas estão corretas?

Meu caro Alexandre, quando um vocábulo estrangeiro ingressa em nosso léxico, ele se adapta aos vocábulos nativos já existentes. Os substantivos franceses terminados em **-age** (*sabotage*, *mirage*, *garage*, etc.), ao entrarem no Português, receberam um **M** final que os deixou semelhantes aos numerosos vocábulos já existentes com esse perfil (**selvagem**, **bobagem**, **passagem**, etc.). Por isso, ficaram **sabotagem**, **miragem**, **garagem**.

concertar ou **consertar**?

Nossa leitora Terezinha, de São José dos Campos (SP), quer saber como ela pode convencer (os colegas, imagino?) de que a forma correta é **concertar** os autos (ou o processo), em vez de **consertar**.

Minha cara Terezinha, não posso responder à sua pergunta porque não sei exatamente o que vocês fazem com os autos. Se é uma **correção**, **retificação**, então teremos **consertar**. Se, no entanto, é um **rearranjo** ou uma **integração** de autos de diferentes processos (isso existe?), poderíamos falar de **concertar** (harmonizar). Aqui termina a minha ciência e começa a dos juristas.

torácico

O dr. Alessandro, de Ribeirão Preto (SP), traz uma dúvida corrente entre seus colegas: o termo correto para "através do tórax" grafa-se **transtoráxico** ou **transtorácico**?

Meu caro Alessandro, se o adjetivo é **torácico**, só podemos ter **transtorácico**, com **C**. Você deve lembrar que há um velho namoro entre o **X** e o **C** no final das palavras. A forma **índex** ficou antiquada, cedendo lugar a **índice**. O **cálix,** os **cálix** foram abandonadas por **cálice**, **cálices**. No caso de **tórax**, o radical subjacente é **torac-**, como podemos ver no plural **tóraces** e em todos aqueles derivados científicos que você, como médico, deve estar habituado a utilizar (**toracoplastia**, **toracometria**, **toracostomia**, etc.).

marketing

Evandro, de São Paulo (SP), quer saber se existe alguma palavra ou expressão em português para a palavra *marketing*.

Meu caro Evandro, é essa mesma – *marketing***.** Aposto os meus diplomas que esta é uma daquelas palavras que jamais será substituída, pela absoluta falta de candidatas. Ela já entrou em nosso idioma, como *pizza*, *jazz* e outras mais, que resistem tanto à tradução quanto à adaptação pura e simples ao nosso sistema ortográfico e fonológico. Devemos fazer como as línguas das grandes culturas do mundo fazem: se a palavra é útil e necessária, vamos nos apropriar dela. O Inglês é o maior pirata de vocábulos que conheço; vai pegando tudo o que acha interessante ou funcional. Como resultado, seu vocabulário é hoje o maior das línguas ocidentais.

casa, bazar

Leila, de São Paulo, gostaria de saber por que usamos **S** para escrever **casa** e **Z** para escrever **bazar**, se ambos têm o som de /z/ e as vogais que vêm antes e depois são as mesmas. Além disso, estranha que pronunciemos o **S** de sozinho como /z/ (**casa**, **asilo**, **Brasil**), enquanto o som /s/ mesmo deve ser representado por **SS** (**assunto**, **osso**). “Como explicar isso? Tenho dúvidas desse tipo e preciso orientar um paciente meu com relação às regras ortográficas.”

Minha prezada Leila: você não vai poder orientar seu paciente, se não tiver a formação necessária para distinguir **fonemas** de **letras**. Não sei qual a sua especialidade, mas você não pode se manifestar sobre problemas ortográficos enquanto não sanar essa lacuna na sua formação. O fonema /s/ pode ser representado de várias maneiras gráficas no Português: **C**eleste, **S**apato, ca**Ç**a, ma**SS**a, má**X**imo, na**SC**er, na**SÇ**a, e**XS**udar (ou seja, pelas letras e dígrafos **C**, **Ç**, **S**, **SS**, **SC**, **SÇ**, **X** e **XS**). O fonema /z/ é representado assim: ca**S**a, Xa**Z**ar, e**X**ato (pelo **S** intervocálico, por **Z** e por **X**). Por que essa variedade? Porque nossa ortografia está apenas refletindo as diferentes origens dos vocábulos e as diferentes etapas de sua evolução. Isso acontece em todas as línguas ocidentais, e temos de nos acostumar com o fato. Talvez você se console em saber que é assim em todas as partes do mundo.

-ção e **-ssão**

Carmen Montenegro, da Costa Rica, é falante do Espanhol e está aprendendo Português. Ela gostaria de saber qual a regra para empregar **-ção** ou **-ssão**.

Prezada Carmen, sinto desapontá-la, mas não existe uma regra definida quanto ao emprego de **Ç** ou de **SS** antes de **-ão**. O que posso lhe dizer, estatisticamente, é que o sufixo **-ção** é muito mais frequente (**realização**, **iniciação**, **paralisação**); no entanto, há também vários vocábulos que são escritos com **SS**, como **repercussão**, **discussão**, **demissão**, **cessão**, **pressão**, **agressão**. Os brasileiros, que também têm a mesma dificuldade que você tem, só podem resolvê-la indo ao dicionário.

maiúsculas em compostos

Cláudio R., de Piraçununga (SP), quer saber se, em nomes próprios compostos separados por hífen, devemos empregar a inicial maiúscula nos dois elementos ou somente no primeiro. “Por exemplo, devo escrever **Acordo Luso-Brasileiro** ou **Acordo Luso-brasileiro**?”

Prezado Cláudio, lembre-se de que, ao formarmos uma palavra composta com hífen, os elementos presentes conservam sua individualidade **fonética**, **mórfica** e **gráfica**. Portanto, cada um leva sua maiúscula: **Grã-Bretanha**, **Decreto-Lei**, **Instituto Ítalo-Brasileiro**.

maiúsculas religiosas

Hamilton, de Pomerode (SC), quer saber: o correto é “Deus derrama sobre nós **a** Sua graça” ou “**da** Sua graça”? Neste mesmo caso, o pronome possessivo **Sua**, referindo-se a um atributo divino, deve sempre ser escrito com maiúscula?

Prezado Hamilton, o correto é “derrama **a** sua graça”. Quanto ao uso das maiúsculas, isso é um caso de decisão individual. Quem é religioso, escreve “o **Seu** nome”, “respeitá-**Lo**”, “dirigiu-se a **Ele**”, etc.; quem não é, não faz isso. É estritamente pessoal, e não pode haver regra gramatical que dependa do credo de cada um.

Deus e as maiúsculas

Irene, de Goiânia, diz que, ao se referir a Deus, sempre usa **Seu** com **S** maiúsculo; usa **dEle** e **Ele** também com **E** maiúsculo, mas fica em dúvida quando vai usar **para si**, por exemplo, ou **se**, ou **lhe**, referindo-se a Deus. Deve escrever “Deus resgatou o homem para **sI** mesmo”? “Ele **sE** deu em meu lugar”? “Vou dar-**lhE** meu coração”?

Minha cara Irene, você está fazendo uma pequena confusão. Se você é religiosa e quer usar o tratamento respeitoso para com a sua divindade, use maiúscula em todos os pronomes que a representem: “Perdoe a **Sua** filha”, “nós **O** amamos”, “enviamos-**Lhe** nossas preces”, “Deus resgatou o homem para **Si** mesmo” (se foi para ele próprio; se foi para o homem, seria

minúscula), “Ele **Se** deu em meu lugar”. A estranha grafia **dEle** ocorre por causa da combinação da preposição **de**, em minúsculas, com o pronome **Ele**, com a inicial maiúscula. **Se**, **si** e **lhe** são pronomes simples, sem combinações, e só poderão ter maiúscula na sua letra inicial (se assim desejarmos). Agora, entenda bem o que você está fazendo: as maiúsculas são apenas para que seus leitores percebam o respeito que você tem a Deus; ele próprio, na sua infinita sabedoria, não liga para essas ninharias.

meses com minúsculas

Thiago B., de Fortaleza, tem uma dúvida que, segundo ele, “pode entrar para o *hall* das perguntas cujas respostas são curtas, porém finas”: a primeira letra dos meses do ano deve ser grafada em maiúsculas ou em minúsculas?

Prezado Thiago, escrevem-se com iniciais **minúsculas** os nomes dos meses do ano e os dias da semana. É a norma. Vamos escrever **janeiro** e **dezembro**, assim como **sábado** e **domingo**. Portugal, diferentemente do Brasil, usava **maiúsculas** no nome dos meses, mas agora, pelo Acordo, deverá fazer como nós.

pus

A leitora Célia pergunta qual a maneira correta de se escrever o verbo **pôr** na primeira pessoa, se é **pus** ou **puz**. Nos dicionários que consultou, só encontrou o substantivo **pus**, mas nada sobre o verbo.

Minha cara Célia, a 1ª pessoa do verbo **pôr** (eu **pus**) é homógrafa (tem a mesma grafia) da palavra **pus** (aquele que sai da ferida). Lembre-se de que os dicionários não registram verbos conjugados; foi por isso que você não o encontrou. A forma verbal não pode ser escrita com **Z** por uma razão muito simples: só podem ter **Z**os verbos que ostentarem esta letra em seu infinitivo (**trazer**, **fazer**, **dizer**, **conduzir**, etc.); os demais só podem usar **S** (**quis**, **pus**, **quiser**, **puser**, etc.).

2. Como se escreve: acentos e sinais

A base de nosso sistema de acentuação gráfica foi estabelecida pela Comissão de 1943. Muito se discute se os acentos gráficos são ou não necessários para a ortografia do Português; não são poucos os autores que, olhando para o Inglês (que vive muito bem sem acentos), defendem a total inutilidade desses sinaizinhos. Outros, olhando para o inferno acentual do Francês – que escreve *dégoût* (desgosto), *élève* (aluno), *théâtre* (teatro) –, felicitam-se por ter um sistema tão simples e racional como o nosso. O que eu tenho notado é que a maioria dos brasileiros (incluindo aqui muitos professores de Português) não sabe exatamente qual a finalidade dos acentos; em outras palavras, poucos sabem por que os acentos vieram a este mundo.

A tradição de utilizar esses sinais nasceu na Grécia, por volta do ano 200 a. C., para marcar a sílaba tônica das palavras e assinalar os fonemas aspirados. É claro que os gregos não precisariam dessa sinalização para falar corretamente o seu próprio idioma, da mesma forma que um brasileiro não precisa saber escrever para poder falar o Português. O alvo era bem outro: com a expansão territorial do Grego, principalmente por obra de Alexandre Magno, um número imenso de falantes não-nativos passou a usar essa língua, e foi para esses recém-chegados, que não conheciam intuitivamente a maneira correta de pronunciar os vocábulos, que Aristófanes de Bizâncio concebeu o sistema de acentos e sinais que os textos gregos apresentam até hoje. Muitas línguas modernas incorporaram acentos à sua grafia, sem se dar conta de que se trata de uma sinalização útil para estrangeiros, mas geralmente supérflua para os nativos.

O sistema vigente

No Brasil, a acentuação manteve o mesmo objetivo que tinha na Grécia Antiga: ao contrário do que muita gente pensa, os acentos não têm a função de distinguir entre duas palavras muito parecidas, mas são usados para sinalizar, **quando for necessário**, a **prosódia** de uma palavra. Numa definição simplificada, a prosódia seria a correta colocação da sílaba tônica dentro do

vocábulo; quem diz /RUbrica/, com a tônica no /ru/, está cometendo exatamente um **erro de prosódia**, pois a pronúncia correta é /ruBRIca/. Como aprendemos desde os primeiros anos de escola, a sílaba tônica pode ser a última sílaba da palavra (as **oxítonas**), a penúltima (as **paroxítonas**) ou a antepenúltima (as **proparoxítonas**).

Como é natural, a maior parte de nossos vocábulos **não** necessita de acento porque sua prosódia está de acordo com a expectativa dos falantes. Os vocábulos acentuados – na verdade, apenas 20% de nosso vocabulário total – são exatamente os que se **afastam** dessa pronúncia esperada, como você verá logo a seguir. Neste caso, o acento indica aquela sílaba tônica que fica onde normalmente não se esperaria que ela ficasse. Por exemplo: por que **táxi** é acentuado? Usando a experiência que todos nós temos do Português escrito, vemos que a maioria dos vocábulos que terminam em "**i**" são lidos instintivamente como oxítonos: **sucuri, aqui, saci**. Esta é uma tendência comprovada estatisticamente. Em **TÁxi**, portanto, o acento nos avisa de que esta palavra **não** segue o padrão, já que sua tônica não é a última. Examine os exemplos abaixo e verá que os vocábulos que recebem acento são os que contrariam a tendência normal:

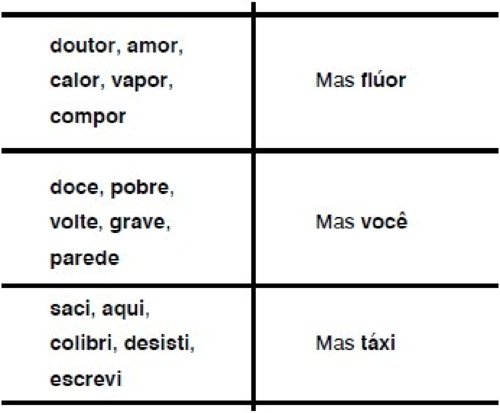

doutor, amor, calor, vapor, compor	Mas flúor
doce, pobre, volte, grave, parede	Mas você
saci, aqui, colibri, desisti, escrevi	Mas táxi

Com base nesse princípio muito simples – **assinalar o inesperado, deixar sem marca o que é previsível** –, a Comissão de 1943, com sua lógica geométrica, passou a decidir quais são os vocábulos que precisam de acento. Isso foi feito através de regras que são aplicadas a determinados perfis de vocábulos, sem casos especiais ou exceções:

(1) – Como o tipo de vocábulo mais frequente do Português são os paroxítonos terminados em **A(s)**, **E(s)**, **O(s)**, **EM** e **ENS**, estes ficaram **sem** acento. Inversamente, todos os que tiverem outros finais (**i, um, ã, l, r, ps,** etc.) ficaram **com** acento. É por isso que escrevemos **tolo, cera, coroa, totem, vezes, doce, gelo, deve** (sem acento), mas **hífen, ônix, flúor, ímã, órgão, ravióli, álbum** (com acento). Esta distribuição de acento nos **paroxítonos** vai determinar o acento dos **oxítonos**, classe muito menos importante:

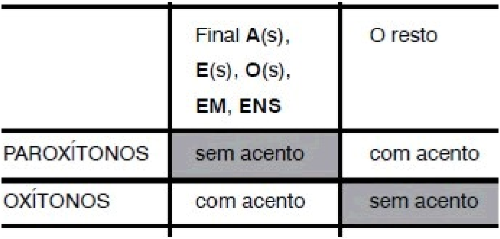

	Final **A**(s), **E**(s), **O**(s), **EM, ENS**	O resto
PAROXÍTONOS	sem acento	com acento
OXÍTONOS	com acento	sem acento

(2) – Todos os **proparoxítonos** recebem acento gráfico para assinalar que a sílaba mais forte é a antepenúltima; caso contrário, a tendência normal seria lê-las como **paroxítonos**:

médico pólvora intrépido víramos

Aqui se incluem os paroxítonos terminados em **ditongo crescente** (-**ie**, -**ia**, -**uo**, -**ua**, etc.): **série**, **água**, **mágoa**, **núcleo**, **história**. Devido à elasticidade dos ditongos crescentes na fala, essa sílaba final pode (repito: **pode**), numa pronúncia mais escandida, ser dividida em duas (/sé-ri-e/, /nú-cle-o), o que transforma essas palavras, na fala, em proparoxítonas. Alguns autores, inclusive, para assinalar o fato, dizem que essas palavras especiais podem ser chamadas de "proparoxítonas eventuais, acidentais ou relativas" – mas isso só diz respeito à acentuação, pois continuam a ser **paroxítonas**, como atesta a sua divisão em sílabas: **sé-rie**, **nú-cleo**, **his-tó-ria**.

(3) – Em seguida, o sistema de 1943 contemplava com acento gráfico alguns **encontros vocálicos** (hiatos e ditongos) cuja pronúncia a Comissão julgou necessário assinalar: os ditongos abertos **éi**, **éu** e **ói** (**herói**, **geléia**); os (raríssimos) hiatos **êe**, **ôo** (**zôo**, **crêem**); e os hiatos em que o **I** e o **U** formam sílaba sozinhos ou juntamente com **S** (**saúde**, **caímos**, **caíste**). O recente acordo, assinado em 1990, manteve as mesmas regras de 1943, mas suprimiu o acento nos hiatos **EE**, **OO** (**vôo** e **lêem**, por exemplo, passam a **voo** e **leem**) e retirou – apenas nas

paroxítonas! – o acento dos ditongos abertos (**idéia** e **heróico**, por exemplo, passam a **ideia** e **heroico**; **céu** e **anéis**, contudo, continuam acentuados).

Críticas cabíveis ao sistema de acentuação

Apesar do sistema ter uma lógica interna consistente, ele peca por se basear num falso princípio. Aqui reside exatamente o calcanhar de Aquiles de nosso sistema de acentuação: ele parte da ideia equivocada de que a escrita teria supremacia sobre a fala, imaginando um falante que primeiro vai ver como uma palavra está escrita para então saber como deverá pronunciá-la. Ora, qualquer falante, em princípio, conhece a pronúncia dos vocábulos que estão a seu alcance, sem que seja necessário indicar-lhe, por meio de um sistema de sinais, qual a sílaba predominante – um exemplo eloquente é o Inglês, que vive muito bem sem os acentos.

Além disso, a grafia não tem valor normativo sobre a maneira de pronunciar os vocábulos, já que é ela que depende da fala, e não vice-versa. Basta ver que no mundo letrado subsistem discussões sobre como se devem pronunciar determinadas palavras; debate-se qual a sílaba tônica de **xerox**, se a vogal de **colmeia** é aberta ou fechada, se o **S** de **subsídio** soa como em **subsetor** ou como em **obséquio**, etc. Aliás, a resposta a algumas dessas perguntas trará diferentes consequências para sua grafia: vou escrever **xerox** ou **xérox**, dependendo da sílaba que eu considere tônica. Não poderia deixar de ser assim, já que a escrita não passa de uma tentativa de representar graficamente a fala e, portanto, vem depois dela. Deste modo, quando ponho – ou deixo de pôr – o acento em **xerox**, o que estou fazendo, na verdade, é manifestar a minha posição quanto à sua pronúncia. Nada mais.

É verdade que algumas (poucas) vezes o acento serve para desambiguizar a leitura: "ele não **pode** sair" é diferente de "ele não **pôde** sair", e "vou **por** aqui" não é igual a "vou **pôr** aqui". No entanto, na maioria dos casos, a própria frase se encarrega de tornar supérfluo o acento, mesmo em palavras com a mesma grafia: "ele nunca **medica** sem antes fazer um exame completo do paciente" e "ela é a **médica** mais importante da equipe"; "não **contem** comigo" e "a caixa

contém uma grosa de lápis", e assim por diante.

Ora, para quem foram, então, concebidos os acentos? Para um tipo muito especial de pessoa: aquela que quer saber como se diz uma palavra e vai ao dicionário para encontrar ali a recomendação, ou que leu uma palavra que desconhecia e quer começar a utilizá-la em sua fala usual. É em nome desses raros cidadãos que todos os que escrevem em Português necessitam utilizar o sistema gráfico de acentuação, mesmo naquelas palavras cuja pronúncia é conhecida por todos, até por coerência da regra. Como nos exemplos acima, se **táxi**, **café** ou **dólar** vierem sem acento, não vai haver a leitura instintiva de /taXI/, /CAfe/, /doLAR/. No entanto, apesar de desnecessário, elas vão ser acentuadas, porque a regra não poderia ser aplicada a apenas algumas palavras, e não a todas.

De qualquer forma, acho que a solução mais racional seria suprimir totalmente os acentos gráficos (como no Inglês); a Comissão que trabalhou no novo Acordo Ortográfico, contudo, foi perdendo aos poucos a coragem para dar este passo radical, mas definitivo, e acabou introduzindo apenas algumas mudanças cosméticas no modelo que a Comissão de 1943 tinha elaborado. Não adiantou nada.

Mudanças introduzidas pelo Acordo

As regras que vão ser alteradas são poucas e, excetuando-se a supressão do trema, abrangem um número muito restrito de vocábulos:

1. Os hiatos tônicos **ÊE**, **ÔO**, muito raros, recebiam acento na primeira vogal: **vôo**, **abençôo**, **relêem**, **dêem**, etc. O Acordo suprime esta regra: **voo**, **abençoo**, **releem**, **deem**.

2. Até agora acentuávamos os ditongos abertos **ÉI**, **ÉU**, **ÓI**, onde quer que eles estivessem: **jibóia**, **heróico**, **paranóia**, **geléia**, **idéia**; **réu**, **herói**, **dói**, **réis**. O Acordo só mantém esse acento nas palavras oxítonas: **réu**, **herói**, **dói**, **réis**, **troféu**; as paroxítonas ficam sem acento: **jiboia**, **heroico**, **paranoia**, **geleia**, **ideia**, **assembleia**, **apoiam**, etc.

3. Tendo em vista que a letra **U** – quando colocada entre **Q** e **E**, **Q** e **I**, **G** e **E**, **G** e **I** – pode ter **três** valores diferentes, utilizávamos um sistema tripartite que indicava claramente quando ela é **muda**, **tônica** ou **átona**: (1) se era **muda**, ficava sem marca (**quilo**, **guerra**); (2) se era tônica, levava acento (**argúi**, **argúem**); (3) se era átona, levava trema (**pingüim**, **agüenta**). O Acordo elimina esta regra inteirinha, escrevendo tudo sem acento ou trema: **quilo**, **guerra**, **argui**, **arguem**, **pinguim**, **aguenta**. O leitor certamente entenderá que estamos falando de **grafia**; a **pronúncia** das palavras não muda, nem pode mudar. Por isso, mesmo que se passe a escrever **linguiça** (assim, sem trema), o **U** continuará a ser pronunciado obrigatoriamente.

4. A regra de 1943 manda acentuar o **I** e o **U** tônicos quando vierem depois de vogal ou ditongo e estiverem sozinhos ou formando sílaba com **S**: **juízes**, **gaúcho**, **saíste**, **reúno**, **feiúra**, **baiúca**. O novo Acordo apenas suprime o acento quando a vogal vier **depois de ditongo decrescente**: continuamos a escrever **juízes**, **gaúcho**, **saíste** e **reúno**, mas passamos a escrever **feiura**, **baiuca**, **gaiuta**, **bocaiuva**, **reiuno**.

5. Dos poucos acentos diferenciais que sobreviveram à reforma de 1971, o novo Acordo poupa alguns e elimina outros. Caem (com toda a justiça) os absurdos acentos de **pêlo(s)**, **pélo**, **péla(s)**, **côa(s)**, **pólo(s)** e **pêra**, que não serviam para nada. Continua, como era de esperar, o acento de **pôr** e de **pôde**. O acento em **fôrma**, velha reivindicação de mestre Aurélio Buarque de Holanda, passa a ser facultativo; eu, de minha parte, sempre usei e vou continuar usando. O inexplicável foi a supressão do acento de **pára** (verbo), que vai fazer muita falta ("Você não para para pensar", etc.) e que, a meu ver, foi suprimido por absoluta falta de experiência linguística dos membros da Comissão.

Permanece inalterada, portanto, a regra das proparoxítonas (todas levam acento), bem como a das paroxítonas e oxítonas (ver quadro no próximo artigo – "item, itens").

item, itens

O sonho do professor: "Se eu ganhasse dez centavos cada vez que

visse **item** ou **itens** escrito com acento, nunca mais precisaria traba

Prezado Professor, gostaria que o senhor me elucidasse sobre o uso do acento nas palavras **item** *(ou* **ítem***) e no seu plural. Obrigado.*

Jansen W. – Santos (SP)

Meu caro Jansen, em todos os meus anos de magistério, sempre me fascinou a verdadeira compulsão que as pessoas têm de acentuar **item**, ou **itens**, ou ambos. Eu não hesitaria em eleger essas duas formas como o melhor exemplo para provar que há uma falha na maneira como o sistema de acentuação, criado em 1943, vem sendo transmitido a todos nós, os brasileiros que sabem escrever. As gramáticas e os livros didáticos geralmente apresentam os acentos numa sequência de regras que parecem ser arbitrárias e casuísticas, impedindo que os alunos (e muitos professores) percebam a límpida economia do sistema.

Consulte qualquer um dos bons livros didáticos que temos no mercado: você vai aprender que as **oxítonas** terminadas em **-a**, **-e**, **-o** (com ou sem **S** final), **-em** e **-ens** devem ser marcadas com acento gráfico, enquanto as **paroxítonas** acentuadas são as terminadas em **-ps**, **-ã**, **-ão**, **-r**, **-x**, **-l**, etc. – uma lista de finais exóticos e pouco comuns. Ora, falar sobre quais as oxítonas e quais as paroxítonas **são** acentuadas é deixar de perceber o caráter **binário**, **complementar** do sistema. O fundamental é sabermos que as palavras **paroxítonas** mais comuns, mais **numerosas** (e que, portanto, **não** devem ser acentuadas) são as terminadas exatamente em **-a**, **-e**, **-o**, **-em** e **-ens**. A partir daí, podemos estabelecer o seguinte quadro, que já vimos anteriormente, mas que prefiro repetir em nome da clareza:

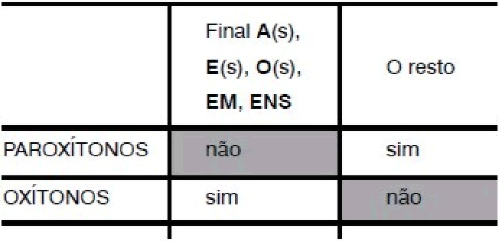

	Final **A**(s), **E**(s), **O**(s), **EM**, **ENS**	O resto
PAROXÍTONOS	não	sim
OXÍTONOS	sim	não

O quadro pode ser lido da seguinte maneira: as palavras mais frequentes de nosso idioma, que são as paroxítonas terminadas em **-a**, **-e**, **-o** (seguidas ou não de **S**), **-em** e **-ens** NÃO levam acento; o resto (uma miuçalha variada) leva. Consequentemente, o sistema fez valer o **inverso** para as **oxítonas**: as que têm esses finais vão ser acentuadas, enquanto o resto fica sem acento. É por isso que **casa, mestre, coroa, homem** ficam sem acento, enquanto **táxi**, **flúor**, **nível**, **látex** são acentuadas. E assim por diante (há uma pequena bateria de regras adicionais que vão, posteriormente, aplicar-se a alguns problemas específicos de ditongos e de hiatos – mas isso foge ao problema específico que estou tentando esclarecer neste artigo).

Seguindo essa linha de raciocínio, perceba que **homem** não é acentuado porque pertence a um grupo muito expressivo de vocábulos em nossa língua: as paroxítonas com o final **-em**. Elas formam um grupo de vários milhares de palavras, do qual fazem parte (1) os substantivos terminados em **-agem** (**selvagem**, **homenagem**); (2) as terceiras pessoas do plural de vários de nossos tempos verbais (**fazem**, **estudem**, **fiquem**, **voltarem**); (3) um grande número de substantivos e adjetivos com **-m** final (**homem**, **jovem**, **nuvem**, **virgem**); etc. Ora, se uma pessoa (e quantas existem!) sente a tentação de colocar um acento em **item**, só posso concluir que ela não percebeu ainda como funciona o sistema. Na verdade, ela está sonhando com uma regra que deixe sem acento **homem**,

trazem, **nuvem** e **virgem**, mas que acentue – o que seria, agora sim, uma odiosa exceção! – o vocábulo **item**. Felizmente isso não é possível em nosso sistema. Se uma palavra leva acento, todas as similares também levam (o inverso também é verdadeiro). Portanto, **item** não tem acento, assim como **itens**. Não têm e nunca tiveram; se escrevêssemos ***ítem**, ***ítens**, como muita gente gostaria, teríamos de escrever também ***hômem**, ***hômens** (o asterisco indica uma forma errada).

acentuação das paroxítonas

Olá, professor Cláudio. Escrevo-lhe para tirar uma dúvida sobre acentuação gráfica. Achei ótima a sua tabelinha sobre as palavras paroxítonas e oxítonas e, de fato, comecei a usá-la para simplificar as tais regras de acentuação, até o momento em que percebi que todas as formas verbais como **falam**, **falaram**, **falavam**, **comeram**, **abriram** *não levam acento, é claro! O que se pode fazer? Colocar uma observação especial para as terminadas em* **-am**, *ou é a regra toda que deve ser repensada, pois talvez ainda haja outros casos que não foram contemplados?*

Valentina V. – Roma.

Prezada Valentina, aquele quadro que construí tem por base um sistema binário, como você percebeu. O **sim** se opõe ao **não**, e vice-versa. As paroxítonas mais comuns – e, portanto, **sem** acento – são as terminadas em **-a**, **-e**, **-o** (seguidos ou não de **-S**), **-em**, **-ens**, o que nos leva a acentuar as oxítonas com as mesmas terminações.

Agora chegamos ao seu problema: é claro que há também centenas de paroxítonas terminadas em **-am** (especialmente, como você mesma diz, nas terminações verbais da 3ª pessoa), mas não podemos incluir este final no nosso quadro porque, sendo ele binário, pressuporia que as oxítonas com igual terminação tivessem acento, o que não ocorre. A formulação (errônea) ficaria assim:

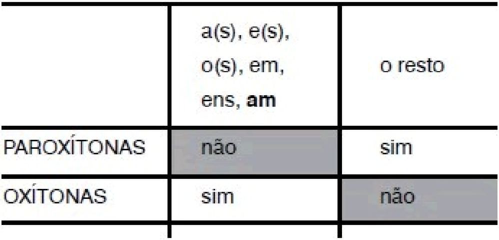

	a(s), e(s), o(s), em, ens, **am**	o resto
PAROXÍTONAS	não	sim
OXÍTONAS	sim	não

Por isso, nas minhas aulas (eu ainda leciono regularmente), depois de apresentar o quadro, explico que as paroxítonas terminadas em -am também não são acentuadas (pelo mesmo motivo estatístico), mas não cabem na oposição binária que construí. É só isso; é pena, mas nem sempre os fatos cabem dentro das teorias. Se não fosse pelo final -am, o binarismo seria perfeito; assim mesmo, ainda o considero uma eficiente ferramenta para o usuário entender o princípio fundamental de nossa acentuação gráfica e perceber que o sistema não é tão arbitrário ou caótico como querem seus detratores.

Caro professor Cláudio, muito obrigada pela rápida resposta. Eu também ensino Português, mas para italianos (em Roma). A sua tabela é de grande ajuda, já que permite aposentar aquela tal das paroxítonas terminadas pelas iniciais de "ROUXINOL", que, aliás, não faz sentido para alunos estrangeiros! O curioso é que nenhuma gramática, dentre as que consultei, menciona esses casos dos verbos terminados em **-am***, um número expressivo de palavras.*

Valentina V. – Roma

Prezada Valentina, o motivo é simples: as gramáticas não trabalham com os vocábulos que **não** têm acento; preferem, isso sim, relacionar apenas os finais dos vocábulos que são acentuados. Eu passei minha vida de estudante memorizando a relação das paroxítonas que **levam** acento (aquela lista enorme),

convicto de que nosso sistema ortográfico era um amontoado inexplicável de casos particulares e de exceções. Quando percebi a beleza do sistema, já tinha começado a lecionar na Graduação em Letras e fiz questão de divulgá-la para todos os futuros professores que foram meus alunos. Devo ter plantado muitas sementes, mas, pelo que percebo pelas perguntas dos leitores, a maior parte dos professores brasileiros ainda se limita a repetir aquela execrável lista de terminações.

qual a regra mais difícil de pegar

Professor, eu posso mais ou menos me considerar uma colega sua, porque também leciono Língua Portuguesa numa escola municipal de minha cidade. Por isso, gostaria de saber, com a experiência que o senhor tem, qual é o seu palpite: qual das regras de acentuação vai ser mais difícil de "pegar", isto é, vai ser mais desrespeitada nos primeiros dias (meses?) da Reforma?

Lucinda V. W. – Ribeirão Preto (SP)

Prezada Lucinda, não tem nada de mais ou menos; para mim, empunhou o giz, enfrentou a lousa, então é colega. Quanto à sua pergunta, você sabe muito bem que as regras que foram alteradas (caem o trema e o acento agudo no **U** depois do **G** e do **Q** , o acento agudo no ditongos abertos **ÉI**, **ÉU** e **ÓI**, e o acento circunflexo nos hiatos **ÔO** e **ÊE**) já não eram muito populares, mesmo; muita gente simplesmente não usava o trema, por exemplo, e nem vai sentir a mudança. Fora o hífen – este sim, um caso sério, que ainda aguarda regulamentação por parte da Academia e que vai dar muitíssimo pano para manga –, o maior problema de adaptação que eu pressinto, por parte dos usuários, é essa regra caprichosa que tira o acento dos ditongos abertos nas **paroxítonas** mas o mantém nas **oxítonas**: **heroico**, mas **herói**; **geleia**, mas **anéis**; **joia**, mas **sóis**; e assim por diante. Melhor teria sido tirar o acento de todas, ou conservá-lo em todas.

acento em nomes próprios

Nome próprio também leva **acento**, ou é grafado à vontade do dor
Professor esclarece essa delicada questão.

Olá, Professor, gostaria de saber se os nomes próprios precisam realmente levar acento. Por exemplo, **Claudio***, pela regra, deveria ser acentuado, mas em alguns casos isso não acontece. Por quê?*

Vanessa F. – Rio de Janeiro (RJ)

Minha cara Vanessa, os nomes próprios estão sujeitos às mesmas regras de acentuação que os nomes comuns. **Cláudio**, **Sérgio**, **Flávio**, **César**, **Aníbal**, **Félix**, **Dóris**, **Zilá**, **André** – todos são acentuados. Ocorre que a lei permite ao cidadão portar (se ele quiser – e se ele aguentar!) o nome da maneira como foi registrado. Ora, como os acentos que conhecemos foram introduzidos pela Reforma de 1943, muitos **Claudios**, **Sergios**, etc. nascidos antes dessa data escrevem lá à sua maneira – da mesma forma que também se vê a grafia **Cezar**, **Luiz**, **Suzana**, que hoje se escrevem com **S**.

A alteração do nome para sua forma correta pode ser requerida ao Judiciário, num processo relativamente simples. Esse recurso, no entanto, não me parece necessário se o problema for simplesmente o **acento**: quem foi registrado sem o acento devido, ou com um acento desnecessário, pode corrigir por conta própria a grafia de seu nome, pois isso não é um detalhe que prejudique a sua identificação civil em documentos. Por exemplo, se meu pai e minha mãe não tivessem posto o acento no meu **Cláudio**, eu o poria por mim mesmo, e ninguém poderia alegar que "na certidão está sem acento". O acento **não** é levado em conta na caracterização do nome do indivíduo; por isso, o melhor é sempre acentuar de acordo com a regra de acentuação que estiver vigorando, independente do registro civil.

Note que isso também vale para o **futuro**: se um dia os acentos vierem a ser eliminados do nosso sistema ortográfico (a esperança é a última que morre!), nessa mesma data deixarei de usar o meu acento no **A** de **Cláudio**. Já vimos isso:

quando foi adotado o sistema de 1943, o nome da cidade de **Porto Alegre** passou a ser grafado com o acento circunflexo diferencial: **Pôrto Alegre**. Em 1971, esse infeliz acento foi eliminado, e voltamos a escrever **Porto Alegre**. Vale o que estiver vigendo na hora de escrever.

acento em verbo com pronome

Se **comprá-lo**, **vendê-lo** e **destruí-lo** têm acento, por que **parti-lo** n tem?

Caro Professor, quando devo acentuar a última sílaba de um verbo, antes do hífen? Por exemplo: o que determina ser **abraçá-la** *ou* **abraça-la***;* **destruí-lo** *ou* **destrui-lo***? Quais seriam as regras para construções desse tipo?*

Vívian C. – Volta Redonda (RJ)

Minha cara Vívian, este hífen é considerado um sinal que indica o fim de um vocábulo; logo, qualquer vocábulo com hífen tem duas partes distintas (**antes** e **depois** desse sinal). Nos verbos com **pronomes enclíticos**, devemos descartar o pronome e ficar apenas com o **verbo**, já que este é o vocábulo que será levado em conta pelas regras de acentuação. **Comprar**, **perder**, **repor**, **partir** e **construir** não recebem acento por não se enquadrarem na regra das oxítonas (terminam em **R**). Quando essas formas perdem o **R** devido ao acréscimo do pronome enclítico, no entanto, devem ser reexaminadas quanto à acentuação. **Comprá**-lo, **perdê**-lo, **repô**-lo e **construí**-lo ganham acento, enquanto **parti**-lo não (como **vatapá**, **você**, **avô** e **açaí**, de um lado, e **saci**, do outro).

coco e **cocô**

Ao contrário do que muita gente pensa, o acento de **coco** – que nã mais – nada tinha a ver com o popular **cocô**.

Professor, desde que aprendi a escrever me ensinaram que deveria escrever **côco** *com acento circunflexo no primeiro* **O***, para diferenciar de* **cocô**. *Porém, tem gente que diz que eu estou errada ao acentuar essa palavra, dizendo que já não se usa mais. Eles estão tentando derrubar algo que já virou uma convicção que trago desde o Ensino Fundamental! Afinal, como é que se escreve o fruto do coqueiro?*

Elisa M. F.

Minha cara Elisa, a maneira como escrevemos as palavras do Português tem como base o Acordo Ortográfico de 1943, com as pequenas modificações introduzidas em 1971 e em 1990; a consolidação desses textos constitui o sistema que o brasileiro médio chama respeitosamente de "ortografia oficial", atribuindo-lhe uma infalibilidade maior do que a do Papa. Os estudiosos sabem que ele não é tão oficial nem tão infalível assim; prefiro, contudo, discutir isso noutra ocasião, que não sou homem de mexer em abelheiro e sair correndo.

Quando o Acordo de 1943 entrou em vigor, muitos dos brasileiros que já tinham sido alfabetizados ficaram com uma sensação natural de insegurança, uma vez que perceberam que o sistema que tinham estudado na escola havia sido substituído por outro. Quem escrevia **theatro**, **commercio** e **pharmacia**, por exemplo, teve de aprender as novas formas **teatro**, **comércio** e **farmácia**. Se as pessoas têm dificuldade em assimilar uma nova moeda (cruzeiros, cruzados, reais, etc.), podemos imaginar o quanto mais vão ter, tratando-se de algo muito mais complexo, como é um sistema ortográfico...

Pois bem, o Acordo de 1943 instituiu o equivocado **acento diferencial** para desmanchar aqueles pares de vocábulos homógrafos ("que se escrevem da mesma forma") cuja diferença, na pronúncia, repousa na oposição entre **E/O fechado** e **E/O aberto**. A partir daquele ano, desapareceu essa homografia, porque passou a escrever-se **gêlo**, **almôço**, **pôrto**, **sêde**, diferentemente de **gelo**, **almoço**, **porto** e **sede** – e aqui entrou o **côco**, acentuado para distinguir de **coco** (do verbo **cocar**; nunca usei, mas existe). Isso nada tem a ver com o acento de

cocô (oxítona terminada em **O**, como **vovô** ou **camelô**); aliás, se não existisse o vocábulo **cocô** (os nenês portugueses dizem **cocó**...), assim mesmo o Acordo de 1943 manteria o acento de **côco**, indicando que o **O** aqui é fechado.

Acontece que o acento diferencial, na prática, revelou-se inútil e extremamente perturbador do sistema ortográfico – a tal ponto que a única alteração introduzida, de 1943 até 1990 (friso: foi a **única** vez que se alterou a regra ortográfica antes de chegarmos à atual Reforma, embora muitos de meus leitores jurem que houve inúmeras mudanças, deste então!) – repito, a única alteração foi feita em **1971**, eliminando-se esse malfadado acentinho, voltando os vocábulos a ser homógrafos: "eu estou com **sede**" e "leve isso à **sede** do sindicato"; "está faltando **gelo**" e "eu **gelo** a cerveja com o extintor" (é técnica de emergência...); "na hora do **almoço**" e "eu **almoço** sempre com meus filhos". Pelos exemplos que dou, você pode ver que o contexto normalmente se encarrega de esclarecer qual dos dois vocábulos está sendo empregado. Foi aqui que o **coco** perdeu o acento.

Ora, embora mínima, a Reforma de 1971 era também uma mudança, e ocasionou os problemas já conhecidos: quem já tinha introjetado o sistema de 1943 passou a sentir-se inseguro, não sabendo exatamente até que ponto ele tinha sido modificado. Imagine como se sente um bravo brasileiro que nasceu em 1930: aprendeu a escrever lá por 1940; em 1943, tudo mudou; vamos supor que, com esforço e persistência, ele tenha conseguido atualizar-se, só para ver, estarrecido, nova mudança em 1971; quando já estava acostumando a ela, veio o Acordo de 1990... Pobre diabo!

Vou dar uma de Sherlock Holmes: se a sua professorinha ensinava **côco** com acento, deduzo que você entrou na escola **depois** de 1943 e que a deixou **antes** da reforma de 1971 (sem ter sido apresentada ao novo **coco** desacentuado). Não estou certo?

Para seu consolo, fique sabendo que você não é a única a errar: milhares de pessoas, alfabetizadas antes de 1971, continuam a usar o circunflexo nesses vocábulos. Desafio alguém a encontrar um depósito de **gelo** sem acento, ou algum produto alimentício feito com **coco** sem acento – são verdadeiras

raridades! Por essas e por outras, minha cara Elisa, é que sinto vontade de esganar qualquer um desses inconsequentes que defendem a nova reforma ortográfica! Eles realmente não sabem o que fazem; só alguém completamente divorciado da realidade de nosso pobre país pode pensar em tamanha asneira!

fluido ou **fluído**

Afinal, devemos trocar o **fluido** ou o **fluído** do freio? A sala está ch
maus **fluidos** ou **fluídos**? Qual é a maneira certa de escrever e pron
essa palavra?

Caro Professor, afinal, a gente escreve **fluido** *ou* **fluído***? Eu pensava que só existia o segundo, mas a professora ensinou que o certo é o primeiro. Agora fiquei sabendo que existem os dois. Como é que eu fico?*

Carla C. – Botucatu (SP)

Prezada Carla, estamos falando de dois vocábulos diferentes, com sentido e grafia também diversos.

1) O primeiro, **fluido**, tem o **U** tônico e divide-se em duas sílabas (/flui-do/), com a primeira sílaba pronunciada como **fui** ou **Rui.** Se você se lembra de seu tempo de colégio, o **ui** é um **ditongo**. Este vocábulo tem o sentido genérico de “líquido”: mecânica dos **fluidos**, **fluido** de freio; “a Aids se transmite pela troca de **fluidos** do corpo”. Modernamente, acho que passou também a significar algo meio invisível e misterioso; pelo menos, é o que sugere o uso que dele fazem as pessoas místicas: “nesta sala há maus **fluidos**”, “podem-se perceber os bons **fluidos**”, etc. Em todos os exemplos acima, é classificado como **substantivo**; às vezes é usado como **adjetivo** (ainda com o mesmo sentido de “líquido”): “estava muito quente, e o mel ficou mais **fluido**”. Ou no início do poema **Antífona**, de Cruz e Sousa:

Ó Formas alvas, brancas, Formas claras
De luares, de neves, de neblinas!
Ó Formas vagas, **fluidas**, cristalinas...
Incensos dos turíbulos das aras.

2) O segundo, **fluído**, tem o "**i**" tônico; é uma palavra de três sílabas (/flu-í-do/). É o que chamamos de **hiato**. Aliás, é exatamente por ser um hiato que o "**i**" precisa levar esse acento gráfico. Agora estamos diante do particípio do verbo **fluir** (correr, transcorrer), formado da mesma maneira que **caído** (de **cair**) e **saído** (de **sair**): "as horas tinham **fluído** sem que nós nos déssemos conta"; "todo o óleo tinha **fluído** para o chão da garagem". Note que os dois vocábulos são diferentes na **pronúncia**, na **grafia** e no **sentido**.

No entanto, nove entre dez brasileiros não distinguem um vocábulo do outro, pronunciando /flu-í-do/ em ambos os casos. Em geral, as pessoas dizem "**flu-í-do** de freio", "mecânica dos **flu-í-dos**", "maus **flu-í-dos**". Isso acontece porque há uma forte tendência popular em mudar a prosódia de termos como **gratuito**, **circuito**, **fortuito**. Em muitas rádios já se ouve "entradas gratu-**I**-tas", "curto-circu-**I**-to", com o **I** tônico – o que é um contra-senso, porque, se fosse tônico, deveria levar o mesmo acento de **ruído** e **caído**. Este é o processo que está agindo sobre o **fluido**, levando as pessoas descuidadas a pronunciá-lo da mesma forma que o particípio **fluído**. Devemos evitar essa confusão; note que não estou falando apenas de algum detalhe secundário que eu, reacionariamente, esteja tentando preservar, mas sim da **diferença entre dois vocábulos distintos**, o que não é pouca coisa.

câmpus e outras expressões latinas aportuguesadas

Em Latim, **o campus** e **os campi**; em Português, **o câmpus** e **os cân**

Prezado Professor, no **Manual de Redação e Estilo***, editado pelo* O Estado de S. Paulo*, temos* **o câmpus***,* **os câmpus**. *Mas é habitual nas universidades ver, ler e ouvir* **o campus***,* **os campi**. *Qual o correto, professor?*

Prof. Marcos Fernando

Meu caro Marcos, essa é uma daquelas palavras mutantes que se encontram numa espécie de limbo entre o Latim e o Português. Alguns a usam no Latim, dando-lhe a grafia e a flexão latina: **o** *campus*, **os** *campi*; outros já a

tornaram nossa, grafando-a como outros vocábulos latinos similares (**ônus**, **ângelus**, **íctus**, **múnus**, **tônus**, etc. – já dentro de nosso sistema flexional e ortográfico). Eu sempre aconselho o uso da forma evoluída **câmpus**, já que a outra pressupõe conhecimento do Latim (que a maioria de nosso público acadêmico infelizmente não tem) e acarreta complicações desnecessárias na forma de escrevê-la (como não é Português, deve vir sempre em **itálico** ou **sublinhada**). O Inglês, muito menos flexível que nossa língua, vive às turras com esses plurais latinos – *datum*, *data*; *memorandum*, *memoranda*; *erratum*, *errata*; *agendum*, *agenda*; etc. Nós, que usamos o Português, filho direto do Latim, temos a tendência de deixar a palavra entrar no nosso sistema flexional, já que ela é mesmo de casa: **o memorando**, **os memorandos**; **a errata**, **as erratas**. Você quer saber mais? Acho que deveríamos estender isso a **córpus**, com todas as pompas: **o córpus**, **os córpus** (abandonando o *corpus*, os *corpora*, com sua incômoda flexão latina).

fôrma, **forma**, **forminha**: os acentos nos diminutivos

Se usarmos, como propõe o **Aurélio**, o uso do acento para diferenc
fôrma de **forma**, como fazemos para distinguir entre seus diminuti

Caro Professor, tentei solucionar minha dúvida no **Aurélio***, mas não consegui. O acento diferencial existe no caso da palavra* **forma** *(jeito, maneira) e* **fôrma** *(utensílio de cozinha). A minha dúvida é no diminutivo de* **fôrma***. O correto é* **fôrminha** *ou* **forminha***?*

Sandra A. – São Paulo (SP)

Minha cara Sandra: para começar, o acento de **fôrma**, considerado opcional pelo atual Acordo, foi uma conquista do velho Aurélio (o homem, e, por consequência, também seu dicionário). Ele achava que esse acento deveria ter sido poupado pela Reforma de 1971 (e não foi!), porque ele é fundamental para distinguir **forma** (/fórma/) de **forma** (/fôrma/) – com o que, aliás, também concordo. Em textos de Metalurgia, de Prótese Dentária, de Artes Plásticas, de Culinária, os vocábulos **forma** e **fôrma** se confundiriam miseravelmente sem o

auxílio do famigerado "chapeuzinho". No famoso poema **Os Sapos**, de Manuel Bandeira, que se tornou um dos manifestos da Semana de Arte Moderna, se o acento não fosse usado, ficaria o leitor sem entender a acusação que Bandeira faz contra os poetas parnasianos:

Vai por cinquenta anos
Que lhes dei a norma:
Reduzi sem danos
A **fôrmas** a **forma**.

Coerente com sua opinião, o dicionário de Aurélio sempre trouxe **fôrma** com acento, incluindo, no verbete, uma longa e satisfatória justificativa dessa sua insubordinação contra a decisão da Academia, que agora, finalmente, reconhece como válida a sugestão do velho professor. No diminutivo, porém, a coisa muda: o acréscimo do sufixo **-inho** (como, de resto, a maioria dos sufixos) vai alterar a sílaba tônica da palavra. Se em **fôrma** a tônica é /for/, em **forminha** passou a ser /mi/ – o que torna impossível deixar o acento diferencial em cima do **O**. É importante lembrar que **nenhum acento persiste** depois do acréscimo do sufixo diminutivo: **só**, **sozinho**; **café**, **cafezinho**; **chá**, **chazinho**; **árvore**, **arvorezinha**. Em ambos os casos, portanto, fica **forminha** – o mesmo que se verifica em pares como **pezinho** (de **pé**) e **pezinho** (de **pê**, o nome da letra); ou **boizinho** (de **boi**) e **boizinho** (de **bói**, aportuguesamento de **boy**).

quê?

Quando e por que devemos acentuar o vocábulo **que**.

Caro Professor, na frase "Tudo o **que** *você põe na sua casa, menos o cansaço", este "que" deve ser acentuado? Sei que, no final da frase, ele tem acento ("Não sei bem* **por quê**"*), mas nesse caso fiquei em dúvida.*

Sandra V. M. – Canoas (RS)

Minha cara Sandra, este "que" não tem acento. Você sabe que esta partícula – seja ela pronome, seja conjunção – é apenas um **monossílabo átono**,

assim como **se**, **lhe**, **me**, etc., escapando, portanto, à regra de acentuação (que, por razões óbvias, só diz respeito aos vocábulos **tônicos**). Para que ela receba o circunflexo, é indispensável que ela se torne **tônica**, passando então a fazer parte daquele grupo integrado também por **lê**, **crê**, **dê**, **vê**, entre outros.

Essa mudança na tonicidade vai ocorrer em duas situações: em primeiro lugar, quando o "que" se encontra **no final da frase** (refiro-me à **fala**, não à **escrita**):

– Obrigado! Não há de **quê**.

– Não há de **quê**, amigo.

– Você está falando do **quê**?

– Quero pagar, mas não tenho com **quê**.

Em segundo lugar, quando o "que" tornar-se um substantivo (admitindo, nesse caso, o plural). Isso acontece quando ele passa a ser o núcleo de um sintagma, antecedido daqueles vocábulos que habitualmente acompanham os substantivos: artigos, numerais, pronomes possessivos, pronomes indefinidos ou pronomes demonstrativos adjetivos:

– Ela tinha um **quê** de fascinante.

– Esta cidadezinha tem lá os seus **quês**.

No entanto, em frases como "tudo **o que** você fez", "não sei **o que** queres", este **O** não é um artigo, mas um pronome demonstrativo substantivo (equivalente a **aquilo**: tudo **aquilo** que você fez), que não vai alterar a tonicidade do "que".

Um antigo gramático sugeria a seguinte maneira prática de distinguir o "que" tônico do átono: quando ele é **átono**, o falante pode pronunciá-lo como /kê/ ou /ki/ (com preferência esmagadora pela segunda forma); quando ele é **tônico**, só pode pronunciá-lo como /kê/. Seguindo esse útil critério, o fato de podermos dizer "tudo o /ki/ você fez" reforça o que já sabíamos: esse "que" é átono.

Detalhe: quando o vocábulo estiver substantivado em metalinguagem – isto é, quando estivermos falando dele, como ocorreu várias vezes nas linhas acima –, não devemos acentuá-lo, mas grifá-lo ou colocá-lo entre aspas, como fiz.

grafia do nome **Júlia**

Prof. Moreno, numa resposta anterior, o senhor afirmou que devemos escrever **Júlia** *com acento. Porém, gostaria de saber se, com a aprovação das novas regras ortográficas, este nome continua a ser acentuado. Muito obrigada!*

Karla D. – Brasília

Prezada Karla, as novas regras não alteraram a acentuação das paroxítonas terminadas em **ditongo crescente**, como **Mário**, **água**, **história**, **Júlia**, etc. Como você bem sabe, tanto a regra de 1943 quanto a atual consideram necessário marcar essas palavras com acento por causa da instabilidade intrínseca dos **ditongos crescentes**: numa pronúncia silabada, eles facilmente podem se desfazer, o que resulta no incremento de uma sílaba após a tônica. **Júlia**, por exemplo, tem duas sílabas na escrita (**Jú-lia**) e duas na fala (/jú-lia/), mas nada impede que, numa pronúncia escandida, ela passe a ter **três** (/jú-li-a/) – o que a tornaria, neste momento, uma **proparoxítona**. Para distinguir estas palavras das verdadeiras proparoxítonas, os gramáticos costumam chamá-las de **proparoxítonas eventuais**, **relativas** ou **aparentes**. Este acento continua.

o trema não vai fazer falta?

Caro Professor, sei que o acento gráfico é usado para indicar os casos em que a pronúncia do vocábulo vai contra o que seria sua pronúncia "natural". Correto? Então, como vamos fazer com as palavras que tinham o trema para sinalizar que o **U** *era pronunciado? Se seguirmos o padrão de palavras como* **preguiça** *ou* **enguiço***,* **linguiça** *vai acabar sendo pronunciada da mesma maneira. É claro que falantes nativos sabem que o* **U** *de* **linguiça** *tem som, mas como ficam os aprendizes de Português como língua estrangeira?*

Daniela Santos – Montevidéu, Uruguai

Minha cara Daniela, os falantes não-nativos vão ter de consultar o dicionário para saber se o **U** é ou não pronunciado (como fazemos com os vocábulos do Inglês, por exemplo); para os nativos, como percebeste, a ausência do trema não vai atrapalhar.

Na verdade, os acentos de uma língua sempre interessaram muito mais aos estrangeiros; a prática de usá-los sobre as vogais escritas foi introduzida na Grécia por um bibliotecário de Alexandria, quando o Grego se tornou a língua da cultura de toda a bacia mediterrânea. Como grande parte dos novos leitores não conhecia a prosódia daquela língua, ele teve a idéia de assinalar a sílaba tônica por meio de pequenos sinais diacríticos, inventando, assim, a acentuação gráfica.

É exatamente por isso que sempre critiquei a atual Reforma Ortográfica por ter mexido apenas em **alguns** acentos; na minha óptica, ou deixávamos como estava, ou evoluíamos radicalmente, eliminando **todos** os acentos do idioma. O que fizeram foi desfigurar um sistema que estava funcionando, em nome de uma utópica (e impossível) unificação do Português.

pôr (verbo)

Caro Prof. Moreno, li recentemente um de seus livros e hoje fui conferir o seu site. Gostei muito de ambos! Tenho uma dúvida quanto à grafia de **por** *no sentido de "colocar". Este verbo leva acento circunflexo ("***pôr***") ou não? Já li frases como "Fulano vai* **pôr** *fim às tentativas de roubo...". Está certo assim, ou deveria ser sem acento, como ocorre com* **coco***,* **sede***,* **gelo***, etc., desde a pequena reforma ortográfica de 1971?*

Rosalvo M. Júnior

Meu caro Rosalvo, toda vez que você for escrever o verbo **pôr**, deve usar o acento circunflexo. Este vocábulo só não vai receber acento quando for **preposição**: "Ela fez isso **por** você". **Pôr**, **pára** (do verbo **parar**) e **pôde** estão entre os raros acentos diferenciais que são realmente úteis, e por isso sobreviveram, em 1971, àquela reformazinha que eliminou os acentos diferenciais – **gelo**, **coco**, **almoço**, **medo** e muitos outros. A atual reforma eliminou, incompreensivelmente (por que é muito útil), o acento de **pára**, mas conservou, num rasgo de sensatez, o circunflexo do verbo **pôr**. Ele foi mantido, aliás, porque é indispensável para orientar a leitura correta da frase. Comparando, por exemplo, "Vou **por** aqui" com "Vou **pôr** (colocar) aqui", você vai perceber a sua utilidade.

Guaíra ou **Guaira?**

Professor Moreno, num manual de ortografia na internet vi que **Guaíra***, o nome da minha cidade, passará a ser escrito* **sem** *acento, pois a Reforma aboliu o acento do* **I** *e do* **U** *tônico depois de* **ditongo**. *Ele deu como exemplo* **feiura** *e* **bocaiuva***, mas não me parece ser exatamente o mesmo caso. O senhor confirma?*

Klésio W. – Guaíra (PR)

Meu caro Klésio, **Guaíra** vai continuar com seu tradicional acento. Quem redigiu aquele manual cometeu um pequeno equívoco ao interpretar a regra que retira o acento que colocávamos em **bocaiuva** e de **baiuca**. Não o culpo, pois o Acordo usa o conceito de **ditongo** de forma muito imprecisa; é necessário ler o texto todo, com muita atenção, para perceber que ele, quando fala de **ditongo**, está se referindo exclusivamente aos **ditongos descrescentes** – aqueles que apresentam a semivogal **depois** da vogal (**ai**, **ei**, **oi**, **ui**; **au**, **eu**, **iu**, **oi**).

Aliás, é por isso que **feiura** e **baiuca** nunca deveriam ter sido incluídos na regra que acentua **saúde**, por exemplo. Nesta, o /u/ é tônico, vem depois da vogal /a/ (há um **hiato**, portanto) e está sozinho na sílaba. Em **feiura**, contudo, o /u/ é tônico mas vem depois de uma **semivogal**, o que, por si só, já deveria impedir que a regra se aplique. Assim, além de **feiura** e **baiuca**, "perderam" também o acento **gaiuta**, **boiuno**, **cauila**, **Sauipe**, **reiuno**, **guaraiuva**, **Ipuiuna**, **seiudo**, entre outros. Como você pode ver, o Acordo apenas providenciou para que um erro histórico fosse corrigido. Desses, só escapam os oxítonos: **Piauí**, **teiú**, **tuiuiú**.

Em casos como **Guaíra** ou **suaíli**, contudo, que são ditongos **crescentes**, o /i/ tônico está contíguo à **vogal** /a/, não a uma semivogal (/gu**a-í**-ra/, /su**a-í**-li), e a regra encontra as condições necessárias para ser aplicada. Isso também vale para **Guaíba**, **jatuaúba**, **biguaúna**, **tatuaíva** e mais uma meia dúzia de vocábulos de origem indígena.

tem e **têm**, **vem** e **vêm**, **lê** e **leem**

Como fica o verbo **conter** na 3a pessoa do plural? Eles **contém**, **co** ou **conteem**? Existe alguma lógica aqui, ou é pura loucura?

Caríssimo Professor, como funciona a acentuação e grafia corretas dos

verbos **ter** *e* **conter***? Ele* **tem** *um carro, mas eles* **têm**, **teem** *ou nenhum dos dois? Isto* **contém** *aquilo? E no plural? Qual a regra?*

Lea – Rio de Janeiro (RJ)

Minha cara Lea: não me admiro que você pergunte sobre essas duas formas verbais: são casos especialíssimos, ortográfica e morfologicamente. A comissão que tratou de nossos acentos, em 1943, procurou – e conseguiu na grande maioria das vezes – criar regras que tivessem um valor geral e fossem aplicáveis a todo e qualquer vocábulo que se enquadrasse em determinado perfil prosódico e ortográfico. Para solucionar o problema de **têm** e **vêm**, contudo, não teve outro remédio senão criar uma regra *ad hoc* ("feita especialmente para esse fim").

Numa espécie de azar flexional, a 3ª pessoa do singular e a 3ª do plural do Presente de **ter** e **vir**, dois de nossos mais importantes verbos, são absolutamente idênticas: ele **tem**, eles **tem**; ele **vem**, eles **vem**. Muita gente me escreve "sugerindo uma solução" para o problema. Santa ingenuidade! Como o mundo pode ser tão simples assim para alguns? Bastaria, dizem eles, dobrar o **E** no plural – ele **tem**, eles ***teem** – e pronto! O que eles não sabem é que as formas terminadas em **-eem** na 3ª do plural correspondem, morfologicamente, a uma 3ª do singular terminada em **-ê**: ele **lê**, eles **leem**; ele **provê**, eles **proveem**; ele **relê**, eles **releem**. Ninguém decidiu que seria assim; é assim porque foi desta forma que o Português assim se estruturou, sem pedir sugestão ou opinião de professor, de gramático, de leitor ou de transeunte. Portanto, fica descartada a brilhante solução.

Os próprios acadêmicos que reformaram nossa ortografia nada poderiam fazer quanto a esse "defeito" flexional dos dois verbos. Só tinham poderes para decidir sobre a **maneira de grafá-los** – e aí eles puderam dar sua pequena contribuição: assinalaram o plural com um acento circunflexo, tornando as duas formas distintas ao menos na escrita: ele **tem**, eles **têm**; ele **vem**, eles **vêm**. Friso que a pronúncia continua exatamente a mesma, não vá algum desavisado tentar pronunciar com mais força e entusiasmo a 3ª do plural.

Dentro do que podiam fazer, estava solucionado o problema. Quer dizer:

quase, porque mexer em ortografia é como mexer em abelheiro – vem inseto zumbindo de todos os lados. Não podemos esquecer que **ter** e **vir** produzem muitos outros verbos deles derivados, formados com o acréscimo de **prefixos**: **man**[ter], **con**[ter], **entre**[ter], **abs**[ter], **de**[ter], etc.; **pro**[vir], **con**[vir], **sobre**[vir], **inter**[vir], **ad**[vir], etc. Ora, como todos os verbos derivados herdam as características flexionais de seus primitivos, vamos encontrar aqui o mesmo problema: ele **contem**, eles **contem**; ele **provem**, eles **provem**. Dizendo melhor: o problema é o mesmo, mas agora com um novo complicador – **contem** e **provem**, com o acréscimo do prefixo, já não são formas **monossilábicas**, estando, por isso mesmo, submetidas à regra geral que acentua todas as oxítonas terminadas em **-em** (**armazém**, **porém**, **também**): ele **contém**, eles **contém**; ele **provém**, eles **provém**. O acento agudo deixaria essas formas corretamente acentuadas, mas voltaríamos à estaca zero: a 3ª do singular continuaria idêntica à 3ª do plural. É nesse momento que entra em cena, de novo, o circunflexo que identifica o plural: ele **contém**, eles **contêm**; ele **provém**, eles **provêm** (não preciso dizer outra vez: a pronúncia é idêntica; a grafia é que é diferente!).

Recapitulando, Lea:

1) Para **ter** e **vir**: ele **tem**, eles **têm**; ele **vem**, eles **vêm** (o singular, sem acento, contrasta com o plural, acentuado);

2) Para todos os seus **derivados**: ele **contém**, eles **contêm**; ele **provém**, eles **provêm** (ambos, o singular e o plural, são acentuados; a diferença está no **tipo** de acento – o singular recebe o acento **agudo** das oxítonas terminadas em **-em**, enquanto o plural recebe o acento **circunflexo** diferencial).

Este é um bom exemplo para os leitores perceberem como um sistema ortográfico está sempre em luta contra suas limitações intrínsecas. E sejamos justos: é também um bom exemplo de uma solução inteligente encontrada pela comissão de 1943, funcional até hoje.

para ou **pra**?

Professor, quando se usa **para** *e quando se usa* **pra**? *“Viajarei* **para** *Porto Seguro ou* **pra** *Porto Seguro”?*

Lucas C. L.

Caro Lucas, quanto à fala, não há dúvida: sempre – mas sempre mesmo – dizemos /pra/. Quando falamos, esta preposição, que é átona, fica reduzida a uma sílaba apenas. Só se ouve /para/, completinho, com as duas sílabas, em leitura de criança recém-alfabetizada ou na fala de estrangeiro que está aprendendo Português (ou alienígena; como será que falava o ET de Varginha?). Agora, escrever é outra coisa; escrevemos sempre **para**, a não ser em textos especiais (letra de música, poemas, frase de publicidade, cartas pessoais, *e-mails*), onde podemos usar o **pra**, se quisermos. E não podemos esquecer que **pra**, sendo vocábulo átono, jamais poderá ter acento.

Curtas

acentuação dos monossílabos

*Nas frases "***Dê** *a classificação", "Luis* **vê** *a bola", "Não* **dá** *para falar", as palavras* **dê***,* **dá** *e* **vê** *continuam com acento ou perderam, pela regra do acento diferencial? Obrigada.*

Maria Aparecida C. – Rio de Janeiro

Prezada Maria Aparecida, os monossílabos tônicos (**pá**, **pé**, **dê**, **dá**, **sê**, **sé**, **pó**, **vê**, etc.) continuam a ser acentuados pela mesma regra que sempre os acentuou – a das oxítonas terminadas em A, E e O. Eles nunca tiveram nada a ver com os acentos diferenciais.

ideia e **idéia**

Se num texto eu usar **ideia** *sem acento, como manda o Acordo, e colocar a mesma palavra, mais adiante, mas desta vez com acento, há chance de ser considerado errado este último* **idéia***? Sou obrigada a usar todos de uma mesma forma?*

Jane Maria C.

Prezada Jane, já que até 2012 está correto escrever tanto **idéia** quanto **ideia**, isso deixa de ser uma questão de ortografia e passa a ser uma questão de foro

íntimo de quem vai corrigir o texto. Em lugar nenhum está estabelecido que devo manter sempre a mesma opção; é claro que o senso comum ou o senso de simetria poderiam indicar que o emprego de uma das duas grafias deveria ser consistente, mas, e eu com isso? Aí está mais uma das perturbações que este desastrado Acordo veio trazer – sem falar na possibilidade que, numa mesma sala, duas pessoas optem por escrever **fato** ou **facto**, **António** ou **Antônio**, **tênis** ou **ténis**, porque todos são variantes aceitáveis no idioma, sem estar obrigatoriamente vinculadas a Brasil ou Portugal...

mini ou **míni**?

Caro Professor, gostaria de saber qual é a grafia correta: é **mini** *ou* **míni***? Já observei que muitos livros escrevem* **sem** *acento, mas o dicionário* **Houaiss** *que comprei recentemente (3ª edição, 2009) traz o seguinte título na capa: "***Míni** *Houaiss – Dicionário da Língua Portuguesa".*

Bernardo S. – Porto Alegre

Meu caro Bernardo, quando o prefixo **mini-** se torna um **substantivo** (por redução de um vocábulo maior: uma **minissaia** – uma **míni**), ele vai ser submetido às regras habituais da acentuação (**táxi**, **dândi**, **míni**). Essa substantivação acontece também com **maxi-**; você deve estar lembrado de como o Brasil vivia com receio de uma nova **máxi** (de **maxidesvalorização**). Seu exemplo, no entanto, é curioso. Se interpretarmos "o mini **Houaiss**" como "o pequeno **Houaiss**", teremos ali o prefixo, não o substantivo; contudo, se o virmos como a redução de **minidicionário**, teremos ali o substantivo **míni**, como a editora estampou na capa.

patrimônio ou **património**?

Samuel D., de Camaquã (RS), quer saber qual é a forma correta: é **patrimonio**, **patrimônio** ou **património**?

Meu caro Samuel, ***patrimonio** está errado, pois as paroxítonas terminadas em ditongo crescente devem ser acentuadas. As outras duas, no entanto, são consideradas corretas. Escreve-se **patrimônio** no Brasil, **património** em Portugal, tudo dentro do novo Acordo (e isso que ele veio, como diziam, para "unificar" a nossa ortografia...).

reúso

Antônia W., de Petrópolis (RJ) pergunta se existe o vocábulo **reúso** e se ele deve ser acentuado pela nova ortografia.

Sim, Antônia, existe **reúso** como sinônimo de "reutilização". O termo é muito empregado pela indústria e pelas instituições públicas, e já vem registrado no dicionário **Houaiss**. O seu acento é determinado pela regra do U tônico, depois de vogal, sozinho na sílaba (como **gaúcho**, **miúdo**, etc.), mantida pelo novo Acordo. Outro vocábulo recente é seu irmão **multiúso**, acentuado pela mesma razão.

súper

Professor, nesta semana o jornal de minha cidade estampou a palavra **súper** *acentuada, mas eu já vi várias vezes sem acento. As duas formas estão corretas?*

Jonathas V.

Meu caro Jonathas: quando **super-** é usado como prefixo, é átono e não leva acento. Entretanto, **súper**, usado como redução de **supermercado**, é um substantivo, acentuado pela regra das paroxítonas, da mesma forma que **éter**, **dólar** ou **mártir**.

acentos em abreviações

Luciana Pinheiro ouviu dizer que uma palavra acentuada perde o acento quando é abreviada. Acrescenta: “Por exemplo, **mínimo**, quando abreviado, ficaria **min**., sem o acento. Isso procede?”

Prezada Luciana: quando abreviamos um vocábulo, interrompendo-o num ponto determinado, os acentos que porventura existirem vão ficar onde sempre estiveram: **século** dá **séc**., **Lógica** dá **Lóg**., **gíria** dá **gír**., **mínimo** vai dar **mín**., e assim por diante.

Edu

Eduardo, de São Paulo, gostaria de esclarecer se o apelido **Edú**, escrito desta forma, está incorreto.

Meu caro Eduardo, está sim. As oxítonas terminadas em **U** não levam acento, sejam elas nomes próprios ou comuns: **urubu**, **caju**, **bauru**, **Iguaçu**, **Edu**, **Lu**, etc.

Dário ou **Dario**?

Sidnei, de São Paulo, quer saber qual a forma correta de escrever: é **Dário** ou **Dario**? Pode-se usar **Mário** como base para isto?

Meu caro Sidnei, este nome tão antigo (vem dos Persas) sempre foi pronunciado, em Português, **Dario**, rimando com **navio**. Conheço também um **Dário**, rimando com o famoso **armário**, mas foi uma escolha muito pessoal dos pais dele.

Célia ou **Celia**?

Marcelo Elias, futuro pai, diz que sua filha, que está por nascer, vai se chamar **Célia** (ou **Celia**); como não quer registrar o nome de maneira errada, pede a nossa sábia assistência.

Meu caro Marcelo: assim, sem grandes explicações, digo-lhe que é **Célia**, com acento – é uma daquelas paroxítonas terminadas em ditongo, como **história**, **Mário**, **série**. Você fará um grande bem para a sua filhinha, se registrar corretamente o nome dela. Abraço e

parabéns (pelo bebê e pela humildade de perguntar).

construí-lo

Júlio, leitor de Toronto, Canadá, quer saber qual a razão de haver acento em **construí-lo** e não em **polui-lo**.

Meu caro Júlio, nenhuma! De onde você tirou esses exemplos? Ambos levam acento pelo mesmo motivo: o "**i**" é tônico, vem depois de uma vogal (forma hiato) e está sozinho na sílaba. É o mesmo acento de **saída**, **caímos**, **aí**. Já formas como **parti-lo** e **demoli-lo** não levam acento porque são meros oxítonos terminados em "**i**", como **saci** ou **aqui**.

Leo x **Léu**

Francisco, de Vitória, quer saber por que **constroem** não é acentuado, se existe aí o ditongo aberto /ói/.

Prezado Francisco, é bom não esquecer que a norma de acentuação usa conceitos de ditongo, hiato, etc. exclusivamente **gráficos**. Encontramos o ditongo **ói** (na escrita) em **constrói**, mas não em **constroem**. Um bom exemplo é **Leo** e **léu** – o segundo é acentuado por apresentar o ditongo aberto **éu**, enquanto o primeiro, nome próprio, não se enquadra na regra (embora ambos soem /léw/). Como no jogo do bicho, aqui o que vale é o escrito (e não o falado).

til, **tis**

Vivian, de Lisboa (Portugal), está com a tecla do til e do circunflexo estragada. Ao escrever um *e-mail* para um jornal de Lisboa, solicitando a oportunidade de realizar um estágio de jornalismo, concluiu (muito acertadamente, aliás) que seu texto, sem aqueles dois sinais, ficaria desfigurado, passando uma impressão de desleixo e despreparo. Para evitar esse efeito indesejável, quis acrescentar uma nota explicando o problema de seu teclado, mas ficou em dúvida sobre o nome científico do sinal "~". "Será que **til** é o nome popular do sinal, e ele tem um nome mais científico, como tem o famoso "chapelinho", cujo

nome correto é **circunflexo**? E no plural, como fica?"

Prezada Vivian, o nome do diacrítico "~" é mesmo **til**, assim como no Espanhol é *tilde*; o plural, que raramente empregamos (mas que pode ser necessário) é **tis**. Olhe o que diz o dicionário do Houaiss: "Na ortografia do Português, são diacríticos os acentos gráficos, a cedilha, o trema e o til". Abraço (e trate de consertar essa tecla tão importante!).

água

Glécio, de Porto Alegre, está intrigado com o acento em **água**.

Meu caro Glécio, **água** é acentuado pela mesma razão que **égua**, **mágoa**, etc. – todas elas são paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Se não puséssemos acento nela, a leitura sugerida seria /a-GU-a/ – com o **U** tônico, como **continua**.

acentuação com maiúsculas

Sônia Mara Nascimento Fernandes quer saber se existe alguma regra que fale que **não** é necessário acentuar palavras escritas em maiúsculas, como, por exemplo, **Índia**.

Prezada Sônia, sim, essa regra existe – mas no Francês. Em nosso idioma, as palavras são acentuadas quando a regra exigir, não importando se estão em minúsculas ou maiúsculas: **Índia**, **África**, **ÍNDIA**, **ÁFRICA**.

til duas vezes?

Daniela, do *Jornal do Bairro*, diz que há grande discussão entre os redatores quanto à maneira de escrever o nome do jogador de basquete **Mãozão** (que tem mão grande mesmo!). Eles acham muito estranho, com razão, usar **dois tis**.

Prezada Daniela, pode parecer estranho, mas o til é necessário para indicar que o "**a**" tem som de /**ã**/. Este sinal

não tem relação necessária com a sílaba tônica, que pode ser outra (**ÓR-fã**, **ÓR-gão**). Se acrescentarmos o sufixo **-zão** a **pão** e **irmão**, teremos **pãozão** e **irmãozão**. O substantivo **mão**, que é feminino, forma o aumentativo **mãozona**; no entanto, aqui se trata do apelido de um atleta: **Mãozão**. Se os redatores acham estranho, experimentem então escrever **sem** os dois tis: ***Mãozao** ou ***Maozão** ficaria dez vezes mais estranho.

hiato em **juíza**

Cláudia, de Guarujá (SP), gostaria de saber se o hiato em **juíza** deve ou não ser acentuado. "Ele não está nos casos de hiato em que a vogal **I** ou **U** vem acompanhada de outra letra que não é o **S**, e, portanto, deveria ficar sem acento?"

Minha cara Cláudia, compare **juiz** com **juíza**. Em ambos o "**i**" é tônico, em ambos há um hiato, mas só **juíza** é acentuado. Por quê? Porque só neste vocábulo o "**i**" forma uma sílaba sozinho: **ju-í-za**, mas **ju-iz**.

qual a regra de **item**?

Caro professor, tenho uma dúvida quanto à regra de acentuação em que se deve enquadrar a palavra **item***. Não seria a que manda acentuar o* **I** *e o* **U** *tônicos dos hiatos, quando estes formam sílabas sozinhas ou seguidos de* **S***? Por que não escrevemos* **ítem** *como escrevemos* **balaústre***,* **baú***,* **egoísta***,* **faísca***,* **heroína***,* **saída***,* **saúde***,* **viúvo***, etc.?*

Aníbal F.

Meu caro Aníbal, **item** não se enquadra neste caso. A regra a que você se refere estabelece três condições para o acento no "**i**" e no "**u**": (1) que sejam tônicos orais; (2) que venham após vogal (o que faz com que alguns autores denominem esta regra de "Regra do Hiato"); (3) que formem sílaba sozinhos ou acompanhados de **S**. Em **item**, a condição (2) está ausente – exatamente como em **ida**, **ilha** ou **idem**.

acentos com **-mente**

A leitora Thais M. gostaria muito de saber se **analogamente** deve ou não ser acentuado.

Prezada Thais, nenhum vocábulo pode ter, ao mesmo tempo, acento gráfico e o elemento **mente**. Isto é: sempre que esse sufixo é acrescentado a um vocábulo, a nova sílaba tônica passa a ser /men/, fazendo com que o acento primitivo desapareça: **rápido**, **rapidamente**; **só**, **somente**; **espontâneo**, **espontaneamente**. Portanto, **análogo**, **analogamente**.

somente

Enzo, de Balneário Camboriú (SC), quer saber por que a palavra **somente** não é acentuada, já que é de regra acentuar todas as proparoxítonas.

Meu caro Enzo: você tem razão em afirmar que todas as proparoxítonas são acentuadas. No entanto, o vocábulo **somente** (a sílaba tônica é /men/) é apenas uma **paroxítona** e, por isso, não tem acento. Lembre-se de que todos os advérbios terminados em **mente** são paroxítonos, não importando qual fosse a prosódia do adjetivo primitivo.

3. Como se escreve: hífen e assemelhados

Que ninguém espere coerência no uso do hífen; não há exagero algum quando Mattoso Câmara Jr. afirma que "o emprego deste sinal gráfico é incoerente e confuso". Os ortógrafos divergem entre si e do que ficou estabelecido no atual **VOLP**. Não existe, nem poderá existir um critério unitário quanto ao seu emprego, porque as palavras em que este sinal mais aparece – os substantivos e os adjetivos compostos – constituem uma área extremamente movediça, simplesmente porque não sabemos ao certo se estamos diante de um verdadeiro **vocábulo** ou de uma simples **locução** (um **sintagma**). Por que o **Aurélio** registra **pedra filosofal**, **pedra lascada**, **pedra de toque**, mas **pedra-ímã**, **pedra-sabão** e **pedra-mármore**? Por que **pára-sol**, **vai-volta**, **passa-pé** e **sangue-frio**, mas **girassol**, **vaivém**, **pontapé** e **sanguessuga**? Escreve-se **anteontem** e **antes de ontem**, **ponto e vírgula** e **ponto-e-vírgula** – e, seja junto ou separado, sempre haverá justificativas para uma ou a outra forma.

A única regulamentação mais ou menos organizada do hífen refere-se aos vocábulos formados com **prefixos**, que, por existirem em número limitado, permitem (ao contrário dos compostos comuns) uma razoável padronização. Há, por exemplo, prefixos que sempre serão seguidos de hífen: **ex-** ("o que não é mais"), **vice-** e todos os prefixos que receberem acento gráfico (**pré-**, **pós-**, etc.): **ex-marido**, **vice-prefeito**, **pré-fabricado**, **pós-operatório**. Assim dispunha a Reforma de 1943, assim dispõe o atual Acordo.

Mudanças no hífen com prefixos

Das novas regras introduzidas pela atual Reforma, **três** vieram realmente aperfeiçoar nossa ortografia e facilitar o trabalho do usuário (se o Acordo apenas acrescentasse estas três regras ao sistema 1943-1971, teríamos chegado muito perto da perfeição):

1. Usaremos hífen sempre que o prefixo terminar por vogal idêntica à que inicia o segundo elemento: **anti-inflamatório**, **micro-onda**, **micro-organismo**, **neo-ortodoxo**. Se as vogais forem diferentes, contudo, não há hífen: **antiestático**,

microindústria, **neoexpressionismo**, **infraestrutura**, **autoestrada**. Esta regra é um grande progresso em comparação com o sistema anterior, porque não exige memorização alguma por parte do usuário. Encontraram-se duas vogais idênticas? Hífen.

2. Usaremos hífen sempre que o segundo elemento começar por **H**: **geo-história**, **mini-hospital**, **sub-habitação**, **co-herdeiro**. Outra regra elogiável, pois evita que a palavra original fique desfigurada com a perda do **H** inicial.

3. Não há hífen quando o prefixo terminar em **vogal** e o segundo elemento iniciar por **R** ou **S**, o que nos obriga a duplicar o **R** ou o **S**: **contrarregra**, **autosserviço**, **contrassenha**, **neorrealismo**, **ultrassom**, **antissemita**.

Há outras regrinhas menores (e menos felizes) sobre o emprego do hífen, mas elas – bem como as que mencionei acima – serão examinadas adiante, nas respostas aos leitores.

sócio-econômico

Aspectos **sociais** e **econômicos** são aspectos **sócio-econômicos** ou **socioeconômicos**? Cirurgia **buco-maxilo-facial** ou **bucomaxilofacia** Segundo o **Aurélio** e o **Houaiss**, deveríamos empregar a forma ser hífen; contudo, como vamos ver, a coisa não é tão simples assim.

Um doutor em Odontologia relata que, ao defender sua tese, foi questionado pela banca sobre a grafia de **buco-maxilo-facial**, que é escrita sem hífen na PUCRS, mas com hífen na UFES, sua universidade de origem. Essa divergência entre a forma de grafar este vocábulo nas duas universidades não me espanta. Temos aqui mais um daqueles casos em que dois entendimentos diferentes podem ser extraídos de uma mesma regra – e que ninguém, por causa disso, comece a esbravejar contra o Português. Este é um problema intrínseco a qualquer regra; mais da metade do esforço intelectual de quem trabalha com o Direito, por exemplo, é dispendido para verificar quais os fatos concretos que se enquadram numa determinada norma.

Quando se forma um adjetivo composto de dois outros adjetivos (adjetivo +

adjetivo), nosso sistema ortográfico determina que se use o hífen quando o primeiro sofre uma **redução**. No esporte, temos uma categoria **infantil** e uma categoria **juvenil**; temos também uma categoria [infantil + juvenil] = **infanto-juvenil**. Temos uma culinária **lusitana**; temos uma culinária **brasileira**; temos alguns pratos da culinária [lusitana + brasileira] = **luso-brasileira**. E assim por diante. Se considerarmos que houve aqui a união de [bucal + maxilar + facial], a forma resultante será **buco-maxilo-facial** (similar a aspectos [sociais + políticos + econômicos] = **sócio-político-econômicos**; atividades [agrárias + pecuárias] = **agro-pecuárias**; e assim por diante).

Se considerarmos, contudo, **buco**, **socio**, **gastro**, **agro**, etc. como meros **elementos de composição**, semelhantes a **hidro** (água), **bio** (vida), **termo** (calor), como fazem o **Aurélio** e o **Houaiss**, escreveremos **agropecuário**, **gastrointestinal**, **bucofacial**, **socioeconômico**.

Prefiro seguir a lição de meu mestre Celso Pedro Luft, que advogava o uso do hífen em todos esses casos em que o primeiro adjetivo está reduzido. Em **sócio-econômico**, vejo **sócio** como um vocábulo independente, resultante da redução de **social**, e não como uma forma presa, quase prefixal. A autonomia deste primeiro elemento fica comprovada pela ocorrência da vogal **aberta** /ó/, que só pode aparecer, em nossa língua, na posição **tônica**. Compare-se **sociologia** (a vogal tônica é o /i/; o /o/ da primeira sílaba é fechado) com **sócio**-econômico (as vogais tônicas são o /o/ aberto do primeiro elemento e o /o/ fechado do segundo); como não existem duas tônicas em um só vocábulo, fica evidente que estamos unindo aqui dois vocábulos independentes, **social** e **econômico**, para formar um composto. Além disso, esta opção pelo hífen nos permite escrever **sócio-político-geográfico-econômico**, por exemplo, que, no modelo do **Aurélio**, seria **sociopoliticogeograficoeconômico** – duro de ler, difícil de entender e totalmente contrário à intuição que nós, falantes, fazemos de compostos desse tipo. Essa é a razão por que me parece mais adequado grafar **buco-maxilo-facial**, **gastro-intestinal**, etc.

No entanto, como espero ter deixado bem claro, perceba que a outra grafia,

sem hífen, tem também seus argumentos (e seus ilustres defensores). Aqui, prezado leitor, como em muitos outros casos, é indispensável uma **decisão** por parte do usuário; o conjunto dessas decisões vai formando um **estilo**. Como você já deve ter visto, muitas revistas científicas tornam públicas suas decisões sobre vários desses pontos controvertidos por meio de uma "folha de estilo" ou "normas para publicação".

bem-vindo

Muitas cidades colocam uma placa na estrada dizendo que ali sere **bem-vindos**; outras, igualmente cordiais, anunciam que seremos **benvindos**. Esse hífen ainda é necessário, ou já foi abolido?

Professor, escreve-se **bem-vindo** *ou* **benvindo***? Pesquisei em alguns dicionários e constatei que todos utilizam o hífen; no entanto, consultando alguns amigos, professores universitários, eles me informaram de uma nova regra em que foi abolido o hífen.*

Eliane – Ribeirão Preto (SP)

Minha cara Eliane, toda vez que construímos um vocábulo composto formado de [**bem** + outro vocábulo], temos de usar o hífen: **bem-aventurado**, **bem-querer**, **bem-vindo**, **bem-estar**, **bem-me-quer**, etc. Note que esta é uma regra específica para o elemento **bem**. Por isso, em faixas, em pórticos, em cartazes, escrevemos sempre (ou, ao menos, deveríamos...) **bem-vindo**, **bem-vindos**. Existe **Benvindo**, mas só como nome próprio, como o famoso escultor renascentista Benvenuto Cellini.

Quanto ao hífen, **nada** foi alterado no que se refere aos compostos em que intervém o advérbio **bem**. Os dicionários em que você pesquisou estavam corretos. Tenho certeza de que os seus professores universitários são de outra área que não a de Letras, pois estes sabem que **bem-vindo** continua a ser escrito como sempre foi.

junto ou separado?

Veja como o espaço em branco deixado entre as palavras também
ser fonte de erros de ortografia.

Eu sempre escrevi **a partir***, separado. Nos anúncios do último Natal, no entanto, vi ofertas de crediário com pagamentos iniciando* **apartir** *de fevereiro deste ano. O mesmo parece estar acontecendo com* **de repente***, que andam escrevendo* **derrepente***. Agora já não sei mais quando se escreve junto ou separado. Existe alguma regra?*

Maria D. – Aracaju (SE)

Minha cara Maria, o emprego de um espaço em branco entre duas palavras distintas foi um dos grandes avanços dos sistemas ortográficos do Ocidente. Ao contrário do que possa parecer, ele não é tão óbvio assim, e tivemos de aprender a usá-lo da mesma forma que aprendemos a usar as letras ou os acentos. Decidir quando este espaço deverá ou não estar presente depende da nossa capacidade de reconhecer os vocábulos isoladamente – o que nem sempre é muito simples, principalmente porque, ao longo da história do Português escrito, há vários casos de preposições que terminaram se juntando para sempre ao vocábulo que acompanhavam. O substantivo **pressa** ("eu tenho **pressa**"; "a **pressa** é inimiga da perfeição"), por exemplo, formava uma locução adverbial com a preposição **de** (**de pressa**, como **com pressa**, **sem pressa**, etc.); aos poucos, porém, as duas partes da locução soldaram-se num bloco único, desaparecendo o espaço em branco que as separava: **depressa**. Ora, para escrever corretamente esse vocábulo é imprescindível, portanto, que lembremos que agora ele não tem mais aquele espaço que tinha antes.

Dentro desse cenário, podemos distinguir dois tipos de erro bem frequentes. O primeiro é separar o que a tradição ortográfica já juntou; é comum encontrar ***por ventura**, ***de vagar**, ***em baixo** escritos como **locuções**, quando deveriam estar **porventura**, **devagar**, **embaixo**, já grafados como **vocábulos unitários**. O segundo erro vem exatamente na direção contrária: consiste em juntar

elementos que ainda são mantidos separados. Nesse caso, é comum encontrar ***apartir**, ***derrepente** e ***porisso** onde deveria estar escrito **a partir**, **de repente** e **por isso**.

Não são erros grosseiros, se você bem me entende; apenas espelham uma hesitação natural do usuário ao se deparar com essa fronteira imprecisa entre uma **locução** e um **vocábulo unitário**, imprecisão que também vem nos assombrar no caso dos compostos. Você pode entender agora o que os linguistas descobriram na carne: não é fácil definir o que é uma palavra e o que não é.

mato-grossense

Prezado Professor, seguindo a orientação dos dicionários, achamos que a forma correta é **mato-grossense**. *No entanto, a Federação de Futebol do nosso estado exige que se corrija para* **matogrossense***, por ser a maneira mais empregada em nossa imprensa – como no Rio Grande do Sul, em que a forma* **rio-grandense***, recomendada pelo dicionário, não é a mais comum na imprensa escrita. Existe realmente essa tolerância, ou devo bater o pé para incluir o hífen aí?*

Jorge – Sinop (MT)

Meu caro Jorge, você deve bater o pé; melhor ainda: deve bater os dois pés! Felizmente para nós todos, a ortografia está acima de todas as autoridades e instituições. Imagine se a Federação Mato-Grossense de Futebol tivesse poderes para legislar sobre a maneira correta de grafar os vocábulos do Português! A julgar pela pouca ciência que demonstram ao “condenar” esse hífen, ia ser um verdadeiro horror! Todos os **gentílicos compostos** levam hífen; esta é a regra. Por isso, **passo-fundense**, **rio-branquense**, **mato-grossense**, **cabo-verdiano**. Não há o que discutir: é uma das poucas regras absolutas do emprego do hífen. Os dicionários escrevem assim, a Academia escreve assim, os gramáticos também – e a Federação Mato-Grossense de Futebol não concorda? A imprensa mato-grossense costuma escrever sem o tracinho? Deveriam todos ficar

envergonhados. No Rio Grande do Sul, as pessoas que tiveram estudo escrevem **rio-grandense** e **sul-rio-grandense**; as outras, não.

onão como prefixo

Professor, não tenho certeza sobre como devo grafar "anti-inflamatórios **não-esteroides***" (é uma classe de medicamento). As gramáticas que consultei não falam sobre o emprego daquele hífen depois do* **não***, mas sei que é assim, hifenizado, que o vocábulo aparece em muitos livros e manuais médicos. Afinal, qual é o correto? Em que casos podemos usar o hífen depois da palavra* **não***?*

Áurea A. – São Paulo (SP)

Prezada Áurea: para desmentir aqueles que vivem resmungando que nosso idioma só piora com o passar do tempo, este **não** com valor de prefixo, estrela recém-chegada no firmamento da língua, constitui um notável (e moderníssimo) mecanismo para a formação de antônimos. Você quer saber quando ele vem seguido de hífen? Pois sou obrigado, por desencargo de consciência, a registrar que há uma certa controvérsia sobre este ponto, principalmente depois das trapalhadas da última edição do VOLP (mais sobre isso depois). Por isso, como você terá de escolher um dos lados desta disputa, faço questão de lhe fornecer os subsídios que julgo necessários para uma decisão consciente. Em primeiro lugar, reproduzo, abaixo, o que consta sobre o tema no livro *Português para convencer*, escrito por Túlio Martins e por este seu criado:

"Historicamente, o Português sempre formou palavras negativas usando os prefixos **i(n)-** e **des-**: **ilegal**, **improdutivo**, **intempestivo**; **desleal**, **desarmônico**, **descabido**. Desde o século passado, no entanto, teve início a prática (também presente em outras línguas, como o Inglês, o Francês e o Espanhol) de usar o **não** como um prefixo negativo universal, que se acrescenta a um vocábulo já existente (geralmente **adjetivo** ou **substantivo abstrato**) para formar um

antônimo perfeito.

“O uso do **não** como prefixo foi uma das grandes novidades com que a língua nos brindou no fim do século XX, permitindo que tudo possa ser dividido em duas categorias complementares, **X** e **não-X** – o que constitui uma ferramenta muito útil no discurso argumentativo. Com esse providencialíssimo **não**, podemos criar divisões binárias de praticamente tudo o que quisermos: os **votantes** e os **não-votantes**, os **alfabetizados** e os **não-alfabetizados**, os **hispânicos** e os **não-hispânicos**, os **marxistas** e os **não-marxistas**. Ele até nos permite falar no **não-eu** ou no **não-ser**, vocábulos que seriam impensáveis com nossos prefixos negativos clássicos, o **in**- e o **des**-. (...)

“Em muitos vocábulos esse prefixo vai concorrer com os tradicionais prefixos negativos, e geralmente com vantagem. É o que está acontecendo entre duas formações relativamente recentes, **inocorrência** e **não-ocorrência**. Ambos são amplamente usados em textos jurídicos, com uma leve preferência, por enquanto, pela primeira forma, que é tradicional. No entanto, não temos dúvida de que a segunda vai prevalecer em poucos anos; o **não** prefixal permite uma decodificação muito mais rápida do significado do vocábulo por parte do leitor, o que é sempre uma grande vantagem na disputa entre duas formas linguísticas concorrentes.”**[1]**

Como você pode ver, não se trata de uma simples moda, mas sim de um processo que veio para ficar, superior em muito às outras formas de antonímia porque preserva integralmente o vocábulo original que está sendo antagonizado. Este recurso permite uma simetria perfeita entre afirmativa e negativa, o que nem sempre se consegue através de construções tradicionais.

Qual é a natureza deste processo? Não importa. Sejam formadas por **derivação prefixal** ou por **composição** (para muitos, aliás, dois nomes para um mesmo fenômeno), as novas palavras ficam melhor **com hífen**. Alguns gramáticos mais antigos negavam-se a usá-lo, mas a prática já o consagrou, especialmente porque ele serve para assinalar que o **não**, aqui, não é um advérbio de negação, mas sim um elemento da composição do vocábulo. Os bons dicionários o usam; o **Houaiss**, embora declare textualmente que considera

este hífen mais adequado em **substantivos** (**não-violência**, **não-proliferação**, **não-alinhamento**), não deixa de registrar também **adjetivos** hifenizados, “especialmente no caso de tecnônimos, pois o uso assim os havia consagrado no jargão técnico ou tecnológico escrito”. Apuradas as urnas, constata-se que há uma inegável tendência a empregar o hífen, mesmo que persistam divergências quanto a alguns punhados de palavras.

Sempre coerente na sua onipotência, contudo, a comissão de Lexicologia da ABL, encarregada de elaborar o novo VOLP, foi muito além das chinelas — isto é, foi muito além do texto do Acordo Ortográfico e anunciou, em uma *Nota Explicativa*, que tinha decidido excluir o hífen dos casos em que a palavra “*não*” funciona como prefixo, mencionando, como exemplos, **não-agressão** e **não-fumante**, grafados por ela como **não agressão** e **não fumante**. No entanto, logo depois, no parágrafo seguinte da mesma *Nota* — talvez prevendo a inevitável reação contra esta decisão unilateral —, a douta comissão dá uma contemporizada tipicamente brasileira: “Está claro que, para atender a especiais situações de expressividade estilística com a utilização de recursos ortográficos, se pode recorrer ao emprego do hífen nestes e em todos os outros casos que o uso permitir”. Que tal? Firmes como uma rocha...

Eu escreveria, sem a menor hesitação, “anti-inflamatórios **não-esteróides**”, seguindo o consenso da maioria culta; respeito a decisão dos que preferem não fazê-lo, mas não me venham alegar uma pretensa “grafia oficial” a seu favor, pois aquela *Nota Explicativa* é apenas a opinião isolada de alguns acadêmicos e não integra o Acordo que o Brasil assinou com os demais países lusófonos. Agora cabe a você, Áurea, escolher o caminho que lhe aprouver.

palavras que perderam a noção de composição

Olá, professor Cláudio! Sou formanda de Letras e tenho dúvida quanto a um item da Reforma Ortográfica: quando se considera que uma palavra perdeu a noção de composição? Como posso identificar os casos em que isso ocorreu? Por exemplo, **bate-boca**. *Aqui foi perdida a noção de composição porque se tornou uma expressão? É uma questão semântica? Não entendi essa explicação para o não uso do hífen. Por favor, professor, se puder me ajudar, ficarei grata.*

Raquel G. – Santa Maria (RS)

Raquel, você tocou no nervo deste confuso Acordo: como saberemos se os falantes perderam ou não a consciência da composição de um vocábulo? Quem vai decidir quais os vocábulos que entram nesta lista? Como se pode obedecer a uma regra tão vaga e tão fluida, redigida cabalisticamente, que, segundo eles, abrange "**certos** compostos, em relação aos quais se perdeu, **em certa medida**, a noção de composição". **Certos** compostos? Em **certa** medida? Que portento! Nem consigo imaginar o esforço necessário para chegar a tamanha imprecisão usando tão poucas palavras!

Para mim, aliás, a composição de **para-quedas** continua bem consciente, ao contrário do que alegam as "sumidades" que assumiram o poder na República Ortográfica. Quantos concordariam comigo, quantos discordariam? Quem é que vai saber? Esta regra é o dedo que revela o gigante, isto é, revela a prepotência dos autores deste Acordo e prova que eles, como eu sempre vou afirmar, não são do ramo. Não conhecem Linguística, não conhecem nosso idioma e nâo têm a menor noção de como funciona a mente dos falantes. Pobre Brasil!

para-choque, **para-brisa**, para-lama

Duas leitoras querem saber a mesma coisa: **para-brisa**, **choque**, **para-lama** e **para-raio** vão perder o hífen, com ocorreu com **paraquedas**?

1. Escreve Luciana R., de Salvador:

Olá, professor! Sou bióloga, mas faço questão de escrever corretamente.

*Pesquisei bastante em seu site, mas não obtive a informação que procuro. A nova ortografia promete deixar o uso do hífen mais lógico, mas eu não entendi muito bem aquela parte que fala de certos compostos que perderam a noção de composição – "***girassol**, **madressilva**, **mandachuva**, **pontapé**, **paraquedas**, **paraquedista**, etc.". Este "etc." é o problema: como vou saber se a noção de composição também foi perdida em outros vocábulos?*

2. Aninha, de Piracicaba (SP):

Caro professor, aqui no escritório estamos em dúvida quanto ao uso do hífen na nova ortografia. Em alguns dicionários encontramos a palavra **parachoque** *e* **paraquedas** *juntos, em outros* **para-choque** *e* **para-quedas**. *Qual é o certo? Lembramos que no programa do Caldeirão do Huck, no* **Soletrando**, *a palavra* **para-choque** *foi soletrada com hífen. No dicionário* **Michaelis**, *contudo, está escrito* **parachoque**, **paraquedas**. *Qual o correto? Ajude-nos, por favor.*

Prezadas leitoras: como vocês têm, no fundo, a mesma dúvida, acho que posso responder às duas numa só mensagem. Concordo com a Luciana: aquele "etc." colocado ao final da lista de exemplos é a coisa mais desastrada que eu já vi no texto de um Acordo Ortográfico. Quem é a divindade que vai decidir quais são os vocábulos cuja composição deixou de ser percebida pelos falantes? O silêncio da Academia sobre este ponto vai estimular o aparecimento de listas de todo o tipo, já que temos, no Brasil, tantas "autoridades" sobre o idioma quanto candidatos a técnico da seleção canarinho. Ao contrário do que se deveria esperar, a Reforma vai aumentar ainda mais a hesitação sobre a grafia correta dos compostos – a começar pelos casos que eles relacionaram expressamente no texto, pois a composição de **para-quedas**, para mim, ainda está bem visível...

Além disso, ao deixar a enumeração em aberto, a regra tornou-se uma

fonte inevitável de discórdia entre os dicionários. A nova edição de bolso do **Aurélio** e do **Houaiss** já nos forneceu uma prévia do que vem por aí: o primeiro incluiu no "etc." **paralama**, **parabrisa**, **pararraio**, **parachoque**, seguindo o modelo de **paraquedas**; o segundo só tirou o hífen de **paraquedas**, conservando-o nos outros. Resultado: os dois dicionários se tornaram inconfiáveis, porque ambos, apesar de anunciar que já seguem a nova ortografia, divergem nestas e em muitas outras palavras.

locução x vocábulo composto

Este é o ponto mais controvertido do Vocabulário Ortográfico da A
Reunimos aqui três perguntas que versam sobre o mesmo ponto,
esperando, assim, fornecer todo o material necessário para o leitor
decidir de que lado vai ficar.

1) Caro Professor, há diferença entre **locução substantiva** *e* **substantivo composto***? Em caso afirmativo, poderia o Professor me esclarecer qual é essa diferença? Um grande abraço!*

Paulo Sérgio A. – Rio de Janeiro

Meu caro Paulo, este sempre foi (e sempre será) o grande problema do uso do hífen em nosso idioma: saber quando uma **locução** passa a ser um **substantivo composto**. Em que momento saímos da Sintaxe (vários vocábulos) e entramos na Morfologia (um só vocábulo)? Por que **papel almaço** e **papel da Índia** são locuções, e **papel-bíblia** é um substantivo composto? Por que alguns (Aurélio, por exemplo) consideram **pôr-do-sol** um substantivo, enquanto Houaiss classifica como uma simples locução (**pôr do sol**)? Apesar de existirem vários "palpites" sobre como se poderia fazer esta diferenciação, acho que nunca poderemos chegar a uma resposta definitiva – não por deficiência de nossas teorias ou incompetência de nossos estudiosos, mas exatamente pela natureza difusa do problema.

Embora não seja especificamente sobre este assunto, minha tese de

doutorado trata desta progressiva lexicalização de estruturas sintáticas (em outras palavras, da passagem da Sintaxe para o Léxico), um processo usual no Português em que a frase ou locução **X** passa a ser o vocábulo composto **Y**). Examinando os dados, a conclusão obrigatória é que não existe um limite definido para essa passagem. Em vez de uma alteração definitiva, pontual, em que **X** se transforma em **Y** (assim como, num dado momento, a lagarta vira borboleta), o que temos é uma transformação tipo "O Médico e o Monstro", em que o novo ser é, ao mesmo tempo, médico e monstro, se bem entendes a metáfora.

Note que a presença do hífen, aqui, é o que serve para distinguir aquilo que consideramos **locução** daquilo que consideramos **vocábulo**. Há gramáticos que veem em **ponto e vírgula** uma locução (daí não usarem o hífen); Aurélio e Houaiss, por sua vez, consideram-no um vocábulo e, *ipso facto*, escrevem **ponto-e-vírgula** (como você pode ver, é uma repetição do **pôr-do-sol/por do sol** do primeiro parágrafo).

É exatamente por isso que ninguém entendeu essa orientação esdrúxula do **VOLP** de eliminar o hífen de vocábulos compostos que tenham preposição ou conjunção entre os elementos. Foi uma interpretação equivocada do texto do Acordo, e tenho certeza de que a ABL acabará voltando atrás, para não se cobrir de ridículo. Portugal entendeu corretamente o que foi disposto e manteve os hifens em vocábulos como **pé-de-moleque**, **maria-vai-com-as-outras**, **mula-sem-cabeça**, **dia-a-dia**, **pé-de-cabra**, etc.

2) Caro professor, desculpe-me incomodá-lo mais uma vez, porém, uma dúvida veio à baila e gostaria, se possível, que o senhor me esclarecesse. Há alguns dias, ouvi num programa de rádio que o hífen havia sido abolido em todas as palavras compostas ligadas por preposição (ex.: **fora-da-lei***,* **à-toa***,* **pão-de-ló***,* **dia-a-dia***, etc.). Pois bem, ontem mesmo, vi numa edição atualizada do* **Aurélio** *(apregoando estar de acordo com o Acordo Ortográfico) a palavra* **pão-de-ló** *com hífen (como sempre escrevemos). Bem, o que de fato é*

verdade? Grato mais uma vez.

Valdecir T. – São José dos Campos (SP)

Meu prezado Valdecir: sua pergunta toca no ponto mais controvertido do novo **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa** (o famoso **VOLP**), recentemente publicado por nossa Academia de Letras. Interpretando equivocadamente o texto do Acordo, a comissão brasileira decidiu, sem tir-te nem guar-te, eliminar o hífen de **qualquer composto** que tenha preposição ou conjunção unindo os seus elementos – exatamente como **pão-de-ló** ou **dia-a-dia**, como você perguntou.

Ora, mesmo que aqui o texto do Acordo não tenha uma redação muito feliz (como todo o resto, aliás), fica bem claro, numa leitura mais cuidadosa, que o princípio geral é usar o hífen apenas nos **vocábulos compostos**, distinguindo-os das meras **locuções**. Afinal, essa sempre foi a utilidade deste sinal: distinguir uma **mesa redonda** (quadrada, oval, etc) de uma **mesa-redonda** (reunião para discutir um tema ou fazer uma deliberação), ou seja, distinguir uma **locução** composta de duas palavras independentes (**mesa redonda**) de um **vocábulo** composto (**mesa-redonda**).

Pois nossas autoridades resolveram manter este hífen apenas quando o vocábulo é composto de **dois** elementos (**pombo-correio**, **couve-flor**, **água-furtada**); quando tem mais de dois, a comissão, numa **atitude inexplicável e completamente equivocada**, decidiu suprimi-lo. Dessa forma, se fôssemos levar a sério esta sandice, substantivos compostos como **pé-de-moleque**, **fora-da-lei**, **mula-sem-cabeça** passariam a ser escritos **pé de moleque**, **fora da lei**, **mula sem cabeça**! Teríamos, pela primeira vez na História, substantivos com **espaços em branco entre os seus elementos**! Um **vocábulo** com espaços entre seus componentes? Isso não existe. A diferença entre vocábulo e locução deve ser assinalada por hífen, não importa o número de componentes que o composto venha a ter. "Ele vive **fora da lei**": é uma **locução** formada de três vocábulos. "O xerife prendeu os **fora-da-lei**": é um **vocábulo composto**.

Infelizmente, a nova edição do **Vocabulário Ortográfico** traz todos esses

vocábulos sem o hífen, mas, curiosamente, classificados ora como substantivo, ora como adjetivo. Ao lado de **maria vai com as outras**, tiveram a coragem de registrar "**s.f**.". Substantivo feminino? Mas isso é uma frase completa, com sujeito, verbo e tudo mais! Sem o hífen, fica completamente impreciso o limite entre a Morfologia e a Sintaxe.

Não preciso dizer que este escandaloso equívoco, que torna o **VOLP** uma fonte pouco confiável, é a interpretação **brasileira**; os portugueses, com mais prudência, ainda hesitam em adotar o seu **VOLP**, mas todos os especialistas lusitanos que comentam o **Acordo** são unânimes em conservar o hífen de **pé-de-moleque**, **pé-de-valsa**, **pão-de-ló**, **deus-nos-acuda**, **bumba-meu-boi** e tantos outros. É assim que todos nós também devemos escrever. A Academia foi contra? Pior para ela, que vai se cobrir de vergonha por ter chancelado uma publicação tão irresponsável como esta.

derrepente?

Boa noite, Professor! Ontem, "conversando" por e-mail com uma colega, ela me disse que **de repente** *teria sofrido alteração na grafia após a Reforma, passando a ser escrito* **derrepente**. *Eu não acreditei, mas, como nada li sobre a Reforma, não posso afirmar que ela esteja errada. Pode esclarecer minha dúvida? Desde já, lhe agradeço.*

Isabel Costa C.

Mas que confusão fez essa sua amiga, hein, Isabel! Ela deve ter ouvido falar na nova regra que determina que vocábulos iniciados por **R**, quando receberem prefixo terminado em **vogal**, terão o **R** duplicado (**birreator**, **autorretrato**, **contrarrevolução**, **infrarrenal**, etc.) – o que é verdade. O problema é que ela não tinha nada que aplicar a regra a **de repente**! O **de**, aqui, é uma simples **preposição**, não um **prefixo**! São duas palavras separadas – **de** e **repente** –, como **de resto**, **de ré**, **de rastros**, **de relance**, entre muitos. Avise para a amiga

que ***derrepente** sempre será um erro cabeludo!

adjetivos pátrios ou gentílicos

Diferentes leitores perguntam sobre a manutenção – ou não – do h nos adjetivos gentílicos compostos.

1) Caro Prof. Moreno, com a atual Reforma Ortográfica, os adjetivos pátrios que apresentam o hífen em sua composição, como **ouro-finense***, de Ouro Fino,* **pouso-alegrense***, de Pouso Alegre,* **porto-alegrense***, de Porto Alegre, dentre tantos outros, sofrerão alguma modificação em sua grafia? Em meu entendimento, não. Entretanto, encareço-lhe os esclarecimentos pertinentes.*

José Édison C. – Campinas

2) Professor Moreno, moro na cidade de Santa Cruz do Capibaribe, em Pernambuco, cujo gentílico é **santa-cruzense**. *Gostaria de saber se com o novo* **Acordo** *ele perderá o hífen. Em um guia vi que* **porto-alegrense** *continua com hífen.*

Lucinaldo T.

3) Bom dia, professor; os gentílicos entraram na nova regra do hífen? Vamos escrever **norte-americano** *ou* **norteamericano***?*

Regina F. – São Paulo

Prezados amigos, as novas regras do hífen se referem especialmente aos vocábulos formados com **prefixos**; a grafia dos **gentílicos** (ou adjetivos pátrios) continua inalterada, seguindo as mesmas disposições que conhecemos desde 1943: **mato-grossense**, **cruz-altense**, **sul-rio-grandense**; **norte-americano**, **norte-africano**, **sul-americano**, **norte-coreano**. Agora, especialmente para o Lucinaldo (mas extensivo a todos): em ortografia, sempre podemos confiar no raciocínio por analogia. Se escrevemos **porto-alegrense**,

podemos deduzir, com segurança, que **santa-cruzense** também será escrito com hífen. Se **caju** não tem acento, o mesmo vai ocorrer com **Iguaçu** e **bauru**; se **táxi** é acentuado, também o serão **ravióli** e **biquíni**. Esta é a regra máxima deste jogo: o que vale para um, vale também para os seus semelhantes.

bem-estar

Olá, Professor Moreno! Esta nova Reforma Ortográfica introduziu alguma mudança na ortografia da palavra **bem-estar***?*

José G. – Itapema (SC)

Felizmente não, meu caro José; continuaremos a escrever **bem-estar**, como sempre fizemos. O **Acordo** não mudou nada quanto a isso; vamos colocar um hífen depois de **bem** sempre que ele se ligar a um vocábulo que **tenha existência autônoma** no nosso idioma: **bem-falante**, **bem-aventurado**, **bem-querer**, **bem-vindo**, etc.

Aqui, mais do que em qualquer outro lugar, ficam evidenciadas as duas funções que o hífen acumula, pois ele é, ao mesmo tempo, um sinal que **separa** e um sinal que **une** (o famoso **traço-de-união**): em **bem-estar**, ele sinaliza, ao mesmo tempo, (1) que estamos diante de um vocábulo uno, embora composto, e (2) que os dois elementos que entram em sua composição têm vida própria.

É exatamente por isso que não temos hífen em **benfazejo** ou **benquisto**; embora não seja difícil reconhecer ali a presença do radical de **fazer** e de **querer**, respectivamente, não temos mais ***fazejo** ou ***quisto** como formas livres.

o hífen depois do **Acordo**

Gostaria de saber como ficou a escrita de **boa-fé***, com as novas regras. E as palavras* **horas-extras***,* **aviso-prévio** *e* **Advocacia-Geral***?*

Michele B. – Porto Alegre

Michele, com as novas regras, **boa-fé** será escrito... **boa-fé**. O **Acordo** só alterou as regras que envolvem formação com **prefixos**, o que não é o caso de **boa**, que aqui é um **adjetivo**. Quanto às demais – **horas-extras**, **aviso-prévio** e **Advocacia-Geral** – persiste, mesmo depois do **Acordo**, aquela indefinição intrínseca que sempre existirá entre o que é **vocábulo** e o que é **locução**. Acho importante lembrar que existe uma faixa imprecisa entre eles, uma espécie de **terra-de-ninguém** (que uns escrevem **terra de ninguém**, sem hífen – estás vendo como é?) que jamais poderá ter contornos precisos. Vemos tanto **ponto e vírgula** quanto **ponto-e-vírgula**, **aviso prévio** quanto **aviso-prévio**, etc. Eu prefiro usar hífen nestes casos, pois ele serve para distinguir a **locução** (o **aviso prévio**, isto é, o aviso que foi feito previamente, o prévio aviso) do **vocábulo** (o **aviso-prévio** – termo da linguagem jurídica que designa a comunicação da rescisão de um contrato de trabalho). Outros, no entanto, preferem deixá-los sem hífen.

pronto-socorro ou **prontossocorro**?

Prof. Moreno, trabalho em uma indústria gráfica onde elaboramos e produzimos vários modelos de agendas. As novas regras de ortografia nos deixaram em dúvida em relação à palavra **pronto-socorro***. Conforme o manual que consultamos, se o prefixo terminar em* **vogal** *e o segundo elemento começar por* **R** *ou* **S***, temos de duplicar essas letras. Isso quer dizer que* **pronto-socorro** *vai ficar* **prontossocorro***? Gostaria da sua ajuda, pois achei muito estranha esta palavra!*

Daiane C.

Prezada Daiane, vocês estão fazendo uma confusão essencial: esta regra do

Acordo a que você se refere (a duplicação do **R** e do **S**) aplica-se exclusivamente a **prefixos** (**contra**, **infra**, **ante**, **anti**, **auto**, **supra**, **semi**, **neo**, etc.) e a **prefixoides** (elementos gregos e latinos que funcionam como se prefixos fossem: **macro**, **micro**, **hidro**, **geo**, **bio**, **termo**, **nefro**, etc.). Por isso, [anti+semita], **antissemita**; [supra+renal], **suprarrenal**; [mini+saia], **minissaia**; [bi+reator], **birreator**; [auto+retrato], **autorretrato**.

Por outro lado, os vocábulos compostos de substantivos, adjetivos, verbos, etc. (entenda-se: os que não são formados pelo acréscimo de um prefixo, mas sim pela união de dois ou mais vocábulos existentes no idioma) continuam a ser escritos **com** hífen, como sempre foram: **pronto-socorro**, **ítalo-soviético**, **mestre-sala**, **puro-sangue**. Parece que isso não ficou bem claro na divulgação do **Acordo**, pois esta tem sido uma pergunta recorrente de leitores de toda parte.

minissalada

Prezado professor, sou redator e estou atualizando um cardápio em que constam as opções **mini bolo***,* **mini torta***,* **mini salada**. *Pois bem, pelo novo Acordo Ortográfico estas palavras passam a ser* **minibolo***,* **minitorta***,* **minissalada***?*

Ari D. – São Paulo

Meu caro Ari, assim já se escrevia antes do **Acordo**, assim vamos continuar a escrever depois dele: **minitorta**, **minibolo**, **minissalada** – formas que eu acho horripilantes! Se fosse eu o dono do restaurante, eu escreveria no cardápio **torta míni**, **bolo míni**, **salada míni**, muito mais aceitável (**míni**, usado em separado, tem acento).

ecossustentabilidade?

Olá, caro professor. Acho que o aumento da consciência ecológica, criou um probleminha para a língua – ainda mais agora, que estamos de ortografia nova. Embora os dicionários ainda se omitam quanto a esta palavra, já a encontrei na rede com três grafias diferentes: **eco-sustentabilidade***,* **ecossustentabilidade** *e* **ecosustentabilidade**. *O senhor pode me dizer qual delas eu devo usar?*

Fernando G. – São Paulo

Meu caro Fernando, não há problema algum: pelo sistema vigente **antes** do **Acordo**, o elemento grego **eco-** nunca era seguido de hífen. Escrevia-se, portanto, **ecossustentabilidade** (o **S** deve ser duplicado; caso contrário, como está entre duas vogais, passaria a representar o som de /z/).

Agora, pelo **Acordo**, **eco-** vai ter hífen quando se ligar a um vocábulo que comece por **H** ou por **O** (eu não conheço nenhum, por enquanto, mas posso imaginar uma hipotética **eco-organização**, ou uma animada **eco-olimpíada**...). Como esse não é o caso de **sustentabilidade**, você vai ter de duplicar o **S** e escrever exatamente como antes: **ecossustentabilidade**, no mesmo modelo de **ecossistema**, há muito dicionarizado.

minissaia e **microrregião**

Prof. Moreno, estou estudando para concurso público e me deparei com palavras novas ao estudar o emprego do hífen: **audiosseletivo***,* **cardiorrenal***,* **microrregião***,* **psicossocial***,* **minissaia**... *Pelo meu humilde Português posso afirmar que dá para aceitar a ausência do hífen, mas não consigo entender a repetição do* **R** *e do* **S***. Por isso, venho pedir sua ajuda.*

Mariana L.

Prezada Mariana, o fato de não usarmos hífen com esses prefixos traz

evidentes consequências ortográficas. O princípio é muito simples (e muito antigo): se escrevermos ***microregião**, o **R** isolado entre duas vogais vai ser lido com o som de /r/ fraco (como em **caro** ou **tiro**); é por isso que temos de duplicá-lo. O mesmo acontece com o **S**; ***minisaia** será lido como /minizaia/, se não duplicarmos o S.

Você não deve estranhar este procedimento; pelas regras do novo **Acordo**, ele vai ocorrer todas as vezes em que um prefixo **terminado por vogal** encontrar um vocábulo iniciado por **R** ou **S**: **autossuficiente**, **antissemita**, **hidrossanitário**; **contrarregra**, **autorregulável**, **semirreta**. Vamos demorar um pouco a nos acostumar a essa nova forma, mas sou obrigado a reconhecer que assim é bem mais racional.

Beira-Rio ou **Beirarrio**?

Prof. Moreno, trabalho para um semanário do interior do estado, cujo editor, que é gremista, parece estar louco para utilizar a Reforma Ortográfica contra tudo que refira ao nosso querido Internacional. Ele sugeriu que, pelas novas regras, o estádio da Beira-Rio deve passar a ser escrito **Beirarrio***, sem hífen e com o* **R** *duplo, como* **biorritmo** *ou* **antirreligioso**. **Beirarrio***! Argh! O senhor poderia esclarecer esta dúvida? Respeitamos muito sua opinião.*

Márcio – Santa Maria (RS)

Meu caro Márcio, diga aí para esse editor que essa regra da duplicação do **R** vai se aplicar apenas a vocábulos formados com **prefixos terminados em vogal**: [auto+regulação]= **autorregulação**; [semi+reta]= **semirreta**. Os vocábulos compostos de dois ou mais substantivos, adjetivos, verbos ou advérbios (ou seja, não formados por prefixação) vão continuar a ser escritos como sempre foram: **porta-retrato**, **bomba-relógio**, **caga-regras**, **coisa-ruim**, **guarda-roupa**, etc. Ora, como **beira** está muito longe de ser um prefixo, pois é um substantivo, e bem concreto, vamos continuar escrevendo **beira-rio**; o nosso

generoso estádio, portanto, continua a ser o **Beira-Rio**.

repetição do hífen na translineação

Prezado Professor, com o grande sucesso do uso do computador para se redigir textos, tenho observado que raramente ocorre a separação das sílabas das palavras (translineação), pois os programas se incumbem de ajustá-las ou passá-las para a outra linha, com exceção das formas pronominais. Neste caso, como proceder quanto ao hífen de separação? Deve-se colocar apenas um hífen no final da linha ou há obrigatoriedade de colocar também outro no início da linha seguinte? Onde encontrar sobre este assunto? O que dizem sobre isso a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) e a ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas)?

Tenho uma amiga que é professora de Língua Portuguesa aposentada, formada há trinta anos, ex-aluna de Evanildo Bechara e Celso Cunha, que afirma ter aprendido com eles a obrigatoriedade do uso do traço de separação no final da linha e também no início da próxima linha. Ela está correta?

Marilema P. – Rio de Janeiro

Prezada Marilema: não existe tal regra na NGB, que só enumera os títulos e as divisões da Gramática (jamais se ocupou de ortografia). A ABNT, por sua vez, emite apenas normas técnicas; não tem competência para discutir ortografia e, sejamos justos, jamais tentou mesmo. A autoridade é a Academia Brasileira de Letras, através dos seus Vocabulários Ortográficos, editados exatamente para mostrar, concretamente, a aplicação das regras dos acordos assinados entre o Brasil e os demais países lusófonos. Atualmente, escrevemos dentro dos parâmetros do Acordo de 1943, com a mínima modificação introduzida pelo Acordo de 1971. Nada houve desde então, a não ser tentativas que, se os deuses me ouvirem, continuarão infrutíferas. O Brasil não precisa mais de reformas ortográficas. [Quando escrevi essas linhas, mal podia suspeitar que vinha chegando uma desastrada reforma, aos trancos e barrancos...]

Quanto à sua dúvida específica, o Acordo de 1943 não diz nada sobre ser "aceitável" ou não a repetição do **hífen** (ou **traço-de-união**) no início da nova linha, se o hífen de **palavras compostas** e de **pronomes oblíquos** for o último caractere da linha anterior. No entanto, no texto do próprio **Acordo** ocorrem várias coincidências desse tipo, e em nenhuma delas o hífen foi repetido – o que implica dizer que, ao menos **implicitamente**, o uso oficial **não** nos obriga a esta prática.

Esse costume tinha vários defensores quando o texto, manuscrito ou datilografado, era entregue ao tipógrafo para ser composto. Como as linhas do original raramente iam coincidir com as linhas do texto impresso, o autor, por precaução, podia usar o hífen repetido para ter certeza de que o vocábulo seria grafado corretamente na hora da composição. Vamos imaginar que, no meu texto original, os vocábulos **contraproposta** e **contra-ataque** tivessem de ser divididos por translineação, e, em ambos os casos, as linhas terminassem exatamente na divisa do prefixo (**contra-**). Como iriam começar as linhas seguintes? O normal seria iniciar uma por **proposta** e a outra por **ataque** – e assim eu faço, e assim faz praticamente todo o mundo que escreve em Português hoje em dia. Naquela época, no entanto, em que existia a figura intermediária do tipógrafo, havia o risco dele não saber distinguir se aqueles hifens eram apenas os hifens normais da translineação (como em **contraproposta**), ou se eram hifens internos de um vocábulo composto (como em **contra-ataque**). Quando esses vocábulos caíam no meio da linha impressa, o tipógrafo era obrigado a tomar uma decisão sobre a forma de grafá-los; dependendo da sua cultura ortográfica, poderia cometer erros como ***contra-proposta** ou ***contraataque**. Por isso, para evitar esse equívoco (não muito provável, porque os tipógrafos geralmente sabiam muito mais ortografia que a maioria dos autores), eu **poderia** repetir o hífen no início da linha no caso de **contra-ataque** (...**contra-**/**-ataque**). Muitos autores adotavam esse mecanismo de precaução também com o hífen dos pronomes oblíquos, para evitar confusão em pares como **ver-te** e **verte**, **impor-te** e **importe**, **alinha-vos** e **alinhavos**, **ter-nos** e **ternos**, **ver-me** e **verme**, etc.

Hoje não vejo muita razão para continuar fazendo isso. O recurso de

justificação das linhas nos modernos processadores eliminou consideravelmente a partição das palavras na margem direita do texto e, na maioria das vezes, a eventual confusão que se pretendia combater com esse hífen repetido fica desfeita, de modo muito mais eficiente, pelo contexto (confundir **ver-me** com **verme** é de amargar!). É claro que nada proíbe o uso desse hifenzinho repetido, Marilema, assim como ninguém proíbe o uso daquelas polainas do Tio Patinhas – mas ambos são traços decididamente anacrônicos.

Você deve ter percebido que o debate é sobre a **possibilidade** de repetir o hífen, mas não sobre a sua **obrigatoriedade**, que nem entra em cogitação. A memória deve estar pregando uma peça à sua amiga; jamais Bechara ou Celso Cunha diriam que esse hífen duplo é obrigatório.

Com o novo Acordo – Parece que o novo **Acordo** está decidido a revogar o que já estava consolidado desde 1943, mesmo que não haja um motivo que justifique esse rompimento. Eles não erram nunca, quando se trata de acertar no alvo trocado! Pois não é que o texto atual considera **obrigatória** essa prática de repetir o hífen no início da linha seguinte? Estranho muito que ressuscitem um procedimento tão retrógrado, principalmente se considerarmos que o **Acordo** elimina o trema e vários acentos sob a alegação (legítima, aliás) de que o sentido e o contexto eram suficientes para desmanchar as eventuais dúvidas do leitor – o que deveria ser razão suficiente para não repetir esse hífen bizarro no início da linha.

hífen ou travessão

1) Sílvio Gomes, de Santos, diz que sempre distinguiu o **hífen** do **travessão** (encontrável, segundo ele, digitando-se **Alt+0151** no teclado numérico). Por isso mesmo não entende por que a imprensa trata os dois sinais da mesma forma. “Afinal, eles não têm diferenças de forma e de emprego?”

Meu caro Sílvio, você tem razão ao dizer que não são caracteres iguais, embora a prática da imprensa, no Brasil, esteja fundindo as duas coisas. Eu

sempre os distingo, quando escrevo; abri a janela de “Symbol”, no Word, e atribuí ao travessão uma combinação cômoda de teclas. A diferença fundamental entre eles é o âmbito em que aparecem. O **hífen** está restrito ao âmbito do **vocábulo**; serve para separar sílabas ou unir os elementos que formam um vocábulo composto. O **travessão** é um sinal de pontuação da **frase**, com vários empregos importantes que serão examinados oportunamente no volume sobre a pontuação. Uma de suas funções é ligar o ponto inicial e o ponto final de um trajeto ou de um período de tempo: a rodovia **Belém–Brasília**, o triênio **1971–1974**, e assim por diante.

Agora, se você quiser precisão milimétrica, deve ler os livros de editoração em Inglês. Ali, eles distinguem entre o *m-dash*, o *mm-dash* e o *mmm-dash* – velha denominação tipográfica que se refere a um travessão da largura de **uma**, **duas** ou **três** letras **M**, cada um com seu emprego distinto.

2) Prezado professor, não consigo perceber diferenças entre o **hífen** *e o* **travessão***, fora o fato do segundo ter mais ou menos o dobro do tamanho do primeiro. Tenho visto, em seu site, que o senhor às vezes usa o travessão duplo no lugar de vírgulas, mas também lembro que usávamos, na escola, este sinal para indicar a mudança da pessoa no diálogo. Existe uma diferença clara entre eles?*

Homero Z. – Goiânia

A diferença fundamental entre os dois sinais, meu caro Homero, é o seu âmbito de atuação. O **hífen**, presente no teclado, é um sinal que atua **no interior do vocábulo**; o **travessão**, que se obtém digitando (no teclado numérico) 0151, enquanto se mantém a tecla ALT pressionada, é um sinal de **pontuação interna da frase**.

É por isso que usamos o **hífen** apenas em três situações: (1) para indicar que dois vocábulos formam um novo vocábulo composto (**couve-flor**, **decreto-lei**); (2) para ligar o pronome enclítico ao seu verbo (**fazê-lo**, **vendeu-o**); e (3) para

separar as sílabas numa eventual translineação. É por causa disso – por esse uso exclusivamente morfológico, e não sintático – que o hífen não é considerado, propriamente, um “sinal de pontuação”, mas um simples sinal ortográfico, como os **acentos**, o **til** ou o **trema**.

O **travessão** já é vinho de outra pipa; ele serve (1) para indicar, num diálogo, o início da fala de um personagem; (2) para, exatamente como os parênteses, indicar a intercalação de um elemento na frase (como eu próprio fiz, no último período do parágrafo anterior); (3) para introduzir, ao final de um argumento ou de uma enumeração, uma síntese ou conclusão (“Imagine um entardecer de domingo, escuro e frio, debaixo de uma chuva fina, numa estaçãozinha de trens do interior do estado – uma verdadeira desolação!”; (4) para indicar o ponto inicial e final de um percurso ou de um espaço de tempo: a ponte **Rio–Niterói**; a obra de Tobias Barreto (**1839–1869**).

Com o novo Acordo – Eu já devia saber que, quanto mais rezo, mais assombração me aparece! Pois não é que esse primor de Acordo Ortográfico, que consegue ser, a cada dia, pior do que na véspera, determina, com todas as letras, que devemos usar o **hífen**, e não o **travessão**, para os dois pontos extremos de um trajeto? Ou seja, segundo eles, deveríamos escrever “Ponte **Rio-Niterói**”, e não “**Rio–Niterói**”, desrespeitando, de uma vez por todas, o limite entre o que é **vocábulo composto** (com hífen) do que é uma **locução** (com travessão)! É mais um ponto na lista do que vai ter de ser revisado por essas desastradas “autoridades”...

regulamentação do hífen

Gostaria de saber se as palavras **Advocacia-Geral** *e* **Procurador-Chefe** *têm hífen ou não, e como se justifica. Muito grato.*

Protásio B.

Meu caro Protásio, pouca coisa existe de regulamentado

quanto ao uso do hífen. Podemos ter alguma certeza com os **prefixos** (**sub-reitor**, **neo-ortodoxia** e **inter-relacionado** têm hífen, ao contrário de **subordem**, **neoliberal** e **interestadual**); com **gentílicos compostos** (**mato-grossense**, **rio-grandense**); com adjetivos reduzidos (**infanto-juvenil**, **austro-húngaro**). A grande maioria dos compostos, no entanto, é hifenizada por **costume**, apenas. **Não há regra**! Isso pode parecer assustador, mas na prática vai funcionando muito bem (principalmente porque ninguém tem segurança para cobrar o certo e o errado). Escrevemos **mão-de-obra** com hífen por uma espécie de consenso; nada nos obrigaria a fazê-lo. O **Aurélio** registra assim, o **Houaiss** registra assado, o **VOLP** dá a versão da Academia: são valiosas opiniões, mas opiniões de seres humanos, nada mais. Há um exemplo que gosto muito de mencionar, porque deixa às claras essa indefinição: o sinal de pontuação "**;**" é chamado, pelos gramáticos mais tradicionais, de **ponto e vírgula**; pelos mais modernos, de **ponto-e-vírgula**. Eu prefiro esta última, mas sei que a outra tem ilustres e sábios defensores. Ora, se isso acontece no próprio acampamento gramatical, o que não diremos dos demais? **Procurador-Chefe** ou **Procurador Chefe**? Eu prefiro com hífen, mas acho que você deve seguir a sua intuição e, principalmente, o costume do meio em que você se move.

ultrassom

Professor, gostaria de consultá-lo sobre como devem ser escritos os seguintes compostos: (1) **ultra-som** *ou* **ultrassom***? (teste* **ultra-sônico** *ou teste* **ultrassônico***?); (2)* **micro-estrutura** *e* **micro-estrutural***, ou* **microestrutura** *e* **microestrutural***? Essas dúvidas ficam ainda mais fortes porque a maior parte da literatura que aplica estes vocábulos é escrita em Inglês e usa ultrasonic, ultrasound; microstructure, microstructural.*

Euclydes T. – São Paulo (SP)

Meu caro Euclydes, vamos por partes:

(1) **Ultra** é um daqueles prefixos que terão hífen antes de vocábulo iniciado por "**h**" ou pela vogal "**a**". Como em todos os demais casos ele não receberá hífen, aqui vai ocorrer a inevitável duplicação do "**s**". Assim como temos **surgir** e **ressurgir**, **suscitar** e **ressuscitar**, teremos **ultrassom**, **ultrassônico**, **ultrassonografia**, da mesma forma que escrevemos **ultrassecreto**, **ultrassensível**, **ultrassofisticado**;

(2) Por outro lado, **micro** e **macro**, dois elementos de origem grega, presentes em centenas de compostos, só vão ter hífen quando vierem antes de vocábulo iniciado por "**h**" ou "**o**". Logo, **microestrutura** e **microestrutural, microssistema** e **microrregião**, mas **micro-ônibus**, **micro-história**, **micro-onda**. Nossas regras de hífen são decididamente diferentes das regras do Inglês.

micro-hábitat?

Prezado Professor, existe, afinal, alguma regra confiável para o emprego do hífen depois de **micro***,* **macro***,* **mini***? No* **Aurélio-XXI** *não encontrei hífen ligando os prefixos* **mini** *e* **macro***, mas encontrei* **micro-hábitat**. **Macro e mini** *também teriam hífen diante de palavras com* **H***?*

Gerusa Martins

Minha cara Gerusa, em princípio, **micro**, **macro** e **mini** só devem receber hífen quando se ligarem a vocábulo iniciado por "**h**" ou pela vogal que trazem no final ("**o**" para **macro** e **micro**, "**i**" para **mini**): **macro-organização**, **micro-onda**, **mini-indústria**, **mini-hélice**; isso nos obriga a uma série de incômodas (mas necessárias) adaptações ortográficas, tais como **microrregião**, **macrossistema**, **minissaia**, etc. Este hífen em **micro-hábitat**, portanto, está dentro do que foi prescrito pelo novo **Acordo**.

Estranho, apenas, o acento colocado em *habitat* no **Aurélio-XXI**. Este vocábulo permanece em sua forma latina – isto é, **não** foi aportuguesado ainda,

como se pode perceber pelo "**t**" que encerra a última sílaba (fonema inaceitável, nesta posição, no padrão silábico de nosso idioma). Ora, se ainda não entrou no sistema, não pode submeter-se a nossas regras de acentuação – assim como *habeas corpus* não leva acento nem hífen porque ainda se mantém em sua forma latina original. O **Houaiss**, mais preciso, registra este vocábulo sem acento e com o itálico recomendado para as palavras exóticas ao Português (*habitat*).

alto-falante ou **auto-falante**?

O **alto-falante** faz parte do equipamento de som do **automóvel**; por não escrevemos **auto-falante**, à semelhança de **auto-escola**?

Prezado Doutor, vejo muitas vezes escrito **autofalante** *e* **auto-falante***, mas creio que a forma correta é* **alto-falante***, pois vem de* **alto** *e não de* **auto***. Ou seja, acho que não quer dizer que "fala sozinho", mas sim que "fala alto". Poderia me esclarecer? Grato.*

Juan G. – São Paulo (SP)

Meu caro Juan, realmente, um **alto-falante** é um dispositivo que "fala alto". É composto do advérbio **alto** (que é invariável) mais o antigo particípio presente **falante** (como **bem-pensante**). No plural, portanto, só pode formar **alto-falantes**.

O problema que as pessoas têm com este vocábulo já começa no nível fonológico. Você já deve ter percebido que, em nosso idioma, o **L** em final de sílaba é normalmente realizado como um /u/: **mel** soa /méu/, **animal** soa /animau/ e o Ed Motta pode cantar tranquilamente "**Manuel** foi pro **céu**" sem assassinar a rima. Esse fenômeno, embora perfeitamente inofensivo na esmagadora maioria dos casos, vai tornar indistinguíveis, na fala, pares como **mau** e **mal**, **alto** e **auto**. Está aberta a porta para a confusão.

Como os alto-falantes fazem parte do equipamento de som do automóvel, eu também já vi, em muitas lojas especializadas, a grafia ***auto-falante**. É claro que isso está errado, Juan, mas não se trata aqui do uso indevido do prefixo **auto** com o sentido de "a si mesmo" – como no fogão de forno **autolimpante**, que,

segundo a lenda, teria a capacidade de limpar a si mesmo! Parece-me, antes, a crença errônea de que os **alto-falantes** sejam parte do **automóvel**; por isso, usam **auto** pensando tratar-se de algo assim como **autopeças**, **autódromo**, **automecânica**, **autoescola**.

Minha convicção de que essa foi a origem do erro ficou ainda mais reforçada quando percebi que muitos técnicos de sonorização para ambientes, para espetáculos, etc., utilizam apenas **falantes**, como se estivessem preocupados em frisar que não se trata de som de carro: "Aqui vamos instalar doze **falantes**". Essa forma, por ser mais curta e por evitar a velha dificuldade do plural dos compostos, talvez até venha, no futuro, a substituir **alto-falante** – na mesma direção seguida pelo Inglês, que de *loud speaker* está passando a usar apenas *speaker*.

por isso ou **porisso**?

Se **por que** às vezes se escreve **porque**, também não poderíamos escrever **porisso** como um único vocábulo?

Professor, lembro que nos meus áureos tempos de estudante (e eles já se vão um tanto longe) eu costumava usar a grafia **porisso***, nunca tendo sido contestado pelos meus mestres. Todavia, hoje, várias vezes já chamaram minha atenção, dizendo que* **porisso** *não existe e que, em seu lugar, eu deveria usar* **por isso**. *Será que isso procede?*

Edilberto L. – São Paulo (SP)

Meu caro Edilberto, nunca foi correto usar ***porisso**. Na verdade, trata-se de uma locução formada pela preposição **por** mais o pronome **isso**; se fossem juntáveis, teríamos também as horripilantes formas ***poristo** e ***poraquilo**, com a mesma composição. Se os seus mestres não estrilavam, é porque talvez não tenham notado. Você teve mais sorte que juízo.

Agora, se isso lhe serve de consolo, saiba que escrever ***porisso**, sem o espaço, é um daqueles **erros naturais**, isto é, um daqueles erros que cometemos

com mais frequência por existir uma força que nos empurra perigosamente em sua direção – mais ou menos assim como a gravidade nos ajuda a cair quando estamos aprendendo a caminhar. Trata-se aqui da hesitação em usar ou não o **espaço em branco**, um dos importantes (e muitas vezes esquecido) componentes do sistema da escrita. Há uma forte hesitação na hora de grafar esta e outras locuções, uma vez que é difícil, em muitos casos, determinar se estamos diante de elementos múltiplos, que devem ser grafados individualmente, ou se eles já são percebidos pelo sistema como um vocábulo único. Se você olhar com um pouco mais de atenção, não vai deixar de notar que vocábulos como **porventura**, **depressa**, **devagar** foram, um dia, expressões formadas por uma **preposição** mais um **substantivo** (por+ventura, de+pressa). Não é de estranhar, portanto, que se tente escrever ***porisso**, ***apartir** ou ***derrepente**, erros que encontro por toda parte. Abraço, e olho vivo!

demais e **de mais**

Nem sempre é fácil determinar quando se deve usar o famoso esp em branco entre as palavras.

Caro Professor, nunca tenho certeza quando devo usar **demais** *(uma só palavra) ou* **de mais** *(duas). Não ficou claro nas gramáticas que consultei. Acho que os exemplos se contradizem e, quanto mais estudo, mais confusa eu fico. O senhor tem uma boa regra para isso?*

Juçara – Londrina (PR)

Minha prezada Juçara, em linguagem, como na vida, certas coisas são como são. Se um geólogo estuda um lençol de areia movediça e o faz assinalar em todos os mapas, ganham os viajantes, que passarão por ali com todo o cuidado – mas essa areia não vai ficar menos móvel só por causa disso. O mesmo ocorre, em Português, nessa nebulosa região em que se misturam **vocábulos** e **locuções**. Ali a luz é escassa e a sombra é espessa; ali formas como **debaixo**, **demais**, **detrás** convivem com locuções como **de baixo**, **de mais** e **de**

trás. Meu mapa diz que essa parte do terreno não está bem sedimentada, e o máximo que eu posso fazer por você é mostrar algumas coisas básicas que aprendi nos tantos anos em que vivi nesse território.

1) Usamos o vocábulo **demais** em duas situações básicas (vamos deixar de fora expressões como **de mais a mais**, etc.). Primeiro, como **advérbio de intensidade** (é um irmão de **muito**, **pouco**, **bastante**, etc.), com o sentido de "excessivamente, além da conta" ou de "muitíssimo". Devemos lembrar que esse tipo de advérbio pode modificar um verbo, um adjetivo ou mesmo outro advérbio (os demais só modificam verbos):

Eu **falei** demais. Vocês **comem** demais.O relógio é **caro** demais.

Isso é **bom** demais! Ela canta **bem** demais! É **tarde** demais!

Em segundo lugar, esse **demais** pode ser um **pronome indefinido**, significando "os outros, os restantes". Como é um **pronome adjetivo**, sempre vai acompanhar um **substantivo** (expresso ou elíptico):

Convidaram Laura e os **demais** colegas.

Contrate este candidato e dispense os **demais**.

2) Usamos a locução **de mais**, formada pela preposição **de** e o advérbio **mais**, para significar "de sobra", "a mais", opondo-se simetricamente à locução **de menos**:

Cuide para não colocar sal **de mais** no churrasco.

Uns têm coisas **de mais**, outros **de menos**.

O **Aurélio** registra, também, o sentido "capaz de causar estranheza; anormal":

Não vejo nada **de mais** em sua resposta.

Essas distinções vão ajudá-la a navegar com serenidade no mar de nosso idioma. Afinal, os simples viajantes não precisam saber que, lá das profundezas, espreitam perigos que preferimos nem conhecer. Um espírito de porco poderia contrapor "ela falou **demais**" ("excessivamente") com "ela estudou **de mais**" (por oposição a "ela estudou **de menos**"), mas seria o caso de jogá-lo por cima da borda e continuar a viagem.

detrás, **de trás**

Mostramos, mais uma vez, quão importante pode ser o espaço em branco deixado entre as palavras.

Professor, na sua resposta sobre **demais***, o senhor mencionou também o caso de* **detrás** *e* **debaixo***, dizendo que eles também podem ser escritos como dois vocábulos separados. Quando está correto escrever* **de trás** *e* **de baixo***?*

Wellington C. – Brasília

Meu caro Wellington: acho que **detrás** e **debaixo** são um pouco mais simples que o movediço **demais**; nosso idioma parece estar marcando, aqui, a distinção entre "lugar onde" e "lugar **de** onde". Compare:

(1) Ele estava **debaixo** da cama. (onde)

(2) Ele saiu **de baixo** da cama. (de onde)

Na frase (2), **de baixo** se opõe a **de cima**; é a mesma oposição que vamos encontrar em "ele mora no andar **de baixo**", "ele mora no andar **de cima**".

O advérbio **detrás** também expressa "lugar onde"; é sinônimo de **atrás**. A expressão **de trás** expressa "lugar de onde"; essa preposição **de** é exigida por um grupo expressivo de verbos de movimento. Compare:

(3) Ele escondeu-se **detrás** da pedra. (onde)

(4) Ele veio **de trás** da pedra. (de onde)

(5) Tirou o violão **de trás** do armário. (de onde)

Nas frases (4) e (5), **de trás** se opõe a **da frente**; é a mesma oposição que vamos encontrar em "de trás para a frente, da frente para trás". Como você pode ver, a paisagem é aqui mais definida que no caso do **demais** – mas nem tudo são rosas, quando se trata desse diabólico espacinho em branco. Pense, por exemplo, na frase "A criatura surgiu **detrás**/**de trás** da pedra"; **separado**, significa que ela veio de lá; **junto**, que foi lá que ela nasceu (ou se materializou...). Tenho certeza de que poderíamos encontrar vários pares

interessantes como esse, se ficássemos remexendo nesse poço.

Curtas

extracurricular

Ronaldo, de Santos (SP), criou em seu "curriculum vitae" uma seção de "cursos **extra-curriculares**" e precisa saber se está certo assim, com hífen, ou se deveria escrever tudo junto.

Prezado Ronaldo, escreva **extracurriculares**, do mesmo modo como vamos escrever **extraclasse**, **extranumerário**, **extraconjugal**, etc. Sem hífen.

compostos com **hemi-**

Grasiela, de Florianópolis (SC), está redigindo sua tese de doutorado em Odontologia e gostaria de saber se a palavra **hemimandíbula** está correta ou se necessita do hífen.

Minha cara Grasiela, apesar de ser um mostrengo, escreva **hemimandíbula**. O elemento **hemi-** (metade) só tem hífen antes de "**h**" (hemi-hidratado) ou, hipoteticamente de "**i**"; em todos os demais casos, sempre vai ser usado **sem hífen**. Da mesma forma, vamos escrever **hemialgia**, **hemicrania**, **hemifacial**, **hemiplégico**.

hífen com **macro-**

Eiji quer saber se **macrofluxo**, palavra utilizada em sua área de trabalho mas inexistente nos dicionários, deve ser escrita com ou sem hífen.

Meu caro Eiji, as novas regras de hífen estabelecem que o elemento **macro** só tem hífen quando vem antes de "h" ou de "**o**". Em todos os demais casos, ele **jamais** será hifenizado. Por isso escrevemos **macroeconomia**, **macroatacado**, **macrobiótica**, **macrofluxo**, seja lá o que for.

seminovos

A leitora Denise trabalha numa agência de publicidade, onde surgiu uma discussão sobre o uso do hífen na palavra **seminovos**. "Verifiquei na gramática e cheguei à conclusão que é sem hífen, mas como já li em muitos anúncios a palavra hifenizada, preferi consultar um especialista."

Prezada Denise, o prefixo **semi-** só pode ter hífen antes de palavras começadas por "**h**" ou por "**i**" **(semi-humano**, **semi-internato**). Antes das demais letras do alfabeto ele **jamais** vai ser hifenizado: **semidireto**, **seminua**, **semicírculo**, **seminovo**. Esse nem ao menos é um daqueles casos discutíveis ou duvidosos; ao contrário, é daqueles básicos e elementares. Se você tem uma boa gramática, deve acreditar nela. **Seminovo** não tem hífen mesmo!

subobjeto

Rogério gostaria de saber se a grafia correta é **sub objeto** (com espaço), **sub-objeto** (com hífen) ou **subobjeto** (tudo junto).

Caro Rogério, o prefixo **sub** é uma **forma presa** e não pode ser usado isoladamente, o que elimina o "sub objeto". Além disso, este prefixo somente vai ter hífen antes de palavras iniciadas por "**r**", "**b**" ou "**h**" (**sub-reitor**, **sub-base**, **sub-habitação**). Por isso, por horrível que pareça, devemos escrever **subobjeto**, como **subestação**, **subordem**, **subagência, subgerente, subsolo, subaxilar** e por aí vai a valsa.

georreferenciamento

Eliana, funcionária da Secretaria do Meio Ambiente, está fazendo um trabalho que abrangerá o estado de São Paulo inteiro e tem dúvidas quanto à grafia correta da palavra **georreferenciada**.

Minha cara Eliana, vocábulos em que aparece o elemento grego **geo** ("terra", em Português) só terão hífen antes de "**h**" e de "**o**"; por isso, **geopolítica**, **geofagia**, **geossíncrono** e, *ipso facto*, **georreferenciada**. É feio, mas é assim.

subchefe

Célia e Helena, de Jundiaí, gostariam de saber minha opinião: escrevemos **subchefe** (como está no **Aurélio**), ou **sub-chefe** (segundo o prof. Douglas Tufano)?

Minhas caras, o prefixo **sub** só vai ter hífen antes de vocábulos iniciados por "**r**", "**b**" ou "**h**": **sub-raça,** **sub-biblioteca**, **sub-humano**. São pouquíssimos vocábulos. Em todos os demais casos – friso: em todos os demais casos! – ele não vai ser hifenizado: **subordem**, **subgerente**, **subchefe**, **subsolo**, **sublocação**, etc. Não sei o que o prof. Tufano diz sobre isso, mas não acredito que ele vá defender um mostrengo como ***sub-chefe**. Vocês devem ter-se enganado.

bem-vinda

Antônio, de Caxias (RJ), quer saudar a sua filha que vai nascer com uma faixa de boas-vindas, e precisa saber se está certo escrever "Giovana Seja Benvinda".

Meu caro Antônio, a faixa para a sua filhinha deve ser assim escrita: **Giovana, seja bem-vinda!** – com **vírgula** depois do vocativo e **hífen** no composto. Assim ela já vai nascer sob o signo da linguagem correta, o que é sempre de bom augúrio. Abraço, e felicidades.

semi- e **multi-**

Pergunta a leitora Marlene, que trabalha numa empresa de material de segurança e está preparando a edição dos novos catálogos: o correto é escrever **semi-máscara** ou **semimáscara**? É **multigás** ou **multi-gás**? As revistas usam com hífen, mas ela não acredita.

Prezada Marlene, em primeiro lugar, é **semimáscara**, da mesma forma que **semidireto**, **semicolcheia**, **seminua**, **semimorto**, etc. (**semi** leva hífen só antes de "**h**" e de "**i**"). Para **multi**, o hífen está previsto antes de "**h**" ou de "**i**" (ainda não há vocábulos em que isso aconteça, mas um dia eles haverão de surgir). Em todos os demais casos, escrevemos sem hífen: **multifacetado**, **multimilionário**, **multifocal**, **multigás**. As revistas podem ser especializadas na área de segurança, mas não o são em Português.

pentacampeão

Lys Nunes Osório, de Canoas (RS), quer saber como se escreve: é **penta-campeão** ou **pentacampeão**?

Prezada Lys, escreva **pentacampeão**, sem hífen. Lembre que os prefixos numéricos – **bi**, **tri**, **tetra**, **penta**, **hexa**, etc. – só vão ter hífen antes de palavra começada por "**h**" ou pela vogal final de cada prefixo: **bi-harmônico**, **bi-iodeto**, **tri-hibridismo**, **penta-atleta**, **hexa-hidrato**. Em todos os demais casos, não serão hifenizados: **birreator**, **trifásico**, **hexadecimal**, **pentacampeão**, **bissexual**, etc.

soroteste

Lúcia quer saber se **soro teste** e **soro controle** se escrevem com hífen, juntas ou separadas. “Por analogia, de acordo com o **VOLP** (**sororreação**, **sororreagente** e outras), eu as usaria como sendo uma única palavra (juntas, sem hífen). Está correto?”

Minha cara Lúcia, você estava seguindo o caminho certo; se **sororreação** é tratado como vocábulo uno, podemos concluir que todos os demais compostos com o elemento **soro** também o serão: **soroteste**, **sorocontrole**, **sorocoagulação**, etc.

minirreforma

Vania, de Jaboticabal (SP), estranhou a seguinte manchete da *Gazeta Mercantil*: “A **minirreforma** deu mais poderes à Receita Federal”. O termo **minirreforma** está correto?

Prezada Vânia, o prefixoide **mini** (elemento que se assemelha a um prefixo verdadeiro) só admite hífen antes de “**h**” ou de “**i**”; é por isso que temos combinações como **minissaia**, **minissistema**, **minirreforma**, em que o “**s**” ou o “**r**” precisam ser duplicados para manter o som original.

ante-sala

Andréia Bueno, de Porto Alegre, ficou em dúvida quanto à grafia correta de **ante-sala**. O **Aurélio** dá **ante-sala**, mas o **Dicionário Universal**, on-line, aponta a forma **antessala**.

Prezada Andréia, o seu **Aurélio** deve ser anterior ao **Acordo**, quando realmente se escrevia **ante-sala**. Agora o prefixo **ante** só vai ter hífen antes de vocábulos começados por “**h**” ou por “**e**” (**ante-histórico**, **ante-estreia**). Em todos os demais casos, não será hifenizado: **antessala**, **antessacristia**, **antessocrático**. O **Dicionário Universal**, por ser on-line, sempre vai estar mais atualizado do que a versão em papel; lá você vai encontrar **antessala**.

megassena

Claudinei, de Piracicaba (SP), leu que o prefixo **mega** não é separado por hífen. “Se unirmos este prefixo a palavras iniciadas por **S**, devemos dobrar esta letra?”

Meu caro Claudinei, o prefixo **mega** só é seguido de hífen depois de “**h**” ou de “**a**”. Portanto, sempre que ele se juntar a vocábulo iniciado por “**s**”, essa letra deverá ser dobrada, para que não fique sozinha entre duas vogais: **megassistema**, **megassena**, **megassísmico**. Se escrevêssemos ***megasistema**, a leitura indicada seria /megazistema/, porque a letra “**s**” intervocálica representa o fonema /z/. Essa duplicação do “**s**” e do “**r**” iniciais, aliás, acontece também com qualquer outro prefixo que termine em vogal: **macrorregião**, **macrossistema**, **microssonda**, **ressurgir**, etc.

[**1**] MORENO & MARTINS. *Português para convencer*. São Paulo, Ática, 2006. p. 169.

4. Como se diz

A hesitação sobre a **grafia** de uma palavra é mais frequente que a hesitação sobre a sua **pronúncia**, o que é muito natural. O brasileiro sabe que existe um conjunto de normas e costumes que regem a escrita e sente que é socialmente condenável não se adequar a este grande consenso que transparece nos dicionários e nas gramáticas. Há quem diga que essa é uma tola preocupação com as aparências, mas os sábios há muito perceberam que as aparências têm muito mais importância do que se pensava. Cá entre nós: a não ser por razões muito especiais, ninguém quer escrever diferente do uso da maioria culta; bem pelo contrário, um texto correto e bem escrito nos deixa tão orgulhosos e confiantes quanto uma elegante roupa nova. Errar no papel é coisa séria: os textos que eu escrevo não se dissolvem no ar, como os sons da fala; podem ser guardados, arquivados, lidos e relidos indefinidamente – às vezes com olhos do bem, às vezes com olhos do mal. Daí o nosso cuidado.

A fala, no entanto, não tem essa existência duradoura (a não ser em registros gravados). Nosso aparelho fonador é um legítimo instrumento de sopro, e as notas que produzimos (os fonemas) duram o tempo fugaz de chegar aos nossos interlocutores. Ou, como disse muito melhor o bom Rafael Bluteau, nosso dicionarista do século XVIII, a palavra falada tem "o ar por corpo, a língua por mãe, e a boca por berço, mas com tão instantâneo descanso, que apenas nascida voa, e com tão breve vida, que logo nos ouvidos dos circunstantes se sepulta". Assim, sem a carne e o osso do papel, fica muito mais difícil comparar o uso das pessoas cultas para chegar a uma norma de **como dizer**. Se lembrarmos ainda que existem as variantes regionais de pronúncia, fica explicado por que temos uma norma ortográfica mas nunca teremos uma norma fonética. Os dicionários, as gramáticas, os professores, os usuários sabidos (e os que pensam que sabem...), todos apenas expressam **opiniões** – algumas certamente mais valiosas do que outras. Há questões centenárias: é **catéter** ou **cateter**? **Clítoris** ou **clitóris**? **Grelha** tem o /e/ aberto ou fechado? O plural de **caroço** é /caróços/? Há questões moderninhas: **xérox** ou **xerox**? **Récorde** ou **recorde**? **Subsídio** rima

com **suicídio** ou com **presídio**? Os autores se dividem, argumentam, explicam, e cabe ao usuário decidir-se por uma ou por outra proposta. No entanto, meu caro leitor, fique sempre atento a um sinal muito importante: neste mundo movediço da língua falada, todo aquele que expressar sua opinião de uma forma autoritária e imperial ("não pode!"; "está errado!"; "é proibido!"; etc.) sabe pouco ou quase nada; fuja dele e do que ele escreveu, porque essa atitude revela que lhe falta o mínimo de formação em Linguística para entender o problema.

Outra coisa: nunca se esqueça de que a fala vem primeiro, a escrita vem depois, isto é, ela é uma tentativa de representar, com sinais gráficos, uma realidade sonora. Portanto, não caia naquela falácia conhecida de basear-se na **grafia** para concluir que uma palavra deve ser **pronunciada** assim ou assado. Um bom exemplo é **colmeia**: até 1990, a regra mandava acentuar todas as ocorrências do ditongo aberto **éi**, tanto nas oxítonas quanto nas paroxítonas. Ora, muitos gramáticos conservadores alegavam que a pronúncia desse /e/ devia ser fechada, pois, se fosse aberta, o vocábulo seria acentuado. O raciocínio é exatamente o inverso: a gramática que mandava escrever **colmeia** estava apenas indicando que, na opinião de seu autor, aquela vogal devia ser fechada; eu sempre escrevi esta palavra **com** acento, pois acredito que a pronúncia seja com a vogal aberta, como pude comprovar ao longo de toda a minha vida (com o novo **Acordo**, a única **grafia** possível é **colmeia**, mas a discussão quanto a sua **pronúncia** permanece). Em suma: escrevemos **rubrica** sem acento porque, na pronúncia, a sílaba tônica é /bri/; ridículo seria fazer o raciocínio inverso e afirmar que a sílaba tônica é /bri/ porque a palavra não tem acento na escrita.

pronúncia dos encontros consonantais

Duas jovens leitoras da Paraíba divergem quanto à pronúncia corr nome **Ramsés**. Veja como devem ser pronunciados os encontros consonantais do Português.

Mestre, tenho 13 anos e gosto muito de ler. Como devo pronunciar o nome do faraó **Ramsés**? *É /ram–sés/ ou /rámi–sés/? Penso que o certo é da primeira forma e discuti com minha prima. Creio que da segunda forma parece pronúncia inglesa, não?*

Mariana – Campina Grande (PB)

Minha cara Mariana, as coisas não são tão simples quanto parecem. Sabe por que você e sua prima divergiram quanto a **Ramsés**? Porque aqui aparece aquele velho fantasma dos **encontros consonantais imperfeitos**. É um nome pouco empregado, hoje em dia (era usado pelos gramáticos de outrora), mas continua muito oportuno. Quando duas consoantes se encontram, ou formam um encontro consonantal **perfeito** (todo aquele cuja segunda consoante for "**r**" ou "**l**": **aBRaço**, **PLaca**, **PRova**, **TRova**, **aCLamar**, etc.), ou **imperfeito** (os demais: **aFTa**, **diGNo**, **PNeu**, **aDVogado**, **oBTurar**, etc. – geralmente em vocábulos de origem grega ou erudita).

Essa denominação de **perfeito** e **imperfeito**, claramente avaliativa, está ligada à facilidade ou à dificuldade de pronunciar esses encontros. Para podermos adequar os **imperfeitos** aos padrões fonológicos do Português, introduzimos, ao falar, uma vogal /i/ entre as duas consoantes, desmanchando assim o encontro e formando duas sílabas comuns: **aFTa** vira, na fala, /á-fi-ta/ (falando, tem o mesmo número de sílabas que **África**); **riTMo** vira /rí-ti-mo/; **PNeu** (ainda bem!) vira /pi-neu/. Não preciso dizer que essa vogal não se escreve; estou representando, entre as barras inclinadas, a maneira como **pronunciamos** esses vocábulos. Por causa dessa vogal extra, todas as palavras que têm encontros imperfeitos passam a ter, na fala, uma sílaba a mais que na escrita.

É claro que as pessoas mais cultas, ao usarem uma fala mais cuidada (**fala tensa**, como alguns chamam), tratam de manter o mais discreta possível essa vogalzinha. Eu pronuncio a segunda sílaba de /a-**di**-vo-ga-do/ com um /i/ mal e mal perceptível; muitos falantes, no entanto, carregam nesse fonema, e alguns, inclusive, tentam trocá-lo por /e/ (dizem algo assim como /a-DE-vo-ga-do/, erro típico dos pretensiosos de pouco estudo).

Sabe o que houve entre vocês duas? A pronúncia de ambas inclui esse pequeno /i/: o que você usa pode ser mais discreto, o dela pode ser mais aparente, **mas ambas o estão pronunciando**. Ambas estão dizendo /ra-**mi**-sés/, com **três**

sílabas. O Inglês, sim, que admite sílaba fechada por consoante, pronuncia /ram-ses/. Espero ter solucionado o problema.

optar, **indignar**

"Eu me **indigno**" – a pronúncia do verbo é /**indíguina**/ ou /**indiguina**

Professor, tenho uma grande dúvida quanto ao verbo **optar**. *Quando pergunto: "Vamos tomar um sorvete? Você* **opta** *por morango ou limão?", qual é a forma correta de pronunciar o verbo? É /ópta/ ou /opíta/? E a resposta seria: "Eu /ópito/ ou /opíto/ por limão"?*

Rose C.

Prezada Rose, quando pronunciamos os encontros consonantais chamados de **imperfeitos** (encontros de duas consoantes como **DV, PT, GN, TM, BT**, etc., como em **advogado, optar, digno, ritmo, obturar**), sempre intercalamos entre as duas consoantes um fonema vocálico (/i/), ficando mais ou menos assim a pronúncia: /adivogado/, /opitar/, /díguino/, /obiturar/. Já escrevi sobre isso no tópico anterior.

No caso do verbo **optar**, a conjugação é eu **opto** (/ópito/), tu **optas** (/ópitas/), etc. Note que essa vogalzinha de apoio, intrometida, nunca deverá ser pronunciada como se fosse **tônica – o que daria / *opíto/. Foi exatamente assim que nasceu outra forma esquisita que, com a vitalidade da erva daninha, está se alastrando entre os falantes mais jovens: o famigerado / *indiguino/, que já está contaminando / *resiguino/. Uma pessoa preocupada com sua formação, como você, deve dizer "eu /ópito/", "eu me /indíguino/", "eu me /resíguino/".**

recorde

Professor, em todos os livros de Português, vejo a palavra **recorde** *com a sílaba tônica assim: /reCORde/. Por que, então, nos telejornais (Globo, Record, Bandeirantes...) e em jornais de rádio, alguns conceituados como a Jovem Pan, além do Jô Soares, enfim... toda essa mídia, fala-se /REcorde/ (puxado com a fonética do inglês* **record***)? Que salada! Por favor, qual, afinal, é a forma correta?*

Geraldo

Meu caro Geraldo, não existe a "forma correta". Se você considerar (como eu e a maioria dos que escrevem sobre nosso idioma) o vocábulo como **já aportuguesado**, você vai defender a grafia **recorde** e a pronúncia /reCORde/; se, no entanto, ainda o considerar um vocábulo estrangeiro, vai escrever *record* e pronunciar /REcord/, com a tônica no **re**. Tanto no **Houaiss** quanto no **Aurélio** já se encontra a forma nacionalizada **recorde**, sem acento (portanto, paroxítona), com o "**e**" epentético no final. A hesitação, no entanto, é natural: todos os vocábulos estrangeiros que entram no Português passam por um tempo de indefinição, em que as forças mais progressistas defendem a forma adaptada e as forças conservadoras se plantam ainda na forma tradicional, estrangeira.

Agora, por que tanta gente na mídia prefere a forma em Inglês, isso eu não sei responder não; posso apenas especular que deve se tratar de uma tentativa de soar chique, sofisticado. A vizinha da minha avó costumava dizer que ia ao /restorã/, quando falava no **restaurante**; seu marido, para combinar, só tomava /vermu/ (em vez de **vermute**) doce. Pode?

micrômetro

Caro mestre, sou engenheiro, consultor de pintura industrial, trabalhei durante muito tempo como elaborador de normas técnicas brasileiras. A unidade de medida adotada para espessura de película de tinta é usualmente conhecida, no meio técnico, como **micrometro***, sem acento, correspondente à milionésima parte do* **metro***, enquanto a palavra* **micrômetro** *serve para identificar o aparelho de medida. Pergunto se tudo isso faz sentido, e se existe alguma norma para o caso.*

Alfredo J. R.

Meu caro Alfredo: acho que há um equívoco aqui. A milionésima parte do metro é também **micrômetro**. Não se trata de um **micro metro**, mas de uma unidade com a mesma **prosódia** (leia-se: posição da sílaba tônica) das outras unidades da mesma espécie: **centímetro**, **decímetro**, **milímetro**, etc. O aparelho

usado para medir também é **micrômetro**, da mesma forma que seus companheiros de função: **paquímetro**, **telêmetro**, **hodômetro**. Os dois vocábulos coincidiram; isso acontece. Agora, se no uso do pessoal técnico está começando a se criar uma diferença, então vamos esperar para ver. Se for funcional (minha intuição diz que não é), o sistema da língua vai incorporar a distinção.

nokia, nókia

Como é que se pronuncia **Nokia**? E a **Hilux**, a nova camioneta da T

Gostaria de saber a pronúncia correta da marca de telefone **Nokia**. *Liguei para a minha operadora de celular e a atendente insistiu que o correto é /nókia/, enquanto defendi que fosse /nokía/. Ela informou que essa foi a instrução que recebeu no treinamento. Vem ainda a marca de camionete* **Hilux**. *Em revendas de autopeças a briga é grande; na concessionária Toyota o pessoal pronuncia /railux/, enquanto outros dizem simplesmente /rilux/. Sem mais, agradeço.*

André P. – Cuiabá (MT)

Meu caro André, você deve perceber que sua dúvida é sobre a pronúncia de nomes estrangeiros, o que vai muito além do alcance de um professor de Português como eu. No entanto, acho que posso fornecer alguns dados para meditação. Os nomes comerciais de outros países devem, em princípio, ser pronunciados do jeito deles. Sei que os finlandeses dizem /nókia/, e assim eu pronuncio. No entanto, é normal que um leitor brasileiro aí tente aplicar o padrão fonológico habitual para vocábulos com essa grafia, que leva à leitura instintiva /nokía/. O jeito é esperar, para ver qual delas será a preferida. No caso da **Texaco**, por exemplo, venceu no Brasil a pronúncia /techaco/, bem diferente da /teksakou/ dos americanos. Já nos produtos **Cashemere Bouquet**, tradicionais patrocinadores de novelas de rádio, a pronúncia vitoriosa foi a mesma proposta pelos fabricantes; apesar de exigir uma leitura à francesa, a divulgação via rádio do nome tornou fácil sua aceitação por todos: /caximir buquê/.

Claro que está fora de questão aplicar a esses nomes as nossas exigências de acentuação gráfica ou de emprego das letras. Com marca estrangeira, cada um lê como sabe (ou acha que sabe); não é, portanto, de espantar que haja

divergências na pronúncia da nova **Hilux** da Toyota. Por falar nisso, como é que você pronuncia **Renault**? E **American Airlines**? E o "**air**" de **Air France**? E **Goodyear**? E quando você diz **Volkswagen**, o primeiro fonema que pronuncia é /f/ ou /v/? Pense sobre isso, e entenderá a minha mensagem.

O aberto ou fechado?

Veja como encontrar, no dicionário, uma informação que parece estar lá.

Caro Professor, qual é a pronúncia correta da palavra **isomorfo***? É /isomôrfo/ ou /isomórfo/? Sou professor de Matemática e, entre meus colegas, as duas formas de pronúncia são ouvidas. Aprendi a pronunciar /isomórfo/. Não encontrei nem no* **Aurélio** *nem no* **Houaiss** *a resposta para essa indagação.*

Aurélio S. – Curitiba (PR)

Prezado Aurélio, a informação está lá, sim, tanto no **Houaiss** quanto no **Aurélio**; você a viu, mas não se deu conta. É uma prática consagrada entre nossos dicionaristas, mas pouco conhecida pelos leitores, indicar, entre parênteses, quando a pronúncia for /ê/ ou /ô/ fechados; quando nada mencionam, é porque a pronúncia é /ó/ ou /é/. Dê uma olhada em **porta** ou **loja**, e depois em **mofo** ou **corvo**, e você vai ver que as vogais abertas são tomadas como *default*. Por isso, a pronúncia para o seu vocábulo é /isomórfo/; se fosse /isomôrfo/, o verbete traria a indicação /ô/.

O dicionário do **Houaiss**, que tem uma sólida e generosa seção sobre a técnica lexicográfica utilizada, deixa isso bem explicitado na seção *Campo da ortoépia e da pronúncia*, que fica no "Detalhamento dos verbetes" (na versão eletrônica, está dentro da "Ajuda/Conhecendo o Dicionário"; na versão papel, está na página XIX). Entretanto, em certos casos de pronúncia duvidosa, o **Houaiss** indica também entre parênteses o /é/ aberto: é o caso de **besta** (/é/), arma de arremessar setas, e **lobo** (/ó/), parte do cérebro ou da orelha, que se confundem com os homógrafos **besta** e **lobo**. Esse zelo foi estendido também àquelas palavras em que se verifica uma insistente pronúncia equivocada por

parte dos falantes; assumindo uma postura didática, o dicionário achou importante registrar, por exemplo, **cateter** (/tér/) e **ibero** (/bé/).

parámos

Veja uma das diferenças entre o Português falado aqui e o falado Portugal.

Prezado Professor, tive uma mestra de Português que iniciava suas aulas com a pergunta "Onde nós paramos?", que ela pronunciava /parámos/ – nesse caso, sua pronúncia era com a vogal aberta, diferente da usual. Existe uma explicação para isso?

Rodolfo K. – São Paulo (SP)

Meu caro Rodolfo, sim, há uma explicação: sua professora devia ser **cidadã portuguesa** (espero; se não, era tantã). No Português Europeu, o sistema flexional faz a nítida distinção (que nós, no Brasil, não temos) entre a 1ª pessoa do plural do **presente** e a do **pretérito perfeito**. Eles dizem (e escrevem) "Nós **compramos** tudo o que aparece" (presente) e "Nós **comprámos** todo o material na feira da semana passada" (pretérito). Essa possibilidade de distinguir entre os dois tempos do indicativo, aliás, é a mais notável das pouquíssimas diferenças entre o nosso sistema verbal e o dos nossos avós portugueses. Ela é tão significativa para o Português Europeu que o novo **Acordo** autoriza a manutenção daquele acento no "a" (**levámos**, **amámos**, etc.), desconhecido aqui no Brasil.

Pasárgada

Um estudante de Letras quer saber como se pronuncia o nome dessa lendária cidade, cantada por Manuel Bandeira.

Caro Professor, venho pedir uma solução para uma velha dúvida: qual a pronúncia da palavra **Pasárgada***, que aparece no famoso poema de Manuel Bandeira? Gostaria de saber se o "***s***" tem som de /z/ ou de /s/, pois nem meus professores souberam responder.*

Marcelo Nunes, estudante de Letras.

Meu caro Marcelo, a pronúncia é /pazárgada/, ao contrário do que muita gente pensa. Na minha experiência, o fato de ser descrita, no poema, uma cidade fantástica, com uma sociedade e uma paisagem paradisíacas, favorece a errônea associação com **pássaro**, o que levaria à pronúncia equivocada /passárgada/.

Você deve saber que o Manuel Bandeira não inventou a cidade; trata-se da lendária cidade de Ciro, fundada quase quinhentos anos antes de Cristo para ser a capital do Império Persa. Suas ruínas ainda podem ser visitadas, no Irã, a aproximadamente uns setenta quilômetros da não menos famosa Persépolis. A História imortalizou a grandeza de Pasárgada, com seus imensos monumentos espalhados por belos terraços e verdes jardins.

Não raras vezes, fãs desse poema (da poesia moderna brasileira, um de meus preferidos), quando informados sobre a verdadeira origem desse nome, declararam seu mais absoluto desapontamento; um deles, um estrangeiro extremamente culto, chegou a me acusar, amigavelmente, de ter destruído uma linda imagem que o poema lhe evocava, de uma cidade tropical, com palmeiras verdejantes e pássaros em profusão (talvez ele estivesse, sem perceber, sob a influência da maravilhosa **Canção do Exílio**, do Gonçalves Dias...).

De qualquer forma, há um testemunho incontestável: o próprio Manuel Bandeira chegou a gravar em disco o poema, deixando definida, com sua própria voz, a pronúncia /pazárgada/. Quem tiver curiosidade, pode ouvir sua interpretação em “http://www.culturabrasil.pro.br/bandeira.htm”, autêntica até nos chiados do velho disco de vinil. Uma última observação: professores do curso de Letras não poderiam desconhecer o que acabo de explicar.

pronúncia de **BMW**

Um leitor de São Paulo queria saber como se deve ler a marca alemã **BMW**: é /bê-ême-dáblio/ ou /bê-ême-vê/? Eu prefiro a primeira forma, baseado no que escrevi em **o nome do Y e do W**. Afinal, é o nosso hábito ignorar a origem das

siglas estrangeiras e atribuir-lhes uma leitura genuinamente nacional. Já falei nisso alhures, a propósito de **CD** (*Compact Disc*) e de **LP** (*Long Playing*), que entraram aqui pronunciadas como qualquer vocábulo nosso – /cedê/ e /elepê/ – e não /cidi/ ou /elpi/, como soam no Inglês.

Sei, no entanto, que muitos se opõem a essa pronúncia à brasileira, sustentando que a pronúncia deve seguir o Alemão, idioma nativo desta marca de carro: /bê-em-vê/. Os partidários dessa corrente citam o exemplo do simpático **DKW**, carro dos anos 60, que a maioria chamava de /dê-cá-vê/, e não /dê-cá-dáblio/. Admito que o exemplo é procedente; aliás, sempre me dispus a aceitar a mesma coisa também para o **BMW**. No entanto, contesto que as pessoas que dizem /bê-eme-vê/ o façam por fidelidade à língua alemã. Em primeiro lugar, leem o **M** como /eme/, não como /em/; em segundo lugar (e muito mais importante!), não usam aqui o nome da letra no Português ("dáblio") pela simples razão, que só agora me ocorreu, de que lemos o **W** de todas as siglas como /vê/: **WC**, para *water closet*, deveria ser lido /dâbliu-ci/, seguindo o Inglês, ou /dáblio-cê/, seguindo o Português, mas aqui é /vê-cê/ mesmo; **WO**, para *walkover* (no Inglês, uma corrida em que só há um cavalo inscrito e que só tem de cumprir a formalidade de caminhar pela pista, até ultrapassar a linha de chegada), deveria ser lido /dâbliu-ou/ ou /dáblio-ó/, mas aqui é /vê-ó/ mesmo. Ou seja: o nosso uso não segue exatamente o que a lógica indicaria, e sabemos que, em confrontos desse tipo, o uso é sempre soberano. Eu continuo pronunciando o nome de cada letra, em Português (/bê-eme-dáblio/), mas começo a sentir que essa não é a música que a maioria está dançando. Sou obrigado a admitir que a leitura /bê-eme-vê/, longe de ser estrangeira, também tem raiz nos hábitos e costumes de nosso idioma e, pelo que conheço de Linguística, vai terminar suplantando a outra, que é mais lógica do que intuitiva.

a pronúncia do **X**

Professor, minha pergunta é sobre a palavra **inexorável**. *A pronúncia correta da letra* **X**, *nesse caso, seria com som de /z/ ou de /cs/?*

Leonardo Alexandre

Meu caro Leonardo: você quer a pronúncia **correta**? Só posso dar a pronúncia **aconselhável** (ou **preferível**), porque nem tudo é sólido quando entramos no mundo dos sons. Podemos julgar isso por um simples detalhe: a correta maneira de pronunciar os sons da língua é chamada de **ortoepia** (do Grego *orthos*, “correto”, e *epos*, “palavra”) – vocábulo cuja pronúncia é controvertida, já que não poucos estudiosos preferem **ortoépia**. Ou seja: há controvérsia sobre a **pronúncia correta** da palavra que significa “pronúncia correta”. Deu para sentir?

É por esse motivo que procuramos, em dúvidas como a sua, ouvir a opinião de autoridades de reconhecida ciência e comprovado bom senso (é bom acrescentar aí uma pitada de bom gosto...). Quatro dos meus guias – **Houaiss**, **Aurélio**, **Celso Pedro Luft** e **Antenor Nascentes** – recomendam que o **X** de **inexorável** seja pronunciado como /z/, e não como /cs/ ou /cz/, como se pode ouvir às vezes. Olha, quando os quatro concordam, acho melhor segui-los respeitosamente.

P. S.: A propósito de pronúncia, o pouco lembrado **Dicionário da Academia Brasileira de Letras**, em quatro volumes, de autoria de Antenor Nascentes, é o único dicionário respeitável que traz, ao lado de cada vocábulo, a pronúncia que o autor sugere, indicada por meio de uma **transcrição fonética** simplificada.

/fécha/ ou **/fêcha/**?

Nunca saiu da minha cabeça uma dúvida: minha antiga professora de Português, na frase “fecha a porta”, pronunciava o verbo com o som do **E** *fechado, pois dizia que assim é a conjugação do verbo* **fechar**. *Está errado dizer* **fecha** *com o* **E** *aberto, rimando com* **mecha***?*

Júnia – Porto Alegre (RS)

Minha cara Júnia, confesso que eu também digo /fêcha/ a porta. É um cacoete dos professores de Português: a gramática tradicional recomenda assim, e nenhum de nós quer ser apanhado falando de outro jeito. Acho que é uma daquelas recomendações que já perderam o sentido, visto que todo o mundo diz

/fécha/. Eu, por dever de ofício (aliado a uma pitada de covardia), obrigo-me a conjugar o verbo **fechar** assim: /fêcho/, /fêchas/, /fêcha/, etc. No entanto, não corrijo meus alunos quando preferem a pronúncia com o **E** aberto. Lembre-se de que não existem **regras** sobre a pronúncia; apenas **recomendações**. Ao contrário da grafia, que segue uma norma específica (e olhe lá!), a **pronúncia** é uma área de grande diversidade regional. Neste imenso país que é o Brasil, uns assam na /grêlha/, outros na /grélha/; uns comem /quibébe/, outros /quibêbe/; uns metem o pé na /pôça/, outros na /póça/. É natural, portanto, que uns /fêchem/ e outros /féchem/ as portas.

P.S.: Não preciso dizer que as barras inclinadas indicam que estamos tratando da **pronúncia** desses vocábulos, e não de sua **grafia**.

xerox

A pronúncia de um vocábulo pode obedecer a um determinado est
da evolução de uma língua.

*Eu sempre disse xe***ROX** *(com a tônica na última sílaba), mas aqui no Tribunal já me corrigiram várias vezes para* **XÉ***rox. Afinal, qual é a forma correta? Leva ou não leva acento?*

“Secretária” – Londrina (PR)

É sempre mais complicado definir a forma correta de **pronunciar** uma palavra, minha cara Secretária. As pessoas sentem-se mais seguras no que se refere à escrita, porque esta, por sua própria função de registro, é mais estável – sem contar que existe, no Brasil, uma lei que (mal ou bem) ajuda a fixar uma grafia uniforme. Afinal, sempre podemos consultar o **vocabulário ortográfico** – um dicionário em que as palavras não são **definidas**, mas simplesmente relacionadas, numa grande lista, com a forma que a Academia considera correta. No que se refere à pronúncia, contudo, o falante precisa basear-se no exemplo das pessoas cultas e na opinião dos gramáticos e dos dicionaristas (faço questão de frisar: a pronúncia que um dicionário indica para uma determinada palavra representa apenas a opinião de seu autor; é uma opinião especializada, mas é uma opinião).

Entretanto, se examinar com cuidado as palavras e as frases de uma língua, um especialista em Fonologia pode ir além da simples opinião e estabelecer alguns fatos concretos sobre a organização intrínseca dos sons que a compõem – e, o que me parece mais importante, identificar quais são as tendências que essa língua apresenta no momento. Por exemplo, no caso do **xerox**, posso apontar uma tendência mais ou menos nítida, a partir dos anos 50, para os vocábulos terminados em **X** (na fala, algo como /cs/): até a primeira metade do século XX, eram unanimemente paroxítonos, isto é, com a tônica na penúltima, e com um indisfarçável caráter erudito. No **Aurélio**, entre outros, encontrei **tórax**, **bórax**, **clímax**, **córtex**, **látex**, **sílex**, **cóccix**, **fênix**, **ônix**.

De 1950 para cá, todavia, o modelo parece ter-se deslocado nitidamente: as palavras novas que entraram no Português desde então foram recebendo a tônica na sílaba final: **durex**, **inox**, **pirex**, **gumex**, **telex**, **jontex**, **relax**, **prafrentex**, **redox**. Não importa que muitas ainda sejam, ou tenham sido, nomes comerciais: os falantes dão-lhes instintivamente o padrão que a língua está usando neste momento para palavras com este perfil. Não tenho a menor dúvida de que todas as próximas que virão (e as palavras não param nunca de ingressar no nosso léxico) seguirão este padrão.

Como é que eu arrisco a data dos anos 50? Bem, aqui temos apenas mais uma confirmação de que a verdadeira análise linguística precisa levar em consideração o componente cultural e histórico da língua que está estudando. O **pirex** e o **inox**, por exemplo, apontam para o final da Segunda Guerra, como subprodutos do avanço tecnológico que o esforço bélico produziu. A eles eu acrescento um vocábulo que omiti nas relações acima: **dúplex**, o avô de nossas coberturas, em que um apartamento é ligado ao de cima por uma escada interna (naquela época, um dos símbolos de *status* da classe poderosa de Rio e São Paulo; alguns chegavam ao **clímax** ao adquirirem um **tríplex**). Ora, **dúplex** é uma palavra muito antiga, usada como sinônimo de **dúplice** ("convento **dúplex** – convento para frades e freiras", ensina Antenor Nascentes), portadora daquela nítida aura de palavra erudita e alatinada. Ao passar a denominar esse tipo de apartamento (que assim se chama até hoje), o vocábulo entrou verdadeiramente

na corrente sanguínea do Português e tomou a forma **duPLEX**. O **Aurélio**, com honestidade, registra, no verbete **dúplex**: “Pronuncia-se correntemente como oxítono”.

O **xerox** é recente, como o **telex**, e não vejo por que não seria pronunciado dessa forma. O **Houaiss** indica as duas – **xerox** e **xérox** –, dando preferência à primeira, enquanto o **Aurélio**, que também registra as duas, dá preferência à segunda. Isso está coerente com a orientação deste dicionário, que é excelente em muitos aspectos, mas nitidamente atrasado em sua orientação fonológica. A pronúncia **xérox** representaria uma volta ao molde que a própria língua já abandonou (que levaria a algo como ***télex**, ***dúrex**, ***pírex**). Por outro lado, entre as pessoas que dizem **xérox**, suspeito que algumas o façam numa tentativa equivocada de manter a pronúncia estrangeira, com todo aquele prestígio que o Inglês dá aos vocábulos tecnológicos; se for por isso, deram com os burros n’água, já que no Inglês a palavra soa /zírocs/, com a tônica no /zi/ e o /o/ bem aberto, como em **vovó**.

transar, **obséquio** e **subsídio**

Por que há certos vocábulos em que as regras de pronúncia da letr
parecem estar sendo desconsideradas?

Diferentes leitores escrevem sobre diferentes vocábulos, mas todos envolvendo o mesmo problema: a pronúncia da letra **S**. René, de São Paulo, implica com a grafia de **transar**: “Meu caro Mestre: a grafia não deveria ser **tranzar**? Aprendi, desde minha alfabetização, já faz muitos anos, que a letra **S** só tem o som de /z/ quando está **entre vogais**. Ora, se vejo escrita a palavra **transar** e escuto na TV falarem /tranzar/, alguma coisa deve estar errada”.

A leitora Gisele F., por sua vez, estranha a pronúncia de **obséquio**: “Professor, por que o **S** de **obséquio** é pronunciado como um /z/?”

Por último, Ezequiel G., do Rio de Janeiro, quer saber como deve pronunciar **subsídio**: “Prezado Professor, gostaria que esclarecesse a minha dúvida a respeito da pronúncia da palavra **subsídio**. O **S** tem som de /z/ ou de /s/?”.

Meus caros amigos, é um princípio geral de nosso sistema ortográfico que o

S depois de consoante tenha sempre o som de /s/: **observar**, **subsolo**, **absoluto**, **imprensa**, **denso**, **lapso**. Nessa posição, o **S** só vai ter o som de /z/ em **obséquio** (e derivados) e nos vocábulos formados com **trans-**: **transa**, **transação**, **transacionar**, **transalpino**, **transandino**, **transamazônico**, **transatlântico**, **transoceânico**, **transe**, **transeunte**, **trânsito**, **transigir**, **transição**, **transistor**. Notem que isso só **não** acontece quando o vocábulo originário começa por /s/: **transaariano** (trans + Saara), **transecção**, (trans + secção), **transecular**, (trans + secular), **transexual** (trans + sexual) – em todos estes fica mantida a pronúncia /s/.

Por que **obséquio** e **transar** se afastam do princípio geral? Podemos descobrir aqui a influência de alguns fatores fonológicos, mas o problema ainda permanece obscuro. Digamos que são idiossincrasias de nosso idioma; cada língua tem as suas manias (o Inglês tem muitas, o Português quase nada – por incrível que possa parecer ao observador leigo).

Afora esses dois casos, há outros que começam pouco a pouco a despontar, embora ainda sejam repelidos pela fala culta. O primeiro é **subsídio**. A pronúncia do **S** em **subsolo**, **subsequente**, **subserviente**, **subsistema** aponta para a pronúncia /subcídio/, /subcidiar/. É assim que as gramáticas e os dicionários recomendam, e assim devemos usar na fala cuidada, consciente, de banho tomado e de cabelo penteado. É impossível negar, contudo, que a tendência natural dos falantes é dizer /subzídio/. Eu diria que 95% das pessoas que usam o vocábulo preferem o som de /z/, e isso é **muito** significativo, não pela força da estatística, mas porque revela a atuação de alguma força concreta e irresistível. Será a mesma que leva os falantes (eu, inclusive) a pronunciar como /z/ o **S** de **subsistência**, **subsistir**, contrariando a lição do próprio Aurélio, que recomenda a pronúncia /subcistência/, /subcistir/, rimando com **assistência** e **assistir**? Ou aqui é apenas um caso isolado, que sofre a influência de **existência**, **existir**? Não sei dizer, mas mantenho o ouvido atento; o futuro vai nos mostrar qual é a tendência da língua.

os sons do **X**

Uma professora veio em busca de nove sons para a letra **X**, mas a
levando apenas cinco.

Olá, Professor, conheço **cinco** *sons diferentes para o* **X***, mas fiquei sabendo que são* **nove**. *Seria possível alguma orientação a respeito?*

Marta T., professora

Prezada Marta, sua pergunta tem uma pequena imprecisão inicial, que vou eliminar por minha conta e risco: quando você menciona "os sons do X", imagino que se trate da relação entre a **letra X** e os **fonemas** que ela pode representar, em nosso sistema ortográfico (estamos dentro da **Fonologia**). Por ser técnica demais, exclusiva dos cursos de pós-graduação, estou deixando de lado a hipótese de que você estaria pedindo informações sobre as várias maneiras que temos de pronunciar o /x/ (estaríamos dentro da **Fonética**).

Pois bem: a letra **X** pode ter **cinco** valores diferentes (se considerarmos os casos em que ela é **muda**):

(1) representa duas consoantes (/ks/): **sexo**, **conexão**, **maxilar**;

(2) representa a consoante /s/: **máximo**, **auxílio**, **próximo**;

(3) representa a consoante /z/: **exato**, **exame**, **êxito**;

(4) representa a consoante /x/: **abacaxi**, **paixão**, **xarope**;

(5) tem apenas valor etimológico; não representa fonema algum: **exsudação** (/eçudação/), **exceção** (/eceção/), **exsicar** (/ecicar/).

Lembre que o fonema /s/ **final** tem diferentes maneiras de ser realizado **foneticamente**, dependendo da região do Brasil a que pertença o falante; isso fica mais do que evidente quando comparamos a maneira como um gaúcho e um carioca pronunciam vocábulos como **dois** ou **vocês** – enquanto um sibila, o outro chia. Ora, é natural, portanto, que este fonema /s/ final, quando estiver representado pela letra **X** – como em **cóccix** ou no prefixo **ex-**, que já virou substantivo para designar o companheiro, namorado ou cônjuge anterior –, apresente as mesmas diferenças regionais de pronúncia, sem que isso signifique novos valores para a letra **X**, já que o fonema continua sendo o mesmo.

Não é nada simples essa diferença entre **Fonética** e **Fonologia**, mas você

pode ter certeza de que a base do sistema ortográfico é a **Fonologia**. Um foneticista vai distinguir diversas maneiras de pronunciar o /r/ inicial de **rato**. Para um fonólogo, no entanto, não passam de variantes do mesmo fonema; da mesma forma, para mim e para você – os usuários do idioma – não importam essas variantes na pronúncia, porque todos vamos representar esse som pela letra **R**. Faço esse comentário porque fiquei preocupado com a afirmativa de que seriam **nove** os valores do **X**, quando, na verdade, são apenas **cinco**.

pronúncia de **Roraima**

Caríssimo Doutor, sou um apaixonado pela língua portuguesa e, de fato, sempre fui um ótimo aluno na disciplina. Porém, reconheço que praticamente nada sei e que muito tenho a aprender. Gostaria de saber se existe uma forma correta de pronunciar nomes como **Jaime***,* **Janaína** *ou* **Roraima** *– isto é, se a primeira sílaba deve soar como /ja/ ou como /jã/. Certo de que receberei sua atenção, desde já agradeço.*

Pedro da Gama – Porto Alegre (RS)

Meu caro Pedro, não existe regra sobre a pronúncia do Português, o que, aliás, facilmente se explica: na evolução da espécie humana, a fala precede, em centenas de milhares de anos, a escrita. Esta sim, por ser uma simples convenção entre as pessoas que a utilizam, pode ser objeto de um sistema de regras (o qual, no Brasil, já foi modificado várias vezes). A Fonologia e a Fonética estudam "**como**" as pessoas falam, descrevendo os fenômenos com a mesma imparcialidade que a Biologia tenta descrever as formas de vida. Por isso, assim como não se pode falar de **certo** e **errado** na Natureza, não existe uma forma de determinar o que é certo ou errado na pronúncia (como algumas sumidades andam fazendo por aí, exatamente por lhes faltar um maior embasamento linguístico). Posso, isso sim, apontar **diferenças regionais** de pronúncia (um bom exemplo é o /s/ final no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro, completamente diferentes), ou comparar pronúncias que são **sociolinguisticamente condicionadas** (fala popular x fala culta, fala infantil x fala adulta, etc.).

No caso específico da sua pergunta, Pedro, há duas maneiras de pronunciar aquele **A** antes de nasal: eu digo /câma/, /jâime/ e /rorâima/, mas /jánaína/ e /bánana/. Caetano Veloso diz /bânana/, e não sei como pronuncia **Roraima** ou **Jaime**. O pessoal da Rede Globo gosta muito de /roráima/ e de /jáime/. Lembro que essa variação é muito mais comum do que se pensa; um leitor sergipano ficou espantado quando eu disse que o **O**, apesar de ser aberto em **porta**, fechava nos seus derivados (**porteiro**, **portaria**, **portal**, etc.): para ele e seus amigos, a prática é dizer /pôrteiro/, mas /pórtal/ e /pórtaria/!

Por isso, cada um de nós escolhe a maneira de falar; isso vai nos identificar tanto quanto a roupa que preferimos vestir ou a comida com que procuramos nos alimentar. Eu sou gaúcho, e tento falar, vestir e comer como gaúcho – mas é apenas uma questão de escolha pessoal.

Curtas

outrem

Caro professor Moreno, gostaria que esclarecesse qual é a pronúncia correta da palavra **outrem***: /ôutrem/ ou /outrém/? Pode justificar as razões de sua opinião? Pessoalmente acho que é a segunda forma a correta. Estou certo?*

Luiz Antonio M. – Campinas

Sinto dizer, meu caro Luiz, mas você **não** está certo; a pronúncia realmente é /ôutrem/. Se **outrem** fosse oxítona, como você afirma, teria acento na última sílaba, como **ninguém** ou **porém**. Agora, por que é assim? Não há porquês para a prosódia (a correta posição da sílaba tônica dos vocábulos); ela vai se fixando ao longo dos séculos, ao sabor deste plebiscito silencioso de que participam todos os falantes.

pronúncia de **ruim**

Gabriel, de Maringá, gostaria de saber se **ruim** deve ser pronunciado

tônico no /**ru**/ ou no /**im**/, ou se não há regras para isso.

Meu caro Gabriel, não existem regras para a **pronúncia**, você sabe. O que temos são costumes tradicionalmente aceitos pela maioria dos falantes cultos – e isso se torna uma espécie de norma não-escrita. A forma elegante de pronunciar esse vocábulo é com **duas sílabas** (é um hiato), sendo tônico o "**i**": /ru-ím/. Contudo, na fala não-tensa, grande parte dos brasileiros (eu me incluo nesse grupo) pronuncia **ruim** como um monossílabo, com o **U** tônico (/rúim/).

pronúncia de **persuasão**

> Daniella M., de Camboriú (SC), quer saber a pronúncia correta da palavra **persuasão**.

Minha cara Daniela, não vejo onde pode estar sua dúvida. Pronuncia a primeira parte (**persu-**) como **persa**; na parte restante, (**-asão**) o **S** está entre duas vogais e tem, consequentemente, o som de /z/: /perçuazão/. Abraço.

mas, **mais**

> Manoel Alves de Castilho, do Rio de Janeiro, gostaria de saber como devemos usar corretamente as palavras **mas** e **mais**, porque, diz ele, muita gente boa tem dúvidas quanto ao uso delas.

Meu caro Manoel, essa confusão só se dá, basicamente, no falar carioca, em que a conjunção **mas** é pronunciada algo assim como /maix/. No Rio Grande do Sul, por exemplo, onde se fala /más/, ela se distingue perfeitamente do **mais**. No seu caso, o remédio é lembrar sempre que você só pode escrever **mais** onde poderia escrever **menos**, que é o seu antônimo: "Ela não veio, **mas** mandou um recado" (não cabe **menos**); "ela corre **mais** que a irmã" (aqui sim). É o que posso dizer para ajudá-lo.

alfabeto fonético

> A leitora Larcy, de São Paulo, quer saber mais sobre aquelas "letras

> estranhas" que nos ensinam a dizer corretamente cada palavra, no dicionário Inglês-Português. Gostaria de saber se aquilo é um código universal ou uma espécie de **alfabeto fonético**. "Se for universal, será fácil ler uma palavra em qualquer idioma ..."

Minha cara Larcy, muitos dicionários indicam a pronúncia usando o **Alfabeto Fonético Internacional**, um conjunto de símbolos utilizados pelos linguistas para descrever todos os sons que ocorrem em todas as línguas do mundo (mesmo as mais exóticas – indígenas, orientais, etc.). Eu, particularmente, não gosto dessa prática, porque os sinais são desconhecidos da maioria dos leitores e terminam não ajudando em nada. Outros dicionários, mais espertos, usam um conjunto adaptado de símbolos, mantendo sempre à vista de seu leitor uma tabela de comparações ("a" como em **vale**; "o" como em **bola**; "o" como em **cor**; etc.). O **American Heritage**, por exemplo (que eu uso na versão eletrônica), faz isso com bom resultado.

Cláudio Moreno nasceu na cidade de Rio Grande (RS). No final dos anos 60, concluiu o curso de Letras da UFRGS, com habilitação em Português e Grego. Em 1972 ingressou como docente no Instituto de Letras da mesma universidade, tendo sido responsável por várias disciplinas nos cursos de Letras e de Jornalismo, assim como pela disciplina de Redação para os cursos de Pós-Graduação de Medicina. Em 1977, concluiu o mestrado em Língua Portuguesa com a dissertação *Os diminutivos em -inho e -zinho e a delimitação do vocábulo nominal no Português*; em 1997, obteve o título de Doutor em Letras com a tese *Morfologia nominal do Português*. Do jardim-de-infância à universidade, estudou toda sua vida em escolas públicas e gratuitas, razão pela qual, sentindo-se em dívida para com aqueles que indiretamente custearam sua educação, resolveu criar e manter o sítio **www.sualingua.com.br** como uma pequena retribuição por aquilo que recebeu.

Coordena, atualmente, a área de Língua Portuguesa dos colégios Leonardo da Vinci Alfa e Beta, de Porto Alegre, do Sistema Unificado de Ensino. É professor regular das Teleaulas de Língua Portuguesa da Universidade Estácio de Sá, do Rio de Janeiro. Na imprensa, assinou uma coluna mensal sobre etimologia na revista *Mundo Estranho*, da Abril, e escreve regularmente no jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, onde mantém uma seção sobre Mitologia Clássica e outra sobre questões de nosso idioma.

Publicou, em coautoria, livros sobre a área da redação – *Redação técnica* (Formação), *Curso básico de redação* (Ática) e *Português para convencer* (Ática). Sobre gramática, publicou o *Guia prático do Português correto* pela L&PM Editores, em quatro volumes: *Ortografia* (2003), *Morfologia* (2004), *Sintaxe* (2005) e *Pontuação* (2010). Pela mesma editora, lançou *O prazer das palavras* – v.1 (2007) e v.2 (2008), com artigos sobre etimologia e curiosidades de nosso idioma. Além disso, é o autor do romance *Troia* (2004) e de dois livros de crônicas sobre Mitologia Clássica, *Um rio que vem da Grécia* (2004) e *100 lições para viver melhor* (2008), todos pela L&PM Editores.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Projeto gráfico e capa: Ana Cláudia Gruszynski
Revisão: Bianca Pasqualini, Jó Saldanha e Patrícia Yurgel
Revisão final: Cláudio Moreno

M843g

Moreno, Cláudio
Guia prático do português correto: ortografia/ Cláudio Moreno. – Porto Alegre: L&PM, 2011.
(Coleção L&PM POCKET; v. 336)

ISBN 978.85.254.2329-0

1.Português-ortografia. I.Título. II.Série.
CDU 801.3=690(035)

Catalogação elaborada por Izabel A. Merlo, CRB 10/329.

© Cláudio Moreno, 2004

e-mail do autor: **cmoreno@terra.com.br**
Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores
Rua Comendador Coruja 314, loja 9 – Floresta – 90220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-5380

Pedidos & Depto. Comercial: **vendas@lpm.com.br**
Fale conosco: **info@lpm.com.br**
www.lpm.com.br

Exercícios com Gabarito de Português Artigo, Pronome e Numeral

1) (Fatec-2002) Texto I
Então Macunaíma pôs reparo numa criadinha com um vestido de linho amarelo pintado com extrato de tatajuba. Ela já ia atravessando atravessando o corgo pelo pau. Depois dela passar o herói gritou pra pinguela:
- Viu alguma coisa, pau?
- Via a graça dela!
- Quá! quá! quá quaquá!...
Macunaíma deu uma grande gargalhada. Então seguiu atrás do par. Eles já tinham brincado e descansavam na beira da lagoa. A moça estava sentada na borda duma igarité encalhada na praia. Toda nua inda do banho comia tambiús vivos, se rindo pro rapaz. Ele deitara de bruços na água rente dos pés da moça e tirava os lambarizinhos da lagoa pra ela comer. A crilada das ondas amontoava nas costas dele porém escorregando no corpo nu molhado caía de novo na lagoa com risadinhas de pingos. A moça batia com os pés n'água e era feito um repuxo roubado da Luna espirrando jeitoso, cegando o rapaz. Então ele enfiava a cabeça na lagoa e trazia a boca cheia de água. A moça apertava com os pés as bochechas dele e recebia o jato em cheio na barriga, assim. A brisa fiava a cabeleira da moça esticando de um em um os fios lisos na cara dela. O moço pôs reparo nisso. Firmando o queixo no joelho da companheira ergueu o busto da água, estirou o braço pro alto e principiou tirando os cabelos da cara da moça pra que ela pudesse comer sossegada
os tambiús. Então pra agradecer ela enfiou três lambarizinhos na boca dele e rindo muito fastou o joelho depressa. O busto do rapaz não teve apoio mais e ele no sufragante focinhou n'água até o fundo, a moça inda forçando o pescoço dele com os pés. Ele ia escorregando sem perceber de tanta graça que achava na vida. Ia escorregando e afinal a canoa virou. Pois deixai ela virar! A moça levou um tombo engraçado por cima do rapaz e ele enrolou-se nela talqualmente um apuizeiro carinhoso. Todos os tambiús fugiram enquanto os dois brincavam n'água outra vez.
(Mário de Andrade, Macunaíma. O herói sem nenhum caráter)

Texto II
De outras e muitas grandezas vos poderíamos ilustrar, senhoras Amazonas, não fora persignar demasiado esta epístola; todavia, com afirmar-vos que esta é, por sem dúvida, a mais bela cidade terráquea, muito hemos feito em favor destes homens de prol. Mas cair-nos-iam as faces, si ocultáramos no silêncio, uma curiosidade original deste povo. Ora sabereis que a sua riqueza de expressão intelectual é tão prodigiosa, que falam numa língua e escrevem noutra. Assim chegado a estas plagas hospitalares, nos demos ao trabalho de bem nos inteirarmos da etnologia da terra, e dentre muita surpresa e assombro que se nos deparou, por certo não foi das menores tal originalidade lingüística. Nas conversas utilizam-se os paulistanos dum linguajar bárbaro e multifário, crasso de feição e impuro na vernaculidade, mas que não deixa de ter o seu sabor e força nas apóstrofes, e também nas vozes do brincar. Destas e daquelas nos inteiramos, solícito; e nos será grata empresa vo-las ensinarmos aí chegado. Mas si de tal desprezível língua se utilizam
na conversação os naturais desta terra, logo que tomam da pena, se despojam de tanta asperidade, e surge o Homem Latino, de Lineu, exprimindo-se numa outra linguagem, mui próxima da vergiliana, no dizer dum panegirista, meigo idioma, que, com imperecível galhardia, se intitula: língua de Camões! De tal originalidade e riqueza vos há-de ser grato ter ciência, e mais ainda vos espantareis com saberdes, que à grande e quase total maioria, nem essas duas línguas bastam, senão que se enriquecem do mais lídimo italiano, por mais musical e gracioso, e que por todos os recantos da urbs é versado.
(Mário de Andrade, Macunaíma. O herói sem nenhum caráter)

Assinale a alternativa que transcreve e converte, correta e respectivamente, a frase do registro coloquial da linguagem, extraída do Texto I, em seu correspondente na modalidade culta.
a) "*Pois deixai ela virar*" / "Pois deixa-a virar".
b) "*Ele deitara de bruços na água*" / "Ele tinha deitado de bruços na água".
c) "*Depois dela passar*" / "Depois de ela passar".
d) "*ele enrolou-se nela talqualmente um apuizeiro carinhoso*" / "ele enrolou-se nela mesmo sendo um apuizeiro carinhoso".
e) "*Ia escorregando e afinal a canoa virou*" / "Ia escorregando e até que enfim a canoa virou".

2) (FGV-2005) No quarto parágrafo, é possível acrescentar uma preposição combinada com um artigo. Qual é a combinação? Em que frase ela pode aparecer? Justifique.

1. HORA DA SESTA. Um grande silêncio no casarão.
2. Faz sol, depois de uma semana de dias sombrios e úmidos.
3. Clarissa abre um livro para ler. Mas o silêncio é tão grande que, inquieta, ela torna a pôr o
4. volume na prateleira, ergue-se e vai até a janela, para ver um pouco de vida.
5. Na frente da farmácia está um homem metido num grosso sobretudo cor de chumbo. Um
6. cachorro magro atravessa a rua. A mulher do coletor aparece à janela. Um rapaz de pés
7. descalços entra na Panificadora.
8. Clarissa olha para o céu, que é dum azul tímido e desbotado, olha para as sombras fracas
9. sobre a rua e depois se volta para dentro do quarto.

10. Aqui faz frio. Lá no fundo do espelho está uma Clarissa indecisa, parada, braços caídos,
11. esperando. Mas esperando quê?
12. Clarissa recorda. Foi no verão. Todos no casarão dormiam. As moscas dançavam no ar,
13. zumbindo. Fazia um solão terrível, amarelo e quente. No seu quarto, Clarissa não sabia que
14. fazer. De repente pensou numa travessura. Mamãe guardava no sótão as suas latas de
15. doce, os seus bolinhos e os seus pães que deviam durar toda a semana. Era proibido entrar
16. lá. Quem entrava, dos pequenos, corria o risco de levar palmadas no lugar de
17. costume.
18. Mas o silêncio da sesta estava cheio de convites traiçoeiros. Clarissa ficou pensando.
19. Lembrou-se de que a chave da porta da cozinha servia no quartinho do sótão.
20. Foi buscá-la na ponta dos pés. Encontrou-a no lugar. Subiu as escadas devagarinho. Os
21. degraus rangiam e a cada rangido ela levava um sustinho que a fazia estremecer.
22. Clarissa subia, com a grande chave na mão. Ninguém... Silêncio...
23. Diante da porta do sótão, parou, com o coração aos pulos. Experimentou a chave. A
24. princípio não entrava bem na fechadura. Depois entrou. Com muita cautela, abriu a porta e
25. se viu no meio duma escuridão perfumada, duma escuridão fresca que cheirava a doces,
26. bolinhos e pão.
27. Comeu muito. Desceu cheia de medo. No outro dia D. Clemência descobriu a violação, e
28. Clarissa levou meia dúzia de palmadas.
29. Agora ela recorda... E de repente se faz uma grande claridade, ela tem a grande idéia. “A
30. chave da cozinha serve na porta do quarto do sótão.” O quarto de Vasco fica no sótão...
31. Vasco está no escritório... Todos dormem... Oh!
32. E se ela fosse buscar a chave da cozinha e subisse, entrasse no quarto de Vasco e
33. descobrisse o grande mistério?
34. Não. Não sou mais criança. Não. Não fica direito uma moça entrar no quarto dum rapaz.
35. Mas ele não está lá... que mal faz? Mesmo que estivesse, é teu primo. Sim, não sejas
36. medrosa. Vamos. Não. Não vou. Podem ver. Que é que vão pensar? Subo a escada,
37. alguém me vê, pergunta: “Aonde vais, Clarissa?” Ora, vou até o quartinho das malas.
38. Pronto. Ninguém pode desconfiar. Vou. Não, não vou. Vou, sim!

(Porto Alegre: Globo, 1981. pp. 132-133)

3) (Fuvest-2000) As duas manas Lousadas! Secas, escuras e gárrulas como cigarras, desde longos anos, em Oliveira, eram elas as esquadrinhadoras de todas as vidas, as espalhadoras de todas as maledicências, as tecedeiras de todas as intrigas. E na desditosa cidade, não existia nódoa, pecha, bule rachado, coração dorido, algibeira arrasada, janela entreaberta, poeira a um canto, vulto a uma esquina, bolo encomendado nas Matildes, que seus olhinhos furantes de azeviche sujo não descortinassem e que sua solta língua, entre os dentes ralos, não comentasse com malícia estridente.
(Eça de Queirós, A ilustre Casa de Ramires)

No texto, o emprego de artigos definidos e a omissão de artigos indefinidos têm como efeito, respectivamente,
a) atribuir às personagens traços negativos de caráter; apontar Oliveira como cidade onde tudo acontece.
b) acentuar a exclusividade do comportamento típico das personagens; marcar a generalidade das situações que são objeto de seus comentários.
c) definir a conduta das duas irmãs como criticável; colocá-las como responsáveis pela maioria dos acontecimentos na cidade.
d) particularizar a maneira de ser das manas Lousadas; situá-las numa cidade onde são famosas pela maledicência.
e) associar as ações das duas irmãs; enfatizar seu livre acesso a qualquer ambiente na cidade.

4) (Mack-2005) Eu também já fui brasileiro
moreno como vocês.
Ponteei viola, guiei forde
e aprendi na mesa dos bares
que o nacionalismo é uma virtude.
Mas há uma hora em que os bares se fecham
e todas as virtudes se negam.
Carlos Drummond de Andrade

Assinale a afirmativa correta.
a) Do segundo ao quinto verso, detalha-se o sentido de fui brasileiro (primeiro verso).
b) A palavra também (primeiro verso) é índice de um pressuposto: todos os leitores são brasileiros.
c) O modo e o tempo de todos os verbos indicam ações inconclusas no passado.
d) No trecho há uma hora em que os bares se fecham (sexto verso) ocorre ambigüidade: uma pode ser artigo indefinido ou numeral.
e) Os termos bares (quarto verso), viola e forde (terceiro verso) são complementos verbais.

5) (UECE-2002) OUTRO NOME DO RACISMO

Odeio surtos de bom-mocismo, remorsos súbitos, arrastões morais. Abomino a retórica politicamente

correta, paternalismos vesgos, equívocos bem-intencionados.
Assisto pois com fastio e espanto às discussões sobre a implantação de um sistema de cotas, na universidade, para estudantes de pele negra. No Ceará, baseado no mesmo voluntarismo míope, tramita na Assembléia projeto que garante cotas no vestibular para estudantes da escola pública. As duas propostas padecem do mesmo pecado original: pretendem remediar uma injustiça histórica através de outra.
A perversa desigualdade brasileira tem raízes profundas, construídas ao longo de 500 anos de exploração, preconceito e exclusão. Portanto, não será resolvida na base de decretos e canetadas oficiais. O tal sistema de cotas aponta no alvo errado. Em vez de combater o problema em suas causas primeiras, procura apaziguar nossas consciências cívicas investindo contra o que, na verdade, é só uma conseqüência.
Se queremos, de fato, estabelecer políticas compensatórias a favor dos excluídos, que apontemos então nossa indignação para o coração da desigualdade: é preciso investir maciçamente na educação básica, elevando efetivamente o nível da escola pública.
Ao adotarmos cotas e cursinhos pré-universitários exclusivos para negros, estaríamos na verdade estabelecendo um retrocesso histórico, institucionalizando o questionável conceito de raça. Ressuscitaríamos assim, quem sabe, as teses de Nina Rodrigues. Reforçaríamos a idéia anacrônica de que as raças são naturais e, por conseqüência, que uma pode realmente ser superior às outras. Assim, só alimentaríamos ainda mais o preconceito. Oficializaríamos o gueto e a discriminação.
Os adeptos da idéia se defendem com nova pérola do pensamento politicamente correto. Falam de uma tal ''discriminação positiva''. Em bom português, não passa de uma outra forma de racismo. Um racismo às avessas. Mas o mais puro e insuportável racismo.
(Lira Neto. O POVO: 14/9/2001)

Os complementos de *Odeio* e *Abomino* apresentam o mesmo tipo de estrutura sintática: uma série de três sintagmas nominais. Esse paralelismo entre as duas construções é quebrado apenas pela forma do sintagma *a retórica politicamente correta*, o qual se diferencia dos outros por estar no singular e por ser determinado pelo artigo definido *a*. Pode-se inferir daí que o autor considera *a retórica politicamente correta* um fato
a) amplamente conhecido
b) de menor importância
c) pouco comum
d) de grande importância

6) (UFRJ-1996) Na verdade, à primeira vista, seu aspecto era de um velho como tantos outros, de idade indefinida, rugas, cabelos brancos, uma barba que lhe dará um vago ar de sabedoria e respeitabilidade. Mas uma certa agilidade e o porte ereto darão a impressão de que, apesar da aparência de velho, o viajante guardará o vigor da juventude. E os olhos... ah, o brilho dos olhos será absolutamente sem idade, um brilho deslumbrado como o de um bebê, curioso como o de um menino, desafiador como o de um jovem, sábio como o de um homem maduro, maroto como o de um velhinho bem-humorado que conseguisse somar tudo isso.
(MACHADO, Ana Maria. O CANTO DA PRAÇA. Rio de Janeiro: Salamandra, 1986.)

Confronte os trechos destacados nos trechos A e B.
A
"apesar da aparência DE VELHO"
B
"seu aspecto era DE UM VELHO COMO TANTOS OUTROS"
"maroto como o DE UM VELHINHO BEM-HUMORADO"

a) Como se justifica a ausência de artigo no trecho destacado no trecho A?
b) No trecho B, o artigo indefinido tem seu sentido reiterado em um dos dois trechos destacados.
Que recurso lingüístico é responsável por essa reiteração? Explique sua resposta.

7) (Cesgranrio-1994) REFLEXIVO

O que não escrevi, calou-me.
O que não fiz, partiu-me.
O que não senti, doeu-se.
O que não vivi, morreu-se.
O que adiei, adeus-se.
(Affonso Romano de Sant'Anna)

Assinale a classificação gramatical correta para os vocábulos 'O' e 'se':
"O que adiei, adeus-se" (2º parágrafo)

a) artigo - pronome reflexivo.
b) pronome pessoal oblíquo - pronome apassivador.
c) pronome pessoal oblíquo - pronome reflexivo.
d) pronome demonstrativo - palavra de realce.
e) pronome demonstrativo - pronome apassivador.

8) (Cesgranrio-1994) Assinale a opção em que o emprego do pronome pessoal NÃO obedece à norma culta da língua.

a) A imagem do país para si mesmo é satisfatória.
b) Levou consigo as mágoas da nação.
c) Vim falar consigo sobre as violências recentes.
d) Para mim, violar as leis é inadmissível.
e) Resolvemos discutir as questões para eu não ficar alheio às dificuldades dos fatos.

9) (Enem Cancelado-2009) Vera, Sílvia e Emília saíram para passear pela chácara com Irene.

- A **senhora** tem um jardim deslumbrante, dona Irene!— comenta Sílvia, maravilhada diante dos
canteiros de rosas e hortênsias.
- Para começar, deixe o "senhora" de lado e esqueça o "dona" também — diz Irene, sorrindo. — Já é um custo agüentar a Vera me chamando de “tia" o tempo todo. Meu nome é Irene.
Todas sorriem. Irene prossegue:
- Agradeço os elogios para o jardim, só que **você** vai ter de fazê-los para a Eulália, que é quem cuida das flores. Eu sou um fracasso na jardinagem.
BAGNO, M. **A língua de Eulália: Novela Sociolingüística.** São Paulo: Contexto, 2003 (adaptado).

Na língua “portuguesa, a escolha por ‘Você” ou "senhor (a)" denota o grau de liberdade ou de respeito que deve haver entre os interlocutores. No diálogo apresentado acima, observa-se o emprego dessas formas. A personagem Sílvia emprega a forma "senhora" ao se referir à Irene. Na situação apresentada no texto, o emprego de "senhora" ao se referir à interlocutora ocorre porque Sílvia
a) pensa que Irene é a jardineira da casa.
b) acredita que Irene gosta de todos que a visitam.
c) observa que Irene e Eulália são pessoas que vivem em área rural.
d) deseja expressar por meio de sua fala of ato de sua família conhecer Irene.
e) considera que Irene é uma pessoa mais velha, com a qual não tem intimidade

10) (Enem Cancelado-2009) Paris, filho do rei de Tróia, raptou Helena, mulher de um rei grego. Isso provocou um sangrento conflito de dez anos, entre os séculos XI11 e XII a. C. Foi o primeiro choque entre o ocidente e o oriente. Mas os gregos conseguiram enganar os troianos. Deixaram à porta de seus muros fortificados um imenso cavalo de madeira. Os troianos, felizes com o presente, puseram-no para dentro. À noite, os soldados gregos, que estavam escondidos no cavalo, saíram e abriram as portas da fortaleza para a invasão. Daí surgiu a expressão "presente de grego".
DUARTE, Marcelo. O guia dos curiosos. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
Em "puseram-no", a forma pronominal "no" refere-se
a) ao termo "rei grego".
b) ao antecedente "gregos".
c) ao antecedente distante "choque".
d) à expressão "muros fortificados".
e) aos termos "presente" e "cavalo de madeira".

11) (ESPM-2006) Assinale o item em que o pronome grifado tenha valor semântico de **possessivo**:
a) “A borboleta, depois de esvoaçar muito em torno de mim, pousou-me na testa.” (Machado de Assis)
b) “Começo a arrepender-me deste livro. Não que ele me canse; eu não tenho que fazer.” (Machado de Assis)
c) “Perdi-me dentro de mim / Porque eu era labirinto” (Mário de Sá Carneiro)
d) “Vou-me embora pra Pasárgada / Lá sou amigo do rei!” (Manuel Bandeira)
e) “Perdi alguma coisa que me era essencial, e que já não me é mais.” (Clarice Lispector)

12) (Faap-1996) SONETO DE SEPARAÇÃO

De repente do riso fez-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma
E das bocas unidas fez-se a espuma
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.

De repente da calma fez-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama
E da paixão fez-se o pressentimento
E do momento imóvel fez-se o drama.

De repente, não mais que de repente
Fez-se de triste o que se fez amante
E de sozinho o que se fez contente

Fez-se do amigo próximo o distante
Fez-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente.
(Vinícius de Morais)

"De repente do riso fez-se o pranto".
À colocação do pronome "se" depois do verbo (fez-se) dá-se o nome:
a) próclise
b) ênclise
c) mesóclise
d) tmese
e) mesóclise imprópria

13) (Faap-1996) SONETO DE SEPARAÇÃO

De repente do riso fez-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma
E das bocas unidas fez-se a espuma
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.

De repente da calma fez-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama
E da paixão fez-se o pressentimento
E do momento imóvel fez-se o drama.

De repente, não mais que de repente
Fez-se de triste o que se fez amante
E de sozinho o que se fez contente

Fez-se do amigo próximo o distante

Fez-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente.
(Vinícius de Morais)

"E das bocas unidas fez-se a espuma". Sujeito do verbo fazer:
a) bocas
b) alimentação
c) eco
d) espuma
e) indeterminado

14) (Faap-1996) Dario vinha apressado, o guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina, diminuiu o passo até parar, encostando-se à parede de uma casa. Foi escorregando por ela, de costas, sentou-se na calçada, ainda úmida da chuva, e descansou no chão o cachimbo.

Dois ou três passantes rodearam-no, indagando se não estava se sentindo bem. Dario abriu a boca, moveu os lábios, mas não se ouviu resposta. Um senhor gordo, de branco, sugeriu que ele devia sofrer de ataque.

Estendeu-se mais um pouco, deitado agora na calçada, o cachimbo a seu lado tinha apagado. Um rapaz de bigode pediu ao grupo que se afastasse, deixando-o respirar. E abriu-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe retiraram os sapatos, Dario roncou pela garganta e um fio de espuma saiu do canto da boca.

Cada pessoa que chegava se punha na ponta dos pés, embora não pudesse ver. Os moradores da rua conversavam de uma porta à outra, as crianças foram acordadas e vieram de pijama às janelas. O senhor gordo repetia que Dario sentara-se na calçada, soprando ainda a fumaça do cachimbo e encostando o guarda-chuva na parede. Mas não se via guarda-chuva ou cachimbo ao lado dele.

Uma velhinha de cabeça grisalha gritou que Dario estava morrendo. Um grupo transportou-o na direção do táxi estacionado na esquina. Já tinha introduzido no carro metade do corpo, quando o motorista protestou: se ele morresse na viagem? A turba concordou em chamar a ambulância. Dario foi conduzido de volta e encostado à parede - não tinha os sapatos e o alfinete de pérola na gravata.

(Dalton Trevisan)

Começando o período com a terceira oração, respeitando o sentido, escreveríamos assim:
a) cada pessoa que chegava não podia ver, porque se punha na ponta dos pés.
b) cada pessoa que chegava não podia ver, se se pusesse na ponta dos pés.
c) cada pessoa que chegava não podia ver, mas se punha na ponta dos pés.
d) cada pessoa que chegava não podia ver, a fim de se pôr na ponta dos pés.
e) cada pessoa que chegava não podia ver, quando se punha na ponta dos pés.

15) (Faap-1996) Dario vinha apressado, o guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina, diminuiu o passo até parar, encostando-se à parede de uma casa. Foi escorregando por ela, de costas, sentou-se na calçada, ainda úmida da chuva, e descansou no chão o cachimbo.

Dois ou três passantes rodearam-no, indagando se não estava se sentindo bem. Dario abriu a boca, moveu os lábios, mas não se ouviu resposta. Um senhor gordo, de branco, sugeriu que ele devia sofrer de ataque.

Estendeu-se mais um pouco, deitado agora na calçada, o cachimbo a seu lado tinha apagado. Um rapaz de bigode pediu ao grupo que se afastasse, deixando-o respirar. E abriu-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe retiraram os sapatos, Dario roncou pela garganta e um fio de espuma saiu do canto da boca.

Cada pessoa que chegava se punha na ponta dos pés, embora não pudesse ver. Os moradores da rua conversavam de uma porta à outra, as crianças foram acordadas e vieram de pijama às janelas. O senhor gordo repetia que Dario sentara-se na calçada, soprando ainda a fumaça do cachimbo e encostando o guarda-chuva na parede. Mas não se via guarda-chuva ou cachimbo ao lado dele.

Uma velhinha de cabeça grisalha gritou que Dario estava morrendo. Um grupo transportou-o na direção do táxi estacionado na esquina. Já tinha introduzido no carro metade do corpo, quando o motorista protestou: se ele morresse na viagem? A turba concordou em chamar a ambulância. Dario foi conduzido de volta e encostado à parede - não tinha os sapatos e o alfinete de pérola na gravata.

(Dalton Trevisan)

Assinale a forma errada do imperativo:
a) põe-te na ponta dos pés / não te ponhas na ponta dos pés.
b) ponha-se na ponta dos pés / não se ponha na ponta dos pés.
c) ponhamo-nos na ponta dos pés / não nos ponhamos na ponta dos pés.
d) ponhais-vos na ponta dos pés / não vos ponhais na ponta dos pés.
e) ponham-se na ponta dos pés / não se ponham na ponta dos pés.

16) (Faap-1996) Hão de chorar por ela os cinamomos,
Murchando as flores ao tombar do dia.
Dos laranjais hão de cair os pomos,

Lembrando-se daquela que os colhia.

As estrelas dirão: - "Ai! nada somos,
Pois ela se morreu, silente e fria..."
E pondo os olhos nela como pomos,
Hão de chorar a irmã que lhes sorria.

A lua, que lhe foi mãe carinhosa,
Que a viu nascer e amar, há de envolvê-la
Entre lírios e pétalas de rosa.

Os meus sonhos de amor serão defuntos...
E os arcanjos dirão no azul ao vê-la,
Pensando em mim: - "Por que não vieram juntos?"
(Alphonsus de Guimaraens)

"Pois ela SE morreu...". A palavra SE é:
a) pronome reflexivo
b) pronome recíproco
c) índice da indeterminação do sujeito
d) partícula apassivadora
e) partícula de espontaneidade

17) (Faap-1996) Ó tu que vens de longe, ó tu que vens cansada,
entra, e sob este teto encontrarás carinho:
Eu nunca fui amado, e vivo tão sozinho.
Vives sozinha sempre e nunca foste amada.

A neve anda a branquear lividamente a estrada,
e a minha alcova tem a tepidez de um ninho.
Entra, ao menos até que as curvas do caminho
se banhem no esplendor nascente da alvorada.

E amanhã quando a luz do sol dourar radiosa
essa estrada sem fim, deserta, horrenda e nua,
podes partir de novo, ó nômade formosa!

Já não serei tão só, nem irás tão sozinha:
Há de ficar comigo uma saudade tua...
Hás de levar contigo uma saudade minha...
(Alceu Wamosy)

"e sob este teto encontrarás CARINHO". Com pronome no lugar da palavra maiúscula, temos:
a) e sob este teto encontrarás-a
b) e sob este teto te encontrarás
c) e sob este teto lhe encontrarás
d) e sob este teto encontrá-lo-ás
e) e sob este teto encontrar-te-ás

18) (Faap-1997) Os gatos

Deus fez o homem à sua imagem e semelhança, e fez o crítico à semelhança do gato. Ao crítico deu ele, como ao gato, a graça ondulosa e o assopro, o ronrom e a garra, a língua espinhosa. Fê-lo nervoso e ágil, refletido e preguiçoso; artista até ao requinte, sarcasta até a tortura, e para os amigos bom rapaz, desconfiado para os indiferentes, e terrível com agressores e adversários... .
Desde que o nosso tempo englobou os homens em três categorias de brutos, o burro, o cão e o gato - isto é, o animal de trabalho, o animal de ataque, e o animal de humor e fantasia - por que não escolheremos nós o travesti do último? É o que se quadra mais ao nosso tipo, e aquele que melhor nos livrará da escravidão do asno, e das dentadas famintas do cachorro.
Razão por que nos acharás aqui, leitor, miando um pouco, arranhando sempre e não temendo nunca.
Fialho de Almeida

"... e fez O CRÍTICO à semelhança do gato.".

Com pronome no lugar da palavra em maiúsculo:
a) e lhe fez à semelhança do gato.
b) e fez-lhe à semelhança do gato.
c) e te fez à semelhança do gato.
d) e fez-o à semelhança do gato.
e) e fê-lo à semelhança do gato.

19) (Fameca-2006) Temos todos duas vidas:
A verdadeira, que é a que sonhamos na infância,
E que continuamos sonhando, adultos num substrato de névoa;
A falsa, que é a que vivemos em convivência com outros,
Que é a prática, a útil,
Aquela em que acabam por nos meter num caixão.
Na outra não há caixões, nem mortes,
Há só ilustrações de infância:
Grandes livros coloridos, para ver mas não ler;
Grandes pátinas de cores para recordar mais tarde.
Na outra somos nós,
Na outra vivemos;
Nesta morremos, que é o que viver quer dizer;
(Fernando Pessoa, *Poesias de Álvaro de Campos*)

O poeta fala em duas vidas, em seu poema.
a) Como aplica a elas o conceito de verdadeiro e falso?
b) Qual a referência do pronome *aquela* e dos pronomes *outra* e *esta*, na 2.ª estrofe?

20) (Fatec-1995) Assinale a alternativa que completa corretamente as três frases que se seguem.

O século ___________ vivemos tem trazido grandes transformações ao planeta.
O ministro reafirma a informação ________ o presidente se referiu em seu último pronunciamento.
Todos lamentavam a morte do editor________ publicou obras importantes do Modernismo.

a) onde - a que - que
b) onde - a que - cujo
c) em que - que - o cujo
d) em que - a que - que
e) em que - de que - o qual

21) (Fatec-1997) Assinale a alternativa em que a substituição do(s) termo(s) em maiúsculo(s), na frase I, pelo pronome da frase II está correta.

a)
I - Deixe A MOÇA decidir com calma.
II - Deixe ela decidir com calma.
b)
I - Entende que não há nada entre FULANO e os envolvidos no escândalo dos precatórios.
II - Entende que não há nada entre eu e os envolvidos no escândalo dos precatórios.
c)
I - Espero, até que façam O CANDIDATO entrar na sala.
II - Espero, até que façam ele entrar na sala.
d)
I - O homem, igual A SI mesmo.
II - Eu, igual a mim mesmo.
e)
I - Poderá escolher outros dois técnicos para assessorar A DEPUTADA.
II - Poderá escolher outros dois técnicos para lhe assessorar.

22) (FEI-1995) Assinalar a alternativa na qual o pronome pessoal está empregado de forma incorreta:

a) Estava aqui porque o mandaram visitar esta firma.
b) Lembrei-lhe de que devia comparecer ao julgamento.
c) Mandamos-lhe a encomenda pelo correio.
d) Por esta vez, perdôo-lhe a ausência.
e) Acuso-o de ambição desmedida.

23) (FGV-2002) Escolha a alternativa que preencha corretamente as lacunas das frases abaixo.

1. Por acaso, não é este o livro __________ o professor se refere?
2. As Olimpíadas ___________ abertura assistimos foram as de Tóquio.
3. Herdei de meus pais os princípios morais ____________ tanto luto.
4. É bom que você conheça antes as pessoas ____________ vai trabalhar.
5. A prefeita construirá uma estrada do centro ao morro __________ será construída a igreja.
6. Ainda não foi localizada a arca ____________ os piratas guardavam seus tesouros.

a) de que, cuja, para que, com os quais, sobre que, em que.
b) que, de cuja, com que, para quem, no qual, que.
c) em que, cuja, de que, para os quais, onde, na qual.
d) a que, a cuja, em que, com que, que, em que.
e) a que, a cuja, por que, com quem, sobre o qual, onde.

24) (FGV-2002) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas da frase:
"Eu _____ encontrei ontem, mas não _____ reconheci porque ________ anos que não _____ via."
a) lhe, lhe, há, lhe.
b) o, o, haviam, o.
c) lhe, o, havia, lhe.
d) o, lhe, haviam, o.
e) o, o, havia, o.

25) (FGV-2001) Complete a frase abaixo, usando os pronomes pessoais das três pessoas do singular e os verbos solicitados nos parênteses. Se for necessário, faça as adaptações adequadas.

Nós formamos uma equipe de três. Portanto, sem ________ (1ª), sem________ (2ª) e sem _________ (3ª) não será possível fazer o trabalho, já que é para ________ (1ª) comprar o material, para __________ (2ª) __________ (PREPARAR) o projeto e para __________ (3ª) __________ (EXECUTAR + O).

26) (FGV-2001) Religiosamente, pela manhã, ele dava milho na mão para a galinha cega. As bicadas tontas, de violentas, faziam doer a palma da mão calosa. E ele sorria. Depois a conduzia ao poço, onde ela bebia com os pés dentro da água. A sensação direta da água nos pés lhe anunciava que era hora de matar a sede; curvava o pescoço rapidamente, mas nem sempre apenas o bico atingia a água: muita vez, no furor da sede longamente guardada, toda a cabeça mergulhava no líquido, e ela a sacudia, assim molhada, no ar. Gotas inúmeras se espargiam nas mãos e no rosto do carroceiro agachado junto do poço. Aquela água era como uma bênção para ele. Como água benta, com que um Deus misericordioso e acessível aspergisse todas as dores animais. Bênção, água benta, ou coisa parecida: uma impressão de doloroso triunfo, de sofredora vitória sobre a desgraça inexplicável, injustificável, na carícia dos pingos de água, que não enxugava e lhe secavam lentamente na pele. Impressão, aliás, algo confusa, sem requintes psicológicos e sem literatura.
Depois de satisfeita a sede, ele a colocava no pequeno cercado de tela separado do terreiro (as outras galinhas martirizavam muito a branquinha) que construíra especialmente para ela. De tardinha dava-lhe outra vez milho e água e deixava a pobre cega num poleiro solitário, dentro do cercado.
Porque o bico e as unhas não mais catassem e ciscassem, puseram-se a crescer. A galinha ia adquirindo um aspecto

irrisório de rapace, ironia do destino, o bico recurvo, as unhas aduncas. E tal crescimento já lhe atrapalhava os passos, lhe impedia de comer e beber. Ele notou essa miséria e, de vez em quando, com a tesoura, aparava o excesso de substância córnea no serzinho desgraçado e querido.
Entretanto, a galinha já se sentia de novo quase feliz. Tinha delidas lembranças da claridade sumida. No terreiro plano ela podia ir e vir à vontade até topar a tela de arame, e abrigar-se do sol debaixo do seu poleiro solitário. Ainda tinha liberdade - o pouco de liberdade necessário à sua cegueira. E milho. Não compreendia nem procurava compreender aquilo. Tinham soprado a lâmpada e acabou-se. Quem tinha soprado não era da conta dela. Mas o que lhe doía fundamente era já não poder ver o galo de plumas bonitas. E não sentir mais o galo perturbá-la com o seu cócó-có malicioso. O ingrato.
(João Alphonsus - Galinha Cega. Em MORICONI, Italo, Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século. São Paulo: Objetiva, 2000.)

Na frase “A sensação direta da água nos pés lhe anunciava que era hora de matar a sede...”, ocorre o pronome lhe. É possível alterar a posição desse pronome, transformando o período em “A sensação direta da água nos pés anunciava que era hora de matar-lhe a sede...”. Feita a transformação, pergunta-se: que implicação ela traz à frase?

27) (FGV-2001) Religiosamente, pela manhã, ele dava milho na mão para a galinha cega. As bicadas tontas, de violentas, faziam doer a palma da mão calosa. E ele sorria. Depois a conduzia ao poço, onde ela bebia com os pés dentro da água. A sensação direta da água nos pés lhe anunciava que era hora de matar a sede; curvava o pescoço rapidamente, mas nem sempre apenas o bico atingia a água: muita vez, no furor da sede longamente guardada, toda a cabeça mergulhava no líquido, e ela a sacudia, assim molhada, no ar. Gotas inúmeras se espargiam nas mãos e no rosto do carroceiro agachado junto do poço. Aquela água era como uma bênção para ele. Como água benta, com que um Deus misericordioso e acessível aspergisse todas as dores animais. Bênção, água benta, ou coisa parecida: uma impressão de doloroso triunfo, de sofredora vitória sobre a desgraça inexplicável, injustificável, na carícia dos pingos de água, que não enxugava e lhe secavam lentamente na pele. Impressão, aliás, algo confusa, sem requintes psicológicos e sem literatura.
Depois de satisfeita a sede, ele a colocava no pequeno cercado de tela separado do terreiro (as outras galinhas martirizavam muito a branquinha) que construíra especialmente para ela. De tardinha dava-lhe outra vez milho e água e deixava a pobre cega num poleiro solitário, dentro do cercado.
Porque o bico e as unhas não mais catassem e ciscassem, puseram-se a crescer. A galinha ia adquirindo um aspecto

irrisório de rapace, ironia do destino, o bico recurvo, as unhas aduncas. E tal crescimento já lhe atrapalhava os passos, lhe impedia de comer e beber. Ele notou essa miséria e, de vez em quando, com a tesoura, aparava o excesso de substância córnea no serzinho desgraçado e querido.
Entretanto, a galinha já se sentia de novo quase feliz. Tinha delidas lembranças da claridade sumida. No terreiro plano ela podia ir e vir à vontade até topar a tela de arame, e abrigar-se do sol debaixo do seu poleiro solitário. Ainda tinha liberdade - o pouco de liberdade necessário à sua cegueira. E milho. Não compreendia nem procurava compreender aquilo. Tinham soprado a lâmpada e acabou-se. Quem tinha soprado não era da conta dela. Mas o que lhe doía fundamente era já não poder ver o galo de plumas bonitas. E não sentir mais o galo perturbá-la com o seu cócó-có malicioso. O ingrato.
(João Alphonsus - Galinha Cega. Em MORICONI, Italo, Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século. São Paulo: Objetiva, 2000.)

Compare o uso de toda nas frases adiante:
...toda a cabeça mergulhava no líquido... e
O instinto materno está presente em toda mulher.
Existe diferença de sentido entre os dois usos dessa palavra? Explique.

28) (FGV-2001) Leia atentamente o fragmento de texto abaixo, de As Três Marias, de Rachel de Queiroz. Depois, responda à questão nele baseada.
As irmãs [Trata-se de **freiras**, como se perceberá adiante.- Nota da Banca Examinadora] me intimidavam sempre, como no primeiro dia.Não saberia nunca ficar à vontade com elas, como Glória, discutir, pedir coisas. E, muito menos, igual a Maria José, escolher entre as irmãs uma amiga, tomá-la como conselheira e confidente.
E dava-me mágoa essa inibição; as irmãs eram porém tão distantes, tão diferentes! Ser-me-ia impossível descobrir entre mim e elas pontos de identificação, como o faziam Maria José e Glória. Considerava-as fora da humanidade, não me abandonara nunca a impressão de distância sobrenatural que me haviam dado na noite da chegada. Não conseguiria imaginar uma irmã, comendo, vestindo-se, dormindo; não podia crer que houvesse um coração de mulher, um corpo de mulher debaixo da lã pesada do hábito.

A propósito do segmento de frase “Ser-me-ia impossível descobrir entre mim e elas pontos de identificação...”, atenda ao que se pede abaixo.
a) Explique o uso do pronome **mim**, em vez do pronome **eu**.
b) Se, no lugar de **elas**, que é pronome pessoal de terceira pessoa do plural, utilizássemos outro, de segunda pessoa do singular, qual seria ele?
c) Explique por que a forma verbal **Seria** (em **Ser-me-ia**) está na terceira pessoa do singular.

29) (FGV-2001) Leia atentamente o fragmento de texto abaixo, de As Três Marias, de Rachel de Queiroz. Depois, responda à questão nele baseada.

As irmãs [Trata-se de **freiras**, como se perceberá adiante.- Nota da Banca Examinadora] me intimidavam sempre, como no primeiro dia.Não saberia nunca ficar à vontade com elas, como Glória, discutir, pedir coisas. E, muito menos, igual a Maria José, escolher entre as irmãs uma amiga, tomá-la como conselheira e confidente.

E dava-me mágoa essa inibição; as irmãs eram porém tão distantes, tão diferentes! Ser-me-ia impossível descobrir entre mim e elas pontos de identificação, como o faziam Maria José e Glória. Considerava-as fora da humanidade, não me abandonara nunca a impressão de distância sobrenatural que me haviam dado na noite da chegada. Não conseguiria imaginar uma irmã, comendo, vestindo-se, dormindo; não podia crer que houvesse um coração de mulher, um corpo de mulher debaixo da lã pesada do hábito.

O segundo parágrafo do texto informa que Maria José e Glória faziam algo. O que faziam elas? Explique o que leva a essa conclusão.

30) (FGV-2001) Examine o período abaixo. Se não contiver erro, transcreva-o, apenas. Se contiver erro, transcreva-o, mas corrija o erro.

Aproveitamos a oportunidade para informá-lo de que nosso representante irá em breve visitá-lo, onde, temos certeza, iniciaremos novos negócios.

31) (FGV-2001) O tratamento utilizado no diálogo abaixo corresponde à segunda pessoa do plural. As marcas desse tratamento aparecem destacadas em negrito.

- **Vosso** passado **vos** condena. **Saí** daqui antes que eu **vos** mate.
- **Esperai**, que já **vos** mostro. Não **tenteis** amedrontar-me!...

Se utilizarmos o tratamento correspondente à segunda pessoa do singular, obteremos, respectivamente:

a) **Seu** passado **o** condena. **Saia** daqui antes que eu **o** mate./ **Espere**, que já **lhe** mostro. Não **tente** amedrontar-me!...

b) **Teu** passado **te** condena. **Sai** daqui antes que eu **te** mate./ **Espera**, que já **te** mostro.Não **tenta** amedrontar-me!...

c) **Teu** passado **te** condena. **Sai** daqui antes que eu **te** mate./ **Espera**, que já **te** mostro. Não **tentes** amedrontar-me!...

d) **Seu** passado **lhe** condena. **Saia** daqui antes que eu **o** mate./ **Espere**, que já **te** mostro. Não **tente** amedrontar-me!...

e) **Teu** passado **o** condena. **Saí** daqui antes que eu **te** mate./ **Espera**, que já **te** mostro.Não **tentes** amedrontar-me!...

32) (FGV-1997) Nas frases abaixo, os termos destacados podem estar corretos ou incorretos. Se estiverem corretos, limite-se a copiá-los no espaço apropriado; se estiverem incorretos, reescreva-os na forma correta.

Se V.Sa. comparecer a reunião, traga consigo vossa agenda.

Se V.Sa comparecer _________ reunião, traga _________ agenda.

33) (FGV-1997) Nas frases abaixo, os termos destacados podem estar corretos ou incorretos. Se estiverem corretos, limite-se a copiá-los no espaço apropriado; se estiverem incorretos, reescreva-os na forma correta.

Em que pese os argumentos apresentados, o júri não se convenceu.

Em que___________os argumentos apresentados, o________ não se convenceu.

34) (FGV-2003) Leia o fragmento abaixo, do conto A cartomante de Machado de Assis. Depois, responda às perguntas.

“Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante.”

O texto oferece condições para indicar, com precisão, o significado do pronome o na seguinte oração: “...não só ***o*** estava...”. Diga qual é esse significado. Explique qual defeito de estilo Machado de Assis evitou ao utilizar o pronome o.

35) (FGV-2003) Leia o fragmento abaixo, do conto A cartomante de Machado de Assis. Depois, responda às perguntas.

“Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante.”

Em “Esta desceu pela Rua das Mangueiras...”, explique por que, no texto, se usou o pronome *esta* e não o pronome *ela*.

36) (FGV-2003) A frase abaixo foi extraída de recente anúncio para a venda de um imóvel. Comente o uso que nela se faz do pronome demonstrativo **isso**.
- Isso aqui é o Paraíso.

37) (FGV-2004) Caetano Veloso acaba de gravar uma canção, do filme Lisbela e o Prisioneiro. Trata-se de Você não me ensinou a te esquecer. A propósito do título da canção,
pode-se dizer que:
a) A regra da uniformidade do tratamento é respeitada, e o estilo da frase revela a linguagem regional do autor.
b) O desrespeito à norma sempre revela falta de conhecimento do idioma; nesse caso não é diferente.
c) O correto seria dizer Você não me ensinou a lhe esquecer.
d) Não deveria ocorrer a preposição nessa frase, já que o verbo ensinar é transitivo direto.
e) Desrespeita-se a regra da uniformidade de tratamento. Com isso, o estilo da frase acaba por aproximar- se do da fala.

38) (FGV-2004) Observe: "O diretor perguntou: - Onde estão os estagiários? Mandaram-nos sair? Estão no andar de cima?". O pronome sublinhado pertence:
a) À terceira pessoa do plural.
b) À segunda pessoa do singular.
c) À terceira pessoa do singular.
d) À primeira pessoa do plural.
e) À segunda pessoa do plural.

39) (FGV-2004) Observe o período e as palavras sublinhadas:
O dicionário, imagem ordenada do mundo, constrói- se e desenvolve-se sobre palavras que viveram uma vida plena, que depois envelheceram e definharam, primeiro geradas, depois geradoras, como o foram os homens e as mulheres que as fizeram e de que iriam ser, por sua vez, e ao mesmo tempo, senhores e servos.
A respeito das palavras sublinhadas, pergunta-se:
a) Qual o antecedente que?
b) Qual palavra é substituída por as?
c) Que outra forma seria possível usar em lugar de de que?

40) (FGV-2004) 1. Era no tempo que ainda os portugueses não
2. haviam sido por uma tempestade empurrados para
3. a terra de Santa Cruz. Esta pequena ilha abundava
4. de belas aves e em derredor pescava-se excelente
5. peixe. Uma jovem tamoia, cujo rosto moreno parecia
6. tostado pelo fogo em que ardia-lhe o coração,
7. uma jovem tamoia linda e sensível, tinha por habitação
8. esta rude gruta, onde ainda então não se via
9. a fonte que hoje vemos. Ora, ela, que até os quinze
10. anos era inocente como a flor, e por isso alegre
11. e folgazona como uma cabritinha nova, começou a
12. fazer-se tímida e depois triste, como o gemido da
13. rola; a causa disto estava no agradável parecer de
14. um mancebo da sua tribo, que diariamente vinha
15. caçar ou pescar à ilha, e vinte vezes já o havia feito
16. sem que de uma só desse fé dos olhares ardentes
17. que lhe dardejava a moça. O nome dele era Aoitin;
18. o nome dela era Ahy.
19. A pobre Ahy, que sempre o seguia, ora lhe apanhava
20. as aves que ele matava, ora lhe buscava as flechas
21. disparadas, e nunca um só sinal de reconhecimento
22. obtinha; quando no fim de seus trabalhos,
23. Aoitin ia adormecer na gruta, ela entrava de manso
24. e com um ramo de palmeira procurava, movendo o
25. ar, refrescar a fronte do guerreiro adormecido. Mas
26. tantos extremos eram tão mal pagos que Ahy, de
27. cansada, procurou fugir do insensível moço e fazer
28. por esquecê-lo; porém, como era de esperar, nem
29. fugiu-lhe e nem o esqueceu.
30. Desde então tomou outro partido: chorou. Ou
31. porque a sua dor era tão grande que lhe podia
32. exprimir o amor em lágrimas desde o coração até
33. os olhos, ou porque, selvagem mesmo, ela já tinha
34. compreendido que a grande arma da mulher está
35. no pranto, Ahy chorou.

MACEDO, Joaquim Manuel de. A Moreninha. São Paulo: Ática, 1997, p. 62-63.

Selecione, das linhas 28, 29 e 30 do texto, duas palavras que tenham valor anafórico. Explique essas anáforas.

41) (FGV-2005) Estamos comemorando a entrega de mais de mil imóveis. São mais de 1000 sonhos realizados. Mais de oito imóveis são entregues todo dia. Quer ser o próximo? Então vem para a X Consórcios. Entre você também para o consórcio que o Brasil inteiro confia.
(Texto de anúncio publicitário, editado.)

Na passagem - o consórcio que o Brasil inteiro confia - deve ser acrescentada uma preposição. Reescreva a passagem acrescentando essa preposição.

42) (FGV-2005) Com a migração dos investimentos surgem novos desafios, onde o tempo de retorno do capital investido tem que ser o menor possível.
Considere o emprego de onde no trecho.
a) Seu emprego mostra-se adequado, no contexto? Justifique sua resposta.
b) Reescreva o trecho, empregando outra forma que possa substituir adequadamente a palavra onde, nesse contexto.

43) (FGV-2005) Qual o significado de **dos** na expressão **dos pequenos**, na linha 16? Que palavra da frase tem seu sentido restringido por essa expressão?

1. HORA DA SESTA. Um grande silêncio no casarão.
2. Faz sol, depois de uma semana de dias sombrios e úmidos.
3. Clarissa abre um livro para ler. Mas o silêncio é tão grande que, inquieta, ela torna a pôr o
4. volume na prateleira, ergue-se e vai até a janela, para ver um pouco de vida.
5. Na frente da farmácia está um homem metido num grosso sobretudo cor de chumbo. Um
6. cachorro magro atravessa a rua. A mulher do coletor aparece à janela. Um rapaz de pés
7. descalços entra na Panificadora.
8. Clarissa olha para o céu, que é dum azul tímido e desbotado, olha para as sombras fracas
9. sobre a rua e depois se volta para dentro do quarto.
10. Aqui faz frio. Lá no fundo do espelho está uma Clarissa indecisa, parada, braços caídos,
11. esperando. Mas esperando quê?
12. Clarissa recorda. Foi no verão. Todos no casarão dormiam. As moscas dançavam no ar,
13. zumbindo. Fazia um solão terrível, amarelo e quente. No seu quarto, Clarissa não sabia que
14. fazer. De repente pensou numa travessura. Mamãe guardava no sótão as suas latas de
15. doce, os seus bolinhos e os seus pães que deviam durar toda a semana. Era proibido entrar
16. lá. Quem entrava, dos pequenos, corria o risco de levar palmadas no lugar de
17. costume.
18. Mas o silêncio da sesta estava cheio de convites traiçoeiros. Clarissa ficou pensando.
19. Lembrou-se de que a chave da porta da cozinha servia no quartinho do sótão.
20. Foi buscá-la na ponta dos pés. Encontrou-a no lugar. Subiu as escadas devagarinho. Os
21. degraus rangiam e a cada rangido ela levava um sustinho que a fazia estremecer.
22. Clarissa subia, com a grande chave na mão. Ninguém... Silêncio...
23. Diante da porta do sótão, parou, com o coração aos pulos. Experimentou a chave. A
24. princípio não entrava bem na fechadura. Depois entrou. Com muita cautela, abriu a porta e
25. se viu no meio duma escuridão perfumada, duma escuridão fresca que cheirava a doces,
26. bolinhos e pão.
27. Comeu muito. Desceu cheia de medo. No outro dia D. Clemência descobriu a violação, e
28. Clarissa levou meia dúzia de palmadas.
29. Agora ela recorda... E de repente se faz uma grande claridade, ela tem a grande idéia. “A
30. chave da cozinha serve na porta do quarto do sótão.” O quarto de Vasco fica no sótão...
31. Vasco está no escritório... Todos dormem... Oh!
32. E se ela fosse buscar a chave da cozinha e subisse, entrasse no quarto de Vasco e
33. descobrisse o grande mistério?
34. Não. Não sou mais criança. Não. Não fica direito uma moça entrar no quarto dum rapaz.
35. Mas ele não está lá... que mal faz? Mesmo que estivesse, é teu primo. Sim, não sejas
36. medrosa. Vamos. Não. Não vou. Podem ver. Que é que vão pensar? Subo a escada,
37. alguém me vê, pergunta: “Aonde vais, Clarissa?” Ora, vou até o quartinho das malas.
38. Pronto. Ninguém pode desconfiar. Vou. Não, não vou. Vou, sim!

(Porto Alegre: Globo, 1981. pp. 132-133)

44) (FGV-2005) Os tiranos e os autocratas sempre compreenderam que a capacidade de ler, o conhecimento, os livros e os jornais são potencialmente perigosos. Podem insuflar idéias independentes e até rebeldes nas cabeças de seus súditos. O governador real britânico da colônia de Virgínia escreveu em 1671:
Graças a Deus não há escolas, nem imprensa livre; e espero que não [as] tenhamos nestes [próximos] cem anos; pois o conhecimento introduziu no mundo a desobediência, a heresia e as seitas, e a imprensa divulgou-as e publicou os libelos contra os melhores governos. Que Deus nos guarde de ambos!
Mas os colonizadores norte-americanos, compreendendo em que consiste a liberdade, não pensavam assim. Em seus primeiros anos, os Estados Unidos se vangloriavam de ter um dos índices mais elevados - talvez o mais elevado - de cidadãos alfabetizados no mundo.
Atualmente, os Estados Unidos não são o líder mundial em alfabetização. Muitos dos que são alfabetizados não conseguem ler, nem compreender material muito simples - muito menos um livro da sexta série, um manual de instruções, um horário de ônibus, o documento de uma hipoteca ou um programa eleitoral.

As rodas dentadas da pobreza, ignorância, falta de esperança e baixa auto-estima se engrenam para criar um tipo de máquina do fracasso perpétuo que esmigalha os sonhos de geração a geração. Nós todos pagamos o preço de mantê-la funcionando. O analfabetismo é a sua cavilha. Ainda que endureçamos os nossos corações diante da vergonha e da desgraça experimentadas pelas vítimas, o ônus do analfabetismo é muito alto para todos os demais - o custo de despesas médicas e hospitalização, o custo de crimes e prisões, o custo de programas de educação especial, o custo da produtividade perdida e de inteligências potencialmente brilhantes que poderiam ajudar a solucionar os dilemas que nos perseguem. Frederick Douglass ensinou que a alfabetização é o caminho da escravidão para a liberdade. Há muitos tipos de escravidão e muitos tipos de liberdade. Mas saber ler ainda é o caminho.
(Carl Sagan, O caminho para a liberdade. Em O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro. Adaptado)

O emprego e a colocação do pronome estão de acordo com a norma culta na alternativa:
a) Trata-se, evidentemente, de material muito simples, mas muitos dos que são alfabetizados não conseguem lê-lo, nem compreendê-lo.
b) Pensemos na desobediência, na heresia e nas seitas e em como o conhecimento lhes introduziu no mundo.
c) Lembre-se das rodas dentadas da pobreza, da ignorância, da falta de esperança e da baixa auto-estima e de como usam-as para criar um tipo de máquina do fracasso perpétuo.
d) Temos dilemas que nos perseguem e inteligências brilhantes, que poderiam ajudar a solucionar eles rapidamente.
e) Existe a idéia de que a capacidade de ler, o conhecimento, os livros e os jornais são potencialmente perigosos; os tiranos e os autocratas sempre compreenderam-na.

45) (FMTM-2002) Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas.
Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada, sete horas de chumbo. (...)
Daí a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pêlo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas da mão. As portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas. Não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou as saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas.

No trecho “via-se-**lhes** a tostada nudez dos braços e do pescoço”, o pronome em destaque refere-se a
a) saias.
b) mulheres.
c) homens.
d) coxas.
e) crianças.

46) (FMTM-2005) Daqui em diante trataremos o nosso memorando pelo seu nome de batismo: não nos ocorre se já dissemos que ele tinha o nome do pai; mas se o não dissemos, fique agora dito. E para que se possa saber quando falamos do pai e quando do filho, daremos a este o nome de Leonardo, e acrescentaremos o apelido de Pataca, já muito vulgarizado nesse tempo, quando quisermos tratar daquele. Leonardo havia pois chegado à época em que os rapazes começam a notar que o seu coração palpita mais forte e mais apressado, em certas ocasiões, quando se encontra com certa pessoa, com quem, sem saber por que, se sonha umas poucas de noites seguidas, e cujo nome se acode continuamente a fazer cócegas nos lábios. Já dissemos que D. Maria tinha agora em casa sua sobrinha; o compadre, como a própria D. Maria lhe pedira, continuou a visitá-la, e nessas visitas passavam longo tempo em conversas particulares. Leonardo acompanhava sempre o seu padrinho e fazia diabruras pela casa enquanto estava em idade disso, e, depois que lhes perdeu o gosto, sentava-se em um canto e dormia de aborrecimento. Disso resultou que detestava profundamente as visitas e que só se sujeitava a elas obrigado pelo padrinho. Depois [...] D. Maria chamou por sua sobrinha, e esta apareceu. Leonardo lançou-lhe os olhos, e a custo conteve o riso. Era a sobrinha de D. Maria já muito desenvolvida, porém que, tendo perdido as graças de menina, ainda não tinha adquirido a beleza de moça; era alta, magra, pálida: andava com o queixo enterrado no peito, trazia as pálpebras sempre baixas, e olhava a furto; tinha os braços finos e compridos; o cabelo, cortado, dava-lhe apenas até o pescoço, e como andava mal penteada e trazia a cabeça sempre baixa, uma grande porção lhe caía sobre a testa e olhos, como uma viseira. Durante alguns dias umas poucas de vezes Leonardo falou na sobrinha da D. Maria; e apenas o padrinho lhe anunciou que teriam de fazer a visita do costume, sem saber por que, pulou de contente, e, ao contrário dos outros dias, foi o primeiro a vestirse e dar-se por pronto.
(Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias.* Adaptado)

Em - o cabelo, cortado, dava-lhe apenas até o pescoço - o pronome lhe é empregado com o sentido de posse, como ocorre também em
a) Uma grande porção lhe caía sobre a testa.
b) O compadre, como a própria D. Maria lhe pedira, continuou a visitá-la.
c) Apenas o padrinho lhe anunciou que teriam de fazer a visita [...] pulou de contente.
d) Leonardo lançou-lhe os olhos.
e) Depois que lhes perdeu o gosto, sentava-se em um canto.

47) (FMTM-2005) Daqui em diante trataremos o nosso memorando pelo seu nome de batismo: não nos ocorre se já dissemos que ele tinha o nome do pai; mas se o não dissemos, fique agora dito. E para que se possa saber quando falamos do pai e quando do filho, daremos a este o nome de Leonardo, e acrescentaremos o apelido de Pataca, já muito vulgarizado nesse tempo, quando quisermos tratar daquele. Leonardo havia pois chegado à época em que os rapazes começam a notar que o seu coração palpita mais forte e mais apressado, em certas ocasiões, quando se encontra com certa pessoa, com quem, sem saber por que, se sonha umas poucas de noites seguidas, e cujo nome se acode continuamente a fazer cócegas nos lábios. Já dissemos que D. Maria tinha agora em casa sua sobrinha; o compadre, como a própria D. Maria lhe pedira, continuou a visitá-la, e nessas visitas passavam longo tempo em conversas particulares. Leonardo acompanhava sempre o seu padrinho e fazia diabruras pela casa enquanto estava em idade disso, e, depois que lhes perdeu o gosto, sentava-se em um canto e dormia de aborrecimento. Disso resultou que detestava profundamente as visitas e que só se sujeitava a elas obrigado pelo padrinho. Depois [...] D. Maria chamou por sua sobrinha, e esta apareceu. Leonardo lançou-lhe os olhos, e a custo conteve o riso. Era a sobrinha de D. Maria já muito desenvolvida, porém que, tendo perdido as graças de menina, ainda não tinha adquirido a beleza de moça; era alta, magra, pálida: andava com o queixo enterrado no peito, trazia as pálpebras sempre baixas, e olhava a furto; tinha os braços finos e compridos; o cabelo, cortado, dava-lhe apenas até o pescoço, e como andava mal penteada e trazia a cabeça sempre baixa, uma grande porção lhe caía sobre a testa e olhos, como uma viseira. Durante alguns dias umas poucas de vezes Leonardo falou na sobrinha da D. Maria; e apenas o padrinho lhe anunciou que teriam de fazer a visita do costume, sem saber por que, pulou de contente, e, ao contrário dos outros dias, foi o primeiro a vestirse e dar-se por pronto.
(Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias.* Adaptado)
E para que se possa saber quando falamos do pai e quando do filho, daremos a este o nome de Leonardo, e acrescentaremos o apelido de Pataca, já muito vulgarizado nesse tempo, quando quisermos tratar daquele. No trecho destacado, os pronomes este e daquele referem-se, respectivamente, a
a) pai e filho.
b) filho e pai.
c) filho e apelido.
d) pai e Pataca.
e) nome e apelido.

48) (FMTM-2005) Às vezes, uma criança sentia a alfinetada no jeito da mão a beijar. Saía indagando consigo o motivo daquilo, que não achava em suas contas escolares... O pai estava dois trimestres atrasado.
O pronome *que* refere-se a
a) pai.
b) criança.
c) motivo.
d) daquilo.
e) alfinetada.

49) (Fuvest-2002) “O que dói nem é a frase (Quem paga seu salário sou eu), mas a postura arrogante. Você fala e o aluno nem presta atenção, como se você fosse uma empregada.”
(Adaptado de entrevista dada por uma professora. Folha de S. Paulo, 03/06/01)

a) A quem se refere o pronome você, tal como foi usado pela professora?
Esse uso é próprio de que variedade lingüística?
b) No trecho como se você fosse uma empregada, fica pressuposto algum tipo de discriminação social? Justifique sua resposta.

50) (Fuvest-1996) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
Dessa forma,... estimular as obras do metrô, uma solução não poluente,... eficácia supera a de outras modalidades de transporte.
a) impõem-se - da qual a
b) impõe-se -que a
c) impõem-se - cuja
d) impõe-se - a qual a
e) impõe-se - cuja

51) (Fuvest-1998) É mudo **aquele** a quem irmão chamamos,
E a mão que tantas vezes apertamos
Agora é fria já!
Não mais nos bancos esse rosto amigo
Hoje escondido no fatal jazigo

Conosco sorrirá!

Nestes versos de Casimiro de Abreu, o pronome sublinhado revela um emprego denotativo de

a) tempo presente e proximidade física.
b) tempo passado e proximidade física.
c) tempo futuro e afastamento físico.
d) tempo futuro e proximidade física.
e) tempo passado e afastamento físico.

52) (Fuvest-2000) Ao se discutirem as idéias expostas na assembléia, chegou-se à seguinte conclusão: pôr em confronto **essas idéias** com outras menos polêmicas seria avaliar melhor o peso **dessas idéias** , à luz do princípio geral que vem regendo **as mesmas idéias**.
a) Transcreva o texto, substituindo as expressões sublinhadas por pronomes pessoais que lhes sejam correspondentes e efetuando as alterações necessárias.
b) Reescreva a oração *Ao se discutirem as idéias expostas na assembléia*, introduzindo-a pela conjunção adequada e mantendo a correlação entre os tempos verbais.

53) (Fuvest-2000) Orientação para uso deste medicamento: antes de você usar este medicamento, verifica se o rótulo consta as seguintes informações, seu nome, nome de seu médico, data de manipulação e validade e fórmula do medicamento solicitado.

a) Há no texto desvios em relação à norma culta. Reescreva-o, fazendo as correções necessárias.
b) A que se refere, no contexto, o pronome seu da expressão “seu nome”? Justifique sua resposta.

54) (Fuvest-1994) Reduit é leite puro e saboroso.
Reduit é saudável, pois nele quase toda gordura é retirada, permanecendo todas as outras qualidades nutricionais.
Reduit é bom para jovens, adultos e dietas de baixas calorias.
(Texto em uma embalagem de leite em pó)

a) No texto acima, a gordura pode ser entendida também como uma qualidade nutricional? Justifique sua resposta, transcrevendo do texto a expressão mais pertinente.
b) As qualidades nutricionais de um produto, segundo o texto, sempre fazem bem à saúde? Justifique sua resposta.

55) (Fuvest-1995) - Haveis de entender, começou ele, que a virtude e o saber têm duas existências paralelas, uma no sujeito que as possui, outra no espírito dos que o ouvem ou contemplam. Se puserdes as mais sublimes virtudes e os mais profundos conhecimentos em um sujeito solitário, remoto de todo contato com outros homens, é como se eles não existissem. Os frutos de uma laranjeira, se ninguém gostar, valem tanto como as urzes e plantas bravias, e, se ninguém os vir, não valem nada; ou, por outras palavras mais enérgicas, não há espetáculo sem espectador. Um dia, estando a cuidar destas cousas, considerei que, para o fim de alumiar um pouco o entendimento, tinha consumido os meus longos anos, e, aliás, nada chegaria a valer sem a existência de outros homens que me vissem e honrassem; então cogitei se não haveria um modo de obter o mesmo efeito, poupando tais trabalhos, e esse dia posso agora dizer que foi o da regeneração dos homens, pois me deu a doutrina salvadora.
(Machado de Assis, O segredo do bonzo)

No segmento do texto "o ouvem ou contemplam", "se eles não existissem" e "se ninguém os vir", os pronomes o, eles e os referem-se, respectivamente, a:
a) espírito, outros homens, frutos de uma laranjeira.
b) sujeito, profundos conhecimentos, outros homens.
c) saber, frutos de uma laranjeira, virtudes e conhecimentos.
d) sujeito, virtudes e conhecimentos, frutos de uma laranjeira.
e) espírito, virtudes e conhecimentos, outros homens.

56) (Fuvest-1996) Na frase, "TODO homem é mortal, porém o homem TODO não é mortal", o termo TODO é empregado com significados diferentes.
a) Indique o sentido presente em cada uma das expressões.
b) Justifique sua resposta.

57) (Fuvest-2005) “Assim, pois, o sacristão da Sé, um dia, ajudando à missa, viu entrar a dama, que devia ser sua colaboradora na vida de Dona Plácida. Viu-a outros dias, durante semanas inteiras, gostou, disse-lhe alguma graça, pisou--lhe o pé, ao acender os altares, nos dias de festa. Ela gostou dele, acercaram-se, amaram-se. Dessa conjunção de luxúrias vadias brotou Dona Plácida. É de crer que Dona Plácida não falasse ainda quando nasceu, mas se falasse podia dizer aos autores de seus dias: - Aqui estou. Para que me chamastes? E o sacristão e a sacristã naturalmente lhe responderiam: - Chamamos-te para queimar os dedos nos tachos, os olhos na costura, comer mal, ou não comer, andar de um lado para outro, na faina, adoecendo e sarando, com o fim de tornar a adoecer e sarar outra vez, triste agora, logo desesperada, amanhã resignada, mas sempre com as mãos no tacho e os olhos na costura, até acabar um dia na lama ou no hospital; foi para isso que te chamamos, num momento de simpatia”.
*(Machado de Assis, **Memórias póstumas de Brás Cubas**)*

No trecho “pisou-lhe o pé”, o pronome lhe assume valor possessivo, tal como ocorre em uma das seguintes frases, também extraídas de **Memórias póstumas de Brás Cubas**:
a) “falei-lhe do marido, da filha, dos negócios, de tudo”.
b) “mas enfim contei-lhe o motivo da minha ausência”.
c) “se o relógio parava, eu dava-lhe corda”.
d) “Procure-me, disse eu, poderei arranjar-lhe alguma coisa”.
e) “envolvida numa espécie de mantéu, que lhe disfarçava as ondulações do talhe”.

58) (FUVEST-2007) O anúncio luminoso de um edifício em frente, acendendo e apagando, dava banhos intermitentes de sangue na pele de seu braço repousado, e de sua face. Ela estava sentada junto à janela e havia luar; e nos intervalos desse banho vermelho ela era toda pálida e suave.

Na roda havia um homem muito inteligente que falava muito; havia seu marido, todo bovino; um pintor louro e nervoso; uma senhora recentemente desquitada, e eu. Para que recensear a roda que falava de política e de pintura? Ela não dava atenção a ninguém. Quieta, às vezes sorrindo quando alguém lhe dirigia a palavra, ela apenas mirava o próprio braço, atenta à mudança da cor. Senti que ela fruía nisso um prazer silencioso e longo. “Muito!”, disse quando alguém lhe perguntou se gostara de um certo quadro - e disse mais algumas palavras; mas mudou um pouco a posição do braço e continuou a se mirar, interessada em si mesma, com um ar sonhador.

Rubem Braga, “A mulher que ia navegar”.

O termo sublinhado no trecho “Senti que ela fruía **nisso** um prazer silencioso e longo” refere-se, no texto,

a) ao sorriso que ela dava quando lhe dirigiam a palavra.
b) ao prazer silencioso e longo que ela fruía ao sorrir.
c) à percepção do efeito das luzes do anúncio em seu braço.
d) à falta de atenção aos que se encontravam ali reunidos.
e) à alegria da roda de amigos que falavam de política e de pintura.

59) (FUVEST-2007) Preciso que um barco atravesse o mar
Gosto e preciso de ti
lá longe
Mas quero logo explicar
para sair dessa cadeira
Não gosto porque preciso
para esquecer esse computador
Preciso sim, por gostar.
e ter olhos de sal
Mário Lago,
boca de peixe
<www.encantosepaixoes.com.br>
e o vento frio batendo nas escamas.
(...)
*Marina Colasanti, **Gargantas abertas**.*

a) Nos poemas acima, as preposições “para” e “por” estabelecem o mesmo tipo de relação de sentido? Justifique sua resposta.
b) Sem alterar o sentido do texto de Mário Lago, transcreva-o em prosa, em um único período, utilizando os sinais de pontuação adequados.

60) (FVG - SP-2007) Leia os sete versos abaixo e responda às questões a eles pertinentes.

(1) Metafísica? Que metafisica têm aquelas árvores?
(2) A de serem verdes e copadas e de terem ramos
(3) E a de dar fruto na sua hora, o que não nos faz pensar,
(4) A nós, que não sabemos dar por elas. .
(5) Mas que melhor metafísica que a delas.
(6) Que é a de não saber por que vivem
(7) Nem que o não sabem?
Alberco Caeiro

Nos quatro últimos versos, há várias ocorrências da palavra **que**. Sobre essa palavra, pode-se dizer:

a) No quinto verso, tem-se um pronome definido e uma conjunção comparativa.
b) No sétimo verso, tem-se um pronome relativo.
c) No quarto verso, tem-se um pronome relativo.
d) No sexto verso, tem-se uma conjunção comparativa e um pronome interrogativo.
e) No sexto verso, tem-se uma conjunção integrante e um advérbio.

61) (FVG - SP-2007)

Ver é muito complicado. Isso é estranho porque os olhos, de todos os órgãos dos sentidos, são os de mais fácil compreensão científica.

A sua física é idêntica à física óptica de uma máquina fotográfica: o objeto do lado de fora aparece refletido do lado de dentro. Mas existe algo na visão que não pertence à física. William Blake* sabia disso e afirmou: "A árvore que o sábio vê não é a mesma árvore que o tolo vê". Sei disso por experiência própria. Quando vejo os ipês floridos, sinto-me como Moisés diante da sarça ardente: ali está uma epifania do sagrado. Mas uma mulher que vivia perto da minha casa decretou a morte de um ipê que florescia à frente de sua casa porque ele sujava o chão, dava muito trabalho para a sua vassoura. Seus olhos não viam a beleza. Só viam o lixo.

Adélia Prado disse: "Deus de vez em quando me tira a poesia. Olho para uma pedra e vejo uma pedra". Drummond viu uma pedra e não viu uma pedra. A pedra que ele viu virou poema.

(Rubem Alves. *A complicada arte de ver. Folha de S.Paulo*, 26.10.2004)
* William Blake (1757-1827) foi poeta romântico, pintor e gravador inglês.
Autor dos livros de poemas *Song of Innocence e Gates of Paradise*.

A respeito do pronome *disso*, na primeira linha do segundo parágrafo, pode-se dizer que é um
a) possessivo de segunda pessoa e se refere ao conteúdo do parágrafo anterior.
b) demonstrativo combinado com prefixo e se refere aos ipês floridos citados a seguir.
c) demonstrativo masculino de segunda pessoa e se refere ao poeta William Blake.
d) demonstrativo neutro que tem como referência a última frase do parágrafo anterior.
e) possessivo neutro e se refere a Moisés diante da sarça ardente.

62) (GV-2003) Leia atentamente o texto e responda à questão que a ele se refere.

Pode-se abordar o estudo das organizações asseverando a unicidade de toda estrutura social e evitando qualquer generalização, até que se tenha à mão prova empírica de similaridade bem aproximada. Foi esse o ponto de vista aconselhado à equipe de pesquisa da Universidade de Michigan pelos líderes de quase todas as organizações estudadas.- Nossa organização é única; de fato, não podemos ser comparados a qualquer outro grupo, declarou um líder ferroviário. Os ferroviários viam seus problemas organizacionais como diferentes de todas as demais classes; o mesmo acontecia com os altos funcionários do governo. Os dirigentes das companhias de seguros reagiam da mesma forma, o que também era feito pelos diretores de empresas manufatureiras, grandes e pequenas.
Entretanto, no momento em que começavam a falar de seus problemas, as reivindicações que faziam de sua unicidade tornavam-se invalidadas. Através de uma análise de seus problemas teria sido difícil estabelecer diferença entre o diretor de uma estrada de ferro e um alto funcionário público, entre o vice-presidente de uma companhia seguradora e seu igual de uma fábrica de automóveis. Conquanto haja aspectos únicos em qualquer situação social, também existem padrões comuns e, quanto mais nos aprofundamos, maiores se tornam as similaridades genotípicas.
Por outro lado, o teorista social global pode ficar tão envolvido em certas dimensões abstratas de todas as situações sociais que ele será incapaz de explicar as principais origens de variação em qualquer dada situação. O bom senso indica para esse problema a criação de uma tipologia. Nesse caso, são atribuídos às organizações certos tipos a respeito dos quais podem ser feitas generalizações. Assim, existem organizações voluntárias e involuntárias, estruturas democráticas e autocráticas, hierarquias centralizadas e descentralizadas, associações de expressão e aquelas que agem como instrumentos. As organizações são classificadas de maneira ainda mais comum, de acordo com suas finalidades oficialmente declaradas, tais como educar, obter lucros, promover saúde, religião, bem-estar, proteger os interesses dos trabalhadores e recreação.
Adaptado de KATZ, Daniel e KAHN, Robert L., p. 134-135. Psicologia Social das Organizações. São Paulo: Atlas, 1970.
Obs.: Asseverando significa afirmando com certeza, assegurando.

Observe a frase “Os ferroviários viam seus problemas organizacionais como diferentes de todas as demais classes” . Nela, para que a mensagem estivesse totalmente explícita, faltaria acrescentar uma palavra. Trata-se de:
a) No.
b) Dos.
c) Pelos.
d) Ao.
e) Do.

63) (GV-2003) Leia atentamente o texto e responda à questão que a ele se refere.

Briga de irmãos... Nós éramos cinco e brigávamos muito, recordou Augusto, olhos perdidos num ponto X, quase sorrindo. Isto não quer dizer que nos detestássemos. Pelo contrário. A gente gostava bastante uns dos outros e não podia viver na separação. Se um de nós ia para o colégio (era longe o colégio, a viagem se fazia a cavalo, dez léguas na estrada lamacenta, que o governo não conservava), os outros ficavam tristes uma semana. Depois esqueciam, mas a saudade do mano muitas vezes estragava o nosso banho no poço, irritava ainda mais o malogro da caça de passarinho: “Se Miguel estivesse aqui, garanto que você não deixava o tiziu fugir”, gritava Édison. “Você assustou ele falando alto... Miguel te quebrava a cara.” Miguel era o mais velho, e fora fazer o seu ginásio. Não se sabe bem por que a sua presença teria impedido a fuga do pássaro, nem ainda por que o tapa no rosto de Tito, com o tiziu já longínquo, teria remediado o acontecimento. Mas o fato é que a figura de Miguel, evocada naquele instante, embalava nosso desapontamento e de certo modo participava dele, ajudando-nos a voltar para casa de mãos vazias e a enfrentar o risinho malévolo dos Guimarães: “O que é que vocês pegaram hoje?” “Nada.” Miguel era deste tamanho, impunha-se. Além disto, sabia palavras difíceis, inclusive xingamentos, que nos deixavam de boca aberta, ao explodirem na discussão, e que decorávamos para aplicar na primeira oportunidade, em nossas brigas particulares com os meninos da rua. Realmente, Miguel fazia muita falta, embora cada um de nós trouxesse na pele a marca de sua autoridade. E pensávamos com ânsia no seu regresso, um pouco para gozar de sua companhia,

outro pouco para aprender nomes feios, e bastante para descontar os socos que ele nos dera, o miserável.
Carlos Drummond de Andrade, p. 13-14. Contos de Aprendiz - A Salvação da alma. São Paulo: José Olympio, 1973.

Com freqüência, a transgressão à norma culta constitui uma marca do registro coloquial da língua.
Nesses casos, parece existir, de um lado, a norma culta e, de outro, a “norma” coloquial - e esta muitas vezes se impõe socialmente, em detrimento da primeira. Um exemplo de transgressão à norma culta acontece numa das alternativas abaixo. Assinale-a.
a) Nós éramos cinco e...
b) ... que o governo não conservava...
c) ... embora cada um de nós trouxesse na pele...
d) Você assustou ele falando alto...
e) Se um de nós ia para o colégio...

64) (IBMEC-2006) JUVENTUDE ENCARCERADA
“Não adianta vocês fazerem rebeliões e quebrarem tudo porque dinheiro para realizar reformas e prendê-los aparece repidamente”. Ao fazer essa declaração em caráter informal a um adolescente que cumpria medida sócio-educativa de internação, jamais poderia imaginar que essa mensagem passaria a nortear suas atitudes dali em diante.
As experiências vividas em unidades de internação e de semiliberdade do Degase (Departamento Geral de Ações Sócio-Educativas), órgão responsável pelos adolescentes em cumprimento de medidas sócio-educativas no Estado do Rio de Janeiro, respaldam minhas palavras sobre o tema em voga na mídia: a redução da maioridade penal para 16 anos.
Poderia falar de vários fatos para justificar a minha opinião contrária à redução da maioridade penal e também da adoção do Direito Penal Juvenil. Ambas, a meu ver, destoam das conquistas da sociedade brasileira garantidas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente e por outros diplomas.
Adolescentes são apresentados à sociedade como mentores de crimes hediondos, traficantes perigosos, perturbadores da ordem pública e outras qualificações que em nada renovam as expressões utilizadas no início do século passado para justificar o encarceramento de adolescentes oriundos de classes populares.
A triste conclusão a que chego é a de que, infelizmente, não há um plano de inclusão na sociedade brasileira para essa enorme população de crianças e adolescentes originários das classes menos favorecidas. Portanto, surgem como alternativas o encarceramento, o extermínio e a exploração sexual e do trabalho dessa população.
Estamos sensibilizados com a dor dos pais dos jovens assassinados em São Paulo, no Rio de Janeiro, no Maranhão e em todos os recantos deste Brasil onde crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos são assassinados diariamente por pessoas de todas as classes sociais que se organizam em quadrilhas para ceifar vidas pelos motivos mais fúteis.
Quando tomo conhecimento de notícias envolvendo adolescentes e até mesmo crianças pergunto-me: quem estará semeando o desamor nesses corações? Por que não conseguimos impedir que os mentores dessa tragédia continuem atuando? Por que servimos banquetes a corruptos? Por que não anistiamos os adolescentes que cometeram atos leves e não reincidiram para que possamos cuidar com responsabilidade de casos mais graves? Por que as instituições responsáveis pelo atendimento não têm atenção devida do estado e de toda a sociedade?
“— É verdade, seu Sidney, para prender a gente o dinheiro aparece rapidinho. Eu não me meto nessa furada. Eu vou é pra escola.”
Ele foi para a escola, não aconteceu a rebelião e a sociedade ganhou mais um crítico do sistema. Jogado no sistema penitenciário, aquele jovem não teria tempo para desenvolver sua consciência crítica. Reduzir a maioridade penal significa, também, anular a possibilidade de corrigirmos nossas falhas pelo desrespeito aos direitos de todas as crianças e adolescentes do Brasil.
(Silva, Sidney Teles da. “Revista Ocas” saindo das ruas. Número 19, fevereiro de 2004, p. 30)

O uso de verbos e pronomes na primeira pessoa do plural, no sexto parágrafo, evidencia, analogicamente, que o “nós” é equivalente a:
a) o Estado.
b) o sistema penitenciário.
c) a sociedade.
d) as instituições responsáveis.
e) a família.

65) (IBMEC-2007) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.
• Deu-me alguns motivos ________ me pareciam inconsistentes.
• As informações ________ dependo são sigilosas.
• Lembro-me ________ ele só usava camisas brancas.
• Feliz do pai ________ filhos são ajuizados.
• Vivemos um momento ________ os graves problemas econômicos impedem uma maior mobilidade social.
a) cujos, nas quais, de que, cujo os, no qual
b) que, das quais, de que, cujos, em que
c) os quais, de que, que, o qual, onde
d) que, de que, que, cujos, onde
e) dos quais, de que, que, de cujos, no qual

66) (IME-1996) Nas frases a seguir há erros ou impropriedades. Reescreva-as e justifique a correção.
a) "Remeteremos, em seguida, os pedidos que encomendaram-nos."

b) "Ela veio, de modos que você agora está dispensado."

67) (IME-1996) Nas frases a seguir há erros ou impropriedades. Reescreva-as e justifique a correção.
a) "Esta é uma tarefa para mim fazer sozinho, não admito que se reparta as responsabilidades entre eu e outra pessoa."
b) "Ele tomou as decisões as mais oportunas."

68) (ITA-2001) Certos mitos são repetidos tantas e tantas vezes que muitos acabam se convencendo de que eles são de fato verdadeiros. Um desses casos é o que envolve a palavra "saudade", que seria uma exclusividade mundial da língua portuguesa. Trata-se de uma grande e pretensiosa balela.

Todas as línguas do mundo exprimem com maior ou menor grau de complexidade todos os sentimentos humanos. E seria uma grande pretensão acreditar que o sentimento que batizamos de "saudade" seja exclusivo dos povos lusófonos.

Embora línguas que nos são mais familiares como o inglês e o francês tenham de recorrer a mais de uma expressão (seus equivalentes de "nostalgia" e "falta") para exprimir o que chamamos de saudade em todas as circunstâncias, existem outros idiomas que o fazem de forma até mais sintética que o português.

Em uma de suas colunas semanais nesta Folha, o professor Josué Machado lembrou pelo menos dez equivalentes da palavra "saudade". Os russos têm "tosca"; alemães, "Sehnsucht"; árabes, "shauck" e também "hanim"; armênios, "garod"; sérvios e croatas, "jal"; letões, "ilgas"; japoneses, "natsukashi"; macedônios, "nedôstatok"; e húngaros, "sóvárgás".

Pode-se ainda acrescentar a essa lista o "desiderium" latino, o "póthos" dos antigos gregos e sabe-se lá quantas mais expressões equivalentes nas cerca de 6 mil línguas atualmente faladas no planeta ou nas 10 mil que já existiram.

Ora, se até os cães demonstram sentir saudades de seus donos quando ficam separados por um motivo qualquer, seria de um etnocentrismo digno de fazer inveja à Alemanha nazista acreditar que esse sentimento é próprio apenas aos que falam português.

Desde que o homem é homem, ou talvez mesmo antes, ele sente saudade; desde que aprendeu a falar aprendeu também, de uma forma ou de outra, a dizê-lo.

(Saudade. Folha de S. Paulo, 6/4/1996, adaptado.)

No trecho "existem outros idiomas que **o** fazem de forma até mais sintética que o português" (3º parágrafo), o termo "o", em destaque, substitui
a) uma oração indicativa de finalidade.
b) uma oração indicativa de causa.
c) uma oração indicativa de conseqüência.
d) a oração antecedente.
e) o sujeito da oração antecedente.

69) (ITA-1995) Indique a alternativa em que há erro gramatical:
a) Disse que daria o recado a ele e lho dei.
b) Prometeu a resposta a nós e no-la concedeu.
c) Já vo-los mostrarei, esperai.
d) Procuravam João, encontraram-no.
e) Quando lhe vi, espantei-me.

70) (ITA-1995) Indique a alternativa em que há erro gramatical:
a) Os estudantes estamos sempre atentos a reformas.
b) Nós fomos o cabeça da revolta.
c) Tu o dissestes, redargüiu ele.
d) Caro Diretor, sois o timoneiro necessário a esta empresa.
e) Vossa Excelência fique avisado de que o caso é grave.

71) (ITA-1995) Indique a alternativa em que há erro gramatical:
a) Àquelas daria a atenção devida?
b) Nem a traças nem a cupins conheço a solução.
c) Havia duas moças, você deu importância à de cá mas não a de lá.
d) Àquela prefiro esta.
e) Dobre à esquina, à direita, e você estará junto à Machado de Assis, bela praça.

72) (ITA-1995) Indique a alternativa em que há erro gramatical:

a) Não vá sem eu.
b) Ele é contra eu estar aqui.
c) Ele é contra mim, estar aqui é crime.
d) Com eu estar doente, não houve palestra.
e) Não haveria entre mim e ti entendimento possível.

73) (ITA-2005) Ilusão Universitária

1 Houve um tempo em que, ao ser admitido numa faculdade de direito, um jovem via seu futuro praticamente assegurado, como advogado, juiz ou promotor público. A situação, como se sabe, é hoje bastante diversa. Mudaram a universidade, o mercado de trabalho e os estudantes, muitos dos quais inadvertidamente compram a ilusão de que o diploma é condição necessária e suficiente para o sucesso profissional.

5 A proliferação dos cursos universitários nos anos 90 e 2000 é a um só tempo sintoma e causa dessas mudanças. Um mercado de trabalho cada vez mais exigente passou a cobrar maior titulação dos jovens

profissionais. Com isso, aumentou a oferta de cursos e caiu a qualidade.

O fenômeno da multiplicação das faculdades e do declínio da qualidade acadêmica foi especialmente intenso no campo do direito. Trata-se, afinal, de uma carreira de prestígio, cujo 10 ensino é barato. Não exige mais do que o professor, livros, uma lousa e o cilindro de giz. Existem hoje 762 cursos jurídicos no país. Em 1993, eles eram 183. A OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) acaba de divulgar a lista das faculdades recomendadas. Das 215 avaliadas, apenas 60 (28%) receberam o "nihil obstat". A Ordem levou em conta conceitos do provão e os resultados do seu próprio exame de credenciamento de bacharéis.

15 A verdade é que nenhum país do mundo é constituído apenas por advogados, médicos e engenheiros. Apenas uma elite chega a formar-se nesses cursos. No Brasil, contudo, criou-se a ilusão de que a faculdade abre todas as portas. Assim, alunos sem qualificação acadêmica para seguir essas carreiras pagam para obter diplomas que não lhes serão de grande valia. É mais sensato limitar os cursos e zelar por sua excelência, evitando paliativos como o exame da Ordem, 20 que é hoje absolutamente necessário para proteger o cidadão de advogados incompetentes - o que só confirma as graves deficiências do sistema educacional.

(Folha de S. Paulo, 29/01/2004)

A universidade é só o começo

1 Na última década, a universidade viveu uma espécie de milagre da multiplicação dos diplomas. O número de graduados cresceu de 225 mil no final dos anos 80 para 325 mil no levantamento mais recente do Ministério da Educação em 2000.

A entrada no mercado de trabalho desse contingente, porém, não vem sendo propriamente 5 triunfal como uma festa de formatura. Engenheiros e educadores, professores e administradores, escritores e sobretudo empresários têm sussurrado uma frase nos ouvidos dessas centenas de milhares de novos graduados: "O diploma está nu". Passaporte tranqüilo para o emprego na década de 80, o certificado superior vem sendo exigido com cada vez mais vistos.

10 Considerado um dos principais pensadores da educação no país, o economista Cláudio de Moura Castro sintetiza a relação atual do diploma com o mercado de trabalho em uma frase: "Ele é necessário, mas não suficiente". O raciocínio é simples. Com o aumento do número de graduados no mercado, quem não tem um certificado já começa em desvantagem.

Conselheiro-chefe de educação do Banco Interamericano de Desenvolvimento durante

15 anos, ele compara o sem-diploma a alguém "em um mato sem cachorro no qual os outros usam armas automáticas e você um tacape". Por outro lado, o economista-educador diz que ter um fuzil, seja lá qual for, não garante tanta vantagem assim nessa floresta.

Para Robert Wong, o diagnóstico é semelhante. Só muda a metáfora. Principal executivo na América do Sul da Korn/Ferry International, maior empresa de recrutamento de altos executivos 20 do mundo, ele equipara a formação acadêmica com a potência do motor de um carro.

Equilibrados demais acessórios, igualado o preço, o motor pode desempatar a escolha do consumidor.

"Tudo sendo igual, a escolaridade faz a diferença."

Mas assim como Moura Castro, o head hunter defende a idéia de que um motor turbinado não abre automaticamente as portas do mercado. Wong conta que no mesmo dia da entrevista à

25 Folha [Jornal Folha de S. Paulo] trabalhava na seleção de um executivo para uma multinacional na qual um dos principais candidatos não tinha experiência acadêmica. "É um self-made man."

Brasileiro nascido na China, Wong observa que é em países como esses, chamados "em desenvolvimento", que existem mais condições hoje para o sucesso de profissionais como esses, de perfil empreendedor. (...)

(Cassiano Elek Machado. A universidade é só o começo. Folha de S. Paulo, 27/07/2002. Disponível na Internet: http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse. Data de acesso: 24/08/2004)

Assinale a opção em que a expressão com o pronome demonstrativo exige que sejam consideradas informações anteriores e posteriores para ser interpretada.

a) esses cursos (Texto 1, linha 16).

b) essas carreiras (Texto 1, linha 17).

c) essas centenas de milhares de novos graduados (Texto 2, linha 6).

d) esse contigente (Texto 2, linha 4).

e) profissionais como esses (Texto 2, linha 28).

74) (ITA-2005) O emprego de "o mesmo", comumente criticado por gramáticos, é usado, muitas vezes, para evitar repetição de palavras ou ambigüidade. Aponte a opção em que o uso de "o mesmo" não assegura clareza na mensagem.

a) Esta agência possui cofre com fechadura eletrônica de retardo, não permitindo a abertura do mesmo fora dos horários programados. (Cartaz em uma agência dos Correios)

b) A reunião da Associação será na próxima semana. Peço a todos que confirmem a participação na mesma. (Mensagem, enviada por e-mail, para chamada dos associados para uma reunião)

c) Antes de entrar no elevador, verifique se o mesmo se encontra parado neste andar. (Lei 9.502)

d) Após o preenchimento do questionário para levantamento de necessidade de treinamento, solicito a devolução do mesmo a este Setor. (Ofício de uma instituição pública)

e) A grama é colhida, empilhada e carregada sem contato manual, portanto a manipulação fica restrita à descarga do caminhão manualmente ao lado do mesmo. (Folheto de instruções para plantio de grama na forma de tapete de grama)

75) (Mack-2002) Na semana passada, ouvi uma senhora suspirar: - “Tudo anda tão confuso!”. E, de fato, o homem moderno é um pobre ser dilacerado de perplexidades. Nunca se duvidou tanto. Outro dia, um diplomata português perguntou se a mulher bonita era realmente bonita. Respondi-lhe: - “Às vezes”.

Já escrevi umas cinqüenta vezes que a grã-fina é a falsa bonita. Seu penteado, seus cílios, seus vestidos, seu decote, sua maquiagem, suas jóias - tudo isso não passa de uma minuciosa montagem. E se olharmos bem, veremos que sua beleza é uma fraude admirável. Todos se iludem, menos a própria. No terreno baldio, e sem testemunhas, ela há de reconhecer que apenas realiza uma imitação de beleza.

Portanto, a pergunta do diplomata português tem seu cabimento. E minha resposta também foi justa. Às vezes, a mulher bonita não é bonita, como a grã-fina. Mesmo as que são bem-dotadas fisicamente têm suas dúvidas.

Crônica de Nelson Rodrigues

Assinale a alternativa correta sobre o último parágrafo do texto.

a) Se o texto se referisse a homem bonito estaria correta a expressão como o grão-fino.

b) O uso de também indica que o cronista considera justa a pergunta do diplomata português.

c) Está subentendido o segmento destacado em: como a grã-fina **poderia ser bonita**.

d) Portanto introduz uma explicação relativa ao que se afirma na oração anterior.

e) Em seu cabimento, o pronome expressa posse relativa ao diplomata português.

76) (Mack-2002) Cuido haver dito, no capítulo XIV, que Marcela morria de amores pelo Xavier. Não morria, vivia. Viver não é a mesma coisa que morrer; assim o afirmam todos os joalheiros deste mundo, gente muito vista na gramática. Bons joalheiros, que seria do amor se não fossem os vossos dixes* e fiados? Um terço ou um quinto do universal comércio dos corações. (...) O que eu quero dizer é que a mais bela testa do mundo não fica menos bela, se a cingir um diadema de pedras finas; nem menos bela, nem menos amada. Marcela, por exemplo, que era bem bonita, Marcela amou-me (...) durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos.

* Dixes: jóias, enfeites

Machado de Assis - Memórias póstumas de Brás Cubas

Assinale a alternativa correta sobre o texto.

a) Em *morria de amores pelo Xavier*, de amores tem a função de adjunto adverbial de intensidade.

b) Em *assim o afirmam todos os joalheiros* , o pronome oblíquo **o** retoma o período *Não morria, vivia*.

c) Em *assim o afirmam todos os joalheiros* , joalheiros é complemento do verbo afirmar.

d) O narrador surpreende o leitor ao utilizar o aposto *gente muito vista na gramática* para caracterizar joalheiros.

e) Ao dizer *Não morria, vivia*, o narrador, através de uma antítese, confirma que Marcela padecia de amores por Xavier.

77) (Mack-2005) 1. No começo do século XX, o escritor paranaense Emílio de
2. Meneses era o gênio das frases. Conta-se que certa vez, no Rio de
3. Janeiro, viajava num bonde em cujos bancos só cabiam quatro
4. passageiros. O do escritor já estava lotado, quando ele viu, tentando
5. com dificuldade acomodar-se a seu lado, uma conhecida cantora
6. lírica, gorda como ele. Foi a deixa para mais um trocadilho: “Ó,
7. atriz atroz. Atrás, há três!”

Benício Medeiros

Viajava num bonde em cujos bancos só cabiam quatro passageiros.

Um outro modo de relatar o fato acima, preservando o sentido original e respeitando a gramática normativa da língua, é:

a) Viajava num bonde que os bancos só acomodavam quatro passageiros.

b) Os bancos do bonde em que viajava só comportavam quatro passageiros.

c) Quatro passageiros cabiam só nos bancos do bonde onde ele viajava.

d) Viajava num bonde onde só cabiam bancos com quatro passageiros.

e) Os bancos do bonde que ele viajava só acomodavam quatro passageiros.

78) (Mack-2005) Assinale a afirmativa correta sobre o texto

1. Me sinto com a cara no chão, mas a verdade precisa ser dita ao
2. menos uma vez: aos 52 anos eu ignorava a admirável forma lírica da
3. canção paralelística (...).
4. O “Cantar de amor” foi fruto de meses de leitura dos cancioneiros.
5. Li tanto e tão seguidamente aquelas deliciosas cantigas, que fiquei
6. com a cabeça cheia de “velidas” e “mha senhor” e “nula ren”;

7. sonhava com as ondas do mar de Vigo e com romarias a San Servando.
8. O único jeito de me livrar da obsessão era fazer uma cantiga.

Manuel Bandeira

a) Em Li tanto e tão seguidamente **aquelas deliciosas cantigas** (linha 05), o termo destacado complementa seguidamente.
b) Em romarias **a San Servando** (linha 07), o termo destacado é objeto indireto.
c) Em me livrar da obsessão (linha 08), o pronome refere-se ao eu que fala, assumindo, assim, a função de agente da ação.
d) Em aquelas deliciosas cantigas (linha 05), o pronome marca a distância entre o momento em que se fala e a circunstância relatada.
e) Em me livrar da obsessão (linha 08), da obsessão denota a dificuldade do autor em entender os referidos textos.

79) (Mack-2001) O antigo conceito de preservação ambiental, baseado na intocabilidade dos recursos naturais, há algum tempo foi superado e substituído por outro que condiciona a preservação a um novo modelo de desenvolvimento da civilização, fundamentado no uso racional dos recursos naturais, para que estes possam continuar disponíveis às gerações que ainda virão. A este desenvolvimento, que não esgota, mas conserva e realimenta sua fonte de recursos naturais; que não inviabiliza a sociedade, mas promove a repartição justa dos benefícios alcançados; que não é movido apenas por interesses imediatistas, mas sim baseado no planejamento de sua trajetória e que, por estas razões, é capaz de manter-se no espaço e no tempo, é que damos o nome de desenvolvimento sustentável.
Washington Novaes

O antigo conceito de preservação ambiental, **baseado na intocabilidade dos recursos naturais**, há algum tempo foi superado e substituído por outro.
Reescrevendo-se o fragmento destacado, obtém-se corretamente:
a) cuja a base é a intocabilidade dos recursos naturais.
b) cuja base é a intocabilidade dos recursos naturais.
c) onde a base é a intocabilidade dos recursos naturais.
d) que a base dela é a intocabilidade dos recursos naturais.
e) que a base é a intocabilidade dos recursos naturais.

80) (Mack-2002) Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo; neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade:
"Nas tribos primitivas, os velhos são os guardiães das tradições, não só porque eles as receberam mais cedo que os outros mas também porque só eles dispõem do lazer necessário para fixar seus pormenores ao longo de conversações com os outros velhos, e para ensiná-los aos jovens a partir da iniciação. Em nossas sociedades também estimamos um velho porque, tendo vivido muito tempo, ele tem muita experiência e está carregado de lembranças. Como, então, os homens idosos não se interessariam apaixonadamente por esse passado, tesouro comum de que se constituíram depositários, e não se esforçariam por preencher, em plena consciência, a função que lhes confere o único prestígio que possam pretender daí em diante?"
Ecléa Bosi

Como, então, os homens idosos não se interessariam apaixonadamente por esse passado, tesouro comum de **que** se constituíram depositários, e não se esforçariam por preencher, em plena consciência, a função que lhes confere o único prestígio que possam pretender daí em diante?

Assinale a afirmação correta sobre o período acima, retirado do texto.
a) *esse*, em *esse passado*, refere-se à parcela do tempo vivido que não tem valor para a vida da coletividade.
b) *tesouro comum de que se constituíram depositários* equivale a: tesouro comum de que os homens idosos, na qualidade de guardiães, não podem usufruir.
c) O **que** destacado no texto refere-se a os homens idosos.
d) A indagação é estratégia para enfatizar como são óbvias as razões para os velhos se interessarem tanto pelo passado e tanto desejarem mantê-lo vivo pela memória.
e) Em não se esforçariam, é preferível, de acordo com a norma culta, a ênclise do pronome oblíquo.

81) (Mack-1997) I. Refiro-me àquilo e não a isto.
II. Sairemos bem cedo, para chegar à tempo de assistir a cerimônia.
III. Dirigiram-se à Sua Excelência e declararam que estão dispostos à cumprir o seu dever e a não permitir a violação da lei.

Quanto ao emprego da crase, assinale:
a) se todas as afirmações estão incorretas.
b) se todas estão corretas.
c) se apenas I está correta.
d) se apenas III está correta.
e) se apenas II está correta.

82) (Mack-1997) I - Todos estavam meios cansados, porque já era meio-dia e meia e fazia muito calor.
II - Fazem trinta anos que nos conhecemos.
III - Nenhum dos presentes à festa souberam dizer se houveram tiros dentro ou fora da casa, durante o assalto.

Quanto à concordância nominal e verbal, assinale:

a) se apenas I está correta.
b) se apenas II e III estão corretas.
c) se todas estão corretas.
d) se apenas II está correta.
e) se todas estão incorretas.

83) (Mack-1996) "Na ata da reunião, registraram-se todas as opiniões dos presentes."
Assinale a alternativa que apresenta corretamente a classificação da partícula se, na frase acima.
a) índice de indeterminação do sujeito.
b) pronome reflexivo (objeto direto).
c) partícula apassivadora.
d) conjunção subordinativa integrante.
e) palavra de realce.

84) (Mack-1997) I. Os recursos de que disponho no momento são precários.
II. O cavalheiro cujo escritório estivemos é advogado.
III. Os elementos que ele conta para elaborar sua tese são muito bons.

Quanto ao emprego dos pronomes relativos e à regência verbal, assinale:
a) se todas as afirmações estão corretas.
b) se apenas I está correta.
c) se apenas III está correta.
d) se apenas II está correta.
e) se todas estão incorretas.

85) (Mack-2002) ... isto de método, sendo, como é, uma cousa indispensável, todavia é melhor tê-lo sem gravata nem suspensórios, mas um pouco à fresca e à solta (...).

Assinale a alternativa correta sobre o fragmento transcrito.

a) **isto** tem o mesmo valor da interjeição presente na frase: Isto! Você superou brilhantemente o obstáculo!.
b) A frase sendo uma cousa indispensável expressa, no contexto, uma condição.
c) **como é** constitui recurso para não deixar dúvida sobre a afirmação que está sendo articulada.
d) todavia pode ser substituído, sem prejuízo do sentido original, por **porque.**
e) O acento indicativo da crase observado em à solta ocorreria corretamente também **em chegou à escrever aos pais.**

86) (Mack-2004) Há no Brasil grandíssimas matas de árvores agrestes, cedros, carvalhos, vinháticos, angelins e outras não conhecidas em Espanha, de madeiras fortíssimas para se poderem fazer delas fortíssimos galeões e, o que mais é, que da casca de algumas se tira a estopa para se calafetarem e fazerem cordas para enxárcia e amarras, do que tudo se aproveitam os que querem cá fazer navios, e se pudera aproveitar el-rei se cá os mandara fazer.
Obs.: enxárcia — conjunto de cabos e degraus roliços feitos de cabo ('corda'), madeira ou ferro, que sustentam mastros de embarcações a vela
Considerando sempre o contexto, assinale a alternativa correta.
a) Substituindo "haver" por "existir", na frase Há no Brasil grandíssimas matas de árvores, a forma correta é: "Existe no Brasil".
b) Em grandíssimas matas **de** árvores agrestes, o termo destacado estabelece relação de "constituição".
c) Em se tira a estopa **para se calafetarem**, o segmento destacado expressa idéia de "meio com o qual se obtém um certo resultado".
d) Nas linhas finais, aparecem dois pronomes **os** (**os** que querem; **os** mandara fazer), e eles têm o mesmo referente.
e) A frase se cá os mandara fazer traz subentendida a seguinte idéia: el-rei é um dos que efetivamente aproveitam tudo das árvores encontradas no Brasil.

87) (Mack-2004) Há no Brasil grandíssimas matas de árvores agrestes, cedros, carvalhos, vinháticos, angelins e outras não conhecidas em Espanha, de madeiras fortíssimas para se poderem fazer delas fortíssimos galeões e, o que mais é, que da casca de algumas se tira a estopa para se calafetarem e fazerem cordas para enxárcia e amarras, do que tudo se aproveitam os que querem cá fazer navios, e se pudera aproveitar el-rei se cá os mandara fazer.
Obs.: enxárcia - conjunto de cabos e degraus roliços feitos de cabo ('corda'), madeira ou ferro, que sustentam mastros de embarcações a vela

Assinale a afirmação correta.
a) Na caracterização de espécies vegetais brasileiras, a Espanha foi tomada como referência.
b) A relação entre fortíssimo e "muito forte" é a mesma que entre "bom" e "muito bom".
c) Em **de algumas** se tira a estopa, a expressão em negrito é complemento agente da passiva.
d) É coerente com o texto a afirmação: "de tudo se aproveitam não só os envolvidos com objetos navais, como também os ocupados com cordas para enxárcia e amarras".
e) Em da casca de algumas se tira a estopa, está presente a idéia de que o benefício advém da totalidade das espécies vegetais.

88) (Mack-2004) Os livros viraram o objeto de decoração da moda nas casas dos endinheirados. Se eles não têm

familiaridade com a leitura, arquitetos e decoradores vão a campo. Esses profissionais aconselham a compra de coleções completas de obras de literatura, filosofia e história para decorar as salas. Livros de auto-ajuda, só no quarto. Parte das peças deve ser garimpada em sebos, para transmitir a idéia de conhecimento sólido, erudição. Entre as opções básicas para demonstrar inteligência já na mesinha de centro, está o "ambiente moderno", cuja composição exige livros alegres e coloridos, de artistas como Miró, Picasso, Mondrian. Acredita-se que eles dão vivacidade ao espaço.

Paloma Cote

É correto dizer que:
a) no trecho *Se **eles** não têm familiaridade com a leitura*, o pronome antecipa a referência a arquitetos e decoradores.
b) no último parágrafo, *espaço* retoma o núcleo do adjunto adverbial *em sebos* .
c) no trecho *Acredita-**se** que **eles** dão vivacidade ao espaço*, os pronomes *se* e *eles* têm a mesma referência.
d) em *Acredita-se que **eles** dão vivacidade ao espaço* o pronome eles tem referência ambígua.
e) *Já*, em *demonstrar inteligência **já** na mesinha de centro*, poderia ser substituído por "*rapidamente*".

89) (Mack-2006) Parabéns. Estou encantado com seu sucesso. Chegar aqui não foi fácil, eu sei. Na verdade, suspeito que foi um pouco mais difícil do que você imagina. Para início de conversa, para você estar aqui agora, trilhões de átomos agitados tiveram de se reunir de uma maneira intrincada e intrigantemente providencial a fim de criá-lo. Essa é uma organização tão especializada e particular que nunca antes foi tentada e só existirá desta vez. Nos próximos anos, essas partículas minúsculas se dedicarão totalmente aos bilhões de esforços jeitosos e cooperativos necessários para mantê-lo intacto e deixá-lo experimentar o estado agradabilíssimo, mas ao qual não damos o devido valor, conhecido como existência.

Adaptado de Bill Bryson

Assinale a alternativa correta.
a) Em criá-**lo** (linha 04) e deixá-**lo** (linha 06), as formas pronominais destacadas referem-se a diferentes elementos do texto.
b) O sucesso (linha 01) mencionado pelo autor corresponde à capacidade do ser humano de perceber o valor de sua experiência.
c) A palavra agora (linha 02) restringe sua referência ao exato momento em que o autor escrevia o texto.
d) Em para mantê-lo intacto **e** deixá-lo experimentar (linha 06), a conjunção destacada tem o mesmo sentido presente em "Vieram e, infelizmente, não puderam ficar".
e) Em Estou encantado com **seu** sucesso (linha 01), a forma destacada antecipa a referência explícita à figura do leitor, feita por meio do pronome você (linha 02).

90) (Mack-2007) O que empurrou as caravelas de Portugal em busca de novos mundos para o mundo? Necessidades de subsistência ou o sonho moderno de se fazer valer? A oposição assim colocada evoca imediatamente o começo da Fenomenologia do espírito, de Hegel – que é de fato a melhor interpretação antropológica da subjetividade moderna no instante de seu triunfo. A humanidade (entenda-se: a modernidade) – na descrição de Hegel – começa quando acaba o reino da necessidade, ou seja, quando o desejo não encontra mais sua satisfação nos objetos procurados e finalmente consumidos mas se projeta e se prolonga indefinidamente na procura de reconhecimento.
Não há melhor descrição do fim da sociedade tradicional: o lugar social de cada um passa a ser decidido pelo reconhecimento que ele obtém dos outros, e os objetos de desejo passam a valer como meios para conseguir um lugar ao sol. De repente, nenhum deles pode apagar um desejo que transcende qualquer necessidade.
Adaptado de Contardo Calligaris

Assinale a alternativa correta.
a) Se substituíssemos ele por "eles", no trecho que ele obtém dos outros (linhas 12 e 13), a grafia da forma verbal seria a mesma.
b) A forma negativa em quando o desejo não encontra mais (linha 08) equivale a "o desejo encontra menos".
c) Na voz ativa, a forma verbal do segmento o lugar social de cada um passa a ser decidido pelo reconhecimento (linhas 11 e 12) seria: "decide".
d) Em que é de fato (linha 04), o pronome destacado pode se referir, ambiguamente, tanto a o começo da obra de Hegel como à totalidade da obra.
e) Se a forma verbal transcende, no trecho um desejo que transcende qualquer necessidade (linha 15), fosse deslocada para o final do período, o sentido permaneceria o mesmo.

91) (PUC - RJ-2006) A venalidade, disse o Diabo, era o exercício de um direito superior a todos os direitos. Se tu podes vender a tua casa, o teu boi, o teu sapato, o teu chapéu, cousas que são tuas por uma razão jurídica e legal, mas que, em todo caso, estão fora de ti, como é que não podes vender a tua opinião, o teu voto, a tua palavra, a tua fé, cousas que são mais do que tuas, porque são a tua própria consciência, isto é, tu mesmo? Negá-lo é cair no absurdo e no contraditório. Pois não há mulheres que vendem os cabelos? não pode um homem vender uma parte do seu sangue para transfundi-lo a outro homem anêmico? e o sangue e os cabelos, partes físicas, terão um privilégio que se nega ao caráter, à porção moral do homem? Demonstrando assim o princípio, o Diabo não se demorou em expor as vantagens de ordem temporal ou pecuniária; depois, mostrou ainda que, à vista do preconceito social, conviria dissimular o exercício de um

direito tão legítimo, o que era exercer ao mesmo tempo a venalidade e a hipocrisia, isto é, merecer duplicadamente.
[Fragmento do conto "A Igreja do Diabo", de Machado de Assis]
a) Explique o argumento de que se vale o Diabo na defesa que faz da venalidade.

b) A que se refere o pronome oblíquo na frase *Negá-lo é cair no absurdo e no contraditório* (linhas 4-5)?

92) (PUC-RS-2001) A zona franca do pensamento

Qual é a invenção que lhe deixa mais perplexo, aquela que foge à sua compreensão? Tantas. O avião, por exemplo. Como consegue voar aquele zepelin de aço, com 300 passageiros e suas respectivas bagagens provenientes de Miami? Internet: eu aqui e você em Cingapura, conversando a um custo de eu aqui e você ali na esquina. Fax: coloco uma folha de papel num aparelhinho e ele sai reproduzido, no mesmo instante, em Guiné-Bissau. Televisão: uma câmera capta minha imagem e eu apareço, ao mesmo tempo, num casebre do Morro da Cruz e numa mansão da Barra da Tijuca, ao vivo e em cores. Ultra-sonografia. Gestação in vitro. Clonagem. Reverencio a tecnologia hoje me arrependo de ter matado algumas aulas de física e biologia, que me ajudariam a entender melhor como funciona o mundo que me cerca. Só numa invenção pisoteio e cuspo em cima: no detector de mentiras. (...) Uma geringonça que se julga capaz de adivinhar o que pensamos!
O pensamento é o território mais protegido do mundo, e ao mesmo tempo o mais livre. Nele cabe um mundaréu de gente, todas as que conhecemos e mais aquelas que imaginamos, e delas somos seu deus e seu diabo. (...) O pensamento não tem fronteiras, lógica, advogado de defesa ou carrasco. É zona franca, terra de ninguém. Vivemos cercados de microcâmeras, pardais, caetanos, alarmes. Somos constantemente vigiados, qualquer um nos localiza, identifica, surpreende. O pensamento é o único lugar onde ainda estamos seguros, onde nossa loucura é permitida e todos os nossos atos são inocentes. Que se instale um novo mundo cibernético, mas que virem sucata esses detectores de mentiras, tão sujeitos a falhas. Dentro do pensamento, não há tecnologia que consiga nos achar.
Marta Medeiros Zero Hora, 31/03/1999 (adaptado)

O uso do pronome "lhe" no texto, como complemento linguagem informal, contraria a língua culta formal. Situação semelhante ocorre com o uso desse pronome em

a) Queremos cumprimentar-**lhe** por sua campanha em favor da ética na pesquisa genética.
b) Nada **lhe** assegurava que estava sendo observado.
c) As recentes descobertas indicam-**lhe** que sua linha de raciocínio está correta.
d) Os repórteres **lhe** fizeram muitas perguntas acerca de seus estudos?
e) A liberação do fundo de financiamento permitiu- **lhe** prosseguir em suas pesquisas.

93) (PUC-RS-2001) Para responder à questão, relacione as colunas, de modo que as expressões da direita completem adequadamente as frases da esquerda.

( ) A descoberta _______ se referia o cientista era surpreendente ( ) Estes são dados sigilosos, _____divulgação é reservada. ( ) Áreas _______ há maior pobreza merecem toda atenção dos estudiosos. ( ) A pesquisa, ________ não faltam recursos financeiros, está parada por razões políticas. ( ) A penúria _______ passa grande parte da humanidade exige uma ciência ética.	1. onde 2. que 3. a que 4. por que 5 . cuja 6. à qual 7. aonde 8. pela qual

Relacionando as duas colunas, a seqüência correta, de cima para baixo, é
a) 1 - 4 - 7 - 6 - 2
b) 2 - 1 - 7 - 1 - 4
c) 3 - 5 - 1 - 6 - 4
d) 5 - 6 - 1 - 3 - 3
e) 6 - 5 - 7 - 2 - 8

94) (PUC-SP-2005) A partir dos seguintes trechos: ... e nunca mais **se** soube o que era blasfêmia.../dentro dos sons movem-**se** cores..., assinale a alternativa **CORRETA**.
a) o pronome átono se exerce a função de partícula apassivadora na voz passiva analítica.
b) o pronome átono se exerce a função de partícula apassivadora na voz passiva pronominal.
c) o pronome átono se exerce a função de partícula apassivadora na voz ativa.
d) o pronome átono se é parte integrante do verbo.
e) o pronome átono se exerce a função de pronome reflexivo.

95) (PUC-SP-2005) Estradas de Rodagem
Comparados os países com veículos, veremos que os Estados Unidos são uma locomotiva elétrica; a Argentina um automóvel; o México uma carroça; e o Brasil um carro de boi.
O primeiro destes países voa; o segundo corre a 50 km por hora; o terceiro apesar das revoluções tira 10 léguas por dia; nós...
Nós vivemos atolados seis meses do ano, enquanto dura a estação das águas, e nos outros 6 meses caminhamos à razão de 2 léguas por dia. A colossal produção agrícola e industrial dos americanos voa para os mercados com a velocidade média de 100 km por hora. Os trigos e carnes argentinas afluem para os portos em autos e locomotivas que uns 50 km por hora, na certa, desenvolvem.

As fibras do México saem por carroças e se um general revolucionário não as pilha em caminho, chegam a salvo com relativa presteza. O nosso café, porém, o nosso milho, o nosso feijão e a farinha entram no carro de boi, o carreiro despede-se da família, o fazendeiro coça a cabeça e, até um dia!. Ninguém sabe se chegará, ou como chegará. Às vezes pensa o patrão que o veículo já está de volta, quando vê chegar o carreiro.
—Então? Foi bem de viagem?
O carreiro dá uma risadinha.
—Não vê que o carro atolou ali no Iriguaçu e...
—E o quê?
—... e está atolado! Vim buscar mais dez juntas de bois para tirar ele.
E lá seguem bois, homens, o diabo para desatolar o carro. Enquanto isso, chove, a farinha embolora, a rapadura derrete, o feijão caruncha, o milho grela; só o café resiste e ainda aumenta o peso.
(LOBATO, M. *Obras Completas*, 14ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1972, v. 8, p.74)

No diálogo com o patrão, em certo momento o carreiro diz: *” ... e está atolado. Vim buscar mais dez juntas de bois para tirar ele”.* Empregando a língua informalmente, ele usa o pronome pessoal do caso reto na posição de complemento do verbo. Se a construção fosse reelaborada em nível formal, teríamos:
a) Vim buscar mais dez juntas de bois para tirar-lhe.
b) Vim buscar mais dez juntas de boi para tirá-lo.
c) Vim buscar mais dez juntas de bois para lhe tirar.
d) Vim buscar mais dez juntas de bois para o tirarmos.
e) Vim buscar mais dez juntas de bois para tirarmo-lo.

96) (PUC-SP-2006) A animalização do país
Clóvis Rossi, Folha de São Paulo, 21 de fevereiro de 2006

SÃO PAULO - No sóbrio relato de Elvira Lobato, lia-se ontem, nesta Folha, a história de um Honda Fit abandonado em uma rua do Rio de Janeiro "com uma cabeça sobre o capô e os corpos de dois jovens negros, retalhados a machadadas, no interior do veículo".
Prossegue o relato: "A reação dos moradores foi tão chocante como as brutais mutilações. Vários moradores buscaram seus celulares para fotografar os corpos, e os mais jovens riram e fizeram troça dos corpos.
Os próprios moradores descreveram a algazarra à reportagem. "Eu gritei: Está nervoso e perdeu a cabeça?", relatou um motoboy que pediu para não ser identificado, enquanto um estudante admitiu ter rido e feito piada ao ver que o coração e os intestinos de uma das vítimas tinham sido retirados e expostos por seus algozes.
"Ri porque é engraçado ver um corpo todo picado", respondeu o estudante ao ser questionado sobre a causa de sua reação.
O crime em si já seria uma clara evidência de que bestas-feras estão à solta e à vontade no país. Mas ainda daria, num esforço de auto-engano, para dizer que crimes bestiais ocorrem em todas as partes do mundo.
Mas a reação dos moradores prova que não se trata de uma perversidade circunstancial e circunscrita. Não. O país perde, crescentemente, o respeito à vida, a valores básicos, ao convívio civilizado. O anormal, o patológico, o bestial, vira normal. "É engraçado", como diz o estudante.
O processo de animalização contamina a sociedade, a partir do topo, quando o presidente da
República diz que seu partido está desmoralizado, mas vai à festa dos desmoralizados e confraterniza com trambiqueiros confessos. Também deve achar "engraçado".
Alguma surpresa quando é declarado inocente o comandante do massacre de 111 pessoas, sob aplausos de parcela da sociedade para quem presos não têm direito à vida? São bestas-feras, e deve ser "engraçado" matá-los. É a lei da selva, no asfalto.

Em relação ao terceiro parágrafo do texto, a expressão SEUS ALGOZES faz o leitor compreender
que se trata dos algozes
a) dos próprios moradores que descreveram a cena.
b) da algazarra.
c) da reportagem.
d) do motoboy.
e) de uma das vítimas.

97) (PUC-SP-2006) A animalização do país
Clóvis Rossi, Folha de São Paulo, 21 de fevereiro de 2006

SÃO PAULO - No sóbrio relato de Elvira Lobato, lia-se ontem, nesta Folha, a história de um Honda Fit abandonado em uma rua do Rio de Janeiro "com uma cabeça sobre o capô e os corpos de dois jovens negros, retalhados a machadadas, no interior do veículo".
Prossegue o relato: "A reação dos moradores foi tão chocante como as brutais mutilações. Vários moradores buscaram seus celulares para fotografar os corpos, e os mais jovens riram e fizeram troça dos corpos.
Os próprios moradores descreveram a algazarra à reportagem. "Eu gritei: Está nervoso e perdeu a cabeça?", relatou um motoboy que pediu para não ser identificado, enquanto um estudante admitiu ter rido e feito piada ao ver que o coração e os intestinos de uma das vítimas tinham sido retirados e expostos por seus algozes.
"Ri porque é engraçado ver um corpo todo picado", respondeu o estudante ao ser questionado sobre a causa de sua reação.
O crime em si já seria uma clara evidência de que bestas-feras estão à solta e à vontade no país. Mas ainda daria, num esforço de auto-engano, para dizer que crimes bestiais ocorrem em todas as partes do mundo.
Mas a reação dos moradores prova que não se trata de uma perversidade circunstancial e circunscrita. Não. O país perde, crescentemente, o respeito à vida, a valores

básicos, ao convívio civilizado. O anormal, o patológico, o bestial, vira normal. "É engraçado", como diz o estudante. O processo de animalização contamina a sociedade, a partir do topo, quando o presidente da
República diz que seu partido está desmoralizado, mas vai à festa dos desmoralizados e confraterniza com trambiqueiros confessos. Também deve achar "engraçado".
Alguma surpresa quando é declarado inocente o comandante do massacre de 111 pessoas, sob aplausos de parcela da sociedade para quem presos não têm direito à vida? São bestas-feras, e deve ser "engraçado" matá-los. É a lei da selva, no asfalto.

A palavra QUE exerce a mesma função em todas as alternativas abaixo, exceto:

a) Admitiu ter rido e feito piada ao ver que o coração e as os intestinos de uma das vítimas...
b) O crime em si já seria uma clara evidência de que bestas-feras estão à solta e à vontade no país.
c) Mas ainda daria (...) para dizer que crimes bestiais ocorrem em todas as partes do mundo.
d) Mas a reação dos moradores prova que não se trata de uma perversidade circunstancial e circunscrita.
e) 'Está nervoso e perdeu a cabeça?', relatou um motoboy que pediu para não ser identificado.

98) (UECE-2002) AOS RICOS, O PRIVILÉGIO

Toda nação civilizada ergueu-se da barbárie, tornando-se antes uma sociedade hierarquizada. Pelas mais diversas razões, alguns indivíduos ascenderam sobre outros e passaram a usar seu poder para organizar o modo de vida dos demais. Os privilégios surgiram justamente dessa especialização social. As nações mais desenvolvidas criaram salvaguardas legais e redes de amparo social privadas e estatais para amenizar o choque entre as elites e a maioria da população. Entre elas, a mais sagrada é a igualdade dos cidadãos perante a lei.
A forma como funcionam as prisões especiais, no Brasil, fere profundamente esse princípio. É bem verdade que todos os países civilizados possuem esse tipo de prisão; isso é bom e justo. Mas não é bom que seu ocupante lá esteja simplesmente porque tem curso superior.
O pobre, no Brasil, não vai para a cadeia. Vai para o inferno. Por um simples roubo, conviverá de forma selvagem e promíscua com assassinos e estupradores, chefes de quadrilha, assaltantes. O país deveria ter cadeia limpa e segura para todos os que a justiça mandar prender. Resolvida essa primeira questão, vem a da prisão especial. A única hierarquia aceitável na separação dos presos é aquela ditada pela natureza do delito. Autores de pequenos furtos ou de crimes produzidos pela emoção, réus primários - esses não devem conviver no mesmo ambiente com quadrilheiros e homicidas profissionais. Rico e pobre devem ter direito a uma prisão diferente das que existem para ambos no Brasil atualmente.
(Carta ao leitor. Veja: 17/1/2001. Adaptação)

O pronome demonstrativo *esses* (**esses** não devem conviver no mesmo ambiente com quadrilheiros e homicidas profissionais) tem a função textual de
I. retomar, resumindo, os elementos da enumeração imediatamente anterior
II. enfatizar o sentido da enumeração, para reforçar a tese defendida a seguir
III. estabelecer uma relação de conclusão entre os elementos das duas enumerações da frase
É correto o que se afirma
a) apenas em I
b) apenas em II
c) em I e II
d) em II e III

99) (UECE-1996) Segue a gramática normativa a colocação do pronome átono da opção:
a) O amor não está deteriorando-se.
b) Seu amor não tinha acabado-se?
c) Comunicaremos-lhes tudo sobre o amor.
d) Lhe provem que o amor é digno.

100) (UECE-2006) “Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.
Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.
O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.
Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.
Um dia, ao pino do sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite.

....

Rumor suspeito quebra a harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se. Diante dela, e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar, nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo.
Foi rápido como o olhar o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.
De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais da alma que da ferida.

O sentimento que ele pôs nos olhos e no rosto, não sei eu. Porém a virgem lançou de si o arco e a uiraçaba e correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara. A mão, que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida; deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.
O guerreiro falou:
- Quebras comigo a flecha da paz?
- Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos? Donde vieste a estas matas que nunca viram outro guerreiro como tu?
- Venho de longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram, e hoje têm os meus.
- Bem-vindo seja o estrangeiro aos campos dos tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema."
(José de Alencar, do romance Iracema)

"...banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite." (linhas 14 a 15). Em que alternativa o pronome LHE tem emprego igual ao dessa frase
a) o guerreiro branco falou-lhe de amor
b) o pajé comunicou-lhe que o homem branco era um amigo
c) a tribo dos tabajaras, ao receber o homem branco, festejou-lhe a chegada
d) ao receber o homem branco, Araquém deu-lhe o prazo de dois dias para deixar a tribo

101) (UEL-1994) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
Para .... poder aceitar suas desculpas, afaste .... sombra de orgulho que ainda .... noto no rosto.
a) mim - essa - te.
b) eu - esta - te.
c) eu - essa - lhe.
d) mim - esta - lhe.
e) mim - essa - lhe.

102) (UEL-1994) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
Agrada-nos .... merecedor de prêmios .... valor é inestimável.
a) ver-lhe - de cujo.
b) vê-lo - cujo o.
c) ver-lhe - em cujo.
d) vê-lo - cujo.
e) vê-lo - em cujo.

103) (UEL-1996) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
Se ainda não leu ...... livro que estou folheando e ...... autor é meu conhecido, faça-...... e não se arrependerá.
a) esse - que o - o.
b) esse - cujo - lhe.
c) este - cujo - lhe.
d) este - cujo - o.
e) este - que o - lhe.

104) (UEL-1996) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
...... dentre nós pode sinceramente ...... o ato que cometeu ...... ocasião, em que ainda era tão jovem?
a) Quais - recriminar-lhe - nesta.
b) Qual - recriminá-lo - naquela.
c) Quais - recriminar-lhe - nessa.
d) Qual - recriminá-lo - nessa.
e) Qual - recriminar-lhe - naquela.

105) (UEL-1995) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

Eis o professor .... méritos os alunos prestam homenagem.
a) cujos os.
b) em cujos.
c) cujos.
d) de cujos.
e) a cujos.

106) (UEPB-2006) "Eu ouço de várias empregadas domésticas que é comuníssimo aqui no Rio de Janeiro que responsáveis pela merenda escolar retirem substancial quantidade de víveres e alimentos das crianças para levar para casa, distribuir entre parentes e até montar quitandas."
(João Ubaldo Ribeiro, Veja, n. 20, ano 38, 18/05/05)
Assinale, entre as afirmações relativas a esse excerto, a única correta:
a) Há uma impropriedade sintática, pois o verbo OUVIR foi construído com complemento preposicionado.
b) VÍVERES é uma palavra substantivada, derivada do infinitivo flexionado.
c) Depreende-se que as empregadas domésticas dizem que os responsáveis pela merenda escolar são socialistas.
d) Pode-se concluir que o comunismo no Rio de Janeiro é responsável pela merenda escolar.
e) Os QUÊS têm a mesma função, sem referência e sem significado.

107) (UERJ-2001) Leia atentamente o fragmento a seguir:

"Por exemplo, a frase:
Em casual encontro com Júlia, Pedro fez comentários sobre seus exames.
tem um enunciado equívoco; os comentários de Pedro podem ter sido feitos sobre os exames de Júlia, ou sobre

os exames dele, Pedro; ou, ainda, sobre os exames de ambos."
(CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.)

O fragmento acima aponta o problema da ambigüidade resultante do emprego do termo "seus". A ocorrência da ambigüidade, no caso, pode ser explicada por uma característica relativa à significação geral da palavra em questão. Essa característica do vocábulo "seus" é a de:

a) indicar a pessoa gramatical, sem flexionar-se ou remeter a termos antecedentes
b) referir-se à pessoa gramatical, sem nomeá-la ou indicar-lhe característica própria
c) substituir o nome próprio, sem individualizá-lo ou permitir a devida concordância
d) qualificar os nomes presentes, sem hierarquizá-los ou revelar sua verdadeira significação

108) (UFAC-1997) O PRIMO
Primeira noite ele conheceu que Santina não era moça. Casado por amor, Bento se desesperou. Matar a noiva, suicidar-se, e deixar o outro sem castigo? Ela revelou que, havia dois anos, o primo Euzébio lhe fizera mal, por mais que se defendesse. De vergonha, prometeu a Nossa Senhora ficar solteira. O próprio Bento não a deixava mentir, testemunha de sua aflição antes do casamento. Santina pediu perdão, ele respondeu que era tarde - noiva de grinalda sem ter direito.
(Cemitério de elefantes. Apud CARNEIRO, Agostinho Dias)

"O próprio Bento não a deixava mentir..." Se o autor tivesse escrito "O próprio Bento não lhe deixava mentir...":
a) estaria acertando, porque tanto "a" quanto "lhe" são pronomes que exercem sempre a mesma função sintática.
b) estaria errando, porque "a" é pronome de 3ª pessoa e "lhe", de 2ª.
c) estaria errando, porque "a" não pode exercer a mesma função sintática que "lhe", pelo menos como pronome oblíquo em função objetiva, como é o caso do exemplo em apreço.
d) estaria acertando, porque "a" pode exercer a mesma função sintática que "lhe", em especial como pronome oblíquo em função objetiva, como é o caso do exemplo em estudo.
e) estaria errando, porque "a" e "lhe", nesse tipo de construção, só exercem função sintática idêntica quando a forma verbal infinitiva é transitiva direta.

109) (UFAC-1997) O PRIMO
Primeira noite ele conheceu que Santina não era moça. Casado por amor, Bento se desesperou. Matar a noiva, suicidar-se, e deixar o outro sem castigo? Ela revelou que, havia dois anos, o primo Euzébio lhe fizera mal, por mais que se defendesse. De vergonha, prometeu a Nossa Senhora ficar solteira. O próprio Bento não a deixava mentir, testemunha de sua aflição antes do casamento. Santina pediu perdão, ele respondeu que era tarde - noiva de grinalda sem ter direito.
(Cemitério de elefantes. Apud CARNEIRO, Agostinho Dias)

De acordo com a norma culta da língua, a única alternativa gramaticalmente correta é:
a) entre eu e tu não há segredos.
b) entre mim e ti não há segredos.
c) entre mim e tu não há segredos.
d) entre tu e mim não há segredos.
e) entre eu e ti não há segredos.

110) (UFAC-1997) O PRIMO
Primeira noite ele conheceu que Santina não era moça. Casado por amor, Bento se desesperou. Matar a noiva, suicidar-se, e deixar o outro sem castigo? Ela revelou que, havia dois anos, o primo Euzébio lhe fizera mal, por mais que se defendesse. De vergonha, prometeu a Nossa Senhora ficar solteira. O próprio Bento não a deixava mentir, testemunha de sua aflição antes do casamento. Santina pediu perdão, ele respondeu que era tarde - noiva de grinalda sem ter direito.
(Cemitério de elefantes. Apud CARNEIRO, Agostinho Dias)

Na frase "Isso **pouco** importa, eu já lhe falei **bastantes** vezes", as palavras sublinhadas são, respectivamente:
a) advérbio de intensidade e pronome indefinido.
b) pronome indefinido e advérbio de intensidade.
c) pronome indefinido e pronome indefinido.
d) advérbio de intensidade e advérbio de intensidade.
e) advérbio de intensidade, ambas, mas a segunda está grafada erroneamente no plural.

111) (UFAC-1998) Observe o seguinte diálogo entre um rigoroso professor de gramática e uma ex-aluna sua:

- "Professor, aonde o senhor andava, que eu nunca mais lhe vi?"
- "Nem a mim nem à gramática" - respondeu-lhe o mestre, deixando-a um tanto embaraçada por não haver entendido o porquê da resposta.

Com certeza, outra teria sido a resposta do professor, se a pergunta da aluna tivesse sido esta:
a) "Professor, por onde o senhor tem andado, que eu nunca mais lhe vi?"
b) "Professor, por onde o senhor tem andado, que eu nunca mais o vi?"
c) "Professor, por onde Vossa Senhoria tem andado, que eu nunca mais vos vi"?
d) "Professor, aonde o senhor tem andado, que eu nunca mais lhe vi?
e) "Professor, aonde o senhor tem andado, que eu nunca mais te vi?"

112) (UFC-1997) LUA NOVA

01 Meu novo quarto
02 Virado para o nascente:
03 Meu quarto, de novo a cavaleiro da entrada da barra.

04 Depois de dez anos de pátio
05 Volto a tomar conhecimento da aurora.
06 Volto a banhar meus olhos no mênstruo incruento das madrugadas

07 Todas as manhãs o aeroporto em frente me dá lições de partir

08 Hei de aprender com ele
09 A partir de uma vez
10 - Sem medo,
11 Sem remorso
12 Sem saudade.

13 Não pensem que estou aguardando a lua cheia
14 - Esse sol da demência
15 Vaga e noctâmbula.
16 O que eu mais quero,
17 O de que preciso
18 É de lua nova.

(BANDEIRA, Manuel. Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Aguilar: 1983, p. 307)

Preencha os espaços com um pronome relativo adequado (quem, que, cujo, onde), atentando para a regência verbal:

a) O poeta__________o aeroporto dá lições de partir aguardar a lua nova.
b) O lugar ___________ o poeta vai partir é desconhecido.
c) Esta é a lua_____________ ele aguarda.
d) O quarto__________o poeta aludiu estava virado para o nascente.
e) Esta é a lua______________brilho ansiei.

113) (UFC-1998) Complete o diálogo abaixo com os pronomes pessoais adequados, segundo a norma culta. A pessoa do pronome, sempre no singular, encontra-se entre parênteses.

João:
- Quero que tu entendas de uma vez por todas: não há nada entre ela e ______ (1ª.).

Terezinha:
- Mas todos sabiam do envolvimento de vocês, menos _______ (1ª.), que idiotamente acreditei em ______ (2ª.).

João:
- É simples para ______ (1ª.) explicar isso.

Terezinha:
- Ah, é? Que nada! Isto é para _______ (1ª.) deixar de ser boba!

João:
- Deixe ____ (1ª.) explicar, por favor.

Terezinha:
- Para ______ (1ª.), tanto faz!

João:
- Se tu quiseres, eu nem _______ (3ª.) cumprimento mais!

Terezinha:
- De que adiantaria, se tu ainda _____ (3ª.) admiras?

João:
- Basta! Assim, até ______ (1ª.) desisto!

114) (UFC-2002) Assinale a alternativa que apresenta corretamente os antecedentes dos relativos grifados no fragmento abaixo.

"Horrorizado da aranha, desviei dela a minha luneta mágica e em movimento de repulsão levei-a até uma das extremidades do telhado, onde encontrei metade do corpo de um rato **que**^{1} me olhava esperto, e com ar **que**^{2} me pareceu de zombaria.
Senti vivo desejo de estudar o rato e fixei-o com a minha luneta; mas o tratante somente me deixou exposto durante minuto e meio, e fugiu-me, deixando-me ouvir certo ruído **que**^{3} me pareceu verdadeira risada de rato."

	que^{1}	**que**^{2}	**que**^{3}
a)	um rato	ar	o rato
b)	um rato	ar	certo ruído
c)	um rato	ar	vivo desejo
d)	uma aranha	esperto	vivo desejo
e)	uma aranha	esperto	o rato

115) (UFC-2002) No trecho: "Eu não creio, não posso mais acreditar na bondade ou na virtude de homem algum; todos são mais ou menos ruins, falsos, e indignos; há porém alguns que sem dúvida com o fim de ser mais nocivos aos outros, e para produzir maior dano, têm o merecimento de dizer a verdade nua e crua, (...)" (p.65):

I . *algum* e *alguns* são pronomes indefinidos.
II. *alguns* é sujeito do verbo haver.
III. *algum* equivale a nenhum.

Assinale a alternativa correta sobre as assertivas acima:
a) apenas I é verdadeira.
b) apenas II é verdadeira.
c) apenas I e II são verdadeiras.

d) apenas I e III são verdadeiras.
e) I, II e III são verdadeiras.

116) (UFC-2003) No trecho: “Eu não creio, não posso mais acreditar na bondade ou na virtude de homem **algum**; todos são mais ou menos ruins, falsos, e indignos; há porém **alguns** que sem dúvida com o fim de ser mais nocivos aos outros, e para produzir maior dano, têm o merecimento de dizer a verdade nua e crua, (...)”:

I. algum e alguns são pronomes indefinidos.
II. alguns é sujeito do verbo haver.
III. algum equivale a nenhum.

Assinale a alternativa correta sobre as assertivas acima:
a) apenas I é verdadeira.
b) apenas II é verdadeira.
c) apenas I e II são verdadeiras.
d) apenas I e III são verdadeiras.
e) I, II e III são verdadeiras.

117) (UFC-2005) Dizem que os cães vêem coisas.

Os cães de raça latiam e uivavam desesperadamente nos canis (e dizem que os cães vêem coisas). Foi preciso que o tratador viesse acalmá-los, embora eles rodassem sobre si mesmos e rosnassem. À distância, a piscina quase olímpica, agora deserta: toalhas esquecidas, o vidro do bronzeador, o cinzento sobre a mesinha cheio de pontas de cigarro marcadas de batom.

As filas. Alguém tangeu o gato que lutava com um pedaço de osso, Lenita fez o prato do marido, preparou também o seu. Mordia a fatia de peru com farofa, quando se lembrou do filho.

- Cadê o Netinho?!

Certa angustia na voz. Chamou o marido, gritou pela babá, que se distraía com as outras na varanda. Olhos espantados e repentino silêncio talvez maior que qualquer outro. Refeições suspensas, uma senhora mantinha no ar o garfo cheio. Tentavam segurar Lenita. Ela se desvencilhava:

- Cadê o Netinho? Cadê?

As águas da grande piscina eram tranqüilas, apenas levemente franjadas pelo vento. Boiava sobre elas uma carteira de cigarros vazia. Mas a moça que se aproximara parecia divisar um corpo no fundo, preso à escada. Voltaram a afastar Lenita, o marido a envolveu nos braços possantes, talvez procurando refúgio também. O campeão de vôlei atirou-se à piscina e veio à tona sacudindo com a cabeça os cabelos longos: trazia sob o braço um corpo inerte, flácido, de apenas quatro anos e de cabelos louros e gotejantes.

O médico novo, de calção, tentou a respiração artificial, o boca-a-boca (os lábios de Netinho estavam arroxeados) e levantou-se sem palavras e sem olhar para ninguém. Lenita solto-se e agarrou-se ao filho:

- Acorde, acorde! Pelo amor de Deus, acorde!

Conseguiam afastá-la mais uma vez, quase desmaiou. A amiga limpava-lhe com os dedos a sobra de farofa que se grupara ao seu rosto. Os cães de raça voltavam a latir desesperadamente, e dizem que os cães vêem coisa.

Lenita ficou para sempre com a sensação do corpo inerte e mole entre os braços. Uma marca, presença, que procurava desfazer coma as mãos. Cabelos louros e gotejantes. Ás vezes, ela despertava na noite:

- Acorde, acorde!

A presença também daquele instante de silêncio que pesara sobre a piscina. Um pressentimento apenas? Precisamente o momento em que ela chegara, transparente e invisível, e se sentara à beira da piscina, cruzando as pernas longas, antiqüíssima, atual e eterna.

MOREIRA CAMPOS, José Maria (2002). Dizem que os cães vêem coisas.
In. Dizem que os cães vêem coisas. Fortaleza: Editora UFC, p.133-134.

Avalie o que diz das formas lhe (linha 23) e seu (linha 24) e, a seguir, assinale a alternativa correta.

I. Tanto lhe quanto seu remetem para o mesmo referente textual.
II. A supressão de lhe daria origem a uma ambigüidade referencial.
III. A supressão de seu eliminaria o caráter pleonástico da construção.

a) Apenas I é verdadeira.
b) Apenas II é verdadeira.
c) Apenas III é verdadeira.
d) Apenas I e III são verdadeiras.
e) I, II e III são verdadeiras.

118) (UFC-2007) Texto 1

Leitor, veja o grande azar A sua
filha querida
do nordestino emigrante vai pra
uma iludição
que anda atrás de melhorar padecer
prostituída
da sua terra distante na vala da
perdição
nos centros desconhecidos e além da
grande desgraça
depressa vê corrompidos das
privações que ela passa
os seus filhos inocentes que lhe
atrasa e lhe inflama
na populosa cidade sabe que é
preso em flagrante
de tanta imoralidade por coisa
insignificante
e costumes diferentes seu filho a
quem tanto ama

ASSARÉ, Patativa do. Emigração. In: ____. *Cordéis e outros poemas.* Fortaleza: Edições UFC, 2006, p. 114.

Texto 2
Pobre mãe! Mulher da vida, vendendo o corpo por uma migalha! Aquilo, saber daquilo, ouvir falar naquilo, magoava-o fundamente. Mas a mãe era uma mulher boa, limpa, honesta. Que podia fazer? Abandonada no mundo pelos pais que fugiram na seca, errou de casa em casa, molecota solta, sem rumo, sem uma pessoa para cuidar dela. Dizem que era bonita, muito bonita. E terminou resvalando, caindo.
BEZERRA, João Clímaco. A vinha dos esquecidos.
Fortaleza: Edições UFC, 2005, p. 26.

Analise as assertivas sobre *Aquilo*, *daquilo* e *naquilo* (texto 2, linhas 01 e 02) e, a seguir, assinale a alternativa correta.

I. *Aquilo* exerce a função de sujeito de *magoava*.

II. *Aquilo*, *daquilo* e *naquilo* remetem para o mesmo referente textual.

III. *Daquilo* e *naquilo* são objetos diretos, respectivamente, de *saber* e *falar*.

a) Apenas I é verdadeira.
b) Apenas II é verdadeira.
c) Apenas III é verdadeira.
d) Apenas I e II são verdadeiras.
e) Apenas II e III são verdadeiras.

119) (UFCE-1996) UM CÃO, APENAS

01 Subidos, de ânimo leve e descansado passo, os quarenta degraus do jardim - plantas em flor de cada lado; borboletas incertas; salpicos de luz no granito -, eis-me no patamar. E a meus pés, no áspero capacho de coco, à frescura da cal do pórtico, um cãozinho triste interrompe o seu sono, levanta a cabeça e fita-me. É um triste cãozinho doente, com todo o corpo ferido; gastas, as mechas brancas do pêlo; o olhar dorido e profundo, com esse lustro de lágrima que há nos olhos das pessoas muito idosas. Com um grande esforço acaba de levantar-se. Eu não lhe digo nada; não faço nenhum gesto. Envergonha-me haver interrompido o seu sono. Se ele estava feliz ali, eu não devia ter chegado. Já que lhe faltavam tantas coisas, que ao menos dormisse: também os animais devem esquecer, enquanto dormem...

02 Ele, porém, levantava-se e olhava-me. Levantava-se com a dificuldade dos enfermos graves: acomodando as patas da frente, o resto do corpo, sempre com os olhos em mim, como à espera de uma palavra ou de um gesto. Mas eu não o queria vexar nem oprimir. Gostaria de ocupar-me dele: chamar alguém, pedir-lhe que o examinasse, que receitasse, encaminhá-lo para um tratamento... Mas tudo é longe, meu Deus, tudo é tão longe. E era preciso passar. E ele estava na minha frente inábil, como envergonhado de se achar tão sujo e doente, com o envelhecido olhar numa espécie de súplica.

03 Até o fim da vida guardarei seu olhar no meu coração. Até o fim da vida sentirei esta humana infelicidade de nem sempre poder socorrer, neste complexo mundo dos homens.

04 Então, o triste cãozinho reuniu todas as suas forças, atravessou o patamar, sem nenhuma dúvida sobre o caminho, como se fosse um visitante habitual, e começou a descer as escadas e as suas rampas, com as plantas em flor de cada lado, as borboletas incertas, salpicos de luz no granito, até o limiar da entrada. Passou por entre as grades do portão, prosseguiu para o lado esquerdo, desapareceu.

05 Ele ia descendo como um velhinho andrajoso, esfarrapado, de cabeça baixa, sem firmeza e sem destino. Era, no entanto, uma forma de vida. Uma criatura deste mundo de criaturas inumeráveis. Esteve ao meu alcance; talvez tivesse fome e sede; e eu nada fiz por ele; amei-o, apenas, com uma caridade inútil, sem qualquer expressão concreta. Deixei-o partir, assim humilhado, e tão digno, no entanto, como alguém que respeitosamente pede desculpas de ter ocupado um lugar que não era seu.

06 Depois pensei que nós todos somos, um dia, esse cãozinho triste, à sombra de uma porta. E há o dono da casa, e a escada que descemos, e a dignidade final da solidão.
(MEIRELES, Cecília. ILUSÕES DO MUNDO: CRÔNICAS. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 16-17)

Leia as frases a seguir atentando para a concordância verbal e resolva os quesitos que se seguem:

a) Assinale C ou E conforme estejam certas ou erradas as frases
1. ( ) Muitos de vós sereis como este cãozinho.
2. ( ) E como este, há muitos cãezinhos andrajosos no mundo.
3. ( ) Dali até a casa do cãozinho é duzentos metros.
4. ( ) Não fui eu quem socorreu o cãozinho.
5. ( ) Qual de nós poderemos socorrer o cão?

b) Justifique sua resposta ao item 4.
c) Escolha UMA dentre as quatro restantes e justifique sua resposta. Indique o item escolhido.

120) (UFES-2002) Freqüentemente, nas redações escolares, usa-se inadequadamente **onde** em lugar de **em que**. Considere os fragmentos de redações escolares abaixo e assinale a alternativa que contém o emprego ADEQUADO:

a) O Brasil é um país **onde** ainda se registra a existência de milhões de pessoas na condição de iletrados.
b) Este milênio vem em boa hora, num momento **onde** todos os povos fortalecem sentimentos de esperança por dias melhores.

c) Em nossos dias, é difícil ter um amor verdadeiro **onde** a pessoa possa apoiar-se e se dar bem na vida.
d) A preservação do emprego tornou-se a maior preocupação do trabalhador neste início de século, **onde** a baixa qualificação profissional aumenta a exclusão social.
e) A criança começa a freqüentar a escola com seis ou sete anos. É uma idade maravilhosa **onde** ela ainda está descobrindo a vida e necessita de uma orientação.

121) (UFF-1998) Texto I

OS TUMULTOS DA PAZ

O amor ao próximo está longe de representar um devaneio beato e piedoso, conto da carochinha para enganar crianças, desavisados e inquilinos de sacristia. Trata-se de uma essencial exigência pessoal e política, sem cujo atendimento não nos poremos a serviço, nem de nós mesmos, nem de ninguém. Amar ao Próximo como a si mesmo é, por excelência, a regra de ouro, cânon fundador da única prática pela qual poderemos chegar a um pleno amor por nós próprios. Sou o primeiro e mais íntimo Próximo de mim, e esta relação de mim para comigo passa, inevitavelmente, pela existência do Outro. Este é o termo terceiro, a referência transcendente por cuja mediação passo a construir a minha auto-estima.

Eis aí o modelo da paz.

(PELLEGRINO, Hélio. A burrice do demônio. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. p. 94)

Texto II

PENSAMENTO DE AMOR

Quero viver de esperança
Quero tremer e sentir!
Na tua trança cheirosa
Quero sonhar e dormir.

Álvares de Azevedo
....

Todo o amor que em meu peito repousava,
Como o orvalho das noites ao relento,
A teu seio elevou-se, como as névoas,
Que se perdem no azul do firmamento.

Aqui...além...mais longe, em toda a parte,
Meu pensamento segue o passo teu.
Tu és a minha luz, - sou tua sombra,
Eu sou teu lago, - se tu és meu céu.
....

À tarde, quando chegas à janela,
A trança solta, onde suspira o vento,
Minha alma te contempla de joelhos...
A teus pés vai gemer meu pensamento.
....

Oh! diz' me, diz' me, que ainda posso um dia
De teus lábios beber o mel dos céus;
Que eu te direi, mulher dos meus amores:
- Amar-te ainda é melhor do que ser Deus!

Bahia, 1865.

(ALVES, Castro. Obra completa. Rio de Janeiro: Aguilar, 1976. p. 415-6)

Texto III

RONDÓ PRA VOCÊ

De você, Rosa, eu não queria
Receber somente esse abraço
Tão devagar que você me dá,
Nem gozar somente esse beijo
Tão molhado que você me dá...
Eu não queria só porque
Por tudo quanto você me fala
Já reparei que no seu peito
Soluça o coração bem feito
De você.

Pois então eu imaginei
Que junto com esse corpo magro
Moreninho que você me dá,
Com a boniteza a faceirice
A risada que você me dá
E me enrabicham como o que,
Bem que eu podia possuir também
O que mora atrás do seu rosto, Rosa,
O pensamento a alma o desgosto
De você.

(ANDRADE, Mário de. Poesias completas. São Paulo / Belo Horizonte: Martins / Itatiaia, 1980. V. 1. p. 121)

Texto IV

O AMOR E O TEMPO

Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba. Atreve-se o tempo a colunas de mármore, quanto mais a corações de cera ! São as afeições como as vidas, que não há mais certo sinal de haverem de durar pouco, que terem durado muito. São como as linhas, que partem do centro para a circunferência, que quanto mais continuadas, tanto menos unidas. Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho. De todos os instrumentos com que o armou a natureza, o desarma o tempo. Afrouxa-lhe o arco, com que já não atira; embota-

lhe as setas, com que já não fere; abre-lhe os olhos, com que vê o que não via; e faz-lhe crescer as asas, com que voa e foge. A razão natural de toda esta diferença é porque o tempo tira a novidade às coisas, descobre-lhe os defeitos, enfastia-lhe o gosto, e basta que sejam usadas para não serem as mesmas. Gasta-se o ferro com o uso, quanto mais o
amor ?! O mesmo amar é causa de não amar e o ter amado muito, de amar menos.

(VIEIRA, Antônio. Apud: PROENÇA FILHO, Domício. Português. Rio de Janeiro: Liceu, 1972. V5. p.43)

(ver texto IV)

Assinale a opção em que o pronome lhe está empregado com o mesmo valor possessivo que o da frase: "descobre-lhe os defeitos"

a) O tempo acaba lhe ensinando.
b) O arco lhe fere com suas setas.
c) Basta-lhe amar e o ter amado.
d) Faz-lhe crescer as asas.
e) Atirou-lhe com força o ferro gasto com o uso.

122) (UFF-1998) Texto I

OS TUMULTOS DA PAZ

O amor ao próximo está longe de representar um devaneio beato e piedoso, conto da carochinha para enganar crianças, desavisados e inquilinos de sacristia. Trata-se de uma essencial exigência pessoal e política, sem cujo atendimento não nos poremos a serviço, nem de nós mesmos, nem de ninguém. Amar ao Próximo como a si mesmo é, por excelência, a regra de ouro, cânon fundador da única prática pela qual poderemos chegar a um pleno amor por nós próprios. Sou o primeiro e mais íntimo Próximo de mim, e esta relação de mim para comigo passa, inevitavelmente, pela existência do Outro. Este é o termo terceiro, a referência transcendente por cuja mediação passo a construir a minha auto-estima.

Eis aí o modelo da paz.

(PELLEGRINO, Hélio. A burrice do demônio. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. p. 94)

Texto II

PENSAMENTO DE AMOR

Quero viver de esperança
Quero tremer e sentir!
Na tua trança cheirosa
Quero sonhar e dormir.

Álvares de Azevedo
....

Todo o amor que em meu peito repousava,
Como o orvalho das noites ao relento,
A teu seio elevou-se, como as névoas,
Que se perdem no azul do firmamento.

Aqui...além...mais longe, em toda a parte,
Meu pensamento segue o passo teu.
Tu és a minha luz, - sou tua sombra,
Eu sou teu lago, - se tu és meu céu.
....

À tarde, quando chegas à janela,
A trança solta, onde suspira o vento,
Minha alma te contempla de joelhos...
A teus pés vai gemer meu pensamento.
....

Oh! diz' me, diz' me, que ainda posso um dia
De teus lábios beber o mel dos céus;
Que eu te direi, mulher dos meus amores:
- Amar-te ainda é melhor do que ser Deus!

Bahia, 1865.

(ALVES, Castro. Obra completa. Rio de Janeiro: Aguilar, 1976. p. 415-6)

Texto III

RONDÓ PRA VOCÊ

De você, Rosa, eu não queria
Receber somente esse abraço
Tão devagar que você me dá,
Nem gozar somente esse beijo
Tão molhado que você me dá...
Eu não queria só porque
Por tudo quanto você me fala
Já reparei que no seu peito
Soluça o coração bem feito
De você.

Pois então eu imaginei
Que junto com esse corpo magro
Moreninho que você me dá,
Com a boniteza a faceirice
A risada que você me dá
E me enrabicham como o que,
Bem que eu podia possuir também
O que mora atrás do seu rosto, Rosa,
O pensamento a alma o desgosto
De você.

(ANDRADE, Mário de. Poesias completas. São Paulo / Belo Horizonte: Martins / Itatiaia, 1980. V. 1. p. 121)

Texto IV

O AMOR E O TEMPO

Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba. Atreve-se o tempo a colunas de mármore, quanto mais a corações de cera ! São as afeições como as vidas, que não há mais certo sinal de haverem de durar pouco, que terem durado muito. São como as linhas, que partem do centro para a circunferência, que quanto mais continuadas, tanto menos unidas. Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho. De todos os instrumentos com que o armou a natureza, o desarma o tempo. Afrouxa-lhe o arco, com que já não atira; embota-lhe as setas, com que já não fere; abre-lhe os olhos, com que vê o que não via; e faz-lhe crescer as asas, com que voa e foge. A razão natural de toda esta diferença é porque o tempo tira a novidade às coisas, descobre-lhe os defeitos, enfastia-lhe o gosto, e basta que sejam usadas para não serem as mesmas. Gasta-se o ferro com o uso, quanto mais o amor ?! O mesmo amar é causa de não amar e o ter amado muito, de amar menos.
(VIEIRA, Antônio. Apud: PROENÇA FILHO, Domício. Português. Rio de Janeiro: Liceu, 1972. V5. p.43)

Assinale a opção correta para a reescritura dos versos 15 e 16, do texto II, na terceira pessoa do singular, segundo a norma culta.

a) Que eu vos direi, mulher dos meus amores:
- Amar-vos ainda é melhor do que ser Deus !
b) Que eu lhe direi, mulher dos meus amores:
- Amá-la ainda é melhor do que ser Deus !
c) Que eu a direi, mulher dos meus amores:
- Amar-lhe ainda é melhor do que ser Deus !
d) Que eu te direi, mulher dos meus amores:
- Amar-te ainda é melhor do que ser Deus !
e) Que eu a direi, mulher dos meus amores:
- Ama-a ainda é melhor do que ser Deus !

123) (UFF-1998) Texto I

OS TUMULTOS DA PAZ

O amor ao próximo está longe de representar um devaneio beato e piedoso, conto da carochinha para enganar crianças, desavisados e inquilinos de sacristia. Trata-se de uma essencial exigência pessoal e política, sem cujo atendimento não nos poremos a serviço, nem de nós mesmos, nem de ninguém. Amar ao Próximo como a si mesmo é, por excelência, a regra de ouro, cânon fundador da única prática pela qual poderemos chegar a um pleno amor por nós próprios. Sou o primeiro e mais íntimo Próximo de mim, e esta relação de mim para comigo passa, inevitavelmente, pela existência do Outro. Este é o termo terceiro, a referência transcendente por cuja mediação passo a construir a minha auto-estima.

Eis aí o modelo da paz.

(PELLEGRINO, Hélio. A burrice do demônio. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. p. 94)

Texto II

PENSAMENTO DE AMOR

Quero viver de esperança
Quero tremer e sentir!
Na tua trança cheirosa
Quero sonhar e dormir.

Álvares de Azevedo
....

Todo o amor que em meu peito repousava,
Como o orvalho das noites ao relento,
A teu seio elevou-se, como as névoas,
Que se perdem no azul do firmamento.

Aqui...além...mais longe, em toda a parte,
Meu pensamento segue o passo teu.
Tu és a minha luz, - sou tua sombra,
Eu sou teu lago, - se tu és meu céu.
....

À tarde, quando chegas à janela,
A trança solta, onde suspira o vento,
Minha alma te contempla de joelhos...
A teus pés vai gemer meu pensamento.
....

Oh! diz' me, diz' me, que ainda posso um dia
De teus lábios beber o mel dos céus;
Que eu te direi, mulher dos meus amores:
- Amar-te ainda é melhor do que ser Deus!

Bahia, 1865.

(ALVES, Castro. Obra completa. Rio de Janeiro: Aguilar, 1976. p. 415-6)

Texto III

RONDÓ PRA VOCÊ

De você, Rosa, eu não queria
Receber somente esse abraço
Tão devagar que você me dá,
Nem gozar somente esse beijo
Tão molhado que você me dá...

Eu não queria só porque
Por tudo quanto você me fala
Já reparei que no seu peito
Soluça o coração bem feito
De você.

Pois então eu imaginei
Que junto com esse corpo magro
Moreninho que você me dá,
Com a boniteza a faceirice
A risada que você me dá
E me enrabicham como o que,
Bem que eu podia possuir também
O que mora atrás do seu rosto, Rosa,
O pensamento a alma o desgosto
De você.

(ANDRADE, Mário de. Poesias completas. São Paulo / Belo Horizonte: Martins / Itatiaia, 1980. V. 1. p. 121)

Texto IV

O AMOR E O TEMPO

Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba. Atreve-se o tempo a colunas de mármore, quanto mais a corações de cera ! São as afeições como as vidas, que não há mais certo sinal de haverem de durar pouco, que terem durado muito. São como as linhas, que partem do centro para a circunferência, que quanto mais continuadas, tanto menos unidas. Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho. De todos os instrumentos com que o armou a natureza, o desarma o tempo. Afrouxa-lhe o arco, com que já não atira; embota-lhe as setas, com que já não fere; abre-lhe os olhos, com que vê o que não via; e faz-lhe crescer as asas, com que voa e foge. A razão natural de toda esta diferença é porque o tempo tira a novidade às coisas, descobre-lhe os defeitos, enfastia-lhe o gosto, e basta que sejam usadas para não serem as mesmas. Gasta-se o ferro com o uso, quanto mais o amor ?! O mesmo amar é causa de não amar e o ter amado muito, de amar menos.
(VIEIRA, Antônio. Apud: PROENÇA FILHO, Domício. Português. Rio de Janeiro: Liceu, 1972. V5. p.43)

Os pronomes relativos, sublinhados abaixo, estabelecem a coesão textual, retomando substantivos anteriormente expressos.

"Afrouxa-lhe o arco, com **que** já não atira; embota-lhe as setas, com **que** já não fere; abre-lhe os olhos, com **que** vê o que não via" .

Assinale a opção que contém os substantivos referidos, na ordem em que aparecem no fragmento acima:

a) arco, olhos, tempo
b) instrumentos , setas, olhos
c) arco, asas, setas
d) tempo, arco, olhos
e) arco , setas, olhos

124) (UFF-2001) Acompanho com assombro o que andam dizendo sobre os primeiros 500 anos do brasileiro. Concordo com todas as opiniões emitidas e com as minhas em primeiríssimo lugar. Tenho para mim que há dois referenciais literários para nos definir. De um lado, o produto daquilo que Gilberto Freyre chamou de Casagrande e senzala, o homem miscigenado, potente e tendendo a ser feliz. De outro, o Macunaíma, herói sem nenhuma definição, ou sem nenhum caráter - como queria o próprio Mário de Andrade.
Fomos e seremos assim, em nossa essência, embora as circunstâncias mudem e nós mudemos com elas.
Retomando a imagem literária, citemos a Capitu menina - e teremos como sempre a intervenção soberana de Machado de Assis.
Um rapaz da platéia me perguntou onde ficaria o homem de Guimarães Rosa - outra coordenada que nos ajuda a definir o brasileiro. Evidente que o universo de Rosa é sobretudo verbal, mas o homem é causa e efeito do verbo. Por isso mesmo, o personagem rosiano tem a ver com o homem de Gilberto Freyre e de Mário de Andrade. É um refugo consciente da casa-grande e da senzala, o opositor de uma e de outra, criando a sua própria vereda mas sem esquecer o ressentimento social do qual se afastou e contra o qual procura lutar.
É também macunaímico, pois sem definição catalogada na escala de valores culturais oriundos de sua formação racial. Nem por acaso um dos personagens mais importantes do mundo de Rosa é uma mulher que se faz passar por jagunço. Ou seja, um herói - ou heroína - sem nenhum caráter.
Tomando Gilberto Freyre como a linha vertical e Mário de Andrade como a linha horizontal de um ângulo reto, teríamos Guimarães Rosa como a hipotenusa fechando o triângulo. A imagem geométrica pode ser forçada, mas foi a que me veio na hora - e acho que fui entendido.
CONY, Carlos Heitor. Folha Ilustrada, 5º Caderno,   São Paulo, 21/04/2000, p.12.

Assinale a opção em que o pronome sublinhado estabelece uma referência a elemento anteriormente expresso no texto:

a) “mas foi **a** que me veio na hora - e acho que fui entendido.”
b) “De um lado, o produto **daquilo** que Gilberto Freyre chamou de casa-grande e senzala,”
c) “De outro, o Macunaíma, herói sem **nenhuma** definição, ou sem nenhum caráter”

d) “Um rapaz da platéia me perguntou onde ficaria o homem de Guimarães Rosa - **outra** coordenada que nos ajuda a definir o brasileiro”.
e) “Acompanho com assombro **o** que andam dizendo sobre os primeiros 500 anos do brasileiro.”

125) (UFMG-1997) Não foi há tanto tempo assim. Cheguei à praia com minhas filhas e encontrei um aglomerado de cidadãos. Eles montavam guarda num pequeno trecho da areia, caras alarmadas, pior: pungidas. Não fui eu quem viu o grupo: foi o grupo que me viu e dois de seus membros vieram em minha direção, delicadamente me afastaram das meninas e comunicaram: - "Tire depressa suas filhas daqui!" As palavras foram duras mas o tom era ameno, cúmplice. Quis saber por quê. Em voz baixa, conspiratória, um dos cidadãos me comunicou que ali na arrebentação, boiando como uma anêmona, alga desprendida das profundezas oceânicas, havia uma camisinha - que na época atendia pelo poético nome de "camisa de Vênus".
O grupo de cidadãos - num tempo em que direitos e deveres da cidadania ainda esperavam pela epifania de Betinho - ali estava desde cedo, alertando pais incautos, como se a camisinha fosse uma pastilha de material nuclear, uma cápsula de césio com pérfidas e letais emanações.
Não me lembro da reação que tive, é possível que tenha levado as meninas para outro canto, mas tenho certeza de que nem alarmado fiquei. Hoje, a camisinha aparece na televisão, é banal e inocente como um par de patins, um aparelho de barba.
Domingo último, levando minhas setters à unica praia em que são permitidos animais domésticos, encontrei um grupo de cidadãos em volta de uma coisa. Não, não era aquele monstro marinho que Felini colocou no final de um de seus filmes. Tampouco era uma camisinha - que as praias estão cheias delas, mais numerosas que as conchas e os tatuís de antigamente. O motivo daquela expressão de cidadania era uma seringa que as águas despejaram na areia. Objeto na certa infectado, trazendo na ponta de sua agulha o vírus da Aids que algum viciado ali deixara, para contaminar inocentes e culpados. Daqui a dois, cinco anos, espero que a Aids não mais preocupe a humanidade. Mas os cidadãos continuarão alarmados, descobrindo novas misérias na efêmera eternidade das espumas.
Carlos Heitor Cony Folha de São Paulo, p. 1-2, 09.01.1994.

Em todas as alternativas, a mudança de ordem das palavras destacadas não altera o significado básico das passagens, EXCETO em:
a)
Daqui a dois, cinco anos, espero que a Aids não mais preocupe a humanidade.
Daqui a dois, cinco anos, espero que a Aids não preocupe mais a humanidade.
b)
Em voz baixa, conspiratória, um dos cidadãos me comunicou que ali (...) havia uma camisinha.
Um dos cidadãos, em voz baixa, conspiratória, me comunicou que ali (...) havia uma camisinha.
c)
Hoje, a camisinha aparece na televisão, é banal e inocente como um par de patins, um aparelho de barba.
A camisinha, hoje, aparece na televisão, é banal e inocente como um par de patins, um aparelho de barba.
d)
Objeto na certa infectado, trazendo na ponta de sua agulha o vírus da Aids, que algum viciado ali deixara...
Objeto na certa infectado, trazendo na ponta de sua agulha o vírus da Aids, que viciado algum ali deixara...

126) (UFMG-1997) A cara do médico não é boa, mas a cara dos médicos, do outro lado da mesa, é sempre enigmática, faz parte da consulta, da profissão e dos honorários: o jeito é o paciente ficar paciente e aguardar os exames. Mas até os exames há os hieróglifos que ele procura decifrar. Há nomes com raízes gregas e desinências latinas, ele não entende nada, sabe apenas que um pedaço de sua carne será retirado e irá para os provetas, os reagentes, o diabo. Por falar no diabo, passa pela igreja e tem vontade de entrar, acender velas, pedir qualquer coisa. Mas pedir o quê, exatamente? Mesmo assim entra na igreja. Está escura, vazia, somente uma velha, lá na frente, deve estar pedindo também alguma coisa. Pelo jeito, ela deve saber o que está pedindo - o que não é o caso dele.
E vem de volta a cara do médico: "Se tudo correr bem, podemos salvar a vista. Sejamos otimistas, o senhor ficará bom!" Ali na igreja a frase é uma espécie de oração às avessas. O que significa "ficar bom"? Significa ser como antes, e ele nunca fora bom. Olhar as coisas, o mar, as crianças, a noite, a velha lá na frente.
Sim, o senhor ficará bom, mas pode haver raízes gregas e declinações latinas e tudo ficará complicado. Não importa, agora. Está numa igreja onde se adora um Deus em que ele não acredita. Mas precisa acreditar, ao menos no laboratório. Novamente na rua, confere o endereço, entra em números errados, toma elevadores equivocados, desce em andares estranhos. Até que vê a porta de vidro com o nome gravado em azul: "análises clínicas". É ali. A enfermeira começa a preparar as pinças, as placas de vidro. Em breve, uma gota de seu sangue será uma pitanga muito vermelha pousada numa delas. A solução - não a salvação de todos os enigmas. Brevemente, o mundo acabará para seus olhos. E as mulheres, as crianças, o mar, os livros que gostaria de ler - tudo será a mancha tão escura e estranha como a velha que rezava na igreja.
Pela janela, vê o ônibus fazendo a curva na praça. Tem um pensamento idiota: será essa a última imagem que ficará em seus olhos? De que adiantou ter visto a fachada de Santa Maria dei Fiori, as mulheres que amou? De que adiantou...? O pagamento é adiantado. Seu nome no cheque o surpreende: não é mais ele.
Carlos Heitor Cony Folha de São Paulo, p. 1-2, 28.01.1994

Em todas as alternativas, a palavra destacada está corretamente interpretada, EXCETO em:

a) E as mulheres, as crianças, o mar, os livros **que** gostaria de ler - tudo será a mancha tão escura e estranha como a velha que rezava na igreja. (que = os livros)

b) Está numa igreja onde se adora um Deus em **que** ele não acredita. (que = Deus)

c) Mas até os exames há os hieróglifos **que** ele procura decifrar. (que = os hieróglifos)

d) Pelo jeito, ela deve saber o **que** está pedindo - o que não é o caso dele. (que = ela)

127) (UFPA-1997) "Concordei, para dizer alguma coisa, para sair da espécie de sono magnético, ou o que quer que era que me tolhia a língua e os sentidos. Queria e não queria acabar a conversação: fazia esforço para arredar os olhos dela, e arredava-os por um sentimento de respeito; mas a idéia de parecer que era aborrecimento, quando não era, levava-me os olhos outra vez para Conceição. A conversa ia morrendo. Na rua, o silêncio era completo."

(Missa do Galo - Machado de Assis)

Em "... levava-me os olhos outra vez para Conceição." a função sintática de me é:

a) objeto direto.

b) adjunto adverbial.

c) objeto indireto.

d) adjunto adnominal.

e) agente da passiva.

128) (UFPR-2002) Considerando os provérbios abaixo, assinale a(s) alternativa(s) em que os termos destacados são pronomes relativos, ou seja, que retomam um termo antecedente.

( ) É de pequenino **que** se torce o pepino.

( ) A vingança é um prato **que** se serve frio.

( ) Mais vale um pássaro na mão do **que** dois voando.

( ) Isso é do tempo em **que** se amarrava cachorro com lingüiça.

( ) Ele(a) não é flor **que** se cheire.

129) (UFPR-1998) Em que alternativa(s) as duas sentenças estão de acordo com a norma culta quanto à concordância, regência ou flexão verbal?

(01) a- Se houvesse, à disposição dos usuários, formulários suficientes, eles poderiam inscrever-se hoje.
b- É importante você vir aqui para verificar as condições do prédio.

(02) a- O sorteio foi suspenso porque houveram muitas reclamações no Procon.
b- Para avaliação final do curso será solicitado trabalhos referentes a cada uma de suas unidades.

(04) a- A pessoa de quem o diretor falou está aqui para a entrevista.
b- Deixe essas questões para ser resolvidas quando você vier aqui.

(08) a- O documento foi refeito cujo o anterior apresentava problemas.
b- Essas recomendações só valem se você manter os dois empregos.

(16) a- Como taxa adicional de inscrição será cobrado R$ 2,00 (dois) reais.
b- Se ele não teve que fazer o serviço é porque existe outras pessoas que fizeram-no por ele.

(32) a- Concordo com o autor onde ele fala que todos os pontos devem ser considerados.
b- Eu faria o serviço se houvessem condições adequadas para realizá-lo.

Marque como resposta a soma dos itens corretos.

130) (UFRJ-1996) CARTÃO DE NATAL

1.
Pois que reinaugurando essa criança
pensam os homens
reinaugurar a sua vida
e começar caderno novo,
fresco como o pão do dia;
pois que nestes dias a aventura
parece em ponto de vôo, e parece
que vão enfim poder
explodir suas sementes:

2.
que desta vez não perca esse caderno
sua atração núbil para o dente;
que o entusiasmo conserve vivas
suas molas,
e possa enfim o ferro
comer a ferrugem,
o sim comer o não.

(MELO NETO, João Cabral de. MUSEU DE TUDO. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1975.)

O pronome demonstrativo "essa" pode ter, dentre outras, as seguintes funções:

- indicar a localização no espaço em relação à segunda pessoa do discurso (perto da pessoa com quem se fala / a quem se escreve);
- lembrar ao ouvinte ou ao leitor algo já mencionado.

Após reler o início do poema de João Cabral, responda:

a) A qual dos empregos anteriormente descritos corresponde o uso do pronome demonstrativo no primeiro verso?

b) Justifique a resposta do item anterior e retire do poema o dado que a comprova.

131) (UFRJ-2003) Balada do amor através das idades

Eu te gosto, você me gosta
desde tempos imemoriais.
Eu era grego, você troiana,
troiana mas não Helena.
Saí do cavalo de pau
para matar seu irmão.
Matei, brigamos, morremos.
(...)
Hoje sou moço moderno,
remo, pulo, danço, boxo,
tenho dinheiro no banco.
Você é uma loura notável,
boxa, dança, pula, rema.
Seu pai é que não faz gosto.
Mas depois de mil peripécias,
eu, herói da Paramount,
te abraço, beijo e casamos.
(DRUMOND, Carlos. *Alguma poesia*, 1930)

A norma culta não prevê o emprego dos pronomes tal como aparecem no Texto. Levando em consideração a proposta de linguagem do movimento literário em que o poema se insere, justifique o uso dos pronomes no primeiro verso.

132) (UFRJ-2003) Passou pela sala, sem parar avisou ao marido: vamos sair! e bateu a porta do apartamento. Antônio mal teve tempo de levantar os olhos do livro - e com surpresa espiava a sala já vazia. Catarina! Chamou, mas já se ouvia o ruído do elevador descendo. Aonde foram? perguntou-se inquieto, tossindo e assoando o nariz. Porque sábado era seu, mas ele queria que sua mulher e seu filho estivessem em casa enquanto ele tomava o seu sábado. Catarina! chamou aborrecido embora soubesse que ela não poderia mais ouvi-lo. Levantou-se, foi à janela e um segundo depois enxergou sua mulher e seu filho na calçada.
(LISPECTOR, Clarice. Laços de Família. In: -. *Laços de Família*, 1960)

Do Texto, descreva dois mecanismos lingüísticos que sirvam para caracterizar o comportamento do marido.

133) (UFRJ-2006) TEXTO II: De manhã

O hábito de estar aqui agora
aos poucos substitui a compulsão
de ser o tempo todo alguém ou algo.
Um belo dia - por algum motivo
é sempre dia claro nesses casos -
você abre a janela, ou abre um pote
de pêssegos em calda, ou mesmo um livro
que nunca há de ser lido até o fim
e então a idéia irrompe, clara e nítida:
É necessário? Não. Será possível?
De modo algum. Ao menos dá prazer?
Será prazer essa exigência cega
a latejar na mente o tempo todo?
Então por quê?
E neste exato instante
você por fim entende, e refestela-se
a valer nessa poltrona, a mais cômoda
da casa, e pensa sem rancor:
Perdi o dia, mas ganhei o mundo.
(Mesmo que seja por trinta segundos.)

(BRITO, Paulo Henriques. As três epifanias - III. In: BRITO, P. H. *Macau.* São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 72-73)

Um pronome, para assumir valor indeterminado, não deve estar associado apenas a um interlocutor específico, mas também a outros interlocutores, depreensíveis do contexto.
Considerando a afirmativa acima, explique o valor indeterminado da forma *você* no texto II e justifique seu emprego para a construção do sentido do texto.

134) (UFSC-2007)

TEXTO 4

"Capitu deu-me as costas, voltando-se para o espelhinho. Peguei-lhe dos cabelos, colhi-os todos e entrei a alisá-los com o pente, desde a testa até as últimas pontas, que lhe desciam à cintura. Em pé não dava jeito: não esquecestes que ela era um nadinha mais alta que eu, mas ainda que fosse da mesma altura. Pedi-lhe que se sentasse".

[...]

"Agora, por que é que nenhuma dessas caprichosas me fez esquecer a primeira amada do meu coração?

[...]

E bem, qualquer que seja a solução, uma coisa fica, e é a suma das sumas, ou o resto dos restos, a saber, que a minha primeira amiga e o meu maior amigo, tão extremosos ambos e tão queridos também, quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me... A terra lhes seja leve!"

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: FTD, 1991, p. 65, 208 e 209.

A respeito do TEXTO 4 e da obra *Dom Casmurro*, assinale a(s) proposição(ões) **CORRETA(S)**.

01. Em "Peguei-lhe dos cabelos..." (linhas 1-3), "...que lhe desciam" (linha 3) e "Pedi-lhe que se sentasse" (linhas 4-5), a palavra destacada, embora sendo um pronome pessoal oblíquo, tem valor possessivo.

02. Os pronomes destacados em "Capitu deu-me as costas" (linha 1), "voltando-se para o es-pelhinho" (linha 1) e "... que se sentasse" (linhas 4-5) são todos reflexivos, pois o mesmo indivíduo ao mesmo tempo que exerce a ação expressa pelo verbo, recebe os efeitos dessa ação.
04. Em "Em pé não dava jeito" (linha 3), a elipse do sujeito nos remete a Capitu, que não conseguia pentear seus cabelos sem o auxílio do narrador.
08. *Dom Casmurro* é um romance com fortes tendências realistas, em que Machado exercita com maestria os longos textos descritivos e explicativos, prolongando a história e protelando o desfecho.
16. A narrativa gira em torno do triângulo Bentinho, Capitu e Escobar. Bentinho é o narrador que está vivo e relatando o triste desfecho da história de sua vida, cujos pilares foram Capitu e Escobar, que já estão mortos.
32. Bentinho tem certeza de que foi traído, e o romance oferece pistas para sua comprovação, como, por exemplo, a semelhança de Ezequiel com Escobar e uma carta reveladora deixada por Capitu.
64. Com a frase "A terra lhes seja leve!" (linha 13), Bentinho revela acreditar que os dois possíveis amantes não merecem punição.

135) (UFSCar-2001)

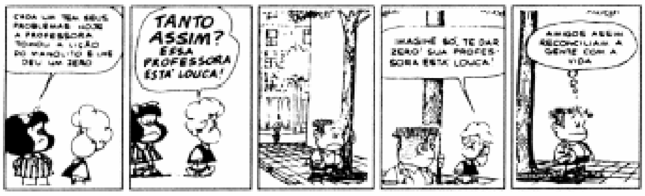
CADA UM TEM SEUS PROBLEMAS. HOJE A PROFESSORA TOMOU A LIÇÃO DO MANOLITO E LHE DEU UM ZERO
TANTO ASSIM? ESSA PROFESSORA ESTÁ LOUCA!
IMAGINE SÓ, TE DAR ZERO! SUA PROFESSORA ESTÁ LOUCA!
AMIGOS ASSIM RECONCILIAM A GENTE COM A VIDA

(QUINO. Toda Mafalda. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 264.)

Para que um ato de comunicação obtenha sucesso, é muito importante que haja um conhecimento comum, partilhado entre as pessoas. A graça nos quadrinhos apresentados reside no fato de haver informações não partilhadas entre as personagens.
a) Considerando todas as informações da história, explicite o que a personagem Susanita quis dizer, com sua frase no quarto quadrinho, e o que a personagem Manolito entendeu.
b) Percebe-se, no quarto quadrinho, uma oscilação no emprego de pessoas gramaticais. Reescreva a frase da personagem, utilizando uma única pessoa gramatical.

136) (UFSCar-2001) O trocano ribombou, derramando longe pela amplidão dos vales e pelos ecos das montanhas a pocema do triunfo.
Os tacapes, vibrados pela mão pujante dos guerreiros, bateram nos largos escudos retinindo. Mas a voz possante da multidão dos guerreiros cobriu o imenso rumor, clamando:
- Tu és Ubirajara, o senhor da lança, o vencedor de Pojucã, o maior guerreiro da nação tocantim.
(...)
Quando parou o estrondo da festa e cessou o canto dos guerreiros, avançou Camacã, o grande chefe dos araguaias.
(...)
Assim falou o ancião:
- Ubirajara, senhor da lança, é tempo de empunhares o grande arco da nação araguaia, que deve estar na mão do mais possante. **Camacã o conquistou no dia em que escolheu por esposa Jaçanã, a virgem dos olhos de fogo, em cujo seio te gerou seu primeiro sangue. Ainda hoje, apesar da velhice que lhe mirrou o corpo, nenhum guerreiro ousaria disputar o grande arco ao velho chefe**, que não sofresse logo o castigo de sua audácia. Mas Tupã ordena que o ancião se curve para a terra, até desabar como o tronco carcomido; e que o mancebo se eleve para o céu como a árvore altaneira. Camacã revive em ti; a glória de ser o maior guerreiro cresce com a glória de ter gerado um guerreiro ainda maior do que ele.
(ALENCAR, José de. Ubirajara. 8. ed. São Paulo: Ática, 1984, p. 31-2.)

Vocabulário:
- **pocema**: canto selvagem, clamor.

No texto de Alencar, registra-se o discurso do índio.
a) Na fala do chefe Camacã, vê-se que ele se projeta numa terceira pessoa, como se falasse de um outro. Reescreva o trecho destacado em negrito no texto, passando-o para a primeira pessoa.
b) Atualmente, nota-se cada vez mais um emprego reduzido do pronome "cujo". Que forma gramatical tem substituído esse pronome? Reescreva o trecho "a virgem dos olhos de fogo, em cujo seio te gerou seu primeiro sangue", substituindo "cujo" por essa forma gramatical.

137) (UFSCar-2000) Tu amarás outras mulheres
E tu me esquecerás!
É tão cruel, mas é a vida. E no entretanto
Alguma coisa em ti pertence-me!
Em mim alguma coisa és tu.
O lado espiritual do nosso amor
Nos marcou para sempre.
Oh, vem em pensamento nos meus braços!
Que eu te afeiçoe e acaricie...
(Manuel Bandeira: A Vigília de Hero. In: **O Ritmo Dissoluto. Poesia Completa e Pros**a.2ª ed. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1967, p. 224.)

Manuel Bandeira usa, no poema, os pronomes pessoais com muitas variações. O pronome pessoal de primeira pessoa do singular, por exemplo, está empregado na sua forma reta e nas formas oblíquas (eu, me, mim). O mesmo acontece com o pronome pessoal de
a) segunda pessoa do singular.
b) terceira pessoa do singular.
c) primeira pessoa do plural.
d) segunda pessoa do plural.

e) terceira pessoa do plural.

138) (UFSCar-2000) Tu amarás outras mulheres
E tu me esquecerás!
É tão cruel, mas é a vida. E no entretanto
Alguma coisa em ti pertence-me!
Em mim alguma coisa és tu.
O lado espiritual do nosso amor
Nos marcou para sempre.
Oh, vem em pensamento nos meus braços!
Que eu te afeiçoe e acaricie...
(Manuel Bandeira: A Vigília de Hero. In: **O Ritmo Dissoluto. Poesia Completa e Pros**a.2ª ed. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1967, p. 224.)

Se usasse a forma de tratamento você para designar a segunda pessoa, Manuel Bandeira deveria mudar a flexão de alguns verbos. Esses verbos seriam, sem exceção, os seguintes:
a) Amar, ser (3º verso), marcar, afeiçoar.
b) Amar, esquecer, ser (5º verso), vir.
c) Ser (3º verso), pertencer, marcar, acariciar.
d) Ser (3º verso), pertencer, afeiçoar, acariciar.
e) Amar, pertencer, vir, afeiçoar, acariciar.

139) (UFSCar-2002) Romance de uma Caveira
(Alvarenga e Ranchinho)

Eram duas caveiras que se amavam
E à meia-noite se encontravam
Pelo cemitério os dois passeavam
E juras de amor então trocavam.
Sentados os dois em riba da lousa fria
A caveira apaixonada assim dizia
Que pelo caveiro de amor morria
E ele de amores por ela vivia.
(...)
Mas um dia chegou de pé junto
Um cadáver, um vudu, um defunto.
E a caveira por ele se apaixonou
E o caveiro antigo abandonou.
O caveiro tomou uma bebedeira
E matou-se de um modo romanesco
Por causa dessa ingrata caveira
Que trocou ele por um defunto fresco.

O emprego de pronomes, além de garantir a coesão textual, pois organiza as informações, permite que se entendam as referências, o que é um auxílio na compreensão do texto.

a) Explique a diferença de uso do pronome "se" em cada um dos versos:
"Eram duas caveiras que se amavam"
"E matou-se de um modo romanesco"

b) No verso "Que trocou ele por um defunto fresco", o referente do pronome é facilmente identificável. Contudo, nota-se que o emprego do pronome foge à norma padrão. Reescreva o verso segundo as convenções da linguagem culta.

140) (UFSCar-2003) Para responder à questão abaixo, leia o trecho extraído de *Gabriela, cravo e canela*, obra de Jorge Amado.

O marinheiro sueco, um loiro de quase dois metros, entrou no bar, soltou um bafo pesado de álcool na cara de Nacib e apontou com o dedo as garrafas de "Cana de Ilhéus". Um olhar suplicante, umas palavras em língua impossível. Já cumprira Nacib, na véspera, seu dever de cidadão, servira cachaça de graça aos marinheiros. Passou o dedo indicador no polegar, a perguntar pelo dinheiro. Vasculhou os bolsos o loiro sueco, nem sinal de dinheiro. Mas descobriu um broche engraçado, uma sereia dourada. No balcão colocou a nórdica mãe-d'água, Yemanjá de Estocolmo. Os olhos do árabe fitavam Gabriela a dobrar a esquina por detrás da Igreja. Mirou a sereia, seu rabo de peixe. Assim era a anca de Gabriela. Mulher tão de fogo no mundo não havia, com aquele calor, aquela ternura, aqueles suspiros, aquele langor. Quanto mais dormia com ela, mais tinha vontade. Parecia feita de canto e dança, de sol e luar, era de cravo e canela. Nunca mais lhe dera um presente, uma tolice de feira. Tomou da garrafa de cachaça, encheu um copo grosso de vidro, o marinheiro suspendeu o braço, saudou em sueco, emborcou em dois tragos, cuspiu. Nacib guardou no bolso a sereia dourada, sorrindo. Gabriela riria contente, diria a gemer: "precisava não, moço bonito ..."
E aqui termina a história de Nacib e Gabriela, quando renasce a chama do amor de uma brasa dormida nas cinzas do peito.

A oração *Vasculhou os bolsos o loiro sueco*, com a substituição do complemento verbal por um pronome oblíquo, equivale a
a) Vasculhou-o os bolsos.
b) Vasculhou-se o loiro sueco.
c) Vasculhou-lhe os bolsos.
d) Vasculhou-lhes o loiro sueco.
e) Vasculhou-os o loiro sueco.

141) (UFSCar-2003) A questão seguinte baseia-se nos textos a seguir.

***Iracema,* de José de Alencar**.
Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.
De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais d'alma que da ferida.
(...)

A mão que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida; deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.
O guerreiro falou:
- Quebras comigo a flecha da paz?
- Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos? Donde vieste a estas matas, que nunca viram outro guerreiro como tu?
- Venho de bem longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram, e hoje têm os meus.
- Bem-vindo seja o estrangeiro aos campos dos tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema.

***Rosinha, minha canoa,* de José Mauro de Vasconcelos.**
Achava-se contente da vida, pescando e salgando o seu peixinho, quando a canoa do índio atracou na praia.
- Que é que foi Andedura?
Andedura sungou a canoa na areia.
- Zé Orocó, tem lá um home. Diz que é dotô. Quando dá fé é mesmo, purque ele tem uma mala cheia de ropa e outra cheia de munto remédio.
- E que é que ele quer comigo?
- Sei não. (...) Tu vai?
O coração de Zé Orocó fez um troque-troque meio agoniado. Franziu a testa, tentando vencer, afastar um mau pressentimento.
- Como é que é o homem?
Grandão, meio *laranjo* no cabelo. Forte, sempre mudando a camisa pur causa do calô. Se tira a camisa, num güenta "mororã" purque tem pele branquinha, branquinha. Peitão meio gordo, ansim que nem ocê, cheio de *sucusiri*. Quano chegô, tinha barriga meio grande, mais parece que num gosta munto de cumida da gente; tá ficano inxuto. Eu pensei que ele fosse irmão daquele padre Gregoro, que pangalô aqui pelo Araguaia já vai pra uns cinco ano ...
Feito o retrato o índio descansou ...

Os textos mostram possibilidades de expressão dentro de uma mesma língua: os recursos lingüísticos de Alencar não são, na sua totalidade, os mesmos empregados por Vasconcelos.
a) Observando a fala de Iracema e Andedura, percebe-se que ambos utilizam a 2ª pessoa do singular para se referirem ao seu interlocutor. Em que os usos de ambos se diferenciam? Reescreva uma frase de cada uma dessas personagens, empregando o registro de 3ª pessoa do singular.
b) Como se pode explicar a formação das expressões *laranjo* e *chegô*, presentes na fala de Andedura?

142) (UFSCar-2004) (...) Como não ter Deus?! Com Deus existindo, tudo dá esperança: sempre um milagre é possível, o mundo se resolve. Mas, se não tem Deus, há-de a gente perdidos no vai-vem, e a vida é burra. É o aberto perigo das grandes e pequenas horas, não se podendo facilitar - é todos contra os acasos. Tendo Deus, é menos grave se descuidar um pouquinho, pois, no fim dá certo. Mas, se não tem Deus, então, a gente não tem licença de coisa nenhuma! Porque existe dor. E a vida do homem está presa encantoada - erra rumo, dá em aleijões como esses, dos meninos sem pernas e braços. (...)

(Guimarães Rosa, Grande sertão: veredas.)
Normalmente, na construção de um texto, é comum um pronome recuperar um elemento anterior, como em "Fome Zero, abrace essa causa!" No trecho de Guimarães Rosa, há uma situação oposta, em que o elemento recuperado aparece depois do pronome.
a) Identifique essa situação.
b) Construa uma outra frase que repita esse tipo de situação.

143) (UFSCar-2005) AUTO-ESTIMA
"Fiz a cirurgia com 16 anos. Não fiz pelas outras pessoas, fiz para me olhar no espelho e me sentir bem (...) Eu sinto como se o meu corpo tivesse absorvido o silicone, como se o peito fosse meu mesmo. E é: meu pai pagou e ele é meu." C. S., 17, sobre cirurgia plástica que fez nos seios, ontem na Folha.
(Folha de S.Paulo, 03.08.2004.)

Refletindo sobre o emprego dos pronomes possessivos em português, responda:
a) Como, no texto, pode ser definido o sentido de posse presente na expressão *como se o peito fosse meu mesmo*?
b) E como pode ser definido o sentido de posse na expressão *E é: meu pai pagou e ele é meu*?

144) (UFSCar-2005) Não permita Deus que eu morra
Sem que ainda vote em você;
Sem que, Rosa amigo, toda Quinta-feira que Deus dê,
Tome chá na Academia
Ao lado de vosmecê,
Rosa dos seus e dos outros,
Rosa da gente e do mundo,
Rosa de intensa poesia
De fino olor sem segundo;
Rosa do Rio e da Rua,
Rosa do sertão profundo
(Manuel Bandeira, Estrela da Vida Inteira.)

Observe os versos: Tome chá na Academia / Ao lado de vosmecê,
a) De que Academia se trata?
b) Vosmecê é uma variante de que pronome? Dê alguma outra variante desse mesmo pronome, de uso comum na língua falada do Brasil.

145) (UFSCar-2007) O sertanejo falando
A fala a nível do sertanejo engana:
as palavras dele vêm, como rebuçadas
(palavras confeito, pílula), na glace

de uma entonação lisa, de adocicada.
Enquanto que sob ela, dura e endurece
o caroço de pedra, a amêndoa pétrea,
dessa árvore pedrenta (o sertanejo)
incapaz de não se expressar em pedra.
Daí porque o sertanejo fala pouco:
as palavras de pedra ulceram a boca
e no idioma pedra se fala doloroso;
o natural desse idioma fala à força.
Daí também porque ele fala devagar:
tem de pegar as palavras com cuidado,
confeitá-las na língua, rebuçá-las;
pois toma tempo todo esse trabalho.
(João Cabral de Melo Neto, A educação pela pedra.
Nova Fronteira, 1996, p. 16.)

Esse poema consta na primeira parte de A educação pela pedra, considerada pelo autor sua obra máxima. Depois de uma leitura atenta, responda.
a) Qual o contraste entre a busca da palavra e o resultado de sua execução na boca do sertanejo?
b) A que se refere, no texto, a palavra ela, no primeiro verso da segunda estrofe? Justifique sua resposta.

146) (UFTM-2007) [Jerônimo] Tomou conta da direção de todo o serviço, e em boa hora o fez, porque dia a dia a sua influência se foi sentindo no progresso do trabalho. Com o seu exemplo os companheiros tornavam-se igualmente sérios e zelosos. Ele não admitia relaxamentos, nem podia consentir que um preguiçoso se demorasse ali tomando o lugar de quem precisava ganhar o pão.
Acordava todos os dias às quatro horas da manhã, fazia antes dos outros a sua lavagem à bica do pátio, socava-se depois com uma boa palangana de caldo de unto, acompanhada de um pão de quatro; e, em mangas de camisa de riscado, a cabeça ao vento, os grossos pés sem meias metidos em um formidável par de chinelos de couro cru, seguia para a pedreira.
A sua picareta era para os companheiros o toque de reunir. Aquela ferramenta movida por um pulso de Hércules valia bem os clarins de um regimento tocando alvorada.
Jerônimo só voltava a casa ao descair da tarde, morto de fome e de fadiga. A mulher preparava-lhe sempre para o jantar alguma das comidas da terra deles. E ali, naquela estreita salinha, sossegada e humilde, gozavam os dois, ao lado um do outro, a paz feliz dos simples, o voluptuoso prazer do descanso após um
dia inteiro de canseiras ao sol.
Passaram-se semanas. Uma transformação, lenta e profunda, operava-se nele, dia a dia, hora a hora, reviscerando-lhe o corpo e alando-lhe os sentidos, num trabalho misterioso e surdo de crisálida. A sua energia afrouxava lentamente: fazia-se contemplativo e amoroso. A vida americana e a natureza do Brasil patenteavam-lhe agora aspectos imprevistos e sedutores que o comoviam; esquecia-se dos seus primitivos sonhos de ambição; para idealizar felicidades novas, picantes e violentas; tornava-se liberal, imprevidente e franco, mais amigo de gastar que de guardar; adquiria desejos, tomava gosto aos prazeres, e volvia-se preguiçoso resignando-se, vencido, às imposições do sol e do calor, muralha de fogo com que o espírito eternamente revoltado do último tamoio entrincheirou a pátria contra os conquistadores aventureiros.
(Aluísio Azevedo, *O cortiço*. Texto editado)

Para responder à questão , atenha-se à seguinte passagem do texto:
.... dia a dia a sua influência se foi sentindo.
Assinale a alternativa em que o pronome destacado tem sentido de possessivo, como o pronome – sua – empregado nessa passagem.
a) Volvia-se preguiçoso, resignando-se, vencido, às imposições do sol.
b) E ali, naquela estreita salinha, sossegada e humilde.
c) A vida americana e a natureza do Brasil patenteavam-lhe agora aspectos imprevisíveis.
d) Uma transformação operava-se nele, dia a dia.
e) Operava-se nele, dia a dia, reviscerando-lhe o corpo.

147) (UFU-2006) Tenho desprezo por gente que se orgulha da própria raça. Nem tanto pelo orgulho, sentimento menos nobre, porém inerente à natureza humana, mas pela estupidez. Que mérito pessoal um pobre de espírito pode pleitear por haver nascido branco, negro ou amarelo, de olhos azuis ou lilases?
Tradicionalmente, o conceito popular de raça está ligado a características externas do corpo humano, como cor da pele, formato dos olhos e as curvas que o cabelo faz ou deixa de fazer. Existe visão mais subjetiva?
Na Alemanha nazista, bastava ter a pele morena para o cidadão ser considerado de uma raça inferior à dos que se proclamavam arianos. Nos Estados Unidos, são classificadas como negras pessoas que no Brasil consideramos brancas; lá, os mineiros de Governador Valadares são rotulados de hispânicos. Conheci um cientista português que se orgulhava de descender diretamente dos godos!
Há cerca de 100 mil anos, seres humanos de anatomia semelhante à da mulher e à do homem moderno migraram da África, berço de nossa espécie, para os quatro cantos do mundo. Tais ondas migratórias criaram forte pressão seletiva sobre nossos ancestrais. Não é difícil imaginar as agruras de uma família habituada ao sol da savana etíope, obrigada a adaptar-se à escuridão do inverno russo; ou as dificuldades de adaptação de pessoas acostumadas a dietas vegetarianas ao migrar para regiões congeladas.
Apesar de primatas aventureiros, éramos muito mais apegados à terra natal nessa época em que as viagens precisavam ser feitas a pé; a maioria de nossos antepassados passava a existência no raio de alguns

quilômetros ao redor da aldeia natal. Como descendemos de um pequeno grupo de hominídeos africanos e o isolamento favorece o acúmulo de semelhanças genéticas, traços externos como a cor da pele, dos olhos e dos cabelos tornaram-se característicos de determinadas populações.

Mas seria possível estabelecer critérios genéticos mais objetivos para definir o que chamamos de raça? Em outras palavras: além dessa meia dúzia de aspectos identificáveis externamente, o que diferenciaria um negro de um branco ou de um asiático?

Para determinar o grau de parentesco entre dois indivíduos, os geneticistas modernos fazem comparações entre certos genes contidos no DNA de cada um.

Lembrando que os genes nada mais são do que pequenos fragmentos da molécula de DNA, a tecnologia atual permite que semelhanças e disparidades porventura existentes entre dois genes sejam detectadas com precisão.

Tecnicamente, essas diferenças recebem o nome de polimorfismos. É na análise desses polimorfismos que se baseia o teste de DNA para exclusão de paternidade, por exemplo.

Na Universidade de Stanford, Noah Rosemberg e Jonathan Pritchard testaram 375 polimorfismos genéticos em 52 grupos de habitantes da Ásia, África, Europa e das Américas. Através da comparação, conseguiram dividilos em cinco grupos étnicos cujos ancestrais estiveram isolados por barreiras geográficas, como desertos extensos, montanhas intransponíveis ou oceanos: os africanos da região abaixo do deserto do Saara, os asiáticos do leste, os europeus e asiáticos que vivem a oeste dos Himalaias, os habitantes da Nova Guiné e Melanésia e os indígenas das Américas.

No entanto, quando os autores tentaram atribuir identidade genética aos habitantes do sul da Índia, verificaram que seus traços eram comuns a europeus e a asiáticos, observação consistente com a influência exercida por esses povos naquela área do país.

A conclusão é que só é possível identificar grupos de indivíduos com semelhanças genéticas ligadas a suas origens geográficas quando descendem de populações isoladas por barreiras que impediram a miscigenação.

Mas o conceito popular de raça está distante da complexidade das análises de polimorfismos genéticos: para o povo, raça é questão de cor da pele, tipo de cabelo e traços fisionômicos.

Nada mais primário!

Essas características sofreram forte influência do processo de seleção natural que, no decorrer da evolução de nossa espécie, eliminou os menos aptos. Pessoas com mesma cor de pele podem apresentar profundas divergências genéticas, como é o caso de um negro brasileiro comparado com um aborígene australiano ou com um árabe de pele escura.

Ao contrário, indivíduos semelhantes geneticamente, quando submetidos a forças seletivas distintas, podem adquirir aparências diversas. Nos transplantes de órgãos, ninguém é louco de escolher um doador apenas por ser fisicamente parecido ou por ter cabelo crespo como o do receptor.

Excluídos os gêmeos univitelinos, entre os 6 bilhões de seres humanos não existem dois indivíduos geneticamente idênticos. Dos 30 mil genes que formam nosso genoma, os responsáveis pela cor da pele e pelo formato do rosto não passam de algumas dezenas.

Como as combinações de genes maternos e paternos admitem infinitas alternativas, teoricamente pode haver mais identidade genética entre dois estranhos do que entre primos consangüíneos; entre um negro brasileiro e um branco argentino, do que entre dois negros sul-africanos ou dois brancos noruegueses.

Dráuzio Varela. *Folha de S. Paulo,* 1º de abril de 2006.

Assinale a **ÚNICA** alternativa em que o termo em destaque **NÃO** foi identificado adequadamente.

a) “Através da comparação, conseguiram dividi-**los** em cinco grupos étnicos...” (linhas 42-43) = 52 grupos de habitantes

b) “Tecnicamente, **essas diferenças** recebem o nome de polimorfismos.” (linha 37) = disparidades

c) “Para determinar o grau de parentesco entre dois indivíduos, os geneticistas modernos fazem comparações entre certos genes contidos no DNA de cada **um.**” (linhas 32-34) = indivíduo

d) “Essas características sofreram forte influência do processo de seleção natural que, no decorrer da evolução de nossa espécie, eliminou **os** menos aptos.” (linhas 59-61) = genes

148) (Unicamp-1994) Leia atentamente os textos a seguir:

I. Estes são alguns dos equipamentos que a reserva de mercado não permitia a entrada no país sem a autorização do DEPIN.

(FSP, 18.10.92)

II. Fazer pesquisa insinuando que 64% dos brasileiros acham que existe corrupção no governo Itamar não é um ato inteligente de um jornal de que todos gostamos e que é dever de nós brasileiros lutar pela conservação de sua isenção".

(Adaptado de Ewerton Almeida, vice-líder do PMDB da Bahia, Painel do Leitor, FSP 08.06.93)

Reescreva os trechos acima, introduzindo as seqüências "cuja entrada" e "cuja isenção", respectivamente. (faça apenas as alterações necessárias, decorrentes da nova estrutura das frases.)

149) (Unicamp-2003) O Partido X dedica-se a essa atividade mais do que nunca. Ocorre que ainda está longe do desejado, seja por falta de vontade, de vocação ou de incapacidade do partido. Entre outras razões, é por esse

motivo que o dólar sobe. (Fernando Rodrigues, Folha de S. Paulo, 25/09/2002 - parcialmente adaptado)

a) Na primeira oração ocorre uma palavra (um pronome) que permite concluir que o trecho acima não é o início do texto de Fernando Rodrigues. Qual é a palavra e por que sua ocorrência permite tal conclusão?

b) O final da seqüência "seja por falta de vontade, de vocação ou de incapacidade..." apresenta um problema de coerência, que pode ser eliminado de duas maneiras. Quais são essas duas maneiras?

c) Destaque uma passagem que indica que o texto é pessimista (ou crítico) em relação ao Partido.

150) (Unicamp-2002) Leia o seguinte soneto de Camões:

Oh! Como se me alonga, de ano em ano,
a peregrinação cansada minha.
Como se encurta, e como ao fim caminha
este meu breve e vão discurso humano.

Vai-se gastando a idade e cresce o dano;
perde-se-me um remédio, que inda tinha.
Se por experiência se adivinha,
qualquer grande esperança é grande engano.

Corro após este bem que não se alcança;
no meio do caminho me falece,
mil vezes caio, e perco a confiança.

Quando ele foge, eu tardo; e, na tardança,
se os olhos ergo a ver se inda parece,
da vista se me perde e da esperança.

a) Na primeira estrofe, há uma contraposição expressa pelos verbos alongar e encurtar. A qual deles está associado o cansaço da vida e qual deles se associa à proximidade da morte?

b) Por que se pode afirmar que existe também uma contraposição no interior do primeiro verso da segunda estrofe?

c) A que termo se refere o pronome "ele" da última estrofe?

151) (Unicamp-2005) Mario Sergio Cortella, em sua coluna mensal "Outras Idéias" escreve:

(...) reconheça-se: a maior contribuição de Colombo não foi ter colocado um ovo em pé ou ter aportado por aqui depois de singrar mares nunca dantes navegados. Colombo precisa ser lembrado como a pessoa que permitiu a nós, falantes do inglês, do francês ou do português, que tivéssemos contato com uma língua que, do México até o extremo sul da América, é capaz de nos ensinar a dizer "nosotros" em vez de apenas "we", "nous", "nós", afastando a arrogante postura do "nós" de um lado e do "vocês" do outro. Pode parecer pouco, mas "nós' é quase barreira que separa, enquanto "nosotros" exige perceber uma visão de alteridade, isto é, ver o outro como um outro, e não como um estranho. Afinal, quem são os outros de nós mesmos? O mesmo que somos para os outros, ou seja, outros!

(Mario Sergio Cortella, Folha de S.Paulo, 9 de outubro de 2003).

O texto acima nos faz pensar na distinção entre um 'nós' inclusivo e um 'nós' excludente.

a) Segundo o excerto, 'nosotros' apresenta um sentido inclusivo. Justifique pela morfologia dessa palavra.

b) "Nós brasileiros falamos português" apresenta um 'nós' excludente. Explique.

152) (UNICAMP-2007) Em 7 de agosto de 2006, foi publicada, no jornal Correio Popular de Campinas, a seguinte carta:

Li reportagem no jornal e me surpreendi, pois moro próximo ao local de infestação de carrapatos-estrela no Jardim Eulina, e sei que existem muitas capivaras, mesmo dentro da área militar. Surpreendi-me ainda ao saber que vão esperar o laudo daqui a 15 dias para saber por que ou do que as pessoas morreram. Gente, saúde pública é coisa séria! Não seria o caso de remanejar esses bichos imediatamente, como prevenção, uma vez que estão em zona urbana? (Carrapatos, M., M.).

a) Na carta acima, a que se refere a expressão "esses bichos"? Justifique.

b) A compreensão da carta pode ser dificultada porque há nela vários implícitos. Aponte duas passagens do texto em que isso ocorre e explique.

c) Que palavra da carta justifica a referência a "saúde pública"?

153) (Unifesp-2003) A questão a seguir baseia-se em duas tirinhas de quadrinhos, de Maurício de Sousa (1935-), e na "Canção do exílio", de Gonçalves Dias (1823-1864).

Primeira tirinha

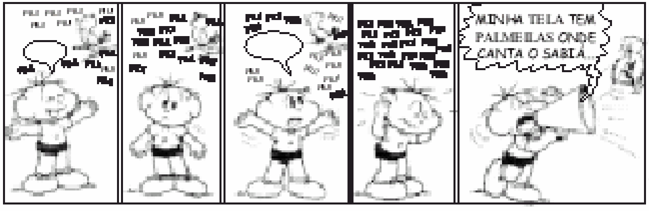
MINHA TELA TEM PALMEILAS ONDE CANTA O SABIÁ...

(Estúdio Maurício de Sousa. *Bidu Especial*. São Paulo: Abril, 1975)

Segunda tirinha

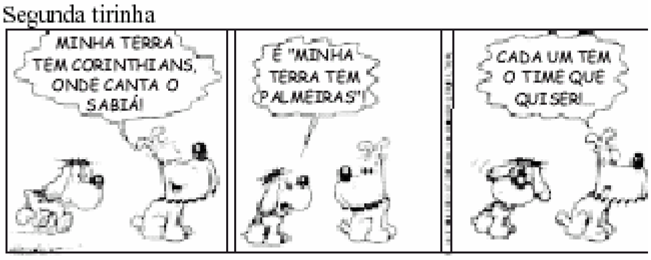
MINHA TERRA TEM CORINTHIANS, ONDE CANTA O SABIÁ!
É "MINHA TERRA TEM PALMEIRAS"!
CADA UM TEM O TIME QUE QUISER!...

(Estúdio Maurício de Sousa. *Bidu Especial*. São Paulo: Abril, 1973)

Canção do Exílio
(...)
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar - sozinho, à noite -
Mais prazer encontro eu lá;

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;

Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
(Antônio Gonçalves Dias, Primeiros Cantos)

Nas falas "Minha terra tem Corinthians, **onde** canta o sabiá!" e "cada um tem o time **que** quiser!...", da segunda tirinha, os vocábulos em destaques estabelecem, respectivamente, as relações sintático-semânticas de

a) conector de oração adjetiva em relação a minha terra e conector de oração adjetiva em relação a o time.

b) conector de oração adverbial em relação a terra e conector de oração adjetiva em relação a time.

c) conector de oração adjetiva em relação a Corinthians e conector de oração adjetiva em relação a cada um.

d) conector de oração adverbial em relação a Corinthians e conector de oração adverbial em relação a um.

e) conector de oração adverbial de lugar em relação a minha terra e conector de oração adjetiva em relação a cada um.

154) (Unifesp-2003) A questão a seguir toma por base a primeira estrofe de "O menino da porteira", de Teddy Vieira (1922-1965) e Luís Raimundo (1916-), o Luisinho, e a letra de "Meu bem-querer", de Djavan (1949-).

O Menino da Porteira
Toda a vez que eu viajava
Pela estrada de Ouro Fino,
De longe eu avistava
A figura de um menino,
Que corria abri[r] a porteira
Depois vinha me pedindo:
- Toque o berrante, seu moço,
Que é p'ra mim ficá[ar] ouvindo.
....
(Luisinho, Limeira e Zezinha, 1955)

Meu bem querer
Meu bem-querer
É segredo, é sagrado,
Está sacramentado
Em meu coração.
Meu bem-querer
Tem um quê de pecado
Acariciado pela emoção.
Meu bem-querer, meu encanto,
Tô sofrendo tanto, amor.

E o que é o sofrer
Para mim, que estou
Jurado p'ra morrer de amor?
(Djavan. Alumbramento. Emi-Odeon. 1980)

"O menino da porteira", cururu gravado em 1955, mostra-se como um significativo exemplo de projeção da linguagem oral cotidiana na poesia-canção popular brasileira. Observe o verso *Que é p'ra mim ficá[ar] ouvindo*, e compare-o com o verso *Pra mim, que estou*, de Djavan. Num deles ocorre um fato lingüístico que a gramática normativa considera "erro de português".
A indicação do "erro" e a "correção" correspondente estão em

A) p'ra mim, de "O menino da porteira", que deveria ser corrigida para p'ra eu, pois o pronome pessoal eu é objeto direto da locução verbal ficá ouvindo.

B) para mim, de "Meu bem-querer", que deveria ser corrigida para para eu, porque o pronome pessoal eu é sujeito do verbo estou.

C) para mim, de "Meu bem-querer", que deveria ser corrigida para p'ra eu, por analogia a p'ra morrer, do verso seguinte.

D) p'ra mim, de "O menino da porteira", que deveria ser corrigida para p'ra eu, uma vez que o pronome pessoal eu é sujeito da locução verbal ficá ouvindo.
E) p'ra mim, de "O menino da porteira", que deveria ser corrigida para para eu, por se tratar de uma locução adverbial.

155) (UNIFESP-2005) Senhor feudal

Se Pedro Segundo
Vier aqui
Com história
Eu boto ele na cadeia.
Oswald de Andrade

De acordo com a norma padrão, o último verso assumiria a seguinte forma:
a) Eu boto-lhe na cadeia.
b) Boto-no na cadeia.
c) Eu o boto na cadeia.
d) Eu lhe boto na cadeia.
e) Lhe boto na cadeia.

156) (UNIFESP-2004) Explico ao senhor: o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem - ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos.
Solto, por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum. Nenhum! - é o que digo. O senhor aprova? Me declare tudo, franco - é alta mercê que me faz: e pedir posso, encarecido. Este caso - por estúrdio que me vejam - é de minha certa importância.
Tomara não fosse... Mas, não diga que o senhor, assisado e instruído, que acredita na pessoa dele?! Não? Lhe agradeço! Sua alta opinião compõe minha valia. Já sabia, esperava por ela - já o campo! Ah, a gente, na velhice, carece de ter uma aragem de descanso. Lhe agradeço. Tem diabo nenhum. Nem espírito. Nunca vi. Alguém devia de ver, então era eu mesmo, este vosso servidor. Fosse lhe contar... Bem, o diabo regula seu estado preto, nas criaturas, nas mulheres, nos homens. Até: nas crianças - eu digo. Pois não é o ditado: "menino - trem do diabo"? E nos usos, nas plantas, nas águas, na terra, no vento... Estrumes... O diabo na rua, no meio do redemunho...
(Guimarães Rosa. Grande Sertão: Veredas.)

A expressão Este caso, em destaque no texto, refere-se
a) à existência do diabo.
b) ao redemunho, reduto do diabo.
c) à opinião do interlocutor.
d) à velhice do narrador.
e) ao estado preto do diabo.

157) (Unifor-2003) O cronista trabalha com um instrumento de grande divulgação, influência e prestígio, que é a palavra impressa. Um jornal, por menos que seja, é um veículo de idéias que são lidas, meditadas e observadas por uma determinada corrente de pensamento formada à sua volta.
Um jornal é um pouco como um organismo humano. Se o editorial é o cérebro; os tópicos e notícias, as artérias e veias; as reportagens, os pulmões; o artigo de fundo, o fígado; e as seções, o aparelho digestivo - a crônica é o seu coração. A crônica é matéria tácita de leitura, que desafoga o leitor da tensão do jornal e lhe estimula um pouco a função do sonho e uma certa disponibilidade dentro de um cotidiano quase sempre "muito tido, muito visto, muito conhecido", como diria o poeta Rimbaud.
Daí a seriedade do ofício do cronista e a freqüência com que ele, sob a pressão de sua tirania diária, aplica-lhe balões de oxigênio. Os melhores cronistas do mundo, que foram os do século XVIII, na Inglaterra - os chamados **essayists** - praticaram o **essay**, isto de onde viria a sair a crônica moderna, com um zelo artesanal tão proficiente quanto o de um bom carpinteiro ou relojoeiro. Libertados da noção exclusivamente moral do primitivo **essay**, os oitocentistas ingleses deram à crônica suas primeiras lições de liberdade, casualidade e lirismo, sem perda do valor formal e da objetividade. Addison, Steele, Goldsmith e sobretudo Hazlitt e Lamb - estes os dois maiores, - fizeram da crônica, como um bom mestre carpinteiro o faria com uma cadeira, um objeto leve mas sólido, sentável por pessoas gordas ou magras. (...)
Num mundo doente a lutar pela saúde, o cronista não se pode comprazer em ser também ele um doente; em cair na vaguidão dos neurastenizados pelo sofrimento físico; na falta de segurança e objetividade dos enfraquecidos por excessos de cama e carência de exercícios. Sua obrigação é ser leve, nunca vago; íntimo, nunca intimista; claro e preciso, nunca pessimista. Sua crônica é um copo d'água em que todos bebem, e a água há de ser fresca, limpa, luminosa, para satisfação real dos que nela matam a sede.
(Vinicius de Moraes. **Poesia Completa e Prosa.** Aguilar, 1974, p. 591-2)

O termo grifado nos segmentos abaixo está substituído pelo pronome adequado, corretamente colocado, em:
a) *que desafoga* ***o leitor*** = que lhe desafoga.
b) *praticaram* ***o essay*** = praticaram-no.
c) *de onde viria a sair* ***a crônica*** = viria a sair-lhe.
d) *deram* ***à crônica*** *suas lições* = deram-na.
e) *dos que nela matam* ***a sede*** = que nela matam-na.

158) (Unitau-1995) "Vivemos numa época de tamanha insegurança externa e interna, e de tamanha carência de objetivos firmes, que a simples confissão de nossas convicções pode ser importante, mesmo que essas convicções, como todo julgamento de valor, não possam ser provadas por deduções lógicas.
Surge imediatamente a pergunta: podemos considerar a busca da verdade - ou, para dizer mais modestamente, nossos esforços para compreender o universo cognoscível através do pensamento lógico construtivo - como um objeto autônomo de nosso trabalho? Ou nossa busca da

verdade deve ser subordinada a algum outro objetivo, de caráter prático, por exemplo? Essa questão não pode ser resolvida em bases lógicas. A decisão, contudo, terá considerável influência sobre nosso pensamento e nosso julgamento moral, desde que se origine numa convicção profunda e inabalável Permitam-me fazer uma confissão: para mim, o esforço no sentido de obter maior percepção e compreensão é um dos objetivos independentes sem os quais nenhum ser pensante é capaz de adotar uma atitude consciente e positiva ante a vida.

Na própria essência de nosso esforço para compreender o fato de, por um lado, tentar englobar a grande e complexa variedade das experiências humanas, e de, por outro lado, procurar a simplicidade e a economia nas hipóteses básicas. A crença de que esses dois objetivos podem existir paralelamente é, devido ao estágio primitivo de nosso conhecimento científico, uma questão de fé. Sem essa fé eu não poderia ter uma convicção firme e inabalável acerca do valor independente do conhecimento.

Essa atitude de certo modo religiosa de um homem engajado no trabalho científico tem influência sobre toda sua personalidade. Além do conhecimento proveniente da experiência acumulada, e além das regras do pensamento lógico, não existe, em princípio, nenhuma autoridade cujas confissões e declarações possam ser consideradas "Verdade " pelo cientista. Isso leva a uma situação paradoxal: uma pessoa que devota todo seu esforço a objetivos materiais se tornará, do ponto de vista social, alguém extremamente individualista, que, a princípio, só tem fé em seu próprio julgamento, e em nada mais. É possível afirmar que o individualismo intelectual e a sede de conhecimento científico apareceram simultaneamente na história e permaneceram inseparáveis desde então. "

(Einstein, in: O Pensamento Vivo de Einstein, p. 13 e 14, 5a. edição, Martin Claret Editores)

Na frase: "Permitam-me fazer uma confissão: para mim o esforço no sentido de obter...", o autor empregou o pronome "mim" no lugar de "eu", porque:

a) a preposição "para" rege o verbo "obter".

b) a preposição "para" rege o pronome oblíquo átono "mim".

c) a preposição "para" é regida pelo verbo "permitam".

d) o autor errou; o certo é usar "eu".

e) a preposição "para" rege o pronome oblíquo tônico "mim".

159) (UNIUBE-2002) A questão abaixo refere-se ao texto retirado de “Dom Casmurro”, de Machado de Assis, transcrito abaixo.

Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei num trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos. A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem inteiramente maus. Sucedeu, porém, que, como eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso.

- Continue, disse eu acordando.
- Já acabei, murmurou ele.
- São muito bonitos.

Vi-lhe fazer um gesto para tirá-los outra vez do bolso, mas não passou do gesto; estava amuado.

No dia seguinte entrou a dizer de mim nomes feios, e acabou alcunhando-me “Dom Casmurro”. Os vizinhos, que não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha, que afinal pegou. Nem por isso me zanguei. Contei a anedota aos amigos da cidade, e eles, por graça, chamam-me assim, alguns em bilhetes: “Dom Casmurro, domingo vou jantar com você.” “ ___ Vou para Petrópolis, Dom Casmurro; a casa é a mesma da Renânia; vê se deixas essa caverna do Engenho Novo, e vai lá passar uns quinze dias comigo.” “___ Meu caro Dom Casmurro, não cuide que o dispenso do teatro amanhã; venha e dormirá aqui na cidade; dou-lhe camarote, dou-lhe chá, dou-lhe cama; só não lhe dou moça.”

Não consultes dicionários. “Casmurro” não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. “Dom” veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo. Tudo por estar cochilando! Também não achei melhor título para a minha narração ___ se não tiver outro daqui até ao fim do livro, vai este mesmo. O meu poeta do trem ficará sabendo que não lhe guardo ranço. E com pequeno esforço, sendo o título seu, poderá cuidar que a obra é sua. Há livros que apenas terão isso dos seus autores; alguns nem tanto.

Em todas as alternativas o referente do termo em destaque está adequadamente identificado, **EXCETO**:

a) “Nem por **isso** me zanguei.” = o fato de o apelido ter pegado

b) “...e vai **lá** passar uns quinze dias comigo.” = Engenho Novo

c) “... e eles, por graça, chamam-me **assim** ...” = Dom Casmurro

d) “**Tudo** por estar cochilando!” - a alcunha recebida

160) (UNIUBE-2002) A questão abaixo refere-se ao texto retirado de “Dom Casmurro”, de Machado de Assis, transcrito abaixo.

Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei num trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos. A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem inteiramente maus. Sucedeu, porém, que, como eu estava cansado, fechei os

olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso.
- Continue, disse eu acordando.
- Já acabei, murmurou ele.
- São muito bonitos.

Vi-lhe fazer um gesto para tirá-los outra vez do bolso, mas não passou do gesto; estava amuado.

No dia seguinte entrou a dizer de mim nomes feios, e acabou alcunhando-me “Dom Casmurro”. Os vizinhos, que não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha, que afinal pegou. Nem por isso me zanguei. Contei a anedota aos amigos da cidade, e eles, por graça, chamam-me assim, alguns em bilhetes: “Dom Casmurro, domingo vou jantar com você.” “ ___ Vou para Petrópolis, Dom Casmurro; a casa é a mesma da Renânia; vê se deixas essa caverna do Engenho Novo, e vai lá passar uns quinze dias comigo.” “___ Meu caro Dom Casmurro, não cuide que o dispenso do teatro amanhã; venha e dormirá aqui na cidade; dou-lhe camarote, dou-lhe chá, dou-lhe cama; só não lhe dou moça.”

Não consultes dicionários. “Casmurro” não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. “Dom” veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo. Tudo por estar cochilando! Também não achei melhor título para a minha narração ___ se não tiver outro daqui até ao fim do livro, vai este mesmo. O meu poeta do trem ficará sabendo que não lhe guardo ranço. E com pequeno esforço, sendo o título seu, poderá cuidar que a obra é sua. Há livros que apenas terão isso dos seus autores; alguns nem tanto.

Observe os seguintes trechos:

I) “... encontrei no trem da Central um rapaz aqui do bairro, **que** eu conheço de vista e de chapéu.”

II) “Sucedeu, porém, **que**, como eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes...”

III) “Os vizinhos, **que** não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha...”

IV) “...não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha, **que** afinal pegou.”

V) “Meu caro Dom Casmurro, não cuide **que** o dispenso do teatro amanhã; venha e dormirá aqui na cidade...”

Assinale a alternativa correta que completa a sentença abaixo.

O elemento, em destaque, introduz orações com o mesmo valor sintático em

a) III, IV e V
b) II, IV e V
c) I, III e IV
d) I, II e V

161) (Vunesp-2002) INSTRUÇÃO: A questão abaixo toma por base as primeiras quatro estrofes da **Canção do Tamoio**, do poeta romântico Antônio Gonçalves Dias (1823-1864), um trecho da **Oração aos Moços**, de Rui Barbosa de Oliveira (1849-1923), e o **Hino do Deputado**, do poeta modernista Murilo Monteiro Mendes (1901-1975).

Canção do Tamoio

I
Não chores, meu filho;
Não chores, que a vida
É luta renhida:
Viver é lutar.
A vida é combate,
Que os fracos abate,
Que os fortes, os bravos,
Só pode exaltar.

II
Um dia vivemos!
O homem que é forte
Não teme da morte;
Só teme fugir;
No arco que entesa
Tem certa uma presa,
Quer seja tapuia,
Condor ou tapir.

III
O forte, o cobarde
Seus feitos inveja
De o ver na peleja
Garboso e feroz;
E os tímidos velhos
Nos graves concelhos,
Curvadas as frontes,
Escutam-lhe a voz!

IV
Domina, se vive;
Se morre, descansa
Dos seus na lembrança,
Na voz do porvir.
Não cures da vida!
Sê bravo, sê forte!
Não fujas da morte,
Que a morte há de vir!

(GONÇALVES DIAS, Antônio. Obras Poéticas.Tomo II. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944, p. 42-43.)

Oração aos Moços

Magistrados ou advogados sereis. Suas duas carreiras quase sagradas, inseparáveis uma da outra, e, tanto uma como a outra, imensas nas dificuldades, responsabilidades e utilidades.

Se cada um de vós meter bem a mão na consciência, certo que tremerá da perspectiva. O tremer próprio é dos que se

defrontam com as grandes vocações, e são talhados para as desempenhar. O tremer, mas não o descorçoar. O tremer, mas não o renunciar. O tremer, com o ousar. O tremer, com o empreender. O tremer, com o confiar. Confiai, senhores. Ousai. Reagi. E haveis de ser bem sucedidos. Deus, pátria e trabalho. Metei no regaço essas três fés, esses três amores, esses três signos santos. E segui, com o coração puro. Não hajais medo a que a sorte vos ludibrie. [...]
Idealismo? Não: experiência da vida. Não há forças, que mais a senhoreiem, do que essas. Experimentai-o, como eu o tenho experimentado. Poderá ser que resigneis certas situações, como eu as tenho resignado. Mas meramente para variar de posto, e, em vos sentindo incapazes de uns, buscar outros, onde vos venha ao encontro o dever, que a Providência vos haja reservado.
(BARBOSA, Rui. Oração aos moços[discurso de paraninfo dos formandos da Faculdade de Direito de S.Paulo, em 1920]. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1956, p. 58-59.)

Hino do Deputado

Chora, meu filho, chora.
Ai, quem não chora não mama,
Quem não mama fica fraco,
Fica sem força pra vida,
A vida é luta renhida,
Não é sopa, é um buraco.
Se eu não tivesse chorado
Nunca teria mamado,
Não estava agora cantando,
Não teria um automóvel,
Estaria caceteado,
Assinando promissória,
Quem sabe vendendo imóvel
A prestação ou sem ela,
Ou esperando algum tigre
Que talvez desse amanhã,
Ou dando um tiro no ouvido,
Ou sem olho, sem ouvido,
Sem perna, braço, nariz.
Chora, meu filho, chora,
Anteontem, ontem, hoje,
Depois de amanhã, amanhã.
Não dorme, filho, não dorme,
Se você toca a dormir
Outro passa na tua frente,
Carrega com a mamadeira.
Abre o olho bem aberto,
Abre a boca bem aberta,
Chore até não poder mais.
(MENDES, Murilo. História do Brasil, XLIII. In: Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994, p. 177-178.)

No verso do **Hino do Deputado** "A prestação ou sem ela", o pronome pessoal do caso reto "ela" faz referência ao antecedente "prestação". Fundamentado nesta informação e neste exemplo,
a) aponte o antecedente a que se refere o pronome "as" no seguinte período de **Oração aos Moços**: "Poderá ser que resigneis certas situações, como eu as tenho resignado.";
b) ainda considerando o período "Poderá ser que resigneis certas situações, como eu as tenho resignado", identifique a função sintática exercida pelo pronome "as" e por seu antecedente nas respectivas orações de que fazem parte.

162) (Vunesp-2002) Trovas
a uma dama que lhe jurara
sempre por seus olhos.
Quando me quer enganar
a minha bela perjura,
para mais me confirmar
o que quer certificar,
pelos seus olhos mo jura.
Como meu contentamento
todo se rege por eles,
imagina o pensamento
que se faz agravo a eles
não crer tão grão juramento.

Porém, como em casos tais
ando já visto e corrente,
sem outros certos sinais,
quanto me ela jura mais
tanto mais cuido que mente.
Então, vendo-lhe ofender
uns tais olhos como aqueles,
deixo-me antes tudo crer,
só pela não constranger
a jurar falso por eles.
(CAMÕES, Luís de. Lírica. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1982, p. 56-57.)

Você só... mente
Não espero mais você,
Pois você não aparece.
Creio que você se esquece
Das promessas que me faz...
E depois vem dar desculpas
Inocentes e banais.
É porque você bem sabe
Que em você desculpo
Muita coisa mais...
O que sei somente
É que você é um ente
Que mente inconscientemente,
Mas finalmente,
Não sei por que
Eu gosto imensamente de você.

E invariavelmente,

Sem ter o menor motivo,
Em um tom de voz altivo,
Você, quando fala, mente
Mesmo involuntariamente.
Faço cara de contente,
Pois sua maior mentira
É dizer à gente
Que você não mente.

O que sei somente
É que você é um ente
Que mente inconscientemente,
Mas finalmente,
Não sei por que
Eu gosto imensamente de você.

(In: Noel pela primeira vez. Coleção organizada por Miguel Jubran. São Paulo: MEC/FUNARTE/VELAS, 2000, Vol. 4, CD 7, faixa 01.)

Além do eu-poemático, que se revela formalmente pelo emprego do pronome pessoal do caso reto “eu” e correspondentes pronomes oblíquos, como também pelas flexões verbais de primeira pessoa do singular, surge em Trovas e em Você só... mente outra personagem: a pessoa amada. Depois de observar atentamente as marcas da presença desta personagem nos dois textos,
a) demonstre, com base em exemplos, como a pessoa amada se revela formalmente em Trovas;
b) explique por que razão não se pode determinar o sexo da pessoa amada em Você só... mente.

163) (Vunesp-2003) A questão abaixo toma por base um fragmento da Poética, do filósofo grego Aristóteles (384-322 a.C.), um fragmento de Corte na Aldeia, do poeta clássico português Francisco Rodrigues Lobo (1580-1622), e um fragmento de uma crônica do escritor realista brasileiro Machado de Assis (1839-1908).

Poética
Pelas precedentes considerações se manifesta que não é ofício de poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade. Com efeito, não diferem o historiador e o poeta, por escreverem verso ou prosa (pois que bem poderiam ser postas em verso as obras de Heródoto, e nem por isso deixariam de ser história, se fossem em verso o que eram em prosa), - diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder. Por isso a poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e esta o particular. Por “referir-se ao universal” entendo eu atribuir a um indivíduo de determinada natureza pensamentos e ações que, por liame de necessidade e verossimilhança, convêm a tal natureza; e ao universal, assim entendido, visa a poesia, ainda que dê nomes aos seus personagens; particular, pelo contrário, é o que fez Alcibíades ou o que lhe aconteceu.
(Aristóteles, Poética)

Corte na Aldeia
- A minha inclinação em matéria de livros (disse ele), de todos os que estão presentes é bem conhecida; somente poderei dar agora de novo a razão dela. Sou particularmente afeiçoado a livros de história verdadeira, e, mais que às outras, às do Reino em que vivo e da terra onde nasci; dos Reis e Príncipes que teve; das mudanças que nele fez o tempo e a fortuna; das guerras, batalhas e ocasiões que nele houve; dos homens insignes, que, pelo discurso dos anos, floresceram; das nobrezas e brasões que por armas, letras, ou privança se adquiriram. [...]
[...]
- Vós, senhor Doutor (disse Solino) achareis isso nos vossos cartapácios; mas eu ainda estou contumaz. Primeiramente, nas histórias a que chamam verdadeiras, cada um mente segundo lhe convém, ou a quem o informou, ou favoreceu para mentir; porque se não forem estas tintas, é tudo tão misturado que não há pano sem nódoa, nem légua sem mau caminho. No livro fingido contam-se as cousas como era bem que fossem e não como sucederam, e assim são mais aperfeiçoadas. Descreve o cavaleiro como era bem que os houvesse, as damas quão castas, os Reis quão justos, os amores quão verdadeiros, os extremos quão grandes, as leis, as cortesias, o trato tão conforme com a razão. E assim não lereis livro em o qual se não destruam soberbos, favoreçam humildes, amparem fracos, sirvam donzelas, se cumpram palavras, guardem juramentos e satisfaçam boas obras. [...]
Muito festejaram todos o conto, e logo prosseguiu o Doutor:
- Tão bem fingidas podem ser as histórias que merecem mais louvor que as verdadeiras; mas há poucas que o sejam; que a fábula bem escrita (como diz Santo Ambrósio), ainda que não tenha força de verdade, tem uma ordem de razão, em que se podem manifestar as cousas verdadeiras.
(Francisco Rodrigues Lobo, Corte na Aldeia)

Crônica
(15.03.1877)
Mais dia menos dia, demito-me deste lugar. Um historiador de quinzena, que passa os dias no fundo de um gabinete escuro e solitário, que não vai às touradas, às câmaras, à rua do Ouvidor, um historiador assim é um puro contador de histórias.
E repare o leitor como a língua portuguesa é engenhosa. Um contador de histórias é justamente o contrário de historiador, não sendo um historiador, afinal de contas, mais do que um contador de histórias. Por que essa diferença? Simples, leitor, nada mais simples.O historiador foi inventado por ti, homem culto, letrado, humanista; o contador de histórias foi inventado pelo povo, que nunca leu Tito Lívio, e entende que contar o que se passou é só

fantasiar. O certo é que se eu quiser dar uma descrição verídica da tourada de domingo passado, não poderei, porque não a vi.
[...]
(Joaquim Maria Machado de Assis, História de Quinze Dias. In: Crônicas)

Os pronomes demonstrativos são algumas vezes empregados na frase para fazer referência a termos antecedentes, ou seja, empregados anteriormente na mesma ou em outra frase. De posse desta informação,
a) aponte os respectivos antecedentes dos pronomes demonstrativos aquela e esta no terceiro período do texto de Aristóteles (de “Por isso...” até “... o particular”);
b) explique, com base nessa e em outras passagens do texto de Aristóteles, a diferença entre o historiador e o poeta.

164) (Vunesp-2003) As questão abaixo toma por base o poema Lisbon Revisited, do heterônimo Álvaro de Campos do poeta modernista português Fernando Pessoa (1888-1935), e a letra da canção Metamorfose Ambulante, do cantor e compositor brasileiro Raul Seixas (1945-1989).

Lisbon Revisited
(1923)
Não: não quero nada.
Já disse que não quero nada.

Não me venham com conclusões!
A única conclusão é morrer.

Não me tragam estéticas!
Não me falem em moral!

Tirem-me daqui a metafísica!
Não me apregoem sistemas completos, não me enfileirem conquistas
Das ciências (das ciências, Deus meu, das ciências!) -
Das ciências, das artes, da civilização moderna!

Que mal fiz eu aos deuses todos?

Se têm a verdade, guardem-na!

Sou um técnico, mas tenho técnica só dentro da técnica.

Fora disso sou doido, com todo o direito a sê-lo.
Com todo o direito a sê-lo, ouviram?

Não me macem, por amor de Deus!

Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável?
Queriam-me o contrário disto, o contrário de qualquer coisa?
Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a vontade.
Assim, como sou, tenham paciência!
Vão para o diabo sem mim,
Ou deixem-me ir sozinho para o diabo!
Para que havemos de ir juntos?

Não me peguem no braço!
Não gosto que me peguem no braço. Quero ser sozinho.
Já disse que sou sozinho!
Ah, que maçada quererem que eu seja da companhia!

Ó céu azul - o mesmo da minha infância -
Eterna verdade vazia e perfeita!
Ó macio Tejo ancestral e mudo,
Pequena verdade onde o céu se reflete!
Ó mágoa revisitada, Lisboa de outrora de hoje!
Nada me dais, nada me tirais, nada sois que eu me sinta.

Deixem-me em paz! Não tardo, que eu nunca tardo...
E enquanto tarda o Abismo e o Silêncio quero estar sozinho!
(Fernando Pessoa, Ficções do Interlúdio/4: poesias de Álvaro de Campos)

Metamorfose Ambulante
Prefiro ser essa metamorfose ambulante
Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo

Eu quero dizer agora o oposto do que eu disse antes
Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Sobre o que é o amor
Sobre que eu nem sei quem sou

Se hoje eu sou estrela amanhã já se apagou
Se hoje eu te odeio amanhã lhe tenho amor
Lhe tenho amor
Lhe tenho horror
Lhe faço amor
eu sou um ator...

É chato chegar a um objetivo num instante
Eu quero viver nessa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo

Sobre o que é o amor
Sobre que eu nem sei quem sou
Se hoje eu sou estrela amanhã já se apagou
Se hoje eu te odeio amanhã lhe tenho amor
Lhe tenho amor
Lhe tenho horror
Lhe faço amor
eu sou um ator...

Eu vou desdizer aquilo tudo que eu lhe disse antes

Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha velha velha velha opinião formada sobre tudo...
Do que ter aquela velha velha opinião formada sobre tudo...
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo...
(Raul Seixas, Os grandes sucessos de Raul Seixas)

Atentando para o fato de que a função conativa da linguagem é orientada para o destinatário da mensagem,
a) identifique o modo verbal que, insistentemente empregado pelo eu-poemático, torna muito intensa a orientação para o destinatário no poema de Fernando Pessoa;
b) considerando que, no verso de número 12, Raul Seixas, adotando o uso popular, empregou os pronomes te e lhe para referir-se a uma mesma pessoa, apresente duas alternativas que teria o poeta para escrever esse verso segundo a norma culta.

165) (Vunesp-2004) A próxima questão toma por base uma cantiga do trovador galego Airas Nunes, de Santiago (século XIII), e o poema Confessor Medieval, de Cecília Meireles (1901-1964).
Cantiga
Bailemos nós já todas três, ai amigas,
So aquestas avelaneiras frolidas,
(frolidas = floridas)
E quem for velida, como nós, velidas,
(velida = formosa)
Se amigo amar,
So aquestas avelaneiras frolidas
(aquestas = estas)
Verrá bailar.
(verrá = virá)

Bailemos nós já todas três, ai irmanas,
(irmanas = irmãs)
So aqueste ramo destas avelanas,
(aqueste = este)
E quem for louçana, como nós, louçanas,
(louçana = formosa)
Se amigo amar,
So aqueste ramo destas avelanas
(avelanas = avelaneiras)
Verrá bailar.

Por Deus, ai amigas, mentr'al non fazemos,
(mentr'al = enquanto outras coisas)

So aqueste ramo frolido bailemos,
E quem bem parecer, como nós parecemos
(bem parecer = tiver belo aspecto)
Se amigo amar,
So aqueste ramo so lo que bailemos
Verrá bailar.
(Airas Nunes, de Santiago. In: SPINA, Segismundo. Presença da Literatura Portuguesa - I. Era Medieval. 2ª ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1966.)

Confessor Medieval
(1960)
Irias à bailia com teu amigo,
Se ele não te dera saia de sirgo?
(sirgo = seda)

Se te dera apenas um anel de vidro
Irias com ele por sombra e perigo?

Irias à bailia sem teu amigo,
Se ele não pudesse ir bailar contigo?

Irias com ele se te houvessem dito
Que o amigo que amavas é teu inimigo?

Sem a flor no peito, sem saia de sirgo,
Irias sem ele, e sem anel de vidro?

Irias à bailia, já sem teu amigo,
E sem nenhum suspiro?
(Cecília Meireles. Poesias completas de Cecília Meireles - v. 8. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.)

Tanto na cantiga como no poema de Cecília Meireles verificam-se diferentes personagens: um eu-poemático, que assume a palavra, e um interlocutor ou interlocutores a quem se dirige. Com base nesta informação, releia os dois poemas e, a seguir,

a) indique o interlocutor ou interlocutores do eu-poemático em cada um dos textos.
b) identifique, em cada poema, com base na flexão dos verbos, a pessoa gramatical utilizada pelo eu-poemático para dirigir-se ao interlocutor ou interlocutores.

166) (Vunesp-2005) INSTRUÇÃO: A questão a seguir toma por base uma passagem da peça teatral *O Judeu*, de Bernardo Santareno (pseudônimo de António Martinho do Rosário, 1924-1980) e o poema *O Início do Interrogatório*, do poeta brasileiro Jamil Almansur Haddad (1914-1988).

O Judeu
António José *(Que perde o auto-domínio, desesperado.)* Nem judeu, nem judaizante eu sou!! Inocente me encontro das culpas de que me acusais! Inocente estou e inocente me afirmarei, até que me matem!!...
2.º Inquisidor *(Violento, tigrino.)* Judeu e judaizante, isso és!! A tua pestilenta boca vomitou, enfim, essas palavras

malditas! Judeu e judaizante. E, com o dizê-las, o bafo do Demónio já enche de fedor esta Mesa, esta Casa, Lisboa inteira! Judeu e judaizante!!

Inquisidor-Mor*(Como uma lâmina; febre negra e fria nos olhos.)* Obrigado se acha o preso a declarar, diante deste Santo Tribunal, o nome, ou nomes, da pessoa, ou pessoas, de que aprendeu os erros que ora lhe apodrecem a consciência. Quando e aonde foi? Quais as pessoas que lá estavam presentes? Quais as pessoas com quem comunicou professar os mesmos erros...?

António José Nem judeu, nem judaizante, eu fui, ou sou.

(O Inquisidor-Mor faz sinal ao Carrasco. Este vem ao preso, leva-o ao centro de cena e aí o ata, com uma corda, pelos braços.)

Notário *(Que se levanta.)* Em nome dos Reverendos Inquisidores que servem à Mesa deste Santo Tribunal, protesto que se o réu no tormento morrer, quebrar algum membro ou perder algum sentido, a culpa será sua, pois voluntariamente se expõe àquele perigo, que pode evitar confessando suas culpas, e não será dos ministros do Santo-Ofício que, fazendo justiça segundo os merecimentos de sua causa, o julgam a tormento. *(Senta-se. O Carrasco logo puxa a corda que, prendendo António José pelos braços, passa numa roldana colocada em cima, na teia: O preso é assim içado, ficando suspenso no ar.)*

Inquisidor-Mor Da parte de Nosso Senhor, com muita caridade, admoestamos o réu a confessar suas culpas. *(António José, suspenso pelos braços, volta a cabeça, cerrando os dentes. Sinal do Inquisidor-Mor: O Carrasco larga a corda e, deste modo, António José despenha-se no ar em direcção ao pavimento; num golpe súbito, o Carrasco de novo sustém a corda: com o corpo contorcendo-se-lhe todo pela violência do choque e as cordas enterrando-se-lhe nas carnes, o Judeu solta um urro de dor. Pausa nos tratos: António José suspenso no ar.)* Uma vez mais, da parte de Nosso Senhor, pelas Suas benditas entranhas inquirimos do réu: Disposto está a confessar as suas culpas, para descargo da sua consciência, salvação da sua alma e para que se ponha em estado de com ele, neste e em maiores transes, o Santo-Ofício poder usar de misericórdia? *(António José morde os lábios para não falar. O Geral faz sinal ao Carrasco: Recomeçam os tratos de polé.)*

António José *(Ao sofrer, pela 2.a vez, as dores do tremendo esticão, não se domina: cede.)* Confesso!... Por amor de Deus, tirai-me daqui!... Confesso!... Quanto quiserdes, eu confessarei!...Confesso!... Confesso!...

(Bernardo Santareno. *O Judeu, narrativa dramática em três actos.*)

O Início do Interrogatório

1 - Onde é a terra,
Fortificada?
Onde é a Serra?

- Não digo nada.
5 - Sierra Maestra
Ela é chamada.
Ao Norte? À Destra?

- Não digo nada.
Glória sem mágoa,
10 Paixão que exalta.
Só sei que é alta
Como o Aconcágua.

- Vou inquiri-lo,
Alma danada,
15 Ao teu mamilo,
Junto o cautério,
Morra o mistério!

- Não digo nada.
Só sei que inunda
20 A altura acesa.
Ela é profunda
Como a pobreza.

- Irei prendê-lo,
De madrugada
25 Ao tornozelo.

- Não digo nada.
Áspera e mansa,
Ela é azulada
Como a esperança.

30 - Morres à míngua.
Na hora aprazada
Queimo-te a língua...

- Não digo nada.
Ah, não a cita
35 O poeta Herédia!
Ela é infinita
Como a tragédia.

(Jamil Almansur Haddad. *Romanceiro cubano*.)

No poema de Haddad verificamos um fato muito interessante de emprego estilístico das formas de tratamento: o torturador mistura formas pronominais e verbais de segunda e terceira pessoas ao dirigir-se ao torturado ao longo do poema. Essa mistura, que o gramático normativo consideraria um erro, tem, no entanto, justificativa de ordem formal e estilística no poema. Com base nesta informação,

a) explique a razão de ordem formal e estilística pela qual o poeta utilizou os pronomes átonos na terceira e não na segunda pessoa do singular nos versos 13 e 23;

b) reescreva a estrofe que vai dos versos 13 a 17, uniformizando o tratamento em uma dessas pessoas.

167) (VUNESP-2006) Meninos carvoeiros
Os meninos carvoeiros
Passam a caminho da cidade.
- Eh, carvoero!
E vão tocando os animais com um relho enorme.
Os burros são magrinhos e velhos.
Cada um leva seis sacos de carvão de lenha.
A aniagem é toda remendada.
Os carvões caem.
(Pela boca da noite vem uma velhinha que os recolhe, dobrando-se com um gemido.)
- Eh, carvoero!
Só mesmo estas crianças raquíticas
Vão bem com estes burrinhos descadeirados.
A madrugada ingênua parece feita para eles...
Pequenina, ingênua miséria!
Adoráveis carvoeirinhos que trabalhais como se brincásseis!
- Eh, carvoero!
Quando voltam, vêm mordendo num pão encarvoado,
Encarapitados nas alimárias,
Apostando corrida,
Dançando, bamboleando nas cangalhas como espantalhos desamparados!
Petrópolis, 1921
(Manuel Bandeira, O ritmo dissoluto.)

Variados são os recursos usados para garantir a coesão textual. No poema de Manuel Bandeira, pode-se verificar que ocorrem conectivos, advérbios, pronomes, por exemplo, para estabelecer a ligação entre as partes do texto, entre as orações e entre os termos. Tendo em vista essa característica,

a) identifique a expressão que o pronome relativo que substitui, na segunda estrofe do poema;

b) reescreva o último verso da segunda estrofe, substituindo o pronome pessoal oblíquo os pelo termo a que se refere.

168) (Vunesp-Ilha Solteira-2001) Determinada instituição bancária enviou aos seus clientes uma carta, na qual lhes propõe uma linha de crédito pessoal para o Dia das Mães.

Considere os seguintes trechos desse documento:

“Por ter feito de você esta grande pessoa, o crédito é todo para ela.”
“Por tornar este Dia das Mães simplesmente inesquecível, o crédito é todo seu.”

A partir da leitura dos dois trechos da carta, responda:

a) A quem se referem os pronomes “ela” e “seu”?

b) Quais as interpretações que podem ser feitas da palavra “crédito” nos trechos da carta?

169) (UFES-2002)

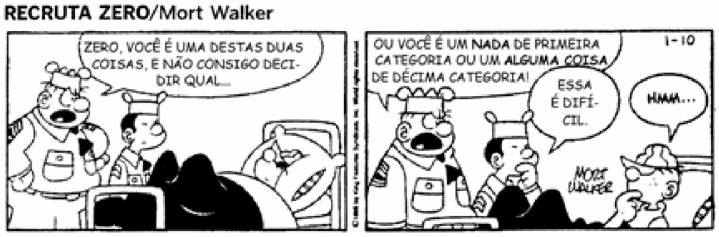
RECRUTA ZERO/Mort Walker
ZERO, VOCÊ É UMA DESTAS DUAS COISAS, E NÃO CONSIGO DECIDIR QUAL...
1-10
OU VOCÊ É UM NADA DE PRIMEIRA CATEGORIA OU UM ALGUMA COISA DE DÉCIMA CATEGORIA!
ESSA É DIFÍCIL.
HMM...
MORT WALKER

Indique a alternativa que explicita a avaliação que o Sargento faz de Zero na tirinha acima:

a) Ser um nada de primeira categoria é melhor do que ser alguma coisa de décima categoria.
b) Ser alguma coisa de décima categoria é ainda ser alguma coisa.
c) Ser o primeiro em alguma coisa é melhor do que ser o décimo em qualquer coisa.
d) Ser um nada de primeira categoria ou alguma coisa de décima categoria é não ser nada.
e) Ser um nada de primeira categoria é pior do que ser alguma coisa de décima categoria.

170) (UFSCar-2005) Em casa, brincava de missa, - um tanto às escondidas, porque minha mãe dizia que missa não era cousa de brincadeira. Arranjávamos um altar, Capitu e eu. Ela servia de sacristão, e alterávamos o ritual, no sentido de dividirmos a hóstia entre nós; a hóstia era sempre um doce. No tempo em que brincávamos assim, era muito comum ouvir à minha vizinha: “Hoje há missa?” Eu já sabia o que isto queria dizer, respondia afirmativamente, e ia pedir hóstia por outro nome. Voltava com ela, arranjávamos o altar, engrolávamos o latim e precipitávamos as cerimônias. Dominus non sum dignus ...* Isto, que eu devia dizer três vezes, penso que só dizia uma, tal era a gulodice do padre e do sacristão. Não bebíamos vinho nem água; não tínhamos o primeiro, e a segunda viria tirar-nos o gosto do sacrifício.
(Machado de Assis, Dom Casmurro, Obra completa.)

*Trecho da fala do sacerdote, no momento da comunhão, que era proferida em latim, antes do Concílio Vaticano II. A fala inteira, que deve ser repetida três vezes, é: Dominus non sum dignus ut intres sub tectum meum, sed tantum dic verbum e sanabitur anima mea, cuja tradução é: Senhor, não sou digno de que entreis em minha morada, mas dizei uma só palavra e minha alma será salva.

Assinale a alternativa que contém palavras que, no texto de Machado, retomam termos de uma frase anterior, promovendo a coesão do texto.

a) primeiro, segunda.
b) casa, ritual.
c) precipitávamos, cerimônias.

d) doce, gulodice.
e) dividirmos, alterávamos.

GABARITO

1) Alternativa: C

2) A única passagem que admitiria a inclusão de uma combinação de preposição e artigo seria: “sobretudo cor de chumbo”. Assim, teríamos: sobretudo **da** cor de chumbo. A inclusão da preposição “de” e do artigo definido “a” explicitaria uma combinação que vem implícita.

3) Alternativa: B

4) Alternativa: A

5) Alternativa: A

6) a) A ausência do artigo generaliza a palavra 'velho', ou seja, o autor está se referindo à idéia de velhice independentemente de um ser que a receba.
b) O artigo indefinido UM denota idéia de que se trata de um velho qualquer, não particularizado. A expressão COMO TANTOS OUTROS faz o mesmo, criando assim um efeito enfático, pleonástico.

7) Alternativa: D

8) Alternativa: C

9) Alternativa: E

10) Alternativa: E

11) Alternativa: A

12) Alternativa: B

13) Alternativa: D

14) Alternativa: C

15) Alternativa: D

16) Alternativa: E

17) Alternativa: D

18) Alternativa: A

19) a) Para o eu-lírico, a vida verdadeira é aquela que é sonhada, almejada. Já a vida falsa é aquela que vivemos, experimentamos, a que estamos sujeitos à morte.
b) “Aquela” e “esta” referem-se à vida falsa e o pronome “outra” refere-se à vida verdadeira.

20) Alternativa: D

21) Alternativa: D

22) Alternativa: B

23) Alternativa: A

24) Alternativa: A

25) Nós formamos uma equipe de três. Portanto, sem **mim** (1ª), sem **ti** (2ª) e sem **ele / ela** (3ª) não
será possível fazer o trabalho, já que é para **eu** (1ª) comprar o material, para **tu** (2ª) **preparares**
(preparar) o projeto e para **ele / ela** (3ª) **executá-lo** (executar + o).

26) Na frase original, o pronome lhe funciona como Objeto Indireto de anunciava. Já na transformada, o lhe pode passar a ser interpretado como um pronome possessivo, funcionando como sua (...matar a sua sede...).

27) Sim. Na primeira frase, toda assume o significado de inteira; já na segunda, o de qualquer.

28) a) O pronome pessoal do caso reto *eu* só pode ser usado com a função de sujeito. No fragmento, o pronome *mim* desempenha a função de Adjunto Adverbial.
b) *Ti.*
c) Porque está concordando com o seu sujeito, que no caso é a oração seguinte ("*descobrir entre mim e elas pontos de identificação...”*).

29) Descobriam pontos de identificação entre elas e as freiras. É possível chegar a essa conclusão através do pronome *o*, que na frase *ser-me-ia impossível descobrir entre mim e elas pontos de identificação, como **o** faziam Maria José e Glória* está retomando toda a oração anterior.

30) Aproveitamos a oportunidade para informá-lo de que nosso representante irá em breve visitá-lo,
quando (ou **ocasião em que)**, temos certeza, iniciaremos novos negócios.

31) Alternativa: C

32) á sua

33) Pesem
júri

34) ... não só estava **certo de ser amado**...
O autor utiliza o pronome para evitar a repetição de termos e tornar a construção mais coesa.

35) Para evitar possível ambigüidade, uma vez que o pronome *ela* poderia retomar também comprovinciana. O pronome *esta*, no entanto, refere-se obrigatoriamente ao termo mais próximo (Rita).

36) O pronome *isso* refere-se ao imóvel anunciado no anúncio. Entretanto, deveria ter sido utilizado o pronome *isto*, visto que faz referência a algo mais próximo do emissor, e não do receptor.

37) Alternativa: E

38) Alternativa: A

39) a) "os homens e as mulheres".
b) “palavras”
c) das quais

40) *lo* (esquecê-**lo**), *lhe* (fugiu-**lhe**) e *o* (nem **o** esqueceu)
São anafóricos, pois retomam termos já mencionados no texto.

Obs: poderíamos entender Anáfora como a figura de linguagem que consiste na repetição de uma mesma estrutura, sugerida na repetição da conjunção *nem*. Preferimos, entretanto, considerar essa repetição um polissíndeto (repetição de uma mesma conjunção). De qualquer forma, tratou-se de uma questão polêmica e considerada mal formulada por alguns.

41) O verbo **confiar** na acepção de **crer**, **acreditar** é transitivo indireto e rege a preposição “**em**”. Assim, temos:
- O consórcio **em** que o Brasil inteiro confia.

42) a) Não. O pronome relativo **onde**, segundo a norma culta, tem valor locativo, ou seja, deve ter como referência um nome de lugar. No trecho, o conector está sendo empregado para estabelecer uma relação semântica entre uma premissa e uma conclusão. Como não há qualquer termo de valor locativo, trata-se de um emprego inadequado.
b) Com a migração dos investimentos surgem novos desafios, portanto (de modo que /assim) o tempo de retorno do capital investido tem de ser o menor possível.

43) Na frase “Quem entrava, dos pequenos, corria o risco de levar palmadas no lugar de costume”, a expressão “dos pequenos” restringe o sentido do pronome indefinido “quem”: Quem dos pequenos entrava... Na expressão “dos pequenos”, com efeito, o “dos” (de + os) significa “dentre os”, configurando o valor partitivo da expressão.

44) Alternativa: A

45) Alternativa: B

46) Alternativa: A

47) Alternativa: B

48) Alternativa: C

49) a) O pronome **você** está sendo usado de maneira generalizante, referindo-se a qualquer pessoa (às pessoas em geral). Esse uso é típico da linguagem oral, coloquial.
b) Sim. O fato de o aluno nem prestar atenção é colocado como algo bastante negativo para a professora e, ao mesmo tempo, como comum à empregada. Portanto, fica subentendido que o que a empregada fala não é merecedor de atenção.

50) Alternativa: A

51) Alternativa: A

52) a) Há várias possibilidades. Entre elas:
Ao se discutirem as idéias expostas na assembléia, chegou-se à seguinte conclusão: pô-**las** em confronto com outras menos polêmicas seria avaliar-**lhes** melhor o peso, à luz do princípio geral que **as** vem regendo.
-Ao se discutirem as idéias expostas na assembléia, chegou-se à seguinte conclusão: pô-**las** em confronto com outras menos polêmicas seria avaliar melhor o **seu** peso, à luz do princípio geral que vem regendo-**as**.
- Ao se discutirem as idéias expostas na assembléia, chegou-se à seguinte conclusão: pô-**las** em confronto com outras menos polêmicas seria avaliar melhor o peso **delas**, à luz do princípio geral que vem regendo **a elas**.
É evidente que também seriam possíveis combinações das formas acimas.
b) Há várias formas, entre elas:
Quando se **discutiram** as idéias expostas na assembléia,...
Assim que se **discutiram** as idéias expostas na assembléia,...
Logo que se **discutiram** as idéias expostas na assembléia,...

53) a) Orientação para o uso deste medicamento
Antes de usar este medicamento, verifique se no (também é aceitável *do*) rótulo constam as seguintes informações: seu nome, o nome de seu médico, as datas de manipulação e de validade, e a fórmula do medicamento solicitado.
b) O pronome “seu” faz referência à pessoa que comprou o medicamento. Essa conclusão é possível porque o pronome “seu” aparece, com o mesmo referente, na expressão “seu médico” e como não faz sentido que o remédio tenha um médico, o pronome “seu” só pode estar referindo-se ao leitor.

54) a) ...quase toda gordura retirada permanecendo as outras qualidades nutricionais.

b) Não, pois é a gordura está relacionada também como qualidade nutricional, no entanto, quase toda ela é retirada do produto e isso está apresentado como vantagem.

55) Alternativa: D

56) TODO homem é mortal porque os seres humanos, em sua totalidade, morrem.
O homem TODO não é mortal porque o ser humano tem corpo e alma. O corpo morre, mas a alma não, então uma de suas partes permanece viva.

57) Alternativa: A

58) Alternativa: C

59) a) O sentido das preposições essenciais “para” e “por” empregadas nos textos de Marina Colasanti e Mário Lago, respectivamente, não é o mesmo. A primeira estabelece relação de finalidade: manifesta o desejo (a intenção) que o poeta sente de fugir da inércia (do imobilismo) e de se libertar da rotina (da escravidão do trabalho). Já a segunda estabelece relação de causa, evidenciando a razão pela qual o enunciador gosta (o motivo que provoca a necessidade).
b) Gosto e preciso de ti, mas quero(,) logo(,) explicar: não gosto porque preciso, preciso sim por gostar.

Outra possibilidade seria:
Gosto e preciso de ti, mas quero(,) logo(,) explicar: não gosto porque preciso; preciso, sim, por gostar.

60) Alternativa: C

61) Alternativa: D

62) Alternativa: B

63) Alternativa: D

64) Alternativa: C

65) Alternativa: B

66)
a) Remeteremos, em seguida, os pedidos que nos encomendaram."
Pronome relativo anteposto ao verbo atrai o pronome oblíquo átono para próclise

b) "Ela veio, de modo que você agora está dispensado."
De modo que é expressão invariável.

67) a) "Esta é uma tarefa para eu fazer sozinho, não admito que se repartam as responsabilidades entre mim e outra pessoa"“.
Eu fazer - sujeito de verbo tem que ser pronome do caso reto
Se repartam - passiva sintética, o sujeito é responsabilidades
Entre mim e outra - com preposição entre usa-se a forma oblíqua do pronome eu

b) "Ele tomou as decisões mais oportunas."
Redundância na repetição do objeto direto.

68) Alternativa: A

69) Alternativa: E

70) Alternativa: C

71) Alternativa: C

72) Alternativa: A

73) Alternativa: E

74) Alternativa: B

75) Alternativa: B

76) Alternativa: D

77) Alternativa: B

78) Alternativa: D

79) Alternativa: B

80) Alternativa: D

81) Alternativa: B

82) Alternativa: E

83) Alternativa: C

84) Alternativa: B

85) Alternativa: C

86) Alternativa: B

87) Alternativa: A

88) Alternativa: D

89) Alternativa: E

90) Alternativa: D

91) a) No texto de Machado de Assis o argumento apresentado pelo Diabo é que tudo aquilo que pertence ao indivíduo pode ser vendido. Segundo ele seria contraditório considerar que apenas os bens materiais podem ser vendidos; de acordo com o Diabo, nada pertenceria mais ao indivíduo do que a própria consciência.

b) Refere-se ao *direito à venalidade*.

92) Alternativa: A

93) Alternativa: C

94) Alternativa: B

95) Alternativa: B

96) Alternativa: E

97) Alternativa: E

98) Alternativa: C

99) Alternativa: A

100) Alternativa: A

101) Alternativa: C

102) Alternativa: D

103) Alternativa: D

104) Alternativa: A

105) Alternativa: A

106) Alternativa: E

107) Alternativa: B

108) Alternativa: C

109) Alternativa: B

110) Alternativa: A

111) Alternativa: B

112) A quem
Para onde
Que
A que
Por cujo

113) Mim
Eu / ti
Mim
Eu
Me
Mim
A
A
Eu

114) Alternativa: B

115) Alternativa: D

116) Alternativa: D
A questão explora conhecimentos gramaticais e incide sobre o uso dos pronomes grifados no trecho "Eu não creio, não posso mais acreditar na bondade ou na virtude de homem algum; todos são mais ou menos ruins, falsos, e indignos; há porém alguns que sem dúvida com o fim de ser mais nocivos aos outros, e para produzir maior dano, têm o merecimento de dizer a verdade nua e crua, (...)". O candidato deverá identificar, dentre três assertivas, as que são verdadeiras acerca do uso desses termos. Ambas as formas, algum e alguns, são pronomes indefinidos, portanto, é correta a assertiva I. É correta também a III, porque algum vem após o verbo da oração, posição que lhe confere uma marca negativa (Neves, 2000:543). A assertiva II não está correta, uma vez que o verbo haver é impessoal. Assim, deve ser assinalada a alternativa D.

117) Alternativa: E

118) Alternativa: D

119) a) C
C
E
C
E
b) a concordância se faz com o pronome Quem, da 3ª pessoa sing.
c) o verbo concorda com a idéia de plural do numeral 200 - questão 3

120) Alternativa: A

121) Alternativa: D

122) Alternativa: B

123) Alternativa: E

124) Alternativa: A

125) Alternativa: D

126) Alternativa: D

127) Alternativa: D

128) F
V
F
V
V

129) Resposta: 01

130) lembrar ao ouvinte ou ao leitor algo já mencionado. Cartão de Natal - a idéia é a de que o poeta se refere ao Menino Jesus.

131) O uso de pronomes não corresponde à norma culta, porque o poema em questão pertence ao Movimento Modernista, da primeira fase, que se propôs a romper com os padrões tradicionais.

132) A recorrência do uso de possessivos: o Sábado era seu ("seu Sábado"), sua mulher, seu filho. A evocação da mulher, sob a forma do vocativo: "Catarina!" (...) "Catarina!".

133) A forma *você* assume valor genérico. Pode fazer referência à pluralidade de interlocutores: o próprio eu-poético, o leitor, todo ou qualquer homem que se identifique com a experiência representada no poema.

134) Resposta: 06
01-F
02-V
04-V
08-F
16-F
32-F
64-F

135) a) Susanita quis dizer que zero era muita nota para Manolito. Isso fica evidente na fala "Tanto assim?". Já Manolito entende o oposto, ou seja, que Susanita achava a professora injusta por dar a ele nota muito baixa.
b) Há duas possibilidades, uma com a 2ª pessoa do singular (tu), outra com a 3ª do singular (você)
na segunda pessoa: "Imagina só, te dar zero! Tua professora está louca!"
na terceira pessoa: "Imagine só, lhe dar zero! Sua professora está louca!"

136) a) **Eu**, Camacã, **conquistei**-o no dia em que **escolhi** por esposa Jaçanã, a virgem dos olhos de fogo, em cujo seio te gerou **meu** primeiro sangue. Ainda hoje, apesar da velhice que **me** mirrou o corpo, nenhum guerreiro ousaria disputar o grande arco a **mim**, o velho chefe ...
b) A forma **do qual** (e suas flexões).
No padrão culto, fazendo a alteração, teríamos: *a virgem dos olhos de fogo, no seio* ***da qual*** *te gerou seu primeiro sangue.*

137) Alternativa: A

138) Alternativa: B

139) a) Em "Eram duas caveiras que se amavam", o pronome oblíquo "se" é empregado como pronome reflexivo recíproco, ou seja, as caveiras "amavam-se uma à outra".
Em "E matou-se de um modo romanesco", o pronome se é apenas reflexivo, equivalendo a "matou a si mesmo".

b) "Que o trocou por um defunto fresco."
Pela norma gramatical padrão, um pronome pessoal reto não pode ser empregado com a função de objeto direto. Essa função vai caber ao pronome oblíquo,"O" .

140) Alternativa: A

141) a) Enquanto Iracema mantém o verbo na segunda pessoa do singular ("Donde vieste..."), Andedura faz a concordância na terceira pessoa do singular ("tu vai?").
Na terceira pessoa do singular, teríamos:
Donde veio...
Você vai?
b) Trata-se da redução das formas *alaranjou* e *chegou*, em que o *u* final é suprimido.

142) a) "dá em aleijões como esses, dos meninos sem pernas e braços". Nessa frase, o pronome demonstrativo *esses* antecipa "dos meninos sem pernas e braços".
b) A dúvida era esta: seria eu capaz de resolver todas as questões da prova?

143) a) O sentido é de posse por natureza (ou característica inerente a esse ser humano).
b) Sentido é de posse adquirida, não natural.

144) a) Academia Brasileira de Letras.
b) É uma variante do usual pronome "você" (que por sua vez apresenta origem do arcaico pronome Vossa Mercê). As variantes possíveis na atual língua falada são: "ocê" e "cê".

145) a) A busca da palavra pelo sertanejo é, segundo o poema, um processo árduo. As palavras enganam e parecem mais soltas e espontâneas do que realmente são. Dessa forma, fica evidente o contraste entre a busca áspera e o resultado na execução aparentemente suave da língua pelo sertanejo.
b) A palavra ela refere-se à fala do sertanejo. Trata-se de um pronome pessoal utilizado como elemento anafórico.

146) Alternativa: E

147) Alternativa: D

148) a) Estes são alguns dos equipamentos cuja entrada a reserva de mercado não permitia no país sem a autorização do DEPIN.
b) Fazer pesquisa insinuando que 64% dos brasileiros acham que existe corrupção no governo Itamar não é um ato inteligente de um jornal de que todos gostamos e pela conservação de cuja isenção é dever de nós brasileiros lutar - ou - por cuja isenção é dever de nós brasileiros lutar.

149) a) ‘essa’
O pronome ‘essa’ é anafórico, ou seja, faz referência a um termo anterior.
b)
1. Seja por falta de vontade, de vocação ou de ***capacidade***.
2. Seja por falta de vontade, de vocação ou ***por*** incapacidade.
Obs: a incoerência se dá na passagem ‘falta ... de incapacidade’
c) ‘está longe do desejado’

150) a) O cansaço da vida está associado ao verbo “alongar”, e a proximidade da morte está associada ao verbo “encurtar”.
b) Porque existe uma contraposição evidente entre “gastar” (no sentido de diminuir) e “crescer”; além disso , em certo sentido pode-se contrapor a “idade” (a maturidade) como um bem e a palavra “dano” entendida como um mal ou desgraça.
c) O elemento a que se refere o “ele” da última estrofe é o termo “bem” da estrofe anterior.

151) a) Segundo o excerto, ‘nosotros’ apresenta um sentido inclusivo atestado em sua composição, pois não é possível dizer ‘nós’ sem dizer ‘outros’. Essa injunção morfológica da língua coloca sempre em pauta a diferença como alteridade necessária e não como oposição e recusa na relação entre falantes de uma mesma língua e falantes de línguas diferentes.
b) O ‘nós’ é excludente, por um lado, porque separa os brasileiros de todos os cidadãos de outras nacionalidades. Por outro lado, no que diz respeito à nação brasileira, o ‘nós’ é excludente porque nem todo brasileiro fala a língua portuguesa. Pela afirmação do item b), quem não fala a língua portuguesa deixa de ser brasileiro. Nesse caso, em sua resposta, o candidato pode explicar a relação excludente tanto pela palavra ‘brasileiros’, quanto pela palavra ‘português’. “Nós brasileiros” afirma a unidade do povo, apagando sua heterogeneidade. “Falamos português” também forja uma unidade de língua que não corresponde ao conjunto complexo dos diferentes falares presentes no Brasil.

Esta questão ressalta o processo de interlocução como fundamental na relação dos falantes com a língua, apontando para o poder envolvido nessa relação. A discussão dos pronomes, trazida pelo autor, coloca em questão a hegemonia lingüística: respeitar a língua do outro significa considerar, mesmo nas pequenas diferenças lexicais, outras maneiras de interpretar o mundo. O item b), ao permitir ao candidato pensar sobre a unidade da língua e do povo também como uma questão interna ao Brasil, traz para a pauta de discussões a política lingüística. É importante que o candidato possa olhar para a língua como um conjunto de diferenças, para que perceba que a reflexão e o trabalho sobre esta, em seus diversos níveis de análise, implica, necessariamente, políticas de língua.

Fonte: Banca examinadora da Unicamp

152) a) A expressão “esses bichos”, na carta, refere-se a “capivaras”.
b) Duas passagens do texto em que ocorrem implícitos podem ser:
• “e sei que existem muitas capivaras, **mesmo dentro da área militar**”. O advérbio “mesmo”, nesse caso, estabelece o pressuposto de que, para o enunciador, não era esperada a presença de capivaras em área militar.
Ele pressupõe também que os militares, conscientes de se tratar de animais potencialmente nocivos à saúde humana, tomariam medidas para afastar capivaras de sua vizinhança.
• “uma vez que **estão em zona urbana**”. O verbo *estar*, nesse trecho, põe em evidência um estado transitório.
Ao referir-se às capivaras, pressupõe o conhecimento, por parte do enunciador, de que tais animais não são comuns em áreas urbanas.
Entre outros implícitos que poderiam ser explorados pelo candidato, destacam-se, por exemplo, os pressupostos instaurados pelo verbo *surpreender*:
• o enunciador sabia da existência de capivaras no local, mas desconhecia a infestação de carrapatos em seu bairro;
• causa espanto o prazo de 15 dias para a divulgação do laudo, já que esse prazo é conflitante com a sua expectativa.
c) “infestação”.

153) Alternativa: A

154) Alternativa: D

155) Alternativa: C

156) Alternativa: A

157) Alternativa: B

158) Alternativa: E

159) Alternativa: B

160) Alternativa: C

161) a) “certas situações”.
b) O pronome "as" e o seu antecedente, “certas situações”, têm a mesma função sintática: objeto direto do verbo resignar.

162) a) A pessoa amada se revela formalmente como terceira pessoa do singular, o que fica evidente no uso do pronome do caso reto *ela* (“quanto me ela jura mais”), no pronome possessivo *seus* (“seus olhos") e no pronome pessoal do caso oblíquo *lhe* ("vendo-lhe ofender").
b) Porque, no texto de Noel Rosa, a pessoa amada é indicada através do pronome de tratamento *você* (“Você é um ente”), que tanto pode se referir a um homem quanto a uma mulher. Além disso, a palavra *ente* também não permite a distinção de sexo.

163) a) aquela refere-se à poesia, enquanto esta refere-se à história.
b) O historiador lida com acontecimentos “que sucederam”, de caráter particular, já o poeta trata dos fatos que “poderiam acontecer”, de caráter universal. De maneira resumida, pode-se dizer que o historiador trata dos fatos que já ocorreram, enquanto o poeta trata dos que poderiam acontecer.

164) a) modo imperativo
b)
Se hoje eu a/o odeio amanhã lhe tenho amor.
ou
Se hoje eu te odeio amanhã tenho-te amor. (ou *Se hoje eu te odeio amanhã te tenho amor*, embora, neste caso, ocorra a colisão entre os dois *tes*: **te te**nho, ou ainda, *Se hoje eu te odeio amanhã tenho amor a ti*)

165) a) Na *Cantiga* (de amigo) do trovador Airas Nunes, o eu-poemático feminino dirige-se a duas outras moças, ora chamadas de amigas, ora de irmãs, elegendo-as interlocutoras de sua fala.
Já em *Confessor Medieval*, de Cecília Meireles, o eu-poemático apresenta-se na figura de um confessor ou confidente que interpela uma moça apaixonada, que se torna assim interlocutora da voz lírica do poema.
b) No primeiro texto, o eu-poemático utiliza, para se referir aos interlocutores, a 1ª pessoa do plural (“bailemos”, “nós”). O pronome “nós”, nesse caso, inclui quem fala (1ª pessoa) e com quem se fala (2ª pessoa). Já no segundo, a pessoa gramatical utilizada para se referir ao interlocutor é a 2ª do singular (“irias”, “tu”, “teu”).

166) a) Para manter a rima com *mamilo*
b) Há duas formas possíveis:

Em terceira pessoa:
Vou inquiri-***lo***,
Alma danada,
Ao ***seu*** mamilo,
Junto ao cautério,
Morra o mistério.

Em segunda pessoa:
Vou inquirir-***te***,
Alma danada,
Ao ***teu*** mamilo,
Junto ao cautério,
Morra o mistério.

167) a) “Pela boca da noite vem uma velhinha que os recolhe, dobrando-se com um gemido”, o pronome relativo **que** substitui a expressão **uma velhinha**.
b) Pela boca da noite vem uma velhinha que recolhe **os carvões**, dobrando-se com um gemido.

168) a) sua mãe - você
b) facilidade para comprar algo - mérito

169) Alternativa: D

170) Alternativa: A

Jogo de Língua Portuguesa

JOGO Morfossintaxe

www.sujeitosimples.com.br

Clique no botão para jogar!

Dica:
Abra no COMPUTADOR para
uma melhor visualização

Conheça a banda Sujeito Simples que usa o rock para ensinar temas da Língua Portuguesa.

Clique no CD para ouvir agora!

Banda Sujeito Simples:
(A banda que canta a sua língua!)

Marcelo Darcini - (Guitarra e Vocal)
Jéssica Steil - (Baixo)
Adriel Sampaio - (Bateria)

Músicas:

1. Preposição
2. Substantivo
3. Adjetivo
4. Interjeição
5. Verbo
6. Numeral
7. Pronome
8. Conjunção
9. Advérbio
10. Artigo

COMPACT disc DIGITAL AUDIO
SUJEITO SIMPLES
WWW.SUJEITOSIMPLES.COM.BR

Copyright © 2011 Sujeito Simples. Todos os direitos reservados.

SINTAXE DO PERÍODO COMPOSTO

Eu nunca desisto

A americana cuja vida virou filme estrelado por Julia Roberts diz que a atitude de cada um faz diferença contra as injustiças.

Veja – *A senhora acreditou numa causa, lutou por ela até o fim e venceu. O que é preciso para seguir seu exemplo?*

Erin Brockovich – A atitude de cada um de nós faz toda a diferença e pode mover montanhas. Se uma pessoa ousa dizer: “Isso está errado, e eu posso mudar essa situação”, outras se sentem estimuladas a seguir o mesmo caminho. Quando você se dá conta, já criou um movimento poderoso. Muitas vezes não temos consciência do tamanho de nossa capacidade. Ela geralmente é muito maior do que imaginamos. Mas primeiro precisamos aprender a gostar mais de nós mesmos e acreditar que somos capazes de realizar qualquer coisa que tenhamos vontade. Isso nos dá mais coragem e confiança para ousar e fazer o que parece impossível. Se pensamos assim, mesmo em caso de fracasso vamos tentar novamente até atingir nosso objetivo.

Veja – *A senhora age com essa determinação o tempo todo?*

Erin – Sim, o tempo todo. Hoje de manhã, por exemplo, meu marido estava me deixando louca, o cachorro sujou o chão, minha filha começou a me desafiar porque não queria tomar café da manhã antes de ir para a escola, o telefone não parava de tocar, eu tinha de conciliar minhas reuniões com a consulta ao médico que estou adiando há tempos. Então, antes de enlouquecer, fechei os olhos, respirei fundo e pensei: “Vou começar tudo de novo e vai dar tudo certo, porque sou capaz de realizar cada tarefa de forma satisfatória”. Isso me deixou mais tranquila e confiante. Tenho frustrações como qualquer pessoa e também preciso me policiar para que elas não estraguem meu dia.

Veja – *A senhora especializou-se em ações contra empresas que contaminam o meio ambiente. Em sua opinião, as grandes corporações são inconsequentes quanto à questão ambiental?*

Erin – A sociedade em geral tornou-se nos últimos anos mais consciente em relação ao meio ambiente. As pessoas começaram a perceber que, se não cuidarmos dos recursos naturais, as consequências vão recair sobre a saúde dos nossos filhos, dos nossos netos. A maioria das grandes corporações está consciente disso. Mas algumas, infelizmente, não estão preocupadas com o dano que provocam ao meio ambiente. Poluem a água, o solo, o ar e, dessa forma, contaminam as pessoas que vivem nas proximidades, o que é muito grave. Muitos morrem devido aos problemas de saúde causados pela contaminação, e essas empresas não estão nem um pouco preocupadas com isso. Cinquenta moradores morreram vítimas da contaminação depois que ganhamos a ação contra a PG&E, aquele caso famoso que virou filme. Se nada tivesse sido feito, o número de mortos teria sido bem maior.

Veja – *O que a atraiu em especial no caso da contaminação causada pela empresa de eletricidade?*

Erin – Os relatos das vítimas despertaram minha atenção. Li sobre o caso e fiquei curiosa para conhecê-las. Aos poucos, aquelas pessoas começaram a se tornar parte de minha vida. Todos os dias eu ia até a cidadezinha atingida pela contaminação e elas faziam hambúrguer e cachorro-quente para mim. Ficaram minhas amigas tão próximas que algumas se tornaram parte de minha família.

Veja – *A senhora costuma dizer que nunca estudaria Direito. Mas, se fosse advogada, seu trabalho não seria mais fácil?*

Erin – Eu costumava dizer que odiava advogados, mas isso era uma brincadeira. Ocorre que meu trabalho é um pouco diferente do deles. Gosto de estar na rua o tempo todo com as pessoas. Gosto de abraçá-las, confortá-las, ouvir seus desabafos, dar conselhos, fazer parte da vida delas. Quando você se torna advogado, perde essa disponibilidade. Então, acho que faço um trabalho melhor sendo apenas o que sou.

Veja – *O filme teve alguma influência em seu trabalho?*

Erin – Muitas pessoas começaram a me respeitar mais porque elas entenderam o que eu fazia. Meus funcionários passaram a me ver com outros olhos depois do filme. Eles compreenderam que naquela época eu realmente estava trabalhando duro para obter bons resultados.

Veja – *Em sua autobiografia,* Podem Acreditar em Mim*, a senhora conta que seus filhos mais velhos se envolveram com drogas e que gastou 250.000 dólares em clínicas de reabilitação. Como superou esse drama?*

Erin – Isso ainda está presente em nossa vida, o processo de recuperação é muito difícil e não é fácil evitar as recaídas, mas a diferença é que hoje meus filhos são capazes de conversar sobre o assunto comigo, o que não ocorria no passado. Quando descobri que eles estavam envolvidos com drogas, achei que não iria aguentar. Na época, procurei vários psiquiatras e psicólogos em busca de uma solução e achei que o melhor a fazer seria interná-los e afastá-los do grupo de amigos que consumiam entorpecentes. Meu filho Matthew recuperou-se de forma extraordinária, mas minha filha Katie ainda me preocupa porque, aos 19 anos, como a maioria dos adolescentes, ela pensa que nunca vai morrer, o que é uma ilusão.

Veja – *De onde a senhora tira tanta valentia?*

Erin – De certa forma, foi o fato de sofrer de dislexia que me tornou persistente para conseguir as coisas. Na escola, eu tinha de me esforçar duas vezes mais que os colegas para obter os mesmos resultados. Com o tempo, comecei a pensar da seguinte forma: se uma porta se fecha, uma janela se abre. Ou seja, se não consigo obter aquilo de que preciso agindo da forma como todo mundo age, por ser disléxica, tenho de descobrir outras formas de conseguir os mesmos resultados, ou até resultados melhores.

Veja – *A senhora é feliz?*

Erin – Sim, e certamente sou mais feliz hoje que há dez anos. Porque todos os dias procuro aprender com meus erros e acertos, adquirir mais experiência de vida. E, quanto mais sabedoria eu tenho, mais confiança eu ganho. E, quanto mais confiante, mais feliz me sinto.

PERÍODO COMPOSTO

Enunciado de sentido completo constituído de mais de uma oração. Pode ser formado por:

a) coordenação: constituído só de orações coordenadas;

b) subordinação: constituído de orações subordinadas e respectivas orações principais;

c) orações mistas: coordenadas e subordinadas no mesmo enunciado.

Oração coordenada: coloca-se ao lado de outra oração no período e não desempenha qualquer função sintática em relação a ela. É, portanto, independente. Deve-se observar que tal independência é apenas sintática, e não semântica.

Oração subordinada: é a que desempenha uma função sintática em relação a outra oração, ou seja, funciona como termo de outra oração, que é chamada de principal. Pode-se dizer, também, que uma oração subordinada "encaixa-se" numa oração principal.

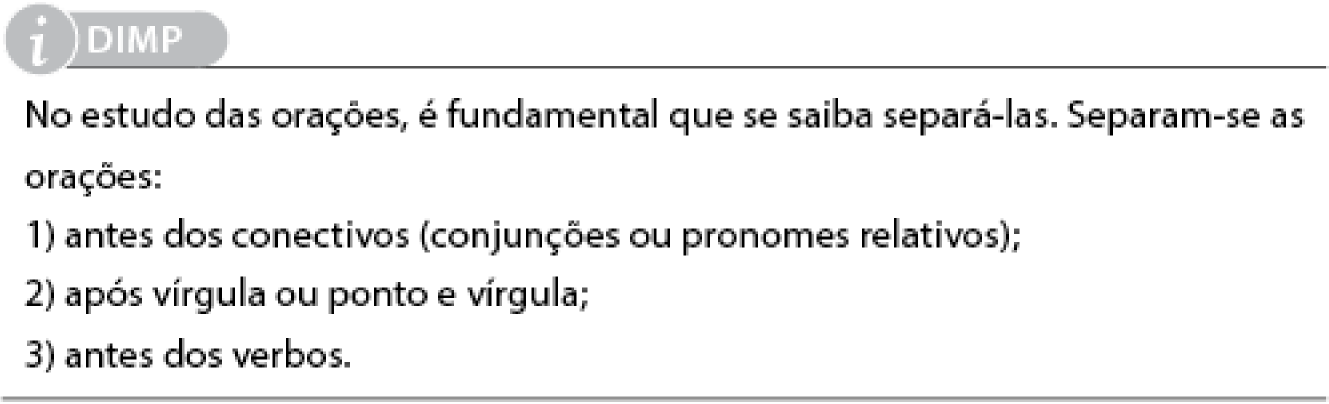

DIMP

No estudo das orações, é fundamental que se saiba separá-las. Separam-se as orações:

1) antes dos conectivos (conjunções ou pronomes relativos);

2) após vírgula ou ponto e vírgula;

3) antes dos verbos.

Comparação entre Período Simples e Período Composto

Vejam-se exemplos com frases destituídas de contextos:

Período simples:

$$\underbrace{\text{Os funcionários}}_{\text{sujeito}}\ \underbrace{\text{querem}}_{\text{VTD}}\ \underbrace{\text{boas notícias}}_{\text{OD}}.$$

Período composto:

$$\underbrace{\text{Os funcionários}}_{\text{sujeito}}\ \underbrace{\text{querem}}_{\text{VTD}}\ \underbrace{\text{que lhes demos boas notícias}}_{\substack{\text{oração que funciona}\\ \text{como objeto direto}}}.$$

Período simples:

$$\underbrace{\text{Cabe}}_{\text{VTI}}\ \underbrace{\text{aos cientistas}}_{\text{OI}}\ \underbrace{\text{a reformulação de teorias}}_{\text{sujeito}}.$$

Período composto:

$$\underbrace{\text{Cabe}}_{\text{VTI}}\ \underbrace{\text{aos cientistas}}_{\text{OI}}\ \underbrace{\text{reformular teorias}}_{\substack{\text{oração que funciona}\\ \text{como sujeito}}}.$$

Período simples:

$$\underbrace{\text{A Polícia Federal}}_{\text{sujeito}}\ \underbrace{\text{investiga}}_{\text{VTD}}\ \underbrace{\text{crimes}}_{\substack{\text{núcleo}\\ \text{do OD}}}\ \underbrace{\text{financeiros}}_{\substack{\text{adj.}\\ \text{adnominal}}}.$$

Período composto:

$$\underbrace{\text{A Polícia Federal}}_{\text{sujeito}}\ \underbrace{\text{investiga}}_{\text{VTD}}\ \underbrace{\text{crimes}}_{\substack{\text{núcleo}\\ \text{do OD}}}\ \underbrace{\text{que são praticados por bancos}}_{\substack{\text{oração que funciona}\\ \text{como adj. adnominal}}}.$$

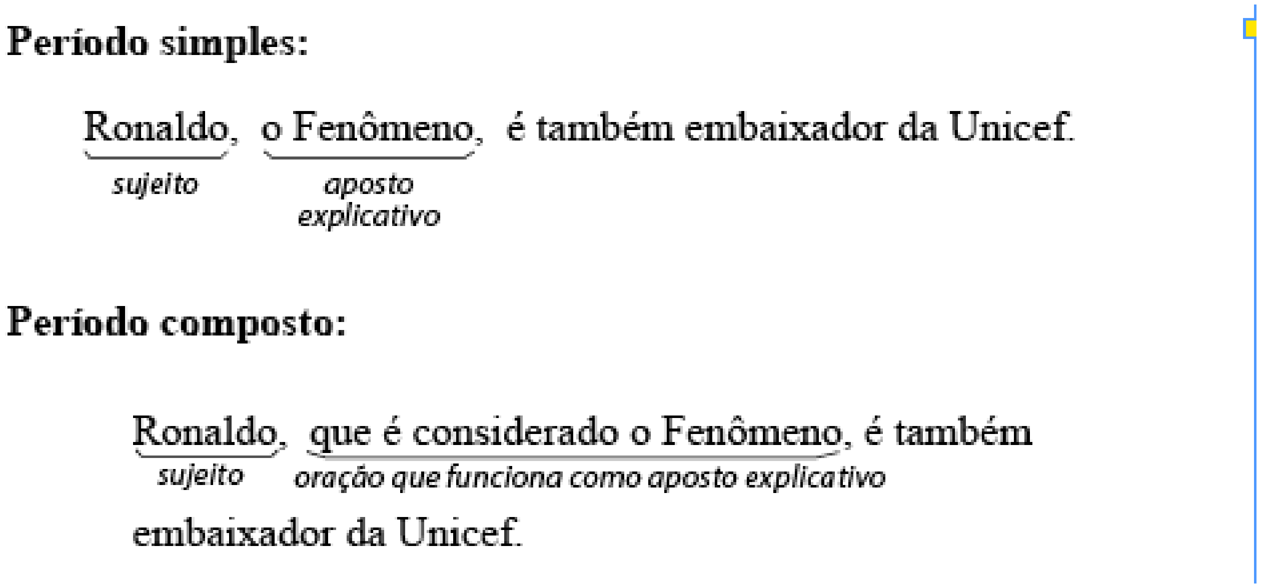

Período simples:

$\underbrace{\text{Ronaldo,}}_{\textit{sujeito}}$ $\underbrace{\text{o Fenômeno,}}_{\textit{aposto explicativo}}$ é também embaixador da Unicef.

Período composto:

$\underbrace{\text{Ronaldo,}}_{\textit{sujeito}}$ $\underbrace{\text{que é considerado o Fenômeno,}}_{\textit{oração que funciona como aposto explicativo}}$ é também embaixador da Unicef.

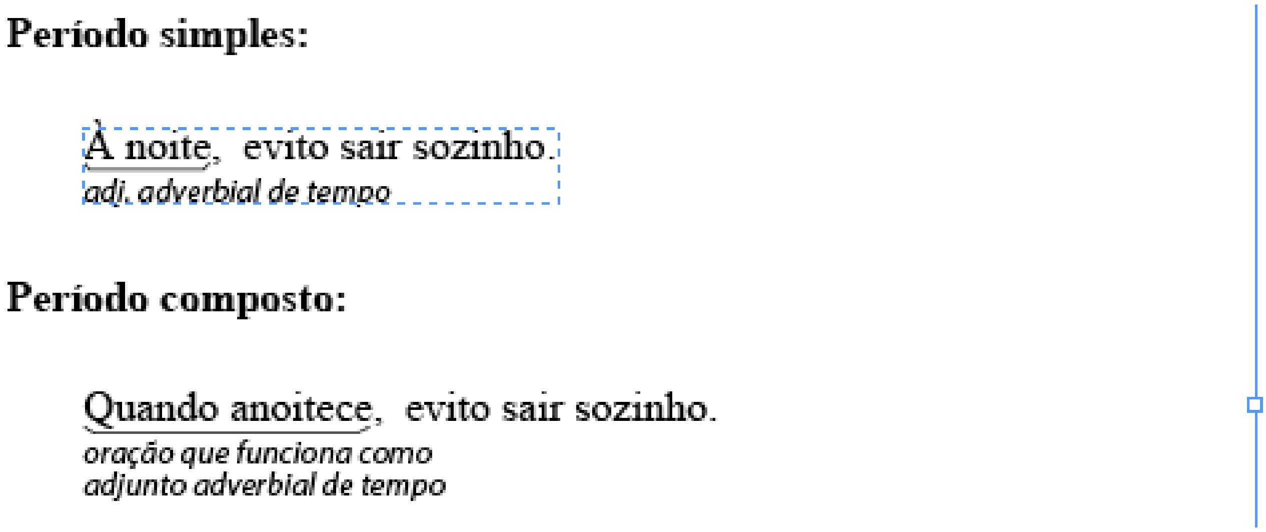

Período simples:

$\underbrace{\text{À noite,}}_{\textit{adj. adverbial de tempo}}$ evito sair sozinho.

Período composto:

$\underbrace{\text{Quando anoitece,}}_{\textit{oração que funciona como adjunto adverbial de tempo}}$ evito sair sozinho.

ORAÇÕES COORDENADAS

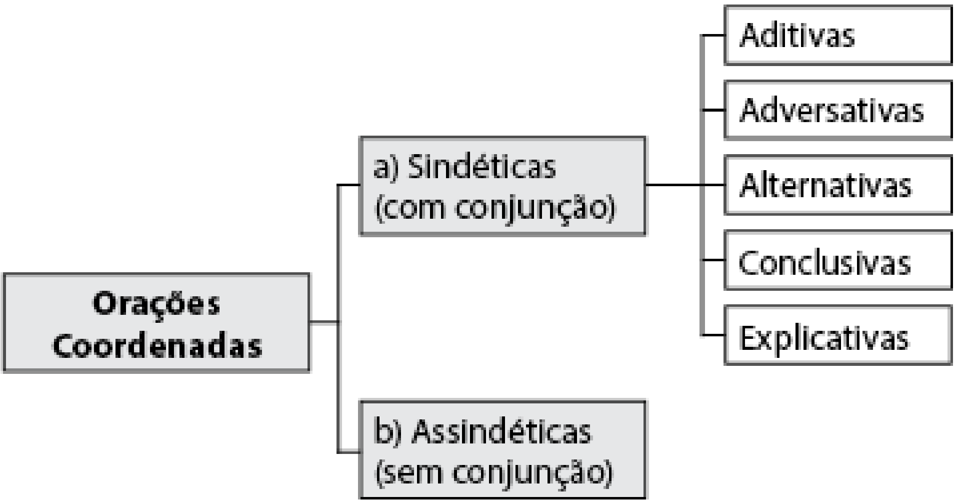
Orações Coordenadas
a) Sindéticas (com conjunção)
b) Assindéticas (sem conjunção)
Aditivas
Adversativas
Alternativas
Conclusivas
Explicativas

PRINCIPAIS CONJUNÇÕES COORDENATIVAS	
a) Aditivas	e, nem, tampouco, não só... mas também..., tanto... quanto...
b) Adversativas	mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante
c) Alternativas	ou, ou... ou..., quer...quer, seja... seja..., ora... ora...
d) Conclusivas	logo, portanto, por conseguinte, pois (deslocado)
e) Explicativas	pois, porque, porquanto, que

ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS

São orações independentes sintaticamente, ou seja, não exercem uma função sintática em relação a outra oração. Possuem conectivos que as introduzem no período sintático. Classificam-se em:

1) **Aditivas:** aquelas que estabelecem uma relação de soma.

A senhora acreditou numa causa, lutou por ela até o fim **e venceu.**

A atitude de cada um de nós faz toda a diferença **e pode mover montanhas.**

Isso está errado, **e eu posso mudar essa situação.**

2) **Adversativas:** aquelas que estabelecem uma relação de adversidade, oposição.

A esperança não cura, **mas pode dar ânimo ao paciente** para que ele continue a lutar pela sua melhora.[1]

Eu costumava dizer que odiava advogados, **mas isso era brincadeira**.

3) **Alternativas:** aquelas que estabelecem uma relação de alternância entre ações ou escolha de opções.

Os países do MERCOSUL devem-se unir, **ou continuarão dominados por outros mercados**.

A oposição ora votava contra o governo, como era de se esperar**, ora votava a favor**.

4) **Conclusivas:** aquelas que estabelecem uma relação de conclusão. Tem de haver um dado pressuposto na outra oração.

Os países latino-americanos, sozinhos, são fracos; **portanto deverão unir-se**.[2]

O médico mentiu para o paciente; **por conseguinte cometeu uma falta ética**.[3]

5) **Explicativas:** aquelas que estabelecem uma relação de explicação, uma confirmação do que se disse na oração anterior.

Lute por sua vida, **pois há uma chance de cura.**

Houve algum incidente, **porque o ministro está atrasado.**

ORAÇÕES COORDENADAS ASSINDÉTICAS

São orações independentes sintaticamente; juntam-se a outras orações coordenadas sem o auxílio de conectivo:

A senhora acreditou numa causa, lutou por ela até o fim e venceu.

Os países latino-americanos, sozinhos, são fracos; portanto deverão unir-se.

.

ORAÇÕES SUBORDINADAS

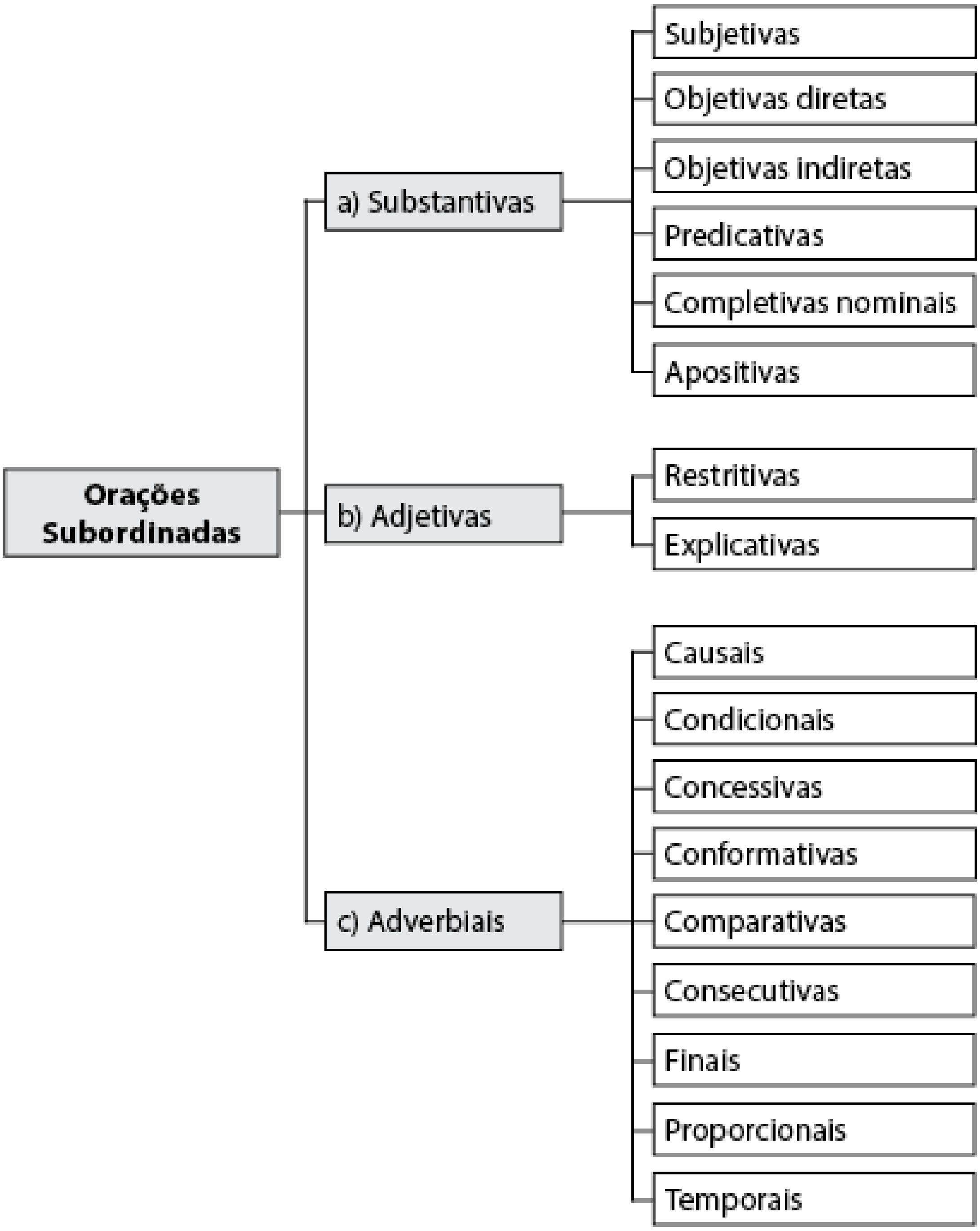
Orações Subordinadas
a) Substantivas
Subjetivas
Objetivas diretas
Objetivas indiretas
Predicativas
Completivas nominais
Apositivas
b) Adjetivas
Restritivas
Explicativas
c) Adverbiais
Causais
Condicionais
Concessivas
Conformativas
Comparativas
Consecutivas
Finais
Proporcionais
Temporais

ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

Classificam-se em:

1) Subjetivas
2) Objetivas diretas
3) Objetivas indiretas

4) Completivas nominais
5) Predicativas
6) Apositivas

Para que se entenda a análise de uma oração substantiva, deve-se ter em conta as estruturas sintáticas mais comuns que formam o período simples. Uma oração subordinada exerce uma função que, no período simples, seria exercida por um termo. Vejam-se tais estruturas:

sujeito	+	verbo	+	objeto	(+ complemento nominal)
sujeito	+	verbo	+	objeto	(+ aposto)
sujeito	+	verbo	+	objeto	(+ adjunto adverbial)
sujeito	+	verbo	+	predicativo	

Uma oração subordinada substantiva, portanto, irá exercer uma das funções sintáticas descritas acima, exceto a função de adjunto adverbial. Veja-se:

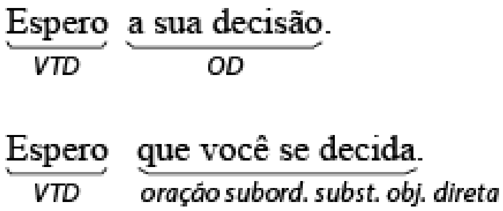

$\underbrace{\text{Espero}}_{\textit{VTD}}\ \underbrace{\text{a sua decisão}}_{\textit{OD}}.$

$\underbrace{\text{Espero}}_{\textit{VTD}}\ \underbrace{\text{que você se decida}}_{\textit{oração subord. subst. obj. direta}}.$

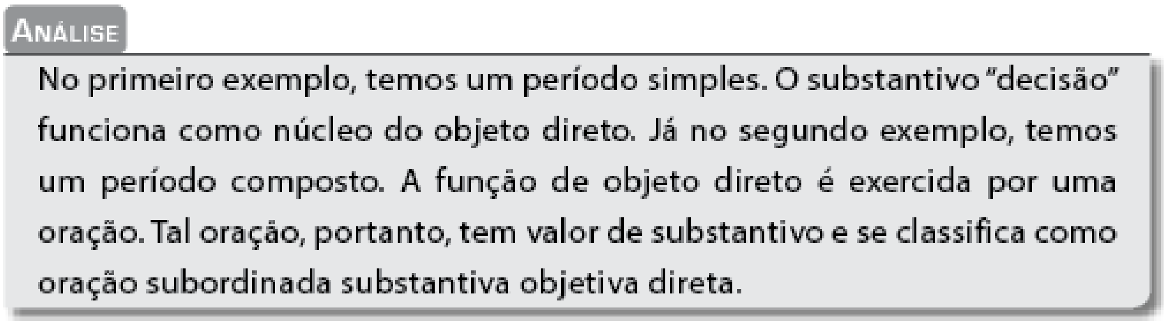

ANÁLISE

No primeiro exemplo, temos um período simples. O substantivo "decisão" funciona como núcleo do objeto direto. Já no segundo exemplo, temos um período composto. A função de objeto direto é exercida por uma oração. Tal oração, portanto, tem valor de substantivo e se classifica como oração subordinada substantiva objetiva direta.

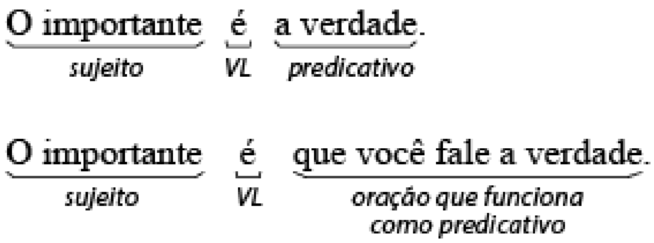

$\underbrace{\text{O importante}}_{\textit{sujeito}}\ \underbrace{\text{é}}_{\textit{VL}}\ \underbrace{\text{a verdade}}_{\textit{predicativo}}.$

$\underbrace{\text{O importante}}_{\textit{sujeito}}\ \underbrace{\text{é}}_{\textit{VL}}\ \underbrace{\text{que você fale a verdade}}_{\substack{\textit{oração que funciona}\\ \textit{como predicativo}}}.$

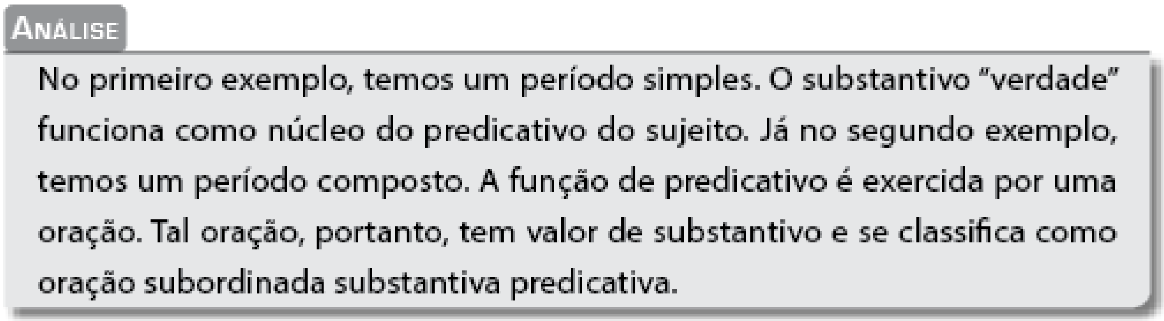

ANÁLISE

No primeiro exemplo, temos um período simples. O substantivo "verdade" funciona como núcleo do predicativo do sujeito. Já no segundo exemplo, temos um período composto. A função de predicativo é exercida por uma oração. Tal oração, portanto, tem valor de substantivo e se classifica como oração subordinada substantiva predicativa.

CLASSIFICAÇÃO

1) **Subjetivas:** exercem função de sujeito.

Eu costumava dizer que odiava advogados, mas isso era uma brincadeira. Ocorre **que meu trabalho é um pouco diferente do deles**.

É melhor **que vocês entendam o Brasil agora.**[4]

Cabe aos cientistas **reformularem suas teorias.**[5]

2) **Objetivas diretas:** exercem função de objeto direto.

Quando descobri **que eles estavam envolvidos com drogas,** achei **que não iria aguentar**.

O otimista acha **que tudo vai dar certo**, **que tudo vai acabar bem**. Mas sabemos **que na vida não é assim**.

3) **Objetivas indiretas:** exercem função de objeto indireto.

Eu creio, por exemplo, **que a América Latina amadurecerá [...]**[6]

O cético pode ver claramente todas as possibilidades de um tratamento não dar certo. Mas é dever do médico convencê-lo **de que existem também oportunidades de sucesso**.

4) **Completivas nominais:** exercem função de complemento nominal.

[...] não é fácil evitar as recaídas, mas a diferença é que hoje meus filhos são capazes **de conversar sobre o assunto comigo**, o que não ocorria no passado.

Eu me culpei muito por isso e cheguei à conclusão **de que é necessário um equilíbrio**.

Mas primeiro precisamos aprender a gostar mais de nós mesmos e acreditar que somos capazes **de realizar qualquer coisa** que tenhamos vontade.[7]

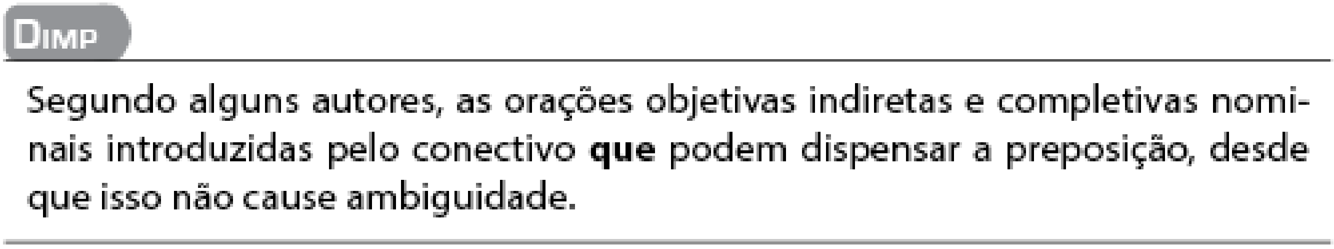

DIMP

Segundo alguns autores, as orações objetivas indiretas e completivas nominais introduzidas pelo conectivo **que** podem dispensar a preposição, desde que isso não cause ambiguidade.

5) **Predicativas:** exercem função de predicativo.

A verdade é **que nem todos têm entusiasmo.**

Ouvi de um médico que eu ficaria bom e preferi acreditar nele, obviamente. O problema **é que ele não estava sendo honesto comigo,** porque não tinha solução para a minha dor.[8]

6) **Apositivas:** exercem função de aposto.

Espera-se apenas uma atitude dos políticos: **que sejam honestos**.

A ordem da Justiça, **de que todos fossem retirados da área**, não seria cumprida facilmente.

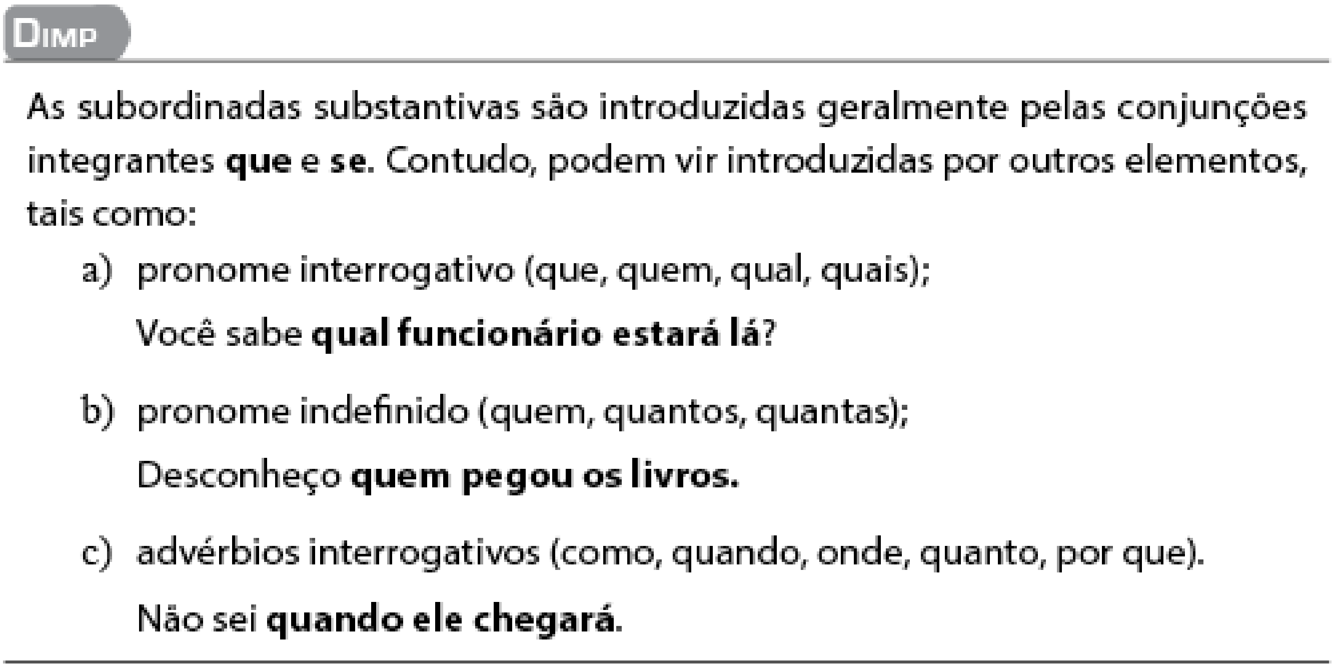

Dimp

As subordinadas substantivas são introduzidas geralmente pelas conjunções integrantes **que** e **se**. Contudo, podem vir introduzidas por outros elementos, tais como:

a) pronome interrogativo (que, quem, qual, quais);
Você sabe **qual funcionário estará lá**?

b) pronome indefinido (quem, quantos, quantas);
Desconheço **quem pegou os livros.**

c) advérbios interrogativos (como, quando, onde, quanto, por que).
Não sei **quando ele chegará.**

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

O adjetivo é a classe gramatical que especifica, qualifica, caracteriza o substantivo. Uma oração adjetiva faz exatamente isso. Quando as orações adjetivas são introduzidas por conectivo, tal termo se chamará pronome relativo. De acordo com a relação semântica que se queira estabelecer, uma oração adjetiva pode ser:

1) **Restritiva:** tem a finalidade de distinguir da totalidade de seres um elemento ou um grupo. Possui um caráter limitativo. Por funcionar como adjunto adnominal, não pode ser separada do nome a que se refere por nenhum sinal de pontuação.

A americana **cuja vida virou filme estrelado por Julia Roberts** diz que a atitude de cada um faz diferença contra as injustiças.

Sua extraordinária história de coragem e persistência foi contada em 2000 no filme **que leva seu nome**...

[...] achei que o melhor a fazer seria interná-los e afastá-los do grupo de amigos **que consumiam entorpecentes**.

Durante cinco anos, ela visitou diariamente as famílias **que viviam na cidadezinha**.

Os moradores **que foram prejudicados** moveram a ação judicial.

2) **Explicativa:** tem a finalidade de esclarecer, explicar, realçar uma característica de um ser ou da totalidade.

É, em verdade, um acréscimo a um termo da oração principal. Por funcionar como aposto explicativo, deve ser separada por vírgula, travessões ou parênteses.

A PG&E, **que é uma empresa americana do ramo de energia elétrica**, foi processada por causar danos ambientais a uma cidade da Califórnia.

Os moradores, **que foram prejudicados**, moveram a ação judicial.

Só Fernando Henrique Cardoso, **que conheço desde 1982**, e que também estava lá, me parecia digno de governar seu país.[9]

DIMP

Observe-se que normalmente não se faz restrição de nomes próprios, seres únicos ou características comuns a todos os seres, a não ser que sejam tomados conotativamente ou que os nomes próprios sejam tomados como comuns.

George Griffin, **que é um patologista da Universidade de Harvard,** foi vítima de um grave câncer de estômago.[10]

Os homens, **que são mortais**, comportam-se como se não o fossem.

O sol, **que é uma estrela,** é geralmente citado pelos poetas românticos como sinônimo de alegria...

A retirada das vírgulas e a consequente transformação das orações destacadas em restritivas implicariam erro semântico. Tal erro levaria a erro gramatical.

DIMP

Nunca é demais salientar que a ideia expressa por uma oração restritiva é totalmente diversa daquela expressa por uma oração explicativa. Veja-se a análise de duas orações retiradas de questões da FCC:

Tenho saudades dos tios **que tanto fizeram por mim**. (saudades apenas dos tios que fizeram algo)

Tenho saudades dos tios, **que tanto fizeram por mim**.

(No último exemplo, o autor manifesta saudades de todos os tios; a oração "que tanto fizeram por mim" é apenas uma explicação do motivo da saudade)

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

São aquelas que funcionam como adjunto adverbial – termo que modifica o sentido do verbo, acrescentando-lhe uma circunstância. São introduzidas por diversas conjunções subordinativas e classificam-se de acordo com elas. Vejam-se tais conjunções.

SUBORDINATIVAS ADVERBIAIS	
1) causais	já que, visto que, uma vez que, pois, porque, porquanto, como
2) consecutivas	de maneira que, de modo que, **que** precedido de tal, tão ou tanto
3) condicionais	se, caso, desde que, contanto que, a menos que
4) concessivas	embora, conquanto, ainda que, mesmo que, apesar de que, posto que
5) conformativas	como, conforme, consoante, segundo
6) comparativas	como, que, do que, tal qual
7) finais	para que, a fim de que
8) temporais	quando, enquanto, logo que, depois que, desde que, assim que
9) proporcionais	à medida que, à proporção que, quanto mais, quanto menos

1) **Causais:** indicam a causa do processo expresso pelo verbo da oração principal.

Isso não era bom, evidentemente, **porque minava a esperança do paciente**.[11]

O que ela queria dizer é que, naquele momento, eu deveria ajudá-la, **já que o corpo não respondia mais**.[12]

2) **Consecutivas**: indicam a consequência que decorre do processo expresso pelo verbo da oração principal.

[...] Ficaram minhas amigas tão próximas **que algumas se tornaram parte da minha família**.

O Brasil é como um gigante que lhe dá as costas. Em algum momento esse gigante estará na sua frente, e vai ser tão grande **que vocês não saberão o que fazer com ele**.[13]

3) **Condicionais:** indicam uma condição para que se realize o processo expresso na oração principal.

Se nada tivesse sido feito, o número de mortos teria sido bem maior.

Se eu não tivesse utopias, não poderia viver.

O médico americano diz que pacientes de doenças graves devem acreditar na mais remota chance de cura, **se houver uma**.[14]

4) **Concessivas:** admitem uma condição contrária ao processo expresso pelo verbo da oração principal.

Então nunca se deve dizer a um paciente que seu caso não tem mais esperança, **mesmo que ele esteja em estado terminal**?[15]

Eu creio, por exemplo, que a América Latina amadurecerá e encontrará uma maneira de se unir e desenvolver suas potencialidades, **ainda que não possamos vislumbrar isso agora.**[16]

5) **Conformativas:** estabelecem uma relação de adequação ou conformidade com o processo expresso pelo verbo da oração principal. Pode-se dizer, também, que expressam uma ideia do modo pelo qual algo foi ou será feito.

Conforme afirmou o escritor argentino, os países da América Latina pecam, por não se unirem.[17][ii]
A Ação judicial contra a PG&E ocorreu **como fora previamente combinada.**

6) **Comparativas:** estabelecem uma relação de comparação com o processo expresso na oração principal. Tal comparação pode estabelecer uma relação de igualdade, inferioridade ou superioridade. Note-se que o verbo da oração comparativa geralmente fica oculto.

Na escola, eu tinha de me esforçar duas vezes mais **que os colegas** para obter os mesmos resultados.

Tenho frustrações **como qualquer outra pessoa [**...]

7) **Finais:** expressam a finalidade do processo do verbo da oração principal.

Eles compreenderam que naquela época eu realmente estava trabalhando duro **para obter bons resultados**.

Tenho frustrações como qualquer outra pessoa e também preciso me policiar **para que elas não estraguem**

meu dia.

8) **Temporais:** indicam o tempo em que ocorreu, ocorre ou ocorrerá o processo expresso pelo verbo da oração principal.

Quando você se torna advogado, perde essa disponibilidade.

Cinquenta moradores morreram vítimas de contaminação **depois que ganhamos a ação contra a PG&E**.

9) **Proporcionais:** estabelecem uma proporcionalidade entre o processo verbal que expressa e o processo verbal da oração principal. A alteração em um deles implica alteração no outro.

Quanto mais sabedoria eu tenho, mais confiança eu ganho. **E quanto mais confiante**, mais feliz me sinto.

À proporção que as pessoas saíam, os ânimos se acalmavam.

ORAÇÕES REDUZIDAS

Chamam-se orações reduzidas as orações subordinadas que não sejam introduzidas por conectivos oracionais (conjunções e pronomes relativos) e apresentem o verbo numa das formas nominais (gerúndio, infinitivo e particípio). Vejam-se exemplos:

O escritor argentino diz que o mundo não enxerga a América Latina e que os países do continente pecam **por não se unirem.**[18]

oração subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo

Como professor e intelectual, aproveita sua experiência de mais de quarenta anos de jornalismo **para analisar a realidade argentina e latino-americana.**[19]

oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo

É preciso **garantir a pessoas pobres o direito à posse da terra.**[20]

oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo

Analisando minuciosamente o relatório, o Banco Central concluiu

oração subordinada adverbial (temporal ou causal) reduzida de gerúndio

que houve crime [...]

Concluída a investigação, instaurou-se o processo.

oração subordinada adverbial (temporal ou causal) reduzida de particípio

DIMP

Essas orações reduzidas podem-se tornar orações desenvolvidas:

- "por não se unirem": porque não se unem.
- "para analisar a realidade [...]": para que analisem a realidade argentina [...]
- "garantir a pessoas pobres o direito [...]": que se garanta a pessoas pobres o direito [...]
- "Analisando minuciosamente o relatório": Depois que analisou minuciosamente o relatório [...] Como analisou minuciosamente o relatório [...]
- "Concluída a investigação": Logo que foi concluída a investigação [...]

Questões Comentadas – Cespe/UnB

“Assim, considerar a violência humana como parte de uma reação instintiva presente entre todos os animais é absolutamente impossível...

A guerra, mesmo que justificada por alguns estudiosos como forma de controlar a taxa populacional, é uma invenção humana, culturalmente aprendida...

Podemos dizer, **portanto**, que a civilização se ergueu com o auxílio da força e da violência, por meio das quais os povos...”

1. No texto, é gramaticalmente incorreto substituir “portanto” por **embora**.

Para muitas empresas, as questões de negócios envolvidas no *e-commerce* são assustadoras. Mudanças nos processos empresariais, acesso a dados, propriedade dos dados, estratégia de distribuição e táticas de *marketing* estão por trás da maior parte dos esforços de comércio via *Web.*

2. No período “Mudanças nos [...] via Web” (ℓ.2-5), há apenas uma oração, que se classifica como absoluta.

Os “direitos humanos” são os direitos ao não-Mal: não ser ofendido ou maltratado em sua vida (horror à morte e à execução), em seu corpo (horror à tortura, às sevícias e à fome), nem em sua identidade cultural (horror à humilhação das mulheres, das minorias etc).

3. A substituição do conector “nem” (ℓ.3) por **tão pouco** preserva as relações morfossintáticas e semânticas do período.

Caso uma indústria lance uma grande concentração de poluentes na parte alta do rio, por exemplo, a coleta de uma amostra na parte baixa não será capaz de detectar o impacto, mesmo que esta seja feita apenas um minuto antes de a onda tóxica atingir o local.

4. Na linha 1, a substituição de “Caso” por **Se** mantém as ideias da frase e a correção gramatical.

A Química está muito presente em nossas vidas: nas roupas, nos alimentos, nos medicamentos, nos combustíveis de carros e aviões, em inúmeros materiais sintéticos e em diversos outros produtos.

5. Este parágrafo é constituído por um período simples, ou seja, é uma oração absoluta.

A sociedade brasileira clama por transformações **e** a esperança tornou-se palavra-chave desses novos tempos. [...]

6. A conjunção “e” liga “transformações” a “esperança”, para complementar a ideia de clamar.

7. Na passagem “As populações não teriam como se locomover para o trabalho, e os sistemas de transporte entrariam em crise”, justifica-se a presença da vírgula antes do “e”, pois este termo está unindo orações coordenadas que possuem sujeitos distintos.

8. Na passagem “borrachas, sintéticos, medicamentos, plásticos, tintas, sabão em pó, gás de cozinha, entre outros elementos atualmente vitais para as economias modernas”, predomina a relação de coordenação entre os elementos enumerados.

9. O período “O terceiro importante fator que deverá provocar impactos muito mais significativos no consumo de petróleo do que na sua exaustão são as restrições ambientais”, apresenta três orações, das quais uma é comparativa.

10. O período “O aumento do efeito estufa seria o dano mais severo” é simples e a oração nele apresentada é absoluta.

Poder de polícia é a competência institucional que a administração pública tem para impor restrições a certas atividades privadas e obrigar, ou proibir, determinadas formas de utilização das coisas, tendo em vista o bem comum. Consiste em uma limitação do exercício da liberdade e da propriedade dos indivíduos para que, no uso delas, os membros da coletividade se mantenham ajustados [...] Isso significa que, ao impor restrições sobre coisas e pessoas, a administração pública cria condições mais favoráveis para o bem comum [...]

Em certas instâncias, a polícia exerce funções de vigilância em assuntos regulados por disposições administrativas, não simplesmente criminais, como o controle de veículos, abertura e vigilância de locais frequentados pelo público, controle de caça e pesca e controle de alfândegas, entre outros [...] Entretanto, como as leis muitas vezes incluem termos vagos ou ambíguos, é preciso reconhecer certo poder discricionário da polícia.

As leis estabelecidas pelo legislador determinam as condições e limitações da ação policial, enquanto os juízes controlam o trabalho da polícia, por exemplo, quando rejeitam a validade de provas obtidas de forma ilegal. [...]

Com relação aos elementos coesivos do texto, julgue os itens.

11. A expressão “para que” (ℓ.5), apresentando uma circunstância final, pode ser substituída por **a fim de que**.

12. A construção “ao impor” (ℓ.7) corresponde a uma circunstância temporal equivalente a **quando impõe**.

13. O termo “como” (ℓ.12) tem valor conformativo, podendo ser substituído por **conforme** e, na linha 14, “como”, por ser comparativo, refere-se a **tal qual**.

14. A circunstância adversativa é marcada pelo vocábulo “Entretanto” (ℓ.14), que pode ser trocado, sem prejuízo do sentido, por **Todavia**.

15. A palavra “quando” (⍰.19), por ser uma conjunção com valor temporal, expressa tal circunstância, mas não pode ser substituída no contexto por **enquanto** nem por **sempre.**

A integridade cultural de um povo faz-se através das ideias. As mudanças culturais duráveis se fazem através do debate, do confronto de opiniões. [...]

16. O vocábulo “através” (⍰.1) admite a substituição pela expressão **por meio de** e tem o sentido de **porquanto**.

O processo de ampliação dos direitos e de pacificação social não é neutro, nem é o caminho natural de evolução em todas as sociedades. [...]

17. A conjunção “nem” corresponde a **e também não**.

Não é uma guerra clássica, não é uma guerra de guerrilha ou de longa duração, mas um confronto de ataques tópicos, uma espécie de acupuntura. Enquanto os poderosos americanos são visíveis, os inimigos são invisíveis, utilizam ataques de surpresa que põem o sistema internacional e a convivência humana em perigo [...]

18. O conectivo “mas” (⍰.2) introduz uma ideia adversativa que, em um padrão mais culto da linguagem, corresponde a **destarte**.

Afinal, existe alguma forma de bloquear o seu sinal? Tem uma tal de gaiola de Faraday. Apesar de o nome parecer complicado, é bem simples. Basta instalar uma tela de metal em volta das celas ou dos presídios. A gaiola de metal impede que minhas ondas eletromagnéticas entrem ou saiam. Aí, não tem comunicação.

19. A substituição do período “Apesar de o nome parecer complicado, é bem simples” (⍰.2-3) por “O nome, ainda que pareça complicado, é bem simples” atende à norma gramatical, mas contraria o sentido do texto.

Fala-se muito, hoje em dia, sobre ética. Ética na política, ética no esporte, ética nas profissões e ética nas relações sociais. Fala-se tanto, a ponto de se banalizarem seus conceitos. A mídia não se farta de apresentar e incentivar debates sobre temas polêmicos que envolvam padrões de comportamento, conceitos e modos de vida da sociedade.

20. Em “Fala-se tanto, a ponto de se banalizarem seus conceitos” (⍰.2-3), há duas orações ligadas pelo processo de subordinação.

O conceito mais conhecido de inteligência é aquele relacionado com a capacidade de resolver problemas – dos mais simples aos mais complexos, na grande variedade das conquistas humanas nas diversas áreas do saber. É também a capacidade de criar produtos, materiais ou intelectuais, que sejam aceitos socialmente. É um potencial biológico e psicológico, isto é, a inteligência está associada aos nossos desejos e às nossas ações conscientes e inconscientes. Significa também escolher. É a capacidade pela qual conseguimos conhecer e compreender as coisas por meio de uma seleção de opções que se nos apresentam no dia a dia. Todo ser humano tem suas habilidades para interagir com o meio onde vive.

Nossa inteligência não está em um espaço fechado chamado cérebro. Interagimos com o mundo e, **utilizando nosso corpo e nosso ser**, participamos da nossa cultura. Pensamos e sentimos como um todo.

A diversidade das habilidades humanas torna uns diversos dos outros. Não uns mais do que os outros, mas diversos, com competências diferentes, constituindo seres construtivos da história humana. Portanto, todos os humanos são seres inteligentes, com potenciais para ir além do que são já, neste instante.

21. O texto se caracteriza pelo uso de vocabulário técnico, predominando as estruturas sintáticas de subordinação.

22. O trecho “utilizando nosso corpo e nosso ser” (ℓ.13-14) expressa ideia de finalidade.

Que o exercício beneficia as crianças, não há dúvidas. Mas onde é a linha de chegada? Hoje, especialistas se debruçam sobre a intensidade ideal da atividade física nessa fase. O excesso pode ser danoso: baixas no sistema imunológico, com infecções recorrentes; distúrbios de comportamento, como irritabilidade e insônia; dores crônicas na musculatura e nas articulações; e lesões na pele podem ser sinais de treinamento excessivo infantil.

23. Mantêm-se o sentido e a correção gramatical do texto se o trecho “Que o exercício beneficia as crianças, não há dúvidas” (ℓ.1) for reescrito da seguinte maneira: Não há dúvidas de que o exercício beneficia as crianças.

Quando a dor chega, é hora de parar. O repouso é fundamental, mas em casos mais graves pode haver necessidade de imobilização e fisioterapia.

24. O trecho “mas [...] fisioterapia” (ℓ.2-3) denota ideia de conclusão relativa à oração anterior.

Milhares de pessoas, no entanto, são induzidas a pensar que fazer uma lipoaspiração é tão simples quanto ir ao cabeleireiro. Só caem na real quando sai a notícia de que um paciente morreu vitimado por uma cânula. A boa nova é que a ciência está se movendo para tornar, de fato, a lipoaspiração um método tão invasivo quanto cortar o cabelo. Um passo nesse sentido é o aparecimento da máquina *ultrashape*.

25. A preposição “para” (ℓ.5) pode ser substituída por **a fim de**, sem que haja prejuízo sintático-semântico ao trecho.

Lévi-Strauss havia defendido a tese de que o espaço urbano revela as estruturas lógicas latentes de um povo. Haveria, pois, uma razão inscrita no modo de dispor as casas de uma aldeia ou de uma cidade. Essa razão não é conscientizada pelos habitantes da aldeia, mas pode ser descoberta pelo cientista social que se ocupa do estudo da cultura específica e de suas formas de organização social e espacial.

26. Verifica-se uma relação de oposição entre as duas primeiras orações que compõem o terceiro período.

Tradicionalmente, a área em que há qualquer tipo de aglomerado populacional é considerada uma área urbana. Isto é extremamente conveniente para as prefeituras, que podem aumentar a arrecadação do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU). Em terceiro lugar, deve vir a compreensão de que na área rural não se encontram mais somente atividades agrícolas.

27. Na linha 3, a vírgula após “prefeituras” não pode ser retirada, porque a oração seguinte tem sentido explicativo.

O aumento da cooperação com órgãos internacionais de salvaguarda se evidenciou no número de relatores especiais das Nações Unidas que realizaram visitas ao Brasil nos últimos anos.

28. Após a expressão “Nações Unidas” (ℓ.2-3), há uma oração de natureza restritiva.

Ao adotar, em 1996, o PNDH, o Brasil se tornou um dos primeiros países do mundo a cumprir recomendação específica da Conferência Mundial de Direitos Humanos (Viena, 1993), ao atribuir ineditamente aos direitos humanos o status de política pública governamental.

29. A substituição de “Ao adotar” (ℓ.1) por **Quando adotou** ou **Por adotar** mantém a correção gramatical.

30. A substituição de “a cumprir” (ℓ.2) pela estrutura **que cumpriu** prejudicaria a correção gramatical do período.

As medidas adotadas por Oswaldo Cruz foram consideradas invasivas pela população, que passou a se revoltar contra ele. Mas a maior hostilidade para o médico surgiu quando ele determinou a vacinação obrigatória contra a varíola e enfrentou uma revolta popular.

31. Mantêm-se a coerência e a correção gramatical do texto ao se substituir o trecho “adotadas por Oswaldo Cruz” (ℓ.1) pela seguinte oração subordinada: que Oswaldo Cruz adotou.

Censurar, proibir e reprimir são atitudes antipáticas, porque geralmente são vistas pela sociedade como inimigas da liberdade individual, da criatividade e da verdade. A censura esconde dilemas e armadilhas sutis que podem causar mais confusão do que esclarecer os problemas relacionados a ela, até porque nem todo tipo de censura representa uma interferência odiosa na vida da população. Um exemplo simples de censura socialmente aceitável – ou até considerada necessária para o bom andamento da vida social – é a tentativa de proteger crianças contra filmes, livros e outras manifestações do pensamento que possam incitar à violência ou a outras situações consideradas prejudiciais à formação dos jovens.

Por outro lado, existem formas de censura que, apesar de serem, em princípio, tão odiosas quanto a censura política, tornam-se praticamente invisíveis no interior do corpo social. Elas agem sem que os responsáveis sequer se deem conta do que estão fazendo. É o caso, entre outros, dos preconceitos, que são, por definição, verdades falsas que, quando se disseminam dentro de um grupo ou comunidade, tendem a hostilizar formas de pensamento e de comportamento que, de alguma forma, não se conformam àquela “verdade”.

DIEGUEZ, Flávio. *Ver, ouvir e calar. Discutindo a língua portuguesa,*
ano 2, n. 12, p. 34-6 (com adaptações).

32. Julgue se as seguintes estruturas do texto explicitam uma relação textual de comparação.

I – “causar mais confusão do que esclarecer” (⍰.4).
II – “nem todo tipo de censura representa uma interferência” (⍰.5-6).
III – “até considerada necessária” (⍰.7-8).
IV – “tão odiosas quanto a censura política” (⍰.13).

Estão certos apenas os itens:

a. I e III.
b. I e IV.
c. II e III.
d. II e IV.

33. Julgue as seguintes propostas de continuidade para o texto da questão anterior.

I – Por isso, a hostilidade às formas de linguagem de grupos minoritários constitui uma forma de preconceito.
II – Assim, qualquer “verdade” reprimida representa uma armadilha de preconceitos e censuras.
III – Portanto, são verdades falsas porque são invisíveis.

Há continuidade gramaticalmente correta e argumentativamente coerente para o texto apenas:

a. no item I.
b. no item III.
c. nos itens I e II.
d. nos itens II e III.

34. Na questão a seguir, foram retirados trechos de um texto. As conjunções destacadas nos trechos a seguir estão associadas a uma determinada interpretação. Assinale a opção que apresenta trecho do texto seguido de interpretação correta da conjunção destacada.

a. “quando foram criadas 399 mil vagas” – proporcionalidade.
b. “como dizem meus filhos” – comparação.
c. “É um erro imaginar que há inflação no Brasil” – consequência.
d. “O ministro avaliou, entretanto, que o impacto maior” – oposição.
e. “Isso porque a decisão sobre juros tende a trazer mais recursos para o Brasil” – conclusão.

[...] A sentença determina, entre outras medidas, que as penitenciárias somente acolham presos que residam em um raio de 200 km.

Segundo o juiz, as medidas que tomou são previstas pela Lei de Execução Penal e objetivam acabar com a violação dos direitos humanos da população carcerária e “abrir o debate a respeito da regionalização dos presídios”. Ele alega que muitos presos das penitenciárias da região são de famílias pobres da Grande São Paulo, que não dispõem de condições financeiras para visitá-los semanalmente, o que prejudica o trabalho de reeducação e de ressocialização.

Sua sentença foi muito elogiada. Contudo, o governo estadual anunciou que irá recorrer ao Tribunal de Justiça, sob a alegação de que, se os estabelecimentos penais não puderem receber mais presos, os juízes das varas de execuções não poderão julgar réus acusados de crimes violentos, como homicídio, latrocínio, sequestro ou estupro.

In: Estado de S. Paulo, 13.01.2008, p. A3 (com adaptações).

35. As orações subordinadas “que as penitenciárias somente acolham presos” (ℓ.1-2), “que tomou” (ℓ.3) e “que irá recorrer ao Tribunal de Justiça” (ℓ.12) desempenham a função de complemento do verbo.

Falara com voz sincera, exaltando a beleza da paisagem e revelando que, se dependesse só dele, passaria o resto da vida ali, morreria na varanda, abraçado à visão do rio e da floresta. Era isso o que mais queria, se Alícia estivesse ao seu lado.

Agora, ao vê-lo assim, suado e nervoso, mudando de lugar o tempo todo e murmurando palavras que me escapavam, temia que me abordasse para conversar sobre o filho. Não parecia estar no iate, e sim em sua casa, em Manaus: sentado, pernas e pés juntos, tronco ereto, a cabeça oscilando, como se fizesse um não em câmera lenta.

Despertava como quem leva um susto, ia lavar o rosto e retomava sua ronda, que me deixava mareado. Eu esperava o fim da tarde com ansiedade; mal escurecia, entrava no camarote para ler, mas ficava pensando nos dois: Mundo e seu pai. Quando não conseguia dormir, subia ao convés e via o vulto sentado na popa, o focinho de Fogo no colo; Jano não se voltava.

HATOUM, Milton. *Cinzas do Norte.* São Paulo: Companhia da Letras, 2005, p. 86-7.

36. As orações “se dependesse só dele” (ℓ.2) e “se Alícia estivesse ao seu lado” (ℓ.4) estabelecem circunstância de condição em relação às orações às quais se subordinam.

37. A oração “como se fizesse um não em câmera lenta” (ℓ.9) expressa uma comparação estabelecida pelo narrador.

38. A correção gramatical do texto seria mantida se a vírgula empregada antes da conjunção “mas” (ℓ.12) fosse omitida.

Questões de Fixação

Violência não é uma expressão apenas descritiva ou neutra, ela já toma partido, se engaja na própria definição do ato ou do ator. O emprego socialmente denunciador da palavra violência, por isso, tende a reter através dos tempos um significado duro, que, em última análise, não pode ser negociado ou atenuado: o de um ato que viola (do latim *violens*) a integridade de um indivíduo, que não lhe permite a reação e que, portanto, transforma-o em mero objeto, em uma coisa qualquer a que se pode fazer o que se quiser.

A violência urbana diz respeito a uma multiplicidade de eventos (que nem sempre apontam para o significado mais forte da expressão violência) que parecem vinculados ao modo de vida das grandes metrópoles na modernidade. Esses eventos podem reunir, na mesma denominação geral, motivações muito distintas, desde vandalismos, desordens públicas, motins e saques até ações criminosas individuais de diferentes tipos, inclusive as não-intencionais como as provocadas por negligência ou consumo excessivo de álcool ou outras drogas. Além disso, a expressão violência urbana tenta dar um significado mais sociológico e menos criminal a esses eventos, interligando-os a causas mais complexas e a motivações muito variadas em uma abordagem que preconiza a necessidade de não desvincular esses eventos da complexidade de estilos de vida e situações existentes em uma grande metrópole.

39. Entre o primeiro e o segundo parágrafos do texto, estabelece-se um vínculo que poderia ser corretamente explicitado com o emprego de:

a. por isso.
b. por conseguinte.
c. por mais que.
d. por outro lado.
e. por exemplo.

Estudos mais recentes têm mostrado que cidades violentas perdem investimentos privados. Portanto perdem empregos, renda e novos negócios. Não é a pobreza que tem gerado violência. É a violência que tem gerado pobreza. Bairros violentos afugentam a presença do poder público.

Quanto mais violenta uma região, mais isolada vive sua população.

Ninguém é delinquente porque é pobre. Ser pobre não constitui condicionante para se aderir à delinquência. A realidade demonstra que a criminalidade está presente em todos os níveis da pirâmide econômico-social. Entretanto, pessoas sem emprego e sem renda, excluídas socialmente (principalmente na idade jovem), são mais facilmente atraídas para a delinquência.

CAVALCANTI, Murilo. *As cidades contra o crime.*
Internet: http://www.interjornal.com.br. Acesso em 7/2/2008 (com adaptações).

40. Assinale a alternativa que contém a relação implícita entre as orações “Não é a pobreza que tem gerado violência. É a violência que tem gerado pobreza.” (ℓ.3-4)

a. causalidade.
b. explicação.
c. oposição.
d. conclusão.
e. condição.

41. Assinale a alternativa correta com relação ao texto.

a. A argumentação do texto reforça a ideia de que a exclusão social fomenta a violência.
b. O segundo parágrafo é um comentário que apresenta ideias desfavoráveis às afirmações apresentadas no primeiro.
c. A palavra “têm” (linha 1) recebe um acento obrigatório justificado pela mesma regra que obriga o uso de acento em outras palavras com a mesma terminação, como: alguém, refém e averigúem.
d. Por expressar uma circunstância de proporcionalidade, a vírgula utilizada no último período do primeiro parágrafo é opcional.
e. A oração destacada no período “Ser pobre não constitui condicionante para se aderir à delinquência” (ℓ.8-9) estabelece, com a oração anterior, uma relação de condicionalidade.

42. Assinale a alternativa em que o termo grifado **não** introduz oração adjetiva.

a. “o grupo Azulim desenvolve o Programa Jovem de Expressão, que oferece a quem tem de 18 a 24 anos oficinas gratuitas de dança de rua, capoeira e grafite.”
b. “Damos os temas a eles, que criam suas próprias mensagens.”
c. “Desmitificar para a sociedade que não praticamos crime.”
d. “Sobradinho II não passava de um assentamento sem infraestrutura, onde os jovens não tinham nada para fazer.”
e. “chegaram a ser levados a delegacias e acusados de crimes que não haviam cometido.”

43. Assinale a alternativa na qual as partículas de relação completam, adequadamente e na ordem de ocorrência, as lacunas do seguinte período:

__________ tenham se deparado com vários tipos de preconceito, os jovens do Grupo Cultural Azulim lutam __________ alcançar seus ideais, __________ suas convicções são mais firmes que os obstáculos.

a. Embora – porquanto – porque
b. Se bem que – a fim de – portanto
c. Ainda que – para – pois
d. Porque – a fim de – pois
e. Mesmo que – por – portanto

A tecnologia médica evoluiu muito nos últimos anos e, com ela, a Medicina Legal; entretanto, são raros os centros em que o desenvolvimento bio-tecnológico disponibiliza os seus avanços em prol da justiça, apesar da importância da legisperícia como elemento probatório.

44. Na linha 2, a palavra “entretanto” possui valor semântico de:

a. adição.
b. causa.
c. conclusão.
d. explicação.
e. oposição.

45. No fragmento “Sentindo o coração bater como no tempo do Natal infantil.”, a palavra destacada expressa valor semântico de:

a. causa
b. consequência
c. concessão
d. conformidade
e. comparação

46. No fragmento “Gostar é tão fácil que ninguém aceita aprender”, a oração destacada expressa circunstância de:

a. consequência
b. causa
c. condição
d. concessão
e. comparação

Modelo de prática interdisciplinar na área de saúde

Todo sistema educacional é uma “construção”. A simples referência a “sistema” tem implícito o significado mecânico, operacional. Diferentes sistemas podem ter a mesma organicidade, mas não necessariamente os mesmos objetivos. Aqui estamos nos referindo às suas ideias – talento inventivo – e às suas ideologias – maneiras de pensar que caracterizam indivíduos ou grupos de pessoas que tratam da formação das ideias. Há sistemas educacionais, convencionais, de natureza burocrática e tecnicista, em que as personagens do sistema falam inexoravelmente para si mesmas, não entre si. Os estilos cognitivos desses sistemas estão intimamente associados às categorias profissionais. Em seu estado mais puro, esses sistemas predominam nas instituições educacionais isoladas; em que as forças ideológicas da corporação e da tradição são fortes óbices à multiversidade, isto é, às múltiplas funções da universidade. A relutância à multiversidade é apoiada e reforçada pelo interesse e pelo entusiasmo de professores em ministrar assuntos de sua exclusiva área de atuação profissional. Estamos claramente indicando uma das razões de resistência à multiversidade. Mas há sistemas educacionais que, no gozo de sua autonomia e de interpretação de sua função, buscam escapar das chamadas “políticas governamentais”. Essas políticas são, em essência, representativas das categorias profissionais. Há, dessa forma, ao contrário do exemplo anterior, sistemas educacionais que, espantando a mediocridade burocrática, admitem e incentivam o talento inventivo: são os grupos de pessoas que da formação das ideias ocupam. Esses novos sistemas – e suas tecnologias educacionais – são instrumentos para o alcance de objetivo definido. Eles chegam ao núcleo de profissionais que demonstram interesse em oferecer ensino integral – cognitivo, atitudinal, criativo etc. – para o aluno, o que deve estar implícito no perfil desejado para ele.

Adaptado de D. Amorin & M. Gattás. **Modelo de prática interdisciplinar.**
Medicina. Ribeirão Preto, jan./mar./2007 (com adaptações)

47. Com relação à pontuação e à coesão textual, assinale a alternativa **incorreta**.
a. No terceiro período do texto, o conectivo “mas” expressa relação de adversidade.
b. Não há no texto conectivo que indique concessão.
c. Há no texto um conectivo indicando condição.
d. Em “Aqui estamos nos referindo às suas ideias – talento inventivo – e às suas ideologias – maneiras de pensar que caracterizam indivíduos ou grupos de pessoas que tratam da formação das ideias.” (ℓ.4-7), os travessões podem ser substituídos por vírgulas sem acarretar incorreção gramatical.
e. Em “à multiversidade, isto é, às múltiplas funções da universidade.” (ℓ.13-14), o uso das vírgulas é obrigatório.

48. Assinale a alternativa em que o uso de “nem” equivale ao do trecho “sem problemas nem dores”.
a. Ele não trabalha nem estuda.
b. Nem bem chegou e tirou os sapatos.
c. Ele não faria o serviço nem se o chefe pedisse de joelhos.
d. Ele não possuía dinheiro nem bens imóveis.
e. Nem vem que não tem.

49. “Só a participação cidadã é capaz de mudar o país.” (Herbert José de Souza)

A respeito desse período, assinale a alternativa correta.
a. O fragmento “é capaz” pode ser substituído por **está apta** sem gerar incorreção gramatical.
b. O sintagma “mudar o país” é uma oração subordinada substantiva predicativa.
c. Não há nele qualquer conjunção.
d. O período é simples e a oração absoluta.
e. Uma vírgula poderia ser inserida após “cidadã”, como sugestão de pausa em uma boa redação gramatical.

Preso provisório por roubo, o jovem Anderson, de 29 anos, casado, ressalta que os sete meses de detenção serviram para refletir. “Pra mim está sendo um aprendizado de vida. Só volta para prisão quem realmente não se arrependeu”, afirmou Anderson, por email. Apesar de a maioria das redações falar a respeito da futura mudança de comportamento quando vier a liberdade, os números provam o contrário. A taxa de reincidência no Brasil é de 80%.

50. “Apesar de a maioria das redações falar a respeito da futura mudança de comportamento quando vier a liberdade, os números provam o contrário.” (ℓ.5-7) e “A taxa de reincidência no Brasil é de 80%” (ℓ.7) estabelece-se um vínculo que pode ser corretamente explicitado com o emprego de:

a. não obstante.
b. por conseguinte.
c. porquanto.
d. conquanto.
e. consoante.

51. Assinale a alternativa que contém o período em que o termo grifado é um pronome relativo e introduz uma oração subordinada adjetiva.

a. “Preso provisório por roubo, o jovem de 29 anos, casado, ressalta que os sete meses de detenção serviram para ele refletir.”
b. “Arieny Carneiro reconhece que é preciso muito investimento ainda para resolver o problema da educação nos presídios.”
c. “Critério como coerência de ideias e adequação ao tema foram mais valorizados que excelência ortográfica ou gramatical.”
d. “Diria que estão mais para Olavo Bilac que para Mano Brown.”
e. “O intuito do Depen é realizar uma segunda edição do concurso no ano que vem.”

SINTAXE DO PERÍODO COMPOSTO

Texto 1

Ao bom leitor, com Camões e afeto [...]

O leitor Thiago já me mandou duas vezes um comentário sustentando que cometi um erro ao empregar a vírgula no trecho abaixo: “O caso é de tal sorte escandaloso, que um sem-terra não deixa de ser sem-terra mesmo que tenha... terra!!!”

No último, ele escreve:

“NÃO PRECISA PUBLICAR. Oi, Reinaldo! Só para lembrar novamente que oração consecutiva não leva vírgula. “O caso é de tal sorte escandaloso, que um sem-terra não deixa de ser sem-terra mesmo que tenha... terra!!!” Logo, essa vírgula aí não deveria existir. Juro!!!!”

Comento: Ele não é agressivo, não. Está sinceramente empenhado em corrigir o que considera um erro. Vamos lá. Com efeito, Thiago, regra geral, não se usa vírgula em orações consecutivas – e aquela, à falta de melhor definição, pode ser considerada consecutiva.

Quando as subordinadas vêm depois da principal, as vírgulas são quase sempre dispensáveis. Mas podem ser usadas, sim – inclusive nas consecutivas –, especialmente quando as duas orações têm sujeitos distintos. Mas não só nesse caso.

Quem chega a esse detalhe da gramática conhece as estrofes 37 e 38 do *Canto V* de *Os Lusíadas*, famosíssimas porque preparam a aparição do Gigante Adamastor:

Porém já cinco Sóis eram passados
Que dali nos partíramos, cortando
Os mares nunca de outrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando,
Quando uma noite, estando descuidados
Na cortadora proa vigiando,
Uma nuvem, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças aparece.
Tão temerosa vinha e carregada,
Que pôs nos corações um grande medo;
Bramindo, o negro mar de longe brada,
Como se desse em vão nalgum rochedo.
“Ó Potestade (disse) sublimada:
Que ameaço divino ou que segredo
Este clima e este mar nos apresenta,
Que mor cousa parece que tormenta?”

Viu a consecutiva ali, Thiago? E separadinha por vírgula. Eu não sou Camões, é bem verdade. Mas eu e ele temos o direito de usar vírgula antes de oração consecutiva – a depender do caso. Em *Gramática Essencial da Língua Portuguesa*, Luiz Antonio Sacconi dá dois exemplos de orações consecutivas, ambos com vírgula: Falei tanto**, que fiquei rouco** Era tal seu entusiasmo**, que desmaiou**

Só uma coisa, Thiago: o seu cuidado – “não precisa publicar” – é desnecessário. Não me importo que me corrijam. Aliás, conto sempre com o leitor para melhorar este blog.

http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo (Acesso em 23/04/2012)

Texto 2

“Nesta terra, em se plantando, tudo dá”, escreveu Pero Vaz de Caminha na carta em que anunciou ao rei de Portugal a descoberta do Brasil. Esse “tudo” incluiria leitores? Como se faz para semear o hábito da leitura? De modo geral, no Brasil lê-se pouco. A pesquisa Retrato da Leitura no Brasil realizada em 2001 já mostrava o brasileiro lendo em média 1,8 livro por ano, índice baixo, se comparado ao de países como França (7), Estados Unidos (5,1), Inglaterra (4,9) ou Colômbia (2,4). Os estudantes leem mais: 7,2 livros por ano, mas desses 5,5 são textos didáticos ou indicados pela escola.

Não é difícil correlacionar esses números a outros, ligados ao desempenho escolar: o Brasil ocupa a 52ª posição no Pisa, Programa Internacional de Avaliação de Alunos, realizado em 2006 pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, que avaliou os conhecimentos na área de ciências de estudantes de 15 anos em 57 países, e sua habilidade de usá-los para resolver problemas cotidianos. É claro que a falta de leitura explica pelo menos parte desse desanimador resultado. E ela é explicada por vários fatores: o livro no Brasil é caro, o que gera um círculo vicioso: as pessoas não compram, e por isso o preço é aumentado pelas editoras.

O essencial, como sublinha o Plano Nacional do Livro e da Leitura, é a criação de uma cultura do livro, um entorno que estimule o jovem leitor. Isso começa com as famílias-leitoras, para usar a expressão da Unesco. A pesquisa comprova que cerca de dois terços dos jovens foram influenciados pela mãe. Quando indagados sobre a idade em que mais leram, 43% responderam que foi até os dez anos. Ou seja: no hábito da leitura, infância é fundamental.

A maioria dos jovens (70%) lê por exigência curricular. Leitura não é vista como instrumento de progresso pessoal: 60% dos jovens não conhecem ninguém que melhorou de vida por ler. Esses resultados dão boas sugestões sobre o que fazer para criar leitores. A família é nesse sentido uma verdadeira incubadora, e é preciso que os pais se conscientizem de seu papel. Ler para os filhos é estabelecer um vínculo afetivo – e permite que a criança associe o objeto livro à figura protetora do pai e da mãe. Depois vêm os professores, que representam 37% das pessoas que mais influenciam os jovens.

A escola progrediu ao transformar o que era obrigação numa atividade criativa e lúdica; a interação do aluno com o texto é fundamental, bem como a participação em eventos literários. O estímulo governamental, por meio de programas de distribuição de livros, é decisivo; e às editoras compete tornar o livro um objeto mais atraente e acessível. Em se plantando, tudo dá. Inclusive leitores.

O Estado de S. Paulo (SP). 28/5/2008.

Texto 3

Brasileiros e Brasilianos

Por 500 anos mentiram para nós. Esconderam um dado muito importante sobre o Brasil. Disseram-nos que éramos brasileiros. Que éramos cidadãos brasileiros, que deveríamos ajudar os outros, pagando impostos sem reclamar nem esperar muito em troca. Esconderam todo esse tempo o fato de que o termo brasileiro não é sinônimo de cidadania, e sim o nome de uma profissão. Brasileiro rima com padeiro, pedreiro, ferreiro. Brasileiro era a profissão daqueles portugueses que viajavam para o Brasil, ficavam alguns meses e voltavam com ouro, prata e pau-brasil, tiravam tudo o que podiam, sem nada deixar em troca. Brasileiros não veem o Brasil como uma nação, mas uma terra a ser explorada, o mais rápido possível. Investir no país é considerado uma burrice; constituir uma família e mantê-la saudável, um atraso de vida. São esses brasileiros que viraram os bandidos e salafrários de hoje, que sonham com uma boquinha pública ou privada, que só querem tirar vantagem em tudo. Só que você, caro leitor, é um brasiliano. Brasiliano rima com italiano, indiano, australiano. Brasiliano não é profissão, mas uma declaração de cidadania.

Brasilianos investem na Bolsa de Valores de São Paulo. Brasileiros investem em *offshores* nas Ilhas Cayman ou vivem seis meses por ano na Inglaterra para não pagar impostos no Brasil. Brasileiros adoram o livro *O Ócio Criativo*, de Domenico de Masi, enquanto os brasilianos não encontram livro algum com o título *O Trabalho Produtivo*, algo preocupante.” Como dizia o ministro Delfim Netto, “o sonho de todo brasileiro é mamar nas tetas de alguém.” Quem está destruindo lentamente este país são os brasileiros, algo que você, leitor, havia muito tempo já desconfiava. Infelizmente, o IBGE não pesquisa a atual proporção entre brasileiros e brasilianos neste país.

Os brasilianos desta terra não têm uma Constituição, que ainda é negada a uma parte importante da população. Uma Constituição feita pelos verdadeiros cidadãos, que estimule o trabalho, o investimento, a família, a responsabilidade social, a geração de renda, e não somente sua distribuição. Uma Constituição de obrigações, como a de construir um futuro, e não somente de direitos, de quem quer apenas garantir o seu. Precisamos escrever e reescrever nossos livros de história.

Stephen Kanitz, in: **www.kanitz.com.br**, acesso em 20/06/08 (com adaptações).

PONTUAÇÃO

Sistema de sinais gráficos destinados a organizar as relações e a proporção das partes do discurso. Os sinais de pontuação são necessários tanto para a correta organização dos termos ou das orações quanto para a explicitação das relações semânticas de um período, ou seja, para a clareza dos sentidos.

A vírgula, por exemplo, separa informações essenciais de acessórias, baseando-se na relação sintática entre os termos, como também é responsável pela construção dos sentidos, como se pode observar em: **“Não estudem agora!”** em oposição a **“Não, estudem agora!”**.

Apesar de muitas vezes indicarem pausas, os sinais de pontuação têm, preponderantemente, uma justificativa sintática ou semântica. A pontuação é constituída pelos seguintes sinais gráficos, dentre outros:

- essencialmente separadores: vírgula (,), ponto e vírgula (;), ponto final (.), ponto de exclamação (!), ponto de interrogação (?);
- sinais de comunicação**:** dois-pontos (:), travessão (–) e parênteses (   ).

USO DA VÍRGULA

1) **Em princípio, não se separam termos de sequência natural:**

sujeito	–	verbo – objeto
verbo	–	predicativo
verbo	–	adjunto adverbial
nome	–	complemento nominal
nome	–	adjunto adnominal

$\underbrace{\text{A pesquisa Retrato da Leitura no Brasil}}_{\text{sujeito}}$ já $\underbrace{\text{mostrava}}_{\text{verbo}}$ $\underbrace{\text{o brasileiro}}_{\text{OD oracional}}$

$\underbrace{\text{lendo em média 1,8 livro por ano}}$ [...]

$\underbrace{\text{A pesquisa}}_{\text{sujeito}}$ $\underbrace{\text{comprova}}_{\text{verbo}}$ $\underbrace{\text{que cerca de dois terços dos jovens foram}}_{\text{objeto direto oracional}}$

$\underbrace{\text{influenciados}}$ [...]

$\underbrace{\text{Pessoas bem treinadas e com boa formação}}_{\text{sujeito}}$ $\underbrace{\text{têm}}_{\text{verbo}}$ $\underbrace{\text{mais condições}}_{\text{objeto direto}}$

$\underbrace{\text{de intuir o rumo a seguir.}}_{\text{complemento nominal}}$[1]

DIMP

Quando deslocados, o predicativo e o adjunto adverbial passam a ser separados por vírgula. Isso, porém, não acontece com sujeito, verbo e objeto.

$\underbrace{\textbf{Nesta terra}}_{\textit{adjunto adverbial anteposto}}$, em se plantando, tudo dá.

$\underbrace{\textbf{Antigamente}}_{\textit{adjunto adverbial anteposto}}$, você precisava entender de mecânica para dirigir um carro.[2]

$\underbrace{\textbf{Com o passar dos dias}}_{\textit{adjunto adverbial anteposto}}$, o sofrimento só não foi maior porque vocês me respeitaram.[3]

$\underbrace{\textbf{Juntas}}_{\textit{predicativo do sujeito anteposto}}$, repartimos, $\underbrace{\textbf{todos os dias}}_{\textit{adjunto adverbial intercalado}}$, os trinta metros quadrados de cela.[4]

2) **Uma vírgula separa; duas vírgulas intercalam (ligam, portanto, os pontos rompidos pela intercalação).**

O estímulo governamental, **por meio de programas de distribuição de livros**, é decisivo.

O essencial, **como sublinha o Plano Nacional do Livro e da Leitura**, é a criação de uma cultura do livro, um entorno que estimule o jovem leitor.

A canadense afirma, **num raro momento de objetividade**, que o maior erro que os executivos cometem ao tentar controlar a carreira é exatamente não ter controle.[5]

3) **Nem toda vírgula corresponde a uma pausa; nem toda pausa corresponde a uma vírgula.**

Muda, **Brasília!**[6]

E agora, **José?**[7]

A VÍRGULA NO PERÍODO SIMPLES

1) **Separa dentro de uma oração elementos que exerçam a mesma função sintática, coordenados**

assindeticamente.

A pesquisa Retrato da Leitura no Brasil realizada em 2001 já mostrava o brasileiro lendo em média 1,8 livro por ano, índice baixo, se comparado ao de países como **França, Estados Unidos, Inglaterra ou Colômbia**.

Brasileiro era a profissão daqueles portugueses que viajavam para o Brasil, ficavam alguns meses e voltavam **com ouro, prata e pau-brasil**, tiravam tudo o que podiam, sem nada deixar em troca.

Uma Constituição feita pelos verdadeiros cidadãos, que estimule **o trabalho, o investimento, a família, a responsabilidade social, a geração de renda, e não somente sua distribuição**.

Equipe para mim tem que ter gente muito diferente. **O superdetalhista, o criativo, o realizador, o espiritualizado**. Se todo mundo fala a mesma língua, você não verá os problemas sob diferentes ângulos.[8]

Caráter, integridade e ética são competências cada vez mais valorizadas. Na hora de contratar um novo profissional, isso tudo é avaliado antes da experiência profissional do candidato.[9]

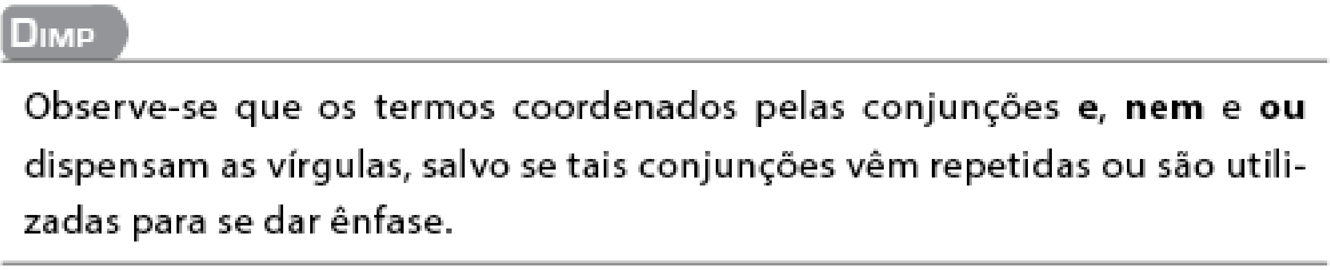

DIMP

Observe-se que os termos coordenados pelas conjunções **e**, **nem** e **ou** dispensam as vírgulas, salvo se tais conjunções vêm repetidas ou são utilizadas para se dar ênfase.

Então apareceu o Lobo Neves, um homem que não era mais esbelto do que eu, **nem mais elegante, nem mais lido, nem mais simpático**, e, todavia, foi quem me arrebatou Virgília e a candidatura, dentro de poucas semanas, com um ímpeto verdadeiramente cesariano.[10]

Desde então, fiquei perdido. Virgília comparou a águia e o pavão, e elegeu a águia, deixando o pavão com seu espanto, o seu despeito, **e três ou quatro beijos que lhe dera**.[11]

2) **Isola adjuntos adverbiais, quando antecipados ou intercalados. Se forem de pequena extensão – normalmente até duas palavras –, o uso da vírgula é opcional.**

O estímulo governamental, **por meio de programas de distribuição de livros**, é decisivo.

Deputados são representantes da vontade popular. Eles só estão ocupando aquelas cadeiras porque os brasileiros**, através do voto,** quiseram assim.[12]

No mês passado, meu amigo Ademar fez uma entrevista de emprego. Como qualquer entrevistado, estava angustiado.[13]

Nem sempre a demissão é a melhor saída. **Às vezes** é possível melhorar o desempenho de profissionais que pisaram na bola.[14]

3) **Isola o predicativo deslocado.**

Resoluto, estabeleceu metas, desenvolveu planos, agenciou sua rede social e seguiu em busca do espectral capital de risco. De um velho amigo fez sócio e aos mares dos negócios se lançou.[15]

O leitor**, impaciente,** pergunta-se, com razão, sobre a relação com Dorian Gray. O monstro de Wide tem a ver com a escola de hoje, tão longe da minha própria experiência de estudante e que me faz devedora da sociedade brasileira.[15]

4) **Isola o vocativo**

Só que você**, caro leitor,** é um brasiliano. Brasiliano rima com italiano, indiano, australiano. Brasiliano não é profissão, mas uma declaração de cidadania.

Quem está destruindo lentamente este país são os brasileiros, algo que você**, leitor,** havia muito tempo já desconfiava.

É elementar**, companheiras e companheiros**: onde não há juízes, não há Justiça. Portanto, não há lei. E, onde não vale a lei, vale o bandalho. Resta só o Estado por ninguém, e alguns poucos – como a freira – por todos. Não há saída. É matar ou morrer.[17]

5) **Isola ou intercala o aposto.**

[...] o Brasil ocupa a 52ª posição no Pisa, **Programa Internacional de Avaliação de Alunos**.

O número de mulheres no Congresso é maior que em qualquer outra época; uma mulher, **Marta Suplicy**, era a prefeita da maior cidade do país e há mulheres que se destacam no comércio e finanças. Como em toda parte, ainda há muito a fazer, mas poderia ser pior.[18]

Segundo o FBI, **a polícia federal americana,** entre todos os casos resolvidos de 1976 a 2002 somente 8,9% dos homicídios de mulheres e 15,5% dos de homem foram cometidos por pessoas que não eram conhecidas das vítimas.[19]

Nunca um atleta brasileiro esteve no epicentro de somas tão estratosféricas como Ronaldo Luiz Nazário de Lima**, o Ronaldo**.[20]

6) **Separa ou isola as partículas de retificação ou explicação, continuação, conclusão, concessão, tais como: aliás, enfim, isto é, ou seja, ou melhor, em seguida.**

O Código de Trânsito Brasileiro tem por objetivo maior educar o condutor de automóveis e não simplesmente puni-lo. **Aliás,** a história da humanidade tem demonstrado que a punição pela punição nunca rendeu bons frutos nem permitiu que os objetivos aprioristicamente traçados fossem alcançados.[21]

Nos últimos cem dias, vivemos essas duas situações**, ou seja,** crises políticas agudas, com mensalão e mensalinho, com algumas rodadas de bingo de permeio, e a preocupante constatação do Ibope, numa enquete intitulada "Confiança nas Instituições".[22]

O cálculo é simples. E por isso mesmo revelador: 57 espécies de vertebrados ameaçadas no Brasil não estão protegidas. **Isto é,** ficam fora das áreas de proteção integral federais e estaduais (194 unidades de conservação, como parques reservas e estações ecológicas).[23]

7) **Indica a supressão de termos (elipse). Esse é um caso de vírgula facultativa.**

Investir no país é considerado uma burrice; constituir uma família e mantê-la saudável**, um atraso de vida**.

Seu desafio é fazer o que as pessoas precisam que você faça, e não o que elas querem que você faça. Às vezes isso significa bater; às vezes **abraçar**.[24]

Hillary ficou furiosa quando soube de tudo. À noite, ela ia para a cama e eu**, para o sofá**. Quando não havia câmeras por perto, minha mulher e minha filha mal falavam comigo.[25]

O esforço de autoconhecimento vale a pena. Os diversos talentos tornaram-se uma das maiores armas de sucesso de um profissional. Conhecê-los**, seu maior patrimônio**.[26]

8) **Isola afirmação e negação nas respostas.**

As pessoas mais infelizes que eu conheço são as mais ricas. Quanto mais rico, mais infeliz. Nunca me esqueço de um comentário de uma copeira, na casa de um empresário arquimilionário, que cochichava para a cozinheira: "Todas as festas de rico são tão chatas como esta?" "**Sim,** todas, sem exceção", foi a resposta da cozinheira.[27]

Com a morte do papa João Paulo II muita gente questionou: estamos nos despedindo do último grande líder mundial? **Não,** não estamos.[28]

9) **Separa termos repetidos.**

Em Curitiba, cidade em que a qualidade de vida é elogiada por todos, só na semana passada ficamos sabendo de seis episódios de violência... E as autoridades??? Ah! Parece que isso não é com elas. Mostram estatísticas, tentando nos convencer (ou se convencer?) que tudo melhorou, porque os números, **blá, blá,**

blá.[29]

– Sim. Preparamos um expresso com biscoitos para que o senhor possa trabalhar mais desperto. É só assinar **aqui, aqui** e... aqui. Até logo, senhor.[30]

10) **Separa, nas datas, o nome do lugar.**

Brasília, 30 de novembro de 2009.

A VÍRGULA NO PERÍODO COMPOSTO

1) **Separa orações coordenadas sindéticas e assindéticas.**

Não perca tempo trabalhando demais, faça apenas o suficiente. Invista seu tempo sendo doce e amável com os executivos, adote o jargão da firma, saiba propagandear seu trabalho e, principalmente, pareça estar ocupado a todo instante. Sua carreira vai deslanchar.[31]
Quem quiser ser líder primeiro deve servir. Na primeira vez em que li isso, pensei: Que estúpido. **Isso funciona na Igreja, mas não nos negócios**.[32]

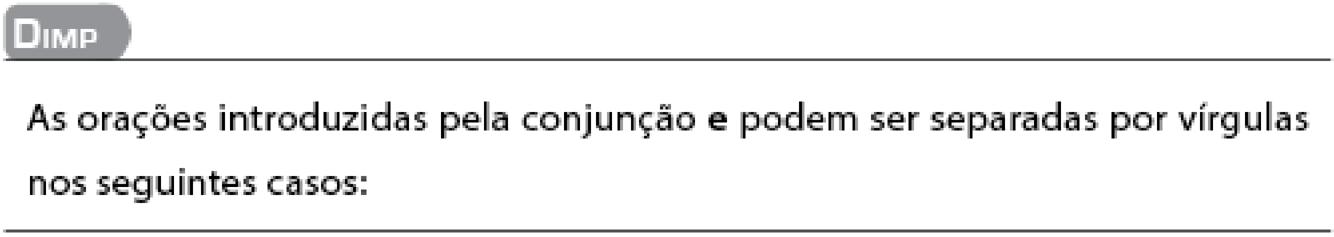

DIMP

As orações introduzidas pela conjunção e podem ser separadas por vírgulas nos seguintes casos:

a) **polissíndeto:**

Você recebe um e-mail hostil. Passa horas intermináveis imaginando qual será a terrível, destrutiva resposta que vai dar. Seu cérebro ferve com os verbos contundentes e adjetivos cruéis que serão usados no reply. Aí você **escreve, e reescreve, e reescreve de novo, e a cada nova versão seu texto está mais colérico, e horas se passam de refinamento bélico do texto** até que você decida apertar o botão do Juízo Final, no caso o Enviar.[33]

b) **conjunção e com valor adversativo:**

Esconderam todo esse tempo o fato de que o termo brasileiro não é sinônimo de cidadania**, e sim** o nome de uma profissão.

Subsídios e barreiras comerciais são indefensáveis. Mas minha crítica não se volta apenas aos subsídios americanos**, e sim** aos dos países ricos em geral.[34]

c) **orações com sujeitos diferentes:**

> [...] o livro no Brasil é caro, o que gera um círculo vicioso: as pessoas não compram**, e** por isso o preço é aumentado pelas editoras.
>
> O Brasil agora está liderando uma missão das Nações Unidas no Haiti. Encampou essa causa porque achou que ela era importante para a afirmação do país**, e os Estados Unidos só podem aplaudir,** porque também a eles interessa ter um Haiti estável.[35]

d) **ênfase a um elemento ou a uma oração de uma série:**

> O entrevistador, então, fez aquela cara de dramático**, e explicou**: "Em física, resiliência é a propriedade que alguns corpos têm de retornar à sua forma original após sofrer uma deformação."[36]

2) **Separa orações subordinadas adverbiais. Se antepostas à principal ou intercaladas, vírgula obrigatória; se pospostas, vírgula facultativa.**

> **Quando indagados sobre a idade em que mais leram,** 43% responderam que foi até os dez anos.[37]
>
> O essencial**, como sublinha o Plano Nacional do Livro e da Leitura,** é a criação de uma cultura do livro, um entorno que estimule o jovem leitor.[38]
>
> Nós gerenciamos um sistema de missão crítica que nunca pode parar**, porque estamos lidando com situações de vida e morte. À medida que o sistema ia crescendo,** precisávamos contar com uma plataforma que nos oferecesse o melhor em termos de confiança e desempenho.[39]

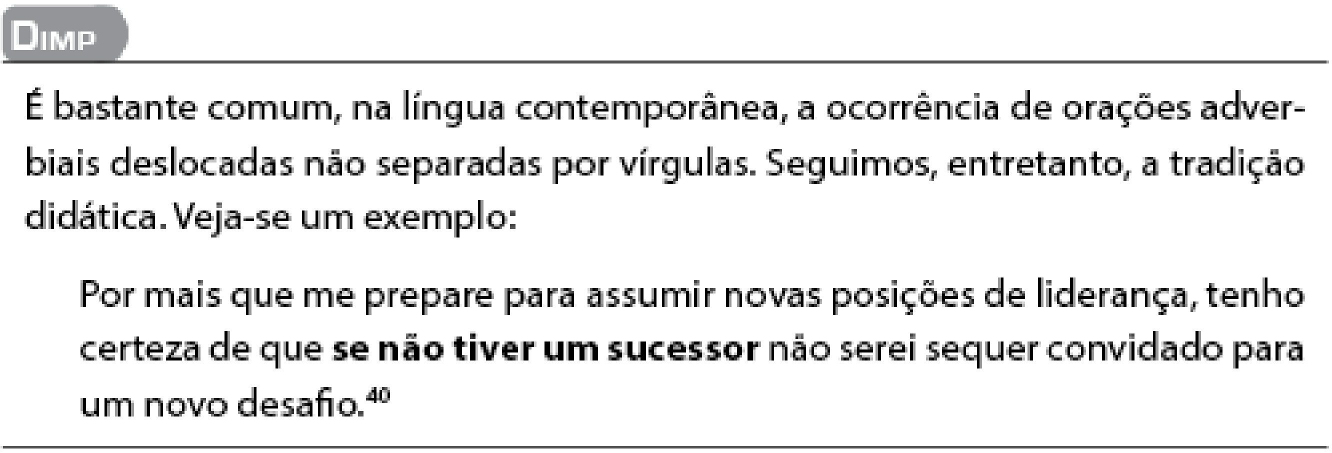

DIMP

É bastante comum, na língua contemporânea, a ocorrência de orações adverbiais deslocadas não separadas por vírgulas. Seguimos, entretanto, a tradição didática. Veja-se um exemplo:

> Por mais que me prepare para assumir novas posições de liderança, tenho certeza de que **se não tiver um sucessor** não serei sequer convidado para um novo desafio.[40]

3) **Isola ou intercala orações adjetivas explicativas.**

Depois vêm os professores**, que representam 37% das pessoas que mais** influenciam os jovens.

Os brasilianos desta terra não têm uma Constituição**, que ainda é negada a uma parte importante da população.** Uma Constituição feita pelos verdadeiros cidadãos**, que estimule o trabalho**, o investimento, a família, a responsabilidade social, a geração de renda, e não somente sua distribuição.

Em alta praticamente no mundo todo, o peso excessivo virou obsessão nos Estados Unidos**, onde 30% da população é obesa**.[41]

4) **Separa facultativamente as orações adjetivas restritivas de certa extensão, principalmente quando os verbos de duas orações diferentes se juntam.**

Aquele que conhece a si mesmo e o que quer, tem mais chances de encontrar um emprego no qual possa se desenvolver e ser feliz, consegue equilibrar melhor trabalho e vida pessoal e estabelece um projeto de vida claro.[42]

O que mais chama atenção no dilema dos familiares dos desaparecidos é a desconsideração com que têm sido tratados, inclusive no governo Lula.[43]

5) **Assinala a interrupção de uma sequência natural de ideias; intercala um juízo de valor (orações interferentes).**

É a máquina de arrecadação de dinheiro para as campanhas que**, estima-se,** deve movimentar 5 bilhões de reais nesta eleição – o equivalente a mais de 41 reais por cada eleitor do país![44]
Em Paris**, disse ele,** os velhos pareciam velhos **–** e não havia nada de errado nisso.[45]

É por isso que o paradoxo carioca causa surpresa: embora uma parte – a mais visível – da população exiba os corpos louvados mundo afora, outra**, sabe-se,** come demais.[46]

6) **Separa as conjunções deslocadas.**

As pessoas não se atrevem a mostrar cansaço, mas também produzem pouco. Trabalham 14 horas por dia, mas não rendem grande coisa. Para elas**, no entanto,** isso não importa. O que vale é criar uma imagem positiva.[47]

Evita-se esse desastre escolhendo bem as palavras para apresentar seus argumentos. O passo mais importante para lidar melhor com os conflitos**, portanto,** é abandonar a ideia do “eu estou certo, você está errado”.[48]

7) **Separa, facultativamente, conjunções adversativas e conclusivas em início de período.**

Vez por outra, “maçãs podres” e vilões ameaçam tomar a cena. **Entretanto,** no final, tal qual filmes de

Hollywood, o bem vence o mal e triunfa.[49]

“O currículo é uma peça de marketing”, diz Karin Parodi, da Career Center, especializada em transição de carreira. **Portanto,** faça uma boa propaganda.[50]

8) **Separa as orações subordinadas substantivas apositivas.**

A decisão do Presidente**, que a taxa de juros fosse aumentada**, foi criticada por vários economistas.

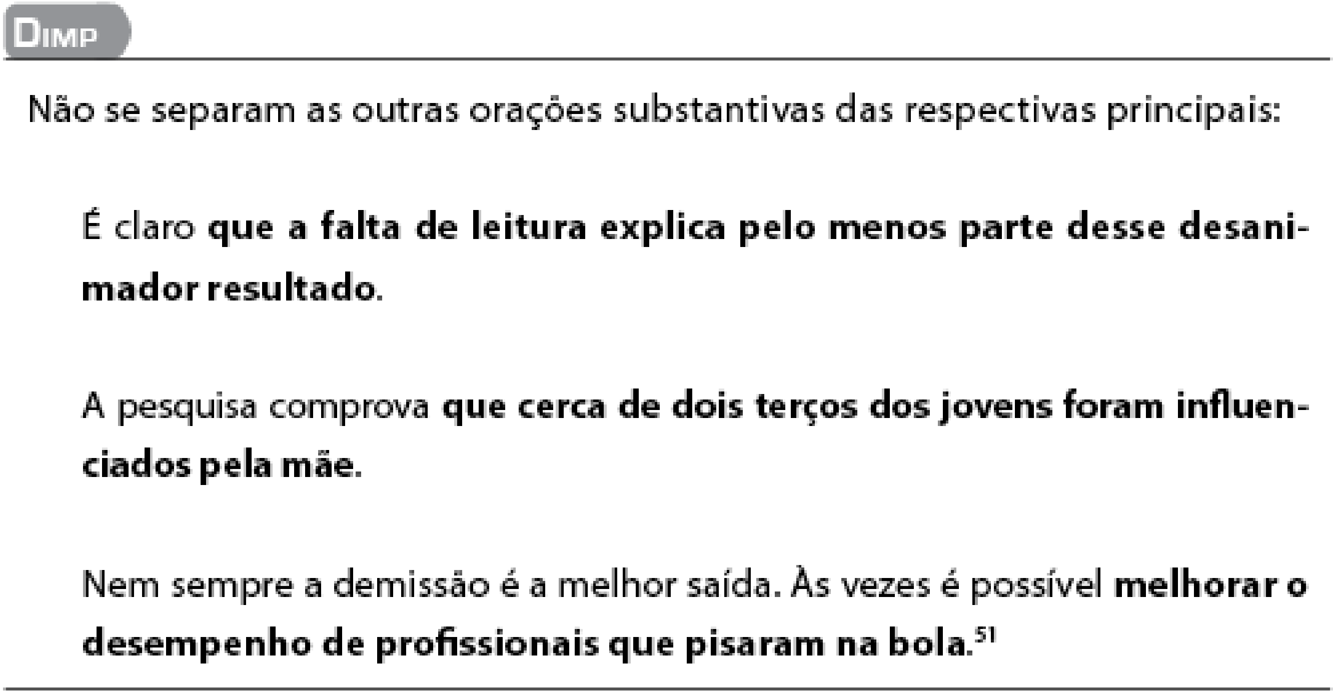

DIMP

Não se separam as outras orações substantivas das respectivas principais:

É claro **que a falta de leitura explica pelo menos parte desse desanimador resultado.**

A pesquisa comprova **que cerca de dois terços dos jovens foram influenciados pela mãe.**

Nem sempre a demissão é a melhor saída. Às vezes é possível **melhorar o desempenho de profissionais que pisaram na bola.**[51]

SÍNTESE DO USO DA VÍRGULA

I – No período simples, a vírgula separa termos

1. coordenados
2. deslocados (exceto SVO)
3. explicativos
4. retificativos
5. conclusivos
6. repetidos
7. apositivos
8. vocativos
9. elípticos
10. nomes de cidades, nas datas

II – No período composto, a vírgula separa orações

1. coordenadas	5. adverbiais (quando deslocadas, obrigatoriamente)
2. adjetivas explicativas (vírgula obrigatória antes)	6. substantivas apositivas
3. adjetivas restritivas (vírgula facultativa depois)	7. interferentes
4. adverbiais (quando pospostas, facultativamente)	

PONTO E VÍRGULA

É usado com as seguintes finalidades:

1) **Para separar orações coordenadas, principalmente as de grande extensão ou que já possuam vírgulas em seu interior. Neste caso, objetiva-se marcar, claramente, as partes principais de um período.**

A escola progrediu ao transformar o que era obrigação numa atividade criativa e lúdica**;** a interação do aluno com o texto é fundamental, bem como a participação em eventos literários. O estímulo governamental, por meio de programas de distribuição de livros, é decisivo**;** e às editoras compete tornar o livro um objeto mais atraente e acessível.

Sinto-me como um desses pregadores de estação rodoviária: **muitos ouvem minha pregação; poucos acreditam nela; ao dobrarem a primeira esquina, todos a esquecem.** É doloroso saber que nosso trabalho – elaborado com carinho e esperança – foi bater na lata de lixo.[52]

2) **Para auxiliar o deslocamento da conjunção em uma oração seguinte.**

O tempo está passando rapidamente**; devemos, pois, aproveitá-lo da melhor forma possível**.

3) **Para auxiliar o uso de elipse numa oração seguinte.**

Investir no país é considerado uma burrice**; constituir uma família e mantê-la saudável, um atraso de vida**.[53]

No dia acertado, apresentei um caderno com vinte e seis laudas com sugestões e comentários. Encaminhei um desses cadernos à Presidência do Superior Tribunal de Justiça; **outro**, entreguei ao Dr. Sérgio Renault, Secretário da Reforma do Judiciário.[54]

4) **Para separar os itens de quaisquer enunciados enumerativos.**

- "Art. 37. A administração pública direta e indireta de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência e, também, ao seguinte":

  I – os cargos, empregos e funções públicas são acessíveis aos brasileiros que preencham os requisitos estabelecidos em lei, assim como aos estrangeiros, na forma da lei**;**
  [...]

  VII – o direito de greve será exercido nos termos e nos limites definidos em lei específica**;**[54]

TRAVESSÃO

Pode substituir vírgulas ou parênteses para assinalar uma expressão intercalada. É usado principalmente para isolar expressões explicativas, apositivas, retificadoras e subsidiárias. Indica, também, a mudança de interlocutor na transcrição de um diálogo.

> Ficou mais fácil, enfim, fazer uma intervenção atrás da outra **– e isso dá vazão à obsessão doentia pela manutenção da beleza e juventude**.[55]
>
> Em Paris, disse ele, os velhos pareciam velhos **– e não havia nada de errado nisso**.[56]
>
> Alimentar-se da pobreza significa a necessidade de perpetuá-la. Getúlio Vargas **– de quem Brizola se julgava herdeiro, numa linha de sucessão interrompida por seu cunhado, João Goulart (herdeiro a contragosto) –** era "o pai dos pobres".[57]
>
> Quando os cientistas conseguirem identificá-los **– e para isso o mapeamento do genoma humano é útil –**, o impacto será enorme no diagnóstico e no tratamento de problemas psicológicos e comportamentais.[58]
>
> O Código Civil **– o grande monumento que honrava nossa cultura jurídica –** foi ab-rogado por uma razão singela: fora criado em 1916. Para nosso gosto, estava velho. Quanta inveja me deu ao ouvir do Presidente da Corte de Cassação Francesa a informação de que seu país preparava as comemorações pelos duzentos anos do Código Napoleão.[59]
>
> Uma semana depois, Virgília perguntou ao Lobo Neves, a sorrir, quando ele seria ministro.
> – **Pela minha vontade, já; pela dos outros, daqui a um ano**. Virgília replicou:
> – **Promete que algum dia me fará baronesa?**
> – **Marquesa, porque eu serei marquês**.[60]

DOIS-PONTOS

Servem para introduzir explicações, enumerações, citações e diálogos.

É claro que a falta de leitura explica pelo menos parte desse desanimador resultado. E ela é explicada por vários fatores: **o livro no Brasil é caro**, o que gera um círculo vicioso**: as pessoas não compram**, e por isso o preço é aumentado pelas editoras.

Quando indagados sobre a idade em que mais leram, 43% responderam que foi até os dez anos. Ou seja**: no hábito da leitura, infância é fundamental**.

Fiz minha parte. Meu trabalho alegrou, pelo menos, a uma categoria**: a dos catadores de papel usado**.[61]
A pobreza é um grande entrave ao combate à doença, como explica Ratna Gaekwad**: "Como se pode falar sobre HIV e AIDS a alguém que não conhece os princípios básicos de higiene e saúde**?"[62]

Bandidos profissionais se equipam por dois caminhos**: roubando armas de cidadãos comuns ou comprando armas apreendidas por policiais corruptos**.[63]

ASPAS

São usadas com as seguintes finalidades:

1) **Para indicar citações (discurso direto).**

"Nesta terra, em se plantando, tudo dá", escreveu Pero Vaz de Caminha na carta em que anunciou ao rei de Portugal a descoberta do Brasil. Esse "tudo" incluiria leitores? Como se faz para semear o hábito da leitura? De modo geral, no Brasil lê-se pouco.

2) **Para dar um sentido diferente do usual a uma palavra ou expressar ironia ou ênfase.**

Conta-se que Marechal Eurico Gaspar Dutra – primeiro Presidente da República a governar sob seu pálio – perguntava constantemente a seus assessores: **"O livrinho permite?"**. O livrinho a que se referia, carinhosamente, nosso Marechal-Presidente era a Constituição Federal. Naquele tempo, ou **"o livrinho"** permitia, ou não se fazia. Que diferença![64]

3) **Para indicar palavras estrangeiras ou neologismos.**

Instalaram-se, entre nós, dois vícios fundamentais, a que os jornalistas Alberto Dines e Luís Nassif denominaram **"legismania"** e **"reformite".** A **"legismania"** revela-se na compulsão de legislar sobre qualquer fenômeno da vida quotidiana. Criamos leis sem pensar nem avaliar consequências; e o fazemos com leviana rapidez. A imprudência da legismania dá ensejo a outro vício, a **"reformite"**, vale dizer, ao "empenho irresponsável para anular a lei, decreto ou artigo constitucional, horas depois de ter sido aprovado".[65]

Antes os "**notebooks**" eram ferramentas secundárias. As pessoas armazenavam as informações e depois passavam tudo para o computador do escritório. Hoje quem compra esse equipamento está adquirindo uma estação primária de trabalho, capaz de rodar todas as aplicações de um “**desktop”**, diz o gerente da Lenovo Brasil, Arthur Isoldi.[66]

Questões Comentadas – Cespe/UnB

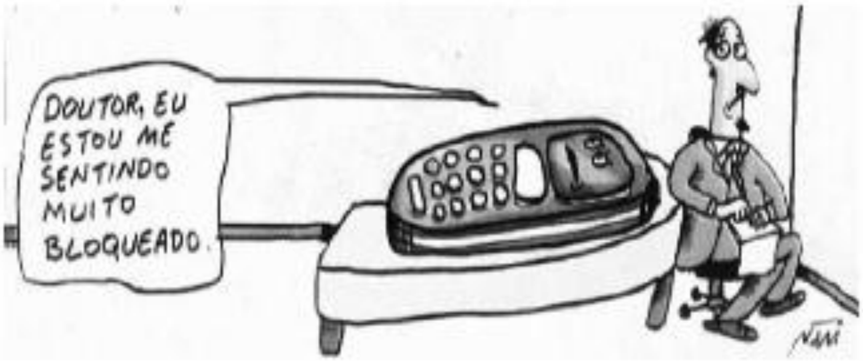
DOUTOR, EU ESTOU ME SENTINDO MUITO BLOQUEADO.
NANI

1. Na fala presente na charge I, o emprego da vírgula, após a palavra “DOUTOR”, atende à mesma regra aplicada no seguinte trecho: “A grande personagem da chacina, o telefone celular, acabou por obscurecer fatos mais relevantes da chacina no presídio de São Paulo”.

Até os anos trinta, o cinema brasileiro engatinhou quanto aos aspectos estéticos, culturais e industriais. As primeiras experiências estéticas dignas de nota ocorreram durante os anos trinta. Nas décadas de quarenta e cinquenta, foram feitos os primeiros ensaios de industrialização e aculturação do cinema, cujos melhores resultados foram as chanchadas da Atlântida. Na década de sessenta, com o Cinema Novo, o cinema brasileiro viveu uma crise típica de adolescência, ou seja, um período de grande excitação e criatividade artística, acompanhado de um processo de profundo questionamento da sua própria identidade cultural, estética e industrial.

2. As vírgulas colocadas logo após “cinquenta” (⍰.4) e “sessenta” (⍰.7) justificam-se por isolar adjuntos adverbiais antepostos.

Fala-se muito, hoje em dia, sobre ética. Ética na política, ética no esporte, ética nas profissões e ética nas relações sociais.

3. Na linha 1, desde que seja feita a necessária adaptação na grafia da palavra “Ética”, o ponto que antecede essa palavra pode ser substituído pelo sinal de dois-pontos sem comprometer a correção gramatical.

Assim funciona a lógica da maioria das peças publicitárias: ou você tem ou você não é, ou seja, é preciso ter aquele produto ou serviço para ser algo ou alguém – rico, feliz, magro, bonito, bem-sucedido, poderoso, saudável etc. As peças publicitárias nos oferecem a solução para todos os problemas: consumir. O ingrediente básico da mensagem publicitária é a sedução, que nos faz sentir falta ou desejar algo que, possivelmente, não iríamos comprar.

4. Nas linhas 3 e 4, o emprego de vírgulas após "rico", "feliz", "magro", "bonito", "bem-sucedido", "poderoso" justifica-se por isolar elementos de mesma função gramatical componentes de uma enumeração.

5. A vírgula após "sedução" (ℓ.6) justifica-se por isolar oração adjetiva restritiva.

A pergunta fundamental que precisamos fazer em cada ato de compra é: precisamos realmente desse produto ou serviço? É necessário reagir ao consumo desenfreado a que as peças publicitárias querem nos induzir. Além de nos habituar a ler rótulos, etiquetas e embalagens, temos de prestar atenção não apenas no preço e na qualidade, mas também questionar quem produziu, onde produziu, como foi a produção – quais são os impactos sociais e ambientais associados à produção e ao consumo.

Precisamos desenvolver nossa capacidade de avaliar criticamente a publicidade para evitar a manipulação da nossa liberdade de escolha. É necessário desenvolver nosso olhar para ver o que está por trás dos produtos e serviços que consumimos. A partir daí, é preciso deixar de consumir, quando possível – e, quando não, exercer o nosso poder de compra para escolher produtos e serviços de empresas que minimizem os impactos negativos.

6. O emprego de vírgula após "rótulos" (ℓ.4) justifica-se para isolar aposto explicativo.

7. O sinal de travessão após "produção" (ℓ.7) pode, sem prejuízo para a correção gramatical e para a informação original do período, ser substituído pela expressão **ou seja** entre vírgulas.

Que o exercício beneficia as crianças, não há dúvidas. Mas onde é a linha de chegada? Hoje, especialistas se debruçam sobre a intensidade ideal da atividade física nessa fase. O excesso pode ser danoso: baixas no sistema imunológico, com infecções recorrentes; distúrbios de comportamento, como irritabilidade e insônia; dores crônicas na musculatura e nas articulações e lesões na pele podem ser sinais de treinamento excessivo infantil. A máxima de que "quem faz esporte cresce mais" deixa de ser consenso. Na verdade, abusar das atividades de impacto pode gerar deficiências de crescimento.

8. Nas linhas 7 e 8, as aspas foram empregadas para indicar uma citação.

Momento num café

Quando o enterro passou
Os homens que se achavam no café

Tiraram o chapéu maquinalmente
Saudavam o morto distraídos
Estavam todos voltados para a vida
Confiantes na vida.
Um no entanto se descobriu num gesto largo e demorado
Olhando o esquife longamente
Este sabia que a vida é uma agitação feroz e sem finalidade
Que a vida é traição
E saudava a matéria que passava
Liberta para sempre da alma extinta.

BANDEIRA, Manuel. In: *Antologia poética.* 7ª ed.

9. Preserva-se a correção gramatical se a expressão “no entanto” (*v*.7) for posta entre vírgulas. Esse emprego das vírgulas justifica-se pelo fato de a expressão estar deslocada.

A alienação ao desejo do Outro – no nosso caso, representado pelo estrangeiro do mundo “desenvolvido” – faz que não nos apoderemos da história como sujeitos. Não passamos nada a limpo, não elaboramos nossos traumas nem valorizamos nossas conquistas. Por isso mesmo, nós, brasileiros, não nos reconhecemos no discurso que produzimos e, sim, no que o estrangeiro produz sobre nós. Por essa mesma razão, estamos sempre em dívida para com uma identidade perdida. É o que observa Stella Bresciani, ao se perguntar por que a busca de identidade, na sociedade brasileira, nunca cessa.

10. No trecho “não nos reconhecemos no discurso que produzimos” (ℓ.5-6), não foi empregada a vírgula antes de “que”, porque este pronome inicia uma oração que restringe o sentido do termo nominal antecedente: “discurso”.

O discurso que procura limitar a atuação dos movimentos de defesa dos direitos humanos a uma questão policial carrega grande distorção. Muitos acabam sem responder a uma indagação que amiúde surge na boca daqueles que pretendem esvaziar o discurso acerca dos direitos humanos: “e os direitos humanos da vítima?”. Parece até que existem duas espécies de direitos humanos: o dos marginalizados e o das vítimas.

11. Os dois-pontos empregados na linha 5 podem ser substituídos por vírgula, sem que haja prejuízo da correção gramatical e da coerência do texto.

A educação básica obrigatória e gratuita constitui direito universal, econômico e social reiterado pela Constituição Brasileira. Ela é também a base para a realização de outros direitos: saúde, liberdade, segurança, bem-estar econômico, participação social e política.

12. As vírgulas das linhas 3 e 4 justificam-se por isolar elementos de mesma função gramatical em uma enumeração.

Não é exagerado afirmar que a leitura é imprescindível no processo de produção do conhecimento e de formação de cidadãos capazes de compreender o mundo contemporâneo e nele atuar. Finalmente, a leitura – associada à escrita – é ferramenta indispensável para efetiva participação social e econômica, contribuindo para o desenvolvimento humano e a redução da pobreza.

13. A inserção de vírgula logo após “afirmar” (ℓ.1) mantém a correção gramatical do período.

14. No segundo período, a substituição dos travessões por vírgulas mantém a correção gramatical do período.

Decorridos quase seis anos do lançamento do Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH), pode-se afirmar com segurança que o Brasil avançou significativamente na questão da promoção e da proteção dos direitos humanos.

15. A expressão “com segurança” (ℓ.2) poderia estar entre vírgulas, sem prejuízo para a correção gramatical do período.

No plano interno, os resultados da elaboração e da implementação do PNDH podem ser medidos pela ampliação do espaço público de debate sobre questões afetas à proteção e promoção dos direitos humanos, tais como o combate à exploração sexual de crianças e adolescentes, a reforma dos mecanismos de reinserção social do adolescente em conflito com a lei, a manutenção da idade de imputabilidade penal, o combate a todas as formas de discriminação, a adoção de políticas de ação afirmativa e de promoção da igualdade e o combate à prática da tortura.

16. A inserção de sinal de dois-pontos após “tais como” (ℓ.4) manteria a correção gramatical do período.

Uma das principais contribuições que as empresas podem dar à educação é promover a melhoria da gestão das instituições de ensino. A gestão pela qualidade permite fazer mais com menos e o Brasil precisa dessa solução para construir uma nação forte, potencializando ao máximo cada real investido em educação. Só assim formaremos brasileiros cidadãos, capazes de ler e de realmente compreender o que leem, de se inserir no mercado de trabalho e de contribuir com o crescimento do país.

17. O emprego da vírgula após a expressão “uma nação forte” (ℓ.4) justifica-se por isolar oração reduzida de gerúndio.

Temos, no Brasil, uma sociedade com salutar mobilidade e, embora reclame urgente modernização, uma legislação trabalhista protetora do trabalhador. Há liberdade de imprensa e de organização partidária e sindical.

18. Nas linhas 1 e 2, as vírgulas após “e” e após “modernização” justificam-se por isolar oração de natureza explicativa.

O tamanho do banco não determina o empenho na cobrança de tarifas. O principal motivo da fraca aceleração da concorrência do sistema bancário é a permanência dos altos *spreads*, a diferença entre o que o banco paga ao captar e o que cobra ao emprestar, que não se altera muito, entre instituições grandes ou médias

19. Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir a vírgula após “*spreads*” (ℓ.3) por sinal de dois-pontos.

Em meio a uma crise da qual ainda não sabe como escapar, a União Europeia celebra os 50 anos do Tratado de Roma, pontapé inicial da integração no continente. Embora sejam muitos os motivos para comemorar, como a manutenção da paz e a consolidação do mercado comum, os chefes dos 27 Estados-membros têm muito com o que se preocupar. A discussão sobre a Constituição única não vai adiante, a expansão para o leste dificulta a tomada de decisões e os cidadãos têm dificuldade para identificar-se o como parte da megaestrutura europeia.

20. As vírgulas logo após “comemorar” (ℓ.4) e “comum” (ℓ.5) podem, sem prejuízo para a correção gramatical do período, ser substituídas por travessões.

A penitenciária, segundo nota do Ministério da Justiça, possui infraestrutura e equipamentos de segurança de última geração, entre os quais: aparelhos de raios X e de coleta de impressão digital, detectores de metais e espectrômetros – aparelhos que identificam vestígios de drogas, armas e explosivos.

21. Na linha 3, o emprego do sinal de dois-pontos justifica-se por introduzir uma enumeração de itens.

Cada projeto considerado viável técnica e economicamente deverá ser submetido a todas as instâncias decisórias, de ambas as partes, antes de ser implementado. O secretário Estadual de Desenvolvimento Econômico e Turismo disse que o protocolo assinado entre o estado do Espírito Santo e a PETROBRAS “delineia um conjunto extraordinário de investimentos para agregação de valor à cadeia do petróleo e gás no estado”. Ele explicou que, dos cinco projetos, quatro ficam sob a coordenação da PETROBRAS e um com o estado.

O compromisso firmado multiplica as oportunidades de trabalho; amplia o potencial de fornecimento local; descentraliza os investimentos, criando polos alternativos à região metropolitana da grande Vitória; e avança no processo de diversificação da base produtiva capixaba. A agregação de valor não é uma figura de retórica. Trata-se de uma estratégia de desenvolvimento. Sabemos que muitos dos maiores produtores de petróleo no mundo permanecem na condição de países subdesenvolvidos, pois se limitaram a extrair as riquezas do petróleo e não desenvolveram a capacidade de criar riqueza a partir do petróleo.

22. Nas linhas 11 e 13, o sinal de ponto e vírgula é empregado para separar elementos de mesma classe gramatical componentes de uma enumeração.

Qual a diferença entre germe, micróbio, bactéria, bacilo e vírus? Todos são microrganismos: seres invisíveis a olho nu também chamados genericamente de micróbios ou germes. Os dois termos são do século XIX, quando a tecnologia disponível ainda não permitia diferenciar um microrganismo de outro. A humanidade, aliás, passou a maior parte de sua história sem fazer ideia de que esses seres existiam.

Apenas no século XVII, quando foi aperfeiçoado o microscópio, a ciência pôde finalmente observar criaturas unicelulares em ação – mas só as maiorzinhas, hoje chamadas de protozoários. No final do século XX, quando se tornou possível examinar o material genético dos micróbios, descobriu-se que há maior variedade entre eles do que entre animais e plantas. Com essa diversidade toda, os micro-organismos foram os únicos seres que se adaptaram a todos os lugares do planeta: estão no ar, no fundo do mar, no subsolo – e dentro de nós. “Existem mais células de bactérias no nosso corpo do que células humanas”, diz o microbiologista Jacyr Pastemak, do Hospital Albert Einstein, em São Paulo.

23. Os dois-pontos, na linha 2, introduzem uma definição de “micro-organismos”.

24. Em “A humanidade, aliás, passou” (ℓ.5-6), a primeira vírgula pode ser retirada sem prejuízo para a correção do trecho.

25. O travessão empregado na linha 10 poderia, sem incorreção gramatical, ser substituído por vírgula.

26. As aspas utilizadas no final do texto, por terem mera função de destaque, podem ser retiradas sem prejuízo para a correção do período.

Chico Mendes hoje é considerado um ícone da luta em defesa da Amazônia. Embora não tenha tido nenhuma educação formal – só aprendeu a ler aos 20 anos de idade –, Chico Mendes conheceu muito bem o valor da terra amazônica, afinal, morreu para defendê-la. Xapuri, importante município a 150 quilômetros da capital do Acre, Rio Branco, foi o principal cenário de atuação de Chico Mendes, onde ele ajudou a fundar o sindicato dos trabalhadores da cidade, muito significativo na defesa da região.

27. Os travessões, na linha 3, podem, sem prejuízo para o texto, ser substituídos por parênteses.

28. Na linha 6, as vírgulas após “Acre” e “Branco” justificam-se por isolar aposto.

Chico juntou-se aos seringueiros na luta contra os inimigos da Amazônia, que derrubavam a mata para produzir pastagens de gado. Mas não foi só. Para tornar-se um dos maiores defensores da Amazônia, ele incorporou uma espécie de faro político justo: criticou a construção de hidrelétricas, a contaminação de rios pelo mercúrio dos garimpos e o corte industrial da madeira.

29. O emprego da vírgula após “Amazônia” (ℓ.2) justifica-se por isolar oração coordenada conclusiva.

O território do Acre pertencia à Bolívia até o início do século XX, embora, desde as primeiras décadas do século XIX, a maioria da sua população fosse formada por brasileiros que exploravam os seringais e não obedeciam à autoridade boliviana, configurando, na prática, um território independente, o que exigia a sua anexação ao Brasil.

30. A ausência de vírgula após “brasileiros” (ℓ.3) justifica-se porque a oração subsequente é subordinada adjetiva explicativa.

Na coletiva de imprensa que antecedeu o batismo da P-52, o diretor de Produção e Exploração da PETROBRAS, Guilherme Estrella, destacou o índice de nacionalização da obra e falou sobre os projetos da empresa.

31. As vírgulas logo após “PETROBRAS” (ℓ.2) e “Estrella” (ℓ.3) isolam aposto.

Ao entrar em capacidade máxima de operação, a unidade P-52, que é do tipo semissubmersível, poderá processar 180 mil barris de petróleo e comprimir 9,3 milhões de metros cúbicos de gás natural por dia. Integrante do programa de desenvolvimento do Campo de Roncador, na Bacia de Campos, a P-52 ficará ancorada em uma profundidade de 1.800 metros e será interligada a 29 poços (18 produtores e 11 injetores de água). O escoamento da produção de petróleo e gás natural será feito por dutos submarinos.

32. Nas linhas 1 e 2, as vírgulas isolam oração de natureza restritiva.

33. Na linha 7, a substituição dos parênteses por um travessão logo após “poços” mantém correta a pontuação do período.

Por ser uma versão continental dos Jogos Olímpicos, o Pan é o mais importante evento esportivo das Américas, envolvendo 42 países e um número estimado de 5.500 atletas, o que possibilita o intercâmbio técnico e a descoberta de novos talentos e recordistas.
Com a transmissão ao vivo para vários países, o Pan também é uma ótima oportunidade de exposição de marca para a PETROBRAS, visto que atende à sua estratégia de internacionalização.

34. As vírgulas logo após “Américas” (ℓ.2) e “atletas” (ℓ.3) isolam oração reduzida de gerúndio.

Em 1508, quando andava à procura de quem pintasse o teto da Capela Sistina, o papa Júlio II pediu a Michelangelo uma prova de sua competência para a tarefa.

Como resposta, o genial artista da Renascença desenhou um círculo perfeito a mão livre. Só mesmo Michelangelo – que, nos anos seguintes, transformaria o teto da capela em uma das mais estupendas obras de arte da história – poderia imaginar uma solução tão simples para o desafio que lhe foi imposto. Até hoje, no mundo das artes e do *design*, vale a lição de Michelangelo: às vezes, o mínimo é o máximo.

35. Os travessões empregados nas linhas 5 e 7 podem ser substituídos por vírgulas, visto que a oração que destacam esclarece o termo "Michelangelo" (ℓ.5).

A balança comercial brasileira teve saldo recorde nos cinco primeiros meses do ano: US$ 8,045 bilhões. O resultado veio com o aumento das exportações, que cresceram 29,3% em relação a 2002, e a estagnação das importações.

36. Por preceder a conjunção **e**, a vírgula depois de "2002" pode ser omitida, sem prejuízo da correção gramatical do texto.

A cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo. Homens de culturas diferentes usam lentes diversas, portanto, têm visões desencontradas das coisas. Por exemplo, a floresta amazônica não passa para o antropólogo – desprovido de um razoável conhecimento de botânica – de um amontoado confuso de árvores e arbustos dos mais variados tamanhos e com uma imensa variedade de tonalidades verdes. A visão que um índio tupi tem desse mesmo cenário é totalmente diversa: cada um desses vegetais tem um significado qualitativo e uma referência espacial. A nossa herança cultural, desenvolvida através de inúmeras gerações, sempre nos condicionou a reagir depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade.

LARAIA, Roque de Barros. ***Cultura: um conceito antropológico***.
RJ: Jorge Zahar, 2003, p. 67 (com adaptações).

37. Desconsiderando possíveis ajustes nas letras maiúsculas e minúsculas, assinale a alteração **incorreta** nos sinais de pontuação do texto.

a. Substituição do ponto depois de "mundo" (ℓ.1) pelo sinal de dois-pontos.
b. Substituição da vírgula depois de "Por exemplo" (ℓ.3) pelo sinal de ponto e vírgula.
c. Substituição do duplo travessão que demarca a informação iniciada por "desprovido" (ℓ.4) pelos sinais de parênteses.
d. Substituição do sinal de dois-pontos depois de "diversa" (ℓ.8) pelo sinal de ponto e vírgula.
e. Substituição das vírgulas depois de "cultural" (ℓ.9) e de "gerações" (ℓ.10) por travessões.

Por muitos anos, pensávamos compreender o que era interpretado, o que era uma interpretação; inquietávamo-nos, eventualmente, a propósito de uma dificuldade em particular, ocorrida no trabalho de interpretação. Nada mais. Atualmente, não temos certeza, já não estamos tão certos. O conflito de ideologias fez com que indagássemos sobre o que quer dizer uma interpretação e duvidássemos sobre o que estávamos fazendo ou teríamos de fazer.

Em vez desse tratamento que era dado à questão da interpretação, a Teoria Crítica ou o Criticismo insiste em trabalhar com as palavras que estão inscritas em determinada página.

GARCIA, Célio. ***Graças à letra*** **soft**, ***a estrutura*** **hard** ***dura***.
In: Hugo Mari et al. (Org.). Estruturalismo, memória e repercussões.
Belo Horizonte: UFMG/Diadorim, p. 192 (com adaptações).

38. Assinale a opção **incorreta** a respeito do uso dos sinais de pontuação no texto.

a. Na conexão de ideias, a conjunção **e** desempenharia a mesma função da vírgula depois de “interpretado” (ℓ.1-2) e poderia substituí-la sem prejudicar a correção do texto.
b. A substituição das duas vírgulas que demarcam a explicação “a propósito de uma dificuldade em particular” (ℓ.3) pelo duplo travessão preservaria a correção gramatical e a coerência textual.
c. Respeita-se a relação entre as ideias do texto e mantém-se sua correção gramatical com a substituição do ponto depois de “certos” (ℓ.5) pelo sinal de dois-pontos, fazendo os necessários ajustes na inicial maiúscula.
d. Na linha 8, a inserção de uma vírgula depois de “tratamento” preservaria a correção do texto, mas deixaria de marcar o caráter restritivo da oração iniciada por “que era”.

Formalidade bate recorde

Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) divulgados ontem pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) apontam para a criação de 554 mil postos de trabalho com carteira assinada no primeiro trimestre deste ano, o que representa recorde histórico para esse período. A série de dados do CAGED tem início em 1992. Contra os três primeiros meses de 2007, quando foram criadas 399 mil vagas (recorde anterior), segundo informações do MTE, o crescimento no número de empregos formais criados foi de 38,7%. “Esse primeiro trimestre, como dizem meus filhos, bombou”, afirmou o ministro do Trabalho a jornalistas. Para o ano de 2008 fechado, o ministro manteve a previsão de criação de 1,8 milhão de postos de trabalho com carteira assinada. “Vai ser novo recorde, apesar da taxa de juros”, disse ele em referência à decisão do Comitê de Política Monetária (COPOM) do Banco Central de elevar os juros de 11,25% para 11,75% ao ano. Em 2007, recorde para um ano fechado, foram criados 1,61 milhão de empregos formais.

Segundo o ministro, a demanda interna permanece “muito aquecida”. “Esse aumento de 0,5 ponto percentual na taxa de juros, até chegar ao consumidor, demora. Quem compra fogão, geladeira e carro a prazo vai perceber um aumento real de juros maior do que 0,5 ponto percentual. Pode haver uma diminuição na escalada de compra de bens duráveis”, disse ele. Para o ministro do Trabalho, a decisão do COPOM de subir os juros neste mês, e nos subsequentes, conforme projeção do mercado financeiro, pode impactar um pouco a criação de empregos formais mais para o final de 2008. “Esses próximos três meses vão continuar sendo muito fortes na criação de empregos com carteira assinada”, avaliou ele.

O ministro do Trabalho classificou a decisão do COPOM de subir os juros de “precipitada”. “É um erro imaginar que há inflação no Brasil. Temos alguns produtos subindo de preços, como o trigo e outros produtos, por causa das chuvas, ou falta de chuvas. Os preços dos bens duráveis (fogões, geladeiras e carros, por exemplo, que são impactados pela decisão dos juros) não estão aumentando”, disse ele a jornalistas. O ministro avaliou, entretanto, que o impacto maior se dará nas operações de comércio exterior. Isso porque a decisão sobre juros tende a trazer mais recursos para o Brasil e, com isso, pressionar para baixo o dólar.

Dólar baixo, por sua vez, estimula importações e torna as vendas ao exterior mais caras. Por conta principalmente do dólar baixo, a balança comercial teve queda de 67% no superávit (exportações menos importações) no primeiro trimestre deste ano. A criação e empregos formais no primeiro trimestre deste ano cresceu em quase todos os setores da economia. No caso da indústria de transformação, por exemplo, foram criadas 146 mil vagas nos três primeiros meses deste ano, contra 110 mil em igual período de 2007.

Tribuna do Brasil.11.04.2008. Internet: <www.tribunadobrasil.com.br>
(com adaptações).

39. As aspas foram empregadas no texto para:
a. realçar ironicamente palavras ou expressões.
b. destacar termos emprestados de outras línguas.
c. indicar a interrupção de ideias que o autor começou a exprimir.
d. marcar suspensões do pensamento, provocadas por hesitação de quem fala.
e. destacar as falas do ministro e os termos que ele utilizou na conversa com jornalistas.

O sistema político brasileiro sofre com a proliferação de partidos, a má qualidade dos políticos e a relação promíscua com financiadores de campanha, para citar apenas alguns problemas. A melhor oportunidade para modificar esse quadro é durante as eleições, quando os cidadãos podem punir os candidatos que se comportaram mal nos anos anteriores. Para isso, os eleitores têm de acompanhar de perto o desempenho dos partidos e de seus representantes no exercício do poder. Uma reforma política, de cunho eleitoral, poderia reforçar o voto como um filtro de maus candidatos.

EDWARD, José. *A política na UTI*. In: Veja, 29.03.2009, p. 74.

40. Assinale a opção correta a respeito da pontuação do último período do texto.
a. As duas vírgulas no último período estão empregadas de forma incorreta.
b. A retirada da segunda vírgula não alteraria a relação sintática da oração.
c. A supressão das duas vírgulas preservaria a correção gramatical do período.
d. A pontuação permaneceria correta caso a segunda vírgula fosse substituída por um travessão.

Se a perspectiva do político é a perspectiva de como o poder se constitui e se exerce em uma sociedade, como se distribui, se difunde, se dissemina, mas também se oculta, se dissimula em seus diferentes modos de operar, então é fundamental uma análise do discurso que nos permita rastreá-lo.

41. A vírgula logo depois de “operar” (ℓ.4) indica que a relação entre as ideias expressas no período iniciado por “então é fundamental” (ℓ.4) e as ideias expressas no período anterior seria mantida se a palavra “então” fosse substituída por **posto que.**

Pode-se dizer que há complexidade onde quer que se produza um emaranhamento de ações, de interações, de retroações. E esse emaranhamento é tal que nem um computador poderia captar todos os processos em curso. Mas há também outra complexidade que provém da existência de fenômenos aleatórios (que não podem ser determinados e que, empiricamente, agregam incerteza ao pensamento).

42. Preserva-se o respeito às regras de pontuação do padrão formal da língua portuguesa ao se retirar os parênteses das linhas 5 e 7, demarcando-se a explicação do que sejam “fenômenos aleatórios” (.5) por um travessão ou por uma vírgula logo depois dessa expressão.

Meu pai era um homem bonito com muitas namoradas, jogava tênis, nadava, nunca pegara uma gripe – até ter um derrame cerebral. Vivia envolvido com “sirigaitas”, como minha mãe as chamava, e com fracassos comerciais crônicos. Tivera uma peleteria numa cidade onde fazia um calor dos infernos quase o ano inteiro. Claro que foi à falência, mas suas freguesas nunca foram tão bonitas, embora tão poucas.

FONSECA, Rubem. ***Vastas emoções e pensamentos imperfeitos*.**
São Paulo: Planeta De Agostini, 2003, p. 12-3 (com adaptações).

43. No trecho “Vivia envolvido com ‘sirigaitas’, como minha mãe as chamava, e com fracassos comerciais crônicos”, é facultativo o emprego da vírgula antes da conjunção coordenada “e”.

Às vezes, eles discutiam na hora do jantar; na verdade, minha mãe brigava com ele, que ficava calado; se ela não parava de brigar, ele se levantava da mesa e saía para a rua. Minha mãe ia para o quarto chorar, nesses dias. Eu ia para a janela, cuspir na cabeça das pessoas que passavam e olhar para o letreiro luminoso de néon da loja em frente.

44. Na linha 2, o ponto e vírgula foi empregado para introduzir uma oração longa que exerce a mesma função sintática da oração que a antecede.

Os trabalhos de destruição da subjetividade moderna são realizados por uma sociedade que precisa exaltar o sucesso econômico e abolir o conflito. As ciências humanas e sociais contemporâneas exprimem essas necessidades da sociedade capitalista, ou seja, desse sujeito abstrato, mediante duas visões: a universalidade naturalista, deduzida de disciplinas como a neurociência ou a genética, e a diversidade do culturalismo empírico.

45. A expressão “ou seja” (.5) apresenta-se isolada por vírgulas por ter sido deslocada de sua posição original na ordem direta da oração.

Ao apresentar a perspectiva local como inferior à perspectiva global, como incapaz de entender, de explicar e, em última análise, de tirar proveito da complexidade do mundo contemporâneo, a concepção global atualmente dominante tem como objetivo fortalecer a instauração de um único código unificador de comportamento humano, e abre o caminho para a realização do sonho definitivo de economias globais de escala. Como resultado deste processo, o “modelo econômico” alcança sua perfeição, que não é somente descrever o mundo, mas efetivamente governá-lo.

46. A supressão da vírgula logo após o termo “humano” (.6) não prejudica a correção gramatical do texto.

Como se calcula, as dúvidas são acima de tudo sobre se o que presenciamos é realmente novo ou se é apenas novo o olhar com que o presenciamos. Estamos em uma época em que é muito difícil ser-se linear. Porque estamos em uma fase de revisão radical do paradigma epistemológico da ciência moderna, é bem possível que seja sobretudo o olhar que esteja mudando.

47. O desenvolvimento das ideias do texto permite inserir, na linha 1, sem prejudicar sua correção gramatical, uma vírgula logo após “são” e outra logo após “tudo”, demarcando-se a expressão “acima de tudo”.

O Instituto de Registro Imobiliário do Brasil (IRIB), seção de São Paulo, em parceria com o Colégio Notarial do Brasil, também seção de São Paulo, e com o apoio da Corregedoria-Geral da Justiça de São Paulo, congrega esforços para promover e realizar seminários de direito notarial e registral no estado, visando o aperfeiçoamento técnico de notários e registradores e a reciclagem de prepostos e profissionais que atuam na área. Os objetivos perseguidos pelas entidades representativas de notários e registradores bandeirantes são o aperfeiçoamento dos serviços, a harmonização de procedimentos, buscando uma regulação uniforme nas atividades notariais e registrais.

O IRIB e o Colégio Notarial sentem-se orgulhosos de poder contribuir com o desenvolvimento das atividades notariais e registrais do estado.

Internet: <www.educartorio.com.br.> (com adaptações).

48. Nas linhas 9 e 10, apenas a primeira vírgula não pode ser suprimida do texto, pois está separando termos da mesma função sintática.

A realidade é constitutivamente heterogênea. Nela, coexistem vários povos, diversas orientações sexuais, diferentes culturas, muitos modos de falar etc. No entanto, observa-se que uma das dificuldades da vida social é a aceitação da diferença.

Os preconceitos aparecem quando se considera uma especificidade como toda uma realidade ou como elemento superior a todos os outros. Nesse caso, tudo o que é diferente é visto seja como inexistente, seja como inferior, feio, errado. A raiz do preconceito está na rejeição da alteridade ou na consideração das diferenças como patologia, erro, vício etc.

49. As relações de sentido entre os termos do período em que ocorre a enumeração “inferior, feio, errado” (ℓ.8) indicam que a conjunção **ou** é adequada para substituir correta e coerentemente a vírgula antes do último termo.

O preconceito apresenta-se como construção enviesada do outro (nesse caso, outro ser humano, grupo ou sociedade), não baseada em princípios reais, mas na configuração de uma relação na qual sujeito e objeto dessa relação estão dissociados e as determinações do sujeito frente ao objeto dessa relação são autoritárias, unilaterais e não passíveis de serem transformadas por esse outro. Nesse tipo de relação, sujeito e objeto encontram-se cindidos, assim como o homem, de suas relações sociais. O preconceito é constituído nas mediações da subjetividade e das relações sociais e, portanto, tanto o estudo desse tema como sua transformação são extensos, complexos e envolvem uma variedade de fatores que devem ser analisados, mesmo nas manifestações mais subjetivas e específicas de preconceito.

50. No início do texto, a substituição dos parênteses por travessões ou por duas vírgulas preserva a coerência textual e respeita as regras de pontuação da norma padrão da língua portuguesa; mas, para evitar duas vírgulas, ao final da inserção, uma solução respaldada na gramática é inserir uma vírgula no lugar do primeiro sinal de parêntese e um travessão no lugar do segundo.

No mundo moderno em que vivemos, é certamente difícil reconstituir as sensações, as impressões que tiveram os primeiros homens em contato com a natureza. A imensa variedade de corpos e acontecimentos que nos envolvem gerou as noções de matéria, de espaço e de tempo, fundamentalmente entrelaçadas no conhecimento das coisas.

No estado de repouso e de movimento dos objetos – esta casa parada, aquela pedra atirada que cai, o movimento do sol, da lua, no céu – estão intimamente associados os conceitos de lugar que ocupam sucessivamente os corpos, de espaço e de tempo.

51. O uso dos travessões, nas linhas 7 e 9, marca a inserção de uma informação que também poderia ser assinalada por duas vírgulas; mas, nesse caso, o texto não deixaria clara a hierarquia de informações em relação aos termos da enumeração já separados por vírgulas.

Era uma vez uma rotina em que criança bem-criada e educada era aquela que tinha horário para tudo e não misturava as coisas: brincar era brincar, estudar era estudar.

Pobres dos pais que ainda alimentam alguma ilusão de ritmo sequencial. Cercadas de aparelhos eletrônicos que dominam desde cedo, as crianças da era dos estímulos constantes e simultâneos são capazes de executar três, quatro, cinco atividades ao mesmo tempo – e prestar pelo menos alguma atenção a todas elas. São crianças multitarefa e encaram isso com total naturalidade.

52. Na linha 2, o sinal de dois-pontos depois de “coisas” tem a função de introduzir uma explicação, ou justificativa, para a ideia expressa nas orações anteriores. Essa função deixaria de ser marcada pela pontuação caso esse sinal fosse substituído pelo ponto – com o correspondente ajuste na letra inicial de “brincar” –, mas a coerência e a correção gramatical do texto seriam preservadas.

Com um visual colorido e irreverente, os vinte cartazes buscam propagar a ideia de que é possível tomar medidas que diminuam as chances de contrair câncer e de que a detecção precoce da doença amplia significativamente as chances de cura. Cada cartaz aborda algum tipo de tumor – a seleção levou em conta a frequência e a gravidade dos casos, como os cânceres de mama, de próstata, de pele, de intestino e de pulmão – ou outros aspectos de prevenção, como a busca por novos medicamentos e vacinas contra a moléstia.

53. Preservam-se o respeito às normas de pontuação e a coerência nas ideias ao se substituírem os travessões das linhas 5 e 7 por parênteses.

Questões de Fixação

54. Assinale a alternativa em que a vírgula **não** foi empregada para separar orações.

a. Isso graças a mutirão realizado por cerca de 15 jovens da cidade, organizado para revitalizar os pontos e transformá-los em painéis de arte.
b. “Estão se sentindo parte da história da cidade”, completa Rodrigues.
c. “O preconceito imperava, as pessoas temiam a gente”, conta Iranildo.
d. Quase todos negros, eram chamados pelo apelido de “azulim”, em referência à sua cor.
e. Há oito anos, decidiram montar a ONG Grupo Cultural Azulim.

55. Nas alternativas a seguir, são reproduzidas frases de um texto e, a respeito de cada uma delas, é feita uma afirmação. Assinale a alternativa que contém a afirmação correta.

a. Dezembro de 2000, Nova York, a metrópole da “tolerância zero”: as aspas certamente indicam uma citação textual.
b. Toda arma de fogo possui “impressões digitais”: as aspas indicam a ocorrência de palavras deslocadas de seu uso costumeiro.
c. Essa disciplina é batizada com um antiquíssimo adjetivo latino, forense, que quer dizer “respeitante ao fórum judicial”: as aspas indicam discurso direto.
d. Em Pretória, África do Sul – uma das cidades em que o sistema obteve maior sucesso –, o IBIS ajudou a desvendar mais de 800 crimes em quatro anos: nas duas ocorrências, o travessão equivale a o ponto e vírgula.
e. [...] um antiquíssimo adjetivo latino, forense, que quer dizer “respeitante ao fórum judicial” – ou seja, tudo o que ajuda os tribunais a cumprir sua espinhosa e delicada função de fazer justiça: o travessão pode ser omitido sem prejuízo da correção gramatical.

56. Quanto ao emprego das vírgulas no fragmento “Eles chegam ao núcleo de profissionais que demonstram interesse em oferecer ensino integral – cognitivo, atitudinal, criativo etc. – para o aluno”, assinale a alternativa correta.

a. Não é recomendado pela gramática normativa.
b. Justifica-se pela separação de apostos.
c. Justifica-se pela intercalação de orações adjetivas.
d. Justifica-se pela antecipação de adjuntos adverbiais.
e. Justifica-se pela separação de itens de mesma natureza sintática.

Que alimentos ajudam no tratamento da depressão?

A depressão é um transtorno que afeta milhões de pessoas em todo o mundo. É uma doença que afeta o corpo, o humor e o pensamento. Apesar de tratável, poucas pessoas procuram tratamento. Os sintomas da depressão incluem uma sensação opressiva de desespero e desânimo, que simplesmente não passa.

Outros sintomas comuns são: sensação de desesperança, sentimentos de culpa, pouca energia, dificuldade de concentração, inquietação, distúrbios do sono (como insônia ou excesso de sono), sensação de vazio, pensamentos negativos e tristes, dificuldade em manter relacionamentos normais, assim como total falta de interesse pela vida. Um tratamento adequado pode oferecer alívio para a maioria das pessoas que sofrem desse mal debilitante.

Entre os diversos fatores relacionados com a depressão estão a hereditariedade, elementos ambientais e biológicos e acontecimentos marcantes da vida – como doenças, a perda de um ente querido ou do emprego. Também associados à depressão estão certos medicamentos, o consumo abusivo de drogas ou álcool, dietas e o período pós-parto (assim como outras variações hormonais). As causas biológicas da depressão podem ser atribuídas a alterações nos neurotransmissores, mensageiros químicos do cérebro – apesar de muitas das causas bioquímicas serem ainda pouco conhecidas.

Um estudo recente indica que os ácidos graxos ômega-3 podem ajudar a reduzir os sintomas da depressão. Trinta pacientes com transtorno bipolar (que antigamente eram chamados de maníaco-depressivos) ingeriram placebo (azeite de oliva) ou ácido graxo ômega-3 (de fonte vegetal ou marinha, como óleo de peixe), paralelamente ao tratamento regular durante quatro meses. O grupo que ingeriu ômega-3 apresentou uma evolução tão melhor que a do grupo que ingeriu placebo que os pesquisadores interromperam o estudo, por acharem antiético não estender a todos os seus benefícios.

Internet: <http://saude.hsw.uol.com.br/alimentos-depressao.htm>. Acesso em 23/12/2008.

57. Considerando a pontuação e a correção gramatical, assinale a alternativa correta.

a. Na linha 1, a forma verbal “afeta” pode ser substituída por “afetam”.
b. O sinal de dois-pontos utilizado na linha 6 não pode ser omitido.
c. Os parênteses utilizados na linha 8 podem ser substituídos, cada um, pelo uso do travessão.
d. Na linha 15, o travessão utilizado após o termo “acontecimentos marcantes da vida” é considerado incorreto, já que não introduz fala de qualquer personagem.
e. No termo “relacionados com a depressão” (ℓ.13), a preposição “com” pode ser omitida.

CLÁUDIO MORENO

NOVA ORTOGRAFIA

guia prático do português correto

vol. 3

para gostar de aprender

SINTAXE

- CRASE
- REGÊNCIA
- CONCORDÂNCIA
- COLOCAÇÃO DO PRONOME

para gostar de aprender

L&PM POCKET

para gostar de aprender

CLÁUDIO MORENO

guia prático do português correto

vol. 3

para gostar de aprender

SINTAXE

CRASE
REGÊNCIA
CONCORDÂNCIA
COLOCAÇÃO DO PRONOME

www.lpm.com.br
L&PM POCKET

À memória de Joaquim Moreno, meu pai,
e de Celso Pedro Luft, mestre e amigo.

Apresentação

Este livro é a narrativa de minha volta para casa – ou, ao menos, para essa casa especial que é a língua que falamos. Assim como, muito tempo depois, voltamos a visitar o lar em que passamos nossos primeiros anos – agora mais velhos e mais sábios –, trato de revisitar aquelas regras que aprendi quando pequeno, na escola, com todos aqueles detalhes que nem eu nem meus professores entendíamos muito bem.

Quando, há alguns anos, criei minha página no Portal Terra (www.sualingua.com.br), percebi, com surpresa, que os leitores que me escrevem continuam a ter as mesmas dúvidas e hesitações que eu tinha quando saí do colégio nos turbulentos anos 60. As perguntas que me fazem são as mesmas que eu fazia, quando ainda não tinha toda esta experiência e formação que acumulei ao longo de trinta anos, que me permitem enxergar bem mais claro o desenho da delicada tapeçaria que é a Língua Portuguesa. Por isso, quando respondo a um leitor, faço-o com prazer e entusiasmo, pois sinto que, no fundo, estou respondendo a mim mesmo, àquele jovem idealista e cheio de interrogações que resolveu dedicar sua vida ao estudo do idioma.

Por essa mesma razão, este livro, da primeira à última linha, foi escrito no tom de quem conversa com alguém que gosta de sua língua e está interessado em entendê-la. Este interlocutor é você, meu caro leitor, e também todos aqueles que enviaram as perguntas que compõem este volume, reproduzidas na íntegra para dar mais sentido às respostas. Cada unidade está dividida em três níveis: primeiro, vem uma explicação dos princípios mais gerais que você deve conhecer para aproveitar melhor a leitura; em seguida, as perguntas mais significativas, com discussão detalhada; finalmente, uma série de perguntas curtas, pontuais, acompanhadas da respectiva resposta.

Devido à extensão do material, decidimos dividi-lo em quatro volumes. O primeiro reúne questões sobre **Ortografia** (emprego das letras, acentuação, emprego do hífen e pronúncia correta). O segundo, questões sobre **Morfologia** (flexão dos substantivos e adjetivos, conjugação verbal, formação de novas palavras). O terceiro, questões sobre **Sintaxe** (regência, concordância, crase e colocação dos pronomes). O quarto, finalmente, será todo dedicado à pontuação.

Sempre que, para fins de análise ou de comparação, foi preciso escrever uma forma **errada**, ela foi antecedida de um **asterisco**, segundo a praxe de todos os modernos trabalhos em Linguística (por exemplo, "o dicionário registra **obcecado**, e não ***obscecado** ou ***obsecado**"). O que vier indicado entre duas barras inclinadas refere-se exclusivamente à pronúncia e não pode ser considerado como uma indicação da forma correta de grafia (por exemplo: **afta**

vira, na fala, **/á-fi-ta/**).

*

Meu caro leitor: no volume 1 deste ***Guia Prático*** – **Ortografia** –, discutimos **como** devem ser escritos os vocábulos do Português, detalhando o uso dos acentos, do hífen e o emprego das letras. No volume 2 – **Morfologia** –, descrevemos a formação das palavras de nosso idioma, o gênero e o número dos substantivos e dos adjetivos, a conjugação dos verbos. Neste terceiro volume – **Sintaxe** –, vamos deixar o âmbito restrito do **vocábulo** para entrar no âmbito da **frase**, estudando fenômenos que dependem do relacionamento dos vocábulos entre si, como a **concordância**, a **regência**, a **crase** e a **colocação dos pronomes**.

Além disso, ao lado desses conteúdos de aplicação imediata no seu dia-a-dia, você também vai se familiarizar com as principais funções sintáticas – **sujeito, objeto direto, objeto indireto, adjunto adverbial**, etc. São conceitos de presença obrigatória nas provas de Português de todos os vestibulares e concursos públicos do país, mas sua importância vai muito além disso. Sem dominar essas noções, que considero indispensáveis para qualquer pessoa que se interesse pelo estudo do idioma, as decisões sobre **crase** ou **concordância**, por exemplo, sempre vão parecer arbitrárias e irracionais. Sem elas, você não vai conseguir responder àquela velha indagação que todos nós compartilhamos: “Por que devemos fazer isto, e não aquilo?”. Sem elas, você não será capaz, sequer, de entender a explicação sobre a primeira estrofe do Hino Nacional Brasileiro.

1. Funções sintáticas

Quando você divide uma frase em suas **partes constitutivas** (ou **sintagmas**) e dá um nome a cada uma dessas partes, está fazendo aquilo que chamamos de **análise sintática**. Exceto por algumas estruturas mais raras ou mais complexas, é muito fácil fazer a análise de uma frase: depois que isolamos o **verbo**, as demais partes são facilmente reconhecíveis: o **sujeito**, o **objeto direto**, o **objeto indireto**, o **predicativo**, o **adjunto adverbial**, o **aposto**, o **vocativo** e o **agente da passiva**. Estas são as oito funções sintáticas reconhecidas pela gramática:

1 – **Um atleta brasileiro** venceu a prova de salto tríplice. (sujeito)

2 – A TV francesa entrevistou **um atleta brasileiro**. (obj. direto)

3 – O documentário trata **de um atleta brasileiro**. (obj. indireto)

4 – O principal astro do documentário é **um atleta brasileiro**. (predicativo)

5 – Ela sempre viajava **com um atleta brasileiro**. (adj. adverbial)

6 – A chama olímpica foi acesa **por um atleta brasileiro**. (agente da passiva)

7 – A testemunha-chave era Antônio, **um atleta brasileiro**. (aposto)

8 – Você, **atleta brasileiro**, conhece muito bem nossas dificuldades! (vocativo)

No entanto, nossa **Nomenclatura Gramatical** (conhecida como **NGB**), que definiu, em 1958, a terminologia gramatical adotada por todos os livros didáticos do país, cometeu o terrível equívoco de incluir o **adjunto adnominal** e o **complemento nominal** nessa relação, o que veio complicar desnecessariamente o sistema. Na verdade, eles não são **partes** da frase, como as outras oito que relacionei acima, mas **partes das partes** da frase, isto é, aparecem **dentro** dos sintagmas – dentro do sujeito, do objeto, do predicativo, do aposto, etc., como explico em alguns dos tópicos que você vai ler mais abaixo. Numa frase como “Um atleta brasileiro sente **muita saudade de casa**”, o elemento grifado é o **objeto direto** do verbo **sentir** – e pronto!

Agora, se você olhar mais de perto este objeto, verá que o núcleo é **saudade**; **muita** é **adjunto adnominal**, como o são, aliás, todas as palavras que ficam à esquerda do substantivo; **de casa** é **complemento nominal** (**saudade** sempre será **saudade de alguma coisa**). A diferença entre o adjunto e o complemento vai ficar mais clara nos artigos que seguem, mas isso não importa, desde que você perceba que ambos são **elementos internos** ao sintagma. Incluí-los entre as oito funções básicas é a mesma aberração que um guia de viagens da América do

Sul que destacasse, como atrações mais importantes, a Argentina, o Peru, Minas Gerais, Uruguai e Brasília – misturando, numa mesma classificação, países, estados e cidades.

Nas páginas seguintes, discuto este problema e outros mais, principalmente os vários tipos de **sujeito** e sua influência nas questões de **concordância verbal**.

classe não é função

> O Professor adverte: ninguém consegue fazer uma boa análise sintática se não distinguir entre **classe** e **função**.

*Professor, na frase "visitaremos o museu no sábado", a função sintática de **no sábado** é de **adjunto adverbial de tempo.** Ora, a palavra **sábado** é um **substantivo,** mas não sei se, nessa frase, ela se mantém como **substantivo** (mesmo sendo **adjunto adverbial** na sintaxe), ou se classifica como **advérbio.** Por favor, sempre tenho essa dúvida em análises morfossintáticas. Desde já agradeço a atenção.*

Geraldo R. – Cascavel (PA)

Meu caro Geraldo, às vezes um pequeno desvio de raciocínio faz parecer complexo aquilo que, na verdade, é muito simples. A análise que você fez tem uma falha sutil, que já atrapalhou muita gente: **função** é uma coisa, **classe** é outra, bem diferente. Em "visitamos o museu **naquele sábado ensolarado**", o sintagma destacado é um **adjunto adverbial** (isso é **função**, ou seja, isso é **sintaxe**). Quanto aos vocábulos aí presentes, no entanto, a análise é a seguinte: **em** (preposição)+ **aquele** (pron. demonstrativo) + **sábado** (substantivo) + **ensolarado** (adjetivo) (isso é **classe**; isso é **morfologia**).

Para deixar bem claro o que estou tentando explicar, vou dar um exemplo bem significativo: o substantivo **menino** (classe) pode desempenhar diferentes **funções** sintáticas, dependendo de suas relações dentro da frase: "o **menino** saiu" (sujeito); "encontrei o **menino**" (objeto direto); "ela simpatizou com o **menino**" (objeto indireto); "ele é um **menino**" (predicativo) – e assim por diante.

Não esqueça que os **adjuntos adverbiais** (isso é **função**) aparecem de duas maneiras no Português: ou (1) como um simples **advérbio**, ou (2) como um

substantivo preposicionado (isso é **classe**). Veja os exemplos:

(1) Ele nasceu **ontem**.
Vamos fugir **agora.**
Ele tombou **aqui.**
(2) Ela chegou **no sábado.**
O velho perdeu os óculos **em casa.**
Eles vieram **de carro.**
Ela estuda Matemática **com interesse.**

Todos os elementos que destaquei são **adjuntos adverbiais**; todavia, enquanto **ontem**, **agora** e **aqui** são **advérbios**, **sábado**, **casa**, **carro** e **interesse** são **substantivos**. Na minha experiência (que não é pequena), só vamos compreender os princípios da análise sintática quando formos capazes de distinguir entre **classe** e **função**; depois, tudo fica mais fácil.

viver é verbo de ligação?

Conheça uma forma segura de identificar os **verbos de ligação**.

*Caro Professor Moreno, a escola ensina que o verbo **viver** é **intransitivo**. Um aluno, porém, perguntou sobre a eventual possibilidade dele funcionar como **verbo de ligação** na frase “Mário **vive** cansado” – como é o caso do verbo **andar** na frase “Mário **anda** cansado”. Estaria correta a posição dele? Agradecida.*

Teresinha D. M. – São José dos Campos (SP)

Minha cara Teresinha, o seu aluno tem toda a razão. O verbo **viver**, no exemplo que você mandou, não é o **viver** intransitivo; aqui ele é classificado como uma espécie de **verbo de ligação** – um tanto especial, porque não é tão-somente relacional, mas “traduz uma noção além do estado (predicado verbo-nominal). Ex.: *Eles viviam escondidos no mato.* Há aqui noção de **vida** + estado oculto do sujeito”, diz Celso Pedro Luft, em sua ***Moderna Gramática Brasileira*** (aviso a meus leitores: esta gramática só deve ser utilizada por professores ou estudantes de Letras; para o usuário comum, ela é técnica e inovadora demais). O mesmo Luft, no seu utilíssimo ***Dicionário Prático de Regência Verbal***, vai mais longe, pois já classifica **viver**, nesta acepção, como **verbo de ligação**, com o significado de **estar sempre** (aspecto durativo, continuativo ou permansivo): “Ele vive gripado”; “Vive com dores de cabeça”.

Note que aqui está uma boa oportunidade de reformular a maneira de ensinar os **verbos de ligação**: em vez de fornecer aos alunos uma lista fechada (eu próprio aprendi, no meu tempo, a desfiar, de cor, aquela ladainha do “ser, estar, ficar, permanecer, etc.” – sempre incompleta), é muito melhor ensiná-los a raciocinar. Podemos, por exemplo, levantar a seguinte hipótese: se **viver** for um verbo de ligação, ele estará ligando o **sujeito** a seu **predicativo**; ora, os **predicativos** têm a propriedade sintática de concordar, em gênero e número, com o **sujeito** (**ela** está **nervosa**, **ele** está **nervoso**, **eles** estão **nervosos**, **elas** estão **nervosas**). Se na sua frase – “**Mário** vive **cansado**” – trocarmos **Mário** por **Maria**, vamos ter “**Maria** vive **cansada**”: a flexão nos assegura que estamos diante de um **predicativo**. O mesmo vale para frases como “Ele virou delegado”, “O menino saiu vencedor”, “Ela acabou ferida”, em que os verbos **virar**, **sair** e **acabar** funcionam como verbos de ligação, e **delegado**, **vencedor** e **ferida** são predicativos.

Quanto a seu aluno curioso, fique de olho nele; ele parece ter uma boa sensibilidade linguística, como se pode ver. Quem sabe não temos aí um futuro colega nosso?

sujeito oculto?

O sujeito **oculto** não desapareceu; apenas trocou de nome.

*Bom dia, Professor! Um colega de universidade disse que, segundo um antigo professor, poliglota em 23 idiomas e responsável pela formulação das provas de Português numa importante faculdade de Medicina de São Paulo, o **sujeito oculto** foi abolido das normas gramaticais. Eu gostaria de perguntar: se um sujeito oculto pode ser identificado pela desinência verbal – sendo elíptico ou implícito –, como essa norma pôde ser abolida? Aliás, ela foi realmente abolida?*

Marcos C. M. – São Paulo (SP)

Meu caro Marcos, acho esquisito esse termo que você emprega, “abolido”.

Isso só se usa para uma lei ou regulamento que foi revogado – e jamais existiu uma norma para o **sujeito oculto**. Essa era apenas uma denominação antiga (bem antiga, aliás) que os gramáticos cunharam para os casos em que o sujeito não aparece expressamente na frase, mas é recuperado pela terminação do verbo (uma das grandes vantagens da nossa conjugação verbal sobre a do Inglês). Não se preocupe, que **nada** mudou na língua em si mesma, mas apenas no **nome** que usávamos para designar essas frases em que o sujeito não necessita estar **explícito**. Por isso, pode continuar criando frases como "**Fui** ao cinema, mas **volto** logo"; "**Gosto** de cachorro"; "**Perdi** o melhor da festa"; a única diferença é que não chamamos mais esse sujeito de **oculto**.

No momento em que os professores e gramáticos se deram conta de que esse "oculto" era um nome no mínimo risível, já que todo mundo – até estudantes de 9 anos de idade – descobria o sujeito com facilidade, passaram então, com mais precisão, a chamá-lo de **sujeito subentendido**, depois de **sujeito expresso pela desinência verbal**, até chegar ao **sujeito elíptico** de hoje, a meu ver a denominação mais adequada, pois o processo linguístico que atua nesse caso é justamente a **elipse**. O que houve, portanto, não foi a **eliminação do processo** (o que seria impossível, mesmo que todos os gramáticos e linguistas se reunissem para fazer força juntos), mas o abandono de uma terminologia anacrônica. Só isso. O seu colega deve ter entendido mal o que disse o fantástico poliglota de 23 idiomas.

Nomenclatura Gramatical Brasileira

Por que todas as gramáticas de nosso idioma utilizam a mesma terminologia? Veja como isso aconteceu.

Professor, a gramática de Evanildo Bechara faz diversas referências, nas notas de rodapé, à ***NGB*** *– Nomenclatura Gramatical Brasileira. Ela não tinha sido revogada?*

Carlos E. S. – Curitiba (PR)

Prezado Carlos, assim como os profissionais da área biomédica confiam na ***Nomina Anatomica***, que é uma nomenclatura internacional da anatomia humana,

assim os professores de Língua Portuguesa confiam na **Nomenclatura Gramatical Brasileira** (como o nome claramente indica, Portugal não tem nada a ver com ela). Antes dela, vivíamos numa verdadeira selva de terminologias; cada gramático de renome fazia questão de usar denominações próprias para as funções sintáticas, para as orações subordinadas, para as classes gramaticais, o que tornava quase impossível a homogeneidade no ensino gramatical. A partir da **NGB**, uma comissão formada por notáveis da época (entre eles, Antenor Nascentes, Rocha Lima e Celso Cunha) estabeleceu uma espécie de divisão esquemática dos conteúdos gramaticais, unificando e fixando, para uso escolar, a nomenclatura a ser usada pelos professores; em 1959, no governo JK, uma portaria recomendou sua adoção em todo o território nacional. Dessa data em diante, por exemplo, todos passaram a falar em **objeto indireto**, e não mais em "complemento terminativo" ou "complemento relativo", ou quejandos; os **adjetivos** ficaram restritos aos **qualificativos**, enquanto os demais (**demonstrativos**, **indefinidos**, etc.) passaram a ser classificados como tipos de **pronomes**; o antigo **condicional** ganhou o duvidoso nome de **futuro do pretérito**; e assim por diante – o resto todo mundo sabe, porque todos aprendemos Português já dentro da **NGB**, usada até hoje.

Ocorre que ela foi concebida com base nos conhecimentos de 1958 – quando ainda não funcionava regularmente, por exemplo, a cadeira de Linguística nos cursos de Letras. Os gramáticos da comissão, embora de renome, eram de formação tradicional e obviamente imprimiram nessa nomenclatura as suas concepções pessoais, muitas vezes limitadas. O resultado é conhecido por qualquer professor de Português: os livros mais sérios estão cheios de notas de rodapé, como você percebeu, meu caro leitor, contestando aqui e ali a **NGB**, que precisa urgentemente ser revisada e reformulada, não só para adequá-la aos avanços registrados nos estudos da língua, nesses últimos quarenta anos, como também para corrigir comezinhos erros de lógica, que tanto prejudicaram (e prejudicam ainda hoje!) o entendimento dos alunos.

sujeito oracional

Às vezes, o **sujeito** de uma oração é representado por outra oração.

Caro Professor Moreno, gostaria que o senhor definisse para mim ***sujeito oracional****. Eu tenho dúvidas sobre quando este sujeito surge. Muito obrigado pela atenção!*

André Luiz – Balneário Camboriú (SC)

Prezado André, vou acrescentar à minha explicação alguns detalhes que você não perguntou. Você deve entender que as várias partes da frase (**sujeito**, **objeto direto**, **predicativo**, etc.) podem ser representadas por uma **oração subordinada substantiva**. É exatamente por esse motivo que, entre as substantivas, temos uma **objetiva direta**, uma **predicativa**, uma **subjetiva** – nomes que revelam a que parte da frase elas correspondem. Em "Nós esperamos que você volte logo", a oração principal é "Nós esperamos". Ora, como **esperar** é um transitivo direto, onde está o **objeto direto** exigido por ele? Na oração seguinte – "que você volte logo" –, por isso mesmo classificada como subordinada substantiva **objetiva direta**. Poderíamos, se quiséssemos, dizer que temos aqui um **objeto direto oracional** – o que vem dar na mesma.

Quando o **sujeito** da oração principal for a oração subordinada, estamos diante de uma substantiva **subjetiva** (eis o tal **sujeito oracional**!). Você deve reconhecer os dois tipos básicos:

(1) as que são introduzidas pela conjunção integrante **que**:

> Era indispensável **que eu voltasse cedo.**
> Convém **que todos fiquem sentados.**
> É estranho **que o cão esteja latindo.**

Aqui a oração grifada exerce a função de **sujeito** (oracional) da oração principal, a qual vai ficar, convenientemente, com o verbo na 3ª do singular. Como ensinava a minha saudosa professora da 5ª série, "o que era indispensável"? **Que eu voltasse cedo**. "O que é que convém?" **Que todos fiquem sentados**.

(2) as **reduzidas** de infinitivo:

> **Estudar** é importante.
> **Ficarmos aqui** pode trazer sérias consequências.
> **Descobrir o verdadeiro assassino** era uma tarefa para Sherlock

Holmes.

Aqui a oração grifada também é **subjetiva**, só que **reduzida de infinitivo**; "o que é importante"? **Estudar**. "O que pode trazer sérias consequências"? **Ficarmos aqui**. O que "era uma tarefa para Sherlock Holmes"? **Descobrir o verdadeiro assassino**.

sujeito do **Ouviram do Ipiranga**

> É incrível como muitos cantam o **Hino Nacional** sem compreender sequer a primeira linha!

*Professor, posso dizer que o sujeito de "**Ouviram do Ipiranga as margens plácidas de um povo heroico o brado retumbante**" é **indeterminado**, porque o verbo está na 3a pessoa do plural?*

Marcelo Costa

Meu caro Marcelo, aqui não se trata de sujeito **indeterminado**. O início de nosso hino é uma frase na ordem **indireta**; veja como ela fica na ordem **direta**: "As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heroico". Logo, o sujeito é **as margens plácidas do Ipiranga** – e por isso o verbo está no plural (**ouviram**).

A leitora Larcy, de São Paulo, fez a mesma pergunta que você; ao ser informada sobre qual é o sujeito, voltou a escrever, ainda com dúvida, pois em vários lugares na internet ela encontrou escrito **às margens** – como se fosse um adjunto adverbial, referindo-se, portanto, **ao lugar** onde foi proferido o tal brado. Ora, todos nós sabemos que não existe aquele acento de crase; infelizmente, a fonte que ela consultou não era de confiança e trazia um erro muito comum quando reproduzem a letra do Hino Nacional – exatamente porque as pessoas ficam em dúvida quanto à função desse termo. **As margens** não é adjunto adverbial, não; é **sujeito**, e por isso Osório Duque-Estrada o escreveu sem acento algum.

fui eu quem fez?

É **fui eu que fiz** ou **fui eu quem fez** ? Veja como podemos evitar as formas erradas e escolher entre duas estruturas igualmente corretas.

*Caro Professor, ainda não consegui descobrir a forma correta para a resposta à pergunta “Quem fez isso?”. Seria “**Fui eu quem fez**” ou “**Foi eu que fiz**”? Por favor, explique-me qual é a resposta correta; ou quem sabe nenhuma das duas pode ser usada?*

Helena B. – Campinas (SP)

Minha cara Helena, vamos por partes, porque há duas orações na sua frase. Na primeira, não temos escolha: ela será necessariamente “**fui eu**”. O sujeito está claro (**eu**) e o verbo precisa concordar com a 1a pessoa; “***foi eu**” seria erro brabo. Na segunda oração, contudo, temos duas opções: usar **que** ou usar **quem**. Se usarmos **que**, o seu antecedente será o **eu** da oração anterior, e a concordância será “**que fiz**”. Se usarmos **quem**, um pronome de 3a pessoa, a concordância será obrigatoriamente “**quem fez**”. Portanto, você pode escolher entre “fui eu **que fiz**” ou “fui eu **quem fez**” (da mesma forma que “fomos nós **que fizemos**” ou “fomos nós **quem fez**”). A escolha é livre, mas eu recomendo, pessoalmente, a primeira opção, porque está mais de acordo com a fala usual.

a hora da onça beber água

Está na hora **de o sol nascer**, ou está na hora **do sol nascer**? O Professor prefere a segunda e explica por quê.

*Prezado Professor, lendo um artigo sobre a língua japonesa, fiquei em dúvida quanto à correção da frase “falavam seu idioma mil anos antes **dos portugueses aparecerem** por lá”. Nos anos 60, aprendi, com um famoso professor de Português, que era **abominável** a contração da preposição **de** com o artigo antes do sujeito, devendo-se usar, portanto, “antes **de os portugueses** aparecerem”... Gostaria que me esclarecesse se esta regra mudou, ou se se tornou “mais elástica”, como tudo nos dias em que vivemos. Obrigado.*

Luiz B. – Médico – Novo Hamburgo (RS)

Meu caro Luiz, o seu famoso professor não inventou aquela regra; ele seguia a lição proferida por um gramático do século XIX (Grivet), depois difundida pelo respeitado Eduardo Carlos Pereira e, a partir daí, repetida até hoje por muitos autores de livros escolares e de manuais de redação. Infelizmente eles se enganavam; confundiam a velha análise **lógica**, em que foram educados, com a análise **sintática** e **fonológica**. Como o problema já está suficientemente estudado, limito-me a recorrer ao trabalho de duas autoridades muito significativas para mim, Celso Pedro Luft, meu mestre e amigo, e Evanildo Bechara, o atual gramático-chefe do Brasil. Os argumentos e os exemplos são deles; o que não ficar bem claro deve ser debitado à minha falta de jeito.

Podemos dizer que aquela velha regra nasceu de um silogismo que parece inatacável:

(1) As preposições sempre subordinam o termo que vem à sua direita (termo **regido**).

(2) O **sujeito**, assim como o **predicado**, é um dos termos “nobres” da oração e não pode, por isso mesmo, estar subordinado.

(3) Logo, o sujeito jamais poderá vir regido por preposição.

Seguindo esse raciocínio, uma frase como “hoje é dia **dele** voltar para casa” seria inaceitável, porque o sujeito **ele** estaria regido pela preposição **de**; a forma adequada seria “hoje é dia **de ele** voltar para casa”. Tudo parece muito lógico – aliás, era imprescindível que assim fosse, ou a hipótese não teria seduzido tantas boas cabeças brasileiras e portuguesas, como é o caso de Rebelo Gonçalves e de Eduardo Carlos Pereira. Ocorre, no entanto, que eles são gramáticos anteriores até mesmo a Ferdinand de Saussure, considerado o fundador da Linguística Moderna, com o seu ***Cours*** publicado em 1916 (e que só veio a ser lido no Brasil muitos anos depois). Se fossem médicos, seriam, ***mutatis mutandis***, como Hipócrates ou Galeno, exercendo a Medicina antes mesmo de surgir Pasteur.

Acontece que, em “hoje é dia **dele** voltar para casa”, o **de** não está regendo o pronome **ele**, mas sim **toda** a oração infinitiva, da qual o pronome é o sujeito:

Hoje é dia DE + [**ele voltar para casa**]

Tanto Luft quanto Bechara perceberam que o equívoco dos velhos mestres nasceu da confusão entre **sintaxe** e **fonética**. A transformação da frase “a hora **de ele** voltar” em “a hora **dele** voltar” é de ordem **fonética** (é a tradicional **elisão**), mas não afeta o plano da **sintaxe** (não houve a subordinação de **ele** a

dia). Na fala, como já notou Sousa da Silveira, **essa elisão é obrigatória**; na escrita, foi praticada pelos melhores escritores de nosso idioma (não cito os posteriores à Semana de Arte Moderna de 1922 para que não digam que estou sendo tendencioso):

– "São horas DA baronesa dar o seu passeio pela chácara" – Machado de Assis

– "Antes DELE avistar o palácio de Porto Alvo" – Camilo Castelo Branco

– "Sabia-o antes DO caso suceder" – Alexandre Herculano

– "Antes DO sol nascer, já era nascido" – Padre Vieira

– "Depois DO enfermo lhe haver contado" – Bernardes

– "Apesar DAS couves serem uma só das muitas espécies" – Rui Barbosa

Por outro lado, é necessário admitir que também há autores clássicos dos séculos XVII e XVIII que procuram evitar essa combinação da preposição com o artigo ou o pronome, o que não pode ter sido por influência da gramática do Grivet, que é de 1881. Citando Rodrigues Lapa, Evanildo Bechara sugere que aqueles autores estavam valorizando fatores de ordem muito mais estilística do que gramatical, como, em certos casos, o desejo de pôr em relevo a preposição, evitando que ela fique "enfraquecida" pela elisão. Isso ainda vai ser estudado – se é que já não foi. De qualquer forma, recomendo ao amigo o exame do substancioso artigo ***Está na hora da onça (ou de a onça) beber água?***, do professor Bechara, que faz parte da coletânea ***Na Ponta da Língua* – v. 2** (Rio de Janeiro, Lucerna, 2000. p. 176-88). Eu, particularmente, há muito tempo deixei de levar a sério essa regrinha artificial e **sempre** faço a combinação da preposição com o pronome.

adjunto adnominal x predicativo

Você consegue enxergar dois significados diferentes na frase **"Encontrei o cofre vazio"**?

Pois eles estão lá.

Gostaria de um esclarecimento. Como saber a diferença entre o ***adjunto adnominal*** *e o* ***predicativo*** *numa frase como, por exemplo, "****Os alunos acharam a prova difícil****"? Neste caso,* ***difícil*** *é o adjunto adnominal de* ***prova*** *ou é* ***predicativo*** *do* ***objeto direto****? Por favor, como explicar a diferença neste caso e em muitos outros?*

Bethânia S. – Salvador (BA)

Prezada Bethânia, você não pode esquecer que o predicativo, sendo um sintagma independente (coisa que o adjunto não é...), **pode ser deslocado**: "Os alunos acharam **difícil** a prova". Assim fica muito simples. É claro que nem sempre poderemos decidir com base apenas neste teste de deslocabilidade, porque há muitas frases em que a divisão sintática pode ser feita de duas maneiras diversas, o que vai obrigatoriamente gerar ambiguidade (o leitor pode entender a frase de duas maneiras).

É o caso de "a veterinária encontrou o leão ferido", que pode ser lida de duas formas. Na primeira, decompomos a frase assim:

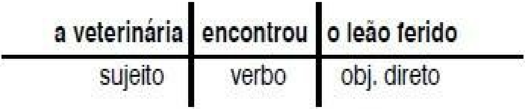

a veterinária	encontrou	o leão ferido
sujeito	verbo	obj. direto

Pelo que se pode entender, a veterinária estava procurando um leão ferido e o encontrou. Aqui, **ferido** é apenas o adjunto adnominal de **leão**. Na segunda, decompomos a frase assim:

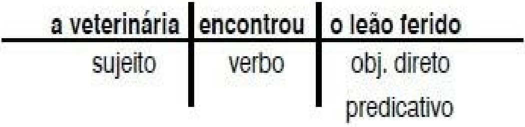

a veterinária	encontrou	o leão ferido
sujeito	verbo	obj. direto predicativo

Aqui, o objeto direto é apenas **leão**; **ferido** é um elemento independente, que funciona como **predicativo**, ou seja, a veterinária encontrou o **leão** e ele **estava ferido**. A primeira versão responde a uma pergunta do tipo "o **que** ela encontrou?" (**o leão ferido** que estava procurando); a segunda, "**como** é que estava o leão quando ela o encontrou?" (**ferido**). É um dos casos mais famosos de ambiguidade em nosso idioma, que já produziu pérolas como "ele deixou aquela prefeitura totalmente corrompida", em que não sabemos se ele era um político honesto que renunciou em vista do grau de corrupção da prefeitura, ou se ele era um desses novos políticos que corrompem os partidos e os governos de que fazem parte.

adjunto adnominal x complemento nominal

> Essa distinção, que parecia ser tão difícil quando eu estava na escola, é mais fácil do que parece.

*Caro Professor, necessito de sua ajuda. No período "A explicação desses assuntos será dada pelo funcionário", o elemento **desses assuntos** é **adjunto adnominal** ou **complemento nominal**? Muito obrigado.*

Pedro Marcelo C. – Uberaba (MG)

Meu caro Pedro, quando tivermos um elemento ligado a substantivo por meio de uma preposição – "a explicação **desses assuntos**" –, a distinção entre o adjunto adnominal e o complemento nominal é automática em três casos bem definidos:

(1) Se o elemento preposicionado estiver ligado a um **substantivo concreto**, só pode ser **adjunto** (casa **de pedra**, lápis **de Antônio**, estante **de livros**).

(2) Se estiver ligado a um **adjetivo** ou **advérbio**, só pode ser **complemento** (capaz **de tudo**, apto **para o serviço**, perto **de casa**).

(3) Se estiver ligado a um **substantivo abstrato** por qualquer preposição que não seja **DE**, só pode ser **complemento** (obediência **às leis**, simpatia **por crianças**, insistência **no detalhe**).

A única situação, portanto, em que se admite dúvida entre **adjunto adnominal** e **complemento nominal** é quando o elemento preposicionado estiver ligado a um **substantivo abstrato** por meio da preposição **DE** – exatamente como na frase que estamos examinando (**a explicação + de + estes assuntos**).

Nesse caso – repito, que é o único em que se admite a dúvida entre o adjunto e o complemento –, temos de lembrar que **explicação** é um substantivo que nominaliza o verbo **explicar**. O princípio é simples: o que era **sujeito** do verbo passa a ser, nas nominalizações, **adjunto adnominal**, enquanto o que era **objeto** passa a ser **complemento nominal**. Podemos afirmar que a sequência "a construção **do engenheiro**" proveio da estrutura subjacente "**o engenheiro** construiu alguma coisa"; como **o engenheiro** era o **sujeito** da estrutura primitiva, agora ele é adjunto adnominal de **construção**. Já a sequência "a construção **do edifício**" proveio de "alguém construiu o edifício"; **o edifício**, que era o **complemento** do verbo **construir**, agora é complemento do substantivo **construção**.

Da mesma forma, se o exemplo que você mandou fosse "a explicação **do funcionário**", **funcionário** seria **adjunto**, porque ele é o **sujeito** da oração subjacente; no entanto, como é "a explicação **desses assuntos**", é óbvio que **desses assuntos** é **complemento** nominal – já que, na oração subjacente, era **complemento** verbal. Ficou claro?

complemento nominal?

> Diferentemente dos adjuntos adnominais, que só podem estar ligados a **substantivos**, os complementos nominais podem ligar-se também a **adjetivos** e a **advérbios**.

Prezado Professor, tudo bem? Na frase "Virgínia, moradora ***na Rua das Acácias,*** *foi assassinada quando saía de casa", a expressão sublinhada é* ***complemento***

nominal *ou* ***adjunto adnominal****? Aprendi que os complementos nominais completam apenas o sentido de substantivos abstratos – o que não é o caso de* ***moradora****, que me parece ser um* ***substantivo concreto****.*

Fernando Bueno

Prezado Fernando, houve aqui uma pequena confusão. Quando as gramáticas dizem que o complemento nominal completa apenas **substantivos abstratos**, elas estão informando, implicitamente, que ele não pode se ligar aos **substantivos concretos**. Isso apenas define o problema quanto aos **substantivos**.

No entanto, o complemento vai mais adiante: pode ligar-se também a **adjetivos** (temente **a Deus**, obediente **à lei**, apto **para o serviço**) ou a **advérbios** (perto **da minha casa**). Na frase que você menciona, **moradora** é um adjetivo derivado do verbo **morar**, que exige um tipo de complemento que o prof. Luft chama de **complemento adverbial** (mora **na floresta**, vive **no mundo da lua**, etc.). Pela transformação clássica, os **complementos verbais** sempre se transformam em **complementos nominais** – o que nos autoriza a dizer que **na Rua das Acácias** é complemento, e não adjunto.

Entendo por que você classificou **moradora** como substantivo: houve aqui aquela substantivação habitual que os adjetivos ligados a seres humanos podem sofrer. Por exemplo, o adjetivo **bebedor** em "Fulano de tal, **bebedor de cerveja**" pode aparecer substantivado em "**os bebedores de cerveja** fazem muito barulho", mas isso não altera o fato de que **de cerveja** é um complemento nominal de **bebedor**. Foi o que ocorreu nesta frase que estamos analisando.

Finalmente, em "Virgínia, **moradora na Rua das Acácias**", quero chamar sua atenção para um detalhe valioso que não posso deixar de mencionar: a presença da preposição **em**. Nunca esqueça, amigo: a hesitação entre **adjunto adnominal** e **complemento nominal** só existe quando tivermos um sintagma preposicionado com a preposição **de**, e só com ela; quando você enxergar qualquer outra preposição que não seja esta, pode ter certeza de que está diante de um complemento.

complemento adverbial?

> Conheça o **complemento adverbial**, uma cruza de **objeto indireto** com **adjunto adverbial.**

Professor, qual seria a classificação sintática do elemento ***no Brasil*** *na frase "Morar* ***no Brasil*** *é bom"? A meu ver, embora o termo indique o local em que se dá a ação, não pode ser considerado como* ***adjunto adverbial****, uma vez que o verbo* ***morar*** *parece exigir um* ***objeto indireto*** *(quem* ***mora****,* ***mora*** *em algum lugar), não descartável, como seria o adjunto.*

Sílvia J. – Colatina (ES)

Minha prezada Sílvia, **no Brasil**, na frase "Morar no Brasil é bom", pode ter três classificações sintáticas, dependendo de como a enquadrarmos:

(1) **adjunto adverbial** – como você mesma percebeu, **no Brasil** indica o lugar em que ocorre a ação, o que nos levaria a classificá-lo como adjunto adverbial. Um detalhe, porém, despertou (acertadamente) sua suspeita de que esta não seria uma boa classificação: os adjuntos são elementos **acessórios**, que podem ser eliminados da frase sem que o verbo sofra com isso. Aqui, no entanto, **no Brasil** parece ser indispensável para completar o sentido do verbo **morar**, que não pode ser considerado intransitivo – o que nos leva à segunda hipótese:

(2) **objeto indireto** – é o complemento preposicionado que integra o sentido de um verbo transitivo indireto. Como "quem **mora**, **mora** em algum lugar", poderíamos ver em **no Brasil** um objeto indireto. No entanto, eu e você sabemos que os objetos indiretos não costumam indicar circunstâncias de **tempo**, **lugar** ou **modo**, função atribuída aos adjuntos adverbiais – o que nos leva à terceira hipótese:

(3) **complemento adverbial** – agora, **no Brasil** seria o **complemento adverbial** do verbo **morar**. O complemento adverbial é uma classificação que ficou fora da **Nomenclatura Gramatical Brasileira**. O complemento adverbial serve exatamente para esses sintagmas que, ao mesmo tempo, exprimem **circunstâncias** (como fazem os adjuntos adverbiais), mas **completam** verbos de significação transitiva (como fazem os objetos). É o mesmo caso de "Vivo **na roça**" ou "Vou **à faculdade**", por exemplo. Poucos autores trabalham com esta classificação nas gramáticas escolares; meu grande mestre, Celso Pedro Luft, incluiu-o em sua ***Moderna Gramática Brasileira*** (Ed. Globo), mas ele mesmo

adverte que se trata de uma obra para estudiosos de Letras e para professores. Seguindo sua orientação, incluí os complementos adverbiais na descrição sintática que fiz em meu ***Curso Básico de Redação*** (editado pela Ática), mas foi recebido com resistência pela maioria dos professores, que têm receio de afastar-se da já vetusta NGB.

Não fique assustada, minha cara Sílvia, com a variedade de análises; escolha a que mais lhe aprouver, porque já vi todas as três ser defendidas. Estudar algo em profundidade, você sabe muito bem, é escolher, entre as várias hipóteses viáveis, a que nos parece mais sólida.

Curtas

verbos e nomes transitivos

Luís Gustavo V., do Rio de Janeiro, está cismado com uma questão de concurso que, nas expressões “aluguel **de filmes**” e “locadoras **de vídeos**”, analisa os termos em destaque como “complementos de verbos anteriores”. Inconformado com o gabarito, o leitor pergunta: “**Aluguel** é verbo? **Locadoras** é verbo?”.

Meu caro Luís Gustavo, **de filmes** e **de vídeos**, nesses dois exemplos, são **complementos nominais**, oriundos da transformação do complemento verbal (objetos diretos) do verbo **alugar** e do verbo **locar**, respectivamente. “Alugar **o filme**” (compl. verbal) transforma-se em “aluguel **do filme**” (compl. nominal). É por essa razão que dizemos que é a nominalização dos **verbos transitivos** que produz esses **nomes transitivos**, que por isso mesmo necessitam de complemento. Só um detalhe: o componente da banca que elaborou essa questão aí deve ter feito uma boa faculdade de Letras, porque a maioria dos professores não conhece essa consequência da nominalização do verbo.

complemento nominal

Cecília, leitora de Petrópolis (RJ), não sabe como responder a uma questão de concurso que pergunta qual o termo que exerce **função diferente** dos demais: a) venda **de seus produtos**; b) dever **de alertar**; c) sugestão **de amigos**; d) fascinação **pelo mundo**; e) fazer inveja **à indústria**. “Todos parecem ser complementos nominais, Professor!”

Prezada Cecília, na questão acima, a resposta é claramente (c): a “sugestão **de amigos**” é a sugestão **que os amigos fazem** (ou fizeram); portanto, **de amigos** é um adjunto adnominal (correspondendo, na frase antes da transformação, ao **sujeito**). Compare com “recebi uma **sugestão de restaurante**” – agora sim, **de restaurante** é complemento nominal (correspondendo, na frase originária, ao **complemento** do verbo: “sugeriram um restaurante”).

sujeito elíptico

O leitor Francisco procurou no ***Aurélio*** a palavra **elíptico**, mas a simples definição do vocábulo não esclareceu o que é um **sujeito elíptico**.

Prezado Francisco, esse é apenas o nome moderno do velho **sujeito oculto**. Na frase “**Cheguei tarde**”, o sujeito é **eu**, elíptico, isto é, está em **elipse**. Isso significa que foi suprimido da frase, mas pode ser facilmente recuperado por quem vier a lê-la.

sujeito indeterminado

Um leitor anônimo quer saber se o sujeito da frase “Chegaram cansados da viagem” é **oculto** ou **indeterminado**.

Meu caro Anônimo, quando o verbo está na 3a do plural, é necessário examinar o contexto em que a frase se insere. Se houver referência anterior a seres determinados, dizemos que o sujeito é **elíptico** (não se usa mais a denominação **oculto** há trinta anos...): “Ontem surpreendi dois garotos brincando no meu jardim. **Deixaram** a torneira aberta” – o sujeito é **eles**, elíptico. Se, no entanto, estivermos apenas falando de um fato ocorrido, sem qualquer referência específica a um sujeito anterior, dizemos que o sujeito é **indeterminado**: “**Deixaram** a torneira aberta, e a água inundou a garagem”.

sujeito oculto ou simples?

Gabriel M., leitor de Juiz de Fora (MG), aprendeu no cursinho que a denominação **sujeito oculto** não é mais utilizada e que tudo que antigamente era classificado como tal atualmente passa a ser **sujeito simples** – com o que não concorda a professora de sua escola. Afinal, qual é a informação correta?

Caro Gabriel, pelo que vejo, você está dividido entre duas opiniões igualmente equivocadas (ou, quem sabe, a confusão foi sua, mesmo?): o sujeito pode ser **simples** ou **composto** – e ponto! **Simples**, se tem **um só núcleo**, e composto, se tem **mais de um** (exigindo, naturalmente, o verbo no plural). Agora, quanto à sua manifestação concreta, ele pode estar **expresso** (aparece escrito na frase) ou **elíptico** (este é o que antigamente se denominava de **oculto** ou **expresso pela terminação verbal**). Na frase “**Chegamos** tarde à festa”, o sujeito é **simples** (“nós”) e está **elíptico**. Minha avó diria que ele está **oculto**.

eram seis galinhas

Silvana, de Ji-Paraná (RO), gostaria de saber qual é o sujeito em "**Eram seis galinhas**" e como classificá-lo.

Minha cara Silvana, o sujeito é **seis galinhas**. Basta ver como o número do verbo (singular ou plural) varia de **Era uma galinha** para **eram seis galinhas**. Em frases como essa, o verbo **ser** é **intransitivo**, e não **verbo de ligação**.

objetos diretos preposicionados

Felipe L., João Pessoa (PB), pergunta: "Em **Comi do pão e bebi do vinho,** temos um caso clássico de **objeto direto preposicionado**; como distinguir entre casos assim e simples erros de regência?".

Prezado Felipe, os objetos diretos preposicionados são pouco ou quase nada usados, até por sua própria estranheza: **puxar da espada**, **pegar da pena**, etc. A escola tende a exagerar sua importância, transformando-o numa espécie de bicho-papão para assombrar os alunos, que ficam inseguros ao saber que os limites entre os objetos diretos e indiretos não são tão precisos como eles imaginavam. Os dois exemplos que você deu são correspondentes a um antigo caso **partitivo**, que o Português teria conhecido na sua origem e que o Francês até hoje utiliza (***manger du pain***, ***boire du vin***). Você pode ver que ele não pode ser usado se, em vez de uma **parte**, o verbo indicar a totalidade: se eu disser que **ele comeu o pão** e **bebeu o vinho**, não sobrou nadinha.

2. Sintaxe dos pronomes pessoais

Você provavelmente deve lembrar que os **pronomes pessoais** do Português se dividem em **retos** e **oblíquos**; se você teve um bom professor, vai lembrar também que os **retos** servem para representar o **sujeito**, e os **oblíquos** servem para representar os **objetos** – mas duvido que você conheça a razão de usarmos aqui esses dois adjetivos, "retos" e "oblíquos", muito mais familiares à Geometria que à Gramática.

Para entender essa denominação, precisamos voltar um pouco na História, remontando ao Latim, a língua-mãe do Português. Quem teve contato com esse idioma deve, com toda a certeza, guardar alguma lembrança das **terminações que indicam os casos**, um de seus traços mais característicos (e assustadores, para os alunos): enquanto o substantivo de nossa língua ostenta, no final, marcas que especificam o **gênero** e o **número** (alun**o**, alun**a**, alun**os**, alun**as**), o substantivo latino traz marcas que identificam a função sintática que ele está desempenhando numa determinada frase. Simplificando – só para fins de explicação; não me venha algum boi-corneta acusar de estar maltratando o Latim – simplificando, repito, digamos que o Português tivesse a forma **cantor** para sujeito ou vocativo, **cantorum** para objeto direto, **cantori** para objeto indireto e **cantoro** para adjunto adverbial. Ora, estando as funções sintáticas identificadas por essas terminações, a ordem em que as palavras se sucedem não vai interferir na compreensão do conteúdo. Seguindo o nosso exemplo: se eu usar **cantorum** no início ou no fim, antes ou depois do verbo, meu leitor saberá que este vocábulo, naquela frase, é um **objeto direto**.

O mesmo não ocorre no Português – como, aliás, na maioria das línguas modernas. Nossa frase segue o padrão **S–V–O** (Sujeito-Verbo-Objeto), enquanto o Latim, devido às terminações de casos, admite qualquer combinação possível (S-O-V, O-S-V, V-S-O, V-O-S). Para avaliar o que isso significa na prática, tomemos, como exemplo, a frase "O professor contratou o cantor". No Português, qualquer alteração na ordem dos elementos ("O professor o cantor contratou", "Contratou o professor o cantor", etc.) vai gerar **ambiguidades**, sendo necessário, para manter o sentido original, o emprego daquela preposição "postiça" que todos nós conhecemos: "Ao cantor o professor contratou", "Contratou o professor ao cantor". No Latim, no entanto, supondo que a frase fosse "O **professor** contratou o **cantorum**" (lembro, mais uma vez, que estamos usando um Latim de mentirinha, para tornar mais clara a explicação), a ordem não faria diferença para o leitor: tanto em "O **cantorum** o professor contratou", ou em "Contratou o professor o **cantorum**", ou até mesmo em "O **cantorum**

contratou o professor", saberíamos que o sujeito da frase é **o professor** e que o objeto direto é **o cantorum**. Em outras palavras, a sintaxe da frase transparece na morfologia das palavras.

Foi isso, sem dúvida, que permitiu que os escritores latinos, principalmente na poesia, alterassem a ordem da frase a seu bel-prazer, a fim de alcançar os efeitos sonoros (métrica, cadência, etc.) pretendidos. Essa é a maior dificuldade para quem lê ***Os Lusíadas***, do nosso Camões. Como esta é uma epopeia renascentista, baseada, como tantas outras da mesma época, no modelo épico de Roma – mais precisamente, ***A Eneida***, de Virgílio –, o autor submeteu a sintaxe do Português às inversões que eram corriqueiras no Latim, o que tornou seu texto praticamente incompreensível sem um pesado aparato de notas explicativas. Se alguém achar que exagero, lembro as duas primeiras estrofes do poema:

As armas e os Barões assinalados
Que da Ocidental praia Lusitana
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando,
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da Morte libertando,
Cantando ESPALHAREI por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

Note o leitor que os quatorze primeiros versos são apenas o **objeto direto** do verbo da oração principal – **espalharei** –, que só vai aparecer no penúltimo verso da segunda oitava! É essa complexidade sintática que afasta nossos alunos do poema do grande gênio da nossa língua; felizmente a sua vasta e maravilhosa poesia lírica constitui, para o jovem, uma estrada mais amena para ingressar na sua obra.

Temos, portanto, que os substantivos latinos apresentavam variações na sua terminação que serviam para assinalar as relações que estes termos mantinham com os demais vocábulos das frase, especialmente o **verbo**. Friso que não existe

uma equivalência exata entre os casos latinos e as funções sintáticas que usamos na análise do Português, mas, para dar uma ideia aproximada, digamos que o **nominativo** correspondia ao nosso **sujeito**, o **genitivo** ao **adjunto adnominal**, o **dativo** ao **objeto indireto**, o **acusativo** ao **objeto direto** e o **ablativo** ao **adjunto adverbial**. Numa frase como

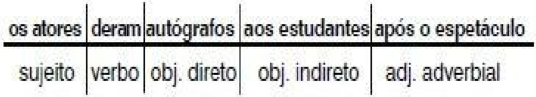

os atores	deram	autógrafos	aos estudantes	após o espetáculo
sujeito	verbo	obj. direto	obj. indireto	adj. adverbial

imagine que o **sujeito**, o termo mais próximo do verbo, corresponde a uma **linha vertical**, perpendicular ao plano. A partir daí, os demais elementos serão vistos como progressivas quedas desta linha em direção ao plano. Os bons professores explicavam isso colocando um lápis na vertical, formando um ângulo de 90° com a mesa: esse é o **sujeito**. Inclinando o lápis 25°, temos o **obj. direto**; mais outro tanto, temos o **obj. indireto**; por último, no fim da frase, temos o **adjunto adverbial**, o elemento mais distante. Partindo, portanto, da posição considerada normal, em **ângulo reto**, cada caso representava uma **queda** dessa linha – e por isso a gramática latina escolheu o termo ***casus***, que vem de ***cadere*** ("cair"). A enumeração das várias formas de um vocábulo, em todos os seus casos, era chamada de ***declinatio*** ("declinação"), que os latinos foram buscar nos gramáticos gregos, que usavam, para descrever o mesmo fenômeno, o termo ***klinein*** ("inclinar-se"). Tudo, portanto, joga com essa diferença entre o lápis **ereto** e o lápis **progressivamente inclinado**: o **sujeito** é o **caso reto**, e todos os demais são os **casos oblíquos**.

Embora a estrutura de nosso idioma seja diferente da estrutura do Latim, as primeiras gramáticas do Português mantiveram essa denominação de **casos**, especialmente com relação aos pronomes. Por isso falamos, até hoje, em **pronomes pessoais retos** e **oblíquos**, quando muito melhor seria chamá-los de **pronomes pessoais sujeito** e **pronomes pessoais não-sujeito** (os demais casos). Isso ajudaria muito o nosso aluno a compreender por que a 1a pessoa do singular, por exemplo, tem três formas – **eu**, **me** e **mim** – e por que devemos escolher a forma adequada para representar determinada função sintática.

colocação do pronome

Ao contrário do que a maioria das gramáticas afirma, o brasileiro sempre prefere colocar o pronome oblíquo **antes** do verbo.

Professor, uma de minhas dúvidas mais frequentes é sobre a posição do pronome: quando usar antes e quando usar depois do verbo? Por exemplo, vejo que o senhor escreveu “uma vida toda como professor de Português me deu...”, enquanto eu escreveria deu-me. Por favor, explique-me (ou me explique) o mistério desse tipo de construção.

Viviane – Bibliotecária – Cuiabá (MT)

Prezada Viviane, em princípio, usamos (no Português Brasileiro) **sempre** o pronome oblíquo **antes** do verbo (próclise), a não ser nos casos em que o verbo inicie a frase (o que deixaria, é óbvio, o pronome na cabeça da frase). Por isso, você deve preferir “o livro **se encontra**”, “todos **me esperavam**, “eu **me confundo**” – e assim por diante. Tome cuidado, no entanto, com um detalhe importantíssimo: a maioria das regras de colocação do pronome que vamos encontrar nas gramáticas veio de **Portugal**, país em que nossa língua tem uma pronúncia diversa da que se desenvolveu aqui no Brasil. Bem fez a editora Nova Fronteira, que encomendou a ***Nova Gramática do Português Contemporâneo*** a um brasileiro (Celso Cunha) e a um português (Lindley Cintra), a quatro mãos. Não é por nada que, no capítulo sobre a colocação do pronome, eles façam recomendações substancialmente diferentes.

a colocação “brasileira” do pronome

Professor Moreno, fiquei espantado com a sua afirmação de que nós, no Brasil, sempre preferiríamos usar o pronome oblíquo ***antes*** *do verbo. Na verdade, fiquei mesmo é confuso, pois eu tinha aprendido que a posição normal dos pronomes* *oblíquos átonos é* ***depois*** *do verbo (****ênclise****); a próclise só seria usada quando justificada por vários (o senhor bem os conhece) motivos. Além disso, também sabia que não existe* ***língua brasileira****; na verdade, a "nossa" língua é apenas uma variação da língua portuguesa, sem no entanto haver diferenças nas regras. E agora?*

Paulo César – Fortaleza (CE)

Meu caro Paulo César, confusas estão as nossas pobres gramáticas, que, com honrosas exceções, reproduzem ingenuamente as regras de colocação usadas em Portugal. Você tem razão em dizer que todos os países lusófonos utilizam o Português, mas temos de distinguir, para fins de estudo sério, o **PE** (Português Europeu), o **PB** (Português Brasileiro) e o **PA** (Português Africano) – da mesma forma que se faz com o Inglês (britânico, americano, australiano, etc.).

A colocação do pronome oblíquo átono é uma das claras diferenças entre Brasil e Portugal: enquanto os **portugueses** vivem usando a **ênclise** (para eles, os casos de próclise precisam ser motivados objetivamente), os **brasileiros** só usam a **próclise**, até mesmo no início da frase – o que exige aquela regrinha indispensável para quem ensina escrita culta: "não se inicia frase com pronome oblíquo" – isso para nós, é claro, simples mortais, porque os escritores já o fazem desde a Semana de Arte Moderna de 22. Você jamais vai ouvir (e a fala precede a escrita, não se esqueça...) um brasileiro correr atrás de sua amada dizendo "**Espera-me**! **Ouve-me**! **Amo-te**!". Essa diferença entre nós e nossos irmãos lusitanos, neste caso específico, é devida exclusivamente à realização fonológica do pronome; em Portugal, diferentemente daqui, a vogal final se reduz tanto que o pronome praticamente se limita à consoante. O **te** de **devo-te** é realizado como um **/t'/** – o que nos permite entender por que a preferência lusa recai em /**devot'**/, e não, como no Brasil, /**tidevo**/.

Exatamente por essa diferença prosódica, nós, brasileiros, preferimos a **próclise** em qualquer situação; só não a utilizamos no início da frase porque há uma regra que o proíbe expressamente (regra que não é observada na fala, em que só se ouve "**te vi**, **me encontra**, **nos viram**, **me pegaram**")*.

Se você for, como parece, um interessado em gramáticas, vai ver que elas apresentam uma fantástica teoria para os casos de próclise, detalhando "regras" e mais "regras" para o seu emprego. Havia alguns birutas que falavam até na "**atração**" que algumas palavras exerceriam sobre os pronomes! Eu próprio, pequenino, lembro de perguntar à professora se tal palavra atraía ou não o pronome, e ela respondia que sim ou que não, compenetrada, honestamente acreditando naquela baboseira! Ora, se você somar todos os "casos que exigem

próclise", como se diz por aí (em frase negativa, em frase interrogativa, em orações subordinadas, com o sujeito expresso, etc., etc.), vai ver que não sobra nada – exceto aquela já referida estrutura em que a frase inicia pelo verbo – "**devo-te**", "**espera-me**". E, ainda assim, insistem em afirmar que a posição **normal** do pronome é a **ênclise**? Dá para enxergar o equívoco? Eles não perceberam que trocamos de hemisfério e que, consequentemente, certas verdades precisam ser adaptadas. A água que escoa no ralo da banheira, em Portugal, gira para a esquerda; a nossa, gira no sentido do relógio. Um livro de Física, para ser utilizado aqui e lá, precisaria fazer essa indispensável adaptação. Uma gramática também.

* Aqui, em notinha reservada: é daí que vem o **mifo**, **sifo**, **nusfo** (que pronunciamos /mífu/, /sífu/, /núsfu/ e que todos sabemos muito bem o que querem dizer...).

mesóclise?

O Professor explica como se formou o futuro no Português e por que a famigerada **mesóclise** não passa de uma ilusão de óptica.

*Prezado Professor, estou estudando para um concurso muito importante na minha carreira e empaquei no problema da **mesóclise**. Eu tinha aprendido que sempre se usa mesóclise com o futuro, mas não me parece mal escrever "Amanhã **lhe devolverei** o documento". Pode ser assim mesmo, ou "Amanhã **devolver-lhe-ei** o documento" fica melhor?*

Marcelino D. – São Paulo (SP)

Meu caro Marcelino, esta é uma pergunta que não pode ser respondida de bate-pronto; a colocação dos pronomes, que deveria ser simples e instintiva, foi prejudicada por uma série de mal-entendidos que fizeram carreira por aí e que preciso desfazer antes de começar minha explicação.

Os pronomes oblíquos átonos – **me**, **te**, **o**, **se**, **lhe**, **nos**, etc. – não são vocábulos **independentes**. Eles só podem ser usados **junto ao verbo** (ou imediatamente **antes**, ou imediatamente **depois**). Se ele estiver **antes**, dizemos que está em **próclise**; se estiver **depois**, dizemos que está em **ênclise**. Um grande

problema para quem escreve é decidir corretamente quando usar a **próclise** ou quando usar a **ênclise** (vamos deixar a **mesóclise** para depois).

Quando falamos, eu e você colocamos com naturalidade o pronome na frase. Quando escrevemos, contudo, devemos obedecer a certas regras tradicionais que contrariam, muitas vezes, nossa fala espontânea. Este é o caso, principalmente, do emprego de pronome **no início de frase**: apesar de ser esta uma posição normal no Português do Brasil, é ainda condenada pelos gramáticos tradicionais, que tomam por base antigos preceitos dos autores portugueses. Mário de Andrade usa, Drummond usa, Paulo Francis usa, Vinícius usa – mas se você quiser usar, meu caro Marcelino, é bom avaliar bem o contexto e o ambiente. Em provas de concurso, em documentos jurídicos, etc., evite, para não criar polêmica. Para ser feliz, siga o **princípio de ouro**: use a próclise **sempre**; você só vai usar a **ênclise** quando a frase começar pelo **verbo**. Neste caso, não haveria outra escolha, pois você não pode iniciar a frase pelo pronome: "**Entrega-**me a pistola", "**Devo-**lhe a vida", e não "*Me entrega a pistola", "*Lhe devo a vida".

Não esqueci, Marcelino, que sua pergunta foi sobre a **mesóclise**, e a ela vamos dedicar nossa atenção, agora que ficou mais claro o uso da **próclise** e da **ênclise.** Como você mesmo afirmou, a ocorrência deste fenômeno estaria ligada ao **futuro do presente** – e já vamos ver por quê. Estudos atualizados mostram que este tempo funciona, na verdade, como uma **locução verbal disfarçada**. Como herança do Latim tardio, que substituiu a forma única do futuro por uma locução (***amare habeo***), nosso futuro, que à primeira vista parece ser uma forma **una**, na verdade é uma **locução invertida**, com o auxiliar **haver** deslocado para a direita:

eu **hei de comprar > comprar hei**
tu **hás de comprar > comprar hás**
ele **há de comprar > comprar há**

Como nosso sistema ortográfico não admite o "**H**" interno, vamos suprimi-lo e pimba! Lá estão nossos conhecidos **comprarei**, **comprarás**, **comprará**! O que parecia ser uma forma verbal simples é, na verdade, uma **forma composta** (comprar+ei, comprar+ás, comprar+á). Desse modo, uma forma como **compraremos** deve ser encarada como um **vocábulo composto**, do tipo de **girassol**, **passatempo**, etc.; a partir de agora, sempre que você vir um verbo no futuro, poderá enxergar os **dois verbos** que ali estão combinados.

Na frase **nós o encontraremos amanhã**, o pronome **O** está na **posição**

normal, que é, como vimos, a **próclise**. Se retirássemos o **nós** da frase, contudo, ele já não mais poderia ficar ali, porque estaríamos rompendo o princípio básico: **não se inicia frase com pronome oblíquo** – o que nos leva à outra opção possível, que é a **ênclise**. No entanto, acabamos de ver que **encontraremos** é um **conjunto de verbos**: **encontrar+(h)emos**. Para colocar o pronome em **ênclise**, vamos ter de executar alguns passos ordenados:

1º passo – afastar o verbo auxiliar: **encontrar** [**emos];**
2º passo – colocar o pronome em ênclise ao **encontrar**: **encontrá-lo**;
3º passo – recolocar o verbo auxiliar: **encontrá-lo-emos**.

Neste momento, ao ver uma forma como **encontrá-lo-emos**, os nativos costumam se jogar de joelhos ao chão, exclamando, com respeito quase sagrado: “Mesóclise, mesóclise!”. Não é, não, como você agora sabe: é apenas a ênclise ao futuro. Como a gramática tradicional acreditava que o pronome, neste caso, estava no **meio do verbo** (na verdade, ele está **entre dois verbos**), batizou o fenômeno de **mesóclise** (onde **meso** = meio). Na frase que você menciona, “Amanhã **lhe devolverei** o documento”, o pronome está corretamente colocado em próclise, como deve ser em qualquer frase normal do Português Brasileiro. Se, no entanto, deslocarmos o advérbio **amanhã** para depois de **documento**, a frase deveria ser reescrita, ficando “**Devolver-lhe-**ei o documento amanhã”. Antes estava em **próclise** ao verbo **devolver**; agora está em **ênclise** ao mesmo verbo **devolver**. Você pode continuar chamando isso de **mesóclise**, se quiser, mas agora sabe realmente do que se trata.

pronome solto entre dois verbos

> As regras de colocação do pronome não passam de uma invenção reacionária de alguns gramáticos brasileiros.

*Prezado Professor, faço correção de textos e gostaria de receber resposta sobre a seguinte questão: é necessário empregar o hífen em “**tendo-se tornado** um líder”, ou posso escrever “**tendo se tornado**”, sem o hífen?*

Maria Madalena – Belém (PA)

Minha cara Maria, a sua dúvida bate exatamente em cima de um dos pontos que distinguem o **PB** (Português Brasileiro) do **PE** (Português Europeu). Nossos gramáticos mais reacionários exigem o hífen em frases como essa; dizem que o pronome oblíquo não pode ficar **solto** entre os dois verbos da locução, mas deve estar em **ênclise** ao primeiro verbo. Segundo a óptica deles, deveríamos escrever **pode-se ver** (e não **pode se ver**), **vou-te contar** (e não **vou te contar**).

É incrível, no entanto, a miopia desses "entendidos": eles simplesmente não percebem que esse preceito tem clara origem em Portugal, onde a pronúncia (e consequente colocação) dos oblíquos é completamente diversa da nossa, que usamos **vou te dizer**, **quero te avisar**, **estou te chamando**, **tinhas me avisado**. Na sua cegueira, chegam ao cúmulo de **acusar** (!) de "brasileira" essa colocação do pronome entre os dois verbos da locução, esquecendo-se, talvez, do país em que ganham seu pão... No fundo, o que eles estão dizendo nas nossas barbas é uma verdadeira pérola: "Onde é que se viu escrever como brasileiro fala? Escreve-se é como fala o português".

Todavia, como o Brasil também tem seus bons cérebros, toda essa bobagem de colocação do pronome vem sendo contestada pelos melhores autores do século XX, entre eles gigantes como Said Ali e Antenor Nascentes. É de autoria deste último, aliás, o belo trecho sempre citado por meu mestre Celso Pedro Luft:

"O caso da colocação dos pronomes pessoais oblíquos é invenção dos gramáticos brasileiros. Em todas as línguas os pronomes têm sua colocação natural, que se aprende desde o berço; ninguém precisa na escola fazer aprendizagem especial de colocação de pronomes.

Foi isto o que claramente enunciou Silva Ramos ao dizer que não sabia como se colocavam os pronomes, 'pela razão muito natural de que não sou eu quem os coloca; eles é que se colocam por si mesmos, e onde caem, aí ficam'(*Pela vida fora*, p. 119).

Todas as colocações, menos aquelas que aberrarem do bom senso, tornando a frase ininteligível, são pois aceitáveis.

Esta questão começou na segunda metade do século XIX. Havendo críticos portugueses estranhado colocações nossas, diferentes das suas, alguns escritores nossos, para fugir a censuras, começaram a pugnar pela colocação à moda portuguesa, considerando errada a colocação natural dos brasileiros. Chegou-se a escrever sobre o assunto um livro de centenas de páginas!" (Antenor Nascentes – **O Idioma Nacional na Escola Secundária** –1936).

No entanto, Maria, como você faz correção de textos, forçosamente algumas das pessoas que vão examinar seu trabalho foram formadas pelas delirantes "regras de colocação do pronome", sem nunca ter lido esta página, ou Antenor Nascentes, ou Said Ali, ou Celso Pedro Luft. Recomendo-lhe, portanto, cautela e caldo de galinha. Se você usar "**tendo se tornado**" (que eu prefiro),

estará sujeita a enfrentar a censura de quem sabe menos do que você, mas de cuja avaliação depende o seu sucesso; por isso, tape o nariz e use "**tendo-se tornado**". Eu próprio, quando não quero me incomodar (olha só: "quero **me** incomodar"), capitulo e recorro a uma das duas posições "aceitáveis" do pronome: "**quero incomodar-me**" (a menos antipática) ou a esquisita "**quero-me incomodar**". Contudo, noto, com orgulho, que essa covardia tem sido cada vez menos frequente no que escrevo.

mesmo

Evite esse mau hábito, tão feio quanto pôr o dedo no nariz.

Prezado Professor, é comum, nos prédios de São Paulo, depararmos com uma placa nos elevadores com a seguinte inscrição: "Antes de entrar no elevador, verifique se o ***mesmo*** *encontra-se parado neste andar". Está correto o uso da palavra* ***mesmo*** *como substituto do termo "elevador", uma vez que se trata de redação oficial de órgão legislativo?*

Cláudia W. – São Paulo (SP)

Prezada Cláudia, errado não está, mas concordo com você: é um Português pedestre. Dos muitos recursos que nosso idioma oferece para a **anáfora** (referência a algo que já foi mencionado anteriormente – no caso, o **elevador**), esse emprego do **mesmo** é talvez o mais pobre e mais confuso. Por que não escrever, em bom vernáculo, "Antes de entrar no elevador, verifique se **ele** se encontra parado neste andar"? Será que o ouvido da sumidade que redigiu esse texto estranhou a sequência **se ele se**? Nessa hipótese, nosso legislador teria um ouvido mais sensível (não parece ser o caso...) que o de Machado de Assis e de Eça de Queirós: "A mãe, **se ele se** demorar muito" (***Memorial de Aires***); "Não sei **se ele se** terá lembrado e cumprido a promessa que me fez" (***Helena***); "afiançaram-lhe todo o apoio de gente, de dinheiro e influência na corte, **se ele se** pusesse à testa de outro movimento" (***O Alienista***); "Pergunte-lhe **se ele se** confessa há seis anos, e peça-lhe os bilhetes da confissão!" (***O Crime do Padre Amaro***); etc. Para evitar o que não deveria ter evitado, terminou jogando aquele

"mesmo" sobre os indefesos usuários dos elevadores.

O velho Napoleão Mendes de Almeida, às vezes tão sábio, às vezes tão equivocado, tem verdadeira ojeriza a esta forma, que combate com fina ironia, ao propor que se troque por **mesma** o pronome pessoal **ela** na primeira estrofe do famoso soneto de Camões sobre Jacó e Raquel, que ficaria assim:

Sete anos de pastor Jacó servia
Labão, pai de Raquel serrana bela,
Mas não servia ao pai, servia à **mesma**,
Que a **mesma** só por prêmio pretendia.

Que tal?

o eu pode vir primeiro?

> Quando faço parte de uma relação, está correto colocar o **eu** em primeiro lugar? "**Eu**, Fulano e Beltrano" ou "Fulano, Beltrano e **Eu**"?

*Prezado Professor, conversando com amigos, fiz a seguinte afirmação: "**Eu**, Fulano e Beltrano comemoramos aniversário no mesmo dia". Fui corrigido, com a afirmação de que deveria colocar o **eu** no **final** da oração ("Fulano, Beltrano e **eu**"). Existe uma ordem correta?*

F. Malaco – Santos (SP)

Meu caro Malaco: aqui não existe **certo** ou **errado**. O que temos é uma **convenção** de educação (tipo aquela de deixar os mais velhos entrarem primeiro, ou a de oferecer o lugar no ônibus às damas): quando falamos de alguma coisa **ruim**, colocamos educadamente o **eu** antes do resto ("**Eu**, Fulano e Beltrano fomos considerados culpados pela invasão da Reitoria"); quando falamos de alguma coisa **boa**, é de bom-tom deixar o **eu** para o fim ("Fulano, Beltrano e **eu** fomos premiados no concurso"). São regras de **urbanidade**, não regras gramaticais, que vão ser seguidas por aqueles que quiserem ser polidos. O exemplo que você menciona é particularmente neutro (não é do bem, nem do mal); nesse caso, você pode usar como quiser, e não tinham razão aqueles que chamaram sua atenção.

emprego do lhe

Por que certos verbos não aceitam o pronome **lhe** como objeto indireto? O Professor explica que **não** são exceções.

Caro Professor, minha dúvida é a respeito do uso do pronome oblíquo ***lhe*** *com determinados verbos. Consultei várias gramáticas e todas afirmam que os verbos* ***assistir, visar*** *e* ***aspirar****, quando transitivos indiretos, não aceitam o pronome oblíquo* ***lhe****, mas sim os complementos* ***a ele, a ela, a eles, a elas****. Sinceramente não compreendo o motivo de tal regra, já que com a maioria dos verbos transitivos indiretos se usa normalmente o pronome* ***lhe****. Gostaria de esclarecimentos a esse respeito. Desde já, agradeço.*

Marcelo Esteves M. – São Paulo (SP)

Meu caro Marcelo, acontece que você acaba de esbarrar em mais um daqueles recifes em que os gramáticos tradicionais costumam naufragar: eles apenas relacionam os **fatos** (o pronome **lhe** não pode ser usado com os verbos **assistir**, **visar** e **aspirar** – o que é verdade) sem explicar **por que** é assim. Essa deficiência dos gramáticos que se formaram antes dos anos 60 é a maior responsável pela opinião, infelizmente generalizada, de que o Português é uma língua complicada, "cheia de regrinhas", "repleta de exceções". Eles até hoje dominam o mundo editorial (principalmente dos livros didáticos), e o nosso pobre país sofre com isso.

No entanto, a explicação é simplíssima: o **lhe** (representante do **objeto indireto**) não é um pronome de **uso universal**, como é o caso do seu parceiro **o** (representante do **objeto direto**). Ele tem uma importantíssima restrição de seleção: só pode ser usado **com referência a pessoas** (em linguagem mais técnica, diríamos "com substantivos **humanos**") – da mesma forma que o pronome relativo **quem**. Se o antecedente destes dois pronomes não tiver o traço **humano**, seu emprego fica bloqueado. Ora, esses três verbos que você destacou (**assistir**, **visar** e **aspirar**) nunca têm objeto indireto de pessoa: eu aspiro **ao cargo**, aspiro **à vaga**, aspiro **ao posto**, mas não posso ***aspirar a alguém** – o que elimina, aqui, o uso do **lhe**.

Nesses casos, o objeto indireto é representado pelo pronome oblíquo tônico (acompanhado de sua respectiva preposição): **a ele**, **a ela**, etc. Para deixar mais claro o que estou tentando explicar, peço-lhe que compare as seis frases abaixo:

1. Obedeço **ao professor.**
2. Obedeço **a ele.**
3. Obedeço-**lhe.**
4. Obedeço **ao governo.**
5. Obedeço **a ele.**
*6. Obedeço-**lhe.**

Pois a (2) e a (3) são frases sinônimas, e o falante pode decidir livremente se quer substituir o objeto indireto **ao professor** pelo oblíquo tônico (**a ele**) ou pelo átono (**lhe**). A frase (6), contudo, é considerada agramatical, embora pareça idêntica à (3): é que o objeto indireto, aqui, não é uma pessoa, e o falante só pode substituir **ao governo** por **a ele**. Como você pode ver, é o sistema do nosso idioma funcionando como um reloginho, e não um punhado de "casos especiais", como nos fazem crer muitas vezes.

o lhe é só para humanos?

Nem sempre o **lhe** vai representar o **objeto indireto**; às vezes ele é um simples **adjunto adnominal**.

*Professor, li um artigo seu em que explica que o pronome **lhe** só pode ser usado para representar seres humanos. No entanto, em outro de seus textos, encontrei um trecho em que o senhor usa um **lhe** relacionado ao substantivo "língua" – que não me parece preencher aquele requisito. Gostaria que me dissesse se está certo. O trecho de que falo é o seguinte:*
"Por uma dessas regras obscuras do Universo, quanto pior uma pessoa fala a língua portuguesa, mais ferozmente se põe a criticá-la, a apontar-lhe defeitos e (atrevimento típico da ignorância) a sugerir profundas alterações que tornariam 'melhor' a língua de Vieira e de Machado..."

Ramon – Paranaguá (PR)

Meu caro Ramon, eu poderia dar uma de seboso e responder “se eu usei, é claro que deve estar certo”. Não faço isso porque já dei muita tropeçada ao escrever, como qualquer mortal. No entanto, desta vez eu acho que estou certo. Vejamos:

O **lhe** como **objeto indireto** só pode ser usado para seres humanos – essa é uma verdade indiscutível. Acontece que você, com um olho clínico, foi pescar justamente um **lhe** diferente, bastante raro: trata-se daquele caso pouco conhecido em que o pronome oblíquo (**me**, **te**, **lhe**, **nos**) é usado como substituto de um **pronome possessivo**: “Bateram-**me** a carteira” = bateram **minha** carteira; “Beijo-**lhe** as mãos, senhora” = beijo **suas** mãos. Na minha frase, “...a língua portuguesa, mais ferozmente se põe a criticá-la, a apontar-**lhe** defeitos”, o verbo **apontar** é um transitivo **direto**, o que tornaria completamente esquisita a presença do **lhe** – não fosse ele apenas uma forma clássica de dizer “apontar **seus** defeitos”.

Ao que parece, esta estrutura escapa da restrição que exige o traço +**humano** para o emprego do **lhe** – ao menos a frase passou pelo filtro do meu ouvido, que não registrou estranheza nenhuma, o que é significativo: como me ensinou meu mestre Luft, todos os falantes têm sua porção de intuição linguística, mas os professores de Português, pela própria atividade, têm essa intuição mais apurada que os demais (assim como um músico amigo meu se recusa a ouvir gravações em CD porque afirma que elas perdem uma parte dos graves e dos agudos – coisa que eu, é claro, jamais vou perceber).

o ou **lhe**

Veja o novo uso que vem sendo dado, pouco a pouco, ao famigerado pronome **lhe**.

Doutor Moreno, sou professora de Alemão e estou com uma enorme dúvida na gramática portuguesa, com relação ao verbo ***conhecer****. Quando eu converso com uma pessoa e quero dizer que a conheço, qual é a forma correta: “Eu* ***lhe*** *conheço” ou “Eu* ***a*** *conheço”? Existe uma variação do pronome em relação ao tratamento formal? Muito obrigada!*

I. Schwarz

Minha cara I., a sua "enorme" dúvida é bem pequenina... O verbo **conhecer** é um transitivo direto, e, portanto, recebe o pronome oblíquo "**o**": "Eu **o** conheço" (homem), "Eu **a** conheço" (mulher). É claro que estamos falando do registro culto, onde "**o**" representa especificamente **objetos diretos**, enquanto "**lhe**" representa objetos indiretos.

No registro popular, no entanto, onde não existe essa consciência da sintaxe (e alguém lá vai saber o que é objeto direto ou indireto?), é natural que o uso desses pronomes tenha sofrido uma enorme alteração. Em primeiro lugar, o Português falado no Brasil simplesmente eliminou o pronome "**o**", passando-se a usar "**ele**" como complemento de verbos transitivos diretos: "Eu vi **ele**", "Encontrei **ela**", etc., prática ainda inaceitável na linguagem culta. Em segundo lugar, o "**lhe**" desvinculou-se totalmente de sua função sintática original e passou a ser empregado apenas como **forma respeitosa** de tratamento. Enquanto se usa "eu **te** conheço", "eu **te** vi" para uma pessoa íntima, prefere-se "eu **lhe** conheço", "eu **lhe** vi" para uma pessoa de maior hierarquia ou cerimônia – outra prática ainda considerada inaceitável no registro culto, que aqui exigiria "eu **o** conheço", "eu **o** vi".

Se eu estivesse ensinando um estrangeiro a **escrever** Português, eu insistiria na distinção sintática entre "**o**" e "**lhe**"; no entanto, se eu o estivesse ensinando a **falar**, com certeza eu o acostumaria a alternar entre o "**te**" (para os mais próximos) e o "**lhe**" (para os de maior cerimônia), de acordo com a menor ou maior formalidade da situação, porque assim ele estaria perfeitamente integrado com a fala do PBrasileiro.

para **mim** comprar

> O Professor não cansa de dizer que, em Português, nem tudo o que reluz é ouro, nem tudo o que balança cai. O uso do pronome oblíquo só vem confirmar essas verdades.

*Fui criticado por usar o pronome **mim** supostamente de maneira errada! Eu disse **era para mim comprar**. Agradeço sua ajuda em me orientar corretamente.*

Marcos de Sousa

Meu caro Marcos, infelizmente você errou, e bem erradinho. Quando nós, falantes do Português, queremos representar o **sujeito** por um pronome, usamos o caso **reto** (**eu**, **tu**, **ele**, etc.). Os pronomes oblíquos tônicos (**mim**, **ti**, etc.) são usados como **objetos**, sempre após uma preposição (**de** mim, **sem** mim, **por** mim, **para** mim, etc.). Como se vê, a distinção é bem nítida.

Contudo, na construção "Era para **X** comprar", o pronome que entrar no lugar de **X**, ao mesmo tempo, (1) é **sujeito** de **comprar** e (2) vem depois da preposição **para**. Em outras palavras: se seguirmos o princípio de que os sujeitos devem ser representados por pronome reto, a escolha é **eu**; se seguirmos o princípio de que usamos pronomes oblíquos tônicos após preposição, a escolha é **mim**. A solução é simples: a regra do sujeito tem absoluta precedência sobre a regra da preposição, que só vai agir quando a primeira não estiver vigente: "Ele comprou isso **para mim**", mas "Era para **eu** (sujeito) **comprar**" ; "Vocês não vão começar **sem mim**", mas "Vocês não vão começar sem **eu** (sujeito) chegar".

*É possível que a frase "É importante **para mim** saber a verdade" esteja correta, como o professor de minha filha afirmou em aula? Afinal, antes de verbo não se usa sempre **eu**?*

Magda Beatriz

Minha prezada Magda Beatriz, esta é realmente a forma correta da frase: "É importante **para mim saber** a verdade". **Se o pronome fosse o sujeito do verbo saber, teríamos de substituí-lo pelo pronome reto, eu** – o que não é o caso. A possibilidade de livre mudança na ordem ("Saber a verdade é importante **para mim**", ou "**Para mim**, é importante saber a verdade") mostra que essa não é aquela famosa estrutura "**Isso veio para eu fazer**". Essa frase, aliás, ficaria bem mais fácil de entender se usássemos vírgulas (que aqui, como você sabe, são opcionais): "É importante, **para mim**, saber a verdade".

Uma frase muito parecida com essa que você enviou causou muita discussão aqui em Porto Alegre, nas últimas eleições: um comercial de TV incentivava o voto consciente com a frase "**Pra mim escolher candidato é que nem escolher feijão**". Vários leitores escreveram para dizer que a forma correta

seria "Para **eu** escolher candidato, é como escolher feijão". Ironicamente, a frase veiculada na campanha estava correta; errada era a alteração sugerida. Poderíamos discutir se é adequado, ou não, o emprego informal do "**pra**" e do "**que nem**" numa campanha institucional; a pontuação também merece reparo, pois, como você viu acima, a frase ficaria bem melhor com vírgulas: "**Para mim, escolher candidato é como escolher feijão**". Agora, do ponto de vista da sintaxe dos pronomes, somos obrigados a reconhecer que o uso do oblíquo **mim** está perfeito.

Esses leitores que reclamaram deviam estar fazendo o mesmo raciocínio que você fez: o pronome está antes do verbo... Sei de onde vem esse equívoco: nos manuais e livros didáticos de pouca ciência – infelizmente, a maioria dos que se vendem por aí –, difunde-se essa lenda, disfarçada de regra, de que **antes de verbo no infinitivo** devemos usar sempre o pronome reto: "Isso veio para **eu fazer**", "Ele disse que é para **eu levar** os ingressos". Ora, nesses exemplos usamos o pronome reto não por estar **antes de verbo**, mas **por ser sujeito** desses verbos. Na frase injustamente condenada, **mim** está antes do verbo **escolher**, mas não é o seu sujeito; isso pode ser facilmente verificado se (1) alterarmos a ordem para "Escolher candidato, **para mim**, é como escolher feijão", ou (2) trocarmos **mim** por **nós** – neste caso, o verbo continua na forma em que está, o que não poderia ocorrer se **nós** fosse o seu sujeito: "**para nós, escolher** candidato é como escolher feijão" (e não ***escolhermos**). É isso, Magda; você pode confiar no professor de sua filha, porque ele parece estar fazendo um bom trabalho.

Curtas

em memória de mim

Jonas Torres diz estranhar uma construção usada por várias igrejas cristãs: **Fazei isto em memória de mim**. Acrescenta: "Antigamente se dizia **fazei isto em minha memória**. Qual das duas estaria mais correta?".

Meu caro Jonas: eu fico com a forma antiga, mil vezes: "Fazei isso em **minha** memória". Contudo, se foi alterado, posso imaginar por quê: **minha memória**, principalmente para pessoas de pouca instrução, é uma expressão

ambígua, pois pode ser interpretada como "a memória que vocês terão de mim" (que é a intenção original), ou "a memória que eu tenho das coisas, na minha mente". Usando o desajeitado **memória de mim** (construído no molde de **medo de mim**, **respeito por mim**, **amor a mim**), o texto ficou inegavelmente mais claro. Às vezes temos de sacrificar o estilo, Jonas, para garantir a eficácia da comunicação. É pena, mas é necessário.

convidamos-lhes

Pedro da Gama pergunta se a forma "**Convidamos-lhes** para o evento" está correta. Acrescenta: "Todos a quem perguntei me disseram que não, sugerindo **Os convidamos**, **Convidamo-lhes** e até **Lhes convidamos**. Qual delas eu uso?".

Caro Pedro, se é um convite formal, escrito dentro dos "conformes", a forma correta seria **convidamo-los** – combinação formada por **convidamos** e pelo pronome **os**, usado encliticamente. Apesar do **lhes** soar muito melhor, o verbo **convidar** é **transitivo direto** e só pode ser completado pelo pronome **o**. A forma "**O convidamos**" não é aceitável no Português formal por trazer o pronome oblíquo no início da frase.

ambiguidade no pronome oblíquo

Nelma D., de Blumenau, considera que a frase "Matar o vigia do banco para assaltá-**lo**" dá margem a dupla interpretação.

Seu professor, contudo, diz que a interpretação única é “matar o vigia para então assaltá-lo” (matar o vigia para subtrair-lhe os pertences – latrocínio). Quem está certo?

Prezada Nelma, você é que está com a razão. Basta comparar estas três versões: (1) “Matar o **vigia** da **loja** para assaltá-**la**” (assaltar **a loja**), (2) “Matar o **vigia** da **loja** para assaltá-**lo**” (assaltar **o vigia**) e (3) “Matar o **vigia** do **banco** para assaltá-**lo**” (ambígua; o pronome pode referir-se tanto a vigia quanto a banco).

casar, casar-se

A leitora Natália, de São Paulo, quer saber se a forma correta é “Ela **casou** com o homem” ou “Ela **se casou** com o homem”. Acrescenta: “Procurei e encontrei as duas formas. É isso mesmo?”.

Sim, minha cara Natália, são frases do mesmo tipo de “ele **sentou** na cadeira” e “ele **se sentou** na cadeira”. **Sentar** e **casar** são verbos que podem (ou não) ser usados pronominalmente, sem que esse pronome tenha função sintática (é chamado, por isso, de **partícula expletiva**).

nesta

Valene O. quer esclarecer uma dúvida que surgiu em sua empresa: quando

escrevemos, no endereçamento de uma carta comercial, “À Empresa X. **Nesta**.”, a palavra **nesta** significa “nesta empresa” ou “nesta correspondência”?

Prezada Valene, **nesta**, em correspondência, significa “Nesta Cidade”. Quando queremos nos referir a um âmbito mais limitado, temos de especificar: “Nesta Universidade”, “Nesta Administração”, etc.

cabe a **mim** tomar

Uma leitora com o apelido eletrônico de “veduchovny” diz que ficou angustiada ao ouvir seu professor dizer “Cabe a **mim** tomar uma atitude”. Ela pergunta: nesse caso, **mim** toma atitude ou não toma?

Prezada Veduchovny, a frase “Cabe **a mim** tomar uma atitude” está correta. Note que ela poderia ser invertida: “Tomar uma atitude cabe **a mim**”, ou “**A mim**, cabe tomar uma atitude”. Isso demonstra que aquele pronome **mim** não é o sujeito do verbo **tomar** e não deve, por isso, ser substituído por **eu**.

mo, **lho**

Josiane, uma leitora de Girona, na Espanha, quer saber se podemos substituir, ao mesmo tempo, dois objetos por pronomes oblíquos, à semelhança do que é comum no Espanhol: “Ele deu **o livro a Joana**”, em castelhano, seria “Él **se lo** dio”. E no Brasil? “Ele **lhe** deu o livro”?

Minha cara Josiane, o Português tinha uma forma de unir os dois pronomes oblíquos que os autores mais conservadores usaram na literatura até meados do século XX: “Eu entreguei o livro a João = eu **lho** entreguei”. “Deram-me a notícia = Deram-**ma**”. Hoje esse processo está morto, mas você pode encontrar

referência a ele nas gramáticas. Sua frase “ele deu o livro a Joana” ficaria “ele **lho** deu” (**lhe**, substituindo **Joana** + **o**, representando **o livro**); hoje, no entanto, só admitiríamos a forma que você mesma propôs: “Ele **lhe** deu o livro”, ou “Ele **o** deu **a ela**”.

pronomes adjetivos e substantivos

Ana Rosa C., de Taubaté (SP), pergunta por que somente os pronomes **adjetivos**, e não os pronomes **substantivos**, podem exercer a função de **adjuntos adnominais**.

Prezada Ana Rosa, não é bem assim como você sugere. Os **pronomes substantivos**, por definição, são aqueles que ocupam a posição de **núcleo** do sintagma, enquanto os **pronomes adjetivos** ficam na posição **periférica**. Um bom lugar para verificar isso é na lista de pronomes demonstrativos: em “**esta** casa”, “**aquela** rua”, a posição dos pronomes adjetivos **esta** e **aquela** contrasta com a dos pronomes substantivos **aquilo** e **isso** em “estranhei **aquilo**”, “**isso** dói”. Nas frases citadas, **esta** e **aquela** são **adjuntos adnominais**, enquanto **aquilo** e **isso** são **objeto direto** e **sujeito**, respectivamente.

No entanto, nada impede que **aquilo** e **isso**, por exemplo, venham a desempenhar a função de adjunto adnominal, como em “o cheiro **daquilo**”, “o preço **disso**”.

3. Regência verbal

Quando entramos em contato com o Latim, nossa língua-mãe, nosso primeiro espanto é ver que a ordem dos elementos na frase é completamente livre, uma vez que as palavras têm terminações diferentes para indicar se estão funcionando como **objeto direto**, **objeto indireto** ou **adjunto adverbial**. O **sujeito**, por exemplo, vai ter uma terminação característica que permite que eu o identifique onde quer que ele esteja – no início, no meio ou no fim da frase. Esse seria um ótimo sistema, se não sobrecarregasse o falante com a gigantesca quantidade de dados morfológicos que ele precisa armazenar. Enquanto nós, brasileiros, precisamos guardar apenas **quatro** formas para **aluno** (singular e plural, masculino e feminino), no Latim devemos estocar na memória quase **vinte** (uma para quando ele for o sujeito, outra para quando ele for o objeto direto, outra para quando ele funcionar como vocativo, e assim por diante – um conjunto completo para o masculino singular, outro para o masculino plural, outro para o feminino singular, outro para o feminino plural). Não é de admirar que a maioria das línguas modernas tenha abandonado esse modelo.

No Português e nas demais línguas latinas existe uma ordem na frase que pode ser considerada **normal**: começamos pelo **sujeito**, acrescentamos o **verbo** e depois, se houver, o **complemento**. Embora haja verbos que **não** precisam de complemento, os famosos verbos **intransitivos** ("Nós voltaremos", "O bebê adormeceu", "Injeção dói"), há verbos que precisam de um complemento que integre o seu significado. Esses são os não menos famosos verbos **transitivos** ("Nós perdemos **a paciência**", "Ele precisa **de tempo**", "Quem abriu **a gaveta**?"); a relação dos transitivos com o seu complemento é o que chamamos habitualmente de **regência**.

De um lado, temos os **transitivos indiretos**, que se ligam a seu complemento (o **objeto indireto**) por meio de uma preposição obrigatória – geralmente **a**, **com**, **de**, **em** e **por**: "Concordo **com todas as cláusulas**", "Obedeça **ao meu comando**", "Desconfiamos **de tanta generosidade**", "Ela confia **naquele trapaceiro**".

Do outro, temos os **transitivos diretos**, que se ligam a um complemento que **não** inicia por preposição, chamado **objeto direto**: "Esperamos **mais eleitores**", "Ela perdeu **duas notas de R$50,00**", "As águas cobriram **metade da cidade**". Os transitivos diretos, além disso, têm uma característica única, que pode ser usada para identificá-los: ao contrário dos demais verbos, estes podem passar para a **voz passiva**: "Metade da cidade **foi coberta** pelas águas", "Duas notas de R$50,00 **foram perdidas** por ela". Se você tentar fazer o mesmo com transitivos

indiretos, como “Eu me preocupo **com os pobres**” ou “Ela desconfia **de todos os seus colegas**”, vai perceber que é simplesmente impossível.

Normalmente, você sabe se a regência dos verbos que costuma usar é **direta** ou **indireta**; em alguns casos, no entanto, a hesitação é inevitável: o nome **consta na** lista ou **da** lista? Ele assistiu **o** filme ou **ao** filme? Nós presidimos **o** encontro ou **ao** encontro? Ele não lembra **o** nome ou **do** nome? No fundo, não chega a fazer diferença a maneira como você soluciona esses pequeninos dilemas na **fala** de todos os dias; na **escrita**, no entanto, há uma série de cuidados que deverá observar se você é um daqueles que, como eu, sente-se mais confortável agindo conforme aquela etiqueta que chamamos de **norma culta**.

doa **a** quem doer

> Um leitor pergunta se o apresentador Bóris Casoy não deveria dizer “doa **EM** quem doer”; o Professor explica que não.

*Caro Professor, uma dúvida: por que o “doa **a** quem doer”, como diz o irado Bóris Casoy, não é “doa **em** quem doer”? Afinal, o que dói, dói **em** alguém, e não **a** alguém, não é? Obrigado.*

Tagore

Meu caro Tagore, eu sempre usei e vi “doa **a** quem doer”. Todavia, como você levantou a dúvida, fui pesquisar no ***Google*** (ele pode não ser científico, mas fornece dados que não são de desprezar) e obtive o seguinte (e surpreendente) resultado: aproximadamente 5.700 ocorrências de “doa **a** quem doer” contra apenas míseras 100 ocorrências de “doa **em** quem doer”. Acho que não há dúvida sobre qual delas nós devemos usar; no entanto, isso não pode ser apenas uma questão de estatística. Quem trabalha no ramo, sabe: se a diferença entre as duas opções é tão grande, deve estar atuando aí algum princípio do idioma, acima das opiniões individuais. Basta procurar, e vamos encontrar a explicação.

No seu caso, a resposta é muito simples: esta é uma expressão muito antiga, e o verbo **doer**, como você deve saber, sempre admitiu a preposição “**A**”. Você deve conhecer construções como “doeu-**me** ter de fazer isso”, “dói-**lhe** a visão da

pobreza", etc. – e aí, como podemos ver, o que dói, dói "**A**" alguém. Só muito modernamente começamos a usar (em pouquíssimos casos, aliás) a preposição "**EM**" – até porque, na maioria das frases, usamos **doer** como intransitivo: "meu braço está doendo", "quando a luz aumenta, o olho dói". É um bom exemplo para nos lembrar, Tagore, que nunca – mas nunca, mesmo – vamos descobrir "erros" dentro do que a tradição linguística, inclusive os bons escritores, vem usando há vários séculos. Podemos adotar formas mais modernas, mas não tentar "corrigir" o que nunca esteve errado.

pisar **na** grama

> "**Não pise na grama**", diz a tabuleta espalhada pelas praças e pelos parques. É assim mesmo que se deve escrever?

*Professor, tenho uma dúvida cruel; o senhor poderia saná-la? O correto é "não pise **NA** grama" ou "não pise **À** grama"? Muito obrigado pela atenção.*

Marco Alberto G. – Rio Grande (RS)

Meu caro Marco, eu uso "não **pise na** grama"; alguns professores caturras insistem em dizer que o verbo **pisar** é transitivo direto, e o correto seria "não **pise a** grama" (nesse caso, seria sem acento de crase, Marco). Eles estão tentando apenas paralisar a língua na sua evolução. Há mais de cinquenta anos que o uso estabeleceu que também se pode pisar **no tapete**, **na linha amarela**, **no chão de minha terra**. Seria completamente lunático defender, como única forma aceitável, **pisar o tapete**, **a linha amarela** ou **o chão de minha terra**.

Celso Pedro Luft, em seu ***Dicionário Prático de Regência Verbal*** (Ed. Ática), diz que é normal usar esse **pisar em X** em vez do primitivo **pisar X**, e já era prática comum em autores como Gregório de Matos, Camilo, Castilho, Machado ("por saber **em que** terreno pisa"), Vieira ("pisamos **nessas** sepulturas). Em expressões como **pisar em ovos** ("andar de mansinho, agir com cuidado") ou **pisar nos calos** ("atingir o ponto sensível de alguém"), já nem conseguimos imaginar a construção sem a preposição. Como sempre acontece nesses casos, as duas regências (ambas estão corretas) entram em competição, e o tempo vai

dizer qual das duas prevalecerá. Eu não tenho a menor dúvida de que a regência deste verbo está sendo trocada.

preposições juntas

> Um leitor estranhou a combinação de duas preposições na frase "chutou **por sobre** o gol"; veja como isso não é tão raro assim.

*Caro Prof. Moreno, outro dia, enquanto assistia a um programa esportivo na televisão, ouvi o narrador dizer "ele chutou **por sobre** o gol". Eu gostaria de uma explicação sobre essa expressão, que julgo estar incorreta. É permitido o uso de **duas preposições juntas**? O que fez aumentar minha dúvida foi o fato de ter encontrado o mesmo "**por sobre**" em alguns poemas de autores respeitáveis. Obrigado pela atenção.*

Rafael K. – Miranda (MS)

Meu caro Rafael: não consigo alcançar o motivo por que essa combinação parece incorreta a você; será que alguém andou ensinando por aí que não podem existir duas preposições juntas? Se o fez, fez muito mal, porque esses encontros de preposições, embora restritos a alguns poucos casos, têm muita utilidade e já foram usados por muitos escritores clássicos.

Euclides da Cunha, por exemplo, fala das nuvens que passam "**por sobre** os chapadões desnudos", do valente sertanejo que, "saltando **por sobre** o cadáver da irmã, arroja-se contra o círculo assaltante", do combatente que "distribuía, jogando-os **por sobre** a cerca, cartuchos". **Machado** usa, mas pouco. Em Portugal, **Camilo** também usou: Simão, personagem do ***Amor de Perdição***, consegue "saltar ao campo **por sobre** a pedra dum agueiro"; **Eça de Queirós** descreve o som mole de chinelos que se aproximam "**por sobre** o tapete", fala do canto dos muezins "**por sobre** os terraços adormecidos da muçulmana Alexandria" e se encanta com o sol, que, "sereno como um herói que envelhece, descia para o mar **por sobre** as palmeiras de Betânia".

Se **por sobre** é moeda corrente, não é de estranhar que **por sob** também o seja; o desastrado Teodorico, em ***A Relíquia***, do mesmo Eça, consegue comover a sua odiosa titia: "E pela vez primeira, depois de cinquenta anos de aridez, uma

lágrima breve escorregou no carão da Titi, **por sob** os seus óculos sombrios". O nosso Alencar também usa: "O destemido escudeiro, sem se importar com os outros, mergulhou **por sob** as árvores e apresentou-se arrogante em face do tigre". Friso que não sou daqueles que só aceitam a autoridade dos autores tradicionais e consagrados; estou apresentando esses exemplos para você ver que há muito tempo essas combinações já eram usadas por pessoas que escreviam muito bem.

Posso mencionar ainda **por entre**, **dentre** (de+entre) e **para com**, bastante comuns na escrita culta. Mais interessante ainda é a combinação de **até + a**, uma locução prepositiva usada com a intenção de aclarar o sentido da frase. O vocábulo **até** é um conhecido causador de ambiguidades, já que pode ser entendido ora como **preposição** (o ônibus vai **até** São Paulo; ele chegou **até** o topo do monte), ora como **partícula de inclusão** (todos foram convidados, **até** eu; o cabrito comia de tudo, **até** latas e garrafas plásticas). Em frases como "o incêndio na plantação queimou tudo, **até** o portão", abre-se a possibilidade de dupla interpretação: o fogo chegou até o portão, e aí parou (o **até** é visto como **preposição**), ou o fogo queimou tudo, **inclusive** o portão? Por esse motivo, costuma-se reforçar a preposição **até** com a preposição **a**: "o fogo queimou tudo, **até ao** portão"; dessa forma, fica eliminada a leitura do **até** como **inclusive**.

É claro que o uso desse reforço é **opcional**; lembro apenas que, ao ser usado, pode acontecer um encontro desse **A** com o artigo feminino, produzindo-se o nosso velho fenômeno da crase: "O incêndio na plantação queimou tudo, até **à** cerca", "pintei a sala toda de branco, até **à** porta", "vou amar até **à** morte".

Para concluir, deixo-lhe um exemplo de como a combinação das preposições e a preposição isolada não têm o mesmo valor: compare "O gato pulou **sobre** a mesa" com "O gato pulou **por sobre** a mesa", "Atirei o livro **sobre** a mesa" com "Atirei o livro **por sobre** a mesa". O significado é completamente diferente.

preposições nos sobrenomes

> **José Silva** ou **José da Silva**? Existe alguma regra para o emprego das preposições nos sobrenomes?

*Caro Professor, minha dúvida é sobre o emprego de **preposição** e **conjunção** nos nomes e sobrenomes. Observo que os nomes das famílias **Silva** e **Santos** estão sempre acompanhados de preposição (**da** Silva, **dos** Santos). Examinando os exemplos (1) **José Luís da Silva Lima**, (2) **José Luís Lima da Silva**, (3) **Pedro dos Santos Alencar** e (4) **Pedro Alencar dos Santos**, entendo que a preposição deveria ficar entre o prenome e o nome de família, conforme exemplos (1) e (3). Nos exemplos (2) e (4), caberia o uso da conjunção **E**, ou seja, José Luís de Lima e Silva e Pedro de Alencar e Santos.*

Rita – Teresina (PI)

Minha cara Rita, presumo que você não tenha formação acadêmica em Letras, ou não escreveria "entendo que a preposição **deveria**...". A ninguém – nem a você, nem a mim, nem ao Papa – é dado o direito de entender "como deveria" se comportar a língua. Ela é o que é; nós só podemos nos esforçar para tentar compreendê-la, formulando, a partir dessa observação, as regularidades e os padrões que conseguirmos enxergar.

Não existe um padrão "linguístico" para a utilização das preposições com os sobrenomes; as pesquisas que se fizeram sobre o assunto terminaram batendo em preconceitos e crenças que datam do tempo em que os nobres faziam questão de usar o "**de**", por exemplo, como um símbolo aristocrático. Conheço um **Filipe Oliveira** e um **Filipe de Oliveira**;um **Rafael dos Santos Silva** e um **Rafael Santos da Silva**; nas minhas listas de chamada, já encontrei **Paulo de Sousa Santos**, **Paulo Sousa Santos** e **Paulo Sousa dos Santos**. Se você descobriu alguma regra sobre isso, em algum livro, pode ter certeza de que ele não vale o dinheiro que você pagou por ele.

suicidar-se

Se **suicídio** já quer dizer "matar a si mesmo", não é uma redundância dizer que ele **se suicidou**? E se eu não posso **suicidar-te**, por que preciso dizer **suicidar-me**?

*Caro Professor, sabemos que **suicídio** é o ato de **matar-se**; **suicidar-se** é acabar com a própria vida. Para se evitar uma redundância, qual das expressões*

*deveríamos usar: "**o homem se suicidou**", "**o homem suicidou-se**" ou "**o homem cometeu suicídio**"? Todas estariam corretas? E mais uma coisinha: por que eu preciso dizer **suicidar-me**, se eu não posso **suicidar-te**?.*

Paulo T. – Salvador (BA)

Em primeiro lugar, Paulo, **todas** estão corretas. "O homem **suicidou-se**" e "o homem **se suicidou**" diferem apenas na preferência por usar o pronome **antes** ou **depois** do verbo, mas, no fundo, tanto faz dar na cabeça como na cabeça dar. "Ele **cometeu suicídio**" também é bom Português.

Em segundo lugar, o uso desse "**se**" não é uma redundância, como pode parecer. É verdade que o verbo **suicidar-se** nasceu no Latim como um composto de ***sui***, "a si mesmo", seguido do elemento ***cida***, "o que mata"; portanto, teoricamente, não precisaria daquele "**se**". No entanto, caro leitor, temos no Português um grupo de verbos que **sempre** são conjugados com o pronome ligado a eles; são, por esse motivo, denominados de **verbos pronominais**. Este pronome, que aparece em todas as pessoas do singular e do plural, é quase **vazio** semanticamente (isto é, não tem o seu significado nem o seu valor sintático usuais). Um bom exemplo é **orgulhar-se** (eu **me** orgulho, tu **te** orgulhas, ele/você **se** orgulha, nós **nos** orgulhamos, vós **vos** orgulhais, eles/vocês **se** orgulham). Jamais aceitaríamos "*eu orgulho", até mesmo porque esse verbo nunca será transitivo (eu não posso **orgulhar alguém**; só posso **me orgulhar de alguém**). É exatamente o caso do **suicidar-se.**

O ato de tirar a própria vida, contudo, é tão chocante que o povo cerca este verbo, às vezes, com tudo o que consegue enfiar na frase, a fim de frisar que a pessoa não foi morta, mas se matou. Não se surpreenda se ouvir, alguma vez, no calor do relato, um "***Ele se suicidou-se a si mesmo**" – ao que só faltaria acrescentar, para o circo ficar completo, "tirando a vida com as próprias mãos". É pleonasmo? É redundância? No uso consciente, caprichado do Português, claro que é. Na força da expressão, contudo, eu garanto que essa repetição deve ter lá as suas razões. Não esqueça: não podemos aplicar princípios da lógica quotidiana a algo muito maior do que ela, que é uma língua natural, como o Português.

onde e **aonde**

> Durante séculos, **onde** e **aonde** foram usados indistintamente, mas há quem defenda uma divisão nítida entre seus territórios.

*Prezado Prof. Moreno, existe algum uso específico para **aonde** e **onde**?*

Diego R. C. – Canoas (RS)

Meu caro Diego, como meu coração balança entre duas respostas quase antagônicas, vou lhe apresentar ambas, esclarecendo qual o alcance de uma e de outra.

(1) **QUANDO FALA A ETIQUETA** – **Sim**, existe uso específico para os dois termos. **Aonde** é a soma de dois vocábulos, a preposição **A** + o advérbio **ONDE**. Ora, a presença dessa preposição restringe o emprego de **aonde** àqueles **verbos de movimento** que naturalmente exigem essa preposição: **dirigir-se A**, **ir A**, **chegar A**, etc. "**Aonde** te **diriges**? **Aonde vais**? **Aonde chegou** a violência urbana". Usar **aonde** com verbos que não exijam o "**A**" é considerado **erro** de regência. Nas seguintes frases, o **aonde** está errado e deveria ser substituído pela forma simples **onde**: "***Aonde está** minha camisa?"; "***Aonde ficou** o cachorro?". "*Encontrei a Fulana. É? **Aonde**?". Por outro lado, nada impede que utilizemos **onde** como forma genérica, válida mesmo nos casos em que se pode usar **aonde**: "**Onde** foste ontem?"; "**Onde** vais?".

(2) **QUANDO FALA A CIÊNCIA** – **Não**, não existe diferença no uso desses vocábulos. Os próprios escritores clássicos da língua portuguesa, em que nossa gramática tradicional baseia a maior parte das regras que formula, usam indiferentemente **onde** e **aonde**. No século XVI, Camões encabeça a lista, ao escrever, nos **Lusíadas**:

> Dali pera Mombaça logo parte,
> **Aonde** as naus **estavam** temerosas. (Canto II)
> Viram todos o rosto **aonde havia**
> A causa principal do rebuliço:
> Eis entra um cavaleiro, que trazia
> Armas, cavalo, ao bélico serviço; (Canto VI)

No século XVI, é **Vieira** quem vem trazer sua contribuição:

“Não navegaram só o mar Índico ou Eritreu, que é um seio ou braço do Oceano, mas domaram o mesmo Oceano na sua maior largueza e profundidade, **aonde** ele é mais bravo e mais pujante, mais poderoso e mais indômito”.

“Aqui, Senhor! Pois **aonde estou** eu? Não estou metido em uma cova? Não estou retirado do Mundo?”

Você quer exemplos do século XVIII? Nossos poetas do Arcadismo fornecem quantos você quiser. **Tomás Antônio Gonzaga**, na Lira V da **Marília de Dirceu**, escreve as mimosas estrofes abaixo:

Acaso são estes
Os sítios formosos
Aonde passava
Os anos gostosos?
São estes os prados,
Aonde brincava
Enquanto passava
O gordo rebanho,
Que Alceu me deixou?
São estes os sítios?

Seu infortunado companheiro de Inconfidência, **Cláudio Manuel da Costa**, vai mais longe: com aquela sensibilidade especial que os verdadeiros poetas têm para a língua, acabou fornecendo um notável exemplo em que a alternância de **onde** e **aonde** sugere que a escolha entre as duas formas obedece, na verdade, a um padrão **sonoro** (e não **sintático**). Um dos sonetos à sua amada Nise começa assim:

Nise? Nise? **Onde** estás? **Aonde** espera
Achar-te uma alma que por ti suspira,
Se quanto a vista se dilata, e gira,
Tanto mais de encontrar-te desespera!

E termina com o seguinte terceto:

Nem ao menos o eco me responde!
Ah! Como é certa a minha desventura!
Nise? Nise? **Onde** estás? **Aonde**? **Aonde**?

No século XIX – para ficar nos clássicos –, Garrett, Eça de Queirós, Castro Alves, Álvares de Azevedo usam **aonde** nas construções em que os gramáticos prescritivistas hoje recomendam **onde**. Machado de Assis, é verdade, já parece observar a atual distinção, embora se encontre, aqui e ali, a mesma prática de seus antecessores:

“Clarinha estremeceu, e deixou-se ficar **aonde** estava.”

“Mas ao passar pela Rua do Conde lembrou-se que Madalena lhe dissera morar ali; mas **aonde**?”

Caldas Aulete declara, muito simplesmente, que “os clássicos e o povo não distinguem **onde** de **aonde**”. Mestre Aurélio abre uma extensa explicação no verbete **aonde**, no qual conclui que os melhores autores, dos mais antigos aos mais modernos, não fazem distinção entre as duas formas. Houaiss registra que “é corrente, na linguagem informal, o emprego de **aonde** em vez de **onde**, uso encontrado também em escritores clássicos”. Como são bons dicionaristas, não podiam negar a autoridade de todos aqueles escritores que sempre usaram como exemplo.

(3) **E NÓS, COMO FICAMOS?** – Olhe, Diego, fica evidente que os autores prescritivistas estão defendendo a existência de um padrão onde não havia nenhum; essa distinção rigorosa entre **onde** e **aonde** é coisa recente, de cinquenta anos para cá (para uma língua humana, que vive milênios, isso não passa de um quarto de hora). Só o tempo vai dizer se ela está motivada por uma necessidade de criar uma distinção realmente útil, ou se ela nasce daquela sanha repressiva que caracteriza muita regrinha tola e sem ciência que anda por aí. O diabo, Diego, é o que devemos fazer enquanto as coisas não ficam bem definidas; o conselho que lhe dou é o mesmo que já dei em situações similares: siga a posição (1), que vai deixar as suas frases vestidinhas de acordo com a norma gramatical da moda, mas respeite a posição (2), que descreve o que realmente acontece. Você sabe como é: uma coisa é como as pessoas se vestem, outra é como elas deveriam se vestir. Você não acredita em convenções? Então, vá a um casamento vestido do jeito que preferir. Agora, você tem uma certa preocupação com a opinião dos outros? Então é bom botar uma gravatinha (e ficar invejando o primo que foi de jeans e camisa polo). Assim é com a linguagem. Escolha, e aguente.

P.S.: Quer saber como eu faço? Não uso nunca o **aonde**.

implicar

> “A crise do petróleo vai implicar **em** aumento nos preços.” – Veja por que esta frase é condenada pela norma culta.

Prezado Professor, aprendi que o verbo ***implicar*** *no sentido de "trazer como consequência, acarretar", é verbo transitivo* ***direto****: "A assinatura do presente contrato* ***implica a aceitação*** *de todas as suas cláusulas". No entanto, em "A energia está associada a diferentes processos, o que implica* ***que*** *a natureza das partículas subatômicas seja intrinsecamente dinâmica", este "que" grifado não está contrariando aquela regra gramatical?*

Evilásio A. – Anápolis (GO)

Meu caro Evilásio, o verbo **implicar**, como você corretamente afirmou, é transitivo **direto**, ou seja, como ensinava a minha saudosa professora da 5a série, "o que implica, implica **alguma coisa**". Isso significa que devemos evitar, na forma culta, a regência indireta, com preposição **em**, muito usada na fala descontraída – "*desistir agora implica **em** perder tudo", "*a assinatura do contrato implica **na** aceitação de todas as suas cláusulas". Essa preposição **em** só vai aparecer quando usarmos o verbo no sentido especial de "envolver alguém em ato ilícito": "No seu depoimento à CPI, ele **implicou** o deputado **no** escândalo do Mensalão".

Ora, nos dois exemplos que você apresenta – "o contrato implica **a** aceitação" e "implica **que** a natureza..." –, o verbo está competentemente acompanhado de seus objetos diretos. Em "o que implica **que a natureza das partículas subatômicas seja intrinsecamente dinâmica**", a oração grifada, como você bem sabe, é apenas uma oração subordinada substantiva **objetiva direta**. Como vê, são exemplos idênticos da mesma regra.

chegar em?

Um leitor anônimo (custava assinar?) desconfia da resposta fornecida pela banca de um concurso vestibular: "Segundo o examinador, na frase ***O noivo chegou atrasado na igreja*** *houve uma transgressão da norma culta. Gostaria que você apontasse o erro, se houver!".*

Meu caro Anônimo, na norma culta, no Português escrito, os verbos de **movimento** – especialmente **ir** e **chegar** – regem a preposição **A**: quem chega,

chega **A** (e não **EM**). De acordo com esse princípio, portanto, a forma “correta” da frase seria “O noivo chegou atrasado **À igreja**”, com acento de crase e tudo. É evidente que a fala (tanto a popular quanto a culta) está trocando essa preposição por **em**, mas é um uso ainda condenado em exames e concursos.

assistir

*Vera Santos Bonfim, da Bahia (com esse nome, só pode ser de Salvador...), pergunta: “Devemos usar o verbo **assistir** (sentido de ‘atender’) seguido de **ao** ou de **o**? É assistir **AO** trabalhador ou assistir O trabalhador?”.*

Prezada Vera Lúcia, se entendi bem, você está falando de **prestar assistência ao trabalhador**, não é? Nesse caso, embora os dicionários digam que podemos optar entre a regência direta e a indireta, a tendência majoritária na língua culta é deixar o verbo **assistir** como transitivo **direto**, isto é, **sem** a preposição: “O Estado deve **assistir o trabalhador**”, “devemos **assisti-lo**”, “ele deve **ser assistido** pelo Estado” (note que, aqui, a possibilidade de usá-lo na voz passiva confirma que ele é transitivo direto).

Este mesmo verbo, quando usado com o sentido de “ver, presenciar”, tem regência **indireta** no Português culto formal: “Nós assistimos **à peça**”, “Eu não assisti **ao jogo**”. Com base nisso, muitos autores tradicionais não aceitam que, nesses casos, o verbo seja levado para a **passiva** (que, como você sabe, é uma característica exclusiva dos transitivos **diretos**): “*O jogo **foi assistido** por cem mil espectadores” seria uma versão inaceitável de “Cem mil espectadores assistiram ao jogo”.

Somos obrigados a reconhecer, no entanto, que vem ocorrendo, na prática dos escritores modernos, um abandono progressivo dessa regência **indireta**, sinalizando a clara tendência desse verbo tornar-se exclusivamente transitivo **direto**; em pouco tempo, os gramáticos serão obrigados a admitir como aceitáveis frases que hoje eles ainda condenam, como “Vou assistir o jogo”, “As peças que assisti”, “Qualquer espetáculo que você assista”, “Vamos assistir a sessão”, etc. O fato desta tendência já vir assinalada no dicionário do Houaiss, por exemplo, só vem confirmar minha suposição.

alguém que **lhe queira**

Marcelo, de São Paulo, estranhou o trecho "assim ela já vai, achar um cara que ***lhe queira****, como você não quis...", na música* **Acima do Sol***, do grupo mineiro Skank. "O Skank é um grupo que costuma ser gramaticalmente correto, mas aqui não deveria ser 'um cara que* ***a queira****'?"*

Meu caro Marcelo, o Skank é bom de letra mesmo! O verbo **querer** normalmente é transitivo direto: "eu quero **o** contrato, **quero-o**". No entanto, quando tem o significado de **gostar de alguém**, como é o caso desta música, passa a ser **transitivo indireto**: "eu quero muito **ao** meu filho, **quero-lhe** muito".

atender

*Antônio José S., de Guaratinguetá (SP), leu, num artigo escrito por mim, a frase "****atende as necessidades*** *básicas do decoro". Curioso, pergunta: "****Atender*** *não é um verbo transitivo* ***indireto****? Assim, você não deveria ter escrito 'atende* ***às*** *necessidades básicas do decoro?'."*

Meu caro Antônio José, o ***Dicionário de Regência Verbal*** de Celso Pedro Luft, mestre de todos nós, coloca **atender** como indiferentemente transitivo **direto** ou **indireto**, com acentuadíssima tendência a ficar exclusivamente **direto**. Afinal, ele é um verbo que pode ser passado para a voz passiva ("as necessidades **foram atendidas**") – e, como você deve saber, só os transitivos diretos têm o privilégio de apresentar passiva. Em outras palavras: você está certo, eu estou certo – mas prefiro a minha versão.

dignar-se de

Há muitos verbos que vêm mudando sua regência ao longo da história de nossa língua; **dignar-se** é um deles.

Prezado Professor, gostaria de saber se está correta a preposição empregada na frase "Ante o exposto, requer se digne Vossa Excelência ***em*** *receber os presentes embargos".*

João Alcides – Advogado

Meu caro João, a sintaxe culta manda escrever "requer se digne Vossa Excelência **de** receber os presentes embargos"; admite-se, também, a supressão da preposição: "requer se digne Vossa Excelência receber os presentes embargos", embora a primeira forma seja a preferida pelos autores tradicionais (especialmente os que se ligam ao meio jurídico).

Na fala culta, porém, o verbo vai pouco a pouco trocando a sua preposição para "**A**": "Não se dignou **a** recebê-los" – fato que, mais cedo ou mais tarde, modificará também a regência deste verbo no Português escrito. O "dignar-se **em**" é que não tem defensores. Por isso, faça como eu faço: quando escrevo textos formais, uso "dignar-se **de**"; quando falo, uso "dignar-se **a**". Afinal, quando vou a um banquete oficial (em sonhos...), uso os talheres de um jeito; em casa, mudo um pouquinho o estilo – como qualquer ser humano normal.

Curtas

produzido **com** plástico

Alfredo K., de Gravataí (RS), esbarrou numa dúvida na hora de decidir os dizeres de uma embalagem para um acessório de banheiro: "Produzido **em**, **com** ou **de** plásticos de engenharia"? "Pelo que verifiquei na gramática de Evanildo Bechara

e mesmo no ***Houaiss***, parece-me que a preposição **de** seria a mais adequada”.

Prezado Alfredo, sinto dizer que você errou os dois pregos e bateu bem na tábua: **de** seria exatamente a preposição que eu não usaria com o verbo **produzir** (se fosse “**feito de** plástico”, seriam outros quinhentos). “Produzido **com**” é a preferível; “produzido **em**” também pode ser usado, mas tem críticos ferozes, que consideram essa expressão um galicismo.

constar em

Andrea Teixeira gostaria de saber se o uso da preposição **de** está correto em expressões como “**consta da** norma” ou “**tenho de** ir”. “Não deveria ser **consta na** e **tenho que**, respectivamente?”

Prezada Andrea, pelo Português culto formal, devemos usar **constar em** quando nos referirmos à ocorrência de alguma coisa em determinado lugar: “meu nome consta **na lista**”; “o detalhe não constava **no** edital”. **Constar de** é outra coisa: significa “ser composto de” – “O cardápio consta **de** entrada, prato principal e sobremesa”.

Quanto ao verbo **ter** com o sentido de “dever”, a norma culta escrita, bem formal, prefere a preposição **de**: “Nós temos **de** fazer”, “Vocês têm **de** entender”, e assim por diante.

obedecer-lhe

Eduardo B., de São Paulo, gostaria de tirar a seguinte dúvida: “Quando falo com um amigo, está correto dizer “eu **te** obedeço”; agora, como devo falar a meu diretor? “Eu **lhe** obedeço” ou “Eu obedeço **ao Sr**.”?

Prezado Eduardo, você pode usar “Eu **lhe** obedeço” com seu chefe; esta é a forma correta da 3a pessoa, uma vez que o verbo **obedecer** é transitivo **indireto**. No entanto, se quiser ser mais formal, você pode usar, em vez do pronome oblíquo, qualquer uma das várias formas de tratamento para a 3a: “Eu obedeço **ao senhor**”, “obedeço **a V. Senhoria**”, “obedeço **a V. Majestade**”. Fica ao gosto do freguês.

proceder a

Silmara, de Santo André (SP), tem dúvidas quanto à regência do verbo **proceder**. O certo é “proceder **o** integral cumprimento da obrigação” ou “proceder **ao** integral cumprimento da obrigação?”

Prezada Silmara, “vamos proceder **ao** sorteio”, “vamos proceder **à** escolha” – é transitivo **indireto**, sempre com a preposição “**A**”.

dentre?

A leitora Angélica ficou intrigada com a palavra **dentre**, e quer saber se ela existe e onde se aplica.

Minha cara Angélica, não é tão raro assim, esse **dentre**. É a forma combinada de duas preposições, **de** e **entre**. Vieira cita vários exemplos da Bíblia: “Escolheu **dentre** eles doze, que chamou apóstolos” (Lc. 6,13); “Cinco **dentre** elas eram loucas, e cinco prudentes” (Mt. 25,2);”Sairão os anjos, e separarão os maus **dentre** os justos” (Mt. 13,49).

parabenizá-lo?

A colega Sandra N., professora de Português de Toledo (PR), gostaria de saber se usamos o pronome **lhe** com o verbo **parabenizar**, já que, segundo Houaiss, damos parabéns **A** alguém. Pergunta: “Isso o torna verbo transitivo indireto, cujo pronome deve ser o **lhe**?”.

Minha cara Sandra, dê uma lida mais demorada no ***Houaiss***, e você vai ver que ele classifica **parabenizar** como **transitivo direto**. Aliás, assim são os exemplos que ele dá: “parabenizar **O** patrão”, “parabenizar **O** Instituto de Filologia”. Não podemos “desenvolver” a regência deste verbo com base em **dar parabéns A**, como você fez, porque essa é a regência do verbo **dar** (quem dá, dá **alguma coisa** [parabéns] A **alguém**). Portanto, queremos **parabenizá-lo**. Note que ele é tão transitivo direto que até admite a transformação passiva (“Ele foi parabenizado pelos colegas e amigos”).

duplo objeto indireto

O leitor Paulo gostaria de saber se a frase “Falaram de vocês ao diretor” está de acordo com a norma culta e se podemos afirmar que “de vocês” e “ao diretor” são **objetos indiretos**.

Meu caro Paulo, sim, são dois objetos indiretos. Isso não é tão raro quanto possa parecer: concordar **com** alguém **a respeito de** algo, conversar **com** alguém **sobre** algo, perguntar **A** alguém **por** outra pessoa, orar **a** alguém **por** alguma coisa ou alguma pessoa, falar **de** alguém ou alguma coisa **a** outra pessoa, etc. – todos eles exemplos da gramática de Celso Pedro Luft.

gostar que

Gastón Gutiérrez, de Buenos Aires, estudante de Português, pergunta: “Sempre me disseram que o verbo **gostar** é sempre gostar **de**. Mas outro dia um colega disse que gostar **que** é aceito e, nesse caso, não precisa o uso da preposição. Ele tem razão?”.

Prezado Gastón, mesmo os verbos transitivos indiretos (gostar **de**, precisar **de**, etc.) costumam perder a preposição quando seguidos de uma **oração substantiva objetiva indireta**: compare “eu gosto **de** música”, “eu preciso **de** tempo” com “eu gostaria **que o senhor participasse**”, “eu preciso **que todos colaborem**”. Esta supressão da preposição faz com que a frase soe melhor e deixa-a mais fácil de pronunciar – daí a preferência que conquistou. É claro que não estaria errado “eu gostaria **de que** o senhor participasse”, mas eu particularmente não uso, nem conheço muita gente que o faça. Abraço. Prof. Cláudio Moreno

agradeço **a** Deus

César Marques S. hesita entre “agradeço **à Deus**”, “agradeço **ao Deus**” ou ainda “agradeço **a Deus**”. Conclui: “Penso que a última opção está incorreta, mas encontrei esta forma em dois sites”.

Meu caro César, mas que pontaria! A única forma correta é a terceira, exatamente a que você recusou: “Agradeço **a Deus**”. A primeira está errada porque **Deus** é masculino, e usar acento de crase antes de um substantivo masculino é simplesmente impossível, mesmo se tratando de tão augusto personagem. A segunda está errada porque não usamos artigo definido antes de **Deus**: “confio **em** Deus” (e não “confio **no** Deus”), “O homem põe, Deus dispõe” (e não “O homem põe, **O** Deus dispõe). Haveria, é claro, circunstâncias

em que poderíamos usar **ao Deus**: "Ele se referia **ao Deus** da misericórdia, não **ao Deus** do castigo e da punição" – mas acho que não era isso que você tinha em mente.

deparar é pronominal?

Karina G., do Rio de Janeiro, estranhou a frase: "e **me deparei com** um verdadeiro caos". No sentido de "afrontar", não seria errado o emprego do pronome **me** junto ao verbo? Não seria "e **deparei com** um verdadeiro caos"?

Minha prezada Karina, não, não é errado; na verdade, é a regência atual desse verbo. Já se encontra isso em Machado; veja a Clarice Lispector, em exemplo do verbete "deparar", do ***Aurélio***: "E **deparou-se com** um jovem forte, alto, de grande beleza". A regência originária deste verbo (deparar alguma coisa a alguém) já não é mais usada; as duas vigentes são **deparar com** ou **deparar-se com** alguma coisa – sempre transitivo indireto, seja pronominal, seja simples.

através de

K. Schmidt, de Ribeirão Preto (SP), sempre ouviu os gramáticos reprovarem o uso da expressão **através de** com o sentido de "por meio de"; porém, Houaiss aceita esse emprego e mostra "educar **através de** exemplos" e "conseguiu o emprego **através de** artifícios". Ela pergunta: "Está correto, afinal? É mais um caso de expressão genuinamente errada, no entanto aceita em decorrência do disseminado emprego?".

Minha prezada K., você sempre ouviu os "pequenos" gramáticos dizerem isso. Os grandes não se preocupavam com essas minúcias, que são artificiais e inexpressivas, e que escritores do século XIX (para não citar os modernos), como Euclides e Eça de Queirós, não levavam em consideração. Há muitas "autoridades" por aí, com pouco estudo, que ficam batendo em pequeninas regrinhas que nem o público (e, como você está a ver, nem mesmo os dicionários) observa; o pavor delas é ver chegar o dia em que isso for descoberto; nesse dia, elas ficarão sem ter o que "ensinar", porque não entendem muito além dessas bobagens.

domiciliado **à** rua

Savero S., de Aparecida do Taboado (MS), gostaria de saber se o acento de crase empregado antes de rua está correto na frase "residente e domiciliado **à** rua XV de Novembro".

Meu caro Savero, não se trata de saber se está ou não correto o acento de crase. O problema é outro: a preposição adequada é **em** ou **a**? Para os gramáticos tradicionais, mais rigorosos, o correto é "residente e domiciliado **na** rua XV de Novembro". Eles alegam que, tradicionalmente, os verbos de **quietação** (**morar**, **residir**, **situar-se**, etc.) exigem a preposição **em** – no que têm razão. No entanto, o uso moderno insiste em substituir esse **em** pelo **a**; nesse caso, vão surgir as circunstâncias necessárias para a ocorrência de crase e, consequentemente, o emprego do acento grave: "residente e domiciliado **à** rua XV de Novembro". Eu, particularmente, uso sempre o **em**.

morar **na** rua

A leitora Sunguela escreve do Ceará, perguntando qual é a preposição adequada: "Maria reside **à** ou **na** rua Carlos Silva"?

Minha cara Sunguela, os gramáticos prescritivistas recomendam, por

unanimidade, “residente **na** rua tal, morador **na** rua tal, sito **na** rua tal”. Se você quiser ficar dentro da etiqueta, use assim também. Alguns mal-humorados professores alegam que isso significaria morar “**na**” rua, e na rua ninguém mora, mas sim nos prédios e nas casas. É tolice; embora eu também nada veja de mal em usar a preposição **a**, é a preposição **em** que vem sendo preferida pelos autores clássicos e modernos de nosso idioma.

servir **ao** Senhor

Mariana B., de Piracicaba (SP), diz que sua mãe comprou um pano de secar louça em que estava escrito “Devemos servir **o** Senhor com alegria”. O certo não seria **ao** Senhor?

Minha cara Mariana, o verbo **servir** é transitivo **direto**, isto é, exige um complemente **sem** preposição: “Eu sirvo meu reino”, “Sete anos de pastor Jacó servia Labão, pai de Raquel, serrana bela” (Camões). Contudo, por uma idiossincrasia de nossa língua, os verbos transitivos diretos ganham uma preposição “**A**” quando nos referimos a Deus. Essa preposição é meramente virtual, e o complemento é o esquisitíssimo **objeto direto preposicionado**, do qual você já deve ter ouvido falar: “Julieta amava Romeu”, mas “Julieta amava **a** Deus”; “ele respeitava seu amigo”, mas “ele respeitava **ao** Senhor”. O que você estranhou na frase foi a falta dessa tradicional preposição: “Devemos servir **ao** Senhor com alegria”.

transitivos diretos com preposição?

Ronaldo O. escreve de São Paulo: “Tenho visto em várias publicações frases como ‘A equipe é **constituída por** dois profissionais’, ‘O grupo é **constituído de** dois profissionais’. Ocorre que o verbo **constituir** é transitivo direto, portanto, não

admitindo preposição. Como se explica?".

Meu caro Ronaldo, você está com a razão ao observar que **constituir** é transitivo direto. Contudo, as duas estruturas que você destacou são frases na **voz passiva**. Lembro-lhe que uma das propriedades mais características dos **transitivos diretos** é a possibilidade de ser passados para essa voz (o que é absolutamente impossível com os indiretos). O que está preposicionado aqui é o **agente da passiva**, que corresponde, na ativa, ao sujeito. "**Dois profissionais** (sujeito) constituem a equipe" = "a equipe é constituída **por dois profissionais** (agente da passiva)".

reclamar

Alexandra W., de Ceará-Mirim (RN), não consegue decidir qual a forma correta: "Empresários reclamam atraso dos pagamentos" ou "Empresários reclamam **de** atraso nos pagamentos"?

Minha cara Alexandra, quando eu reclamo **o pagamento**, estou exigindo que me paguem; se, no entanto, reclamo **do** pagamento, estou insatisfeito com o que me pagaram. São duas coisas totalmente diferentes. No seu exemplo, os empresários reclamam **do** atraso (estão fazendo reclamações).

indagar

A leitora Cláudia P., de Montevidéu (Uruguai), gostaria de saber qual das duas versões é a melhor: "O rapaz **indaga o** cientista a respeito de como foi que ele teve tal ideia" ou "O rapaz **indaga ao** cientista a respeito de como foi que ele teve tal ideia"?

Prezada Cláudia, o seu **indagar**, nesta frase, atrapalha como uma pedra no sapato. Desculpe a franqueza, mas a primeira forma é errada ("O rapaz **indaga o** cientista"), e a segunda fica desajeitada ("**indaga ao** cientista a respeito de como foi"). Eu trocaria, sem hesitação, por **perguntar**: "O rapaz **pergunta** ao cientista como ele teve tal ideia". Bem mais limpo e um pouco mais elegante. Agora, se você fizer questão de usar o **indagar**, sua frase poderia ficar assim: "O rapaz indagou ao cientista como foi que ele teve tal ideia".

4. Crase

Todo mundo sabe que a crase é um fenômeno que ocorre quando dois **As** se encontram no interior de uma frase: a preposição **A**, que fica à esquerda, encontra outro **A**, que fica à sua direita. Ora, isso só poderá ocorrer, rigorosamente, **em duas situações**: (1) ou antes de um **substantivo feminino** (que tenha o artigo **A**), (2) ou antes de um **pronome demonstrativo** que comece por essa vogal (**a**quele, **a**quela, **a**quilo). Fora disso, em qualquer outra situação, é impossível que se encontrem os dois **As** necessários para esse casamento.

Sempre fiquei espantado ao ver a esmagadora maioria dos livros didáticos destacarem os casos em que **não pode ocorrer** esse encontro de vogais e, consequentemente, o acento grave. Basta sabermos que **só nos dois casos acima** o enredo começa a ficar interessante, isto é, só nos dois casos acima podemos começar a nos preocupar com a ***possibilidade*** – friso: a ***possibilidade***, não ainda a certeza – de que tenhamos de utilizar esse incompreendido acento. Ensinar os casos em que **não** há crase é o mesmo absurdo e a mesma perda de tempo que o Detran publicar a lista das placas que **não** foram multadas, ou a universidade divulgar, no vestibular, a lista dos candidatos que **não** foram aprovados.

Não vamos ser ingênuos a ponto de afirmar, entretanto, que esse ensino "ao contrário", pouco inteligente, seja a causa de nós termos tantos problemas com a crase. Que o mau ensino transforme num mistério o que deveria ser uma coisa relativamente simples, isso nós podemos entender. O fato de que a maioria dos autores didáticos não entendeu muito bem o fenômeno faz com que, *ipso facto*, a maioria dos brasileiros se atrapalhe com o emprego do acento grave. Até aí, tudo bem.

Agora, se isso justifica a **hesitação** e a **dúvida** que as pessoas têm, com certeza **não é o motivo que as induz ao erro**. Certamente não serão essas explicações deficientes das gramáticas o que leva as pessoas ao emprego constante de acento de crase antes de masculinos, verbos, numerais e outras classes de vocábulos que, obviamente, não comportam um artigo antes deles. A Linguística moderna nos explica que todo erro que é cometido por uma extensa faixa de usuários deve ter alguma forte razão subjacente; é muito grande a incidência de erros do tipo ***barco à vapor***, ***escreveu à lápis***, ***começou à chorar***, ***entregou à ela***, ***trafegava à 60km***. O mau ensino não pode ser a causa de tantas pessoas quererem pôr o acento aí! Em outras palavras: se posso responsabilizar os maus instrutores de direção pelos maus motoristas que infernizam o trânsito, não poderia responsabilizá-los se um número expressivo de seus alunos resolvessem se atirar, de carro e tudo, pelo penhasco abaixo. De onde vem a

vontade de colocar esses acentos indevidos? Acredito que isso seja apenas a materialização da tendência instintiva (já destacada pelo incomparável Celso Pedro Luft, patrono deste ***Guia***) de trocar o sistema vigente por outro mais simples, que consistiria, à francesa, em acentuar sempre o A **quando ali estivesse a preposição presente**.

Said Ali já tinha demonstrado que os escritores de nosso idioma, desde o século XVI, usavam acentuar também a **simples preposição** antes de palavra feminina, em expressões como **à faca**, **à espada**, **à fome**, embora expressões equivalentes no masculino deixassem bem claro que não havia aqui o encontro de dois **As** (**a machado**, **a martelo**). Na mesma linha, algo foi ensaiado por José de Alencar, no século XIX, o que lhe valeu a crítica de um dos gramáticos "medalhões" da escola do Rio de Janeiro, que fez um estudo sobre a linguagem alencariana, mostrando que, infelizmente, o autor de ***Iracema*** não sabia usar nem a crase... Ele não entendeu que Alencar e muitos escritores de sua época usavam o acento apenas para distinguir o **artigo** da **preposição**.

Uma advertência final: para indicar a ocorrência da crase, nosso sistema ortográfico escolheu o **acento grave**; no entanto, no uso corrente, esse acento passou a ser chamado também de **crase**, o que levou à formação do verbo **crasear** (já presente no ***Houaiss*** e no ***Aurélio***), verbo de que não gosto, mas que está amplamente consagrado. Nas situações em que os professores rigorosos dizem que um determinado "**A**" **leva acento de crase**, o falante comum prefere dizer que o "**A**" é **craseado**; eu prefiro a primeira hipótese.

A ocorrência da crase envolve, portanto, a presença da **preposição** – que é uma questão de **regência** – e a presença do **artigo**. A **regência** já foi abordada no **capítulo 3**; passamos agora a examinar alguns pontos importantes sobre o **artigo**, antes de entrar na crase propriamente dita.

4.1 O uso do artigo

Bahia e Recife

> Antes de **nomes geográficos**, o uso do artigo às vezes é obrigatório, em outras, é facultativo.

Prezadíssimo Professor, sem querer abusar de sua santa paciência, trago uma

dúvida que surgiu ao ler sua explicação sobre o uso do artigo definido antes de ***Recife****, no* ***Guia Prático 2****, em que o senhor deixa claro que, sendo o nome desta cidade também a designação de um acidente geográfico, pode-se usar tanto "****de*** *Recife" quanto "****do*** *Recife". Pergunto: seria essa regra aplicável quando nos referirmos à* ***Bahia****? Poderia ser dito "venho* ***de*** *Bahia"? Em caso afirmativo, a crase também seria facultativa, isto é, poderíamos escrever, indiferentemente, "vou* ***à*** *Bahia" ou "vou* ***a*** *Bahia"?*

David A. – Maceió (CE)

Meu caro David, acho que você fez aqui uma pequena confusão, pois o caso de Recife não tem nada a ver com o caso da Bahia. **Recife** é uma **cidade**, e o nome das cidades geralmente não é acompanhado do artigo, em Português; como, entretanto, refere-se a um acidente geográfico (**os recifes**), admite-se também que venha com artigo – "venho **de** Recife" (seguindo a regra geral) ou "venho **do** Recife" (seguindo o costume da maior parte dos falantes). Com o nome dos **estados**, contudo, a coisa é diferente: eles se dividem entre os que **não têm** artigo (venho **de Alagoas**, **de Minas Gerais**, **de São Paulo**, **de Tocantins**) e os que **têm** (venho **do Pará**, **da Paraíba**, **do Paraná**, **da Bahia**).

Enquanto o uso popular (e, muitas vezes, histórico) registra a possibilidade de **incluir** um artigo antes do nome de certos estados ("**as** Alagoas", "**as** Minas Gerais"), o que você está propondo é exatamente o caminho inverso: **excluir** o artigo que acompanha a **Bahia** – possibilidade que a língua não nos oferece. Você pode imaginar alguém dizendo que vem "**de** Pará" ou "**de** Amazonas"? Sempre vai ter de usar o "**A**" com **Bahia**; ora, o resto todos nós já sabemos: se este "**A**" encontrar uma preposição "**A**", a crase será inevitável.

se vou a e volto da

O Professor mostra como o antigo versinho "Se vou **a** e volto **da**, crase **há**" tem muito mais a ver com o artigo do que com a crase.

Caríssimo Professor, escrevo-lhe para partilhar uma velha recordação de infância que foi resgatada de tempos olvidados, ao ler um de seus artigos acerca do

*emprego da crase... A minha mestra de Português, perante nossas dúvidas nesse tópico, dizia: “Meus alunos: se vou **a** e volto **da**, crase **há**; mas se vou **a** e volto **de**, crase para quê”? Boa mnemônica, não acha?*

Sandra Lourenço – Coimbra, Portugal

Prezada Sandra, eu não sei a idade que você tem, mas deve ser algo geracional: eu também aprendi assim, no tempo em que eu tinha todo o cabelo e todas as esperanças do mundo. Ainda acho muito boa essa rimazinha mnemônica, mas chamo a atenção para um detalhe que me passava despercebido naquela época: ela tem muito menos a ver com a **crase** do que com **o uso do artigo**. Explico.

Nosso idioma nem sempre usa o artigo antes dos nomes de lugar (países, estados, cidades): moro **em** Alagoas, mas **na** Bahia; venho **de** Portugal, mas **do** Japão, e assim por diante. Aquele versinho, portanto, serve apenas para saber quais os **nomes de lugar** que são precedidos de **artigo feminino**; a crase vai ser apenas uma consequência. Por exemplo, se eu preciso saber como grafar cada “**A**” na frase “Na minha excursão, fui **a** Cuba, **a** Holanda, **a** Bélgica e **a** Israel”, aplico a esperta rimazinha e obtenho o seguinte: “Volto **de** Cuba, **da** Holanda, **da** Bélgica e **de** Israel” – o que me indica que **Cuba** e **Israel** não têm artigo e, por consequência, não vai ocorrer a crase (“Fui **a** Cuba, **à** Holanda, **à** Bélgica e **a** Israel”). É tiro e queda! Contudo – repito – só funciona com esses locativos. Para todos os demais casos em que temos dúvida, só mesmo o miolo resolve. Um abraço, Sandra, e obrigado pela recordação.

do ou **de** Paulo?

Devemos ou não usar artigo antes de **nomes próprios**?

*Meu caro Professor, eu gostaria de esclarecer se estão corretas as três formas da seguinte frase: (1) A casa é **do** Paulo, **da** Renata e **do** Marcelo. (2) A casa é **do** Paulo, Renata e Marcelo. (3) A casa é **de** Paulo, Renata e Marcelo.*

Renato de Mendonça

Meu caro Renato, o leque deve ser ampliado para quatro opções:

(1) A casa é **do** Paulo, **da** Renata e **do** Marcelo.
(2) A casa é **de** Paulo, **de** Renata e **de** Marcelo.
(3) A casa é **do** Paulo, Renata e Marcelo.
(4) A casa é **de** Paulo, Renata e Marcelo.

Tanto a primeira quanto a segunda estão corretas; a diferença entre elas está no emprego – ou não – do **artigo** antes do **nome próprio**, o que é uma escolha livre para o falante. Podemos optar entre "o carro **de** Marta" e "o carro **da** Marta", "o livro **de** Pedro" ou "o livro **do** Pedro". Em geral, os gaúchos preferem usar o artigo, enquanto o resto do país prefere não fazê-lo. Você deve escolher a forma que mais lhe agrada.

A terceira e a quarta também se distinguem nesse mesmo ponto, mas apresentam, além disso, uma peculiaridade considerada "moderna" por alguns: a preposição **de** vem antes do primeiro item da relação, apenas. Eu não gosto e não uso; prefiro, como nas duas primeiras versões, manter o **paralelismo** sintático, repetindo a preposição antes de cada item. Embora estas duas últimas formas sejam aceitas, acho que você deveria ficar com as duas primeiras; além de mais formais, são mais elegantes.

em França?

Luís XV era rei **da** França ou rei **de** França? Paris fica **na** França ou **em** França?

*Caro Professor, voltei a estudar, depois de vários anos afastado dos bancos escolares. Na semana passada, aprendi que, ao me referir à França, devo escrever "**em** França" e não "**na** França". Está correto? É novidade? Isso também se usa para outros países?*

Jorge Luiz B. – Cuiabá (MT)

Meu caro Jorge, se você estiver em Portugal, vai ouvir muitas vezes "**em**

França", "**em** África". No Brasil, no entanto, isso é completamente inadequado. As pessoas cultas (e todos os escritores que merecem esse nome, inclusive o supremo Machado de Assis) escrevem "**na** França", "**na** África", pois esses nomes geográficos são usados, aqui, com artigo. Dizemos que o livro veio "**da** França", e não "**de** França", como querem alguns (raros) professores equivocados. Além disso, abra o olho: se você não usar artigo antes de **França**, vai terminar escrevendo "Fomos **A** França", sem acento de crase; isso fica bem em Portugal, mas aqui vai ser tachado de erro, mesmo. Em Roma, devemos agir como os romanos; aqui no Brasil é assim.

artigo antes de relativos

> A mais importante diferença entre os pronomes relativos **que** e **qual** é que só o segundo pode ser antecedido de artigo definido.

Caro Prof. Moreno, no setor jurídico em que trabalho, costumamos usar a frase "Apelação e remessa oficial ***a que*** *se nega provimento" para significar que se está negando provimento tanto à apelação quanto à remessa. Para deixar bem claro que estamos negando provimento aos dois elementos, não seria melhor acrescentar o artigo no plural e escrever "Apelação e remessa oficial* ***às que*** *se nega provimento"?*

Luciana O. – Brasília (DF)

Minha cara Luciana, você indicou um bom rumo, mas enganou-se de endereço. A sugestão de usar o artigo é boa, mas não pode ser feita com o relativo **que**. Este pronome jamais virá antecedido de artigo, a não ser que haja um **substantivo elíptico** – mas isso é vinho de outra pipa. Talvez o que você quisesse propor fosse algo como "Apelação e remessa oficial **às quais** se nega provimento"; aí sim, você teria razão, porque ficaria muito mais fácil para os leitores entenderem do que se trata.

Esse comportamento diferente do **que** e do **qual**, com relação a artigos, fica bem evidente quando comparamos estruturas como "os filmes **a que** assisti/**aos quais** assisti", "os ideais **por que** lutamos/**pelos quais** lutamos", "a peça **a que** assisti/**à qual** assisti", e assim por diante: **qual** é sempre antecedido de artigo,

coisa que jamais acontece com o **que**.

Os eventuais casos de crase antes deste pronome se devem à presença de um artigo pertencente a um **substantivo elíptico** (**subentendido**): "Essa rua é paralela **à** [rua] **que** leva o nome de meu pai" pode ficar "Essa rua é paralela **à** [...] **que** leva o nome de meu pai"; "Não me refiro **às** [alunas] **que** chegaram cedo, mas **às** [alunas] **que** chegaram tarde" pode ficar "Não me refiro às alunas que chegaram cedo, mas **às** [...] **que** chegaram tarde". Por isso, seria agramatical a forma proposta por você, "apelação e remessa oficial ***às que**...". A forma como vocês costumam escrever, portanto, está correta.

Curtas

leve **o** quanto puder

Francisco F., de Brasília (DF), quer saber se o correto é "aproximei-me **O** quanto pude" ou "aproximei-me quanto pude".

Meu caro Francisco: "aproximei-me **O** que pude", "aproximei-me **O** máximo que pude", "leve **O** quanto puder", "gastei **O** mínimo", etc. – veja como você sempre terá aquele **O**, que uns interpretam como **pronome**, outros como **artigo** – nesse caso, acompanhando um substantivo que está subentendido. Seja ele o que for, sempre deveremos usá-lo. Vamos encontrar autores que o consideram desnecessário em construções como "gaste [**o**] quanto quiser", "economize [**o**] quanto puder", mas o uso literário parece ter preferido manter este **O**.

todo x **todo o** (na fala)

A leitora Isabel Fernandes quer saber sobre o uso de **todo** + **o**. Segundo ela,

falamos coloquialmente "**todo mundo** vai querer imitar você", com o sentido de "**todas as** pessoas". Ela pergunta se o certo não seria "**todo o mundo** vai querer imitar você".

Prezada Isabel, nem você nem eu sabemos como falamos isso, porque **dizer** "**todo o** mundo" ou "**todo** mundo" sempre vai dar na mesma sequência fonológica /**todumundu**/. Como falam os caipiras, "dizido é uma coisa, escrevido é outra". Não esqueça que a escrita, com todas as suas regras ortográficas e gramaticais, é uma realidade que não chega a 30% do gigantesco fenômeno que é a língua falada.

Agora, para que você não pense que eu desviei da pergunta, informo que o costume é usar **todo mundo** quando queremos falar de **todas as pessoas**, reservando **todo o mundo** para quando queremos falar do **planeta inteiro** – embora, faço questão de frisar, esta diferença não seja tão rígida como alguns apregoam.

Cubatão tem artigo?

José O. L., de São Paulo, pergunta qual é a forma correta (e qual a regra) com relação à cidade de Cubatão: "foi para **o Cubatão**" (análogo a "foi para **o** Rio de Janeiro), ou "foi para **Cubatão**" (análogo a "foi para São Paulo")?

Meu caro José, foi **para Cubatão**, veio **de Cubatão**; foi **para Sorocaba**, veio **de Sorocaba** – note como **não** costumamos usar artigo com o nome das cidades. O **Rio de Janeiro** é um dos raros casos, principalmente por influência do substantivo comum (**o rio**) e da confusão histórica entre a cidade e o estado do Rio.

Secretaria **da** ou **de** Saúde?

Washington Cezar A., de Porto Seguro, precisa saber se a forma correta é "Secretaria Municipal **de** Saúde" ou "Secretaria Municipal **da** Saúde".

Meu caro Washington, vejamos como se faz no âmbito federal: Ministério **da** Cultura, Ministério **da** Saúde, Ministério **da** Educação, Ministério **do** Desenvolvimento, Ministério **da** Integração (nem todos eles existem, mas já existiram). Note que o artigo definido está sempre presente, junto com a preposição. Essa é uma daquelas opções que a língua vai definindo, silenciosamente, em seu curso de séculos. Acho que seria sábio seguir o exemplo e escrever "Secretaria **da** Saúde".

artigo antes de possessivos

A leitora Gislene pergunta se é correto colocar um artigo antes de um pronome possessivo. Como fica? É "onde você colocou **meu** casaco" ou "onde você colocou **O meu** casaco"?

Minha cara Gislene, tanto faz um quanto o outro; o uso de artigo antes do possessivo é apenas uma das inúmeras instâncias em que o falante tem todo o direito de optar. Essa flexibilidade no emprego do artigo vai ter, no caso do **feminino**, repercussões quanto à ocorrência de crase. Dê uma lida no que escrevi a respeito desse assunto em **crase com possessivos**.

artigo antes das siglas

Carmen Rebouças trabalha numa universidade, na **Seção de Admissão e Registros Escolares**, referida internamente como **SEARE**. Sua dúvida é simples: "Quando usar a sigla, devo também usar o artigo? Ao despachar um processo para tal setor, o correto seria **À SEARE**, **A SEARE** ou **AO SEARE**?".

Prezada Carmen, no caso de siglas como esta, costumamos atribuir-lhe o

mesmo gênero do núcleo do sintagma. Se é uma “seção”, será feminina; se for um “centro”, por exemplo, será masculino. Nós nos referimos **ao MEC** (ministério), **ao INSS** (instituto), **ao SERPRO** (serviço), **à OAB** (ordem). No seu caso, portanto, você deve falar **da SEARE**. No endereçamento de uma carta ou ofício, como está presente a preposição “**A**”, a crase vai ocorrer: **à SEARE**.

ao/a meu ver

Janaína, de Feira de Santana (BA), quer saber se a expressão correta é **a meu ver** ou **ao meu ver**.

Prezada Janaína, como você deve saber, é completamente livre, para o falante, usar ou não o artigo antes dos possessivos: aquele é **meu carro**, aquele é **o meu carro**; **minha mãe** está aqui, **a minha mãe** está aqui. Esta liberdade de escolha vai ter reflexos no caso que você propôs: **em meu** entender, **no meu** entender; **a meu** ver, **ao meu** ver. Escolha uma e fique em paz.

de mamãe, **da** mamãe

Audri P., de Porto Alegre, escreve: “Uma menina baiana que está morando conosco costuma dizer ‘este livro é **de** mamãe’, ‘os sapatos **de** Laurinha’; no Sul, dizemos normalmente ‘este livro é **da** mamãe’ ou ‘os sapatos **da** Laurinha’. O que é correto?”.

Cara Audri, usar (ou não) o artigo definido nesses casos é uma questão de opção do falante. O quarto **do** meu filho, o carro **do** papai, a carta **da** Maria – ou o quarto **de** meu filho, o carro **de** papai, a carta **de** Maria. A escolha é livre; em geral, o Rio Grande do Sul prefere usar o artigo, enquanto o Nordeste faz o contrário. Note que essa opção tem reflexo no problema da crase: “leve o livro **A**

papai e a revista **A** mamãe" (sem artigo), ou "leve o livro **AO** papai e a revista **À** mamãe" (com artigo).

4.2 A crase propriamente dita

à Maria, a **Maria**

Saiba por que razão o acento de **crase** é opcional antes dos nomes próprios.

*Professor Moreno, ao escrever uma carta para minha filha, me surgiu uma dúvida. Como devo preencher o destinatário? **À Maria** ou simplesmente **A Maria**, sem o acento de crase? Obrigada pela sua atenção.*

Alessandra – São Paulo (SP)

Minha cara Alessandra, escreva como você quiser. Acontece que os falantes do Português se dividem em dois grupos: os que usam e os que não usam **artigo** antes de **nomes próprios**. Quando eu falo do meu filho Matias, eu digo "**o Matias** passou por aqui", mas sua namorada, que é do Rio de Janeiro, já prefere dizer "**Matias** passou por aqui". No feminino, uns dizem "Encontrei **Maria** no jogo", outros dizem "Encontrei **a Maria** no jogo". A escolha é completamente livre.

Ora, como você deve lembrar do tempo de colégio, tudo o que mexe com o artigo feminino tem reflexos no acento de **crase**. Se você usar o artigo quando falar da sua filha ("estou pensando **na** Maria", "o noivo **da** Maria"), vai escrever "**À Maria**" (preposição + artigo = crase). Se, por outro lado, você prefere não empregar o artigo ("o quarto **de** Maria", "o noivo **de** Maria"), é evidente que acabará escrevendo apenas a **preposição**: "**A Maria**". Escolha aí um **João**, escreva uma carta para ele e tudo vai ficar mais claro: ou você escreve "**Ao** João" ou "**A** João". A decisão é sua.

devido a medicação

Andrea, editora de uma revista de Medicina, escreve:

> “Acredito que minha dúvida seja comum a muitos brasileiros: existe uma regra simples para o uso da crase? Por exemplo, **devido a medicação errada** leva ou não crase?”.

Minha cara Andrea, a regra de crase é muito simples; o que pode ser complexo, no entanto, é o contexto em que nós temos de decidir sobre o seu uso. A sua frase – **devido a medicação errada –** é um bom exemplo dessa complexidade. Por exemplo, (1) imaginemos que o médico X tenha matado um paciente ao prescrever-lhe um remédio inadequado; o paciente morreu devido **à medicação errada que o médico lhe prescreveu**. Compara com (2): “Muita gente morre no Brasil devido **a medicação errada**”. Por que em (1) aparece o acento de crase e em (2) não?

Posso lhe assegurar que não tem nada a ver com a regra da crase, mas sim com o uso (ou não) do **artigo definido**, esse pequeno vocábulo cuja importância tanto esquecemos. Em (1), o artigo está presente, pois estamos falando de uma medicação errada **definida**. Em (2), ele está ausente, pois nos referimos a “medicações erradas”, indefinidamente. Este é o mesmo caso de “o infrator está **sujeito a multa** (leia-se: **a** [uma] **multa**), que é bem diferente de “o infrator está sujeito **à multa de R$100,00**).

a crase da sogra

> Um desesperado estudante de Letras faz fiasco ao discutir a crase com a sogra; o Professor ensina como devemos nos comportar numa hora dessas.

Caro Professor Moreno, sou um aluno de Letras em desespero: a mãe da minha namorada é daquelas que discute qualquer tópico até o limite da honra. E ontem estava “a dar aulas de gramática” a todos nós, incultos e belos. Disse-nos que quase teve um treco ao ir na lavanderia e ler “lavagem ***À*** *seco”. Mas, aí, lembrei do caso do “tinta* ***À*** *óleo” em que está implícito “à maneira de” e mencionei tal regra para confirmar o acerto de “lavagem* ***À*** *seco”. Enfim, ficamos por mais de cinco minutos a discutir tal nuance da nossa birrenta Língua Portuguesa. Então,*

*Professor? **Lavagem à seco** está correto? Se não estiver, dá para inventar uma emenda à FHC e mudar (mesmo que temporariamente) a constituição dessa regra para salvar um desamparado aluno de Letras?*

Anônimo – De algum lugar do interior de São Paulo [o nome e a cidade foram omitidos para resguardar a integridade física do autor da mensagem]

Meu caro Anônimo, você realmente foi se meter em camisa de onze varas! Sinto dizer que desta vez você se complicou, e feio! Desde quando "tinta **a óleo**" tem crase, ó Anônimo? Nunca! Nem em "lavagem **a seco**"! Só pode haver acento de crase antes de palavra feminina, venha ela **expressa** ou **subentendida**. É nesse último caso que vemos os "bigodes **à Hitler**", o "filé **à Santos Dumont**", porque aqui está elíptica a palavra **moda**. Como em toda elipse, aliás, ela pode simplesmente voltar à frase: "bigodes à **moda** de Hitler". Agora, ninguém lava "**à moda**" de seco, nem tem tinta "**à moda**" de óleo.

Eu sei que é duro, para um estudante de Letras, tropeçar assim em público – e ainda mais diante da sogra! Paciência, meu caro Anônimo: isso pode acontecer com qualquer um. Nesses casos, o melhor remédio é sempre a verdade: você deve voltar ao assunto, dizer que resolveu estudar mais profundamente o problema e acabou concluindo que estava errado. Isso é prova de grandeza intelectual e sempre funciona. Acredite em mim, porque um dia, quando eu era recém-formado, fiz uma dessas com uma turma de segundo grau: errei, teimei, gritei com eles, chamei-os de cabeçudos e ignorantes, e depois, em casa, vi que eles estavam com a razão. Engoli seco, criei coragem e, no dia seguinte, fiz diante deles o meu *mea culpa*; para a minha surpresa de jovem professor inexperiente, passei a ser muito mais respeitado pela turma! Agora que já se passaram vários dias da sua discussão, volte voluntariamente ao assunto, demonstrando (1) **que você dá alguma importância às opiniões da sogra** ("A senhora sabe, desde aquele dia eu fiquei intrigado com a sua convicção sobre aquele problema da crase e resolvi me aprofundar no tema" – vá por aí, que irá muito bem) e (2) **que você é um estudioso**; só os ignorantes não mudam de opinião.

à vista

> A leitora quer saber se uma **venda a prazo**, além dos juros, também leva acento de crase; o Professor mostra que não. O problema é a venda **à vista**.

*Prezado Doutor, sei que em frases como "vou pagar **a vista** e não **a prazo**" não se deve utilizar o acento de crase. Mas, quando for no início de frases ou indicadores, como fica? Por exemplo, devo escrever*

> **À vista**: R$500 ou **A vista**: R$500?
> **À prazo**: R$515 ou **A prazo**: R$500?"

Cláudia Leite

Minha prezada Cláudia, **a prazo** jamais vai receber acento indicativo de crase, esteja no início, no meio ou no fim da frase. O motivo é muito simples: é impossível existir, antes desse substantivo masculino, o artigo definido feminino, que, como você bem sabe, é um dos ingredientes indispensáveis para que ocorra o fenômeno da crase.

Agora, com **a vista** o problema é um pouquinho diferente. Pelo simples paralelismo com o **a prazo**, em que só temos a **preposição** (mas não o **artigo**) antes do substantivo, fica evidente que em **a vista** também só temos a preposição pura. Contudo, por permitir algumas estruturas ambíguas (como, por exemplo, "**a vista é melhor**"), muitos gramáticos incluem este caso entre aqueles em que o acento grave é utilizado apenas para assinalar a **locução adverbial** (e não, como seria o comum, o encontro de dois **As**). O uso deste acento (independentemente da posição em que aparece na frase) é opcional nesses casos, não sendo aceito por alguns autores de renome. Eu uso sempre, se você quer saber.

crase antes de **Terra**

> Veja por que, na frase "os marcianos voltaram **à Terra**", devemos empregar o acento indicativo de crase.

Professor, gostaria que o senhor esclarecesse o ***emprego da crase*** *diante da palavra* ***terra****, sobretudo nesta oração: "Os marcianos voltaram a* ***Terra****". Afinal, usamos o acento diante do substantivo próprio* ***Terra****, referindo-nos ao planeta em que vivemos?*

Petrúcio Jr.

Meu caro Júnior, acho que conheço a origem remota dessa sua dúvida. No (mau) ensino tradicional da crase, relacionavam-se os casos em que "a crase era **proibida**" [sic!] – e entre eles figurava a palavra **terra** quando usada por oposição a **bordo**: "Os marinheiros foram **a terra**". Ora, professor de Português que se preze já abandonou, há muito tempo, essa forma jurássica e equivocada de explicar o **A** acentuado. Como este acento só poderá ocorrer quando houver a **crase** (fusão) da preposição com o artigo, não é necessário ficar enumerando as dezenas de casos em que tal encontro **não** acontece, como se fossem regras específicas. Um professor que ensina a seus alunos que "não existe crase antes de verbo" está transmitindo a seus infelizes alunos a ideia errônea e nefasta de que possa existir uma lista de palavras **favoráveis** e outra de palavras **desfavoráveis** à crase. O que ele deve fazer é, a partir do princípio geral (**não há crase sem a presença do artigo feminino**), mostrar ao aluno que ele sequer deveria se preocupar em acentuar um **A** que esteja antes de um **verbo**, ou antes de um **pronome indefinido**, ou antes de uma **palavra masculina**, etc. – casos esses em que é impensável a presença do artigo feminino "**A**".

Isso nos traz de volta à sua pergunta: podemos acentuar o **A** antes de **terra**? A resposta é simples: desde que a preposição encontre um artigo feminino antes desta palavra. No exemplo acima, dos marinheiros, o vocábulo é usado com um sentido **indefinido**, que não admite o artigo (definido) ("O navio está **em** terra", "O grito veio **de** terra"). Observe, no entanto, a sequência: a espaçonave deixou **a** Terra, a espaçonave saiu **da** Terra, a espaçonave caiu **na** Terra, a espaçonave voltou **à** Terra. Como você pode ver, sempre usamos o artigo definido com o nome de nosso planeta. Isso também ocorre quando empregamos **terra** para indicar o lugar que se opõe ao céu, no sentido místico ou mitológico: "Zeus saiu da vastidão azul do céu e voltou mais uma vez **à terra**"; "Cristo veio **à terra** para salvar os homens".

àquele

> Fique sabendo que **não** existem, em momento algum, regras que **proíbam** ou **permitam** o uso do acento de crase. Tudo é uma questão de destino.

Prof. Moreno, embora não se use o acento grave, indicador da crase, antes de palavra ***masculina****, o uso de* ***àquele*** *(contração da preposição* ***A*** *com o pronome demonstrativo* ***aquele****) – "Diga* ***àquele*** *rapaz que não faça tanto barulho" – seria exceção à regra geral? Não o sendo, qual a explicação? Grata.*

Sílvia P. – Rio de Janeiro (RJ)

Minha cara Sílvia, não há nada de especial quanto ao acento de **àquele**; acontece que você foi mais uma das vítimas do mau ensino de Português. **Não existem regras negativas de crase**. Isto é, não existem regras sobre o **não-uso** do acento grave. A crase ocorre quando um **A** se encontra com outro, e pronto. Em 90% das vezes, trata-se do encontro [**prep. A + artigo A**]. Ora, como este precioso artiguinho feminino só pode aparecer antes de substantivos femininos, é uma **consequência** lógica (não uma **proibição**!) que isso não ocorra antes de substantivos masculinos.

No entanto, nos outros 10%, a crase ocorre quando a preposição **A** (esta não pode faltar nunca a este baile) se encontra com o "**A**" inicial dos pronomes demonstrativos **aquele** (e suas flexões **aquela**, **aqueles**, **aquelas**) e **aquilo**. "Não me refiro **a** este aluno, mas sim **àquele**"; "Quanto **àquilo**, posso assegurar-te..." – e assim por diante. Nada de mais.

Ocorre que há dezenas de péssimos manuais, usados por professores de formação apressada, que tratam a crase como se fosse um sistema de regras determinadas por alguém – como se fosse uma lei, com artigos e parágrafos e incisos e casos especiais. Por causa disso, muitos se revoltam contra a crase, julgando-a uma imposição arbitrária; não poucos leitores já me escreveram perguntando quando é que vão "**revogá-la**"! Para piorar o quadro, esses manuais vivem chamando a atenção de seus desafortunados leitores (ou alunos) para os casos em que "a crase é **proibida**" [sic!].

Não estranho, portanto, que você fique cismada com o acento de **àquele**. O próprio Millôr – para mim, um dos escritores brasileiros mais conscientes da linguagem que utiliza – vive escrevendo a respeito de **àquele** e de **àquilo**, que ele gosta de apontar como exceções à regra que diz só existir crase antes de palavra feminina. O problema, Mestre Millôr, é que essa regra está **incompleta**, formulada por esses gramatiquinhos que disseminam por aí sua deficiente

compreensão dos fenômenos da língua; eles simplesmente esqueceram a segunda possibilidade, em que a preposição encontra o **A** inicial do pronome demonstrativo. Agora tenho certeza de que você vai ficar em paz com o acento de **àquele**.

crase com possessivos

> O Professor explica: acreditar que haja casos em que a crase é **opcional** é o mesmo que acreditar que, aproximando um fósforo aceso da gasolina, a explosão será opcional.

Prezado Professor Moreno, ao responder a uma pergunta minha, o senhor escreveu: "refiro-me ***À*** *sua consulta de dezembro do ano passado". Existe essa crase antes de pronome possessivo? Obrigado mais uma vez.*

Klein – Novo Hamburgo (RS)

Meu caro Klein, eu podia ser chato no bodoque e responder, muito simplesmente: "Se eu usei, é porque tem, ora!". Mas, como sou um eterno professor, vamos ao problema: antes de mais nada, não se discute a existência ou a não-existência de crase antes dos possessivos. A crase é a aproximação da preposição "**A**" com o artigo feminino "**A**" – mais ou menos como aproximar um fósforo da gasolina. Se eles entrarem em contato, nada vai impedir a combustão; da mesma forma, se um "A" encontrar o outro, vai acontecer o fenômeno chamado de **crase**, assinalado na escrita pelo acento grave.

Se você ler o que escrevi em "**à Maria, a Maria**", verá que antes dos nomes próprios podemos usar (ou não) artigo; dessa forma, a decisão que tomarmos vai influir na ocorrência (ou não) do artigo necessário para que a crase ocorra. Algo semelhante acontece antes dos **possessivos**: nosso idioma nos permite optar entre usar – ou não – o artigo antes deles. Uns dizem "a janela **de** meu quarto"; outros, "**do** meu quarto". "Leve isso **a** meu filho" ou "**ao** meu filho". No feminino, da mesma forma: ou "entregue isso **a** minha filha" (só preposição) ou "entregue isso **à** minha filha" (**preposição** + **artigo** = bingo!). Temos aí uma crase, que deverá ser indicada, na escrita, pelo acento grave. Tudo depende, como você pode ver, da nossa decisão de empregar ou não o

artigo.

Dizer, como o fazem alguns autores, que aqui a crase seria **opcional** seria o mesmo que dizer que, juntando o fósforo à gasolina, a explosão vai ser opcional. Claro que não é; o que podemos optar é aproximar ou não o maldito fósforo, mas, uma vez tomada a decisão de usar o artigo definido, as consequências fogem a nosso controle. A maior prova disso aparece quando usamos **possessivos no plural**; aí a trama fica bem visível. "Entregue isso **a** minhas filhas" (o "**A**" é preposição pura, sem acento) ou "entregue isso **às** minhas filhas" (o "**s**" revela que o artigo está presente, e a acentuação é obrigatória).

crase e pronome de tratamento

> O Professor explica por que **nunca** haverá acento de crase antes de **Vossa Excelência**, **Vossa Senhoria**, etc.

*Caro Professor, em "vimos solicitar **A** Vossa Excelência", o "**A**" não leva acento de crase mesmo? E se eu raciocinar que a frase é "vimos solicitar **a (a)** Vossa Excelência" – não existe aí uma duplicidade de "**A**s"? A propósito, em uma dedicatória, o correto é escrever "**À** minha amiga Maricota" ou "**A** minha amiga Maricota"? Obrigado pela força.*

Afonso – Campo Grande (MS)

Meu caro Afonso, você jamais vai encontrar um acento de crase antes de **Vossa Excelência** (e demais formas de tratamento – incluindo o **você**) pela simples razão de que o Português **não aceita artigo antes dessas formas**! "O discurso **de Vossa** Excelência" (e não **da**), "Confio **em** Vossa Excelência" (e não **na**), "Só penso **em** você", etc. Ora, você sabe muito bem que a crase ocorre quando a **preposição** encontra o **artigo**; logo...

Quanto ao uso de artigo antes de pronomes possessivos, essa é uma daquelas situações em que o falante tem total liberdade de escolher. Eu digo "o carro **de** (ou **do**) meu filho", "eu estava pensando **em** (ou **na**) minha filha". Dessa forma, no caso que você menciona, pode usar o artigo (com o consequente acento de crase: **à** minha amiga) ou **não** (nesse caso, o "**A**" vai ser uma preposição pura: **a**

minha amiga). A crase não é bicho bravio, não; com jeito, ela se amansa.

crase e subentendimento

> O Professor mostra que na frase **A água ferve A cem graus** não se pode subentender a palavra **temperatura**, que justificaria o acento de crase.

*Caríssimo Professor, em expressões do tipo "**a setenta graus**...", em que se subentende a palavra **temperatura**, usa-se ou não a crase ? Obrigada pela luz!!!*

Olga Martins

Minha cara Olga, sua pergunta revela que você conhece o princípio fundamental da crase – ela só pode ocorrer **antes de uma palavra feminina**, esteja ela **expressa** ou **subentendida**. Contudo, neste caso não há subentendimento algum; devemos escrever **a setenta graus**, sem acento de crase, porque aqui o "**A**" é simples preposição. Vou mostrar uma construção com vocábulo **elíptico** (o que você chama de **subentendido**), para vermos a diferença: "A massa fica pastosa **à temperatura** de cinquenta graus, mas se liquefaz quando chega **à de** setenta graus". Se mostrarmos essa construção para qualquer pessoa, ela vai recuperar a palavra **temperatura** entre o **a** e o **de**. Como esse vocábulo subentendido traz consigo o artigo feminino, temos aqui uma crase. Se tomarmos, no entanto, a frase **A água ferve a cem graus**, o máximo que se poderia subentender (com boa vontade...) seria "a cem graus **de temperatura**" – no final do sintagma, longe, portanto, daquela preposição "**A**". Espero que esta "luz" possa lhe esclarecer.

a crase precisa de um artigo!

> Quatro leitores enviam quatro perguntas diferentes sobre a crase; o Professor mostra que, no fundo, todas se referem à presença do artigo.

Da mesma forma que a ocorrência da crase é muito mais limitada do que parece, as dúvidas sobre ela também giram sobre os mesmos pontos de sempre.

Quatro leitores apresentam suas dúvidas sobre o emprego do acento de crase; à primeira vista, podem parecer quatro perguntas diferentes, mas veremos que todas tratam da presença do artigo feminino.

(1) Professor Moreno, qual é a forma correta? "A revista foi feita ***à*** *muitas mãos" ou "A revista foi feita* ***a*** *muitas mãos"? Ou seja, ocorre crase antes de* ***muitas*** *ou não? Desde já, fico muito agradecida.*

Geda L.

Prezada Geda, é evidente que nesta frase não está presente um dos ingredientes indispensáveis para a crase, que é o **artigo feminino**. Se ele estivesse na frase, você teria um **as** antes de **muitas**. O **a** que temos aí é simplesmente a preposição e, *ipso facto*, **não** pode receber acento de crase.

(2) *Caro Professor Moreno, tenho uma dúvida que pode parecer banal, mas que não consigo sanar: em "embalagem* ***a*** *vácuo" e "empacotado* ***a*** *vácuo", ponho ou não ponho acento de crase? Não se trata de uma* ***maneira*** *de embalar ou empacotar? Muito obrigada.*

Telma Ferreira

Minha cara Telma, para que haja acento de crase, é necessário que a preposição "**A**" se encontre com o artigo feminino "**A**": "entregue isso **a** (preposição) + **a** (artigo) diretora" = **à** diretora. Logo, é **impossível** encontrar esse segundo "**A**" (o artigo feminino) antes de um vocábulo **masculino** como **vácuo**. É por isso, Telma, que se diz que não ocorre acento de crase antes de masculinos: é

pela absoluta falta do segundo elemento necessário, o artigo. Embalagem **a vácuo**, motor **a diesel**, navio **a vapor**, preencha **a lápis** – todos sem acento, porque todos são masculinos.

(3) *Prezado Professor, em* ***atendimento especial a clientes****, o "A" leva acento de crase? Por favor, responda esta, porque a briga interna aqui é grande. Grato.*

Klein

Meu caro Klein, para que haja acento de crase, é necessário que a preposição "**A**" se encontre com o artigo feminino "**A**". Supondo que vocês só tivessem **mulheres** como clientes (um Centro de Ginecologia, por exemplo – o que não me parece ser o caso de vocês...), o anúncio poderia prometer "Atendimento **às** clientes". Note que a presença do "**s**" final revela claramente que o artigo feminino está ali, junto com a preposição. No caso de "Atendimento **a** clientes", no entanto, esse "**A**" é indiscutivelmente uma preposição isolada; **não** há hipótese, portanto, de receber o acento de crase.

(4) *Caro Professor Moreno, uma dúvida gerou muita confusão entre meus colegas de trabalho: folheado* ***à*** *ouro ou folheado* ***a*** *ouro? Alguns argumentaram que, devido à palavra* ***ouro*** *ser masculina, a crase não se aplica; outros argumentaram que ela se aplica, pois a palavra feminina está implícita. Você pode pode nos ajudar com essa dúvida?*

Toni Lazaro

Prezado Toni, aqui não há como tentar enxergar uma palavra feminina

elíptica (subentendida) antes de **ouro**. Portanto, não há artigo feminino e, consequentemente, não pode haver acento de crase. E mais: mesmo que fosse "folheado **a prata**", também não haveria o acento, porque aqui, em ambos os casos (**ouro** ou **prata**), não está sendo empregado **o artigo definido**; o "**A**" é apenas a preposição.

das oito **às** doze

> Um leitor quer saber se a loja abre "das 8h **as** 12h" ou "das 8h **às** 12h", "de segunda **a** sexta" ou "de segunda **à** sexta".

*Devemos escrever "**das 8h as 12h"** ou "**das 8h às 12h"**? Ou as duas formas são corretas? Nesse caso, o **a** está substituindo o **até** ou o **para**? Da mesma forma, pergunto: é "**de segunda a quinta-feira"** ou "**de segunda à quinta-feira"**? Um abraço e muito obrigado.*

Fábio Cezar M. – Jaraguá do Sul (SC)

Meu caro Fábio, como todos nós estamos cansados de saber, a **crase** (assinalada, na escrita, pelo acento grave) é o encontro da **preposição** "**A**" com o **artigo** "**A**". Na sua pergunta, quando você escreve "**das** 8h", fica claro que o artigo está presente (**das** é formado pela preposição **de** mais o artigo **as**); consequentemente, antes de "12h" ele também deverá estar: "**das** 8h **às** 12h" – com acento indicativo de crase. Se algum felizardo começa a trabalhar às 8h e encerra o batente às 12h, essa é a única maneira correta de escrever. Outra coisa bem diferente seria "ele trabalha **de oito a doze horas** por dia"; neste caso, "**de** oito a **doze**" não se refere a **quando** ele começa e termina, mas sim a **quantas** horas de trabalho são cumpridas.

Com os dias da semana é um pouco mais sutil. Vamos examinar primeiro a construção "**de** segunda **a** sexta-feira". O **de** aqui é apenas a **preposição**, pois o artigo feminino não está sendo usado antes de **segunda**; logo, antes de **sexta-feira** também não estará, o que fica bem claro se trocarmos **sexta-feira** por um dia da semana masculino: "**de** segunda **a** sábado".

Há, no entanto, outra forma de escrever isso, com o mesmo sentido: "**da**

segunda **à** sexta-feira". Aqui é diferente: o **da** [de+a] sinaliza a presença do artigo, o que vai resultar obrigatoriamente na grafia "**da** segunda **à** sexta". Mais uma vez isso vai ficar bem visível se usarmos um dia da semana masculino: "**da** segunda **ao** sábado". Ambas as construções estão corretas; você pode escolher entre elas, desde que não as misture.

P.S.: Um conselho: pare com esse mau hábito de tentar substituir a preposição "**A**" por outra (**até**, **para**, etc.). Eu sei que alguns gramáticos menores vivem recomendando este "recurso". É charlatanice! Preposições não se substituem; das 600 mil palavras de nossa língua, menos de **vinte** – repito: menos de vinte! – são preposições. Você acha que haveria a possibilidade de duas delas se equivalerem? Nem em dez milhões de anos.

ensino à distância

> Nem sempre o acento colocado em cima do "**A**" assinala a ocorrência de uma **crase**; às vezes, pode ser uma simples preposição.

*Prezado Prof. Moreno, por que **ensino a distância** não leva acento de crase? Discutimos aqui que poderia ser pelo fato de não estar determinada a distância, já que temos o acento em frases como "o carro estava **à distância** de 100 metros". É isso? Fui ao **Aurélio** e vi que são aceitas as duas formas. Um abraço e muito obrigada.*

Maria G. – Jornalista – Londrina (PR)

Minha cara Maria, a maioria dos gramáticos atuais aceita a hipótese de usarmos acento grave numa série de expressões com palavra feminina em que o "**A**" é simples preposição, isto é, **sem que ocorra ali um encontro de dois As**. Há casos em que isso tem a clara intenção de desambiguizar a expressão, evitando que a preposição possa vir a ser lida como artigo, o que alteraria o significado: vender **à vista** (compara com vender **a prazo**: só a preposição está presente); bater **à máquina**; fechar **à chave**; apanhar **à mão**; pescar **à rede**; estudar **à noite**. Em muitos outros, contudo, mesmo sem a possibilidade de leitura ambígua, já ficou tradicional esse acento sobre a preposição: **à direita**, **à esquerda**, **à força**,

etc. Como conclui Luft: “A tendência da língua é acentuar o **a** inicial das locuções femininas (adverbiais, prepositivas e conjuntivas), **mesmo quando não é crase** [o grifo é meu]”.

Quanto à locução **à distância**, tanto o ***Grande Manual de Ortografia Globo*** (Luft) quanto o ***Aurélio-XXI*** e o dicionário ***Houaiss*** indicam, expressamente, a dupla possibilidade de grafia; então, Maria, não hesite: use o acento, e estará aderindo ao sentimento da grande maioria dos seus leitores.

Curtas

crase em data

Luciana M., de Campinas (SP), tradutora, ficou em dúvida na hora de escrever **de 1998 a 1999**. Diz ela: “Creio que aqui não ocorre crase, pois ambos são anos e, portanto, palavras masculinas; contudo, tenho visto tanto **A** como esse acentuado em currículos que fiquei insegura”.

Minha cara Luciana, é claro que **não** tem! O **A** que está presente na expressão “**de 1998 a 1999**” é apenas uma preposição solitária; jamais poderíamos encontrar o **artigo feminino** antes de um **numeral**.

baile **a fantasia**

Vitória gostaria de saber se a expressão **baile a fantasia** leva ou não o acento de crase, e por quê.

Minha cara Vitória, **baile a fantasia** é como **baile a rigor** – este **A** é uma simples **preposição**, sem a companhia do **artigo**. Não vamos escrever, portanto, com acento.

a bordo

O leitor Ednaldo Ariani pergunta se existe crase na expressão **a bordo.**

Meu caro Ednaldo, como **bordo** é um **substantivo masculino**, não pode existir acento de crase nesta expressão, pois ficará faltando aquele artigo feminino indispensável. Em **a bordo** (como em **a bombordo**, **a boreste**), este "**A**" é uma simples preposição. Além disso, se ocorresse artigo aqui, seria o masculino "**O**".

dada à?

Ica S., de São Paulo (SP), comenta uma frase que escrevi: "A tarefa é inglória, **dada a** descomunal diferença". Sua dúvida: por que não há acento de crase naquele "**A**"?

Prezada Ica, porque **dado** não é seguido de preposição. "**Dado o** mau tempo", "**dados os** resultados", "**dada a** falta de luz" – não existe ali a preposição indispensável para que ocorra a crase. Diferente seria **devido**; aí sim: "devido **ao** mau tempo", "devido **à** falta de luz".

a suas ordens, às suas ordens

A leitora Ione M., de Porto Alegre, deparou no jornal de domingo com uma manchete que diz: “O governo **A** suas ordens”; não deveria ser “O governo **AS** suas ordens”?

Prezada Ione, não, não deveria ser. Ou fica assim como está (“o governo **A** suas ordens”), ou usamos o artigo (“o governo **ÀS** suas ordens”). Antes de possessivos, **decidimos** se queremos ou não usar o artigo definido. Compara, no masculino, “ele estava **A** seus pés” (só a preposição) com “ele estava **AOS** seus pés” (prep.+artigo).

sujeito a pagamento

O simpático Valtinho pergunta se é correto escrever “Sujeito **à** pagamento de multa”.

Meu caro Valtinho, claro que não! Onde vamos encontrar o artigo **feminino** (um dos polos indispensáveis da crase) antes de um substantivo **masculino** como **pagamento**? Não há dúvida de que aí está apenas a **preposição** isolada.

a granel

Rogério foi ao supermercado e viu um cartaz no balcão que anunciava arroz e feijão **à granel**; desconfiado, quer saber se o gênero do substantivo justifica o acento de crase.

Meu caro Rogério, **granel** é um substantivo **masculino**; como em qualquer outro, não podemos supor, antes dele, um artigo definido **feminino**, o que nos deixa com uma preposição purinha. “Arroz e feijão **a granel**” – essa é a forma correta.

voltar a São Paulo

A leitora Telma F., perguntadora habitual, quer saber por que “voltei **a** São Paulo” não tem acento de crase, enquanto “vou **à** João Mendes (praça)” tem; existe alguma regra do tipo “antes de cidade” ou “antes de praça”?

Minha cara Telma, não tem nada a ver com o fato de ser cidade ou praça. O problema está na presença (ou não) do artigo. Vou **a** São Paulo, venho **de** São Paulo – como acontece com 99% dos nomes de cidade, **não** usamos **artigo** aqui e, portanto, não se pode pensar em crase, que precisa dele para existir. No caso da praça João Mendes, quer usemos (ou não) a palavra **praça**, o artigo está ali: venho **da** [praça] João Mendes, isso aconteceu **na** [praça] João Mendes. Por isso, “vou **à** João Mendes”. É bem simples.

a frio

Sônia C. escreve dizendo que sabe que não podemos usar crase antes de palavras masculinas, mas pergunta, assim mesmo, se deve usar o acento de crase na expressão **a frio**.

Minha cara Sônia, se você mesma enunciou corretamente, no início de sua mensagem, o princípio fundamental da crase, de onde veio essa insegurança? Se aceitarmos que **nunca** ocorre crase antes de **masculino**, por que iria, então, aparecer antes de **frio**? Aliás, se houvesse um artigo aí, junto com a preposição, seria “**O**”, e não “**A**”. Teríamos, então, “**ao frio**”.

P.S.: Inconformada, a leitora voltou a escrever:

“Entendi sua resposta, mas se nós, na frase ‘revestimento **à frio**’, considerarmos este **à frio** como adjunto adverbial de modo, mesmo assim o acento de crase está errado?”

Minha cara Sônia, eu é que não entendi a sua segunda pergunta. Vou tentar ser mais claro: se você puser essa crase em **a frio**, rogo-lhe uma praga! Não interessa se **a frio** é adjunto adverbial ou tenha qualquer outra função sintática; **jamais** poderá haver ali um artigo definido feminino! Lembre que esses artigos (os femininos) têm o péssimo hábito de aparecer apenas **antes de substantivos femininos**! O “**A**” que está na frase é só a preposição.

crase antes de **sócio**

Frederico A. transcreve o título de um documento em que é feita uma proposta de remuneração para os sócios de uma empresa: “Proposta de Remuneração **a** Sócio Executivo”. Sua dúvida é se o “**A**” deve ou não levar o acento de crase.

Meu caro Frederico, dá para fazer uma cocada sem usar coco? Não? Então também não dá para formar uma crase sem um dos ingredientes básicos, a **preposição** ou o **artigo feminino**. Agora me diga, aqui entre nós: como você pretende arranjar um artigo feminino antes de **sócio**, vocábulo masculino? Aliás, aqui nem o artigo **masculino** está sendo usado, já que **sócio** está em sentido genérico: é “proposta **a** sócio” (qualquer), e não “**ao** sócio” (um sócio determinado). Se fosse no feminino, também não teria acento: “Proposta **a** Sócia Executiva”.

confusão na regra da crase

Cláudio, de São José do Rio Preto (SP), afirma que seu professor sempre ensinou "que o **A** deve levar acento de crase quando antecede uma palavra feminina"; no entanto, mais de uma vez ele encontrou um **A** antes de palavra feminina que ficou sem este acento. Pergunta: "Isso é verdade ou não? O professor também disse que não havia exceção alguma".

Meu prezado Xará, não troque as palavras do seu professor! O que ele disse – tenho absoluta certeza! – foi que "só pode ocorrer crase antes de palavra feminina", o que é muitíssimo diferente do que você está afirmando. Dito de outra forma: todo "**A**" com acento de crase deverá estar antes de palavra feminina, o que não significa que todo "**A**" antes de palavra feminina deva ter acento de crase (todo buldogue é cachorro, mas nem todo cachorro é buldogue). Em centenas de frases, o **A** antes de uma palavra feminina pode ser mera preposição ou mero artigo.

a jornalistas

G. Soares, de Portugal, escreveu a frase "**Associação entrega prêmio à jornalistas**" e não concorda com os colegas que afirmaram que aquele acento está equivocado. Acrescenta: "Afinal, a palavra **jornalista** pode ser usada tanto para o homem como para a mulher, não é?".

Meu caro Soares, não se trata de um veredito (ou **veredicto**, como você usou; ambos estão corretos), mas de uma simples regra de crase. Se escrevermos **a jornalistas**, jamais poderia haver acento neste "**A**", que é, sem dúvida, apenas **a preposição isolada**. Se tivéssemos aí um "**AS**", então a presença do **S** final revelaria que também ocorre um artigo, tornando obrigatório o uso do acento: "Associação entrega prêmio **às** jornalistas" – só que me parece que você

não estava se referindo a um grupo de **jornalistas femininas**, não é?

sujeitos a revisão

Roberto Coimbra quer confirmar o seu raciocínio quanto ao uso do acento de crase: na expressão “dados sujeitos **a** revisão”, não ocorre crase porque o substantivo está empregado em sentido genérico; já em “dados sujeitos **à** revisão **da Diretoria**”, o artigo aparece e, com ele, o acento. “Posso pensar assim?”

Prezado Roberto, o seu raciocínio está perfeito. Se o substantivo não estiver determinado, não podemos empregar o artigo **definido**, um dos ingredientes indispensáveis para que ocorra a crase. Você pode encontrar exemplo semelhante comparando “penalidade sujeita **a** multa” (a uma multa, indefinida) com “penalidade sujeita **à** multa de dois salários mínimos”.

desrespeitar às normas?

L. Ribeiro, de Santa Maria (RS), não entende por que uma banca de concurso considera errado colocar acento de crase em “desrespeitarem **as** normas de trânsito”.

Meu caro Ribeiro, o verbo **desrespeitar** é transitivo direto (“eu desrespeito **o** regulamento”, não “**ao**”) e, como tal, não tem a preposição **A** que seria necessária para que ocorresse a crase, que é sempre [**A** + **A**]).

a todas

Carmem V., de Barreiras (BA), prepara um texto para o site de sua empresa e precisa saber se escreve “Nesta seção, você terá acesso **a** todas as vagas” ou “**à** todas as vagas”.

Prezada Carmen, fica sem acento de crase. Este “**A**”, antes de **todas**, é a preposição pura. É natural que não apareça aqui o artigo **definido**, um dos ingredientes indispensáveis da crase, já que **todas** é um pronome **indefinido** e eles nunca vão andar juntos. Se você passar para o masculino, a coisa fica bem evidente: “acesso **a** todos os níveis”.

à parte interessada

Angela G., de Vitória (ES), quer saber se o “**A**” em “**a** parte interessada” deve vir com acento indicativo de crase.

Minha prezada Ângela, mas como é que eu vou responder à sua pergunta? A crase é o encontro de uma preposição com um artigo definido; você me envia um segmento em que o artigo parece estar presente (“**a** parte interessada”), mas não sei como essa frase começou! A presença (ou não) da preposição vai depender da **regência do verbo** que você estiver empregando; por exemplo, “convoque **a** parte interessada” (transitivo direto), “refiro-me **à** parte interessada” (transitivo indireto).

a meia-voz

Isadora F., de Uruguaiana (RS), quer saber se o **A** na frase “Ele segredou algo **a** meia-voz” leva acento de crase.

Prezada Isadora, não, não tem acento de crase. Se comparamos esta construção com expressões análogas como **a meia-luz**, **a meio pau**, podemos verificar que, nestes casos, o **A** é apenas a preposição; o artigo não está presente.

a laser

André pergunta se deve escrever **remoção de tatuagem à laser** ou **remoção de tatuagem a laser** na sua tabuleta.

Meu caro André, se **laser** é um substantivo **masculino**, como é que você consegue imaginar uma crase ali? É igual a **caldeira a óleo**, **feito a martelo**, **cortado a facão**, e assim por diante – sem o acento.

a crase depende do contexto

José R., de Brasília (DF), pergunta se ocorre crase na expressão **em relação a**.

Meu caro José, faltam dados na sua pergunta! Como vamos saber se ocorre crase ou não, se não temos o resto da frase? Tudo depende do que vier depois da expressão: **em relação A minhas dívidas** (só preposição); **em relação AOS**

tributos (preposição + artigo masculino); **em relação À pesquisa** (preposição + artigo feminino).

devido à variedade

O leitor Jequitibá (será pseudônimo?) quer saber se na frase “devido **a** grande variedade e acabamento dos materiais, recomenda-se teste prévio” existe acento de crase.

Meu caro Jequitibá, é claro que existe! Veja como ficaria no masculino: “Devido **ao** grande número...”. Como você sabe, isso indica que tanto o **artigo** quanto a **preposição** estão presentes. Logo, por analogia, acontece o mesmo no feminino: “Devido **à** variedade...”; “Devido **à** falta de provas”; “Devido **às** fortes chuvas de ontem”.

à la carte

Roberta A., de São Paulo, sempre escreveu **a la carte**, mas tem visto, na maioria das vezes, **à la carte**. Como é a forma certa?

Minha cara Roberta, o correto é **à la carte**, porque isso é Francês, e nesse idioma o “A” é sempre acentuado quando for preposição. Não se trata, aqui, de um caso de **crase**; o acento grave do Francês é um acento extremamente comum e não tem a mesma função que tem no Português.

a la antiga

Giselle, de Santos (SP), vem perguntar se não deveria ter acento no **A** da expressão **a la antiga**, que encontrou em um artigo de minha autoria.

Minha cara Giselle, não, esse **A** não leva acento, porque é apenas preposição. O **la** é a forma desusada do nosso artigo definido **A**, que aparece em muitas expressões cujo sabor arcaizante muito me agrada: **a la moda**, **a lo largo**, **a la pucha**, **a las tantas**. Não deve ser confundido com a expressão **à antiga** [à **moda** antiga] ou com o francês ***à la mode***, por exemplo, em que o ***a*** apresenta, inclusive, o acento grave característico da preposição francesa.

crase com **para?**

Michela S. quer esclarecer a dúvida na frase “A reunião está marcada para **as** 9 horas”. Diz ela: “Acho que não vai acento de crase no **as** antes das horas por causa da preposição **para**. Estou correta?”.

Minha cara Michela, você está corretíssima; se já temos a preposição **para** na frase, de que modo poderia ocorrer também a preposição **a**, presença indispensável para que a crase ocorra? É claro que é “para **as** nove”.

com destino **a** Sorocaba

José Francisco quer saber se deve empregar o acento de crase na expressão "com destino **a Sorocaba**", como defendem os seus colegas de trabalho. "Para mim, ela equivale a 'com destino **para** Sorocaba' (e não '***para a** Sorocaba'), o que indicaria que a crase não é possível."

Meu caro José Francisco, seu raciocínio está correto. Mas o que desejam esses seus colegas? Desde quando se usa artigo antes de Sorocaba? Vive-se **em** Sorocaba, gosta-se **de** Sorocaba... Ora, se não existe o artigo, falta um dos polos indispensáveis para a crase, como todos nós sabemos!

com e sem acento de crase

E. Nerone, outro leitor do Paraná, quer saber qual é a forma preferível: (1) Tradição e qualidade **à** sua mesa; (2) Tradição e qualidade **na** sua mesa; ou (3) Tradição e qualidade **em** sua mesa?

Prezado Edson, sua dúvida é sobre qual a preposição que você deve usar – se o **a**, se o **em**. Como ambas são cabíveis nessa frase, teremos **quatro** combinações possíveis, já que o emprego do artigo antes do pronome possessivo é de livre escolha do falante:

(1) Tradição e qualidade **à** sua mesa (prep.+artigo);
(2) Tradição e qualidade **a** sua mesa (só prep.);
(3) Tradição e qualidade **na** sua mesa (prep.+artigo);
(4) Tradição e qualidade **em** sua mesa (só prep.).

Gosto da (1), da (3) e da (4); talvez pela tradição literária, prefiro a (1). Escolha a sua preferida.

a/à Marilda

Maria Eduarda gostaria de saber se o cartaz “Movimento de apoio **a** Marilda”, visto em uma campanha eleitoral, está correto. “Não utilizamos acento de crase nesse **A**?”

Prezada Maria Eduarda, antes de nomes próprios, podemos decidir livremente se vamos usar (ou não) o artigo definido. Tanto faz “Movimento de apoio **a** José” quanto “Movimento de apoio **ao** José”. É claro que isso também acontece no feminino, com as conhecidas consequências quanto ao acento de crase: “Movimento de apoio **a** Marilda” (só preposição) ou “Movimento de apoio **à** Marilda” (preposição e artigo).

forno **a lenha**

Andrezza, de Ribeirão Preto (SP), quer saber se deve escrever **forno a lenha** ou **forno à lenha,** e por quê.

Minha cara Andrezza, forno **a lenha**, forno **a óleo**, forno **a gás** – note que, em todas elas, só temos a preposição **a**. Se o artigo também estivesse presente, aí sim teríamos “*à lenha”, “*ao óleo”, “*ao gás”.

a partir

E. Vieira ficou com dúvidas quanto ao uso do acento de crase em **a partir de**, ao ver que muitos escrevem com o acento, mas outros escrevem sem ele.

Meu caro Vieira, antes de **partir**, que é verbo, é impossível sequer imaginar a existência de um artigo feminino singular; é claro que este **A** é apenas **preposição** e será escrito, portanto, sem o acento de crase.

da primeira **à** quarta série

Daiane E. gostaria de saber se há crase em “ensino **de** primeira **a** quarta séries”, e se a regra válida para este caso também se aplica quando escrevemos a expressão com algarismos (“**de** 1a **a** 4a séries”).

Minha cara Daiane, enquanto você usar apenas a preposição **de**, o **a** vai ser apenas a outra preposição presente na construção paralela e, portanto, **sem** acento de crase: “**de** primeira **a** quarta séries”. Se, no entanto, você decidir usar **da** [de+a], aí sim vamos ter uma crase: “**da** primeira **à** quarta série”. Quanto à segunda pergunta, tanto faz dar na cabeça como na cabeça dar: se você trocar o extenso por algarismos, as duas situações que descrevi acima continuam idênticas: “**de** 1a **a** 4a séries” ou “**da** 1a **à** 4a série”.

contas **a pagar**

Maria de Lourdes S., de Belo Horizonte (MG), recebeu uma correspondência com a expressão “contas **à** pagar”; como tinha aprendido que não se usa crase antes de verbo, ficou em dúvida.

Prezada Maria, você aprendeu certo; não pode haver aí o artigo feminino, presença indispensável na crase. Eu tive um velho professor irascível que sempre nos rogava a mesma praga: “Quem usar acento de crase **antes de verbo**, que a mão seque e caia!”; ele teria feito melhor se nos explicasse que **verbos não admitem artigos**, e pronto – mas, de qualquer forma, o princípio continua o mesmo: é impossível que dois **As** se encontrem antes de um verbo.

crase antes de **mês**?

O leitor Milton M., de São Paulo (SP), gostaria de saber se só podemos usar a crase antes de palavras femininas. Pergunta: “Posso escrever **mês à mês**?”.

Prezado Milton, você mesmo já disse: só ocorre **artigo feminino** antes de **substantivos femininos**. Logo, é impossível haver acento de crase em “**mês a mês**”.

referente à

Ricardo S. gostaria de saber se o “**A**” depois das palavras **pertinente**, **referente**, **pertencente**, etc. deve receber o acento indicativo de crase.

Caro Ricardo, com os vocábulos **pertinente, referente** e **pertencente** sempre usaremos a preposição “**A**”; se este “**A**” encontrar um artigo feminino singular, aí teremos crase (e usaremos o respectivo acento grave): referente **ao** item 5; referente **à** seção 7; pertencente **à** diretoria; etc.

direito à vida

A. Anderson traz uma dúvida sobre a frase “Que direitos todas as crianças do mundo deveriam ter? **A** educação, **a** família, **a** saúde”. Vai acento de crase em cima do “**A**”?

Meu caro Anderson, claro que vamos usar o acento em todos esses “**As**”.

Em todos eles está **elíptico** (para evitar a repetição ociosa) o vocábulo "**direito**", que rege a preposição **a**: [direito] **à** educação, [direito] **à** família, [direito] **à** saúde.

chegar a/à noite

Vera Lúcia A., de Moji das Cruzes (SP), quer saber se há diferença entre "chegou **a** noite" e "chegou **à** noite".

Prezada Vera Lúcia, "chegou **à** noite" significa que alguém (ou algo) chegou durante a noite; **à noite**, no caso, é um **adjunto adverbial** de tempo. "Chegou **a** noite", por outro lado, quer dizer apenas que anoiteceu; no caso, **a noite** é o **sujeito** da frase.

frango **a passarinho**

Marcos H., de Campinas (SP), quer saber se o tradicional prato é **frango a passarinho** ou **frango à passarinha**. "Tenho um amigo, conhecedor da língua, que insiste em dizer que é 'à passarinha', no feminino, pois o nome é proveniente de uma parte das vísceras do boi ou do porco, e seria uma estupidez falar 'a passarinho', pois como se pode cortar um frango baseado no tamanho do pássaro?"

Prezado Marcos, é **frango a passarinho**. Seu amigo não entende nada de culinária. Neste tipo de prato, o frango é cortado em pedaços pequenos (sem respeitar aquela divisão natural em coxas, peito, etc.), de modo a simular mais ou menos o formato da carcaça de um passarinho inteiro – para os nostálgicos do tempo em que nossos bisavós comiam imensas passarinhadas, feitas com pássaros reais (sabiás, tico-ticos, etc.), prato politicamente incorreto que era muito apreciado nas zonas de colonização italiana.

a crase e o Espanhol

Francisco manda dizer que, em caso de dúvida sobre a crase, passa a frase para o Espanhol. “Se na versão eu obtiver a sequência ***a la***, uso crase no Português; se obtenho apenas ***a*** ou ***la***, não uso. Gostaria de saber se esse ‘truque’ funciona sempre ou se apenas tenho tido sorte.”

Meu caro Francisco, isso não é “truque”; chama-se, no meu dicionário, **tradução**. Onde o Espanhol tem ***a*** (prep.) + ***la*** (art.), no Português nós certamente teremos **a** (prep.) + **a** (art.) = bingo! Ocorre aí uma crase, e temos de usar o acento: “Entregue o livro **à diretora** (***a la directora***); “Não me refiro **a esta mulher** (***a esta mujer***), mas **à que** (***a la que***) atende no balcão de informações”. É seguro, sim, e pode ser usado por quem souber Espanhol.

a 200 km

Gladis Luiza quer saber, na frase “A cidade de Ilha Solteira fica aproximadamente **a** 200 km de Araçatuba”, se este **a** deve ser acentuado ou não.

Minha cara Gladis, a resposta é **não**. **Quilômetro**, representado aqui pelo símbolo internacional **km**, é um substantivo **masculino**, o que impossibilita a crase, que só ocorre quando está presente na frase um artigo **feminino**.

5. Concordância verbal

"***Falta** só dois reais", me diz o rapaz da livraria, enquanto procura nos próprios bolsos o troco que não tinha no caixa. Levanto os olhos para ele e hesito; uma vida toda como professor de Português me deu uma grande sem-cerimônia em corrigir o que os outros falam errado, mas a experiência também me ensinou que nem todos aceitam de bom grado uma lição gratuita. Recebo as duas moedas e me afasto, pensando que, ao menos, nem tudo estava perdido, já que ele não disse o "*dois real" de sempre. Eu compreendo o que se passou na mente do balconista; sei que ele sabe (conscientemente ou não, ele **sabe**) que o **verbo deve combinar com o sujeito**, nesse fenômeno que chamamos de **concordância**. Não se trata de caprichar a linguagem que ele está usando; é muito mais profundo. Ele nasceu dentro dessa língua e dentro dela virou gente; logo, este princípio está gravado tão claramente em algum ponto de seu sistema nervoso quanto os comandos que permitem que ele alterne os pés para caminhar para frente. Ora, como é que algo tão elementar e fundamental pôde ser desconsiderado, a ponto de ele usar ***falta** em vez de **faltam**?

A resposta é muito simples: ele não "**enxergou**" o sujeito. Talvez esta seja a maior fonte de erros de concordância no Português: a dificuldade, em certas construções, de reconhecer o **sujeito**. Isso acontece naturalmente, como veremos abaixo, com a discutível **voz passiva sintética**, a maior responsável pelos erros que os gramáticos do tempo da pomada Minâncora e do Elixir Paregórico chamavam candidamente **erro da tabuleta** – "*Vende-se terrenos", "*Aluga-se apartamentos", etc. – e que hoje figuram nos ***outdoors*** (sei que é um diabo de palavra, mas é insubstituível e, o que é pior, imodificável!), nos classificados dos jornais, nos folhetos de publicidade, na TV e na onipresente internet.

Isso acontece também com os misteriosos **verbos impessoais**, os quais, ao contrário dos outros 99,99% dos verbos de nosso idioma, continuam ostentando a estranhíssima característica de não ser atribuídos a **sujeito algum**. Formam as enigmáticas **orações sem sujeito**, em que somos obrigados a deixar o verbo sempre no **singular** – "**havia** duas pessoas", "**faz** três anos" –, ali onde você, instintivamente, preferiria dizer "***haviam** duas pessoas" ou "***fazem** três anos".

o deslocamento do sujeito

> Quando passamos o sujeito para **depois** do verbo, ele parece ter sido coberto pelo manto da invisibilidade.

*Caro Professor, puseram um cartaz na entrada da escola dos meus filhos com dizeres que me deixaram em dúvida. Lá está escrito o seguinte: "Pessoal, **falta** só dez dias para o fim do bimestre". Eu acho que deveria ser **faltam**, mas fiquei com vergonha de perguntar, porque a frase foi escrita por uma professora.*

Teresinha de Jesus W. – Ribeirão Preto (SP)

Prezada Teresinha, você está com toda a razão: quem quer que tenha escrito aquela frase foi vítima de uma velha armadilha de concordância. Estamos acostumados a encontrar o sujeito no começo da frase; quando ele é deslocado para uma posição **à direita** do verbo, é muito provável que o confundamos com os complementos. Quando escrevemos, com todo aquele tempo que temos para refletir e revisar, um exame um pouco mais detalhado da estrutura identificaria o sujeito; a maioria das pessoas, contudo, deixa de fazê-lo, cometendo este tipo de erro. Veja os exemplos abaixo (as expressões em destaque são o **sujeito** da frase):

ERRADO:
*No ano passado, teve início **as conferências**.
*Foi anunciado, ontem, **os nomes que compõem o Ministério**.
*Ficou provado, desta forma, **as tentativas de suborno**.
*Espero que seja explicado para todos **a razão de sua atitude**.

CORRETO:
No ano passado, **tiveram** início as conferências.
Foram anunciados, ontem, os nomes que compõem o Ministério.
Ficaram provadas, desta forma, as tentativas de suborno.
Espero que **sejam explicadas** para todos as razões de sua atitude.

Este erro é ainda mais frequente com aquele pequeno grupo de verbos que **normalmente têm o sujeito à sua direita**: **existir**, **ocorrer**, **acontecer**, **faltar**, **restar**, **sobrar**, **bastar**, **caber**. Entre os exemplos a seguir, em que os elementos sublinhados são o **sujeito** da frase, encontramos o erro do nosso balconista (veja

explicação introdutória logo antes):

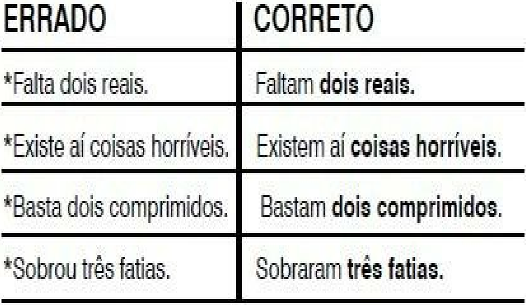

ERRADO	CORRETO
*Falta dois reais.	Faltam **dois reais.**
*Existe aí coisas horríveis.	Existem aí **coisas horríveis.**
*Basta dois comprimidos.	Bastam **dois comprimidos.**
*Sobrou três fatias.	Sobraram **três fatias.**

Imagino que, a esta altura, não adianta reclamar, porque já se passaram vários meses e o cartaz já deve ter sido retirado. Fica, no entanto, o meu conselho: quando você tiver outra dúvida desse tipo, vá falar delicadamente com a professora responsável. Se o texto estiver correto, você terá aprendido alguma coisa; se houver realmente equívoco, todo mundo vai sair ganhando.

concordância com verbos impessoais

> **Havia** ou **haviam** poucos recursos? **Haverá** ou **haverão** novas oportunidades? **Houve** ou **houveram** dificuldades?

*Prezado Professor, tenho uma dúvida cruel: preciso escolher entre "Caso **haja**" ou "Caso **hajam** dúvidas ou correções". Qual é a forma correta?*

Luís Felipe – São João da Barra (RJ)

Prezado Luís, sua dúvida é realmente "cruel" (não sei se você está dando a

este vocábulo o mesmo significado em que o estou empregando): **haver**, aqui, **só** poderia ficar mesmo no singular, porque se considera que este verbo, ao contrário dos demais, **não tem sujeito**. Isso pode parecer um pouco absurdo, mas vou tentar explicar.

Para qualquer brasileiro, a frase “não **havia dinheiro** no cofre” é sinônima de “não **existia** dinheiro no cofre”. No entanto, se trocarmos **dinheiro** por **cheques** em ambas as frases, está armada a confusão: na primeira vamos ter “não **havia cheques**”, mas na segunda teremos “não **existiam cheques**”. O responsável por isso é o fato do verbo **haver** ser considerado **impessoal** – isto é, um verbo completamente anormal **que não tem sujeito algum**.

Todos os falantes sabem que a regra de ouro de nossa sintaxe é a de que todo verbo concorda com o **SUJEITO** da frase. O que devemos fazer, contudo, com esses verbos cujo sujeito é inexistente? O uso culto prefere deixá-los imobilizados na **3a pessoa do singular**. Felizmente esses verbos formam um grupo extremamente reduzido:

1. **HAVER** – este verbo, quando usado nos sentidos de **existir** ou **ocorrer**, fica sempre na 3a do singular (o elemento em destaque é analisado como objeto direto):

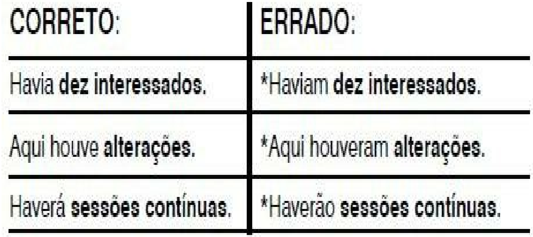

CORRETO:	ERRADO:
Havia **dez interessados.**	*Haviam **dez interessados.**
Aqui houve **alterações.**	*Aqui houveram **alterações.**
Haverá **sessões contínuas.**	*Haverão **sessões contínuas.**

Você já deve ter-se acostumado a ouvir ***haviam pessoas**, ***haverão dúvidas** – construções provavelmente inspiradas, por analogia, em **existiam pessoas** e **existirão dúvidas** –, mas com certeza ficaria surpreso se soubesse o quanto se discute, entre os estudiosos, a conveniência de considerar, de uma vez por todas, o verbo **haver** como um verbo comum com sujeito posposto. Há bons

argumentos contra e bons argumentos a favor desse “reenquadramento” de **haver**, e tanto um quanto o outro lado têm a defendê-los jovens e velhos gramáticos. Aqui se trata, porém, de definir um item do **uso culto escrito**; portanto, se você quer se sentir seguro, não invente moda e opte por deixar o verbo sempre no **singular**. Em outras palavras: se você não quer chamar a atenção de todos durante a cerimônia, use gravata (e, de preferência, com um nó clássico).

2. **FAZER** (e **HAVER**, também), indicando tempo decorrido:

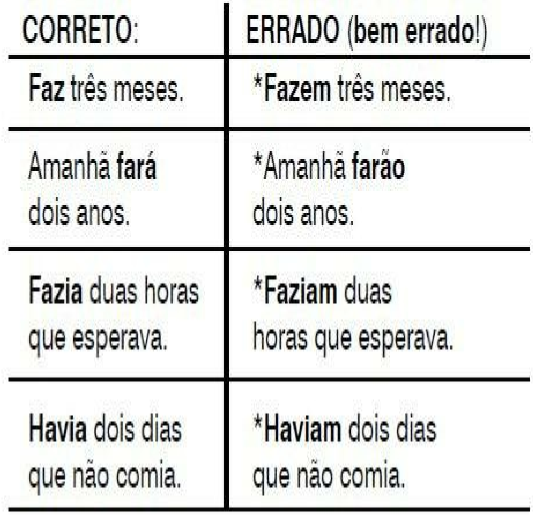

CORRETO:	ERRADO (bem errado!)
Faz três meses.	***Fazem** três meses.
Amanhã **fará** dois anos.	*Amanhã **farão** dois anos.
Fazia duas horas que esperava.	***Faziam** duas horas que esperava.
Havia dois dias que não comia.	***Haviam** dois dias que não comia.

3. **FAZER**, indicando condições meteorológicas:

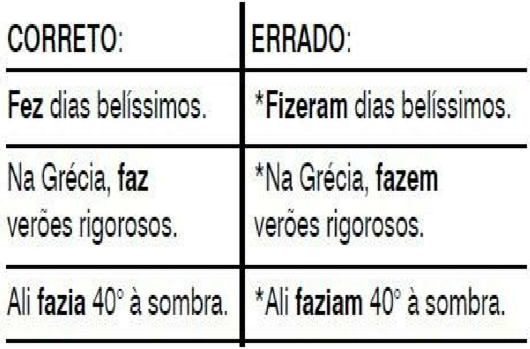

CORRETO:	ERRADO:
Fez dias belíssimos.	***Fizeram** dias belíssimos.
Na Grécia, **faz** verões rigorosos.	*Na Grécia, **fazem** verões rigorosos.
Ali **fazia** 40° à sombra.	*Ali **faziam** 40° à sombra.

4. **PASSAR DE**, em expressões de tempo:

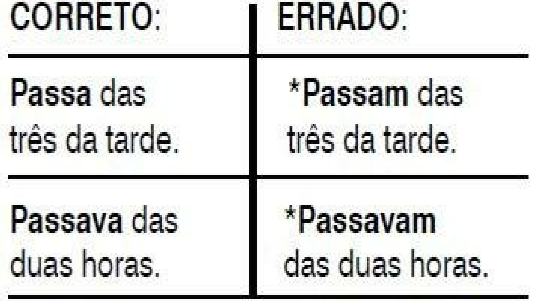

CORRETO:	ERRADO:
Passa das três da tarde.	***Passam** das três da tarde.
Passava das duas horas.	***Passavam** das duas horas.

Não confunda esta estrutura, que é considerada **sem sujeito** (note que **duas horas**, **três horas**, etc. vêm precedidos da preposição **DE**), com o verbo **passar** que aparece nos seguintes exemplos: **passam** três horas do meio-dia; **passavam** três minutos das duas (aqui, **três horas** e **três minutos** são o **sujeito** do verbo.)

5. **BASTAR DE** e **CHEGAR DE**:
Basta de reclamações (e não ***bastam de**).
Chega de pedidos (e não ***chegam de**).

6. **TRATAR-SE DE**, com referência a uma afirmação anterior:

O clube dispensou Jari e Adão. **Trata-se** (e não ***tratam-se**) de dois jogadores sem função na atual equipe.

Lá vêm as duas moças. Não esqueça: **trata-se** (e não ***tratam-se**) das filhas do prefeito.

Portanto, meu caro Luís, o seu **haver** vai ficar no singular: "Caso **haja** dúvidas", "As dúvidas que **houver**", "**Havia** dúvidas", "**Pode haver** dúvidas" – e assim por diante.

há de haver

O Professor esclarece um jovem e interessado leitor que caiu na velha armadilha do verbo **haver.**

*Olá, Professor Moreno! Escrevo para tirar uma dúvida: outro dia usei a forma "**hão de haver** boas músicas lá", só para soar original aos ouvidos de um amigo. Este, porém, ficou inconformado, dizendo que ela não existe, mas sim "**há de haver** boas músicas...". Afinal, existe ou não? Raciocinei do seguinte modo: não há dúvida de que posso dizer "Eu **hei** de conseguir isto", bem como "As músicas **hão** de existir". Pode-se substituir o verbo "**existir**" por "**haver**"; logo, "**Hão de haver** músicas". Se **músicas** estivesse no singular, aí sim o primeiro verbo **haver** da locução estaria no singular. Gostaria de saber se o que falei faz sentido. Obrigado.*

Alexandre D. (17 anos) – Brasília (DF)

Meu caro Alexandre, falando com a franqueza que me caracteriza, respondo-lhe que **não**, não faz sentido o que você diz – embora o seu empenho (e o seu engenho) em defender o seu ponto de vista mereça toda a minha simpatia. Você está esquecendo, no entanto, a relação que os verbos presentes numa **locução verbal** mantêm entre si: o da direita é sempre o **principal**, o da esquerda é sempre o **auxiliar**. Tudo o que vai acontecer com a locução (inclusive a concordância) dependerá dos traços determinantes do verbo **principal**, o que explica, aliás, essa denominação.

Observe: "**podem existir** boas músicas", "**devem existir** boas músicas", "**hão** de **existir** boas músicas" – os auxiliares **podem**, **devem** e **hão** estão flexionados no plural, seguindo o modelo imposto pelo principal **existir**, que é um verbo pessoal, normal, que concorda com o sujeito **boas músicas**. Já em "**pode haver** boas músicas", "**deve haver** boas músicas", "**há** de **haver** boas músicas", o verbo principal é **haver**, que transmite sua impessoalidade característica para os seus auxiliares (todos ficam invariáveis). Nessas estruturas, **boas músicas** é apenas objeto direto.

Embora nessas frases os verbos **haver** e **existir** sejam sinônimos, seu comportamento sintático sempre será diferente: o primeiro é **impessoal**, o segundo é um verbo **normal**. Recomendo-lhe ler o que escrevi em **concordância com verbos impessoais**; assim você terá bastante base em suas futuras discussões. Um abraço; espero que você mantenha esse vivo interesse pelo Português.

haviam ocorrido

Nem sempre o verbo **haver** é impessoal; às vezes ele deve ser conjugado como um verbo comum.

*Prezado Professor, li num artigo seu que o senhor considera correta a frase "**haviam ocorrido** vários acidentes naquele local". Pois não me conformo; a orientação que me deram na matéria é a seguinte: o verbo **haver** no sentido de **acontecer**, **ocorrer** transmite sua impessoalidade para os demais em uma locução verbal (mesmo sendo auxiliar); portanto, o verbo permanece no singular. Por favor, se discordar indique a fonte.*

Cláudia G. – Goiânia (GO)

Prezada Cláudia, pelo que depreendo da sua pergunta ("a orientação que me deram ..."), alguém andou atrapalhando o seu estudo aí em Goiânia! Cuidado para não confundir, nas locuções verbais, o verbo **auxiliar** com o verbo **principal**. Este é sempre o último da direita e **manda** na locução; aquele fica à esquerda e **obedece**. É claro que o verbo **haver**, no sentido de "acontecer", é impessoal e impessoaliza também os seus auxiliares. Observe: "**houve** muitos acidentes", "**pode** haver acidentes", "**deve** ter havido acidentes" – assim como **houve**, **pode** e **deve** também ficaram impessoalizados.

No entanto, estamos falando aqui do verbo **ocorrer**; **haver** é um mero auxiliar e deve flexionar como o seu principal faria: "**Ocorreram** muitos acidentes", "**haviam** ocorrido muitos acidentes". Minha fonte? Todas – repito – todas as gramáticas dignas deste nome, em nosso idioma. Se alguém ensinou aquela barbaridade, não pode ter sido um professor com curso de Letras; se ele cobrava pelas lições, acho que você pode pedir o dinheiro de volta.

concordância com a voz passiva sintética

> O caso mais complicado de concordância – a voz passiva sintética – é um doente terminal, ligado em aparelhos.

Prezado Professor, estranho muito que ainda seja considerado erro deixar no singular o verbo de vende-se casas. A língua não deveria evoluir? Isso já não está ultrapassado?

Diva L. – Assis (SP)

Minha prezada Diva, você – como todo falante brasileiro – não sente **casas** como o sujeito dessa construção, nem vê aí uma equivalência com **casas são vendidas**. Em qualquer cidade do Brasil, em qualquer estrada, nas páginas dos classificados, nos anúncios da lista telefônica – para onde quer que você olhe, vai enxergar exemplos do famigerado "erro" da passiva sintética. Sem dar a mínima para o que dizem os gramáticos mais tradicionais, as pessoas povoam a paisagem brasileira de grandes cartazes e belos letreiros com ***aluga-se casas**, ***conserta-se fogões**, ***faz-se carretos**, ***aceita-se encomendas**, traçados em todas as cores e tamanhos. Por alguma misteriosa razão, os vendedores de terrenos recusam-se

a fazer o verbo **vender** concordar com os terrenos que eles vendem. Em vez de **vendem-se**, teimam em escrever **vende-se terrenos**, assim mesmo, com o verbo no singular. Alguns começam a se perguntar se a voz passiva sintética está ameaçada; eu vejo, simplesmente, que a questão já foi decidida há muito tempo: a sintética deixou de ser uma estrutura viva de nossa língua. Ficou apenas a lenda, contada ainda respeitosamente junto ao fogo dos acampamentos gramaticais mais conservadores. E por que morreu? Porque o que ela teria a oferecer não interessa mais aos falantes, que veem a voz passiva analítica – a verdadeira – atingir as mesmas finalidades, com muito mais vantagem.

Vamos ser sinceros: quando eu escrevo **vende-se este terreno**, pretendo significar que **este terreno é vendido** (ou **está sendo vendido**)? Claro que não. É o interesse de não ser identificado (ou, às vezes, um simples pudor) que me leva a não escrever **vendo este terreno** (o que seria claro, direto e honesto). Ao optar pelo **vende-se**, quero anunciar algo assim como **alguém vende este terreno**. Em outras palavras, estou tentando usar, com um verbo transitivo direto, aquela mesma construção que empregamos com os verbos transitivos indiretos quando queremos indeterminar o sujeito (**precisa-se de operários, necessita-se de costureiras**). Como Celso Pedro Luft nos explicou, usamos o **SE** sempre que não nos interessa especificar o **agente**. Em **aluga-se uma casa** e **vende-se este terreno**, não interessa saber quem vende ou aluga; interessa a **ação** e seu **objeto**. Por isso mesmo, quando o próprio objeto está diante dos olhos do leitor, basta pregar-lhe uma tabuleta com o verbo, e pronto: **aluga-se**, **vende-se**. Essa é a realidade; nossa insistência em manter o verbo no singular, a despeito do plural que vem depois, comprova que ninguém sente **casas** ou **terrenos** como sujeito dessas frases.

Há muito os linguistas brasileiros já sabem que a sintética é pura ficção, mas este é um daqueles tantos itens em que fica evidenciado o imenso (e estranhíssimo!) fosso que separa, de um lado, o que hoje conhecemos sobre a nossa língua e, do outro, o que a disciplina gramatical (sustentada pela maior parte dos livros didáticos) ainda difunde através do ensino. Neste caso, em particular, há um apego ainda mais inexplicável a uma dessas falsas verdades, já que muitos gramáticos “velhos”, dos bons – entre outros, o grande Said Ali (em 1908!), e Evanildo Bechara, seu principal discípulo, e João Ribeiro –, já expressaram sua convicção de que esta estrutura estava morta. Acontece que não são os verdadeiros especialistas quem detém o poder da opinião gramatical no Brasil; este vem sendo exercido, desde o Império, por indivíduos de pouca cultura linguística e magros dotes intelectuais, que ocupam as posições de destaque na imprensa e nas editoras, impondo ao sistema escolar uma língua aprisionada numa estreita moldura teórica – o que é, paradoxalmente, a verdadeira razão de seu sucesso, pois isso dá ao usuário aquela sensação de

segurança que o espírito redutor sempre oferece. Basta comparar a atitude aberta, indagativa, de velhos sábios como Said Ali ou Mário Barreto, com a posição autoritária e estreita da grande maioria dos autores que escrevem hoje, século XXI, sobre Língua Portuguesa. O próprio Said Ali já definia, curto e seco, o problema desses bacharéis gramatiqueiros, com sua mirrada análise linguística: eles **"pecam por excesso de raciocínio dentro de limitado círculo de ideias"**. Criaram um estreito arcabouço lógico para a língua (que, como sabemos, **não** é lógica) e nele basearam toda uma "disciplina gramatical" que, como não poderia deixar de ser, não passa de uma entediante arquitetura fantasiosa, sem o imprescindível apoio da realidade.

A passiva sintética vive nesse mundo fictício, mas vive. É um mecanismo perverso: mesmo aqueles que já estão convencidos de que ela é uma estrutura artificial não ousam ignorá-la, pelo medo de ser avaliados desfavoravelmente por seus leitores, que provavelmente acreditam nessa versão "oficial" do Português. Eu, por exemplo (que não acredito na sintética), vou escrever **vende-se casas**? Jacaré escreveu? Nem eu! Esse é um dos maiores fatores dessa sobrevivência virtual da sintética: ninguém quer se arriscar a ser o primeiro – isso é mais que humano (além do fato de que, vamos ser sinceros, não se trata de algo tão importante assim que valha o incômodo...). E ela segue vivendo da ilusão dos concursos, dos vestibulares, das petições, dos textos formais e conservadores. O que apresento a seguir é uma suma da concepção tradicional sobre a voz passiva sintética; embora eu dela discorde, friso que ela deve ser conhecida por quem quer que precise demonstrar domínio da Norma Culta Escrita tradicional.

A visão tradicional

Ao lidar com a voz passiva sintética (também chamada de **pronominal**, por causa do **se**, pronome apassivador), nosso maior problema é **reconhecer o sujeito** da frase. Em estruturas do tipo **aceitam-se cheques** ou **compram-se garrafas**, o elemento que vem posposto ao verbo é considerado o sujeito (paciente da ação). Ora, a passiva sintética não é sentida como voz passiva pela maioria dos falantes, que, vendo em **cheques** e **garrafas** um simples objeto direto, deixam de concordar o verbo com eles. Nasce aqui o que um antigo gramático chamava de "o erro da tabuleta": ***aceita-se cheques**, ***compra-se garrafas**.

Como já disse acima, não vou discutir, aqui, a real existência da passiva sintética; contento-me em explicar como é que a doutrina gramatical escolar a descreve. Não esqueça que ela é ainda encarada como um dos traços que caracterizam o uso culto formal, e você pode ter certeza de que estará presente nas questões de vestibulares e concursos. É necessário, portanto, que você saiba identificá-la e que faça a competente concordância.

Para quem tem uma formação mínima em sintaxe, não é tão difícil reconhecê-la: verbos **transitivos diretos** seguidos de se (não reflexivo) constituem casos inequívocos dessa estrutura. Se ainda assim persistirem dúvidas, lembre que a frase na passiva sintética tem forma equivalente na passiva analítica:

Aceitam-se cheques – Cheques **são aceitos**

Compram-se garrafas – Garrafas **são compradas**

Se o verbo for **transitivo indireto**, é evidente que a passiva – tanto a sintética quanto a analítica – não pode ocorrer. A construção com verbo **transitivo indireto** + **se** é uma das formas do sujeito indeterminado no Português, ficando o verbo sempre na 3a pessoa do singular:

Precisa-se de serventes.

Falava-se dos últimos acontecimentos.

Aqui, **serventes** e **últimos acontecimentos** têm a função de objetos indiretos. Em frases como essas, muitas vezes ocorre o erro no sentido inverso: assim como o caipira da anedota, várias vezes admoestado a não dizer ***fia** e ***paia** em vez de **filha** e **palha**, termina saindo-se com um "**as arelhas da pralha**", falantes que se preocupam demais com este erro de concordância com a passiva terminam por flexionar também essas estruturas com verbo transitivo indireto:
INACEITÁVEL ***Precisam-se** de serventes.
INACEITÁVEL ***Falavam-se** dos últimos acontecimentos.

A maneira mais indicada para assegurar a concordância correta é, aqui, distinguir a **regência do verbo**. Se for transitivo indireto, certamente não se tratará de caso de voz passiva. Com isso, contudo, fica impossível lidarmos com essa estrutura se não formos capazes de fazer todas as distinções sintáticas necessárias; nada mais natural, portanto, que o uso da sintética tenha ficado reduzido à escrita de usuários cultos e extremamente cautelosos.

Aumenta a preocupação: as locuções verbais

Quando o verbo principal de uma locução verbal é transitivo direto, ocorrerá normalmente a voz passiva, flexionando-se (como é característico das locuções) o **verbo auxiliar**:

(ativa) O rei **tinha autorizado** as núpcias do poeta.

(analítica) As núpcias do poeta **tinham sido autorizadas** pelo rei.

(ativa) A miopia **pode estar prejudicando** este garoto.

(analítica) Este garoto **pode estar sendo prejudicado** pela miopia.

(analítica) Estas terras **tinham sido compradas**.

(sintética) **Tinham-se comprado** estas terras.

(analítica) As condições do tratado **devem ser respeitadas**.

(sintética) **Devem-se respeitar** as condições do tratado.

Nessas construções de passiva sintética com auxiliar, mais facilmente ainda podemos deixar de fazer a concordância com o sujeito posposto:
INACEITÁVEL ***Tinha-se** comprado estas terras.
INACEITÁVEL ***Deve-se** respeitar as condições
do tratado.

Aqui, no entanto, há um senão: há vários auxiliares que impedem a transformação passiva (analítica ou sintética). Os gramáticos velhos os denominavam de **auxiliares volitivos**: os que indicam vontade ou intenção – **querer**, **desejar**, **odiar**, etc. – e os que indicam tentativa ou esforço – **buscar**, **pretender**, **ousar**, etc. A frase "O homem **tenta desvendar** os mistérios da Natureza" não admite a passiva "*Os mistérios da Natureza **tentam ser desvendados** pelo homem", da mesma forma que "Eu **quero convidar** Fulana" não corresponde a "Fulana **quer ser convidada** por mim".

Numa frase como "**Pretende-se importar** os componentes", o auxiliar deixa claro que não se trata de passiva sintética (**componentes** não pode ser o sujeito de **pretender**). O que temos aqui, na verdade, é um **sujeito oracional** (o sujeito das frases abaixo é a **oração subjetiva** em destaque), e o verbo fica na 3a do singular:

Pretende-se **importar os componentes**.

Busca-se **eliminar as diferenças**.

concordância do verbo **ser**

> Afinal, qual é o correto: “Meu problema **é** os olhos” ou “Meu problema **são** os olhos”? “Tudo **é** vaidades” ou “Tudo **são** vaidades”?

*Prezado Professor, sempre me confundo com o verbo **ser**: “As lembranças **é** tudo o que fica na memória” ou “As lembranças **são** tudo o que fica na memória”? Quando eu uso **é** ou **são**? Tenho de concordar com o que vem **antes** ou com o que vem **depois** do verbo? Para mim, é a maior confusão; já tentaram me explicar, mas nunca entendi.*

Rubem Paes

Meu caro Rubem, se lhe serve de consolo, fique sabendo que determinar o **sujeito** do verbo **ser** não é fácil para ninguém. Numa frase como “O pinheiro é muito alto”, não há dúvida alguma quanto às funções sintáticas: **o pinheiro** é o **sujeito** e **muito alto** é o **predicativo**. No entanto, numa frase como “**A responsável** é **ela**”, já não temos certeza de qual dos dois termos em destaque funciona como **sujeito** (e, portanto, comanda a **concordância** do verbo).

Se nos apegarmos à ideia de que o **sujeito** é o que fica **à esquerda** do verbo, diremos que o sujeito é **a responsável** – o que se revela um palpite infeliz assim que fazemos uma simples alteração na frase: “*A responsável **é** tu”. Essa frase é inaceitável. No Português culto, o verbo **ser** deve concordar com **tu**; a forma correta será “A responsável **és tu**”.

Alguns autores afirmam que, aqui, “o verbo está concordando com o predicativo”! – o que faria do verbo **ser** uma verdadeira atração de circo: “Vejam! Vejam! O único verbo que consegue concordar com outra coisa que não o sujeito da frase!”. Pelo tom que adotei, você percebe que não julgo ser essa uma boa interpretação do fenômeno. Acho que é muito mais adequado dizer que o sujeito do verbo **ser** ora pode vir **antes**, ora **depois** do verbo; em cada frase específica, você deverá, então, **para fazer a concordância**, decidir qual é o

sujeito, qual é o **predicativo**. Para tanto, note que as pessoas que escrevem bem em nossa língua seguem, **geralmente**, uma ordem de precedência que vai depender dos elementos que estiverem de um lado e do outro do verbo **ser** – mais ou menos similar àquele código de boa conduta que todo jovem devia seguir, nos anos 70, ao embarcar num ônibus ou qualquer transporte coletivo. Vamos recordar a cena: todos os assentos do ônibus estão tomados, exceto um. Sobem dois passageiros, uma velhinha coroca e um jovem atleta. A quem pertence o assento vago, no código da etiqueta e da educação? É claro que à velhinha. E se os dois novos passageiros forem uma jovem de perna quebrada e uma velhinha de cabelo grisalho? Eu diria que à jovem de perna quebrada, que tem mais dificuldade de se manter de pé (no meu tempo de faculdade, quatro ou cinco dos passageiros que estavam sentados levantariam e começariam a brigar pelo privilégio de ceder o seu lugar à vovozinha; hoje...). E se for uma jovem de perna quebrada e uma jovem grávida de oito meses? E se for uma velhinha de perna quebrada e uma velhinha grávida? E assim por diante, dois a dois, os passageiros iriam subindo neste nosso ônibus virtual, e nós iríamos decidindo de acordo com os códigos não-escritos da grande tribo em que vivemos. Assim é com o nosso verbo **ser**: para decidir quem vai ocupar o lugar do sujeito, temos de comparar os dois candidatos ao cobiçado assento:

(1) **substantivo humano** + **ser** + **substantivo não humano** – o sujeito será o substantivo com traço **humano**, qualquer que seja sua posição na frase: "O pior **são os vizinhos**"; "O inferno **são os outros**"; "**Minha filha é** meus cuidados".

(2) **substantivo** (qualquer) + **ser** + **pronome pessoal reto** – o sujeito será o **pronome reto**, que, como você já viu, sempre exerce a função de **sujeito**: "A responsável **és tu**"; "O responsável **sou eu**"; "Os interessados **somos nós**".

(3) **substantivo no singular** + **ser** + **substantivo no plural** – a preferência é normalmente dada ao substantivo com o traço **plural**: "Meu problema **são os dentes**"; "**Os tijolos são** um material barato".

(4) **substantivo** + **ser** + **pronomes não-pessoais** (**quem**, **que**, **isto**, **aquilo**, **tudo**, **nada**) – neste caso, o mais aconselhável é considerar sujeito o **substantivo**: "Tudo **são mentiras**"; "Aquilo são **invenções**". Isso esclarece a forma correta da frase que você menciona: "**As lembranças são** tudo o que fica na memória".

Quando se trata de concordar com **quantias**, **distâncias**, **horas**, etc., o verbo

ser deverá concordar com a **expressão numérica**: se ela for igual ou maior do que 2, use o **plural**: "**São** quase **duas horas**"; "É **uma e meia**"; "Daqui ao centro são **três quilômetros**"; "Aqui está a conta: são **dois mil reais**". Com **datas**, alguns autores querem que se mantenha essa concordância com o numeral: "**Eram dez** de setembro"; "**São dois** de julho". O uso moderno, no entanto, não aceita essa forma, preferindo "**Era** [o dia] dez de setembro"; "**É** [o dia] dois de julho". No caso de prestar um concurso público, cabe a você, com um pouco de discernimento, distinguir a qual das duas correntes se filia a banca examinadora. Em caso de dúvida, faça a concordância **são**, **eram**, etc., pois esta é uma posição que encontra muitos adeptos entre os gramáticos conservadores, os quais, por uma ironia do destino (ou não?) constituem a bibliografia básica da maioria das bancas.

agente somos?

"A gente **somos** inútil" – canta, em tom de brincadeira, o grupo DeFalla (o mesmo que lançou o famigerado "Popozuda"). Mas por que está errado? **A gente** não é a mesma coisa que **nós**? Dois leitores fazem perguntas diferentes sobre o mesmo tema.

1) Caro Professor Moreno, a expressão ***a gente****, tão comumente usada hoje em dia, trata-se de um terrível mau uso da língua ou é apenas uma cacofonia, pois dói no ouvido? Grato.*

Rubens G. – Campinas (SP)

Meu caro Rubens, mas que maneira de colocar a questão! Do jeito que você escreveu, ou você mata, ou enforca! A Retórica alertava para esses falsos dilemas, que não deixam saída para o interlocutor: "Você ainda bate na sua avozinha, ou resolveu agora ter pena da pobre velhinha?". Note que, seja qual for a resposta, você estará admitindo uma atitude lamentável contra a terceira idade. "**A gente**" é um "**terrível mau uso**" ou "**apenas uma cacofonia**"? Deu para sentir a maldade?

Pois eu acho que o aparecimento dessa expressão é bom em parte, em parte é ruim, Rubens. A força com que **gente** entrou no Português quotidiano parece

revelar que temos necessidade de uma forma assim – um indicador de impessoalidade, como o ***on*** do Francês, para substituir o **nós**, que é muito mais particularizado. Note que, do ponto de vista flexional, **gente** tem a vantagem de usar a 3a pessoa do singular, a mais simples e menos marcada de todas: "a gente **decidiu**", "a gente precisa **entender**", etc. O problema surge, no entanto, na hora de escolher os **pronomes** (pessoais e possessivos) que irão fazer companhia ao vocábulo **gente**: apesar de ser gramaticalmente da 3a pessoa, o seu emprego no lugar do **nós** levaria a frases como "*a gente trouxe **nossos** ingressos", "*a gente precisa entender **nosso** pai" – aí sim, Rubens, exemplos de mau uso (mas já não sei se tão "terrível" assim...). Vamos ver como o sistema vai resolver essa; entender uma língua é, antes de mais nada, observar as tendências naturais que ela decide seguir.

P.S.: Fique atento para um erro que começa a aparecer por aí: andam escrevendo "***agente** precisa tomar cuidado", "***agente** não sabia o que estava acontecendo". Que tal?

*2) Caro Professor Moreno, ficaria muito grato se o senhor esclarecesse **quem** pode fazer uso da **silepse**. Vou ser mais explícito: de acordo com o que vi nas gramáticas sobre **silepse**, poderíamos dizer "**a gente vamos**", pois o verbo concordaria com o plural implícito no vocábulo "gente". Seria silepse de número?*

David A. – Maceió (AL)

Meu caro David, **quem** pode usar a silepse? Quem quiser, ora. A língua é uma das poucas instâncias democráticas que temos. Se você quer saber **quando**, aí já é outro departamento. Mas, cuidado: as gramáticas não dizem que podemos usar "*a gente vamos": isso é erro bravio, do mato cerrado. O que acontece com "gente" é que, às vezes, passamos para o seu conteúdo intrinsecamente plural: "A **gente** estava atravessando um momento muito difícil. Depois de três dias, **decidimos** recorrer ao senhor". Note que não se trata de "***a gente decidimos**". Estamos em outra oração, com outro verbo; houve a transição natural de **a gente** para **nós**. Há uma banda jovem (a que toca "Popozuda"...) que **ridiculariza esse erro** – aliás, numa bela batida funque: "**A gente somos inútil**!".

o povo brasileiro somos

Prezado Professor, eu gostaria de saber se a frase ***O povo brasileiro somos patriotas*** *está correta. Grato.*

José Neto – Óbidos (PA)

Meu caro José, o processo de concordância verbal é extremamente simples em nosso idioma: **sujeito** no singular, **verbo** no singular; **sujeito** no plural, **verbo** no plural. Como na sua frase o sujeito é o **povo brasileiro** – 3a pessoa do singular –, a concordância usual é "O povo brasileiro **é patriota**" – simples assim. No entanto, podemos, em ocasiões muito especiais (e ponha ênfase nesse "**muito**"!), quebrar essa correspondência entre a marca de número e pessoa que o sujeito ostenta e a marca de número e pessoa que o verbo dele deve copiar. Nesses casos, desprezamos o que a **forma gramatical** do sujeito determina e preferimos levar em consideração os traços de número e pessoa que estão **implícitos** no seu **significado**. É a velha concordância *ad sensum* ("pelo sentido"), descrita em nossas gramáticas tradicionais com o nome de **silepse** ou **concordância ideológica**. Desta forma, aproveitamos para realçar nosso pertencimento (não está ainda na maioria dos dicionários, mas já tem verbete no incomparável ***Houaiss***) ao povo brasileiro, usando a primeira pessoa do plural: "Os brasileiros **somos**".

O efeito é muito esquisito, mas a construção aparece em autores clássicos, o que nos assegura que pode ser usada sem grandes reclamações. Todavia, como certas substâncias perigosas, o limite entre a dose adequada e a dose mortal é muito tênue. Sei que você não pediu, mas dou-lhe um conselho de amigo: evite esse recurso! Se alguns (poucos) escritores bons souberam usá-lo com adequação, logo ele passou a ser de gosto extremamente duvidoso, pois os maus escritores (eram tantos!) do final do século XIX e do início do século XX gostavam de exibi-lo como sinal de domínio (!) do idioma – algo assim como andar de bicicleta de ponta-cabeça ou sem usar as mãos.

Bem diferente seria se, num texto, começássemos a falar do povo brasileiro e, em seguida, passássemos a usar a 1a pessoa do plural, assumindo nossa

identidade nacional e reforçando nossa inclusão: "**O povo brasileiro** é tratado com inaceitável desprezo pelo capital estrangeiro. Basta! Não **aceitamos** mais..." – isso traz vários bons efeitos retóricos. Agora, assim de supetão, "**o povo brasileiro somos**..." – isso é para aqueles discursadores baratos que falam de cima de um caixotinho de querosene Jacaré. Outra solução seria simplesmente reformular a frase para "**Nós**, o povo brasileiro, **somos**...". Neste caso, o sujeito do verbo é **nós**, enquanto **o povo brasileiro** passa a ser apenas um **aposto**. Também fica bem palatável.

os Estados Unidos é?

Uma leitora do Japão pergunta se os **Estados Unidos é** ou **são** uma potência mundial; não que ela tenha dúvida sobre o poder deste país, mas sim sobre a concordância do verbo **ser**.

*Caro Professor, gostaria de tirar uma dúvida que já causou um pequeno debate entre mim e umas colegas de trabalho. Sabemos que a palavra **Estados Unidos** é sempre usada no plural. No entanto, gostaria de saber, numa frase, como fica a **concordância do verbo**: "Os Estados Unidos **é** ou **são** uma potência mundial"? Eu tenho a impressão de que, na escola, uma professora muito bem conceituada na minha cidade me ensinou que nesse caso deveríamos usar **o verbo no plural –** e foi o que defendi na tal discussão.*

Sheila Mayumi Y. – Aichi-Ken (Japão)

Minha cara Sheila, pelo que vejo, você teve a sorte de ter uma boa professora. Quando o Português faz acompanhar um nome geográfico no plural pelo artigo definido também no plural (**os** Estados Unidos, **os** Emirados Árabes, **as** Antilhas, etc.), isso indica que esse nome terá o comportamento sintático de **qualquer substantivo plural**. Você pode observar isso em expressões como "**os poderosos** Estados Unidos"; "Ele não gostava dos Estados Unidos; respeitava-**os**, apenas, por seu..."; "Os Estados Unidos se **tornaram**...". Compara com **Campinas**, **Manguinhos**, **Lajes**, etc. – embora tenham a marca do plural, entram na sintaxe como vocábulo no singular ("Campinas **é**...", "**a orgulhosa** Campinas",

etc.).

mais sobre Estados Unidos

*Caro Professor, vi sua resposta sobre concordância verbal quando o sujeito é **Estados Unidos** e gostaria de saber, nas frases "os EUA **é/são** o país mais rico do mundo" e "um país como os EUA não **pode/podem** deixar de investir nas novas tecnologias", se os verbos são também conjugados no plural. Muito obrigado pela atenção. Abraço.*

Marcelo V. – Goiânia (GO)

Meu caro Marcelo, as duas frases são construções diferentes. Na frase "**Os EUA** são **o país mais rico do mundo**", temos a clássica estrutura [**sujeito**+verbo SER+**predicativo**]. Ela é similar a **"os olhos** são **seu maior problema**", "**os dois excelentes zagueiros** são **a garantia de nossa defesa**". Como é que posso afirmar que o sujeito da frase, **Estados Unidos**, é **plural**? É muito simples; basta ver que o sintagma está assim estruturado: [**os**+**EUA**]; ora, como o artigo ("os") é obrigado a concordar com o núcleo do sintagma ("**EUA**"), o fato de estar no plural é indício indiscutível de que o núcleo também está.

Já a segunda frase tem como sujeito [**um país como os EUA**], cujo núcleo é "**país**" ("**um**" é artigo indefinido; **"como os EUA"**, exatamente por vir ligado por preposição ao núcleo, **país**, é um mero elemento periférico). O verbo sempre concorda, você bem sabe, com o **núcleo** do sujeito; portanto, teremos aqui "um **país** como os Estados Unidos não **pode**" – no singular. O mesmo acontece em "um **arquipélago** como **as Antilhas não pode**", "uma **potência petrolífera** como **os Emirados Árabes não pode**".

concordância com percentuais

> Um leitor escreveu, num cartaz, "**Serão destinados** 20% da renda ...". Um boi-corneta anônimo riscou e trocou para "**Será destinada**". Quem estava com a razão?

Prezado Professor, pediram-me que escrevesse um cartaz em que aparecia a seguinte frase: "20% da renda ***serão destinados*** *às instituições de caridade...". Alguns colegas argumentaram que o verbo deveria estar no singular para concordar com* ***renda****. Como não chegamos a um consenso, resolvi mudar o cartaz para: "****Serão destinados*** *20% da renda às instituições...". Um dia depois, alguém riscou a frase no cartaz, colocando o verbo no singular e anexando uma "regra" da gramática do Napoleão Mendes de Almeida explicando o assunto. Mesmo assim, entendo que o verbo no plural não esteja errado. O que o senhor acha?*

Paulo W. – Jaboatão dos Guararapes (PE)

Meu caro Paulo, você estava com a razão desde o início. Na concordância com **percentuais**, tudo o que for **igual ou maior que dois** deve ser considerado **plural**: "2,5% da quota **valem** muito", "30% da assembleia **votaram**...". É claro que aqui o elemento periférico do sintagma, que se liga ao núcleo por meio de uma preposição (**quota**, **assembleia**), exerce uma forte atração semântica, o que leva muitos falantes a fazerem a concordância com o periférico e não com o núcleo: "2,5% da quota **vale** muito", "30% da assembleia **votou**". Todos os gramáticos **também** aceitam essa hipótese.

Você já deve ter observado o mesmo fenômeno com as expressões partitivas: "a **metade** dos alunos", "**grande parte** dos eleitores". A concordância normal é com o **núcleo**: "a **metade** dos alunos **faltou**", "grande **parte** dos eleitores se **absteve**"; contudo, é perfeitamente aceitável (e compreensível) "a metade dos **alunos faltaram**", "grande parte dos **eleitores** se **abstiveram**". Note o que estou dizendo: é também **aceitável**; eu não disse **preferível**. Eu, particularmente, só faço a concordância com o **núcleo**, por várias razões que não cabe aqui discutir. As duas hipóteses estão corretas; contudo, a primeira é a determinada pela estrutura de nossa língua – a que existe por "licença" de uso é a segunda. Se seus colegas preferem a segunda, tudo bem; você, no entanto, pode ficar com a que escolheu.

Quanto ao Napoleão (autor que eu cito algumas vezes, sempre com adjetivos como "folclórico", "peculiar", etc.), não concordo com as regras dele sobre este caso de concordância. Entre os especialistas, ele é visto como um autodidata muito experiente, agudo observador dos fatos da linguagem, valente

defensor do bom Português, mas cheio de ideias próprias (e completamente fantasiosas, muitas vezes). Ele às vezes dá no prego, mas muitas vezes dá na tábua. Eu já encontrei ótimas observações, tanto em sua ***Gramática Metódica*** quanto em seu ***Dicionário de Questões Vernáculas***, mas já tive várias confirmações de que o leitor leigo não consegue distinguir o que é e o que não é confiável.

Achei divertidíssima a mudança que você fez no cartaz: de “**20% da renda serão destinados**” passou para “**serão destinados 20% da renda**”! Na verdade, você apenas trocou **seis** por **meia dúzia**! A inversão da ordem “sujeito-verbo” para “verbo-sujeito” não tem efeito algum sobre a concordância – embora eu reconheça que, com a inversão introduzida, você deve ter acalmado alguns de seus opositores ao desviar a atenção que antes estava focada no sujeito.

fui eu quem começou

*Professor, gosto muito das crônicas da Martha Medeiros e acho que ela escreve muito bem. Esses dias, contudo, fiquei cismada com uma frase que ela usou: “**Não fui eu que comecei**”. Não poderia ser **não foi eu quem começou**, ou ainda, **não foi eu que comecei**?*

Marília T. – Joinville (SC)

Minha cara Marília, vamos começar separando as orações que compõem essa frase: **não fui eu** e **que comecei**. Na primeira, o verbo **ser** vai concordar obrigatoriamente com o **sujeito**, expresso por um pronome pessoal: **fui eu**. Em hipótese alguma poderíamos ter aquele “*foi eu”, como você escreveu.

Na segunda oração, o **que** é um pronome “vazio”, isto é, ele vai assumir o valor do **antecedente** que ele representa (que é, obviamente, o sujeito da primeira oração):

fui **eu** que **fiz**

foste **tu** que **fizeste**

foi **ele** que **fez**

fomos **nós** que **fizemos**

Já o pronome **quem** é um pronome de 3a pessoa, e assim vai ficar o verbo da segunda oração:

fui eu **quem fez**

foste tu **quem fez**

foi ele **quem fez**

fomos nós **quem fez**

Podemos optar pela forma que melhor nos aprouver; o que não podemos fazer é **misturar** uma com a outra ("*somos nós **quem fazemos**" ou "*somos nós **que faz**" são frases absurdas).

A frase da Martha, portanto, está correta; ela poderia também ter escrito "**Não fui eu quem começou**", mas preferiu (como a maioria de seus leitores o faria) a primeira.

a maioria dos homens

> Uma jovem leitora escreveu "a maioria dos homens **fica encabulada**"; a professora corrigiu para "**ficam encabulados**". Quem está com a razão? O Professor vem serenar os ânimos.

*Professor, tenho 12 anos e estou na 7a série. Fiquei indignada com a correção que minha professora de Português fez na minha redação, considerando **errada** a concordância na frase "A maioria dos homens **fica encabulada** de fazer os exames de próstata". Ora, tenho quase certeza de que minha forma está correta. Mas pode haver outra forma para a mesma frase, como, por exemplo, a forma corrigida? Segundo ela, o correto seria "A maioria dos homens **ficam encabulados** de fazer* *os exames de próstata”.*

Camilla Maciel S. – Jundiaí (SP)

Minha cara Camilla, eu também prefiro a concordância com o **núcleo** do sintagma (“a **maioria** dos homens **fica**”), mas todos os gramáticos prescritivos concordam em admitir **também** (ou seja: é uma “licença” que aqueles senhores “concedem” por causa do uso) a concordância com o **termo periférico:** “a maioria dos **homens ficam**”). Escrevi algo a respeito disso no artigo sobre **concordância com percentuais**. Só há um complicadorzinho no seu caso específico, que é o adjetivo **encabulado**. Se optarmos (como você e eu) pela concordância com o núcleo **maioria**, o adjetivo fica **encabulada**, como você escreveu – e vamos ter de convir que esse feminino não soa tão bem numa frase que fala de **homens**. Afinal, homens deveriam ficar encabulados!

Talvez por isso a sua professora tenha preferido a concordância opcional com “**homens**”. De qualquer forma, a redação que você fez está correta; resta saber se ela discordou da concordância por considerá-la “**errada**” ou por estar apenas aconselhando você a optar por outra forma mais bem-soante – coisa que eu faço a toda hora nas redações de meus alunos. Fale com ela, que eu acho que tudo vai se esclarecer.

Curtas

notifiquem-se os interessados

Adriana P., de Salvador (BA), quer saber qual é a forma correta: “**notifique**-se os interessados” ou “**notifiquem**-se os interessados”.

Minha cara Adriana, **interessados** é o sujeito dessa frase; logo, **notifiquem-se os interessados**, ou **notifique-se o interessado**, se for um só. Recomendo que você dê uma olhada no que escrevi na **concordância com a voz passiva sintética**. Lá está tudo bem explicadinho.

concordância com **a maioria**

Um leitor que foi batizado com o estranho nome de “Escritório Modelo” quer saber qual a forma correta: “a maioria dos eleitores **votaram** ou **votou** neste candidato”? Alega que sempre achou que o verbo deveria concordar com **maioria**, mas notou que os jornais fazem a concordância utilizando-se do plural **votaram**.

Meu caro Escritório Modelo (já que não veio com nome de gente...), eu prefiro concordar com o **núcleo** do sujeito: a **maioria** dos alunos **votou**, **grande parte** dos deputados se **absteve**. Contudo, como a atenção do falante é fortemente atraída pelo modificador do núcleo, é também comum – e aceita pelos gramáticos tradicionais – fazer a concordância com este elemento periférico: a maioria dos **alunos votaram**. Eu me sinto mais seguro com a primeira, que é sempre indisputável, mas muita gente prefere a segunda. Dê uma lida no que escrevi antes sobre **a maioria dos homens**, pois lá faço alguns comentários sobre este tópico.

é uma e meia

Luís Henrique, um paulistano de 18 anos, tem dúvida quanto à concordância com o **número de horas**; sabe que é correto dizer “**é** uma hora” e “**são** duas horas”, mas hesita quando se trata de “uma e meia”.

Meu caro Luís Henrique, o plural, nas línguas ocidentais, começa quando tivermos **dois** ou **mais de dois**. Portanto, “**É** uma hora”, “**É** uma e meia”, “**É** uma hora e cinquenta e nove minutos – PLIM! **São** duas!”

concordância do verbo **ter**

Roselly S., de Caxias do Sul (RS), tem dúvida quanto ao verbo **ter**. Diz ela: “Na frase ‘a maioria das pessoas **tem**’, ele permanece no singular. Certo? A minha dúvida é como ele fica na frase ‘Obrigação que qualquer das partes **tem** ou **têm**’?”.

Minha cara Roselly, são duas situações completamente diferentes, embora com o mesmo resultado. Em “a maioria das pessoas **tem**”, o verbo está no singular porque concorda com o núcleo do sujeito, **maioria**. Em “obrigação que qualquer das partes **tem**”, o verbo concorda com o pronome **qualquer** (singular de **quaisquer**). Compare: “**Qualquer** um dos alunos **sabe**”, “**Qualquer** um dos candidatos **afirma**”, e assim por diante.

mais de um votou

O leitor que se assina “Pigmeu”, de São Paulo (SP), diz que a namorada quer saber a forma correta: “Isso ocorre nos condutores quando mais do que um nível de tensão **for modelado/forem modelados** numa estação”. “A dúvida nasceu por causa do **mais do que um**”, diz Celso, que se declara decidido a manter o saldo positivo com sua garota...

Meu prezado Pigmeu, a concordância usual, na linguagem culta, com **mais de um** é com o verbo no **singular**: “quando mais de um nível de tensão **for modelado**”. Na verdade, isso faz parte de uma regra mais ampla: o **numeral** depois de **mais de** é que vai decidir se é singular ou plural. “Mais de **um** deputado **votou**”, “mais de **dois** deputados **votaram**”.

fomos nós **quem fez**

Ruy R. W. pergunta se não está errado escrever “Fomos nós **quem fez**”. O correto não seria “fomos nós **quem fizeram**”?

É claro que não, meu caro Ruy; o **quem** é um pronome que leva sempre o verbo para a 3a pessoa do **singular**: “fomos nós **quem fez**”, “foram eles **quem fez**”. Essas combinações soam tão estranhas que preferimos, em geral, usar o **que** em vez do **quem**. Nesse caso, o verbo vai concordar com o antecedente do **que**: fui eu **que fiz**, fomos nós **que fizemos**, foram eles **que fizeram**.

é nestes momentos que...

Lima, de Campina Grande (PB), precisa saber qual a forma correta: (1) “É nestes momentos que me **parece difícil** dizer palavras de consolo”; (2) “É nestes momentos que me **parecem difíceis** dizer palavras de consolo”; ou (3)”**São** nestes momentos que me **parecem difíceis** dizer palavras de consolo”?

Caro Lima, a sua primeira hipótese está correta; as outras duas, completamente erradas. A frase “É nestes momentos que me parece difícil dizer palavras de consolo”, na verdade, assim se decompõe: [**dizer palavras de consolo**] [**é que me parece difícil**] nestes momentos.

erro de concordância

Ana Célia G. reclama de um cartaz feito pelos alunos da escola em que sua filha estuda: “Não permita que as dificuldades da vida **o impeça** de florescer”. Ela acha que o verbo deveria estar no plural (**não o impeçam**), mas a professora alegou que a concordância estava correta.

Prezada Ana, você é quem está com a razão. O sujeito do verbo **impedir**, nesta frase, é **as dificuldades da vida**, exigindo, necessariamente, a concordância com a 3a pessoa do plural: “Não permita que as dificuldades da vida **o impeçam** de florescer”. Só espero que a professora que disse que o singular estava correto não seja a de Português; se for, é bom ir pensando numa outra escola para a filha de vocês.

quantos dias **tem** a semana

Aline, de Caxias do Sul (RS), manda uma dúvida que ninguém soube responder na sua sala de aula, nem mesmo o professor: deve-se acentuar o verbo na frase ‘Quantas horas **tem** uma semana”? Acrescenta: ‘O senhor poderia me enviar coisas que comprovassem essa resposta para mostrar para meu professor”?”.

Minha cara Aline: não tenho de enviar nada para comprovar a resposta, já que se trata de uma regra básica de concordância: o verbo sempre vai concordar com o seu sujeito, que, no caso, é obviamente **semana**: “Quantas horas **tem** uma semana”, ou, se você quiser, “Quantas horas uma semana **tem**”. Espero que o professor que você menciona não seja de Português...

doam a quem **doerem**

Teófilo S., de Barbalha (CE), quer saber se a frase “**Doa a quem doer esses fatos**” tem algum problema.

Caro Teófilo, o problema é de concordância. O sujeito é “esses fatos”, e a frase correta seria “**Doam** a quem **doerem** esses fatos” (entenda-se: “doam esses fatos a quem esses fatos doerem”). Compare com o singular “**doa** a **quem** doer esse fato”.

aluga-se uma casa

O leitor Edvaldo diz que aprendeu, quando ainda no ginásio, com um professor de Português muito bom, que o certo era **alugam-se uma casa**. No entanto, como vê constantemente placas com **aluga-se uma casa**, quer saber qual das duas formas é a correta.

Meu caro Edvaldo, acho que a sua memória está lhe pregando uma peça, porque seu professor jamais lhe ensinaria que ***alugam-se uma casa** está correto. Ou vamos usar **aluga-se uma casa** (voz passiva sintética; aqui, “uma casa” é o **sujeito**, e o verbo tem de ficar no singular), ou **alugam uma casa** (voz ativa, com **sujeito indeterminado** indicado pelo verbo na 3a pessoa do plural).

que horas são?

Édson Dutra Caro quer saber se a forma correta é “que horas **são**?” ou “que horas **é**?”. Pergunta ele: “O verbo acompanha o sujeito?”.

Meu caro Édson, o verbo **sempre** vai concordar com o sujeito, que, no caso, é **horas**. Por isso, a forma correta é “que **horas são**” (se você usar o plural), ou “que **hora é**” (se você usar o singular). Note, no entanto, que a primeira é muito mais aconselhável, já que, na grande maioria das vezes, a resposta será “são duas”, “são cinco”, etc. Em outras palavras: há, por razões óbvias, muito mais situações em que a hora vai envolver o plural. O singular aparece

obrigatoriamente com **meio-dia**, **meia-noite** e **uma hora**: “**é** meio-dia e vinte”, “**é** meia-noite e quinze”, “**é** uma e dezesseis”, e assim por diante.

o prazo é de 10 dias

Tânia L., leitora de São Paulo (SP), chega a uma conclusão filosófica: “A certeza é quase sempre uma armadilha. Apostei, sem titubear, que o correto seria dizer: ‘O prazo **é de** 10 dias’, mas parece que também estaria correto ‘O prazo **são de** 10 dias’. Será que eu perdi a aposta? Estava valendo uma garrafa de uísque...”

Prezada Tânia, o que salvou você foi a preposição “**de**”: “o prazo **é de** 10 dias”. Se usássemos uma construção em que o sujeito fosse **10 dias**, poderíamos defender que também estaria correto “o prazo **são** 10 dias”. Agora, “*o prazo **são de** dez dias” é indefensável; sorte a sua.

Estados Unidos

Terry S., um leitor americano, escreve para comentar a concordância com **Estados Unidos**: “Em Inglês, **Estados Unidos** é sempre usado com o valor de um **singular**: ‘The United States **is** a big country. The U.S. **is** a world power. The U.S.A. **has** a problem with illegal immigration’. O plural dos verbos (neste caso, “**are**” ou “**have**”) não é usado porque **Estados Unidos** é considerado um nome próprio, não um substantivo/adjetivo. É o nome de um país. Os **estados russos**, os **estados confederativos**, os **estados europeus**, os **estados brasileiros**, os **estados romanos**, as **ilhas havaianas** – esses sim são substantivos/adjetivos, que não começam em letras maiúsculas”.

Meu caro Terry, agradeço suas observações. São esclarecedoras quanto ao uso do **Inglês**, mas nada têm a ver com o **Português**. “The U.S.A. **is**”, “people

are", etc. – são características idiossincráticas do sistema flexional do Inglês, do mesmo modo como "Os Estados Unidos **são**" caracteriza o sistema do Português. Cada língua com seu uso, cada roca com seu fuso. Um abraço, Terry, e continue meu leitor atento.

faz trinta graus

Valério N. F., do Rio de Janeiro (RJ), estranha que os apresentadores de telejornais, nas informações meteorológicas, digam: "Neste momento **faz** 30 graus na cidade tal". Sua dúvida: não seria **fazem**?

Prezado Valério, o verbo **fazer**, quando indicar condições climáticas ou fenômenos meteorológicos, é sempre **impessoal**, isto é, fica sempre na terceira pessoa do singular: "aqui **faz** verões quentíssimos", "**fez** dias belíssimos durante nossa viagem ao Caribe", "aqui **faz** 30 graus à sombra".

concordância do infinitivo

O leitor Pedro Z. quer saber qual é a forma correta: "As bolsas são capazes de **ter**/**terem** eficiência nominal".

Meu caro Pedro, as bolsas **são** capazes **de ter**, nós **somos** capazes **de ter**, tu **és** capaz **de ter** – note como só o primeiro verbo varia. Se o segundo também flexionasse, teríamos horrores como "*nós somos capazes de termos", "*tu és capaz de teres".

leia-se Lula e Serra

Maria Laís P., professora de São Paulo (SP), estranhou um jornal de São Bernardo que escreveu: “Os candidatos à Presidência da República – **leiam-se** Lula e Serra – estavam empenhados em conquistar apoios”. Não deveria ser **leia-se** (onde se **lê** isso, **leia-se** aquilo)? Não se trata aí da concordância com um falso plural, já que não se quer dizer que Lula e Serra devem ser lidos?”.

Prezada Maria Laís, sim, deveria ser **leia-se**. O que enganou o redator foi outro erro presente na mesma notícia: “Lula e Serra” deveriam ter recebido um tratamento de **metalinguagem**; como não pertencem ao discurso normal do texto, deveriam vir sublinhados, em itálico ou entre aspas: os candidatos à Presidência da República – leia-se “**Lula e Serra**”. Um erro levou ao outro.

eu **sou** você

Marcelo Ferreira Lima tem uma “dúvida eterna”: qual a forma correta? “Eu **sou** você, você **sou** eu”, ou “Eu **sou** você, você **é** eu”?

Meu caro Marcelo, vou dar um fim na sua dúvida eterna: “Eu **sou** você, você **é** eu”. A frase é clássica, a solução também. Apesar do conhecido comportamento do verbo **ser** quanto à concordância, considera-se o pronome da esquerda como sujeito.

os brasileiros que sabemos?

Marino Novoa, um leitor hispano-falante que está aprendendo português, estranhou uma frase no artigo **item, itens**, no ***Guia Prático do Português Correto***, v. 1, em que escrevi "... vem sendo transmitido a todos nós, **os brasileiros que sabem** escrever". Ele pergunta se o correto não seria "vem sendo transmitido a todos nós, os brasileiros que **sabemos** escrever".

Meu caro Marino, nesta construção, trocar **sabem** por **sabemos** é um recurso literário que soa cada vez mais artificial. "**Os brasileiros somos** um povo" – isso é gramaticalmente correto, mas só caberia em linguagem erudita e rebuscada. A forma canônica, correta, é "Nós, **os brasileiros que sabem**"; o sujeito de **saber** é **brasileiros**, e não **nós**. Basta trocar o pronome pelo singular para ficar claro o que estou dizendo: "Eu, o **brasileiro que sabe** falar trinta línguas" – e nunca "*****Eu, o brasileiro **que sei** falar trinta línguas".

és **o** que governa

Ana Cláudia, de São Paulo (SP), gostaria de saber se a forma correta seria "És o que **governa**" ou "És o que **governas**" – e pergunta, de inhapa, qual seria a função sintática do "**O**".

Minha cara Ana Cláudia, a forma correta seria "És o **que governa**". Análise da oração principal: **tu** (sujeito elíptico) + **és** (verbo de ligação) + **O** (predicativo; "**O**" aqui é um pronome demonstrativo, equivalente a "aquele"). A oração subordinada adjetiva, "**que governa**", tem o pronome relativo **que** como **sujeito**; seu antecedente é o "**O**", e por isso o verbo vai ficar na 3a pessoa. Se tirássemos o pronome "**O**" daquela frase, teríamos uma construção bem diferente: "És tu **que governas**"; neste caso, o antecedente do **que** é o **tu**, e o verbo vai naturalmente para a 2a pessoa.

hão de ser corrigidos

Júlio César R., de Florianópolis (SC), pergunta se deve escrever **hão de ser corrigidos os erros**, **hão de serem corrigidos os erros** ou **há de ser corrigidos os erros**.

Caro Júlio, a única aceitável é **hão de ser corrigidos**. Compare com **havemos de ser entendidos**, **hás de ser recompensado**; note que o verbo **ser** fica invariável, em qualquer hipótese. Como você sabe, nas locuções verbais só o auxiliar **mais à esquerda** sofre flexão (**tenho** de ir, **tens** de ir, **temos** de ir, **têm** de ir); os demais ficam invariáveis. Quanto à terceira versão, ela está errada porque o verbo **haver** aqui é um simples auxiliar e deve concordar normalmente com o sujeito **erros**.

6. Tratamento

lhe, te e **você**

Uma leitora suíça estranha o uso do **lhe** no vídeo da Xuxa.

Na fita de vídeo da Xuxa que comprei para minha filha, em algumas músicas usam o ***lhe*** *dirigindo-se a alguém que não é mais velho ou que exija tratamento formal; por exemplo, "Eu* ***lhe*** *darei uma chance". No decorrer desta música, no entanto, a pessoa a quem foi dada a chance é chamada por* ***você****. Está correto?*

Thaís M. – Zurique (Suíça)

Minha cara Thaís, percebo que você está fazendo uma pequena confusão entre o **lhe** do **uso culto escrito** e o **lhe** do **uso falado**. No primeiro, que é naturalmente mais conservador, o **lhe** é o pronome de 3a pessoa usado para representar os **objetos indiretos**; a hierarquia de nosso interlocutor não é levada em consideração. Se eu devo um favor **ao rei**, ou **ao jardineiro**, ou **a você**, a frase que eu vou dizer será a mesma: "Eu **lhe** devo um favor". Neste sistema, portanto, a escolha entre **o** ou **lhe** é feita por critérios exclusivamente **sintáticos** (se o objeto é **direto** ou **indireto**).

No uso falado, contudo, desapareceu essa vinculação sintática do **lhe** ao objeto indireto, e foi-lhe atribuída a função social de expressar um tratamento mais delicado, mais respeitoso. Por isso mesmo, nas regiões do Brasil onde se usa o **você** (em vez do **tu**) para o tratamento entre pessoas de igual hierarquia, a forma escolhida para representar o objeto indireto é o **te**, que é um pronome da 2a pessoa. No Rio de Janeiro, por exemplo, vamos ouvir "**Você** foi muito gentil; eu **te** devo um favor"; "Eu **te** disse que ia dar errado, mas **você** não acreditou". Apesar de usual, essa mistura de pessoas gramaticais ainda é considerada como erro pela maioria dos gramáticos. Acho que a produção do disco da Xuxa, por ele ser destinado a crianças, tomou o cuidado de empregar apenas a norma culta – no que, vamos convir, fez muito bem.

tu x **você**

Duas leitoras compartilham a mesma dúvida: qual a diferença na conjugação verbal entre **tu** e **você**?

*Caro Professor, trabalho com textos traduzidos para a nossa língua. A respeito de verbos na forma imperativa, tenho visto muitos deles usados de forma diferente da que eu aprendi na escola. Por exemplo: olhar, "**olhe**"; escrever, "**escreva**"; ligar, "**ligue**". Pois bem... frequentemente no rádio e na televisão, ouço "**liga** agora pra nossa central...", "**escreve** aqui para a rádio". Há um comercial de celular no qual o verbo é usado como "**liga**", e até vi na capa de uma revista "**olha** a postura!". Espero que o senhor resolva de vez essa minha dúvida, que pode ser a de muitos e que me deixa espantada.*

Audrey C. – São Paulo (SP)

Prezado Prof. Moreno, aprendi, ainda quando pequena, esta oração ao Anjo da Guarda, que penso estar errada na conjugação dos verbos no imperativo. A oração é escrita assim:
Santo Anjo do Senhor,
Meu zeloso guardador,
Se a ti me confiou a piedade divina,
Sempre me rege, guarde, governe, ilumine.
Como seria a forma correta? Desde já agradeço.

Ângela S. – Caxias do Sul (RS)

Prezadas leitoras, o que está incomodando vocês é o cruzamento das regras de conjugação do **imperativo** com a forma de **tratamento** que está sendo empregada (**tu** ou **você**) – uma das misturas mais indigestas para quem hoje ainda tenta escrever corretamente o nosso idioma. Essas duas áreas já são problemáticas de per si; quando se juntam, é natural que o cenário fique ainda mais confuso. Vou esclarecer por partes.

O tratamento – quando nos dirigimos a alguém, o Português moderno permite que escolhamos livremente entre tratá-lo por **tu** ou por **você**; embora haja certas preferências regionais, qualquer brasileiro, em qualquer parte do

país, é livre para usar a forma de tratamento que lhe aprouver. No jargão das gramáticas tradicionais, portanto, **tu** e **você** são duas formas igualmente corretas para tratar a segunda **pessoa do discurso** (definida como **aquela a quem se fala**). É importante frisar que, apesar de ambos se referirem à **2a** pessoa (do discurso), **tu** pertence à **2a** e **você** pertence à **3a** pessoa **gramatical**, exigindo as formas verbais e os pronomes respectivos. Comparem "Se **você** não **trouxe seu** livro, **vai se** arrepender" com "Se **tu** não **trouxeste teu** livro, **vais te** arrepender" – ambas corretas.

Numa espécie de darwinismo linguístico, as duas formas passaram a disputar a preferência dos falantes. Ambas estão ainda em uso, mas a **direção de tendência** – ou seja, o rumo inexorável para onde os dados linguísticos apontam – parece ser a supremacia absoluta do **você** e a retirada de cena do **tu**, assim como já aconteceu com o **vós** (lembro apenas que essa disputa vai durar alguns séculos, ao longo dos quais as hesitações vão naturalmente continuar ocorrendo). Nosso quadro verbal, então, vai reduzir-se a **quatro** pessoas (**eu**; **ele** ou **você**; **nós**; **eles** ou **vocês**).

O imperativo – para fazer um convite, uma exortação, ou dar uma ordem – aquilo que a mitologia gramatical denominou de **imperativo** –, deveríamos usar formas verbais muito diferentes para o **tu** e para o **você**. Eu disse "deveríamos", porque na prática quase nunca isso acontece. A forma que corresponde ao **você** é idêntica ao **presente do subjuntivo**, enquanto a que corresponde ao **tu** é uma forma própria, exclusiva, obtida a partir do **presente do indicativo**, com a perda do "**S**" característico:

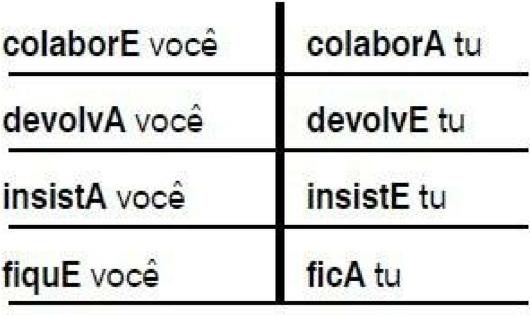

colaborE você	colaborA tu
devolvA você	devolvE tu
insistA você	insistE tu
fiquE você	ficA tu

Pois as formas com que você cismou, minha cara Audrey, são as que correspondem ao **tu**: "**liga** agora para nossa central", "**escreve** aqui para a rádio", "**olha** a postura!". A julgar por suas palavras, presumo que você preferiria "**ligue**", "**escreva**" e "**olhe**", correspondentes ao **você**. As outras não estão erradas; o que fez você acender a luz de alerta, ao ver aqueles comerciais, foi simplesmente o fato de empregarem o "**tu**", com suas formas verbais que já soam estranhas para grande parte dos brasileiros. Quanto a você, minha prezada Ângela, está certa em desconfiar do texto da oração, porque ele realmente está errado. Se a prece se dirige ao Anjo tratando-o por **tu** (como sugere a frase "se a **TI** me confiou..."), as formas do imperativo devem ser da segunda pessoa: "...me **rege**, **guarda**, **governa** e **ilumina**". Acho que o "**E**" de **regE** terminou influenciando na conjugação errônea dos três outros verbos.

se liga

> Um gaúcho indignado reclama contra o jeito da TV brasileira falar.

Prezado Professor, minha implicância maior é com o colonialismo imposto pela TV do centro do país. Veja o uso do ***se****: "****Se*** *liga", "****se*** *cuida", "****se*** *levanta", etc. O certo não seria "****te*** *liga", "****te*** *cuida", "****te*** *levanta"? Nesse caso, o* ***se*** *não representa a 3a pessoa?*

Elly W. – Passo Fundo (RS)

Meu caro Elly, não há nada contra o emprego do **se**, pronome correspondente a **você**; é claro que é 3a pessoa, mas, como bem sabemos, o Brasil se divide em dois territórios: o maior, que usa **você**, e o menor (Rio Grande do Sul e algumas cidades esparsas no resto do país), que usa **tu**. Feliz ou infelizmente, o avanço linguístico do **você** é inexorável, porque ele é o pronome preferido nos estados que produzem a nossa programação de TV e que, *ipso facto*, dominam os corações e as mentes de nossas crianças. Não sei que idade você tem, mas digo a meu filho (26 anos), gaúcho de quatro costados, que os netinhos dele vão andar de bombachinha, tomando chimarrão e falando **você.** É brincadeira, é claro, mas expressa mais ou menos o espírito da coisa. Este ***Guia Prático***, por exemplo, tinha sido escrito tratando os leitores por **tu**; no entanto, por ponderação do editor, troquei tudo para **você**, dado o alcance nacional das edições da L&PM.

Agora, numa coisa você está coberto de razão: "*se liga", "*se cuida" e "*se levanta" são realmente execráveis, mas por outro motivo: o verbo está mal conjugado, no imperativo. A forma correta seria "se **ligue**", "se **cuide**", "se **levante**". Se preferem o **você** ao **tu**, estão no direito deles, mas vão ter de levar o verbo para a 3ª pessoa – e não tem coré-coré.

quem é **doutor**, afinal?

Já foi dito que os brasileiros se dividem entre os que são doutores e os que gostariam de sê-lo.

*Caro Professor, por que os formados em Medicina, Direito, Odontologia e até mesmo Engenharia (entre outros) são chamados de **doutor**, enquanto os formados em Letras, Computação, etc. não são? Existe uma regra para tal discriminação? Eu pensava que **doutores** eram apenas os pós-graduados com doutorado, que defenderam uma tese e receberam tal título.*

Ailton B. G. – Osasco (SP)

Meu prezado Ailton, o vocábulo **doutor** vem do Latim **docere** ("ensinar"). No seu emprego primitivo, na Bíblia, designava aqueles que ensinavam a lei hebraica (os "doutores da lei"); em **Lucas** 1,46 (na trad. de João Ferreira de Almeida), os pais do Menino Jesus procuraram-no em Jerusalém e "o acharam no templo, assentado no meio dos **doutores**, ouvindo-os e interrogando-os".

O uso de **doutor** como título acadêmico, no entanto, começou nas universidades medievais (Bolonha, Salamanca, Oxford, Cambridge, Sorbonne, Coimbra, Upsala) para designar os que tinham conquistado a autorização para lecionar. Esse direito se limitava, primeiro, à sua própria universidade, mas foi estendido, mais tarde, a qualquer outra (com as indefectíveis rivalidades e picuinhas que duram até hoje).

Primeiro houve os doutores em **Direito** (*doctores legum*), depois em **Direito Canônico** (*doctores decretorum*) e, já no século XIII, em **Medicina**, **Gramática**, **Lógica** e **Filosofia**; no século XV, Oxford e Cambridge começaram a conferir também o doutorado em **Música**. Os antigos doutorados em Direito e Medicina certamente explicam o uso popular, tanto no Brasil como em Portugal, do tratamento de **doutor** para os médicos e advogados. Outro resquício medieval é o título de Doutor ***Honoris Causa*** ("por motivo honorífico"), concedido a qualquer personalidade que uma determinada universidade queira homenagear, tenha ou não formação acadêmica.

Independentemente do sentido acadêmico (que implica a defesa de uma tese de doutoramento), uma indiscutível aura de respeito e deferência cerca o vocábulo **doutor**, como podemos ver nos reflexos que deixa no vocábulo **douto**, que indica o erudito, o sábio, o profundo especialista em determinada área. Por outro lado, o pedantismo e a atitude aristocrática de alguns doutores explica também por que chamamos de "tom **doutoral**" aquele tom sentencioso, muitas

vezes pedante, de quem pensa que está dando lições de sabedoria.

Como vimos até aqui, caro Ailton, para ser **doutor**, o pobre mortal tem de quebrar muita pedra! Só os que sobreviveram sabem o que isso significa. No mundo acadêmico, só pode ser chamado de **doutor** quem cumpriu as etapas constantes no curso de doutorado, incluindo a defesa de uma tese original diante de uma banca composta por cinco outros doutores (até bem pouco tempo, no sistema brasileiro, isso só podia ser feito depois de se ter concluído o curso de Mestrado). Quando se ouve, na universidade, alguém anunciado como "**Professor Doutor**", é porque ele é **doutor** mesmo.

Saindo um pouco do mundo universitário, tornou-se costume, aqui no Brasil, chamar de **doutor** também ao **médico** e ao **advogado**, havendo, inclusive, esquisitos dispositivos legais que regulavam (e talvez ainda tentem regular) o uso do título. A prática é tão usual que poderíamos dizer que o sentido mais geral da palavra **doutor**, no Brasil, é o de **médico**: "Ele foi ao **doutor**" vai ser interpretado por quase todos os falantes como equivalente a "ele foi ao **médico**". Neste caso, no entanto, devemos reconhecer que esse emprego mais tolerante do vocábulo vem facilitar a comunicação direta com esses profissionais: quando me dirijo a um médico ou a um advogado, não preciso dizer "O que o senhor pensa disso, **médico** Fulano?" ou "Gostaríamos que participasse das negociações, **advogado** Beltrano", pois o **doutor**, usado mais como forma de tratamento do que como título, serve de tratamento genérico.

Agora, no imenso mundo não-acadêmico, neste pobre Brasil semianalfabeto, **doutor** já é outra coisa, pois serve para designar qualquer cidadão que teve a sorte de concluir um curso superior: "Ele agora se formou; tenho um filho **doutor**, de anel no dedo!". É aqui que os engenheiros, arquitetos, economistas, etc. ganham também a sua fatia. E lá se vai o conceito, alargando-se na sua elasticidade infinita, passando finalmente a abranger qualquer pessoa cuja aparência sugira que pertence às classes dominantes. É o **doutor** usado pelo guardador de carro, pelo porteiro de prédio, pelo vendedor dos semáforos. Todo brasileiro, no fundo, sonha em ser doutor. Portugal, nosso avozinho, resolveu de outra forma esse anseio por um tratamento diferenciado: lá todos são chamados de **excelência**, para contentamento geral. Eu, pessoalmente, prezo mais o título de **professor** que o de **doutor** (a que fiz jus, pela tese que defendi) – exatamente pela indefinição deste último.

enfermeiro é **doutor**?

Professor Moreno, sou enfermeiro e soube que o Conselho Federal de Enfermagem editou uma resolução segundo a qual os enfermeiros também fazem

jus ao título de ***doutor****. Antes de fazer um novo crachá e um novo carimbo, no entanto, gostaria de saber se é legítimo o uso do* ***doutor*** *antes de meu nome. Confesso que até gostaria de ser chamado assim, mas não acho muito honesto com os pacientes.*

Enfermeiro Atento – Campos (RJ)

Meu caro amigo, não sei se ela ainda está em vigor, mas essa resolução é uma das peças mais surrealistas que li sobre este assunto (Resolução COFEN-256/2001 – Autoriza o uso do Título de Doutor pelos Enfermeiros). O Conselho de Enfermagem, além de fazer afirmações completamente equivocadas (o título de **doutor** jamais foi genérico para portadores de diploma de curso superior – só os médicos e os advogados costumam usá-lo, à moda deles, fora do sistema acadêmico de títulos, que só chama de **doutor** quem fez doutorado), realizou a proeza de atribuir direitos a si mesmo! Por que eles não decidiram, logo, autorizar os enfermeiros a usar o título de **rei**, ou de **bispo**, ou ainda de **vereador**? O disparate seria igual se o Conselho Regional de Engenharia fizesse o mesmo, ou o de Economistas, ou o de Contabilistas!

Sua hesitação em usá-lo, amigo, é muito sábia; se você leu o que escrevi em "***Quem é doutor, afinal?***", deve conhecer a minha opinião: de um lado, há o **doutor** quente, com curso de pós-graduação e defesa pública de tese; este é incontestável, seja ele psicólogo, dramaturgo, enfermeiro, cineasta ou matemático, e seu título é reconhecido legalmente no Brasil e no resto do mundo, gerando vários efeitos jurídicos – inclusive a capacidade de postular certas vagas que exigem essa titulação e o direito de receber adicionais na sua remuneração. Do outro, há o **doutor** popular, forma cerimoniosa de tratamento dos médicos, dos advogados, de pessoas mais ricas, de poderosos em geral, neste país de imensos contrastes que é o nosso querido Brasil. O guardador de carros da minha rua sempre me chama de **doutor**, não porque conheça o meu trabalho na universidade ou os livros que escrevi, mas porque, na óptica dele, quem tem carro é rico, e quem é rico é doutor. Nesse segundo **doutor**, teoricamente, cabemos todos nós, porque, se não somos tão poderosos ou ricos quanto um Ermírio de Morais, somos muito mais poderosos ou ricos que o pobre retirante que caça calango para matar a fome. Na pirâmide social, chamaremos de **doutor** quem está acima de nós, e assim seremos chamados por quem está abaixo – mas isso não se regula com portarias ou resoluções. Depende de uma intrincada rede de fatores sociolinguísticos, na qual intervêm, inclusive, traços de nossa relação subjetiva com nossos interlocutores. Eu trato todos os professores por **tu** ou **você**; a alguns, no entanto, a quem respeito pela idade ou pela sabedoria, chamo de **professor**. O mesmo acontece com os médicos: trato-os

sempre na 2a pessoa, exceto aqueles que, pelos mesmos motivos, prefiro chamar de **doutor**.

Vossa Meritíssima?

O Professor mostra que essa forma de tratamento é uma cruza de jacaré com cobra-d'água.

Professor Moreno, alguns gramáticos afirmam que ***Vossa Meritíssima*** *deve ser grafado apenas por extenso; todavia, já vi a forma* ***MM****. como referência ao pronome de tratamento em questão. Há ainda gramáticos que insistem em dizer que o* ***vossa*** *não deve ser usado quando associado ao termo* ***Meritíssima****. A quem devo seguir? O que devo fazer?*

Petrúcio

Meu caro Petrúcio, acho que há um engano aqui, pois ***Vossa Meritíssima** é uma sequência impossível na estrutura do Português. Os nossos pronomes de tratamento sempre têm a estrutura [**vossa+substantivo**]: Vossa **Majestade**, Vossa **Alteza**, Vossa **Santidade**, Vossa **Eminência**, Vossa **Excelência**, Vossa **Senhoria** – e **Meritíssima**, como você sabe, é um **adjetivo**.

Outra coisa bem diferente são os adjetivos superlativos que usamos para qualificar certas autoridades – neste caso, sempre **antes** de um **substantivo**: Digníssimo **Senhor**, Ilustríssimo **Diretor**, Excelentíssimo **Presidente** – e por aí vai a valsa. Acho que podemos distinguir muito bem entre as duas situações: **Vossa Excelência** e **Vossa Magnificência**, de um lado, e **Excelentíssimo** e **Magnificentíssimo**, de outro.

Como você pode ver, não cabe um ***Vossa Meritíssima**, assim como não cabe um ***Vossa Excelentíssima** (como alguns parlamentares andam usando por aí), pois se criaria uma exótica e inaceitável sequência [**vossa**+**adjetivo**], que o nosso idioma desconhece. No mundo jurídico, é muito comum (e adequado) usar-se **Meritíssimo** como **adjetivo** de tratamento para magistrados. Ao nos dirigirmos diretamente a um juiz, podemos simplesmente utilizar **Merítissimo** – ou **Meritíssima**, caso se trate de uma juíza.

Curtas

quem é “excelência”?

Maurici L., de Porto Velho (RO), precisa saber quem deve ser tratado como **Vossa Excelência** e como se abrevia. Acrescenta: “Por exemplo, como devo me referir a uma Procuradora Federal?”.

Meu caro Maurici, num país dominado pelas vaidades públicas, como o nosso, use **Vossa Excelência** (abreviado como **V. Ex.a**) para todo o mundo, que assim todos ficam satisfeitos. Em Portugal, que é um país extremamente educado, os vendedores de peixe e os porteiros de hotel chamam todo mundo de **excelência**; ninguém fica ofendido com a honraria. Eu faço assim, e só não uso **Vossa Majestade** porque as pessoas iriam perceber que é ironia.

P.S.: Quando você se dirigir diretamente à autoridade, use **Vossa Excelência**; quando você falar **sobre** ela, troque para **Sua Excelência**.

favor **limpar** os pés antes de entrar

Gorete diz que tem o hábito de empregar **tu** como forma de tratamento; um dia desses, escreveu em um e-mail a frase “Favor lê o anexo”, e seu chefe ficou furioso. “Ele tinha razão, Professor, ou era só preconceito comigo, porque sou de Teresina?”

Prezada Gorete, se você prefere o **tu**, deveria ter escrito “Por favor, **lê** o anexo”. Isso é o imperativo afirmativo para a 2a pessoa, como se pode ver em qualquer gramática. No entanto, quando usamos apenas o “Favor”, o normal é usar o infinitivo: “Favor **ler** o anexo”. É claro que na pronúncia usual brasileira (e não só do Piauí, como indelicadamente afirmou o seu chefe), o /r/ final do

infinitivo muitas vezes não é pronunciado, fazendo com que **ler** soe como /lê/. Foi isso o que atrapalhou você na hora de escrever. Compare "Por favor, **limpe** os pés ao entrar" com "Favor **limpar** os pés ao entrar".

conta ou **conte**

A leitora Dinah quer saber qual é a forma correta: "Brasil, **conte** em cantos um pouco da sua história" ou "Brasil, **conta** em cantos um pouco da tua história".

Minha cara Dinah, se você vai usar **conta**, deve usar **tua**; se usar **conte**, deve usar **sua** – tudo depende de como você vai se dirigir ao Brasil. Escolha entre **tu** ou **você**; o que não pode é "*Brasil, **conta** a **sua** história", porque estaria misturando os dois tratamentos.

tratamento para reitores

A leitora Yasmin X., do Rio de Janeiro, quer saber qual a forma de tratamento para **Reitor**.

Ora, minha cara Yasmin, desde a Idade Média o tratamento dispensado aos reitores é **Vossa Magnificência** – e é por isso que nossos diplomas têm, no texto, "**O Magnífico Reitor** da Universidade...".

seu ou **teu**

Carlos M. nos informa que, dirigindo-se ao interlocutor, costumava dizer "isto é um problema **seu**", até que um amigo teimou que o pronome correto seria **teu**, alegando que o tratamento do interlocutor deve ser **tu**. Pergunta: "Isso é correto, ou podemos dizer **seu** em referência a **você**?".

Meu caro Carlos, quem usa **tu** para se dirigir a seu interlocutor (como eu normalmente faço), vai usar **teu**; quem usa **você**, vai usar **seu**. Compare: "**Tu** perdeste o ônibus? Isso é problema **teu**" com "**Você** perdeu o ônibus? Isso é problema **seu**". É fantástico como esses amigos vivem dando palpites furados!

tratamento para padre

Luciane F., de Juiz de Fora (MG), pergunta qual é o pronome de tratamento exato para um **padre** ou **religioso**.

Prezada Luciane, isso não é uma questão de Língua Portuguesa, mas sim de protocolo eclesiástico. O papa é **Vossa Santidade**, um **cardeal** é **Vossa Eminência**. E um bispo? E um padre comum? Se isso realmente é importante para você, deve perguntar a um padre culto (dos antigos), que ele vai saber.

faça um 21

Vítor F., de São Paulo (SP), tem dúvida quanto à propaganda da EMBRATEL. Alguns de seus colegas dizem que o correto é "**Faz** um 21", enquanto outros defendem "**Faça** um 21". Qual é a certa?

Meu caro Vítor, quem costuma tratar o interlocutor por **você**, dirá "**faça** um 21"; se, contudo, preferir o tratamento de **tu** (como eu faço), dirá "**faz** um 21". É a mesma diferença que existe entre "**toma**/**tome** cuidado", "**fica**/**fique** quieto",

etc.

pronomes com **Vossa Excelência**

Rosa B., de São Paulo (SP), pergunta: “Numa correspondência formal que usa o tratamento **V. Exa**, qual o pronome possessivo adequado? É ‘Colocamo-nos à **vossa disposição**’ ou ‘à **sua disposição**’?”.

Minha cara Rosa, todos os pronomes de tratamento – **Vossa Senhoria**, **Vossa Excelência**, **Vossa Majestade**, **Vossa Santidade**, etc. –, apesar de ostentarem esse sonoro **vossa**, não passam de pronomes de 3a pessoa, da mesma forma que **você** (que, aliás, é uma forma reduzida do antigo **Vossa Mercê**). Portanto, “Vossa Excelência vai encontrar **seu casaco** no banco de trás de **seu carro**”; “Dirijo-me a Vossa Excelência para convidá-**lo**”; “Coloco-me à **sua** inteira disposição”; e assim por diante.

tratamento adequado

Acácio Hypolito quer saber qual o tratamento que deve usar quando estiver se dirigindo (1) ao principal executivo/diretor de uma empresa e (2) a um cônsul.

Meu caro Acácio, você pode restringir o seu arsenal de pronomes de tratamento a **dois**, apenas. Para pessoas de destaque no mundo civil, use **Vossa Senhoria** – é o caso do executivo. Para autoridades (de qualquer tipo, mesmo as que não merecem) use **Vossa Excelência** – é o caso do cônsul. Assim você nunca vai errar.

vós

Luiz A. R., do Rio de Janeiro (RJ), diz que existe uma oração que diz "Oh! **Meu** Jesus, **perdoai-nos**, **livrai-nos**..." – e pergunta se está certa esta concordância.

Meu caro Luiz, nessa oração, Jesus está sendo tratado como **vós**, como era o costume dos textos religiosos tradicionais (hoje se usa o tratamento de 3a pessoa). Como no **Pai-Nosso** ("Pai Nosso, que **estais** no céu...). No exemplo que você citou, estamos usando o imperativo: **perdoai**, **fazei**, **livrai-nos**. Não sei por que grifaste o **meu** – esse pronome possessivo não tem a menor influência no tratamento que está sendo usado. Se ainda houvesse rei no Brasil, poderíamos dizer: "Meu Rei, **concedei-nos** um aumento", ou "Meu Senhor, **baixai** o preço da gasolina".

não faz, não faças

José Nisa gostaria de saber qual é a diferença entre **não faz isso** e **não faças isso**. "Quando é que devo utilizar cada uma das formas?"

Meu caro José, "**não faças isso**" é a forma culta da 2a pessoa do singular do imperativo negativo, usada para o tratamento com **tu**. "**Não faça isso**" é a 3a pessoa, também do Português Culto, usada para o tratamento com **você**. Agora, "**não faz isso**" é a forma popular do imperativo, não importando se estamos tratando o ouvinte por **tu** ou por **você** – e esta não deve ser utilizada em situações que exigem a linguagem mais cuidada.

você

Natália, leitora de Goiânia (GO), gostaria de saber se o pronome **você** pode, diferentemente de **eu**, **tu**, etc., ser usado como **objeto direto**, como em "adoro **você**".

Prezada Natália, **você**, como qualquer outro pronome de tratamento (se você não percebeu, ele é irmão dos solenes **Vossa Senhoria**, **Vossa Excelência**, etc.), só tem uma forma, não dispondo daquelas variações condicionadas sintaticamente (objeto, sujeito) que têm o **eu** (**me** e **mim**) e o **tu** (**te** e **ti**). Por isso, ele pode desempenhar qualquer função.

7. Concordância nominal

Os **artigos**, os **pronomes**, os **numerais** e os **adjetivos** são como satélites que acompanham o planeta **substantivo**, e com ele devem concordar em **gênero** e **número**. Esse é o princípio básico da **concordância nominal**, que nosso idioma evidencia de uma maneira quase obsessiva: basta ver quantas vezes assinalamos o gênero (feminino) e o número (plural) na sequência **minhas duas camisas amarelas** (que no Inglês seria **my two yellow shirts**, em que a única marca é o plural **shirts** – numa economia que chega a beirar a avareza).

São vários os motivos que nos levam a tropeçar na concordância – uns mais sofisticados, outros nem tanto. O mais elementar consiste em flexionar apenas o vocábulo mais à esquerda da sequência, deixando imóveis todos os demais (inclusive o substantivo): ***uns livro velho**, ***os carro antigo**. Depois, pela ordem, vem o desconhecimento do gênero que o uso culto atribui a determinados vocábulos: meu avô, por exemplo, que era um homem honrado e simples, dizia ***minha pijama novinha**; no frio da serra gaúcha, já ouvi muitas vezes falarem ***do chaminé entupido**; e não são poucos os leitores perguntando se ***a trema não foi abolida**...

Você que está lendo este ***Guia***, no entanto, já é um usuário mais avançado de nosso idioma e não deve temer esses escorregões tão singelos. O perigo maior que vai encontrar no caminho será, a meu ver, os adjetivos adverbializados, isto é, um **adjetivo** no **masculino**, **singular**, que passa a funcionar como **advérbio** (em outras palavras, o mesmo vocábulo pode ser **adjetivo** ou **advérbio**, dependendo de sua posição na frase. Ora, **essa distinção é fundamental para a concordância**, pois os **advérbios** estão no grupo dos **vocábulos invariáveis**, enquanto os **adjetivos** concordam em gênero e número com os substantivos que acompanham. Você vai notar a diferença se comparar “estes sapatos são **caros**” com “estes sapatos custaram **caro**”; o primeiro é um **adjetivo**, ligado a **sapatos**; o segundo é um **advérbio**, ligado ao verbo **custar.** É com base nessa diferença que justificamos, como você lerá adiante, a famosa frase publicitária da “**cerveja que desce redondo**”.

a cerveja que desce **redondo**

> Afinal, uma boa cerveja deve descer **redondo** ou descer **redonda**? Vejam o que realmente está acontecendo na cervejaria Skol.

Uma boa cerveja deve descer **redondo** ou **redonda**? Se **redondo** é adjetivo, não deveria concordar com **cerveja**? Muitos leitores fazem a mesma pergunta, motivada pela campanha de uma de nossas grandes cervejarias. A frase da cerveja Skol está correta; na minha experiência, contudo, quando um número expressivo de falantes tem dúvida quanto ao emprego de uma determinada forma, é porque, como diziam os latinos, *latet anguis sub herba* (há uma serpente escondida nessa relva). Em outras palavras, alguma coisa deve estar motivando a estranheza sentida por tanta gente.

O que temos aqui é um caso de **adverbialização** do adjetivo, fenômeno que já se observava no Latim e que se tornou muito comum em nosso idioma. Dito de maneira mais simples: o **adjetivo**, em Português, pode ser usado como um **advérbio**: "A águia voava **alto**"; "Cães de fila custam **caro**"; "Ela não senta **direito**". Dá para notar perfeitamente que esses adjetivos (aqui, no masculino singular – que é, na verdade, a forma **neutra** dos nomes flexionáveis) estão modificando o **verbo**, e não o substantivo.

A dúvida dos leitores quanto a essa estrutura, como bem diz Celso Cunha, em sua ***Gramática do Português Contemporâneo***, nasce do caráter fronteiriço entre o adjetivo e o advérbio. Nas frases em que predomina o valor de **adjetivo**, o leitor interpreta o vocábulo como um **predicativo do sujeito**; somos levados a ler "ela desceu **maquilada**" ou "eles chegaram **tristes**" como "**ela** estava **maquilada** quando desceu" e "**eles** estavam **tristes** quando chegaram". Notem como, nesses casos, a **concordância** é uma manifestação concreta da relação sintática **sujeito-predicativo**.

Nas frases em que predomina o valor de **advérbio**, no entanto, o leitor interpreta o vocábulo como um **adjunto adverbial** (geralmente de **modo**). Para mim, "ela desceu **rápido**" significa "ela desceu **rapidamente**". Quando uso **baixo** em "eles falavam **baixo**", estou especificando **de que maneira** eles falavam. A ausência de flexão de **baixo** e de **rápido** confirma o seu valor de advérbio.

Se testarmos a frase da cerveja com vários falantes – para captarmos a cor local, pode ser até numa mesa de bar –, tenho certeza de que a maioria entenderá que **redondo** descreve a **maneira** como ela desce (até porque **redondo**, aqui no sentido de "suave, macio", não é um atributo relacionado normalmente com uma bebida, mas sim com seu trajeto e com sua passagem

por nosso equipamento gustativo). Da mesma forma, não tenho dúvida de que uma frase como "a cerveja desceu **gelado**" será rejeitada por quase todos, pois aqui "**gelado**" é nitidamente um atributo do sujeito ("a **cerveja** estava **gelada** quando desceu").

Espero ter deixado clara a diferença entre as duas situações. É evidente que meus colegas sintaticistas e semanticistas conseguem, utilizando a linguagem e a metodologia adequadas, descrever com precisão o que está por trás deste problema; o difícil – e este é o principal objetivo deste ***Guia Prático*** – é transmitir o resultado dessa análise ao grande número de leitores que, embora não especializados, demonstram um entusiasmado interesse em conhecer melhor o idioma que usam.

nacionalidade **brasileiro**ou **brasileira?**

Entenda por que João tem nacionalidade **brasileira**, mas escreve **brasileiro** nos formulários que preenche.

*Caro Professor, qual a maneira certa de dizer: "A nacionalidade de João é **brasileira**" ou "A nacionalidade de João é **brasileiro**"? Muda de homem para mulher?*

Marcela V. – João Pessoa (PB)

Marcela, acho que você se equivocou ao formular a questão. É claro que na construção "a nacionalidade de João é..." só cabe a forma feminina (brasileira), já que é o predicativo da frase e deve forçosamente concordar com nacionalidade. Você vai encontrar muitos exemplos assim na imprensa: "Fulano de Tal, de nacionalidade portuguesa", "os atletas de nacionalidade alemã", e assim por diante.

Aposto, no entanto, que a sua verdadeira dúvida é outra: quando o João preenche um formulário ou uma ficha de inscrição, no campo "Nacionalidade" ele deve escrever brasileiro ou brasileira? Acertei? Se for esse o problema, a resposta é brasileiro, da mesma forma que a Maria, ao preencher o campo "Estado Civil", vai escrever casada, não casado.

seu(s) próprio(s) umbigo(s)

Como se diz: os nativos usavam turbante **na cabeça** ou **nas cabeças**?

Eu e dois colegas escrevemos um texto cuja última frase é a que segue:"Os atuais servidores não devem ficar olhando apenas para ***seu próprio umbigo****". Um colega nos criticou, dizendo que deveria ser "apenas para* ***seus próprios umbigos****", já que se trata de muita gente.*

Júlio B. – Porto Alegre (RS)

Prezado Júlio, embora estejamos falando no plural (**atuais servidores**), é muito adequado usar o singular para **umbigo**, porque está perfeitamente implícita a ideia de **cada um o seu**. É uma tradicional construção de nosso idioma: "Os indianos rezavam com **a mão na testa**", "Os holandeses dormiam com **o olho esquerdo fechado**" (os exemplos são besteirol puro, mas dão uma boa ideia do que eu quero dizer). O plural, nesses casos, é desajeitado e desnecessário – o que, aliás, a julgar pela pergunta, vocês também haviam notado. Eu teria escrito a frase exatamente como vocês o fizeram; talvez eu eliminasse o possessivo **seu**: "ficar olhando apenas para o próprio umbigo". Peguem os dois exemplos que eu dei acima e introduzam um possessivo – **sua mão** e **seu olho esquerdo** – e vão perceber a (pequena) diferença.

camisas **cinza**

Uma leitora estranha que algumas cores tenham plural, enquanto outras não. Veja por quê.

Professor Moreno, por que o plural de ***gravata cinza*** *é* ***gravatas cinza*** *(não ocorre variação quanto à cor), enquanto o plural de* ***terno azul*** *é* ***ternos azuis*** *(aqui ocorre*

variação)? Desde já, grata por sua atenção.

Renata L. – Santos (SP)

Prezada Renata, você deve saber que os adjetivos que exprimem cor são em número muito reduzido para cobrir todos os matizes que nossos olhos e nosso cérebro distinguem: **azul**, **amarelo**, **branco**, **vermelho**, **verde**, etc. Por isso, usamos, para denominar as demais cores, uma locução formada de [**cor** + **DE** + **substantivo**], em que o substantivo nomeia algo que tem uma cor característica. Falamos de “cor de **vinho**, de **rosa**, de **laranja**, de **pinhão**, de **tijolo**, de **telha**, de **areia**, de **gelo**, de **charuto**, de **champanha**”, etc. Naturalmente, essa locução não pode flexionar: “camisa **cor de laranja**, camisas **cor de laranja**”; “gravata **cor de vinho**, gravatas **cor de vinho**”.

No uso, nem sempre precisamos verbalizar esse “**cor de**”: posso dizer “vestido **cor de rosa**” ou “vestido **rosa**”, “sapato **cor de pinhão**” ou simplesmente “sapato **pinhão**”. Apesar dessa elipse da primeira parte, a locução continua ali, o que mantém invariável o substantivo: “camisas **azuis**, **verdes**, **amarelas”** (são **adjetivos** e devem concordar com o substantivo que acompanham), mas “camisas **vinho**, **laranja**, **rosa**, **champanha**” (são **substantivos** que figuram na expressão “cor de X”). Temos um gato **cinzento**, dois gatos **cinzentos** (adjetivo), mas um gato [cor de] **cinza**, dois gatos [cor de] **cinza**.

anexo ou **em anexo?**

> Podemos optar livremente entre **anexo** e **em anexo**, ou apenas uma dessas duas formas estará correta?

Sérgio M., um de meus leitores mais assíduos, meu crítico implacável e quase colaborador, volta à carga:

*Numa de suas respostas, encontrei “quanto ao teu problema, mando-te, **em anexo**, o que escrevi ...”. O que me intrigou foi a expressão “**em anexo**”. Sou avesso à preposição “em” no anexo a uma correspondência como a tua. Autores*

respeitáveis a condenam. O Sérgio Nogueira, do JB, aceita. Há os que não. Conheço vários, pessoalmente. Durante os meus quase vinte anos de funcionário público estadual, expurguei cuidadosamente os ***em anexo*** *nos ofícios que redigia, embora pendurasse neles anexos sem conta. Um abraço.*

Sérgio M. – Belo Horizonte (MG)

Meu caro Sérgio, "A lista vai **anexa**" ou "a lista vai **em anexo**"? Qual é a forma correta? Na verdade, **ambas** são consideradas bem formadas; trata-se, porém, de construções com estruturas sintáticas diferentes, como pretendo demonstrar.

Como já ensinava Celso Pedro Luft – meu mestre, a quem dedico este ***Guia Prático*** –, há um **anexo** adjetivo e um **anexo** substantivo. Em "a lista vai **anexa**", "o relatório vai **anexo**", "as notas fiscais vão **anexas**", **anexo** é um adjetivo e, como tal, concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere.

Na segunda estrutura possível – "a lista vai **em anexo**", "os relatórios seguem **em anexo**" –, **anexo** é substantivo, regido pela preposição **em**; a expressão **em anexo** funciona como **adjunto adverbial de lugar**, respondendo à pergunta "**onde?**": "A lista vai **onde?**" – "A lista vai **em anexo**". É evidente que, não sendo adjetivo, não ocorre aqui a concordância: "Vão **em anexo** as fotos".

Ora, houve realmente quem condenasse a segunda forma, alegando que essa era uma construção francesa que estava invadindo a nossa sintaxe. Não há dúvida de que a intenção era nobre, mas, como veremos, equivocada. Os críticos de **em anexo** alegavam que, em bom Português, a preposição **em** deve combinar-se com **substantivos**, para formar locuções adverbiais (em **resposta**, em **represália**, em **aditamento**, em **compensação**), e nunca com **adjetivos**, o que seria imitação servil da sintaxe francesa (isso condenaria **em absoluto**, **em definitivo**, **em separado** e, seguindo o mesmo raciocínio, **em anexo**). Eu sempre achei curiosa essa ideia de "defender" nosso idioma contra invasões estrangeiras, porque acredito que uma língua só incorpora aquilo que a beneficia. No entanto, para fins de argumentação, digamos que eu concordasse em evitar as locuções formadas de [**em** + **adjetivo**]: ainda assim, **em anexo** estaria fora dessa interdição, uma vez que aqui, como vimos acima, **anexo** é um **substantivo** ("a lista vai **num** anexo", "a lista vai **como** anexo"). Lembro ao amigo que muitos manuais de redação oficial recomendam que especifiquemos, ao final de um ofício ou carta de encaminhamento, o número de documentos anexados: "**Anexos**: **4**". Em teses e dissertações, abrimos, muitas vezes, uma seção de "**Anexos**" e a eles nos referimos como a substantivos: "No **Anexo 1**, podemos ver ..."; "O **Anexo 2** contém ..."; etc. Outro leitor, escrevendo sobre o mesmo

tópico, lembrou ainda que “A lista vai **em anexo**” é equivalente, semântica e sintaticamente, a “A lista vai **em separado**”. Podemos, portanto, escolher entre “a lista **anexa**” e “a lista **em anexo**”; a soma de nossas escolhas (são milhares, para quem escreve conscientemente) é que vai formar o nosso estilo pessoal.

gênero, número e caso

O Professor explica por que **não** se concorda em “**gênero**, **número** e **grau**”.

*Professor, posso dizer a alguém que concordo com ele em **gênero, número** e **grau**?*

Robson G.

Meu caro Robson, essa expressão, que pretende ser uma forma enfática de manifestar nossa concordância para com alguma coisa, falha por se basear numa concepção gramatical errônea. Explico: a concordância é um mecanismo muito presente no Português (e quase ausente no Inglês): a flexão dos vocábulos subordinados repete os traços de flexão do vocábulo dominante. Dessa forma, a flexão dos **adjetivos**, dos **artigos**, dos **pronomes possessivos**, etc. repete os traços de **gênero** e **número** do **substantivo** que acompanham. Em “a minha nova **jaqueta** amarela”, todos os vocábulos sublinhados estão refletindo os traços de **jaqueta**, que é o núcleo do sintagma; em outras palavras, eles “**concordam**” em gênero e número com **jaqueta**.

Nossa gramática tradicional, contudo, escrita por autores praticamente sem formação linguística, pensava que o **grau** também fosse uma forma de **flexão**. Mattoso Câmara, no entanto, já na década de 60 provava que o grau, no Português, é apenas uma forma particular de **derivação**, exatamente por não estar inserido em nosso sistema de concordância nominal, que é **compulsório**: se o substantivo está no masculino singular, o adjetivo fica obrigado a fazer o mesmo. O uso do **grau** (aumentativo ou diminutivo) é **opcional** por parte do falante: se o substantivo está no diminutivo, por exemplo, isso não obriga o adjetivo a fazer o mesmo (e vice-versa: se o substantivo estiver no grau normal,

nada impede que o adjetivo venha no diminutivo): ao lado de "um **livrinho fininho**", posso ter "um **livrinho fino**" ou "um **livro fininho**".

A expressão correta, na verdade, é "concordo em **gênero**, **número** e **caso**" – e quem a usa assim demonstra uma cultura bem acima do comum, pois se refere ao Grego ou ao Latim, em que o **caso** (nominativo, acusativo, genitivo, etc.) também fazia parte do sistema de concordância. Mesmo se você não teve, Robson, a sorte de estudar um desses idiomas clássicos (o Brasil, numa atitude suicida, eliminou o Latim de seu sistema educacional, ao contrário de países mais adiantados, como a Alemanha, a França, a Itália, os próprios Estados Unidos...), mesmo assim, repito, você deve usar a expressão na sua forma adequada, pois na linguagem também se fazem notar aqueles pequenos sinais de nosso capricho pessoal – ou de nosso desleixo.

haja vista

> **Haja vista** ou **haja visto** o aumento da gasolina? Veja como um examinador da banca de um mestrado acabou tropeçando nesta expressão.

*Prezado Prof. Moreno, recentemente, ao fazer a defesa de minha dissertação de mestrado, fui corrigido por um membro da banca sobre o uso da expressão **haja vista**, dizendo que o correto seria **haja visto**. A frase em questão era "O presente trabalho justifica-se por se tratar de tema relevante, **haja vista** a preocupação das diversas instituições citadas em atuar no sentido de regulamentar a ..." . O que o Prof. tem a comentar? Grato.*

Fernando E. – Ribeirão Preto (SP)

Meu caro Fernando, o comentário de seu examinador não foi muito feliz. Em primeiro lugar, porque a frase que você usou não merece nenhum reparo; depois, porque inaceitável é a emenda que ele sugeriu. Talvez não haja outra expressão tão discutida quanto **haja vista**; todo gramático, todo estudioso, todo diletante mais sério (e os outros também...) já andaram escrevendo sobre ela. As interpretações propostas para sua estrutura chegam a meia dúzia: "**hajam vista** os acontecimentos; **haja vista aos** acontecimentos; **haja vista dos** acontecimentos;

hajam-se em vista os acontecimentos; **haja vista** os acontecimentos". Por que essa fartura? Sejamos sinceros: ninguém consegue determinar com clareza o que faz aí o verbo **haver** e o que faz aí o vocábulo **vista** (é particípio de **ver**, ou é um **substantivo**?); consequentemente, cada um de nós vai tratar os elementos dessa expressão de acordo com a leitura que fizer.

Nosso grande mestre Celso Pedro Luft considera **haja vista** uma expressão estereotipada, inanalisável, uma espécie de "fóssil morfossintático", que deve ser classificada entre aquelas expressões de exemplificação ou explicação do tipo **isto é**, **a saber**, **por exemplo**. Como acontece com todas essas estruturas cristalizadas, a tendência é deixá-la imóvel, sem flexão: **haja vista**, e pronto. Contudo, como há opiniões discordantes, vou analisar sua frase à luz de cada uma das três correntes majoritárias.

A primeira, acima de todas, que eu também defendo, recomenda deixar tudo como está, invariável: "**haja vista os acontecimentos**", "**haja vista o preço**". Se adotarmos esta, você construiu uma frase tranchã.

A segunda admite a **flexão** do verbo **haver**, que deverá concordar com o substantivo que vier logo após: "**hajam** vista **os acontecimentos**", "**haja** vista **o acontecimento**". Como você escreveu "**haja** vista **a preocupação**", continua acertando.

A terceira, com menos adeptos, deixa o verbo **haver** imóvel, mas exige a **flexão** do **vista**: "haja **vistos os acontecimentos**", "haja **vistas as provas**", "haja **visto o livro**". Na óptica desta última, você deu em cheio no alvo ao escrever "haja vista **a preocupação**".

Como você pode ver, acertou por todos os costados, enquanto a correção (?) proposta pelo examinador não vai, ironicamente, encontrar apoio em nenhuma das três hipóteses: o masculino singular de "haja **visto** a preocupação" não tem o menor cabimento. Talvez o ouvido dele tenha sido traído por uma frase que está correta, embora nada tenha a ver com a estrutura que você estava utilizando: "Espero que ele **haja visto** a carta que deixei em cima da mesa" ("tenha visto") – mas isso é vinho de outra pipa.

Curtas

concordância com gêneros diferentes

A leitora Rita gostaria de saber se está correto dizer “O Brasil compra automóveis e frutas **argentinos**” e “Deparei com fatos e situações **inesperadas**”.

Minha cara Rita, quando um **adjetivo** está **à direita** de dois substantivos de gêneros diferentes e a eles se refere, temos **duas opções** de concordância: ou deixamos o adjetivo no **plural masculino**, ou concordamos com o **substantivo mais próximo**. “Automóveis e frutas **argentinos**” (concorda com os dois; logo, masculino plural), ou “Automóveis e frutas **argentinas**” (está concordando com o substantivo mais próximo, **frutas**). O mesmo com “fatos e situações **inesperadas**” (é a segunda hipótese); estaria correto também “fatos e situações **inesperados**”.

dado o, dada a

Clarice B., de Manaus (MA), quer saber qual é a forma correta: “**Dado** a/**Dada** a importância de colocar as pessoas certas nos cargos certos”.

Minha prezada Clarice, como **dado** é um particípio, e os particípios têm geralmente as mesmas características sintáticas dos **adjetivos** (eram os antigos “adjetivos verbais”), ele vai **concordar** com o substantivo a que se refere – no caso, **importância**. Por isso, escrevemos “**dada** a importância”, “**dadas** as últimas notícias”, “**dado** o alto custo dos medicamentos”, “**dados** os últimos acontecimentos”.

concordância com **finanças**

Patricia M., de Caicó (RN), quer saber como fazemos a concordância com a palavra **finanças**, que só consta no plural no dicionário: finanças **solidárias** ou finanças **solidária**?

Minha cara Patrícia, plural com plural, singular com singular. Se você usa **finanças**, todos os adjetivos que ligar a esse vocábulo deverão estar também no plural: **solidárias**, **públicas**, **combalidas**, etc.

duzentas mil pessoas

A leitora Águeda, de Brasília (DF), diz que seu antigo professor de Gramática afirmava que o correto é falarmos **duzentos mil pessoas**, já que **duzentos** combina com **mil** e não com **pessoas**. Porém, esse ano, outra professora disse que o certo é falar **duzentas mil** pessoas, mesmo. Qual é o certo?

Minha cara Águeda, acho que você ouviu mal (ou está lembrando mal) o que disse o professor: é indiscutível que **duzentos** vai concordar obrigatoriamente com o **substantivo**: "**duzentos** mil **soldados**", "**duzentas** mil **cidadãs**". Onde acontecem problemas é com **milhão**, que é um substantivo autônomo e atrai a concordância: "**dois milhões** de pessoas", "**duzentos milhões** de crianças". Não será isso o que você está querendo recordar?

federal, federais

A leitora Ana Rosa L. estranha quando os noticiários dizem "As rodovias **federais**, as faculdades **federais**, os policiais **federais**...". Pergunta: "Isso está correto? Pois que eu saiba, referindo-se ao Brasil, é tudo uma federação só. O certo não seria os policiais **federal**?".

Minha cara Ana Rosa, **federal**, aqui, é um **adjetivo**; deve, portanto, concordar com o substantivo a que se refere: "os policiais federais", "as faculdades federais" – do mesmo modo como temos "leis municipais", "impostos estaduais", etc. O fato de sermos uma só federação não vai influir na

concordância nominal.

próximo

Reginaldo, de Goiânia (GO), não consegue escolher entre “a área fica **próximo** à delegacia” ou “fica **próxima** à delegacia”. Como ambas lhe parecem muito estranhas, resolveu pedir socorro.

Meu caro Reginaldo, **próximo** pode ser **adjetivo** (**próximo ano**, **próxima vítima**, **parentes próximos**) ou **advérbio** (ele mora **próximo** daqui). Como sua intuição pressentiu, aqui estamos usando **próximo** como um sinônimo de **perto**: a área fica **próximo** (perto) da delegacia. É advérbio e, portanto, invariável.

três Pálios

Thásia, de Belo Horizonte (MG), gostaria muito de saber qual a forma correta: “três carros **Pálio**” ou “três carros **Pálios**”?

Minha cara Thásia, você pode escolher entre “são **três Pálios**” ou “são **três carros Pálio**”; neste segundo caso, temos a estrutura elíptica [**carros** + **da marca** + **Pálio**].

por inteira?

Carlos Henrique W. quer saber qual a forma correta: **“**a empresa comercializou sua produção **por inteira”,** ou “a empresa comercializou **por inteiro** sua produção”?

Prezado Carlos, escolha entre “comercializou **sua produção inteira**” ou “comercializou **por inteiro** sua produção”. Agora, “*comercializou **por inteira** a sua produção” é cruza de jacaré com cobra-d’água – não existe!

concordância do possessivo

Sônia Regina, de Mogi das Cruzes (SP), escreve: “Sei que o pronome possessivo concorda com o objeto de posse, mas, no exemplo a seguir, qual é a forma correta? ‘Duas irmãs estavam indo para a casa de **suas vovós**’, ‘de **suas vovó**’ ou ‘de **sua vovó**’?”.

Na sua pergunta, Sônia, você já dá o rumo para solucionar o problema: no Português, o possessivo concorda sempre com o **objeto possuído**. Os dois irmãos foram ao aniversário de **seu pai**. As duas irmãs foram para a casa de **sua vovó**. É simples assim – pressupondo que estamos falando de apenas uma avó. No Natal, as duas irmãs podem ter dado uma passada na casa de **suas vovós** (visitaram a avó materna e depois a avó paterna). Agora, de onde você foi tirar aquele “***suas vovó**”? Credo!

rente, **rentes**

Péricles D., de Curitiba (PR), quer saber qual é a forma correta: “Os resistores devem ser soldados **rente/rentes** às placas? A palavra **rente** tem plural?”.

Meu caro Péricles, não se trata de saber se **rente** tem ou não plural, mas

sim como ele fica nessa sua frase. **Rente** é um adjetivo normal, pluralizável. No entanto, em “Os resistores devem ser soldados **rente** às placas”, ele é **advérbio** e não varia. Seria a mesma coisa que “devem ser soldados **junto** às placas” (e não “*juntos”).

numeral no feminino

Alguém (ou algo) chamado Mweti, extremamente gentil, pergunta se o numeral 31.202, na frase “Durante o ataque, 31.202 mulheres foram feridas”, deveria ser lido “trinta e **uma** mil, duzentas e duas mulheres”.

Prezado Mweti, sua intuição está correta; “trinta e **uma** mil mulheres” + “duzentas e duas mulheres” = “trinta e **uma** mil, duzentas e duas mulheres”.

flexão de **bastante**

Rogério N. gostaria de saber se a palavra **bastante** sofre flexão de número em algum momento.

Meu caro Rogério, quando **bastante** for um **adjetivo** (sinônimo de “suficiente”), ele vai flexionar normalmente: “tenho razões **bastantes** para supor”, “há recursos **bastantes** para adquirir”. Fora deste caso, principalmente quando significa “muito”, não deveria (segundo a gramática formal) ser usado antes de substantivos **contáveis**: tenho **bastante** tempo (correto), tenho **bastante** amigos (inadequado e errado), tenho **bastantes** amigos (inadequado).

água fica **mais cara**

Marcelino, de Uberlândia (MG), discute a manchete publicada em jornal local: **A partir de amanhã água fica mais cara**. O correto seria **caro** ou **cara**, como escreveram?

Caro Marcelino, a água **ficará** mais **cara** (**adjetivo**, com função de predicativo), ou a água **custará** mais **caro** (**advérbio**, com função de adjunto adverbial). Agora, "*ficará mais caro" não tem cabimento.

mesmo, **mesma**

Márcia G., de Belo Horizonte (MG), tem dúvida sobre o emprego da palavra **mesmo**, **mesma**. Pergunta: "Varia de acordo com o pronome pessoal (da mesma forma que **obrigada** e **obrigado**)? Quando 'ela' fala, deve dizer 'Eu **mesma** cuidei disso'?".

Prezada Márcia, o adjetivo **mesmo** sempre vai concordar com o ser a que se refere: "nós **mesmos**" (homens, ou homens e mulheres juntos); "nós **mesmas**" (apenas mulheres); "eu **mesmo**" (homem), "eu **mesma**" (mulher), "tu **mesmo**", "tu **mesma**", e por aí vai a valsa. É idêntico ao uso do **próprio** (eu **próprio**, eu **própria**, etc.).

concordância do particípio

Eliane G., de São Paulo (SP), gostaria de saber se está correta a concordância “Fica absolutamente **proibida** a afixação de avisos, panfletos e cartazes”.

Cara Eliane, está corretíssima. “Ficam absolutamente **proibidas** as **manifestações**”, “Ficam absolutamente **proibidos** os **veículos** a álcool”, “Fica absolutamente **proibido** o **ingresso** de animais”. Você deve ter percebido que essas frases não estão na ordem normal, que seria “**As manifestações** ficam absolutamente **proibidas**”, “**Os veículos** a álcool ficam absolutamente **proibidos**”, etc. – **proibido** é o predicativo e tem de concordar com o sujeito.

concordância do numeral

Claudinei A., de Piracicaba (SP), gostaria de saber por que a concordância correta é “compramos **dois mil**, **duzentas** e cinquenta **folhas**”, e não “compramos **duas mil**, **duzentas** e cinquenta **folhas**” ou “**dois mil**, **duzentos** e cinquenta **folhas**”.

Ora, Claudinei, o porquê é muito simples: é que essa frase que venderam a você está completamente errada. A forma correta é “**duas** mil, **duzentas** e cinquenta **folhas**”. Os numerais variáveis devem concordar com o substantivo a que se referem (no caso, **folhas**). Comece com “**duas** mil **folhas**” e “**duzentas** e cinquenta **folhas**” – agora junte tudo e verá o resultado. Abraço.

preços **sujeitos a** alterações

Elias, de Caxias do Sul (RS), envia a seus clientes cotações de preço que variam diariamente. Para encerrar sua correspondência diária, utiliza uma frase que lhe despertou dúvida: “Preços **sujeito** ou **sujeitos** a alterações”?

Caro Elias, **eu** estou **sujeito** a gripes, **nós** estamos **sujeitos** a gripes, **as**

crianças estão **sujeitas** a gripes. O particípio funciona como uma espécie de **adjetivo verbal**; aqui, **sujeito**, do verbo **sujeitar**, concorda com o termo a que se refere em gênero e número. Logo, “preços **sujeitos** a alterações”.

concordância do adjetivo

Márcio Amaro V. diz estar com uma enorme dúvida: deve escrever que oferece **aulas particular** ou **aulas particulares**? “Mesmo que não fossem duas pessoas oferecendo aulas, o **particular** também flexionaria?”

Meu caro Márcio, estamos diante de um simples sintagma, formado por um substantivo e um adjetivo: **aula particular**. Uma pessoa pode ter uma **aula particular** ou várias **aulas particulares** (note bem: se **aula** varia, o adjetivo **particular** é obrigado a variar junto); não importa quantos sejam os professores, os alunos ou os porteiros do prédio.

quaisquer

Ellen, de Cuiabá (MT), tem dúvida quanto à diferença entre as palavras **qualquer** e **quaisquer**. Possuem o mesmo significado? Como devem ser empregadas?

Minha cara Ellen, **quaisquer** é o plural do pronome **qualquer**, nada mais. Dois exemplos do Machado de Assis: “**Quaisquer** que fossem as cores”; “o casamento, **quaisquer** que sejam as condições, é um antegosto do paraíso”. Esse pronome é célebre por figurar naquela velha pergunta de almanaque: “Qual é o único plural do nosso idioma que termina em **R**?”.

concordância com pronome possessivo

Lígia D. está intrigada: “Se Maria é filha de João, posso dizer que Maria é **sua** filha, porque o possessivo concorda com o substantivo. Ora, se Paula é assistente de Anselmo, posso também dizer que ela é **sua** assistente? Ou é **seu** assistente, para concordar com Anselmo?”.

Ora, Lígia, é claro que Paula é **sua** assistente, Paula é **sua** colega, Paula é **sua** amiga. Não esqueça que estamos falando de Português, não de Inglês! Naquele idioma, o possessivo concorda com o **possuidor** (ele tem um carro: ***his car***; ela tem um carro: ***her car***); no nosso, o possessivo concorda sempre com **a coisa possuída** (ele tem um carro: **seu carro**; ela tem um carro: **seu carro**). Anselmo tem uma caneta: **sua caneta**; Anselmo tem uma assistente: **sua assistente**.

concordância do particípio

Marta C., de Curitiba (PR), gostaria de saber qual das duas versões é a correta – “terem **asseguradas** boas condições de aprendizagem” ou “terem **assegurado** boas condições de aprendizagem”?

Minha cara Marta, sem o contexto, é impossível decidir qual das duas é a forma correta. Por exemplo: (1) “Acho que os cidadãos devem ter **asseguradas** boas condições de aprendizagem” – isso quer dizer que **boas condições de aprendizagem** devem ser **asseguradas** aos cidadãos. (2) “Eu admiro aqueles governantes por terem **assegurado** boas condições de aprendizagem” – isso quer dizer que eu os admiro porque eles asseguraram boas condições de aprendizagem. Em (1), o particípio se comporta como adjetivo, concordando com **boas condições**; em (2), ele é o verbo principal da locução verbal (**ter** + **assegurado**) e fica, portanto, invariável.

em anexo

Escreve Giseli, de Florianópolis (SC): “No escritório de advocacia em que trabalho, estamos indecisos quanto à forma correta: ‘Seguem **em anexo** fôlderes’ ou ‘**Anexo**, fôlders’”.

Minha cara Giseli, você pode usar “**seguem em anexo** os fôlderes”; eles poderiam seguir por malote, ou portador, ou serviço de entregas, etc. – só que estes vão **em anexo.** Você pode usar também, no fim do documento, uma fórmula mais telegráfica: “Anexos: tantos fôlderes”.

concordância com a pessoa

Rose Mary está em dificuldades quanto ao gênero de algumas palavras: “Numa determinada gramática, encontrei uma explicação em relação ao gênero das palavras **o cabeça** (o chefe), **a cabeça** (a chefe), **o caixa** (o funcionário), **a caixa** (a funcionária): quando essas palavras designarem **ofícios**, haverá flexão de gênero. Isso está correto?”.

É claro, Rose Mary, que nem sempre vai ocorrer essa flexão. Por exemplo, temos **o** guia **Antônio**, **a** guia **Maria**; **o** caixa Paulo, **a** caixa Maria – em casos como esses, somos obrigados a mudar o gênero do artigo para corresponder ao sexo da pessoa mencionada. Diferente, no entanto, seria uma referência **genérica**, do tipo “ela foi acusada de ser **o cabeça** da conspiração”.

concordância errada

Vander Luís F., de Juazeiro do Norte (CE), estranhou manchete que viu no jornal: "**Os benefícios da homeopatia usada em animais**". "Achei estranho, pois o verbo deveria estar concordando com **os benefícios**, não? O jornalista responsável me garantiu que essa forma está correta, mas não me convenci."

Meu caro Vander, a matéria fala sobre "os benefícios da **homeopatia** [que é] **usada** em animais. A concordância é essa mesma: **usada** se refere à **homeopatia**; não são os **benefícios** que são **usados**. O repórter tem toda a razão. Da mesma forma, "As consequências do **tratado assinado** na Alemanha", "O objetivo das **medidas tomadas** pelo Congresso" – e assim por diante.

8. Problemas de construção

a persistirem os sintomas

O Professor examina a famosa frase que encerra todos os comerciais de medicamentos no Brasil.

*Oi, Professor Moreno, estou no meio de uma grande polêmica na agência onde trabalho, pois temos de finalizar um comercial com a mensagem obrigatória do Ministério da Saúde... Os comerciais que estão no ar dizem o seguinte: "**Ao persistirem** os sintomas, o médico deverá ser consultado" (esse texto consta nas normas da Vigilância Sanitária). Eu acho que o certo é "**A persistirem** os sintomas, o médico...". Gostaria de esclarecer definitivamente esse tema. Obrigada.*

Andréa G. – Porto Alegre (RS)

Minha prezada Andréa, o problema é muito simples: trata-se de duas estruturas diferentes, e vocês deverão optar entre elas com base no que pretendem dizer. "**A persistirem** os sintomas" é uma estrutura **condicional**; equivale a "**se** os sintomas **persistirem**"; comparem com "**a** continuar assim, vamos falir". "**Ao persistirem** os sintomas", por sua vez, é **temporal**; equivale a "**quando** os sintomas **persistirem**"; comparem com "ao caírem os primeiros raios, todo o sistema elétrico entrou em colapso". Não entendo de Medicina, mas nessa frase do Ministério da Saúde parece que o significado implícito é "**se** os sintomas persistirem", embora o nexo temporal também tenha lá a sua lógica. Aliás, pergunto: por que vocês não usam o **se** ou o **quando**, que vai ser entendido por todos? O fato de ter feito esta consulta (e você não foi a primeira, acredite!) indica que a interpretação não está muito clara para o leitor em geral. Por que insistir no **a persistirem**, que, apesar de correto, vai dar muito pano para manga?

Na volta do correio, a leitora respondeu:

*Oi, Professor Moreno, obrigada pela dica. Concordo que poderíamos evitar uma polêmica maior substituindo o **A** pelo **Se**. Já fiz algo parecido... Deu o maior*

*"bolo". Não sabia, na época, que o texto era "imexível". Fomos obrigados a usar o "**Ao**", depois obrigados a trocá-lo pelo "**A**". Muito obrigada pela ajuda. Abraços. Andréa.*

Como se depreende da narrativa de nossa leitora, o Ministério da Saúde não quis abrir mão de sua firme indecisão gramatical...

dupla negativa

> Duas negativas numa frase valem por uma afirmativa? Um leitor alega que a pessoa que diz que **não** está querendo **nada**, no fundo, está querendo alguma coisa.

*Acho estranho o hábito que as pessoas têm de usar duas negativas juntas: "eu **não** quero **nada**", "eu **não** sou de **nada**", "**não** pedi **nada** para ninguém", etc. Apesar de autodidata, acho muito esquisito (ou, como diriam outros, **esdrúxulo**) falar ou escrever assim; a frase, dita ou escrita dessa maneira, parece perder o seu sentido negativo e ganhar sentido afirmativo. Quem diz "eu **não** quero **nada**" alguma coisa está querendo. Gostaria que o Professor me desse uma resposta definitiva sobre este assunto. Muito obrigado!*

José B. A. – Cruzeiro (SP)

Meu caro José, em primeiro lugar, ninguém pode dar respostas **decisivas** sobre questões de linguagem; como na Medicina ou na Biologia, as respostas sempre refletem nosso atual estágio de conhecimento. Na Ciência, como você bem sabe, o que vale hoje com certeza vai ser suplantado amanhã. O que eu faço é fornecer a meus leitores o que me parece, no momento, ser a orientação melhor e mais sensata.

Em segundo lugar, **não** existe **nada**, em Português, que vede a dupla negação (você percebeu o **não**... **nada**?). Isso até pode valer para certos ramos da Lógica Formal, onde duas negativas levam a uma afirmativa (como na Matemática, onde **menos** com **menos** dá **mais**). Embora a gramática padrão do Inglês não aceite a dupla negação, a maioria das línguas humanas (que vão muito, mas muito além da Lógica Formal) utiliza tranquilamente essa construção,

multiplicando, na mesma frase, vocábulos negativos que se reforçam uns aos outros; como diz o linguista dinamarquês Otto Jespersen, "os falantes espalham uma fina camada de coloração negativa sobre a frase inteira, em vez de concentrá-la num único lugar".

Vamos encontrar construções como "**Não** devo **nada** a ninguém", "**Não** quero saber de **nada**", "**Nunca** vi **nada** parecido", e assim por diante, em todos os nossos bons escritores, inclusive no maior de todos eles, o incomparável Machado de Assis. Nos mais antigos, deparamos com formas mais radicais ainda: por volta de 1500, Gil Vicente escrevia "**Nem** tu **não** hás de vir cá"; "A **ninguém não** me descubro"; "**Nem** de pão **não** nos fartamos".

Muitas são as situações em que empregamos instintivamente duas ou mais palavras com carga negativa. Para usarmos **nenhum**, por exemplo, é indispensável que a frase inclua antes um **não**: embora na posição de **sujeito** possamos encontrar o pronome **nenhum** sem o **não** anterior ("**Nenhum** jogador quis falar"), nas demais posições sintáticas, contudo, a correlação "**não**... **nenhum**" é praticamente obrigatória: "Esta geladeira **não** é **nenhuma** Brastemp"; "**Não** encontrei **nenhum** defeito"; etc. Além disso, você deve estar familiarizado com frases do tipo "aquilo **não** vale **nada**, **não**", com esse **não** adicional que costumamos acrescentar ao final de uma negativa enfática. E não esqueça: no quotidiano, no calor da hora, quando tivermos de negar alguma coisa muito importante mesmo, vamos usar todas as palavras negativas que conseguirmos enfiar numa frase, como ouvi um dia, por cima do muro, um vizinho meu gritar para a mulher: "Já te disse que **não** tenho **nadica** de **nada** a ver com Marina **nenhuma**!".

absolutamente é negativo?

*Caro Prof. Moreno, o uso do advérbio **absolutamente** não deveria ser restringido apenas a orações que expressem **negação**? Explico: enquanto lia seus textos, encontrei a frase "O estranho, bizarro, absolutamente insano é dizer **um clips**". Bem, enquanto me preparava para um concurso, minha atual professora de Português me informou que o uso do advérbio **absolutamente** deveria se restringir,* *em suma, ao uso de orações que expressassem **negação**. Ela ainda usou como exemplo um apresentador de televisão daquela época, Jota Silvestre, que dizia "A resposta está **absolutamente** certa". Segundo a professora, sendo **absolutamente** igual a **não**, o apresentador estava dizendo na verdade que a resposta estava errada, diferentemente do que ele pretendia na prática. Usando esse mesmo raciocínio, posso dizer que o senhor quis dizer **não insano** quando se referiu a **um clips**?*

Davi E. M. – Uberlândia (SP)

Prezado Davi, talvez sua memória esteja lhe pregando uma peça quanto aos ensinamentos de sua professora (ou talvez tenha sido mesmo a mestra quem se equivocou). É verdade que nosso **absolutamente**, usado como resposta, é negativo, enquanto o ***absolutely*** do Inglês é positivo. À pergunta "Foi você que fez isso?", se um brasileiro responder **absolutamente**, ele estará dizendo que **não**; se um inglês responder ***absolutely***, ele estará dizendo um **sim enfático**.

Fora desse contexto, no entanto, **absolutamente**, ao ser usado como advérbio de intensidade (principalmente junto a **adjetivos**), não traz nenhum sentido negativo. Entre muitos outros, você vai encontrar exemplos em Rui Barbosa ("É **absolutamente necessária** a sua residência nesta capital"; "Não há, naquela assembleia, um deputado que não esteja **absolutamente certo** do contrário") e em Machado de Assis ("Era **absolutamente impossível** não concordar com esta opinião"; "...o projeto é **absolutamente original**" – o que, vamos convir, já basta para mostrar que o "**Absolutamente certo!**" do J. Silvestre estava **absolutamente** (inteiramente) **certo**.

e nem

*Meu caro Moreno, um anúncio de jornal diz: "A internet que não quebra a sua cabeça **e nem** o seu bolso". Esse é apenas um exemplo de algo que eu tenho lido bastante por aí e não consigo entender. Por que usar a expressão **e nem** quando a palavra **nem** teria exatamente o mesmo significado? Ou não teria?*

Giba Assis Brasil

Prezado Giba, muito bem observado. A frase do anúncio está equivocada, sem dúvida. Contudo, o problema não é tão simples quanto parece. Há frases em que vai ocorrer, normalmente, a sequência **e + nem**. Explico.

1 – Só nem

Nem é a união de [**e+não**], como você já observou em sua pergunta. Como o **e** já está implícito no **nem**, repeti-lo seria um daqueles erros tão famosos que até nome tem: pleonasmo vicioso.

Ele não voltou [**e não**]/[**nem**] avisou quando o fará.

1.1 – É muito comum a oração introduzida por **nem** ser antecedida por uma oração com **não** ou qualquer outra palavra negativa (**ninguém**, **nunca**, **jamais**, etc.):

Nós **não** comparecemos à audiência,
nem fomos citados de novo.

Ninguém o ajudou, **nem** ajudará.

Nunca visitavam os pais, **nem** telefonavam.

1.2 – Pode aparecer repetido (**nem**... **nem**...)

Nem a polícia recuava, **nem** os
manifestantes se dispersavam.

1.3 – Entra no lugar de **não** antes de **todos**, **tudo** e **sempre**:

Nem sempre teremos essa sorte.

Nem tudo que reluz é ouro.

Nem todos podem pagar esse preço.

1.4 – Em algumas estruturas tradicionais, vale pôr **e sem**:

História **sem** pé **nem** [e sem] cabeça.

Ele puxou o revólver, **sem** quê **nem**
[e sem] para quê.

Ele disse isso, **sem** tirar **nem** [e sem] pôr.

2 – A sequência e nem

Observe os seguintes exemplos, todos corretos:

Ele me reconheceu **e nem** me cumprimentou.

Foi visitar o prefeito **e nem** fez a barba.

Devia-lhe muitos favores **e nem**
se propôs a ajudá-lo.

O que me parece mais importante é perceber que este **e** não tem relação alguma com o **nem**, ou seja, não existe, na verdade, a expressão **e nem**. O que temos aqui é uma sequência casual de dois vocábulos independentes, sintática e semanticamente. Vejamos:

2.1 – O valor da conjunção **e**, aqui, não é **aditivo**, mas **adversativo** (equivale a **mas**, como na frase “Ele é bilionário **e** não ajuda ninguém”). As duas frases abaixo são sinônimas:

(a) O professor me reconheceu **e** nem me cumprimentou.

(b) O professor me reconheceu, **mas** nem me cumprimentou.

2.2 – O **nem**, por sua vez, está sendo usado para indicar que algo inesperado aconteceu. Compare:

(c) O professor me reconheceu **e não** me cumprimentou.

(d) O professor me reconheceu, **mas não** me cumprimentou.

(e) O professor me reconheceu **e nem** me cumprimentou.

(f) O professor me reconheceu, **mas nem** me cumprimentou.

Embora em todas as frases o nexo adversativo (tanto o **mas**, quanto o **e**) indique que eu aguardava o cumprimento que não veio, em (e) e (f) fica implícito que isso era o **mínimo** que o professor devia ter feito. Percebe-se que nessas frases o **nem** faz parte de uma expressão maior: **nem** [**ao menos**] , **nem** [**mesmo**], em que a segunda parte pode vir explícita ou implícita.

(g) O professor me reconheceu **e nem ao menos** me cumprimentou (sequer).

(h) O professor me reconheceu, **mas nem ao menos** me cumprimentou (sequer).

É importante frisar, finalmente, que este **nem** é bem diferente do que aparece na seção 1. Enquanto aquele, por representar [**e+não**], deve sempre ser antecedido de uma oração negativa, este não tem a mesma exigência.

se se

> Eu tive um professor que condenava qualquer ocorrência de **se se** em nossas redações: "**Cecê** é cheiro de axila!", ele esbravejava. Em parte ele tinha razão.

*Prezado Professor, na frase "Quando estou lá fora, sempre aprontam alguma coisa, até mesmo **se se** trata de país tão amigo e fraterno quanto Portugal", o **se** aparece repetido; por que e como é isso?*

Danilo N. – Pelotas (RS)

Meu caro Danilo, a frase está correta, mas, como você mesmo notou, muito desajeitada. O primeiro **se** é a **conjunção** condicional (no Inglês, seria o ***if***). O

segundo é o **pronome se**, que faz parte do verbo **tratar-se**; infelizmente, ele não pode aqui ficar depois do verbo (em ênclise): seria horripilante um "até mesmo se trata-se de país...".

Examine a frase "**quando se** trata de dinheiro", ou "é sério, **porque se** trata de dinheiro": aí temos [**quando+se**] e [**porque+se**]. O **se**, em ambos os exemplos, é **pronome**. Agora imagine a **conjunção se** entrando no lugar de **quando** ou de **porque**: [**se+se**]. O encontro é perfeitamente possível; eu, contudo, o evitaria, reescrevendo a frase para "até mesmo no caso de um país ..." ou "até mesmo quando se trata de um país...". Há sempre dezenas de maneiras para dizer a mesma coisa: essa é a grande riqueza da língua.

faz com que

> Em **O uso do chuveiro fez com que a conta aumentasse**, aquele **com** é realmente necessário?

*Caro Prof. Moreno, tenho combatido a expressão "isto **faz com que**...", porém vejo "gente grande" empregando esta muleta (?) sem pensar. Proponho sempre a forma "isto **faz que**...". Gostaria de conhecer sua opinião.*

Marcos B. – Ourinhos (SP)

Meu caro Marcos, mesmo que você seja professor de Português (não sei qual a sua profissão), você não deve andar por aí combatendo palavras ou expressões. Defenda as formas que você considera corretas, mas evite atacar as que os outros empregam. Lembre-se das sábias palavras do professor Celso Luft, que abominava, e com razão, o famigerado **a nível de**: "Eu não uso; mas, e os outros com isso?".

Só podemos exigir **fazer que** quando a expressão tiver o conhecido significado de "fingir": "Na escola moderna, o professor **faz que** ensina, enquanto o aluno **faz que** aprende". No sentido de "causar, ocasionar", no entanto, a escolha é totalmente livre; tanto se escreve "isso **fará que** ele aprenda" quanto "isso **fará com que** ele aprenda". Acho precipitado você chamar de "muleta" uma prática que vem acompanhando o Português desde que ele

começou a ser escrito. Para exemplo (e para nosso divertimento), vou relacionar algumas passagens colhidas na literatura:

Na sua ***História da Província de Santa Cruz*** (1576), escreve Pero de Magalhães Gandavo: “Mas porque a mãe sabe o fim que hão de dar a esta criança, muitas vezes, quando se sente prenhe, mata-a dentro da barriga e **faz com que** não venha à luz”.

No ***Tácito Português***, de Francisco Manuel de Melo (1608-1666), vamos encontrar: “A pouca introdução que nos negócios permitia ao duque de Barcelos o duque seu pai **fez com que** ambos vivessem desconfiados”.

Machado de Assis emprega regularmente a preposição: “...o remorso de não haver sufocado aquele grito de seu coração **fez com que** Estêvão, quase no mesmo instante, murmurasse...” (***A Mão e a Luva***). “Um anônimo ou anônima que passe na esquina da rua **faz com que** metamos Sírius dentro de Marte” (***D. Casmurro***). Ou ainda: “Até aí os conselhos; mas um pouco de glória **fez com que** Paulo cantarolasse entre os dentes, baixinho, para si, a primeira estrofe da Marselhesa”. Mais adiante: “... a certeza de que podia acender-lhes novamente os ódios **fazia com que** as opiniões de Pedro e de Paulo ficassem entre os seus amigos pessoais” (***Esaú e Jacó***). Nos seus contos, aqui e ali encontramos a bendita: “A desgraça porém que o perseguia **fez com que** o primeiro amigo tivesse de ir no dia seguinte a um casamento e o segundo a um baile”. Outra: “A minha boa fortuna **fez com que** o senhor me avisasse a tempo...”. E mais outra: “O caiporismo, que o perseguia, **fazia com que** as dezenove prosperassem, e a vigésima lhe estourasse nas mãos”.

Camilo Castelo Branco usa e abusa: “...esta menina disse que o rapaz talvez se ofendesse, e **fez com que** ele ficasse sem os doze vinténs” (***Novelas do Minho***); “...porque entendo que é uma imprudência pôr-se em campo o Partido Realista, e isso só **fará com que** os Cabrais triunfem” (***Maria da Fonte***); “Disse que não tinha inclinação a viajar, e **fez com que** o pai inventasse desculpas que dispensassem a filha” (***O Romance de um Homem Rico***).

Eça de Queirós é outro a quem a expressão não desagrada: “Só a porção de Matéria que há no homem **faz com que** as mulheres se resignem à incorrigível porção de Ideal”; “Talvez o requinte em retardar, que **fazia com que** La Fontaine, dirigindo-se mesmo para a felicidade, tomasse sempre o caminho mais longo” (***Fradique Mendes***). E mais: “...aquela alta superioridade que **fazia com que** madama Recamier se erguesse, ao cumprimentar” (***As Farpas***). E ainda: “Enfim, a moda é ter só uma mulher – e isto, mais do que tudo, **faz com que** os haréns do Cairo se vão transformando lentamente no nosso avaro e limitado casamento monógamo” (***O Egito***).

Como se pode ver, prezado Marcos, não podemos, eu e você, comparar-nos aos nomes que citei. Haveria muitos outros, mas achei que Machado e Eça já bastariam para mudar sua opinião. Você continua tendo o direito de preferir o **fazer que**, sem o **com** – acompanhado, aliás, por excelentes escritores –, mas não pode condenar aquilo que a tradição culta aprovou, ao longo dos séculos.

P.S.: Por falar nisso: eu só uso fazer **com que**.

muito provavelmente

> Aprenda a diferença entre **provavelmente** e **muito provavelmente**.

Prezado Professor, gostaria de saber se posso escrever, nos meus laudos médicos, algo como "As áreas descritas correspondem ***mais provavelmente*** *a processo degenerativo benigno". É correto utilizar alguma dessas expressões:* ***mais provavelmente, mais provável, mais frequentemente*** *ou* ***mais frequente****?*

Silvio T. – Médico – São Paulo (SP)

Meu caro Sílvio, **mais** e **menos** são dois advérbios **intensificadores** que podem ser usados com **verbos** (trabalhou **mais**, trabalhou **menos**), com **adjetivos** (**mais** feliz, **menos** feliz) ou mesmo com **advérbios** (**mais** longe, **mais** raramente). Uma coisa pode ser **provável**, mas outra pode ser ainda **mais provável**; isso acontece **frequentemente**, mas pode acontecer **mais frequentemente** aos sábados.

Não sei exatamente a estrutura do parágrafo em que você pretende usar o **mais provavelmente**; lembro-lhe apenas que o **mais** deve ser usado quando queremos estabelecer uma relação de comparação entre **X** e **Y**: se duas coisas são prováveis, nada impede que uma seja **mais provável** que a outra. Se você quiser, no entanto, apenas intensificar o **provavelmente** numa única situação (isto é, sem outro polo de comparação), então o advérbio indicado para isso é **muito**. Dizer que "a doença se manifesta **provavelmente** por causa da exposição ao sol" é diferente de afirmar que "a doença se manifesta **muito provavelmente** por causa da exposição ao sol" – as probabilidades aumentaram. Se você escrever

“As áreas descritas correspondem **muito provavelmente** a processo degenerativo benigno”, está opinando que as chances de ser exatamente assim são muito grandes. Era isso o que você queria dizer no seu laudo?

P.S.: Agora, uma recomendação: quando um usuário treinado, como é o seu caso, sentir soar uma nota falsa ao optar por uma determinada expressão, deve seguir a sua intuição e **não usá-la**. É mais ou menos como, *mutatis mutandis*, a pessoa que evita um determinado alimento porque sente que ele vai lhe fazer mal. Se eu me submetesse a uma investigação médica, poderia um dia encontrar uma causa orgânica para a minha repugnância por manteiga; enquanto eu não faço isso, contudo, trato de me manter bem longe da bandida.

qual a conjunção adequada?

Prof. Moreno, a professora perguntou qual seria a conjunção adequada para ligar as orações “Nada o impedia de sair” e “Preferiu ficar”. A maioria escolheu “nada o impedia de sair, ***mas*** *preferiu ficar”. Ela disse que estava errado e que deveria ser “nada o impedia de sair,* ***portanto*** *preferiu ficar”. Será que só a forma da professora está correta? Obrigada pela resposta.*

Laura R. – Fortaleza (CE)

Minha prezada Laura, quando coloco uma conjunção entre duas orações, estou tentando definir qual o **nexo** – dentro da minha óptica – que elas têm entre si. Dou-lhe um bom exemplo: compare “Ele foi eleito para a Academia; **portanto**, deve ser um bom escritor”, com “Ele foi eleito para a Academia; **entretanto**, deve ser um bom escritor”. Na primeira, está manifesta a ideia de que entrar para a Academia é um ponto positivo; na segunda, exatamente o contrário. Escolher **entretanto** ou **portanto** vai permitir que eu exprima diferentes relações entre as mesmas ideias. No caso da sua frase, eu – e a grande maioria dos leitores, como você mesma – optaria por uma conjunção adversativa (**mas**, **porém**...): “ele tinha tudo para sair, **mas** (ideia oposta) preferiu ficar”. Já a sua professora optou pelo **portanto**, o que me sugere a seguinte leitura: discute-se por que ele ficou; alguém alega que “nada o **obrigou** a ficar; se

ele quisesse, poderia ter saído; se ele ficou, é porque **preferiu** ficar". Na fala, haveria um deslizamento do **foco** da frase para o verbo **preferir**, acompanhado, inclusive, de uma mudança no tom de voz – similar àquele que usamos em "ele não derrubou **um livro**; ele derrubou **a estante toda**" (estamos opondo **livro** a **estante**), ou "ele não **derrubou** a estante; na verdade, ele **desmontou** a estante" (estamos opondo **derrubar** a **desmontar**).

Como você vê, ambas as conjunções podem entrar nesse mesmo lugar; a diferença é que 95% dos leitores optariam pela **adversativa**, enquanto 5% (dentro do contexto e com a intenção que descrevi) ficariam, como a professora, com a **conclusiva**. Talvez o contexto (o texto que vem antes e depois do trecho que você menciona) traga pistas importantes para resolver o problema. Assim, com o que você me deu, isso é tudo o que posso lhe dizer.

muito pouco

> Um leitor do Acre está estudando para um concurso e ficou intrigado com a expressão **muito pouco.**

Professor, como se explica o uso da expressão ***muito pouco*** *numa frase como "falta* ***muito pouco*** *para eu ir embora"?*

José C. da Silva – Rio Branco (AC)

Prezado José, talvez você fique feliz em saber que sua dúvida é compartilhada por Suzana S., de Limeira (SP), e por Rogério L., de Porto Alegre (RS). Feliz também fico eu, que posso esclarecer a três leitores com uma só cajadada; basta que leiam com paciência o que passo a explicar.

Todos ouviram dizer que o **advérbio** é uma palavra invariável que serve para modificar um **verbo**, um **adjetivo** ou outro **advérbio**? Pois não é bem assim; essa afirmativa, presente na maioria dos livros didáticos, só serviu, até hoje, para confundir nosso aluno. O **advérbio** – o nome está dizendo – modifica mesmo é o **verbo**; aliás, é por detalhe que ele não se chama **adverbo**, como é no Francês (***adverbe***) ou no Inglês (***adverb***). O que acabo de dizer vale para todos os advérbios comuns – os de **modo**, os de **lugar**, os de **tempo**, etc. –, exceto o grupo

especialíssimo dos advérbios de **intensidade**: **muito**, **pouco**, **mais**, **menos**, **bastante**, **assaz**, **demasiadamente**, **excessivamente**, etc. Estes (e só estes) podem também modificar **adjetivos** ou outros **advérbios**:

Ele corre **muito** (modifica o verbo **correr**).
Ele está **muito** feliz (modifica o adjetivo **feliz**).
Ele mora **muito** longe (modifica o advérbio **longe**).

É muito comum, portanto, a construção [**muito** + **X**], onde "**X**" pode ser qualquer advérbio – inclusive alguns de intensidade. "Ele lê **mais** que o irmão" é diferente de "ele lê **muito mais** que o irmão"; da mesma forma, uma coisa é "comer **pouco**"; outra, é "comer **muito pouco**", que é uma forma intensificada de **pouco**, equivalendo ao superlativo "**pouquíssimo**". Nessa mesma posição, o advérbio **bem**, que funciona normalmente como advérbio de **modo**, pode também operar como advérbio de **intensidade**, como sinônimo de **muito**: "ele come **bem** pouco", "ele está **bem** feliz". Espero ter sido bem claro.

embora

Em "vamos embora", o que está fazendo esse **embora** junto ao verbo? O Professor explica.

*Na expressão "**ir embora**", qual é a classificação da palavra **embora**? Ela faz parte do verbo? É um advérbio? É uma partícula sem classificação? Funciona como preposição? Ou...?*

Paula G. M. – Natal (RN)

Prezada Paula, a palavra **embora** é um **advérbio** formado, historicamente, pela aglutinação dos vocábulos que compõem o **adjunto adverbial** "em boa hora". No ***Aurélio***, vem um feliz exemplo do Gil Vicente, do *Auto de Mofina Mendes*, onde isso fica bem claro:

Paio Vaz, se queres gado,

dá ó demo essa pastora:
paga-lho seu, vá-se **embora**
ou **má hora,** e põe o teu em recado.

É evidente que hoje ninguém mais enxerga no **embora** essa ideia de "em boa hora"; no entanto, não concordo com o ***Aurélio*** quando diz que, em "vamos embora", **embora** é uma partícula desprovida de significado; prefiro seguir o ***Houaiss***, para quem ele continua sendo o mesmo **advérbio**, com outro valor semântico; no mesmo sentido, o dicionário da Academia de Ciências de Lisboa considera habitual o emprego deste **advérbio** "com verbos de movimento, para indicar afastamento de um lugar".

solução de continuidade

O Professor explica o que significa essa expressão e recomenda que ela **não** mais seja empregada.

*Prezado Prof. Moreno, tenho uma grande dúvida de sintaxe: qual o significado e como empregar a expressão **solução de continuidade**? O **Aurélio** fala em **separação**, mas não exemplifica! Desde já agradeço a atenção dispensada.*

Tatiana M. – Blumenau (SC)

Minha cara Tatiana, não se trata de **sintaxe**, mas do significado de uma expressão – o que fica no âmbito da **semântica**. **Solução de continuidade** significa "interrupção", isto é, a continuidade foi "**dissolvida**" (este é o sentido aqui de **solução**; não se trata da **solução** que vem do verbo **resolver**, que você vai encontrar na "solução de um problema"). Por exemplo, é indispensável criar escolas de emergência na região assolada pelas enchentes, para que a educação das crianças não sofra **solução de continuidade**, isto é, não seja interrompida. Esta é uma daquelas expressões que, a meu ver, tornaram-se completamente inúteis, na medida em que as pessoas as entendem das mais diferentes maneiras.

há cerca de

Se dói quando corrigem um erro nosso, dói mais ainda quando tacham injustamente de erro uma forma que estamos usando corretamente. Uma leitora sofre na carne essa injustiça ao empregar **há cerca**.

*Fui alvo de gozação por ter escrito a seguinte frase: "Ele mora lá **há cerca** de 30 anos". Disseram que **cerca** era sinônimo de algo cercado e que "**há cerca**" não existia. Aconselharam-me até a comprar um dicionário ou gramática. Apesar de ter certeza de que esta forma é certa, não consegui dar uma explicação gramatical que fosse convincente o bastante para dissipar qualquer dúvida sobre a controvérsia. Por isso, venho pedir a ajuda do Professor Moreno.*

Kecia V.

Minha cara Kecia, como se costuma dizer, você está coberta de razão. Só não entendi em que meio você se move: quem, no seu são juízo, pode afirmar que **há cerca** não existe? Essas pessoas que zombaram de você já frequentaram colégio?

Vamos por partes. (1) Qualquer pessoa alfabetizada sabe que podemos usar **haver** para indicar tempo decorrido: **há** (=faz) **dez dias**, **havia** (=fazia) **dois anos**, etc. Espero que até aqui todos os seus amigos concordem e não comecem suas zombarias. (2) O advérbio **cerca** é um sinônimo mais ou menos culto para **aproximadamente, mais ou menos**: "**Cerca** de duas mil pessoas estiveram no enterro". Até aqui, também, espero que não haja dúvidas. (3) Pergunto: todos aí aceitam "cheguei aqui **há aproximadamente** três horas"? Mais uma vez, espero que sim; esta expressão faz parte do Português básico. Ora, muito bem; chegamos ao final da lição: substituam **aproximadamente** por seus sinônimos, e vamos ter "cheguei aqui **há mais ou menos** três horas" e – adivinhem! – "cheguei aqui **há cerca** de três horas". Pronto, Kecia. Aqui você tem a justificativa gramatical de que necessitava; só me indigno com a inversão de valores: a pessoa que escreve certo é que tem de dar explicações aos demais, a eles que – esses sim! – deviam se aproximar um pouco mais das gramáticas e do nosso querido amansa-burro.

Curtas

há mais de dez anos

> Elenice Ferro quer saber se o correto seria escrever "...atuando **a** mais de 10 anos em organizações de grande porte" ou
> "... atuando **há** mais de 10 anos em organizações de grande porte".

Minha cara Elenice, trata-se aqui de indicar **tempo já decorrido**; neste caso, o verbo usado para isso sempre foi o verbo haver. Você deve, portanto, escrever "atuando **há** mais de 10 anos...".

há dois anos

Tiago C., mecânico de Santo André (SP), quer saber como deve escrever: "Sou pai **a** ou **há** dois anos".

Prezado Tiago, você deve escrever "Sou pai **há** dois anos". Aqui não se trata da preposição **a**, mas do verbo **haver**, usado como um substituto para **fazer**: "**Faz** dois anos que eu sou pai". Ia ser diferente se fosse no futuro: "Vou ser pai daqui **a** dois meses".

há mais ou menos

Gilson P., de Macaé (RJ), quer saber se está correta a frase "Sou da Bahia, mas

estou vivendo aqui no Rio de Janeiro **a** mais ou menos 26 anos". Ou seria "**há** mais ou menos"?

Meu caro Gilson, "Vivo no Rio **há** mais ou menos vinte anos". É tempo decorrido, é verbo **haver**; em outras palavras, "**Faz** mais ou menos 26 anos que estou vivendo no Rio".

há tempos

Maria do Carmo, de Marília (SP), estranha a forma **há** usada no lema de uma empresa de transporte urbano de sua cidade: "**Há** tempos circulando com você".

Prezada Maria do Carmo, a frase está correta; o verbo **haver** aqui está sendo usado para indicar **tempo decorrido**. É o mesmo caso de frases como "**Há** dez anos", "Isso aconteceu **há** dois minutos", "Eu não o vejo **há** semanas".

a dois mil metros

Telmo D. pergunta qual a expressão correta: "estou **há** dois mil metros de altura" ou "estou **a** dois mil metros"?

Caro Telmo, o verbo **haver** é empregado para indicar **tempo passado**, da mesma forma que **fazer**: "estamos **há** dois anos da virada do milênio" é o mesmo que "faz dois anos que entramos no novo milênio" (isto é, já se passaram dois anos). Não é disso que estamos falando na frase que você mandou, pois ela fala de **distância**; o correto é mesmo "estou **a** dois mil metros de altura".

há ou **a?**

Amauri C., de Uberlândia (MG), gostaria de saber se deve usar **a** ou **há** em várias frases que caíram numa prova de concurso:

(a) Estive em Belo Horizonte ___ quinze dias atrás.
(b) ___ dois dias que estou tentando telefonar.
(c) Os documentos foram enviados ___ mais de uma semana.

(d) Estamos ___ três meses do nascimento e ele ainda não foi ao cartório para registrar o filho.

Prezado Amauri, você deve completar todas as lacunas com **há**, do verbo **haver**, pois todas elas tratam de **tempo decorrido**. A última é um pouco mais ardilosa, mas a referência ao cartório deixa claro que já faz três meses que o bebê nasceu.

Cláudio Moreno nasceu na cidade de Rio Grande (RS). No final dos anos 60, concluiu o curso de Letras da UFRGS, com habilitação em Português e Grego. Em 1972 ingressou como docente no Instituto de Letras da mesma universidade, tendo sido responsável por várias disciplinas nos cursos de Letras e de Jornalismo, assim como pela disciplina de Redação para os cursos de Pós-Graduação de Medicina. Em 1977, concluiu o mestrado em Língua Portuguesa com a dissertação *Os diminutivos em -inho e -zinho e a delimitação do vocábulo nominal no Português*; em 1997, obteve o título de Doutor em Letras com a tese *Morfologia nominal do Português*. Do jardim-de-infância à universidade, estudou toda sua vida em escolas públicas e gratuitas, razão pela qual, sentindo-se em dívida para com aqueles que indiretamente custearam sua educação, resolveu criar e manter o sítio www.sualingua.com.br como uma pequena retribuição por aquilo que recebeu.

Coordena, atualmente, a área de Língua Portuguesa dos colégios Leonardo da Vinci Alfa e Beta, de Porto Alegre, do Sistema Unificado de Ensino. É professor regular das Teleaulas de Língua Portuguesa da Universidade Estácio de Sá, do Rio de Janeiro. Na imprensa, assinou uma coluna mensal sobre etimologia na revista *Mundo Estranho*, da Abril, e escreve regularmente no jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, onde mantém uma seção sobre Mitologia Clássica e outra sobre questões de nosso idioma.

Publicou, em coautoria, livros sobre a área da redação – *Redação técnica* (Formação), *Curso básico de redação* (Ática) e *Português para convencer* (Ática). Sobre gramática, publicou o *Guia prático do Português correto* pela L&PM Editores, em quatro volumes: *Ortografia* (2003), *Morfologia* (2004), *Sintaxe* (2005) e *Pontuação* (2010). Pela mesma editora, lançou *O prazer das palavras* – v.1 (2007) e v.2 (2008), com artigos sobre etimologia e curiosidades de nosso idioma. Além disso, é o autor do romance *Troia* (2004) e de dois livros de crônicas sobre Mitologia Clássica, *Um rio que vem da Grécia* (2004) e *100 lições para viver melhor* (2008), todos pela L&PM Editores.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Projeto gráfico e capa: Ana Cláudia Gruszynski
Revisão: Jó Saldanha, Renato Deitos e Elisângela Rosa dos Santos
Revisão final: Cláudio Moreno

M843g

Moreno, Cláudio
Guia prático do Português correto: sintaxe/Cláudio Moreno. – Porto Alegre: L&PM, 2011.
(Coleção L&PM POCKETt; v. 471)

ISBN 978.85.254.2331-3

1.Português-sintaxe. I.Título. II.Série.
CDU 801.3=690(035)

Catalogação elaborada por Izabel A. Merlo, CRB 10/329.

© Cláudio Moreno, 2005

e-mail do autor: **hapax@terra.com.br**
Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores
Rua Comendador Coruja 314, loja 9 – Floresta – 90220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-5380

Pedidos & Depto. Comercial: **vendas@lpm.com.br**
Fale conosco: **info@lpm.com.br**
www.lpm.com.br

Table of Contents

- Apresentação
- 1. Funções sintáticas
  - classe não é função
  - viver é verbo de ligação?
  - sujeito oculto?
  - nomenclatura Gramatical Brasileira
  - sujeito oracional
  - sujeito do Ouviram do Ipiranga
  - fui eu quem fez
  - a hora da onça beber água
  - adjunto adnominal x predicativo
  - adjunto adnominal x complemento nominal
  - complemento nominal?
  - complemento adverbial?
- 2. Sintaxe dos pronomes pessoais
  - colocação do pronome
  - a colocação “brasileira” do pronome
  - mesóclise?
  - pronome solto entre dois verbos
  - mesmo
  - o eu pode vir primeiro?
  - emprego do lhe
  - o lhe é só para humanos?
  - o ou lhe
  - para mim comprar
- 3. Regência verbal
  - doa quem doer
  - pisar na grama
  - preposições juntas
  - Preposições nos sobrenomes
  - Suicidar-se
  - Onde e aonde
  - implicar
  - chegar em?
  - assistir
  - alguém que lhe queira
  - atender
  - dignar-se de
- 4. Crase

- Bahia e Recife
- se vou a e volto da
- do ou de Paulo?
- em França?
- artigo antes de relativos
- crase e pronome de tratamento
- crase e subentendimento
- crase precisa de um artigo!
- as oito às doze
- ensino à distância

5. Concordância verbal
- o deslocamento do sujeito
- concordância com verbos impessoais
- há de haver
- haviam ocorrido
- concordância com a voz passiva sintética
- concordância do verbo ser
- a gente somos?
- o povo brasileiro somos
- o s Estados Unidos é?
- mais sobre Estados Unidos
- concordância com percentuais
- fui eu quem começou
- a maioria dos homens

6. Tratamento
- lhe, te e você
- tu x você
- se liga
- quem é doutor, afinal?
- enfermeiro é doutor?
- Vossa Meritíssima?

7. Concordância nominal
- a cerveja que desce redondo
- nacionalidade brasileiro ou brasileira?
- seu(s) próprio(s) umbigo(s)
- camisas cinza
- anexo ou em anexo?
- gênero, número e caso
- haja vista

8. Problemas de construção
- a persistirem os sintomas

  - dupla negativa
  - absolutamente é negativo?
  - nem
  - se se
  - faz com que
  - muito provavelmente
  - qual a conjunção adequada?
  - muito pouco
  - embora
  - solução de continuidade
  - há cerca de
- Sobre o Autor

CLÁUDIO MORENO

NOVA ORTOGRAFIA

guia prático do português correto

vol. 3

para gostar de aprender

SINTAXE

- CRASE
- REGÊNCIA
- CONCORDÂNCIA
- COLOCAÇÃO DO PRONOME

para gostar de aprender

L&PM POCKET

para gostar de aprender

CLÁUDIO MORENO

guia prático do português correto

vol. 3

para gostar de aprender

SINTAXE

CRASE
REGÊNCIA
CONCORDÂNCIA
COLOCAÇÃO DO PRONOME

www.lpm.com.br
L&PM POCKET

À memória de Joaquim Moreno, meu pai,
e de Celso Pedro Luft, mestre e amigo.

Apresentação

Este livro é a narrativa de minha volta para casa – ou, ao menos, para essa casa especial que é a língua que falamos. Assim como, muito tempo depois, voltamos a visitar o lar em que passamos nossos primeiros anos – agora mais velhos e mais sábios –, trato de revisitar aquelas regras que aprendi quando pequeno, na escola, com todos aqueles detalhes que nem eu nem meus professores entendíamos muito bem.

Quando, há alguns anos, criei minha página no Portal Terra (www.sualingua.com.br), percebi, com surpresa, que os leitores que me escrevem continuam a ter as mesmas dúvidas e hesitações que eu tinha quando saí do colégio nos turbulentos anos 60. As perguntas que me fazem são as mesmas que eu fazia, quando ainda não tinha toda esta experiência e formação que acumulei ao longo de trinta anos, que me permitem enxergar bem mais claro o desenho da delicada tapeçaria que é a Língua Portuguesa. Por isso, quando respondo a um leitor, faço-o com prazer e entusiasmo, pois sinto que, no fundo, estou respondendo a mim mesmo, àquele jovem idealista e cheio de interrogações que resolveu dedicar sua vida ao estudo do idioma.

Por essa mesma razão, este livro, da primeira à última linha, foi escrito no tom de quem conversa com alguém que gosta de sua língua e está interessado em entendê-la. Este interlocutor é você, meu caro leitor, e também todos aqueles que enviaram as perguntas que compõem este volume, reproduzidas na íntegra para dar mais sentido às respostas. Cada unidade está dividida em três níveis: primeiro, vem uma explicação dos princípios mais gerais que você deve conhecer para aproveitar melhor a leitura; em seguida, as perguntas mais significativas, com discussão detalhada; finalmente, uma série de perguntas curtas, pontuais, acompanhadas da respectiva resposta.

Devido à extensão do material, decidimos dividi-lo em quatro volumes. O primeiro reúne questões sobre **Ortografia** (emprego das letras, acentuação, emprego do hífen e pronúncia correta). O segundo, questões sobre **Morfologia** (flexão dos substantivos e adjetivos, conjugação verbal, formação de novas palavras). O terceiro, questões sobre **Sintaxe** (regência, concordância, crase e colocação dos pronomes). O quarto, finalmente, será todo dedicado à pontuação.

Sempre que, para fins de análise ou de comparação, foi preciso escrever uma forma **errada**, ela foi antecedida de um **asterisco**, segundo a praxe de todos os modernos trabalhos em Linguística (por exemplo, "o dicionário registra **obcecado**, e não ***obscecado** ou ***obsecado**"). O que vier indicado entre duas barras inclinadas refere-se exclusivamente à pronúncia e não pode ser considerado como uma indicação da forma correta de grafia (por exemplo: **afta**

vira, na fala, **/á-fi-ta/**).

*

Meu caro leitor: no volume 1 deste ***Guia Prático*** – **Ortografia** –, discutimos **como** devem ser escritos os vocábulos do Português, detalhando o uso dos acentos, do hífen e o emprego das letras. No volume 2 – **Morfologia** –, descrevemos a formação das palavras de nosso idioma, o gênero e o número dos substantivos e dos adjetivos, a conjugação dos verbos. Neste terceiro volume – **Sintaxe** –, vamos deixar o âmbito restrito do **vocábulo** para entrar no âmbito da **frase**, estudando fenômenos que dependem do relacionamento dos vocábulos entre si, como a **concordância**, a **regência**, a **crase** e a **colocação dos pronomes**.

Além disso, ao lado desses conteúdos de aplicação imediata no seu dia-a-dia, você também vai se familiarizar com as principais funções sintáticas – **sujeito, objeto direto, objeto indireto, adjunto adverbial**, etc. São conceitos de presença obrigatória nas provas de Português de todos os vestibulares e concursos públicos do país, mas sua importância vai muito além disso. Sem dominar essas noções, que considero indispensáveis para qualquer pessoa que se interesse pelo estudo do idioma, as decisões sobre **crase** ou **concordância**, por exemplo, sempre vão parecer arbitrárias e irracionais. Sem elas, você não vai conseguir responder àquela velha indagação que todos nós compartilhamos: “Por que devemos fazer isto, e não aquilo?”. Sem elas, você não será capaz, sequer, de entender a explicação sobre a primeira estrofe do Hino Nacional Brasileiro.

1. Funções sintáticas

Quando você divide uma frase em suas **partes constitutivas** (ou **sintagmas**) e dá um nome a cada uma dessas partes, está fazendo aquilo que chamamos de **análise sintática**. Exceto por algumas estruturas mais raras ou mais complexas, é muito fácil fazer a análise de uma frase: depois que isolamos o **verbo**, as demais partes são facilmente reconhecíveis: o **sujeito**, o **objeto direto**, o **objeto indireto**, o **predicativo**, o **adjunto adverbial**, o **aposto**, o **vocativo** e o **agente da passiva**. Estas são as oito funções sintáticas reconhecidas pela gramática:

> 1 – **Um atleta brasileiro** venceu a prova de salto tríplice. (sujeito)
>
> 2 – A TV francesa entrevistou **um atleta brasileiro**. (obj. direto)
>
> 3 – O documentário trata **de um atleta brasileiro**. (obj. indireto)
>
> 4 – O principal astro do documentário é **um atleta brasileiro**. (predicativo)
>
> 5 – Ela sempre viajava **com um atleta brasileiro**. (adj. adverbial)
>
> 6 – A chama olímpica foi acesa **por um atleta brasileiro**. (agente da passiva)
>
> 7 – A testemunha-chave era Antônio, **um atleta brasileiro**. (aposto)
>
> 8 – Você, **atleta brasileiro**, conhece muito bem nossas dificuldades! (vocativo)

No entanto, nossa **Nomenclatura Gramatical** (conhecida como **NGB**), que definiu, em 1958, a terminologia gramatical adotada por todos os livros didáticos do país, cometeu o terrível equívoco de incluir o **adjunto adnominal** e o **complemento nominal** nessa relação, o que veio complicar desnecessariamente o sistema. Na verdade, eles não são **partes** da frase, como as outras oito que relacionei acima, mas **partes das partes** da frase, isto é, aparecem **dentro** dos sintagmas – dentro do sujeito, do objeto, do predicativo, do aposto, etc., como explico em alguns dos tópicos que você vai ler mais abaixo. Numa frase como "Um atleta brasileiro sente **muita saudade de casa**", o elemento grifado é o **objeto direto** do verbo **sentir** – e pronto!

Agora, se você olhar mais de perto este objeto, verá que o núcleo é **saudade**; **muita** é **adjunto adnominal**, como o são, aliás, todas as palavras que ficam à esquerda do substantivo; **de casa** é **complemento nominal** (**saudade** sempre será **saudade de alguma coisa**). A diferença entre o adjunto e o complemento vai ficar mais clara nos artigos que seguem, mas isso não importa, desde que você perceba que ambos são **elementos internos** ao sintagma. Incluí-los entre as oito funções básicas é a mesma aberração que um guia de viagens da América do

Sul que destacasse, como atrações mais importantes, a Argentina, o Peru, Minas Gerais, Uruguai e Brasília – misturando, numa mesma classificação, países, estados e cidades.

Nas páginas seguintes, discuto este problema e outros mais, principalmente os vários tipos de **sujeito** e sua influência nas questões de **concordância verbal**.

classe não é função

> O Professor adverte: ninguém consegue fazer uma boa análise sintática se não distinguir entre **classe** e **função**.

Professor, na frase "visitaremos o museu no sábado", a função sintática de ***no sábado*** *é de* ***adjunto adverbial de tempo.*** *Ora, a palavra* ***sábado*** *é um* ***substantivo,*** *mas não sei se, nessa frase, ela se mantém como* ***substantivo*** *(mesmo sendo* ***adjunto adverbial*** *na sintaxe), ou se classifica como* ***advérbio.*** *Por favor, sempre tenho essa dúvida em análises morfossintáticas. Desde já agradeço a atenção.*

Geraldo R. – Cascavel (PA)

Meu caro Geraldo, às vezes um pequeno desvio de raciocínio faz parecer complexo aquilo que, na verdade, é muito simples. A análise que você fez tem uma falha sutil, que já atrapalhou muita gente: **função** é uma coisa, **classe** é outra, bem diferente. Em "visitamos o museu **naquele sábado ensolarado**", o sintagma destacado é um **adjunto adverbial** (isso é **função**, ou seja, isso é **sintaxe**). Quanto aos vocábulos aí presentes, no entanto, a análise é a seguinte: **em** (preposição)+ **aquele** (pron. demonstrativo) + **sábado** (substantivo) + **ensolarado** (adjetivo) (isso é **classe**; isso é **morfologia**).

Para deixar bem claro o que estou tentando explicar, vou dar um exemplo bem significativo: o substantivo **menino** (classe) pode desempenhar diferentes **funções** sintáticas, dependendo de suas relações dentro da frase: "o **menino** saiu" (sujeito); "encontrei o **menino**" (objeto direto); "ela simpatizou com o **menino**" (objeto indireto); "ele é um **menino**" (predicativo) – e assim por diante.

Não esqueça que os **adjuntos adverbiais** (isso é **função**) aparecem de duas maneiras no Português: ou (1) como um simples **advérbio**, ou (2) como um

substantivo preposicionado (isso é **classe**). Veja os exemplos:

(1) Ele nasceu **ontem**.
Vamos fugir **agora.**
Ele tombou **aqui.**
(2) Ela chegou **no sábado.**
O velho perdeu os óculos **em casa.**
Eles vieram **de carro.**
Ela estuda Matemática **com interesse.**

Todos os elementos que destaquei são **adjuntos adverbiais**; todavia, enquanto **ontem**, **agora** e **aqui** são **advérbios**, **sábado**, **casa**, **carro** e **interesse** são **substantivos**. Na minha experiência (que não é pequena), só vamos compreender os princípios da análise sintática quando formos capazes de distinguir entre **classe** e **função**; depois, tudo fica mais fácil.

viver é verbo de ligação?

Conheça uma forma segura de identificar os **verbos de ligação**.

*Caro Professor Moreno, a escola ensina que o verbo **viver** é **intransitivo**. Um aluno, porém, perguntou sobre a eventual possibilidade dele funcionar como **verbo de ligação** na frase "Mário **vive** cansado" – como é o caso do verbo **andar** na frase "Mário **anda** cansado". Estaria correta a posição dele? Agradecida.*

Teresinha D. M. – São José dos Campos (SP)

Minha cara Teresinha, o seu aluno tem toda a razão. O verbo **viver**, no exemplo que você mandou, não é o **viver** intransitivo; aqui ele é classificado como uma espécie de **verbo de ligação** – um tanto especial, porque não é tão-somente relacional, mas "traduz uma noção além do estado (predicado verbo-nominal). Ex.: *Eles viviam escondidos no mato.* Há aqui noção de **vida** + estado oculto do sujeito", diz Celso Pedro Luft, em sua ***Moderna Gramática Brasileira*** (aviso a meus leitores: esta gramática só deve ser utilizada por professores ou estudantes de Letras; para o usuário comum, ela é técnica e inovadora demais). O mesmo Luft, no seu utilíssimo ***Dicionário Prático de Regência Verbal***, vai mais longe, pois já classifica **viver**, nesta acepção, como **verbo de ligação**, com o significado de **estar sempre** (aspecto durativo, continuativo ou permansivo): "Ele vive gripado"; "Vive com dores de cabeça".

Note que aqui está uma boa oportunidade de reformular a maneira de ensinar os **verbos de ligação**: em vez de fornecer aos alunos uma lista fechada (eu próprio aprendi, no meu tempo, a desfiar, de cor, aquela ladainha do "ser, estar, ficar, permanecer, etc." – sempre incompleta), é muito melhor ensiná-los a raciocinar. Podemos, por exemplo, levantar a seguinte hipótese: se **viver** for um verbo de ligação, ele estará ligando o **sujeito** a seu **predicativo**; ora, os **predicativos** têm a propriedade sintática de concordar, em gênero e número, com o **sujeito** (**ela** está **nervosa**, **ele** está **nervoso**, **eles** estão **nervosos**, **elas** estão **nervosas**). Se na sua frase – "**Mário** vive **cansado**" – trocarmos **Mário** por **Maria**, vamos ter "**Maria** vive **cansada**": a flexão nos assegura que estamos diante de um **predicativo**. O mesmo vale para frases como "Ele virou delegado", "O menino saiu vencedor", "Ela acabou ferida", em que os verbos **virar**, **sair** e **acabar** funcionam como verbos de ligação, e **delegado**, **vencedor** e **ferida** são predicativos.

Quanto a seu aluno curioso, fique de olho nele; ele parece ter uma boa sensibilidade linguística, como se pode ver. Quem sabe não temos aí um futuro colega nosso?

sujeito oculto?

O sujeito **oculto** não desapareceu; apenas trocou de nome.

Bom dia, Professor! Um colega de universidade disse que, segundo um antigo professor, poliglota em 23 idiomas e responsável pela formulação das provas de Português numa importante faculdade de Medicina de São Paulo, o ***sujeito oculto*** *foi abolido das normas gramaticais. Eu gostaria de perguntar: se um sujeito oculto pode ser identificado pela desinência verbal – sendo elíptico ou implícito –, como essa norma pôde ser abolida? Aliás, ela foi realmente abolida?*

Marcos C. M. – São Paulo (SP)

Meu caro Marcos, acho esquisito esse termo que você emprega, "abolido".

Isso só se usa para uma lei ou regulamento que foi revogado – e jamais existiu uma norma para o **sujeito oculto**. Essa era apenas uma denominação antiga (bem antiga, aliás) que os gramáticos cunharam para os casos em que o sujeito não aparece expressamente na frase, mas é recuperado pela terminação do verbo (uma das grandes vantagens da nossa conjugação verbal sobre a do Inglês). Não se preocupe, que **nada** mudou na língua em si mesma, mas apenas no **nome** que usávamos para designar essas frases em que o sujeito não necessita estar **explícito**. Por isso, pode continuar criando frases como "**Fui** ao cinema, mas **volto** logo"; "**Gosto** de cachorro"; "**Perdi** o melhor da festa"; a única diferença é que não chamamos mais esse sujeito de **oculto**.

No momento em que os professores e gramáticos se deram conta de que esse "oculto" era um nome no mínimo risível, já que todo mundo – até estudantes de 9 anos de idade – descobria o sujeito com facilidade, passaram então, com mais precisão, a chamá-lo de **sujeito subentendido**, depois de **sujeito expresso pela desinência verbal**, até chegar ao **sujeito elíptico** de hoje, a meu ver a denominação mais adequada, pois o processo linguístico que atua nesse caso é justamente a **elipse**. O que houve, portanto, não foi a **eliminação do processo** (o que seria impossível, mesmo que todos os gramáticos e linguistas se reunissem para fazer força juntos), mas o abandono de uma terminologia anacrônica. Só isso. O seu colega deve ter entendido mal o que disse o fantástico poliglota de 23 idiomas.

Nomenclatura Gramatical Brasileira

> Por que todas as gramáticas de nosso idioma utilizam a mesma terminologia? Veja como isso aconteceu.

Professor, a gramática de Evanildo Bechara faz diversas referências, nas notas de rodapé, à ***NGB*** *– Nomenclatura Gramatical Brasileira. Ela não tinha sido revogada?*

Carlos E. S. – Curitiba (PR)

Prezado Carlos, assim como os profissionais da área biomédica confiam na ***Nomina Anatomica***, que é uma nomenclatura internacional da anatomia humana,

assim os professores de Língua Portuguesa confiam na **Nomenclatura Gramatical Brasileira** (como o nome claramente indica, Portugal não tem nada a ver com ela). Antes dela, vivíamos numa verdadeira selva de terminologias; cada gramático de renome fazia questão de usar denominações próprias para as funções sintáticas, para as orações subordinadas, para as classes gramaticais, o que tornava quase impossível a homogeneidade no ensino gramatical. A partir da **NGB**, uma comissão formada por notáveis da época (entre eles, Antenor Nascentes, Rocha Lima e Celso Cunha) estabeleceu uma espécie de divisão esquemática dos conteúdos gramaticais, unificando e fixando, para uso escolar, a nomenclatura a ser usada pelos professores; em 1959, no governo JK, uma portaria recomendou sua adoção em todo o território nacional. Dessa data em diante, por exemplo, todos passaram a falar em **objeto indireto**, e não mais em "complemento terminativo" ou "complemento relativo", ou quejandos; os **adjetivos** ficaram restritos aos **qualificativos**, enquanto os demais (**demonstrativos**, **indefinidos**, etc.) passaram a ser classificados como tipos de **pronomes**; o antigo **condicional** ganhou o duvidoso nome de **futuro do pretérito**; e assim por diante – o resto todo mundo sabe, porque todos aprendemos Português já dentro da **NGB**, usada até hoje.

Ocorre que ela foi concebida com base nos conhecimentos de 1958 – quando ainda não funcionava regularmente, por exemplo, a cadeira de Linguística nos cursos de Letras. Os gramáticos da comissão, embora de renome, eram de formação tradicional e obviamente imprimiram nessa nomenclatura as suas concepções pessoais, muitas vezes limitadas. O resultado é conhecido por qualquer professor de Português: os livros mais sérios estão cheios de notas de rodapé, como você percebeu, meu caro leitor, contestando aqui e ali a **NGB**, que precisa urgentemente ser revisada e reformulada, não só para adequá-la aos avanços registrados nos estudos da língua, nesses últimos quarenta anos, como também para corrigir comezinhos erros de lógica, que tanto prejudicaram (e prejudicam ainda hoje!) o entendimento dos alunos.

sujeito oracional

> Às vezes, o **sujeito** de uma oração é representado por outra oração.

*Caro Professor Moreno, gostaria que o senhor definisse para mim **sujeito oracional**. Eu tenho dúvidas sobre quando este sujeito surge. Muito obrigado pela atenção!*

André Luiz – Balneário Camboriú (SC)

Prezado André, vou acrescentar à minha explicação alguns detalhes que você não perguntou. Você deve entender que as várias partes da frase (**sujeito**, **objeto direto**, **predicativo**, etc.) podem ser representadas por uma **oração subordinada substantiva**. É exatamente por esse motivo que, entre as substantivas, temos uma **objetiva direta**, uma **predicativa**, uma **subjetiva** – nomes que revelam a que parte da frase elas correspondem. Em "Nós esperamos que você volte logo", a oração principal é "Nós esperamos". Ora, como **esperar** é um transitivo direto, onde está o **objeto direto** exigido por ele? Na oração seguinte – "que você volte logo" –, por isso mesmo classificada como subordinada substantiva **objetiva direta**. Poderíamos, se quiséssemos, dizer que temos aqui um **objeto direto oracional** – o que vem dar na mesma.

Quando o **sujeito** da oração principal for a oração subordinada, estamos diante de uma substantiva **subjetiva** (eis o tal **sujeito oracional**!). Você deve reconhecer os dois tipos básicos:

(1) as que são introduzidas pela conjunção integrante **que**:

> Era indispensável **que eu voltasse cedo.**
> Convém **que todos fiquem sentados.**
> É estranho **que o cão esteja latindo.**

Aqui a oração grifada exerce a função de **sujeito** (oracional) da oração principal, a qual vai ficar, convenientemente, com o verbo na 3ª do singular. Como ensinava a minha saudosa professora da 5ª série, "o que era indispensável"? **Que eu voltasse cedo**. "O que é que convém?" **Que todos fiquem sentados**.

(2) as **reduzidas** de infinitivo:

> **Estudar** é importante.
> **Ficarmos aqui** pode trazer sérias consequências.
> **Descobrir o verdadeiro assassino** era uma tarefa para Sherlock

Holmes.

Aqui a oração grifada também é **subjetiva**, só que **reduzida de infinitivo**; “o que é importante”? **Estudar**. “O que pode trazer sérias consequências”? **Ficarmos aqui**. O que “era uma tarefa para Sherlock Holmes”? **Descobrir o verdadeiro assassino**.

sujeito do **Ouviram do Ipiranga**

> É incrível como muitos cantam o **Hino Nacional** sem compreender sequer a primeira linha!

*Professor, posso dizer que o sujeito de “**Ouviram do Ipiranga as margens plácidas de um povo heroico o brado retumbante**” é **indeterminado**, porque o verbo está na 3a pessoa do plural?*

Marcelo Costa

Meu caro Marcelo, aqui não se trata de sujeito **indeterminado**. O início de nosso hino é uma frase na ordem **indireta**; veja como ela fica na ordem **direta**: “As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heroico”. Logo, o sujeito é **as margens plácidas do Ipiranga** – e por isso o verbo está no plural (**ouviram**).

A leitora Larcy, de São Paulo, fez a mesma pergunta que você; ao ser informada sobre qual é o sujeito, voltou a escrever, ainda com dúvida, pois em vários lugares na internet ela encontrou escrito **às margens** – como se fosse um adjunto adverbial, referindo-se, portanto, **ao lugar** onde foi proferido o tal brado. Ora, todos nós sabemos que não existe aquele acento de crase; infelizmente, a fonte que ela consultou não era de confiança e trazia um erro muito comum quando reproduzem a letra do Hino Nacional – exatamente porque as pessoas ficam em dúvida quanto à função desse termo. **As margens** não é adjunto adverbial, não; é **sujeito**, e por isso Osório Duque-Estrada o escreveu sem acento algum.

fui eu quem fez?

É **fui eu que fiz** ou **fui eu quem fez** ? Veja como podemos evitar as formas erradas e escolher entre duas estruturas igualmente corretas.

*Caro Professor, ainda não consegui descobrir a forma correta para a resposta à pergunta "Quem fez isso?". Seria "**Fui eu quem fez**" ou "**Foi eu que fiz**"? Por favor, explique-me qual é a resposta correta; ou quem sabe nenhuma das duas pode ser usada?*

Helena B. – Campinas (SP)

Minha cara Helena, vamos por partes, porque há duas orações na sua frase. Na primeira, não temos escolha: ela será necessariamente "**fui eu**". O sujeito está claro (**eu**) e o verbo precisa concordar com a 1a pessoa; "***foi eu**" seria erro brabo. Na segunda oração, contudo, temos duas opções: usar **que** ou usar **quem**. Se usarmos **que**, o seu antecedente será o **eu** da oração anterior, e a concordância será "**que fiz**". Se usarmos **quem**, um pronome de 3a pessoa, a concordância será obrigatoriamente "**quem fez**". Portanto, você pode escolher entre "fui eu **que fiz**" ou "fui eu **quem fez**" (da mesma forma que "fomos nós **que fizemos**" ou "fomos nós **quem fez**"). A escolha é livre, mas eu recomendo, pessoalmente, a primeira opção, porque está mais de acordo com a fala usual.

a hora da onça beber água

Está na hora **de o sol nascer**, ou está na hora **do sol nascer**? O Professor prefere a segunda e explica por quê.

*Prezado Professor, lendo um artigo sobre a língua japonesa, fiquei em dúvida quanto à correção da frase "falavam seu idioma mil anos antes **dos portugueses aparecerem** por lá". Nos anos 60, aprendi, com um famoso professor de Português, que era **abominável** a contração da preposição **de** com o artigo antes do sujeito, devendo-se usar, portanto, "antes **de os portugueses** aparecerem"... Gostaria que me esclarecesse se esta regra mudou, ou se se tornou "mais elástica", como tudo nos dias em que vivemos. Obrigado.*

Luiz B. – Médico – Novo Hamburgo (RS)

Meu caro Luiz, o seu famoso professor não inventou aquela regra; ele seguia a lição proferida por um gramático do século XIX (Grivet), depois difundida pelo respeitado Eduardo Carlos Pereira e, a partir daí, repetida até hoje por muitos autores de livros escolares e de manuais de redação. Infelizmente eles se enganavam; confundiam a velha análise **lógica**, em que foram educados, com a análise **sintática** e **fonológica**. Como o problema já está suficientemente estudado, limito-me a recorrer ao trabalho de duas autoridades muito significativas para mim, Celso Pedro Luft, meu mestre e amigo, e Evanildo Bechara, o atual gramático-chefe do Brasil. Os argumentos e os exemplos são deles; o que não ficar bem claro deve ser debitado à minha falta de jeito.

Podemos dizer que aquela velha regra nasceu de um silogismo que parece inatacável:

(1) As preposições sempre subordinam o termo que vem à sua direita (termo **regido**).

(2) O **sujeito**, assim como o **predicado**, é um dos termos "nobres" da oração e não pode, por isso mesmo, estar subordinado.

(3) Logo, o sujeito jamais poderá vir regido por preposição.

Seguindo esse raciocínio, uma frase como "hoje é dia **dele** voltar para casa" seria inaceitável, porque o sujeito **ele** estaria regido pela preposição **de**; a forma adequada seria "hoje é dia **de ele** voltar para casa". Tudo parece muito lógico – aliás, era imprescindível que assim fosse, ou a hipótese não teria seduzido tantas boas cabeças brasileiras e portuguesas, como é o caso de Rebelo Gonçalves e de Eduardo Carlos Pereira. Ocorre, no entanto, que eles são gramáticos anteriores até mesmo a Ferdinand de Saussure, considerado o fundador da Linguística Moderna, com o seu ***Cours*** publicado em 1916 (e que só veio a ser lido no Brasil muitos anos depois). Se fossem médicos, seriam, ***mutatis mutandis***, como Hipócrates ou Galeno, exercendo a Medicina antes mesmo de surgir Pasteur.

Acontece que, em "hoje é dia **dele** voltar para casa", o **de** não está regendo o pronome **ele**, mas sim **toda** a oração infinitiva, da qual o pronome é o sujeito:

Hoje é dia DE + [**ele voltar para casa**]

Tanto Luft quanto Bechara perceberam que o equívoco dos velhos mestres nasceu da confusão entre **sintaxe** e **fonética**. A transformação da frase "a hora **de ele** voltar" em "a hora **dele** voltar" é de ordem **fonética** (é a tradicional **elisão**), mas não afeta o plano da **sintaxe** (não houve a subordinação de **ele** a

dia). Na fala, como já notou Sousa da Silveira, **essa elisão é obrigatória**; na escrita, foi praticada pelos melhores escritores de nosso idioma (não cito os posteriores à Semana de Arte Moderna de 1922 para que não digam que estou sendo tendencioso):

– "São horas DA baronesa dar o seu passeio pela chácara" – Machado de Assis

– "Antes DELE avistar o palácio de Porto Alvo" – Camilo Castelo Branco

– "Sabia-o antes DO caso suceder" – Alexandre Herculano

– "Antes DO sol nascer, já era nascido" – Padre Vieira

– "Depois DO enfermo lhe haver contado" – Bernardes

– "Apesar DAS couves serem uma só das muitas espécies" – Rui Barbosa

Por outro lado, é necessário admitir que também há autores clássicos dos séculos XVII e XVIII que procuram evitar essa combinação da preposição com o artigo ou o pronome, o que não pode ter sido por influência da gramática do Grivet, que é de 1881. Citando Rodrigues Lapa, Evanildo Bechara sugere que aqueles autores estavam valorizando fatores de ordem muito mais estilística do que gramatical, como, em certos casos, o desejo de pôr em relevo a preposição, evitando que ela fique "enfraquecida" pela elisão. Isso ainda vai ser estudado – se é que já não foi. De qualquer forma, recomendo ao amigo o exame do substancioso artigo ***Está na hora da onça (ou de a onça) beber água?***, do professor Bechara, que faz parte da coletânea ***Na Ponta da Língua* – v. 2** (Rio de Janeiro, Lucerna, 2000. p. 176-88). Eu, particularmente, há muito tempo deixei de levar a sério essa regrinha artificial e **sempre** faço a combinação da preposição com o pronome.

adjunto adnominal x predicativo

Você consegue enxergar dois significados diferentes na frase **"Encontrei o cofre vazio"**?

Pois eles estão lá.

Gostaria de um esclarecimento. Como saber a diferença entre o ***adjunto adnominal*** *e o* ***predicativo*** *numa frase como, por exemplo, "****Os alunos acharam a prova difícil****"? Neste caso,* ***difícil*** *é o adjunto adnominal de* ***prova*** *ou é* ***predicativo*** *do* ***objeto direto****? Por favor, como explicar a diferença neste caso e em muitos outros?*

Bethânia S. – Salvador (BA)

Prezada Bethânia, você não pode esquecer que o predicativo, sendo um sintagma independente (coisa que o adjunto não é...), **pode ser deslocado**: "Os alunos acharam **difícil** a prova". Assim fica muito simples. É claro que nem sempre poderemos decidir com base apenas neste teste de deslocabilidade, porque há muitas frases em que a divisão sintática pode ser feita de duas maneiras diversas, o que vai obrigatoriamente gerar ambiguidade (o leitor pode entender a frase de duas maneiras).

É o caso de "a veterinária encontrou o leão ferido", que pode ser lida de duas formas. Na primeira, decompomos a frase assim:

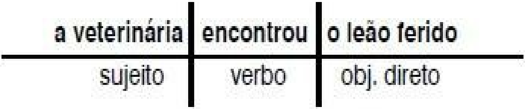

a veterinária	encontrou	o leão ferido
sujeito	verbo	obj. direto

Pelo que se pode entender, a veterinária estava procurando um leão ferido e o encontrou. Aqui, **ferido** é apenas o adjunto adnominal de **leão**. Na segunda, decompomos a frase assim:

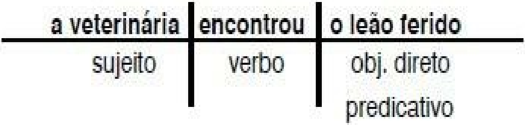

a veterinária	encontrou	o leão ferido
sujeito	verbo	obj. direto predicativo

Aqui, o objeto direto é apenas **leão**; **ferido** é um elemento independente, que funciona como **predicativo**, ou seja, a veterinária encontrou o **leão** e ele **estava ferido**. A primeira versão responde a uma pergunta do tipo "o **que** ela encontrou?" (**o leão ferido** que estava procurando); a segunda, "**como** é que estava o leão quando ela o encontrou?" (**ferido**). É um dos casos mais famosos de ambiguidade em nosso idioma, que já produziu pérolas como "ele deixou aquela prefeitura totalmente corrompida", em que não sabemos se ele era um político honesto que renunciou em vista do grau de corrupção da prefeitura, ou se ele era um desses novos políticos que corrompem os partidos e os governos de que fazem parte.

adjunto adnominal x complemento nominal

> Essa distinção, que parecia ser tão difícil quando eu estava na escola, é mais fácil do que parece.

*Caro Professor, necessito de sua ajuda. No período "A explicação desses assuntos será dada pelo funcionário", o elemento **desses assuntos** é **adjunto adnominal** ou **complemento nominal**? Muito obrigado.*

Pedro Marcelo C. – Uberaba (MG)

Meu caro Pedro, quando tivermos um elemento ligado a substantivo por meio de uma preposição – "a explicação **desses assuntos**" –, a distinção entre o adjunto adnominal e o complemento nominal é automática em três casos bem definidos:

(1) Se o elemento preposicionado estiver ligado a um **substantivo concreto**, só pode ser **adjunto** (casa **de pedra**, lápis **de Antônio**, estante **de livros**).

(2) Se estiver ligado a um **adjetivo** ou **advérbio**, só pode ser **complemento** (capaz **de tudo**, apto **para o serviço**, perto **de casa**).

(3) Se estiver ligado a um **substantivo abstrato** por qualquer preposição que não seja **DE**, só pode ser **complemento** (obediência **às leis**, simpatia **por crianças**, insistência **no detalhe**).

A única situação, portanto, em que se admite dúvida entre **adjunto adnominal** e **complemento nominal** é quando o elemento preposicionado estiver ligado a um **substantivo abstrato** por meio da preposição **DE** – exatamente como na frase que estamos examinando (**a explicação + de + estes assuntos**).

Nesse caso – repito, que é o único em que se admite a dúvida entre o adjunto e o complemento –, temos de lembrar que **explicação** é um substantivo que nominaliza o verbo **explicar**. O princípio é simples: o que era **sujeito** do verbo passa a ser, nas nominalizações, **adjunto adnominal**, enquanto o que era **objeto** passa a ser **complemento nominal**. Podemos afirmar que a sequência "a construção **do engenheiro**" proveio da estrutura subjacente "**o engenheiro** construiu alguma coisa"; como **o engenheiro** era o **sujeito** da estrutura primitiva, agora ele é adjunto adnominal de **construção**. Já a sequência "a construção **do edifício**" proveio de "alguém construiu o edifício"; **o edifício**, que era o **complemento** do verbo **construir**, agora é complemento do substantivo **construção**.

Da mesma forma, se o exemplo que você mandou fosse "a explicação **do funcionário**" , **funcionário** seria **adjunto**, porque ele é o **sujeito** da oração subjacente; no entanto, como é "a explicação **desses assuntos**", é óbvio que **desses assuntos** é **complemento** nominal – já que, na oração subjacente, era **complemento** verbal. Ficou claro?

complemento nominal?

> Diferentemente dos adjuntos adnominais, que só podem estar ligados a **substantivos**, os complementos nominais podem ligar-se também a **adjetivos** e a **advérbios**.

Prezado Professor, tudo bem? Na frase "Virgínia, moradora ***na Rua das Acácias,*** *foi assassinada quando saía de casa", a expressão sublinhada é* ***complemento***

nominal *ou* ***adjunto adnominal****? Aprendi que os complementos nominais completam apenas o sentido de substantivos abstratos – o que não é o caso de* ***moradora****, que me parece ser um* ***substantivo concreto****.*

Fernando Bueno

Prezado Fernando, houve aqui uma pequena confusão. Quando as gramáticas dizem que o complemento nominal completa apenas **substantivos abstratos**, elas estão informando, implicitamente, que ele não pode se ligar aos **substantivos concretos**. Isso apenas define o problema quanto aos **substantivos**.

No entanto, o complemento vai mais adiante: pode ligar-se também a **adjetivos** (temente **a Deus**, obediente **à lei**, apto **para o serviço**) ou a **advérbios** (perto **da minha casa**). Na frase que você menciona, **moradora** é um adjetivo derivado do verbo **morar**, que exige um tipo de complemento que o prof. Luft chama de **complemento adverbial** (mora **na floresta**, vive **no mundo da lua**, etc.). Pela transformação clássica, os **complementos verbais** sempre se transformam em **complementos nominais** – o que nos autoriza a dizer que **na Rua das Acácias** é complemento, e não adjunto.

Entendo por que você classificou **moradora** como substantivo: houve aqui aquela substantivação habitual que os adjetivos ligados a seres humanos podem sofrer. Por exemplo, o adjetivo **bebedor** em "Fulano de tal, **bebedor de cerveja**" pode aparecer substantivado em "**os bebedores de cerveja** fazem muito barulho", mas isso não altera o fato de que **de cerveja** é um complemento nominal de **bebedor**. Foi o que ocorreu nesta frase que estamos analisando.

Finalmente, em "Virgínia, **moradora na Rua das Acácias**", quero chamar sua atenção para um detalhe valioso que não posso deixar de mencionar: a presença da preposição **em**. Nunca esqueça, amigo: a hesitação entre **adjunto adnominal** e **complemento nominal** só existe quando tivermos um sintagma preposicionado com a preposição **de**, e só com ela; quando você enxergar qualquer outra preposição que não seja esta, pode ter certeza de que está diante de um complemento.

complemento adverbial?

> Conheça o **complemento adverbial**, uma cruza de **objeto indireto** com **adjunto adverbial.**

*Professor, qual seria a classificação sintática do elemento **no Brasil** na frase "Morar **no Brasil** é bom"? A meu ver, embora o termo indique o local em que se dá a ação, não pode ser considerado como **adjunto adverbial**, uma vez que o verbo **morar** parece exigir um **objeto indireto** (quem **mora**, **mora** em algum lugar), não descartável, como seria o adjunto.*

Sílvia J. – Colatina (ES)

Minha prezada Sílvia, **no Brasil**, na frase "Morar no Brasil é bom", pode ter três classificações sintáticas, dependendo de como a enquadrarmos:

(1) **adjunto adverbial** – como você mesma percebeu, **no Brasil** indica o lugar em que ocorre a ação, o que nos levaria a classificá-lo como adjunto adverbial. Um detalhe, porém, despertou (acertadamente) sua suspeita de que esta não seria uma boa classificação: os adjuntos são elementos **acessórios**, que podem ser eliminados da frase sem que o verbo sofra com isso. Aqui, no entanto, **no Brasil** parece ser indispensável para completar o sentido do verbo **morar**, que não pode ser considerado intransitivo – o que nos leva à segunda hipótese:

(2) **objeto indireto** – é o complemento preposicionado que integra o sentido de um verbo transitivo indireto. Como "quem **mora**, **mora** em algum lugar", poderíamos ver em **no Brasil** um objeto indireto. No entanto, eu e você sabemos que os objetos indiretos não costumam indicar circunstâncias de **tempo**, **lugar** ou **modo**, função atribuída aos adjuntos adverbiais – o que nos leva à terceira hipótese:

(3) **complemento adverbial** – agora, **no Brasil** seria o **complemento adverbial** do verbo **morar**. O complemento adverbial é uma classificação que ficou fora da **Nomenclatura Gramatical Brasileira**. O complemento adverbial serve exatamente para esses sintagmas que, ao mesmo tempo, exprimem **circunstâncias** (como fazem os adjuntos adverbiais), mas **completam** verbos de significação transitiva (como fazem os objetos). É o mesmo caso de "Vivo **na roça**" ou "Vou **à faculdade**", por exemplo. Poucos autores trabalham com esta classificação nas gramáticas escolares; meu grande mestre, Celso Pedro Luft, incluiu-o em sua ***Moderna Gramática Brasileira*** (Ed. Globo), mas ele mesmo

adverte que se trata de uma obra para estudiosos de Letras e para professores. Seguindo sua orientação, incluí os complementos adverbiais na descrição sintática que fiz em meu ***Curso Básico de Redação*** (editado pela Ática), mas foi recebido com resistência pela maioria dos professores, que têm receio de afastar-se da já vetusta NGB.

Não fique assustada, minha cara Sílvia, com a variedade de análises; escolha a que mais lhe aprouver, porque já vi todas as três ser defendidas. Estudar algo em profundidade, você sabe muito bem, é escolher, entre as várias hipóteses viáveis, a que nos parece mais sólida.

Curtas

verbos e nomes transitivos

Luís Gustavo V., do Rio de Janeiro, está cismado com uma questão de concurso que, nas expressões "aluguel **de filmes**" e "locadoras **de vídeos**", analisa os termos em destaque como "complementos de verbos anteriores". Inconformado com o gabarito, o leitor pergunta: "**Aluguel** é verbo? **Locadoras** é verbo?".

Meu caro Luís Gustavo, **de filmes** e **de vídeos**, nesses dois exemplos, são **complementos nominais**, oriundos da transformação do complemento verbal (objetos diretos) do verbo **alugar** e do verbo **locar**, respectivamente. "Alugar **o filme**" (compl. verbal) transforma-se em "aluguel **do filme**" (compl. nominal). É por essa razão que dizemos que é a nominalização dos **verbos transitivos** que produz esses **nomes transitivos**, que por isso mesmo necessitam de complemento. Só um detalhe: o componente da banca que elaborou essa questão aí deve ter feito uma boa faculdade de Letras, porque a maioria dos professores não conhece essa consequência da nominalização do verbo.

complemento nominal

Cecília, leitora de Petrópolis (RJ), não sabe como responder a uma questão de concurso que pergunta qual o termo que exerce **função diferente** dos demais: a) venda **de seus produtos**; b) dever **de alertar**; c) sugestão **de amigos**; d) fascinação **pelo mundo**; e) fazer inveja **à indústria**. “Todos parecem ser complementos nominais, Professor!”

Prezada Cecília, na questão acima, a resposta é claramente (c): a “sugestão **de amigos**” é a sugestão **que os amigos fazem** (ou fizeram); portanto, **de amigos** é um adjunto adnominal (correspondendo, na frase antes da transformação, ao **sujeito**). Compare com “recebi uma **sugestão de restaurante**” – agora sim, **de restaurante** é complemento nominal (correspondendo, na frase originária, ao **complemento** do verbo: “sugeriram um restaurante”).

sujeito elíptico

O leitor Francisco procurou no ***Aurélio*** a palavra **elíptico**, mas a simples definição do vocábulo não esclareceu o que é um **sujeito elíptico**.

Prezado Francisco, esse é apenas o nome moderno do velho **sujeito oculto**. Na frase “**Cheguei tarde**”, o sujeito é **eu**, elíptico, isto é, está em **elipse**. Isso significa que foi suprimido da frase, mas pode ser facilmente recuperado por quem vier a lê-la.

sujeito indeterminado

Um leitor anônimo quer saber se o sujeito da frase “Chegaram cansados da viagem” é **oculto** ou **indeterminado**.

Meu caro Anônimo, quando o verbo está na 3a do plural, é necessário examinar o contexto em que a frase se insere. Se houver referência anterior a seres determinados, dizemos que o sujeito é **elíptico** (não se usa mais a denominação **oculto** há trinta anos...): “Ontem surpreendi dois garotos brincando no meu jardim. **Deixaram** a torneira aberta” – o sujeito é **eles**, elíptico. Se, no entanto, estivermos apenas falando de um fato ocorrido, sem qualquer referência específica a um sujeito anterior, dizemos que o sujeito é **indeterminado**: “**Deixaram** a torneira aberta, e a água inundou a garagem”.

sujeito oculto ou simples?

Gabriel M., leitor de Juiz de Fora (MG), aprendeu no cursinho que a denominação **sujeito oculto** não é mais utilizada e que tudo que antigamente era classificado como tal atualmente passa a ser **sujeito simples** – com o que não concorda a professora de sua escola. Afinal, qual é a informação correta?

Caro Gabriel, pelo que vejo, você está dividido entre duas opiniões igualmente equivocadas (ou, quem sabe, a confusão foi sua, mesmo?): o sujeito pode ser **simples** ou **composto** – e ponto! **Simples**, se tem **um só núcleo**, e composto, se tem **mais de um** (exigindo, naturalmente, o verbo no plural). Agora, quanto à sua manifestação concreta, ele pode estar **expresso** (aparece escrito na frase) ou **elíptico** (este é o que antigamente se denominava de **oculto** ou **expresso pela terminação verbal**). Na frase “**Chegamos** tarde à festa”, o sujeito é **simples** (“nós”) e está **elíptico**. Minha avó diria que ele está **oculto**.

eram seis galinhas

Silvana, de Ji-Paraná (RO), gostaria de saber qual é o sujeito em “**Eram seis galinhas**” e como classificá-lo.

Minha cara Silvana, o sujeito é **seis galinhas**. Basta ver como o número do verbo (singular ou plural) varia de **Era uma galinha** para **eram seis galinhas**. Em frases como essa, o verbo **ser** é **intransitivo**, e não **verbo de ligação**.

objetos diretos preposicionados

Felipe L., João Pessoa (PB), pergunta: “Em **Comi do pão e bebi do vinho,** temos um caso clássico de **objeto direto preposicionado**; como distinguir entre casos assim e simples erros de regência?”.

Prezado Felipe, os objetos diretos preposicionados são pouco ou quase nada usados, até por sua própria estranheza: **puxar da espada**, **pegar da pena**, etc. A escola tende a exagerar sua importância, transformando-o numa espécie de bicho-papão para assombrar os alunos, que ficam inseguros ao saber que os limites entre os objetos diretos e indiretos não são tão precisos como eles imaginavam. Os dois exemplos que você deu são correspondentes a um antigo caso **partitivo**, que o Português teria conhecido na sua origem e que o Francês até hoje utiliza (***manger du pain***, ***boire du vin***). Você pode ver que ele não pode ser usado se, em vez de uma **parte**, o verbo indicar a totalidade: se eu disser que **ele comeu o pão** e **bebeu o vinho**, não sobrou nadinha.

2. Sintaxe dos pronomes pessoais

Você provavelmente deve lembrar que os **pronomes pessoais** do Português se dividem em **retos** e **oblíquos**; se você teve um bom professor, vai lembrar também que os **retos** servem para representar o **sujeito**, e os **oblíquos** servem para representar os **objetos** – mas duvido que você conheça a razão de usarmos aqui esses dois adjetivos, "retos" e "oblíquos", muito mais familiares à Geometria que à Gramática.

Para entender essa denominação, precisamos voltar um pouco na História, remontando ao Latim, a língua-mãe do Português. Quem teve contato com esse idioma deve, com toda a certeza, guardar alguma lembrança das **terminações que indicam os casos**, um de seus traços mais característicos (e assustadores, para os alunos): enquanto o substantivo de nossa língua ostenta, no final, marcas que especificam o **gênero** e o **número** (alun**o**, alun**a**, alun**os**, alun**as**), o substantivo latino traz marcas que identificam a função sintática que ele está desempenhando numa determinada frase. Simplificando – só para fins de explicação; não me venha algum boi-corneta acusar de estar maltratando o Latim – simplificando, repito, digamos que o Português tivesse a forma **cantor** para sujeito ou vocativo, **cantorum** para objeto direto, **cantori** para objeto indireto e **cantoro** para adjunto adverbial. Ora, estando as funções sintáticas identificadas por essas terminações, a ordem em que as palavras se sucedem não vai interferir na compreensão do conteúdo. Seguindo o nosso exemplo: se eu usar **cantorum** no início ou no fim, antes ou depois do verbo, meu leitor saberá que este vocábulo, naquela frase, é um **objeto direto**.

O mesmo não ocorre no Português – como, aliás, na maioria das línguas modernas. Nossa frase segue o padrão **S–V–O** (Sujeito-Verbo-Objeto), enquanto o Latim, devido às terminações de casos, admite qualquer combinação possível (S-O-V, O-S-V, V-S-O, V-O-S). Para avaliar o que isso significa na prática, tomemos, como exemplo, a frase "O professor contratou o cantor". No Português, qualquer alteração na ordem dos elementos ("O professor o cantor contratou", "Contratou o professor o cantor", etc.) vai gerar **ambiguidades**, sendo necessário, para manter o sentido original, o emprego daquela preposição "postiça" que todos nós conhecemos: "Ao cantor o professor contratou", "Contratou o professor ao cantor". No Latim, no entanto, supondo que a frase fosse "O **professor** contratou o **cantorum**" (lembro, mais uma vez, que estamos usando um Latim de mentirinha, para tornar mais clara a explicação), a ordem não faria diferença para o leitor: tanto em "O **cantorum** o professor contratou", ou em "Contratou o professor o **cantorum**", ou até mesmo em "O **cantorum**

contratou o professor", saberíamos que o sujeito da frase é **o professor** e que o objeto direto é **o cantorum**. Em outras palavras, a sintaxe da frase transparece na morfologia das palavras.

Foi isso, sem dúvida, que permitiu que os escritores latinos, principalmente na poesia, alterassem a ordem da frase a seu bel-prazer, a fim de alcançar os efeitos sonoros (métrica, cadência, etc.) pretendidos. Essa é a maior dificuldade para quem lê ***Os Lusíadas***, do nosso Camões. Como esta é uma epopeia renascentista, baseada, como tantas outras da mesma época, no modelo épico de Roma – mais precisamente, ***A Eneida***, de Virgílio –, o autor submeteu a sintaxe do Português às inversões que eram corriqueiras no Latim, o que tornou seu texto praticamente incompreensível sem um pesado aparato de notas explicativas. Se alguém achar que exagero, lembro as duas primeiras estrofes do poema:

As armas e os Barões assinalados
Que da Ocidental praia Lusitana
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando,
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da Morte libertando,
Cantando ESPALHAREI por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

Note o leitor que os quatorze primeiros versos são apenas o **objeto direto** do verbo da oração principal – **espalharei** –, que só vai aparecer no penúltimo verso da segunda oitava! É essa complexidade sintática que afasta nossos alunos do poema do grande gênio da nossa língua; felizmente a sua vasta e maravilhosa poesia lírica constitui, para o jovem, uma estrada mais amena para ingressar na sua obra.

Temos, portanto, que os substantivos latinos apresentavam variações na sua terminação que serviam para assinalar as relações que estes termos mantinham com os demais vocábulos das frase, especialmente o **verbo**. Friso que não existe

uma equivalência exata entre os casos latinos e as funções sintáticas que usamos na análise do Português, mas, para dar uma ideia aproximada, digamos que o **nominativo** correspondia ao nosso **sujeito**, o **genitivo** ao **adjunto adnominal**, o **dativo** ao **objeto indireto**, o **acusativo** ao **objeto direto** e o **ablativo** ao **adjunto adverbial**. Numa frase como

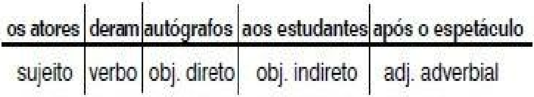

os atores	deram	autógrafos	aos estudantes	após o espetáculo
sujeito	verbo	obj. direto	obj. indireto	adj. adverbial

imagine que o **sujeito**, o termo mais próximo do verbo, corresponde a uma **linha vertical**, perpendicular ao plano. A partir daí, os demais elementos serão vistos como progressivas quedas desta linha em direção ao plano. Os bons professores explicavam isso colocando um lápis na vertical, formando um ângulo de 90° com a mesa: esse é o **sujeito**. Inclinando o lápis 25°, temos o **obj. direto**; mais outro tanto, temos o **obj. indireto**; por último, no fim da frase, temos o **adjunto adverbial**, o elemento mais distante. Partindo, portanto, da posição considerada normal, em **ângulo reto**, cada caso representava uma **queda** dessa linha – e por isso a gramática latina escolheu o termo ***casus***, que vem de ***cadere*** ("cair"). A enumeração das várias formas de um vocábulo, em todos os seus casos, era chamada de ***declinatio*** ("declinação"), que os latinos foram buscar nos gramáticos gregos, que usavam, para descrever o mesmo fenômeno, o termo ***klinein*** ("inclinar-se"). Tudo, portanto, joga com essa diferença entre o lápis **ereto** e o lápis **progressivamente inclinado**: o **sujeito** é o **caso reto**, e todos os demais são os **casos oblíquos**.

Embora a estrutura de nosso idioma seja diferente da estrutura do Latim, as primeiras gramáticas do Português mantiveram essa denominação de **casos**, especialmente com relação aos pronomes. Por isso falamos, até hoje, em **pronomes pessoais retos** e **oblíquos**, quando muito melhor seria chamá-los de **pronomes pessoais sujeito** e **pronomes pessoais não-sujeito** (os demais casos). Isso ajudaria muito o nosso aluno a compreender por que a 1a pessoa do singular, por exemplo, tem três formas – **eu**, **me** e **mim** – e por que devemos escolher a forma adequada para representar determinada função sintática.

colocação do pronome

Ao contrário do que a maioria das gramáticas afirma, o brasileiro sempre prefere colocar o pronome oblíquo **antes** do verbo.

Professor, uma de minhas dúvidas mais frequentes é sobre a posição do pronome: quando usar antes e quando usar depois do verbo? Por exemplo, vejo que o senhor escreveu “uma vida toda como professor de Português me deu...”, enquanto eu escreveria deu-me. Por favor, explique-me (ou me explique) o mistério desse tipo de construção.

Viviane – Bibliotecária – Cuiabá (MT)

Prezada Viviane, em princípio, usamos (no Português Brasileiro) **sempre** o pronome oblíquo **antes** do verbo (próclise), a não ser nos casos em que o verbo inicie a frase (o que deixaria, é óbvio, o pronome na cabeça da frase). Por isso, você deve preferir “o livro **se encontra**”, “todos **me esperavam**, “eu **me confundo**” – e assim por diante. Tome cuidado, no entanto, com um detalhe importantíssimo: a maioria das regras de colocação do pronome que vamos encontrar nas gramáticas veio de **Portugal**, país em que nossa língua tem uma pronúncia diversa da que se desenvolveu aqui no Brasil. Bem fez a editora Nova Fronteira, que encomendou a ***Nova Gramática do Português Contemporâneo*** a um brasileiro (Celso Cunha) e a um português (Lindley Cintra), a quatro mãos. Não é por nada que, no capítulo sobre a colocação do pronome, eles façam recomendações substancialmente diferentes.

a colocação “brasileira” do pronome

*Professor Moreno, fiquei espantado com a sua afirmação de que nós, no Brasil, sempre preferiríamos usar o pronome oblíquo **antes** do verbo. Na verdade, fiquei mesmo é confuso, pois eu tinha aprendido que a posição normal dos pronomes* *oblíquos átonos é* ***depois*** *do verbo (**ênclise**); a próclise só seria usada quando justificada por vários (o senhor bem os conhece) motivos. Além disso, também sabia que não existe* ***língua brasileira****; na verdade, a "nossa" língua é apenas uma variação da língua portuguesa, sem no entanto haver diferenças nas regras. E agora?*

Paulo César – Fortaleza (CE)

Meu caro Paulo César, confusas estão as nossas pobres gramáticas, que, com honrosas exceções, reproduzem ingenuamente as regras de colocação usadas em Portugal. Você tem razão em dizer que todos os países lusófonos utilizam o Português, mas temos de distinguir, para fins de estudo sério, o **PE** (Português Europeu), o **PB** (Português Brasileiro) e o **PA** (Português Africano) – da mesma forma que se faz com o Inglês (britânico, americano, australiano, etc.).

A colocação do pronome oblíquo átono é uma das claras diferenças entre Brasil e Portugal: enquanto os **portugueses** vivem usando a **ênclise** (para eles, os casos de próclise precisam ser motivados objetivamente), os **brasileiros** só usam a **próclise**, até mesmo no início da frase – o que exige aquela regrinha indispensável para quem ensina escrita culta: "não se inicia frase com pronome oblíquo" – isso para nós, é claro, simples mortais, porque os escritores já o fazem desde a Semana de Arte Moderna de 22. Você jamais vai ouvir (e a fala precede a escrita, não se esqueça...) um brasileiro correr atrás de sua amada dizendo "**Espera-me**! **Ouve-me**! **Amo-te**!". Essa diferença entre nós e nossos irmãos lusitanos, neste caso específico, é devida exclusivamente à realização fonológica do pronome; em Portugal, diferentemente daqui, a vogal final se reduz tanto que o pronome praticamente se limita à consoante. O **te** de **devo-te** é realizado como um **/t'/** – o que nos permite entender por que a preferência lusa recai em /**devot'**/, e não, como no Brasil, /**tidevo**/.

Exatamente por essa diferença prosódica, nós, brasileiros, preferimos a **próclise** em qualquer situação; só não a utilizamos no início da frase porque há uma regra que o proíbe expressamente (regra que não é observada na fala, em que só se ouve "**te vi**, **me encontra**, **nos viram**, **me pegaram**")*.

Se você for, como parece, um interessado em gramáticas, vai ver que elas apresentam uma fantástica teoria para os casos de próclise, detalhando "regras" e mais "regras" para o seu emprego. Havia alguns birutas que falavam até na "**atração**" que algumas palavras exerceriam sobre os pronomes! Eu próprio, pequenino, lembro de perguntar à professora se tal palavra atraía ou não o pronome, e ela respondia que sim ou que não, compenetrada, honestamente acreditando naquela baboseira! Ora, se você somar todos os "casos que exigem

próclise", como se diz por aí (em frase negativa, em frase interrogativa, em orações subordinadas, com o sujeito expresso, etc., etc.), vai ver que não sobra nada – exceto aquela já referida estrutura em que a frase inicia pelo verbo – "**devo-te**", "**espera-me**". E, ainda assim, insistem em afirmar que a posição **normal** do pronome é a **ênclise**? Dá para enxergar o equívoco? Eles não perceberam que trocamos de hemisfério e que, consequentemente, certas verdades precisam ser adaptadas. A água que escoa no ralo da banheira, em Portugal, gira para a esquerda; a nossa, gira no sentido do relógio. Um livro de Física, para ser utilizado aqui e lá, precisaria fazer essa indispensável adaptação. Uma gramática também.

* Aqui, em notinha reservada: é daí que vem o **mifo**, **sifo**, **nusfo** (que pronunciamos /mífu/, /sífu/, /núsfu/ e que todos sabemos muito bem o que querem dizer...).

mesóclise?

O Professor explica como se formou o futuro no Português e por que a famigerada **mesóclise** não passa de uma ilusão de óptica.

*Prezado Professor, estou estudando para um concurso muito importante na minha carreira e empaquei no problema da **mesóclise**. Eu tinha aprendido que sempre se usa mesóclise com o futuro, mas não me parece mal escrever "Amanhã **lhe devolverei** o documento". Pode ser assim mesmo, ou "Amanhã **devolver-lhe-ei** o documento" fica melhor?*

Marcelino D. – São Paulo (SP)

Meu caro Marcelino, esta é uma pergunta que não pode ser respondida de bate-pronto; a colocação dos pronomes, que deveria ser simples e instintiva, foi prejudicada por uma série de mal-entendidos que fizeram carreira por aí e que preciso desfazer antes de começar minha explicação.

Os pronomes oblíquos átonos – **me**, **te**, **o**, **se**, **lhe**, **nos**, etc. – não são vocábulos **independentes**. Eles só podem ser usados **junto ao verbo** (ou imediatamente **antes**, ou imediatamente **depois**). Se ele estiver **antes**, dizemos que está em **próclise**; se estiver **depois**, dizemos que está em **ênclise**. Um grande

problema para quem escreve é decidir corretamente quando usar a **próclise** ou quando usar a **ênclise** (vamos deixar a **mesóclise** para depois).

Quando falamos, eu e você colocamos com naturalidade o pronome na frase. Quando escrevemos, contudo, devemos obedecer a certas regras tradicionais que contrariam, muitas vezes, nossa fala espontânea. Este é o caso, principalmente, do emprego de pronome **no início de frase**: apesar de ser esta uma posição normal no Português do Brasil, é ainda condenada pelos gramáticos tradicionais, que tomam por base antigos preceitos dos autores portugueses. Mário de Andrade usa, Drummond usa, Paulo Francis usa, Vinícius usa – mas se você quiser usar, meu caro Marcelino, é bom avaliar bem o contexto e o ambiente. Em provas de concurso, em documentos jurídicos, etc., evite, para não criar polêmica. Para ser feliz, siga o **princípio de ouro**: use a próclise **sempre**; você só vai usar a **ênclise** quando a frase começar pelo **verbo**. Neste caso, não haveria outra escolha, pois você não pode iniciar a frase pelo pronome: "**Entrega-**me a pistola", "**Devo-**lhe a vida", e não "*Me entrega a pistola", "*Lhe devo a vida".

Não esqueci, Marcelino, que sua pergunta foi sobre a **mesóclise**, e a ela vamos dedicar nossa atenção, agora que ficou mais claro o uso da **próclise** e da **ênclise.** Como você mesmo afirmou, a ocorrência deste fenômeno estaria ligada ao **futuro do presente** – e já vamos ver por quê. Estudos atualizados mostram que este tempo funciona, na verdade, como uma **locução verbal disfarçada**. Como herança do Latim tardio, que substituiu a forma única do futuro por uma locução (***amare habeo***), nosso futuro, que à primeira vista parece ser uma forma **una**, na verdade é uma **locução invertida**, com o auxiliar **haver** deslocado para a direita:

eu **hei de comprar > comprar hei**
tu **hás de comprar > comprar hás**
ele **há de comprar > comprar há**

Como nosso sistema ortográfico não admite o "**H**" interno, vamos suprimi-lo e pimba! Lá estão nossos conhecidos **comprarei**, **comprarás**, **comprará**! O que parecia ser uma forma verbal simples é, na verdade, uma **forma composta** (comprar+ei, comprar+ás, comprar+á). Desse modo, uma forma como **compraremos** deve ser encarada como um **vocábulo composto**, do tipo de **girassol**, **passatempo**, etc.; a partir de agora, sempre que você vir um verbo no futuro, poderá enxergar os **dois verbos** que ali estão combinados.

Na frase **nós o encontraremos amanhã**, o pronome **O** está na **posição**

normal, que é, como vimos, a **próclise**. Se retirássemos o **nós** da frase, contudo, ele já não mais poderia ficar ali, porque estaríamos rompendo o princípio básico: **não se inicia frase com pronome oblíquo** – o que nos leva à outra opção possível, que é a **ênclise**. No entanto, acabamos de ver que **encontraremos** é um **conjunto de verbos**: **encontrar**+**(h)emos**. Para colocar o pronome em **ênclise**, vamos ter de executar alguns passos ordenados:

1º passo – afastar o verbo auxiliar: **encontrar** [**emos];**
2º passo – colocar o pronome em ênclise ao **encontrar**: **encontrá-lo**;
3º passo – recolocar o verbo auxiliar: **encontrá-lo-emos**.

Neste momento, ao ver uma forma como **encontrá-lo-emos**, os nativos costumam se jogar de joelhos ao chão, exclamando, com respeito quase sagrado: “Mesóclise, mesóclise!”. Não é, não, como você agora sabe: é apenas a ênclise ao futuro. Como a gramática tradicional acreditava que o pronome, neste caso, estava no **meio do verbo** (na verdade, ele está **entre dois verbos**), batizou o fenômeno de **mesóclise** (onde **meso** = meio). Na frase que você menciona, “Amanhã **lhe devolverei** o documento”, o pronome está corretamente colocado em próclise, como deve ser em qualquer frase normal do Português Brasileiro. Se, no entanto, deslocarmos o advérbio **amanhã** para depois de **documento**, a frase deveria ser reescrita, ficando “**Devolver-lhe-**ei o documento amanhã”. Antes estava em **próclise** ao verbo **devolver**; agora está em **ênclise** ao mesmo verbo **devolver**. Você pode continuar chamando isso de **mesóclise**, se quiser, mas agora sabe realmente do que se trata.

pronome solto entre dois verbos

> As regras de colocação do pronome não passam de uma invenção reacionária de alguns gramáticos brasileiros.

*Prezado Professor, faço correção de textos e gostaria de receber resposta sobre a seguinte questão: é necessário empregar o hífen em “**tendo-se tornado** um líder”, ou posso escrever “**tendo se tornado**”, sem o hífen?*

Maria Madalena – Belém (PA)

Minha cara Maria, a sua dúvida bate exatamente em cima de um dos pontos que distinguem o **PB** (Português Brasileiro) do **PE** (Português Europeu). Nossos gramáticos mais reacionários exigem o hífen em frases como essa; dizem que o pronome oblíquo não pode ficar **solto** entre os dois verbos da locução, mas deve estar em **ênclise** ao primeiro verbo. Segundo a óptica deles, deveríamos escrever **pode-se ver** (e não **pode se ver**), **vou-te contar** (e não **vou te contar**).

É incrível, no entanto, a miopia desses "entendidos": eles simplesmente não percebem que esse preceito tem clara origem em Portugal, onde a pronúncia (e consequente colocação) dos oblíquos é completamente diversa da nossa, que usamos **vou te dizer**, **quero te avisar**, **estou te chamando**, **tinhas me avisado**. Na sua cegueira, chegam ao cúmulo de **acusar** (!) de "brasileira" essa colocação do pronome entre os dois verbos da locução, esquecendo-se, talvez, do país em que ganham seu pão... No fundo, o que eles estão dizendo nas nossas barbas é uma verdadeira pérola: "Onde é que se viu escrever como brasileiro fala? Escreve-se é como fala o português".

Todavia, como o Brasil também tem seus bons cérebros, toda essa bobagem de colocação do pronome vem sendo contestada pelos melhores autores do século XX, entre eles gigantes como Said Ali e Antenor Nascentes. É de autoria deste último, aliás, o belo trecho sempre citado por meu mestre Celso Pedro Luft:

"O caso da colocação dos pronomes pessoais oblíquos é invenção dos gramáticos brasileiros. Em todas as línguas os pronomes têm sua colocação natural, que se aprende desde o berço; ninguém precisa na escola fazer aprendizagem especial de colocação de pronomes.

Foi isto o que claramente enunciou Silva Ramos ao dizer que não sabia como se colocavam os pronomes, 'pela razão muito natural de que não sou eu quem os coloca; eles é que se colocam por si mesmos, e onde caem, aí ficam'(*Pela vida fora*, p. 119).

Todas as colocações, menos aquelas que aberrarem do bom senso, tornando a frase ininteligível, são pois aceitáveis.

Esta questão começou na segunda metade do século XIX. Havendo críticos portugueses estranhado colocações nossas, diferentes das suas, alguns escritores nossos, para fugir a censuras, começaram a pugnar pela colocação à moda portuguesa, considerando errada a colocação natural dos brasileiros. Chegou-se a escrever sobre o assunto um livro de centenas de páginas!" (Antenor Nascentes – **O Idioma Nacional na Escola Secundária** –1936).

No entanto, Maria, como você faz correção de textos, forçosamente algumas das pessoas que vão examinar seu trabalho foram formadas pelas delirantes "regras de colocação do pronome", sem nunca ter lido esta página, ou Antenor Nascentes, ou Said Ali, ou Celso Pedro Luft. Recomendo-lhe, portanto, cautela e caldo de galinha. Se você usar "**tendo se tornado**" (que eu prefiro),

estará sujeita a enfrentar a censura de quem sabe menos do que você, mas de cuja avaliação depende o seu sucesso; por isso, tape o nariz e use "**tendo-se tornado**". Eu próprio, quando não quero me incomodar (olha só: "quero **me** incomodar"), capitulo e recorro a uma das duas posições "aceitáveis" do pronome: "**quero incomodar-me**" (a menos antipática) ou a esquisita "**quero-me incomodar**". Contudo, noto, com orgulho, que essa covardia tem sido cada vez menos frequente no que escrevo.

mesmo

Evite esse mau hábito, tão feio quanto pôr o dedo no nariz.

Prezado Professor, é comum, nos prédios de São Paulo, depararmos com uma placa nos elevadores com a seguinte inscrição: "Antes de entrar no elevador, verifique se o ***mesmo*** *encontra-se parado neste andar". Está correto o uso da palavra* ***mesmo*** *como substituto do termo "elevador", uma vez que se trata de redação oficial de órgão legislativo?*

Cláudia W. – São Paulo (SP)

Prezada Cláudia, errado não está, mas concordo com você: é um Português pedestre. Dos muitos recursos que nosso idioma oferece para a **anáfora** (referência a algo que já foi mencionado anteriormente – no caso, o **elevador**), esse emprego do **mesmo** é talvez o mais pobre e mais confuso. Por que não escrever, em bom vernáculo, "Antes de entrar no elevador, verifique se **ele** se encontra parado neste andar"? Será que o ouvido da sumidade que redigiu esse texto estranhou a sequência **se ele se**? Nessa hipótese, nosso legislador teria um ouvido mais sensível (não parece ser o caso...) que o de Machado de Assis e de Eça de Queirós: "A mãe, **se ele se** demorar muito" (***Memorial de Aires***); "Não sei **se ele se** terá lembrado e cumprido a promessa que me fez" (***Helena***); "afiançaram-lhe todo o apoio de gente, de dinheiro e influência na corte, **se ele se** pusesse à testa de outro movimento" (***O Alienista***); "Pergunte-lhe **se ele se** confessa há seis anos, e peça-lhe os bilhetes da confissão!" (***O Crime do Padre Amaro***); etc. Para evitar o que não deveria ter evitado, terminou jogando aquele

"mesmo" sobre os indefesos usuários dos elevadores.

O velho Napoleão Mendes de Almeida, às vezes tão sábio, às vezes tão equivocado, tem verdadeira ojeriza a esta forma, que combate com fina ironia, ao propor que se troque por **mesma** o pronome pessoal **ela** na primeira estrofe do famoso soneto de Camões sobre Jacó e Raquel, que ficaria assim:

Sete anos de pastor Jacó servia
Labão, pai de Raquel serrana bela,
Mas não servia ao pai, servia à **mesma**,
Que a **mesma** só por prêmio pretendia.

Que tal?

o eu pode vir primeiro?

Quando faço parte de uma relação, está correto colocar o **eu** em primeiro lugar? "**Eu**, Fulano e Beltrano" ou "Fulano, Beltrano e **Eu**"?

*Prezado Professor, conversando com amigos, fiz a seguinte afirmação: "**Eu**, Fulano e Beltrano comemoramos aniversário no mesmo dia". Fui corrigido, com a afirmação de que deveria colocar o **eu** no **final** da oração ("Fulano, Beltrano e **eu**"). Existe uma ordem correta?*

F. Malaco – Santos (SP)

Meu caro Malaco: aqui não existe **certo** ou **errado**. O que temos é uma **convenção** de educação (tipo aquela de deixar os mais velhos entrarem primeiro, ou a de oferecer o lugar no ônibus às damas): quando falamos de alguma coisa **ruim**, colocamos educadamente o **eu** antes do resto ("**Eu**, Fulano e Beltrano fomos considerados culpados pela invasão da Reitoria"); quando falamos de alguma coisa **boa**, é de bom-tom deixar o **eu** para o fim ("Fulano, Beltrano e **eu** fomos premiados no concurso"). São regras de **urbanidade**, não regras gramaticais, que vão ser seguidas por aqueles que quiserem ser polidos. O exemplo que você menciona é particularmente neutro (não é do bem, nem do mal); nesse caso, você pode usar como quiser, e não tinham razão aqueles que chamaram sua atenção.

emprego do **lhe**

Por que certos verbos não aceitam o pronome **lhe** como objeto indireto? O Professor explica que **não** são exceções.

Caro Professor, minha dúvida é a respeito do uso do pronome oblíquo ***lhe*** *com determinados verbos. Consultei várias gramáticas e todas afirmam que os verbos* ***assistir*****,** ***visar*** *e* ***aspirar****, quando transitivos indiretos, não aceitam o pronome oblíquo* ***lhe****, mas sim os complementos* ***a ele*****,** ***a ela*****,** ***a eles*****,** ***a elas****. Sinceramente não compreendo o motivo de tal regra, já que com a maioria dos verbos transitivos indiretos se usa normalmente o pronome* ***lhe****. Gostaria de esclarecimentos a esse respeito. Desde já, agradeço.*

Marcelo Esteves M. – São Paulo (SP)

Meu caro Marcelo, acontece que você acaba de esbarrar em mais um daqueles recifes em que os gramáticos tradicionais costumam naufragar: eles apenas relacionam os **fatos** (o pronome **lhe** não pode ser usado com os verbos **assistir**, **visar** e **aspirar** – o que é verdade) sem explicar **por que** é assim. Essa deficiência dos gramáticos que se formaram antes dos anos 60 é a maior responsável pela opinião, infelizmente generalizada, de que o Português é uma língua complicada, "cheia de regrinhas", "repleta de exceções". Eles até hoje dominam o mundo editorial (principalmente dos livros didáticos), e o nosso pobre país sofre com isso.

No entanto, a explicação é simplíssima: o **lhe** (representante do **objeto indireto**) não é um pronome de **uso universal**, como é o caso do seu parceiro **o** (representante do **objeto direto**). Ele tem uma importantíssima restrição de seleção: só pode ser usado **com referência a pessoas** (em linguagem mais técnica, diríamos "com substantivos **humanos**") – da mesma forma que o pronome relativo **quem**. Se o antecedente destes dois pronomes não tiver o traço **humano**, seu emprego fica bloqueado. Ora, esses três verbos que você destacou (**assistir**, **visar** e **aspirar**) nunca têm objeto indireto de pessoa: eu aspiro **ao cargo**, aspiro **à vaga**, aspiro **ao posto**, mas não posso ***aspirar a alguém** – o que elimina, aqui, o uso do **lhe**.

Nesses casos, o objeto indireto é representado pelo pronome oblíquo tônico (acompanhado de sua respectiva preposição): **a ele**, **a ela**, etc. Para deixar mais claro o que estou tentando explicar, peço-lhe que compare as seis frases abaixo:

1. Obedeço **ao professor.**
2. Obedeço **a ele.**
3. Obedeço-**lhe.**
4. Obedeço **ao governo.**
5. Obedeço **a ele.**
*6. Obedeço-**lhe.**

Pois a (2) e a (3) são frases sinônimas, e o falante pode decidir livremente se quer substituir o objeto indireto **ao professor** pelo oblíquo tônico (**a ele**) ou pelo átono (**lhe**). A frase (6), contudo, é considerada agramatical, embora pareça idêntica à (3): é que o objeto indireto, aqui, não é uma pessoa, e o falante só pode substituir **ao governo** por **a ele**. Como você pode ver, é o sistema do nosso idioma funcionando como um reloginho, e não um punhado de "casos especiais", como nos fazem crer muitas vezes.

o lhe é só para humanos?

Nem sempre o **lhe** vai representar o **objeto indireto**; às vezes ele é um simples **adjunto adnominal**.

*Professor, li um artigo seu em que explica que o pronome **lhe** só pode ser usado para representar seres humanos. No entanto, em outro de seus textos, encontrei um trecho em que o senhor usa um **lhe** relacionado ao substantivo "língua" – que não me parece preencher aquele requisito. Gostaria que me dissesse se está certo. O trecho de que falo é o seguinte:*
"Por uma dessas regras obscuras do Universo, quanto pior uma pessoa fala a língua portuguesa, mais ferozmente se põe a criticá-la, a apontar-lhe defeitos e (atrevimento típico da ignorância) a sugerir profundas alterações que tornariam 'melhor' a língua de Vieira e de Machado..."

Ramon – Paranaguá (PR)

Meu caro Ramon, eu poderia dar uma de seboso e responder “se eu usei, é claro que deve estar certo”. Não faço isso porque já dei muita tropeçada ao escrever, como qualquer mortal. No entanto, desta vez eu acho que estou certo. Vejamos:

O **lhe** como **objeto indireto** só pode ser usado para seres humanos – essa é uma verdade indiscutível. Acontece que você, com um olho clínico, foi pescar justamente um **lhe** diferente, bastante raro: trata-se daquele caso pouco conhecido em que o pronome oblíquo (**me**, **te**, **lhe**, **nos**) é usado como substituto de um **pronome possessivo**: “Bateram-**me** a carteira” = bateram **minha** carteira; “Beijo-**lhe** as mãos, senhora” = beijo **suas** mãos. Na minha frase, “...a língua portuguesa, mais ferozmente se põe a criticá-la, a apontar-**lhe** defeitos”, o verbo **apontar** é um transitivo **direto**, o que tornaria completamente esquisita a presença do **lhe** – não fosse ele apenas uma forma clássica de dizer “apontar **seus** defeitos”.

Ao que parece, esta estrutura escapa da restrição que exige o traço +**humano** para o emprego do **lhe** – ao menos a frase passou pelo filtro do meu ouvido, que não registrou estranheza nenhuma, o que é significativo: como me ensinou meu mestre Luft, todos os falantes têm sua porção de intuição linguística, mas os professores de Português, pela própria atividade, têm essa intuição mais apurada que os demais (assim como um músico amigo meu se recusa a ouvir gravações em CD porque afirma que elas perdem uma parte dos graves e dos agudos – coisa que eu, é claro, jamais vou perceber).

o ou **lhe**

Veja o novo uso que vem sendo dado, pouco a pouco, ao famigerado pronome **lhe**.

Doutor Moreno, sou professora de Alemão e estou com uma enorme dúvida na gramática portuguesa, com relação ao verbo ***conhecer****. Quando eu converso com uma pessoa e quero dizer que a conheço, qual é a forma correta: “Eu* ***lhe*** *conheço” ou “Eu* ***a*** *conheço”? Existe uma variação do pronome em relação ao tratamento formal? Muito obrigada!*

I. Schwarz

Minha cara I., a sua "enorme" dúvida é bem pequenina... O verbo **conhecer** é um transitivo direto, e, portanto, recebe o pronome oblíquo "**o**": "Eu **o** conheço" (homem), "Eu **a** conheço" (mulher). É claro que estamos falando do registro culto, onde "**o**" representa especificamente **objetos diretos**, enquanto "**lhe**" representa objetos indiretos.

No registro popular, no entanto, onde não existe essa consciência da sintaxe (e alguém lá vai saber o que é objeto direto ou indireto?), é natural que o uso desses pronomes tenha sofrido uma enorme alteração. Em primeiro lugar, o Português falado no Brasil simplesmente eliminou o pronome "**o**", passando-se a usar "**ele**" como complemento de verbos transitivos diretos: "Eu vi **ele**", "Encontrei **ela**", etc., prática ainda inaceitável na linguagem culta. Em segundo lugar, o "**lhe**" desvinculou-se totalmente de sua função sintática original e passou a ser empregado apenas como **forma respeitosa** de tratamento. Enquanto se usa "eu **te** conheço", "eu **te** vi" para uma pessoa íntima, prefere-se "eu **lhe** conheço", "eu **lhe** vi" para uma pessoa de maior hierarquia ou cerimônia – outra prática ainda considerada inaceitável no registro culto, que aqui exigiria "eu **o** conheço", "eu **o** vi".

Se eu estivesse ensinando um estrangeiro a **escrever** Português, eu insistiria na distinção sintática entre "**o**" e "**lhe**"; no entanto, se eu o estivesse ensinando a **falar**, com certeza eu o acostumaria a alternar entre o "**te**" (para os mais próximos) e o "**lhe**" (para os de maior cerimônia), de acordo com a menor ou maior formalidade da situação, porque assim ele estaria perfeitamente integrado com a fala do PBrasileiro.

para **mim** comprar

> O Professor não cansa de dizer que, em Português, nem tudo o que reluz é ouro, nem tudo o que balança cai. O uso do pronome oblíquo só vem confirmar essas verdades.

*Fui criticado por usar o pronome **mim** supostamente de maneira errada! Eu disse **era para mim comprar**. Agradeço sua ajuda em me orientar corretamente.*

Marcos de Sousa

Meu caro Marcos, infelizmente você errou, e bem erradinho. Quando nós, falantes do Português, queremos representar o **sujeito** por um pronome, usamos o caso **reto** (**eu**, **tu**, **ele**, etc.). Os pronomes oblíquos tônicos (**mim**, **ti**, etc.) são usados como **objetos**, sempre após uma preposição (**de** mim, **sem** mim, **por** mim, **para** mim, etc.). Como se vê, a distinção é bem nítida.

Contudo, na construção "Era para **X** comprar", o pronome que entrar no lugar de **X**, ao mesmo tempo, (1) é **sujeito** de **comprar** e (2) vem depois da preposição **para**. Em outras palavras: se seguirmos o princípio de que os sujeitos devem ser representados por pronome reto, a escolha é **eu**; se seguirmos o princípio de que usamos pronomes oblíquos tônicos após preposição, a escolha é **mim**. A solução é simples: a regra do sujeito tem absoluta precedência sobre a regra da preposição, que só vai agir quando a primeira não estiver vigente: "Ele comprou isso **para mim**", mas "Era para **eu** (sujeito) **comprar**" ; "Vocês não vão começar **sem mim**", mas "Vocês não vão começar sem **eu** (sujeito) chegar".

*É possível que a frase "É importante **para mim** saber a verdade" esteja correta, como o professor de minha filha afirmou em aula? Afinal, antes de verbo não se usa sempre **eu**?*

Magda Beatriz

Minha prezada Magda Beatriz, esta é realmente a forma correta da frase: "É importante **para mim saber** a verdade". **Se o pronome fosse o sujeito do verbo saber, teríamos de substituí-lo pelo pronome reto, eu** – o que não é o caso. A possibilidade de livre mudança na ordem ("Saber a verdade é importante **para mim**", ou "**Para mim**, é importante saber a verdade") mostra que essa não é aquela famosa estrutura "**Isso veio para eu fazer**". Essa frase, aliás, ficaria bem mais fácil de entender se usássemos vírgulas (que aqui, como você sabe, são opcionais): "É importante, **para mim**, saber a verdade".

Uma frase muito parecida com essa que você enviou causou muita discussão aqui em Porto Alegre, nas últimas eleições: um comercial de TV incentivava o voto consciente com a frase "**Pra mim escolher candidato é que nem escolher feijão**". Vários leitores escreveram para dizer que a forma correta

seria "Para **eu** escolher candidato, é como escolher feijão". Ironicamente, a frase veiculada na campanha estava correta; errada era a alteração sugerida. Poderíamos discutir se é adequado, ou não, o emprego informal do "**pra**" e do "**que nem**" numa campanha institucional; a pontuação também merece reparo, pois, como você viu acima, a frase ficaria bem melhor com vírgulas: "**Para mim, escolher candidato é como escolher feijão**". Agora, do ponto de vista da sintaxe dos pronomes, somos obrigados a reconhecer que o uso do oblíquo **mim** está perfeito.

Esses leitores que reclamaram deviam estar fazendo o mesmo raciocínio que você fez: o pronome está antes do verbo... Sei de onde vem esse equívoco: nos manuais e livros didáticos de pouca ciência – infelizmente, a maioria dos que se vendem por aí –, difunde-se essa lenda, disfarçada de regra, de que **antes de verbo no infinitivo** devemos usar sempre o pronome reto: "Isso veio para **eu fazer**", "Ele disse que é para **eu levar** os ingressos". Ora, nesses exemplos usamos o pronome reto não por estar **antes de verbo**, mas **por ser sujeito** desses verbos. Na frase injustamente condenada, **mim** está antes do verbo **escolher**, mas não é o seu sujeito; isso pode ser facilmente verificado se (1) alterarmos a ordem para "Escolher candidato, **para mim**, é como escolher feijão", ou (2) trocarmos **mim** por **nós** – neste caso, o verbo continua na forma em que está, o que não poderia ocorrer se **nós** fosse o seu sujeito: "**para nós, escolher** candidato é como escolher feijão" (e não ***escolhermos**). É isso, Magda; você pode confiar no professor de sua filha, porque ele parece estar fazendo um bom trabalho.

Curtas

em memória de mim

Jonas Torres diz estranhar uma construção usada por várias igrejas cristãs: **Fazei isto em memória de mim**. Acrescenta: "Antigamente se dizia **fazei isto em minha memória**. Qual das duas estaria mais correta?".

Meu caro Jonas: eu fico com a forma antiga, mil vezes: "Fazei isso em **minha** memória". Contudo, se foi alterado, posso imaginar por quê: **minha memória**, principalmente para pessoas de pouca instrução, é uma expressão

ambígua, pois pode ser interpretada como "a memória que vocês terão de mim" (que é a intenção original), ou "a memória que eu tenho das coisas, na minha mente". Usando o desajeitado **memória de mim** (construído no molde de **medo de mim**, **respeito por mim**, **amor a mim**), o texto ficou inegavelmente mais claro. Às vezes temos de sacrificar o estilo, Jonas, para garantir a eficácia da comunicação. É pena, mas é necessário.

convidamos-lhes

Pedro da Gama pergunta se a forma "**Convidamos-lhes** para o evento" está correta. Acrescenta: "Todos a quem perguntei me disseram que não, sugerindo **Os convidamos**, **Convidamo-lhes** e até **Lhes convidamos**. Qual delas eu uso?".

Caro Pedro, se é um convite formal, escrito dentro dos "conformes", a forma correta seria **convidamo-los** – combinação formada por **convidamos** e pelo pronome **os**, usado encliticamente. Apesar do **lhes** soar muito melhor, o verbo **convidar** é **transitivo direto** e só pode ser completado pelo pronome **o**. A forma "**O convidamos**" não é aceitável no Português formal por trazer o pronome oblíquo no início da frase.

ambiguidade no pronome oblíquo

Nelma D., de Blumenau, considera que a frase "Matar o vigia do banco para assaltá-**lo**" dá margem a dupla interpretação.

Seu professor, contudo, diz que a interpretação única é “matar o vigia para então assaltá-lo” (matar o vigia para subtrair-lhe os pertences – latrocínio). Quem está certo?

Prezada Nelma, você é que está com a razão. Basta comparar estas três versões: (1) “Matar o **vigia** da **loja** para assaltá-**la**” (assaltar **a loja**), (2) “Matar o **vigia** da **loja** para assaltá-**lo**” (assaltar **o vigia**) e (3) “Matar o **vigia** do **banco** para assaltá-**lo**” (ambígua; o pronome pode referir-se tanto a vigia quanto a banco).

casar, casar-se

A leitora Natália, de São Paulo, quer saber se a forma correta é “Ela **casou** com o homem” ou “Ela **se casou** com o homem”. Acrescenta: “Procurei e encontrei as duas formas. É isso mesmo?”.

Sim, minha cara Natália, são frases do mesmo tipo de “ele **sentou** na cadeira” e “ele **se sentou** na cadeira”. **Sentar** e **casar** são verbos que podem (ou não) ser usados pronominalmente, sem que esse pronome tenha função sintática (é chamado, por isso, de **partícula expletiva**).

nesta

Valene O. quer esclarecer uma dúvida que surgiu em sua empresa: quando

escrevemos, no endereçamento de uma carta comercial, "À Empresa X. **Nesta**.", a palavra **nesta** significa "nesta empresa" ou "nesta correspondência"?

Prezada Valene, **nesta**, em correspondência, significa "Nesta Cidade". Quando queremos nos referir a um âmbito mais limitado, temos de especificar: "Nesta Universidade", "Nesta Administração", etc.

cabe a **mim** tomar

Uma leitora com o apelido eletrônico de "veduchovny" diz que ficou angustiada ao ouvir seu professor dizer "Cabe a **mim** tomar uma atitude". Ela pergunta: nesse caso, **mim** toma atitude ou não toma?

Prezada Veduchovny, a frase "Cabe **a mim** tomar uma atitude" está correta. Note que ela poderia ser invertida: "Tomar uma atitude cabe **a mim**", ou "**A mim**, cabe tomar uma atitude". Isso demonstra que aquele pronome **mim** não é o sujeito do verbo **tomar** e não deve, por isso, ser substituído por **eu**.

mo, **lho**

Josiane, uma leitora de Girona, na Espanha, quer saber se podemos substituir, ao mesmo tempo, dois objetos por pronomes oblíquos, à semelhança do que é comum no Espanhol: "Ele deu **o livro a Joana**", em castelhano, seria "Él **se lo** dio". E no Brasil? "Ele **lhe** deu o livro"?

Minha cara Josiane, o Português tinha uma forma de unir os dois pronomes oblíquos que os autores mais conservadores usaram na literatura até meados do século XX: "Eu entreguei o livro a João = eu **lho** entreguei". "Deram-me a notícia = Deram-**ma**". Hoje esse processo está morto, mas você pode encontrar

referência a ele nas gramáticas. Sua frase “ele deu o livro a Joana” ficaria “ele **lho** deu” (**lhe**, substituindo **Joana** + **o**, representando **o livro**); hoje, no entanto, só admitiríamos a forma que você mesma propôs: “Ele **lhe** deu o livro”, ou “Ele **o** deu **a ela**”.

pronomes adjetivos e substantivos

Ana Rosa C., de Taubaté (SP), pergunta por que somente os pronomes **adjetivos**, e não os pronomes **substantivos**, podem exercer a função de **adjuntos adnominais**.

Prezada Ana Rosa, não é bem assim como você sugere. Os **pronomes substantivos**, por definição, são aqueles que ocupam a posição de **núcleo** do sintagma, enquanto os **pronomes adjetivos** ficam na posição **periférica**. Um bom lugar para verificar isso é na lista de pronomes demonstrativos: em “**esta** casa”, “**aquela** rua”, a posição dos pronomes adjetivos **esta** e **aquela** contrasta com a dos pronomes substantivos **aquilo** e **isso** em “estranhei **aquilo**”, “**isso** dói”. Nas frases citadas, **esta** e **aquela** são **adjuntos adnominais**, enquanto **aquilo** e **isso** são **objeto direto** e **sujeito**, respectivamente.

No entanto, nada impede que **aquilo** e **isso**, por exemplo, venham a desempenhar a função de adjunto adnominal, como em “o cheiro **daquilo**”, “o preço **disso**”.

3. Regência verbal

Quando entramos em contato com o Latim, nossa língua-mãe, nosso primeiro espanto é ver que a ordem dos elementos na frase é completamente livre, uma vez que as palavras têm terminações diferentes para indicar se estão funcionando como **objeto direto**, **objeto indireto** ou **adjunto adverbial**. O **sujeito**, por exemplo, vai ter uma terminação característica que permite que eu o identifique onde quer que ele esteja – no início, no meio ou no fim da frase. Esse seria um ótimo sistema, se não sobrecarregasse o falante com a gigantesca quantidade de dados morfológicos que ele precisa armazenar. Enquanto nós, brasileiros, precisamos guardar apenas **quatro** formas para **aluno** (singular e plural, masculino e feminino), no Latim devemos estocar na memória quase **vinte** (uma para quando ele for o sujeito, outra para quando ele for o objeto direto, outra para quando ele funcionar como vocativo, e assim por diante – um conjunto completo para o masculino singular, outro para o masculino plural, outro para o feminino singular, outro para o feminino plural). Não é de admirar que a maioria das línguas modernas tenha abandonado esse modelo.

No Português e nas demais línguas latinas existe uma ordem na frase que pode ser considerada **normal**: começamos pelo **sujeito**, acrescentamos o **verbo** e depois, se houver, o **complemento**. Embora haja verbos que **não** precisam de complemento, os famosos verbos **intransitivos** ("Nós voltaremos", "O bebê adormeceu", "Injeção dói"), há verbos que precisam de um complemento que integre o seu significado. Esses são os não menos famosos verbos **transitivos** ("Nós perdemos **a paciência**", "Ele precisa **de tempo**", "Quem abriu **a gaveta**?"); a relação dos transitivos com o seu complemento é o que chamamos habitualmente de **regência**.

De um lado, temos os **transitivos indiretos**, que se ligam a seu complemento (o **objeto indireto**) por meio de uma preposição obrigatória – geralmente **a**, **com**, **de**, **em** e **por**: "Concordo **com todas as cláusulas**", "Obedeça **ao meu comando**", "Desconfiamos **de tanta generosidade**", "Ela confia **naquele trapaceiro**".

Do outro, temos os **transitivos diretos**, que se ligam a um complemento que **não** inicia por preposição, chamado **objeto direto**: "Esperamos **mais eleitores**", "Ela perdeu **duas notas de R$50,00**", "As águas cobriram **metade da cidade**". Os transitivos diretos, além disso, têm uma característica única, que pode ser usada para identificá-los: ao contrário dos demais verbos, estes podem passar para a **voz passiva**: "Metade da cidade **foi coberta** pelas águas", "Duas notas de R$50,00 **foram perdidas** por ela". Se você tentar fazer o mesmo com transitivos

indiretos, como “Eu me preocupo **com os pobres**” ou “Ela desconfia **de todos os seus colegas**”, vai perceber que é simplesmente impossível.

Normalmente, você sabe se a regência dos verbos que costuma usar é **direta** ou **indireta**; em alguns casos, no entanto, a hesitação é inevitável: o nome **consta na** lista ou **da** lista? Ele assistiu **o** filme ou **ao** filme? Nós presidimos **o** encontro ou **ao** encontro? Ele não lembra **o** nome ou **do** nome? No fundo, não chega a fazer diferença a maneira como você soluciona esses pequeninos dilemas na **fala** de todos os dias; na **escrita**, no entanto, há uma série de cuidados que deverá observar se você é um daqueles que, como eu, sente-se mais confortável agindo conforme aquela etiqueta que chamamos de **norma culta**.

doa **a** quem doer

> Um leitor pergunta se o apresentador Bóris Casoy não deveria dizer “doa **EM** quem doer”; o Professor explica que não.

*Caro Professor, uma dúvida: por que o “doa **a** quem doer”, como diz o irado Bóris Casoy, não é “doa **em** quem doer”? Afinal, o que dói, dói **em** alguém, e não **a** alguém, não é? Obrigado.*

Tagore

Meu caro Tagore, eu sempre usei e vi “doa **a** quem doer”. Todavia, como você levantou a dúvida, fui pesquisar no ***Google*** (ele pode não ser científico, mas fornece dados que não são de desprezar) e obtive o seguinte (e surpreendente) resultado: aproximadamente 5.700 ocorrências de “doa **a** quem doer” contra apenas míseras 100 ocorrências de “doa **em** quem doer”. Acho que não há dúvida sobre qual delas nós devemos usar; no entanto, isso não pode ser apenas uma questão de estatística. Quem trabalha no ramo, sabe: se a diferença entre as duas opções é tão grande, deve estar atuando aí algum princípio do idioma, acima das opiniões individuais. Basta procurar, e vamos encontrar a explicação.

No seu caso, a resposta é muito simples: esta é uma expressão muito antiga, e o verbo **doer**, como você deve saber, sempre admitiu a preposição “**A**”. Você deve conhecer construções como “doeu-**me** ter de fazer isso”, “dói-**lhe** a visão da

pobreza", etc. – e aí, como podemos ver, o que dói, dói "**A**" alguém. Só muito modernamente começamos a usar (em pouquíssimos casos, aliás) a preposição "**EM**" – até porque, na maioria das frases, usamos **doer** como intransitivo: "meu braço está doendo", "quando a luz aumenta, o olho dói". É um bom exemplo para nos lembrar, Tagore, que nunca – mas nunca, mesmo – vamos descobrir "erros" dentro do que a tradição linguística, inclusive os bons escritores, vem usando há vários séculos. Podemos adotar formas mais modernas, mas não tentar "corrigir" o que nunca esteve errado.

pisar **na** grama

> "**Não pise na grama**", diz a tabuleta espalhada pelas praças e pelos parques. É assim mesmo que se deve escrever?

*Professor, tenho uma dúvida cruel; o senhor poderia saná-la? O correto é "não pise **NA** grama" ou "não pise **À** grama"? Muito obrigado pela atenção.*

Marco Alberto G. – Rio Grande (RS)

Meu caro Marco, eu uso "não **pise na** grama"; alguns professores caturras insistem em dizer que o verbo **pisar** é transitivo direto, e o correto seria "não **pise a** grama" (nesse caso, seria sem acento de crase, Marco). Eles estão tentando apenas paralisar a língua na sua evolução. Há mais de cinquenta anos que o uso estabeleceu que também se pode pisar **no tapete**, **na linha amarela**, **no chão de minha terra**. Seria completamente lunático defender, como única forma aceitável, **pisar o tapete**, **a linha amarela** ou **o chão de minha terra**.

Celso Pedro Luft, em seu ***Dicionário Prático de Regência Verbal*** (Ed. Ática), diz que é normal usar esse **pisar em X** em vez do primitivo **pisar X**, e já era prática comum em autores como Gregório de Matos, Camilo, Castilho, Machado ("por saber **em que** terreno pisa"), Vieira ("pisamos **nessas** sepulturas). Em expressões como **pisar em ovos** ("andar de mansinho, agir com cuidado") ou **pisar nos calos** ("atingir o ponto sensível de alguém"), já nem conseguimos imaginar a construção sem a preposição. Como sempre acontece nesses casos, as duas regências (ambas estão corretas) entram em competição, e o tempo vai

dizer qual das duas prevalecerá. Eu não tenho a menor dúvida de que a regência deste verbo está sendo trocada.

preposições juntas

Um leitor estranhou a combinação de duas preposições na frase "chutou **por sobre** o gol"; veja como isso não é tão raro assim.

*Caro Prof. Moreno, outro dia, enquanto assistia a um programa esportivo na televisão, ouvi o narrador dizer "ele chutou **por sobre** o gol". Eu gostaria de uma explicação sobre essa expressão, que julgo estar incorreta. É permitido o uso de **duas preposições juntas**? O que fez aumentar minha dúvida foi o fato de ter encontrado o mesmo "**por sobre**" em alguns poemas de autores respeitáveis. Obrigado pela atenção.*

Rafael K. – Miranda (MS)

Meu caro Rafael: não consigo alcançar o motivo por que essa combinação parece incorreta a você; será que alguém andou ensinando por aí que não podem existir duas preposições juntas? Se o fez, fez muito mal, porque esses encontros de preposições, embora restritos a alguns poucos casos, têm muita utilidade e já foram usados por muitos escritores clássicos.

Euclides da Cunha, por exemplo, fala das nuvens que passam "**por sobre** os chapadões desnudos", do valente sertanejo que, "saltando **por sobre** o cadáver da irmã, arroja-se contra o círculo assaltante", do combatente que "distribuía, jogando-os **por sobre** a cerca, cartuchos". **Machado** usa, mas pouco. Em Portugal, **Camilo** também usou: Simão, personagem do ***Amor de Perdição***, consegue "saltar ao campo **por sobre** a pedra dum agueiro"; **Eça de Queirós** descreve o som mole de chinelos que se aproximam "**por sobre** o tapete", fala do canto dos muezins "**por sobre** os terraços adormecidos da muçulmana Alexandria" e se encanta com o sol, que, "sereno como um herói que envelhece, descia para o mar **por sobre** as palmeiras de Betânia".

Se **por sobre** é moeda corrente, não é de estranhar que **por sob** também o seja; o desastrado Teodorico, em ***A Relíquia***, do mesmo Eça, consegue comover a sua odiosa titia: "E pela vez primeira, depois de cinquenta anos de aridez, uma

lágrima breve escorregou no carão da Titi, **por sob** os seus óculos sombrios". O nosso Alencar também usa: "O destemido escudeiro, sem se importar com os outros, mergulhou **por sob** as árvores e apresentou-se arrogante em face do tigre". Friso que não sou daqueles que só aceitam a autoridade dos autores tradicionais e consagrados; estou apresentando esses exemplos para você ver que há muito tempo essas combinações já eram usadas por pessoas que escreviam muito bem.

Posso mencionar ainda **por entre**, **dentre** (de+entre) e **para com**, bastante comuns na escrita culta. Mais interessante ainda é a combinação de **até + a**, uma locução prepositiva usada com a intenção de aclarar o sentido da frase. O vocábulo **até** é um conhecido causador de ambiguidades, já que pode ser entendido ora como **preposição** (o ônibus vai **até** São Paulo; ele chegou **até** o topo do monte), ora como **partícula de inclusão** (todos foram convidados, **até** eu; o cabrito comia de tudo, **até** latas e garrafas plásticas). Em frases como "o incêndio na plantação queimou tudo, **até** o portão", abre-se a possibilidade de dupla interpretação: o fogo chegou até o portão, e aí parou (o **até** é visto como **preposição**), ou o fogo queimou tudo, **inclusive** o portão? Por esse motivo, costuma-se reforçar a preposição **até** com a preposição **a**: "o fogo queimou tudo, **até ao** portão"; dessa forma, fica eliminada a leitura do **até** como **inclusive**.

É claro que o uso desse reforço é **opcional**; lembro apenas que, ao ser usado, pode acontecer um encontro desse **A** com o artigo feminino, produzindo-se o nosso velho fenômeno da crase: "O incêndio na plantação queimou tudo, até **à** cerca", "pintei a sala toda de branco, até **à** porta", "vou amar até **à** morte".

Para concluir, deixo-lhe um exemplo de como a combinação das preposições e a preposição isolada não têm o mesmo valor: compare "O gato pulou **sobre** a mesa" com "O gato pulou **por sobre** a mesa", "Atirei o livro **sobre** a mesa" com "Atirei o livro **por sobre** a mesa". O significado é completamente diferente.

preposições nos sobrenomes

José Silva ou **José da Silva**? Existe alguma regra para o emprego das preposições nos sobrenomes?

Caro Professor, minha dúvida é sobre o emprego de ***preposição*** *e* ***conjunção*** *nos nomes e sobrenomes. Observo que os nomes das famílias* ***Silva*** *e* ***Santos*** *estão sempre acompanhados de preposição (****da*** *Silva,* ***dos*** *Santos). Examinando os exemplos (1)* ***José Luís da Silva Lima****, (2)* ***José Luís Lima da Silva****, (3)* ***Pedro dos Santos Alencar*** *e (4)* ***Pedro Alencar dos Santos****, entendo que a preposição deveria ficar entre o prenome e o nome de família, conforme exemplos (1) e (3). Nos exemplos (2) e (4), caberia o uso da conjunção* ***E****, ou seja, José Luís de Lima e Silva e Pedro de Alencar e Santos.*

Rita – Teresina (PI)

Minha cara Rita, presumo que você não tenha formação acadêmica em Letras, ou não escreveria “entendo que a preposição **deveria**...”. A ninguém – nem a você, nem a mim, nem ao Papa – é dado o direito de entender “como deveria” se comportar a língua. Ela é o que é; nós só podemos nos esforçar para tentar compreendê-la, formulando, a partir dessa observação, as regularidades e os padrões que conseguirmos enxergar.

Não existe um padrão “linguístico” para a utilização das preposições com os sobrenomes; as pesquisas que se fizeram sobre o assunto terminaram batendo em preconceitos e crenças que datam do tempo em que os nobres faziam questão de usar o “**de**”, por exemplo, como um símbolo aristocrático. Conheço um **Filipe Oliveira** e um **Filipe de Oliveira**;um **Rafael dos Santos Silva** e um **Rafael Santos da Silva**; nas minhas listas de chamada, já encontrei **Paulo de Sousa Santos**, **Paulo Sousa Santos** e **Paulo Sousa dos Santos**. Se você descobriu alguma regra sobre isso, em algum livro, pode ter certeza de que ele não vale o dinheiro que você pagou por ele.

suicidar-se

> Se **suicídio** já quer dizer “matar a si mesmo”, não é uma redundância dizer que ele **se suicidou**? E se eu não posso **suicidar-te**, por que preciso dizer **suicidar-me**?

Caro Professor, sabemos que ***suicídio*** *é o ato de* ***matar-se****;* ***suicidar-se*** *é acabar com a própria vida. Para se evitar uma redundância, qual das expressões*

*deveríamos usar: "**o homem se suicidou**", "**o homem suicidou-se**" ou "**o homem cometeu suicídio**"? Todas estariam corretas? E mais uma coisinha: por que eu preciso dizer **suicidar-me**, se eu não posso **suicidar-te**?.*

Paulo T. – Salvador (BA)

Em primeiro lugar, Paulo, **todas** estão corretas. "O homem **suicidou-se**" e "o homem **se suicidou**" diferem apenas na preferência por usar o pronome **antes** ou **depois** do verbo, mas, no fundo, tanto faz dar na cabeça como na cabeça dar. "Ele **cometeu suicídio**" também é bom Português.

Em segundo lugar, o uso desse "**se**" não é uma redundância, como pode parecer. É verdade que o verbo **suicidar-se** nasceu no Latim como um composto de ***sui***, "a si mesmo", seguido do elemento ***cida***, "o que mata"; portanto, teoricamente, não precisaria daquele "**se**". No entanto, caro leitor, temos no Português um grupo de verbos que **sempre** são conjugados com o pronome ligado a eles; são, por esse motivo, denominados de **verbos pronominais**. Este pronome, que aparece em todas as pessoas do singular e do plural, é quase **vazio** semanticamente (isto é, não tem o seu significado nem o seu valor sintático usuais). Um bom exemplo é **orgulhar-se** (eu **me** orgulho, tu **te** orgulhas, ele/você **se** orgulha, nós **nos** orgulhamos, vós **vos** orgulhais, eles/vocês **se** orgulham). Jamais aceitaríamos "*eu orgulho", até mesmo porque esse verbo nunca será transitivo (eu não posso **orgulhar alguém**; só posso **me orgulhar de alguém**). É exatamente o caso do **suicidar-se.**

O ato de tirar a própria vida, contudo, é tão chocante que o povo cerca este verbo, às vezes, com tudo o que consegue enfiar na frase, a fim de frisar que a pessoa não foi morta, mas se matou. Não se surpreenda se ouvir, alguma vez, no calor do relato, um "***Ele se suicidou-se a si mesmo**" – ao que só faltaria acrescentar, para o circo ficar completo, "tirando a vida com as próprias mãos". É pleonasmo? É redundância? No uso consciente, caprichado do Português, claro que é. Na força da expressão, contudo, eu garanto que essa repetição deve ter lá as suas razões. Não esqueça: não podemos aplicar princípios da lógica quotidiana a algo muito maior do que ela, que é uma língua natural, como o Português.

onde e **aonde**

> Durante séculos, **onde** e **aonde** foram usados indistintamente, mas há quem defenda uma divisão nítida entre seus territórios.

*Prezado Prof. Moreno, existe algum uso específico para **aonde** e **onde**?*

Diego R. C. – Canoas (RS)

Meu caro Diego, como meu coração balança entre duas respostas quase antagônicas, vou lhe apresentar ambas, esclarecendo qual o alcance de uma e de outra.

(1) **QUANDO FALA A ETIQUETA** – **Sim**, existe uso específico para os dois termos. **Aonde** é a soma de dois vocábulos, a preposição **A** + o advérbio **ONDE**. Ora, a presença dessa preposição restringe o emprego de **aonde** àqueles **verbos de movimento** que naturalmente exigem essa preposição: **dirigir-se A**, **ir A**, **chegar A**, etc. "**Aonde** te **diriges**? **Aonde vais**? **Aonde chegou** a violência urbana". Usar **aonde** com verbos que não exijam o "**A**" é considerado **erro** de regência. Nas seguintes frases, o **aonde** está errado e deveria ser substituído pela forma simples **onde**: "***Aonde está** minha camisa?"; "***Aonde ficou** o cachorro?". "*Encontrei a Fulana. É? **Aonde**?". Por outro lado, nada impede que utilizemos **onde** como forma genérica, válida mesmo nos casos em que se pode usar **aonde**: "**Onde** foste ontem?"; "**Onde** vais?".

(2) **QUANDO FALA A CIÊNCIA** – **Não**, não existe diferença no uso desses vocábulos. Os próprios escritores clássicos da língua portuguesa, em que nossa gramática tradicional baseia a maior parte das regras que formula, usam indiferentemente **onde** e **aonde**. No século XVI, Camões encabeça a lista, ao escrever, nos **Lusíadas**:

> Dali pera Mombaça logo parte,
> **Aonde** as naus **estavam** temerosas. (Canto II)
> Viram todos o rosto **aonde havia**
> A causa principal do rebuliço:
> Eis entra um cavaleiro, que trazia
> Armas, cavalo, ao bélico serviço; (Canto VI)

No século XVI, é **Vieira** quem vem trazer sua contribuição:

"Não navegaram só o mar Índico ou Eritreu, que é um seio ou braço do Oceano, mas domaram o mesmo Oceano na sua maior largueza e profundidade, **aonde** ele é mais bravo e mais pujante, mais poderoso e mais indômito".

"Aqui, Senhor! Pois **aonde estou** eu? Não estou metido em uma cova? Não estou retirado do Mundo?"

Você quer exemplos do século XVIII? Nossos poetas do Arcadismo fornecem quantos você quiser. **Tomás Antônio Gonzaga**, na Lira V da **Marília de Dirceu**, escreve as mimosas estrofes abaixo:

Acaso são estes
Os sítios formosos
Aonde passava
Os anos gostosos?
São estes os prados,

Aonde brincava
Enquanto passava
O gordo rebanho,
Que Alceu me deixou?
São estes os sítios?

Seu infortunado companheiro de Inconfidência, **Cláudio Manuel da Costa**, vai mais longe: com aquela sensibilidade especial que os verdadeiros poetas têm para a língua, acabou fornecendo um notável exemplo em que a alternância de **onde** e **aonde** sugere que a escolha entre as duas formas obedece, na verdade, a um padrão **sonoro** (e não **sintático**). Um dos sonetos à sua amada Nise começa assim:

Nise? Nise? **Onde** estás? **Aonde** espera
Achar-te uma alma que por ti suspira,
Se quanto a vista se dilata, e gira,
Tanto mais de encontrar-te desespera!

E termina com o seguinte terceto:

Nem ao menos o eco me responde!
Ah! Como é certa a minha desventura!
Nise? Nise? **Onde** estás? **Aonde**? **Aonde**?

No século XIX – para ficar nos clássicos –, Garrett, Eça de Queirós, Castro Alves, Álvares de Azevedo usam **aonde** nas construções em que os gramáticos prescritivistas hoje recomendam **onde**. Machado de Assis, é verdade, já parece observar a atual distinção, embora se encontre, aqui e ali, a mesma prática de seus antecessores:

"Clarinha estremeceu, e deixou-se ficar **aonde** estava."

“Mas ao passar pela Rua do Conde lembrou-se que Madalena lhe dissera morar ali; mas **aonde**?”

Caldas Aulete declara, muito simplesmente, que “os clássicos e o povo não distinguem **onde** de **aonde**”. Mestre Aurélio abre uma extensa explicação no verbete **aonde**, no qual conclui que os melhores autores, dos mais antigos aos mais modernos, não fazem distinção entre as duas formas. Houaiss registra que “é corrente, na linguagem informal, o emprego de **aonde** em vez de **onde**, uso encontrado também em escritores clássicos”. Como são bons dicionaristas, não podiam negar a autoridade de todos aqueles escritores que sempre usaram como exemplo.

(3) **E NÓS, COMO FICAMOS?** – Olhe, Diego, fica evidente que os autores prescritivistas estão defendendo a existência de um padrão onde não havia nenhum; essa distinção rigorosa entre **onde** e **aonde** é coisa recente, de cinquenta anos para cá (para uma língua humana, que vive milênios, isso não passa de um quarto de hora). Só o tempo vai dizer se ela está motivada por uma necessidade de criar uma distinção realmente útil, ou se ela nasce daquela sanha repressiva que caracteriza muita regrinha tola e sem ciência que anda por aí. O diabo, Diego, é o que devemos fazer enquanto as coisas não ficam bem definidas; o conselho que lhe dou é o mesmo que já dei em situações similares: siga a posição (1), que vai deixar as suas frases vestidinhas de acordo com a norma gramatical da moda, mas respeite a posição (2), que descreve o que realmente acontece. Você sabe como é: uma coisa é como as pessoas se vestem, outra é como elas deveriam se vestir. Você não acredita em convenções? Então, vá a um casamento vestido do jeito que preferir. Agora, você tem uma certa preocupação com a opinião dos outros? Então é bom botar uma gravatinha (e ficar invejando o primo que foi de jeans e camisa polo). Assim é com a linguagem. Escolha, e aguente.

P.S.: Quer saber como eu faço? Não uso nunca o **aonde**.

implicar

> “A crise do petróleo vai implicar **em** aumento nos preços.” – Veja por que esta frase é condenada pela norma culta.

*Prezado Professor, aprendi que o verbo **implicar** no sentido de "trazer como consequência, acarretar", é verbo transitivo **direto**: "A assinatura do presente contrato **implica a aceitação** de todas as suas cláusulas". No entanto, em "A energia está associada a diferentes processos, o que implica **que** a natureza das partículas subatômicas seja intrinsecamente dinâmica", este "que" grifado não está contrariando aquela regra gramatical?*

Evilásio A. – Anápolis (GO)

Meu caro Evilásio, o verbo **implicar**, como você corretamente afirmou, é transitivo **direto**, ou seja, como ensinava a minha saudosa professora da 5a série, "o que implica, implica **alguma coisa**". Isso significa que devemos evitar, na forma culta, a regência indireta, com preposição **em**, muito usada na fala descontraída – "*desistir agora implica **em** perder tudo", "*a assinatura do contrato implica **na** aceitação de todas as suas cláusulas". Essa preposição **em** só vai aparecer quando usarmos o verbo no sentido especial de "envolver alguém em ato ilícito": "No seu depoimento à CPI, ele **implicou** o deputado **no** escândalo do Mensalão".

Ora, nos dois exemplos que você apresenta – "o contrato implica **a** aceitação" e "implica **que** a natureza..." –, o verbo está competentemente acompanhado de seus objetos diretos. Em "o que implica **que a natureza das partículas subatômicas seja intrinsecamente dinâmica**", a oração grifada, como você bem sabe, é apenas uma oração subordinada substantiva **objetiva direta**. Como vê, são exemplos idênticos da mesma regra.

chegar em?

*Um leitor anônimo (custava assinar?) desconfia da resposta fornecida pela banca de um concurso vestibular: "Segundo o examinador, na frase **O noivo chegou atrasado na igreja** houve uma transgressão da norma culta. Gostaria que você apontasse o erro, se houver!".*

Meu caro Anônimo, na norma culta, no Português escrito, os verbos de **movimento** – especialmente **ir** e **chegar** – regem a preposição **A**: quem chega,

chega **A** (e não **EM**). De acordo com esse princípio, portanto, a forma "correta" da frase seria "O noivo chegou atrasado **À igreja**", com acento de crase e tudo. É evidente que a fala (tanto a popular quanto a culta) está trocando essa preposição por **em**, mas é um uso ainda condenado em exames e concursos.

assistir

Vera Santos Bonfim, da Bahia (com esse nome, só pode ser de Salvador...), pergunta: "Devemos usar o verbo ***assistir*** *(sentido de 'atender') seguido de* ***ao*** *ou de* ***o****? É assistir* ***AO*** *trabalhador ou assistir O trabalhador?".*

Prezada Vera Lúcia, se entendi bem, você está falando de **prestar assistência ao trabalhador**, não é? Nesse caso, embora os dicionários digam que podemos optar entre a regência direta e a indireta, a tendência majoritária na língua culta é deixar o verbo **assistir** como transitivo **direto**, isto é, **sem** a preposição: "O Estado deve **assistir o trabalhador**", "devemos **assisti-lo**", "ele deve **ser assistido** pelo Estado" (note que, aqui, a possibilidade de usá-lo na voz passiva confirma que ele é transitivo direto).

Este mesmo verbo, quando usado com o sentido de "ver, presenciar", tem regência **indireta** no Português culto formal: "Nós assistimos **à peça**", "Eu não assisti **ao jogo**". Com base nisso, muitos autores tradicionais não aceitam que, nesses casos, o verbo seja levado para a **passiva** (que, como você sabe, é uma característica exclusiva dos transitivos **diretos**): "*O jogo **foi assistido** por cem mil espectadores" seria uma versão inaceitável de "Cem mil espectadores assistiram ao jogo".

Somos obrigados a reconhecer, no entanto, que vem ocorrendo, na prática dos escritores modernos, um abandono progressivo dessa regência **indireta**, sinalizando a clara tendência desse verbo tornar-se exclusivamente transitivo **direto**; em pouco tempo, os gramáticos serão obrigados a admitir como aceitáveis frases que hoje eles ainda condenam, como "Vou assistir o jogo", "As peças que assisti", "Qualquer espetáculo que você assista", "Vamos assistir a sessão", etc. O fato desta tendência já vir assinalada no dicionário do Houaiss, por exemplo, só vem confirmar minha suposição.

alguém que **lhe queira**

Marcelo, de São Paulo, estranhou o trecho “assim ela já vai, achar um cara que ***lhe queira****, como você não quis...”, na música* **Acima do Sol***, do grupo mineiro Skank. “O Skank é um grupo que costuma ser gramaticalmente correto, mas aqui não deveria ser ‘um cara que* ***a queira****’?”*

Meu caro Marcelo, o Skank é bom de letra mesmo! O verbo **querer** normalmente é transitivo direto: “eu quero **o** contrato, **quero-o**”. No entanto, quando tem o significado de **gostar de alguém**, como é o caso desta música, passa a ser **transitivo indireto**: “eu quero muito **ao** meu filho, **quero-lhe** muito”.

atender

*Antônio José S., de Guaratinguetá (SP), leu, num artigo escrito por mim, a frase “****atende as necessidades*** *básicas do decoro”. Curioso, pergunta: “****Atender*** *não é um verbo transitivo* ***indireto****? Assim, você não deveria ter escrito ‘atende* ***às*** *necessidades básicas do decoro?’.”*

Meu caro Antônio José, o ***Dicionário de Regência Verbal*** de Celso Pedro Luft, mestre de todos nós, coloca **atender** como indiferentemente transitivo **direto** ou **indireto**, com acentuadíssima tendência a ficar exclusivamente **direto**. Afinal, ele é um verbo que pode ser passado para a voz passiva (“as necessidades **foram atendidas**”) – e, como você deve saber, só os transitivos diretos têm o privilégio de apresentar passiva. Em outras palavras: você está certo, eu estou certo – mas prefiro a minha versão.

dignar-se de

Há muitos verbos que vêm mudando sua regência ao longo da história de nossa língua; **dignar-se** é um deles.

*Prezado Professor, gostaria de saber se está correta a preposição empregada na frase "Ante o exposto, requer se digne Vossa Excelência **em** receber os presentes embargos".*

João Alcides – Advogado

Meu caro João, a sintaxe culta manda escrever "requer se digne Vossa Excelência **de** receber os presentes embargos"; admite-se, também, a supressão da preposição: "requer se digne Vossa Excelência receber os presentes embargos", embora a primeira forma seja a preferida pelos autores tradicionais (especialmente os que se ligam ao meio jurídico).

Na fala culta, porém, o verbo vai pouco a pouco trocando a sua preposição para "**A**": "Não se dignou **a** recebê-los" – fato que, mais cedo ou mais tarde, modificará também a regência deste verbo no Português escrito. O "dignar-se **em**" é que não tem defensores. Por isso, faça como eu faço: quando escrevo textos formais, uso "dignar-se **de**"; quando falo, uso "dignar-se **a**". Afinal, quando vou a um banquete oficial (em sonhos...), uso os talheres de um jeito; em casa, mudo um pouquinho o estilo – como qualquer ser humano normal.

Curtas

produzido **com** plástico

Alfredo K., de Gravataí (RS), esbarrou numa dúvida na hora de decidir os dizeres de uma embalagem para um acessório de banheiro: "Produzido **em**, **com** ou **de** plásticos de engenharia"? "Pelo que verifiquei na gramática de Evanildo Bechara

e mesmo no ***Houaiss***, parece-me que a preposição **de** seria a mais adequada".

Prezado Alfredo, sinto dizer que você errou os dois pregos e bateu bem na tábua: **de** seria exatamente a preposição que eu não usaria com o verbo **produzir** (se fosse "**feito de** plástico", seriam outros quinhentos). "Produzido **com**" é a preferível; "produzido **em**" também pode ser usado, mas tem críticos ferozes, que consideram essa expressão um galicismo.

constar em

Andrea Teixeira gostaria de saber se o uso da preposição **de** está correto em expressões como "**consta da** norma" ou "**tenho de** ir". "Não deveria ser **consta na** e **tenho que**, respectivamente?"

Prezada Andrea, pelo Português culto formal, devemos usar **constar em** quando nos referirmos à ocorrência de alguma coisa em determinado lugar: "meu nome consta **na lista**"; "o detalhe não constava **no** edital". **Constar de** é outra coisa: significa "ser composto de" – "O cardápio consta **de** entrada, prato principal e sobremesa".

Quanto ao verbo **ter** com o sentido de "dever", a norma culta escrita, bem formal, prefere a preposição **de**: "Nós temos **de** fazer", "Vocês têm **de** entender", e assim por diante.

obedecer-lhe

Eduardo B., de São Paulo, gostaria de tirar a seguinte dúvida: "Quando falo com um amigo, está correto dizer "eu **te** obedeço"; agora, como devo falar a meu diretor? "Eu **lhe** obedeço" ou "Eu obedeço **ao Sr**."?

Prezado Eduardo, você pode usar “Eu **lhe** obedeço” com seu chefe; esta é a forma correta da 3a pessoa, uma vez que o verbo **obedecer** é transitivo **indireto**. No entanto, se quiser ser mais formal, você pode usar, em vez do pronome oblíquo, qualquer uma das várias formas de tratamento para a 3a: “Eu obedeço **ao senhor**”, “obedeço **a V. Senhoria**”, “obedeço **a V. Majestade**”. Fica ao gosto do freguês.

proceder a

Silmara, de Santo André (SP), tem dúvidas quanto à regência do verbo **proceder**. O certo é “proceder **o** integral cumprimento da obrigação” ou “proceder **ao** integral cumprimento da obrigação?”

Prezada Silmara, “vamos proceder **ao** sorteio”, “vamos proceder **à** escolha” – é transitivo **indireto**, sempre com a preposição “**A**”.

dentre?

A leitora Angélica ficou intrigada com a palavra **dentre**, e quer saber se ela existe e onde se aplica.

Minha cara Angélica, não é tão raro assim, esse **dentre**. É a forma combinada de duas preposições, **de** e **entre**. Vieira cita vários exemplos da Bíblia: “Escolheu **dentre** eles doze, que chamou apóstolos” (Lc. 6,13); “Cinco **dentre** elas eram loucas, e cinco prudentes” (Mt. 25,2);”Sairão os anjos, e separarão os maus **dentre** os justos” (Mt. 13,49).

parabenizá-lo?

A colega Sandra N., professora de Português de Toledo (PR), gostaria de saber se usamos o pronome **lhe** com o verbo **parabenizar**, já que, segundo Houaiss, damos parabéns **A** alguém. Pergunta: "Isso o torna verbo transitivo indireto, cujo pronome deve ser o **lhe**?".

Minha cara Sandra, dê uma lida mais demorada no ***Houaiss***, e você vai ver que ele classifica **parabenizar** como **transitivo direto**. Aliás, assim são os exemplos que ele dá: "parabenizar **O** patrão", "parabenizar **O** Instituto de Filologia". Não podemos "desenvolver" a regência deste verbo com base em **dar parabéns A**, como você fez, porque essa é a regência do verbo **dar** (quem dá, dá **alguma coisa** [parabéns] A **alguém**). Portanto, queremos **parabenizá-lo**. Note que ele é tão transitivo direto que até admite a transformação passiva ("Ele foi parabenizado pelos colegas e amigos").

duplo objeto indireto

O leitor Paulo gostaria de saber se a frase "Falaram de vocês ao diretor" está de acordo com a norma culta e se podemos afirmar que "de vocês" e "ao diretor" são **objetos indiretos**.

Meu caro Paulo, sim, são dois objetos indiretos. Isso não é tão raro quanto possa parecer: concordar **com** alguém **a respeito de** algo, conversar **com** alguém **sobre** algo, perguntar **A** alguém **por** outra pessoa, orar **a** alguém **por** alguma coisa ou alguma pessoa, falar **de** alguém ou alguma coisa **a** outra pessoa, etc. – todos eles exemplos da gramática de Celso Pedro Luft.

gostar que

Gastón Gutiérrez, de Buenos Aires, estudante de Português, pergunta: “Sempre me disseram que o verbo **gostar** é sempre gostar **de**. Mas outro dia um colega disse que gostar **que** é aceito e, nesse caso, não precisa o uso da preposição. Ele tem razão?”.

Prezado Gastón, mesmo os verbos transitivos indiretos (gostar **de**, precisar **de**, etc.) costumam perder a preposição quando seguidos de uma **oração substantiva objetiva indireta**: compare “eu gosto **de** música”, “eu preciso **de** tempo” com “eu gostaria **que o senhor participasse**”, “eu preciso **que todos colaborem**”. Esta supressão da preposição faz com que a frase soe melhor e deixa-a mais fácil de pronunciar – daí a preferência que conquistou. É claro que não estaria errado “eu gostaria **de que** o senhor participasse”, mas eu particularmente não uso, nem conheço muita gente que o faça. Abraço. Prof. Cláudio Moreno

agradeço **a** Deus

César Marques S. hesita entre “agradeço **à Deus**”, “agradeço **ao Deus**” ou ainda “agradeço **a Deus**”. Conclui: “Penso que a última opção está incorreta, mas encontrei esta forma em dois sites”.

Meu caro César, mas que pontaria! A única forma correta é a terceira, exatamente a que você recusou: “Agradeço **a Deus**”. A primeira está errada porque **Deus** é masculino, e usar acento de crase antes de um substantivo masculino é simplesmente impossível, mesmo se tratando de tão augusto personagem. A segunda está errada porque não usamos artigo definido antes de **Deus**: “confio **em** Deus” (e não “confio **no** Deus”), “O homem põe, Deus dispõe” (e não “O homem põe, **O** Deus dispõe). Haveria, é claro, circunstâncias

em que poderíamos usar **ao Deus**: “Ele se referia **ao Deus** da misericórdia, não **ao Deus** do castigo e da punição” – mas acho que não era isso que você tinha em mente.

deparar é pronominal?

Karina G., do Rio de Janeiro, estranhou a frase: “e **me deparei com** um verdadeiro caos”. No sentido de “afrontar”, não seria errado o emprego do pronome **me** junto ao verbo? Não seria “e **deparei com** um verdadeiro caos”?

Minha prezada Karina, não, não é errado; na verdade, é a regência atual desse verbo. Já se encontra isso em Machado; veja a Clarice Lispector, em exemplo do verbete “deparar”, do ***Aurélio***: “E **deparou-se com** um jovem forte, alto, de grande beleza”. A regência originária deste verbo (deparar alguma coisa a alguém) já não é mais usada; as duas vigentes são **deparar com** ou **deparar-se com** alguma coisa – sempre transitivo indireto, seja pronominal, seja simples.

através de

K. Schmidt, de Ribeirão Preto (SP), sempre ouviu os gramáticos reprovarem o uso da expressão **através de** com o sentido de “por meio de”; porém, Houaiss aceita esse emprego e mostra “educar **através de** exemplos” e “conseguiu o emprego **através de** artifícios”. Ela pergunta: “Está correto, afinal? É mais um caso de expressão genuinamente errada, no entanto aceita em decorrência do disseminado emprego?”.

Minha prezada K., você sempre ouviu os “pequenos” gramáticos dizerem isso. Os grandes não se preocupavam com essas minúcias, que são artificiais e inexpressivas, e que escritores do século XIX (para não citar os modernos), como Euclides e Eça de Queirós, não levavam em consideração. Há muitas "autoridades" por aí, com pouco estudo, que ficam batendo em pequeninas regrinhas que nem o público (e, como você está a ver, nem mesmo os dicionários) observa; o pavor delas é ver chegar o dia em que isso for descoberto; nesse dia, elas ficarão sem ter o que "ensinar", porque não entendem muito além dessas bobagens.

domiciliado **à** rua

Savero S., de Aparecida do Taboado (MS), gostaria de saber se o acento de crase empregado antes de rua está correto na frase "residente e domiciliado **à** rua XV de Novembro".

Meu caro Savero, não se trata de saber se está ou não correto o acento de crase. O problema é outro: a preposição adequada é **em** ou **a**? Para os gramáticos tradicionais, mais rigorosos, o correto é "residente e domiciliado **na** rua XV de Novembro". Eles alegam que, tradicionalmente, os verbos de **quietação** (**morar**, **residir**, **situar-se**, etc.) exigem a preposição **em** – no que têm razão. No entanto, o uso moderno insiste em substituir esse **em** pelo **a**; nesse caso, vão surgir as circunstâncias necessárias para a ocorrência de crase e, consequentemente, o emprego do acento grave: "residente e domiciliado **à** rua XV de Novembro". Eu, particularmente, uso sempre o **em**.

morar **na** rua

A leitora Sunguela escreve do Ceará, perguntando qual é a preposição adequada: "Maria reside **à** ou **na** rua Carlos Silva"?

Minha cara Sunguela, os gramáticos prescritivistas recomendam, por

unanimidade, “residente **na** rua tal, morador **na** rua tal, sito **na** rua tal”. Se você quiser ficar dentro da etiqueta, use assim também. Alguns mal-humorados professores alegam que isso significaria morar “**na**” rua, e na rua ninguém mora, mas sim nos prédios e nas casas. É tolice; embora eu também nada veja de mal em usar a preposição **a**, é a preposição **em** que vem sendo preferida pelos autores clássicos e modernos de nosso idioma.

servir **ao** Senhor

Mariana B., de Piracicaba (SP), diz que sua mãe comprou um pano de secar louça em que estava escrito “Devemos servir **o** Senhor com alegria”. O certo não seria **ao** Senhor?

Minha cara Mariana, o verbo **servir** é transitivo **direto**, isto é, exige um complemente **sem** preposição: “Eu sirvo meu reino”, “Sete anos de pastor Jacó servia Labão, pai de Raquel, serrana bela” (Camões). Contudo, por uma idiossincrasia de nossa língua, os verbos transitivos diretos ganham uma preposição “**A**” quando nos referimos a Deus. Essa preposição é meramente virtual, e o complemento é o esquisitíssimo **objeto direto preposicionado**, do qual você já deve ter ouvido falar: “Julieta amava Romeu”, mas “Julieta amava **a** Deus”; “ele respeitava seu amigo”, mas “ele respeitava **ao** Senhor”. O que você estranhou na frase foi a falta dessa tradicional preposição: “Devemos servir **ao** Senhor com alegria”.

transitivos diretos com preposição?

Ronaldo O. escreve de São Paulo: “Tenho visto em várias publicações frases como ‘A equipe é **constituída por** dois profissionais’, ‘O grupo é **constituído de** dois profissionais’. Ocorre que o verbo **constituir** é transitivo direto, portanto, não

admitindo preposição. Como se explica?".

Meu caro Ronaldo, você está com a razão ao observar que **constituir** é transitivo direto. Contudo, as duas estruturas que você destacou são frases na **voz passiva**. Lembro-lhe que uma das propriedades mais características dos **transitivos diretos** é a possibilidade de ser passados para essa voz (o que é absolutamente impossível com os indiretos). O que está preposicionado aqui é o **agente da passiva**, que corresponde, na ativa, ao sujeito. "**Dois profissionais** (sujeito) constituem a equipe" = "a equipe é constituída **por dois profissionais** (agente da passiva)".

reclamar

Alexandra W., de Ceará-Mirim (RN), não consegue decidir qual a forma correta: "Empresários reclamam atraso dos pagamentos" ou "Empresários reclamam **de** atraso nos pagamentos"?

Minha cara Alexandra, quando eu reclamo **o pagamento**, estou exigindo que me paguem; se, no entanto, reclamo **do** pagamento, estou insatisfeito com o que me pagaram. São duas coisas totalmente diferentes. No seu exemplo, os empresários reclamam **do** atraso (estão fazendo reclamações).

indagar

A leitora Cláudia P., de Montevidéu (Uruguai), gostaria de saber qual das duas versões é a melhor: "O rapaz **indaga o** cientista a respeito de como foi que ele teve tal ideia" ou "O rapaz **indaga ao** cientista a respeito de como foi que ele teve tal ideia"?

Prezada Cláudia, o seu **indagar**, nesta frase, atrapalha como uma pedra no sapato. Desculpe a franqueza, mas a primeira forma é errada ("O rapaz **indaga o** cientista"), e a segunda fica desajeitada ("**indaga ao** cientista a respeito de como foi"). Eu trocaria, sem hesitação, por **perguntar**: "O rapaz **pergunta** ao cientista como ele teve tal ideia". Bem mais limpo e um pouco mais elegante. Agora, se você fizer questão de usar o **indagar**, sua frase poderia ficar assim: "O rapaz indagou ao cientista como foi que ele teve tal ideia".

4. Crase

Todo mundo sabe que a crase é um fenômeno que ocorre quando dois **As** se encontram no interior de uma frase: a preposição **A**, que fica à esquerda, encontra outro **A**, que fica à sua direita. Ora, isso só poderá ocorrer, rigorosamente, **em duas situações**: (1) ou antes de um **substantivo feminino** (que tenha o artigo **A**), (2) ou antes de um **pronome demonstrativo** que comece por essa vogal (**a**quele, **a**quela, **a**quilo). Fora disso, em qualquer outra situação, é impossível que se encontrem os dois **As** necessários para esse casamento.

Sempre fiquei espantado ao ver a esmagadora maioria dos livros didáticos destacarem os casos em que **não pode ocorrer** esse encontro de vogais e, consequentemente, o acento grave. Basta sabermos que **só nos dois casos acima** o enredo começa a ficar interessante, isto é, só nos dois casos acima podemos começar a nos preocupar com a ***possibilidade*** – friso: a ***possibilidade***, não ainda a certeza – de que tenhamos de utilizar esse incompreendido acento. Ensinar os casos em que **não** há crase é o mesmo absurdo e a mesma perda de tempo que o Detran publicar a lista das placas que **não** foram multadas, ou a universidade divulgar, no vestibular, a lista dos candidatos que **não** foram aprovados.

Não vamos ser ingênuos a ponto de afirmar, entretanto, que esse ensino "ao contrário", pouco inteligente, seja a causa de nós termos tantos problemas com a crase. Que o mau ensino transforme num mistério o que deveria ser uma coisa relativamente simples, isso nós podemos entender. O fato de que a maioria dos autores didáticos não entendeu muito bem o fenômeno faz com que, *ipso facto*, a maioria dos brasileiros se atrapalhe com o emprego do acento grave. Até aí, tudo bem.

Agora, se isso justifica a **hesitação** e a **dúvida** que as pessoas têm, com certeza **não é o motivo que as induz ao erro**. Certamente não serão essas explicações deficientes das gramáticas o que leva as pessoas ao emprego constante de acento de crase antes de masculinos, verbos, numerais e outras classes de vocábulos que, obviamente, não comportam um artigo antes deles. A Linguística moderna nos explica que todo erro que é cometido por uma extensa faixa de usuários deve ter alguma forte razão subjacente; é muito grande a incidência de erros do tipo ***barco à vapor***, ***escreveu à lápis***, ***começou à chorar***, ***entregou à ela***, ***trafegava à 60km***. O mau ensino não pode ser a causa de tantas pessoas quererem pôr o acento aí! Em outras palavras: se posso responsabilizar os maus instrutores de direção pelos maus motoristas que infernizam o trânsito, não poderia responsabilizá-los se um número expressivo de seus alunos resolvessem se atirar, de carro e tudo, pelo penhasco abaixo. De onde vem a

vontade de colocar esses acentos indevidos? Acredito que isso seja apenas a materialização da tendência instintiva (já destacada pelo incomparável Celso Pedro Luft, patrono deste ***Guia***) de trocar o sistema vigente por outro mais simples, que consistiria, à francesa, em acentuar sempre o A **quando ali estivesse a preposição presente**.

Said Ali já tinha demonstrado que os escritores de nosso idioma, desde o século XVI, usavam acentuar também a **simples preposição** antes de palavra feminina, em expressões como **à faca**, **à espada**, **à fome**, embora expressões equivalentes no masculino deixassem bem claro que não havia aqui o encontro de dois **As** (**a machado**, **a martelo**). Na mesma linha, algo foi ensaiado por José de Alencar, no século XIX, o que lhe valeu a crítica de um dos gramáticos "medalhões" da escola do Rio de Janeiro, que fez um estudo sobre a linguagem alencariana, mostrando que, infelizmente, o autor de ***Iracema*** não sabia usar nem a crase... Ele não entendeu que Alencar e muitos escritores de sua época usavam o acento apenas para distinguir o **artigo** da **preposição**.

Uma advertência final: para indicar a ocorrência da crase, nosso sistema ortográfico escolheu o **acento grave**; no entanto, no uso corrente, esse acento passou a ser chamado também de **crase**, o que levou à formação do verbo **crasear** (já presente no ***Houaiss*** e no ***Aurélio***), verbo de que não gosto, mas que está amplamente consagrado. Nas situações em que os professores rigorosos dizem que um determinado "**A**" **leva acento de crase**, o falante comum prefere dizer que o "**A**" é **craseado**; eu prefiro a primeira hipótese.

A ocorrência da crase envolve, portanto, a presença da **preposição** – que é uma questão de **regência** – e a presença do **artigo**. A **regência** já foi abordada no **capítulo 3**; passamos agora a examinar alguns pontos importantes sobre o **artigo**, antes de entrar na crase propriamente dita.

4.1 O uso do artigo

Bahia e Recife

> Antes de **nomes geográficos**, o uso do artigo às vezes é obrigatório, em outras, é facultativo.

Prezadíssimo Professor, sem querer abusar de sua santa paciência, trago uma

*dúvida que surgiu ao ler sua explicação sobre o uso do artigo definido antes de **Recife**, no **Guia Prático 2**, em que o senhor deixa claro que, sendo o nome desta cidade também a designação de um acidente geográfico, pode-se usar tanto "**de** Recife" quanto "**do** Recife". Pergunto: seria essa regra aplicável quando nos referirmos à **Bahia**? Poderia ser dito "venho **de** Bahia"? Em caso afirmativo, a crase também seria facultativa, isto é, poderíamos escrever, indiferentemente, "vou **à** Bahia" ou "vou **a** Bahia"?*

David A. – Maceió (CE)

Meu caro David, acho que você fez aqui uma pequena confusão, pois o caso de Recife não tem nada a ver com o caso da Bahia. **Recife** é uma **cidade**, e o nome das cidades geralmente não é acompanhado do artigo, em Português; como, entretanto, refere-se a um acidente geográfico (**os recifes**), admite-se também que venha com artigo – "venho **de** Recife" (seguindo a regra geral) ou "venho **do** Recife" (seguindo o costume da maior parte dos falantes). Com o nome dos **estados**, contudo, a coisa é diferente: eles se dividem entre os que **não têm** artigo (venho **de Alagoas**, **de Minas Gerais**, **de São Paulo**, **de Tocantins**) e os que **têm** (venho **do Pará**, **da Paraíba**, **do Paraná**, **da Bahia**).

Enquanto o uso popular (e, muitas vezes, histórico) registra a possibilidade de **incluir** um artigo antes do nome de certos estados ("**as** Alagoas", "**as** Minas Gerais"), o que você está propondo é exatamente o caminho inverso: **excluir** o artigo que acompanha a **Bahia** – possibilidade que a língua não nos oferece. Você pode imaginar alguém dizendo que vem "**de** Pará" ou "**de** Amazonas"? Sempre vai ter de usar o "**A**" com **Bahia**; ora, o resto todos nós já sabemos: se este "**A**" encontrar uma preposição "**A**", a crase será inevitável.

se vou a e **volto da**

O Professor mostra como o antigo versinho "Se vou **a** e volto **da**, crase **há**" tem muito mais a ver com o artigo do que com a crase.

Caríssimo Professor, escrevo-lhe para partilhar uma velha recordação de infância que foi resgatada de tempos olvidados, ao ler um de seus artigos acerca do

*emprego da crase... A minha mestra de Português, perante nossas dúvidas nesse tópico, dizia: “Meus alunos: se vou **a** e volto **da**, crase **há**; mas se vou **a** e volto **de**, crase para quê”? Boa mnemônica, não acha?*

Sandra Lourenço – Coimbra, Portugal

Prezada Sandra, eu não sei a idade que você tem, mas deve ser algo geracional: eu também aprendi assim, no tempo em que eu tinha todo o cabelo e todas as esperanças do mundo. Ainda acho muito boa essa rimazinha mnemônica, mas chamo a atenção para um detalhe que me passava despercebido naquela época: ela tem muito menos a ver com a **crase** do que com **o uso do artigo**. Explico.

Nosso idioma nem sempre usa o artigo antes dos nomes de lugar (países, estados, cidades): moro **em** Alagoas, mas **na** Bahia; venho **de** Portugal, mas **do** Japão, e assim por diante. Aquele versinho, portanto, serve apenas para saber quais os **nomes de lugar** que são precedidos de **artigo feminino**; a crase vai ser apenas uma consequência. Por exemplo, se eu preciso saber como grafar cada “**A**” na frase “Na minha excursão, fui **a** Cuba, **a** Holanda, **a** Bélgica e **a** Israel”, aplico a esperta rimazinha e obtenho o seguinte: “Volto **de** Cuba, **da** Holanda, **da** Bélgica e **de** Israel” – o que me indica que **Cuba** e **Israel** não têm artigo e, por consequência, não vai ocorrer a crase (“Fui **a** Cuba, **à** Holanda, **à** Bélgica e **a** Israel”). É tiro e queda! Contudo – repito – só funciona com esses locativos. Para todos os demais casos em que temos dúvida, só mesmo o miolo resolve. Um abraço, Sandra, e obrigado pela recordação.

do ou **de** Paulo?

Devemos ou não usar artigo antes de **nomes próprios**?

*Meu caro Professor, eu gostaria de esclarecer se estão corretas as três formas da seguinte frase: (1) A casa é **do** Paulo, **da** Renata e **do** Marcelo. (2) A casa é **do** Paulo, Renata e Marcelo. (3) A casa é **de** Paulo, Renata e Marcelo.*

Renato de Mendonça

Meu caro Renato, o leque deve ser ampliado para quatro opções:

(1) A casa é **do** Paulo, **da** Renata e **do** Marcelo.
(2) A casa é **de** Paulo, **de** Renata e **de** Marcelo.
(3) A casa é **do** Paulo, Renata e Marcelo.
(4) A casa é **de** Paulo, Renata e Marcelo.

Tanto a primeira quanto a segunda estão corretas; a diferença entre elas está no emprego – ou não – do **artigo** antes do **nome próprio**, o que é uma escolha livre para o falante. Podemos optar entre “o carro **de** Marta” e “o carro **da** Marta”, “o livro **de** Pedro” ou “o livro **do** Pedro”. Em geral, os gaúchos preferem usar o artigo, enquanto o resto do país prefere não fazê-lo. Você deve escolher a forma que mais lhe agrada.

A terceira e a quarta também se distinguem nesse mesmo ponto, mas apresentam, além disso, uma peculiaridade considerada “moderna” por alguns: a preposição **de** vem antes do primeiro item da relação, apenas. Eu não gosto e não uso; prefiro, como nas duas primeiras versões, manter o **paralelismo** sintático, repetindo a preposição antes de cada item. Embora estas duas últimas formas sejam aceitas, acho que você deveria ficar com as duas primeiras; além de mais formais, são mais elegantes.

em França?

> Luís XV era rei **da** França ou rei **de** França? Paris fica **na** França ou **em** França?

*Caro Professor, voltei a estudar, depois de vários anos afastado dos bancos escolares. Na semana passada, aprendi que, ao me referir à França, devo escrever “**em** França” e não “**na** França”. Está correto? É novidade? Isso também se usa para outros países?*

Jorge Luiz B. – Cuiabá (MT)

Meu caro Jorge, se você estiver em Portugal, vai ouvir muitas vezes “**em**

França”, “**em** África”. No Brasil, no entanto, isso é completamente inadequado. As pessoas cultas (e todos os escritores que merecem esse nome, inclusive o supremo Machado de Assis) escrevem “**na** França”, “**na** África”, pois esses nomes geográficos são usados, aqui, com artigo. Dizemos que o livro veio “**da** França”, e não “**de** França”, como querem alguns (raros) professores equivocados. Além disso, abra o olho: se você não usar artigo antes de **França**, vai terminar escrevendo “Fomos **A** França”, sem acento de crase; isso fica bem em Portugal, mas aqui vai ser tachado de erro, mesmo. Em Roma, devemos agir como os romanos; aqui no Brasil é assim.

artigo antes de relativos

> A mais importante diferença entre os pronomes relativos **que** e **qual** é que só o segundo pode ser antecedido de artigo definido.

*Caro Prof. Moreno, no setor jurídico em que trabalho, costumamos usar a frase “Apelação e remessa oficial **a que** se nega provimento” para significar que se está negando provimento tanto à apelação quanto à remessa. Para deixar bem claro que estamos negando provimento aos dois elementos, não seria melhor acrescentar o artigo no plural e escrever “Apelação e remessa oficial **às que** se nega provimento”?*

Luciana O. – Brasília (DF)

Minha cara Luciana, você indicou um bom rumo, mas enganou-se de endereço. A sugestão de usar o artigo é boa, mas não pode ser feita com o relativo **que**. Este pronome jamais virá antecedido de artigo, a não ser que haja um **substantivo elíptico** – mas isso é vinho de outra pipa. Talvez o que você quisesse propor fosse algo como “Apelação e remessa oficial **às quais** se nega provimento”; aí sim, você teria razão, porque ficaria muito mais fácil para os leitores entenderem do que se trata.

Esse comportamento diferente do **que** e do **qual**, com relação a artigos, fica bem evidente quando comparamos estruturas como “os filmes **a que** assisti/**aos quais** assisti”, “os ideais **por que** lutamos/**pelos quais** lutamos”, “a peça **a que** assisti/**à qual** assisti”, e assim por diante: **qual** é sempre antecedido de artigo,

coisa que jamais acontece com o **que**.

Os eventuais casos de crase antes deste pronome se devem à presença de um artigo pertencente a um **substantivo elíptico** (**subentendido**): "Essa rua é paralela **à** [rua] **que** leva o nome de meu pai" pode ficar "Essa rua é paralela **à** [...] **que** leva o nome de meu pai"; "Não me refiro **às** [alunas] **que** chegaram cedo, mas **às** [alunas] **que** chegaram tarde" pode ficar "Não me refiro às alunas que chegaram cedo, mas **às** [...] **que** chegaram tarde". Por isso, seria agramatical a forma proposta por você, "apelação e remessa oficial ***às que**...". A forma como vocês costumam escrever, portanto, está correta.

Curtas

leve **o** quanto puder

Francisco F., de Brasília (DF), quer saber se o correto é "aproximei-me **O** quanto pude" ou "aproximei-me quanto pude".

Meu caro Francisco: "aproximei-me **O** que pude", "aproximei-me **O** máximo que pude", "leve **O** quanto puder", "gastei **O** mínimo", etc. – veja como você sempre terá aquele **O**, que uns interpretam como **pronome**, outros como **artigo** – nesse caso, acompanhando um substantivo que está subentendido. Seja ele o que for, sempre deveremos usá-lo. Vamos encontrar autores que o consideram desnecessário em construções como "gaste [**o**] quanto quiser", "economize [**o**] quanto puder", mas o uso literário parece ter preferido manter este **O**.

todo x **todo o** (na fala)

A leitora Isabel Fernandes quer saber sobre o uso de **todo** + **o**. Segundo ela,

falamos coloquialmente "**todo mundo** vai querer imitar você", com o sentido de "**todas as** pessoas". Ela pergunta se o certo não seria "**todo o mundo** vai querer imitar você".

Prezada Isabel, nem você nem eu sabemos como falamos isso, porque **dizer** "**todo o** mundo" ou "**todo** mundo" sempre vai dar na mesma sequência fonológica /**todumundu**/. Como falam os caipiras, "dizido é uma coisa, escrevido é outra". Não esqueça que a escrita, com todas as suas regras ortográficas e gramaticais, é uma realidade que não chega a 30% do gigantesco fenômeno que é a língua falada.

Agora, para que você não pense que eu desviei da pergunta, informo que o costume é usar **todo mundo** quando queremos falar de **todas as pessoas**, reservando **todo o mundo** para quando queremos falar do **planeta inteiro** – embora, faço questão de frisar, esta diferença não seja tão rígida como alguns apregoam.

Cubatão tem artigo?

José O. L., de São Paulo, pergunta qual é a forma correta (e qual a regra) com relação à cidade de Cubatão: "foi para **o Cubatão**" (análogo a "foi para **o** Rio de Janeiro), ou "foi para **Cubatão**" (análogo a "foi para São Paulo")?

Meu caro José, foi **para Cubatão**, veio **de Cubatão**; foi **para Sorocaba**, veio **de Sorocaba** – note como **não** costumamos usar artigo com o nome das cidades. O **Rio de Janeiro** é um dos raros casos, principalmente por influência do substantivo comum (**o rio**) e da confusão histórica entre a cidade e o estado do Rio.

Secretaria **da** ou **de** Saúde?

Washington Cezar A., de Porto Seguro, precisa saber se a forma correta é "Secretaria Municipal **de** Saúde" ou "Secretaria Municipal **da** Saúde".

Meu caro Washington, vejamos como se faz no âmbito federal: Ministério **da** Cultura, Ministério **da** Saúde, Ministério **da** Educação, Ministério **do** Desenvolvimento, Ministério **da** Integração (nem todos eles existem, mas já existiram). Note que o artigo definido está sempre presente, junto com a preposição. Essa é uma daquelas opções que a língua vai definindo, silenciosamente, em seu curso de séculos. Acho que seria sábio seguir o exemplo e escrever "Secretaria **da** Saúde".

artigo antes de possessivos

A leitora Gislene pergunta se é correto colocar um artigo antes de um pronome possessivo. Como fica? É "onde você colocou **meu** casaco" ou "onde você colocou **O meu** casaco"?

Minha cara Gislene, tanto faz um quanto o outro; o uso de artigo antes do possessivo é apenas uma das inúmeras instâncias em que o falante tem todo o direito de optar. Essa flexibilidade no emprego do artigo vai ter, no caso do **feminino**, repercussões quanto à ocorrência de crase. Dê uma lida no que escrevi a respeito desse assunto em **crase com possessivos**.

artigo antes das siglas

Carmen Rebouças trabalha numa universidade, na **Seção de Admissão e Registros Escolares**, referida internamente como **SEARE**. Sua dúvida é simples: "Quando usar a sigla, devo também usar o artigo? Ao despachar um processo para tal setor, o correto seria **À SEARE**, **A SEARE** ou **AO SEARE**?".

Prezada Carmen, no caso de siglas como esta, costumamos atribuir-lhe o

mesmo gênero do núcleo do sintagma. Se é uma "seção", será feminina; se for um "centro", por exemplo, será masculino. Nós nos referimos **ao MEC** (ministério), **ao INSS** (instituto), **ao SERPRO** (serviço), **à OAB** (ordem). No seu caso, portanto, você deve falar **da SEARE**. No endereçamento de uma carta ou ofício, como está presente a preposição "**A**", a crase vai ocorrer: **à SEARE**.

ao/a meu ver

Janaína, de Feira de Santana (BA), quer saber se a expressão correta é **a meu ver** ou **ao meu ver**.

Prezada Janaína, como você deve saber, é completamente livre, para o falante, usar ou não o artigo antes dos possessivos: aquele é **meu carro**, aquele é **o meu carro**; **minha mãe** está aqui, **a minha mãe** está aqui. Esta liberdade de escolha vai ter reflexos no caso que você propôs: **em meu** entender, **no meu** entender; **a meu** ver, **ao meu** ver. Escolha uma e fique em paz.

de mamãe, **da** mamãe

Audri P., de Porto Alegre, escreve: "Uma menina baiana que está morando conosco costuma dizer 'este livro é **de** mamãe', 'os sapatos **de** Laurinha'; no Sul, dizemos normalmente 'este livro é **da** mamãe' ou 'os sapatos **da** Laurinha'. O que é correto?".

Cara Audri, usar (ou não) o artigo definido nesses casos é uma questão de opção do falante. O quarto **do** meu filho, o carro **do** papai, a carta **da** Maria – ou o quarto **de** meu filho, o carro **de** papai, a carta **de** Maria. A escolha é livre; em geral, o Rio Grande do Sul prefere usar o artigo, enquanto o Nordeste faz o contrário. Note que essa opção tem reflexo no problema da crase: "leve o livro **A**

papai e a revista **A** mamãe" (sem artigo), ou "leve o livro **AO** papai e a revista **À** mamãe" (com artigo).

4.2 A crase propriamente dita

à Maria, a **Maria**

Saiba por que razão o acento de **crase** é opcional antes dos nomes próprios.

*Professor Moreno, ao escrever uma carta para minha filha, me surgiu uma dúvida. Como devo preencher o destinatário? **À Maria** ou simplesmente **A Maria**, sem o acento de crase? Obrigada pela sua atenção.*

Alessandra – São Paulo (SP)

Minha cara Alessandra, escreva como você quiser. Acontece que os falantes do Português se dividem em dois grupos: os que usam e os que não usam **artigo** antes de **nomes próprios**. Quando eu falo do meu filho Matias, eu digo "**o Matias** passou por aqui", mas sua namorada, que é do Rio de Janeiro, já prefere dizer "**Matias** passou por aqui". No feminino, uns dizem "Encontrei **Maria** no jogo", outros dizem "Encontrei **a Maria** no jogo". A escolha é completamente livre.

Ora, como você deve lembrar do tempo de colégio, tudo o que mexe com o artigo feminino tem reflexos no acento de **crase**. Se você usar o artigo quando falar da sua filha ("estou pensando **na** Maria", "o noivo **da** Maria"), vai escrever "**À Maria**" (preposição + artigo = crase). Se, por outro lado, você prefere não empregar o artigo ("o quarto **de** Maria", "o noivo **de** Maria"), é evidente que acabará escrevendo apenas a **preposição**: "**A Maria**". Escolha aí um **João**, escreva uma carta para ele e tudo vai ficar mais claro: ou você escreve "**Ao** João" ou "**A** João". A decisão é sua.

devido a medicação

Andrea, editora de uma revista de Medicina, escreve:

> “Acredito que minha dúvida seja comum a muitos brasileiros: existe uma regra simples para o uso da crase? Por exemplo, **devido a medicação errada** leva ou não crase?”.

Minha cara Andrea, a regra de crase é muito simples; o que pode ser complexo, no entanto, é o contexto em que nós temos de decidir sobre o seu uso. A sua frase – **devido a medicação errada –** é um bom exemplo dessa complexidade. Por exemplo, (1) imaginemos que o médico X tenha matado um paciente ao prescrever-lhe um remédio inadequado; o paciente morreu devido **à medicação errada que o médico lhe prescreveu**. Compara com (2): “Muita gente morre no Brasil devido **a medicação errada**”. Por que em (1) aparece o acento de crase e em (2) não?

Posso lhe assegurar que não tem nada a ver com a regra da crase, mas sim com o uso (ou não) do **artigo definido**, esse pequeno vocábulo cuja importância tanto esquecemos. Em (1), o artigo está presente, pois estamos falando de uma medicação errada **definida**. Em (2), ele está ausente, pois nos referimos a “medicações erradas”, indefinidamente. Este é o mesmo caso de “o infrator está **sujeito a multa** (leia-se: **a** [uma] **multa**), que é bem diferente de “o infrator está sujeito **à multa de R$100,00**).

a crase da sogra

> Um desesperado estudante de Letras faz fiasco ao discutir a crase com a sogra; o Professor ensina como devemos nos comportar numa hora dessas.

*Caro Professor Moreno, sou um aluno de Letras em desespero: a mãe da minha namorada é daquelas que discute qualquer tópico até o limite da honra. E ontem estava “a dar aulas de gramática” a todos nós, incultos e belos. Disse-nos que quase teve um treco ao ir na lavanderia e ler “lavagem **À** seco”. Mas, aí, lembrei do caso do “tinta **À** óleo” em que está implícito “à maneira de” e mencionei tal regra para confirmar o acerto de “lavagem **À** seco”. Enfim, ficamos por mais de cinco minutos a discutir tal nuance da nossa birrenta Língua Portuguesa. Então,*

*Professor? **Lavagem à seco** está correto? Se não estiver, dá para inventar uma emenda à FHC e mudar (mesmo que temporariamente) a constituição dessa regra para salvar um desamparado aluno de Letras?*

Anônimo – De algum lugar do interior de São Paulo [o nome e a cidade foram omitidos para resguardar a integridade física do autor da mensagem]

Meu caro Anônimo, você realmente foi se meter em camisa de onze varas! Sinto dizer que desta vez você se complicou, e feio! Desde quando "tinta **a óleo**" tem crase, ó Anônimo? Nunca! Nem em "lavagem **a seco**"! Só pode haver acento de crase antes de palavra feminina, venha ela **expressa** ou **subentendida**. É nesse último caso que vemos os "bigodes **à Hitler**", o "filé **à Santos Dumont**", porque aqui está elíptica a palavra **moda**. Como em toda elipse, aliás, ela pode simplesmente voltar à frase: "bigodes à **moda** de Hitler". Agora, ninguém lava "**à moda**" de seco, nem tem tinta "**à moda**" de óleo.

Eu sei que é duro, para um estudante de Letras, tropeçar assim em público – e ainda mais diante da sogra! Paciência, meu caro Anônimo: isso pode acontecer com qualquer um. Nesses casos, o melhor remédio é sempre a verdade: você deve voltar ao assunto, dizer que resolveu estudar mais profundamente o problema e acabou concluindo que estava errado. Isso é prova de grandeza intelectual e sempre funciona. Acredite em mim, porque um dia, quando eu era recém-formado, fiz uma dessas com uma turma de segundo grau: errei, teimei, gritei com eles, chamei-os de cabeçudos e ignorantes, e depois, em casa, vi que eles estavam com a razão. Engoli seco, criei coragem e, no dia seguinte, fiz diante deles o meu *mea culpa*; para a minha surpresa de jovem professor inexperiente, passei a ser muito mais respeitado pela turma! Agora que já se passaram vários dias da sua discussão, volte voluntariamente ao assunto, demonstrando (1) **que você dá alguma importância às opiniões da sogra** ("A senhora sabe, desde aquele dia eu fiquei intrigado com a sua convicção sobre aquele problema da crase e resolvi me aprofundar no tema" – vá por aí, que irá muito bem) e (2) **que você é um estudioso**; só os ignorantes não mudam de opinião.

à vista

> A leitora quer saber se uma **venda a prazo**, além dos juros, também leva acento de crase; o Professor mostra que não. O problema é a venda **à vista**.

Prezado Doutor, sei que em frases como "vou pagar ***a vista*** *e não* ***a prazo****" não se deve utilizar o acento de crase. Mas, quando for no início de frases ou indicadores, como fica? Por exemplo, devo escrever*

> **À vista**: R$500 ou **A vista**: R$500?
> **À prazo**: R$515 ou **A prazo**: R$500?"

Cláudia Leite

Minha prezada Cláudia, **a prazo** jamais vai receber acento indicativo de crase, esteja no início, no meio ou no fim da frase. O motivo é muito simples: é impossível existir, antes desse substantivo masculino, o artigo definido feminino, que, como você bem sabe, é um dos ingredientes indispensáveis para que ocorra o fenômeno da crase.

Agora, com **a vista** o problema é um pouquinho diferente. Pelo simples paralelismo com o **a prazo**, em que só temos a **preposição** (mas não o **artigo**) antes do substantivo, fica evidente que em **a vista** também só temos a preposição pura. Contudo, por permitir algumas estruturas ambíguas (como, por exemplo, "**a vista é melhor**"), muitos gramáticos incluem este caso entre aqueles em que o acento grave é utilizado apenas para assinalar a **locução adverbial** (e não, como seria o comum, o encontro de dois **As**). O uso deste acento (independentemente da posição em que aparece na frase) é opcional nesses casos, não sendo aceito por alguns autores de renome. Eu uso sempre, se você quer saber.

crase antes de **Terra**

> Veja por que, na frase "os marcianos voltaram **à Terra**", devemos empregar o acento indicativo de crase.

Professor, gostaria que o senhor esclarecesse o ***emprego da crase*** *diante da palavra* ***terra****, sobretudo nesta oração: "Os marcianos voltaram a* ***Terra****". Afinal, usamos o acento diante do substantivo próprio* ***Terra****, referindo-nos ao planeta em que vivemos?*

Petrúcio Jr.

Meu caro Júnior, acho que conheço a origem remota dessa sua dúvida. No (mau) ensino tradicional da crase, relacionavam-se os casos em que "a crase era **proibida**" [sic!] – e entre eles figurava a palavra **terra** quando usada por oposição a **bordo**: "Os marinheiros foram **a terra**". Ora, professor de Português que se preze já abandonou, há muito tempo, essa forma jurássica e equivocada de explicar o **A** acentuado. Como este acento só poderá ocorrer quando houver a **crase** (fusão) da preposição com o artigo, não é necessário ficar enumerando as dezenas de casos em que tal encontro **não** acontece, como se fossem regras específicas. Um professor que ensina a seus alunos que "não existe crase antes de verbo" está transmitindo a seus infelizes alunos a ideia errônea e nefasta de que possa existir uma lista de palavras **favoráveis** e outra de palavras **desfavoráveis** à crase. O que ele deve fazer é, a partir do princípio geral (**não há crase sem a presença do artigo feminino**), mostrar ao aluno que ele sequer deveria se preocupar em acentuar um **A** que esteja antes de um **verbo**, ou antes de um **pronome indefinido**, ou antes de uma **palavra masculina**, etc. – casos esses em que é impensável a presença do artigo feminino "**A**".

Isso nos traz de volta à sua pergunta: podemos acentuar o **A** antes de **terra**? A resposta é simples: desde que a preposição encontre um artigo feminino antes desta palavra. No exemplo acima, dos marinheiros, o vocábulo é usado com um sentido **indefinido**, que não admite o artigo (definido) ("O navio está **em** terra", "O grito veio **de** terra"). Observe, no entanto, a sequência: a espaçonave deixou **a** Terra, a espaçonave saiu **da** Terra, a espaçonave caiu **na** Terra, a espaçonave voltou **à** Terra. Como você pode ver, sempre usamos o artigo definido com o nome de nosso planeta. Isso também ocorre quando empregamos **terra** para indicar o lugar que se opõe ao céu, no sentido místico ou mitológico: "Zeus saiu da vastidão azul do céu e voltou mais uma vez **à terra**"; "Cristo veio **à terra** para salvar os homens".

àquele

> Fique sabendo que **não** existem, em momento algum, regras que **proíbam** ou **permitam** o uso do acento de crase. Tudo é uma questão de destino.

*Prof. Moreno, embora não se use o acento grave, indicador da crase, antes de palavra **masculina**, o uso de **àquele** (contração da preposição **A** com o pronome demonstrativo **aquele**) – "Diga **àquele** rapaz que não faça tanto barulho" – seria exceção à regra geral? Não o sendo, qual a explicação? Grata.*

Sílvia P. – Rio de Janeiro (RJ)

Minha cara Sílvia, não há nada de especial quanto ao acento de **àquele**; acontece que você foi mais uma das vítimas do mau ensino de Português. **Não existem regras negativas de crase**. Isto é, não existem regras sobre o **não-uso** do acento grave. A crase ocorre quando um **A** se encontra com outro, e pronto. Em 90% das vezes, trata-se do encontro [**prep. A + artigo A**]. Ora, como este precioso artiguinho feminino só pode aparecer antes de substantivos femininos, é uma **consequência** lógica (não uma **proibição**!) que isso não ocorra antes de substantivos masculinos.

No entanto, nos outros 10%, a crase ocorre quando a preposição **A** (esta não pode faltar nunca a este baile) se encontra com o "**A**" inicial dos pronomes demonstrativos **aquele** (e suas flexões **aquela**, **aqueles**, **aquelas**) e **aquilo**. "Não me refiro **a** este aluno, mas sim **àquele**"; "Quanto **àquilo**, posso assegurar-te..." – e assim por diante. Nada de mais.

Ocorre que há dezenas de péssimos manuais, usados por professores de formação apressada, que tratam a crase como se fosse um sistema de regras determinadas por alguém – como se fosse uma lei, com artigos e parágrafos e incisos e casos especiais. Por causa disso, muitos se revoltam contra a crase, julgando-a uma imposição arbitrária; não poucos leitores já me escreveram perguntando quando é que vão "**revogá-la**"! Para piorar o quadro, esses manuais vivem chamando a atenção de seus desafortunados leitores (ou alunos) para os casos em que "a crase é **proibida**" [sic!].

Não estranho, portanto, que você fique cismada com o acento de **àquele**. O próprio Millôr – para mim, um dos escritores brasileiros mais conscientes da linguagem que utiliza – vive escrevendo a respeito de **àquele** e de **àquilo**, que ele gosta de apontar como exceções à regra que diz só existir crase antes de palavra feminina. O problema, Mestre Millôr, é que essa regra está **incompleta**, formulada por esses gramatiquinhos que disseminam por aí sua deficiente

compreensão dos fenômenos da língua; eles simplesmente esqueceram a segunda possibilidade, em que a preposição encontra o **A** inicial do pronome demonstrativo. Agora tenho certeza de que você vai ficar em paz com o acento de **àquele**.

crase com possessivos

> O Professor explica: acreditar que haja casos em que a crase é **opcional** é o mesmo que acreditar que, aproximando um fósforo aceso da gasolina, a explosão será opcional.

*Prezado Professor Moreno, ao responder a uma pergunta minha, o senhor escreveu: "refiro-me **À** sua consulta de dezembro do ano passado". Existe essa crase antes de pronome possessivo? Obrigado mais uma vez.*

Klein – Novo Hamburgo (RS)

Meu caro Klein, eu podia ser chato no bodoque e responder, muito simplesmente: "Se eu usei, é porque tem, ora!". Mas, como sou um eterno professor, vamos ao problema: antes de mais nada, não se discute a existência ou a não-existência de crase antes dos possessivos. A crase é a aproximação da preposição "**A**" com o artigo feminino "**A**" – mais ou menos como aproximar um fósforo da gasolina. Se eles entrarem em contato, nada vai impedir a combustão; da mesma forma, se um "A" encontrar o outro, vai acontecer o fenômeno chamado de **crase**, assinalado na escrita pelo acento grave.

Se você ler o que escrevi em "**à Maria, a Maria**", verá que antes dos nomes próprios podemos usar (ou não) artigo; dessa forma, a decisão que tomarmos vai influir na ocorrência (ou não) do artigo necessário para que a crase ocorra. Algo semelhante acontece antes dos **possessivos**: nosso idioma nos permite optar entre usar – ou não – o artigo antes deles. Uns dizem "a janela **de** meu quarto"; outros, "**do** meu quarto". "Leve isso **a** meu filho" ou "**ao** meu filho". No feminino, da mesma forma: ou "entregue isso **a** minha filha" (só preposição) ou "entregue isso **à** minha filha" (**preposição** + **artigo** = bingo!). Temos aí uma crase, que deverá ser indicada, na escrita, pelo acento grave. Tudo depende, como você pode ver, da nossa decisão de empregar ou não o

artigo.

Dizer, como o fazem alguns autores, que aqui a crase seria **opcional** seria o mesmo que dizer que, juntando o fósforo à gasolina, a explosão vai ser opcional. Claro que não é; o que podemos optar é aproximar ou não o maldito fósforo, mas, uma vez tomada a decisão de usar o artigo definido, as consequências fogem a nosso controle. A maior prova disso aparece quando usamos **possessivos no plural**; aí a trama fica bem visível. "Entregue isso **a** minhas filhas" (o "**A**" é preposição pura, sem acento) ou "entregue isso **às** minhas filhas" (o "**s**" revela que o artigo está presente, e a acentuação é obrigatória).

crase e pronome de tratamento

> O Professor explica por que **nunca** haverá acento de crase antes de **Vossa Excelência**, **Vossa Senhoria**, etc.

*Caro Professor, em "vimos solicitar **A** Vossa Excelência", o "**A**" não leva acento de crase mesmo? E se eu raciocinar que a frase é "vimos solicitar **a (a)** Vossa Excelência" – não existe aí uma duplicidade de "**A**s"? A propósito, em uma dedicatória, o correto é escrever "**À** minha amiga Maricota" ou "**A** minha amiga Maricota"? Obrigado pela força.*

Afonso – Campo Grande (MS)

Meu caro Afonso, você jamais vai encontrar um acento de crase antes de **Vossa Excelência** (e demais formas de tratamento – incluindo o **você**) pela simples razão de que o Português **não aceita artigo antes dessas formas**! "O discurso **de Vossa** Excelência" (e não **da**), "Confio **em** Vossa Excelência" (e não **na**), "Só penso **em** você", etc. Ora, você sabe muito bem que a crase ocorre quando a **preposição** encontra o **artigo**; logo...

Quanto ao uso de artigo antes de pronomes possessivos, essa é uma daquelas situações em que o falante tem total liberdade de escolher. Eu digo "o carro **de** (ou **do**) meu filho", "eu estava pensando **em** (ou **na**) minha filha". Dessa forma, no caso que você menciona, pode usar o artigo (com o consequente acento de crase: **à** minha amiga) ou **não** (nesse caso, o "**A**" vai ser uma preposição pura: **a**

minha amiga). A crase não é bicho bravio, não; com jeito, ela se amansa.

crase e subentendimento

> O Professor mostra que na frase **A água ferve A cem graus** não se pode subentender a palavra **temperatura**, que justificaria o acento de crase.

*Caríssimo Professor, em expressões do tipo "**a setenta graus**...", em que se subentende a palavra **temperatura**, usa-se ou não a crase ? Obrigada pela luz!!!*

Olga Martins

Minha cara Olga, sua pergunta revela que você conhece o princípio fundamental da crase – ela só pode ocorrer **antes de uma palavra feminina**, esteja ela **expressa** ou **subentendida**. Contudo, neste caso não há subentendimento algum; devemos escrever **a setenta graus**, sem acento de crase, porque aqui o "**A**" é simples preposição. Vou mostrar uma construção com vocábulo **elíptico** (o que você chama de **subentendido**), para vermos a diferença: "A massa fica pastosa **à temperatura** de cinquenta graus, mas se liquefaz quando chega **à de** setenta graus". Se mostrarmos essa construção para qualquer pessoa, ela vai recuperar a palavra **temperatura** entre o **a** e o **de**. Como esse vocábulo subentendido traz consigo o artigo feminino, temos aqui uma crase. Se tomarmos, no entanto, a frase **A água ferve a cem graus**, o máximo que se poderia subentender (com boa vontade...) seria "a cem graus **de temperatura**" – no final do sintagma, longe, portanto, daquela preposição "**A**". Espero que esta "luz" possa lhe esclarecer.

a crase precisa de um artigo!

> Quatro leitores enviam quatro perguntas diferentes sobre a crase; o Professor mostra que, no fundo, todas se referem à presença do artigo.

Da mesma forma que a ocorrência da crase é muito mais limitada do que parece, as dúvidas sobre ela também giram sobre os mesmos pontos de sempre.

Quatro leitores apresentam suas dúvidas sobre o emprego do acento de crase; à primeira vista, podem parecer quatro perguntas diferentes, mas veremos que todas tratam da presença do artigo feminino.

*(1) Professor Moreno, qual é a forma correta? "A revista foi feita **à** muitas mãos" ou "A revista foi feita **a** muitas mãos"? Ou seja, ocorre crase antes de **muitas** ou não? Desde já, fico muito agradecida.*

Geda L.

Prezada Geda, é evidente que nesta frase não está presente um dos ingredientes indispensáveis para a crase, que é o **artigo feminino**. Se ele estivesse na frase, você teria um **as** antes de **muitas**. O **a** que temos aí é simplesmente a preposição e, *ipso facto*, **não** pode receber acento de crase.

(2) *Caro Professor Moreno, tenho uma dúvida que pode parecer banal, mas que não consigo sanar: em "embalagem **a** vácuo" e "empacotado **a** vácuo", ponho ou não ponho acento de crase? Não se trata de uma **maneira** de embalar ou empacotar? Muito obrigada.*

Telma Ferreira

Minha cara Telma, para que haja acento de crase, é necessário que a preposição "**A**" se encontre com o artigo feminino "**A**": "entregue isso **a** (preposição) + **a** (artigo) diretora" = **à** diretora. Logo, é **impossível** encontrar esse segundo "**A**" (o artigo feminino) antes de um vocábulo **masculino** como **vácuo**. É por isso, Telma, que se diz que não ocorre acento de crase antes de masculinos: é

pela absoluta falta do segundo elemento necessário, o artigo. Embalagem **a vácuo**, motor **a diesel**, navio **a vapor**, preencha **a lápis –** todos sem acento, porque todos são masculinos.

(3) *Prezado Professor, em **atendimento especial a clientes**, o "A" leva acento de crase? Por favor, responda esta, porque a briga interna aqui é grande. Grato.*

Klein

Meu caro Klein, para que haja acento de crase, é necessário que a preposição "**A**" se encontre com o artigo feminino "**A**". Supondo que vocês só tivessem **mulheres** como clientes (um Centro de Ginecologia, por exemplo – o que não me parece ser o caso de vocês...), o anúncio poderia prometer "Atendimento **às** clientes". Note que a presença do "**s**" final revela claramente que o artigo feminino está ali, junto com a preposição. No caso de "Atendimento **a** clientes", no entanto, esse "**A**" é indiscutivelmente uma preposição isolada; **não** há hipótese, portanto, de receber o acento de crase.

(4) *Caro Professor Moreno, uma dúvida gerou muita confusão entre meus colegas de trabalho: folheado **à** ouro ou folheado **a** ouro? Alguns argumentaram que, devido à palavra **ouro** ser masculina, a crase não se aplica; outros argumentaram que ela se aplica, pois a palavra feminina está implícita. Você pode pode nos ajudar com essa dúvida?*

Toni Lazaro

Prezado Toni, aqui não há como tentar enxergar uma palavra feminina

elíptica (subentendida) antes de **ouro**. Portanto, não há artigo feminino e, consequentemente, não pode haver acento de crase. E mais: mesmo que fosse "folheado **a prata**", também não haveria o acento, porque aqui, em ambos os casos (**ouro** ou **prata**), não está sendo empregado **o artigo definido**; o "**A**" é apenas a preposição.

das oito **às** doze

> Um leitor quer saber se a loja abre "das 8h **as** 12h" ou "das 8h **às** 12h", "de segunda **a** sexta" ou "de segunda **à** sexta".

*Devemos escrever "**das 8h as 12h**" ou "**das 8h às 12h**"? Ou as duas formas são corretas? Nesse caso, o **a** está substituindo o **até** ou o **para**? Da mesma forma, pergunto: é "**de segunda a quinta-feira**" ou "**de segunda à quinta-feira**"? Um abraço e muito obrigado.*

Fábio Cezar M. – Jaraguá do Sul (SC)

Meu caro Fábio, como todos nós estamos cansados de saber, a **crase** (assinalada, na escrita, pelo acento grave) é o encontro da **preposição** "**A**" com o **artigo** "**A**". Na sua pergunta, quando você escreve "**das** 8h", fica claro que o artigo está presente (**das** é formado pela preposição **de** mais o artigo **as**); consequentemente, antes de "12h" ele também deverá estar: "**das** 8h **às** 12h" – com acento indicativo de crase. Se algum felizardo começa a trabalhar às 8h e encerra o batente às 12h, essa é a única maneira correta de escrever. Outra coisa bem diferente seria "ele trabalha **de oito a doze horas** por dia"; neste caso, "**de** oito a **doze**" não se refere a **quando** ele começa e termina, mas sim a **quantas** horas de trabalho são cumpridas.

Com os dias da semana é um pouco mais sutil. Vamos examinar primeiro a construção "**de** segunda **a** sexta-feira". O **de** aqui é apenas a **preposição**, pois o artigo feminino não está sendo usado antes de **segunda**; logo, antes de **sexta-feira** também não estará, o que fica bem claro se trocarmos **sexta-feira** por um dia da semana masculino: "**de** segunda **a** sábado".

Há, no entanto, outra forma de escrever isso, com o mesmo sentido: "**da**

segunda **à** sexta-feira". Aqui é diferente: o **da** [de+a] sinaliza a presença do artigo, o que vai resultar obrigatoriamente na grafia "**da** segunda **à** sexta". Mais uma vez isso vai ficar bem visível se usarmos um dia da semana masculino: "**da** segunda **ao** sábado". Ambas as construções estão corretas; você pode escolher entre elas, desde que não as misture.

P.S.: Um conselho: pare com esse mau hábito de tentar substituir a preposição "**A**" por outra (**até**, **para**, etc.). Eu sei que alguns gramáticos menores vivem recomendando este "recurso". É charlatanice! Preposições não se substituem; das 600 mil palavras de nossa língua, menos de **vinte** – repito: menos de vinte! – são preposições. Você acha que haveria a possibilidade de duas delas se equivalerem? Nem em dez milhões de anos.

ensino à distância

> Nem sempre o acento colocado em cima do "**A**" assinala a ocorrência de uma **crase**; às vezes, pode ser uma simples preposição.

*Prezado Prof. Moreno, por que **ensino a distância** não leva acento de crase? Discutimos aqui que poderia ser pelo fato de não estar determinada a distância, já que temos o acento em frases como "o carro estava **à distância** de 100 metros". É isso? Fui ao **Aurélio** e vi que são aceitas as duas formas. Um abraço e muito obrigada.*

Maria G. – Jornalista – Londrina (PR)

Minha cara Maria, a maioria dos gramáticos atuais aceita a hipótese de usarmos acento grave numa série de expressões com palavra feminina em que o "**A**" é simples preposição, isto é, **sem que ocorra ali um encontro de dois As**. Há casos em que isso tem a clara intenção de desambiguizar a expressão, evitando que a preposição possa vir a ser lida como artigo, o que alteraria o significado: vender **à vista** (compara com vender **a prazo**: só a preposição está presente); bater **à máquina**; fechar **à chave**; apanhar **à mão**; pescar **à rede**; estudar **à noite**. Em muitos outros, contudo, mesmo sem a possibilidade de leitura ambígua, já ficou tradicional esse acento sobre a preposição: **à direita**, **à esquerda**, **à força**,

etc. Como conclui Luft: “A tendência da língua é acentuar o **a** inicial das locuções femininas (adverbiais, prepositivas e conjuntivas), **mesmo quando não é crase** [o grifo é meu]”.

Quanto à locução **à distância**, tanto o ***Grande Manual de Ortografia Globo*** (Luft) quanto o ***Aurélio-XXI*** e o dicionário ***Houaiss*** indicam, expressamente, a dupla possibilidade de grafia; então, Maria, não hesite: use o acento, e estará aderindo ao sentimento da grande maioria dos seus leitores.

Curtas

crase em data

Luciana M., de Campinas (SP), tradutora, ficou em dúvida na hora de escrever **de 1998 a 1999**. Diz ela: “Creio que aqui não ocorre crase, pois ambos são anos e, portanto, palavras masculinas; contudo, tenho visto tanto **A** como esse acentuado em currículos que fiquei insegura”.

Minha cara Luciana, é claro que **não** tem! O **A** que está presente na expressão “**de 1998 a 1999**” é apenas uma preposição solitária; jamais poderíamos encontrar o **artigo feminino** antes de um **numeral**.

baile **a fantasia**

Vitória gostaria de saber se a expressão **baile a fantasia** leva ou não o acento de crase, e por quê.

Minha cara Vitória, **baile a fantasia** é como **baile a rigor** – este **A** é uma simples **preposição**, sem a companhia do **artigo**. Não vamos escrever, portanto, com acento.

a bordo

O leitor Ednaldo Ariani pergunta se existe crase na expressão **a bordo.**

Meu caro Ednaldo, como **bordo** é um **substantivo masculino**, não pode existir acento de crase nesta expressão, pois ficará faltando aquele artigo feminino indispensável. Em **a bordo** (como em **a bombordo**, **a boreste**), este "**A**" é uma simples preposição. Além disso, se ocorresse artigo aqui, seria o masculino "**O**".

dada à?

Ica S., de São Paulo (SP), comenta uma frase que escrevi: "A tarefa é inglória, **dada a** descomunal diferença". Sua dúvida: por que não há acento de crase naquele "**A**"?

Prezada Ica, porque **dado** não é seguido de preposição. "**Dado o** mau tempo", "**dados os** resultados", "**dada a** falta de luz" – não existe ali a preposição indispensável para que ocorra a crase. Diferente seria **devido**; aí sim: "devido **ao** mau tempo", "devido **à** falta de luz".

a suas ordens, às suas ordens

A leitora Ione M., de Porto Alegre, deparou no jornal de domingo com uma manchete que diz: “O governo **A** suas ordens”; não deveria ser “O governo **AS** suas ordens”?

Prezada Ione, não, não deveria ser. Ou fica assim como está (“o governo **A** suas ordens”), ou usamos o artigo (“o governo **ÀS** suas ordens”). Antes de possessivos, **decidimos** se queremos ou não usar o artigo definido. Compara, no masculino, “ele estava **A** seus pés” (só a preposição) com “ele estava **AOS** seus pés” (prep.+artigo).

sujeito a pagamento

O simpático Valtinho pergunta se é correto escrever “Sujeito **à** pagamento de multa”.

Meu caro Valtinho, claro que não! Onde vamos encontrar o artigo **feminino** (um dos polos indispensáveis da crase) antes de um substantivo **masculino** como **pagamento**? Não há dúvida de que aí está apenas a **preposição** isolada.

a granel

Rogério foi ao supermercado e viu um cartaz no balcão que anunciava arroz e feijão **à granel**; desconfiado, quer saber se o gênero do substantivo justifica o acento de crase.

Meu caro Rogério, **granel** é um substantivo **masculino**; como em qualquer outro, não podemos supor, antes dele, um artigo definido **feminino**, o que nos deixa com uma preposição purinha. “Arroz e feijão **a granel**” – essa é a forma correta.

voltar a São Paulo

A leitora Telma F., perguntadora habitual, quer saber por que “voltei **a** São Paulo” não tem acento de crase, enquanto “vou **à** João Mendes (praça)” tem; existe alguma regra do tipo “antes de cidade” ou “antes de praça”?

Minha cara Telma, não tem nada a ver com o fato de ser cidade ou praça. O problema está na presença (ou não) do artigo. Vou **a** São Paulo, venho **de** São Paulo – como acontece com 99% dos nomes de cidade, **não** usamos **artigo** aqui e, portanto, não se pode pensar em crase, que precisa dele para existir. No caso da praça João Mendes, quer usemos (ou não) a palavra **praça**, o artigo está ali: venho **da** [praça] João Mendes, isso aconteceu **na** [praça] João Mendes. Por isso, “vou **à** João Mendes”. É bem simples.

a frio

Sônia C. escreve dizendo que sabe que não podemos usar crase antes de palavras masculinas, mas pergunta, assim mesmo, se deve usar o acento de crase na expressão **a frio**.

Minha cara Sônia, se você mesma enunciou corretamente, no início de sua mensagem, o princípio fundamental da crase, de onde veio essa insegurança? Se aceitarmos que **nunca** ocorre crase antes de **masculino**, por que iria, então, aparecer antes de **frio**? Aliás, se houvesse um artigo aí, junto com a preposição, seria “**O**”, e não “**A**”. Teríamos, então, “**ao frio**”.

P.S.: Inconformada, a leitora voltou a escrever:

"Entendi sua resposta, mas se nós, na frase 'revestimento **à frio**', considerarmos este **à frio** como adjunto adverbial de modo, mesmo assim o acento de crase está errado?"

Minha cara Sônia, eu é que não entendi a sua segunda pergunta. Vou tentar ser mais claro: se você puser essa crase em **a frio**, rogo-lhe uma praga! Não interessa se **a frio** é adjunto adverbial ou tenha qualquer outra função sintática; **jamais** poderá haver ali um artigo definido feminino! Lembre que esses artigos (os femininos) têm o péssimo hábito de aparecer apenas **antes de substantivos femininos**! O "**A**" que está na frase é só a preposição.

crase antes de **sócio**

Frederico A. transcreve o título de um documento em que é feita uma proposta de remuneração para os sócios de uma empresa: "Proposta de Remuneração **a** Sócio Executivo". Sua dúvida é se o "**A**" deve ou não levar o acento de crase.

Meu caro Frederico, dá para fazer uma cocada sem usar coco? Não? Então também não dá para formar uma crase sem um dos ingredientes básicos, a **preposição** ou o **artigo feminino**. Agora me diga, aqui entre nós: como você pretende arranjar um artigo feminino antes de **sócio**, vocábulo masculino? Aliás, aqui nem o artigo **masculino** está sendo usado, já que **sócio** está em sentido genérico: é "proposta **a** sócio" (qualquer), e não "**ao** sócio" (um sócio determinado). Se fosse no feminino, também não teria acento: "Proposta **a** Sócia Executiva".

confusão na regra da crase

Cláudio, de São José do Rio Preto (SP), afirma que seu professor sempre ensinou “que o **A** deve levar acento de crase quando antecede uma palavra feminina”; no entanto, mais de uma vez ele encontrou um **A** antes de palavra feminina que ficou sem este acento. Pergunta: “Isso é verdade ou não? O professor também disse que não havia exceção alguma”.

Meu prezado Xará, não troque as palavras do seu professor! O que ele disse – tenho absoluta certeza! – foi que “só pode ocorrer crase antes de palavra feminina”, o que é muitíssimo diferente do que você está afirmando. Dito de outra forma: todo “**A**” com acento de crase deverá estar antes de palavra feminina, o que não significa que todo “**A**” antes de palavra feminina deva ter acento de crase (todo buldogue é cachorro, mas nem todo cachorro é buldogue). Em centenas de frases, o **A** antes de uma palavra feminina pode ser mera preposição ou mero artigo.

a jornalistas

G. Soares, de Portugal, escreveu a frase “**Associação entrega prêmio à jornalistas**” e não concorda com os colegas que afirmaram que aquele acento está equivocado. Acrescenta: “Afinal, a palavra **jornalista** pode ser usada tanto para o homem como para a mulher, não é?”.

Meu caro Soares, não se trata de um veredito (ou **veredicto**, como você usou; ambos estão corretos), mas de uma simples regra de crase. Se escrevermos **a jornalistas**, jamais poderia haver acento neste “**A**”, que é, sem dúvida, apenas **a preposição isolada**. Se tivéssemos aí um “**AS**”, então a presença do **S** final revelaria que também ocorre um artigo, tornando obrigatório o uso do acento: “Associação entrega prêmio **às** jornalistas” – só que me parece que você

não estava se referindo a um grupo de **jornalistas femininas**, não é?

sujeitos a revisão

Roberto Coimbra quer confirmar o seu raciocínio quanto ao uso do acento de crase: na expressão “dados sujeitos **a** revisão”, não ocorre crase porque o substantivo está empregado em sentido genérico; já em “dados sujeitos **à** revisão **da Diretoria**”, o artigo aparece e, com ele, o acento. “Posso pensar assim?”

Prezado Roberto, o seu raciocínio está perfeito. Se o substantivo não estiver determinado, não podemos empregar o artigo **definido**, um dos ingredientes indispensáveis para que ocorra a crase. Você pode encontrar exemplo semelhante comparando “penalidade sujeita **a** multa” (a uma multa, indefinida) com “penalidade sujeita **à** multa de dois salários mínimos”.

desrespeitar às normas?

L. Ribeiro, de Santa Maria (RS), não entende por que uma banca de concurso considera errado colocar acento de crase em “desrespeitarem **as** normas de trânsito”.

Meu caro Ribeiro, o verbo **desrespeitar** é transitivo direto (“eu desrespeito **o** regulamento”, não “**ao**”) e, como tal, não tem a preposição **A** que seria necessária para que ocorresse a crase, que é sempre [**A** + **A**]).

a todas

Carmem V., de Barreiras (BA), prepara um texto para o site de sua empresa e precisa saber se escreve “Nesta seção, você terá acesso **a** todas as vagas” ou “**à** todas as vagas”.

Prezada Carmen, fica sem acento de crase. Este “**A**”, antes de **todas**, é a preposição pura. É natural que não apareça aqui o artigo **definido**, um dos ingredientes indispensáveis da crase, já que **todas** é um pronome **indefinido** e eles nunca vão andar juntos. Se você passar para o masculino, a coisa fica bem evidente: “acesso **a** todos os níveis”.

à parte interessada

Angela G., de Vitória (ES), quer saber se o “**A**” em “**a** parte interessada” deve vir com acento indicativo de crase.

Minha prezada Ângela, mas como é que eu vou responder à sua pergunta? A crase é o encontro de uma preposição com um artigo definido; você me envia um segmento em que o artigo parece estar presente (“**a** parte interessada”), mas não sei como essa frase começou! A presença (ou não) da preposição vai depender da **regência do verbo** que você estiver empregando; por exemplo, “convoque **a** parte interessada” (transitivo direto), “refiro-me **à** parte interessada” (transitivo indireto).

a meia-voz

Isadora F., de Uruguaiana (RS), quer saber se o **A** na frase “Ele segredou algo **a** meia-voz” leva acento de crase.

Prezada Isadora, não, não tem acento de crase. Se comparamos esta construção com expressões análogas como **a meia-luz**, **a meio pau**, podemos verificar que, nestes casos, o **A** é apenas a preposição; o artigo não está presente.

a laser

André pergunta se deve escrever **remoção de tatuagem à laser** ou **remoção de tatuagem a laser** na sua tabuleta.

Meu caro André, se **laser** é um substantivo **masculino**, como é que você consegue imaginar uma crase ali? É igual a **caldeira a óleo**, **feito a martelo**, **cortado a facão**, e assim por diante – sem o acento.

a crase depende do contexto

José R., de Brasília (DF), pergunta se ocorre crase na expressão **em relação a**.

Meu caro José, faltam dados na sua pergunta! Como vamos saber se ocorre crase ou não, se não temos o resto da frase? Tudo depende do que vier depois da expressão: **em relação A minhas dívidas** (só preposição); **em relação AOS**

tributos (preposição + artigo masculino); **em relação À pesquisa** (preposição + artigo feminino).

devido à variedade

O leitor Jequitibá (será pseudônimo?) quer saber se na frase “devido **a** grande variedade e acabamento dos materiais, recomenda-se teste prévio” existe acento de crase.

Meu caro Jequitibá, é claro que existe! Veja como ficaria no masculino: “Devido **ao** grande número...”. Como você sabe, isso indica que tanto o **artigo** quanto a **preposição** estão presentes. Logo, por analogia, acontece o mesmo no feminino: “Devido **à** variedade...”; “Devido **à** falta de provas”; “Devido **às** fortes chuvas de ontem”.

à la carte

Roberta A., de São Paulo, sempre escreveu **a la carte**, mas tem visto, na maioria das vezes, **à la carte**. Como é a forma certa?

Minha cara Roberta, o correto é **à la carte**, porque isso é Francês, e nesse idioma o “A” é sempre acentuado quando for preposição. Não se trata, aqui, de um caso de **crase**; o acento grave do Francês é um acento extremamente comum e não tem a mesma função que tem no Português.

a la antiga

Giselle, de Santos (SP), vem perguntar se não deveria ter acento no **A** da expressão **a la antiga**, que encontrou em um artigo de minha autoria.

Minha cara Giselle, não, esse **A** não leva acento, porque é apenas preposição. O **la** é a forma desusada do nosso artigo definido **A**, que aparece em muitas expressões cujo sabor arcaizante muito me agrada: **a la moda**, **a lo largo**, **a la pucha**, **a las tantas**. Não deve ser confundido com a expressão **à antiga** [à **moda** antiga] ou com o francês ***à la mode***, por exemplo, em que o ***a*** apresenta, inclusive, o acento grave característico da preposição francesa.

crase com **para?**

Michela S. quer esclarecer a dúvida na frase "A reunião está marcada para **as** 9 horas". Diz ela: "Acho que não vai acento de crase no **as** antes das horas por causa da preposição **para**. Estou correta?".

Minha cara Michela, você está corretíssima; se já temos a preposição **para** na frase, de que modo poderia ocorrer também a preposição **a**, presença indispensável para que a crase ocorra? É claro que é "para **as** nove".

com destino **a** Sorocaba

José Francisco quer saber se deve empregar o acento de crase na expressão “com destino **a Sorocaba**”, como defendem os seus colegas de trabalho. “Para mim, ela equivale a ‘com destino **para** Sorocaba’ (e não ‘* **para a** Sorocaba’), o que indicaria que a crase não é possível.”

Meu caro José Francisco, seu raciocínio está correto. Mas o que desejam esses seus colegas? Desde quando se usa artigo antes de Sorocaba? Vive-se **em** Sorocaba, gosta-se **de** Sorocaba... Ora, se não existe o artigo, falta um dos polos indispensáveis para a crase, como todos nós sabemos!

com e sem acento de crase

E. Nerone, outro leitor do Paraná, quer saber qual é a forma preferível: (1) Tradição e qualidade **à** sua mesa; (2) Tradição e qualidade **na** sua mesa; ou (3) Tradição e qualidade **em** sua mesa?

Prezado Edson, sua dúvida é sobre qual a preposição que você deve usar – se o **a**, se o **em**. Como ambas são cabíveis nessa frase, teremos **quatro** combinações possíveis, já que o emprego do artigo antes do pronome possessivo é de livre escolha do falante:

(1) Tradição e qualidade **à** sua mesa (prep.+artigo);
(2) Tradição e qualidade **a** sua mesa (só prep.);
(3) Tradição e qualidade **na** sua mesa (prep.+artigo);
(4) Tradição e qualidade **em** sua mesa (só prep.).

Gosto da (1), da (3) e da (4); talvez pela tradição literária, prefiro a (1). Escolha a sua preferida.

a/à Marilda

Maria Eduarda gostaria de saber se o cartaz “Movimento de apoio **a** Marilda”, visto em uma campanha eleitoral, está correto. “Não utilizamos acento de crase nesse **A**?”

Prezada Maria Eduarda, antes de nomes próprios, podemos decidir livremente se vamos usar (ou não) o artigo definido. Tanto faz “Movimento de apoio **a** José” quanto “Movimento de apoio **ao** José”. É claro que isso também acontece no feminino, com as conhecidas consequências quanto ao acento de crase: “Movimento de apoio **a** Marilda” (só preposição) ou “Movimento de apoio **à** Marilda” (preposição e artigo).

forno **a lenha**

Andrezza, de Ribeirão Preto (SP), quer saber se deve escrever **forno a lenha** ou **forno à lenha,** e por quê.

Minha cara Andrezza, forno **a lenha**, forno **a óleo**, forno **a gás** – note que, em todas elas, só temos a preposição **a**. Se o artigo também estivesse presente, aí sim teríamos “*à lenha”, “*ao óleo”, “*ao gás”.

a partir

E. Vieira ficou com dúvidas quanto ao uso do acento de crase em **a partir de**, ao ver que muitos escrevem com o acento, mas outros escrevem sem ele.

Meu caro Vieira, antes de **partir**, que é verbo, é impossível sequer imaginar a existência de um artigo feminino singular; é claro que este **A** é apenas **preposição** e será escrito, portanto, sem o acento de crase.

da primeira **à** quarta série

Daiane E. gostaria de saber se há crase em “ensino **de** primeira **a** quarta séries”, e se a regra válida para este caso também se aplica quando escrevemos a expressão com algarismos (“**de** 1a **a** 4a séries”).

Minha cara Daiane, enquanto você usar apenas a preposição **de**, o **a** vai ser apenas a outra preposição presente na construção paralela e, portanto, **sem** acento de crase: “**de** primeira **a** quarta séries”. Se, no entanto, você decidir usar **da** [de+a], aí sim vamos ter uma crase: “**da** primeira **à** quarta série”. Quanto à segunda pergunta, tanto faz dar na cabeça como na cabeça dar: se você trocar o extenso por algarismos, as duas situações que descrevi acima continuam idênticas: “**de** 1a **a** 4a séries” ou “**da** 1a **à** 4a série”.

contas **a pagar**

Maria de Lourdes S., de Belo Horizonte (MG), recebeu uma correspondência com a expressão “contas **à** pagar”; como tinha aprendido que não se usa crase antes de verbo, ficou em dúvida.

Prezada Maria, você aprendeu certo; não pode haver aí o artigo feminino, presença indispensável na crase. Eu tive um velho professor irascível que sempre nos rogava a mesma praga: “Quem usar acento de crase **antes de verbo**, que a mão seque e caia!”; ele teria feito melhor se nos explicasse que **verbos não admitem artigos**, e pronto – mas, de qualquer forma, o princípio continua o mesmo: é impossível que dois **As** se encontrem antes de um verbo.

crase antes de **mês**?

O leitor Milton M., de São Paulo (SP), gostaria de saber se só podemos usar a crase antes de palavras femininas. Pergunta: “Posso escrever **mês à mês**?”.

Prezado Milton, você mesmo já disse: só ocorre **artigo feminino** antes de **substantivos femininos**. Logo, é impossível haver acento de crase em “**mês a mês**”.

referente à

Ricardo S. gostaria de saber se o “**A**” depois das palavras **pertinente**, **referente**, **pertencente**, etc. deve receber o acento indicativo de crase.

Caro Ricardo, com os vocábulos **pertinente, referente** e **pertencente** sempre usaremos a preposição “**A”**; se este “**A”** encontrar um artigo feminino singular, aí teremos crase (e usaremos o respectivo acento grave): referente **ao** item 5; referente **à** seção 7; pertencente **à** diretoria; etc.

direito à vida

A. Anderson traz uma dúvida sobre a frase “Que direitos todas as crianças do mundo deveriam ter? **A** educação, **a** família, **a** saúde”. Vai acento de crase em cima do “**A**”?

Meu caro Anderson, claro que vamos usar o acento em todos esses “**As**”.

Em todos eles está **elíptico** (para evitar a repetição ociosa) o vocábulo "**direito**", que rege a preposição **a**: [direito] **à** educação, [direito] **à** família, [direito] **à** saúde.

chegar a/à noite

Vera Lúcia A., de Moji das Cruzes (SP), quer saber se há diferença entre "chegou **a** noite" e "chegou **à** noite".

Prezada Vera Lúcia, "chegou **à** noite" significa que alguém (ou algo) chegou durante a noite; **à noite**, no caso, é um **adjunto adverbial** de tempo. "Chegou **a** noite", por outro lado, quer dizer apenas que anoiteceu; no caso, **a noite** é o **sujeito** da frase.

frango **a passarinho**

Marcos H., de Campinas (SP), quer saber se o tradicional prato é **frango a passarinho** ou **frango à passarinha**. "Tenho um amigo, conhecedor da língua, que insiste em dizer que é 'à passarinha', no feminino, pois o nome é proveniente de uma parte das vísceras do boi ou do porco, e seria uma estupidez falar 'a passarinho', pois como se pode cortar um frango baseado no tamanho do pássaro?"

Prezado Marcos, é **frango a passarinho**. Seu amigo não entende nada de culinária. Neste tipo de prato, o frango é cortado em pedaços pequenos (sem respeitar aquela divisão natural em coxas, peito, etc.), de modo a simular mais ou menos o formato da carcaça de um passarinho inteiro – para os nostálgicos do tempo em que nossos bisavós comiam imensas passarinhadas, feitas com pássaros reais (sabiás, tico-ticos, etc.), prato politicamente incorreto que era muito apreciado nas zonas de colonização italiana.

a crase e o Espanhol

Francisco manda dizer que, em caso de dúvida sobre a crase, passa a frase para o Espanhol. “Se na versão eu obtiver a sequência ***a la***, uso crase no Português; se obtenho apenas ***a*** ou ***la***, não uso. Gostaria de saber se esse ‘truque’ funciona sempre ou se apenas tenho tido sorte.”

Meu caro Francisco, isso não é “truque”; chama-se, no meu dicionário, **tradução**. Onde o Espanhol tem ***a*** (prep.) + ***la*** (art.), no Português nós certamente teremos **a** (prep.) + **a** (art.) = bingo! Ocorre aí uma crase, e temos de usar o acento: “Entregue o livro **à diretora** (***a la directora***); “Não me refiro **a esta mulher** (***a esta mujer***), mas **à que** (***a la que***) atende no balcão de informações”. É seguro, sim, e pode ser usado por quem souber Espanhol.

a 200 km

Gladis Luiza quer saber, na frase “A cidade de Ilha Solteira fica aproximadamente **a** 200 km de Araçatuba”, se este **a** deve ser acentuado ou não.

Minha cara Gladis, a resposta é **não**. **Quilômetro**, representado aqui pelo símbolo internacional **km**, é um substantivo **masculino**, o que impossibilita a crase, que só ocorre quando está presente na frase um artigo **feminino**.

5. Concordância verbal

"***Falta** só dois reais", me diz o rapaz da livraria, enquanto procura nos próprios bolsos o troco que não tinha no caixa. Levanto os olhos para ele e hesito; uma vida toda como professor de Português me deu uma grande sem-cerimônia em corrigir o que os outros falam errado, mas a experiência também me ensinou que nem todos aceitam de bom grado uma lição gratuita. Recebo as duas moedas e me afasto, pensando que, ao menos, nem tudo estava perdido, já que ele não disse o "*dois real" de sempre. Eu compreendo o que se passou na mente do balconista; sei que ele sabe (conscientemente ou não, ele **sabe**) que o **verbo deve combinar com o sujeito**, nesse fenômeno que chamamos de **concordância**. Não se trata de caprichar a linguagem que ele está usando; é muito mais profundo. Ele nasceu dentro dessa língua e dentro dela virou gente; logo, este princípio está gravado tão claramente em algum ponto de seu sistema nervoso quanto os comandos que permitem que ele alterne os pés para caminhar para frente. Ora, como é que algo tão elementar e fundamental pôde ser desconsiderado, a ponto de ele usar ***falta** em vez de **faltam**?

A resposta é muito simples: ele não "**enxergou**" o sujeito. Talvez esta seja a maior fonte de erros de concordância no Português: a dificuldade, em certas construções, de reconhecer o **sujeito**. Isso acontece naturalmente, como veremos abaixo, com a discutível **voz passiva sintética**, a maior responsável pelos erros que os gramáticos do tempo da pomada Minâncora e do Elixir Paregórico chamavam candidamente **erro da tabuleta** – "*Vende-se terrenos", "*Aluga-se apartamentos", etc. – e que hoje figuram nos ***outdoors*** (sei que é um diabo de palavra, mas é insubstituível e, o que é pior, imodificável!), nos classificados dos jornais, nos folhetos de publicidade, na TV e na onipresente internet.

Isso acontece também com os misteriosos **verbos impessoais**, os quais, ao contrário dos outros 99,99% dos verbos de nosso idioma, continuam ostentando a estranhíssima característica de não ser atribuídos a **sujeito algum**. Formam as enigmáticas **orações sem sujeito**, em que somos obrigados a deixar o verbo sempre no **singular** – "**havia** duas pessoas", "**faz** três anos" –, ali onde você, instintivamente, preferiria dizer "***haviam** duas pessoas" ou "***fazem** três anos".

o deslocamento do sujeito

> Quando passamos o sujeito para **depois** do verbo, ele parece ter sido coberto pelo manto da invisibilidade.

Caro Professor, puseram um cartaz na entrada da escola dos meus filhos com dizeres que me deixaram em dúvida. Lá está escrito o seguinte: "Pessoal, ***falta*** *só dez dias para o fim do bimestre". Eu acho que deveria ser* ***faltam****, mas fiquei com vergonha de perguntar, porque a frase foi escrita por uma professora.*

Teresinha de Jesus W. – Ribeirão Preto (SP)

Prezada Teresinha, você está com toda a razão: quem quer que tenha escrito aquela frase foi vítima de uma velha armadilha de concordância. Estamos acostumados a encontrar o sujeito no começo da frase; quando ele é deslocado para uma posição **à direita** do verbo, é muito provável que o confundamos com os complementos. Quando escrevemos, com todo aquele tempo que temos para refletir e revisar, um exame um pouco mais detalhado da estrutura identificaria o sujeito; a maioria das pessoas, contudo, deixa de fazê-lo, cometendo este tipo de erro. Veja os exemplos abaixo (as expressões em destaque são o **sujeito** da frase):

ERRADO:
*No ano passado, teve início **as conferências**.
*Foi anunciado, ontem, **os nomes que compõem o Ministério**.
*Ficou provado, desta forma, **as tentativas de suborno**.
*Espero que seja explicado para todos **a razão de sua atitude**.

CORRETO:
No ano passado, **tiveram** início as conferências.
Foram anunciados, ontem, os nomes que compõem o Ministério.
Ficaram provadas, desta forma, as tentativas de suborno.
Espero que **sejam explicadas** para todos as razões de sua atitude.

Este erro é ainda mais frequente com aquele pequeno grupo de verbos que **normalmente têm o sujeito à sua direita**: **existir**, **ocorrer**, **acontecer**, **faltar**, **restar**, **sobrar**, **bastar**, **caber**. Entre os exemplos a seguir, em que os elementos sublinhados são o **sujeito** da frase, encontramos o erro do nosso balconista (veja

explicação introdutória logo antes):

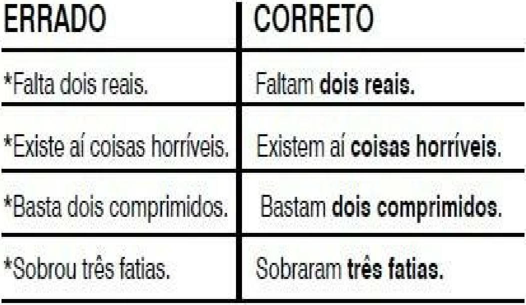

ERRADO	CORRETO
*Falta dois reais.	Faltam **dois reais.**
*Existe aí coisas horríveis.	Existem aí **coisas horríveis.**
*Basta dois comprimidos.	Bastam **dois comprimidos.**
*Sobrou três fatias.	Sobraram **três fatias.**

Imagino que, a esta altura, não adianta reclamar, porque já se passaram vários meses e o cartaz já deve ter sido retirado. Fica, no entanto, o meu conselho: quando você tiver outra dúvida desse tipo, vá falar delicadamente com a professora responsável. Se o texto estiver correto, você terá aprendido alguma coisa; se houver realmente equívoco, todo mundo vai sair ganhando.

concordância com verbos impessoais

> **Havia** ou **haviam** poucos recursos? **Haverá** ou **haverão** novas oportunidades? **Houve** ou **houveram** dificuldades?

*Prezado Professor, tenho uma dúvida cruel: preciso escolher entre "Caso **haja**" ou "Caso **hajam** dúvidas ou correções". Qual é a forma correta?*

Luís Felipe – São João da Barra (RJ)

Prezado Luís, sua dúvida é realmente "cruel" (não sei se você está dando a

este vocábulo o mesmo significado em que o estou empregando): **haver**, aqui, **só** poderia ficar mesmo no singular, porque se considera que este verbo, ao contrário dos demais, **não tem sujeito**. Isso pode parecer um pouco absurdo, mas vou tentar explicar.

Para qualquer brasileiro, a frase "não **havia dinheiro** no cofre" é sinônima de "não **existia** dinheiro no cofre". No entanto, se trocarmos **dinheiro** por **cheques** em ambas as frases, está armada a confusão: na primeira vamos ter "não **havia cheques**", mas na segunda teremos "não **existiam cheques**". O responsável por isso é o fato do verbo **haver** ser considerado **impessoal** – isto é, um verbo completamente anormal **que não tem sujeito algum**.

Todos os falantes sabem que a regra de ouro de nossa sintaxe é a de que todo verbo concorda com o **SUJEITO** da frase. O que devemos fazer, contudo, com esses verbos cujo sujeito é inexistente? O uso culto prefere deixá-los imobilizados na **3a pessoa do singular**. Felizmente esses verbos formam um grupo extremamente reduzido:

1. **HAVER** – este verbo, quando usado nos sentidos de **existir** ou **ocorrer**, fica sempre na 3a do singular (o elemento em destaque é analisado como objeto direto):

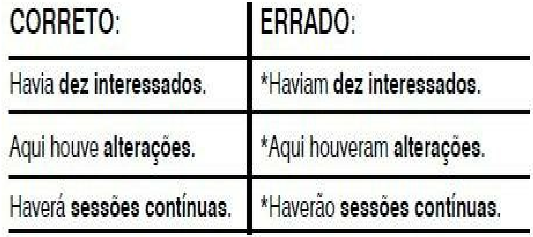

CORRETO:	ERRADO:
Havia **dez interessados.**	*Haviam **dez interessados.**
Aqui houve **alterações.**	*Aqui houveram **alterações.**
Haverá **sessões contínuas.**	*Haverão **sessões contínuas.**

Você já deve ter-se acostumado a ouvir ***haviam pessoas**, ***haverão dúvidas** – construções provavelmente inspiradas, por analogia, em **existiam pessoas** e **existirão dúvidas** –, mas com certeza ficaria surpreso se soubesse o quanto se discute, entre os estudiosos, a conveniência de considerar, de uma vez por todas, o verbo **haver** como um verbo comum com sujeito posposto. Há bons

argumentos contra e bons argumentos a favor desse “reenquadramento” de **haver**, e tanto um quanto o outro lado têm a defendê-los jovens e velhos gramáticos. Aqui se trata, porém, de definir um item do **uso culto escrito**; portanto, se você quer se sentir seguro, não invente moda e opte por deixar o verbo sempre no **singular**. Em outras palavras: se você não quer chamar a atenção de todos durante a cerimônia, use gravata (e, de preferência, com um nó clássico).

2. **FAZER** (e **HAVER**, também), indicando tempo decorrido:

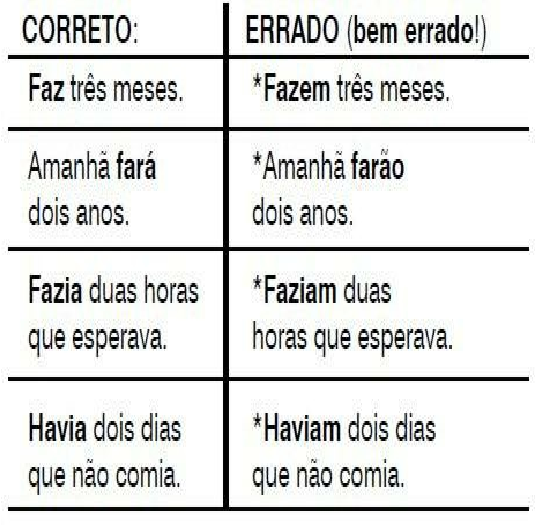

CORRETO:	ERRADO (bem errado!)
Faz três meses.	***Fazem** três meses.
Amanhã **fará** dois anos.	*Amanhã **farão** dois anos.
Fazia duas horas que esperava.	***Faziam** duas horas que esperava.
Havia dois dias que não comia.	***Haviam** dois dias que não comia.

3. **FAZER**, indicando condições meteorológicas:

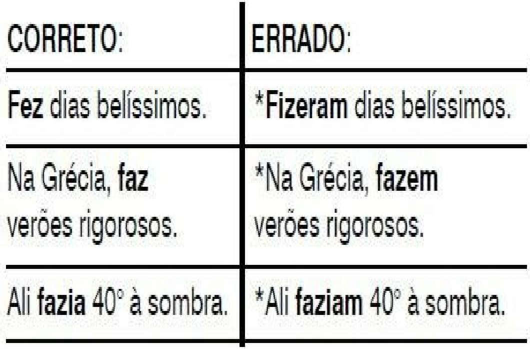

CORRETO:	ERRADO:
Fez dias belíssimos.	***Fizeram** dias belíssimos.
Na Grécia, **faz** verões rigorosos.	*Na Grécia, **fazem** verões rigorosos.
Ali **fazia** 40° à sombra.	*Ali **faziam** 40° à sombra.

4. **PASSAR DE**, em expressões de tempo:

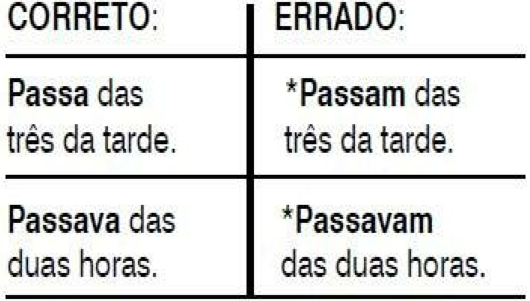

CORRETO:	ERRADO:
Passa das três da tarde.	***Passam** das três da tarde.
Passava das duas horas.	***Passavam** das duas horas.

Não confunda esta estrutura, que é considerada **sem sujeito** (note que **duas horas**, **três horas**, etc. vêm precedidos da preposição **DE**), com o verbo **passar** que aparece nos seguintes exemplos: **passam** três horas do meio-dia; **passavam** três minutos das duas (aqui, **três horas** e **três minutos** são o **sujeito** do verbo.)

5. **BASTAR DE** e **CHEGAR DE**:
Basta de reclamações (e não ***bastam de**).
Chega de pedidos (e não ***chegam de**).

6. **TRATAR-SE DE**, com referência a uma afirmação anterior:

O clube dispensou Jari e Adão. **Trata-se** (e não ***tratam-se**) de dois jogadores sem função na atual equipe.

Lá vêm as duas moças. Não esqueça: **trata-se** (e não ***tratam-se**) das filhas do prefeito.

Portanto, meu caro Luís, o seu **haver** vai ficar no singular: "Caso **haja** dúvidas", "As dúvidas que **houver**", "**Havia** dúvidas", "**Pode haver** dúvidas" – e assim por diante.

há de haver

O Professor esclarece um jovem e interessado leitor que caiu na velha armadilha do verbo **haver.**

*Olá, Professor Moreno! Escrevo para tirar uma dúvida: outro dia usei a forma "**hão de haver** boas músicas lá", só para soar original aos ouvidos de um amigo. Este, porém, ficou inconformado, dizendo que ela não existe, mas sim "**há de haver** boas músicas...". Afinal, existe ou não? Raciocinei do seguinte modo: não há dúvida de que posso dizer "Eu **hei** de conseguir isto", bem como "As músicas **hão** de existir". Pode-se substituir o verbo "**existir**" por "**haver**"; logo, "**Hão de haver** músicas". Se **músicas** estivesse no singular, aí sim o primeiro verbo **haver** da locução estaria no singular. Gostaria de saber se o que falei faz sentido. Obrigado.*

Alexandre D. (17 anos) – Brasília (DF)

Meu caro Alexandre, falando com a franqueza que me caracteriza, respondo-lhe que **não**, não faz sentido o que você diz – embora o seu empenho (e o seu engenho) em defender o seu ponto de vista mereça toda a minha simpatia. Você está esquecendo, no entanto, a relação que os verbos presentes numa **locução verbal** mantêm entre si: o da direita é sempre o **principal**, o da esquerda é sempre o **auxiliar**. Tudo o que vai acontecer com a locução (inclusive a concordância) dependerá dos traços determinantes do verbo **principal**, o que explica, aliás, essa denominação.

Observe: "**podem existir** boas músicas", "**devem existir** boas músicas", "**hão** de **existir** boas músicas" – os auxiliares **podem**, **devem** e **hão** estão flexionados no plural, seguindo o modelo imposto pelo principal **existir**, que é um verbo pessoal, normal, que concorda com o sujeito **boas músicas**. Já em "**pode haver** boas músicas", "**deve haver** boas músicas", "**há** de **haver** boas músicas", o verbo principal é **haver**, que transmite sua impessoalidade característica para os seus auxiliares (todos ficam invariáveis). Nessas estruturas, **boas músicas** é apenas objeto direto.

Embora nessas frases os verbos **haver** e **existir** sejam sinônimos, seu comportamento sintático sempre será diferente: o primeiro é **impessoal**, o segundo é um verbo **normal**. Recomendo-lhe ler o que escrevi em **concordância com verbos impessoais**; assim você terá bastante base em suas futuras discussões. Um abraço; espero que você mantenha esse vivo interesse pelo Português.

haviam ocorrido

> Nem sempre o verbo **haver** é impessoal; às vezes ele deve ser conjugado como um verbo comum.

*Prezado Professor, li num artigo seu que o senhor considera correta a frase "**haviam ocorrido** vários acidentes naquele local". Pois não me conformo; a orientação que me deram na matéria é a seguinte: o verbo **haver** no sentido de **acontecer, ocorrer** transmite sua impessoalidade para os demais em uma locução verbal (mesmo sendo auxiliar); portanto, o verbo permanece no singular. Por favor, se discordar indique a fonte.*

Cláudia G. – Goiânia (GO)

Prezada Cláudia, pelo que depreendo da sua pergunta ("a orientação que me deram ..."), alguém andou atrapalhando o seu estudo aí em Goiânia! Cuidado para não confundir, nas locuções verbais, o verbo **auxiliar** com o verbo **principal**. Este é sempre o último da direita e **manda** na locução; aquele fica à esquerda e **obedece**. É claro que o verbo **haver**, no sentido de "acontecer", é impessoal e impessoaliza também os seus auxiliares. Observe: "**houve** muitos acidentes", "**pode** haver acidentes", "**deve** ter havido acidentes" – assim como **houve**, **pode** e **deve** também ficaram impessoalizados.

No entanto, estamos falando aqui do verbo **ocorrer**; **haver** é um mero auxiliar e deve flexionar como o seu principal faria: "**Ocorreram** muitos acidentes", "**haviam** ocorrido muitos acidentes". Minha fonte? Todas – repito – todas as gramáticas dignas deste nome, em nosso idioma. Se alguém ensinou aquela barbaridade, não pode ter sido um professor com curso de Letras; se ele cobrava pelas lições, acho que você pode pedir o dinheiro de volta.

concordância com a voz passiva sintética

> O caso mais complicado de concordância – a voz passiva sintética – é um doente terminal, ligado em aparelhos.

Prezado Professor, estranho muito que ainda seja considerado erro deixar no singular o verbo de vende-se casas. A língua não deveria evoluir? Isso já não está ultrapassado?

Diva L. – Assis (SP)

Minha prezada Diva, você – como todo falante brasileiro – não sente **casas** como o sujeito dessa construção, nem vê aí uma equivalência com **casas são vendidas**. Em qualquer cidade do Brasil, em qualquer estrada, nas páginas dos classificados, nos anúncios da lista telefônica – para onde quer que você olhe, vai enxergar exemplos do famigerado "erro" da passiva sintética. Sem dar a mínima para o que dizem os gramáticos mais tradicionais, as pessoas povoam a paisagem brasileira de grandes cartazes e belos letreiros com ***aluga-se casas**, ***conserta-se fogões**, ***faz-se carretos**, ***aceita-se encomendas**, traçados em todas as cores e tamanhos. Por alguma misteriosa razão, os vendedores de terrenos recusam-se

a fazer o verbo **vender** concordar com os terrenos que eles vendem. Em vez de **vendem-se**, teimam em escrever **vende-se terrenos**, assim mesmo, com o verbo no singular. Alguns começam a se perguntar se a voz passiva sintética está ameaçada; eu vejo, simplesmente, que a questão já foi decidida há muito tempo: a sintética deixou de ser uma estrutura viva de nossa língua. Ficou apenas a lenda, contada ainda respeitosamente junto ao fogo dos acampamentos gramaticais mais conservadores. E por que morreu? Porque o que ela teria a oferecer não interessa mais aos falantes, que veem a voz passiva analítica – a verdadeira – atingir as mesmas finalidades, com muito mais vantagem.

Vamos ser sinceros: quando eu escrevo **vende-se este terreno**, pretendo significar que **este terreno é vendido** (ou **está sendo vendido**)? Claro que não. É o interesse de não ser identificado (ou, às vezes, um simples pudor) que me leva a não escrever **vendo este terreno** (o que seria claro, direto e honesto). Ao optar pelo **vende-se**, quero anunciar algo assim como **alguém vende este terreno**. Em outras palavras, estou tentando usar, com um verbo transitivo direto, aquela mesma construção que empregamos com os verbos transitivos indiretos quando queremos indeterminar o sujeito (**precisa-se de operários, necessita-se de costureiras**). Como Celso Pedro Luft nos explicou, usamos o **SE** sempre que não nos interessa especificar o **agente**. Em **aluga-se uma casa** e **vende-se este terreno**, não interessa saber quem vende ou aluga; interessa a **ação** e seu **objeto**. Por isso mesmo, quando o próprio objeto está diante dos olhos do leitor, basta pregar-lhe uma tabuleta com o verbo, e pronto: **aluga-se**, **vende-se**. Essa é a realidade; nossa insistência em manter o verbo no singular, a despeito do plural que vem depois, comprova que ninguém sente **casas** ou **terrenos** como sujeito dessas frases.

Há muito os linguistas brasileiros já sabem que a sintética é pura ficção, mas este é um daqueles tantos itens em que fica evidenciado o imenso (e estranhíssimo!) fosso que separa, de um lado, o que hoje conhecemos sobre a nossa língua e, do outro, o que a disciplina gramatical (sustentada pela maior parte dos livros didáticos) ainda difunde através do ensino. Neste caso, em particular, há um apego ainda mais inexplicável a uma dessas falsas verdades, já que muitos gramáticos "velhos", dos bons – entre outros, o grande Said Ali (em 1908!), e Evanildo Bechara, seu principal discípulo, e João Ribeiro –, já expressaram sua convicção de que esta estrutura estava morta. Acontece que não são os verdadeiros especialistas quem detém o poder da opinião gramatical no Brasil; este vem sendo exercido, desde o Império, por indivíduos de pouca cultura linguística e magros dotes intelectuais, que ocupam as posições de destaque na imprensa e nas editoras, impondo ao sistema escolar uma língua aprisionada numa estreita moldura teórica – o que é, paradoxalmente, a verdadeira razão de seu sucesso, pois isso dá ao usuário aquela sensação de

segurança que o espírito redutor sempre oferece. Basta comparar a atitude aberta, indagativa, de velhos sábios como Said Ali ou Mário Barreto, com a posição autoritária e estreita da grande maioria dos autores que escrevem hoje, século XXI, sobre Língua Portuguesa. O próprio Said Ali já definia, curto e seco, o problema desses bacharéis gramatiqueiros, com sua mirrada análise linguística: eles **"pecam por excesso de raciocínio dentro de limitado círculo de ideias"**. Criaram um estreito arcabouço lógico para a língua (que, como sabemos, **não** é lógica) e nele basearam toda uma "disciplina gramatical" que, como não poderia deixar de ser, não passa de uma entediante arquitetura fantasiosa, sem o imprescindível apoio da realidade.

A passiva sintética vive nesse mundo fictício, mas vive. É um mecanismo perverso: mesmo aqueles que já estão convencidos de que ela é uma estrutura artificial não ousam ignorá-la, pelo medo de ser avaliados desfavoravelmente por seus leitores, que provavelmente acreditam nessa versão "oficial" do Português. Eu, por exemplo (que não acredito na sintética), vou escrever **vende-se casas**? Jacaré escreveu? Nem eu! Esse é um dos maiores fatores dessa sobrevivência virtual da sintética: ninguém quer se arriscar a ser o primeiro – isso é mais que humano (além do fato de que, vamos ser sinceros, não se trata de algo tão importante assim que valha o incômodo...). E ela segue vivendo da ilusão dos concursos, dos vestibulares, das petições, dos textos formais e conservadores. O que apresento a seguir é uma suma da concepção tradicional sobre a voz passiva sintética; embora eu dela discorde, friso que ela deve ser conhecida por quem quer que precise demonstrar domínio da Norma Culta Escrita tradicional.

A visão tradicional

Ao lidar com a voz passiva sintética (também chamada de **pronominal**, por causa do **se**, pronome apassivador), nosso maior problema é **reconhecer o sujeito** da frase. Em estruturas do tipo **aceitam-se cheques** ou **compram-se garrafas**, o elemento que vem posposto ao verbo é considerado o sujeito (paciente da ação). Ora, a passiva sintética não é sentida como voz passiva pela maioria dos falantes, que, vendo em **cheques** e **garrafas** um simples objeto direto, deixam de concordar o verbo com eles. Nasce aqui o que um antigo gramático chamava de "o erro da tabuleta": ***aceita-se cheques**, ***compra-se garrafas**.

Como já disse acima, não vou discutir, aqui, a real existência da passiva sintética; contento-me em explicar como é que a doutrina gramatical escolar a descreve. Não esqueça que ela é ainda encarada como um dos traços que caracterizam o uso culto formal, e você pode ter certeza de que estará presente nas questões de vestibulares e concursos. É necessário, portanto, que você saiba identificá-la e que faça a competente concordância.

Para quem tem uma formação mínima em sintaxe, não é tão difícil reconhecê-la: verbos **transitivos diretos** seguidos de se (não reflexivo) constituem casos inequívocos dessa estrutura. Se ainda assim persistirem dúvidas, lembre que a frase na passiva sintética tem forma equivalente na passiva analítica:

Aceitam-se cheques – Cheques **são aceitos**

Compram-se garrafas – Garrafas **são compradas**

Se o verbo for **transitivo indireto**, é evidente que a passiva – tanto a sintética quanto a analítica – não pode ocorrer. A construção com verbo **transitivo indireto** + **se** é uma das formas do sujeito indeterminado no Português, ficando o verbo sempre na 3a pessoa do singular:

Precisa-se de serventes.

Falava-se dos últimos acontecimentos.

Aqui, **serventes** e **últimos acontecimentos** têm a função de objetos indiretos. Em frases como essas, muitas vezes ocorre o erro no sentido inverso: assim como o caipira da anedota, várias vezes admoestado a não dizer ***fia** e ***paia** em vez de **filha** e **palha**, termina saindo-se com um "**as arelhas da pralha**", falantes que se preocupam demais com este erro de concordância com a passiva terminam por flexionar também essas estruturas com verbo transitivo indireto:
INACEITÁVEL ***Precisam-se** de serventes.
INACEITÁVEL ***Falavam-se** dos últimos acontecimentos.

A maneira mais indicada para assegurar a concordância correta é, aqui, distinguir a **regência do verbo**. Se for transitivo indireto, certamente não se tratará de caso de voz passiva. Com isso, contudo, fica impossível lidarmos com essa estrutura se não formos capazes de fazer todas as distinções sintáticas necessárias; nada mais natural, portanto, que o uso da sintética tenha ficado reduzido à escrita de usuários cultos e extremamente cautelosos.

Aumenta a preocupação: as locuções verbais

Quando o verbo principal de uma locução verbal é transitivo direto, ocorrerá normalmente a voz passiva, flexionando-se (como é característico das locuções) o **verbo auxiliar**:

(ativa) O rei **tinha autorizado** as núpcias do poeta.

(analítica) As núpcias do poeta **tinham sido autorizadas** pelo rei.

(ativa) A miopia **pode estar prejudicando** este garoto.

(analítica) Este garoto **pode estar sendo prejudicado** pela miopia.

(analítica) Estas terras **tinham sido compradas**.

(sintética) **Tinham-se comprado** estas terras.

(analítica) As condições do tratado **devem ser respeitadas**.

(sintética) **Devem-se respeitar** as condições do tratado.

Nessas construções de passiva sintética com auxiliar, mais facilmente ainda podemos deixar de fazer a concordância com o sujeito posposto:
INACEITÁVEL *__Tinha-se__ comprado estas terras.
INACEITÁVEL *__Deve-se__ respeitar as condições
do tratado.

Aqui, no entanto, há um senão: há vários auxiliares que impedem a transformação passiva (analítica ou sintética). Os gramáticos velhos os denominavam de **auxiliares volitivos**: os que indicam vontade ou intenção – **querer**, **desejar**, **odiar**, etc. – e os que indicam tentativa ou esforço – **buscar**, **pretender**, **ousar**, etc. A frase "O homem **tenta desvendar** os mistérios da Natureza" não admite a passiva "*****Os mistérios da Natureza **tentam ser desvendados** pelo homem", da mesma forma que "Eu **quero convidar** Fulana" não corresponde a "Fulana **quer ser convidada** por mim".

Numa frase como "**Pretende-se importar** os componentes", o auxiliar deixa claro que não se trata de passiva sintética (**componentes** não pode ser o sujeito de **pretender**). O que temos aqui, na verdade, é um **sujeito oracional** (o sujeito das frases abaixo é a **oração subjetiva** em destaque), e o verbo fica na 3a do singular:

Pretende-se **importar os componentes**.

Busca-se **eliminar as diferenças**.

concordância do verbo **ser**

> Afinal, qual é o correto: “Meu problema **é** os olhos” ou “Meu problema **são** os olhos”? “Tudo **é** vaidades” ou “Tudo **são** vaidades”?

*Prezado Professor, sempre me confundo com o verbo **ser**: “As lembranças **é** tudo o que fica na memória” ou “As lembranças **são** tudo o que fica na memória”? Quando eu uso **é** ou **são**? Tenho de concordar com o que vem **antes** ou com o que vem **depois** do verbo? Para mim, é a maior confusão; já tentaram me explicar, mas nunca entendi.*

Rubem Paes

Meu caro Rubem, se lhe serve de consolo, fique sabendo que determinar o **sujeito** do verbo **ser** não é fácil para ninguém. Numa frase como “O pinheiro é muito alto”, não há dúvida alguma quanto às funções sintáticas: **o pinheiro** é o **sujeito** e **muito alto** é o **predicativo**. No entanto, numa frase como “**A responsável** é **ela**”, já não temos certeza de qual dos dois termos em destaque funciona como **sujeito** (e, portanto, comanda a **concordância** do verbo).

Se nos apegarmos à ideia de que o **sujeito** é o que fica **à esquerda** do verbo, diremos que o sujeito é **a responsável** – o que se revela um palpite infeliz assim que fazemos uma simples alteração na frase: “*A responsável **é** tu”. Essa frase é inaceitável. No Português culto, o verbo **ser** deve concordar com **tu**; a forma correta será “A responsável **és tu**”.

Alguns autores afirmam que, aqui, “o verbo está concordando com o predicativo”! – o que faria do verbo **ser** uma verdadeira atração de circo: “Vejam! Vejam! O único verbo que consegue concordar com outra coisa que não o sujeito da frase!”. Pelo tom que adotei, você percebe que não julgo ser essa uma boa interpretação do fenômeno. Acho que é muito mais adequado dizer que o sujeito do verbo **ser** ora pode vir **antes**, ora **depois** do verbo; em cada frase específica, você deverá, então, **para fazer a concordância**, decidir qual é o

sujeito, qual é o **predicativo**. Para tanto, note que as pessoas que escrevem bem em nossa língua seguem, **geralmente**, uma ordem de precedência que vai depender dos elementos que estiverem de um lado e do outro do verbo **ser** – mais ou menos similar àquele código de boa conduta que todo jovem devia seguir, nos anos 70, ao embarcar num ônibus ou qualquer transporte coletivo. Vamos recordar a cena: todos os assentos do ônibus estão tomados, exceto um. Sobem dois passageiros, uma velhinha coroca e um jovem atleta. A quem pertence o assento vago, no código da etiqueta e da educação? É claro que à velhinha. E se os dois novos passageiros forem uma jovem de perna quebrada e uma velhinha de cabelo grisalho? Eu diria que à jovem de perna quebrada, que tem mais dificuldade de se manter de pé (no meu tempo de faculdade, quatro ou cinco dos passageiros que estavam sentados levantariam e começariam a brigar pelo privilégio de ceder o seu lugar à vovozinha; hoje...). E se for uma jovem de perna quebrada e uma jovem grávida de oito meses? E se for uma velhinha de perna quebrada e uma velhinha grávida? E assim por diante, dois a dois, os passageiros iriam subindo neste nosso ônibus virtual, e nós iríamos decidindo de acordo com os códigos não-escritos da grande tribo em que vivemos. Assim é com o nosso verbo **ser**: para decidir quem vai ocupar o lugar do sujeito, temos de comparar os dois candidatos ao cobiçado assento:

(1) **substantivo humano** + **ser** + **substantivo não humano** – o sujeito será o substantivo com traço **humano**, qualquer que seja sua posição na frase: "O pior **são os vizinhos**"; "O inferno **são os outros**"; "**Minha filha é** meus cuidados".

(2) **substantivo** (qualquer) + **ser** + **pronome pessoal reto** – o sujeito será o **pronome reto**, que, como você já viu, sempre exerce a função de **sujeito**: "A responsável **és tu**"; "O responsável **sou eu**"; "Os interessados **somos nós**".

(3) **substantivo no singular** + **ser** + **substantivo no plural** – a preferência é normalmente dada ao substantivo com o traço **plural**: "Meu problema **são os dentes**"; "**Os tijolos são** um material barato".

(4) **substantivo** + **ser** + **pronomes não-pessoais** (**quem**, **que**, **isto**, **aquilo**, **tudo**, **nada**) – neste caso, o mais aconselhável é considerar sujeito o **substantivo**: "Tudo **são mentiras**"; "Aquilo são **invenções**". Isso esclarece a forma correta da frase que você menciona: "**As lembranças são** tudo o que fica na memória".

Quando se trata de concordar com **quantias**, **distâncias**, **horas**, etc., o verbo

ser deverá concordar com a **expressão numérica**: se ela for igual ou maior do que 2, use o **plural**: “**São** quase **duas horas**”; “É **uma e meia**”; “Daqui ao centro são **três quilômetros**”; “Aqui está a conta: são **dois mil reais**”. Com **datas**, alguns autores querem que se mantenha essa concordância com o numeral: “**Eram dez** de setembro”; “**São dois** de julho”. O uso moderno, no entanto, não aceita essa forma, preferindo “**Era** [o dia] dez de setembro”; “**É** [o dia] dois de julho”. No caso de prestar um concurso público, cabe a você, com um pouco de discernimento, distinguir a qual das duas correntes se filia a banca examinadora. Em caso de dúvida, faça a concordância **são**, **eram**, etc., pois esta é uma posição que encontra muitos adeptos entre os gramáticos conservadores, os quais, por uma ironia do destino (ou não?) constituem a bibliografia básica da maioria das bancas.

agente somos?

> “A gente **somos** inútil” – canta, em tom de brincadeira, o grupo DeFalla (o mesmo que lançou o famigerado “Popozuda”). Mas por que está errado? **A gente** não é a mesma coisa que **nós**? Dois leitores fazem perguntas diferentes sobre o mesmo tema.

1) Caro Professor Moreno, a expressão ***a gente****, tão comumente usada hoje em dia, trata-se de um terrível mau uso da língua ou é apenas uma cacofonia, pois dói no ouvido? Grato.*

Rubens G. – Campinas (SP)

Meu caro Rubens, mas que maneira de colocar a questão! Do jeito que você escreveu, ou você mata, ou enforca! A Retórica alertava para esses falsos dilemas, que não deixam saída para o interlocutor: “Você ainda bate na sua avozinha, ou resolveu agora ter pena da pobre velhinha?”. Note que, seja qual for a resposta, você estará admitindo uma atitude lamentável contra a terceira idade. “**A gente**” é um “**terrível mau uso**” ou “**apenas uma cacofonia**”? Deu para sentir a maldade?

Pois eu acho que o aparecimento dessa expressão é bom em parte, em parte é ruim, Rubens. A força com que **gente** entrou no Português quotidiano parece

revelar que temos necessidade de uma forma assim – um indicador de impessoalidade, como o ***on*** do Francês, para substituir o **nós**, que é muito mais particularizado. Note que, do ponto de vista flexional, **gente** tem a vantagem de usar a 3a pessoa do singular, a mais simples e menos marcada de todas: “a gente **decidiu**”, “a gente precisa **entender**”, etc. O problema surge, no entanto, na hora de escolher os **pronomes** (pessoais e possessivos) que irão fazer companhia ao vocábulo **gente**: apesar de ser gramaticalmente da 3a pessoa, o seu emprego no lugar do **nós** levaria a frases como “*a gente trouxe **nossos** ingressos”, “*a gente precisa entender **nosso** pai” – aí sim, Rubens, exemplos de mau uso (mas já não sei se tão “terrível” assim...). Vamos ver como o sistema vai resolver essa; entender uma língua é, antes de mais nada, observar as tendências naturais que ela decide seguir.

P.S.: Fique atento para um erro que começa a aparecer por aí: andam escrevendo “***agente** precisa tomar cuidado”, “***agente** não sabia o que estava acontecendo”. Que tal?

*2) Caro Professor Moreno, ficaria muito grato se o senhor esclarecesse **quem** pode fazer uso da **silepse**. Vou ser mais explícito: de acordo com o que vi nas gramáticas sobre **silepse**, poderíamos dizer “**a gente vamos**”, pois o verbo concordaria com o plural implícito no vocábulo “gente”. Seria silepse de número?*

David A. – Maceió (AL)

Meu caro David, **quem** pode usar a silepse? Quem quiser, ora. A língua é uma das poucas instâncias democráticas que temos. Se você quer saber **quando**, aí já é outro departamento. Mas, cuidado: as gramáticas não dizem que podemos usar “*a gente vamos”: isso é erro bravio, do mato cerrado. O que acontece com “gente” é que, às vezes, passamos para o seu conteúdo intrinsecamente plural: “A **gente** estava atravessando um momento muito difícil. Depois de três dias, **decidimos** recorrer ao senhor”. Note que não se trata de “***a gente decidimos**”. Estamos em outra oração, com outro verbo; houve a transição natural de **a gente** para **nós**. Há uma banda jovem (a que toca “Popozuda”...) que **ridiculariza esse erro** – aliás, numa bela batida funque: “**A gente somos inútil**!”.

o povo brasileiro somos

Prezado Professor, eu gostaria de saber se a frase ***O povo brasileiro somos patriotas*** *está correta. Grato.*

José Neto – Óbidos (PA)

Meu caro José, o processo de concordância verbal é extremamente simples em nosso idioma: **sujeito** no singular, **verbo** no singular; **sujeito** no plural, **verbo** no plural. Como na sua frase o sujeito é o **povo brasileiro** – 3a pessoa do singular –, a concordância usual é “O povo brasileiro **é patriota**” – simples assim. No entanto, podemos, em ocasiões muito especiais (e ponha ênfase nesse “**muito**”!), quebrar essa correspondência entre a marca de número e pessoa que o sujeito ostenta e a marca de número e pessoa que o verbo dele deve copiar. Nesses casos, desprezamos o que a **forma gramatical** do sujeito determina e preferimos levar em consideração os traços de número e pessoa que estão **implícitos** no seu **significado**. É a velha concordância *ad sensum* (“pelo sentido”), descrita em nossas gramáticas tradicionais com o nome de **silepse** ou **concordância ideológica**. Desta forma, aproveitamos para realçar nosso pertencimento (não está ainda na maioria dos dicionários, mas já tem verbete no incomparável ***Houaiss***) ao povo brasileiro, usando a primeira pessoa do plural: “Os brasileiros **somos**”.

O efeito é muito esquisito, mas a construção aparece em autores clássicos, o que nos assegura que pode ser usada sem grandes reclamações. Todavia, como certas substâncias perigosas, o limite entre a dose adequada e a dose mortal é muito tênue. Sei que você não pediu, mas dou-lhe um conselho de amigo: evite esse recurso! Se alguns (poucos) escritores bons souberam usá-lo com adequação, logo ele passou a ser de gosto extremamente duvidoso, pois os maus escritores (eram tantos!) do final do século XIX e do início do século XX gostavam de exibi-lo como sinal de domínio (!) do idioma – algo assim como andar de bicicleta de ponta-cabeça ou sem usar as mãos.

Bem diferente seria se, num texto, começássemos a falar do povo brasileiro e, em seguida, passássemos a usar a 1a pessoa do plural, assumindo nossa

identidade nacional e reforçando nossa inclusão: "**O povo brasileiro** é tratado com inaceitável desprezo pelo capital estrangeiro. Basta! Não **aceitamos** mais..." – isso traz vários bons efeitos retóricos. Agora, assim de supetão, "**o povo brasileiro somos**..." – isso é para aqueles discursadores baratos que falam de cima de um caixotinho de querosene Jacaré. Outra solução seria simplesmente reformular a frase para "**Nós**, o povo brasileiro, **somos**...". Neste caso, o sujeito do verbo é **nós**, enquanto **o povo brasileiro** passa a ser apenas um **aposto**. Também fica bem palatável.

os Estados Unidos é?

Uma leitora do Japão pergunta se os **Estados Unidos é** ou **são** uma potência mundial; não que ela tenha dúvida sobre o poder deste país, mas sim sobre a concordância do verbo **ser**.

Caro Professor, gostaria de tirar uma dúvida que já causou um pequeno debate entre mim e umas colegas de trabalho. Sabemos que a palavra ***Estados Unidos*** *é sempre usada no plural. No entanto, gostaria de saber, numa frase, como fica a* ***concordância do verbo****: "Os Estados Unidos* ***é*** *ou* ***são*** *uma potência mundial"? Eu tenho a impressão de que, na escola, uma professora muito bem conceituada na minha cidade me ensinou que nesse caso deveríamos usar* ***o verbo no plural –*** *e foi o que defendi na tal discussão.*

Sheila Mayumi Y. – Aichi-Ken (Japão)

Minha cara Sheila, pelo que vejo, você teve a sorte de ter uma boa professora. Quando o Português faz acompanhar um nome geográfico no plural pelo artigo definido também no plural (**os** Estados Unidos, **os** Emirados Árabes, **as** Antilhas, etc.), isso indica que esse nome terá o comportamento sintático de **qualquer substantivo plural**. Você pode observar isso em expressões como "**os poderosos** Estados Unidos"; "Ele não gostava dos Estados Unidos; respeitava-**os**, apenas, por seu..."; "Os Estados Unidos se **tornaram**...". Compara com **Campinas**, **Manguinhos**, **Lajes**, etc. – embora tenham a marca do plural, entram na sintaxe como vocábulo no singular ("Campinas **é**...", "**a orgulhosa** Campinas",

etc.).

mais sobre Estados Unidos

Caro Professor, vi sua resposta sobre concordância verbal quando o sujeito é ***Estados Unidos*** *e gostaria de saber, nas frases "os EUA* ***é/são*** *o país mais rico do mundo" e "um país como os EUA não* ***pode/podem*** *deixar de investir nas novas tecnologias", se os verbos são também conjugados no plural. Muito obrigado pela atenção. Abraço.*

Marcelo V. – Goiânia (GO)

Meu caro Marcelo, as duas frases são construções diferentes. Na frase "**Os EUA** são **o país mais rico do mundo**", temos a clássica estrutura [**sujeito**+verbo SER+**predicativo**]. Ela é similar a **"os olhos** são **seu maior problema**", "**os dois excelentes zagueiros** são **a garantia de nossa defesa**". Como é que posso afirmar que o sujeito da frase, **Estados Unidos**, é **plural**? É muito simples; basta ver que o sintagma está assim estruturado: [**os**+**EUA**]; ora, como o artigo ("os") é obrigado a concordar com o núcleo do sintagma ("**EUA**"), o fato de estar no plural é indício indiscutível de que o núcleo também está.

Já a segunda frase tem como sujeito [**um país como os EUA**], cujo núcleo é "**país**" ("**um**" é artigo indefinido; **"como os EUA"**, exatamente por vir ligado por preposição ao núcleo, **país**, é um mero elemento periférico). O verbo sempre concorda, você bem sabe, com o **núcleo** do sujeito; portanto, teremos aqui "um **país** como os Estados Unidos não **pode**" – no singular. O mesmo acontece em "um **arquipélago** como **as Antilhas não pode**", "uma **potência petrolífera** como **os Emirados Árabes não pode**".

concordância com percentuais

> Um leitor escreveu, num cartaz, "**Serão destinados** 20% da renda ...". Um boi-corneta anônimo riscou e trocou para "**Será destinada**". Quem estava com a razão?

*Prezado Professor, pediram-me que escrevesse um cartaz em que aparecia a seguinte frase: “20% da renda **serão destinados** às instituições de caridade...”. Alguns colegas argumentaram que o verbo deveria estar no singular para concordar com **renda**. Como não chegamos a um consenso, resolvi mudar o cartaz para: “**Serão destinados** 20% da renda às instituições...”. Um dia depois, alguém riscou a frase no cartaz, colocando o verbo no singular e anexando uma “regra” da gramática do Napoleão Mendes de Almeida explicando o assunto. Mesmo assim, entendo que o verbo no plural não esteja errado. O que o senhor acha?*

Paulo W. – Jaboatão dos Guararapes (PE)

Meu caro Paulo, você estava com a razão desde o início. Na concordância com **percentuais**, tudo o que for **igual ou maior que dois** deve ser considerado **plural**: “2,5% da quota **valem** muito”, “30% da assembleia **votaram**...”. É claro que aqui o elemento periférico do sintagma, que se liga ao núcleo por meio de uma preposição (**quota**, **assembleia**), exerce uma forte atração semântica, o que leva muitos falantes a fazerem a concordância com o periférico e não com o núcleo: “2,5% da quota **vale** muito”, “30% da assembleia **votou**”. Todos os gramáticos **também** aceitam essa hipótese.

Você já deve ter observado o mesmo fenômeno com as expressões partitivas: “a **metade** dos alunos”, “**grande parte** dos eleitores”. A concordância normal é com o **núcleo**: “a **metade** dos alunos **faltou**”, “grande **parte** dos eleitores se **absteve**”; contudo, é perfeitamente aceitável (e compreensível) “a metade dos **alunos faltaram**”, “grande parte dos **eleitores** se **abstiveram**”. Note o que estou dizendo: é também **aceitável**; eu não disse **preferível**. Eu, particularmente, só faço a concordância com o **núcleo**, por várias razões que não cabe aqui discutir. As duas hipóteses estão corretas; contudo, a primeira é a determinada pela estrutura de nossa língua – a que existe por “licença” de uso é a segunda. Se seus colegas preferem a segunda, tudo bem; você, no entanto, pode ficar com a que escolheu.

Quanto ao Napoleão (autor que eu cito algumas vezes, sempre com adjetivos como “folclórico”, “peculiar”, etc.), não concordo com as regras dele sobre este caso de concordância. Entre os especialistas, ele é visto como um autodidata muito experiente, agudo observador dos fatos da linguagem, valente

defensor do bom Português, mas cheio de ideias próprias (e completamente fantasiosas, muitas vezes). Ele às vezes dá no prego, mas muitas vezes dá na tábua. Eu já encontrei ótimas observações, tanto em sua ***Gramática Metódica*** quanto em seu ***Dicionário de Questões Vernáculas***, mas já tive várias confirmações de que o leitor leigo não consegue distinguir o que é e o que não é confiável.

Achei divertidíssima a mudança que você fez no cartaz: de "**20% da renda serão destinados**" passou para "**serão destinados 20% da renda**"! Na verdade, você apenas trocou **seis** por **meia dúzia**! A inversão da ordem "sujeito-verbo" para "verbo-sujeito" não tem efeito algum sobre a concordância – embora eu reconheça que, com a inversão introduzida, você deve ter acalmado alguns de seus opositores ao desviar a atenção que antes estava focada no sujeito.

fui eu quem começou

*Professor, gosto muito das crônicas da Martha Medeiros e acho que ela escreve muito bem. Esses dias, contudo, fiquei cismada com uma frase que ela usou: "**Não fui eu que comecei**". Não poderia ser **não foi eu quem começou**, ou ainda, **não foi eu que comecei**?*

Marília T. – Joinville (SC)

Minha cara Marília, vamos começar separando as orações que compõem essa frase: **não fui eu** e **que comecei**. Na primeira, o verbo **ser** vai concordar obrigatoriamente com o **sujeito**, expresso por um pronome pessoal: **fui eu**. Em hipótese alguma poderíamos ter aquele "*foi eu", como você escreveu.

Na segunda oração, o **que** é um pronome "vazio", isto é, ele vai assumir o valor do **antecedente** que ele representa (que é, obviamente, o sujeito da primeira oração):

fui **eu** que **fiz**

foste **tu** que **fizeste**

foi **ele** que **fez**

fomos **nós** que **fizemos**

Já o pronome **quem** é um pronome de 3a pessoa, e assim vai ficar o verbo da segunda oração:

fui eu **quem fez**

foste tu **quem fez**

foi ele **quem fez**

fomos nós **quem fez**

Podemos optar pela forma que melhor nos aprouver; o que não podemos fazer é **misturar** uma com a outra ("*somos nós **quem fazemos**" ou "*somos nós **que faz**" são frases absurdas).

A frase da Martha, portanto, está correta; ela poderia também ter escrito "**Não fui eu quem começou**", mas preferiu (como a maioria de seus leitores o faria) a primeira.

a maioria dos homens

Uma jovem leitora escreveu "a maioria dos homens **fica encabulada**"; a professora corrigiu para "**ficam encabulados**". Quem está com a razão? O Professor vem serenar os ânimos.

Professor, tenho 12 anos e estou na 7a série. Fiquei indignada com a correção que minha professora de Português fez na minha redação, considerando ***errada*** *a concordância na frase "A maioria dos homens* ***fica encabulada*** *de fazer os exames de próstata". Ora, tenho quase certeza de que minha forma está correta. Mas pode haver outra forma para a mesma frase, como, por exemplo, a forma corrigida? Segundo ela, o correto seria "A maioria dos homens* ***ficam encabulados*** *de fazer* *os exames de próstata".*

Camilla Maciel S. – Jundiaí (SP)

Minha cara Camilla, eu também prefiro a concordância com o **núcleo** do sintagma ("a **maioria** dos homens **fica**"), mas todos os gramáticos prescritivos concordam em admitir **também** (ou seja: é uma "licença" que aqueles senhores "concedem" por causa do uso) a concordância com o **termo periférico:** "a maioria dos **homens ficam**"). Escrevi algo a respeito disso no artigo sobre **concordância com percentuais**. Só há um complicadorzinho no seu caso específico, que é o adjetivo **encabulado**. Se optarmos (como você e eu) pela concordância com o núcleo **maioria**, o adjetivo fica **encabulada**, como você escreveu – e vamos ter de convir que esse feminino não soa tão bem numa frase que fala de **homens**. Afinal, homens deveriam ficar encabulados!

Talvez por isso a sua professora tenha preferido a concordância opcional com "**homens**". De qualquer forma, a redação que você fez está correta; resta saber se ela discordou da concordância por considerá-la "**errada**" ou por estar apenas aconselhando você a optar por outra forma mais bem-soante – coisa que eu faço a toda hora nas redações de meus alunos. Fale com ela, que eu acho que tudo vai se esclarecer.

Curtas

notifiquem-se os interessados

Adriana P., de Salvador (BA), quer saber qual é a forma correta: "**notifique**-se os interessados" ou "**notifiquem**-se os interessados".

Minha cara Adriana, **interessados** é o sujeito dessa frase; logo, **notifiquem-se os interessados**, ou **notifique-se o interessado**, se for um só. Recomendo que você dê uma olhada no que escrevi na **concordância com a voz passiva sintética**. Lá está tudo bem explicadinho.

concordância com **a maioria**

Um leitor que foi batizado com o estranho nome de “Escritório Modelo” quer saber qual a forma correta: “a maioria dos eleitores **votaram** ou **votou** neste candidato”? Alega que sempre achou que o verbo deveria concordar com **maioria**, mas notou que os jornais fazem a concordância utilizando-se do plural **votaram**.

Meu caro Escritório Modelo (já que não veio com nome de gente...), eu prefiro concordar com o **núcleo** do sujeito: a **maioria** dos alunos **votou**, **grande parte** dos deputados se **absteve**. Contudo, como a atenção do falante é fortemente atraída pelo modificador do núcleo, é também comum – e aceita pelos gramáticos tradicionais – fazer a concordância com este elemento periférico: a maioria dos **alunos votaram**. Eu me sinto mais seguro com a primeira, que é sempre indisputável, mas muita gente prefere a segunda. Dê uma lida no que escrevi antes sobre **a maioria dos homens**, pois lá faço alguns comentários sobre este tópico.

é uma e meia

Luís Henrique, um paulistano de 18 anos, tem dúvida quanto à concordância com o **número de horas**; sabe que é correto dizer “**é** uma hora” e “**são** duas horas”, mas hesita quando se trata de “uma e meia”.

Meu caro Luís Henrique, o plural, nas línguas ocidentais, começa quando tivermos **dois** ou **mais de dois**. Portanto, “**É** uma hora”, “**É** uma e meia”, “**É** uma hora e cinquenta e nove minutos – PLIM! **São** duas!”

concordância do verbo **ter**

Roselly S., de Caxias do Sul (RS), tem dúvida quanto ao verbo **ter**. Diz ela: “Na frase ‘a maioria das pessoas **tem**’, ele permanece no singular. Certo? A minha dúvida é como ele fica na frase ‘Obrigação que qualquer das partes **tem** ou **têm**’?”.

Minha cara Roselly, são duas situações completamente diferentes, embora com o mesmo resultado. Em “a maioria das pessoas **tem**”, o verbo está no singular porque concorda com o núcleo do sujeito, **maioria**. Em “obrigação que qualquer das partes **tem**”, o verbo concorda com o pronome **qualquer** (singular de **quaisquer**). Compare: “**Qualquer** um dos alunos **sabe**”, “**Qualquer** um dos candidatos **afirma**”, e assim por diante.

mais de um votou

O leitor que se assina “Pigmeu”, de São Paulo (SP), diz que a namorada quer saber a forma correta: “Isso ocorre nos condutores quando mais do que um nível de tensão **for modelado/forem modelados** numa estação”. “A dúvida nasceu por causa do **mais do que um**”, diz Celso, que se declara decidido a manter o saldo positivo com sua garota...

Meu prezado Pigmeu, a concordância usual, na linguagem culta, com **mais de um** é com o verbo no **singular**: “quando mais de um nível de tensão **for modelado**”. Na verdade, isso faz parte de uma regra mais ampla: o **numeral** depois de **mais de** é que vai decidir se é singular ou plural. “Mais de **um** deputado **votou**”, “mais de **dois** deputados **votaram**”.

fomos nós **quem fez**

Ruy R. W. pergunta se não está errado escrever “Fomos nós **quem fez**”. O correto não seria “fomos nós **quem fizeram**”?

É claro que não, meu caro Ruy; o **quem** é um pronome que leva sempre o verbo para a 3a pessoa do **singular**: “fomos nós **quem fez**”, “foram eles **quem fez**”. Essas combinações soam tão estranhas que preferimos, em geral, usar o **que** em vez do **quem**. Nesse caso, o verbo vai concordar com o antecedente do **que**: fui eu **que fiz**, fomos nós **que fizemos**, foram eles **que fizeram**.

é nestes momentos que...

Lima, de Campina Grande (PB), precisa saber qual a forma correta: (1) “É nestes momentos que me **parece difícil** dizer palavras de consolo”; (2) “É nestes momentos que me **parecem difíceis** dizer palavras de consolo”; ou (3)”**São** nestes momentos que me **parecem difíceis** dizer palavras de consolo”?

Caro Lima, a sua primeira hipótese está correta; as outras duas, completamente erradas. A frase “É nestes momentos que me parece difícil dizer palavras de consolo”, na verdade, assim se decompõe: [**dizer palavras de consolo**] [**é que me parece difícil**] nestes momentos.

erro de concordância

Ana Célia G. reclama de um cartaz feito pelos alunos da escola em que sua filha estuda: “Não permita que as dificuldades da vida **o impeça** de florescer”. Ela acha que o verbo deveria estar no plural (**não o impeçam**), mas a professora alegou que a concordância estava correta.

Prezada Ana, você é quem está com a razão. O sujeito do verbo **impedir**, nesta frase, é **as dificuldades da vida**, exigindo, necessariamente, a concordância com a 3a pessoa do plural: “Não permita que as dificuldades da vida **o impeçam** de florescer”. Só espero que a professora que disse que o singular estava correto não seja a de Português; se for, é bom ir pensando numa outra escola para a filha de vocês.

quantos dias **tem** a semana

Aline, de Caxias do Sul (RS), manda uma dúvida que ninguém soube responder na sua sala de aula, nem mesmo o professor: deve-se acentuar o verbo na frase ‘Quantas horas **tem** uma semana”? Acrescenta: ‘O senhor poderia me enviar coisas que comprovassem essa resposta para mostrar para meu professor”?”.

Minha cara Aline: não tenho de enviar nada para comprovar a resposta, já que se trata de uma regra básica de concordância: o verbo sempre vai concordar com o seu sujeito, que, no caso, é obviamente **semana**: “Quantas horas **tem** uma semana”, ou, se você quiser, “Quantas horas uma semana **tem**”. Espero que o professor que você menciona não seja de Português...

doam a quem **doerem**

Teófilo S., de Barbalha (CE), quer saber se a frase “**Doa a quem doer esses fatos**” tem algum problema.

Caro Teófilo, o problema é de concordância. O sujeito é “esses fatos”, e a frase correta seria “**Doam** a quem **doerem** esses fatos” (entenda-se: “doam esses fatos a quem esses fatos doerem”). Compare com o singular “**doa** a **quem** doer esse fato”.

aluga-se uma casa

O leitor Edvaldo diz que aprendeu, quando ainda no ginásio, com um professor de Português muito bom, que o certo era **alugam-se uma casa**. No entanto, como vê constantemente placas com **aluga-se uma casa**, quer saber qual das duas formas é a correta.

Meu caro Edvaldo, acho que a sua memória está lhe pregando uma peça, porque seu professor jamais lhe ensinaria que ***alugam-se uma casa** está correto. Ou vamos usar **aluga-se uma casa** (voz passiva sintética; aqui, “uma casa” é o **sujeito**, e o verbo tem de ficar no singular), ou **alugam uma casa** (voz ativa, com **sujeito indeterminado** indicado pelo verbo na 3a pessoa do plural).

que horas são?

Édson Dutra Caro quer saber se a forma correta é “que horas **são**?” ou “que horas **é**?”. Pergunta ele: “O verbo acompanha o sujeito?”.

Meu caro Édson, o verbo **sempre** vai concordar com o sujeito, que, no caso, é **horas**. Por isso, a forma correta é “que **horas são**” (se você usar o plural), ou “que **hora é**” (se você usar o singular). Note, no entanto, que a primeira é muito mais aconselhável, já que, na grande maioria das vezes, a resposta será “são duas”, “são cinco”, etc. Em outras palavras: há, por razões óbvias, muito mais situações em que a hora vai envolver o plural. O singular aparece

obrigatoriamente com **meio-dia**, **meia-noite** e **uma hora**: "**é** meio-dia e vinte", "**é** meia-noite e quinze", "**é** uma e dezesseis", e assim por diante.

o prazo é de 10 dias

Tânia L., leitora de São Paulo (SP), chega a uma conclusão filosófica: "A certeza é quase sempre uma armadilha. Apostei, sem titubear, que o correto seria dizer: 'O prazo **é de** 10 dias', mas parece que também estaria correto 'O prazo **são de** 10 dias'. Será que eu perdi a aposta? Estava valendo uma garrafa de uísque..."

Prezada Tânia, o que salvou você foi a preposição "**de**": "o prazo **é de** 10 dias". Se usássemos uma construção em que o sujeito fosse **10 dias**, poderíamos defender que também estaria correto "o prazo **são** 10 dias". Agora, "*o prazo **são de** dez dias" é indefensável; sorte a sua.

Estados Unidos

Terry S., um leitor americano, escreve para comentar a concordância com **Estados Unidos**: "Em Inglês, **Estados Unidos** é sempre usado com o valor de um **singular**: 'The United States **is** a big country. The U.S. **is** a world power. The U.S.A. **has** a problem with illegal immigration'. O plural dos verbos (neste caso, "**are**" ou "**have**") não é usado porque **Estados Unidos** é considerado um nome próprio, não um substantivo/adjetivo. É o nome de um país. Os **estados russos**, os **estados confederativos**, os **estados europeus**, os **estados brasileiros**, os **estados romanos**, as **ilhas havaianas** – esses sim são substantivos/adjetivos, que não começam em letras maiúsculas".

Meu caro Terry, agradeço suas observações. São esclarecedoras quanto ao uso do **Inglês**, mas nada têm a ver com o **Português**. "The U.S.A. **is**", "people

are", etc. – são características idiossincráticas do sistema flexional do Inglês, do mesmo modo como "Os Estados Unidos **são**" caracteriza o sistema do Português. Cada língua com seu uso, cada roca com seu fuso. Um abraço, Terry, e continue meu leitor atento.

faz trinta graus

Valério N. F., do Rio de Janeiro (RJ), estranha que os apresentadores de telejornais, nas informações meteorológicas, digam: "Neste momento **faz** 30 graus na cidade tal". Sua dúvida: não seria **fazem**?

Prezado Valério, o verbo **fazer**, quando indicar condições climáticas ou fenômenos meteorológicos, é sempre **impessoal**, isto é, fica sempre na terceira pessoa do singular: "aqui **faz** verões quentíssimos", "**fez** dias belíssimos durante nossa viagem ao Caribe", "aqui **faz** 30 graus à sombra".

concordância do infinitivo

O leitor Pedro Z. quer saber qual é a forma correta: "As bolsas são capazes de **ter**/**terem** eficiência nominal".

Meu caro Pedro, as bolsas **são** capazes **de ter**, nós **somos** capazes **de ter**, tu **és** capaz **de ter** – note como só o primeiro verbo varia. Se o segundo também flexionasse, teríamos horrores como "*nós somos capazes de termos", "*tu és capaz de teres".

leia-se Lula e Serra

Maria Laís P., professora de São Paulo (SP), estranhou um jornal de São Bernardo que escreveu: “Os candidatos à Presidência da República – **leiam-se** Lula e Serra – estavam empenhados em conquistar apoios”. Não deveria ser **leia-se** (onde se **lê** isso, **leia-se** aquilo)? Não se trata aí da concordância com um falso plural, já que não se quer dizer que Lula e Serra devem ser lidos?”.

Prezada Maria Laís, sim, deveria ser **leia-se**. O que enganou o redator foi outro erro presente na mesma notícia: “Lula e Serra” deveriam ter recebido um tratamento de **metalinguagem**; como não pertencem ao discurso normal do texto, deveriam vir sublinhados, em itálico ou entre aspas: os candidatos à Presidência da República – leia-se “**Lula e Serra**”. Um erro levou ao outro.

eu **sou** você

Marcelo Ferreira Lima tem uma “dúvida eterna”: qual a forma correta? “Eu **sou** você, você **sou** eu”, ou “Eu **sou** você, você **é** eu”?

Meu caro Marcelo, vou dar um fim na sua dúvida eterna: “Eu **sou** você, você **é** eu”. A frase é clássica, a solução também. Apesar do conhecido comportamento do verbo **ser** quanto à concordância, considera-se o pronome da esquerda como sujeito.

os brasileiros que sabemos?

Marino Novoa, um leitor hispano-falante que está aprendendo português, estranhou uma frase no artigo **item, itens**, no ***Guia Prático do Português Correto***, v. 1, em que escrevi "... vem sendo transmitido a todos nós, **os brasileiros que sabem** escrever". Ele pergunta se o correto não seria "vem sendo transmitido a todos nós, os brasileiros que **sabemos** escrever".

Meu caro Marino, nesta construção, trocar **sabem** por **sabemos** é um recurso literário que soa cada vez mais artificial. "**Os brasileiros somos** um povo" – isso é gramaticalmente correto, mas só caberia em linguagem erudita e rebuscada. A forma canônica, correta, é "Nós, **os brasileiros que sabem**"; o sujeito de **saber** é **brasileiros**, e não **nós**. Basta trocar o pronome pelo singular para ficar claro o que estou dizendo: "Eu, o **brasileiro que sabe** falar trinta línguas" – e nunca "*****Eu, o brasileiro **que sei** falar trinta línguas".

és **o** que governa

Ana Cláudia, de São Paulo (SP), gostaria de saber se a forma correta seria "És o que **governa**" ou "És o que **governas**" – e pergunta, de inhapa, qual seria a função sintática do "**O**".

Minha cara Ana Cláudia, a forma correta seria "És o **que governa**". Análise da oração principal: **tu** (sujeito elíptico) + **és** (verbo de ligação) + **O** (predicativo; "**O**" aqui é um pronome demonstrativo, equivalente a "aquele"). A oração subordinada adjetiva, "**que governa**", tem o pronome relativo **que** como **sujeito**; seu antecedente é o "**O**", e por isso o verbo vai ficar na 3a pessoa. Se tirássemos o pronome "**O**" daquela frase, teríamos uma construção bem diferente: "És tu **que governas**"; neste caso, o antecedente do **que** é o **tu**, e o verbo vai naturalmente para a 2a pessoa.

hão de ser corrigidos

Júlio César R., de Florianópolis (SC), pergunta se deve escrever **hão de ser corrigidos os erros**, **hão de serem corrigidos os erros** ou **há de ser corrigidos os erros**.

Caro Júlio, a única aceitável é **hão de ser corrigidos**. Compare com **havemos de ser entendidos**, **hás de ser recompensado**; note que o verbo **ser** fica invariável, em qualquer hipótese. Como você sabe, nas locuções verbais só o auxiliar **mais à esquerda** sofre flexão (**tenho** de ir, **tens** de ir, **temos** de ir, **têm** de ir); os demais ficam invariáveis. Quanto à terceira versão, ela está errada porque o verbo **haver** aqui é um simples auxiliar e deve concordar normalmente com o sujeito **erros**.

6. Tratamento

lhe, te e **você**

Uma leitora suíça estranha o uso do **lhe** no vídeo da Xuxa.

Na fita de vídeo da Xuxa que comprei para minha filha, em algumas músicas usam o ***lhe*** *dirigindo-se a alguém que não é mais velho ou que exija tratamento formal; por exemplo, "Eu* ***lhe*** *darei uma chance". No decorrer desta música, no entanto, a pessoa a quem foi dada a chance é chamada por* ***você****. Está correto?*

Thaís M. – Zurique (Suíça)

Minha cara Thaís, percebo que você está fazendo uma pequena confusão entre o **lhe** do **uso culto escrito** e o **lhe** do **uso falado**. No primeiro, que é naturalmente mais conservador, o **lhe** é o pronome de 3a pessoa usado para representar os **objetos indiretos**; a hierarquia de nosso interlocutor não é levada em consideração. Se eu devo um favor **ao rei**, ou **ao jardineiro**, ou **a você**, a frase que eu vou dizer será a mesma: "Eu **lhe** devo um favor". Neste sistema, portanto, a escolha entre **o** ou **lhe** é feita por critérios exclusivamente **sintáticos** (se o objeto é **direto** ou **indireto**).

No uso falado, contudo, desapareceu essa vinculação sintática do **lhe** ao objeto indireto, e foi-lhe atribuída a função social de expressar um tratamento mais delicado, mais respeitoso. Por isso mesmo, nas regiões do Brasil onde se usa o **você** (em vez do **tu**) para o tratamento entre pessoas de igual hierarquia, a forma escolhida para representar o objeto indireto é o **te**, que é um pronome da 2a pessoa. No Rio de Janeiro, por exemplo, vamos ouvir "**Você** foi muito gentil; eu **te** devo um favor"; "Eu **te** disse que ia dar errado, mas **você** não acreditou". Apesar de usual, essa mistura de pessoas gramaticais ainda é considerada como erro pela maioria dos gramáticos. Acho que a produção do disco da Xuxa, por ele ser destinado a crianças, tomou o cuidado de empregar apenas a norma culta – no que, vamos convir, fez muito bem.

tu x **você**

Duas leitoras compartilham a mesma dúvida: qual a diferença na conjugação verbal entre **tu** e **você**?

*Caro Professor, trabalho com textos traduzidos para a nossa língua. A respeito de verbos na forma imperativa, tenho visto muitos deles usados de forma diferente da que eu aprendi na escola. Por exemplo: olhar, "**olhe**"; escrever, "**escreva**"; ligar, "**ligue**". Pois bem... frequentemente no rádio e na televisão, ouço "**liga** agora pra nossa central...", "**escreve** aqui para a rádio". Há um comercial de celular no qual o verbo é usado como "**liga**", e até vi na capa de uma revista "**olha** a postura!". Espero que o senhor resolva de vez essa minha dúvida, que pode ser a de muitos e que me deixa espantada.*

Audrey C. – São Paulo (SP)

Prezado Prof. Moreno, aprendi, ainda quando pequena, esta oração ao Anjo da Guarda, que penso estar errada na conjugação dos verbos no imperativo. A oração é escrita assim:
Santo Anjo do Senhor,
Meu zeloso guardador,
Se a ti me confiou a piedade divina,
Sempre me rege, guarde, governe, ilumine.
Como seria a forma correta? Desde já agradeço.

Ângela S. – Caxias do Sul (RS)

Prezadas leitoras, o que está incomodando vocês é o cruzamento das regras de conjugação do **imperativo** com a forma de **tratamento** que está sendo empregada (**tu** ou **você**) – uma das misturas mais indigestas para quem hoje ainda tenta escrever corretamente o nosso idioma. Essas duas áreas já são problemáticas de per si; quando se juntam, é natural que o cenário fique ainda mais confuso. Vou esclarecer por partes.

O tratamento – quando nos dirigimos a alguém, o Português moderno permite que escolhamos livremente entre tratá-lo por **tu** ou por **você**; embora haja certas preferências regionais, qualquer brasileiro, em qualquer parte do

país, é livre para usar a forma de tratamento que lhe aprouver. No jargão das gramáticas tradicionais, portanto, **tu** e **você** são duas formas igualmente corretas para tratar a segunda **pessoa do discurso** (definida como **aquela a quem se fala**). É importante frisar que, apesar de ambos se referirem à **2a** pessoa (do discurso), **tu** pertence à **2a** e **você** pertence à **3a** pessoa **gramatical**, exigindo as formas verbais e os pronomes respectivos. Comparem "Se **você** não **trouxe seu** livro, **vai se** arrepender" com "Se **tu** não **trouxeste teu** livro, **vais te** arrepender" – ambas corretas.

Numa espécie de darwinismo linguístico, as duas formas passaram a disputar a preferência dos falantes. Ambas estão ainda em uso, mas a **direção de tendência** – ou seja, o rumo inexorável para onde os dados linguísticos apontam – parece ser a supremacia absoluta do **você** e a retirada de cena do **tu**, assim como já aconteceu com o **vós** (lembro apenas que essa disputa vai durar alguns séculos, ao longo dos quais as hesitações vão naturalmente continuar ocorrendo). Nosso quadro verbal, então, vai reduzir-se a **quatro** pessoas (**eu**; **ele** ou **você**; **nós**; **eles** ou **vocês**).

O imperativo – para fazer um convite, uma exortação, ou dar uma ordem – aquilo que a mitologia gramatical denominou de **imperativo** –, deveríamos usar formas verbais muito diferentes para o **tu** e para o **você**. Eu disse "deveríamos", porque na prática quase nunca isso acontece. A forma que corresponde ao **você** é idêntica ao **presente do subjuntivo**, enquanto a que corresponde ao **tu** é uma forma própria, exclusiva, obtida a partir do **presente do indicativo**, com a perda do "**S**" característico:

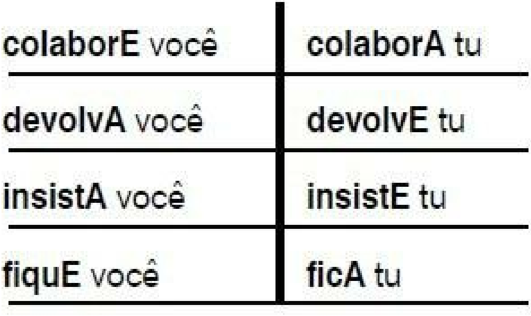

colaborE você	colaborA tu
devolvA você	devolvE tu
insistA você	insistE tu
fiquE você	ficA tu

Pois as formas com que você cismou, minha cara Audrey, são as que correspondem ao **tu**: “**liga** agora para nossa central”, “**escreve** aqui para a rádio”, “**olha** a postura!”. A julgar por suas palavras, presumo que você preferiria “**ligue**”, “**escreva**” e “**olhe**”, correspondentes ao **você**. As outras não estão erradas; o que fez você acender a luz de alerta, ao ver aqueles comerciais, foi simplesmente o fato de empregarem o “**tu**”, com suas formas verbais que já soam estranhas para grande parte dos brasileiros. Quanto a você, minha prezada Ângela, está certa em desconfiar do texto da oração, porque ele realmente está errado. Se a prece se dirige ao Anjo tratando-o por **tu** (como sugere a frase “se a **TI** me confiou...”), as formas do imperativo devem ser da segunda pessoa: “...me **rege**, **guarda**, **governa** e **ilumina**”. Acho que o “**E**” de **regE** terminou influenciando na conjugação errônea dos três outros verbos.

se liga

> Um gaúcho indignado reclama contra o jeito da TV brasileira falar.

Prezado Professor, minha implicância maior é com o colonialismo imposto pela TV do centro do país. Veja o uso do ***se****: "****Se*** *liga", "****se*** *cuida", "****se*** *levanta", etc. O certo não seria "****te*** *liga", "****te*** *cuida", "****te*** *levanta"? Nesse caso, o* ***se*** *não representa a 3a pessoa?*

Elly W. – Passo Fundo (RS)

Meu caro Elly, não há nada contra o emprego do **se**, pronome correspondente a **você**; é claro que é 3a pessoa, mas, como bem sabemos, o Brasil se divide em dois territórios: o maior, que usa **você**, e o menor (Rio Grande do Sul e algumas cidades esparsas no resto do país), que usa **tu**. Feliz ou infelizmente, o avanço linguístico do **você** é inexorável, porque ele é o pronome preferido nos estados que produzem a nossa programação de TV e que, *ipso facto*, dominam os corações e as mentes de nossas crianças. Não sei que idade você tem, mas digo a meu filho (26 anos), gaúcho de quatro costados, que os netinhos dele vão andar de bombachinha, tomando chimarrão e falando **você.** É brincadeira, é claro, mas expressa mais ou menos o espírito da coisa. Este ***Guia Prático***, por exemplo, tinha sido escrito tratando os leitores por **tu**; no entanto, por ponderação do editor, troquei tudo para **você**, dado o alcance nacional das edições da L&PM.

Agora, numa coisa você está coberto de razão: "*se liga", "*se cuida" e "*se levanta" são realmente execráveis, mas por outro motivo: o verbo está mal conjugado, no imperativo. A forma correta seria "se **ligue**", "se **cuide**", "se **levante**". Se preferem o **você** ao **tu**, estão no direito deles, mas vão ter de levar o verbo para a 3ª pessoa – e não tem coré-coré.

quem é **doutor**, afinal?

> Já foi dito que os brasileiros se dividem entre os que são doutores e os que gostariam de sê-lo.

*Caro Professor, por que os formados em Medicina, Direito, Odontologia e até mesmo Engenharia (entre outros) são chamados de **doutor**, enquanto os formados em Letras, Computação, etc. não são? Existe uma regra para tal discriminação? Eu pensava que **doutores** eram apenas os pós-graduados com doutorado, que defenderam uma tese e receberam tal título.*

Ailton B. G. – Osasco (SP)

Meu prezado Ailton, o vocábulo **doutor** vem do Latim **docere** ("ensinar"). No seu emprego primitivo, na Bíblia, designava aqueles que ensinavam a lei hebraica (os "doutores da lei"); em **Lucas** 1,46 (na trad. de João Ferreira de Almeida), os pais do Menino Jesus procuraram-no em Jerusalém e "o acharam no templo, assentado no meio dos **doutores**, ouvindo-os e interrogando-os".

O uso de **doutor** como título acadêmico, no entanto, começou nas universidades medievais (Bolonha, Salamanca, Oxford, Cambridge, Sorbonne, Coimbra, Upsala) para designar os que tinham conquistado a autorização para lecionar. Esse direito se limitava, primeiro, à sua própria universidade, mas foi estendido, mais tarde, a qualquer outra (com as indefectíveis rivalidades e picuinhas que duram até hoje).

Primeiro houve os doutores em **Direito** (*doctores legum*), depois em **Direito Canônico** (*doctores decretorum*) e, já no século XIII, em **Medicina**, **Gramática**, **Lógica** e **Filosofia**; no século XV, Oxford e Cambridge começaram a conferir também o doutorado em **Música**. Os antigos doutorados em Direito e Medicina certamente explicam o uso popular, tanto no Brasil como em Portugal, do tratamento de **doutor** para os médicos e advogados. Outro resquício medieval é o título de Doutor ***Honoris Causa*** ("por motivo honorífico"), concedido a qualquer personalidade que uma determinada universidade queira homenagear, tenha ou não formação acadêmica.

Independentemente do sentido acadêmico (que implica a defesa de uma tese de doutoramento), uma indiscutível aura de respeito e deferência cerca o vocábulo **doutor**, como podemos ver nos reflexos que deixa no vocábulo **douto**, que indica o erudito, o sábio, o profundo especialista em determinada área. Por outro lado, o pedantismo e a atitude aristocrática de alguns doutores explica também por que chamamos de "tom **doutoral**" aquele tom sentencioso, muitas

vezes pedante, de quem pensa que está dando lições de sabedoria.

Como vimos até aqui, caro Ailton, para ser **doutor**, o pobre mortal tem de quebrar muita pedra! Só os que sobreviveram sabem o que isso significa. No mundo acadêmico, só pode ser chamado de **doutor** quem cumpriu as etapas constantes no curso de doutorado, incluindo a defesa de uma tese original diante de uma banca composta por cinco outros doutores (até bem pouco tempo, no sistema brasileiro, isso só podia ser feito depois de se ter concluído o curso de Mestrado). Quando se ouve, na universidade, alguém anunciado como "**Professor Doutor**", é porque ele é **doutor** mesmo.

Saindo um pouco do mundo universitário, tornou-se costume, aqui no Brasil, chamar de **doutor** também ao **médico** e ao **advogado**, havendo, inclusive, esquisitos dispositivos legais que regulavam (e talvez ainda tentem regular) o uso do título. A prática é tão usual que poderíamos dizer que o sentido mais geral da palavra **doutor**, no Brasil, é o de **médico**: "Ele foi ao **doutor**" vai ser interpretado por quase todos os falantes como equivalente a "ele foi ao **médico**". Neste caso, no entanto, devemos reconhecer que esse emprego mais tolerante do vocábulo vem facilitar a comunicação direta com esses profissionais: quando me dirijo a um médico ou a um advogado, não preciso dizer "O que o senhor pensa disso, **médico** Fulano?" ou "Gostaríamos que participasse das negociações, **advogado** Beltrano", pois o **doutor**, usado mais como forma de tratamento do que como título, serve de tratamento genérico.

Agora, no imenso mundo não-acadêmico, neste pobre Brasil semianalfabeto, **doutor** já é outra coisa, pois serve para designar qualquer cidadão que teve a sorte de concluir um curso superior: "Ele agora se formou; tenho um filho **doutor**, de anel no dedo!". É aqui que os engenheiros, arquitetos, economistas, etc. ganham também a sua fatia. E lá se vai o conceito, alargando-se na sua elasticidade infinita, passando finalmente a abranger qualquer pessoa cuja aparência sugira que pertence às classes dominantes. É o **doutor** usado pelo guardador de carro, pelo porteiro de prédio, pelo vendedor dos semáforos. Todo brasileiro, no fundo, sonha em ser doutor. Portugal, nosso avozinho, resolveu de outra forma esse anseio por um tratamento diferenciado: lá todos são chamados de **excelência**, para contentamento geral. Eu, pessoalmente, prezo mais o título de **professor** que o de **doutor** (a que fiz jus, pela tese que defendi) – exatamente pela indefinição deste último.

enfermeiro é **doutor**?

Professor Moreno, sou enfermeiro e soube que o Conselho Federal de Enfermagem editou uma resolução segundo a qual os enfermeiros também fazem

jus ao título de ***doutor****. Antes de fazer um novo crachá e um novo carimbo, no entanto, gostaria de saber se é legítimo o uso do* ***doutor*** *antes de meu nome. Confesso que até gostaria de ser chamado assim, mas não acho muito honesto com os pacientes.*

Enfermeiro Atento – Campos (RJ)

Meu caro amigo, não sei se ela ainda está em vigor, mas essa resolução é uma das peças mais surrealistas que li sobre este assunto (Resolução COFEN-256/2001 – Autoriza o uso do Título de Doutor pelos Enfermeiros). O Conselho de Enfermagem, além de fazer afirmações completamente equivocadas (o título de **doutor** jamais foi genérico para portadores de diploma de curso superior – só os médicos e os advogados costumam usá-lo, à moda deles, fora do sistema acadêmico de títulos, que só chama de **doutor** quem fez doutorado), realizou a proeza de atribuir direitos a si mesmo! Por que eles não decidiram, logo, autorizar os enfermeiros a usar o título de **rei**, ou de **bispo**, ou ainda de **vereador**? O disparate seria igual se o Conselho Regional de Engenharia fizesse o mesmo, ou o de Economistas, ou o de Contabilistas!

Sua hesitação em usá-lo, amigo, é muito sábia; se você leu o que escrevi em "***Quem é doutor, afinal?***", deve conhecer a minha opinião: de um lado, há o **doutor** quente, com curso de pós-graduação e defesa pública de tese; este é incontestável, seja ele psicólogo, dramaturgo, enfermeiro, cineasta ou matemático, e seu título é reconhecido legalmente no Brasil e no resto do mundo, gerando vários efeitos jurídicos – inclusive a capacidade de postular certas vagas que exigem essa titulação e o direito de receber adicionais na sua remuneração. Do outro, há o **doutor** popular, forma cerimoniosa de tratamento dos médicos, dos advogados, de pessoas mais ricas, de poderosos em geral, neste país de imensos contrastes que é o nosso querido Brasil. O guardador de carros da minha rua sempre me chama de **doutor**, não porque conheça o meu trabalho na universidade ou os livros que escrevi, mas porque, na óptica dele, quem tem carro é rico, e quem é rico é doutor. Nesse segundo **doutor**, teoricamente, cabemos todos nós, porque, se não somos tão poderosos ou ricos quanto um Ermírio de Morais, somos muito mais poderosos ou ricos que o pobre retirante que caça calango para matar a fome. Na pirâmide social, chamaremos de **doutor** quem está acima de nós, e assim seremos chamados por quem está abaixo – mas isso não se regula com portarias ou resoluções. Depende de uma intrincada rede de fatores sociolinguísticos, na qual intervêm, inclusive, traços de nossa relação subjetiva com nossos interlocutores. Eu trato todos os professores por **tu** ou **você**; a alguns, no entanto, a quem respeito pela idade ou pela sabedoria, chamo de **professor**. O mesmo acontece com os médicos: trato-os

sempre na 2a pessoa, exceto aqueles que, pelos mesmos motivos, prefiro chamar de **doutor**.

Vossa Meritíssima?

O Professor mostra que essa forma de tratamento é uma cruza de jacaré com cobra-d'água.

*Professor Moreno, alguns gramáticos afirmam que **Vossa Meritíssima** deve ser grafado apenas por extenso; todavia, já vi a forma **MM**. como referência ao pronome de tratamento em questão. Há ainda gramáticos que insistem em dizer que o **vossa** não deve ser usado quando associado ao termo **Meritíssima**. A quem devo seguir? O que devo fazer?*

Petrúcio

Meu caro Petrúcio, acho que há um engano aqui, pois ***Vossa Meritíssima** é uma sequência impossível na estrutura do Português. Os nossos pronomes de tratamento sempre têm a estrutura [**vossa+substantivo**]: Vossa **Majestade**, Vossa **Alteza**, Vossa **Santidade**, Vossa **Eminência**, Vossa **Excelência**, Vossa **Senhoria** – e **Meritíssima**, como você sabe, é um **adjetivo**.

Outra coisa bem diferente são os adjetivos superlativos que usamos para qualificar certas autoridades – neste caso, sempre **antes** de um **substantivo**: Digníssimo **Senhor**, Ilustríssimo **Diretor**, Excelentíssimo **Presidente** – e por aí vai a valsa. Acho que podemos distinguir muito bem entre as duas situações: **Vossa Excelência** e **Vossa Magnificência**, de um lado, e **Excelentíssimo** e **Magnificentíssimo**, de outro.

Como você pode ver, não cabe um ***Vossa Meritíssima**, assim como não cabe um ***Vossa Excelentíssima** (como alguns parlamentares andam usando por aí), pois se criaria uma exótica e inaceitável sequência [**vossa**+**adjetivo**], que o nosso idioma desconhece. No mundo jurídico, é muito comum (e adequado) usar-se **Meritíssimo** como **adjetivo** de tratamento para magistrados. Ao nos dirigirmos diretamente a um juiz, podemos simplesmente utilizar **Merítissimo** – ou **Meritíssima**, caso se trate de uma juíza.

Curtas

quem é “excelência”?

Maurici L., de Porto Velho (RO), precisa saber quem deve ser tratado como **Vossa Excelência** e como se abrevia. Acrescenta: “Por exemplo, como devo me referir a uma Procuradora Federal?”.

Meu caro Maurici, num país dominado pelas vaidades públicas, como o nosso, use **Vossa Excelência** (abreviado como **V. Ex.a**) para todo o mundo, que assim todos ficam satisfeitos. Em Portugal, que é um país extremamente educado, os vendedores de peixe e os porteiros de hotel chamam todo mundo de **excelência**; ninguém fica ofendido com a honraria. Eu faço assim, e só não uso **Vossa Majestade** porque as pessoas iriam perceber que é ironia.

P.S.: Quando você se dirigir diretamente à autoridade, use **Vossa Excelência**; quando você falar **sobre** ela, troque para **Sua Excelência**.

favor **limpar** os pés antes de entrar

Gorete diz que tem o hábito de empregar **tu** como forma de tratamento; um dia desses, escreveu em um e-mail a frase “Favor lê o anexo”, e seu chefe ficou furioso. “Ele tinha razão, Professor, ou era só preconceito comigo, porque sou de Teresina?”

Prezada Gorete, se você prefere o **tu**, deveria ter escrito “Por favor, **lê** o anexo”. Isso é o imperativo afirmativo para a 2a pessoa, como se pode ver em qualquer gramática. No entanto, quando usamos apenas o “Favor”, o normal é usar o infinitivo: “Favor **ler** o anexo”. É claro que na pronúncia usual brasileira (e não só do Piauí, como indelicadamente afirmou o seu chefe), o /r/ final do

infinitivo muitas vezes não é pronunciado, fazendo com que **ler** soe como /lê/. Foi isso o que atrapalhou você na hora de escrever. Compare "Por favor, **limpe** os pés ao entrar" com "Favor **limpar** os pés ao entrar".

conta ou **conte**

A leitora Dinah quer saber qual é a forma correta: "Brasil, **conte** em cantos um pouco da sua história" ou "Brasil, **conta** em cantos um pouco da tua história".

Minha cara Dinah, se você vai usar **conta**, deve usar **tua**; se usar **conte**, deve usar **sua** – tudo depende de como você vai se dirigir ao Brasil. Escolha entre **tu** ou **você**; o que não pode é "*Brasil, **conta** a **sua** história", porque estaria misturando os dois tratamentos.

tratamento para reitores

A leitora Yasmin X., do Rio de Janeiro, quer saber qual a forma de tratamento para **Reitor**.

Ora, minha cara Yasmin, desde a Idade Média o tratamento dispensado aos reitores é **Vossa Magnificência** – e é por isso que nossos diplomas têm, no texto, "**O Magnífico Reitor** da Universidade...".

seu ou **teu**

Carlos M. nos informa que, dirigindo-se ao interlocutor, costumava dizer “isto é um problema **seu**”, até que um amigo teimou que o pronome correto seria **teu**, alegando que o tratamento do interlocutor deve ser **tu**. Pergunta: “Isso é correto, ou podemos dizer **seu** em referência a **você**?”.

Meu caro Carlos, quem usa **tu** para se dirigir a seu interlocutor (como eu normalmente faço), vai usar **teu**; quem usa **você**, vai usar **seu**. Compare: “**Tu** perdeste o ônibus? Isso é problema **teu**” com “**Você** perdeu o ônibus? Isso é problema **seu**”. É fantástico como esses amigos vivem dando palpites furados!

tratamento para padre

Luciane F., de Juiz de Fora (MG), pergunta qual é o pronome de tratamento exato para um **padre** ou **religioso**.

Prezada Luciane, isso não é uma questão de Língua Portuguesa, mas sim de protocolo eclesiástico. O papa é **Vossa Santidade**, um **cardeal** é **Vossa Eminência**. E um bispo? E um padre comum? Se isso realmente é importante para você, deve perguntar a um padre culto (dos antigos), que ele vai saber.

faça um 21

Vítor F., de São Paulo (SP), tem dúvida quanto à propaganda da EMBRATEL. Alguns de seus colegas dizem que o correto é “**Faz** um 21”, enquanto outros defendem “**Faça** um 21”. Qual é a certa?

Meu caro Vítor, quem costuma tratar o interlocutor por **você**, dirá “**faça** um 21”; se, contudo, preferir o tratamento de **tu** (como eu faço), dirá “**faz** um 21”. É a mesma diferença que existe entre “**toma**/**tome** cuidado”, “**fica**/**fique** quieto”,

etc.

pronomes com **Vossa Excelência**

Rosa B., de São Paulo (SP), pergunta: "Numa correspondência formal que usa o tratamento **V. Exa**, qual o pronome possessivo adequado? É 'Colocamo-nos à **vossa disposição**' ou 'à **sua disposição**'?".

Minha cara Rosa, todos os pronomes de tratamento – **Vossa Senhoria**, **Vossa Excelência**, **Vossa Majestade**, **Vossa Santidade**, etc. –, apesar de ostentarem esse sonoro **vossa**, não passam de pronomes de 3a pessoa, da mesma forma que **você** (que, aliás, é uma forma reduzida do antigo **Vossa Mercê**). Portanto, "Vossa Excelência vai encontrar **seu casaco** no banco de trás de **seu carro**"; "Dirijo-me a Vossa Excelência para convidá-**lo**"; "Coloco-me à **sua** inteira disposição"; e assim por diante.

tratamento adequado

Acácio Hypolito quer saber qual o tratamento que deve usar quando estiver se dirigindo (1) ao principal executivo/diretor de uma empresa e (2) a um cônsul.

Meu caro Acácio, você pode restringir o seu arsenal de pronomes de tratamento a **dois**, apenas. Para pessoas de destaque no mundo civil, use **Vossa Senhoria** – é o caso do executivo. Para autoridades (de qualquer tipo, mesmo as que não merecem) use **Vossa Excelência** – é o caso do cônsul. Assim você nunca vai errar.

vós

Luiz A. R., do Rio de Janeiro (RJ), diz que existe uma oração que diz “Oh! **Meu** Jesus, **perdoai-nos**, **livrai-nos**...” – e pergunta se está certa esta concordância.

Meu caro Luiz, nessa oração, Jesus está sendo tratado como **vós**, como era o costume dos textos religiosos tradicionais (hoje se usa o tratamento de 3a pessoa). Como no **Pai-Nosso** (“Pai Nosso, que **estais** no céu...). No exemplo que você citou, estamos usando o imperativo: **perdoai**, **fazei**, **livrai-nos**. Não sei por que grifaste o **meu** – esse pronome possessivo não tem a menor influência no tratamento que está sendo usado. Se ainda houvesse rei no Brasil, poderíamos dizer: “Meu Rei, **concedei-nos** um aumento”, ou “Meu Senhor, **baixai** o preço da gasolina”.

não faz, não faças

José Nisa gostaria de saber qual é a diferença entre **não faz isso** e **não faças isso**. “Quando é que devo utilizar cada uma das formas?”

Meu caro José, “**não faças isso**” é a forma culta da 2a pessoa do singular do imperativo negativo, usada para o tratamento com **tu**. “**Não faça isso**” é a 3a pessoa, também do Português Culto, usada para o tratamento com **você**. Agora, “**não faz isso**” é a forma popular do imperativo, não importando se estamos tratando o ouvinte por **tu** ou por **você** – e esta não deve ser utilizada em situações que exigem a linguagem mais cuidada.

você

Natália, leitora de Goiânia (GO), gostaria de saber se o pronome **você** pode, diferentemente de **eu**, **tu**, etc., ser usado como **objeto direto**, como em “adoro **você**”.

Prezada Natália, **você**, como qualquer outro pronome de tratamento (se você não percebeu, ele é irmão dos solenes **Vossa Senhoria**, **Vossa Excelência**, etc.), só tem uma forma, não dispondo daquelas variações condicionadas sintaticamente (objeto, sujeito) que têm o **eu** (**me** e **mim**) e o **tu** (**te** e **ti**). Por isso, ele pode desempenhar qualquer função.

7. Concordância nominal

Os **artigos**, os **pronomes**, os **numerais** e os **adjetivos** são como satélites que acompanham o planeta **substantivo**, e com ele devem concordar em **gênero** e **número**. Esse é o princípio básico da **concordância nominal**, que nosso idioma evidencia de uma maneira quase obsessiva: basta ver quantas vezes assinalamos o gênero (feminino) e o número (plural) na sequência **minhas duas camisas amarelas** (que no Inglês seria **my two yellow shirts**, em que a única marca é o plural **shirts** – numa economia que chega a beirar a avareza).

São vários os motivos que nos levam a tropeçar na concordância – uns mais sofisticados, outros nem tanto. O mais elementar consiste em flexionar apenas o vocábulo mais à esquerda da sequência, deixando imóveis todos os demais (inclusive o substantivo): ***uns livro velho**, ***os carro antigo**. Depois, pela ordem, vem o desconhecimento do gênero que o uso culto atribui a determinados vocábulos: meu avô, por exemplo, que era um homem honrado e simples, dizia ***minha pijama novinha**; no frio da serra gaúcha, já ouvi muitas vezes falarem ***do chaminé entupido**; e não são poucos os leitores perguntando se ***a trema não foi abolida**...

Você que está lendo este ***Guia***, no entanto, já é um usuário mais avançado de nosso idioma e não deve temer esses escorregões tão singelos. O perigo maior que vai encontrar no caminho será, a meu ver, os adjetivos adverbializados, isto é, um **adjetivo** no **masculino**, **singular**, que passa a funcionar como **advérbio** (em outras palavras, o mesmo vocábulo pode ser **adjetivo** ou **advérbio**, dependendo de sua posição na frase. Ora, **essa distinção é fundamental para a concordância**, pois os **advérbios** estão no grupo dos **vocábulos invariáveis**, enquanto os **adjetivos** concordam em gênero e número com os substantivos que acompanham. Você vai notar a diferença se comparar “estes sapatos são **caros**” com “estes sapatos custaram **caro**”; o primeiro é um **adjetivo**, ligado a **sapatos**; o segundo é um **advérbio**, ligado ao verbo **custar.** É com base nessa diferença que justificamos, como você lerá adiante, a famosa frase publicitária da “**cerveja que desce redondo**”.

a cerveja que desce **redondo**

> Afinal, uma boa cerveja deve descer **redondo** ou descer **redonda**? Vejam o que realmente está acontecendo na cervejaria Skol.

Uma boa cerveja deve descer **redondo** ou **redonda**? Se **redondo** é adjetivo, não deveria concordar com **cerveja**? Muitos leitores fazem a mesma pergunta, motivada pela campanha de uma de nossas grandes cervejarias. A frase da cerveja Skol está correta; na minha experiência, contudo, quando um número expressivo de falantes tem dúvida quanto ao emprego de uma determinada forma, é porque, como diziam os latinos, *latet anguis sub herba* (há uma serpente escondida nessa relva). Em outras palavras, alguma coisa deve estar motivando a estranheza sentida por tanta gente.

O que temos aqui é um caso de **adverbialização** do adjetivo, fenômeno que já se observava no Latim e que se tornou muito comum em nosso idioma. Dito de maneira mais simples: o **adjetivo**, em Português, pode ser usado como um **advérbio**: "A águia voava **alto**"; "Cães de fila custam **caro**"; "Ela não senta **direito**". Dá para notar perfeitamente que esses adjetivos (aqui, no masculino singular – que é, na verdade, a forma **neutra** dos nomes flexionáveis) estão modificando o **verbo**, e não o substantivo.

A dúvida dos leitores quanto a essa estrutura, como bem diz Celso Cunha, em sua ***Gramática do Português Contemporâneo***, nasce do caráter fronteiriço entre o adjetivo e o advérbio. Nas frases em que predomina o valor de **adjetivo**, o leitor interpreta o vocábulo como um **predicativo do sujeito**; somos levados a ler "ela desceu **maquilada**" ou "eles chegaram **tristes**" como "**ela** estava **maquilada** quando desceu" e "**eles** estavam **tristes** quando chegaram". Notem como, nesses casos, a **concordância** é uma manifestação concreta da relação sintática **sujeito-predicativo**.

Nas frases em que predomina o valor de **advérbio**, no entanto, o leitor interpreta o vocábulo como um **adjunto adverbial** (geralmente de **modo**). Para mim, "ela desceu **rápido**" significa "ela desceu **rapidamente**". Quando uso **baixo** em "eles falavam **baixo**", estou especificando **de que maneira** eles falavam. A ausência de flexão de **baixo** e de **rápido** confirma o seu valor de advérbio.

Se testarmos a frase da cerveja com vários falantes – para captarmos a cor local, pode ser até numa mesa de bar –, tenho certeza de que a maioria entenderá que **redondo** descreve a **maneira** como ela desce (até porque **redondo**, aqui no sentido de "suave, macio", não é um atributo relacionado normalmente com uma bebida, mas sim com seu trajeto e com sua passagem

por nosso equipamento gustativo). Da mesma forma, não tenho dúvida de que uma frase como “a cerveja desceu **gelado**” será rejeitada por quase todos, pois aqui “**gelado**” é nitidamente um atributo do sujeito (“a **cerveja** estava **gelada** quando desceu”).

Espero ter deixado clara a diferença entre as duas situações. É evidente que meus colegas sintaticistas e semanticistas conseguem, utilizando a linguagem e a metodologia adequadas, descrever com precisão o que está por trás deste problema; o difícil – e este é o principal objetivo deste ***Guia Prático*** – é transmitir o resultado dessa análise ao grande número de leitores que, embora não especializados, demonstram um entusiasmado interesse em conhecer melhor o idioma que usam.

nacionalidade **brasileiro** ou **brasileira?**

Entenda por que João tem nacionalidade **brasileira**, mas escreve **brasileiro** nos formulários que preenche.

Caro Professor, qual a maneira certa de dizer: “A nacionalidade de João é ***brasileira****” ou “A nacionalidade de João é* ***brasileiro****”? Muda de homem para mulher?*

Marcela V. – João Pessoa (PB)

Marcela, acho que você se equivocou ao formular a questão. É claro que na construção “a nacionalidade de João é...” só cabe a forma feminina (brasileira), já que é o predicativo da frase e deve forçosamente concordar com nacionalidade. Você vai encontrar muitos exemplos assim na imprensa: “Fulano de Tal, de nacionalidade portuguesa”, “os atletas de nacionalidade alemã”, e assim por diante.

Aposto, no entanto, que a sua verdadeira dúvida é outra: quando o João preenche um formulário ou uma ficha de inscrição, no campo “Nacionalidade” ele deve escrever brasileiro ou brasileira? Acertei? Se for esse o problema, a resposta é brasileiro, da mesma forma que a Maria, ao preencher o campo “Estado Civil”, vai escrever casada, não casado.

seu(s) próprio(s) umbigo(s)

Como se diz: os nativos usavam turbante **na cabeça** ou **nas cabeças**?

*Eu e dois colegas escrevemos um texto cuja última frase é a que segue:"Os atuais servidores não devem ficar olhando apenas para **seu próprio umbigo**". Um colega nos criticou, dizendo que deveria ser "apenas para **seus próprios umbigos**", já que se trata de muita gente.*

Júlio B. – Porto Alegre (RS)

Prezado Júlio, embora estejamos falando no plural (**atuais servidores**), é muito adequado usar o singular para **umbigo**, porque está perfeitamente implícita a ideia de **cada um o seu**. É uma tradicional construção de nosso idioma: "Os indianos rezavam com **a mão na testa**", "Os holandeses dormiam com **o olho esquerdo fechado**" (os exemplos são besteirol puro, mas dão uma boa ideia do que eu quero dizer). O plural, nesses casos, é desajeitado e desnecessário – o que, aliás, a julgar pela pergunta, vocês também haviam notado. Eu teria escrito a frase exatamente como vocês o fizeram; talvez eu eliminasse o possessivo **seu**: "ficar olhando apenas para o próprio umbigo". Peguem os dois exemplos que eu dei acima e introduzam um possessivo – **sua mão** e **seu olho esquerdo** – e vão perceber a (pequena) diferença.

camisas **cinza**

Uma leitora estranha que algumas cores tenham plural, enquanto outras não. Veja por quê.

*Professor Moreno, por que o plural de **gravata cinza** é **gravatas cinza** (não ocorre variação quanto à cor), enquanto o plural de **terno azul** é **ternos azuis** (aqui ocorre*

variação)? Desde já, grata por sua atenção.

Renata L. – Santos (SP)

Prezada Renata, você deve saber que os adjetivos que exprimem cor são em número muito reduzido para cobrir todos os matizes que nossos olhos e nosso cérebro distinguem: **azul**, **amarelo**, **branco**, **vermelho**, **verde**, etc. Por isso, usamos, para denominar as demais cores, uma locução formada de [**cor** + **DE** + **substantivo**], em que o substantivo nomeia algo que tem uma cor característica. Falamos de "cor de **vinho**, de **rosa**, de **laranja**, de **pinhão**, de **tijolo**, de **telha**, de **areia**, de **gelo**, de **charuto**, de **champanha**", etc. Naturalmente, essa locução não pode flexionar: "camisa **cor de laranja**, camisas **cor de laranja**"; "gravata **cor de vinho**, gravatas **cor de vinho**".

No uso, nem sempre precisamos verbalizar esse "**cor de**": posso dizer "vestido **cor de rosa**" ou "vestido **rosa**", "sapato **cor de pinhão**" ou simplesmente "sapato **pinhão**". Apesar dessa elipse da primeira parte, a locução continua ali, o que mantém invariável o substantivo: "camisas **azuis**, **verdes**, **amarelas"** (são **adjetivos** e devem concordar com o substantivo que acompanham), mas "camisas **vinho**, **laranja**, **rosa**, **champanha**" (são **substantivos** que figuram na expressão "cor de X"). Temos um gato **cinzento**, dois gatos **cinzentos** (adjetivo), mas um gato [cor de] **cinza**, dois gatos [cor de] **cinza**.

anexo ou **em anexo?**

> Podemos optar livremente entre **anexo** e **em anexo**, ou apenas uma dessas duas formas estará correta?

Sérgio M., um de meus leitores mais assíduos, meu crítico implacável e quase colaborador, volta à carga:

*Numa de suas respostas, encontrei "quanto ao teu problema, mando-te, **em anexo**, o que escrevi ...". O que me intrigou foi a expressão "**em anexo**". Sou avesso à preposição "em" no anexo a uma correspondência como a tua. Autores*

respeitáveis a condenam. O Sérgio Nogueira, do JB, aceita. Há os que não. Conheço vários, pessoalmente. Durante os meus quase vinte anos de funcionário público estadual, expurguei cuidadosamente os ***em anexo*** *nos ofícios que redigia, embora pendurasse neles anexos sem conta. Um abraço.*

Sérgio M. – Belo Horizonte (MG)

Meu caro Sérgio, "A lista vai **anexa**" ou "a lista vai **em anexo**"? Qual é a forma correta? Na verdade, **ambas** são consideradas bem formadas; trata-se, porém, de construções com estruturas sintáticas diferentes, como pretendo demonstrar.

Como já ensinava Celso Pedro Luft – meu mestre, a quem dedico este ***Guia Prático*** –, há um **anexo** adjetivo e um **anexo** substantivo. Em "a lista vai **anexa**", "o relatório vai **anexo**", "as notas fiscais vão **anexas**", **anexo** é um adjetivo e, como tal, concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere.

Na segunda estrutura possível – "a lista vai **em anexo**", "os relatórios seguem **em anexo**" –, **anexo** é substantivo, regido pela preposição **em**; a expressão **em anexo** funciona como **adjunto adverbial de lugar**, respondendo à pergunta "**onde?**": "A lista vai **onde?**" – "A lista vai **em anexo**". É evidente que, não sendo adjetivo, não ocorre aqui a concordância: "Vão **em anexo** as fotos".

Ora, houve realmente quem condenasse a segunda forma, alegando que essa era uma construção francesa que estava invadindo a nossa sintaxe. Não há dúvida de que a intenção era nobre, mas, como veremos, equivocada. Os críticos de **em anexo** alegavam que, em bom Português, a preposição **em** deve combinar-se com **substantivos**, para formar locuções adverbiais (em **resposta**, em **represália**, em **aditamento**, em **compensação**), e nunca com **adjetivos**, o que seria imitação servil da sintaxe francesa (isso condenaria **em absoluto**, **em definitivo**, **em separado** e, seguindo o mesmo raciocínio, **em anexo**). Eu sempre achei curiosa essa ideia de "defender" nosso idioma contra invasões estrangeiras, porque acredito que uma língua só incorpora aquilo que a beneficia. No entanto, para fins de argumentação, digamos que eu concordasse em evitar as locuções formadas de [**em** + **adjetivo**]: ainda assim, **em anexo** estaria fora dessa interdição, uma vez que aqui, como vimos acima, **anexo** é um **substantivo** ("a lista vai **num** anexo", "a lista vai **como** anexo"). Lembro ao amigo que muitos manuais de redação oficial recomendam que especifiquemos, ao final de um ofício ou carta de encaminhamento, o número de documentos anexados: "**Anexos**: **4**". Em teses e dissertações, abrimos, muitas vezes, uma seção de "**Anexos**" e a eles nos referimos como a substantivos: "No **Anexo 1**, podemos ver ..."; "O **Anexo 2** contém ..."; etc. Outro leitor, escrevendo sobre o mesmo

tópico, lembrou ainda que “A lista vai **em anexo**” é equivalente, semântica e sintaticamente, a “A lista vai **em separado**”. Podemos, portanto, escolher entre “a lista **anexa**” e “a lista **em anexo**”; a soma de nossas escolhas (são milhares, para quem escreve conscientemente) é que vai formar o nosso estilo pessoal.

gênero, número e caso

> O Professor explica por que **não** se concorda em “**gênero**, **número** e **grau**”.

*Professor, posso dizer a alguém que concordo com ele em **gênero, número** e **grau**?*

Robson G.

Meu caro Robson, essa expressão, que pretende ser uma forma enfática de manifestar nossa concordância para com alguma coisa, falha por se basear numa concepção gramatical errônea. Explico: a concordância é um mecanismo muito presente no Português (e quase ausente no Inglês): a flexão dos vocábulos subordinados repete os traços de flexão do vocábulo dominante. Dessa forma, a flexão dos **adjetivos**, dos **artigos**, dos **pronomes possessivos**, etc. repete os traços de **gênero** e **número** do **substantivo** que acompanham. Em “a minha nova **jaqueta** amarela”, todos os vocábulos sublinhados estão refletindo os traços de **jaqueta**, que é o núcleo do sintagma; em outras palavras, eles “**concordam**” em gênero e número com **jaqueta**.

Nossa gramática tradicional, contudo, escrita por autores praticamente sem formação linguística, pensava que o **grau** também fosse uma forma de **flexão**. Mattoso Câmara, no entanto, já na década de 60 provava que o grau, no Português, é apenas uma forma particular de **derivação**, exatamente por não estar inserido em nosso sistema de concordância nominal, que é **compulsório**: se o substantivo está no masculino singular, o adjetivo fica obrigado a fazer o mesmo. O uso do **grau** (aumentativo ou diminutivo) é **opcional** por parte do falante: se o substantivo está no diminutivo, por exemplo, isso não obriga o adjetivo a fazer o mesmo (e vice-versa: se o substantivo estiver no grau normal,

nada impede que o adjetivo venha no diminutivo): ao lado de “um **livrinho fininho**”, posso ter “um **livrinho fino**” ou “um **livro fininho**”.

A expressão correta, na verdade, é “concordo em **gênero**, **número** e **caso**” – e quem a usa assim demonstra uma cultura bem acima do comum, pois se refere ao Grego ou ao Latim, em que o **caso** (nominativo, acusativo, genitivo, etc.) também fazia parte do sistema de concordância. Mesmo se você não teve, Robson, a sorte de estudar um desses idiomas clássicos (o Brasil, numa atitude suicida, eliminou o Latim de seu sistema educacional, ao contrário de países mais adiantados, como a Alemanha, a França, a Itália, os próprios Estados Unidos...), mesmo assim, repito, você deve usar a expressão na sua forma adequada, pois na linguagem também se fazem notar aqueles pequenos sinais de nosso capricho pessoal – ou de nosso desleixo.

haja vista

> **Haja vista** ou **haja visto** o aumento da gasolina? Veja como um examinador da banca de um mestrado acabou tropeçando nesta expressão.

*Prezado Prof. Moreno, recentemente, ao fazer a defesa de minha dissertação de mestrado, fui corrigido por um membro da banca sobre o uso da expressão **haja vista**, dizendo que o correto seria **haja visto**. A frase em questão era “O presente trabalho justifica-se por se tratar de tema relevante, **haja vista** a preocupação das diversas instituições citadas em atuar no sentido de regulamentar a ...” . O que o Prof. tem a comentar? Grato.*

Fernando E. – Ribeirão Preto (SP)

Meu caro Fernando, o comentário de seu examinador não foi muito feliz. Em primeiro lugar, porque a frase que você usou não merece nenhum reparo; depois, porque inaceitável é a emenda que ele sugeriu. Talvez não haja outra expressão tão discutida quanto **haja vista**; todo gramático, todo estudioso, todo diletante mais sério (e os outros também...) já andaram escrevendo sobre ela. As interpretações propostas para sua estrutura chegam a meia dúzia: “**hajam vista** os acontecimentos; **haja vista aos** acontecimentos; **haja vista dos** acontecimentos;

hajam-se em vista os acontecimentos; **haja vista** os acontecimentos". Por que essa fartura? Sejamos sinceros: ninguém consegue determinar com clareza o que faz aí o verbo **haver** e o que faz aí o vocábulo **vista** (é particípio de **ver**, ou é um **substantivo**?); consequentemente, cada um de nós vai tratar os elementos dessa expressão de acordo com a leitura que fizer.

Nosso grande mestre Celso Pedro Luft considera **haja vista** uma expressão estereotipada, inanalisável, uma espécie de "fóssil morfossintático", que deve ser classificada entre aquelas expressões de exemplificação ou explicação do tipo **isto é**, **a saber**, **por exemplo**. Como acontece com todas essas estruturas cristalizadas, a tendência é deixá-la imóvel, sem flexão: **haja vista**, e pronto. Contudo, como há opiniões discordantes, vou analisar sua frase à luz de cada uma das três correntes majoritárias.

A primeira, acima de todas, que eu também defendo, recomenda deixar tudo como está, invariável: "**haja vista os acontecimentos**", "**haja vista o preço**". Se adotarmos esta, você construiu uma frase tranchã.

A segunda admite a **flexão** do verbo **haver**, que deverá concordar com o substantivo que vier logo após: "**hajam** vista **os acontecimentos**", "**haja** vista **o acontecimento**". Como você escreveu "**haja** vista **a preocupação**", continua acertando.

A terceira, com menos adeptos, deixa o verbo **haver** imóvel, mas exige a **flexão** do **vista**: "haja **vistos os acontecimentos**", "haja **vistas as provas**", "haja **visto o livro**". Na óptica desta última, você deu em cheio no alvo ao escrever "haja vista **a preocupação**".

Como você pode ver, acertou por todos os costados, enquanto a correção (?) proposta pelo examinador não vai, ironicamente, encontrar apoio em nenhuma das três hipóteses: o masculino singular de "haja **visto** a preocupação" não tem o menor cabimento. Talvez o ouvido dele tenha sido traído por uma frase que está correta, embora nada tenha a ver com a estrutura que você estava utilizando: "Espero que ele **haja visto** a carta que deixei em cima da mesa" ("tenha visto") – mas isso é vinho de outra pipa.

Curtas

concordância com gêneros diferentes

A leitora Rita gostaria de saber se está correto dizer “O Brasil compra automóveis e frutas **argentinos**” e “Deparei com fatos e situações **inesperadas**”.

Minha cara Rita, quando um **adjetivo** está **à direita** de dois substantivos de gêneros diferentes e a eles se refere, temos **duas opções** de concordância: ou deixamos o adjetivo no **plural masculino**, ou concordamos com o **substantivo mais próximo**. “Automóveis e frutas **argentinos**” (concorda com os dois; logo, masculino plural), ou “Automóveis e frutas **argentinas**” (está concordando com o substantivo mais próximo, **frutas**). O mesmo com “fatos e situações **inesperadas**” (é a segunda hipótese); estaria correto também “fatos e situações **inesperados**”.

dado o, dada a

Clarice B., de Manaus (MA), quer saber qual é a forma correta: “**Dado** a/**Dada** a importância de colocar as pessoas certas nos cargos certos”.

Minha prezada Clarice, como **dado** é um particípio, e os particípios têm geralmente as mesmas características sintáticas dos **adjetivos** (eram os antigos “adjetivos verbais”), ele vai **concordar** com o substantivo a que se refere – no caso, **importância**. Por isso, escrevemos “**dada** a importância”, “**dadas** as últimas notícias”, “**dado** o alto custo dos medicamentos”, “**dados** os últimos acontecimentos”.

concordância com **finanças**

Patricia M., de Caicó (RN), quer saber como fazemos a concordância com a palavra **finanças**, que só consta no plural no dicionário: finanças **solidárias** ou finanças **solidária**?

Minha cara Patrícia, plural com plural, singular com singular. Se você usa **finanças**, todos os adjetivos que ligar a esse vocábulo deverão estar também no plural: **solidárias**, **públicas**, **combalidas**, etc.

duzentas mil pessoas

A leitora Águeda, de Brasília (DF), diz que seu antigo professor de Gramática afirmava que o correto é falarmos **duzentos mil pessoas**, já que **duzentos** combina com **mil** e não com **pessoas**. Porém, esse ano, outra professora disse que o certo é falar **duzentas mil** pessoas, mesmo. Qual é o certo?

Minha cara Águeda, acho que você ouviu mal (ou está lembrando mal) o que disse o professor: é indiscutível que **duzentos** vai concordar obrigatoriamente com o **substantivo**: "**duzentos** mil **soldados**", "**duzentas** mil **cidadãs**". Onde acontecem problemas é com **milhão**, que é um substantivo autônomo e atrai a concordância: "**dois milhões** de pessoas", "**duzentos milhões** de crianças". Não será isso o que você está querendo recordar?

federal, federais

A leitora Ana Rosa L. estranha quando os noticiários dizem "As rodovias **federais**, as faculdades **federais**, os policiais **federais**...". Pergunta: "Isso está correto? Pois que eu saiba, referindo-se ao Brasil, é tudo uma federação só. O certo não seria os policiais **federal**?".

Minha cara Ana Rosa, **federal**, aqui, é um **adjetivo**; deve, portanto, concordar com o substantivo a que se refere: "os policiais federais", "as faculdades federais" – do mesmo modo como temos "leis municipais", "impostos estaduais", etc. O fato de sermos uma só federação não vai influir na

concordância nominal.

próximo

Reginaldo, de Goiânia (GO), não consegue escolher entre “a área fica **próximo** à delegacia” ou “fica **próxima** à delegacia”. Como ambas lhe parecem muito estranhas, resolveu pedir socorro.

Meu caro Reginaldo, **próximo** pode ser **adjetivo** (**próximo ano**, **próxima vítima**, **parentes próximos**) ou **advérbio** (ele mora **próximo** daqui). Como sua intuição pressentiu, aqui estamos usando **próximo** como um sinônimo de **perto**: a área fica **próximo** (perto) da delegacia. É advérbio e, portanto, invariável.

três Pálios

Thásia, de Belo Horizonte (MG), gostaria muito de saber qual a forma correta: “três carros **Pálio**” ou “três carros **Pálios**”?

Minha cara Thásia, você pode escolher entre “são **três Pálios**” ou “são **três carros Pálio**”; neste segundo caso, temos a estrutura elíptica [**carros** + **da marca** + **Pálio**].

por inteira?

Carlos Henrique W. quer saber qual a forma correta: **“**a empresa comercializou sua produção **por inteira”,** ou “a empresa comercializou **por inteiro** sua produção”?

Prezado Carlos, escolha entre “comercializou **sua produção inteira**” ou “comercializou **por inteiro** sua produção”. Agora, “*comercializou **por inteira** a sua produção” é cruza de jacaré com cobra-d’água – não existe!

concordância do possessivo

Sônia Regina, de Mogi das Cruzes (SP), escreve: “Sei que o pronome possessivo concorda com o objeto de posse, mas, no exemplo a seguir, qual é a forma correta? ‘Duas irmãs estavam indo para a casa de **suas vovós**’, ‘de **suas vovó**’ ou ‘de **sua vovó**’?”.

Na sua pergunta, Sônia, você já dá o rumo para solucionar o problema: no Português, o possessivo concorda sempre com o **objeto possuído**. Os dois irmãos foram ao aniversário de **seu pai**. As duas irmãs foram para a casa de **sua vovó**. É simples assim – pressupondo que estamos falando de apenas uma avó. No Natal, as duas irmãs podem ter dado uma passada na casa de **suas vovós** (visitaram a avó materna e depois a avó paterna). Agora, de onde você foi tirar aquele “***suas vovó**”? Credo!

rente, **rentes**

Péricles D., de Curitiba (PR), quer saber qual é a forma correta: “Os resistores devem ser soldados **rente/rentes** às placas? A palavra **rente** tem plural?”.

Meu caro Péricles, não se trata de saber se **rente** tem ou não plural, mas

sim como ele fica nessa sua frase. **Rente** é um adjetivo normal, pluralizável. No entanto, em “Os resistores devem ser soldados **rente** às placas”, ele é **advérbio** e não varia. Seria a mesma coisa que “devem ser soldados **junto** às placas” (e não “*juntos”).

numeral no feminino

Alguém (ou algo) chamado Mweti, extremamente gentil, pergunta se o numeral 31.202, na frase “Durante o ataque, 31.202 mulheres foram feridas”, deveria ser lido “trinta e **uma** mil, duzentas e duas mulheres”.

Prezado Mweti, sua intuição está correta; “trinta e **uma** mil mulheres” + “duzentas e duas mulheres” = “trinta e **uma** mil, duzentas e duas mulheres”.

flexão de **bastante**

Rogério N. gostaria de saber se a palavra **bastante** sofre flexão de número em algum momento.

Meu caro Rogério, quando **bastante** for um **adjetivo** (sinônimo de “suficiente”), ele vai flexionar normalmente: “tenho razões **bastantes** para supor”, “há recursos **bastantes** para adquirir”. Fora deste caso, principalmente quando significa “muito”, não deveria (segundo a gramática formal) ser usado antes de substantivos **contáveis**: tenho **bastante** tempo (correto), tenho **bastante** amigos (inadequado e errado), tenho **bastantes** amigos (inadequado).

água fica **mais cara**

Marcelino, de Uberlândia (MG), discute a manchete publicada em jornal local: **A partir de amanhã água fica mais cara**. O correto seria **caro** ou **cara**, como escreveram?

Caro Marcelino, a água **ficará** mais **cara** (**adjetivo**, com função de predicativo), ou a água **custará** mais **caro** (**advérbio**, com função de adjunto adverbial). Agora, "*ficará mais caro" não tem cabimento.

mesmo, **mesma**

Márcia G., de Belo Horizonte (MG), tem dúvida sobre o emprego da palavra **mesmo**, **mesma**. Pergunta: "Varia de acordo com o pronome pessoal (da mesma forma que **obrigada** e **obrigado**)? Quando 'ela' fala, deve dizer 'Eu **mesma** cuidei disso'?".

Prezada Márcia, o adjetivo **mesmo** sempre vai concordar com o ser a que se refere: "nós **mesmos**" (homens, ou homens e mulheres juntos); "nós **mesmas**" (apenas mulheres); "eu **mesmo**" (homem), "eu **mesma**" (mulher), "tu **mesmo**", "tu **mesma**", e por aí vai a valsa. É idêntico ao uso do **próprio** (eu **próprio**, eu **própria**, etc.).

concordância do particípio

Eliane G., de São Paulo (SP), gostaria de saber se está correta a concordância “Fica absolutamente **proibida** a afixação de avisos, panfletos e cartazes”.

Cara Eliane, está corretíssima. “Ficam absolutamente **proibidas** as **manifestações**”, “Ficam absolutamente **proibidos** os **veículos** a álcool”, “Fica absolutamente **proibido** o **ingresso** de animais”. Você deve ter percebido que essas frases não estão na ordem normal, que seria “**As manifestações** ficam absolutamente **proibidas**”, “**Os veículos** a álcool ficam absolutamente **proibidos**”, etc. – **proibido** é o predicativo e tem de concordar com o sujeito.

concordância do numeral

Claudinei A., de Piracicaba (SP), gostaria de saber por que a concordância correta é “compramos **dois mil**, **duzentas** e cinquenta **folhas**”, e não “compramos **duas mil**, **duzentas** e cinquenta **folhas**” ou “**dois mil**, **duzentos** e cinquenta **folhas**”.

Ora, Claudinei, o porquê é muito simples: é que essa frase que venderam a você está completamente errada. A forma correta é “**duas** mil, **duzentas** e cinquenta **folhas**”. Os numerais variáveis devem concordar com o substantivo a que se referem (no caso, **folhas**). Comece com “**duas** mil **folhas**” e “**duzentas** e cinquenta **folhas**” – agora junte tudo e verá o resultado. Abraço.

preços **sujeitos a** alterações

Elias, de Caxias do Sul (RS), envia a seus clientes cotações de preço que variam diariamente. Para encerrar sua correspondência diária, utiliza uma frase que lhe despertou dúvida: “Preços **sujeito** ou **sujeitos** a alterações”?

Caro Elias, **eu** estou **sujeito** a gripes, **nós** estamos **sujeitos** a gripes, **as**

crianças estão **sujeitas** a gripes. O particípio funciona como uma espécie de **adjetivo verbal**; aqui, **sujeito**, do verbo **sujeitar**, concorda com o termo a que se refere em gênero e número. Logo, “preços **sujeitos** a alterações”.

concordância do adjetivo

Márcio Amaro V. diz estar com uma enorme dúvida: deve escrever que oferece **aulas particular** ou **aulas particulares**? “Mesmo que não fossem duas pessoas oferecendo aulas, o **particular** também flexionaria?”

Meu caro Márcio, estamos diante de um simples sintagma, formado por um substantivo e um adjetivo: **aula particular**. Uma pessoa pode ter uma **aula particular** ou várias **aulas particulares** (note bem: se **aula** varia, o adjetivo **particular** é obrigado a variar junto); não importa quantos sejam os professores, os alunos ou os porteiros do prédio.

quaisquer

Ellen, de Cuiabá (MT), tem dúvida quanto à diferença entre as palavras **qualquer** e **quaisquer**. Possuem o mesmo significado? Como devem ser empregadas?

Minha cara Ellen, **quaisquer** é o plural do pronome **qualquer**, nada mais. Dois exemplos do Machado de Assis: “**Quaisquer** que fossem as cores”; “o casamento, **quaisquer** que sejam as condições, é um antegosto do paraíso”. Esse pronome é célebre por figurar naquela velha pergunta de almanaque: “Qual é o único plural do nosso idioma que termina em **R**?”.

concordância com pronome possessivo

Lígia D. está intrigada: “Se Maria é filha de João, posso dizer que Maria é **sua** filha, porque o possessivo concorda com o substantivo. Ora, se Paula é assistente de Anselmo, posso também dizer que ela é **sua** assistente? Ou é **seu** assistente, para concordar com Anselmo?”.

Ora, Lígia, é claro que Paula é **sua** assistente, Paula é **sua** colega, Paula é **sua** amiga. Não esqueça que estamos falando de Português, não de Inglês! Naquele idioma, o possessivo concorda com o **possuidor** (ele tem um carro: ***his car***; ela tem um carro: ***her car***); no nosso, o possessivo concorda sempre com **a coisa possuída** (ele tem um carro: **seu carro**; ela tem um carro: **seu carro**). Anselmo tem uma caneta: **sua caneta**; Anselmo tem uma assistente: **sua assistente**.

concordância do particípio

Marta C., de Curitiba (PR), gostaria de saber qual das duas versões é a correta – “terem **asseguradas** boas condições de aprendizagem” ou “terem **assegurado** boas condições de aprendizagem”?

Minha cara Marta, sem o contexto, é impossível decidir qual das duas é a forma correta. Por exemplo: (1) “Acho que os cidadãos devem ter **asseguradas** boas condições de aprendizagem” – isso quer dizer que **boas condições de aprendizagem** devem ser **asseguradas** aos cidadãos. (2) “Eu admiro aqueles governantes por terem **assegurado** boas condições de aprendizagem” – isso quer dizer que eu os admiro porque eles asseguraram boas condições de aprendizagem. Em (1), o particípio se comporta como adjetivo, concordando com **boas condições**; em (2), ele é o verbo principal da locução verbal (**ter** + **assegurado**) e fica, portanto, invariável.

em anexo

Escreve Giseli, de Florianópolis (SC): “No escritório de advocacia em que trabalho, estamos indecisos quanto à forma correta: ‘Seguem **em anexo** fôlderes’ ou ‘**Anexo**, fôlders’”.

Minha cara Giseli, você pode usar “**seguem em anexo** os fôlderes”; eles poderiam seguir por malote, ou portador, ou serviço de entregas, etc. – só que estes vão **em anexo.** Você pode usar também, no fim do documento, uma fórmula mais telegráfica: “Anexos: tantos fôlderes”.

concordância com a pessoa

Rose Mary está em dificuldades quanto ao gênero de algumas palavras: “Numa determinada gramática, encontrei uma explicação em relação ao gênero das palavras **o cabeça** (o chefe), **a cabeça** (a chefe), **o caixa** (o funcionário), **a caixa** (a funcionária): quando essas palavras designarem **ofícios**, haverá flexão de gênero. Isso está correto?”.

É claro, Rose Mary, que nem sempre vai ocorrer essa flexão. Por exemplo, temos **o** guia **Antônio**, **a** guia **Maria**; **o** caixa Paulo, **a** caixa Maria – em casos como esses, somos obrigados a mudar o gênero do artigo para corresponder ao sexo da pessoa mencionada. Diferente, no entanto, seria uma referência **genérica**, do tipo “ela foi acusada de ser **o cabeça** da conspiração”.

concordância errada

Vander Luís F., de Juazeiro do Norte (CE), estranhou manchete que viu no jornal: “**Os benefícios da homeopatia usada em animais**”. “Achei estranho, pois o verbo deveria estar concordando com **os benefícios**, não? O jornalista responsável me garantiu que essa forma está correta, mas não me convenci.”

Meu caro Vander, a matéria fala sobre “os benefícios da **homeopatia** [que é] **usada** em animais. A concordância é essa mesma: **usada** se refere à **homeopatia**; não são os **benefícios** que são **usados**. O repórter tem toda a razão. Da mesma forma, “As consequências do **tratado assinado** na Alemanha”, “O objetivo das **medidas tomadas** pelo Congresso” – e assim por diante.

8. Problemas de construção

a persistirem os sintomas

O Professor examina a famosa frase que encerra todos os comerciais de medicamentos no Brasil.

*Oi, Professor Moreno, estou no meio de uma grande polêmica na agência onde trabalho, pois temos de finalizar um comercial com a mensagem obrigatória do Ministério da Saúde... Os comerciais que estão no ar dizem o seguinte: "**Ao persistirem** os sintomas, o médico deverá ser consultado" (esse texto consta nas normas da Vigilância Sanitária). Eu acho que o certo é "**A persistirem** os sintomas, o médico...". Gostaria de esclarecer definitivamente esse tema. Obrigada.*

Andréa G. – Porto Alegre (RS)

Minha prezada Andréa, o problema é muito simples: trata-se de duas estruturas diferentes, e vocês deverão optar entre elas com base no que pretendem dizer. "**A persistirem** os sintomas" é uma estrutura **condicional**; equivale a "**se** os sintomas **persistirem**"; comparem com "**a** continuar assim, vamos falir". "**Ao persistirem** os sintomas", por sua vez, é **temporal**; equivale a "**quando** os sintomas **persistirem**"; comparem com "ao caírem os primeiros raios, todo o sistema elétrico entrou em colapso". Não entendo de Medicina, mas nessa frase do Ministério da Saúde parece que o significado implícito é "**se** os sintomas persistirem", embora o nexo temporal também tenha lá a sua lógica. Aliás, pergunto: por que vocês não usam o **se** ou o **quando**, que vai ser entendido por todos? O fato de ter feito esta consulta (e você não foi a primeira, acredite!) indica que a interpretação não está muito clara para o leitor em geral. Por que insistir no **a persistirem**, que, apesar de correto, vai dar muito pano para manga?

Na volta do correio, a leitora respondeu:

*Oi, Professor Moreno, obrigada pela dica. Concordo que poderíamos evitar uma polêmica maior substituindo o **A** pelo **Se**. Já fiz algo parecido... Deu o maior*

*"bolo". Não sabia, na época, que o texto era "imexível". Fomos obrigados a usar o "**Ao**", depois obrigados a trocá-lo pelo "**A**". Muito obrigada pela ajuda. Abraços. Andréa.*

Como se depreende da narrativa de nossa leitora, o Ministério da Saúde não quis abrir mão de sua firme indecisão gramatical...

dupla negativa

> Duas negativas numa frase valem por uma afirmativa? Um leitor alega que a pessoa que diz que **não** está querendo **nada**, no fundo, está querendo alguma coisa.

*Acho estranho o hábito que as pessoas têm de usar duas negativas juntas: "eu **não** quero **nada**", "eu **não** sou de **nada**", "**não** pedi **nada** para ninguém", etc. Apesar de autodidata, acho muito esquisito (ou, como diriam outros, **esdrúxulo**) falar ou escrever assim; a frase, dita ou escrita dessa maneira, parece perder o seu sentido negativo e ganhar sentido afirmativo. Quem diz "eu **não** quero **nada**" alguma coisa está querendo. Gostaria que o Professor me desse uma resposta definitiva sobre este assunto. Muito obrigado!*

José B. A. – Cruzeiro (SP)

Meu caro José, em primeiro lugar, ninguém pode dar respostas **decisivas** sobre questões de linguagem; como na Medicina ou na Biologia, as respostas sempre refletem nosso atual estágio de conhecimento. Na Ciência, como você bem sabe, o que vale hoje com certeza vai ser suplantado amanhã. O que eu faço é fornecer a meus leitores o que me parece, no momento, ser a orientação melhor e mais sensata.

Em segundo lugar, **não** existe **nada**, em Português, que vede a dupla negação (você percebeu o **não**... **nada**?). Isso até pode valer para certos ramos da Lógica Formal, onde duas negativas levam a uma afirmativa (como na Matemática, onde **menos** com **menos** dá **mais**). Embora a gramática padrão do Inglês não aceite a dupla negação, a maioria das línguas humanas (que vão muito, mas muito além da Lógica Formal) utiliza tranquilamente essa construção,

multiplicando, na mesma frase, vocábulos negativos que se reforçam uns aos outros; como diz o linguista dinamarquês Otto Jespersen, “os falantes espalham uma fina camada de coloração negativa sobre a frase inteira, em vez de concentrá-la num único lugar”.

Vamos encontrar construções como “**Não** devo **nada** a ninguém”, “**Não** quero saber de **nada**”, “**Nunca** vi **nada** parecido”, e assim por diante, em todos os nossos bons escritores, inclusive no maior de todos eles, o incomparável Machado de Assis. Nos mais antigos, deparamos com formas mais radicais ainda: por volta de 1500, Gil Vicente escrevia “**Nem** tu **não** hás de vir cá”; “A **ninguém não** me descubro”; “**Nem** de pão **não** nos fartamos”.

Muitas são as situações em que empregamos instintivamente duas ou mais palavras com carga negativa. Para usarmos **nenhum**, por exemplo, é indispensável que a frase inclua antes um **não**: embora na posição de **sujeito** possamos encontrar o pronome **nenhum** sem o **não** anterior (“**Nenhum** jogador quis falar”), nas demais posições sintáticas, contudo, a correlação “**não**... **nenhum**” é praticamente obrigatória: “Esta geladeira **não** é **nenhuma** Brastemp”; “**Não** encontrei **nenhum** defeito”; etc. Além disso, você deve estar familiarizado com frases do tipo “aquilo **não** vale **nada**, **não**”, com esse **não** adicional que costumamos acrescentar ao final de uma negativa enfática. E não esqueça: no quotidiano, no calor da hora, quando tivermos de negar alguma coisa muito importante mesmo, vamos usar todas as palavras negativas que conseguirmos enfiar numa frase, como ouvi um dia, por cima do muro, um vizinho meu gritar para a mulher: “Já te disse que **não** tenho **nadica** de **nada** a ver com Marina **nenhuma**!”.

absolutamente é negativo?

Caro Prof. Moreno, o uso do advérbio ***absolutamente*** *não deveria ser restringido apenas a orações que expressem* ***negação****? Explico: enquanto lia seus textos, encontrei a frase “O estranho, bizarro, absolutamente insano é dizer* ***um clips****”. Bem, enquanto me preparava para um concurso, minha atual professora de Português me informou que o uso do advérbio* ***absolutamente*** *deveria se restringir,* *em suma, ao uso de orações que expressassem **negação**. Ela ainda usou como exemplo um apresentador de televisão daquela época, Jota Silvestre, que dizia "A resposta está **absolutamente** certa". Segundo a professora, sendo **absolutamente** igual a **não**, o apresentador estava dizendo na verdade que a resposta estava errada, diferentemente do que ele pretendia na prática. Usando esse mesmo raciocínio, posso dizer que o senhor quis dizer **não insano** quando se referiu a **um clips**?*

Davi E. M. – Uberlândia (SP)

Prezado Davi, talvez sua memória esteja lhe pregando uma peça quanto aos ensinamentos de sua professora (ou talvez tenha sido mesmo a mestra quem se equivocou). É verdade que nosso **absolutamente**, usado como resposta, é negativo, enquanto o ***absolutely*** do Inglês é positivo. À pergunta "Foi você que fez isso?", se um brasileiro responder **absolutamente**, ele estará dizendo que **não**; se um inglês responder ***absolutely***, ele estará dizendo um **sim enfático**.

Fora desse contexto, no entanto, **absolutamente**, ao ser usado como advérbio de intensidade (principalmente junto a **adjetivos**), não traz nenhum sentido negativo. Entre muitos outros, você vai encontrar exemplos em Rui Barbosa ("É **absolutamente necessária** a sua residência nesta capital"; "Não há, naquela assembleia, um deputado que não esteja **absolutamente certo** do contrário") e em Machado de Assis ("Era **absolutamente impossível** não concordar com esta opinião"; "...o projeto é **absolutamente original**" – o que, vamos convir, já basta para mostrar que o "**Absolutamente certo!**" do J. Silvestre estava **absolutamente** (inteiramente) **certo**.

e nem

*Meu caro Moreno, um anúncio de jornal diz: "A internet que não quebra a sua cabeça **e nem** o seu bolso". Esse é apenas um exemplo de algo que eu tenho lido bastante por aí e não consigo entender. Por que usar a expressão **e nem** quando a palavra **nem** teria exatamente o mesmo significado? Ou não teria?*

Giba Assis Brasil

Prezado Giba, muito bem observado. A frase do anúncio está equivocada, sem dúvida. Contudo, o problema não é tão simples quanto parece. Há frases em que vai ocorrer, normalmente, a sequência **e + nem**. Explico.

1 – Só nem

Nem é a união de [**e+não**], como você já observou em sua pergunta. Como o **e** já está implícito no **nem**, repeti-lo seria um daqueles erros tão famosos que até nome tem: pleonasmo vicioso.

Ele não voltou [**e não**]/[**nem**] avisou quando o fará.

1.1 – É muito comum a oração introduzida por **nem** ser antecedida por uma oração com **não** ou qualquer outra palavra negativa (**ninguém**, **nunca**, **jamais**, etc.):

Nós **não** comparecemos à audiência,
nem fomos citados de novo.

Ninguém o ajudou, **nem** ajudará.

Nunca visitavam os pais, **nem** telefonavam.

1.2 – Pode aparecer repetido (**nem**... **nem**...)

Nem a polícia recuava, **nem** os
manifestantes se dispersavam.

1.3 – Entra no lugar de **não** antes de **todos**, **tudo** e **sempre**:

Nem sempre teremos essa sorte.

Nem tudo que reluz é ouro.

Nem todos podem pagar esse preço.

1.4 – Em algumas estruturas tradicionais, vale pôr **e sem**:

História **sem** pé **nem** [e sem] cabeça.

Ele puxou o revólver, **sem** quê **nem**
[e sem] para quê.

Ele disse isso, **sem** tirar **nem** [e sem] pôr.

2 – A sequência e nem

Observe os seguintes exemplos, todos corretos:

Ele me reconheceu **e nem** me cumprimentou.

Foi visitar o prefeito **e nem** fez a barba.

Devia-lhe muitos favores **e nem**
se propôs a ajudá-lo.

O que me parece mais importante é perceber que este **e** não tem relação alguma com o **nem**, ou seja, não existe, na verdade, a expressão **e nem**. O que temos aqui é uma sequência casual de dois vocábulos independentes, sintática e semanticamente. Vejamos:

2.1 – O valor da conjunção **e**, aqui, não é **aditivo**, mas **adversativo** (equivale a **mas**, como na frase “Ele é bilionário **e** não ajuda ninguém”). As duas frases abaixo são sinônimas:

(a) O professor me reconheceu **e** nem me cumprimentou.

(b) O professor me reconheceu, **mas** nem me cumprimentou.

2.2 – O **nem**, por sua vez, está sendo usado para indicar que algo inesperado aconteceu. Compare:

(c) O professor me reconheceu **e não** me cumprimentou.

(d) O professor me reconheceu, **mas não** me cumprimentou.

(e) O professor me reconheceu **e nem** me cumprimentou.

(f) O professor me reconheceu, **mas nem** me cumprimentou.

Embora em todas as frases o nexo adversativo (tanto o **mas**, quanto o **e**) indique que eu aguardava o cumprimento que não veio, em (e) e (f) fica implícito que isso era o **mínimo** que o professor devia ter feito. Percebe-se que nessas frases o **nem** faz parte de uma expressão maior: **nem** [**ao menos**] , **nem** [**mesmo**], em que a segunda parte pode vir explícita ou implícita.

(g) O professor me reconheceu **e nem ao menos** me cumprimentou (sequer).

(h) O professor me reconheceu, **mas nem ao menos** me cumprimentou (sequer).

É importante frisar, finalmente, que este **nem** é bem diferente do que aparece na seção 1. Enquanto aquele, por representar [**e+não**], deve sempre ser antecedido de uma oração negativa, este não tem a mesma exigência.

se se

> Eu tive um professor que condenava qualquer ocorrência de **se se** em nossas redações: "**Cecê** é cheiro de axila!", ele esbravejava. Em parte ele tinha razão.

*Prezado Professor, na frase "Quando estou lá fora, sempre aprontam alguma coisa, até mesmo **se se** trata de país tão amigo e fraterno quanto Portugal", o **se** aparece repetido; por que e como é isso?*

Danilo N. – Pelotas (RS)

Meu caro Danilo, a frase está correta, mas, como você mesmo notou, muito desajeitada. O primeiro **se** é a **conjunção** condicional (no Inglês, seria o ***if***). O

segundo é o **pronome se**, que faz parte do verbo **tratar-se**; infelizmente, ele não pode aqui ficar depois do verbo (em ênclise): seria horripilante um "até mesmo se trata-se de país...".

Examine a frase "**quando se** trata de dinheiro", ou "é sério, **porque se** trata de dinheiro": aí temos [**quando+se**] e [**porque+se**]. O **se**, em ambos os exemplos, é **pronome**. Agora imagine a **conjunção se** entrando no lugar de **quando** ou de **porque**: [**se+se**]. O encontro é perfeitamente possível; eu, contudo, o evitaria, reescrevendo a frase para "até mesmo no caso de um país ..." ou "até mesmo quando se trata de um país...". Há sempre dezenas de maneiras para dizer a mesma coisa: essa é a grande riqueza da língua.

faz com que

> Em **O uso do chuveiro fez com que a conta aumentasse**, aquele **com** é realmente necessário?

*Caro Prof. Moreno, tenho combatido a expressão "isto **faz com que**...", porém vejo "gente grande" empregando esta muleta (?) sem pensar. Proponho sempre a forma "isto **faz que**...". Gostaria de conhecer sua opinião.*

Marcos B. – Ourinhos (SP)

Meu caro Marcos, mesmo que você seja professor de Português (não sei qual a sua profissão), você não deve andar por aí combatendo palavras ou expressões. Defenda as formas que você considera corretas, mas evite atacar as que os outros empregam. Lembre-se das sábias palavras do professor Celso Luft, que abominava, e com razão, o famigerado **a nível de**: "Eu não uso; mas, e os outros com isso?".

Só podemos exigir **fazer que** quando a expressão tiver o conhecido significado de "fingir": "Na escola moderna, o professor **faz que** ensina, enquanto o aluno **faz que** aprende". No sentido de "causar, ocasionar", no entanto, a escolha é totalmente livre; tanto se escreve "isso **fará que** ele aprenda" quanto "isso **fará com que** ele aprenda". Acho precipitado você chamar de "muleta" uma prática que vem acompanhando o Português desde que ele

começou a ser escrito. Para exemplo (e para nosso divertimento), vou relacionar algumas passagens colhidas na literatura:

Na sua ***História da Província de Santa Cruz*** (1576), escreve Pero de Magalhães Gandavo: "Mas porque a mãe sabe o fim que hão de dar a esta criança, muitas vezes, quando se sente prenhe, mata-a dentro da barriga e **faz com que** não venha à luz".

No ***Tácito Português***, de Francisco Manuel de Melo (1608-1666), vamos encontrar: "A pouca introdução que nos negócios permitia ao duque de Barcelos o duque seu pai **fez com que** ambos vivessem desconfiados".

Machado de Assis emprega regularmente a preposição: "...o remorso de não haver sufocado aquele grito de seu coração **fez com que** Estêvão, quase no mesmo instante, murmurasse..." (***A Mão e a Luva***). "Um anônimo ou anônima que passe na esquina da rua **faz com que** metamos Sírius dentro de Marte" (***D. Casmurro***). Ou ainda: "Até aí os conselhos; mas um pouco de glória **fez com que** Paulo cantarolasse entre os dentes, baixinho, para si, a primeira estrofe da Marselhesa". Mais adiante: "... a certeza de que podia acender-lhes novamente os ódios **fazia com que** as opiniões de Pedro e de Paulo ficassem entre os seus amigos pessoais" (***Esaú e Jacó***). Nos seus contos, aqui e ali encontramos a bendita: "A desgraça porém que o perseguia **fez com que** o primeiro amigo tivesse de ir no dia seguinte a um casamento e o segundo a um baile". Outra: "A minha boa fortuna **fez com que** o senhor me avisasse a tempo...". E mais outra: "O caiporismo, que o perseguia, **fazia com que** as dezenove prosperassem, e a vigésima lhe estourasse nas mãos".

Camilo Castelo Branco usa e abusa: "...esta menina disse que o rapaz talvez se ofendesse, e **fez com que** ele ficasse sem os doze vinténs" (***Novelas do Minho***); "...porque entendo que é uma imprudência pôr-se em campo o Partido Realista, e isso só **fará com que** os Cabrais triunfem" (***Maria da Fonte***); "Disse que não tinha inclinação a viajar, e **fez com que** o pai inventasse desculpas que dispensassem a filha" (***O Romance de um Homem Rico***).

Eça de Queirós é outro a quem a expressão não desagrada: "Só a porção de Matéria que há no homem **faz com que** as mulheres se resignem à incorrigível porção de Ideal"; "Talvez o requinte em retardar, que **fazia com que** La Fontaine, dirigindo-se mesmo para a felicidade, tomasse sempre o caminho mais longo" (***Fradique Mendes***). E mais: "...aquela alta superioridade que **fazia com que** madama Recamier se erguesse, ao cumprimentar" (***As Farpas***). E ainda: "Enfim, a moda é ter só uma mulher – e isto, mais do que tudo, **faz com que** os haréns do Cairo se vão transformando lentamente no nosso avaro e limitado casamento monógamo" (***O Egito***).

Como se pode ver, prezado Marcos, não podemos, eu e você, comparar-nos aos nomes que citei. Haveria muitos outros, mas achei que Machado e Eça já bastariam para mudar sua opinião. Você continua tendo o direito de preferir o **fazer que**, sem o **com** – acompanhado, aliás, por excelentes escritores –, mas não pode condenar aquilo que a tradição culta aprovou, ao longo dos séculos.

P.S.: Por falar nisso: eu só uso fazer **com que**.

muito provavelmente

> Aprenda a diferença entre **provavelmente** e **muito provavelmente**.

*Prezado Professor, gostaria de saber se posso escrever, nos meus laudos médicos, algo como "As áreas descritas correspondem **mais provavelmente** a processo degenerativo benigno". É correto utilizar alguma dessas expressões: **mais provavelmente, mais provável, mais frequentemente** ou **mais frequente**?*

Silvio T. – Médico – São Paulo (SP)

Meu caro Sílvio, **mais** e **menos** são dois advérbios **intensificadores** que podem ser usados com **verbos** (trabalhou **mais**, trabalhou **menos**), com **adjetivos** (**mais** feliz, **menos** feliz) ou mesmo com **advérbios** (**mais** longe, **mais** raramente). Uma coisa pode ser **provável**, mas outra pode ser ainda **mais provável**; isso acontece **frequentemente**, mas pode acontecer **mais frequentemente** aos sábados.

Não sei exatamente a estrutura do parágrafo em que você pretende usar o **mais provavelmente**; lembro-lhe apenas que o **mais** deve ser usado quando queremos estabelecer uma relação de comparação entre **X** e **Y**: se duas coisas são prováveis, nada impede que uma seja **mais provável** que a outra. Se você quiser, no entanto, apenas intensificar o **provavelmente** numa única situação (isto é, sem outro polo de comparação), então o advérbio indicado para isso é **muito**. Dizer que "a doença se manifesta **provavelmente** por causa da exposição ao sol" é diferente de afirmar que "a doença se manifesta **muito provavelmente** por causa da exposição ao sol" – as probabilidades aumentaram. Se você escrever

"As áreas descritas correspondem **muito provavelmente** a processo degenerativo benigno", está opinando que as chances de ser exatamente assim são muito grandes. Era isso o que você queria dizer no seu laudo?

P.S.: Agora, uma recomendação: quando um usuário treinado, como é o seu caso, sentir soar uma nota falsa ao optar por uma determinada expressão, deve seguir a sua intuição e **não usá-la**. É mais ou menos como, *mutatis mutandis*, a pessoa que evita um determinado alimento porque sente que ele vai lhe fazer mal. Se eu me submetesse a uma investigação médica, poderia um dia encontrar uma causa orgânica para a minha repugnância por manteiga; enquanto eu não faço isso, contudo, trato de me manter bem longe da bandida.

qual a conjunção adequada?

Prof. Moreno, a professora perguntou qual seria a conjunção adequada para ligar as orações "Nada o impedia de sair" e "Preferiu ficar". A maioria escolheu "nada o impedia de sair, ***mas*** *preferiu ficar". Ela disse que estava errado e que deveria ser "nada o impedia de sair,* ***portanto*** *preferiu ficar". Será que só a forma da professora está correta? Obrigada pela resposta.*

Laura R. – Fortaleza (CE)

Minha prezada Laura, quando coloco uma conjunção entre duas orações, estou tentando definir qual o **nexo** – dentro da minha óptica – que elas têm entre si. Dou-lhe um bom exemplo: compare "Ele foi eleito para a Academia; **portanto**, deve ser um bom escritor", com "Ele foi eleito para a Academia; **entretanto**, deve ser um bom escritor". Na primeira, está manifesta a ideia de que entrar para a Academia é um ponto positivo; na segunda, exatamente o contrário. Escolher **entretanto** ou **portanto** vai permitir que eu exprima diferentes relações entre as mesmas ideias. No caso da sua frase, eu – e a grande maioria dos leitores, como você mesma – optaria por uma conjunção adversativa (**mas**, **porém**...): "ele tinha tudo para sair, **mas** (ideia oposta) preferiu ficar". Já a sua professora optou pelo **portanto**, o que me sugere a seguinte leitura: discute-se por que ele ficou; alguém alega que "nada o **obrigou** a ficar; se

ele quisesse, poderia ter saído; se ele ficou, é porque **preferiu** ficar". Na fala, haveria um deslizamento do **foco** da frase para o verbo **preferir**, acompanhado, inclusive, de uma mudança no tom de voz – similar àquele que usamos em "ele não derrubou **um livro**; ele derrubou **a estante toda**" (estamos opondo **livro** a **estante**), ou "ele não **derrubou** a estante; na verdade, ele **desmontou** a estante" (estamos opondo **derrubar** a **desmontar**).

Como você vê, ambas as conjunções podem entrar nesse mesmo lugar; a diferença é que 95% dos leitores optariam pela **adversativa**, enquanto 5% (dentro do contexto e com a intenção que descrevi) ficariam, como a professora, com a **conclusiva**. Talvez o contexto (o texto que vem antes e depois do trecho que você menciona) traga pistas importantes para resolver o problema. Assim, com o que você me deu, isso é tudo o que posso lhe dizer.

muito pouco

Um leitor do Acre está estudando para um concurso e ficou intrigado com a expressão **muito pouco.**

*Professor, como se explica o uso da expressão **muito pouco** numa frase como "falta **muito pouco** para eu ir embora"?*

José C. da Silva – Rio Branco (AC)

Prezado José, talvez você fique feliz em saber que sua dúvida é compartilhada por Suzana S., de Limeira (SP), e por Rogério L., de Porto Alegre (RS). Feliz também fico eu, que posso esclarecer a três leitores com uma só cajadada; basta que leiam com paciência o que passo a explicar.

Todos ouviram dizer que o **advérbio** é uma palavra invariável que serve para modificar um **verbo**, um **adjetivo** ou outro **advérbio**? Pois não é bem assim; essa afirmativa, presente na maioria dos livros didáticos, só serviu, até hoje, para confundir nosso aluno. O **advérbio** – o nome está dizendo – modifica mesmo é o **verbo**; aliás, é por detalhe que ele não se chama **adverbo**, como é no Francês (***adverbe***) ou no Inglês (***adverb***). O que acabo de dizer vale para todos os advérbios comuns – os de **modo**, os de **lugar**, os de **tempo**, etc. –, exceto o grupo

especialíssimo dos advérbios de **intensidade**: **muito**, **pouco**, **mais**, **menos**, **bastante**, **assaz**, **demasiadamente**, **excessivamente**, etc. Estes (e só estes) podem também modificar **adjetivos** ou outros **advérbios**:

Ele corre **muito** (modifica o verbo **correr**).
Ele está **muito** feliz (modifica o adjetivo **feliz**).
Ele mora **muito** longe (modifica o advérbio **longe**).

É muito comum, portanto, a construção [**muito** + **X**], onde "**X**" pode ser qualquer advérbio – inclusive alguns de intensidade. "Ele lê **mais** que o irmão" é diferente de "ele lê **muito mais** que o irmão"; da mesma forma, uma coisa é "comer **pouco**"; outra, é "comer **muito pouco**", que é uma forma intensificada de **pouco**, equivalendo ao superlativo "**pouquíssimo**". Nessa mesma posição, o advérbio **bem**, que funciona normalmente como advérbio de **modo**, pode também operar como advérbio de **intensidade**, como sinônimo de **muito**: "ele come **bem** pouco", "ele está **bem** feliz". Espero ter sido bem claro.

embora

Em "vamos embora", o que está fazendo esse **embora** junto ao verbo? O Professor explica.

*Na expressão "**ir embora**", qual é a classificação da palavra **embora**? Ela faz parte do verbo? É um advérbio? É uma partícula sem classificação? Funciona como preposição? Ou...?*

Paula G. M. – Natal (RN)

Prezada Paula, a palavra **embora** é um **advérbio** formado, historicamente, pela aglutinação dos vocábulos que compõem o **adjunto adverbial** "em boa hora". No ***Aurélio***, vem um feliz exemplo do Gil Vicente, do *Auto de Mofina Mendes*, onde isso fica bem claro:

Paio Vaz, se queres gado,

dá ó demo essa pastora:
paga-lho seu, vá-se **embora**
ou **má hora,** e põe o teu em recado.

É evidente que hoje ninguém mais enxerga no **embora** essa ideia de "em boa hora"; no entanto, não concordo com o ***Aurélio*** quando diz que, em "vamos embora", **embora** é uma partícula desprovida de significado; prefiro seguir o ***Houaiss***, para quem ele continua sendo o mesmo **advérbio**, com outro valor semântico; no mesmo sentido, o dicionário da Academia de Ciências de Lisboa considera habitual o emprego deste **advérbio** "com verbos de movimento, para indicar afastamento de um lugar".

solução de continuidade

O Professor explica o que significa essa expressão e recomenda que ela **não** mais seja empregada.

*Prezado Prof. Moreno, tenho uma grande dúvida de sintaxe: qual o significado e como empregar a expressão **solução de continuidade**? O **Aurélio** fala em **separação**, mas não exemplifica! Desde já agradeço a atenção dispensada.*

Tatiana M. – Blumenau (SC)

Minha cara Tatiana, não se trata de **sintaxe**, mas do significado de uma expressão – o que fica no âmbito da **semântica**. **Solução de continuidade** significa "interrupção", isto é, a continuidade foi "**dissolvida**" (este é o sentido aqui de **solução**; não se trata da **solução** que vem do verbo **resolver**, que você vai encontrar na "solução de um problema"). Por exemplo, é indispensável criar escolas de emergência na região assolada pelas enchentes, para que a educação das crianças não sofra **solução de continuidade**, isto é, não seja interrompida. Esta é uma daquelas expressões que, a meu ver, tornaram-se completamente inúteis, na medida em que as pessoas as entendem das mais diferentes maneiras.

há cerca de

Se dói quando corrigem um erro nosso, dói mais ainda quando tacham injustamente de erro uma forma que estamos usando corretamente. Uma leitora sofre na carne essa injustiça ao empregar **há cerca**.

*Fui alvo de gozação por ter escrito a seguinte frase: "Ele mora lá **há cerca** de 30 anos". Disseram que **cerca** era sinônimo de algo cercado e que "**há cerca**" não existia. Aconselharam-me até a comprar um dicionário ou gramática. Apesar de ter certeza de que esta forma é certa, não consegui dar uma explicação gramatical que fosse convincente o bastante para dissipar qualquer dúvida sobre a controvérsia. Por isso, venho pedir a ajuda do Professor Moreno.*

Kecia V.

Minha cara Kecia, como se costuma dizer, você está coberta de razão. Só não entendi em que meio você se move: quem, no seu são juízo, pode afirmar que **há cerca** não existe? Essas pessoas que zombaram de você já frequentaram colégio?

Vamos por partes. (1) Qualquer pessoa alfabetizada sabe que podemos usar **haver** para indicar tempo decorrido: **há** (=faz) **dez dias**, **havia** (=fazia) **dois anos**, etc. Espero que até aqui todos os seus amigos concordem e não comecem suas zombarias. (2) O advérbio **cerca** é um sinônimo mais ou menos culto para **aproximadamente, mais ou menos**: "**Cerca** de duas mil pessoas estiveram no enterro". Até aqui, também, espero que não haja dúvidas. (3) Pergunto: todos aí aceitam "cheguei aqui **há aproximadamente** três horas"? Mais uma vez, espero que sim; esta expressão faz parte do Português básico. Ora, muito bem; chegamos ao final da lição: substituam **aproximadamente** por seus sinônimos, e vamos ter "cheguei aqui **há mais ou menos** três horas" e – adivinhem! – "cheguei aqui **há cerca** de três horas". Pronto, Kecia. Aqui você tem a justificativa gramatical de que necessitava; só me indigno com a inversão de valores: a pessoa que escreve certo é que tem de dar explicações aos demais, a eles que – esses sim! – deviam se aproximar um pouco mais das gramáticas e do nosso querido amansa-burro.

Curtas

há mais de dez anos

> Elenice Ferro quer saber se o correto seria escrever "...atuando **a** mais de 10 anos em organizações de grande porte" ou
> "... atuando **há** mais de 10 anos em organizações de grande porte".

Minha cara Elenice, trata-se aqui de indicar **tempo já decorrido**; neste caso, o verbo usado para isso sempre foi o verbo haver. Você deve, portanto, escrever "atuando **há** mais de 10 anos...".

há dois anos

Tiago C., mecânico de Santo André (SP), quer saber como deve escrever: "Sou pai **a** ou **há** dois anos".

Prezado Tiago, você deve escrever "Sou pai **há** dois anos". Aqui não se trata da preposição **a**, mas do verbo **haver**, usado como um substituto para **fazer**: "**Faz** dois anos que eu sou pai". Ia ser diferente se fosse no futuro: "Vou ser pai daqui **a** dois meses".

há mais ou menos

Gilson P., de Macaé (RJ), quer saber se está correta a frase "Sou da Bahia, mas

estou vivendo aqui no Rio de Janeiro **a** mais ou menos 26 anos". Ou seria "**há** mais ou menos"?

Meu caro Gilson, "Vivo no Rio **há** mais ou menos vinte anos". É tempo decorrido, é verbo **haver**; em outras palavras, "**Faz** mais ou menos 26 anos que estou vivendo no Rio".

há tempos

Maria do Carmo, de Marília (SP), estranha a forma **há** usada no lema de uma empresa de transporte urbano de sua cidade: "**Há** tempos circulando com você".

Prezada Maria do Carmo, a frase está correta; o verbo **haver** aqui está sendo usado para indicar **tempo decorrido**. É o mesmo caso de frases como "**Há** dez anos", "Isso aconteceu **há** dois minutos", "Eu não o vejo **há** semanas".

a dois mil metros

Telmo D. pergunta qual a expressão correta: "estou **há** dois mil metros de altura" ou "estou **a** dois mil metros"?

Caro Telmo, o verbo **haver** é empregado para indicar **tempo passado**, da mesma forma que **fazer**: "estamos **há** dois anos da virada do milênio" é o mesmo que "faz dois anos que entramos no novo milênio" (isto é, já se passaram dois anos). Não é disso que estamos falando na frase que você mandou, pois ela fala de **distância**; o correto é mesmo "estou **a** dois mil metros de altura".

há ou **a?**

Amauri C., de Uberlândia (MG), gostaria de saber se deve usar **a** ou **há** em várias frases que caíram numa prova de concurso:

(a) Estive em Belo Horizonte ___ quinze dias atrás.
(b) ___ dois dias que estou tentando telefonar.
(c) Os documentos foram enviados ___ mais de uma semana.

(d) Estamos ___ três meses do nascimento e ele ainda não foi ao cartório para registrar o filho.

Prezado Amauri, você deve completar todas as lacunas com **há**, do verbo **haver**, pois todas elas tratam de **tempo decorrido**. A última é um pouco mais ardilosa, mas a referência ao cartório deixa claro que já faz três meses que o bebê nasceu.

Cláudio Moreno nasceu na cidade de Rio Grande (RS). No final dos anos 60, concluiu o curso de Letras da UFRGS, com habilitação em Português e Grego. Em 1972 ingressou como docente no Instituto de Letras da mesma universidade, tendo sido responsável por várias disciplinas nos cursos de Letras e de Jornalismo, assim como pela disciplina de Redação para os cursos de Pós-Graduação de Medicina. Em 1977, concluiu o mestrado em Língua Portuguesa com a dissertação *Os diminutivos em -inho e -zinho e a delimitação do vocábulo nominal no Português*; em 1997, obteve o título de Doutor em Letras com a tese *Morfologia nominal do Português***.** Do jardim-de-infância à universidade, estudou toda sua vida em escolas públicas e gratuitas, razão pela qual, sentindo-se em dívida para com aqueles que indiretamente custearam sua educação, resolveu criar e manter o sítio www.sualingua.com.br como uma pequena retribuição por aquilo que recebeu.

Coordena, atualmente, a área de Língua Portuguesa dos colégios Leonardo da Vinci Alfa e Beta, de Porto Alegre, do Sistema Unificado de Ensino. É professor regular das Teleaulas de Língua Portuguesa da Universidade Estácio de Sá, do Rio de Janeiro. Na imprensa, assinou uma coluna mensal sobre etimologia na revista *Mundo Estranho*, da Abril, e escreve regularmente no jornal *Zero Hora***,** de Porto Alegre, onde mantém uma seção sobre Mitologia Clássica e outra sobre questões de nosso idioma.

Publicou, em coautoria, livros sobre a área da redação – *Redação técnica* (Formação), *Curso básico de redação* (Ática) e *Português para convencer* (Ática). Sobre gramática, publicou o *Guia prático do Português correto* pela L&PM Editores, em quatro volumes: *Ortografia* (2003), *Morfologia* (2004), *Sintaxe* (2005) e *Pontuação* (2010). Pela mesma editora, lançou *O prazer das palavras* – v.1 (2007) e v.2 (2008), com artigos sobre etimologia e curiosidades de nosso idioma. Além disso, é o autor do romance *Troia* (2004) e de dois livros de crônicas sobre Mitologia Clássica, *Um rio que vem da Grécia* (2004) e *100 lições para viver melhor* (2008), todos pela L&PM Editores.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Projeto gráfico e capa: Ana Cláudia Gruszynski
Revisão: Jó Saldanha, Renato Deitos e Elisângela Rosa dos Santos
Revisão final: Cláudio Moreno

M843g

Moreno, Cláudio
Guia prático do Português correto: sintaxe/Cláudio Moreno. – Porto Alegre: L&PM, 2011.
(Coleção L&PM POCKETt; v. 471)

ISBN 978.85.254.2331-3

1.Português-sintaxe. I.Título. II.Série.
CDU 801.3=690(035)

Catalogação elaborada por Izabel A. Merlo, CRB 10/329.

© Cláudio Moreno, 2005

e-mail do autor: **hapax@terra.com.br**
Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores
Rua Comendador Coruja 314, loja 9 – Floresta – 90220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-5380

Pedidos & Depto. Comercial: **vendas@lpm.com.br**
Fale conosco: **info@lpm.com.br**
www.lpm.com.br

Table of Contents

- Apresentação
- 1. Funções sintáticas
    - classe não é função
    - viver é verbo de ligação?
    - sujeito oculto?
    - nomenclatura Gramatical Brasileira
    - sujeito oracional
    - sujeito do Ouviram do Ipiranga
    - fui eu quem fez
    - a hora da onça beber água
    - adjunto adnominal x predicativo
    - adjunto adnominal x complemento nominal
    - complemento nominal?
    - complemento adverbial?
- 2. Sintaxe dos pronomes pessoais
    - colocação do pronome
    - a colocação “brasileira” do pronome
    - mesóclise?
    - pronome solto entre dois verbos
    - mesmo
    - o eu pode vir primeiro?
    - emprego do lhe
    - o lhe é só para humanos?
    - o ou lhe
    - para mim comprar
- 3. Regência verbal
    - doa quem doer
    - pisar na grama
    - preposições juntas
    - Preposições nos sobrenomes
    - Suicidar-se
    - Onde e aonde
    - implicar
    - chegar em?
    - assistir
    - alguém que lhe queira
    - atender
    - dignar-se de
- 4. Crase

- Bahia e Recife
- se vou a e volto da
- do ou de Paulo?
- em França?
- artigo antes de relativos
- crase e pronome de tratamento
- crase e subentendimento
- crase precisa de um artigo!
- as oito às doze
- ensino à distância

5. Concordância verbal
    - o deslocamento do sujeito
    - concordância com verbos impessoais
    - há de haver
    - haviam ocorrido
    - concordância com a voz passiva sintética
    - concordância do verbo ser
    - a gente somos?
    - o povo brasileiro somos
    - o s Estados Unidos é?
    - mais sobre Estados Unidos
    - concordância com percentuais
    - fui eu quem começou
    - a maioria dos homens
6. Tratamento
    - lhe, te e você
    - tu x você
    - se liga
    - quem é doutor, afinal?
    - enfermeiro é doutor?
    - Vossa Meritíssima?
7. Concordância nominal
    - a cerveja que desce redondo
    - nacionalidade brasileiro ou brasileira?
    - seu(s) próprio(s) umbigo(s)
    - camisas cinza
    - anexo ou em anexo?
    - gênero, número e caso
    - haja vista
8. Problemas de construção
    - a persistirem os sintomas

  - dupla negativa
  - absolutamente é negativo?
  - nem
  - se se
  - faz com que
  - muito provavelmente
  - qual a conjunção adequada?
  - muito pouco
  - embora
  - solução de continuidade
  - há cerca de
- Sobre o Autor

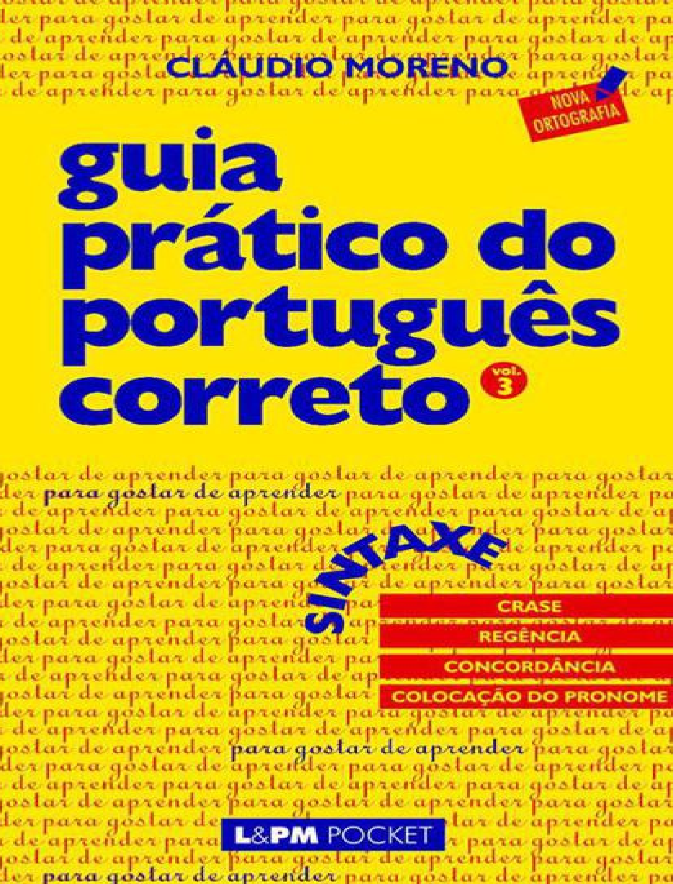

CLÁUDIO MORENO

NOVA ORTOGRAFIA

guia prático do português correto

vol. 3

para gostar de aprender

SINTAXE

- CRASE
- REGÊNCIA
- CONCORDÂNCIA
- COLOCAÇÃO DO PRONOME

para gostar de aprender

L&PM POCKET

para gostar de aprender

CLÁUDIO MORENO

guia prático do português correto

vol. 3

para gostar de aprender

SINTAXE

CRASE

REGÊNCIA

CONCORDÂNCIA

COLOCAÇÃO DO PRONOME

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

À memória de Joaquim Moreno, meu pai,
e de Celso Pedro Luft, mestre e amigo.

Apresentação

Este livro é a narrativa de minha volta para casa – ou, ao menos, para essa casa especial que é a língua que falamos. Assim como, muito tempo depois, voltamos a visitar o lar em que passamos nossos primeiros anos – agora mais velhos e mais sábios –, trato de revisitar aquelas regras que aprendi quando pequeno, na escola, com todos aqueles detalhes que nem eu nem meus professores entendíamos muito bem.

Quando, há alguns anos, criei minha página no Portal Terra (www.sualingua.com.br), percebi, com surpresa, que os leitores que me escrevem continuam a ter as mesmas dúvidas e hesitações que eu tinha quando saí do colégio nos turbulentos anos 60. As perguntas que me fazem são as mesmas que eu fazia, quando ainda não tinha toda esta experiência e formação que acumulei ao longo de trinta anos, que me permitem enxergar bem mais claro o desenho da delicada tapeçaria que é a Língua Portuguesa. Por isso, quando respondo a um leitor, faço-o com prazer e entusiasmo, pois sinto que, no fundo, estou respondendo a mim mesmo, àquele jovem idealista e cheio de interrogações que resolveu dedicar sua vida ao estudo do idioma.

Por essa mesma razão, este livro, da primeira à última linha, foi escrito no tom de quem conversa com alguém que gosta de sua língua e está interessado em entendê-la. Este interlocutor é você, meu caro leitor, e também todos aqueles que enviaram as perguntas que compõem este volume, reproduzidas na íntegra para dar mais sentido às respostas. Cada unidade está dividida em três níveis: primeiro, vem uma explicação dos princípios mais gerais que você deve conhecer para aproveitar melhor a leitura; em seguida, as perguntas mais significativas, com discussão detalhada; finalmente, uma série de perguntas curtas, pontuais, acompanhadas da respectiva resposta.

Devido à extensão do material, decidimos dividi-lo em quatro volumes. O primeiro reúne questões sobre **Ortografia** (emprego das letras, acentuação, emprego do hífen e pronúncia correta). O segundo, questões sobre **Morfologia** (flexão dos substantivos e adjetivos, conjugação verbal, formação de novas palavras). O terceiro, questões sobre **Sintaxe** (regência, concordância, crase e colocação dos pronomes). O quarto, finalmente, será todo dedicado à pontuação.

Sempre que, para fins de análise ou de comparação, foi preciso escrever uma forma **errada**, ela foi antecedida de um **asterisco**, segundo a praxe de todos os modernos trabalhos em Linguística (por exemplo, "o dicionário registra **obcecado**, e não ***obscecado** ou ***obsecado**"). O que vier indicado entre duas barras inclinadas refere-se exclusivamente à pronúncia e não pode ser considerado como uma indicação da forma correta de grafia (por exemplo: **afta**

vira, na fala, **/á-fi-ta/**).

*

Meu caro leitor: no volume 1 deste ***Guia Prático*** – **Ortografia** –, discutimos **como** devem ser escritos os vocábulos do Português, detalhando o uso dos acentos, do hífen e o emprego das letras. No volume 2 – **Morfologia** –, descrevemos a formação das palavras de nosso idioma, o gênero e o número dos substantivos e dos adjetivos, a conjugação dos verbos. Neste terceiro volume – **Sintaxe** –, vamos deixar o âmbito restrito do **vocábulo** para entrar no âmbito da **frase**, estudando fenômenos que dependem do relacionamento dos vocábulos entre si, como a **concordância**, a **regência**, a **crase** e a **colocação dos pronomes**.

Além disso, ao lado desses conteúdos de aplicação imediata no seu dia-a-dia, você também vai se familiarizar com as principais funções sintáticas – **sujeito, objeto direto, objeto indireto, adjunto adverbial**, etc. São conceitos de presença obrigatória nas provas de Português de todos os vestibulares e concursos públicos do país, mas sua importância vai muito além disso. Sem dominar essas noções, que considero indispensáveis para qualquer pessoa que se interesse pelo estudo do idioma, as decisões sobre **crase** ou **concordância**, por exemplo, sempre vão parecer arbitrárias e irracionais. Sem elas, você não vai conseguir responder àquela velha indagação que todos nós compartilhamos: “Por que devemos fazer isto, e não aquilo?”. Sem elas, você não será capaz, sequer, de entender a explicação sobre a primeira estrofe do Hino Nacional Brasileiro.

1. Funções sintáticas

Quando você divide uma frase em suas **partes constitutivas** (ou **sintagmas**) e dá um nome a cada uma dessas partes, está fazendo aquilo que chamamos de **análise sintática**. Exceto por algumas estruturas mais raras ou mais complexas, é muito fácil fazer a análise de uma frase: depois que isolamos o **verbo**, as demais partes são facilmente reconhecíveis: o **sujeito**, o **objeto direto**, o **objeto indireto**, o **predicativo**, o **adjunto adverbial**, o **aposto**, o **vocativo** e o **agente da passiva**. Estas são as oito funções sintáticas reconhecidas pela gramática:

1 – **Um atleta brasileiro** venceu a prova de salto tríplice. (sujeito)

2 – A TV francesa entrevistou **um atleta brasileiro**. (obj. direto)

3 – O documentário trata **de um atleta brasileiro**. (obj. indireto)

4 – O principal astro do documentário é **um atleta brasileiro**. (predicativo)

5 – Ela sempre viajava **com um atleta brasileiro**. (adj. adverbial)

6 – A chama olímpica foi acesa **por um atleta brasileiro**. (agente da passiva)

7 – A testemunha-chave era Antônio, **um atleta brasileiro**. (aposto)

8 – Você, **atleta brasileiro**, conhece muito bem nossas dificuldades! (vocativo)

No entanto, nossa **Nomenclatura Gramatical** (conhecida como **NGB**), que definiu, em 1958, a terminologia gramatical adotada por todos os livros didáticos do país, cometeu o terrível equívoco de incluir o **adjunto adnominal** e o **complemento nominal** nessa relação, o que veio complicar desnecessariamente o sistema. Na verdade, eles não são **partes** da frase, como as outras oito que relacionei acima, mas **partes das partes** da frase, isto é, aparecem **dentro** dos sintagmas – dentro do sujeito, do objeto, do predicativo, do aposto, etc., como explico em alguns dos tópicos que você vai ler mais abaixo. Numa frase como "Um atleta brasileiro sente **muita saudade de casa**", o elemento grifado é o **objeto direto** do verbo **sentir** – e pronto!

Agora, se você olhar mais de perto este objeto, verá que o núcleo é **saudade**; **muita** é **adjunto adnominal**, como o são, aliás, todas as palavras que ficam à esquerda do substantivo; **de casa** é **complemento nominal** (**saudade** sempre será **saudade de alguma coisa**). A diferença entre o adjunto e o complemento vai ficar mais clara nos artigos que seguem, mas isso não importa, desde que você perceba que ambos são **elementos internos** ao sintagma. Incluí-los entre as oito funções básicas é a mesma aberração que um guia de viagens da América do

Sul que destacasse, como atrações mais importantes, a Argentina, o Peru, Minas Gerais, Uruguai e Brasília – misturando, numa mesma classificação, países, estados e cidades.

Nas páginas seguintes, discuto este problema e outros mais, principalmente os vários tipos de **sujeito** e sua influência nas questões de **concordância verbal**.

classe não é função

O Professor adverte: ninguém consegue fazer uma boa análise sintática se não distinguir entre **classe** e **função**.

Professor, na frase "visitaremos o museu no sábado", a função sintática de ***no sábado*** *é de* ***adjunto adverbial de tempo.*** *Ora, a palavra* ***sábado*** *é um* ***substantivo,*** *mas não sei se, nessa frase, ela se mantém como* ***substantivo*** *(mesmo sendo* ***adjunto adverbial*** *na sintaxe), ou se classifica como* ***advérbio.*** *Por favor, sempre tenho essa dúvida em análises morfossintáticas. Desde já agradeço a atenção.*

Geraldo R. – Cascavel (PA)

Meu caro Geraldo, às vezes um pequeno desvio de raciocínio faz parecer complexo aquilo que, na verdade, é muito simples. A análise que você fez tem uma falha sutil, que já atrapalhou muita gente: **função** é uma coisa, **classe** é outra, bem diferente. Em "visitamos o museu **naquele sábado ensolarado**", o sintagma destacado é um **adjunto adverbial** (isso é **função**, ou seja, isso é **sintaxe**). Quanto aos vocábulos aí presentes, no entanto, a análise é a seguinte: **em** (preposição)+ **aquele** (pron. demonstrativo) + **sábado** (substantivo) + **ensolarado** (adjetivo) (isso é **classe**; isso é **morfologia**).

Para deixar bem claro o que estou tentando explicar, vou dar um exemplo bem significativo: o substantivo **menino** (classe) pode desempenhar diferentes **funções** sintáticas, dependendo de suas relações dentro da frase: "o **menino** saiu" (sujeito); "encontrei o **menino**" (objeto direto); "ela simpatizou com o **menino**" (objeto indireto); "ele é um **menino**" (predicativo) – e assim por diante.

Não esqueça que os **adjuntos adverbiais** (isso é **função**) aparecem de duas maneiras no Português: ou (1) como um simples **advérbio**, ou (2) como um

substantivo preposicionado (isso é **classe**). Veja os exemplos:

(1) Ele nasceu **ontem**.
Vamos fugir **agora.**
Ele tombou **aqui.**
(2) Ela chegou **no sábado.**
O velho perdeu os óculos **em casa.**
Eles vieram **de carro.**
Ela estuda Matemática **com interesse.**

Todos os elementos que destaquei são **adjuntos adverbiais**; todavia, enquanto **ontem**, **agora** e **aqui** são **advérbios**, **sábado**, **casa**, **carro** e **interesse** são **substantivos**. Na minha experiência (que não é pequena), só vamos compreender os princípios da análise sintática quando formos capazes de distinguir entre **classe** e **função**; depois, tudo fica mais fácil.

viver é verbo de ligação?

Conheça uma forma segura de identificar os **verbos de ligação**.

*Caro Professor Moreno, a escola ensina que o verbo **viver** é **intransitivo**. Um aluno, porém, perguntou sobre a eventual possibilidade dele funcionar como **verbo de ligação** na frase "Mário **vive** cansado" – como é o caso do verbo **andar** na frase "Mário **anda** cansado". Estaria correta a posição dele? Agradecida.*

Teresinha D. M. – São José dos Campos (SP)

Minha cara Teresinha, o seu aluno tem toda a razão. O verbo **viver**, no exemplo que você mandou, não é o **viver** intransitivo; aqui ele é classificado como uma espécie de **verbo de ligação** – um tanto especial, porque não é tão-somente relacional, mas "traduz uma noção além do estado (predicado verbo-nominal). Ex.: *Eles viviam escondidos no mato.* Há aqui noção de **vida** + estado oculto do sujeito", diz Celso Pedro Luft, em sua ***Moderna Gramática Brasileira*** (aviso a meus leitores: esta gramática só deve ser utilizada por professores ou estudantes de Letras; para o usuário comum, ela é técnica e inovadora demais). O mesmo Luft, no seu utilíssimo ***Dicionário Prático de Regência Verbal***, vai mais longe, pois já classifica **viver**, nesta acepção, como **verbo de ligação**, com o significado de **estar sempre** (aspecto durativo, continuativo ou permansivo): "Ele vive gripado"; "Vive com dores de cabeça".

Note que aqui está uma boa oportunidade de reformular a maneira de ensinar os **verbos de ligação**: em vez de fornecer aos alunos uma lista fechada (eu próprio aprendi, no meu tempo, a desfiar, de cor, aquela ladainha do "ser, estar, ficar, permanecer, etc." – sempre incompleta), é muito melhor ensiná-los a raciocinar. Podemos, por exemplo, levantar a seguinte hipótese: se **viver** for um verbo de ligação, ele estará ligando o **sujeito** a seu **predicativo**; ora, os **predicativos** têm a propriedade sintática de concordar, em gênero e número, com o **sujeito** (**ela** está **nervosa**, **ele** está **nervoso**, **eles** estão **nervosos**, **elas** estão **nervosas**). Se na sua frase – "**Mário** vive **cansado**" – trocarmos **Mário** por **Maria**, vamos ter "**Maria** vive **cansada**": a flexão nos assegura que estamos diante de um **predicativo**. O mesmo vale para frases como "Ele virou delegado", "O menino saiu vencedor", "Ela acabou ferida", em que os verbos **virar**, **sair** e **acabar** funcionam como verbos de ligação, e **delegado**, **vencedor** e **ferida** são predicativos.

Quanto a seu aluno curioso, fique de olho nele; ele parece ter uma boa sensibilidade linguística, como se pode ver. Quem sabe não temos aí um futuro colega nosso?

sujeito oculto?

O sujeito **oculto** não desapareceu; apenas trocou de nome.

*Bom dia, Professor! Um colega de universidade disse que, segundo um antigo professor, poliglota em 23 idiomas e responsável pela formulação das provas de Português numa importante faculdade de Medicina de São Paulo, o **sujeito oculto** foi abolido das normas gramaticais. Eu gostaria de perguntar: se um sujeito oculto pode ser identificado pela desinência verbal – sendo elíptico ou implícito –, como essa norma pôde ser abolida? Aliás, ela foi realmente abolida?*

Marcos C. M. – São Paulo (SP)

Meu caro Marcos, acho esquisito esse termo que você emprega, "abolido".

Isso só se usa para uma lei ou regulamento que foi revogado – e jamais existiu uma norma para o **sujeito oculto**. Essa era apenas uma denominação antiga (bem antiga, aliás) que os gramáticos cunharam para os casos em que o sujeito não aparece expressamente na frase, mas é recuperado pela terminação do verbo (uma das grandes vantagens da nossa conjugação verbal sobre a do Inglês). Não se preocupe, que **nada** mudou na língua em si mesma, mas apenas no **nome** que usávamos para designar essas frases em que o sujeito não necessita estar **explícito**. Por isso, pode continuar criando frases como "**Fui** ao cinema, mas **volto** logo"; "**Gosto** de cachorro"; "**Perdi** o melhor da festa"; a única diferença é que não chamamos mais esse sujeito de **oculto**.

No momento em que os professores e gramáticos se deram conta de que esse "oculto" era um nome no mínimo risível, já que todo mundo – até estudantes de 9 anos de idade – descobria o sujeito com facilidade, passaram então, com mais precisão, a chamá-lo de **sujeito subentendido**, depois de **sujeito expresso pela desinência verbal**, até chegar ao **sujeito elíptico** de hoje, a meu ver a denominação mais adequada, pois o processo linguístico que atua nesse caso é justamente a **elipse**. O que houve, portanto, não foi a **eliminação do processo** (o que seria impossível, mesmo que todos os gramáticos e linguistas se reunissem para fazer força juntos), mas o abandono de uma terminologia anacrônica. Só isso. O seu colega deve ter entendido mal o que disse o fantástico poliglota de 23 idiomas.

Nomenclatura Gramatical Brasileira

> Por que todas as gramáticas de nosso idioma utilizam a mesma terminologia? Veja como isso aconteceu.

*Professor, a gramática de Evanildo Bechara faz diversas referências, nas notas de rodapé, à **NGB** – Nomenclatura Gramatical Brasileira. Ela não tinha sido revogada?*

Carlos E. S. – Curitiba (PR)

Prezado Carlos, assim como os profissionais da área biomédica confiam na ***Nomina Anatomica***, que é uma nomenclatura internacional da anatomia humana,

assim os professores de Língua Portuguesa confiam na **Nomenclatura Gramatical Brasileira** (como o nome claramente indica, Portugal não tem nada a ver com ela). Antes dela, vivíamos numa verdadeira selva de terminologias; cada gramático de renome fazia questão de usar denominações próprias para as funções sintáticas, para as orações subordinadas, para as classes gramaticais, o que tornava quase impossível a homogeneidade no ensino gramatical. A partir da **NGB**, uma comissão formada por notáveis da época (entre eles, Antenor Nascentes, Rocha Lima e Celso Cunha) estabeleceu uma espécie de divisão esquemática dos conteúdos gramaticais, unificando e fixando, para uso escolar, a nomenclatura a ser usada pelos professores; em 1959, no governo JK, uma portaria recomendou sua adoção em todo o território nacional. Dessa data em diante, por exemplo, todos passaram a falar em **objeto indireto**, e não mais em "complemento terminativo" ou "complemento relativo", ou quejandos; os **adjetivos** ficaram restritos aos **qualificativos**, enquanto os demais (**demonstrativos**, **indefinidos**, etc.) passaram a ser classificados como tipos de **pronomes**; o antigo **condicional** ganhou o duvidoso nome de **futuro do pretérito**; e assim por diante – o resto todo mundo sabe, porque todos aprendemos Português já dentro da **NGB**, usada até hoje.

Ocorre que ela foi concebida com base nos conhecimentos de 1958 – quando ainda não funcionava regularmente, por exemplo, a cadeira de Linguística nos cursos de Letras. Os gramáticos da comissão, embora de renome, eram de formação tradicional e obviamente imprimiram nessa nomenclatura as suas concepções pessoais, muitas vezes limitadas. O resultado é conhecido por qualquer professor de Português: os livros mais sérios estão cheios de notas de rodapé, como você percebeu, meu caro leitor, contestando aqui e ali a **NGB**, que precisa urgentemente ser revisada e reformulada, não só para adequá-la aos avanços registrados nos estudos da língua, nesses últimos quarenta anos, como também para corrigir comezinhos erros de lógica, que tanto prejudicaram (e prejudicam ainda hoje!) o entendimento dos alunos.

sujeito oracional

> Às vezes, o **sujeito** de uma oração é representado por outra oração.

Caro Professor Moreno, gostaria que o senhor definisse para mim ***sujeito oracional****. Eu tenho dúvidas sobre quando este sujeito surge. Muito obrigado pela atenção!*

André Luiz – Balneário Camboriú (SC)

Prezado André, vou acrescentar à minha explicação alguns detalhes que você não perguntou. Você deve entender que as várias partes da frase (**sujeito**, **objeto direto**, **predicativo**, etc.) podem ser representadas por uma **oração subordinada substantiva**. É exatamente por esse motivo que, entre as substantivas, temos uma **objetiva direta**, uma **predicativa**, uma **subjetiva** – nomes que revelam a que parte da frase elas correspondem. Em "Nós esperamos que você volte logo", a oração principal é "Nós esperamos". Ora, como **esperar** é um transitivo direto, onde está o **objeto direto** exigido por ele? Na oração seguinte – "que você volte logo" –, por isso mesmo classificada como subordinada substantiva **objetiva direta**. Poderíamos, se quiséssemos, dizer que temos aqui um **objeto direto oracional** – o que vem dar na mesma.

Quando o **sujeito** da oração principal for a oração subordinada, estamos diante de uma substantiva **subjetiva** (eis o tal **sujeito oracional**!). Você deve reconhecer os dois tipos básicos:

(1) as que são introduzidas pela conjunção integrante **que**:

> Era indispensável **que eu voltasse cedo.**
> Convém **que todos fiquem sentados.**
> É estranho **que o cão esteja latindo.**

Aqui a oração grifada exerce a função de **sujeito** (oracional) da oração principal, a qual vai ficar, convenientemente, com o verbo na 3ª do singular. Como ensinava a minha saudosa professora da 5ª série, "o que era indispensável"? **Que eu voltasse cedo**. "O que é que convém?" **Que todos fiquem sentados**.

(2) as **reduzidas** de infinitivo:

> **Estudar** é importante.
> **Ficarmos aqui** pode trazer sérias consequências.
> **Descobrir o verdadeiro assassino** era uma tarefa para Sherlock

Holmes.

Aqui a oração grifada também é **subjetiva**, só que **reduzida de infinitivo**; "o que é importante"? **Estudar**. "O que pode trazer sérias consequências"? **Ficarmos aqui**. O que "era uma tarefa para Sherlock Holmes"? **Descobrir o verdadeiro assassino**.

sujeito do **Ouviram do Ipiranga**

> É incrível como muitos cantam o **Hino Nacional** sem compreender sequer a primeira linha!

*Professor, posso dizer que o sujeito de "**Ouviram do Ipiranga as margens plácidas de um povo heroico o brado retumbante**" é **indeterminado**, porque o verbo está na 3a pessoa do plural?*

Marcelo Costa

Meu caro Marcelo, aqui não se trata de sujeito **indeterminado**. O início de nosso hino é uma frase na ordem **indireta**; veja como ela fica na ordem **direta**: "As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heroico". Logo, o sujeito é **as margens plácidas do Ipiranga** – e por isso o verbo está no plural (**ouviram**).

A leitora Larcy, de São Paulo, fez a mesma pergunta que você; ao ser informada sobre qual é o sujeito, voltou a escrever, ainda com dúvida, pois em vários lugares na internet ela encontrou escrito **às margens** – como se fosse um adjunto adverbial, referindo-se, portanto, **ao lugar** onde foi proferido o tal brado. Ora, todos nós sabemos que não existe aquele acento de crase; infelizmente, a fonte que ela consultou não era de confiança e trazia um erro muito comum quando reproduzem a letra do Hino Nacional – exatamente porque as pessoas ficam em dúvida quanto à função desse termo. **As margens** não é adjunto adverbial, não; é **sujeito**, e por isso Osório Duque-Estrada o escreveu sem acento algum.

fui eu quem fez?

É **fui eu que fiz** ou **fui eu quem fez** ? Veja como podemos evitar as formas erradas e escolher entre duas estruturas igualmente corretas.

*Caro Professor, ainda não consegui descobrir a forma correta para a resposta à pergunta "Quem fez isso?". Seria "**Fui eu quem fez**" ou "**Foi eu que fiz**"? Por favor, explique-me qual é a resposta correta; ou quem sabe nenhuma das duas pode ser usada?*

Helena B. – Campinas (SP)

Minha cara Helena, vamos por partes, porque há duas orações na sua frase. Na primeira, não temos escolha: ela será necessariamente "**fui eu**". O sujeito está claro (**eu**) e o verbo precisa concordar com a 1a pessoa; "***foi eu**" seria erro brabo. Na segunda oração, contudo, temos duas opções: usar **que** ou usar **quem**. Se usarmos **que**, o seu antecedente será o **eu** da oração anterior, e a concordância será "**que fiz**". Se usarmos **quem**, um pronome de 3a pessoa, a concordância será obrigatoriamente "**quem fez**". Portanto, você pode escolher entre "fui eu **que fiz**" ou "fui eu **quem fez**" (da mesma forma que "fomos nós **que fizemos**" ou "fomos nós **quem fez**"). A escolha é livre, mas eu recomendo, pessoalmente, a primeira opção, porque está mais de acordo com a fala usual.

a hora da onça beber água

Está na hora **de o sol nascer**, ou está na hora **do sol nascer**? O Professor prefere a segunda e explica por quê.

*Prezado Professor, lendo um artigo sobre a língua japonesa, fiquei em dúvida quanto à correção da frase "falavam seu idioma mil anos antes **dos portugueses aparecerem** por lá". Nos anos 60, aprendi, com um famoso professor de Português, que era **abominável** a contração da preposição **de** com o artigo antes do sujeito, devendo-se usar, portanto, "antes **de os portugueses** aparecerem"... Gostaria que me esclarecesse se esta regra mudou, ou se se tornou "mais elástica", como tudo nos dias em que vivemos. Obrigado.*

Luiz B. – Médico – Novo Hamburgo (RS)

Meu caro Luiz, o seu famoso professor não inventou aquela regra; ele seguia a lição proferida por um gramático do século XIX (Grivet), depois difundida pelo respeitado Eduardo Carlos Pereira e, a partir daí, repetida até hoje por muitos autores de livros escolares e de manuais de redação. Infelizmente eles se enganavam; confundiam a velha análise **lógica**, em que foram educados, com a análise **sintática** e **fonológica**. Como o problema já está suficientemente estudado, limito-me a recorrer ao trabalho de duas autoridades muito significativas para mim, Celso Pedro Luft, meu mestre e amigo, e Evanildo Bechara, o atual gramático-chefe do Brasil. Os argumentos e os exemplos são deles; o que não ficar bem claro deve ser debitado à minha falta de jeito.

Podemos dizer que aquela velha regra nasceu de um silogismo que parece inatacável:

(1) As preposições sempre subordinam o termo que vem à sua direita (termo **regido**).

(2) O **sujeito**, assim como o **predicado**, é um dos termos "nobres" da oração e não pode, por isso mesmo, estar subordinado.

(3) Logo, o sujeito jamais poderá vir regido por preposição.

Seguindo esse raciocínio, uma frase como "hoje é dia **dele** voltar para casa" seria inaceitável, porque o sujeito **ele** estaria regido pela preposição **de**; a forma adequada seria "hoje é dia **de ele** voltar para casa". Tudo parece muito lógico – aliás, era imprescindível que assim fosse, ou a hipótese não teria seduzido tantas boas cabeças brasileiras e portuguesas, como é o caso de Rebelo Gonçalves e de Eduardo Carlos Pereira. Ocorre, no entanto, que eles são gramáticos anteriores até mesmo a Ferdinand de Saussure, considerado o fundador da Linguística Moderna, com o seu ***Cours*** publicado em 1916 (e que só veio a ser lido no Brasil muitos anos depois). Se fossem médicos, seriam, ***mutatis mutandis***, como Hipócrates ou Galeno, exercendo a Medicina antes mesmo de surgir Pasteur.

Acontece que, em "hoje é dia **dele** voltar para casa", o **de** não está regendo o pronome **ele**, mas sim **toda** a oração infinitiva, da qual o pronome é o sujeito:

Hoje é dia DE + [**ele voltar para casa**]

Tanto Luft quanto Bechara perceberam que o equívoco dos velhos mestres nasceu da confusão entre **sintaxe** e **fonética**. A transformação da frase "a hora **de ele** voltar" em "a hora **dele** voltar" é de ordem **fonética** (é a tradicional **elisão**), mas não afeta o plano da **sintaxe** (não houve a subordinação de **ele** a

dia). Na fala, como já notou Sousa da Silveira, **essa elisão é obrigatória**; na escrita, foi praticada pelos melhores escritores de nosso idioma (não cito os posteriores à Semana de Arte Moderna de 1922 para que não digam que estou sendo tendencioso):

– "São horas DA baronesa dar o seu passeio pela chácara" – Machado de Assis

– "Antes DELE avistar o palácio de Porto Alvo" – Camilo Castelo Branco

– "Sabia-o antes DO caso suceder" – Alexandre Herculano

– "Antes DO sol nascer, já era nascido" – Padre Vieira

– "Depois DO enfermo lhe haver contado" – Bernardes

– "Apesar DAS couves serem uma só das muitas espécies" – Rui Barbosa

Por outro lado, é necessário admitir que também há autores clássicos dos séculos XVII e XVIII que procuram evitar essa combinação da preposição com o artigo ou o pronome, o que não pode ter sido por influência da gramática do Grivet, que é de 1881. Citando Rodrigues Lapa, Evanildo Bechara sugere que aqueles autores estavam valorizando fatores de ordem muito mais estilística do que gramatical, como, em certos casos, o desejo de pôr em relevo a preposição, evitando que ela fique "enfraquecida" pela elisão. Isso ainda vai ser estudado – se é que já não foi. De qualquer forma, recomendo ao amigo o exame do substancioso artigo ***Está na hora da onça (ou de a onça) beber água?***, do professor Bechara, que faz parte da coletânea ***Na Ponta da Língua* – v. 2** (Rio de Janeiro, Lucerna, 2000. p. 176-88). Eu, particularmente, há muito tempo deixei de levar a sério essa regrinha artificial e **sempre** faço a combinação da preposição com o pronome.

adjunto adnominal x predicativo

Você consegue enxergar dois significados diferentes na frase **"Encontrei o cofre vazio"**?

Pois eles estão lá.

Gostaria de um esclarecimento. Como saber a diferença entre o ***adjunto adnominal*** *e o* ***predicativo*** *numa frase como, por exemplo, "****Os alunos acharam a prova difícil****"? Neste caso,* ***difícil*** *é o adjunto adnominal de* ***prova*** *ou é* ***predicativo*** *do* ***objeto direto****? Por favor, como explicar a diferença neste caso e em muitos outros?*

Bethânia S. – Salvador (BA)

Prezada Bethânia, você não pode esquecer que o predicativo, sendo um sintagma independente (coisa que o adjunto não é...), **pode ser deslocado**: "Os alunos acharam **difícil** a prova". Assim fica muito simples. É claro que nem sempre poderemos decidir com base apenas neste teste de deslocabilidade, porque há muitas frases em que a divisão sintática pode ser feita de duas maneiras diversas, o que vai obrigatoriamente gerar ambiguidade (o leitor pode entender a frase de duas maneiras).

É o caso de "a veterinária encontrou o leão ferido", que pode ser lida de duas formas. Na primeira, decompomos a frase assim:

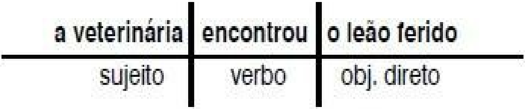

a veterinária	encontrou	o leão ferido
sujeito	verbo	obj. direto

Pelo que se pode entender, a veterinária estava procurando um leão ferido e o encontrou. Aqui, **ferido** é apenas o adjunto adnominal de **leão**. Na segunda, decompomos a frase assim:

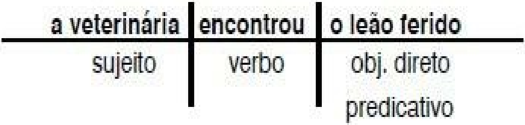

a veterinária	encontrou	o leão ferido
sujeito	verbo	obj. direto predicativo

Aqui, o objeto direto é apenas **leão**; **ferido** é um elemento independente, que funciona como **predicativo**, ou seja, a veterinária encontrou o **leão** e ele **estava ferido**. A primeira versão responde a uma pergunta do tipo "o **que** ela encontrou?" (**o leão ferido** que estava procurando); a segunda, "**como** é que estava o leão quando ela o encontrou?" (**ferido**). É um dos casos mais famosos de ambiguidade em nosso idioma, que já produziu pérolas como "ele deixou aquela prefeitura totalmente corrompida", em que não sabemos se ele era um político honesto que renunciou em vista do grau de corrupção da prefeitura, ou se ele era um desses novos políticos que corrompem os partidos e os governos de que fazem parte.

adjunto adnominal x complemento nominal

> Essa distinção, que parecia ser tão difícil quando eu estava na escola, é mais fácil do que parece.

*Caro Professor, necessito de sua ajuda. No período "A explicação desses assuntos será dada pelo funcionário", o elemento **desses assuntos** é **adjunto adnominal** ou **complemento nominal**? Muito obrigado.*

Pedro Marcelo C. – Uberaba (MG)

Meu caro Pedro, quando tivermos um elemento ligado a substantivo por meio de uma preposição – "a explicação **desses assuntos**" –, a distinção entre o adjunto adnominal e o complemento nominal é automática em três casos bem definidos:

(1) Se o elemento preposicionado estiver ligado a um **substantivo concreto**, só pode ser **adjunto** (casa **de pedra**, lápis **de Antônio**, estante **de livros**).

(2) Se estiver ligado a um **adjetivo** ou **advérbio**, só pode ser **complemento** (capaz **de tudo**, apto **para o serviço**, perto **de casa**).

(3) Se estiver ligado a um **substantivo abstrato** por qualquer preposição que não seja **DE**, só pode ser **complemento** (obediência **às leis**, simpatia **por crianças**, insistência **no detalhe**).

A única situação, portanto, em que se admite dúvida entre **adjunto adnominal** e **complemento nominal** é quando o elemento preposicionado estiver ligado a um **substantivo abstrato** por meio da preposição **DE** – exatamente como na frase que estamos examinando (**a explicação + de + estes assuntos**).

Nesse caso – repito, que é o único em que se admite a dúvida entre o adjunto e o complemento –, temos de lembrar que **explicação** é um substantivo que nominaliza o verbo **explicar**. O princípio é simples: o que era **sujeito** do verbo passa a ser, nas nominalizações, **adjunto adnominal**, enquanto o que era **objeto** passa a ser **complemento nominal**. Podemos afirmar que a sequência "a construção **do engenheiro**" proveio da estrutura subjacente "**o engenheiro** construiu alguma coisa"; como **o engenheiro** era o **sujeito** da estrutura primitiva, agora ele é adjunto adnominal de **construção**. Já a sequência "a construção **do edifício**" proveio de "alguém construiu o edifício"; **o edifício**, que era o **complemento** do verbo **construir**, agora é complemento do substantivo **construção**.

Da mesma forma, se o exemplo que você mandou fosse "a explicação **do funcionário**", **funcionário** seria **adjunto**, porque ele é o **sujeito** da oração subjacente; no entanto, como é "a explicação **desses assuntos**", é óbvio que **desses assuntos** é **complemento** nominal – já que, na oração subjacente, era **complemento** verbal. Ficou claro?

complemento nominal?

> Diferentemente dos adjuntos adnominais, que só podem estar ligados a **substantivos**, os complementos nominais podem ligar-se também a **adjetivos** e a **advérbios**.

*Prezado Professor, tudo bem? Na frase "Virgínia, moradora **na Rua das Acácias,** foi assassinada quando saía de casa", a expressão sublinhada é **complemento***

nominal *ou* ***adjunto adnominal****? Aprendi que os complementos nominais completam apenas o sentido de substantivos abstratos – o que não é o caso de* ***moradora****, que me parece ser um* ***substantivo concreto****.*

Fernando Bueno

Prezado Fernando, houve aqui uma pequena confusão. Quando as gramáticas dizem que o complemento nominal completa apenas **substantivos abstratos**, elas estão informando, implicitamente, que ele não pode se ligar aos **substantivos concretos**. Isso apenas define o problema quanto aos **substantivos**.

No entanto, o complemento vai mais adiante: pode ligar-se também a **adjetivos** (temente **a Deus**, obediente **à lei**, apto **para o serviço**) ou a **advérbios** (perto **da minha casa**). Na frase que você menciona, **moradora** é um adjetivo derivado do verbo **morar**, que exige um tipo de complemento que o prof. Luft chama de **complemento adverbial** (mora **na floresta**, vive **no mundo da lua**, etc.). Pela transformação clássica, os **complementos verbais** sempre se transformam em **complementos nominais** – o que nos autoriza a dizer que **na Rua das Acácias** é complemento, e não adjunto.

Entendo por que você classificou **moradora** como substantivo: houve aqui aquela substantivação habitual que os adjetivos ligados a seres humanos podem sofrer. Por exemplo, o adjetivo **bebedor** em "Fulano de tal, **bebedor de cerveja**" pode aparecer substantivado em "**os bebedores de cerveja** fazem muito barulho", mas isso não altera o fato de que **de cerveja** é um complemento nominal de **bebedor**. Foi o que ocorreu nesta frase que estamos analisando.

Finalmente, em "Virgínia, **moradora na Rua das Acácias**", quero chamar sua atenção para um detalhe valioso que não posso deixar de mencionar: a presença da preposição **em**. Nunca esqueça, amigo: a hesitação entre **adjunto adnominal** e **complemento nominal** só existe quando tivermos um sintagma preposicionado com a preposição **de**, e só com ela; quando você enxergar qualquer outra preposição que não seja esta, pode ter certeza de que está diante de um complemento.

complemento adverbial?

> Conheça o **complemento adverbial**, uma cruza de **objeto indireto** com **adjunto adverbial.**

*Professor, qual seria a classificação sintática do elemento **no Brasil** na frase "Morar **no Brasil** é bom"? A meu ver, embora o termo indique o local em que se dá a ação, não pode ser considerado como **adjunto adverbial**, uma vez que o verbo **morar** parece exigir um **objeto indireto** (quem **mora**, **mora** em algum lugar), não descartável, como seria o adjunto.*

Sílvia J. – Colatina (ES)

Minha prezada Sílvia, **no Brasil**, na frase "Morar no Brasil é bom", pode ter três classificações sintáticas, dependendo de como a enquadrarmos:

(1) **adjunto adverbial** – como você mesma percebeu, **no Brasil** indica o lugar em que ocorre a ação, o que nos levaria a classificá-lo como adjunto adverbial. Um detalhe, porém, despertou (acertadamente) sua suspeita de que esta não seria uma boa classificação: os adjuntos são elementos **acessórios**, que podem ser eliminados da frase sem que o verbo sofra com isso. Aqui, no entanto, **no Brasil** parece ser indispensável para completar o sentido do verbo **morar**, que não pode ser considerado intransitivo – o que nos leva à segunda hipótese:

(2) **objeto indireto** – é o complemento preposicionado que integra o sentido de um verbo transitivo indireto. Como "quem **mora**, **mora** em algum lugar", poderíamos ver em **no Brasil** um objeto indireto. No entanto, eu e você sabemos que os objetos indiretos não costumam indicar circunstâncias de **tempo**, **lugar** ou **modo**, função atribuída aos adjuntos adverbiais – o que nos leva à terceira hipótese:

(3) **complemento adverbial** – agora, **no Brasil** seria o **complemento adverbial** do verbo **morar**. O complemento adverbial é uma classificação que ficou fora da **Nomenclatura Gramatical Brasileira**. O complemento adverbial serve exatamente para esses sintagmas que, ao mesmo tempo, exprimem **circunstâncias** (como fazem os adjuntos adverbiais), mas **completam** verbos de significação transitiva (como fazem os objetos). É o mesmo caso de "Vivo **na roça**" ou "Vou **à faculdade**", por exemplo. Poucos autores trabalham com esta classificação nas gramáticas escolares; meu grande mestre, Celso Pedro Luft, incluiu-o em sua ***Moderna Gramática Brasileira*** (Ed. Globo), mas ele mesmo

adverte que se trata de uma obra para estudiosos de Letras e para professores. Seguindo sua orientação, incluí os complementos adverbiais na descrição sintática que fiz em meu ***Curso Básico de Redação*** (editado pela Ática), mas foi recebido com resistência pela maioria dos professores, que têm receio de afastar-se da já vetusta NGB.

Não fique assustada, minha cara Sílvia, com a variedade de análises; escolha a que mais lhe aprouver, porque já vi todas as três ser defendidas. Estudar algo em profundidade, você sabe muito bem, é escolher, entre as várias hipóteses viáveis, a que nos parece mais sólida.

Curtas

verbos e nomes transitivos

Luís Gustavo V., do Rio de Janeiro, está cismado com uma questão de concurso que, nas expressões "aluguel **de filmes**" e "locadoras **de vídeos**", analisa os termos em destaque como "complementos de verbos anteriores". Inconformado com o gabarito, o leitor pergunta: "**Aluguel** é verbo? **Locadoras** é verbo?".

Meu caro Luís Gustavo, **de filmes** e **de vídeos**, nesses dois exemplos, são **complementos nominais**, oriundos da transformação do complemento verbal (objetos diretos) do verbo **alugar** e do verbo **locar**, respectivamente. "Alugar **o filme**" (compl. verbal) transforma-se em "aluguel **do filme**" (compl. nominal). É por essa razão que dizemos que é a nominalização dos **verbos transitivos** que produz esses **nomes transitivos**, que por isso mesmo necessitam de complemento. Só um detalhe: o componente da banca que elaborou essa questão aí deve ter feito uma boa faculdade de Letras, porque a maioria dos professores não conhece essa consequência da nominalização do verbo.

complemento nominal

Cecília, leitora de Petrópolis (RJ), não sabe como responder a uma questão de concurso que pergunta qual o termo que exerce **função diferente** dos demais: a) venda **de seus produtos**; b) dever **de alertar**; c) sugestão **de amigos**; d) fascinação **pelo mundo**; e) fazer inveja **à indústria**. "Todos parecem ser complementos nominais, Professor!"

Prezada Cecília, na questão acima, a resposta é claramente (c): a "sugestão **de amigos**" é a sugestão **que os amigos fazem** (ou fizeram); portanto, **de amigos** é um adjunto adnominal (correspondendo, na frase antes da transformação, ao **sujeito**). Compare com "recebi uma **sugestão de restaurante**" – agora sim, **de restaurante** é complemento nominal (correspondendo, na frase originária, ao **complemento** do verbo: "sugeriram um restaurante").

sujeito elíptico

O leitor Francisco procurou no ***Aurélio*** a palavra **elíptico**, mas a simples definição do vocábulo não esclareceu o que é um **sujeito elíptico**.

Prezado Francisco, esse é apenas o nome moderno do velho **sujeito oculto**. Na frase "**Cheguei tarde**", o sujeito é **eu**, elíptico, isto é, está em **elipse**. Isso significa que foi suprimido da frase, mas pode ser facilmente recuperado por quem vier a lê-la.

sujeito indeterminado

Um leitor anônimo quer saber se o sujeito da frase “Chegaram cansados da viagem” é **oculto** ou **indeterminado**.

Meu caro Anônimo, quando o verbo está na 3a do plural, é necessário examinar o contexto em que a frase se insere. Se houver referência anterior a seres determinados, dizemos que o sujeito é **elíptico** (não se usa mais a denominação **oculto** há trinta anos...): “Ontem surpreendi dois garotos brincando no meu jardim. **Deixaram** a torneira aberta” – o sujeito é **eles**, elíptico. Se, no entanto, estivermos apenas falando de um fato ocorrido, sem qualquer referência específica a um sujeito anterior, dizemos que o sujeito é **indeterminado**: “**Deixaram** a torneira aberta, e a água inundou a garagem”.

sujeito oculto ou simples?

Gabriel M., leitor de Juiz de Fora (MG), aprendeu no cursinho que a denominação **sujeito oculto** não é mais utilizada e que tudo que antigamente era classificado como tal atualmente passa a ser **sujeito simples** – com o que não concorda a professora de sua escola. Afinal, qual é a informação correta?

Caro Gabriel, pelo que vejo, você está dividido entre duas opiniões igualmente equivocadas (ou, quem sabe, a confusão foi sua, mesmo?): o sujeito pode ser **simples** ou **composto** – e ponto! **Simples**, se tem **um só núcleo**, e composto, se tem **mais de um** (exigindo, naturalmente, o verbo no plural). Agora, quanto à sua manifestação concreta, ele pode estar **expresso** (aparece escrito na frase) ou **elíptico** (este é o que antigamente se denominava de **oculto** ou **expresso pela terminação verbal**). Na frase “**Chegamos** tarde à festa”, o sujeito é **simples** (“nós”) e está **elíptico**. Minha avó diria que ele está **oculto**.

eram seis galinhas

Silvana, de Ji-Paraná (RO), gostaria de saber qual é o sujeito em “**Eram seis galinhas**” e como classificá-lo.

Minha cara Silvana, o sujeito é **seis galinhas**. Basta ver como o número do verbo (singular ou plural) varia de **Era uma galinha** para **eram seis galinhas**. Em frases como essa, o verbo **ser** é **intransitivo**, e não **verbo de ligação**.

objetos diretos preposicionados

Felipe L., João Pessoa (PB), pergunta: “Em **Comi do pão e bebi do vinho,** temos um caso clássico de **objeto direto preposicionado**; como distinguir entre casos assim e simples erros de regência?”.

Prezado Felipe, os objetos diretos preposicionados são pouco ou quase nada usados, até por sua própria estranheza: **puxar da espada**, **pegar da pena**, etc. A escola tende a exagerar sua importância, transformando-o numa espécie de bicho-papão para assombrar os alunos, que ficam inseguros ao saber que os limites entre os objetos diretos e indiretos não são tão precisos como eles imaginavam. Os dois exemplos que você deu são correspondentes a um antigo caso **partitivo**, que o Português teria conhecido na sua origem e que o Francês até hoje utiliza (***manger du pain***, ***boire du vin***). Você pode ver que ele não pode ser usado se, em vez de uma **parte**, o verbo indicar a totalidade: se eu disser que **ele comeu o pão** e **bebeu o vinho**, não sobrou nadinha.

2. Sintaxe dos pronomes pessoais

Você provavelmente deve lembrar que os **pronomes pessoais** do Português se dividem em **retos** e **oblíquos**; se você teve um bom professor, vai lembrar também que os **retos** servem para representar o **sujeito**, e os **oblíquos** servem para representar os **objetos** – mas duvido que você conheça a razão de usarmos aqui esses dois adjetivos, “retos” e “oblíquos”, muito mais familiares à Geometria que à Gramática.

Para entender essa denominação, precisamos voltar um pouco na História, remontando ao Latim, a língua-mãe do Português. Quem teve contato com esse idioma deve, com toda a certeza, guardar alguma lembrança das **terminações que indicam os casos**, um de seus traços mais característicos (e assustadores, para os alunos): enquanto o substantivo de nossa língua ostenta, no final, marcas que especificam o **gênero** e o **número** (alun**o**, alun**a**, alun**os**, alun**as**), o substantivo latino traz marcas que identificam a função sintática que ele está desempenhando numa determinada frase. Simplificando – só para fins de explicação; não me venha algum boi-corneta acusar de estar maltratando o Latim – simplificando, repito, digamos que o Português tivesse a forma **cantor** para sujeito ou vocativo, **cantorum** para objeto direto, **cantori** para objeto indireto e **cantoro** para adjunto adverbial. Ora, estando as funções sintáticas identificadas por essas terminações, a ordem em que as palavras se sucedem não vai interferir na compreensão do conteúdo. Seguindo o nosso exemplo: se eu usar **cantorum** no início ou no fim, antes ou depois do verbo, meu leitor saberá que este vocábulo, naquela frase, é um **objeto direto**.

O mesmo não ocorre no Português – como, aliás, na maioria das línguas modernas. Nossa frase segue o padrão **S–V–O** (Sujeito-Verbo-Objeto), enquanto o Latim, devido às terminações de casos, admite qualquer combinação possível (S-O-V, O-S-V, V-S-O, V-O-S). Para avaliar o que isso significa na prática, tomemos, como exemplo, a frase “O professor contratou o cantor”. No Português, qualquer alteração na ordem dos elementos (“O professor o cantor contratou”, “Contratou o professor o cantor”, etc.) vai gerar **ambiguidades**, sendo necessário, para manter o sentido original, o emprego daquela preposição “postiça” que todos nós conhecemos: “Ao cantor o professor contratou”, “Contratou o professor ao cantor”. No Latim, no entanto, supondo que a frase fosse “O **professor** contratou o **cantorum**” (lembro, mais uma vez, que estamos usando um Latim de mentirinha, para tornar mais clara a explicação), a ordem não faria diferença para o leitor: tanto em “O **cantorum** o professor contratou”, ou em “Contratou o professor o **cantorum**”, ou até mesmo em “O **cantorum**

contratou o professor", saberíamos que o sujeito da frase é **o professor** e que o objeto direto é **o cantorum**. Em outras palavras, a sintaxe da frase transparece na morfologia das palavras.

Foi isso, sem dúvida, que permitiu que os escritores latinos, principalmente na poesia, alterassem a ordem da frase a seu bel-prazer, a fim de alcançar os efeitos sonoros (métrica, cadência, etc.) pretendidos. Essa é a maior dificuldade para quem lê ***Os Lusíadas***, do nosso Camões. Como esta é uma epopeia renascentista, baseada, como tantas outras da mesma época, no modelo épico de Roma – mais precisamente, ***A Eneida***, de Virgílio –, o autor submeteu a sintaxe do Português às inversões que eram corriqueiras no Latim, o que tornou seu texto praticamente incompreensível sem um pesado aparato de notas explicativas. Se alguém achar que exagero, lembro as duas primeiras estrofes do poema:

As armas e os Barões assinalados
Que da Ocidental praia Lusitana
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando,
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da Morte libertando,
Cantando ESPALHAREI por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

Note o leitor que os quatorze primeiros versos são apenas o **objeto direto** do verbo da oração principal – **espalharei** –, que só vai aparecer no penúltimo verso da segunda oitava! É essa complexidade sintática que afasta nossos alunos do poema do grande gênio da nossa língua; felizmente a sua vasta e maravilhosa poesia lírica constitui, para o jovem, uma estrada mais amena para ingressar na sua obra.

Temos, portanto, que os substantivos latinos apresentavam variações na sua terminação que serviam para assinalar as relações que estes termos mantinham com os demais vocábulos das frase, especialmente o **verbo**. Friso que não existe

uma equivalência exata entre os casos latinos e as funções sintáticas que usamos na análise do Português, mas, para dar uma ideia aproximada, digamos que o **nominativo** correspondia ao nosso **sujeito**, o **genitivo** ao **adjunto adnominal**, o **dativo** ao **objeto indireto**, o **acusativo** ao **objeto direto** e o **ablativo** ao **adjunto adverbial**. Numa frase como

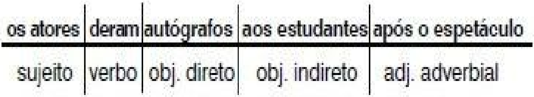

os atores	deram	autógrafos	aos estudantes	após o espetáculo
sujeito	verbo	obj. direto	obj. indireto	adj. adverbial

imagine que o **sujeito**, o termo mais próximo do verbo, corresponde a uma **linha vertical**, perpendicular ao plano. A partir daí, os demais elementos serão vistos como progressivas quedas desta linha em direção ao plano. Os bons professores explicavam isso colocando um lápis na vertical, formando um ângulo de 90° com a mesa: esse é o **sujeito**. Inclinando o lápis 25°, temos o **obj. direto**; mais outro tanto, temos o **obj. indireto**; por último, no fim da frase, temos o **adjunto adverbial**, o elemento mais distante. Partindo, portanto, da posição considerada normal, em **ângulo reto**, cada caso representava uma **queda** dessa linha – e por isso a gramática latina escolheu o termo ***casus***, que vem de ***cadere*** ("cair"). A enumeração das várias formas de um vocábulo, em todos os seus casos, era chamada de ***declinatio*** ("declinação"), que os latinos foram buscar nos gramáticos gregos, que usavam, para descrever o mesmo fenômeno, o termo ***klinein*** ("inclinar-se"). Tudo, portanto, joga com essa diferença entre o lápis **ereto** e o lápis **progressivamente inclinado**: o **sujeito** é o **caso reto**, e todos os demais são os **casos oblíquos**.

Embora a estrutura de nosso idioma seja diferente da estrutura do Latim, as primeiras gramáticas do Português mantiveram essa denominação de **casos**, especialmente com relação aos pronomes. Por isso falamos, até hoje, em **pronomes pessoais retos** e **oblíquos**, quando muito melhor seria chamá-los de **pronomes pessoais sujeito** e **pronomes pessoais não-sujeito** (os demais casos). Isso ajudaria muito o nosso aluno a compreender por que a 1a pessoa do singular, por exemplo, tem três formas – **eu**, **me** e **mim** – e por que devemos escolher a forma adequada para representar determinada função sintática.

colocação do pronome

Ao contrário do que a maioria das gramáticas afirma, o brasileiro sempre prefere colocar o pronome oblíquo **antes** do verbo.

Professor, uma de minhas dúvidas mais frequentes é sobre a posição do pronome: quando usar antes e quando usar depois do verbo? Por exemplo, vejo que o senhor escreveu "uma vida toda como professor de Português me deu...", enquanto eu escreveria deu-me. Por favor, explique-me (ou me explique) o mistério desse tipo de construção.

Viviane – Bibliotecária – Cuiabá (MT)

Prezada Viviane, em princípio, usamos (no Português Brasileiro) **sempre** o pronome oblíquo **antes** do verbo (próclise), a não ser nos casos em que o verbo inicie a frase (o que deixaria, é óbvio, o pronome na cabeça da frase). Por isso, você deve preferir "o livro **se encontra**", "todos **me esperavam**, "eu **me confundo**" – e assim por diante. Tome cuidado, no entanto, com um detalhe importantíssimo: a maioria das regras de colocação do pronome que vamos encontrar nas gramáticas veio de **Portugal**, país em que nossa língua tem uma pronúncia diversa da que se desenvolveu aqui no Brasil. Bem fez a editora Nova Fronteira, que encomendou a ***Nova Gramática do Português Contemporâneo*** a um brasileiro (Celso Cunha) e a um português (Lindley Cintra), a quatro mãos. Não é por nada que, no capítulo sobre a colocação do pronome, eles façam recomendações substancialmente diferentes.

a colocação "brasileira" do pronome

*Professor Moreno, fiquei espantado com a sua afirmação de que nós, no Brasil, sempre preferiríamos usar o pronome oblíquo **antes** do verbo. Na verdade, fiquei mesmo é confuso, pois eu tinha aprendido que a posição normal dos pronomes* *oblíquos átonos é **depois** do verbo (**ênclise**); a próclise só seria usada quando justificada por vários (o senhor bem os conhece) motivos. Além disso, também sabia que não existe **língua brasileira**; na verdade, a "nossa" língua é apenas uma variação da língua portuguesa, sem no entanto haver diferenças nas regras. E agora?*

Paulo César – Fortaleza (CE)

Meu caro Paulo César, confusas estão as nossas pobres gramáticas, que, com honrosas exceções, reproduzem ingenuamente as regras de colocação usadas em Portugal. Você tem razão em dizer que todos os países lusófonos utilizam o Português, mas temos de distinguir, para fins de estudo sério, o **PE** (Português Europeu), o **PB** (Português Brasileiro) e o **PA** (Português Africano) – da mesma forma que se faz com o Inglês (britânico, americano, australiano, etc.).

A colocação do pronome oblíquo átono é uma das claras diferenças entre Brasil e Portugal: enquanto os **portugueses** vivem usando a **ênclise** (para eles, os casos de próclise precisam ser motivados objetivamente), os **brasileiros** só usam a **próclise**, até mesmo no início da frase – o que exige aquela regrinha indispensável para quem ensina escrita culta: "não se inicia frase com pronome oblíquo" – isso para nós, é claro, simples mortais, porque os escritores já o fazem desde a Semana de Arte Moderna de 22. Você jamais vai ouvir (e a fala precede a escrita, não se esqueça...) um brasileiro correr atrás de sua amada dizendo "**Espera-me**! **Ouve-me**! **Amo-te**!". Essa diferença entre nós e nossos irmãos lusitanos, neste caso específico, é devida exclusivamente à realização fonológica do pronome; em Portugal, diferentemente daqui, a vogal final se reduz tanto que o pronome praticamente se limita à consoante. O **te** de **devo-te** é realizado como um **/t'/** – o que nos permite entender por que a preferência lusa recai em /**devot'**/, e não, como no Brasil, /**tidevo**/.

Exatamente por essa diferença prosódica, nós, brasileiros, preferimos a **próclise** em qualquer situação; só não a utilizamos no início da frase porque há uma regra que o proíbe expressamente (regra que não é observada na fala, em que só se ouve "**te vi**, **me encontra**, **nos viram**, **me pegaram**")*.

Se você for, como parece, um interessado em gramáticas, vai ver que elas apresentam uma fantástica teoria para os casos de próclise, detalhando "regras" e mais "regras" para o seu emprego. Havia alguns birutas que falavam até na "**atração**" que algumas palavras exerceriam sobre os pronomes! Eu próprio, pequenino, lembro de perguntar à professora se tal palavra atraía ou não o pronome, e ela respondia que sim ou que não, compenetrada, honestamente acreditando naquela baboseira! Ora, se você somar todos os "casos que exigem

próclise”, como se diz por aí (em frase negativa, em frase interrogativa, em orações subordinadas, com o sujeito expresso, etc., etc.), vai ver que não sobra nada – exceto aquela já referida estrutura em que a frase inicia pelo verbo – ”**devo-te**”, “**espera-me**”. E, ainda assim, insistem em afirmar que a posição **normal** do pronome é a **ênclise**? Dá para enxergar o equívoco? Eles não perceberam que trocamos de hemisfério e que, consequentemente, certas verdades precisam ser adaptadas. A água que escoa no ralo da banheira, em Portugal, gira para a esquerda; a nossa, gira no sentido do relógio. Um livro de Física, para ser utilizado aqui e lá, precisaria fazer essa indispensável adaptação. Uma gramática também.

* Aqui, em notinha reservada: é daí que vem o **mifo**, **sifo**, **nusfo** (que pronunciamos /mífu/, /sífu/, /núsfu/ e que todos sabemos muito bem o que querem dizer...).

mesóclise?

O Professor explica como se formou o futuro no Português e por que a famigerada **mesóclise** não passa de uma ilusão de óptica.

*Prezado Professor, estou estudando para um concurso muito importante na minha carreira e empaquei no problema da **mesóclise**. Eu tinha aprendido que sempre se usa mesóclise com o futuro, mas não me parece mal escrever “Amanhã **lhe devolverei** o documento”. Pode ser assim mesmo, ou “Amanhã **devolver-lhe-ei** o documento” fica melhor?*

Marcelino D. – São Paulo (SP)

Meu caro Marcelino, esta é uma pergunta que não pode ser respondida de bate-pronto; a colocação dos pronomes, que deveria ser simples e instintiva, foi prejudicada por uma série de mal-entendidos que fizeram carreira por aí e que preciso desfazer antes de começar minha explicação.

Os pronomes oblíquos átonos – **me**, **te**, **o**, **se**, **lhe**, **nos**, etc. – não são vocábulos **independentes**. Eles só podem ser usados **junto ao verbo** (ou imediatamente **antes**, ou imediatamente **depois**). Se ele estiver **antes**, dizemos que está em **próclise**; se estiver **depois**, dizemos que está em **ênclise**. Um grande

problema para quem escreve é decidir corretamente quando usar a **próclise** ou quando usar a **ênclise** (vamos deixar a **mesóclise** para depois).

Quando falamos, eu e você colocamos com naturalidade o pronome na frase. Quando escrevemos, contudo, devemos obedecer a certas regras tradicionais que contrariam, muitas vezes, nossa fala espontânea. Este é o caso, principalmente, do emprego de pronome **no início de frase**: apesar de ser esta uma posição normal no Português do Brasil, é ainda condenada pelos gramáticos tradicionais, que tomam por base antigos preceitos dos autores portugueses. Mário de Andrade usa, Drummond usa, Paulo Francis usa, Vinícius usa – mas se você quiser usar, meu caro Marcelino, é bom avaliar bem o contexto e o ambiente. Em provas de concurso, em documentos jurídicos, etc., evite, para não criar polêmica. Para ser feliz, siga o **princípio de ouro**: use a próclise **sempre**; você só vai usar a **ênclise** quando a frase começar pelo **verbo**. Neste caso, não haveria outra escolha, pois você não pode iniciar a frase pelo pronome: "**Entrega-**me a pistola", "**Devo-**lhe a vida", e não "*Me entrega a pistola", "*Lhe devo a vida".

Não esqueci, Marcelino, que sua pergunta foi sobre a **mesóclise**, e a ela vamos dedicar nossa atenção, agora que ficou mais claro o uso da **próclise** e da **ênclise.** Como você mesmo afirmou, a ocorrência deste fenômeno estaria ligada ao **futuro do presente** – e já vamos ver por quê. Estudos atualizados mostram que este tempo funciona, na verdade, como uma **locução verbal disfarçada**. Como herança do Latim tardio, que substituiu a forma única do futuro por uma locução (***amare habeo***), nosso futuro, que à primeira vista parece ser uma forma **una**, na verdade é uma **locução invertida**, com o auxiliar **haver** deslocado para a direita:

eu **hei de comprar > comprar hei**
tu **hás de comprar > comprar hás**
ele **há de comprar > comprar há**

Como nosso sistema ortográfico não admite o "**H**" interno, vamos suprimi-lo e pimba! Lá estão nossos conhecidos **comprarei**, **comprarás**, **comprará**! O que parecia ser uma forma verbal simples é, na verdade, uma **forma composta** (comprar+ei, comprar+ás, comprar+á). Desse modo, uma forma como **compraremos** deve ser encarada como um **vocábulo composto**, do tipo de **girassol**, **passatempo**, etc.; a partir de agora, sempre que você vir um verbo no futuro, poderá enxergar os **dois verbos** que ali estão combinados.

Na frase **nós o encontraremos amanhã**, o pronome **O** está na **posição**

normal, que é, como vimos, a **próclise**. Se retirássemos o **nós** da frase, contudo, ele já não mais poderia ficar ali, porque estaríamos rompendo o princípio básico: **não se inicia frase com pronome oblíquo** – o que nos leva à outra opção possível, que é a **ênclise**. No entanto, acabamos de ver que **encontraremos** é um **conjunto de verbos**: **encontrar**+**(h)emos**. Para colocar o pronome em **ênclise**, vamos ter de executar alguns passos ordenados:

1º passo – afastar o verbo auxiliar: **encontrar** [**emos];**
2º passo – colocar o pronome em ênclise ao **encontrar**: **encontrá-lo**;
3º passo – recolocar o verbo auxiliar: **encontrá-lo-emos**.

Neste momento, ao ver uma forma como **encontrá-lo-emos**, os nativos costumam se jogar de joelhos ao chão, exclamando, com respeito quase sagrado: "Mesóclise, mesóclise!". Não é, não, como você agora sabe: é apenas a ênclise ao futuro. Como a gramática tradicional acreditava que o pronome, neste caso, estava no **meio do verbo** (na verdade, ele está **entre dois verbos**), batizou o fenômeno de **mesóclise** (onde **meso** = meio). Na frase que você menciona, "Amanhã **lhe devolverei** o documento", o pronome está corretamente colocado em próclise, como deve ser em qualquer frase normal do Português Brasileiro. Se, no entanto, deslocarmos o advérbio **amanhã** para depois de **documento**, a frase deveria ser reescrita, ficando "**Devolver-lhe-**ei o documento amanhã". Antes estava em **próclise** ao verbo **devolver**; agora está em **ênclise** ao mesmo verbo **devolver**. Você pode continuar chamando isso de **mesóclise**, se quiser, mas agora sabe realmente do que se trata.

pronome solto entre dois verbos

> As regras de colocação do pronome não passam de uma invenção reacionária de alguns gramáticos brasileiros.

*Prezado Professor, faço correção de textos e gostaria de receber resposta sobre a seguinte questão: é necessário empregar o hífen em "**tendo-se tornado** um líder", ou posso escrever "**tendo se tornado**", sem o hífen?*

Maria Madalena – Belém (PA)

Minha cara Maria, a sua dúvida bate exatamente em cima de um dos pontos que distinguem o **PB** (Português Brasileiro) do **PE** (Português Europeu). Nossos gramáticos mais reacionários exigem o hífen em frases como essa; dizem que o pronome oblíquo não pode ficar **solto** entre os dois verbos da locução, mas deve estar em **ênclise** ao primeiro verbo. Segundo a óptica deles, deveríamos escrever **pode-se ver** (e não **pode se ver**), **vou-te contar** (e não **vou te contar**).

É incrível, no entanto, a miopia desses "entendidos": eles simplesmente não percebem que esse preceito tem clara origem em Portugal, onde a pronúncia (e consequente colocação) dos oblíquos é completamente diversa da nossa, que usamos **vou te dizer**, **quero te avisar**, **estou te chamando**, **tinhas me avisado**. Na sua cegueira, chegam ao cúmulo de **acusar** (!) de "brasileira" essa colocação do pronome entre os dois verbos da locução, esquecendo-se, talvez, do país em que ganham seu pão... No fundo, o que eles estão dizendo nas nossas barbas é uma verdadeira pérola: "Onde é que se viu escrever como brasileiro fala? Escreve-se é como fala o português".

Todavia, como o Brasil também tem seus bons cérebros, toda essa bobagem de colocação do pronome vem sendo contestada pelos melhores autores do século XX, entre eles gigantes como Said Ali e Antenor Nascentes. É de autoria deste último, aliás, o belo trecho sempre citado por meu mestre Celso Pedro Luft:

"O caso da colocação dos pronomes pessoais oblíquos é invenção dos gramáticos brasileiros. Em todas as línguas os pronomes têm sua colocação natural, que se aprende desde o berço; ninguém precisa na escola fazer aprendizagem especial de colocação de pronomes.

Foi isto o que claramente enunciou Silva Ramos ao dizer que não sabia como se colocavam os pronomes, 'pela razão muito natural de que não sou eu quem os coloca; eles é que se colocam por si mesmos, e onde caem, aí ficam'(*Pela vida fora*, p. 119).

Todas as colocações, menos aquelas que aberrarem do bom senso, tornando a frase ininteligível, são pois aceitáveis.

Esta questão começou na segunda metade do século XIX. Havendo críticos portugueses estranhado colocações nossas, diferentes das suas, alguns escritores nossos, para fugir a censuras, começaram a pugnar pela colocação à moda portuguesa, considerando errada a colocação natural dos brasileiros. Chegou-se a escrever sobre o assunto um livro de centenas de páginas!" (Antenor Nascentes – **O Idioma Nacional na Escola Secundária** –1936).

No entanto, Maria, como você faz correção de textos, forçosamente algumas das pessoas que vão examinar seu trabalho foram formadas pelas delirantes "regras de colocação do pronome", sem nunca ter lido esta página, ou Antenor Nascentes, ou Said Ali, ou Celso Pedro Luft. Recomendo-lhe, portanto, cautela e caldo de galinha. Se você usar "**tendo se tornado**" (que eu prefiro),

estará sujeita a enfrentar a censura de quem sabe menos do que você, mas de cuja avaliação depende o seu sucesso; por isso, tape o nariz e use "**tendo-se tornado**". Eu próprio, quando não quero me incomodar (olha só: "quero **me** incomodar"), capitulo e recorro a uma das duas posições "aceitáveis" do pronome: "**quero incomodar-me**" (a menos antipática) ou a esquisita "**quero-me incomodar**". Contudo, noto, com orgulho, que essa covardia tem sido cada vez menos frequente no que escrevo.

mesmo

Evite esse mau hábito, tão feio quanto pôr o dedo no nariz.

*Prezado Professor, é comum, nos prédios de São Paulo, depararmos com uma placa nos elevadores com a seguinte inscrição: "Antes de entrar no elevador, verifique se o **mesmo** encontra-se parado neste andar". Está correto o uso da palavra **mesmo** como substituto do termo "elevador", uma vez que se trata de redação oficial de órgão legislativo?*

Cláudia W. – São Paulo (SP)

Prezada Cláudia, errado não está, mas concordo com você: é um Português pedestre. Dos muitos recursos que nosso idioma oferece para a **anáfora** (referência a algo que já foi mencionado anteriormente – no caso, o **elevador**), esse emprego do **mesmo** é talvez o mais pobre e mais confuso. Por que não escrever, em bom vernáculo, "Antes de entrar no elevador, verifique se **ele** se encontra parado neste andar"? Será que o ouvido da sumidade que redigiu esse texto estranhou a sequência **se ele se**? Nessa hipótese, nosso legislador teria um ouvido mais sensível (não parece ser o caso...) que o de Machado de Assis e de Eça de Queirós: "A mãe, **se ele se** demorar muito" (***Memorial de Aires***); "Não sei **se ele se** terá lembrado e cumprido a promessa que me fez" (***Helena***); "afiançaram-lhe todo o apoio de gente, de dinheiro e influência na corte, **se ele se** pusesse à testa de outro movimento" (***O Alienista***); "Pergunte-lhe **se ele se** confessa há seis anos, e peça-lhe os bilhetes da confissão!" (***O Crime do Padre Amaro***); etc. Para evitar o que não deveria ter evitado, terminou jogando aquele

"mesmo" sobre os indefesos usuários dos elevadores.

O velho Napoleão Mendes de Almeida, às vezes tão sábio, às vezes tão equivocado, tem verdadeira ojeriza a esta forma, que combate com fina ironia, ao propor que se troque por **mesma** o pronome pessoal **ela** na primeira estrofe do famoso soneto de Camões sobre Jacó e Raquel, que ficaria assim:

Sete anos de pastor Jacó servia
Labão, pai de Raquel serrana bela,
Mas não servia ao pai, servia à **mesma**,
Que a **mesma** só por prêmio pretendia.
Que tal?

o eu pode vir primeiro?

> Quando faço parte de uma relação, está correto colocar o **eu** em primeiro lugar? "**Eu**, Fulano e Beltrano" ou "Fulano, Beltrano e **Eu**"?

*Prezado Professor, conversando com amigos, fiz a seguinte afirmação: "**Eu**, Fulano e Beltrano comemoramos aniversário no mesmo dia". Fui corrigido, com a afirmação de que deveria colocar o **eu** no **final** da oração ("Fulano, Beltrano e **eu**"). Existe uma ordem correta?*

F. Malaco – Santos (SP)

Meu caro Malaco: aqui não existe **certo** ou **errado**. O que temos é uma **convenção** de educação (tipo aquela de deixar os mais velhos entrarem primeiro, ou a de oferecer o lugar no ônibus às damas): quando falamos de alguma coisa **ruim**, colocamos educadamente o **eu** antes do resto ("**Eu**, Fulano e Beltrano fomos considerados culpados pela invasão da Reitoria"); quando falamos de alguma coisa **boa**, é de bom-tom deixar o **eu** para o fim ("Fulano, Beltrano e **eu** fomos premiados no concurso"). São regras de **urbanidade**, não regras gramaticais, que vão ser seguidas por aqueles que quiserem ser polidos. O exemplo que você menciona é particularmente neutro (não é do bem, nem do mal); nesse caso, você pode usar como quiser, e não tinham razão aqueles que chamaram sua atenção.

emprego do lhe

Por que certos verbos não aceitam o pronome **lhe** como objeto indireto? O Professor explica que **não** são exceções.

*Caro Professor, minha dúvida é a respeito do uso do pronome oblíquo **lhe** com determinados verbos. Consultei várias gramáticas e todas afirmam que os verbos **assistir**, **visar** e **aspirar**, quando transitivos indiretos, não aceitam o pronome oblíquo **lhe**, mas sim os complementos **a ele**, **a ela**, **a eles**, **a elas**. Sinceramente não compreendo o motivo de tal regra, já que com a maioria dos verbos transitivos indiretos se usa normalmente o pronome **lhe**. Gostaria de esclarecimentos a esse respeito. Desde já, agradeço.*

Marcelo Esteves M. – São Paulo (SP)

Meu caro Marcelo, acontece que você acaba de esbarrar em mais um daqueles recifes em que os gramáticos tradicionais costumam naufragar: eles apenas relacionam os **fatos** (o pronome **lhe** não pode ser usado com os verbos **assistir**, **visar** e **aspirar** – o que é verdade) sem explicar **por que** é assim. Essa deficiência dos gramáticos que se formaram antes dos anos 60 é a maior responsável pela opinião, infelizmente generalizada, de que o Português é uma língua complicada, "cheia de regrinhas", "repleta de exceções". Eles até hoje dominam o mundo editorial (principalmente dos livros didáticos), e o nosso pobre país sofre com isso.

No entanto, a explicação é simplíssima: o **lhe** (representante do **objeto indireto**) não é um pronome de **uso universal**, como é o caso do seu parceiro **o** (representante do **objeto direto**). Ele tem uma importantíssima restrição de seleção: só pode ser usado **com referência a pessoas** (em linguagem mais técnica, diríamos "com substantivos **humanos**") – da mesma forma que o pronome relativo **quem**. Se o antecedente destes dois pronomes não tiver o traço **humano**, seu emprego fica bloqueado. Ora, esses três verbos que você destacou (**assistir**, **visar** e **aspirar**) nunca têm objeto indireto de pessoa: eu aspiro **ao cargo**, aspiro **à vaga**, aspiro **ao posto**, mas não posso ***aspirar a alguém** – o que elimina, aqui, o uso do **lhe**.

Nesses casos, o objeto indireto é representado pelo pronome oblíquo tônico (acompanhado de sua respectiva preposição): **a ele**, **a ela**, etc. Para deixar mais claro o que estou tentando explicar, peço-lhe que compare as seis frases abaixo:

1. Obedeço **ao professor.**
2. Obedeço **a ele.**
3. Obedeço-**lhe.**
4. Obedeço **ao governo.**
5. Obedeço **a ele.**
*6. Obedeço-**lhe.**

Pois a (2) e a (3) são frases sinônimas, e o falante pode decidir livremente se quer substituir o objeto indireto **ao professor** pelo oblíquo tônico (**a ele**) ou pelo átono (**lhe**). A frase (6), contudo, é considerada agramatical, embora pareça idêntica à (3): é que o objeto indireto, aqui, não é uma pessoa, e o falante só pode substituir **ao governo** por **a ele**. Como você pode ver, é o sistema do nosso idioma funcionando como um reloginho, e não um punhado de "casos especiais", como nos fazem crer muitas vezes.

o lhe é só para humanos?

Nem sempre o **lhe** vai representar o **objeto indireto**; às vezes ele é um simples **adjunto adnominal**.

*Professor, li um artigo seu em que explica que o pronome **lhe** só pode ser usado para representar seres humanos. No entanto, em outro de seus textos, encontrei um trecho em que o senhor usa um **lhe** relacionado ao substantivo "língua" – que não me parece preencher aquele requisito. Gostaria que me dissesse se está certo. O trecho de que falo é o seguinte:*
"Por uma dessas regras obscuras do Universo, quanto pior uma pessoa fala a língua portuguesa, mais ferozmente se põe a criticá-la, a apontar-lhe defeitos e (atrevimento típico da ignorância) a sugerir profundas alterações que tornariam 'melhor' a língua de Vieira e de Machado..."

Ramon – Paranaguá (PR)

Meu caro Ramon, eu poderia dar uma de seboso e responder “se eu usei, é claro que deve estar certo”. Não faço isso porque já dei muita tropeçada ao escrever, como qualquer mortal. No entanto, desta vez eu acho que estou certo. Vejamos:

O **lhe** como **objeto indireto** só pode ser usado para seres humanos – essa é uma verdade indiscutível. Acontece que você, com um olho clínico, foi pescar justamente um **lhe** diferente, bastante raro: trata-se daquele caso pouco conhecido em que o pronome oblíquo (**me**, **te**, **lhe**, **nos**) é usado como substituto de um **pronome possessivo**: “Bateram-**me** a carteira” = bateram **minha** carteira; “Beijo-**lhe** as mãos, senhora” = beijo **suas** mãos. Na minha frase, “...a língua portuguesa, mais ferozmente se põe a criticá-la, a apontar-**lhe** defeitos”, o verbo **apontar** é um transitivo **direto**, o que tornaria completamente esquisita a presença do **lhe** – não fosse ele apenas uma forma clássica de dizer “apontar **seus** defeitos”.

Ao que parece, esta estrutura escapa da restrição que exige o traço +**humano** para o emprego do **lhe** – ao menos a frase passou pelo filtro do meu ouvido, que não registrou estranheza nenhuma, o que é significativo: como me ensinou meu mestre Luft, todos os falantes têm sua porção de intuição linguística, mas os professores de Português, pela própria atividade, têm essa intuição mais apurada que os demais (assim como um músico amigo meu se recusa a ouvir gravações em CD porque afirma que elas perdem uma parte dos graves e dos agudos – coisa que eu, é claro, jamais vou perceber).

o ou **lhe**

Veja o novo uso que vem sendo dado, pouco a pouco, ao famigerado pronome **lhe**.

*Doutor Moreno, sou professora de Alemão e estou com uma enorme dúvida na gramática portuguesa, com relação ao verbo **conhecer**. Quando eu converso com uma pessoa e quero dizer que a conheço, qual é a forma correta: “Eu **lhe** conheço” ou “Eu **a** conheço”? Existe uma variação do pronome em relação ao tratamento formal? Muito obrigada!*

I. Schwarz

Minha cara I., a sua “enorme” dúvida é bem pequenina... O verbo **conhecer** é um transitivo direto, e, portanto, recebe o pronome oblíquo “**o**”: “Eu **o** conheço” (homem), “Eu **a** conheço” (mulher). É claro que estamos falando do registro culto, onde “**o**” representa especificamente **objetos diretos**, enquanto “**lhe**” representa objetos indiretos.

No registro popular, no entanto, onde não existe essa consciência da sintaxe (e alguém lá vai saber o que é objeto direto ou indireto?), é natural que o uso desses pronomes tenha sofrido uma enorme alteração. Em primeiro lugar, o Português falado no Brasil simplesmente eliminou o pronome “**o**”, passando-se a usar “**ele**” como complemento de verbos transitivos diretos: “Eu vi **ele**”, “Encontrei **ela**”, etc., prática ainda inaceitável na linguagem culta. Em segundo lugar, o “**lhe**” desvinculou-se totalmente de sua função sintática original e passou a ser empregado apenas como **forma respeitosa** de tratamento. Enquanto se usa “eu **te** conheço”, “eu **te** vi” para uma pessoa íntima, prefere-se “eu **lhe** conheço”, “eu **lhe** vi” para uma pessoa de maior hierarquia ou cerimônia – outra prática ainda considerada inaceitável no registro culto, que aqui exigiria “eu **o** conheço”, “eu **o** vi”.

Se eu estivesse ensinando um estrangeiro a **escrever** Português, eu insistiria na distinção sintática entre “**o**” e “**lhe**”; no entanto, se eu o estivesse ensinando a **falar**, com certeza eu o acostumaria a alternar entre o “**te**” (para os mais próximos) e o “**lhe**” (para os de maior cerimônia), de acordo com a menor ou maior formalidade da situação, porque assim ele estaria perfeitamente integrado com a fala do PBrasileiro.

para **mim** comprar

> O Professor não cansa de dizer que, em Português, nem tudo o que reluz é ouro, nem tudo o que balança cai. O uso do pronome oblíquo só vem confirmar essas verdades.

*Fui criticado por usar o pronome **mim** supostamente de maneira errada! Eu disse **era para mim comprar**. Agradeço sua ajuda em me orientar corretamente.*

Marcos de Sousa

Meu caro Marcos, infelizmente você errou, e bem erradinho. Quando nós, falantes do Português, queremos representar o **sujeito** por um pronome, usamos o caso **reto** (**eu**, **tu**, **ele**, etc.). Os pronomes oblíquos tônicos (**mim**, **ti**, etc.) são usados como **objetos**, sempre após uma preposição (**de** mim, **sem** mim, **por** mim, **para** mim, etc.). Como se vê, a distinção é bem nítida.

Contudo, na construção "Era para **X** comprar", o pronome que entrar no lugar de **X**, ao mesmo tempo, (1) é **sujeito** de **comprar** e (2) vem depois da preposição **para**. Em outras palavras: se seguirmos o princípio de que os sujeitos devem ser representados por pronome reto, a escolha é **eu**; se seguirmos o princípio de que usamos pronomes oblíquos tônicos após preposição, a escolha é **mim**. A solução é simples: a regra do sujeito tem absoluta precedência sobre a regra da preposição, que só vai agir quando a primeira não estiver vigente: "Ele comprou isso **para mim**", mas "Era para **eu** (sujeito) **comprar**" ; "Vocês não vão começar **sem mim**", mas "Vocês não vão começar sem **eu** (sujeito) chegar".

*É possível que a frase "É importante **para mim** saber a verdade" esteja correta, como o professor de minha filha afirmou em aula? Afinal, antes de verbo não se usa sempre **eu**?*

Magda Beatriz

Minha prezada Magda Beatriz, esta é realmente a forma correta da frase: "É importante **para mim saber** a verdade". **Se o pronome fosse o sujeito do verbo saber, teríamos de substituí-lo pelo pronome reto, eu** – o que não é o caso. A possibilidade de livre mudança na ordem ("Saber a verdade é importante **para mim**", ou "**Para mim**, é importante saber a verdade") mostra que essa não é aquela famosa estrutura "**Isso veio para eu fazer**". Essa frase, aliás, ficaria bem mais fácil de entender se usássemos vírgulas (que aqui, como você sabe, são opcionais): "É importante, **para mim**, saber a verdade".

Uma frase muito parecida com essa que você enviou causou muita discussão aqui em Porto Alegre, nas últimas eleições: um comercial de TV incentivava o voto consciente com a frase "**Pra mim escolher candidato é que nem escolher feijão**". Vários leitores escreveram para dizer que a forma correta

seria "Para **eu** escolher candidato, é como escolher feijão". Ironicamente, a frase veiculada na campanha estava correta; errada era a alteração sugerida. Poderíamos discutir se é adequado, ou não, o emprego informal do "**pra**" e do "**que nem**" numa campanha institucional; a pontuação também merece reparo, pois, como você viu acima, a frase ficaria bem melhor com vírgulas: "**Para mim, escolher candidato é como escolher feijão**". Agora, do ponto de vista da sintaxe dos pronomes, somos obrigados a reconhecer que o uso do oblíquo **mim** está perfeito.

Esses leitores que reclamaram deviam estar fazendo o mesmo raciocínio que você fez: o pronome está antes do verbo... Sei de onde vem esse equívoco: nos manuais e livros didáticos de pouca ciência – infelizmente, a maioria dos que se vendem por aí –, difunde-se essa lenda, disfarçada de regra, de que **antes de verbo no infinitivo** devemos usar sempre o pronome reto: "Isso veio para **eu fazer**", "Ele disse que é para **eu levar** os ingressos". Ora, nesses exemplos usamos o pronome reto não por estar **antes de verbo**, mas **por ser sujeito** desses verbos. Na frase injustamente condenada, **mim** está antes do verbo **escolher**, mas não é o seu sujeito; isso pode ser facilmente verificado se (1) alterarmos a ordem para "Escolher candidato, **para mim**, é como escolher feijão", ou (2) trocarmos **mim** por **nós** – neste caso, o verbo continua na forma em que está, o que não poderia ocorrer se **nós** fosse o seu sujeito: "**para nós, escolher** candidato é como escolher feijão" (e não ***escolhermos**). É isso, Magda; você pode confiar no professor de sua filha, porque ele parece estar fazendo um bom trabalho.

Curtas

em memória de mim

Jonas Torres diz estranhar uma construção usada por várias igrejas cristãs: **Fazei isto em memória de mim**. Acrescenta: "Antigamente se dizia **fazei isto em minha memória**. Qual das duas estaria mais correta?".

Meu caro Jonas: eu fico com a forma antiga, mil vezes: "Fazei isso em **minha** memória". Contudo, se foi alterado, posso imaginar por quê: **minha memória**, principalmente para pessoas de pouca instrução, é uma expressão

ambígua, pois pode ser interpretada como "a memória que vocês terão de mim" (que é a intenção original), ou "a memória que eu tenho das coisas, na minha mente". Usando o desajeitado **memória de mim** (construído no molde de **medo de mim**, **respeito por mim**, **amor a mim**), o texto ficou inegavelmente mais claro. Às vezes temos de sacrificar o estilo, Jonas, para garantir a eficácia da comunicação. É pena, mas é necessário.

convidamos-lhes

Pedro da Gama pergunta se a forma "**Convidamos-lhes** para o evento" está correta. Acrescenta: "Todos a quem perguntei me disseram que não, sugerindo **Os convidamos**, **Convidamo-lhes** e até **Lhes convidamos**. Qual delas eu uso?".

Caro Pedro, se é um convite formal, escrito dentro dos "conformes", a forma correta seria **convidamo-los** – combinação formada por **convidamos** e pelo pronome **os**, usado encliticamente. Apesar do **lhes** soar muito melhor, o verbo **convidar** é **transitivo direto** e só pode ser completado pelo pronome **o**. A forma "**O convidamos**" não é aceitável no Português formal por trazer o pronome oblíquo no início da frase.

ambiguidade no pronome oblíquo

Nelma D., de Blumenau, considera que a frase "Matar o vigia do banco para assaltá-**lo**" dá margem a dupla interpretação.

Seu professor, contudo, diz que a interpretação única é “matar o vigia para então assaltá-lo” (matar o vigia para subtrair-lhe os pertences – latrocínio). Quem está certo?

Prezada Nelma, você é que está com a razão. Basta comparar estas três versões: (1) “Matar o **vigia** da **loja** para assaltá-**la**” (assaltar **a loja**), (2) “Matar o **vigia** da **loja** para assaltá-**lo**” (assaltar **o vigia**) e (3) “Matar o **vigia** do **banco** para assaltá-**lo**” (ambígua; o pronome pode referir-se tanto a vigia quanto a banco).

casar, casar-se

A leitora Natália, de São Paulo, quer saber se a forma correta é “Ela **casou** com o homem” ou “Ela **se casou** com o homem”. Acrescenta: “Procurei e encontrei as duas formas. É isso mesmo?”.

Sim, minha cara Natália, são frases do mesmo tipo de “ele **sentou** na cadeira” e “ele **se sentou** na cadeira”. **Sentar** e **casar** são verbos que podem (ou não) ser usados pronominalmente, sem que esse pronome tenha função sintática (é chamado, por isso, de **partícula expletiva**).

nesta

Valene O. quer esclarecer uma dúvida que surgiu em sua empresa: quando

escrevemos, no endereçamento de uma carta comercial, "À Empresa X. **Nesta**.", a palavra **nesta** significa "nesta empresa" ou "nesta correspondência"?

Prezada Valene, **nesta**, em correspondência, significa "Nesta Cidade". Quando queremos nos referir a um âmbito mais limitado, temos de especificar: "Nesta Universidade", "Nesta Administração", etc.

cabe a **mim** tomar

Uma leitora com o apelido eletrônico de "veduchovny" diz que ficou angustiada ao ouvir seu professor dizer "Cabe a **mim** tomar uma atitude". Ela pergunta: nesse caso, **mim** toma atitude ou não toma?

Prezada Veduchovny, a frase "Cabe **a mim** tomar uma atitude" está correta. Note que ela poderia ser invertida: "Tomar uma atitude cabe **a mim**", ou "**A mim**, cabe tomar uma atitude". Isso demonstra que aquele pronome **mim** não é o sujeito do verbo **tomar** e não deve, por isso, ser substituído por **eu**.

mo, **lho**

Josiane, uma leitora de Girona, na Espanha, quer saber se podemos substituir, ao mesmo tempo, dois objetos por pronomes oblíquos, à semelhança do que é comum no Espanhol: "Ele deu **o livro a Joana**", em castelhano, seria "Él **se lo** dio". E no Brasil? "Ele **lhe** deu o livro"?

Minha cara Josiane, o Português tinha uma forma de unir os dois pronomes oblíquos que os autores mais conservadores usaram na literatura até meados do século XX: "Eu entreguei o livro a João = eu **lho** entreguei". "Deram-me a notícia = Deram-**ma**". Hoje esse processo está morto, mas você pode encontrar

referência a ele nas gramáticas. Sua frase “ele deu o livro a Joana” ficaria “ele **lho** deu” (**lhe**, substituindo **Joana** + **o**, representando **o livro**); hoje, no entanto, só admitiríamos a forma que você mesma propôs: “Ele **lhe** deu o livro”, ou “Ele **o** deu **a ela**”.

pronomes adjetivos e substantivos

Ana Rosa C., de Taubaté (SP), pergunta por que somente os pronomes **adjetivos**, e não os pronomes **substantivos**, podem exercer a função de **adjuntos adnominais**.

Prezada Ana Rosa, não é bem assim como você sugere. Os **pronomes substantivos**, por definição, são aqueles que ocupam a posição de **núcleo** do sintagma, enquanto os **pronomes adjetivos** ficam na posição **periférica**. Um bom lugar para verificar isso é na lista de pronomes demonstrativos: em “**esta** casa”, “**aquela** rua”, a posição dos pronomes adjetivos **esta** e **aquela** contrasta com a dos pronomes substantivos **aquilo** e **isso** em “estranhei **aquilo**”, “**isso** dói”. Nas frases citadas, **esta** e **aquela** são **adjuntos adnominais**, enquanto **aquilo** e **isso** são **objeto direto** e **sujeito**, respectivamente.

No entanto, nada impede que **aquilo** e **isso**, por exemplo, venham a desempenhar a função de adjunto adnominal, como em “o cheiro **daquilo**”, “o preço **disso**”.

3. Regência verbal

Quando entramos em contato com o Latim, nossa língua-mãe, nosso primeiro espanto é ver que a ordem dos elementos na frase é completamente livre, uma vez que as palavras têm terminações diferentes para indicar se estão funcionando como **objeto direto**, **objeto indireto** ou **adjunto adverbial**. O **sujeito**, por exemplo, vai ter uma terminação característica que permite que eu o identifique onde quer que ele esteja – no início, no meio ou no fim da frase. Esse seria um ótimo sistema, se não sobrecarregasse o falante com a gigantesca quantidade de dados morfológicos que ele precisa armazenar. Enquanto nós, brasileiros, precisamos guardar apenas **quatro** formas para **aluno** (singular e plural, masculino e feminino), no Latim devemos estocar na memória quase **vinte** (uma para quando ele for o sujeito, outra para quando ele for o objeto direto, outra para quando ele funcionar como vocativo, e assim por diante – um conjunto completo para o masculino singular, outro para o masculino plural, outro para o feminino singular, outro para o feminino plural). Não é de admirar que a maioria das línguas modernas tenha abandonado esse modelo.

No Português e nas demais línguas latinas existe uma ordem na frase que pode ser considerada **normal**: começamos pelo **sujeito**, acrescentamos o **verbo** e depois, se houver, o **complemento**. Embora haja verbos que **não** precisam de complemento, os famosos verbos **intransitivos** ("Nós voltaremos", "O bebê adormeceu", "Injeção dói"), há verbos que precisam de um complemento que integre o seu significado. Esses são os não menos famosos verbos **transitivos** ("Nós perdemos **a paciência**", "Ele precisa **de tempo**", "Quem abriu **a gaveta**?"); a relação dos transitivos com o seu complemento é o que chamamos habitualmente de **regência**.

De um lado, temos os **transitivos indiretos**, que se ligam a seu complemento (o **objeto indireto**) por meio de uma preposição obrigatória – geralmente **a**, **com**, **de**, **em** e **por**: "Concordo **com todas as cláusulas**", "Obedeça **ao meu comando**", "Desconfiamos **de tanta generosidade**", "Ela confia **naquele trapaceiro**".

Do outro, temos os **transitivos diretos**, que se ligam a um complemento que **não** inicia por preposição, chamado **objeto direto**: "Esperamos **mais eleitores**", "Ela perdeu **duas notas de R$50,00**", "As águas cobriram **metade da cidade**". Os transitivos diretos, além disso, têm uma característica única, que pode ser usada para identificá-los: ao contrário dos demais verbos, estes podem passar para a **voz passiva**: "Metade da cidade **foi coberta** pelas águas", "Duas notas de R$50,00 **foram perdidas** por ela". Se você tentar fazer o mesmo com transitivos

indiretos, como “Eu me preocupo **com os pobres**” ou “Ela desconfia **de todos os seus colegas**”, vai perceber que é simplesmente impossível.

Normalmente, você sabe se a regência dos verbos que costuma usar é **direta** ou **indireta**; em alguns casos, no entanto, a hesitação é inevitável: o nome **consta na** lista ou **da** lista? Ele assistiu **o** filme ou **ao** filme? Nós presidimos **o** encontro ou **ao** encontro? Ele não lembra **o** nome ou **do** nome? No fundo, não chega a fazer diferença a maneira como você soluciona esses pequeninos dilemas na **fala** de todos os dias; na **escrita**, no entanto, há uma série de cuidados que deverá observar se você é um daqueles que, como eu, sente-se mais confortável agindo conforme aquela etiqueta que chamamos de **norma culta**.

doa **a** quem doer

> Um leitor pergunta se o apresentador Bóris Casoy não deveria dizer “doa **EM** quem doer”; o Professor explica que não.

*Caro Professor, uma dúvida: por que o “doa **a** quem doer”, como diz o irado Bóris Casoy, não é “doa **em** quem doer”? Afinal, o que dói, dói **em** alguém, e não **a** alguém, não é? Obrigado.*

Tagore

Meu caro Tagore, eu sempre usei e vi “doa **a** quem doer”. Todavia, como você levantou a dúvida, fui pesquisar no ***Google*** (ele pode não ser científico, mas fornece dados que não são de desprezar) e obtive o seguinte (e surpreendente) resultado: aproximadamente 5.700 ocorrências de “doa **a** quem doer” contra apenas míseras 100 ocorrências de “doa **em** quem doer”. Acho que não há dúvida sobre qual delas nós devemos usar; no entanto, isso não pode ser apenas uma questão de estatística. Quem trabalha no ramo, sabe: se a diferença entre as duas opções é tão grande, deve estar atuando aí algum princípio do idioma, acima das opiniões individuais. Basta procurar, e vamos encontrar a explicação.

No seu caso, a resposta é muito simples: esta é uma expressão muito antiga, e o verbo **doer**, como você deve saber, sempre admitiu a preposição “**A**”. Você deve conhecer construções como “doeu-**me** ter de fazer isso”, “dói-**lhe** a visão da

pobreza", etc. – e aí, como podemos ver, o que dói, dói "**A**" alguém. Só muito modernamente começamos a usar (em pouquíssimos casos, aliás) a preposição "**EM**" – até porque, na maioria das frases, usamos **doer** como intransitivo: "meu braço está doendo", "quando a luz aumenta, o olho dói". É um bom exemplo para nos lembrar, Tagore, que nunca – mas nunca, mesmo – vamos descobrir "erros" dentro do que a tradição linguística, inclusive os bons escritores, vem usando há vários séculos. Podemos adotar formas mais modernas, mas não tentar "corrigir" o que nunca esteve errado.

pisar **na** grama

> "**Não pise na grama**", diz a tabuleta espalhada pelas praças e pelos parques. É assim mesmo que se deve escrever?

*Professor, tenho uma dúvida cruel; o senhor poderia saná-la? O correto é "não pise **NA** grama" ou "não pise **À** grama"? Muito obrigado pela atenção.*

Marco Alberto G. – Rio Grande (RS)

Meu caro Marco, eu uso "não **pise na** grama"; alguns professores caturras insistem em dizer que o verbo **pisar** é transitivo direto, e o correto seria "não **pise a** grama" (nesse caso, seria sem acento de crase, Marco). Eles estão tentando apenas paralisar a língua na sua evolução. Há mais de cinquenta anos que o uso estabeleceu que também se pode pisar **no tapete**, **na linha amarela**, **no chão de minha terra**. Seria completamente lunático defender, como única forma aceitável, **pisar o tapete**, **a linha amarela** ou **o chão de minha terra**.

Celso Pedro Luft, em seu ***Dicionário Prático de Regência Verbal*** (Ed. Ática), diz que é normal usar esse **pisar em X** em vez do primitivo **pisar X**, e já era prática comum em autores como Gregório de Matos, Camilo, Castilho, Machado ("por saber **em que** terreno pisa"), Vieira ("pisamos **nessas** sepulturas). Em expressões como **pisar em ovos** ("andar de mansinho, agir com cuidado") ou **pisar nos calos** ("atingir o ponto sensível de alguém"), já nem conseguimos imaginar a construção sem a preposição. Como sempre acontece nesses casos, as duas regências (ambas estão corretas) entram em competição, e o tempo vai

dizer qual das duas prevalecerá. Eu não tenho a menor dúvida de que a regência deste verbo está sendo trocada.

preposições juntas

Um leitor estranhou a combinação de duas preposições na frase “chutou **por sobre** o gol”; veja como isso não é tão raro assim.

Caro Prof. Moreno, outro dia, enquanto assistia a um programa esportivo na televisão, ouvi o narrador dizer “ele chutou ***por sobre*** *o gol”. Eu gostaria de uma explicação sobre essa expressão, que julgo estar incorreta. É permitido o uso de* ***duas preposições juntas****? O que fez aumentar minha dúvida foi o fato de ter encontrado o mesmo “****por sobre****” em alguns poemas de autores respeitáveis. Obrigado pela atenção.*

Rafael K. – Miranda (MS)

Meu caro Rafael: não consigo alcançar o motivo por que essa combinação parece incorreta a você; será que alguém andou ensinando por aí que não podem existir duas preposições juntas? Se o fez, fez muito mal, porque esses encontros de preposições, embora restritos a alguns poucos casos, têm muita utilidade e já foram usados por muitos escritores clássicos.

Euclides da Cunha, por exemplo, fala das nuvens que passam “**por sobre** os chapadões desnudos”, do valente sertanejo que, “saltando **por sobre** o cadáver da irmã, arroja-se contra o círculo assaltante”, do combatente que “distribuía, jogando-os **por sobre** a cerca, cartuchos”. **Machado** usa, mas pouco. Em Portugal, **Camilo** também usou: Simão, personagem do ***Amor de Perdição***, consegue “saltar ao campo **por sobre** a pedra dum agueiro”; **Eça de Queirós** descreve o som mole de chinelos que se aproximam “**por sobre** o tapete”, fala do canto dos muezins “**por sobre** os terraços adormecidos da muçulmana Alexandria” e se encanta com o sol, que, “sereno como um herói que envelhece, descia para o mar **por sobre** as palmeiras de Betânia”.

Se **por sobre** é moeda corrente, não é de estranhar que **por sob** também o seja; o desastrado Teodorico, em ***A Relíquia***, do mesmo Eça, consegue comover a sua odiosa titia: “E pela vez primeira, depois de cinquenta anos de aridez, uma

lágrima breve escorregou no carão da Titi, **por sob** os seus óculos sombrios". O nosso Alencar também usa: "O destemido escudeiro, sem se importar com os outros, mergulhou **por sob** as árvores e apresentou-se arrogante em face do tigre". Friso que não sou daqueles que só aceitam a autoridade dos autores tradicionais e consagrados; estou apresentando esses exemplos para você ver que há muito tempo essas combinações já eram usadas por pessoas que escreviam muito bem.

Posso mencionar ainda **por entre**, **dentre** (de+entre) e **para com**, bastante comuns na escrita culta. Mais interessante ainda é a combinação de **até + a**, uma locução prepositiva usada com a intenção de aclarar o sentido da frase. O vocábulo **até** é um conhecido causador de ambiguidades, já que pode ser entendido ora como **preposição** (o ônibus vai **até** São Paulo; ele chegou **até** o topo do monte), ora como **partícula de inclusão** (todos foram convidados, **até** eu; o cabrito comia de tudo, **até** latas e garrafas plásticas). Em frases como "o incêndio na plantação queimou tudo, **até** o portão", abre-se a possibilidade de dupla interpretação: o fogo chegou até o portão, e aí parou (o **até** é visto como **preposição**), ou o fogo queimou tudo, **inclusive** o portão? Por esse motivo, costuma-se reforçar a preposição **até** com a preposição **a**: "o fogo queimou tudo, **até ao** portão"; dessa forma, fica eliminada a leitura do **até** como **inclusive**.

É claro que o uso desse reforço é **opcional**; lembro apenas que, ao ser usado, pode acontecer um encontro desse **A** com o artigo feminino, produzindo-se o nosso velho fenômeno da crase: "O incêndio na plantação queimou tudo, até **à** cerca", "pintei a sala toda de branco, até **à** porta", "vou amar até **à** morte".

Para concluir, deixo-lhe um exemplo de como a combinação das preposições e a preposição isolada não têm o mesmo valor: compare "O gato pulou **sobre** a mesa" com "O gato pulou **por sobre** a mesa", "Atirei o livro **sobre** a mesa" com "Atirei o livro **por sobre** a mesa". O significado é completamente diferente.

preposições nos sobrenomes

> **José Silva** ou **José da Silva**? Existe alguma regra para o emprego das preposições nos sobrenomes?

Caro Professor, minha dúvida é sobre o emprego de ***preposição*** *e* ***conjunção*** *nos nomes e sobrenomes. Observo que os nomes das famílias* ***Silva*** *e* ***Santos*** *estão sempre acompanhados de preposição (****da*** *Silva,* ***dos*** *Santos). Examinando os exemplos (1)* ***José Luís da Silva Lima****, (2)* ***José Luís Lima da Silva****, (3)* ***Pedro dos Santos Alencar*** *e (4)* ***Pedro Alencar dos Santos****, entendo que a preposição deveria ficar entre o prenome e o nome de família, conforme exemplos (1) e (3). Nos exemplos (2) e (4), caberia o uso da conjunção* ***E****, ou seja, José Luís de Lima e Silva e Pedro de Alencar e Santos.*

Rita – Teresina (PI)

Minha cara Rita, presumo que você não tenha formação acadêmica em Letras, ou não escreveria “entendo que a preposição **deveria**...”. A ninguém – nem a você, nem a mim, nem ao Papa – é dado o direito de entender “como deveria” se comportar a língua. Ela é o que é; nós só podemos nos esforçar para tentar compreendê-la, formulando, a partir dessa observação, as regularidades e os padrões que conseguirmos enxergar.

Não existe um padrão “linguístico” para a utilização das preposições com os sobrenomes; as pesquisas que se fizeram sobre o assunto terminaram batendo em preconceitos e crenças que datam do tempo em que os nobres faziam questão de usar o “**de**”, por exemplo, como um símbolo aristocrático. Conheço um **Filipe Oliveira** e um **Filipe de Oliveira**;um **Rafael dos Santos Silva** e um **Rafael Santos da Silva**; nas minhas listas de chamada, já encontrei **Paulo de Sousa Santos**, **Paulo Sousa Santos** e **Paulo Sousa dos Santos**. Se você descobriu alguma regra sobre isso, em algum livro, pode ter certeza de que ele não vale o dinheiro que você pagou por ele.

suicidar-se

> Se **suicídio** já quer dizer “matar a si mesmo”, não é uma redundância dizer que ele **se suicidou**? E se eu não posso **suicidar-te**, por que preciso dizer **suicidar-me**?

Caro Professor, sabemos que ***suicídio*** *é o ato de* ***matar-se****;* ***suicidar-se*** *é acabar com a própria vida. Para se evitar uma redundância, qual das expressões*

*deveríamos usar: "**o homem se suicidou**", "**o homem suicidou-se**" ou "**o homem cometeu suicídio**"? Todas estariam corretas? E mais uma coisinha: por que eu preciso dizer **suicidar-me**, se eu não posso **suicidar-te**?.*

Paulo T. – Salvador (BA)

Em primeiro lugar, Paulo, **todas** estão corretas. "O homem **suicidou-se**" e "o homem **se suicidou**" diferem apenas na preferência por usar o pronome **antes** ou **depois** do verbo, mas, no fundo, tanto faz dar na cabeça como na cabeça dar. "Ele **cometeu suicídio**" também é bom Português.

Em segundo lugar, o uso desse "**se**" não é uma redundância, como pode parecer. É verdade que o verbo **suicidar-se** nasceu no Latim como um composto de ***sui***, "a si mesmo", seguido do elemento ***cida***, "o que mata"; portanto, teoricamente, não precisaria daquele "**se**". No entanto, caro leitor, temos no Português um grupo de verbos que **sempre** são conjugados com o pronome ligado a eles; são, por esse motivo, denominados de **verbos pronominais**. Este pronome, que aparece em todas as pessoas do singular e do plural, é quase **vazio** semanticamente (isto é, não tem o seu significado nem o seu valor sintático usuais). Um bom exemplo é **orgulhar-se** (eu **me** orgulho, tu **te** orgulhas, ele/você **se** orgulha, nós **nos** orgulhamos, vós **vos** orgulhais, eles/vocês **se** orgulham). Jamais aceitaríamos "*eu orgulho", até mesmo porque esse verbo nunca será transitivo (eu não posso **orgulhar alguém**; só posso **me orgulhar de alguém**). É exatamente o caso do **suicidar-se.**

O ato de tirar a própria vida, contudo, é tão chocante que o povo cerca este verbo, às vezes, com tudo o que consegue enfiar na frase, a fim de frisar que a pessoa não foi morta, mas se matou. Não se surpreenda se ouvir, alguma vez, no calor do relato, um "***Ele se suicidou-se a si mesmo**" – ao que só faltaria acrescentar, para o circo ficar completo, "tirando a vida com as próprias mãos". É pleonasmo? É redundância? No uso consciente, caprichado do Português, claro que é. Na força da expressão, contudo, eu garanto que essa repetição deve ter lá as suas razões. Não esqueça: não podemos aplicar princípios da lógica quotidiana a algo muito maior do que ela, que é uma língua natural, como o Português.

onde e **aonde**

> Durante séculos, **onde** e **aonde** foram usados indistintamente, mas há quem defenda uma divisão nítida entre seus territórios.

*Prezado Prof. Moreno, existe algum uso específico para **aonde** e **onde**?*
Diego R. C. – Canoas (RS)

Meu caro Diego, como meu coração balança entre duas respostas quase antagônicas, vou lhe apresentar ambas, esclarecendo qual o alcance de uma e de outra.

(1) **QUANDO FALA A ETIQUETA** – **Sim**, existe uso específico para os dois termos. **Aonde** é a soma de dois vocábulos, a preposição **A** + o advérbio **ONDE**. Ora, a presença dessa preposição restringe o emprego de **aonde** àqueles **verbos de movimento** que naturalmente exigem essa preposição: **dirigir-se A**, **ir A**, **chegar A**, etc. "**Aonde** te **diriges**? **Aonde vais**? **Aonde chegou** a violência urbana". Usar **aonde** com verbos que não exijam o "**A**" é considerado **erro** de regência. Nas seguintes frases, o **aonde** está errado e deveria ser substituído pela forma simples **onde**: "***Aonde está** minha camisa?"; "***Aonde ficou** o cachorro?". "*Encontrei a Fulana. É? **Aonde**?". Por outro lado, nada impede que utilizemos **onde** como forma genérica, válida mesmo nos casos em que se pode usar **aonde**: "**Onde** foste ontem?"; "**Onde** vais?".

(2) **QUANDO FALA A CIÊNCIA** – **Não**, não existe diferença no uso desses vocábulos. Os próprios escritores clássicos da língua portuguesa, em que nossa gramática tradicional baseia a maior parte das regras que formula, usam indiferentemente **onde** e **aonde**. No século XVI, Camões encabeça a lista, ao escrever, nos **Lusíadas**:

> Dali pera Mombaça logo parte,
> **Aonde** as naus **estavam** temerosas. (Canto II)
> Viram todos o rosto **aonde havia**
> A causa principal do rebuliço:
> Eis entra um cavaleiro, que trazia
> Armas, cavalo, ao bélico serviço; (Canto VI)

No século XVI, é **Vieira** quem vem trazer sua contribuição:

“Não navegaram só o mar Índico ou Eritreu, que é um seio ou braço do Oceano, mas domaram o mesmo Oceano na sua maior largueza e profundidade, **aonde** ele é mais bravo e mais pujante, mais poderoso e mais indômito”.

“Aqui, Senhor! Pois **aonde estou** eu? Não estou metido em uma cova? Não estou retirado do Mundo?”

Você quer exemplos do século XVIII? Nossos poetas do Arcadismo fornecem quantos você quiser. **Tomás Antônio Gonzaga**, na Lira V da **Marília de Dirceu**, escreve as mimosas estrofes abaixo:

Acaso são estes
Os sítios formosos
Aonde passava
Os anos gostosos?
São estes os prados,

Aonde brincava
Enquanto passava
O gordo rebanho,
Que Alceu me deixou?
São estes os sítios?

Seu infortunado companheiro de Inconfidência, **Cláudio Manuel da Costa**, vai mais longe: com aquela sensibilidade especial que os verdadeiros poetas têm para a língua, acabou fornecendo um notável exemplo em que a alternância de **onde** e **aonde** sugere que a escolha entre as duas formas obedece, na verdade, a um padrão **sonoro** (e não **sintático**). Um dos sonetos à sua amada Nise começa assim:

Nise? Nise? **Onde** estás? **Aonde** espera
Achar-te uma alma que por ti suspira,
Se quanto a vista se dilata, e gira,
Tanto mais de encontrar-te desespera!

E termina com o seguinte terceto:

Nem ao menos o eco me responde!
Ah! Como é certa a minha desventura!
Nise? Nise? **Onde** estás? **Aonde**? **Aonde**?

No século XIX – para ficar nos clássicos –, Garrett, Eça de Queirós, Castro Alves, Álvares de Azevedo usam **aonde** nas construções em que os gramáticos prescritivistas hoje recomendam **onde**. Machado de Assis, é verdade, já parece observar a atual distinção, embora se encontre, aqui e ali, a mesma prática de seus antecessores:

“Clarinha estremeceu, e deixou-se ficar **aonde** estava.”

“Mas ao passar pela Rua do Conde lembrou-se que Madalena lhe dissera morar ali; mas **aonde**?”

Caldas Aulete declara, muito simplesmente, que “os clássicos e o povo não distinguem **onde** de **aonde**”. Mestre Aurélio abre uma extensa explicação no verbete **aonde**, no qual conclui que os melhores autores, dos mais antigos aos mais modernos, não fazem distinção entre as duas formas. Houaiss registra que “é corrente, na linguagem informal, o emprego de **aonde** em vez de **onde**, uso encontrado também em escritores clássicos”. Como são bons dicionaristas, não podiam negar a autoridade de todos aqueles escritores que sempre usaram como exemplo.

(3) **E NÓS, COMO FICAMOS?** – Olhe, Diego, fica evidente que os autores prescritivistas estão defendendo a existência de um padrão onde não havia nenhum; essa distinção rigorosa entre **onde** e **aonde** é coisa recente, de cinquenta anos para cá (para uma língua humana, que vive milênios, isso não passa de um quarto de hora). Só o tempo vai dizer se ela está motivada por uma necessidade de criar uma distinção realmente útil, ou se ela nasce daquela sanha repressiva que caracteriza muita regrinha tola e sem ciência que anda por aí. O diabo, Diego, é o que devemos fazer enquanto as coisas não ficam bem definidas; o conselho que lhe dou é o mesmo que já dei em situações similares: siga a posição (1), que vai deixar as suas frases vestidinhas de acordo com a norma gramatical da moda, mas respeite a posição (2), que descreve o que realmente acontece. Você sabe como é: uma coisa é como as pessoas se vestem, outra é como elas deveriam se vestir. Você não acredita em convenções? Então, vá a um casamento vestido do jeito que preferir. Agora, você tem uma certa preocupação com a opinião dos outros? Então é bom botar uma gravatinha (e ficar invejando o primo que foi de jeans e camisa polo). Assim é com a linguagem. Escolha, e aguente.

P.S.: Quer saber como eu faço? Não uso nunca o **aonde**.

implicar

“A crise do petróleo vai implicar **em** aumento nos preços.” – Veja por que esta frase é condenada pela norma culta.

*Prezado Professor, aprendi que o verbo **implicar** no sentido de "trazer como consequência, acarretar", é verbo transitivo **direto**: "A assinatura do presente contrato **implica a aceitação** de todas as suas cláusulas". No entanto, em "A energia está associada a diferentes processos, o que implica **que** a natureza das partículas subatômicas seja intrinsecamente dinâmica", este "que" grifado não está contrariando aquela regra gramatical?*

Evilásio A. – Anápolis (GO)

Meu caro Evilásio, o verbo **implicar**, como você corretamente afirmou, é transitivo **direto**, ou seja, como ensinava a minha saudosa professora da 5a série, "o que implica, implica **alguma coisa**". Isso significa que devemos evitar, na forma culta, a regência indireta, com preposição **em**, muito usada na fala descontraída – "*desistir agora implica **em** perder tudo", "*a assinatura do contrato implica **na** aceitação de todas as suas cláusulas". Essa preposição **em** só vai aparecer quando usarmos o verbo no sentido especial de "envolver alguém em ato ilícito": "No seu depoimento à CPI, ele **implicou** o deputado **no** escândalo do Mensalão".

Ora, nos dois exemplos que você apresenta – "o contrato implica **a** aceitação" e "implica **que** a natureza..." –, o verbo está competentemente acompanhado de seus objetos diretos. Em "o que implica **que a natureza das partículas subatômicas seja intrinsecamente dinâmica**", a oração grifada, como você bem sabe, é apenas uma oração subordinada substantiva **objetiva direta**. Como vê, são exemplos idênticos da mesma regra.

chegar em?

*Um leitor anônimo (custava assinar?) desconfia da resposta fornecida pela banca de um concurso vestibular: "Segundo o examinador, na frase **O noivo chegou atrasado na igreja** houve uma transgressão da norma culta. Gostaria que você apontasse o erro, se houver!".*

Meu caro Anônimo, na norma culta, no Português escrito, os verbos de **movimento** – especialmente **ir** e **chegar** – regem a preposição **A**: quem chega,

chega **A** (e não **EM**). De acordo com esse princípio, portanto, a forma "correta" da frase seria "O noivo chegou atrasado **À igreja**", com acento de crase e tudo. É evidente que a fala (tanto a popular quanto a culta) está trocando essa preposição por **em**, mas é um uso ainda condenado em exames e concursos.

assistir

*Vera Santos Bonfim, da Bahia (com esse nome, só pode ser de Salvador...), pergunta: "Devemos usar o verbo **assistir** (sentido de 'atender') seguido de **ao** ou de **o**? É assistir **AO** trabalhador ou assistir O trabalhador?".*

Prezada Vera Lúcia, se entendi bem, você está falando de **prestar assistência ao trabalhador**, não é? Nesse caso, embora os dicionários digam que podemos optar entre a regência direta e a indireta, a tendência majoritária na língua culta é deixar o verbo **assistir** como transitivo **direto**, isto é, **sem** a preposição: "O Estado deve **assistir o trabalhador**", "devemos **assisti-lo**", "ele deve **ser assistido** pelo Estado" (note que, aqui, a possibilidade de usá-lo na voz passiva confirma que ele é transitivo direto).

Este mesmo verbo, quando usado com o sentido de "ver, presenciar", tem regência **indireta** no Português culto formal: "Nós assistimos **à peça**", "Eu não assisti **ao jogo**". Com base nisso, muitos autores tradicionais não aceitam que, nesses casos, o verbo seja levado para a **passiva** (que, como você sabe, é uma característica exclusiva dos transitivos **diretos**): "*O jogo **foi assistido** por cem mil espectadores" seria uma versão inaceitável de "Cem mil espectadores assistiram ao jogo".

Somos obrigados a reconhecer, no entanto, que vem ocorrendo, na prática dos escritores modernos, um abandono progressivo dessa regência **indireta**, sinalizando a clara tendência desse verbo tornar-se exclusivamente transitivo **direto**; em pouco tempo, os gramáticos serão obrigados a admitir como aceitáveis frases que hoje eles ainda condenam, como "Vou assistir o jogo", "As peças que assisti", "Qualquer espetáculo que você assista", "Vamos assistir a sessão", etc. O fato desta tendência já vir assinalada no dicionário do Houaiss, por exemplo, só vem confirmar minha suposição.

alguém que **lhe queira**

*Marcelo, de São Paulo, estranhou o trecho "assim ela já vai, achar um cara que **lhe queira**, como você não quis...", na música* **Acima do Sol***, do grupo mineiro Skank. "O Skank é um grupo que costuma ser gramaticalmente correto, mas aqui não deveria ser 'um cara que **a queira**'?"*

Meu caro Marcelo, o Skank é bom de letra mesmo! O verbo **querer** normalmente é transitivo direto: "eu quero **o** contrato, **quero-o**". No entanto, quando tem o significado de **gostar de alguém**, como é o caso desta música, passa a ser **transitivo indireto**: "eu quero muito **ao** meu filho, **quero-lhe** muito".

atender

*Antônio José S., de Guaratinguetá (SP), leu, num artigo escrito por mim, a frase "**atende as necessidades** básicas do decoro". Curioso, pergunta: "**Atender** não é um verbo transitivo **indireto**? Assim, você não deveria ter escrito 'atende **às** necessidades básicas do decoro?'."*

Meu caro Antônio José, o ***Dicionário de Regência Verbal*** de Celso Pedro Luft, mestre de todos nós, coloca **atender** como indiferentemente transitivo **direto** ou **indireto**, com acentuadíssima tendência a ficar exclusivamente **direto**. Afinal, ele é um verbo que pode ser passado para a voz passiva ("as necessidades **foram atendidas**") – e, como você deve saber, só os transitivos diretos têm o privilégio de apresentar passiva. Em outras palavras: você está certo, eu estou certo – mas prefiro a minha versão.

dignar-se de

Há muitos verbos que vêm mudando sua regência ao longo da história de nossa língua; **dignar-se** é um deles.

*Prezado Professor, gostaria de saber se está correta a preposição empregada na frase "Ante o exposto, requer se digne Vossa Excelência **em** receber os presentes embargos".*

João Alcides – Advogado

Meu caro João, a sintaxe culta manda escrever "requer se digne Vossa Excelência **de** receber os presentes embargos"; admite-se, também, a supressão da preposição: "requer se digne Vossa Excelência receber os presentes embargos", embora a primeira forma seja a preferida pelos autores tradicionais (especialmente os que se ligam ao meio jurídico).

Na fala culta, porém, o verbo vai pouco a pouco trocando a sua preposição para "**A**": "Não se dignou **a** recebê-los" – fato que, mais cedo ou mais tarde, modificará também a regência deste verbo no Português escrito. O "dignar-se **em**" é que não tem defensores. Por isso, faça como eu faço: quando escrevo textos formais, uso "dignar-se **de**"; quando falo, uso "dignar-se **a**". Afinal, quando vou a um banquete oficial (em sonhos...), uso os talheres de um jeito; em casa, mudo um pouquinho o estilo – como qualquer ser humano normal.

Curtas

produzido **com** plástico

Alfredo K., de Gravataí (RS), esbarrou numa dúvida na hora de decidir os dizeres de uma embalagem para um acessório de banheiro: "Produzido **em**, **com** ou **de** plásticos de engenharia"? "Pelo que verifiquei na gramática de Evanildo Bechara

e mesmo no ***Houaiss***, parece-me que a preposição **de** seria a mais adequada".

Prezado Alfredo, sinto dizer que você errou os dois pregos e bateu bem na tábua: **de** seria exatamente a preposição que eu não usaria com o verbo **produzir** (se fosse "**feito de** plástico", seriam outros quinhentos). "Produzido **com**" é a preferível; "produzido **em**" também pode ser usado, mas tem críticos ferozes, que consideram essa expressão um galicismo.

constar em

Andrea Teixeira gostaria de saber se o uso da preposição **de** está correto em expressões como "**consta da** norma" ou "**tenho de** ir". "Não deveria ser **consta na** e **tenho que**, respectivamente?"

Prezada Andrea, pelo Português culto formal, devemos usar **constar em** quando nos referirmos à ocorrência de alguma coisa em determinado lugar: "meu nome consta **na lista**"; "o detalhe não constava **no** edital". **Constar de** é outra coisa: significa "ser composto de" – "O cardápio consta **de** entrada, prato principal e sobremesa".

Quanto ao verbo **ter** com o sentido de "dever", a norma culta escrita, bem formal, prefere a preposição **de**: "Nós temos **de** fazer", "Vocês têm **de** entender", e assim por diante.

obedecer-lhe

Eduardo B., de São Paulo, gostaria de tirar a seguinte dúvida: "Quando falo com um amigo, está correto dizer "eu **te** obedeço"; agora, como devo falar a meu diretor? "Eu **lhe** obedeço" ou "Eu obedeço **ao Sr**."?

Prezado Eduardo, você pode usar “Eu **lhe** obedeço” com seu chefe; esta é a forma correta da 3a pessoa, uma vez que o verbo **obedecer** é transitivo **indireto**. No entanto, se quiser ser mais formal, você pode usar, em vez do pronome oblíquo, qualquer uma das várias formas de tratamento para a 3a: “Eu obedeço **ao senhor**”, “obedeço **a V. Senhoria**”, “obedeço **a V. Majestade**”. Fica ao gosto do freguês.

proceder a

Silmara, de Santo André (SP), tem dúvidas quanto à regência do verbo **proceder**. O certo é “proceder **o** integral cumprimento da obrigação” ou “proceder **ao** integral cumprimento da obrigação?”

Prezada Silmara, “vamos proceder **ao** sorteio”, “vamos proceder **à** escolha” – é transitivo **indireto**, sempre com a preposição “**A**”.

dentre?

A leitora Angélica ficou intrigada com a palavra **dentre**, e quer saber se ela existe e onde se aplica.

Minha cara Angélica, não é tão raro assim, esse **dentre**. É a forma combinada de duas preposições, **de** e **entre**. Vieira cita vários exemplos da Bíblia: “Escolheu **dentre** eles doze, que chamou apóstolos” (Lc. 6,13); “Cinco **dentre** elas eram loucas, e cinco prudentes” (Mt. 25,2);”Sairão os anjos, e separarão os maus **dentre** os justos” (Mt. 13,49).

parabenizá-lo?

A colega Sandra N., professora de Português de Toledo (PR), gostaria de saber se usamos o pronome **lhe** com o verbo **parabenizar**, já que, segundo Houaiss, damos parabéns **A** alguém. Pergunta: “Isso o torna verbo transitivo indireto, cujo pronome deve ser o **lhe**?”.

Minha cara Sandra, dê uma lida mais demorada no ***Houaiss***, e você vai ver que ele classifica **parabenizar** como **transitivo direto**. Aliás, assim são os exemplos que ele dá: “parabenizar **O** patrão”, “parabenizar **O** Instituto de Filologia”. Não podemos “desenvolver” a regência deste verbo com base em **dar parabéns A**, como você fez, porque essa é a regência do verbo **dar** (quem dá, dá **alguma coisa** [parabéns] A **alguém**). Portanto, queremos **parabenizá-lo**. Note que ele é tão transitivo direto que até admite a transformação passiva (“Ele foi parabenizado pelos colegas e amigos”).

duplo objeto indireto

O leitor Paulo gostaria de saber se a frase “Falaram de vocês ao diretor” está de acordo com a norma culta e se podemos afirmar que “de vocês” e “ao diretor” são **objetos indiretos**.

Meu caro Paulo, sim, são dois objetos indiretos. Isso não é tão raro quanto possa parecer: concordar **com** alguém **a respeito de** algo, conversar **com** alguém **sobre** algo, perguntar **A** alguém **por** outra pessoa, orar **a** alguém **por** alguma coisa ou alguma pessoa, falar **de** alguém ou alguma coisa **a** outra pessoa, etc. – todos eles exemplos da gramática de Celso Pedro Luft.

gostar que

Gastón Gutiérrez, de Buenos Aires, estudante de Português, pergunta: “Sempre me disseram que o verbo **gostar** é sempre gostar **de**. Mas outro dia um colega disse que gostar **que** é aceito e, nesse caso, não precisa o uso da preposição. Ele tem razão?”.

Prezado Gastón, mesmo os verbos transitivos indiretos (gostar **de**, precisar **de**, etc.) costumam perder a preposição quando seguidos de uma **oração substantiva objetiva indireta**: compare “eu gosto **de** música”, “eu preciso **de** tempo” com “eu gostaria **que o senhor participasse**”, “eu preciso **que todos colaborem**”. Esta supressão da preposição faz com que a frase soe melhor e deixa-a mais fácil de pronunciar – daí a preferência que conquistou. É claro que não estaria errado “eu gostaria **de que** o senhor participasse”, mas eu particularmente não uso, nem conheço muita gente que o faça. Abraço. Prof. Cláudio Moreno

agradeço **a** Deus

César Marques S. hesita entre “agradeço **à Deus**”, “agradeço **ao Deus**” ou ainda “agradeço **a Deus**”. Conclui: “Penso que a última opção está incorreta, mas encontrei esta forma em dois sites”.

Meu caro César, mas que pontaria! A única forma correta é a terceira, exatamente a que você recusou: “Agradeço **a Deus**”. A primeira está errada porque **Deus** é masculino, e usar acento de crase antes de um substantivo masculino é simplesmente impossível, mesmo se tratando de tão augusto personagem. A segunda está errada porque não usamos artigo definido antes de **Deus**: “confio **em** Deus” (e não “confio **no** Deus”), “O homem põe, Deus dispõe” (e não “O homem põe, **O** Deus dispõe). Haveria, é claro, circunstâncias

em que poderíamos usar **ao Deus**: “Ele se referia **ao Deus** da misericórdia, não **ao Deus** do castigo e da punição” – mas acho que não era isso que você tinha em mente.

deparar é pronominal?

Karina G., do Rio de Janeiro, estranhou a frase: “e **me deparei com** um verdadeiro caos”. No sentido de “afrontar”, não seria errado o emprego do pronome **me** junto ao verbo? Não seria “e **deparei com** um verdadeiro caos”?

Minha prezada Karina, não, não é errado; na verdade, é a regência atual desse verbo. Já se encontra isso em Machado; veja a Clarice Lispector, em exemplo do verbete “deparar”, do ***Aurélio***: “E **deparou-se com** um jovem forte, alto, de grande beleza”. A regência originária deste verbo (deparar alguma coisa a alguém) já não é mais usada; as duas vigentes são **deparar com** ou **deparar-se com** alguma coisa – sempre transitivo indireto, seja pronominal, seja simples.

através de

K. Schmidt, de Ribeirão Preto (SP), sempre ouviu os gramáticos reprovarem o uso da expressão **através de** com o sentido de “por meio de”; porém, Houaiss aceita esse emprego e mostra “educar **através de** exemplos” e “conseguiu o emprego **através de** artifícios”. Ela pergunta: “Está correto, afinal? É mais um caso de expressão genuinamente errada, no entanto aceita em decorrência do disseminado emprego?”.

Minha prezada K., você sempre ouviu os “pequenos” gramáticos dizerem isso. Os grandes não se preocupavam com essas minúcias, que são artificiais e inexpressivas, e que escritores do século XIX (para não citar os modernos), como Euclides e Eça de Queirós, não levavam em consideração. Há muitas “autoridades” por aí, com pouco estudo, que ficam batendo em pequeninas regrinhas que nem o público (e, como você está a ver, nem mesmo os dicionários) observa; o pavor delas é ver chegar o dia em que isso for descoberto; nesse dia, elas ficarão sem ter o que “ensinar”, porque não entendem muito além dessas bobagens.

domiciliado **à** rua

Savero S., de Aparecida do Taboado (MS), gostaria de saber se o acento de crase empregado antes de rua está correto na frase “residente e domiciliado **à** rua XV de Novembro”.

Meu caro Savero, não se trata de saber se está ou não correto o acento de crase. O problema é outro: a preposição adequada é **em** ou **a**? Para os gramáticos tradicionais, mais rigorosos, o correto é “residente e domiciliado **na** rua XV de Novembro”. Eles alegam que, tradicionalmente, os verbos de **quietação** (**morar**, **residir**, **situar-se**, etc.) exigem a preposição **em** – no que têm razão. No entanto, o uso moderno insiste em substituir esse **em** pelo **a**; nesse caso, vão surgir as circunstâncias necessárias para a ocorrência de crase e, consequentemente, o emprego do acento grave: “residente e domiciliado **à** rua XV de Novembro”. Eu, particularmente, uso sempre o **em**.

morar **na** rua

A leitora Sunguela escreve do Ceará, perguntando qual é a preposição adequada: “Maria reside **à** ou **na** rua Carlos Silva”?

Minha cara Sunguela, os gramáticos prescritivistas recomendam, por

unanimidade, “residente **na** rua tal, morador **na** rua tal, sito **na** rua tal”. Se você quiser ficar dentro da etiqueta, use assim também. Alguns mal-humorados professores alegam que isso significaria morar “**na**” rua, e na rua ninguém mora, mas sim nos prédios e nas casas. É tolice; embora eu também nada veja de mal em usar a preposição **a**, é a preposição **em** que vem sendo preferida pelos autores clássicos e modernos de nosso idioma.

servir **ao** Senhor

Mariana B., de Piracicaba (SP), diz que sua mãe comprou um pano de secar louça em que estava escrito “Devemos servir **o** Senhor com alegria”. O certo não seria **ao** Senhor?

Minha cara Mariana, o verbo **servir** é transitivo **direto**, isto é, exige um complemente **sem** preposição: “Eu sirvo meu reino”, “Sete anos de pastor Jacó servia Labão, pai de Raquel, serrana bela” (Camões). Contudo, por uma idiossincrasia de nossa língua, os verbos transitivos diretos ganham uma preposição “**A**” quando nos referimos a Deus. Essa preposição é meramente virtual, e o complemento é o esquisitíssimo **objeto direto preposicionado**, do qual você já deve ter ouvido falar: “Julieta amava Romeu”, mas “Julieta amava **a** Deus”; “ele respeitava seu amigo”, mas “ele respeitava **ao** Senhor”. O que você estranhou na frase foi a falta dessa tradicional preposição: “Devemos servir **ao** Senhor com alegria”.

transitivos diretos com preposição?

Ronaldo O. escreve de São Paulo: “Tenho visto em várias publicações frases como ‘A equipe é **constituída por** dois profissionais’, ‘O grupo é **constituído de** dois profissionais’. Ocorre que o verbo **constituir** é transitivo direto, portanto, não

admitindo preposição. Como se explica?”.

Meu caro Ronaldo, você está com a razão ao observar que **constituir** é transitivo direto. Contudo, as duas estruturas que você destacou são frases na **voz passiva**. Lembro-lhe que uma das propriedades mais características dos **transitivos diretos** é a possibilidade de ser passados para essa voz (o que é absolutamente impossível com os indiretos). O que está preposicionado aqui é o **agente da passiva**, que corresponde, na ativa, ao sujeito. “**Dois profissionais** (sujeito) constituem a equipe” = “a equipe é constituída **por dois profissionais** (agente da passiva)”.

reclamar

Alexandra W., de Ceará-Mirim (RN), não consegue decidir qual a forma correta: “Empresários reclamam atraso dos pagamentos” ou “Empresários reclamam **de** atraso nos pagamentos”?

Minha cara Alexandra, quando eu reclamo **o pagamento**, estou exigindo que me paguem; se, no entanto, reclamo **do** pagamento, estou insatisfeito com o que me pagaram. São duas coisas totalmente diferentes. No seu exemplo, os empresários reclamam **do** atraso (estão fazendo reclamações).

indagar

A leitora Cláudia P., de Montevidéu (Uruguai), gostaria de saber qual das duas versões é a melhor: “O rapaz **indaga o** cientista a respeito de como foi que ele teve tal ideia” ou “O rapaz **indaga ao** cientista a respeito de como foi que ele teve tal ideia”?

Prezada Cláudia, o seu **indagar**, nesta frase, atrapalha como uma pedra no sapato. Desculpe a franqueza, mas a primeira forma é errada ("O rapaz **indaga o** cientista"), e a segunda fica desajeitada ("**indaga ao** cientista a respeito de como foi"). Eu trocaria, sem hesitação, por **perguntar**: "O rapaz **pergunta** ao cientista como ele teve tal ideia". Bem mais limpo e um pouco mais elegante. Agora, se você fizer questão de usar o **indagar**, sua frase poderia ficar assim: "O rapaz indagou ao cientista como foi que ele teve tal ideia".

4. Crase

Todo mundo sabe que a crase é um fenômeno que ocorre quando dois **As** se encontram no interior de uma frase: a preposição **A**, que fica à esquerda, encontra outro **A**, que fica à sua direita. Ora, isso só poderá ocorrer, rigorosamente, **em duas situações**: (1) ou antes de um **substantivo feminino** (que tenha o artigo **A**), (2) ou antes de um **pronome demonstrativo** que comece por essa vogal (**a**quele, **a**quela, **a**quilo). Fora disso, em qualquer outra situação, é impossível que se encontrem os dois **As** necessários para esse casamento.

Sempre fiquei espantado ao ver a esmagadora maioria dos livros didáticos destacarem os casos em que **não pode ocorrer** esse encontro de vogais e, consequentemente, o acento grave. Basta sabermos que **só nos dois casos acima** o enredo começa a ficar interessante, isto é, só nos dois casos acima podemos começar a nos preocupar com a ***possibilidade*** – friso: a ***possibilidade***, não ainda a certeza – de que tenhamos de utilizar esse incompreendido acento. Ensinar os casos em que **não** há crase é o mesmo absurdo e a mesma perda de tempo que o Detran publicar a lista das placas que **não** foram multadas, ou a universidade divulgar, no vestibular, a lista dos candidatos que **não** foram aprovados.

Não vamos ser ingênuos a ponto de afirmar, entretanto, que esse ensino "ao contrário", pouco inteligente, seja a causa de nós termos tantos problemas com a crase. Que o mau ensino transforme num mistério o que deveria ser uma coisa relativamente simples, isso nós podemos entender. O fato de que a maioria dos autores didáticos não entendeu muito bem o fenômeno faz com que, *ipso facto*, a maioria dos brasileiros se atrapalhe com o emprego do acento grave. Até aí, tudo bem.

Agora, se isso justifica a **hesitação** e a **dúvida** que as pessoas têm, com certeza **não é o motivo que as induz ao erro**. Certamente não serão essas explicações deficientes das gramáticas o que leva as pessoas ao emprego constante de acento de crase antes de masculinos, verbos, numerais e outras classes de vocábulos que, obviamente, não comportam um artigo antes deles. A Linguística moderna nos explica que todo erro que é cometido por uma extensa faixa de usuários deve ter alguma forte razão subjacente; é muito grande a incidência de erros do tipo ***barco à vapor**, ***escreveu à lápis**, ***começou à chorar**, ***entregou à ela**, ***trafegava à 60km**. O mau ensino não pode ser a causa de tantas pessoas quererem pôr o acento aí! Em outras palavras: se posso responsabilizar os maus instrutores de direção pelos maus motoristas que infernizam o trânsito, não poderia responsabilizá-los se um número expressivo de seus alunos resolvessem se atirar, de carro e tudo, pelo penhasco abaixo. De onde vem a

vontade de colocar esses acentos indevidos? Acredito que isso seja apenas a materialização da tendência instintiva (já destacada pelo incomparável Celso Pedro Luft, patrono deste ***Guia***) de trocar o sistema vigente por outro mais simples, que consistiria, à francesa, em acentuar sempre o A **quando ali estivesse a preposição presente**.

Said Ali já tinha demonstrado que os escritores de nosso idioma, desde o século XVI, usavam acentuar também a **simples preposição** antes de palavra feminina, em expressões como **à faca**, **à espada**, **à fome**, embora expressões equivalentes no masculino deixassem bem claro que não havia aqui o encontro de dois **As** (**a machado**, **a martelo**). Na mesma linha, algo foi ensaiado por José de Alencar, no século XIX, o que lhe valeu a crítica de um dos gramáticos "medalhões" da escola do Rio de Janeiro, que fez um estudo sobre a linguagem alencariana, mostrando que, infelizmente, o autor de ***Iracema*** não sabia usar nem a crase... Ele não entendeu que Alencar e muitos escritores de sua época usavam o acento apenas para distinguir o **artigo** da **preposição**.

Uma advertência final: para indicar a ocorrência da crase, nosso sistema ortográfico escolheu o **acento grave**; no entanto, no uso corrente, esse acento passou a ser chamado também de **crase**, o que levou à formação do verbo **crasear** (já presente no ***Houaiss*** e no ***Aurélio***), verbo de que não gosto, mas que está amplamente consagrado. Nas situações em que os professores rigorosos dizem que um determinado "**A**" **leva acento de crase**, o falante comum prefere dizer que o "**A**" é **craseado**; eu prefiro a primeira hipótese.

A ocorrência da crase envolve, portanto, a presença da **preposição** – que é uma questão de **regência** – e a presença do **artigo**. A **regência** já foi abordada no **capítulo 3**; passamos agora a examinar alguns pontos importantes sobre o **artigo**, antes de entrar na crase propriamente dita.

4.1 O uso do artigo

Bahia e Recife

> Antes de **nomes geográficos**, o uso do artigo às vezes é obrigatório, em outras, é facultativo.

Prezadíssimo Professor, sem querer abusar de sua santa paciência, trago uma

*dúvida que surgiu ao ler sua explicação sobre o uso do artigo definido antes de **Recife**, no **Guia Prático 2**, em que o senhor deixa claro que, sendo o nome desta cidade também a designação de um acidente geográfico, pode-se usar tanto "**de** Recife" quanto "**do** Recife". Pergunto: seria essa regra aplicável quando nos referirmos à **Bahia**? Poderia ser dito "venho **de** Bahia"? Em caso afirmativo, a crase também seria facultativa, isto é, poderíamos escrever, indiferentemente, "vou **à** Bahia" ou "vou **a** Bahia"?*

David A. – Maceió (CE)

Meu caro David, acho que você fez aqui uma pequena confusão, pois o caso de Recife não tem nada a ver com o caso da Bahia. **Recife** é uma **cidade**, e o nome das cidades geralmente não é acompanhado do artigo, em Português; como, entretanto, refere-se a um acidente geográfico (**os recifes**), admite-se também que venha com artigo – "venho **de** Recife" (seguindo a regra geral) ou "venho **do** Recife" (seguindo o costume da maior parte dos falantes). Com o nome dos **estados**, contudo, a coisa é diferente: eles se dividem entre os que **não têm** artigo (venho **de Alagoas**, **de Minas Gerais**, **de São Paulo**, **de Tocantins**) e os que **têm** (venho **do Pará**, **da Paraíba**, **do Paraná**, **da Bahia**).

Enquanto o uso popular (e, muitas vezes, histórico) registra a possibilidade de **incluir** um artigo antes do nome de certos estados ("**as** Alagoas", "**as** Minas Gerais"), o que você está propondo é exatamente o caminho inverso: **excluir** o artigo que acompanha a **Bahia** – possibilidade que a língua não nos oferece. Você pode imaginar alguém dizendo que vem "**de** Pará" ou "**de** Amazonas"? Sempre vai ter de usar o "**A**" com **Bahia**; ora, o resto todos nós já sabemos: se este "**A**" encontrar uma preposição "**A**", a crase será inevitável.

se vou a e **volto da**

O Professor mostra como o antigo versinho "Se vou **a** e volto **da**, crase **há**" tem muito mais a ver com o artigo do que com a crase.

Caríssimo Professor, escrevo-lhe para partilhar uma velha recordação de infância que foi resgatada de tempos olvidados, ao ler um de seus artigos acerca do

*emprego da crase... A minha mestra de Português, perante nossas dúvidas nesse tópico, dizia: “Meus alunos: se vou **a** e volto **da**, crase **há**; mas se vou **a** e volto **de**, crase para quê”? Boa mnemônica, não acha?*

Sandra Lourenço – Coimbra, Portugal

Prezada Sandra, eu não sei a idade que você tem, mas deve ser algo geracional: eu também aprendi assim, no tempo em que eu tinha todo o cabelo e todas as esperanças do mundo. Ainda acho muito boa essa rimazinha mnemônica, mas chamo a atenção para um detalhe que me passava despercebido naquela época: ela tem muito menos a ver com a **crase** do que com **o uso do artigo**. Explico.

Nosso idioma nem sempre usa o artigo antes dos nomes de lugar (países, estados, cidades): moro **em** Alagoas, mas **na** Bahia; venho **de** Portugal, mas **do** Japão, e assim por diante. Aquele versinho, portanto, serve apenas para saber quais os **nomes de lugar** que são precedidos de **artigo feminino**; a crase vai ser apenas uma consequência. Por exemplo, se eu preciso saber como grafar cada “**A**” na frase “Na minha excursão, fui **a** Cuba, **a** Holanda, **a** Bélgica e **a** Israel”, aplico a esperta rimazinha e obtenho o seguinte: “Volto **de** Cuba, **da** Holanda, **da** Bélgica e **de** Israel” – o que me indica que **Cuba** e **Israel** não têm artigo e, por consequência, não vai ocorrer a crase (“Fui **a** Cuba, **à** Holanda, **à** Bélgica e **a** Israel”). É tiro e queda! Contudo – repito – só funciona com esses locativos. Para todos os demais casos em que temos dúvida, só mesmo o miolo resolve. Um abraço, Sandra, e obrigado pela recordação.

do ou **de** Paulo?

Devemos ou não usar artigo antes de **nomes próprios**?

*Meu caro Professor, eu gostaria de esclarecer se estão corretas as três formas da seguinte frase: (1) A casa é **do** Paulo, **da** Renata e **do** Marcelo. (2) A casa é **do** Paulo, Renata e Marcelo. (3) A casa é **de** Paulo, Renata e Marcelo.*

Renato de Mendonça

Meu caro Renato, o leque deve ser ampliado para quatro opções:

(1) A casa é **do** Paulo, **da** Renata e **do** Marcelo.
(2) A casa é **de** Paulo, **de** Renata e **de** Marcelo.
(3) A casa é **do** Paulo, Renata e Marcelo.
(4) A casa é **de** Paulo, Renata e Marcelo.

Tanto a primeira quanto a segunda estão corretas; a diferença entre elas está no emprego – ou não – do **artigo** antes do **nome próprio**, o que é uma escolha livre para o falante. Podemos optar entre "o carro **de** Marta" e "o carro **da** Marta", "o livro **de** Pedro" ou "o livro **do** Pedro". Em geral, os gaúchos preferem usar o artigo, enquanto o resto do país prefere não fazê-lo. Você deve escolher a forma que mais lhe agrada.

A terceira e a quarta também se distinguem nesse mesmo ponto, mas apresentam, além disso, uma peculiaridade considerada "moderna" por alguns: a preposição **de** vem antes do primeiro item da relação, apenas. Eu não gosto e não uso; prefiro, como nas duas primeiras versões, manter o **paralelismo** sintático, repetindo a preposição antes de cada item. Embora estas duas últimas formas sejam aceitas, acho que você deveria ficar com as duas primeiras; além de mais formais, são mais elegantes.

em França?

> Luís XV era rei **da** França ou rei **de** França? Paris fica **na** França ou **em** França?

*Caro Professor, voltei a estudar, depois de vários anos afastado dos bancos escolares. Na semana passada, aprendi que, ao me referir à França, devo escrever "**em** França" e não "**na** França". Está correto? É novidade? Isso também se usa para outros países?*

Jorge Luiz B. – Cuiabá (MT)

Meu caro Jorge, se você estiver em Portugal, vai ouvir muitas vezes "**em**

França", "**em** África". No Brasil, no entanto, isso é completamente inadequado. As pessoas cultas (e todos os escritores que merecem esse nome, inclusive o supremo Machado de Assis) escrevem "**na** França", "**na** África", pois esses nomes geográficos são usados, aqui, com artigo. Dizemos que o livro veio "**da** França", e não "**de** França", como querem alguns (raros) professores equivocados. Além disso, abra o olho: se você não usar artigo antes de **França**, vai terminar escrevendo "Fomos **A** França", sem acento de crase; isso fica bem em Portugal, mas aqui vai ser tachado de erro, mesmo. Em Roma, devemos agir como os romanos; aqui no Brasil é assim.

artigo antes de relativos

> A mais importante diferença entre os pronomes relativos **que** e **qual** é que só o segundo pode ser antecedido de artigo definido.

*Caro Prof. Moreno, no setor jurídico em que trabalho, costumamos usar a frase "Apelação e remessa oficial **a que** se nega provimento" para significar que se está negando provimento tanto à apelação quanto à remessa. Para deixar bem claro que estamos negando provimento aos dois elementos, não seria melhor acrescentar o artigo no plural e escrever "Apelação e remessa oficial **às que** se nega provimento"?*

Luciana O. – Brasília (DF)

Minha cara Luciana, você indicou um bom rumo, mas enganou-se de endereço. A sugestão de usar o artigo é boa, mas não pode ser feita com o relativo **que**. Este pronome jamais virá antecedido de artigo, a não ser que haja um **substantivo elíptico** – mas isso é vinho de outra pipa. Talvez o que você quisesse propor fosse algo como "Apelação e remessa oficial **às quais** se nega provimento"; aí sim, você teria razão, porque ficaria muito mais fácil para os leitores entenderem do que se trata.

Esse comportamento diferente do **que** e do **qual**, com relação a artigos, fica bem evidente quando comparamos estruturas como "os filmes **a que** assisti/**aos quais** assisti", "os ideais **por que** lutamos/**pelos quais** lutamos", "a peça **a que** assisti/**à qual** assisti", e assim por diante: **qual** é sempre antecedido de artigo,

coisa que jamais acontece com o **que**.

Os eventuais casos de crase antes deste pronome se devem à presença de um artigo pertencente a um **substantivo elíptico** (**subentendido**): “Essa rua é paralela **à** [rua] **que** leva o nome de meu pai” pode ficar “Essa rua é paralela **à** [...] **que** leva o nome de meu pai”; “Não me refiro **às** [alunas] **que** chegaram cedo, mas **às** [alunas] **que** chegaram tarde” pode ficar “Não me refiro às alunas que chegaram cedo, mas **às** [...] **que** chegaram tarde”. Por isso, seria agramatical a forma proposta por você, “apelação e remessa oficial ***às que**...”. A forma como vocês costumam escrever, portanto, está correta.

Curtas

leve **o** quanto puder

Francisco F., de Brasília (DF), quer saber se o correto é “aproximei-me **O** quanto pude” ou “aproximei-me quanto pude”.

Meu caro Francisco: “aproximei-me **O** que pude”, “aproximei-me **O** máximo que pude”, “leve **O** quanto puder”, “gastei **O** mínimo”, etc. – veja como você sempre terá aquele **O**, que uns interpretam como **pronome**, outros como **artigo** – nesse caso, acompanhando um substantivo que está subentendido. Seja ele o que for, sempre deveremos usá-lo. Vamos encontrar autores que o consideram desnecessário em construções como “gaste [**o**] quanto quiser”, “economize [**o**] quanto puder”, mas o uso literário parece ter preferido manter este **O**.

todo x **todo o** (na fala)

A leitora Isabel Fernandes quer saber sobre o uso de **todo** + **o**. Segundo ela,

falamos coloquialmente "**todo mundo** vai querer imitar você", com o sentido de "**todas as** pessoas". Ela pergunta se o certo não seria "**todo o mundo** vai querer imitar você".

Prezada Isabel, nem você nem eu sabemos como falamos isso, porque **dizer** "**todo o** mundo" ou "**todo** mundo" sempre vai dar na mesma sequência fonológica /**todumundu**/. Como falam os caipiras, "dizido é uma coisa, escrevido é outra". Não esqueça que a escrita, com todas as suas regras ortográficas e gramaticais, é uma realidade que não chega a 30% do gigantesco fenômeno que é a língua falada.

Agora, para que você não pense que eu desviei da pergunta, informo que o costume é usar **todo mundo** quando queremos falar de **todas as pessoas**, reservando **todo o mundo** para quando queremos falar do **planeta inteiro** – embora, faço questão de frisar, esta diferença não seja tão rígida como alguns apregoam.

Cubatão tem artigo?

José O. L., de São Paulo, pergunta qual é a forma correta (e qual a regra) com relação à cidade de Cubatão: "foi para **o Cubatão**" (análogo a "foi para **o** Rio de Janeiro), ou "foi para **Cubatão**" (análogo a "foi para São Paulo")?

Meu caro José, foi **para Cubatão**, veio **de Cubatão**; foi **para Sorocaba**, veio **de Sorocaba** – note como **não** costumamos usar artigo com o nome das cidades. O **Rio de Janeiro** é um dos raros casos, principalmente por influência do substantivo comum (**o rio**) e da confusão histórica entre a cidade e o estado do Rio.

Secretaria **da** ou **de** Saúde?

Washington Cezar A., de Porto Seguro, precisa saber se a forma correta é "Secretaria Municipal **de** Saúde" ou "Secretaria Municipal **da** Saúde".

Meu caro Washington, vejamos como se faz no âmbito federal: Ministério **da** Cultura, Ministério **da** Saúde, Ministério **da** Educação, Ministério **do** Desenvolvimento, Ministério **da** Integração (nem todos eles existem, mas já existiram). Note que o artigo definido está sempre presente, junto com a preposição. Essa é uma daquelas opções que a língua vai definindo, silenciosamente, em seu curso de séculos. Acho que seria sábio seguir o exemplo e escrever "Secretaria **da** Saúde".

artigo antes de possessivos

A leitora Gislene pergunta se é correto colocar um artigo antes de um pronome possessivo. Como fica? É "onde você colocou **meu** casaco" ou "onde você colocou **O meu** casaco"?

Minha cara Gislene, tanto faz um quanto o outro; o uso de artigo antes do possessivo é apenas uma das inúmeras instâncias em que o falante tem todo o direito de optar. Essa flexibilidade no emprego do artigo vai ter, no caso do **feminino**, repercussões quanto à ocorrência de crase. Dê uma lida no que escrevi a respeito desse assunto em **crase com possessivos**.

artigo antes das siglas

Carmen Rebouças trabalha numa universidade, na **Seção de Admissão e Registros Escolares**, referida internamente como **SEARE**. Sua dúvida é simples: "Quando usar a sigla, devo também usar o artigo? Ao despachar um processo para tal setor, o correto seria **À SEARE**, **A SEARE** ou **AO SEARE**?".

Prezada Carmen, no caso de siglas como esta, costumamos atribuir-lhe o

mesmo gênero do núcleo do sintagma. Se é uma “seção”, será feminina; se for um “centro”, por exemplo, será masculino. Nós nos referimos **ao MEC** (ministério), **ao INSS** (instituto), **ao SERPRO** (serviço), **à OAB** (ordem). No seu caso, portanto, você deve falar **da SEARE**. No endereçamento de uma carta ou ofício, como está presente a preposição “**A**”, a crase vai ocorrer: **à SEARE**.

ao/a meu ver

Janaína, de Feira de Santana (BA), quer saber se a expressão correta é **a meu ver** ou **ao meu ver**.

Prezada Janaína, como você deve saber, é completamente livre, para o falante, usar ou não o artigo antes dos possessivos: aquele é **meu carro**, aquele é **o meu carro**; **minha mãe** está aqui, **a minha mãe** está aqui. Esta liberdade de escolha vai ter reflexos no caso que você propôs: **em meu** entender, **no meu** entender; **a meu** ver, **ao meu** ver. Escolha uma e fique em paz.

de mamãe, **da** mamãe

Audri P., de Porto Alegre, escreve: “Uma menina baiana que está morando conosco costuma dizer ‘este livro é **de** mamãe’, ‘os sapatos **de** Laurinha’; no Sul, dizemos normalmente ‘este livro é **da** mamãe’ ou ‘os sapatos **da** Laurinha’. O que é correto?”.

Cara Audri, usar (ou não) o artigo definido nesses casos é uma questão de opção do falante. O quarto **do** meu filho, o carro **do** papai, a carta **da** Maria – ou o quarto **de** meu filho, o carro **de** papai, a carta **de** Maria. A escolha é livre; em geral, o Rio Grande do Sul prefere usar o artigo, enquanto o Nordeste faz o contrário. Note que essa opção tem reflexo no problema da crase: “leve o livro **A**

papai e a revista **A** mamãe" (sem artigo), ou "leve o livro **AO** papai e a revista **À** mamãe" (com artigo).

4.2 A crase propriamente dita

à Maria, a **Maria**

Saiba por que razão o acento de **crase** é opcional antes dos nomes próprios.

*Professor Moreno, ao escrever uma carta para minha filha, me surgiu uma dúvida. Como devo preencher o destinatário? **À Maria** ou simplesmente **A Maria**, sem o acento de crase? Obrigada pela sua atenção.*

Alessandra – São Paulo (SP)

Minha cara Alessandra, escreva como você quiser. Acontece que os falantes do Português se dividem em dois grupos: os que usam e os que não usam **artigo** antes de **nomes próprios**. Quando eu falo do meu filho Matias, eu digo "**o Matias** passou por aqui", mas sua namorada, que é do Rio de Janeiro, já prefere dizer "**Matias** passou por aqui". No feminino, uns dizem "Encontrei **Maria** no jogo", outros dizem "Encontrei **a Maria** no jogo". A escolha é completamente livre.

Ora, como você deve lembrar do tempo de colégio, tudo o que mexe com o artigo feminino tem reflexos no acento de **crase**. Se você usar o artigo quando falar da sua filha ("estou pensando **na** Maria", "o noivo **da** Maria"), vai escrever "**À Maria**" (preposição + artigo = crase). Se, por outro lado, você prefere não empregar o artigo ("o quarto **de** Maria", "o noivo **de** Maria"), é evidente que acabará escrevendo apenas a **preposição**: "**A Maria**". Escolha aí um **João**, escreva uma carta para ele e tudo vai ficar mais claro: ou você escreve "**Ao** João" ou "**A** João". A decisão é sua.

devido a medicação

Andrea, editora de uma revista de Medicina, escreve:

> “Acredito que minha dúvida seja comum a muitos brasileiros: existe uma regra simples para o uso da crase? Por exemplo, **devido a medicação errada** leva ou não crase?”.

Minha cara Andrea, a regra de crase é muito simples; o que pode ser complexo, no entanto, é o contexto em que nós temos de decidir sobre o seu uso. A sua frase – **devido a medicação errada –** é um bom exemplo dessa complexidade. Por exemplo, (1) imaginemos que o médico X tenha matado um paciente ao prescrever-lhe um remédio inadequado; o paciente morreu devido **à medicação errada que o médico lhe prescreveu**. Compara com (2): “Muita gente morre no Brasil devido **a medicação errada**”. Por que em (1) aparece o acento de crase e em (2) não?

Posso lhe assegurar que não tem nada a ver com a regra da crase, mas sim com o uso (ou não) do **artigo definido**, esse pequeno vocábulo cuja importância tanto esquecemos. Em (1), o artigo está presente, pois estamos falando de uma medicação errada **definida**. Em (2), ele está ausente, pois nos referimos a “medicações erradas”, indefinidamente. Este é o mesmo caso de “o infrator está **sujeito a multa** (leia-se: **a** [uma] **multa**), que é bem diferente de “o infrator está sujeito **à multa de R$100,00**).

a crase da sogra

> Um desesperado estudante de Letras faz fiasco ao discutir a crase com a sogra; o Professor ensina como devemos nos comportar numa hora dessas.

*Caro Professor Moreno, sou um aluno de Letras em desespero: a mãe da minha namorada é daquelas que discute qualquer tópico até o limite da honra. E ontem estava “a dar aulas de gramática” a todos nós, incultos e belos. Disse-nos que quase teve um treco ao ir na lavanderia e ler “lavagem **À** seco”. Mas, aí, lembrei do caso do “tinta **À** óleo” em que está implícito “à maneira de” e mencionei tal regra para confirmar o acerto de “lavagem **À** seco”. Enfim, ficamos por mais de cinco minutos a discutir tal nuance da nossa birrenta Língua Portuguesa. Então,*

*Professor? **Lavagem à seco** está correto? Se não estiver, dá para inventar uma emenda à FHC e mudar (mesmo que temporariamente) a constituição dessa regra para salvar um desamparado aluno de Letras?*

Anônimo – De algum lugar do interior de São Paulo [o nome e a cidade foram omitidos para resguardar a integridade física do autor da mensagem]

Meu caro Anônimo, você realmente foi se meter em camisa de onze varas! Sinto dizer que desta vez você se complicou, e feio! Desde quando "tinta **a óleo**" tem crase, ó Anônimo? Nunca! Nem em "lavagem **a seco**"! Só pode haver acento de crase antes de palavra feminina, venha ela **expressa** ou **subentendida**. É nesse último caso que vemos os "bigodes **à Hitler**", o "filé **à Santos Dumont**", porque aqui está elíptica a palavra **moda**. Como em toda elipse, aliás, ela pode simplesmente voltar à frase: "bigodes à **moda** de Hitler". Agora, ninguém lava "**à moda**" de seco, nem tem tinta "**à moda**" de óleo.

Eu sei que é duro, para um estudante de Letras, tropeçar assim em público – e ainda mais diante da sogra! Paciência, meu caro Anônimo: isso pode acontecer com qualquer um. Nesses casos, o melhor remédio é sempre a verdade: você deve voltar ao assunto, dizer que resolveu estudar mais profundamente o problema e acabou concluindo que estava errado. Isso é prova de grandeza intelectual e sempre funciona. Acredite em mim, porque um dia, quando eu era recém-formado, fiz uma dessas com uma turma de segundo grau: errei, teimei, gritei com eles, chamei-os de cabeçudos e ignorantes, e depois, em casa, vi que eles estavam com a razão. Engoli seco, criei coragem e, no dia seguinte, fiz diante deles o meu *mea culpa*; para a minha surpresa de jovem professor inexperiente, passei a ser muito mais respeitado pela turma! Agora que já se passaram vários dias da sua discussão, volte voluntariamente ao assunto, demonstrando (1) **que você dá alguma importância às opiniões da sogra** ("A senhora sabe, desde aquele dia eu fiquei intrigado com a sua convicção sobre aquele problema da crase e resolvi me aprofundar no tema" – vá por aí, que irá muito bem) e (2) **que você é um estudioso**; só os ignorantes não mudam de opinião.

à vista

A leitora quer saber se uma **venda a prazo**, além dos juros, também leva acento de crase; o Professor mostra que não. O problema é a venda **à vista**.

*Prezado Doutor, sei que em frases como "vou pagar **a vista** e não **a prazo**" não se deve utilizar o acento de crase. Mas, quando for no início de frases ou indicadores, como fica? Por exemplo, devo escrever*

> **À vista**: R$500 ou **A vista**: R$500?
> **À prazo**: R$515 ou **A prazo**: R$500?"

Cláudia Leite

Minha prezada Cláudia, **a prazo** jamais vai receber acento indicativo de crase, esteja no início, no meio ou no fim da frase. O motivo é muito simples: é impossível existir, antes desse substantivo masculino, o artigo definido feminino, que, como você bem sabe, é um dos ingredientes indispensáveis para que ocorra o fenômeno da crase.

Agora, com **a vista** o problema é um pouquinho diferente. Pelo simples paralelismo com o **a prazo**, em que só temos a **preposição** (mas não o **artigo**) antes do substantivo, fica evidente que em **a vista** também só temos a preposição pura. Contudo, por permitir algumas estruturas ambíguas (como, por exemplo, "**a vista é melhor**"), muitos gramáticos incluem este caso entre aqueles em que o acento grave é utilizado apenas para assinalar a **locução adverbial** (e não, como seria o comum, o encontro de dois **As**). O uso deste acento (independentemente da posição em que aparece na frase) é opcional nesses casos, não sendo aceito por alguns autores de renome. Eu uso sempre, se você quer saber.

crase antes de **Terra**

> Veja por que, na frase "os marcianos voltaram **à Terra**", devemos empregar o acento indicativo de crase.

*Professor, gostaria que o senhor esclarecesse o **emprego da crase** diante da palavra **terra**, sobretudo nesta oração: "Os marcianos voltaram a **Terra**". Afinal, usamos o acento diante do substantivo próprio **Terra**, referindo-nos ao planeta em que vivemos?*

Petrúcio Jr.

Meu caro Júnior, acho que conheço a origem remota dessa sua dúvida. No (mau) ensino tradicional da crase, relacionavam-se os casos em que "a crase era **proibida**" [sic!] – e entre eles figurava a palavra **terra** quando usada por oposição a **bordo**: "Os marinheiros foram **a terra**". Ora, professor de Português que se preze já abandonou, há muito tempo, essa forma jurássica e equivocada de explicar o **A** acentuado. Como este acento só poderá ocorrer quando houver a **crase** (fusão) da preposição com o artigo, não é necessário ficar enumerando as dezenas de casos em que tal encontro **não** acontece, como se fossem regras específicas. Um professor que ensina a seus alunos que "não existe crase antes de verbo" está transmitindo a seus infelizes alunos a ideia errônea e nefasta de que possa existir uma lista de palavras **favoráveis** e outra de palavras **desfavoráveis** à crase. O que ele deve fazer é, a partir do princípio geral (**não há crase sem a presença do artigo feminino**), mostrar ao aluno que ele sequer deveria se preocupar em acentuar um **A** que esteja antes de um **verbo**, ou antes de um **pronome indefinido**, ou antes de uma **palavra masculina**, etc. – casos esses em que é impensável a presença do artigo feminino "**A**".

Isso nos traz de volta à sua pergunta: podemos acentuar o **A** antes de **terra**? A resposta é simples: desde que a preposição encontre um artigo feminino antes desta palavra. No exemplo acima, dos marinheiros, o vocábulo é usado com um sentido **indefinido**, que não admite o artigo (definido) ("O navio está **em** terra", "O grito veio **de** terra"). Observe, no entanto, a sequência: a espaçonave deixou **a** Terra, a espaçonave saiu **da** Terra, a espaçonave caiu **na** Terra, a espaçonave voltou **à** Terra. Como você pode ver, sempre usamos o artigo definido com o nome de nosso planeta. Isso também ocorre quando empregamos **terra** para indicar o lugar que se opõe ao céu, no sentido místico ou mitológico: "Zeus saiu da vastidão azul do céu e voltou mais uma vez **à terra**"; "Cristo veio **à terra** para salvar os homens".

àquele

> Fique sabendo que **não** existem, em momento algum, regras que **proíbam** ou **permitam** o uso do acento de crase. Tudo é uma questão de destino.

Prof. Moreno, embora não se use o acento grave, indicador da crase, antes de palavra ***masculina****, o uso de* ***àquele*** *(contração da preposição* ***A*** *com o pronome demonstrativo* ***aquele****) – "Diga* ***àquele*** *rapaz que não faça tanto barulho" – seria exceção à regra geral? Não o sendo, qual a explicação? Grata.*

Sílvia P. – Rio de Janeiro (RJ)

Minha cara Sílvia, não há nada de especial quanto ao acento de **àquele**; acontece que você foi mais uma das vítimas do mau ensino de Português. **Não existem regras negativas de crase**. Isto é, não existem regras sobre o **não-uso** do acento grave. A crase ocorre quando um **A** se encontra com outro, e pronto. Em 90% das vezes, trata-se do encontro [**prep. A** + **artigo A**]. Ora, como este precioso artiguinho feminino só pode aparecer antes de substantivos femininos, é uma **consequência** lógica (não uma **proibição**!) que isso não ocorra antes de substantivos masculinos.

No entanto, nos outros 10%, a crase ocorre quando a preposição **A** (esta não pode faltar nunca a este baile) se encontra com o "**A**" inicial dos pronomes demonstrativos **aquele** (e suas flexões **aquela**, **aqueles**, **aquelas**) e **aquilo**. "Não me refiro **a** este aluno, mas sim **àquele**"; "Quanto **àquilo**, posso assegurar-te..." – e assim por diante. Nada de mais.

Ocorre que há dezenas de péssimos manuais, usados por professores de formação apressada, que tratam a crase como se fosse um sistema de regras determinadas por alguém – como se fosse uma lei, com artigos e parágrafos e incisos e casos especiais. Por causa disso, muitos se revoltam contra a crase, julgando-a uma imposição arbitrária; não poucos leitores já me escreveram perguntando quando é que vão "**revogá-la**"! Para piorar o quadro, esses manuais vivem chamando a atenção de seus desafortunados leitores (ou alunos) para os casos em que "a crase é **proibida**" [sic!].

Não estranho, portanto, que você fique cismada com o acento de **àquele**. O próprio Millôr – para mim, um dos escritores brasileiros mais conscientes da linguagem que utiliza – vive escrevendo a respeito de **àquele** e de **àquilo**, que ele gosta de apontar como exceções à regra que diz só existir crase antes de palavra feminina. O problema, Mestre Millôr, é que essa regra está **incompleta**, formulada por esses gramatiquinhos que disseminam por aí sua deficiente

compreensão dos fenômenos da língua; eles simplesmente esqueceram a segunda possibilidade, em que a preposição encontra o **A** inicial do pronome demonstrativo. Agora tenho certeza de que você vai ficar em paz com o acento de **àquele**.

crase com possessivos

> O Professor explica: acreditar que haja casos em que a crase é **opcional** é o mesmo que acreditar que, aproximando um fósforo aceso da gasolina, a explosão será opcional.

*Prezado Professor Moreno, ao responder a uma pergunta minha, o senhor escreveu: "refiro-me **À** sua consulta de dezembro do ano passado". Existe essa crase antes de pronome possessivo? Obrigado mais uma vez.*

Klein – Novo Hamburgo (RS)

Meu caro Klein, eu podia ser chato no bodoque e responder, muito simplesmente: "Se eu usei, é porque tem, ora!". Mas, como sou um eterno professor, vamos ao problema: antes de mais nada, não se discute a existência ou a não-existência de crase antes dos possessivos. A crase é a aproximação da preposição "**A**" com o artigo feminino "**A**" – mais ou menos como aproximar um fósforo da gasolina. Se eles entrarem em contato, nada vai impedir a combustão; da mesma forma, se um "A" encontrar o outro, vai acontecer o fenômeno chamado de **crase**, assinalado na escrita pelo acento grave.

Se você ler o que escrevi em "**à Maria, a Maria**", verá que antes dos nomes próprios podemos usar (ou não) artigo; dessa forma, a decisão que tomarmos vai influir na ocorrência (ou não) do artigo necessário para que a crase ocorra. Algo semelhante acontece antes dos **possessivos**: nosso idioma nos permite optar entre usar – ou não – o artigo antes deles. Uns dizem "a janela **de** meu quarto"; outros, "**do** meu quarto". "Leve isso **a** meu filho" ou "**ao** meu filho". No feminino, da mesma forma: ou "entregue isso **a** minha filha" (só preposição) ou "entregue isso **à** minha filha" (**preposição** + **artigo** = bingo!). Temos aí uma crase, que deverá ser indicada, na escrita, pelo acento grave. Tudo depende, como você pode ver, da nossa decisão de empregar ou não o

artigo.

Dizer, como o fazem alguns autores, que aqui a crase seria **opcional** seria o mesmo que dizer que, juntando o fósforo à gasolina, a explosão vai ser opcional. Claro que não é; o que podemos optar é aproximar ou não o maldito fósforo, mas, uma vez tomada a decisão de usar o artigo definido, as consequências fogem a nosso controle. A maior prova disso aparece quando usamos **possessivos no plural**; aí a trama fica bem visível. "Entregue isso **a** minhas filhas" (o "**A**" é preposição pura, sem acento) ou "entregue isso **às** minhas filhas" (o "**s**" revela que o artigo está presente, e a acentuação é obrigatória).

crase e pronome de tratamento

> O Professor explica por que **nunca** haverá acento de crase antes de **Vossa Excelência**, **Vossa Senhoria**, etc.

Caro Professor, em "vimos solicitar ***A*** *Vossa Excelência", o "****A****" não leva acento de crase mesmo? E se eu raciocinar que a frase é "vimos solicitar* ***a (a)*** *Vossa Excelência" – não existe aí uma duplicidade de "****A****s"? A propósito, em uma dedicatória, o correto é escrever "****À*** *minha amiga Maricota" ou "****A*** *minha amiga Maricota"? Obrigado pela força.*

Afonso – Campo Grande (MS)

Meu caro Afonso, você jamais vai encontrar um acento de crase antes de **Vossa Excelência** (e demais formas de tratamento – incluindo o **você**) pela simples razão de que o Português **não aceita artigo antes dessas formas**! "O discurso **de Vossa** Excelência" (e não **da**), "Confio **em** Vossa Excelência" (e não **na**), "Só penso **em** você", etc. Ora, você sabe muito bem que a crase ocorre quando a **preposição** encontra o **artigo**; logo...

Quanto ao uso de artigo antes de pronomes possessivos, essa é uma daquelas situações em que o falante tem total liberdade de escolher. Eu digo "o carro **de** (ou **do**) meu filho", "eu estava pensando **em** (ou **na**) minha filha". Dessa forma, no caso que você menciona, pode usar o artigo (com o consequente acento de crase: **à** minha amiga) ou **não** (nesse caso, o "**A**" vai ser uma preposição pura: **a**

minha amiga). A crase não é bicho bravio, não; com jeito, ela se amansa.

crase e subentendimento

> O Professor mostra que na frase **A água ferve A cem graus** não se pode subentender a palavra **temperatura**, que justificaria o acento de crase.

*Caríssimo Professor, em expressões do tipo "**a setenta graus**...", em que se subentende a palavra **temperatura**, usa-se ou não a crase ? Obrigada pela luz!!!*

Olga Martins

Minha cara Olga, sua pergunta revela que você conhece o princípio fundamental da crase – ela só pode ocorrer **antes de uma palavra feminina**, esteja ela **expressa** ou **subentendida**. Contudo, neste caso não há subentendimento algum; devemos escrever **a setenta graus**, sem acento de crase, porque aqui o "**A**" é simples preposição. Vou mostrar uma construção com vocábulo **elíptico** (o que você chama de **subentendido**), para vermos a diferença: "A massa fica pastosa **à temperatura** de cinquenta graus, mas se liquefaz quando chega **à de** setenta graus". Se mostrarmos essa construção para qualquer pessoa, ela vai recuperar a palavra **temperatura** entre o **a** e o **de**. Como esse vocábulo subentendido traz consigo o artigo feminino, temos aqui uma crase. Se tomarmos, no entanto, a frase **A água ferve a cem graus**, o máximo que se poderia subentender (com boa vontade...) seria "a cem graus **de temperatura**" – no final do sintagma, longe, portanto, daquela preposição "**A**". Espero que esta "luz" possa lhe esclarecer.

a crase precisa de um artigo!

> Quatro leitores enviam quatro perguntas diferentes sobre a crase; o Professor mostra que, no fundo, todas se referem à presença do artigo.

Da mesma forma que a ocorrência da crase é muito mais limitada do que parece, as dúvidas sobre ela também giram sobre os mesmos pontos de sempre.

Quatro leitores apresentam suas dúvidas sobre o emprego do acento de crase; à primeira vista, podem parecer quatro perguntas diferentes, mas veremos que todas tratam da presença do artigo feminino.

*(1) Professor Moreno, qual é a forma correta? "A revista foi feita **à** muitas mãos" ou "A revista foi feita **a** muitas mãos"? Ou seja, ocorre crase antes de **muitas** ou não? Desde já, fico muito agradecida.*

Geda L.

Prezada Geda, é evidente que nesta frase não está presente um dos ingredientes indispensáveis para a crase, que é o **artigo feminino**. Se ele estivesse na frase, você teria um **as** antes de **muitas**. O **a** que temos aí é simplesmente a preposição e, *ipso facto*, **não** pode receber acento de crase.

(2) *Caro Professor Moreno, tenho uma dúvida que pode parecer banal, mas que não consigo sanar: em "embalagem **a** vácuo" e "empacotado **a** vácuo", ponho ou não ponho acento de crase? Não se trata de uma **maneira** de embalar ou empacotar? Muito obrigada.*

Telma Ferreira

Minha cara Telma, para que haja acento de crase, é necessário que a preposição "**A**" se encontre com o artigo feminino "**A**": "entregue isso **a** (preposição) + **a** (artigo) diretora" = **à** diretora. Logo, é **impossível** encontrar esse segundo "**A**" (o artigo feminino) antes de um vocábulo **masculino** como **vácuo**. É por isso, Telma, que se diz que não ocorre acento de crase antes de masculinos: é

pela absoluta falta do segundo elemento necessário, o artigo. Embalagem **a vácuo**, motor **a diesel**, navio **a vapor**, preencha **a lápis** – todos sem acento, porque todos são masculinos.

(3) *Prezado Professor, em* ***atendimento especial a clientes****, o "A" leva acento de crase? Por favor, responda esta, porque a briga interna aqui é grande. Grato.*

Klein

Meu caro Klein, para que haja acento de crase, é necessário que a preposição "**A**" se encontre com o artigo feminino "**A**". Supondo que vocês só tivessem **mulheres** como clientes (um Centro de Ginecologia, por exemplo – o que não me parece ser o caso de vocês...), o anúncio poderia prometer "Atendimento **às** clientes". Note que a presença do "**s**" final revela claramente que o artigo feminino está ali, junto com a preposição. No caso de "Atendimento **a** clientes", no entanto, esse "**A**" é indiscutivelmente uma preposição isolada; **não** há hipótese, portanto, de receber o acento de crase.

(4) *Caro Professor Moreno, uma dúvida gerou muita confusão entre meus colegas de trabalho: folheado* ***à*** *ouro ou folheado* ***a*** *ouro? Alguns argumentaram que, devido à palavra* ***ouro*** *ser masculina, a crase não se aplica; outros argumentaram que ela se aplica, pois a palavra feminina está implícita. Você pode pode nos ajudar com essa dúvida?*

Toni Lazaro

Prezado Toni, aqui não há como tentar enxergar uma palavra feminina

elíptica (subentendida) antes de **ouro**. Portanto, não há artigo feminino e, consequentemente, não pode haver acento de crase. E mais: mesmo que fosse "folheado **a prata**", também não haveria o acento, porque aqui, em ambos os casos (**ouro** ou **prata**), não está sendo empregado **o artigo definido**; o "**A**" é apenas a preposição.

das oito **às** doze

> Um leitor quer saber se a loja abre "das 8h **as** 12h" ou "das 8h **às** 12h", "de segunda **a** sexta" ou "de segunda **à** sexta".

*Devemos escrever "**das 8h as 12h"** ou "**das 8h às 12h"**? Ou as duas formas são corretas? Nesse caso, o **a** está substituindo o **até** ou o **para**? Da mesma forma, pergunto: é "**de segunda a quinta-feira"** ou "**de segunda à quinta-feira"**? Um abraço e muito obrigado.*

Fábio Cezar M. – Jaraguá do Sul (SC)

Meu caro Fábio, como todos nós estamos cansados de saber, a **crase** (assinalada, na escrita, pelo acento grave) é o encontro da **preposição** "**A**" com o **artigo** "**A**". Na sua pergunta, quando você escreve "**das** 8h", fica claro que o artigo está presente (**das** é formado pela preposição **de** mais o artigo **as**); consequentemente, antes de "12h" ele também deverá estar: "**das** 8h **às** 12h" – com acento indicativo de crase. Se algum felizardo começa a trabalhar às 8h e encerra o batente às 12h, essa é a única maneira correta de escrever. Outra coisa bem diferente seria "ele trabalha **de oito a doze horas** por dia"; neste caso, "**de** oito a **doze**" não se refere a **quando** ele começa e termina, mas sim a **quantas** horas de trabalho são cumpridas.

Com os dias da semana é um pouco mais sutil. Vamos examinar primeiro a construção "**de** segunda **a** sexta-feira". O **de** aqui é apenas a **preposição**, pois o artigo feminino não está sendo usado antes de **segunda**; logo, antes de **sexta-feira** também não estará, o que fica bem claro se trocarmos **sexta-feira** por um dia da semana masculino: "**de** segunda **a** sábado".

Há, no entanto, outra forma de escrever isso, com o mesmo sentido: "**da**

segunda **à** sexta-feira". Aqui é diferente: o **da** [de+a] sinaliza a presença do artigo, o que vai resultar obrigatoriamente na grafia "**da** segunda **à** sexta". Mais uma vez isso vai ficar bem visível se usarmos um dia da semana masculino: "**da** segunda **ao** sábado". Ambas as construções estão corretas; você pode escolher entre elas, desde que não as misture.

P.S.: Um conselho: pare com esse mau hábito de tentar substituir a preposição "**A**" por outra (**até**, **para**, etc.). Eu sei que alguns gramáticos menores vivem recomendando este "recurso". É charlatanice! Preposições não se substituem; das 600 mil palavras de nossa língua, menos de **vinte** – repito: menos de vinte! – são preposições. Você acha que haveria a possibilidade de duas delas se equivalerem? Nem em dez milhões de anos.

ensino à distância

> Nem sempre o acento colocado em cima do "**A**" assinala a ocorrência de uma **crase**; às vezes, pode ser uma simples preposição.

*Prezado Prof. Moreno, por que **ensino a distância** não leva acento de crase? Discutimos aqui que poderia ser pelo fato de não estar determinada a distância, já que temos o acento em frases como "o carro estava **à distância** de 100 metros". É isso? Fui ao **Aurélio** e vi que são aceitas as duas formas. Um abraço e muito obrigada.*

Maria G. – Jornalista – Londrina (PR)

Minha cara Maria, a maioria dos gramáticos atuais aceita a hipótese de usarmos acento grave numa série de expressões com palavra feminina em que o "**A**" é simples preposição, isto é, **sem que ocorra ali um encontro de dois As**. Há casos em que isso tem a clara intenção de desambiguizar a expressão, evitando que a preposição possa vir a ser lida como artigo, o que alteraria o significado: vender **à vista** (compara com vender **a prazo**: só a preposição está presente); bater **à máquina**; fechar **à chave**; apanhar **à mão**; pescar **à rede**; estudar **à noite**. Em muitos outros, contudo, mesmo sem a possibilidade de leitura ambígua, já ficou tradicional esse acento sobre a preposição: **à direita**, **à esquerda**, **à força**,

etc. Como conclui Luft: “A tendência da língua é acentuar o **a** inicial das locuções femininas (adverbiais, prepositivas e conjuntivas), **mesmo quando não é crase** [o grifo é meu]”.

Quanto à locução **à distância**, tanto o ***Grande Manual de Ortografia Globo*** (Luft) quanto o ***Aurélio-XXI*** e o dicionário ***Houaiss*** indicam, expressamente, a dupla possibilidade de grafia; então, Maria, não hesite: use o acento, e estará aderindo ao sentimento da grande maioria dos seus leitores.

Curtas

crase em data

Luciana M., de Campinas (SP), tradutora, ficou em dúvida na hora de escrever **de 1998 a 1999**. Diz ela: “Creio que aqui não ocorre crase, pois ambos são anos e, portanto, palavras masculinas; contudo, tenho visto tanto **A** como esse acentuado em currículos que fiquei insegura”.

Minha cara Luciana, é claro que **não** tem! O **A** que está presente na expressão “**de 1998 a 1999**” é apenas uma preposição solitária; jamais poderíamos encontrar o **artigo feminino** antes de um **numeral**.

baile **a fantasia**

Vitória gostaria de saber se a expressão **baile a fantasia** leva ou não o acento de crase, e por quê.

Minha cara Vitória, **baile a fantasia** é como **baile a rigor** – este **A** é uma simples **preposição**, sem a companhia do **artigo**. Não vamos escrever, portanto, com acento.

a bordo

O leitor Ednaldo Ariani pergunta se existe crase na expressão **a bordo.**

Meu caro Ednaldo, como **bordo** é um **substantivo masculino**, não pode existir acento de crase nesta expressão, pois ficará faltando aquele artigo feminino indispensável. Em **a bordo** (como em **a bombordo**, **a boreste**), este “**A**” é uma simples preposição. Além disso, se ocorresse artigo aqui, seria o masculino “**O**”.

dada à?

Ica S., de São Paulo (SP), comenta uma frase que escrevi: “A tarefa é inglória, **dada a** descomunal diferença”. Sua dúvida: por que não há acento de crase naquele “**A**”?

Prezada Ica, porque **dado** não é seguido de preposição. “**Dado o** mau tempo”, “**dados os** resultados”, “**dada a** falta de luz” – não existe ali a preposição indispensável para que ocorra a crase. Diferente seria **devido**; aí sim: “devido **ao** mau tempo”, “devido **à** falta de luz”.

a suas ordens, às suas ordens

A leitora Ione M., de Porto Alegre, deparou no jornal de domingo com uma manchete que diz: “O governo **A** suas ordens”; não deveria ser “O governo **AS** suas ordens”?

Prezada Ione, não, não deveria ser. Ou fica assim como está (“o governo **A** suas ordens”), ou usamos o artigo (“o governo **ÀS** suas ordens”). Antes de possessivos, **decidimos** se queremos ou não usar o artigo definido. Compara, no masculino, “ele estava **A** seus pés” (só a preposição) com “ele estava **AOS** seus pés” (prep.+artigo).

sujeito a pagamento

O simpático Valtinho pergunta se é correto escrever “Sujeito **à** pagamento de multa”.

Meu caro Valtinho, claro que não! Onde vamos encontrar o artigo **feminino** (um dos polos indispensáveis da crase) antes de um substantivo **masculino** como **pagamento**? Não há dúvida de que aí está apenas a **preposição** isolada.

a granel

Rogério foi ao supermercado e viu um cartaz no balcão que anunciava arroz e feijão **à granel**; desconfiado, quer saber se o gênero do substantivo justifica o acento de crase.

Meu caro Rogério, **granel** é um substantivo **masculino**; como em qualquer outro, não podemos supor, antes dele, um artigo definido **feminino**, o que nos deixa com uma preposição purinha. “Arroz e feijão **a granel**” – essa é a forma correta.

voltar a São Paulo

A leitora Telma F., perguntadora habitual, quer saber por que "voltei **a** São Paulo" não tem acento de crase, enquanto "vou **à** João Mendes (praça)" tem; existe alguma regra do tipo "antes de cidade" ou "antes de praça"?

Minha cara Telma, não tem nada a ver com o fato de ser cidade ou praça. O problema está na presença (ou não) do artigo. Vou **a** São Paulo, venho **de** São Paulo – como acontece com 99% dos nomes de cidade, **não** usamos **artigo** aqui e, portanto, não se pode pensar em crase, que precisa dele para existir. No caso da praça João Mendes, quer usemos (ou não) a palavra **praça**, o artigo está ali: venho **da** [praça] João Mendes, isso aconteceu **na** [praça] João Mendes. Por isso, "vou **à** João Mendes". É bem simples.

a frio

Sônia C. escreve dizendo que sabe que não podemos usar crase antes de palavras masculinas, mas pergunta, assim mesmo, se deve usar o acento de crase na expressão **a frio**.

Minha cara Sônia, se você mesma enunciou corretamente, no início de sua mensagem, o princípio fundamental da crase, de onde veio essa insegurança? Se aceitarmos que **nunca** ocorre crase antes de **masculino**, por que iria, então, aparecer antes de **frio**? Aliás, se houvesse um artigo aí, junto com a preposição, seria "**O**", e não "**A**". Teríamos, então, "**ao frio**".

P.S.: Inconformada, a leitora voltou a escrever:

“Entendi sua resposta, mas se nós, na frase ‘revestimento **à frio**’, considerarmos este **à frio** como adjunto adverbial de modo, mesmo assim o acento de crase está errado?”

Minha cara Sônia, eu é que não entendi a sua segunda pergunta. Vou tentar ser mais claro: se você puser essa crase em **a frio**, rogo-lhe uma praga! Não interessa se **a frio** é adjunto adverbial ou tenha qualquer outra função sintática; **jamais** poderá haver ali um artigo definido feminino! Lembre que esses artigos (os femininos) têm o péssimo hábito de aparecer apenas **antes de substantivos femininos**! O “**A**” que está na frase é só a preposição.

crase antes de **sócio**

Frederico A. transcreve o título de um documento em que é feita uma proposta de remuneração para os sócios de uma empresa: “Proposta de Remuneração **a** Sócio Executivo”. Sua dúvida é se o “**A**” deve ou não levar o acento de crase.

Meu caro Frederico, dá para fazer uma cocada sem usar coco? Não? Então também não dá para formar uma crase sem um dos ingredientes básicos, a **preposição** ou o **artigo feminino**. Agora me diga, aqui entre nós: como você pretende arranjar um artigo feminino antes de **sócio**, vocábulo masculino? Aliás, aqui nem o artigo **masculino** está sendo usado, já que **sócio** está em sentido genérico: é “proposta **a** sócio” (qualquer), e não “**ao** sócio” (um sócio determinado). Se fosse no feminino, também não teria acento: “Proposta **a** Sócia Executiva”.

confusão na regra da crase

Cláudio, de São José do Rio Preto (SP), afirma que seu professor sempre ensinou "que o **A** deve levar acento de crase quando antecede uma palavra feminina"; no entanto, mais de uma vez ele encontrou um **A** antes de palavra feminina que ficou sem este acento. Pergunta: "Isso é verdade ou não? O professor também disse que não havia exceção alguma".

Meu prezado Xará, não troque as palavras do seu professor! O que ele disse – tenho absoluta certeza! – foi que "só pode ocorrer crase antes de palavra feminina", o que é muitíssimo diferente do que você está afirmando. Dito de outra forma: todo "**A**" com acento de crase deverá estar antes de palavra feminina, o que não significa que todo "**A**" antes de palavra feminina deva ter acento de crase (todo buldogue é cachorro, mas nem todo cachorro é buldogue). Em centenas de frases, o **A** antes de uma palavra feminina pode ser mera preposição ou mero artigo.

a jornalistas

G. Soares, de Portugal, escreveu a frase "**Associação entrega prêmio à jornalistas**" e não concorda com os colegas que afirmaram que aquele acento está equivocado. Acrescenta: "Afinal, a palavra **jornalista** pode ser usada tanto para o homem como para a mulher, não é?".

Meu caro Soares, não se trata de um veredito (ou **veredicto**, como você usou; ambos estão corretos), mas de uma simples regra de crase. Se escrevermos **a jornalistas**, jamais poderia haver acento neste "**A**", que é, sem dúvida, apenas **a preposição isolada**. Se tivéssemos aí um "**AS**", então a presença do **S** final revelaria que também ocorre um artigo, tornando obrigatório o uso do acento: "Associação entrega prêmio **às** jornalistas" – só que me parece que você

não estava se referindo a um grupo de **jornalistas femininas**, não é?

sujeitos a revisão

Roberto Coimbra quer confirmar o seu raciocínio quanto ao uso do acento de crase: na expressão “dados sujeitos **a** revisão”, não ocorre crase porque o substantivo está empregado em sentido genérico; já em “dados sujeitos **à** revisão **da Diretoria**”, o artigo aparece e, com ele, o acento. “Posso pensar assim?”

Prezado Roberto, o seu raciocínio está perfeito. Se o substantivo não estiver determinado, não podemos empregar o artigo **definido**, um dos ingredientes indispensáveis para que ocorra a crase. Você pode encontrar exemplo semelhante comparando “penalidade sujeita **a** multa” (a uma multa, indefinida) com “penalidade sujeita **à** multa de dois salários mínimos”.

desrespeitar às normas?

L. Ribeiro, de Santa Maria (RS), não entende por que uma banca de concurso considera errado colocar acento de crase em “desrespeitarem **as** normas de trânsito”.

Meu caro Ribeiro, o verbo **desrespeitar** é transitivo direto (“eu desrespeito **o** regulamento”, não “**ao**”) e, como tal, não tem a preposição **A** que seria necessária para que ocorresse a crase, que é sempre [**A** + **A**]).

a todas

Carmem V., de Barreiras (BA), prepara um texto para o site de sua empresa e precisa saber se escreve “Nesta seção, você terá acesso **a** todas as vagas” ou “**à** todas as vagas”.

Prezada Carmen, fica sem acento de crase. Este “**A**”, antes de **todas**, é a preposição pura. É natural que não apareça aqui o artigo **definido**, um dos ingredientes indispensáveis da crase, já que **todas** é um pronome **indefinido** e eles nunca vão andar juntos. Se você passar para o masculino, a coisa fica bem evidente: “acesso **a** todos os níveis”.

à parte interessada

Angela G., de Vitória (ES), quer saber se o “**A**” em “**a** parte interessada” deve vir com acento indicativo de crase.

Minha prezada Ângela, mas como é que eu vou responder à sua pergunta? A crase é o encontro de uma preposição com um artigo definido; você me envia um segmento em que o artigo parece estar presente (“**a** parte interessada”), mas não sei como essa frase começou! A presença (ou não) da preposição vai depender da **regência do verbo** que você estiver empregando; por exemplo, “convoque **a** parte interessada” (transitivo direto), “refiro-me **à** parte interessada” (transitivo indireto).

a meia-voz

Isadora F., de Uruguaiana (RS), quer saber se o **A** na frase “Ele segredou algo **a** meia-voz” leva acento de crase.

Prezada Isadora, não, não tem acento de crase. Se comparamos esta construção com expressões análogas como **a meia-luz**, **a meio pau**, podemos verificar que, nestes casos, o **A** é apenas a preposição; o artigo não está presente.

a laser

André pergunta se deve escrever **remoção de tatuagem à laser** ou **remoção de tatuagem a laser** na sua tabuleta.

Meu caro André, se **laser** é um substantivo **masculino**, como é que você consegue imaginar uma crase ali? É igual a **caldeira a óleo**, **feito a martelo**, **cortado a facão**, e assim por diante – sem o acento.

a crase depende do contexto

José R., de Brasília (DF), pergunta se ocorre crase na expressão **em relação a**.

Meu caro José, faltam dados na sua pergunta! Como vamos saber se ocorre crase ou não, se não temos o resto da frase? Tudo depende do que vier depois da expressão: **em relação A minhas dívidas** (só preposição); **em relação AOS**

tributos (preposição + artigo masculino); **em relação À pesquisa** (preposição + artigo feminino).

devido à variedade

O leitor Jequitibá (será pseudônimo?) quer saber se na frase “devido **a** grande variedade e acabamento dos materiais, recomenda-se teste prévio” existe acento de crase.

Meu caro Jequitibá, é claro que existe! Veja como ficaria no masculino: “Devido **ao** grande número...”. Como você sabe, isso indica que tanto o **artigo** quanto a **preposição** estão presentes. Logo, por analogia, acontece o mesmo no feminino: “Devido **à** variedade...”; “Devido **à** falta de provas”; “Devido **às** fortes chuvas de ontem”.

à la carte

Roberta A., de São Paulo, sempre escreveu **a la carte**, mas tem visto, na maioria das vezes, **à la carte**. Como é a forma certa?

Minha cara Roberta, o correto é **à la carte**, porque isso é Francês, e nesse idioma o “A” é sempre acentuado quando for preposição. Não se trata, aqui, de um caso de **crase**; o acento grave do Francês é um acento extremamente comum e não tem a mesma função que tem no Português.

a la antiga

Giselle, de Santos (SP), vem perguntar se não deveria ter acento no **A** da expressão **a la antiga**, que encontrou em um artigo de minha autoria.

Minha cara Giselle, não, esse **A** não leva acento, porque é apenas preposição. O **la** é a forma desusada do nosso artigo definido **A**, que aparece em muitas expressões cujo sabor arcaizante muito me agrada: **a la moda**, **a lo largo**, **a la pucha**, **a las tantas**. Não deve ser confundido com a expressão **à antiga** [à **moda** antiga] ou com o francês ***à la mode***, por exemplo, em que o ***a*** apresenta, inclusive, o acento grave característico da preposição francesa.

crase com **para?**

Michela S. quer esclarecer a dúvida na frase "A reunião está marcada para **as** 9 horas". Diz ela: "Acho que não vai acento de crase no **as** antes das horas por causa da preposição **para**. Estou correta?".

Minha cara Michela, você está corretíssima; se já temos a preposição **para** na frase, de que modo poderia ocorrer também a preposição **a**, presença indispensável para que a crase ocorra? É claro que é "para **as** nove".

com destino **a** Sorocaba

José Francisco quer saber se deve empregar o acento de crase na expressão "com destino **a Sorocaba**", como defendem os seus colegas de trabalho. "Para mim, ela equivale a 'com destino **para** Sorocaba' (e não '***para a** Sorocaba'), o que indicaria que a crase não é possível."

Meu caro José Francisco, seu raciocínio está correto. Mas o que desejam esses seus colegas? Desde quando se usa artigo antes de Sorocaba? Vive-se **em** Sorocaba, gosta-se **de** Sorocaba... Ora, se não existe o artigo, falta um dos polos indispensáveis para a crase, como todos nós sabemos!

com e sem acento de crase

E. Nerone, outro leitor do Paraná, quer saber qual é a forma preferível: (1) Tradição e qualidade **à** sua mesa; (2) Tradição e qualidade **na** sua mesa; ou (3) Tradição e qualidade **em** sua mesa?

Prezado Edson, sua dúvida é sobre qual a preposição que você deve usar – se o **a**, se o **em**. Como ambas são cabíveis nessa frase, teremos **quatro** combinações possíveis, já que o emprego do artigo antes do pronome possessivo é de livre escolha do falante:

(1) Tradição e qualidade **à** sua mesa (prep.+artigo);
(2) Tradição e qualidade **a** sua mesa (só prep.);
(3) Tradição e qualidade **na** sua mesa (prep.+artigo);
(4) Tradição e qualidade **em** sua mesa (só prep.).

Gosto da (1), da (3) e da (4); talvez pela tradição literária, prefiro a (1). Escolha a sua preferida.

a/à Marilda

Maria Eduarda gostaria de saber se o cartaz “Movimento de apoio **a** Marilda”, visto em uma campanha eleitoral, está correto. “Não utilizamos acento de crase nesse **A**?”

Prezada Maria Eduarda, antes de nomes próprios, podemos decidir livremente se vamos usar (ou não) o artigo definido. Tanto faz “Movimento de apoio **a** José” quanto “Movimento de apoio **ao** José”. É claro que isso também acontece no feminino, com as conhecidas consequências quanto ao acento de crase: “Movimento de apoio **a** Marilda” (só preposição) ou “Movimento de apoio **à** Marilda” (preposição e artigo).

forno **a lenha**

Andrezza, de Ribeirão Preto (SP), quer saber se deve escrever **forno a lenha** ou **forno à lenha,** e por quê.

Minha cara Andrezza, forno **a lenha**, forno **a óleo**, forno **a gás** – note que, em todas elas, só temos a preposição **a**. Se o artigo também estivesse presente, aí sim teríamos “*à lenha”, “*ao óleo”, “*ao gás”.

a partir

E. Vieira ficou com dúvidas quanto ao uso do acento de crase em **a partir de**, ao ver que muitos escrevem com o acento, mas outros escrevem sem ele.

Meu caro Vieira, antes de **partir**, que é verbo, é impossível sequer imaginar a existência de um artigo feminino singular; é claro que este **A** é apenas **preposição** e será escrito, portanto, sem o acento de crase.

da primeira **à** quarta série

Daiane E. gostaria de saber se há crase em “ensino **de** primeira **a** quarta séries”, e se a regra válida para este caso também se aplica quando escrevemos a expressão com algarismos (“**de** 1a **a** 4a séries”).

Minha cara Daiane, enquanto você usar apenas a preposição **de**, o **a** vai ser apenas a outra preposição presente na construção paralela e, portanto, **sem** acento de crase: “**de** primeira **a** quarta séries”. Se, no entanto, você decidir usar **da** [de+a], aí sim vamos ter uma crase: “**da** primeira **à** quarta série”. Quanto à segunda pergunta, tanto faz dar na cabeça como na cabeça dar: se você trocar o extenso por algarismos, as duas situações que descrevi acima continuam idênticas: “**de** 1a **a** 4a séries” ou “**da** 1a **à** 4a série”.

contas **a pagar**

Maria de Lourdes S., de Belo Horizonte (MG), recebeu uma correspondência com a expressão “contas **à** pagar”; como tinha aprendido que não se usa crase antes de verbo, ficou em dúvida.

Prezada Maria, você aprendeu certo; não pode haver aí o artigo feminino, presença indispensável na crase. Eu tive um velho professor irascível que sempre nos rogava a mesma praga: “Quem usar acento de crase **antes de verbo**, que a mão seque e caia!”; ele teria feito melhor se nos explicasse que **verbos não admitem artigos**, e pronto – mas, de qualquer forma, o princípio continua o mesmo: é impossível que dois **As** se encontrem antes de um verbo.

crase antes de **mês**?

O leitor Milton M., de São Paulo (SP), gostaria de saber se só podemos usar a crase antes de palavras femininas. Pergunta: "Posso escrever **mês à mês**?".

Prezado Milton, você mesmo já disse: só ocorre **artigo feminino** antes de **substantivos femininos**. Logo, é impossível haver acento de crase em "**mês a mês**".

referente à

Ricardo S. gostaria de saber se o "**A**" depois das palavras **pertinente**, **referente**, **pertencente**, etc. deve receber o acento indicativo de crase.

Caro Ricardo, com os vocábulos **pertinente, referente** e **pertencente** sempre usaremos a preposição "**A"**; se este "**A"** encontrar um artigo feminino singular, aí teremos crase (e usaremos o respectivo acento grave): referente **ao** item 5; referente **à** seção 7; pertencente **à** diretoria; etc.

direito à vida

A. Anderson traz uma dúvida sobre a frase "Que direitos todas as crianças do mundo deveriam ter? **A** educação, **a** família, **a** saúde". Vai acento de crase em cima do "**A**"?

Meu caro Anderson, claro que vamos usar o acento em todos esses "**As**".

Em todos eles está **elíptico** (para evitar a repetição ociosa) o vocábulo "**direito**", que rege a preposição **a**: [direito] **à** educação, [direito] **à** família, [direito] **à** saúde.

chegar a/à noite

Vera Lúcia A., de Moji das Cruzes (SP), quer saber se há diferença entre "chegou **a** noite" e "chegou **à** noite".

Prezada Vera Lúcia, "chegou **à** noite" significa que alguém (ou algo) chegou durante a noite; **à noite**, no caso, é um **adjunto adverbial** de tempo. "Chegou **a** noite", por outro lado, quer dizer apenas que anoiteceu; no caso, **a noite** é o **sujeito** da frase.

frango **a passarinho**

Marcos H., de Campinas (SP), quer saber se o tradicional prato é **frango a passarinho** ou **frango à passarinha**. "Tenho um amigo, conhecedor da língua, que insiste em dizer que é 'à passarinha', no feminino, pois o nome é proveniente de uma parte das vísceras do boi ou do porco, e seria uma estupidez falar 'a passarinho', pois como se pode cortar um frango baseado no tamanho do pássaro?"

Prezado Marcos, é **frango a passarinho**. Seu amigo não entende nada de culinária. Neste tipo de prato, o frango é cortado em pedaços pequenos (sem respeitar aquela divisão natural em coxas, peito, etc.), de modo a simular mais ou menos o formato da carcaça de um passarinho inteiro – para os nostálgicos do tempo em que nossos bisavós comiam imensas passarinhadas, feitas com pássaros reais (sabiás, tico-ticos, etc.), prato politicamente incorreto que era muito apreciado nas zonas de colonização italiana.

a crase e o Espanhol

Francisco manda dizer que, em caso de dúvida sobre a crase, passa a frase para o Espanhol. “Se na versão eu obtiver a sequência ***a la***, uso crase no Português; se obtenho apenas ***a*** ou ***la***, não uso. Gostaria de saber se esse ‘truque’ funciona sempre ou se apenas tenho tido sorte.”

Meu caro Francisco, isso não é “truque”; chama-se, no meu dicionário, **tradução**. Onde o Espanhol tem ***a*** (prep.) + ***la*** (art.), no Português nós certamente teremos **a** (prep.) + **a** (art.) = bingo! Ocorre aí uma crase, e temos de usar o acento: “Entregue o livro **à diretora** (***a la directora***); “Não me refiro **a esta mulher** (***a esta mujer***), mas **à que** (***a la que***) atende no balcão de informações”. É seguro, sim, e pode ser usado por quem souber Espanhol.

a 200 km

Gladis Luiza quer saber, na frase “A cidade de Ilha Solteira fica aproximadamente **a** 200 km de Araçatuba”, se este **a** deve ser acentuado ou não.

Minha cara Gladis, a resposta é **não**. **Quilômetro**, representado aqui pelo símbolo internacional **km**, é um substantivo **masculino**, o que impossibilita a crase, que só ocorre quando está presente na frase um artigo **feminino**.

5. Concordância verbal

"***Falta** só dois reais", me diz o rapaz da livraria, enquanto procura nos próprios bolsos o troco que não tinha no caixa. Levanto os olhos para ele e hesito; uma vida toda como professor de Português me deu uma grande sem-cerimônia em corrigir o que os outros falam errado, mas a experiência também me ensinou que nem todos aceitam de bom grado uma lição gratuita. Recebo as duas moedas e me afasto, pensando que, ao menos, nem tudo estava perdido, já que ele não disse o "*dois real" de sempre. Eu compreendo o que se passou na mente do balconista; sei que ele sabe (conscientemente ou não, ele **sabe**) que o **verbo deve combinar com o sujeito**, nesse fenômeno que chamamos de **concordância**. Não se trata de caprichar a linguagem que ele está usando; é muito mais profundo. Ele nasceu dentro dessa língua e dentro dela virou gente; logo, este princípio está gravado tão claramente em algum ponto de seu sistema nervoso quanto os comandos que permitem que ele alterne os pés para caminhar para frente. Ora, como é que algo tão elementar e fundamental pôde ser desconsiderado, a ponto de ele usar ***falta** em vez de **faltam**?

A resposta é muito simples: ele não "**enxergou**" o sujeito. Talvez esta seja a maior fonte de erros de concordância no Português: a dificuldade, em certas construções, de reconhecer o **sujeito**. Isso acontece naturalmente, como veremos abaixo, com a discutível **voz passiva sintética**, a maior responsável pelos erros que os gramáticos do tempo da pomada Minâncora e do Elixir Paregórico chamavam candidamente **erro da tabuleta** – "*Vende-se terrenos", "*Aluga-se apartamentos", etc. – e que hoje figuram nos ***outdoors*** (sei que é um diabo de palavra, mas é insubstituível e, o que é pior, imodificável!), nos classificados dos jornais, nos folhetos de publicidade, na TV e na onipresente internet.

Isso acontece também com os misteriosos **verbos impessoais**, os quais, ao contrário dos outros 99,99% dos verbos de nosso idioma, continuam ostentando a estranhíssima característica de não ser atribuídos a **sujeito algum**. Formam as enigmáticas **orações sem sujeito**, em que somos obrigados a deixar o verbo sempre no **singular** – "**havia** duas pessoas", "**faz** três anos" –, ali onde você, instintivamente, preferiria dizer "***haviam** duas pessoas" ou "***fazem** três anos".

o deslocamento do sujeito

> Quando passamos o sujeito para **depois** do verbo, ele parece ter sido coberto pelo manto da invisibilidade.

Caro Professor, puseram um cartaz na entrada da escola dos meus filhos com dizeres que me deixaram em dúvida. Lá está escrito o seguinte: "Pessoal, ***falta*** *só dez dias para o fim do bimestre". Eu acho que deveria ser* ***faltam****, mas fiquei com vergonha de perguntar, porque a frase foi escrita por uma professora.*

Teresinha de Jesus W. – Ribeirão Preto (SP)

Prezada Teresinha, você está com toda a razão: quem quer que tenha escrito aquela frase foi vítima de uma velha armadilha de concordância. Estamos acostumados a encontrar o sujeito no começo da frase; quando ele é deslocado para uma posição **à direita** do verbo, é muito provável que o confundamos com os complementos. Quando escrevemos, com todo aquele tempo que temos para refletir e revisar, um exame um pouco mais detalhado da estrutura identificaria o sujeito; a maioria das pessoas, contudo, deixa de fazê-lo, cometendo este tipo de erro. Veja os exemplos abaixo (as expressões em destaque são o **sujeito** da frase):

ERRADO:
*No ano passado, teve início **as conferências**.
*Foi anunciado, ontem, **os nomes que compõem o Ministério**.
*Ficou provado, desta forma, **as tentativas de suborno**.
*Espero que seja explicado para todos **a razão de sua atitude**.

CORRETO:
No ano passado, **tiveram** início as conferências.
Foram anunciados, ontem, os nomes que compõem o Ministério.
Ficaram provadas, desta forma, as tentativas de suborno.
Espero que **sejam explicadas** para todos as razões de sua atitude.

Este erro é ainda mais frequente com aquele pequeno grupo de verbos que **normalmente têm o sujeito à sua direita**: **existir**, **ocorrer**, **acontecer**, **faltar**, **restar**, **sobrar**, **bastar**, **caber**. Entre os exemplos a seguir, em que os elementos sublinhados são o **sujeito** da frase, encontramos o erro do nosso balconista (veja

explicação introdutória logo antes):

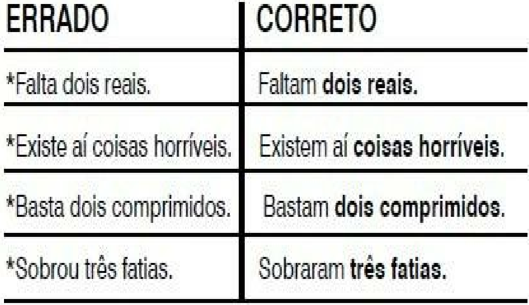

ERRADO	CORRETO
*Falta dois reais.	Faltam **dois reais.**
*Existe aí coisas horríveis.	Existem aí **coisas horríveis.**
*Basta dois comprimidos.	Bastam **dois comprimidos.**
*Sobrou três fatias.	Sobraram **três fatias.**

Imagino que, a esta altura, não adianta reclamar, porque já se passaram vários meses e o cartaz já deve ter sido retirado. Fica, no entanto, o meu conselho: quando você tiver outra dúvida desse tipo, vá falar delicadamente com a professora responsável. Se o texto estiver correto, você terá aprendido alguma coisa; se houver realmente equívoco, todo mundo vai sair ganhando.

concordância com verbos impessoais

> **Havia** ou **haviam** poucos recursos? **Haverá** ou **haverão** novas oportunidades? **Houve** ou **houveram** dificuldades?

*Prezado Professor, tenho uma dúvida cruel: preciso escolher entre "Caso **haja**" ou "Caso **hajam** dúvidas ou correções". Qual é a forma correta?*

Luís Felipe – São João da Barra (RJ)

Prezado Luís, sua dúvida é realmente "cruel" (não sei se você está dando a

este vocábulo o mesmo significado em que o estou empregando): **haver**, aqui, **só** poderia ficar mesmo no singular, porque se considera que este verbo, ao contrário dos demais, **não tem sujeito**. Isso pode parecer um pouco absurdo, mas vou tentar explicar.

Para qualquer brasileiro, a frase "não **havia dinheiro** no cofre" é sinônima de "não **existia** dinheiro no cofre". No entanto, se trocarmos **dinheiro** por **cheques** em ambas as frases, está armada a confusão: na primeira vamos ter "não **havia cheques**", mas na segunda teremos "não **existiam cheques**". O responsável por isso é o fato do verbo **haver** ser considerado **impessoal** – isto é, um verbo completamente anormal **que não tem sujeito algum**.

Todos os falantes sabem que a regra de ouro de nossa sintaxe é a de que todo verbo concorda com o **SUJEITO** da frase. O que devemos fazer, contudo, com esses verbos cujo sujeito é inexistente? O uso culto prefere deixá-los imobilizados na **3a pessoa do singular**. Felizmente esses verbos formam um grupo extremamente reduzido:

1. **HAVER** – este verbo, quando usado nos sentidos de **existir** ou **ocorrer**, fica sempre na 3a do singular (o elemento em destaque é analisado como objeto direto):

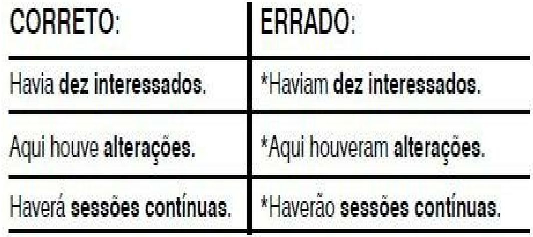

CORRETO:	ERRADO:
Havia **dez interessados.**	*Haviam **dez interessados.**
Aqui houve **alterações.**	*Aqui houveram **alterações.**
Haverá **sessões contínuas.**	*Haverão **sessões contínuas.**

Você já deve ter-se acostumado a ouvir ***haviam pessoas**, ***haverão dúvidas** – construções provavelmente inspiradas, por analogia, em **existiam pessoas** e **existirão dúvidas** –, mas com certeza ficaria surpreso se soubesse o quanto se discute, entre os estudiosos, a conveniência de considerar, de uma vez por todas, o verbo **haver** como um verbo comum com sujeito posposto. Há bons

argumentos contra e bons argumentos a favor desse “reenquadramento” de **haver**, e tanto um quanto o outro lado têm a defendê-los jovens e velhos gramáticos. Aqui se trata, porém, de definir um item do **uso culto escrito**; portanto, se você quer se sentir seguro, não invente moda e opte por deixar o verbo sempre no **singular**. Em outras palavras: se você não quer chamar a atenção de todos durante a cerimônia, use gravata (e, de preferência, com um nó clássico).

2. **FAZER** (e **HAVER**, também), indicando tempo decorrido:

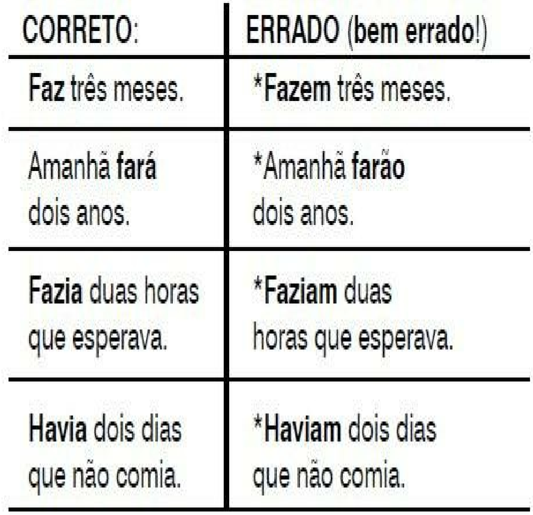

CORRETO:	ERRADO (bem errado!)
Faz três meses.	***Fazem** três meses.
Amanhã **fará** dois anos.	*Amanhã **farão** dois anos.
Fazia duas horas que esperava.	***Faziam** duas horas que esperava.
Havia dois dias que não comia.	***Haviam** dois dias que não comia.

3. **FAZER**, indicando condições meteorológicas:

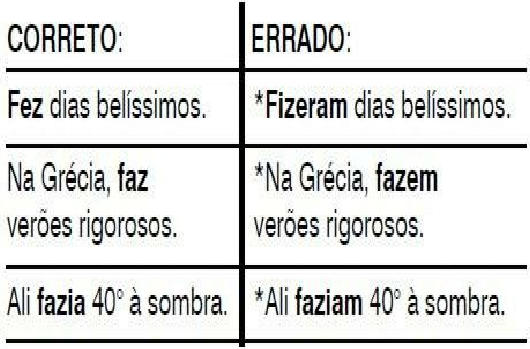

CORRETO:	ERRADO:
Fez dias belíssimos.	***Fizeram** dias belíssimos.
Na Grécia, **faz** verões rigorosos.	*Na Grécia, **fazem** verões rigorosos.
Ali **fazia** 40° à sombra.	*Ali **faziam** 40° à sombra.

4. **PASSAR DE**, em expressões de tempo:

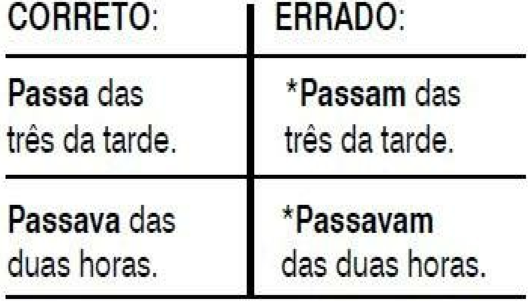

CORRETO:	ERRADO:
Passa das três da tarde.	***Passam** das três da tarde.
Passava das duas horas.	***Passavam** das duas horas.

Não confunda esta estrutura, que é considerada **sem sujeito** (note que **duas horas**, **três horas**, etc. vêm precedidos da preposição **DE**), com o verbo **passar** que aparece nos seguintes exemplos: **passam** três horas do meio-dia; **passavam** três minutos das duas (aqui, **três horas** e **três minutos** são o **sujeito** do verbo.)

5. **BASTAR DE** e **CHEGAR DE**:
Basta de reclamações (e não ***bastam de**).
Chega de pedidos (e não ***chegam de**).

6. **TRATAR-SE DE**, com referência a uma afirmação anterior:

O clube dispensou Jari e Adão. **Trata-se** (e não ***tratam-se**) de dois jogadores sem função na atual equipe.

Lá vêm as duas moças. Não esqueça: **trata-se** (e não ***tratam-se**) das filhas do prefeito.

Portanto, meu caro Luís, o seu **haver** vai ficar no singular: "Caso **haja** dúvidas", "As dúvidas que **houver**", "**Havia** dúvidas", "**Pode haver** dúvidas" – e assim por diante.

há de haver

O Professor esclarece um jovem e interessado leitor que caiu na velha armadilha do verbo **haver.**

*Olá, Professor Moreno! Escrevo para tirar uma dúvida: outro dia usei a forma "**hão de haver** boas músicas lá", só para soar original aos ouvidos de um amigo. Este, porém, ficou inconformado, dizendo que ela não existe, mas sim "**há de haver** boas músicas...". Afinal, existe ou não? Raciocinei do seguinte modo: não há dúvida de que posso dizer "Eu **hei** de conseguir isto", bem como "As músicas **hão** de existir". Pode-se substituir o verbo "**existir**" por "**haver**"; logo, "**Hão de haver** músicas". Se **músicas** estivesse no singular, aí sim o primeiro verbo **haver** da locução estaria no singular. Gostaria de saber se o que falei faz sentido. Obrigado.*

Alexandre D. (17 anos) – Brasília (DF)

Meu caro Alexandre, falando com a franqueza que me caracteriza, respondo-lhe que **não**, não faz sentido o que você diz – embora o seu empenho (e o seu engenho) em defender o seu ponto de vista mereça toda a minha simpatia. Você está esquecendo, no entanto, a relação que os verbos presentes numa **locução verbal** mantêm entre si: o da direita é sempre o **principal**, o da esquerda é sempre o **auxiliar**. Tudo o que vai acontecer com a locução (inclusive a concordância) dependerá dos traços determinantes do verbo **principal**, o que explica, aliás, essa denominação.

Observe: "**podem existir** boas músicas", "**devem existir** boas músicas", "**hão** de **existir** boas músicas" – os auxiliares **podem**, **devem** e **hão** estão flexionados no plural, seguindo o modelo imposto pelo principal **existir**, que é um verbo pessoal, normal, que concorda com o sujeito **boas músicas**. Já em "**pode haver** boas músicas", "**deve haver** boas músicas", "**há** de **haver** boas músicas", o verbo principal é **haver**, que transmite sua impessoalidade característica para os seus auxiliares (todos ficam invariáveis). Nessas estruturas, **boas músicas** é apenas objeto direto.

Embora nessas frases os verbos **haver** e **existir** sejam sinônimos, seu comportamento sintático sempre será diferente: o primeiro é **impessoal**, o segundo é um verbo **normal**. Recomendo-lhe ler o que escrevi em **concordância com verbos impessoais**; assim você terá bastante base em suas futuras discussões. Um abraço; espero que você mantenha esse vivo interesse pelo Português.

haviam ocorrido

Nem sempre o verbo **haver** é impessoal; às vezes ele deve ser conjugado como um verbo comum.

*Prezado Professor, li num artigo seu que o senhor considera correta a frase "**haviam ocorrido** vários acidentes naquele local". Pois não me conformo; a orientação que me deram na matéria é a seguinte: o verbo **haver** no sentido de **acontecer**, **ocorrer** transmite sua impessoalidade para os demais em uma locução verbal (mesmo sendo auxiliar); portanto, o verbo permanece no singular. Por favor, se discordar indique a fonte.*

Cláudia G. – Goiânia (GO)

Prezada Cláudia, pelo que depreendo da sua pergunta ("a orientação que me deram ..."), alguém andou atrapalhando o seu estudo aí em Goiânia! Cuidado para não confundir, nas locuções verbais, o verbo **auxiliar** com o verbo **principal**. Este é sempre o último da direita e **manda** na locução; aquele fica à esquerda e **obedece**. É claro que o verbo **haver**, no sentido de "acontecer", é impessoal e impessoaliza também os seus auxiliares. Observe: "**houve** muitos acidentes", "**pode** haver acidentes", "**deve** ter havido acidentes" – assim como **houve**, **pode** e **deve** também ficaram impessoalizados.

No entanto, estamos falando aqui do verbo **ocorrer**; **haver** é um mero auxiliar e deve flexionar como o seu principal faria: "**Ocorreram** muitos acidentes", "**haviam** ocorrido muitos acidentes". Minha fonte? Todas – repito – todas as gramáticas dignas deste nome, em nosso idioma. Se alguém ensinou aquela barbaridade, não pode ter sido um professor com curso de Letras; se ele cobrava pelas lições, acho que você pode pedir o dinheiro de volta.

concordância com a voz passiva sintética

> O caso mais complicado de concordância – a voz passiva sintética – é um doente terminal, ligado em aparelhos.

Prezado Professor, estranho muito que ainda seja considerado erro deixar no singular o verbo de vende-se casas. A língua não deveria evoluir? Isso já não está ultrapassado?

Diva L. – Assis (SP)

Minha prezada Diva, você – como todo falante brasileiro – não sente **casas** como o sujeito dessa construção, nem vê aí uma equivalência com **casas são vendidas**. Em qualquer cidade do Brasil, em qualquer estrada, nas páginas dos classificados, nos anúncios da lista telefônica – para onde quer que você olhe, vai enxergar exemplos do famigerado "erro" da passiva sintética. Sem dar a mínima para o que dizem os gramáticos mais tradicionais, as pessoas povoam a paisagem brasileira de grandes cartazes e belos letreiros com ***aluga-se casas**, ***conserta-se fogões**, ***faz-se carretos**, ***aceita-se encomendas**, traçados em todas as cores e tamanhos. Por alguma misteriosa razão, os vendedores de terrenos recusam-se

a fazer o verbo **vender** concordar com os terrenos que eles vendem. Em vez de **vendem-se**, teimam em escrever **vende-se terrenos**, assim mesmo, com o verbo no singular. Alguns começam a se perguntar se a voz passiva sintética está ameaçada; eu vejo, simplesmente, que a questão já foi decidida há muito tempo: a sintética deixou de ser uma estrutura viva de nossa língua. Ficou apenas a lenda, contada ainda respeitosamente junto ao fogo dos acampamentos gramaticais mais conservadores. E por que morreu? Porque o que ela teria a oferecer não interessa mais aos falantes, que veem a voz passiva analítica – a verdadeira – atingir as mesmas finalidades, com muito mais vantagem.

Vamos ser sinceros: quando eu escrevo **vende-se este terreno**, pretendo significar que **este terreno é vendido** (ou **está sendo vendido**)? Claro que não. É o interesse de não ser identificado (ou, às vezes, um simples pudor) que me leva a não escrever **vendo este terreno** (o que seria claro, direto e honesto). Ao optar pelo **vende-se**, quero anunciar algo assim como **alguém vende este terreno**. Em outras palavras, estou tentando usar, com um verbo transitivo direto, aquela mesma construção que empregamos com os verbos transitivos indiretos quando queremos indeterminar o sujeito (**precisa-se de operários, necessita-se de costureiras**). Como Celso Pedro Luft nos explicou, usamos o **SE** sempre que não nos interessa especificar o **agente**. Em **aluga-se uma casa** e **vende-se este terreno**, não interessa saber quem vende ou aluga; interessa a **ação** e seu **objeto**. Por isso mesmo, quando o próprio objeto está diante dos olhos do leitor, basta pregar-lhe uma tabuleta com o verbo, e pronto: **aluga-se**, **vende-se**. Essa é a realidade; nossa insistência em manter o verbo no singular, a despeito do plural que vem depois, comprova que ninguém sente **casas** ou **terrenos** como sujeito dessas frases.

Há muito os linguistas brasileiros já sabem que a sintética é pura ficção, mas este é um daqueles tantos itens em que fica evidenciado o imenso (e estranhíssimo!) fosso que separa, de um lado, o que hoje conhecemos sobre a nossa língua e, do outro, o que a disciplina gramatical (sustentada pela maior parte dos livros didáticos) ainda difunde através do ensino. Neste caso, em particular, há um apego ainda mais inexplicável a uma dessas falsas verdades, já que muitos gramáticos "velhos", dos bons – entre outros, o grande Said Ali (em 1908!), e Evanildo Bechara, seu principal discípulo, e João Ribeiro –, já expressaram sua convicção de que esta estrutura estava morta. Acontece que não são os verdadeiros especialistas quem detém o poder da opinião gramatical no Brasil; este vem sendo exercido, desde o Império, por indivíduos de pouca cultura linguística e magros dotes intelectuais, que ocupam as posições de destaque na imprensa e nas editoras, impondo ao sistema escolar uma língua aprisionada numa estreita moldura teórica – o que é, paradoxalmente, a verdadeira razão de seu sucesso, pois isso dá ao usuário aquela sensação de

segurança que o espírito redutor sempre oferece. Basta comparar a atitude aberta, indagativa, de velhos sábios como Said Ali ou Mário Barreto, com a posição autoritária e estreita da grande maioria dos autores que escrevem hoje, século XXI, sobre Língua Portuguesa. O próprio Said Ali já definia, curto e seco, o problema desses bacharéis gramatiqueiros, com sua mirrada análise linguística: eles **"pecam por excesso de raciocínio dentro de limitado círculo de ideias"**. Criaram um estreito arcabouço lógico para a língua (que, como sabemos, **não** é lógica) e nele basearam toda uma "disciplina gramatical" que, como não poderia deixar de ser, não passa de uma entediante arquitetura fantasiosa, sem o imprescindível apoio da realidade.

A passiva sintética vive nesse mundo fictício, mas vive. É um mecanismo perverso: mesmo aqueles que já estão convencidos de que ela é uma estrutura artificial não ousam ignorá-la, pelo medo de ser avaliados desfavoravelmente por seus leitores, que provavelmente acreditam nessa versão "oficial" do Português. Eu, por exemplo (que não acredito na sintética), vou escrever **vende-se casas**? Jacaré escreveu? Nem eu! Esse é um dos maiores fatores dessa sobrevivência virtual da sintética: ninguém quer se arriscar a ser o primeiro – isso é mais que humano (além do fato de que, vamos ser sinceros, não se trata de algo tão importante assim que valha o incômodo...). E ela segue vivendo da ilusão dos concursos, dos vestibulares, das petições, dos textos formais e conservadores. O que apresento a seguir é uma suma da concepção tradicional sobre a voz passiva sintética; embora eu dela discorde, friso que ela deve ser conhecida por quem quer que precise demonstrar domínio da Norma Culta Escrita tradicional.

A visão tradicional

Ao lidar com a voz passiva sintética (também chamada de **pronominal**, por causa do **se**, pronome apassivador), nosso maior problema é **reconhecer o sujeito** da frase. Em estruturas do tipo **aceitam-se cheques** ou **compram-se garrafas**, o elemento que vem posposto ao verbo é considerado o sujeito (paciente da ação). Ora, a passiva sintética não é sentida como voz passiva pela maioria dos falantes, que, vendo em **cheques** e **garrafas** um simples objeto direto, deixam de concordar o verbo com eles. Nasce aqui o que um antigo gramático chamava de "o erro da tabuleta": ***aceita-se cheques**, ***compra-se garrafas**.

Como já disse acima, não vou discutir, aqui, a real existência da passiva sintética; contento-me em explicar como é que a doutrina gramatical escolar a descreve. Não esqueça que ela é ainda encarada como um dos traços que caracterizam o uso culto formal, e você pode ter certeza de que estará presente nas questões de vestibulares e concursos. É necessário, portanto, que você saiba identificá-la e que faça a competente concordância.

Para quem tem uma formação mínima em sintaxe, não é tão difícil reconhecê-la: verbos **transitivos diretos** seguidos de se (não reflexivo) constituem casos inequívocos dessa estrutura. Se ainda assim persistirem dúvidas, lembre que a frase na passiva sintética tem forma equivalente na passiva analítica:

Aceitam-se cheques – Cheques **são aceitos**

Compram-se garrafas – Garrafas **são compradas**

Se o verbo for **transitivo indireto**, é evidente que a passiva – tanto a sintética quanto a analítica – não pode ocorrer. A construção com verbo **transitivo indireto** + **se** é uma das formas do sujeito indeterminado no Português, ficando o verbo sempre na 3a pessoa do singular:

Precisa-se de serventes.

Falava-se dos últimos acontecimentos.

Aqui, **serventes** e **últimos acontecimentos** têm a função de objetos indiretos. Em frases como essas, muitas vezes ocorre o erro no sentido inverso: assim como o caipira da anedota, várias vezes admoestado a não dizer ***fia** e ***paia** em vez de **filha** e **palha**, termina saindo-se com um "**as arelhas da pralha**", falantes que se preocupam demais com este erro de concordância com a passiva terminam por flexionar também essas estruturas com verbo transitivo indireto:
INACEITÁVEL ***Precisam-se** de serventes.
INACEITÁVEL ***Falavam-se** dos últimos acontecimentos.

A maneira mais indicada para assegurar a concordância correta é, aqui, distinguir a **regência do verbo**. Se for transitivo indireto, certamente não se tratará de caso de voz passiva. Com isso, contudo, fica impossível lidarmos com essa estrutura se não formos capazes de fazer todas as distinções sintáticas necessárias; nada mais natural, portanto, que o uso da sintética tenha ficado reduzido à escrita de usuários cultos e extremamente cautelosos.

Aumenta a preocupação: as locuções verbais

Quando o verbo principal de uma locução verbal é transitivo direto, ocorrerá normalmente a voz passiva, flexionando-se (como é característico das locuções) o **verbo auxiliar**:

(ativa) O rei **tinha autorizado** as núpcias do poeta.

(analítica) As núpcias do poeta **tinham sido autorizadas** pelo rei.

(ativa) A miopia **pode estar prejudicando** este garoto.

(analítica) Este garoto **pode estar sendo prejudicado** pela miopia.

(analítica) Estas terras **tinham sido compradas**.

(sintética) **Tinham-se comprado** estas terras.

(analítica) As condições do tratado **devem ser respeitadas**.

(sintética) **Devem-se respeitar** as condições do tratado.

Nessas construções de passiva sintética com auxiliar, mais facilmente ainda podemos deixar de fazer a concordância com o sujeito posposto:
INACEITÁVEL ***Tinha-se** comprado estas terras.
INACEITÁVEL ***Deve-se** respeitar as condições
do tratado.

Aqui, no entanto, há um senão: há vários auxiliares que impedem a transformação passiva (analítica ou sintética). Os gramáticos velhos os denominavam de **auxiliares volitivos**: os que indicam vontade ou intenção – **querer**, **desejar**, **odiar**, etc. – e os que indicam tentativa ou esforço – **buscar**, **pretender**, **ousar**, etc. A frase "O homem **tenta desvendar** os mistérios da Natureza" não admite a passiva "*Os mistérios da Natureza **tentam ser desvendados** pelo homem", da mesma forma que "Eu **quero convidar** Fulana" não corresponde a "Fulana **quer ser convidada** por mim".

Numa frase como "**Pretende-se importar** os componentes", o auxiliar deixa claro que não se trata de passiva sintética (**componentes** não pode ser o sujeito de **pretender**). O que temos aqui, na verdade, é um **sujeito oracional** (o sujeito das frases abaixo é a **oração subjetiva** em destaque), e o verbo fica na 3a do singular:

Pretende-se **importar os componentes**.

Busca-se **eliminar as diferenças**.

concordância do verbo **ser**

> Afinal, qual é o correto: “Meu problema **é** os olhos” ou “Meu problema **são** os olhos”? “Tudo **é** vaidades” ou “Tudo **são** vaidades”?

*Prezado Professor, sempre me confundo com o verbo **ser**: “As lembranças **é** tudo o que fica na memória” ou “As lembranças **são** tudo o que fica na memória”? Quando eu uso **é** ou **são**? Tenho de concordar com o que vem **antes** ou com o que vem **depois** do verbo? Para mim, é a maior confusão; já tentaram me explicar, mas nunca entendi.*

Rubem Paes

Meu caro Rubem, se lhe serve de consolo, fique sabendo que determinar o **sujeito** do verbo **ser** não é fácil para ninguém. Numa frase como “O pinheiro é muito alto”, não há dúvida alguma quanto às funções sintáticas: **o pinheiro** é o **sujeito** e **muito alto** é o **predicativo**. No entanto, numa frase como “**A responsável** é **ela**”, já não temos certeza de qual dos dois termos em destaque funciona como **sujeito** (e, portanto, comanda a **concordância** do verbo).

Se nos apegarmos à ideia de que o **sujeito** é o que fica **à esquerda** do verbo, diremos que o sujeito é **a responsável** – o que se revela um palpite infeliz assim que fazemos uma simples alteração na frase: “*A responsável **é** tu”. Essa frase é inaceitável. No Português culto, o verbo **ser** deve concordar com **tu**; a forma correta será “A responsável **és tu**”.

Alguns autores afirmam que, aqui, “o verbo está concordando com o predicativo”! – o que faria do verbo **ser** uma verdadeira atração de circo: “Vejam! Vejam! O único verbo que consegue concordar com outra coisa que não o sujeito da frase!”. Pelo tom que adotei, você percebe que não julgo ser essa uma boa interpretação do fenômeno. Acho que é muito mais adequado dizer que o sujeito do verbo **ser** ora pode vir **antes**, ora **depois** do verbo; em cada frase específica, você deverá, então, **para fazer a concordância**, decidir qual é o

sujeito, qual é o **predicativo**. Para tanto, note que as pessoas que escrevem bem em nossa língua seguem, **geralmente**, uma ordem de precedência que vai depender dos elementos que estiverem de um lado e do outro do verbo **ser** – mais ou menos similar àquele código de boa conduta que todo jovem devia seguir, nos anos 70, ao embarcar num ônibus ou qualquer transporte coletivo. Vamos recordar a cena: todos os assentos do ônibus estão tomados, exceto um. Sobem dois passageiros, uma velhinha coroca e um jovem atleta. A quem pertence o assento vago, no código da etiqueta e da educação? É claro que à velhinha. E se os dois novos passageiros forem uma jovem de perna quebrada e uma velhinha de cabelo grisalho? Eu diria que à jovem de perna quebrada, que tem mais dificuldade de se manter de pé (no meu tempo de faculdade, quatro ou cinco dos passageiros que estavam sentados levantariam e começariam a brigar pelo privilégio de ceder o seu lugar à vovozinha; hoje...). E se for uma jovem de perna quebrada e uma jovem grávida de oito meses? E se for uma velhinha de perna quebrada e uma velhinha grávida? E assim por diante, dois a dois, os passageiros iriam subindo neste nosso ônibus virtual, e nós iríamos decidindo de acordo com os códigos não-escritos da grande tribo em que vivemos. Assim é com o nosso verbo **ser**: para decidir quem vai ocupar o lugar do sujeito, temos de comparar os dois candidatos ao cobiçado assento:

(1) **substantivo humano** + **ser** + **substantivo não humano** – o sujeito será o substantivo com traço **humano**, qualquer que seja sua posição na frase: "O pior **são os vizinhos**"; "O inferno **são os outros**"; "**Minha filha é** meus cuidados".

(2) **substantivo** (qualquer) + **ser** + **pronome pessoal reto** – o sujeito será o **pronome reto**, que, como você já viu, sempre exerce a função de **sujeito**: "A responsável **és tu**"; "O responsável **sou eu**"; "Os interessados **somos nós**".

(3) **substantivo no singular** + **ser** + **substantivo no plural** – a preferência é normalmente dada ao substantivo com o traço **plural**: "Meu problema **são os dentes**"; "**Os tijolos são** um material barato".

(4) **substantivo** + **ser** + **pronomes não-pessoais** (**quem**, **que**, **isto**, **aquilo**, **tudo**, **nada**) – neste caso, o mais aconselhável é considerar sujeito o **substantivo**: "Tudo **são mentiras**"; "Aquilo são **invenções**". Isso esclarece a forma correta da frase que você menciona: "**As lembranças são** tudo o que fica na memória".

Quando se trata de concordar com **quantias**, **distâncias**, **horas**, etc., o verbo

ser deverá concordar com a **expressão numérica**: se ela for igual ou maior do que 2, use o **plural**: “**São** quase **duas horas**”; “É **uma e meia**”; “Daqui ao centro são **três quilômetros**”; “Aqui está a conta: são **dois mil reais**”. Com **datas**, alguns autores querem que se mantenha essa concordância com o numeral: “**Eram dez** de setembro”; “**São dois** de julho”. O uso moderno, no entanto, não aceita essa forma, preferindo “**Era** [o dia] dez de setembro”; “**É** [o dia] dois de julho”. No caso de prestar um concurso público, cabe a você, com um pouco de discernimento, distinguir a qual das duas correntes se filia a banca examinadora. Em caso de dúvida, faça a concordância **são**, **eram**, etc., pois esta é uma posição que encontra muitos adeptos entre os gramáticos conservadores, os quais, por uma ironia do destino (ou não?) constituem a bibliografia básica da maioria das bancas.

agente somos?

> “A gente **somos** inútil” – canta, em tom de brincadeira, o grupo DeFalla (o mesmo que lançou o famigerado “Popozuda”). Mas por que está errado? **A gente** não é a mesma coisa que **nós**? Dois leitores fazem perguntas diferentes sobre o mesmo tema.

1) Caro Professor Moreno, a expressão ***a gente****, tão comumente usada hoje em dia, trata-se de um terrível mau uso da língua ou é apenas uma cacofonia, pois dói no ouvido? Grato.*

Rubens G. – Campinas (SP)

Meu caro Rubens, mas que maneira de colocar a questão! Do jeito que você escreveu, ou você mata, ou enforca! A Retórica alertava para esses falsos dilemas, que não deixam saída para o interlocutor: “Você ainda bate na sua avozinha, ou resolveu agora ter pena da pobre velhinha?”. Note que, seja qual for a resposta, você estará admitindo uma atitude lamentável contra a terceira idade. “**A gente**” é um “**terrível mau uso**” ou “**apenas uma cacofonia**”? Deu para sentir a maldade?

Pois eu acho que o aparecimento dessa expressão é bom em parte, em parte é ruim, Rubens. A força com que **gente** entrou no Português quotidiano parece

revelar que temos necessidade de uma forma assim – um indicador de impessoalidade, como o ***on*** do Francês, para substituir o **nós**, que é muito mais particularizado. Note que, do ponto de vista flexional, **gente** tem a vantagem de usar a 3a pessoa do singular, a mais simples e menos marcada de todas: "a gente **decidiu**", "a gente precisa **entender**", etc. O problema surge, no entanto, na hora de escolher os **pronomes** (pessoais e possessivos) que irão fazer companhia ao vocábulo **gente**: apesar de ser gramaticalmente da 3a pessoa, o seu emprego no lugar do **nós** levaria a frases como "*a gente trouxe **nossos** ingressos", "*a gente precisa entender **nosso** pai" – aí sim, Rubens, exemplos de mau uso (mas já não sei se tão "terrível" assim...). Vamos ver como o sistema vai resolver essa; entender uma língua é, antes de mais nada, observar as tendências naturais que ela decide seguir.

P.S.: Fique atento para um erro que começa a aparecer por aí: andam escrevendo "***agente** precisa tomar cuidado", "***agente** não sabia o que estava acontecendo". Que tal?

*2) Caro Professor Moreno, ficaria muito grato se o senhor esclarecesse **quem** pode fazer uso da **silepse**. Vou ser mais explícito: de acordo com o que vi nas gramáticas sobre **silepse**, poderíamos dizer "**a gente vamos**", pois o verbo concordaria com o plural implícito no vocábulo "gente". Seria silepse de número?*

David A. – Maceió (AL)

Meu caro David, **quem** pode usar a silepse? Quem quiser, ora. A língua é uma das poucas instâncias democráticas que temos. Se você quer saber **quando**, aí já é outro departamento. Mas, cuidado: as gramáticas não dizem que podemos usar "*a gente vamos": isso é erro bravio, do mato cerrado. O que acontece com "gente" é que, às vezes, passamos para o seu conteúdo intrinsecamente plural: "A **gente** estava atravessando um momento muito difícil. Depois de três dias, **decidimos** recorrer ao senhor". Note que não se trata de "***a gente decidimos**". Estamos em outra oração, com outro verbo; houve a transição natural de **a gente** para **nós**. Há uma banda jovem (a que toca "Popozuda"...) que **ridiculariza esse erro** – aliás, numa bela batida funque: "**A gente somos inútil**!".

o povo brasileiro somos

Prezado Professor, eu gostaria de saber se a frase ***O povo brasileiro somos patriotas*** *está correta. Grato.*

José Neto – Óbidos (PA)

Meu caro José, o processo de concordância verbal é extremamente simples em nosso idioma: **sujeito** no singular, **verbo** no singular; **sujeito** no plural, **verbo** no plural. Como na sua frase o sujeito é o **povo brasileiro** – 3a pessoa do singular –, a concordância usual é "O povo brasileiro **é patriota**" – simples assim. No entanto, podemos, em ocasiões muito especiais (e ponha ênfase nesse "**muito**"!), quebrar essa correspondência entre a marca de número e pessoa que o sujeito ostenta e a marca de número e pessoa que o verbo dele deve copiar. Nesses casos, desprezamos o que a **forma gramatical** do sujeito determina e preferimos levar em consideração os traços de número e pessoa que estão **implícitos** no seu **significado**. É a velha concordância *ad sensum* ("pelo sentido"), descrita em nossas gramáticas tradicionais com o nome de **silepse** ou **concordância ideológica**. Desta forma, aproveitamos para realçar nosso pertencimento (não está ainda na maioria dos dicionários, mas já tem verbete no incomparável ***Houaiss***) ao povo brasileiro, usando a primeira pessoa do plural: "Os brasileiros **somos**".

O efeito é muito esquisito, mas a construção aparece em autores clássicos, o que nos assegura que pode ser usada sem grandes reclamações. Todavia, como certas substâncias perigosas, o limite entre a dose adequada e a dose mortal é muito tênue. Sei que você não pediu, mas dou-lhe um conselho de amigo: evite esse recurso! Se alguns (poucos) escritores bons souberam usá-lo com adequação, logo ele passou a ser de gosto extremamente duvidoso, pois os maus escritores (eram tantos!) do final do século XIX e do início do século XX gostavam de exibi-lo como sinal de domínio (!) do idioma – algo assim como andar de bicicleta de ponta-cabeça ou sem usar as mãos.

Bem diferente seria se, num texto, começássemos a falar do povo brasileiro e, em seguida, passássemos a usar a 1a pessoa do plural, assumindo nossa

identidade nacional e reforçando nossa inclusão: "**O povo brasileiro** é tratado com inaceitável desprezo pelo capital estrangeiro. Basta! Não **aceitamos** mais..." – isso traz vários bons efeitos retóricos. Agora, assim de supetão, "**o povo brasileiro somos**..." – isso é para aqueles discursadores baratos que falam de cima de um caixotinho de querosene Jacaré. Outra solução seria simplesmente reformular a frase para "**Nós**, o povo brasileiro, **somos**...". Neste caso, o sujeito do verbo é **nós**, enquanto **o povo brasileiro** passa a ser apenas um **aposto**. Também fica bem palatável.

os Estados Unidos é?

Uma leitora do Japão pergunta se os **Estados Unidos é** ou **são** uma potência mundial; não que ela tenha dúvida sobre o poder deste país, mas sim sobre a concordância do verbo **ser**.

Caro Professor, gostaria de tirar uma dúvida que já causou um pequeno debate entre mim e umas colegas de trabalho. Sabemos que a palavra ***Estados Unidos*** *é sempre usada no plural. No entanto, gostaria de saber, numa frase, como fica a* ***concordância do verbo****: "Os Estados Unidos* ***é*** *ou* ***são*** *uma potência mundial"? Eu tenho a impressão de que, na escola, uma professora muito bem conceituada na minha cidade me ensinou que nesse caso deveríamos usar* ***o verbo no plural –*** *e foi o que defendi na tal discussão.*

Sheila Mayumi Y. – Aichi-Ken (Japão)

Minha cara Sheila, pelo que vejo, você teve a sorte de ter uma boa professora. Quando o Português faz acompanhar um nome geográfico no plural pelo artigo definido também no plural (**os** Estados Unidos, **os** Emirados Árabes, **as** Antilhas, etc.), isso indica que esse nome terá o comportamento sintático de **qualquer substantivo plural**. Você pode observar isso em expressões como "**os poderosos** Estados Unidos"; "Ele não gostava dos Estados Unidos; respeitava-**os**, apenas, por seu..."; "Os Estados Unidos se **tornaram**...". Compara com **Campinas**, **Manguinhos**, **Lajes**, etc. – embora tenham a marca do plural, entram na sintaxe como vocábulo no singular ("Campinas **é**...", "**a orgulhosa** Campinas",

etc.).

mais sobre Estados Unidos

*Caro Professor, vi sua resposta sobre concordância verbal quando o sujeito é **Estados Unidos** e gostaria de saber, nas frases "os EUA **é/são** o país mais rico do mundo" e "um país como os EUA não **pode/podem** deixar de investir nas novas tecnologias", se os verbos são também conjugados no plural. Muito obrigado pela atenção. Abraço.*

Marcelo V. – Goiânia (GO)

Meu caro Marcelo, as duas frases são construções diferentes. Na frase "**Os EUA** são **o país mais rico do mundo**", temos a clássica estrutura [**sujeito**+verbo SER+**predicativo**]. Ela é similar a **"os olhos** são **seu maior problema**", "**os dois excelentes zagueiros** são **a garantia de nossa defesa**". Como é que posso afirmar que o sujeito da frase, **Estados Unidos**, é **plural**? É muito simples; basta ver que o sintagma está assim estruturado: [**os**+**EUA**]; ora, como o artigo ("os") é obrigado a concordar com o núcleo do sintagma ("**EUA**"), o fato de estar no plural é indício indiscutível de que o núcleo também está.

Já a segunda frase tem como sujeito [**um país como os EUA**], cujo núcleo é "**país**" ("**um**" é artigo indefinido; **"como os EUA"**, exatamente por vir ligado por preposição ao núcleo, **país**, é um mero elemento periférico). O verbo sempre concorda, você bem sabe, com o **núcleo** do sujeito; portanto, teremos aqui "um **país** como os Estados Unidos não **pode**" – no singular. O mesmo acontece em "um **arquipélago** como **as Antilhas não pode**", "uma **potência petrolífera** como **os Emirados Árabes não pode**".

concordância com percentuais

> Um leitor escreveu, num cartaz, "**Serão destinados** 20% da renda ...". Um boi-corneta anônimo riscou e trocou para "**Será destinada**". Quem estava com a razão?

Prezado Professor, pediram-me que escrevesse um cartaz em que aparecia a seguinte frase: “20% da renda ***serão destinados*** *às instituições de caridade...”. Alguns colegas argumentaram que o verbo deveria estar no singular para concordar com* ***renda****. Como não chegamos a um consenso, resolvi mudar o cartaz para: “****Serão destinados*** *20% da renda às instituições...”. Um dia depois, alguém riscou a frase no cartaz, colocando o verbo no singular e anexando uma “regra” da gramática do Napoleão Mendes de Almeida explicando o assunto. Mesmo assim, entendo que o verbo no plural não esteja errado. O que o senhor acha?*

Paulo W. – Jaboatão dos Guararapes (PE)

Meu caro Paulo, você estava com a razão desde o início. Na concordância com **percentuais**, tudo o que for **igual ou maior que dois** deve ser considerado **plural**: “2,5% da quota **valem** muito”, “30% da assembleia **votaram**...”. É claro que aqui o elemento periférico do sintagma, que se liga ao núcleo por meio de uma preposição (**quota**, **assembleia**), exerce uma forte atração semântica, o que leva muitos falantes a fazerem a concordância com o periférico e não com o núcleo: “2,5% da quota **vale** muito”, “30% da assembleia **votou**”. Todos os gramáticos **também** aceitam essa hipótese.

Você já deve ter observado o mesmo fenômeno com as expressões partitivas: “a **metade** dos alunos”, “**grande parte** dos eleitores”. A concordância normal é com o **núcleo**: “a **metade** dos alunos **faltou**”, “grande **parte** dos eleitores se **absteve**”; contudo, é perfeitamente aceitável (e compreensível) “a metade dos **alunos faltaram**”, “grande parte dos **eleitores** se **abstiveram**”. Note o que estou dizendo: é também **aceitável**; eu não disse **preferível**. Eu, particularmente, só faço a concordância com o **núcleo**, por várias razões que não cabe aqui discutir. As duas hipóteses estão corretas; contudo, a primeira é a determinada pela estrutura de nossa língua – a que existe por “licença” de uso é a segunda. Se seus colegas preferem a segunda, tudo bem; você, no entanto, pode ficar com a que escolheu.

Quanto ao Napoleão (autor que eu cito algumas vezes, sempre com adjetivos como “folclórico”, “peculiar”, etc.), não concordo com as regras dele sobre este caso de concordância. Entre os especialistas, ele é visto como um autodidata muito experiente, agudo observador dos fatos da linguagem, valente

defensor do bom Português, mas cheio de ideias próprias (e completamente fantasiosas, muitas vezes). Ele às vezes dá no prego, mas muitas vezes dá na tábua. Eu já encontrei ótimas observações, tanto em sua ***Gramática Metódica*** quanto em seu ***Dicionário de Questões Vernáculas***, mas já tive várias confirmações de que o leitor leigo não consegue distinguir o que é e o que não é confiável.

Achei divertidíssima a mudança que você fez no cartaz: de "**20% da renda serão destinados**" passou para "**serão destinados 20% da renda**"! Na verdade, você apenas trocou **seis** por **meia dúzia**! A inversão da ordem "sujeito-verbo" para "verbo-sujeito" não tem efeito algum sobre a concordância – embora eu reconheça que, com a inversão introduzida, você deve ter acalmado alguns de seus opositores ao desviar a atenção que antes estava focada no sujeito.

fui eu quem começou

*Professor, gosto muito das crônicas da Martha Medeiros e acho que ela escreve muito bem. Esses dias, contudo, fiquei cismada com uma frase que ela usou: "**Não fui eu que comecei**". Não poderia ser **não foi eu quem começou**, ou ainda, **não foi eu que comecei**?*

Marília T. – Joinville (SC)

Minha cara Marília, vamos começar separando as orações que compõem essa frase: **não fui eu** e **que comecei**. Na primeira, o verbo **ser** vai concordar obrigatoriamente com o **sujeito**, expresso por um pronome pessoal: **fui eu**. Em hipótese alguma poderíamos ter aquele "*foi eu", como você escreveu.

Na segunda oração, o **que** é um pronome "vazio", isto é, ele vai assumir o valor do **antecedente** que ele representa (que é, obviamente, o sujeito da primeira oração):

fui **eu** que **fiz**

foste **tu** que **fizeste**

foi **ele** que **fez**

fomos **nós** que **fizemos**

Já o pronome **quem** é um pronome de 3a pessoa, e assim vai ficar o verbo da segunda oração:

fui eu **quem fez**

foste tu **quem fez**

foi ele **quem fez**

fomos nós **quem fez**

Podemos optar pela forma que melhor nos aprouver; o que não podemos fazer é **misturar** uma com a outra ("*somos nós **quem fazemos**" ou "*somos nós **que faz**" são frases absurdas).

A frase da Martha, portanto, está correta; ela poderia também ter escrito "**Não fui eu quem começou**", mas preferiu (como a maioria de seus leitores o faria) a primeira.

a maioria dos homens

> Uma jovem leitora escreveu "a maioria dos homens **fica encabulada**"; a professora corrigiu para "**ficam encabulados**". Quem está com a razão? O Professor vem serenar os ânimos.

*Professor, tenho 12 anos e estou na 7a série. Fiquei indignada com a correção que minha professora de Português fez na minha redação, considerando **errada** a concordância na frase "A maioria dos homens **fica encabulada** de fazer os exames de próstata". Ora, tenho quase certeza de que minha forma está correta. Mas pode haver outra forma para a mesma frase, como, por exemplo, a forma corrigida? Segundo ela, o correto seria "A maioria dos homens **ficam encabulados** de fazer* *os exames de próstata".*

Camilla Maciel S. – Jundiaí (SP)

Minha cara Camilla, eu também prefiro a concordância com o **núcleo** do sintagma ("a **maioria** dos homens **fica**"), mas todos os gramáticos prescritivos concordam em admitir **também** (ou seja: é uma "licença" que aqueles senhores "concedem" por causa do uso) a concordância com o **termo periférico:** "a maioria dos **homens ficam**"). Escrevi algo a respeito disso no artigo sobre **concordância com percentuais**. Só há um complicadorzinho no seu caso específico, que é o adjetivo **encabulado**. Se optarmos (como você e eu) pela concordância com o núcleo **maioria**, o adjetivo fica **encabulada**, como você escreveu – e vamos ter de convir que esse feminino não soa tão bem numa frase que fala de **homens**. Afinal, homens deveriam ficar encabulados!

Talvez por isso a sua professora tenha preferido a concordância opcional com "**homens**". De qualquer forma, a redação que você fez está correta; resta saber se ela discordou da concordância por considerá-la "**errada**" ou por estar apenas aconselhando você a optar por outra forma mais bem-soante – coisa que eu faço a toda hora nas redações de meus alunos. Fale com ela, que eu acho que tudo vai se esclarecer.

Curtas

notifiquem-se os interessados

Adriana P., de Salvador (BA), quer saber qual é a forma correta: "**notifique**-se os interessados" ou "**notifiquem**-se os interessados".

Minha cara Adriana, **interessados** é o sujeito dessa frase; logo, **notifiquem-se os interessados**, ou **notifique-se o interessado**, se for um só. Recomendo que você dê uma olhada no que escrevi na **concordância com a voz passiva sintética**. Lá está tudo bem explicadinho.

concordância com **a maioria**

Um leitor que foi batizado com o estranho nome de “Escritório Modelo” quer saber qual a forma correta: “a maioria dos eleitores **votaram** ou **votou** neste candidato”? Alega que sempre achou que o verbo deveria concordar com **maioria**, mas notou que os jornais fazem a concordância utilizando-se do plural **votaram**.

Meu caro Escritório Modelo (já que não veio com nome de gente...), eu prefiro concordar com o **núcleo** do sujeito: a **maioria** dos alunos **votou**, **grande parte** dos deputados se **absteve**. Contudo, como a atenção do falante é fortemente atraída pelo modificador do núcleo, é também comum – e aceita pelos gramáticos tradicionais – fazer a concordância com este elemento periférico: a maioria dos **alunos votaram**. Eu me sinto mais seguro com a primeira, que é sempre indisputável, mas muita gente prefere a segunda. Dê uma lida no que escrevi antes sobre **a maioria dos homens**, pois lá faço alguns comentários sobre este tópico.

é uma e meia

Luís Henrique, um paulistano de 18 anos, tem dúvida quanto à concordância com o **número de horas**; sabe que é correto dizer “**é** uma hora” e “**são** duas horas”, mas hesita quando se trata de “uma e meia”.

Meu caro Luís Henrique, o plural, nas línguas ocidentais, começa quando tivermos **dois** ou **mais de dois**. Portanto, “**É** uma hora”, “**É** uma e meia”, “**É** uma hora e cinquenta e nove minutos – PLIM! **São** duas!”

concordância do verbo **ter**

Roselly S., de Caxias do Sul (RS), tem dúvida quanto ao verbo **ter**. Diz ela: “Na frase ‘a maioria das pessoas **tem**’, ele permanece no singular. Certo? A minha dúvida é como ele fica na frase ‘Obrigação que qualquer das partes **tem** ou **têm**’?”.

Minha cara Roselly, são duas situações completamente diferentes, embora com o mesmo resultado. Em “a maioria das pessoas **tem**”, o verbo está no singular porque concorda com o núcleo do sujeito, **maioria**. Em “obrigação que qualquer das partes **tem**”, o verbo concorda com o pronome **qualquer** (singular de **quaisquer**). Compare: “**Qualquer** um dos alunos **sabe**”, “**Qualquer** um dos candidatos **afirma**”, e assim por diante.

mais de um votou

O leitor que se assina “Pigmeu”, de São Paulo (SP), diz que a namorada quer saber a forma correta: “Isso ocorre nos condutores quando mais do que um nível de tensão **for modelado/forem modelados** numa estação”. “A dúvida nasceu por causa do **mais do que um**”, diz Celso, que se declara decidido a manter o saldo positivo com sua garota...

Meu prezado Pigmeu, a concordância usual, na linguagem culta, com **mais de um** é com o verbo no **singular**: “quando mais de um nível de tensão **for modelado**”. Na verdade, isso faz parte de uma regra mais ampla: o **numeral** depois de **mais de** é que vai decidir se é singular ou plural. “Mais de **um** deputado **votou**”, “mais de **dois** deputados **votaram**”.

fomos nós **quem fez**

Ruy R. W. pergunta se não está errado escrever “Fomos nós **quem fez**”. O correto não seria “fomos nós **quem fizeram**”?

É claro que não, meu caro Ruy; o **quem** é um pronome que leva sempre o verbo para a 3a pessoa do **singular**: “fomos nós **quem fez**”, “foram eles **quem fez**”. Essas combinações soam tão estranhas que preferimos, em geral, usar o **que** em vez do **quem**. Nesse caso, o verbo vai concordar com o antecedente do **que**: fui eu **que fiz**, fomos nós **que fizemos**, foram eles **que fizeram**.

é nestes momentos que...

Lima, de Campina Grande (PB), precisa saber qual a forma correta: (1) “É nestes momentos que me **parece difícil** dizer palavras de consolo”; (2) “É nestes momentos que me **parecem difíceis** dizer palavras de consolo”; ou (3)”**São** nestes momentos que me **parecem difíceis** dizer palavras de consolo”?

Caro Lima, a sua primeira hipótese está correta; as outras duas, completamente erradas. A frase “É nestes momentos que me parece difícil dizer palavras de consolo”, na verdade, assim se decompõe: [**dizer palavras de consolo**] [**é que me parece difícil**] nestes momentos.

erro de concordância

Ana Célia G. reclama de um cartaz feito pelos alunos da escola em que sua filha estuda: “Não permita que as dificuldades da vida **o impeça** de florescer”. Ela acha que o verbo deveria estar no plural (**não o impeçam**), mas a professora alegou que a concordância estava correta.

Prezada Ana, você é quem está com a razão. O sujeito do verbo **impedir**, nesta frase, é **as dificuldades da vida**, exigindo, necessariamente, a concordância com a 3a pessoa do plural: “Não permita que as dificuldades da vida **o impeçam** de florescer”. Só espero que a professora que disse que o singular estava correto não seja a de Português; se for, é bom ir pensando numa outra escola para a filha de vocês.

quantos dias **tem** a semana

Aline, de Caxias do Sul (RS), manda uma dúvida que ninguém soube responder na sua sala de aula, nem mesmo o professor: deve-se acentuar o verbo na frase ‘Quantas horas **tem** uma semana”? Acrescenta: ‘O senhor poderia me enviar coisas que comprovassem essa resposta para mostrar para meu professor”?”.

Minha cara Aline: não tenho de enviar nada para comprovar a resposta, já que se trata de uma regra básica de concordância: o verbo sempre vai concordar com o seu sujeito, que, no caso, é obviamente **semana**: “Quantas horas **tem** uma semana”, ou, se você quiser, “Quantas horas uma semana **tem**”. Espero que o professor que você menciona não seja de Português...

doam a quem **doerem**

Teófilo S., de Barbalha (CE), quer saber se a frase “**Doa a quem doer esses fatos**” tem algum problema.

Caro Teófilo, o problema é de concordância. O sujeito é “esses fatos”, e a frase correta seria “**Doam** a quem **doerem** esses fatos” (entenda-se: “doam esses fatos a quem esses fatos doerem”). Compare com o singular “**doa** a **quem** doer esse fato”.

aluga-se uma casa

O leitor Edvaldo diz que aprendeu, quando ainda no ginásio, com um professor de Português muito bom, que o certo era **alugam-se uma casa**. No entanto, como vê constantemente placas com **aluga-se uma casa**, quer saber qual das duas formas é a correta.

Meu caro Edvaldo, acho que a sua memória está lhe pregando uma peça, porque seu professor jamais lhe ensinaria que ***alugam-se uma casa** está correto. Ou vamos usar **aluga-se uma casa** (voz passiva sintética; aqui, “uma casa” é o **sujeito**, e o verbo tem de ficar no singular), ou **alugam uma casa** (voz ativa, com **sujeito indeterminado** indicado pelo verbo na 3a pessoa do plural).

que horas são?

Édson Dutra Caro quer saber se a forma correta é “que horas **são**?” ou “que horas **é**?”. Pergunta ele: “O verbo acompanha o sujeito?”.

Meu caro Édson, o verbo **sempre** vai concordar com o sujeito, que, no caso, é **horas**. Por isso, a forma correta é “que **horas são**” (se você usar o plural), ou “que **hora é**” (se você usar o singular). Note, no entanto, que a primeira é muito mais aconselhável, já que, na grande maioria das vezes, a resposta será “são duas”, “são cinco”, etc. Em outras palavras: há, por razões óbvias, muito mais situações em que a hora vai envolver o plural. O singular aparece

obrigatoriamente com **meio-dia**, **meia-noite** e **uma hora**: "**é** meio-dia e vinte", "**é** meia-noite e quinze", "**é** uma e dezesseis", e assim por diante.

o prazo é de 10 dias

Tânia L., leitora de São Paulo (SP), chega a uma conclusão filosófica: "A certeza é quase sempre uma armadilha. Apostei, sem titubear, que o correto seria dizer: 'O prazo **é de** 10 dias', mas parece que também estaria correto 'O prazo **são de** 10 dias'. Será que eu perdi a aposta? Estava valendo uma garrafa de uísque..."

Prezada Tânia, o que salvou você foi a preposição "**de**": "o prazo **é de** 10 dias". Se usássemos uma construção em que o sujeito fosse **10 dias**, poderíamos defender que também estaria correto "o prazo **são** 10 dias". Agora, "*o prazo **são de** dez dias" é indefensável; sorte a sua.

Estados Unidos

Terry S., um leitor americano, escreve para comentar a concordância com **Estados Unidos**: "Em Inglês, **Estados Unidos** é sempre usado com o valor de um **singular**: 'The United States **is** a big country. The U.S. **is** a world power. The U.S.A. **has** a problem with illegal immigration'. O plural dos verbos (neste caso, "**are**" ou "**have**") não é usado porque **Estados Unidos** é considerado um nome próprio, não um substantivo/adjetivo. É o nome de um país. Os **estados russos**, os **estados confederativos**, os **estados europeus**, os **estados brasileiros**, os **estados romanos**, as **ilhas havaianas** – esses sim são substantivos/adjetivos, que não começam em letras maiúsculas".

Meu caro Terry, agradeço suas observações. São esclarecedoras quanto ao uso do **Inglês**, mas nada têm a ver com o **Português**. "The U.S.A. **is**", "people

are", etc. – são características idiossincráticas do sistema flexional do Inglês, do mesmo modo como "Os Estados Unidos **são**" caracteriza o sistema do Português. Cada língua com seu uso, cada roca com seu fuso. Um abraço, Terry, e continue meu leitor atento.

faz trinta graus

Valério N. F., do Rio de Janeiro (RJ), estranha que os apresentadores de telejornais, nas informações meteorológicas, digam: "Neste momento **faz** 30 graus na cidade tal". Sua dúvida: não seria **fazem**?

Prezado Valério, o verbo **fazer**, quando indicar condições climáticas ou fenômenos meteorológicos, é sempre **impessoal**, isto é, fica sempre na terceira pessoa do singular: "aqui **faz** verões quentíssimos", "**fez** dias belíssimos durante nossa viagem ao Caribe", "aqui **faz** 30 graus à sombra".

concordância do infinitivo

O leitor Pedro Z. quer saber qual é a forma correta: "As bolsas são capazes de **ter**/**terem** eficiência nominal".

Meu caro Pedro, as bolsas **são** capazes **de ter**, nós **somos** capazes **de ter**, tu **és** capaz **de ter** – note como só o primeiro verbo varia. Se o segundo também flexionasse, teríamos horrores como "*nós somos capazes de termos", "*tu és capaz de teres".

leia-se Lula e Serra

Maria Laís P., professora de São Paulo (SP), estranhou um jornal de São Bernardo que escreveu: “Os candidatos à Presidência da República – **leiam-se** Lula e Serra – estavam empenhados em conquistar apoios”. Não deveria ser **leia-se** (onde se **lê** isso, **leia-se** aquilo)? Não se trata aí da concordância com um falso plural, já que não se quer dizer que Lula e Serra devem ser lidos?”.

Prezada Maria Laís, sim, deveria ser **leia-se**. O que enganou o redator foi outro erro presente na mesma notícia: “Lula e Serra” deveriam ter recebido um tratamento de **metalinguagem**; como não pertencem ao discurso normal do texto, deveriam vir sublinhados, em itálico ou entre aspas: os candidatos à Presidência da República – leia-se “**Lula e Serra**”. Um erro levou ao outro.

eu **sou** você

Marcelo Ferreira Lima tem uma “dúvida eterna”: qual a forma correta? “Eu **sou** você, você **sou** eu”, ou “Eu **sou** você, você **é** eu”?

Meu caro Marcelo, vou dar um fim na sua dúvida eterna: “Eu **sou** você, você **é** eu”. A frase é clássica, a solução também. Apesar do conhecido comportamento do verbo **ser** quanto à concordância, considera-se o pronome da esquerda como sujeito.

os brasileiros que sabemos?

Marino Novoa, um leitor hispano-falante que está aprendendo português, estranhou uma frase no artigo **item, itens**, no ***Guia Prático do Português Correto***, v. 1, em que escrevi "... vem sendo transmitido a todos nós, **os brasileiros que sabem** escrever". Ele pergunta se o correto não seria "vem sendo transmitido a todos nós, os brasileiros que **sabemos** escrever".

Meu caro Marino, nesta construção, trocar **sabem** por **sabemos** é um recurso literário que soa cada vez mais artificial. "**Os brasileiros somos** um povo" – isso é gramaticalmente correto, mas só caberia em linguagem erudita e rebuscada. A forma canônica, correta, é "Nós, **os brasileiros que sabem**"; o sujeito de **saber** é **brasileiros**, e não **nós**. Basta trocar o pronome pelo singular para ficar claro o que estou dizendo: "Eu, o **brasileiro que sabe** falar trinta línguas" – e nunca "***Eu**, o brasileiro **que sei** falar trinta línguas".

és **o** que governa

Ana Cláudia, de São Paulo (SP), gostaria de saber se a forma correta seria "És o que **governa**" ou "És o que **governas**" – e pergunta, de inhapa, qual seria a função sintática do "**O**".

Minha cara Ana Cláudia, a forma correta seria "És o **que governa**". Análise da oração principal: **tu** (sujeito elíptico) + **és** (verbo de ligação) + **O** (predicativo; "**O**" aqui é um pronome demonstrativo, equivalente a "aquele"). A oração subordinada adjetiva, "**que governa**", tem o pronome relativo **que** como **sujeito**; seu antecedente é o "**O**", e por isso o verbo vai ficar na 3a pessoa. Se tirássemos o pronome "**O**" daquela frase, teríamos uma construção bem diferente: "És tu **que governas**"; neste caso, o antecedente do **que** é o **tu**, e o verbo vai naturalmente para a 2a pessoa.

hão de ser corrigidos

Júlio César R., de Florianópolis (SC), pergunta se deve escrever **hão de ser corrigidos os erros**, **hão de serem corrigidos os erros** ou **há de ser corrigidos os erros**.

Caro Júlio, a única aceitável é **hão de ser corrigidos**. Compare com **havemos de ser entendidos**, **hás de ser recompensado**; note que o verbo **ser** fica invariável, em qualquer hipótese. Como você sabe, nas locuções verbais só o auxiliar **mais à esquerda** sofre flexão (**tenho** de ir, **tens** de ir, **temos** de ir, **têm** de ir); os demais ficam invariáveis. Quanto à terceira versão, ela está errada porque o verbo **haver** aqui é um simples auxiliar e deve concordar normalmente com o sujeito **erros**.

6. Tratamento

lhe, te e **você**

Uma leitora suíça estranha o uso do **lhe** no vídeo da Xuxa.

Na fita de vídeo da Xuxa que comprei para minha filha, em algumas músicas usam o ***lhe*** *dirigindo-se a alguém que não é mais velho ou que exija tratamento formal; por exemplo, "Eu* ***lhe*** *darei uma chance". No decorrer desta música, no entanto, a pessoa a quem foi dada a chance é chamada por* ***você****. Está correto?*

Thaís M. – Zurique (Suíça)

Minha cara Thaís, percebo que você está fazendo uma pequena confusão entre o **lhe** do **uso culto escrito** e o **lhe** do **uso falado**. No primeiro, que é naturalmente mais conservador, o **lhe** é o pronome de 3a pessoa usado para representar os **objetos indiretos**; a hierarquia de nosso interlocutor não é levada em consideração. Se eu devo um favor **ao rei**, ou **ao jardineiro**, ou **a você**, a frase que eu vou dizer será a mesma: "Eu **lhe** devo um favor". Neste sistema, portanto, a escolha entre **o** ou **lhe** é feita por critérios exclusivamente **sintáticos** (se o objeto é **direto** ou **indireto**).

No uso falado, contudo, desapareceu essa vinculação sintática do **lhe** ao objeto indireto, e foi-lhe atribuída a função social de expressar um tratamento mais delicado, mais respeitoso. Por isso mesmo, nas regiões do Brasil onde se usa o **você** (em vez do **tu**) para o tratamento entre pessoas de igual hierarquia, a forma escolhida para representar o objeto indireto é o **te**, que é um pronome da 2a pessoa. No Rio de Janeiro, por exemplo, vamos ouvir "**Você** foi muito gentil; eu **te** devo um favor"; "Eu **te** disse que ia dar errado, mas **você** não acreditou". Apesar de usual, essa mistura de pessoas gramaticais ainda é considerada como erro pela maioria dos gramáticos. Acho que a produção do disco da Xuxa, por ele ser destinado a crianças, tomou o cuidado de empregar apenas a norma culta – no que, vamos convir, fez muito bem.

tu x **você**

Duas leitoras compartilham a mesma dúvida: qual a diferença na conjugação verbal entre **tu** e **você**?

*Caro Professor, trabalho com textos traduzidos para a nossa língua. A respeito de verbos na forma imperativa, tenho visto muitos deles usados de forma diferente da que eu aprendi na escola. Por exemplo: olhar, "**olhe**"; escrever, "**escreva**"; ligar, "**ligue**". Pois bem... frequentemente no rádio e na televisão, ouço "**liga** agora pra nossa central...", "**escreve** aqui para a rádio". Há um comercial de celular no qual o verbo é usado como "**liga**", e até vi na capa de uma revista "**olha** a postura!". Espero que o senhor resolva de vez essa minha dúvida, que pode ser a de muitos e que me deixa espantada.*

Audrey C. – São Paulo (SP)

Prezado Prof. Moreno, aprendi, ainda quando pequena, esta oração ao Anjo da Guarda, que penso estar errada na conjugação dos verbos no imperativo. A oração é escrita assim:
Santo Anjo do Senhor,
Meu zeloso guardador,
Se a ti me confiou a piedade divina,
Sempre me rege, guarde, governe, ilumine.
Como seria a forma correta? Desde já agradeço.

Ângela S. – Caxias do Sul (RS)

Prezadas leitoras, o que está incomodando vocês é o cruzamento das regras de conjugação do **imperativo** com a forma de **tratamento** que está sendo empregada (**tu** ou **você**) – uma das misturas mais indigestas para quem hoje ainda tenta escrever corretamente o nosso idioma. Essas duas áreas já são problemáticas de per si; quando se juntam, é natural que o cenário fique ainda mais confuso. Vou esclarecer por partes.

O tratamento – quando nos dirigimos a alguém, o Português moderno permite que escolhamos livremente entre tratá-lo por **tu** ou por **você**; embora haja certas preferências regionais, qualquer brasileiro, em qualquer parte do

país, é livre para usar a forma de tratamento que lhe aprouver. No jargão das gramáticas tradicionais, portanto, **tu** e **você** são duas formas igualmente corretas para tratar a segunda **pessoa do discurso** (definida como **aquela a quem se fala**). É importante frisar que, apesar de ambos se referirem à **2a** pessoa (do discurso), **tu** pertence à **2a** e **você** pertence à **3a** pessoa **gramatical**, exigindo as formas verbais e os pronomes respectivos. Comparem "Se **você** não **trouxe seu** livro, **vai se** arrepender" com "Se **tu** não **trouxeste teu** livro, **vais te** arrepender" – ambas corretas.

Numa espécie de darwinismo linguístico, as duas formas passaram a disputar a preferência dos falantes. Ambas estão ainda em uso, mas a **direção de tendência** – ou seja, o rumo inexorável para onde os dados linguísticos apontam – parece ser a supremacia absoluta do **você** e a retirada de cena do **tu**, assim como já aconteceu com o **vós** (lembro apenas que essa disputa vai durar alguns séculos, ao longo dos quais as hesitações vão naturalmente continuar ocorrendo). Nosso quadro verbal, então, vai reduzir-se a **quatro** pessoas (**eu**; **ele** ou **você**; **nós**; **eles** ou **vocês**).

O imperativo – para fazer um convite, uma exortação, ou dar uma ordem – aquilo que a mitologia gramatical denominou de **imperativo** –, deveríamos usar formas verbais muito diferentes para o **tu** e para o **você**. Eu disse "deveríamos", porque na prática quase nunca isso acontece. A forma que corresponde ao **você** é idêntica ao **presente do subjuntivo**, enquanto a que corresponde ao **tu** é uma forma própria, exclusiva, obtida a partir do **presente do indicativo**, com a perda do "**S**" característico:

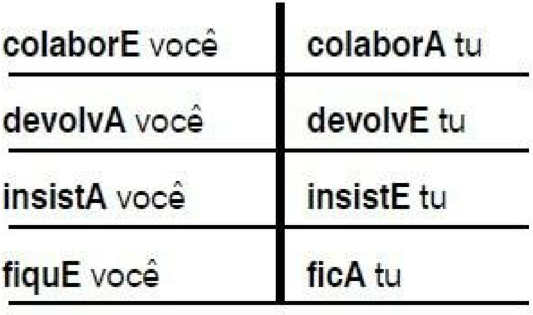

colaborE você	colaborA tu
devolvA você	devolvE tu
insistA você	insistE tu
fiquE você	ficA tu

Pois as formas com que você cismou, minha cara Audrey, são as que correspondem ao **tu**: "**liga** agora para nossa central", "**escreve** aqui para a rádio", "**olha** a postura!". A julgar por suas palavras, presumo que você preferiria "**ligue**", "**escreva**" e "**olhe**", correspondentes ao **você**. As outras não estão erradas; o que fez você acender a luz de alerta, ao ver aqueles comerciais, foi simplesmente o fato de empregarem o "**tu**", com suas formas verbais que já soam estranhas para grande parte dos brasileiros. Quanto a você, minha prezada Ângela, está certa em desconfiar do texto da oração, porque ele realmente está errado. Se a prece se dirige ao Anjo tratando-o por **tu** (como sugere a frase "se a **TI** me confiou..."), as formas do imperativo devem ser da segunda pessoa: "...me **rege**, **guarda**, **governa** e **ilumina**". Acho que o "**E**" de **regE** terminou influenciando na conjugação errônea dos três outros verbos.

se liga

> Um gaúcho indignado reclama contra o jeito da TV brasileira falar.

Prezado Professor, minha implicância maior é com o colonialismo imposto pela TV do centro do país. Veja o uso do ***se****: "****Se*** *liga", "****se*** *cuida", "****se*** *levanta", etc. O certo não seria "****te*** *liga", "****te*** *cuida", "****te*** *levanta"? Nesse caso, o* ***se*** *não representa a 3a pessoa?*

Elly W. – Passo Fundo (RS)

Meu caro Elly, não há nada contra o emprego do **se**, pronome correspondente a **você**; é claro que é 3a pessoa, mas, como bem sabemos, o Brasil se divide em dois territórios: o maior, que usa **você**, e o menor (Rio Grande do Sul e algumas cidades esparsas no resto do país), que usa **tu**. Feliz ou infelizmente, o avanço linguístico do **você** é inexorável, porque ele é o pronome preferido nos estados que produzem a nossa programação de TV e que, *ipso facto*, dominam os corações e as mentes de nossas crianças. Não sei que idade você tem, mas digo a meu filho (26 anos), gaúcho de quatro costados, que os netinhos dele vão andar de bombachinha, tomando chimarrão e falando **você.** É brincadeira, é claro, mas expressa mais ou menos o espírito da coisa. Este ***Guia Prático***, por exemplo, tinha sido escrito tratando os leitores por **tu**; no entanto, por ponderação do editor, troquei tudo para **você**, dado o alcance nacional das edições da L&PM.

Agora, numa coisa você está coberto de razão: "*se liga", "*se cuida" e "*se levanta" são realmente execráveis, mas por outro motivo: o verbo está mal conjugado, no imperativo. A forma correta seria "se **ligue**", "se **cuide**", "se **levante**". Se preferem o **você** ao **tu**, estão no direito deles, mas vão ter de levar o verbo para a 3ª pessoa – e não tem coré-coré.

quem é **doutor**, afinal?

> Já foi dito que os brasileiros se dividem entre os que são doutores e os que gostariam de sê-lo.

*Caro Professor, por que os formados em Medicina, Direito, Odontologia e até mesmo Engenharia (entre outros) são chamados de **doutor**, enquanto os formados em Letras, Computação, etc. não são? Existe uma regra para tal discriminação? Eu pensava que **doutores** eram apenas os pós-graduados com doutorado, que defenderam uma tese e receberam tal título.*

Ailton B. G. – Osasco (SP)

Meu prezado Ailton, o vocábulo **doutor** vem do Latim **docere** ("ensinar"). No seu emprego primitivo, na Bíblia, designava aqueles que ensinavam a lei hebraica (os "doutores da lei"); em **Lucas** 1,46 (na trad. de João Ferreira de Almeida), os pais do Menino Jesus procuraram-no em Jerusalém e "o acharam no templo, assentado no meio dos **doutores**, ouvindo-os e interrogando-os".

O uso de **doutor** como título acadêmico, no entanto, começou nas universidades medievais (Bolonha, Salamanca, Oxford, Cambridge, Sorbonne, Coimbra, Upsala) para designar os que tinham conquistado a autorização para lecionar. Esse direito se limitava, primeiro, à sua própria universidade, mas foi estendido, mais tarde, a qualquer outra (com as indefectíveis rivalidades e picuinhas que duram até hoje).

Primeiro houve os doutores em **Direito** (*doctores legum*), depois em **Direito Canônico** (*doctores decretorum*) e, já no século XIII, em **Medicina**, **Gramática**, **Lógica** e **Filosofia**; no século XV, Oxford e Cambridge começaram a conferir também o doutorado em **Música**. Os antigos doutorados em Direito e Medicina certamente explicam o uso popular, tanto no Brasil como em Portugal, do tratamento de **doutor** para os médicos e advogados. Outro resquício medieval é o título de Doutor ***Honoris Causa*** ("por motivo honorífico"), concedido a qualquer personalidade que uma determinada universidade queira homenagear, tenha ou não formação acadêmica.

Independentemente do sentido acadêmico (que implica a defesa de uma tese de doutoramento), uma indiscutível aura de respeito e deferência cerca o vocábulo **doutor**, como podemos ver nos reflexos que deixa no vocábulo **douto**, que indica o erudito, o sábio, o profundo especialista em determinada área. Por outro lado, o pedantismo e a atitude aristocrática de alguns doutores explica também por que chamamos de "tom **doutoral**" aquele tom sentencioso, muitas

vezes pedante, de quem pensa que está dando lições de sabedoria.

Como vimos até aqui, caro Ailton, para ser **doutor**, o pobre mortal tem de quebrar muita pedra! Só os que sobreviveram sabem o que isso significa. No mundo acadêmico, só pode ser chamado de **doutor** quem cumpriu as etapas constantes no curso de doutorado, incluindo a defesa de uma tese original diante de uma banca composta por cinco outros doutores (até bem pouco tempo, no sistema brasileiro, isso só podia ser feito depois de se ter concluído o curso de Mestrado). Quando se ouve, na universidade, alguém anunciado como "**Professor Doutor**", é porque ele é **doutor** mesmo.

Saindo um pouco do mundo universitário, tornou-se costume, aqui no Brasil, chamar de **doutor** também ao **médico** e ao **advogado**, havendo, inclusive, esquisitos dispositivos legais que regulavam (e talvez ainda tentem regular) o uso do título. A prática é tão usual que poderíamos dizer que o sentido mais geral da palavra **doutor**, no Brasil, é o de **médico**: "Ele foi ao **doutor**" vai ser interpretado por quase todos os falantes como equivalente a "ele foi ao **médico**". Neste caso, no entanto, devemos reconhecer que esse emprego mais tolerante do vocábulo vem facilitar a comunicação direta com esses profissionais: quando me dirijo a um médico ou a um advogado, não preciso dizer "O que o senhor pensa disso, **médico** Fulano?" ou "Gostaríamos que participasse das negociações, **advogado** Beltrano", pois o **doutor**, usado mais como forma de tratamento do que como título, serve de tratamento genérico.

Agora, no imenso mundo não-acadêmico, neste pobre Brasil semianalfabeto, **doutor** já é outra coisa, pois serve para designar qualquer cidadão que teve a sorte de concluir um curso superior: "Ele agora se formou; tenho um filho **doutor**, de anel no dedo!". É aqui que os engenheiros, arquitetos, economistas, etc. ganham também a sua fatia. E lá se vai o conceito, alargando-se na sua elasticidade infinita, passando finalmente a abranger qualquer pessoa cuja aparência sugira que pertence às classes dominantes. É o **doutor** usado pelo guardador de carro, pelo porteiro de prédio, pelo vendedor dos semáforos. Todo brasileiro, no fundo, sonha em ser doutor. Portugal, nosso avozinho, resolveu de outra forma esse anseio por um tratamento diferenciado: lá todos são chamados de **excelência**, para contentamento geral. Eu, pessoalmente, prezo mais o título de **professor** que o de **doutor** (a que fiz jus, pela tese que defendi) – exatamente pela indefinição deste último.

enfermeiro é **doutor**?

Professor Moreno, sou enfermeiro e soube que o Conselho Federal de Enfermagem editou uma resolução segundo a qual os enfermeiros também fazem

*jus ao título de **doutor**. Antes de fazer um novo crachá e um novo carimbo, no entanto, gostaria de saber se é legítimo o uso do **doutor** antes de meu nome. Confesso que até gostaria de ser chamado assim, mas não acho muito honesto com os pacientes.*

Enfermeiro Atento – Campos (RJ)

Meu caro amigo, não sei se ela ainda está em vigor, mas essa resolução é uma das peças mais surrealistas que li sobre este assunto (Resolução COFEN-256/2001 – Autoriza o uso do Título de Doutor pelos Enfermeiros). O Conselho de Enfermagem, além de fazer afirmações completamente equivocadas (o título de **doutor** jamais foi genérico para portadores de diploma de curso superior – só os médicos e os advogados costumam usá-lo, à moda deles, fora do sistema acadêmico de títulos, que só chama de **doutor** quem fez doutorado), realizou a proeza de atribuir direitos a si mesmo! Por que eles não decidiram, logo, autorizar os enfermeiros a usar o título de **rei**, ou de **bispo**, ou ainda de **vereador**? O disparate seria igual se o Conselho Regional de Engenharia fizesse o mesmo, ou o de Economistas, ou o de Contabilistas!

Sua hesitação em usá-lo, amigo, é muito sábia; se você leu o que escrevi em "***Quem é doutor, afinal?***", deve conhecer a minha opinião: de um lado, há o **doutor** quente, com curso de pós-graduação e defesa pública de tese; este é incontestável, seja ele psicólogo, dramaturgo, enfermeiro, cineasta ou matemático, e seu título é reconhecido legalmente no Brasil e no resto do mundo, gerando vários efeitos jurídicos – inclusive a capacidade de postular certas vagas que exigem essa titulação e o direito de receber adicionais na sua remuneração. Do outro, há o **doutor** popular, forma cerimoniosa de tratamento dos médicos, dos advogados, de pessoas mais ricas, de poderosos em geral, neste país de imensos contrastes que é o nosso querido Brasil. O guardador de carros da minha rua sempre me chama de **doutor**, não porque conheça o meu trabalho na universidade ou os livros que escrevi, mas porque, na óptica dele, quem tem carro é rico, e quem é rico é doutor. Nesse segundo **doutor**, teoricamente, cabemos todos nós, porque, se não somos tão poderosos ou ricos quanto um Ermírio de Morais, somos muito mais poderosos ou ricos que o pobre retirante que caça calango para matar a fome. Na pirâmide social, chamaremos de **doutor** quem está acima de nós, e assim seremos chamados por quem está abaixo – mas isso não se regula com portarias ou resoluções. Depende de uma intrincada rede de fatores sociolinguísticos, na qual intervêm, inclusive, traços de nossa relação subjetiva com nossos interlocutores. Eu trato todos os professores por **tu** ou **você**; a alguns, no entanto, a quem respeito pela idade ou pela sabedoria, chamo de **professor**. O mesmo acontece com os médicos: trato-os

sempre na 2a pessoa, exceto aqueles que, pelos mesmos motivos, prefiro chamar de **doutor**.

Vossa Meritíssima?

O Professor mostra que essa forma de tratamento é uma cruza de jacaré com cobra-d’água.

*Professor Moreno, alguns gramáticos afirmam que **Vossa Meritíssima** deve ser grafado apenas por extenso; todavia, já vi a forma **MM**. como referência ao pronome de tratamento em questão. Há ainda gramáticos que insistem em dizer que o **vossa** não deve ser usado quando associado ao termo **Meritíssima**. A quem devo seguir? O que devo fazer?*

Petrúcio

Meu caro Petrúcio, acho que há um engano aqui, pois ***Vossa Meritíssima** é uma sequência impossível na estrutura do Português. Os nossos pronomes de tratamento sempre têm a estrutura [**vossa+substantivo**]: Vossa **Majestade**, Vossa **Alteza**, Vossa **Santidade**, Vossa **Eminência**, Vossa **Excelência**, Vossa **Senhoria** – e **Meritíssima**, como você sabe, é um **adjetivo**.

Outra coisa bem diferente são os adjetivos superlativos que usamos para qualificar certas autoridades – neste caso, sempre **antes** de um **substantivo**: Digníssimo **Senhor**, Ilustríssimo **Diretor**, Excelentíssimo **Presidente** – e por aí vai a valsa. Acho que podemos distinguir muito bem entre as duas situações: **Vossa Excelência** e **Vossa Magnificência**, de um lado, e **Excelentíssimo** e **Magnificentíssimo**, de outro.

Como você pode ver, não cabe um ***Vossa Meritíssima**, assim como não cabe um ***Vossa Excelentíssima** (como alguns parlamentares andam usando por aí), pois se criaria uma exótica e inaceitável sequência [**vossa**+**adjetivo**], que o nosso idioma desconhece. No mundo jurídico, é muito comum (e adequado) usar-se **Meritíssimo** como **adjetivo** de tratamento para magistrados. Ao nos dirigirmos diretamente a um juiz, podemos simplesmente utilizar **Merítissimo** – ou **Meritíssima**, caso se trate de uma juíza.

Curtas

quem é “excelência”?

Maurici L., de Porto Velho (RO), precisa saber quem deve ser tratado como **Vossa Excelência** e como se abrevia. Acrescenta: “Por exemplo, como devo me referir a uma Procuradora Federal?”.

Meu caro Maurici, num país dominado pelas vaidades públicas, como o nosso, use **Vossa Excelência** (abreviado como **V. Ex.a**) para todo o mundo, que assim todos ficam satisfeitos. Em Portugal, que é um país extremamente educado, os vendedores de peixe e os porteiros de hotel chamam todo mundo de **excelência**; ninguém fica ofendido com a honraria. Eu faço assim, e só não uso **Vossa Majestade** porque as pessoas iriam perceber que é ironia.

P.S.: Quando você se dirigir diretamente à autoridade, use **Vossa Excelência**; quando você falar **sobre** ela, troque para **Sua Excelência**.

favor **limpar** os pés antes de entrar

Gorete diz que tem o hábito de empregar **tu** como forma de tratamento; um dia desses, escreveu em um e-mail a frase “Favor lê o anexo”, e seu chefe ficou furioso. “Ele tinha razão, Professor, ou era só preconceito comigo, porque sou de Teresina?”

Prezada Gorete, se você prefere o **tu**, deveria ter escrito “Por favor, **lê** o anexo”. Isso é o imperativo afirmativo para a 2a pessoa, como se pode ver em qualquer gramática. No entanto, quando usamos apenas o “Favor”, o normal é usar o infinitivo: “Favor **ler** o anexo”. É claro que na pronúncia usual brasileira (e não só do Piauí, como indelicadamente afirmou o seu chefe), o /r/ final do

infinitivo muitas vezes não é pronunciado, fazendo com que **ler** soe como /lê/. Foi isso o que atrapalhou você na hora de escrever. Compare "Por favor, **limpe** os pés ao entrar" com "Favor **limpar** os pés ao entrar".

conta ou **conte**

A leitora Dinah quer saber qual é a forma correta: "Brasil, **conte** em cantos um pouco da sua história" ou "Brasil, **conta** em cantos um pouco da tua história".

Minha cara Dinah, se você vai usar **conta**, deve usar **tua**; se usar **conte**, deve usar **sua** – tudo depende de como você vai se dirigir ao Brasil. Escolha entre **tu** ou **você**; o que não pode é "*Brasil, **conta** a **sua** história", porque estaria misturando os dois tratamentos.

tratamento para reitores

A leitora Yasmin X., do Rio de Janeiro, quer saber qual a forma de tratamento para **Reitor**.

Ora, minha cara Yasmin, desde a Idade Média o tratamento dispensado aos reitores é **Vossa Magnificência** – e é por isso que nossos diplomas têm, no texto, "**O Magnífico Reitor** da Universidade...".

seu ou **teu**

Carlos M. nos informa que, dirigindo-se ao interlocutor, costumava dizer "isto é um problema **seu**", até que um amigo teimou que o pronome correto seria **teu**, alegando que o tratamento do interlocutor deve ser **tu**. Pergunta: "Isso é correto, ou podemos dizer **seu** em referência a **você**?".

Meu caro Carlos, quem usa **tu** para se dirigir a seu interlocutor (como eu normalmente faço), vai usar **teu**; quem usa **você**, vai usar **seu**. Compare: "**Tu** perdeste o ônibus? Isso é problema **teu**" com "**Você** perdeu o ônibus? Isso é problema **seu**". É fantástico como esses amigos vivem dando palpites furados!

tratamento para padre

Luciane F., de Juiz de Fora (MG), pergunta qual é o pronome de tratamento exato para um **padre** ou **religioso**.

Prezada Luciane, isso não é uma questão de Língua Portuguesa, mas sim de protocolo eclesiástico. O papa é **Vossa Santidade**, um **cardeal** é **Vossa Eminência**. E um bispo? E um padre comum? Se isso realmente é importante para você, deve perguntar a um padre culto (dos antigos), que ele vai saber.

faça um 21

Vítor F., de São Paulo (SP), tem dúvida quanto à propaganda da EMBRATEL. Alguns de seus colegas dizem que o correto é "**Faz** um 21", enquanto outros defendem "**Faça** um 21". Qual é a certa?

Meu caro Vítor, quem costuma tratar o interlocutor por **você**, dirá "**faça** um 21"; se, contudo, preferir o tratamento de **tu** (como eu faço), dirá "**faz** um 21". É a mesma diferença que existe entre "**toma**/**tome** cuidado", "**fica**/**fique** quieto",

etc.

pronomes com **Vossa Excelência**

Rosa B., de São Paulo (SP), pergunta: “Numa correspondência formal que usa o tratamento **V. Exa**, qual o pronome possessivo adequado? É ‘Colocamo-nos à **vossa disposição**’ ou ‘à **sua disposição**’?”.

Minha cara Rosa, todos os pronomes de tratamento – **Vossa Senhoria**, **Vossa Excelência**, **Vossa Majestade**, **Vossa Santidade**, etc. –, apesar de ostentarem esse sonoro **vossa**, não passam de pronomes de 3a pessoa, da mesma forma que **você** (que, aliás, é uma forma reduzida do antigo **Vossa Mercê**). Portanto, “Vossa Excelência vai encontrar **seu casaco** no banco de trás de **seu carro**”; “Dirijo-me a Vossa Excelência para convidá-**lo**”; “Coloco-me à **sua** inteira disposição”; e assim por diante.

tratamento adequado

Acácio Hypolito quer saber qual o tratamento que deve usar quando estiver se dirigindo (1) ao principal executivo/diretor de uma empresa e (2) a um cônsul.

Meu caro Acácio, você pode restringir o seu arsenal de pronomes de tratamento a **dois**, apenas. Para pessoas de destaque no mundo civil, use **Vossa Senhoria** – é o caso do executivo. Para autoridades (de qualquer tipo, mesmo as que não merecem) use **Vossa Excelência** – é o caso do cônsul. Assim você nunca vai errar.

vós

Luiz A. R., do Rio de Janeiro (RJ), diz que existe uma oração que diz "Oh! **Meu** Jesus, **perdoai-nos**, **livrai-nos**..." – e pergunta se está certa esta concordância.

Meu caro Luiz, nessa oração, Jesus está sendo tratado como **vós**, como era o costume dos textos religiosos tradicionais (hoje se usa o tratamento de 3a pessoa). Como no **Pai-Nosso** ("Pai Nosso, que **estais** no céu...). No exemplo que você citou, estamos usando o imperativo: **perdoai**, **fazei**, **livrai-nos**. Não sei por que grifaste o **meu** – esse pronome possessivo não tem a menor influência no tratamento que está sendo usado. Se ainda houvesse rei no Brasil, poderíamos dizer: "Meu Rei, **concedei-nos** um aumento", ou "Meu Senhor, **baixai** o preço da gasolina".

não faz, não faças

José Nisa gostaria de saber qual é a diferença entre **não faz isso** e **não faças isso**. "Quando é que devo utilizar cada uma das formas?"

Meu caro José, "**não faças isso**" é a forma culta da 2a pessoa do singular do imperativo negativo, usada para o tratamento com **tu**. "**Não faça isso**" é a 3a pessoa, também do Português Culto, usada para o tratamento com **você**. Agora, "**não faz isso**" é a forma popular do imperativo, não importando se estamos tratando o ouvinte por **tu** ou por **você** – e esta não deve ser utilizada em situações que exigem a linguagem mais cuidada.

você

Natália, leitora de Goiânia (GO), gostaria de saber se o pronome **você** pode, diferentemente de **eu**, **tu**, etc., ser usado como **objeto direto**, como em “adoro **você**”.

Prezada Natália, **você**, como qualquer outro pronome de tratamento (se você não percebeu, ele é irmão dos solenes **Vossa Senhoria**, **Vossa Excelência**, etc.), só tem uma forma, não dispondo daquelas variações condicionadas sintaticamente (objeto, sujeito) que têm o **eu** (**me** e **mim**) e o **tu** (**te** e **ti**). Por isso, ele pode desempenhar qualquer função.

7. Concordância nominal

Os **artigos**, os **pronomes**, os **numerais** e os **adjetivos** são como satélites que acompanham o planeta **substantivo**, e com ele devem concordar em **gênero** e **número**. Esse é o princípio básico da **concordância nominal**, que nosso idioma evidencia de uma maneira quase obsessiva: basta ver quantas vezes assinalamos o gênero (feminino) e o número (plural) na sequência **minhas duas camisas amarelas** (que no Inglês seria **my two yellow shirts**, em que a única marca é o plural **shirts** – numa economia que chega a beirar a avareza).

São vários os motivos que nos levam a tropeçar na concordância – uns mais sofisticados, outros nem tanto. O mais elementar consiste em flexionar apenas o vocábulo mais à esquerda da sequência, deixando imóveis todos os demais (inclusive o substantivo): ***uns livro velho**, ***os carro antigo**. Depois, pela ordem, vem o desconhecimento do gênero que o uso culto atribui a determinados vocábulos: meu avô, por exemplo, que era um homem honrado e simples, dizia ***minha pijama novinha**; no frio da serra gaúcha, já ouvi muitas vezes falarem ***do chaminé entupido**; e não são poucos os leitores perguntando se ***a trema não foi abolida**...

Você que está lendo este ***Guia***, no entanto, já é um usuário mais avançado de nosso idioma e não deve temer esses escorregões tão singelos. O perigo maior que vai encontrar no caminho será, a meu ver, os adjetivos adverbializados, isto é, um **adjetivo** no **masculino**, **singular**, que passa a funcionar como **advérbio** (em outras palavras, o mesmo vocábulo pode ser **adjetivo** ou **advérbio**, dependendo de sua posição na frase. Ora, **essa distinção é fundamental para a concordância**, pois os **advérbios** estão no grupo dos **vocábulos invariáveis**, enquanto os **adjetivos** concordam em gênero e número com os substantivos que acompanham. Você vai notar a diferença se comparar "estes sapatos são **caros**" com "estes sapatos custaram **caro**"; o primeiro é um **adjetivo**, ligado a **sapatos**; o segundo é um **advérbio**, ligado ao verbo **custar.** É com base nessa diferença que justificamos, como você lerá adiante, a famosa frase publicitária da "**cerveja que desce redondo**".

a cerveja que desce **redondo**

> Afinal, uma boa cerveja deve descer **redondo** ou descer **redonda**? Vejam o que realmente está acontecendo na cervejaria Skol.

Uma boa cerveja deve descer **redondo** ou **redonda**? Se **redondo** é adjetivo, não deveria concordar com **cerveja**? Muitos leitores fazem a mesma pergunta, motivada pela campanha de uma de nossas grandes cervejarias. A frase da cerveja Skol está correta; na minha experiência, contudo, quando um número expressivo de falantes tem dúvida quanto ao emprego de uma determinada forma, é porque, como diziam os latinos, *latet anguis sub herba* (há uma serpente escondida nessa relva). Em outras palavras, alguma coisa deve estar motivando a estranheza sentida por tanta gente.

O que temos aqui é um caso de **adverbialização** do adjetivo, fenômeno que já se observava no Latim e que se tornou muito comum em nosso idioma. Dito de maneira mais simples: o **adjetivo**, em Português, pode ser usado como um **advérbio**: "A águia voava **alto**"; "Cães de fila custam **caro**"; "Ela não senta **direito**". Dá para notar perfeitamente que esses adjetivos (aqui, no masculino singular – que é, na verdade, a forma **neutra** dos nomes flexionáveis) estão modificando o **verbo**, e não o substantivo.

A dúvida dos leitores quanto a essa estrutura, como bem diz Celso Cunha, em sua ***Gramática do Português Contemporâneo***, nasce do caráter fronteiriço entre o adjetivo e o advérbio. Nas frases em que predomina o valor de **adjetivo**, o leitor interpreta o vocábulo como um **predicativo do sujeito**; somos levados a ler "ela desceu **maquilada**" ou "eles chegaram **tristes**" como "**ela** estava **maquilada** quando desceu" e "**eles** estavam **tristes** quando chegaram". Notem como, nesses casos, a **concordância** é uma manifestação concreta da relação sintática **sujeito-predicativo**.

Nas frases em que predomina o valor de **advérbio**, no entanto, o leitor interpreta o vocábulo como um **adjunto adverbial** (geralmente de **modo**). Para mim, "ela desceu **rápido**" significa "ela desceu **rapidamente**". Quando uso **baixo** em "eles falavam **baixo**", estou especificando **de que maneira** eles falavam. A ausência de flexão de **baixo** e de **rápido** confirma o seu valor de advérbio.

Se testarmos a frase da cerveja com vários falantes – para captarmos a cor local, pode ser até numa mesa de bar –, tenho certeza de que a maioria entenderá que **redondo** descreve a **maneira** como ela desce (até porque **redondo**, aqui no sentido de "suave, macio", não é um atributo relacionado normalmente com uma bebida, mas sim com seu trajeto e com sua passagem

por nosso equipamento gustativo). Da mesma forma, não tenho dúvida de que uma frase como “a cerveja desceu **gelado**” será rejeitada por quase todos, pois aqui “**gelado**” é nitidamente um atributo do sujeito (“a **cerveja** estava **gelada** quando desceu”).

Espero ter deixado clara a diferença entre as duas situações. É evidente que meus colegas sintaticistas e semanticistas conseguem, utilizando a linguagem e a metodologia adequadas, descrever com precisão o que está por trás deste problema; o difícil – e este é o principal objetivo deste ***Guia Prático*** – é transmitir o resultado dessa análise ao grande número de leitores que, embora não especializados, demonstram um entusiasmado interesse em conhecer melhor o idioma que usam.

nacionalidade brasileiro ou brasileira?

Entenda por que João tem nacionalidade **brasileira**, mas escreve **brasileiro** nos formulários que preenche.

Caro Professor, qual a maneira certa de dizer: “A nacionalidade de João é ***brasileira****” ou “A nacionalidade de João é* ***brasileiro****”? Muda de homem para mulher?*

Marcela V. – João Pessoa (PB)

Marcela, acho que você se equivocou ao formular a questão. É claro que na construção “a nacionalidade de João é...” só cabe a forma feminina (brasileira), já que é o predicativo da frase e deve forçosamente concordar com nacionalidade. Você vai encontrar muitos exemplos assim na imprensa: “Fulano de Tal, de nacionalidade portuguesa”, “os atletas de nacionalidade alemã”, e assim por diante.

Aposto, no entanto, que a sua verdadeira dúvida é outra: quando o João preenche um formulário ou uma ficha de inscrição, no campo “Nacionalidade” ele deve escrever brasileiro ou brasileira? Acertei? Se for esse o problema, a resposta é brasileiro, da mesma forma que a Maria, ao preencher o campo “Estado Civil”, vai escrever casada, não casado.

seu(s) próprio(s) umbigo(s)

Como se diz: os nativos usavam turbante **na cabeça** ou **nas cabeças**?

*Eu e dois colegas escrevemos um texto cuja última frase é a que segue:"Os atuais servidores não devem ficar olhando apenas para **seu próprio umbigo**". Um colega nos criticou, dizendo que deveria ser "apenas para **seus próprios umbigos**", já que se trata de muita gente.*

Júlio B. – Porto Alegre (RS)

Prezado Júlio, embora estejamos falando no plural (**atuais servidores**), é muito adequado usar o singular para **umbigo**, porque está perfeitamente implícita a ideia de **cada um o seu**. É uma tradicional construção de nosso idioma: "Os indianos rezavam com **a mão na testa**", "Os holandeses dormiam com **o olho esquerdo fechado**" (os exemplos são besteirol puro, mas dão uma boa ideia do que eu quero dizer). O plural, nesses casos, é desajeitado e desnecessário – o que, aliás, a julgar pela pergunta, vocês também haviam notado. Eu teria escrito a frase exatamente como vocês o fizeram; talvez eu eliminasse o possessivo **seu**: "ficar olhando apenas para o próprio umbigo". Peguem os dois exemplos que eu dei acima e introduzam um possessivo – **sua mão** e **seu olho esquerdo** – e vão perceber a (pequena) diferença.

camisas **cinza**

Uma leitora estranha que algumas cores tenham plural, enquanto outras não. Veja por quê.

*Professor Moreno, por que o plural de **gravata cinza** é **gravatas cinza** (não ocorre variação quanto à cor), enquanto o plural de **terno azul** é **ternos azuis** (aqui ocorre*

variação)? Desde já, grata por sua atenção.

Renata L. – Santos (SP)

Prezada Renata, você deve saber que os adjetivos que exprimem cor são em número muito reduzido para cobrir todos os matizes que nossos olhos e nosso cérebro distinguem: **azul**, **amarelo**, **branco**, **vermelho**, **verde**, etc. Por isso, usamos, para denominar as demais cores, uma locução formada de [**cor** + **DE** + **substantivo**], em que o substantivo nomeia algo que tem uma cor característica. Falamos de “cor de **vinho**, de **rosa**, de **laranja**, de **pinhão**, de **tijolo**, de **telha**, de **areia**, de **gelo**, de **charuto**, de **champanha**”, etc. Naturalmente, essa locução não pode flexionar: “camisa **cor de laranja**, camisas **cor de laranja**”; “gravata **cor de vinho**, gravatas **cor de vinho**”.

No uso, nem sempre precisamos verbalizar esse “**cor de**”: posso dizer “vestido **cor de rosa**” ou “vestido **rosa**”, “sapato **cor de pinhão**” ou simplesmente “sapato **pinhão**”. Apesar dessa elipse da primeira parte, a locução continua ali, o que mantém invariável o substantivo: “camisas **azuis**, **verdes**, **amarelas”** (são **adjetivos** e devem concordar com o substantivo que acompanham), mas “camisas **vinho**, **laranja**, **rosa**, **champanha**” (são **substantivos** que figuram na expressão “cor de X”). Temos um gato **cinzento**, dois gatos **cinzentos** (adjetivo), mas um gato [cor de] **cinza**, dois gatos [cor de] **cinza**.

anexo ou **em anexo?**

> Podemos optar livremente entre **anexo** e **em anexo**, ou apenas uma dessas duas formas estará correta?

Sérgio M., um de meus leitores mais assíduos, meu crítico implacável e quase colaborador, volta à carga:

*Numa de suas respostas, encontrei “quanto ao teu problema, mando-te, **em anexo**, o que escrevi ...”. O que me intrigou foi a expressão “**em anexo**”. Sou avesso à preposição “em” no anexo a uma correspondência como a tua. Autores*

respeitáveis a condenam. O Sérgio Nogueira, do JB, aceita. Há os que não. Conheço vários, pessoalmente. Durante os meus quase vinte anos de funcionário público estadual, expurguei cuidadosamente os ***em anexo*** *nos ofícios que redigia, embora pendurasse neles anexos sem conta. Um abraço.*

Sérgio M. – Belo Horizonte (MG)

Meu caro Sérgio, "A lista vai **anexa**" ou "a lista vai **em anexo**"? Qual é a forma correta? Na verdade, **ambas** são consideradas bem formadas; trata-se, porém, de construções com estruturas sintáticas diferentes, como pretendo demonstrar.

Como já ensinava Celso Pedro Luft – meu mestre, a quem dedico este ***Guia Prático*** –, há um **anexo** adjetivo e um **anexo** substantivo. Em "a lista vai **anexa**", "o relatório vai **anexo**", "as notas fiscais vão **anexas**", **anexo** é um adjetivo e, como tal, concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere.

Na segunda estrutura possível – "a lista vai **em anexo**", "os relatórios seguem **em anexo**" –, **anexo** é substantivo, regido pela preposição **em**; a expressão **em anexo** funciona como **adjunto adverbial de lugar**, respondendo à pergunta "**onde?**": "A lista vai **onde?**" – "A lista vai **em anexo**". É evidente que, não sendo adjetivo, não ocorre aqui a concordância: "Vão **em anexo** as fotos".

Ora, houve realmente quem condenasse a segunda forma, alegando que essa era uma construção francesa que estava invadindo a nossa sintaxe. Não há dúvida de que a intenção era nobre, mas, como veremos, equivocada. Os críticos de **em anexo** alegavam que, em bom Português, a preposição **em** deve combinar-se com **substantivos**, para formar locuções adverbiais (em **resposta**, em **represália**, em **aditamento**, em **compensação**), e nunca com **adjetivos**, o que seria imitação servil da sintaxe francesa (isso condenaria **em absoluto**, **em definitivo**, **em separado** e, seguindo o mesmo raciocínio, **em anexo**). Eu sempre achei curiosa essa ideia de "defender" nosso idioma contra invasões estrangeiras, porque acredito que uma língua só incorpora aquilo que a beneficia. No entanto, para fins de argumentação, digamos que eu concordasse em evitar as locuções formadas de [**em** + **adjetivo**]: ainda assim, **em anexo** estaria fora dessa interdição, uma vez que aqui, como vimos acima, **anexo** é um **substantivo** ("a lista vai **num** anexo", "a lista vai **como** anexo"). Lembro ao amigo que muitos manuais de redação oficial recomendam que especifiquemos, ao final de um ofício ou carta de encaminhamento, o número de documentos anexados: "**Anexos**: **4**". Em teses e dissertações, abrimos, muitas vezes, uma seção de "**Anexos**" e a eles nos referimos como a substantivos: "No **Anexo 1**, podemos ver ..."; "O **Anexo 2** contém ..."; etc. Outro leitor, escrevendo sobre o mesmo

tópico, lembrou ainda que “A lista vai **em anexo**” é equivalente, semântica e sintaticamente, a “A lista vai **em separado**”. Podemos, portanto, escolher entre “a lista **anexa**” e “a lista **em anexo**”; a soma de nossas escolhas (são milhares, para quem escreve conscientemente) é que vai formar o nosso estilo pessoal.

gênero, número e caso

> O Professor explica por que **não** se concorda em “**gênero**, **número** e **grau**”.

*Professor, posso dizer a alguém que concordo com ele em **gênero, número** e **grau**?*

Robson G.

Meu caro Robson, essa expressão, que pretende ser uma forma enfática de manifestar nossa concordância para com alguma coisa, falha por se basear numa concepção gramatical errônea. Explico: a concordância é um mecanismo muito presente no Português (e quase ausente no Inglês): a flexão dos vocábulos subordinados repete os traços de flexão do vocábulo dominante. Dessa forma, a flexão dos **adjetivos**, dos **artigos**, dos **pronomes possessivos**, etc. repete os traços de **gênero** e **número** do **substantivo** que acompanham. Em “a minha nova **jaqueta** amarela”, todos os vocábulos sublinhados estão refletindo os traços de **jaqueta**, que é o núcleo do sintagma; em outras palavras, eles “**concordam**” em gênero e número com **jaqueta**.

Nossa gramática tradicional, contudo, escrita por autores praticamente sem formação linguística, pensava que o **grau** também fosse uma forma de **flexão**. Mattoso Câmara, no entanto, já na década de 60 provava que o grau, no Português, é apenas uma forma particular de **derivação**, exatamente por não estar inserido em nosso sistema de concordância nominal, que é **compulsório**: se o substantivo está no masculino singular, o adjetivo fica obrigado a fazer o mesmo. O uso do **grau** (aumentativo ou diminutivo) é **opcional** por parte do falante: se o substantivo está no diminutivo, por exemplo, isso não obriga o adjetivo a fazer o mesmo (e vice-versa: se o substantivo estiver no grau normal,

nada impede que o adjetivo venha no diminutivo): ao lado de "um **livrinho fininho**", posso ter "um **livrinho fino**" ou "um **livro fininho**".

A expressão correta, na verdade, é "concordo em **gênero**, **número** e **caso**" – e quem a usa assim demonstra uma cultura bem acima do comum, pois se refere ao Grego ou ao Latim, em que o **caso** (nominativo, acusativo, genitivo, etc.) também fazia parte do sistema de concordância. Mesmo se você não teve, Robson, a sorte de estudar um desses idiomas clássicos (o Brasil, numa atitude suicida, eliminou o Latim de seu sistema educacional, ao contrário de países mais adiantados, como a Alemanha, a França, a Itália, os próprios Estados Unidos...), mesmo assim, repito, você deve usar a expressão na sua forma adequada, pois na linguagem também se fazem notar aqueles pequenos sinais de nosso capricho pessoal – ou de nosso desleixo.

haja vista

Haja vista ou **haja visto** o aumento da gasolina? Veja como um examinador da banca de um mestrado acabou tropeçando nesta expressão.

*Prezado Prof. Moreno, recentemente, ao fazer a defesa de minha dissertação de mestrado, fui corrigido por um membro da banca sobre o uso da expressão **haja vista**, dizendo que o correto seria **haja visto**. A frase em questão era "O presente trabalho justifica-se por se tratar de tema relevante, **haja vista** a preocupação das diversas instituições citadas em atuar no sentido de regulamentar a ..." . O que o Prof. tem a comentar? Grato.*

Fernando E. – Ribeirão Preto (SP)

Meu caro Fernando, o comentário de seu examinador não foi muito feliz. Em primeiro lugar, porque a frase que você usou não merece nenhum reparo; depois, porque inaceitável é a emenda que ele sugeriu. Talvez não haja outra expressão tão discutida quanto **haja vista**; todo gramático, todo estudioso, todo diletante mais sério (e os outros também...) já andaram escrevendo sobre ela. As interpretações propostas para sua estrutura chegam a meia dúzia: "**hajam vista** os acontecimentos; **haja vista aos** acontecimentos; **haja vista dos** acontecimentos;

hajam-se em vista os acontecimentos; **haja vista** os acontecimentos". Por que essa fartura? Sejamos sinceros: ninguém consegue determinar com clareza o que faz aí o verbo **haver** e o que faz aí o vocábulo **vista** (é particípio de **ver**, ou é um **substantivo**?); consequentemente, cada um de nós vai tratar os elementos dessa expressão de acordo com a leitura que fizer.

Nosso grande mestre Celso Pedro Luft considera **haja vista** uma expressão estereotipada, inanalisável, uma espécie de "fóssil morfossintático", que deve ser classificada entre aquelas expressões de exemplificação ou explicação do tipo **isto é**, **a saber**, **por exemplo**. Como acontece com todas essas estruturas cristalizadas, a tendência é deixá-la imóvel, sem flexão: **haja vista**, e pronto. Contudo, como há opiniões discordantes, vou analisar sua frase à luz de cada uma das três correntes majoritárias.

A primeira, acima de todas, que eu também defendo, recomenda deixar tudo como está, invariável: "**haja vista os acontecimentos**", "**haja vista o preço**". Se adotarmos esta, você construiu uma frase tranchã.

A segunda admite a **flexão** do verbo **haver**, que deverá concordar com o substantivo que vier logo após: "**hajam** vista **os acontecimentos**", "**haja** vista **o acontecimento**". Como você escreveu "**haja** vista **a preocupação**", continua acertando.

A terceira, com menos adeptos, deixa o verbo **haver** imóvel, mas exige a **flexão** do **vista**: "haja **vistos os acontecimentos**", "haja **vistas as provas**", "haja **visto o livro**". Na óptica desta última, você deu em cheio no alvo ao escrever "haja vista **a preocupação**".

Como você pode ver, acertou por todos os costados, enquanto a correção (?) proposta pelo examinador não vai, ironicamente, encontrar apoio em nenhuma das três hipóteses: o masculino singular de "haja **visto** a preocupação" não tem o menor cabimento. Talvez o ouvido dele tenha sido traído por uma frase que está correta, embora nada tenha a ver com a estrutura que você estava utilizando: "Espero que ele **haja visto** a carta que deixei em cima da mesa" ("tenha visto") – mas isso é vinho de outra pipa.

Curtas

concordância com gêneros diferentes

A leitora Rita gostaria de saber se está correto dizer “O Brasil compra automóveis e frutas **argentinos**” e “Deparei com fatos e situações **inesperadas**”.

Minha cara Rita, quando um **adjetivo** está **à direita** de dois substantivos de gêneros diferentes e a eles se refere, temos **duas opções** de concordância: ou deixamos o adjetivo no **plural masculino**, ou concordamos com o **substantivo mais próximo**. “Automóveis e frutas **argentinos**” (concorda com os dois; logo, masculino plural), ou “Automóveis e frutas **argentinas**” (está concordando com o substantivo mais próximo, **frutas**). O mesmo com “fatos e situações **inesperadas**” (é a segunda hipótese); estaria correto também “fatos e situações **inesperados**”.

dado o, dada a

Clarice B., de Manaus (MA), quer saber qual é a forma correta: “**Dado** a/**Dada** a importância de colocar as pessoas certas nos cargos certos”.

Minha prezada Clarice, como **dado** é um particípio, e os particípios têm geralmente as mesmas características sintáticas dos **adjetivos** (eram os antigos “adjetivos verbais”), ele vai **concordar** com o substantivo a que se refere – no caso, **importância**. Por isso, escrevemos “**dada** a importância”, “**dadas** as últimas notícias”, “**dado** o alto custo dos medicamentos”, “**dados** os últimos acontecimentos”.

concordância com **finanças**

Patricia M., de Caicó (RN), quer saber como fazemos a concordância com a palavra **finanças**, que só consta no plural no dicionário: finanças **solidárias** ou finanças **solidária**?

Minha cara Patrícia, plural com plural, singular com singular. Se você usa **finanças**, todos os adjetivos que ligar a esse vocábulo deverão estar também no plural: **solidárias**, **públicas**, **combalidas**, etc.

duzentas mil pessoas

A leitora Águeda, de Brasília (DF), diz que seu antigo professor de Gramática afirmava que o correto é falarmos **duzentos mil pessoas**, já que **duzentos** combina com **mil** e não com **pessoas**. Porém, esse ano, outra professora disse que o certo é falar **duzentas mil** pessoas, mesmo. Qual é o certo?

Minha cara Águeda, acho que você ouviu mal (ou está lembrando mal) o que disse o professor: é indiscutível que **duzentos** vai concordar obrigatoriamente com o **substantivo**: "**duzentos** mil **soldados**", "**duzentas** mil **cidadãs**". Onde acontecem problemas é com **milhão**, que é um substantivo autônomo e atrai a concordância: "**dois milhões** de pessoas", "**duzentos milhões** de crianças". Não será isso o que você está querendo recordar?

federal, federais

A leitora Ana Rosa L. estranha quando os noticiários dizem "As rodovias **federais**, as faculdades **federais**, os policiais **federais**...". Pergunta: "Isso está correto? Pois que eu saiba, referindo-se ao Brasil, é tudo uma federação só. O certo não seria os policiais **federal**?".

Minha cara Ana Rosa, **federal**, aqui, é um **adjetivo**; deve, portanto, concordar com o substantivo a que se refere: "os policiais federais", "as faculdades federais" – do mesmo modo como temos "leis municipais", "impostos estaduais", etc. O fato de sermos uma só federação não vai influir na

concordância nominal.

próximo

Reginaldo, de Goiânia (GO), não consegue escolher entre “a área fica **próximo** à delegacia” ou “fica **próxima** à delegacia”. Como ambas lhe parecem muito estranhas, resolveu pedir socorro.

Meu caro Reginaldo, **próximo** pode ser **adjetivo** (**próximo ano**, **próxima vítima**, **parentes próximos**) ou **advérbio** (ele mora **próximo** daqui). Como sua intuição pressentiu, aqui estamos usando **próximo** como um sinônimo de **perto**: a área fica **próximo** (perto) da delegacia. É advérbio e, portanto, invariável.

três Pálios

Thásia, de Belo Horizonte (MG), gostaria muito de saber qual a forma correta: “três carros **Pálio**” ou “três carros **Pálios**”?

Minha cara Thásia, você pode escolher entre “são **três Pálios**” ou “são **três carros Pálio**”; neste segundo caso, temos a estrutura elíptica [**carros** + **da marca** + **Pálio**].

por inteira?

Carlos Henrique W. quer saber qual a forma correta: **“**a empresa comercializou sua produção **por inteira”,** ou “a empresa comercializou **por inteiro** sua produção”?

Prezado Carlos, escolha entre “comercializou **sua produção inteira**” ou “comercializou **por inteiro** sua produção”. Agora, “*comercializou **por inteira** a sua produção” é cruza de jacaré com cobra-d’água – não existe!

concordância do possessivo

Sônia Regina, de Mogi das Cruzes (SP), escreve: “Sei que o pronome possessivo concorda com o objeto de posse, mas, no exemplo a seguir, qual é a forma correta? ‘Duas irmãs estavam indo para a casa de **suas vovós**’, ‘de **suas vovó**’ ou ‘de **sua vovó**’?”.

Na sua pergunta, Sônia, você já dá o rumo para solucionar o problema: no Português, o possessivo concorda sempre com o **objeto possuído**. Os dois irmãos foram ao aniversário de **seu pai**. As duas irmãs foram para a casa de **sua vovó**. É simples assim – pressupondo que estamos falando de apenas uma avó. No Natal, as duas irmãs podem ter dado uma passada na casa de **suas vovós** (visitaram a avó materna e depois a avó paterna). Agora, de onde você foi tirar aquele “***suas vovó**”? Credo!

rente, **rentes**

Péricles D., de Curitiba (PR), quer saber qual é a forma correta: “Os resistores devem ser soldados **rente/rentes** às placas? A palavra **rente** tem plural?”.

Meu caro Péricles, não se trata de saber se **rente** tem ou não plural, mas

sim como ele fica nessa sua frase. **Rente** é um adjetivo normal, pluralizável. No entanto, em "Os resistores devem ser soldados **rente** às placas", ele é **advérbio** e não varia. Seria a mesma coisa que "devem ser soldados **junto** às placas" (e não "*juntos").

numeral no feminino

Alguém (ou algo) chamado Mweti, extremamente gentil, pergunta se o numeral 31.202, na frase "Durante o ataque, 31.202 mulheres foram feridas", deveria ser lido "trinta e **uma** mil, duzentas e duas mulheres".

Prezado Mweti, sua intuição está correta; "trinta e **uma** mil mulheres" + "duzentas e duas mulheres" = "trinta e **uma** mil, duzentas e duas mulheres".

flexão de **bastante**

Rogério N. gostaria de saber se a palavra **bastante** sofre flexão de número em algum momento.

Meu caro Rogério, quando **bastante** for um **adjetivo** (sinônimo de "suficiente"), ele vai flexionar normalmente: "tenho razões **bastantes** para supor", "há recursos **bastantes** para adquirir". Fora deste caso, principalmente quando significa "muito", não deveria (segundo a gramática formal) ser usado antes de substantivos **contáveis**: tenho **bastante** tempo (correto), tenho **bastante** amigos (inadequado e errado), tenho **bastantes** amigos (inadequado).

água fica **mais cara**

Marcelino, de Uberlândia (MG), discute a manchete publicada em jornal local: **A partir de amanhã água fica mais cara**. O correto seria **caro** ou **cara**, como escreveram?

Caro Marcelino, a água **ficará** mais **cara** (**adjetivo**, com função de predicativo), ou a água **custará** mais **caro** (**advérbio**, com função de adjunto adverbial). Agora, “*ficará mais caro” não tem cabimento.

mesmo, **mesma**

Márcia G., de Belo Horizonte (MG), tem dúvida sobre o emprego da palavra **mesmo**, **mesma**. Pergunta: “Varia de acordo com o pronome pessoal (da mesma forma que **obrigada** e **obrigado**)? Quando ‘ela’ fala, deve dizer ‘Eu **mesma** cuidei disso’?”.

Prezada Márcia, o adjetivo **mesmo** sempre vai concordar com o ser a que se refere: “nós **mesmos**” (homens, ou homens e mulheres juntos); “nós **mesmas**” (apenas mulheres); “eu **mesmo**” (homem), “eu **mesma**” (mulher), “tu **mesmo**”, “tu **mesma**”, e por aí vai a valsa. É idêntico ao uso do **próprio** (eu **próprio**, eu **própria**, etc.).

concordância do particípio

Eliane G., de São Paulo (SP), gostaria de saber se está correta a concordância "Fica absolutamente **proibida** a afixação de avisos, panfletos e cartazes".

Cara Eliane, está corretíssima. "Ficam absolutamente **proibidas** as **manifestações**", "Ficam absolutamente **proibidos** os **veículos** a álcool", "Fica absolutamente **proibido** o **ingresso** de animais". Você deve ter percebido que essas frases não estão na ordem normal, que seria "**As manifestações** ficam absolutamente **proibidas**", "**Os veículos** a álcool ficam absolutamente **proibidos**", etc. – **proibido** é o predicativo e tem de concordar com o sujeito.

concordância do numeral

Claudinei A., de Piracicaba (SP), gostaria de saber por que a concordância correta é "compramos **dois mil**, **duzentas** e cinquenta **folhas**", e não "compramos **duas mil**, **duzentas** e cinquenta **folhas**" ou "**dois mil**, **duzentos** e cinquenta **folhas**".

Ora, Claudinei, o porquê é muito simples: é que essa frase que venderam a você está completamente errada. A forma correta é "**duas** mil, **duzentas** e cinquenta **folhas**". Os numerais variáveis devem concordar com o substantivo a que se referem (no caso, **folhas**). Comece com "**duas** mil **folhas**" e "**duzentas** e cinquenta **folhas**" – agora junte tudo e verá o resultado. Abraço.

preços **sujeitos a** alterações

Elias, de Caxias do Sul (RS), envia a seus clientes cotações de preço que variam diariamente. Para encerrar sua correspondência diária, utiliza uma frase que lhe despertou dúvida: "Preços **sujeito** ou **sujeitos** a alterações"?

Caro Elias, **eu** estou **sujeito** a gripes, **nós** estamos **sujeitos** a gripes, **as**

crianças estão **sujeitas** a gripes. O particípio funciona como uma espécie de **adjetivo verbal**; aqui, **sujeito**, do verbo **sujeitar**, concorda com o termo a que se refere em gênero e número. Logo, “preços **sujeitos** a alterações”.

concordância do adjetivo

Márcio Amaro V. diz estar com uma enorme dúvida: deve escrever que oferece **aulas particular** ou **aulas particulares**? “Mesmo que não fossem duas pessoas oferecendo aulas, o **particular** também flexionaria?”

Meu caro Márcio, estamos diante de um simples sintagma, formado por um substantivo e um adjetivo: **aula particular**. Uma pessoa pode ter uma **aula particular** ou várias **aulas particulares** (note bem: se **aula** varia, o adjetivo **particular** é obrigado a variar junto); não importa quantos sejam os professores, os alunos ou os porteiros do prédio.

quaisquer

Ellen, de Cuiabá (MT), tem dúvida quanto à diferença entre as palavras **qualquer** e **quaisquer**. Possuem o mesmo significado? Como devem ser empregadas?

Minha cara Ellen, **quaisquer** é o plural do pronome **qualquer**, nada mais. Dois exemplos do Machado de Assis: “**Quaisquer** que fossem as cores”; “o casamento, **quaisquer** que sejam as condições, é um antegosto do paraíso”. Esse pronome é célebre por figurar naquela velha pergunta de almanaque: “Qual é o único plural do nosso idioma que termina em **R**?”.

concordância com pronome possessivo

Lígia D. está intrigada: “Se Maria é filha de João, posso dizer que Maria é **sua** filha, porque o possessivo concorda com o substantivo. Ora, se Paula é assistente de Anselmo, posso também dizer que ela é **sua** assistente? Ou é **seu** assistente, para concordar com Anselmo?”.

Ora, Lígia, é claro que Paula é **sua** assistente, Paula é **sua** colega, Paula é **sua** amiga. Não esqueça que estamos falando de Português, não de Inglês! Naquele idioma, o possessivo concorda com o **possuidor** (ele tem um carro: ***his car***; ela tem um carro: ***her car***); no nosso, o possessivo concorda sempre com **a coisa possuída** (ele tem um carro: **seu carro**; ela tem um carro: **seu carro**). Anselmo tem uma caneta: **sua caneta**; Anselmo tem uma assistente: **sua assistente**.

concordância do particípio

Marta C., de Curitiba (PR), gostaria de saber qual das duas versões é a correta – “terem **asseguradas** boas condições de aprendizagem” ou “terem **assegurado** boas condições de aprendizagem”?

Minha cara Marta, sem o contexto, é impossível decidir qual das duas é a forma correta. Por exemplo: (1) “Acho que os cidadãos devem ter **asseguradas** boas condições de aprendizagem” – isso quer dizer que **boas condições de aprendizagem** devem ser **asseguradas** aos cidadãos. (2) “Eu admiro aqueles governantes por terem **assegurado** boas condições de aprendizagem” – isso quer dizer que eu os admiro porque eles asseguraram boas condições de aprendizagem. Em (1), o particípio se comporta como adjetivo, concordando com **boas condições**; em (2), ele é o verbo principal da locução verbal (**ter** + **assegurado**) e fica, portanto, invariável.

em anexo

Escreve Giseli, de Florianópolis (SC): “No escritório de advocacia em que trabalho, estamos indecisos quanto à forma correta: ‘Seguem **em anexo** fôlderes’ ou ‘**Anexo**, fôlders’”.

Minha cara Giseli, você pode usar “**seguem em anexo** os fôlderes”; eles poderiam seguir por malote, ou portador, ou serviço de entregas, etc. – só que estes vão **em anexo.** Você pode usar também, no fim do documento, uma fórmula mais telegráfica: “Anexos: tantos fôlderes”.

concordância com a pessoa

Rose Mary está em dificuldades quanto ao gênero de algumas palavras: “Numa determinada gramática, encontrei uma explicação em relação ao gênero das palavras **o cabeça** (o chefe), **a cabeça** (a chefe), **o caixa** (o funcionário), **a caixa** (a funcionária): quando essas palavras designarem **ofícios**, haverá flexão de gênero. Isso está correto?”.

É claro, Rose Mary, que nem sempre vai ocorrer essa flexão. Por exemplo, temos **o** guia **Antônio**, **a** guia **Maria**; **o** caixa Paulo, **a** caixa Maria – em casos como esses, somos obrigados a mudar o gênero do artigo para corresponder ao sexo da pessoa mencionada. Diferente, no entanto, seria uma referência **genérica**, do tipo “ela foi acusada de ser **o cabeça** da conspiração”.

concordância errada

Vander Luís F., de Juazeiro do Norte (CE), estranhou manchete que viu no jornal: "**Os benefícios da homeopatia usada em animais**". "Achei estranho, pois o verbo deveria estar concordando com **os benefícios**, não? O jornalista responsável me garantiu que essa forma está correta, mas não me convenci."

Meu caro Vander, a matéria fala sobre "os benefícios da **homeopatia** [que é] **usada** em animais. A concordância é essa mesma: **usada** se refere à **homeopatia**; não são os **benefícios** que são **usados**. O repórter tem toda a razão. Da mesma forma, "As consequências do **tratado assinado** na Alemanha", "O objetivo das **medidas tomadas** pelo Congresso" – e assim por diante.

8. Problemas de construção

a persistirem os sintomas

> O Professor examina a famosa frase que encerra todos os comerciais de medicamentos no Brasil.

*Oi, Professor Moreno, estou no meio de uma grande polêmica na agência onde trabalho, pois temos de finalizar um comercial com a mensagem obrigatória do Ministério da Saúde... Os comerciais que estão no ar dizem o seguinte: "**Ao persistirem** os sintomas, o médico deverá ser consultado" (esse texto consta nas normas da Vigilância Sanitária). Eu acho que o certo é "**A persistirem** os sintomas, o médico...". Gostaria de esclarecer definitivamente esse tema. Obrigada.*

Andréa G. – Porto Alegre (RS)

Minha prezada Andréa, o problema é muito simples: trata-se de duas estruturas diferentes, e vocês deverão optar entre elas com base no que pretendem dizer. "**A persistirem** os sintomas" é uma estrutura **condicional**; equivale a "**se** os sintomas **persistirem**"; comparem com "**a** continuar assim, vamos falir". "**Ao persistirem** os sintomas", por sua vez, é **temporal**; equivale a "**quando** os sintomas **persistirem**"; comparem com "ao caírem os primeiros raios, todo o sistema elétrico entrou em colapso". Não entendo de Medicina, mas nessa frase do Ministério da Saúde parece que o significado implícito é "**se** os sintomas persistirem", embora o nexo temporal também tenha lá a sua lógica. Aliás, pergunto: por que vocês não usam o **se** ou o **quando**, que vai ser entendido por todos? O fato de ter feito esta consulta (e você não foi a primeira, acredite!) indica que a interpretação não está muito clara para o leitor em geral. Por que insistir no **a persistirem**, que, apesar de correto, vai dar muito pano para manga?

Na volta do correio, a leitora respondeu:

*Oi, Professor Moreno, obrigada pela dica. Concordo que poderíamos evitar uma polêmica maior substituindo o **A** pelo **Se**. Já fiz algo parecido... Deu o maior*

*"bolo". Não sabia, na época, que o texto era "imexível". Fomos obrigados a usar o "**Ao**", depois obrigados a trocá-lo pelo "**A**". Muito obrigada pela ajuda. Abraços. Andréa.*

Como se depreende da narrativa de nossa leitora, o Ministério da Saúde não quis abrir mão de sua firme indecisão gramatical...

dupla negativa

> Duas negativas numa frase valem por uma afirmativa? Um leitor alega que a pessoa que diz que **não** está querendo **nada**, no fundo, está querendo alguma coisa.

*Acho estranho o hábito que as pessoas têm de usar duas negativas juntas: "eu **não** quero **nada**", "eu **não** sou de **nada**", "**não** pedi **nada** para ninguém", etc. Apesar de autodidata, acho muito esquisito (ou, como diriam outros, **esdrúxulo**) falar ou escrever assim; a frase, dita ou escrita dessa maneira, parece perder o seu sentido negativo e ganhar sentido afirmativo. Quem diz "eu **não** quero **nada**" alguma coisa está querendo. Gostaria que o Professor me desse uma resposta definitiva sobre este assunto. Muito obrigado!*

José B. A. – Cruzeiro (SP)

Meu caro José, em primeiro lugar, ninguém pode dar respostas **decisivas** sobre questões de linguagem; como na Medicina ou na Biologia, as respostas sempre refletem nosso atual estágio de conhecimento. Na Ciência, como você bem sabe, o que vale hoje com certeza vai ser suplantado amanhã. O que eu faço é fornecer a meus leitores o que me parece, no momento, ser a orientação melhor e mais sensata.

Em segundo lugar, **não** existe **nada**, em Português, que vede a dupla negação (você percebeu o **não**... **nada**?). Isso até pode valer para certos ramos da Lógica Formal, onde duas negativas levam a uma afirmativa (como na Matemática, onde **menos** com **menos** dá **mais**). Embora a gramática padrão do Inglês não aceite a dupla negação, a maioria das línguas humanas (que vão muito, mas muito além da Lógica Formal) utiliza tranquilamente essa construção,

multiplicando, na mesma frase, vocábulos negativos que se reforçam uns aos outros; como diz o linguista dinamarquês Otto Jespersen, “os falantes espalham uma fina camada de coloração negativa sobre a frase inteira, em vez de concentrá-la num único lugar”.

Vamos encontrar construções como “**Não** devo **nada** a ninguém”, “**Não** quero saber de **nada**”, “**Nunca** vi **nada** parecido”, e assim por diante, em todos os nossos bons escritores, inclusive no maior de todos eles, o incomparável Machado de Assis. Nos mais antigos, deparamos com formas mais radicais ainda: por volta de 1500, Gil Vicente escrevia “**Nem** tu **não** hás de vir cá”; “A **ninguém não** me descubro”; “**Nem** de pão **não** nos fartamos”.

Muitas são as situações em que empregamos instintivamente duas ou mais palavras com carga negativa. Para usarmos **nenhum**, por exemplo, é indispensável que a frase inclua antes um **não**: embora na posição de **sujeito** possamos encontrar o pronome **nenhum** sem o **não** anterior (“**Nenhum** jogador quis falar”), nas demais posições sintáticas, contudo, a correlação “**não**... **nenhum**” é praticamente obrigatória: “Esta geladeira **não** é **nenhuma** Brastemp”; “**Não** encontrei **nenhum** defeito”; etc. Além disso, você deve estar familiarizado com frases do tipo “aquilo **não** vale **nada**, **não**”, com esse **não** adicional que costumamos acrescentar ao final de uma negativa enfática. E não esqueça: no quotidiano, no calor da hora, quando tivermos de negar alguma coisa muito importante mesmo, vamos usar todas as palavras negativas que conseguirmos enfiar numa frase, como ouvi um dia, por cima do muro, um vizinho meu gritar para a mulher: “Já te disse que **não** tenho **nadica** de **nada** a ver com Marina **nenhuma**!”.

absolutamente é negativo?

Caro Prof. Moreno, o uso do advérbio ***absolutamente*** *não deveria ser restringido apenas a orações que expressem* ***negação****? Explico: enquanto lia seus textos, encontrei a frase “O estranho, bizarro, absolutamente insano é dizer* ***um clips****”. Bem, enquanto me preparava para um concurso, minha atual professora de Português me informou que o uso do advérbio* ***absolutamente*** *deveria se restringir,* *em suma, ao uso de orações que expressassem* ***negação****. Ela ainda usou como exemplo um apresentador de televisão daquela época, Jota Silvestre, que dizia "A resposta está* ***absolutamente*** *certa". Segundo a professora, sendo* ***absolutamente*** *igual a* ***não****, o apresentador estava dizendo na verdade que a resposta estava errada, diferentemente do que ele pretendia na prática. Usando esse mesmo raciocínio, posso dizer que o senhor quis dizer* ***não insano*** *quando se referiu a* ***um clips****?*

Davi E. M. – Uberlândia (SP)

Prezado Davi, talvez sua memória esteja lhe pregando uma peça quanto aos ensinamentos de sua professora (ou talvez tenha sido mesmo a mestra quem se equivocou). É verdade que nosso **absolutamente**, usado como resposta, é negativo, enquanto o ***absolutely*** do Inglês é positivo. À pergunta "Foi você que fez isso?", se um brasileiro responder **absolutamente**, ele estará dizendo que **não**; se um inglês responder ***absolutely***, ele estará dizendo um **sim enfático**.

Fora desse contexto, no entanto, **absolutamente**, ao ser usado como advérbio de intensidade (principalmente junto a **adjetivos**), não traz nenhum sentido negativo. Entre muitos outros, você vai encontrar exemplos em Rui Barbosa ("É **absolutamente necessária** a sua residência nesta capital"; "Não há, naquela assembleia, um deputado que não esteja **absolutamente certo** do contrário") e em Machado de Assis ("Era **absolutamente impossível** não concordar com esta opinião"; "...o projeto é **absolutamente original**" – o que, vamos convir, já basta para mostrar que o "**Absolutamente certo!**" do J. Silvestre estava **absolutamente** (inteiramente) **certo**.

e nem

Meu caro Moreno, um anúncio de jornal diz: "A internet que não quebra a sua cabeça ***e nem*** *o seu bolso". Esse é apenas um exemplo de algo que eu tenho lido bastante por aí e não consigo entender. Por que usar a expressão* ***e nem*** *quando a palavra* ***nem*** *teria exatamente o mesmo significado? Ou não teria?*

Giba Assis Brasil

Prezado Giba, muito bem observado. A frase do anúncio está equivocada, sem dúvida. Contudo, o problema não é tão simples quanto parece. Há frases em que vai ocorrer, normalmente, a sequência **e + nem**. Explico.

1 – Só nem

Nem é a união de [**e+não**], como você já observou em sua pergunta. Como o **e** já está implícito no **nem**, repeti-lo seria um daqueles erros tão famosos que até nome tem: pleonasmo vicioso.

Ele não voltou [**e não**]/[**nem**] avisou quando o fará.

1.1 – É muito comum a oração introduzida por **nem** ser antecedida por uma oração com **não** ou qualquer outra palavra negativa (**ninguém**, **nunca**, **jamais**, etc.):

Nós **não** comparecemos à audiência,
nem fomos citados de novo.

Ninguém o ajudou, **nem** ajudará.

Nunca visitavam os pais, **nem** telefonavam.

1.2 – Pode aparecer repetido (**nem**... **nem**...)

Nem a polícia recuava, **nem** os
manifestantes se dispersavam.

1.3 – Entra no lugar de **não** antes de **todos**, **tudo** e **sempre**:

Nem sempre teremos essa sorte.

Nem tudo que reluz é ouro.

Nem todos podem pagar esse preço.

1.4 – Em algumas estruturas tradicionais, vale pôr **e sem**:

História **sem** pé **nem** [e sem] cabeça.

Ele puxou o revólver, **sem** quê **nem**
[e sem] para quê.

Ele disse isso, **sem** tirar **nem** [e sem] pôr.

2 – A sequência e nem

Observe os seguintes exemplos, todos corretos:

Ele me reconheceu **e nem** me cumprimentou.

Foi visitar o prefeito **e nem** fez a barba.

Devia-lhe muitos favores **e nem**
se propôs a ajudá-lo.

O que me parece mais importante é perceber que este **e** não tem relação alguma com o **nem**, ou seja, não existe, na verdade, a expressão **e nem**. O que temos aqui é uma sequência casual de dois vocábulos independentes, sintática e semanticamente. Vejamos:

2.1 – O valor da conjunção **e**, aqui, não é **aditivo**, mas **adversativo** (equivale a **mas**, como na frase "Ele é bilionário **e** não ajuda ninguém"). As duas frases abaixo são sinônimas:

(a) O professor me reconheceu **e** nem me cumprimentou.

(b) O professor me reconheceu, **mas** nem me cumprimentou.

2.2 – O **nem**, por sua vez, está sendo usado para indicar que algo inesperado aconteceu. Compare:

(c) O professor me reconheceu **e não** me cumprimentou.

(d) O professor me reconheceu, **mas não** me cumprimentou.

(e) O professor me reconheceu **e nem** me cumprimentou.

(f) O professor me reconheceu, **mas nem** me cumprimentou.

Embora em todas as frases o nexo adversativo (tanto o **mas**, quanto o **e**) indique que eu aguardava o cumprimento que não veio, em (e) e (f) fica implícito que isso era o **mínimo** que o professor devia ter feito. Percebe-se que nessas frases o **nem** faz parte de uma expressão maior: **nem** [**ao menos**] , **nem** [**mesmo**], em que a segunda parte pode vir explícita ou implícita.

(g) O professor me reconheceu **e nem ao menos** me cumprimentou (sequer).

(h) O professor me reconheceu, **mas nem ao menos** me cumprimentou (sequer).

É importante frisar, finalmente, que este **nem** é bem diferente do que aparece na seção 1. Enquanto aquele, por representar [**e+não**], deve sempre ser antecedido de uma oração negativa, este não tem a mesma exigência.

se se

> Eu tive um professor que condenava qualquer ocorrência de **se se** em nossas redações: "**Cecê** é cheiro de axila!", ele esbravejava. Em parte ele tinha razão.

Prezado Professor, na frase "Quando estou lá fora, sempre aprontam alguma coisa, até mesmo ***se se*** *trata de país tão amigo e fraterno quanto Portugal", o* ***se*** *aparece repetido; por que e como é isso?*

Danilo N. – Pelotas (RS)

Meu caro Danilo, a frase está correta, mas, como você mesmo notou, muito desajeitada. O primeiro **se** é a **conjunção** condicional (no Inglês, seria o ***if***). O

segundo é o **pronome se**, que faz parte do verbo **tratar-se**; infelizmente, ele não pode aqui ficar depois do verbo (em ênclise): seria horripilante um “até mesmo se trata-se de país...”.

Examine a frase “**quando se** trata de dinheiro”, ou “é sério, **porque se** trata de dinheiro”: aí temos [**quando+se**] e [**porque+se**]. O **se**, em ambos os exemplos, é **pronome**. Agora imagine a **conjunção se** entrando no lugar de **quando** ou de **porque**: [**se+se**]. O encontro é perfeitamente possível; eu, contudo, o evitaria, reescrevendo a frase para “até mesmo no caso de um país ...” ou “até mesmo quando se trata de um país...”. Há sempre dezenas de maneiras para dizer a mesma coisa: essa é a grande riqueza da língua.

faz com que

> Em **O uso do chuveiro fez com que a conta aumentasse**, aquele **com** é realmente necessário?

*Caro Prof. Moreno, tenho combatido a expressão “isto **faz com que**...”, porém vejo “gente grande” empregando esta muleta (?) sem pensar. Proponho sempre a forma “isto **faz que**...”. Gostaria de conhecer sua opinião.*

Marcos B. – Ourinhos (SP)

Meu caro Marcos, mesmo que você seja professor de Português (não sei qual a sua profissão), você não deve andar por aí combatendo palavras ou expressões. Defenda as formas que você considera corretas, mas evite atacar as que os outros empregam. Lembre-se das sábias palavras do professor Celso Luft, que abominava, e com razão, o famigerado **a nível de**: “Eu não uso; mas, e os outros com isso?”.

Só podemos exigir **fazer que** quando a expressão tiver o conhecido significado de “fingir”: “Na escola moderna, o professor **faz que** ensina, enquanto o aluno **faz que** aprende”. No sentido de “causar, ocasionar”, no entanto, a escolha é totalmente livre; tanto se escreve “isso **fará que** ele aprenda” quanto “isso **fará com que** ele aprenda”. Acho precipitado você chamar de “muleta” uma prática que vem acompanhando o Português desde que ele

começou a ser escrito. Para exemplo (e para nosso divertimento), vou relacionar algumas passagens colhidas na literatura:

Na sua ***História da Província de Santa Cruz*** (1576), escreve Pero de Magalhães Gandavo: "Mas porque a mãe sabe o fim que hão de dar a esta criança, muitas vezes, quando se sente prenhe, mata-a dentro da barriga e **faz com que** não venha à luz".

No ***Tácito Português***, de Francisco Manuel de Melo (1608-1666), vamos encontrar: "A pouca introdução que nos negócios permitia ao duque de Barcelos o duque seu pai **fez com que** ambos vivessem desconfiados".

Machado de Assis emprega regularmente a preposição: "...o remorso de não haver sufocado aquele grito de seu coração **fez com que** Estêvão, quase no mesmo instante, murmurasse..." (***A Mão e a Luva***). "Um anônimo ou anônima que passe na esquina da rua **faz com que** metamos Sírius dentro de Marte" (***D. Casmurro***). Ou ainda: "Até aí os conselhos; mas um pouco de glória **fez com que** Paulo cantarolasse entre os dentes, baixinho, para si, a primeira estrofe da Marselhesa". Mais adiante: "... a certeza de que podia acender-lhes novamente os ódios **fazia com que** as opiniões de Pedro e de Paulo ficassem entre os seus amigos pessoais" (***Esaú e Jacó***). Nos seus contos, aqui e ali encontramos a bendita: "A desgraça porém que o perseguia **fez com que** o primeiro amigo tivesse de ir no dia seguinte a um casamento e o segundo a um baile". Outra: "A minha boa fortuna **fez com que** o senhor me avisasse a tempo...". E mais outra: "O caiporismo, que o perseguia, **fazia com que** as dezenove prosperassem, e a vigésima lhe estourasse nas mãos".

Camilo Castelo Branco usa e abusa: "...esta menina disse que o rapaz talvez se ofendesse, e **fez com que** ele ficasse sem os doze vinténs" (***Novelas do Minho***); "...porque entendo que é uma imprudência pôr-se em campo o Partido Realista, e isso só **fará com que** os Cabrais triunfem" (***Maria da Fonte***); "Disse que não tinha inclinação a viajar, e **fez com que** o pai inventasse desculpas que dispensassem a filha" (***O Romance de um Homem Rico***).

Eça de Queirós é outro a quem a expressão não desagrada: "Só a porção de Matéria que há no homem **faz com que** as mulheres se resignem à incorrigível porção de Ideal"; "Talvez o requinte em retardar, que **fazia com que** La Fontaine, dirigindo-se mesmo para a felicidade, tomasse sempre o caminho mais longo" (***Fradique Mendes***). E mais: "...aquela alta superioridade que **fazia com que** madama Recamier se erguesse, ao cumprimentar" (***As Farpas***). E ainda: "Enfim, a moda é ter só uma mulher – e isto, mais do que tudo, **faz com que** os haréns do Cairo se vão transformando lentamente no nosso avaro e limitado casamento monógamo" (***O Egito***).

Como se pode ver, prezado Marcos, não podemos, eu e você, comparar-nos aos nomes que citei. Haveria muitos outros, mas achei que Machado e Eça já bastariam para mudar sua opinião. Você continua tendo o direito de preferir o **fazer que**, sem o **com** – acompanhado, aliás, por excelentes escritores –, mas não pode condenar aquilo que a tradição culta aprovou, ao longo dos séculos.

P.S.: Por falar nisso: eu só uso fazer **com que**.

muito provavelmente

> Aprenda a diferença entre **provavelmente** e **muito provavelmente**.

*Prezado Professor, gostaria de saber se posso escrever, nos meus laudos médicos, algo como "As áreas descritas correspondem **mais provavelmente** a processo degenerativo benigno". É correto utilizar alguma dessas expressões: **mais provavelmente, mais provável, mais frequentemente** ou **mais frequente**?*

Silvio T. – Médico – São Paulo (SP)

Meu caro Sílvio, **mais** e **menos** são dois advérbios **intensificadores** que podem ser usados com **verbos** (trabalhou **mais**, trabalhou **menos**), com **adjetivos** (**mais** feliz, **menos** feliz) ou mesmo com **advérbios** (**mais** longe, **mais** raramente). Uma coisa pode ser **provável**, mas outra pode ser ainda **mais provável**; isso acontece **frequentemente**, mas pode acontecer **mais frequentemente** aos sábados.

Não sei exatamente a estrutura do parágrafo em que você pretende usar o **mais provavelmente**; lembro-lhe apenas que o **mais** deve ser usado quando queremos estabelecer uma relação de comparação entre **X** e **Y**: se duas coisas são prováveis, nada impede que uma seja **mais provável** que a outra. Se você quiser, no entanto, apenas intensificar o **provavelmente** numa única situação (isto é, sem outro polo de comparação), então o advérbio indicado para isso é **muito**. Dizer que "a doença se manifesta **provavelmente** por causa da exposição ao sol" é diferente de afirmar que "a doença se manifesta **muito provavelmente** por causa da exposição ao sol" – as probabilidades aumentaram. Se você escrever

“As áreas descritas correspondem **muito provavelmente** a processo degenerativo benigno”, está opinando que as chances de ser exatamente assim são muito grandes. Era isso o que você queria dizer no seu laudo?

P.S.: Agora, uma recomendação: quando um usuário treinado, como é o seu caso, sentir soar uma nota falsa ao optar por uma determinada expressão, deve seguir a sua intuição e **não usá-la**. É mais ou menos como, *mutatis mutandis*, a pessoa que evita um determinado alimento porque sente que ele vai lhe fazer mal. Se eu me submetesse a uma investigação médica, poderia um dia encontrar uma causa orgânica para a minha repugnância por manteiga; enquanto eu não faço isso, contudo, trato de me manter bem longe da bandida.

qual a conjunção adequada?

*Prof. Moreno, a professora perguntou qual seria a conjunção adequada para ligar as orações “Nada o impedia de sair” e “Preferiu ficar”. A maioria escolheu “nada o impedia de sair, **mas** preferiu ficar”. Ela disse que estava errado e que deveria ser “nada o impedia de sair, **portanto** preferiu ficar”. Será que só a forma da professora está correta? Obrigada pela resposta.*

Laura R. – Fortaleza (CE)

Minha prezada Laura, quando coloco uma conjunção entre duas orações, estou tentando definir qual o **nexo** – dentro da minha óptica – que elas têm entre si. Dou-lhe um bom exemplo: compare “Ele foi eleito para a Academia; **portanto**, deve ser um bom escritor”, com “Ele foi eleito para a Academia; **entretanto**, deve ser um bom escritor”. Na primeira, está manifesta a ideia de que entrar para a Academia é um ponto positivo; na segunda, exatamente o contrário. Escolher **entretanto** ou **portanto** vai permitir que eu exprima diferentes relações entre as mesmas ideias. No caso da sua frase, eu – e a grande maioria dos leitores, como você mesma – optaria por uma conjunção adversativa (**mas**, **porém**...): “ele tinha tudo para sair, **mas** (ideia oposta) preferiu ficar”. Já a sua professora optou pelo **portanto**, o que me sugere a seguinte leitura: discute-se por que ele ficou; alguém alega que “nada o **obrigou** a ficar; se

ele quisesse, poderia ter saído; se ele ficou, é porque **preferiu** ficar". Na fala, haveria um deslizamento do **foco** da frase para o verbo **preferir**, acompanhado, inclusive, de uma mudança no tom de voz – similar àquele que usamos em "ele não derrubou **um livro**; ele derrubou **a estante toda**" (estamos opondo **livro** a **estante**), ou "ele não **derrubou** a estante; na verdade, ele **desmontou** a estante" (estamos opondo **derrubar** a **desmontar**).

Como você vê, ambas as conjunções podem entrar nesse mesmo lugar; a diferença é que 95% dos leitores optariam pela **adversativa**, enquanto 5% (dentro do contexto e com a intenção que descrevi) ficariam, como a professora, com a **conclusiva**. Talvez o contexto (o texto que vem antes e depois do trecho que você menciona) traga pistas importantes para resolver o problema. Assim, com o que você me deu, isso é tudo o que posso lhe dizer.

muito pouco

> Um leitor do Acre está estudando para um concurso e ficou intrigado com a expressão **muito pouco.**

*Professor, como se explica o uso da expressão **muito pouco** numa frase como "falta **muito pouco** para eu ir embora"?*

José C. da Silva – Rio Branco (AC)

Prezado José, talvez você fique feliz em saber que sua dúvida é compartilhada por Suzana S., de Limeira (SP), e por Rogério L., de Porto Alegre (RS). Feliz também fico eu, que posso esclarecer a três leitores com uma só cajadada; basta que leiam com paciência o que passo a explicar.

Todos ouviram dizer que o **advérbio** é uma palavra invariável que serve para modificar um **verbo**, um **adjetivo** ou outro **advérbio**? Pois não é bem assim; essa afirmativa, presente na maioria dos livros didáticos, só serviu, até hoje, para confundir nosso aluno. O **advérbio** – o nome está dizendo – modifica mesmo é o **verbo**; aliás, é por detalhe que ele não se chama **adverbo**, como é no Francês (***adverbe***) ou no Inglês (***adverb***). O que acabo de dizer vale para todos os advérbios comuns – os de **modo**, os de **lugar**, os de **tempo**, etc. –, exceto o grupo

especialíssimo dos advérbios de **intensidade**: **muito**, **pouco**, **mais**, **menos**, **bastante**, **assaz**, **demasiadamente**, **excessivamente**, etc. Estes (e só estes) podem também modificar **adjetivos** ou outros **advérbios**:

Ele corre **muito** (modifica o verbo **correr**).
Ele está **muito** feliz (modifica o adjetivo **feliz**).
Ele mora **muito** longe (modifica o advérbio **longe**).

É muito comum, portanto, a construção [**muito** + **X**], onde "**X**" pode ser qualquer advérbio – inclusive alguns de intensidade. "Ele lê **mais** que o irmão" é diferente de "ele lê **muito mais** que o irmão"; da mesma forma, uma coisa é "comer **pouco**"; outra, é "comer **muito pouco**", que é uma forma intensificada de **pouco**, equivalendo ao superlativo "**pouquíssimo**". Nessa mesma posição, o advérbio **bem**, que funciona normalmente como advérbio de **modo**, pode também operar como advérbio de **intensidade**, como sinônimo de **muito**: "ele come **bem** pouco", "ele está **bem** feliz". Espero ter sido bem claro.

embora

Em "vamos embora", o que está fazendo esse **embora** junto ao verbo? O Professor explica.

*Na expressão "**ir embora**", qual é a classificação da palavra **embora**? Ela faz parte do verbo? É um advérbio? É uma partícula sem classificação? Funciona como preposição? Ou...?*

Paula G. M. – Natal (RN)

Prezada Paula, a palavra **embora** é um **advérbio** formado, historicamente, pela aglutinação dos vocábulos que compõem o **adjunto adverbial** "em boa hora". No ***Aurélio***, vem um feliz exemplo do Gil Vicente, do *Auto de Mofina Mendes*, onde isso fica bem claro:

Paio Vaz, se queres gado,

dá ó demo essa pastora:
paga-lho seu, vá-se **embora**
ou **má hora,** e põe o teu em recado.

É evidente que hoje ninguém mais enxerga no **embora** essa ideia de "em boa hora"; no entanto, não concordo com o ***Aurélio*** quando diz que, em "vamos embora", **embora** é uma partícula desprovida de significado; prefiro seguir o ***Houaiss***, para quem ele continua sendo o mesmo **advérbio**, com outro valor semântico; no mesmo sentido, o dicionário da Academia de Ciências de Lisboa considera habitual o emprego deste **advérbio** "com verbos de movimento, para indicar afastamento de um lugar".

solução de continuidade

O Professor explica o que significa essa expressão e recomenda que ela **não** mais seja empregada.

*Prezado Prof. Moreno, tenho uma grande dúvida de sintaxe: qual o significado e como empregar a expressão **solução de continuidade**? O **Aurélio** fala em **separação**, mas não exemplifica! Desde já agradeço a atenção dispensada.*

Tatiana M. – Blumenau (SC)

Minha cara Tatiana, não se trata de **sintaxe**, mas do significado de uma expressão – o que fica no âmbito da **semântica**. **Solução de continuidade** significa "interrupção", isto é, a continuidade foi "**dissolvida**" (este é o sentido aqui de **solução**; não se trata da **solução** que vem do verbo **resolver**, que você vai encontrar na "solução de um problema"). Por exemplo, é indispensável criar escolas de emergência na região assolada pelas enchentes, para que a educação das crianças não sofra **solução de continuidade**, isto é, não seja interrompida. Esta é uma daquelas expressões que, a meu ver, tornaram-se completamente inúteis, na medida em que as pessoas as entendem das mais diferentes maneiras.

há cerca de

Se dói quando corrigem um erro nosso, dói mais ainda quando tacham injustamente de erro uma forma que estamos usando corretamente. Uma leitora sofre na carne essa injustiça ao empregar **há cerca**.

Fui alvo de gozação por ter escrito a seguinte frase: "Ele mora lá ***há cerca*** *de 30 anos". Disseram que* ***cerca*** *era sinônimo de algo cercado e que "****há cerca****" não existia. Aconselharam-me até a comprar um dicionário ou gramática. Apesar de ter certeza de que esta forma é certa, não consegui dar uma explicação gramatical que fosse convincente o bastante para dissipar qualquer dúvida sobre a controvérsia. Por isso, venho pedir a ajuda do Professor Moreno.*

Kecia V.

Minha cara Kecia, como se costuma dizer, você está coberta de razão. Só não entendi em que meio você se move: quem, no seu são juízo, pode afirmar que **há cerca** não existe? Essas pessoas que zombaram de você já frequentaram colégio?

Vamos por partes. (1) Qualquer pessoa alfabetizada sabe que podemos usar **haver** para indicar tempo decorrido: **há** (=faz) **dez dias**, **havia** (=fazia) **dois anos**, etc. Espero que até aqui todos os seus amigos concordem e não comecem suas zombarias. (2) O advérbio **cerca** é um sinônimo mais ou menos culto para **aproximadamente, mais ou menos**: "**Cerca** de duas mil pessoas estiveram no enterro". Até aqui, também, espero que não haja dúvidas. (3) Pergunto: todos aí aceitam "cheguei aqui **há aproximadamente** três horas"? Mais uma vez, espero que sim; esta expressão faz parte do Português básico. Ora, muito bem; chegamos ao final da lição: substituam **aproximadamente** por seus sinônimos, e vamos ter "cheguei aqui **há mais ou menos** três horas" e – adivinhem! – "cheguei aqui **há cerca** de três horas". Pronto, Kecia. Aqui você tem a justificativa gramatical de que necessitava; só me indigno com a inversão de valores: a pessoa que escreve certo é que tem de dar explicações aos demais, a eles que – esses sim! – deviam se aproximar um pouco mais das gramáticas e do nosso querido amansa-burro.

Curtas

há mais de dez anos

> Elenice Ferro quer saber se o correto seria escrever "...atuando **a** mais de 10 anos em organizações de grande porte" ou
> "... atuando **há** mais de 10 anos em organizações de grande porte".

Minha cara Elenice, trata-se aqui de indicar **tempo já decorrido**; neste caso, o verbo usado para isso sempre foi o verbo haver. Você deve, portanto, escrever "atuando **há** mais de 10 anos...".

há dois anos

Tiago C., mecânico de Santo André (SP), quer saber como deve escrever: "Sou pai **a** ou **há** dois anos".

Prezado Tiago, você deve escrever "Sou pai **há** dois anos". Aqui não se trata da preposição **a**, mas do verbo **haver**, usado como um substituto para **fazer**: "**Faz** dois anos que eu sou pai". Ia ser diferente se fosse no futuro: "Vou ser pai daqui **a** dois meses".

há mais ou menos

Gilson P., de Macaé (RJ), quer saber se está correta a frase "Sou da Bahia, mas

estou vivendo aqui no Rio de Janeiro **a** mais ou menos 26 anos". Ou seria "**há** mais ou menos"?

Meu caro Gilson, "Vivo no Rio **há** mais ou menos vinte anos". É tempo decorrido, é verbo **haver**; em outras palavras, "**Faz** mais ou menos 26 anos que estou vivendo no Rio".

há tempos

Maria do Carmo, de Marília (SP), estranha a forma **há** usada no lema de uma empresa de transporte urbano de sua cidade: "**Há** tempos circulando com você".

Prezada Maria do Carmo, a frase está correta; o verbo **haver** aqui está sendo usado para indicar **tempo decorrido**. É o mesmo caso de frases como "**Há** dez anos", "Isso aconteceu **há** dois minutos", "Eu não o vejo **há** semanas".

a dois mil metros

Telmo D. pergunta qual a expressão correta: "estou **há** dois mil metros de altura" ou "estou **a** dois mil metros"?

Caro Telmo, o verbo **haver** é empregado para indicar **tempo passado**, da mesma forma que **fazer**: "estamos **há** dois anos da virada do milênio" é o mesmo que "faz dois anos que entramos no novo milênio" (isto é, já se passaram dois anos). Não é disso que estamos falando na frase que você mandou, pois ela fala de **distância**; o correto é mesmo "estou **a** dois mil metros de altura".

há ou **a?**

Amauri C., de Uberlândia (MG), gostaria de saber se deve usar **a** ou **há** em várias frases que caíram numa prova de concurso:

(a) Estive em Belo Horizonte ___ quinze dias atrás.
(b) ___ dois dias que estou tentando telefonar.
(c) Os documentos foram enviados ___ mais de uma semana.

(d) Estamos ___ três meses do nascimento e ele ainda não foi ao cartório para registrar o filho.

Prezado Amauri, você deve completar todas as lacunas com **há**, do verbo **haver**, pois todas elas tratam de **tempo decorrido**. A última é um pouco mais ardilosa, mas a referência ao cartório deixa claro que já faz três meses que o bebê nasceu.

Cláudio Moreno nasceu na cidade de Rio Grande (RS). No final dos anos 60, concluiu o curso de Letras da UFRGS, com habilitação em Português e Grego. Em 1972 ingressou como docente no Instituto de Letras da mesma universidade, tendo sido responsável por várias disciplinas nos cursos de Letras e de Jornalismo, assim como pela disciplina de Redação para os cursos de Pós-Graduação de Medicina. Em 1977, concluiu o mestrado em Língua Portuguesa com a dissertação *Os diminutivos em -inho e -zinho e a delimitação do vocábulo nominal no Português*; em 1997, obteve o título de Doutor em Letras com a tese *Morfologia nominal do Português***.** Do jardim-de-infância à universidade, estudou toda sua vida em escolas públicas e gratuitas, razão pela qual, sentindo-se em dívida para com aqueles que indiretamente custearam sua educação, resolveu criar e manter o sítio www.sualingua.com.br como uma pequena retribuição por aquilo que recebeu.

Coordena, atualmente, a área de Língua Portuguesa dos colégios Leonardo da Vinci Alfa e Beta, de Porto Alegre, do Sistema Unificado de Ensino. É professor regular das Teleaulas de Língua Portuguesa da Universidade Estácio de Sá, do Rio de Janeiro. Na imprensa, assinou uma coluna mensal sobre etimologia na revista *Mundo Estranho*, da Abril, e escreve regularmente no jornal *Zero Hora***,** de Porto Alegre, onde mantém uma seção sobre Mitologia Clássica e outra sobre questões de nosso idioma.

Publicou, em coautoria, livros sobre a área da redação – *Redação técnica* (Formação), *Curso básico de redação* (Ática) e *Português para convencer* (Ática). Sobre gramática, publicou o *Guia prático do Português correto* pela L&PM Editores, em quatro volumes: *Ortografia* (2003), *Morfologia* (2004), *Sintaxe* (2005) e *Pontuação* (2010). Pela mesma editora, lançou *O prazer das palavras* – v.1 (2007) e v.2 (2008), com artigos sobre etimologia e curiosidades de nosso idioma. Além disso, é o autor do romance *Troia* (2004) e de dois livros de crônicas sobre Mitologia Clássica, *Um rio que vem da Grécia* (2004) e *100 lições para viver melhor* (2008), todos pela L&PM Editores.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Projeto gráfico e capa: Ana Cláudia Gruszynski
Revisão: Jó Saldanha, Renato Deitos e Elisângela Rosa dos Santos
Revisão final: Cláudio Moreno

M843g

Moreno, Cláudio
Guia prático do Português correto: sintaxe/Cláudio Moreno. – Porto Alegre: L&PM, 2011.
(Coleção L&PM POCKETt; v. 471)

ISBN 978.85.254.2331-3

1.Português-sintaxe. I.Título. II.Série.
CDU 801.3=690(035)

Catalogação elaborada por Izabel A. Merlo, CRB 10/329.

© Cláudio Moreno, 2005

e-mail do autor: **hapax@terra.com.br**
Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores
Rua Comendador Coruja 314, loja 9 – Floresta – 90220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-5380

Pedidos & Depto. Comercial: **vendas@lpm.com.br**
Fale conosco: **info@lpm.com.br**
www.lpm.com.br

Table of Contents

- Apresentação
- 1. Funções sintáticas
  - classe não é função
  - viver é verbo de ligação?
  - sujeito oculto?
  - nomenclatura Gramatical Brasileira
  - sujeito oracional
  - sujeito do Ouviram do Ipiranga
  - fui eu quem fez
  - a hora da onça beber água
  - adjunto adnominal x predicativo
  - adjunto adnominal x complemento nominal
  - complemento nominal?
  - complemento adverbial?
- 2. Sintaxe dos pronomes pessoais
  - colocação do pronome
  - a colocação “brasileira” do pronome
  - mesóclise?
  - pronome solto entre dois verbos
  - mesmo
  - o eu pode vir primeiro?
  - emprego do lhe
  - o lhe é só para humanos?
  - o ou lhe
  - para mim comprar
- 3. Regência verbal
  - doa quem doer
  - pisar na grama
  - preposições juntas
  - Preposições nos sobrenomes
  - Suicidar-se
  - Onde e aonde
  - implicar
  - chegar em?
  - assistir
  - alguém que lhe queira
  - atender
  - dignar-se de
- 4. Crase

- Bahia e Recife
- se vou a e volto da
- do ou de Paulo?
- em França?
- artigo antes de relativos
- crase e pronome de tratamento
- crase e subentendimento
- crase precisa de um artigo!
- as oito às doze
- ensino à distância

5. Concordância verbal
    - o deslocamento do sujeito
    - concordância com verbos impessoais
    - há de haver
    - haviam ocorrido
    - concordância com a voz passiva sintética
    - concordância do verbo ser
    - a gente somos?
    - o povo brasileiro somos
    - os Estados Unidos é?
    - mais sobre Estados Unidos
    - concordância com percentuais
    - fui eu quem começou
    - a maioria dos homens
6. Tratamento
    - lhe, te e você
    - tu x você
    - se liga
    - quem é doutor, afinal?
    - enfermeiro é doutor?
    - Vossa Meritíssima?
7. Concordância nominal
    - a cerveja que desce redondo
    - nacionalidade brasileiro ou brasileira?
    - seu(s) próprio(s) umbigo(s)
    - camisas cinza
    - anexo ou em anexo?
    - gênero, número e caso
    - haja vista
8. Problemas de construção
    - a persistirem os sintomas

- dupla negativa
- absolutamente é negativo?
- nem
- se se
- faz com que
- muito provavelmente
- qual a conjunção adequada?
- muito pouco
- embora
- solução de continuidade
- há cerca de

Sobre o Autor

LÍNGUA AFIADA ESPECIAL

Concordância Verbal

Fabrício Dutra

CONFIRMADO: 15/03 – SIG

LÍNGUA AFIADA!
G ONLINE
GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA
LÍNGUA AFIADA

CARNAVAL GRAN BELEZA

DESFILE DOS CAMPEÕES

EQUIPE PLÊIADE

- » ATUALIDADES – URANI
- » RACIOCÍNIO LÓGICO – ABEL MANGABEIRA
- » DIREITO CONSTITUCIONAL – JÚNIOR VIEIRA
- » DIREITO ADMINISTRATIVO – FÁBIO LUZ
- » GRAMÁTICA + TEXTO – FABRÍCIO DUTRA E ELIAS SANTANA

DICAS E EXERCÍCIOS – CESPE

INDICADOS PARA CEF, CÂMARA, ICMBIO, TCDF E MTE

DATA: 08/03 – SÁBADO

CONFIRMADO

PLÊIADE

CURSOS POR MATÉRIA

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

UFR
ULTIMATE
FABRICIO E ROSA
MATEMÁTICA
VS
PORTUGUÊS

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

SINTAXE DO PERÍODO SIMPLES

GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

S V C

Naquela cidade pequena ocorreu infelizmente diversos assaltos a banco.

Ontem meu país comemorou a prisão de todos os corruptos.

A vaca, antes que a noite chegue, o meu vizinho ordenha.

Em um terreno baldio, por exemplo, surge um campo de futebol.

Depende da consentimento da direção o sucesso da construção da quadra.

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas, de um povo heroico um brado retumbante.

ORDEM E PROGRESSO

GRAN INSTITUTO
DE LÍNGUA
PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

Quando a oração começa com o verbo...

É, então, compreensível que todos tenham se irritado.

Foi importante devolver o dinheiro encontrado ao dono.

Parece que todos estavam desatentos na hora do gol.

Vou te contar
Os olhos já não podem ver
Coisas que só o coração pode entender
Fundamental é mesmo o amor
É impossível ser feliz sozinho

Prova: CESPE - 2013 - ANS - Técnico Administrativo

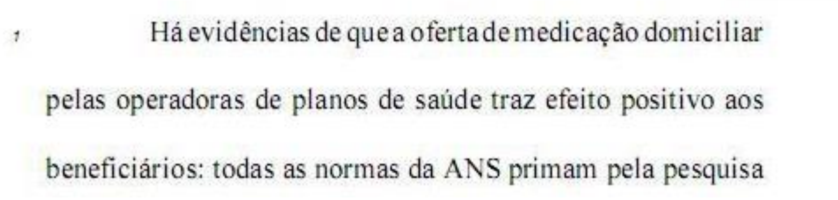

1 Há evidências de que a oferta de medicação domiciliar
pelas operadoras de planos de saúde traz efeito positivo aos
beneficiários: todas as normas da ANS primam pela pesquisa

A forma verbal “traz” (l.2) está no singular porque concorda com o núcleo de seu sujeito: “a oferta” (l.1).

Prova: FCC - 2012 - MPE-AP - Promotor de Justiça

... quando vierem as cheias...

O segmento em destaque exerce na frase acima a mesma função sintática que o elemento grifado exerce em:

a) ... todos fogem diante dele...

b) .. as coisas do mundo sejam governadas pela fortuna e por Deus...

c) ... mas deixa a nosso governo a outra metade...

d) ... sem poder contê-lo minimamente...

e) ... só resta aos homens providenciar barreiras e diques...

Prova: CESPE - 2011 - Correios - Analista de Correios

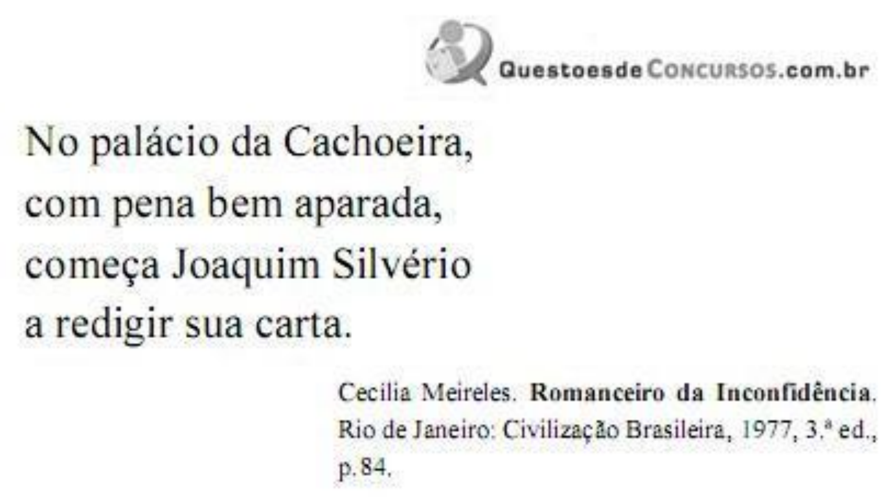

QuestoesdeConcursos.com.br

No palácio da Cachoeira,
com pena bem aparada,
começa Joaquim Silvério
a redigir sua carta.

Cecília Meireles. **Romanceiro da Inconfidência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977, 3.ª ed., p. 84.

Julgue o item abaixo, com relação à ordem dos termos linguísticos nesse fragmento de poema.
Se os versos do fragmento fossem reescritos na ordem sujeito-verbo-complemento verbal-adjunto adverbial, a versão correta seria: No palácio da Cachoeira/Joaquim Silvério começa/ a redigir sua carta/ com pena bem aparada.

#momentopraca

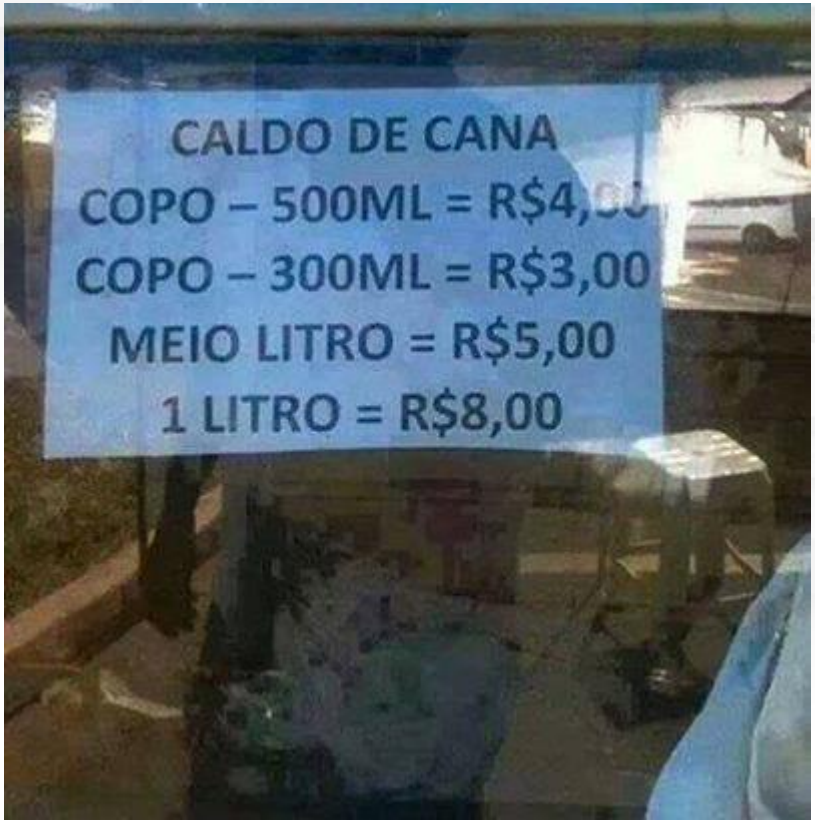

CALDO DE CANA
COPO – 500ML = R$4,
COPO – 300ML = R$3,00
MEIO LITRO = R$5,00
1 LITRO = R$8,00

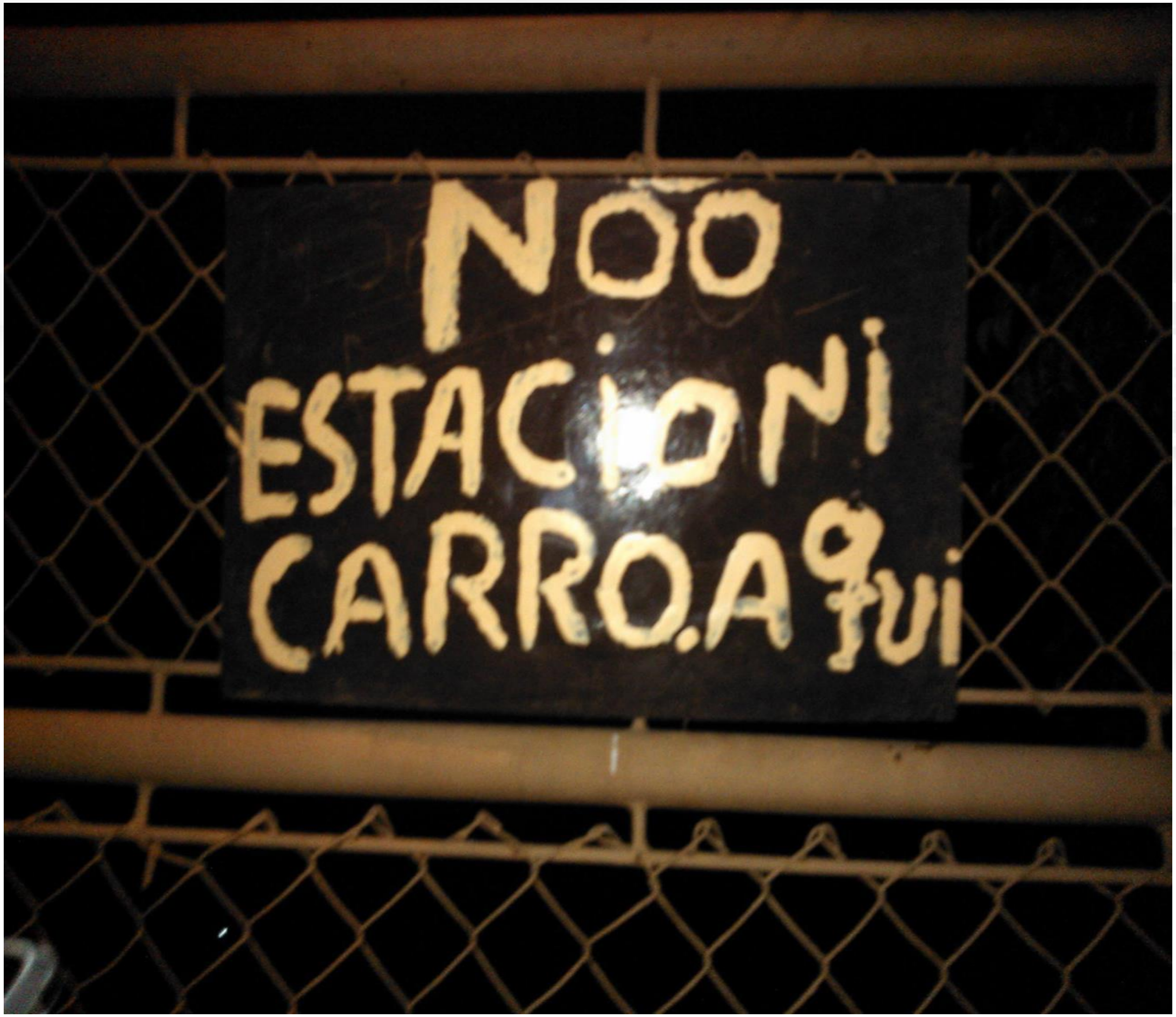
NÕO
ESTACIONI
CARRO.Aqui

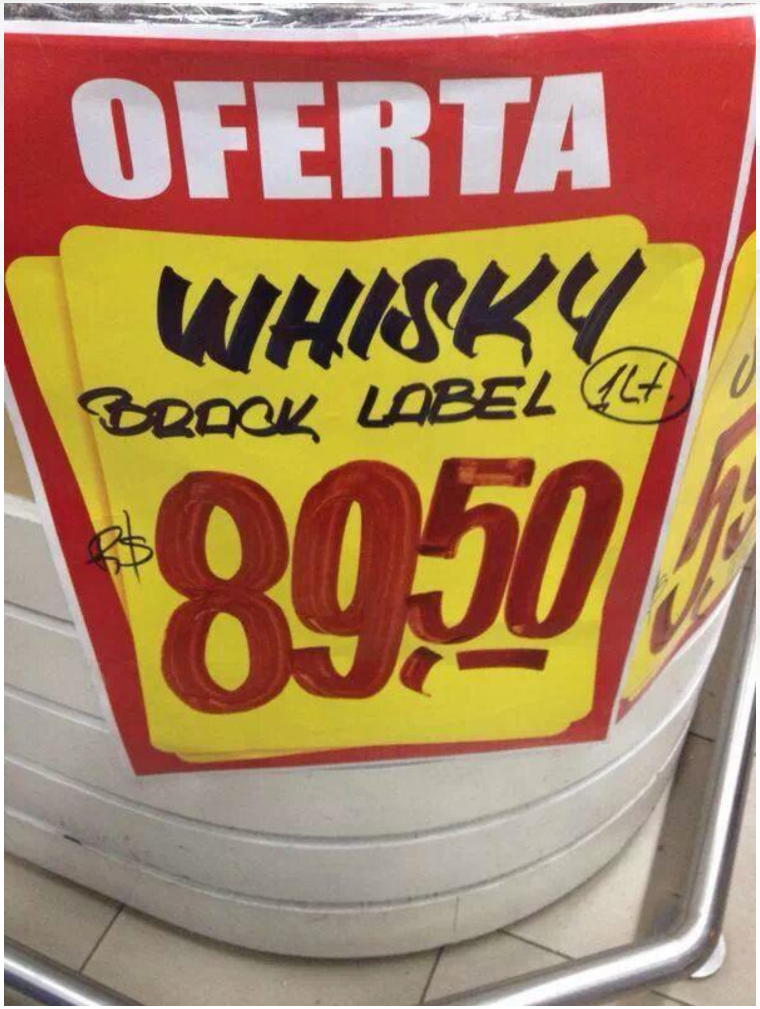
OFERTA
WHISKY
BRACK LABEL
1Lt
R$ 89,50

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

MATEMÁTICA FINANCEIRA

MATEMÁTICA
FINANCEIRA

Prof. Albérico Henrique

EDICASE
digital

CONCURSOS E VESTIBULARES

Números proporcionais

Juros Simples e Composto

Porcentagem

Termos da matemática financeira

Questões resolvidas

JUROS - INVESTIMENTO
INFLAÇÃO - EMPRÉSTIMO

Expediente

EDICASE
Gestão de Negócios

Direção Geral
Joaquim Carqueijó

Gestão de Canais
Vanusa Batista e Wellington Oliveira

Gestão Administrativa Financeira
Elisiane Freitas, Vanessa Pereira,
e Pedro Moura

Mídias Digitais
Clausilene Lima e Sergio Laranjeira

Distribuição em Bancas e Livrarias
Total Express Publicações (Grupo Abril)

TOTAL publicações | uma empresa Abril

EDICASE EUROPA

Sócia-gerente
Adriana Andrade
geral@edicase.pt

EDICASE
publicações

Publisher
Joaquim Carqueijó

Produção Editorial
Tami Oliveira

Redação
Matilde Freitas (MTB 67769/SP)
e Saula Lima (MTB 82535/SP)

Design
Ligia Fagundes

Atendimento ao Leitor
Redação
atendimento@caseeditorial.com.br

Edições Anteriores
www.caseeditorial.com.br

Vendas no Atacado
(11) 3772-4303 - ramal 209
vanusa@edicase.com.br

Produto desenvolvido por:

Editora Filiada
ANER
www.aner.org.br

PROIBIDA A REPRODUÇÃO
total ou parcial sem prévia autorização da editora.

PRESTIGIE O JORNALEIRO:
compre sua revista na banca

www.caseeditorial.com.br | /caseeditorial

ALHO & LIMÃO
ERVAS QUE CURAM
SAÚDE DE A a Z
Orações PODEROSAS
PIADAS CURTAS & LEVES
SUDOKU ULTRA
ERVAS + FRUTAS de A-Z
SOPAS
CURA pela natureza
Dieta HIPERTENSOS
DIETA ANTI-FLACIDEZ
DIETAS e reeducação alimentar
Amor
ACHE PALAVRAS DESAFIO
CLUBE DAS PIADAS
O Poder do CHÁ
SUDOKU
Plantas MEDICINAIS

01. Introdução

Entre as diversas aplicações da Matemática, está a de resolver problemas de ordem financeira, como calcular os valores das prestações, pagamento de impostos, rendimento de poupança e diversas outras situações.

02. Números Proporcionais

O número 3 representa a metade de 6, o mesmo que 5 representa em relação a 10 (metade), que também é o mesmo que 8 representa em relação a 16 (metade).

Dizemos que os números 3, 5 e 8 são diretamente proporcionais a 6, 10 e 16, nessa ordem.

$$\begin{tikzcd} \frac{3}{6} \arrow[d] & = & \frac{5}{10} \arrow[d] & = & \frac{8}{16} \arrow[d] \\ \frac{1}{2} & = & \frac{1}{2} & = & \frac{1}{2} \end{tikzcd} \quad \text{ou} \quad \frac{3+5+8}{6+10+16} = \frac{16}{32} = \frac{1}{2}$$

Neste exemplo, $\frac{1}{2}$ é considerado o **coeficiente de proporcionalidade**.

Para ficar mais claro, explicaremos de uma forma mais prática.

$\frac{3}{6} \longrightarrow$ 3 reais divididos para 6 pessoas, cada uma ganhará 0,50 centavos.

$\frac{5}{10} \longrightarrow$ 5 reais divididos para 10 pessoas, cada uma ganhará 0,50 centavos.

$\frac{8}{16} \longrightarrow$ 8 reais divididos para 16 pessoas, cada uma ganhará 0,50 centavos.

Isso acontece porque 3, 5 e 8 são diretamente proporcionais a 6, 10 e 16, nessa ordem.

DIRETAMENTE PROPORCIONAL

Podemos dizer que os números reais não-nulos a, b, c, d, ..., n são diretamente proporcionais aos números a’, b’, c’, d’, ..., n’, nessa ordem, se e somente se:

$$\frac{a}{a'} = \frac{b}{b'} = \frac{c}{c'} = \frac{d}{d'} = \ldots = \frac{n}{n'}$$

Temos que prestar atenção em duas coisas:

- a fração irredutível equivalente a $\frac{a}{a'}$ é chamada de coeficiente de porporcionalidade (K);
- a fração $\frac{a + b + c + d + \ldots + n}{a' + b' + c' + d' + \ldots + n'} = K$

INVERSAMENTE PROPORCIONAL

Os números reais não-nulos a, b, c, d, ..., n são inversamente proporcionais aos números reais a’, b’, c’, d’, ..., n’, nessa ordem, da seguinte forma:

$$\frac{a}{\frac{1}{a'}} = \frac{b}{\frac{1}{b'}} = \frac{c}{\frac{1}{c'}} = \frac{n}{\frac{1}{n'}} \quad \text{ou} \quad a \,.\, a' = b \,.\, b' = c \,.\, c' = n \,.\, n'$$

EXEMPLO 1

Verifique se os números 5, 10 e 15 são diretamente proporcionais a 30, 60 e 75, nessa ordem.

Solução

A ordem sugerida foi $\frac{5}{30}$, $\frac{10}{60}$, $\frac{15}{75}$.

Vamos simplificar cada fração. Se suas frações irredutíveis forem iguais, então serão diretamente proporcionais.

$\frac{5}{30} : 5 = \frac{1}{6}$ ← fração irredutível

$\frac{10}{60} : 10 = \frac{1}{6}$ ← fração irredutível

$\frac{15}{75} : 5 = \frac{3}{15} : 3 = \frac{1}{5}$ ← fração irredutível

Como: $\frac{1}{6} = \frac{1}{6} \neq \frac{1}{5}$ (não são diretamente proporcionais)

Exemplo 2

Os números 27, 12 e x são proporcionais aos números y, 36 e 15, nessa ordem. Encontre x e y.

Solução

$$\frac{27}{y} = \frac{12}{36} = \frac{x}{15} \rightarrow \frac{12}{36} : 2 = \frac{6}{18} : 2 = \frac{3}{9} : 3 = \frac{1}{3}$$

Então podemos fazer:

$$\frac{27}{y} = \frac{1}{3} \rightarrow y = \frac{27 \,.\, 3}{1} = \frac{81}{1} = 81 \qquad y = 81$$

$$\frac{1}{3} = \frac{x}{15} \rightarrow x = \frac{1 \,.\, 15}{3} = \frac{15}{3} = 5 \qquad x = 5$$

Portanto, x = 5 e y = 81

EXEMPLO 3

Encontre o valor de x e y, sabendo que os números 9, x e 2 são inversamente proporcionais aos números 4, 6 e y, nessa ordem.

Solução

$$\frac{9}{\frac{1}{4}} = \frac{x}{\frac{1}{6}} = \frac{2}{\frac{1}{y}} \rightarrow \frac{36}{1} = \frac{6x}{1} = \frac{2y}{1} \rightarrow 36 = 6x = 2y$$

Então:

$$36 = 6x \rightarrow x = \frac{36}{6} = 6 \qquad x = 6$$

$$36 = 2y \rightarrow y = \frac{36}{2} = 18 \qquad y = 18$$

Portanto, x = 6 e y = 18

DIVISÃO DE UMA QUANTIA EM PARTES PROPORCIONAIS

Preste atenção no seguinte problema:

EXEMPLO 1

Três sócios tiveram a seguinte participação em um negócio: o primeiro investiu R$ 5.000,00, o segundo R$ 4.000,00 e o terceiro R$ 2.000,00. Ao final de dois meses obtiveram um lucro de R$ 3.300,00. Quanto lucrou cada sócio?

Solução

Problema deste tipo, o lucro deve ser repartido de forma diretamente proporcional à quantia que cada um investiu.

Vamos chamar o primeiro, segundo e terceiro sócios de A, B e C respectivamente.

$$\frac{A}{5000} = \frac{B}{4000} = \frac{C}{2000}$$

$$\rightarrow \frac{A + B + C}{5000 + 4000 + 2000} = \frac{3300}{11000} = \frac{3}{10}$$

$$\frac{A}{5000} = \frac{3}{10} \rightarrow A = \frac{5000 . 3}{10} = 500 . 3 = 1500$$

$$\frac{B}{4000} = \frac{3}{10} \rightarrow B = \frac{4000 . 3}{10} = 400 . 3 = 1200$$

$$\frac{C}{2000} = \frac{3}{10} \rightarrow B = \frac{2000 . 3}{10} = 200 . 3 = 600$$

O primeiro sócio receberá R$ 1.500,00, o segundo R$ 1.200,00 e o terceiro R$ 600,00.

EXEMPLO 2

Reparta o número 364 em parcelas proporcionais aos números 16, 40, 32 e 24.

Solução

$$\frac{a}{16} = \frac{b}{40} = \frac{c}{32} = \frac{d}{24} \rightarrow \frac{364}{16 + 40 + 32 + 24} \rightarrow \frac{364}{112}$$

$$\frac{364}{112} : 2 = \frac{182}{56} : 2 = \frac{91}{28} : 7 = \frac{13}{4}$$

Então:

$$\frac{a}{16} = \frac{b}{40} = \frac{c}{32} = \frac{d}{24} = \frac{13}{4}$$

$$\frac{a}{16} = \frac{13}{4} \rightarrow a = \frac{16 \,.\, 13}{4} = 4 \,.\, 13 = 52$$

$$\frac{b}{40} = \frac{13}{4} \rightarrow b = \frac{40 \,.\, 13}{4} = 10 \,.\, 13 = 130$$

$$\frac{c}{32} = \frac{13}{4} \rightarrow c = \frac{32 \,.\, 13}{4} = 8 \,.\, 13 = 104$$

$$\frac{d}{24} = \frac{13}{4} \rightarrow d = \frac{24 \,.\, 13}{4} = 6 \,.\, 13 = 78$$

Logo: $\frac{52}{16} = \frac{130}{40} = \frac{104}{32} = \frac{78}{24}$

EXEMPLO 3

Reparta a quantia de R$ 945,00 em partes inversamente proporcionais aos números 6 e 8.

Solução

$$\frac{A}{\frac{1}{6}} = \frac{B}{\frac{1}{8}} = \frac{945}{\frac{1}{6}+\frac{1}{8}} \rightarrow \frac{1}{6} + \frac{1}{8} = \frac{4+3}{1} = \frac{7}{24}$$

→ $\dfrac{6A}{1} = \dfrac{8B}{1} = \dfrac{945 \,.\, 24}{7}$

→ $6A = 8B = 135 \,.\, 24$

→ $6A = 8B = 3240$

→ $6A = 3240$

$$A = \frac{3240}{6} = 540$$

→ $8B = 3240$

$$B = \frac{3240}{8} = 405$$

Logo, A = R$ 540,00 e B = R$ 405,00.

Exemplo 4

Alberto e Bruno são sócios. Ao final de um investimento lucraram R$ 4.900,00 e cada um receberá proporcionalmente ao que investiram. Sabemos que Bruno investiu R$ 2.000,00 a mais que Alberto e seu lucro foi de R$ 700,00 a mais que o de Alberto. Quanto cada um investiu nesse negócio?

Solução

$$\frac{A}{x} = \frac{B}{x + 2000} = \frac{4900}{2x + 2000}$$

$$\frac{A}{x} = \frac{A + 700}{x + 2000} = \frac{4900}{2x + 2000}$$

Como Bruno lucrou 700 a mais que Alberto podemos escrever: B = A + 700

Sabemos que: $A + A + 700 = 4900$

$$\rightarrow 2A = 4900 - 700$$

$$\rightarrow A = \frac{4200}{2}$$

$$\rightarrow A = 2100$$

Como: $B = A + 700$

$$\rightarrow B = 2100 + 700$$

$$\rightarrow B = 2800$$

Agora podemos escrever:

$$\frac{2100}{x} = \frac{2800}{x + 2000} = \frac{4900}{2x + 2000}$$

$$\frac{2100}{x} = \frac{2800}{x + 2000} \rightarrow 2800x = 2100x + 4200000$$

$$\rightarrow 2800x - 2100x = 4200000$$

$$\rightarrow 700x = 4200000$$

$$\rightarrow x = \frac{42000\cancel{0}\cancel{0}}{7\cancel{0}\cancel{0}}$$

$$\rightarrow x = 6000$$

$$\frac{A}{x} = \frac{B}{x + 2000} \rightarrow \frac{A}{6000} = \frac{B}{6000 + 2000}$$

$$\rightarrow \frac{A}{6000} = \frac{B}{8000}$$

Alberto investiu R$ 6.000,00 e Bruno R$ 8.000,00.

03. Porcentagem

A porcentagem é uma forma usada para indicar uma fração de denominador 100 ou outra representação equivalente. Veja os seguintes exemplos:

a) $50\% = \frac{50}{100} = \frac{1}{2} = 0{,}50 = 0{,}5$ (metade)

b) $100\% = \frac{100}{100} = \frac{1}{1} = 1$ (tudo)

c) $9\% = \frac{9}{100} = 0{,}09$

d) $120\% = \frac{120}{100} = \frac{6}{5} = 1{,}20$ ou $1{,}2$

e) $1\% = \frac{1}{100} = 0{,}01$

f) $200\% = \frac{200}{100} = \frac{2}{1} = 2$ (dobro)

g) $10\% = \frac{10}{100} = \frac{1}{10} = 0{,}1$

h) $25\% = \frac{25}{100} = \frac{1}{4} = 0{,}25$

i) $75\% = \frac{75}{100} = \frac{3}{4} = 0{,}75$

PORCENTAGEM DE UMA QUANTIA

Uma TV 42” está com o preço de R$ 3.200,00 que pode ser parcelado em até 10x. À vista o cliente recebe um desconto de 15%. Quanto é o valor do desconto e quanto é o valor da TV à vista?

Solução

Para calcularmos a porcentagem de uma quantia, existem várias formas. → $15\% = \frac{15}{100} = 0,15$

Precisamos calcularmos 15% de um certo valor, então multiplicamos $\frac{15}{100}$ ou 0,15 por este valor.

$$\frac{15}{1\cancel{0}\cancel{0}} \,.\, 32\cancel{0}\cancel{0} = 15.32 = 480$$

Com R$ 480,00 de desconto, à vista a TV fica por:

$$3200 - 480 = 2720$$

Concluimos que 15% de R$ 3.200 é R$ 480,00 então a TV custa R$ 2.720,00 à vista.

EXEMPLO 1

Vamos calcular 45% de R$ 80,00 das maneiras mais práticas.

Podemos fazer:

$$\frac{45}{10\cancel{0}} \,.\, 8\cancel{0} = \frac{36\cancel{0}}{10} = 36$$

Ou fazemos:

$$45\% = \frac{45}{100} = 0,45$$

$$0,45 \,.\, 80 = 36$$

Veremos agora, de maneira bem prática, como encontrar o valor procurado depois de um desconto ou um acréscimo, que é dado em geral por causa dos juros.

a) Calcule o valor de um celular que custa R$ 360,00 após um desconto de 10%.

Solução

Tudo, significa que é 100%, então: R$ 360,00 = 100%

Após 10% de desconto o valor do celular será 90% (100% - 10%). Então podemos escrever direto:

$\frac{9\cancel{0}}{10\cancel{0}} . 36\cancel{0} = 324$ ou podemos fazer também $0{,}90 . 360 = 324$

O celular custará R$ 324,00.

b) Um cliente foi pagar uma parcela atrasada no valor de R$ 550,00 mais uma multa de 3%. Quanto o cliente pagou?

Solução

Para economizar cálculos e tempo, o que é muito importante em Concursos e Vestibulares, podemos fazer logo:

$1{,}0\cancel{3} . 550 = 566{,}5$ ou $\frac{103}{10\cancel{0}} . 55\cancel{0} = 566{,}5$

O cliente pagará R$ 566,50.

Lembre-se: Desconto = Subtração do valor real
Multa = Acréscimo = Adição no valor real

Exemplo 2

Uma geladeira, cujo preço à vista é R$ 680,00, tem um acréscimo de 5% no seu preço se for paga em 3 prestações iguais. Qual é o preço de cada prestação?

Solução

5% de 680 = $\frac{5}{10\cancel{0}} \cdot 68\cancel{0} = \frac{340}{10}$ = 34 (valor do acréscimo)

680 + 34 = 714 (preço total após o acréscimo)

714:3 = 238 (valor de cada prestação)

O valor de cada prestação é de R$ 238,00.

Exemplo 3

O salário de um trabalhador era de R$ 840,00 e passou a ser de R$ 966,00. Qual doi a porcentagem de aumento?

Solução

? % de 840 = 966

$$x \cdot 840 = 966$$

$$x = \frac{966}{840}$$

$$x = 1{,}15 \text{ ou } \frac{115}{100}$$

Lembrando que $x = \underset{\text{valor do salário}}{1} + \underset{\text{valor do aumento}}{0{,}15}$

Logo, o aumento foi de 15%.

Exemplo 4

André gastou 40% do que tinha e ainda sobrou R$ 87,00. Quanto ele tinha e qual foi o valor que gastou?

Solução

Vamos considerar que ele tinha “x”. Então:

$$x - \frac{40}{100} . x = 87$$

$$x - \frac{4\cancel{0}x}{10\cancel{0}} . x = 87$$

$$x - \frac{4x}{10} . x = 87$$

$$\frac{10x - 4x}{10} = 87$$

$$6x = 87 . 10$$

$$6x = 870$$

$$x = \frac{870}{6}$$

$$x = 145$$

Ou então podemos fazer:

Se ele gastou 40%, ainda tem 60%

$$\frac{60}{100} \text{ de } x = 87$$

$$\frac{60}{100} . x = 87$$

$$x = \frac{87 . 10\cancel{0}}{6\cancel{0}}$$

$$x = 145$$

Ele gastou 145 - x = 87

→ $x = 145 - 87$

→ $x = 58$

Logo, ele tinha R$ 145,00 e gastou R$ 58,00.

Exemplo 5

Laura gastou R$ 900,00 na compra de uma bicicleta, de um aparelho de som e de uma estante. A bicicleta custou R$ 60,00 a menos que a estante e o preço do aparelho de som corresponde a 80% do preço da bicicleta. Quanto custou cada um?

Solução

b ← bicicleta
e ← estante
s ← aparelho de som

$$\begin{cases} b + e + s = 900 \\ b + 60 = e \quad \text{(R\$ 60,00 a menos que a estante)} \\ s = \dfrac{80b}{100} \quad \text{(80\% da bicicleta)} \end{cases}$$

Vamos inserir as duas últimas equações na primeira. Como temos "b" nas duas últimas, isolaremos a outra variável.

$$b + 60 = e \quad \Rightarrow \quad e = b + 60$$

$$s = \frac{8\cancel{0}b}{10\cancel{0}} \quad \Rightarrow \quad s = \frac{4b}{5}$$

Podemos escrever:

$$b + e + s = 900$$

$$b + b + \frac{4b}{5} = 900 - 60$$

$$2b + \frac{4b}{5} = 840$$

$$\frac{10b + 4b}{5} = 840$$

$$\frac{14b}{5} = 840$$

$$b = \frac{840 \,.\, 5}{14}$$

$$b = 300$$

Então:

$$e = b + 60$$

$$e = 300 + 60$$

$$e = 360$$

$$s = \frac{4b}{5}$$

$$s = \frac{4 \,.\, 300}{5}$$

$$s = 240$$

O valor da bicicleta é R$ 300,00, da estante R$ 360,00 e do aparelho de som R$ 240,00.

04. Termos da Matemática Financeira

A quantia (capital) que uma pessoa aplica na caderneta de poupança por um determinado período (tempo), lhe renderá um certo valor (juros) que, somado com o capital aplicado, dá um total (montante). O valor a ser ganho depende da porcentagem (taxa de juros).

Ao final do período, a pessoa terá um montante:

$$\boxed{\text{Montante} = \text{Capital} + \text{Juros}}$$

De forma prática, vamos ver o exemplo à seguir:

EXEMPLO 1

O banco ABC oferece rendimento de 1,2% ao mês. Aplicando-se R$ 600,00 neste banco, depois de um mês, que quantia o cliente terá em sua conta?

Solução

$$1{,}2\% \text{ de } 600 = \frac{1{,}2}{10\cancel{0}} \cdot 60\cancel{0} = 7{,}2 \text{ (juros)}$$

600 (capital) + 7,2 (juros) = 607,2 (montante)

No fim de um mês de aplicação, a quantia total na conta do cliente será de R$ 607,20.

Neste exemplo temos: c = Capital = R$ 600,00
t = Tempo = 1 mês
i = Taxa de juros = 1,2% ao mês
j = Juros = R$ 7,20
m = Montante = R$ 607,20

05. Juros simples

Um determinado capital aplicado à taxa de 2% de juros simples ao mês, durante 5 meses, rende 10% do capital no final desses 5 meses, ou seja, 5 vezes 2%.

Temos que levar em consideração que a taxa e o tempo devem se referir à mesma unidade de tempo (% ao mês e meses ou % ao dia e dias, % ao ano e anos e assim por diante).

No cálculo do juros simples, duas fórmulas são importantes para simplificar os cálculos:

$$\boxed{J = C \cdot i \cdot t} \qquad \boxed{M = C\,(1 + i \cdot t)}$$

Onde:
J = Juros
C = Capital
i = Taxa de juros
t = Tempo
M = Montante

Observação: quando realizarmos os cálculos, as unidades de tempo e taxa devem estar nas mesmas unidades.

EXEMPLO 1

O capital de R$ 530,00 foi aplicado à taxa de juros simples de 3% ao mês. Qual o valor do montante após 5 meses?

Solução

$M = C\,(1 + i \cdot t)$
$M = 530\,(1 + 0{,}03 \cdot 5)$
$M = 530\,(1 + 0{,}15)$
$M = 609{,}5$

$$3\% = \frac{3}{100} = 0{,}03$$

Após 5 meses o montante será de R$ 609,50

EXEMPLO 2

Foi tomado um empréstimo de R$ 1000,00. Ao final de 2 meses foi pago um total de R$ 1200,00 pelo empréstimo. Quais foram os juros pagos e a taxa de juros simples?

Solução

$$\boxed{J = C \,.\, i \,.\, t} \qquad \boxed{J = M - C}$$

Calculemos primeiro o Juros: $J = M - C$

$\rightarrow J = 1200 - 1000$

$\rightarrow J = 200$

Como: $J = C \,.\, i \,.\, t$

$\rightarrow 200 = 1000 \,.\, i \,.\, 2$

$\rightarrow 200 = 2000 \,.\, i$

$$\rightarrow i = \frac{2\cancel{0}\cancel{0}}{20\cancel{0}\cancel{0}}$$

$$\rightarrow i = \frac{2}{20} = \frac{1}{10} = 0{,}1 \text{ ou } 10\%$$

Os juros foram de R$ 200,00 e a taxa foi de 10% ao mês.

EXEMPLO 3

Um capital de R$ 600,00 aplicado à taxa de juros simples de 20% ao ano, gerou um montante de R$ 1080,00 depois de certo tempo. Qual foi esse tempo?

Solução

Aplicaremos $\boxed{M = C\,(1 + i \,.\, t)}$

M = C (1 + i . t)

→ $1080 = 600\,(1 + 0{,}2 \,.\, t)$

$20\% = \frac{2\cancel{0}}{10\cancel{0}} = 0{,}2$

→ $1080 = 600 + 120t$

→ $1080 - 600 = 120t$

→ $480 = 120t$

→ $\frac{480}{120} = t$

→ t = 4 anos

Como a taxa é 20% ao ano, então o tempo também será ano.

A tempo foi 4 anos.

Exemplo 4

Qual foi o capital que, aplicado à taxa de juros simples de 1,5% ao mês, rendeu R$ 90,00 em um trimestre?

Solução

Temos que entender o seguinte: rendeu = juros
um trimestre = 3 meses

J = C . i . t

→ $90 = C \,.\, 0{,}015 \,.\, 3$

$1{,}5\% = \frac{1{,}5}{100} = 0{,}015$

→ $90 = C \,.\, 0{,}045$

→ $\frac{90}{0{,}045} = C$

→ C = 2000

O capital foi de R$ 2000,00.

EXEMPLO 5

A que taxa devemos aplicar o capital de R$ 4500,00 no sistema de juros simples, para que, depois de 4 meses o montante seja de R$ 5040,00?

Solução

$$\boxed{M = C\ (1 + i\ .\ t)}$$

$5040 = 4500\ (1 + i\ .\ 4)$

→ $\frac{5040}{4500} = 1 + 4i$

→ $1{,}12 = 1 + 4i$

→ $1{,}12 - 1 = 4i$

→ $0{,}12 = 4i$

→ $\frac{0{,}12}{4} = i$

→ $i = 0{,}03$ ou 3%

Devemos aplicar a taxa de 3% ao mês.

06. Juros compostos

Um determinado capital de R$ 40.000,00 foi aplicado à taxa de 2% ao mês, durante 3 meses. Qual foi o montante no final dos 3 meses?

Solução

Como estamos tratando de juros sobre juros (juros compostos), devemos aplicar a taxa sobre o montente no início de cada mês.

Mês	$M = C (1 + i \,.\, t)$
1º	$M = 40.000 (1 + 0{,}02 \,.\, 1) = 40.800$
2º	$M = 40.800 (1 + 0{,}02 \,.\, 1) = 41.616$
3º	$M = 41.616 (1 + 0{,}02 \,.\, 1) = 42.448{,}32$

Ao final do 3º mês temos um montante de R$ 42.448,32.

Este método não é viável para períodos longos. Ao invés disso, podemos usar uma fórmula para deduzir o montante acumulado sobre uma taxa de juros compostos.

FÓRMULA DO JUROS COMPOSTOS

Podemos calcular, no sistema de juros compostos, qual será o montante(M), produzido por um capital(C), aplicado à taxa(i), durante um determinado tempo(t).

$$\boxed{M = C (1 + i)^t}$$

O problema anterior poderia ser resolvido da seguinte forma:

$M = C\,(1 + i)^t$

→ $M = 40.000\,(1 + 0{,}02)^3$

→ $M = 40.000\,(1{,}02)^3$

→ $M = 40.000\ .\ 1{,}061208$

→ $M = 42.448{,}32$

Exemplo 1

Quanto receberá de juros, no fim de um semestre, uma pessoa que investiu, a juros compostos, a quantia de R$ 6000,00 à taxa de 1% ao mês?

Solução

$$\boxed{M = C\,(1 + i)^t}$$

→ $M = 6000\,(1 + 0{,}01)^6$

$1\% = \dfrac{1}{100} = 0{,}01$

1 semestre = 6 meses

→ $M = 6000\,(1{,}01)^6$

→ $M = 6000\ .\ 1{,}0615201506$

→ $M = 6369{,}12$

Como trabalhamos com dinheiro, arredondamos para duas casas decimais.

Como: Juros = Montante - Capital → $J = M - C$

→ $J = 6369{,}12 - 6000$

→ $J = 369{,}12$

Receberá de juros R$ 369,12.

EXEMPLO 2

Qual deve ser o capital que no sistema de juros compostos, a taxa de 20% ao ano gera um montante de R$ 14400,00 no fim de 2 anos?

Solução

$$\boxed{M = C\,(1 + i)^t}$$

→ $14400 = C\,(1 + 0{,}2)^2$

$$20\% = \frac{2\cancel{0}}{10\cancel{0}} = 0{,}2$$

→ $14400 = C\,(1{,}2)^2$

→ $14400 = C \,.\, 1{,}44$

→ $\dfrac{14400}{1{,}44} = C$

→ $C = 10.000$

O capital será de R$ 10.000,00.

EXEMPLO 3

O capital de R$ 2000,00, aplicado a juros compostos, rendeu, após 4 meses, juros de R$ 165,00. Qual foi a taxa de juros?

Solução

$$\boxed{M = C + J}$$

→ $M = 2000 + 165$

→ $M = 2165$

Então:

$$\boxed{M = C\,(1 + i)^t}$$

➙ $2165 = 2000\,(1 + i)^4$

➙ $\dfrac{2165}{2000} = (1 + i)^4$

➙ $\dfrac{433}{400} = (1 + i)^4$

➙ $1{,}0825 = (1 + i)^4$

➙ $\sqrt[4]{1{,}0825} = 1 + i$

➙ $1{,}020015981 = 1 + i$

➙ $1{,}020015981 - 1 = i$

➙ $i = 0{,}020015981$ ou $2{,}0015981\%$ ao mês

A taxa foi de 2,0015981% ao mês.

EXEMPLO 4

Uma pessoa vai fazer uma compra no valor de R$ 4000,00, usando o que tem depositado na caderneta de poupança, que está rendendo 1% ao mês. Ela quer saber, do ponto de vista financeiro, qual plano de pagamento é mais vantajoso:

- Pagar à vista;
- Pagar em duas prestações iguais de R$ 2005,00 cada, a segunda parcela será paga com 30 dias.

Solução

Se ela pagar à vista sobrará zero.

Pagando em 2 x de R$ 2005,00, após o pagamento da primeira sobra 4000 - 2005 = 1995.

Ficando R$ 1995,00 na caderneta com juros de 1% teremos em 1 mês:

$$\boxed{M = C\,(1 + i)^{t}}$$

$$1\% = \frac{1}{100} = 0{,}01$$

➞ $M = 1995\,(1 + 0{,}01)^{1}$

➞ $M = 1995\,(1{,}01)^{1}$

➞ $M = 1995 \,.\, 1{,}01$

➞ $M = 2014{,}95$

Dessa forma é mais vantajoso pagar em 2 vezes.

EXEMPLO 5

Maria tomou um empréstimo de R$ 150.000,00 a juros de 12% ao ano. Qual será a dívida de Maria após 3 anos?

Solução

$$\boxed{M = C\,(1 + i)^{t}}$$

➞ $M = 150000\,(1 + 0{,}12)^{3}$

➞ $M = 150000\,(1{,}12)^{3}$

➞ $M = 150000 \,.\, 1{,}404928$

➞ $M = 210739{,}2$ A dívida será de R$ 210.739,20.

07. Questões Resolvidas

1. (VUNESP) Se a taxa de inflação de janeiro é de 6% e a de fevereiro é de 5%, então a taxa de inflação no bimestre janeiro/fevereiro é de:

a) 11% b) 11,1% c) 11,2% d) 11,3% e) 11,4%

Solução

Esse tipo de problema pode ser resolvido de foma bem prática se tomarmos como base o número 100.

Aplicando 6% em cima de 100 temos:

$$100 \; . \; 1{,}06 = 106$$

6 é **6% de 100**

Agora, 5% em cima de 106:

$$106 \; . \; 1{,}05 = 111{,}3$$

Em relação a 100, o número 111,3 possui 11,3% a mais.

Resposta: d

2. (UNICAMP-SP) Uma pessoa investiu R$ 3000,00 em ações. No primeiro mês ela perdeu 40% do total investido e no segundo mês ela recuperou 30% do que havia perdido. Com quantos reais ela ficou após os dois meses?

a) R$ 2000,00
b) R$ 2060,00
c) R$ 2160,00
d) R$ 2220,00
e) R$ 2310,00

Solução

Se ela perdeu 40%, então:

$$40\% \text{ de } 3000 = \frac{40}{1\cancel{0}\cancel{0}} \cdot 30\cancel{0}\cancel{0} = 1200 \quad \leftarrow \textbf{Perdeu R\$ 1200,00}$$

Se ela recuperou 30% do que havia perdido, então:

$$30\% \text{ de } 1200 = \frac{30}{1\cancel{0}\cancel{0}} \cdot 12\cancel{0}\cancel{0} = 360 \quad \leftarrow \textbf{Recuperou R\$ 360,00}$$

Portanto, ela ficou com:

$$3000 - 1200 + 360 = \mathbf{2160}$$

Resposta: c

3. (UEL-PR) Em uma liquidação, os preços dos artigos de uma loja são reduzidos em 20% de seu valor. Terminada a liquidação e pretendendo voltar aos preços originais, de que porcentagem devem ser acrescidos os preços da liquidação?

a) 27,5% b) 25% c) 22,5% d) 21% e) 20%

Solução

A exemplo da questão 1, tomaremos o número 100 como base:

Se a mercadoria custa R$ 100,00 e diminui 20% de 100, ficaremos com R$ 80,00.

Agora iremos procurar a porcentagem para que, dado um aumento em cima de R$ 80,00, chegue a R$ 100,00.

Sabemos que devemos aumentar R$ 20,00, mas quantos porcento 20 é de 80?

Uma regra de três simples resolve o caso:

$$\begin{array}{ccc} 80 & \text{——} & 100\% \\ 20 & \text{——} & x\% \end{array}$$

$$x = \frac{2\cancel{0} \cdot 100}{8\cancel{0}}$$

$$x = 25\%$$

Resposta: b

4. (UFRJ) Um lojista oferece 5% de desconto ao cliente que pagar suas compras à vista. Para calcular o valor do desconto, o vendedor usa sua máquina calculadora do seguinte modo:

$\boxed{\text{Preço total}}$ $\boxed{x}$ $\boxed{5}$ $\boxed{\%}$ $\boxed{-}$

Um outro modo de calcular o valor com desconto seria multiplicar o preço total das mercadorias por:

a) 0,05 b) 0,5 c) 0,95 d) 1,05 e) 1,5

Solução

$$5\% = \frac{5}{100} = 0{,}05$$

Se um produto sofre um desconto de 5%, seu valor ficará sendo 95%. Como queremos saber o valor do produto com o desconto, devemos multiplicar por 95% ou $\frac{95}{100}$.

$$95\% = \frac{95}{100} = 0{,}95$$

Resposta: c

5. (UNIFOR-CE) Em certa loja, cada produto vendido tem um acréscimo de 60% sobre o preço de custo. No entanto, como a loja deve recolher impostos correspondentes a 25% do preço de venda, seu percentual de lucro sobre o preço de custo é muito inferior a 60%. Esse percentual é de:

a) 35% b) 30% c) 25% d) 20% e) 15%

Solução

Algebricamente, o produto vale "x":

$$x + \frac{60x}{100} = \leftarrow \text{(produto mais 60\% do seu valor)}$$

$$= \frac{160x}{10\cancel{0}} = \frac{16x}{10} = \frac{8x}{5}$$

$$\frac{8x}{5} - \frac{\overset{5}{\cancel{25}}}{100} \cdot \frac{8x}{5} \leftarrow \text{(tirando 25\% do valor de venda)}$$

$$\frac{8x}{5} - \frac{4\cancel{0}x}{10\cancel{0}} \rightarrow \frac{8x}{5} - \frac{2x}{5} = \frac{6x}{5}$$

$$\frac{6x}{5} = \frac{5x}{5} + \frac{x}{5} \rightarrow x + \frac{x}{5}\begin{matrix}\scriptstyle x20\\ \scriptstyle x20\end{matrix} \rightarrow \underset{\boxed{\text{Valor do produto}}}{x} + \underset{\boxed{\text{Percentual em cima do produto}}}{\frac{20x}{100}}$$

$$\frac{20}{100} = 20\%$$

Uma outra forma de fazer:

$$x \;.\; 1{,}60 = 1{,}6x \leftarrow \text{(valor final de venda)}$$

Vamos tirar 25% do valor de venda e ver quanto fica, se tiramos 25%, sobra 75%.

$$75\% = \frac{75}{100} = 0{,}75$$

$$1{,}6x \,.\, 0{,}75 = x \,.\, 1{,}2 \leftarrow \text{(valor final de venda)}$$

Valor do produto

0,2 valor da porcentagem do lucro

$$0{,}2 = \frac{20}{100} = 20\%$$

Uma terceira forma de fazer:

Vamos supor que o produto vale R$ 100,00.

100 + 60% de aumento = 160 ← (**60% de 100 é 60**)

Vamos tirar 25% de 160, vai sobrar 75%.

$$160 \,.\, 0{,}75 = 1\underline{20}$$

R$ 20,00 de lucro, o que é 20% de 100%.

Resposta: d

6. (VUNESP) O dono de um supermercado comprou de seu fornecedor um produto por "x" reais (preço de custo) e passou a revendê-lo com lucro de 50%. Ao fazer um dia de promoção, ele deu aos clientes do supermercado um desconto de 20% sobre o preço de venda desse produto. Pode-se afirmar que, no dia de promoção, o dono do supermercado teve, sobre o preço de custo:

a) prejuízo de 10%
b) prejuízo de 5%
c) lucro de 20%
d) lucro de 25%
e) lucro de 30%

Solução

O valor do produto é "x".

$$x \cdot 1{,}50 = 1{,}5x \leftarrow (\textbf{valor do produto + 50\%})$$

Se tiramos 20% sobra 80%.

$$1{,}5x \cdot 0{,}80 = \underbrace{x}_{\boxed{\text{Valor do produto}}} \cdot \underbrace{1{,}20}_{\boxed{\text{0,20 valor da porcentagem do lucro}}}$$

$$\text{Lucrou 20\%} \rightarrow 0{,}2 = \frac{20}{100} = 20\%$$

De forma mais clara, poderíamos resolver da seguinte maneira:

Vamos supor que o produto vale R$ 100,00.

$$100 + 50\% = 150 \leftarrow (\textbf{50\% de 100 é 50})$$

Agora tiramos 20% de 150. Se tiramos 20%, sobra 80%.

$$15\cancel{0} \cdot \frac{8\cancel{0}}{1\cancel{0}\cancel{0}} = 120$$

O dono do supermercado ainda lucra R$ 20,00 o que é 20% de 100.

Resposta: c

7. (ENEM) João deseja comprar um carro cujo preço à vista, com todos os descontos possíveis, é de R$ 21000,00 e esse valor não será reajustado nos próximos mêses.
Ele tem R$ 20000,00 que podem ser aplicados a uma taxa de jurso compostos de 2% ao mês e escolhe deixar todo o ser dinheiro aplicado até que o montante atinja o valor do carro.
Para ter o carro João deverá esperar:

a) dois meses e terá a quantia exata
b) três meses e terá a quantia exata
c) três meses e ainda sobrarão aproximadamente R$ 225,00
d) quatro meses e terá a quantia exata
e) quatro meses e ainda sobrarão aproximadamente R$ 225,00

Solução

$$\boxed{M = C\,(1 + i)^t}$$

→ $M = 200000\,(1 + 0{,}02)^t$

$$2\% = \frac{2}{100} = 0{,}02$$

→ $M = 20000\,(1{,}02)^t$

Vamos atribuir valores a "t" e ver quantos meses será necessário para que o montante atinja R$ 21000,00.

Para t = 1 → $M = 20000\,(1{,}02)^1$

$M = 20000 \,.\, 1{,}02$

$M = 20400$ (não dá para comprar o carro)

Para t = 2 → $M = 20000\,(1{,}02)^2$

$M = 20000 \,.\, 1{,}0404$

$M = 20808{,}00$ (não dá para comprar o carro)

Para t = 3 → $M = 20000\,(1{,}02)^3$

$M = 20000 \;.\; 1{,}061208$

$M = 21224{,}16$

Em 3 meses ele comprará o carro e ainda sobrará aproximadamente R$ 225,00.

Resposta: c

1. Introdução....................3
2 Números Proporcionais....................3
   Diretamente proporcional....................4
   Inversamente proporcional....................4
   Divisão de uma quantia em partes proporcionais..........6
3. Porcentagem....................11
   Porcentagem de uma quantia....................12
4. Termos da Matemática Financeira....................17
5. Juros simples....................18
6. Juros compostos
7. Questões resolvidas....................27

SOBRE O MESTRE

Albérico Henrique dos Santos, natural de Cortês - PE, estudou na rede pública de ensino, licenciado em Matemática pela Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul, com experiência na rede pública de ensino. Autor do Artigo: “Matemágicos: Novos Jogos Somáticos” com conteúdo interativo disponível em www.geometricos.com.br. É também concurseiro e aprovado em 5 concursos públicos além de professor de Matemática, Física e Química.

12 SUCESSOS
CULINÁRIA PARA TODOS
BRIGADEIROS Diferentes
PIADAS MIL
ADIVINHAS e frases divertidas
Todas as Cifras
LEGIÃO URBANA
SUDOKU DESAFIO INICIAL
+ DE 100
DIFÍCIL
TUDO ISSO PRA VOCÊ POR APENAS
R$ 4,90
EXCEL
VIVENDO COM QUALIDADE
CURA DE DOENÇAS
FARMÁCIA
CASE

Nomes de Bebê
MAIS DE 560 NOMES
ESCREVENDO CERTO
APRENDA a escrever
EXERCÍCIOS DE EDUCAÇÃO INFANTIL
PORTUGUÊS
MATEMÁTICA
INGLÊS
28
PIADAS PARA CRIANÇAS
SAIBA COMO ORGANIZAR SUA DIETA PARA CADA DIA DA SEMANA!
Sopas DETOX
Receitas para Todos
Marmita saudável
23 RECEITAS PRÁTICAS E SAUDÁVEIS
Sem Segredos
Signos
COLEÇÃO SANTOS
CASE

EDICASE
publicações

A MAIOR VARIEDADE DE SEGMENTOS DE REVISTAS DO BRASIL!

PRESTIGIE SEU JORNALEIRO!
COMPRE NAS BANCAS E REVISTARIAS
DE TODO BRASIL.

CULINÁRIA • ARTESANATO • PASSATEMPOS • DIDÁTICAS • PIADAS
MÚSICA • SAÚDE • RELIGIÃO • E TUDO MAIS O QUE VOCÊ IMAGINAR!

APRENDA DE UM JEITO FÁCIL E DESCOMPLICADO

MATEMÁTICA FINANCEIRA
MATEMÁTICA
FINANCEIRA
EDICASE digital
Prof. Albérico Henrique
CONCURSOS E VESTIBULARES
Números proporcionais
Juros Simples e Composto
Porcentagem
Termos da matemática financeira
Questões resolvidas
JUROS - INVESTIMENTO
INFLAÇÃO - EMPRÉSTIMO

Introdução
Números Proporcionais
Diretamente proporcional
Inversamente proporcional
Divisão de uma quantia em partes proporcionais
Porcentagem
Porcentagem de uma quantia
Termos da Matemática Financeira
Juros simples
Juros compostos
Questões resolvidas

Estratégia
CONCURSOS

Aula 05

Português p/ STM (Todos os Cargos) Com videoaulas - Pós-edital

Professor: Décio Terror

Aula 5: Regência verbal e nominal. Emprego do sinal indicativo de crase.

SUMÁRIO	PÁGINA
1. Estrutura da oração	2
2. Regência de verbos importantes	4
3. Regência Nominal	18
4. Orações subordinadas substantivas	21
5. Regência com pronomes relativos	22
6. A estrutura-padrão da crase	37
7. Crase Facultativa	43
8. O que devo tomar nota como mais importante?	55
9. Lista de questões para revisão	55
10. Gabarito	72

Olá, pessoal!

Espero que estejamos entendendo bem a matéria.

Procure sempre estudar o material em PDF e só depois assista aos vídeos. Assim, a videoaula funcionará como elemento didático de revisão.

Vimos na aula 1 a estrutura da oração, reconhecendo os termos básicos, e na aula 2 as relações de coordenação.

Na aula 3, entendemos os tipos de subordinação: substantiva, adjetiva e adverbial.

A aula 4 teve base na estrutura elementar da oração e a partir dela vimos a relação do verbo com o sujeito. Por isso trabalhamos a concordância verbal. Além dela, observamos a concordância nominal.

Esta aula também possui a base da estrutura da oração. Vamos trabalhar desta vez a relação de transitividade entre o verbo e seu complemento e entre um nome e seu complemento.

Assim, retomemos a estrutura da oração:

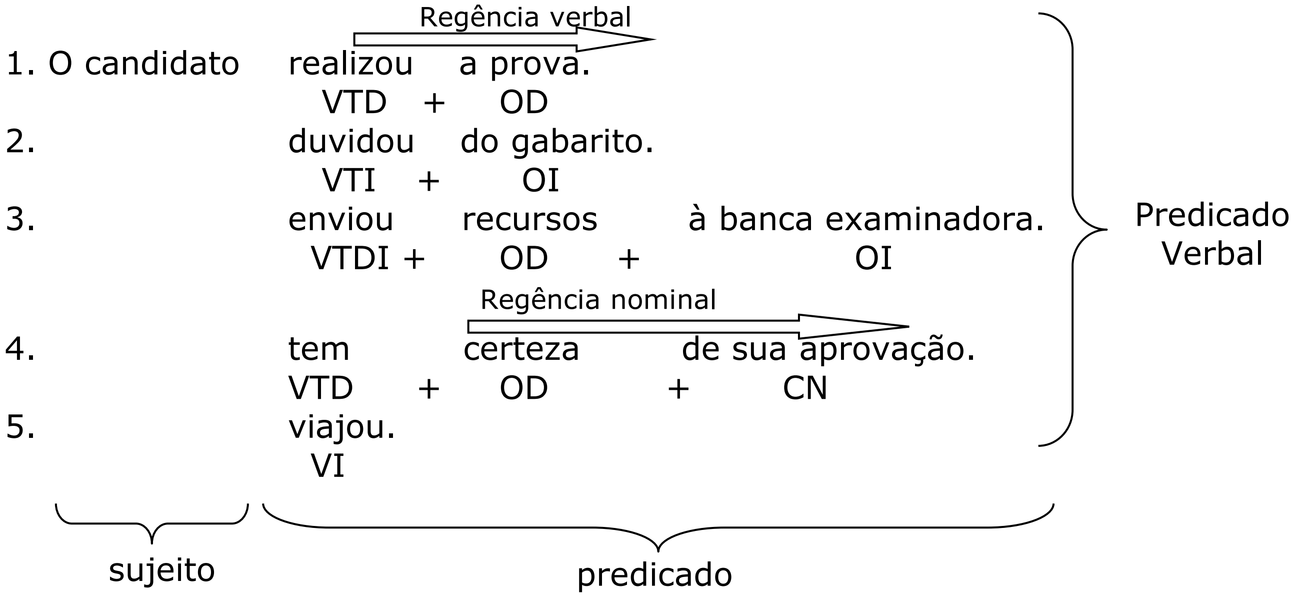
Regência verbal
1. O candidato realizou a prova.
VTD + OD
2. duvidou do gabarito.
VTI + OI
3. enviou recursos à banca examinadora.
VTDI + OD + OI
Regência nominal
4. tem certeza de sua aprovação.
VTD + OD + CN
5. viajou.
VI
Predicado Verbal
sujeito
predicado

Quanto à regência, devemos observar a transitividade do verbo e do nome, daí entendermos que os objetos direto e indireto complementam o sentido do verbo (regência verbal) e o complemento nominal faz o mesmo relacionado ao nome (regência nominal).

Por enquanto, vamos treinar um pouco mais o emprego dos complementos verbais:

Questão 1: TCE PE 2017 Analista (banca CESPE)
Fragmento de texto: A expansão da cidadania e a qualidade da democracia pressupõem o Estado de direito para proteger as liberdades civis e políticas da cidadania. Conforme recomendação do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), deveria "existir um patamar mínimo de igualdade entre os membros da sociedade que outorgue a todos um leque razoável de opções para exercer sua capacidade de escolha e sua autonomia".
O trecho 'um patamar mínimo de igualdade entre os membros da sociedade' (linhas 4 e 5) exerce a função de complemento do verbo 'existir' (linha 4).
Comentário: O verbo "existir" é intransitivo e o termo "um patamar mínimo de igualdade entre os membros da sociedade" é apenas o sujeito. Como sabemos que complemento de verbo é o objeto direto ou o objeto indireto, percebemos que a afirmação está errada.
Gabarito: **E**

Questão 2: SEEDF 2017 Professor (banca CESPE)
Fragmento de texto: É evidente que a interlocução comunicativa permite o entendimento, proporciona o intercâmbio de ideias e nos faz refletir e argumentar com maior propriedade em defesa de nossos direitos e deveres como cidadãos.
Na linha 2, o pronome "nos" exerce a função de complemento da forma verbal "refletir".

Comentário: O pronome “nos” não é complemento do verbo “refletir”. Tal pronome tem o valor de sujeito acusativo e ele é oblíquo átono por fazer parte do complemento do verbo “faz”, mas também ocupa a função de sujeito do verbo “refletir”. Isso acontece com os chamados verbos causativos “mandar” (Mandaram-nos sair) ou “fazer” (Fizeram-nos sair), além dos sensitivos “ouvir” (Ouviram-nos sair), “sentir” (Sentiram-nos sair”), etc.

Gabarito: **E**

Questão 3: TRE TO 2017 Nível médio (banca CESPE)

Fragmento do texto: Caso nada seja feito, a previsão é de que haja um aumento de 1º C em 2020 em relação à era pré-industrial. Parece pouco, mas é suficiente para gerar consequências para todas as populações do mundo, em especial as comunidades pobres e vulneráveis, causando impactos na segurança alimentar, hídrica e energética, aumento do nível do mar, tempestades, ondas de calor e intensificação de secas, chuvas e inundações.

No texto, funciona como um dos complementos da forma verbal “causando” (linha 4) o termo

A “ondas de calor” (linha 6).
B “secas” (linha 6).
C “secas, chuvas e inundações” (linha 6).
D “segurança alimentar, hídrica e energética” (linha 5).
E “nível do mar” (linha 5).

Comentário: O verbo “causando” é transitivo direto e o termo “***impactos*** *na segurança alimentar, hídrica e energética,* ***aumento*** *do nível do mar,* ***tempestades***, ***ondas*** *de calor e* ***intensificação*** *de secas, chuvas e inundações*” é o objeto direto composto, cujos núcleos estão negritados acima.

Como “ondas” é o quarto núcleo do objeto direto, a alternativa (A) é a correta.

A alternativa (B) está errada, pois “secas” é apenas o primeiro núcleo do complemento nominal composto de “intensificação”.

A alternativa (C) está errada, pois “de secas, chuvas e inundações” é apenas o complemento nominal composto em relação ao substantivo “intensificação”.

A alternativa (D) está errada, pois “na segurança alimentar, hídrica e energética” é o complemento nominal do substantivo “impactos”.

A alternativa (E) está errada, pois “do nível do mar” é o complemento nominal do substantivo “aumento”.

Gabarito: **A**

Como vimos que o objeto direto é o complemento do verbo transitivo direto e o objeto indireto é o complemento do verbo transitivo indireto, veremos agora alguns verbos importantes quanto à necessidade ou não de preposição.

Regência de verbos importantes

Agradar: transitivo direto, com o sentido de "fazer agrado", "fazer carinho".

Ela agradou o filho.

Transitivo indireto, com a preposição **a**, com o sentido de "ser agradável".

O assunto não agradou ao homem.

Ajudar, satisfazer, presidir, preceder: transitivos diretos ou indiretos, com a preposição **a**.

Satisfiz as exigências. ou *Satisfiz às exigências.*

Amar, estimar, abençoar, louvar, parabenizar, detestar, odiar, adorar, visitar: transitivos diretos.

Estimo o colega. *Adoro meu filho.*

Aspirar: transitivo direto quando significa "sorver", "inspirar", "levar o ar aos pulmões": *Aspiramos o ar frio da manhã.*

Transitivo indireto, com a preposição **a**, quando significa "desejar", "almejar":

Ele aspira ao cargo.

Assistir: transitivo direto no sentido de "dar assistência", "amparar".

O médico assistiu o paciente.

Mas também é aceito como transitivo indireto, com a preposição **a**, neste mesmo sentido: *O médico assistiu ao paciente.*

Transitivo indireto, com a preposição **a**, com o sentido de "ver", "presenciar".

Meu filho assistiu ao jogo.

Transitivo indireto, com a preposição **a**, com o sentido de "caber", "competir".

Esse direito assiste ao réu.

Intransitivo, com a preposição **em**, com o sentido de "morar".

Seu tio assistia em um sítio. (o termo grifado é o adjunto adverbial de lugar)

Neste sentido, admite o advérbio "**onde**": *Este é o local onde assisto (onde moro).*

Avisar, informar, prevenir, certificar, cientificar: são normalmente transitivos diretos e indiretos, admitindo duas construções.

Avisei o gerente do problema.
Avisei-o do problema.
Avisei ao gerente o problema.
Avisei-lhe o problema.
Avisei o gerente de que havia um problema.
Avisei ao gerente que havia um problema.

Cuidado! Veja que tanto o objeto direto quanto o indireto podem ser expressos também por pronomes oblíquos átonos ou orações subordinadas substantivas.

Atender: transitivo direto, podendo ser também transitivo indireto no sentido de dar atenção a, receber alguém, seguir, acatar:

Não costuma atender os meus conselhos.
O ministro atendeu os funcionários que o aguardavam.
Não atendeu à observação que lhe fizeram.

Transitivo indireto no sentido de responder, prestar auxílio a:

Os bombeiros atenderam a muitos chamados.
O médico atendeu aos afogados na praia.

Atribuir: transitivo direto e indireto:

O professor atribuiu nota máxima aos alunos.

Caber: transitivo indireto, no sentido de ser compatível, pertencer:

Cabe a você esperar pelo melhor.

Note que o sujeito é oracional e o objeto indireto é a pessoa: "*a você*". Normalmente é encontrado nas provas na ordem invertida. Ordenando de maneira mais clara a oração, teremos:

Esperar pelo melhor cabe a você. (Isso cabe a você)

Pode ser também intransitivo, no sentido de ficar dentro ou ter cabimento:

O ônibus coube naquela garagem.
Neste momento, não cabem palavras duras.

Os termos sublinhados são adjuntos adverbiais de lugar e tempo, respectivamente.

Chegar: intransitivo, no sentido de movimento a um destino, exigindo a preposição "a". Com ideia de movimento de um lugar origem, usa-se a preposição "de". Deve-se evitar a preposição "em", muito usada na linguagem coloquial, mas não é admitida na norma culta.

Cheguei a Fortaleza. *Cheguei de Fortaleza.*

Esse verbo admite o advérbio "**aonde**" ou a locução "**para onde**", não admitindo apenas "onde".

Obs.: Os termos sublinhados são adjuntos adverbiais de lugar.

Transitivo indireto, quando transmite valor de limite:

Seu estudo chegou ao extremo do entendimento.

Convir: transitivo indireto, no sentido de ser útil, proveitoso:

Convém a todos lutar pela igualdade.

Note que o sujeito é oracional e o objeto indireto é a pessoa: "*a todos*". Normalmente é encontrado nas provas na ordem invertida. Ordenando de maneira mais clara a oração, teremos:

Lutar pela igualdade convém a todos. (Isso convém a todos)

Pode ser também intransitivo, no sentido de ser conveniente:

Não convém essa atitude. ("*essa atitude*" é o sujeito)

Chamar: transitivo direto com o sentido de "convocar".

Chamei-o aqui.

Transitivo direto ou indireto, indiferentemente, com o sentido de "qualificar", "apelidar"; nesse caso, terá um predicativo do objeto (direto ou indireto), introduzido ou não pela preposição **de**.

Chamei-o louco. *Chamei-o de louco.*
Chamei-lhe louco. *Chamei-lhe de louco.*

A palavra **louco**, nos dois primeiros exemplos, é predicativo do objeto direto; nos dois últimos, predicativo do objeto indireto.

Custar: intransitivo, quando indica preço, valor.

Os óculos custaram oitocentos reais.

Obs.: adjunto adverbial de preço ou valor: *oitocentos reais*.

Transitivo indireto, com a preposição **a**, significando "ser custoso", "ser difícil"; com esse sentido, normalmente estará seguido de um infinitivo:

Custou ao aluno entender a explicação do professor.

Obs: "*entender a explicação do professor*" é sujeito oracional e "ao aluno" é o objeto indireto. (Isso custou ao aluno)

Esquecer, lembrar, recordar: transitivos diretos, sem os pronomes oblíquos átonos (me, te, se, nos, vos):

Ele esqueceu o livro. *Lembrou a situação.* *Recordou o fato.*

Transitivos indiretos com pronomes oblíquos átonos, exigindo preposição **de**.

Ele se esqueceu do livro. *Lembrou-se da situação.* *Recordou-se do fato.*

No sentido figurado, há ainda a possibilidade de o sujeito do verbo "esquecer" não ser uma pessoa, mas uma coisa:

Esqueceram-me as palavras de elogio.

Essa mesma regência vale para "lembrar", isto é, há na língua o registro de frases como "Não me lembrou esperá-la", em que "lembrar" significa "vir à lembrança". O sujeito de "lembrou" é "esperá-la", ou seja, esse fato (o ato de esperá-la) não me veio à lembrança.

Os verbos **Lembrar** e **recordar** também podem ser transitivos diretos e indiretos: *Lembrei ao aluno o dia do teste.*

Implicar: transitivo direto quando significa "pressupor", "acarretar".

Seu estudo implicará aprovação.

Transitivo direto e indireto, com a preposição **em**, quando significa "envolver".

Implicaram o servidor no processo.

Transitivo indireto, com a preposição **com**, quando significa "demonstrar antipatia", "perturbar".

Sempre implicava com o vizinho.

Morar, residir, situar-se, estabelecer-se: pedem adjuntos adverbiais com a preposição **em**, e não **a**: *Morava na Rua Onofre da Silva.*

Cabe aqui observar que o vocábulo "**onde**" não pode receber preposição com este verbo. A estrutura "aonde moro" está errada gramaticalmente, o correto é: **onde** moro.

Namorar: transitivo direto: *Ela namorou aquele artista.*

Obedecer e desobedecer: transitivos indiretos, com a preposição **a**.

Obedeço ao comando. *Não desobedeçamos à lei.*

Pedir, implorar, suplicar: transitivos diretos e indiretos, com a preposição **a** (mais raramente, **para**): *Pediu ao dirigente uma solução.*
Só admitem a preposição **para** quando existe a palavra **licença** (ou sinônimos), clara ou oculta.

Ele pediu para sair. (ou seja: pediu licença para)

Perdoar e pagar: transitivos diretos, se o complemento é coisa.

Perdoei o equívoco. *Paguei o apartamento*

Transitivos indiretos, com a preposição **a**, se o complemento é pessoa.

Perdoei ao amigo. *Paguei ao empregado.*

Pode aparecer os dois complementos, sendo o verbo transitivo direto e indireto: *O Brasil pagou a dívida ao FMI.*
O FMI perdoará a dívida aos países pobres.

Note que, se no último exemplo retirássemos a preposição "a" e inseríssemos a preposição **de**, o verbo passa a ser apenas transitivo direto e o termo preposicionado passa a ser o adjunto adnominal que caracteriza o núcleo deste termo. Veja:

O FMI perdoará a dívida dos países pobres.
VTD + OD

Preferir: transitivo direto: *Prefiro biscoitos.*
Transitivo direto e indireto, com a preposição **a**: *Prefiro vinho a leite.*

Cuidado, pois o verbo "preferir" não aceita palavras ou expressões de intensidade, nem **do que** ou **que**. Assim, está **errada** a construção como "Prefiro mais vinho do que leite".

Presidir: transitivo direto ou indireto:

O chefe presidiu a cerimônia. *O chefe presidiu à cerimônia.*

Proceder: intransitivo, com o sentido de "agir": *Ele procedeu bem.*
Intransitivo, com o sentido de "justificar-se": *Isso não procede.*
Intransitivo, com o sentido de "vir", "originar-se"; pede a preposição **de**.

A balsa procedia de Belém.

Neste sentido, admite o advérbio "**donde**" ou a locução "**de onde**":

*Venho **de onde** ficou minha infância. (=**donde**)*

Transitivo indireto, com a preposição **a**, com o sentido de "realizar", "dar andamento": *Ele procedeu ao inquérito.*

Querer: transitivo direto, significando "desejar, ter intenção de, ordenar, fazer o favor de": *Ele quer a verdade.*
Transitivo indireto, significando "gostar, ter afeição a alguém ou a alguma coisa". É normal o advérbio "bem" ficar subentendido ou explícito. Assim, é exigida a preposição **a**: *A mãe quer muito ao filho.* (...quer bem ao filho)

Referir-se: transitivo indireto, com a preposição a:

O palestrante referiu-se ao problema.

Transitivo direto, no sentido narrar, contar: *Ele referiu o ocorrido.*

Responder: transitivo direto, em relação à própria resposta dada.

Responderam que estavam bem.

Transitivo indireto, em relação à coisa ou pessoa que recebe a resposta.

Respondi ao telegrama.

Às vezes, aparece como transitivo direto e indireto:

Respondemos aos parentes que iríamos.

Simpatizar e antipatizar: transitivo indireto, regendo preposição **com** sem pronome oblíquo: *Simpatizo com Madalena*.
A construção "Simpatizo-me com Madalena" está errada", pois não pode haver pronome oblíquo átono.

Visar: transitivo direto quando significa "pôr o visto", "rubricar":

Ela visou as folhas.

Transitivo direto quando significa "mirar": *Visavam um ponto na parede.*
Transitivo indireto, com a preposição **a**, quando significa "pretender", "almejar": *Visava à felicidade de todos*.

Aqui não é aceito o pronome "lhe" como complemento, empregando-se, assim, as formas "a ele" e "a ela".

Algumas gramáticas aceitam a regência deste verbo na acepção de "pretender, almejar" como verbo transitivo direto, quando logo após houver um verbo no infinitivo. "O programa visa facilitar o acesso ao ensino gratuito."

Observações importantes:
a) Alguns verbos transitivos indiretos, mesmo pedindo a preposição **a**, não admitem o pronome **lhe** como objeto. Veja alguns importantes.

Assistiu ao filme.	Assistiu-lhe. (errado)	Assistiu a ele. (certo)
Aspiro à promoção.	Aspiro-lhe. (errado)	Aspiro a ela. (certo)
Visava ao concurso.	Visava-lhe. (errado)	Visava a ele. (certo)
Aludi ao preconceito.	Aludi-lhe. (errado)	Aludi a ele. (certo)
Anuiu ao pedido.	Anuiu-lhe. (errado)	Anuiu a ele. (certo)
Procedeu ao inquérito.	Procedeu-lhe. (errado)	Procedeu a ele. (certo)
Presidimos à reunião.	Presidimos-lhe. (errado)	Presidimos a ela. (certo)

b) Quando o complemento verbal é o mesmo para dois ou mais verbos, estes devem possuir a mesma regência verbal. Assim, construções como "*Fui e voltei de Salvador*" transmite erro gramatical. A regência do verbo "*Fui*" exige a preposição "*a*", e a do verbo "*voltei*" exige preposição "*de*". Portanto, deveremos corrigir para: *"Fui a Salvador e voltei de lá"*

Veja outros casos:

Gostei e comprei o carro.	*Gostei do carro e o comprei.*
Conheci e não simpatizei com Carlos.	*Conheci Carlos e não simpatizei com ele.*
Construção viciosa	Construção gramaticalmente correta

Questão 4: TCE PE 2017 Analista (banca CESPE)

Fragmento de texto: A efetiva transparência do administrador público não se resume à publicidade dos gastos.

A substituição do trecho "à publicidade dos gastos" (linha 2) por **na publicidade** manteria a correção gramatical do texto

Comentário: O verbo "resume", neste contexto, é transitivo direto e indireto, e o objeto indireto pode ser precedido da preposição "a" ou "em". Assim, podemos subtender duas construções:

A efetiva transparência do administrador público não se resume à publicidade dos gastos.
A efetiva transparência do administrador público não se resume ***na*** *publicidade dos gastos*.

Note que a questão não fez qualquer menção ao sentido, simplesmente ao fator gramatical. Assim, a afirmação está correta.

Gabarito: **C**

Questão 5: SEEDF 2017 Professor (banca CESPE)

Fragmento de texto: Já esqueci a língua em que comia,
em que pedia para ir lá fora,
em que levava e dava pontapé,
a língua, breve língua entrecortada
do namoro com a prima.

Considerando-se as regências do verbo **esquecer** prescritas para o português, estaria correta a seguinte reescrita para a oração "Já esqueci a língua": Já esqueci da língua.

Comentário: O verbo "esquecer", quando não tiver ligado a pronome átono, é transitivo direto, como ocorre no texto original: *Já esqueci a língua*. Só inseriremos a preposição "de" quando for pronominal: *Já* ***me*** *esqueci* ***da*** *língua*. Como a substituição não apresentou o pronome átono, a afirmação está errada.

Gabarito: **E**

Questão 6: TCE PE 2017 Analista (banca CESPE)
Fragmento de texto: As últimas décadas registraram o ressurgimento do campo do conhecimento denominado políticas públicas, assim como das instituições, das regras e dos modelos que regem sua decisão, elaboração, implementação e avaliação.
A introdução da preposição **por** imediatamente após "denominado" (linha 2) manteria o sentido e a correção gramatical do texto, além de imprimir-lhe mais clareza.
Comentário: O vocábulo "denominado" pode reger a preposição "de" (denominado de políticas públicas), mas não cabe a preposição "por", tendo em vista que isso implicaria mudança de sentido. Note que o suposto termo "***por** políticas públicas*" passaria ao sentido de agente, seria o agente da passiva, isto é, as políticas públicas é que denominariam o conhecimento. Assim, a afirmação está errada.
Gabarito: **E**

Questão 7: TCE PE 2017 Analista (banca CESPE)
Fragmento de texto: A política pública, embora seja formalmente um ramo da ciência política, a ela não se resume, podendo também ser objeto analítico de outras áreas do conhecimento, inclusive da econometria, já bastante influente em uma das subáreas da política pública, a da avaliação, que também vem recebendo influência de técnicas quantitativas.
Seriam mantidos o sentido original do texto e sua correção gramatical caso o trecho "a ela não se resume" (linha 2) fosse substituído por **não lhe resume**.
Comentário: Esta é uma questão de reescrita, mas tem o fundamento na regência verbal e no emprego do pronome átono. No trecho original, "a ela" é o objeto indireto, "se" é pronome apassivador e o verbo "resume" é transitivo direto e indireto. Assim, entendemos que a política pública não é resumida a uma ciência política. Porém, com a reescrita, o pronome "se" foi excluído e o verbo passa a transitivo direto, mudando o sentido, além de exigir o objeto direto com o pronome "**a**", e não "lhe". Assim, a afirmação está errada.
Gabarito: **E**

Questão 8: PJC MT 2017 Delegado (banca CESPE)
Fragmento de texto: A injustiça, Senhores, desanima o trabalho, a honestidade, o bem; cresta em flor os espíritos dos moços, semeia no coração das gerações que vêm nascendo a semente da podridão, habitua os homens a não acreditar senão na estrela, na fortuna, no acaso, na loteria da sorte; promove a desonestidade, a venalidade, a relaxação; insufla a cortesania, a baixeza, **sob** todas as suas formas.
A correção gramatical do texto seria mantida caso o termo "sob" (linha 6) fosse substituído por **em**.

Comentário: O verbo "insuflar" é transitivo direto e "a cortesania, a baixeza" é o objeto direto composto. O termo "**sob** todas as suas formas" é o adjunto adverbial de modo.

A troca de "sob" por "em" mudaria sensivelmente o sentido, mas não implicaria incorreção gramatical.

Assim, como a questão apenas afirmou que a troca de "sob" por "em" manteria a correção gramatical, ela está certa.

Gabarito: **C**

Questão 9: CP RM 2016 Técnico em Geociências (banca CESPE)

Fragmento de texto: A conclusão, praticamente unânime, é de que políticas que visem à conservação do meio ambiente e à sustentabilidade de projetos econômicos devem ser metas para todos os governantes.

A substituição da forma verbal "visem" (linha 2) por **objetivam** mantém a correção gramatical do texto.

Comentário: O verbo "*visem*", no sentido de ter por objetivo, é transitivo indireto e rege a preposição "a". Esse foi o motivo, inclusive, de haver crase em "*à conservação do meio ambiente e à sustentabilidade de projetos econômicos*". Já o verbo "*objetivam*" é transitivo direto e não admite preposição "a". Assim, pela regência, sabemos que não cabe a substituição e a afirmação está errada, pois deveríamos excluir a preposição "a", o que não foi mencionado na questão. Compare:

A conclusão, praticamente unânime, é de que políticas que visem à conservação do meio ambiente e à sustentabilidade de projetos econômicos devem ser metas para todos os governantes.

*A conclusão, praticamente unânime, é de que políticas que **objetivam** **a** conservação do meio ambiente e **a** sustentabilidade de projetos econômicos devem ser metas para todos os governantes*.

Quero chamar sua atenção aqui quanto ao pedido da questão. Ele menciona a manutenção da correção gramatical. Nada foi falado sobre sentido original. Assim, a troca do verbo "visem", que se encontra no tempo presente do subjuntivo (denotando ideia de possibilidade, suposição), pelo verbo "objetivam", que se encontra no presente do indicativo (marcando certeza), muda o sentido, mas não transmite incorreção gramatical.

Com isso, reforço que "matamos" a questão pela regência, e não pelo tempo verbal.

Gabarito: **E**

Questão 10: TCE PA 2016 Superior (banca CESPE)

Fragmento de texto: O tenente Antônio de Souza era um desses moços que se gabam de não crer em nada, que zombam das coisas mais sérias e que riem dos santos e dos milagres. Costumava dizer que isso de almas do outro mundo era uma grande mentira, que só os tolos temem a lobisomem e feiticeiras. Jurava ser capaz de dormir uma noite inteira dentro do cemitério.

Sem prejuízo da correção gramatical e dos sentidos do texto, no trecho “só os tolos temem a lobisomem e feiticeiras” (linhas 4 e 5), a preposição “a” poderia ser suprimida.
Comentário: O verbo “temem” é transitivo direto e o termo “a lobisomem e feiticeiras” é apenas o objeto direto composto e preposicionado. Assim, a exclusão da preposição não acarretará qualquer problema gramatical, tampouco mudança de sentido. Dessa forma, a afirmação está correta.
Gabarito: **C**

Questão 11: FUNPRESP 2016 Superior (banca CESPE)
Fragmento de texto: Brasília tinha apenas dois anos quando ganhou sua universidade federal. A Universidade de Brasília (UnB) foi fundada com a promessa de reinventar a educação superior, entrelaçar as diversas formas de saber e formar profissionais engajados na transformação do país.
A correção gramatical e o sentido original do texto seriam preservados se o trecho “promessa de reinventar a educação superior” (linha 3) fosse substituído por **promessa de reinvenção da educação superior**.
Comentário: Se houvesse apenas uma oração, tal substituição poderia ser feita sem qualquer problema. Porém, notamos no segundo período do texto uma enumeração de orações coordenadas entre si: *A Universidade de Brasília (UnB) foi fundada com a promessa de reinventar a educação superior, entrelaçar as diversas formas de saber e formar profissionais engajados na transformação do país*. Assim, para haver tal transformação, todas as demais orações deveriam sofrer as substituições. Veja: *A Universidade de Brasília (UnB) foi fundada com a promessa **de reinvenção da educação superior**, **entrelaçamento das** diversas formas de saber e **formação dos** profissionais engajados na transformação do país*.
Gabarito: **E**

Questão 12: FUNPRESP 2016 Analista (banca CESPE)
Fragmento de texto: Quando se cansava, sentava-se a uma grande mesa ao fundo da sala e escrevia o resto da noite. Leu um tratado de psicologia e trocou-o em miúdo, isto é, reduziu-o a artigos, uns quarenta ou cinquenta, que projetou meter nas revistas e nos jornais e com o produto vestir-se, habitar uma casa diferente daquela e pagar ao barbeiro.
A substituição do pronome “o”, em “reduziu-o a artigos” (linha 3), por **lhe** preservaria a correção gramatical do texto.
Comentário: O verbo “reduziu” é transitivo direto e indireto, o pronome “o” é o objeto direto e não pode ser substituído pelo pronome “lhe”. Note que o termo “a artigos” é o objeto indireto. Assim, a afirmação está errada.
Gabarito: **E**

Questão 13: TRE GO 2015 Técnico Judiciário (banca CESPE)

Fragmento de texto: Por fim, integravam a Corte três membros efetivos e quatro substitutos, escolhidos pelo chefe do governo provisório dentre quinze cidadãos, indicados pelo STF, desde que atendessem aos requisitos de notável saber jurídico e idoneidade moral. Dentre seus membros, elegia o Tribunal Superior, em escrutínio secreto, por meio de cédulas com o nome do juiz e a designação do cargo, um vice-presidente e um procurador para exercer as funções do Ministério Público, tendo este último a denominação de procurador-geral da justiça eleitoral.

Se a preposição **a** presente na contração "aos" (linha 3) fosse suprimida, a função sintática da expressão "requisitos de notável saber jurídico e idoneidade moral" (linhas 3 e 4) seria alterada, mas a correção gramatical do texto seria mantida.

Comentário: O que a questão está nos cobrando é o conhecimento de que o verbo "atender" pode ser transitivo direto ou transitivo indireto. No texto, tal verbo é transitivo indireto e rege a preposição "a" e o termo "aos *requisitos de notável saber jurídico e idoneidade moral*" é o objeto indireto.

Com a exclusão da preposição, tal verbo passa a transitivo direto e o termo "os *requisitos de notável saber jurídico e idoneidade moral*" é o objeto direto. Tal regência é perfeitamente cabível, por isso a afirmação da questão está correta.

Gabarito: **C**

Questão 14: TCE RN 2015 Auditor (banca CESPE)

Fragmento do texto: O poder político é dividido entre órgãos independentes e autônomos, aos quais são atribuídas funções típicas. Ao Poder Legislativo é conferida a função de elaborar a lei; ao Poder Executivo, a função de administrar a aplicação da lei; e, ao Poder Judiciário, a função de dirimir os conflitos legais surgidos entre pessoas ou entre estas e o Estado. Esquece-se, no entanto, que o Poder Legislativo possui outras funções típicas, das quais o poder financeiro e o controle político são exemplos.

A correção gramatical do texto seria prejudicada caso se substituísse "Esquece-se, (...), que" (linha 5) por **Esquece-se**, (...), **de que**.

Comentário: Vimos que o verbo "esquecer" é transitivo direto sem pronome átono (Esqueci o livro) e transitivo indireto com pronome átono (Esqueci-me do livro).

Mas note que, nessas estruturas, o sujeito oculto (**eu**) é determinado e agente.

Já, no trecho do texto, quem esquece? Quem é o agente dessa ação verbal? Não há! Isso não fica determinado no texto.

Assim, o pronome átono "se" se juntou ao verbo transitivo direto "Esquece". Assim, tal pronome é apassivador e a oração subordinada substantiva "*que o Poder Legislativo possui outras funções típicas*" é o sujeito paciente.

Sempre que temos a possibilidade de haver um pronome apassivador, temos que transpor a voz passiva sintética em analítica. Veja:

Ao Poder Legislativo é conferida a função de elaborar a lei; ao Poder Executivo, a função de administrar a aplicação da lei; e, ao Poder Judiciário, a função de dirimir os conflitos legais surgidos entre pessoas ou entre estas e o Estado. Esquece-se, no entanto, que o Poder Legislativo possui outras funções típicas, das quais o poder financeiro e o controle político são exemplos.

*Ao Poder Legislativo é conferida a função de elaborar a lei; ao Poder Executivo, a função de administrar a aplicação da lei; e, ao Poder Judiciário, a função de dirimir os conflitos legais surgidos entre pessoas ou entre estas e o Estado. **É esquecido**, no entanto, que o Poder Legislativo possui outras funções típicas, das quais o poder financeiro e o controle político são exemplos*.

Como sabemos que o sujeito não pode ser precedido de preposição, a inserção da preposição realmente prejudicaria a correção do texto.

Assim, a afirmativa está correta.

Gabarito: **C**

Questão 15: TCE RN 2015 Auditor (banca CESPE)

Fragmento do texto: Esse princípio vinculava a cobrança de tributos à existência de uma lei elaborada por representantes do povo.

O texto permaneceria gramaticalmente correto caso o trecho "vinculava a cobrança de tributos à existência de uma lei" fosse reescrito da seguinte forma: vinculava à cobrança de tributos a existência de uma lei.

Comentário: O verbo "vincular" é transitivo direto e indireto (vincular uma coisa a outra). No texto original, o termo "*a cobrança*" é o objeto direto e "*à existência de uma lei*" é objeto indireto.

Tal verbo permite a transição de complementos. Assim, a afirmação está correta. Veja as duas formas para comparação:

Esse princípio vinculava a cobrança de tributos à existência de uma lei elaborada por representantes do povo.

Esse princípio vinculava à cobrança de tributos a existência de uma lei elaborada por representantes do povo.

Gabarito: **C**

Questão 16: Telebras 2015 Especialista em Gestão (banca CESPE)

Fragmento do texto: A reestruturação do setor de telecomunicações no Brasil veio acompanhada da privatização do Sistema TELEBRAS — operado pela Telecomunicações Brasileiras S.A. (TELEBRAS) —, monopólio estatal verticalmente integrado e organizado em diversas subsidiárias, que prestava serviços por meio de uma rede de telecomunicações interligada, em todo o território nacional.

(...)

A privatização, ao contrário do que ocorreu em diversos países em desenvolvimento e mesmo em outros setores de infraestrutura do Brasil, foi precedida da montagem de detalhado modelo institucional, dentro do qual se destaca a criação de uma agência reguladora independente e autônoma, a Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL). Além disso, a reestruturação do setor de telecomunicações brasileiro foi precedida de reformas setoriais em vários outros países, o que trouxe a possibilidade de aprendizado com as experiências anteriores.

Sem prejuízo para a correção gramatical do texto, nas estruturas "da privatização" (linha 2), "da montagem" (linha 9) e "de reformas setoriais" (linha 13), os elementos sublinhados podem ser substituídos, respectivamente, pelas formas **pela**, **pela** e **por**.

Comentário: Devemos nos lembrar de que o agente da passiva pode ser precedido da preposição "por" (mais usual) ou "de" (menos usual). A questão quis chamar atenção quanto a isso, pois, no texto, esses três termos ocupam a função de agente da passiva e são iniciados pela preposição "de", a qual pode ser trocada pela preposição "por". Veja:

A reestruturação do setor de telecomunicações no Brasil veio acompanhada ***pela*** *privatização do Sistema TELEBRAS...*

A privatização (...) foi precedida ***pela*** *montagem de detalhado modelo institucional...*
... a reestruturação do setor de telecomunicações brasileiro foi precedida ***por*** *reformas setoriais em vários outros países...*

Assim, pode haver tal substituição sem prejuízo para a correção gramatical do texto.

Gabarito: **C**

Questão 17: TRE RS 2015 Analista Judiciário (banca CESPE)

Fragmento do texto: As incompatibilidades são, da mesma forma, impedimentos, embora de natureza diversa, que proíbem o parlamentar, desde a expedição do diploma ou desde a sua posse, de obter, direta ou indiretamente, vantagens do poder público, ou de se utilizar do mandato para obtê-las com maior facilidade.

Dada a regência do verbo proibir (linha 2), a substituição do termo "o parlamentar" (linha 2) por **ao parlamentar** não prejudicaria a correção gramatical do texto.

Comentário: A regência do verbo "*proibir*" é semelhante à do verbo "informar". Tais verbos são transitivos diretos e indiretos. Veja:

Proibir alguém de alguma coisa.
Proibir alguma coisa a alguém.

No texto, o verbo "proibir" tem regência conforme a primeira frase acima (*Proibir alguém de alguma coisa)* e a questão queria mudar para a segunda estrutura (*Proibir alguma coisa a alguém*). Porém, não pode haver a mudança apenas com um dos termos. Veja que, com a mudança, apenas o objeto direto "o parlamentar" transformou-se em objeto indireto "ao parlamentar", mas não houve mudança da oração subordinada substantiva objetiva indireta "de obter..." para objetiva direta "obter...". Isso causou erro gramatical.

Gabarito: **E**

Questão 18: TRE-MS 2013 Técnico Judiciário (banca CESPE)

Fragmento de texto: No Brasil, só é considerado eleitor quem preencher os requisitos da nacionalidade, idade e capacidade, além do requisito formal do alistamento eleitoral.

A correção gramatical do texto seria mantida, apesar de haver alteração de seu sentido, caso o trecho "do alistamento eleitoral" (linha 3) fosse substituído por **para o alistamento eleitoral**.

Comentário: A afirmativa está correta, porque realmente a exclusão da preposição "de" e inclusão da preposição "para" força a mudança de sentido. O primeiro transmite a ideia de caracterização do "requisito formal". Já com a preposição "para" o sentido passa a ser a finalidade do "requisito formal". Compare:

No Brasil, só é considerado eleitor quem preencher os requisitos da nacionalidade, idade e capacidade, além do requisito formal do alistamento eleitoral.

No Brasil, só é considerado eleitor quem preencher os requisitos da nacionalidade, idade e capacidade, além do requisito formal ***para o alistamento eleitoral***.

Gabarito: **C**

Questão 19: TRE-MS 2013 Técnico Judiciário (banca CESPE)

Fragmento de texto: Políticos, sociais ou jurisdicionais, todos eles destinam-se à mesma finalidade: submeter o administrador ao controle e à aprovação do administrado.

Sem prejuízo para a correção gramatical ou para o sentido original do texto, o trecho "submeter o administrador ao controle e à aprovação do administrado" poderia ser reescrito da seguinte forma: **submeter ao administrador o controle e a aprovação do administrado**.

Comentário: A primeira parte da afirmação está correta, pois o verbo "submeter" é transitivo direto e indireto, o objeto direto é o termo "o administrador" e o termo composto "*ao controle e à aprovação do administrado*" é o objeto indireto. Com a substituição, o verbo continua sendo transitivo direto e indireto e os objetos direto e indireto apenas foram trocados. Assim, há correção gramatical.

Políticos, sociais ou jurisdicionais, todos eles destinam-se à mesma finalidade: submeter o administrador ao controle e à aprovação do administrado.
VTDI + objeto direto + objeto indireto composto

Políticos, sociais ou jurisdicionais, todos eles destinam-se à mesma finalidade: submeter ao administrador o controle e a aprovação do administrado.
VTDI + objeto indireto + objeto direto composto

O erro na questão foi apenas afirmar que o sentido não mudaria. Na realidade, o sentido muda, pois no primeiro trecho entendemos que o administrador é submetido ao controle e à aprovação do administrado.

Com a substituição, agora é o controle e a aprovação do administrado que são submetidos ao administrador. Percebeu a diferença?! Fácil, não é mesmo?!
Gabarito: **E**

Questão 20: TRE-MS 2013 Técnico Judiciário (banca CESPE)
Fragmento de texto: O sufrágio universal, por exemplo, é um mecanismo de controle de índole eminentemente política — no Brasil, está previsto no art. 14 da Constituição Federal de 1988, que assegura ainda o voto direto e secreto e de igual valor para todos —, que garante o direito do cidadão de escolher seus representantes e de ser escolhido pelos seus pares.
Prejudicaria a correção gramatical do texto, assim como sua coerência, a substituição do trecho "que garante o direito do cidadão" (linha 4) por **que garante ao cidadão o direito**.
Comentário: O verbo "garante" é transitivo direto e o termo "o direito do cidadão" é o objeto direto. Note que há o núcleo "direito" e o adjunto adnominal "do cidadão". A questão afirmou que a substituição dessa construção por "*que garante ao cidadão o direito*" **prejudicaria** a correção gramatical do texto e a coerência. Vamos verificar? Com a substituição, o verbo "garante" é transitivo direto e indireto, o termo "o direito" é o objeto direto e "ao cidadão" é o objeto indireto. Assim, a correção gramatical **não foi prejudicada** e **permanece a coerência**. Apenas houve mudança de sentido e isso não foi mencionado na questão. Finalizando, a afirmativa está errada.
Gabarito: **E**

Complemento nominal:

Vimos na aula de sintaxe da oração que determinados substantivos, adjetivos e advérbios se fazem acompanhar de complementos, os quais são chamados de complementos nominais e são introduzidos por preposição.

Note abaixo que o substantivo "*leitura*" dá nome à ação de "*ler*". Como é natural o verbo ser transitivo, esse substantivo também fica transitivo.

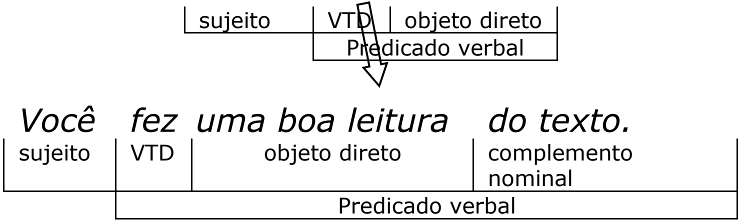

Compare: *Júlia aproveitou* *o momento*. (objeto direto)

Júlia tirou proveito *do momento.* (complemento nominal)

A banca CESPE normalmente não pergunta, por exemplo, se "*do momento*" é complemento nominal; ela pergunta se a preposição "*de*" é exigida pelo verbo "*tirou*" ou pelo substantivo "*proveito*". A preposição "*de*", em contração com o artigo "*o*", é exigida pelo substantivo "*proveito*", por isso a expressão "*do momento*" completa o sentido desse substantivo.

Vimos então que, quando um nome exige complemento, chamamos de **Regência Nominal**, passaremos aos nomes de maior ocorrência.

Substantivos, adjetivos e advérbios podem, por regência nominal, exigir complementação para seu sentido precedida de preposição.

acostumado a, com	curioso de
afável com, para	desgostoso com, de
afeiçoado a, por	desprezo a, de, por
aflito com, por	devoção a, por, para, com
alheio a, de	devoto a, de
ambicioso de	dúvida em, sobre, acerca de
amizade a, por, com	empenho de, em, por
amor a, por	falta a, com, para
ansioso de, para, por	imbuído de, em
apaixonado de, por	imune a, de
apto a, para	inclinação a, para, por
atencioso com, para	incompatível com
aversão a, por	junto a, de
ávido de, por	preferível a
conforme a	propenso a, para
constante de, em	próximo a, de
constituído com, de, por	respeito a, com, de, por, para
contemporâneo a, de	situado a, em, entre
contente com, de, em, por	último a, de, em
cruel com, para	único a, em, entre, sobre

Questão 21: MP ENAP 2015 Superior (banca CESPE)
Fragmento do texto: Já a partir da década de 70 do século passado, o conceito de planejamento não era mais tão visto como um instrumento técnico e, sim, como um instrumento político capaz de moldar e de articular os diversos interesses envolvidos no processo de intervenção de políticas públicas.
A locução "capaz de" (linha 3) poderia, sem prejuízo do sentido original do texto, ser substituída por **para**.
Comentário: Veja que a questão não pediu a troca com preservação da correção gramatical, mas com preservação do sentido original. Assim, tal troca poderia ser feita. Ela estaria gramaticalmente correta, porém o sentido muda, pois a expressão "capaz de" transmite o sentido de capacidade,

possibilidade. Já "para" transmite a ideia de finalidade. Confirme:

Já a partir da década de 70 do século passado, o conceito de planejamento não era mais tão visto como um instrumento técnico e, sim, como um instrumento político capaz de moldar e de articular os diversos interesses envolvidos no processo de intervenção de políticas públicas.

Já a partir da década de 70 do século passado, o conceito de planejamento não era mais tão visto como um instrumento técnico e, sim, como um instrumento político ***para*** *moldar e de articular os diversos interesses envolvidos no processo de intervenção de políticas públicas*.

Como há mudança de sentido, a afirmação da questão está errada.

Gabarito: **E**

d

Questão 22: TRE-MS 2013 Técnico Judiciário (banca CESPE)

Fragmento de texto: O sufrágio universal, por exemplo, é um mecanismo de controle de índole eminentemente política — no Brasil, está previsto no art. 14 da Constituição Federal de 1988, que assegura ainda o voto direto e secreto e de igual valor para todos —, que garante o direito do cidadão de escolher seus representantes e de ser escolhido pelos seus pares.

Na linha 2, a expressão "de índole" exerce a função de complemento de "controle" e, por isso, o emprego da preposição "de" é exigido pela presença desse substantivo na oração.

Comentário: A questão está errada e tentou induzir o candidato a entender o termo "de índole eminentemente política" como complemento nominal do substantivo "controle". Se isso fosse correto, entenderíamos que haveria um mecanismo que controla a índole eminentemente política.

Porém, essa não é a informação do texto. Na realidade, o termo "de índole eminentemente política" é apenas o adjunto adnominal e caracteriza a expressão "*mecanismo de controle*". Assim, entendemos do texto que o sufrágio universal é um mecanismo de controle, o qual possui índole eminentemente política.

Gabarito: **E**

Questão 23: Assembleia Legislativa-ES – 2011 – Taquígrafo (banca CESPE)

Com relação à frase "Notas taquigráficas possibilitam ao cidadão acesso rápido ao trabalho do Senado Federal", a expressão "do Senado Federal" é complemento do núcleo nominal "trabalho".

Comentário: O verbo "*possibilitam*" é transitivo direto e indireto (possibilitar alguma coisa a alguém), o sujeito é o termo "*Notas taquigráficas*", o objeto direto é "*acesso rápido*", o objeto indireto é "*ao cidadão*" e o complemento nominal é "*ao trabalho do Senado Federal*".

Como sabemos que o complemento nominal tem valor paciente em relação ao substantivo abstrato, e o adjunto adnominal tem valor agente, o termo "*do Senado Federal*" é adjunto adnominal do núcleo do objeto indireto "*trabalho*", porque podemos entender que o Senado Federal trabalha (agente).

Notas taquigráficas possibilitam ao cidadão acesso rápido ao trabalho do Senado Federal.
núcleo Adj Adn + VTDI + Adj Adn núcleo+ núcleo Adj Adn + Adj Adn núcleo Adj Adn
sujeito objeto indireto objeto direto complemento nominal

Por isso, a afirmativa está errada.

Gabarito: E

Questão 24: Detran - ES / 2011 / nível médio (banca CESPE)

Fragmento de texto: O agravamento da crise urbana nos países em desenvolvimento e as mudanças políticas, sociais e econômicas, que, no momento, se processam em escala mundial, requerem novo esforço governamental para a organização das cidades e dos seus sistemas de transporte.

7

A presença da preposição **de** antes das expressões "cidades" e "seus sistemas" indica que esses termos complementam a ideia de "organização".

Comentário: Note que o substantivo "*organização*" rege preposição "*de*", a qual inicia os dois núcleos do complemento nominal composto (*das cidades e dos seus sistemas*). Como se sabe que o complemento nominal é termo que completa o sentido do nome, a afirmativa está correta.

Gabarito: **C**

Questão 25: Detran - ES / 2011 / nível médio (banca CESPE)

Fragmento de texto: O carro, no entanto, não é o único vilão. A solução para o problema da mobilidade passa pela criação de alternativas ao uso do transporte individual.

"Como as opções alternativas ao transporte individual são pouco eficientes, pela falta de conforto, segurança ou rapidez, as pessoas continuam optando pelos automóveis, motocicletas ou mesmo táxis, ainda que permaneçam presas no trânsito", afirma S. G.

O emprego da preposição **a**, em "ao uso" (linha 2) e "ao transporte" (linha 4), é obrigatório, visto que esses termos, como complementos do substantivo "alternativas" (linhas 2 e 4), devem ser introduzidos por essa preposição.

Comentário: O substantivo "*alternativas*" exigiu, neste contexto, a preposição "*a*", como ocorreu em "*alternativas ao uso*" e "*alternativas ao transporte*". Portanto, nesta estrutura, realmente a preposição "*a*" é obrigatória.

O que pode ter deixado o candidato com dúvida seria a palavra "substantivo"; pois na segunda ocorrência "*alternativas*" tem valor adjetivo, o qual determina o substantivo "*opções*". Mas perceba: esse vocábulo é um substantivo e, neste caso, estava apenas com valor adjetivo; por isso a afirmativa está correta.

Gabarito: **C**

Questão 26: PC - ES / 2011 / nível médio (banca CESPE)

Fragmento de texto: Recentemente, a Coreia do Norte, mais uma vez, atacou seus irmãos do Sul. Mesmo 65 anos depois do fim da Segunda Guerra Mundial e do rateio do mundo entre comunistas e capitalistas, os coreanos seguem presos aos dogmas de seus governos. O bombardeio ordenado por Pyongyang atingiu uma ilha do país vizinho, matou duas pessoas e feriu pelo menos dezoito. A justificativa do Norte foram manobras supostamente feitas pelos sulistas em águas sob sua jurisdição.

A presença da preposição a em "aos dogmas" (linha 4) decorre da regência da forma verbal "seguem" (linha 4), que exige complemento regido por essa preposição.

Comentário: O verbo "*seguem*" é intransitivo e é seguido do predicativo "*presos*", o que configura um caso de predicado verbo-nominal. Assim, não é o verbo que exige o complemento e *aos dogmas*", mas sim o predicativo "*presos*". Esse é um caso de regência nominal, e não verbal.

Gabarito: **E**

Orações subordinadas substantivas

Vimos as orações subordinadas substantivas na aula 2. Agora basta recordarmos essas orações com função sintática de objeto direto, objeto indireto e complemento nominal, haja vista a regência.

A oração subordinada substantiva objetiva direta não recebe preposição, pois o verbo da oração principal é transitivo direto. Essa oração parte de um objeto direto. Veja que a primeira frase possui apenas um verbo, então há um período simples. Com a inserção de um verbo no objeto direto, passou-se a uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

Peço sua atenção.
VTD + OD

Peço que você se atente a mim.
Or Pcp + oração sub substantiva objetiva direta.

Da mesma forma ocorre com a oração subordinada substantiva objetiva indireta. O verbo da oração principal é transitivo indireto, por isso exigiu objeto indireto.

Lembre-se de sua participação no evento.
VTD + OI

Lembre-se de que você participará do evento.
Or Pcp + oração sub substantiva objetiva indireta.

Falta apenas relembrarmos a oração subordinada substantiva completiva nominal, a qual é exigida por um nome da oração principal.

Tenho certeza de sua aprovação.
VTD + OD + CN

Tenho certeza de que você será aprovado.
Or Pcp + oração sub substantiva completiva nominal.

Agora vamos ver como isso foi cobrado em prova!

Questão 27: TRE BA 2017 Analista (banca CESPE)
Fragmento do texto: É possível deixar o voto em branco; para isso, basta apertar a tecla branca.
A oração "apertar a tecla branca" (linha 2) exerce, no período em que ocorre, a função de complemento da forma verbal "basta".
Comentário: O complemento verbal é o objeto direto ou indireto, e nunca o sujeito. Como o verbo "basta" é intransitivo e a oração "apertar a tecla branca" é subordinada substantiva subjetiva, a afirmação está errada.
Gabarito: **E**

Questão 28: MPU 2010 Médio (banca CESPE)
Fragmento do texto: A chaga encontra terreno fértil nas sociedades subdesenvolvidas, mas também viceja onde o capitalismo, em seu ambiente mais selvagem, obriga crianças e adolescentes a participarem do processo de produção.
O emprego de preposição em "a participarem" é exigido pela regência da forma verbal "obriga".
Comentário: O verbo "obriga" é transitivo direto e indireto, seu objeto direto é "crianças e adolescentes" e a oração "a participarem do processo de produção" é subordinada substantiva objetiva indireta. Assim, a preposição "a" foi exigida pelo verbo "obriga".
Gabarito: **C**

Regência com pronomes relativos

Como visto na aula de orações adjetivas, o pronome relativo é uma palavra que inicia as orações subordinadas adjetivas e pode estar antecedido de preposição. Isso depende do verbo da oração adjetiva e da função sintática do pronome relativo. Por isso é importante visualizarmos quais são os pronomes relativos mais empregados.

que: retoma coisa ou pessoa
o/a qual: retoma coisa ou pessoa
quem: retoma pessoa
cujo: relação de posse
onde: retoma lugar
quando: retoma tempo

Os pronomes relativos e suas funções sintáticas.

Sujeito:

*O homem, **que** é um ser racional, aprende com seus erros.*

oração subordinada adjetiva

oração principal

Sempre se deve partir do verbo para entender a função sintática dos termos. Assim, há o verbo de ligação "é", o predicativo "um ser racional"; logo, falta o sujeito, que é o pronome relativo "que". Onde se lê "que", entende-se "homem", então se pode ter a seguinte estrutura:

***O homem** é um ser social.*

Como se pode substituir "que" por "o qual" e suas variações, dependendo da palavra que foi retomada, teremos:

*O homem, **o qual** é um ser racional, aprende com seus erros.*

Abaixo serão listadas outras funções do pronome relativo e suas possibilidades de substituição:

Objeto direto: Esta é a casa **que** amamos. **a qual** amamos. OD VTD	Objeto indireto: Esta é a casa **de que** gostamos. (de + a qual) **da qual** gostamos. OI VTI

Objeto indireto: Esta é a casa **a que** nos referimos. (a + a qual) **à qual** nos referimos. OI VTI	Complemento nominal: Esta é a casa **a que** fizemos referência. (a + a qual) **à qual** fizemos referência. CN VTD + OD

Na função de adjunto adverbial, o pronome relativo "que" deve ser preposicionado tendo em vista transmitir os seus valores circunstanciais, normalmente os de tempo e lugar. Quando transmite valor de lugar, pode também ser substituído pelo pronome relativo "onde".

A preposição "em" é de rigor quando o verbo intransitivo transmite processo estático (*Estar **em** algum lugar, nascer **em** algum lugar*). Porém, se transmitir lugar de destino, regerá preposição "a" (*vai **a** algum lugar, vai **para** algum lugar*); se transmitir lugar de origem, regerá a preposição "de" (*vir **de** algum lugar*). Pode ainda, na ideia de desenvolvimento do deslocamento, ser regido pela preposição "por" (*passar **por** algum lugar*).

Veja:

Adjunto adverbial de lugar (estático: com preposição "em"):
Esta é a casa **onde** moramos.
em que moramos.
(em + a qual)
na qual moramos.
Adj Adv. lugar VI

Adjunto adverbial de lugar (destino: com preposição "a"):
Esta é a casa **aonde** chegamos.
a que chegamos.
(a + a qual)
à qual chegamos.
Adj Adv. lugar VI

Adjunto adverbial de lugar (destino: com preposição "para"):

Esta é a casa **para onde** vamos.

(para + a qual)
para a qual vamos.
Adj Adv. lugar VI

Observação: Não se usa pronome relativo "que" antecedido de preposição com duas ou mais sílabas. Deve-se transformá-lo em "o qual" e suas variações.

Assim, temos "mediante o qual", "perante o qual", "segundo o qual", "conforme o qual", "sobre o qual", "para o qual" etc.

Adjunto adverbial de lugar (origem: com preposição "de"):
Esta é a casa **de onde** viemos. (ou **donde**)
de que viemos
(de + a qual)
da qual viemos.
Adj Adv. lugar VI

Observação: Soa mais agradável a construção "da qual", mas "de que" também está correta.

Adjunto adverbial de lugar (desenvolvimento do trajeto: com preposição "por"):

Esta é a casa **por onde** passamos.
por que passamos
(por + a qual)
pela qual passamos.
Adj Adv. lugar VI

Perceba que o pronome relativo "onde" deve ser usado unicamente como adjunto adverbial de lugar. Evite construções viciosas como:

*Vivemos uma época **onde** o consumismo fala mais alto*. (errado)

Neste caso, o pronome relativo está retomando o substantivo "época", com valor de tempo. Assim, é conveniente ser substituído por "quando", "em que" ou "na qual".

*Vivemos uma época **quando** o consumismo fala mais alto*.
*Vivemos uma época **em que** o consumismo fala mais alto*.
*Vivemos uma época **na qual** o consumismo fala mais alto*.

O pronome relativo **cujo** transmite valor de posse e tem característica bem peculiar. Entendamos o seu uso culto da seguinte forma:

1. Posiciona-se entre substantivos, fazendo subentender a preposição "de" (valor de posse).

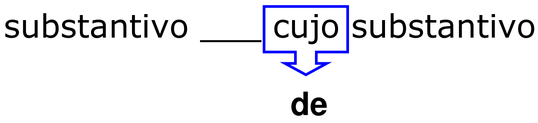
substantivo ____ cujo substantivo
de

2. Ao se ler "cujo", entende-se "de" + substantivo anterior.

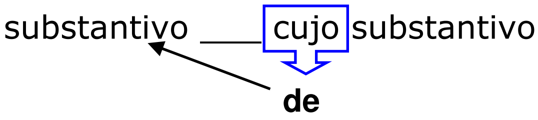
substantivo ____ cujo substantivo
de

3. O pronome "cujo" + o substantivo posterior formam um termo da oração. Se forem objeto indireto, complemento nominal ou adjunto adverbial, serão preposicionados.

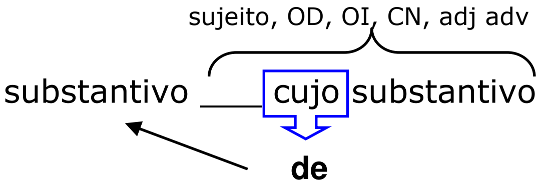
sujeito, OD, OI, CN, adj adv
substantivo ____ cujo substantivo
de

4. O substantivo posterior é o núcleo do termo, e o pronome relativo "cujo" é o adjunto adnominal, por isso se flexiona de acordo com o núcleo.

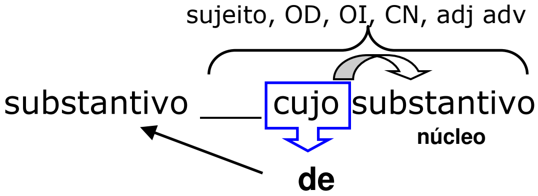
sujeito, OD, OI, CN, adj adv
substantivo ____ cujo substantivo
núcleo
de

Veja a aplicação disso:

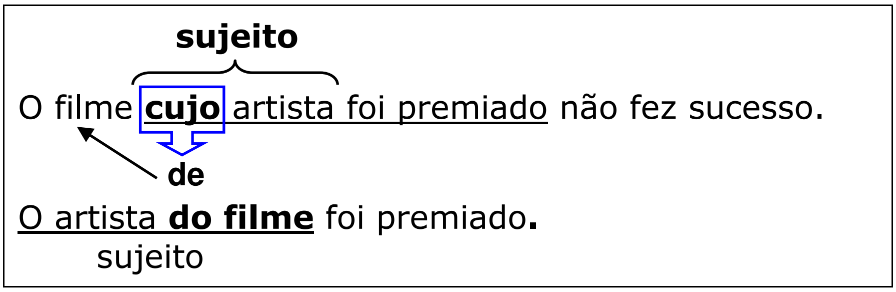

sujeito

O filme **cujo** artista foi premiado não fez sucesso.

de

O artista **do filme** foi premiado**.**

sujeito

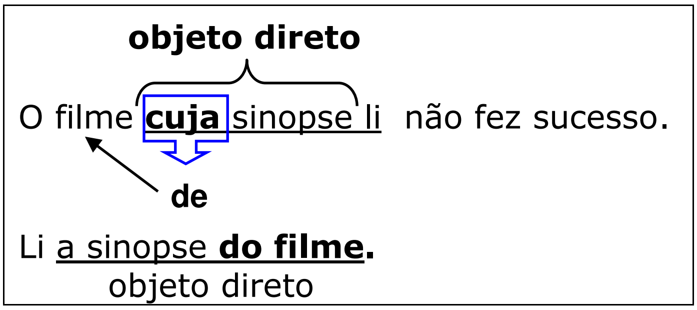

objeto direto

O filme **cuja** sinopse li não fez sucesso.

de

Li a sinopse **do filme.**

objeto direto

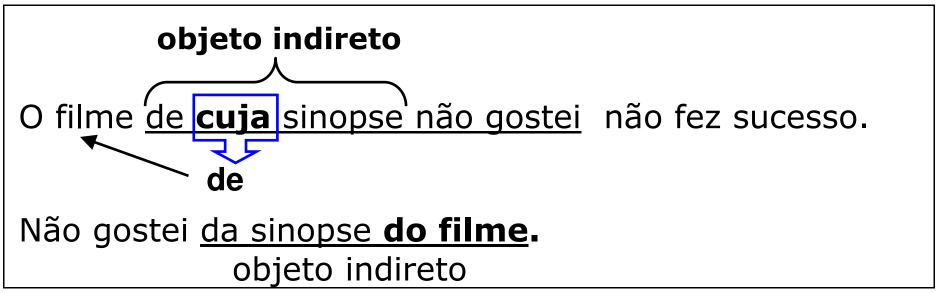

objeto indireto

O filme de **cuja** sinopse não gostei não fez sucesso.

de

Não gostei da sinopse **do filme.**

objeto indireto

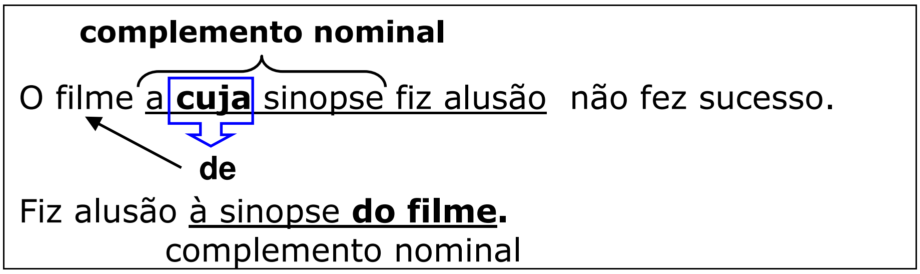

complemento nominal

O filme a **cuja** sinopse fiz alusão não fez sucesso.

de

Fiz alusão à sinopse **do filme.**

complemento nominal

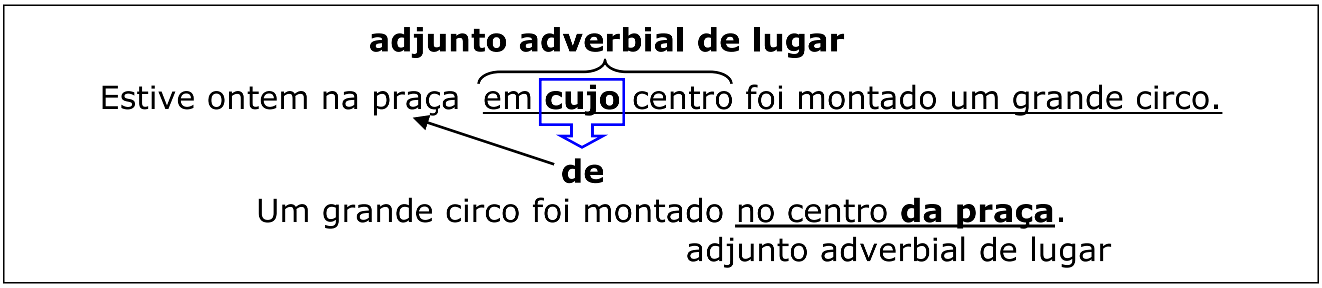

adjunto adverbial de lugar

Estive ontem na praça em **cujo** centro foi montado um grande circo.

de

Um grande circo foi montado no centro **da praça**.

adjunto adverbial de lugar

Importante: não se pode inserir artigo ou pronome após o pronome relativo "cujo" e suas variações. É vício de linguagem construções do tipo:

"A casa cujo **o** teto caiu foi reformada." (errado)
"A casa cujo teto caiu foi reformada." (certo)
"*A empresa cujos* ***aqueles*** *funcionários reuniram-se ontem deflagrará a greve*." (errado)
"*A empresa cujos funcionários reuniram-se ontem deflagrará a greve*." (certo)

Antes de passarmos para as questões de prova, é importante observarmos a diferença entre a regência da oração subordinada substantiva e oração subordinada adjetiva. Quando há preposição antecedendo oração adjetiva, é um verbo ou um nome posterior que a exige. Quando há preposição antes da oração substantiva, é o verbo ou nome anterior que a exige.

Confirme isso neste exercício e na aula 2: sintaxe do período. Sublinhe a oração subordinada e diga se é substantiva ou adjetiva.

a) Importante é aquilo de que não se pode fugir.
b) É importante que você busque seus objetivos.
c) Urge que o Brasil distribua melhor a renda.
d) Convém que ele venha.
e) A mim convém aquilo de que gostas.
f) Consideraram que o trabalho foi ruim.
g) Consideraram o trabalho que teve maior nota.
h) Eles necessitaram de que nós os ajudássemos.
i) Eles necessitaram da ajuda à qual nos referimos.
j) Eles tiveram necessidade de que os ajudassem.
k) Eles tiveram necessidades as quais nunca tivemos.
l) A verdade é que precisamos muito de estudo.
m) Verdade é aquilo de que o Brasil sempre necessitou na política.

Agora veja as respostas.

a) Importante é aquilo de que não se pode fugir.
(oração subordinada adjetiva – "de que" é objeto indireto)

b) É importante que você busque seus objetivos.
(oração subordinada substantiva subjetiva)

c) Urge que o Brasil distribua melhor a renda.
(oração subordinada substantiva subjetiva)

d) Convém que ele venha.
(oração subordinada substantiva subjetiva)

e) A mim convém aquilo de que gostas.
(oração subordinada adjetiva – "de que" é objeto indireto)

f) Consideraram que o trabalho foi ruim.
(oração subordinada substantiva objetiva direta)

g) Consideraram o trabalho que teve maior nota.
(oração subordinada adjetiva – "que" é sujeito)

h) Eles necessitaram de que nós os ajudássemos.
(oração subordinada substantiva objetiva indireta)

i) Eles necessitaram da ajuda à qual nos referimos.
(oração subordinada adjetiva – "à qual" é objeto indireto)

j) Eles tiveram necessidade de que os ajudassem.
(oração subordinada substantiva completiva nominal)

k) Eles tiveram necessidades as quais nunca tivemos.
(oração subordinada adjetiva – "as quais" é objeto direto)

l) A verdade é que precisamos muito de estudo.
(oração subordinada substantiva predicativa)

m) Verdade é aquilo de que o Brasil sempre necessitou na política.
(oração subordinada adjetiva – "de que" é objeto indireto)

Agora, vamos à regência nas orações adjetivas. Verifique se as frases estão corretas.

a) As pessoas a quais sempre obedeci são extremamente falsas. e
b) A mala cujo a chave perdi está no guarda-volumes.e
c) O caso o qual estamos estudando ocorreu em São Paulo.c
d) A empresa cujos os funcionários conversei ontem deflagrarão a greve.e
e) Os funcionários da empresa de quem se falou ontem deflagrarão a greve. e
f) Os funcionários da empresa com o qual conversei ontem deflagrarão a greve. e
g) Vivemos uma época muito difícil, onde a violência impera. e
h) A cidade onde nasci fica no Vale do Paraíba. c
i) A casa em que cheguei era magnífica.c
j) O jogo ao qual assisti foi disputadíssimo.c
k) A vendedora que discuti foi muito mal-educada. e
l) Os relatórios do caso que aspiro desapareceu da pasta.e
m) Renato encontrou as irmãs de quem confiamos.e

n) A pessoa a quem eles dedicaram a vitória também foram vencedores. e
o) A empresa perante cujo gerente testemunhei faliu. e
p) A causa pela qual luto é nobilíssima. c
q) O poeta sobre cujos livros conversamos ontem está em Londrina. e
r) Os livros a cujas páginas me referi esclarecem complexos tópicos. c
s) O bairro por onde caminhei não proporciona segurança. c
t) O bairro aonde moro não proporciona segurança. e

Agora, veja as frases já corrigidas.

a) As pessoas **às quais** sempre obedeci são extremamente falsas.
b) A mala **cuja** chave perdi está no guarda-volumes.
c) O caso o qual estamos estudando ocorreu em São Paulo.
d) A empresa **com cujos** funcionários conversei ontem **deflagrará** a greve.
e) Os funcionários da empresa de quem se falou ontem deflagrarão a greve.
f) Os funcionários da empresa com **os quais** conversei ontem deflagrarão a greve.
g) Vivemos uma época muito difícil, **em que** a violência impera.
h) A cidade onde nasci fica no Vale do Paraíba.
i) A casa **a que** cheguei era magnífica.
j) O jogo ao qual assisti foi disputadíssimo.
k) A vendedora **com quem** discuti foi muito mal-educada.
l) Os relatórios do caso **a que** aspiro **desapareceram** da pasta.
m) Renato encontrou as irmãs **em quem** confiamos.
n) A pessoa a quem eles dedicaram a vitória também **foi vencedora**.
o) A empresa perante cujo gerente testemunhei faliu.
p) A causa pela qual luto é nobilíssima.
q) O poeta sobre cujos livros conversamos ontem está em Londrina.
r) Os livros a cujas páginas me referi esclarecem complexos tópicos.
s) O bairro por onde caminhei não proporciona segurança.
t) O bairro **onde** moro não proporciona segurança.

Agora, vamos às questões!!!!

Questão 29: TRF 1ª R 2017 Analista Judiciário Taquígrafo (banca CESPE)

Fragmento do texto: Isoladas de contexto ou situação, as palavras quase nada significam de maneira precisa, inequívoca (Ogden e Richards são radicais: "as palavras nada significam por si mesmas"): "...o que determina o valor da palavra é o contexto, o qual, a despeito da variedade de sentidos de que a palavra seja suscetível, lhe impõe um valor 'singular'; é o contexto também que a liberta de todas as representações passadas, nela acumuladas pela memória, e que lhe atribui um valor 'atual'".

Na oração "que lhe atribui um valor 'atual'" (linha 7), o elemento "que" exerce a função de complemento direto da forma verbal "atribui".

Comentário: Percebemos do texto que o contexto atribui um valor atual à palavra. Assim, entendemos que o verbo "atribui" tem como complemento direto o termo "um valor atual", e não o vocábulo "que".

Assim, é errada a afirmação.

Gabarito: **E**

Questão 30: TRF 1ª R 2017 Analista Judiciário (banca CESPE)

Fragmento do texto: No direito brasileiro convencional, a relação entre a espécie humana e as demais espécies animais limita-se à tutela dos animais pelo poder público em função da sua utilidade enquanto fauna brasileira intrínseca ao meio ambiente equilibrado.

O emprego do sinal indicativo de crase em "à tutela dos animais" (linha 2) é facultativo.

Comentário: A expressão "limita-se" rege a preposição "a" e o substantivo "tutela" é precedido do artigo "a". Assim, o acento indicativo de crase é obrigatório e a afirmação está errada.

Gabarito: **E**

Questão 31: SEEDF 2017 Professor (banca CESPE)

Fragmento de texto: Não têm conta entre nós os pedagogos da prosperidade que, apegando-se a certas soluções onde, na melhor hipótese, se abrigam verdades parciais, transformam-nas em requisito obrigatório e único de todo progresso.

Seriam preservados a correção gramatical e o sentido do texto caso o vocábulo "onde" (linha 2) fosse substituído por **que**.

Comentário: O pronome relativo "onde" pode substituído por "em que", e não somente por "que". Assim, a afirmação está errada.

Gabarito: **E**

Questão 32: INSS 2016 Técnico (banca CESPE)

Fragmento de texto: Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

A correção gramatical e o sentido do texto seriam preservados, caso se substituísse o trecho "lembrei-me de que" (linha 1) por **lembrei que**.

Comentário: Vimos que o verbo "lembrar", com pronome átono, deve ser transitivo indireto e rege a preposição "de" (lembrei-me de algo). Já, quando esse verbo estiver sem pronome átono, é transitivo direto e não pode receber a preposição "de" (lembrei algo).

Assim, a afirmação está correta. Compare:

Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara...

Mas lembrei que, ao ir ali pela primeira vez, observara ...

Gabarito: **C**

Questão 33: INSS 2016 Técnico (banca CESPE)

Fragmento de texto: Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros.

Seria mantida a correção do texto caso o trecho "onde caberiam" (linha 3) fosse substituído por **que caberia**.

Comentário: O pronome relativo "onde" ocupa a função de adjunto adverbial de lugar. Tal pronome pode ser substituído por "em que", e não apenas por "que". Assim, a afirmação está errada.

Gabarito: **E**

Questão 34: TRE RS 2015 Técnico Judiciário (banca CESPE)

Fragmento do texto: Essas características se relacionam com outros fatores, tais como as fontes de preferência da informação política (as pessoas que leem mais material de campanha nos jornais também o fazem em revistas, rádio e televisão); os eventos (as pessoas que seguem determinados eventos de campanhas tendem a seguir outros, mesmo que sejam de candidatos aos quais se opõem); e a atenção (algumas pessoas prestam mais atenção à propaganda de uma campanha).

A substituição de "aos quais" (linhas 5 e 6) por **que** manteria a correção gramatical do texto e seu sentido original.

Comentário: O verbo "opõem" é transitivo direto e indireto, o pronome "se" é reflexivo na função de objeto direto, e o pronome relativo "aos quais" é o objeto indireto. Assim, a substituição de "aos quais" por "que" prejudicaria a correção gramatical. Veja as duas possibilidades:

...mesmo que sejam de candidatos ***aos quais*** *se opõem...*
...mesmo que sejam de candidatos ***a que*** *se opõem...*

Gabarito: **E**

Questão 35: MPU 2015 Analista (banca CESPE)

Fragmento do texto: Evidencia-se, portanto, que é justamente na fase do inquérito policial que serão coletadas as informações e as provas que irão formar o convencimento do titular da ação penal, isto é, a *opinio delicti*.

Haveria prejuízo à correção gramatical do texto, se o vocábulo "que" fosse substituído por **onde**.

Comentário: O pronome relativo "que" ocupa a função de sujeito, pois entendemos que as provas irão formar o convencimento. Note que o pronome relativo "onde" só pode retomar lugar, ocupando a função de adjunto adverbial de lugar. Assim, a substituição não pode ser realizada.

Como a questão afirmou haver prejuízo nesta substituição, a afirmativa está certa.

Gabarito: **C**

Questão 36: IRBR 2015 Diplomacia (banca CESPE)

Fragmento de texto: A primeira condição para conseguirmos conhecer melhor as pessoas diz respeito a tratarmos de evitar o erro usual de buscarmos avaliá-las tomando por base a nós mesmos.

(...)

A conclusão a que devemos chegar é que o realismo e a objetividade são bons mecanismos de exploração do meio externo e que a avaliação das pessoas também deve ser regida pela observação dos fatos e não por ideias.

A omissão da preposição “a” em “tomando por base a nós mesmos” (linha 3) e em “A conclusão a que devemos chegar” (linha 4) prejudicaria a correção gramatical desses dois trechos.

Comentário: Na aula de pronomes, veremos que a expressão “a nós mesmos” é reflexiva e tem base no pronome pessoal oblíquo tônico, o qual deve ser precedido de preposição, por isso não podemos excluí-la.

O verbo “chegar”, na oração subordinada adjetiva “a que devemos chegar”, é transitivo indireto e rege a preposição “a”, a qual não pode ser excluída.

Como a questão afirmou que a exclusão da preposição acarretaria erro gramatical, está correta.

Gabarito: **C**

Questão 37: FUB 2015 – Contador (banca CESPE)

Fragmento do texto: O fator mais importante para prever a performance de um grupo é a igualdade da participação na conversa. Grupos em que poucas pessoas dominam o diálogo têm desempenho pior do que aqueles em que há mais troca.

Na linha 2, a supressão do termo “em” manteria a correção gramatical e o sentido original do período.

Comentário: A supressão da preposição “em” não pode ocorrer, haja vista que o pronome relativo “que” encontra-se na função de adjunto adverbial, como ocorre também com a expressão “em que” da linha 3. Ambos estão paralelos na comparação dos dois grupos. Assim, tal pronome relativo deve estar precedido da preposição “em”. Veja:

*Grupos **em que** poucas pessoas dominam o diálogo têm desempenho pior do que aqueles **em que** há mais troca.*

Gabarito: **E**

Questão 38: Telebras 2015 Técnico (banca CESPE)

Fragmento do texto: Segundo o presidente da TELEBRAS, um dos objetivos do desenvolvimento do satélite será a proteção às redes que transmitem informações sensíveis do governo federal.

O sinal indicativo de crase em “proteção às redes” (linha 2) justifica-se pela contração da preposição a, exigida pelo substantivo “proteção”, com o artigo definido feminino as, que determina o vocábulo “redes”.

Comentário: Realmente a preposição “a” foi uma exigência do substantivo “proteção” e “redes” está precedido do artigo “as”. Assim, deve haver o acento indicativo de crase.

Gabarito: **C**

Questão 39: Câmara dos Deputados 2014 Técnico Legislativo (banca CESPE)

Fragmento do texto: A atividade policial pode ser verificada em quase todas as organizações políticas que conhecemos, desde as cidades-estado gregas até os Estados atuais. Entretanto, o seu sentido e a forma como é realizada têm variado ao longo do tempo. A ideia de polícia que temos hoje é produto de fatores estruturais e organizacionais que moldaram seu processo histórico de transformação.

O pronome relativo "que" exerce, nas duas primeiras ocorrências, a função de complemento verbal e, na terceira, a de sujeito da oração em que se insere.

Comentário: Lembrando-se de que complemento verbal são os objetos direto e indireto, entendemos que, na oração "*que conhecemos*", o verbo "*conhecemos*" é transitivo direto, o sujeito é oculto, pois se subentende "nós", e o pronome relativo "que" é o objeto direto (nós conhecemos as organizações políticas).

Na oração "*que temos*", o verbo "*temos*" é transitivo direto, o sujeito é oculto, pois se subentende "nós", e o pronome relativo "que" é o objeto direto (nós temos ideia de polícia).

Na oração "*que moldaram seu processo histórico de transformação*", o verbo "*moldaram*" é transitivo direto, o objeto direto é o termo "*seu processo histórico de transformação*" e o sujeito é o pronome relativo "que" (fatores estruturais e organizacionais moldaram seu processo histórico de transformação).

Assim, confirmamos que as duas primeiras ocorrências do "que" são complementos verbais, isto é, objetos diretos. A terceira ocorrência do "que" é sujeito.

Gabarito: **C**

Questão 40: Câmara dos Deputados 2014 Técnico Legislativo (banca CESPE)

Fragmento do texto: Ao contrário do que muitos têm apregoado, o melhor não é "virar a página" no que se refere ao período da ditadura. Escolha mais adequada é empreender uma apropriação crítica desse passado político recente, tanto para consolidar nossa frágil cidadania quanto para entender a realidade em que vivemos. Para tanto, é fundamental estudar a ditadura, a fim de compreender a atualidade do seu legado e, assim, criar condições de superá-lo.

No trecho "entender a realidade em que vivemos" (linha 5), a supressão da preposição não prejudica a correção gramatical do texto, ainda que interfira na relação sintático-semântica entre seus elementos.

Comentário: Na oração "*em que vivemos*", entendemos que nós vivemos numa realidade. Assim, o verbo "*vivemos*" é intransitivo e a expressão "*em que*" é um adjunto adverbial.

Ao retirarmos a preposição "*em*", o pronome relativo "*que*" passa a objeto direto e o verbo "*vivemos*" a transitivo direto. Entendemos dessa nova estrutura que não só existimos numa realidade, mas enfatizamos que fruímos uma realidade, presenciamos uma realidade. Assim, realmente a supressão da preposição não prejudica a correção gramatical, mesmo havendo mudança sintática (de adjunto adverbial a objeto direto) e uma sensível mudança semântica (ênfase).

Gabarito: **C**

Questão 41: FUB 2014 Nível superior (banca CESPE)

Fragmento do texto: Há muito tempo a sociedade demonstra interesse por assuntos relacionados à ciência e à tecnologia. Na verdade, desde a pré-história, o homem busca explicações para a realidade e os mistérios do mundo que o cerca.

Em “o cerca” (linha 4), o pronome “o”, que se refere ao termo “o homem” (linha 3), exerce a função de complemento da forma verbal “cerca”.

Comentário: O pronome relativo “que” é o sujeito e retoma “mundo”, o verbo “cerca” é transitivo direto, e o pronome “o” é o objeto direto. Assim, entendemos que o mundo cerca o homem. Com isso, a afirmativa da questão está correta.

Gabarito: **C**

Questão 42: ICMBIO 2014 Nível superior (banca CESPE)

Fragmento do texto: A situação é mais séria na região Nordeste, especialmente nos estados de Alagoas e Pernambuco, onde a maior parte da floresta original foi substituída por plantações de cana-de-açúcar. É nessa região que ainda podem ser encontrados os últimos exemplares das aves mais raras em todo o país, como o criticamente ameaçado limpa-folha-do-nordeste (Philydor novaesi). Essa pequena ave de dezoito centímetros vive no estrato médio e dossel de florestas bem conservadas e ricas em bromélias, onde procura artrópodes dos quais se alimenta. Atualmente, as duas únicas localidades onde a espécie pode ser encontrada são a Estação Ecológica de Murici, em Alagoas, e a Serra do Urubu, em Pernambuco.

A correção gramatical e o sentido original do texto seriam preservados caso o vocábulo “onde”, nas linhas 2 e 7, fosse substituído pela expressão **em que**.

Comentário: Vimos que o pronome relativo “onde” ocupa a função sintática de adjunto adverbial de lugar e sempre poderá ser substituído por “***em que***”. Assim, a afirmativa da questão está correta.

Gabarito: **C**

Questão 43: ICMBIO 2014 Nível médio (banca CESPE)

Fragmento do texto: “Fazemos a aproximação por meio de elementos do contexto onde as crianças estão inseridas. As atividades de leitura, interpretação e escrita associam-se ao tema do cerrado na forma de poesias, música, desenho, pintura e jogos”, explica uma professora da Faculdade de Educação da UnB.

Na linha 2, a substituição do vocábulo ‘onde’ pela expressão ***no qual*** não comprometeria nem a sintaxe nem a significação do período de que o referido vocábulo faz parte.

Comentário: Vimos que o pronome relativo “*onde*” ocupa a função sintática de adjunto adverbial de lugar e sempre poderá ser substituído por “***em que***”. Como esse pronome relativo retoma o substantivo masculino singular “*contexto*”, o vocábulo “que” pode ser substituído por “*o qual*”. Já que tal pronome relativo está precedido da preposição “em”, haverá a contração dessa preposição com o artigo “o”. Assim, a afirmativa da questão está correta. Veja:

...contexto ***onde*** *as crianças estão inseridas.*
...contexto ***em que*** *as crianças estão inseridas.*
↙ ↓
(em + o qual)
↘ ↙
...contexto ***no qual*** *as crianças estão inseridas.*

Gabarito: **C**

Questão 44: ICMBIO 2014 Nível médio (banca CESPE)

Fragmento do texto: "Fazemos a aproximação por meio de elementos do contexto onde as crianças estão inseridas. As atividades de leitura, interpretação e escrita associam-se ao tema do cerrado na forma de poesias, música, desenho, pintura e jogos", explica uma professora da Faculdade de Educação da UnB.

No último período do texto, o pronome relativo preposicionado "na qual" completa o sentido de "intervir" e retoma o termo "sua realidade".

Comentário: Vimos que o pronome relativo "*onde*" ocupa a função sintática de adjunto adverbial de lugar e sempre poderá ser substituído por "***em que***". Como esse pronome relativo retoma o substantivo masculino singular "*contexto*", o vocábulo "que" pode ser substituído por "*o qual*". Já que tal pronome relativo está precedido da preposição "em", haverá a contração dessa preposição com o artigo "o". Assim, a afirmativa da questão está correta. Veja:

...contexto ***onde*** *as crianças estão inseridas.*
...contexto ***em que*** *as crianças estão inseridas.*
↙ ↓
(em + o qual)
↘ ↙
...contexto ***no qual*** *as crianças estão inseridas.*

Gabarito: **C**

Questão 45: MEC 2014 Nível superior (banca CESPE)

Fragmento do texto: Se a vocação ontológica do homem é a de ser sujeito e não objeto, ele só poderá desenvolvê-la se, refletindo sobre suas condições espaço-temporais, introduzir-se nelas de maneira crítica. Quanto mais for levado a refletir sobre sua situacionalidade, sobre seu enraizamento espaço-temporal, mais "emergirá" dela conscientemente "carregado" de compromisso com sua realidade, da qual, porque é sujeito, não deve ser simples espectador, mas na qual deve intervir cada vez mais.

No último período do texto, o pronome relativo preposicionado "na qual" completa o sentido de "intervir" e retoma o termo "sua realidade".

Comentário: O verbo "intervir" é transitivo indireto, o sujeito está subentendido e faz referência a "homem" (linha 1), o objeto indireto é a expressão "na qual" e ela retoma "sua realidade". Assim, entendemos do trecho que o homem deve intervir cada vez mais na sua realidade.

Gabarito: **C**

Questão 46: MTE 2014 Auditor-Fiscal do Trabalho (banca CESPE)

Fragmento do texto: Portanto, os aspectos que envolvem a gestão de pessoas têm de ser tratados como parte de uma política de valorização desse ativo, na qual gestores e RH são vasos comunicantes, trabalhando em conjunto, cada um desempenhando seu papel de forma adequada.

Na linha 3, a expressão "na qual" poderia ser substituída pela expressão **em que**, sem prejuízo da correção gramatical do texto.

Comentário: As expressões "na qual", "nas quais", "no qual" ou "nos quais" sempre poderão ser substituídas por "em que". Assim, a afirmação da questão está correta.

Gabarito: **C**

Questão 47: MTE 2014 Agente Administrativo (banca CESPE)

Fragmento do texto: Por exemplo, a carteira de trabalho e previdência social (CTPS) está ligada à relação de trabalho subordinado que corresponde ao vínculo de emprego. Nem todos os tipos de relações de trabalho são registrados na CTPS, mas todos os tipos de relação de emprego são registrados no referido documento.

No trecho "está ligada à relação de trabalho subordinado que corresponde ao vínculo de emprego" (linhas 2 e 3), seria mantida a correção gramatical caso se substituísse o elemento "*que*" por **a que**, embora as relações entre os termos da oração fossem alteradas.

Comentário: O pronome relativo "que" é o sujeito, o verbo "corresponde" é transitivo indireto e o termo "ao vínculo de emprego" é o objeto indireto. Como o sujeito não admite ser precedido de preposição, não cabe a inserção de "a".

Gabarito: **E**

Questão 48: Polícia Federal – 2013 – Escrivão (banca CESPE)

Fragmento do texto: O que tanta gente foi fazer do lado de fora do tribunal onde foi julgado um dos mais famosos casais acusados de assassinato no país? Torcer pela justiça, sim: as evidências permitiam uma forte convicção sobre os culpados, muito antes do encerramento das investigações. Contudo, para torcer pela justiça, não era necessário acampar na porta do tribunal, de onde ninguém podia pressionar os jurados.

O emprego dos elementos "onde" (linha 2) e "de onde" (linha 5), no texto, é próprio da linguagem oral informal, razão por que devem ser substituídos, respectivamente, por **no qual** e **da qual**, em textos que requerem o emprego da norma padrão escrita.

Comentário: A questão está errada, por afirmar que o pronome relativo "*onde*", nas duas ocorrências, é próprio da linguagem oral informal, além de afirmar que as expressões "*onde*" e "*de onde*" devem ser substituídas por "*no qual*" e "*da qual*" para ficar de acordo com a norma culta. Isso não é verdade. Na realidade, pode-se realizar tal substituição, e o uso do pronome "onde" nos dois casos está correto, por retomar lugar.

O primeiro pronome relativo "onde" retoma o substantivo masculino "*tribunal*". Como sabemos que "*onde*" pode ser substituído por "*em que*" e, sabendo-se que o pronome relativo "*que*" pode ser substituído pela expressão "*o qual*", dar-se-á a estrutura "***no qual***". Veja:

...tribunal ***onde*** *foi julgado um dos mais famosos casais ...*

em ***que***

*...tribunal n****o qual*** *foi julgado um dos mais famosos casais..*

Semelhante recurso ocorre com o pronome relativo "*onde*", na expressão "*de onde*", o qual retoma o substantivo feminino "*porta*". Neste caso, não cabe a preposição "em", pela presença da preposição "de" em "de que". Assim, "*onde*" pode ser substituído por "*que*" e este pode ser substituído pela expressão "*a qual*". Como há a preposição "de", ela se junta ao artigo "a", resultando na estrutura "***da qual***". Veja:

... porta do tribunal de ***onde*** *ninguém podia pressionar os jurados...*

de ***que***

*...porta do tribunal d****a qual*** *ninguém podia pressionar os jurados...*

Gabarito: **E**

Questão 49: Caixa Econômica Federal / 2010 / nível médio (banca CESPE)

Fragmento do texto: *A companhia, que há quinze anos vende seus produtos no Brasil por meio de importadoras, decidiu no ano passado abrir uma filial no país.*

O termo *"que"* faz referência a *"companhia"* e poderia, sem prejuízo para a correção gramatical do texto, ser substituído por **onde**.

Comentário: O verbo "*vende*" tem como sujeito o pronome relativo "*que*". O pronome "*onde*" só pode ser substituído por "**em que**", na função de adjunto adverbial de lugar, por isso a questão está errada.

Gabarito: **E**

Questão 50: INCA / 2010 / nível superior (banca CESPE)

Fragmento do texto: *Adverte-se, pois, que as preocupações com secreções respiratórias são de importância decisiva, motivo pelo qual são recomendados cuidados especiais com a higiene...*

A substituição de "*pelo qual*", pelo termo **por que** mantém a correção gramatical do período.

Comentário: "*pelo qual*" é adjunto adverbial de causa, iniciado pela preposição "*por*" em contração com o artigo "*o*", seguido do pronome "*qual*". Como se pode substituir "*o qual*" por "**que**", "*pelo qual*" pode ser substituído por "**por que**".

Gabarito: **C**

Vimos a regência e como é explorada na prova. Agora, vamos a um assunto que é a continuação do anterior: **crase**. Este assunto se baseia na regência. Assim, os verbos e nomes já explorados que regem a preposição "a" fatalmente serão revistos nesta parte da aula.

Costumo dizer a meus alunos que não se deve decorar a regra, principalmente a da crase, basta entendermos o processo, sua estrutura. Para facilitar, vamos denominar o esquema abaixo de "estrutura-padrão da crase".

A estrutura-padrão da crase

preposição
verbo **a** **a** substantivo feminino
ou + **a**quele, aquela, aquilo
nome **a** **a** (=aquela)
a qual (pronome relativo)

Assim, quando um verbo ou um nome exigir a preposição "a" e o substantivo posterior admitir artigo "a", haverá crase. Além disso, se houver a preposição "a" seguida dos pronomes "aquele", "aquela", "aquilo", "a" (=aquela) e "a qual"; ocorrerá crase.

Veja as frases abaixo e procure entendê-las com base no nosso esquema.

1. *Obedeço à lei*.
2. *Obedeço ao código*.
3. *Tenho aversão à atividade manual.*
4. *Tenho aversão ao trabalho manual.*
5. Refiro-me àquela casa.
6. Refiro-me àquele livro.
7. Refiro-me àquilo.
8. Não me refiro àquela casa da esquerda, mas à da direita.
9. Esta é a casa à qual me referi.

Na frase 1, o verbo "Obedeço" é transitivo indireto e exige preposição "a", e o substantivo "lei" é feminino e admite artigo "a", por isso há crase.

Na frase 2, o mesmo verbo exige a preposição, porém o substantivo posterior é masculino, por isso não há crase.

Na frase 3, a crase ocorre porque o substantivo "aversão" exigiu a preposição "a" e o substantivo "atividade" admitiu o artigo feminino "a".

Na frase 4, "aversão" exige preposição "a", mas "trabalho" é substantivo masculino, por isso não há crase.

Nas frases 5, 6 e 7, "Refiro-me" exige preposição "a", e os pronomes demonstrativos "aquela", "aquele" e "aquilo" possuem vogal "a" inicial (não é artigo), por isso há crase.

Na frase 8, "me refiro" exige preposição "a", "aquela" possui vogal "a" inicial (não é artigo) e "a" tem valor de "aquela", por isso há duas ocorrências de crase.

Na frase 9, "me referi" exige preposição "a", e o pronome relativo "a qual" é iniciado por artigo "a", por isso há crase.

Muitas vezes o substantivo feminino está sendo tomado de valor geral, estando no singular ou plural, e por isso não admite artigo "a". Outras vezes esse substantivo recebe palavra que não admite artigo antecipando-a, por isso não haverá crase. Veja os exemplos abaixo em que o verbo transitivo indireto exige o objeto indireto:

*Obedeço **a** leis.*

*Obedeço **a** lei e **a** regulamento.*

Os substantivos "leis", "lei" estão em sentido geral, por isso não recebem artigo "as", "a" e não há crase. Na segunda frase, o que ratificou o sentido geral foi o substantivo masculino "regulamento" não ser antecedido do artigo "o".

*Obedeço **a** uma lei.*
*Obedeço **a** qualquer lei.*
*Obedeço **a** toda lei.*
*Obedeço **a** cada lei.*
*Obedeço **a** tal lei.*
*Obedeço **a** esta lei.*

O artigo "uma" é indefinido, os pronomes "qualquer, toda, cada" são indefinidos. Como eles indefinem, não admitem artigo definido "a". Os pronomes "tal" e "esta" são demonstrativos. Por eles já especificarem o substantivo "lei", não admitem o artigo "a". Por isso não há crase.

O mesmo ocorre com os nomes que exigem o complemento nominal. Veja:

*Tenho obediência **a** leis.*
*Tenho obediência **a** lei e **a** regulamento.*
*Tenho obediência **a** uma lei.*
*Tenho obediência **a** qualquer lei.*
*Tenho obediência **a** toda lei.*
*Tenho obediência **a** cada lei.*
*Tenho obediência **a** tal lei.*
*Tenho obediência **a** esta lei.*

Vimos o verbo transitivo indireto e nome que exigem preposição "a", mas os verbos intransitivos também podem exigir preposição "a". Muitas vezes o problema é saber se o nome posterior admite ou não o artigo "a" e se o vocábulo "a" é apenas uma preposição, ou uma preposição mais o artigo "a". Por isso inserimos abaixo algumas regras que ajudam a confirmar a estrutura-padrão da crase.

a. Quando os pronomes de tratamento estão na função de objeto indireto ou complemento nominal, antecedidos da preposição "a", não recebem crase, pois não admitem artigo.

*Refiro-me **a** Vossa Senhoria.* *Fiz referência **a** Vossa Excelência.*

Observação: Dentre os pronomes de tratamento, somente ***senhora*** admite artigo "a", por isso, se esse pronome for precedido de preposição "a", haverá crase:

Refiro-me **à** senhora Gioconda.

b. Diante de **topônimos** (nomes de lugar) que pedem o artigo feminino, admite-se a crase:

Faremos uma excursão à Bahia, a Sergipe, a Alagoas e à Paraíba.
Um túnel ferroviário liga a França à Inglaterra.

Perceba que o substantivo "excursão" exige a preposição "a" e os topônimos "Bahia" e "Paraíba" admitem artigo "a". Por isso há crase. Já os topônimos "Sergipe" e "Alagoas" não admitem artigo; por isso não há crase. Mas será que devemos decorar quais os topônimos admitem ou não o artigo "a"? Lógico que não, para isso, temos alguns macetes.

Para você saber se o topônimo pede ou não o artigo, basta trocar o verbo (que exige a preposição "a") por outro que exija preposição diferente; para evitar a confusão da preposição com o artigo. Veja:

FUI A, VIM DA - CRASE HÁ!
FUI A, VIM DE - CRASE PRA QUÊ?

*Fui **à** Bahia.* *Fui **a** Sergipe.* *Fui **a** Roma.*

Para termos certeza de que há artigo ou não, basta trocarmos por "vim". Veja:

*Vim **da** Bahia.* *Vim **de** Sergipe.* *Vim **de** Roma.*

Como o verbo "Vim" exige preposição "de", se a oração permanecer somente com essa preposição, é sinal de que, com o verbo "Fui", também permanecerá só a preposição "a" (Vim **de** Sergipe→Fui **a** Sergipe).

Mas, se o verbo "Vim" estiver seguido de preposição mais artigo "da", é sinal de que, com o verbo "Fui", também ocorrerá preposição mais artigo "à" (Vim **da** Bahia→Fui **à** Bahia).

Entretanto, você vai notar que, às vezes, queremos enfatizar, determinar, especificar esses topônimos que não admitem o artigo. Quando colocamos uma locução adjetiva ou algum outro determinante que o caracterize, naturalmente receberá artigo. Havendo verbo que exija a preposição "a", ocorrerá a crase. Veja:

Viajamos a Brasília*, depois fomos* a São Paulo.
(Viemos ***de*** *Brasília ...* ***de*** *São Paulo)*

Viajamos à Brasília de Juscelino*, depois fomos* à São Paulo da garoa.
(Viemos ***da*** *Brasília de Juscelino ...* ***da*** *São Paulo da garoa)*

Portanto, sem decoreba, ok? Temos que entender o uso. Vamos a outros casos.

c. A palavra ***casa*** normalmente admite artigo (a casa é linda; comprei a casa de meus sonhos; pintei a casa de azul etc). Porém, quando há um sentido de deslocamento **para** ou **do** "próprio lar", ela não admite artigo. Mas isso não será problema para nós, pois usamos isso intuitivamente. Vamos lá:

Você diz: "**vim de casa**" ou "vim da casa"?
Você diz: "**vou para casa**" ou "vou para a casa"?

Se é seu próprio lar, é natural dizer, "vim de casa", "vou para casa". Porém, quando essa casa não é a sua, naturalmente e intuitivamente, coloca-se um determinante nesse substantivo e obrigatoriamente inserimos artigo. Tudo isso para mostrar que a casa não é a nossa. Está em dúvida? Então veja:

Você diz "vim de casa da Luzia" ou "**vim da casa da Luzia**"?
Você diz "vou para casa da Luzia" ou "**vou para a casa da Luzia**"?

Naturalmente usamos as segundas opções, correto?

Sabemos que isso não proporciona a crase. Mas, se enxergamos que a preposição "para" tem o mesmo valor da preposição "a"; na sua substituição, podemos ter crase. Veja:

Vou **para** casa.	Vou **para a** casa da Amélia.
↓	↓ ↓
	a + **a**
	↘ ↙
Vou **a** casa.	Vou **à** casa da Amélia.

O bom filho volta ***a*** *casa todos os dias.*
O bom filho volta ***à*** *casa dos pais todos os dias.*

Note que se pode determinar a palavra "casa" colocando letra inicial maiúscula (***Casa***). Assim, essa palavra passa a ter outra denotação: sinônimo de Câmara dos Deputados ou representação de uma instituição. Dessa forma, poderá ocorrer a crase:

Prestar ***à*** *Casa as devidas homenagens*.

d. Seguindo a mesma ideia do item anterior, a palavra "terra" admite artigo normalmente.

A *terra é boa!*   *Ele vive d**a** terra!*

Assim, haverá crase:

O agricultor dedica-se ***à*** *terra.*

Não há crase quando a palavra *terra* está em contraposição a "a *bordo"*. Isso porque não dizemos "a**o** bordo". Não pode haver artigo nesta expressão:

Os marinheiros voltaram ***a*** *terra depois de um mês no mar.* (estavam a bordo)

Mas, se determinamos essa palavra, passamos a ter artigo e, consequentemente, crase. Veja:

Viajou em visita ***à*** *terra dos antepassados.*

Quando os astronautas voltarão ***à*** *Terra?* (a letra maiúscula determina)

e. Na locução ***à uma***, significando "unanimemente, conjuntamente", haverá crase. Veja:

Os sindicalistas responderam à uma: greve já!

Vimos a estrutura de um verbo ou nome que exige preposição "a". Agora, veremos a locução adverbial que não é exigida pelo verbo, mas possui a estrutura interna com a preposição.

Exemplo: *Estive aqui de manhã.*

Note que a locução adverbial "de manhã" ocorreu sem exigência do verbo, pois poderíamos dizer "Estive aqui." Esta locução tem uma composição própria: de + manhã. Se essa estrutura fosse composta por preposição "a" seguida de nome feminino que admitisse artigo "a", haveria crase.

Exemplo: *Estive aqui à noite*.

Assim, vamos à estrutura da locução adverbial:

preposição + artigo + nome
à noite

à tarde
às escondidas
às vezes
à deriva
à luz

à noite
à toa
às ocultas
às avessas
à larga

à direita
à beça
à chave
às moscas
às ordens

às claras
à esquerda
à escuta
à revelia
às turras

Deve-se dar especial destaque às locuções adverbiais de tempo, que especificam o momento de um evento, com o núcleo expresso com o substantivo ***hora(s)***, o qual recebe o artigo definido "a", "as".

à meia-noite, *à uma hora* *às duas horas* *às três e quarenta*.

Não se pode confundir com a indicação de tempo generalizado ou tempo futuro:

Isso acontece a qualquer hora. *Estarei lá daqui a duas horas.*

Veja a diferença nas frases abaixo:

A aula acabará ***a*** *uma hora.* (uma hora após o momento da fala)
A aula acabará ***à*** *uma hora.* (terminará às 13 horas ou à uma hora da madrugada)
A aula acabara ***há*** *uma hora.* (a aula acabou uma hora antes)

No último caso, não há locução adverbial, o verbo "há" marca tempo decorrido. Vimos isso na concordância, lembra?

Nas expressões que demarcam início e fim de evento, o paralelismo deve ser conservado. Se o primeiro dos termos não possui artigo ***a***, o segundo também não terá. Se o primeiro tiver, o segundo receberá a crase:

A reunião será ***de*** *9* ***a*** *10 horas.*
A reunião será ***das*** *9* ***às*** *10 horas.*

Note: se o início do evento não recebeu artigo, o término também não receberá. (***de*** *9* ***a*** *10 horas*).

Se o início do evento recebeu artigo, o término também receberá. (***das*** *9* ***às*** *10 horas*).

Merece destaque a locução adverbial de modo ***à moda de***. Ela pode estar expressa ou subentendida; por isso, deve-se tomar muito cuidado:

Pedimos uma *pizza* **à** moda da casa.
Atrevia-se a escrever **à** Drummond. (à moda de)
Pedimos arroz **à** grega. (à moda)

Não confunda com as expressões ***frango a passarinho***, ***bife a cavalo***, as quais não possuem crase por não transmitirem modo.

Haverá crase também nas locuções prepositivas, que são sempre nocionais e iniciam locução adverbial:

à beira de
à frente de
à sombra de
à imitação de
à exceção de
à procura de
à força de
à semelhança de

O uso do acento grave é opcional nas locuções adverbiais que indicam meio ou instrumento, desde que o substantivo seja feminino: *barco a (à) vela; escrever a (à) máquina; escrever a (à) mão; fechar a porta a (à) chave; repelir o invasor a (à) bala*. Normalmente, os bons autores têm preferido sem a crase. Tudo isso depende da intenção comunicativa. O instrumento ou o meio podem ser especificados ou não com o artigo "a".

Nas locuções adverbiais com palavras repetidas não haverá crase, pois os substantivos estão sendo tomados de maneira geral, sem artigo definido: *cara a cara*; *frente a frente*, etc.

A crase é obrigatória nas locuções conjuntivas adverbiais proporcionais **à medida que**, **à proporção que**:

À medida que *estudamos, vamos entendendo a matéria.*
À proporção que *as aulas ocorrem, os assuntos vão se acumulando.*

Perceba uma diferença muito importante entre "**às vezes**" e "**as vezes**".

***Às vezes** você me olha diferente.*

Note que, neste caso, não há precisão de momento, entende-se "de vez em quando, por vezes, algumas vezes. Assim, há uma locução adverbial de tempo e há crase.

Porém, podemos utilizar esta estrutura sem crase, quando há uma especificação do momento:

***As vezes** que te vi, fiquei extasiado.*

Neste caso, este termo será especificado por um termo adjetivo ou oração adjetiva. Portanto, tome cuidado!

Crase Facultativa

Emprega-se facultativamente o acento indicativo de crase quando é opcional o uso da preposição *a*, ou do artigo definido feminino.

Crase facultativa: ATÉ SUA MARIA

Casos em que a crase é facultativa:

a. A preposição "a" é facultativa depois da preposição "*até"*:

O visitante foi até *a* sala do Diretor.
O visitante foi até *à* sala do Diretor.
A sessão prolongou-se até *à* meia-noite.
A sessão prolongou-se até *a* meia-noite.

b. O artigo definido é facultativo diante de pronome possessivo. Mas, para a crase ser facultativa, esse pronome possessivo deve ser feminino singular.

minha / tua / sua

Refiro-me à minha amiga. } Crase facultativa
Refiro-me a minha amiga. }
Refiro-me às minhas amigas. Crase obrigatória
Refiro-me a minhas amigas. Crase proibida

c. O artigo definido é facultativo diante de nome próprio de pessoa. Se o nome for feminino e o verbo exigir preposição, a crase será facultativa:

Refiro-me à Madalena.
Refiro-me a Madalena.

Observação: Tratando-se de pessoa célebre com a qual não se tenha intimidade, geralmente não se usa o artigo nem o acento indicativo de crase, salvo nos casos em que o nome esteja acompanhado de especificativo.

*O orador fez uma bela homenagem **a** Rachel de Queiroz.*
*O orador fez uma bela homenagem **à** Rachel de Queiroz de* O quinze.

Nas gramáticas, são elencados os casos em que a crase será proibida. Para isso, basta apenas relembrarmos a estrutura-padrão da crase.

Agora, vamos praticar!

Questão 51: TRF 1ª R 2017 Analista (banca CESPE)

Fragmento de texto: No direito brasileiro convencional, a relação entre a espécie humana e as demais espécies animais limita-se à tutela dos animais pelo poder público em função da sua utilidade enquanto fauna brasileira intrínseca ao meio ambiente equilibrado.

O emprego do sinal indicativo de crase em "à tutela dos animais" (linhas 2 e 3) é facultativo.

Comentário: O verbo "limita-se" exigiu a preposição "a" e o substantivo "tutela" é precedido do artigo "a". Assim, a crase é obrigatória e a afirmação está errada.

Gabarito: **E**

Questão 52: PJC MT 2017 Delegado (banca CESPE)

Fragmento de texto: E, nesse esboroamento da justiça, a mais grave de todas as ruínas é a falta de penalidade aos criminosos confessos, é a falta de punição quando ocorre um crime de autoria incontroversa, mas ninguém tem coragem de apontá-la à opinião pública, de modo que a justiça possa exercer a sua ação saneadora e benfazeja.

A correção gramatical do texto seria mantida caso o acento indicativo de crase em "à opinião pública" (linha 5) fosse suprimido.

Comentário: O verbo "apontar" é transitivo direto e indireto, o pronome "a" é o objeto direto e "à opinião pública" é o objeto indireto, o qual é iniciado pela preposição "a", exigida pelo verbo. Como o substantivo "opinião" é precedido do artigo "a", ocorre crase obrigatoriamente.

Assim, a afirmação está errada.

Gabarito: **E**

Questão 53: Prefeitura de São Luís - MA 2017 Técnico (banca CESPE)

Fragmento de texto: Tinha chegado o tempo da colheita, era uma manhã risonha, e bela, como o rosto de um infante, entretanto eu tinha um peso enorme no coração. Sim, eu estava triste, e não sabia a que atribuir minha tristeza.

A correção gramatical do texto seria prejudicada caso fosse empregado o sinal indicativo de crase no "a", em "a que atribuir" (linha 4).

Comentário: Notamos rapidamente que não cabe crase, tendo em vista que há apenas a preposição "a" diante do pronome interrogativo "que". Isso mesmo! É pronome interrogativo. Devemos observar que a oração "a que atribuir minha tristeza" é subordinada substantiva objetiva direta, pois o verbo da oração principal "sabia" é transitivo direto. O verbo "atribuir" é transitivo direto e indireto, o sujeito é oculto ("eu"), o objeto direto é "minha tristeza" e o objeto indireto é "a que", cujo núcleo é o pronome interrogativo "que". Lembre-se de que vimos a peculiaridade de orações substantivas objetivas diretas. Na dúvida, volte àquela aula.

Como sabemos que a inserção do acento indicativo de crase prejudicaria a correção gramatical, a afirmação está correta.

Gabarito: **C**

Questão 54: SEEDF 2017 Professor (banca CESPE)

Fragmento de texto: É essa revolução — exigência fundamental do movimento da educação nova — que Claparède compara à que Copérnico realizou na astronomia, e que ele define, com tanta felicidade, nas seguintes linhas: "são os métodos e os programas que gravitam em torno da criança e não mais a criança que gira em torno de um programa decidido fora dela.

A supressão do acento grave, indicativo de crase, no trecho "que Claparède compara à que Copérnico realizou na astronomia" (linhas 2 e 3), prejudicaria a correção gramatical do texto, dada a impossibilidade de omissão do artigo definido no contexto.

Comentário: O acento indicativo de crase ocorreu porque o verbo "compara" rege a preposição "a" e o substantivo "revolução" está subentendido diante do vocábulo "que" por meio do artigo "a". Assim, o artigo "a" é obrigatório e, por conseguinte, a crase também.

Gabarito: **C**

Questão 55: SEEDF 2017 Professor (banca CESPE)

Fragmento de texto: Atualmente há uma grande preocupação quanto à capacidade dessa ciência, criada pelos interesses do desenvolvimento e da exploração da natureza, de oferecer soluções para lidar com a crise ambiental, social e econômica.

O emprego do sinal indicativo de crase em "à capacidade dessa ciência" (linhas 1 e 2) é facultativo.

Comentário: O acento indicativo de crase ocorreu porque o advérbio "quanto" rege a preposição "a" e o substantivo "capacidade" está precedido do artigo "a". Assim, a crase é obrigatória.

Gabarito: **E**

Questão 56: SEEDF 2017 Monitor (banca CESPE)

Fragmento de texto: Para que a disseminação pública da cultura fuja a determinações pragmáticas e economicistas, é necessário um espaço público de preservação, de apropriação e de reflexão.

A correção gramatical do texto seria prejudicada caso se empregasse o sinal grave indicativo de crase no "a" em "fuja a determinações"

Comentário: Como o substantivo "determinações" encontra-se no plural e o vocábulo "a" encontra-se no singular, isso é sinal de que não há artigo "as". Assim, não pode ocorrer crase, pois há apenas a preposição "a".

Como a questão afirmou que haveria erro com a inserção do acento indicativo de crase, ela está correta.

Gabarito: **C**

Questão 57: TRE TO 2017 Nível médio (banca CESPE)

Fragmento do texto: Em Roma, o voto advém das reformas de Sérvio Túlio, que tendem à formação de um corpo eleitoral e à fixação de processos de votação.

O uso do acento indicativo de crase nas expressões “à formação de um corpo eleitoral” (linha 2) e “à fixação de processos de votação” (linhas 2 e 3) é facultativo, pois as palavras “formação” e “fixação” estão empregadas de modo impreciso.

Comentário: O verbo “tendem” rege a preposição “a” e os substantivos “formação” e “fixação” são precedidos do artigo “a”, tendo em vista tal vocábulo funcionar como um especificador, e não como generalizador, isto é, diferente do que afirma a questão.

Assim, o acento indicativo de crase é obrigatório neste contexto e a afirmação está errada.

Gabarito: **E**

Questão 58: CP RM 2016 Técnico em Geociências (banca CESPE)

Fragmento de texto: A conclusão, praticamente unânime, é de que políticas que visem à conservação do meio ambiente e à sustentabilidade de projetos econômicos devem ser metas para todos os governantes.

O emprego do acento indicativo da crase em “à sustentabilidade” (linha 2) é facultativo.

Comentário: O verbo “*visem*”, no sentido de ter por objetivo, é transitivo indireto e rege a preposição “a” e o substantivo “sustentabilidade” está precedido do artigo “a”. Assim, a crase é obrigatória e a afirmação está errada.

Gabarito: **E**

Questão 59: DPU 2016 Analista Técnico-Administrativo (banca CESPE)

Fragmento de texto: Anteriormente à primeira Constituição pátria, a de 1824, vigoraram as Ordenações Afonsinas, as Manuelinas e as Filipinas.

No trecho “Anteriormente à primeira Constituição pátria” (linha 1), o emprego do acento indicativo de crase é facultativo.

Comentário: O advérbio “*Anteriormente*” rege a preposição “a” e o substantivo “Constituição” é precedido do artigo “a”. Assim, a crase é obrigatória e a afirmação está errada.

Gabarito: **E**

Questão 60: DPU 2016 Técnico (banca CESPE)

Fragmento de texto: A mais recente visita de participantes de outro projeto, o Atenção à População de Rua do Assentamento Noroeste, levou respostas às demandas solicitadas pelos moradores.

No trecho “respostas às demandas” (linhas 2 e 3), o emprego do sinal indicativo de crase justifica-se pela regência do substantivo “respostas”, que exige complemento antecedido da preposição **a**, e pela presença de artigo feminino plural que determina “demandas”.

Comentário: Esta é uma questão que deixa muitos candidatos apreensivos na hora da prova, pois ele sabe que uma palavra exigiu a preposição “a” e o substantivo “demandas” admitiu o artigo “as”. Por isso, houve a crase.

Porém, o que causa dúvida é quanto a qual palavra exigiu a preposição "a": o verbo "levar" ou o substantivo "respostas"?

Assim, devemos observar a transitividade do verbo "levar". Sabemos que o verbo "levar" normalmente é transitivo direto e indireto (alguém leva uma coisa a outra); transitivo indireto (uma coisa leva a outra) ou transitivo direto (alguém leva algo).

Bom, neste caso específico, o verbo "levar" é transitivo direto, o termo "respostas" é o objeto direto, cujo substantivo é abstrato e exige o complemento nominal "às demandas".

A mais recente visita ... levou respostas às demandas...
VTD + OD + CN

Reforço que "às demandas" é o complemento nominal e não objeto indireto, tendo em vista que o substantivo "respostas" é abstrato e exigiu complemento.

Veja a mudança de transitividade com um substantivo concreto como objeto direto:

Juvenal levou dinheiro ao seu pai.
VTDI + OD + OI

Assim, a afirmação está correta.

Gabarito: **C**

Questão 61: DPU 2016 Técnico (banca CESPE)

Fragmento de texto: Nós entramos para solucionar problemas: vamos até as ruas para informar sobre o trabalho da defensoria, para que seus direitos sejam garantidos", afirma a coordenadora.

Seria mantida a correção do texto caso o trecho 'para que seus direitos sejam garantidos' (linhas 2 e 3) fosse reescrito da seguinte forma: **visando à garantia de seus direitos**.

Comentário: A questão cobra dois assuntos ao mesmo tempo: a transposição de oração desenvolvida para reduzida de gerúndio e a crase.

A oração "*para que seus direitos sejam garantidos*" é subordinada adverbial de finalidade porque apresenta a locução conjuntiva "para que". Tal oração pode ser iniciada pelo verbo "visando" tendo em vista que o sentido desse verbo no texto é "ter por objetivo", "finalidade", "intuito". Assim, o sentido é preservado nessa redução de gerúndio.

Além disso, devemos observar a correção gramatical, haja vista que o verbo "visando", no sentido de ter por objetivo, é transitivo indireto e rege a preposição "a". Como o substantivo "garantia" está precedido do artigo "a", ocorreu a crase.

Assim, a afirmação está correta.

Gabarito: **C**

Questão 62: FUNPRESP 2016 Analista (banca CESPE)

Fragmento de texto: Já andei dizendo que o cronista é um estilita. Não confundam, por enquanto, com estilista. Estilita era o santo que ficava anos e anos em cima de uma coluna, no deserto, meditando e pregando. São Simeão passou trinta anos assim, exposto ao sol e à chuva.

Na linha 2, o emprego do acento indicativo de crase em "à chuva" é exigido pela regência da forma verbal "exposto" e pela presença do artigo definido feminino que especifica o substantivo "chuva".

Comentário: Realmente "exposto" exigiu a preposição "a" e o substantivo "chuva" admitiu o artigo "a". Por isso, houve crase.

Mas vou ampliar a explicação, haja vista que muitos alunos ficaram em dúvida à época da prova, quando a banca apresentou o gabarito definitivo.

Ficamos um pouco na dúvida quanto à questão informar que "exposto" é uma forma verbal. Isso levou alguns candidatos a marcarem a afirmação como errada.

É claro que podemos entender "exposto" como adjetivo, em situações como "Pessoas expostas ao sol ficam mais morenas". O adjetivo "expostas" é o adjunto adnominal nesse exemplo acima.

E então? Qual seria a função sintática do segmento "*exposto ao sol e à chuva*"?

Para sabermos disso, devemos voltar ao contexto.

Foi dito que estilita era o santo que ficava anos e anos em cima de uma coluna, no deserto, meditando e pregando. Em seguida foi afirmado que São Simeão passou trinta anos assim (meditando e pregando). Por causa disso, ele ficava exposto ao sol e à chuva.

Se você pensou que "exposto ao sol e à chuva" é um termo explicativo do advérbio "assim", raciocinou errado, pois advérbio não é caracterizado.

Assim, devemos entender, por força sintática, que o advérbio de modo "assim" retoma "meditando e pregando". Lembre-se de que o advérbio de modo normalmente retoma o modo como a ação ocorreu.

Por conta dessas ações ocorridas anteriormente, São Simeão (sujeito paciente) ficou exposto (locução verbal da voz passiva) ao sol e à chuva (objeto indireto composto).

Assim, sintaticamente, a oração "*exposto ao sol e à chuva*" é subordinada adverbial consecutiva reduzida de particípio e pode ser desenvolvida para essa mesma estrutura ou até mesmo coordenada sindética conclusiva. Veja o desenvolvimento dessa oração:

Estilita era o santo que ficava anos e anos em cima de uma coluna, no deserto, meditando e pregando. São Simeão passou trinta anos assim, exposto ao sol e à chuva.
Or Sub Adv consecutiva reduzida de particípio

*Estilita era o santo que ficava anos e anos em cima de uma coluna, no deserto, meditando e pregando. São Simeão passou trinta anos assim, **de forma que** ficou exposto ao sol e à chuva.*
oração subordinada adverbial consecutiva desenvolvida

*Estilita era o santo que ficava anos e anos em cima de uma coluna, no deserto, meditando e pregando. São Simeão passou trinta anos assim, **por conseguinte** ficou exposto ao sol e à chuva.* oração coordenada sindética conclusiva Agora, sim, podemos observar que "exposto" realmente é um verbo no particípio.
Gabarito: **C**

Questão 63: TCE PA 2016 Superior (banca CESPE)
Fragmento de texto: O problema não está na lei. Mudá-la pode ser o pretexto não para torná-la mais rigorosa, mas para atribuir-lhe alguma flexibilidade que a desfigure. O verdadeiro problema é a dificuldade do setor público de adaptar suas despesas às receitas em queda por causa da crise.
O emprego do acento grave em "às receitas" (linha 4) decorre da regência do verbo "adaptar" (linha 4) e da presença do artigo definido feminino determinando o substantivo "receitas".
Comentário: A afirmativa está correta, pois o verbo "adaptar" é transitivo direto e indireto e o termo "suas despesas" é o objeto direto. Tal verbo rege a preposição "a", que inicia o objeto indireto "às receitas", e o substantivo "receitas" é precedido do artigo "as". Assim, houve a crase.
Gabarito: **C**

Questão 64: FUNPRESP 2016 Superior (banca CESPE)
Fragmento de texto: A construção do campus brotou do cruzamento de mentes geniais. O inquieto antropólogo Darcy Ribeiro definiu as bases da instituição. O educador Anísio Teixeira planejou o modelo pedagógico. O arquiteto Oscar Niemeyer transformou as ideias em prédios.
No trecho "O arquiteto Oscar Niemeyer transformou as ideias em prédios" (linha 4), o emprego do sinal indicativo de crase em "as ideias" é opcional.
Comentário: A afirmação está errada, tendo em vista que o verbo "transformou" é transitivo direto e indireto e o termo "as ideias" é o objeto direto, por isso há apenas o artigo "as" e não cabe crase.
Gabarito: **E**

Questão 65: FUNPRESP 2016 Superior (banca CESPE)
Fragmento de texto: Olhando os móveis limpos, seu coração se apertava um pouco em espanto. Mas na sua vida não havia lugar para que sentisse ternura pelo seu espanto — ela o abafava com a mesma habilidade que as lides em casa lhe haviam transmitido. Saía então para fazer compras ou levar objetos para consertar, cuidando do lar e da família à revelia deles. Quando voltasse era o fim da tarde e as crianças vindas do colégio exigiam-na. Assim chegaria a noite, com sua tranquila vibração. De manhã acordaria aureolada pelos calmos deveres.
A introdução do sinal grave indicativo de crase em "a noite" (linha 7) manteria a correção gramatical do texto, mas prejudicaria seu sentido original.
Comentário: No texto original, há o sujeito "a noite" e "chegaria" é verbo

intransitivo. Com a inserção do acento indicativo de crase, a expressão “à noite” passaria a ser o adjunto adverbial de tempo, afirmando-se que durante a noite alguém chegaria. Assim, haveria mudança de sentido e a afirmação está correta.

Gabarito: **C**

Questão 66: TRE PI 2016 Analista (banca CESPE)

Fragmento de texto: Para o entendimento da concentração da votação em determinado lugar, é necessário abordar a teoria do contextualismo geográfico, segundo a qual o comportamento dos eleitores é influenciado pelo ambiente sociogeográfico — seja pelas redes de interação social existentes, seja pela semelhança de experiências às quais os habitantes de uma região estão submetidos.

Sem prejuízo do sentido original e da coerência do texto, a expressão “às quais” (linha 5) poderia ser substituída por **à que**.

Comentário: A expressão “às quais” pode ser substituída por “a que”, pois há apenas a preposição “a”. Assim, a afirmação está errada.

Gabarito: **E**

Questão 67: MP ENAP 2015 Superior (banca CESPE)

Fragmento do texto: Para levar a cabo o novo modelo de gestão pública, será preciso adotar novas tecnologias e promover condições de trabalho adequadas, assim como mudanças culturais, desenvolvimento pessoal dos agentes públicos, planejamento de ações e controle de resultados.

Na linha 1, a correção gramatical do trecho seria mantida, caso se inserisse acento indicativo de crase no vocábulo “a” que compõe a locução “a cabo”.

Comentário: O substantivo “cabo” é masculino, por isso não pode haver acento indicativo de crase.

Gabarito: **E**

Questão 68: TCU TEFC 2015 Técnico (banca CESPE)

Fragmento do texto: A invenção e a difusão da técnica da escritura, somadas à compilação de costumes tradicionais, proporcionaram os primeiros códigos da Antiguidade, como o de Hamurábi, o de Manu, o de Sólon e a Lei das XII Tábuas.

O emprego do sinal indicativo de crase no trecho “somadas à compilação de costumes tradicionais” (linha 2) é facultativo, razão por que sua supressão não acarretaria prejuízo para o sentido nem para a correção do período.

Comentário: O particípio “*somadas*” rege a reposição “a” e o substantivo “*compilação*” está precedido do artigo “a”, haja vista a especificação com a expressão “*de costumes tradicionais*”. Assim, deve haver o sinal indicativo de crase e sua supressão acarretaria erro gramatical.

Gabarito: **E**

Questão 69: TRE GO 2015 Analista (banca CESPE)

Fragmento do texto: Em meio a esse cenário, foi elaborado o texto constitucional, que, desde então, recebeu a denominação de Constituição Cidadã.

No trecho "Em meio a esse cenário" (linha 1), a inserção de sinal indicativo de crase no "a" acarretaria prejuízo à correção gramatical do texto.

Comentário: O substantivo "cenário" é masculino e ainda é precedido do pronome demonstrativo "esse", o qual não admite ser precedido de artigo. Assim, não pode haver acento indicativo de crase.

Como a questão afirmou que a inserção do acento acarretaria prejuízo à correção gramatical do texto, está correta.

Gabarito: **C**

Questão 70: STJ 2015 Analista (banca CESPE)

Fragmento do texto: Percebe-se, aqui, igualmente, a sua inegável dimensão ética, em virtude do necessário reconhecimento mútuo de todos como pessoas, iguais em direitos e obrigações, o que dá suporte a exigências recíprocas de ajuda ou sustento.

A correção gramatical do texto seria prejudicada caso se empregasse o sinal indicativo de crase no vocábulo "a" em "dá suporte a exigências recíprocas".

Comentário: O verbo "dá" é transitivo direto e indireto. O termo "suporte" é o objeto direto e "a exigências recíprocas" é o objeto indireto. O substantivo "exigências" é plural, porém o vocábulo "a" é singular. Assim, há apenas a preposição "a", iniciando o objeto indireto e esse é o motivo de não poder haver acento indicativo de crase.

Como a questão informou que haveria prejuízo caso se empregasse o sinal indicativo de crase, está correta.

Gabarito: **C**

Questão 71: FBU 2015 Contador (banca CESPE)

Fragmento do texto: A questão é a seguinte: devemos usar a norma culta em todas as situações? Evidentemente que não, sob pena de parecermos pedantes. Dizer "nós fôramos" em vez de "a gente tinha ido" em uma conversa de botequim é como ir de terno à praia. E quanto a corrigir quem fala errado? É claro que os pais devem ensinar seus filhos a se expressar corretamente, e o professor deve corrigir o aluno, mas será que temos o direito de advertir o balconista que nos cobra "dois real" pelo cafezinho?

De acordo com o contexto, estaria também correto o emprego do sinal indicativo de crase em "quanto a" (linha 4).

Comentário: Não pode haver o emprego do sinal indicativo de crase em "quanto a", tendo em vista que a palavra seguinte é o verbo "corrigir", e sabemos que não há crase diante de verbo. Veja:

E quanto a corrigir quem fala errado?

Gabarito: **E**

Questão 72: CGE PI 2015 Auditor (banca CESPE)

Fragmento do texto: Chama-lhe à minha vida uma casa, dá o nome de relíquias aos inéditos e impressos que aqui vão, ideias, histórias, críticas, diálogos, e verás explicados o livro e o título.

No trecho "Chama-lhe à minha vida uma casa", é facultativo o emprego do sinal indicativo de crase.

Comentário: Primeiro, devemos perceber que o verbo "Chama" rege a preposição "a". Em seguida, devemos lembrar que é facultativo o artigo "a" diante de pronome possessivo feminino singular. Assim, a afirmativa é certa.

Gabarito: **C**

Questão 73: MPU 2015 Analista (banca CESPE)

Fragmento do texto: Na organização do poder político no Estado moderno, à luz da tradição iluminista, o direito tem por função a preservação da liberdade humana, de maneira a coibir a desordem do estado de natureza, que, em virtude do risco da dominação dos mais fracos pelos mais fortes, exige a existência de um poder institucional.

O emprego do sinal indicativo de crase em "à luz da tradição iluminista" é facultativo, ou seja, a sua retirada não prejudicaria a correção gramatical nem o sentido original do texto.

Comentário: A locução adverbial "à luz" possui acento indicativo de crase obrigatório, ou seja, a sua retirada prejudicaria, sim, a gramaticalidade.

Gabarito: **E**

Questão 74: MPU 2015 Técnico (banca CESPE)

Fragmento do texto: No período colonial, o Brasil foi orientado pelo direito lusitano. Não havia o Ministério Público como instituição. Mas as Ordenações Manuelinas de 1521 e as Ordenações Filipinas de 1603 já faziam menção aos promotores de justiça, atribuindo-lhes o papel de fiscalizar a lei e de promover a acusação criminal. Existiam ainda o cargo de procurador dos feitos da Coroa (defensor da Coroa) e o de procurador da Fazenda (defensor do fisco).

A correção gramatical do texto seria preservada caso se substituísse a expressão "a acusação" (linha 5) por **à acusação**, pois, nesse caso, o emprego do sinal indicativo de crase é opcional.

Comentário: O verbo "promover" é transitivo direto e o termo "a acusação criminal" é o objeto direto. Assim, o emprego do sinal indicativo de crase é proibido.

Gabarito: **E**

Questão 75: MPU 2015 Técnico (banca CESPE)

Fragmento do texto: O tribunal considerou que a liberdade de expressão não se pode traduzir em desrespeito às diferentes manifestações dessa mesma liberdade, pois ela encontra limites no próprio exercício de outros direitos fundamentais.

Na linha 2, o emprego do sinal indicativo de crase em "às diferentes" justifica-se pela regência de "desrespeito", que exige complemento antecedido da preposição **a**, e pela presença de artigo feminino plural antes de "diferentes".

Comentário: Realmente, o substantivo "desrespeito" rege a preposição "a" e o substantivo plural e feminino "manifestações" é precedido do artigo "as". Assim, há crase.

Gabarito: C

Questão 76: Depen 2015 Nível superior (banca CESPE)

Fragmento do texto: Desde 2012, entre os projetos voltados à recuperação e à reinserção social, está a remição de pena por meio da leitura.

Sem prejuízo para a correção gramatical do texto, o sinal indicativo de crase poderia ser eliminado em ambas as ocorrências no trecho "voltados à recuperação e à reinserção social" (linhas 1 e 2).

Comentário: O adjetivo "voltados" rege a preposição "a", e os substantivos femininos "recuperação" e "reinserção" estão precedidos do artigo "a", por isso há acentos indicativos de crase.

Porém, a questão afirmou que, se houver a supressão dos acentos indicativos de crase, haverá correção gramatical. Veja bem, ela não afirmou nada sobre mudança ou permanência de sentido.

Sabemos que o adjetivo "voltados" continua regendo a preposição "a", mas os substantivos "recuperação" e "reinserção" até podem perder o artigo, com a diferença de que o sentido muda. Os substantivos passam transmitir um tom mais generalizante.

Como a banca não afirmou nada sobre permanência de sentido, está correta.

Gabarito: C

Questão 77: Depen 2015 Nível médio (banca CESPE)

Fragmento do texto: É preciso compreender que o preso conserva os demais direitos (educação, integridade física, segurança, saúde, assistência jurídica, trabalho e outros) adquiridos como cidadão, uma vez que a perda temporária do direito de liberdade em decorrência dos efeitos de sentença penal refere-se tão somente à liberdade de ir e vir. Isso, geralmente, não é o que ocorre.

No trecho "refere-se tão somente à liberdade de ir e vir", o emprego do sinal indicativo de crase deve-se ao fato de a locução "tão somente" exigir complemento antecedido pela preposição **a**.

Comentário: A preposição "a" ocorre, graças à regência do verbo pronominal "refere-se", e não da locução "tão somente". Assim, a afirmativa está errada.

Gabarito: E

Questão 78: TRE GO 2015 Técnico Judiciário (banca CESPE)

Fragmento de texto: A ele se somavam dois membros efetivos e dois substitutos, sorteados dentre os ministros do STF, além de dois efetivos e dois substitutos, sorteados dentre os desembargadores da Corte de Apelação do DF.

O emprego de acento indicativo de crase na expressão "A ele" (linha 1) — **À**

ele — prejudicaria a correção gramatical do texto.

Comentário: Sabendo-se que o pronome "ele" não pode ser precedido de artigo, não pode haver acento indicativo de crase. Como a questão afirmou que tal acento prejudicaria a correção gramatical, está certa.

Gabarito: C

Questão 79: IRBR 2015 Diplomacia (banca CESPE)

Fragmento de texto: A saúde frágil — teve quase todas as doenças sociais possíveis, de paratifo a tuberculose — não o impediu de sonhar um futuro radioso para os filhos.

Na expressão "de paratifo a tuberculose" (linha 2), o uso do sinal indicativo de crase no termo "a" não prejudicaria a correção gramatical do texto, pois, nesse caso, tal uso tem caráter facultativo.

Comentário: O uso do sinal indicativo de crase, neste caso, não é facultativo. Ele é proibido, haja vista que há dois substantivos com tom generalizante ("paratifo" e "tuberculose"), pois não são precedidos do artigo "a". Note que o primeiro é precedido da preposição "de", marcando origem, e o segundo precedido da preposição "a" marcando limite final. Assim, não cabe o acento indicativo de crase e a afirmação da questão está errada.

Gabarito: E

Questão 80: IRBR 2015 Diplomacia (banca CESPE)

Fragmento de texto: Celso Cunha tinha, na minha geração literária, a posição que, na geração anterior à nossa, coube a Souza da Silveira.

Em razão do arranjo sintático na expressão "na geração anterior à nossa" (linha 2), torna-se obrigatório o emprego do sinal indicativo de crase, apesar de esta preceder um pronome possessivo.

Comentário: Vimos que o acento indicativo de crase é facultativo diante de pronome possessivo feminino singular e de valor adjetivo. Já o pronome possessivo feminino singular de valor substantivo fatalmente faz subentender o substantivo omitido, por isso deve ser precedido de artigo.

O adjetivo "anterior" rege a preposição "a", e o pronome possessivo "nossa" faz subentender o substantivo "geração". Tal pronome obrigatoriamente é precedido de artigo. Como ele se refere a "geração", tal artigo será "a".

Assim, deve haver acento indicativo de crase. Compare:

Celso Cunha tinha, na minha geração literária, a posição que, na geração anterior à nossa, coube a Souza da Silveira.

Celso Cunha tinha, na minha geração literária, a posição que, na geração anterior à nossa ***(geração)****, coube a Souza da Silveira.*

Gabarito: C

Questão 81: TRE RS 2015 Analista Judiciário (banca CESPE)

Fragmento do texto: Enquanto a inelegibilidade é um impedimento prévio à eleição, que torna nulos os votos dados ao cidadão inelegível, a incompatibilidade é um impedimento posterior ao pleito eleitoral e proibitivo do exercício do mandato.

O uso do acento indicativo de crase em "à eleição" (linhas 1 e 2) é exigido pela presença do substantivo "impedimento" (linha 1) e pela presença de artigo definido feminino que determina o substantivo "eleição".

Comentário: É o adjetivo "prévio" que rege a preposição "a", e não o substantivo "impedimento", por isso a afirmação está errada.

Gabarito: **E**

O que devo
tomar nota
como mais
importante?

O que devo tomar nota como mais importante?

- Estrutura VTD + OD; VTI + OI; VTDI + OD + OI; VI.
- Observar a diferença entre pronome relativo e conjunção integrante.
- Diferenciar orações subordinadas substantivas e adjetivas.
- Diferenciar as funções sintáticas do pronome relativo.
- Entender o uso de "cujo" e suas variações.
- A estrutura-base da crase.

Até nosso próximo encontro!

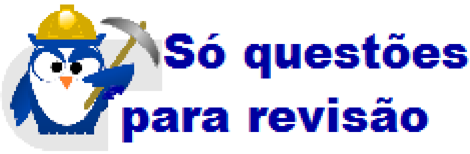

Questão 1: TCE PE 2017 Analista (banca CESPE)

Fragmento de texto: A expansão da cidadania e a qualidade da democracia pressupõem o Estado de direito para proteger as liberdades civis e políticas da cidadania. Conforme recomendação do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), deveria "existir um patamar mínimo de igualdade entre os membros da sociedade que outorgue a todos um leque razoável de opções para exercer sua capacidade de escolha e sua autonomia".

O trecho 'um patamar mínimo de igualdade entre os membros da sociedade' (linhas 4 e 5) exerce a função de complemento do verbo 'existir' (linha 4).

Questão 2: SEEDF 2017 Professor (banca CESPE)

Fragmento de texto: É evidente que a interlocução comunicativa permite o entendimento, proporciona o intercâmbio de ideias e nos faz refletir e argumentar com maior propriedade em defesa de nossos direitos e deveres como cidadãos.

Na linha 2, o pronome "nos" exerce a função de complemento da forma verbal "refletir".

Questão 3: TRE TO 2017 Nível médio (banca CESPE)

Fragmento do texto: Caso nada seja feito, a previsão é de que haja um aumento de 1º C em 2020 em relação à era pré-industrial. Parece pouco, mas é suficiente para gerar consequências para todas as populações do mundo, em especial as comunidades pobres e vulneráveis, causando impactos na segurança alimentar, hídrica e energética, aumento do nível do mar, tempestades, ondas de calor e intensificação de secas, chuvas e inundações.

No texto, funciona como um dos complementos da forma verbal "causando" (linha 4) o termo

A "ondas de calor" (linha 6).
B "secas" (linha 6).
C "secas, chuvas e inundações" (linha 6).
D "segurança alimentar, hídrica e energética" (linha 5).
E "nível do mar" (linha 5).

Questão 4: TCE PE 2017 Analista (banca CESPE)

Fragmento de texto: A efetiva transparência do administrador público não se resume à publicidade dos gastos.

A substituição do trecho "à publicidade dos gastos" (linha 2) por **na publicidade** manteria a correção gramatical do texto

Questão 5: SEEDF 2017 Professor (banca CESPE)

Fragmento de texto: Já esqueci a língua em que comia,
em que pedia para ir lá fora,
em que levava e dava pontapé,
a língua, breve língua entrecortada
do namoro com a prima.

Considerando-se as regências do verbo **esquecer** prescritas para o português, estaria correta a seguinte reescrita para a oração "Já esqueci a língua": Já esqueci da língua.

Questão 6: TCE PE 2017 Analista (banca CESPE)

Fragmento de texto: As últimas décadas registraram o ressurgimento do campo do conhecimento denominado políticas públicas, assim como das instituições, das regras e dos modelos que regem sua decisão, elaboração, implementação e avaliação.

A introdução da preposição **por** imediatamente após "denominado" (linha 2) manteria o sentido e a correção gramatical do texto, além de imprimir-lhe mais clareza.

Questão 7: TCE PE 2017 Analista (banca CESPE)

Fragmento de texto: A política pública, embora seja formalmente um ramo da ciência política, a ela não se resume, podendo também ser objeto analítico de outras áreas do conhecimento, inclusive da econometria, já bastante influente em uma das subáreas da política pública, a da avaliação, que também vem recebendo influência de técnicas quantitativas.

Seriam mantidos o sentido original do texto e sua correção gramatical caso o trecho "a ela não se resume" (linha 2) fosse substituído por **não lhe resume**.

Questão 8: PJC MT 2017 Delegado (banca CESPE)

Fragmento de texto: A injustiça, Senhores, desanima o trabalho, a honestidade, o bem; cresta em flor os espíritos dos moços, semeia no coração das gerações que vêm nascendo a semente da podridão, habitua os homens a não acreditar senão na estrela, na fortuna, no acaso, na loteria da sorte; promove a desonestidade, a venalidade, a relaxação; insufla a cortesania, a baixeza, **sob** todas as suas formas.

A correção gramatical do texto seria mantida caso o termo "sob" (linha 6) fosse substituído por **em**.

Questão 9: CP RM 2016 Técnico em Geociências (banca CESPE)

Fragmento de texto: A conclusão, praticamente unânime, é de que políticas que visem à conservação do meio ambiente e à sustentabilidade de projetos econômicos devem ser metas para todos os governantes.

A substituição da forma verbal "visem" (linha 2) por **objetivam** mantém a correção gramatical do texto.

Questão 10: TCE PA 2016 Superior (banca CESPE)

Fragmento de texto: O tenente Antônio de Souza era um desses moços que se gabam de não crer em nada, que zombam das coisas mais sérias e que riem dos santos e dos milagres. Costumava dizer que isso de almas do outro mundo era uma grande mentira, que só os tolos temem a lobisomem e feiticeiras. Jurava ser capaz de dormir uma noite inteira dentro do cemitério.

Sem prejuízo da correção gramatical e dos sentidos do texto, no trecho "só os tolos temem a lobisomem e feiticeiras" (linhas 4 e 5), a preposição "a" poderia ser suprimida.

Questão 11: FUNPRESP 2016 Superior (banca CESPE)

Fragmento de texto: Brasília tinha apenas dois anos quando ganhou sua universidade federal. A Universidade de Brasília (UnB) foi fundada com a promessa de reinventar a educação superior, entrelaçar as diversas formas de saber e formar profissionais engajados na transformação do país.

A correção gramatical e o sentido original do texto seriam preservados se o trecho "promessa de reinventar a educação superior" (linha 3) fosse substituído por **promessa de reinvenção da educação superior**.

Questão 12: FUNPRESP 2016 Analista (banca CESPE)

Fragmento de texto: Quando se cansava, sentava-se a uma grande mesa ao fundo da sala e escrevia o resto da noite. Leu um tratado de psicologia e trocou-o em miúdo, isto é, reduziu-o a artigos, uns quarenta ou cinquenta, que projetou meter nas revistas e nos jornais e com o produto vestir-se, habitar uma casa diferente daquela e pagar ao barbeiro.

A substituição do pronome "o", em "reduziu-o a artigos" (linha 3), por **lhe** preservaria a correção gramatical do texto.

Questão 13: TRE GO 2015 Técnico Judiciário (banca CESPE)

Fragmento de texto: Por fim, integravam a Corte três membros efetivos e quatro substitutos, escolhidos pelo chefe do governo provisório dentre quinze cidadãos, indicados pelo STF, desde que atendessem aos requisitos de notável saber jurídico e idoneidade moral. Dentre seus membros, elegia o Tribunal Superior, em escrutínio secreto, por meio de cédulas com o nome do juiz e a designação do cargo, um vice-presidente e um procurador para exercer as funções do Ministério Público, tendo este último a denominação de procurador-geral da justiça eleitoral.

Se a preposição **a** presente na contração "aos" (linha 3) fosse suprimida, a função sintática da expressão "requisitos de notável saber jurídico e idoneidade moral" (linhas 3 e 4) seria alterada, mas a correção gramatical do texto seria mantida.

Questão 14: TCE RN 2015 Auditor (banca CESPE)

Fragmento do texto: O poder político é dividido entre órgãos independentes e autônomos, aos quais são atribuídas funções típicas. Ao Poder Legislativo é conferida a função de elaborar a lei; ao Poder Executivo, a função de administrar a aplicação da lei; e, ao Poder Judiciário, a função de dirimir os conflitos legais surgidos entre pessoas ou entre estas e o Estado. Esquece-se, no entanto, que o Poder Legislativo possui outras funções típicas, das quais o poder financeiro e o controle político são exemplos.

A correção gramatical do texto seria prejudicada caso se substituísse "Esquece-se, (...), que" (linha 5) por **Esquece-se**, (...), **de que**.

Questão 15: TCE RN 2015 Auditor (banca CESPE)

Fragmento do texto: Esse princípio vinculava a cobrança de tributos à existência de uma lei elaborada por representantes do povo.

O texto permaneceria gramaticalmente correto caso o trecho "vinculava a cobrança de tributos à existência de uma lei" fosse reescrito da seguinte forma: vinculava à cobrança de tributos a existência de uma lei.

Questão 16: Telebras 2015 Especialista em Gestão (banca CESPE)

Fragmento do texto: A reestruturação do setor de telecomunicações no Brasil veio acompanhada da privatização do Sistema TELEBRAS — operado pela Telecomunicações Brasileiras S.A. (TELEBRAS) —, monopólio estatal verticalmente integrado e organizado em diversas subsidiárias, que prestava serviços por meio de uma rede de telecomunicações interligada, em todo o território nacional.

(...)

A privatização, ao contrário do que ocorreu em diversos países em desenvolvimento e mesmo em outros setores de infraestrutura do Brasil, foi precedida da montagem de detalhado modelo institucional, dentro do qual se destaca a criação de uma agência reguladora independente e autônoma, a Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL). Além disso, a reestruturação do setor de telecomunicações brasileiro foi precedida de reformas setoriais em vários outros países, o que trouxe a possibilidade de aprendizado com as experiências anteriores.

Sem prejuízo para a correção gramatical do texto, nas estruturas "da privatização" (linha 2), "da montagem" (linha 9) e "de reformas setoriais" (linha 13), os elementos sublinhados podem ser substituídos, respectivamente, pelas formas **pela**, **pela** e **por**.

Questão 17: TRE RS 2015 Analista Judiciário (banca CESPE)

Fragmento do texto: As incompatibilidades são, da mesma forma, impedimentos, embora de natureza diversa, que proíbem o parlamentar, desde a expedição do diploma ou desde a sua posse, de obter, direta ou indiretamente, vantagens do poder público, ou de se utilizar do mandato para obtê-las com maior facilidade.

Dada a regência do verbo proibir (linha 2), a substituição do termo "o parlamentar" (linha 2) por **ao parlamentar** não prejudicaria a correção gramatical do texto.

Questão 18: TRE-MS 2013 Técnico Judiciário (banca CESPE)

Fragmento de texto: No Brasil, só é considerado eleitor quem preencher os requisitos da nacionalidade, idade e capacidade, além do requisito formal do alistamento eleitoral.

A correção gramatical do texto seria mantida, apesar de haver alteração de seu sentido, caso o trecho "do alistamento eleitoral" (linha 3) fosse substituído por **para o alistamento eleitoral**.

Questão 19: TRE-MS 2013 Técnico Judiciário (banca CESPE)

Fragmento de texto: Políticos, sociais ou jurisdicionais, todos eles destinam-se à mesma finalidade: submeter o administrador ao controle e à aprovação do administrado.

Sem prejuízo para a correção gramatical ou para o sentido original do texto, o trecho "submeter o administrador ao controle e à aprovação do administrado" poderia ser reescrito da seguinte forma: **submeter ao administrador o controle e a aprovação do administrado**.

Questão 20: TRE-MS 2013 Técnico Judiciário (banca CESPE)

Fragmento de texto: O sufrágio universal, por exemplo, é um mecanismo de controle de índole eminentemente política — no Brasil, está previsto no art. 14

da Constituição Federal de 1988, que assegura ainda o voto direto e secreto e de igual valor para todos —, que garante o direito do cidadão de escolher seus representantes e de ser escolhido pelos seus pares.
Prejudicaria a correção gramatical do texto, assim como sua coerência, a substituição do trecho "que garante o direito do cidadão" (linha 4) por **que garante ao cidadão o direito**.

Questão 21: MP ENAP 2015 Superior (banca CESPE)
Fragmento do texto: Já a partir da década de 70 do século passado, o conceito de planejamento não era mais tão visto como um instrumento técnico e, sim, como um instrumento político capaz de moldar e de articular os diversos interesses envolvidos no processo de intervenção de políticas públicas.
A locução "capaz de" (linha 3) poderia, sem prejuízo do sentido original do texto, ser substituída por **para**.

Questão 22: TRE-MS 2013 Técnico Judiciário (banca CESPE)
Fragmento de texto: O sufrágio universal, por exemplo, é um mecanismo de controle de índole eminentemente política — no Brasil, está previsto no art. 14 da Constituição Federal de 1988, que assegura ainda o voto direto e secreto e de igual valor para todos —, que garante o direito do cidadão de escolher seus representantes e de ser escolhido pelos seus pares.
Na linha 2, a expressão "de índole" exerce a função de complemento de "controle" e, por isso, o emprego da preposição "de" é exigido pela presença desse substantivo na oração.

Questão 23: Assembleia Legislativa-ES – 2011 – Taquígrafo (banca CESPE)
Com relação à frase "Notas taquigráficas possibilitam ao cidadão acesso rápido ao trabalho do Senado Federal", a expressão "do Senado Federal" é complemento do núcleo nominal "trabalho".

Questão 24: Detran - ES / 2011 / nível médio (banca CESPE)
Fragmento de texto: O agravamento da crise urbana nos países em desenvolvimento e as mudanças políticas, sociais e econômicas, que, no momento, se processam em escala mundial, requerem novo esforço governamental para a organização das cidades e dos seus sistemas de transporte.
A presença da preposição **de** antes das expressões "cidades" e "seus sistemas" indica que esses termos complementam a ideia de "organização".

Questão 25: Detran - ES / 2011 / nível médio (banca CESPE)
Fragmento de texto: O carro, no entanto, não é o único vilão. A solução para o problema da mobilidade passa pela criação de alternativas ao uso do transporte individual. "Como as opções alternativas ao transporte individual são pouco eficientes, pela falta de conforto, segurança ou rapidez, as pessoas continuam

optando pelos automóveis, motocicletas ou mesmo táxis, ainda que permaneçam presas no trânsito", afirma S. G.

O emprego da preposição **a**, em "ao uso" (linha 2) e "ao transporte" (linha 4), é obrigatório, visto que esses termos, como complementos do substantivo "alternativas" (linhas 2 e 4), devem ser introduzidos por essa preposição.

Questão 26: PC - ES / 2011 / nível médio (banca CESPE)

Fragmento de texto: Recentemente, a Coreia do Norte, mais uma vez, atacou seus irmãos do Sul. Mesmo 65 anos depois do fim da Segunda Guerra Mundial e do rateio do mundo entre comunistas e capitalistas, os coreanos seguem presos aos dogmas de seus governos. O bombardeio ordenado por Pyongyang atingiu uma ilha do país vizinho, matou duas pessoas e feriu pelo menos dezoito. A justificativa do Norte foram manobras supostamente feitas pelos sulistas em águas sob sua jurisdição.

A presença da preposição a em "aos dogmas" (linha 4) decorre da regência da forma verbal "seguem" (linha 4), que exige complemento regido por essa preposição.

Questão 27: TRE BA 2017 Analista (banca CESPE)

Fragmento do texto: É possível deixar o voto em branco; para isso, basta apertar a tecla branca.

A oração "apertar a tecla branca" (linha 2) exerce, no período em que ocorre, a função de complemento da forma verbal "basta".

Questão 28: MPU 2010 Médio (banca CESPE)

Fragmento do texto: A chaga encontra terreno fértil nas sociedades subdesenvolvidas, mas também viceja onde o capitalismo, em seu ambiente mais selvagem, obriga crianças e adolescentes a participarem do processo de produção.

O emprego de preposição em "a participarem" é exigido pela regência da forma verbal "obriga".

Questão 29: TRF 1ª R 2017 Analista Judiciário Taquígrafo (banca CESPE)

Fragmento do texto: Isoladas de contexto ou situação, as palavras quase nada significam de maneira precisa, inequívoca (Ogden e Richards são radicais: "as palavras nada significam por si mesmas"): "...o que determina o valor da palavra é o contexto, o qual, a despeito da variedade de sentidos de que a palavra seja suscetível, lhe impõe um valor 'singular'; é o contexto também que a liberta de todas as representações passadas, nela acumuladas pela memória, e que lhe atribui um valor 'atual'".

Na oração "que lhe atribui um valor 'atual'" (linha 7), o elemento "que" exerce a função de complemento direto da forma verbal "atribui".

Questão 30: TRF 1ª R 2017 Analista Judiciário (banca CESPE)

Fragmento do texto: No direito brasileiro convencional, a relação entre a espécie humana e as demais espécies animais limita-se à tutela dos animais pelo poder público em função da sua utilidade enquanto fauna brasileira intrínseca ao meio ambiente equilibrado.

O emprego do sinal indicativo de crase em “à tutela dos animais” (linha 2) é facultativo.

Questão 31: SEEDF 2017 Professor (banca CESPE)

Fragmento de texto: Não têm conta entre nós os pedagogos da prosperidade que, apegando-se a certas soluções onde, na melhor hipótese, se abrigam verdades parciais, transformam-nas em requisito obrigatório e único de todo progresso.

Seriam preservados a correção gramatical e o sentido do texto caso o vocábulo “onde” (linha 2) fosse substituído por **que**.

Questão 32: INSS 2016 Técnico (banca CESPE)

Fragmento de texto: Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

A correção gramatical e o sentido do texto seriam preservados, caso se substituísse o trecho “lembrei-me de que” (linha 1) por **lembrei que**.

Questão 33: INSS 2016 Técnico (banca CESPE)

Fragmento de texto: Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros.

Seria mantida a correção do texto caso o trecho “onde caberiam” (linha 3) fosse substituído por **que caberia**.

Questão 34: TRE RS 2015 Técnico Judiciário (banca CESPE)

Fragmento do texto: Essas características se relacionam com outros fatores, tais como as fontes de preferência da informação política (as pessoas que leem mais material de campanha nos jornais também o fazem em revistas, rádio e televisão); os eventos (as pessoas que seguem determinados eventos de campanhas tendem a seguir outros, mesmo que sejam de candidatos aos quais se opõem); e a atenção (algumas pessoas prestam mais atenção à propaganda de uma campanha).

A substituição de “aos quais” (linhas 5 e 6) por **que** manteria a correção gramatical do texto e seu sentido original.

Questão 35: MPU 2015 Analista (banca CESPE)

Fragmento do texto: Evidencia-se, portanto, que é justamente na fase do inquérito policial que serão coletadas as informações e as provas que irão formar o convencimento do titular da ação penal, isto é, a *opinio delicti*.

Haveria prejuízo à correção gramatical do texto, se o vocábulo “que” fosse substituído por **onde**.

Questão 36: IRBR 2015 Diplomacia (banca CESPE)
Fragmento de texto: A primeira condição para conseguirmos conhecer melhor as pessoas diz respeito a tratarmos de evitar o erro usual de buscarmos avaliá-las tomando por base a nós mesmos. (...) A conclusão a que devemos chegar é que o realismo e a objetividade são bons mecanismos de exploração do meio externo e que a avaliação das pessoas também deve ser regida pela observação dos fatos e não por ideias.
A omissão da preposição “a” em “tomando por base a nós mesmos” (linha 3) e em “A conclusão a que devemos chegar” (linha 4) prejudicaria a correção gramatical desses dois trechos.

Questão 37: FUB 2015 – Contador (banca CESPE)
Fragmento do texto: O fator mais importante para prever a performance de um grupo é a igualdade da participação na conversa. Grupos em que poucas pessoas dominam o diálogo têm desempenho pior do que aqueles em que há mais troca.
Na linha 2, a supressão do termo “em” manteria a correção gramatical e o sentido original do período.

Questão 38: Telebras 2015 Técnico (banca CESPE)
Fragmento do texto: Segundo o presidente da TELEBRAS, um dos objetivos do desenvolvimento do satélite será a proteção às redes que transmitem informações sensíveis do governo federal.
O sinal indicativo de crase em “proteção às redes” (linha 2) justifica-se pela contração da preposição a, exigida pelo substantivo “proteção”, com o artigo definido feminino as, que determina o vocábulo “redes”.

Questão 39: Câmara dos Deputados 2014 Técnico Legislativo (banca CESPE)
Fragmento do texto: A atividade policial pode ser verificada em quase todas as organizações políticas que conhecemos, desde as cidades-estado gregas até os Estados atuais. Entretanto, o seu sentido e a forma como é realizada têm variado ao longo do tempo. A ideia de polícia que temos hoje é produto de fatores estruturais e organizacionais que moldaram seu processo histórico de transformação.
O pronome relativo “que” exerce, nas duas primeiras ocorrências, a função de complemento verbal e, na terceira, a de sujeito da oração em que se insere.

Questão 40: Câmara dos Deputados 2014 Técnico Legislativo (banca CESPE)
Fragmento do texto: Ao contrário do que muitos têm apregoado, o melhor não é “virar a página” no que se refere ao período da ditadura. Escolha mais adequada é empreender uma apropriação crítica desse passado político recente, tanto para consolidar nossa frágil cidadania quanto para entender a realidade em que vivemos. Para tanto, é fundamental estudar a ditadura, a fim de compreender a atualidade do seu legado e, assim, criar condições de superá-lo.

No trecho “entender a realidade em que vivemos” (linha 5), a supressão da preposição não prejudica a correção gramatical do texto, ainda que interfira na relação sintático-semântica entre seus elementos.

Questão 41: FUB 2014 Nível superior (banca CESPE)

Fragmento do texto: Há muito tempo a sociedade demonstra interesse por assuntos relacionados à ciência e à tecnologia. Na verdade, desde a pré-história, o homem busca explicações para a realidade e os mistérios do mundo que o cerca.

Em “o cerca” (linha 4), o pronome “o”, que se refere ao termo “o homem” (linha 3), exerce a função de complemento da forma verbal “cerca”.

Questão 42: ICMBIO 2014 Nível superior (banca CESPE)

Fragmento do texto: A situação é mais séria na região Nordeste, especialmente nos estados de Alagoas e Pernambuco, onde a maior parte da floresta original foi substituída por plantações de cana-de-açúcar. É nessa região que ainda podem ser encontrados os últimos exemplares das aves mais raras em todo o país, como o criticamente ameaçado limpa-folha-do-nordeste (Philydor novaesi). Essa pequena ave de dezoito centímetros vive no estrato médio e dossel de florestas bem conservadas e ricas em bromélias, onde procura artrópodes dos quais se alimenta. Atualmente, as duas únicas localidades onde a espécie pode ser encontrada são a Estação Ecológica de Murici, em Alagoas, e a Serra do Urubu, em Pernambuco.

A correção gramatical e o sentido original do texto seriam preservados caso o vocábulo “onde”, nas linhas 2 e 7, fosse substituído pela expressão **em que**.

Questão 43: ICMBIO 2014 Nível médio (banca CESPE)

Fragmento do texto: “Fazemos a aproximação por meio de elementos do contexto onde as crianças estão inseridas. As atividades de leitura, interpretação e escrita associam-se ao tema do cerrado na forma de poesias, música, desenho, pintura e jogos”, explica uma professora da Faculdade de Educação da UnB.

Na linha 2, a substituição do vocábulo ‘onde’ pela expressão ***no qual*** não comprometeria nem a sintaxe nem a significação do período de que o referido vocábulo faz parte.

Questão 44: ICMBIO 2014 Nível médio (banca CESPE)

Fragmento do texto: “Fazemos a aproximação por meio de elementos do contexto onde as crianças estão inseridas. As atividades de leitura, interpretação e escrita associam-se ao tema do cerrado na forma de poesias, música, desenho, pintura e jogos”, explica uma professora da Faculdade de Educação da UnB.

No último período do texto, o pronome relativo preposicionado “na qual” completa o sentido de “intervir” e retoma o termo “sua realidade”.

Questão 45: MEC 2014 Nível superior (banca CESPE)

Fragmento do texto: Se a vocação ontológica do homem é a de ser sujeito e não objeto, ele só poderá desenvolvê-la se, refletindo sobre suas condições espaço-temporais, introduzir-se nelas de maneira crítica. Quanto mais for levado a refletir sobre sua situacionalidade, sobre seu enraizamento espaço-temporal, mais "emergirá" dela conscientemente "carregado" de compromisso com sua realidade, da qual, porque é sujeito, não deve ser simples espectador, mas na qual deve intervir cada vez mais.

No último período do texto, o pronome relativo preposicionado "na qual" completa o sentido de "intervir" e retoma o termo "sua realidade".

Questão 46: MTE 2014 Auditor-Fiscal do Trabalho (banca CESPE)

Fragmento do texto: Portanto, os aspectos que envolvem a gestão de pessoas têm de ser tratados como parte de uma política de valorização desse ativo, na qual gestores e RH são vasos comunicantes, trabalhando em conjunto, cada um desempenhando seu papel de forma adequada.

Na linha 3, a expressão "na qual" poderia ser substituída pela expressão **em que**, sem prejuízo da correção gramatical do texto.

Questão 47: MTE 2014 Agente Administrativo (banca CESPE)

Fragmento do texto: Por exemplo, a carteira de trabalho e previdência social (CTPS) está ligada à relação de trabalho subordinado que corresponde ao vínculo de emprego. Nem todos os tipos de relações de trabalho são registrados na CTPS, mas todos os tipos de relação de emprego são registrados no referido documento.

No trecho "está ligada à relação de trabalho subordinado que corresponde ao vínculo de emprego" (linhas 2 e 3), seria mantida a correção gramatical caso se substituísse o elemento "*que*" por **a que**, embora as relações entre os termos da oração fossem alteradas.

Questão 48: Polícia Federal – 2013 – Escrivão (banca CESPE)

Fragmento do texto: O que tanta gente foi fazer do lado de fora do tribunal onde foi julgado um dos mais famosos casais acusados de assassinato no país? Torcer pela justiça, sim: as evidências permitiam uma forte convicção sobre os culpados, muito antes do encerramento das investigações. Contudo, para torcer pela justiça, não era necessário acampar na porta do tribunal, de onde ninguém podia pressionar os jurados.

O emprego dos elementos "onde" (linha 2) e "de onde" (linha 5), no texto, é próprio da linguagem oral informal, razão por que devem ser substituídos, respectivamente, por **no qual** e **da qual**, em textos que requerem o emprego da norma padrão escrita.

Questão 49: Caixa Econômica Federal / 2010 / nível médio (banca CESPE)

Fragmento do texto: *A companhia, que há quinze anos vende seus produtos no Brasil por meio de importadoras, decidiu no ano passado abrir uma filial no país.*

O termo *"que"* faz referência a *"companhia"* e poderia, sem prejuízo para a correção gramatical do texto, ser substituído por **onde**.

Questão 50: INCA / 2010 / nível superior (banca CESPE)

Fragmento do texto: *Adverte-se, pois, que as preocupações com secreções respiratórias são de importância decisiva, motivo pelo qual são recomendados cuidados especiais com a higiene...*

A substituição de "*pelo qual*", pelo termo **por que** mantém a correção gramatical do período.

Questão 51: TRF 1ª R 2017 Analista (banca CESPE)

Fragmento de texto: No direito brasileiro convencional, a relação entre a espécie humana e as demais espécies animais limita-se à tutela dos animais pelo poder público em função da sua utilidade enquanto fauna brasileira intrínseca ao meio ambiente equilibrado.

O emprego do sinal indicativo de crase em "à tutela dos animais" (linhas 2 e 3) é facultativo.

Questão 52: PJC MT 2017 Delegado (banca CESPE)

Fragmento de texto: E, nesse esboroamento da justiça, a mais grave de todas as ruínas é a falta de penalidade aos criminosos confessos, é a falta de punição quando ocorre um crime de autoria incontroversa, mas ninguém tem coragem de apontá-la à opinião pública, de modo que a justiça possa exercer a sua ação saneadora e benfazeja.

A correção gramatical do texto seria mantida caso o acento indicativo de crase em "à opinião pública" (linha 5) fosse suprimido.

Questão 53: Prefeitura de São Luís - MA 2017 Técnico (banca CESPE)

Fragmento de texto: Tinha chegado o tempo da colheita, era uma manhã risonha, e bela, como o rosto de um infante, entretanto eu tinha um peso enorme no coração. Sim, eu estava triste, e não sabia a que atribuir minha tristeza.

A correção gramatical do texto seria prejudicada caso fosse empregado o sinal indicativo de crase no "a", em "a que atribuir" (linha 4).

Questão 54: SEEDF 2017 Professor (banca CESPE)

Fragmento de texto: É essa revolução — exigência fundamental do movimento da educação nova — que Claparède compara à que Copérnico realizou na astronomia, e que ele define, com tanta felicidade, nas seguintes linhas: "são os métodos e os programas que gravitam em torno da criança e não mais a criança que gira em torno de um programa decidido fora dela.

A supressão do acento grave, indicativo de crase, no trecho "que Claparède compara à que Copérnico realizou na astronomia" (linhas 2 e 3), prejudicaria a correção gramatical do texto, dada a impossibilidade de omissão do artigo definido no contexto.

Questão 55: SEEDF 2017 Professor (banca CESPE)
Fragmento de texto: Atualmente há uma grande preocupação quanto à capacidade dessa ciência, criada pelos interesses do desenvolvimento e da exploração da natureza, de oferecer soluções para lidar com a crise ambiental, social e econômica.
O emprego do sinal indicativo de crase em "à capacidade dessa ciência" (linhas 1 e 2) é facultativo.

Questão 56: SEEDF 2017 Monitor (banca CESPE)
Fragmento de texto: Para que a disseminação pública da cultura fuja a determinações pragmáticas e economicistas, é necessário um espaço público de preservação, de apropriação e de reflexão.
A correção gramatical do texto seria prejudicada caso se empregasse o sinal grave indicativo de crase no "a" em "fuja a determinações"

Questão 57: TRE TO 2017 Nível médio (banca CESPE)
Fragmento do texto: Em Roma, o voto advém das reformas de Sérvio Túlio, que tendem à formação de um corpo eleitoral e à fixação de processos de votação.
O uso do acento indicativo de crase nas expressões "à formação de um corpo eleitoral" (linha 2) e "à fixação de processos de votação" (linhas 2 e 3) é facultativo, pois as palavras "formação" e "fixação" estão empregadas de modo impreciso.

Questão 58: CP RM 2016 Técnico em Geociências (banca CESPE)
Fragmento de texto: A conclusão, praticamente unânime, é de que políticas que visem à conservação do meio ambiente e à sustentabilidade de projetos econômicos devem ser metas para todos os governantes.
O emprego do acento indicativo da crase em "à sustentabilidade" (linha 2) é facultativo.

Questão 59: DPU 2016 Analista Técnico-Administrativo (banca CESPE)
Fragmento de texto: Anteriormente à primeira Constituição pátria, a de 1824, vigoraram as Ordenações Afonsinas, as Manuelinas e as Filipinas.
No trecho "Anteriormente à primeira Constituição pátria" (linha 1), o emprego do acento indicativo de crase é facultativo.

Questão 60: DPU 2016 Técnico (banca CESPE)
Fragmento de texto: A mais recente visita de participantes de outro projeto, o Atenção à População de Rua do Assentamento Noroeste, levou respostas às demandas solicitadas pelos moradores.
No trecho "respostas às demandas" (linhas 2 e 3), o emprego do sinal indicativo de crase justifica-se pela regência do substantivo "respostas", que exige complemento antecedido da preposição **a**, e pela presença de artigo feminino plural que determina "demandas".

Questão 61: DPU 2016 Técnico (banca CESPE)
Fragmento de texto: Nós entramos para solucionar problemas: vamos até as ruas para informar sobre o trabalho da defensoria, para que seus direitos sejam garantidos", afirma a coordenadora.
Seria mantida a correção do texto caso o trecho 'para que seus direitos sejam garantidos' (linhas 2 e 3) fosse reescrito da seguinte forma: **visando à garantia de seus direitos**.

Questão 62: FUNPRESP 2016 Analista (banca CESPE)
Fragmento de texto: Já andei dizendo que o cronista é um estilita. Não confundam, por enquanto, com estilista. Estilita era o santo que ficava anos e anos em cima de uma coluna, no deserto, meditando e pregando. São Simeão passou trinta anos assim, exposto ao sol e à chuva.
Na linha 2, o emprego do acento indicativo de crase em "à chuva" é exigido pela regência da forma verbal "exposto" e pela presença do artigo definido feminino que especifica o substantivo "chuva".

Questão 63: TCE PA 2016 Superior (banca CESPE)
Fragmento de texto: O problema não está na lei. Mudá-la pode ser o pretexto não para torná-la mais rigorosa, mas para atribuir-lhe alguma flexibilidade que a desfigure. O verdadeiro problema é a dificuldade do setor público de adaptar suas despesas às receitas em queda por causa da crise.
O emprego do acento grave em "às receitas" (linha 4) decorre da regência do verbo "adaptar" (linha 4) e da presença do artigo definido feminino determinando o substantivo "receitas".

Questão 64: FUNPRESP 2016 Superior (banca CESPE)
Fragmento de texto: A construção do campus brotou do cruzamento de mentes geniais. O inquieto antropólogo Darcy Ribeiro definiu as bases da instituição. O educador Anísio Teixeira planejou o modelo pedagógico. O arquiteto Oscar Niemeyer transformou as ideias em prédios.
No trecho "O arquiteto Oscar Niemeyer transformou as ideias em prédios" (linha 4), o emprego do sinal indicativo de crase em "as ideias" é opcional.

Questão 65: FUNPRESP 2016 Superior (banca CESPE)
Fragmento de texto: Olhando os móveis limpos, seu coração se apertava um pouco em espanto. Mas na sua vida não havia lugar para que sentisse ternura pelo seu espanto — ela o abafava com a mesma habilidade que as lides em casa lhe haviam transmitido. Saía então para fazer compras ou levar objetos para consertar, cuidando do lar e da família à revelia deles. Quando voltasse era o fim da tarde e as crianças vindas do colégio exigiam-na. Assim chegaria a noite, com sua tranquila vibração. De manhã acordaria aureolada pelos calmos deveres.
A introdução do sinal grave indicativo de crase em "a noite" (linha 7) manteria a correção gramatical do texto, mas prejudicaria seu sentido original.

Questão 66: TRE PI 2016 Analista (banca CESPE)

Fragmento de texto: Para o entendimento da concentração da votação em determinado lugar, é necessário abordar a teoria do contextualismo geográfico, segundo a qual o comportamento dos eleitores é influenciado pelo ambiente sociogeográfico — seja pelas redes de interação social existentes, seja pela semelhança de experiências às quais os habitantes de uma região estão submetidos.

Sem prejuízo do sentido original e da coerência do texto, a expressão "às quais" (linha 5) poderia ser substituída por **à que**.

Questão 67: MP ENAP 2015 Superior (banca CESPE)

Fragmento do texto: Para levar a cabo o novo modelo de gestão pública, será preciso adotar novas tecnologias e promover condições de trabalho adequadas, assim como mudanças culturais, desenvolvimento pessoal dos agentes públicos, planejamento de ações e controle de resultados.

Na linha 1, a correção gramatical do trecho seria mantida, caso se inserisse acento indicativo de crase no vocábulo "a" que compõe a locução "a cabo".

Questão 68: TCU TEFC 2015 Técnico (banca CESPE)

Fragmento do texto: A invenção e a difusão da técnica da escritura, somadas à compilação de costumes tradicionais, proporcionaram os primeiros códigos da Antiguidade, como o de Hamurábi, o de Manu, o de Sólon e a Lei das XII Tábuas.

O emprego do sinal indicativo de crase no trecho "somadas à compilação de costumes tradicionais" (linha 2) é facultativo, razão por que sua supressão não acarretaria prejuízo para o sentido nem para a correção do período.

Questão 69: TRE GO 2015 Analista (banca CESPE)

Fragmento do texto: Em meio a esse cenário, foi elaborado o texto constitucional, que, desde então, recebeu a denominação de Constituição Cidadã.

No trecho "Em meio a esse cenário" (linha 1), a inserção de sinal indicativo de crase no "a" acarretaria prejuízo à correção gramatical do texto.

Questão 70: STJ 2015 Analista (banca CESPE)

Fragmento do texto: Percebe-se, aqui, igualmente, a sua inegável dimensão ética, em virtude do necessário reconhecimento mútuo de todos como pessoas, iguais em direitos e obrigações, o que dá suporte a exigências recíprocas de ajuda ou sustento.

A correção gramatical do texto seria prejudicada caso se empregasse o sinal indicativo de crase no vocábulo "a" em "dá suporte a exigências recíprocas".

Questão 71: FBU 2015 Contador (banca CESPE)

Fragmento do texto: A questão é a seguinte: devemos usar a norma culta em todas as situações? Evidentemente que não, sob pena de parecermos

pedantes. Dizer "nós fôramos" em vez de "a gente tinha ido" em uma conversa de botequim é como ir de terno à praia. E quanto a corrigir quem fala errado? É claro que os pais devem ensinar seus filhos a se expressar corretamente, e o professor deve corrigir o aluno, mas será que temos o direito de advertir o balconista que nos cobra "dois real" pelo cafezinho?
De acordo com o contexto, estaria também correto o emprego do sinal indicativo de crase em "quanto a" (linha 4).

Questão 72: CGE PI 2015 Auditor (banca CESPE)
Fragmento do texto: Chama-lhe à minha vida uma casa, dá o nome de relíquias aos inéditos e impressos que aqui vão, ideias, histórias, críticas, diálogos, e verás explicados o livro e o título.
No trecho "Chama-lhe à minha vida uma casa", é facultativo o emprego do sinal indicativo de crase.

Questão 73: MPU 2015 Analista (banca CESPE)
Fragmento do texto: Na organização do poder político no Estado moderno, à luz da tradição iluminista, o direito tem por função a preservação da liberdade humana, de maneira a coibir a desordem do estado de natureza, que, em virtude do risco da dominação dos mais fracos pelos mais fortes, exige a existência de um poder institucional.
O emprego do sinal indicativo de crase em "à luz da tradição iluminista" é facultativo, ou seja, a sua retirada não prejudicaria a correção gramatical nem o sentido original do texto.

Questão 74: MPU 2015 Técnico (banca CESPE)
Fragmento do texto: No período colonial, o Brasil foi orientado pelo direito lusitano. Não havia o Ministério Público como instituição. Mas as Ordenações Manuelinas de 1521 e as Ordenações Filipinas de 1603 já faziam menção aos promotores de justiça, atribuindo-lhes o papel de fiscalizar a lei e de promover a acusação criminal. Existiam ainda o cargo de procurador dos feitos da Coroa (defensor da Coroa) e o de procurador da Fazenda (defensor do fisco).
A correção gramatical do texto seria preservada caso se substituísse a expressão "a acusação" (linha 5) por **à acusação**, pois, nesse caso, o emprego do sinal indicativo de crase é opcional.

Questão 75: MPU 2015 Técnico (banca CESPE)
Fragmento do texto: O tribunal considerou que a liberdade de expressão não se pode traduzir em desrespeito às diferentes manifestações dessa mesma liberdade, pois ela encontra limites no próprio exercício de outros direitos fundamentais.
Na linha 2, o emprego do sinal indicativo de crase em "às diferentes" justifica-se pela regência de "desrespeito", que exige complemento antecedido da preposição **a**, e pela presença de artigo feminino plural antes de "diferentes".

Questão 76: Depen 2015 Nível superior (banca CESPE)

Fragmento do texto: Desde 2012, entre os projetos voltados à recuperação e à reinserção social, está a remição de pena por meio da leitura.

Sem prejuízo para a correção gramatical do texto, o sinal indicativo de crase poderia ser eliminado em ambas as ocorrências no trecho “voltados à recuperação e à reinserção social” (linhas 1 e 2).

Questão 77: Depen 2015 Nível médio (banca CESPE)

Fragmento do texto: É preciso compreender que o preso conserva os demais direitos (educação, integridade física, segurança, saúde, assistência jurídica, trabalho e outros) adquiridos como cidadão, uma vez que a perda temporária do direito de liberdade em decorrência dos efeitos de sentença penal refere-se tão somente à liberdade de ir e vir. Isso, geralmente, não é o que ocorre.

No trecho “refere-se tão somente à liberdade de ir e vir”, o emprego do sinal indicativo de crase deve-se ao fato de a locução “tão somente” exigir complemento antecedido pela preposição **a**.

Questão 78: TRE GO 2015 Técnico Judiciário (banca CESPE)

Fragmento de texto: A ele se somavam dois membros efetivos e dois substitutos, sorteados dentre os ministros do STF, além de dois efetivos e dois substitutos, sorteados dentre os desembargadores da Corte de Apelação do DF.

O emprego de acento indicativo de crase na expressão “A ele” (linha 1) — **À ele** — prejudicaria a correção gramatical do texto.

Questão 79: IRBR 2015 Diplomacia (banca CESPE)

Fragmento de texto: A saúde frágil — teve quase todas as doenças sociais possíveis, de paratifo a tuberculose — não o impediu de sonhar um futuro radioso para os filhos.

Na expressão “de paratifo a tuberculose” (linha 2), o uso do sinal indicativo de crase no termo “a” não prejudicaria a correção gramatical do texto, pois, nesse caso, tal uso tem caráter facultativo.

Questão 80: IRBR 2015 Diplomacia (banca CESPE)

Fragmento de texto: Celso Cunha tinha, na minha geração literária, a posição que, na geração anterior à nossa, coube a Souza da Silveira.

Em razão do arranjo sintático na expressão “na geração anterior à nossa” (linha 2), torna-se obrigatório o emprego do sinal indicativo de crase, apesar de esta preceder um pronome possessivo.

Questão 81: TRE RS 2015 Analista Judiciário (banca CESPE)

Fragmento do texto: Enquanto a inelegibilidade é um impedimento prévio à eleição, que torna nulos os votos dados ao cidadão inelegível, a incompatibilidade é um impedimento posterior ao pleito eleitoral e proibitivo do exercício do mandato.

O uso do acento indicativo de crase em “à eleição” (linhas 1 e 2) é exigido pela presença do substantivo "impedimento" (linha 1) e pela presença de artigo definido feminino que determina o substantivo "eleição".

Gabarito

1. E	**2. E**	**3. A**	**4. C**	**5. E**	**6. E**	**7. E**	**8. C**	**9. E**	**10. C**
11. E	**12. E**	**13. C**	**14. C**	**15. C**	**16. C**	**17. E**	**18. C**	**19. E**	**20. E**
21. E	**22. E**	**23. E**	**24. C**	**25. C**	**26. E**	**27. E**	**28. C**	**29. E**	**30. E**
31. E	**32. C**	**33. E**	**34. E**	**35. C**	**36. C**	**37. E**	**38. C**	**39. C**	**40. C**
41. C	**42. C**	**43. C**	**44. C**	**45. C**	**46. C**	**47. E**	**48. E**	**49. E**	**50. C**
51. E	**52. E**	**53. C**	**54. C**	**55. E**	**56. C**	**57. E**	**58. E**	**59. E**	**60. C**
61. C	**62. C**	**63. C**	**64. E**	**65. C**	**66. E**	**67. E**	**68. E**	**69. C**	**70. C**
71. E	**72. C**	**73. E**	**74. E**	**75. C**	**76. C**	**77. E**	**78. C**	**79. E**	**80. C**
81. E									

Meu amigo, minha amiga!

Obrigado por ter acompanhado esta aula até o fim!

Pode ter certeza de que sua dedicação valerá a pena!

Se você está gostando da aula, dê um alô no WhatsApp abaixo!

Se quiser fazer sugestões, críticas, observações, isso também ajudará bastante na formulação dos nossos cursos!

Um grande abraço!
Décio Terror

WhatsApp

(32) 98447 5981

Aula 05

Português p/ STM (Todos os Cargos) Com videoaulas - Pós-edital

Professor: Décio Terror

Aula 5: Regência verbal e nominal. Emprego do sinal indicativo de crase.

SUMÁRIO	PÁGINA
1. Estrutura da oração	2
2. Regência de verbos importantes	4
3. Regência Nominal	18
4. Orações subordinadas substantivas	21
5. Regência com pronomes relativos	22
6. A estrutura-padrão da crase	37
7. Crase Facultativa	43
8. O que devo tomar nota como mais importante?	55
9. Lista de questões para revisão	55
10. Gabarito	72

Olá, pessoal!

Espero que estejamos entendendo bem a matéria.

Procure sempre estudar o material em PDF e só depois assista aos vídeos. Assim, a videoaula funcionará como elemento didático de revisão.

Vimos na aula 1 a estrutura da oração, reconhecendo os termos básicos, e na aula 2 as relações de coordenação.

Na aula 3, entendemos os tipos de subordinação: substantiva, adjetiva e adverbial.

A aula 4 teve base na estrutura elementar da oração e a partir dela vimos a relação do verbo com o sujeito. Por isso trabalhamos a concordância verbal. Além dela, observamos a concordância nominal.

Esta aula também possui a base da estrutura da oração. Vamos trabalhar desta vez a relação de transitividade entre o verbo e seu complemento e entre um nome e seu complemento.

Assim, retomemos a estrutura da oração:

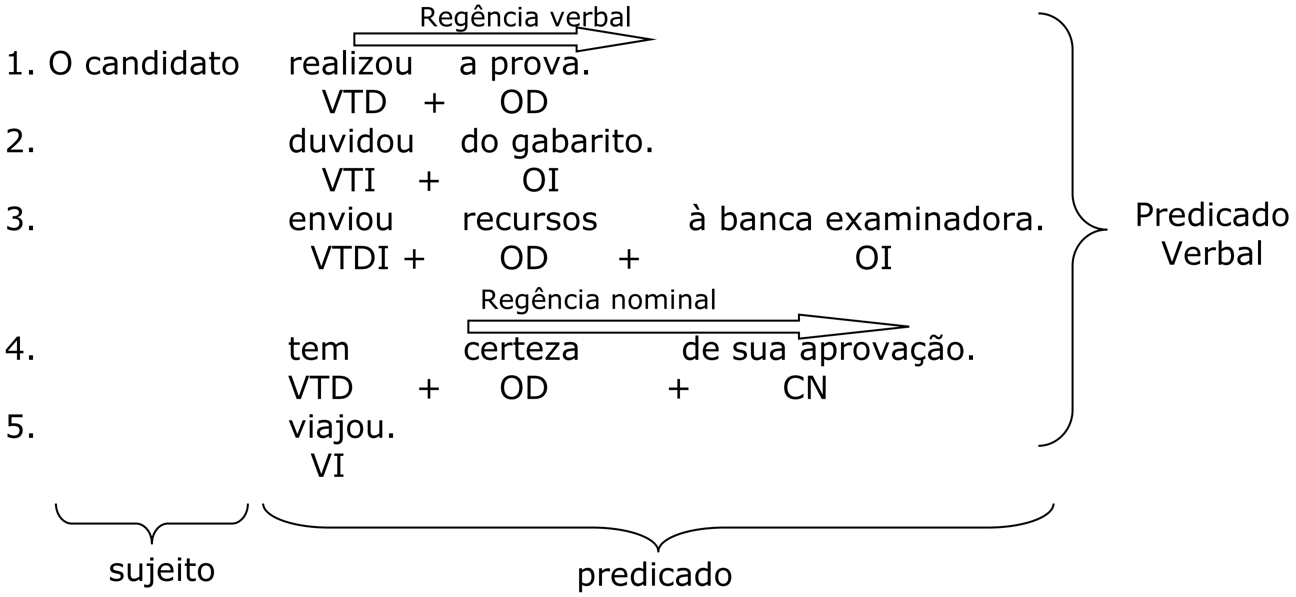
Regência verbal
1. O candidato realizou a prova.
VTD + OD
2. duvidou do gabarito.
VTI + OI
3. enviou recursos à banca examinadora.
VTDI + OD + OI
Regência nominal
4. tem certeza de sua aprovação.
VTD + OD + CN
5. viajou.
VI
Predicado Verbal
sujeito
predicado

Quanto à regência, devemos observar a transitividade do verbo e do nome, daí entendermos que os objetos direto e indireto complementam o sentido do verbo (regência verbal) e o complemento nominal faz o mesmo relacionado ao nome (regência nominal).

Por enquanto, vamos treinar um pouco mais o emprego dos complementos verbais:

Questão 1: TCE PE 2017 Analista (banca CESPE)
Fragmento de texto: A expansão da cidadania e a qualidade da democracia pressupõem o Estado de direito para proteger as liberdades civis e políticas da cidadania. Conforme recomendação do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), deveria "existir um patamar mínimo de igualdade entre os membros da sociedade que outorgue a todos um leque razoável de opções para exercer sua capacidade de escolha e sua autonomia".
O trecho 'um patamar mínimo de igualdade entre os membros da sociedade' (linhas 4 e 5) exerce a função de complemento do verbo 'existir' (linha 4).
Comentário: O verbo "existir" é intransitivo e o termo "um patamar mínimo de igualdade entre os membros da sociedade" é apenas o sujeito. Como sabemos que complemento de verbo é o objeto direto ou o objeto indireto, percebemos que a afirmação está errada.
Gabarito: **E**

Questão 2: SEEDF 2017 Professor (banca CESPE)
Fragmento de texto: É evidente que a interlocução comunicativa permite o entendimento, proporciona o intercâmbio de ideias e nos faz refletir e argumentar com maior propriedade em defesa de nossos direitos e deveres como cidadãos.
Na linha 2, o pronome "nos" exerce a função de complemento da forma verbal "refletir".

Comentário: O pronome "nos" não é complemento do verbo "refletir". Tal pronome tem o valor de sujeito acusativo e ele é oblíquo átono por fazer parte do complemento do verbo "faz", mas também ocupa a função de sujeito do verbo "refletir". Isso acontece com os chamados verbos causativos "mandar" (Mandaram-nos sair) ou "fazer" (Fizeram-nos sair), além dos sensitivos "ouvir" (Ouviram-nos sair), "sentir" (Sentiram-nos sair"), etc.

Gabarito: **E**

Questão 3: TRE TO 2017 Nível médio (banca CESPE)

Fragmento do texto: Caso nada seja feito, a previsão é de que haja um aumento de 1º C em 2020 em relação à era pré-industrial. Parece pouco, mas é suficiente para gerar consequências para todas as populações do mundo, em especial as comunidades pobres e vulneráveis, causando impactos na segurança alimentar, hídrica e energética, aumento do nível do mar, tempestades, ondas de calor e intensificação de secas, chuvas e inundações.

No texto, funciona como um dos complementos da forma verbal "causando" (linha 4) o termo

A "ondas de calor" (linha 6).
B "secas" (linha 6).
C "secas, chuvas e inundações" (linha 6).
D "segurança alimentar, hídrica e energética" (linha 5).
E "nível do mar" (linha 5).

Comentário: O verbo "causando" é transitivo direto e o termo "***impactos*** *na segurança alimentar, hídrica e energética,* ***aumento*** *do nível do mar,* ***tempestades****,* ***ondas*** *de calor e* ***intensificação*** *de secas, chuvas e inundações*" é o objeto direto composto, cujos núcleos estão negritados acima.

Como "ondas" é o quarto núcleo do objeto direto, a alternativa (A) é a correta.

A alternativa (B) está errada, pois "secas" é apenas o primeiro núcleo do complemento nominal composto de "intensificação".

A alternativa (C) está errada, pois "de secas, chuvas e inundações" é apenas o complemento nominal composto em relação ao substantivo "intensificação".

A alternativa (D) está errada, pois "na segurança alimentar, hídrica e energética" é o complemento nominal do substantivo "impactos".

A alternativa (E) está errada, pois "do nível do mar" é o complemento nominal do substantivo "aumento".

Gabarito: **A**

Como vimos que o objeto direto é o complemento do verbo transitivo direto e o objeto indireto é o complemento do verbo transitivo indireto, veremos agora alguns verbos importantes quanto à necessidade ou não de preposição.

Regência de verbos importantes

Agradar: transitivo direto, com o sentido de "fazer agrado", "fazer carinho".

Ela agradou o filho.

Transitivo indireto, com a preposição **a**, com o sentido de "ser agradável".

O assunto não agradou ao homem.

Ajudar, satisfazer, presidir, preceder: transitivos diretos ou indiretos, com a preposição **a**.

Satisfiz as exigências. ou *Satisfiz às exigências.*

Amar, estimar, abençoar, louvar, parabenizar, detestar, odiar, adorar, visitar: transitivos diretos.

Estimo o colega. *Adoro meu filho.*

Aspirar: transitivo direto quando significa "sorver", "inspirar", "levar o ar aos pulmões": *Aspiramos o ar frio da manhã.*

Transitivo indireto, com a preposição **a**, quando significa "desejar", "almejar":

Ele aspira ao cargo.

Assistir: transitivo direto no sentido de "dar assistência", "amparar".

O médico assistiu o paciente.

Mas também é aceito como transitivo indireto, com a preposição **a**, neste mesmo sentido: *O médico assistiu ao paciente.*

Transitivo indireto, com a preposição **a**, com o sentido de "ver", "presenciar".

Meu filho assistiu ao jogo.

Transitivo indireto, com a preposição **a**, com o sentido de "caber", "competir".

Esse direito assiste ao réu.

Intransitivo, com a preposição **em**, com o sentido de "morar".

Seu tio assistia em um sítio. (o termo grifado é o adjunto adverbial de lugar)

Neste sentido, admite o advérbio "**onde**": *Este é o local onde assisto (onde moro).*

Avisar, informar, prevenir, certificar, cientificar: são normalmente transitivos diretos e indiretos, admitindo duas construções.

Avisei o gerente do problema.
Avisei-o do problema.
Avisei ao gerente o problema.
Avisei-lhe o problema.
Avisei o gerente de que havia um problema.
Avisei ao gerente que havia um problema.

Cuidado! Veja que tanto o objeto direto quanto o indireto podem ser expressos também por pronomes oblíquos átonos ou orações subordinadas substantivas.

Atender: transitivo direto, podendo ser também transitivo indireto no sentido de dar atenção a, receber alguém, seguir, acatar:

Não costuma atender os meus conselhos.
O ministro atendeu os funcionários que o aguardavam.
Não atendeu à observação que lhe fizeram.

Transitivo indireto no sentido de responder, prestar auxílio a:

Os bombeiros atenderam a muitos chamados.
O médico atendeu aos afogados na praia.

Atribuir: transitivo direto e indireto:

O professor atribuiu nota máxima aos alunos.

Caber: transitivo indireto, no sentido de ser compatível, pertencer:

Cabe a você esperar pelo melhor.

Note que o sujeito é oracional e o objeto indireto é a pessoa: "*a você*". Normalmente é encontrado nas provas na ordem invertida. Ordenando de maneira mais clara a oração, teremos:

Esperar pelo melhor cabe a você. (Isso cabe a você)

Pode ser também intransitivo, no sentido de ficar dentro ou ter cabimento:

O ônibus coube naquela garagem.
Neste momento, não cabem palavras duras.

Os termos sublinhados são adjuntos adverbiais de lugar e tempo, respectivamente.

Chegar: intransitivo, no sentido de movimento a um destino, exigindo a preposição "a". Com ideia de movimento de um lugar origem, usa-se a preposição "de". Deve-se evitar a preposição "em", muito usada na linguagem coloquial, mas não é admitida na norma culta.

Cheguei a Fortaleza. *Cheguei de Fortaleza.*

Esse verbo admite o advérbio "**aonde**" ou a locução "**para onde**", não admitindo apenas "onde".

Obs.: Os termos sublinhados são adjuntos adverbiais de lugar.

Transitivo indireto, quando transmite valor de limite:

Seu estudo chegou ao extremo do entendimento.

Convir: transitivo indireto, no sentido de ser útil, proveitoso:

Convém a todos lutar pela igualdade.

Note que o sujeito é oracional e o objeto indireto é a pessoa: "*a todos*". Normalmente é encontrado nas provas na ordem invertida. Ordenando de maneira mais clara a oração, teremos:

Lutar pela igualdade convém a todos. (Isso convém a todos)

Pode ser também intransitivo, no sentido de ser conveniente:

Não convém essa atitude. ("*essa atitude*" é o sujeito)

Chamar: transitivo direto com o sentido de "convocar".

Chamei-o aqui.

Transitivo direto ou indireto, indiferentemente, com o sentido de "qualificar", "apelidar"; nesse caso, terá um predicativo do objeto (direto ou indireto), introduzido ou não pela preposição **de**.

Chamei-o louco. *Chamei-o de louco.*
Chamei-lhe louco. *Chamei-lhe de louco.*

A palavra **louco**, nos dois primeiros exemplos, é predicativo do objeto direto; nos dois últimos, predicativo do objeto indireto.

Custar: intransitivo, quando indica preço, valor.

Os óculos custaram oitocentos reais.

Obs.: adjunto adverbial de preço ou valor: *oitocentos reais*.

Transitivo indireto, com a preposição **a**, significando "ser custoso", "ser difícil"; com esse sentido, normalmente estará seguido de um infinitivo:

Custou ao aluno entender a explicação do professor.

Obs: "*entender a explicação do professor"* é sujeito oracional e "ao aluno" é o objeto indireto. (Isso custou ao aluno)

Esquecer, lembrar, recordar: transitivos diretos, sem os pronomes oblíquos átonos (me, te, se, nos, vos):

Ele esqueceu o livro. *Lembrou a situação.* *Recordou o fato.*

Transitivos indiretos com pronomes oblíquos átonos, exigindo preposição **de**.

Ele se esqueceu do livro. *Lembrou-se da situação.* *Recordou-se do fato.*

No sentido figurado, há ainda a possibilidade de o sujeito do verbo "esquecer" não ser uma pessoa, mas uma coisa:

Esqueceram-me as palavras de elogio.

Essa mesma regência vale para "lembrar", isto é, há na língua o registro de frases como "Não me lembrou esperá-la", em que "lembrar" significa "vir à lembrança". O sujeito de "lembrou" é "esperá-la", ou seja, esse fato (o ato de esperá-la) não me veio à lembrança.

Os verbos **Lembrar** e **recordar** também podem ser transitivos diretos e indiretos: *Lembrei ao aluno o dia do teste.*

Implicar: transitivo direto quando significa "pressupor", "acarretar".

Seu estudo implicará aprovação.

Transitivo direto e indireto, com a preposição **em**, quando significa "envolver".

Implicaram o servidor no processo.

Transitivo indireto, com a preposição **com**, quando significa "demonstrar antipatia", "perturbar".

Sempre implicava com o vizinho.

Morar, residir, situar-se, estabelecer-se: pedem adjuntos adverbiais com a preposição **em**, e não **a**: *Morava na Rua Onofre da Silva.*

Cabe aqui observar que o vocábulo "**onde**" não pode receber preposição com este verbo. A estrutura "aonde moro" está errada gramaticalmente, o correto é: **onde** moro.

Namorar: transitivo direto: *Ela namorou aquele artista.*

Obedecer e desobedecer: transitivos indiretos, com a preposição **a**.
Obedeço ao comando. *Não desobedeçamos à lei.*

Pedir, implorar, suplicar: transitivos diretos e indiretos, com a preposição **a** (mais raramente, **para**): *Pediu ao dirigente uma solução.*
Só admitem a preposição **para** quando existe a palavra **licença** (ou sinônimos), clara ou oculta.
Ele pediu para sair. (ou seja: pediu licença para)

Perdoar e pagar: transitivos diretos, se o complemento é coisa.
Perdoei o equívoco. *Paguei o apartamento*

Transitivos indiretos, com a preposição **a**, se o complemento é pessoa.
Perdoei ao amigo. *Paguei ao empregado.*

Pode aparecer os dois complementos, sendo o verbo transitivo direto e indireto: *O Brasil pagou a dívida ao FMI.*
O FMI perdoará a dívida aos países pobres.

Note que, se no último exemplo retirássemos a preposição "a" e inseríssemos a preposição **de**, o verbo passa a ser apenas transitivo direto e o termo preposicionado passa a ser o adjunto adnominal que caracteriza o núcleo deste termo. Veja:

$$\underbrace{\text{O FMI perdoará}}_{VTD} + \underbrace{\text{a dívida dos países pobres}}_{OD}.$$

Preferir: transitivo direto: *Prefiro biscoitos.*
Transitivo direto e indireto, com a preposição **a**: *Prefiro vinho a leite.*

Cuidado, pois o verbo "preferir" não aceita palavras ou expressões de intensidade, nem **do que** ou **que**. Assim, está **errada** a construção como "Prefiro mais vinho do que leite".

Presidir: transitivo direto ou indireto:
O chefe presidiu a cerimônia. *O chefe presidiu à cerimônia.*

Proceder: intransitivo, com o sentido de "agir": *Ele procedeu bem.*
Intransitivo, com o sentido de "justificar-se": *Isso não procede.*
Intransitivo, com o sentido de "vir", "originar-se"; pede a preposição **de**.
A balsa procedia de Belém.

Neste sentido, admite o advérbio "**donde**" ou a locução "**de onde**":

*Venho **de onde** ficou minha infância. (=**donde**)*

Transitivo indireto, com a preposição **a**, com o sentido de "realizar", "dar andamento": *Ele procedeu ao inquérito.*

Querer: transitivo direto, significando "desejar, ter intenção de, ordenar, fazer o favor de": *Ele quer a verdade.*
Transitivo indireto, significando "gostar, ter afeição a alguém ou a alguma coisa". É normal o advérbio "bem" ficar subentendido ou explícito. Assim, é exigida a preposição **a**: *A mãe quer muito ao filho.* (...quer bem ao filho)

Referir-se: transitivo indireto, com a preposição a:

O palestrante referiu-se ao problema.

Transitivo direto, no sentido narrar, contar: *Ele referiu o ocorrido.*

Responder: transitivo direto, em relação à própria resposta dada.

Responderam que estavam bem.

Transitivo indireto, em relação à coisa ou pessoa que recebe a resposta.

Respondi ao telegrama.

Às vezes, aparece como transitivo direto e indireto:

Respondemos aos parentes que iríamos.

Simpatizar e antipatizar: transitivo indireto, regendo preposição **com** sem pronome oblíquo: *Simpatizo com Madalena*.
A construção "Simpatizo-me com Madalena" está errada", pois não pode haver pronome oblíquo átono.

Visar: transitivo direto quando significa "pôr o visto", "rubricar":

Ela visou as folhas.

Transitivo direto quando significa "mirar": *Visavam um ponto na parede.*
Transitivo indireto, com a preposição **a**, quando significa "pretender", "almejar": *Visava à felicidade de todos*.

Aqui não é aceito o pronome "lhe" como complemento, empregando-se, assim, as formas "a ele" e "a ela".

Algumas gramáticas aceitam a regência deste verbo na acepção de "pretender, almejar" como verbo transitivo direto, quando logo após houver um verbo no infinitivo. "O programa visa facilitar o acesso ao ensino gratuito."

Observações importantes:
a) Alguns verbos transitivos indiretos, mesmo pedindo a preposição **a**, não admitem o pronome **lhe** como objeto. Veja alguns importantes.

Assistiu ao filme.	Assistiu-lhe. (errado)	Assistiu a ele. (certo)
Aspiro à promoção.	Aspiro-lhe. (errado)	Aspiro a ela. (certo)
Visava ao concurso.	Visava-lhe. (errado)	Visava a ele. (certo)
Aludi ao preconceito.	Aludi-lhe. (errado)	Aludi a ele. (certo)
Anuiu ao pedido.	Anuiu-lhe. (errado)	Anuiu a ele. (certo)
Procedeu ao inquérito.	Procedeu-lhe. (errado)	Procedeu a ele. (certo)
Presidimos à reunião.	Presidimos-lhe. (errado)	Presidimos a ela. (certo)

b) Quando o complemento verbal é o mesmo para dois ou mais verbos, estes devem possuir a mesma regência verbal. Assim, construções como "*Fui e voltei de Salvador*" transmite erro gramatical. A regência do verbo "*Fui*" exige a preposição "*a*", e a do verbo "*voltei*" exige preposição "*de*". Portanto, deveremos corrigir para: *"Fui a Salvador e voltei de lá"*

Veja outros casos:

Construção viciosa	Construção gramaticalmente correta
Gostei e comprei o carro.	*Gostei do carro e o comprei.*
Conheci e não simpatizei com Carlos.	*Conheci Carlos e não simpatizei com ele.*

Questão 4: TCE PE 2017 Analista (banca CESPE)

Fragmento de texto: A efetiva transparência do administrador público não se resume à publicidade dos gastos.

A substituição do trecho "à publicidade dos gastos" (linha 2) por **na publicidade** manteria a correção gramatical do texto

Comentário: O verbo "resume", neste contexto, é transitivo direto e indireto, e o objeto indireto pode ser precedido da preposição "a" ou "em". Assim, podemos subtender duas construções:

A efetiva transparência do administrador público não se resume à publicidade dos gastos.
*A efetiva transparência do administrador público não se resume **na** publicidade dos gastos*.

Note que a questão não fez qualquer menção ao sentido, simplesmente ao fator gramatical. Assim, a afirmação está correta.

Gabarito: **C**

Questão 5: SEEDF 2017 Professor (banca CESPE)

Fragmento de texto: Já esqueci a língua em que comia,
em que pedia para ir lá fora,
em que levava e dava pontapé,
a língua, breve língua entrecortada
do namoro com a prima.

Considerando-se as regências do verbo **esquecer** prescritas para o português, estaria correta a seguinte reescrita para a oração "Já esqueci a língua": Já esqueci da língua.

Comentário: O verbo "esquecer", quando não tiver ligado a pronome átono, é transitivo direto, como ocorre no texto original: *Já esqueci a língua*. Só inseriremos a preposição "de" quando for pronominal: *Já **me** esqueci **da** língua*. Como a substituição não apresentou o pronome átono, a afirmação está errada.

Gabarito: **E**

Questão 6: TCE PE 2017 Analista (banca CESPE)

Fragmento de texto: As últimas décadas registraram o ressurgimento do campo do conhecimento denominado políticas públicas, assim como das instituições, das regras e dos modelos que regem sua decisão, elaboração, implementação e avaliação.

A introdução da preposição **por** imediatamente após "denominado" (linha 2) manteria o sentido e a correção gramatical do texto, além de imprimir-lhe mais clareza.

Comentário: O vocábulo "denominado" pode reger a preposição "de" (denominado de políticas públicas), mas não cabe a preposição "por", tendo em vista que isso implicaria mudança de sentido.

Note que o suposto termo "***por** políticas públicas*" passaria ao sentido de agente, seria o agente da passiva, isto é, as políticas públicas é que denominariam o conhecimento.

Assim, a afirmação está errada.

Gabarito: **E**

Questão 7: TCE PE 2017 Analista (banca CESPE)

Fragmento de texto: A política pública, embora seja formalmente um ramo da ciência política, a ela não se resume, podendo também ser objeto analítico de outras áreas do conhecimento, inclusive da econometria, já bastante influente em uma das subáreas da política pública, a da avaliação, que também vem recebendo influência de técnicas quantitativas.

Seriam mantidos o sentido original do texto e sua correção gramatical caso o trecho "a ela não se resume" (linha 2) fosse substituído por **não lhe resume**.

Comentário: Esta é uma questão de reescrita, mas tem o fundamento na regência verbal e no emprego do pronome átono.

No trecho original, "a ela" é o objeto indireto, "se" é pronome apassivador e o verbo "resume" é transitivo direto e indireto. Assim, entendemos que a política pública não é resumida a uma ciência política.

Porém, com a reescrita, o pronome "se" foi excluído e o verbo passa a transitivo direto, mudando o sentido, além de exigir o objeto direto com o pronome "**a**", e não "lhe".

Assim, a afirmação está errada.

Gabarito: **E**

Questão 8: PJC MT 2017 Delegado (banca CESPE)

Fragmento de texto: A injustiça, Senhores, desanima o trabalho, a honestidade, o bem; cresta em flor os espíritos dos moços, semeia no coração das gerações que vêm nascendo a semente da podridão, habitua os homens a não acreditar senão na estrela, na fortuna, no acaso, na loteria da sorte; promove a desonestidade, a venalidade, a relaxação; insufla a cortesania, a baixeza, **sob** todas as suas formas.

A correção gramatical do texto seria mantida caso o termo "sob" (linha 6) fosse substituído por **em**.

Comentário: O verbo "insuflar" é transitivo direto e "a cortesania, a baixeza" é o objeto direto composto. O termo "**sob** todas as suas formas" é o adjunto adverbial de modo.

A troca de "sob" por "em" mudaria sensivelmente o sentido, mas não implicaria incorreção gramatical.

Assim, como a questão apenas afirmou que a troca de "sob" por "em" manteria a correção gramatical, ela está certa.

Gabarito: **C**

Questão 9: CP RM 2016 Técnico em Geociências (banca CESPE)

Fragmento de texto: A conclusão, praticamente unânime, é de que políticas que visem à conservação do meio ambiente e à sustentabilidade de projetos econômicos devem ser metas para todos os governantes.

A substituição da forma verbal "visem" (linha 2) por **objetivam** mantém a correção gramatical do texto.

Comentário: O verbo "*visem*", no sentido de ter por objetivo, é transitivo indireto e rege a preposição "a". Esse foi o motivo, inclusive, de haver crase em "*à conservação do meio ambiente e à sustentabilidade de projetos econômicos*". Já o verbo "*objetivam*" é transitivo direto e não admite preposição "a". Assim, pela regência, sabemos que não cabe a substituição e a afirmação está errada, pois deveríamos excluir a preposição "a", o que não foi mencionado na questão. Compare:

A conclusão, praticamente unânime, é de que políticas que visem à conservação do meio ambiente e à sustentabilidade de projetos econômicos devem ser metas para todos os governantes.

A conclusão, praticamente unânime, é de que políticas que ***objetivam a*** *conservação do meio ambiente e* ***a*** *sustentabilidade de projetos econômicos devem ser metas para todos os governantes*.

Quero chamar sua atenção aqui quanto ao pedido da questão. Ele menciona a manutenção da correção gramatical. Nada foi falado sobre sentido original. Assim, a troca do verbo "visem", que se encontra no tempo presente do subjuntivo (denotando ideia de possibilidade, suposição), pelo verbo "objetivam", que se encontra no presente do indicativo (marcando certeza), muda o sentido, mas não transmite incorreção gramatical.

Com isso, reforço que "matamos" a questão pela regência, e não pelo tempo verbal.

Gabarito: **E**

Questão 10: TCE PA 2016 Superior (banca CESPE)

Fragmento de texto: O tenente Antônio de Souza era um desses moços que se gabam de não crer em nada, que zombam das coisas mais sérias e que riem dos santos e dos milagres. Costumava dizer que isso de almas do outro mundo era uma grande mentira, que só os tolos temem a lobisomem e feiticeiras. Jurava ser capaz de dormir uma noite inteira dentro do cemitério.

Sem prejuízo da correção gramatical e dos sentidos do texto, no trecho "só os tolos temem a lobisomem e feiticeiras" (linhas 4 e 5), a preposição "a" poderia ser suprimida.

Comentário: O verbo "temem" é transitivo direto e o termo "a lobisomem e feiticeiras" é apenas o objeto direto composto e preposicionado. Assim, a exclusão da preposição não acarretará qualquer problema gramatical, tampouco mudança de sentido.

Dessa forma, a afirmação está correta.

Gabarito: **C**

Questão 11: FUNPRESP 2016 Superior (banca CESPE)

Fragmento de texto: Brasília tinha apenas dois anos quando ganhou sua universidade federal. A Universidade de Brasília (UnB) foi fundada com a promessa de reinventar a educação superior, entrelaçar as diversas formas de saber e formar profissionais engajados na transformação do país.

A correção gramatical e o sentido original do texto seriam preservados se o trecho "promessa de reinventar a educação superior" (linha 3) fosse substituído por **promessa de reinvenção da educação superior**.

Comentário: Se houvesse apenas uma oração, tal substituição poderia ser feita sem qualquer problema. Porém, notamos no segundo período do texto uma enumeração de orações coordenadas entre si:

A Universidade de Brasília (UnB) foi fundada com a promessa de reinventar a educação superior, entrelaçar as diversas formas de saber e formar profissionais engajados na transformação do país.

Assim, para haver tal transformação, todas as demais orações deveriam sofrer as substituições. Veja:

A Universidade de Brasília (UnB) foi fundada com a promessa ***de reinvenção da educação superior****,* ***entrelaçamento das*** *diversas formas de saber e* ***formação dos*** *profissionais engajados na transformação do país*.

Gabarito: **E**

Questão 12: FUNPRESP 2016 Analista (banca CESPE)

Fragmento de texto: Quando se cansava, sentava-se a uma grande mesa ao fundo da sala e escrevia o resto da noite. Leu um tratado de psicologia e trocou-o em miúdo, isto é, reduziu-o a artigos, uns quarenta ou cinquenta, que projetou meter nas revistas e nos jornais e com o produto vestir-se, habitar uma casa diferente daquela e pagar ao barbeiro.

A substituição do pronome "o", em "reduziu-o a artigos" (linha 3), por **lhe** preservaria a correção gramatical do texto.

Comentário: O verbo "reduziu" é transitivo direto e indireto, o pronome "o" é o objeto direto e não pode ser substituído pelo pronome "lhe". Note que o termo "a artigos" é o objeto indireto.

Assim, a afirmação está errada.

Gabarito: **E**

Questão 13: TRE GO 2015 Técnico Judiciário (banca CESPE)

Fragmento de texto: Por fim, integravam a Corte três membros efetivos e quatro substitutos, escolhidos pelo chefe do governo provisório dentre quinze cidadãos, indicados pelo STF, desde que atendessem aos requisitos de notável saber jurídico e idoneidade moral. Dentre seus membros, elegia o Tribunal Superior, em escrutínio secreto, por meio de cédulas com o nome do juiz e a designação do cargo, um vice-presidente e um procurador para exercer as funções do Ministério Público, tendo este último a denominação de procurador-geral da justiça eleitoral.

Se a preposição **a** presente na contração "aos" (linha 3) fosse suprimida, a função sintática da expressão "requisitos de notável saber jurídico e idoneidade moral" (linhas 3 e 4) seria alterada, mas a correção gramatical do texto seria mantida.

Comentário: O que a questão está nos cobrando é o conhecimento de que o verbo "atender" pode ser transitivo direto ou transitivo indireto. No texto, tal verbo é transitivo indireto e rege a preposição "a" e o termo "aos *requisitos de notável saber jurídico e idoneidade moral*" é o objeto indireto.

Com a exclusão da preposição, tal verbo passa a transitivo direto e o termo "os *requisitos de notável saber jurídico e idoneidade moral*" é o objeto direto. Tal regência é perfeitamente cabível, por isso a afirmação da questão está correta.

Gabarito: **C**

Questão 14: TCE RN 2015 Auditor (banca CESPE)

Fragmento do texto: O poder político é dividido entre órgãos independentes e autônomos, aos quais são atribuídas funções típicas. Ao Poder Legislativo é conferida a função de elaborar a lei; ao Poder Executivo, a função de administrar a aplicação da lei; e, ao Poder Judiciário, a função de dirimir os conflitos legais surgidos entre pessoas ou entre estas e o Estado. Esquece-se, no entanto, que o Poder Legislativo possui outras funções típicas, das quais o poder financeiro e o controle político são exemplos.

A correção gramatical do texto seria prejudicada caso se substituísse "Esquece-se, (...), que" (linha 5) por **Esquece-se**, (...), **de que**.

Comentário: Vimos que o verbo "esquecer" é transitivo direto sem pronome átono (Esqueci o livro) e transitivo indireto com pronome átono (Esqueci-me do livro).

Mas note que, nessas estruturas, o sujeito oculto (**eu**) é determinado e agente.

Já, no trecho do texto, quem esquece? Quem é o agente dessa ação verbal? Não há! Isso não fica determinado no texto.

Assim, o pronome átono "se" se juntou ao verbo transitivo direto "Esquece". Assim, tal pronome é apassivador e a oração subordinada substantiva "*que o Poder Legislativo possui outras funções típicas*" é o sujeito paciente.

Sempre que temos a possibilidade de haver um pronome apassivador, temos que transpor a voz passiva sintética em analítica. Veja:

Ao Poder Legislativo é conferida a função de elaborar a lei; ao Poder Executivo, a função de administrar a aplicação da lei; e, ao Poder Judiciário, a função de dirimir os conflitos legais surgidos entre pessoas ou entre estas e o Estado. Esquece-se, no entanto, que o Poder Legislativo possui outras funções típicas, das quais o poder financeiro e o controle político são exemplos.

Ao Poder Legislativo é conferida a função de elaborar a lei; ao Poder Executivo, a função de administrar a aplicação da lei; e, ao Poder Judiciário, a função de dirimir os conflitos legais surgidos entre pessoas ou entre estas e o Estado. ***É esquecido****, no entanto, que o Poder Legislativo possui outras funções típicas, das quais o poder financeiro e o controle político são exemplos*.

Como sabemos que o sujeito não pode ser precedido de preposição, a inserção da preposição realmente prejudicaria a correção do texto.

Assim, a afirmativa está correta.

Gabarito: **C**

Questão 15: TCE RN 2015 Auditor (banca CESPE)

Fragmento do texto: Esse princípio vinculava a cobrança de tributos à existência de uma lei elaborada por representantes do povo.

O texto permaneceria gramaticalmente correto caso o trecho "vinculava a cobrança de tributos à existência de uma lei" fosse reescrito da seguinte forma: vinculava à cobrança de tributos a existência de uma lei.

Comentário: O verbo "vincular" é transitivo direto e indireto (vincular uma coisa a outra). No texto original, o termo "*a cobrança*" é o objeto direto e "*à existência de uma lei*" é objeto indireto.

Tal verbo permite a transição de complementos. Assim, a afirmação está correta. Veja as duas formas para comparação:

Esse princípio vinculava a cobrança de tributos à existência de uma lei elaborada por representantes do povo.

Esse princípio vinculava à cobrança de tributos a existência de uma lei elaborada por representantes do povo.

Gabarito: **C**

Questão 16: Telebras 2015 Especialista em Gestão (banca CESPE)

Fragmento do texto: A reestruturação do setor de telecomunicações no Brasil veio acompanhada da privatização do Sistema TELEBRAS — operado pela Telecomunicações Brasileiras S.A. (TELEBRAS) —, monopólio estatal verticalmente integrado e organizado em diversas subsidiárias, que prestava serviços por meio de uma rede de telecomunicações interligada, em todo o território nacional.

(...)

A privatização, ao contrário do que ocorreu em diversos países em desenvolvimento e mesmo em outros setores de infraestrutura do Brasil, foi precedida da montagem de detalhado modelo institucional, dentro do qual se destaca a criação de uma agência reguladora independente e autônoma, a Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL). Além disso, a reestruturação do setor de telecomunicações brasileiro foi precedida de reformas setoriais em vários outros países, o que trouxe a possibilidade de aprendizado com as experiências anteriores.

Sem prejuízo para a correção gramatical do texto, nas estruturas “da privatização” (linha 2), “da montagem” (linha 9) e “de reformas setoriais” (linha 13), os elementos sublinhados podem ser substituídos, respectivamente, pelas formas **pela**, **pela** e **por**.

Comentário: Devemos nos lembrar de que o agente da passiva pode ser precedido da preposição “por” (mais usual) ou “de” (menos usual). A questão quis chamar atenção quanto a isso, pois, no texto, esses três termos ocupam a função de agente da passiva e são iniciados pela preposição “de”, a qual pode ser trocada pela preposição “por”. Veja:

A reestruturação do setor de telecomunicações no Brasil veio acompanhada ***pela*** *privatização do Sistema TELEBRAS...*

A privatização (...) foi precedida ***pela*** *montagem de detalhado modelo institucional...*
... a reestruturação do setor de telecomunicações brasileiro foi precedida ***por*** *reformas setoriais em vários outros países...*

Assim, pode haver tal substituição sem prejuízo para a correção gramatical do texto.

Gabarito: **C**

Questão 17: TRE RS 2015 Analista Judiciário (banca CESPE)

Fragmento do texto: As incompatibilidades são, da mesma forma, impedimentos, embora de natureza diversa, que proíbem o parlamentar, desde a expedição do diploma ou desde a sua posse, de obter, direta ou indiretamente, vantagens do poder público, ou de se utilizar do mandato para obtê-las com maior facilidade.

Dada a regência do verbo proibir (linha 2), a substituição do termo “o parlamentar” (linha 2) por **ao parlamentar** não prejudicaria a correção gramatical do texto.

Comentário: A regência do verbo “*proibir*” é semelhante à do verbo “informar”. Tais verbos são transitivos diretos e indiretos. Veja:

Proibir alguém de alguma coisa.
Proibir alguma coisa a alguém.

No texto, o verbo “proibir” tem regência conforme a primeira frase acima (*Proibir alguém de alguma coisa)* e a questão queria mudar para a segunda estrutura (*Proibir alguma coisa a alguém*). Porém, não pode haver a mudança apenas com um dos termos. Veja que, com a mudança, apenas o objeto direto “o parlamentar” transformou-se em objeto indireto “ao parlamentar”, mas não houve mudança da oração subordinada substantiva objetiva indireta “de obter...” para objetiva direta “obter...”. Isso causou erro gramatical.

Gabarito: **E**

Questão 18: TRE-MS 2013 Técnico Judiciário (banca CESPE)

Fragmento de texto: No Brasil, só é considerado eleitor quem preencher os requisitos da nacionalidade, idade e capacidade, além do requisito formal do alistamento eleitoral.

A correção gramatical do texto seria mantida, apesar de haver alteração de seu sentido, caso o trecho "do alistamento eleitoral" (linha 3) fosse substituído por **para o alistamento eleitoral**.

Comentário: A afirmativa está correta, porque realmente a exclusão da preposição "de" e inclusão da preposição "para" força a mudança de sentido. O primeiro transmite a ideia de caracterização do "requisito formal". Já com a preposição "para" o sentido passa a ser a finalidade do "requisito formal". Compare:

No Brasil, só é considerado eleitor quem preencher os requisitos da nacionalidade, idade e capacidade, além do requisito formal do alistamento eleitoral.

No Brasil, só é considerado eleitor quem preencher os requisitos da nacionalidade, idade e capacidade, além do requisito formal ***para o alistamento eleitoral***.

Gabarito: **C**

Questão 19: TRE-MS 2013 Técnico Judiciário (banca CESPE)

Fragmento de texto: Políticos, sociais ou jurisdicionais, todos eles destinam-se à mesma finalidade: submeter o administrador ao controle e à aprovação do administrado.

Sem prejuízo para a correção gramatical ou para o sentido original do texto, o trecho "submeter o administrador ao controle e à aprovação do administrado" poderia ser reescrito da seguinte forma: **submeter ao administrador o controle e a aprovação do administrado**.

Comentário: A primeira parte da afirmação está correta, pois o verbo "submeter" é transitivo direto e indireto, o objeto direto é o termo "o administrador" e o termo composto "*ao controle e à aprovação do administrado*" é o objeto indireto. Com a substituição, o verbo continua sendo transitivo direto e indireto e os objetos direto e indireto apenas foram trocados. Assim, há correção gramatical.

Políticos, sociais ou jurisdicionais, todos eles destinam-se à mesma finalidade: submeter o administrador ao controle e à aprovação do administrado.
VTDI + objeto direto + objeto indireto composto

Políticos, sociais ou jurisdicionais, todos eles destinam-se à mesma finalidade: submeter ao administrador o controle e a aprovação do administrado.
VTDI + objeto indireto + objeto direto composto

O erro na questão foi apenas afirmar que o sentido não mudaria. Na realidade, o sentido muda, pois no primeiro trecho entendemos que o administrador é submetido ao controle e à aprovação do administrado.

Com a substituição, agora é o controle e a aprovação do administrado que são submetidos ao administrador. Percebeu a diferença?! Fácil, não é mesmo?!

Gabarito: **E**

Questão 20: TRE-MS 2013 Técnico Judiciário (banca CESPE)

Fragmento de texto: O sufrágio universal, por exemplo, é um mecanismo de controle de índole eminentemente política — no Brasil, está previsto no art. 14 da Constituição Federal de 1988, que assegura ainda o voto direto e secreto e de igual valor para todos —, que garante o direito do cidadão de escolher seus representantes e de ser escolhido pelos seus pares.

Prejudicaria a correção gramatical do texto, assim como sua coerência, a substituição do trecho "que garante o direito do cidadão" (linha 4) por **que garante ao cidadão o direito**.

Comentário: O verbo "garante" é transitivo direto e o termo "o direito do cidadão" é o objeto direto. Note que há o núcleo "direito" e o adjunto adnominal "do cidadão".

A questão afirmou que a substituição dessa construção por "*que garante ao cidadão o direito*" **prejudicaria** a correção gramatical do texto e a coerência. Vamos verificar?

Com a substituição, o verbo "garante" é transitivo direto e indireto, o termo "o direito" é o objeto direto e "ao cidadão" é o objeto indireto. Assim, a correção gramatical **não foi prejudicada** e **permanece a coerência**. Apenas houve mudança de sentido e isso não foi mencionado na questão. Finalizando, a afirmativa está errada.

Gabarito: **E**

Complemento nominal:

Vimos na aula de sintaxe da oração que determinados substantivos, adjetivos e advérbios se fazem acompanhar de complementos, os quais são chamados de complementos nominais e são introduzidos por preposição.

Note abaixo que o substantivo "*leitura*" dá nome à ação de "*ler*". Como é natural o verbo ser transitivo, esse substantivo também fica transitivo.

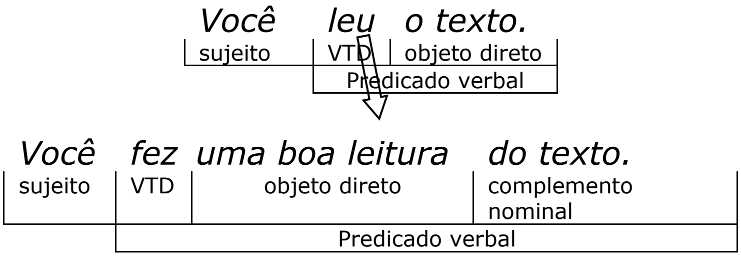

Compare: *Júlia aproveitou o momento*. (objeto direto)

Júlia tirou proveito do momento. (complemento nominal)

A banca CESPE normalmente não pergunta, por exemplo, se "*do momento*" é complemento nominal; ela pergunta se a preposição "*de*" é exigida pelo verbo "*tirou*" ou pelo substantivo "*proveito*". A preposição "*de*", em contração com o artigo "*o*", é exigida pelo substantivo "*proveito*", por isso a expressão "*do momento*" completa o sentido desse substantivo.

Vimos então que, quando um nome exige complemento, chamamos de **Regência Nominal**, passaremos aos nomes de maior ocorrência.

Substantivos, adjetivos e advérbios podem, por regência nominal, exigir complementação para seu sentido precedida de preposição.

acostumado a, com	curioso de
afável com, para	desgostoso com, de
afeiçoado a, por	desprezo a, de, por
aflito com, por	devoção a, por, para, com
alheio a, de	devoto a, de
ambicioso de	dúvida em, sobre, acerca de
amizade a, por, com	empenho de, em, por
amor a, por	falta a, com, para
ansioso de, para, por	imbuído de, em
apaixonado de, por	imune a, de
apto a, para	inclinação a, para, por
atencioso com, para	incompatível com
aversão a, por	junto a, de
ávido de, por	preferível a
conforme a	propenso a, para
constante de, em	próximo a, de
constituído com, de, por	respeito a, com, de, por, para
contemporâneo a, de	situado a, em, entre
contente com, de, em, por	último a, de, em
cruel com, para	único a, em, entre, sobre

Questão 21: MP ENAP 2015 Superior (banca CESPE)

Fragmento do texto: Já a partir da década de 70 do século passado, o conceito de planejamento não era mais tão visto como um instrumento técnico e, sim, como um instrumento político capaz de moldar e de articular os diversos interesses envolvidos no processo de intervenção de políticas públicas.

A locução "capaz de" (linha 3) poderia, sem prejuízo do sentido original do texto, ser substituída por **para**.

Comentário: Veja que a questão não pediu a troca com preservação da correção gramatical, mas com preservação do sentido original. Assim, tal troca poderia ser feita. Ela estaria gramaticalmente correta, porém o sentido muda, pois a expressão "capaz de" transmite o sentido de capacidade, possibilidade. Já "para" transmite a ideia de finalidade. Confirme:

Já a partir da década de 70 do século passado, o conceito de planejamento não era mais tão visto como um instrumento técnico e, sim, como um instrumento político capaz de moldar e de articular os diversos interesses envolvidos no processo de intervenção de políticas públicas.

Já a partir da década de 70 do século passado, o conceito de planejamento não era mais tão visto como um instrumento técnico e, sim, como um instrumento político ***para*** *moldar e de articular os diversos interesses envolvidos no processo de intervenção de políticas públicas*.

Como há mudança de sentido, a afirmação da questão está errada.

Gabarito: **E**

d

Questão 22: TRE-MS 2013 Técnico Judiciário (banca CESPE)

Fragmento de texto: O sufrágio universal, por exemplo, é um mecanismo de controle de índole eminentemente política — no Brasil, está previsto no art. 14 da Constituição Federal de 1988, que assegura ainda o voto direto e secreto e de igual valor para todos —, que garante o direito do cidadão de escolher seus representantes e de ser escolhido pelos seus pares.

Na linha 2, a expressão "de índole" exerce a função de complemento de "controle" e, por isso, o emprego da preposição "de" é exigido pela presença desse substantivo na oração.

Comentário: A questão está errada e tentou induzir o candidato a entender o termo "de índole eminentemente política" como complemento nominal do substantivo "controle". Se isso fosse correto, entenderíamos que haveria um mecanismo que controla a índole eminentemente política.

Porém, essa não é a informação do texto. Na realidade, o termo "de índole eminentemente política" é apenas o adjunto adnominal e caracteriza a expressão "*mecanismo de controle*". Assim, entendemos do texto que o sufrágio universal é um mecanismo de controle, o qual possui índole eminentemente política.

Gabarito: **E**

Questão 23: Assembleia Legislativa-ES – 2011 – Taquígrafo (banca CESPE)

Com relação à frase "Notas taquigráficas possibilitam ao cidadão acesso rápido ao trabalho do Senado Federal", a expressão "do Senado Federal" é complemento do núcleo nominal "trabalho".

Comentário: O verbo "*possibilitam*" é transitivo direto e indireto (possibilitar alguma coisa a alguém), o sujeito é o termo "*Notas taquigráficas*", o objeto direto é "*acesso rápido*", o objeto indireto é "*ao cidadão*" e o complemento nominal é "*ao trabalho do Senado Federal*".

Como sabemos que o complemento nominal tem valor paciente em relação ao substantivo abstrato, e o adjunto adnominal tem valor agente, o termo "*do Senado Federal*" é adjunto adnominal do núcleo do objeto indireto "*trabalho*", porque podemos entender que o Senado Federal trabalha (agente).

Notas taquigráficas possibilitam ao cidadão acesso rápido ao trabalho do Senado Federal.
núcleo Adj Adn + VTDI + Adj Adn núcleo+ núcleo Adj Adn + Adj Adn núcleo Adj Adn
sujeito objeto indireto objeto direto complemento nominal

Por isso, a afirmativa está errada.

Gabarito: E

Questão 24: Detran - ES / 2011 / nível médio (banca CESPE)

Fragmento de texto: O agravamento da crise urbana nos países em desenvolvimento e as mudanças políticas, sociais e econômicas, que, no momento, se processam em escala mundial, requerem novo esforço governamental para a organização das cidades e dos seus sistemas de transporte. 7

A presença da preposição **de** antes das expressões "cidades" e "seus sistemas" indica que esses termos complementam a ideia de "organização".

Comentário: Note que o substantivo "*organização*" rege preposição "*de*", a qual inicia os dois núcleos do complemento nominal composto (*das cidades e dos seus sistemas*). Como se sabe que o complemento nominal é termo que completa o sentido do nome, a afirmativa está correta.

Gabarito: **C**

Questão 25: Detran - ES / 2011 / nível médio (banca CESPE)

Fragmento de texto: O carro, no entanto, não é o único vilão. A solução para o problema da mobilidade passa pela criação de alternativas ao uso do transporte individual.

"Como as opções alternativas ao transporte individual são pouco eficientes, pela falta de conforto, segurança ou rapidez, as pessoas continuam optando pelos automóveis, motocicletas ou mesmo táxis, ainda que permaneçam presas no trânsito", afirma S. G.

O emprego da preposição **a**, em "ao uso" (linha 2) e "ao transporte" (linha 4), é obrigatório, visto que esses termos, como complementos do substantivo "alternativas" (linhas 2 e 4), devem ser introduzidos por essa preposição.

Comentário: O substantivo "*alternativas*" exigiu, neste contexto, a preposição "*a*", como ocorreu em "*alternativas ao uso*" e "*alternativas ao transporte*". Portanto, nesta estrutura, realmente a preposição "*a*" é obrigatória.

O que pode ter deixado o candidato com dúvida seria a palavra "substantivo"; pois na segunda ocorrência "*alternativas*" tem valor adjetivo, o qual determina o substantivo "*opções*". Mas perceba: esse vocábulo é um substantivo e, neste caso, estava apenas com valor adjetivo; por isso a afirmativa está correta.

Gabarito: **C**

Questão 26: PC - ES / 2011 / nível médio (banca CESPE)

Fragmento de texto: Recentemente, a Coreia do Norte, mais uma vez, atacou seus irmãos do Sul. Mesmo 65 anos depois do fim da Segunda Guerra Mundial e do rateio do mundo entre comunistas e capitalistas, os coreanos seguem presos aos dogmas de seus governos. O bombardeio ordenado por Pyongyang atingiu uma ilha do país vizinho, matou duas pessoas e feriu pelo menos dezoito. A justificativa do Norte foram manobras supostamente feitas pelos sulistas em águas sob sua jurisdição.

A presença da preposição a em “aos dogmas” (linha 4) decorre da regência da forma verbal “seguem” (linha 4), que exige complemento regido por essa preposição.

Comentário: O verbo “*seguem*” é intransitivo e é seguido do predicativo “*presos*”, o que configura um caso de predicado verbo-nominal. Assim, não é o verbo que exige o complemento e *aos dogmas*”, mas sim o predicativo “*presos*”. Esse é um caso de regência nominal, e não verbal.

Gabarito: **E**

Orações subordinadas substantivas

Vimos as orações subordinadas substantivas na aula 2. Agora basta recordarmos essas orações com função sintática de objeto direto, objeto indireto e complemento nominal, haja vista a regência.

A oração subordinada substantiva objetiva direta não recebe preposição, pois o verbo da oração principal é transitivo direto. Essa oração parte de um objeto direto. Veja que a primeira frase possui apenas um verbo, então há um período simples. Com a inserção de um verbo no objeto direto, passou-se a uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

Peço sua atenção.
VTD + OD

Peço que você se atente a mim.
Or Pcp + oração sub substantiva objetiva direta.

Da mesma forma ocorre com a oração subordinada substantiva objetiva indireta. O verbo da oração principal é transitivo indireto, por isso exigiu objeto indireto.

Lembre-se de sua participação no evento.
VTD + OI

Lembre-se de que você participará do evento.
Or Pcp + oração sub substantiva objetiva indireta.

Falta apenas relembrarmos a oração subordinada substantiva completiva nominal, a qual é exigida por um nome da oração principal.

Tenho certeza de sua aprovação.
VTD + OD + CN

Tenho certeza de que você será aprovado.
Or Pcp + oração sub substantiva completiva nominal.

Agora vamos ver como isso foi cobrado em prova!

Questão 27: TRE BA 2017 Analista (banca CESPE)
Fragmento do texto: É possível deixar o voto em branco; para isso, basta apertar a tecla branca.
A oração "apertar a tecla branca" (linha 2) exerce, no período em que ocorre, a função de complemento da forma verbal "basta".
Comentário: O complemento verbal é o objeto direto ou indireto, e nunca o sujeito. Como o verbo "basta" é intransitivo e a oração "apertar a tecla branca" é subordinada substantiva subjetiva, a afirmação está errada.
Gabarito: **E**

Questão 28: MPU 2010 Médio (banca CESPE)
Fragmento do texto: A chaga encontra terreno fértil nas sociedades subdesenvolvidas, mas também viceja onde o capitalismo, em seu ambiente mais selvagem, obriga crianças e adolescentes a participarem do processo de produção.
O emprego de preposição em "a participarem" é exigido pela regência da forma verbal "obriga".
Comentário: O verbo "obriga" é transitivo direto e indireto, seu objeto direto é "crianças e adolescentes" e a oração "a participarem do processo de produção" é subordinada substantiva objetiva indireta. Assim, a preposição "a" foi exigida pelo verbo "obriga".
Gabarito: **C**

Regência com pronomes relativos

Como visto na aula de orações adjetivas, o pronome relativo é uma palavra que inicia as orações subordinadas adjetivas e pode estar antecedido de preposição. Isso depende do verbo da oração adjetiva e da função sintática do pronome relativo. Por isso é importante visualizarmos quais são os pronomes relativos mais empregados.

que: retoma coisa ou pessoa
o/a qual: retoma coisa ou pessoa
quem: retoma pessoa
cujo: relação de posse
onde: retoma lugar
quando: retoma tempo

Os pronomes relativos e suas funções sintáticas.

Sujeito:

*O homem, **que** é um ser racional, aprende com seus erros.*
oração subordinada adjetiva
oração principal

Sempre se deve partir do verbo para entender a função sintática dos termos. Assim, há o verbo de ligação "é", o predicativo "um ser racional"; logo, falta o sujeito, que é o pronome relativo "que". Onde se lê "que", entende-se "homem", então se pode ter a seguinte estrutura:

***O homem** é um ser social.*

Como se pode substituir "que" por "o qual" e suas variações, dependendo da palavra que foi retomada, teremos:

*O homem, **o qual** é um ser racional, aprende com seus erros.*

Abaixo serão listadas outras funções do pronome relativo e suas possibilidades de substituição:

Objeto direto: Esta é a casa **que** amamos. **a qual** amamos. OD VTD	Objeto indireto: Esta é a casa **de que** gostamos. (de + a qual) **da qual** gostamos. OI VTI

Objeto indireto: Esta é a casa **a que** nos referimos. (a + a qual) **à qual** nos referimos. OI VTI	Complemento nominal: Esta é a casa **a que** fizemos referência. (a + a qual) **à qual** fizemos referência. CN VTD + OD

Na função de adjunto adverbial, o pronome relativo "que" deve ser preposicionado tendo em vista transmitir os seus valores circunstanciais, normalmente os de tempo e lugar. Quando transmite valor de lugar, pode também ser substituído pelo pronome relativo "onde".

A preposição "em" é de rigor quando o verbo intransitivo transmite processo estático (*Estar **em** algum lugar, nascer **em** algum lugar*). Porém, se transmitir lugar de destino, regerá preposição "a" (*vai **a** algum lugar, vai **para** algum lugar*); se transmitir lugar de origem, regerá a preposição "de" (*vir **de** algum lugar*). Pode ainda, na ideia de desenvolvimento do deslocamento, ser regido pela preposição "por" (*passar **por** algum lugar*).

Veja:

Adjunto adverbial de lugar (estático: com preposição "em"):
Esta é a casa **onde** moramos.
em que moramos.
(em + a qual)
na qual moramos.
Adj Adv. lugar VI

Adjunto adverbial de lugar (destino: com preposição "a"):
Esta é a casa **aonde** chegamos.
a que chegamos.
(a + a qual)
à qual chegamos.
Adj Adv. lugar VI

Adjunto adverbial de lugar (destino: com preposição "para"):

Esta é a casa **para onde** vamos.

(para + a qual)
para a qual vamos.
Adj Adv. lugar VI

Observação: Não se usa pronome relativo "que" antecedido de preposição com duas ou mais sílabas. Deve-se transformá-lo em "o qual" e suas variações.

Assim, temos "mediante o qual", "perante o qual", "segundo o qual", "conforme o qual", "sobre o qual", "para o qual" etc.

Adjunto adverbial de lugar (origem: com preposição "de"):
Esta é a casa **de onde** viemos. (ou **donde**)
de que viemos
(de + a qual)
da qual viemos.
Adj Adv. lugar VI

Observação: Soa mais agradável a construção "da qual", mas "de que" também está correta.

Adjunto adverbial de lugar (desenvolvimento do trajeto: com preposição "por"):

Esta é a casa **por onde** passamos.
por que passamos
(por + a qual)
pela qual passamos.
Adj Adv. lugar VI

Perceba que o pronome relativo "onde" deve ser usado unicamente como adjunto adverbial de lugar. Evite construções viciosas como:

Vivemos uma época ***onde*** *o consumismo fala mais alto*. (errado)

Neste caso, o pronome relativo está retomando o substantivo "época", com valor de tempo. Assim, é conveniente ser substituído por "quando", "em que" ou "na qual".

Vivemos uma época ***quando*** *o consumismo fala mais alto*.
Vivemos uma época ***em que*** *o consumismo fala mais alto*.
Vivemos uma época ***na qual*** *o consumismo fala mais alto*.

O pronome relativo **cujo** transmite valor de posse e tem característica bem peculiar. Entendamos o seu uso culto da seguinte forma:

1. Posiciona-se entre substantivos, fazendo subentender a preposição "de" (valor de posse).

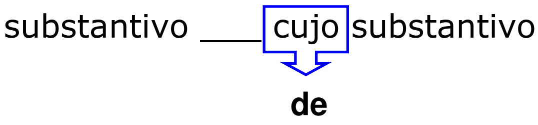
substantivo
cujo
substantivo
de

2. Ao se ler "cujo", entende-se "de" + substantivo anterior.

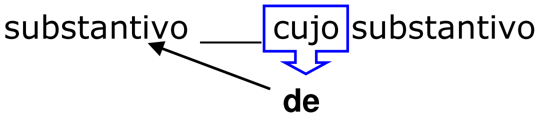
substantivo
cujo
substantivo
de

3. O pronome "cujo" + o substantivo posterior formam um termo da oração. Se forem objeto indireto, complemento nominal ou adjunto adverbial, serão preposicionados.

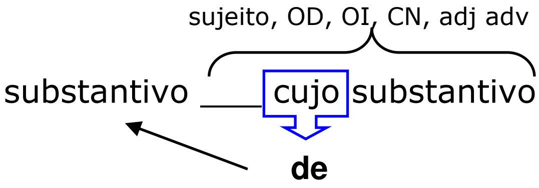
sujeito, OD, OI, CN, adj adv
substantivo
cujo
substantivo
de

4. O substantivo posterior é o núcleo do termo, e o pronome relativo "cujo" é o adjunto adnominal, por isso se flexiona de acordo com o núcleo.

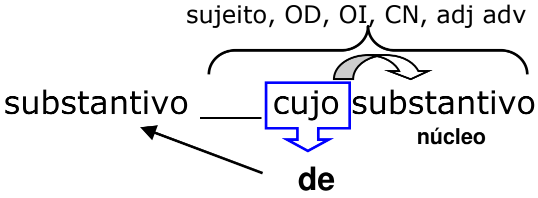
sujeito, OD, OI, CN, adj adv
substantivo
cujo
substantivo
núcleo
de

Veja a aplicação disso:

sujeito

O filme **cujo** artista foi premiado não fez sucesso.

de

O artista **do filme** foi premiado.

sujeito

objeto direto

O filme **cuja** sinopse li não fez sucesso.

de

Li a sinopse **do filme.**

objeto direto

objeto indireto

O filme de **cuja** sinopse não gostei não fez sucesso.

de

Não gostei da sinopse **do filme.**

objeto indireto

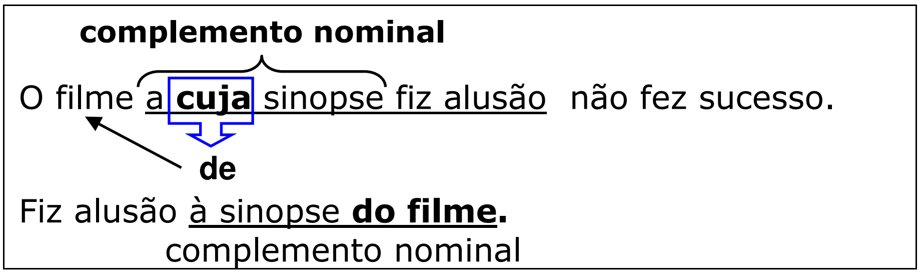

complemento nominal

O filme a **cuja** sinopse fiz alusão não fez sucesso.

de

Fiz alusão à sinopse **do filme.**

complemento nominal

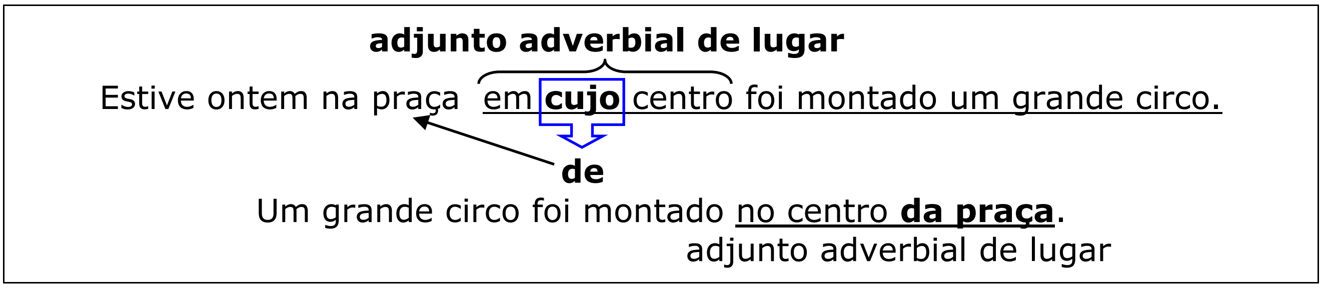

adjunto adverbial de lugar

Estive ontem na praça em **cujo** centro foi montado um grande circo.

de

Um grande circo foi montado no centro **da praça**.

adjunto adverbial de lugar

Importante: não se pode inserir artigo ou pronome após o pronome relativo "cujo" e suas variações. É vício de linguagem construções do tipo:

"A casa cujo **o** teto caiu foi reformada." (errado)
"A casa cujo teto caiu foi reformada." (certo)
"*A empresa cujos* ***aqueles*** *funcionários reuniram-se ontem deflagrará a greve*." (errado)
"*A empresa cujos funcionários reuniram-se ontem deflagrará a greve*." (certo)

Antes de passarmos para as questões de prova, é importante observarmos a diferença entre a regência da oração subordinada substantiva e oração subordinada adjetiva. Quando há preposição antecedendo oração adjetiva, é um verbo ou um nome posterior que a exige. Quando há preposição antes da oração substantiva, é o verbo ou nome anterior que a exige.

Confirme isso neste exercício e na aula 2: sintaxe do período. Sublinhe a oração subordinada e diga se é substantiva ou adjetiva.

a) Importante é aquilo de que não se pode fugir.
b) É importante que você busque seus objetivos.
c) Urge que o Brasil distribua melhor a renda.
d) Convém que ele venha.
e) A mim convém aquilo de que gostas.
f) Consideraram que o trabalho foi ruim.
g) Consideraram o trabalho que teve maior nota.
h) Eles necessitaram de que nós os ajudássemos.
i) Eles necessitaram da ajuda à qual nos referimos.
j) Eles tiveram necessidade de que os ajudassem.
k) Eles tiveram necessidades as quais nunca tivemos.
l) A verdade é que precisamos muito de estudo.
m) Verdade é aquilo de que o Brasil sempre necessitou na política.

Agora veja as respostas.

a) Importante é aquilo de que não se pode fugir.
(oração subordinada adjetiva – "de que" é objeto indireto)

b) É importante que você busque seus objetivos.
(oração subordinada substantiva subjetiva)

c) Urge que o Brasil distribua melhor a renda.
(oração subordinada substantiva subjetiva)

d) Convém que ele venha.
(oração subordinada substantiva subjetiva)

e) A mim convém aquilo de que gostas.
(oração subordinada adjetiva – "de que" é objeto indireto)

f) Consideraram que o trabalho foi ruim.
(oração subordinada substantiva objetiva direta)

g) Consideraram o trabalho que teve maior nota.
(oração subordinada adjetiva – "que" é sujeito)

h) Eles necessitaram de que nós os ajudássemos.
(oração subordinada substantiva objetiva indireta)

i) Eles necessitaram da ajuda à qual nos referimos.
(oração subordinada adjetiva – "à qual" é objeto indireto)

j) Eles tiveram necessidade de que os ajudassem.
(oração subordinada substantiva completiva nominal)

k) Eles tiveram necessidades as quais nunca tivemos.
(oração subordinada adjetiva – "as quais" é objeto direto)

l) A verdade é que precisamos muito de estudo.
(oração subordinada substantiva predicativa)

m) Verdade é aquilo de que o Brasil sempre necessitou na política.
(oração subordinada adjetiva – "de que" é objeto indireto)

Agora, vamos à regência nas orações adjetivas. Verifique se as frases estão corretas.

a) As pessoas a quais sempre obedeci são extremamente falsas. e
b) A mala cujo a chave perdi está no guarda-volumes. e
c) O caso o qual estamos estudando ocorreu em São Paulo. c
d) A empresa cujos os funcionários conversei ontem deflagrarão a greve. e
e) Os funcionários da empresa de quem se falou ontem deflagrarão a greve. e
f) Os funcionários da empresa com o qual conversei ontem deflagrarão a greve. e
g) Vivemos uma época muito difícil, onde a violência impera. e
h) A cidade onde nasci fica no Vale do Paraíba. c
i) A casa em que cheguei era magnífica. c
j) O jogo ao qual assisti foi disputadíssimo. c
k) A vendedora que discuti foi muito mal-educada. e
l) Os relatórios do caso que aspiro desapareceu da pasta. e
m) Renato encontrou as irmãs de quem confiamos. e

n) A pessoa a quem eles dedicaram a vitória também foram vencedores. e
o) A empresa perante cujo gerente testemunhei faliu. e
p) A causa pela qual luto é nobilíssima. c
q) O poeta sobre cujos livros conversamos ontem está em Londrina. e
r) Os livros a cujas páginas me referi esclarecem complexos tópicos. c
s) O bairro por onde caminhei não proporciona segurança. c
t) O bairro aonde moro não proporciona segurança. e

Agora, veja as frases já corrigidas.

a) As pessoas **às quais** sempre obedeci são extremamente falsas.
b) A mala **cuja** chave perdi está no guarda-volumes.
c) O caso o qual estamos estudando ocorreu em São Paulo.
d) A empresa **com cujos** funcionários conversei ontem **deflagrará** a greve.
e) Os funcionários da empresa de quem se falou ontem deflagrarão a greve.
f) Os funcionários da empresa com **os quais** conversei ontem deflagrarão a greve.
g) Vivemos uma época muito difícil, **em que** a violência impera.
h) A cidade onde nasci fica no Vale do Paraíba.
i) A casa **a que** cheguei era magnífica.
j) O jogo ao qual assisti foi disputadíssimo.
k) A vendedora **com quem** discuti foi muito mal-educada.
l) Os relatórios do caso **a que** aspiro **desapareceram** da pasta.
m) Renato encontrou as irmãs **em quem** confiamos.
n) A pessoa a quem eles dedicaram a vitória também **foi vencedora**.
o) A empresa perante cujo gerente testemunhei faliu.
p) A causa pela qual luto é nobilíssima.
q) O poeta sobre cujos livros conversamos ontem está em Londrina.
r) Os livros a cujas páginas me referi esclarecem complexos tópicos.
s) O bairro por onde caminhei não proporciona segurança.
t) O bairro **onde** moro não proporciona segurança.

Agora, vamos às questões!!!!

Questão 29: TRF 1ª R 2017 Analista Judiciário Taquígrafo (banca CESPE)

Fragmento do texto: Isoladas de contexto ou situação, as palavras quase nada significam de maneira precisa, inequívoca (Ogden e Richards são radicais: "as palavras nada significam por si mesmas"): "...o que determina o valor da palavra é o contexto, o qual, a despeito da variedade de sentidos de que a palavra seja suscetível, lhe impõe um valor 'singular'; é o contexto também que a liberta de todas as representações passadas, nela acumuladas pela memória, e que lhe atribui um valor 'atual'".

Na oração "que lhe atribui um valor 'atual'" (linha 7), o elemento "que" exerce a função de complemento direto da forma verbal "atribui".

Comentário: Percebemos do texto que o contexto atribui um valor atual à palavra. Assim, entendemos que o verbo "atribui" tem como complemento direto o termo "um valor atual", e não o vocábulo "que".

Assim, é errada a afirmação.

Gabarito: **E**

Questão 30: TRF 1ª R 2017 Analista Judiciário (banca CESPE)

Fragmento do texto: No direito brasileiro convencional, a relação entre a espécie humana e as demais espécies animais limita-se à tutela dos animais pelo poder público em função da sua utilidade enquanto fauna brasileira intrínseca ao meio ambiente equilibrado.

O emprego do sinal indicativo de crase em "à tutela dos animais" (linha 2) é facultativo.

Comentário: A expressão "limita-se" rege a preposição "a" e o substantivo "tutela" é precedido do artigo "a". Assim, o acento indicativo de crase é obrigatório e a afirmação está errada.

Gabarito: **E**

Questão 31: SEEDF 2017 Professor (banca CESPE)

Fragmento de texto: Não têm conta entre nós os pedagogos da prosperidade que, apegando-se a certas soluções onde, na melhor hipótese, se abrigam verdades parciais, transformam-nas em requisito obrigatório e único de todo progresso.

Seriam preservados a correção gramatical e o sentido do texto caso o vocábulo "onde" (linha 2) fosse substituído por **que**.

Comentário: O pronome relativo "onde" pode substituído por "em que", e não somente por "que". Assim, a afirmação está errada.

Gabarito: **E**

Questão 32: INSS 2016 Técnico (banca CESPE)

Fragmento de texto: Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

A correção gramatical e o sentido do texto seriam preservados, caso se substituísse o trecho "lembrei-me de que" (linha 1) por **lembrei que**.

Comentário: Vimos que o verbo "lembrar", com pronome átono, deve ser transitivo indireto e rege a preposição "de" (lembrei-me de algo). Já, quando esse verbo estiver sem pronome átono, é transitivo direto e não pode receber a preposição "de" (lembrei algo).

Assim, a afirmação está correta. Compare:

Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara...

Mas lembrei que, ao ir ali pela primeira vez, observara ...

Gabarito: **C**

Questão 33: INSS 2016 Técnico (banca CESPE)

Fragmento de texto: Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros.

Seria mantida a correção do texto caso o trecho "onde caberiam" (linha 3) fosse substituído por **que caberia**.

Comentário: O pronome relativo "onde" ocupa a função de adjunto adverbial de lugar. Tal pronome pode ser substituído por "em que", e não apenas por "que". Assim, a afirmação está errada.

Gabarito: **E**

Questão 34: TRE RS 2015 Técnico Judiciário (banca CESPE)

Fragmento do texto: Essas características se relacionam com outros fatores, tais como as fontes de preferência da informação política (as pessoas que leem mais material de campanha nos jornais também o fazem em revistas, rádio e televisão); os eventos (as pessoas que seguem determinados eventos de campanhas tendem a seguir outros, mesmo que sejam de candidatos aos quais se opõem); e a atenção (algumas pessoas prestam mais atenção à propaganda de uma campanha).

A substituição de "aos quais" (linhas 5 e 6) por **que** manteria a correção gramatical do texto e seu sentido original.

Comentário: O verbo "opõem" é transitivo direto e indireto, o pronome "se" é reflexivo na função de objeto direto, e o pronome relativo "aos quais" é o objeto indireto. Assim, a substituição de "aos quais" por "que" prejudicaria a correção gramatical. Veja as duas possibilidades:

...mesmo que sejam de candidatos ***aos quais*** *se opõem...*
...mesmo que sejam de candidatos ***a que*** *se opõem...*

Gabarito: **E**

Questão 35: MPU 2015 Analista (banca CESPE)

Fragmento do texto: Evidencia-se, portanto, que é justamente na fase do inquérito policial que serão coletadas as informações e as provas que irão formar o convencimento do titular da ação penal, isto é, a *opinio delicti*.

Haveria prejuízo à correção gramatical do texto, se o vocábulo "que" fosse substituído por **onde**.

Comentário: O pronome relativo "que" ocupa a função de sujeito, pois entendemos que as provas irão formar o convencimento. Note que o pronome relativo "onde" só pode retomar lugar, ocupando a função de adjunto adverbial de lugar. Assim, a substituição não pode ser realizada.

Como a questão afirmou haver prejuízo nesta substituição, a afirmativa está certa.

Gabarito: **C**

Questão 36: IRBR 2015 Diplomacia (banca CESPE)

Fragmento de texto: A primeira condição para conseguirmos conhecer melhor as pessoas diz respeito a tratarmos de evitar o erro usual de buscarmos avaliá-las tomando por base a nós mesmos.

(...)

A conclusão a que devemos chegar é que o realismo e a objetividade são bons mecanismos de exploração do meio externo e que a avaliação das pessoas também deve ser regida pela observação dos fatos e não por ideias.

A omissão da preposição “a” em “tomando por base a nós mesmos” (linha 3) e em “A conclusão a que devemos chegar” (linha 4) prejudicaria a correção gramatical desses dois trechos.

Comentário: Na aula de pronomes, veremos que a expressão “a nós mesmos” é reflexiva e tem base no pronome pessoal oblíquo tônico, o qual deve ser precedido de preposição, por isso não podemos excluí-la.

O verbo “chegar”, na oração subordinada adjetiva “a que devemos chegar”, é transitivo indireto e rege a preposição “a”, a qual não pode ser excluída.

Como a questão afirmou que a exclusão da preposição acarretaria erro gramatical, está correta.

Gabarito: **C**

Questão 37: FUB 2015 – Contador (banca CESPE)

Fragmento do texto: O fator mais importante para prever a performance de um grupo é a igualdade da participação na conversa. Grupos em que poucas pessoas dominam o diálogo têm desempenho pior do que aqueles em que há mais troca.

Na linha 2, a supressão do termo “em” manteria a correção gramatical e o sentido original do período.

Comentário: A supressão da preposição “em” não pode ocorrer, haja vista que o pronome relativo “que” encontra-se na função de adjunto adverbial, como ocorre também com a expressão “em que” da linha 3. Ambos estão paralelos na comparação dos dois grupos. Assim, tal pronome relativo deve estar precedido da preposição “em”. Veja:

Grupos ***em que*** *poucas pessoas dominam o diálogo têm desempenho pior do que aqueles* ***em que*** *há mais troca.*

Gabarito: **E**

Questão 38: Telebras 2015 Técnico (banca CESPE)

Fragmento do texto: Segundo o presidente da TELEBRAS, um dos objetivos do desenvolvimento do satélite será a proteção às redes que transmitem informações sensíveis do governo federal.

O sinal indicativo de crase em “proteção às redes” (linha 2) justifica-se pela contração da preposição a, exigida pelo substantivo “proteção”, com o artigo definido feminino as, que determina o vocábulo “redes”.

Comentário: Realmente a preposição “a” foi uma exigência do substantivo “proteção” e “redes” está precedido do artigo “as”. Assim, deve haver o acento indicativo de crase.

Gabarito: **C**

Questão 39: Câmara dos Deputados 2014 Técnico Legislativo (banca CESPE)

Fragmento do texto: A atividade policial pode ser verificada em quase todas as organizações políticas que conhecemos, desde as cidades-estado gregas até os Estados atuais. Entretanto, o seu sentido e a forma como é realizada têm variado ao longo do tempo. A ideia de polícia que temos hoje é produto de fatores estruturais e organizacionais que moldaram seu processo histórico de transformação.

O pronome relativo "que" exerce, nas duas primeiras ocorrências, a função de complemento verbal e, na terceira, a de sujeito da oração em que se insere.

Comentário: Lembrando-se de que complemento verbal são os objetos direto e indireto, entendemos que, na oração "*que conhecemos*", o verbo "*conhecemos*" é transitivo direto, o sujeito é oculto, pois se subentende "nós", e o pronome relativo "que" é o objeto direto (nós conhecemos as organizações políticas).

Na oração "*que temos*", o verbo "*temos*" é transitivo direto, o sujeito é oculto, pois se subentende "nós", e o pronome relativo "que" é o objeto direto (nós temos ideia de polícia).

Na oração "*que moldaram seu processo histórico de transformação*", o verbo "*moldaram*" é transitivo direto, o objeto direto é o termo "*seu processo histórico de transformação*" e o sujeito é o pronome relativo "que" (fatores estruturais e organizacionais moldaram seu processo histórico de transformação).

Assim, confirmamos que as duas primeiras ocorrências do "que" são complementos verbais, isto é, objetos diretos. A terceira ocorrência do "que" é sujeito.

Gabarito: C

Questão 40: Câmara dos Deputados 2014 Técnico Legislativo (banca CESPE)

Fragmento do texto: Ao contrário do que muitos têm apregoado, o melhor não é "virar a página" no que se refere ao período da ditadura. Escolha mais adequada é empreender uma apropriação crítica desse passado político recente, tanto para consolidar nossa frágil cidadania quanto para entender a realidade em que vivemos. Para tanto, é fundamental estudar a ditadura, a fim de compreender a atualidade do seu legado e, assim, criar condições de superá-lo.

No trecho "entender a realidade em que vivemos" (linha 5), a supressão da preposição não prejudica a correção gramatical do texto, ainda que interfira na relação sintático-semântica entre seus elementos.

Comentário: Na oração "*em que vivemos*", entendemos que nós vivemos numa realidade. Assim, o verbo "*vivemos*" é intransitivo e a expressão "*em que*" é um adjunto adverbial.

Ao retirarmos a preposição "*em*", o pronome relativo "*que*" passa a objeto direto e o verbo "*vivemos*" a transitivo direto. Entendemos dessa nova estrutura que não só existimos numa realidade, mas enfatizamos que fruímos uma realidade, presenciamos uma realidade. Assim, realmente a supressão da preposição não prejudica a correção gramatical, mesmo havendo mudança sintática (de adjunto adverbial a objeto direto) e uma sensível mudança semântica (ênfase).

Gabarito: C

Questão 41: FUB 2014 Nível superior (banca CESPE)
Fragmento do texto: Há muito tempo a sociedade demonstra interesse por assuntos relacionados à ciência e à tecnologia. Na verdade, desde a pré-história, o homem busca explicações para a realidade e os mistérios do mundo que o cerca.
Em “o cerca” (linha 4), o pronome “o”, que se refere ao termo “o homem” (linha 3), exerce a função de complemento da forma verbal “cerca”.
Comentário: O pronome relativo “que” é o sujeito e retoma “mundo”, o verbo “cerca” é transitivo direto, e o pronome “o” é o objeto direto. Assim, entendemos que o mundo cerca o homem. Com isso, a afirmativa da questão está correta.
Gabarito: **C**

Questão 42: ICMBIO 2014 Nível superior (banca CESPE)
Fragmento do texto: A situação é mais séria na região Nordeste, especialmente nos estados de Alagoas e Pernambuco, onde a maior parte da floresta original foi substituída por plantações de cana-de-açúcar. É nessa região que ainda podem ser encontrados os últimos exemplares das aves mais raras em todo o país, como o criticamente ameaçado limpa-folha-do-nordeste (Philydor novaesi). Essa pequena ave de dezoito centímetros vive no estrato médio e dossel de florestas bem conservadas e ricas em bromélias, onde procura artrópodes dos quais se alimenta. Atualmente, as duas únicas localidades onde a espécie pode ser encontrada são a Estação Ecológica de Murici, em Alagoas, e a Serra do Urubu, em Pernambuco.
A correção gramatical e o sentido original do texto seriam preservados caso o vocábulo “onde”, nas linhas 2 e 7, fosse substituído pela expressão **em que**.
Comentário: Vimos que o pronome relativo “onde” ocupa a função sintática de adjunto adverbial de lugar e sempre poderá ser substituído por “***em que***”. Assim, a afirmativa da questão está correta.
Gabarito: **C**

Questão 43: ICMBIO 2014 Nível médio (banca CESPE)
Fragmento do texto: “Fazemos a aproximação por meio de elementos do contexto onde as crianças estão inseridas. As atividades de leitura, interpretação e escrita associam-se ao tema do cerrado na forma de poesias, música, desenho, pintura e jogos”, explica uma professora da Faculdade de Educação da UnB.
Na linha 2, a substituição do vocábulo ‘onde’ pela expressão ***no qual*** não comprometeria nem a sintaxe nem a significação do período de que o referido vocábulo faz parte.
Comentário: Vimos que o pronome relativo “*onde*” ocupa a função sintática de adjunto adverbial de lugar e sempre poderá ser substituído por “***em que***”. Como esse pronome relativo retoma o substantivo masculino singular “*contexto*”, o vocábulo “que” pode ser substituído por “*o qual*”. Já que tal pronome relativo está precedido da preposição “em”, haverá a contração dessa preposição com o artigo “o”. Assim, a afirmativa da questão está

correta. Veja:

...contexto ***onde*** *as crianças estão inseridas.*
...contexto ***em que*** *as crianças estão inseridas.*
↙ ↓
(em + o qual)
↘ ↙
...contexto ***no qual*** *as crianças estão inseridas.*

Gabarito: **C**

Questão 44: ICMBIO 2014 Nível médio (banca CESPE)

Fragmento do texto: "Fazemos a aproximação por meio de elementos do contexto onde as crianças estão inseridas. As atividades de leitura, interpretação e escrita associam-se ao tema do cerrado na forma de poesias, música, desenho, pintura e jogos", explica uma professora da Faculdade de Educação da UnB.

No último período do texto, o pronome relativo preposicionado "na qual" completa o sentido de "intervir" e retoma o termo "sua realidade".

Comentário: Vimos que o pronome relativo "*onde*" ocupa a função sintática de adjunto adverbial de lugar e sempre poderá ser substituído por "***em que***". Como esse pronome relativo retoma o substantivo masculino singular "*contexto*", o vocábulo "que" pode ser substituído por "*o qual*". Já que tal pronome relativo está precedido da preposição "em", haverá a contração dessa preposição com o artigo "o". Assim, a afirmativa da questão está correta. Veja:

...contexto ***onde*** *as crianças estão inseridas.*
...contexto ***em que*** *as crianças estão inseridas.*
↙ ↓
(em + o qual)
↘ ↙
...contexto ***no qual*** *as crianças estão inseridas.*

Gabarito: **C**

Questão 45: MEC 2014 Nível superior (banca CESPE)

Fragmento do texto: Se a vocação ontológica do homem é a de ser sujeito e não objeto, ele só poderá desenvolvê-la se, refletindo sobre suas condições espaço-temporais, introduzir-se nelas de maneira crítica. Quanto mais for levado a refletir sobre sua situacionalidade, sobre seu enraizamento espaço-temporal, mais "emergirá" dela conscientemente "carregado" de compromisso com sua realidade, da qual, porque é sujeito, não deve ser simples espectador, mas na qual deve intervir cada vez mais.

No último período do texto, o pronome relativo preposicionado "na qual" completa o sentido de "intervir" e retoma o termo "sua realidade".

Comentário: O verbo "intervir" é transitivo indireto, o sujeito está subentendido e faz referência a "homem" (linha 1), o objeto indireto é a expressão "na qual" e ela retoma "sua realidade". Assim, entendemos do trecho que o homem deve intervir cada vez mais na sua realidade.

Gabarito: **C**

Questão 46: MTE 2014 Auditor-Fiscal do Trabalho (banca CESPE)

Fragmento do texto: Portanto, os aspectos que envolvem a gestão de pessoas têm de ser tratados como parte de uma política de valorização desse ativo, na qual gestores e RH são vasos comunicantes, trabalhando em conjunto, cada um desempenhando seu papel de forma adequada.

Na linha 3, a expressão "na qual" poderia ser substituída pela expressão **em que**, sem prejuízo da correção gramatical do texto.

Comentário: As expressões "na qual", "nas quais", "no qual" ou "nos quais" sempre poderão ser substituídas por "em que". Assim, a afirmação da questão está correta.

Gabarito: **C**

Questão 47: MTE 2014 Agente Administrativo (banca CESPE)

Fragmento do texto: Por exemplo, a carteira de trabalho e previdência social (CTPS) está ligada à relação de trabalho subordinado que corresponde ao vínculo de emprego. Nem todos os tipos de relações de trabalho são registrados na CTPS, mas todos os tipos de relação de emprego são registrados no referido documento.

No trecho "está ligada à relação de trabalho subordinado que corresponde ao vínculo de emprego" (linhas 2 e 3), seria mantida a correção gramatical caso se substituísse o elemento "*que*" por **a que**, embora as relações entre os termos da oração fossem alteradas.

Comentário: O pronome relativo "que" é o sujeito, o verbo "corresponde" é transitivo indireto e o termo "ao vínculo de emprego" é o objeto indireto. Como o sujeito não admite ser precedido de preposição, não cabe a inserção de "a".

Gabarito: **E**

Questão 48: Polícia Federal – 2013 – Escrivão (banca CESPE)

Fragmento do texto: O que tanta gente foi fazer do lado de fora do tribunal onde foi julgado um dos mais famosos casais acusados de assassinato no país? Torcer pela justiça, sim: as evidências permitiam uma forte convicção sobre os culpados, muito antes do encerramento das investigações. Contudo, para torcer pela justiça, não era necessário acampar na porta do tribunal, de onde ninguém podia pressionar os jurados.

O emprego dos elementos "onde" (linha 2) e "de onde" (linha 5), no texto, é próprio da linguagem oral informal, razão por que devem ser substituídos, respectivamente, por **no qual** e **da qual**, em textos que requerem o emprego da norma padrão escrita.

Comentário: A questão está errada, por afirmar que o pronome relativo "*onde*", nas duas ocorrências, é próprio da linguagem oral informal, além de afirmar que as expressões "*onde*" e "*de onde*" devem ser substituídas por "*no qual*" e "*da qual*" para ficar de acordo com a norma culta. Isso não é verdade. Na realidade, pode-se realizar tal substituição, e o uso do pronome "onde" nos dois casos está correto, por retomar lugar.

O primeiro pronome relativo "onde" retoma o substantivo masculino "*tribunal*". Como sabemos que "*onde*" pode ser substituído por "*em que*" e, sabendo-se que o pronome relativo "*que*" pode ser substituído pela expressão "*o qual*", dar-se-á a estrutura "***no qual***". Veja:

*...tribunal **onde** foi julgado um dos mais famosos casais ...*

*em **que***

*...tribunal n**o qual** foi julgado um dos mais famosos casais..*

Semelhante recurso ocorre com o pronome relativo "*onde*", na expressão "*de onde*", o qual retoma o substantivo feminino "*porta*". Neste caso, não cabe a preposição "em", pela presença da preposição "de" em "de que". Assim, "*onde*" pode ser substituído por "*que*" e este pode ser substituído pela expressão "*a qual*". Como há a preposição "de", ela se junta ao artigo "a", resultando na estrutura "***da qual***". Veja:

*... porta do tribunal de **onde** ninguém podia pressionar os jurados...*

*de **que***

*...porta do tribunal d**a qual** ninguém podia pressionar os jurados...*

Gabarito: **E**

Questão 49: Caixa Econômica Federal / 2010 / nível médio (banca CESPE)

Fragmento do texto: *A companhia, que há quinze anos vende seus produtos no Brasil por meio de importadoras, decidiu no ano passado abrir uma filial no país.*

O termo *"que"* faz referência a *"companhia"* e poderia, sem prejuízo para a correção gramatical do texto, ser substituído por **onde**.

Comentário: O verbo "*vende*" tem como sujeito o pronome relativo "*que*". O pronome "*onde*" só pode ser substituído por "**em que**", na função de adjunto adverbial de lugar, por isso a questão está errada.

Gabarito: **E**

Questão 50: INCA / 2010 / nível superior (banca CESPE)

Fragmento do texto: *Adverte-se, pois, que as preocupações com secreções respiratórias são de importância decisiva, motivo pelo qual são recomendados cuidados especiais com a higiene...*

A substituição de "*pelo qual*", pelo termo **por que** mantém a correção gramatical do período.

Comentário: "*pelo qual*" é adjunto adverbial de causa, iniciado pela preposição "*por*" em contração com o artigo "*o*", seguido do pronome "*qual*". Como se pode substituir "*o qual*" por "**que**", "*pelo qual*" pode ser substituído por "**por que**".

Gabarito: **C**

Vimos a regência e como é explorada na prova. Agora, vamos a um assunto que é a continuação do anterior: **crase**. Este assunto se baseia na regência. Assim, os verbos e nomes já explorados que regem a preposição "a" fatalmente serão revistos nesta parte da aula.

Costumo dizer a meus alunos que não se deve decorar a regra, principalmente a da crase, basta entendermos o processo, sua estrutura. Para facilitar, vamos denominar o esquema abaixo de "estrutura-padrão da crase".

A estrutura-padrão da crase

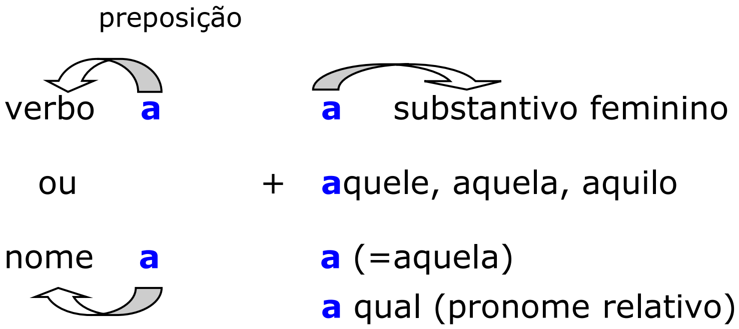
preposição

verbo **a** — **a** substantivo feminino

ou + **a**quele, aquela, aquilo

nome **a** — **a** (=aquela)

a qual (pronome relativo)

Assim, quando um verbo ou um nome exigir a preposição "a" e o substantivo posterior admitir artigo "a", haverá crase. Além disso, se houver a preposição "a" seguida dos pronomes "aquele", "aquela", "aquilo", "a" (=aquela) e "a qual"; ocorrerá crase.

Veja as frases abaixo e procure entendê-las com base no nosso esquema.

1. *Obedeço à lei*.
2. *Obedeço ao código*.
3. *Tenho aversão à atividade manual.*
4. *Tenho aversão ao trabalho manual.*
5. Refiro-me àquela casa.
6. Refiro-me àquele livro.
7. Refiro-me àquilo.
8. Não me refiro àquela casa da esquerda, mas à da direita.
9. Esta é a casa à qual me referi.

Na frase 1, o verbo "Obedeço" é transitivo indireto e exige preposição "a", e o substantivo "lei" é feminino e admite artigo "a", por isso há crase.

Na frase 2, o mesmo verbo exige a preposição, porém o substantivo posterior é masculino, por isso não há crase.

Na frase 3, a crase ocorre porque o substantivo "aversão" exigiu a preposição "a" e o substantivo "atividade" admitiu o artigo feminino "a".

Na frase 4, "aversão" exige preposição "a", mas "trabalho" é substantivo masculino, por isso não há crase.

Nas frases 5, 6 e 7, "Refiro-me" exige preposição "a", e os pronomes demonstrativos "aquela", "aquele" e "aquilo" possuem vogal "a" inicial (não é artigo), por isso há crase.

Na frase 8, "me refiro" exige preposição "a", "aquela" possui vogal "a" inicial (não é artigo) e "a" tem valor de "aquela", por isso há duas ocorrências de crase.

Na frase 9, "me referi" exige preposição "a", e o pronome relativo "a qual" é iniciado por artigo "a", por isso há crase.

Muitas vezes o substantivo feminino está sendo tomado de valor geral, estando no singular ou plural, e por isso não admite artigo "a". Outras vezes esse substantivo recebe palavra que não admite artigo antecipando-a, por isso não haverá crase. Veja os exemplos abaixo em que o verbo transitivo indireto exige o objeto indireto:

*Obedeço **a** leis.*

*Obedeço **a** lei e **a** regulamento.*

Os substantivos "leis", "lei" estão em sentido geral, por isso não recebem artigo "as", "a" e não há crase. Na segunda frase, o que ratificou o sentido geral foi o substantivo masculino "regulamento" não ser antecedido do artigo "o".

*Obedeço **a** uma lei.*
*Obedeço **a** qualquer lei.*
*Obedeço **a** toda lei.*
*Obedeço **a** cada lei.*
*Obedeço **a** tal lei.*
*Obedeço **a** esta lei.*

O artigo "uma" é indefinido, os pronomes "qualquer, toda, cada" são indefinidos. Como eles indefinem, não admitem artigo definido "a". Os pronomes "tal" e "esta" são demonstrativos. Por eles já especificarem o substantivo "lei", não admitem o artigo "a". Por isso não há crase.

O mesmo ocorre com os nomes que exigem o complemento nominal. Veja:

*Tenho obediência **a** leis.*
*Tenho obediência **a** lei e **a** regulamento.*
*Tenho obediência **a** uma lei.*
*Tenho obediência **a** qualquer lei.*
*Tenho obediência **a** toda lei.*
*Tenho obediência **a** cada lei.*
*Tenho obediência **a** tal lei.*
*Tenho obediência **a** esta lei.*

Vimos o verbo transitivo indireto e nome que exigem preposição "a", mas os verbos intransitivos também podem exigir preposição "a". Muitas vezes o problema é saber se o nome posterior admite ou não o artigo "a" e se o vocábulo "a" é apenas uma preposição, ou uma preposição mais o artigo "a". Por isso inserimos abaixo algumas regras que ajudam a confirmar a estrutura-padrão da crase.

a. Quando os pronomes de tratamento estão na função de objeto indireto ou complemento nominal, antecedidos da preposição "a", não recebem crase, pois não admitem artigo.

*Refiro-me **a** Vossa Senhoria.* *Fiz referência **a** Vossa Excelência.*

Observação: Dentre os pronomes de tratamento, somente ***senhora*** admite artigo "a", por isso, se esse pronome for precedido de preposição "a", haverá crase:

Refiro-me **à** senhora Gioconda.

b. Diante de **topônimos** (nomes de lugar) que pedem o artigo feminino, admite-se a crase:

Faremos uma excursão à Bahia, a Sergipe, a Alagoas e à Paraíba.
Um túnel ferroviário liga a França à Inglaterra.

Perceba que o substantivo "excursão" exige a preposição "a" e os topônimos "Bahia" e "Paraíba" admitem artigo "a". Por isso há crase. Já os topônimos "Sergipe" e "Alagoas" não admitem artigo; por isso não há crase. Mas será que devemos decorar quais os topônimos admitem ou não o artigo "a"? Lógico que não, para isso, temos alguns macetes.

Para você saber se o topônimo pede ou não o artigo, basta trocar o verbo (que exige a preposição "a") por outro que exija preposição diferente; para evitar a confusão da preposição com o artigo. Veja:

FUI A, VIM DA - CRASE HÁ!
FUI A, VIM DE - CRASE PRA QUÊ?

*Fui **à** Bahia.* *Fui **a** Sergipe.* *Fui **a** Roma.*

Para termos certeza de que há artigo ou não, basta trocarmos por "vim". Veja:

*Vim **da** Bahia.* *Vim **de** Sergipe.* *Vim **de** Roma.*

Como o verbo "Vim" exige preposição "de", se a oração permanecer somente com essa preposição, é sinal de que, com o verbo "Fui", também permanecerá só a preposição "a" (Vim **de** Sergipe→Fui **a** Sergipe).

Mas, se o verbo "Vim" estiver seguido de preposição mais artigo "da", é sinal de que, com o verbo "Fui", também ocorrerá preposição mais artigo "à" (Vim **da** Bahia→Fui **à** Bahia).

Entretanto, você vai notar que, às vezes, queremos enfatizar, determinar, especificar esses topônimos que não admitem o artigo. Quando colocamos uma locução adjetiva ou algum outro determinante que o caracterize, naturalmente receberá artigo. Havendo verbo que exija a preposição "a", ocorrerá a crase. Veja:

Viajamos a Brasília*, depois fomos* a São Paulo.
*(Viemos **de** Brasília ... **de** São Paulo)*

Viajamos à Brasília de Juscelino, *depois fomos* à São Paulo da garoa.
*(Viemos **da** Brasília de Juscelino ... **da** São Paulo da garoa)*

Portanto, sem decoreba, ok? Temos que entender o uso. Vamos a outros casos.

c. A palavra ***casa*** normalmente admite artigo (a casa é linda; comprei a casa de meus sonhos; pintei a casa de azul etc). Porém, quando há um sentido de deslocamento **para** ou **do** "próprio lar", ela não admite artigo. Mas isso não será problema para nós, pois usamos isso intuitivamente. Vamos lá:

Você diz: "**vim de casa**" ou "vim da casa"?
Você diz: "**vou para casa**" ou "vou para a casa"?

Se é seu próprio lar, é natural dizer, "vim de casa", "vou para casa". Porém, quando essa casa não é a sua, naturalmente e intuitivamente, coloca-se um determinante nesse substantivo e obrigatoriamente inserimos artigo. Tudo isso para mostrar que a casa não é a nossa. Está em dúvida? Então veja:

Você diz "vim de casa da Luzia" ou "**vim da casa da Luzia**"?
Você diz "vou para casa da Luzia" ou "**vou para a casa da Luzia**"?

Naturalmente usamos as segundas opções, correto?

Sabemos que isso não proporciona a crase. Mas, se enxergamos que a preposição "para" tem o mesmo valor da preposição "a"; na sua substituição, podemos ter crase. Veja:

Vou **para** casa.   Vou **para a** casa da Amélia.
↓   ↓ ↓
a + **a**
↘ ↙
Vou **a** casa.   Vou **à** casa da Amélia.

*O bom filho volta **a** casa todos os dias.*
*O bom filho volta **à** casa dos pais todos os dias.*

Note que se pode determinar a palavra "casa" colocando letra inicial maiúscula (***Casa***). Assim, essa palavra passa a ter outra denotação: sinônimo de Câmara dos Deputados ou representação de uma instituição. Dessa forma, poderá ocorrer a crase:

*Prestar **à** Casa as devidas homenagens*.

d. Seguindo a mesma ideia do item anterior, a palavra "terra" admite artigo normalmente.

***A** terra é boa!*   *Ele vive d**a** terra!*

Assim, haverá crase:

*O agricultor dedica-se **à** terra.*

Não há crase quando a palavra *terra* está em contraposição a "a *bordo"*. Isso porque não dizemos "a**o** bordo". Não pode haver artigo nesta expressão:

*Os marinheiros voltaram **a** terra depois de um mês no mar.* (estavam a bordo)

Mas, se determinamos essa palavra, passamos a ter artigo e, consequentemente, crase. Veja:

*Viajou em visita **à** terra dos antepassados.*

*Quando os astronautas voltarão **à** Terra?* (a letra maiúscula determina)

e. Na locução ***à uma***, significando "unanimemente, conjuntamente", haverá crase. Veja:

Os sindicalistas responderam à uma: greve já!

Vimos a estrutura de um verbo ou nome que exige preposição "a". Agora, veremos a locução adverbial que não é exigida pelo verbo, mas possui a estrutura interna com a preposição.

Exemplo: *Estive aqui de manhã.*

Note que a locução adverbial "de manhã" ocorreu sem exigência do verbo, pois poderíamos dizer "Estive aqui." Esta locução tem uma composição própria: de + manhã. Se essa estrutura fosse composta por preposição "a" seguida de nome feminino que admitisse artigo "a", haveria crase.

Exemplo: *Estive aqui à noite*.

Assim, vamos à estrutura da locução adverbial:

$$\begin{tikzcd}
\text{preposição} \arrow[dr] & + & \text{artigo} \arrow[dl] & + & \text{nome} \\
 & \text{à} & & \text{noite} &
\end{tikzcd}$$

à tarde
às escondidas
às vezes
à deriva
à luz
à noite
à toa
às ocultas
às avessas
à larga
à direita
à beça
à chave
às moscas
às ordens
às claras
à esquerda
à escuta
à revelia
às turras

Deve-se dar especial destaque às locuções adverbiais de tempo, que especificam o momento de um evento, com o núcleo expresso com o substantivo ***hora(s)***, o qual recebe o artigo definido "a", "as".

à meia-noite, à uma hora às duas horas às três e quarenta.

Não se pode confundir com a indicação de tempo generalizado ou tempo futuro:

Isso acontece a qualquer hora. *Estarei lá daqui a duas horas.*

Veja a diferença nas frases abaixo:

A aula acabará ***a*** *uma hora.* (uma hora após o momento da fala)
A aula acabará ***à*** *uma hora.* (terminará às 13 horas ou à uma hora da madrugada)
A aula acabara ***há*** *uma hora.* (a aula acabou uma hora antes)

No último caso, não há locução adverbial, o verbo "há" marca tempo decorrido. Vimos isso na concordância, lembra?

Nas expressões que demarcam início e fim de evento, o paralelismo deve ser conservado. Se o primeiro dos termos não possui artigo ***a***, o segundo também não terá. Se o primeiro tiver, o segundo receberá a crase:

A reunião será ***de*** *9* ***a*** *10 horas.* *A reunião será* ***das*** *9* ***às*** *10 horas.*

Note: se o início do evento não recebeu artigo, o término também não receberá. (***de*** *9* ***a*** *10 horas*).

Se o início do evento recebeu artigo, o término também receberá. (***das*** *9* ***às*** *10 horas*).

Merece destaque a locução adverbial de modo ***à moda de***. Ela pode estar expressa ou subentendida; por isso, deve-se tomar muito cuidado:

Pedimos uma *pizza* **à** moda da casa.
Atrevia-se a escrever **à** Drummond. (à moda de)
Pedimos arroz **à** grega. (à moda)

Não confunda com as expressões ***frango a passarinho***, ***bife a cavalo***, as quais não possuem crase por não transmitirem modo.

Haverá crase também nas locuções prepositivas, que são sempre nocionais e iniciam locução adverbial:

à beira de
à frente de
à sombra de
à imitação de
à exceção de
à procura de
à força de
à semelhança de

O uso do acento grave é opcional nas locuções adverbiais que indicam meio ou instrumento, desde que o substantivo seja feminino: *barco a (à) vela; escrever a (à) máquina; escrever a (à) mão; fechar a porta a (à) chave; repelir o invasor a (à) bala*. Normalmente, os bons autores têm preferido sem a crase. Tudo isso depende da intenção comunicativa. O instrumento ou o meio podem ser especificados ou não com o artigo "a".

Nas locuções adverbiais com palavras repetidas não haverá crase, pois os substantivos estão sendo tomados de maneira geral, sem artigo definido: *cara a cara*; *frente a frente*, etc.

A crase é obrigatória nas locuções conjuntivas adverbiais proporcionais **à medida que**, **à proporção que**:

À medida que *estudamos, vamos entendendo a matéria.*
À proporção que *as aulas ocorrem, os assuntos vão se acumulando.*

Perceba uma diferença muito importante entre "**às vezes**" e "**as vezes**".

***Às vezes** você me olha diferente.*

Note que, neste caso, não há precisão de momento, entende-se "de vez em quando, por vezes, algumas vezes. Assim, há uma locução adverbial de tempo e há crase.

Porém, podemos utilizar esta estrutura sem crase, quando há uma especificação do momento:

***As vezes** que te vi, fiquei extasiado.*

Neste caso, este termo será especificado por um termo adjetivo ou oração adjetiva. Portanto, tome cuidado!

Crase Facultativa

Emprega-se facultativamente o acento indicativo de crase quando é opcional o uso da preposição *a*, ou do artigo definido feminino.

Crase facultativa: ATÉ SUA MARIA

Casos em que a crase é facultativa:

a. A preposição "a" é facultativa depois da preposição "*até*":

O visitante foi até *a* sala do Diretor.
O visitante foi até *à* sala do Diretor.
A sessão prolongou-se até *à* meia-noite.
A sessão prolongou-se até *a* meia-noite.

b. O artigo definido é facultativo diante de pronome possessivo. Mas, para a crase ser facultativa, esse pronome possessivo deve ser feminino singular.

minha / tua / sua

Refiro-me à minha amiga.
Refiro-me a minha amiga. } Crase facultativa
Refiro-me às minhas amigas. Crase obrigatória
Refiro-me a minhas amigas. Crase proibida

c. O artigo definido é facultativo diante de nome próprio de pessoa. Se o nome for feminino e o verbo exigir preposição, a crase será facultativa:

Refiro-me à Madalena.
Refiro-me a Madalena.

Observação: Tratando-se de pessoa célebre com a qual não se tenha intimidade, geralmente não se usa o artigo nem o acento indicativo de crase, salvo nos casos em que o nome esteja acompanhado de especificativo.

*O orador fez uma bela homenagem **a** Rachel de Queiroz.*
*O orador fez uma bela homenagem **à** Rachel de Queiroz de* O quinze.

Nas gramáticas, são elencados os casos em que a crase será proibida. Para isso, basta apenas relembrarmos a estrutura-padrão da crase.

Agora, vamos praticar!

Questão 51: TRF 1ª R 2017 Analista (banca CESPE)

Fragmento de texto: No direito brasileiro convencional, a relação entre a espécie humana e as demais espécies animais limita-se à tutela dos animais pelo poder público em função da sua utilidade enquanto fauna brasileira intrínseca ao meio ambiente equilibrado.

O emprego do sinal indicativo de crase em “à tutela dos animais” (linhas 2 e 3) é facultativo.

Comentário: O verbo “limita-se” exigiu a preposição “a” e o substantivo “tutela” é precedido do artigo “a”. Assim, a crase é obrigatória e a afirmação está errada.

Gabarito: **E**

Questão 52: PJC MT 2017 Delegado (banca CESPE)

Fragmento de texto: E, nesse esboroamento da justiça, a mais grave de todas as ruínas é a falta de penalidade aos criminosos confessos, é a falta de punição quando ocorre um crime de autoria incontroversa, mas ninguém tem coragem de apontá-la à opinião pública, de modo que a justiça possa exercer a sua ação saneadora e benfazeja.

A correção gramatical do texto seria mantida caso o acento indicativo de crase em “à opinião pública” (linha 5) fosse suprimido.

Comentário: O verbo “apontar” é transitivo direto e indireto, o pronome “a” é o objeto direto e “à opinião pública” é o objeto indireto, o qual é iniciado pela preposição “a”, exigida pelo verbo. Como o substantivo “opinião” é precedido do artigo “a”, ocorre crase obrigatoriamente.

Assim, a afirmação está errada.

Gabarito: **E**

Questão 53: Prefeitura de São Luís - MA 2017 Técnico (banca CESPE)

Fragmento de texto: Tinha chegado o tempo da colheita, era uma manhã risonha, e bela, como o rosto de um infante, entretanto eu tinha um peso enorme no coração. Sim, eu estava triste, e não sabia a que atribuir minha tristeza.

A correção gramatical do texto seria prejudicada caso fosse empregado o sinal indicativo de crase no “a”, em “a que atribuir” (linha 4).

Comentário: Notamos rapidamente que não cabe crase, tendo em vista que há apenas a preposição “a” diante do pronome interrogativo “que”. Isso mesmo! É pronome interrogativo. Devemos observar que a oração “a que atribuir minha tristeza” é subordinada substantiva objetiva direta, pois o verbo da oração principal “sabia” é transitivo direto. O verbo “atribuir” é transitivo direto e indireto, o sujeito é oculto (“eu”), o objeto direto é “minha tristeza” e o objeto indireto é “a que”, cujo núcleo é o pronome interrogativo “que”. Lembre-se de que vimos a peculiaridade de orações substantivas objetivas diretas. Na dúvida, volte àquela aula.

Como sabemos que a inserção do acento indicativo de crase prejudicaria a correção gramatical, a afirmação está correta.

Gabarito: **C**

Questão 54: SEEDF 2017 Professor (banca CESPE)

Fragmento de texto: É essa revolução — exigência fundamental do movimento da educação nova — que Claparède compara à que Copérnico realizou na astronomia, e que ele define, com tanta felicidade, nas seguintes linhas: "são os métodos e os programas que gravitam em torno da criança e não mais a criança que gira em torno de um programa decidido fora dela.

A supressão do acento grave, indicativo de crase, no trecho "que Claparède compara à que Copérnico realizou na astronomia" (linhas 2 e 3), prejudicaria a correção gramatical do texto, dada a impossibilidade de omissão do artigo definido no contexto.

Comentário: O acento indicativo de crase ocorreu porque o verbo "compara" rege a preposição "a" e o substantivo "revolução" está subentendido diante do vocábulo "que" por meio do artigo "a". Assim, o artigo "a" é obrigatório e, por conseguinte, a crase também.

Gabarito: **C**

Questão 55: SEEDF 2017 Professor (banca CESPE)

Fragmento de texto: Atualmente há uma grande preocupação quanto à capacidade dessa ciência, criada pelos interesses do desenvolvimento e da exploração da natureza, de oferecer soluções para lidar com a crise ambiental, social e econômica.

O emprego do sinal indicativo de crase em "à capacidade dessa ciência" (linhas 1 e 2) é facultativo.

Comentário: O acento indicativo de crase ocorreu porque o advérbio "quanto" rege a preposição "a" e o substantivo "capacidade" está precedido do artigo "a". Assim, a crase é obrigatória.

Gabarito: **E**

Questão 56: SEEDF 2017 Monitor (banca CESPE)

Fragmento de texto: Para que a disseminação pública da cultura fuja a determinações pragmáticas e economicistas, é necessário um espaço público de preservação, de apropriação e de reflexão.

A correção gramatical do texto seria prejudicada caso se empregasse o sinal grave indicativo de crase no "a" em "fuja a determinações"

Comentário: Como o substantivo "determinações" encontra-se no plural e o vocábulo "a" encontra-se no singular, isso é sinal de que não há artigo "as". Assim, não pode ocorrer crase, pois há apenas a preposição "a".

Como a questão afirmou que haveria erro com a inserção do acento indicativo de crase, ela está correta.

Gabarito: **C**

Questão 57: TRE TO 2017 Nível médio (banca CESPE)

Fragmento do texto: Em Roma, o voto advém das reformas de Sérvio Túlio, que tendem à formação de um corpo eleitoral e à fixação de processos de votação.

O uso do acento indicativo de crase nas expressões “à formação de um corpo eleitoral” (linha 2) e “à fixação de processos de votação” (linhas 2 e 3) é facultativo, pois as palavras “formação” e “fixação” estão empregadas de modo impreciso.

Comentário: O verbo “tendem” rege a preposição “a” e os substantivos “formação” e “fixação” são precedidos do artigo “a”, tendo em vista tal vocábulo funcionar como um especificador, e não como generalizador, isto é, diferente do que afirma a questão.

Assim, o acento indicativo de crase é obrigatório neste contexto e a afirmação está errada.

Gabarito: **E**

Questão 58: CP RM 2016 Técnico em Geociências (banca CESPE)

Fragmento de texto: A conclusão, praticamente unânime, é de que políticas que visem à conservação do meio ambiente e à sustentabilidade de projetos econômicos devem ser metas para todos os governantes.

O emprego do acento indicativo da crase em “à sustentabilidade” (linha 2) é facultativo.

Comentário: O verbo “*visem*”, no sentido de ter por objetivo, é transitivo indireto e rege a preposição “a” e o substantivo “sustentabilidade” está precedido do artigo “a”. Assim, a crase é obrigatória e a afirmação está errada.

Gabarito: **E**

Questão 59: DPU 2016 Analista Técnico-Administrativo (banca CESPE)

Fragmento de texto: Anteriormente à primeira Constituição pátria, a de 1824, vigoraram as Ordenações Afonsinas, as Manuelinas e as Filipinas.

No trecho “Anteriormente à primeira Constituição pátria” (linha 1), o emprego do acento indicativo de crase é facultativo.

Comentário: O advérbio “*Anteriormente*” rege a preposição “a” e o substantivo “Constituição” é precedido do artigo “a”. Assim, a crase é obrigatória e a afirmação está errada.

Gabarito: **E**

Questão 60: DPU 2016 Técnico (banca CESPE)

Fragmento de texto: A mais recente visita de participantes de outro projeto, o Atenção à População de Rua do Assentamento Noroeste, levou respostas às demandas solicitadas pelos moradores.

No trecho “respostas às demandas” (linhas 2 e 3), o emprego do sinal indicativo de crase justifica-se pela regência do substantivo “respostas”, que exige complemento antecedido da preposição **a**, e pela presença de artigo feminino plural que determina “demandas”.

Comentário: Esta é uma questão que deixa muitos candidatos apreensivos na hora da prova, pois ele sabe que uma palavra exigiu a preposição “a” e o substantivo “demandas” admitiu o artigo “as”. Por isso, houve a crase.

Porém, o que causa dúvida é quanto a qual palavra exigiu a preposição "a": o verbo "levar" ou o substantivo "respostas"?

Assim, devemos observar a transitividade do verbo "levar". Sabemos que o verbo "levar" normalmente é transitivo direto e indireto (alguém leva uma coisa a outra); transitivo indireto (uma coisa leva a outra) ou transitivo direto (alguém leva algo).

Bom, neste caso específico, o verbo "levar" é transitivo direto, o termo "respostas" é o objeto direto, cujo substantivo é abstrato e exige o complemento nominal "às demandas".

A mais recente visita ... levou respostas às demandas...
VTD + OD + CN

Reforço que "às demandas" é o complemento nominal e não objeto indireto, tendo em vista que o substantivo "respostas" é abstrato e exigiu complemento.

Veja a mudança de transitividade com um substantivo concreto como objeto direto:

Juvenal levou dinheiro ao seu pai.
VTDI + OD + OI

Assim, a afirmação está correta.

Gabarito: **C**

Questão 61: DPU 2016 Técnico (banca CESPE)

Fragmento de texto: Nós entramos para solucionar problemas: vamos até as ruas para informar sobre o trabalho da defensoria, para que seus direitos sejam garantidos", afirma a coordenadora.

Seria mantida a correção do texto caso o trecho 'para que seus direitos sejam garantidos' (linhas 2 e 3) fosse reescrito da seguinte forma: **visando à garantia de seus direitos**.

Comentário: A questão cobra dois assuntos ao mesmo tempo: a transposição de oração desenvolvida para reduzida de gerúndio e a crase.

A oração "*para que seus direitos sejam garantidos*" é subordinada adverbial de finalidade porque apresenta a locução conjuntiva "para que". Tal oração pode ser iniciada pelo verbo "visando" tendo em vista que o sentido desse verbo no texto é "ter por objetivo", "finalidade", "intuito". Assim, o sentido é preservado nessa redução de gerúndio.

Além disso, devemos observar a correção gramatical, haja vista que o verbo "visando", no sentido de ter por objetivo, é transitivo indireto e rege a preposição "a". Como o substantivo "garantia" está precedido do artigo "a", ocorreu a crase.

Assim, a afirmação está correta.

Gabarito: **C**

Questão 62: FUNPRESP 2016 Analista (banca CESPE)

Fragmento de texto: Já andei dizendo que o cronista é um estilita. Não confundam, por enquanto, com estilista. Estilita era o santo que ficava anos e anos em cima de uma coluna, no deserto, meditando e pregando. São Simeão passou trinta anos assim, exposto ao sol e à chuva.

Na linha 2, o emprego do acento indicativo de crase em "à chuva" é exigido pela regência da forma verbal "exposto" e pela presença do artigo definido feminino que especifica o substantivo "chuva".

Comentário: Realmente "exposto" exigiu a preposição "a" e o substantivo "chuva" admitiu o artigo "a". Por isso, houve crase.

Mas vou ampliar a explicação, haja vista que muitos alunos ficaram em dúvida à época da prova, quando a banca apresentou o gabarito definitivo.

Ficamos um pouco na dúvida quanto à questão informar que "exposto" é uma forma verbal. Isso levou alguns candidatos a marcarem a afirmação como errada.

É claro que podemos entender "exposto" como adjetivo, em situações como "Pessoas expostas ao sol ficam mais morenas". O adjetivo "expostas" é o adjunto adnominal nesse exemplo acima.

E então? Qual seria a função sintática do segmento "*exposto ao sol e à chuva*"?

Para sabermos disso, devemos voltar ao contexto.

Foi dito que estilita era o santo que ficava anos e anos em cima de uma coluna, no deserto, meditando e pregando. Em seguida foi afirmado que São Simeão passou trinta anos assim (meditando e pregando). Por causa disso, ele ficava exposto ao sol e à chuva.

Se você pensou que "exposto ao sol e à chuva" é um termo explicativo do advérbio "assim", raciocinou errado, pois advérbio não é caracterizado.

Assim, devemos entender, por força sintática, que o advérbio de modo "assim" retoma "meditando e pregando". Lembre-se de que o advérbio de modo normalmente retoma o modo como a ação ocorreu.

Por conta dessas ações ocorridas anteriormente, São Simeão (sujeito paciente) ficou exposto (locução verbal da voz passiva) ao sol e à chuva (objeto indireto composto).

Assim, sintaticamente, a oração "*exposto ao sol e à chuva*" é subordinada adverbial consecutiva reduzida de particípio e pode ser desenvolvida para essa mesma estrutura ou até mesmo coordenada sindética conclusiva. Veja o desenvolvimento dessa oração:

Estilita era o santo que ficava anos e anos em cima de uma coluna, no deserto, meditando e pregando. São Simeão passou trinta anos assim, exposto ao sol e à chuva.
Or Sub Adv consecutiva reduzida de particípio

*Estilita era o santo que ficava anos e anos em cima de uma coluna, no deserto, meditando e pregando. São Simeão passou trinta anos assim, **de forma que** ficou exposto ao sol e à chuva.*
oração subordinada adverbial consecutiva desenvolvida

*Estilita era o santo que ficava anos e anos em cima de uma coluna, no deserto, meditando e pregando. São Simeão passou trinta anos assim, **por conseguinte** ficou exposto ao sol e à chuva*.

oração coordenada sindética conclusiva

Agora, sim, podemos observar que "exposto" realmente é um verbo no particípio.

Gabarito: **C**

Questão 63: TCE PA 2016 Superior (banca CESPE)

Fragmento de texto: O problema não está na lei. Mudá-la pode ser o pretexto não para torná-la mais rigorosa, mas para atribuir-lhe alguma flexibilidade que a desfigure. O verdadeiro problema é a dificuldade do setor público de adaptar suas despesas às receitas em queda por causa da crise.

O emprego do acento grave em "às receitas" (linha 4) decorre da regência do verbo "adaptar" (linha 4) e da presença do artigo definido feminino determinando o substantivo "receitas".

Comentário: A afirmativa está correta, pois o verbo "adaptar" é transitivo direto e indireto e o termo "suas despesas" é o objeto direto. Tal verbo rege a preposição "a", que inicia o objeto indireto "às receitas", e o substantivo "receitas" é precedido do artigo "as". Assim, houve a crase.

Gabarito: **C**

Questão 64: FUNPRESP 2016 Superior (banca CESPE)

Fragmento de texto: A construção do campus brotou do cruzamento de mentes geniais. O inquieto antropólogo Darcy Ribeiro definiu as bases da instituição. O educador Anísio Teixeira planejou o modelo pedagógico. O arquiteto Oscar Niemeyer transformou as ideias em prédios.

No trecho "O arquiteto Oscar Niemeyer transformou as ideias em prédios" (linha 4), o emprego do sinal indicativo de crase em "as ideias" é opcional.

Comentário: A afirmação está errada, tendo em vista que o verbo "transformou" é transitivo direto e indireto e o termo "as ideias" é o objeto direto, por isso há apenas o artigo "as" e não cabe crase.

Gabarito: **E**

Questão 65: FUNPRESP 2016 Superior (banca CESPE)

Fragmento de texto: Olhando os móveis limpos, seu coração se apertava um pouco em espanto. Mas na sua vida não havia lugar para que sentisse ternura pelo seu espanto — ela o abafava com a mesma habilidade que as lides em casa lhe haviam transmitido. Saía então para fazer compras ou levar objetos para consertar, cuidando do lar e da família à revelia deles. Quando voltasse era o fim da tarde e as crianças vindas do colégio exigiam-na. Assim chegaria a noite, com sua tranquila vibração. De manhã acordaria aureolada pelos calmos deveres.

A introdução do sinal grave indicativo de crase em "a noite" (linha 7) manteria a correção gramatical do texto, mas prejudicaria seu sentido original.

Comentário: No texto original, há o sujeito "a noite" e "chegaria" é verbo

intransitivo. Com a inserção do acento indicativo de crase, a expressão "à noite" passaria a ser o adjunto adverbial de tempo, afirmando-se que durante a noite alguém chegaria. Assim, haveria mudança de sentido e a afirmação está correta.
Gabarito: **C**

Questão 66: TRE PI 2016 Analista (banca CESPE)
Fragmento de texto: Para o entendimento da concentração da votação em determinado lugar, é necessário abordar a teoria do contextualismo geográfico, segundo a qual o comportamento dos eleitores é influenciado pelo ambiente sociogeográfico — seja pelas redes de interação social existentes, seja pela semelhança de experiências às quais os habitantes de uma região estão submetidos.
Sem prejuízo do sentido original e da coerência do texto, a expressão "às quais" (linha 5) poderia ser substituída por **à que**.
Comentário: A expressão "às quais" pode ser substituída por "a que", pois há apenas a preposição "a". Assim, a afirmação está errada.
Gabarito: **E**

Questão 67: MP ENAP 2015 Superior (banca CESPE)
Fragmento do texto: Para levar a cabo o novo modelo de gestão pública, será preciso adotar novas tecnologias e promover condições de trabalho adequadas, assim como mudanças culturais, desenvolvimento pessoal dos agentes públicos, planejamento de ações e controle de resultados.
Na linha 1, a correção gramatical do trecho seria mantida, caso se inserisse acento indicativo de crase no vocábulo "a" que compõe a locução "a cabo".
Comentário: O substantivo "cabo" é masculino, por isso não pode haver acento indicativo de crase.
Gabarito: **E**

Questão 68: TCU TEFC 2015 Técnico (banca CESPE)
Fragmento do texto: A invenção e a difusão da técnica da escritura, somadas à compilação de costumes tradicionais, proporcionaram os primeiros códigos da Antiguidade, como o de Hamurábi, o de Manu, o de Sólon e a Lei das XII Tábuas.
O emprego do sinal indicativo de crase no trecho "somadas à compilação de costumes tradicionais" (linha 2) é facultativo, razão por que sua supressão não acarretaria prejuízo para o sentido nem para a correção do período.
Comentário: O particípio "*somadas*" rege a reposição "a" e o substantivo "*compilação*" está precedido do artigo "a", haja vista a especificação com a expressão "*de costumes tradicionais*". Assim, deve haver o sinal indicativo de crase e sua supressão acarretaria erro gramatical.
Gabarito: **E**

Questão 69: TRE GO 2015 Analista (banca CESPE)

Fragmento do texto: Em meio a esse cenário, foi elaborado o texto constitucional, que, desde então, recebeu a denominação de Constituição Cidadã.

No trecho "Em meio a esse cenário" (linha 1), a inserção de sinal indicativo de crase no "a" acarretaria prejuízo à correção gramatical do texto.

Comentário: O substantivo "cenário" é masculino e ainda é precedido do pronome demonstrativo "esse", o qual não admite ser precedido de artigo. Assim, não pode haver acento indicativo de crase.

Como a questão afirmou que a inserção do acento acarretaria prejuízo à correção gramatical do texto, está correta.

Gabarito: **C**

Questão 70: STJ 2015 Analista (banca CESPE)

Fragmento do texto: Percebe-se, aqui, igualmente, a sua inegável dimensão ética, em virtude do necessário reconhecimento mútuo de todos como pessoas, iguais em direitos e obrigações, o que dá suporte a exigências recíprocas de ajuda ou sustento.

A correção gramatical do texto seria prejudicada caso se empregasse o sinal indicativo de crase no vocábulo "a" em "dá suporte a exigências recíprocas".

Comentário: O verbo "dá" é transitivo direto e indireto. O termo "suporte" é o objeto direto e "a exigências recíprocas" é o objeto indireto. O substantivo "exigências" é plural, porém o vocábulo "a" é singular. Assim, há apenas a preposição "a", iniciando o objeto indireto e esse é o motivo de não poder haver acento indicativo de crase.

Como a questão informou que haveria prejuízo caso se empregasse o sinal indicativo de crase, está correta.

Gabarito: **C**

Questão 71: FBU 2015 Contador (banca CESPE)

Fragmento do texto: A questão é a seguinte: devemos usar a norma culta em todas as situações? Evidentemente que não, sob pena de parecermos pedantes. Dizer "nós fôramos" em vez de "a gente tinha ido" em uma conversa de botequim é como ir de terno à praia. E quanto a corrigir quem fala errado? É claro que os pais devem ensinar seus filhos a se expressar corretamente, e o professor deve corrigir o aluno, mas será que temos o direito de advertir o balconista que nos cobra "dois real" pelo cafezinho?

De acordo com o contexto, estaria também correto o emprego do sinal indicativo de crase em "quanto a" (linha 4).

Comentário: Não pode haver o emprego do sinal indicativo de crase em "quanto a", tendo em vista que a palavra seguinte é o verbo "corrigir", e sabemos que não há crase diante de verbo. Veja:

E quanto a corrigir quem fala errado?

Gabarito: **E**

Questão 72: CGE PI 2015 Auditor (banca CESPE)

Fragmento do texto: Chama-lhe à minha vida uma casa, dá o nome de relíquias aos inéditos e impressos que aqui vão, ideias, histórias, críticas, diálogos, e verás explicados o livro e o título.

No trecho "Chama-lhe à minha vida uma casa", é facultativo o emprego do sinal indicativo de crase.

Comentário: Primeiro, devemos perceber que o verbo "Chama" rege a preposição "a". Em seguida, devemos lembrar que é facultativo o artigo "a" diante de pronome possessivo feminino singular. Assim, a afirmativa é certa.

Gabarito: **C**

Questão 73: MPU 2015 Analista (banca CESPE)

Fragmento do texto: Na organização do poder político no Estado moderno, à luz da tradição iluminista, o direito tem por função a preservação da liberdade humana, de maneira a coibir a desordem do estado de natureza, que, em virtude do risco da dominação dos mais fracos pelos mais fortes, exige a existência de um poder institucional.

O emprego do sinal indicativo de crase em "à luz da tradição iluminista" é facultativo, ou seja, a sua retirada não prejudicaria a correção gramatical nem o sentido original do texto.

Comentário: A locução adverbial "à luz" possui acento indicativo de crase obrigatório, ou seja, a sua retirada prejudicaria, sim, a gramaticalidade.

Gabarito: **E**

Questão 74: MPU 2015 Técnico (banca CESPE)

Fragmento do texto: No período colonial, o Brasil foi orientado pelo direito lusitano. Não havia o Ministério Público como instituição. Mas as Ordenações Manuelinas de 1521 e as Ordenações Filipinas de 1603 já faziam menção aos promotores de justiça, atribuindo-lhes o papel de fiscalizar a lei e de promover a acusação criminal. Existiam ainda o cargo de procurador dos feitos da Coroa (defensor da Coroa) e o de procurador da Fazenda (defensor do fisco).

A correção gramatical do texto seria preservada caso se substituísse a expressão "a acusação" (linha 5) por **à acusação**, pois, nesse caso, o emprego do sinal indicativo de crase é opcional.

Comentário: O verbo "promover" é transitivo direto e o termo "a acusação criminal" é o objeto direto. Assim, o emprego do sinal indicativo de crase é proibido.

Gabarito: **E**

Questão 75: MPU 2015 Técnico (banca CESPE)

Fragmento do texto: O tribunal considerou que a liberdade de expressão não se pode traduzir em desrespeito às diferentes manifestações dessa mesma liberdade, pois ela encontra limites no próprio exercício de outros direitos fundamentais.

Na linha 2, o emprego do sinal indicativo de crase em "às diferentes" justifica-se pela regência de "desrespeito", que exige complemento antecedido da preposição **a**, e pela presença de artigo feminino plural antes de "diferentes".

Comentário: Realmente, o substantivo "desrespeito" rege a preposição "a" e o substantivo plural e feminino "manifestações" é precedido do artigo "as". Assim, há crase.

Gabarito: C

Questão 76: Depen 2015 Nível superior (banca CESPE)

Fragmento do texto: Desde 2012, entre os projetos voltados à recuperação e à reinserção social, está a remição de pena por meio da leitura.

Sem prejuízo para a correção gramatical do texto, o sinal indicativo de crase poderia ser eliminado em ambas as ocorrências no trecho "voltados à recuperação e à reinserção social" (linhas 1 e 2).

Comentário: O adjetivo "voltados" rege a preposição "a", e os substantivos femininos "recuperação" e "reinserção" estão precedidos do artigo "a", por isso há acentos indicativos de crase.

Porém, a questão afirmou que, se houver a supressão dos acentos indicativos de crase, haverá correção gramatical. Veja bem, ela não afirmou nada sobre mudança ou permanência de sentido.

Sabemos que o adjetivo "voltados" continua regendo a preposição "a", mas os substantivos "recuperação" e "reinserção" até podem perder o artigo, com a diferença de que o sentido muda. Os substantivos passam transmitir um tom mais generalizante.

Como a banca não afirmou nada sobre permanência de sentido, está correta.

Gabarito: C

Questão 77: Depen 2015 Nível médio (banca CESPE)

Fragmento do texto: É preciso compreender que o preso conserva os demais direitos (educação, integridade física, segurança, saúde, assistência jurídica, trabalho e outros) adquiridos como cidadão, uma vez que a perda temporária do direito de liberdade em decorrência dos efeitos de sentença penal refere-se tão somente à liberdade de ir e vir. Isso, geralmente, não é o que ocorre.

No trecho "refere-se tão somente à liberdade de ir e vir", o emprego do sinal indicativo de crase deve-se ao fato de a locução "tão somente" exigir complemento antecedido pela preposição **a**.

Comentário: A preposição "a" ocorre, graças à regência do verbo pronominal "refere-se", e não da locução "tão somente". Assim, a afirmativa está errada.

Gabarito: E

Questão 78: TRE GO 2015 Técnico Judiciário (banca CESPE)

Fragmento de texto: A ele se somavam dois membros efetivos e dois substitutos, sorteados dentre os ministros do STF, além de dois efetivos e dois substitutos, sorteados dentre os desembargadores da Corte de Apelação do DF.

O emprego de acento indicativo de crase na expressão "A ele" (linha 1) — **À**

ele — prejudicaria a correção gramatical do texto.

Comentário: Sabendo-se que o pronome "ele" não pode ser precedido de artigo, não pode haver acento indicativo de crase. Como a questão afirmou que tal acento prejudicaria a correção gramatical, está certa.

Gabarito: **C**

Questão 79: IRBR 2015 Diplomacia (banca CESPE)

Fragmento de texto: A saúde frágil — teve quase todas as doenças sociais possíveis, de paratifo a tuberculose — não o impediu de sonhar um futuro radioso para os filhos.

Na expressão "de paratifo a tuberculose" (linha 2), o uso do sinal indicativo de crase no termo "a" não prejudicaria a correção gramatical do texto, pois, nesse caso, tal uso tem caráter facultativo.

Comentário: O uso do sinal indicativo de crase, neste caso, não é facultativo. Ele é proibido, haja vista que há dois substantivos com tom generalizante ("paratifo" e "tuberculose"), pois não são precedidos do artigo "a". Note que o primeiro é precedido da preposição "de", marcando origem, e o segundo precedido da preposição "a" marcando limite final. Assim, não cabe o acento indicativo de crase e a afirmação da questão está errada.

Gabarito: **E**

Questão 80: IRBR 2015 Diplomacia (banca CESPE)

Fragmento de texto: Celso Cunha tinha, na minha geração literária, a posição que, na geração anterior à nossa, coube a Souza da Silveira.

Em razão do arranjo sintático na expressão "na geração anterior à nossa" (linha 2), torna-se obrigatório o emprego do sinal indicativo de crase, apesar de esta preceder um pronome possessivo.

Comentário: Vimos que o acento indicativo de crase é facultativo diante de pronome possessivo feminino singular e de valor adjetivo. Já o pronome possessivo feminino singular de valor substantivo fatalmente faz subentender o substantivo omitido, por isso deve ser precedido de artigo.

O adjetivo "anterior" rege a preposição "a", e o pronome possessivo "nossa" faz subentender o substantivo "geração". Tal pronome obrigatoriamente é precedido de artigo. Como ele se refere a "geração", tal artigo será "a".

Assim, deve haver acento indicativo de crase. Compare:

Celso Cunha tinha, na minha geração literária, a posição que, na geração anterior à nossa, coube a Souza da Silveira.

*Celso Cunha tinha, na minha geração literária, a posição que, na geração anterior à nossa **(geração)**, coube a Souza da Silveira.*

Gabarito: **C**

Questão 81: TRE RS 2015 Analista Judiciário (banca CESPE)

Fragmento do texto: Enquanto a inelegibilidade é um impedimento prévio à eleição, que torna nulos os votos dados ao cidadão inelegível, a incompatibilidade é um impedimento posterior ao pleito eleitoral e proibitivo do exercício do mandato.

O uso do acento indicativo de crase em "à eleição" (linhas 1 e 2) é exigido pela presença do substantivo "impedimento" (linha 1) e pela presença de artigo definido feminino que determina o substantivo "eleição".

Comentário: É o adjetivo "prévio" que rege a preposição "a", e não o substantivo "impedimento", por isso a afirmação está errada.

Gabarito: **E**

O que devo tomar nota como mais importante?

O que devo tomar nota como mais importante?

- Estrutura VTD + OD; VTI + OI; VTDI + OD + OI; VI.
- Observar a diferença entre pronome relativo e conjunção integrante.
- Diferenciar orações subordinadas substantivas e adjetivas.
- Diferenciar as funções sintáticas do pronome relativo.
- Entender o uso de "cujo" e suas variações.
- A estrutura-base da crase.

Até nosso próximo encontro!

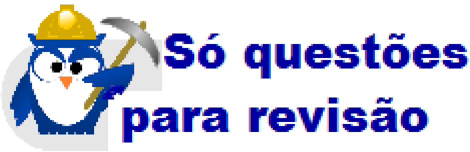

Questão 1: TCE PE 2017 Analista (banca CESPE)

Fragmento de texto: A expansão da cidadania e a qualidade da democracia pressupõem o Estado de direito para proteger as liberdades civis e políticas da cidadania. Conforme recomendação do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), deveria "existir um patamar mínimo de igualdade entre os membros da sociedade que outorgue a todos um leque razoável de opções para exercer sua capacidade de escolha e sua autonomia".

O trecho 'um patamar mínimo de igualdade entre os membros da sociedade' (linhas 4 e 5) exerce a função de complemento do verbo 'existir' (linha 4).

Questão 2: SEEDF 2017 Professor (banca CESPE)

Fragmento de texto: É evidente que a interlocução comunicativa permite o entendimento, proporciona o intercâmbio de ideias e nos faz refletir e argumentar com maior propriedade em defesa de nossos direitos e deveres como cidadãos.

Na linha 2, o pronome "nos" exerce a função de complemento da forma verbal "refletir".

Questão 3: TRE TO 2017 Nível médio (banca CESPE)

Fragmento do texto: Caso nada seja feito, a previsão é de que haja um aumento de 1º C em 2020 em relação à era pré-industrial. Parece pouco, mas é suficiente para gerar consequências para todas as populações do mundo, em especial as comunidades pobres e vulneráveis, causando impactos na segurança alimentar, hídrica e energética, aumento do nível do mar, tempestades, ondas de calor e intensificação de secas, chuvas e inundações.

No texto, funciona como um dos complementos da forma verbal "causando" (linha 4) o termo

A "ondas de calor" (linha 6).
B "secas" (linha 6).
C "secas, chuvas e inundações" (linha 6).
D "segurança alimentar, hídrica e energética" (linha 5).
E "nível do mar" (linha 5).

Questão 4: TCE PE 2017 Analista (banca CESPE)

Fragmento de texto: A efetiva transparência do administrador público não se resume à publicidade dos gastos.

A substituição do trecho "à publicidade dos gastos" (linha 2) por **na publicidade** manteria a correção gramatical do texto

Questão 5: SEEDF 2017 Professor (banca CESPE)

Fragmento de texto: Já esqueci a língua em que comia,
em que pedia para ir lá fora,
em que levava e dava pontapé,
a língua, breve língua entrecortada
do namoro com a prima.

Considerando-se as regências do verbo **esquecer** prescritas para o português, estaria correta a seguinte reescrita para a oração "Já esqueci a língua": Já esqueci da língua.

Questão 6: TCE PE 2017 Analista (banca CESPE)

Fragmento de texto: As últimas décadas registraram o ressurgimento do campo do conhecimento denominado políticas públicas, assim como das instituições, das regras e dos modelos que regem sua decisão, elaboração, implementação e avaliação.

A introdução da preposição **por** imediatamente após "denominado" (linha 2) manteria o sentido e a correção gramatical do texto, além de imprimir-lhe mais clareza.

Questão 7: TCE PE 2017 Analista (banca CESPE)

Fragmento de texto: A política pública, embora seja formalmente um ramo da ciência política, a ela não se resume, podendo também ser objeto analítico de outras áreas do conhecimento, inclusive da econometria, já bastante influente em uma das subáreas da política pública, a da avaliação, que também vem recebendo influência de técnicas quantitativas.

Seriam mantidos o sentido original do texto e sua correção gramatical caso o trecho “a ela não se resume” (linha 2) fosse substituído por **não lhe resume**.

Questão 8: PJC MT 2017 Delegado (banca CESPE)

Fragmento de texto: A injustiça, Senhores, desanima o trabalho, a honestidade, o bem; cresta em flor os espíritos dos moços, semeia no coração das gerações que vêm nascendo a semente da podridão, habitua os homens a não acreditar senão na estrela, na fortuna, no acaso, na loteria da sorte; promove a desonestidade, a venalidade, a relaxação; insufla a cortesania, a baixeza, **sob** todas as suas formas.

A correção gramatical do texto seria mantida caso o termo “sob” (linha 6) fosse substituído por **em**.

Questão 9: CP RM 2016 Técnico em Geociências (banca CESPE)

Fragmento de texto: A conclusão, praticamente unânime, é de que políticas que visem à conservação do meio ambiente e à sustentabilidade de projetos econômicos devem ser metas para todos os governantes.

A substituição da forma verbal “visem” (linha 2) por **objetivam** mantém a correção gramatical do texto.

Questão 10: TCE PA 2016 Superior (banca CESPE)

Fragmento de texto: O tenente Antônio de Souza era um desses moços que se gabam de não crer em nada, que zombam das coisas mais sérias e que riem dos santos e dos milagres. Costumava dizer que isso de almas do outro mundo era uma grande mentira, que só os tolos temem a lobisomem e feiticeiras. Jurava ser capaz de dormir uma noite inteira dentro do cemitério.

Sem prejuízo da correção gramatical e dos sentidos do texto, no trecho “só os tolos temem a lobisomem e feiticeiras” (linhas 4 e 5), a preposição “a” poderia ser suprimida.

Questão 11: FUNPRESP 2016 Superior (banca CESPE)

Fragmento de texto: Brasília tinha apenas dois anos quando ganhou sua universidade federal. A Universidade de Brasília (UnB) foi fundada com a promessa de reinventar a educação superior, entrelaçar as diversas formas de saber e formar profissionais engajados na transformação do país.

A correção gramatical e o sentido original do texto seriam preservados se o trecho “promessa de reinventar a educação superior” (linha 3) fosse substituído por **promessa de reinvenção da educação superior**.

Questão 12: FUNPRESP 2016 Analista (banca CESPE)

Fragmento de texto: Quando se cansava, sentava-se a uma grande mesa ao fundo da sala e escrevia o resto da noite. Leu um tratado de psicologia e trocou-o em miúdo, isto é, reduziu-o a artigos, uns quarenta ou cinquenta, que projetou meter nas revistas e nos jornais e com o produto vestir-se, habitar uma casa diferente daquela e pagar ao barbeiro.

A substituição do pronome "o", em "reduziu-o a artigos" (linha 3), por **lhe** preservaria a correção gramatical do texto.

Questão 13: TRE GO 2015 Técnico Judiciário (banca CESPE)

Fragmento de texto: Por fim, integravam a Corte três membros efetivos e quatro substitutos, escolhidos pelo chefe do governo provisório dentre quinze cidadãos, indicados pelo STF, desde que atendessem aos requisitos de notável saber jurídico e idoneidade moral. Dentre seus membros, elegia o Tribunal Superior, em escrutínio secreto, por meio de cédulas com o nome do juiz e a designação do cargo, um vice-presidente e um procurador para exercer as funções do Ministério Público, tendo este último a denominação de procurador-geral da justiça eleitoral.

Se a preposição **a** presente na contração "aos" (linha 3) fosse suprimida, a função sintática da expressão "requisitos de notável saber jurídico e idoneidade moral" (linhas 3 e 4) seria alterada, mas a correção gramatical do texto seria mantida.

Questão 14: TCE RN 2015 Auditor (banca CESPE)

Fragmento do texto: O poder político é dividido entre órgãos independentes e autônomos, aos quais são atribuídas funções típicas. Ao Poder Legislativo é conferida a função de elaborar a lei; ao Poder Executivo, a função de administrar a aplicação da lei; e, ao Poder Judiciário, a função de dirimir os conflitos legais surgidos entre pessoas ou entre estas e o Estado. Esquece-se, no entanto, que o Poder Legislativo possui outras funções típicas, das quais o poder financeiro e o controle político são exemplos.

A correção gramatical do texto seria prejudicada caso se substituísse "Esquece-se, (...), que" (linha 5) por **Esquece-se**, (...), **de que**.

Questão 15: TCE RN 2015 Auditor (banca CESPE)

Fragmento do texto: Esse princípio vinculava a cobrança de tributos à existência de uma lei elaborada por representantes do povo.

O texto permaneceria gramaticalmente correto caso o trecho "vinculava a cobrança de tributos à existência de uma lei" fosse reescrito da seguinte forma: vinculava à cobrança de tributos a existência de uma lei.

Questão 16: Telebras 2015 Especialista em Gestão (banca CESPE)

Fragmento do texto: A reestruturação do setor de telecomunicações no Brasil veio acompanhada da privatização do Sistema TELEBRAS — operado pela Telecomunicações Brasileiras S.A. (TELEBRAS) —, monopólio estatal verticalmente integrado e organizado em diversas subsidiárias, que prestava serviços por meio de uma rede de telecomunicações interligada, em todo o território nacional.

(...)

A privatização, ao contrário do que ocorreu em diversos países em desenvolvimento e mesmo em outros setores de infraestrutura do Brasil, foi precedida da montagem de detalhado modelo institucional, dentro do qual se destaca a criação de uma agência reguladora independente e autônoma, a Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL). Além disso, a reestruturação do setor de telecomunicações brasileiro foi precedida de reformas setoriais em vários outros países, o que trouxe a possibilidade de aprendizado com as experiências anteriores.

Sem prejuízo para a correção gramatical do texto, nas estruturas "da privatização" (linha 2), "da montagem" (linha 9) e "de reformas setoriais" (linha 13), os elementos sublinhados podem ser substituídos, respectivamente, pelas formas **pela**, **pela** e **por**.

Questão 17: TRE RS 2015 Analista Judiciário (banca CESPE)

Fragmento do texto: As incompatibilidades são, da mesma forma, impedimentos, embora de natureza diversa, que proíbem o parlamentar, desde a expedição do diploma ou desde a sua posse, de obter, direta ou indiretamente, vantagens do poder público, ou de se utilizar do mandato para obtê-las com maior facilidade.

Dada a regência do verbo proibir (linha 2), a substituição do termo "o parlamentar" (linha 2) por **ao parlamentar** não prejudicaria a correção gramatical do texto.

Questão 18: TRE-MS 2013 Técnico Judiciário (banca CESPE)

Fragmento de texto: No Brasil, só é considerado eleitor quem preencher os requisitos da nacionalidade, idade e capacidade, além do requisito formal do alistamento eleitoral.

A correção gramatical do texto seria mantida, apesar de haver alteração de seu sentido, caso o trecho "do alistamento eleitoral" (linha 3) fosse substituído por **para o alistamento eleitoral**.

Questão 19: TRE-MS 2013 Técnico Judiciário (banca CESPE)

Fragmento de texto: Políticos, sociais ou jurisdicionais, todos eles destinam-se à mesma finalidade: submeter o administrador ao controle e à aprovação do administrado.

Sem prejuízo para a correção gramatical ou para o sentido original do texto, o trecho "submeter o administrador ao controle e à aprovação do administrado" poderia ser reescrito da seguinte forma: **submeter ao administrador o controle e a aprovação do administrado**.

Questão 20: TRE-MS 2013 Técnico Judiciário (banca CESPE)

Fragmento de texto: O sufrágio universal, por exemplo, é um mecanismo de controle de índole eminentemente política — no Brasil, está previsto no art. 14

da Constituição Federal de 1988, que assegura ainda o voto direto e secreto e de igual valor para todos —, que garante o direito do cidadão de escolher seus representantes e de ser escolhido pelos seus pares.

Prejudicaria a correção gramatical do texto, assim como sua coerência, a substituição do trecho "que garante o direito do cidadão" (linha 4) por **que garante ao cidadão o direito**.

Questão 21: MP ENAP 2015 Superior (banca CESPE)

Fragmento do texto: Já a partir da década de 70 do século passado, o conceito de planejamento não era mais tão visto como um instrumento técnico e, sim, como um instrumento político capaz de moldar e de articular os diversos interesses envolvidos no processo de intervenção de políticas públicas.

A locução "capaz de" (linha 3) poderia, sem prejuízo do sentido original do texto, ser substituída por **para**.

Questão 22: TRE-MS 2013 Técnico Judiciário (banca CESPE)

Fragmento de texto: O sufrágio universal, por exemplo, é um mecanismo de controle de índole eminentemente política — no Brasil, está previsto no art. 14 da Constituição Federal de 1988, que assegura ainda o voto direto e secreto e de igual valor para todos —, que garante o direito do cidadão de escolher seus representantes e de ser escolhido pelos seus pares.

Na linha 2, a expressão "de índole" exerce a função de complemento de "controle" e, por isso, o emprego da preposição "de" é exigido pela presença desse substantivo na oração.

Questão 23: Assembleia Legislativa-ES – 2011 – Taquígrafo (banca CESPE)

Com relação à frase "Notas taquigráficas possibilitam ao cidadão acesso rápido ao trabalho do Senado Federal", a expressão "do Senado Federal" é complemento do núcleo nominal "trabalho".

Questão 24: Detran - ES / 2011 / nível médio (banca CESPE)

Fragmento de texto: O agravamento da crise urbana nos países em desenvolvimento e as mudanças políticas, sociais e econômicas, que, no momento, se processam em escala mundial, requerem novo esforço governamental para a organização das cidades e dos seus sistemas de transporte.

A presença da preposição **de** antes das expressões "cidades" e "seus sistemas" indica que esses termos complementam a ideia de "organização".

Questão 25: Detran - ES / 2011 / nível médio (banca CESPE)

Fragmento de texto: O carro, no entanto, não é o único vilão. A solução para o problema da mobilidade passa pela criação de alternativas ao uso do transporte individual.

"Como as opções alternativas ao transporte individual são pouco eficientes, pela falta de conforto, segurança ou rapidez, as pessoas continuam optando pelos automóveis, motocicletas ou mesmo táxis, ainda que permaneçam presas no trânsito", afirma S. G.

O emprego da preposição **a**, em "ao uso" (linha 2) e "ao transporte" (linha 4), é obrigatório, visto que esses termos, como complementos do substantivo "alternativas" (linhas 2 e 4), devem ser introduzidos por essa preposição.

Questão 26: PC - ES / 2011 / nível médio (banca CESPE)

Fragmento de texto: Recentemente, a Coreia do Norte, mais uma vez, atacou seus irmãos do Sul. Mesmo 65 anos depois do fim da Segunda Guerra Mundial e do rateio do mundo entre comunistas e capitalistas, os coreanos seguem presos aos dogmas de seus governos. O bombardeio ordenado por Pyongyang atingiu uma ilha do país vizinho, matou duas pessoas e feriu pelo menos dezoito. A justificativa do Norte foram manobras supostamente feitas pelos sulistas em águas sob sua jurisdição.

A presença da preposição a em "aos dogmas" (linha 4) decorre da regência da forma verbal "seguem" (linha 4), que exige complemento regido por essa preposição.

Questão 27: TRE BA 2017 Analista (banca CESPE)

Fragmento do texto: É possível deixar o voto em branco; para isso, basta apertar a tecla branca.

A oração "apertar a tecla branca" (linha 2) exerce, no período em que ocorre, a função de complemento da forma verbal "basta".

Questão 28: MPU 2010 Médio (banca CESPE)

Fragmento do texto: A chaga encontra terreno fértil nas sociedades subdesenvolvidas, mas também viceja onde o capitalismo, em seu ambiente mais selvagem, obriga crianças e adolescentes a participarem do processo de produção.

O emprego de preposição em "a participarem" é exigido pela regência da forma verbal "obriga".

Questão 29: TRF 1ª R 2017 Analista Judiciário Taquígrafo (banca CESPE)

Fragmento do texto: Isoladas de contexto ou situação, as palavras quase nada significam de maneira precisa, inequívoca (Ogden e Richards são radicais: "as palavras nada significam por si mesmas"): "...o que determina o valor da palavra é o contexto, o qual, a despeito da variedade de sentidos de que a palavra seja suscetível, lhe impõe um valor 'singular'; é o contexto também que a liberta de todas as representações passadas, nela acumuladas pela memória, e que lhe atribui um valor 'atual'".

Na oração "que lhe atribui um valor 'atual'" (linha 7), o elemento "que" exerce a função de complemento direto da forma verbal "atribui".

Questão 30: TRF 1ª R 2017 Analista Judiciário (banca CESPE)

Fragmento do texto: No direito brasileiro convencional, a relação entre a espécie humana e as demais espécies animais limita-se à tutela dos animais pelo poder público em função da sua utilidade enquanto fauna brasileira intrínseca ao meio ambiente equilibrado.

O emprego do sinal indicativo de crase em “à tutela dos animais” (linha 2) é facultativo.

Questão 31: SEEDF 2017 Professor (banca CESPE)

Fragmento de texto: Não têm conta entre nós os pedagogos da prosperidade que, apegando-se a certas soluções onde, na melhor hipótese, se abrigam verdades parciais, transformam-nas em requisito obrigatório e único de todo progresso.

Seriam preservados a correção gramatical e o sentido do texto caso o vocábulo “onde” (linha 2) fosse substituído por **que**.

Questão 32: INSS 2016 Técnico (banca CESPE)

Fragmento de texto: Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

A correção gramatical e o sentido do texto seriam preservados, caso se substituísse o trecho “lembrei-me de que” (linha 1) por **lembrei que**.

Questão 33: INSS 2016 Técnico (banca CESPE)

Fragmento de texto: Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros.

Seria mantida a correção do texto caso o trecho “onde caberiam” (linha 3) fosse substituído por **que caberia**.

Questão 34: TRE RS 2015 Técnico Judiciário (banca CESPE)

Fragmento do texto: Essas características se relacionam com outros fatores, tais como as fontes de preferência da informação política (as pessoas que leem mais material de campanha nos jornais também o fazem em revistas, rádio e televisão); os eventos (as pessoas que seguem determinados eventos de campanhas tendem a seguir outros, mesmo que sejam de candidatos aos quais se opõem); e a atenção (algumas pessoas prestam mais atenção à propaganda de uma campanha).

A substituição de “aos quais” (linhas 5 e 6) por **que** manteria a correção gramatical do texto e seu sentido original.

Questão 35: MPU 2015 Analista (banca CESPE)

Fragmento do texto: Evidencia-se, portanto, que é justamente na fase do inquérito policial que serão coletadas as informações e as provas que irão formar o convencimento do titular da ação penal, isto é, a *opinio delicti*.

Haveria prejuízo à correção gramatical do texto, se o vocábulo “que” fosse substituído por **onde**.

Questão 36: IRBR 2015 Diplomacia (banca CESPE)

Fragmento de texto: A primeira condição para conseguirmos conhecer melhor as pessoas diz respeito a tratarmos de evitar o erro usual de buscarmos avaliá-las tomando por base a nós mesmos.

(...)

A conclusão a que devemos chegar é que o realismo e a objetividade são bons mecanismos de exploração do meio externo e que a avaliação das pessoas também deve ser regida pela observação dos fatos e não por ideias.

A omissão da preposição "a" em "tomando por base a nós mesmos" (linha 3) e em "A conclusão a que devemos chegar" (linha 4) prejudicaria a correção gramatical desses dois trechos.

Questão 37: FUB 2015 – Contador (banca CESPE)

Fragmento do texto: O fator mais importante para prever a performance de um grupo é a igualdade da participação na conversa. Grupos em que poucas pessoas dominam o diálogo têm desempenho pior do que aqueles em que há mais troca.

Na linha 2, a supressão do termo "em" manteria a correção gramatical e o sentido original do período.

Questão 38: Telebras 2015 Técnico (banca CESPE)

Fragmento do texto: Segundo o presidente da TELEBRAS, um dos objetivos do desenvolvimento do satélite será a proteção às redes que transmitem informações sensíveis do governo federal.

O sinal indicativo de crase em "proteção às redes" (linha 2) justifica-se pela contração da preposição a, exigida pelo substantivo "proteção", com o artigo definido feminino as, que determina o vocábulo "redes".

Questão 39: Câmara dos Deputados 2014 Técnico Legislativo (banca CESPE)

Fragmento do texto: A atividade policial pode ser verificada em quase todas as organizações políticas que conhecemos, desde as cidades-estado gregas até os Estados atuais. Entretanto, o seu sentido e a forma como é realizada têm variado ao longo do tempo. A ideia de polícia que temos hoje é produto de fatores estruturais e organizacionais que moldaram seu processo histórico de transformação.

O pronome relativo "que" exerce, nas duas primeiras ocorrências, a função de complemento verbal e, na terceira, a de sujeito da oração em que se insere.

Questão 40: Câmara dos Deputados 2014 Técnico Legislativo (banca CESPE)

Fragmento do texto: Ao contrário do que muitos têm apregoado, o melhor não é "virar a página" no que se refere ao período da ditadura. Escolha mais adequada é empreender uma apropriação crítica desse passado político recente, tanto para consolidar nossa frágil cidadania quanto para entender a realidade em que vivemos. Para tanto, é fundamental estudar a ditadura, a fim de compreender a atualidade do seu legado e, assim, criar condições de superá-lo.

No trecho "entender a realidade em que vivemos" (linha 5), a supressão da preposição não prejudica a correção gramatical do texto, ainda que interfira na relação sintático-semântica entre seus elementos.

Questão 41: FUB 2014 Nível superior (banca CESPE)

Fragmento do texto: Há muito tempo a sociedade demonstra interesse por assuntos relacionados à ciência e à tecnologia. Na verdade, desde a pré-história, o homem busca explicações para a realidade e os mistérios do mundo que o cerca.

Em "o cerca" (linha 4), o pronome "o", que se refere ao termo "o homem" (linha 3), exerce a função de complemento da forma verbal "cerca".

Questão 42: ICMBIO 2014 Nível superior (banca CESPE)

Fragmento do texto: A situação é mais séria na região Nordeste, especialmente nos estados de Alagoas e Pernambuco, onde a maior parte da floresta original foi substituída por plantações de cana-de-açúcar. É nessa região que ainda podem ser encontrados os últimos exemplares das aves mais raras em todo o país, como o criticamente ameaçado limpa-folha-do-nordeste (Philydor novaesi). Essa pequena ave de dezoito centímetros vive no estrato médio e dossel de florestas bem conservadas e ricas em bromélias, onde procura artrópodes dos quais se alimenta. Atualmente, as duas únicas localidades onde a espécie pode ser encontrada são a Estação Ecológica de Murici, em Alagoas, e a Serra do Urubu, em Pernambuco.

A correção gramatical e o sentido original do texto seriam preservados caso o vocábulo "onde", nas linhas 2 e 7, fosse substituído pela expressão **em que**.

Questão 43: ICMBIO 2014 Nível médio (banca CESPE)

Fragmento do texto: "Fazemos a aproximação por meio de elementos do contexto onde as crianças estão inseridas. As atividades de leitura, interpretação e escrita associam-se ao tema do cerrado na forma de poesias, música, desenho, pintura e jogos", explica uma professora da Faculdade de Educação da UnB.

Na linha 2, a substituição do vocábulo 'onde' pela expressão ***no qual*** não comprometeria nem a sintaxe nem a significação do período de que o referido vocábulo faz parte.

Questão 44: ICMBIO 2014 Nível médio (banca CESPE)

Fragmento do texto: "Fazemos a aproximação por meio de elementos do contexto onde as crianças estão inseridas. As atividades de leitura, interpretação e escrita associam-se ao tema do cerrado na forma de poesias, música, desenho, pintura e jogos", explica uma professora da Faculdade de Educação da UnB.

No último período do texto, o pronome relativo preposicionado "na qual" completa o sentido de "intervir" e retoma o termo "sua realidade".

Questão 45: MEC 2014 Nível superior (banca CESPE)

Fragmento do texto: Se a vocação ontológica do homem é a de ser sujeito e não objeto, ele só poderá desenvolvê-la se, refletindo sobre suas condições espaço-temporais, introduzir-se nelas de maneira crítica. Quanto mais for levado a refletir sobre sua situacionalidade, sobre seu enraizamento espaço-temporal, mais “emergirá” dela conscientemente “carregado” de compromisso com sua realidade, da qual, porque é sujeito, não deve ser simples espectador, mas na qual deve intervir cada vez mais.

No último período do texto, o pronome relativo preposicionado “na qual” completa o sentido de “intervir” e retoma o termo “sua realidade”.

Questão 46: MTE 2014 Auditor-Fiscal do Trabalho (banca CESPE)

Fragmento do texto: Portanto, os aspectos que envolvem a gestão de pessoas têm de ser tratados como parte de uma política de valorização desse ativo, na qual gestores e RH são vasos comunicantes, trabalhando em conjunto, cada um desempenhando seu papel de forma adequada.

Na linha 3, a expressão “na qual” poderia ser substituída pela expressão **em que**, sem prejuízo da correção gramatical do texto.

Questão 47: MTE 2014 Agente Administrativo (banca CESPE)

Fragmento do texto: Por exemplo, a carteira de trabalho e previdência social (CTPS) está ligada à relação de trabalho subordinado que corresponde ao vínculo de emprego. Nem todos os tipos de relações de trabalho são registrados na CTPS, mas todos os tipos de relação de emprego são registrados no referido documento.

No trecho “está ligada à relação de trabalho subordinado que corresponde ao vínculo de emprego” (linhas 2 e 3), seria mantida a correção gramatical caso se substituísse o elemento “*que*” por **a que**, embora as relações entre os termos da oração fossem alteradas.

Questão 48: Polícia Federal – 2013 – Escrivão (banca CESPE)

Fragmento do texto: O que tanta gente foi fazer do lado de fora do tribunal onde foi julgado um dos mais famosos casais acusados de assassinato no país? Torcer pela justiça, sim: as evidências permitiam uma forte convicção sobre os culpados, muito antes do encerramento das investigações. Contudo, para torcer pela justiça, não era necessário acampar na porta do tribunal, de onde ninguém podia pressionar os jurados.

O emprego dos elementos “onde” (linha 2) e “de onde” (linha 5), no texto, é próprio da linguagem oral informal, razão por que devem ser substituídos, respectivamente, por **no qual** e **da qual**, em textos que requerem o emprego da norma padrão escrita.

Questão 49: Caixa Econômica Federal / 2010 / nível médio (banca CESPE)

Fragmento do texto: *A companhia, que há quinze anos vende seus produtos no Brasil por meio de importadoras, decidiu no ano passado abrir uma filial no país.*

O termo *"que"* faz referência a *"companhia"* e poderia, sem prejuízo para a correção gramatical do texto, ser substituído por **onde**.

Questão 50: INCA / 2010 / nível superior (banca CESPE)

Fragmento do texto: *Adverte-se, pois, que as preocupações com secreções respiratórias são de importância decisiva, motivo pelo qual são recomendados cuidados especiais com a higiene...*

A substituição de "*pelo qual*", pelo termo **por que** mantém a correção gramatical do período.

Questão 51: TRF 1ª R 2017 Analista (banca CESPE)

Fragmento de texto: No direito brasileiro convencional, a relação entre a espécie humana e as demais espécies animais limita-se à tutela dos animais pelo poder público em função da sua utilidade enquanto fauna brasileira intrínseca ao meio ambiente equilibrado.

O emprego do sinal indicativo de crase em "à tutela dos animais" (linhas 2 e 3) é facultativo.

Questão 52: PJC MT 2017 Delegado (banca CESPE)

Fragmento de texto: E, nesse esboroamento da justiça, a mais grave de todas as ruínas é a falta de penalidade aos criminosos confessos, é a falta de punição quando ocorre um crime de autoria incontroversa, mas ninguém tem coragem de apontá-la à opinião pública, de modo que a justiça possa exercer a sua ação saneadora e benfazeja.

A correção gramatical do texto seria mantida caso o acento indicativo de crase em "à opinião pública" (linha 5) fosse suprimido.

Questão 53: Prefeitura de São Luís - MA 2017 Técnico (banca CESPE)

Fragmento de texto: Tinha chegado o tempo da colheita, era uma manhã risonha, e bela, como o rosto de um infante, entretanto eu tinha um peso enorme no coração. Sim, eu estava triste, e não sabia a que atribuir minha tristeza.

A correção gramatical do texto seria prejudicada caso fosse empregado o sinal indicativo de crase no "a", em "a que atribuir" (linha 4).

Questão 54: SEEDF 2017 Professor (banca CESPE)

Fragmento de texto: É essa revolução — exigência fundamental do movimento da educação nova — que Claparède compara à que Copérnico realizou na astronomia, e que ele define, com tanta felicidade, nas seguintes linhas: "são os métodos e os programas que gravitam em torno da criança e não mais a criança que gira em torno de um programa decidido fora dela.

A supressão do acento grave, indicativo de crase, no trecho "que Claparède compara à que Copérnico realizou na astronomia" (linhas 2 e 3), prejudicaria a correção gramatical do texto, dada a impossibilidade de omissão do artigo definido no contexto.

Questão 55: SEEDF 2017 Professor (banca CESPE)

Fragmento de texto: Atualmente há uma grande preocupação quanto à capacidade dessa ciência, criada pelos interesses do desenvolvimento e da exploração da natureza, de oferecer soluções para lidar com a crise ambiental, social e econômica.

O emprego do sinal indicativo de crase em "à capacidade dessa ciência" (linhas 1 e 2) é facultativo.

Questão 56: SEEDF 2017 Monitor (banca CESPE)

Fragmento de texto: Para que a disseminação pública da cultura fuja a determinações pragmáticas e economicistas, é necessário um espaço público de preservação, de apropriação e de reflexão.

A correção gramatical do texto seria prejudicada caso se empregasse o sinal grave indicativo de crase no "a" em "fuja a determinações"

Questão 57: TRE TO 2017 Nível médio (banca CESPE)

Fragmento do texto: Em Roma, o voto advém das reformas de Sérvio Túlio, que tendem à formação de um corpo eleitoral e à fixação de processos de votação.

O uso do acento indicativo de crase nas expressões "à formação de um corpo eleitoral" (linha 2) e "à fixação de processos de votação" (linhas 2 e 3) é facultativo, pois as palavras "formação" e "fixação" estão empregadas de modo impreciso.

Questão 58: CP RM 2016 Técnico em Geociências (banca CESPE)

Fragmento de texto: A conclusão, praticamente unânime, é de que políticas que visem à conservação do meio ambiente e à sustentabilidade de projetos econômicos devem ser metas para todos os governantes.

O emprego do acento indicativo da crase em "à sustentabilidade" (linha 2) é facultativo.

Questão 59: DPU 2016 Analista Técnico-Administrativo (banca CESPE)

Fragmento de texto: Anteriormente à primeira Constituição pátria, a de 1824, vigoraram as Ordenações Afonsinas, as Manuelinas e as Filipinas.

No trecho "Anteriormente à primeira Constituição pátria" (linha 1), o emprego do acento indicativo de crase é facultativo.

Questão 60: DPU 2016 Técnico (banca CESPE)

Fragmento de texto: A mais recente visita de participantes de outro projeto, o Atenção à População de Rua do Assentamento Noroeste, levou respostas às demandas solicitadas pelos moradores.

No trecho "respostas às demandas" (linhas 2 e 3), o emprego do sinal indicativo de crase justifica-se pela regência do substantivo "respostas", que exige complemento antecedido da preposição **a**, e pela presença de artigo feminino plural que determina "demandas".

Questão 61: DPU 2016 Técnico (banca CESPE)
Fragmento de texto: Nós entramos para solucionar problemas: vamos até as ruas para informar sobre o trabalho da defensoria, para que seus direitos sejam garantidos", afirma a coordenadora.
Seria mantida a correção do texto caso o trecho 'para que seus direitos sejam garantidos' (linhas 2 e 3) fosse reescrito da seguinte forma: **visando à garantia de seus direitos**.

Questão 62: FUNPRESP 2016 Analista (banca CESPE)
Fragmento de texto: Já andei dizendo que o cronista é um estilita. Não confundam, por enquanto, com estilista. Estilita era o santo que ficava anos e anos em cima de uma coluna, no deserto, meditando e pregando. São Simeão passou trinta anos assim, exposto ao sol e à chuva.
Na linha 2, o emprego do acento indicativo de crase em "à chuva" é exigido pela regência da forma verbal "exposto" e pela presença do artigo definido feminino que especifica o substantivo "chuva".

Questão 63: TCE PA 2016 Superior (banca CESPE)
Fragmento de texto: O problema não está na lei. Mudá-la pode ser o pretexto não para torná-la mais rigorosa, mas para atribuir-lhe alguma flexibilidade que a desfigure. O verdadeiro problema é a dificuldade do setor público de adaptar suas despesas às receitas em queda por causa da crise.
O emprego do acento grave em "às receitas" (linha 4) decorre da regência do verbo "adaptar" (linha 4) e da presença do artigo definido feminino determinando o substantivo "receitas".

Questão 64: FUNPRESP 2016 Superior (banca CESPE)
Fragmento de texto: A construção do campus brotou do cruzamento de mentes geniais. O inquieto antropólogo Darcy Ribeiro definiu as bases da instituição. O educador Anísio Teixeira planejou o modelo pedagógico. O arquiteto Oscar Niemeyer transformou as ideias em prédios.
No trecho "O arquiteto Oscar Niemeyer transformou as ideias em prédios" (linha 4), o emprego do sinal indicativo de crase em "as ideias" é opcional.

Questão 65: FUNPRESP 2016 Superior (banca CESPE)
Fragmento de texto: Olhando os móveis limpos, seu coração se apertava um pouco em espanto. Mas na sua vida não havia lugar para que sentisse ternura pelo seu espanto — ela o abafava com a mesma habilidade que as lides em casa lhe haviam transmitido. Saía então para fazer compras ou levar objetos para consertar, cuidando do lar e da família à revelia deles. Quando voltasse era o fim da tarde e as crianças vindas do colégio exigiam-na. Assim chegaria a noite, com sua tranquila vibração. De manhã acordaria aureolada pelos calmos deveres.
A introdução do sinal grave indicativo de crase em "a noite" (linha 7) manteria a correção gramatical do texto, mas prejudicaria seu sentido original.

Questão 66: TRE PI 2016 Analista (banca CESPE)

Fragmento de texto: Para o entendimento da concentração da votação em determinado lugar, é necessário abordar a teoria do contextualismo geográfico, segundo a qual o comportamento dos eleitores é influenciado pelo ambiente sociogeográfico — seja pelas redes de interação social existentes, seja pela semelhança de experiências às quais os habitantes de uma região estão submetidos.

Sem prejuízo do sentido original e da coerência do texto, a expressão "às quais" (linha 5) poderia ser substituída por **à que**.

Questão 67: MP ENAP 2015 Superior (banca CESPE)

Fragmento do texto: Para levar a cabo o novo modelo de gestão pública, será preciso adotar novas tecnologias e promover condições de trabalho adequadas, assim como mudanças culturais, desenvolvimento pessoal dos agentes públicos, planejamento de ações e controle de resultados.

Na linha 1, a correção gramatical do trecho seria mantida, caso se inserisse acento indicativo de crase no vocábulo "a" que compõe a locução "a cabo".

Questão 68: TCU TEFC 2015 Técnico (banca CESPE)

Fragmento do texto: A invenção e a difusão da técnica da escritura, somadas à compilação de costumes tradicionais, proporcionaram os primeiros códigos da Antiguidade, como o de Hamurábi, o de Manu, o de Sólon e a Lei das XII Tábuas.

O emprego do sinal indicativo de crase no trecho "somadas à compilação de costumes tradicionais" (linha 2) é facultativo, razão por que sua supressão não acarretaria prejuízo para o sentido nem para a correção do período.

Questão 69: TRE GO 2015 Analista (banca CESPE)

Fragmento do texto: Em meio a esse cenário, foi elaborado o texto constitucional, que, desde então, recebeu a denominação de Constituição Cidadã.

No trecho "Em meio a esse cenário" (linha 1), a inserção de sinal indicativo de crase no "a" acarretaria prejuízo à correção gramatical do texto.

Questão 70: STJ 2015 Analista (banca CESPE)

Fragmento do texto: Percebe-se, aqui, igualmente, a sua inegável dimensão ética, em virtude do necessário reconhecimento mútuo de todos como pessoas, iguais em direitos e obrigações, o que dá suporte a exigências recíprocas de ajuda ou sustento.

A correção gramatical do texto seria prejudicada caso se empregasse o sinal indicativo de crase no vocábulo "a" em "dá suporte a exigências recíprocas".

Questão 71: FBU 2015 Contador (banca CESPE)

Fragmento do texto: A questão é a seguinte: devemos usar a norma culta em todas as situações? Evidentemente que não, sob pena de parecermos pedantes. Dizer “nós fôramos” em vez de “a gente tinha ido” em uma conversa de botequim é como ir de terno à praia. E quanto a corrigir quem fala errado? É claro que os pais devem ensinar seus filhos a se expressar corretamente, e o professor deve corrigir o aluno, mas será que temos o direito de advertir o balconista que nos cobra “dois real” pelo cafezinho?

De acordo com o contexto, estaria também correto o emprego do sinal indicativo de crase em “quanto a” (linha 4).

Questão 72: CGE PI 2015 Auditor (banca CESPE)

Fragmento do texto: Chama-lhe à minha vida uma casa, dá o nome de relíquias aos inéditos e impressos que aqui vão, ideias, histórias, críticas, diálogos, e verás explicados o livro e o título.

No trecho “Chama-lhe à minha vida uma casa”, é facultativo o emprego do sinal indicativo de crase.

Questão 73: MPU 2015 Analista (banca CESPE)

Fragmento do texto: Na organização do poder político no Estado moderno, à luz da tradição iluminista, o direito tem por função a preservação da liberdade humana, de maneira a coibir a desordem do estado de natureza, que, em virtude do risco da dominação dos mais fracos pelos mais fortes, exige a existência de um poder institucional.

O emprego do sinal indicativo de crase em “à luz da tradição iluminista” é facultativo, ou seja, a sua retirada não prejudicaria a correção gramatical nem o sentido original do texto.

Questão 74: MPU 2015 Técnico (banca CESPE)

Fragmento do texto: No período colonial, o Brasil foi orientado pelo direito lusitano. Não havia o Ministério Público como instituição. Mas as Ordenações Manuelinas de 1521 e as Ordenações Filipinas de 1603 já faziam menção aos promotores de justiça, atribuindo-lhes o papel de fiscalizar a lei e de promover a acusação criminal. Existiam ainda o cargo de procurador dos feitos da Coroa (defensor da Coroa) e o de procurador da Fazenda (defensor do fisco).

A correção gramatical do texto seria preservada caso se substituísse a expressão “a acusação” (linha 5) por **à acusação**, pois, nesse caso, o emprego do sinal indicativo de crase é opcional.

Questão 75: MPU 2015 Técnico (banca CESPE)

Fragmento do texto: O tribunal considerou que a liberdade de expressão não se pode traduzir em desrespeito às diferentes manifestações dessa mesma liberdade, pois ela encontra limites no próprio exercício de outros direitos fundamentais.

Na linha 2, o emprego do sinal indicativo de crase em “às diferentes” justifica-se pela regência de “desrespeito”, que exige complemento antecedido da preposição **a**, e pela presença de artigo feminino plural antes de “diferentes”.

Questão 76: Depen 2015 Nível superior (banca CESPE)

Fragmento do texto: Desde 2012, entre os projetos voltados à recuperação e à reinserção social, está a remição de pena por meio da leitura.

Sem prejuízo para a correção gramatical do texto, o sinal indicativo de crase poderia ser eliminado em ambas as ocorrências no trecho "voltados à recuperação e à reinserção social" (linhas 1 e 2).

Questão 77: Depen 2015 Nível médio (banca CESPE)

Fragmento do texto: É preciso compreender que o preso conserva os demais direitos (educação, integridade física, segurança, saúde, assistência jurídica, trabalho e outros) adquiridos como cidadão, uma vez que a perda temporária do direito de liberdade em decorrência dos efeitos de sentença penal refere-se tão somente à liberdade de ir e vir. Isso, geralmente, não é o que ocorre.

No trecho "refere-se tão somente à liberdade de ir e vir", o emprego do sinal indicativo de crase deve-se ao fato de a locução "tão somente" exigir complemento antecedido pela preposição **a**.

Questão 78: TRE GO 2015 Técnico Judiciário (banca CESPE)

Fragmento de texto: A ele se somavam dois membros efetivos e dois substitutos, sorteados dentre os ministros do STF, além de dois efetivos e dois substitutos, sorteados dentre os desembargadores da Corte de Apelação do DF.

O emprego de acento indicativo de crase na expressão "A ele" (linha 1) — **À ele** — prejudicaria a correção gramatical do texto.

Questão 79: IRBR 2015 Diplomacia (banca CESPE)

Fragmento de texto: A saúde frágil — teve quase todas as doenças sociais possíveis, de paratifo a tuberculose — não o impediu de sonhar um futuro radioso para os filhos.

Na expressão "de paratifo a tuberculose" (linha 2), o uso do sinal indicativo de crase no termo "a" não prejudicaria a correção gramatical do texto, pois, nesse caso, tal uso tem caráter facultativo.

Questão 80: IRBR 2015 Diplomacia (banca CESPE)

Fragmento de texto: Celso Cunha tinha, na minha geração literária, a posição que, na geração anterior à nossa, coube a Souza da Silveira.

Em razão do arranjo sintático na expressão "na geração anterior à nossa" (linha 2), torna-se obrigatório o emprego do sinal indicativo de crase, apesar de esta preceder um pronome possessivo.

Questão 81: TRE RS 2015 Analista Judiciário (banca CESPE)

Fragmento do texto: Enquanto a inelegibilidade é um impedimento prévio à eleição, que torna nulos os votos dados ao cidadão inelegível, a incompatibilidade é um impedimento posterior ao pleito eleitoral e proibitivo do exercício do mandato.

O uso do acento indicativo de crase em "à eleição" (linhas 1 e 2) é exigido pela presença do substantivo "impedimento" (linha 1) e pela presença de artigo definido feminino que determina o substantivo "eleição".

Gabarito

1. E	**2. E**	**3. A**	**4. C**	**5. E**	**6. E**	**7. E**	**8. C**	**9. E**	**10. C**
11. E	**12. E**	**13. C**	**14. C**	**15. C**	**16. C**	**17. E**	**18. C**	**19. E**	**20. E**
21. E	**22. E**	**23. E**	**24. C**	**25. C**	**26. E**	**27. E**	**28. C**	**29. E**	**30. E**
31. E	**32. C**	**33. E**	**34. E**	**35. C**	**36. C**	**37. E**	**38. C**	**39. C**	**40. C**
41. C	**42. C**	**43. C**	**44. C**	**45. C**	**46. C**	**47. E**	**48. E**	**49. E**	**50. C**
51. E	**52. E**	**53. C**	**54. C**	**55. E**	**56. C**	**57. E**	**58. E**	**59. E**	**60. C**
61. C	**62. C**	**63. C**	**64. E**	**65. C**	**66. E**	**67. E**	**68. E**	**69. C**	**70. C**
71. E	**72. C**	**73. E**	**74. E**	**75. C**	**76. C**	**77. E**	**78. C**	**79. E**	**80. C**
81. E									

Meu amigo, minha amiga!

Obrigado por ter acompanhado esta aula até o fim!

Pode ter certeza de que sua dedicação valerá a pena!

Se você está gostando da aula, dê um alô no WhatsApp abaixo!

Se quiser fazer sugestões, críticas, observações, isso também ajudará bastante na formulação dos nossos cursos!

Um grande abraço!
Décio Terror

WhatsApp

(32) 98447 5981

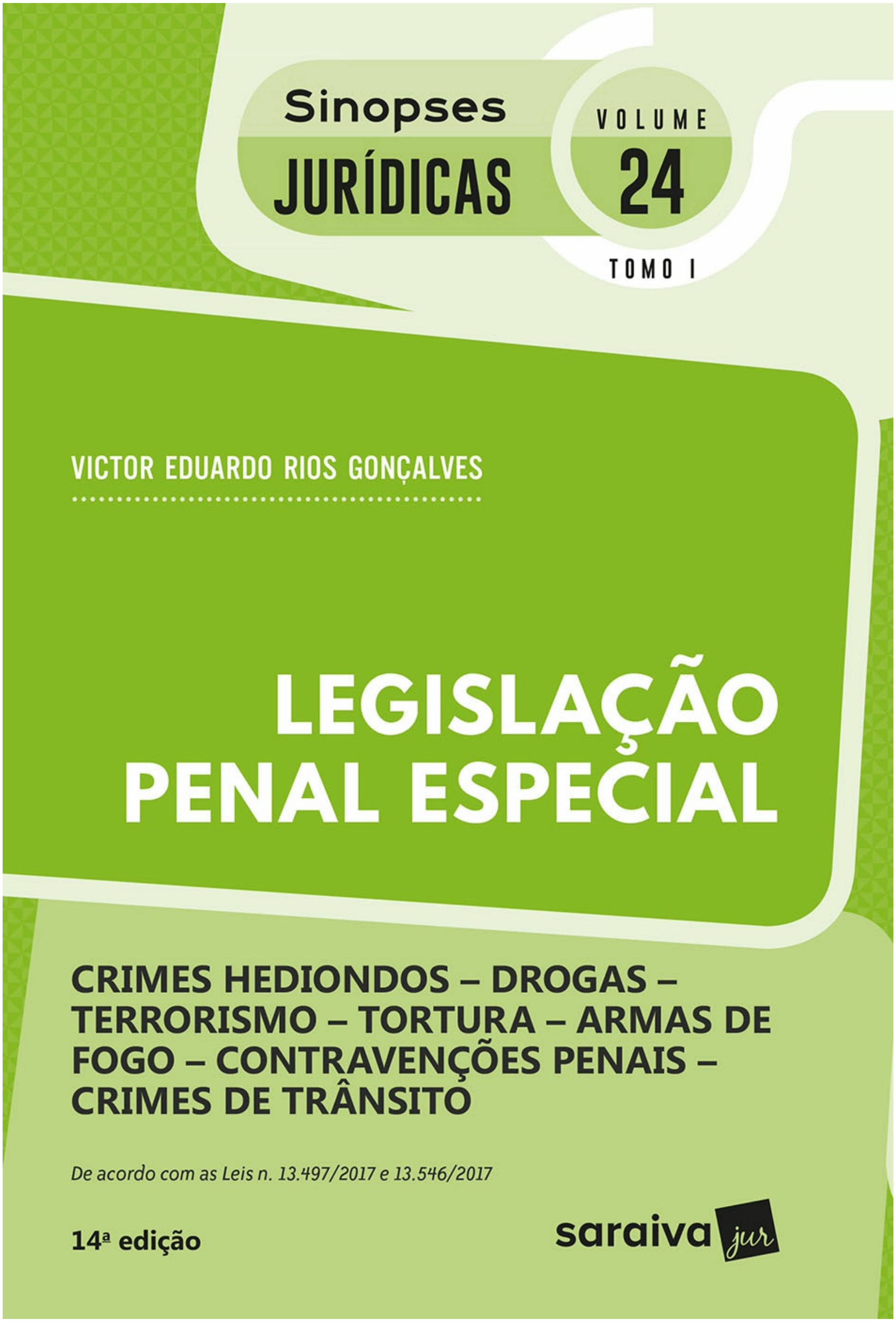

Sinopses
JURÍDICAS

VOLUME
24
TOMO I

VICTOR EDUARDO RIOS GONÇALVES

LEGISLAÇÃO PENAL ESPECIAL

CRIMES HEDIONDOS – DROGAS – TERRORISMO – TORTURA – ARMAS DE FOGO – CONTRAVENÇÕES PENAIS – CRIMES DE TRÂNSITO

De acordo com as Leis n. 13.497/2017 e 13.546/2017

14ª edição

saraiva jur

ISBN 9788547232931

Gonçalves, Victor Eduardo Rios
Legislação penal especial : crimes hediondos – drogas – terrorismo – tortura – armas de fogo – contravenções penais – crimes de trânsito / Victor Eduardo Rios Gonçalves. – 14. ed. – São Paulo : Saraiva Educação, 2018. – (Sinopses jurídicas ; v. 24, Tomo I)
1. Direito penal - Legislação - Brasil I. Título. II. Série.
17-1863 CDU 343.3/.7(81)(094.56)

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Legislação penal especial : Direito penal 343.3/.7(81)(094.56)

Vice-presidente *Claudio Lensing*

Diretora editorial *Flávia Alves Bravin*

Conselho editorial

Presidente *Carlos Ragazzo*

Consultor acadêmico *Murilo Angeli*

Gerência

Planejamento e novos projetos *Renata Pascoal Müller*

Editorial *Roberto Navarro*

Edição *Liana Ganiko Brito Catenacci | Patricia Quero*

Produção editorial *Maria Izabel B. B. Bressan (coord.) | Carolina Massanhi*

Arte e digital *Mônica Landi (coord.) | Claudirene de Moura Santos Silva | Guilherme H. M. Salvador | Tiago Dela Rosa | Verônica Pivisan Reis*

Planejamento e processos *Clarissa Boraschi Maria (coord.) | Juliana Bojczuk Fermino | Kelli Priscila Pinto | Marília Cordeiro | Fernando Penteado | Tatiana dos Santos Romão*

Novos projetos *Laura Paraíso Buldrini Filogônio*

Diagramação (Livro Físico) *Fabricando Ideias Design Gráfico*

Revisão *Adriana Cláudio*

Comunicação e MKT *Carolina Bastos | Elaine Cristina da Silva*

Capa *IDÉE arte e comunicação*

Livro digital (E-pub)

Produção do e-pub *Verônica Pivisan Reis*

Data de fechamento da edição: 30-1-2018

Dúvidas?

Acesse www.editorasaraiva.com.br/direito

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Saraiva.
A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Índice

Capítulo I - CRIMES HEDIONDOS

- 1 INTRODUÇÃO
- 2 O ROL DOS CRIMES HEDIONDOS
- 3 ANISTIA, GRAÇA, INDULTO E FIANÇA
- 4 REGIME INICIAL FECHADO
  - 4.1. REGRAS PARA PROGRESSÃO DE REGIME
- 5 DIREITO DE APELAR EM LIBERDADE
- 6 PRISÃO TEMPORÁRIA
- 7 ESTABELECIMENTOS PENAIS
- 8 LIVRAMENTO CONDICIONAL
- 9 ALTERAÇÃO DAS PENAS DOS CRIMES HEDIONDOS
- 10 DELAÇÃO EFICAZ
- 11 ASSOCIAÇÃO CRIMINOSA QUALIFICADA
- 12 TRAIÇÃO BENÉFICA
- 13 CAUSAS DE AUMENTO DE PENA
- 14 PRAZO EM DOBRO PARA O TRÁFICO DE ENTORPECENTES
- 15 Prioridade de tramitação

Capítulo II - DROGAS

- 1 INTRODUÇÃO
- 2 DOS CRIMES E DAS PENAS
  - 2.1. PORTE E CULTIVO PARA CONSUMO PRÓPRIO
  - 2.2. TRÁFICO ILÍCITO DE DROGAS
  - 2.3. FIGURAS EQUIPARADAS AO TRÁFICO
  - 2.4. INDUZIMENTO, INSTIGAÇÃO OU AUXÍLIO AO USO DE DROGA
  - 2.5. OFERTA EVENTUAL E GRATUITA PARA CONSUMO CONJUNTO
  - 2.6. MAQUINISMOS E OBJETOS DESTINADOS AO TRÁFICO
  - 2.7. ASSOCIAÇÃO PARA O TRÁFICO
  - 2.8. FINANCIAMENTO AO TRÁFICO
  - 2.9. INFORMANTE COLABORADOR

- 2.10. CAUSAS DE AUMENTO DE PENA
- 2.11. CAUSA DE DIMINUIÇÃO DE PENA
- 2.12. CONDUÇÃO DE EMBARCAÇÃO OU AERONAVE APÓS O CONSUMO DE DROGA
- 2.13. CRIME CULPOSO

3 DO PROCEDIMENTO PENAL
- 3.1. INTRODUÇÃO
- 3.2. FASE POLICIAL
- 3.3. DA INSTRUÇÃO CRIMINAL

4 COMPETÊNCIA

5 LAUDO DE CONSTATAÇÃO E TOXICOLÓGICO

6 A INIMPUTABILIDADE NA LEI ANTIdrogaS

7 A SEMI-IMPUTABILIDADE NA LEI ANTIdrogaS

8 O TRATAMENTO DOS TOXICÔMANOS

9 EXAME DE DEPENDÊNCIA

10 DA APREENSÃO, ARRECADAÇÃO E DESTINAÇÃO DOS BENS DO ACUSADO
- 10.1. DOS BENS OU VALORES OBTIDOS COM O TRÁFICO
- 10.2. DOS BENS UTILIZADOS PARA O TRÁFICO

11 DESAPROPRIAÇÃO DE TERRAS UTILIZADAS PARA O CULTIVO DE CULTURAS ILEGAIS

Capítulo III - TERRORISMO

1 INTRODUÇÃO

2 TIPO OBJETIVO

3 SUJEITO ATIVO

4 Sujeitos passivos

5 Consumação

6 Tentativa e atos preparatórios de terrorismo

7 Pena

8 Organização terrorista

9 Financiamento ao terror

10 Vedações

11 Ação penal

Capítulo IV - TORTURA
- 1 INTRODUÇÃO
- 2 DOS CRIMES EM ESPÉCIE
- 3 TORTURA-PROVA, TORTURA PARA A PRÁTICA DE CRIME E TORTURA DISCRIMINATÓRIA
- 4 TORTURA-CASTIGO
- 5 ABSORÇÃO
- 6 TORTURA DO PRESO OU DE PESSOA SUJEITA A MEDIDA DE SEGURANÇA
- 7 OMISSÃO PERANTE A TORTURA
- 8 FORMAS QUALIFICADAS
- 9 CAUSAS DE AUMENTO DE PENA
- 10 EFEITOS DA SENTENÇA CONDENATÓRIA
- 11 ASPECTOS PROCESSUAIS E PENAIS
- 12 DO REGIME INICIAL DA PENA
- 13 EXTRATERRITORIALIDADE DA LEI
- 14 REVOGAÇÃO DO ART. 233 DO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

Capítulo V - ARMAS DE FOGO (Estatuto do Desarmamento)
- 1 INTRODUÇÃO
- 2 DOS CRIMES E DAS PENAS (CAPÍTULO IV)
  - 2.1. Posse irregular de arma de fogo de uso permitido
  - 2.2. Omissão de cautela
  - 2.3. Omissão de comunicação de perda ou subtração de arma de fogo
  - 2.4. Porte ilegal de arma de fogo de uso permitido
  - 2.5. Disparo de arma de fogo
  - 2.6. Posse ou porte ilegal de arma de fogo de uso restrito
  - 2.7. Figuras com penas equiparadas
  - 2.8. Comércio ilegal de arma de fogo
  - 2.9. Tráfico internacional de arma de fogo
  - 2.10. Causas de aumento de pena
- 3 VEDAÇÃO DE LIBERDADE PROVISÓRIA
- 4 DESTRUIÇÃO DOS OBJETOS APREENDIDOS
- 5 REFERENDO POPULAR

6 REVOGAÇÃO DA LEI N. 9.437/97

Capítulo VI - CONTRAVENÇÕES PENAIS
- I – PARTE GERAL DAS CONTRAVENÇÕES
  - 1 INTRODUÇÃO
    - 1.1. Classificação das infrações penais
  - 2 APLICAÇÃO DAS REGRAS GERAIS DO CÓDIGO PENAL
  - 3 TERRITORIALIDADE
  - 4 VOLUNTARIEDADE, DOLO E CULPA
  - 5 TENTATIVA
  - 6 PENAS PRINCIPAIS
  - 7 REINCIDÊNCIA
  - 8 ERRO DE DIREITO
  - 9 LIMITE DAS PENAS
  - 10 SUSPENSÃO CONDICIONAL DA PENA E LIVRAMENTO CONDICIONAL
  - 11 MEDIDAS DE SEGURANÇA
  - 12 AÇÃO PENAL
- II – PARTE ESPECIAL DAS CONTRAVENÇÕES
  - 13 DAS CONTRAVENÇÕES REFERENTES À PESSOA (Capítulo I)
    - 13.1. Fabrico, comércio ou detenção de arma ou munição
    - 13.2. Porte de arma
    - 13.3. Vias de fato
  - 14 DAS CONTRAVENÇÕES REFERENTES AO PATRIMÔNIO (Capítulo II)
    - 14.1. Instrumento de emprego usual na prática de furto
    - 14.2. Posse não justificada de instrumento de emprego usual na prática de furto
    - 14.3. Exploração da credulidade pública
  - 15 DAS CONTRAVENÇÕES REFERENTES À INCOLUMIDADE PÚBLICA (Capítulo III)
    - 15.1. Disparo de arma de fogo
    - 15.2. Deflagração perigosa de fogo de artifício
    - 15.3. Omissão de cautela na guarda ou condução de animais
    - 15.4. Falta de habilitação para dirigir veículo
    - 15.5. Direção perigosa de veículo na via pública

- 16 DAS CONTRAVENÇÕES REFERENTES À PAZ PÚBLICA (Capítulo IV)
  - 16.1. Provocação de tumulto e conduta inconveniente
  - 16.2. Perturbação do trabalho ou do sossego alheios
- 17 DAS CONTRAVENÇÕES REFERENTES À FÉ PÚBLICA (Capítulo V)
  - 17.1. Simulação da qualidade de funcionário público
- 18 DAS CONTRAVENÇÕES RELATIVAS À ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO (CAPÍTULO vi)
  - 18.1. Exercício ilegal de profissão ou atividade
- 19 DAS CONTRAVENÇÕES RELATIVAS À POLÍCIA DE COSTUMES (Capítulo VII)
  - 19.1. Jogo de azar
  - 19.2. Jogo do bicho
  - 19.3. Vadiagem
  - 19.4. Mendicância
  - 19.5. Importunação ofensiva ao pudor
  - 19.6. Embriaguez
  - 19.7. Bebidas alcoólicas
  - 19.8. Crueldade contra animais
  - 19.9. Perturbação da tranquilidade
- 20 DAS CONTRAVENÇÕES REFERENTES À ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA (Capítulo VIII)
  - 20.1. Omissão de comunicação de crime – por funcionário público
  - 20.2. Omissão de comunicação de crime – por médico ou profissional da área de saúde
  - 20.3. Recusa de dados sobre a própria identidade ou qualificação

Capítulo VII - CRIMES DE TRÂNSITO

- 1 DISPOSIÇÕES GERAIS (Seção I)
  - 1.1. Procedimento nos crimes de trânsito
  - 1.2. Conceito de veículo automotor
  - 1.3. Suspensão e proibição da habilitação ou permissão para dirigir veículo
  - 1.4. Efeito extrapenal da condenação
  - 1.5. Suspensão ou proibição cautelar
  - 1.6. Comunicação da suspensão ou proibição da permissão ou habilitação
  - 1.7. Reincidência específica e suspensão ou proibição da permissão ou habilitação
  - 1.8. Multa reparatória

  1.9. Agravantes genéricas
  1.10. Prisão em flagrante e fiança
  1.11. Penas restritivas de direitos específicas
2 DOS CRIMES EM ESPÉCIE (Seção II)
  2.1. homicídio e lesão culposa na direção de veículo automotor
  2.2. Omissão de socorro
  2.3. Fuga do local do acidente
  2.4. EMBRIAGUEZ AO VOLANTE
  2.5. Violação da suspensão ou proibição imposta
  2.6. Omissão na entrega da permissão ou habilitação
  2.7. Participação em competição não autorizada
  2.8. Direção de veículo sem permissão ou habilitação
  2.9. Entrega de veículo a pessoa não habilitada
  2.10. Excesso de velocidade em determinados locais
  2.11. Fraude No procedimento apuratório

Capítulo I

CRIMES HEDIONDOS

1 INTRODUÇÃO

Dispõe o art. 5º, XLIII, da Constituição Federal que a lei considerará crimes inafiançáveis e insuscetíveis de graça ou anistia a prática da tortura, o tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins, o terrorismo e os definidos como crimes hediondos, por eles respondendo os mandantes, os executores e os que, podendo evitá-los, se omitirem. Para viabilizar a aplicação desse dispositivo foram aprovadas várias leis. A mais importante foi a Lei n. 8.072/90, conhecida como Lei dos Crimes Hediondos, que, além de definir os delitos dessa natureza, trouxe diversas outras providências de cunho penal e processual penal, bem como referentes à execução da pena dos próprios crimes hediondos, do tráfico de drogas, do terrorismo e da tortura. Quanto aos crimes hediondos, algumas alterações foram feitas na Lei n. 8.072/90. Com efeito, a Lei n. 8.930/94 acrescentou ao rol original algumas figuras do homicídio, bem como o crime de genocídio, e a Lei n. 9.695/98 fez o mesmo com o delito de falsificação de medicamentos. A Lei n. 11.464/2007 modificou o sistema de progressão da pena em relação a todos os delitos regulamentados pela Lei n. 8.072/90. A Lei n. 12.015/2009 unificou os crimes de estupro e atentado violento ao pudor sob a denominação estupro; portanto, excluiu o atentado violento ao pudor do rol dos crimes hediondos. Concomitantemente, inseriu a figura do estupro de vulnerável em tal rol. A Lei n. 12.978/2014 acrescentou no rol dos crimes hediondos o delito de favorecimento da prostituição ou de outra forma de exploração sexual de criança ou adolescente ou de vulnerável (art. 218-B, *caput*, e §§ 1º e 2º). Por fim, a Lei n. 13.142/2015 tornou hediondos os crimes de lesões corporais gravíssimas ou seguidas de morte contra policiais ou integrantes das Forças Armadas (ou contra seus familiares em razão dessa condição).

O crime de tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins mencionado no texto constitucional encontra-se descrito nos arts. 33, *caput* e § 1º, e 34 da Lei n. 11.343/2006 (Lei Antidrogas). As Cortes Superiores firmaram entendimento no sentido de que o delito de associação para o tráfico (art. 35 da Lei Antidrogas) não possui natureza hedionda por não constar expressamente do rol da Lei n. 8.072/90.

O art. 243 do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei n. 8.069/90) pune com detenção, de dois a quatro anos, e multa, quem vender, fornecer – ainda que gratuitamente –, ministrar ou entregar, de qualquer forma, a criança ou adolescente, sem justa causa, produtos cujos componentes possam causar dependência física ou psíquica, ainda que por utilização indevida. Esse delito, porém, não é considerado pela doutrina como forma de tráfico de entorpecentes ou drogas afins, pois se refere a produtos de outra natureza (não listados como entorpecentes ou assemelhados). Ex.: cigarros, cola de sapateiro etc.

Já o delito de terrorismo está descrito na Lei n. 13.260/2016.

Por fim, o crime de tortura está tipificado na Lei n. 9.455/97.

O tráfico ilícito de entorpecentes ou drogas afins, o terrorismo e a tortura não são crimes hediondos porque não constam no rol do art. 1º da Lei n. 8.072/90. Todavia, como possuem tratamento muito semelhante nos demais artigos da lei, são chamados de figuras equiparadas.

2 O ROL DOS CRIMES HEDIONDOS

Em nossa legislação, o caráter hediondo depende única e exclusivamente da existência de previsão legal reconhecendo essa natureza para determinada espécie delituosa. Com efeito, o art. 1º da Lei n. 8.072/90 apresenta um rol taxativo desses crimes, não admitindo ampliação pelo juiz. Não se admite, tampouco, que o magistrado deixe de reconhecer a natureza hedionda em delito que expressamente conste do rol. Adotou-se, portanto, um critério que se baseia exclusivamente na existência de lei que confira caráter hediondo a certos ilícitos penais. Assim, por mais grave que seja determinado crime, o juiz não lhe poderá conferir o caráter hediondo, se tal ilícito não constar do rol da Lei n. 8.072/90.

Os crimes militares, por exemplo, não estão abrangidos nessa lei. Assim, o crime de estupro previsto no Código Penal Militar não será considerado hediondo, mas o da legislação penal comum sim.

Dispõe o mencionado artigo:

> Art. 1º, caput – São considerados hediondos os seguintes crimes, todos tipificados no Decreto-lei n. 2.848/40 – Código Penal, consumados ou tentados:
>
> I – homicídio (art. 121), quando praticado em atividade típica de grupo de extermínio, ainda que cometido por um só agente, e homicídio qualificado (art. 121, § 2º, I, II, III, IV, V, VI e VII).

Não constava o homicídio na redação original da Lei n. 8.072/90, tendo sido introduzido pela Lei n. 8.930/94. Essa lei foi aprovada em decorrência de veementes críticas de juristas e da imprensa ao caráter hediondo reconhecido em alguns crimes sexuais, que, incompreensivelmente, era negado ao homicídio, crime que atinge o bem jurídico mais valioso do ser humano.

O caráter hediondo é conferido em duas hipóteses:

a) No homicídio simples praticado em atividade típica de grupo de extermínio, ainda que cometido por um só agente. Trata-se de situação bastante rara, uma vez que, em geral, o homicídio praticado em atividade típica de grupo de extermínio apresenta alguma qualificadora (motivo torpe, recurso que dificultou a defesa da vítima etc.) e, em tais casos, a existência da qualificadora já torna o delito hediondo. O dispositivo, contudo, atende aos reclamos da sociedade no sentido de uma punição mais severa sempre que houver envolvimento de grupos dessa natureza.

Discute a doutrina o significado da expressão “grupo de extermínio”, havendo, entretanto, consenso de que não se trata de sinônimo de concurso de agentes (coautoria e participação), pois, em geral, quando a lei quer abranger o simples concurso de duas ou mais pessoas, fá-lo de forma explícita, o que não ocorre na hipótese em análise. Assim, para alguns basta o envolvimento de três pessoas, enquanto, para outros, é necessário o número mínimo de quatro. Saliente-se, entretanto, que, nos termos da lei, o caráter hediondo estará presente ainda que o crime seja praticado por uma só pessoa, desde que em atividade típica de grupo de extermínio.

Segundo Cezar Roberto Bitencourt, para que haja atividade típica de grupo de extermínio basta que a prática do homicídio seja caracterizada pela impessoalidade da vítima (que a escolha do sujeito passivo seja pautada por suas características, sendo feita a esmo: travesti, prostituta, ladrão, menor abandonado etc.). De acordo com o autor mencionado, extermínio “é a chacina que elimina a vítima pelo simples fato de pertencer a determinado grupo ou determinada classe social ou racial, como, por exemplo, mendigos, prostitutas, homossexuais, presidiários etc. A impessoalidade da ação (...) é uma das características fundamentais, sendo irrelevante a unidade ou pluralidade de vítimas. Caracteriza-se a ação de extermínio mesmo que seja morta uma única pessoa, desde que se apresente a impessoalidade da ação, ou seja, pela razão exclusiva de pertencer ou ser membro de determinado grupo social, ético, econômico, étnico etc.” (*Tratado de direito penal,* 11. ed., São Paulo: Saraiva, 2011, v. 2, p. 68).

A Lei n. 12.720/2012 acrescentou um § 6º ao art. 121 do Código Penal, passando a prever um aumento de pena de um terço até metade se o crime de homicídio for praticado por milícia privada, sob o pretexto de prestação de serviço de segurança, ou por grupo de extermínio. Por se tratar agora de causa de aumento de pena, o tema deve ser objeto de questionamento aos jurados na votação dos quesitos.

Note-se que, para o delito ser considerado hediondo, basta que o crime seja cometido em atividade **típica** de grupo de extermínio, não havendo a necessidade de existir efetivamente um grupo montado a fim de cometer homicídios a pretexto de "limpeza social" de forma reiterada. Caso exista efetivamente a formação de um grupo, além de o delito ser hediondo, será aplicada a causa de aumento do art. 121, § 6º, do Código Penal. Ex.: os chamados "esquadrões da morte", montados por policiais para matar marginais que atuam em determinada região.

Por ausência de previsão legal, o homicídio simples cometido por integrante de milícia privada não constitui crime hediondo, embora a pena possa ser agravada de um terço até metade se o crime for cometido sob o pretexto de prestação de serviço de segurança.

b) No homicídio qualificado. O caráter hediondo abrange todas as formas de homicídio qualificado (art. 121, § 2º, I a VII, do CP), tentado ou consumado.

Os jurados não são questionados acerca do caráter hediondo do delito, já que essa característica decorre automaticamente do reconhecimento de uma das qualificadoras.

O feminicídio foi acrescentado ao Código Penal como forma qualificada do crime de homicídio pela Lei n. 13.104, de 9 de março de 2015, passando a constar no art. 121, § 2º, VI. Consiste no homicídio contra a mulher por razões da condição de sexo feminino, caracterizando-se quando o crime é cometido em situação de violência doméstica e familiar ou quando determinado por menosprezo ou discriminação à condição de mulher. A mesma lei determinou a inserção de tal modalidade de crime no rol dos delitos hediondos.

Em 6 de julho de 2015, a Lei n. 13.142 acrescentou ao art. 121, § 2º, VII, do CP outra qualificadora, também de natureza hedionda, que deve ser aplicada quando o homicídio for praticado contra integrante das Forças Armadas ou contra policial, civil ou militar, no exercício da função ou em decorrência dela, ou contra seu cônjuge, companheiro ou parente consanguíneo até terceiro grau, em razão dessa condição.

É sabido que um homicídio pode ser qualificado e privilegiado. Isso, porém, só é possível quando a qualificadora é de caráter objetivo, ou seja, quando se refere ao meio ou modo de execução. Essa conclusão é inevitável porque o privilégio, por ser sempre ligado à motivação do homicídio (caráter subjetivo), é incompatível com as qualificadoras subjetivas. Não se pode imaginar um homicídio privilegiado pelo relevante valor social e, ao mesmo tempo, qualificado pelo motivo fútil. Assim, como o privilégio é votado antes pelos jurados, o seu reconhecimento impede que o juiz ponha em votação as qualificadoras subjetivas, podendo fazê-lo, contudo, em relação às objetivas. Ex.: matar pelas costas o estuprador de sua filha.

Assim pergunta-se: o homicídio qualificado-privilegiado tem caráter hediondo?

Como a lei não aborda expressamente o tema, surgiram duas orientações: Damásio de Jesus entende que não, argumentando que o art. 67 do Código Penal, ao traçar norma de aplicação da pena – para hipótese de reconhecimento concomitante de circunstâncias agravantes e atenuantes genéricas –, estabeleceu que devem preponderar as circunstâncias de caráter subjetivo. Por isso, como no homicídio qualificado-privilegiado as qualificadoras são sempre objetivas e o privilégio é necessariamente subjetivo, este deve prevalecer e, portanto, o crime não será hediondo. Essa é a tese adotada pelo Supremo Tribunal Federal e pelo Superior Tribunal de Justiça. Observe-se que, de acordo com tal corrente, o juiz efetivamente aplica a qualificadora e o privilégio, porém, não lhe reconhece o caráter hediondo.

Por outro lado, há entendimento de que a aplicação do mencionado art. 67 é descabida, já que tal artigo trata apenas do reconhecimento conjunto de agravantes e atenuantes genéricas que são circunstâncias que se equivalem por serem aplicadas na mesma fase da aplicação da pena. As qualificadoras, todavia, não são equivalentes ao privilégio, pois aquelas modificam a própria tipificação do crime (estabelecendo nova pena em abstrato), enquanto este é tão somente uma causa de diminuição de pena, a ser considerada na última fase da sua fixação. Como não se equivalem, inaplicável o art. 67 do Código Penal, devendo prevalecer o caráter hediondo, uma vez que a Lei n. 8.072/90 não faz qualquer ressalva ao mencionar o homicídio qualificado como delito dessa natureza.

> Art. 1º, caput, I-A – lesão corporal dolosa de natureza gravíssima (art. 129, § 2º) e lesão corporal seguida de morte (art. 129, § 3º), quando praticadas contra autoridade ou agente descrito nos arts. 142 e 144 da Constituição Federal, integrantes do sistema prisional e da Força Nacional de Segurança Pública, no exercício da função ou em decorrência dela, ou contra seu cônjuge, companheiro ou parente consanguíneo até terceiro grau, em razão dessa condição.

A presente figura foi inserida na Lei dos Crimes Hediondos pela Lei n. 13.142/2015. Refere-se às hipóteses em que o agente provoca lesão corporal gravíssima ou seguida de morte em uma das pessoas elencadas no texto legal. Os arts. 142 e 144 da Constituição Federal mencionados no dispositivo dizem respeito aos integrantes das Forças Armadas e aos policiais civis ou militares. Para que o delito tenha natureza hedionda é necessário que o agente tenha provocado as lesões gravíssimas ou seguidas de morte quando a vítima estava no exercício da função ou que o delito tenha sido praticado em decorrência dela. Por fim, se estas mesmas infrações foram cometidas contra cônjuge, companheiro ou parente consanguíneo até terceiro grau de uma das autoridades ou agentes anteriormente mencionados, em razão dessa condição, o delito será igualmente considerado hediondo. O parentesco até terceiro grau a que a lei se refere abrange, na linha reta, crime contra pai ou filho, avô ou neto, bisavô ou bisneto, e, na linha colateral, crime contra irmão, tio ou sobrinho.

A expressão parentesco consanguíneo foi utilizada para excluir da majorante o parentesco por afinidade. Abrange, evidentemente, o crime cometido contra filho adotivo porque a Constituição veda qualquer distinção (art. 227, § 6º). Cuida-se de interpretação extensiva.

> Art. 1º, caput, II – latrocínio (art. 157, § 3º, in fine).

Apenas o roubo qualificado pelo resultado morte (latrocínio), consumado ou tentado, é considerado hediondo. Existe latrocínio quando o agente emprega violência para cometer um roubo e, dessa violência, resulta a morte da vítima. Esse resultado pode ter sido causado dolosa ou culposamente, sendo que, em ambos os casos, o delito será considerado hediondo.

O roubo qualificado pela lesão grave (ou gravíssima) não é considerado hediondo pela lei, devendo ser lembrado que, quando o agente efetua disparos querendo matar a vítima, mas ela não morre, vindo, porém, a sofrer sequelas consideradas graves, responderá ele por tentativa de latrocínio (em razão de seu dolo de matar durante o roubo) e não por roubo qualificado pelas lesões graves. Nesse caso, o delito será considerado hediondo.

> Art. 1º, caput, III – extorsão qualificada pela morte (art. 158, § 2º).

Exatamente como ocorre no latrocínio, a lei não conferiu caráter hediondo ao crime de extorsão qualificada pela lesão grave.

A Lei n. 11.923/2009 acrescentou um § 3º ao art. 158 do Código Penal, descrevendo o crime de extorsão qualificada pela restrição da liberdade, mais conhecido como “sequestro relâmpago”, em que o agente, em regra, captura a vítima, apossa-se de seu cartão bancário e exige o número da senha, para, em seguida, efetuar saques em caixas eletrônicos enquanto a vítima permanece em seu poder. Ocorre que a parte final do art. 158, § 3º, do Código Penal, estabelece que, se resulta lesão grave ou morte, devem ser aplicadas as penas do crime de extorsão mediante sequestro qualificado por tais resultados (art. 159, §§ 2º e 3º), fazendo com que a pena passe a ser consideravelmente maior. Estamos, portanto, diante de um crime de extorsão qualificada, em que se deve aplicar a pena de um crime de extorsão mediante sequestro qualificado. Em razão disso, surgiu polêmica em torno do caráter hediondo do novo crime quando dele resultar lesão grave ou morte, na medida em que não se inseriu na Lei dos Crimes Hediondos menção ao art. 158, § 3º. Em razão disso, três interpretações mostram-se possíveis: a) o sequestro relâmpago qualificado pela morte não é hediondo porque a lei que elenca os crimes dessa natureza não faz referência ao art. 158, § 3º; b) o delito é hediondo porque a lei manda aplicar as mesmas penas do crime de extorsão mediante sequestro qualificado e este é sempre hediondo; c) deve-se pautar o raciocínio com base no crime de extorsão (art. 158), já que o sequestro relâmpago é uma modalidade deste crime. Assim, como a extorsão qualificada pela lesão grave não é infração hedionda, o sequestro relâmpago com lesão grave também não o será. Se, todavia, houver como resultado a morte, o delito será hediondo porque a extorsão seguida de morte possui essa natureza. Esta última é a melhor solução.

Art. 1º, caput, IV – extorsão mediante sequestro e na forma qualificada (art. 159, caput e §§ 1º, 2º e 3º).

A Lei n. 8.072/90 dispensou especial atenção a esse delito em decorrência do grande número de crimes dessa natureza ocorridos durante sua tramitação. Ao contrário do que ocorre com o roubo e com a extorsão, que só possuem caráter hediondo quando qualificados pelo resultado morte, o crime de extorsão mediante sequestro é considerado hediondo em sua forma simples e em todas as suas formas qualificadas (se dura mais de 24 horas; se a vítima é menor de 18 anos ou maior de 60; se o crime é cometido por quadrilha; se a vítima sofre lesão grave ou morre).

Art. 1º, caput, V – estupro (art. 213, caput e §§ 1º e 2º).

O estupro simples (*caput*) e as formas qualificadas pelo resultado lesão grave ou morte (§§ 1º e 2º) são considerados crimes hediondos. Esse inciso V recebeu nova redação em decorrência da Lei n. 12.015/2009. Como o texto atual menciona expressamente a figura do art. 213, *caput*, do Código Penal, encerrou-se por definitivo a polêmica em torno de ser ou não hedionda a figura simples do estupro.

Art. 1º, caput, VI – estupro de vulnerável (art. 217-A, caput e §§ 1º, 2º, 3º e 4º).

Cuida-se de nova figura criminosa, criada pela Lei n. 12.015/2009, consistente em ter conjunção carnal ou praticar outro ato libidinoso com menor de 14 anos, com deficiente ou com enfermo mental que não tenha o necessário discernimento para a prática do ato, ou com pessoa que, por qualquer outra causa, não pode oferecer resistência. Evidente que, também nas hipóteses qualificadas pela lesão grave ou morte, o crime é considerado hediondo.

Art. 1º, caput, VII – epidemia com resultado morte (art. 267, § 1º).

Epidemia é o surto de uma doença que atinge grande número de pessoas em determinado local ou região mediante a propagação de germes patogênicos. A provocação intencional de epidemia é punida com reclusão, de dez a quinze anos, mas só terá caráter hediondo quando resultar em morte. Nessa hipótese, além de hediondo, o crime terá a pena aplicada em dobro.

O crime culposo de epidemia (art. 267, § 2º) não é considerado hediondo ainda que provoque a morte de alguém.

Art. 1º, caput, VII-A – (vetado).

Art. 1º, caput, VII-B – falsificação, corrupção, adulteração ou alteração de produto destinado a fins terapêuticos ou medicinais (art. 273, caput, e § 1º, § 1º-A, § 1º-B, com a redação dada pela Lei n. 9.677/98).

A Lei n. 9.695/98 acrescentou ao art. 1º da Lei dos Crimes Hediondos o inciso VII-B, transformando em crime dessa natureza a falsificação de medicamento. Apesar de não haver menção expressa, é claro que também serão consideradas hediondas as formas qualificadas descritas no art. 285 do Código Penal (lesão grave ou morte), uma vez que são mais graves. Por outro lado, não se considera hediondo o crime de falsificação culposa de medicamento (simples ou qualificado).

Observação: O crime de envenenamento de água potável ou de substância alimentícia ou medicinal, qualificado pela morte (art. 270, combinado com o art. 285 do CP), constava do rol original da Lei dos Crimes Hediondos, mas foi retirado pela Lei n. 8.930/94. Assim, atualmente não possui tal natureza.

Art. 1º, caput, VIII – favorecimento da prostituição ou de outra forma de exploração sexual de criança ou adolescente ou de vulnerável (art. 218-B, caput, e §§ 1º e 2º).

Este dispositivo foi introduzido na Lei n. 8.072/90 pela Lei n. 12.978/2014.

O *caput* do art. 218-B do Código Penal prevê pena de reclusão, de quatro a dez anos, para quem submeter, induzir ou atrair à prostituição ou outra forma de exploração sexual alguém menor de 18 anos ou que, por enfermidade ou deficiência mental, não tem o necessário discernimento para a prática do ato, e, ainda, para quem facilitar, impedir ou dificultar que a abandone.

O § 1º, por sua vez, prevê a aplicação cumulativa de pena de multa se o delito for cometido com intenção de obter vantagem econômica.

Por fim, serão também consideradas hediondas as condutas daqueles que infringirem o § 2º do art. 218-B, ou seja, daqueles que praticarem conjunção carnal ou outro ato libidinoso com alguém menor de 18 e maior de 14 anos em situação de prostituição ou exploração sexual (se a vítima tiver menos de 14 anos ou for doente mental, o crime será o de estupro de vulnerável), bem como do proprietário, do gerente ou do responsável pelo local em que se verifiquem referidas práticas (donos ou gerentes de estabelecimentos onde ocorra prostituição de menores, por exemplo).

Art. 1º, parágrafo único – Consideram-se também hediondos o crime de genocídio previsto nos arts. 1º, 2º e 3º da Lei n. 2.889/56, e o de posse ou porte ilegal de arma de fogo de uso restrito, previsto no art. 16 da Lei n. 10.826, de 22 de dezembro de 2003, todos tentados ou consumados.

O art. 1º da Lei n. 2.889/56 pune quem, com a intenção de destruir, no todo ou em parte, grupo nacional, étnico, racial ou religioso:

a) mata membros do grupo;

b) causa lesão grave à integridade física ou mental em membros do grupo;

c) submete intencionalmente o grupo a condições de existência capazes de ocasionar-lhe a destruição física total ou parcial;

d) adota medidas destinadas a impedir os nascimentos no seio do grupo;

e) efetua a transferência forçada de crianças do grupo para outro grupo.

O art. 2º pune a associação de mais de três pessoas para a prática dos crimes mencionados no artigo anterior, e o art. 3º incrimina quem incita, direta e publicamente, alguém a cometer qualquer dos crimes de que trata o art. 1º.

O art. 16, *caput*, da Lei n. 10.826/2003 (Estatuto do Desarmamento), pune os crimes de posse e porte ilegal de arma de fogo de uso restrito. A inclusão no rol dos crimes hediondos se deu pela sanção da Lei n. 13.497, em 26 de outubro de 2017.

Não há dúvida de que surgirá controvérsia em torno do alcance do dispositivo: o legislador, ao se referir ao crime de "posse ou porte ilegal de arma de fogo de uso restrito" estaria fazendo menção ao *nomem juris* ou às específicas condutas do tipo penal que envolvem **armas de fogo**, de modo a excluir da modalidade hedionda o porte e a posse de munição ou artefato de uso restrito?

Vejamos o texto legal:

"Posse ou porte ilegal de arma de fogo de uso restrito" (*nomem juris*):

Art. 16. Possuir, deter, portar, adquirir, fornecer, receber, ter em depósito, transportar, ceder, ainda que gratuitamente, emprestar, remeter, empregar, manter sob sua guarda ou ocultar arma de fogo, acessório ou munição de uso proibido ou restrito, sem autorização e em desacordo com determinação legal ou regulamentar: Pena – reclusão, de 3 (três) a 6 (seis) anos, e multa.

Caso se entenda que o legislador quis se referir ao *nomem juris*, também o porte e a posse de **munição** e de **acessório** de uso restrito teriam natureza hedionda. Se, todavia, entendermos que o legislador quis se referir às condutas específicas que tenham como objeto material apenas armas de fogo de uso restrito, não seriam hediondas aquelas relacionadas a munição e acessório e tampouco as demais condutas típicas (ceder, adquirir, fornecer, remeter etc.) que envolvessem as próprias armas. Tampouco o porte de arma de fogo de uso proibido seria hediondo. Parece-nos, contudo, que o legislador referiu-se ao *nomen juris*, de modo a tornar hediondas todas as condutas do art. 16, *caput*, inclusive aquelas relacionadas a munições ou acessórios.

De outro lado, não pretendeu o legislador abranger como crime hediondo as figuras com penas equiparadas previstas no parágrafo único do art. 16 do Estatuto, exceto, obviamente, se importarem concomitantemente posse ou porte ilegal de arma de fogo de uso restrito. Dessa forma, se alguém portar um revólver calibre 38 (arma de uso permitido) com numeração raspada incorrerá na figura equiparada do art. 16, parágrafo único, IV, do Estatuto, que possui as mesmas penas do *caput* mas que não terá natureza hedionda. Caso, entretanto, o agente esteja portando um fuzil com numeração raspada o delito será considerado hediondo.

Saliente-se que o Projeto de Lei do Senado n. 230/2014, de autoria do Senador Marcelo Crivella, também conferia natureza hedionda aos crimes de comércio ilegal de arma de fogo e de tráfico internacional de arma de fogo, descritos, respectivamente nos arts. 17 e 18 do Estatuto do Desarmamento. Ocorre que, em razão de emenda apresentada durante a tramitação do Projeto de Lei, essas duas figuras delituosas foram excluídas do texto pelos Senadores. Posteriormente, foi aprovado substitutivo na Câmara dos Deputados tornando a considerar hediondos os crimes dos arts. 17 e 18, desde que relacionados a certas armas de uso restrito (fuzil, metralhadora e submetralhadora). Acontece que o texto retornou ao Senado e nesta Casa foi rejeitado o substitutivo da Câmara, mantendo-se o texto que ali havia sido aprovado anteriormente. Assim, embora o comércio de arma de fogo de uso restrito e o tráfico internacional desse tipo de arma tenham pena maior (arts. 17 e 18 combinados com o art. 19 do Estatuto), não possuem natureza hedionda.

Nos termos do art. 16 do Decreto n. 3.665/2000, são consideradas de uso restrito, exemplificativamente, as armas automáticas, de qualquer calibre (metralhadoras, p. ex.), as armas de fogo dissimuladas (em forma de caneta, p.

ex.), as de pressão por gás comprimido ou por ação de mola, com calibre superior a 6 mm, as de alma lisa (parte interna do cano sem raias) de calibre doze ou maior com comprimento de cano menor que vinte e quatro polegadas ou seiscentos e dez milímetros, as de ar comprimido, simulacro do Fz 7,62 mm, M964, FAL, armas de fogo curtas (revólveres, pistolas) que utilizem munição .357 Magnum, 9 Luger, .38 Super Auto, .40 S&W, .44 SPL, .44 Magnum, .45 Colt e .45 Auto, e as armas de fogo longas (espingardas, rifles) raiadas que utilizem munição .22-250, .223 Remington, .243 Winchester, .270 Winchester, 7 Mauser, .30-06, .308 Winchester, 7,62 x 39, .357 Magnum, .375 Winchester e .44 Magnum.

Acessórios de uso restrito são aqueles que são agregados a uma arma para aumentar sua eficácia, como, por exemplo, visores noturnos e miras especiais, que aumentem seis vezes ou mais o tamanho do alvo, ou para dissimular seu uso, como silenciadores, por exemplo.

3 ANISTIA, GRAÇA, INDULTO E FIANÇA

> Art. 2º, caput – Os crimes hediondos, a prática da tortura, o tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins e o terrorismo são insuscetíveis de:
>
> I – anistia, graça e indulto;
>
> II – fiança.

A própria Constituição Federal, em seu art. 5º, XLIII, determina que todos esses crimes são insuscetíveis de anistia, graça e fiança. O art. 323, II, do Código de Processo Penal também veda expressamente a fiança para esses delitos. A Lei n. 8.072/90, por sua vez, aumentou as vedações, incluindo a proibição ao indulto. O STF entendeu não haver inconstitucionalidade quanto a este aspecto porque a “graça” foi mencionada no texto constitucional em sentido amplo (abrangendo a graça em sentido estrito e o indulto). Posteriormente, o art. 1º, § 6º, da Lei n. 9.455/97 (Lei de Tortura) voltou a vedar apenas a graça e a anistia ao crime de tortura. Entende-se, porém, que o indulto continua proibido, pois, conforme mencionado, o STF entende que a palavra “graça” contida na Carta Magna abrange o indulto. O art. 44, *caput*, da Lei n. 11.343/2006 (Lei Antidrogas) também proíbe expressamente o indulto, a graça e a anistia aos crimes de tráfico e seus equiparados. Caso se trate, todavia, de tráfico privilegiado (art. 33, § 4º, da Lei de Drogas), referidos benefícios não estarão vedados, na medida em que o Plenário do Supremo Tribunal Federal considerou que tal modalidade do delito não é equiparada a crime hediondo (HC 118.533, Rel. Min. Cármen Lúcia, julgado em 23-6-2016). Considera-se privilegiado o tráfico quando o agente é primário, tem bons antecedentes, não se dedica às atividades criminosas e não integra organização criminosa.

Em suma, os três institutos (anistia, graça e indulto) são vedados aos crimes de tráfico (não privilegiado), terrorismo, tortura e de natureza hedionda.

Em relação à liberdade provisória, é preciso mencionar que a Lei n. 11.343/2006 (Lei Antidrogas), em seu art. 44, *caput,* proíbe sua concessão ao crime de tráfico. Ocorre que, embora se trate de lei especial, a jurisprudência se inclina no sentido de ser possível sua concessão também a esse delito, na medida em que a Lei n. 11.464/2007, que alterou o art. 2º da Lei n. 8.072/90, passou a admiti-la até mesmo para crimes hediondos, terrorismo e tortura.

Atualmente, as pessoas presas em flagrante pela prática de crime hediondo podem, teoricamente, obter a liberdade provisória, bem como ter o flagrante relaxado por excesso de prazo ou por outras causas (nulidade do auto de prisão, ausência de situação de flagrância etc.). Convém lembrar, entretanto, que a Lei n. 11.464/2007 apenas retirou a proibição da liberdade provisória, mas é evidente que, na prática, os juízes só irão deferir o benefício em situações excepcionais, na medida em que os delitos em estudo são de extrema gravidade.

Observação: A Súmula 697 do Supremo Tribunal Federal perdeu a razão de existir após o advento da Lei n.

11.464/2007. O teor dessa súmula era o seguinte: “a proibição de liberdade provisória nos processos por crimes hediondos não veda o relaxamento da prisão processual por excesso de prazo”.

4 REGIME INICIAL FECHADO

> Art. 2º, § 1º – A pena por crime previsto neste artigo será cumprida inicialmente em regime fechado.

Na legislação penal comum, somente é fixado regime inicial fechado quando o réu for condenado, por crime apenado com reclusão, a pena superior a oito anos ou se for reincidente. Para os crimes hediondos, o tráfico de entorpecentes, o terrorismo e a tortura, o dispositivo em análise, todavia, estabelece que o regime inicial a ser fixado pelo juiz na sentença deve ser sempre o fechado, independentemente do montante da pena aplicada e de ser o réu primário ou reincidente. Acontece que o Plenário do Supremo Tribunal Federal, em 27 de junho de 2012, declarou, por oito votos contra três, a inconstitucionalidade deste art. 2º, § 1º, da Lei n. 8.072/90 por entender que a obrigatoriedade de regime inicial fechado para penas não superiores a 8 anos fere o princípio constitucional da individualização da pena (art. 5º, XLVI, da CF). Assim, mesmo para crimes hediondos, tráfico de drogas, terrorismo e tortura, o regime inicial só poderá ser o fechado (quando a pena fixada na sentença não for maior do que 8 anos) se o acusado for reincidente ou se as circunstâncias do caso concreto indicarem uma gravidade diferenciada daquele crime específico, o que deverá constar expressamente da fundamentação da sentença. Essa decisão ocorreu no julgamento do HC 111.840/ES. Em novembro de 2017, confirmando tal entendimento, o Supremo Tribunal Federal aprovou a tese 972, em sede de repercussão geral: “É inconstitucional a fixação *ex lege*, com base no art. 2º, § 1º, da Lei n. 8.072/90, do regime inicial fechado, devendo o julgador, quando da condenação, ater-se aos parâmetros previstos no art. 33 do Código Penal”.

Desse modo, se o réu primário for condenado a pena não superior a 8 anos, não bastará que o juiz diga que aquele crime é previsto em lei como hediondo para aplicar o regime inicial fechado. Deverá explicar por que aquele crime hediondo ou equiparado reveste-se de especial gravidade. Exs.: por que a quantidade da droga é muito elevada no crime de tráfico; por que o acusado manteve diversas conjunções carnais com a vítima no crime de estupro etc.

4.1. REGRAS PARA PROGRESSÃO DE REGIME

> Art. 2º, § 2º – A progressão de regime, no caso dos condenados aos crimes previstos neste artigo, dar-se-á após o cumprimento de 2/5 (dois quintos) da pena, se o apenado for primário, e de 3/5 (três quintos), se reincidente.

Pela redação originária da Lei n. 8.072/90, os condenados por crimes hediondos ou equiparados deveriam cumprir a pena integralmente em regime fechado, sendo, portanto, vedada a progressão para os regimes semiaberto e aberto. Ocorre que o Supremo Tribunal Federal, no julgamento do HC 82.959, em 23 de fevereiro de 2006, decidiu que essa regra era inconstitucional por ferir os princípios da individualização da pena e da dignidade humana. Por isso, a Lei n. 11.464/2007 foi aprovada para regulamentar o assunto e, assim, conferiu nova redação ao art. 2º da Lei n. 8.072/90, para estabelecer que, em tais crimes, a progressão será possível após o cumprimento de dois quintos da pena, se o apenado for primário, ou três quintos, se reincidente. Como o texto legal não faz ressalva, qualquer espécie de reincidência, e não apenas em crimes dessa natureza, faz com que o condenado tenha de cumprir o período maior para obter a progressão.

Observação: Para os crimes comuns, a progressão se dá após o cumprimento de um sexto da pena, nos termos do art. 112 da Lei de Execuções Penais (Lei n. 7.210/84).

5 DIREITO DE APELAR EM LIBERDADE

> Art. 2º, § 3º – Em caso de sentença condenatória, o juiz decidirá fundamentadamente se o réu poderá apelar em liberdade.

Referido dispositivo permite que o juiz decida livremente se o condenado, que está solto, poderá ou não apelar em liberdade, desde que justifique sua decisão. Assim, mesmo que ele seja reincidente, poderá o juiz deixar de decretar sua prisão por ocasião da condenação recorrível, caso entenda que não existe necessidade imediata da prisão.

É evidente que, se o réu esteve preso durante a instrução por estarem presentes os requisitos da prisão preventiva, o juiz, ao condená-lo, deverá verificar se continuam ou não presentes tais requisitos. Caso persistam os motivos, deverá manter o condenado no cárcere.

Observação: A regra do art. 2º, § 3º, da Lei n. 8.072/90 se aplica apenas aos crimes hediondos, à tortura e ao terrorismo, pois, em relação ao tráfico de drogas, o art. 59 da Lei n. 11.343/2006 (Lei Antidrogas) prevê que o réu poderá apelar em liberdade se for primário e de bons antecedentes. Teoricamente, de acordo com tal dispositivo, se o juiz condenar um traficante reincidente que estava solto, deve determinar que se recolha à prisão para apelar. Ocorre que havia regra idêntica no art. 594 do CPP, determinando a prisão em tal caso, se a condenação fosse por qualquer espécie de crime inafiançável, dispositivo que acabou sendo revogado pela Lei n. 11.719/2008, que passou a prever a necessidade de prisão por ocasião da sentença recorrível, apenas se surgirem razões específicas para tanto no caso concreto (art. 387, parágrafo único, do CPP). Assim, embora a Lei Antidrogas seja especial, na prática, passou-se a adotar o mesmo entendimento, no sentido de ser o réu preso apenas se o juiz entender que é necessária a decretação da prisão preventiva por ocasião da sentença (para garantia da ordem pública ou para assegurar a aplicação da lei penal).

Em suma, quer se trate de crime hediondo, tortura, terrorismo ou tráfico de drogas, na prática, não existe mais a necessidade de se determinar compulsoriamente a prisão em caso de condenação em 1º grau, quando o réu respondeu solto à acusação. Por sua vez, se estava preso durante a instrução, só deverá ser solto se, excepcionalmente, cessaram os motivos que justificaram a manutenção no cárcere durante o transcorrer da ação.

6 PRISÃO TEMPORÁRIA

> Art. 2º, § 4º – A prisão temporária, sobre a qual dispõe a Lei n. 7.960/89, nos crimes previstos neste artigo, terá o prazo de trinta dias, prorrogável por igual período em caso de extrema e comprovada necessidade.

A prisão temporária, decretada quando imprescindível para as investigações do inquérito policial, terá prazo de trinta dias prorrogável por mais trinta – em caso de extrema e comprovada necessidade – quando se tratar de crime hediondo, tráfico de entorpecentes, terrorismo ou tortura. Para crimes comuns, o prazo da prisão temporária é de cinco dias, prorrogáveis por mais cinco.

Como a prisão temporária é decretada por prazo certo, previamente estipulado pelo juiz, ela não se computa nos demais prazos processuais quando há pedido de relaxamento de flagrante por excesso de prazo de prisão durante o transcorrer da ação penal.

7 ESTABELECIMENTOS PENAIS

> Art. 3º – A União manterá estabelecimentos penais, de segurança máxima, destinados ao

> cumprimento de penas impostas a condenados de alta periculosidade, cuja permanência em presídios estaduais ponha em risco a ordem ou incolumidade pública.

Trata-se de medida de enorme importância em virtude da grande periculosidade daqueles que infringem os crimes dessa lei. Não são raros os casos de facilitação de fugas e resgates de presos extremamente perigosos – principalmente sequestradores e traficantes –, uma vez que possuem organização e dinheiro para tanto. Assim, a colocação desses criminosos em presídios de segurança máxima, de preferência em local distante daquele que o condenado costuma agir, tornou-se imperativa na atualidade.

> Art. 4º – (vetado).

8 LIVRAMENTO CONDICIONAL

> Art. 5º – Ao art. 83 do Código Penal é acrescido o seguinte inciso:
>
> V – cumprido mais de dois terços da pena, nos casos de condenação por crime hediondo, prática da tortura, tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins, tráfico de pessoas e terrorismo, se o apenado não for reincidente específico em crimes dessa natureza (redação dada pela Lei n. 13.344/2016).

Pela legislação comum, o livramento condicional pode ser obtido após o cumprimento de um terço da pena para os réus primários e metade para os reincidentes, desde que satisfeitas as outras exigências legais (pena fixada na sentença igual ou superior a dois anos, bom comportamento carcerário, reparação do dano etc.). Entretanto, para os crimes hediondos, terrorismo e tortura, o benefício só poderá ser concedido, de acordo com a nova regra, após o cumprimento de dois terços da reprimenda imposta, desde que o condenado não seja reincidente específico. A Lei n. 9.455/97 (tortura) não fez referência ao livramento condicional, de forma que o dispositivo em análise continua sendo aplicável aos crimes de tortura. Em relação aos crimes de tráfico, a Lei Antidrogas (Lei n. 11.343/2006) contém regra semelhante em seu art. 44, parágrafo único, exigindo também o cumprimento de dois terços da pena.

Existem duas orientações a respeito do significado da reincidência específica. Uma corrente, denominada restritiva, entende que ela só está presente quando o agente, após condenado por um determinado delito hediondo ou equiparado, comete novamente a mesma espécie de crime. Ex.: condenado em definitivo por crime de estupro, o agente novamente comete essa espécie de infração penal. A outra corrente, chamada ampliativa, diz que há reincidência específica quando o agente, após ser condenado por um dos crimes hediondos, comete outro crime dessa natureza. Ex.: após ser condenado por estupro, o agente comete um latrocínio. Esta é a corrente mais aceita.

Saliente-se, todavia, que, em relação ao crime de tráfico de drogas, existe dispositivo mais recente e previsto em lei especial (art. 44, parágrafo único, da Lei n. 11.343/2006) estabelecendo a possibilidade do livramento condicional após o cumprimento de dois terços da pena, nos crimes descritos em seus arts. 33, *caput* e § 1º, e 34 a 37, salvo se o condenado for reincidente específico. Como esta lei somente cuida de crimes relacionados a entorpecentes, a expressão “reincidência específica” refere-se somente aos crimes de tráfico elencados no dispositivo. Assim, apenas a pessoa condenada duas vezes por tráfico é que não poderá obter o livramento condicional.

Observe-se que no julgamento do HC 118.533, Rel. Min. Cármen Lúcia, em 23-6-2016, o Plenário do Supremo Tribunal Federal decidiu que o tráfico privilegiado de drogas não possui natureza equiparada à dos crimes hediondos e que, por tal razão, não são exigíveis os requisitos mais severos para a obtenção do livramento, previstos no art. 44, parágrafo único, da Lei n. 11.343/2006. Considera-se privilegiado o tráfico quando o agente é primário, tem bons antecedentes, não se dedica às atividades criminosas e não integra organização criminosa. Em tal hipótese, descrita no art. 33, § 4º, da Lei de Drogas, a pena do réu será reduzida de 1/6 a 2/3 e ele poderá obter o livramento de acordo com as regras comuns do art. 83 do Código Penal. Esta decisão da Corte Suprema sobrepõe-se ao que havia decidido o Superior Tribunal de Justiça que entendera ter natureza hedionda o tráfico privilegiado (Súmula 512), razão pela qual referida súmula acabou sendo expressamente cancelada.

No tráfico de drogas comum (não privilegiado), será necessário o cumprimento do montante diferenciado de pena previsto no art. 44, parágrafo único, da Lei n. 11.343/2006 para a obtenção do livramento.

A Lei n. 13.344/2016 inseriu neste art. 83, V, do Código Penal, o crime de tráfico de pessoas, embora este não tenha natureza hedionda.

9 ALTERAÇÃO DAS PENAS DOS CRIMES HEDIONDOS

> Art. 6º – Os arts. 157, § 3º; 159, caput e seus §§ 1º, 2º e 3º; 213; 214; 223, caput e seu parágrafo único; 267, caput, e 270, caput, todos do Código Penal, passam a vigorar com a seguinte redação:
>
> Art. 157, § 3º, in fine: se resulta morte, a reclusão é de vinte a trinta anos, sem prejuízo da multa.
>
> Art. 159, caput: pena – reclusão, de oito a quinze anos.
>
> § 1º: pena – reclusão, de doze a vinte anos.
>
> § 2º: pena – reclusão, de dezesseis a vinte e quatro anos.
>
> § 3º: pena – reclusão, de vinte e quatro a trinta anos.
>
> Art. 213: pena – reclusão, de seis a dez anos.
>
> Art. 214: pena – reclusão, de seis a dez anos.
>
> Art. 223, caput: pena – reclusão, de oito a doze anos.
>
> Art. 223, parágrafo único: pena – reclusão, de doze a vinte e cinco anos.
>
> Art. 267: pena – reclusão, de dez a quinze anos.
>
> Art. 270: pena – reclusão, de dez a quinze anos.

A Lei n. 8.072/90, além de todas as providências já estudadas, aumentou as penas previstas em abstrato para os crimes hediondos.

Passou o crime de latrocínio a ter pena de vinte a trinta anos, que, nos termos do art. 158, § 2º, do Código Penal, automaticamente passou a ser aplicável também ao crime de extorsão qualificada pela morte.

O delito de extorsão mediante sequestro sofreu alteração na pena em todas as suas figuras (simples e qualificadas). Acontece que, ao aumentar essas penas, o legislador, talvez por equívoco, excluiu a pena de multa antes prevista, fazendo com que tal crime não mais possua essa espécie de pena.

Em relação ao crime de epidemia (art. 267) ocorreu situação interessante. Com efeito, a figura simples não é considerada hedionda (art. 1º, VII) e, por tal razão, não deveria ter sido abordada pela Lei dos Crimes Hediondos. Entretanto, o legislador aumentou a pena desse crime para reclusão, de dez a quinze anos. O caráter hediondo, contudo, só estará presente se a epidemia for qualificada pelo resultado morte, hipótese em que o § 1º do art. 267 determina que a pena será aplicada em dobro.

O art. 270 do Código Penal tipifica os crimes de envenenamento de água potável, substância alimentícia ou medicinal. Exatamente como no caso anterior, esse ilícito penal só era considerado hediondo quando qualificado pelo resultado morte (art. 285 do CP). A Lei n. 8.072/90, entretanto, tornou maior a pena da figura simples, punindo-a com reclusão, de dez a quinze anos, pena esta que será duplicada quando resultar em morte. A Lei n. 8.930/94, por sua vez, excluiu esse crime do rol dos delitos hediondos, mas a alteração na pena continua em vigor.

10 DELAÇÃO EFICAZ

> Art. 7º – Ao art. 159 do Código Penal fica acrescido o seguinte parágrafo:
>
> § 4º – Se o crime é cometido em concurso, o concorrente que o denunciar à autoridade, facilitando a libertação do sequestrado, terá sua pena reduzida de um a dois terços.

Esse dispositivo, introduzido no Código Penal pela Lei dos Crimes Hediondos, descrevia requisitos tão difíceis de serem atingidos que foi necessária uma alteração legislativa para adequá-lo à realidade. Essa adequação foi feita pela Lei n. 9.269/96.

Trata-se de causa obrigatória de diminuição de pena, que, para ser aplicada, exige que o crime de extorsão mediante sequestro tenha sido cometido por pelo menos duas pessoas e que qualquer uma delas (coautor ou partícipe) se arrependa e delate as demais à autoridade (policiais, juízes, promotores), de tal forma que o sequestrado venha a ser libertado. Para a obtenção do benefício o agente deve, por iniciativa própria ou quando questionado pela autoridade, prestar informações que efetivamente facilitem a localização e a libertação da vítima. Assim, se as informações prestadas em nada colaborarem para isso, a pena não sofrerá qualquer diminuição. Daí por que o nome “delação eficaz”.

Os requisitos, portanto, são os seguintes:

a) prática de extorsão mediante sequestro por duas ou mais pessoas;

b) delação feita por um dos concorrentes à autoridade;

c) eficácia da delação.

Para decidir acerca do *quantum* da redução, o juiz deverá levar em conta a maior ou menor colaboração para a libertação da vítima. Quanto maior a contribuição, maior deverá ser a redução.

A Lei n. 9.807/99, que ficou conhecida por estabelecer normas de proteção a testemunhas e vítimas, em seu art. 13, previu a possibilidade de o juiz conceder perdão judicial ao delator nos crimes em geral. Esse dispositivo, entretanto, não revogou o art. 159, § 4º, do Código Penal, uma vez que, não obstante preveja maior benefício ao delator, possui também requisitos maiores (primariedade, identificação dos comparsas, repercussão social do fato etc.). Assim, quando incabível a aplicação desse benefício (e normalmente o será), poderá ser reconhecido o instituto da delação eficaz criado pela Lei dos Crimes Hediondos.

11 ASSOCIAÇÃO CRIMINOSA QUALIFICADA

> Art. 8º, caput – Será de três a seis anos de reclusão a pena prevista no art. 288 do Código Penal, quando se tratar de crimes hediondos, prática da tortura, tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins ou terrorismo.

O art. 288 do Código Penal, após as modificações da Lei n. 12.850/2013, trata do delito de associação criminosa, que consiste na união de três ou mais pessoas com o fim de cometer reiteradamente crimes. O art. 8º da Lei n. 8.072/90 prevê o delito de associação criminosa qualificado pela especial finalidade de seus integrantes de cometerem crimes hediondos ou equiparados. Assim, enquanto o crime comum possui pena de reclusão, de um a três anos, essa modalidade qualificada é punida com reclusão, de três a seis anos. A pena da associação criminosa é autônoma em relação aos delitos efetivamente cometidos por seus integrantes. Assim, formado um grupo para a prática de falsificação de medicamentos (crime hediondo), os seus integrantes responderão pelo crime de associação criminosa (com a pena do art. 8º) e pelas falsificações efetivamente cometidas, em concurso material.

Entendemos que o parágrafo único do art. 288 do Código Penal, que determina aplicação da pena aumentada em até metade se a associação criminosa é armada, aplica-se também àquela formada para cometer crimes hediondos ou figuras equiparadas.

O art. 8º, *caput*, da Lei n. 8.072/90 menciona também a associação formada para praticar tráfico de entorpecentes, porém a Lei n. 11.343/2006 (Lei Antidrogas), que é posterior, contém crime específico para a hipótese, chamado "associação para o tráfico", que pune com reclusão, de três a dez anos, a associação de duas ou mais pessoas para o fim de praticar, de forma reiterada ou não, o tráfico de drogas (*v*. comentários ao art. 35, *caput*, da Lei n. 11.343/2006 – tópico 2.7 do Cap. II).

12 TRAIÇÃO BENÉFICA

> Art. 8º, parágrafo único – O participante e o associado que denunciar à autoridade o bando ou quadrilha, possibilitando seu desmantelamento, terá a pena reduzida de um a dois terços.

Esse instituto foi chamado por Damásio de Jesus de "traição benéfica", pois resulta em redução da pena como consequência da delação de comparsas. Veja-se que, nos termos da lei, só haverá a diminuição da pena se a delação implicar o efetivo desmantelamento da quadrilha. Desmantelar significa impedir que as atividades do bando prossigam.

Pode-se dizer que a aplicação do instituto pressupõe os seguintes requisitos:

a) existência de uma associação criminosa formada para a prática de crimes hediondos, terrorismo ou tortura;

b) delação da existência do grupo à autoridade por um de seus integrantes;

c) eficácia da delação, possibilitando o seu desmantelamento.

O *quantum* da redução, entre um e dois terços, deve guardar relação com a maior ou menor colaboração do agente. Quanto maior a colaboração, maior a redução.

No caso de concurso material entre o delito de associação criminosa e outros praticados por seus integrantes, a redução da pena atingirá apenas o primeiro (associação).

Apesar de o dispositivo mencionar expressamente o crime de "quadrilha ou bando" – denominação afastada pela Lei n. 12.850/2013 –, é viável sua aplicação ao crime de associação criminosa, uma vez que o dispositivo em questão é norma benéfica (que gera redução da pena).

13 CAUSAS DE AUMENTO DE PENA

> Art. 9º – As penas fixadas no art. 6º para os crimes capitulados nos arts. 157, § 3º, 158, § 2º, 159, caput e seus §§ 1º, 2º e 3º, 213, caput, e sua combinação com o art. 223, caput e parágrafo único, 214 e sua combinação com o art. 223, caput e parágrafo único, todos do Código Penal, são acrescidas de metade, respeitado o limite superior de trinta anos de reclusão, estando a vítima em

> qualquer das hipóteses referidas no art. 224 também do Código Penal.

Esse dispositivo prevê um aumento de metade da pena nos crimes hediondos de natureza patrimonial e sexual se a vítima não for maior de 14 anos, se for alienada ou débil mental e o agente souber disso ou se não puder, por qualquer causa, oferecer resistência. Ocorre que referido art. 9º foi tacitamente revogado na medida em que a Lei n. 12.015/2009 expressamente revogou o art. 224 do Código Penal, que lhe dava complemento. Assim, nos crimes patrimoniais mencionados no dispositivo não há mais causa de aumento de pena e, nos crimes sexuais, a mesma Lei n. 12.015/2009 transformou as hipóteses em crime autônomo denominado estupro de vulnerável.

14 PRAZO EM DOBRO PARA O TRÁFICO DE ENTORPECENTES

O art. 10 da Lei dos Crimes Hediondos continha regra determinando que, a partir de sua entrada em vigor, os prazos previstos na Lei n. 6.368/76 (antiga Lei Antitóxicos), para apuração do crime de tráfico, passariam a ser contados em dobro. Essa regra perdeu o sentido após a aprovação da Lei n. 11.343/2006 (Lei Antidrogas), que estabeleceu novos prazos procedimentais para a apuração do tráfico (*v.* tópico 3 do Cap. II).

15 Prioridade de tramitação

De acordo com o art. 394-A do Código de Processo Penal, introduzido pela Lei n. 13.285/2016, os processos que apurem a prática de crime hediondo terão prioridade de tramitação em todas as instâncias.

Quadro sinótico – Crimes hediondos

Rol dos	O rol dos crimes de natureza hedionda é taxativamente previsto no art. 1º da Lei n. 8.072/90: **a)** homicídio quando praticado em atividade típica de grupo de extermínio, ainda que cometido por um só agente; **b)** homicídio qualificado; **c)** lesão corporal dolosa de natureza gravíssima (art. 129, § 2º) e lesão corporal seguida de morte (art. 129, § 3º), quando praticadas contra autoridade ou agente descrito nos arts. 142 e 144 da Constituição Federal, integrantes do sistema prisional e da Força Nacional de Segurança Pública, no exercício da função ou em decorrência dela, ou contra seu cônjuge, companheiro ou parente consanguíneo até terceiro grau, em razão dessa condição. **d)** latrocínio; **e)** extorsão qualificada pelo resultado morte;

crimes hediondos	**f)** extorsão mediante sequestro simples e em suas formas qualificadas; **g)** estupro simples e qualificado pela lesão grave ou morte; **h)** estupro de vulnerável em sua forma simples ou qualificada pela lesão grave ou morte; **i)** epidemia com resultado morte; **j)** falsificação, corrupção, adulteração ou alteração de produto destinado a fins terapêuticos ou medicinais; **k)** favorecimento da prostituição ou de outra forma de exploração sexual de criança ou adolescente ou de vulnerável; **l)** genocídio; **m)** posse ou porte ilegal de arma de fogo de uso restrito. Observação: as modalidades tentadas desses crimes também configuram crime hediondo.
Figuras equiparadas	De acordo com a Lei n. 8.072/90, merecem o mesmo tratamento dos crimes hediondos o tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins, o terrorismo e a tortura. O STF firmou, todavia, entendimento no sentido de que o tráfico privilegiado de drogas não tem natureza hedionda.
Vedações	Os crimes hediondos, o terrorismo, a tortura e o tráfico de drogas são insuscetíveis de anistia, graça, indulto e fiança. Para o crime de tortura não existe vedação expressa ao indulto, mas o STF entende que a vedação à graça contida na Constituição abrange a proibição ao indulto.
	a) Nos termos do art. 2º, § 1º, da Lei n. 8.072/90, regime inicial deve ser necessariamente o fechado. O Plenário do STF, todavia, declarou a inconstitucionalidade deste dispositivo. Assim, devem ser seguidas as regras comuns do Código Penal para a fixação do regime inicial.

Restrições	**b)** A progressão para regime mais brando deve dar-se pelo cumprimento de dois quintos da pena, se o réu for primário e três quintos, se reincidente. **c)** O livramento condicional só pode ser obtido pelo cumprimento de dois terços da pena e desde que o réu não seja reincidente específico em crime dessa natureza. **d)** O prazo de prisão temporária é de trinta dias prorrogáveis por mais trinta. **e)** em caso de condenação, o juiz deverá decidir fundamentadamente se o réu poderá apelar em liberdade.

Capítulo II

DROGAS

1 INTRODUÇÃO

A Lei n. 11.343, sancionada em 23 de agosto de 2006, é a Lei Antidrogas. Essa lei institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas – Sisnad; prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção de usuários e dependentes de drogas, e estabelece normas para a repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito, além de definir os respectivos ilícitos penais. As Leis n. 6.368/76 e 10.409/2002, que tratavam do tema, foram expressamente revogadas.

No âmbito criminal as principais inovações foram o tratamento diferenciado em relação ao usuário, a tipificação de crime específico para a cessão de pequena quantia de droga para consumo conjunto, o agravamento da pena do tráfico, a criação da figura do tráfico privilegiado, a tipificação do crime de financiamento ao tráfico, bem como a regulamentação de novo rito processual, temas que serão estudados a seguir.

2 DOS CRIMES E DAS PENAS

2.1. PORTE E CULTIVO PARA CONSUMO PRÓPRIO

> Art. 28 – Quem adquirir, guardar, tiver em depósito, transportar ou trouxer consigo, para consumo pessoal, drogas sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar será submetido às seguintes penas:
>
> I – advertência sobre os efeitos das drogas;
>
> II – prestação de serviços à comunidade;
>
> III – medida educativa de comparecimento a programa ou curso educativo.
>
> § 1º – Às mesmas medidas submete-se quem, para seu consumo pessoal, semeia, cultiva ou colhe plantas destinadas à preparação de pequena quantidade de substância ou produto capaz de causar dependência física ou psíquica.

1. Objetividade jurídica. A saúde pública.

2. Natureza jurídica. A Lei ao tratar do tema classificou a conduta como crime. O próprio procedimento estabelecido, junto ao Juizado Especial Criminal, também leva a essa conclusão. Além disso, ao tratar da prescrição dessa modalidade de infração penal, o art. 30 determina que se apliquem as regras do art. 107 do Código Penal, reforçando, portanto, a condição de crime.

Não é possível aceitar a tese de que o fato não é mais considerado ilícito penal porque a Lei não prevê pena privativa de liberdade em abstrato, apenas com base no art. 1º da Lei de Introdução ao Código Penal, que prevê serem considerados crimes os fatos ilícitos a que a lei comine pena de reclusão ou detenção. Com efeito, a finalidade deste dispositivo era apenas a de diferenciar crimes e contravenções por ocasião da entrada em vigor concomitante do Código Penal e da Lei das Contravenções Penais, em 1º de janeiro de 1942. O dispositivo, porém, não é norma constitucional e pode, portanto, sofrer restrições por novas leis, como ocorre no caso em análise.

3. Condutas típicas. São incriminadas cinco condutas:

a) adquirir: obter a propriedade, a título oneroso ou gratuito. O mais comum, entretanto, é a compra;

b) trazer consigo: é sinônimo de portar, conduzir pessoalmente a droga;

c) guardar e ter em depósito: é manter a droga em algum local;

d) transportar: conduzir de um local para outro em algum meio de transporte.

Trata-se de crime de ação múltipla em que a realização de mais de uma conduta em relação à mesma droga constitui crime único. Ex.: agente que compra e depois traz consigo o entorpecente.

O legislador não tipificou o uso pretérito da droga. Assim, caso um exame de sangue ou de urina constate que alguém usou droga, ou, ainda, se ele confessar ter feito uso de entorpecente em determinada oportunidade, não responderá pelo crime. A hipótese de o exame de urina constatar o uso pretérito de droga é bastante comum no caso de exame *antidoping* de atletas, sendo sempre atípico o fato. Percebe-se, portanto, que a lei pune apenas o perigo social representado pela detenção atual da substância, que deixa de existir quando ela já foi consumida.

Se alguém for preso fumando um cigarro de maconha responde pelo crime?

Depende: se o cigarro for apreendido e a perícia constatar a existência do princípio ativo da droga, o agente responderá pelo delito. Se o cigarro já havia sido consumido por completo e não se constatar a existência do princípio ativo, o fato será atípico.

4. Figura equiparada. O art. 28, § 1º, estabelece o mesmo tratamento penal a quem, para seu consumo pessoal, semeia, cultiva ou colhe plantas destinadas à preparação de pequena quantidade de substância ou produto capaz de causar dependência física ou psíquica. O dispositivo é aplicado, em geral, para pessoas que plantam algumas poucas mudas de maconha em sua própria residência para consumo pessoal. Note-se que, se a intenção do agente for a venda ou a entrega a consumo de terceiro, a conduta será enquadrada no art. 33, § 1º, II, que é equiparada ao tráfico.

O cultivo para uso pessoal, embora não previsto expressamente na Lei n. 6.368/76, já vinha obtendo da jurisprudência tratamento equiparado ao crime de porte para uso próprio, por analogia *in bonam partem*.

5. Elemento subjetivo do tipo. O art. 28 exige que a droga seja exclusivamente para uso do agente (consumo próprio). O art. 33, *caput*, também descreve as condutas adquirir, guardar, ter em depósito, transportar ou trazer consigo, diferenciando-se do art. 28, porque naquele a intenção do agente é a entrega ao consumo de outrem (tráfico), enquanto neste é o consumo pelo próprio agente. De acordo com o art. 28, § 2º, para determinar se a droga destinava-se a consumo pessoal ou ao tráfico, o juiz atenderá à natureza e à quantidade da substância apreendida, ao local e às condições em que se desenvolveu a ação, às circunstâncias sociais e pessoais, bem como à conduta e aos antecedentes do agente. Se o juiz ainda assim ficar na dúvida a respeito da intenção, deve condenar o agente pelo crime menos grave, ou seja, pelo porte para consumo pessoal – princípio do *in dubio pro reo*.

De acordo com a jurisprudência, o sujeito que tinha a droga para uso próprio, mas que acaba vendendo parte dela, responde apenas pelo crime de tráfico (o porte fica absorvido). Igualmente, o traficante que faz uso de pequena parte do entorpecente que tem em seu poder só responde pelo tráfico.

6. Objeto material. Como nos demais crimes da Lei, o objeto material é a substância entorpecente ou que determine dependência física ou psíquica. É necessário que exista capitulação (em lei ou normas infralegais) do princípio ativo componente da droga e que sua existência seja constatada por exame químico-toxicológico.

7. Elemento normativo do tipo. Encontra-se na expressão "sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar". Para mais detalhes, *v.* tópico respectivo no crime de tráfico (art. 33, *caput*).

8. Crime de perigo abstrato. O art. 28 da Lei Antidrogas descreve crime de perigo presumido, abstrato, pois pune o risco à saúde pública, representado por quem detém o entorpecente. Por essa razão, não importa a quantia da droga portada. Sendo constatada a existência do princípio ativo, haverá crime. Por algum tempo, entretanto, existiu entendimento por parte da jurisprudência no sentido de que o porte de até um grama de maconha não constituiria crime em virtude do princípio da insignificância. O STF, entretanto, rechaçou tal interpretação.

Há quem defenda que a incriminação ao mero porte de entorpecente para uso próprio seria inconstitucional, por ser vedado ao Estado interferir na liberdade de as pessoas fazerem o que quiserem com sua própria saúde. Para justificar tal interpretação, utilizam-se, inclusive, de direito comparado (alemão, holandês etc.). Deve-se lembrar, entretanto, que o porte de entorpecente representa um perigo para toda a coletividade e não apenas para o réu. A pessoa drogada, além de danos à sua própria saúde, pode ficar violenta, causar vários tipos de acidentes e, até mesmo, em face da necessidade de sustentar seu vício, cometer crimes contra o patrimônio ou de outra natureza. Por essas razões, pensamos não haver qualquer inconstitucionalidade no dispositivo.

Observação: A constitucionalidade deste dispositivo será em breve apreciada pelo Plenário do Supremo Tribunal Federal que, no julgamento do RE 635.659, reconheceu a repercussão geral do tema. Neste recurso, a Defensoria Pública de São Paulo alega ser inconstitucional criminalizar o porte de droga para consumo próprio porque isto fere os princípios da intimidade e da vida privada (art. 5º, X, da Constituição) e, por consequência, o princípio da lesividade.

9. Sujeito ativo. Pode ser qualquer pessoa. Trata-se de crime comum. Abrange o usuário eventual e o dependente.

A coautoria é possível e ocorre, p. ex., quando duas ou mais pessoas compram determinada quantia de droga para uso conjunto. Veja-se, contudo, que não há coautoria quando existem duas pessoas no interior de um automóvel e os policiais encontram o entorpecente em poder de apenas uma delas, não se conseguindo provar que a outra tinha alguma relação com a droga.

É também muito comum que policiais encontrem uma porção de maconha sob o banco de um carro em que estavam várias pessoas. Nesse caso, se não ficar provado quem era o responsável pelo tóxico, nenhum deles poderá ser processado ou condenado.

10. Sujeito passivo. O Estado.

11. Consumação. A modalidade adquirir é instantânea e consuma-se quando há o acordo de vontades entre o vendedor e o comprador. As modalidades trazer consigo, guardar, ter em depósito e transportar constituem crimes permanentes e consumam-se no momento em que o agente obtém a posse da droga, protraindo-se no tempo enquanto ele a mantiver.

12. Tentativa. Nas modalidades permanentes ela é inadmissível.

Em relação ao verbo "adquirir", existem várias interpretações. Para uns, se a pessoa procura o traficante para comprar a droga e é preso nesse momento, antes de recebê-la, responde por tentativa. Para outros, o fato é atípico, pois seria pressuposto do delito o recebimento da droga. Não podemos, contudo, concordar com esses entendimentos. Com efeito, parece-nos que a interpretação correta é a seguinte: nos termos da lei civil (art. 482 do CC), a compra e venda aperfeiçoa-se com o simples acordo de vontades entre vendedor e comprador, já que se trata de contrato consensual. Assim, se o comprador, p. ex., entra em contato pela *Internet* com o fornecedor, efetua o pagamento da droga e fica de recebê-la pelo correio, mas a droga acaba sendo apreendida antes de chegar ao destino, o crime já está consumado, pois ele já tinha adquirido a substância (o efetivo recebimento, portanto, não é requisito para a tipificação ou para a consumação do ilícito penal). Porém, se alguém procura um conhecido traficante e lhe diz que quer comprar determinada quantia de entorpecente, mas não chegam a um acordo em relação ao preço, é inegável a ocorrência de tentativa (de aquisição).

Ademais, exigir que o agente efetivamente receba a droga para que a modalidade “adquirir” esteja consumada significa, em verdade, inviabilizar essa figura, pois, na prática, se o agente já recebeu o entorpecente, ele é acusado de “trazer consigo” ou “guardar” a substância, ou até mesmo por tráfico, caso a tenha repassado para terceiro.

13. Pena. A grande inovação da Lei n. 11.343/2006 foi deixar de prever pena privativa de liberdade para o crime de porte para consumo próprio, cujas penas passaram a ser de advertência sobre os efeitos da droga, prestação de serviços à comunidade e medida educativa de comparecimento a programa ou curso educativo. De acordo com o art. 27, essas penas podem ser aplicadas isolada ou cumulativamente, bem como substituídas, umas pelas outras, a qualquer tempo, ouvidos o Ministério Público e o defensor.

As penas de prestação de serviços e medida educativa de frequência a cursos serão aplicadas pelo prazo máximo de cinco meses, mas em caso de reincidência poderão ser aplicadas pelo prazo máximo de dez meses (art. 28, §§ 3º e 4º).

A prestação de serviços à comunidade será cumprida em programas comunitários, entidades educacionais ou assistenciais, hospitais, estabelecimentos congêneres, públicos ou privados sem fins lucrativos, que se ocupem, preferencialmente, da prevenção do consumo ou da recuperação de usuários e dependentes de drogas (art. 28, § 5º).

Para a garantia do cumprimento dessas medidas educativas, a que injustificadamente se recuse o condenado a cumprir, poderá o juiz submetê-lo, sucessivamente, a: I – admoestação verbal; II – multa.

O juiz, atendendo à reprovabilidade da conduta, fixará o número de dias-multa, em quantidade nunca inferior a quarenta nem superior a cem, atribuindo depois a cada um, segundo a capacidade econômica do agente, o valor de um trinta avos até três vezes o valor do maior salário mínimo. Os valores decorrentes da imposição dessa multa serão creditados à conta do Fundo Nacional Antidrogas (art. 29).

Segundo o art. 30, prescrevem em dois anos a imposição e a execução das penas previstas para este crime, observado, no tocante à interrupção do prazo, o disposto nos arts. 107 e seguintes do Código Penal.

O art. 28, § 7º, dispõe que o juiz determinará ao Poder Público que coloque à disposição do infrator, gratuitamente, estabelecimento de saúde, preferencialmente ambulatorial, para tratamento especializado em recuperação.

A 1ª Turma do Supremo Tribunal Federal decidiu que não cabe *habeas corpus* para trancamento de ação penal que apura o crime de porte para consumo próprio, na medida em que não é apenado com pena privativa de liberdade (HC 127.834).

14. Ação penal e procedimento. A ação é pública incondicionada.

O procedimento em relação a qualquer das condutas previstas no art. 28, salvo se houver concurso com crime mais grave, é aquele descrito nos arts. 60 e seguintes da Lei n. 9.099/95, sendo, assim, de competência do Juizado Especial Criminal. Dessa forma, a quem for flagrado na prática de infração penal dessa natureza não se imporá prisão em flagrante, devendo o autor do fato ser imediatamente encaminhado ao juízo competente, ou, na falta deste, assumir o compromisso de a ele comparecer, lavrando-se termo circunstanciado e providenciando a autoridade policial as requisições dos exames e perícias necessários. Concluída a lavratura do termo circunstanciado, o agente será submetido a exame de corpo de delito se o requerer, ou se a autoridade policial entender conveniente, e, em seguida, será liberado.

No Juizado Especial será realizada a audiência preliminar para a propositura da transação penal – se o réu perfizer os requisitos do art. 76 da Lei n. 9.099/95. Na transação penal, o Ministério Público poderá propor a aplicação imediata das penas previstas no art. 28, *caput*, da Lei (advertência, prestação de serviços ou frequência a curso educativo). Se o infrator aceitar a proposta e for ela homologada pelo juiz, aguardar-se-á o cumprimento da medida pelo agente e, ao final, será declarada extinta a pena. Se não houver êxito na transação penal por ter o acusado recusado a proposta ou por não ter comparecido à audiência, ou, ainda, por estarem ausentes os requisitos legais, a denúncia será oferecida verbalmente na própria audiência, observando-se, em seguida, o rito sumariíssimo dos arts. 77 e seguintes da Lei n. 9.099/95.

2.2. TRÁFICO ILÍCITO DE DROGAS

> Art. 33, caput – Importar, exportar, remeter, preparar, produzir, fabricar, adquirir, vender, expor à venda, oferecer, ter em depósito, transportar, trazer consigo, guardar, prescrever, ministrar, entregar a consumo ou fornecer drogas, ainda que gratuitamente, sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar:
>
> Pena – reclusão de cinco a quinze anos e pagamento de quinhentos a mil e quinhentos dias-multa.

1. Introdução. O crime de tráfico ilícito de drogas, previsto na Lei Antidrogas, é praticamente idêntico ao antigo crime previsto no art. 12, *caput*, da Lei n. 6.368/76. As diferenças existentes serão analisadas nos próximos tópicos.

2. Objetividade jurídica. A saúde pública.

3. Sujeito ativo. Pode ser qualquer pessoa. Trata-se de crime comum. A coautoria e a participação são possíveis em todas as condutas descritas no tipo penal.

Se o agente comete o crime prevalecendo-se de função pública ou no desempenho de função de educação, poder familiar, guarda ou vigilância, a pena será aumentada de um sexto a dois terços (art. 40, II), conforme se verá no item 2.10.

4. Sujeito passivo. A coletividade.

5. Elemento subjetivo. Todas as figuras relacionadas ao tráfico de entorpecentes são dolosas.

6. Condutas típicas. A lei contém, ao todo, dezoito condutas típicas:

Importar consiste em fazer entrar o tóxico no País, por via aérea, marítima ou por terra. O crime pode ser praticado até pelo correio. O delito consuma-se no momento em que a droga entra no território nacional. Pelo princípio da especialidade aplica-se a Lei Antidrogas e não o art. 334 do Código Penal (contrabando ou descaminho), dispositivo que, dessa forma, só pune a importação de outros produtos proibidos.

Exportar é enviar o entorpecente para outro país por qualquer dos meios mencionados.

Remeter é deslocar a droga de um local para outro do território nacional.

Preparar consiste em combinar substâncias não entorpecentes formando uma substância tóxica pronta para o uso.

Produzir é criar. É a preparação com capacidade criativa, ou seja, que não consista apenas em misturar outras substâncias.

Fabricação é a produção por meio industrial.

Adquirir é comprar, obter a propriedade, a título oneroso ou gratuito. Só constitui tráfico se a pessoa adquire com intenção de, posteriormente, entregar a consumo de outrem. Quem compra droga para uso próprio incide na conduta prevista no art. 28 – porte de droga para consumo próprio.

Vender é alienar mediante contraprestação em dinheiro ou outro valor econômico.

Expor à venda consiste em exibir a mercadoria aos interessados na aquisição.

Oferecer significa abordar eventuais compradores e fazê-los saber que possui a droga para venda.

O significado das condutas “guardar” e “ter em depósito” é objeto de controvérsia na doutrina. Com efeito, Magalhães Noronha entende que “ter em depósito” é reter a droga que lhe pertence, enquanto “guardar” é reter a droga pertencente a terceiro. Para Vicente Greco Filho, ambas as condutas implicam retenção da substância entorpecente, mas a figura “ter em depósito” sugere provisoriedade e possibilidade de deslocamento rápido da droga de um local para outro, enquanto “guardar” tem um sentido, pura e simplesmente, de ocultação.

Transportar significa conduzir de um local para outro em um meio de transporte e, assim, difere da conduta “remeter” porque, nesta, não há utilização de meio de transporte viário. Enviar droga por correio, portanto, constitui “remessa”, exceto se for entre dois países, quando consistirá em “importação” ou “exportação”. Por outro lado, o motorista de um caminhão que leva a droga de Campo Grande para São Paulo está “transportando” a mercadoria entorpecente.

Trazer consigo é conduzir pessoalmente a droga. É provavelmente a conduta mais comum porque se configura quando o agente, p. ex., traz o entorpecente em seu bolso ou bolsa.

Prescrever, evidentemente, é sinônimo de receitar. Por essa razão, a doutrina costuma mencionar que se trata de crime próprio, pois só médicos e dentistas podem receitar medicamentos. Lembre-se que há substâncias entorpecentes que podem ser vendidas em farmácias, desde que haja prescrição médica. Porém, se o médico, intencionalmente, prescreve o entorpecente, apenas para facilitar o acesso à droga, responde por tráfico. O crime consuma-se no momento em que a receita é entregue ao destinatário.

Se alguém, que não é médico ou dentista, falsifica uma receita e consegue comprar a droga, responde por tráfico na modalidade “adquirir” com intuito de venda posterior.

Veja-se, finalmente, que a prescrição culposa de entorpecente (em dose maior que a necessária ou em hipótese em que não é recomendável o seu uso) caracteriza crime específico, previsto no art. 38 da Lei.

Ministrar é aplicar, inocular, introduzir a substância entorpecente no organismo da vítima – quer via oral, quer injetável. Ex.: um farmacêutico injeta drogas em determinada pessoa sem existir prescrição médica para tanto.

Fornecer é sinônimo de proporcionar. O fornecimento pressupõe intenção de entrega continuada do tóxico ao comprador e, por tal razão, difere das condutas “vender” ou simplesmente “entregar”. O fornecimento e a entrega, ainda que gratuitos, tipificam o crime.

7. Crime de ação múltipla. Nota-se facilmente que o crime do art. 33, *caput*, da Lei n. 11.343/2006 é de ação múltipla, isto é, possui várias condutas típicas separadas pela conjunção alternativa “ou”. Em razão disso, a pluralidade de condutas envolvendo o mesmo objeto material constitui crime único. Ex.: adquirir, transportar, guardar e depois vender a mesma substância entorpecente. Nesse caso há um só crime porque as diversas condutas são fases sucessivas de um mesmo ilícito. Os crimes de ação múltipla são também chamados de crimes de conteúdo variado ou de tipo misto alternativo.

Não haverá, contudo, delito único quando as condutas se referirem a cargas diversas de entorpecente sem qualquer ligação fática. Assim, se uma pessoa compra um quilo de maconha, depois o vende e, na semana seguinte, compra mais dois quilos e vende, responde por dois delitos em continuação delitiva, já que a forma de execução foi a mesma. Porém, se o agente importa cinquenta quilos de maconha e produz dez quilos de *crack*, responderá pelos delitos na forma do concurso material, uma vez que as condutas são diversas (importar e produzir).

8. Objeto material (norma penal em branco). A Lei Antidrogas alterou a denominação do objeto material do crime. Na redação antiga do art. 12 da Lei n. 6.368/76, era utilizada a expressão “substância entorpecente ou que determine dependência física ou psíquica”. Na atual redação, o objeto material recebeu a singela denominação de “droga”, e o art. 1º, parágrafo único, da Lei n. 11.343/2006, por sua vez, estabelece que se consideram como drogas as substâncias ou os produtos capazes de causar dependência, assim especificados em lei ou relacionados em listas atualizadas periodicamente pelo Poder Executivo da União – mais especificamente pelo Ministério da Saúde. Percebe-se, portanto, que se trata de norma penal em branco que precisa ser complementada por outra, a fim de ser possível a completa tipificação do ilícito penal. O art. 1º, parágrafo único, permite que o complemento ocorra por norma de igual nível (lei) ou de nível inferior (decretos, portarias etc.). Na prática, entretanto, o complemento tem sido feito quase sempre por meio de decretos e portarias, porque, assim, facilitam-se as revisões para excluir e, principalmente, incluir novas substâncias entorpecentes, exatamente como preconiza o art. 1º, parágrafo único, já que o surgimento de novas drogas é muito comum e a punição dos traficantes depende da prévia menção na norma complementar. As portarias e decretos que completam o tipo penal não precisam fazer menção ao nome comercial ou popular (maconha, lança-perfume), bastando que contenham o nome do princípio ativo, que é o componente tóxico que causa a dependência (tetra-hidrocanabinol, cloreto de etila). A relação de substâncias entorpecentes que se encontrava em aplicação no momento da aprovação da Lei de Drogas era a Portaria n. 344/98, da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária, que integra o Ministério da Saúde). A fim de confirmar seu teor, a nova Lei, em seu art. 66, estabeleceu que, “para fins do disposto no parágrafo único do art. 1º desta Lei, até que seja atualizada a terminologia da lista mencionada no preceito, denominam-se drogas as substâncias entorpecentes, psicotrópicas, precursoras e outras sob controle especial, da Portaria SVS n. 344, de 12 de maio de 1998”, ou seja, referida portaria ganhou força de lei. Na prática, as drogas mais comumente apreendidas são a maconha, a cocaína (em pó ou em pedra – conhecida como *crack*), o lança-perfume, o *ecstasy,* a heroína, o LSD, o ópio, dentre outras.

Para que uma substância seja incluída como entorpecente basta que provoque dependência física ou psíquica. Dependência física é um estado fisiológico alterado com uma adaptação do organismo à presença continuada da droga, de tal forma que sua retirada desencadeia distúrbios fisiológicos, com sentido geralmente oposto ao dos efeitos farmacológicos da droga. É a chamada síndrome de abstinência, que se verifica quando ocorrem alterações orgânicas geradas pela supressão mais ou menos súbita do uso da droga e que se caracteriza pelo aparecimento de sinais e sintomas algumas horas após o término dos efeitos da última dose. Conforme já mencionado, tem sempre forma de sofrimento com sensações, em geral, opostas àquelas conferidas pela droga. Dependência psíquica, por sua vez, é manifestada por alguns indivíduos pela “ânsia” ou desejo intenso de usar a droga, cujo uso periódico tem por objetivo a obtenção de prazer, alívio de tensão ou evitar um desconforto emocional. A maconha costuma ser usada como exemplo de substância que, apesar de causar apenas dependência psíquica, é considerada entorpecente.

Tendo em vista que, para constituir crime, existe a necessidade de o material encontrado com o agente possuir o princípio ativo, exige a lei a realização de um exame químico-toxicológico para a comprovação da materialidade do delito. Assim, se for apreendido pela polícia um pó branco que fora vendido como cocaína, mas o exame resultar negativo, o fato será considerado atípico.

9. Elemento normativo do tipo. Está contido na expressão “sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar”.

Em geral, as pessoas não possuem autorização para comprar, transportar, guardar, trazer consigo ou realizar qualquer outra conduta envolvendo tóxico ou matéria-prima destinada à sua produção. Para essas pessoas, portanto, o crime estará sempre tipificado. Há, entretanto, vários indivíduos que, em razão de sua profissão ou por outro motivo relevante, possuem licença prévia da autoridade competente para manuseio, posse, compra ou até importação de entorpecentes. Tais pessoas, evidentemente, não cometem crime, se agirem dentro dos limites dessa licença (art. 31). Essas licenças ou autorizações podem decorrer de leis ou normas inferiores (na prática, são as próprias portarias e resoluções da Anvisa que regulamentam o tema). Dessa forma, a pessoa que possui a autorização deve exercê-la dentro dos limites impostos. Se não os respeita, comete o delito. Ex.: uma pessoa é autorizada a ter a posse de droga para fim terapêutico (farmacêutico, p. ex.), mas, indevida e abusivamente, passa a fornecê-la sem receita médica ou ministrá-la em quantia superior àquela receitada.

Trata-se de elemento normativo porque pressupõe um juízo de valor por parte do juiz, em cada caso concreto, no sentido de verificar se há ou não autorização, se ela é ou não válida, e se o agente observou ou não os seus limites.

10. Consumação. No momento em que o agente realiza a conduta típica. Algumas constituem crimes instantâneos, como, por exemplo, vender, adquirir, oferecer etc. Há também aquelas que constituem delitos permanentes, como nos verbos transportar, trazer consigo, guardar etc. Nestas, a consumação se alonga no tempo, ou seja, durante todo o período que o agente estiver com a droga o crime estará consumando-se, de forma que a prisão em flagrante será possível em qualquer momento.

É possível a prisão em flagrante do responsável pela droga quando ela for encontrada em sua casa mas ele estiver em outro local?

Sim, pois a conduta “guardar” constitui crime permanente.

11. Tentativa. Em tese é possível. Contudo, na prática forense dificilmente será vista a forma tentada, uma vez que o legislador tipificou como infração autônoma inúmeras figuras que normalmente constituiriam mero ato preparatório de condutas ilícitas posteriores, como, por exemplo, preparar substância entorpecente com o fim de vendê-la. Ora, se o agente é preso após preparar e antes de vender, responderá pela forma consumada (preparo) e não por tentativa de venda.

Por outro lado, o médico que é preso antes de terminar a prescrição ilegal de entorpecente responde por tentativa. Igualmente a pessoa que, via *Internet*, entra em contato com fornecedores internacionais para adquirir grande lote de droga para depois vendê-la a varejo no Brasil, mas, por questão de preço, não consegue efetuar a compra, responde também por tentativa.

12. Flagrante preparado. É muito comum que policiais obtenham informação anônima de que, em certo local, está sendo praticado tráfico. Assim, estando à paisana, os policiais dirigem-se ao local indicado, tocam a campainha e, alegando ser usuários, perguntam se há droga para vender. A pessoa responde afirmativamente, recebe o valor pedido das mãos dos policiais e, ao retornar com o entorpecente, acaba sendo preso em flagrante. Seria, nesse caso, aplicável a Súmula 145 do STF, que diz ser nulo o flagrante e, portanto, atípico o fato, quando a preparação do flagrante pela polícia tornar impossível a consumação do delito? Não há dúvida de que, em relação à compra, a consumação era impossível, já que os policiais não queriam realmente efetuá-la. Acontece que o flagrante não será nulo porque o traficante, na hipótese, deverá ser autuado pela conduta anterior – ter a guarda –, que constitui crime permanente e, conforme já estudado, admite o flagrante em qualquer momento, sendo, assim, típica a conduta. A encenação feita pelos policiais constitui, portanto, meio de prova a respeito da intenção de traficância do agente.

13. Pena. Reclusão de cinco a quinze anos e pagamento de quinhentos a mil e quinhentos dias-multa. Essas penas foram aumentadas em relação àquelas previstas na Lei n. 6.368/76.

Reza o art. 42 que o juiz, na fixação das penas, considerará, com preponderância sobre o previsto no art. 59 do Código Penal, a natureza e a quantidade da substância ou do produto, a personalidade e a conduta social do agente. De acordo com esse dispositivo, e com o art. 43, o juiz fixará o montante da pena privativa de liberdade e o número de dias-multa de acordo com os critérios ali mencionados, sendo evidente, portanto, que a pessoa presa ao vender uma pequena porção de maconha deve sofrer uma punição muito menor que aquela flagrada na posse de uma tonelada de cocaína.

No que se refere à pena de multa, o art. 43 dispõe que o juiz estabelecerá, para cada dia-multa, valor não inferior a um trinta avos nem superior a cinco vezes o maior salário mínimo. Para tanto, deverá levar em conta as condições econômicas do acusado. Caso, porém, o juiz a considere ineficaz em virtude da situação econômica do acusado, poderá aumentá-la até o décuplo.

Nos termos do art. 2º, § 1º, da Lei n. 8.072/90, o regime inicial para o crime de tráfico deve ser necessariamente o fechado, independentemente do montante da pena aplicada e de ser o réu primário ou reincidente. Acontece que o Plenário do Supremo Tribunal Federal, em 27 de junho de 2012, declarou, por oito votos contra três, a inconstitucionalidade deste art. 2º, § 1º, da Lei n. 8.072/90 por entender que a obrigatoriedade de regime inicial fechado para penas não superiores a 8 anos fere o princípio constitucional da individualização da pena (art. 5º, XLVI, da CF). Assim, mesmo para crimes hediondos, tráfico de drogas, terrorismo e tortura, o regime inicial só poderá ser o fechado (quando a pena fixada na sentença não for maior do que 8 anos), se o acusado for reincidente ou se as circunstâncias do caso concreto indicarem uma gravidade diferenciada daquele crime específico, o que deverá constar expressamente da fundamentação da sentença. Essa decisão ocorreu no julgamento do HC 111.840/ES. Em novembro de 2017, confirmando tal entendimento, o Supremo Tribunal Federal aprovou a tese 972, em sede de repercussão geral: "É inconstitucional a fixação *ex lege*, com base no art. 2º, § 1º, da Lei n. 8.072/90, do regime inicial fechado, devendo o julgador, quando da condenação, ater-se aos parâmetros previstos no art. 33 do Código Penal".

Dessa forma, se o réu primário for condenado a pena não superior a 8 anos não bastará que o juiz diga que aquele crime é o de tráfico para fixar o regime fechado, só podendo fazê-lo se justificar a providência em razão da gravidade diferenciada do delito cometido (envolvimento de menores no tráfico, quantidade muito elevada de droga etc.).

A progressão para regime mais brando pressupõe o cumprimento de dois quintos da pena, se o condenado for primário, e três quintos, se reincidente (art. 2º, § 2º, da Lei n. 8.072/90). Por sua vez, o art. 44, parágrafo único, da Lei n. 11.343/2006 estabelece que para os crimes de tráfico o livramento condicional só poderá ser obtido após o cumprimento de dois terços da pena, vedada sua concessão ao reincidente específico. A menção ao reincidente específico, dentro da própria Lei Antidrogas, refere-se àquele que já foi condenado por tráfico e volta a cometer crime dessa mesma natureza. Para os crimes comuns, o art. 83 do Código Penal prevê que o livramento pode ser obtido após o cumprimento de um terço da pena, se o réu for primário, e de metade, se reincidente em crime doloso.

Na prática, portanto, a diferença do crime de tráfico (e dos delitos hediondos) em relação aos crimes comuns é o prazo para a progressão de regime e para a obtenção do livramento condicional. Além disso, o art. 44, *caput*, estabelece que o crime de tráfico de drogas é insuscetível de *sursis*, graça, anistia e indulto. O mesmo art. 44 veda ainda a concessão de fiança e liberdade provisória, de forma que o traficante preso em flagrante deve, em tese, permanecer nesse estado até a prolação da sentença, sendo, porém, possível o relaxamento da prisão se houver excesso de prazo na instrução, ou seja, se os prazos processuais forem extrapolados. Não se pode deixar de mencionar, todavia, que, após o advento da Lei n. 11.464/2007, que deixou de proibir a liberdade provisória para crimes hediondos, passou a existir entendimento de que também para o tráfico a concessão é cabível, muito embora a lei especial diga o contrário em relação a tal delito.

14. Figura privilegiada. O art. 33, § 4º, da Lei n. 11.343/2006 prevê que as penas – privativa de liberdade e pecuniária – poderão ser diminuídas de um sexto a dois terços, se o agente for primário e de bons antecedentes, e desde que não se dedique a atividades criminosas nem integre organização criminosa. A jurisprudência passou a denominar essa hipótese “tráfico privilegiado”. Note-se que, se o réu for primário e de bons antecedentes, mas as provas indicarem que ele é traficante contumaz, ou seja, que faz do tráfico seu meio de vida, a benesse será inviável.

De acordo com as Cortes Superiores, o fato de alguém ser flagrado atuando como “mula do tráfico” não induz necessariamente à conclusão de que integre organização criminosa e que, portanto, não faz jus ao benefício: “...acolho o entendimento uníssono do Supremo Tribunal Federal sobre a matéria, no sentido de que a simples atuação nessa condição não induz, automaticamente, à conclusão de que o sentenciado integre organização criminosa, sendo imprescindível, para tanto, prova inequívoca do seu envolvimento, estável e permanente, com o grupo criminoso, para autorizar a redução da pena em sua totalidade. Precedentes do STF” (STJ – HC 387.077/SP, Rel. Min. Ribeiro Dantas, 5ª Turma, julgado em 6-4-2017, *DJe* 17-4-2017).

De outro lado, entende-se que a condenação concomitante pelo crime de associação ao tráfico (art. 35 da Lei de Drogas) denota que o acusado se dedica ao tráfico e que, portanto, não faz jus à figura privilegiada.

Essa causa de diminuição também se aplica às figuras equiparadas previstas no art. 33, § 1º, da Lei.

Com a aplicação do redutor desse art. 33, § 4º, a pena do traficante pode ser fixada em patamar igual ou inferior a 4 anos, o que permitiria, em tese, a substituição da pena privativa de liberdade por restritiva de direitos (art. 44, I, do CP). A fim de inviabilizar tal substituição, o legislador expressamente inseriu proibição nesse sentido no próprio art. 33, § 4º, bem como no art. 44, *caput*, da Lei n. 11.343/2006. Acontece que o Supremo Tribunal Federal, no HC 97.256/RS, em 1º de setembro de 2010, julgou inconstitucional a vedação à substituição por pena restritiva de direitos nos crimes de tráfico de drogas argumentando que tal proibição fere o princípio constitucional da individualização da pena – art. 5º, XLVI, da Constituição Federal – pois, de acordo com a regra do art. 44, I, do Código Penal, a substituição por pena restritiva de direitos é cabível sempre que a pena fixada não exceder 4 anos, nos crimes cometidos sem violência ou grave ameaça, desde que as circunstâncias do crime indiquem que a medida é suficiente para a prevenção e repressão do delito cometido (art. 44, III, do CP). Assim, se, em razão da redução de pena do art. 33, § 4º, a pena fixada na sentença para o traficante não exceder 4 anos, será cabível a substituição, nos termos do art. 44, I, do Código Penal. Se, todavia, a pena privativa de liberdade aplicada for superior a 4 anos, o réu deverá cumpri-la. Após a declaração de inconstitucionalidade por parte do Supremo Tribunal Federal, o Senado Federal aprovou a Resolução n. 5/2012, excluindo expressamente do art. 33, § 4º, da Lei Antidrogas a vedação à conversão da pena privativa de liberdade em restritiva de direitos. De ver-se, contudo, que o juiz poderá deixar de efetuar a substituição se entender que a gravidade do caso concreto é incompatível com o benefício, como, por exemplo, quando a quantidade de droga apreendida for considerável.

O crime de tráfico de drogas é equiparado a hediondo nos termos do art. 5º, XLIII, da Constituição Federal, merecendo tratamento mais rigoroso. Entendemos que o fato de sobre ele incidir causa de diminuição de pena, denominada jurisprudencialmente de tráfico privilegiado, não lhe retira tal característica, de modo que os condenados na forma mais branda também necessitariam cumprir mais tempo de pena para a progressão de regime e para a obtenção do livramento condicional. Em junho de 2014, o Superior Tribunal de Justiça aprovou a Súmula 512 no sentido de que: “a aplicação da causa de diminuição de pena prevista no art. 33, § 4º, da Lei n. 11.343/2006 não afasta a hediondez do crime de tráfico de drogas”. Ocorre que, posteriormente, no julgamento do HC 118.533, Rel. Min. Cármen Lúcia, em 23-6-2016, o Plenário do Supremo Tribunal Federal decidiu que o tráfico privilegiado de drogas não possui natureza hedionda. Por isso, a progressão de regime pode se dar com o cumprimento de 1/6 da pena imposta – ao passo que no tráfico comum (não privilegiado) a progressão pressupõe o cumprimento de 2/5 da pena, se o condenado for primário, e 3/5, se reincidente. Além disso, o livramento condicional na figura privilegiada pode ser obtido de acordo com as regras comuns do art. 83 do Código Penal (cumprimento de 1/3 da pena, se o réu for primário, e de 1/2, se reincidente em crime doloso). Por fim, para o tráfico privilegiado não estão vedadas a anistia, a graça e o indulto.

Após esta decisão do Plenário da Corte Suprema, o Superior Tribunal de Justiça – que entendera ter natureza hedionda o tráfico privilegiado – cancelou a sua Súmula 512.

15. Ação penal. É pública incondicionada.

2.3. FIGURAS EQUIPARADAS AO TRÁFICO

> Art. 33, § 1º – Nas mesmas penas incorre quem:
>
> I – importa, exporta, remete, produz, fabrica, adquire, vende, expõe à venda, oferece, fornece, tem em depósito, transporta, traz consigo ou guarda, ainda que gratuitamente, sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar, matéria-prima, insumo ou produto químico destinado à preparação de drogas;

A matéria-prima, o insumo ou o produto químico não precisam ser tóxicos em si, bastando que sejam idôneos à produção de entorpecente. Assim é que a posse de éter ou acetona pode configurar o delito, desde que exista prova de que se destinavam à preparação de cocaína.

O art. 31 da Lei estabelece que, para a posse, venda ou compra de matéria-prima para o fim específico de preparação de droga, é necessária autorização da autoridade competente, que só será concedida dentro dos ditames legais, de modo que, se forem respeitados os limites da autorização, o fato não constituirá crime. Daí por que o tipo penal incorporou a expressão “sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar”.

> Art. 33, § 1º, II – semeia, cultiva ou faz a colheita, sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar, de plantas que se constituam em matéria-prima para a preparação de drogas;

O art. 2º, *caput*, da Lei estabelece que são proibidos, em todo o território nacional, o plantio, a cultura, a colheita e a exploração de vegetais e substratos dos quais possam ser extraídas ou produzidas drogas, ressalvada a hipótese de autorização legal ou regulamentar, que, nos termos do seu parágrafo único, só pode ser concedida pela União para fins medicinais ou científicos, em local e prazo predeterminados, e mediante fiscalização. Por essa razão, o plantio, o cultivo e a colheita só constituem crime quando realizados sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar.

Semear é lançar a semente ao solo a fim de que ela germine. Trata-se de crime instantâneo. A simples posse da semente – sem que ocorra a efetiva plantação – somente constituirá crime se o exame químico-toxicológico constatar a existência do princípio ativo, hipótese em que o agente deverá ser enquadrado em uma das figuras de tráfico previstas no *caput* (trazer consigo, guardar). Assim, se alguém for flagrado tendo em seu poder grande quantidade de sementes de maconha e o exame resultar negativo quanto à presença do princípio ativo (tetrahidrocanabinol), o fato será considerado atípico. Porém, se resultar positivo, haverá crime de tráfico.

Cultivar é manter, cuidar da plantação. Trata-se de crime permanente.

Fazer a colheita significa recolher a planta ou os seus frutos. Trata-se de crime instantâneo.

Para a configuração do delito não se exige que a planta origine diretamente a substância entorpecente, pois, nos termos da Lei, basta que se constitua em matéria-prima para sua preparação.

É comum que o traficante semeie, cultive, faça a colheita, obtenha a droga bruta e, após o refino, venda-a a outros traficantes ou ao consumidor. Nesse caso, ele teria infringido condutas do art. 33, *caput*, e também do § 1º, II. Entretanto, como são várias fases ligadas ao mesmo produto final, deverá ele responder por um só crime (princípio da consunção). Na hipótese, a realização de várias condutas deverá ser levada em conta pelo juiz na fixação da pena-base (art. 59 do CP). É evidente, contudo, que se as condutas não possuírem nexo de sucessividade, haverá concurso material. Assim, responderá por dois crimes o traficante que planta maconha e concomitantemente importa cocaína.

Reza o art. 32 da Lei que as plantações ilícitas serão imediatamente destruídas pelo delegado de polícia, que recolherá quantidade suficiente para exame pericial, de tudo lavrando auto de levantamento das condições encontradas, com a delimitação do local, asseguradas as medidas necessárias para a preservação da prova. O seu § 3º, por sua vez, esclarece que, em caso de ser utilizada a queimada para destruir a plantação, observar-se-á, além das cautelas necessárias à proteção ao meio ambiente, o disposto no Decreto n. 2.661/98, dispensada a autorização prévia do órgão próprio do Sistema Nacional do Meio Ambiente – Sisnama. O decreto citado regulamenta o emprego de fogo em áreas agropastoris e florestais.

Visando também coibir o tráfico, o art. 243 da Constituição Federal estabeleceu a expropriação sem direito a qualquer indenização de terras onde forem localizadas culturas ilegais de substância entorpecente. O procedimento para essa modalidade de desapropriação encontra-se na Lei n. 8.257/91.

Veja-se, por fim, que, nos termos do art. 28, § 1º, da Lei, quem semeia, cultiva ou colhe plantas destinadas à preparação de pequena quantidade de substância entorpecente, para consumo pessoal, comete crime equiparado ao porte para uso próprio, cuja pena é muito menos grave (advertência, prestação de serviços à comunidade ou medida educativa). Esse dispositivo se aplica, em geral, a pessoas que plantam alguns poucos pés de maconha em vasos na própria casa para consumo pessoal. O dispositivo em questão vem a solucionar polêmica existente na Lei anterior, sendo relevante esclarecer que a jurisprudência já era forte no sentido de a conduta não configurar tráfico, e sim o crime de porte para uso próprio (art. 16 da Lei n. 6.368/76), por analogia *in bonam partem*.

> Art. 33, § 1º, III – utiliza local ou bem de qualquer natureza de que tem a propriedade, posse, administração, guarda ou vigilância, ou consente que outrem dele se utilize, ainda que gratuitamente, sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar, para o tráfico ilícito de drogas.

Na Lei n. 6.368/76 existia dispositivo semelhante, porém, muito mais abrangente, pois também punia quem utilizava ou consentia na utilização de local ou bem de sua propriedade ou posse para o uso de droga. Pela nova redação, o crime em análise só é tipificado se o local ou bem forem utilizados para o tráfico de drogas.

O local a que a lei se refere pode ser imóvel (casa, apartamento, bar, pousada) ou móvel (veículo, barco). Não é necessário que o agente seja o dono do local utilizado, bastando que tenha a sua posse ou a sua simples administração, guarda ou vigilância. Assim, o gerente de um bar ou o vigia de um parque de diversões podem ser punidos caso permitam o tráfico de entorpecente nesses locais. Trata-se, evidentemente, de crime doloso, que pressupõe que o agente saiba tratar-se de entorpecente.

É bom lembrar que o art. 63 estabelece que o juiz, ao sentenciar, poderá decretar a perda de veículos, embarcações ou aeronaves utilizados no tráfico.

Deve-se comentar que é estranha a tipificação de crime autônomo para quem utiliza local para tráfico, pois quem está traficando já está incurso nas figuras do art. 33, *caput.* Na prática, portanto, o delito estará tipificado para quem consentir na utilização de local de que tem a propriedade, posse, administração, guarda ou vigilância, público ou particular, para que, nele, um terceiro pratique o tráfico de entorpecentes. Na última hipótese – consentimento na utilização de local para tráfico –, a conduta já seria punível como participação no tráfico exercido pelo terceiro. Porém, como a lei transformou a conduta em crime autônomo, deverá ser feita a distinção: quem consente na utilização do local incidirá no § 1º, III, e quem vende a droga responderá pela figura do *caput*.

O crime se consuma com o efetivo tráfico no local, ainda que por uma única vez. A habitualidade, portanto, não é requisito.

Observações: Para as figuras equiparadas do art. 33, § 1º, I a III, a Lei estabelece que:

a) É vedada a concessão de fiança, liberdade provisória, graça, anistia e indulto, bem como a aplicação do *sursis* (art. 44, *caput*).

Após o advento da Lei n. 11.464/2007, que deixou de proibir a liberdade provisória para os crimes hediondos, surgiu entendimento de que não mais se justifica a vedação ao tráfico e suas figuras equiparadas.

b) O livramento condicional só poderá ser obtido após o cumprimento de 2/3 da pena e desde que o condenado não seja reincidente específico (art. 44, parágrafo único).

c) As penas poderão ser reduzidas de 1/6 a 2/3, se o réu for primário e de bons antecedentes, e desde que não se dedique a atividades criminosas nem integre organização criminosa (art. 33, § 4º). Trata-se do chamado tráfico privilegiado. Com a redução da pena, poderá esta ficar em patamar igual ou inferior a 4 anos e, em tal hipótese, será cabível a substituição por pena restritiva de direitos (art. 44, I, do Código Penal), na medida em que o Supremo Tribunal Federal, ao julgar o HC 97.256/RS, em setembro de 2010, declarou a inconstitucionalidade da proibição que existia nesse dispositivo e que foi posteriormente excluída do texto legal de forma expressa pela Resolução n. 5/2012 do Senado Federal. A conversão deixou de ser proibida, mas, evidentemente, não se tornou obrigatória, uma vez que o art. 44, III, do Código Penal diz que ela só será possível se as circunstâncias do crime indicarem que a substituição é suficiente para a prevenção e repressão do crime. Por isso, é comum, por exemplo, que os juízes neguem a substituição em razão da gravidade diferenciada do caso concreto. Ex.: quantidade elevada de matéria-prima destinada à preparação de droga.

No julgamento do HC 118.533, Rel. Min. Cármen Lúcia, em 23-6-2016, o Plenário do Supremo Tribunal Federal decidiu que o tráfico privilegiado de drogas não possui natureza hedionda. Por isso, a progressão de regime pode se dar com o cumprimento de 1/6 da pena imposta – ao passo que no tráfico comum (não privilegiado) a progressão pressupõe o cumprimento de 2/5 da pena, se o condenado for primário, e 3/5, se reincidente. Além disso, o livramento condicional na figura privilegiada pode ser obtido de acordo com as regras comuns do art. 83 do Código Penal (cumprimento de 1/3 da pena, se o réu for primário, e de 1/2, se reincidente em crime doloso). Em razão do referido julgamento da Corte Suprema, o Superior Tribunal de Justiça cancelou sua Súmula 512, na qual havia adotado entendimento de que o tráfico privilegiado mantinha a natureza hedionda.

2.4. INDUZIMENTO, INSTIGAÇÃO OU AUXÍLIO AO USO DE DROGA

> Art. 33, § 2º – Induzir, instigar ou auxiliar alguém ao uso indevido de droga:

Pena – detenção, de um a três anos, e multa de cem a trezentos dias-multa.

Induzir significa dar a ideia e convencer alguém a fazer o uso. Na instigação, a pessoa já estava pensando em fazer uso da droga e o agente reforça essa ideia, encorajando-a. No auxílio, o agente colabora materialmente com o uso fornecendo, por exemplo, seda para que outra pessoa enrole um cigarro de maconha ou cachimbo para fumar *crack*. Com a alteração trazida pela nova Lei, quem cede local para que outrem faça uso de droga comete o crime em análise na modalidade "auxílio". É necessário que o induzimento, o auxílio ou a instigação sejam voltados a pessoa(s) determinada(s). Não existe na nova Lei figura antes tipificada no art. 12, § 2º, III, que punia quem incentivasse genericamente (pessoas indeterminadas) o porte para consumo ou o tráfico de drogas, de modo que, na ausência de crime específico, a conduta será punida como incitação ao crime (art. 286 do CP). Não caracteriza, porém, infração penal a simples opinião no sentido de ser legalizado o uso ou a venda de droga. Por essa razão, o Supremo Tribunal Federal considerou incabível que decisões judiciais proíbam as chamadas "marchas da maconha" em que manifestantes realizam passeata pleiteando a liberação do uso e porte de referido entorpecente. De acordo com o julgamento da ADIn 4.274, ocorrido em 23 de novembro de 2011, o STF deu interpretação conforme à Constituição ao art. 33, § 2º, da Lei Antidrogas, para excluir do dispositivo "qualquer significado que enseje a proibição de manifestações e debates públicos acerca da descriminalização ou legalização do uso de drogas ou de qualquer substância que leve o ser humano ao entorpecimento episódico, ou então viciado, das suas faculdades psicofísicas". Veja-se a ementa do julgado: "1. Cabível o pedido de 'interpretação conforme à Constituição' de preceito legal portador de mais de um sentido, dando-se que ao menos um deles é contrário à Constituição Federal. 2. A utilização do § 3º do art. 33 da Lei n. 11.343/2006 como fundamento para a proibição judicial de eventos públicos de defesa da legalização ou da descriminalização do uso de entorpecentes ofende o direito fundamental de reunião, expressamente outorgado pelo inciso XVI do art. 5º da Carta Magna. Regular exercício das liberdades constitucionais de manifestação de pensamento e expressão, em sentido lato, além do direito de acesso à informação (incisos IV, IX e XIV do art. 5º da Constituição Republicana, respectivamente). 3. Nenhuma lei, seja ela civil ou penal, pode blindar-se contra a discussão do seu próprio conteúdo. Nem mesmo a Constituição está a salvo da ampla, livre e aberta discussão dos seus defeitos e das suas virtudes, desde que sejam obedecidas as condicionantes ao direito constitucional de reunião, tal como a prévia comunicação às autoridades competentes. 4. Impossibilidade de restrição ao direito fundamental de reunião que não se contenha nas duas situações excepcionais que a própria Constituição prevê: o estado de defesa e o estado de sítio (art. 136, § 1º, inciso I, alínea *a*, e art. 139, inciso IV). 5. Ação direta julgada procedente para dar ao § 2º do art. 33 da Lei 11.343/2006 'interpretação conforme à Constituição' e dele excluir qualquer significado que enseje a proibição de manifestações e debates públicos acerca da descriminalização ou legalização do uso de drogas ou de qualquer substância que leve o ser humano ao entorpecimento episódico, ou então viciado, das suas faculdades psicofísicas" (ADIn 4.274, rel. Min. Ayres Britto, Tribunal Pleno, *DJe* de 2-5-2012).

Na Lei n. 6.368/76, as condutas – atualmente previstas no art. 33, § 2º, da Lei n. 11.343/2006 – eram equiparadas ao tráfico, possuindo a mesma pena. Na nova Lei, a pena é consistentemente menos grave – um a três anos de detenção –, admitindo, inclusive, a suspensão condicional do processo, o *sursis* e a substituição por pena restritiva de direitos. Trata-se, outrossim, de crime afiançável e suscetível de liberdade provisória. Além disso, o livramento condicional pode ser obtido mediante o preenchimento dos requisitos genéricos do art. 83 do Código Penal – cumprimento de um terço da pena, se o condenado for primário, ou de metade, se for reincidente em crime doloso.

Há quem argumente que, no delito em tela, não há necessidade de apreensão da droga. Veja-se, entretanto, que, se não houver prova de que a substância da qual se fez uso continha o princípio ativo, não haverá certeza de que a substância era entorpecente ou de que provocava dependência.

Por fim, para a consumação do delito, é necessário que a pessoa a quem a conduta foi dirigida efetivamente faça uso da droga. Não se pode concordar com a opinião de que basta que tal pessoa obtenha a posse do entorpecente, uma vez que a própria lei exige, na descrição típica, o uso.

2.5. OFERTA EVENTUAL E GRATUITA PARA CONSUMO CONJUNTO

> Art. 33, § 3º – Oferecer droga, eventualmente e sem objetivo de lucro, a pessoa de seu relacionamento, para juntos a consumirem:
>
> Pena – detenção, de seis meses a um ano, e pagamento de setecentos a mil e quinhentos dias-multa, sem prejuízo das penas previstas no art. 28.

O presente dispositivo tem por finalidade punir quem tem uma pequena porção de droga e a oferece, p. ex., a um amigo ou namorada, para consumo conjunto. Na vigência da antiga Lei Antitóxicos, embora a conduta encontrasse enquadramento no crime de tráfico do art. 12, a jurisprudência era praticamente unânime em desclassificar o crime para aquele previsto no art. 16 (porte para uso próprio), já que a conduta era considerada muito menos grave do que a do verdadeiro traficante. A nova Lei solucionou a questão ao prever crime específico para a hipótese, estabelecendo que, ao agente, será imposta pena de seis meses a um ano e multa, além daquelas previstas no art. 28 (advertência, prestação de serviços à comunidade e frequência a cursos educativos), de forma que as penas serão aplicadas cumulativamente. Como a pena máxima do crime é de um ano, enquadra-se no conceito de infração de menor potencial ofensivo, sendo, portanto, cabível a proposta de transação penal no Juizado Especial Criminal. Além disso, a esse crime são inaplicáveis as vedações do art. 44, *caput*, da Lei, quanto à liberdade provisória, *sursis,* anistia, graça e indulto. Igualmente as causas de redução de pena do art. 33, § 4º, da Lei são inaplicáveis ao delito em análise.

Saliente-se que para a configuração dessa figura privilegiada são exigidos os seguintes requisitos:

a) que a oferta da droga seja eventual;

b) que seja gratuita;

c) que o destinatário seja pessoa do relacionamento de quem a oferece;

d) que a droga seja para consumo conjunto.

É de salientar que a pessoa a quem é oferecida a droga não incorre no crime deste art. 33, § 3º, da Lei, mas, se com ela for encontrada a droga, poderá ser enquadrada no crime do art. 28.

2.6. MAQUINISMOS E OBJETOS DESTINADOS AO TRÁFICO

> Art. 34 – Fabricar, adquirir, utilizar, transportar, oferecer, vender, distribuir, entregar a qualquer título, possuir, guardar ou fornecer, ainda que gratuitamente, maquinário, aparelho, instrumento ou qualquer objeto destinado à fabricação, preparação, produção ou transformação de drogas, sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar:
>
> Pena – reclusão, de três a dez anos, e pagamento de mil e duzentos a dois mil dias-multa.

As condutas típicas são semelhantes às do art. 33, *caput*. Entretanto, são elas ligadas a máquinas ou objetos em geral destinados à fabricação ou produção de substância entorpecente. A importância desse dispositivo cinge-se a casos em que os agentes montam, p. ex., uma destilaria para o refino de cocaína e não se consegue apreender com eles qualquer quantidade de droga. Serão, assim, punidos pelo art. 34, pois, em relação ao art. 33, a conduta constituiria apenas ato preparatório, sendo, portanto, atípica. Se, ao contrário, dentro da refinaria fosse encontrado também entorpecente, o agente responderia apenas pelo crime do art. 33 – que possui pena mais alta –, ficando absorvido o crime do art. 34. No exemplo, a maior gravidade do fato seria levada em conta na fixação da pena-base.

Lembre-se, também, que inúmeros objetos utilizados na produção ou fabricação de drogas são normalmente usados em laboratórios comuns para condutas absolutamente lícitas, tais como pipetas, tubos de ensaio etc. Assim, para a configuração do delito, deve haver prova da destinação ilícita que os agentes dariam aos maquinismos, objetos etc. O Superior Tribunal de Justiça entendeu que o uso e a posse de balança de precisão para pesar a cocaína ou a maconha a fim de dividi-la em porções antes de colocá-las em embalagens individuais não configura o crime em análise porque a preparação a que se refere o dispositivo em questão diz respeito à produção da droga em si e não à sua separação em porções depois de já estar pronta (preparada).

Ao sentenciar, o juiz decretará a perda dos bens (art. 63).

É necessário salientar, todavia, que o objeto material desse crime são aqueles utilizados no processo criativo da droga, não havendo punição para o porte de lâminas de barbear (para o usuário separar a cocaína em doses), na posse de maricas ou cachimbos (para o fumo de maconha ou *crack*) etc.

Nos termos do art. 44, o crime em análise é insuscetível de fiança e liberdade provisória, e, ao condenado, não poderá ser concedido o *sursis*. Além disso, não poderá obter anistia, graça ou indulto. Conforme já mencionado, o dispositivo previa também a vedação à substituição da pena privativa de liberdade por restritiva de direitos, entretanto, o STF declarou a inconstitucionalidade desta parte do art. 44 ao julgar o HC 97.256/RS, em setembro de 2010. Assim, se a pena fixada na sentença não superar 4 anos, será cabível a substituição por pena restritiva, nos termos do art. 44, I, do Código Penal, desde que as circunstâncias do crime indiquem que a medida é suficiente para a prevenção e repressão do crime (art. 44, III, do CP).

Já o art. 44, parágrafo único, restringe a possibilidade de obtenção do livramento condicional àqueles que já tiverem cumprido dois terços da pena (e desde que não sejam reincidentes específicos).

Após o advento da Lei n. 11.464/2007, que deixou de proibir a liberdade provisória para os crimes hediondos, surgiu entendimento de que não mais se justifica a vedação ao tráfico e suas figuras equiparadas.

2.7. ASSOCIAÇÃO PARA O TRÁFICO

> Art. 35 – Associarem-se duas ou mais pessoas para o fim de praticar, reiteradamente ou não, qualquer dos crimes previstos nos arts. 33, caput e § 1º, e 34 desta Lei:
>
> Pena – reclusão, de três a dez anos, e pagamento de setecentos a mil e duzentos dias-multa.
>
> Parágrafo único – Nas mesmas penas do caput deste artigo incorre quem se associa para a prática reiterada do crime definido no art. 36 desta Lei.

Paralelamente ao crime de associação criminosa descrito no art. 288 do CP, que prevê pena de reclusão, de um a três anos, para a associação de três ou mais pessoas com o fim de cometer reiteradamente crimes, a Lei Antidrogas prevê um tipo especial que envolve também a união de pessoas visando à delinquência. É claro, entretanto, que, por se tratar de crime especial, o art. 35 da Lei possui características próprias:

a) envolvimento mínimo de duas pessoas. Trata-se de crime de concurso necessário de condutas paralelas porque os envolvidos ajudam-se na prática do delito. Diverge do crime comum de associação criminosa, que pressupõe, como já mencionado, o envolvimento de pelo menos três pessoas;

b) intenção de cometer qualquer dos crimes previstos nos arts. 33, *caput* e § 1º, e 34 da Lei (tráfico). Diferencia-se do crime comum de associação criminosa porque, neste, os integrantes visam cometer outros crimes (furto, roubo, receptação, aborto, peculato etc.).

O art. 8º da Lei dos Crimes Hediondos prevê que a pena do crime de associação criminosa do art. 288 será de reclusão, de três a seis anos, quando a finalidade for a prática de crimes hediondos, tráfico de entorpecentes, terrorismo ou tortura. Esse dispositivo fez surgir controvérsia em torno da revogação do art. 14 da Lei n. 6.368/76, que tratava do crime de associação para o tráfico na antiga Lei Antitóxicos. Com a Lei n. 11.343/2006, contudo, resta claro que o crime de associação criminosa comum do art. 288 não se aplica quando o fim visado for o tráfico de drogas, já que existe delito especial para a hipótese na nova Lei, em que basta o envolvimento de duas (e não de quatro) pessoas;

c) que os agentes queiram cometer os crimes de forma reiterada ou não. Assim, ao contrário do que ocorre no crime comum de associação criminosa, não é necessária intenção de reiteração delituosa.

A antiga Lei Antitóxicos, além de prever o crime de associação para o tráfico em seu art. 14, previa um aumento de pena de um terço se o crime fosse praticado mediante associação (art. 18, III), o que fez surgir grande controvérsia quanto à questão de ser eventual ou duradoura a associação. Como na nova Lei não foi prevista a causa de aumento, conclui-se que foi corrigida uma distorção, de modo que, nos expressos termos do art. 35, haverá o crime de associação para o tráfico, quer a união seja para a prática de um, quer para a de vários crimes. É preciso salientar, todavia, que o tipo penal pressupõe uma “associação” para o tráfico, de modo que a doutrina diz que, embora o art. 35 não exija a finalidade de reiteração criminosa, faz-se necessário um prévio ajuste entre as partes, um verdadeiro pacto associativo, de modo que a reunião meramente ocasional não caracteriza o delito, sendo necessária, de acordo com as Cortes Superiores, uma associação estável. Na prática, para fazer valer tal distinção, leva-se em conta o grau de organização, a gravidade da conduta e, evidentemente, a intenção de reiteração criminosa. Com efeito, quando existe essa intenção, não há dúvida de que está configurado o crime de associação para o tráfico (art. 35). Porém, quando não existir prova nesse sentido, o julgador deverá verificar se existe certa organização dos envolvidos, bem como a forma como se comportaram no caso concreto. Assim, ainda que não tenham intenção de reiteração, se o juiz verificar que eles se organizaram para, de uma só vez, importar e depois distribuir grande quantia da droga, responderão pelo crime autônomo (art. 35), evidentemente, em concurso material com o tráfico por eles realizado (art. 33, *caput*). A mesma conclusão deve ocorrer quando os agentes realizam várias condutas em relação ao mesmo objeto material, como, p. ex., quando plantam, cultivam, colhem, preparam e vendem um mesmo “lote” de entorpecente. Conforme já estudado, por se tratar de crime de ação múltipla, haverá um só crime de tráfico (art. 33), mas não se poderá cogitar de mera união eventual, já que os agentes realizaram inúmeras condutas. Assim sendo, responderão também pelo crime de associação (art. 35). Por outro lado, se um pequeno traficante tem uma quantidade de droga em seu poder e vende-a a um consumidor e, para efetivar a entrega, solicita ajuda a um conhecido, vindo ambos a realizar a entrega na residência do comprador, terá havido uma união momentânea, extremamente transitória, incapaz de se enquadrar no conceito de “associação”, de modo que eles responderão apenas pelo crime de tráfico (art. 33).

O crime de associação para tráfico descrito no art. 35 da Lei Antidrogas consuma-se com a mera união dos envolvidos, ou seja, no momento em que se associam. Assim, ainda que sejam detidos antes da prática do primeiro tráfico de entorpecentes, já estarão incursos no tipo penal. Por outro lado, haverá concurso material com o crime de tráfico quando, após a associação, vierem efetivamente a cometer qualquer dos crimes dos arts. 33, *caput* e § 1º, e 34 da Lei.

Nos termos do art. 44, o crime em análise é insuscetível de fiança e liberdade provisória, e, ao condenado, não poderá ser concedido o *sursis*. Além disso, não poderá obter anistia, graça ou indulto. Conforme já mencionado, o dispositivo previa também a vedação à substituição da pena privativa de liberdade por restritiva de direitos, entretanto, o STF declarou a inconstitucionalidade desta parte do art. 44 ao julgar o HC 97.256/RS, em setembro de 2010. Assim, se a pena fixada na sentença não superar 4 anos, será cabível a substituição por pena restritiva, nos termos do art. 44, I, do Código Penal, desde que as circunstâncias do crime indiquem que a medida é suficiente para a prevenção e repressão do crime (art. 44, III, do CP).

Já o art. 44, parágrafo único, restringe a possibilidade de obtenção do livramento condicional àqueles que já tiverem cumprido dois terços da pena (e desde que não sejam reincidentes específicos).

O STF firmou entendimento de que o crime de associação para o tráfico não constitui crime equiparado a hediondo.

O delito não admite tentativa.

Em relação ao crime de associação para o financiamento do tráfico previsto no art. 35, parágrafo único, *vide* o tópico seguinte.

2.8. FINANCIAMENTO AO TRÁFICO

> Art. 36 – Financiar ou custear a prática de qualquer dos crimes previstos nos arts. 33, caput e § 1º, e 34 desta Lei:
>
> Pena – reclusão, de oito a vinte anos, e pagamento de mil e quinhentos a quatro mil dias-multa.

A tipificação desse ilícito penal é apontada como uma das principais inovações da Lei Antidrogas, pois, no regime anterior, quem financiasse o tráfico só poderia ser punido como partícipe desse crime. Na nova legislação, porém, a conduta constitui crime autônomo punido muito mais severamente. A conduta ilícita abrange qualquer espécie de ajuda financeira, com a entrega de valores ou bens aos traficantes. Note-se, porém, que a configuração do delito autônomo pressupõe que o agente atue como financiador contumaz, ou seja, que se dedique a tal atividade de forma reiterada. Essa é a conclusão inevitável porque, àquele que financia o tráfico de forma isolada (ocasional), está reservada a causa de aumento do art. 40, VII, combinado com o art. 33, *caput*, da Lei (*v*. tópico 2.10). O próprio art. 35, parágrafo único, ao tipificar o crime de associação para o financiamento do tráfico, exige, expressamente, que essa união de pessoas vise ao tráfico reiterado. Se houver essa associação reiterada, de duas ou mais pessoas, para o financiamento ou custeio do tráfico, estará caracterizado o crime previsto no art. 35, parágrafo único, da Lei n. 11.343/2006, em concurso material, com o do art. 36.

Aos condenados por esse tipo de infração penal são vedadas a liberdade provisória e a fiança. Além disso, não poderão obter graça, anistia ou indulto (art. 44, *caput*).

O livramento condicional só poderá ser obtido após o cumprimento de dois terços da pena e desde que o condenado não seja reincidente específico (art. 44, parágrafo único).

Após o advento da Lei n. 11.464/2007, que deixou de proibir a liberdade provisória para os crimes hediondos, surgiu entendimento de que não mais se justifica a vedação ao tráfico e suas figuras equiparadas.

2.9. INFORMANTE COLABORADOR

> Art. 37 – Colaborar, como informante, com grupo, organização ou associação destinados à prática de qualquer dos crimes previstos nos arts. 33, caput e § 1º, e 34 desta Lei:
>
> Pena – reclusão, de dois a seis anos, e pagamento de trezentos a setecentos dias-multa.

Note-se que, para a configuração deste ilícito penal, criado pela Lei n. 11.343/2006, não basta a colaboração com o tráfico, exigindo o tipo penal que se trate de informante colaborador de grupo, organização ou associação voltados para o tráfico. O informante não integra efetivamente o grupo e não toma parte no tráfico, mas passa informações a seus integrantes, como, p. ex., um policial que, ao saber que uma grande diligência será feita em certa localidade, visando à apreensão de droga, telefona para o chefe do grupo passando a informação com antecedência para que possam fugir antes da chegada dos outros policiais ao local. É evidente que o informante, em geral, recebe dinheiro por suas informações, e, se for funcionário público, responde também pelo crime de corrupção passiva (art. 317 do CP).

O livramento condicional só poderá ser obtido após o cumprimento de dois terços da pena e desde que o condenado não seja reincidente específico (art. 44, parágrafo único).

2.10. CAUSAS DE AUMENTO DE PENA

As causas de aumento elencadas no art. 40 da Lei n. 11.343/2006 aplicam-se apenas aos crimes previstos em seus arts. 33 a 37, que são os delitos ligados ao tráfico. Não incidem, portanto, nos crimes em que a intenção do agente é o consumo próprio, nem no crime culposo previsto no art. 38 e no de direção de embarcação ou aeronave descrito no art. 39.

> Art. 40 – As penas previstas nos arts. 33 a 37 desta Lei são aumentadas de um sexto a dois terços, se:
>
> I – a natureza, a procedência da substância ou do produto apreendido e as circunstâncias do fato evidenciarem a transnacionalidade do delito;

O tráfico com o exterior está presente nas hipóteses de importação e exportação. Nesses casos, como veremos adiante, a competência será da Justiça Federal.

Para a incidência do dispositivo não é necessário que o agente consiga sair ou entrar no país com a droga, basta que fique demonstrada que essa era sua finalidade.

> Art. 40, II – o agente praticar o crime prevalecendo-se de função pública ou no desempenho de missão de educação, poder familiar, guarda ou vigilância;

O dispositivo possui duas partes:

Na primeira, a lei pune mais gravemente quem comete o crime prevalecendo-se de sua função pública. A lei se refere, p. ex., aos policiais – civis ou militares, delegados de polícia, escrivães, peritos criminais, juízes, promotores de justiça etc. Suponha-se que um policial, após apreender um grande carregamento de droga, desvie uma parte para vendê-la. Estará ele incurso no art. 33, *caput*, com a pena aumentada pelo art. 40, II. Na Lei Antidrogas antiga a pena só era aumentada se a função pública fosse relacionada com repressão à criminalidade, mas como na nova Lei não existe tal exigência, o aumento incide qualquer que seja a espécie de função pública exercida.

Na segunda hipótese, pune-se de forma mais enérgica aquele que tem missão de educação, poder familiar, guarda ou vigilância. Na Lei n. 6.368/76, o aumento se referia à guarda ou vigilância da droga, como, p. ex., o responsável pelo almoxarifado de um hospital que desviava morfina destinada a doentes. Na lei atual, o dispositivo se refere a alguém que comete tráfico quando está no exercício de missão de educação, poder familiar, guarda ou vigilância de alguém. Ex.: professor que vende droga a aluno.

> Art. 40, III – a infração tiver sido cometida nas dependências ou imediações de estabelecimentos prisionais, de ensino ou hospitalares, de sedes de entidades estudantis, sociais, culturais, recreativas, esportivas, ou beneficentes, de locais de trabalho coletivo, de recintos onde se realizem espetáculos ou diversões de qualquer natureza, de serviços de tratamento de dependentes de drogas ou de

> reinserção social, de unidades militares ou policiais ou em transportes públicos;

A enumeração é taxativa, não sendo admitida ampliação por analogia. O agravamento da pena decorre do local em que o fato é cometido, ou seja, nas imediações ou no interior de um dos locais expressamente elencados. A expressão "nas imediações", que é sinônimo de "nas proximidades", deve ser interpretada caso a caso, de acordo com as circunstâncias do fato criminoso e a gravidade do delito. Não é possível, assim, fixar previamente um limite métrico.

No caso de venda nas proximidades de estabelecimentos de ensino, não é necessário que o traficante queira vender a droga a algum dos estudantes. A conduta é considerada mais grave pela mera possibilidade de contato entre eles.

No que se refere a estabelecimentos penais, existe grande divergência jurisprudencial a respeito de sua aplicabilidade aos próprios presos. Parece-nos, contudo, que não há nenhuma razão convincente para deixar de aplicar o dispositivo, já que o texto legal não faz distinção, desde que o entorpecente se destine ao tráfico. Com efeito, se a pessoa reclusa tem a droga para consumo próprio, não se aplica a causa de aumento em questão, que só alcança os crimes descritos nos arts. 33 a 37, nos exatos termos do art. 40, *caput*.

A parte final do dispositivo refere-se ao tráfico de drogas cometido em transporte público. De acordo com a jurisprudência, é preciso que a própria comercialização ocorra em transporte público ou em suas proximidades (estações de trem ou metrô, rodoviárias, terminais de ônibus etc.), não bastando a utilização de trens ou ônibus para o transporte da droga.

> Art. 40, IV – o crime tiver sido praticado com violência, grave ameaça, emprego de arma de fogo, ou qualquer processo de intimidação difusa ou coletiva;

O dispositivo é extremamente abrangente, de modo a agravar a pena de quem ameaça outrem a fim de fazê-lo utilizar entorpecente, bem como de quem emprega violência para ministrar droga em terceiro. Além disso, as facções de traficantes em que uma parte dos integrantes faz a segurança de seus pontos de venda com armas de fogo e com intimidações aos moradores da região, terão, também, a pena agravada, sem prejuízo da punição pelo crime autônomo de associação para o tráfico. No que diz respeito às armas de fogo, a aplicação da majorante pressupõe que os traficantes efetivamente empreguem a arma em suas atividades ilícitas, caso contrário, não incidirá o dispositivo em estudo, podendo haver punição por crime de posse ou porte ilegal de arma de fogo previsto no Estatuto do Desarmamento (Lei n. 10.826/2003), em concurso material com o crime de tráfico.

> Art. 40, V – caracterizado o tráfico entre Estados da Federação ou entre estes e o Distrito Federal;

Trata-se de inovação da Lei n. 11.343/2006, que passa a prever o agravamento da pena quando a conduta do traficante consiste em levar a droga de um Estado para outro, ou para o Distrito Federal, ou vice-versa.

O Superior Tribunal de Justiça aprovou a Súmula 587 nesse sentido: "Para a incidência da majorante prevista no art. 40, V, da Lei n. 11.343/2006, é desnecessária a efetiva transposição de fronteiras entre estados da Federação, sendo suficiente a demonstração inequívoca da intenção de realizar o tráfico interestadual".

> Art. 40, VI – sua prática envolver ou visar a atingir criança ou adolescente ou a quem tenha, por qualquer motivo, diminuída ou suprimida a capacidade de entendimento e determinação;

Quem, no crime de tráfico, "visa" a criança ou adolescente, ou pessoa que tenha sua capacidade diminuída ou suprimida, é aquele que busca neles um consumidor. A causa de aumento é bastante pertinente, pois é óbvia a maior suscetibilidade dos jovens de se envolver com as drogas, quer pela curiosidade, quer pela inexperiência ou necessidade de afirmação perante seu grupo. Já a incapacidade de resistência a que se refere a lei pode ser de qualquer espécie, parcial ou total. Abrange, portanto, as hipóteses de venda ou entrega de droga a pessoa embriagada, doente mental, dependente de drogas etc. O Estatuto do Idoso havia acrescentado na Lei n. 6.368/76 causa de aumento se a venda visasse a pessoa idosa, mas como a regra não foi repetida na Lei Antidrogas, restou prejudicada.

Na vigência da Lei n. 6.368/76 não existia a causa de aumento para os casos em que a prática do tráfico envolvesse menor, de modo que o traficante que se unisse a menores para, juntos, venderem drogas responderia por tráfico do art. 12 e pelo delito do art. 14 ou pelo art. 18, III, 1ª figura – dependendo da espécie de associação (prolongada ou eventual) – e também pelo crime de corrupção de menores do art. 1º da Lei n. 2.252/54 (atual crime do art. 244-B do Estatuto da Criança e do Adolescente). Seria punido pelo art. 14 ou 18, III, 1ª figura, pela associação, e, finalmente, pela corrupção de menores, por ter-se unido a um menor para o cometimento do delito. Como a nova Lei prevê aumento de pena para o traficante que envolva menor no delito, a sua punição, atualmente, é feita da seguinte forma: pela venda da droga em conjunto com um menor ou doente mental, responde pelo crime de tráfico (art. 33, *caput*), com a pena aumentada de um sexto a dois terços, em face do art. 40, VI; se tiver havido efetiva associação com o menor, responde também pelo crime do art. 35, *caput*.

> Art. 40, VII – o agente financiar ou custear a prática do crime.

Considerando que o art. 36 da Lei prevê crime específico para o agente que financia ou custeia o tráfico, e que para tal delito é prevista pena de oito a vinte anos de reclusão, torna-se necessária uma diferenciação entre o crime autônomo e a presente causa de aumento. O crime do art. 36 exige que o agente atue como financiador contumaz, que invista valores de forma reiterada no tráfico (*v.* tópico 2.8.). Na causa de aumento, o que se verifica é a ocorrência de um único tráfico em que alguém atua, de forma isolada, como financiador e, por isso, responde pelo crime do art. 33, *caput*, com a pena aumentada em razão do art. 40, VII, da Lei n. 11.343/2006.

Observação: É possível que o juiz reconheça mais de uma dessas causas de aumento de pena. Ex.: policial que vende droga para preso (incs. II e III). Nos termos do art. 68, parágrafo único, do Código Penal, o juiz pode aplicar apenas uma vez o índice de aumento. É claro, porém, que, nesse caso, não deverá fazê-lo no mínimo legal, já que a lei possibilita um aumento de um sexto a dois terços.

2.11. CAUSA DE DIMINUIÇÃO DE PENA

> Art. 41 – O indiciado ou acusado que colaborar voluntariamente com a investigação policial e o processo criminal na identificação dos demais coautores ou partícipes do crime e na recuperação total ou parcial do produto do crime, no caso de condenação, terá pena reduzida de um terço a dois terços.

Para a incidência da causa de diminuição, além de ser voluntária a colaboração, exige-se que as informações passadas pelo agente efetivamente impliquem a identificação de todos os demais envolvidos no crime, bem como a recuperação de algum produto do delito (bens comprados pelos traficantes com o lucro obtido com a venda ou recebidos como forma de pagamento).

Quanto maior a colaboração, maior será a redução da pena pelo juiz.

2.12. CONDUÇÃO DE EMBARCAÇÃO OU AERONAVE APÓS O CONSUMO DE DROGA

> Art. 39 – Conduzir embarcação ou aeronave após o consumo de drogas, expondo a dano potencial

> a incolumidade de outrem:
>
> Pena – detenção, de seis meses a três anos, além da apreensão do veículo, cassação da habilitação respectiva ou proibição de obtê-la, pelo mesmo prazo da pena privativa de liberdade aplicada, e pagamento de duzentos a quatrocentos dias-multa.
>
> Parágrafo único – As penas de prisão e multa, aplicadas cumulativamente com as demais, serão de quatro a seis anos e de quatrocentos a seiscentos dias-multa, se o veículo referido no caput deste artigo for de transporte coletivo de passageiros.

O presente tipo penal, que tutela a segurança no espaço aéreo e aquático, pune a condução perigosa de aeronave ou embarcação decorrente da utilização de substância entorpecente. Para a configuração do delito é necessário que, em razão do consumo da droga, o agente conduza a aeronave ou embarcação de forma anormal, expondo a perigo a incolumidade de outrem. Não é necessário, entretanto, que se prove que pessoa determinada foi exposta a uma situação de risco, bastando a prova de que houve condução irregular da aeronave ou embarcação. Estas, aliás, podem ser de qualquer categoria ou tamanho (ex.: avião a jato, monomotor, turboélice, lancha, *jet-ski*, veleiro, navio). Em se tratando de condução de veículo automotor em via pública (automóvel, motocicleta, caminhão etc.), sob o efeito de entorpecente, a conduta se enquadra no crime do art. 306 da Lei n. 9.503/97 (Código de Trânsito Brasileiro – CTB), cujas penas são as mesmas. Na modalidade simples, do *caput*, é cabível a suspensão condicional do processo (art. 89 da Lei n. 9.099/95), já que a pena mínima é inferior a 1 ano. O mesmo não ocorre com a modalidade qualificada do parágrafo único, em que a pena mínima é de 2 anos, quando a embarcação ou aeronave for de transporte coletivo de passageiros.

O crime se consuma no momento em que o agente inicia a condução anormal da aeronave ou embarcação, e a ação penal é pública incondicionada.

2.13. CRIME CULPOSO

> Art. 38 – Prescrever ou ministrar, culposamente, drogas, sem que delas necessite o paciente, ou fazê-lo em doses excessivas ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar:
>
> Pena – detenção, de seis meses a dois anos, e pagamento de cinquenta a duzentos dias-multa.

A lei descreve apenas duas condutas típicas: prescrever, que é o mesmo que receitar, e ministrar, que é inocular, introduzir a substância entorpecente no organismo de alguém.

Trata-se de crime que, normalmente, é cometido por médico, dentista, farmacêutico ou profissional de enfermagem. Veja-se que os dois últimos podem praticar o crime exclusivamente na modalidade ministrar, já que apenas médicos e dentistas podem prescrever substâncias entorpecentes – para tratamento de algum tipo de distúrbio da saúde ou para fins terapêuticos em geral (diminuição de dor, p. ex.).

O delito em análise, conforme dispõe expressamente a lei, é culposo, uma vez que prescrever ou ministrar dolosamente constitui tráfico (art. 33, *caput*).

Os crimes culposos geralmente possuem o tipo aberto, isto é, a lei não descreve em que deve consistir a imprudência, negligência ou imperícia, devendo o juiz, no caso concreto, verificar se o réu agiu ou não com as cautelas necessárias. No entanto, o delito culposo do art. 38 da Lei Antidrogas não possui o tipo aberto, visto que a lei menciona exatamente quais condutas culposas tipificam-no:

a) quando o paciente não necessita da droga. Só se aplica quando ocorre um erro de avaliação, ou seja, o agente supõe que o quadro do paciente indica a necessidade de aplicação de droga, quando, em verdade, isso não é efetivamente necessário. Ex.: o médico prescreve morfina a um paciente que tem câncer para fazer diminuir a dor e, depois, descobre-se que a dor referida pelo paciente não era causada pelo tumor;

b) dose receitada ou ministrada de forma excessiva. Ocorre quando a dose é maior do que a necessária. Só haverá crime quando houver uma diferença razoável entre a dose recomendável para o tratamento e a efetivamente prescrita ou aplicada. Se, em razão do excesso, a vítima morre ou sofre lesão corporal, o agente responderá também por crime de homicídio culposo ou lesão corporal culposa;

c) substância ministrada em desacordo com determinação legal ou regulamentar. Quando ocorre outra espécie de engano, em desatenção ao que estabelece a lei ou o regulamento.

O crime na modalidade "prescrever" consuma-se no momento em que a receita é entregue ao paciente. Em virtude da redação do dispositivo, não é necessário que o paciente consiga adquirir a droga. Vicente Greco Filho, ao comentar a antiga Lei Antitóxicos, defende ser possível a tentativa quando a receita é enviada por correio e não chega às mãos do paciente destinatário. Esse posicionamento é questionável, pois sabe-se que não existe tentativa de crime culposo. Com efeito, na tentativa, o agente quer o resultado e não o atinge por circunstâncias alheias à sua vontade. No caso em tela, o médico não quer o resultado, ou seja, não quer prescrever em excesso, fazendo-o de forma culposa.

Na modalidade "ministrar", o delito consuma-se no instante em que a substância é inoculada na vítima.

3 DO PROCEDIMENTO PENAL

3.1. INTRODUÇÃO

A Lei n. 11.343/2006 prevê um procedimento especial para apurar os crimes descritos em seus arts. 33 a 39, procedimento este que será estudado adiante. O art. 48, entretanto, ressalva que, nas omissões, aplica-se subsidiariamente o Código de Processo Penal.

Para os crimes previstos no art. 33, § 3º (oferta de droga para pessoa de seu relacionamento para consumo conjunto), e no art. 38 (prescrição ou administração culposa de droga), deverá ser adotado integralmente o rito da Lei n. 9.099/95, já que esses delitos se enquadram no conceito de infração de menor potencial ofensivo, pois suas penas máximas não excedem dois anos.

3.2. FASE POLICIAL

O art. 50 estabelece que, ocorrendo prisão em flagrante, a autoridade policial fará, imediatamente, comunicação ao juiz competente, remetendo-lhe cópia do auto lavrado, do qual será dada vista ao órgão do Ministério Público, em vinte e quatro horas. O Ministério Público e o juiz devem analisar se o flagrante está formalmente em ordem e se o caso era mesmo de flagrante delito, pois, do contrário, a prisão deverá ser relaxada. A comunicação da prisão é decorrência do art. 5º, LXII, da Constituição Federal.

Para a lavratura do auto de prisão e estabelecimento da materialidade, dispõe o art. 50, § 1º, que é suficiente o laudo de constatação da natureza e a quantidade da droga, firmado por perito oficial ou, na falta deste, por pessoa idônea.

Estando o indiciado preso, o inquérito deverá ser concluído em trinta dias. Se estiver solto, o prazo será de noventa dias (art. 51). Esses prazos, porém, podem ser duplicados pelo juiz após ter ouvido o Ministério Público, mediante pedido justificado da autoridade policial (arts. 51, parágrafo único, e 52, II).

Findos os prazos, a autoridade policial deverá encaminhar o inquérito ao juízo. Para tanto, deverá elaborar "relatório" narrando sumariamente os fatos e justificando as razões que a levaram à classificação do delito, indicando a quantidade e a natureza da substância ou do produto apreendido, o local e as condições em que se desenvolveu a ação criminosa, as circunstâncias da prisão, a conduta, a qualificação e os antecedentes do agente (art. 52, I), ou requerer a devolução dos autos para a realização de diligências necessárias.

Estabelece o art. 52, parágrafo único, que a remessa do inquérito a juízo far-se-á sem prejuízo de diligências complementares:

I – necessárias ou úteis à plena elucidação do fato, cujo resultado deverá ser encaminhado ao juízo competente até três dias antes da audiência de instrução e julgamento;

II – necessárias ou úteis à indicação dos bens, direitos e valores de que seja titular o agente, ou que figurem em seu nome, cujo resultado deverá ser encaminhado ao juízo competente até três dias antes da audiência de instrução e julgamento.

Já o art. 53 dispõe que, em qualquer fase da persecução criminal relativa aos crimes previstos na Lei, são permitidos, além dos previstos em lei, mediante autorização judicial e ouvido o Ministério Público, os seguintes procedimentos investigatórios:

I – infiltração por agentes de polícia, em tarefas de investigação, constituída pelos órgãos especializados pertinentes;

II – não atuação policial sobre os portadores de drogas, seus precursores químicos ou outros produtos utilizados em sua produção, que se encontrem no território brasileiro, com a finalidade de identificar e responsabilizar maior número de integrantes de operações de tráfico e distribuição, sem prejuízo da ação penal cabível. Nesta hipótese, a autorização será concedida desde que sejam conhecidos o itinerário provável e a identificação dos agentes do delito ou de colaboradores (art. 53, parágrafo único).

3.3. DA INSTRUÇÃO CRIMINAL

De acordo com o art. 54, sendo recebidos em juízo os autos de inquérito policial, de investigação feita por Comissão Parlamentar de Inquérito, ou peças de informação, dar-se-á vista ao Ministério Público para, no prazo de dez dias, adotar uma das seguintes medidas:

I – requerer o arquivamento;

II – requisitar as diligências que entender necessárias;

III – oferecer denúncia.

Se o Ministério Público requerer o arquivamento e o juiz concordar com a manifestação, os autos irão diretamente para o arquivo. O art. 7º da Lei n. 1.521/51 prevê que o juiz deve recorrer de ofício sempre que determinar o arquivamento de inquérito que apure crime contra a saúde pública. É pacífico, entretanto, que tal dispositivo não se aplica aos crimes da Lei Antidrogas que, apesar de atingirem a saúde pública, possuem rito específico que não determina tal providência. O recurso de ofício, portanto, só vale para outros crimes contra a saúde pública.

Se o juiz discordar do pedido de arquivamento, deverá aplicar a regra do art. 28 do Código de Processo Penal e remeter os autos ao Procurador-Geral de Justiça, que dará a palavra final, insistindo no arquivamento ou determinando o oferecimento de denúncia.

Por sua vez, se o Órgão do Ministério Público se convencer da existência de indícios de autoria e de materialidade, deverá oferecer denúncia. Nesse caso, se o crime imputado tiver pena mínima não superior a um ano, deverá ser analisada a possibilidade de proposta de suspensão condicional do processo. Feita a proposta pelo Ministério Público, sendo ela aceita pelo réu e homologada pelo juiz, será decretada a suspensão, nos termos da Lei n. 9.099/95. Na grande maioria dos crimes da Lei Antidrogas, todavia, a pena mínima é bem superior a um ano, de forma que o benefício em análise é incabível.

Na denúncia, poderão ser arroladas até cinco testemunhas, independentemente de o crime ser punido com reclusão ou detenção, devendo também o Ministério Público requerer as diligências necessárias (art. 54, III).

Em juízo, o procedimento deverá observar as seguintes fases:

a) defesa prévia;

b) recebimento da denúncia;

c) citação;

d) audiência para oitiva de testemunhas, interrogatório e debates orais;

e) sentença.

Nos termos do art. 55, *caput*, oferecida a denúncia, o juiz ordenará a notificação do acusado para oferecer defesa prévia, por escrito, no prazo de dez dias. Nessa defesa, o denunciado poderá arguir preliminares (prescrição, p. ex.) e exceções, além de invocar todos os argumentos que entenda pertinentes no sentido de convencer o juiz a não receber a denúncia. Para tanto, poderá oferecer documentos e justificações. É nessa defesa que o denunciado deve elencar as provas que pretende produzir, antes e depois de eventual recebimento da denúncia, e arrolar até cinco testemunhas.

As exceções a que a lei se refere são aquelas previstas nos arts. 95 a 113 do Código de Processo Penal (suspeição ou impedimento, incompetência do juízo, litispendência, ilegitimidade de parte e de coisa julgada) e, nos termos do art. 55, § 2º, da Lei n. 11.343/2006, serão processadas em apartado.

Caso o denunciado não apresente a defesa prévia, o juiz nomeará defensor para oferecê-la, fixando, para tanto, mais dez dias de prazo e abrindo, no ato de nomeação, vista dos autos ao defensor (art. 55, § 3º).

Apresentada a defesa, o juiz, no prazo de cinco dias, terá de tomar uma das seguintes decisões: **a)** receber a denúncia; **b)** rejeitá-la; **c)** determinar a realização de diligências que entenda imprescindíveis. Nesta última hipótese, o juiz fixará prazo máximo de dez dias para a realização de diligências, exames ou perícias determinadas e, em seguida, terá mais cinco dias para decidir se recebe ou rejeita a denúncia.

Caso a denúncia seja rejeitada, caberá recurso em sentido estrito (art. 581, I, do CPP).

Recebida a denúncia, o juiz designará dia e hora para a audiência de instrução e julgamento, ordenará a citação pessoal do acusado, a intimação do Ministério Público, do assistente, se for o caso, e requisitará os laudos periciais faltantes (art. 56, *caput*). Embora a Lei não mencione expressamente, é evidente que também deverá ser intimado o defensor do acusado, bem como determinada sua requisição, caso esteja preso.

Em se tratando dos crimes previstos nos arts. 33, *caput* e § 1º, e 34 a 37, o juiz, ao receber a denúncia, poderá decretar o afastamento cautelar do denunciado de suas atividades, se for funcionário público, comunicando a decisão ao órgão onde atua o réu (art. 56, § 1º). Esse dispositivo se aplica, por exemplo, se o acusado for policial.

Se o réu for citado pessoalmente e não comparecer na audiência, será decretada sua revelia, de modo que ele não será mais intimado para os demais atos processuais (art. 367 do CPP). Caso compareça, será devidamente interrogado. Se o réu não for encontrado para citação pessoal, o juiz determinará a citação por edital; nesse caso, se o réu não comparecer ao interrogatório designado nem nomear defensor, o juiz decretará a suspensão do processo e do prazo prescricional, nos termos do art. 366 do Código de Processo Penal, que se aplica subsidiariamente à Lei Antidrogas (art. 48). Esta hipótese só ocorrerá, na prática, se o réu estiver solto, e, por tal razão, o juiz analisará se a decretação da prisão preventiva se mostra necessária.

A audiência de instrução e julgamento deverá ser realizada dentro do prazo de trinta dias, a contar do despacho em que foi recebida a denúncia, salvo se tiver sido determinada a realização de avaliação para atestar a dependência de drogas do acusado, hipótese em que deverá ser realizada no prazo de noventa dias.

Na audiência, o juiz ouvirá inicialmente as testemunhas, primeiro as de acusação e depois as de defesa. O depoimento de policiais (militares ou civis) tem o mesmo valor que em qualquer outro processo penal (furto, roubo, porte de arma etc.), devendo ser aferido pela harmonia com os demais depoimentos, pela firmeza com que foi prestado etc. Nada obsta a condenação fundada apenas em depoimento de policiais, uma vez que é extremamente comum que as testemunhas civis não queiram ser mencionadas na ocorrência policial por temerem depor contra traficantes. É óbvio, todavia, que o juiz não poderá aceitar depoimentos completamente contraditórios de policiais como fundamento para eventual condenação.

De acordo com o art. 49, sempre que as circunstâncias recomendarem, o juiz empregará os instrumentos protetivos para testemunhas previstos na Lei n. 9.807/99.

Ouvidas as testemunhas, o juiz interrogará o acusado. De acordo com o art. 57 da Lei de Drogas, o interrogatório deveria ser feito antes da oitiva das testemunhas, mas o Plenário do Supremo Tribunal Federal, no julgamento do HC 127.900, em março de 2016, decidiu que o interrogatório deve ser feito após a oitiva das testemunhas. Entendeu a Corte Suprema que o art. 400 do Código de Processo Penal – que após as modificações da Lei n. 11.709/2008 passou a prever o interrogatório ao final no rito ordinário – prevalece sobre os ritos previstos em leis especiais.

O interrogatório deve ser feito na forma estabelecida no Código de Processo Penal. Deverá, ainda, o magistrado indagar ao acusado acerca de eventual dependência toxicológica, caso o incidente não tenha sido anteriormente instaurado. Essa providência deve ser tomada qualquer que seja o crime, já que a lei não faz distinção. Se o réu declarar-se dependente e existirem indícios nesse sentido, o juiz deverá determinar a realização de exame para atestar a dependência do acusado. Aliás, mesmo que o acusado não se declare dependente, o juiz deverá determinar o exame se, diante das provas colhidas ou de outras evidências, perceber que ele é dependente.

O art. 57, parágrafo único, estabelece a possibilidade de as partes fazerem perguntas ao réu no final do interrogatório, sempre, porém, por intermédio do juiz. Essa medida já havia sido adotada no art. 188 do Código de Processo Penal, com a redação dada pela Lei n. 10.792/2003.

Findo o interrogatório, as partes terão, cada qual, tempo de vinte minutos, prorrogáveis por mais dez (a critério do juiz), para a sustentação oral. Por fim, o juiz proferirá sentença ou, se não se julgar habilitado a fazê-lo de imediato, ordenará que os autos lhe sejam conclusos para, no prazo de dez dias, proferi-la (art. 58, *caput*).

Em tese, essa audiência deveria ser una, pois, em um só ato processual, deveriam ser realizadas a instrução, os debates e, se possível, o julgamento. É, porém, muito comum que seja desdobrada, quer pela ausência de uma testemunha (ouvem-se as presentes e marca-se nova data para as faltantes), quer por não haver chegado o exame químico-toxicológico ou o laudo do exame de dependência. O rito desta lei especial, aliás, não comporta a substituição dos debates orais pela entrega de memoriais (breves alegações finais por escrito, apresentadas no prazo de cinco dias). Contudo, tal providência é extremamente comum no dia a dia forense, uma vez que os tribunais não têm reconhecido qualquer nulidade nessa atitude.

Estando devidamente provado que o réu tinha a droga em seu poder, é necessário que o juiz decida e fundamente por qual crime irá condená-lo. Nesse sentido, para o magistrado verificar se a droga se destinava ao tráfico ou ao consumo pessoal do agente, deverá levar em conta vários fatores apontados no art. 28, § 2º: natureza e quantidade da droga apreendida, local e condições em que se desenvolveu a ação criminosa, circunstâncias pessoais e sociais do agente, bem como sua conduta e antecedentes.

Lembre-se de que, observados todos esses critérios e quaisquer outros considerados relevantes pelo juiz, caso persista dúvida, deverá ele optar pela condenação pelo crime menos grave (*in dubio pro reo*).

Na sentença, além das fases indispensáveis – relatório, fundamentação e dispositivo –, o juiz também deverá:

a) analisar a decretação da perda do cargo ou função pública (art. 92, I, do CP) se o crime tiver sido cometido com abuso da função pública e a pena for superior a um ano;

b) decretar a perda de veículos, embarcações ou aeronaves, bem como de maquinismos, utensílios, instrumentos e objetos de qualquer natureza utilizados para a prática do crime (art. 63) – *v.* item 10;

c) fixar o regime de cumprimento da pena;

d) verificar a possibilidade de o réu apelar em liberdade, ou a necessidade de decretar-lhe a prisão.

Observações:

De acordo com o art. 50, § 3º, da Lei Antidrogas, com a redação dada pela Lei n. 12.961/2014, recebida a cópia do **auto de prisão** em flagrante, o juiz, no prazo de **dez** dias, certificará a regularidade formal do laudo de constatação e determinará a **destruição das drogas** apreendidas, guardando-se **amostra** necessária à realização do laudo definitivo. Referida destruição será executada pelo **delegado de polícia** competente no prazo de **quinze** dias na presença do **Ministério Público** e da **autoridade sanitária** (art. 50, § 4º). O local será vistoriado antes e depois de efetivada a destruição das drogas referida no § 3º, sendo lavrado **auto circunstanciado** pelo delegado de polícia, certificando-se neste a destruição total delas (art. 50, § 5º).

Já o art. 72 dispõe que **encerrado** o processo penal ou arquivado o inquérito policial, o juiz, de ofício, mediante representação do delegado de polícia ou a requerimento do Ministério Público, determinará a destruição das **amostras** guardadas para contraprova, certificando isso nos autos.

Por fim, prevê o art. 50-A que a destruição de drogas apreendidas **sem a ocorrência de prisão em flagrante** será feita por incineração, no prazo máximo de **trinta** dias contados da data da apreensão, guardando-se **amostra** necessária à realização do laudo definitivo, aplicando-se, no que couber, o procedimento dos §§ 3º a 5º do art. 50.

4 COMPETÊNCIA

Nos termos do art. 109, V, da Constituição Federal, são julgados pela Justiça Federal os crimes previstos em tratado ou convenção internacional, quando, iniciada a execução no País, o resultado tenha ou devesse ter ocorrido no estrangeiro, ou reciprocamente. Assim, por ser objeto de tratado internacional, o dispositivo abrange os crimes de tráfico, de forma que se pode concluir que o tráfico internacional de entorpecentes é de competência da Justiça Federal, enquanto o tráfico doméstico é apurado na esfera estadual. Nesse sentido, o art. 70, *caput*, da Lei n. 11.343/2006, que estabelece que o processo e o julgamento dos crimes previstos nos arts. 33 a 37, se caracterizado ilícito transnacional, são de competência da Justiça Federal. Já o art. 70, parágrafo único, trouxe importante inovação ao dispor que os crimes praticados nos Municípios que não sejam sede de vara federal serão processados e julgados na vara federal da circunscrição respectiva. Assim, se em uma pequena cidade próxima a Ribeirão Preto for efetuada uma apreensão de carregamento de droga proveniente da Colômbia, os traficantes serão julgados em Ribeirão Preto porque nesta cidade existe vara da Justiça Federal, enquanto naquela, não.

O crime de porte para consumo próprio (art. 28) e os demais delitos da Lei com pena máxima não superior a dois anos serão julgados pelo Juizado Especial Criminal (art. 48, § 1º), salvo se houver concurso com crime de tráfico ou outro crime comum mais grave. Nestes casos, ambos os delitos serão julgados na Vara Comum, nos termos do art. 48, § 1º, da Lei Antidrogas e art. 60, parágrafo único, da Lei n. 9.099/95, com a redação dada pela Lei n. 11.313/2006.

Normalmente o crime de porte para consumo próprio será julgado no Juizado Especial Criminal Estadual; se, porém, o crime tiver sido cometido a bordo de embarcação ou aeronave, o julgamento caberá ao Juizado Especial Criminal Federal, nos termos do art. 109, IX, da CF.

No caso de conexão entre crime de competência do júri e delito da Lei Antidrogas, prevalecerá a competência do júri, ainda que o crime doloso contra a vida tenha pena menor. Os jurados julgarão os dois crimes.

Na conexão entre tráfico e crime eleitoral, prevalece a competência da Justiça Eleitoral, já que se trata de jurisdição especial.

Se houver conexão entre tráfico e crime militar, haverá separação de processos, porque, apesar de a Justiça Militar ser especial, o art. 79, I, do Código de Processo Penal estabelece que ela não julga crime comum conexo.

Na conexão entre tráfico internacional e doméstico (praticado apenas no território nacional), prevalece a competência da Justiça Federal para ambos os delitos (Súmula 122 do STJ).

No caso de conexão entre tráfico doméstico e outro crime comum, prevalece a competência do local em que for praticado o crime mais grave, isto é, daquele que tiver a maior pena máxima. Ex.: uma pessoa rouba grande quantidade de drogas de uma farmácia em São Paulo e vende-as em Santos. A pena máxima do tráfico é de quinze anos, e a do roubo é dez. Assim, o julgamento ficará a cargo da Justiça Estadual de Santos. Nesse caso, qual rito deve ser seguido, o ordinário (roubo) ou o da Lei n. 11.343/2006 (tráfico)? O rito que proporcione maiores possibilidades de defesa ao acusado.

5 LAUDO DE CONSTATAÇÃO E TOXICOLÓGICO

Apreendida a substância entorpecente, dois exames periciais deverão ser realizados. Com base nesses exames, os peritos deverão apresentar suas conclusões pelas seguintes peças:

a) Laudo de constatação (art. 50, § 1º). É um laudo provisório, feito de forma superficial e, portanto, sem caráter científico, logo após a apreensão da droga, por um perito oficial ou por pessoa idônea, de preferência com habilitação, a respeito da natureza da droga apreendida. Como só existe crime se for constatada a existência do princípio ativo, e considerando que um exame científico demora para ser feito, a lei criou esse exame provisório que, restando positivo, permite a lavratura do auto de prisão em flagrante pela autoridade policial, bem como o oferecimento de denúncia pelo Ministério Público e seu recebimento pelo juiz.

Existindo o laudo de constatação, o Ministério Público não pode devolver o inquérito à delegacia de polícia para a juntada do exame definitivo, uma vez que o art. 16 do Código de Processo Penal só admite a devolução quando a diligência é imprescindível para o oferecimento de denúncia, e o art. 50, § 1º, da Lei Antidrogas dispensa a juntada do exame definitivo para que a ação penal seja intentada.

A doutrina considera o laudo de constatação uma condição de procedibilidade, pois, sem sua presença, a denúncia não pode ser recebida. Dessa forma, oferecida a denúncia desacompanhada do laudo, o juiz deve determinar sua juntada antes de decidir se a recebe ou rejeita.

b) Laudo definitivo. É o que resulta do exame químico-toxicológico, feito de forma científica e minuciosa. É esse laudo que comprova a materialidade do delito – a existência do princípio ativo. O art. 50, § 2º, estabelece que o perito que elaborou o laudo de constatação não está proibido de participar do exame químico-toxicológico.

O laudo deve ser juntado aos autos antes da audiência de instrução e julgamento, justamente para que as partes possam conhecer seu teor com alguma antecedência. É comum, porém, que as testemunhas sejam ouvidas antes da chegada do laudo definitivo, de forma que a audiência, que deveria ser una, acaba sendo desmembrada para aguardar o laudo, designando-se nova data para os debates e julgamento. Essa providência, apesar de contrária ao texto legal, tem contado com a benevolência dos tribunais, que, pela inexistência de prejuízo para as partes, não decretam a nulidade do feito.

No laudo definitivo devem constar a existência do princípio ativo, a quantidade da droga e a metodologia empregada para a realização do exame.

6 A INIMPUTABILIDADE NA LEI ANTIdrogaS

O art. 45, *caput*, da Lei n. 11.343/2006 prevê três hipóteses de inimputabilidade:

1) Quando o réu, em razão de dependência, era, ao tempo da ação ou da omissão criminosa, inteiramente incapaz de entender o caráter ilícito do fato ou de determinar-se de acordo com tal entendimento.

2) Se o réu, por estar sob o efeito de substância entorpecente ou que determine dependência física ou psíquica, proveniente de caso fortuito, era, ao tempo da ação ou omissão criminosa, inteiramente incapaz de entender o caráter ilícito do fato ou de determinar-se de acordo com tal entendimento. Existe caso fortuito, p. ex., quando a pessoa ingere acidentalmente uma substância entorpecente.

3) Quando o réu, por estar sob o efeito de substância entorpecente ou que determine dependência física ou psíquica, proveniente de força maior, era, ao tempo da ação ou omissão criminosa, inteiramente incapaz de entender o caráter ilícito do fato ou de determinar-se de acordo com tal entendimento. Ocorre força maior, p. ex., quando a pessoa é forçada mediante violência ou grave ameaça a ingerir a substância entorpecente.

A inimputabilidade, portanto, pressupõe que o agente não tenha capacidade de entendimento ou autodeterminação no momento da prática do ilícito penal.

Nas três hipóteses, comprovada pericialmente a inimputabilidade, o réu ficará isento de pena, qualquer que tenha sido o crime por ele cometido – da própria Lei Antidrogas ou não. Ex.: prática de furto ou roubo para sustentar o vício; venda de droga para conseguir dinheiro para comprar suas próprias substâncias etc. Assim, nos termos do art. 45, *caput*, da Lei n. 11.343/2006, o juiz deverá absolver o réu e, se for ele dependente, submetê-lo a tratamento médico.

7 A SEMI-IMPUTABILIDADE NA LEI ANTIdrogaS

O art. 46 da Lei n. 11.343/2006 trata dos semi-imputáveis, assim considerando quem:

1) em razão de dependência, estava, ao tempo da ação ou omissão criminosa, parcialmente privado de sua capacidade de entendimento ou autodeterminação;

2) por estar sob o efeito de substância entorpecente ou que provoque dependência física ou psíquica, proveniente de caso fortuito, estava, ao tempo da ação criminosa, parcialmente privado de sua capacidade de entendimento ou autodeterminação;

3) por estar sob o efeito de substância entorpecente ou que provoque dependência física ou psíquica, proveniente de força maior, estava, ao tempo da ação criminosa, parcialmente privado de sua capacidade de entendimento ou autodeterminação.

Nos termos da lei, os semi-imputáveis não são isentos de pena e, portanto, devem ser condenados. Haverá, entretanto, uma redução de um a dois terços do montante da reprimenda. Se o sentenciado for dependente, deverá ser submetido a tratamento no local em que tiver de cumprir a pena imposta (art. 47).

8 O TRATAMENTO DOS TOXICÔMANOS

A Lei n. 11.343/2006 estabelece as seguintes regras:

a) o inimputável em razão de dependência deve ser absolvido, e o juiz, na sentença, deve encaminhá-lo para tratamento médico de recuperação (art. 45, parágrafo único);

b) o condenado imputável ou semi-imputável por dependência (que esteja cumprindo pena privativa de liberdade ou medida de segurança) deve ser submetido a tratamento no próprio sistema penitenciário (art. 26);

c) o condenado dependente que esteja cumprindo pena fora do sistema prisional deverá ser submetido a tratamento por profissional da saúde com competência específica na forma da lei (art. 47);

d) ao usuário de droga, o juiz determinará ao Poder Público que coloque à sua disposição, gratuitamente, estabelecimento de saúde, preferencialmente ambulatorial, para tratamento especializado (art. 28, § 7º).

9 EXAME DE DEPENDÊNCIA

O exame de dependência toxicológica deve ser determinado pelo juiz se o réu se declarar dependente ou quando houver indícios nesse sentido. A instauração desse incidente não suspende o andamento da ação penal, mas, se houver dois ou mais réus, e o exame de dependência for determinado apenas em relação a um, o juiz desmembrará o processo.

O art. 56, § 2º, da Lei diz que o juiz, ao receber a denúncia, deve marcar a audiência de instrução e julgamento em um prazo de trinta dias, ou de noventa dias, caso tenha determinado a realização do exame de dependência. Esta hipótese, porém, só ocorrerá quando a realização do exame tiver sido anteriormente determinada pelo juiz. Na prática, entretanto, o que normalmente ocorre é que o réu se declara dependente na própria audiência, ao ser interrogado, já que, no rito da nova Lei, o interrogatório é realizado na mesma data da audiência de instrução e julgamento. Nesse caso, o juiz deve fazer a audiência e determinar a realização do exame, marcando uma nova audiência em continuação, dentro do prazo de noventa dias, para que, à luz do laudo, sejam feitos os debates e prolatada a sentença.

Determinado o exame pelo juiz, as partes poderão apresentar quesitos. Dependendo das conclusões dos peritos, poderá ser o réu considerado imputável, inimputável ou semi-imputável.

10 DA APREENSÃO, ARRECADAÇÃO E DESTINAÇÃO DOS BENS DO ACUSADO

O Capítulo IV do Título IV da Lei n. 11.343/2006 dispõe a respeito dos bens do acusado relacionados aos crimes nela previstos (arts. 60 a 64).

10.1. DOS BENS OU VALORES OBTIDOS COM O TRÁFICO

Em se tratando de bem, móvel ou imóvel, ou de valores, consistentes em produtos dos crimes, ou que constituam proveito auferido com sua prática, o juiz poderá decretar sua apreensão ou outras medidas assecuratórias, na forma dos arts. 125 a 144 do Código de Processo Penal (art. 60).

Decretada a apreensão, o juiz facultará ao acusado que, no prazo de cinco dias, apresente ou requeira a produção de provas acerca da origem lícita do produto, bem ou valor (art. 60, § 1º). Comprovada a origem lícita, o juiz determinará sua liberação (art. 60, § 2º). O pedido de restituição, porém, não será conhecido sem o comparecimento pessoal do acusado (art. 60, § 3º).

O art. 61, por sua vez, estabelece que, havendo interesse público ou social, o juiz poderá autorizar o uso dos bens apreendidos por órgãos ou entidades que atuam na prevenção do uso indevido, na reinserção de usuários ou na repressão ao tráfico. Já o art. 61, parágrafo único, dispõe que, recaindo a autorização sobre veículos, embarcações ou aeronaves, o juiz ordenará à autoridade de trânsito a expedição de certificado provisório de registro e licenciamento, em favor da instituição a que tenha deferido o uso, ficando esta livre do pagamento de multas, encargos e tributos anteriores, até o trânsito em julgado da decisão que decretar seu perdimento em favor da União.

10.2. DOS BENS UTILIZADOS PARA O TRÁFICO

O art. 62, *caput*, diz que os veículos, embarcações, aeronaves e quaisquer outros meios de transporte, bem como os maquinários, instrumentos, utensílios e objetos de qualquer natureza, utilizados para a prática dos crimes definidos na Lei, serão apreendidos e ficarão sob custódia da autoridade policial, exceto as armas, que serão recolhidas na forma da legislação específica.

Tal como estudado no tópico anterior, se houver interesse público poderá o juiz autorizar o uso do bem apreendido para a prevenção e repressão de delitos e, em se tratando de veículo, deverá a autoridade de trânsito expedir certificado provisório de registro e licenciamento em favor da autoridade policial ou do órgão a que tenha sido deferido o uso.

O art. 62, em seus §§ 2º e 3º, trata da apreensão de dinheiro e cheques emitidos como pagamento ao traficante. Esses valores deverão ser depositados em conta judicial. Em se tratando de cheques, deverão antes ser compensados, e, caso a apreensão seja de moeda estrangeira, deverá ser convertida em moeda nacional antes de depositada na conta judicial.

A Lei permite, ainda, a alienação cautelar de bens apreendidos, durante o tramitar da ação, e mediante leilão, caso a providência se mostre necessária em razão do risco de deterioração. Os valores obtidos serão também depositados em conta judicial (art. 62, §§ 4º a 9º).

A perda efetiva do produto, bem ou valor apreendido será declarada pelo juiz apenas na sentença (art. 63). A perda é declarada em favor da União, sendo revertida ao Fundo Nacional Antidrogas – Funad. Em geral, essa sentença será condenatória, mas é também possível que o juiz declare a perda do bem apesar de ter absolvido o réu. Suponha-se que traficantes escondam grande quantia de droga no tanque de combustível de um caminhão e, em seguida, contratem um motorista dizendo a ele que se trata do transporte de madeira. Durante o trajeto, policiais param o caminhão e localizam o entorpecente, sendo o motorista acusado pelo tráfico. Ao final, contudo, o juiz absolve o motorista, por entender que ele fora enganado pelos traficantes – que, entretanto, não foram identificados. Apesar da absolvição, deve ser decretada a perda do caminhão (que não pertencia ao motorista).

É evidente, por outro lado, que estão assegurados os direitos de terceiros de boa-fé. Ex.: uma pessoa compra um caminhão com alienação fiduciária e utiliza-o para traficar. Nesse caso, a decretação da perda do bem iria prejudicar a instituição financeira.

Saliente-se que, apesar de o dispositivo ter redação genérica, dando a entender que a perda ocorrerá qualquer que seja o crime praticado, é lógico que a interpretação da doutrina e da jurisprudência acabou sendo restritiva, ou seja, a perda limita-se aos bens que estejam direta e intencionalmente ligados à prática do crime e não possam dissociar-se da sua forma de execução. Desse modo, não se decreta a perda de um carro apenas porque o dono tinha uma pequena quantia de droga em seu interior para uso próprio. Por outro lado, se alguém usa seu carro para traficar, ou seu avião ou lancha para o mesmo fim, a perda será decretada.

11 DESAPROPRIAÇÃO DE TERRAS UTILIZADAS PARA O CULTIVO DE CULTURAS ILEGAIS

O art. 243 da Constituição Federal prevê a desapropriação, sem indenização, de terras onde forem localizadas culturas ilegais de substância entorpecente e o confisco de bens apreendidos em decorrência do tráfico. A desapropriação das terras foi regulamentada pela Lei n. 8.257/91, que dispõe acerca do procedimento, da decretação da perda de terras em favor da União, de sua destinação para o assentamento de colonos etc.

O Plenário do Supremo Tribunal Federal, no julgamento do RE 635.336, em 14 de dezembro de 2016, ao apreciar o tema n. 399 (em sede de repercussão geral), aprovou a seguinte tese: “A expropriação prevista no art. 243 da Constituição Federal pode ser afastada, desde que o proprietário comprove que não incorreu em culpa, ainda que ‘in vigilando’ ou ‘in elegendo’. Por sua vez, no julgamento do RE 638.491, em 17 de maio de 2017, o Pleno da Corte Suprema, ao julgar o tema n. 647, aprovou a seguinte tese: “É possível o confisco de todo e qualquer bem de valor econômico apreendido em decorrência do tráfico de drogas, sem a necessidade de se perquirir a habitualidade, reiteração do uso do bem para tal finalidade, a sua modificação para dificultar a descoberta do local do acondicionamento da droga ou qualquer outro requisito além daqueles previstos expressamente no art. 243, parágrafo único, da Constituição Federal”.

Quadro sinótico – Tráfico de drogas

Objetividade jurídica	A saúde pública.
	a) Condutas típicas: importar, exportar, remeter, preparar, produzir, fabricar, adquirir, vender, expor à venda, oferecer, ter em depósito, transportar, trazer consigo, guardar, prescrever, ministrar, entregar a

Tipo objetivo	consumo ou fornecer, ainda que gratuitamente. Trata-se de tipo misto alternativo em que a realização de mais de uma conduta em relação à mesma droga constitui crime único. **b)** Objeto material: droga. De acordo com o art. 1º, parágrafo único, da Lei Antidrogas, consideram-se como drogas as substâncias ou produtos capazes de causar dependência, assim especificadas em lei ou relacionadas periodicamente em listas publicadas pelo Poder Executivo. Trata-se, pois, de norma penal em branco. **c)** Elemento normativo: que a conduta seja realizada sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar.
Sujeito ativo	Pode ser qualquer pessoa. Trata-se de crime comum.
Sujeito passivo	A coletividade.
Elemento subjetivo	O dolo de entregar a droga a terceiro, ainda que gratuitamente. Para verificar se a droga se destinava ao tráfico ou a consumo pessoal, o juiz deve analisar a natureza e a quantidade da substância apreendida, o local e as condições em que se desenvolveu a ação, bem como as circunstâncias pessoais do agente (conduta social, antecedentes etc.).
Consumação	No momento em que for realizada a conduta típica. Algumas delas enquadram-se no conceito de crime permanente (transportar, ter em depósito etc.).
Tentativa	Teoricamente possível, mas de difícil ocorrência na prática.
Pena	Reclusão, de cinco a quinze anos, e multa. Na fixação da pena, o juiz deve levar em conta a natureza e a quantidade da droga, bem como a personalidade e a conduta social do agente. Nos termos do art. 2º, § 1º, da Lei n. 8.072/90, regime inicial deve ser necessariamente o fechado. O Plenário do STF, todavia, declarou a inconstitucionalidade deste dispositivo. Assim, devem ser seguidas as regras comuns do Código Penal para a fixação do regime inicial. A progressão de regime somente pode ser obtida com o cumprimento

	de 2/5 da pena, se o réu for primário, ou 3/5, se reincidente. A pena não pode ser substituída por restritiva de direitos (exceto se igual ou inferior a 4 anos) ou pelo *sursis*. O livramento condicional só pode ser obtido após o cumprimento de dois terços da pena, vedada sua concessão ao reincidente específico. O condenado não pode obter anistia, graça ou indulto.
Figuras equiparadas	A Lei Antidrogas, em seu § 1º, reserva as mesmas penas previstas no *caput* para quem: realiza qualquer das condutas típicas em relação a matéria-prima, insumo ou produto químico destinado à preparação de droga (inc. I); semeia, cultiva ou faz a colheita de plantas que constituam matéria-prima para a preparação de droga (inc. II); utiliza local ou bem de sua propriedade, posse, administração, guarda ou vigilância para o tráfico de droga, ou consente para que terceiro o faça (inc. III).
Causas de diminuição de pena	O art. 33, § 4º, prevê uma redução da pena de um sexto a dois terços, se o réu for primário e de bons antecedentes, e desde que não se dedique às atividades criminosas nem integre organização criminosa. Já o art. 41 estabelece uma redução de um terço a dois terços da pena ao indiciado ou acusado que colaborar voluntariamente com a investigação policial e o processo criminal a fim de que sejam identificados os demais coautores ou partícipes do crime, bem como recuperado, total ou parcialmente, o produto do crime.
Figura privilegiada	De acordo com o art. 33, § 4º, a pena dos delitos descritos no *caput* e no § 1º do art. 33 poderá ser reduzida de 1/6 a 2/3 desde que o agente seja primário, de bons antecedentes, não se dedique às atividades criminosas nem integre organização criminosa. O Plenário do STF decidiu que o tráfico privilegiado não se equipara aos crimes hediondos (HC 118.533, Rel. Min. Cármen Lúcia, julgado em 23-6-2016).
	Nos arts. 34, 35, 36 e 37 da Lei Antidrogas estão elencadas outras condutas criminosas ligadas ao tráfico:

Outros delitos relacionados ao tráfico	**a)** fabricar, adquirir, utilizar, transportar, oferecer, vender, distribuir, entregar a qualquer título, possuir, guardar ou fornecer, ainda que gratuitamente, maquinário, aparelho, instrumento ou qualquer objeto destinado à fabricação, preparação, produção ou transformação de drogas, sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar (art. 34); **b)** associarem-se duas ou mais pessoas para o fim de praticar, reiteradamente ou não, qualquer dos crimes de tráfico ou equiparados (art. 35); **c)** financiar ou custear de qualquer forma o tráfico (art. 36); **d)** colaborar, como informante, com grupo organizado ou associação destinados ao tráfico (art. 37).
Causas de aumento de pena	De acordo com o art. 40, as penas dos crimes relacionados ao tráfico (art. 33 a 37) serão aumentadas de um sexto a dois terços: **a)** se evidenciada a transnacionalidade do delito; **b)** se o agente cometer o crime prevalecendo-se de função pública ou no desempenho de missão de educação, poder familiar, guarda ou vigilância; **c)** se o crime for cometido em locais como estabelecimentos prisionais, de ensino, hospitalares, de recreação, esportivos etc.; **d)** se o delito for cometido com violência, grave ameaça, emprego de arma ou qualquer outro método intimidativo difuso ou coletivo; **e)** no caso de tráfico interestadual ou entre Estado e Distrito Federal; **f)** se o tráfico envolver ou visar criança ou adolescente, ou quem tenha, por qualquer motivo, diminuída ou suprimida sua capacidade de entendimento e determinação; **g)** se o agente financiar ou custear o tráfico, desde que ausentes os requisitos do crime autônomo do art. 36.
Ação penal	É pública incondicionada em todas as figuras.

Quadro sinótico – Porte de droga para consumo próprio (art. 28)

Objetividade	A saúde pública.

jurídica	
Tipo objetivo	**a)** Condutas típicas: adquirir, guardar, ter em depósito, transportar ou trazer consigo. O uso pretérito constatado em exame de sangue ou urina não constitui crime. **b)** Objeto material: droga. Trata-se de norma penal em branco, tal como mencionado no crime de tráfico. **c)** Elemento normativo: que a conduta seja realizada sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar.
Elemento subjetivo	Intenção de consumo pessoal da droga.
Sujeito ativo	Pode ser qualquer pessoa. Trata-se de crime comum.
Sujeito passivo	A coletividade.
Consumação	No instante em que o agente realiza a conduta típica. Algumas são permanentes, como ter em depósito ou transportar.
Tentativa	Possível na tentativa de aquisição.
Figura equiparada	Semear, cultivar ou colher plantas destinadas à preparação de pequena quantidade de droga para consumo pessoal.
Penas	Advertência sobre os efeitos das drogas, prestação de serviços à comunidade ou comparecimento a programa ou curso educativo. O prazo máximo nas duas últimas hipóteses é de cinco meses ou, se o réu for reincidente, de dez meses. Para garantia do cumprimento das medidas, o juiz poderá admoestar verbalmente o acusado ou aplicar-lhe pena de multa. A prescrição se dá em dois anos.
Ação penal	É pública incondicionada, de competência do Juizado Especial Criminal.

Quadro sinótico – Outros crimes

Ministração ou prescrição culposa de droga	De acordo com o art. 38 da Lei Antidrogas, será punido com detenção, de seis meses a dois anos, e multa, quem prescrever ou ministrar, culposamente, drogas, sem que delas necessite o paciente, ou em doses excessivas ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar.
Condução de embarcação ou aeronave após o consumo de droga	Tal conduta é incriminada no art. 39 da Lei Antidrogas, desde que o condutor, em razão do consumo da droga, exponha a dano potencial a incolumidade de outrem. A pena é de detenção, de seis meses a três anos, além da apreensão do veículo e cassação da habilitação respectiva ou proibição de obtê-la pelo mesmo prazo da condenação, e multa. O crime é qualificado quando o veículo for de transporte de passageiros.

Procedimentos nos crimes da Lei Antidrogas

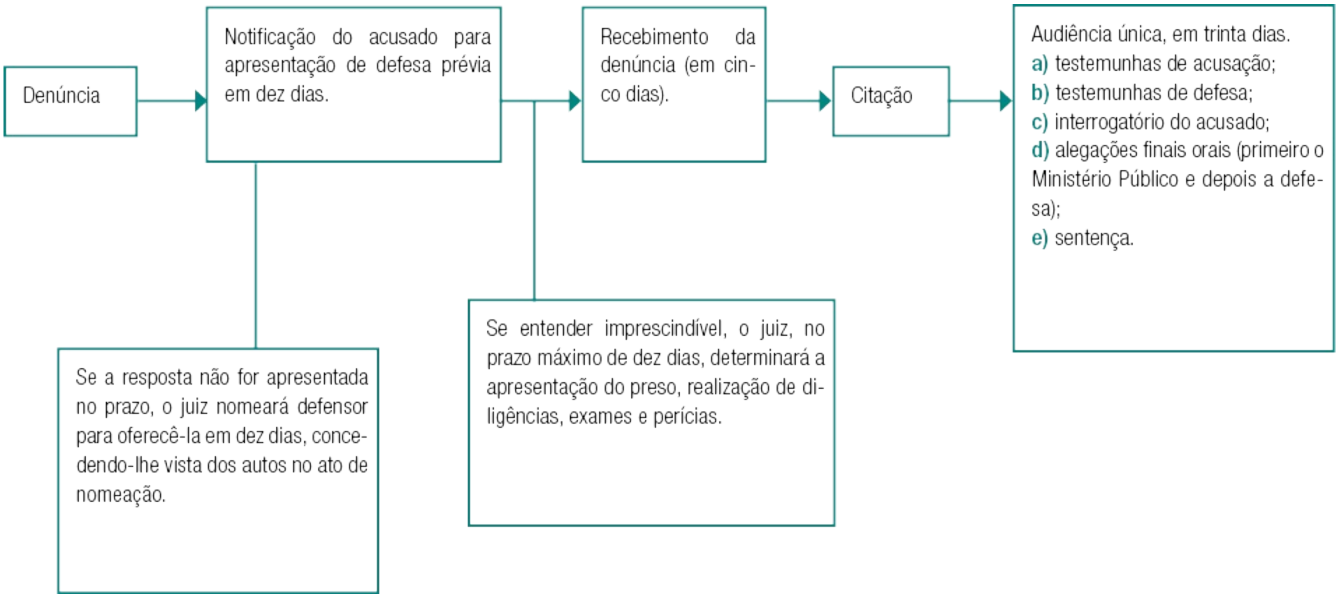

Denúncia

Notificação do acusado para apresentação de defesa prévia em dez dias.

Se a resposta não for apresentada no prazo, o juiz nomeará defensor para oferecê-la em dez dias, concedendo-lhe vista dos autos no ato de nomeação.

Recebimento da denúncia (em cinco dias).

Se entender imprescindível, o juiz, no prazo máximo de dez dias, determinará a apresentação do preso, realização de diligências, exames e perícias.

Citação

Audiência única, em trinta dias.
a) testemunhas de acusação;
b) testemunhas de defesa;
c) interrogatório do acusado;
d) alegações finais orais (primeiro o Ministério Público e depois a defesa);
e) sentença.

Capítulo III

TERRORISMO

1 INTRODUÇÃO

Quando a Constituição Federal (art. 5º, XLIII) e a Lei dos Crimes Hediondos (art. 1º, parágrafo único, da Lei n. 8.072/90) fizeram menção ao crime de terrorismo, conferindo-lhe tratamento mais rigoroso do que aos crimes comuns, surgiu questionamento acerca da existência de delito dessa natureza na legislação em vigor à época.

Encontrou-se apenas no art. 20 da Lei n. 7.170/83 (Lei de Segurança Nacional) um tipo penal que fazia menção ao terrorismo:

> Art. 20, caput – Devastar, saquear, extorquir, roubar, sequestrar, manter em cárcere privado, incendiar, depredar, provocar explosão, praticar atentado pessoal ou atos de terrorismo, por inconformismo político ou para obtenção de fundos destinados à manutenção de organizações políticas clandestinas ou subversivas. A pena prevista é de reclusão, de três a dez anos.

Ocorre que alguns autores, como Alberto Silva Franco (*Crimes hediondos*, São Paulo: Revista dos Tribunais, 1991, p. 46), sustentavam que esse dispositivo, por se referir genericamente a atos de terrorismo, sem definir seu significado, feria o princípio constitucional da legalidade por não delimitar o âmbito de sua incidência.

Não concordávamos com tal posicionamento. Defendíamos que, como o art. 20 continha um tipo misto alternativo em que as várias condutas típicas se equivaliam pela mesma finalidade – inconformismo político ou obtenção de fundos destinados à manutenção de organizações políticas clandestinas ou subversivas –, não haveria afronta ao princípio da legalidade. Da mesma forma, Heleno Cláudio Fragoso (*Terrorismo e criminalidade política*, Rio de Janeiro: Forense, 1981, p. 98-99) afirmava que "não existe uma ação delituosa específica denominada terrorismo. Essa expressão se aplica a várias figuras de ilícito penal que se caracterizam por causar dano considerável a pessoas e coisas na perspectiva do perigo comum; pela criação real ou potencial de terror ou intimidação, e pela finalidade político-social. (...) O intérprete de nossa lei é levado à perplexidade, com o emprego, na conduta típica (...) da expressão 'praticar terrorismo' (...). Sendo, como é, o princípio da reserva legal, entre nós, garantia constitucional, é óbvio que definir crime através das expressões 'praticar terrorismo' viola a Carta Magna. A lei, porém, emprega outras expressões. Temos devastar, incendiar, depredar ou praticar atentado pessoal e sabotagem. Qualquer dessas ações pode constituir crime de terrorismo". No mesmo sentido, o entendimento de Fernando Capez (*Curso de direito penal. Legislação penal especial*, 11. ed., São Paulo: Saraiva, 2016, v. 4, p. 421-422).

Tal controvérsia, contudo, perdeu o sentido com a aprovação da Lei n. 13.260/2016, que regulamentou o disposto no inciso XLIII do art. 5º da Constituição Federal, disciplinando detalhadamente os crimes de terrorismo, tratando de disposições investigatórias e processuais e formulando o conceito de organização terrorista.

2 TIPO OBJETIVO

Ao contrário do que ocorria com a Lei n. 7.170/83, criticada por conter conceito vago de atos terroristas, a lei atual descreve de forma detalhada as condutas típicas, bem como esclarece o elemento subjetivo específico dos agentes para que haja o enquadramento nesta infração penal. O texto legal, concomitantemente, enumera hipóteses em que resta afastado o enquadramento como ato de terrorismo.

As condutas típicas estão elencadas no § 1º do art. 2º da Lei n. 13.260/2016, assim redigido:

> Art. 2º, § 1º – São atos de terrorismo:
>
> I – usar ou ameaçar usar, transportar, guardar, portar ou trazer consigo explosivos, gases tóxicos, venenos, conteúdos biológicos, químicos, nucleares ou outros meios capazes de causar danos ou promover destruição em massa;
>
> IV – sabotar o funcionamento ou apoderar-se, com violência, grave ameaça a pessoa ou servindo-se de mecanismos cibernéticos, do controle total ou parcial, ainda que de modo temporário, de meio de comunicação ou de transporte, de portos, aeroportos, estações ferroviárias ou rodoviárias, hospitais, casas de saúde, escolas, estádios esportivos, instalações públicas ou locais onde funcionem serviços públicos essenciais, instalações de geração ou transmissão de energia, instalações militares, instalações de exploração, refino e processamento de petróleo e gás e instituições bancárias e sua rede de atendimento.
>
> V – atentar contra a vida ou a integridade física de pessoa.

Os incisos II e III desse artigo foram vetados.

Note-se que, no inciso I, é necessário que as condutas sejam capazes de provocar danos ou promover destruição em massa. Fora dessas condições o enquadramento será na legislação comum.

A configuração do crime de terrorismo pressupõe intenção específica por parte dos agentes, elencada no *caput* do art. 2º: "O terrorismo consiste na prática por um ou mais indivíduos dos atos previstos neste artigo, por razões de xenofobia, discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia e religião, quando cometidos com a finalidade de provocar terror social ou generalizado, expondo a perigo pessoa, patrimônio, a paz pública ou a incolumidade pública".

O dispositivo, em verdade, exige dupla motivação:

a) agir por razões de xenofobia, discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia e religião; e

b) finalidade de provocar terror social ou generalizado, expondo a perigo pessoa, patrimônio, a paz pública ou a incolumidade pública.

Interessante notar que parte das elementares do crime de terrorismo encontra-se no *caput* do art. 2º (elemento subjetivo) e parte em seu § 1º (condutas típicas e objeto material).

O § 2º do art. 2º, por sua vez, exclui a tipificação da conduta como crime de terrorismo quando se tratar de "conduta individual ou coletiva de pessoas em manifestações políticas, movimentos sociais, sindicais, religiosos, de classe ou de categoria profissional, direcionados por propósitos sociais ou reivindicatórios, visando a contestar, criticar, protestar ou apoiar, com o objetivo de defender direitos, garantias e liberdades constitucionais, sem prejuízo da tipificação penal contida em lei".

Entendemos que o não enquadramento como crime de terrorismo em razão desse dispositivo somente será possível quando restar plenamente comprovado no caso concreto que o intuito dos envolvidos na manifestação ou no movimento era exclusivamente o de contestar, criticar, apoiar ou defender direitos, garantias, liberdades etc. De outro lado, se ficar provado que apenas usaram o movimento como "fachada" para, em verdade, de algum modo provocar terror social ou generalizado – tal como mencionado no *caput* –, estará tipificado o delito.

3 SUJEITO ATIVO

Pode ser qualquer pessoa. Trata-se de crime comum.

4 Sujeitos passivos

O Estado e a coletividade.

5 Consumação

No momento em que realizada a conduta típica, ainda que o agente não consiga provocar terror social ou generalizado, expondo a perigo pessoa, patrimônio, a paz pública ou a incolumidade pública. Trata-se de crime formal.

6 Tentativa e atos preparatórios de terrorismo

A tentativa é possível em algumas hipóteses, desde que o agente inicie a execução do ato terrorista, mas não consiga concluir a conduta típica. Em tal hipótese, deve ser aplicada a regra do art. 14, parágrafo único, do CP, que prevê redução da pena de 1/3 até 2/3. De ver-se, por sua vez, que, no art. 5º da Lei Antiterror, o legislador estabeleceu que quem realiza atos preparatórios de terrorismo com o propósito inequívoco de consumar tal delito incorre na pena do delito consumado, diminuída de 1/4 até a 1/2. Tal redução de pena é menor do que aquela prevista no Código Penal para o crime tentado, embora, nesta última hipótese (tentativa), o agente já tenha percorrido parte maior do *iter criminis*. Parece-nos, pois, que, como este dispositivo (art. 5º) permite a punição de atos preparatórios, a redução deve ser aquela prevista no Código Penal (diminuição de 1/3 a 2/3), em atenção ao princípio da proporcionalidade.

O ato preparatório a que o dispositivo se refere não pode ser a formação de uma organização terrorista porque, se o for, estará tipificado crime autônomo, previsto no art. 3º da Lei.

Saliente-se, outrossim, que o art. 10 da Lei n. 13.260/2016 dispõe que, mesmo antes de iniciada a execução do crime de terrorismo, na hipótese do art. 5º desta Lei (atos preparatórios), aplicam-se as disposições do art. 15 do Código Penal, ou seja, será possível aplicar as regras referentes à desistência voluntária e ao arrependimento eficaz.

Se o integrante de uma organização terrorista envolve-se em atos preparatórios de um atentado terrorista específico, mas se arrepende antes do início da execução e desiste de tomar parte no delito, não incorrerá no delito do art. 5º (tomar parte em ato preparatório de ato terrorista), em razão da regra do art. 10. Responderá, contudo, pelo delito do art. 3º por ter integrado a organização terrorista.

Quem integra organização terrorista e vem efetivamente a cometer ato terrorista responde pelos dois crimes em concurso material.

O § 1º do art. 5º, por fim, dispõe que incorrerá nas mesmas penas (a do crime consumado reduzida de 1/4 até a 1/2) o agente que, com o propósito de praticar atos de terrorismo:

I – *recrutar, organizar, transportar ou municiar indivíduos que viajem para país distinto daquele de sua residência ou nacionalidade*; ou

II – *fornecer ou receber treinamento em país distinto daquele de sua residência ou nacionalidade*.

Em tais hipóteses, quando a conduta não envolver treinamento ou viagem para país distinto daquele de sua residência ou nacionalidade, a pena será a correspondente à do delito consumado, diminuída de 1/2 a 2/3 (art. 5º, §

2º).

7 Pena

A pena prevista para o crime de terrorismo é de reclusão, de doze a trinta anos, além das sanções correspondentes à ameaça ou à violência.

A punição pelo delito de terrorismo, portanto, não impede a condenação concomitante por conduta típica que atinja bens individuais. Dessa forma, a provocação de mortes que se enquadrem nessa lei – pela motivação – será também punida na forma da legislação comum, por atingir a vida das vítimas. Não fosse dessa maneira, o terrorista seria beneficiado com pena menor. O Supremo Tribunal Federal já possuía interpretação semelhante no sentido de ser possível a punição concomitante pelos crimes de genocídio e homicídio (RE 351.487/RR). Quanto ao terrorismo, a regra agora encontra-se expressa no texto legal. Em suma, se os terroristas colocam uma bomba em um ônibus e provocam a morte de vinte passageiros, responderão por um delito de terrorismo e por vinte homicídios dolosos.

O art. 7º da Lei prevê que "salvo quando for elementar da prática de qualquer crime previsto nesta Lei, se de algum deles resultar lesão corporal grave, aumenta-se a pena de um terço, se resultar morte, aumenta-se a pena da metade". Parece-nos que tais majorantes são exclusivamente preterdolosas, ou seja, só se aplicam quando o resultado agravador (lesão grave ou morte) for culposo, pois, como já mencionado, os crimes dolosos que decorrem da prática de ato terrorista são punidos autonomamente em concurso material – tal como prevê o preceito secundário do art. 2º. Suponha-se que um grupo – com fins terroristas – coloque uma bomba em um prédio abandonado imaginando não haver pessoas no imóvel, mas acabe provocando a morte de um morador de rua que havia adentrado no prédio. Será aplicada a majorante ora em análise – exceto se as circunstâncias indicarem a presença do dolo eventual.

8 Organização terrorista

O art. 3º da Lei n. 13.260/2016 prevê pena de reclusão de cinco a oito anos para quem "promover, constituir, integrar ou prestar auxílio, pessoalmente ou por interposta pessoa, a organização terrorista". O art. 2º, § 2º, II, da Lei n. 12.850/2013, introduzido pela Lei ora em estudo, define organização terrorista como aquela voltada para a prática dos atos de terrorismo legalmente definidos, ou seja, para os crimes de terrorismo descritos na própria Lei n. 13.260/2016. Apesar de o dispositivo não mencionar o número mínimo de integrantes que o grupo deve ter para ser enquadrado como organização terrorista, o fato de ter sido inserido na Lei n. 12.850/2013 leva à conclusão de que devem ser ao menos quatro os integrantes efetivos da organização.

O tipo penal prevê que aquele que "presta auxílio" à organização "pessoalmente ou por interposta pessoa" também responde pelo crime.

Para que seja considerada uma organização terrorista, é necessário que os envolvidos tenham se associado com a intenção de cometer atos terroristas de forma reiterada. Trata-se de crime formal que se consuma no momento da associação. Caso seus integrantes venham efetivamente a cometer algum dos crimes de terrorismo descritos no art. 2º da Lei responderão pelas duas infrações penais em concurso material.

9 Financiamento ao terror

De acordo com o art. 6º da Lei Antiterror, incorre na pena de reclusão, de quinze a trinta anos, quem"receber, prover, oferecer, obter, guardar, manter em depósito, solicitar, investir, de qualquer modo, direta ou indiretamente, recursos, ativos, bens, direitos, valores ou serviços de qualquer natureza, para o planejamento, a preparação ou a execução dos crimes previstos nesta Lei”.

Além disso, o parágrafo único do mesmo dispositivo prevê as mesmas penas para “quem oferecer ou receber, obtiver, guardar, mantiver em depósito, solicitar, investir ou de qualquer modo contribuir para a obtenção de ativo, bem ou recurso financeiro, com a finalidade de financiar, total ou parcialmente, pessoa, grupo de pessoas, associação, entidade, organização criminosa que tenha como atividade principal ou secundária, mesmo em caráter eventual, a prática dos crimes previstos nesta Lei”.

10 Vedações

O art. 5º, XLIII, da Constituição Federal dispõe que “a lei considerará crimes inafiançáveis e insuscetíveis de graça ou anistia *a prática da tortura, o tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins,* o terrorismo e os definidos como crimes hediondos, por eles respondendo os mandantes, os executores e os que, podendo evitá-los, se omitirem”.

Por sua vez, o art. 2º, *caput*, da Lei n. 8.072/90 proibiu também o indulto em relação ao terrorismo, e o seu § 1º estabeleceu a necessidade do regime inicial fechado aos condenados por tal crime – dispositivo que, todavia, foi declarado inconstitucional pelo Supremo Tribunal Federal no julgamento do HC 111.840/MS (v. comentários ao art. 2º, § 1º, da Lei n. 8.072/90 – tópico 4 do Cap. I). O art. 17 da Lei n. 13.260/2016 reafirma a incidência da Lei n. 8.072/90 aos crimes de terrorismo.

11 Ação penal

De acordo com o art. 11 da Lei, considera-se que os crimes nela previstos são praticados contra o interesse da União, cabendo à Polícia Federal a investigação criminal, em sede de inquérito policial, e à Justiça Federal o seu processamento e julgamento, nos termos do inciso IV do art. 109 da Constituição Federal. A ação penal é pública incondicionada, devendo ser promovida pelo Ministério Público Federal.

O art. 16 da Lei prevê que as disposições da Lei n. 12.850/2013 se aplicam para a investigação, processo e julgamento dos crimes nela previstos. O art. 19 da Lei n. 13.260/2016, inclusive, determinou a inclusão das organizações terroristas no rol dos delitos submetidos às regras da Lei n. 12.850/2013, regra esta que passou a constar do art. 2º, § 2º, II, desta última Lei.

Foi também inserida regra no art. 1º, III, *p*, da Lei n. 7.960/86, permitindo a prisão temporária para os envolvidos em crime de terrorismo quando tal providência for imprescindível para as investigações durante o inquérito policial. Saliente-se que esta forma de prisão cautelar só é permitida nos delitos expressamente elencados na mencionada Lei, razão pela qual o legislador resolveu inserir expressamente o delito de terrorismo no rol. Vê-se, entretanto, que o art. 2º, § 4º, da Lei n. 8.072/90 (Lei dos Crimes Hediondos) já continha regra tornando possível a decretação da prisão temporária para o crime de terrorismo. Em tal hipótese, inclusive, a prisão temporária pode ser decretada por até trinta dias, prorrogáveis por igual período em caso de extrema e comprovada necessidade.

A prisão preventiva, por sua vez, será possível sempre que presentes os requisitos legais, nos termos dos arts. 312 do Código de Processo Penal.

Capítulo IV

TORTURA

1 INTRODUÇÃO

A Declaração Universal dos Direitos do Homem, proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 10 de dezembro de 1948, consagrou, em seu artigo V, o princípio básico de que ninguém será submetido a tortura, nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante.

A Constituição Federal de 1988 estabeleceu em seu art. 5º, III, que ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano e degradante.

A Convenção contra a Tortura e Outros Tratamentos ou Penas Cruéis, Desumanos ou Degradantes, adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 10 de dezembro de 1984, assinada pelo Brasil em 1985 e ratificada em 1989, determinou, em seu art. 2º, que "cada Estado-Parte tomará medidas eficazes de caráter legislativo, administrativo, judicial ou de outra natureza, a fim de impedir a prática de atos de tortura em qualquer território sob sua jurisdição". Além disso, em seu art. 4º, enfatizou que "cada Estado-Parte assegurará que todos os atos de tortura sejam considerados crime segundo a sua legislação penal". No mesmo sentido, a Convenção Americana sobre Direitos Humanos, conhecida como Pacto de São José da Costa Rica, de 1969.

A Constituição Federal, em seu art. 5º, XLIII, determinou que a lei considerará crimes inafiançáveis e insuscetíveis de graça ou anistia a prática da tortura, o tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins, o terrorismo e os definidos como crimes hediondos, por eles respondendo os mandantes, os executores e os que, podendo evitá-los, se omitirem.

Esse dispositivo constitucional foi inicialmente regulamentado pela Lei n. 8.072/90, conhecida como Lei dos Crimes Hediondos, que, conforme já estudado, estabeleceu um rol dos delitos dessa natureza, e tomou uma série de outras providências, de cunho penal e processual penal, envolvendo esses crimes, bem como a prática da tortura, do tráfico ilícito de entorpecentes e o terrorismo.

Não havia, entretanto, uma tipificação específica para os crimes de tortura.

Assim, para suprir essa lacuna, foi, inicialmente, criado o delito de tortura contra menores, descrito no art. 233 do Estatuto da Criança e do Adolescente, com a seguinte redação:

> Art. 233 – Submeter criança ou adolescente, sob sua autoridade, guarda ou vigilância a tortura:
> Pena – reclusão, de um a cinco anos.
> § 1º – Se resultar lesão corporal grave:
> Pena – reclusão, de dois a oito anos.
> § 2º – Se resultar lesão corporal gravíssima:
> Pena – reclusão, de quatro a doze anos.
> § 3º – Se resultar morte:
> Pena – reclusão, de quinze a trinta anos.

Esse dispositivo, apesar de considerado constitucional pelo Supremo Tribunal Federal, foi duramente criticado pela doutrina por possuir o tipo aberto, já que não esclarece exatamente em que consiste a prática da tortura e qual deve ser a intenção (elemento subjetivo) do torturador. Além desses defeitos, continuou a existir lacuna na legislação, uma vez que o Estatuto da Criança e do Adolescente não abrangia a tortura contra adultos.

Para sanar todas essas falhas, foi aprovada e promulgada, em 7 de abril de 1997, a Lei n. 9.455, que regulamentou todo o tema, e expressamente revogou o art. 233 do Estatuto da Criança e do Adolescente.

2 DOS CRIMES EM ESPÉCIE

O art. 1º da Lei n. 9.455/97 descreve vários ilícitos penais ligados à prática da tortura, cada qual com características próprias.

3 TORTURA-PROVA, TORTURA PARA A PRÁTICA DE CRIME E TORTURA DISCRIMINATÓRIA

> Art. 1º, caput – Constitui crime de tortura:
>
> I – constranger alguém com emprego de violência ou grave ameaça, causando-lhe sofrimento físico ou mental:
>
> **a)** com o fim de obter informação, declaração ou confissão da vítima ou de terceira pessoa;
>
> **b)** para provocar ação ou omissão de natureza criminosa;
>
> **c)** em razão de discriminação racial ou religiosa;
>
> Pena – reclusão, de dois a oito anos.

Esse dispositivo (inc. I) contém três figuras caracterizadoras do crime de tortura. São, portanto, três espécies delituosas sob o mesmo *nomem juris,* sendo, em razão disso, necessária a adoção de outras designações para diferenciá-las (tortura-prova, tortura para a prática de crime e tortura discriminatória). Porém, quanto à objetividade jurídica, meios de execução, sujeitos ativo e passivo, consumação, tentativa e ação penal, as regras são as mesmas para todos eles, que, dessa forma, se diferenciam apenas no que se refere à motivação do agente torturador.

1. Objetividade jurídica. A incolumidade física e mental das pessoas.

2. Meios de execução. A Lei estabelece como formas de execução desses crimes de tortura a violência e a grave ameaça. Violência consiste no emprego de qualquer desforço físico sobre a vítima, como socos, pontapés, choques elétricos, pauladas, chicotadas, submersão temporária em água, prisão etc. A grave ameaça consiste na promessa de mal grave, injusto e iminente, como ameaça de morte, de estupro, de lesões etc.

3. Sujeito ativo. O crime de tortura não é próprio, vale dizer, pode ser cometido por qualquer pessoa e não apenas por policiais civis ou militares. Essa opção do legislador não retrata fielmente a Convenção Internacional assinada pelo Brasil, na qual o país se compromete a combater a tortura cometida “por agentes públicos”. A lei, portanto, é mais abrangente que a convenção e, além disso, prevê, em seu art. 1º, § 4º, I, que o crime terá sua pena aumentada de um sexto a um terço, se o delito for cometido por agente público.

4. Sujeito passivo. A pessoa contra quem é empregada a violência ou grave ameaça e, eventualmente, outras pessoas prejudicadas pela conduta (ex.: tortura contra uma pessoa para obter confissão de outra).

5. Consumação. Nesse tipo penal, o legislador descreve o resultado, qual seja, a provocação de sofrimento físico ou mental. É justamente nesse momento que o crime se consuma.

6. Tentativa. É possível, quando o agente emprega a violência ou grave ameaça, sem conseguir provocar sofrimento à vítima. É o que ocorre, por exemplo, quando a violência empregada não a atinge.

7. Ação penal. Todos os crimes previstos nessa lei apuram-se mediante ação pública incondicionada.

8. Elemento subjetivo. O art. 1º, I, da Lei n. 9.455/97 descreve três hipóteses caracterizadoras do crime de tortura. A diferença entre esses ilícitos reside exatamente na motivação do agente.

A tortura-prova (alínea *a*) está presente quando a intenção do sujeito, ao torturar a vítima, é obter alguma informação, declaração ou confissão dela ou de terceira pessoa (ex.: empregar violência contra o filho para obter declaração dos pais).

Pouco importa a natureza da informação visada pelo agente: comercial, criminosa, pessoal etc. O crime de tortura, entretanto, ficará absorvido se constituir meio direto e imediato para a prática de delitos como roubo ou extorsão, como ocorre, p. ex., quando o agente emprega violência ou grave ameaça para obrigar a vítima a fornecer a senha de seu cartão bancário ou o segredo de um cofre (princípio da consunção).

A denominada tortura para a prática de crime (alínea *b*), por sua vez, ocorre quando o torturador usa de violência ou grave ameaça para obrigar a vítima a realizar uma ação ou omissão criminosa. Nesses casos, o agente responderá pelo crime de tortura em concurso material com o delito cometido pela vítima. Assim, se o agente tortura alguém para obrigá-lo a cometer um furto, será responsabilizado pela tortura e pelo furto. A vítima obviamente não responderá pelo crime, uma vez que foi coagida a praticá-lo. Antes da Lei n. 9.455/97, o agente responderia por furto e por constrangimento ilegal (art. 146 do CP), delito que, por ser subsidiário, fica atualmente absorvido pelo delito da lei especial.

Veja-se que essa forma de tortura não abrange o emprego de violência ou grave ameaça para a provocação de ação contravencional que, assim, continua a caracterizar o constrangimento ilegal em concurso com a contravenção realizada pela vítima.

Nas hipóteses das alíneas *a* e *b*, o crime de tortura consuma-se independentemente de o agente alcançar o objetivo almejado (informação, declaração, confissão ou prática de crime pela vítima).

Por fim, na tortura discriminatória (alínea *c*), a lei pune o emprego da violência ou grave ameaça motivadas por discriminação racial ou religiosa. É possível que, nesses casos, além de responder pela tortura, seja o agente responsabilizado também pelo crime de racismo (art. 20 da Lei n. 7.716/89).

Veja-se que a lei não descreveu no crime de tortura as hipóteses de a motivação do agente ser a vingança ou o simples sadismo (prazer de ver a vítima sofrer). Por isso, em face da ausência de previsão legal, as condutas não poderão ser enquadradas nessa lei, restando apenas eventual responsabilização por crime de lesões corporais ou constrangimento ilegal.

4 TORTURA-CASTIGO

> Art. 1º, caput, II – submeter alguém, sob sua guarda, poder ou autoridade, com emprego de violência ou grave ameaça, a intenso sofrimento físico ou mental, como forma de aplicar castigo pessoal ou medida de caráter preventivo.
>
> Pena – reclusão, de dois a oito anos.

1. Objetividade jurídica. A incolumidade física e mental da pessoa sujeita a guarda, poder ou autoridade de outrem.

2. Sujeitos ativo e passivo. Trata-se de crime próprio, pois somente pode ser cometido por quem possui autoridade, guarda ou vigilância sobre a vítima. Essas palavras utilizadas pela lei abrangem a vinculação no campo público ou privado, bem como qualquer poder de fato do agente em relação à vítima. Assim, pode ser cometido contra filho, tutelado, curatelado, preso, interno em escola ou hospital etc. Sujeito passivo, portanto, é quem está sujeito ao poder do agente e que, em decorrência disso, sofra alguma violência ou grave ameaça capaz de causar-lhe intenso sofrimento físico ou mental. As mulheres não estão sob a guarda, poder ou autoridade de seus maridos e, por isso, não podem ser sujeito passivo do crime em análise. Eventual agressão contra elas caracterizará crime de lesões corporais ou constrangimento ilegal com a pena agravada pela violência doméstica.

3. Meios de execução. Trata-se de crime de ação livre que pode ser praticado por qualquer meio (omissivo ou comissivo): privação de alimentos ou de cuidados indispensáveis, castigos imoderados ou excessivos, privação da liberdade etc.

4. Consumação. No momento em que a vítima é submetida a intenso sofrimento físico ou mental.

5. Tentativa. Somente é possível na modalidade comissiva, já que não existe tentativa de crime omissivo.

6. Elemento subjetivo. Intenção de expor a vítima a grave sofrimento, como forma de aplicação de castigo ou medida de caráter preventivo. Exige-se, pois, o chamado *animus corrigendi*.

Essa forma de tortura muito se assemelha ao crime de maus-tratos (art. 136 do CP). A diferença está no elemento normativo da tortura, existente apenas nesse inciso II, que exige que a vítima seja submetida a intenso sofrimento físico ou mental. A caracterização desse dispositivo, assim, é reservada para situações extremadas.

7. Ação penal. Pública incondicionada.

5 ABSORÇÃO

A configuração do crime de tortura absorve delitos menos graves decorrentes do emprego da violência ou grave ameaça, como, p. ex., os crimes de maus-tratos, lesões corporais leves, constrangimento ilegal, ameaça, abuso de autoridade etc.

6 TORTURA DO PRESO OU DE PESSOA SUJEITA A MEDIDA DE SEGURANÇA

> Art. 1º, § 1º – Na mesma pena incorre quem submete pessoa presa ou sujeita a medida de segurança a sofrimento físico ou mental, por intermédio da prática de ato não previsto em lei ou não resultante de medida legal.

Esse dispositivo é corolário do art. 5º, XLIX, da Constituição Federal, que assegura aos presos o respeito à integridade física e corporal.

Assim, a adoção de medidas não previstas na Lei de Execuções Penais, como cela escura, solitária, aplicação de choques etc., caracterizam essa figura criminal, uma vez que sujeitam a vítima a sofrimento físico ou mental.

7 OMISSÃO PERANTE A TORTURA

> Art. 1º, § 2º – Aquele que se omite em face dessas condutas, quando tinha o dever de evitá-las ou apurá-las, incorre na pena de detenção de um a quatro anos.

Esse dispositivo contém um equívoco, uma vez que tipifica como crime menos grave a conduta de quem tem o dever de evitar a tortura e deixa de fazê-lo. Ora, nos termos do art. 13, § 2º, do Código Penal, responde pelo resultado, na condição de partícipe, aquele que deve e pode agir para evitá-lo e não o faz. Por consequência, quando uma pessoa tortura a vítima para obter dela uma confissão, e outra, que podia e devia evitar tal resultado, se omite, ambas respondem pelo crime de tortura do art. 1º, I, *a*, da Lei n. 9.455/97 (que é delito mais grave), e não por este crime descrito no § 2º. Essa solução atende ao preceito constitucional que estabelece que também responde pela tortura aquele que, podendo evitar o resultado, deixa de fazê-lo (art. 5º, XLIII, da CF).

Dessa forma, o § 2º da Lei n. 9.455/97 somente será aplicável àquele que tem o dever jurídico de apurar a conduta delituosa e não o faz. Como tal dever jurídico incumbe às autoridades policiais e seus agentes, torna-se evidente a impossibilidade de aplicação do aumento do § 4º, I, da lei (crime cometido por agente público), já que isso constituiria *bis in idem.*

Atente-se que esse delito, apesar de previsto na Lei n. 9.455/97, não constitui crime de tortura.

Saliente-se, por fim, que pelo fato de a pena mínima não exceder um ano, é, em tese, cabível o benefício da suspensão condicional do processo, desde que presentes os demais requisitos do art. 89 da Lei n. 9.099/95.

8 FORMAS QUALIFICADAS

> Art. 1º, § 3º – Se resulta lesão corporal de natureza grave ou gravíssima, a pena é de reclusão de quatro a dez anos; se resulta morte, a reclusão é de oito a dezesseis anos.

As lesões graves e gravíssimas são aquelas descritas no art. 129, §§ 1º e 2º, do Código Penal: incapacidade para as ocupações habituais por mais de trinta dias, perigo de vida, debilidade permanente de membro, sentido ou função, aceleração do parto, incapacidade permanente para o trabalho, enfermidade incurável, perda ou inutilização de membro, sentido ou função, deformidade permanente ou aborto. As lesões leves sofridas em razão da tortura ficam absorvidas por esta.

Em relação à qualificadora da morte, há que se fazer uma distinção com o crime de homicídio qualificado pela tortura, previsto no art. 121, § 2º, III, do Código Penal, cuja pena é de reclusão, de doze a trinta anos, ou seja, superior à da Lei de Tortura.

No crime de homicídio, o agente quer a morte da vítima ou assume o risco de produzi-la; vale dizer, existe dolo em relação ao resultado morte e o meio escolhido para concretizar seu intento é a tortura. Essa, portanto, é a causa direta e eficiente da morte visada pelo agente. Já no crime de tortura da lei especial, o sofrimento que o agente impõe à vítima deve ter por finalidade um dos objetivos mencionados na lei (obter informação, declaração ou confissão de alguém; provocar ação ou omissão criminosa; por discriminação racial ou religiosa; para impor castigo ou medida preventiva). Acontece que, por excessos na execução do crime, o agente acaba causando culposamente a morte da vítima. Assim, a figura do crime de tortura qualificada pela morte (art. 1º, § 3º, da Lei n. 9.455/97) é exclusivamente preterdolosa.

Há, portanto, duas situações absolutamente distintas:

a) tortura empregada como meio para provocar a morte, que o agente quer ou assume o risco de produzir, constitui homicídio qualificado pela tortura, cuja pena é de reclusão, de doze a trinta anos. Nesse caso, o crime é julgado pelo júri;

b) tortura empregada sem dolo de produzir a morte, que é provocada de forma culposa, caracteriza crime de tortura qualificada pela morte, cuja pena é reclusão, de oito a dezesseis anos. É o que ocorre, por exemplo, quando o agente se utiliza de um pedaço de ferro contaminado com ferrugem para cometer a tortura, e a vítima, algum tempo depois, apresenta quadro de tétano que a leva à morte. O julgamento cabe ao juízo comum (singular).

Não há como negar, por sua vez, que é possível a existência autônoma do crime de tortura simples em concurso material com o homicídio. Suponha-se que os torturadores empreguem a violência ou grave ameaça para obter uma informação da vítima e, após conseguirem a informação visada, provoquem sua morte com disparos de arma de fogo. Nesse caso, a tortura não foi a causa da morte e, assim, não pode qualificar o homicídio, pois, conforme já mencionado, essa hipótese somente é possível quando a tortura é causa direta do óbito. Temos, na hipótese, um crime de tortura simples em concurso material com o delito de homicídio (qualificado por visar o agente, com a morte da vítima, assegurar a ocultação ou impunidade de crime anterior).

9 CAUSAS DE AUMENTO DE PENA

> Art. 1º, § 4º – Aumenta-se a pena de um sexto até um terço:
> I – se o crime é cometido por agente público.

Ao se referir a agente público, a lei não se utilizou de qualquer outra expressão com a finalidade de aumentar ou restringir o alcance do dispositivo. Parece-nos, portanto, que o aumento será aplicável a qualquer funcionário público, na forma como define o art. 327 do Código Penal, que abrange qualquer pessoa que exerça cargo, emprego ou função pública, ainda que transitoriamente ou sem remuneração. Não nos parece razoável, entretanto, considerar que o dispositivo alcança também o conceito de funcionário público por equiparação, contido no art. 327, § 1º, do Código Penal, que assim considera quem exerce função em entidade paraestatal (correios, INSS etc.) e em empresa prestadora de serviço, contratada ou conveniada, para a execução de atividade típica da Administração Pública.

A lei tampouco exige que o agente esteja no exercício de suas funções, ao contrário do que costumeiramente faz. É evidente, entretanto, que o aumento somente será aplicável quando a tortura aplicada tiver algum nexo de causalidade com a função desempenhada pelo agente.

O dispositivo não revoga a Lei n. 4.898/65, que trata dos crimes de abuso de autoridade, uma vez que continuam sendo aplicáveis aos casos em que a conduta não se amoldar a qualquer dos delitos tipificados na Lei de Tortura. Ex.: policiais que empregam violência ou grave ameaça contra alguém por vingança.

Saliente-se, ainda, que essa causa de aumento de pena não poderá ser aplicada a certas hipóteses de tortura em que a condição de funcionário público já é requisito da própria existência do tipo penal, como ocorre na figura do art. 1º, § 2º.

> Art. 1º, § 4º, II – se o crime é cometido contra criança, gestante, portador de deficiência, adolescente ou maior de sessenta anos.

Criança é a pessoa menor de 12 anos, enquanto adolescente é quem possui 12 anos ou mais, e menos de 18.

No tocante às gestantes, exige-se que o agente tenha ciência da gravidez, pois, caso contrário, haveria responsabilidade objetiva.

Por fim, a deficiência da vítima que permite a exasperação da pena pode ser a física ou a mental.

O aumento em relação às vítimas com mais de sessenta anos foi acrescentado nesse inciso pela Lei n. 10.741/2003 (Estatuto do Idoso).

> Art. 1º, § 4º, III – se o crime é cometido mediante sequestro.

Sequestro é a privação da liberdade da vítima mediante violência ou grave ameaça. Veja-se, entretanto, que a privação da liberdade por curto espaço de tempo é decorrência quase sempre necessária à prática da tortura, uma vez que esta pressupõe, na maioria das vezes, uma ação lenta e repetitiva no sentido de causar o sofrimento físico ou mental à vítima, de forma a permitir que o agente alcance a finalidade para a qual está empregando a violência ou grave ameaça. Nesses casos, não se aplica a causa de aumento de pena. Percebe-se, pois, que o dispositivo só será aplicado quando houver privação da liberdade por tempo prolongado, absolutamente desnecessário, ou quando houver deslocamento da vítima para local distante.

Mesmo que o juiz reconheça mais de uma causa de aumento de pena, poderá aplicar apenas um acréscimo, nos termos do art. 68, parágrafo único, do Código Penal. Nesse caso, por óbvio, poderá aplicar o aumento acima do mínimo legal de um sexto.

As causas de aumento de pena aplicam-se às formas qualificadas?

Apesar de respeitáveis opiniões em sentido contrário, não vemos motivos para que não se possam aplicar as causas de aumento às formas qualificadas do § 3º, já que nenhuma incompatibilidade existe entre os institutos.

10 EFEITOS DA SENTENÇA CONDENATÓRIA

> Art. 1º, § 5º – A condenação acarretará a perda do cargo, função ou emprego público e a interdição para seu exercício pelo dobro do prazo da pena aplicada.

Além da pena privativa de liberdade, o juiz deverá declarar, como efeito da sentença condenatória, a perda do cargo, emprego ou função pública e a interdição para o exercício de nova função pelo dobro do prazo da pena. A razão de tal efeito condenatório é o fato de se ter demonstrado, de forma inequívoca, que o agente público violou seus deveres funcionais de uma tal forma que o Estado e a sociedade não podem mais confiar em seus serviços. Por se tratar de consequência prevista expressamente no texto legal, não é necessária motivação específica quanto a este aspecto. É preciso, contudo, que conste da sentença a perda do cargo, incumbindo ao Ministério Público interpor embargos de declaração em caso de omissão por parte do juiz.

11 ASPECTOS PROCESSUAIS E PENAIS

> Art. 1º, § 6º – O crime de tortura é inafiançável e insuscetível de graça ou anistia.

O dispositivo repete apenas as vedações constantes do texto constitucional (art. 5º, XLIII), contrariando a Lei dos Crimes Hediondos – que também proíbe a concessão do indulto para o crime de tortura. Por se tratar de norma especial, possibilitaria a concessão do indulto aos condenados por esse crime. O STF, todavia, entende que a palavra “graça” contida na Carta Magna abrange o indulto. Assim, o texto constitucional ao vedar a graça aos crimes hediondos, tráfico de drogas, terrorismo e tortura teria também proibido o indulto a este último.

12 DO REGIME INICIAL DA PENA

> Art. 1º, § 7º – O condenado por crime previsto nesta Lei, salvo a hipótese do § 2º, iniciará o cumprimento da pena em regime fechado.

O art. 2º, § 1º, da Lei n. 8.072/90, que teve sua redação alterada pela Lei n. 11.464/2007, prevê que para os crimes hediondos, o tráfico de entorpecentes, o terrorismo e a tortura, o regime inicial a ser fixado pelo juiz na sentença deve ser sempre o fechado, independentemente do montante da pena aplicada e de ser o réu primário ou reincidente. Acontece que o Plenário do Supremo Tribunal Federal, em 27 de junho de 2012, declarou, por oito votos contra três, a inconstitucionalidade deste art. 2º, § 1º, por entender que a obrigatoriedade de regime inicial fechado para crimes com pena não superior a 8 anos fere o princípio constitucional da individualização da pena (art. 5º, XLVI, da CF). Assim, mesmo para crimes hediondos, tráfico de drogas, terrorismo e tortura, o regime inicial só poderá ser o fechado (quando a pena fixada na sentença não for maior do que 8 anos), se o acusado for reincidente ou se as circunstâncias do caso concreto indicarem uma gravidade diferenciada daquele crime específico, o que deverá constar expressamente da fundamentação da sentença. Essa decisão ocorreu no julgamento do HC 111.840/ES e apesar de somente mencionar a inconstitucionalidade do art. 2º, § 1º, da Lei n. 8.072/90, estende seus efeitos ao art. 1º, § 7º, da Lei n. 9.455/97, uma vez que a redação do dispositivo da Lei dos Crimes Hediondos (Lei n. 8.072/90), que menciona também o crime de tortura, é posterior – decorre da Lei n. 11.464/2007. Além disso, a razão da decisão do Supremo Tribunal Federal é a mesma qualquer que seja o dispositivo em questão.

A pessoa condenada por crime de tortura poderá obter progressão para regime prisional mais brando após o cumprimento de dois quintos da pena, se primária, ou três quintos, se reincidente (art. 2º, § 2º, da Lei n. 8.072/90 – com a nova redação decorrente da Lei n. 11.464/2007).

A lei silencia quanto ao livramento condicional, de tal sorte que deve ser aplicado o art. 83, V, do Código Penal, que exige o cumprimento de dois terços da pena (caso o agente não seja reincidente específico) para a concessão desse benefício aos crimes de tortura.

Aos condenados por crime de tortura, ainda que a pena fixada na sentença não seja superior a 4 anos, será incabível a substituição da pena privativa de liberdade por restritiva de direitos, uma vez que estes crimes envolvem o emprego de violência contra pessoa ou grave ameaça e o art. 44, I, do Código Penal proíbe o benefício em tais casos. Apenas em relação ao crime de omissão perante a tortura (art. 1º, § 2º, da Lei n. 9.455/97) que tecnicamente não constitui efetivo crime de tortura e que não é cometido mediante emprego de violência contra pessoa ou grave ameaça, é cabível a substituição por pena restritiva de direitos.

13 EXTRATERRITORIALIDADE DA LEI

> Art. 2º – O disposto nesta Lei aplica-se ainda quando o crime não tenha sido cometido em território nacional, sendo a vítima brasileira ou encontrando-se o agente em local sob jurisdição brasileira.

Para que o dispositivo seja aplicado é necessário, portanto, que ocorra uma das duas hipóteses descritas: que a vítima seja brasileira ou que o autor da tortura esteja em local em que a legislação pátria seja aplicável.

14 REVOGAÇÃO DO ART. 233 DO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

> Art. 4º – Revoga-se o art. 233 da Lei n. 8.069/90 – Estatuto da Criança e do Adolescente.

Conforme já mencionado, os ilícitos penais envolvendo a prática da tortura passaram a ser regulados integralmente pela Lei n. 9.455/97, revogando-se expressamente o dispositivo do Estatuto da Criança e do Adolescente que tratava do tema. Atualmente, o fato de a tortura ser cometida contra menor faz com que a pena seja aumentada de um sexto a um terço (art. 1º, § 4º, II, da Lei n. 9.455/97).

Quadro sinótico – Tortura

Tortura-prova	Consiste em constranger alguém com emprego de violência ou grave ameaça, causando-lhe sofrimento físico ou mental com o fim de obter informação, declaração ou confissão da vítima ou terceira pessoa.
Tortura para a prática de crime	Consiste em constranger alguém com emprego de violência ou grave ameaça, causando-lhe sofrimento físico ou mental para provocar ação ou omissão de natureza criminosa. O agente responde pela tortura e pelo crime praticado pela vítima, em concurso material. Se o fim for forçar a vítima a cometer contravenção, o agente responderá por crime de constrangimento ilegal e não por tortura.
Tortura discriminatória	Consiste em constranger alguém com emprego de violência ou grave ameaça, causando-lhe sofrimento físico ou mental em razão de discriminação racial ou religiosa.
Tortura-castigo	Ocorre quando o agente submete alguém sob sua guarda, poder ou autoridade, com emprego de violência ou grave ameaça, a intenso sofrimento físico ou mental, como forma de aplicar castigo pessoal ou medida de caráter preventivo. Distingue-se do crime de maus-tratos porque, neste, a vítima não é submetida a intenso sofrimento.
Tortura de preso ou pessoa sujeita a medida de segurança	Comete este crime quem submete pessoa presa ou sujeita a medida de segurança a sofrimento físico ou mental por intermédio da prática de ato não previsto em lei ou não resultante de medida legal.
Omissão perante a tortura	Nesta figura pune-se aquele que se omite em face das condutas anteriores, quando tinha o dever de evitá-las ou apurá-las. Esse tipo penal contém um equívoco, já que a pessoa que tinha o dever de evitar a tortura e se omitiu é partícipe de tal crime e responde também pela tortura, nos termos do art. 5º, XLIII, da Constituição Federal, e art. 13, § 2º, do CP. Assim, o § 2º do art. 1º

	pune apenas quem tinha o dever de apurar a tortura e não o fez. A pena para tal conduta é menor do que as anteriores e tal crime não se enquadra no conceito de tortura.
Figuras qualificadas dos crimes de tortura	Se resulta lesão grave ou morte. Estas qualificadoras são exclusivamente preterdolosas, isto é, só se aplicam se tiver havido dolo na tortura e culpa no resultado agravador.
Causas de aumento de pena	A pena é aumentada de um sexto a um terço: **a)** se o crime é cometido por agente público. Nesse caso a condenação acarretará também a perda do cargo, função ou emprego e a interdição para seu exercício pelo dobro do prazo da pena aplicada; **b)** se o crime é cometido contra criança, adolescente, gestante, portador de deficiência ou pessoa com mais de 60 anos; **c)** se o crime é cometido mediante sequestro.
Consumação	No momento em que a vítima é submetida a grave sofrimento físico ou mental.
Tentativa	Possível nas modalidades comissivas.
Sujeito ativo	Pode ser qualquer pessoa. Trata-se de crime comum. Se for agente público, a pena será aumentada de um sexto a um terço.
Sujeito passivo	Qualquer pessoa. Se for criança, adolescente, gestante, portador de deficiência ou maior de 60 anos, a pena será aumentada de um sexto a um terço.
Vedações	O crime de tortura é insuscetível de anistia, graça, indulto e fiança.
Regime inicial	Nos termos do art. 2º, § 1º, da Lei n. 8.072/90, regime inicial deve ser necessariamente o fechado. O Plenário do STF, todavia, declarou a inconstitucionalidade deste dispositivo. Assim, devem ser seguidas as regras comuns do Código Penal para a fixação do regime inicial.

	A progressão de regime somente pode ser obtida com o cumprimento de 2/5 da pena, se o réu for primário, ou 3/5, se reincidente.
Ação penal	Pública incondicionada.

Capítulo V

ARMAS DE FOGO (ESTATUTO DO DESARMAMENTO)

1 INTRODUÇÃO

O porte ilegal de arma de fogo foi, por muito tempo, considerado somente contravenção penal, prevista no art. 19 da Lei das Contravenções Penais, porém, diante da enorme escalada de violência que assolou o País, o legislador resolveu transformar a conduta em crime, o que acabou se concretizando com a promulgação da Lei n. 9.437/97. Essa lei, todavia, além de possuir vários defeitos redacionais, não colaborou muito na diminuição da criminalidade, fazendo com que o legislador se esforçasse na aprovação de outra lei, ainda mais rigorosa, qual seja, a Lei n. 10.826/2003, conhecida como Estatuto do Desarmamento, que, além de penas maiores para o crime de porte de arma, trouxe várias outras providências salutares, como a restrição à venda, registro e autorização para o porte de arma de fogo, a tipificação dos crimes de posse e porte de munição, tráfico internacional de armas de fogo, dentre outros.

O Capítulo I do Estatuto regulamenta o Sistema Nacional de Armas (Sinarm), órgão instituído no Ministério da Justiça, no âmbito da Polícia Federal, com circunscrição em todo o território nacional, a quem incumbe, basicamente, cadastrar as características das armas de fogo e suas eventuais alterações; a propriedade das armas de fogo e suas respectivas transferências, bem como eventuais perdas, extravios, furtos, roubos, e, ainda, aquelas que forem apreendidas, mesmo que vinculadas a procedimento policial ou judicial; as autorizações para porte de arma de fogo e as renovações expedidas pela Polícia Federal; os armeiros em atividade no País, bem como os produtores, atacadistas, varejistas, exportadores e importadores autorizados de armas de fogo. As atribuições do Sinarm encontram-se elencadas no art. 2º do Estatuto, bem como em alguns outros dispositivos da Lei n. 10.826/2003 e do Decreto n. 5.123/2004 (conhecido como Regulamento do Estatuto), não se aplicando, entretanto, às armas de fogo das Forças Armadas ou Auxiliares.

Os Capítulos II e III tratam, respectivamente, das questões atinentes ao registro e ao porte de arma de fogo, e suas regras serão enfocadas em conjunto com os tipos penais descritos no Capítulo IV.

Já o Capítulo V cuida das denominadas “disposições gerais” e seus principais dispositivos serão estudados também em conjunto com os tipos penais.

2 DOS CRIMES E DAS PENAS (CAPÍTULO IV)

2.1. Posse irregular de arma de fogo de uso permitido

> Art. 12 – Possuir ou manter sob sua guarda arma de fogo, acessório ou munição, de uso permitido, em desacordo com determinação legal ou regulamentar, no interior de sua residência ou dependência desta, ou, ainda no seu local de trabalho, desde que seja o titular ou o responsável legal do estabelecimento ou empresa:
>
> Pena – detenção, de um a três anos, e multa.

1. Objetividade jurídica. A incolumidade pública e o controle da propriedade das armas de fogo.

2. Sujeito ativo. Qualquer pessoa.

3. Sujeito passivo. A coletividade.

4. Elementos do tipo. Pelo regime atual da Lei n. 10.826/2003, a pessoa interessada na aquisição de arma de fogo deve ter mais de 25 anos (art. 28) e atender aos requisitos do art. 4º da mencionada lei e do art. 12 do Decreto n. 5.123/2004, como, por exemplo, comprovar idoneidade, ocupação lícita e residência; capacidade para manuseio da arma etc. Demonstrados esses requisitos, o Sinarm expedirá autorização para a compra da arma – em nome do requerente e para a arma indicada. A aquisição de munição, por sua vez, somente poderá ser feita no calibre correspondente à arma adquirida (art. 4º, § 2º).

Efetuada a aquisição, o interessado deverá observar a regra do art. 3º do Estatuto, que estabelece a obrigatoriedade do registro da arma de fogo no órgão competente. Em se tratando de arma de uso permitido, o Certificado de Registro de Arma de Fogo será expedido pela Polícia Federal, após anuência do Sinarm, com validade em todo o território nacional, e autoriza o seu proprietário a mantê-la exclusivamente no interior de sua residência ou dependência desta, ou, ainda, no seu local de trabalho, desde que seja ele o titular ou o responsável legal do estabelecimento ou empresa. Para trazer a arma consigo em outros locais ou em via pública, o sujeito deve obter a autorização para porte, nos termos dos arts. 6º e seguintes da lei (*v.* comentários ao art. 14).

Para a obtenção do registro devem, ainda, ser atendidos os requisitos do art. 15 do Decreto n. 5.123/2004.

Assim, o crime do art. 12 consiste exatamente em possuir ou manter a guarda de arma de fogo, acessório ou munição, de uso permitido, no interior de residência ou dependência desta, ou no local de trabalho, na condição de titular ou responsável legal do estabelecimento ou empresa, sem o devido registro. O legislador estabeleceu pena menor para esse caso por entendê-lo de menor gravidade, já que a arma está no interior de residência ou estabelecimento comercial. Por sua vez, quem portar ou detiver arma de fogo, por exemplo, em via pública ou no interior de residência ou estabelecimento alheios, responderá pelo crime de porte ilegal de arma, caso não possua autorização para fazê-lo. Neste caso, se a arma for de uso permitido, estará configurado o crime do art. 14, e se for de uso proibido ou restrito, o crime do art. 16 da Lei n. 10.826/2003. A respeito da definição de arma, acessório ou munição de uso permitido, proibido ou restrito, *v.* comentários aos arts. 14 e 16.

O crime do art. 12 – posse irregular de arma de fogo de uso permitido – pressupõe que o fato ocorra no interior da própria residência do agente ou em dependência desta. Assim, a detenção de arma de fogo, acessório ou munição, de uso permitido, em residência alheia, conforme já mencionado, caracterizará crime mais grave – o do art. 14. A mesma regra valerá se a detenção da arma ocorrer em empresa ou estabelecimento comercial, mas o agente não for o seu titular ou responsável legal.

A posse na própria residência ou estabelecimento comercial de arma de uso proibido ou restrito configura sempre o crime do art. 16, cuja pena é maior.

Observação: A pessoa que possua arma de fogo registrada em casa pode ter o seu registro suspenso pelo juiz, caso cometa violência doméstica ou familiar contra mulher, e, nesse caso, o juiz deve comunicar sua decisão à autoridade competente. O art. 22, I, da Lei n. 11.340/2006 diz que essa medida pode ser decretada cautelarmente, antes da condenação pelo crime de violência doméstica, e visa proteger a mulher do perigo representado pelo agressor, que continuaria a ter uma arma em casa. Se o agente mantiver arma de fogo em casa após a decisão judicial, incorrerá no crime do art. 12 do Estatuto.

5. Crime de perigo. O delito em análise é de perigo abstrato e de mera conduta porque dispensa prova de que pessoa determinada tenha sido exposta a efetiva situação de risco (a lei presume a ocorrência do perigo), bem como a superveniência de qualquer resultado.

O STJ entende também que é inaplicável o princípio da insignificância ao delito em análise para a hipótese de apreensão de pequena quantidade de munição: “Nos termos da jurisprudência desta Corte, o princípio da insignificância não é aplicável aos crimes de posse e de porte de arma de fogo, por se tratarem de crimes de perigo abstrato, sendo irrelevante inquirir a quantidade de munição apreendida” (HC 338.153/RS, Rel. Min. Ribeiro Dantas, 5ª Turma, julgado em 3-5-2016, *DJe* 10-5-2016).

6. Consumação. No momento em que a arma dá entrada na residência ou estabelecimento comercial. Trata-se de crime permanente em que a prisão em flagrante é possível enquanto não cessada a conduta.

7. Tentativa. É possível.

8. Suspensão condicional do processo. Sendo de um ano a pena mínima prevista para o crime, é cabível o benefício, desde que presentes os demais requisitos do art. 89 da Lei n. 9.099/95.

9. Vigência do dispositivo. O art. 30 do Estatuto do Desarmamento (com a redação dada pelas Leis n. 11.706/2008 e 11.922/2009) concedeu prazo aos possuidores e proprietários de armas de fogo de uso permitido ainda não registradas para que solicitassem o registro até 31 de dezembro de 2009 mediante apresentação de nota fiscal ou outro comprovante de sua origem lícita, pelos meios de prova em direito admitidos.

Por isso, as pessoas que tenham sido flagradas antes de 31 de dezembro de 2009 com arma de fogo de uso permitido no interior da própria residência ou estabelecimento comercial, sem o respectivo registro, não podem ser punidas porque a boa-fé é presumida, de modo que se deve pressupor que iriam solicitar o registro da arma dentro do prazo. O crime do art. 12 é norma penal em branco, que pune a posse da arma em residência ou local de trabalho em desacordo com determinação legal ou regulamentar, dependendo, portanto, de complemento. Em princípio esse complemento se encontra na própria Lei, fora do capítulo “dos crimes e das penas”, em seu art. 5º, que declara que o registro autoriza o proprietário a manter a arma em sua casa ou em seu estabelecimento comercial. Daí por que a ausência do registro tipifica a conduta, pois o agente está em desacordo com a determinação legal. Ocorre que a própria Lei, no art. 30, trouxe outro complemento para a norma penal em branco, de caráter temporário, permitindo a regularização das armas não registradas, no prazo já mencionado. Em suma, quem tiver sido flagrado com arma de fogo de uso permitido em casa entre a entrada em vigor do Estatuto e o dia 31 de dezembro de 2009 não agiu em desacordo com determinação legal e, por isso, não pode ser punido. Essa regra, porém, só vale para as armas de uso permitido, nos expressos termos do art. 30.

Saliente-se, por fim, que, caso se trate de arma de fogo de uso restrito ou com numeração raspada, os crimes configurados são respectivamente aqueles do art. 16, *caput*, e 16, parágrafo único, IV, do Estatuto. Em relação a estes, a *abolitio criminis* temporária vigorou apenas até 23 de outubro de 2005. Nesse sentido, a Súmula 513 do STJ: “A *abolitio criminis* temporária prevista na Lei n. 10.826/2003 aplica-se ao crime de posse de arma de fogo de uso permitido com numeração, marca ou qualquer outro sinal de identificação raspado, suprimido ou adulterado, praticado somente até 23/10/2005”.

10. Entrega da arma. De acordo com o art. 32 do Estatuto, com a redação dada pela Lei n. 11.706/2008, o possuidor ou proprietário de arma de fogo pode entregá-la espontaneamente, e a qualquer tempo, à Polícia Federal, hipótese em que se presume sua boa-fé e extingue-se sua punibilidade em relação ao crime de posse irregular de referida arma. Se o agente for flagrado com a arma em casa responderá pelo delito. A extinção da punibilidade pressupõe sua efetiva entrega – este dispositivo não está sujeito a prazo.

11. Registro federal. O art. 5º, § 3º, do Estatuto (modificado pelas Leis n. 11.706/2008 e 11.922/2009) estabelece que o proprietário de arma de fogo com certificados de registro de propriedade expedidos por órgão estadual ou do Distrito Federal até a data da publicação desta Lei que não optar pela entrega espontânea prevista no art. 32 desta Lei deverá renová-lo, mediante o pertinente registro federal, até o dia 31 de dezembro de 2009. Até esta data, portanto, todos deveriam ter providenciado o registro federal de suas armas de fogo. Se não o fizeram e forem flagrados com a arma no interior da própria residência, estarão em desacordo com determinação legal e incorrerão no crime do art. 12.

O art. 18, § 3º, do Decreto n. 5.123/2004 estabelece que o registro deve ser renovado a cada três anos. O Superior Tribunal de Justiça, porém, firmou entendimento de que a posse de arma de fogo em residência após a expiração do prazo do registro sem a renovação constitui mera infração administrativa (HC 294.078/SP). O fundamento é o de que o Estado tem conhecimento da existência da arma na residência do proprietário em razão do registro anterior.

2.2. Omissão de cautela

> Art. 13, caput – Deixar de observar as cautelas necessárias para impedir que menor de dezoito anos ou pessoa portadora de deficiência mental se apodere de arma de fogo que esteja sob sua posse ou que seja de sua propriedade:
>
> Pena – detenção, de um a dois anos, e multa.

1. Objetividade jurídica. A incolumidade pública em face do perigo decorrente do apoderamento da arma de fogo por pessoa despreparada, e ainda a própria integridade física do menor de idade ou deficiente mental, que também fica exposta a risco em tal situação.

2. Sujeito ativo. Qualquer pessoa que tenha a posse ou propriedade de arma de fogo.

3. Sujeito passivo. A coletividade, bem como o menor ou deficiente mental.

4. Crime de perigo. O delito em análise é de perigo abstrato porque se configura pelo simples apoderamento pelo menor ou doente mental, independentemente de ter ele apontado a arma para alguém ou para ele próprio. Em suma, não é necessário que se prove que pessoa determinada tenha sido exposta a risco.

5. Elementos do tipo. A conduta incriminada é tipicamente culposa, na modalidade de negligência, já que se pune a omissão do agente, que não observa as cautelas devidas para evitar o apoderamento pelo menor ou deficiente, como, por exemplo, deixando a arma no banco do carro e não trancando a sua porta, ou, ainda, deixando-a em uma gaveta destrancada da sala de casa etc.

6. Consumação. Pela redação do dispositivo é possível notar que, ao contrário dos demais crimes da lei, esse delito não é de mera conduta, e sim material. Com efeito, o crime não se consuma com a omissão do possuidor ou proprietário da arma, exigindo-se para tanto que o menor ou doente mental efetivamente se apoderem da arma. Assim, se alguém deixa uma arma em local de fácil apoderamento, mas isso não ocorre, não se aperfeiçoa o ilícito penal.

7. Tentativa. Não se admite, já que se trata de crime culposo. Se o menor ou deficiente se apossar da arma, o crime estará consumado; se não o fizer, o fato será atípico, conforme já mencionado.

2.3. Omissão de comunicação de perda ou subtração de arma de fogo

> Art. 13, parágrafo único – Nas mesmas penas incorrem o proprietário ou diretor responsável de empresa de segurança e transporte de valores que deixarem de registrar ocorrência policial e de comunicar à Polícia Federal perda, furto, roubo ou outras formas de extravio de arma de fogo, acessório ou munição que estejam sob sua guarda, nas primeiras vinte e quatro horas depois de ocorrido o fato.

1. Objetividade jurídica. A veracidade dos cadastros de armas de fogo junto ao Sinarm e do respectivo registro perante os órgãos competentes.

2. Sujeito ativo. Trata-se de crime próprio, que só pode ser cometido pelo proprietário e pelo diretor responsável por empresa de segurança ou de transporte de valores.

3. Sujeito passivo. A coletividade, já que a veracidade dos cadastros é de interesse coletivo e não apenas dos órgãos responsáveis.

4. Elementos do tipo. Nos termos do art. 7º, *caput*, do Estatuto do Desarmamento, as armas de fogo utilizadas pelas empresas de segurança e transporte de valores deverão pertencer a elas, ficando também sob sua guarda e responsabilidade. O dispositivo estabelece, outrossim, que o registro e a autorização para o porte, expedida pela Polícia Federal, deverão ser elaborados em seu nome. A empresa deverá ainda apresentar ao Sinarm, semestralmente, a relação dos empregados habilitados – nos termos da lei – que poderão portar as armas. Tal porte evidentemente só poderá ocorrer em serviço.

Dessa forma, como a responsabilidade pela arma de fogo recaiu precipuamente sobre a empresa, o Estatuto estabeleceu também a obrigatoriedade de seu proprietário ou diretor de comunicar a subtração, perda ou qualquer outra forma de extravio a ela referentes. Assim, se não for efetuado o registro da ocorrência e não houver comunicação à Polícia Federal, em um prazo de vinte e quatro horas a contar do fato, o crime se aperfeiçoará.

5. Consumação. Com o decurso do prazo de vinte e quatro horas mencionado no tipo penal. É evidente que esse prazo não corre enquanto não tiver sido descoberta a subtração, perda ou extravio. Como a lei estabelece um período de tempo para o delito se aperfeiçoar, ele pode ser classificado como crime a prazo.

6. Tentativa. Em se tratando de crime omissivo próprio, não admite a figura da tentativa.

2.4. Porte ilegal de arma de fogo de uso permitido

> Art. 14 – Portar, deter, adquirir, fornecer, receber, ter em depósito, transportar, ceder, ainda que gratuitamente, emprestar, remeter, empregar, manter sob sua guarda ou ocultar arma de fogo, acessório ou munição, de uso permitido, sem autorização e em desacordo com determinação legal ou regulamentar:
>
> Pena – reclusão, de dois a quatro anos, e multa.
>
> Parágrafo único – O crime previsto neste artigo é inafiançável, salvo quando a arma de fogo estiver registrada em nome do agente.

1. Objetividade jurídica. A incolumidade pública, no sentido de se evitar que pessoas armadas possam colocar em risco a vida, a incolumidade física ou o patrimônio dos cidadãos.

2. Sujeito ativo. Qualquer pessoa. Trata-se de crime comum.

Se o delito for cometido por qualquer das pessoas elencadas nos arts. 6º, 7º e 8º da Lei, a pena será aumentada em metade (art. 20 – *v.* comentários).

3. Sujeito passivo. A coletividade.

4. Crime de perigo. O crime em análise é delito de perigo abstrato, em que a lei presume, de forma absoluta, a existência do risco causado à coletividade por parte de quem, sem autorização, portar arma de fogo, acessório ou munição. É, portanto, totalmente desnecessária prova de que o agente tenha causado perigo a pessoa determinada. Por isso, pode-se também dizer que se trata de crime de mera conduta, que se aperfeiçoa com a conduta típica, independentemente de qualquer resultado.

Em se tratando de crime de perigo, a jurisprudência fixou entendimento de que o porte concomitante de mais de uma arma de fogo caracteriza situação única de risco à coletividade, e, assim, o agente só responde por um delito, não se aplicando a regra do concurso formal. O juiz pode levar em conta a quantidade de armas na fixação da pena-base, em face da maior gravidade do fato (art. 59 do CP). Se uma das armas for de uso proibido e a outra, de uso permitido, configura-se o crime mais grave, previsto no art. 16, *caput,* da Lei.

Quando se diz que o crime é de perigo presumido ou abstrato, conclui-se apenas que é desnecessária prova de situação de risco a pessoa determinada. Exige-se, porém, que a arma possa causá-lo, pois, do contrário, não se diria que o crime é de perigo. Por isso, a própria Lei (art. 25) exige a elaboração de perícia nas armas de fogo, acessórios ou munições que tenham sido apreendidos, bem como a sua juntada aos autos, com o intuito de demonstrar a potencialidade lesiva da arma. Assim, pode-se afirmar que não há crime no porte de armas obsoletas ou quebradas.

Em relação à configuração do delito em face de arma desmuniciada, a Lei n. 9.437/97, ao prever a conduta típica "transportar" arma de fogo – inexistente no art. 19 da Lei das Contravenções Penais –, trouxe à tona forte entendimento no sentido da caracterização do ilícito penal. Não se pode, porém, esquecer a existência de consistente entendimento em sentido contrário, argumentando ser atípica a conduta, com o fundamento de que a punição do agente estaria em desacordo com o princípio da lesividade. Critica-se essa interpretação, com o argumento de que referido princípio é construção doutrinária que não encontra clara sustentação no corpo da Constituição Federal, e que os seus defensores não teriam avaliado a possibilidade de a arma desmuniciada ser utilizada para lesar o patrimônio alheio, como se o crime colocasse em risco apenas a vida e não outros bens jurídicos.

A questão, contudo, parece ter sido solucionada pelo Estatuto do Desarmamento, que equiparou o porte de munição ao de arma de fogo. Assim, se há crime no porte de munição desacompanhada da respectiva arma de fogo, não há como negar a tipificação da conduta ilícita no porte da arma sem aquela. O STF entendeu que o fato não constitui crime no julgamento do RHC 81.057/SP, que, todavia, se refere a fato anterior à aprovação do Estatuto do Desarmamento. Embora referido julgamento tenha sido muito noticiado à época, a verdade é que, posteriormente, o STF reverteu tal entendimento e passou a interpretar que existe crime ainda que a arma de fogo não esteja municiada (HC 96.072/RJ, HC 91.553/DF, HC 104.206/RS, dentre inúmeros outros), reconhecendo que o crime é de perigo abstrato. O Tribunal mostrou-se também sensível ao argumento da Procuradoria-Geral da República no sentido de que, se a circunstância de a arma estar desmuniciada tornasse o fato atípico, não haveria crime por parte de quem transportasse enorme carregamento de armas, desde que desacompanhada dos respectivos projéteis, o que é absurdo.

As armas de brinquedo, simulacros ou réplicas não constituem armas de fogo, de modo que o seu porte não está abrangido na figura penal. Na Lei n. 10.826/2003 não foi repetido o crime do art. 10, § 1º, II, da Lei n. 9.437/97, que punia com detenção de um a dois anos, e multa, quem utilizasse arma de brinquedo ou simulacro de arma capaz de atemorizar outrem, para o fim de cometer crimes. Houve, portanto, *abolitio criminis* em relação a tais condutas. O Estatuto do Desarmamento se limita a proibir a fabricação, a venda, a comercialização e a importação de brinquedos, réplicas e simulacros de armas de fogo, que possam com estas se confundir, exceto para instrução, adestramento ou coleção, desde que autorizados pelo Comando do Exército (art. 26).

5. Elementos do tipo

a) Ações nucleares: portar, deter, adquirir, fornecer, receber, ter em depósito, transportar, ceder, ainda que gratuitamente, emprestar, remeter, empregar, manter sob sua guarda ou ocultar.

Observações:

Embora a denominação legal do delito seja "porte ilegal de arma de fogo de uso permitido", é fácil notar que o texto legal possui abrangência muito maior, já que existem inúmeras outras condutas típicas. Trata-se, porém, de crime de ação múltipla – também chamado de crime de conteúdo variado ou de tipo misto alternativo – em que a realização de mais de uma conduta típica, em relação ao mesmo objeto material, constitui crime único, na medida em que as diversas ações descritas na lei estão separadas pela conjunção alternativa "ou". Assim, se o agente adquire e, em seguida, porta a mesma arma de fogo, comete apenas um crime.

Em se tratando de arma de uso permitido, temos duas situações: a posse em residência ou no local de trabalho caracteriza o crime do art. 12, se a arma não for registrada, enquanto o porte, em outros locais, caracteriza o crime do art. 14, se o agente não tiver a devida autorização expedida pela Polícia Federal, ainda que a arma seja registrada. Em se tratando de arma de uso proibido ou restrito, tanto a posse em residência quanto o porte caracterizam crime mais grave, previsto no art. 16, *caput*, da Lei n. 10.826/2003. Se a arma estiver com a numeração, marca ou qualquer outro sinal identificador raspado, suprimido ou alterado, a posse ou o porte caracterizará, indistintamente, o crime do art. 16, parágrafo único, IV, do Estatuto.

Os doutrinadores costumam dizer que aquele que oculta revólver utilizado por outra pessoa na prática de um delito comete favorecimento pessoal, previsto no art. 348 do Código Penal. Ocorre que tal conduta, atualmente, se enquadra no art. 14 da Lei n. 10.826/2003, que pune, com pena mais grave, a ocultação de arma de fogo.

b) Objeto material: armas de fogo são os instrumentos que, mediante a utilização da energia proveniente da pólvora, lançam a distância e com grande velocidade os projéteis. Possuem várias modalidades, como, por exemplo, revólveres, pistolas, garruchas, espingardas, metralhadoras, granadas etc. Veja-se, contudo, que esse crime do art. 14 do Estatuto do Desarmamento só abrange as armas de fogo de uso permitido, já que o porte de arma de fogo de uso proibido ou restrito constitui crime mais grave previsto no art. 16 da mesma Lei.

O art. 10 do Decreto n. 5.123/2004 – mais conhecido como "Regulamento do Estatuto" – dispõe que armas de uso permitido são aquelas cuja utilização pode ser autorizada a pessoas físicas, bem como a pessoas jurídicas, de acordo com as normas do Comando do Exército e nas condições estabelecidas na Lei n. 10.826/2003.

O rol das armas de uso permitido, proibido ou restrito é disciplinado em ato do Chefe do Poder Executivo Federal, mediante proposta do Comando do Exército (art. 23 do Estatuto). Trata-se, pois, de norma penal em branco. Atualmente, o rol de armas de uso permitido encontra-se no art. 17 do Decreto n. 3.665/2000. Tal dispositivo considera de uso permitido, por exemplo, as armas de fogo curtas (pistolas, revólveres) de repetição ou semiautomáticas de calibres .22 Long Rifle e .22 Short, .25 Auto (ou 6,35 mm ou 6,35 Browning), .32 Auto (ou 7,65 mm ou 7,65 Browning), .32 Short Colt, .38 S&W, .380 Auto Pistol (ou 9 mm Corto ou .380 ACP); as armas de fogo longas raiadas, de repetição ou semiautomáticas de calibres .22 Long Rifle, .32-20, .38-40, e .44-40; as armas de fogo de alma lisa, de repetição ou semiautomáticas, calibre 12 ou inferior, com comprimento de cano igual ou maior do que 24 polegadas, ou seiscentos e dez milímetros etc.

O Decreto utiliza denominações técnicas para descrever tais armas, mas, na prática, o maior número dos crimes envolve o porte de revólveres de calibre nominal 22, 32 ou 38, ou de pistolas de calibre 380 ou 765.

Munição é tudo quanto dê capacidade de funcionamento à arma, para carga ou disparo (projéteis, cartuchos, chumbo etc.). O STJ entende que é inaplicável o princípio da insignificância ao delito em análise: "Nos termos da jurisprudência desta Corte, o princípio da insignificância não é aplicável aos crimes de posse e de porte de arma de fogo, por se tratarem de crimes de perigo abstrato, sendo irrelevante inquirir a quantidade de munição apreendida" (HC 338.153/RS, Rel. Min. Ribeiro Dantas, 5ª Turma, julgado em 3-5-2016, *DJe* 10-5-2016). Assim, ainda que o agente esteja portando uma única munição, o crime estará configurado.

Acessório é aquilo que não integra a arma de fogo, mas que a ela está relacionado por ter alguma utilidade. O art. 17 do Decreto n. 3.665/2000 menciona, por exemplo, como acessório de uso permitido os dispositivos óticos de pontaria com aumento menor do que seis vezes e diâmetro da objetiva menor do que 36 mm.

c) Elemento normativo do tipo: encontra-se na expressão "sem autorização e em desacordo com determinação legal ou regulamentar". Com efeito, só comete o crime quem porta arma de fogo e não possui autorização para tanto, ou o faz em desacordo com as normas que disciplinam o tema.

O "porte" para trazer consigo arma de fogo de uso permitido é expressamente vedado, como regra, em todo o território nacional, nos termos do art. 6º da Lei n. 10.826/2003. A própria lei, todavia, traz algumas exceções, estabelecendo que ele será admitido em algumas hipóteses, quer em decorrência da função do sujeito (art. 6º), quer pela obtenção de autorização junto à Polícia Federal, após a concordância do Sinarm.

O art. 6º do Estatuto estabelece que, além das hipóteses previstas em lei própria (como no caso dos membros do Ministério Público ou da Magistratura), podem portar arma de fogo os integrantes das Forças Armadas, os policiais civis ou militares, os integrantes das guardas municipais das capitais dos Estados e dos Municípios com mais de 500.000 habitantes, os integrantes das guardas municipais dos Municípios com mais de 50.000 e menos de 500.000 habitantes, quando em serviço, os agentes operacionais da Agência Brasileira de Inteligência e os agentes do Departamento de Segurança do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República, os policiais da Câmara dos Deputados ou do Senado Federal, os agentes e guardas prisionais, os integrantes de escolta de presos, os guardas portuários, os trabalhadores de empresas de segurança privada e de transporte de valores que estejam devidamente habilitados, os integrantes das entidades de desporto legalmente constituídas cujas atividades esportivas demandem o uso de armas de fogo, os integrantes da Carreira de Auditor da Receita Federal do Brasil e de Auditoria-Fiscal do Trabalho, cargos de Auditor-Fiscal e Analista Tributário e, por fim, os servidores dos tribunais do Poder Judiciário descritos no art. 92 da Constituição Federal e dos Ministérios Públicos da União e dos Estados que efetivamente estejam no exercício de funções de segurança, na forma do regulamento emitido pelo Conselho Nacional de Justiça – CNJ e pelo Conselho Nacional do Ministério Público – CNMP.

Em alguns casos, como dos integrantes das Forças Armadas e dos policiais civis e militares, a autorização é pura decorrência legal, em consequência da função exercida (art. 33 do Dec. n. 5.123/2004), enquanto para outros exige-se o preenchimento de certos requisitos, como na hipótese dos guardas municipais, agentes e guardas prisionais, agentes da ABIN, policiais da Câmara dos Deputados e do Senado, Auditores da Receita ou Fiscais do Trabalho (§§ 2º e 3º do art. 6º).

Por sua vez, o art. 10 do Estatuto estabelece que a pessoa interessada poderá obter autorização para portar arma de fogo junto à Polícia Federal, mediante anuência do Sinarm, e desde que demonstre efetiva necessidade, por exercício de atividade profissional de risco ou da existência de ameaça à sua integridade física, que apresente documento de propriedade da arma e seu respectivo registro junto ao órgão competente, que comprove sua idoneidade mediante juntada de certidões de antecedentes criminais, que apresente documento comprobatório de ocupação lícita e residência certa, e que demonstre capacidade técnica e aptidão psicológica para o manuseio de arma de fogo. Se não for feita prova de qualquer desses requisitos, a autorização será negada.

A autorização para o porte pode ser concedida com eficácia temporária e territorial (art. 10, § 1º). Além disso, perderá automaticamente sua eficácia caso o portador seja com ela detido ou abordado em estado de embriaguez ou sob o efeito de substâncias químicas ou alucinógenas (art. 10, § 2º).

O art. 22, I, da Lei n. 11.340/2004 estabelece que o juiz pode restringir o direito ao porte de arma de fogo, com comunicação ao órgão competente, quando verificar a prática de violência doméstica ou familiar contra mulher e constatar que a manutenção integral de tal direito expõe a perigo a vítima agredida. O juiz deve especificar os limites da restrição, e o desrespeito a esses limites implicará a tipificação do crime do art. 14 do Estatuto.

Nos termos do art. 26 do Decreto n. 5.123/2004, a autorização não dá direito de portar ostensivamente a arma de fogo, ou de adentrar, ou com ela permanecer, em locais públicos, tais como igrejas, escolas, estádios desportivos, clubes ou outros locais onde haja aglomeração de pessoas, em virtude de eventos de qualquer natureza. A inobservância dessa regra importará na cassação da autorização e apreensão da arma de fogo.

No caso de empresas de segurança privada ou de transporte de valores, a autorização será concedida pela Polícia Federal, em nome da empresa, e possibilitará o porte, em serviço, dos empregados que previamente tenham comprovado idoneidade mediante certidão de antecedentes, residência fixa e capacidade técnica e psicológica para o manuseio de arma (art. 38 do Dec. n. 5.123/2004).

O porte de trânsito para desportistas, colecionadores e caçadores será concedido pelo Comando do Exército (art. 32 do Dec. n. 5.123/2004).

O porte na categoria de "caçador de subsistência" poderá ser concedido pela Polícia Federal aos residentes em áreas rurais que comprovem depender do emprego de arma de fogo para prover a subsistência alimentar familiar, desde que se trate de arma portátil, de uso permitido, de tiro simples, com um ou dois canos, de alma lisa e de calibre igual ou inferior a 16 (art. 6º, § 5º, da Lei n. 10.826/2003, c/c o art. 27 do Dec. n. 5.123/2004).

Observação: Nos termos do art. 29 do Estatuto, as autorizações para porte já existentes quando da entrada em vigor da nova Lei perderiam a sua validade no prazo de noventa dias. Esse prazo foi alterado pelo art. 1º da Lei n. 10.884/2004, de modo que o prazo de noventa dias passou a ser contado a partir de 23 de junho de 2004, tendo-se encerrado, portanto, em 20 de setembro do mesmo ano. O parágrafo único do mencionado art. 29, entretanto, permite que os detentores de referidas autorizações vencidas pleiteiem sua renovação perante a Polícia Federal, desde que satisfeitas as exigências dos arts. 4º, 6º e 10 da Lei.

6. Consumação. Em se tratando de crime de mera conduta, a consumação ocorre no momento da ação, independentemente de qualquer resultado.

7. Tentativa. Em tese é possível, como, por exemplo, tentar adquirir arma de fogo.

8. Absorção e concurso. Atualmente, a interpretação adotada pela grande maioria dos doutrinadores e julgadores é no sentido de só considerar absorvido o crime de porte ilegal de arma quando a conduta tiver sido realizada única e exclusivamente como meio para outro crime.

Assim, se o agente se desentende com outrem em um bar e vai para casa buscar uma arma de fogo, retornando em seguida ao bar para matar o desafeto, responde apenas pelo homicídio. Igualmente só responde pelo roubo – agravado pelo emprego de arma (art. 157, § 2º, I, do CP) – quem sai armado com o intuito específico de utilizá-la em um roubo, ainda que seja preso logo depois do assalto em poder da arma. Há, todavia, concurso material, se o agente, por exemplo, já está portando um revólver e, ao ser abordado por policiais, saca a arma e os mata, exatamente para evitar a prisão em flagrante em razão do porte. É que, nesse caso, o agente não estava portando a arma com o intuito de matar aqueles policiais. Assim, responde pelo porte em concurso material com homicídio qualificado porque matou para garantir a impunidade de outro crime – o porte ilegal. Igualmente existe concurso material se alguém utiliza um revólver para roubar um carro e dias depois é encontrado dirigindo o veículo, estando com a arma em seu poder. Nesse caso, o porte da arma no dia da prisão não constitui meio para o roubo, já que a subtração tinha acontecido dias antes.

9. Crime inafiançável. O parágrafo único do art. 14 expressamente declara ser inafiançável o crime de porte ilegal de arma de fogo, salvo se a arma estiver registrada em nome do agente.

O Supremo Tribunal Federal, todavia, por julgamento em Plenário, declarou a inconstitucionalidade do dispositivo ao apreciar ação direta de inconstitucionalidade (ADIn 3.112) no dia 2 de maio de 2007. Assim, no crime de porte ilegal de arma é possível a concessão de fiança, ainda que a arma não esteja registrada em nome do agente. É claro, porém, que a fiança só será concedida se ausentes as vedações do art. 324 do Código de Processo Penal, ou seja, desde que o réu não tenha quebrado a fiança anteriormente concedida, que não tenha descumprido as obrigações de comparecimento a todos os atos do processo e que estejam ausentes os requisitos da prisão preventiva.

O argumento para a declaração da inconstitucionalidade pelo Supremo foi o de que o delito em tela não pode ser equiparado aos crimes hediondos para os quais a Carta Magna veda a fiança.

10. Suspensão condicional do processo. Tendo em vista que a pena mínima para o delito é de dois anos, é incabível o benefício da suspensão condicional do processo, nos termos do art. 89 da Lei n. 9.099/95.

2.5. Disparo de arma de fogo

> Art. 15 – Disparar arma de fogo ou acionar munição em lugar habitado ou em suas adjacências, em via pública ou em direção a ela, desde que essa conduta não tenha como finalidade a prática de outro crime:
>
> Pena – reclusão, de dois a quatro anos, e multa.
>
> Parágrafo único – O crime previsto neste artigo é inafiançável.

1. Objetividade jurídica. A segurança pública.

2. Sujeito ativo. Qualquer pessoa. Trata-se de crime comum.

Se o delito for cometido por qualquer das pessoas elencadas nos arts. 6º, 7º e 8º da Lei, a pena será aumentada em metade (art. 20 – *v.* comentários).

3. Sujeito passivo. Em primeiro plano, a coletividade. Em segundo, as pessoas que, eventualmente, tenham sofrido perigo de dano decorrente do disparo da arma.

4. Crime de perigo. Trata-se de delito de perigo abstrato, em que não é necessária prova de que pessoa determinada tenha sido exposta a risco. O perigo é presumido porque o disparo em via pública ou em direção a ela, por si só, coloca em risco a coletividade. Assim, quem efetua disparo na rua, de madrugada, sem ninguém por perto, mas em local habitado, comete o crime.

5. Elementos do tipo

a) Disparar: significa atirar, deflagrar projéteis de arma de fogo (revólver, espingarda, garrucha etc.). Efetuar vários disparos, em um mesmo momento, configura um só delito, não se aplicando a regra do concurso formal ou da continuação delitiva dos arts. 70 e 71 do Código Penal, já que a situação de risco à coletividade é única. O juiz, entretanto, pode levar em conta o número de disparos na fixação da pena-base, em face da maior gravidade da conduta (art. 59 do CP).

O projétil tem de ser verdadeiro. Balas de festim não configuram a infração porque não causam perigo, nem mesmo em tese.

Se o disparo é efetuado porque o agente está sendo ameaçado de agressão, afasta-se a ilicitude da conduta em razão da legítima defesa.

b) Acionar munição: é de alguma outra forma detonar, deflagrar a munição (cartucho, projétil etc.). Não se confunde munição com artefato explosivo, como bombas e dinamites, cuja detonação constitui crime mais grave previsto no art. 16, parágrafo único, do Estatuto do Desarmamento, ou com a deflagração perigosa e não autorizada de fogos de artifício, que constitui contravenção penal, descrita no art. 28, parágrafo único, da Lei das Contravenções Penais.

c) Lugar habitado: é aquele onde reside um núcleo de pessoas ou famílias. Pode ser uma cidade, uma vila, povoado ou região onde morem poucas pessoas.

d) Adjacências: local próximo àquele habitado. Não se exige que seja dependência de moradia ou local contíguo, bastando que seja perto de local habitado. Por consequência, disparar em local descampado ou em uma floresta não configura a infração.

e) Via pública ou em direção a ela: via pública é o local aberto a qualquer pessoa, cujo acesso é sempre permitido. É todo local aberto ao público, quer por destinação, quer por autorização de particulares. Exs.: rua, avenida, praça, estrada.

Nos termos do texto legal, também existe o crime quando o disparo não é efetuado na via pública, mas a arma é apontada para ela, como, por exemplo, do quintal de uma residência em direção à rua.

Colocar alvo no quintal de casa e disparar em sua direção, sem possibilidade de atingir a via pública, não configura a infração.

O disparo efetuado para o alto caracteriza o crime, desde que seja feito em via pública ou em sua direção.

6. Absorção. A própria lei somente confere autonomia ao crime de disparo de arma de fogo quando essa conduta não tem como objetivo a prática de outro crime. Assim, quando o disparo visa, por exemplo, matar ou lesionar alguém, o agente responde por homicídio ou lesões corporais – consumados ou tentados, dependendo do resultado. Se a intenção do agente era matar a vítima, mas o disparo não a atinge, temos a chamada tentativa branca de homicídio.

7. Porte e disparo. Existem duas correntes. A primeira, mais antiga, no sentido de que o porte é sempre crime-meio para o disparo e, por isso, fica sempre absorvido em face do princípio da consunção. A segunda no sentido de haver absorção apenas quando ficar provado que o agente só portou a arma com a finalidade específica de efetuar o disparo. É a corrente que adotamos. Por ela, se o agente já estava portando a arma e, em determinado instante, resolveu efetuar o disparo, responderá pelos dois crimes, se não possuía autorização para o porte, ou só pelo disparo, se possuía tal autorização. Por outro lado, se uma pessoa tem uma arma em casa, mas não tem autorização para porte e, para efetuar uma comemoração, leva-a para a rua apenas com a finalidade de efetuar disparos e, de imediato, retorna para casa, responde pelo crime de disparo – o porte fica absorvido – e eventualmente pela posse da arma (art. 12), se esta não for registrada.

8. Crime inafiançável. O parágrafo único do art. 15 expressamente declara ser inafiançável o crime de disparo de arma de fogo. Não há, porém, vedação à concessão de liberdade provisória.

Em relação à vedação da fiança é preciso mencionar, todavia, que o Supremo Tribunal Federal declarou a inconstitucionalidade do art. 15, parágrafo único, do Estatuto, no julgamento da ADIn 3.112, ocorrido no dia 2 de maio de 2007. Por isso, no crime de disparo de arma de fogo em via pública, é possível a concessão de fiança. É claro, porém, que ela só será concedida se ausentes as vedações do art. 324 do Código de Processo Penal, ou seja, desde que o réu não tenha quebrado a fiança anteriormente concedida, que não tenha descumprido as obrigações de comparecimento a todos os atos do processo e que estejam ausentes os requisitos da prisão preventiva.

O argumento para a declaração da inconstitucionalidade pelo Supremo foi o de que o delito em tela não pode ser equiparado aos crimes hediondos para os quais a Carta Magna veda a fiança.

9. Suspensão condicional do processo. Tendo em vista que a pena mínima para o delito é de dois anos, é incabível o benefício da suspensão condicional do processo, nos termos do art. 89 da Lei n. 9.099/95.

2.6. Posse ou porte ilegal de arma de fogo de uso restrito

> Art. 16, caput – Possuir, deter, portar, adquirir, fornecer, receber, ter em depósito, transportar, ceder, ainda que gratuitamente, emprestar, remeter, empregar, manter sob sua guarda ou ocultar arma de fogo, acessório ou munição de uso proibido ou restrito, sem autorização e em desacordo com determinação legal ou regulamentar:
>
> Pena – reclusão, de três a seis anos, e multa.

1. Objetividade jurídica. É também a incolumidade pública, no sentido de se evitar a exposição a risco da vida, integridade física e patrimônio dos cidadãos.

2. Sujeito ativo. Pode ser qualquer pessoa. Trata-se de crime comum.

Se o delito for cometido por qualquer das pessoas elencadas nos arts. 6º, 7º e 8º da Lei, a pena será aumentada em metade (art. 20 – *v.* comentários).

3. Sujeito passivo. A coletividade.

4. Crime de perigo. O delito em análise é uma espécie de figura qualificada dos crimes de posse e porte de arma, previsto, porém, em um tipo penal autônomo. A pena maior se justifica em virtude da maior potencialidade lesiva das armas de fogo de uso proibido ou restrito, que, por tal razão, elevam o risco à coletividade.

Cuida-se, também, de crime de perigo abstrato e de mera conduta, em que é desnecessária prova de que pessoa determinada tenha sido exposta a risco e cuja configuração independe de qualquer resultado.

5. Elementos do tipo

a) Ações nucleares: as condutas típicas são possuir, deter, portar, adquirir, fornecer, receber, ter em depósito, transportar, ceder, ainda que gratuitamente, emprestar, remeter, empregar, manter sob sua guarda ou ocultar.

Note-se que, em se tratando de arma de fogo de uso proibido ou restrito, o crime configurado é sempre o mesmo, quer a arma esteja no interior de residência sem ser registrada (posse), quer esteja na cintura do agente em uma via pública (porte). Se a arma fosse de uso permitido, a posse configuraria o crime do art. 12, e o porte tipificaria aquele do art. 14.

b) Objeto material: armas de fogo de uso restrito, nos termos do art. 11 do Decreto n. 5.123/2004, são aquelas de uso exclusivo das Forças Armadas, de instituições de segurança pública e de pessoas físicas ou jurídicas habilitadas, devidamente autorizadas pelo Comando do Exército, de acordo com legislação específica.

Nos termos do art. 16 do Decreto n. 3.665/2000, são consideradas de uso restrito, exemplificativamente, as armas automáticas, de qualquer calibre (metralhadoras, p. ex.), as armas de fogo dissimuladas (em forma de caneta, p. ex.), as de pressão por gás comprimido ou por ação de mola, com calibre superior a 6 mm, as de alma lisa (parte interna do cano sem raias) de calibre doze ou maior com comprimento de cano menor que vinte e quatro polegadas ou seiscentos e dez milímetros, as de ar comprimido, simulacro do Fz 7,62 mm, M964, FAL, armas de fogo curtas (revólveres, pistolas) que utilizem munição .357 Magnum, 9 Luger, .38 Super Auto, .40 S&W, .44 SPL, .44 Magnum, .45 Colt e .45 Auto, e as armas de fogo longas (espingardas, rifles) raiadas que utilizem munição .22-250, .223 Remington, .243 Winchester, .270 Winchester, 7 Mauser, .30-06, .308 Winchester, 7,62 x 39, .357 Magnum, .375 Winchester e .44 Magnum.

Acessórios de uso restrito são aqueles que são agregados a uma arma para aumentar sua eficácia, como, por exemplo, miras especiais que aumentem seis vezes ou mais o tamanho do alvo, visores noturnos, ou para dissimular seu uso, como silenciadores, por exemplo.

Armas de uso proibido são aquelas em que há vedação total ao uso, como, por exemplo, as que possuam agentes químicos ou biológicos. Elas, na verdade, não foram definidas no Decreto.

c) Elemento normativo do tipo: está contido na expressão “sem autorização e em desacordo com determinação legal ou regulamentar”.

No que diz respeito ao registro, por exemplo, temos várias regras. O art. 27 da Lei n. 10.826/2003 diz que a aquisição de arma de uso restrito poderá ser autorizada, excepcionalmente, pelo Comando do Exército, e seu art. 3º, parágrafo único, estabelece que o registro também será feito em tal Comando. As armas de uso permitido, conforme já estudado, são registradas na Polícia Federal.

6. Consumação. Em se tratando de crime de mera conduta, a consumação ocorre no momento da ação, independentemente de qualquer resultado.

7. Tentativa. Em tese é possível, como, por exemplo, tentar adquirir arma de fogo.

8. Natureza hedionda. A Lei n. 13.497, de 26 de outubro de 2017, introduziu o crime em estudo no rol dos crimes hediondos.

9. Absorção e concurso. Só haverá absorção se o porte da arma de uso restrito for meio para outro crime. Assim, se após uma discussão, o agente vai até sua casa e pega a arma com o intuito específico de matar o desafeto, a jurisprudência entende que o crime de porte fica absorvido. Veja-se, porém, que, se o agente não tiver o registro da arma de uso restrito, responderá pela posse anterior da arma (art. 16), em concurso material com o homicídio. Apenas o porte ficará absorvido em tal caso.

10. Vedação de liberdade provisória. O art. 21 da Lei n. 10.826/2003 proíbe a concessão de liberdade provisória ao crime em análise. O Supremo Tribunal Federal, todavia, declarou a inconstitucionalidade desse dispositivo, em 2 de maio de 2007, no julgamento da ADIn 3.112, de modo que o juiz pode conceder a liberdade provisória aos autores desse tipo de infração penal, desde que presentes os requisitos exigidos para o benefício pelo Código de Processo Penal.

11. Entrega da arma. De acordo com o art. 32 do Estatuto, com a redação dada pela Lei n. 11.706/2008, o possuidor ou proprietário de arma de fogo pode entregá-la espontaneamente, e a qualquer tempo, à Polícia Federal, hipótese em que se presume sua boa-fé e extingue-se sua punibilidade em relação ao crime de posse irregular de referida arma. Se o agente, todavia, for flagrado com a arma em casa, responderá pelo delito. A extinção da punibilidade pressupõe sua efetiva entrega.

2.7. Figuras com penas equiparadas

Nesse art. 16, parágrafo único, o legislador descreve vários tipos autônomos, já que cada qual possui condutas típicas e objetos materiais próprios, tendo sido aproveitada tão somente a pena do art. 16, *caput*. Não há, portanto, nenhuma exigência de que as condutas típicas sejam ligadas a arma de uso proibido ou restrito. Para que se chegue a essa conclusão basta notar, por exemplo, que o art. 16, *caput*, já pune, com reclusão de três a seis anos, e multa, quem fornece arma de uso restrito para qualquer outra pessoa. Assim, a figura do art. 16, parágrafo único, V, que pune, com as mesmas penas, quem fornece arma para criança ou adolescente, tem a evidente finalidade de abranger quem fornece arma de uso permitido para menores de idade. Aliás, se as figuras desse parágrafo único só se referissem a arma de fogo de uso proibido ou restrito, ficaria sem sentido o inciso II, que pune quem modifica arma de fogo para torná-la equivalente às de uso proibido ou restrito – referindo-se, obviamente, às de uso permitido que venham a ser alteradas.

> Art. 16, parágrafo único – Nas mesmas penas incorre quem:
>
> I – suprimir ou alterar marca, numeração ou qualquer sinal de identificação de arma de fogo ou artefato.

Esse dispositivo pune o responsável pela supressão (eliminação completa) ou alteração (mudança) da marca ou numeração. Assim, quando existir prova de que o réu foi o autor da supressão, responderá por tal delito, mas se não tiver sido ele o autor da adulteração, a posse ou o porte de arma com numeração suprimida ou alterada tipificará a conduta do art. 16, parágrafo único, IV, do mesmo Estatuto.

O bem jurídico tutelado é a veracidade do cadastro das armas no Sinarm.

O crime pode ser cometido por qualquer pessoa.

> Art. 16, parágrafo único, II – modificar as características de arma de fogo, de forma a torná-la equivalente a arma de fogo de uso proibido ou restrito ou para fins de dificultar ou de qualquer modo induzir a erro autoridade policial, perito ou juiz.

É conhecida a conduta de serrar o cano de espingarda, tornando maior o seu potencial lesivo. Nesse exemplo, se tal conduta tornar o cano inferior a vinte e quatro polegadas, a espingarda terá se tornado equivalente a arma de uso restrito – art. 16, VI, do Decreto n. 3.665/2000.

O dispositivo em análise pune o autor da modificação. Qualquer outra pessoa que porte a arma já modificada estará incursa no art. 16, *caput*, da Lei n. 10.826/2003 – porte de arma de fogo de uso restrito.

Na segunda figura, o agente altera as características da arma para, por exemplo, evitar que o exame de confronto balístico tenha resultado positivo. Pela redação legal, o delito se caracteriza ainda que o agente não consiga enganar a autoridade, perito ou juiz. Trata-se de crime formal.

O crime de fraude processual do art. 347 do Código Penal deixou de ser aplicável em tal hipótese para existir agora figura específica.

> Art. 16, parágrafo único, III – possuir, detiver, fabricar ou empregar artefato explosivo ou incendiário, sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar.

Esse tipo penal, por ser norma mais recente e com pena maior, torna inaplicável o art. 253 do Código Penal, no que se refere a artefatos explosivos. O art. 253 pune com detenção, de seis meses a dois anos, e multa, quem fabrica, fornece, adquire, possui ou transporta, sem licença da autoridade, substância ou engenho explosivo, gás tóxico ou asfixiante, ou material destinado à sua fabricação. Embora o novo tipo penal não mencione alguns verbos contidos no art. 253, como, por exemplo, "transportar" ou "adquirir", a verdade é que tais condutas estão abrangidas pelo verbo "possuir" existente na Lei n. 10.826/2003.

O art. 253 continua em vigor em relação a gases tóxicos ou asfixiantes, bem como em relação a substâncias explosivas (tolueno, p. ex.), já que a nova lei só se refere a artefato explosivo (dinamite já pronta, p. ex.).

A Lei n. 10.826/2003 incrimina também a posse ou transporte de artefato incendiário, como, por exemplo, de coquetel *molotov*. Como a Lei não menciona substância, mas apenas artefato incendiário, a posse irregular de álcool não caracteriza o delito.

Deve-se notar, outrossim, que em caso de efetiva explosão ou incêndio decorrentes dos artefatos, duas situações podem ocorrer. Se a explosão ou incêndio expuser a perigo concreto número elevado e indeterminado de pessoas ou coisas, estarão configurados os crimes de incêndio ou explosão dos arts. 250 e 251 do Código Penal. Se não houver tal consequência, estará configurado o crime do art. 16, parágrafo único, III, do Estatuto do Desarmamento, na figura "empregar artefato explosivo ou incendiário". Embora as penas atualmente sejam iguais, os crimes dos arts. 250 e 251 continuam em vigor pelo princípio da especialidade e por possuírem causas de aumento de pena inexistentes no Estatuto.

A deflagração perigosa de fogo de artifício ou balão aceso continua a configurar a contravenção penal descrita no art. 28, parágrafo único, da Lei das Contravenções Penais.

> Art. 16, parágrafo único, IV – portar, possuir, adquirir, transportar ou fornecer arma de fogo com numeração, marca ou qualquer outro sinal de identificação raspado, suprimido ou adulterado.

Esse dispositivo veio atender a um anseio dos aplicadores do Direito, na medida em que a Lei n. 9.437/97 só punia o responsável pela supressão da numeração, delito cuja autoria quase sempre era ignorada, pois, em geral, os policiais apreendiam a arma em poder de alguém já com a numeração raspada, sendo, na maioria das vezes, impossível desvendar a autoria de tal adulteração. Com a nova lei, todavia, a posse, ainda que em residência, ou o porte, de arma de fogo com numeração raspada, por si só, torna a pena maior, pela aplicação do dispositivo em análise. Por sua vez, se for também identificado o próprio autor da adulteração, será ele punido na figura do art. 16, parágrafo único, I, da Lei n. 10.826/2003 – já estudado.

O delito em tela descreve as condutas típicas – portar, possuir, adquirir, transportar e fornecer – e o objeto material – arma de fogo com numeração, marca ou qualquer outro sinal de identificação raspado, suprimido ou adulterado. Trata-se, portanto, de delito autônomo, que não guarda relação com a figura do *caput*, de modo que se caracteriza quer a arma de fogo seja de uso permitido, quer de uso proibido ou restrito. O próprio dispositivo não fez qualquer distinção.

De acordo com o art. 32 do Estatuto, com a redação dada pela Lei n. 11.706/2008, o possuidor ou proprietário de arma de fogo pode entregá-la espontaneamente, e a qualquer tempo, à Polícia Federal, hipótese em que se presume sua boa-fé e extingue-se sua punibilidade em relação ao crime de posse irregular de referida arma. Se o agente, todavia, for flagrado com a arma em casa, responderá pelo delito. A extinção da punibilidade pressupõe sua efetiva entrega.

> Art. 16, parágrafo único, V – vender, entregar ou fornecer, ainda que gratuitamente, arma de fogo, acessório, munição ou explosivo a criança ou adolescente; e

Pela comparação desse tipo penal com outros da Lei n. 10.826/2003, pode-se concluir que:

a) Quem vende, entrega ou fornece arma de fogo, acessório ou munição, intencionalmente (dolosamente) a menor de idade, comete o crime do art. 16, parágrafo único, V. O dispositivo se aplica qualquer que seja a arma de fogo.

O art. 242 da Lei n. 8.069/90 (Estatuto da Criança e do Adolescente) pune com reclusão de três a seis anos a venda ou fornecimento de arma, munição ou explosivo a criança ou adolescente. Embora esse crime tenha tido sua pena alterada pela Lei n. 10.764/2003, acabou sendo derrogado pelo dispositivo em análise do Estatuto do Desarmamento, que entrou em vigor em 22 de dezembro de 2003, e que pune as mesmas condutas. O art. 242 só continua aplicável a armas de outra natureza (que não sejam armas de fogo).

b) Quem deixa de observar as cautelas necessárias para impedir que menor de idade ou deficiente mental se apodere de arma de fogo, que esteja sob sua posse ou que seja de sua propriedade, responde pelo crime do art. 13. Trata-se de conduta culposa. Se quem se apodera da arma é pessoa maior de idade, o fato é atípico, porque a modalidade culposa não mencionou tal hipótese.

c) O sujeito que fornece, empresta ou cede dolosamente arma de fogo de uso permitido a pessoa maior de idade pratica o crime do art. 14.

d) Quem fornece, empresta ou cede dolosamente arma de fogo de uso proibido ou restrito a pessoa maior de idade incide no crime do art. 16, *caput.*

e) Aquele que fornece explosivo a pessoa menor de 18 anos comete o crime do art. 16, parágrafo único, V, mas, se o destinatário for pessoa maior de idade, o crime será o do art. 253 do CP.

> Art. 16, parágrafo único, VI – produzir, recarregar ou reciclar, sem autorização legal, ou adulterar, de qualquer forma, munição ou explosivo.

A finalidade desse dispositivo é a de abranger algumas condutas não elencadas nos arts. 14 e 16 do Estatuto do Desarmamento, em relação a munições e explosivos.

2.8. Comércio ilegal de arma de fogo

> Art. 17 – Adquirir, alugar, receber, transportar, conduzir, ocultar, ter em depósito, desmontar, montar, remontar, adulterar, vender, expor à venda, ou de qualquer forma utilizar, em proveito próprio ou alheio, no exercício de atividade comercial ou industrial, arma de fogo, acessório ou munição, sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar:
>
> Pena – reclusão de quatro a oito anos, e multa.
>
> Parágrafo único – Equipara-se à atividade comercial ou industrial, para efeito deste artigo, qualquer forma de prestação de serviços, fabricação ou comércio irregular ou clandestino, inclusive o exercido em residência.

1. Objetividade jurídica. A incolumidade pública, no sentido de se evitar que armas ilegais, acessórios ou munições entrem em circulação.

2. Sujeito ativo. Trata-se de crime próprio, já que o tipo penal exige que o delito seja cometido por comerciante ou industrial. Ocorre que o dispositivo é de grande abrangência na medida em que o seu parágrafo único equiparou à atividade comercial ou industrial qualquer forma de prestação de serviços, fabricação ou comércio irregular ou clandestino, inclusive o exercido em residência.

Se o delito for cometido por qualquer das pessoas elencadas nos arts. 6º, 7º e 8º da Lei, a pena será aumentada em metade (art. 20 – *v.* comentários).

3. Sujeito passivo. A coletividade.

4. Crime de perigo. O delito em análise é também crime de perigo abstrato e de mera conduta porque dispensa prova de que pessoa determinada tenha sido exposta a efetiva situação de risco, bem como a superveniência de qualquer resultado.

5. Elementos do tipo

a) Ações nucleares: são aquelas típicas de comerciantes e industriais, como, adquirir, alugar, receber, transportar, conduzir, ocultar, ter em depósito, desmontar, montar, remontar, adulterar, vender, expor à venda, ou de qualquer forma utilizar arma de fogo, acessório ou munição. O dispositivo não faz distinção entre arma de uso permitido ou restrito, mas o art. 19 da Lei determina que a pena será aumentada em metade no último caso (*v.* comentários).

b) Elemento normativo do tipo: é contido na expressão “sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar”. Assim, comete o crime o agente que não tem autorização para vender arma, ou aquele que descumpre determinação legal, como, por exemplo, não mantendo a arma registrada em nome da empresa antes da venda da arma (art. 4º, § 4º, da Lei n. 10.826/2003), ou vendendo munição de calibre diverso (art. 4º, § 2º); ou regulamentar, como no caso do industrial que não fornece à Polícia Federal a relação de saída de armas do estoque (art. 7º do Dec. n. 5.123/2004), ou do comerciante que não encaminha à Polícia Federal, em quarenta e oito horas, a contar da venda, os dados identificadores da arma e de seu comprador. Igualmente haverá crime na venda de munição sem a apresentação do registro da arma, ou em quantidade superior à permitida etc.

6. Consumação. Em se tratando de crime de mera conduta, a consumação ocorre no momento da ação, independentemente de qualquer resultado.

7. Tentativa. Em tese é possível, como, por exemplo, tentar adquirir arma de fogo.

8. Vedação de liberdade provisória. O art. 21 da Lei n. 10.826/2003 proíbe a concessão de liberdade provisória ao crime em análise. O Supremo Tribunal Federal, todavia, declarou a inconstitucionalidade desse dispositivo, em 2 de maio de 2007, no julgamento da ADIn 3.112, de modo que o juiz pode conceder a liberdade provisória aos autores desse tipo de infração penal, desde que presentes os requisitos exigidos para o benefício pelo Código de Processo Penal.

2.9. Tráfico internacional de arma de fogo

> Art. 18 – Importar, exportar, favorecer a entrada ou saída do território nacional, a qualquer título, de arma de fogo, acessório ou munição, sem autorização da autoridade competente:
>
> Pena – reclusão de quatro a oito anos, e multa.

1. Objetividade jurídica. A incolumidade pública, no sentido de se evitar o comércio internacional de arma de fogo, acessório ou munição.

2. Sujeito ativo. Pode ser cometido por qualquer pessoa. Trata-se de crime comum.

Se o delito for cometido por qualquer das pessoas elencadas nos arts. 6º, 7º e 8º da Lei, a pena será aumentada em metade (art. 20 – *v.* comentários). Não se tratando de uma dessas pessoas, mas sendo o agente funcionário público, responderá também por crime de corrupção passiva, caso tenha recebido alguma vantagem para facilitar a entrada ou saída da arma no território nacional.

3. Sujeito passivo. A coletividade.

4. Crime de perigo. O delito em análise é também crime de perigo abstrato e de mera conduta porque dispensa prova de que pessoa determinada tenha sido exposta a efetiva situação de risco, bem como a superveniência de qualquer resultado.

5. Elementos do tipo. Importar é fazer entrar a arma, acessório ou munição no território nacional, e exportar é fazer sair. A lei também pune quem favorece tal entrada ou saída, de modo que o agente é considerado autor e não partícipe do crime.

O dispositivo não faz distinção entre importação ou exportação de arma de uso permitido ou restrito, mas o art. 19 da Lei determina que a pena será aumentada em metade no último caso (*v.* comentários).

6. Consumação. O crime se consuma quando o objeto material entra ou sai do território nacional. No caso de importação, se o agente entrar com a arma no Brasil e for preso na alfândega, o crime já estará consumado.

7. Tentativa. É possível.

8. Vedação de liberdade provisória. O art. 21 da Lei n. 10.826/2003 proíbe a concessão de liberdade provisória ao crime em análise. O Supremo Tribunal Federal, todavia, declarou a inconstitucionalidade desse dispositivo, em 2 de maio de 2007, no julgamento da ADIn 3.112, de modo que o juiz pode conceder a liberdade provisória aos autores desse tipo de infração penal, desde que presentes os requisitos exigidos para o benefício pelo Código de Processo Penal.

2.10. Causas de aumento de pena

A Lei n. 10.826/2003, em dois artigos, determinou o acréscimo de metade da pena para alguns de seus ilícitos penais:

> Art. 19 – Nos crimes previstos nos arts. 17 e 18, a pena é aumentada da metade se a arma de fogo, acessório ou munição forem de uso restrito ou proibido.

O acréscimo só é aplicável aos crimes de comércio ilegal (art. 17) e tráfico internacional de armas de fogo (art. 18). O aumento decorre da maior lesividade das armas de uso proibido ou restrito, assim definidas no art. 16 do Decreto n. 3.665/2000.

> Art. 20 – Nos crimes previstos nos arts. 14, 15, 16, 17 e 18, a pena é aumentada da metade se forem praticados por integrante dos órgãos e empresas referidas nos arts. 6º, 7º e 8º desta Lei.

Essa regra vale para os crimes de porte ilegal de arma de fogo de uso permitido (art. 14), disparo de arma de fogo (art. 15), porte ilegal de arma de uso proibido ou restrito (art. 16), comércio ilegal (art. 17) e tráfico internacional de armas de fogo (art. 18).

Refere-se a crimes cometidos por integrantes das Forças Armadas, policiais civis ou militares, integrantes das guardas municipais de Municípios com mais de 50.000 habitantes, agentes operacionais da Agência Brasileira de Inteligência e do Departamento de Segurança do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República, policiais da Câmara dos Deputados ou do Senado Federal, agentes e guardas prisionais, integrantes de escolta de presos, guardas portuários, funcionários de empresas de segurança privada ou de transporte de valores, seguranças dos tribunais do Poder Judiciário e do Ministério Público e integrantes de entidades desportivas.

Segundo Damásio de Jesus, o aumento só se justifica quando o delito for praticado no exercício da função ou em razão dela, ainda que fora da atividade funcional, ou da realização da atividade profissional (Informativo Phoenix, março de 2004, n. 6).

3 VEDAÇÃO DE LIBERDADE PROVISÓRIA

> Art. 21 – Os crimes previstos nos arts. 16, 17 e 18 são insuscetíveis de liberdade provisória.

A lei se refere a todos os crimes do art. 16, bem como ao comércio ilegal (art. 17) e tráfico internacional de armas de fogo (art. 18). O Supremo Tribunal Federal, todavia, no julgamento da ADIn 3.112, ocorrido em 2 de maio de 2007, declarou a inconstitucionalidade desse dispositivo, de modo que, atualmente, a pessoa presa em flagrante por um desses crimes poderá obter a liberdade provisória, desde que ausentes as vedações do art. 324 do CPP, ou seja, que o réu não tenha quebrado a fiança anteriormente concedida, que não tenha descumprido as obrigações de comparecimento a todos os atos do processo e que estejam ausentes os requisitos da prisão preventiva.

4 DESTRUIÇÃO DOS OBJETOS APREENDIDOS

O art. 25 do Estatuto dispõe que as armas de fogo, acessórios e munições que não mais interessarem à persecução penal, ou que não constituam prova em inquérito policial ou ação penal, deverão ser encaminhados pelo juiz competente ao Comando do Exército, no prazo máximo de quarenta e oito horas, para destruição ou posterior doação aos órgãos de segurança pública ou às Forças Armadas.

5 REFERENDO POPULAR

No Capítulo VI da Lei n. 10.826/2003, que trata das chamadas “disposições finais”, estabeleceu o legislador uma regra que só entraria em vigor se fosse aprovada por referendo popular. Esse dispositivo (art. 35, *caput*, e § 1º) proibia a comercialização de arma de fogo e munição em todo o território nacional, exceto para as entidades previstas no art. 6º. O referendo foi realizado no dia 23 de outubro de 2005 e o dispositivo foi rejeitado por 63,94% dos eleitores, de modo que não se encontra proibida a venda de armas e munições no território nacional, embora a aquisição pressuponha certas condições, conforme já estudado no tópico 2.1, no subtítulo *Elementos do tipo*.

Em suma, o Estatuto do Desarmamento dificultou a aquisição e a autorização para o porte de arma de fogo e munição, mas a efetiva proibição foi rechaçada pelo referendo popular.

6 REVOGAÇÃO DA LEI N. 9.437/97

O art. 36 da Lei n. 10.826/2003 revogou expressamente a Lei n. 9.437/97.

Essa revogação tem grande relevância no que se refere à qualificadora elencada no art. 10, § 3º, IV, da Lei n. 9.437/97, que estabelecia pena maior a quem cometesse um dos crimes da lei e possuísse condenação anterior por crime contra pessoa, patrimônio ou tráfico de entorpecentes, já que tal dispositivo não foi repetido no Estatuto do Desarmamento, de modo que, atualmente, a circunstância de possuir condenação anterior só pode ser reconhecida na forma da agravante genérica da reincidência (art. 61, I, do CP), como, aliás, sempre ocorreu com os demais delitos. Houve, portanto, *novatio legis in mellius* (art. 2º, parágrafo único, do CP), inviabilizando a aplicação da referida qualificadora até mesmo para fatos ocorridos antes da entrada em vigor do novo Estatuto, bem como beneficiando as pessoas já condenadas. Com efeito, estabelece o Código Penal que a lei posterior, que de qualquer modo favoreça o agente, aplica-se aos fatos anteriores (art. 2º, parágrafo único), tendo, portanto, caráter retroativo.

Quadro sinótico – Armas de fogo (Estatuto do Desarmamento)

Registro e porte	Segundo o art. 5º do Estatuto do Desarmamento, o registro da arma regularmente adquirida dá direito ao proprietário de mantê-la no interior de sua residência ou dependência desta, ou em seu local de trabalho, desde que seja o titular ou responsável pelo estabelecimento. O procedimento para a obtenção do registro consta do próprio Estatuto e de seu Regulamento (Dec. n. 5.123/2004).
Registro e porte	O porte de arma é, em regra, proibido em todo território nacional, exceto para determinadas autoridades que, por lei, têm direito a ele (juízes, promotores de justiça, policiais etc.) e para aqueles que, demonstrando a necessidade, obtenham autorização para o porte junto à Polícia Federal, desde que preencham os requisitos legais. O porte autoriza o seu titular a trazer a arma consigo.
Objeto material	As armas de fogo foram divididas pelo Estatuto da seguinte forma: **a)** armas de uso permitido – para as quais teoricamente é possível a obtenção do porte em caso de comprovada necessidade e preenchimento dos requisitos legais; **b)** armas de uso proibido ou restrito – para as quais não é possível a obtenção do porte. A classificação em uma ou outra categoria consta do Decreto n. 3.665/2000 e leva em conta fatores como calibre, comprimento do cano, forma de repetição (automática, semiautomática etc.). Trata-se, pois, de norma penal em branco. Inovação do Estatuto foi a de punir também a posse e o porte de munição

	ou acessório de arma de fogo.
Crimes de posse e porte de arma, munição ou acessório	Os principais tipos penais do Estatuto levam em conta os fatores: inexistência de registro ou de porte, e espécie de armamento (de uso permitido ou proibido). No art. 12, pune-se com detenção, de um a dois anos, a posse de arma de uso permitido, na própria residência ou local de trabalho, sem o devido registro. Pune-se também a posse da respectiva munição ou acessório. No art. 14, pune-se com reclusão, de dois a quatro anos, o porte de arma de fogo de uso permitido, sem a devida autorização. Ex.: pessoa que está em via pública com uma arma de fogo de calibre 32 na cintura e que não possui o porte de arma. O dispositivo pune também o porte de munição ou de acessórios de armas de fogo, bem como outras condutas envolvendo arma de fogo de uso permitido: aquisição, fornecimento a terceiro, transporte, empréstimo etc. Caso se trate de arma de uso proibido ou restrito, o enquadramento será sempre no art. 16, *caput*, do Estatuto, quer se trate de posse de arma sem o devido registro, quer se trate de porte não autorizado. A pena nesse caso é de reclusão, de três a seis anos. Em se tratando de posse ou porte de arma com numeração raspada ou suprimida, o enquadramento será sempre no art. 16, parágrafo único, IV, do Estatuto, ainda que se cuide de arma que, em relação ao calibre, seja considerada de uso permitido.
Outros	Existem vários outros crimes previstos no Estatuto: No art. 13, *caput*, é punido quem deixa de observar as cautelas necessárias para impedir que menor de 18 anos ou portador de doença mental se apodere de arma de fogo. Em seu parágrafo único, pune-se o dono ou diretor de empresa de segurança ou de transporte de valores que deixa de registrar, no prazo de 24 horas, o furto, roubo, perda ou outra forma de extravio de arma de fogo, acessório ou munição que estejam sob sua guarda. No art. 15 pune-se o disparo de arma de fogo em via pública ou em

ilícitos penais do Estatuto	direção a ela, em local habitado ou suas adjacências. No parágrafo único do art. 16 punem-se várias condutas, como as de suprimir ou alterar numeração de arma de fogo; modificar as características de arma para torná-la equivalente a uma de uso proibido ou restrito; possuir, fabricar ou empregar artefato explosivo ou incendiário; vender arma de fogo ou fornecê-la, ainda que gratuitamente, a pessoa menor de 18 anos; produzir, recarregar ou reciclar munição ou explosivo. Além disso, no art. 17 está incriminado o comércio ilegal de arma de fogo, crime próprio que só pode ser cometido por comerciante ou fabricante de arma, munição ou acessório e, no art. 18, o tráfico internacional de armas.

Capítulo VI

CONTRAVENÇÕES PENAIS

I – PARTE GERAL DAS CONTRAVENÇÕES

1 INTRODUÇÃO

As contravenções estão previstas, em regra, no Decreto-Lei n. 3.688/41, conhecido como Lei das Contravenções Penais. Há, entretanto, algumas outras contravenções previstas em leis especiais, como as do Decreto-Lei n. 6.259/44.

1.1. Classificação das infrações penais

As infrações penais, no Brasil, dividem-se em:

a) crimes;

b) contravenções.

A estrutura jurídica de ambas, todavia, é a mesma, ou seja, as infrações, incluindo os crimes e as contravenções, caracterizam-se por serem fatos típicos e antijurídicos. Em razão disso é que Nélson Hungria definiu a contravenção como “crime anão”, já que nada mais é do que um “delito” com menores consequências e sanções de menor gravidade. Por isso é que se diz que a tipificação de um fato como crime ou contravenção depende exclusivamente da vontade do legislador. Um fato considerado mais grave deve ser tipificado pelo legislador como crime e um menos grave, como contravenção.

Como, então, diferenciá-los?

A diferença mais importante é dada pelo art. 1º da Lei de Introdução ao Código Penal e refere-se à pena:

“Art. 1º Considera-se crime a infração penal a que a lei comina pena de reclusão ou de detenção, quer isoladamente, quer alternativa ou cumulativamente com a pena de multa; contravenção, a infração penal a que a lei comina, isoladamente, pena de prisão simples ou de multa, ou ambas, alternativa ou cumulativamente”.

Temos, portanto, as seguintes possibilidades em relação à pena para os crimes: **a)** reclusão; **b)** reclusão e multa; **c)** reclusão ou multa; **d)** detenção; **e)** detenção e multa; **f)** detenção ou multa.

A pena de multa nunca é cominada isoladamente aos crimes.

Com relação às contravenções, temos as seguintes hipóteses: **a)** prisão simples; **b)** prisão simples e multa; **c)** prisão simples ou multa; **d)** multa.

Existem, ainda, outras diferenças importantes:

a) os crimes podem ser de ação pública (condicionada ou incondicionada) ou privada; as contravenções sempre se apuram mediante ação penal pública incondicionada;

b) nos crimes, a tentativa é punível; nas contravenções, não;

c) em certos casos, os crimes cometidos no exterior podem ser punidos no Brasil, desde que presentes os requisitos legais. Já as contravenções cometidas no exterior nunca podem ser punidas no Brasil.

2 APLICAÇÃO DAS REGRAS GERAIS DO CÓDIGO PENAL

> Art. 1º – Aplicam-se às contravenções as regras gerais do Código Penal, sempre que a presente Lei não disponha de modo diverso.

Esse artigo consagra o princípio da especialidade. De acordo com ele, quando a Lei das Contravenções Penais regular um assunto de determinada forma, será ela aplicada. Se a Lei das Contravenções Penais, porém, nada dispuser sobre tal assunto, aplicar-se-ão as regras gerais do Código Penal, como, por exemplo, aquelas referentes às excludentes de ilicitude, concurso de agentes e de infrações penais, causas extintivas da punibilidade etc.

3 TERRITORIALIDADE

> Art. 2º – A lei brasileira só é aplicável à contravenção praticada no território nacional.

Esse artigo consagrou o princípio da territorialidade exclusiva em relação às contravenções. A Lei das Contravenções Penais só tem aplicação para os fatos praticados dentro do território nacional. Veja-se que, com relação aos crimes, é possível a aplicação da lei brasileira a fatos cometidos no exterior, desde que presentes certos requisitos previstos no art. 7º do Código Penal. É a chamada extraterritorialidade da lei penal brasileira, que vigora apenas em relação aos crimes.

4 VOLUNTARIEDADE, DOLO E CULPA

> Art. 3º – Para a existência da contravenção, basta a ação ou omissão voluntária. Deve-se, todavia, ter em conta o dolo ou a culpa, se a lei faz depender, de um ou de outra, qualquer efeito jurídico.

Com relação aos crimes, a conduta é sempre dolosa ou culposa. De acordo com o art. 3º da Lei das Contravenções Penais, porém, para a existência da contravenção, basta a ação ou a omissão voluntária, independentemente de dolo ou culpa. Por esse dispositivo, não se analisa a intenção do agente. Investiga-se, simplesmente, se ele realizou ou não a conduta. É a chamada voluntariedade, que significa a simples vontade de realizar a conduta do tipo, despida de qualquer intenção ou direção. O art. 3º, entretanto, faz uma ressalva, possibilitando que a Parte Especial da Lei das Contravenções Penais traga exceções a tal regra, exigindo em uma ou outra contravenção a existência do dolo ou da culpa. Nesses casos, a contravenção só estará configurada com a ocorrência desses elementos. Exs.: **a)** os arts. 26, 29 (2ª parte), 30 e 31 (2ª parte) da Lei das Contravenções Penais exigem culpa; **b)** o art. 21 exige dolo.

Temos, assim, as contravenções típicas ou próprias (regra) e as contravenções atípicas ou impróprias, que incluem dolo ou culpa.

Muitos autores, todavia, entendem que esse dispositivo não tem mais aplicação. Damásio de Jesus, por exemplo, cuidando da matéria, assim se manifestou: “hoje, ..., adotada a teoria finalista da ação e vedada a responsabilidade objetiva pela reforma penal de 1984, o disposto na última parte do art. 3º, em que se diz prescindir a contravenção de dolo ou culpa, salvo casos excepcionais, está superado: a contravenção, assim como o crime, exige dolo ou culpa, conforme a descrição típica. O dolo se apresenta como elemento subjetivo implícito no tipo; a culpa, como elemento normativo. Ausentes, o fato é atípico. Veja-se, entretanto, que a admissão da modalidade culposa, nas contravenções, é diferente do sistema do Código Penal. Neste, a culpa deve ser expressa (art. 18, parágrafo único). Nas hipóteses em que a infração é culposa, a Lei das Contravenções Penais não emprega as expressões usuais do Código Penal, como ‘se o crime é culposo’, ‘no caso de culpa’ etc. A existência da modalidade culposa, nas contravenções, decorre da própria descrição legal do fato. Ex.: ‘dar causa a desabamento de construção por erro no projeto’ (art. 31, *caput*). A culpa decorre da própria natureza do fato definido na norma. É necessário, portanto, que a lei contravencional contenha referência à modalidade culposa, empregando termos indicativos da ausência de cuidado na realização da conduta. Ausentes, significa que a contravenção só admite dolo, sendo atípico o fato culposo. Assim, as vias de fato são estritamente dolosas, uma vez que o art. 21 da Lei das Contravenções Penais não contém redação recepcionando o comportamento culposo” (Damásio de Jesus, *Lei das Contravenções Penais anotada*, 8. ed., São Paulo, Saraiva, 2001).

5 TENTATIVA

> Art. 4º – Não é punível a tentativa de contravenção.

A maioria das contravenções é infração de mera conduta e unissubsistente, nas quais não é possível a ocorrência da tentativa. Há, porém, algumas contravenções em que seria possível a sua existência, como nas vias de fato do art. 21 da Lei das Contravenções Penais (vias de fato: agressão perpetrada sem intenção de lesionar). Ora, se alguém quer dar um tapa no rosto de outro e é impedido, pratica, sem sombra de dúvidas, tentativa de vias de fato. O legislador, entretanto, preferiu afastar expressamente essa possibilidade, declarando não ser punível a tentativa de contravenção.

Na verdade, o legislador adotou esse critério por política criminal, em virtude da pequena potencialidade lesiva de uma eventual tentativa de contravenção. Hipótese muito comum de tentativa impunível ocorre na contravenção do jogo do bicho, quando o apostador é flagrado antes de entregar o dinheiro ao tentar efetuar uma aposta. Teríamos, nesse caso, tentativa de jogo do bicho, mas a lei considera o fato impunível.

6 PENAS PRINCIPAIS

> Art. 5º – As penas principais são:
> I – prisão simples;
> II – multa.

1. Prisão simples (art. 6º, *caput*, da LCP). É cumprida, sem rigor penitenciário, em cadeia pública, no regime semiaberto ou aberto (a espécie de regime dependerá da pena aplicada e de eventual reincidência). O preso ficará sempre separado dos condenados a penas de reclusão ou detenção (art. 6º, § 1º). O trabalho será facultativo se a pena aplicada não exceder a quinze dias (art. 6º, § 2º).

Observações:

a) É incabível prisão preventiva nas contravenções. Isso porque o art. 312 do Código de Processo Penal diz que esta espécie de prisão só é possível nos crimes.

b) Como todas as contravenções são consideradas infrações de menor potencial ofensivo, aplica-se em relação a elas o art. 69, parágrafo único, da Lei n. 9.099/95, que veda a lavratura do auto de prisão em flagrante e a exigência de fiança sempre que o agente for de imediato conduzido ao Juizado Criminal ou assumir o compromisso de fazê-lo assim que possível.

c) Aplica-se às contravenções o art. 11 do Código Penal, que diz que as frações de dia devem ser desprezadas na pena. Por isso, se o juiz aumentar de metade uma pena de quarenta e cinco dias de prisão simples, aplicará pena final de sessenta e sete dias. A fração restante (doze horas) não será computada.

2. Multa. Originariamente, o seu valor era tratado em contos de réis ou cruzeiros. Atualmente, aplica-se o critério de dias-multa previsto no Código Penal. A quantidade de dias-multa varia de dez a trezentos e sessenta dias, e o valor do dia-multa pode variar de um trinta avos a cinco vezes o maior salário mínimo vigente no País. Na fixação do número de dias-multa devem-se levar em conta as circunstâncias judiciais do art. 59 do Código Penal. Na fixação do valor de cada dia-multa deve ser considerada, principalmente, a situação econômica do condenado (art. 60, *caput*, do CP).

As frações de dia-multa também devem ser desprezadas, bem como as frações da unidade monetária.

A regra do art. 9º da Lei das Contravenções Penais – que possibilitava a conversão da pena de multa em prisão simples em caso de inadimplemento do condenado, acompanhando as regras do Código Penal – foi revogada pela Lei n. 9.268/96, que alterou a redação do art. 51 do Código Penal, estabelecendo que a pena de multa não paga deve ser executada.

7 REINCIDÊNCIA

> Art. 7º – Verifica-se a reincidência quando o agente pratica uma contravenção depois de passar em julgado a sentença que o tenha condenado, no Brasil ou no estrangeiro, por qualquer crime, ou, no Brasil, por motivo de contravenção.

De acordo com a legislação penal vigente, pela conjugação do art. 7º da Lei das Contravenções Penais com o art. 63 do Código Penal, temos as seguintes hipóteses em relação à reincidência:

a) quem pratica nova contravenção após ter sido condenado por outra contravenção no Brasil é reincidente (art. 7º da LCP);

b) quem comete nova contravenção após ter sido condenado por outra contravenção no exterior não é reincidente, já que a hipótese não foi mencionada pelo art. 7º da Lei das Contravenções Penais;

c) quem pratica crime após ter sido condenado por contravenção não é reincidente, pois a hipótese não foi prevista no art. 63 do Código Penal e tampouco no art. 7º da Lei das Contravenções Penais;

d) quem comete crime depois de ter sido condenado por outro crime, no Brasil ou no exterior, é reincidente (art. 63 do CP);

e) quem comete contravenção depois de ter sido condenado por crime, no Brasil ou no exterior, é reincidente (art. 7º da LCP).

8 ERRO DE DIREITO

> Art. 8º – No caso de ignorância ou de errada compreensão da lei, quando escusáveis, a pena pode deixar de ser aplicada.

O art. 21 do Código Penal, em sua parte inicial, prevê que o desconhecimento da lei é inescusável. Todavia, o art. 8º da Lei das Contravenções Penais traz um caso de perdão judicial para a hipótese de haver desconhecimento escusável da lei (considera-se escusável o erro em que qualquer pessoa comum incidiria, nas mesmas circunstâncias). O perdão judicial tem natureza jurídica de causa extintiva da punibilidade, nos termos do art. 107, IX, do Código Penal. Desse modo, após reconhecer a existência da contravenção e a culpabilidade do agente, o juiz pode deixar de aplicar a pena respectiva, conforme a previsão do art. 8º.

Damásio de Jesus, com o aplauso de vários outros doutrinadores, entende, no entanto, que o art. 8º da Lei das Contravenções Penais se encontra revogado desde 1984. O raciocínio é o seguinte: o art. 8º da Lei das Contravenções Penais foi elaborado na mesma época do antigo art. 16 do Código Penal. Esse artigo dizia ser irrelevante o erro de direito quanto aos crimes, ainda que fosse escusável. Com a reforma penal de 1984, ele foi substituído pelo art. 21, que trata do chamado erro de proibição. Nesse dispositivo, o legislador diz que o erro sobre a ilicitude do fato, se inevitável (isto é, escusável), exclui a culpabilidade, devendo o réu ser absolvido. Ora, se no crime, que é infração mais grave, o desconhecimento da lei exclui a culpabilidade, seria injusto que nas contravenções (infrações de menor gravidade) tal circunstância funcionasse como mero perdão judicial. Por isso, entende-se que o art. 8º foi revogado pelo art. 21 do Código Penal e, assim, desde que escusável o erro, haverá exclusão da culpabilidade com a consequente absolvição.

9 LIMITE DAS PENAS

> Art. 10 – A duração da pena de prisão simples não pode, em caso algum, ser superior a cinco anos, nem a importância das multas ultrapassar cinquenta contos de réis.

O limite da pena de prisão vale mesmo em caso de concurso de contravenções.

A menção à pena de multa encontra-se revogada, conforme já estudado.

10 SUSPENSÃO CONDICIONAL DA PENA E LIVRAMENTO CONDICIONAL

> Art. 11 – Desde que reunidas as condições legais, o juiz pode suspender, por tempo não inferior a um ano nem superior a três, a execução da pena de prisão simples, bem como conceder livramento condicional.

Os requisitos para o *sursis* são os mesmos do Código Penal, ou seja, aqueles previstos no art. 77: **a)** que a pena imposta na sentença não seja superior a dois anos; **b)** que não seja cabível a substituição por pena restritiva de direitos; **c)** que as circunstâncias judiciais do art. 59 do Código Penal sejam favoráveis ao condenado; **d)** que o réu não seja reincidente.

O período de prova para as contravenções é de um a três anos, enquanto nos crimes é de dois a quatro.

As regras de revogação e prorrogação do *sursis*, previstas no art. 81 do Código Penal, aplicam-se às contravenções.

É também cabível nas contravenções o livramento condicional que é uma antecipação provisória da liberdade do condenado a pena igual ou superior a dois anos, mediante o cumprimento de parte da pena e o preenchimento dos demais requisitos do art. 83 do Código Penal.

11 MEDIDAS DE SEGURANÇA

> Art. 13 – Aplicam-se, por motivo de contravenção, as medidas de segurança estabelecidas no

Código Penal, à exceção do exílio local.

As medidas de segurança previstas no Código Penal são a internação em hospital de custódia e tratamento psiquiátrico e o tratamento ambulatorial. Como as contravenções têm menor potencial ofensivo, é normalmente indicado o tratamento ambulatorial (art. 97 do CP).

A referência ao exílio local foi revogada, uma vez que essa modalidade de medida de segurança foi extinta pela reforma penal de 1984.

O art. 16 da Lei das Contravenções Penais prevê que o prazo mínimo de duração da internação em manicômio judiciário ou em casa de custódia e tratamento é de seis meses. Em seu parágrafo único, diz que o juiz pode, em vez de decretar a internação, submeter o indivíduo a liberdade vigiada. A regra deste parágrafo, contudo, também se encontra revogada, pois não existe mais liberdade vigiada na legislação penal.

Art. 12 da LCP – revogado pela Lei n. 7.209/84.
Art. 14 da LCP – revogado pela Lei n. 7.209/84.
Art. 15 da LCP – revogado pela Lei n. 7.209/84.

12 AÇÃO PENAL

Art. 17 – A ação penal é pública, devendo a autoridade proceder de ofício.

O art. 26 do Código de Processo Penal previa que, nas contravenções, a ação penal iniciava-se pelo auto de prisão em flagrante ou por portaria baixada pelo juiz. O rito era o sumaríssimo previsto nos arts. 531 a 537 do Código Processual. Esses dispositivos, entretanto, não foram recepcionados pela Constituição de 1988, que, em seu art. 129, I, atribuiu ao Ministério Público a titularidade exclusiva da ação pública. Assim, a ação penal deve se iniciar por denúncia do Ministério Público, já que nas contravenções a ação é pública de acordo com o art. 17 da Lei das Contravenções Penais.

Atualmente, o rito para a apuração das contravenções é o rito sumariíssimo estabelecido nos arts. 77 e seguintes da Lei n. 9.099/95, uma vez que todas as contravenções são infrações de menor potencial ofensivo, admitindo-se, inclusive, a transação penal e a suspensão condicional do processo, desde que presentes os requisitos legais.

As contravenções penais são sempre julgadas na Justiça Estadual, ainda que conexas com crime de competência da Justiça Federal ou que atinjam bens, serviços ou interesses da União, uma vez que o art. 109, IV, segunda parte, da Constituição Federal, expressamente previu que a Justiça Federal não julga contravenções penais. Nesse sentido, a Súmula 38 do STJ: Compete à Justiça Estadual Comum, na vigência da Constituição de 1988, o processo por contravenção penal, ainda que praticada em detrimento de bens, serviços ou interesse da União ou de suas entidades.

II – PARTE ESPECIAL DAS CONTRAVENÇÕES

Tendo em vista as características desta obra, serão abordadas apenas as principais contravenções de cada capítulo.

13 DAS CONTRAVENÇÕES REFERENTES À PESSOA (Capítulo I)

13.1. Fabrico, comércio ou detenção de arma ou munição

> Art. 18 – Fabricar, importar, exportar, ter em depósito ou vender, sem permissão da autoridade, arma ou munição:
>
> Pena – prisão simples, de três meses a um ano, ou multa, ou ambas cumulativamente, se o fato não constitui crime contra a ordem política ou social.

Essa contravenção perdeu muito de sua importância, pois, em relação às armas de fogo e munições, o fabrico, o comércio e a detenção passaram a constituir crimes previstos na Lei n. 10.826/2003 (*Estatuto do Desarmamento* – *v.* comentários). O art. 18 da Lei das Contravenções Penais só continua tendo aplicação para as armas brancas: faca, punhal, soco inglês, espada etc.

13.2. Porte de arma

> Art. 19 – Trazer consigo arma fora de casa ou de dependência desta, sem licença da autoridade:
>
> Pena – prisão simples, de quinze dias a seis meses, ou multa, ou ambas cumulativamente.

1. Introdução. O art. 19 da Lei das Contravenções Penais deixou de ter aplicação em relação às armas de fogo, desde o advento da Lei n. 9.437/97, que transformou tal conduta em crime. Atualmente, os crimes envolvendo a posse e o porte de arma de fogo estão previstos na Lei n. 10.826/2003 (Estatuto do Desarmamento). O dispositivo, portanto, continua tendo incidência apenas para as armas brancas, como facões, punhais, sabres, espadas, soco inglês etc.

A jurisprudência, porém, tem se mostrado condescendente perante o porte de canivete, de faca de pequeno tamanho ou de faca trazida como meio de trabalho no meio rural. Diversa a situação de quem é surpreendido em um bar, trazendo consigo faca de trinta centímetros de comprimento, atingindo a lâmina quase dois terços dessa extensão (*JTACrimSP*, 90/387), ou portando em via pública um facão ou uma peixeira, uma navalha que não seja seu instrumento de trabalho etc.

Existe, ainda, entendimento amplamente minoritário de que o art. 19 estaria totalmente revogado, uma vez que não existe licença para portar arma branca (*v.* comentários adiante).

2. Objetividade jurídica. A incolumidade física e a saúde dos cidadãos.

3. Sujeito ativo. Trata-se de contravenção comum, que pode ser cometida por qualquer pessoa.

4. Sujeito passivo. O Estado.

5. Natureza jurídica. Trata-se de contravenção de perigo, que pune a mera possibilidade de dano que a pessoa armada pode causar. Assim, dispensa-se indagação quanto à intenção do agente ao portar a arma.

6. Elementos do tipo

a) Trazer consigo: equivale a portar a arma, tê-la junto a si, com possibilidade de usá-la a qualquer momento para ataque ou defesa. Não se exige, entretanto, que o agente a mantenha junto a seu corpo, bastando que a tenha ao seu alcance, de modo a poder usá-la a qualquer instante. Configura-se, pois, o porte com a detenção da arma, de forma que possa ser facilmente usada, trazendo-a na cintura, no bolso, sob o banco do carro, no porta-luvas etc.

b) Fora de casa ou da dependência desta: só existe a contravenção se o agente está fora de casa ou de suas dependências (pátios, jardins, garagem etc.). A jurisprudência entende que o porte de arma no território da própria fazenda do agente constitui o ilícito, pois nem toda propriedade deve ser considerada como “casa” para fins penais, devendo esse termo ser entendido como habitação, moradia.

O art. 150, § 4º, do Código Penal aplica-se à Lei das Contravenções Penais e prevê que estão compreendidos na expressão “casa”:

I – qualquer compartimento habitado – casa, apartamento, barraco (a cela do preso, todavia, não pode ser considerada sua casa);

II – aposento ocupado de habitação coletiva (o porte de faca em quarto de pensão não configura a contravenção);

III – compartimento não aberto ao público, onde alguém exerce sua profissão (consultório, escritório etc.; repartição pública não pode ser considerada casa).

O art. 150, § 5º, do Código Penal, por sua vez, exclui da expressão “casa”:

I – hospedaria, estalagem ou qualquer outra habitação coletiva, enquanto aberta (diz respeito às partes comuns do estabelecimento);

II – taverna, casa de jogo e outras do mesmo gênero (portar faca no interior de um bar caracteriza a contravenção).

Observação: Automóvel não é prolongamento da casa. O mesmo se diga acerca de caminhões (mesmo que o caminhoneiro o utilize para dormir), trens, aviões, navios etc. Nessas hipóteses, estará configurada a contravenção.

c) Sem licença da autoridade: trata-se do elemento normativo do tipo dessa contravenção. A opção de conceder ou não o porte a uma determinada pessoa está dentro do poder discricionário da autoridade responsável. Ocorre que, como não existe licença para o porte de armas brancas e considerando que o art. 19 da Lei das Contravenções Penais somente estaria em vigor em relação a estas, tal parte do dispositivo encontra-se sem aplicação prática.

7. Concurso de crimes

a) Com relação ao porte e aos crimes de homicídio e lesões corporais, aplica-se o princípio da consunção, segundo o qual o delito menos grave (meio) considera-se absorvido pelo crime-fim. O porte, dessa forma, é absorvido pelo homicídio ou pela lesão corporal. Se o agente, no entanto, portava um facão e matou a vítima a pauladas, há concurso material, porque o facão não foi utilizado como meio para a prática do homicídio.

b) Se alguém carrega duas armas ao mesmo tempo, responde por uma só contravenção, não havendo aplicação da regra do concurso formal. Isso porque há uma única situação de perigo.

8. Confisco da arma. Segundo o art. 91, II, *a*, do Código Penal, constitui efeito da condenação a perda em favor da União dos instrumentos do crime se o seu porte constitui fato ilícito. Diverge a jurisprudência acerca da incidência de tal norma às contravenções: **a)** não pode haver confisco porque o artigo fala em instrumento de crime e não em instrumento de contravenção. Impossível, pois, a interpretação ampliativa; **b)** há o confisco porque a palavra crime foi usada em sentido genérico, *lato sensu*, abrangendo também as contravenções. Além disso, o art. 1º da Lei das Contravenções Penais prevê que as normas do Código Penal aplicam-se às contravenções, desde que não haja disposição em contrário nesta Lei. Ora, como ela é omissa em relação ao confisco, é cabível a aplicação subsidiária do Código Penal, que possibilita ao juiz decretar a perda da arma. Ademais, interpretação diversa acabaria gerando situações absurdas, como a não aplicação às contravenções das regras da legítima defesa (art. 23) ou do concurso de pessoas (art. 29), uma vez que, em ambos os casos, a lei só se refere a crime. É a tese majoritária.

9. Causa de aumento de pena. Nos termos do art. 19, § 1º, da Lei das Contravenções Penais, a pena é aumentada de um terço até a metade se o agente já foi condenado, em sentença irrecorrível, por violência contra pessoa. Ex.: se já foi condenado por homicídio, roubo com emprego de violência, lesões corporais etc.

10. Figuras equiparadas. Segundo o art. 19, § 2º, incorre na pena de prisão simples, de quinze dias a três meses, ou multa, quem, possuindo arma ou munição:

a) deixa de fazer comunicação ou entrega à autoridade, quando a lei o determina;

b) permite que alienado, menor de dezoito anos ou pessoa inexperiente no manejo da arma a tenha consigo;

c) omite as cautelas necessárias para impedir que dela se apodere facilmente alienado, menor de dezoito anos ou pessoa inexperiente em manejá-la.

Em relação às armas de fogo, tais condutas tipificam, atualmente, crime da Lei n. 10.826/2003 (Estatuto do Desarmamento).

13.3. Vias de fato

> Art. 21 – Praticar vias de fato contra alguém:
> Pena – prisão simples, de quinze dias a três meses, ou multa, se o fato não constitui crime.

1. Objetividade jurídica. A incolumidade pessoal.

2. Sujeitos ativo e passivo. Qualquer pessoa.

3. Elemento objetivo do tipo. O emprego de vias de fato consiste na violência ou no desforço físico sem a intenção de provocar dano à integridade corporal da vítima. Poderíamos dizer que é a agressão praticada sem intenção de lesionar. Ex.: empurrão, tapa, puxar o cabelo, beliscão etc. Aqui é desnecessária a realização de exame de corpo de delito, porque a vítima não sofre lesões corporais.

O que distingue a contravenção de vias de fato e o crime de tentativa de lesão corporal é a intenção do agente. No crime de lesão corporal o agente quer lesionar mas não consegue, enquanto na contravenção não existe tal intenção por parte do agressor. A provocação de eritema, isto é, vermelhidão da pele de pequena duração, não constitui lesão, caracterizando a contravenção, salvo se o agente queria machucar a vítima e só conseguiu causar o eritema. Quanto ao edema (inchaço), há divergência acerca da configuração de crime de lesões corporais ou da contravenção. Para alguns, depende do tamanho do edema.

A equimose e o hematoma configuram lesão corporal. Equimose é a mancha escura, resultante de rompimento de pequenos vasos sob a pele ou mucosas. É a roxidão. Hematoma é o tumor passageiro formado por sangue extravasado. É a equimose com inchaço.

De acordo com a Súmula n. 589 do Superior Tribunal de Justiça: “É inaplicável o princípio da insignificância nos crimes ou contravenções penais praticados contra a mulher no âmbito das relações domésticas”.

Já a Súmula n. 588 do mesmo Superior Tribunal de Justiça diz que “A prática de crime ou contravenção penal contra a mulher com violência ou grave ameaça no ambiente doméstico impossibilita a substituição da pena privativa de liberdade por restritiva de direitos”.

4. Subsidiariedade. As vias de fato constituem contravenção subsidiária, pois só se configuram se a violência não for meio de execução de algum crime. O próprio art. 21 prevê para as vias de fato penas de quinze dias a três meses, ou multa, se o fato não constitui crime. Trata-se de hipótese de subsidiariedade expressa ou explícita, pois consta do próprio texto legal. Assim, eventuais vias de fato empregadas para a prática de roubo, extorsão, estupro, ficam absorvidas.

5. Causa de aumento de pena. A pena será aumentada de um terço até a metade se a vítima é maior de 60 anos (art. 21, parágrafo único, da LCP, com redação dada pela Lei n. 10.741/2003 – Estatuto do Idoso).

6. Ação penal. Apesar de o art. 17 da Lei das Contravenções Penais estabelecer que todas as contravenções se apuram mediante ação pública incondicionada, a jurisprudência vem entendendo que, nas vias de fato, a ação depende de representação, por analogia *in bonam partem*. Com efeito, após a Lei n. 9.099/95 ter passado a exigir representação no crime de lesão leve, por analogia deve a regra ser estendida à contravenção em análise, já que se trata de agressão de menor gravidade, pois nem sequer causa lesão.

14 DAS CONTRAVENÇÕES REFERENTES AO PATRIMÔNIO (Capítulo II)

14.1. Instrumento de emprego usual na prática de furto

> Art. 24 – Fabricar, ceder ou vender gazua ou instrumento empregado usualmente na prática de crime de furto:
>
> Pena – prisão simples, de seis meses a dois anos, e multa.

1. Objetividade jurídica. O patrimônio. A norma visa evitar que se facilite o ataque ao patrimônio alheio.

2. Sujeito ativo. Qualquer pessoa.

3. Sujeito passivo. A coletividade, pois não ocorre efetiva lesão ao patrimônio de alguém. Trata-se de contravenção de perigo.

4. Condutas típicas

a) Fabricar: dar origem, manufaturar, criar, confeccionar. Compreende, ainda, a transformação de um objeto já existente, fazendo com que se torne apto a ser utilizado em furtos.

b) Ceder: emprestar, dar, fornecer, trocar.

c) Vender: alienar por qualquer forma, transferindo a propriedade.

Trata-se de contravenção de ação múltipla. A realização de mais de uma conduta, com relação ao mesmo objeto, constitui, portanto, contravenção única. Ex.: o sujeito fabrica gazua e depois a vende.

Quem simplesmente adquire o objeto não pratica a contravenção em estudo (já que não está prevista a modalidade “adquirir”) nem receptação, que exige que o objeto seja produto de crime. Dependendo do caso, todavia, pode o agente responder pela contravenção do art. 25 da Lei das Contravenções Penais.

5. Objeto material

a) Gazua: chave falsa ou “mixa” (todo instrumento capaz de abrir uma fechadura ou cadeado). Normalmente é um pedaço de um ferro curvo.

b) Outro instrumento empregado normalmente para a prática de furtos: abrange os ganchos, pés de cabra, alavancas, limas, pinças etc. Com relação a estes, que podem ter outra destinação, a contravenção fica afastada se o agente provar a sua boa-fé.

6. Absorção. Se, após fabricar o objeto, o agente utiliza-o na prática de um furto, só responde por este, qualificado pelo emprego de chave falsa (art. 155, § 4º, III, do CP). A contravenção é mero meio para a execução do furto e fica por ele absorvida (princípio da consunção).

14.2. Posse não justificada de instrumento de emprego usual na prática de furto

> Art. 25 – Ter alguém em seu poder, depois de condenado por crime de furto ou roubo, ou enquanto sujeito à liberdade vigiada ou quando conhecido como vadio ou mendigo, gazuas, chaves falsas ou alteradas ou instrumentos empregados usualmente na prática de crime de furto, desde que não prove destinação legítima:
>
> Pena – prisão simples, de dois meses a um ano, e multa.

1. Objetividade jurídica. O patrimônio.

2. Sujeito ativo. Trata-se de contravenção própria. Só pode ser praticada por pessoa que já foi anteriormente condenada por crime de furto ou roubo. Havendo previsão expressa na Lei, não pode haver interpretação extensiva para abranger pessoas condenadas por outros crimes contra o patrimônio, como estelionato, receptação etc. A condenação já deve ter transitado em julgado na data do fato. Além disso, se o agente já foi reabilitado (art. 94 do CP), não se configura a contravenção.

Podia também ser sujeito ativo aquele que estivesse sob liberdade vigiada. A liberdade vigiada, porém, espécie de medida de segurança, não existe mais em nossa legislação desde a reforma da Parte Geral do Código Penal, em 1984. Em razão disso, a norma está derrogada.

Por fim, o vadio (*v.* conceito junto ao art. 59 da LCP) e o mendigo (aquele que vive de esmolas) também podem ser autores dessa contravenção, desde que conhecidos como tais, conforme exige a descrição típica.

3. Sujeito passivo. A coletividade.

4. Conduta típica. Consiste em ter em seu poder algum dos objetos citados no tipo. Ter a posse abrange a detenção física e a disponibilidade imediata do instrumento, como no porta-luvas do carro etc. Se o agente, estando na posse do objeto, utiliza-o na prática de furto, só responde por este crime, ficando absorvida a contravenção.

5. Objeto material. São os mesmos da contravenção do art. 24.

6. Ilegitimidade da posse. Sem esta, não existe a contravenção. Trata-se de exigência da própria lei. Assim, se o agente justifica a posse do objeto, não responde pela infração. Em razão da descrição típica, verifica-se que essa contravenção possui uma caraterística que a diferencia dos demais ilícitos penais. Normalmente, a prova das elementares de uma infração cabe ao órgão acusador. Aqui a lei prevê a responsabilidade do agente “desde que não prove destinação legítima”, cabendo, pois, o ônus da prova da destinação àquele que é encontrado na posse do objeto.

7. Não recepção do dispositivo pela Constituição Federal. O Plenário do Supremo Tribunal Federal, em 3 de outubro de 2013, ao julgar o Recurso Extraordinário 583.523, por unanimidade, “declarou não recepcionado pela Constituição Federal de 1988 o artigo 25 da Lei de Contravenções Penais, que considera como contravenção o porte injustificado de objetos como gazuas, pés de cabra e chaves michas por pessoas com condenações por furto ou roubo ou classificadas como vadios ou mendigos. Segundo o ministro Gilmar Mendes, relator do processo, o dispositivo da LCP é anacrônico e não foi recepcionado pela CF por ser discriminatório e contrariar o princípio fundamental da isonomia. A matéria teve repercussão geral reconhecida. O ministro Gilmar Mendes lembrou que a Lei de Contravenções Penais foi instituída por meio de decreto-lei, em 1941, durante o período ditatorial conhecido como Estado Novo. 'Não há como deixar de reconhecer o anacronismo do tipo penal que estamos a analisar. Não se pode admitir a punição do sujeito apenas pelo fato do que ele é, mas pelo que faz', afirmou. 'Acolher o aspecto subjetivo como determinante para caracterização da contravenção penal equivale a criminalizar, em verdade, a condição pessoal e econômica do agente, e não fatos objetivos que causem relevante lesão a bens jurídicos importantes ao meio social'. O RE 583.523 teve repercussão geral reconhecida pelo Supremo por tratar da admissibilidade constitucional da punição criminal de alguém pelo fato de já ter sido anteriormente condenado e, ainda, por discutir os limites constitucionais da noção de crime de perigo abstrato, o que demonstrou a necessidade de análise da constitucionalidade da norma da LCP. Na ocasião em que foi reconhecida a repercussão geral, o STF considerou que o tema tem profundo reflexo no 'ius libertatis', bem jurídico fundamental, e, por este motivo, ultrapassa os limites subjetivos da causa". (Notícias STF – 3-10-2013: <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=250053>).

14.3. Exploração da credulidade pública

> Art. 27 – Explorar a credulidade pública mediante sortilégios, predição do futuro, explicação de sonho, ou práticas congêneres:
>
> Pena – prisão simples, de um a seis meses, e multa.

Essa conhecida contravenção foi expressamente revogada pela Lei n. 9.521/97.

15 DAS CONTRAVENÇÕES REFERENTES À INCOLUMIDADE PÚBLICA (Capítulo III)

15.1. Disparo de arma de fogo

> Art. 28, caput – Disparar arma de fogo em lugar habitado ou em suas adjacências, em via pública ou em direção a ela:
>
> Pena – prisão simples, de um a seis meses, ou multa.

Essa conduta atualmente constitui crime previsto no art. 15 da Lei n. 10.826/2003 (Estatuto do Desarmamento).

15.2. Deflagração perigosa de fogo de artifício

> Art. 28, parágrafo único – Incorre na pena de prisão simples, de quinze dias a dois meses, ou multa, quem, em lugar habitado ou em suas adjacências, em via pública ou em direção a ela, sem licença da autoridade, causa deflagração perigosa, queima fogo de artifício ou solta balão aceso.

Deflagração significa a detonação de fogos de artifício, como rojões, bombas de São João, busca-pés etc. De acordo com o texto legal, a contravenção só se aperfeiçoa se o fato causar perigo.

Balão é o invólucro de papel ou tecido que, com a injeção de ar quente, eleva-se pelo ar. Atualmente, a conduta se enquadra no art. 42 da Lei Ambiental (Lei n. 9.605/98).

Para que se caracterize a infração, o fato deve ser realizado “sem licença da autoridade” (elemento normativo do tipo). Se houver autorização, o fato será atípico.

A contravenção se consuma no momento da deflagração perigosa. Se atingir alguém provocando-lhe lesões corporais, configura-se o crime do art. 129 do Código Penal.

15.3. Omissão de cautela na guarda ou condução de animais

> Art. 31, caput – Deixar em liberdade, confiar à guarda de pessoa inexperiente, ou não guardar com a devida cautela animal perigoso:
>
> Pena – prisão simples, de dez dias a dois meses, ou multa.

1. Objetividade jurídica. A incolumidade pública.

2. Sujeito ativo. Qualquer pessoa, proprietária ou possuidora do animal.

3. Sujeitos passivos. A coletividade e, eventualmente, as vítimas do perigo provocado pelo animal.

4. Contravenção de perigo. Cuida-se de contravenção de perigo abstrato, não sendo necessário que alguém seja efetivamente exposto à situação de perigo, pois a Lei o presume com a realização das condutas do tipo. Assim, se o dono deixa solto o animal bravio, configura-se a contravenção mesmo que este não tenha investido contra alguém. É de ressaltar que, se o agente deixa animal bravio solto e este morde alguém, causando-lhe lesões, responde por infração mais grave, ou seja, pelo crime de lesões corporais culposas, em face da negligência na guarda do animal.

5. Elementos do tipo

a) Deixar em liberdade: deixar solto, a seu próprio destino, sem grades ou impeditivos à sua locomoção.

b) Pessoa inexperiente: aquela que não tem conhecimentos adequados para o trato com determinados animais, que exigem certa habilidade em seu acompanhamento.

c) Não guardar com as cautelas devidas: deixar o animal preso, mas de forma insatisfatória. A situação concreta ditará as medidas e cautelas necessárias a cada espécie de animal, de acordo com suas características próprias.

d) Animal perigoso: é o animal bravio, não domesticado, a fera, o animal selvagem. Inclui-se, também, aquele animal que, por sua irracionalidade ou por seu estado de saúde, possa oferecer risco à integridade física ou saúde de alguém, que não o seu próprio dono. Ex.: um cão manso pode tornar-se perigoso se estiver acometido de hidrofobia.

> Art. 31, parágrafo único – Incorre na mesma pena quem:
>
> a) na via pública abandona animal de tiro, carga ou corrida, ou o confia a pessoa inexperiente.

Abandonar significa deixar solto, desamarrado para que possa mover-se livremente sem qualquer fiscalização. Soltos, os animais podem estragar jardins ou plantações ou provocar perigo, caso se assustem com outros animais ou até com as pessoas ao seu redor.

Animal de tiro é aquele que transporta veículos. Animais de carga são os burros, as mulas, jegues, bois. Animais de corrida são os cavalos.

Corriqueira também a hipótese de deixar cavalos ou bois soltos, próximos a estradas de rodagem, que configura a infração penal, já que o animal não tem capacidade de discernimento e acaba atravessando a pista ou ficando parado no asfalto ocasionando sérios riscos de acidente.

> Art. 31, parágrafo único, b – excita ou irrita animal, expondo a perigo a segurança alheia.

Excitar significa estimular o animal a correr, a pular etc. Por sua vez, consegue-se a irritação do animal soltando-se bombas ou assustando-o por qualquer modo.

Pela redação desse dispositivo, o fato só será punido se expuser pessoa determinada a perigo (perigo concreto), já que a Lei exige perigo à segurança de alguém.

O agente não pode ter agido com intenção de lançar o animal contra outrem, pois, nesse caso, haveria crime de lesão corporal ou homicídio.

> Art. 31, parágrafo único, c – conduz animal, na via pública, pondo em perigo a segurança alheia.

Significa conduzir com imperícia ou omitindo as cautelas necessárias para a espécie de animal ou pelas circunstâncias do percurso. Exs.: exibição de equitação na via pública, corridas de cavalo em via pública; condução de boiada sem as cautelas devidas em região habitada, gerando “estouro” da manada; pessoas que conduzem cães em via pública sem a devida coleira de forma que o animal avance na direção de outras pessoas, sendo necessário ser contido pelo dono etc., também pressupõem perigo concreto.

15.4. Falta de habilitação para dirigir veículo

> Art. 32 – Dirigir, sem a devida habilitação, veículo na via pública, ou embarcação a motor em águas públicas:
>
> Pena – multa.

1. Introdução. O Código de Trânsito brasileiro derrogou esta contravenção no que se refere à condução de veículo automotor, que, assim, só continua tendo aplicação em caso de condução de embarcação motorizada. Com efeito, o Código de Trânsito pune apenas como infração administrativa o fato de dirigir veículo sem habilitação de forma normal (art. 162, I, do CTB), tipificando como crime apenas a condução de veículo que provoque perigo de dano (art. 309 do CTB). Em suma, o Código de Trânsito ao regular o tema deixou de considerar ilícito penal a conduta de dirigir veículo sem habilitação, mas de forma regular. Ao tratar o assunto como mera infração administrativa, derrogou o art. 32. Nesse sentido a Súmula 720 do Supremo Tribunal Federal: “O art. 309 do Código de Trânsito Brasileiro, que reclama decorra do fato perigo de dano, derrogou o art. 32 da Lei das Contravenções Penais no tocante à direção sem habilitação em vias terrestres”.

2. Objetividade jurídica. A incolumidade pública, no que se refere à segurança em águas públicas.

3. Sujeito ativo. Qualquer pessoa. Trata-se de contravenção comum. O pai que fornece a embarcação a filho menor não habilitado incorre na contravenção na condição de partícipe.

4. Sujeito passivo. A coletividade.

5. Elementos do tipo. Trata-se de contravenção de perigo abstrato, que se caracteriza pela simples conduta de dirigir embarcação, independentemente de expor alguém a perigo concreto. É necessário, porém, que se trate de embarcação provida de motor (lanchas, *jet-skis*, barcos a motor etc.) e que o fato ocorra em águas públicas, como rios, mares etc. A condução de barco a motor em açude existente no interior de propriedade particular não caracteriza a contravenção em razão de não se tratar de águas públicas, conforme exige o tipo.

Para a condução de embarcações motorizadas exige-se também habilitação. Assim, caracteriza a contravenção o simples ato de manobrar ou ancorar uma lancha, de nada importando o fato de o condutor ser experiente, se não é regularmente habilitado. Também não tem o condão de excluir a contravenção o fato de o agente estar providenciando a habilitação, mas ainda não ser efetivamente habilitado.

6. Absorção. Discute-se se a contravenção do art. 32 fica absorvida se o agente, na condução da embarcação, comete crime culposo. A primeira corrente diz que sim, porque é meio para o crime culposo. A segunda diz que não, porque as objetividades jurídicas são diferentes (uma de perigo abstrato e outra de dano) e os momentos consumativos também são diversos. Já a terceira corrente defende que só ocorre absorção se o crime culposo tiver sido cometido por imperícia, porque o art. 32 da Lei das Contravenções Penais pune o condutor da embarcação justamente por presumir que ele é imperito.

15.5. Direção perigosa de veículo na via pública

> Art. 34 – Dirigir veículos na via pública, ou embarcações em águas públicas, pondo em perigo a segurança alheia:
>
> Pena – prisão simples, de quinze dias a três meses, ou multa.

1. Objetividade jurídica. A incolumidade pública, no aspecto da segurança no trânsito.

2. Sujeito ativo. Qualquer pessoa, habilitada ou não.

3. Sujeitos passivos. Em primeiro plano, a coletividade. Também o serão aqueles que sejam expostos à situação de perigo. Não se exige, todavia, a existência de vítima determinada para a ocorrência da contravenção, bastando que a conduta possa colocar pessoas em perigo.

4. Contravenção de perigo. Apesar de divergências, prevalece o entendimento de que a contravenção em tela é de perigo abstrato ou presumido.

5. Elementos do tipo

a) Dirigir: significa ter sob seu direto controle os comandos de velocidade e direção do veículo ou embarcação.

b) Veículo: nessa contravenção, a lei não exige que o veículo seja motorizado, de modo que abrange todo e qualquer meio de transporte de pessoas ou de carga, qualquer que seja sua propulsão ou tração. Ex.: automóvel, caminhão, bonde, trator, motocicleta, veículo de propulsão animal, como carroça ou charrete, ou, ainda, de propulsão humana, como bicicleta, triciclo etc.

c) Via pública: é o local aberto a qualquer pessoa, cujo acesso seja sempre permitido. Abrange ruas, avenidas, estradas (mesmo que de terra), praças etc. As ruas dos condomínios particulares, em face do que dispõe a Lei n. 6.766/79, pertencem ao Poder Público e, portanto, são consideradas vias públicas. Por outro lado, não constitui via pública o interior de fazenda particular, garagem de residência particular, estacionamento particular etc.

d) Pondo em perigo a segurança alheia: caracterizam a infração: dirigir em excesso de velocidade, na contramão, ultrapassar veículo em local inadequado, ultrapassar semáforo desfavorável, efetuar cavalo de pau, dirigir em zigue-zague, empinar motocicleta etc.

O fato de dirigir embriagado era suficiente para configurar a contravenção, pois a embriaguez altera o comportamento humano, prejudicando, de forma sensível, a atenção, a automação e a capacidade de agir prontamente diante do imprevisto. Veja-se, entretanto, que o Código de Trânsito transformou em crime a conduta de dirigir embriagado (art. 306 do CTB), bem como a de participar de "racha" (art. 308) ou dirigir em velocidade excessiva nas proximidades de escolas, hospitais etc., desde que ocorra perigo de dano.

6. Absorção. Se, dirigindo de forma perigosa, o agente causa acidente de trânsito, o crime de homicídio ou lesões culposas absorve a contravenção.

7. Distinção. A contravenção do art. 34 se diferencia do crime do art. 132 do Código Penal, porque este exige que o agente vise a pessoa determinada. Ex.: passar muito perto de uma pessoa, em alta velocidade, para assustá-la, configura o crime.

16 DAS CONTRAVENÇÕES REFERENTES À PAZ PÚBLICA (Capítulo IV)

16.1. Provocação de tumulto e conduta inconveniente

> Art. 40 – Provocar tumulto ou portar-se de modo inconveniente ou desrespeitoso, em solenidade ou ato oficial, em assembleia ou espetáculo público, se o fato não constitui infração penal mais grave:
>
> Pena – prisão simples, de quinze dias a seis meses, ou multa.

1. Objetividade jurídica. A tranquilidade pública.

2. Sujeito ativo. Qualquer pessoa.

3. Sujeito passivo. A coletividade.

4. Elementos do tipo. A lei prevê duas condutas distintas:

a) Provocar tumulto: causar desordem, alvoroço, confusão, agitação. Sua caracterização não depende de análise da finalidade do agente. O modo de execução pode ser qualquer um, como soltar animais (ratos, baratas) no interior de um cinema, fazer protestos durante solenidade etc. Veja-se, por sua vez, que anunciar incêndio inexistente no transcorrer de um espetáculo público, provocando tumulto, caracteriza a contravenção do art. 41 da Lei das Contravenções Penais denominada "falso alarma".

b) Portar-se de modo inconveniente ou desrespeitoso: assumir comportamento contrário às regras de convivência em sociedade. Agir de modo grosseiro, impróprio para a situação. Ex.: risadas em momento inadequado, gritarias, atirar objetos no palco durante encenação de peça teatral, intervir em um discurso público etc.

Esclarece a Lei que o fato só será típico se ocorrer em algum dos locais expressamente elencados:

a) solenidade ou ato oficial: refere-se a festas cívicas, inaugurações de obras, discursos de governantes etc.;

b) assembleia: reunião de uma determinada categoria para discussão de assuntos de seu interesse. Se o fato ocorre em reuniões particulares, é atípico;

c) espetáculos públicos: cinemas, teatros, *shows* em estádios, em via pública ou ginásios de esporte, circo etc.

Observação: Desde a aprovação da Lei n. 12.299/2010, comete crime apenado com reclusão, de 1 a 2 anos, e multa, quem provoca tumulto em estádios ou ginásios, ou em seus arredores, por ocasião de evento esportivo, bem como quem invade local restrito aos competidores. Referidos crimes estão previstos no art. 41-B da Lei.

5. Subsidiariedade expressa. O legislador, ao cuidar da pena da contravenção, ressaltou que ela só é aplicável se não constituir infração mais grave, como no caso já citado do falso alarma, ou, ainda, se do tumulto resultarem lesões, hipótese em que estará caracterizado o crime de lesões corporais culposas.

16.2. Perturbação do trabalho ou do sossego alheios

> Art. 42 – Perturbar alguém, o trabalho ou o sossego alheios:
> I – com gritaria ou algazarra;
> II – exercendo profissão incômoda ou ruidosa, em desacordo com as prescrições legais;
> III – abusando de instrumentos sonoros ou sinais acústicos;
> IV – provocando ou não procurando impedir barulho produzido por animal de que tem guarda:
> Pena – prisão simples, de quinze dias a três meses, ou multa.

1. Objetividade jurídica. A paz pública.

2. Sujeito ativo. Qualquer pessoa.

3. Sujeito passivo. A coletividade. Não basta que uma pessoa ou um número reduzido de pessoas sintam-se atingidas pela perturbação. Exige-se que um número considerável de pessoas sejam incomodadas. Isso porque a Lei se utiliza da palavra “alheios”, no plural.

Não se deve levar em conta a maior ou menor suscetibilidade do incomodado. É necessário que se utilize do critério do homem médio para se verificar se o barulho provocado é realmente incômodo.

Devem ser também considerados os costumes, a cultura de um povo etc. Ex.: festas cívicas, carnaval, copa do mundo de futebol, serenatas etc. Nessas ocasiões, o barulho referente às festas não configura a contravenção.

Observe-se que o legislador, na descrição típica, utilizou-se da palavra “alguém”, referindo-se ao autor da perturbação e não à vítima.

4. Elementos do tipo

a) Gritaria ou algazarra: a gritaria consiste em barulho produzido pela voz humana. Algazarra significa barulho produzido por outra forma qualquer (exceto as previstas nos demais incisos). Exs.: quebrar garrafas, chutar latas etc.

b) Exercício de profissão incômoda ou ruidosa: para que exista a contravenção é preciso que o fato ocorra em desacordo com as prescrições legais. Trata-se, assim, de norma penal em branco, que exige complementação. Deve-se, portanto, analisar: as posturas e regulamentos municipais, a existência de autorização ou de licença, a região onde é produzido o barulho (se comercial, residencial ou industrial), o horário, qual o limite de decibéis admitido para a área, se o estabelecimento tem licença da Prefeitura, se eventual licença admite funcionamento noturno etc.

Se o estabelecimento estiver atuando dentro das normas ditadas e estiver incomodando pessoas, não haverá contravenção. Os incomodados terão de procurar as autoridades para tentar alterar a regulamentação para fazer cessar o problema. A jurisprudência tem exigido habitualidade na configuração da hipótese prevista nesse dispositivo.

c) Abuso de instrumentos sonoros ou de sinais acústicos: pune-se o excesso de aparelhagem de som ou dos meios que têm destinação específica de chamar a atenção alheia. Sinais acústicos abrangem apitos, sinos, buzinas etc. É comum a responsabilização de músicos que tocam em bares em alto volume e incomodam os vizinhos ou de clientes que tocam instrumentos até altas horas da madrugada, por exemplo. Se ficar patenteada a omissão do proprietário em coibir o abuso, este poderá também ser responsabilizado.

d) Provocar ou não procurar impedir barulho provocado por animal de que tenha a guarda: há duas formas típicas. A primeira é ativa, consistente em provocar o animal para que ele faça barulho. A segunda é omissiva e se traduz pela ausência de ação no sentido de impedir que o animal o faça.

17 DAS CONTRAVENÇÕES REFERENTES À FÉ PÚBLICA (Capítulo V)

17.1. Simulação da qualidade de funcionário público

> Art. 45 – Fingir-se funcionário público:
> Pena – prisão simples, de um a três meses, ou multa.

1. Objetividade jurídica. A lei visa a evitar que, por fingir-se funcionário público, venha o agente a cometer delitos contra a fé pública.

2. Sujeito ativo. Qualquer pessoa. A infração pode ser praticada até por funcionário público que finja possuir função diversa da que realmente exerce.

3. Sujeito passivo. O Estado.

4. Elementos do tipo

a) Fingir: significa fazer-se passar por funcionário público.

Para a configuração da contravenção não se exige reiteração ou continuidade de condutas. Basta uma ação para consumá-la.

b) Funcionário público: qualquer que seja, quer da esfera federal, estadual ou municipal.

5. Distinção. Se a intenção do agente, ao se passar por funcionário público, é obter vantagem ou causar prejuízo a outrem, pratica o crime de falsa identidade do art. 307 do Código Penal. Na contravenção, a finalidade do agente é apenas satisfazer sua vaidade.

A contravenção do art. 45 admite qualquer modo de execução, como palavras, gestos, escritos etc. Porém, se o agente usa, publicamente, uniforme ou distintivo de função pública que não exerce, pratica a contravenção do art. 46.

Se o agente se limita a passar por funcionário público, sem assumir especificamente a função de qualquer funcionário e sem praticar atos inerentes ao cargo, pratica a contravenção. Se vai além, chegando a praticar atos próprios e exclusivos da função pública, pratica crime de usurpação de função pública, previsto no art. 328 do Código Penal.

Se o agente se faz passar por policial militar, ameaça prender alguém por um fato qualquer e exige dinheiro para não o fazer, o crime será o de extorsão (art. 158 do CP), por ter havido grave ameaça.

18 DAS CONTRAVENÇÕES RELATIVAS À ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO (CAPÍTULO vi)

18.1. Exercício ilegal de profissão ou atividade

> Art. 47 – Exercer profissão ou atividade econômica ou anunciar que a exerce, sem preencher as condições a que por lei está subordinado o seu exercício:
>
> Pena – prisão simples, de quinze dias a três meses, ou multa.

1. Objetividade jurídica. A norma visa a proteger o interesse social, assegurando que certas profissões sejam exercidas somente por pessoas qualificadas.

2. Sujeito ativo. Qualquer pessoa.

3. Sujeito passivo. O Estado.

4. Elementos do tipo. O tipo exige, para a existência da contravenção, que o agente exerça ou anuncie profissão ou função econômica, não preenchendo as condições a que por lei está subordinado o seu exercício. Trata-se, portanto, de norma penal em branco a ser integrada por outro dispositivo legal. Se não houver uma lei que regulamente a profissão ou a atividade econômica exercida ou anunciada, o fato será atípico.

Há profissões, tais como a de advogado (Estatuto da Ordem dos Advogados – Lei n. 8.906/94) e engenheiro (Dec. federal n. 23.569/33), que possuem regulamentação, e cujo exercício ilegal, portanto, pode caracterizar a contravenção. Da mesma forma, há atividades econômicas, tais como a de relações públicas (Lei n. 5.337/67) e taxista (Lei n. 12.468/2011), que, por serem devidamente regulamentadas, também são abrangidas pelo art. 47.

A norma atinge também o profissional suspenso ou impedido de exercer a profissão por determinação de sua entidade. Existem, porém, julgados dizendo que, quando se trata de advogado suspenso pela OAB, configura-se o crime do art. 205 do Código Penal por ser a Ordem uma autarquia profissional com regime especial ("Art. 205. Exercer atividade de que está impedido por decisão administrativa. Pena – detenção de 3 meses a 2 anos, ou multa").

Cumpre ressaltar que, no tocante às profissões de médico, dentista e farmacêutico, não há falar em enquadramento no art. 47 da Lei das Contravenções Penais, uma vez que existe crime específico, previsto no art. 282 do Código Penal.

Para a configuração da contravenção, não é necessário que haja qualquer espécie de vantagem patrimonial, visto que se trata de uma infração de perigo.

Há divergência na jurisprudência a respeito da necessidade de reiteração de atos para a caracterização da infração. A maioria dos doutrinadores entende que sim porque o verbo "exercer" seria indicativo de atuação repetida em profissão ou atividade econômica em relação à qual não preencha os requisitos legais.

19 DAS CONTRAVENÇÕES RELATIVAS À POLÍCIA DE COSTUMES (Capítulo VII)

19.1. Jogo de azar

> Art. 50 – Estabelecer ou explorar jogo de azar em lugar público ou acessível ao público, mediante pagamento de entrada ou sem ele:
>
> Pena – prisão simples, de três meses a um ano, e multa, estendendo-se os efeitos da condenação à perda dos móveis e objetos de decoração do local.

1. Objetividade jurídica. Os bons costumes.

2. Sujeito ativo. Qualquer pessoa. A Lei pune no *caput* do dispositivo o dono do local e o responsável pelo negócio (inclusive de cassinos clandestinos). O funcionário responsável pelo estabelecimento que coordena o funcionamento da casa é partícipe da contravenção. Nos termos do § 1º do art. 50, a pena será aumentada de um terço, se existe entre os empregados ou participa do jogo pessoa menor de dezoito anos. Essa causa de aumento se aplica ao responsável pela exploração do jogo.

Além disso, o § 2º estabelece que incorre na pena de multa quem é encontrado a participar do jogo, como ponteiro ou apostador. Apostador é o jogador, aquele que participa do jogo. Ponteiro é o *croupier*, a pessoa responsável por colher as apostas ou coordenar o jogo (distribuir cartas, rodar a roleta etc.).

3. Elementos do tipo

a) Estabelecer: organizar, instituir, criar, fundar um local onde se pratique o jogo.

b) Explorar: é auferir lucro com o jogo fora da condição de apostador, direta ou indiretamente.

c) Jogo de azar: o art. 50, § 3º, esclarece o que se considera jogo de azar:

1) O jogo em que o ganho ou a perda dependem exclusivamente ou principalmente da sorte (alínea *a*).

Abrange certos jogos de cartas (vinte e um, sete e meio), roleta, bozó, dados etc.

O chamado jogo de chapinhas, muito comum em praças públicas, constitui jogo de azar.

Se o agente empregar alguma fraude que impossibilite a vitória do apostador, responderá por crime de estelionato e não pela contravenção.

Os jogos que dependem principalmente da habilidade do jogador não se incluem nesta categoria, como a sinuca. Em relação ao pôquer e ao pife-pafe existem duas correntes. Alguns entendem que constituem jogo de azar porque dependem da sorte na distribuição das cartas. Para outros, a vitória depende da habilidade do jogador (com os blefes etc.), não configurando jogo de azar.

Apesar do silêncio da lei, é claro que só ocorre a contravenção se o jogo de azar for praticado mediante aposta. Um jogo de roleta ou de pôquer que não seja a dinheiro não caracteriza a infração, pois não há potencialidade lesiva.

Eventual finalidade beneficente não afasta a contravenção, salvo se houver autorização da autoridade competente.

A conduta de obter ou tentar obter ganhos ilícitos em detrimento do povo ou de número indeterminado de pessoas mediante as chamadas “pirâmides”, “cadeias”, “pichardismo” ou “bolas de neve” constitui crime específico descrito no art. 2º, IX, da Lei n. 1.521/51 (crime contra a economia popular).

2) As apostas sobre corrida de cavalos fora do hipódromo ou de local onde sejam autorizadas (alínea *b*).

A aposta em corrida de cavalos é permitida, porém, com a observância de formalidades legais. Sem estas, é clandestina e tipifica a contravenção.

3) As apostas sobre qualquer outra competição esportiva (alínea *c*).

Veja-se que a lei pune as apostas acerca do resultado de determinado jogo ou acerca do vencedor de certa competição. O chamado *bolão*, quando toma proporções públicas, admitindo que pessoas indeterminadas dele participem, caracteriza a infração.

d) Local público ou acessível ao público: de acordo com o *caput*, só existe a contravenção se o jogo ocorre em lugar público ou acessível ao público. O § 4º, então, cuidou de esclarecer que determinados locais equiparam-se a lugar acessível ao público, para efeitos penais. São eles: a casa particular em que se realizam jogos de azar, quando deles habitualmente participam pessoas que não sejam da família de quem a ocupa; o hotel ou casa de habitação coletiva, a cujos hóspedes e moradores se proporciona jogo de azar; a sede ou dependência de sociedade ou associação, em que se realiza jogo de azar; o estabelecimento destinado à exploração de jogo de azar, ainda que se dissimule esse destino.

4. Efeito da condenação. Além da pena de prisão simples e multa, constitui efeito da condenação a perda dos móveis existentes no local, bem como dos objetos de decoração.

19.2. Jogo do bicho

Essa contravenção era prevista no art. 58 da Lei das Contravenções Penais (Dec.-Lei n. 3.688/41). Foi revogada pelo art. 58 do Decreto-Lei n. 6.259/44, que regulamentou e complementou as disposições legais sobre a contravenção, *in verbis*:

> Art. 58. Realizar o denominado "jogo do bicho", em que um dos participantes, considerado comprador ou ponto, entrega certa quantia com a indicação de combinações de algarismos ou nome de animais, a que correspondem números, ao outro participante, considerado o vendedor ou banqueiro, que se obriga mediante qualquer sorteio ao pagamento de prêmios em dinheiro:
>
> Penas – de seis meses a um ano de prisão simples e multa ao vendedor ou banqueiro, e de quarenta a trinta dias de prisão celular ou multa ao comprador ou ponto.

1. Conceito. O "jogo do bicho" é uma espécie de loteria particular, cujo conceito encontra-se no próprio texto legal e abrange as figuras do banqueiro e do apostador (a pena daquele, contudo, é maior). Ocorre que, normalmente, o jogo do bicho não é feito diretamente entre apostador e banqueiro. Existem, também, os intermediários que colhem as apostas junto aos apostadores e as encaminham ao banqueiro. Por isso, o art. 58, § 1º, *a*, do Decreto-Lei pune os que servirem de intermediários na efetuação do jogo com as mesmas penas estabelecidas para os banqueiros.

Note-se que o texto legal também chama o banqueiro de "vendedor". Assim, apesar de ser o intermediário quem colhe as apostas, não podemos chamá-lo de "vendedor".

Fora o banqueiro e o intermediário, há muitas outras pessoas que podem colaborar para a efetivação de todo o mecanismo do jogo. Ex.: transportadores (normalmente motociclistas, que recolhem as apostas junto aos intermediários e as levam até a sede do jogo), pessoas que fazem os sorteios, que conferem os prêmios etc. Por esse motivo as alíneas *b*, *c* e *d* do § 1º do art. 58 do Decreto-Lei n. 6.259/44 preveem grande número de condutas puníveis. Assim, incorrem também nas mesmas penas do banqueiro:

(...)

b) os que transportarem, conduzirem, possuírem, tiverem sob sua guarda ou poder, fabricarem, derem, cederem, trocarem, guardarem em qualquer parte, listas com indicações do jogo ou material próprio para a contravenção, bem como de qualquer forma contribuírem para a sua confecção, utilização, curso ou emprego, seja qual for a sua espécie ou quantidade;

c) os que procederem à apuração de listas ou à organização de mapas relativos ao movimento do jogo;

d) os que por qualquer modo promoverem ou facilitarem a realização do jogo.

2. Sujeito ativo. Todas as pessoas mencionadas no *caput* do art. 58, bem como aquelas que realizarem as condutas previstas nas alíneas *a*, *b*, *c* e *d* do § 1º.

3. Sujeito passivo. O Estado.

Observações:

a) O jogo do bicho não deixou de ser punido em virtude de o Estado explorar diversos jogos similares ou por ser socialmente aceito. Em primeiro lugar, porque os costumes não revogam as leis. Assim, estando em vigor o art. 58 do Decreto-Lei n. 6.259/44, tal jogo deve ser punido. Em segundo lugar, porque o dinheiro arrecadado pelos jogos oficiais é aplicado, ao menos teoricamente, em obras de interesse público, enquanto aquele arrecadado pelo jogo do bicho fica com os banqueiros.

b) O intermediário pode ser punido mesmo se não forem descobertos o banqueiro e o apostador. O Superior Tribunal de Justiça, aliás, editou a Súmula 51, concluindo que "a punição do intermediário no jogo do bicho independe da identificação do apostador ou do banqueiro".

c) O rito processual era previsto no art. 3º da Lei n. 1.508/51. Esse procedimento, entretanto, não pode mais ser adotado, uma vez que a Lei n. 9.099/95 estabeleceu o procedimento sumariíssimo para as infrações de menor potencial ofensivo, que abrange todas as contravenções penais.

d) Nos termos do art. 58, § 2º, do Decreto-Lei n. 6.259/44, consideram-se idôneas para a prova do ato contravencional quaisquer listas com indicações claras ou disfarçadas, uma vez que a perícia revele se destinarem a perpetração do jogo do bicho. Percebe-se, pois, que é sempre necessária a realização de uma perícia para comprovar que o material apreendido é próprio do jogo, já que as apostas são feitas por meio de símbolos e abreviaturas próprias que o leigo normalmente não consegue decifrar.

19.3. Vadiagem

> Art. 59 – Entregar-se alguém habitualmente à ociosidade, sendo válido para o trabalho, sem ter renda que lhe assegure meios bastantes de subsistência, ou prover a própria subsistência mediante ocupação ilícita:
>
> Pena – prisão simples, de quinze dias a três meses.

1. Objetividade jurídica. O legislador considera que o ocioso, que não tem como manter sua subsistência, tende a praticar crimes contra o patrimônio.

2. Sujeito ativo. Qualquer pessoa. O tipo, entretanto, exige que o agente seja válido para o trabalho, isto é, que não seja portador de moléstia ou defeito físico que o torne absolutamente incapaz de exercer alguma atividade útil. Além disso, só é punível aquele que não trabalha e que não tem meios de prover sua própria subsistência. Caso o ocioso possua imóveis alugados, pensão alimentícia, aplicações financeiras ou seja mantido por familiares, afasta-se a contravenção.

3. Sujeito passivo. O Estado.

4. Condutas típicas. O tipo prevê duas modalidades de infração:

a) Entregar-se à ociosidade: aqui a conduta é omissiva. Ociosidade é a característica do vadio, ou seja, daquele que, sendo apto para o trabalho, não o faz porque não quer.

O tipo exige que a ociosidade seja habitual. Por isso, o desemprego temporário e eventual, pela falta de oportunidade de propostas de emprego, não caracteriza a infração. Nesses casos, a ociosidade não é voluntária. Assim, verifica-se que a exigência de habitualidade faz com que a contravenção só se tipifique quando o agente, intencionalmente, opte por viver sem trabalhar. Deve ficar provado que o agente não trabalha e não se interessa por procurar emprego, justamente porque quer viver na ociosidade. Por isso o dispositivo não é inconstitucional, pois a todos é dada a possibilidade de conseguir emprego ou obter renda suficiente para sua manutenção, não havendo tratamento desigual tão somente pela condição natural do sujeito, fato que caracterizaria infringência ao princípio da igualdade assegurado pela Carta Magna. Apesar disso existe projeto de lei em tramitação, já aprovado na Câmara dos Deputados, revogando a contravenção de vadiagem.

Tratando-se de contravenção habitual, é difícil apontar, na prática, o exato momento consumativo. Pode-se afirmar, todavia, que a contravenção estará consumada a partir do instante em que houver a reiteração na ociosidade, demonstrando ser um estilo de vida.

O parágrafo único do art. 59 prevê que "a aquisição superveniente de renda que assegure ao condenado meios de subsistência extingue a pena". Embora não haja previsão expressa na Lei, se a aquisição de renda ocorrer durante a ação penal, ficará extinta a punibilidade.

b) Prover a própria subsistência mediante ocupação ilícita: refere-se àqueles que optam por trabalhar em profissão ilícita. Se a atividade ilícita, no entanto, caracteriza crime autônomo, o agente só responde por esse crime. Ex.: indivíduo que vive da prática de furtos responde por esse crime e não pela contravenção.

É muito comum que pessoas ganhem a vida como cambistas em *shows*. Tal conduta caracteriza a contravenção. Já a atuação como cambista em evento esportivo, em que o agente vende ingressos por preço superior ao estampado no bilhete, constitui atualmente crime do art. 41-F da Lei n. 12.299/2010 (Estatuto do Torcedor), cuja pena é de reclusão, de 1 a 2 anos, e multa. A mencionada lei tem como principal objetivo coibir a violência em estádios e nos seus arredores, porém trata também de outros temas correlatos.

A jurisprudência majoritária entende não haver a contravenção nos casos de prostituição (atividade imoral, mas não ilícita), *trottoir*, de lavadores e guardadores de carros, ambulantes etc.

19.4. Mendicância

> Art. 60, caput – Mendigar, por ociosidade ou cupidez:
> Pena – prisão simples, de quinze dias a três meses.

Essa contravenção penal foi expressamente revogada pela Lei n. 11.983/2009.

19.5. Importunação ofensiva ao pudor

> Art. 61 – Importunar alguém, em lugar público ou acessível ao público, de modo ofensivo ao pudor:
> Pena – multa.

1. Objetividade jurídica. Os bons costumes.

2. Sujeito ativo e passivo. Qualquer pessoa, homem ou mulher.

3. Elementos do tipo. Importunar significa causar transtorno, molestar. O fato deve atingir o pudor da vítima. Pudor, segundo Nélson Hungria, é o sentimento de timidez ou de vergonha de que se sente possuída a pessoa normal diante de certos fatos ou atos que ferem a decência.

A contravenção se caracteriza pela utilização de palavras, atos ou gestos. Ex.: *cantadas* dirigidas a uma pessoa desconhecida com a utilização de palavras grosseiras, encostar-se lascivamente na vítima ou passar as mãos em seu corpo sem empregar violência ou grave ameaça (muito comum em locais lotados, como no interior de ônibus), convites reiterados para práticas sexuais etc.

Essa contravenção só se configura se ocorrer em local público ou acessível ao público (cinema, ônibus, estádios, clubes etc.). Não se tipificará, portanto, se ocorrer em locais privados, quando poderá, eventualmente, haver enquadramento no art. 65 da Lei das Contravenções Penais.

4. Distinção

a) Ato obsceno (art. 233 do CP): o uso de palavras para fazer *cantadas* ou convites indecorosos a pessoa desconhecida constitui a contravenção. Já a realização de atos indecentes pode caracterizar um ou outro ilícito. No crime, o agente quer ser visto ou assume o risco de sê-lo, praticando ato onde expõe suas partes pudendas ou de caráter sexual que pode ser visto por qualquer pessoa que passe pelo local. Ex.: andar nu pelas ruas, masturbar-se em praça pública, manter relação sexual no interior de carro estacionado em local público etc. Na contravenção, o agente não quer e não assume o risco de ser visto por número indeterminado de pessoas. Ex.: passar as mãos nas nádegas da vítima, encostar nela etc.

b) Estupro (art. 213 do CP): é um crime que se caracteriza pela prática de conjunção carnal ou pela prática de ato libidinoso diverso da conjunção carnal, mediante violência ou grave ameaça. A contravenção é praticada sem violência ou grave ameaça.

19.6. Embriaguez

> Art. 62 – Apresentar-se publicamente em estado de embriaguez, de modo que cause escândalo ou ponha em perigo a segurança própria ou alheia:
> Pena – prisão simples de quinze dias a três meses, ou multa.

1. Objetividade jurídica. A norma protege os bons costumes e a incolumidade pública.

2. Sujeito ativo. Qualquer pessoa.

3. Sujeito passivo. A coletividade.

4. Elementos do tipo. Para a ocorrência da contravenção exige-se a coexistência de três elementos:

a) Que o sujeito esteja embriagado: embriaguez é uma intoxicação aguda provocada pelo álcool ou substância de efeitos análogos, que pode levar a pessoa de um estado inicial de exaltação para a agressividade e, na última fase, ao estado de coma.

A embriaguez, em princípio, deve ser demonstrada por exame pericial. Deve-se dar prioridade à perícia química feita no sangue coletado do agente. Caso ele se recuse a autorizar a retirada de sangue, poderá ser usado o bafômetro, mas, caso haja também recusa por parte do agente, a solução será a realização do exame clínico, em que o médico perito afirmará ou não a embriaguez, verificando o equilíbrio, os reflexos, o hálito, a conversa do sujeito etc.

Na impossibilidade de realização de perícia, a jurisprudência tem admitido prova testemunhal. Nessa hipótese, aceita-se a ocorrência da embriaguez quando as testemunhas afirmarem que o estado de embriaguez do agente era perceptível.

b) Que se apresente neste estado publicamente: a Lei menciona a palavra “publicamente”, que tem maior abrangência do que a expressão “local público ou aberto ao público”. Aqui o fato pode ocorrer em praças, ruas, estádios, cinemas, clubes, bares, festas (inclusive particulares, quando presentes inúmeras pessoas) etc.

c) Exposição própria ou alheia à situação de perigo ou escândalo: escândalo é o alvoroço, tumulto por meio de palavras, gestos ou movimentos do corpo.

A hipótese de exposição a perigo deve ser demonstrada no caso concreto.

Se o agente estiver dirigindo embriagado, estará configurado o crime do art. 306 do Código de Trânsito, chamado embriaguez ao volante.

5. Medida de segurança. O art. 62, parágrafo único, estabelece que se for habitual a embriaguez, o contraventor será internado em casa de custódia ou tratamento. A Lei se refere ao alcoolismo patológico.

Se a embriaguez é patológica, aplica-se medida de segurança de internação em casa de custódia ou tratamento.

19.7. Bebidas alcoólicas

> Art. 63 – Servir bebidas alcoólicas:
> I – a menor de dezoito anos (revogado);
> II – a quem se acha em estado de embriaguez;
> III – a pessoa que o agente sabe sofrer das faculdades mentais;
> IV – a pessoa que o agente sabe estar judicialmente proibida de frequentar lugares onde se consome bebida de tal natureza:
> Pena – prisão simples, de dois meses a um ano, ou multa.

1. Objetividade jurídica. Os bons costumes.

2. Sujeito ativo. Qualquer pessoa.

3. Sujeito passivo. A coletividade.

4. Elementos do tipo

a) Servir: significa entregar a alguém, fornecer mediante paga ou não.

A expressão, portanto, é mais abrangente do que vender, mas abrange esta. Assim, também responde pela contravenção quem vende para consumo posterior (ex.: vender em loja de conveniência) ou para consumo imediato. Igualmente incorre no tipo penal aquele que serve gratuitamente a um amigo ou parente, ou o garçom que serve a bebida gratuitamente (em uma festa) ou mediante paga (em bar, restaurante etc.).

Parte da doutrina e jurisprudência sustenta que a conduta típica "servir" não abrange a venda desacompanhada da entrega da bebida para consumo imediato. Assim, além do garçom que entrega a garrafa de bebida aberta na mesa para um doente mental ou a coloca em seu copo, seria também punível o dono do estabelecimento que vende a bebida para consumo no local. Não seria, entretanto, possível a punição de donos de supermercado ou de lojas de conveniência que vendam a bebida à vítima para consumo posterior. Existem, porém, julgados do STJ em sentido contrário, admitindo a infração penal em tais casos.

b) A menores de 18 anos: a redação originária do art. 243 do Estatuto da Criança e do Adolescente considerava crime punido com detenção, de dois a quatro anos, e multa, a venda, o fornecimento ou a entrega, a criança ou adolescente, de substância capaz de causar dependência física ou psíquica. O Superior Tribunal de Justiça, porém, firmou entendimento de que referido dispositivo não alcançava a venda de bebida alcoólica a menor de idade porque o art. 81 do próprio Estatuto, em seus incisos II e III, expressamente diferencia bebidas alcoólicas de outras substâncias provocadoras de dependência. Referido tribunal superior, portanto, decidiu que o crime do art. 243 só se aplicava à venda de outras substâncias como, por exemplo, a cola de sapateiro. A venda de bebida alcoólica para menores, de acordo com a Corte, continuava a tipificar a contravenção penal. Em razão disso, o legislador aprovou a Lei n. 13.106/2015, que expressamente acrescentou ao art. 243 a venda de bebida alcoólica a menor. Assim, não há dúvida de que a partir da entrada em vigor de tal lei, em 18 de março de 2015, a venda, o fornecimento ou a entrega de bebida alcoólica ou de qualquer outra substância capaz de causar dependência a menor de idade configura crime. A referida lei, aliás, revogou expressamente o art. 63, I, da Lei das Contravenções Penais; contudo, os fatos ocorridos antes da entrada em vigor do novo texto legal continuam a ser puníveis como contravenção – já que não houve *abolitio criminis*, pois a nova lei não deixou de considerar o fato como ilícito penal, tendo, ao contrário, tornado mais gravosa a conduta.

c) A pessoa em estado de embriaguez: é necessário que a embriaguez seja nítida, isto é, perceptível a qualquer pessoa. Assim, se alguém tem no interior de seu estabelecimento pessoa já embriagada, não pode continuar a lhe servir bebida. Se o fizer, responderá pela contravenção e de nada adiantará alegar que cedeu a pedidos insistentes do ébrio.

d) A pessoa que sabe sofrer das faculdades mentais: nesse dispositivo a Lei não faz distinção acerca de incapacidade plena ou parcial das faculdades mentais. Abrange, pois, qualquer das hipóteses. É necessário, porém, que o agente tenha efetivo conhecimento acerca de tal circunstância, quer por ter sido informado por terceiros, quer por ser evidente a deficiência mental.

e) A pessoas proibidas de frequentar lugares onde se consomem bebidas alcoólicas: essa proibição deve ser decorrente de determinação judicial e o agente tem de saber que ela existe. Ambas são exigências constantes do tipo. A contravenção se aplica, por exemplo, na hipótese do *sursis* especial, quando o juiz proíbe o condenado de frequentar bares durante o período de prova (art. 78, § 2º, *a*, do CP). Se o condenado vai até um bar e o dono lhe serve bebida alcoólica, sabendo da proibição, infringe o art. 63 da Lei das Contravenções Penais.

19.8. Crueldade contra animais

> Art. 64 – Tratar animal com crueldade ou submetê-lo a trabalho excessivo:
> Pena – prisão simples, de dez dias a um mês, ou multa.

Essa conhecida contravenção penal foi revogada pelo art. 32 da Lei n. 9.605/98 (Lei de Proteção ao Meio Ambiente), que transformou as condutas em crime.

19.9. Perturbação da tranquilidade

> Art. 65 – Molestar alguém ou perturbar-lhe a tranquilidade, por acinte ou por motivo reprovável:
> Pena – prisão simples, de quinze dias a dois meses, ou multa.

1. Objetividade jurídica. A tranquilidade pessoal.

2. Sujeito ativo e sujeito passivo. Qualquer pessoa.

3. Elementos do tipo

a) Molestar: atormentar, irritar, incomodar.

b) Perturbar a tranquilidade: atrapalhar o sossego, a paz.

O fato deve ser provocado por acinte (maldade) ou por motivo reprovável (censurável, sem justificativa, contrário aos sentimentos morais, sociais e jurídicos). Ex.: passar trotes para um desafeto, atirar sujeira na casa de alguém, fazer barulho para incomodar determinada pessoa.

4. Distinção. Na contravenção do art. 65, o agente visa incomodar pessoa ou pessoas determinadas. Na contravenção de perturbação do sossego (art. 42), o agente incomoda número indeterminado de pessoas. É de se ver, ainda, que, no art. 42, o resultado perturbação do sossego não é visado intencionalmente pelo agente, enquanto na contravenção do art. 65, o agente realiza a conduta visando, desde o início, a atingir a tranquilidade de uma certa pessoa. Age, assim, com dolo específico de perturbar alguém.

O assédio sexual pode configurar a contravenção de perturbação da tranquilidade, desde que o agente não se prevaleça de sua superioridade hierárquica em relação à vítima ou da ascendência inerente ao exercício de seu emprego, cargo ou função, porque, em tais casos, configura-se o crime de assédio sexual do art. 216-A do Código Penal.

20 DAS CONTRAVENÇÕES REFERENTES À ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA (Capítulo VIII)

20.1. Omissão de comunicação de crime – por funcionário público

> Art. 66 – Deixar de comunicar à autoridade competente:
> I – crime de ação pública, de que teve conhecimento no exercício de função pública, desde que a ação penal não dependa de representação;
> (...)

> Pena – multa.

1. Objetividade jurídica. O bom andamento da administração da Justiça.

2. Sujeito ativo. Trata-se de contravenção própria. Só pode ser praticada por funcionário público. Não basta, contudo, esta condição, pois só haverá a contravenção se tiver tomado conhecimento do crime de ação pública, no exercício de suas funções.

3. Sujeito passivo. O Estado.

4. Conduta típica. A contravenção em tela é modalidade de infração omissiva própria. A conduta punida é a de deixar de comunicar crime de ação pública à autoridade competente.

Só haverá tipicidade se o crime de que o funcionário público tomou conhecimento for de ação pública incondicionada. Ressalte-se, outrossim, que a omissão na comunicação de contravenção é atípica, já que a lei se refere expressamente a crime.

Para a não caracterização da contravenção, faz-se necessário que a comunicação seja endereçada às autoridades competentes, que são os juízes, os membros do Ministério Público e os Delegados de Polícia. Não se exige que o funcionário tenha conhecimento da autoria do crime, mas apenas que tenha ficado sabendo de sua ocorrência.

5. Distinção. Dependendo da finalidade do agente, a contravenção poderá deixar de existir em face da caracterização de infração penal mais grave, como crime de prevaricação (art. 319 do CP), se a omissão ocorreu para satisfazer sentimento ou interesse pessoal, ou condescendência criminosa (art. 320 do CP), se a omissão for para beneficiar subordinado que tenha praticado infração no exercício do cargo.

6. Consumação. Tratando-se de contravenção omissiva, a consumação dependerá da ausência de comunicação por tempo juridicamente relevante, a ser analisada no caso concreto.

7. Tentativa. É inviável, pois não existe tentativa de infração penal omissiva.

20.2. Omissão de comunicação de crime – por médico ou profissional da área de saúde

> Art. 66, II – crime de ação pública, de que teve conhecimento no exercício da medicina ou de outra profissão sanitária, desde que a ação penal não dependa de representação e a comunicação não exponha o cliente a procedimento criminal:
>
> Pena – multa.

1. Sujeito ativo. Trata-se também de contravenção própria. Só pode ser praticada por médicos ou profissionais da área sanitária. Exige-se também que o conhecimento do crime tenha ocorrido no desempenho das atividades.

2. Conduta típica. É também omissiva. Refere-se à não comunicação de crime de ação pública incondicionada às autoridades competentes.

Exclui-se a tipicidade se a comunicação puder expor o cliente a procedimento criminal. Ex.: médico que atende em seu consultório paciente que se submeteu a autoaborto e está se sentindo mal.

No que se refere a objetividade jurídica, sujeito passivo, consumação, tentativa e pena, aplicam-se as mesmas regras do inciso I.

20.3. Recusa de dados sobre a própria identidade ou qualificação

> Art. 68 – Recusar à autoridade, quando por esta justificadamente solicitados ou exigidos, dados ou indicações concernentes à própria identidade, estado, profissão, domicílio e residência:
>
> Pena – multa.

1. Objetividade jurídica. O normal funcionamento da Administração Pública.

2. Sujeito ativo. Qualquer pessoa.

3. Sujeito passivo. O Estado.

4. Conduta típica. O que se pune é a recusa em se identificar, desde que a autoridade competente (policial, judiciária ou administrativa) tenha previamente solicitado (pedido) ou exigido (determinado). É de se ver que só existe a contravenção quando a ação da autoridade é legítima, conforme determina a descrição típica.

5. Figura qualificada. Nos termos do art. 68, parágrafo único, incorre na pena de prisão simples, de um a seis meses, e multa, se o fato não constitui infração penal mais grave, quem, nas mesmas circunstâncias, faz declarações inverídicas a respeito de sua identidade pessoal, estado, domicílio e residência.

Na figura do *caput*, o sujeito se recusa a fornecer seus dados, enquanto no parágrafo único ele presta informações falsas acerca de sua identidade.

Essa contravenção se diferencia do crime de falsa identidade do art. 307 do Código Penal porque, neste, o sujeito visa obter vantagem para si ou para terceiro, enquanto na contravenção a recusa é uma finalidade em si mesma, ou seja, o agente não visa à obtenção de qualquer espécie de vantagem.

Quadro sinótico – Parte geral da Lei das Contravenções Penais

Principais regras da	As regras da Parte Geral do Código Penal aplicam-se às contravenções (art. 1º). Apenas as contravenções cometidas no Brasil são punidas pela lei brasileira (art. 2º). Para que seja punida a contravenção, basta que a ação ou omissão sejam voluntárias, exceto quando o próprio tipo penal exigir dolo ou culpa (art. 3º). Não se pune a tentativa de contravenção (art. 4º). As penas principais previstas para as contravenções são a prisão simples e a multa (art. 5º).

Parte Geral das Contravenções Penais	A prática de contravenção só gera reincidência se o réu já tiver sido condenado em definitivo por algum crime ou, no Brasil, por outra contravenção (art. 7º). A pena pode deixar de ser aplicada em caso de ignorância ou errada compreensão da lei, desde que o erro seja escusável (art. 8º). A pena da prisão simples não pode exceder a cinco anos (art. 10). O juiz pode conceder o *sursis*, por prazo de um a três anos, bem como conceder livramento condicional, se presentes os requisitos da Parte Geral do Código Penal (art. 11). A ação é pública (art. 17), incondicionada (art. 129, I, da CF).

Parte especial

Principais contravenções ainda em vigor	Fabrico, comércio ou detenção de arma branca (art. 18). Porte de arma branca sem licença da autoridade (art. 19). Vias de fato (art. 21). Trata-se da agressão perpetrada sem intenção de lesionar. Ex.: empurrão, tapa etc. Sempre fica absorvida quanto constituir meio para a prática de crime.
	Fabricação, cessão ou venda de gazua ou instrumento usualmente empregado na prática de furto (art. 24). Gazua é a chave falsa. O dispositivo abrange também pés de cabra, limas, pinças etc. Posse não justificada de gazuas ou chaves falsas normalmente utilizadas na prática de furto por pessoa já condenada por furto ou roubo ou quando conhecido como vadio ou mendigo (art. 25). Deflagração perigosa de fogos de artifício (art. 28, parágrafo único). É necessário que o fato ocorra em via pública ou em direção a ela, em local habitado ou suas adjacências.

Principais contravenções ainda em vigor	Omissão de cautela na guarda de animais, em que o agente deixa em liberdade animal perigoso ou não o guarda com a devida cautela ou o confia a guarda a pessoa inexperiente (art. 31). Dirigir embarcação em águas públicas sem a devida habilitação (art. 32). Dirigir veículo em via pública ou embarcação em águas públicas, pondo em perigo a segurança alheia (art. 34). O fato fica absorvido se a conduta se enquadrar em crime de perigo descrito no Código de Trânsito ou se sobrevier acidente do qual resulte lesão grave ou morte. Provocação de tumulto ou comportamento inconveniente ou desrespeitoso em solenidade, ato oficial, espetáculo público ou assembleia (art. 40). Perturbação do trabalho ou sossego alheios com gritaria ou algazarra, ou pelo exercício de profissão incômoda ou ruidosa, pelo abuso de instrumentos sonoros ou sinais acústicos, ou, ainda, provocando ou não procurando impedir barulho produzido por animal sob sua guarda (art. 42). Simulação da qualidade de funcionário público (art. 45). Só se configura se o fato não constitui crime. Exercício ilegal de profissão (art. 47). Caso se trate de médico, farmacêutico ou dentista, a conduta constitui crime previsto no art. 282 do Código Penal. Exploração de jogo de azar em local público ou acessível ao público (art. 50). Exploração ou participação em jogo do bicho (art. 58 do Dec.-Lei n. 6.259/44). Vadiagem, que ocorre quando alguém se entrega habitualmente à ociosidade, sendo válido para o trabalho sem ter renda que lhe assegure a subsistência, ou quando mantém sua subsistência

	mediante ocupação ilícita (art. 59). Importunação ofensiva ao pudor, desde que o fato ocorra em local público ou acessível ao público (art. 61). Se houve emprego de violência ou grave ameaça e a prática efetiva de ato de libidinagem, configura-se o crime de estupro. Embriaguez, que se configura quando o agente se apresenta publicamente em tal estado, causando escândalo ou pondo em perigo a segurança própria ou alheia (art. 62). Venda de bebida alcoólica a menor de 18 anos, a pessoa já embriagada, a pessoa que o agente sabe ser doente mental ou a quem está proibido de frequentar o estabelecimento por ordem judicial (art. 63). Perturbação da tranquilidade, que se configura quando o agente molesta alguém ou lhe perturba a tranquilidade por acinte ou por motivo reprovável (art. 65).
Principais contravenções ainda em vigor	Omissão de comunicação de crime de ação pública incondicionada por parte de funcionário público que dele tenha tomado conhecimento no desempenho das funções ou por parte de médico (art. 66). Recusa de dados concernentes à própria identidade quando justificadamente solicitados ou exigidos por autoridade (art. 68) ou declarações inverídicas à autoridade a respeito de sua identidade pessoal, estado, profissão, domicílio ou residência, salvo se o fato constitui infração penal mais grave.

Capítulo VII

CRIMES DE TRÂNSITO

1 DISPOSIÇÕES GERAIS (Seção I)

1.1. Procedimento nos crimes de trânsito

> Art. 291 – Aos crimes cometidos na direção de veículos automotores, previstos neste Código, aplicam-se as normas gerais do Código Penal e do Código de Processo Penal, se este Capítulo não dispuser de modo diverso, bem como a Lei n. 9.099, de 26 de setembro de 1995, no que couber.
>
> § 1º – Aplica-se aos crimes de trânsito de lesão culposa o disposto nos arts. 74, 76 e 88 da Lei n. 9.099/95, de 26 de setembro de 1995, exceto se o agente estiver:
>
> I – sob a influência de álcool ou qualquer outra substância psicoativa que determine dependência;
>
> II – participando, em via pública, de corrida, disputa ou competição automobilística, de exibição ou demonstração de perícia em manobra de veículo automotor, não autorizada pela autoridade competente;
>
> III – transitando em velocidade superior à máxima permitida para a via em 50 km/h;
>
> § 2º – Nas hipóteses previstas no § 1º deste artigo, deverá ser instaurado inquérito policial para a investigação da infração penal.

O art. 291, *caput*, do Código de Trânsito determina a aplicação subsidiária aos crimes cometidos na direção de veículo automotor das normas gerais do Código Penal e do Código de Processo Penal, bem como da Lei n. 9.099/95, no que couber. Esta ressalva tem justamente a finalidade de esclarecer que as normas da Lei n. 9.099/95 só terão aplicação aos crimes de trânsito que se ajustem ao conceito de infração de menor potencial ofensivo regulamentados por referida Lei (aqueles cuja pena máxima não excede dois anos): omissão de socorro (art. 304), fuga do local do acidente (art. 305), violação da suspensão ou omissão da entrega da habilitação (art. 307), direção sem habilitação (art. 309), entrega de veículo a pessoa não habilitada (art. 310), excesso de velocidade em determinados locais (art. 311) e fraude no procedimento apuratório (art. 312).

O crime de lesão culposa na direção de veículo automotor, que tem pena máxima de 2 anos, possui regras próprias no art. 291, §§ 1º e 2º, do Código de Trânsito. De acordo com o § 1º, o autor da infração pode ser beneficiado pela transação penal, bem como pela extinção da punibilidade em caso de composição quanto aos danos civis homologada pelo juiz. Além disso, a ação penal continua condicionada à representação. Acontece que, nos incisos do próprio § 1º, o legislador expressamente afastou esses institutos (transação, composição civil e necessidade de representação), se o autor da lesão culposa estiver: I – sob a influência de álcool ou qualquer outra substância psicoativa que determine dependência; II – participando, em via pública, de corrida, disputa ou competição automobilística, de exibição ou demonstração de perícia em manobra de veículo automotor, não autorizada pela autoridade competente; III – transitando em velocidade superior à máxima permitida para a via em 50 km/h. Nestas hipóteses, portanto, o crime de lesão culposa na direção de veículo apura-se mediante ação pública incondicionada e o acusado não faz jus aos demais benefícios já mencionados. Ademais, de acordo com o § 2º, deverá ser instaurado inquérito policial para a apuração do delito.

Para os crimes de embriaguez ao volante (art. 306) e participação em racha (art. 308), cuja pena máxima é de três anos, não se aplicam os benefícios da Lei n. 9.099/95, e a apuração deve dar-se mediante inquérito policial.

Por fim, para o crime de homicídio culposo na direção de veículo automotor (art. 302), que possui pena de detenção de dois a quatro anos, deve também ser instaurado inquérito e adotado o rito sumário, estando vedadas a transação penal e a suspensão condicional do processo (já que a pena mínima é superior a um ano).

1.2. Conceito de veículo automotor

A definição de veículo automotor é de grande importância, já que a maioria dos tipos penais do Código de Trânsito exige que o agente esteja conduzindo um desses veículos. Nos termos do art. 4º, a definição encontra-se no Anexo I de tal Código, que assim considera "todo veículo a motor de propulsão que circule por seus próprios meios, e que serve normalmente para o transporte viário de pessoas e coisas, ou para a tração viária de veículos utilizados para o transporte de pessoas e coisas. O termo compreende os veículos conectados a uma linha elétrica e que não circulam sobre trilhos (ônibus elétrico)". Abrange, portanto, os automóveis, caminhões, *vans*, motocicletas, motonetas, quadriciclos, ônibus, micro-ônibus, ônibus elétricos que não circulem em trilhos etc.

O anexo esclarece também que os caminhões-tratores, os tratores, as caminhonetes e utilitários também são considerados veículos automotores.

É claro que os veículos de propulsão humana (bicicletas, patinetes etc.) e os de tração animal (carroças, charretes) não se amoldam ao conceito.

1.3. Suspensão e proibição da habilitação ou permissão para dirigir veículo

> Art. 292 – A suspensão ou a proibição de se obter a permissão ou a habilitação para dirigir veículo automotor pode ser imposta isolada ou cumulativamente com outras penalidades.
>
> Art. 293 – A penalidade de suspensão ou de proibição de se obter a permissão ou a habilitação, para dirigir veículo automotor, tem a duração de dois meses a cinco anos.
>
> § 1º – Transitada em julgado a sentença condenatória, o réu será intimado a entregar à autoridade judiciária, em quarenta e oito horas, a Permissão para Dirigir ou a Carteira de Habilitação.
>
> § 2º – A penalidade de suspensão ou de proibição de se obter a permissão ou a habilitação para dirigir veículo automotor não se inicia enquanto o sentenciado, por efeito de condenação penal, estiver recolhido a estabelecimento prisional.

De acordo com o Código de Trânsito, o candidato aprovado nos exames para habilitação receberá um certificado de Permissão para Dirigir, com validade de um ano. Ao término desse período, receberá a habilitação, desde que não tenha cometido nenhuma infração grave ou gravíssima, nem seja reincidente em infração média.

Segundo o disposto no art. 292 do Código de Trânsito, a suspensão ou proibição pode ser imposta como penalidade principal, isolada ou cumulativamente com outras penas, devendo ter a duração de dois meses a cinco anos.

A suspensão pressupõe permissão ou habilitação já concedida, enquanto a proibição aplica-se àquele que ainda não obteve uma ou outra.

Nos crimes de homicídio culposo e lesões corporais culposas praticados na condução de veículo automotor, direção em estado de embriaguez, violação de suspensão ou proibição, e participação em disputa não autorizada (racha), a lei prevê de forma expressa a aplicação dessas penas, conjuntamente com a pena privativa de liberdade e, em alguns casos, concomitantemente também com a pena de multa.

Nos demais crimes, em que não há previsão específica de pena de suspensão ou proibição de obter a permissão ou habilitação, tais penalidades poderão ser aplicadas apenas quando o réu for reincidente na prática de crime previsto no Código, sem prejuízo das demais sanções cabíveis, como dispõe o art. 296.

Assim, apesar do texto legal, não se vislumbra a hipótese em que essa pena seja aplicada isoladamente.

No sistema do Código de Trânsito, a suspensão ou a proibição de permissão ou habilitação apresentam as seguintes características: 1) não têm caráter substitutivo, isto é, não substituem a pena privativa de liberdade fixada; 2) sua dosagem obedece aos mesmos critérios previstos no art. 68, *caput*, do Código Penal, dentro dos limites de dois meses a cinco anos; 3) tratando-se de pena não substitutiva, nada impede seja aplicada cumulativamente com pena privativa de liberdade, pouco importando tenha esta sido ou não suspensa condicionalmente, ou substituída por pena restritiva de direitos.

Nas hipóteses do Código de Trânsito, havendo imposição conjunta, a interdição do direito não se iniciará enquanto o condenado estiver recolhido a estabelecimento prisional (art. 293, § 2º).

De acordo com o disposto no art. 293, § 1º, do Código de Trânsito, transitada em julgado a decisão condenatória que impuser a penalidade de suspensão ou proibição de se obter a permissão ou habilitação, o réu será intimado a entregar à autoridade judiciária, em quarenta e oito horas, a Permissão para Dirigir ou a Carteira de Habilitação. Se não o fizer, cometerá o crime previsto no art. 307, parágrafo único, da Lei.

1.4. Efeito extrapenal da condenação

O condutor condenado por qualquer dos delitos previstos no Código de Trânsito Brasileiro ficará obrigado a submeter-se a novos exames para poder voltar a dirigir, de acordo com as normas estabelecidas pelo CONTRAN. Trata-se de efeito extrapenal e automático da condenação, que independe de expressa motivação na sentença (CTB, art. 160).

1.5. Suspensão ou proibição cautelar

> Art. 294 – Em qualquer fase da investigação ou da ação penal, havendo necessidade para garantia da ordem pública, poderá o juiz, como medida cautelar, de ofício, ou a requerimento do Ministério Público ou ainda mediante representação da autoridade policial, decretar, em decisão motivada, a suspensão da permissão ou da habilitação para dirigir veículo automotor, ou a proibição de sua obtenção.
>
> Parágrafo único – Da decisão que decretar a suspensão ou a medida cautelar, ou da que indeferir o requerimento do Ministério Público, caberá recurso em sentido estrito, sem efeito suspensivo.

Da decisão que decretar a providência cautelar ou da que indeferir o requerimento do Ministério Público, caberá recurso em sentido estrito, sem efeito suspensivo.

Trata-se de decisão cautelar de natureza processual, que tem por finalidade impedir que o condutor continue a provocar danos ou a colocar em perigo a coletividade enquanto aguarda o desfecho definitivo do processo.

A medida pode ser decretada pelo juiz, de ofício, ou em razão de requerimento do Ministério Público ou de representação da autoridade policial. A decisão deverá, como sempre, ser fundamentada.

1.6. Comunicação da suspensão ou proibição da permissão ou habilitação

> Art. 295 – A suspensão para dirigir veículo automotor ou a proibição de se obter a permissão ou a

> habilitação será sempre comunicada pela autoridade judiciária ao Conselho Nacional de Trânsito – CONTRAN, e ao órgão de trânsito do Estado em que o indiciado ou réu for domiciliado ou residente.

Conforme se verá adiante, a penalidade de suspensão ou proibição de obter a Permissão para Dirigir ou a Carteira de Habilitação pode ser imposta judicial ou administrativamente. Esse dispositivo, entretanto, refere-se à penalidade imposta pela autoridade judiciária, no sentido de que esta comunique sua aplicação ao CONTRAN e ao órgão de trânsito do Estado em que o indiciado for domiciliado ou residente (DETRAN/CIRETRAN). A norma se aplica às suspensões ou proibições cautelares ou definitivas.

1.7. Reincidência específica e suspensão ou proibição da permissão ou habilitação

> Art. 296 – Se o réu for reincidente na prática de crime previsto neste Código, o juiz aplicará a penalidade de suspensão da permissão ou habilitação para dirigir veículo automotor, sem prejuízo das demais sanções cabíveis.

Nos crimes em que a Lei já prevê a pena de suspensão da permissão ou habilitação para dirigir veículo (arts. 302, 303, 306, 307 e 308), a reincidência atua como circunstância agravante genérica (art. 61, I, do CP); naqueles em que o Código de Trânsito não comina essa modalidade de sanção (arts. 304, 305, 309, 310, 311 e 312), o juiz deverá aplicá-la, em se tratando de reincidência em crimes do Código de Trânsito, sem prejuízo das demais penas previstas.

1.8. Multa reparatória

> Art. 297 – A penalidade de multa reparatória consiste no pagamento, mediante depósito judicial em favor da vítima, ou seus sucessores, de quantia calculada com base no disposto no § 1º do art. 49 do Código Penal, sempre que houver prejuízo material resultante do crime.
>
> § 1º – A multa reparatória não poderá ser superior ao valor do prejuízo demonstrado no processo.
>
> § 2º – Aplica-se à multa reparatória o disposto nos arts. 50 e 52 do Código Penal.
>
> § 3º – Na indenização civil do dano, o valor da multa reparatória será descontado.

Como se vê, o juiz criminal poderá, por ocasião da prolação da sentença condenatória por delito previsto no Código de Trânsito, fixar um valor líquido e certo a ser pago pelo condenado, após o trânsito em julgado. O instituto aplica-se somente aos crimes do Código do qual decorram prejuízos para pessoa determinada. Não se aplica aos delitos de perigo porque a lei somente se refere a dano material.

Trata-se de efeito secundário da condenação, que não é automático, exigindo menção expressa na sentença, mesmo porque o juiz tem de apontar o seu valor. Tem uma eficácia maior do que o efeito genérico do art. 91, I, do Código Penal (obrigação de reparar o dano). Com efeito, na multa reparatória, não há simples formação de título executivo, condicionado a uma futura liquidação. O juiz já fixa um valor, bastando à parte executá-lo. Cuida-se, em verdade, de prefixação das perdas e danos ou, pelo menos, de parte desse montante.

Esta multa, portanto, não é pena, pois não tem tal finalidade punitiva, sendo meramente reparatória. Reforça esse entendimento o disposto no § 1º do art. 297, segundo o qual “a multa reparatória não poderá ser superior ao valor do prejuízo demonstrado no processo”.

Apesar de a multa reparatória ser uma prefixação das perdas e danos, não impede que, em sendo superior o montante do prejuízo suportado, o restante seja calculado em ação de liquidação por artigos e executada a diferença (art. 297, § 3º). Nesse caso, a multa reparatória vale como uma antecipação de parte do valor devido, em decorrência do dano.

A execução da multa reparatória segue o disposto nos arts. 50 a 52 do Código Penal. No entanto, somente no que toca ao procedimento, já que a cobrança será feita pelo próprio interessado (vítima ou sucessor) e não pela Procuradoria da Fazenda ou pelo Ministério Público. Não teria sentido retirar a legitimidade do ofendido, já que essa multa, ao contrário da penal, tem nítido caráter indenizatório e somente interessa à vítima.

1.9. Agravantes genéricas

O legislador, no art. 298 do Código de Trânsito, estabeleceu um rol de agravantes genéricas aplicáveis somente para os delitos de trânsito (dolosos ou culposos). Essas circunstâncias deverão ser consideradas na segunda fase da fixação da pena (art. 68 do CP), em relação às penas privativas de liberdade, multa e suspensão ou proibição de se obter a permissão ou habilitação para dirigir veículo automotor.

> Art. 298 – São circunstâncias que sempre agravam as penalidades dos crimes de trânsito ter o condutor do veículo cometido a infração:
>
> I – com dano potencial para duas ou mais pessoas ou com grande risco de grave dano patrimonial a terceiros.

A expressão “dano potencial” equivale a perigo. Assim, nos crimes de homicídio e lesões culposas na direção de veículo automotor (arts. 302 e 303), que são crimes de dano, se o fato atingir duas ou mais pessoas, será aplicada a regra do concurso formal (art. 70 do CP), que implica a aplicação da pena do delito mais grave, aumentada de um sexto até a metade. Fica, pois, afastada a agravante genérica em análise, que somente se aplica aos diversos crimes de perigo descritos no Código quando mais de uma pessoa for efetivamente exposta a situação de risco.

A segunda parte do dispositivo, também referente aos delitos de perigo, será aplicada, a critério do juiz, quando ficar evidenciado que a conduta se revestiu de tamanha intensidade que, em caso de acidente, os danos seriam extremamente elevados ao patrimônio de terceiro.

> Art. 298, II – utilizando o veículo sem placas, com placas falsas ou adulteradas.

Essa agravante não se aplica quando o próprio autor da infração de trânsito é quem falsifica ou adultera as placas do veículo, hipótese em que haverá concurso material do crime de trânsito com o delito descrito no art. 311 do Código Penal, que estabelece pena de reclusão de três a seis anos, e multa, para quem “adulterar ou remarcar número de chassi ou qualquer sinal identificador de veículo automotor, de seu componente ou equipamento”.

> Art. 298, III – sem possuir Permissão para Dirigir ou Carteira de Habilitação.

Essa agravante não se aplica aos crimes de homicídio e de lesão culposa, uma vez que nesses delitos a circunstância caracteriza causa de aumento de pena de um terço até a metade (arts. 302, § 1º, I, e 303, parágrafo único). Também não se aplica ao crime de direção sem permissão ou habilitação (art. 309), uma vez que constituem elementar desse delito, e tampouco ao crime de entrega de veículo a pessoa não habilitada, porque, nesse crime, o sujeito ativo não é o seu condutor.

Para os demais crimes a agravante genérica é aplicável.

> Art. 298, IV – com Permissão para Dirigir ou Carteira de Habilitação de categoria diferente da do veículo.

A conduta de conduzir veículo com permissão ou habilitação de categoria diversa gerando perigo de dano caracteriza o crime do art. 309, e, portanto, a agravante em tela não se aplica a tal delito. Em relação aos demais delitos a regra tem aplicação. Ex.: pessoa habilitada apenas para dirigir motocicleta que causa lesão culposa dirigindo caminhão.

> Art. 298, V – quando a sua profissão ou atividade exigir cuidados especiais com o transporte de passageiros ou de carga.

Lembre-se de que, para os crimes de homicídio e lesão culposa na direção de veículo automotor, caracteriza causa de aumento de pena específica o fato de o condutor do veículo, no exercício de sua profissão ou atividade, estar conduzindo veículo de transporte de passageiros (arts. 302, § 1º, IV, e 303, parágrafo único). Assim, a regra só vale para os outros delitos.

> Art. 298, VI – utilizando veículo em que tenham sido adulterados equipamentos ou características que afetem a sua segurança ou o seu funcionamento de acordo com os limites de velocidade prescritos nas especificações do fabricante.

A lei se refere aos chamados motores "envenenados", pneus tala-larga, frentes rebaixadas etc. Nos crimes de homicídio e lesões corporais culposas, a agravante somente poderá ser aplicada se a adulteração não tiver sido a própria causa do acidente, hipótese em que sua aplicação autônoma implicaria *bis in idem.*

> Art. 298, VII – sobre faixa de trânsito temporária ou permanentemente destinada a pedestres.

O dispositivo visa aumentar a segurança dos pedestres nos locais especificamente a eles destinados. Essa agravante não incide sobre os crimes de homicídio e lesão culposa, para os quais existe previsão legal de causa de aumento de pena para a mesma hipótese (arts. 302, § 1º, II, e 303, parágrafo único).

> Art. 299 – (vetado).
> Art. 300 – (vetado).

1.10. Prisão em flagrante e fiança

> Art. 301 – Ao condutor de veículo, nos casos de acidentes de trânsito de que resulte vítima, não se imporá a prisão em flagrante, nem se exigirá fiança, se prestar pronto e integral socorro àquela.

Esse artigo deixa absolutamente evidente a possibilidade de prisão em flagrante nos crimes de homicídio e lesões corporais culposas, como também nos demais delitos da lei de trânsito.

Acontece que, visando estimular o socorro às vítimas, o legislador veda a efetivação da prisão em flagrante (lavratura do respectivo auto de prisão), bem como dispensa a fiança àquele condutor de veículo envolvido em acidente que venha a prestar imediato e completo socorro à vítima. Em contrapartida, aquele que não o fizer, responderá pelo crime de homicídio ou lesões corporais culposas, com acréscimo de um terço até a metade da pena (arts. 302, § 1º, III, e 303, parágrafo único).

1.11. Penas restritivas de direitos específicas

A Lei n. 13.281/2016 inseriu no art. 312-A do Código de Trânsito regras para a substituição das penas privativas de liberdade dos crimes de trânsito por restritivas de direitos, desde que presentes os requisitos legais para a substituição.

De acordo com tal dispositivo, "para os crimes relacionados nos arts. 302 a 312 deste Código, nas situações em que o juiz aplicar a substituição de pena privativa de liberdade por pena restritiva de direitos, esta deverá ser de prestação de serviço à comunidade ou a entidades públicas, em uma das seguintes atividades:

I – trabalho, aos fins de semana, em equipes de resgate dos corpos de bombeiros e em outras unidades móveis especializadas no atendimento a vítimas de trânsito;

II – trabalho em unidades de pronto-socorro de hospitais da rede pública que recebem vítimas de acidente de trânsito e politraumatizados;

III – trabalho em clínicas ou instituições especializadas na recuperação de acidentados de trânsito;

IV – outras atividades relacionadas ao resgate, atendimento e recuperação".

2 DOS CRIMES EM ESPÉCIE (Seção II)

2.1. homicídio e lesão culposa na direção de veículo automotor

> Art. 302 – Praticar homicídio culposo na direção de veículo automotor:
>
> Penas – detenção, de dois a quatro anos, e suspensão ou proibição de se obter a permissão ou a habilitação para dirigir veículo automotor.
>
> Art. 303 – Praticar lesão corporal culposa na direção de veículo automotor:
>
> Penas – detenção de seis meses a dois anos e suspensão ou proibição de se obter a permissão ou habilitação para dirigir veículo automotor.

1. Introdução. O Código de Trânsito tipificou crimes de homicídio e lesão culposa na direção de veículo automotor, diferenciando-os, portanto, dos crimes homônimos descritos nos arts. 121, § 3º, e 129, § 6º, do Código Penal, que possuem penas mais leves. Não basta, entretanto, que o fato ocorra no trânsito. Suponha-se que um pedestre desrespeite a sinalização e seja atropelado por um motociclista que esteja conduzindo corretamente o seu veículo, e este venha ao solo, sofrendo lesões corporais. A imprudência foi do pedestre e ele deve ser responsabilizado criminalmente pelo crime de lesão culposa do Código Penal, já que não estava na direção de veículo automotor, não obstante o fato tenha se passado no trânsito. Se, entretanto, o autor da imprudência fosse o motociclista, seria aplicável o Código de Trânsito, concluindo-se, portanto, que suas regras somente são cabíveis a quem esteja no comando dos mecanismos de controle e velocidade de um veículo automotor. Por não serem veículos dessa natureza, também não são aplicáveis os crimes do Código de Trânsito no caso de infrações culposas cometidas por pessoas conduzindo charretes, carroças, bicicletas etc.

Não obstante o art. 1º do Código de Trânsito estabeleça que "o trânsito de qualquer natureza nas vias terrestres do território nacional, abertas à circulação, rege-se por este Código", e o art. 2º defina via terrestre de forma a excluir as vias particulares (estacionamentos privados, pátio de postos de gasolina, vias internas de fazendas particulares), entende-se que devem ser aplicados os crimes de homicídio e lesão culposa do Código de Trânsito ainda que o fato não ocorra em via pública. Com efeito, quando o legislador quis exigir que o fato delituoso fosse caracterizado apenas quando ocorresse em via pública, o fez de forma expressa no tipo penal, como nos crimes participação em competição não autorizada (art. 308) e direção sem habilitação (art. 309). Assim, fica evidente a intenção do legislador em excepcionar a regra, para permitir a aplicação dos crimes de homicídio e lesão culposa qualquer que seja o local do delito, desde que o agente esteja na direção de veículo automotor.

Eventuais crimes culposos praticados por condutores de aviões, helicópteros, ultraleves, lanchas, *jet-skis* ou barcos não estão abrangidos pelo Código de Trânsito, que só trata de fato ocorrido em vias terrestres, configurando, assim, crime culposo do Código Penal.

2. Objetividade jurídica. A vida humana extrauterina, no homicídio culposo, e a incolumidade física, na lesão corporal culposa.

3. Tipo objetivo. O tipo penal é aberto, devendo o juiz, no caso concreto, por meio de um juízo de valor, concluir se o agente atuou ou não com imprudência, negligência ou imperícia.

Imprudência é a prática de um fato perigoso, como dirigir em velocidade excessiva.

Negligência é a ausência de uma precaução, como, por exemplo, a falta de manutenção no freio ou de outros mecanismos de segurança do automóvel.

Imperícia é a falta de aptidão para a realização de certa conduta, como, por exemplo, perder o controle de um automóvel e causar um acidente, sem que tenha havido excesso de velocidade ou qualquer outro motivo para justificar o evento.

Note-se que a caracterização da culpa nos delitos de trânsito provém, em regra, do desrespeito às normas disciplinares contidas no próprio Código de Trânsito (imprimir velocidade excessiva, dirigir embriagado, transitar na contramão, desrespeitar a preferência de outros veículos, efetuar conversão ou retorno em local proibido, avançar o sinal vermelho, ultrapassar em local proibido etc.). Estas, entretanto, não constituem as únicas hipóteses de reconhecimento do crime culposo, pois o agente, ainda que não desrespeite as regras disciplinares do Código, pode agir com inobservância do cuidado necessário e, assim, responder pelo crime. A ultrapassagem, por exemplo, se feita em local permitido, não configura infração administrativa, mas, se for efetuada sem a necessária atenção, pode dar causa a acidente e implicar crime culposo.

A existência de culpa exclusiva da vítima afasta a responsabilização do condutor, mas, no caso de culpa recíproca, o motorista responde pelo delito, já que as culpas não se compensam. Aliás, quando dois motoristas agem com imprudência, dando causa, cada qual, a lesões no outro, respondem ambos pelo crime, pois, conforme já mencionado, não existe compensação de culpas em direito penal. Por fim, quando a soma das condutas culposas de dois condutores provoca a morte de terceiro, existe a chamada culpa concorrente, em que ambos respondem pelo crime.

4. Lesão culposa. No crime de lesões culposas continua a não existir diferenciação em face da gravidade das lesões para fim de tipificação da infração penal. Deve a gravidade ser considerada como circunstância judicial no momento da fixação da pena-base (consequências do crime).

As demais regras referentes ao homicídio culposo aplicam-se às lesões culposas, sendo necessário ressalvar, entretanto, que a ação penal na lesão culposa depende de representação, nos termos do art. 291, § 1º, do Código de Trânsito, salvo se o condutor estiver embriagado ou sob o efeito de droga, participando de competição não autorizada em via pública ou conduzindo o veículo acima de 50 km/h em relação ao limite máximo permitido para o local, hipóteses em que a ação será pública incondicionada.

A Lei n. 13.546, publicada em 20 de dezembro de 2017, inseriu uma figura qualificada no § 2º, do art. 303, estabelecendo pena de reclusão, de 2 a 5 anos, sem prejuízo das outras penas previstas neste artigo, se o agente conduz o veículo com capacidade psicomotora alterada em razão da influência de álcool ou de outra substância psicoativa que determine dependência, e se do crime resultar lesão corporal de natureza grave ou gravíssima. As formas de demonstração da embriaguez são as mesmas que serão estudadas na ocasião da análise do crime do art. 306. Tal dispositivo entrará em vigor após decorridos 120 dias da publicação da lei.

A circunstância de estar embriagado o motorista do veículo automotor que comete o crime de lesão corporal culposa de natureza leve não torna o crime qualificado, mas retira-lhe a possibilidade de certos benefícios, conforme já mencionado, bem como pode ser considerada pelo juiz na fixação da pena-base (art. 59 do CP).

Na modalidade qualificada pela embriaguez, a lesão culposa deve ser de natureza grave ou gravíssima. Como a pena máxima prevista nesses casos é de 5 anos não se insere na competência do Juizado Criminal, de modo que não cabe a aplicação das regras da Lei n. 9.099/95.

5. Consumação. Ocorre no momento em que a vítima morre ou sofre as lesões corporais.

6. Tentativa. Não existe tentativa nos crimes culposos.

7. Perdão judicial. Não menciona o Código de Trânsito a possibilidade de aplicação de perdão judicial para hipóteses em que as circunstâncias do delito atinjam o agente de forma tão grave que a imposição da penalidade se torne desnecessária (morte de cônjuge, companheiro ou parente próximo, graves lesões no próprio autor do crime etc.). Veja-se, ainda, que o art. 291, *caput*, menciona apenas a possibilidade de aplicação subsidiária das regras gerais do Código Penal (Parte Geral), que, em princípio, não abrangem o perdão judicial que está previsto nos arts. 121, § 5º, e 129, § 8º, do Código Penal, isto é, em sua Parte Especial.

Não nos parece, todavia, que tenha sido intenção do legislador afastar o perdão judicial dos delitos de trânsito, uma vez que na redação originária constava a possibilidade de sua aplicação (art. 300), dispositivo que acabou sendo vetado pelo Presidente da República, sob o fundamento de que o Código Penal disciplina o tema de forma mais abrangente. As razões do veto, portanto, demonstram que o perdão judicial pode ser aplicado também aos delitos culposos da lei de trânsito.

8. Concurso de crimes e absorção. A Lei n. 9.503/97 criou diversos crimes que se caracterizam por uma situação de perigo (dano potencial) e que ficarão absorvidos quando ocorrer o dano efetivo (lesões corporais ou homicídio culposo na direção de veículo automotor). É o caso dos crimes de direção de veículo sem habilitação e excesso de velocidade em determinados locais (arts. 309 e 311).

Se o agente, com uma única conduta culposa, provocar a morte ou lesões corporais em duas ou mais vítimas, aplica-se a regra do concurso formal – art. 70 do Código Penal, em que o juiz aplica somente a pena do crime mais grave, aumentada de um sexto até metade.

9. Jurisprudência. Tem sido admitido o crime culposo nas seguintes hipóteses: velocidade inadequada para o local, desrespeito às vias preferenciais, ingresso em rodovia sem as devidas cautelas, derrapagem em pista escorregadia, embriaguez ao volante, falta de distância do veículo que segue à frente, direção pela contramão, ultrapassagem em local proibido ou sem as devidas cautelas, excesso de velocidade em curvas, falta de manutenção nos freios, manobra de marcha à ré sem os cuidados necessários, desrespeito à faixa de pedestres, queda de passageiro de coletivo com as portas abertas ou de boia-fria da carroceria de caminhão etc.

Por outro lado, não se tem admitido o crime culposo nas seguintes hipóteses de culpa exclusiva da vítima: travessia em pista de rodovia de alta velocidade ou de madrugada, saída repentina da calçada para a rua ou por trás de outros carros etc.

10. Ação penal. No homicídio culposo a ação é pública incondicionada, e na lesão culposa é pública condicionada a representação, salvo se o condutor estiver embriagado ou sob o efeito de droga, ou participando de competição não autorizada em via pública ou conduzindo o veículo acima de 50 km/h em relação ao limite máximo permitido para o local, hipóteses em que a ação é pública incondicionada.

11. Causas de aumento de pena. Estabelece a lei em seus arts. 302, § 1º, e 303, parágrafo único, hipóteses em que as penas sofrerão acréscimo de um terço até a metade.

I – Se o agente não possuir Permissão para Dirigir ou Carteira de Habilitação. É óbvio que, nesse caso, não pode ser reconhecido concomitantemente o crime de dirigir veículo na via pública sem permissão ou habilitação (art. 309).

II – Se o crime é cometido na faixa de pedestres ou na calçada. Entendeu o legislador que a conduta culposa é mais grave nesses casos, uma vez que a vítima é atingida em local destinado a lhe dar segurança, demonstrando desrespeito do motorista em relação à área.

III – Deixar de prestar socorro, quando possível fazê-lo sem risco pessoal, à vítima do acidente. Essa hipótese evidentemente só é aplicável ao condutor do veículo que tenha agido de forma culposa. Caso não tenha agido com imprudência, negligência ou imperícia e deixe de prestar socorro à vítima, estará incurso no crime de omissão de socorro no trânsito (art. 304).

O aumento terá aplicação quando o socorro for possível sem risco pessoal para o condutor (ameaça de agressão, grande movimentação de veículos etc.), e quando o agente puder concretizá-lo por possuir meios para tanto. Assim, se o agente não possui condições de efetuar o socorro ou quando também ficou lesionado no acidente de forma a não poder ajudar a vítima, não terá aplicação o dispositivo.

O instituto também não será aplicado se a vítima for, de imediato, socorrida por terceira pessoa, ou se ela estiver evidentemente morta, hipótese em que o socorro não teria qualquer efeito útil.

IV – Se o agente no exercício de sua profissão ou atividade, estiver conduzindo veículo de transporte de passageiro. Trata-se de hipótese cuja finalidade é ressaltar a necessidade de cuidado e zelo por parte daqueles que têm como seu ganha-pão a condução de veículo de transporte de passageiros, já que o número maior de pessoas transportadas justifica o tratamento diferenciado. Aliás, para a própria obtenção da habilitação são exigidos exames específicos.

A lei não se refere apenas aos motoristas de ônibus ou táxi, mas também a qualquer motorista que atue no transporte de passageiros como motoristas de lotações, de *vans* escolares etc.

Veja-se, ainda, que o aumento será aplicado ainda que o resultado tenha alcançado pessoa que não estava no interior do veículo.

12. Homicídio culposo cometido por pessoa embriagada.

É necessário dizer, inicialmente, que a Lei n. 11.275/2006 acrescentou neste art. 302, § 1º, causa de aumento de pena para os casos em que o autor do homicídio culposo na direção de veículo automotor estivesse sob a influência de álcool ou substância tóxica ou entorpecente de efeitos análogos. Tratava-se do inciso V do referido parágrafo, que, todavia, foi revogado pela Lei n. 11.705/2008, na medida em que o legislador entendeu que a existência de tal dispositivo dificultava o enquadramento do autor do delito na modalidade dolosa do homicídio – dolo eventual por parte de quem dirige embriagado e provoca morte.

Ocorre que o Supremo Tribunal Federal, em diversas decisões, definiu que a pessoa que dirige embriagada e que provoca morte no trânsito pode ser punida por homicídio culposo ou doloso (dolo eventual), dependendo das circunstâncias do caso concreto – quantidade de bebida ingerida, forma e local de condução do veículo etc. A propósito: “Não cabe na pronúncia analisar e valorar profundamente as provas, pena inclusive de influenciar de forma indevida os jurados, de todo suficiente a indicação, fundamentada, da existência de provas da materialidade e autoria de crime de competência do Tribunal do Júri. 3. Mesmo em crimes de trânsito, definir se os fatos, as provas e as circunstâncias do caso autorizam a condenação do paciente por homicídio doloso ou se, em realidade, trata-se de hipótese de homicídio culposo ou mesmo de inocorrência de crime é questão que cabe ao Conselho de Sentença do Tribunal do Júri. 4. *Habeas corpus* extinto sem resolução do mérito" (HC 109.210, Rel. Min. Marco Aurélio, Relator(a) p/ Acórdão: Min. Rosa Weber, 1ª Turma, julgado em 21-8-2012, processo eletrônico *DJe* 154, 7-8-2013, public. 8-8-2013).

Em razão disso, o legislador resolveu novamente aprovar lei para tornar mais grave a pena do homicídio culposo quando cometido por pessoa embriagada ou drogada, o que se materializou com a aprovação da Lei n. 12.971/2014, que passou a prever pena de reclusão de 2 a 4 anos para tais casos, além da suspensão ou proibição de obter a habilitação ou permissão para dirigir (art. 302, § 2º). Ocorre que tal dispositivo acabou sendo também revogado pela Lei n. 13.281/2016. Posteriormente, em 20 de dezembro de 2017 foi publicada a Lei n. 13.546/2017, criando figura qualificada para o crime de homicídio culposo na direção de veículo automotor para a hipótese em que o agente comete o crime conduzindo o veículo sob a influência de álcool ou de qualquer outra substância psicoativa que determine dependência (art. 302, § 3º, do CTB). Em tal hipótese, a pena passará a ser de reclusão, de 5 a 8 anos, e suspensão ou proibição do direito de se obter a permissão ou a habilitação para dirigir veículo automotor. As formas de comprovação da embriaguez são as mesmas que serão analisadas no estudo do crime do art. 306 do CTB – embriaguez ao volante. Saliente-se que tal lei tem *vacatio legis* de 120 dias a contar de sua publicação.

Quadro sinótico – Homicídio culposo na direção de veículo automotor

Objetividade jurídica	A vida humana extrauterina.
Tipo objetivo	Praticar homicídio culposo na direção de veículo automotor. O art. 1º do Código de Trânsito Brasileiro restringe seu alcance a fatos ocorridos em via terrestre, de modo que a morte decorrente de imprudência, imperícia ou negligência na condução de aeronave ou embarcação constitui crime de homicídio culposo comum do art. 121, § 3º, do Código Penal. Igualmente se a conduta culposa ocorrer no trânsito, mas for causada por pedestre ou passageiro de veículo, já que tais pessoas não estão na condução de veículo. Aplica-se, ainda, o crime culposo do Código Penal se a conduta for praticada por condutor de bicicleta ou charrete, já que não são veículos motorizados.
Sujeito ativo	Qualquer pessoa. Trata-se de crime comum.
Sujeito passivo	Qualquer pessoa.
Consumação	No momento da morte.
Tentativa	Não é possível.
	Haverá acréscimo de um terço até metade da pena:

Causas de aumento de pena	Haverá acréscimo de um terço até metade da pena; I – se o agente não possuir Permissão para Dirigir ou Habilitação; II – se o crime for cometido na faixa de pedestres ou sobre a calçada; III – se o agente deixar de prestar imediato socorro à vítima quando possível fazê-lo sem risco pessoal; IV – se a conduta culposa tiver sido praticada no exercício de profissão (motorista profissional) ou quando se tratar de veículo de transporte de passageiros.
Figura qualificada pela embriaguez	Nos termos do art. 302, § 3º, a pena será de reclusão, de 5 a 8 anos, se o homicídio culposo é cometido por condutor de veículo automotor que está sob a influência de álcool ou de qualquer outra substância psicoativa que determine dependência (dispositivo com entrada em vigor em 19 de abril de 2018, nos termos da Lei n. 13.546/2017).
Ação penal	É pública incondicionada.

Lesão culposa na direção de veículo automotor

Objetividade jurídica	A incolumidade física.
Tipo objetivo	Praticar lesão corporal culposa na direção de veículo automotor. O art. 1º do Código de Trânsito Brasileiro restringe seu alcance a fatos ocorridos em via terrestre, de modo que a lesão decorrente de imprudência, imperícia ou negligência na condução de aeronave ou embarcação constitui crime de lesão culposa comum do art. 129, § 6º, do Código Penal. Da mesma forma se a conduta culposa ocorrer no trânsito, mas for causada por pedestre ou passageiro de veículo, já que tais pessoas não estão na condução de veículo. Aplica-se, ainda, o crime culposo do Código Penal se a conduta for praticada por condutor de bicicleta ou charrete, já que não são veículos motorizados.
Sujeito ativo	Qualquer pessoa. Trata-se de crime comum.

Sujeito passivo	Qualquer pessoa.
Consumação	Quando a vítima sofre a lesão.
Tentativa	Não é possível.
Causas de aumento de pena	Haverá acréscimo de um terço até metade da pena; I – se o agente não possuir Permissão para Dirigir ou Habilitação; II – se o crime for cometido na faixa de pedestres ou sobre a calçada; III – se o agente deixar de prestar imediato socorro à vítima quando possível fazê-lo sem risco pessoal; IV – se a conduta culposa tiver sido praticada no exercício de profissão (motorista profissional) ou quando se tratar de veículo de transporte de passageiros.
Figura qualificada pela embriaguez	Nos termos do § 2º, do art. 303, a pena será de reclusão, de 2 a 5 anos, se o agente conduz o veículo com capacidade psicomotora alterada em razão da influência de álcool ou de outra substância psicoativa que determine dependência, e se do crime resultar lesão corporal de natureza grave ou gravíssima (dispositivo com entrada em vigor em 19 de abril de 2018, nos termos da Lei n. 13.546/2017)
Ação penal	É pública condicionada à representação, salvo se o agente estava embriagado ou sob efeito de substância psicoativa no momento do crime, se estava participando de racha em via pública ou se conduzia o veículo em velocidade superior à máxima permitida para o local em 50 km/h, hipóteses em que a ação é incondicionada.

2.2. Omissão de socorro

> Art. 304 – Deixar o condutor do veículo, na ocasião do acidente, de prestar imediato socorro à vítima, ou, não podendo fazê-lo diretamente, por justa causa, deixar de solicitar auxílio da autoridade pública:
>
> Penas – detenção, de seis meses a um ano, ou multa, se o fato não constituir elemento de crime mais grave.

1. Objetividade jurídica. A vida e a saúde das pessoas.

2. Sujeito ativo. O crime em estudo somente pode ser cometido por condutor de veículo envolvido em acidente com vítima que deixa de prestar socorro ou de solicitar auxílio à autoridade. Assim, se na mesma oportunidade motoristas de outros veículos, não envolvidos no acidente, deixam também de prestar socorro, incidem no crime genérico de omissão de socorro descrito no art. 135 do Código Penal. O mesmo ocorre em relação a pessoas que não estejam na condução de veículos automotores e que não prestem socorro.

É também requisito desse crime que o agente não tenha agido de forma culposa, pois, nesse caso, o crime será de homicídio ou lesões culposas com a pena aumentada pela omissão de socorro (arts. 302, § 1º, II, e 303, parágrafo único).

3. Sujeito passivo. A vítima do acidente que necessite de socorro.

4. Tipo objetivo. Trata-se de crime omissivo puro, para o qual a lei descreve duas condutas típicas.

A primeira é deixar de prestar imediato socorro à vítima. Esse dispositivo somente se aplica quando o auxílio pode ser prestado sem que o agente corra risco pessoal.

A segunda consiste em deixar de solicitar auxílio à autoridade pública (quando, por justa causa, não for possível o socorro direto).

É possível que tanto o socorro quanto o pedido de auxílio à autoridade pública sejam inviáveis: o condutor também se encontrava lesionado ou desorientado em face do acidente; falta de condições materiais para o socorro (veículos quebrados, em local afastado); risco de agressões por populares etc. Nesses casos, não haverá crime.

5. Consumação. Dá-se no momento da omissão. Ao contrário do que ocorre na legislação comum, não existe previsão legal de aumento de pena quando, em face da omissão, a vítima sofre lesões graves ou morre.

6. Tentativa. Tratando-se de crime omissivo próprio, não se admite a figura da tentativa.

7. Ação penal. É pública incondicionada.

8. Norma penal explicativa. Nos termos do art. 304, parágrafo único, incide nas penas previstas neste artigo o condutor do veículo, ainda que sua omissão seja suprida por terceiros ou que se trate de vítima com morte instantânea ou com ferimentos leves.

Esse dispositivo, porém, deve ser interpretado com algumas ressalvas:

a) Socorro por terceiro: o condutor somente responderá pelo crime no caso de ser a vítima socorrida por terceiros, quando a prestação desse socorro não chegou ao conhecimento dele, por já se ter evadido do local. Assim, se, após o acidente, o condutor se afasta do local e, na sequência, a vítima é socorrida por terceiro, existe o crime. É evidente, entretanto, que não há delito, quando, logo após o acidente, terceira pessoa se adianta ao condutor e presta o socorro. Não se pode exigir que o condutor chame para si a responsabilidade pelo socorro quando terceiro já o fez (muitas vezes até em condições mais apropriadas).

b) Morte instantânea: no caso de vítima com morte instantânea, o dispositivo é inaplicável, uma vez que o delito não tem objeto jurídico, já que o socorro seria absolutamente inócuo.

c) Vítima com lesões leves: o conceito de lesões corporais de natureza leve é muito extenso, de tal sorte que o crime de omissão de socorro somente será cabível quando, apesar de os ferimentos serem leves, esteja a vítima necessitando de algum socorro (fraturas, cortes profundos etc.). É evidente que o socorro não se faz necessário quando a vítima sofre simples escoriações ou pequenos cortes.

2.3. Fuga do local do acidente

> Art. 305 – Afastar-se o condutor do veículo do local do acidente, para fugir à responsabilidade penal ou civil que lhe possa ser atribuída:
>
> Penas – detenção, de seis meses a um ano, ou multa.

1. Objetividade jurídica. Cuida-se de infração penal que tutela a administração da justiça, que fica prejudicada pela fuga do agente do local do evento, uma vez que tal atitude impede sua identificação e a consequente apuração do ilícito na esfera penal e civil. Não se trata de prisão por dívida, pois o agente é punido pelo artifício utilizado para burlar a administração da justiça e não pela dívida decorrente da ação delituosa.

Existe forte corrente doutrinária e jurisprudencial no sentido de que a tipificação da fuga do local do acidente como crime fere o princípio do privilégio contra a autoincriminação, segundo o qual ninguém é obrigado a fazer prova contra si mesmo. O dispositivo seria, portanto, inconstitucional.

2. Sujeito ativo. O condutor do veículo. É evidente, entretanto, que todas as pessoas que tenham estimulado a fuga ou colaborado diretamente para que ela ocorresse responderão pelo crime na condição de partícipes.

3. Sujeito passivo. O Estado e, secundariamente, a pessoa prejudicada pela conduta.

4. Tipo objetivo. A conduta incriminada é o afastamento, a fuga do local do acidente, com a intenção de não ser identificado e, assim, não responder penal ou civilmente pelo ato.

5. Consumação. Dá-se com a fuga do local, ainda que o agente seja identificado e não atinja a sua finalidade de se eximir da responsabilidade pelo evento. Trata-se de crime formal.

6. Tentativa. É possível, desde que o agente não obtenha êxito em se afastar do *locus delicti*.

7. Concurso. O agente que comete um crime e foge do local, responde pelos dois delitos em concurso material.

8. Ação penal. É pública incondicionada.

2.4. EMBRIAGUEZ AO VOLANTE

> Art. 306 – Conduzir veículo automotor com capacidade psicomotora alterada em razão da influência do álcool ou de outra substância psicoativa que determine dependência:
>
> Penas – detenção de seis meses a três anos, multa, e suspensão ou proibição de se obter a permissão ou a habilitação para dirigir veículo automotor.
>
> § 1º – As condutas previstas no caput serão constatadas por:
>
> I – concentração igual ou superior a 6 decigramas de álcool por litro de sangue ou igual ou superior a 0,3 miligrama de álcool por litro de ar alveolar; ou
>
> II – sinais que indiquem, na forma disciplinada pelo Contran, alteração da capacidade psicomotora.
>
> § 2º – A verificação do disposto neste artigo poderá ser obtida mediante teste de alcoolemia ou toxicológico, exame clínico, perícia, vídeo, prova testemunhal ou outros meios de prova em direito

admitidos, observado o direito à contraprova.

§ 3º – O Contran disporá sobre a equivalência entre os distintos testes de alcoolemia ou toxicológico para efeito de caracterização do crime tipificado neste artigo.

1. Objetividade jurídica. O art. 5º, *caput*, da Constituição Federal assegura que todos os cidadãos têm direito à segurança. O art. 1º, § 2º, do Código de Trânsito Brasileiro estabelece que "o trânsito, em condições seguras, é um direito de todos ...", e em seu art. 28 dispõe que o motorista deve conduzir o veículo "com atenção e cuidados indispensáveis à segurança do trânsito".

É fácil concluir, portanto, que a segurança viária é o objeto jurídico principal do delito. O direito à vida e à saúde constituem, em verdade, a objetividade jurídica secundária do tipo penal.

2. Sujeito ativo. Qualquer pessoa.

3. Sujeito passivo. Considerando que o bem jurídico principal é a segurança viária, pode-se concluir que o interesse atingido é público e, portanto, a coletividade aparece como sujeito passivo. Secundariamente, pode-se considerar como vítima a pessoa eventualmente exposta a risco pela conduta.

4. Tipo objetivo. Durante muitos anos a conduta de dirigir embriagado constituiu mera contravenção de direção perigosa (art. 34 da LCP).

Com a aprovação do Código de Trânsito Brasileiro, referida conduta foi erigida à categoria de crime (art. 306 do CTB). Para a configuração do delito, entretanto, não eram suficientes os sinais de embriaguez, exigindo o tipo penal que o condutor dirigisse o veículo de forma a expor a dano potencial a incolumidade de outrem. Assim, se o sujeito estivesse dirigindo corretamente ao ser parado por policiais, não incorreria no crime. A tipificação pressupunha uma direção anormal em razão da influência do álcool: em zigue-zague ou na contramão, dando "cavalo de pau", empinando motocicleta etc.

Posteriormente, a Lei n. 11.705/2008 (que ficou popularmente conhecida como "Lei Seca") retirou essa exigência, transformando em crime a conduta de dirigir veículo com concentração de álcool por litro de sangue igual ou superior a seis decigramas, independentemente de qualquer outro fator, ou seja, ainda que o acusado fosse parado em fiscalização de rotina conduzindo o veículo normalmente. O legislador, ao aprovar tal lei, entendeu que o simples fato de estar com mencionada concentração de álcool no sangue é sempre suficiente para expor a perigo a segurança viária. Acontece que, por exigir uma concentração mínima de álcool no sangue, a comprovação do delito só poderia ser feita por exame de sangue ou pelo bafômetro (que atestam exatamente o volume de álcool no organismo do condutor), mas o Superior Tribunal de Justiça firmou entendimento de que os condutores não são obrigados a se submeter a tais exames em razão do princípio do "privilégio contra a autoincriminação", segundo o qual ninguém pode ser obrigado a fazer prova contra si mesmo. Com isso, na imensa maioria dos casos, os motoristas parados pela polícia passaram a se recusar a fazer os referidos exames, inviabilizando a comprovação do crime. Por conta disso, em 21 de dezembro de 2012 foi publicada a "nova Lei Seca", ou seja, a Lei n. 12.760, que conferiu a atual redação do art. 306.

De acordo com o texto legal em vigor, basta, para a existência do crime, que o agente esteja dirigindo veículo automotor com capacidade psicomotora alterada em razão da influência do álcool ou de outra substância psicoativa que determine dependência (maconha, cocaína, *crack*, *ecstasy* etc.).

Também de acordo com o texto legal, considera-se alterada a capacidade psicomotora do condutor quando:

I – houver concentração igual ou superior a 6 decigramas de álcool por litro de sangue ou igual ou superior a 0,3 miligrama de álcool por litro de ar alveolar.

De acordo com o art. 306, § 2º, do Código de Trânsito, a verificação desses índices se dá mediante testes de alcoolemia – exame de sangue ou pelo aparelho conhecido como etilômetro (ou “bafômetro”), que analisa o ar alveolar (ar expelido pela boca). No caso do “bafômetro”, a Resolução n. 432/2013 do CONTRAN admite pequena margem de erro nos aparelhos, de modo que o delito só estará configurado quando o aparelho marcar 0,34 miligramas de álcool por litro de ar ou mais (que, na prática, equivalerá aos 0,3 miligramas a que a lei se refere). A Lei n. 12.971/2014 acrescentou a possibilidade de a prova ser feita por meio de exame toxicológico (saliva, suor, cabelos, pelos, urina).

II – presentes sinais que indiquem referida alteração, na forma disciplinada pelo Contran. No caso do uso do álcool, esses sinais são a fala pastosa, o odor etílico característico, a alteração no equilíbrio ou na coordenação motora, a sonolência, os olhos vermelhos, os soluços, o comportamento alterado, a desordem nas vestes etc. A Resolução n. 432/2013 do CONTRAN regulamenta o tema (sinais de embriaguez alcoólica).

A própria Lei n. 12.760/2012, que deu redação ao art. 306, § 1º, do Código de Trânsito, estabelece que a comprovação da existência desses sinais poderá ser obtida mediante exame clínico, perícia, vídeo, prova testemunhal ou outros meios de prova em direito admitidos, observado o direito à contraprova.

Com isso, se uma pessoa for abordada dirigindo veículo automotor e se recusar inicialmente a fornecer sangue ou a passar pelo exame do bafômetro e a ela for dada voz de prisão em flagrante por apresentar sinais que indiquem alteração na capacidade psicomotora em razão da influência do álcool, embasada, por exemplo, no testemunho de policiais ou de exame clínico, poderá ela, de imediato, solicitar a contraprova, que se dará exatamente pela realização dos exames anteriores (de sangue ou bafômetro). Se tais exames resultarem negativos, a prisão deverá ser relaxada.

Outro requisito do crime em questão é que o sujeito esteja conduzindo veículo automotor, ou seja, dirigindo, tendo sob seu controle direto os aparelhamentos de aceleração, freio e direção de um automóvel, ônibus, caminhão, trator, van, motocicleta etc. Considera-se ter havido condução ainda que o veículo esteja desligado (mas em movimento) ou quando o agente se limita a efetuar uma pequena manobra.

5. Consumação. No momento em que o agente dirige o veículo estando com a capacidade psicomotora alterada em razão do álcool ou outra substância psicoativa que determine dependência. Não é necessário que o motorista esteja conduzindo o veículo de forma anormal ou que tenha causado risco a pessoas determinadas, já que se trata de crime de perigo abstrato.

6. Tentativa. Não é admissível. Se o agente queria dirigir um automóvel, mas seus amigos esconderam a chave, o fato é considerado atípico.

7. Concurso

a) Até a entrada em vigor da Lei n. 13.546, publicada em 20 de dezembro de 2017, se o agente provocasse homicídio ou lesão culposa, responderia apenas por tais crimes se ficasse demonstrado que a causa específica do evento tivesse sido a embriaguez, ou seja, em tais hipóteses o crime de embriaguez ao volante ficava absorvido. Os julgados colacionados abaixo são nesse sentido. Com a entrada em vigor da referida Lei n. 13.546/2017 (após decorridos 120 dias de sua publicação), a embriaguez ao volante passará a constituir qualificadora dos crimes de homicídio culposo e de lesão culposa, desde que a lesão seja grave ou gravíssima. Em tais hipóteses, não será possível a punição pelo crime de embriaguez ao volante pois constituiria *bis in idem*. Quando se tratar de lesão culposa leve, continuará valendo a interpretação anterior, conforme julgados abaixo:

“1 – A violação da norma que regula o fato de menor gravidade, relacionada, em termos, à proibição de um ato que conduza ao fato mais grave, esgota-se concretamente no resultado desse último. 2. O crime de embriaguez (art. 306 da Lei n. 9.503/1997) ao volante é antefato impunível do crime de homicídio culposo no trânsito (art. 302 da Lei n. 9.503/1997), porquanto a conduta antecedente está de tal forma vinculada à subsequente que não há como separar sua avaliação (ambos integram o mesmo conteúdo de injusto). Precedentes. 3. Recurso especial provido, a fim de que seja o réu absolvido do crime descrito no art. 306 da Lei n. 9.503/1997” (STJ – REsp 1.481.023/DF, Rel. Min. Rogerio Schietti Cruz, 6ª Turma, julgado em 7-5-2015, *DJe* 8-5-2015). “O delito previsto no art. 306 do CTB (condução de veículo automotor sob influência de constituir crime de perigo, tendo o dano se materializado na efetiva colisão entre o veículo do acusado e a motocicleta das vítimas, causando-lhes lesão corporal (art. 303 do CTB), de modo que, considerando-se a completa vinculação entre as condutas, o primeiro delito restou absorvido pelo segundo. Precedentes” (STJ – AgRg no AREsp 611.237/MS, Rel. Min. Nefi Cordeiro, 6ª Turma, julgado em 15-12-2016, *DJe* 2-2-2017). “Em casos análogos, o Superior Tribunal de Justiça adotou a orientação de que a incidência do princípio da consunção pressupõe a existência de um crime-meio, que constitua fase normal da execução de um crime-fim. Ainda que diversos os bens jurídicos tutelados, como na hipótese, tal fato não configura impedimento à aplicação do citado princípio” (STJ – AgRg no AREsp 993.670/MG, Rel. Min. Nefi Cordeiro, 6ª Turma, julgado em 20-6-2017, *DJe* 26-6-2017). “A pretensão de reconhecimento da consunção entre os delitos de embriaguez ao volante e lesão corporal culposa na direção de veículo automotor exigiria reconhecer que fatos incontroversos demonstrassem a prática da embriaguez como meio necessário à prática das lesões corporais, contudo, isto foi negado nas instâncias de origem” (STJ – AgRg no HC 380.761/MS, Rel. Min. Sebastião Reis Júnior, 6ª Turma, julgado em 9-3-2017, *DJe* 15-3-2017).

Se o crime for o de lesão culposa na direção de veículo automotor, o fato de o condutor estar embriagado ou drogado faz com que a ação penal, que em regra depende de representação, passe a ser pública incondicionada (art. 291, § 1º, I, do Código de Trânsito).

Em situações extremadas, em que a conduta do motorista embriagado é de tal forma inaceitável, tem-se admitido que ele seja responsabilizado por homicídio ou lesão corporal com dolo eventual. Ex.: motorista que dirige em estrada de pista simples com índice muito elevado de álcool no sangue, invadindo a pista contrária e causando a morte de outro motorista. O STF já firmou entendimento, entretanto, que não é em todo e qualquer caso de homicídio causado por condutor que se encontra sob os efeitos do álcool que a conduta pode ser enquadrada como homicídio com dolo eventual. Assim, conforme salientado, apenas para casos extremados se admite tal capitulação.

b) Se o autor do crime de embriaguez ao volante também não é habilitado para dirigir veículo, responde apenas pelo crime do art. 306, aplicando-se, entretanto, a agravante genérica do art. 298, III, do Código de Trânsito. Não pode incidir o crime autônomo de condução de veículo sem habilitação (art. 309), já que a situação de perigo gerada foi uma só, não sendo possível, dessa forma, falar em concurso material ou formal de crimes.

8. Ação penal. É pública incondicionada.

2.5. Violação da suspensão ou proibição imposta

> Art. 307, caput – Violar a suspensão ou a proibição de se obter a permissão ou a habilitação para dirigir veículo automotor imposta com fundamento neste Código:
>
> Penas – detenção, de seis meses a um ano e multa, com nova imposição adicional de idêntico prazo de suspensão ou de proibição.

1. Introdução. A pena de suspensão da permissão ou da habilitação pode ser imposta judicial ou administrativamente às pessoas legalmente habilitadas.

A suspensão judicial ocorre nas hipóteses em que o agente é condenado em definitivo pela prática de crime de trânsito para o qual é cominada esta modalidade de sanção penal (homicídio culposo, lesão culposa, embriaguez ao volante e participação em disputa não autorizada) ou, para as demais infrações penais, quando o acusado for reincidente na prática de crimes previstos no Código de Trânsito (art. 296). O prazo da suspensão é de dois meses a cinco anos (art. 293, § 1º).

A suspensão administrativa será aplicada por decisão fundamentada da autoridade de trânsito competente, em processo administrativo, assegurado ao infrator amplo direito de defesa (art. 265).

De acordo com o art. 261 do CTB, com a redação que lhe foi dada pela Lei n. 13.281/2016, a penalidade de suspensão do direito de dirigir será imposta nos seguintes casos: I – sempre que o infrator atingir a contagem de vinte pontos, no período de doze meses, conforme a pontuação prevista no art. 259; II – por transgressão às normas estabelecidas neste Código, cujas infrações preveem, de forma específica, a penalidade de suspensão do direito de dirigir. De acordo com o § 1º, do referido art. 261, os prazos para aplicação da penalidade de suspensão do direito de dirigir são os seguintes: I – no caso do inciso I do *caput*: de seis meses a um ano e, no caso de reincidência no período de doze meses, de oito meses a dois anos; II – no caso do inciso II do *caput*: de dois a oito meses, exceto para as infrações com prazo descrito no dispositivo infracional, e, no caso de reincidência no período de doze meses, de oito a dezoito meses, respeitado o disposto no inciso II do art. 263, sempre que este atingir a contagem de vinte pontos referentes ao cometimento de infrações administrativas de trânsito (arts. 261, § 1º, e 259). Haverá, também, suspensão quando o motorista dirigir sob a influência de álcool ou de qualquer outra substância psicoativa que determine dependência, e, nesse caso, o prazo da suspensão é de doze meses, nos termos do art. 165 do Código.

A suspensão também deverá ser determinada, por exemplo, em casos de disputa de corrida, participação em competição não autorizada de exibição ou demonstração de perícia, ou utilização de veículo para demonstrar ou exibir manobra perigosa, mediante arrancada brusca, derrapagem ou frenagem com deslizamento ou arrastamento de pneus (arts. 173, 174 e 175 do CTB). Em tais hipóteses, a reincidência, no prazo de doze meses, tem como consequência a cassação da habilitação, nos termos do art. 263, II, do CTB.

A pena de proibição, por outro lado, pressupõe que o agente não possua a permissão ou habilitação e somente é aplicável judicialmente às pessoas que cometam crime do Código para os quais haja previsão legal desta espécie de reprimenda.

Ao condenado por infração a este art. 307 do Código Penal, o juiz imporá novo prazo de suspensão ou proibição de obter a permissão ou habilitação pelo mesmo prazo anteriormente imposto.

2. Objetividade jurídica. O respeito à penalidade imposta por transgressão cometida no trânsito.

3. Tipo objetivo. A conduta típica consistente em “violar” a suspensão ou proibição implica dirigir veículo automotor durante o período em que esta conduta está vedada. Ao contrário do que ocorre nas figuras penais do art. 309 do Código, basta a conduta de dirigir o veículo, independente de expor alguém a risco.

4. Sujeito ativo. Qualquer pessoa que se encontre proibida de obter a permissão ou habilitação ou com tal direito suspenso.

5. Sujeito passivo. O Estado, em face do desrespeito à penalidade imposta.

6. Consumação. Dá-se com a simples conduta de dirigir, colocar o veículo em movimento.

7. Tentativa. É inadmissível. Se o agente coloca o veículo em movimento, o crime está consumado; caso contrário, o fato é penalmente irrelevante.

8. Ação penal. É pública incondicionada.

2.6. Omissão na entrega da permissão ou habilitação

> Art. 307, parágrafo único – Nas mesmas penas incorre o condenado que deixa de entregar, no prazo estabelecido no § 1º do art. 293, a Permissão para Dirigir ou a Carteira de Habilitação.

1. Introdução. Trata-se de infração penal em que o indivíduo necessariamente torna-se reincidente, uma vez que o legislador tipificou, como delito autônomo, a conduta de não colaborar com o cumprimento de pena anteriormente imposta em razão de condenação por outro crime de trânsito. Perceba-se que, ao contrário do que ocorre no crime previsto no *caput*, a conduta incriminada dispensa a transgressão efetiva à penalidade imposta. Basta, em verdade, que o agente não colabore com o início do cumprimento da reprimenda, deixando de entregar à autoridade judiciária, no prazo de quarenta e oito horas a contar da intimação, a Permissão para Dirigir ou a Carteira de Habilitação.

2. Objetividade jurídica. Como no crime de desobediência, o que se procura tutelar é o prestígio e a dignidade da Administração Pública e das decisões judiciais.

3. Sujeito ativo. O condenado que, intimado, deixa de apresentar a Permissão ou Carteira de Habilitação à autoridade judiciária.

4. Sujeito passivo. O Estado, titular da atividade administrativa e do princípio da autoridade.

5. Consumação. Dá-se no momento em que decorre o prazo de quarenta e oito horas a contar da intimação.

6. Tentativa. Por se tratar de crime omissivo próprio, não admite a figura do *conatus*.

2.7. Participação em competição não autorizada

> Art. 308[1] – Participar, na direção de veículo automotor, em via pública, de corrida, disputa ou competição automobilística não autorizada pela autoridade competente, gerando situação de risco à incolumidade pública ou privada:
>
> Penas – detenção, de seis meses a três anos, multa e suspensão ou proibição de se obter a permissão ou a habilitação para dirigir veículo automotor.
>
> § 1º – Se da prática do crime previsto no caput resultar lesão corporal de natureza grave, e as circunstâncias demonstrarem que o agente não quis o resultado nem assumiu o risco de produzi-lo, a pena privativa de liberdade é de reclusão, de três a seis anos, sem prejuízo das outras penas previstas neste artigo.
>
> § 2º – Se da prática do crime previsto no caput resultar morte, e as circunstâncias demonstrarem que o agente não quis o resultado nem assumiu o risco de produzi-lo, a pena privativa de liberdade é de reclusão de cinco a dez anos, sem prejuízo das outras penas previstas neste artigo.

1. Introdução. O elevado índice de acidentes graves decorrentes de disputas automobilísticas conhecidas como “rachas” levou o legislador a deslocar a conduta, que antes configurava mera contravenção de direção perigosa, para a parte penal do Código de Trânsito, transformando-a em crime.

2. Objetividade jurídica. A segurança viária.

3. Sujeito ativo. Qualquer pessoa. Quando a disputa envolve dois ou mais veículos, haverá concurso entre os condutores. Espectadores e passageiros que estimulem a corrida serão também responsabilizados na condição de partícipes (art. 29 do CP).

4. Sujeito passivo. A coletividade e, de forma secundária e eventual, a pessoa exposta a risco em virtude da disputa.

5. Tipo objetivo. O núcleo do tipo é a palavra "participar", que pressupõe que o agente se envolva, tome parte na disputa, estando na direção de veículo automotor.

A lei se refere a corrida, disputa ou competição, de forma a abranger o maior número possível de condutas: disputa em velocidade por um determinado percurso envolvendo dois ou mais veículos; tomada de tempo entre vários veículos, ainda que cada performance seja individual; disputa de acrobacias (freadas, cavalos de pau, direção sobre uma única roda no caso de motocicleta etc.).

O fato somente caracterizará crime se:

a) ocorrer na via pública, ou seja, em local aberto a qualquer pessoa, cujo acesso seja sempre permitido e por onde seja possível a passagem de veículos automotores (ruas, alamedas, avenidas, passagens, vielas, estradas, rodovias etc). As ruas dos condomínios particulares, nos termos da Lei n. 6.766/79, pertencem ao Poder Público e, portanto, a participação em competição não autorizada nesses locais, constitui crime. De outro lado, não se considera via pública o interior de fazenda particular, o interior de estacionamentos particulares de veículos ou de *shopping centers* etc.;

b) não houver autorização das autoridades competentes;

c) gerar perigo à incolumidade pública ou privada. É desnecessário provar que pessoa certa e determinada foi exposta a perigo. Na realidade, a disputa entre dois veículos em altíssima velocidade na via pública, por si só, rebaixa o nível de segurança viária, de tal forma a estar caracterizado o delito. Basta à acusação provar que a disputa foi realizada de maneira a atentar contra as normas de segurança do trânsito para ser possível a condenação.

Com a entrada em vigor da Lei n. 13.546/2017 (120 dias após sua publicação – em 20 de dezembro de 2017), também estará caracterizado o delito, ainda que não haja uma competição, caso o agente realize exibição ou demonstração de perícia em manobra em via pública, sem licença da autoridade, desde que o fato gere risco à incolumidade pública ou privada.

6. Consumação. Dá-se no momento da disputa, corrida ou competição não autorizada.

7. Tentativa. É inadmissível.

8. Elemento subjetivo. É a vontade livre e consciente de participar da disputa, corrida ou competição.

9. Concurso. Se em decorrência da disputa ocorre um acidente do qual resulta a morte, será aplicada a qualificadora do art. 308, § 2º (ver comentário abaixo). Dependendo do caso concreto (modo como se desenrolou a disputa) é até possível o reconhecimento de homicídio doloso, pois não é demasiado entender que pessoas que se dispõem a tomar parte em disputas imprimindo velocidade extremamente acima do limite e ainda em locais públicos assumem o risco de causar a morte de alguém (dolo eventual). Existem diversos casos em que houve condenação por homicídio com dolo eventual e que foram mantidas pelos tribunais superiores.

Quando três ou mais pessoas se unem para, frequentemente, realizar em via pública rachas (“pegas”) não autorizados, podem ser punidas também por crime de associação criminosa (art. 288 do CP), em concurso material com o delito deste art. 308 do Código de Trânsito.

10. Formas qualificadas. Dispõe o art. 308, § 1º, com a redação dada pela Lei n. 12.971/2014, que se da prática do crime previsto no *caput* resultar lesão corporal de natureza grave, e as circunstâncias demonstrarem que o agente não quis o resultado nem assumiu o risco de produzi-lo, a pena privativa de liberdade será de reclusão, de 3 a 6 anos, sem prejuízo das outras penas previstas neste artigo. Já o § 2º dispõe que se da prática do crime previsto no *caput* resultar morte, e as circunstâncias demonstrarem que o agente não quis o resultado nem assumiu o risco de produzi-lo, a pena privativa de liberdade é de reclusão de 5 a 10 anos, sem prejuízo das outras penas previstas neste artigo.

Há de se salientar, em primeiro lugar, que estas qualificadoras são exclusivamente preterdolosas (dolo na competição não autorizada e culpa na lesão grave ou morte). De ver-se, entretanto, que, em regra, quando dois ou mais motoristas resolvem disputar corrida (“racha”, “pega”) em via pública, imprimindo velocidade extremamente elevada para o local e disso decorre colisão, capotamento ou atropelamento com resultado morte (de um dos competidores, de passageiro ou de terceiro), o fato é enquadrado em regra como homicídio com dolo eventual. Ocorre, todavia, que as figuras qualificadas poderão ser aplicadas em hipóteses menos extremas de competição, em que fique caracterizada apenas culpa em relação ao evento agravador. Com efeito, não são raros os casos de competição de “empinadas” de motocicletas ou de outros tipos de malabarismos em veículos (cavalos de pau, cantadas de pneu etc.). Se tais condutas forem realizadas durante competição não autorizada e delas resultar culposamente a morte de outrem, haverá enquadramento na figura qualificada do art. 308, § 2º.

2.8. Direção de veículo sem permissão ou habilitação

> Art. 309 – Dirigir veículo automotor, em via pública, sem a devida Permissão para Dirigir ou Habilitação ou, ainda, se cassado o direito de dirigir, gerando perigo de dano:
>
> Penas – detenção, de seis meses a um ano, ou multa.

1. Introdução. A conduta de dirigir veículo sem habilitação, anteriormente definida como simples contravenção penal (art. 32 da LCP), foi elevada à categoria de crime, sofrendo, entretanto, algumas alterações quanto a seus requisitos.

2. Tipo objetivo. O núcleo do tipo é a conduta de dirigir, que significa ter sob seu controle os mecanismos de direção e velocidade de um veículo, colocando-o em movimento por um determinado trajeto. É necessário, ainda, que o fato ocorra em via pública (*v.* comentários ao art. 308).

Para que exista o crime, é necessário que o condutor do veículo não possua Permissão para Dirigir (documento válido por um ano aos candidatos aprovados nos exames) ou Habilitação.

Deve-se levar em conta o momento em que o agente é flagrado dirigindo, de nada adiantando a obtenção posterior da Permissão ou Habilitação.

No caso de Habilitação com prazo de validade expirado, somente se pode cogitar de crime se o vencimento ocorreu há mais de trinta dias, pois, antes disso, o fato sequer constitui infração administrativa (art. 162, V).

Se o agente está com a Permissão ou a Habilitação suspensas, a conduta tipifica o crime do art. 307.

Existe crime na hipótese de o agente ser habilitado para conduzir veículo de uma determinada categoria e ser flagrado dirigindo veículo de outra (art. 143). Ex.: pessoa habilitada somente para conduzir automóveis que dirige motocicleta.

Se o agente é legalmente habilitado, configura mera infração administrativa o fato de dirigir veículo sem estar portando o documento (art. 232).

Quando uma pessoa está dirigindo veículo de forma a gerar perigo de dano e, ao ser parado por policiais, apresenta habilitação falsa, responde pelo crime do art. 309 do Código de Trânsito em concurso material com o crime de uso de documento falso (art. 304 do CP).

Há de se lembrar que o estado de necessidade exclui o crime: quando o agente dirige sem habilitação para socorrer pessoa adoentada ou acidentada que necessite de atendimento médico, ou, ainda, em outras situações de extrema urgência.

O art. 141 da Lei n. 9.503/97 estabelece que, para os ciclomotores, exige-se autorização para dirigir e não habilitação. Pode-se concluir, portanto, que a direção de ciclomotor sem autorização não está abrangida pelo tipo penal. De acordo com a definição constante do Anexo I do Código de Trânsito Brasileiro, ciclomotor é todo veículo de duas ou três rodas, provido de um motor de combustão interna, cuja cilindrada não exceda a cinquenta centímetros cúbicos e cuja velocidade máxima não exceda a cinquenta quilômetros por hora.

Existe crime também na conduta de dirigir veículo pela via pública com o direito de dirigir cassado, nas hipóteses do art. 263 do CTB. A cassação é aplicada por decisão fundamentada da autoridade de trânsito competente, em processo administrativo, assegurado ao infrator amplo direito de defesa.

Por fim, a existência do crime pressupõe que a conduta provoque perigo de dano. Basta, entretanto, demonstrar que o agente conduzia o veículo sem habilitação e de forma anormal, irregular, de modo a atingir negativamente o nível de segurança de trânsito, que é o objeto jurídico tutelado pelo dispositivo (dirigir na contramão, em zigue-zague, desrespeitando preferencial etc.). É, portanto, desnecessário que se prove que certa pessoa sofreu efetiva situação de risco, pois, conforme já mencionado, não se trata de crime de perigo concreto. Trata-se de crime que efetivamente lesa o bem jurídico “segurança viária”, de forma que o sujeito passivo é toda a coletividade e não pessoa certa e individualizada. À acusação, portanto, incumbe provar que o agente não possuía habilitação e que dirigia desrespeitando as normas de tráfego, ainda que não tenha exposto diretamente alguém a risco.

Uma questão muito importante que se coloca é saber se o art. 32 da Lei das Contravenções continua em vigor para a hipótese em que o agente conduz regularmente o veículo, sem possuir a habilitação.

A resposta é negativa.

Com efeito, a simples conduta de dirigir sem habilitação passou a configurar apenas infração administrativa (art. 162, I), demonstrando que o legislador quis afastar a incidência de normas penais para o caso.

Pela sistemática antiga, o ato de dirigir sem habilitação configurava concomitantemente a contravenção penal do art. 32 e a infração administrativa prevista no art. 89, I, do antigo Código Nacional de Trânsito. O novo Código, entretanto, tratou tanto da questão administrativa quanto da penal, dispondo que, se a conduta gerar perigo de dano, haverá crime, mas, se não gerar, haverá mera infração administrativa. Assim, atento ao que dispõe o art. 2º, § 1º, da Lei de Introdução às Normas do Direito Brasileiro, no sentido de que há revogação tácita quando a lei posterior trata de toda a matéria e de forma diversa da anterior, pode-se concluir que o novo Código, ao dispor em seu corpo sobre matéria penal e também administrativa, revogou o art. 32 da Lei das Contravenções Penais quanto à direção sem habilitação. Nesse sentido, a Súmula 720 do Supremo Tribunal Federal: “o art. 309 do Código de Trânsito Brasileiro, que reclama decorra do fato perigo de dano, derrogou o art. 32 da Lei das Contravenções Penais no tocante à direção sem habilitação em vias terrestres". Assim, o art. 32 só continua tendo aplicação em sua parte final, isto é, para hipóteses de direção de embarcação a motor em águas públicas, sem habilitação.

3. Sujeito ativo. Qualquer pessoa. Trata-se de crime de mão própria, que admite o concurso de pessoas apenas na modalidade de participação, sendo incompatível com a coautoria. É partícipe do crime aquele que, por exemplo, estimula ou instiga o agente a dirigir de forma anormal, ciente de que este não é habilitado. O ato de entregar o veículo a pessoa não habilitada constitui crime específico do art. 310.

4. Sujeito passivo. A coletividade e, de forma secundária e eventual, a pessoa exposta a perigo pelo agente.

5. Consumação. Dá-se no instante em que o agente dirige o veículo de forma irregular.

6. Tentativa. É inadmissível.

7. Absorção. Se o agente, ao dirigir sem habilitação, infringe também os crimes dos arts. 306 (embriaguez ao volante), 308 (participação em competição não autorizada) ou 311 (excesso de velocidade), responderá apenas por essas infrações penais, aplicando-se pelo fato de não possuir habilitação, a agravante genérica do art. 298, III, do Código de Trânsito.

8. Ação penal. É pública incondicionada.

2.9. Entrega de veículo a pessoa não habilitada

> Art. 310 – Permitir, confiar ou entregar a direção de veículo automotor a pessoa não habilitada, com habilitação cassada ou com o direito de dirigir suspenso, ou, ainda, a quem, por seu estado de saúde, física ou mental, ou por embriaguez, não esteja em condições de conduzi-lo com segurança:
>
> Penas – detenção, de seis meses a um ano, ou multa.

1. Introdução. A lei erigiu à categoria de crime autônomo condutas que, na ausência do dispositivo, configurariam participação no crime de dirigir sem habilitação. Quis o legislador, entretanto, estabelecer a divisão para deixar evidente a existência do crime por parte de quem entrega o veículo ainda que o condutor dirija de forma regular (tipificação que seria impossível para o mero partícipe). Nesse sentido, existe a Súmula 575 do Superior Tribunal de Justiça: "Constitui crime a conduta de permitir, confiar ou entregar a direção de veículo automotor a pessoa que não seja habilitada, ou que se encontre em qualquer das situações previstas no art. 310 do CTB, independentemente da ocorrência de lesão ou de perigo de dano concreto na condução do veículo".

2. Objetividade jurídica. A segurança viária.

3. Tipo objetivo. São as condutas de permitir, confiar ou entregar a direção de veículo automotor a alguém. Essas condutas possuem praticamente o mesmo significado.

Entregar significa passar o veículo às mãos ou à posse de alguém. A conduta pressupõe a entrega material do automóvel, da motocicleta etc. Nas modalidades permitir e confiar, o agente expressa ou tacitamente consente no uso do veículo. O crime, portanto, pode ser praticado por ação ou por omissão.

Apesar de não haver menção no texto legal, é necessário que a pessoa receba o veículo para conduzi-lo na via pública, uma vez que esta é a sistemática adotada pelo Código.

Para que o crime se aperfeiçoe é necessário que o veículo seja franqueado a uma das pessoas enumeradas no tipo penal:

a) pessoa não habilitada. Apesar do texto legal, é evidente que não há crime quando a pessoa possui permissão para dirigir; **b)** pessoa com habilitação cassada ou direito de dirigir suspenso; **c)** pessoa que por seu estado de saúde física ou mental não esteja em condições de dirigir com segurança; **d)** pessoa que não esteja em condições de dirigir com segurança por estar embriagada.

4. Sujeito ativo. Qualquer pessoa que possa permitir, confiar ou entregar o veículo a outrem.

5. Sujeito passivo. A coletividade.

6. Consumação. Ocorre apenas quando, após ter recebido o veículo do agente, ou a permissão para usá-lo, o terceiro coloca o veículo em movimento. Esta parece a solução mais adequada, pois, antes de o sujeito colocar o veículo em movimento, é possível que o agente mude de ideia e impeça a sua condução.

7. Tentativa. Somente será possível o seu reconhecimento se o terceiro for impedido de dirigir em momento imediatamente anterior àquele em que iria colocar o veículo em movimento, v.g., se já havia acionado o motor de um automóvel, mas ainda não havia saído do local, quando veio a ser abordado por policiais. Antes disso, não se pode afirmar ter havido início de execução.

8. Ação penal. É pública incondicionada.

2.10. Excesso de velocidade em determinados locais

> Art. 311 – Trafegar em velocidade incompatível com a segurança nas proximidades de escolas, hospitais, estações de embarque e desembarque de passageiros, logradouros estreitos, ou onde haja grande movimentação ou concentração de pessoas, gerando perigo de dano:
>
> Penas – detenção de seis meses a um ano, ou multa.

1. Introdução. O legislador, preocupado em proteger a segurança viária de locais onde exista elevado número de pessoas, criminalizou a conduta de imprimir velocidade incompatível em suas proximidades. Entretanto, teria agido melhor se tivesse dado redação mais genérica ao dispositivo, de forma a abranger quaisquer manobras perigosas na direção do veículo, realizadas nas proximidades de hospitais, escolas etc. Dessa forma, como a lei menciona apenas o excesso de velocidade, as demais condutas tipificarão apenas a contravenção de direção perigosa (art. 34 da LCP).

2. Objetividade jurídica. A segurança viária.

3. Tipo objetivo. A conduta incriminada consiste em imprimir velocidade incompatível com a segurança do local. Não se exige que a prova seja feita por meio de radares ou equivalentes, podendo as testemunhas atestar o excesso.

A infração penal pressupõe que o fato ocorra nas redondezas de hospitais, escolas, estações de embarque ou desembarque (abrangendo inclusive pontos de ônibus, trólebus etc.), logradouros estreitos ou onde haja grande movimentação ou concentração de pessoas. A fórmula genérica utilizada ao final deixa evidenciado que somente existe o crime, mesmo em relação a hospitais ou escolas, quando há concentração de pessoas no local. A conclusão só pode ser esta, uma vez que, durante a madrugada, por exemplo, não existe diferença entre dirigir em excesso de velocidade ao lado de uma escola ou de qualquer outro lugar.

É evidente que não há crime em situações especiais, como de ambulâncias, viaturas policiais e de bombeiros quando imprimem alta velocidade para atender emergências.

4. Sujeito ativo. O condutor do veículo que imprime velocidade excessiva, ciente de que se encontra próximo aos locais mencionados na lei.

5. Sujeito passivo. A coletividade e, de forma secundária e eventual, a pessoa exposta a perigo.

6. Elemento subjetivo. A intenção livre e consciente de dirigir em velocidade excessiva, ciente de que se encontra próximo a hospitais, escolas etc. Não se exige que o agente tenha intenção específica de expor alguém a risco.

7. Consumação. Ocorre quando o agente, imprimindo velocidade incompatível com a segurança, passa com o veículo por um dos locais protegidos pela lei, gerando perigo de dano.

8. Tentativa. É inadmissível.

9. Absorção. Ocorrendo acidente do qual resulte morte ou lesão culposa, ficará absorvido o crime em análise.

10. Ação penal. É pública incondicionada.

2.11. Fraude No procedimento apuratório

> Art. 312 – Inovar artificiosamente, em caso de acidente automobilístico com vítima, na pendência do respectivo procedimento policial preparatório, inquérito policial ou processo penal, o estado do lugar, de coisa ou de pessoa, a fim de induzir a erro o agente policial, o perito ou juiz:
>
> Penas – detenção, de seis meses a um ano, ou multa.
>
> Parágrafo único – Aplica-se o disposto neste artigo, ainda que não iniciados, quando da inovação, o procedimento preparatório, o inquérito ou o processo aos quais se refere.

1. Introdução. O dispositivo torna inaplicável em relação à apuração de acidentes de trânsito o crime de fraude processual previsto no art. 347 do Código Penal.

2. Objetividade jurídica. A administração da justiça.

3. Tipo objetivo. A existência do delito pressupõe, inicialmente, a ocorrência de acidente de trânsito com vítima.

A conduta típica consiste na modificação do estado do lugar, de coisa ou de pessoa. Abrange, portanto, as ações de apagar marca de derrapagem, retirar placas de sinalização, alterar o local dos carros, limpar estilhaços do chão, alterar o local do corpo da vítima etc.

A lei deixa absolutamente clara a aplicação do dispositivo qualquer que seja o momento da ação, ainda que os peritos sequer tenham chegado ao local para iniciar o procedimento apuratório. Esse, aliás, o momento em que normalmente ocorrem as fraudes.

O crime pode ser cometido pelo próprio causador do acidente, por terceiro, ou por ambos em concurso.

4. Elemento subjetivo. O tipo penal exige que a fraude ocorra com a finalidade de enganar policiais, peritos ou o juiz. Está implícito, entretanto, que a verdadeira intenção do agente é evitar a sua punição ou a de terceiro causador do evento.

5. Consumação. Ocorre no exato momento em que o agente altera o estado do lugar, coisa ou pessoa, ainda que não atinja sua finalidade de enganar as autoridades. Trata-se de crime formal.

6. Tentativa. É possível quando o agente é flagrado ao iniciar a fraude.

7. Ação penal. É pública incondicionada.

[1] A Lei n. 13.546, publicada em 20 de dezembro de 2017, e que entrará em vigor após o transcurso de 120 dias da publicação deu nova redação ao art. 308, caput, do Código de Trânsito. A nova redação é a seguinte: "Art. 308. Participar, na direção de veículo automotor, em via pública, de corrida, disputa ou competição automobilística ou ainda de exibição ou demonstração de perícia em manobra de veículo automotor, não autorizada pela autoridade competente, gerando situação de risco à incolumidade pública ou privada". A diferença é que com a nova redação também passarão a tipificar o delito as exibições ou demonstrações de perícia em manobra de veículo automotor, como cavalos de pau, por exemplo, desde que não haja autorização e que o fato provoque risco à incolumidade pública ou privada.

Exercícios com Gabarito de Português Sintaxe - Período Simples

1) (Cesgranrio-1995) Assinale a opção que traz corretas classificações do sujeito e da predicação verbal.
a) "Houve uma considerável quantidade" - sujeito inexistente; verbo transitivo direto.
b) "que jamais hão-de ver país como este" - sujeito indeterminado; verbo transitivo indireto.
c) "mas reflete a pulsação da inenarrável história de cada um"- sujeito simples; verbo transitivo direto e indireto.
d) "que se recebe em herança" - sujeito indeterminado; verbo transitivo indireto.
e) "a quem tutela" - sujeito simples; verbo intransitivo.

2) (UFC-2002) No trecho: "Eu não creio, não posso mais acreditar na bondade ou na virtude de homem algum; todos são mais ou menos ruins, falsos, e indignos; há porém alguns que sem dúvida com o fim de ser mais nocivos aos outros, e para produzir maior dano, têm o merecimento de dizer a verdade nua e crua, (...)" (p.65):

I . *algum* e *alguns* são pronomes indefinidos.
II. *alguns* é sujeito do verbo haver.
III. *algum* equivale a nenhum.

Assinale a alternativa correta sobre as assertivas acima:
a) apenas I é verdadeira.
b) apenas II é verdadeira.
c) apenas I e II são verdadeiras.
d) apenas I e III são verdadeiras.
e) I, II e III são verdadeiras.

3) (PUCCamp-1995) A questão da descriminalização das drogas se presta a freqüentes simplificações de caráter maniqueísta, que acabam por estreitar um problema extremamente complexo, permanecendo a discussão quase sempre em torno da droga que está mais em evidência.

Vários aspectos relacionados ao problema (abuso das chamadas drogas lícitas, como medicamentos, inalação de solventes, etc.) ou não são discutidos, ou não merecem a devida atenção. A sociedade parece ser pouco sensível, por exemplo, aos problemas do alcoolismo, que representa a primeira causa de internação da população adulta masculina em hospitais psiquiátricos. Recente estudo epidemiológico realizado em São Paulo apontou que 8% a 10% da população adulta apresentavam problemas de abuso ou dependência de álcool. Por outro lado, a comunidade mostra-se extremamente sensível ao uso e abuso de drogas ilícitas, como maconha, cocaína, heroína, etc.

Dois grupos mantém acalorada discussão. O primeiro acredita que somente penalizando traficantes e usuários pode-se controlar o problema, atitude essa centrada, evidentemente, em aspectos repressivos.

Essa corrente atingiu o seu maior momento logo após o movimento militar de 1964. Seus representantes acreditam, por exemplo, que "no fim da linha" usuários fazem sempre um pequeno comércio, o que, no fundo, os igualaria aos traficantes, dificultando o papel da Justiça. Como solução, apontam, com freqüência, para os reconhecidamente muito dependentes, programas extensos a serem desenvolvidos em fazendas de recuperação, transformando o tratamento em um programa agrário.

Na outra ponta, um grupo "neoliberal" busca uma solução nas regras do mercado. Seus integrantes acreditam que, liberando e taxando essas drogas através de impostos, poderiam neutralizar seu comercio, seu uso e seu abuso. As experiências dessa natureza em curso em outros países não apresentam resultados animadores.

Como uma terceira opção, pode-se olhar a questão considerando diversos ângulos. O usuário eventual não necessita de tratamento, deve ser apenas alertado para os riscos. O dependente deve ser tratado, e, para isso, a descriminalização do usuário é fundamental, pois facilitaria muito seu pedido de ajuda. O traficante e o produtor devem ser penalizados. Quanto ao argumento de que usuários vendem parte do produto: é fruto de desconhecimento de como se dão as relações e as trocas entre eles.

Duplamente penalizados, pela doença (dependência) e pela lei, os usuários aguardam melhores projetos, que cuidem não só dos aspectos legais, mas também dos aspectos de saúde que são inerentes ao problema.

(Adaptado de Marcos P.T. Ferraz, Folha de São Paulo)

Como solução, apontam, com freqüência, para os reconhecidamente muito dependentes, programas extensos.

Sobre a frase anterior é INCORRETO afirmar-se que:
a) o sujeito é inexistente.
b) "com freqüência" é um adjunto adverbial.
c) "os reconhecidamente muito dependentes" é o objeto indireto.
d) "programas extensos" é o objeto direto.
e) "extensos" é adjunto adnominal.

4) (UFMG-1998) Já não basta ficarem mexendo toda hora no valor e no nome do dinheiro? Nos juros, no crédito, nas alíquotas de importação, no câmbio, na Ufir e nas regras do imposto de renda?

Já não basta mudarem as formas da Lua, as marés, a direção dos ventos e o mapa da Europa? E as regras das campanhas eleitorais, o ministério, o comprimento das saias, a largura das gravatas? Não basta os deputados mudarem de partido, homens virarem mulher, mulheres virarem homem e os economistas virarem lobisomen, quando saem do Banco Central e ingressam na banca privada?

Já não basta os prefeitos, como imperadores romanos, tentarem mudar o nome de avenidas cruciais como a Vieira Souto, no Rio de Janeiro, ou se lançarem à aventura maluca de destruir largos pedaços da cidade para rasgar avenidas, como em São Paulo? Já não basta mudarem toda hora as teorias sobre o que engorda e o que emagrece? Não basta mudarem a capital federal, o número de estados, o número de municípios e até o nome do país, que já foi Estados Unidos do Brasil e depois virou República Federativa do Brasil?

Não, não basta. Lá vêm eles de novo, querendo mudar as regras de escrever o idioma.

"Minha pátria é a língua portuguesa", escreveu Fernando Pessoa pela pena de um de seus heterônimos, Bernardo Soares, autor do Livro do Desassossego. Desassossegados estamos. Querem mexer na pátria. Quando mexem no modo de escrever o idioma, põem a mão num espaço íntimo e sagrado como a terra de onde se vem, o clima a que se acostumou, o pão que se come.

Aprovou-se recentemente no Senado mais uma reforma ortográfica da Língua Portuguesa. É a terceira nos últimos 52 anos, depois das de 1943 e 1971 - muita reforma, para pouco tempo. Uma pessoa hoje com 60 anos aprendeu a escrever "idéa", depois, em 1943, mudou para "idéia", ficou feliz em 1971 porque "idéia" passou incólume, mas agora vai escrever "ideia", sem acento.

Reformas ortográficas são quase sempre um exercício vão, por dois motivos. Primeiro, porque tentam banhar de lógica o que, por natureza, possui extensas zonas infensas à lógica, como é o caso de um idioma. Escreve-se "Egito", e não "Egipto", mas "egípcio", e não "egício", e daí? Escreve-se "muito", mas em geral se fala "muinto". Segundo, porque, quando as reformas se regem pela obsessão de fazer coincidir a fala com a escrita, como é o caso das reformas da Língua Portuguesa, estão correndo atrás do inalcançável. A pronúncia muda no tempo e no espaço. A flor que já foi "azálea" está virando "azaléa" e não se pode dizer que esteja errado o que todo o povo vem consagrando. "Poder" se pronuncia "poder" no Sul do Brasil e "puder" no Brasil do Nordeste. Querer que a grafia coincida sempre com a pronúncia é como correr atrás do arco-íris, e a comparação não é fortuita, pois uma língua é uma coisa bela, mutável e misteriosa como um arco-íris.

Acresce que a atual reforma, além de vã, é frívola. Sua justificativa é unificar as grafias do Português do Brasil e de Portugal. Ora, no meio do caminho percebeu-se que seria uma violência fazer um português escrever "fato" quando fala "facto", brasileiro escrever "facto" ou "receção" (que ele só conhece, e bem, com dois ss, no sentido inferno astral da economia). Deixou-se, então, que cada um continuasse a escrever como está acostumado, no que se fez bem, mas, se a reforma era para unificar e não unifica, para que então fazê-la? Unifica um pouco, responderão os defensores da reforma. Mas, se é só um pouco, o que adianta? Aliás, para que unificar? O último argumento dos propugnadores da reforma é que, afinal, ela é pequena - mexe com a grafia de 600, entre as cerca de 110.000 palavras da Língua Portuguesa, ou apenas 0,54% do total. Se é tão pequena, volta a pergunta: para que fazê-la?

Fala-se que a reforma simplifica o idioma e, assim, torna mais fácil seu ensino. Engano. A representação escrita da língua é um bem que percorre as gerações, passando de uma à outra, e será tão mais bem transmitida quanto mais estável for, ou, pelo menos, quanto menos interferências arbitrárias sofrer. Não se mexa assim na língua. O preço disso é banalizá-la como já fizeram com a moeda, no Brasil.

Roberto Pompeu de Toledo - Veja, 24.05.95.
Texto adaptado pela equipe de Língua Portuguesa da COPEVE/UFMG

Todas as alternativas contêm trechos que, no texto, apresentam imprecisão do agente da ação verbal, exceto:

a) Já não basta mudarem toda hora as teorias sobre o que engorda e o que emagrece?
b) Já não basta ficarem mexendo toda hora no valor e no nome do dinheiro?
c) Lá vêm eles de novo, querendo mudar as regras de escrever o idioma.
d) Já não basta os prefeitos, como imperadores, tentarem mudar o nome de avenidas cruciais (...)?

5) (Mack-1996) "Há uma gota de sangue em cada poema." Assinale a alternativa que contém uma observação correta sobre a sintaxe dessa frase.
a) sujeito: uma gota de sangue.
b) verbo intransitivo.
c) adjuntos adverbiais: uma e de sangue.
d) complemento nominal: em cada poema.
e) predicado verbal: toda a oração.

6) (UFV-1996) "Paquera, gabiru, flerte, caso, transa, envolvimento, até paixão é fácil." As gramáticas diriam que esta flexão verbal está correta porque o sujeito é composto:
a) de diferentes pessoas gramaticais.
b) constituído de palavras mais ou menos sinônimas.
c) posposto ao verbo.
d) ligado por preposição.
e) oracional.

7) (Mack-2001) ... E surgia na Bahia o anacoreta sombrio, cabelos crescidos até aos ombros, barba inculta e longa; face escaveirada; olhar fulgurante; monstruoso, dentro de um hábito azul de brim americano; abordoado ao clássico bastão em que se apóia o passo tardo dos peregrinos.

É desconhecida a sua existência durante tão longo período. Um velho caboclo, preso em Canudos nos últimos dias da campanha, disse-**me** algo a respeito, mas vagamente, sem precisar datas, sem pormenores característicos. Conhecera-**o** nos sertões de Pernambuco, um ou dous anos depois da partida do Crato.

Considere as afirmações.
I - *o anacoreta sombrio* e *a sua existência* desempenham função sintática de sujeito.
II - Os pronomes oblíquos assinalados desempenham funções sintáticas diferentes.
III - Depois da conjunção *mas* há elipse de um verbo.
Assinale:
a) se apenas **I** e **II** estiverem corretas.
b) se apenas **II** e **III** estiverem corretas.
c) se apenas **II** estiver correta.
d) se todas estiverem corretas.
e) se apenas **I** e **III** estiverem corretas.

8) (UECE-2006) “Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.
Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.
O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.
Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.
Um dia, ao pino do sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite.

....

Rumor suspeito quebra a harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se. Diante dela, e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar, nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo.
Foi rápido como o olhar o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.
De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais da alma que da ferida.
O sentimento que ele pôs nos olhos e no rosto, não sei eu. Porém a virgem lançou de si o arco e a uiraçaba e correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara. A mão, que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida; deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.
O guerreiro falou:
- Quebras comigo a flecha da paz?
- Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos? Donde vieste a estas matas que nunca viram outro guerreiro como tu?
- Venho de longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram, e hoje têm os meus.
- Bem-vindo seja o estrangeiro aos campos dos tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema.”
(José de Alencar, do romance Iracema)

“ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra”.(linhas 17 a 18). O agente de deslumbra é
a) a virgem
b) os olhos
c) a palavra que
d) o sol

9) (UFSC-2007)

TEXTO 4

“Capitu deu-me as costas, voltando-se para o espelhinho. Peguei-lhe dos cabelos, colhi-os todos e entrei a alisá-los com o pente, desde a testa até as últimas pontas, que lhe desciam à cintura. Em pé não dava jeito: não esquecestes que ela era um nadinha mais alta que eu, mas ainda que fosse da mesma altura. Pedi-lhe que se sentasse”.

[...]

“Agora, por que é que nenhuma dessas caprichosas me fez esquecer a primeira amada do meu coração?

[...]

E bem, qualquer que seja a solução, uma coisa fica, e é a suma das sumas, ou o resto dos restos, a saber, que a minha primeira amiga e o meu maior amigo, tão extremosos ambos e tão queridos também, quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me... A terra lhes seja leve!”

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: FTD, 1991, p. 65, 208 e 209.

A respeito do TEXTO 4 e da obra *Dom Casmurro*, assinale a(s) proposição(ões) **CORRETA(S)**.

01. Em “Peguei-lhe dos cabelos...” (linhas 1-3), “...que lhe desciam” (linha 3) e “Pedi-lhe que se sentasse” (linhas 4-5), a palavra destacada, embora sendo um pronome pessoal oblíquo, tem valor possessivo.
02. Os pronomes destacados em “Capitu deu-me as costas” (linha 1), “voltando-se para o es-pelhinho” (linha 1) e “... que se sentasse” (linhas 4-5) são todos reflexivos,

pois o mesmo indivíduo ao mesmo tempo que exerce a ação expressa pelo verbo, recebe os efeitos dessa ação.
04. Em “Em pé não dava jeito” (linha 3), a elipse do sujeito nos remete a Capitu, que não conseguia pentear seus cabelos sem o auxílio do narrador.
08. *Dom Casmurro* é um romance com fortes tendências realistas, em que Machado exercita com maestria os longos textos descritivos e explicativos, prolongando a história e protelando o desfecho.
16. A narrativa gira em torno do triângulo Bentinho, Capitu e Escobar. Bentinho é o narrador que está vivo e relatando o triste desfecho da história de sua vida, cujos pilares foram Capitu e Escobar, que já estão mortos.
32. Bentinho tem certeza de que foi traído, e o romance oferece pistas para sua comprovação, como, por exemplo, a semelhança de Ezequiel com Escobar e uma carta reveladora deixada por Capitu.
64. Com a frase “A terra lhes seja leve!” (linha 13), Bentinho revela acreditar que os dois possíveis amantes não merecem punição.

10) (PUC-SP-2006) A animalização do país
Clóvis Rossi, Folha de São Paulo, 21 de fevereiro de 2006

SÃO PAULO - No sóbrio relato de Elvira Lobato, lia-se ontem, nesta Folha, a história de um Honda Fit abandonado em uma rua do Rio de Janeiro "com uma cabeça sobre o capô e os corpos de dois jovens negros, retalhados a machadadas, no interior do veículo".
Prossegue o relato: "A reação dos moradores foi tão chocante como as brutais mutilações. Vários moradores buscaram seus celulares para fotografar os corpos, e os mais jovens riram e fizeram troça dos corpos.
Os próprios moradores descreveram a algazarra à reportagem. "Eu gritei: Está nervoso e perdeu a cabeça?", relatou um motoboy que pediu para não ser identificado, enquanto um estudante admitiu ter rido e feito piada ao ver que o coração e os intestinos de uma das vítimas tinham sido retirados e expostos por seus algozes.
"Ri porque é engraçado ver um corpo todo picado", respondeu o estudante ao ser questionado sobre a causa de sua reação.
O crime em si já seria uma clara evidência de que bestas-feras estão à solta e à vontade no país. Mas ainda daria, num esforço de auto-engano, para dizer que crimes bestiais ocorrem em todas as partes do mundo.
Mas a reação dos moradores prova que não se trata de uma perversidade circunstancial e circunscrita. Não. O país perde, crescentemente, o respeito à vida, a valores básicos, ao convívio civilizado. O anormal, o patológico, o bestial, vira normal. "É engraçado", como diz o estudante.
O processo de animalização contamina a sociedade, a partir do topo, quando o presidente da
República diz que seu partido está desmoralizado, mas vai à festa dos desmoralizados e confraterniza com trambiqueiros confessos. Também deve achar "engraçado".
Alguma surpresa quando é declarado inocente o comandante do massacre de 111 pessoas, sob aplausos de parcela da sociedade para quem presos não têm direito à vida? São bestas-feras, e deve ser "engraçado" matá-los. É a lei da selva, no asfalto.

No primeiro parágrafo do texto, lê-se o seguinte trecho: "No sóbrio relato de Elvira Lobato, lia-se ontem, nesta Folha, a história de um Honda Fit abandonado...". Em relação a esse trecho, a ação de ler expressa em "lia-se. tem como agente:
a) Um grupo generalizado de leitores.
b) Apenas Elvira Lobato, uma vez que ela é a autora do artigo referido pelo autor.
c) Apenas o relato de Elvira Lobato, pois é ele que exerce a ação expressa pelo verbo.
d) Exclusivamente o próprio autor deste artigo (Clóvis Rossi), porque só ele pôde ter acesso ao texto.
e) Somente os jovens negros referidos no artigo, pois o que aconteceu com eles é o centro deste artigo.

11) (Vunesp-2003) A questão abaixo toma por base um fragmento da Poética, do filósofo grego Aristóteles (384-322 a.C.), um fragmento de Corte na Aldeia, do poeta clássico português Francisco Rodrigues Lobo (1580-1622), e um fragmento de uma crônica do escritor realista brasileiro Machado de Assis (1839-1908).

Poética
Pelas precedentes considerações se manifesta que não é ofício de poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade. Com efeito, não diferem o historiador e o poeta, por escreverem verso ou prosa (pois que bem poderiam ser postas em verso as obras de Heródoto, e nem por isso deixariam de ser história, se fossem em verso o que eram em prosa), - diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder. Por isso a poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e esta o particular. Por “referir-se ao universal” entendo eu atribuir a um indivíduo de determinada natureza pensamentos e ações que, por liame de necessidade e verossimilhança, convêm a tal natureza; e ao universal, assim entendido, visa a poesia, ainda que dê nomes aos seus personagens; particular, pelo contrário, é o que fez Alcibíades ou o que lhe aconteceu.
(Aristóteles, Poética)

Corte na Aldeia
- A minha inclinação em matéria de livros (disse ele), de todos os que estão presentes é bem conhecida; somente poderei dar agora de novo a razão dela. Sou particularmente afeiçoado a livros de história verdadeira,

e, mais que às outras, às do Reino em que vivo e da terra onde nasci; dos Reis e Príncipes que teve; das mudanças que nele fez o tempo e a fortuna; das guerras, batalhas e ocasiões que nele houve; dos homens insignes, que, pelo discurso dos anos, floresceram; das nobrezas e brasões que por armas, letras, ou privança se adquiriram. [...]

[...]

- Vós, senhor Doutor (disse Solino) achareis isso nos vossos cartapácios; mas eu ainda estou contumaz. Primeiramente, nas histórias a que chamam verdadeiras, cada um mente segundo lhe convém, ou a quem o informou, ou favoreceu para mentir; porque se não forem estas tintas, é tudo tão misturado que não há pano sem nódoa, nem légua sem mau caminho. No livro fingido contam-se as cousas como era bem que fossem e não como sucederam, e assim são mais aperfeiçoadas. Descreve o cavaleiro como era bem que os houvesse, as damas quão castas, os Reis quão justos, os amores quão verdadeiros, os extremos quão grandes, as leis, as cortesias, o trato tão conforme com a razão. E assim não lereis livro em o qual se não destruam soberbos, favoreçam humildes, amparem fracos, sirvam donzelas, se cumpram palavras, guardem juramentos e satisfaçam boas obras. [...]

Muito festejaram todos o conto, e logo prosseguiu o Doutor:

- Tão bem fingidas podem ser as histórias que merecem mais louvor que as verdadeiras; mas há poucas que o sejam; que a fábula bem escrita (como diz Santo Ambrósio), ainda que não tenha força de verdade, tem uma ordem de razão, em que se podem manifestar as cousas verdadeiras.

(Francisco Rodrigues Lobo, Corte na Aldeia)

Crônica

(15.03.1877)

Mais dia menos dia, demito-me deste lugar. Um historiador de quinzena, que passa os dias no fundo de um gabinete escuro e solitário, que não vai às touradas, às câmaras, à rua do Ouvidor, um historiador assim é um puro contador de histórias.

E repare o leitor como a língua portuguesa é engenhosa. Um contador de histórias é justamente o contrário de historiador, não sendo um historiador, afinal de contas, mais do que um contador de histórias. Por que essa diferença? Simples, leitor, nada mais simples.O historiador foi inventado por ti, homem culto, letrado, humanista; o contador de histórias foi inventado pelo povo, que nunca leu Tito Lívio, e entende que contar o que se passou é só fantasiar. O certo é que se eu quiser dar uma descrição verídica da tourada de domingo passado, não poderei, porque não a vi.

[...]

(Joaquim Maria Machado de Assis, História de Quinze Dias. In: Crônicas)

A leitura do último período do fragmento de Rodrigues Lobo revela que o escritor valeu-se com elegância do recurso à elipse para evitar a repetição desnecessária de elementos. Com base nesta observação,

a) aponte, na série enumerativa que começa com a oração “se não destruam soberbos”, os vocábulos que são omitidos, por elipse, nas outras orações da série;

b) considerando que as sete orações da série enumerativa se encontram na chamada “voz passiva sintética”, indique o sujeito da primeira oração e as características de flexão e concordância que permitem identificá-lo.

12) (FGV-2006) Amor de Salvação

Escutava o filho de Eulália o discurso de D. José, lardeado de facécias, e, por vezes, atendível por umas razões que se lhe cravavam fundas no espírito. As réplicas saíam-lhe frouxas e mesmo timoratas. Já ele se temia de responder coisa de fazer rir o amigo. Violentava sua condição para o igualar na licença da idéia, e, por vezes, no desbragado da frase. Sentia-se por dentro reabrir em nova primavera de alegrias para muitos amores, que se haviam de destruir uns aos outros, a bem do coração desprendido salutarmente de todos. A sua casa de Buenos Aires aborreceu-a por afastada do mundo, boa tão somente para tolos infelizes que fiam do anjo da soledade o despenarem-se, chorando. Mudou residência para o centro de Lisboa, entre os salões e os teatros, entre o rebuliço dos botequins e concurso dos passeios. Entrou em tudo. As primeiras impressões enjoaram-no; mas, à beira dele, estava D. José de Noronha, rodeado dos próceres da bizarriz *(sic)*, todos porfiados em tosquiarem um dromedário provinciano, que se escondera em Buenos Aires a delir em prantos uma paixão calosa, trazida lá das serranias minhotas. Ora, Afonso de Teive antes queria renegar da virtude, que já muito a medo lhe segredava os seus antigos ditames, que expor-se à irrisão de pessoas daquele quilate. É verdade que às vezes duas imagens lagrimosas se lhe antepunham: a mãe, e Mafalda. Afonso desconstrangia-se das visões importunas, e a si se acusava de pueril visionário, não emancipado ainda das crendices do poeta inesperto da prosa necessária à vida.

Escrever, porém, a Teodora, não vingaram as sugestões de D. José. Porventura, outras mulheres superiormente belas, e agradecidas às suas contemplações, o traziam preocupado e algum tanto esquecido da morgada da Fervença.

Mas, um dia, Afonso, numa roda de mancebos a quem dava de almoçar, recebeu esta carta de Teodora:

“Compadeceu-se o Senhor. Passou o furacão. Tenho a cabeça fria da beira da sepultura, de onde me ergui. Aqui estou em pé diante do mundo. Sinto o peso do coração morto no seio; mas vivo eu, Afonso. Meus lábios já não amaldiçoam, minhas mãos estão postas, meus olhos não choram. O meu cadáver ergueu-se na imobilidade da estátua do sepulcro. Agora não me temas, não me fujas. Pára aí onde estás, que as tuas alegrias devem ser muito falsas, se a voz duma pobre mulher pode perturbá-las. Olha... se eu hoje te visse, qual foste, ao pé de mim, anjo da minha infância, abraçava-te. Se me dissesses que a tua

inocência se baqueara à voragem das paixões, repelia-te. Eu amo a criança de há cinco anos, e detesto o homem de hoje.
Serena-te, pois. Esta carta que mal pode fazer-te, Afonso? Não me respondas; mas lê. À mulher perdida relanceou o Cristo um olhar de comiseração e ouviu-a. E eu, se visse passar o Cristo, rodeado de infelizes, havia de ajoelhar e dizer-lhe: Senhor! Senhor! É uma desgraçada que vos ajoelha e não uma perdida. Infâmias, uma só não tenho que a justiça da terra me condene. Estou acorrentada a um dever imoral, tenho querido espadaçá-lo, mas estou pura. Dever imoral... por que, não, Senhor! Vós vistes que eu era inocente; minha mãe e meu pai estavam convosco.''
A propósito do trecho "Compadeceu-se o Senhor. Passou o furacão. Tenho a cabeça fria da beira da sepultura, de onde me ergui." (L. 22-23), pode-se dizer que:
A) Teodora diz que Deus havia tido dó de seus sofrimentos. Assim, o termo Senhor é sujeito de compadeceu-se.
B) A autora da carta dirige-se a Deus; assim, a função sintática de Senhor é vocativo.
C) Teodora havia falecido. O autor recorre a um artifício para dar-lhe voz.
D) Teodora declara já ter conseguido retomar completamente o controle de sua vida porque tinha sofrido demais.
E) Em passou o furacão, identifica-se a figura chamada silepse.

13) (Unicamp-1995) Ao ler o texto a seguir, alguns leitores podem ter a impressão de que o verbo "achar" está flexionado equivocadamente:

ERA DO TERROR
Assessores de Itamar filosofam que o governo justo é aquele que entra do lado do mais fraco. Como consideram a inflação resultado de conflito na distribuição de renda, apregoam cadeia para quem acham que "abusa" nos preços.
(Painel, Folha de S. Paulo, 11.03.94)

a) a quem o jornal atribui a opinião de que quem abusa nos preços deve ir para a cadeia?
b) do ponto de vista sintático, o que produz a sensação de que há um erro de concordância?
c) explique por que não há erro algum.

14) (FGV-2004) Assinale a alternativa em que a oração sublinhada funciona como sujeito do verbo da oração principal.

a) Não queria que José fizesse nenhum mal ao garoto.
b) Não interessa se o trem solta fumaça ou não.
c) As principais ações dependiam de que os componentes do grupo tomassem a iniciativa.
d) Era uma vez um sapo que não comia moscas.
e) Nossas esperanças eram que a viatura pudesse voltar a tempo de sair atrás do bandido.

15) (FGV-2002) Assinale a alternativa em que estrelas tem a mesma função sintática que em:

"Brilham no alto as estrelas."

a) Querem erguer-se às estrelas.
b) Gostavam de contemplar as estrelas.
c) Seus olhos tinham o brilho das estrelas.
d) Fui passear com as estrelas do tênis.
e) As estrelas começavam a surgir.

16) (FGV-2003) Assinale a alternativa em que o pronome você exerça a função de sujeito do verbo sublinhado.

a) Cabe a você alcançar aquela peça do maleiro.
b) Não enchas o balão de ar, pois ele pode ser levado pelo vento.
c) Ao chegar, vi você perambulando pelo *shopping center* da Mooca.
d) Ei, você, posso entrar por esta rua?
e) Na Estação Trianon-Masp desceu a Angelina; na Consolação, desceu você.

17) (IBMEC-2006) Assinale a alternativa em que o termo sublinhado **não** é sujeito da oração.
a) "João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
que não amava ninguém." (Carlos Drummond de Andrade)
b) "E vendo os vales e os montes
E a pátria que Deus nos deu,
Possamos dizer contentes:
Tudo isso que vejo é meu!" (Gonçalves Dias)
c) "São aqueles que empurram as águas
e as fazem servir de alimento" (Mário de Andrade)
d) "Eu amo a noite solitária e muda,
Quando no vasto céu fitando os olhos,
Além do escuro, que lhe tinge a face,
Alcanço deslumbrado..." (Gonçalves Dias)
e) "Mas precisamos agora
deter o sabotador
que instala a bomba da fome
dentro do trabalhador." (Ferreira Gullar)

18) (FGV-2002) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas da frase:
"Eu _____ encontrei ontem, mas não _____ reconheci porque ________ anos que não _____ via."
a) lhe, lhe, há, lhe.
b) o, o, haviam, o.
c) lhe, o, havia, lhe.
d) o, lhe, haviam, o.

e) o, o, havia, o.

19) (UFMG-2005) Considere este conceito:
“O sujeito é o ser sobre o qual se faz uma declaração.”
CUNHA, C.; CINTRA, L. Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 119.
REDIJA um texto, **explicitando** por que esse conceito **não** se aplica a cada uma das seguintes frases:
1. Eu vos declaro marido e mulher.
2. Dessa água, nós não bebemos de jeito nenhum.

20) (ITA-2005) Considere o uso do particípio nas frases abaixo:
I. Considerado um dos principais pensadores da educação no país, o economista Cláudio de Moura Castro sintetiza a relação atual do diploma com o mercado de trabalho em uma frase (...).
II. Equilibrados demais acessórios, igualado o preço, o motor pode desempatar a escolha do consumidor.
III. Brasileiro nascido na China, Wong observa que é em países como esses (...).
Considere ainda a seguinte regra gramatical:
“[...] a oração de particípio tem sujeito diferente do sujeito da oração principal e estabelece, para com esta, uma relação de anterioridade.”
(Cunha, C.; Cintra, L. Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985:484)
Esta regra se aplica
a) apenas a I.
b) a I e II.
c) a I e III.
d) apenas a II.
e) a II e III.

21) (Fuvest-2004) Conversa no ônibus
Sentaram-se lado a lado um jovem publicitário e um velhinho muito religioso. O rapaz falava animadamente sobre sua profissão, mas notou que o assunto não despertava o mesmo entusiasmo no parceiro. Justificou-se, quase desafiando, com o velho chavão:

- A propaganda é a alma do negócio.

- Sem dúvida, respondeu o velhinho. Mas sou daqueles que acham que o sujeito dessa frase devia ser o negócio.

a) A palavra alma tem o mesmo sentido para ambas as personagens? Justifique.
b) Seguindo a indicação do velhinho, redija a frase na versão que a ele pareceu mais coerente.

22) (FGV-2003) Diga, da perspectiva da norma culta, se a frase abaixo está correta ou incorreta. Justifique sua resposta.

Este livro trata-se da melhor forma de você se divertir sem gastar muito.

23) (UFV-1996) Dizem algumas gramáticas que o sujeito não pode ser regido de preposição. Assinale a alternativa em que aparece exemplo ilustrativo de obediência a essa proscrição:
a) "A proteção dele não precisa ser parruda..."
b) "... quem não se chateia com o fato de o seu bem ser paquerado."
c) "... quando se chega ao lado dele a gente treme..."
d) "... quem nunca sentiu o gosto de ser lembrado..."
e) "... quem não fala sozinho, não ri de si mesmo..."

24) (Mack-2002) Embalo da canção
01 Que a voz adormeça
02 que canta a canção!
03 Nem o céu floresça
04 nem floresça o chão.

05 (Só - minha cabeça,
06 Só - meu coração.
07 Solidão.)

08 Que não alvoreça
09 nova ocasião!
10 Que o tempo se esqueça
11 de recordação!

12 (Nem minha cabeça
13 nem meu coração.
14 Solidão!)
Cecília Meireles

Assinale a afirmação correta sobre o texto.
a) Na primeira estrofe, o eu cita experiências do passado.
b) alvorecer e florescer expressam o desejo de um mundo melhor.
c) Em nem floresça o chão tem-se oração sem sujeito.
d) A quarta estrofe retoma a segunda para aprofundar a idéia de solidão.
e) A forma verbal adormeça expressa o apelo a um tu, a quem o eu se dirige.

25) (Cesgranrio-1994) Entre as frases a seguir somente UMA apresenta sujeito indeterminado. Assinale-a.
a) Há a marca da vida nas pessoas.
b) Não se necessita de lavadeira.
c) Vai um sujeito pela rua.
d) Não se engomou seu paletó.

e) Pede-se um pouco de paciência.

26) (UFPE-1996) ERRO DE PORTUGUÊS

Quando o português chegou
Debaixo de uma bruta chuva
Vestiu o índio
Que pena!
Fosse uma manhã de sol
O índio tinha despido
o português.
(Oswald de Andrade)

Em:
"Vestiu 'o índio' ..."
" 'O índio' tinha despido ...", os termos entre aspas simples exercem, respectivamente, as funções de objeto direto e sujeito agente.
Assinale o par de frases em que, para os destaques, a classificação sintática é, respectivamente, a mesma.
a) "... e perdeu a 'calma'."
"A 'calma' voltou a estabelecer-se."
b) "Do mundo, 'nada' se leva."
" 'Nada' se cria; tudo se recria."
c) "O diretor exibiu 'cenas' do filme."
"As 'cenas' foram exibidas na noite de estréia ..."
d) "Encontraram-se 'vestígios' da ação."
"Dos 'vestígios', nada fora encontrado."
e) "Fundiam-se no 'personagem' sentimentos contraditórios."
"O 'personagem' exibia sentimentos contraditórios."

27) (PUC-SP-2005) Estradas de Rodagem
Comparados os países com veículos, veremos que os Estados Unidos são uma locomotiva elétrica; a Argentina um automóvel; o México uma carroça; e o Brasil um carro de boi.
O primeiro destes países voa; o segundo corre a 50 km por hora; o terceiro apesar das revoluções tira 10 léguas por dia; nós...
Nós vivemos atolados seis meses do ano, enquanto dura a estação das águas, e nos outros 6 meses caminhamos à razão de 2 léguas por dia. A colossal produção agrícola e industrial dos americanos voa para os mercados com a velocidade média de 100 km por hora. Os trigos e carnes argentinas afluem para os portos em autos e locomotivas que uns 50 km por hora, na certa, desenvolvem.
As fibras do México saem por carroças e se um general revolucionário não as pilha em caminho, chegam a salvo com relativa presteza. O nosso café, porém, o nosso milho, o nosso feijão e a farinha entram no carro de boi, o carreiro despede-se da família, o fazendeiro coça a cabeça e, até um dia!. Ninguém sabe se chegará, ou como chegará. Às vezes pensa o patrão que o veículo já está de volta, quando vê chegar o carreiro.
— Então? Foi bem de viagem?
O carreiro dá uma risadinha.
— Não vê que o carro atolou ali no Iriguaçu e...
— E o quê?
— ... e está atolado! Vim buscar mais dez juntas de bois para tirar ele.
E lá seguem bois, homens, o diabo para desatolar o carro. Enquanto isso, chove, a farinha embolora, a rapadura derrete, o feijão caruncha, o milho grela; só o café resiste e ainda aumenta o peso.
(LOBATO, M. *Obras Completas*, 14ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1972, v. 8, p.74)

A sintaxe de concordância é determinada por regras presentes na Gramática Normativa da Língua Portuguesa. Uma delas refere-se ao sujeito constituído por palavras que têm forma plural precedidos ou não de artigo. Identifique o caso em que o sujeito é um plural aparente:
a) “Comparados os países com veículos, veremos que os Estados Unidos são uma locomotiva elétrica; a Argentina um automóvel; o México uma carroça; e o Brasil um carro de boi.”
b) “A colossal produção agrícola e industrial dos americanos voa para os mercados com a velocidade média de 100 km por hora.”
c) “Os trigos e carnes argentinas afluem para os portos em autos e locomotivas que uns 50 km por hora, na certa, desenvolvem.”
d) “As fibras do México saem por carroças e se um general revolucionário não as pilha em caminho, chegam a salvo com relativa presteza.”
e) “E lá seguem bois, homens, o diabo para desatolar o carro.”

28) (Mack-2001) Ficávamos sonhando horas inteiras,
Com os olhos cheios de visões piedosas:
Éramos duas virginais palmeiras,
Abrindo ao céu as palmas silenciosas.

As nossas almas, brancas, forasteiras,
No éter sublime alavam-se radiosas.
Ao redor de nós dois, quantas roseiras...
O áureo poente coroava-nos de rosas.

Era um arpejo de harpa todo o espaço:
Mirava-a longamente, traço a traço,
No seu fulgor de arcanjo proibido.

Surgia a lua, além, toda de cera...
Ai como suave então me parecera
A voz do amor que eu nunca tinha ouvido!
Alphonsus de Guimaraens

Assinale a alternativa correta.
a) Os versos 3 e 4 expressam, por meio de metáforas, a desistência da busca de alturas.

b) No último verso, uma vírgula depois de amor mantém o sentido inalterado.
c) Na segunda estrofe, nomes e verbos representam um mundo carnal.
d) No verso 8, há a sugestão do tempo da cena por meio do sujeito sintático.
e) Os versos 9 e 12 apresentam sujeito anteposto ao verbo.

29) (UFMG-1998) Já não basta ficarem mexendo toda hora no valor e no nome do dinheiro? Nos juros, no crédito, nas alíquotas de importação, no câmbio, na Ufir e nas regras do imposto de renda?
Já não basta mudarem as formas da Lua, as marés, a direção dos ventos e o mapa da Europa? E as regras das campanhas eleitorais, o ministério, o comprimento das saias, a largura das gravatas? Não basta os deputados mudarem de partido, homens virarem mulher, mulheres virarem homem e os economistas virarem lobisomen, quando saem do Banco Central e ingressam na banca privada?
Já não basta os prefeitos, como imperadores romanos, tentarem mudar o nome de avenidas cruciais como a Vieira Souto, no Rio de Janeiro, ou se lançarem à aventura maluca de destruir largos pedaços da cidade para rasgar avenidas, como em São Paulo? Já não basta mudarem toda hora as teorias sobre o que engorda e o que emagrece? Não basta mudarem a capital federal, o número de estados, o número de municípios e até o nome do país, que já foi Estados Unidos do Brasil e depois virou República Federativa do Brasil?
Não, não basta. Lá vêm eles de novo, querendo mudar as regras de escrever o idioma.
"Minha pátria é a língua portuguesa", escreveu Fernando Pessoa pela pena de um de seus heterônimos, Bernardo Soares, autor do Livro do Desassossego. Desassossegados estamos. Querem mexer na pátria. Quando mexem no modo de escrever o idioma, põem a mão num espaço íntimo e sagrado como a terra de onde se vem, o clima a que se acostumou, o pão que se come.
Aprovou-se recentemente no Senado mais uma reforma ortográfica da Língua Portuguesa. É a terceira nos últimos 52 anos, depois das de 1943 e 1971 - muita reforma, para pouco tempo. Uma pessoa hoje com 60 anos aprendeu a escrever "idéa", depois, em 1943, mudou para "idéia", ficou feliz em 1971 porque "idéia" passou incólume, mas agora vai escrever "ideia", sem acento.
Reformas ortográficas são quase sempre um exercício vão, por dois motivos. Primeiro, porque tentam banhar de lógica o que, por natureza, possui extensas zonas infensas à lógica, como é o caso de um idioma. Escreve-se "Egito", e não "Egipto", mas "egípcio", e não "egício", e daí? Escreve-se "muito", mas em geral se fala "muinto". Segundo, porque, quando as reformas se regem pela obsessão de fazer coincidir a fala com a escrita, como é o caso das reformas da Língua Portuguesa, estão correndo atrás do inalcançável. A pronúncia muda no tempo e no espaço. A flor que já foi "azálea" está virando "azaléa" e não se pode dizer que esteja errado o que todo o povo vem consagrando. "Poder" se pronuncia "poder" no Sul do Brasil e "puder" no Brasil do Nordeste. Querer que a grafia coincida sempre com a pronúncia é como correr atrás do arco-íris, e a comparação não é fortuita, pois uma língua é uma coisa bela, mutável e misteriosa como um arco-íris.
Acresce que a atual reforma, além de vã, é frívola. Sua justificativa é unificar as grafias do Português do Brasil e de Portugal. Ora, no meio do caminho percebeu-se que seria uma violência fazer um português escrever "fato" quando fala "facto", brasileiro escrever "facto" ou "receção" (que ele só conhece, e bem, com dois ss, no sentido inferno astral da economia). Deixou-se, então, que cada um continuasse a escrever como está acostumado, no que se fez bem, mas, se a reforma era para unificar e não unifica, para que então fazê-la? Unifica um pouco, responderão os defensores da reforma. Mas, se é só um pouco, o que adianta? Aliás, para que unificar? O último argumento dos propugnadores da reforma é que, afinal, ela é pequena - mexe com a grafia de 600, entre as cerca de 110.000 palavras da Língua Portuguesa, ou apenas 0,54% do total. Se é tão pequena, volta a pergunta: para que fazê-la?
Fala-se que a reforma simplifica o idioma e, assim, torna mais fácil seu ensino. Engano. A representação escrita da língua é um bem que percorre as gerações, passando de uma à outra, e será tão mais bem transmitida quanto mais estável for, ou, pelo menos, quanto menos interferências arbitrárias sofrer. Não se mexa assim na língua. O preço disso é banalizá-la como já fizeram com a moeda, no Brasil.
Roberto Pompeu de Toledo - Veja, 24.05.95. Texto adaptado pela equipe de Língua Portuguesa da COPEVE/UFMG

Todas as alternativas contêm trechos que, no texto, apresentam imprecisão do agente da ação verbal, EXCETO
a) Já não basta os prefeitos, como imperadores, tentarem mudar o nome de avenidas cruciais (...)?
b) Já não basta mudarem toda hora as teorias sobre o que engorda e o que emagrece?
c) Lá vêm eles de novo, querendo mudar as regras de escrever o idioma.
d) Já não basta ficarem mexendo toda hora no valor e no nome do dinheiro?

30) (FGV-2003) Leia atentamente o texto e responda à questão que a ele se refere.

O Mundo das Não-palavras

Já o disseram muitos, e de várias maneiras, que os problemas do conhecer e do
compreender centralizam-se em torno da relação entre a linguagem e a realidade, entre o
símbolo e o fato. Estas marcas de tinta sobre as quais correm nossos olhos, essas marcas de tinta

que concordamos em chamar palavras, e estas palavras que concordamos em aceitar como
“moeda legal” para a troca de informações, por que mágica, por que regras prosaicas, exercem
elas suas estranhas funções? Se olharmos demoradamente para uma palavra, ela se converterá,
de fato, para nós em meras marcas de tinta dentro de um padrão peculiar de linhas. A princípio,
parece escrita corretamente, depois já não podemos ter certeza disso, e finalmente somos
dominados pela impressão de que o simples cogitar de sua grafia é penetrar nos mais
intrincados labirintos da Humanidade.
Está claro que, se olharmos reflexivamente para qualquer coisa por um espaço de tempo
suficientemente longo, como um bezerro olha para uma porteira nova, ela tende a aparecer
afinal como se fosse totalmente inexplicável. Um grande filósofo observou, de uma feita, que a
mais estranha invenção em toda a História era essa cobertura peculiar para o pé humano que nós denominamos meia. Ele estivera olhando para uma delas durante vários minutos. Há momentos,
contudo, em que parece impossível que qualquer outra invenção humana pudesse ser mais
surpreendente e estranha do que uma palavra - a palavra *meia,* por exemplo.
Wendell Johnson, tradução de Octavio Mendes Cajado.

No texto, encontra-se o fragmento *Já o disseram muitos, e de várias maneiras, que os problemas do conhecer (...)*. Esse fragmento poderia ter sido apresentado sob a forma *Já disseram, e de várias maneiras, que os problemas do conhecer (...)*. Nesse caso, seria correto concluir que:

a) O sujeito da oração passaria a ser obrigatoriamente eles.
b) A forma verbal disseram, no plural, continuaria a indicar que o seu sujeito seria plural.
c) Não estaria determinado o agente da ação verbal: o sujeito estaria indeterminado.
d) A forma verbal disseram estaria no plural porque problemas está no plural.
e) Ocorreria um erro de concordância, pois o sujeito desse verbo, sendo uma oração, deveria tê-lo levado ao singular.

31) (GV-2003) Leia atentamente o texto e responda à questão que a ele se refere.

Pode-se abordar o estudo das organizações asseverando a unicidade de toda estrutura social e evitando qualquer generalização, até que se tenha à mão prova empírica de similaridade bem aproximada. Foi esse o ponto de vista aconselhado à equipe de pesquisa da Universidade de Michigan pelos líderes de quase todas as organizações estudadas.- Nossa organização é única; de fato, não podemos ser comparados a qualquer outro grupo, declarou um líder ferroviário. Os ferroviários viam seus problemas organizacionais como diferentes de todas as demais classes; o mesmo acontecia com os altos funcionários do governo. Os dirigentes das companhias de seguros reagiam da mesma forma, o que também era feito pelos diretores de empresas manufatureiras, grandes e pequenas.
Entretanto, no momento em que começavam a falar de seus problemas, as reivindicações que faziam de sua unicidade tornavam-se invalidadas. Através de uma análise de seus problemas teria sido difícil estabelecer diferença entre o diretor de uma estrada de ferro e um alto funcionário público, entre o vice-presidente de uma companhia seguradora e seu igual de uma fábrica de automóveis. Conquanto haja aspectos únicos em qualquer situação social, também existem padrões comuns e, quanto mais nos aprofundamos, maiores se tornam as similaridades genotípicas.
Por outro lado, o teorista social global pode ficar tão envolvido em certas dimensões abstratas de todas as situações sociais que ele será incapaz de explicar as principais origens de variação em qualquer dada situação. O bom senso indica para esse problema a criação de uma tipologia. Nesse caso, são atribuídos às organizações certos tipos a respeito dos quais podem ser feitas generalizações. Assim, existem organizações voluntárias e involuntárias, estruturas democráticas e autocráticas, hierarquias centralizadas e descentralizadas, associações de expressão e aquelas que agem como instrumentos. As organizações são classificadas de maneira ainda mais comum,
de acordo com suas finalidades oficialmente declaradas, tais como educar, obter lucros, promover saúde, religião, bem-estar, proteger os interesses dos trabalhadores e recreação.
Adaptado de KATZ, Daniel e KAHN, Robert L., p. 134-135. Psicologia Social das Organizações. São Paulo: Atlas, 1970.
Obs.: Asseverando significa afirmando com certeza, assegurando.

Assinale a alternativa correta referente ao período “Conquanto haja aspectos únicos em qualquer situação social, também existem padrões comuns e, quanto mais nos aprofundamos, maiores se tornam as similaridades genotípicas”.
a) A primeira palavra da primeira oração indica uma conclusão do que foi dito anteriormente.
b) A segunda oração expressa uma concessão em relação à primeira.
c) O verbo haver (primeira oração) tem sujeito claro.
d) O verbo existir (segunda oração) não tem sujeito.
e) Nesse período, há um erro de pontuação, pois não pode ocorrer vírgula após a conjunção e.

32) (FGV-2003) Leia o fragmento abaixo, do conto A cartomante de Machado de Assis. Depois, responda às perguntas.

“Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante.”
Qual é o sujeito de ser amada, no texto. Explique.

33) (FGV-2003) Leia o texto abaixo, fragmento de um conto chamado “A nova Califórnia”, de Lima Barreto. Depois, responda à pergunta correspondente.

Ninguém sabia donde viera aquele homem. O agente do correio pudera apenas informar que acudia ao nome de Raimundo Flamel (..........). Quase diariamente, o carteiro lá ia a um dos extremos da cidade, onde morava o desconhecido, sopesando um maço alentado de cartas vindas do mundo inteiro, grossas revistas em línguas arrevesadas, livros, pacotes...
Quando Fabrício, o pedreiro, voltou de um serviço em casa do novo habitante, todos na venda perguntaram-lhe que trabalho lhe tinha sido determinado.
- Vou fazer um forno, disse o preto, na sala de jantar.
Imaginem o espanto da pequena cidade de Tubiacanga, ao saber de tão extravagante construção: um forno na sala de jantar! E, pelos dias seguintes, Fabrício pôde contar que vira balões de vidros, facas sem corte, copos como os da farmácia - um rol de coisas esquisitas a se mostrarem pelas mesas e prateleiras como utensílios de uma bateria de cozinha em que o próprio diabo cozinhasse.

Observe as frases abaixo. Entre elas há diferença na função sintática das palavras **Fabrício** e **pedreiro**. Explique essa diferença.
Quando Fabrício, o pedreiro, voltou de um serviço...
Quando o pedreiro Fabrício voltou de um serviço...

34) (FGV-2004) Leia o texto abaixo; depois, responda à pergunta.

TEXTO A

1. É justa a alegria dos lexicólogos e dos editores
2. quando, ao som dos tambores e das trombetas
3. da publicidade, aparecem a anunciar-nos a entrada
4. de uns quantos milhares de palavras novas
5. nos seus dicionários. Com o andar do tempo, a
6. língua foi perdendo e ganhando, tornou-se, em
7. cada dia que passou, simultaneamente mais rica
8. e mais pobre: as palavras velhas, cansadas, fora
9. de uso, resistiram mal à agitação frenética das
10. palavras recém-chegadas, e acabaram por cair
11. numa espécie de limbo onde ficam à espera da
12. morte definitiva ou, na melhor hipótese, do toque
13. da varinha mágica de um erudito obsessivo ou de
14. um curioso ocasional, que lhe darão (sic) ainda
15. um lampejo breve de vida, um suplemento de
16. precária existência, uma derradeira esperança. O
17. dicionário, imagem ordenada do mundo, constróise
18. e desenvolve-se sobre palavras que viveram
19. uma vida plena, que depois envelheceram e definharam,
20. primeiro geradas, depois geradoras,
21. como o foram os homens e as mulheres que as
22. fizeram e de que iriam ser, por sua vez, e ao
23. mesmo tempo, senhores e servos.

SARAMAGO, José. Cadernos de Lanzarote II.São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 303/304.

Qual o sujeito e qual o objeto direto de "..aparecem anunciar..." (L. 3)?

35) (IBMEC-2006) Me devolva o Neruda
(que você nem leu)
Quando o Chico Buarque escreveu o verso acima, ainda não tinha o “que você nem leu”. A palavra Neruda - prêmio Nobel, chileno, de esquerda - era proibida no Brasil. Na sala da Censura Federal o nosso poeta negociou a proibição. E a música foi liberada quando ele acrescentou o “que você nem leu”, pois ficava parecendo que ninguém dava bola para o Neruda no Brasil. Como eram burros os censores da ditadura militar! E coloca burro nisso!!!
Mas a frase me veio à cabeça agora, porque eu gosto demais dela. Imagine a cena. No meio de uma separação, um dos cônjuges (me desculpe a palavra) me solta esta: me devolva o Neruda que você nem leu! Pense nisso.
Pois eu pensei exatamente nisso quando comecei a escrever esta crônica, que não tem nada a ver com o Chico, nem com o Neruda e, muito menos, com os militares.
É que eu estou aqui para dizer um tchau. Um tchau breve porque, se me aceitarem - você e o diretor da revista -, eu volto daqui a dois anos. Vou até ali escrever uma novela na Globo (o patrão vai continuar o mesmo) e depois eu volto. Esperando que você já tenha lido o Neruda.
Mas aí você vai dizer assim: pó, escrever duas crônicas por mês, fora a novela, o cara não consegue? O que é uma crônica? Uma página e meia. Portanto, três páginas por mês e o cara me vem com esse papo de Neruda? Preguiçoso, no mínimo.
Quando faço umas palestras por aí, sempre me perguntam o que é necessário para se tornar um escritor. E eu sempre respondo: talento e sorte. Entre os 10 e 20 anos, recebia na minha casa O Cruzeiro, Manchete e o jornal Última Hora. E lá dentro eu lia (me invejem): Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, Fernando Sabino, Millôr Fernandes, Nelson Rodrigues, Stanislaw Ponte Preta,

Carlos Heitor Cony. E pensava, adolescentemente: quando eu crescer, vou ser cronista.

Bem ou mal, consegui meu espaço. E agora, ao pedir de volta o livro chileno, fico pensando em como eu me sentiria se, um dia, um desses aí acima escrevesse que iria dar um tempo. Eu matava o cara! Isso não se faz com o leitor (desculpe, minha amiga, não estou me colocando no mesmo nível deles, não!)

E deixo aqui uns versinhos do Neruda para as minhas leitoras de 30 e 40 anos (e para todas):

Escuchas otras voces en mi voz dolorida
Llanto de viejas bocas, sangre de viejas súplicas,
Amame, compañera. No me abandones. Sigueme,
Sigueme, compañera, en esa ola de angústia.
Pero se van tiñendo con tu amor mis palabras
Todo lo ocupas tú, todo lo ocupas
Voy haciendo de todas un collar infinito
Para tus blancas manos, suaves como las uvas.

Desculpe o mau jeito: tchau!

(Prata, Mario. Revista Época. *São Paulo. Editora Globo, Nº-324, 02 de agosto de 2004, p. 99)*

É exemplo de frase em que o sujeito é representado por um substantivo sobrecomum:

a) "E deixo aqui uns versinhos do Neruda para as minhas leitoras de 30 e 40 anos (e para todas):"
b) "Eu matava o cara!"
c) "Mas a frase me veio à cabeça agora, porque eu gosto demais dela."
d) "Quando o Chico Buarque escreveu o verso acima, ainda não tinha o 'que você nem leu'."
e) "No meio de uma separação, um dos cônjuges (me desculpe a palavra) me solta esta..."

36) (PUCCamp-1995) MEU CARO DEPUTADO

O senhor nem pode imaginar o quanto eu e a minha família ficamos agradecidos. A gente imaginava que o senhor nem ia se lembrar de nós, quando saiu a nomeação do Otavinho meu filho. Ele agora está se sentindo outro. Só fala no senhor, diz que na próxima campanha vai trabalhar ainda mais para o senhor. No primeiro dia de serviço ele queria ir na repartição com a camiseta da campanha mas eu não deixei, não ia ficar bem, apesar que eu acho que o Otavinho tem muita capacidade e merecia o emprego. Pode mandar puxar por ele que ele da conta, é trabalhador, responsável, dedicado, a educação que ele recebeu de mim e da mãe foi sempre no caminho do bem. Faço questão que na próxima eleição o senhor mande mais material que eu procuro todos os amigos e os conhecidos. O Brasil precisa de gente como o senhor, homens de reputação despojada, com quem a gente pode contar. Meu vizinho Otacílio, a mulher, os parentes todos também votaram no senhor. Ele tem vergonha, mas eu peço por ele, que ele merece: ele tem uma sobrinha, Maria Lúcia Capistrano do Amara, que é professora em Capão da Serra e é muito adoentada, mas o serviço de saúde não quer dar aposentadoria. Posso lhe garantir que a moça está mesmo sem condições, passa a maior parte do tempo com dores no peito e na coluna que nenhum médico sabe o que é. Eu disse que ia falar com o senhor, meu caro deputado, não prometi nada, mas o Otavinho e a mulher tem esperanças que o senhor vai dar um jeitinho. É gente muito boa e amiga, o senhor não vai se arrepender.

Mais uma vez obrigado por tudo, Deus lhe pague. O Otavinho manda um abraço para o senhor. Aqui vai o nosso abraço também. O senhor pode contar sempre com a gente.

Miroel Ferreira
(Miré)

Em relação à frase "O Brasil precisa de gente como o senhor, homens de reputação despojada, com quem a gente pode contar", a única afirmação correta é:

a) A expressão "homens de reputação despojada" funciona como aposto de um sujeito.
b) As duas ocorrências de GENTE referem-se ao mesmo segmento humano.
c) O termo BRASIL é equivalente a TERRITÓRIO NACIONAL.
d) A regência do verbo CONTAR não foi respeitada.
e) O adjetivo DESPOJADA está empregado inadequadamente.

37) (UFSCar-2007) Monsenhor Caldas interrompeu a narração do desconhecido:

— Dá licença? é só um instante.

Levantou-se, foi ao interior da casa, chamou o preto velho que o servia, e disse-lhe em voz baixa:

— João, vai ali à estação de urbanos, fala da minha parte ao comandante, e pede-lhe que venha cá com um ou dois homens, para livrar-me de um sujeito doido. Anda, vai depressa.

E, voltando à sala:

— Pronto, disse ele; podemos continuar.

— Como ia dizendo a Vossa Reverendíssima, morri no dia vinte de março de 1860, às cinco horas e quarenta e três minutos da manhã. Tinha então sessenta e oito anos de idade. Minha alma voou pelo espaço, até perder a terra de vista, deixando muito abaixo a lua, as estrelas e o Sol; penetrou finalmente num espaço em que não havia mais nada, e era clareado tão-somente por uma luz difusa. Continuei a subir, e comecei a ver um pontinho mais luminoso ao longe, muito longe. O ponto cresceu, fez-se sol. Fui por ali dentro, sem arder, porque as almas são incombustíveis.

A sua pegou fogo alguma vez?

— Não, senhor.

— São incombustíveis. Fui subindo, subindo; na distância de quarenta mil léguas, ouvi uma deliciosa música, e logo que cheguei a cinco mil léguas, desceu um enxame de

almas, que me levaram num palanquim feito de éter e plumas.
(Machado de Assis, A segunda vida. Obras Completas, vol. II, p. 440-441.)

A frase desceu um enxame de almas, no último parágrafo, tem o sujeito posposto. Assinale a alternativa em que o sujeito também aparece posposto.
a) De um atentado, um soldado consegue salvar seu companheiro.
b) Segunda-feira faltou, de novo, um pouco de tinta de impressão.
c) No salão de Paris, há um Audi com motor de 4,2 litros.
d) Ler biografia de homens célebres é bastante útil.
e) O mercado financeiro recebeu bem a inclusão das ações do Bradesco.

38) (Fuvest-2000) O caso triste, e digno da memória
Que do sepulcro os homens desenterra,
Aconteceu da mísera e mesquinha
Que depois de ser morta foi rainha.

Para o correto entendimento destes versos de Camões, é necessário saber que o sujeito do verbo desenterra é
a) os homens (por licença poética).
b) ele (oculto).
c) o primeiro que.
d) o caso triste.
e) sepulcro.

39) (Faap-1996) O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia
Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia
Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia.

O Tejo tem grandes navios
E navega nele ainda,
Para aqueles que vêem em tudo o que lá não está,
A memória das naus.

O Tejo desce de Espanha
E o Tejo entra no mar em Portugal.
Toda a gente sabe isso.
Mas poucos sabem qual é o rio da minha aldeia
E donde ele vem.
E por isso, porque pertence a menos gente,
É mais livre e maior o rio da minha aldeia.

Pelo Tejo vai-se para o mundo.
Para além do Tejo há a América
E a fortuna daqueles que a encontram.
Ninguém nunca pensou no que há para além
Do rio da minha aldeia.

O rio da minha aldeia não faz pensar em nada.
Quem está ao pé dele está só ao pé dele.
(Fernando Pessoa)

"O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia".
Rigorosamente o sujeito do verbo correr é:
a) Tejo
b) rio
c) que (no lugar de rio)
d) aldeia
e) indeterminado

40) (FGV-2004) Observe a frase:
“Esta pequena ilha abundava de belas aves...” Transcreva essa frase, mas use **belas aves** como sujeito.
Mantenha o tempo do verbo **abundar** e faça as adaptações necessárias.

41) (FEI-1997) CONSIDERAÇÃO DO POEMA
(Fragmento)

Não rimarei a palavra sono
com a incorrespondente palavra outono.
Rimarei com a palavra carne
ou qualquer outra, que TODAS ME convêm.
As palavras não nascem amarradas,
ELAS saltam, se beijam, se dissolvem,
no céu livre por vezes um desenho,
são PURAS, largas, autênticas, indevassáveis.

Observe as palavras indicadas no texto: "todas" (verso 4); "me" (verso 4); "elas" (verso 6) e "puras" (verso 8).
Assinale a alternativa em que a função sintática destes termos esteja corretamente analisada:
a) sujeito - predicativo do sujeito - objeto - sujeito.
b) predicativo do sujeito - objeto - sujeito - objeto.
c) objeto - sujeito - objeto - predicativo do sujeito.
d) objeto - predicativo do sujeito - sujeito - objeto.
e) sujeito - objeto - sujeito - predicativo do sujeito.

42) (FGV-2003) Observe os termos sublinhados nas seguintes frases:

Chegou a hora do público se manifestar contra a publicação desse impostor.
As palmas do público ecoavam pelo teatro, em apoio à proposta de Nabuco.
Vista do público, a cantora parecia bonita; da coxia, percebia-se que era feia.

Sobre eles, é correto afirmar:

a) Para o segundo exemplo, vários gramáticos recomendam a forma de o em lugar de do, porque a preposição está regendo o sujeito.
b) Para o terceiro exemplo, vários gramáticos recomendam a forma de o em lugar de do, porque a preposição está regendo o sujeito.
c) Nos três exemplos, os termos sublinhados exercem a mesma função sintática de adjunto adverbial.
d) No primeiro e no segundo exemplos, os termos sublinhados exercem a mesma função sintática de adjunto adnominal.
e) Para o primeiro exemplo, vários gramáticos recomendam a forma de o em lugar de do, porque o público é sujeito, que não deve ser iniciado por preposição.

43) (PUC-SP-2003) Os cinco sentidos
Os sentidos são dispositivos para a interação com o mundo externo que têm por função receber informação necessária à sobrevivência. É necessário ver o que há em volta para poder evitar perigos. O tato ajuda a obter conhecimentos sobre como são os objetos. O olfato e o paladar ajudam a catalogar elementos que podem servir ou não como alimento. O movimento dos objetos gera ondas na atmosfera que são sentidas como sons.
As informações, baseadas em diferentes fenômenos físicos e químicos, apresentam-se na natureza de formas muito diversas. Os sentidos são sensores cujo desígnio é perceber, de modo preciso, cada tipo distinto de informação. A luz é parte da radiação magnética de que estamos rodeados. Essa radiação é percebida através dos olhos. O tato e o ouvido baseiam-se em fenômenos que dependem de deformações mecânicas. O ouvido registra ondas sonoras que se formam por variações na densidade do ar, variações que podem ser captadas pelas deformações que produzem em certas membranas. Ouvido e tato são sentidos mecânicos. Outro tipo de informação nos chega por meio de moléculas químicas distintas que se desprendem das substâncias. Elas são captadas por meio dos sentidos químicos, o paladar e o olfato. Esses se constituem nos tradicionais cinco sentidos que foram estabelecidos já por Aristóteles.
SANTAELLA, Lucia. Matrizes da Linguagem e Pensamento. São Paulo: Iluminuras, 2001.

A palavra relacional que aparece quatro vezes no 1º parágrafo exercendo, pela ordem, as seguintes funções:
a) sujeito, objeto direto, sujeito, sujeito.
b) sujeito, sujeito, sujeito, sujeito.
c) sujeito, sujeito, sujeito, objeto direto.
d) objeto direto, objeto direto, sujeito, sujeito.
e) objeto direto, sujeito, objeto direto, sujeito.

44) (ITA-2003) Para uma pessoa mais exigente no que se refere à redação, especificamente a construções em que está em jogo a omissão do sujeito, só seria aceitável a alternativa
a) As mulheres devem evitar o uso de produtos de higiene feminina perfumados, pois podem causar irritações (...) (Infecção urinária. In A Cidade. Lorena, março/2002, ano IV, n. 42)
b) É recomendável também não usar roupas justas, pois assim permite uma boa ventilação (...), o que reduz as chances de infecção. (Infecção urinária. In A Cidade. Lorena, março/2002, ano IV, n. 42)
c) Alguns medicamentos devem ser ingeridos ao levantar-se (manhã), e outros antes de dormir (noite), aproveitando assim seu efeito quando ele é mais necessário. (Boletim informativo sobre o uso de medicamentos, produzido por M & R Comunicações)
d) Já a rouquidão persistente é sinal de abuso excessivo da voz, o que pode levar à formação de nódulos (calos) ou pólipos, e merecem atenção especial. (Rouquidão: o que é e como ela afeta sua saúde vocal. Panfleto de divulgação do curso de Fonoaudiologia. Lorena, abril de 2001)
e) As seqüelas [causadas pelo herpes] variam de paciente para paciente e podem ou não ser permanentes. (Folha Equilíbrio. Folha de S. Paulo, 27/06/2002, p. 3)

45) (Cesgranrio-1997) Quando estou, quando estou apaixonado
tão fora de mim eu vivo
que nem sei se vivo ou morto
quando estou estou apaixonado.

Não pode a fera comigo
quando estou, quando estou apaixonado,
mas me derrota a formiga
se é que estou apaixonado.

Estarei, quem, e entende, apaixonado
neste arco de danação?
Ou é a morta paixão
que me deixa, que me deixa neste estado?

Carlos Drummond de Andrade

Assinale a opção em que se encontra exemplo de elipse.
a) "tão fora de mim eu vivo" (v.2)
b) "que nem sei se vivo ou morto" (v.3)
c) "Não pode a fera comigo" (v.5)
d) "mas me derrota a formiga" (v.7)
e) "Ou é a morta paixão" (v.11)

46) (UFBA-1996) RESTOS DO CARNAVAL
1 NÃO, não deste último carnaval. Mas não sei por que este me transportou para a minha infância e para as quartas-feiras de cinzas nas ruas mortas onde esvoaçavam despojos de serpentina e confete. Uma ou outra beata com um véu cobrindo a cabeça ia, à igreja, atravessando a rua tão extremamente vazia que se segue ao carnaval. Até que viesse o outro ano. E quando a festa ia se

aproximando, como explicar a agitação íntima que me tomava? Como se enfim o mundo se abrisse de botão que era em grande rosa escarlate. Como se as ruas e praças do Recife enfim explicassem para que tinham sido feitas. Como se vozes humanas enfim cantassem a capacidade de prazer que era secreta em mim. Carnaval era meu, meu.

2 No entanto, na realidade, eu dele pouco participava. Nunca tinha ido a um baile infantil, nunca me haviam fantasiado. Em compensação deixavam-me ficar até umas 11 horas da noite à porta do pé da escada do sobrado onde morávamos, olhando ávida os outros se divertirem. Duas coisas preciosas eu ganhava então e economizava-as com ¤avareza para durarem os três dias: um lança-perfume e um saco de confete. Ah, está se tornando difícil escrever. Porque sinto como ficarei de coração escuro ao constatar que, mesmo me agregando tão pouco à alegria, eu era de tal modo sedenta que um quase nada já me tomava uma menina feliz.

3 E as máscaras? Eu tinha medo, mas era um medo vital e necessário porque vinha de encontro à minha mais profunda suspeita de que o rosto humano também fosse uma espécie de máscara. À porta do meu pé de escada, se um mascarado falava comigo, eu de súbito entrava no contato indispensável com o meu mundo interior, que não era feito só de duendes e príncipes encantados, mas de pessoas com o seu mistério. Até meu susto com os mascarados, pois, era essencial para mim.

4 Não me fantasiavam: no meio das preocupações com minha mãe doente, ninguém em casa tinha cabeça para carnaval de criança. Mas eu pedia a uma de minhas irmãs para enrolar aqueles meus cabelos lisos que me causavam tanto desgosto e tinha então a vaidade de possuir cabelos frisados pelo menos durante três dias por ano. Nesses três dias, ainda, minha irmã acedia ao meu sonho intenso de ser uma moça eu mal podia esperar pela saída de uma infância vulnerável - e pintava minha boca de batom bem forte, passando também ruge nas minhas faces. Então eu me sentia bonita e feminina, eu escapava da meninice.

5 Mas houve um carnaval diferente dos outros. Tão milagroso que eu não conseguia acreditar que tanto me fosse dado, eu, que já aprendera a pedir pouco. É que a mãe de uma amiga minha resolvera fantasiar a filha e o nome da fantasia era no figurino Rosa. Para isso comprara folhas e folhas de papel crepom cor-de-rosa, com as quais, suponho, pretendia imitar as pétalas de uma flor. Boquiaberta, eu assistia pouco a pouco à fantasia tomando forma e se criando. Embora de pétalas o papel crepom nem de longe lembrasse, eu pensava seriamente que era uma das fantasias mais belas que jamais vira.

6 Foi quando aconteceu, por simples acaso, o inesperado: sobrou papel crepom, e muito. E a mãe de minha amiga - talvez atendendo a meu apelo mudo, ao meu mudo desespero de inveja, ou talvez por pura bondade, já que sobrara papel - resolveu fazer para mim também uma fantasia de rosa com o que restara de material. Naquele carnaval, pois, pela primeira vez na vida eu teria o que sempre quisera: ia ser outra que não eu mesma.

7 Até os preparativos já me deixavam tonta de felicidade. Nunca me sentira tão ocupada: minuciosamente, minha amiga e eu calculávamos tudo, embaixo da fantasia usaríamos combinação, pois se chovesse e a fantasia se derretesse pelo menos estaríamos de algum modo vestidas - à idéia de uma chuva que de repente nos deixasse, nos nossos pudores femininos de oito anos, de combinação na rua, morríamos previamente de vergonha - mas ah! Deus nos ajudaria! não choveria! Quanto ao fato de minha fantasia só existir por causa das sobras de outra, engoli com alguma dor meu orgulho que sempre fora feroz, e aceitei humilde o que o destino me dava de esmola.

8 Mas por que exatamente aquele carnaval, o único de fantasia, teve que ser tão melancólico? De manhã cedo no domingo eu já estava de cabelos enrolados para que até de tarde o frisado pegasse bem. Mas os minutos não passavam, e tanta ansiedade. Enfim, enfim! chegaram três horas da tarde: com cuidado para não rasgar o papel, eu me vesti de rosa.

9 Muitas coisas que me aconteceram tão piores que estas, eu já perdoei. No entanto essa não posso sequer entender agora: o jogo de dados de um destino é irracional? É impiedoso. Quando eu estava vestida de papel crepom todo armado, ainda com os cabelos enrolados e ainda sem batom e ruge - minha mãe de súbito piorou muito de saúde, um alvoroço repentino se criou em casa e mandaram-me comprar depressa um remédio na farmácia. Fui correndo vestida de rosa - mas o rosto ainda nu não tinha a máscara de moça que cobriria minha tão exposta vida infantil - , fui correndo, correndo, perplexa, atônita, entre serpentinas, confetes e gritos de carnaval. A alegria dos outros me espantava.

10 Quando horas depois a atmosfera em casa acalmou-se, minha irmã me penteou e pintou-me. Mas alguma coisa tinha morrido em mim. E, como nas histórias que eu havia lido sobre fadas que encantavam e desencantavam pessoas, eu fora desencantada; não era mais uma rosa, era de novo uma ¡simples menina. Desci até a rua e ali de pé eu não era uma flor, era um palhaço pensativo de lábios encarnados. Na minha fome de sentir êxtase, às vezes começava a ficar alegre mas com remorso lembrava-me do estado grave de minha mãe e de novo eu morria.

11 Só horas depois é que veio a salvação. E se depressa agarrei-me a ela é porque tanto precisava me salvar. Um menino de uns 12 anos, o que para mim significava um rapaz, esse menino muito bonito parou diante de mim e, numa mistura de carinho, grossura, brincadeira e sensualidade, cobriu meus cabelos, já lisos, de confete: por um instante ficamos nos defrontando, sorrindo, sem falar. E eu então, §mulherzinha de 8 anos, considerei pelo resto da noite que enfim alguém me havia reconhecido: eu era, sim, uma rosa.

LISPECTOR, Clarice. FELICIDADE CLANDESTINA: CONTOS. 7 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991. p. 31-5.

Na(s) questão(ões) a seguir escreva nos parênteses a soma dos itens corretos.

O núcleo do sujeito está corretamente destacado em:
(01) "... ruas mortas onde esvoaçavam despojos de SERPENTINA E CONFETE." (parágrafo 1)
(02) "Até que viesse o outro ANO." (parágrafo 1)
(04) "Mas houve um CARNAVAL diferente dos outros." (parágrafo 5)
(08) "... a mãe de uma AMIGA minha resolvera fantasiar a filha..." (parágrafo 5)
(16) "Embora de pétalas o PAPEL crepom nem de longe lembrasse..." (parágrafo 5)
(32) "Quando horas depois a atmosfera em CASA acalmou-se..." (parágrafo 10)
(64) "Só horas depois é QUE veio a salvação." (parágrafo 11)
A resposta é a soma dos pontos das alternativas corretas.

47) (Mack-2007) Texto II
Estou estudando gramática e fico pasmo com os milagres de raciocínio empregados para enquadrar em linguagem "objetiva" os fatos da língua. Alguns convencem, outros não. Estes podem constituir esforços meritórios, mas se trata de explicações que a gente sente serem meras aproximações de algo no fundo inexprimível, irrotulável, inclassificável, impossível de compreender integralmente. Meu consolo é que muitas das coisas que me afligem devem afligir vocês também. Ou pelo menos coisas parecidas.
João Ubaldo Ribeiro

Afirma-se com correção que:
a) o pronome Estes (linha 03) se refere às idéias expressas em Alguns convencem, outros não.
b) o emprego do verbo "estudar" (linha 01) constitui "gerundismo", infração à norma culta da língua.
c) a oração introduzida por para (linha 02) expressa finalidade dos estudos gramaticais empreendidos por João Ubaldo Ribeiro.
d) integralmente (linha 06) apresenta prefixo de sentido equivalente ao que comparece em inclassificável e impossível (linha 06).
e) em muitas das coisas que me afligem (linha 07), o pronome que constitui sujeito do verbo "afligir".

48) (VUNESP-2007) Um velho
– Por que empalideces, Solfieri? – A vida é assim. Tu o sabes como eu o sei. O que é o homem? É a escuma que ferve hoje na torrente e amanhã desmaia, alguma coisa de louco e movediço como a vaga, de fatal como o sepulcro! O que é a existência? Na mocidade é o caleidoscópio das ilusões, vive-se então da seiva do futuro. Depois envelhecemos: quando chegamos aos trinta anos e o suor das agonias nos grisalhou os cabelos antes do tempo e murcharam, como nossas faces, as nossas esperanças, oscilamos entre o passado visionário e este amanhã do velho, gelado e ermo – despido como um cadáver que se banha antes de dar à sepultura! Miséria! Loucura!
– Muito bem! Miséria e loucura! – interrompeu uma voz.
O homem que falara era um velho. A fronte se lhe descalvara, e longas e fundas rugas a sulcavam: eram as ondas que o vento da velhice lhe cavara no mar da vida... Sob espessas sobrancelhas grisalhas lampejavam-lhe olhos pardos e um espesso bigode lhe cobria parte dos lábios. Trazia um gibão negro e roto e um manto desbotado, da mesma cor, lhe caía dos ombros.
– Quem és, velho? – perguntou o narrador.
– Passava lá fora, a chuva caía a cântaros, a tempestade era medonha, entrei. Boa noite, senhores! Se houver mais uma taça na vossa mesa, enchei-a até às bordas e beberei convosco.
– Quem és?
– Quem sou? Na verdade fora difícil dizê-lo: corri muito mundo, a cada instante mudando de nome e de vida. (...) – Quem eu sou? Fui um poeta aos vinte anos, um libertino aos trinta – sou um vagabundo sem pátria e sem crenças aos quarenta.

A linguagem do fragmento, a qual reflete o estilo romântico, caracteriza-se por um léxico típico, às vezes por um tratamento em segunda pessoa e por uma sintaxe peculiar. Com base nessa reflexão, aponte um segmento de Um velho em que há inversão na ordem sujeito-verbo. Reescreva o seguinte trecho, passando o verbo que está no imperativo para a terceira pessoa do plural e fazendo as adequações de concordância necessárias: Se houver mais uma taça na vossa mesa, enchei-a até às bordas e beberei convosco.

49) (Unifesp-2002) Uma feita em que deitara numa sombra enquanto esperava os manos pescando, o Negrinho do Pastoreio pra quem Macunaíma rezava diariamente, se apiedou do panema e resolveu ajudá-lo. Mandou o passarinho uirapuru. Quando sinão quando o herói escutou um tatalar inquieto e o passarinho uirapuru pousou no joelho dele. Macunaíma fez um gesto de caceteação e enxotou o passarinho uirapuru. Nem bem minuto passado escutou de novo a bulha e o passarinho pousou na barriga dele. Macunaíma nem se amolou mais. Então o passarinho uirapuru agarrou cantando com doçura e o herói entendeu tudo o que ele cantava. E era que Macunaíma estava desinfeliz porque perdera a muiraquitã na praia do rio quando subia no bacupari. Porém agora, cantava o lamento do uirapuru, nunca mais que Macunaíma havia de ser marupiara não, porque uma tracajá engolira a muiraquitã e o mariscador que apanhara a tartaruga tinha vendido a pedra verde pra um regatão peruano se chamando Venceslau Pietro Pietra. O dono do

talismã enriquecera e parava fazendeiro e baludo lá em São Paulo, a cidade macota lambida pelo igarapé Tietê.
(Mário de Andrade, Macunaíma, o herói sem nenhum caráter.)

O sujeito da oração *Mandou o passarinho uirapuru* pode ser identificado por meio da análise do contexto lingüístico interno. Trata-se de:
a) sujeito indeterminado.
b) “uirapuru” = sujeito expresso.
c) “passarinho” = sujeito expresso.
d) Ele (“o herói”) = sujeito oculto.
e) Ele (“o Negrinho do Pastoreio”) = sujeito oculto.

50) (IBMEC-2006) Assinale a alternativa correta considerando o período abaixo.
Saímos apressados daquela reunião.
a) Tem-se predicação verbal, já que o núcleo do predicado é saímos — verbo intransitivo.
b) Tem-se predicação nominal, já que o núcleo do predicado é apressados — predicativo do sujeito.
c) Tem-se predicação verbal, já que o núcleo é saímos e apressados é um complemento nominal.
d) Tem-se predicação verbo-nominal, já que saímos e apressados constituem núcleos do predicado.
e) Tem-se predicação verbo-nominal, já que apresenta dois núcleos: saímos e reunião.

51) (FEI-1997) CONSIDERAÇÃO DO POEMA
(Fragmento)

Não rimarei a palavra sono
com a incorrespondente palavra outono.
Rimarei com a palavra carne
ou qualquer outra, que TODAS ME convêm.
As palavras não nascem amarradas,
ELAS saltam, se beijam, se dissolvem,
no céu livre por vezes um desenho,
são PURAS, largas, autênticas, indevassáveis.

Observe o verso:
"As palavras não nascem amarradas"
Assinale a alternativa em que o sujeito e o predicado da oração estejam corretamente analisados:
a) sujeito composto e predicado nominal.
b) sujeito simples e predicado verbo-nominal.
c) sujeito composto e predicado verbal.
d) sujeito simples e predicado nominal.
e) sujeito simples e predicado verbal.

52) (UFV-1996) Dependendo da frase, um verbo normalmente empregado como transitivo direto pode tornar-se verbo de ligação. Assinale a alternativa em que aparece um exemplo:
a) "Não tem namorado..."
b) "... quem transa sem carinho...'
c) "... quem acaricia sem vontade..."
d) "... de virar sorvete ou lagartixa..."
e) "... e quem ama sem alegria."

53) (UFV-1996) Dependendo do contexto, um verbo normalmente intransitivo pode tornar-se transitivo. Assinale a alternativa em que ocorre um exemplo:
a) "Ponha intenções de quermesse em seus olhos..."
b) "...sorria lírios para quem passe debaixo da janela."
c) " beba licor de contos de fadas..."
d) "Ande como se o chão estivesse repleto de sons..."
e) "... e do céu descesse uma névoa de borboletas..."

54) (Mack-1997) I - Na oração
Eu considerava aquele homem meu amigo,
o predicado é verbo-nominal com predicativo do objeto.
II - No período
O jovem anseia que os mais velhos confiem nele, a oração subordinada é substantiva objetiva indireta, mas está faltando a preposição regida pelo verbo ansiar.
III - No período
A ser muito sincero, não sei como isto aconteceu, a oração subordinada é adverbial final reduzida de infinitivo.

Quanto às afirmações anteriores, assinale:
a) se apenas I está correta.
b) se apenas II está correta.
c) se apenas III está correta.
d) se todas estão corretas.
e) se todas estão incorretas.

55) (UEL-1995) Na frase "Nomeá-los nossos REPRESENTANTES é revesti-los do direito AO MANDATO por três anos", as palavras em maiúsculo são, respectivamente:
a) predicativo do sujeito - adjunto adnominal.
b) objeto direto - objeto indireto.
c) predicativo do objeto - complemento nominal.
d) objeto direto - adjunto adnominal.
e) predicativo do objeto - objeto indireto.

56) (GV-2003) Observe a seguinte frase:
Recorrendo a elas, arrisco-me a usar expressões técnicas, desconhecidas do público, e a ser tido por **pedante**.
Das alternativas abaixo, assinale aquela em que a palavra sublinhada exerça a mesma função sintática de pedante, dessa frase.

a) As estações tinham passado **rápido**, sem que tivesse sido possível vê-las direito.

b) Fui julgado **culpado**, embora não houvesse provas decisivas a respeito do crime.
c) Ele era difícil de convencer, mas concordou quando a quantia foi **oferecida**.
d) Caminhou **depressa** por entre os coqueiros.
e) Ele passeou **demasiado** ontem; hoje, doem-lhe as pernas. Vai ser obrigado a deitar-se mais cedo.

57) (Unirio-1995) POESIA AINDA VIAJA PELAS ÁGUAS DO MUNDO

1 Acordei pensando em rios - que dão sempre um toque feminino a qualquer cidade - e me dizendo que o único possível defeito do Rio de Janeiro é não ter um rio. Pior ainda, é de ter sufocado o seu rio, exatamente o rio chamado Carioca, do vale das Laranjeiras.

2 Esse rio, hoje secreto, que corre como um malfeitor debaixo de ruas, ninguém, nenhum poeta o cantou melhor e mais ternamente do que Alceu Amoroso Lima.

3 Nascido à beira do Carioca quando o Carioca ainda se fazia ver e ouvir na maior parte do seu breve curso, Alceu parece ter guardado a vida inteira o rumor do rio no ouvido. Ele nasceu ali, na Chácara da Casa Azul.

4 Quando o Rio completou 400 anos, em 1965, Alceu escreveu para "Aparência do Rio de Janeiro", de Gastão Cruls, então reeditado pela José Olympio, um artigo que é um verdadeiro poema em prosa, chamado "0 Nosso Carioca".

5 Começa assim: "Muito antes de existir o Rio de Janeiro, hoje quatrocentão, existia o rio Carioca. Aquele ficou sendo rio por engano. O Carioca, esse já o era, havia séculos. Talvez por isso a contradança das coisas humanas fez do que não era rio um Rio para sempre, e do que o era de fato, ao nascer o outro, uma reles galeria de águas pluviais, quando o falso rio completa o seu quarto centenário. 'Das Caboclas' era também seu nome".

6 " 'Carioca', que nos dizem significar casa de branco, e outros, com mais probabilidade, casa de pedra, foi o nome dado em virtude do depósito de pipas de água fresca (...) para a aguada das caravelas e dos bergantins. 'Das Caboclas' por outros motivos, menos aquáticos que afrodíticos. O rio acompanhava, descoberto, o vale das Laranjeiras, desde a encosta do Corcovado até o Flamengo".

7 No meio de sua deliciosa evocação, em que diz que cada casa do vale, como a sua, tinha sua ponte sobre o rio, e que cada ponte parecia estar sempre sendo atravessada por meninas em flor, Alceu, numa breve e certeira observação do grande crítico literário que era, põe o humilde Carioca a fluir entre os grandes rios clássicos e eternos.

8 Pessoalmente, só vi o Carioca à luz do sol uma vez, por ocasião das terríveis chuvaradas do ano de 1967.

9 A tromba d'água que descia do Corcovado foi tão persistente e se infiltrou pelo solo tão caudalosa que começou de repente a fraturar o próprio leito da rua das Laranjeiras, que afinal se rachou em duas partes. Acho que foi esta a única vez que o rejeitado Carioca teve fúria de grande rio.

10 Eu não conheço o assunto mas arriscaria o palpite de que nenhum país do mundo contém mais água doce do que o Brasil. Temos rios descomunais. Só que em geral vadios, desocupados.

11 Ao contrário do que fizeram a Europa, os Estados Unidos, a antiga União Soviética, que comunicaram e intercomunicaram seus rios, montando um tapete rolante de gente e de riquezas, aqui deixamos os rios na vagabundagem.

12 Em termos de literatura, quem quiser sentir o que a operosidade dos europeus tem feito para pôr os rios a trabalhar para os homens, basta ler Simenon. Os canais, diques e eclusas estão tão presentes em seus livros quanto os desesperados e os criminosos. São romances em que a humanidade sofre e envereda pelos caminhos errados, mas as barcaças e navios não se enganam nunca.

13 Os rios têm leito, rumo, juízo. Os homens que continuem cometendo seus desvarios que eles, ainda que subindo e descendo de nível quando necessário, deslizam no maior sossego pelas águas ensinadas.

14 Enquanto isso nós, no Brasil, olhamos com tédio as correias de transmissão de poderosos rios a rolarem vazias entre estradas esburacadas e arquejantes de caminhões.

15 Só no Brasil o transporte mais caro, o de caminhões, é muito maior que o de vias férreas e fluviais. Com exceção do rio Tietê, que é praticamente do tamanho do Reno e que pelo jeito acaba ficando tão navegável e próspero quanto o Reno. Obcecado com o interior de São Paulo, o Tietê corre de costas para o mar, para percorrer todo o Estado e acabar no Paraná, na bacia do rio da Prata.

16 O Paraná e o Tietê já estão quase prontos para entrar num romance de Simenon, com seus canais artificiais e suas eclusas, e os navios abarrotados de calcário, de soja, de milho, álcool de cana.

17 De qualquer forma ainda estamos, no Brasil, longe dos meus sonhos, que são ¢de um país ativíssimo mas silencioso. Desde que li, já faz muito tempo, uma monografia sobre hidrovias e a interligação de nossas bacias hidrográficas, fiquei escravo da miragem.

18 A idéia da monografia, escrita por gente do ramo, do Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis, era nada mais nada menos que a ligação pelas águas de Belém do Pará a Buenos Aires. Um mapa todo aquoso mostrava uma grande hidrovia artificial na altura de Cáceres, em Mato Grosso, no rio Paraguai, e mais umas barragens e eclusas nas bacias do Prata e do Amazonas.

19 Pronto! Estava completa a ligação de Belém com Buenos Aires, à bagatela de uns nove mil quilômetros de imponderável mas indestrutível estrada. Se o Brasil, do tempo em que eu li a monografia para cá, tivesse gasto menos dinheiro em quarteladas, Transamazônicas e Angras, teríamos atado para sempre esse nó de águas amazônicas e platinas.

20 Para um romance nesse cenário, Simenon não dava mais. Seria preciso convocar o Rosa.

Antonio Callado - in Folha de São Paulo. 09/04/1994.

"CARIOCA (...) FOI O NOME DADO EM VIRTUDE DO DEPÓSITO DE PIPAS DE ÁGUA FRESCA." (parágrafo6)
A opção correta, quanto à sintaxe da oração acima, é:
a) o predicado é nominal.
b) o predicado é verbal.
c) o verbo, na oração, é transitivo direto.
d) EM VIRTUDE DO DEPÓSITO ... FRESCA é adjunto adverbial de conseqüência.
e) DE ÁGUA FRESCA é complemento nominal.

58) (IBMEC-2006) Sapos, desculpas e proxenetas
Do "vão ter que me engolir" à cafetina Jane: fecundos capítulos da novela do mensalão
(fragmento)

Em Zagallo já era feio. O então técnico da seleção tinha o rosto transtornado de fúria, a voz cheia de rancor, e encarava a câmera de TV com ganas de pit bull ferido, quando despejou sua famosa frase: " VOCÊS VÃO TER QUE ME ENGOLIR!". No presidente da República fica muito pior. O "eles vão ter que engolir" destinado pelo presidente Lula aos adversários na semana passada inscreve-se na galeria das grandes grosserias já disparadas pelos presidentes do Brasil. Lembra o "Me esqueçam" do general João Figueiredo quando, em sua última entrevista como presidente, o jornalista Alexandre Garcia lhe perguntou que palavras gostaria de endereçar naquele momento ao povo brasileiro. Com a ameaça de adentrar goela abaixo de uma parcela de brasileiros, o "Lulinha paz e amor" dava abrupta marcha a ré em direção aos tempos espinhudos do sapo barbudo.

O presidente Lula tem andado exaltado em seus pronunciamentos. Um dia diz que "ninguém tem mais moral e ética" do que ele, no outro que a "elite brasileira" não vai fazê-lo baixar a cabeça. Por duas vezes, bateu na tecla de que, se se deve investigar até o fim as denúncias que sacodem o país e punir os culpados, deve-se, também, absolver os inocentes e pedir-lhes desculpas. "Que pelo menos a imprensa brasileira divulgue e peça desculpas àqueles que foram acusados injustamente", disse, no mesmo discurso do "vão ter que me engolir". É nessa hora que eleva o tom de voz e embica num fraseado compassado, sinal para a claque dos comícios de que é hora de aplaudir. Fica a impressão de que a pregação que veio antes, de punição aos culpados, foi, além de obrigatório tributo à obviedade, mero contraponto ao apelo à absolvição, o ponto que realmente interessa ao presidente. "Vamos inocentar!", isso, na verdade, é o que ele mais está querendo dizer.

(TOLEDO, Roberto Pompeu de. Revista Veja. *Ensaio. São Paulo. Editora Abril. Ano 38, Nº- 32, 10 de agosto de 2005. p.142)*

Assinale a alternativa que apresenta exemplo de verbo usado no sentido figurado caracterizando predicado nominal.
a) "'Vamos inocentar!'"
b) "'eles vão ter que engolir'"
c) "O presidente Lula tem andado exaltado em seus pronunciamentos."
d) "... quando despejou sua famosa frase..."
e) "... 'ninguém tem mais moral e ética' do que ele..."

59) (Faap-1996) SONETO DE SEPARAÇÃO

De repente do riso fez-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma
E das bocas unidas fez-se a espuma
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.

De repente da calma fez-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama
E da paixão fez-se o pressentimento
E do momento imóvel fez-se o drama.

De repente, não mais que de repente
Fez-se de triste o que se fez amante
E de sozinho o que se fez contente

Fez-se do amigo próximo o distante
Fez-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente.
(Vinícius de Morais)

"E das bocas unidas fez-se a espuma". Sujeito do verbo fazer:
a) bocas
b) alimentação
c) eco
d) espuma
e) indeterminado

60) (Unirio-1998) TERRA

Tudo tão pobre. Tudo tão longe do conforto e da civilização, da boa cidade com as suas pompas e as suas obras. Aqui, a gente tem apenas o mínimo e até esse mínimo é chorado.

Nem paisagem tem, no sentido tradicional de paisagem. Agora, por exemplo, fins d'águas e começos de agosto, o mato já está todo zarolho. E o que não é zarolho é porque já secou. Folha que resta é vermelha, caíram as últimas flores das catingueiras e dos paus-d'arco, e não haveria mais flor nenhuma não fossem as campânulas das salsas, roxas e rasteiras.

No horizonte largo tudo vai ficando entre sépia e cinza, salvo as manchas verdes, aqui e além, dos velhos juazeiros ou das novatas algarobas. E os serrotes de pedra quando o sol bate neles de chapa, tira faíscas de arco-íris. E a água, a própria água, não dá impressão de fresca: nos pratos-d'água espelhantes ela tem reflexos de aço, que dói nos olhos.

A casa fica num alto lavado de ventos. Casa tão rústica, austera como um convento pobre, as paredes caiadas, os ladrilhos vermelhos, o soalho areado. As instalações rudimentares, a lenha a queimar o fogão, a água de beber a refrescar nos potes. O encanamento novo é um anacronismo, a geladeira entre os móveis primitivos de camaru parece sentir-se mal.

Não tem jardim: as zínias e os manjericões que levantavam um muro colorido ao pé dos estacotes, estão ressequidos como ramos bentos guardados num baú. Também não tem pomar, fora os coqueiros e as bananeiras do baixo.

Não tem nada dos encantos tradicionais do campo, como os conhecimentos pelo mundo além. Nem sebes floridas, nem regatos arrulhantes, nem sombrios frescos do bosque - só se a gente der para chamar a caatinga de bosque.

Não, aqui não há por onde tentar a velha comparação, a clássica comparação dos encantos do campo aos encantos da cidade. Aqui não há encantos. Pode-se afirmar com segurança que isto por aqui não chega sequer a ser campo. É apenas sertão e caatinga. As delgadas, escuras cercas de pau-a-pique cavalgando as lombadas, o horizonte redondo e desnudo, o vento nordeste varrendo os ariscos.

Comparo este mistério do Nordeste ao mistério de Israel. Aquela terra árida, aquelas águas mornas, aqueles pedregulhos, aqueles cardos, aquelas oliveiras de parca folhagem empoeirada - por que tanta luta por ela, milênios de amor, de guerra e saudade?

Por que tanto suor e carinho no cultivo daquele chão que aparentemente só dá pedra, espinho e garrancho?

Não sei. Mistério é assim: está aí e ninguém sabe. Talvez a gente se sinta mais puros, mais nus, mais lavados. E depois a gente sonha. Naquele cabeço limpo vou plantar uma árvore enorme. Naquelas duas ombreiras a cavaleiro da grota dá para fazer um açudinho. No pé da parede caberão uns coqueiros e no choro da revência, quem sabe, há de dar umas leiras de melancia em novembro.

Aqui tudo é diferente. Você vê falar em ovelhas - e evoca prados relvosos, os brancos carneirinhos redondos de lã. Mas as nossas ovelhas se confundem com as cabras e têm o pêlo vermelho e curto de cachorro-do-mato; verdade que os cordeirinhos são lindos.

Sim, só comparo o Nordeste à Terra Santa. Homens magros, tostados, ascéticos. A carne de bode, o queijo duro, a fruta de lavra seca, o grão cozido n'água e sal. Um poço, uma lagoa é como um sol líquido, em torno do qual gravitam as plantas, os homens e os bichos. Pequenas ilhas d'água cercadas de terra por todos os lados e em redor dessas ilhas a vida se concentra.

O mais é paz, o sol, o mormaço.

Raquel de Queirós

Assinale a opção correta quanto à predicação atribuída ao verbo sublinhado na passagem do texto:

a) "A casa **fica** num alto lavado de ventos." (parágrafo 5) - ligação

b) "Aqui não **há** encantos." (parágrafo 8) - intransitivo

c) "... que **levantavam** um muro colorido ao pé dos estacotes," (parágrafo 6) - transitivo direto e indireto

d) "Sim, só **comparo** o Nordeste à Terra Santa." (parágrafo 7) - intransitivo

e) "...em torno do qual **gravitam** as plantas, os homens e os bichos." (parágrafo 13) - intransitivo

61) (Cesgranrio-1997) Tomava café, quando um empregado subiu para dizer que lá embaixo estava um senhor, acompanhado de duas praças, e que desejava falar ao dono da casa.

- Vou já, respondeu este. E acrescentou para Botelho: - São eles!

- Deve ser, confirmou o velho.

E desceram logo.

- Quem me procura?... exclamou João Romão com disfarce, chegando ao armazém.

Um homem alto, com ar de estróina, adiantou-se e entregou-lhe uma folha de papel.

João Romão, um pouco trêmulo, abriu-a defronte dos olhos e leu-a demoradamente. Um silêncio formou-se em torno dele: os caixeiros pararam em meio do serviço, intimidados por aquela cena em que entrava a polícia.

- Está aqui com efeito... disse afinal o negociante. Pensei que fosse livre...

- É minha escrava, afirmou o outro. Quer entregar-ma?...

- Mas imediatamente.

- Onde está ela?

- Deve estar lá dentro. Tenha a bondade de entrar...

O sujeito fez sinal aos dois urbanos que o acompanharam logo, e encaminharam-se todos para o interior da casa. Botelho, à frente deles, ensinava-lhes o caminho. João Romão ia atrás, pálido, com as mãos cruzadas nas costas.

Atravessaram o armazém, depois um pequeno corredor que dava para um pátio calçado, chegaram finalmente à cozinha. Bertoleza, que havia já feito subir o jantar dos caixeiros, estava de cócoras, no chão escamando peixe, para a ceia do seu homem, quando viu parar defronte dela aquele grupo sinistro.

Reconheceu logo o filho mais velho do seu primitivo senhor, e um calafrio percorreu-lhe o corpo. Num relance de grande perigo compreendeu a situação; adivinhou tudo com a lucidez de quem se vê perdido para sempre: adivinhou que tinha sido enganada; que a sua carta de alforria era uma mentira, e que o seu amante, não tendo coragem para matá-la, restituía-a ao cativeiro.

Seu primeiro impulso foi o de fugir. Mal, porém circunvagou os olhos em torno de si, procurando escapula, o senhor adiantou-se dela e segurou-lhe o ombro.

- É esta! disse aos soldados que, com um gesto, intimaram a desgraçada a segui-los. - Prendam-na! É escrava minha!

A negra, imóvel, cercada de escamas e tripas de peixe, com uma das mãos espalmada no chão e com a outra segurando a faca de cozinha, olhou aterrada para eles, sem pestanejar.

Os policiais, vendo que ela se não despachava, desembainharam os sabres. Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravia, recuou de um salto, e antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um só golpe certeiro e fundo rasgara o ventre de lado a lado.

E depois emborcou para a frente, rugindo e esfocinhando moribunda numa lameira de sangue.

João Romão fugira até ao canto mais escuro do armazém, tapando o rosto com as mãos.

Nesse momento parava à porta da rua uma carruagem. Era uma comissão de abolicionistas que vinha, de casaca, trazer-lhe respeitosamente o diploma de sócio benemérito.

Ele mandou que os conduzissem para a sala de visitas.

Aluísio de Azevedo" O Cortiço"

Em relação à predicação verbal, marque a opção em que a classificação apresentada corresponde ao verbo do respectivo exemplo.

a) Verbo transitivo direto - "entrava a polícia" (15)
b) Verbo transitivo direto - "Quer entregar-ma?..." (18)
c) Verbo de ligação - "Onde está ela?" (20)
d) Verbo intransitivo - "ia atrás, pálido, com as mãos cruzadas nas costas" (25)
e) Verbo transitivo direto e indireto - "parava à porta da rua uma carruagem" (58)

62) (UERJ-2001) UM BOI VÊ OS HOMENS

Tão delicados (mais que um arbusto) e correm
e correm de um para outro lado, sempre esquecidos
de alguma coisa. Certamente, falta-lhes
não sei que atributo essencial, posto se apresentem nobres
e graves, por vezes. Ah, espantosamente graves,
até sinistros. Coitados, dir-se-ia que não escutam
nem o canto do ar nem os segredos do feno,
como também parecem não enxergar o que é visível
e comum a cada um de nós, no espaço. E ficam tristes
e no rasto da tristeza chegam à crueldade.
Toda a expressão deles mora nos olhos - e perde-se
a um simples baixar de cílios, a uma sombra.
Nada nos pêlos, nos extremos de inconcebível fragilidade,
e como neles há pouca montanha,
e que secura e que reentrâncias e que
impossibilidade de se organizarem em formas calmas,
permanentes e necessárias. Têm, talvez,
certa graça melancólica (um minuto) e com isto se fazem
perdoar a agitação incômoda e o translúcido
vazio interior que os torna tão pobres e carecidos
de emitir sons absurdos e agônicos: desejo, amor, ciúme
(que sabemos nós?), sons que se despedaçam e tombam no campo
como pedras aflitas e queimam a erva e a água,
e difícil, depois disto, é ruminarmos nossa verdade.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. *Reunião:* 10 *livros de poesia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.)

É comum encontrar nos livros escolares a definição de predicado como aquilo que se declara sobre o sujeito de uma oração. Essa definição de predicado, entretanto, não é suficiente para identificá-lo em todas as suas ocorrências.

O exemplo em que **não** se poderia identificar o predicado pela definição dada é:

a) "falta-lhes / não sei que atributo essencial," (v. 3 - 4)
b) "Toda a expressão deles mora nos olhos" (v. 11)
c) "neles há pouca montanha," (v. 14)
d) "sons que se despedaçam" (v. 22)

63) (PUCCamp-1998) UMA FOTOGRAFIA DO ACIDENTE

Paparazzo é um tipo de mosquito que prolifera na costa italiana durante o verão. Seria o correspondente no Brasil ao borrachudo, pium ou maruim. Mas paparazzo se tornou palavra com sentido comum em todas as línguas do mundo depois que o cineasta Federico Fellini colocou um fotógrafo com este sobrenome no filme La dolce vita, de 1960. Sua missão era flagrar ricos e famosos. Desde então, invadindo praticamente todos os lugares do mundo, especialmente Hollywood e as praias mais nobres do verão europeu.

Há poucos meses, alguns paparazzi se tornaram objeto das lentes dos colegas, quando o foco das investigações sobre a causa do acidente que matou a princesa de Gales virou contra eles. É uma acusação que pode servir para os monarquistas ingleses compensarem a ira que têm dos tablóides sensacionalistas, para os republicanos franceses reafirmarem os dogmas da inviolabilidade da vida privada ou para os americanos criarem mais um espetáculo de mídia, o confronto entre artistas e jornalistas. Mas não serve para fazer justiça quando se sabe que ao volante havia um motorista embriagado (consumira o equivalente a uma garrafa e meia de vinho) e irresponsável (estava mais de 160 quilômetros por hora num lugar em que a velocidade máxima era de 50 quilômetros.

"Talvez o dinheiro pago hoje aos fotógrafos leve-os a cometerem excessos", sugeriu o fotógrafo que inspirou o personagem do filme de Fellini. "Mas não existem justificativas para culpá-los." Fotos de Diana valiam muito porque ela era sucesso de público, e suas aparições eram virtuosas perfomances para que se tirassem fotos e se tivesse uma história.

Se o motorista tivesse respeitado o limite de velocidade, a tragédia teria sido evitada. Em relação aos paparazzi, talvez seja prudente ficar com o escritor colombiano Gabriel García Márquez, que definiu o jornalismo como "uma profissão incompreensível e voraz, cuja obra termina depois de cada notícia, mas que não concede um instante de paz enquanto não torna a começar com mais ardor do que nunca no minuto seguinte." Os paparazzi certamente levam isso às últimas conseqüências.

(Adaptado da Isto É, n° 1458, 10/9/97)

Mas não existem justificativas para culpá-los.
A justificativa correta para a concordância verbal da frase acima grifada é:

a) Nas orações impessoais, o verbo de ligação concorda com o predicativo.
b) Os verbos unipessoais só admitem um sujeito, seja da 3ª pessoa do singular ou do plural.
c) O verbo concorda em número e pessoa com o seu sujeito, venha ele claro ou subentendido.
d) O verbo que tem mais de um sujeito (sujeito composto) vai para o plural, para a 3ª pessoa, se os sujeitos forem da 3ª pessoa.
e) Nas orações de sujeito indeterminado, o verbo vai para a 3ª pessoa do plural.

64) (FATEC-2006) [...] Acordei aos gritos do coronel, e levantei-me estremunhado. Ele, que parecia delirar, continuou nos mesmos gritos, e acabou por laçar mão da moringa e arremessá-la contra mim. Não tive tempos de desviar-me: a moringa bateu-me na face esquerda, e tal foi a dor que não vi mais nada: atirei-me ao doente, pus-lhe as mãos ao pescoço, lutamos, e esganei-o.
Quando percebi que o doente espirava, recuei aterrado, e dei um grito: mas ninguém me ouviu. Voltei à cama, agitei-o para chamá-lo à vida, era tarde: arrebentara o aneurisma, e o coronel morreu. Passei à sala contíngua, e durante duas horas não ousei voltar ao quarto.
[...]
Antes do alvorecer curei a confusão da face. Só então ousei voltar ao quarto.Recuei duas vezes, mas era preciso e entrei: ainda assim, não cheguei logo à cama. Tremiam-me as pernas, o coração batia-me: cheguei a pensar na fuga: mas era confessar o crime, e, ao contrario, urgia fazer desaparecer os vestígios dele. Fui até a cama: vi o cadáver, com os olhos arregalados e a boca aberta, como deixando passar a eterna palavra dos séculos: "Caim, que fizeste de teu irmão?" Vi no pescoço o sinal das minhas unhas: abotoei alto a camisa e cheguei ao queixo a ponta do lençol. Em seguida, chamei um escravo, disse-lhe que o coronel amanhecera morto; mandei recado ao vigário e ao médico.
A primeira idéia foi retirar-me logo cedo, a pretexto de ter meu irmão doente, e, na verdade, recebera carta dele, alguns dias antes, dizendo-me que se sentia mal. Mas adverti que a retirada imediata poderia fazer despertar suspeitas, e fiquei. Eu mesmo amortalhei o cadáver, com o auxilio de um preto velho e míope.
(Machado de Assis, " O enfermeiro")

Em - a moringa bateu-me na face esquerda – o pronome oblíquo *me* esta sendo utilizado com a mesma função sintática que ocorre em
a)....e levantei-me estremunhado.
b) Não tive tempo de desviar-me.
c) ...atirei-me ao doente.
d) ... mas ninguém me ouviu.
e) Tremiam-me as pernas.

65) (Faap-1996) OLHOS DE RESSACA

Enfim, chegou a hora da encomendação e da partida. Sancha quis despedir-se do marido, e o desespero daquele lance consternou a todos. Muitos homens choravam também, as mulheres todas. Só Capitu, amparando a viúva, parecia vencer-se a si mesma. Consolava a outra, queria arrancá-la dali. A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas...
As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as dela; Capitu enxugou-as depressa, olhando a furto para a gente que estava na sala. Redobrou de carícias para a amiga, e quis levá-la; mas o cadáver parece que a retinha também. Momentos houve que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã.
(Machado de Assis)

Só um destes verbos é transitivo direto, ao lado do qual aparece o objeto direto:
a) chegou a hora da encomendação.
b) a confusão era geral.
c) lhe saltassem algumas lágrimas.
d) Capitu enxugou-as.
e) as minhas cessaram logo.

66) (Faap-1997) Durante este período de depressão contemplativa uma coisa apenas magoava-me: não tinha o ar angélico do Ribas, não cantava tão bem como ele. Que faria se morresse, entre os anjos, sem saber cantar?

Ribas, quinze anos, era feio, magro, linfático. Boca sem lábios, de velha carpideira, desenhada em angústia - a súplica feita boca, a prece perene rasgada em beiços sobre dentes; o queixo fugia-lhe pelo rosto, infinitamente, como uma gota de cera pelo fuste de um círio...

Mas, quando, na capela, mãos postas ao peito, de joelhos, voltava os olhos para o medalhão azul do teto, que sentimento! que doloroso encanto! que piedade! um olhar penetrante, adorador, de enlevo, que subia, que furava o céu como a extrema agulha de um templo gótico!

E depois cantava as orações com a doçura feminina de uma virgem aos pés de Maria, alto, trêmulo, aéreo, como aquele prodígio celeste de garganteio da freira Virgínia em um romance do conselheiro Bastos.

Oh! não ser eu angélico como o Ribas! Lembro-me bem de o ver ao banho: tinha as omoplatas magras para fora, como duas asas!

O ATENEU. Raul Pompéia

"Eu não tinha o ar angélico de Ribas". A Língua conhece o objeto direto pleonástico:
a) Eu o ar angélico de Ribas não tinha
b) Eu, só eu, não tinha o ar angélico de Ribas
c) O ar angélico de Ribas não o tinha eu
d) Eu não tinha, não tinha o ar angélico de Ribas
e) O ar angélico de Ribas não era tido por mim

67) (Faap-1996) "O professor usava paletó curto demais". A Língua conhece o objeto direto pleonástico:
a) Ao paletó curto demais usava o professor
b) Paletó curto demais usava o professor
c) Paletó curto demais usava-o o professor
d) Paletó curto demais era usado pelo professor
e) O professor - ele mesmo - usava paletó curto demais

68) (Mack-1996) (...) "Do Pantanal, corra até Bonito, onde um mundo de águas cristalinas faz tudo parecer um imenso aquário."
(O Estado de São Paulo)
Assinale a alternativa que apresenta a correta classificação dos verbos do período acima, quanto à sua predicação.
a) intransitivo - transitivo direto - de ligação
b) transitivo indireto - transitivo direto - de ligação
c) intransitivo - transitivo direto - transitivo direto
d) transitivo indireto - transitivo direto - transitivo direto
e) intransitivo - intransitivo - intransitivo

69) (Faap-1996) '... homem QUE de certo modo eu amava'. A palavra QUE exerce no texto a função sintática de:
a) sujeito
b) objeto direto
c) objeto indireto
d) complemento nominal
e) agente da passiva

70) (Mack-2005) 01 Aurélia pousara a mão no ombro do marido (...), colocou-se
02 diante de seu cavalheiro e entregou-lhe a cintura mimosa.
03 Era a primeira vez, e já tinham mais de seis meses de casados; era
04 a primeira vez que o braço de Seixas enlaçava a cintura de Aurélia. Explica-
05 se pois o estremecimento que ambos sofreram ao mútuo contacto (...).
06 As senhoras não gostam da valsa, senão pelo prazer de
07 sentirem-se arrebatadas no turbilhão.(...) Mas é justamente aí que o
08 está perigo. Esse enlevo inocente da dança entrega a mulher
09 palpitante, inebriada, às tentações do cavalheiro, delicado embora,
10 mas homem, que ela sem querer está provocando com o casto requebro
11 de seu talhe e traspassando com as tépidas emanações de seu corpo.
José de Alencar

Assinale a alternativa correta.
a) No primeiro parágrafo, entregou é forma verbal que expressa ação realizada no passado antes de outra ocorrida também no passado.
b) O advérbio já (linha 03) está empregado com o mesmo sentido de "ainda".
c) As expressões de Seixas (linha 04), de Aurélia (linha 04) e da valsa (linha 06) exercem a mesma função sintática: objeto indireto.
d) Substituindo senão (linha 06) por "unicamente", o sentido original não é prejudicado.
e) O emprego de justamente (linha 07) revela o desejo de precisão na indicação feita.

71) (Mack-2005) 01 Aurélia pousara a mão no ombro do marido (...), colocou-se
02 diante de seu cavalheiro e entregou-lhe a cintura mimosa.
03 Era a primeira vez, e já tinham mais de seis meses de casados; era
04 a primeira vez que o braço de Seixas enlaçava a cintura de Aurélia. Explica-
05 se pois o estremecimento que ambos sofreram ao mútuo contacto (...).
06 As senhoras não gostam da valsa, senão pelo prazer de
07 sentirem-se arrebatadas no turbilhão.(...) Mas é justamente aí que o

08 está perigo. Esse enlevo inocente da dança entrega a mulher
09 palpitante, inebriada, às tentações do cavalheiro, delicado embora,
10 mas homem, que ela sem querer está provocando com o casto requebro
11 de seu talhe e traspassando com as tépidas emanações de seu corpo.

José de Alencar

Esse enlevo inocente da dança entrega a mulher às tentações do cavalheiro.

Assinale a alternativa em que os complementos verbais são do mesmo tipo dos encontrados na frase acima.

a) Considerou irrecuperável aquele velho piso de madeira.
b) Essa moça sempre responde indelicadamente a qualquer pergunta.
c) Ditou a carta ao filho recém-alfabetizado.
d) O navio zarpou às primeiras horas de calmaria.
e) Bem no alto cintilam as estrelas mais atraentes.

72) (UFSC-2007)

TEXTO 3

"Quando a noite está escura, e cai o vento noroeste, vê-se dois vultos brancos como a neve atravessarem o mar, vindos da *Ilha do Mel* à *Ponta Grossa*, e irem costeando até a *Ponta da Pedreira*. Dali se transformam em duas pombas brancas, e voam pelo mesmo caminho que vieram; porém então são perseguidas por três corvos que procuram agarrá-las com seus bicos hediondos, grasnando horrivelmente: chegando bem no meio do mar, os corvos se transformam em Meninos queimados, e lançam gritos tão agudos que fazem acordar as crianças em seus berços, iluminando todo o mar com o clarão de suas caudas inflamadas."

CASTRO, Ana Luísa de Azevedo. *D. Narcisa de Villar*. 4. ed. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2000, p. 126.

Considerando ainda o TEXTO 3, assinale a(s) proposição(ões) **CORRETA(S)**.

01. De acordo com a norma culta, na frase "vê-se dois vultos brancos como a neve atravessarem o mar [...]" (linhas 1-2) há problema de concordância verbal, uma vez que o verbo "vê" deveria estar no plural, por ter como sujeito "dois vultos brancos como a neve".
02. Em "... três corvos que procuram agarrá-las..." (linhas 4-5), o pronome oblíquo faz referência à palavra "crianças" (linha 7).
04. Em "Dali se transformam em duas pombas brancas" (linha 3), houve elipse do sujeito que pode ser resgatado no período anterior.
08. De acordo com as informações do Texto 3, é possível avistar os "vultos brancos como a neve atravessarem o mar" (linhas 1-2) sob duas condições: que a noite esteja escura e sem vento noroeste.
16. Em "... lançam gritos tão agudos que fazem acordar as crianças em seus berços" (linhas 6-7) temos, na segunda oração, uma relação de conseqüência.
32. Os vocábulos *está*, *vê-(se)*, *porém*, *três*, *agarrá-(las)*, sublinhados no Texto 3, recebem acento gráfico pela mesma regra, ou seja, por serem todos oxítonos, condição suficiente para que os vocábulos sejam acentuados.

73) (PUC-SP-2006) A animalização do país
Clóvis Rossi, Folha de São Paulo, 21 de fevereiro de 2006

SÃO PAULO - No sóbrio relato de Elvira Lobato, lia-se ontem, nesta Folha, a história de um Honda Fit abandonado em uma rua do Rio de Janeiro "com uma cabeça sobre o capô e os corpos de dois jovens negros, retalhados a machadadas, no interior do veículo".
Prossegue o relato: "A reação dos moradores foi tão chocante como as brutais mutilações. Vários moradores buscaram seus celulares para fotografar os corpos, e os mais jovens riram e fizeram troça dos corpos.
Os próprios moradores descreveram a algazarra à reportagem. "Eu gritei: Está nervoso e perdeu a cabeça?", relatou um motoboy que pediu para não ser identificado, enquanto um estudante admitiu ter rido e feito piada ao ver que o coração e os intestinos de uma das vítimas tinham sido retirados e expostos por seus algozes.
"Ri porque é engraçado ver um corpo todo picado", respondeu o estudante ao ser questionado sobre a causa de sua reação.
O crime em si já seria uma clara evidência de que bestas-feras estão à solta e à vontade no país. Mas ainda daria, num esforço de auto-engano, para dizer que crimes bestiais ocorrem em todas as partes do mundo.
Mas a reação dos moradores prova que não se trata de uma perversidade circunstancial e circunscrita. Não. O país perde, crescentemente, o respeito à vida, a valores básicos, ao convívio civilizado. O anormal, o patológico, o bestial, vira normal. "É engraçado", como diz o estudante.
O processo de animalização contamina a sociedade, a partir do topo, quando o presidente da República diz que seu partido está desmoralizado, mas vai à festa dos desmoralizados e confraterniza com trambiqueiros confessos. Também deve achar "engraçado".
Alguma surpresa quando é declarado inocente o comandante do massacre de 111 pessoas, sob aplausos de parcela da sociedade para quem presos não têm direito à

vida? São bestas-feras, e deve ser "engraçado" matá-los. É a lei da selva, no asfalto.

No trecho "Os próprios moradores descreveram a algazarra à reportagem, pode-se dizer que os dois termos grifados são, respectivamente,

a) o sujeito e o predicado do verbo "descreveram".
b) o adjunto adnominal e o adjunto adverbial do verbo "descreveram".
c) o objeto direto e o objeto indireto do verbo "descreveram".
d) o aposto e o vocativo do verbo "descreveram".
e) o complemento nominal e o agente da passiva do verbo "descreveram".

74) (UECE-2007) A PEDREIRA

Daí à pedreira, restavam apenas uns cinqüenta passos e o chão era já todo coberto por uma farinha de pedra moída que sujava como a cal.
Aqui, ali, por toda a parte, encontravam-se trabalhadores, uns ao sol, outros debaixo de pequenas barracas feitas de lona ou de folha de palmeira. De um lado cunhavam pedra cantando; de outro a quebravam a picareta; de outro afeiçoavam lajedos a ponta de picão; mais adiante faziam paralelepípedos a escopro e macete. E todo aquele retintim de ferramentas, e o martelar da forja, e o corpo dos que lá em cima brocavam a rocha para lançar-lhe fogo, e a surda zoada ao longe, que vinha do cortiço, como de uma aldeia alarmada; tudo dava a idéia de uma atividade feroz, de uma luta de vingança e de ódio. Aqueles homens gotejantes de suor, bêbedos de calor, desvairados de insolação, a quebrarem, a espicaçarem, a torturarem a pedra, pareciam um punhado de demônios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante que os contemplava com desprezo, imperturbável a todos os golpes e a todos os tiros que lhe desfechavam no dorso, deixando sem um gemido que lhe abrissem as entranhas de granito. O membrudo cavouqueiro havia chegado à fralda do orgulhoso monstro de pedra; tinha-o cara a cara, mediu-o de alto a baixo, arrogante, num desafio surdo.
A pedreira mostrava nesse ponto de vista o seu lado mais imponente. Descomposta, com o escalavrado flanco exposto ao sol, erguia-se altaneira e desassombrada, afrontando o céu, muito íngreme, lisa, escaldante e cheia de cordas que, mesquinhamente, lhe escorriam pela ciclópica nudez com um efeito de teias de aranha. Em certos lugares, muito alto do chão, lhe haviam espetado alfinetes de ferro, amparando, sobre um precipício, miseráveis tábuas que, vistas cá de baixo, pareciam palitos, mas em cima das quais uns atrevidos pigmeus de forma humana equilibravamse, desfechando golpes de picareta contra o gigante.

(AZEVEDO, Aluísio de. O Cortiço. 25a ed. São Paulo. Ática, 1992, 48-49)

Em três das quatro frases que se seguem, o pronome LHE apresenta a mesma função. Assinale a alternativa na qual o pronome LHE apresenta função DIFERENTE da que foi empregada nas demais frases.
a) “...imperturbável a todos os golpes e a todos os tiros que lhe desfechavam no dorso...” (linhas 22 e 23)
b) “...deixando sem um gemido que lhe abrissem as entranhas de granito.” (linhas 24 e 25)
c) “...cheia de cordas que, mesquinhamente lhe escorriam pela ciclópica nudez...” (linhas 33 a 35)
d) “Em certos lugares muito alto do chão, lhe haviam espetado alfinetes de ferro...” (linhas 35 a 37)

75) (FGV-2003) Assinale a alternativa em que, pelo menos, um verbo esteja sendo usado como transitivo direto.

a) Dependeu o coveiro de alguém que rezasse.
b) Oremos, irmãos!
c) Chega o primeiro raio da manhã.
d) Loureiro escolheu-nos como padrinhos.
e) Contava com o auxílio de Marina para cuidar do evento.

76) (Faap-1997) BAILADO RUSSO
Guilherme de Almeida

A mão firme e ligeira
puxou com força a fieira:
e o pião
fez uma elipse tonta
no ar e fincou a ponta
no chão.

É o pião com sete listas
de cores imprevistas.
Porém,
nas suas voltas doudas,
não mostra as cores todas
que tem:

- fica todo cinzento,
no ardente movimento...
E até
parece estar parado,
teso, paralisado,
de pé.

Mas gira. Até que, aos poucos,
em torvelins tão loucos
assim,
já tonto, bamboleia,
e bambo, cambaleia...

Enfim,

tomba. E, como uma cobra,
corre mole e desdobra
então,
em hipérboles lentas,
sete cores violentas
no chão.

"O pião fez uma elipse tonta". A Língua conhece o objeto direto pleonástico:

a) O pião - ele mesmo - fez uma elipse tonta.
b) Uma elipse tonta foi feita pelo pião.
c) Uma elipse tonta fez o pião.
d) Uma elipse tonta fê-la o pião.
e) Fez o pião uma elipse tonta.

77) (Faap-1997) Barcos de Papel

Quando a chuva cessava e um vento fino
franzia a tarde tímida e lavada,
eu saía a brincar pela calçada,
nos meus tempos felizes de menino.

Fazia de papel toda uma armada
e, estendendo meu braço pequenino,
eu soltava os barquinhos, sem destino,
ao longo das sarjetas, na enxurrada...

Fiquei moço. E hoje sei, pensando neles,
que não são barcos de ouro os meus ideais:
são feitos de papel, tal como aqueles,

perfeitamente, exatamente iguais...
- que os meus barquinhos, lá se foram eles! foram-se
embora e não voltaram mais!

Guilherme de Almeida

"Fazia de papel toda uma armada / e estendendo meu braço pequenino, / eu soltava os barquinhos, sem destino, / ao longo das sarjetas, na enxurrada..."
A Língua conhece o objeto direto pleonástico:

a) os barquinhos eu os soltava, sem destino.
b) eu, eu mesmo soltava os barquinhos, sem destino.
c) eu soltava e soltava os barquinhos, sem destino.
d) sem destino, eu soltava os barquinhos.
e) soltavam-se os barquinhos, sem destino.

78) (Vunesp-1998) CONVITE A MARÍLIA

Já se afastou de nós o Inverno agreste
 Envolto nos seus úmidos vapores;
A fértil Primavera, a mãe das flores
O prado ameno de boninas veste:

Varrendo os ares o sutil nordeste
Os torna azuis; as aves de mil cores
Adejam entre Zéfiros e Amores,
E toma o fresco Tejo a cor celeste:

Vem, ó Marília, vem lograr comigo
Destes alegres campos a beleza,
Destas copadas árvores o abrigo:

Deixa louvar da corte a vã grandeza:
Quanto me agrada mais estar contigo
Notando as perfeições da Natureza!

BOCAGE. Obras de Bocage. Porto: Lello & Irmão, 1968, p. 142.

O estilo neoclássico, do qual Bocage foi um dos grandes expoentes em Língua Portuguesa, se caracteriza, entre outros aspectos, pelo uso de hipérbatos, isto é, de inversões da ordem normal das palavras na oração ou da ordem das orações no período. Levando em conta esta informação, releia o soneto Convite a Marília e, a seguir:

a) Apresente dois versos em que ocorrem hipérbatos e os reescreva na ordem sintática normal.
b) Identifique a função sintática exercida pelos termos cujos núcleos são, respectivamente, os substantivos beleza e abrigo, na terceira estrofe.

79) (Mack-2002) Cuido haver dito, no capítulo XIV, que Marcela morria de amores pelo Xavier. Não morria, vivia. Viver não é a mesma coisa que morrer; assim o afirmam todos os joalheiros deste mundo, gente muito vista na gramática. Bons joalheiros, que seria do amor se não fossem os vossos dixes* e fiados? Um terço ou um quinto do universal comércio dos corações. (...) O que eu quero dizer é que a mais bela testa do mundo não fica menos bela, se a cingir um diadema de pedras finas; nem menos bela, nem menos amada. Marcela, por exemplo, que era bem bonita, Marcela amou-me (...) durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos.

* Dixes: jóias, enfeites

Machado de Assis - Memórias póstumas de Brás Cubas

Assinale a alternativa correta sobre o texto.

a) Em *morria de amores pelo Xavier*, de amores tem a função de adjunto adverbial de intensidade.
b) Em *assim o afirmam todos os joalheiros* , o pronome oblíquo **o** retoma o período *Não morria, vivia*.
c) Em *assim o afirmam todos os joalheiros* , joalheiros é complemento do verbo afirmar.
d) O narrador surpreende o leitor ao utilizar o aposto *gente muito vista na gramática* para caracterizar joalheiros.
e) Ao dizer *Não morria, vivia*, o narrador, através de uma antítese, confirma que Marcela padecia de amores por Xavier.

80) (FGV-2003) Em cada uma das alternativas abaixo, está sublinhado um termo iniciado por preposição. Assinale a alternativa em que esse termo **não é objeto indireto**.

a) O rapaz aludiu às histórias passadas, quando nossa bela Eugênia ainda era praticamente uma criança.
b) Quando voltei da Romênia, o Brasil todo assistia à novela da Globo, todos os dias.
c) Quem disse a Joaquina que as batatas deveriam cozer-se devagar?
d) Com a aterrissagem, o aviador logo transmitiu ao público a melhor das impressões.
e) Foi fiel à lei durante todos os anos que passou nos Açores.

81) (PUC - MG-2007) ESCOLA DA PONTE 6[1]
Rubem Alves
Imagino que você, que procura minhas crônicas aos domingos, deve estar cansado. Pois esse é o quinto domingo em que falo sobre a mesma coisa. Pessoas que falam sempre sobre as mesmas coisas são chatas. Além do que, essa insistência em uma coisa só é contrária ao estilo de crônicas. Crônicas, para serem gostosas, devem refletir a imensa variedade da vida. Um cronista é um fotógrafo. Ele fotografa com palavras. Crônicas são dádivas aos olhos. Ele deseja que os leitores vejam a mesma coisa que ele viu. Se normalmente não sou chato, deve haver alguma razão para essa insistência em fotografar uma mesma coisa. Quem fotografa um mesmo objeto repetidas vezes deve estar apaixonado.
Comporta-se como os fotógrafos de modelos, clic, clic, clic, clic, clic...: dezenas, centenas de fotos, cada uma numa pose diferente! Um dos meus pintores favoritos é Monet. Pois ele fez essa coisa insólita: pintou um monte de feno muitas vezes. [...]
Pois estou fazendo com as minhas crônicas o que Monet fez: ele, diante do monte de feno; eu, diante de uma pequena escola por que me apaixonei – pois ela é a escola com que sempre sonhei sem ter sido capaz de desenhar. Nunca fui professor primário. Fui professor universitário. O Vinícius, descrevendo a bicharada saindo da Arca de Noé, disse: ‘Os fortes vão na frente tendo a cabeça erguida e os fracos, humildemente, vão atrás, como na vida...’ Pois é exatamente assim que acontece na ‘Arca de Noé’ dos professores: os professores universitários vão na frente tendo a cabeça erguida, e os primários, humildemente, vão atrás, como na vida... Professor universitário é doutor, cientista, pesquisador, publica em revistas internacionais artigos em inglês sobre coisas complicadas que ninguém mais sabe e são procurados como assessores de governo e de empresas. Professor primário é professor de 3ª classe, não precisa nem ter mestrado e nem falar inglês, dá aulas para crianças sobre coisas corriqueiras que todo mundo sabe. Crianças – essas coisinhas insignificantes, que ainda não são... Haverá atividade mais obscura?
Professores universitários gostam das luzes do palco. Professores primários vivem na sombra...[...] A velhice me abriu os olhos. Quando se chega no topo, quando não há mais degraus para subir, a gente começa a ver com uma clareza que não se tinha antes. ‘Tenho a lucidez de quem está para morrer’, dizia Fernando Pessoa na Tabacaria. Fiquei lúcido! E o que eu vi com clareza foi o mesmo que viu Joseph Knecht, o personagem central do livro de Hesse O Jogo das Contas de Vidro: depois de chegar no topo percebeu o equívoco. E surgiu, então, o seu grande desejo: ensinar uma criança, uma única criança que ainda não tivesse sido deformada (essa é a palavra usada por Hesse) pela escola. Também eu: quero voltar para as crianças. A razão? Por elas mesmas. É bom estar com elas.
Crianças têm um olhar encantado. Visitando uma reserva florestal no estado do Espírito Santo, a bióloga encarregada do programa de educação ambiental me disse que é fácil lidar com as crianças. Os olhos delas se encantam com tudo: as formas das sementes, as plantas, as flores, os bichos. Tudo, para elas, é motivo de assombro. E acrescentou: ‘Com os adolescentes é diferente. Eles não têm olhos para as coisas. Eles só têm olhos para eles mesmos...’ Eu já tinha percebido isso. Os adolescentes já aprenderam a triste lição que se ensina diariamente nas escolas: aprender é chato. O mundo é chato. Os professores são chatos. Aprender, só sob ameaça de não passar no vestibular.
Por isso quero ensinar as crianças. Elas ainda têm olhos encantados. Seus olhos são dotados daquela qualidade que, para os gregos, era o início do pensamento: a capacidade de se assombrar diante do banal. Tudo é espantoso: um ovo, uma minhoca, um ninho de guacho, uma concha de caramujo, o vôo dos urubus, o zinir das cigarras, o coaxar dos sapos, os pulos dos gafanhotos, uma pipa no céu, um pião na terra. Dessas coisas, invisíveis aos eruditos olhos dos professores universitários (eles não podem ver, coitados. A especialização os tornou cegos como toupeiras. Só vêem dentro do espaço escuro de suas tocas. E como vêem bem!), nasce o espanto diante da vida; desse espanto, a curiosidade; da curiosidade, a fuçação (essa palavra não está no Aurélio!) chamada pesquisa; dessa fuçação, o conhecimento; e do conhecimento, a alegria!
Pensamos que as coisas a serem aprendidas são aquelas que constam dos programas. Essa é a razão por que os professores devem preparar seus planos de aula. Mas as coisas mais importantes não são ensinadas por meio de aulas bem preparadas. Elas são ensinadas inconscientemente. Bom seria que os educadores lessem ruminativamente (também não se encontra no Aurélio) o Roland Barthes.
Ele descreveu o seu ideal de aula como sendo a criação de um espaço – isso mesmo! um espaço!
– parecido com aquele que existe quando uma criança brinca ao redor da mãe. Explico. A criança pega um botão, leva para a mãe. A mãe ri, e faz um corrupio. (Você sabe o que é um corrupio?). Pega um pedaço de barbante. Leva

para a mãe. A mãe ri e lhe ensina a fazer nós. Ele conclui que o importante não é nem o botão e nem o barbante, mas esse espaço lúdico que se ensina sem que se fale sobre ele.

Na Escola da Ponte o mais importante que se ensina é esse espaço. Nas nossas escolas: salas separadas; o que se ensina é que a vida é cheia de espaços estanques. Turmas separadas e hierarquizadas: o que se ensina é que a vida é feita de grupos sociais separados, uns em cima dos outros. Conseqüência prática: a competição entre as turmas, competição que chega à violência (os trotes!).

Saberes ministrados em tempo definidos, um após o outro: o que se ensina é que os saberes são compartimentos estanques (e depois reclamam que os alunos não conseguem integrar o conhecimento.

Apelam então para a 'transdisciplinaridade', para corrigir o estrago feito. [...]). Ah! Uma vez cometido o erro arquitetônico, o espírito da escola já está determinado! Mas nem arquitetos e nem técnicos da educação sabem disto...

Escola da Ponte: um único espaço, partilhado por todos, sem separação por turmas, sem campainhas anunciado o fim de uma disciplina e o início de outra. A lição social: todos partilhamos de um mesmo mundo. Pequenos e grandes são companheiros numa mesma aventura. Todos se ajudam.

Não há competição. Há cooperação. Ao ritmo da vida: os saberes da vida não seguem programas. É preciso ouvir os 'miúdos', para saber o que eles sentem e pensam. É preciso ouvir os 'graúdos', para saber o que eles sentem e pensam. São as crianças que estabelecem as regras da convivialidade: a necessidade do silêncio, do trabalho não perturbado, de se ouvir música enquanto trabalham. São as crianças que estabelecem os mecanismos para lidar com aqueles que se recusam a obedecer as regras.

Pois o espaço da escola tem de ser como o espaço do jogo: o jogo, para ser divertido e fazer sentido, tem de ter regras. Já imaginaram um jogo de vôlei em que cada jogador pode fazer o que quiser?

A vida social depende de que cada um abra mão da sua vontade, naquilo em que ela se choca com a vontade coletiva. E assim vão as crianças aprendendo as regras da convivência democrática, sem que elas constem de um programa...

Minha cabeça está coçando com o sonho de fazer uma escola parecida... Você matricularia seu filho numa escola assim? Me mande uma mensagem com sua resposta com suas razões. Estou curioso.

Mas, para fazer essa escola tenho de resolver um problema: como é que o guaxo* coloca o primeiro graveto para construir o seu ninho?

**Guaxo é um pássaro que constrói ninhos do tamanho e forma de uma jaca. São feitos com pauzinhos trançados em torno de um ramo pendente de uma árvore. Já tentei desmontar um – não consegui, tão bom era o tecido dos pauzinhos. Minha pergunta, desde menino: Como é que o guaxo pôs o primeiro pauzinho em torno do ramo? Quem o segurou enquanto ele ia buscar o outro? Como foi que o diretor da Escola da Ponte, o professor José Pacheco, 'guaxo-mor', colocou o primeiro pauzinho para fazer a Escola da Ponte?*

[1] Rubem Alves escreveu várias crônicas sobre a "Escola da Ponte", com o mesmo título, apenas alterada a numeração. Essa escola portuguesa, segundo informações do *site* da Embaixada de Portugal, acredita na autonomia dos estudantes e trabalha com três valores: liberdade, responsabilidade e solidariedade. Lá não há turmas, séries ou testes. Também não há salas de aulas ou professores específicos para as disciplinas; o aluno escolhe qual a área de seu interesse e, a partir disso, são desenvolvidos trabalhos de pesquisas tanto em grupo como individuais, através da orientação de professores. A escola emprega o modelo há 31 anos e trabalha com alunos de 5 a 17 anos.

(Retirado de http://www.rubemalves.com.br/escoladaponte6.htm. Publicado originalmente com o título: A Escola da Ponte 5. *Correio Popular*, Caderno C, 18/06/2000)

Leia os exemplos a seguir e responda, depois, ao que se pede.

I. A velhice me abriu os olhos. (4º §)

II. [...] diante de uma pequena escola por que me apaixonei [...] (2º §)

III. [...] a bióloga encarregada do programa de educação ambiental me disse que é fácil lidar com as crianças. (5º §)

IV. Me mande uma mensagem com sua resposta com suas razões. (10º §)

Em todos os exemplos, ocorre o pronome "me". Em termos dos papéis que esse pronome pode exercer, existe igualdade na função exercida por ele em:

a) apenas I e II.
b) apenas II e III.
c) apenas III e IV.
d) apenas I e IV.

82) (Mack-2005) Eu também já fui brasileiro
moreno como vocês.
Ponteei viola, guiei forde
e aprendi na mesa dos bares
que o nacionalismo é uma virtude.
Mas há uma hora em que os bares se fecham
e todas as virtudes se negam.
Carlos Drummond de Andrade

Assinale a afirmativa correta.

a) Do segundo ao quinto verso, detalha-se o sentido de fui brasileiro (primeiro verso).

b) A palavra também (primeiro verso) é índice de um pressuposto: todos os leitores são brasileiros.

c) O modo e o tempo de todos os verbos indicam ações inconclusas no passado.
d) No trecho há uma hora em que os bares se fecham (sexto verso) ocorre ambigüidade: uma pode ser artigo indefinido ou numeral.
e) Os termos bares (quarto verso), viola e forde (terceiro verso) são complementos verbais.

83) (Vunesp-2001) INSTRUÇÃO: A questão a seguir toma por base um fragmento do poema **Em Defesa da Língua**, do poeta neoclássico português Filinto Elísio (1734-1819), uma passagem de um texto em prosa do poeta simbolista brasileiro Cruz e Sousa (1861-1898) e uma passagem de um texto em prosa do poeta modernista brasileiro Tasso da Silveira (1895-1968).

Em Defesa da Língua
Lede, que é tempo, os clássicos honrados;
Herdai seus bens, herdai essas conquistas,
Que em reinos dos romanos e dos gregos
Com indefesso estudo conseguiram.
Vereis então que garbo, que facúndia
Orna o verso gentil, quanto sem eles
É delambido e peco o pobre verso.
....
Abra-se a antiga, veneranda fonte
Dos genuínos clássicos e soltem-se
As correntes da antiga, sã linguagem.
Rompam-se as minas gregas e latinas
(Não cesso de o dizer, porque é urgente);
Cavemos a facúndia, que abasteça
Nossa prosa eloqüente e culto verso.
Sacudamos das falas, dos escritos
Toda a frase estrangeira e frandulagem
Dessa tinha, que comichona afeia
O gesto airoso do idioma luso.
Quero dar, que em francês hajam formosas
Expressões, curtas frases elegantes;
Mas índoles dif'rentes têm as línguas;
Nem toda a frase em toda a língua ajusta.
Ponde um belo nariz, alvo de neve,
Numa formosa cara trigueirinha
(Trigueiras há, que às louras se avantajam):
O nariz alvo, no moreno rosto,
Tanto não é beleza, que é defeito.
Nunca nariz francês na lusa cara,
Que é filha da latina, e só latinas
Feições lhe quadram. São feições parentas.
In: ELÍSIO, Filinto. Poesias. Lisboa: Livraria Sá da Costa-Editora, 1941, p. 44 e 51.

O Estilo
O estilo é o sol da escrita. Dá-lhe eterna palpitação, eterna vida. Cada palavra é como que um tecido do organismo do período. No estilo há todas as gradações da luz, toda a escala dos sons.
O escritor é psicólogo, é miniaturista, é pintor - gradua a luz, tonaliza, esbate e esfuminha os longes da paisagem.
O princípio fundamental da Arte vem da Natureza, porque um artista faz-se da Natureza. Toda a força e toda a profundidade do estilo está em saber apertar a frase no pulso, domá-la, não a deixar disparar pelos meandros da escrita.
O vocábulo pode ser música ou pode ser trovão, conforme o caso. A palavra tem a sua anatomia; e é preciso uma rara percepção estética, uma nitidez visual, olfativa, palatal e acústica, apuradíssima, para a exatidão da cor, da forma e para a sensação do som e do sabor da palavra.
In: CRUZ E SOUSA. Obra completa. Outras evocações. Rio de Janeiro: Aguilar, 1961, p. 677-8.

Técnicas
A técnica artística, incluindo a literatura, se constitui, de começo, de um conjunto de normas objetivas, extraídas da longa experiência, do trato milenário com os materiais mais diversos. Depois que se integra na consciência e no instinto, na inteligência e nos nervos do artista, sofre profunda transfiguração. O artista "assimilou-a" totalmente, o que significa que a transformou, a essa técnica, em si mesmo. Quase se poderia dizer que substituiu essa técnica por outra que, tendo nascido embora da primeira, é a técnica personalíssima, seu instrumento de comunicação e de transfiguração da matéria.Só aí adquiriu seu gesto criador a autonomia necessária, a força imperativa com que ele se assenhoreia do mistério da beleza para transfundi-lo em formas no mármore, na linha, no colorido, na linguagem.
A técnica de cada artista fica sendo, desta maneira, não um "processo", um elemento exterior, mas a substância mesma de sua originalidade. Inútil lembrar que tal personalíssima técnica se gera do encontro da luta do artista com o material que trabalha.
In: SILVEIRA, Tasso da. Diálogo com as raízes (jornal de fim de caminhada). Salvador: Edições GRD-INL, 1971, p. 23.

Os falantes e os escritores muitas vezes se servem do emprego de elementos que, mesmo desnecessários à estrutura da frase, porque redundantes, podem reforçar, dinamizar ou enfatizar a expressão. Considerando este comentário, observe atentamente o terceiro período do fragmento de Tasso da Silveira e, a seguir,
a) demonstre, com base em elementos da estrutura da oração, que a locução "a essa técnica" é redundante;
b) justifique a razão de o escritor haver empregado a preposição "a" antecedendo à mencionada locução.

84) (Vunesp-2002) INSTRUÇÃO: A questão abaixo toma por base as primeiras quatro estrofes da **Canção do Tamoio**, do poeta romântico Antônio Gonçalves Dias (1823-1864), um trecho da **Oração aos Moços**, de Rui Barbosa de Oliveira (1849-1923), e o **Hino do Deputado**, do poeta modernista Murilo Monteiro Mendes (1901-1975).

Canção do Tamoio

I
Não chores, meu filho;
Não chores, que a vida
É luta renhida:
Viver é lutar.
A vida é combate,
Que os fracos abate,
Que os fortes, os bravos,
Só pode exaltar.

II
Um dia vivemos!
O homem que é forte
Não teme da morte;
Só teme fugir;
No arco que entesa
Tem certa uma presa,
Quer seja tapuia,
Condor ou tapir.

III
O forte, o cobarde
Seus feitos inveja
De o ver na peleja
Garboso e feroz;
E os tímidos velhos
Nos graves concelhos,
Curvadas as frontes,
Escutam-lhe a voz!

IV
Domina, se vive;
Se morre, descansa
Dos seus na lembrança,
Na voz do porvir.
Não cures da vida!
Sê bravo, sê forte!
Não fujas da morte,
Que a morte há de vir!
(GONÇALVES DIAS, Antônio. Obras Poéticas.Tomo II. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944, p. 42-43.)

Oração aos Moços

Magistrados ou advogados sereis. Suas duas carreiras quase sagradas, inseparáveis uma da outra, e, tanto uma como a outra, imensas nas dificuldades, responsabilidades e utilidades.
Se cada um de vós meter bem a mão na consciência, certo que tremerá da perspectiva. O tremer próprio é dos que se defrontam com as grandes vocações, e são talhados para as desempenhar. O tremer, mas não o descorçoar. O tremer, mas não o renunciar. O tremer, com o ousar. O tremer, com o empreender. O tremer, com o confiar. Confiai, senhores. Ousai. Reagi. E haveis de ser bem sucedidos. Deus, pátria e trabalho. Metei no regaço essas três fés, esses três amores, esses três signos santos. E segui, com o coração puro. Não hajais medo a que a sorte vos ludibrie. [...]
Idealismo? Não: experiência da vida. Não há forças, que mais a senhoreiem, do que essas. Experimentai-o, como eu o tenho experimentado. Poderá ser que resigneis certas situações, como eu as tenho resignado. Mas meramente para variar de posto, e, em vos sentindo incapazes de uns, buscar outros, onde vos venha ao encontro o dever, que a Providência vos haja reservado.
(BARBOSA, Rui. Oração aos moços[discurso de paraninfo dos formandos da Faculdade de Direito de S.Paulo, em 1920]. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1956, p. 58-59.)

Hino do Deputado

Chora, meu filho, chora.
Ai, quem não chora não mama,
Quem não mama fica fraco,
Fica sem força pra vida,
A vida é luta renhida,
Não é sopa, é um buraco.
Se eu não tivesse chorado
Nunca teria mamado,
Não estava agora cantando,
Não teria um automóvel,
Estaria caceteado,
Assinando promissória,
Quem sabe vendendo imóvel
A prestação ou sem ela,
Ou esperando algum tigre
Que talvez desse amanhã,
Ou dando um tiro no ouvido,
Ou sem olho, sem ouvido,
Sem perna, braço, nariz.
Chora, meu filho, chora,
Anteontem, ontem, hoje,
Depois de amanhã, amanhã.
Não dorme, filho, não dorme,
Se você toca a dormir
Outro passa na tua frente,
Carrega com a mamadeira.
Abre o olho bem aberto,
Abre a boca bem aberta,
Chore até não poder mais.
(MENDES, Murilo. História do Brasil, XLIII. In: Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994, p. 177-178.)

No verso do **Hino do Deputado** "A prestação ou sem ela", o pronome pessoal do caso reto "ela" faz referência ao antecedente "prestação". Fundamentado nesta informação e neste exemplo,
a) aponte o antecedente a que se refere o pronome "as" no seguinte período de **Oração aos Moços**: "Poderá ser

que resigneis certas situações, como eu as tenho resignado.";
b) ainda considerando o período "Poderá ser que resigneis certas situações, como eu as tenho resignado", identifique a função sintática exercida pelo pronome "as" e por seu antecedente nas respectivas orações de que fazem parte.

85) (FEI-1997) INVESTIMENTO SEM RISCO

"Em julho do ano passado, EXAME encomendou ao jornalista Stephen Hugh-Jones[1], editor da seção de assuntos internacionais da centenária revista inglesa The Economist, um artigo[2] para a edição especial sobre o primeiro ano do Plano Real. (...) Aqui, chocou-o profundamente a constatação de que quase um quinto da população brasileira com idade superior a 15 anos não sabia ler nem escrever. Em números absolutos, isso significa quase 20 milhões de pessoas materialmente incapacitadas, em função da ignorância, para fruir do desenvolvimento ou colaborar com ele. Essa cifra triplica caso sejam incluídos os chamados analfabetos funcionais, isto é, aquelas pessoas que não completaram a 4ª série do primário. (...) Não se trata, apenas, de uma questão elementar de justiça. O sistema educacional brasileiro simplesmente não faz sentido do ponto de vista econômico. As dezenas de milhões de brasileiros desprovidos de educação não têm (nem terão) chances reais de obter renda, não consomem mais do que produtos básicos, não pagam impostos, não produzem bens ou serviços com real valor econômico, não estão aptos a ser empregados num número crescente de atividades".
(EXAME, 17/07/1996)

Observe os termos indicados no texto: "ao jornalista Stephen Hugh-Jones" (ref. 1) e "um artigo" (ref. 2).
Em análise sintática, classificamos os termos destacados. respectivamente como:
a) objeto direto e objeto indireto.
b) complemento nominal e objeto direto.
c) adjunto adverbial e aposto.
d) objeto indireto e objeto direto.
e) objeto indireto e adjunto adverbial.

86) (ESPM-2007) Leia:

Vou retratar Marília

Vou retratar a Marília,
a Marília, meus amores;
porém como? se eu não vejo
quem me empreste as finas cores:
dar-mas a terra não pode;
não, que a sua cor mimosa
vence o lírio, vence a rosa,
o jasmim e as outras flores.
Ah! socorre, Amor, socorre
ao mais grato empenho meu!
Voa sobre os astros, voa,
Traze-me as tintas do céu.
(Tomás Antonio Gonzaga)

A fusão de dois pronomes oblíquos em “mas” tem como referentes:
a) Marília e “flores”.
b) Marília e “finas cores”.
c) “eu” poético e “flores”.
d) “eu” poético e “finas cores”.
e) “eu” poético e “as tintas do céu”.

87) (Cesgranrio-1994) MEU POVO, MEU POEMA

Meu povo e meu poema crescem juntos
como cresce no fruto
a árvore nova

No povo meu poema vai nascendo
como no canavial
nasce verde o açúcar

No povo meu poema está maduro
como o sol
na garganta do futuro

Meu povo em meu poema
se reflete
como a espiga se funde em terra fértil

Ao povo seu poema aqui devolvo
menos como quem canta
do que planta
(Ferreira Gullar)

Os termos "No povo" (v.7) e "Ao povo" (v.1 3), exercem, respectivamente, as funções sintáticas de:
a) objeto indireto - adjunto adverbial.
b) objeto indireto - complemento nominal.
c) complemento nominal - objeto indireto.
d) adjunto adverbial - adjunto adverbial.
e) adjunto adverbial - objeto indireto.

88) (UFF-2001) O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falto eu mesmo, e esta lacuna é tudo. O que aqui está é, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos, e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o interno não agüenta tinta. Uma certidão que me desse vinte anos de idade poderia enganar os estranhos, como todos os documentos falsos, mas não a mim. Os amigos que me restam são de data recente; todos

os antigos foram estudar a geologia dos campos santos. Quanto às amigas, algumas datam de quinze anos, outras de menos, e quase todas crêem na mocidade. Duas ou três fariam crer **nela** aos outros, mas a língua que falam obriga muita vez a consultar os dicionários, e tal freqüência é cansativa.

Entretanto, vida diferente não quer dizer vida pior; é outra coisa. A certos respeitos, aquela vida antiga aparece-me despida de muitos encantos que lhe achei; mas é também exato que perdeu muito espinho que a fez molesta, e, de memória, conservo alguma recordação doce e feiticeira. Em verdade, pouco apareço e menos falo. Distrações raras. O mais do tempo é gasto em hortar, jardinar e ler; como bem e não durmo mal.

Ora, como tudo cansa, esta monotonia acabou por exaurir-me também. Quis variar, e lembrou-me escrever um livro. Jurisprudência, filosofia e política acudiram-me, mas não me acudiram as forças necessárias. Depois, pensei em fazer uma *História dos Subúrbios* menos seca que as memórias do padre Luís Gonçalves dos Santos relativas à cidade; era obra modesta, mas exigia documentos e datas como preliminares, tudo árido e longo. Foi então que os bustos pintados nas paredes entraram a falar-me e a dizer-me que, uma vez que eles não alcançavam reconstituir-me os tempos idos, pegasse da pena e contasse alguns. Talvez a narração me desse a ilusão, e as sombras viessem perpassar ligeiras, como ao poeta, não o do trem, mas o do Fausto: *Aí vindes outra vez, inquietas sombras ?...*

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro.* Capítulo II, Rio de Janeiro: José Aguilar, 1971, v. 1,p. 810-11.

“Duas ou três fariam crer **nela** aos outros, mas a língua que falam obriga muita vez a consultar os dicionários, e tal freqüência é cansativa.”

O termo sublinhado (contração da preposição **em** com o pronome reto **ela**) retoma um outro de mesma função sintática. Identifique-o:

a) certidão
b) mocidade
c) mim
d) lacuna
e) pintura

89) (UFAC-1997) O PRIMO

Primeira noite ele conheceu que Santina não era moça. Casado por amor, Bento se desesperou. Matar a noiva, suicidar-se, e deixar o outro sem castigo? Ela revelou que, havia dois anos, o primo Euzébio lhe fizera mal, por mais que se defendesse. De vergonha, prometeu a Nossa Senhora ficar solteira. O próprio Bento não a deixava mentir, testemunha de sua aflição antes do casamento. Santina pediu perdão, ele respondeu que era tarde - noiva de grinalda sem ter direito.

(Cemitério de elefantes. Apud CARNEIRO, Agostinho Dias)

"O próprio Bento não a deixava mentir..." Se o autor tivesse escrito "O próprio Bento não lhe deixava mentir...":

a) estaria acertando, porque tanto "a" quanto "lhe" são pronomes que exercem sempre a mesma função sintática.
b) estaria errando, porque "a" é pronome de 3ª pessoa e "lhe", de 2ª.
c) estaria errando, porque "a" não pode exercer a mesma função sintática que "lhe", pelo menos como pronome oblíquo em função objetiva, como é o caso do exemplo em apreço.
d) estaria acertando, porque "a" pode exercer a mesma função sintática que "lhe", em especial como pronome oblíquo em função objetiva, como é o caso do exemplo em estudo.
e) estaria errando, porque "a" e "lhe", nesse tipo de construção, só exercem função sintática idêntica quando a forma verbal infinitiva é transitiva direta.

90) (PUC-SP-2002) O TIO AQUÁTICO

Os primeiros vertebrados, que no Carbonífero deixaram a vida aquática pela vida terrestre, derivavam dos peixes ósseos pulmonados, cujas nadadeiras podiam ser roladas sob o corpo e usadas como patas sobre a terra.

Agora já estava claro que os tempos aquáticos haviam terminado, recordou o velho Qfwfq, e aqueles que se decidiam a dar o grande passo eram sempre em número maior, não havendo família que não tivesse algum dos seus entes queridos lá no seco; todos contavam coisas extraordinárias sobre o que se podia fazer em terra firme, e chamavam os parentes. Então, os peixes jovens, já não era mais possível segurá-los; agitavam as nadadeiras nas margens lodosas para ver se funcionavam como patas, como haviam conseguido fazer os mais dotados. Mas precisamente naqueles tempos se acentuavam as diferenças entre nós: existia a família que vivia em terra havia várias gerações e cujos jovens ostentavam maneiras que já não eram de anfíbios mas quase de répteis; e existiam aqueles que ainda insistiam em bancar o peixe e assim se tornavam ainda mais peixes do que quando se usava ser peixe.

(..)

Daquela vez a visita à lagoa foi mais longa. Estendemo-nos os três sobre uma das margens em declive: o tio mais para o lado da água, mas nós também a meio banho, de tal maneira que se alguém nos visse de longe, estirados uns ao lado dos outros, não saberia dizer quem era terrestre e quem aquático.

O peixe atacou um de seus refrãos preferidos: a superioridade da respiração na água sobre a respiração aérea, com todo o repertório de suas difamações. Agora LII toma as dores e lhe dá o merecido troco!, pensava. Mas eis que se viu aquele dia que LII usava uma outra tática: discutia com ardor, defendendo nossos pontos de vista, mas ao mesmo tempo levando muito a sério os argumentos do velho N’ba N’ga.

As terras emersas, segundo o tio, eram um fenômeno limitado: iriam desaparecer assim como vieram à tona, ou,

de qualquer forma, ficariam sujeitas a mutações contínuas: vulcões, glaciações, terremotos, enrugamentos do terreno, mutações de clima e de vegetação. E nossa vida nesse meio devia enfrentar transformações contínuas, mediante as quais populações inteiras iriam desaparecer, e só haveria de sobreviver quem estivesse disposto a modificar de tal forma a base de sua existência, que as razões anteriormente passíveis de tornar a vida bela de viver seriam completamente transtornadas e esquecidas.
Calvino, I (1994). As Cosmicômicas, São Paulo, Companhia das Letras, p. 71-83.

Leia com atenção o seguinte trecho do texto:
"Então, os peixes jovens, já não era mais possível segurá-los; agitavam as nadadeiras nas margens lodosas **para** ver se funcionavam **como** patas, **como** haviam conseguido fazer os mais dotados.
Mas precisamente naqueles tempos se acentuavam as diferenças entre nós..."
Com relação ao pronome "los" em "segurá-los", indique a alternativa correta.
a) É objeto direto pleonástico e enfatiza a atitude dos peixes jovens em oposição aos que "insistiam em bancar o peixe".
b) É objeto direto referente ao aposto "peixes jovens" e enfatiza a atitude dos peixes mais velhos em oposição aos mais jovens.
c) É objeto direto e determina as diferenças entre os mais e os menos dotados.
d) É predicativo do sujeito e caracteriza o termo "peixes jovens".
e) É predicativo do objeto e enfatiza a atitude dos peixes jovens em oposição aos que "insistiam em bancar o peixe".

91) (FGV-2005) Observe a frase **Comeu muito**, na linha 27. Agora observe a frase **Comeu pipocas**. Que diferenças de sentido e de regência há entre as duas ocorrências do verbo **comer**?

1. HORA DA SESTA. Um grande silêncio no casarão.
2. Faz sol, depois de uma semana de dias sombrios e úmidos.
3. Clarissa abre um livro para ler. Mas o silêncio é tão grande que, inquieta, ela torna a pôr o
4. volume na prateleira, ergue-se e vai até a janela, para ver um pouco de vida.
5. Na frente da farmácia está um homem metido num grosso sobretudo cor de chumbo. Um
6. cachorro magro atravessa a rua. A mulher do coletor aparece à janela. Um rapaz de pés
7. descalços entra na Panificadora.
8. Clarissa olha para o céu, que é dum azul tímido e desbotado, olha para as sombras fracas
9. sobre a rua e depois se volta para dentro do quarto.
10. Aqui faz frio. Lá no fundo do espelho está uma Clarissa indecisa, parada, braços caídos,
11. esperando. Mas esperando quê?
12. Clarissa recorda. Foi no verão. Todos no casarão dormiam. As moscas dançavam no ar,
13. zumbindo. Fazia um solão terrível, amarelo e quente. No seu quarto, Clarissa não sabia que
14. fazer. De repente pensou numa travessura. Mamãe guardava no sótão as suas latas de
15. doce, os seus bolinhos e os seus pães que deviam durar toda a semana. Era proibido entrar
16. lá. Quem entrava, dos pequenos, corria o risco de levar palmadas no lugar de
17. costume.
18. Mas o silêncio da sesta estava cheio de convites traiçoeiros. Clarissa ficou pensando.
19. Lembrou-se de que a chave da porta da cozinha servia no quartinho do sótão.
20. Foi buscá-la na ponta dos pés. Encontrou-a no lugar. Subiu as escadas devagarinho. Os
21. degraus rangiam e a cada rangido ela levava um sustinho que a fazia estremecer.
22. Clarissa subia, com a grande chave na mão. Ninguém... Silêncio...
23. Diante da porta do sótão, parou, com o coração aos pulos. Experimentou a chave. A
24. princípio não entrava bem na fechadura. Depois entrou. Com muita cautela, abriu a porta e
25. se viu no meio duma escuridão perfumada, duma escuridão fresca que cheirava a doces,
26. bolinhos e pão.
27. Comeu muito. Desceu cheia de medo. No outro dia D. Clemência descobriu a violação, e
28. Clarissa levou meia dúzia de palmadas.
29. Agora ela recorda... E de repente se faz uma grande claridade, ela tem a grande idéia. "A
30. chave da cozinha serve na porta do quarto do sótão." O quarto de Vasco fica no sótão...
31. Vasco está no escritório... Todos dormem... Oh!
32. E se ela fosse buscar a chave da cozinha e subisse, entrasse no quarto de Vasco e
33. descobrisse o grande mistério?
34. Não. Não sou mais criança. Não. Não fica direito uma moça entrar no quarto dum rapaz.
35. Mas ele não está lá... que mal faz? Mesmo que estivesse, é teu primo. Sim, não sejas
36. medrosa. Vamos. Não. Não vou. Podem ver. Que é que vão pensar? Subo a escada,
37. alguém me vê, pergunta: "Aonde vais, Clarissa?" Ora, vou até o quartinho das malas.
38. Pronto. Ninguém pode desconfiar. Vou. Não, não vou. Vou, sim!

(Porto Alegre: Globo, 1981. pp. 132-133)

92) (FGV-2001) Observe as duas frases abaixo. Que diferenças existem entre elas?
a) Pega ladrão!

b) Pega, ladrão!

93) (Mack-2004) Ornemos nossas testas com as flores,
e façamos de feno um brando leito;
prendamo-nos, Marília, em laço estreito,
gozemos do prazer de sãos amores (...)
(...) aproveite-se o tempo, antes que faça
o estrago de roubar ao corpo as forças
e ao semblante a graça.
Tomás Antônio Gonzaga

No poema, roubar exigiu objeto direto e indireto. Assinale a alternativa que contém verbo empregado do mesmo modo.

a) Ele insistiu comigo sobre a questão da assinatura da revista.
b) Emendou as peças para formar o desenho de uma casa.
c) Encontrou ao fim do dia o endereço desejado.
d) Eles alinharam aos trancos a ferragem da bicicleta.
e) Só ontem avisou-me de sua viagem.

94) (ITA-1996) OS CÃES

- Lutar. Podes escachá-los ou não; o essencial* é que lutes. Vida é luta. Vida sem luta* é um mar morto no centro do organismo universal.
DAÍ A POUCO demos COM UMA BRIGA de cães¤; fato que AOS OLHOS DE UM HOMEM VULGAR não teria valor, Quincas Borba fez-me parar e observar os cães. Eram dois. Notou que ao pé deles* estava um osso, MOTIVO DA GUERRA, e não deixou de chamar a minha atenção para a circunstância de que o osso não tinha carne. Um simples osso nu. Os cães mordiam-se*, rosnavam, COM O FUROR NOS OLHOS... Quincas Borba meteu a bengala DEBAIXO DO BRAÇO, e parecia em êxtase.
- Que belo que isto é! dizia ele de quando em quando. Quis arrancá-lo dali, mas não pude; ele estava arraigado AO CHÃO, e só continuou A ANDAR, quando a briga cessou* INTEIRAMENTE, e um dos cães, MORDIDO e vencido, foi levar a sua fome A OUTRA PARTE. Notei que ficara sinceramente ALEGRE, posto* contivesse a ALEGRIA, segundo convinha a um grande filósofo. Fez-me observar a beleza do espetáculo, relembrou o objeto da luta, concluiu que os cães tinham fome; mas a privação do alimento era nada para os efeitos gerais da filosofia. Nem deixou de recordar que em algumas partes do globo o espetáculo é mais grandioso: as criaturas humanas é que disputam¤ aos cães os ossos e outros manjares menos APETECÍVEIS; luta que se complica muito, porque entra em ação a inteligência do homem, com todo o acúmulo de sagacidade que lhe deram os séculos etc.

Quanto à predicação, os verbos "mordiam, cessou, disputam"
classificam-se, no texto, respectivamente como:
a) t. direto e indireto, transitivo, t. direto.
b) t. direto e indireto, intransitivo, t. direto.
c) transitivo, ligação, t. direto e indireto
d) t. direto, intransitivo, t. direto e indireto.
e) intransitivo, intransitivo, transitivo.

95) (Faap-1997) Os gatos

Deus fez o homem à sua imagem e semelhança, e fez o crítico à semelhança do gato. Ao crítico deu ele, como ao gato, a graça ondulosa e o assopro, o ronrom e a garra, a língua espinhosa. Fê-lo nervoso e ágil, refletido e preguiçoso; artista até ao requinte, sarcasta até a tortura, e para os amigos bom rapaz, desconfiado para os indiferentes, e terrível com agressores e adversários... .

Desde que o nosso tempo englobou os homens em três categorias de brutos, o burro, o cão e o gato - isto é, o animal de trabalho, o animal de ataque, e o animal de humor e fantasia - por que não escolheremos nós o travesti do último? É o que se quadra mais ao nosso tipo, e aquele que melhor nos livrará da escravidão do asno, e das dentadas famintas do cachorro.

Razão por que nos acharás aqui, leitor, miando um pouco, arranhando sempre e não temendo nunca.

Fialho de Almeida

"Deus fez o homem à sua imagem e semelhança".
A Língua conhece o objeto direto pleonástico e preposicionado:
a) Ao homem fê-lo Deus à sua imagem e semelhança.
b) O homem foi feito por Deus à sua imagem e semelhança.
c) O homem fez Deus à sua imagem e semelhança.
d) O homem Deus fez à sua imagem e semelhança.
e) À sua imagem e semelhança fez Deus o homem.

96) (UFSCar-2003) Para responder à questão abaixo, leia o trecho extraído de *Gabriela, cravo e canela*, obra de Jorge Amado.

O marinheiro sueco, um loiro de quase dois metros, entrou no bar, soltou um bafo pesado de álcool na cara de Nacib e apontou com o dedo as garrafas de “Cana de Ilhéus”. Um olhar suplicante, umas palavras em língua impossível. Já cumprira Nacib, na véspera, seu dever de cidadão, servira cachaça de graça aos marinheiros. Passou o dedo indicador no polegar, a perguntar pelo dinheiro. Vasculhou os bolsos o loiro sueco, nem sinal de dinheiro. Mas descobriu um broche engraçado, uma sereia dourada. No balcão colocou a nórdica mãe-d’água, Yemanjá de Estocolmo. Os olhos do árabe fitavam Gabriela a dobrar a esquina por detrás da Igreja. Mirou a sereia, seu rabo de peixe. Assim era a anca de Gabriela. Mulher tão de fogo no mundo não havia, com aquele calor, aquela ternura, aqueles suspiros, aquele langor. Quanto mais dormia com ela, mais tinha vontade.

Parecia feita de canto e dança, de sol e luar, era de cravo e canela. Nunca mais lhe dera um presente, uma tolice de feira. Tomou da garrafa de cachaça, encheu um copo grosso de vidro, o marinheiro suspendeu o braço, saudou em sueco, emborcou em dois tragos, cuspiu. Nacib guardou no bolso a sereia dourada, sorrindo. Gabriela riria contente, diria a gemer: "precisava não, moço bonito ..."
E aqui termina a história de Nacib e Gabriela, quando renasce a chama do amor de uma brasa dormida nas cinzas do peito.

A oração *Vasculhou os bolsos o loiro sueco*, com a substituição do complemento verbal por um pronome oblíquo, equivale a
a) Vasculhou-o os bolsos.
b) Vasculhou-se o loiro sueco.
c) Vasculhou-lhe os bolsos.
d) Vasculhou-lhes o loiro sueco.
e) Vasculhou-os o loiro sueco.

97) (Unifesp-2002) Texto I:
Ao longo do sereno
Tejo, suave e brando,
Num vale de altas árvores sombrio,
Estava o triste Almeno
Suspiros espalhando
Ao vento, e doces lágrimas ao rio.
(Luís de Camões, Ao longo do sereno.)

Texto II:
Bailemos nós ia todas tres, ay irmanas,
so aqueste ramo destas auelanas
e quen for louçana, como nós, louçanas,
se amigo amar,
so aqueste ramo destas auelanas
uerrá baylar.
(Aires Nunes. In Nunes, J. J., Crestomatia arcaica.)

Texto III:
Tão cedo passa tudo quanto passa!
morre tão jovem ante os deuses quanto
Morre! Tudo é tão pouco!
Nada se sabe, tudo se imagina.
Circunda-te de rosas, ama, bebe
E cala. O mais é nada.
(Fernando Pessoa, Obra poética.)

Texto IV:
Os privilégios que os Reis
Não podem dar, pode Amor,
Que faz qualquer amador
Livre das humanas leis.
mortes e guerras cruéis,
Ferro, frio, fogo e neve,
Tudo sofre quem o serve.
(Luís de Camões, Obra completa.)

Texto V:
As minhas grandes saudades
São do que nunca enlacei.
Ai, como eu tenho saudades
Dos sonhos que não sonhei!...)
(Mário de Sá Carneiro, Poesias.)

No texto IV, em "quem o serve", o "o" exerce determinada função sintática. Esta função é a mesma que é exercida por
a) "suspiros", em I.
b) "ramo", em II.
c) "rosas", em III.
d) "Amor", em IV.
e) "sonhos", em V.

98) (UFSCar-2000) Tu amarás outras mulheres
E tu me esquecerás!
É tão cruel, mas é a vida. E no entretanto
Alguma coisa em ti pertence-me!
Em mim alguma coisa és tu.
O lado espiritual do nosso amor
Nos marcou para sempre.
Oh, vem em pensamento nos meus braços!
Que eu te afeiçoe e acaricie...
(Manuel Bandeira: A Vigília de Hero. In: **O Ritmo Dissoluto. Poesia Completa e Prosa**.2ª ed. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1967, p. 224.)

Há dois pronomes que exercem no texto mais de uma função sintática; um dos dois, entretanto, admite uma análise diferente que elimina essa duplicidade funcional. Desse modo, a única forma pronominal que exerce mais de uma função sintática, sem ambigüidade, é:
a) tu.
b) eu.
c) me.
d) nos.
e) te.

99) (PUC-SP-2002) POÇAS D'ÁGUA

As poças d'água são um mundo mágico
Um céu quebrado no chão
Onde em vez de tristes estrelas
Brilham os letreiros de gás Néon.
Mario Quintana, Preparativos de viagem, São Paulo, Globo, 1994

Refletindo-se sobre a relação entre os termos da oração, pode-se afirmar que
a) o termo d'água complementa sintaticamente o termo poças.
b) o termo mundo mágico complementa sintaticamente o termo as poças d'água.
c) o termo em vez de tristes estrelas complementa o termo brilham.
d) não há complementos verbais nem nominais.

e) há simplesmente complementos nominais.

100) (UEL-1994) Relativamente "a esse assunto", tenho muito que dizer.
A expressão entre aspas na frase anterior classifica-se, sintaticamente, como:
a) objeto indireto.
b) adjunto adverbial.
c) adjunto adnominal.
d) objeto direto preposicionado.
e) complemento nominal.

101) (UFPE-1996) "Sobre a história do arquipélago, explicou que fora doado pelo Rei de Portugal, em 1504, a Fernão de Noronha. O primeiro nome fora ilha de São João. Naqueles tempos era comum batizar os lugares com o nome da festa religiosa do dia da descoberta. Pode-se dizer, então, que ela foi vista pela primeira vez por olhos de navegantes europeus num dia 24 de junho, entre 1500 e 1503.
(Abdias Moura, em o SEGREDO DA ILHA)

Em qual alternativa a expressão não exerce, no texto, a função de adjunto adverbial?
a) "... em 1504 ..."
b) "Naqueles tempos ..."
c) "... pela primeira vez ..."
d) "... pelo Rei de Portugal ..."
e) "... num dia 24 de junho ..."

102) (ITA-2005) A manchete abaixo apresenta ambigüidade sintática, que é desfeita pelo conteúdo do texto que lhe segue.

Reino Unido pode taxar fast food contra obesidade
O Reino Unido estuda cobrar taxa de empresas de fast food para financiar instalações esportivas e o combate à obesidade. Segundo um relatório, a obesidade no país cresceu quase 400% em 25 anos, e, se continuar aumentando, pode superar o cigarro como maior causa de mortes prematuras. Governo e empresas locais têm sido criticados por não combaterem o problema.
(Folha de S. Paulo, 7/06/2004)

a) Quais as interpretacões sugeridas pela manchete?
b) Qual dessas interpretações prevalece na notícia?

103) (FGV-2005) Com a migração dos investimentos surgem novos desafios, onde o tempo de retorno do capital investido tem que ser o menor possível.
Indique qual a circunstância expressa por - Com a migração dos investimentos.

104) (PUC-SP-2005) Estradas de Rodagem
Comparados os países com veículos, veremos que os Estados Unidos são uma locomotiva elétrica; a Argentina um automóvel; o México uma carroça; e o Brasil um carro de boi.
O primeiro destes países voa; o segundo corre a 50 km por hora; o terceiro apesar das revoluções tira 10 léguas por dia; nós...
Nós vivemos atolados seis meses do ano, enquanto dura a estação das águas, e nos outros 6 meses caminhamos à razão de 2 léguas por dia. A colossal produção agrícola e industrial dos americanos voa para os mercados com a velocidade média de 100 km por hora. Os trigos e carnes argentinas afluem para os portos em autos e locomotivas que uns 50 km por hora, na certa, desenvolvem.
As fibras do México saem por carroças e se um general revolucionário não as pilha em caminho, chegam a salvo com relativa presteza. O nosso café, porém, o nosso milho, o nosso feijão e a farinha entram no carro de boi, o carreiro despede-se da família, o fazendeiro coça a cabeça e, até um dia!. Ninguém sabe se chegará, ou como chegará. Às vezes pensa o patrão que o veículo já está de volta, quando vê chegar o carreiro.
Então? Foi bem de viagem?
O carreiro dá uma risadinha.
Não vê que o carro atolou ali no Iriguaçu e...
E o quê?
... e está atolado! Vim buscar mais dez juntas de bois para tirar ele.
E lá seguem bois, homens, o diabo para desatolar o carro.
Enquanto isso, chove, a farinha embolora, a rapadura derrete, o feijão caruncha, o milho grela; só o café resiste e ainda aumenta o peso.
(LOBATO, M. *Obras Completas*, 14ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1972, v. 8, p.74)

“A colossal produção agrícola e industrial dos americanos voa para os mercados com a velocidade
média de 100 km por hora. Os trigos e carnes argentinas afluem para os portos em autos e locomotivas que uns 50 km por hora, na certa, desenvolvem.”
As circunstâncias sublinhadas indicam, respectivamente, a idéia de
a) lugar, meio e finalidade.
b) finalidade, meio e afirmação.
c) finalidade, tempo e dúvida.
d) lugar, meio e afirmação.
e) lugar, instrumento e lugar.

105) (PUC-SP-2005) Nos trechos ...numa homenagem também aos salgueirenses que, **no Carnaval de 1967**, entraram pelo cano / ...deslumbram, saboreiam, de **Madureira à Gávea**, na unidade do prazer desencadeado, assinale a alternativa que indica função sintática de

adjunto adverbial dos termos que, entre vírgulas, exprimem circunstâncias de
a) tempo/ lugar.
b) tempo/modo.
c) lugar/assunto.
d) companhia/ tempo.
e) intensidade/lugar.

106) (PUC-SP-2005) Nos trechos ...numa homenagem também aos salgueirenses que, no Carnaval de 1967, entraram pelo cano / ...deslumbram, saboreiam, de Madureira à Gávea, na unidade do prazer desencadeado..., assinale a alternativa que indica função sintáica de adjunto adverbial dos termos que, entre vírgulas, exprimem circunstâncias de
a) tempo/ lugar.
b) tempo/modo
c) lugar/assunto.
d) companhia/ tempo.
e) intensidade/lugar.

107) (ITA-2002) O Programa Mulheres está mudando. Novo cenário, novos apresentadores, muito charme, mais informação, moda, comportamento e prestação de serviços. Assista amanhã, a revista eletrônica feminina que é a referência do gênero na TV.

a) Por que não está adequada a vírgula empregada após a palavra "amanhã"?
b) A inclusão de uma vírgula após o termo "feminina" alteraria o entendimento da frase. Nesse caso, o que seria modificado em relação ao significado de "revista eletrônica feminina"?

108) (Unifesp-2002) Texto I:
Perante a Morte empalidece e treme,
Treme perante a Morte, empalidece.
Coroa-te de lágrimas, esquece
O Mal cruel que nos abismos geme.
(Cruz e Souza, Perante a morte.)

Texto II:
Tu choraste em presença da morte?
Na presença de estranhos choraste?
Não descende o cobarde do forte;
Pois choraste, meu filho não és!
(Gonçalves Dias, I Juca Pirama.)

Texto III:
Corrente, que do peito destilada,
Sois por dous belos olhos despedida;
E por carmim correndo dividida,
Deixais o ser, levais a cor mudada.
(Gregório de Matos, Aos mesmos sentimentos.)

Texto IV:
Chora, irmão pequeno, chora,
Porque chegou o momento da dor.
A própria dor é uma felicidade...
(Mário de Andrade, Rito do irmão pequeno.)

Texto V:
Meu Deus! Meu Deus! Mas que bandeira
é esta,
Que impudente na gávea tripudia?!...
Silêncio! ...Musa! Chora, chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto...
(Castro Alves, O navio negreiro.)

No texto V, o sintagma *no teu pranto* desempenha a função sintática de adjunto adverbial. Esta mesma função vem desempenhada por
a) perante a Morte (em I) e nos abismos (em I).
b) de lágrimas (em I) e do forte (em II).
c) momento da dor (em IV) e uma felicidade (em IV).
d) em presença da morte (em II) e correndo dividida (em III).
e) Mal cruel (em I) e Na presença de estranhos (em II).

109) (IBMEC-2007) [...] Pus-me a ler o jornal, os anúncios de "precisa-se". Dentre eles, um pareceu aceitável. Tratava-se de um rapaz de conduta afiançada para acompanhar um cesto de pão. Era nas Laranjeiras. Estava resolvido a aceitar; trabalharia um ano ou mais; guardaria dinheiro suficiente que me desse tempo para pleitear mais tarde um lugar melhor. Não havia nada que me impedisse: eu era desconhecido, sem família, sem origens... Que mal havia?
Mais tarde, se chegasse a alguma coisa, não me envergonharia, por certo?! Fui, contente até. Falei ao gordo proprietário do estabelecimento. Não me recordo mais das suas feições, mas tenho na memória as grandes mãos com um enorme "solitário" e o seu alentado corpo de arrobas.
— Foi o senhor que anunciou um rapaz para...
— Foi; é o senhor? respondeu-me logo sem me dar tempo de acabar.
— Sou, pois não.
O gordo proprietário esteve um instante a considerar, agitou os pequenos olhos perdidos no grande rosto, examinou-me convenientemente e disse por fim, voltando-me as costas com mau humor:
— Não me serve.
— Por quê? atrevi-me eu.
— Porque não me serve.
E veio vagarosamente até uma das portas da rua, enquanto eu saía literalmente esmagado. Naquela recusa do padeiro em me admitir, eu descobria uma espécie de sítio posto à minha vida. Sendo obrigado a trabalhar, o trabalho era-me recusado em nome de sentimentos injustificáveis. Facilmente generalizei e convenci-me de

que esse seria o preceder geral. Imaginei as longas marchas que teria que fazer para arranjar qualquer coisa com que viver; as humilhações que teria que tragar; e, de novo, me veio aquele ódio do bonde, quando de volta da casa do Deputado Castro. Revoltava-me que me obrigassem a despender tanta força de vontade, tanta energia, com
coisas em que os outros pouco gastavam. Era uma desigualdade absurda, estúpida, contra a qual se iam quebrar o meu pensamento angustiado e os meus sentimentos liberais que não podiam acusar particularmente o padeiro.
Que diabo! Eu oferecia-me, ele não queria! que havia nisso demais?
Era uma simples manifestação de um sentimento geral e era contra esse sentimento, aos poucos descoberto por mim, que eu me revoltava. Vim descendo a rua, e perdendo-me aos poucos no meu próprio raciocínio. Preliminarmente descobria-lhe absurdos, voltava ao interior, misturava os dois, embrulhava-me. No largo do Machado, contemplei durante momentos aquela igreja de frontão grego e colunas dóricas e tive a sensação de estar em país estrangeiro.
(Lima Barreto. Recordações do escrivão Isaías Caminha. *3. Ed. São Paulo: Ática, 1994, p. 69-70.)*

Lendo o trecho “No largo do Machado, contemplei durante momentos aquela igreja de frontão grego e colunas dóricas e tive a sensação de estar em país estrangeiro.“, **pode-se afirmar** que a vírgula foi empregada pelo mesmo motivo em:
a) Rodrigo, guarde as armas! — disse o velho ao neto.
b) No meio do salão, a mesa de jantar.
c) Um dia, ele me puxou a barra do paletó e me fez examinar seu pequenino dedo machucado.
d) O camarada desafivelou o cinturão de botões prateados, onde o velho carregava o dinheiro.
e) É linda a igreja, mas sua beleza é triste.

110) (UFPA-1997) "Concordei, para dizer alguma coisa, para sair da espécie de sono magnético, ou o que quer que era que me tolhia a língua e os sentidos. Queria e não queria acabar a conversação: fazia esforço para arredar os olhos dela, e arredava-os por um sentimento de respeito; mas a idéia de parecer que era aborrecimento, quando não era, levava-me os olhos outra vez para Conceição. A conversa ia morrendo. Na rua, o silêncio era completo."
(Missa do Galo - Machado de Assis)

Em "... levava-me os olhos outra vez para Conceição." a função sintática de me é:
a) objeto direto.
b) adjunto adverbial.
c) objeto indireto.
d) adjunto adnominal.
e) agente da passiva.

111) (UECE-2007) A PEDREIRA

Daí à pedreira, restavam apenas uns cinqüenta passos e o chão era já todo coberto por uma farinha de pedra moída que sujava como a cal.
Aqui, ali, por toda a parte, encontravam-se trabalhadores, uns ao sol, outros debaixo de pequenas barracas feitas de lona ou de folha de palmeira. De um lado cunhavam pedra cantando; de outro a quebravam a picareta; de outro afeiçoavam lajedos a ponta de picão; mais adiante faziam paralelepípedos a escopro e macete. E todo aquele retintim de ferramentas, e o martelar da forja, e o corpo dos que lá em cima brocavam a rocha para lançar-lhe fogo, e a surda zoada ao longe, que vinha do cortiço, como de uma aldeia alarmada; tudo dava a idéia de uma atividade feroz, de uma luta de vingança e de ódio. Aqueles homens gotejantes de suor, bêbedos de calor, desvairados de insolação, a quebrarem, a espicaçarem, a torturarem a pedra, pareciam um punhado de demônios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante que os contemplava com desprezo, imperturbável a todos os golpes e a todos os tiros que lhe desfechavam no dorso, deixando sem um gemido que lhe abrissem as entranhas de granito. O membrudo cavouqueiro havia chegado à fralda do orgulhoso monstro de pedra; tinha-o cara a cara, mediu-o de alto a baixo, arrogante, num desafio surdo.
A pedreira mostrava nesse ponto de vista o seu lado mais imponente. Descomposta, com o escalavrado flanco exposto ao sol, erguia-se altaneira e desassombrada, afrontando o céu, muito íngreme, lisa, escaldante e cheia de cordas que, mesquinhamente, lhe escorriam pela ciclópica nudez com um efeito de teias de aranha. Em certos lugares, muito alto do chão, lhe haviam espetado alfinetes de ferro, amparando, sobre um precipício, miseráveis tábuas que, vistas cá de baixo, pareciam palitos, mas em cima das quais uns atrevidos pigmeus de forma humana equilibravamse, desfechando golpes de picareta contra o gigante.
(AZEVEDO, Aluísio de. O Cortiço. 25a ed. São Paulo. Ática, 1992, 48-49)

Na frase “Aqueles homens gotejantes de suor, bêbedos de calor, desvairados de insolação …” (linhas 16 a 18), as expressões sublinhadas indicam
a) meio.
b) modo.
c) causa.
d) conseqüência.

112) (Mack-2005) Considerando o texto abaixo, assinale a alternativa correta.

Eis os versos que outrora, ó Mãe Santíssima,

te prometi em voto
vendo-me cercado de feroz inimigo.
Enquanto entre os Tamoios conjurados,
pobre refém, tratava as suspiradas pazes,
tua graça me acolheu
em teu materno manto
e teu poder me protegeu intactos corpo e alma.
José de Anchieta

a) O terceiro verso - vendo-me cercado de feroz inimigo - expressa uma hipótese.
b) Em *cercado de feroz inimigo*, expressa a mesma idéia notada em “vestido de festa”.
c) A expressão pobre refém caracteriza o eu lírico.
d) *Enquanto* introduz a idéia de sucessividade entre a ação de “tratar” e a de “acolher”.
e) O adjetivo *intactos* exerce a mesma função sintática do termo grifado em “As águas **serenas** eram o espelho da lua”.

113) (IBMEC - SP-2007) É o contrário do que pregava o refrão da música que Caco, o melancólico sapo do "Muppet Show", cantava no programa "Vila Sésamo", que dominava as manhãs de muito marmanjo de minha geração, nos anos 70. Nunca foi tão fácil ser verde, no sentido de ecologicamente correto. Ainda mais nos Estados Unidos, o país das culpas identificadas e expiadas em tempo recorde e ritmo industrial.
A última delas é a culpa ambiental, que criou uma legião dos tais ecologicamente corretos. Você conhece o tipo: adora freqüentar eventos de gala a favor da reprodução assistida dos leões-marinhos do Oregon, aos quais vai usando smoking feito de fibra de cânhamo e a bordo de uma limusine híbrida - a nova onda em Hollywood -, que consome apenas três litros de gasolina por quilômetro, em vez do 1,5 litro habitual, ou algo ineficaz e beberrão assim. Retrato acabado da hipocrisia local, tem na garagem um Prius e um Humvee. A combinação é o equivalente ambiental da frase celebrizada por Theodore Roosevelt a partir de um ditado africano, "Fale macio e leve um porrete", usada pelo presidente para definir a Doutrina Monroe, que dava aos EUA a primazia de "zelar" pela América Latina, "direito adquirido" que Chávez ameaça e Bush tenta reaver.
Mas divago.
Falei em Hollywood e lembro que Al Gore é o profeta da turma. No último Oscar, ao lado de Leonardo Di Caprio, anunciou que aquela cerimônia tinha virado oficialmente "verde". Como escrevi no dia seguinte à madrugada da festa, isso queria dizer que as cédulas de votação foram feitas parcialmente com papel reciclado, parte das celebridades chegou em veículos híbridos, as comidas do Baile do Governador eram orgânicas e as sobras seriam distribuídas para entidades beneficentes, segundo explicou a organização da festa. Depois, foi revelado que o organizador tinha comprado também créditos do equivalente do total de gás carbônico que teria emitido na ocasião (há um cálculo convencionado para chegar à soma). Pois existe um mercado mundial florescente de corretores de emissão de gás carbônico e até entidades, como a Organização das Nações Unidas, com programas voltados para iniciativas semelhantes.
Resumindo grosseiramente, você (pessoa física, instituição, país) polui à vontade e depois compra os tais créditos, que certificam que o total de poluição lançada por você na atmosfera será economizado ou compensado em algum lugar do planeta, geralmente um país pobre ou em desenvolvimento, que deixará de poluir o mesmo tanto ou plantará o equivalente em árvores e ganhará parte do seu dinheiro para isso.
É aqui que eu queria chegar. Esse tipo de "peque-e-pague" não é novidade nos Estados Unidos, nem no mundo; a venda dos indultos celestiais foi o gatilho que levou Lutero a fazer aquela confusão toda em 1517 (a comparação foi feita primeiro pelo colunista Charles Krauthammer na revista "Time" de algumas semanas, no ótimo artigo sobre esse tema intitulado "Hipocrisia liberal da limusine").
Além disso, o sistema todo cria distorções hilariantes, não fosse a gravidade do assunto. Segundo reportagem recente do "New York Times", há fazendeiros africanos sendo expulsos das terras em que criam gado, como faziam seus antepassados por milhares de anos, para que possam ser plantadas as árvores que vão pagar pela poluição do jato do executivo de Wall Street.
Para voltar aos anos 70, sugiro um tema para a iniciativa: "Plante, que o Al Gore garante".
(Sérgio Dávila, Revista da Folha, 01/04/2007)

Assinale a única alternativa em que os termos em destaque correspondem à função sintática apontada.
a) “...tem na garagem um Prius e um Humvee” – objeto direto
b) “As cédulas de votação foram feitas parcialmente com papel reciclado” – agente da passiva
c) “...foi revelado que o organizador tinha comprado também créditos do equivalente do total de gás carbônico” – sujeito
d) “A venda dos indultos celestiais foi o gatilho...” – adjunto adnominal
e) “...há fazendeiros africanos sendo expulsos das terras” – predicativo do sujeito

114) (Mack-1996) Em todos, nos corpos emagrecidos e nas vestes em pedaços, liam-se as provações sofridas.
Euclides da Cunha
Aponte a alternativa correta sobre a frase acima
a) O sujeito provações sofridas confirma a idéia de sofrimento contida nos adjuntos adverbiais.

b) O objeto direto provações sofridas ratifica a idéia de sofrimento dos adjuntos adverbiais.
c) A indeterminação do sujeito em liam-se, aponta para um observador que não assume a própria palavra
d) O sujeito nos corpos emagrecidos completa-se, no horror da descrição, por meio de outro sujeito, nas vestes em pedaços.
e) A ordem direta da frase expressa um raciocínio retilíneo, sem meandros de expressão.

115) (FGV-2003) Leia o fragmento abaixo, do conto A cartomante de Machado de Assis. Depois, responda às perguntas.
"Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante."
No final do texto, pode-se ler o seguinte período:
Camilo desceu pela (Rua) da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante.
Compare esse período com o seguinte, que não está no texto:
Camilo desceu pela (Rua) da Guarda Velha, olhando de passagem para casa.
Explique a diferença de sentido entre essas duas orações. Explique por que essa diferença acontece.

116) (Unifor-2003) A mesma função sintática da expressão sublinhada na frase *Nas relações de emprego esse preconceito transformou-se* ***em lei*** é a da expressão sublinhada em:
a) *...tornou a situação* ***ainda mais dramática****.*
b) *...não precisava ser muito velho* ***para ser velho****.*
c) *...o velho foi sendo recolhido* ***a um mundo limitado****.*
d) *...não houve mudanças significativas* ***na qualidade de vida****.*
e) *...desenvolveu uma série de preconceitos* ***contra a velhice****.*

117) (Mack-2001) A moça não era formosa, talvez nem tivesse graça; os cabelos caíam despenteados, e as lágrimas
faziam-lhe encarquilhar os olhos.

Assinale a alternativa correta em relação ao fragmento acima.
a) formosa e graça são, sintaticamente, predicativos do sujeito moça.
b) Na estrutura sintática predomina a subordinação.
c) A anteposição do adjetivo despenteados ao verbo alteraria o sentido da oração.
d) O pronome oblíquo refere-se a lágrimas.
e) O ponto e vírgula estabelece a relação de concessão entre as orações.

118) (FEI-1994) Assinalar a alternativa cuja oração contém o predicado do mesmo tipo da seguinte oração:
"A marquesa, no centro do cadafalso, chorou muito ansiada":
a) Freqüentes são também os desvios da estrada.
b) A imagem da pátria continuava viva em sua lembrança.
c) Os inoportunos roubam-nos o tempo.
d) Busco anelante o palácio encantado da Ventura.
e) De repente, os sons melancólicos de um clarim prolongaram-se pelo ar.

119) (Vunesp-2005) INSTRUÇÃO: A questão a seguir toma por base um soneto do simbolista brasileiro Augusto dos Anjos (1884-1914), uma passagem de um texto escrito em Bristol, em 1879, por Eça de Queirós (1845-1900) e um trecho do *Prefácio Interessantíssimo* de Mário de Andrade (1893-1945).

Soneto
Podre meu Pai! A Morte o olhar lhe vidra.
Em seus lábios que os meus lábios osculam
Micro-organismos fúnebres pululam
Numa fermentação gorda de cidra.

Duras leis as que os homens e a hórrida hidra
A uma só lei biológica vinculam,
E a marcha das moléculas regulam,
Com a invariabilidade da clepsidra!...

Podre meu Pai! E a mão que enchi de beijos
Roída toda de bichos, como os queijos
Sobre a mesa de orgíacos festins!...

Amo meu Pai na atômica desordem
Entre as bocas necrófagas que o mordem
E a terra infecta que lhe cobre os rins!
(Augusto dos Anjos. Eu. 1935.)

Idealismo e Realismo
Eu sou pois associado a estes dois movimentos, e se ainda ignoro o que seja a *idéia nova*, sei pouco mais ou menos o que chamam aí a *escola realista*. Creio que em Portugal e no Brasil se chama realismo, termo já velho em 1840, ao movimento artístico que em França e em Inglaterra é conhecido por "naturalismo" ou "arte experimental". Aceitemos, porém, *realismo,* como a alcunha familiar e amiga pela qual o Brasil e Portugal conhecem uma certa fase na evolução da arte.
(...)

Não - perdoem-me - não há escola realista. Escola é a imitação sistemática dos processos dum mestre. Pressupõe uma origem individual, uma retórica ou uma maneira consagrada. Ora o naturalismo não nasceu da estética peculiar dum artista; é um movimento geral da arte, num certo momento da sua evolução. A sua maneira não está consagrada, porque cada temperamento individual tem a sua maneira própria: Daudet é tão diferente de Flaubert, como Zola é diferente de Dickens. Dizer “escola realista” é tão grotesco como dizer “escola republicana”. O naturalismo é a forma científica que toma a arte, como a república é a forma política que toma a democracia, como
o positivismo é a forma experimental que toma a filosofia. Tudo isto se prende e se reduz a esta fórmula geral: que fora da observação dos factos e da experiência dos fenômenos, o espírito não pode obter nenhuma soma de verdade.

Outrora uma novela romântica, em lugar de estudar o homem, inventava-o. Hoje o romance estuda-o na sua realidade social. Outrora no drama, no romance, concebia-se o jogo das paixões *a priori*; hoje, analisa-se *a posteriori*, por processos tão exactos como os da própria fisiologia. Desde que se descobriu que a lei que rege os corpos brutos é a mesma que rege os seres vivos, que a constituição intrínseca duma pedra obedeceu às mesmas leis que a constituição do espírito duma donzela, que há no mundo uma fenomenalidade única, que a lei que rege os movimentos dos mundos não difere da lei que rege as paixões humanas, o romance, em lugar de imaginar, tinha simplesmente de observar. O verdadeiro autor do naturalismo não é pois Zola - é Claude Bernard. A arte tornou-se o estudo dos fenômenos vivos e não a idealização das imaginações inatas…

(Eça de Queirós. Cartas Inéditas de Fradique Mendes. In: *Obras de Eça de Queirós*.)

Prefácio Interessantíssimo

24 Belo da arte: arbitrário, convencional, transitório - questão de moda. Belo da natureza: imutável, objetivo, natural - tem a eternidade que a natureza tiver. Arte não consegue reproduzir natureza, nem este é seu fim. Todos os grandes artistas, ora consciente (Rafael das Madonas, Rodin do Balzac, Beethoven da Pastoral, Machado de Assis do Brás Cubas), ora inconscientemente (a grande maioria) foram deformadores da natureza. Donde infiro que o belo artístico será tanto mais artístico, tanto mais subjetivo quanto mais se afastar do belo natural. Outros infiram o que quiserem. Pouco me importa.

*

25 Nossos sentidos são frágeis. A percepção das coisas exteriores é fraca, prejudicada por mil véus, provenientes das nossas taras físicas e morais: doenças, preconceitos, indisposições, antipatias, ignorâncias, hereditariedade, circunstâncias de tempo, de lugar, etc… Só idealmente podemos conceber os objetos como os atos na sua inteireza bela ou feia. A arte que, mesmo tirando os seus temas do mundo objetivo, desenvolve-se em comparações afastadas, exageradas, sem exatidão aparente, ou indica os objetos, como um universal, sem delimitação qualificativa nenhuma, tem o poder de nos conduzir a essa idealização livre, musical. Esta idealização livre, subjetiva, permite criar todo um ambiente de realidades ideais onde sentimentos, seres e coisas, belezas e defeitos se apresentam na sua plenitude heróica, que ultrapassa a defeituosa percepção
dos sentidos. Não sei que futurismo pode existir em quem quase perfilha a concepção estética de Fichte. Fujamos da natureza! Só assim a arte não se ressentirá da ridícula fraqueza da fotografia… colorida.

(Mário de Andrade. Paulicéia Desvairada. In: *Poesias completas.* 1987.)

Os processos de coordenação e de subordinação, quando surgem de modo recorrente ao longo de um mesmo período, podem produzir seqüências bastante simétricas, que facilitam não apenas a compreensão, mas também o reconhecimento da própria estrutura sintática adotada. Releia o último período do segundo parágrafo do fragmento de Eça de Queirós e, a seguir,

a) indique o substantivo que, repetido simetricamente ao longo do período, apresenta sempre a mesma função sintática nas orações em que se insere;

b) fazendo as eliminações de conectivos que julgar necessárias e alterando a pontuação, transforme esse período composto por coordenação e subordinação em três períodos.

120) (FGV-2004) Na frase abaixo, observe a função sintática do termo sublinhado. Depois, assinale a alternativa em que a função sintática da oração ou do termo sublinhado seja a mesma.

“...definia a dobradinha ‘educação-corrupção’ como a única causadora do desemprego e da paralisia econômica nessas plagas .”

a) Era justificada a preocupação da moça. Como teria José subido sem risco até a altura do balcão?

b) O rapaz deverá agir exatamente como aquele que ocupa o mesmo cargo na legislatura atual.

c) Daquela vez, o Congresso tinha elegido o candidato de São Paulo como o mais adequado para dirigir os destinos da Nação.

d) Como estão faltando sementes no viveiro, devemos trazer as de São Caetano.

e) Não sabe como agir em relação à empreiteira, já que houve aumento exagerado no preço dos insumos.

121) (UFV-2005)

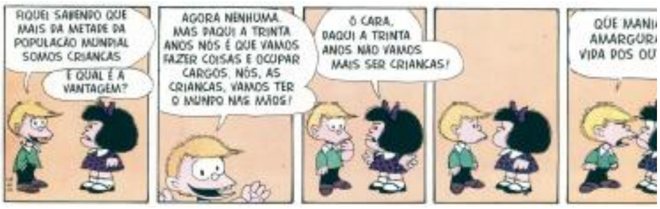
FIQUEI SABENDO QUE MAIS DA METADE DA POPULAÇÃO MUNDIAL SOMOS CRIANÇAS
E QUAL É A VANTAGEM?
AGORA NENHUMA. MAS DAQUI A TRINTA ANOS NÓS É QUE VAMOS FAZER COISAS E OCUPAR CARGOS. NÓS, AS CRIANÇAS, VAMOS TER O MUNDO NAS MÃOS!
Ô CARA, DAQUI A TRINTA ANOS NÃO VAMOS MAIS SER CRIANÇAS!
QUE MANI AMARGUR VIDA DOS OU

Dadas as informações da tira, assinale a afirmativa INCORRETA:

a) A expressão “fiquei sabendo que” refere-se a uma terceira pessoa, sugerindo um tom de fofoca.
b) A expressão “mundo nas mãos” imprime um sentido hiperbólico às ações do Manolito.
c) Em “Nós, as crianças, vamos”, o termo “as crianças” não se liga ao antecedente, com o objetivo de esclarecer.
d) A expressão “Ô cara” indica que Mafalda está se dirigindo ao Manolito.
e) Em “Agora nenhuma”, o termo “agora” pode ser substituído por “neste momento”.

122) (Faap-1997) Durante este período de depressão contemplativa uma coisa apenas magoava-me: não tinha o ar angélico do Ribas, não cantava tão bem como ele. Que faria se morresse, entre os anjos, sem saber cantar?

Ribas, quinze anos, era feio, magro, linfático. Boca sem lábios, de velha carpideira, desenhada em angústia - a súplica feita boca, a prece perene rasgada em beiços sobre dentes; o queixo fugia-lhe pelo rosto, infinitamente, como uma gota de cera pelo fuste de um círio...

Mas, quando, na capela, mãos postas ao peito, de joelhos, voltava os olhos para o medalhão azul do teto, que sentimento! que doloroso encanto! que piedade! um olhar penetrante, adorador, de enlevo, que subia, que furava o céu como a extrema agulha de um templo gótico!

E depois cantava as orações com a doçura feminina de uma virgem aos pés de Maria, alto, trêmulo, aéreo, como aquele prodígio celeste de garganteio da freira Virgínia em um romance do conselheiro Bastos.

Oh! não ser eu angélico como o Ribas! Lembro-me bem de o ver ao banho: tinha as omoplatas magras para fora, como duas asas!

O ATENEU. Raul Pompéia

"Durante este período de depressão contemplativa uma coisa apenas magoava-me: NÃO TINHA O AR ANGÉLICO DE RIBAS, não cantava tão bem como ele.". A oração em maiúsculo, em relação ao substantivo coisa, funciona como:

a) sujeito
b) objeto direto
c) objeto indireto
d) complemento nominal
e) aposto

123) (Mack-1996) "Sete anos de pastor Jacó servia Labão, pai de Raquel, serrana bela."
Assinale a alternativa em que aparece uma função sintática que se repete no texto.

a) objeto direto.
b) complemento nominal.
c) sujeito.
d) aposto.
e) predicativo do sujeito.

124) (UFC-2007) a) Leia os textos 1 e 2, extraídos de A casa, que servirão de base para esta questão.

Texto 1
Invisível como o vento e os encantos, a Morte apossara-se do frágil sopro do menino pagão na noite em que a porta se abrira dando-lhe passagem. Assisti assim também, pela primeira vez, à estranha permuta que sempre ocorreria quando Ela cumpria sua missão: deixava na criança uma estranha imobilidade e carregava sua miúda e irrequieta sombra.
CAMPOS, Natércia. A casa. Fortaleza: Edições UFC, 2004, p. 17.

Texto 2
Era uma noite de luar, ela com extrema cautela saiu do quarto e retornou com o tamborete da cozinha. Surpreendi-me ao sentir que, ao voltar a bela Maria para seu quarto, Ela viera na sua companhia. Ambas trancaram-se, aferrolhando a grande porta (...). Do quarto Ela saiu com aquela vida, deixando ficar seu rastro no torturado rosto de Maria.
CAMPOS, Natércia. A casa. Fortaleza: Edições UFC, 2004, p. 54-55.

Escreva V ou F, conforme seja verdadeiro ou falso o que se afirma a seguir.

a.1 ( ) No texto 1, os pronomes lhe (linha 02) e Ela (linha 03) referem-se à mesma personagem.
a.2 ( ) O termo aquela vida (texto 2, linha 04) remete à vida da bela Maria (texto 2, linha 02).
a.3 ( ) No texto 2, Ela (linha 03) tem como referente a bela Maria (linha 02).
a.4 ( ) Têm sujeitos elípticos as formas verbais Assisti (texto 1, linha 02) e ocorreria (texto 1, linha 03).
a.5 ( ) Classificam-se como pronomes relativos: que (texto 1, linha 02) e que (texto 2, linha 02).
a.6 ( ) Há prefixo e sufixo na formação das palavras Invisível (texto 1, linha 01) e imobilidade (texto 1, linha 04).
a.7 ( ) A acentuação gráfica das palavras Invisível (texto 1, linha 01) e miúda (texto 1, linha 04) justifica-se pela mesma regra.

b) Leia o que abaixo se afirma acerca do aposto.
Pode-se ampliar, explicar, desenvolver ou resumir a idéia contida num termo que exerça qualquer função sintática por meio de um termo acessório a ele equivalente: o aposto. O aposto pode ser classificado, de acordo com seu valor na oração, em: explicativo, enumerativo, resumidor ou recapitulativo, comparativo e especificativo.
DE NICOLA, José; INFANTE, Ulisses. Gramática contemporânea da língua portuguesa. São Paulo: Scipione, 1997, p. 281.

Nos períodos a seguir, os trechos em negrito exercem a função de aposto. Classifique-os de acordo com seu valor na oração.
b.1. Invisível como o vento e os encantos, a Morte apossara-se do frágil sopro do menino pagão na noite em que a porta se abrira dando-lhe passagem.
b.2. Quando a Velha-do-Chapéu-Grande, assim o empalhador de cangalhas para montarias chamava a fome, empoleirou-se de vez, assistindo ao padecer dos viventes, há muito haviam se apartado as águas (...).

c) Construa uma frase em que Bisneto figure como aposto especificativo.

125) (UNICAMP-2006) Leia o trecho a seguir e responda:
- Vovô, eu quero ver um cometa!
Ele me levava até a janela. E me fazia voltar os olhos para o alto, onde o sol reinava sobre a Saracena.
- Não há nenhum visível no momento. Mas você há de ver um deles, o mais conhecido, que, muito tempo atrás, passou no céu da Itália.
Muito tempo atrás... atrás de onde? Atrás de minha memória daquele tempo.
E vovô Leone continuava:
- Um dia, você há de estar mocinha, e eu já estarei morando junto das estrelas. E você há de ver a volta do grande cometa, lá pelo ano de 2010...
Eu me agarrava à cauda daquele tempo que meu avô astrônomo me mostrava com os olhos do futuro e saía de sua casa. Na rua, com a cabeça nas nuvens, meus olhos brilhavam como estrelas errantes. Só baixavam à terra quando chegava à casa de vovô Vincenzo, o camponês.
(Ilke Brunhilde Laurito, A menina que fez a América. São Paulo: FTD, 1999, p. 16.)

Releia o seguinte recorte: “Eu me agarrava à cauda daquele tempo que meu avô astrônomo me mostrava com os olhos do futuro e saía de sua casa. Na rua, com a cabeça nas nuvens, meus olhos brilhavam como estrelas errantes. Só baixavam à terra quando chegava à casa de vovô Vincenzo, o camponês”.
a) Explique as relações que as expressões ‘cauda daquele tempo’, ‘olhos do futuro’ e ‘cabeça nas nuvens’ estabelecem entre si.
b) No mesmo trecho, explique a relação do aposto com o movimento dos olhos do personagem.

126) (Faap-1996) "podes partir de novo, Ó NÔMADE FORMOSA". A expressão em maiúsculo exerce a função sintática de:
a) vocativo
b) aposto
c) sujeito
d) predicativo
e) objeto direto

127) (UFSCar-2003) A questão seguinte baseia-se nos textos a seguir.

***Iracema,* de José de Alencar**.
Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.
De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais d’alma que da ferida.
(...)
A mão que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida; deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.
O guerreiro falou:
- Quebras comigo a flecha da paz?
- Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos? Donde vieste a estas matas, que nunca viram outro guerreiro como tu?
- Venho de bem longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram, e hoje têm os meus.
- Bem-vindo seja o estrangeiro aos campos dos tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema.

***Rosinha, minha canoa,* de José Mauro de Vasconcelos.**
Achava-se contente da vida, pescando e salgando o seu peixinho, quando a canoa do índio atracou na praia.
- Que é que foi Andedura?
Andedura sungou a canoa na areia.
- Zé Orocó, tem lá um home. Diz que é dotô. Quando dá fé é mesmo, purque ele tem uma mala cheia de ropa e outra cheia de munto remédio.
- E que é que ele quer comigo?
- Sei não. (...) Tu vai?
O coração de Zé Orocó fez um troque-troque meio agoniado. Franziu a testa, tentando vencer, afastar um mau pressentimento.
- Como é que é o homem?
Grandão, meio *laranjo* no cabelo. Forte, sempre mudando a camisa pur causa do calô. Se tira a camisa, num güenta “mororã” purque tem pele branquinha, branquinha. Peitão

meio gordo, ansim que nem ocê, cheio de *sucusiri*. Quano chegô, tinha barriga meio grande, mais parece que num gosta munto de cumida da gente; tá ficano inxuto. Eu pensei que ele fosse irmão daquele padre Gregoro, que pangalô aqui pelo Araguaia já vai pra uns cinco ano ...
Feito o retrato o índio descansou ...

Em *Iracema*, Alencar traz como personagem central uma índia.
a) Como se define a personagem Iracema, mulher e índia, em relação ao movimento literário a que pertenceu Alencar?
b) Os vocativos presentes nas falas de Iracema e do moço desconhecido permitem analisar como cada um deles concebia o outro. Transcreva esses vocativos do texto e explique a imagem que Iracema tinha do desconhecido e a imagem que ele tinha de Iracema.

128) (ESPM-2007) O vocábulo “**Amor**” exerce função sintática de:
a) Aposto, constituindo-se também numa Apóstrofe.
b) Vocativo, constituindo-se também numa Apóstrofe.
c) Predicativo, constituindo-se também num Eufemismo.
d) Vocativo, constituindo-se também num Anacoluto.
e) Aposto, constituindo-se também numa Perífrase.

129) (UFRJ-2003) Passou pela sala, sem parar avisou ao marido: vamos sair! e bateu a porta do apartamento. Antônio mal teve tempo de levantar os olhos do livro - e com surpresa espiava a sala já vazia. Catarina! Chamou, mas já se ouvia o ruído do elevador descendo. Aonde foram? perguntou-se inquieto, tossindo e assoando o nariz. Porque sábado era seu, mas ele queria que sua mulher e seu filho estivessem em casa enquanto ele tomava o seu sábado. Catarina! chamou aborrecido embora soubesse que ela não poderia mais ouvi-lo. Levantou-se, foi à janela e um segundo depois enxergou sua mulher e seu filho na calçada.
(LISPECTOR, Clarice. Laços de Família. In: -. *Laços de Família*, 1960)

Do Texto, descreva dois mecanismos lingüísticos que sirvam para caracterizar o comportamento do marido.

130) (Unifesp-2002) Texto I:
Perante a Morte empalidece e treme,
Treme perante a Morte, empalidece.
Coroa-te de lágrimas, esquece
O Mal cruel que nos abismos geme.
(Cruz e Souza, Perante a morte.)

Texto II:
Tu choraste em presença da morte?
Na presença de estranhos choraste?
Não descende o cobarde do forte;
Pois choraste, meu filho não és!
(Gonçalves Dias, I Juca Pirama.)

Texto III:
Corrente, que do peito destilada,
Sois por dous belos olhos despedida;
E por carmim correndo dividida,
Deixais o ser, levais a cor mudada.
(Gregório de Matos, Aos mesmos sentimentos.)

Texto IV:
Chora, irmão pequeno, chora,
Porque chegou o momento da dor.
A própria dor é uma felicidade...
(Mário de Andrade, Rito do irmão pequeno.)

Texto V:
Meu Deus! Meu Deus! Mas que bandeira
é esta,
Que impudente na gávea tripudia?!...
Silêncio! ...Musa! Chora, chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto...
(Castro Alves, O navio negreiro.)

O texto em que apenas o uso do vocativo oferece a pista para se esclarecer se o verbo está em terceira pessoa do indicativo ou em segunda pessoa do imperativo é:
a) I.
b) II.
c) III.
d) IV.
e) V.

131) (UFAC-1998) "No restaurante, notavam-se, entre os clientes, olhares de desaprovação, por estarem as galochas debaixo da mesa."
Na frase acima, a forma verbal NOTAVAM-SE corresponde a:

a) foram notados
b) haviam-se notado
c) são notados
d) eram notados
e) seriam notados

132) (Faap-1996) ‘E das bocas unidas fez-se a espuma’. A partícula ‘se’ é o:
a) sujeito
b) índice da indeterminação do sujeito
c) objeto direto
d) objeto indireto
e) pronome apassivador

133) (Mack-2005) [01]Aurélia pousara a mão no ombro do marido (...), colocou-se
[02] diante de seu cavalheiro e entregou-lhe a cintura mimosa.

[03] Era a primeira vez, e já tinham mais de seis meses de casados; era
[04] a primeira vez que o braço de Seixas enlaçava a cintura de Aurélia. Explica-
[05] se pois o estremecimento que ambos sofreram ao mútuo contacto (...).
[06] As senhoras não gostam da valsa, senão pelo prazer de
[07] sentirem-se arrebatadas no turbilhão.(...) Mas é justamente aí que o
[08] está perigo. Esse enlevo inocente da dança entrega a mulher
[09] palpitante, inebriada, às tentações do cavalheiro, delicado embora,
[10] mas homem, que ela sem querer está provocando com o casto requebro
[11] de seu talhe e traspassando com as tépidas emanações de seu corpo.
José de Alencar

Passando a frase "ela sem querer está provocando o cavalheiro" para a voz passiva, a forma verbal obtida é
a) "estaria sendo provocado".
b) "foi provocado".
c) "havia sido provocado".
d) "tinha provocado".
e) "está sendo provocado".

134) (Mack-2005) 1. Me sinto com a cara no chão, mas a verdade precisa ser dita ao
2. menos uma vez: aos 52 anos eu ignorava a admirável forma lírica da
3. canção paralelística (...).
4. O "Cantar de amor" foi fruto de meses de leitura dos cancioneiros.
5. Li tanto e tão seguidamente aquelas deliciosas cantigas, que fiquei
6. com a cabeça cheia de "velidas" e "mha senhor" e "nula ren";
7. sonhava com as ondas do mar de Vigo e com romarias a San Servando.
8. O único jeito de me livrar da obsessão era fazer uma cantiga.
Manuel Bandeira

Respeitando os preceitos gramaticais, a forma passiva analítica de *Li tanto e tão seguidamente aquelas deliciosas cantigas* (linha 05) é:
a) Aquelas deliciosas cantigas foram lidas seguidamente.
b) Aquelas deliciosas cantigas eram lidas seguidamente.
c) Havia lido seguidamente aquelas deliciosas cantigas.
d) Tinham sido lidas seguidamente aquelas deliciosas cantigas.
e) Aquelas deliciosas cantigas seguidamente estavam sendo lidas.

135) (PUC-SP-2005) A partir dos seguintes trechos: … e nunca mais **se** soube o que era blasfêmia…/dentro dos sons movem-**se** cores…, assinale a alternativa **CORRETA**.
a) o pronome átono se exerce a função de partícula apassivadora na voz passiva analítica.
b) o pronome átono se exerce a função de partícula apassivadora na voz passiva pronominal.
c) o pronome átono se exerce a função de partícula apassivadora na voz ativa.
d) o pronome átono se é parte integrante do verbo.
e) o pronome átono se exerce a função de pronome reflexivo.

136) (UFSE-1997) A pesquisa em ciências humanas apresenta condições muita peculiares. Dentre os múltiplos fenômenos por que se interessa, raros são aqueles que podem ser submetidos à verificação direta, à experimentação, ao tratamento em laboratório. A construção e a validação dos modelos assume, desse modo, considerável importância e ocupa significativa proporção no processo de investigação, caracterizando-o nitidamente. Como todo discurso científico se fundamenta nos discursos anteriores, de que depende seu pleno desenvolvimento, impõe-se ao pesquisador informar-se continuamente - tarefa, na realidade, interminável - a respeito de uma produção científica que não cessa de crescer. A bibliografia alentada e sempre renovada desempenha nas "humanidades" um papel que seria impensável nas chamadas ciências naturais. Largo tempo exige a preparação do pesquisador e trabalhosa é a iniciação à pesquisa.

Transpondo para a voz passiva a frase "Largo tempo exige a preparação do pesquisador", obtém-se a forma verbal.
a) é exigida.
b) é exigido.
c) exigem-se.
d) exigir-se-á.
e) tinha sido exigido.

137) (Fuvest-2001) a) "Se eu não tivesse atento e olhado o rótulo, o paciente teria morrido", declarou o médico.
Reescreva a frase acima, corrigindo a impropriedade gramatical que nela ocorre.

b) A econologia, combinação de princípios da economia, sociologia e ecologia, é defendida por ambientalistas como maneira de se viabilizarem formas alternativas de desenvolvimento.
Reescreva a frase acima, transpondo-a para a voz ativa.

138) (UDESC-1998) Assinale a alternativa INCORRETA:

a) O vocábulo **invejoso** é formado por derivação parassintética.
b) Em **viajaram**-**ram** corresponde a uma desinência verbal.

c) Em **auto-estima** o hífen é obrigatório, como em **contra-cheque** e **extra-oficial**.
d) A frase **A publicidade suscita invejas** ficaria, na voz passiva, **Invejas são suscitadas pela publicidade**.
e) As palavras **sobretudo**, **ressaltar** e **inimigo** são formadas por derivação prefixal; os prefixos latinos significam, respectivamente, posição superior, repetição e negação.

139) (UEL-1994) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
Transpondo da voz ativa para a passiva a frase "Os alunos haveriam de ouvir os conselhos do mestre", obtém-se a forma verbal ....
a) teriam sido ouvidos.
b) haveriam de ser ouvidos.
c) haveria de ser ouvido.
d) seriam ouvidos.
e) ouvir-se-iam.

140) (UEL-1994) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
Transpondo da voz passiva para a voz ativa a frase "Os avisos terão sido dados pelo coordenador", obtém-se a forma verbal ....
a) deu.
b) dará.
c) terá dado.
d) terão dado.
e) foram dados.

141) (UFSCar-2005) Assinale a frase que apresenta a mesma construção sintática de: assinaram-se tratados com a aprovação dos governos do Brasil e de Portugal.

a) Na Declaração do Milênio, divulgaram-se metas de preservação dos recursos hídricos.
b) O lance foi acidental: chocaram-se dois jogadores numa disputa normal de bola.
c) Os agentes russos conseguiram infiltrar-se no coração político da Alemanha Ocidental.
d) Alguns chefes da Gestapo arrependeram-se de seus crimes, depois da derrota nazista.
e) Na feira do Masp, aos domingos, vendia-se muito até 1998.

142) (UEL-1995) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
Transpondo para a voz ativa a frase "As datas das provas estavam sendo fixadas pela comissão de exames", obtém-se a forma verbal ....
a) estava fixando.
b) fixavam-se.
c) eram fixadas.
d) fixava.
e) estavam fixando.

143) (UEL-1996) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
Transpondo para a voz passiva a frase "Não os enganaríamos por muito tempo", obtém-se a forma verbal ....
a) teriam sido enganados.
b) enganar-se-iam.
c) teríamos enganado.
d) seriam enganados.
e) serão enganados.

144) (UEL-1995) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
Transpondo para a voz passiva a frase "Os examinadores teriam questionado os vestibulandos", obtém-se a forma verbal ....
a) seriam questionados.
b) tinham sido questionados.
c) questionariam.
d) teriam sido questionados.
e) haveriam de ser questionados.

145) (PUC-SP-2005) Carnaval
Maravilha do ruído, encantamento do barulho. Zé Pereira, bumba, bumba. Falsetes azucrinam, zombeteiam. Viola chora e espinoteia. Melopéia negra, melosa, feiticeira, candomblé. Tudo é instrumento, flautas, violões, reco-recos, saxofones, pandeiros, liras, gaitas e trombetas. Instrumentos sem nome inventados subitamente no delírio da improvisação, do ímpeto musical. Tudo é encanto. Os sons se sacodem, berram, lutam, arrebentam no ar sonoro dos ventos, vaias, klaxons, aços estrepitosos. Dentro dos sons movem-se cores, vivas, ardentes, pulando, dançando, desfilando sob o verde das árvores, em face do azul da baía no mundo dourado. Dentro dos sons e das cores, movem-se os cheiros, cheiro de negro, cheiro mulato, cheiro branco, cheiro de todos os matizes, de todas as excitações e de todas as náuseas. Dentro dos cheiros, o movimento dos tatos violentos, brutais, suaves, lúbricos, meigos, alucinantes. Tatos, sons, cores, cheiros se fundem em gostos de gengibre, de mendubim, de castanhas, de bananas, de laranja, de bocas e de mucosa. Libertação dos sentidos envolventes das massas frenéticas, que maxixam, gritam, tresandam, deslumbram, saboreiam, de Madureira à Gávea, na unidade do prazer desencadeado.
(Graça Aranha, A viagem maravilhosa. Apud William Cereja e Thereza Magalhães. Português: linguagens. São Paulo: Atual, p.178)

A partir dos seguintes trechos: ... e nunca mais se soube o que era blasfêmia.../dentro dos sons movem-se cores..., assinale a alternativa CORRETA.
a) o pronome átono se exerce a função de partícula apassivadora na voz passiva analítica.

b) o pronome átono se exerce a função de partícula apassivadora na voz passiva pronominal.
c) o pronome átono se exerce a função de partícula apassivadora na voz ativa.
d) o pronome átono se é parte integrante do verbo.
e) o pronome átono se exerce a função de pronome reflexivo.

146) (FGV-2005) Com a migração dos investimentos surgem novos desafios, onde o tempo de retorno do capital investido tem que ser o menor possível.
A passagem - retorno do capital investido - pode ser redigida de duas outras maneiras, na voz passiva, dando seqüência à construção - retorno do capital que...
Apresente as duas redações possíveis.

147) (VUNESP-2007) Com os medicamentos disponíveis é possível curar praticamente todos os casos de tuberculose. Entretanto, a longa duração do tratamento, a necessidade do emprego de vários medicamentos em associação e o seu uso contínuo fazem com que a terapêutica seja pouco prática.
As pesquisas atuais vão em dois sentidos: um, a duração, e outro, o emprego intermitente de drogas. Os resultados obtidos até agora são animadores. (...)
A elevação da resistência geral do paciente constituiu até há poucos anos a base do tratamento da tuberculose.
Aconselhava-se o repouso absoluto no leito durante as 24 horas, aliado à superalimentação.
Embora o repouso continue a ser fundamental, a maneira de encará-lo mudou bastante.
Indica-se um repouso relativo, permitindo que o paciente deixe o leito para sua toilette. Além disso, é essencial o repouso psíquico, procurando iniciar a psicoterapia e a reabilitação do paciente desde o início do tratamento.
A duração deste repouso dependerá do tipo de lesão e da constituição psicossomática do paciente, havendo tendência cada vez maior à sua redução.
No que se refere à alimentação, aconselha-se uma dieta balanceada, de acordo com as necessidades energéticas do paciente. Em caso de anorexia, raramente há necessidade de medicação especial, pois com o uso da isoniazida verifica-se rápido retorno do apetite.
A antiga superalimentação é condenada.
(Atualização terapêutica.)

No fragmento, há um distanciamento do enunciador, que se traduz pelo emprego constante da voz passiva sintética, na qual aparece a palavra *se.* Com base nessa constatação, reescreva o último período do texto, passando-o para esse tipo de voz passiva. Explique por que razão o recurso de distanciamento é usado nesse texto.

148) (Fuvest-2003) Décadas atrás, vozes bem afinadas cantavam no rádio esta singela quadrinha de propaganda:
As rosas desabrocham
Com a luz do sol,
E a beleza das mulheres
Com o creme Rugol.
Os versos nunca fizeram inveja a Camões, mas eram bonitinhos. E sabe-se lá quantas senhoras não foram atrás do creme Rugol para se sentirem novinhas em folha, rosas resplandecentes.
(Quintino Miranda)

a) Reescreva o primeiro parágrafo do texto, substituindo “Décadas atrás” por “Ainda hoje” e transpondo a forma verbal para a voz passiva. Faça as adaptações necessárias.
b) Que expressões da quadrinha justificam o emprego de novinhas em folha e de resplandecentes, no comentário feito pelo autor do texto?

149) (FGV-2005) Estamos comemorando a entrega de mais de mil imóveis. São mais de 1000 sonhos realizados. Mais de oito imóveis são entregues todo dia. Quer ser o próximo? Então vem para a X Consórcios. Entre você também para o consórcio que o Brasil inteiro confia.
(Texto de anúncio publicitário, editado.)
Reescreva a frase - Estamos comemorando a entrega de mais de mil imóveis - na voz passiva, com agente expresso.

150) (FGV-2001) Explique a ambigüidade da frase sublinhada abaixo.
“Nessa região, a densidade demográfica é muito baixa: há apenas uma pessoa por quilômetro quadrado. É gente que nunca se vê.”

151) (Mack-2007) Há exatamente dois anos, parei de fumar. Desde então, só fumei uns três charutos incompletos. Em casamentos. E dos bons.
Depois de um ano, você é considerado um ex por muitos pneumologistas. A vontade passou. Você está com outra cara. A pele melhorou. O otimismo reacende. Você até acha que o Brasil tem jeito, que o pessoal reclama de barriga cheia. Falando em barriga...
Você não se importa em engordar um pouquinho?
Marcelo Rubens Paiva

Depois de um ano, você é considerado um ex por muitos pneumologistas. Transpondo o trecho acima para a voz ativa, o segmento destacado corresponde a:
a) pode considerá-lo.
b) lhe considerarão.
c) consideram-no.
d) vão estar considerando-o.
e) devem considerar-lhe.

152) (GV-2003) Leia atentamente o texto e responda à questão que a ele se refere.

Pode-se abordar o estudo das organizações asseverando a unicidade de toda estrutura social e evitando qualquer generalização, até que se tenha à mão prova empírica de similaridade bem aproximada. Foi esse o ponto de vista aconselhado à equipe de pesquisa da Universidade de Michigan pelos líderes de quase todas as organizações estudadas.- Nossa organização é única; de fato, não podemos ser comparados a qualquer outro grupo, declarou um líder ferroviário. Os ferroviários viam seus problemas organizacionais como diferentes de todas as demais classes; o mesmo acontecia com os altos funcionários do governo. Os dirigentes das companhias de seguros reagiam da mesma forma, o que também era feito pelos diretores de empresas manufatureiras, grandes e pequenas.

Entretanto, no momento em que começavam a falar de seus problemas, as reivindicações que faziam de sua unicidade tornavam-se invalidadas. Através de uma análise de seus problemas teria sido difícil estabelecer diferença entre o diretor de uma estrada de ferro e um alto funcionário público, entre o vice-presidente de uma companhia seguradora e seu igual de uma fábrica de automóveis. Conquanto haja aspectos únicos em qualquer situação social, também existem padrões comuns e, quanto mais nos aprofundamos, maiores se tornam as similaridades genotípicas.

Por outro lado, o teorista social global pode ficar tão envolvido em certas dimensões abstratas de todas as situações sociais que ele será incapaz de explicar as principais origens de variação em qualquer dada situação. O bom senso indica para esse problema a criação de uma tipologia. Nesse caso, são atribuídos às organizações certos tipos a respeito dos quais podem ser feitas generalizações. Assim, existem organizações voluntárias e involuntárias, estruturas democráticas e autocráticas, hierarquias centralizadas e descentralizadas, associações de expressão e aquelas que agem como instrumentos. As organizações são classificadas de maneira ainda mais comum, de acordo com suas finalidades oficialmente declaradas, tais como educar, obter lucros, promover saúde, religião, bem-estar, proteger os interesses dos trabalhadores e recreação.

Adaptado de KATZ, Daniel e KAHN, Robert L., p. 134-135. Psicologia Social das Organizações. São Paulo: Atlas, 1970.

Obs.: Asseverando significa afirmando com certeza, assegurando.

Observe o seguinte período: “Nesse caso, são atribuídos às organizações certos tipos a respeito dos quais podem ser feitas generalizações”. Nele, ocorre voz passiva analítica; a voz ativa correspondente está indicada em:

a) Nesse caso, são atribuídos (por alguém) certos tipos a respeito dos quais podem fazer-se certas generalizações.

b) Nesse caso, (alguém) pode atribuir às organizações certos tipos a respeito dos quais podem ser feitas generalizações.

c) De fato, (alguém) não pode nos comparar a qualquer outro grupo.

d) Nesse caso, (alguém) atribui às organizações certos tipos a respeito dos quais (alguém) pode fazer generalizações.

e) Nesse caso, atribuem-se às organizações certos tipos a respeito dos quais se podem fazer generalizações.

153) (FGV-2004) Leia atentamente o texto e responda à questão.

1. Cita-se com freqüência o lado empirista anglo-saxão em face da propensão latina à abstração, ao pensamento conceitual e aos princípios. Henri Poincarré já tinha observado que se ensinava a mecânica (dita “racional” em física) de forma diferente, de acordo com o lado da Mancha de onde se olhava.

2. Na França, nós a ensinávamos como a matemática, partindo dos teoremas, dos princípios, da base teórica de onde se derivava e, a seguir, dedutivamente, as conseqüências práticas, assim como os diversos exemplos. Na Inglaterra, ao contrário, partia-se dos fatos experimentais, de onde se inferia, a seguir, por indução, os princípios teóricos.

3. Bertrand Russel, por sua vez, observava com humor que, na literatura sobre a psicologia animal experimental, os animais estudados pelos americanos agitam-se com frenesi e entusiasmo e, finalmente, atingem, por acaso, o resultado visado. Os animais observados pelos alemães param para pensar e, finalmente, descobrem a solução por um processo voluntário e consciente (...). Uma anedota de origem desconhecida ilustra, igualmente, esta oposição. Pergunta-se a um inglês se ele gosta de espinafre. Ele coça a cabeça, pensativo, e depois responde: “Provavelmente, pois eu como com bastante freqüência.” A mesma pergunta formulada a um italiano, de acordo com a história, provoca a resposta imediata: “Espinafre? Eu adoro!”. Depois, este entusiasta, sendo perguntado quando ele comeu espinafre pela última vez, coça então a cabeça, reunindo suas lembranças para admitir: “Oh! Deve fazer bem uns dez anos!”.

4. Cada um pode, facilmente, achar numerosas ilustrações das diferenças entre as formas de pensamento ou de raciocínio dos ingleses e dos latinos. Descobrir as raízes é menos evidente. A comparação das práticas jurídicas oferece um exemplo interessante destas diferenças.

5. O direito consuetudinário, tal como está consolidado e perpetuado na common law inglesa, está fundado na tradição. Em cada litígio, para arbitrar, o júri popular procura na memória coletiva da comunidade um “caso” precedente no qual se possa buscar inspiração para julgar eqüitativamente, por analogia, de acordo com o costume, o caso em questão. É, pois, a partir de um ou de diversos casos similares que se infere a conduta a sustentar, sempre levando em conta as particularidades do caso específico em julgamento.

6. Ao contrário, o direito romano é um direito escrito e abstrato. Um jurista familiarizado com este direito e investido da autoridade do Estado é chamado a julgar as demandas que lhe são feitas e a decidir entre as partes presentes. Ele procura num texto a fórmula jurídica que se aplica a esta situação particular e apresenta sua decisão apoiando-se sobre a jurisprudência.

AMADO, G., FAUCHEUX, c., e LAURENT, A. Mudança Organizacional e Realidades Culturais: contrastes franco: americanos. Em CHANLAT, Jean-François (coord.), O Indivíduo na Organização- Dimensões Esquecidas, vol. II. São Paulo: Atlas, 1994, p. 154-155.

No texto ocorre a concordância entre o verbo e seu sujeito passivo, EXCETO em:
a) Pergunta-se a um inglês se ele gosta de espinafre (terceiro parágrafo). ...
b) Cita-se com freqüência o lado... (primeiro parágrafo).
c) ...que se ensinava a mecânica... (primeiro parágrafo).
d) ...de onde se inferia, a seguir, por indução, os princípios teóricos (segundo parágrafo).
e) ...no qual se possa buscar inspiração...(quinto parágrafo).

154) (ITA-2003) Leia o texto seguinte.

"No dia 13 de agosto de 1979, dia cinzento e triste, que me causou arrepios, fui para o meu laboratório, onde, por sinal, pendurei uma tela de Bruegel, um dos meus favoritos. Lá, trabalhando com tripanossomas, e vencendo uma terrível dor de dentes..." Não. De saída tal artigo seria rejeitado, ainda que os resultados fossem soberbos. O estilo... O cientista não deve falar. É o objeto que deve falar por meio dele. Daí o estilo impessoal, vazio de emoções e valores:
Observa-se
Constata-se
Obtém-se
Conclui-se.
Quem? Não faz diferença...
(RUBEM ALVES. Filosofia da ciência. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 149)

a) Do primeiro parágrafo, que simula um artigo científico, extraia os aspectos da forma e do conteúdo que vão contra a idéia de que "o cientista não deve falar".
b) O autor exemplifica com uma seqüência de verbos a idéia de que o estilo deve ser impessoal. Que estratégia de construção é usada para transmitir o ideal de impessoalização?

155) (PUC - RJ-2007) Na Idade Média, no início dos tempos modernos, e por muito tempo ainda nas classes populares, as crianças misturavam-se com os adultos assim que eram consideradas capazes de dispensar a ajuda das mães ou das amas, poucos anos depois de um desmame - ou seja, aproximadamente, aos sete anos de idade. A partir desse momento, ingressavam imediatamente na grande comunidade dos homens, participando com seus amigos jovens ou velhos dos trabalhos e dos jogos de todos os dias. O movimento da vida coletiva arrastava numa mesma torrente as idades e as condições sociais, sem deixar a ninguém o tempo da solidão e da intimidade. Nessas existências densas e coletivas, não havia lugar para um setor privado. A família cumpria uma função - assegurava a transmissão da vida, dos bens e dos nomes – mas não penetrava muito longe na sensibilidade.
(...)
A família moderna retirou da vida comum não apenas as crianças, mas uma grande parte do tempo da preocupação dos adultos. Ela correspondeu a uma necessidade de intimidade e também de identidade: os membros da família se unem pelo sentimento, o costume e o gênero de vida. As promiscuidades impostas pela antiga sociabilidade lhes repugnam. Compreende-se que essa ascendência moral da família tenha sido originariamente um fenômeno burguês: a alta nobreza e o povo, situados nas duas extremidades da escala social conservaram por mais tempo as boas maneiras tradicionais, e permaneceram indiferentes à pressão exterior. As classes populares mantiveram até quase nossos dias esse gosto pela multidão. Existe portanto uma relação entre o sentimento da família e o sentimento de classe. Em várias ocasiões, ao longo deste estudo, vimos que eles se cruzavam. Durante séculos os mesmos jogos foram comuns às diferentes condições sociais; a partir do início dos tempos modernos, porém, operou-se uma seleção entre eles: alguns foram reservados aos bem-nascidos, enquanto outros foram abandonados ao mesmo tempo às crianças e ao povo. As escolas de caridade do século XVII, fundadas para os pobres, atraíam também as crianças ricas.
Mas a partir do século XVIII, as famílias burguesas não aceitaram mais essa mistura, e retiraram suas crianças daquilo que se tornaria um sistema de ensino primário popular, para colocá-las nas pensões ou nas classes elementares dos colégios, cujo monopólio conquistaram.
Os jogos e as escolas, inicialmente comuns ao conjunto da sociedade, ingressaram então num sistema de classes. Foi como se um corpo social polimorfo e rígido se desfizesse e fosse substituído por uma infinidade de pequenas sociedades - as famílias - e por alguns grupos maciços - as classes. As famílias e as classes reuniam indivíduos que se aproximavam por sua semelhança moral e pela identidade de seu gênero de vida. O antigo corpo social único, ao contrário, englobava a maior variedade possível de idades e condições.
Ariès, Philippe. Historia Social da Criança e da Família. 2ª. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.
pp. 194-6.

a) – Observe:

(1) “Mas a partir do século XVIII, as famílias burguesas não aceitaram mais essa mistura (...)” – voz ativa

(2) Mas a partir do século XVIII, essa mistura não foi mais aceita pelas famílias burguesas ... – voz passiva analítica

Realize a transposição da frase abaixo para a voz passiva analítica, processando modificações, se necessárias:

“O antigo corpo social único, ao contrário, englobava a maior variedade possível de idades e condições.”

b) – No texto 1 - Feliz Aniversário, a festa de aniversário da matriarca é motivo para o encontro da família. De acordo com o texto 2, “os membros da família se unem pelo sentimento, o costume e o gênero de vida.” Qual desses três fatores melhor se relaciona com a reunião familiar descrita no texto 1?

Justifique a sua resposta.

156) (PUC - RJ-2007) Na Idade Média, no início dos tempos modernos, e por muito tempo ainda nas classes populares, as crianças misturavam-se com os adultos assim que eram consideradas capazes de dispensar a ajuda das mães ou das amas, poucos anos depois de um desmame - ou seja, aproximadamente, aos sete anos de idade. A partir desse momento, ingressavam imediatamente na grande comunidade dos homens, participando com seus amigos jovens ou velhos dos trabalhos e dos jogos de todos os dias. O movimento da vida coletiva arrastava numa mesma torrente as idades e as condições sociais, sem deixar a ninguém o tempo da solidão e da intimidade. Nessas existências densas e coletivas, não havia lugar para um setor privado. A família cumpria uma função - assegurava a transmissão da vida, dos bens e dos nomes – mas não penetrava muito longe na sensibilidade.

(...)

A família moderna retirou da vida comum não apenas as crianças, mas uma grande parte do tempo da preocupação dos adultos. Ela correspondeu a uma necessidade de intimidade e também de identidade: os membros da família se unem pelo sentimento, o costume e o gênero de vida. As promiscuidades impostas pela antiga sociabilidade lhes repugnam. Compreende-se que essa ascendência moral da família tenha sido originariamente um fenômeno burguês: a alta nobreza e o povo, situados nas duas extremidades da escala social conservaram por mais tempo as boas maneiras tradicionais, e permaneceram indiferentes à pressão exterior. As classes populares mantiveram até quase nossos dias esse gosto pela multidão. Existe portanto uma relação entre o sentimento da família e o sentimento de classe. Em várias ocasiões, ao longo deste estudo, vimos que eles se cruzavam. Durante séculos os mesmos jogos foram comuns às diferentes condições sociais; a partir do início dos tempos modernos, porém, operou-se uma seleção entre eles: alguns foram reservados aos bem-nascidos, enquanto outros foram abandonados ao mesmo tempo às crianças e ao povo. As escolas de caridade do século XVII, fundadas para os pobres, atraíam também as crianças ricas.

Mas a partir do século XVIII, as famílias burguesas não aceitaram mais essa mistura, e retiraram suas crianças daquilo que se tornaria um sistema de ensino primário popular, para colocá-las nas pensões ou nas classes elementares dos colégios, cujo monopólio conquistaram. Os jogos e as escolas, inicialmente comuns ao conjunto da sociedade, ingressaram então num sistema de classes. Foi como se um corpo social polimorfo e rígido se desfizesse e fosse substituído por uma infinidade de pequenas sociedades - as famílias - e por alguns grupos maciços - as classes. As famílias e as classes reuniam indivíduos que se aproximavam por sua semelhança moral e pela identidade de seu gênero de vida. O antigo corpo social único, ao contrário, englobava a maior variedade possível de idades e condições.

Ariès, Philippe. Historia Social da Criança e da Família. 2ª. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.
pp. 194-6.

a) Em “a partir do início dos tempos modernos, porém, operou-se uma seleção entre eles (...)”, a palavra se é um pronome apassivador, que constitui também um recurso lingüístico de indeterminação do agente da ação verbal. Transcreva do texto 2 outro exemplo em que a palavra se tenha sido empregada com essa mesma função.

b) Reescreva o trecho a seguir , empregando os sinais de pontuação adequados.

A evolução da família medieval para a família do século XVII e para a família moderna durante muito tempo se limitou aos nobres aos burgueses aos artesãos e aos lavradores ricos ainda no início do século XIX uma grande parte da população a mais pobre e mais numerosa vivia como as famílias medievais com as crianças afastadas da casa dos pais.

157) (Unip-1997) NÃO HOUVE LEPRA

Não houve lepra, mas há febres por todas essas terras humanas, sejam velhas ou novas. Onze meses depois, Ezequiel morreu de uma febre tifóide, e foi enterrado nas imediações de Jerusalém, onde os dois amigos da universidade lhe levantaram um túmulo com esta inscrição, tirada do profeta Ezequiel, em grego: "Tu eras perfeito nos teus caminhos". Mandaram-me ambos os textos, grego e latino, o desenho da sepultura, a conta das despesas e o resto do dinheiro que ele levava; pagaria o triplo para não tornar a vê-lo.

Como quisesse verificar o texto, consultei a minha Vulgata, e achei que era exato, mas tinha ainda um complemento: "Tu eras perfeito nos teus caminhos, desde o dia da tua criação". Parei e perguntei calado: "Quando seria o dia da criação de Ezequiel?" Ninguém me respondeu. Eis aí mais um mistério para ajuntar aos tantos deste mundo. Apesar de tudo, jantei bem e fui ao teatro.

(Machado de Assis - Dom Casmurro)

Colocando-se a oração "... onde os dois amigos da universidade lhe levantaram um túmulo com esta inscrição (...) em grego: ...", na voz passiva, obtém-se a forma verbal:
a) era levantado;
b) seria levantado;
c) teria levantado
d) terão levantado;
e) foi levantado.

158) (UERJ-2002) O Brasil ainda não é propriamente uma nação. Pode ser um Estado nacional, no sentido de um aparelho estatal organizado, abrangente e forte, que acomoda, controla ou dinamiza tanto estados e regiões como grupos raciais e classes sociais. Mas as desigualdades entre as unidades administrativas e os segmentos sociais, que compõem a sociedade, são de tal monta que seria difícil dizer que o todo é uma expressão razoável das partes - se admitimos que o todo pode ser uma expressão na qual as partes também se realizam e desenvolvem.
Os estados e as regiões, por um lado, e os grupos e as classes, por outro, vistos em conjunto e em suas relações mútuas reais, apresentam-se como um conglomerado heterogêneo, contraditório, disparatado. O que tem sido um dilema brasileiro fundamental, ao longo do Império e da República, continua a ser um dilema do presente: o Brasil se revela uma vasta desarticulação. O todo parece uma expressão diversa, estranha, alheia às partes. E estas permanecem fragmentadas, dissociadas, reiterando-se aqui ou lá, ontem ou hoje, como que extraviadas, em busca de seu lugar.
É verdade que o Brasil está simbolizado na língua, hino, bandeira, moeda, mercado, Constituição, história, santos, heróis, monumentos, ruínas. Há momentos em que o país parece uma nação compreendida como um todo em movimento e transformação. Mas são freqüentes as conjunturas em que se revelam as disparidades inerentes às diversidades dos estados e regiões, dos grupos raciais e classes sociais. Acontece que as forças da dispersão freqüentemente se impõem àquelas que atuam no sentido da integração. As mesmas forças que predominam no âmbito do Estado, conferindo-lhe a capacidade de controlar, acomodar e dinamizar, reiteram continuamente as desigualdades e os desencontros que promovem a desarticulação.
(IANNI, Octávio. *A idéia de Brasil moderno*. São Paulo: Brasiliense, 1992.)

“o Brasil se revela uma vasta desarticulação”

A organização do trecho acima disfarça a condição sintaticamente passiva do termo sujeito. Para remover o disfarce e manter o sentido, deve-se reescrever a sentença da seguinte forma:

a) O Brasil é percebido de maneira desarticulada.
b) O Brasil indica sua desarticulação aos brasileiros.
c) O Brasil é desarticulado em fragmentos dissociados.
d) O Brasil é mostrado como uma vasta desarticulação.

159) (FATEC-2006) O mundo já dispõe de informação e tecnologia para resolver a maioria dos problemas enfrentados pelos pais pobres, mas falta implementar esse conhecimento na escala necessária. Foi a partir desse pressuposto que a Organização das nações Unidas (ONU) lançou no Brasil o Projeto do Milênio das Nações Unidas. A novidade propõe um conjunto de ações praticas para que o mundo alcance os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio – uma serie de metas socioeconômicas com os paises da ONU se comprometerem a atingir até 2015, abrangendo áreas como renda, educação, saúde, meio ambiente.
Uma grande mudança nas políticas globais é necessária em 2005, para que os paises mais pobres do mundo avancem para alcançar os Objetivos, alerta o projeto. Se forem alcançados, mais de 500 milhões de pessoas sairão da pobreza e 250 milhões não passarão mais fome.
O relatório do projeto recomenda que cada pais mapeie as principais dimensões da extrema pobreza e faça um plano de ação, incluindo os investimentos públicos necessários. Recomenda também que os governos trabalhem ativamente com todos os segmentos, particularmente com a sociedade civil organizada e o setor privado.
“ Este triunfo do espírito humano nos da a esperança e a confiança de que a extrema pobreza pode ser reduzida pela metade até o ano de 2015, e até mesmo eliminada totalmente nos próximos anos. A comunidade mundial dispõe de tecnologias políticas, recursos financeiros e , o mais importante, coragem e compaixão humana para fazer isso acontecer”, diz o coordenador no prefacio do relatório.
(texto adaptado da revista Fórum número 24, de 2005)

Considere as seguintes afirmações sobre trechos do texto:
O mundo já dispõe de informação e tecnologia / para resolver a maioria dos problemas enfrentados pelos paises pobres, / mas falta implementar esse conhecimento na escala necessária. Nesse período, a relação de sentido entre a 1° e a 2° oração é de finalidade: na 3° oração, a substituição de MAS por CONTUDO matem o sentido do original.
A passagem – problemas enfrentados pelos paises pobres – está redigida na voz passiva: sua adequada redação em voz ativa: os paises mais pobres enfrentam problemas.
Se [os Objetivo] forem alcançados, / mais de 500 milhões de pessoas sairão da pobreza. A oração que inicia esse período expressa condição em relação à seqüência de idéias expressas.
Caso [os Objetivos] fossem alcançados, mais de 500 milhões de pessoas sairão da pobreza. Essa versão do trecho está redigida de acordo com a norma culta.

Deve-se concluir que está correto o que se afirma em
a) I e II somente.
b) II e III somente.
c) I, II e III somente.
d) II, III e IV somente.
e) I, II, III e IV.

160) (FGV-2003) O pronome **se** tem o mesmo significado e a mesma função nas frases abaixo? Explique.
- Os recém-casados **se** amavam intensamente: os olhares que trocaram após a cerimônia anunciaram vivamente a dedicação de cada um ao seu consorte.
- A matrona feriu-**se** ao tropeçar no tapete estendido na varanda.
- Romualdo arrependeu-**se** de ter tocado no tema, especialmente diante de Marisa.

161) (FGV-2004) Observe a seguinte oração:
"...os portugueses não haviam sido por uma tempestade empurrados para a terra de Santa Cruz."

a) Nessa oração, há uma locução verbal. Identifique-a.
b) Em que voz ela está?
c) Qual é o verbo principal dessa oração?

162) (UEL-1996) Obtém-se a forma verbal "prejudica-os", transpondo para a voz ativa a frase:
a) Eles são prejudicados pelos próprios amigos.
b) Ele vem sendo prejudicado pelos empresários.
c) Ele é prejudicado pelos sucessivos equívocos.
d) Eles foram prejudicados pelo chefe.
e) Eles são prejudicados pela ambição.

163) (UERJ-1997) OS SERTÕES

Preso o jagunço válido e capaz de agüentar o peso da espingarda, não havia malbaratar-se um segundo em consulta inútil. Degolava-se; estripava-se. Um ou outro comandante se dava ao trabalho de um gesto expressivo. Era uma redundância capaz de surpreender.

Dispensava-a o soldado atreito à tarefa.

Esta era, como vimos, simples. Enlear ao pescoço da vítima uma tira de couro, num cabresto ou numa ponta de chiqueirador; impeli-la por diante, atravessar entre as barracas, sem que ninguém se surpreendesse; e sem temer que se escapasse a presa, porque ao mínimo sinal de resistência ou fuga um puxão para trás faria que o laço se antecipasse à faca e o estrangulamento à degola. Avançar até à primeira covanca profunda, o que era um requinte de formalismo; e, ali chegados, esfaqueá-la. Nesse momento, conforme o humor dos carrascos, surgiam ligeiras variantes. Como se sabia, o supremo pavor dos sertanejos era morrer a ferro frio, não pelo temor da morte senão pelas suas conseqüências, porque acreditavam que, por tal forma, não se lhes salvaria a alma.

(...) Pronto. Sobre a tragédia anônima, obscura, desenrolando-se no cenário pobre e tristonho das encostas eriçadas de cactos e pedras, cascalhavam rinchavelhadas lúgubres, e os matadores volviam para o acampamento. Nem lhes inquiriam pelos incidentes da empresa. O fato descambara lastimavelmente à vulgaridade completa. Os próprios jagunços, ao serem prisioneiros, conheciam a sorte que os aguardava. Sabia-se no arraial daquele processo sumaríssimo e isto, em grande parte, contribui para a resistência doida que patentearam. Render-se-iam, certo, atenuando os estragos e o aspecto odioso da campanha, a outros adversários. Diante dos que lá estavam, porém, lutariam até à morte.
(CUNHA, Euclides da. Os Sertões. Rio de Janeiro, Ediouro, s/d)

VOCABULÁRIO:
malbaratar-se = desperdiçar
atreito = acostumado
rinchavelhadas = gargalhadas

Observe o emprego dos verbos conhecer e aguardar no trecho:
Os próprios jagunços conheciam a sorte que os aguardava.
Reescreva duas vezes (ambas integralmente) o período acima, fazendo, em cada uma das modificações pedidas, apenas as adaptações necessárias.
a) Transponha a oração principal para a voz passiva.
b) Substitua o verbo aguardar pela expressão estar reservado.

164) (Unifor-2003) Passando para a voz ativa a frase *O velho foi sendo recolhido a sua inferioridade*, obtêm-se a forma verbal
a) foi recolhido.
b) estava sendo recolhido.
c) fora recolhido.
d) foram recolhendo.
e) iam recolhendo.

165) (Covest-1997) Reescreva a frase abaixo na VOZ PASSIVA, passando para o PLURAL os substantivos compostos (sublinhados):

O pesquisador capturou o **peixe-boi** e o **gavião-do-mangue** e transportou-os para a reserva biológica do IBAMA, a fim de reintegrá-los ao ambiente.

166) (Fuvest-2003) Responda ao que se pede:
a) Noticiando o lançamento de um dicionário de filmes brasileiros, um jornal fez o seguinte comentário a propósito do filme
"Aluga-se moças", de 1981: **O título traz um dos maiores erros ortográficos já vistos no cinema brasileiro. O título correto do longa seria "Alugam-se moças".**

O comentário e a correção feitos pelo jornal são justificáveis do ponto de vista gramatical? Por quê?
b) Ao lado de um caixa eletrônico de um grande banco, pode ser lido o seguinte aviso:

Em caso de dúvida, somente aceite ajuda de funcionário do banco.

Reescreva a frase, posicionando adequadamente o termo sublinhado, de modo a eliminar a ambigüidade nela existente.

167) (IBMEC - SP-2007) Samba do avião
(Tom Jobim)

Minha alma canta
Vejo o Rio de Janeiro
Estou morrendo de saudades
Rio, seu mar, praias sem fim,
Rio, você foi feito pra mim
Cristo Redentor
Braços abertos sobre a Guanabara
Este samba é só porque
Rio, eu gosto de você
A morena vai sambar
Seu corpo todo balançar
Rio de sol, de céu, de mar
Dentro de um minuto
estaremos no Galeão
Rio de Janeiro,
Rio de Janeiro,
Rio de Janeiro,
Rio de Janeiro,
Cristo Redentor
Braços abertos sobre a Guanabara
Este samba é só porque
Rio, eu gosto de você
A morena vai sambar
Seu corpo todo balançar
Aperte o cinto vamos chegar
Água brilhando, olha a pista chegando
E vamos nós
aterrar

Das orações abaixo, pode ir para a voz passiva:
a) “Vejo o Rio de Janeiro...”
b) “Estou morrendo de saudades...”
c) “...estaremos no Galeão”
d) “Rio, eu gosto de você...”
e) “ A morena vai sambar...”

168) (Fuvest-2004) Texto para a questão a seguir

Olhar para o céu noturno é quase um privilégio em nossa atribulada e iluminada vida moderna. (...) Companhias de turismo deveriam criar “excursões noturnas”, em que grupos de pessoas são transportados até pontos estratégicos para serem instruídos por um astrônomo sobre as maravilhas do céu noturno. Seria o nascimento do “turismo astronômico”, que complementaria perfeitamente o novo turismo ecológico. E por que não? Turismo astronômico ou não, talvez a primeira impressão ao observarmos o céu noturno seja uma enorme sensação de paz, de permanência, de profunda ausência de movimento, fora um eventual avião ou mesmo um satélite distante (uma estrela que se move!). Vemos incontáveis estrelas, emitindo sua radiação eletromagnética, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas.
Essa visão pacata dos céus é completamente diferente da visão de um astrofísico moderno. As inocentes estrelas são verdadeiras fornalhas nucleares, produzindo uma quantidade enorme de energia a cada segundo. A morte de uma estrela modesta como o Sol, por exemplo, virá acompanhada de uma explosão que chegará até a nossa vizinhança, transformando tudo o que encontrar pela frente em poeira cósmica. (O leitor não precisa se preocupar muito. O Sol ainda produzirá energia “docilmente” por mais uns 5 bilhões de anos.)
(Marcelo Gleiser, Retalhos cósmicos)

Transpondo-se corretamente para a voz ativa a oração “para serem instruídos por um astrônomo (...)”, obtém-se:
a) para que sejam instruídos por um astrônomo (...).
b) para um astrônomo os instruírem (...).
c) para que um astrônomo lhes instruíssem (...).
d) para um astrônomo instruí-los (...).
e) para que fossem instruídos por um astrônomo (...).

GABARITO

1) Alternativa: A

2) Alternativa: D

3) Alternativa: A

4) Alternativa: D

5) Alternativa: E

6) Alternativa: B

7) Alternativa: D

8) Alternativa: B

9) Resposta: 06
01-F
02-V
04-V
08-F
16-F
32-F
64-F

10) Alternativa: A

11) a) **não se** favoreçam humildes, **não se** amparem fracos, **não se** sirvam donzelas, **não** se cumpram palavras, **não se** guardem juramentos e **não se** satisfaçam boas obras.
b) Soberbos.
O verbo - *destruam* - está concordando com *soberbos*, e o verbo concorda com o sujeito.

12) Alternativa: A

13) a) aos assessores de Itamar
b) porque achar está no plural, dando a impressão de que abusa e acham têm o mesmo sujeito
c) a concordância de abusa se faz com o relativo quem, que exige a terceira pessoa singular

14) Alternativa: B

15) Alternativa: A

16) Alternativa: A

17) Alternativa: B

18) Alternativa: A

19) O sujeito da frase 1 é “Eu” e a declaração é feita sobre o objeto direto; na segunda frase, o sujeito é “nós” e a declaração é feita sobre o objeto indireto, “dessa água”. Essas duas orações contrariam a definição “clássica” de sujeito, mostrando suas falhas. Poderíamos definir sujeito, seguindo as orientações de Ulisses Infante em sua *Gramática Aplicada aos Textos*, como o termo que desempenha uma função sintática, estabelecendo uma relação de concordância verbal entre ele e o verbo que ele conjuga. Poderíamos ainda dizer que o sujeito é uma função substantiva da oração, por ser desempenhada por substantivos.

INFANTE, Ulisses. **Gramática Aplicada aos textos.** São Paulo: Scipione, 1995.

20) Alternativa: D

21) a) Sim. Nas duas construções a palavra **alma** significa ‘essência’, ‘condição primordial para a existência’, ‘força motriz’.
b) O negócio é a alma da propaganda.

22) Incorreta. O pronome *se*, acompanhando o verbo *tratar,* um Verbo Transitivo Indireto, comporta-se como Índice de Indeterminação do Sujeito. Assim, não faz sentido a presença de *este livro*, que na frase desempenha o papel de sujeito. Uma possível adaptação à norma culta seria: *Este livro é a melhor forma de você se divertir sem gastar muito*.

23) Alternativa: B

24) Alternativa: D

25) Alternativa: B

26) Alternativa: A

27) Alternativa: A

28) Alternativa: D

29) Alternativa: A

30) Alternativa: C

31) Sem resposta correta.
Embora a GV tenha dado a alternativa E como correta, é plenamente possível aceitar a vírgula após a conjunção *e*, visto que após ela há a intercalação de uma oração adverbial.

32) Rita (está elíptico, subentendido).

33) Na primeira, *Fabrício* funciona como núcleo do sujeito do verbo voltou, e *pedreiro* como aposto de *Fabrício*.
Já na segunda ocorre o inverso, *pedreiro* é o núcleo do sujeito e *Fabrício,* o aposto.

34) O sujeito está oculto ou elíptico (eles), referindo-se a lexicólogos e editores.
O objeto direto é “a entrada de uns quantos milhares de palavras novas”.

35) Alternativa: E

36) Alternativa: C

37) Alternativa: B

38) Alternativa: C
Embora o pronome relativo *que* esteja substituindo *o caso triste*, na oração do verbo desenterra o pronome é o sujeito.

39)

40) Belas aves abundavam nesta pequena ilha.

41) Alternativa: E

42) Alternativa: A

43) Alternativa: A

44) Alternativa: C

45) Alternativa: B

46) Resposta: 18

47) Alternativa: E

48) Várias orações no texto apresentam inversão na ordem sujeito-verbo: “O que é o homem?”, “O que é a existência?”,
“...murcharam, como nossas faces, as nossas esperanças...”, “...lampejavam-lhe olhos pardos...”.
Na oração dada, passando-se o verbo no imperativo para a terceira pessoa do plural, tem-se: Se houver mais uma taça na sua mesa, encham-na até às bordas e beberei com vocês (ou com os senhores).

49) Alternativa: A

50) Alternativa: D

51) Alternativa: B

52) Alternativa: D

53) Alternativa: B

54) Alternativa: A

55) Alternativa: C

56) Alternativa: B

57) Alternativa: B

58) Alternativa: C

59) Alternativa: D

60) Alternativa: E

61) Alternativa: D

62) Alternativa: C

63) Alternativa: C

64) Alternativa: E

65) Alternativa: D

66) Alternativa: C

67) Alternativa: C

68) Alternativa: C

69) Alternativa: B

70) Alternativa: E

71) Alternativa: C

72) Resposta: 24
01-F
02-F
04-F
08-V
16-V
32-F
64-F

73) Alternativa: C

74) Alternativa: D

75) Alternativa: D

76) Alternativa: D

77) Alternativa: A

78) a) objeto direto
b)
Vem, ó Marília, vem lograr comigo
Destes alegres campos a beleza,
Destas copadas árvores o abrigo:

Vem , ó Marília, vem lograr comigo a beleza destes campos, o abrigo destas copadas árvores.

79) Alternativa: D

80) Alternativa: A

81) Alternativa: C

82) Alternativa: A

83) a) No terceiro período - "que a transformou, a essa técnica, em si mesmo" - o pronome *a* está substituindo o termo 'a técnica artística', anteriormente mencionado. Assim, a presença do termo 'a essa técnica' juntamente com o pronome *a* é redundante sintaticamente.
b) Para evitar que ela fosse lida como o sujeito da oração.

84) a) "certas situações".
b) O pronome "as" e o seu antecedente, "certas situações", têm a mesma função sintática: objeto direto do verbo resignar.

85) Alternativa: D

86) Alternativa: D

87) Alternativa: A

88) Alternativa: B

89) Alternativa: C

90) Alternativa: A

91) O verbo "comer", no sentido de engolir para se alimentar, ingerir alimentos, pressupõe um sujeito agente e um complemento que especifica o tipo de alimento ingerido.
Esse sentido e essa regência do verbo ocorrem na frase: "comeu pipocas".
Na frase "comeu muito", o sentido básico é o mesmo (engolir alimentos) com uma diferença: com o apagamento do objeto, o verbo se torna intransitivo e o significado se concentra na ação verbal, não importando o objeto específico.

92) Em a), ladrão funciona como o Objeto Direto de pegar. É, portanto, aquele que deve ser pego. Já em b), ladrão funciona como Vocativo. É, portanto, aquele a quem se dirige o falante. Pode, neste caso, também ser interpretado como uma justificativa para a oração anterior.

93) Alternativa: E

94) Alternativa: D

95) Alternativa: A

96) Alternativa: A

97) Alternativa: A

98) Alternativa: C

99) Alternativa: D

100) Alternativa: E

101) Alternativa: D

102) a) A manchete "Reino Unido pode taxar *fast-food* contra obesidade" pode ser interpretada das seguintes maneiras:
- o governo do Reino Unido, para combater a obesidade dos cidadãos, pode taxar *fast-food*;
- o governo pode taxar *fast-food* que combate a obesidade.

b) Levando em conta o contexto e o conhecimento que se tem do mundo, só se pode interpretar que o governo do Reino Unido taxará *fast-food* com a finalidade de combater a obesidade da população.

103) O termo "com a migração dos investimentos" expressa circunstância de causa (provoca como efeito o surgimento de novos desafios).

104) Alternativa: D

105) Alternativa: A

106) Alternativa: A

107) a) A palavra **amanhã** funciona como Adjunto Adverbial. Como é uma palavra pequena e vem intercalada na oração, há duas possibilidades de pontuação:

- isolando a palavra **amanhã**, com uma vírgula antes e outra depois;
- eliminando-se a vírgula após **amanhã**, para que se evite a separação de termos essenciais da oração (verbo *assistir* e seu complemento *revista eletrônica*).

b) **Sem** a vírgula, imagina-se a existência de **vários** tipos de "revista eletrônica feminina", pois a oração *que é a referência do gênero na TV* torna-se uma oração subordinada adjetiva **restritiva**; **com** a vírgula, imagina-se só haver **um** tipo de "revista eletrônica feminina", pois a oração *que é a referência do gênero na TV* passa a ser oração subordinada adjetiva **explicativa**.

108) Alternativa: A

109) Alternativa: C

110) Alternativa: D

111) Alternativa: C

112) Alternativa: C

113) Alternativa: C

114) Alternativa: A

115) No primeiro, a casa está especificada pelo adjunto adnominal *da cartomante*. Já na segunda, com a ausência do artigo ou de algum outro adjunto adnominal, a casa não mais é especificada, passando-se a subentender a casa como sendo a do próprio Camilo.

116) Alternativa: A

117) Alternativa: C

118) Alternativa: D

119) a) forma (funciona com Predicativo do Sujeito)
b) O naturalismo é a forma científica que toma a arte. A república é a forma política que toma a democracia. O positivismo é a forma experimental que toma a filosofia.

120) Alternativa: C

121) Alternativa: C

122) Alternativa: E

123) Alternativa: D

124) Item A. : V – V – F – F – F – V – F;

Item B: comparativo, explicativo;

Item C, uma frase como "Era na Trindades que a personagem **Bisneto** mais gostava de viver ou O menino Bisneto viera gêmeo com uma menina."

125) a) As expressões "cauda daquele tempo" e "olhos do futuro" remetem à profecia do avô de que, um dia, a narradora veria "a volta do grande cometa, lá pelo ano de 2010". A expressão "cabeça nas nuvens", enfatiza as características referentes ao espaço celeste, característicos dos devaneios provocados na narradora pela conversa.
b) O aposto "um camponês" sugere que cada avô interferia de um modo diferente na visão de mundo da menina: Leone, o "astrônomo", levava-a para o espaço etéreo do céu, das nuvens, das estrelas, dos sonhos - por isso ela olha para o céu; Vincenzo, "o camponês", fazia-a voltar os olhos para o chão, para a terra, retornando ao plano da realidade.

126) Alternativa: A

127) a) Iracema é descrita como uma mulher guerreira, forte, honrada, gentil... Em suma, é o índio idealizado pelo Romantismo.
b) Iracema chama Martim de "Guerreiro branco". O uso deste vocativo revela que Iracema via Martim também como um guerreiro. Já Martim chama Iracema de "filha das florestas", o que evidencia a visão de que a índia era para ele parte inerente da natureza.

128) Alternativa: B

129) A recorrência do uso de possessivos: o Sábado era seu ("seu Sábado"), sua mulher, seu filho. A evocação da mulher, sob a forma do vocativo: "Catarina!" (...) "Catarina!".

130) Alternativa: D

131) Alternativa: D

132) Alternativa: A

133) Alternativa: E

134) Alternativa: A

135) Alternativa: B

136) Alternativa: B

137) a) Se eu não **estivesse** atento e **não tivesse** olhado o rótulo, o paciente teria morrido.
b) Ambientalistas defendem a econologia, combinação de princípios da economia, sociologia e
ecologia, como maneira de viabilizar formas alternativas de desenvolvimento.

Obs: Há outras ordens possíveis, tal como:
Como maneira de viabilizar formas alternativas de desenvolvimento, ambientalistas defendem a econologia, combinação de princípios da economia, sociologia e ecologia.

138) Alternativa: A

139) Alternativa: B

140) Alternativa: C

141) Alternativa: A

142) Alternativa: A

143) Alternativa: D

144) Alternativa: D

145) Alternativa: B

146) A passagem pode ser reescrita, na voz passiva, das seguintes maneiras:
• retorno do capital que foi investido (voz passiva analítica);
• retorno do capital que se investiu (voz passiva sintética).

147) O último período do texto – "A antiga superalimentação é condenada" – reescrito na voz passiva sintética fica Condena-se a antiga superalimentação.
O uso da voz passiva sintética permite o distanciamento do enunciador, uma vez que, nessa estrutura, o enunciador ou agente da ação (agente da passiva) não vem expresso. Tal recurso é adequado à natureza do texto, de caráter informativo e científico.

148) a) Ainda hoje, esta singela quadrinha de propaganda é cantada no rádio por vozes bem afinadas.
b) ‘novinhas em folha’ está associado a ‘as rosas desabrocham’ e ‘resplandecentes’ a ‘com a luz do sol’.

149) Reescrevendo a frase na voz passiva (analítica) com agente expresso, tem-se:
A entrega de mais de 1000 imóveis está sendo comemorada pela X Consórcios.

150) A expressão *É gente que nunca se vê*, pode ser interpretada de forma reflexiva recíproca, ou seja, uma pessoa não vê a outra, ou de forma apassivada, ou seja, as pessoas não são vistas.

151) Alternativa: C

152) Alternativa: D

153) Alternativa: D

154) a)
De forma:
Uso da primeira pessoa: *me, fui, pendurei, meus*
De conteúdo:
Digressão: *onde, por sinal,pendurei uma tela de Bruegel, um dos meus favoritos.*
Subjetividade e emotividade*: dia cinzento e triste, um dos meus favoritos*
Apresentação dos sentimentos e estados do cientista*: me causou arrepios, uma terrível dor de dentes*
b) O uso da voz passiva sintética, em que o agente é indeterminado.

155) a) Ao contrário, a maior variedade possível de idades e condições era englobada pelo antigo corpo social único.
b) O costume é o fator que se relaciona com o texto 1. No conto, as personagens reúnem-se apenas para atender a um costume, a uma regra social: a comemoração do aniversário da matriarca da família. Não havia sentimento que as mobilizasse para esse encontro, e seus valores e estilos de vida eram completamente diferentes.

156) a) “Compreende-se que essa ascendência moral da família tenha sido originariamente um fenômeno burguês(...)”
b) A evolução da família medieval para a família do século XVII e para a família moderna, durante muito tempo, se limitou aos nobres, aos burgueses, aos artesãos e aos lavradores ricos. Ainda no início do século XIX, uma grande parte da população, a mais pobre e mais numerosa, vivia como as famílias medievais, com as crianças afastadas da casa dos pais.

157) Alternativa: E

158) Alternativa: D

159) Alternativa: C

160) Em “*Os recém-casados se amavam intensamente*”, o se é pronome reflexivo-recíproco e exerce a função sintática de objeto direto .
Em “*A matrona feriu-se ao no tapete estendido na varanda”,* o se é pronome reflexivo (mas não recíproco) e também exerce a função sintática de objeto direto.
Em “*Romualdo arrependeu-se de ter tocado no tema, especialmente diante de Marisa.”,* o se é parte integrante do verbo (também conhecido como pronome fossilizado) e não exerce nenhuma função sintática.
Conclusão: o pronome não tem o mesmo significado nem a mesma função sintática nas três frases.

161) a) A locução verbal é haviam sido empurrados.
b) A oração está na voz passiva analítica.
c) O verbo principal é empurrar.

162) Alternativa: A

163) a) A sorte que os aguardava era conhecida pelos próprios jagunços
b) Os próprios jagunços conheciam a sorte que lhes estava reservada.

164) Alternativa: D

165) Os peixes-boi e os gaviões-do-mangue foram capturados pelo pesquisador e transportados para a reserva biológica do IBAMA, a fim de serem reintegrados ao ambiente.

Obs: o dicionário Aurélio registra também a forma peixes-bois.

166) a) O Comentário não é justificável, mas a correção sim.
O problema apresentado no título do filme é de concordância verbal, não se trata portanto de um erro ortográfico. No entanto a correção é adequada, uma vez que o verbo *alugar* deve concordar com o seu sujeito passivo *moças*.
b) Em caso de dúvida, aceite ajuda somente de funcionário do banco.

167) Alternativa: A

168) Alternativa: D

ATIVIDADES PARA PRÉ-SILÁBICOS

ESCOLA: ____
ALUNO: ____
CLASSE: _______________ PROFESSOR: ____________________

Dicas de trabalho com pré-silábico

O aluno considerado como pré-silábico em sua hipótese de escrita tem algumas particularidades e, de um caso para outro, a forma de fazê-lo desenvolver habilidades de leitura e escrita pode variar.

Para não ficar muito na teoria, veja algumas considerações essenciais antes de iniciar seu trabalho com este material:

1. **Não force o pré-silábico em palavras**: esse aluno precisa, antes de mais nada, reconhecer as letras e os sons correspondentes. De nada adianta você trabalhar direto com sons mais complexos, de palavras inteiras, sem que ele conheça o básico, que é o som das letras.
2. **Estimule o reconhecimento das letras:** sempre que possível, peça que ele soletre letras de palavras. Não se importe com o fato de ele não saber o que está escrito. Nessa fase, o importante é saber reconhecer a letra e qual som ela tem.
3. **Trabalhe com observação**: atualmente, um grande número de crianças chega à fase em que teria de ser alfabetizada com dificuldade de perceber detalhes. Isso acontece principalmente pela falta de estímulo anterior. Sempre que puder, peça que perceba detalhes em imagens ou leve-a a perceber pequenas partes de um todo. É assim que começa, verdadeiramente, o ensino da leitura e da escrita.
4. **Use os colegas**: se você tem um aluno mais rápido, que pode usar para ajudar seus pré-silábicos, aproveite! Muitas crianças se sentem mais confortáveis com colegas. Apenas oriente a criança em como ajudar o colega e explique a lição. Ficará surpresa com os resultados!
5. **Esqueça isso de primeira letra**! : quando começaram a falar de hipótese de escrita, as crianças eram outras, já estamos praticamente na geração seguinte e nem tudo o que era usado na época se aplica às crianças de hoje. É por esse motivo que nem sempre dá certo o uso daqueles recursos hoje. Aliás, acho até que quase nunca dão certo... mas deixa pra lá, pois é uma explicação longa. Como o pobre pré-silábico vai identificar primeira letra, se nem as letras ele conhece direito? Pois é, não faz sentido, não é mesmo! Preocupe-se com letras e sons de letras. Deixe a primeira letra para silábicos. Esses sim precisam deste tipo de intervenção! Só use primeira letra se estiver realmente fixando-a.

Janaína Spolidorio

NOME: ____

DATA: _______________ PROFESSOR: ___________________________

por uma educação melhor!

Objetivo: identificar a grafia de letras, registrar letras com base em palavra já fornecida e identificar o som da letra A.

RECONHECENDO LETRAS

OBSERVE AS LETRAS DE CADA PALAVRA. ENCONTRE-AS NO ALFABETO E PINTE-AS. DEPOIS, REESCREVA CADA PALAVRA.

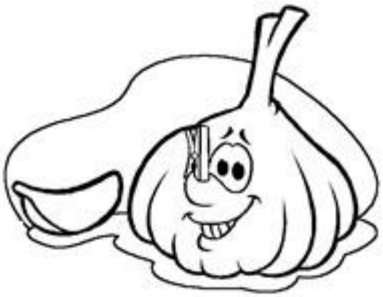

A B C D E F G H I J
K L M N O P Q R S T
U V W X Y Z

ALHO

A B C D E F G H I J
K L M N O P Q R S T
U V W X Y Z

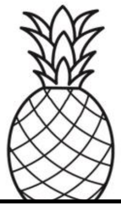

ABACAXI

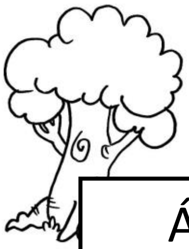

ÁRVORE

A B C D E F G H I J
K L M N O P Q R S T
U V W X Y Z

QUAL É A PRIMEIRA LETRA DE TODAS AS PALAVRAS QUE VOCÊ USOU NA PÁGINA ANTERIOR?

☐

PARA LEMBRAR BEM DA LETRA, ESCREVA-A REPETIDAS VEZES, UMA VEZ EM CADA QUADRINHO ABAIXO. SEMPRE QUE A ESCREVER, LEMBRE-SE DO NOME DELA!

☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐

OBSERVE AS IMAGENS ABAIXO E PINTE SOMENTE OS DESENHOS CUJO NOME COMEÇAM COM ESSA LETRA.

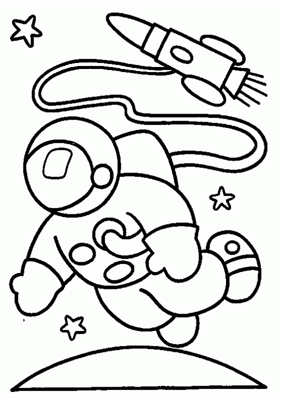

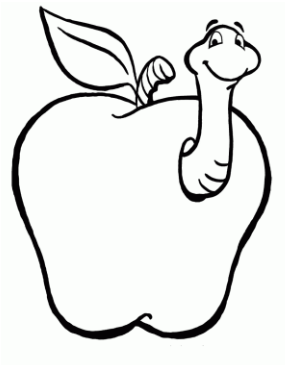

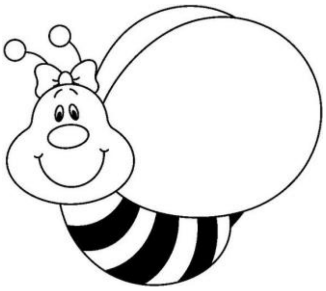

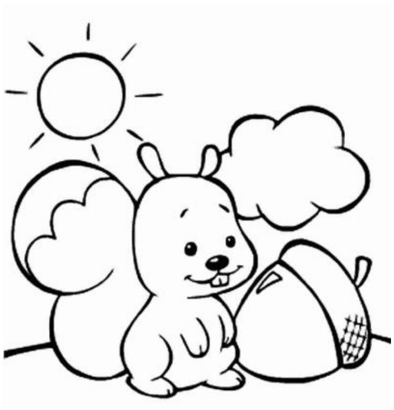

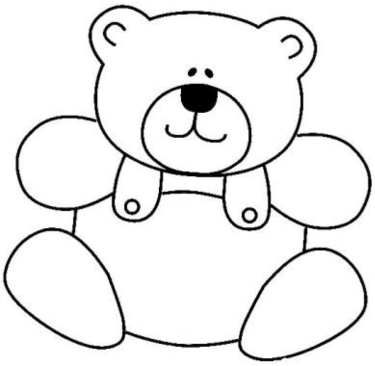

NOME: ____

DATA: _______________ PROFESSOR: ___________________________

Objetivo: identificar a grafia de letras, desenvolver a coordenação motora final e aprimorar a observação.

COLANDO LETRAS

RECORTE AS LETRAS DO ANEXO. DEPOIS, OBSERVE AS PALAVRAS E COLE AS LETRAS CORRESPONDENTES NA MESMA SEQUÊNCIA. FORMANDO AS PALAVRAS NOVAMENTE.

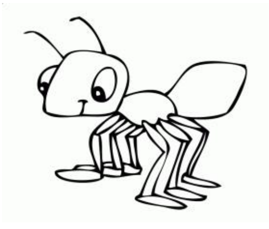

FORMIGA

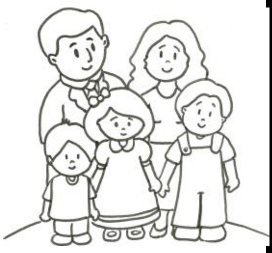

FAMÍLIA

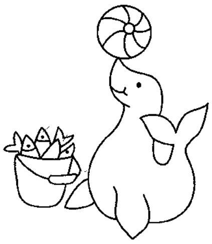

FOCA

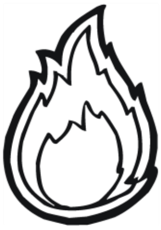

FOGO

ANEXO DA ATIVIDADE “COLANDO LETRAS”

F	A	G	I	M	F	A	O	F
O	A	R	A	F	Í	G	F	O
			M	O	I	C		

F	A	G	I	M	F	A	O	F
O	A	R	A	F	Í	G	F	O
			M	O	I	C		

F	A	G	I	M	F	A	O	F
O	A	R	A	F	Í	G	F	O
			M	O	I	C		

NOME: ____

DATA: ______________ PROFESSOR: _______________________

por uma educação melhor!

Objetivo: identificar a grafia de letras, desenvolver a atenção e registrar letras com base em palavra fornecida.

A LETRA INTRUSA

OBSERVE AS PALAVRAS. EM CADA QUADRINHO FORAM USADAS AS MESMAS LETRAS DAS PALAVRAS, MAS UMA LETRA É INTRUSA. IDENTIFIQUE, CIRCULE E ANOTE-A NO CÍRCULO. DEPOIS, COPIE A PALAVRA.

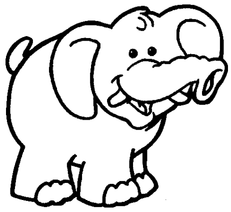

ELEFANTE

E E A T

P N

E F L

A LETRA INTRUSA É...

○

A LETRA INTRUSA É...

○

O I P

I

D

U L R T

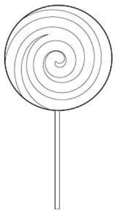

PIRULITO

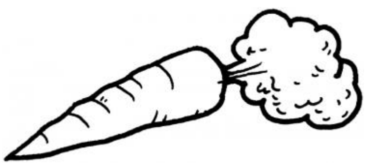

CENOURA

A C

R E

N

O U S

A LETRA INTRUSA É...

○

NOME: ____

DATA: ______________ PROFESSOR: ________________________

por uma educação melhor!

Objetivo: identificar letras, aprender técnicas de organização, notar que usamos mesmas letras, organizadas de modo diferente, para formar palavras distintas e estimular a aprendizagem da leitura.

LETRAS IGUAIS, CORES IGUAIS

OBSERVE AS PALAVRAS. PINTE AS BORDAS DAS LETRAS IGUAIS, DE CORES IGUAIS. SE VOCÊ PINTAR A BORDA DO **A** DE AZUL, DEVE PINTAR AS BORDAS DE TODAS AS LETRAS **A** DE AZUL E ASSIM POR DIANTE.

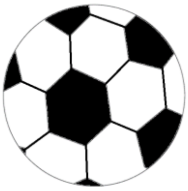

B O L A

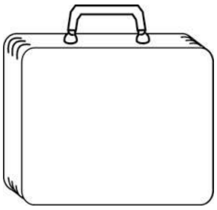

M A L A

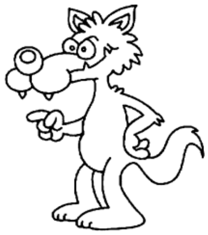

L O B O

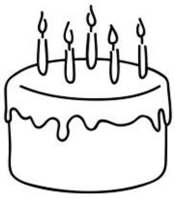

B O L O

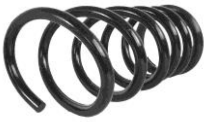

M O L A

NOME: ____

DATA: ________________ PROFESSOR: ____________________________

por uma educação melhor!

Objetivo: identificar letras, desenvolver a atenção e aprimorar a formação de estratégias básicas essenciais à aprendizagem futura da leitura.

CADÊ A PALAVRA?

LEIA AS PALAVRAS. ELAS ESTARÃO ESCONDIDAS NA BARRA DE LETRAS. IDENTIFIQUE ONDE ESTÁ A PALAVRA E PINTE-A NA BARRA.

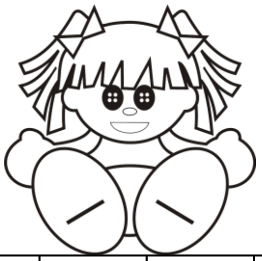

B	O	N	E	C	A

K	B	O	N	E	C	A	X	R	S	C

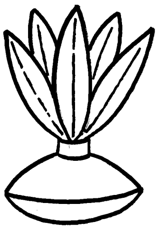

P	E	T	E	C	A

P	A	T	P	E	P	E	T	E	C	A

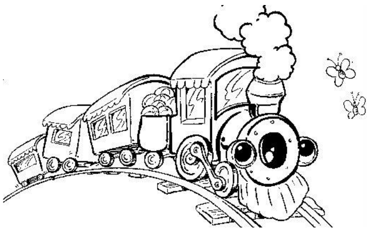

T	R	E	M

T	R	A	M	C	T	R	E	M	S	A

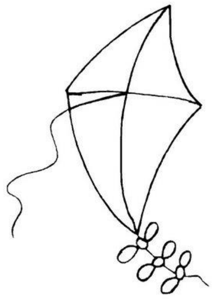

P I P A

B T S P E P A P I P A

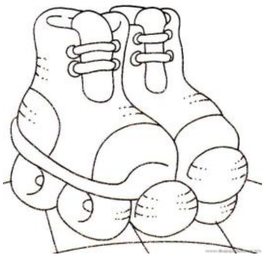

P A T I N S

P A D I N P A T I N S

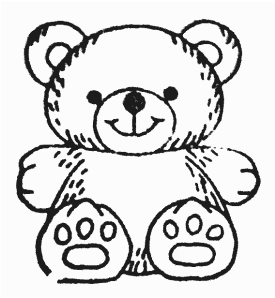

U R S O

V U R O S U S U R S O

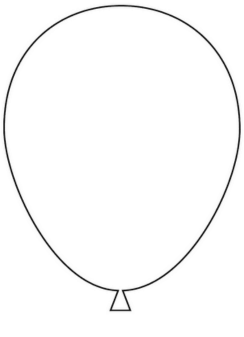

B E X I G A

B E X I G A B I X E A

NOME: ____

DATA: _______________ PROFESSOR: ___________________________

por uma educação melhor!

Objetivo: identificar a grafia de letras, registrar letras com base em palavra já fornecida e identificar o som e nomear a letra L.

RECONHECENDO LETRAS 2

OBSERVE AS LETRAS DE CADA PALAVRA. ENCONTRE-AS NO ALFABETO E PINTE-AS. DEPOIS, REESCREVA CADA PALAVRA.

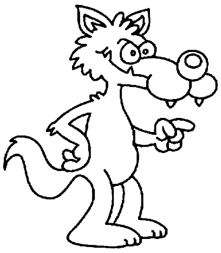

A B C D E F G H I J
K L M N O P Q R S T
U V W X Y Z

LOBO

A B C D E F G H I J
K L M N O P Q R S T
U V W X Y Z

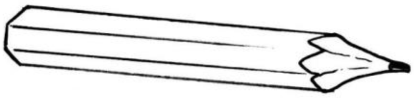

LÁPIS

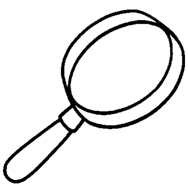

LUPA

A B C D E F G H I J
K L M N O P Q R S T
U V W X Y Z

QUAL É A PRIMEIRA LETRA DE TODAS AS PALAVRAS QUE VOCÊ USOU NA PÁGINA ANTERIOR?

PARA LEMBRAR BEM DA LETRA, ESCREVA-A REPETIDAS VEZES, UMA VEZ EM CADA QUADRINHO ABAIXO. SEMPRE QUE A ESCREVER, LEMBRE-SE DO NOME DELA!

OBSERVE AS IMAGENS ABAIXO E PINTE SOMENTE OS DESENHOS CUJO NOME COMEÇAM COM ESSA LETRA.

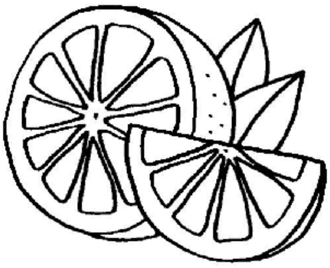

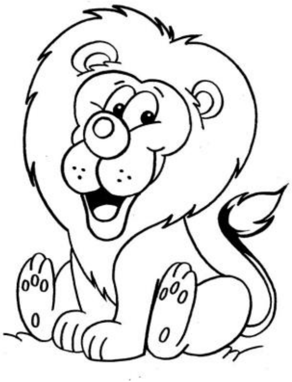

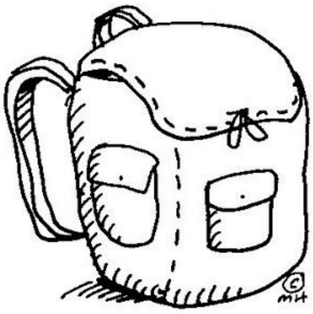

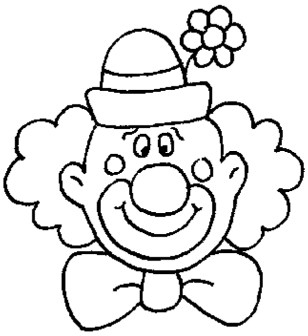

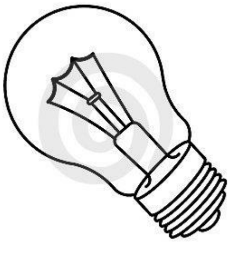

NOME: ____

DATA: ______________ PROFESSOR: ________________________

por uma educação melhor!

Objetivo: identificar a letra R, perceber particularidades de seu som e registrar a letra autonomamente.

O MESTRE DO R

TODAS AS PALAVRAS ABAIXO COMEÇAM COM A LETRA R. VAMOS FALAR SEUS NOMES EM VOZ ALTA E PRESTAR BASTANTE ATENÇÃO AO SOM DO R:

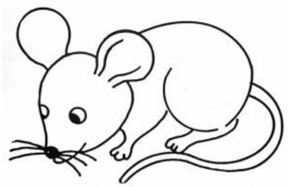

RATO

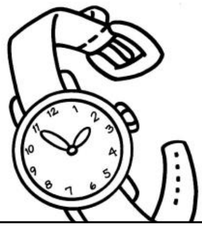

RELÓGIO

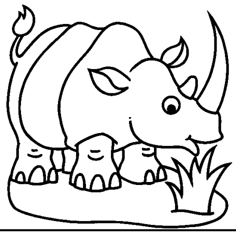

RINOCERONTE

ENCONTRE EM REVISTAS VÁRIAS LETRAS R E COLE-AS ABAIXO:

QUAL É MESMO O NOME DA LETRA QUE ESTAMOS ESTUDANDO?

R

PREENCHA AS PALAVRAS COM A LETRA QUE ESTAMOS ESTUDANDO. DEPOIS, REESCREVA AS PALAVRAS COMPLETAS, DIZENDO OS NOMES DAS LETRAS.

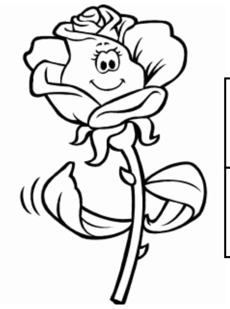

	O	S	A

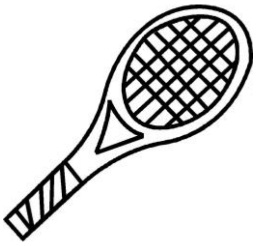

	A	Q	U	E	T	E

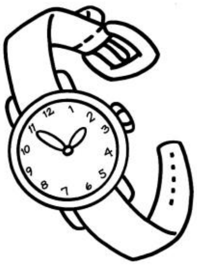

	E	L	Ó	G	I	O

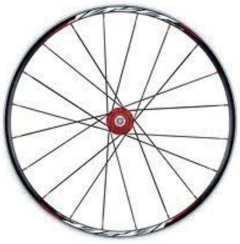

	O	D	A

NOME: ____

DATA: ______________ PROFESSOR: ________________________

por uma educação melhor!

Objetivo: identificar letras, notando ainda a importância de determinada ordem nas letras de modo a formar palavras e aprimorar a organização em lições.

CRAQUE NA OBSERVAÇÃO

PINTE AS BORDAS DE CADA PALAVRA:

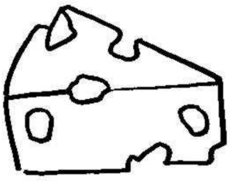

QUEIJO

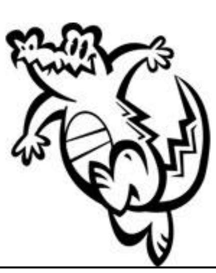

JACARÉ

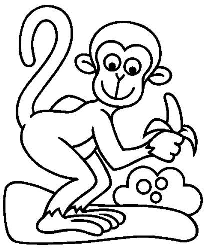

MACACO

AS MESMAS PALAVRAS ESTÃO ESCRITAS ABAIXO, MAS AS LETRAS ESTÃO EMBARALHADAS NOS QUADROS. DESCUBRA A QUAL QUADRO SE REFERE CADA PALAVRA E PINTE O CÍRCULO DA MESMA COR USADA NA BORDA. DEPOIS, ESCREVA O NOME DAS PALAVRAS CORRETAMENTE.

C M
A
A
C O

A
J
A
C É
R

Q
E
O
J
U I

Sintaxe

Parte da gramática que estuda a disposição das palavras na frase e das frases no discurso.

Período

Todo enunciado formado por uma ou mais orações e que produza sentido.

Simples

Período formado por ***apenas*** uma oração (possui apenas um verbo ou uma locução verbal).

→ A Covid-19 *mata*.

Composto

Período formado por ***mais*** de uma oração (possui mais de um verbo ou uma locução verbal).

→ A Covid-19 ***é*** uma doença viral e ***pode levar*** à morte.

Oração

Todo enunciado, de sentido completo ou não, que possua verbo.

→ Muitos já morreram devido à pandemia.

Frase

Todo enunciado que produza sentido completo.

→ As aulas estão suspensas por causa do coronavírus.

Nominal

Frase que ***não*** apresenta verbo.

→ Cuidado!

Verbal

Frase que ***apresenta*** verbo.

→ ***Fique*** em casa!

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Sujeito

Termo essencial da oração sobre o qual se faz uma declaração.

Simples

Possui ***apenas*** um núcleo (substantivo ou pronome).

→ ***Márcia*** usa máscara ao sair de casa.

Composto

Possui ***mais*** de um núcleo (substantivo ou pronome).

→ ***Médicos e enfermeiros*** trabalham na linha de frente ao combate do coronavírus.

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Oculto

Não está explícito na oração; é determinado pela flexão número-pessoa do verbo ou identificado pelo contexto. Também chamado de ***sujeito elíptico ou desinencial***

→ ***Uso*** álcool em gel para higienizar as mãos. (eu)

Inexistente

Verbos impessoais, não possuem sujeito.

☆ ***Fenômenos da natureza:***

→ ***Choveu*** ontem.

☆ ***Ser, estar, parecer, ficar:*** indicando fenômeno da natureza.

→ ***Está*** frio hoje.

☆ ***Fazer***: indicando fenômeno da natureza ou tempo decorrido.

→ ***Faz*** mais de dois meses que as aulas foram suspensas.

☆ ***Haver***: no sentido de existir, acontecer ou indicando tempo decorrido.

→**Há** dois meses estamos em isolamento social

☆ ***Ser***: indicando horas, distância ou datas.

→**São** cinco horas da tarde.

Indeterminado

O sujeito existe, mas não se pode ou não se quer determina-lo.

Verbos na ***3ª pessoa do plural***

→ ***Anunciaram*** muitas mortes por coronavírus.

Verbos na ***3ª pessoa do singular + SE***

→ ***Vive-se*** com medo do contágio.

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Predicado

Tudo de uma frase que ***não*** seja sujeito, pois é tudo o que se diz deste.

Assim como o sujeito, é um termo essencial da oração.

Verbal

Aquele cujo núcleo é um verbo significativo (os que indicam ação ou fenômeno da natureza); podem ser verbos transitivos ou intransitivos.

→ O coronavírus **causa** insuficiência respiratória.

Nominal

Aquele cujo núcleo é representado por um ***nome*** (substantivo ou adjetivo). Apresenta verbo de ligação (*ser, estar, permanecer, ficar, tornar-se, andar, parecer, virar, continuar, viver*)

→ Ela ***parece*** doente.

se LIGA NESSA

Predicativo do Sujeito

É a característica atribuída ao sujeito por meio do verbo de ligação. (Encontra-se dentro do predicado).

→ José está *doente*.

Verbo-nominal

Possui dois núcleos: um ***nome*** e um verbo significativo.

→ As crianças já não ***correm livres***.
(verbo + adjetivo)

Fique atento

Predicativo do Objeto

Elemento que atribui uma característica, estado ou qualidade ao objeto.

→ A covid-19 deixou Pedro debilitado.

Claudenice Melo

Professora de Língua Portuguesa

Predicação Verbal

Forma de ligar o sujeito ao predicado da oração ou ao predicativo do sujeito. No que respeita à predicação, os verbos podem ser intransitivos, transitivos ou de ligação.

Verbos Intransitivos

Verbos que *expressam sentido completo*.

→ Caio saiu.

⚠ Ainda que não seja exigido, após o verbo pode ser acrescentada mais alguma informação.

→ Caio saiu sem máscara.

Verbos de Ligação

Diferente dos verbos transitivos e intransitivos, os verbos de ligação **não** expressam ação, mas *exprimem estado, mudança ou continuidade do estado*.

São aqueles que *ligam o sujeito ao predicativo do sujeito*.

→ José está *doente*.

Verbos Transitivos

Verbos que *não têm sentido sozinhos*, que precisam de complementos.

Transitividade verbal necessidade que um verbo tem de ser completado por algo.

Diretos

São aqueles cujo *complemento não exige preposição*.

→ Ana guardou *a máscara*.

Indiretos

São aqueles cujo *complemento exige preposição*.

→Cláudia permaneceu *em casa* durante a quarentena.

Diretos e Indiretos

São aqueles que possuem *dois complementos um sem e outo com preposição*.

→Beatriz pagou *a máscara* ***para a vendedora***.

Identificando a Transitividade

Após identificar o sujeito e o predicado:

- Verbo Intransitivo (VI): Não precisa perguntar nada ao verbo ou, no máximo, algo sobre circunstância (onde, como, quando, etc.).
- Verbo transitivo direto (VTD): quem? Ou O quê?
- Verbo transitivo indireto (VTI): (preposição) + quem? Ou (preposição) + quê?
- Verbo transitivo direto e indireto (VTDI): O quê? Ou Quem? ✚ (preposição) + quem? Ou (preposição) + quê?

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Complementos Verbais

É o termo da oração que completa o sentido dos verbos transitivos diretos e transitivos indiretos, verbos estes que não têm sentido completo em si.

Objeto Direto

Completa o sentido de um *verbo transitivo direto*, ou seja, aquele cuja preposição não é obrigatória.
→Ana guardou a máscara.

Objeto Indireto

Completa o sentido de um *verbo transitivo indireto*, ou seja, aquele cuja preposição é obrigatória.
→Muitas pessoas não gostam de usar máscara.

Objeto Pleonástico

São aqueles que se repetem com o objetivo de chamar a atenção. Podem ocorrer com objetos diretos ou indiretos.
→O álcool em gel, comprou-o no mercado.

Não existe verbo com dois objetos diretos ou dois objetos indiretos. O objeto pleonástico é expresso na frase duas vezes, sob a forma de um pronome pessoal oblíquo átono

Objeto Direto Preposicionado

O objeto direto caracteriza-se por não possuir preposição obrigatória, no entanto, há alguns casos em que ele pode apresentar-se preposicionado. Trata-se, porém, de uma faculdade, não obrigatoriedade.

São três as razões ou finalidades para o emprego do objeto direto preposicionado.
⇨ Clareza da frase:
↳ Nessa luta, vencerá ao vírus a humanidade.
⇨ Harmonia da frase:
↳ Maria teme ao contágio por Covid-19.
⇨ Ênfase ou força da expressão:
↳ A pessoas doentes ninguém roube.

Fique Atento

Há uma única situação em que o objeto direto é preposicionado de maneira obrigatória:

Quando ele for expresso por *pronome* pessoal oblíquo tônico.
→Você prometeu a mim que usaria máscara ao sair.

Complemento Nominal

É regido pelas mesmas preposições do objeto indireto. Difere deste apenas porque, em vez de complementar verbos, complementa nomes (substantivos, adjetivos) e alguns advérbios terminados em -mente.

Representa o recebedor, o paciente, o alvo da declaração expressa por um nome.

Há carência de recursos para se combater o coronavírus.

Adjunto Adnominal

Termo de valor adjetivo que vem associado a um substantivo (nome) modificando, especificando ou precisando o seu sentido no contexto, em qualquer que seja a função dele.

Adjetivo

A Covid-19 é uma doença grave.

Locução Adjetiva

No mercado falta álcool em gel.

Artigo

Um dia o mundo estará livre do coronavírus.

Numeral

As duas pessoas estão contaminadas

Pronomes Adjetivos

Não esquecerei minha máscara ao sair de casa.

Não confunda

Complemento Nominal:

⇨ *Completa ASA* → Adjetivo, Substantivo Abstrato e Advérbio.

⇨ Uso obrigatório da preposição.

Adjunto Adnominal:

⇨ Acompanha, apenas, o substantivo abstrato ou concreto.

⇨ Possui preposição apenas quando se tratar de locução adjetiva.

Claudenice Melo

Professora de Língua Portuguesa

Adjunto Adverbial

Se liga!

Toda palavra que é *advérbio* na classe gramatical é *adjunto adverbial* na função sintática.

Termo da oração que intensifica um *verbo* (Eles se respeitam *muito*), um *adjetivo* (Seu projeto é *muito* interessante) ou um *advérbio* (O time jogou *muito* mal) ou ***acrescenta circunstâncias específicas a um verbo.***

Circunstâncias

- ☆ ***Afirmação:*** Ele certamente virá à reunião.
- ☆ ***Dúvida:*** Talvez eu esteja contaminado.
- ☆ ***Meio:*** Prefiro viajar de avião.
- ☆ ***Fim:*** Estudem bastante para a prova.
- ☆ ***Condição:*** Não se consegue vencer sem esforço.
- ☆ ***Companhia:*** Gosto de viajar com meus pais.
- ☆ ***Assunto:*** As pessoas conversam sobre a covid-19.
- ☆ ***Concessão:*** O ginásio ficou lotado, apesar da chuva.
- ☆ ***Causa:*** Não saí de casa por medo do coronavírus.
- ☆ ***Modo:*** As lesmas andam devagar.

Circunstâncias

- ☆ ***Instrumento:*** Cortei-me com a faca.
- ☆ ***Intensidade:*** Fala-se muito sobre a pandemia.
- ☆ ***Tempo:*** Voltarei das férias na próxima semana.
- ☆ ***Negação:*** Algumas pessoas não acreditam na vacina.
- ☆ ***Conformidade:*** Devemos nos prevenir conforme as orientações sanitárias.
- ☆ ***Interesse:*** Por você, sou capaz de qualquer coisa.
- ☆ ***Lugar:*** Se puder, fique em casa.
- ☆ ***Preço:*** A gasolina está sendo vendida a preços muito altos.
- ☆ ***Matéria:*** O anel que perdi era de ouro.
- ☆ ***Acréscimo:*** Além da tristeza, sentia profundo cansaço.

Nem sempre é possível apontar com precisão a circunstância expressa por um adjunto adverbial.

Em alguns casos, as diferentes possibilidades de interpretação dão origem a orações sugestivas (Entreguei-me calorosamente àquela causa – modo ou intensidade?). Por isso, é fundamental levar em conta o **contexto** em que surgem os adjuntos adverbiais.

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Aposto

Termo que, acrescentado a outro termo da oração, tem a função de ampliar, resumir, explicar ou desenvolver mais o conteúdo do termo ao qual se refere.

Recapitulativo

Lápis, cadernos, borrachas, canetas, todos esses objetos, atraem a atenção das crianças nas papelarias (resumidor).

Comparativo

O rio caudaloso, serpente negra, traz o progresso para as populações ribeirinhas.

Explicativo

Assisti a um documentário sobre Chuck Jones, criador do Pernalonga, na TV a cabo.

Enumerativo

Para vencer na vida, são necessárias três qualidades: coragem, determinação e paciência.

Vocativo

Termo que tem a função de interpelar diretamente (chamar) o interlocutor.

Amiga, você sabe que horas são?
Venha ver isso, pessoal!
Você sabe, Pedro, que eu te amo.

Por estar isolado no enunciado, não exerce função de sujeito e nem de predicado, aparecendo geralmente separados do restante da oração por meio da vírgula.

SE LIGA NA DICA!

Na escrita, o aposto é sempre antecedido por vírgula ou dois-pontos; O explicativo e comparativo são antecedidos e seguidos por vírgula.

Sintaxe

Parte da gramática que estuda a disposição das palavras na frase e das frases no discurso.

Período

Todo enunciado formado por uma ou mais orações e que produza sentido.

Simples

Período formado por ***apenas*** uma oração (possui apenas um verbo ou uma locução verbal).

→ A Covid-19 *mata*.

Composto

Período formado por ***mais*** de uma oração (possui mais de um verbo ou uma locução verbal).

→ A Covid-19 ***é*** uma doença viral e ***pode levar*** à morte.

Frase

Todo enunciado que produza sentido completo.

→ As aulas estão suspensas por causa do coronavírus.

Nominal

Frase que ***não*** apresenta verbo.

→ Cuidado!

Verbal

Frase que ***apresenta*** verbo.

→ ***Fique*** em casa!

Oração

Todo enunciado, de sentido completo ou não, que possua verbo.

→ Muitos já morreram devido à pandemia.

Claudenice Melo

Professora de Língua Portuguesa

Sujeito

Termo essencial da oração sobre o qual se faz uma declaração.

Simples

Possui ***apenas*** um núcleo (substantivo ou pronome).

→ ***Márcia*** usa máscara ao sair de casa.

Composto

Possui ***mais*** de um núcleo (substantivo ou pronome).

→ ***Médicos e enfermeiros*** trabalham na linha de frente ao combate do coronavírus.

Oculto

Não está explícito na oração; é determinado pela flexão número-pessoa do verbo ou identificado pelo contexto. Também chamado de ***sujeito elíptico ou desinencial***

→ ***Uso*** álcool em gel para higienizar as mãos. (eu)

Inexistente

Verbos impessoais, não possuem sujeito.

☆ ***Fenômenos da natureza:***

→ ***Choveu*** ontem.

☆ ***Ser, estar, parecer, ficar:*** indicando fenômeno da natureza.

→ ***Está*** frio hoje.

☆ ***Fazer***: indicando fenômeno da natureza ou tempo decorrido.

→ ***Faz*** mais de dois meses que as aulas foram suspensas.

☆ ***Haver***: no sentido de existir, acontecer ou indicando tempo decorrido.

→**Há** dois meses estamos em isolamento social

☆ ***Ser***: indicando horas, distância ou datas.

→**São** cinco horas da tarde.

Indeterminado

O sujeito existe, mas não se pode ou não se quer determina-lo.

Verbos na ***3ª pessoa do plural***

→ ***Anunciaram*** muitas mortes por coronavírus.

Verbos na ***3ª pessoa do singular + SE***

→ ***Vive-se*** com medo do contágio.

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Predicado

Tudo de uma frase que ***não*** seja sujeito, pois é tudo o que se diz deste.

Assim como o sujeito, é um termo essencial da oração.

Verbal

Aquele cujo núcleo é um verbo significativo (os que indicam ação ou fenômeno da natureza); podem ser verbos transitivos ou intransitivos.

→ O coronavírus **causa** insuficiência respiratória.

Nominal

Aquele cujo núcleo é representado por um ***nome*** (substantivo ou adjetivo). Apresenta verbo de ligação (*ser, estar, permanecer, ficar, tornar-se, andar, parecer, virar, continuar, viver*)

→ Ela ***parece*** doente.

Predicativo do Sujeito

se LIGA NESSA

É a característica atribuída ao sujeito por meio do verbo de ligação. (Encontra-se dentro do predicado).
→ José está *doente*.

Verbo-nominal

Possui dois núcleos: um ***nome*** e um verbo significativo.

→ As crianças já não ***correm livres***. (verbo + adjetivo)

Predicativo do Objeto

Fique atento

Elemento que atribui uma característica, estado ou qualidade ao objeto.
→ A covid-19 deixou Pedro debilitado.

Claudenice Melo

Professora de Língua Portuguesa

Predicação Verbal

Forma de ligar o sujeito ao predicado da oração ou ao predicativo do sujeito. No que respeita à predicação, os verbos podem ser intransitivos, transitivos ou de ligação.

Verbos Intransitivos

Verbos que *expressam sentido completo*.

→ Caio saiu.

⚠ Ainda que não seja exigido, após o verbo pode ser acrescentada mais alguma informação.

→ Caio saiu sem máscara.

Verbos de Ligação

Diferente dos verbos transitivos e intransitivos, os verbos de ligação **não** expressam ação, mas *exprimem estado, mudança ou continuidade do estado*.

São aqueles que *ligam o sujeito ao predicativo do sujeito*.

→ José está *doente.*

Verbos Transitivos

Verbos que não têm sentido sozinhos, que precisam de complementos.

Transitividade verbal necessidade que um verbo tem de ser completado por algo.

Diretos

São aqueles cujo *complemento não exige preposição*.

→ Ana guardou *a máscara*.

Indiretos

São aqueles cujo *complemento exige preposição*.

→Cláudia permaneceu *em casa* durante a quarentena.

Diretos e Indiretos

São aqueles que possuem *dois complementos um sem e outo com preposição*.

→Beatriz pagou *a máscara* ***para a vendedora***.

Identificando a Transitividade

Após identificar o sujeito e o predicado:

- Verbo Intransitivo (VI): Não precisa perguntar nada ao verbo ou, no máximo, algo sobre circunstância (onde, como, quando, etc.).
- Verbo transitivo direto (VTD): quem? Ou O quê?
- Verbo transitivo indireto (VTI): (preposição) + quem? Ou (preposição) + quê?
- Verbo transitivo direto e indireto (VTDI): O quê? Ou Quem? ✚ (preposição) + quem? Ou (preposição) + quê?

Claudenice Melo

Professora de Língua Portuguesa

Complementos Verbais

É o termo da oração que completa o sentido dos verbos transitivos diretos e transitivos indiretos, verbos estes que não têm sentido completo em si.

Objeto Direto

Completa o sentido de um *verbo transitivo direto*, ou seja, aquele cuja preposição não é obrigatória.
→Ana guardou a máscara.

Objeto Indireto

Completa o sentido de um *verbo transitivo indireto*, ou seja, aquele cuja preposição é obrigatória.
→Muitas pessoas não gostam de usar máscara.

Objeto Direto Preposicionado

O objeto direto caracteriza-se por não possuir preposição obrigatória, no entanto, há alguns casos em que ele pode apresentar-se preposicionado. Trata-se, porém, de uma faculdade, não obrigatoriedade.

Fique
Atento

Há uma única situação em que o objeto direto é preposicionado de maneira obrigatória:

Quando ele for expresso por *pronome* pessoal oblíquo tônico.
→Você prometeu a mim que usaria máscara ao sair.

São três as razões ou finalidades para o emprego do objeto direto preposicionado.
⇨ Clareza da frase:
↳ Nessa luta, vencerá ao vírus a humanidade.
⇨ Harmonia da frase:
↳ Maria teme ao contágio por Covid-19.
⇨ Ênfase ou força da expressão:
↳ A pessoas doentes ninguém roube.

Objeto Pleonástico

São aqueles que se repetem com o objetivo de chamar a atenção. Podem ocorrer com objetos diretos ou indiretos.
→O álcool em gel, comprou-o no mercado.

Não existe verbo com dois objetos diretos ou dois objetos indiretos. O objeto pleonástico é expresso na frase duas vezes, sob a forma de um pronome pessoal oblíquo átono

Complemento Nominal

É regido pelas mesmas preposições do objeto indireto. Difere deste apenas porque, em vez de complementar verbos, complementa nomes (substantivos, adjetivos) e alguns advérbios terminados em -mente.

Representa o recebedor, o paciente, o alvo da declaração expressa por um nome.

Há carência de recursos para se combater o coronavírus.

Adjunto Adnominal

Termo de valor adjetivo que vem associado a um substantivo (nome) modificando, especificando ou precisando o seu sentido no contexto, em qualquer que seja a função dele.

Adjetivo

A Covid-19 é uma doença grave.

Locução Adjetiva

No mercado falta álcool em gel.

Artigo

Um dia o mundo estará livre do coronavírus.

Numeral

As duas pessoas estão contaminadas

Pronomes Adjetivos

Não esquecerei minha máscara ao sair de casa.

Não confunda

Complemento Nominal:

⇨ *Completa ASA* → Adjetivo, Substantivo Abstrato e Advérbio.
⇨ Uso obrigatório da preposição.

Adjunto Adnominal:

⇨ Acompanha, apenas, o substantivo abstrato ou concreto.
⇨ Possui preposição apenas quando se tratar de locução adjetiva.

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Se liga!

Toda palavra que é *advérbio* na classe gramatical é *adjunto adverbial* na função sintática.

Adjunto Adverbial

Termo da oração que intensifica um *verbo* (Eles se respeitam *muito*), um *adjetivo* (Seu projeto é *muito* interessante) ou um *advérbio* (O time jogou *muito* mal) ou ***acrescenta circunstâncias específicas a um verbo.***

Circunstâncias

- ☆ ***Afirmação:*** Ele certamente virá à reunião.
- ☆ ***Dúvida:*** Talvez eu esteja contaminado.
- ☆ ***Meio:*** Prefiro viajar de avião.
- ☆ ***Fim:*** Estudem bastante para a prova.
- ☆ ***Condição:*** Não se consegue vencer sem esforço.
- ☆ ***Companhia:*** Gosto de viajar com meus pais.
- ☆ ***Assunto:*** As pessoas conversam sobre a covid-19.
- ☆ ***Concessão:*** O ginásio ficou lotado, apesar da chuva.
- ☆ ***Causa:*** Não saí de casa por medo do coronavírus.
- ☆ ***Modo:*** As lesmas andam devagar.

Circunstâncias

- ☆ ***Instrumento:*** Cortei-me com a faca.
- ☆ ***Intensidade:*** Fala-se muito sobre a pandemia.
- ☆ ***Tempo:*** Voltarei das férias na próxima semana.
- ☆ ***Negação:*** Algumas pessoas não acreditam na vacina.
- ☆ ***Conformidade:*** Devemos nos prevenir conforme as orientações sanitárias.
- ☆ ***Interesse:*** Por você, sou capaz de qualquer coisa.
- ☆ ***Lugar:*** Se puder, fique em casa.
- ☆ ***Preço:*** A gasolina está sendo vendida a preços muito altos.
- ☆ ***Matéria:*** O anel que perdi era de ouro.
- ☆ ***Acréscimo:*** Além da tristeza, sentia profundo cansaço.

Nem sempre é possível apontar com precisão a circunstância expressa por um adjunto adverbial.

Em alguns casos, as diferentes possibilidades de interpretação dão origem a orações sugestivas (Entreguei-me calorosamente àquela causa – modo ou intensidade?). Por isso, é fundamental levar em conta o **contexto** em que surgem os adjuntos adverbiais.

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Aposto

Termo que, acrescentado a outro termo da oração, tem a função de ampliar, resumir, explicar ou desenvolver mais o conteúdo do termo ao qual se refere.

Recapitulativo

Lápis, cadernos, borrachas, canetas, todos esses objetos, atraem a atenção das crianças nas papelarias (resumidor).

Comparativo

O rio caudaloso, serpente negra, traz o progresso para as populações ribeirinhas.

Enumerativo

Para vencer na vida, são necessárias três qualidades: coragem, determinação e paciência.

Explicativo

Assisti a um documentário sobre Chuck Jones, criador do Pernalonga, na TV a cabo.

Vocativo

Termo que tem a função de interpelar diretamente (chamar) o interlocutor.

Amiga, você sabe que horas são?
Venha ver isso, pessoal!
Você sabe, Pedro, que eu te amo.

Por estar isolado no enunciado, não exerce função de sujeito e nem de predicado, aparecendo geralmente separados do restante da oração por meio da vírgula.

SE LIGA NA DICA!

Na escrita, o aposto é sempre antecedido por vírgula ou dois-pontos; O explicativo e comparativo são antecedidos e seguidos por vírgula.

- nota da ledora - informações úteis: nos exercícios do livro, as lacunas foram substituídas por abertura e fechamento de parênteses, ex: (). Nos mesmos exercícios, quando surgem as palavras grifado ou destacado, a expressão ou palavra, recebeu parênteses visando destacá-la. As notas de ledora visam transformar informações visual, através da interpretação da
ledora, em complementação de informação para o leitor; as mesmas serão sempre precedidas de - nota da ledora, e fim da nota; a ledora pede, especial, atenção para a existência de palavras grafadas erradas, na parte de exercícios, embora a fonética seja parecida com a grafia correta, as vezes a diferença entre o certo e o errado, é de apenas uma letra.
- fim da nota.

Gramática da Língua Portuguesa

Pasquale Cipro Neto & Ulisses Infante

editora scipione
DIRETORIA
Luiz Esteves Sallum
Vicente Paz Femandez
José Gallafassi Filho
Antonio Carlos Fiore

GERÊNCIA EDITORIAL
Aurelio Gonçalves Filho

RESPONSABILIDADE EDITORiAL
Angelo Alexandref Stefanovits

ASSISTÊNCIA EDITORIAL
Sandra Cristina Fernandez

REVISÃO
chefia - Sãmia Rios
assistência - Miriam de Carvalho Abões
revisão - Sílvia Cunha, Ana Curci e Dráusio de Paula

GERÊNCIA DE PRODUÇÃO
Gil Naddaf

ARTE
coordenação geral - Sérgio Yutaka Suwaki
edição de arte - Didier D. C. Dias de Moraes
coordenação de arte - Ascensión Rojas
assistência - Joseval Souza Fernandes e Hernani R. Alves
capa e miolo - Ulhôa Cintra Comunicação Visual
ilustrações - Vera Basile
pesquisa iconográfica - Angelo Alexandref Stefanovits,

Lourdes Guimarães, Luciano Carvalho e Edson Rosa

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
José Antonio Ferraz

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA E FOTOLITO
Reflexo Fotolito Ltda.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Prol - Editora Gráfica Ltda

Editora Scipione Ltda. MATRIZ
Praça Carlos Gomes, 46
01501-040 São Paulo SP
e-mail: scipione@br.homeshopping.com.br
DIVULGAÇÃO
Rua Fagundes, 121
01508-030 São Paulo SP
Tel. (011)12428411
Caixa Postal 65131
Dados Internacionnais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do LIyro, SP, Brasil)
Cipro Neto, Pasquale: Gram;atica de língua portuguesa, / Pasquale e Ulisses - São Paulo / Scipione, 1998.
1. Português (2o. grau) - Gramática.
2. Português, 2o. grau - gramática - problemas, exercícios, etc. .
3. Português - Gramática - (Vestibular) . I. Infante, Ulisses. II. Título.
1. Índice de catálogo sistemático, Gramática: Português: Ensino de 2o. grau 469.507
1a. edição
2a. impressão
1998.

APRESENTAÇÃO:
A Gramática é instrumento fundamental para o domínio do padrão culto da língua. A Gramática, e não as gramatiquices. A Gramática que mostra o lado lógico, inteligente, racional dos processos lingüísticos.

A Gramática que esmiúça a estrutura da frase, do texto.A Gramática que mostra o porquê.

Para o estudo dos variados tópicos gramaticais, este livro toma como referência a chamada língua viva -textos de jornais e revistas, mensagens publicitárias, letras de músicas e obras literárias contemporâneas, sem deixar de lado os clássicos. Boa parte dos textos foi selecionada durante anos de convivência direta com a língua dos meios de comunicação.

O aluno pode sempre praticar o que aprendeu, com exercícios estruturais, com análise e interpretação de textos e com questões dos mais variados e importantes vestibulares de muitas regiões do pais. Queremos que este livro ajude o aluno a desenvolver o senso crítico necessário para compreender os processos lingüísticos e, com eles - por que não? -,compreender a realidade.

Os autores

A Paulo Freire, mestre dos mestres

Capítulo 1

Introdução geral.
1.Língua: conceitos básicos.
2.Língua: unidade e variedade.
3.História e geografia da língua portuguesa.
4.A Gramática.
Divisão da gramática.
Morfossintaxe.

PARTE 1 - FONOLOGIA
Capítulo 2

Fonologia.
1.Conceitos básicos.
2.Atividade.
2. Os fonemas da língua portuguesa.
3.Classificação dos fonemas portugueses.
Vogais.
Semivogais.
Consoantes.
Atividades.
4. Sílabas.
5. Encontros vocálicos.
6. Encontros consonantais.
7. Dígrafos.
8. Divisão silábica.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 3

Ortografia.
1. Conceitos básicos.
2. O alfabeto português.
3. Orientações ortográficas.
Noções preliminares.
Alguns fonemas e algumas letras.
O fonema /s/ (letra x ou dígrafo ch).
O fonema /g/ (letras g e j).
Atividades.
O fonema /z/ (letras s e z).
O fonema /s/ (letras s, c, ç e x ou dígrafos sc, sç, ss, xc e xs).

Ainda a letra x.
As letras e e i.
As letras o e u.
A letra h.
Atividades.
Texto para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 4
Acentuação
1. Conceitos básicos.
2. Acentuação tônica.
Atividades.
3. Acentuação gráfica.
Os acentos.
Aspectos genéricos das regras de acentuação.
As regras básicas.
Atividades.
As regras especiais.
Hiatos.
Ditongos.
Formas verbais seguidas de pronomes oblíquos.
Acentos diferenciais.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

PARTE 2 - MORFOLOGIA
Capítulo 5
Estrutura e formação das palavras
1. Conceitos básicos.
Atividade.
2. Classificação dos morfemas.
Atividade.
3. Estudo dos morfemas ligados às flexões das palavras.
Vogais temáticas.
Desinências.
Atividade.
4. Processos de formação das palavras.
Derivação.
Derivação prefixal ou prefixação.
Derivação sufixal ou sufixação.
Derivação parassintética ou parassíntese.
Derivação regressiva.
Derivação imprópria.
Prefixos.
Atividades.
Sufixos.
Atividades.
Textos para análise.
Composição.

Tipos de composição.
Atividade.
Radicais e compostos eruditos.
Atividades.
Outros processos de formação de palavras.
Abreviação vocabular.
Siglonimização.
Palavra-valise.
Onomatopéia.
Outros processos de enriquecimento do léxico.
Neologismo semântico.
Empréstimos lingüísticos.
Atividade.
Textos para análise
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 6
Estudo dos verbos (I)
1. Introdução.
2. Conceito.
3. Estrutura das formas verbais.
4. Flexões verbais.
Flexão de número e pessoa.
Flexão de tempo e modo.
Flexão de voz.
Atividades.
5. Conjugações.
Paradigmas dos verbos regulares.
Atividades
6. Formação dos tempos simples.
Tempos derivados do presente do indicativo.
Atividades.
Tempos derivados do pretérito perfeito do indicativo.
Atividades.
Tempos e formas nominais derivados do infinitivo impessoal.
Atividades.
7. Alguns verbos regulares que merecem destaque.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 7
Estudo dos verbos (II)
1. Introdução.
2. Verbos irregulares.
Verbos irregulares apenas na conjugação do presente do indicativo e tempos derivados.
Atividades.
Verbos irregulares no presente e no pretérito perfeito do indicativo e respectivos tempos derivados.
Atividades.

3. Verbos defectivos.
Primeiro grupo.
Segundo grupo.
4. Verbos abundantes.
Atividades.
5. As particularidades da conjugação dos verbos e os dicionários.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 8
Estudo dos verbos (III)
1. Os modos verbais.
Atividade.
2. Os tempos verbais.
Os tempos do indicativo.
Presente.
Pretérito imperfeito.
Pretérito perfeito.
Pretérito mais-que-perfeito.
Futuro do presente.
Futuro do pretérito.
Atividades.
Os tempos do subjuntivo.
Presente.
Pretérito imperfeito.
Pretérito perfeito.
Pretérito mais-que-perfeito.
Futuro.
Atividades.
3. Valor e emprego das formas nominais.
O infinitivo.
O particípio.
O gerúndio.
4. As locuções verbais.
5. O aspecto verbal.
Atividades.
Texto para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 9
Estudo dos substantivos
1. Conceito.
2. Classificação.
Substantivos simples e compostos.
Substantivos primitivos e derivados.
Substantivos concretos e abstratos.
Substantivos comuns e próprios.
Substantivos coletivos.
Atividades.
3. Flexões.

Flexão de gênero.
Formação do feminino.
Substantivos biformes.
Substantivos comuns-de-dois ou comuns de dois gêneros.
Substantivos sobrecomuns e epicenos.
Substantivos de gênero vacilante.
Gênero e mudança de significado.
Atividades.
Flexão de número.
Formação do plural.
Substantivos simples.
Substantivos compostos.
Atividades.
Flexão de grau.
Formação do grau.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 10

Estudo dos artigos
1. Conceito.
2. Classificação.
3. Combinações dos artigos.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 11

Estudo dos adjetivos 244
1. Conceito.
2. Classificação.
Adjetivos pátrios.
Atividades.
3. Correspondência entre adjetivos e locuções adjetivas.
Atividades.
4.Flexões.
Flexão de gênero.
Adjetivos biformes.
Adjetivos uniformes.
Flexão de número.
Flexão de grau.
Comparativo.
Superlativo.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 12

Estudo dos advérbios

1. Introdução.
2. Conceito.
3. Classificação.
4. Flexão.
Grau comparativo.
Grau superlativo.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 13
Estudo dos pronomes
1. Conceito.
2. Pronomes pessoais.
Pronomes pessoais do caso reto.
Pronomes pessoais do caso oblíquo.
A segunda pessoa indireta.
Atividades.
3. Pronomes possessivos.
4. Pronomes demonstrativos.
Atividades.
5. Pronomes relativos.
Atividades.
6. Pronomes indefinidos.
7. Pronomes interrogativos.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares, 301.

Capítulo 14
Estudo dos numerais
1. Conceito.
2. Quadros de numerais.
3. Flexões.
4. Emprego.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 15
Estudo das preposições
1. Conceito.
2. Classificação.
3. Combinações e contrações.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 16
Estudo das conjunções

1. Conceito.
2. Classificação.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 17
Estudo das interjeições
1. Conceito.
Atividades.
Textos para análise.

PARTE 3 - SINTAXE 339
Capítulo 18
Introdução à Sintaxe
1. Frase, oração, período.
2. Tipos de frases.
Atividades.
3. As frases e a pontuação.
Atividades.

Capítulo 19
Termos essenciais da oração
1. Conceitos.
Atividades.
2. Tipos de sujeito.
Sujeito determinado.
Sujeito indeterminado.
Orações sem sujeito.
Atividades.
3. Tipos de predicado.
Predicado verbal.
Predicado nominal.
Predicado verbo-nominal.
Atividades.
4. Os termos essenciais e a pontuação.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 20
Termos integrantes da oração
1. Os complementos verbais.
Atividades.
2. O complemento nominal.
Atividades.
3. O agente da passiva.
As vozes verbais.
Atividades.
4. Os termos integrantes e a pontuação.

Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 21

Termos acessórios da oração e vocativo
1. Adjunto adverbial.
Atividades.
2. Adjunto adnominal.
Atividades.
3. Aposto.
4. O vocativo.
Atividade.
5. Os termos acessórios, o vocativo e a pontuação.
Atividade.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 22

Orações subordinadas substantivas
1. Conceitos básicos.
Atividades.
2. Tipos de orações subordinadas.
Atividade.
3. Estudo das orações subordinadas substantivas.
Subjetivas.
Objetivas diretas.
Objetivas indiretas.
Completivas nominais.
Predicativas.
Apositivas.
Atividades.
4. Pontuação das subordinadas substantivas.
Atividade.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 23

Orações subordinadas adjetivas
1. Estrutura das orações subordinadas adjetivas.
Atividade.
2. Aspectos semânticos: orações restritivas e explicativas.
Atividade.
3. Pronomes relativos: usos e funções.
Que.
Quem.
O qual, os quais, a qual, as quais.
Cujo, cuja, cujos, cujas.
Onde.
Quanto, como, quando.

Atividades.
4. As orações subordinadas adjetivas e a pontuação.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 24
Orações subordinadas adverbiais
1. Introdução.
Atividade.
2. Aspectos semânticos: as circunstâncias.
Causa.
Conseqüência.
Condição.
Concessão.
Atividades.
Comparação.
Conformidade.
Finalidade.
Proporção.
Tempo.
Atividades.
3. As orações subordinadas adverbiais e a pontuação.
Atividade.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 25
Orações coordenadas
1. Introdução.
2. Orações sindéticas e assindéticas.
3. Classificação das orações coordenadas sindéticas.
Aditivas.
Adversativas.
Alternativas.
Conclusivas.
Explicativas.
Atividades.
4. As orações coordenadas e a pontuação.
Atividade.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 26
Concordância verbal e nominal
1. Concordância verbal.
Regras básicas: sujeito composto.
Atividades.
Casos de sujeito simples que merecem destaque.
Atividades.

Casos de sujeito composto que merecem destaque.
Atividade.
O verbo e a palavra se.
Concordância com verbos de particular interesse.
Haver e fazer.
Ser.
Atividades.
Flexão do infinitivo.
Atividade.
2. Concordância nominal.
Regras básicas.
Atividades.
Expressões e palavras que merecem estudo particular.
Atividades.
3. Concordância ideológica.
Atividade.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 27
Regência verbal e nominal
1. Introdução.
2. Regência verbal.
Verbos intransitivos.
Verbos transitivos diretos.
Verbos transitivos indiretos.
Atividades.
Verbos indiferentemente transitivos diretos ou indiretos.
Verbos transitivos diretos e indiretos.
Atividades.
Verbos cuja mudança de transitividade implica mudança de significado.
Atividades.
Regência nominal.
Atividades.
4. Complemento: o uso do acento indicador de crase.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

PARTE 4 - APÊNDICE
Capítulo 28
Problemas gerais da língua culta
1. Introdução.
2. Forma e grafia de algumas palavras e expressões.
Que / quê.
Por que / por quê / porque / porquê.
Onde / aonde.
Mas / mais.
Mal / mau.
A par / ao par.

Ao encontro de/de encontro a.
A / há na expressão de tempo.
Acerca de / há cerca de.
Afim / a fim.
Demais / de mais.
Senão / se não.
Na medida em que / à medida que.
Atividades.
3. O uso do hífen.
Palavras compostas.
Prefixos e elementos de composição.
Atividades.
4. Colocação dos pronomes pessoais oblíquos átonos.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capitulo 29
Significação das palavras
Relações de significado entre as palavras.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capitulo 30
Noções elementares de Estilística
1. Recursos fonológicos.
2. Recursos morfológicos.
3. Recursos sintáticos.
4. Recursos semânticos.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO GERAL

- nota da ledora: dois terços da página é ocupado pela fotografia de um quadro, com uma maçã, pintada, e a legenda em francês: Ceci n’est pas une pomme.
- fim da nota da ledora.

O título deste quadro de René Magritte - Isto não é uma maçã (1964) - destaca o fato de que a sua obra constitui uma mera representação pictórica da realidade, não devendo ser confundida com a própria fruta.

Nesta introdução, estudaremos, entre outros tópicos, o signo lingüístico, a representação verbal dos elementos do mundo. Tais signos devem ser combinados segundo regras convencionais para cumprir sua missão comunicativa.

1. Língua: CONCEITOS BÁSICOS

Na origem de toda a atividade comunicativa do ser humano esta a linguagem, que é a capacidade de se comunicar por meio de uma língua. Língua é um sistema de signos convencionais usados pelos membros de uma mesma comunidade. Em outras palavras: um grupo social convenciona e utiliza um conjunto organizado de elementos representativos.

Um signo lingüístico é um elemento representativo que apresenta dois aspectos: um significante e um significado, unidos num todo indissolúvel. Ao ouvir a palavra árvore, você reconhece os sons que a formam. Esses sons se identificam com a lembrança deles que esta presente em sua memória. Essa lembrança constitui uma verdadeira imagem sonora, armazenada em seu cérebro - é o significante do signo árvore. Ao ouvir essa palavra, você logo pensa num "vegetal lenhoso cujo caule, chamado tronco, só se ramifica bem acima do nível do solo, ao contrário do arbusto, que exibe ramos desde junto ao solo". Esse conceito, que não se refere a um vegetal particular, mas engloba uma ampla gama de vegetais, é o significado do signo árvore - e também se encontra armazenado em seu cérebro.

Ao empregar os signos que formam a nossa língua, você deve obedecer a certas regras de organização que a própria língua lhe oferece. Assim, por exemplo, é perfeitamente possível antepor-se ao signo árvore o signo uma, formando a seqüência uma árvore. Já a seqüência um árvore contraria uma regra de organização da língua portuguesa, o que faz com que a rejeitemos. Perceba, pois, que os signos que constituem a língua obedecem a padrões determinados de organização. O conhecimento de uma língua engloba não apenas a identificação de seus signos, mas também o uso adequado de suas regras combinatórias.

Como a língua é um patrimônio social, tanto os signos como as formas de combiná-los são conhecidos e acatados pelos membros da comunidade que a emprega. Individualmente, cada pessoa pode utilizar a língua de seu grupo social de uma maneira particular, personalizada, desenvolvendo assim a fala (não confunda com o ato de falar; ao escrever de forma pessoal e única você também manifesta a sua fala, no sentido científico do termo). Por mais original e criativa que seja, no entanto, sua fala deve estar contida no conjunto mais amplo que é a língua portuguesa; caso contrário, você estará deixando de empregar a nossa língua e não será mais compreendido pelos membros da nossa comunidade.

Estudar a língua portuguesa é tornar-se apto a utilizá-la com eficiência na produção e interpretação dos textos com que se organiza nossa vida social. Por meio desses estudos, amplia-se o exercício de nossa sociabilidade - e, conseqüentemente, de nossa cidadania, que passa a ser mais lúcida. Ampliam-se também as possibilidades de fruição dos textos, seja pelo simples prazer de saber produzi-los de forma bem-feita, seja pela leitura mais sensível e inteligente dos textos literários. Conhecer bem a língua em que se vive e pensa é investir no ser humano que você é.

- nota da ledora: quadro em destaque na página:
Linguagem - capacidade humana de comunicar por meio de uma língua.
Língua - conjunto de signos e formas de combinar esses signos partilhado pelos membros de uma comunidade.
Signo - elemento representativo; no caso do signo lingüístico, é a união indissolúvel de um significante e um significado.
Fala - uso individual da língua, aberto à criatividade e ao desenvolvimento da liberdade de compreensão e expressão.

- nota da ledora: fim da nota e do quadro de destaque, na página.

2. Língua: UNIDADE E VARIEDADE

Vários fatores podem originar variações lingüísticas:
a) geográficos - há variações entre as formas que a língua portuguesa assume nas diferentes regiões em que é falada. Basta pensar nas evidentes diferenças entre o modo de falar de um lisboeta e de um carioca, por exemplo, ou na expressão de
um gaúcho em contraste com a de um mineiro, como observamos nos anúncios abaixo. Essas variações regionais constituem os falares e os dialetos.
b) sociais - o português empregado pelas pessoas que têm acesso à escola e aos meios de instrução difere do português empregado pelas pessoas privadas de escolaridade. Algumas classes sociais, assim, dominam uma forma de língua que goza de prestígio, enquanto outras são vitimas de preconceito por empregarem formas de língua menos prestigiadas. Cria-se, dessa maneira, uma modalidade de língua a norma culta -, que deve ser adquirida durante a vida escolar e cujo domínio é solicitado como forma de ascensão profissional e social. O idioma é, portanto, um instrumento de dominação e discriminação social.
Também são socialmente condicionadas certas formas de língua que alguns grupos desenvolvem a fim de evitar a compreensão por parte daqueles que não fazem parte do grupo.

- nota da ledora: na página, dois desenhos de propaganda de um Guia da Fiat, um dirigido ao Rio Grande do Sul, com o seguinte texto : É um baita guia , Tchê; o outro, dirigido a Minas Gerais, com o seguinte texto : Estava na hora de Minas ter um trem destes.
- fim da nota da ledora.

O emprego dessas formas de língua proporciona o reconhecimento fácil dos integrantes de uma comunidade restrita, seja um grupo de estudantes, seja uma quadrilha de contrabandistas. Assim se formam as gírias, variantes lingüísticas sujeitas a contínuas transformações.
c) profissionais - o exercício de algumas atividades requer o domínio de certas formas de língua chamadas línguas técnicas. Abundantes em termos específicos, essas variantes têm seu uso praticamente restrito ao intercâmbio técnico de engenheiros, médicos, químicos, lingüistas e outros especialistas.

d) situacionais em diferentes situações comunicativas, um mesmo indivíduo emprega diferentes formas de língua. Basta pensar nas atitudes que assumimos em situações formais (por exemplo, um discurso numa solenidade de formatura e em situações informais (uma conversa descontraída com amigos, por exemplo).
A fala e a escrita também implicam profundas diferenças na elaboração de mensagens. A tal ponto chegam essas variações, que acabam surgindo dois códigos distintos, cada qual com suas especificidades: a língua falada e a língua escrita.
- nota da ledora: quadro em destaque, na página, ilustrado com uma caricatura de Fernando Pessoa, por Loredano. - fim da nota da ledora.
A língua literária : Quando o uso da língua abandona as necessidades estritamente práticas do cotidiano comunicativo e passa a incorporar preocupações estéticas, surge a língua literária. Nesse caso, a escolha e a combinação dos elementos lingüísticos, subordinam-se a atividades criadoras e imaginativas. Código e mensagens adquirem

uma importância elevada, deslocando o centro de interesse para aquilo que a língua é em detrimento daquilo para que ela serve. Isso ocorre, por exemplo, nos seguintes versos de Fernando Pessoa:

"O mito é o nada que é tudo.
O mesmo sol que abre os céus
É um mito brilhante e mudo
O corpo morto de Deus,
Vivo e desnudo."

3. HISTÓRIA E GEOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA:

A formação, o desenvolvimento e a expansão da língua portuguesa estão obviamente vinculados à história dos povos que a criaram e ainda hoje a empregam e transformam. O português é uma língua neolatina, novilatina ou românica, pois foi formado a partir das transformações verificadas no latim levado pelos dominadores romanos à região da Península Ibérica. Em seu desenvolvimento histórico, podem ser apontados os seguintes períodos:

a) protoportuguês - do século IX ao século XII. A documentação desse período é muito rara: são textos redigidos em latim bárbaro, nos quais se encontram algumas palavras portuguesas;

b) português histórico - do século XII aos dias atuais. Esse período subdivide-se em duas fases:
- fase arcaica: do século XII até ao século XV. Nessa fase, houve inicialmente uma língua comum ao noroeste da Península Ibérica (regiões da Galiza e norte de Portugal), o galego-português ou galaico-português, fartamente documentado em textos que incluem uma literatura de elevado grau de elaboração (a lírica galego-portuguesa). Com a separação política de Portugal e sua posterior expansão para o sul, o português e o galego se foram individualizando, transformando-se o primeiro numa língua nacional e o segundo num dialeto regional.- fase moderna: do século XVI aos dias atuais. Devemos distinguir o português clássico (séculos XVI e XVII) do português pós-clássico (do século XVIII aos nossos dias). Na época do português clássico, tiveram início os estudos gramaticais e desenvolveu-se uma extensa literatura, em grande parte influenciada por modelos latinos. No período pós-clássico, a língua começou a assumir as características que hoje apresenta. A partir do século XV, as navegações portuguesas iniciaram um longo processo de expansão lingüística. Durante alguns séculos, a língua portuguesa foi sendo levada a várias regiões do planeta por conquistadores, colonos e emigrantes. Atualmente, a situação do português no mundo é aproximadamente a seguinte:
a) em alguns países, é a língua oficial, o que lhe confere unidade, apesar da existência de variações regionais e da convivência com idiomas nativos. Incluem-se nesse caso o Brasil, Portugal, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe.
b) em regiões da Ásia (Macau, Goa, Damão, Diu) e da Oceania (Timor), é falado por uma pequena parcela da população ou deu origem a dialetos.

- nota da ledora: nesta página, representação cartográfica, dos países que falam português,
- fim da nota da ledora.

4. GRAMÁTICA é uma palavra de origem grega formada a partir de grámma, que quer dizer letra. Originalmente, Gramática era o nome das técnicas de escrita e leitura. Posteriormente, passou a designar o conjunto das regras que garantem o uso modelar da língua a chamada Gramática normativa, que estabelece padrões de certo e errado para as formas do idioma. Gramática também é, atualmente, a descrição científica do funcionamento de uma língua. Nesse caso, é chamada de Gramática descritiva.

A Gramática normativa estabelece a norma culta, ou seja, o padrão lingüístico que socialmente é considerado modelar e é adotado para ensino nas escolas e para a redação dos documentos oficiais.Há línguas que não têm forma escrita, como algumas línguas indígenas brasileiras. Nesses casos, o conhecimento lingüístico é transmitido oralmente. As línguas que têm forma escrita, como é o caso do português, necessitam da Gramática normativa para que se garanta a existência de um padrão lingüístico uniforme no qual se registre a produção cultural. Conhecer a norma culta é, portanto, uma forma de ter acesso a essa produção cultural e à linguagem oficial.

DIVISÃO DA GRAMÁTICA

Divide-se a Gramática em:

a) Fonologia - estuda os fonemas ou sons da língua e a forma como esses fonemas dão origem às sílabas. Fazem parte da Fonologia a ortoepia ou ortoépia (estudo da articulação e pronúncia dos vocábulos), a prosódia (estudo da acentuação tônica dos vocábulos) e a ortografia (estudo da forma escrita das palavras).

b) Morfologia estuda as palavras e os elementos que as constituem. A Morfologia analisa a estrutura, a formação e os mecanismos de flexão das palavras, além de dividi-las em classes gramaticais.

c) Sintaxe - estuda as formas de relacionamento entre palavras ou entre orações. Divide-se em sintaxe das funções, que estuda a estrutura da oração e do período, e sintaxe das relações, a qual inclui a regência, a colocação e a concordância.

MORFOSSINTAXE

A classificação morfológica de uma palavra só pode ser feita eficientemente se observar sua função nas orações. Esse fato demonstra a profunda interligação existente entre a morfologia e a sintaxe. É por isso que se tem preferido falar atualmente em morfossintaxe, ou seja, a apreciação conjunta da classificação morfológica e da função sintática das palavras. O enfoque morfossintático da língua portuguesa será prioritário neste livro, uma vez que facilita a compreensão de muitos mecanismos da língua.

PARTE 1 - FONOLOGIA

CAPÍTULO 2 - FONOLOGIA

- nota da ledora: um terço da página está ocupado por um anúncio ecológico, português, sobre a visitação de verão aos parques, com os seguintes termos: Troque as bichas pelos bichos. (no cartaz, o desenho de um esquilo)
- fim da nota da ledora.

Neste capítulo, estudaremos basicamente os fonemas, que são as menores unidades lingüísticas capazes de estabelecer diferenças de significado.

Com apenas uma troca de fonema, cria-se uma palavra totalmente distinta, como no anúncio acima: bichas torna-se bichos. (Em tempo: em Portugal, bichas significa "filas"; o parque convida os habitantes da cidade a trocar as irritações da vida urbana pelo sossego da vida em meio à natureza.)

1. CONCEITOS BÁSICOS

Fonologia é uma palavra formada por elementos gregos: fono ("som", "voz") e logia ("estudo", "conhecimento"). Significa literalmente "estudo dos sons". Os sons que essa parte da Gramática estuda são os fonemas (fono + -ema, "unidade distintiva"). Para compreender claramente o que é um fonema, compare as palavras abaixo:

solitário solidário

Lendo em voz alta as duas palavras, você percebeu que cada uma das letras destacadas (t e d) representa um som diferente. Como as palavras têm significados diferentes e a única diferença sonora que apresentam é a provocada por esses dois sons, somos levados a concluir que o contraste entre esses dois sons é que produz a diferença de significado entre as duas palavras. Cada letra representa, no caso, um fonema, ou seja, uma unidade sonora capaz de estabelecer diferenças de significado.

Em outras palavras, os fonemas são os sons característicos de uma determinada língua. Com um número relativamente pequeno desses sons, cada língua é capaz de produzir milhares de palavras e infinitas frases.

Observe que falamos em sons representados pelas letras. Isso porque não se devem confundir fonemas e letras: os fonemas são sons; as letras são sinais gráficos que procuram representar esses sons. Essa representação, no entanto, nem sempre é perfeita:

a) há casos em que a mesma letra representa fonemas diferentes (como a letra g, em galeria e ginástica);

b) há fonemas representados por letras diferentes (como o fonema que as letras g e j representam em ginástica e jiló);

c) há fonemas representados por mais de uma letra (como em barra ou assar);

d) há casos em que uma letra representa dois fonemas (como o x de anexo, que soa "ks");

e) há casos em que a letra não corresponde a nenhum fonema (o h de hélice, por exemplo).

Para evitar dúvidas, acostume-se a ler as palavras em voz alta quando estiver estudando Fonologia. Afinal, o que interessa nesse caso é o aspecto sonoro dessas palavras. Não devem ser confundidas com os fonemas, que são sons.

- nota da ledora: quadro em destaque, na página:

Fonologia - parte da Gramática que estuda os fonemas.
Fonemas - unidades sonoras capazes de estabelecer diferenças de significado.
Letras - sinais gráficos criados para a representação escrita das línguas.

ATIVIDADE

Leia em voz alta as palavras abaixo e depois diga quantas letras e quantos fonemas possui cada uma delas:

a) hora	b) acesso	c) arrastar	d) tóxico
e) distinguir	f) querer	g) água	h) quarto

i) banho j) obsessão l) obcecado m) queijinho

2. OS FONEMAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Como não há necessariamente correspondência entre as letras e os fonemas, foi criado um sistema de símbolos em que a cada fonema corresponde apenas um símbolo. Esse sistema é o alfabeto fonético, muito usado no ensino de línguas para indicar a forma de pronunciar as palavras.

- nota da ledora: fotografia do Coliseum, em Roma, com legenda em italiano (com tipos minúsculos., e pequena legenda do postal em português)
- fim da nota da ledora.

Como vemos neste dicionário de italiano, os símbolos fonéticos são usados para indicar a pronúncia das palavras. Em homenagem a este verbete, mostramos ao lado o Coliseu, uma das principais atrações turísticas de Roma, capital da Itália.

A língua portuguesa do Brasil apresenta um conjunto de 33 fonemas, que podem ser identificados no quadro abaixo. A cada um deles corresponde um único símbolo escrito do alfabeto fonético. Por convenção, esses símbolos são colocados entre barras oblíquas.

FONEMAS DA LÍNGUA PORTUGUESA DO BRASIL E SUA TRANSCRIÇÃO FONOLÓGICA,

consoantes:

Símbolo	Exemplo	Transcrição fonológica
/p/	paca	/paka/
/b/	bula	/bula/
/t/	tara	/tara/
/d/	data	/data/
/k/	cara, quero	/kara/, /kero/
/g/	gola, guerra	/gola/, /gera/
/f/	faca	/faka/
/v/	vala	/vala/
/s/	sola, assa, moça	/sola/, /asa/, /mosa/
/z/	asa, zero	/aza/, /zero/
/s/	mecha, xá,	/mesa/, /sa/

- nota da ledora: símbolo representado por uma letra esse alongada,

/z/	jaca, gela	/jaka/, /gela/

- nota da ledora: símbolo representado por uma letra zê, de zebra, alongada, lembrando um caractere grego.

/m/	mola	/mola/
/n/	nata	/nata/
/n/	ninho	/nino/

- nota da ledora: letra ene, com a perninha da esquerda mais alongada para baixo, caractere estranho)

/l/	lata	/lata/
/Ã/	calha	/kaÃa/

- nota da ledora: este símbolo apresenta-se bastante assemelhado a letra A maiúscula, com til, ou com um símbolo de Pi, grego, porém não é conhecido pela ledora.

/r/	Mara	/mara/
/R/	rota, carroça	/Rota/ , /kaRoja

semi- vogais:
cai, põe /kaj/, /pôj/
vogais
pau, pão /paw/, /pãw/

Símbolo	Exemplo	Transcrição fonológica
/a/	cá	/ka/
/e/	mel	/mel/
/e/	seda	/seda/
/i/	rica	/Rika/
/s/	sola	/ssla/
/o/	soma	/soma/
/u/	gula	/gula/
/ã/	manta, maçã	/manta/, /maçã/
/e - til /	tenda	/t -til - da/
/I - til /	cinta	/sínta/
/õ/	conta, põe	/kõta", /pôj/
/u - til /	fundo	/fu~do/

- nota da ledora: a ledora acredita que os fonemas não serão bem traduzidos pelo sistema de sintetizador de voz, devido à grafia que é utilizada para descreve-los, melhor sistema seria o próprio leitor pronunciar as palavras e observar os sons produzidos pelas mesmas.
- fim da nota da ledora.

Observação: O uso dos símbolos para transcrição fonológica permite-nos perceber com clareza alguns problemas da relação entre fonemas e letras. Note, por exemplo, como o símbolo /k/ transcreve como um mesmo fonema o som representado pela letra c em cara e pelas letras qu em quero.

Os fonemas da língua portuguesa são classificados em vogais, semivogais e consoantes. Esses três tipos de fonemas são produzidos por uma corrente de ar que pode fazer vibrar ou não as cordas vocais. Quando ocorre vibração, o fonema é chamado sonoro; quando não, o fonema é surdo. Além disso, a corrente de ar pode ser liberada apenas pela boca ou parcialmente também pelo nariz. No primeiro caso, o fonema é oral; no segundo, é nasal.

VOGAIS

As vogais são fonemas sonoros produzidos por uma corrente de ar que passa livremente pela boca. Em nossa língua, desempenham o papel de núcleo das sílabas. Em termos práticos, isso significa que em toda sílaba há necessariamente uma única vogal.
As diferentes vogais resultam do diferente posicionamento dos músculos bucais (língua, lábios e véu palatino). Sua classificação é feita em função de diversos critérios:
a) quanto à zona de articulação, ou seja, de acordo com a região da boca em que se dá a maior elevação da língua; assim, podem ser anteriores, centrais e posteriores;
b) pela elevação da região mais alta da língua; podem ser altas, médias e baixas;
c) quanto ao timbre; podem ser abertas ou fechadas.

Além desses critérios, as vogais podem ser orais ou nasais. Todos os fonemas vocálicos são sonoros.
O quadro abaixo apresenta a classificação das vogais portuguesas de acordo com esses critérios.

Classificação das vogais
Anteriores Centrais Posteriores
- nota da ledora: representação esquemática de sons provocados pelos fonemas, já descritos na página anterior.
- fim da nota da ledora.

SEMIVOGAIS
Há duas semivogais em português, representadas pelos símbolos /j/ e /w/ e produzidas de forma semelhante às vogais altas /i/ e /u/. A diferença fundamental entre as vogais e as semivogais está no fato de que estas últimas não desempenham o papel de núcleo silábico. Em outras palavras: as semivogais necessariamente acompanham alguma vogal, com a qual formam sílaba.
As letras utilizadas para representar as semivogais em português são utilizadas também para representar vogais, o que cria muitas dúvidas. A única forma de diferenciá-las efetivamente é falar e ouvir as palavras em que surgem:
país-pais baú - mau
Em país e baú, as letras i e u representam respectivamente as vogais /i/ e /u/. Já em pais e mau, essas letras representam as sem vogais /j/ e /w/. Isso pode ser facilmente percebido se você observar como a articulação desses sons é diferente em cada caso; além disso, observe que país e baú têm ambas duas sílabas, enquanto pais e mau têm ambas uma única sílaba.
Em algumas palavras, encontramos as letras “e” e “o” representando as semivogais:
mãe (/mãj/)
pão (/pãw/)

- nota da ledora: foto de uma camiseta com a seguinte legenda, estampada na mesma: São Paulo comeu a bola. São Paulo campeão do mundo.
- fim da nota da ledora.

Na palavra São, vemos um caso em que a semivogal /w/ é representada pela letra o.

CONSOANTES
Para a produção das consoantes, a corrente de ar expirada pelos pulmões encontra obstáculos ao passar pela cavidade bucal. Isso faz com que as consoantes sejam verdadeiros "ruídos", incapazes de atuar como núcleos silábicos. Seu nome provém justamente desse fato, pois, em português, sempre soam com as vogais, que são os núcleos das sílabas.
A classificação das consoantes baseia-se em diversos critérios:
a) modo de articulação - indica o tipo de obstáculo encontrado pela corrente de ar ao passar pela boca. São oclusivas aquelas produzidas com obstáculo total; são constritivas as produzidas com obstáculo parcial. As constritivas se subdividem
em fricativas (o ar sofre fricção), laterais (o ar passa pelos lados da cavidade bucal) e vibrantes (a língua ou o véu palatino vibram);

b) ponto de articulação - indica o ponto da cavidade bucal em que se localiza o obstáculo à corrente de ar. As consoantes podem ser bilabiais (os lábios entram em contato), labiodentais (o lábio inferior toca os dentes incisivos superiores), linguodentais (a língua toca os dentes incisivos superiores), alveolares (a língua toca os alvéolos dos incisivos superiores), palatais (a língua toca o palato duro ou céu da boca) e velares (a língua toca o palato mole, ou véu palatino);
c) as consoantes podem ser surdas ou sonoras, de acordo com a vibração das cordas vocais, e ainda orais ou nasais, de acordo com a participação das cavidades bucal e nasal no seu processo de emissão.
O quadro abaixo reúne esses diversos critérios de classificação.

- nota da ledora: tabela de bilabiais, labiodentais, linguodentais, alveolares, palatares, velares, conforme o descrito acima.
- fim da nota da ledora.

Classificação das consoantes portuguesas
Observação:
Em alguns casos, as consoantes distinguem-se uma da outra apenas pela vibração das cordas vocais. É o que ocorre, por exemplo, com /p/ e /b/ (compare pomba e bomba) ou /t/, e /d/ (compare testa e desta). Nesses casos, as consoantes
são chamadas homorgânicas.

ATIVIDADES
1. Classifique Os fonemas representados pelas letras destacadas em vogais ou semivogais:
   a) sou
   b) são
   c) luar
   d) averigúe
   e) mágoa
   f) cães
   g) mais
   h) Taís
   i) soe

2. Substitua as vogais orais representadas pelas letras destacadas nas palavras seguintes por vogais nasais:
   a) mato
   b) seda
   c) cito
   d) pote
   e) mudo

3. Substitua cada uma das consoantes representadas pelas letras destacadas nas palavras seguintes pela respectiva consoante homorgânica:
   a) gado
   b) teto
   c) pato
   d) peixinho

e) chato
f) vale

4. Leia atentamente, em voz alta, as palavras de cada par seguinte. Procure pronunciá-las nitidamente:

a) tom/tão
b) som/são
c) saia/ceia
d) comprido/cumprido
e) quatro/quadro
f) aceitar/ajeitar
g) xingar/gingar

4. SILABAS

As sílabas são conjuntos de um ou mais fonemas pronunciados numa única emissão de voz. Em nossa língua, o núcleo da sílaba é sempre uma vogal: não existe sílaba sem vogal e nunca há mais do que uma única vogal em cada sílaba.
Cuidado com as letras i e u (mais raramente com as letras “e” e “o”), pois, como já vimos, elas podem representar também semivogais, que não são nunca núcleos de sílaba em português.
Revista Propaganda Leia e assine O8O-154555
Pro-pa-gan-da é exemplo de palavra polissílaba.

As sílabas, agrupadas, formam vocábulos. De acordo com o número de sílabas que os formam, os vocábulos podem ser:
a) monossílabos - formados por uma única sílaba: é, há, ás, cá, mar, flor, quem, quão;
b) dissílabos - apresentam duas sílabas: a-i, a-li, de-ver, cle-ro, i-ra, sol-da, trans-por;
c) trissílabos - apresentam três sílabas: ca-ma-da, O-da-ir, pers-pi-caz, tungs-tê-nio, felds-pa-to;
d) polissílabos - apresentam mais do que três sílabas: bra-si-lei-ro, psi-co-lo-gi-a, a-ris-to-craci-a, o-tor-ri-no-la-rin-go-lo-gis-ta.

5. ENCONTROS VOCÁLICOS

Os encontros vocálicos são agrupamentos de vogais e semivogais, sem consoantes intermediárias. E importante reconhecê-los para fazermos a correta divisão silábica dos vocábulos. Há três tipos de encontros:
a) hiato - é o encontro de duas vogais num vocábulo, como em saída (sa-í-da). Os hiatos são sempre separados quando da divisão silábica: mô-o, ru-im, pa-ís;
b) ditongo - é o encontro de uma vogal com uma semivogal ou de uma semivogal com uma vogal; em ambos os casos, vogal e semivogal pertencem obviamente a uma mesma sílaba. O encontro vogal + semivogal é chamado de ditongo decrescente (como em moi-ta, cai, mói). O encontro semivogal + vogal forma o ditongo crescente (como em qual, pá-tria, sério). Os ditongos podem ser classificados ainda em orais (todos os apresentados até agora) e nasais (como mãe ou pão);
C) tritongo - é a seqüência formada por uma semivogal, uma vogal e uma semivogal, sempre nessa ordem. O tritongo pertence a uma única sílaba: Pa-ra-guai, quão. Os tritongos podem ser orais (Paraguai) ou nasais (quão).

Observações
1. A terminação -em (/êj/) em palavras como ninguém, alguém, também, porém e a terminação -am (/áw/) em palavras como cantaram, amaram, falaram representam ditongos nasais decrescentes.
2. É tradicional considerar hiato o encontro entre uma semivogal e uma vogal ou entre uma vogal e uma semivogal que pertencem a sílabas diferentes. Isso ocorre quando há contato entre uma vogal e um ditongo, como em i-déi-a, io-iô.
3. Há alguns encontros vocálicos átonos e finais que são chamados de instáveis porque podem ser pronunciados como ditongos ou como hiatos: -ia (pátria), -ie (espécie), -io (pátio), -ua (árdua), -ue (tênue), -uo (vácuo). A tendência predominante é pronunciá-los como ditongos.

6. ENCONTROS CONSONANTAIS

O agrupamento de duas ou mais consoantes, sem vogal intermediária, recebe o nome de encontros consonantais:
a) consoante + “l” ou “r” - são encontros que pertencem a uma mesma sílaba, como nos vocábulos pra-to, pla-ca, bro-che, blu-sa, trei-no, a-tle-ta, cri-se, cla-ve, fran-co, flan-co;
b) duas consoantes pertencentes a sílabas diferentes - é o que ocorre em ab-di-car, sub-so-lo, ad-vo-ga-do, ad-mi-ti r, al-ge-ma, cor-te.
Há grupos consonantais que surgem no início dos vocábulos; são, por isso, inseparáveis: pneu-mo-ni-a, psi-co-se, gno-mo.

7. DÍGRAFOS

A palavra dígrafo é formada por elementos gregos: di, "dois", e grafo, "escrever". O dígrafo ocorre quando duas letras são usadas para representar um único fonema. Também se pode usar a palavra digrama (di, "dois"; gramma, "letra") para designar essas ocorrências.

Observação
Gu e qu nem sempre representam dígrafos. Isso ocorre apenas quando, seguidos de e OU i, representam os fonemas /g/ e /k/: guerra, quilo. Nesses casos, a letra u não corresponde a nenhum fonema. Em algumas palavras, no entanto, o u representa uma semivogal ou uma vogal: agüentar, lingüiça, freqüente, tranqüilo; averigúe, argúi - o que significa que gu e qu não são dígrafos. Também não há dígrafo quando são seguidos de a ou u: quando, aquoso, averiguo.

Podemos dividir os dígrafos da língua portuguesa em dois grupos: os consonantais e os vocálicos.
a) dígrafos consonantais
ch - representa o fonema /f/: chuva, China;
lh - representa o fonema N: alho, milho;
nh - representa o fonema /D/: sonho, venho;
rr - representa o fonema /R/, sendo usado unicamente entre vogais: barro, birra, burro;
ss - representa o fonema /s/, sendo usado unicamente entre vogais: assunto, assento, isso;
sc - representa o fonema /s/: ascensão, descendente;
sç - representa o fonema /s/: nasço, cresça;
xc - representa o fonema /s/: exceção, excesso;
xs - representa o fonema /s/: exsuar, exsudar;

gu - representa o fonema /g/: guelra, águia;
qu - representa o fonema /k/: questão, aquilo.
b) dígrafos vocálicos
am e an - representam o fonema /ã/: campo, sangue;
em e en - representam o fonema /ê/: sempre, tento;
im e in - representam o fonema /i - til /: limpo, tingir;
om e on - representam o fonema /õ/: rombo, tonto;
um e un - representam o fonema /ú/: nenhum, sunga.

8. DIVISÃO SILÁBICA

A divisão silábica gramatical obedece a algumas regras básicas, que apresentaremos a seguir. Se você observar atentamente essas regras, vai perceber que os conceitos que estudamos até agora servem para justificá-las:

a) ditongos e tritongos pertencem a uma única sílaba: au-tô-no-mo, ou-to-no, di-nhei-ro; U-ru-guai, i-guais;
b) os hiatos são separados em duas sílabas: du-e-to, a-mên-do-a, ca-a-tin-ga;
c) os dígrafos ch, lh, nh, gu e qu pertencem a uma única sílaba: chu-va, mo-lha, es-ta-nho, guel-ra, a-que-la;
d) as letras que formam os dígrafos rr, ss, sc, sç, xs e xc devem ser separadas: bar-ro, as-sun-to, des-cer, nas-ço, es-xu-dar, ex-ce-to;
e) os encontros consonantais que ocorrem em sílabas internas devem ser separados, excetuando-se aqueles em que a segunda consoante é l ou r: con-vic-ção, as-tu-to, ap-to, cír-cu-lo, ad-mi-tir, ob-tu-rar, etc.; mas a-pli-ca-ção, a-pre-sen-tar, a-brir, re-tra-to, de-ca-tio. Lembre-se de que os grupos consonantais que iniciam palavras não são separáveis: gnós-ti-co, pneu-má-ti-co, mne-mô-ni-co.
O conhecimento das regras de divisão silábica é útil para a tranlineação das palavras, ou seja, para separá-las no final das linhas. Quando houver necessidade da divisão, ela deve ser feita de acordo com as regras acima. Por motivos estéticos e de clareza, devem-se evitar vogais isoladas no final ou no início de linhas, como a-/sa ou jundia/-í. Também se aconselha a repetição do hífen quando a divisão coincidir com a de um hífen preexistente (pré-datado e disse-me, por exemplo, transli-
neados pré-/-datado e disse-/-me).

Ortoepia ou Ortoépia

Formado por elementos gregos (orto, "correto"; epos, "palavra"), ortoepia ou ortoépia é o nome que designa a parte da Fonologia que cuida da correta produção oral das palavras. Colocamos abaixo uma relação que você deve ler cuidadosamente em voz alta: lembre-se de que estamos falando da forma de pronunciar essas palavras de acordo com o padrão culto da língua portuguesa, importante para você comunicar-se apropriadamente em vários momentos de sua
vida.
advogado aforismo aterrissagem adivinhar babadouro bebedouro bandeija barganha beneficência, beneficente cabeçalho cabeleireiro caranguelo cataclismo digladiar disenteria empecilho engajamento estourar (estouro, estouras, etc.)
estupro/estuprar fratricídio frustração, frustrar lagarto, lagartixa manteigueira mendigar, mendigo meritíssimo meteorologia mortadela prazeroso, prazerosamente privilégio

propriedade, próprio prostração, prostrar reivindicar roubar (roubo, roubas, etc.) salsicha tireóide umbigo

ATIVIDADES

1. Classifique os encontros vocálicos das palavras abaixo:
   a) alguém
   b) trouxeram
   c) diáspora
   d) Mooca
   e) tuiuiú
   f) Piauí
   g) idéia
   h) gênio
   i) tireóide
   j) claustrofobia
   I) melancia
   m) saíram
   n) sobressai
   o) sobressaí
   p) iguais
   q) circuito
   r) balões
   s) ação

2. Indique, nas palavras a seguir, os dígrafos consonantais e os encontros consonantais:
   a) digrama
   b) adquirir
   c) brita
   d) nascer
   e) excelente
   f) massa
   g) pleno
   h) chave
   i) crítico
   j) nasça
   l) flexa
   m) bloqueio
   n) interpretar
   o) classificação
   p) oftalmologista
   q) terodáctilo

3. Divida em sílabas as palavras seguintes:
   a) substância
   b) surpreendente
   c) adquirir
   d) adivinhar
   e) ruim
   f) gratuito
   g) atualização

h) abscesso
i) psiquiatria
j) melancia
I) pneumático
m) adventício
n) introspecção
o) feldspato

TEXTOS PARA ANÁLISE
- nota da ledora: nesta página, anúncio do carro Astra, ocupando meia página, com a legenda: O Astra não é mais Caro. É mais CARRO.
- fim da nota da ledora.

TRABALHANDO TEXTO:
Observe o texto publicitário acima e responda: de que forma seus conhecimentos de Fonologia podem explicar os efeitos sonoros obtidos?

Está na cara, está na cura
Está na cara, você não vê,
Que a caretice está no medo,
Você não vê.
Está na cara, você não vê,
Que o medo está na
Medula, você não vê.
Está na cara, você não vê,
Que o segredo está na
Cura, está na cara,
Está na cura desse medo.
Quem tem cara tem medo,
Quem tem medo tem cura,
Essa história de medo é caretice pura.
Vou brincar, que ainda é cedo,
Que o brinquedo está na
Cara, está na cara.
Está na cara
Que o segredo está na cura do medo.

(GIL. Gilberto. In: Gilberto Gil. São Paulo,
Abril, 1982. p. 87- 8. Literatura comentada.).

1. Defina fonema a partir da comparação entre as palavras cara e cura.

2. Diga quantos fonemas e quantas letras têm as palavras: que, história, desse, ainda.

3. Retire do texto exemplos de:
a) ditongos crescentes e decrescentes;
h) dígrafos vocálicos e dígrafos consonantais;
c) encontros consonantais;

d) hiatos.

4. A letra u representa o mesmo fonema em vou e cura? Explique.

5. O texto explora sonoridades de forma expressiva? Comente.

6. O segredo está realmente na cura do medo? Comente.

Como um samba de adeus

Quanto tempo
Mina d'água do meu canto
Manso
Piano e voz
Vento
Campo
Dentro
Antro
Onde reside o lamento
Preto
Da minha voz
Tanto
Tempo
Como nunca mais, eu penso
Como um samba de adeus
Com que jeito acenar
O meu lenço
Branco
Quanto tempo
Pode durar um espanto
Onde lançar a voz
Tempo
Tanto

(HOLLANDA. Chico Buarque de, e VELOSO, Caetano.
In: Nina d’água do meu canto - Gal Costa - CD Sonopress (7432126323-2,1995.)

TRABALHANDO TEXTO
1. Defina fonema a partir do contraste entre os vocábulos canto e tanto

2. Retire do texto exemplos de ditongos e hiatos.

3. Retire do texto exemplos de encontros consonantais. Em qual seqüência do texto esses encontros são particularmente expressivos?

4. Explique a diferença entre os elementos destacados nas palavras que e quando.

5. Faça um levantamento dos dígrafos vocálicos presentes no texto e responda: há algum tipo de fonema predominante na canção? Comente.

6. A construção do texto se baseia no conteúdo das palavras ou na sua sonoridade? Comente.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1. (Univ. Alfenas-MG) Assinale a alternativa que identifica os encontros vocálicos e consonantais presentes nos três grupos de palavras abaixo, na mesma ordem de ocorrência em cada um deles. Os três grupos apresentam os mesmos encontros vocálicos e consonantais, pela ordem.
I. poema, reino, pobre, não, chave
II. realize, perdeu, escrevê-lo, estão, que
III. dia, mais, contempla, então, lhe
a) ditongo crescente, ditongo crescente, encontro consonantal, ditongo decrescente, dígrafo
b) ditongo crescente, ditongo decrescente, encontro consonantal, dígrafo, encontro consonantal
c) ditongo decrescente, hiato, dígrafo, ditongo decrescente, encontro consonantal
d) hiato, ditongo crescente, encontro consonantal, ditongo decrescente, dígrafo
e) hiato, ditongo decrescente, encontro consonantal, ditongo decrescente, dígrafo

2. (PUCSP) Nas palavras enquanto, queimar, folhas, hábil e grossa, constatamos a seguinte seqüência de letras e fonemas:
a) 8 - 7, 7 - 6, 6 - 5, 5 - 4, 6 - 5
b) 7 - 6, 6 - 5, 5 - 5,5 - 5,5 - 5
c) 8 - 5, 7 - 5, 6 - 4, 5 - 4,5 - 4
d) 8 - 6,7 - 6, 6 - 5,5 - 4, 6 - 5
e) 8 - 5, 7 - 6, 6 - 5,5 - 5,5 - 5

3. (PUCSP) Indique a alternativa em que todas as palavras têm a mesma classificação no que se refere ao número de sílabas:
a) enchiam, saíam, dormiu, noite
b) feita, primeiro, crescei, rasteiras
c) ruído, saudade, ainda, saúde
d) eram, roupa, sua, surgiam
e) dia, sentia, ouviam, loura

4. (PUCSP) Indique a alternativa onde constatamos, em todas as palavras, a semivogal i:
a) cativos, minada, livros, tirarem
b) oiro, queimar, capoeiras, cheiroso
c) virgens, decidir, brilharem, servir
d) esmeril, fértil, cinza, inda
e) livros, brilharem, oiro, capoeiras

5. (PUCC-SP) Assinale a alternativa que apresenta tritongo, hiato, ditongo crescente e dígrafo:
a) quais, saúde, perdoe, álcool
b) cruéis, mauzinho, quais, psique
c) quão, mais, mandiú, quieto
d) agüei, caos, mágoa, chato

e) n.d.a.

6. (ITA-SP) Dadas as palavras:
1) des-a-ten-to
2) sub-es-ti-mar
3) trans-tor-no
constatamos que a separação silábica está correta:
a) apenas em 1
b) apenas em 2
c) apenas em 3
d) em todas as palavras
e)n.d.a.

7. (ITA-SP) Dadas as palavras:
1) tung-stê-nio
2) bis-a-vô
3) du-e-lo
constatamos que a separação silábica está correta:
a) apenas em 1
b) apenas em 2
c) apenas em 3
d) em todas as palavras
e) n.d.a.

8. (UnB-DF) Marque a opção em que todas as palavras apresentam um dígrafo:
a) fixo, auxílio, tóxico, exame
b) enxergar, luxo, bucho, olho
c) bicho, passo, carro, banho
d) choque, sintaxe, unha, coxa

9. (FASP) Indique a alternativa cuja seqüência de vocábulos apresenta, na mesma ordem, o seguinte: ditongo, hiato, hiato, ditongo:
a) jamais, Deus, luar, daí
b) jóias, fluir, jesuíta, fogaréu
c) ódio, saguão, leal, poeira
d) quais, fugiu, caiu, história

10. (FASP) Assinale a alternativa que apresenta os elementos que compõem o tritongo:
a) vogal + semivogal + vogal
b) vogal + vogal + vogal
c) semivogal + vogal + vogal
d) semivogal + vogal + semivogal

11. (ACAFE-SC) Assinale a alternativa onde há somente palavras com ditongos orais:
a) acordou, estações, distraído
b) coordenar, Camboriú, cidadão
c) falei, família, capitães
d) jamais, atribui, defendeis

e) comprimiu, vieram, averigúem

12. (F. Caxias do Sul-RS) A alternativa em que, nas três palavras, há um ditongo decrescente é:
a) água, série, memória
b) balaio, veraneio, ciência
c) coração, razão, paciência
d) apóio, gratuito, fluido
e) jóia, véu, área

13. (ACAFE-SC) Assinale, na seqüência abaixo, a alternativa em que todas as palavras possuem dígrafos:
a) histórias, impossível, máscaras
b) senhor, disse, achado
c) passarinhos, ergueu, piedade
d) errante, abelhas, janela
e) homem, caverna, velhacos

14. (UFSC) A única alternativa que apresenta palavra com encontro consonantal e dígrafo é:
a) graciosa
b) prognosticava
c) carrinhos
d) cadeirinha
e) trabalhava

15. (ACAFE-SC) Assinale a alternativa em que há erro na partição de sílabas:
a) en-trar, es-con-der, bis-a-vô, bis-ne-to
b) i-da-de, co-o-pe-rar, es-tô-ma-go, ré-gua
c) des-cen-der, car-ra-da, pos-so, a-tra-vés
d) des-to-ar, tran-sa-ma-zo-ni-co, ra-pé, on-tem
e) pre-des-ti-nar, ex-tra, e-xer-cí-cio, dançar

CAPÍTULO 3 - ORTOGRAFIA

- nota de ledora: metade da página é ocupada por um desenho com as palavras: COMICS de A (representado com a figura do Capitão Asa, herói infantil) a z, (representado pelo, também super-herói, Zorro).
- fim da nota.

Não é admissível que com um alfabeto tão restrito (apenas 23 letras!) se cometam tantos erros ortográficos pelo Brasil afora. Estude com cuidado este capítulo para integrar o grupo de cidadãos que sabem grafar corretamente as palavras da língua portuguesa.

1. CONCEITOS BÁSICOS

A palavra ortografia (formada pelos elementos gregos orto, "correto", e grafia, "escrita") dá nome à parte da Gramática que se preocupa com a correta representação escrita das palavras. É a ortografia, portanto, que fixa padrões de correção para a grafia das

palavras. Atualmente, a ortografia em nossa língua obedece a uma combinação de critérios etimológicos (ligados à origem das palavras) e fonológicos (ligados aos fonemas representados).
É importante compreender que a ortografia é fruto de uma convenção. A forma de grafar as palavras é produto de acordos ortográficos que envolvem os diversos países em que a língua portuguesa é oficial. Grafar corretamente uma palavra significa, portanto, adequar-se a um padrão estabelecido por lei. As dúvidas quanto à correção devem ser resolvidas por meio da consulta a dicionários e publicações oficiais ou especializadas.

2. O ALFABETO PORTUGUÊS

O alfabeto ou abecedário da nossa língua é formado por vinte e três letras que, com pequenas modificações, foram copiadas do alfabeto latino. Essas vinte e três letras são:

Letras de imprensa
Aa BbCc Dd Ee Ff Gg Hh li Jj LI Mm Nn Oo Pp Qq Rr Ss Tt Uu Vv Xx Zz (nota da ledora: a leitura dupla das letras, é porque apresentam-se em maiúsculas e minúsculas - fim da nota).

Grafia cursiva (nota da ledora: aqui, o abecedário apresenta-se em maiúsculas e minúsculas, manuscritas - fim da nota).
Além dessas letras, empregamos o Kk, o Ww e o Yy em abreviaturas, siglas, nomes próprios estrangeiros e seus derivados. Emprega-se, ainda, o ç, que representa o fonema /s/ diante de a, o ou u em determinadas palavras.

O x pertence ao nosso alfabeto; já o w é usado em siglas e nomes próprios estrangeiros, como no caso acima, em que o W é logo tipo da fábrica alemã Volkswagen.

- nota da ledora: metade da página está ocupada por uma propaganda da Volkswagen, ilustrando o uso da letra w.
- fim da nota.

3. ORIENTAÇÕES ORTOGRÁFICAS

A competência para grafar corretamente as palavras está diretamente ligada ao contato íntimo com essas mesmas palavras. Isso significa que a freqüência do uso é que acaba trazendo a memorização da grafia correta. Além disso, deve-se criar o hábito de esclarecer as dúvidas com as necessárias consultas ao dicionário. Trata-se de um processo constante, que produz resultados a longo prazo.
Existem algumas orientações gerais que podem ser úteis e que devem constituir material de consulta para as atividades escritas que você desenvolver. Vamos a elas.

NOÇÕES PRELIMINARES

Entre os sons das palavras e também entre as letras que os representam podem ocorrer coincidências. Isso acontece quando duas (às vezes três) palavras apresentam identidade total ou parcial quanto à grafia e à pronúncia. Observe: luta (substantivo) e luta (forma do verbo lutar) apresentam a mesma grafia e a mesma pronúncia. São palavras homônimas; almoço (substantivo, nome de uma refeição) e almoço (forma do verbo

almoçar) possuem a mesma grafia, mas pronúncia diferente. São palavras homógrafas; cesta (substantivo) e sexta (numeral ordinal) possuem a mesma pronúncia, mas grafia diferente. São palavras homófonas.
Há ainda casos em que as palavras apresentam grafias ou pronúncias semelhantes, sem que, no entanto, ocorra coincidência total. São chamadas parônimas e costumam provocar dúvidas quanto ao seu emprego correto. E o caso, por exemplo, de pares como flagrante/fragrante, pleito/preito, vultoso/vultuoso e outros, cujo sentido e emprego estudaremos adiante.

ALGUNS FONEMAS E ALGUMAS LETRAS

A relação entre os fonemas e as letras não é de correspondência exata e permanente. Como a ortografia se baseia também na tradição e na etimologia das palavras, ocorrem problemas que já conhecemos, como a existência de diferentes formas de grafar um mesmo fonema. Estudaremos alguns desses problemas a partir de agora.

O FONEMA /s/ (nota da ledora: esse fonema já foi descrito pela ledora, em capítulo anterior, como a letra esse (de sal) alongado. - fim da nota) (LETRA “x” OU DÍGRAFO “ch”)

A letra x representa esse fonema:
a) após um ditongo: ameixa, caixa, peixe, eixo, frouxo, trouxa, baixo, encaixar, paixão, rebaixar.
Cuidado com a exceção recauchutar e seus derivados.
b) após o grupo inicial en: enxada, enxaqueca, enxerido, enxame, enxovalho, enxugar, enxurrada.
Cuidado com encher e seus derivados (lembre-se de cheio) e palavras iniciadas por ch que recebem o prefixo en-: encharcar (de charco), enchapelar (de chapéu), enchumaçar (de chumaço), enchiqueirar (de chiqueiro).
c) após o grupo inicial me: mexer, mexerica, mexerico, mexilhão, mexicano. A única exceção é mecha.
d) nas palavras de origem indígena ou africana e nas palavras inglesas aportuguesadas: xavante, xingar, xique-xique, xará, xerife, xampu.

Atente para a grafia das seguintes palavras: capixaba, bruxa, caxumba, faxina, graxa, laxante, muxoxo, praxe, puxar, relaxar, rixa, roxo, xale, xaxim, xenofobia, xícara.
Atente para o uso do dígrafo ch nas seguintes palavras: arrocho, apetrecho, bochecha, brecha, broche, chalé, chicória, cachimbo, comichão, chope, chuchu, chute, debochar, fachada, fantoche, fechar, flecha, linchar, mochila, pechincha,
piche, pichar, salsicha, tchau.
Uma boa dica para fixar a grafia de lixo é associá-la a faxina: depois da faxina, refugos no lixo.

Há vários casos de palavras homófonas cuja grafia se distingue pelo contraste entre o “x” e o “ch". Eis algumas delas:
brocha (pequeno prego) e broxa (pincel para caiação de paredes);
chá (planta para preparo de bebida) e xá (título do antigo soberano do Irã);
chácara (propriedade rural) e xácara (narrativa popular em versos);
cheque ,(ordem de pagamento) e xeque (jogada do xadrez);
cocho (vasilha para alimentar animais) e coxo (capenga, imperfeito);

tacha (mancha, defeito; pequeno prego) e taxa (imposto, tributo); daí, tachar (colocar defeito ou nódoa em alguém) e taxar (cobrar impostos).

O FONEMA /g/ (letras “g” e “j”)
- nota da ledora: este fonema já foi descrito em capítulo anterior, é o que se parece com um número 3, com a perninha inferior, mais alongada. Sua representação lembra vagamente uma letra grega.
- fim da nota.

A letra g somente representa o fonema /g/ diante das letras e e i. Diante das letras “a”, “o” e “u”, esse fonema é necessariamente representado pela letra j.

Usa-se a letra g:
a) nos substantivos terminados em -agem, -igem, -ugem: agiotagem, aragem, barragem, contagem, coragem, garagem, malandragem, miragem, viagem; fuligem, impigem (ou impingem), origem, vertigem; ferrugem, lanugem, rabugem, salsugem. Cuidado com as exceções pajem e lambujem.
b) nas palavras terminadas em -ágio, -égio, -igio, -ógio, -úgio: adágio, contágio, estágio, pedágio; colégio, egrégio; litígio, prestígio; necrológio, relógio; refúgio, subterfúgio.
Preste atenção ainda às seguintes palavras grafadas com g: aborígine, agilidade, algema, apogeu, argila, auge, bege, bugiganga, cogitar, drágea, faringe, fugir, geada, gengiva, gengibre, gesto, gibi, herege, higiene, impingir, monge, rabugice, tangerina, tigela, vagem.

Usa-se a letra j:
a) nas formas dos verbos terminados em -jar: arranjar (arranjo, arranje, arranjem, por exemplo); despejar (despejo, despeje, despejem); enferrujar (enferruje, enferrujem), viajar (viajo, viaje, viajem).
b) nas palavras de origem tupi, africana, árabe ou exótica: jê, jibóia, pajé, jirau, caçanje, alfanje, alforje, canjica, jerico, manjericão, Moji.
c) nas palavras derivadas de outras que já apresentam j: gorjear, gorjeio, gorjeta (derivadas de gorja); cerejeira (derivada de cereja); laranjeira (de laranja); lisonjear, lisonjeiro (de lisonja); lojinha, lojista (de loja); sarjeta (de sarja); rijeza, enrijecer (de rijo); varejista (de varejo).
Preste atenção ainda às seguintes palavras que se escrevem com j: berinjela, cafajeste, granja, hoje, intrujice, jeito, jejum, jerimum, jérsei, jiló, laje, majestade, objeção, objeto, ojeriza, projétil (ou projetil), rejeição, traje, trejeito.

- nota da ledora: anúncio de meia página, da fábrica de brinquedos Estrela, com a legenda: Não dá pra compreender como te supermercado que vende jiló, e não vende brinquedo. Pelo visto nosso amiguinho é daqueles que consideram jiló ruim
pra chuchu (na foto, criança fazendo cara feia!)
- fim da nota.

ATIVIDADES
1. Complete as lacunas (nota da ledora: as lacunas estão representadas pela abertura e fechamento de parênteses - fim da nota) das frases abaixo com as letras apropriadas:

a) Os pei( )es haviam sido encai( )otados na origem.
b) Sentia-se rebai( )ado porque os pneus de seu carro eram recau( )utados.
c) A en( )urrada causou muitos transtornos a população de bai( )a renda. Muitas pessoas ficaram com seus pertences en( )arcados.
d) Não me( )a nisso! E não seja me( )eriqueiro! Deixe as me( )as do cabelo de sua irmã em paz!
e) Gastava um frasco de ( )ampu a cada banho.
f) A filha da fa()ineira pegou ca( )umba. Foi por isso que a pobre senhora não veio trabalhar e não porque seja rela( )ada, como você quer dar a entender com um mu( )o( )o.
g) Suas bo( )e( )as estavam ro( )as de frio. E mesmo assim ela não queria usar o ( )ale que eu lhe oferecia.

2. Complete as lacunas das frases abaixo com as letras apropriadas:
a) Foi à feira e comprou ( )u( )us, berin( )elas, tan( )erinas, ( )en( )ibre e um quilo de va( )em.
b) A via( )em foi adiada por alguns dias. Os pais não querem que os filhos via( )em com um tempo horrível destes.
c) Deixaram que a ferru( )em tomasse conta de todos aqueles velhos objetos. E possível que deixem enferru( )ar coisas tão bonitas e valiosas?
d) Sentiu forte verti( )em durante a conta( )em dos votos.
e) Sinto-me lison( )eado com a homena( )em prestada pelos vare( )istas desta re( )ião e garanto que nunca me faltará cora( )em para prosseguir na luta.
f) Seu prestí( )io declinava à proporção que a ori( )em de seus bens era investigada.
g) Com a( )ilidade, apanhou a ti( )ela e encheu-a de ar( )ila. A seguir, com alguns ( )estos, modelou alguma coisa que não consegui distinguir.

3. Escreva uma frase com cada uma das seguintes palavras: tachar, taxar; cheque, xeque; cocho, coxo.

O FONEMA /z/ (LETRA “s” e “z”)

A letra s representa o fonema /z/ quando é intervocálica: asa, mesa, riso. Usa-se a letra s:
a) nas palavras que derivam de outra em que já existe s:
casa - casinha, casebre, casinhola, casarão, casario;
liso - lisinho, alisar, alisador;
análise - analisar, analisador, analisante.
b) nos sufixos:
-ês, -esa (para indicação de nacionalidade, título, origem): chinês, chinesa; marquês, marquesa; burguês, burguesa; calabrês, calabresa; duquesa; baronesa;
-ense, -oso, -osa (formadores de adjetivos): paraense, caldense, catarinense, portense; amoroso, amorosa; deleitoso, deleitosa; gasoso, gasosa; espalhafatoso, espalhafatosa;
-isa (indicador de ocupação feminina): poetisa, profetisa, papisa, sacerdotisa, pitonisa.
c) após ditongos: lousa, coisa, causa, Neusa, ausência, Eusébio, náusea.
d) nas formas dos verbos pôr (e derivados) e querer: pus, pusera, pusesse, puséssemos; repus, repusera, repusesse, repuséssemos; quis, quisera, quisesse, quiséssemos.
Atente para o uso da letra s nas seguintes palavras: abuso, aliás, anis, asilo, atrás, através, aviso, bis, brasa, colisão, decisão, Elisabete, evasão, extravasar, fusível, hesitar, Isabel, lilás, maisena, obsessão (mas obcecado), ourivesaria, revisão, usura, vaso.

Usa-se a letra z:
a) nas palavras derivadas de outras em que já existe z:
deslize - deslizar,
baliza - abalizado;
razão - razoável, arrazoar, arrazoado;
raiz - enraizar
Como batizado deriva do verbo batizar, também se grafa com z.

- nota da ledora : propaganda do videocassete Toshiba, com legenda: tecla exclusiva para vídeos de batizados - avanço rápido.
- fim da nota.

b) nos sufixos:
-ez, -eza (formadores de substantivos abstratos a partir de adjetivos): rijo, rijeza; rígido, rigidez; nobre, nobreza; surdo, surdez; inválido, invalidez; intrépido, intrepidez; sisudo, sisudez; avaro, avareza; macio, maciez; singelo, singeleza.
-izar (formador de verbos) e ção (formador de substantivos): civilizar, civilização; humanizar, humanização; colonizar, colonização; realizar, realização; hospitalizar, hospitalização. Não confunda com os casos em que se acrescenta o sufixo -ar a palavras que já apresentam s: analisar, pesquisar, avisar.
Observe o uso da letra z nas seguintes palavras: assaz, batizar (mas batismo), bissetriz, buzina, catequizar (mas catequese), cizânia, coalizão, cuscuz, giz, gozo, prazeroso, regozijo, talvez, vazar, vazio, verniz.

- nota da ledora: quadro de destaque na página
Há palavras homófonas em que se estabelece distinção escrita por meio do contraste s/z:
cozer (cozinhar) e coser (costurar);
prezar (ter em consideração) e presar (prender, apreender);
traz (forma do verbo trazer) e trás (parte posterior).
- fim do quadro de destaque e da nota da ledora.

Em muitas palavras, o fonema /z/ é representado pela letra x: exagero, exalar, exaltar, exame, exato, exasperar, exausto, executar, exemplo, exeqüível, exercer, exibir, exílio, exímio, existir, êxito, exonerar, exorbitar, exorcismo, exótico, exuberante, inexistente, inexorável.

O FONEMA /s/ (LETRAS “s”, “c”, “ç” e “x” ou DÍGRAFOS “sc”, “sc”, “ss”, “xc” e “xs”)
Observe os seguintes procedimentos em relação à representação gráfica desse fonema:
a) a correlação gráfica entre nd e ns na formação de substantivos a partir de verbos: ascender, ascensão; distender, distensão; expandir, expansão; suspender, suspensão; pretender, pretensão; tender, tensão; estender, extensão.
b) a correlação gráfica entre ced e cess em nomes formados a partir de verbos: ceder, cessão; conceder, concessão; interceder, intercessão; exceder, excesso, excessivo; aceder, acesso.
c) a correlação gráfica entre ter e tenção em nomes formados a partir de verbos: abster, abstenção; ater, atenção; conter, contenção; deter, detenção; reter, retenção.

Observe as seguintes palavras em que se usa o dígrafo sc: acrescentar, acréscimo, adolescência, adolescente, ascender (subir), ascensão, ascensor, ascensorista, ascese, ascetismo, ascético, consciência, crescer, descender, discente, disciplina, fascículo, fascínio, fascinante, piscina, piscicultura, imprescindível, intumescer, irascível, miscigenação, miscível, nascer, obsceno, oscilar, plebiscito, recrudescer, reminiscência, rescisão, ressuscitar, seiscentos, suscitar, transcender.
Na conjugação dos verbos acima apresentados, surge sç: nasço, nasça; cresço, cresça.
Cuidado com sucinto, em que não se usa sc.
Em algumas palavras, o fonema /s/ é representado pela letra x: auxilio, auxiliar, contexto, expectativa, expectorar, experiência, experto (conhecedor, especialista), expiar (pagar), expirar (morrer), expor, expoente, extravagante, extroversão, extrovertido, sexta, sintaxe, têxtil, texto, textual, trouxe.
Cuidado com esplendor e esplêndido.

- nota da ledora - quadro em destaque na página.
Há casos em que se criam oposições de significado devido ao contraste gráfico. Observe:
acender (iluminar, pôr fogo) e ascender (subir);
acento (inflexão de voz ou sinal gráfico) e assento (lugar para se sentar);
caçar (perseguir a caça) e cassar (anular);
cegar (tornar cego) e segar (ceifar, cortar para colher);
censo (recenseamento, contagem) e senso (juízo);
cessão (ato de ceder), seção ou secção (repartição ou departamento; divisão) e sessão (encontro, reunião);
concerto (acordo, arranjo, harmonia musical) e conserto (remendo, reparo);
espectador (o que presencia) e expectador (o que está na expectativa);
esperto (ágil, rápido, vivaz) e experto (conhecedor, especialista);
espiar (olhar, ver, espreitar) e expiar (pagar uma culpa, sofrer castigo);
espirar (respirar) e expirar (morrer);
incipiente (iniciante, principiante) e insipiente (ignorante);
intenção ou tenção (propósito, finalidade) e intensão ou tensão (intensidade, esforço);
paço (palácio) e passo (passada).
- fim da nota de destaque e da ledora.

Podem ocorrer ainda os dígrafos xc, e, mais raramente, xs: exceção, excedente, exceder, excelente, excesso, excêntrico, excepcional, excerto, exceto, excitar; exsicar, exsolver, exsuar, exsudar.

AINDA A LETRA “x”
Esta letra pode representar dois fonemas, soando como "ks": afluxo, amplexo, anexar, anexo, asfixia, asfixiar, axila, boxe, climax, complexo, convexo, fixo, flexão, fluxo, intoxicar, látex, nexo, ortodoxo, óxido, paradoxo, prolixo, reflexão, reflexo, saxofone, sexagésimo, sexo, tóxico, toxina.

AS LETRAS “e” E “i”
a) Cuidado com a grafia dos ditongos:
os ditongos nasais /ãj/ e /ãj/ escrevem-se ãe e õe: mãe, mães, cães, pães, cirurgiães, capitães; põe, põem, depõe, depõem;
- só se grafa com i o ditongo /ãj/, interno: cãibra (ou câimbra).

b) Cuidado com a grafia das formas verbais:
- as formas dos verbos com infinitivos terminados em -oar, e -uar são grafadas com “e”: abençoe, perdoe, magoe; atue, continue, efetue;
- as formas dos verbos infinitivos terminados em -air, -oer, e -uir, são grafadas com “i”: cai, sai; dói, rói, mói, corrói; influi, possui, retribui, atribui.

c) Cuidado com as palavras se, senão, sequer, quase e irrequieto.

- nota da ledora: quadro de destaque da página:
A oposição e/i é responsável pela diferenciação de várias palavras:
área (superfície) e ária (melodia);
deferir (conceder) e diferir (adiar ou divergir);
delação (denúncia) e dilação (adiamento, expansão);
descrição (ato de descrever) e discrição (qualidade de quem é discreto);
descriminação (absolvição) e discriminação (separação);
emergir (vir à tona) e imergir (mergulhar);
emigrar (sair do país onde se nasceu) e imigrar (entrar em país estrangeiro);
eminente (de condição elevada) e iminente (inevitável, prestes a ocorrer);
vadear (passar a vau) e vadiar (andar à toa).
- fim da nota de destaque e da ledora.

AS LETRAS “o” E “u”

A oposição o/u é responsável pela diferença de significado entre várias palavras:
comprimento (extensão) e cumprimento (saudação; realização);
soar (emitir som) e suar (transpirar);
sortir (abastecer) e surtir (resultar).

A LETRA “h”

É uma letra que não representa fonema. Seu uso se limita aos dígrafos ch, lh e nh, a algumas interjeições (ah, hã, hem, hip, hui, hum, oh) e a palavras em que surge por razões etimológicas. Observe algumas palavras em que surge o h inicial:
hagiografia, haicai, hálito, halo, hangar, harmonia, harpa, haste, hediondo, hélice, Hélio, Heloisa, hemisfério, hemorragia, Henrique, herbívoro (mas erva), hérnia, herói, hesitar, hífen, hilaridade, hipismo, hipocondria, hipocrisia, hipótese, histeria,
homenagem, hóquei, horror, Hortênsia, horta, horto (jardim), hostil, humor, húmus.
Em Bahia, o h sobrevive por tradição histórica. Observe que nos derivados ele não é usado: baiano, baianismo.

- nota da ledora - quadro de destaque na página:
Nomes próprios
Você deve ter notado que acrescentamos nomes próprios aos exemplos que vimos apresentando. Isso tem uma explicação muito simples: os nomes próprios, como qualquer palavra da língua, estão sujeitos às regras ortográficas. Existe, portanto, uma forma correta de grafar esses nomes. Se, no entanto, seu nome foi registrado com uma grafia equivocada, você pode usá-lo da forma como ele se encontra em seus documentos. Esse tem sido o uso mais freqüente em nossa cultura. Além disso, a grafia dos nomes de todos os que se tornam publicamente conhecidos aparece corrigida em publicações feitas após a morte dessas pessoas.
Observe na relação seguinte mais alguns nomes próprios na sua grafia correta:

Aírton, Alcântara, Ânderson, Ângelo, Antônio, Artur, Baltasar, Cardoso, César, Elisa, Ênio, Félix, Filipe, Heitor, Helena, Hercílio, Hilário, lberê, Inês, Íris, Isa, Isidoro, laci, Jacira, Jéferson, Juçara, Juscelino, Leo, Lis, Lisa, Luis, Luísa, Luzia, Macedo, Mansa, Minam, Morais, Natacha, Odilon, Priscila, Rosângela, Selene, Sousa, Taís, Teresa, Zósimo.

- fim do quadro de destaque, e da nota da ledora.

- nota da ledora -

propaganda do Banco Itaú com os seguintes dizeres:

A família de Luís Guilhernie Davidson convida parentes e amigos para o luau de 7o. dia a realizar-se em Cancun, onde ele passa férias com a mulher e os filhos.

- Vida em Vida Itaú - o seguro que você recebe em vida.
- fim da nota.

Os nomes próprios do português também estão sujeitos a regras ortográficas, como Luís, no anúncio acima.

ATIVIDADES

1. Observe o sentido com que foram empregadas as palavras destacadas nas frases abaixo. Copie cada uma dessas palavras em seu caderno e procure atribuir-lhes sinônimos:

- nota da ledora : como as palavras estão destacadas por negrito, visualmente, serão destacadas aqui, entre parênteses
- fim da nota da ledora.

a) A imprensa reprovou o gesto (imoral) feito publicamente pelo governante.

- É uma criança! Suas atitudes são (amorais!)

b) O (comprimento) do terreno não atendia às necessidades da construtora.

Ao chegar, fez um (cumprimento) discreto com a cabeça.

Exigem dele o (cumprimento) de tarefas muito difíceis.

c) O mergulhador (emergiu) trazendo uma ânfora.

O submarino (imergiu) por completo, desaparecendo da nossa vista.

d) O assaltante foi preso em (flagrante).

Sua (fragrante) presença me faz pensar em flores campestres.

e) Cuidado para não lhe (infligir) uma desmoralização injusta!

Foi multado ao (infringir) pela duodécima vez a mesma lei do trânsito. E ainda acha que tem razão!

f) Seu (mandato) foi encerrado quando o oficial de justiça lhe apresentou o mandado de prisão.

g) O deputado resolveu abandonar a vida pública. Não se disputariam mais (pleitos!)

Organizou-se um cerimonioso (preito) para receber o governador.

h) O investimento foi (vultoso); o retorno, praticamente nulo.

Seu rosto (vultuoso) fê-lo procurar um médico.

2. Copie as frases abaixo em seu caderno, fazendo a opção pelo homônimo ou pelo parônimo adequado a cada caso:

a) Não sei o que é mais útil: (*) as próprias roupas ou (*) a própria comida.

(coser, cozer)

b) É provável que poucas pessoas (*) nestas férias. O preço de uma (*) é proibitivo! (viagem, viajem)
c) O deputado foi (*) de fisiológico. Aliás, seu programa era (*) ainda mais os produtores e trabalhadores. (taxado, rachado; tachar, taxar)
d) Resolveu tomar uma chávena de (*) após ter-se encontrado com um lunático que dizia ser o (*) da Pérsia. (chá; xá)
e) Fui colocado em (*) quando o gerente da loja se recusou a aceitar meu (*) (cheque, xeque)
f) A (*) de terras aos posseiros foi decidida pela Assembléia Legislativa em (*) extra-ordinária. A legalização das doações de verá ser feita pela (*) competente do Ministério Público. (cessão, seção, sessão)
g) Não teve tempo de (*) as culpas antes de (*) (espiar, expiar; espirar, expirar)
h) Há (*) de fazer um (*) em 1999. (tenção, tensão; censo, senso)
i) A (*) tecnologia naval brasileira não encontra estímulos ao seu desenvolvimento. (insipiente, incipiente)
j) A (*) da Câmara decretou que o deputado corrupto tivesse seu (*) (*) (cessão, seção, sessão; mandado, mandato; caçado, cassado)
l) A vontade de (*) socialmente o fazia um hipócrita inescrupuloso. Rendia (*) a diversos figurões, sem nenhuma exceção. (acender, ascender, pleitos, preitos)
m) Agiu com (*) ao ser convocado para fazer a (*) dos envolvidos no caso. (descrição, discrição)
n) Inutilmente, várias entidades protestaram contra a (*) pela qual os jurados haviam decidido. Afinal, tratava-se de um crime de (*) racial. (descriminação, discriminação)
o) Pediu-me que o ajudasse a (*) as despesas. (descriminar, discriminar)
p) Finalmente vai (*) o sinal! Com este calor, não paro de (*) (soar, suar)

3. Escolha no quadro ao lado a letra ou dígrafo apropriado para preencher as lacunas do texto abaixo:
g, j, c, ç, s, ss, x, xc, z
Novo fenômeno
A chamada globali( )a( )ão da economia, que redu( )iu a importân( )ia das fronteiras nacionais, ampliou o hori( )onte de opera( )ão e planejamento das empre( )as e tornou os mercados mais dependentes uns dos outros, tra( ) consigo um grande potencial de democrati( )a( )ão para o qual se tem dado pouca aten( )ão. Se de fato informa( )ão é poder, a revolu( )ão nas telecomunica( )ões e a di( )emina( )ão de redes como a recém-anunciada Welcom - que promete conectar estadistas, empre( )ários e especialistas em tempo real - e a mais ampla e conhecida lntemet podem ter o efeito de proporcionar, junto com a informa( )ão, a capa( )idade de influir. Há fatores que restrin( )em, ho( )e, o alcan( )e dessa globali( )a( )ão da informa( )ão. Mas a po( )ibilidade de que tal fenômeno adquira grande importân( )ia social e mesmo política é inegável. Atualmente a capa( )idade informativa dos avan( )os tecnológicos na divulga( )ão de fatos ocorridos em quaisquer partes do mundo esbarra na e( )e( )iva fragmenta( )ão das informa( )ões e nas defi( )iências dos sistemas de educa( )ão.
A televi( )ão pode mostrar o que ocorre neste e( )ato momento no Sri Lanka, mas a grande maioria dos tele( )pectadores não faz a menor idéia nem sequer de onde fica esse país, quanto mais do que lá ocorria ontem, ou há um ano.O a( )e( )o à lntemet, por e( )emplo, ainda está restrito a um pequeno número de pessoas, não só devido ao preço do computador, como também pelas limita( )ões à entrada na rede. E é claro que a

di( )emina( )ão das redes de informática implica custos com os quais alguém terá de arcar. Mas se todas essas limita( )ões sugerem cautela quanto à real influên( )ia da revolu( )ão nas comunica( )ões, é certo que o mundo está diante de um novo fenômeno cujo potencial democrático - entre outras tantas facetas - ainda é minimamente e( )plorado.

(Folha de S. Paulo, 5 fev. 1996.)

TEXTO PARA ANÁLISE

-nota da ledora: o texto dado para a análise, é uma propaganda da Sharp, com os seguintes dizeres: Para você nunca mais ter de assistir à Orquestra de Berlim, ao som do conserto do encanamento de seu vizinho.
- novos TVs Sharp com fones de ouvido sem fio, os barulhos fora da sua programação.
- fim da nota da ledora.

TRABALHANDO O TEXTO
Esse texto explora criativamente a homofonia. Explique como.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES
1 (UFPE) Assinale a alternativa em que todas as palavras devem ser completadas com a letra indicada entre parênteses:
a) *ave, *alé, *ícara, *arope, *enofobia (x)
b) pr*vilégio, requ*sito, *ntitular, *mpedimento (i)
c) ma*ã, exce*ão, exce*o, ro*a (ç)
e) pure*a, portugue*a, cortê*, anali*ar (z)

2 (Univ.Alfenas-MG) Organizamos um ( ) musical ( ) e tivemos o ( ) de contar com um público educado que teve o bom ( ) de permanecer em silêncio durante o espetáculo.
a) conserto, beneficiente, privilégio, senso
b) concerto, beneficente, privilégio, censo
c) concerto, beneficente, privilégio, senso
d) conserto, beneficente, previlégio, senso
e) concerto, beneficiente, previlégio, censo

3 (Univ. Alfenas-MG) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas corretamente.
a) disenteria, páteo, siquer, goela
b) capoeira, empecilho, jabuticaba, destilar
c) boliçoso, bueiro, possue, crânio
d) borburinho, candieiro, bulir, privilégio
e) habitue, abotoe, quase, constróe

4 (Univ. Alfenas-MG) Apenas uma das frases abaixo está totalmente correta quanto á ortografia. Assinale-a.
a) Espalhei as migalhas da torrada por todo o trageto.
b) Meu trabalho árduo não obteve hêsito algum.
c) Quiz fazer coisas que não sabia.

d) Ao puxar os detritos, eles voaram no tapete persa.
e) Acrecentei algumas palavras ao texto que corrigi.

5 (UM-SP) Aponte, entre as alternativas abaixo, a única em que todas as lacunas devem ser preenchidas com a letra u:
a) c( )rtume, escap( )lir, man( )sear, sin( )site
b) esg( )elar, reg( )rgitar, p( )leiro, ent( )pir
c) emb( )lia, c( )rtir, emb( )tir, c( )ringa
d) ( )rticária, s( )taque, m( )cama, z( )ar
e) m( )chila, tab( )leta, m( )ela, b( )eiro

6 (PUC-SP) Barbarismos ortográficos acontecem quando as palavras são grafadas em desobediência à lei ortográfica vigente. Indique a única alternativa que está de acordo com essa lei e, por isso, correta:
a) exceção, desinteria, pretensão, secenta
b) ascensão, intercessão, enxuto, esplêndido
c) rejeição, beringela, xuxu, atrazado
d) geito, mecher, consenso, setim
e) discernir, quizer, herbívoro, fixário

7 (UNICAMP-SP) A linguagem é figura do entendimento (...). Os bons falam virtudes e os maliciosos, maldades (...). Sabem falar os que entendem as coisas: porque das coisas nascem as palavras e não das palavras as coisas.
O trecho citado extraído da primeira gramática da língua portuguesa (Fernão de Oliveira, 1536), tinha, na primeira edição dessa obra, a seguinte ortografia:
A Lingoagem e figura do entendimento (...) os bos falão virtudes e os maliçiosos maldades (...) sabe (nota da ledora: sabe com til no e, - fim da nota) falar os q etere (nota da ledora: q étéré, com o til nas letras q, 1o. 2o. e 3o. e) as cousas: porq (nota da ledora: porq, com acento til no q - fim da nota) das cousas naçe (nota da ledora: naçe, com acento til no e, - fim da nota) as palauras e não das palauras as cousas.

- nota da ledora: lembramos ao leitor que este pequeno texto, é reproduzido com grafia do ano de 1536, e a configuração do editor de texto não permite alteração nos oito idiomas que trabalhamos, já que acentuações em determinadas letras, não são aceitas nos mesmos. Por este motivo, fizemos um comentário maior a respeito do texto, pelo que nos desculpamos, na tentativa de elucidar melhor a grafia utilizada, na época. Mas programas são limitados…
- fim da nota da ledora.

A ortografia do português já foi, portanto, bem diferente da atual, e houve momentos em que as pessoas que escreviam gozavam de relativa liberdade na escolha das letras. Hoje em dia, a forma escrita da língua é regida por convenções ortográficas rígidas, que não devem ser desobedecidas em contextos mais formais.
Leia com atenção os trechos abaixo, tirados de edições de setembro de um jornal de São Paulo. Identifique as palavras em que foi violada a convenção ortográfica vigente. Escreva-as, em seguida, na forma correta.
a) Os atuais ministro e prefeito são amissíssimos de longa data.
b) Mais de metade desses policiais extrapola os limites do dever por serem mau preparados.

c) Desde o início, o animal preferido em carrosséis é o cavalo, mas há excessões.

8 (F. Londrina-PR) O jovem falava com muita ( ) e grande ( ) de gestos.
a) expontaneidade, exuberância
b) espontaneidade, exuberancia
c) expontaniedade, exuberancia
d) espontaneidade, exuberância
e) espontaniedade, exuberância

9 (F. Londrina-PR) Numa ação espetacular, os pilotos ( ), em pleno ( ), os ( ) de um jato comercial.
a) apreenderam, voo, sequestradores
b) apreenderam, vôo, sequestradores
c) aprenderam, voo, sequestradores
d) apreenderam, vôo, sequestradores
e) aprenderam, vôo, sequestradores

10 (F. Londrina-PR) A ( ) entre os membros do partido acabou provocando uma ( ) interna.
a) discidência, cisão
b) dissidência, cizão
c) dissidência, cissão
d) discidência, cizão
e) dissidência, cisão

11 (FCMSCSP) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas:
Não ( ) os ( ) de ( ) desse tipo.
a) perdoo, deslizes, individuos
b) perdôo, deslizes, indivíduos
c) perdôo, deslises, individuos
d) perdoo, deslises, individuos
e) perdoo, deslizes, individuos

12 (FCMSCSP) Todos os documentos ( ), sem ( ), aparentavam grande ( ).
a) inidônios, exceção, verossemelhança
b) inidônios, excessão, verossemelhança
c) inidônios, exceção, verossimilhança
d) inidôneos, excessão, verossimilhança
e) inidôneos, exceção, verossimilhança

13 (FCMSCSP) Não ( ) a porta desse ( ), que ela já está meio ( ).
a) puche, jeito, pensa
b) puxe, jeito, pensa
c) pucbe, geito, pença
d) puxe, geito, pença
e) puxe, geito, pensa

14 (FUVEST-SP)
a) Forme substantivos femininos a partir das palavras abaixo, empregando convenientemente s ou z: limpo, defender, barão, surdo, freguês

b) Forme verbos a partir de: análise, síntese, paralisia, civil, liso

15 (UFPR) Assinale a alternativa correspondente à grafia correta dos vocábulos:
desli( )e, vi( )inho, atravé( ), empre( )a.
a) z, z, s, s
b) z, s, z, s
c) s, z, s,s
d) s,s, z, s
e) z, z, s, z

16 (FUVEST-SP) Preencha os espaços com as palavras grafadas corretamente.
A ( ) de uma guerra nuclear provoca uma grande ( ) na humanidade e a deixa ( ) quanto ao futuro.
a) espectativa, tensão, exitante
b) espectativa, tenção, hesitante
c) expectativa, tensão, hesitante
d) expectativa, tenção, hezitante
e) espectativa, tenção, exitante

17 (UFV-MG) Observando a grafia das palavras destacadas nas frases abaixo, assinale a alternativa que apresenta erro: (nota da ledora: as palavras destacadas foram colocadas entre parênteses - fim da nota da ledora.)
a) Aquele (hereje) sempre põe (empecilho) porque é muito (pretencioso).
b) Uma falsa meiguice encobria-lhe a (rigidez) e a falta de (compreensão).
c) A (obsessão) é prejudicial ao (discernimento).
d) A (hombridade) de caráter eleva o homem.
e) Eles (quiseram) fazer (concessão) para não (ridicularizar) o (estrangeiro).

18 (F. Londrina-PR) As questões da prova eram ( ), ( ) de ( ).
a) suscintas, apesar, difíceis
b) sucintas, apezar, dificeis
c) suscintas, apezar, dificeis
d) sucintas, apesar, difíceis
e) sucintas, apezar, difíceis

19 (F. São Marcos-SP) Assinale a alternativa cujas palavras estão todas corretamente grafadas:
a) pajé, xadrês, flecha, misto, aconchego
b) abolição, tribo, pretensão, obsecado, cansaço
c) gorjeta, sargeta, picína, florescer, consiliar
d) xadrez, ficha, mexerico, enxame, enxurrada
e) pagé, xadrês, flexa, mecheríco, enxame

20 (UFE-RJ) Assinale, nas séries abaixo, aquela em que pelo menos uma palavra contém erro de grafia:
a) capixaba, através, granjear
b) enxergar, primazia, cansaço, majestade
c) flexa, topázio, pagé, desumano
d) chuchu, Inês, dossel, gíria
e) piche, Teresinha, classicismo, jeito

21 (FUVEST-SP) Assinale a alternativa em que todas as palavras estejam corretamente grafadas:
a) tecer, vazar, aborígene, tecitura, maisena
b) rigidez, garage, dissenção, rigeza, cafuzo
c) minissaia, paralisar, extravasar, abscissa, co-seno
d) abscesso, rechaçar, indu, soçobrar, coalizão
e) lambujem, advinhar, atarraxar, bússola, usofruto

22 (F. C. Chagas-SP) Estavam ( ) de que os congressistas chegassem ( ) para a ( ) de abertura.
a) receosos, atrasados, sessão
b) receosos, atrazados, seção
c) receinsos, atrazados, seção
d) receiosos, atrasados, sessão
e) receíosos, atrazados, sessão

23 (F. C. Chagas-SP) A ( ) das ( ) levou à ( ) dos trabalhos do departamento.
a) contenção, despezas, paralisação
b) contensão, despezas, paralisação
c) contenção, despesas, paralisação
d) contensão, despesas, paralização
e) contenssâo, despesas, paralização

24 (UNIMEP-SP) Assinale a alternativa que contém o período cujas palavras estão grafadas corretamente:
a) Ele quíz analisar a pesquisa que eu realizei.
b) Ele quiz analizar a pesquisa que eu realizei.
c) Ele quis analisar a pesquisa que eu realizei.
d) Ele quis analizar a pesquisa que eu realisei.
e) Ele quis analisar a pesquisa que eu realisei.

25 (UM-SP) Aponte a alternativa correta:
a) exceção, excesso, espontâneo, espectador
b) excessão, excesso, espontâneo, espectador
c) exceção, exceço, expontâneo, expectador
d) excessão, excesso, espontâneo, expectador
e) exeção, exeço, expontâneo, expectador

26 (UM-SP) Assinale a alternativa que preencha os espaços corretamente.
Com o intuito de ( ) o trabalho, o aluno recebeu algumas incumbências: ( ) datas, ( ) o conteúdo e ( ) um estilo mais moderno.
a) finalisar, pesquisar, analisar, improvisar
b) finalizar, pesquisar, analisar, improvisar
c) finalizar, pesquizar, analisar, improvisar
d) finalisar, pesquisar, analizar, improvizar
e) finalizar, pesquisar, analisar, improvizar

27 (ITA-SP) Em qual das alternativas as palavras estão grafadas corretamente?
a) receoso, reveses, discrição, umedecer

b) antidiluviano, sanguissedento, aguarraz, atribue
c) ineludivel, engolimos, sobressaem, explendoroso
d) encoragem, rijeza, tecitura, turbo-hélice
e) dissensão, excurcionar, enxugar, asimétrico

28 (E. C. Chagas-SP) Com ( ) não raro ( ), ele persegue a fama.
a) tenacidade, obscecado
b) tenacidade, obcecada
c) tenascidade, obscecada
d) tenascidade, obcecada
e) tenacidade, obsecada

29 (F. C. Chagas-SP) Não creio que este fato constitua ( ) para sua ( ) na carreira.
a) empecilho, ascensão
b) empecilio, ascenção
c) impecilho, ascensão
d) empecílio, ascensão
e) empecilho, ascenção

30 (ITA-SP) Examinando as palavras:
viajens gorgeta maizena chícara constatamos que:
a) apenas uma está escrita corretamente.
b) apenas duas estão escritas corretamente.
c) três estão escritas corretamente.
d) todas estão escritas corretamente.
e) nenhuma está escrita corretamente.

31 (PUC-RJ) Preencha as lacunas com s,ss, ç, sc, sç, xc ou x:
a) Exigiu ser re( )arcido da quantia que havia pago.
b) O perfume da vela re( )endia por toda a casa.
c) A e( )entricidade era sua característica mais marcante.

32 (E. C. Chagas-SP) Estou ( ) de que tais ( ) devem ser ( )
a) cônscio, privilégios, extintos
b) cônscio, privilégios, estintos
c) cônscio, previlégios, estintos
d) côncio, previ légios, estintos
e) cônscio, previlégios, extintos

33 (F. C. Chagas-SP) Tantas ( ) constituem ( ).
a) excessões, previlégio inadmissível
b) exceções, privilégio inadmissível
c) esceções, privilégio inadmissivel
d) excessões, privilégio inadimissível
e) exceções, previlégio inadimissivel

34 (F. C. Chagas-SP) Em seu olhar não havia ( ); havia ( ) e ( ).
a) mágua, escárneo, desprezo
b) mágoa, escárneo, despreso
c) mágoa, escárnio, desprezo

d) mágua, escárnio, desprêzo
e) mágoa, escárneo, desprezo

CAPÍTULO 4 - ACENTUAÇÃO

- nota da ledora: dois terços da página são ocupados por um anúncio do Grupo Pão de Açúcar com os seguintes dizeres: Os tubarões do orçamento, os elefantes das estatais, os cobras da informática, as zebras do futebol, as gatas da moda, e os dinossauros do rock. Para lidar com todos esses bichos, só começando como foca. - Homenagem do Pão de Açúcar, Extra, Superbox, Peg e Faça, e Eletro às feras do jornalismo. Nós sabemos como é difícil estar em todos os lugares ao mesmo tempo.
- fim da nota da ledora.

Lendo este anúncio, você perceberá um fato (aparentemente) espantoso: a maioria das palavras não recebe acento gráfico. O princípio que presidiu à elaboração das regras de acentuação do português foi justamente o da economia, reservando os acentos gráficos para as palavras minoritárias da língua. Você se convencerá disso a seguir.

1. CONCEITOS BÁSICOS

Neste capítulo, estudaremos as regras de acentuação. Elas foram criadas para estabelecer um sistema que organize a questão da tonicidade (intensidade de pronúncia) da sílaba portuguesa.

Quando você diz café, uma das sílabas é pronunciada com mais intensidade do que a outra.

Você deve ter percebido que a sílaba mais forte é fé, que é a tônica. A outra sílaba, “ca”, é fraca, ou seja, é pronunciada com pouca intensidade tonal. Por isso é átona. A parte da acentuação que estuda a posição dessas sílabas nas palavras recebe o nome de acentuação tônica.
Na língua escrita, há elementos que procuram apresentar a posição da sílaba tônica e outras particularidades, como timbre (abertura) e nasalização das vogais. Esses elementos são os chamados acentos gráficos. O estudo das regras que disciplinam o uso adequado desses sinais é a acentuação gráfica.

2 ACENTUAÇÃO TÔNICA

Quem é que não conhece aquela famosa brincadeira que se faz com as palavras sabia/sabiá? "Você sabia que o sabiá sabia assobiar?" A brincadeira se baseia na diferente posição da sílaba tônica de sabia (bi) e de sabiá (á). Seria possível, ainda, acrescentar à brincadeira a palavra sábia, cuja sílaba tônica é “sá”.
Na língua portuguesa, a sílaba tônica pode aparecer em três diferentes posições; consequentemente, as palavras podem receber três classificações quanto a esse aspecto:
a) oxítonas são aquelas cuja sílaba tônica É a última: você, café, jiló, alguém, ninguém, paul, ruim, carcará, vatapá, anzol, condor;
b) paroxítonas são aquelas cuja sílaba tônica é a penúltima: gente, planeta, homem, alto, âmbar, éter, dólar, pedra, caminho, amável, táxi, hífen, álbum, vírus, tórax;

c) proparoxítonas - são aquelas cuja sílaba tônica é a antepenúltima: lágrima, trânsito, xícara, úmido, Alcântara, mágico, lâmpada, ótimo, médico, fanático.
Você observou que, nos exemplos dados para os três casos, só há palavras com mais de uma sílaba. Quanto às de apenas uma sílaba, os chamados monossílabos, há divergências quanto à sua classificação tônica. Quando apresentam tonicidade, como no caso de má, pó, fé, há quem as considere simplesmente monossílabos tônicos. Outros preferem dizer que são "oxítonas de apenas uma sílaba". A questão é polêmica, mas a primeira tese (monossílabos tônicos) tem mais adeptos.

- nota da ledora: propaganda da Samello com a seguinte legenda: Deckshoes Samello. Seus pés prontos para o verão - representação dos cinco dedos do pé, cada um usando óculos de sol, proporcional ao seu tamanho.
- fim da nota.

É importante destacar que só se percebe se um monossílabo é tônico ou átono pronunciando-o numa seqüência de palavras, ou seja, numa frase. Experimente com o verbo pôr e a preposição por. Leia a frase "Fazer por fazer" e depois substitua o verbo fazer pelo verbo pôr ("Pôr por pôr"). Que tal? Fica clara a diferença entre o verbo, que é tônico, e a preposição, que é átona. Note que o “o” da preposição por tende a ser lido como u ("pur"), o que é um sintoma da atonicidade.
Qual é a sílaba tônica de pele? Como você pronuncia o segundo e? Como i ("peli"), não é? O e átono é pronunciado como “i”, e o “o”, como u.Veja esta frase:
Há pessoas extremamente más, mas há outras extremamente boas.
Percebeu a diferença entre más e mas? A primeira é um monossílabo tônico; a segunda é um monossílabo átono. Em português, existem algumas palavras dissílabas átonas, como a preposição para.

Prosódia
A língua culta determina a posição correta da sílaba tônica de uma palavra. É muito comum a divergência entre a pronúncia praticada no dia-a-dia e a recomendada pelos dicionários e gramáticas. Quase ninguém pronuncia "dúplex" (paroxítona), como recomendam os dicionários. O que se ouve mesmo é "duplex" (oxítona). A parte da Fonologia que estuda e fixa a posição da sílaba tônica é a prosódia. Quando ocorre um erro de prosódia, ou seja, a troca da posição da sílaba tônica, verifica-se o que se chama de silabada. É bom lembrar que a pronúncia culta sempre prevalece nesses casos.
Leia em voz alta as palavras a seguir, destacando a sílaba tônica. Procure memorizar e empregar a forma culta desses vocábulos.
São oxítonas: cateter, condor, ruim, ureter, Nobel, mister ("Para viver um grande amor, mister é ser homem de uma só mulher" - Vinicius de Moraes).
São paroxítonas: avaro, austero, aziago, ciclope, filantropo, ibero, pudico, juniores, látex, recorde, rubrica, têxtil.
São proparoxítonas: aerólito, ínterim, aríete, levedo, ômega, bávaro, crisântemo, monólito, transfuga.
Existem palavras que admitem dupla pronúncia: acróbata/acrobata; hieróglifo/hieroglifo; projétil/projetil; reptil/reptil; Oceânia/Oceania; transistor/transistor; xérox/xerox. O melhor mesmo é não "chutar". Dúvidas quanto à prosódia devem ser resolvidas por meio de consulta a um bom dicionário.

ATIVIDADES

1. Classifique as palavras destacadas nas frases abaixo, de acordo com a posição da sílaba tônica:

- nota da ledora: as palavras destacadas foram colocadas entre parênteses
- fim da nota.

a) Ninguém (sabia) o que fazer.
b) Era uma pessoa (sábia).
c) Vivo querendo ver o tal (sabiá) que canta nas palmeiras.
d) Anos antes ele (cantara) no Teatro Municipal.
e) Anunciaram que ele (cantará) no Teatro Municipal.
f) Não (contem) com a participação dele. Ele alega que nosso movimento (contém) interesses particulares e que, por isso, não (está) disposto a contribuir para (esta) causa.
g) Tudo não passou de um (equívoco).
h) Raramente me (equivoco).
i) Você conhece alguém que saiba tocar (cítara)?
j) Ele (citara) o nome do amigo durante o primeiro depoimento. Todos aguardam para saber se ele o (citará) novamente.

Classificação das palavras quanto à tonicidade
a) palavras de uma sílaba:
monossílabos átonos e monossílabos tônicos.
b) palavras de mais de uma sílaba:
oxítonas, quando a sílaba tônica é a última;
paroxítonas, quando a sílaba tônica é a penúltima;
proparoxítonas, quando a sílaba tônica é a antepenúltima.

2. Classifique os monossílabos destacados nas frases seguintes, de acordo com a tonicidade:
a) O caminho (por) onde vou para casa é sempre o mesmo.
b) Suas malas? Vou (pôr) onde houver espaço.
c) (Que) tipo de candidato você elegeu na última eleição? E (por quê)?
d) Eram pessoas (más), (mas) poucos sabiam disso.
e) Eles (se) conheceram (há) poucos meses.
f) (Sê) feliz com teus sonhos, meu amigo, (e) constrói (a) tua vida.

3. Substitua cada uma das palavras ou expressões destacadas nas frases seguintes por uma única palavra. As palavras procuradas costumam oferecer problemas de prosódia; por isso, esteja atento e não cometa silabadas.
a) O (grande pássaro andino) é o símbolo da América do Sul.
b) Foi necessário introduzir um (instrumento médico tubular) em seu antebraço.
c) É (necessário) fiscalizar a atividade dos prefeitos e vereadores.
d) O sabor da comida não era (mau), mas seu aspecto era desanimador.
e) É um indivíduo (que evita o convívio social). Sua conduta (é cheia de gravidade e seriedade).
f) Ele se diz um especialista em (leitura das mãos e leitura das cartas). E jura que só presta serviços (que não custam nada).
g) A partida entre o time dos (mais jovens) e o time dos (mais velhos) bateu (a melhor marca) anterior de pontos marcados.
h) Não foi possível obter a (assinatura abreviada) dos participantes do encontro.

i) O (modelo) do avião estava em exposição nos arredores do (campo de pouso e decolagem).
j) Fomos e voltamos em poucos minutos; nesse (intervalo), ele desapareceu.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

OS ACENTOS

A acentuação gráfica consiste na aplicação de certos sinais escritos sobre algumas letras para representar o que foi estipulado pelas regras de acentuação, que estudaremos adiante. Esses sinais, que fazem parte dos diacríticos - além dos acentos, o trema, o til, o apóstrofo e o hífen -,são:
a) o acento agudo (‘) - colocado sobre as letras a, i, u e sobre o e do grupo -em, indica que essas letras representam as vogais tônicas da palavra: carcará, caí, súdito, armazém. Sobre as letras “e” e “o”, indica, além de tonicidade, timbre aberto: lépido, céu, léxico, apóiam;
b) o acento circunflexo (^) - colocado sobre as letras “a”, “e” e “o”, indica, além de tonicidade, timbre fechado: lâmpada, pêssego, supôs, vêem, Atlântico;
c) o trema (“) - indica que o u é semivogal, ou seja, é pronunciado atonamente nos grupos gue, gui, que, qui: ungüento, sagüi, seqüestro, eqüino;
d) o til (~) - indica que as letras a e o representam vogais nasais: alemã, órgão, portão, expõe, corações, ímã;
e) o acento grave (`) - indica a ocorrência da fusão da preposição a com os artigos a e as, com os pronomes demonstrativos a e as e com a letra a inicial dos pronomes aquele, aquela, aqueles, aquelas, aquilo: à, às, àquele, àquilo.

ASPECTOS GENÉRICOS DAS REGRAS DE ACENTUAÇÃO

As regras de acentuação foram criadas para sistematizar a leitura das palavras portuguesas. Seu objetivo é deixar claros todos os procedimentos necessários para que ninguém tenha nenhuma dúvida quanto à posição da sílaba tônica, o timbre da vogal, o fonema representado pela letra u, a nasalização da vogal.

As regras fundamentais de acentuação gráfica baseiam-se numa constatação que pode facilmente ser observada nas palavras que aparecem na canção "Onde anda você", de Hermano Silva e Vinicius de Moraes, cuja letra diz:

E, por falarem saudade, onde anda você?
Onde andam seus olhos, que a gente não vê?
Onde anda esse corpo, que me deixou morto de tanto prazer?
E, por falarem beleza, onde anda a canção que se ouvia na noite,
Nos bares de então, onde a gente ficava, onde a gente se amava
Em total solidão?
Hoje eu saio na noite vazia, numa boemia sem razão de ser
Na rotina dos bares, que, apesar dos pesares, me trazem você
E, por falarem paixão, em razão de viver
Você bem que podia me aparecer
Nesses mesmos lugares, na noite, nos bares
Onde anda você?

Há no texto 106 palavras. Você pode conferir, se não confiar na contagem. Aproveite e procure as palavras proparoxítonas do texto. Procurou? Quantas há? Nenhuma.
Das palavras de mais de uma sílaba (sessenta e duas), quarenta e três são paroxítonas. Esses dados correspondem exatamente ao perfil básico da tonicidade das palavras da língua portuguesa: as proparoxítonas são pouco comuns, as paroxítonas são maioria e as oxítonas ocupam a vice-liderança.
Além disso, é possível observar que todas as paroxítonas do texto terminam em “a”, “e” e “o”, e nenhuma recebe acento gráfico. Esses fatos provam que as regras foram feitas para evitar a acentuação das palavras mais comuns na língua. Aliás, você deve ter percebido que, das 106 palavras do texto, apenas oito recebem algum tipo de acento, incluindo o til, e que só a palavra você apareceu quatro vezes.

- nota da ledora: propaganda da Bradesco Seguros de automóveis: na foto, um
pincel de barbeiro, usado para espalhar o creme de barbear no rosto do cliente, e
a legenda: Esta cidade está cheia de barbeiros. - alusão aos maus motoristas
- fim da nota.

As regras de acentuação se regem por princípio da economia: por isso esta (paroxítona) não recebe acento, mas está (oxítona) sim.

E por que você, oxítona terminada em e, leva acento? Porque as oxítonas terminadas em e são menos numerosas que as paroxítonas terminadas em “e”. Para comprovar isso, basta verificar que quase todos os verbos apresentam pelo menos uma forma paroxítona terminada em e (fale, pense, grite, estude, corre, sofre, perde, vende, permite, dirige, assiste, invade). E o que se acentua, a maioria ou a minoria? A minoria, sempre a minoria.
Que tal, então, parar de dizer que há muitos acentos em português?

AS REGRAS BÁSICAS

Como vimos, as regras de acentuação gráfica procuram reservar os acentos para as palavras que se enquadram nos padrões prosódicos menos comuns da língua portuguesa. Disso, resultam as seguintes regras básicas:

a) proparoxítonas - são todas acentuadas. E o caso de: lâmpada, Atlântico, Júpiter, ótimo, flácido, relâmpago, trôpego, lúcido, víssemos.

b) paroxítonas - são as palavras mais numerosas da língua e justamente por isso as que recebem menos acentos. São acentuadas as que terminam em:
i, is: táxi, beribéri, lápis, grátis;
us, um, uns: vírus, bônus, álbum, parabélum (arma de fogo), álbuns, parabéluns;
l, n, r, x, ps: incrível, útil, próton, elétron, éter, mártir, tórax, ônix, bíceps, fórceps;
ã, ãs, ão, ãos: ímã, órfã, ímãs, órfãs, bênção, órgão, órfãos, sótãos;
ditongo oral, crescente ou decrescente, seguido ou não de s: água, árduo, pônei, vôlei, cáries, mágoas, pôneis, jóqueis.
c) oxítonas - são acentuadas as que terminam em:
a, as: Pará, vatapá, estás, irás;
e, es: você, café, Urupês, jacarés;
o, os: jiló, avô, retrós, supôs;
em, ens: alguém, vintém, armazéns, parabéns.

Verifique que essas regras criam um sistema de oposição entre as terminações das oxítonas e as das paroxítonas. Compare as palavras dos pares seguintes e note que os acentos das paroxítonas e os das oxítonas são mutuamente excludentes:
portas (paroxítona, sem acento) e atrás (oxítona, com acento);
pele (paroxítona, sem acento) e café (oxítona, com acento);
corpo (paroxítona, sem acento) e maiô (oxítona, com acento);
garantem (paroxítona, sem acento) e alguém (oxítona, com acento);
hífens (paroxítona, sem acento) e vinténs (oxítona, com acento);
táxi (paroxítona, com acento) e aqui (oxítona, sem acento).
d) monossílabos tônicos - são acentuados os terminados em:
a, as: pá, vá, gás, Brás;
e, es: pé, fé, mês, três;
o, os: só, xô, nós, pôs.

- nota da ledora: propaganda do bombom Sonho de Valsa, da Lacta, com o seguinte teor: Foi bombom para você também? - apresentando uma foto do bombom
- fim da nota.

Temos acima duas oxítonas acentuadas: você (porque termina em e) e também (pois sua terminação é em).

ATIVIDADES
1. A relação abaixo é formada por palavras inventadas. Observe atentamente cada uma delas e, baseado no seu conhecimento sobre o sistema de regras de acentuação da língua portuguesa, coloque os acentos gráficos que julgar necessários:
a) astrider (proparoxítona)
b) sensinen (paroxítona)
c) felo (oxítona, o fechado)
d) nerta (oxítona, a nasal)
e) mardo (paroxítona)
f) aminho (proparoxítona)
g) carpips (paroxítona)
h) crestons (oxítona)
i) explons (paroxítona, e fechado)
j) mirmidens (paroxítona)
l) curquens (oxítona)
m) artu (paroxítona)
n) quistuns (oxítona)
o) ardovel (paroxítona, o aberto)
p) cipodeis (paroxítona, o aberto)
q) ormar (oxítona)
r) senser (paroxítona, e fechado)
s) lolux (oxítona)
t) atonde (paroxítona)
u) cliclex (paroxítona)

2. Nas frases seguintes, cada palavra ou expressão destacada substitui um monossílabo cujo número de letras vem indicado entre parênteses. Procure identificar esse monossílabo, grafando-o corretamente:
a) (Entregue) (2) os papéis a ele. Diga-lhe que não (coloquei) (3) minha rubrica em nenhum deles porque não concordo com as idéias expostas.
b) (Existem) (2) motivos para temer as pessoas ruins (3).
c) Ele nos faz uma visita a cada (trinta dias) (3).
d) Colocou (3) as mãos em operação e tentou desfazer os (emaranhados) (3) que as crianças haviam deixado na linha.
e) Comprou diversas (ferramentas para cavar) (3).
f) Hoje ele deu duro: espanou (poeira) (2), carregou botijões de (combustível para fogão de cozinha) (3), lavou o piso (4) e ainda (colocou) (3) nossa única cabeça de gado (3) no pasto.
g) Sentimos pena (2) e revolta.

AS REGRAS ESPECIAIS:

Além dessas regras que você acabou de estudar e que se baseiam na posição da sílaba tônica e na terminação, há outras, que levam em conta aspectos específicos da sonoridade das palavras. Essas regras são aplicadas nos seguintes casos:

HIATOS

Quando a segunda vogal do hiato for i ou u, tônicos, acompanhados ou não de s, haverá acento: saída, proíbo, faísca, caíste, saúva, viúva, balaústre, carnaúba, país, aí, baú, segunda vogal: i ou u tônico.
Cuidado: se o i for seguido de nh, não haverá acento. É o caso de: rainha, moinho, tainha, campainha. Também não haverá acento se a vogal i ou a vogal u se repetirem, o que ocorre em poucas palavras: vadiice, sucuuba, mandriice, xiita.
Convém lembrar que, quando a vogal i ou a vogal u forem acompanhadas de outra letra que não seja s, não haverá acento: ruim, juiz, paul, Raul, cairmos, contribuiu, contribuinte.

Quando, nos grupos ee e oo, a primeira vogal for tônica, haverá acento circunflexo: crêem, dêem, lêem, vêem, descrêem, relêem, prevêem, revêem, côo, vôo, enjôo, magôo, abotôo.
Note que a terminação êem é exclusiva dos verbos crer, dar, ler, ver e derivados (descrer, reler, prever, rever, antever e outros). Não ocorre a terminação êem nos verbos ter, vir e derivados (deter, manter, entreter, conter, reter, obter, abster, intervir, convir, provir e outros).

DITONGOS

Ocorre acento na vogal tônica dos ditongos ei, eu, oi, desde que sejam abertos, como em anéis, aluguéis, coronéis, idéia, geléia, céu, chapéu, réu, véu, troféu, apóiam, heróico, jóia, estóico, esferóide.
Cuidado: não haverá acento se o ditongo for aberto, mas não tônico:
chapeuzinho, heroizinho, aneizinhos, pasteizinhos, ideiazinha. Você notou que, em todas essas palavras, a sílaba tônica é “zi”. Se o ditongo apresentar timbre fechado,

também não haverá acento, como em azeite, manteiga, eu, judeu, hebreu, apoio, arroio, comboio.

Coloca-se trema sobre a letra u pronunciada atonamente nos grupos gue, gui, que, qui, nos quais acaba ocorrendo ditongo crescente: lingüiça, seqüestro, eqüino, agüentar, ungüento, tranqüilo, conseqüência, argüir.
Cuidado: se nesses mesmos grupos (gue, gui, que, qui) a letra u for pronunciada tonicamente, haverá acento agudo, como em apazigúe, obliqúe, argúi, argúem, averigúe, averigúem, obliqúem.

FORMAS VERBAIS SEGUIDAS DE PRONOMES OBLÍQUOS

Para acentuar as formas verbais associadas a pronomes oblíquos, leve em conta apenas o verbo, desprezando o pronome. Considere a forma verbal do jeito que você a pronuncia e aplique a regra de acentuação correspondente. Em cortá-lo, considere cortá, oxítona terminada em a e, portanto, acentuada. Em incluí-lo, considere incluí, em que ocorre hiato. Já em produzi-lo, não há acento, porque produzi é oxítona terminada em i.

-nota da ledora: Propaganda da Manufatura de Cinema, com a palavra Seqüência - e a seguinte legenda: O trema em seqüência assinala a letra u pronunciada atonamente no grupo que.
- fim da nota.

ACENTOS DIFERENCIAIS

Existem algumas palavras que recebem acento excepcional, para que sejam diferenciadas, na escrita, de suas homônimas. São casos muito particulares e, por isso mesmo, pouco numerosos. Convém iniciar a relação lembrando o acento que diferencia a terceira pessoa do singular da terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos ter e vir:

ele tem - eles têm
ele vem - eles vêm
Com os derivados desses verbos, é preciso lembrar que há acento agudo na terceira pessoa do singular e circunflexo na terceira do plural do presente do indicativo:
ele detém - eles detêm
ele mantém - eles mantêm
ele intervém - eles intervêm
ele provém - eles provêm
ele obtém - eles obtêm
ele convém - eles convêm

- nota da ledora: - nesta página, apresentam-se quatro logotipos usados por guardadores de carros
- fim da nota.

No 2o.e no 3o. quadros, pára recebe acento porque é forma do verbo parar. O acento serve para distingui-la de para (sem acento), preposição.

Existe apenas um acento diferencial de timbre em português: pôde (terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo poder), diferencial de pode (terceira do singular). Há ainda algumas palavras que recebem acento diferencial de tonicidade, ou seja, são palavras que se escrevem com as mesmas letras, mas têm oposição tônica (uma é tônica, a outra é átona). São as seguintes:

pôr (verbo)
por (preposição)

pára (forma do verbo parar, também presente em algumas palavras compostas: pára-brisa, pára-quedas, pára-raios, pára-lama)
para (preposição)
côas, côa (formas do presente do indicativo do verbo coar)
coas, coa (preposição com + artigo a e as, respectivamente; essas formas são comuns em poesia)
péla, pélas (formas do verbo pelar, ou substantivos)
pela, pelas (contrações de preposição e artigo)
pêlo, pêlos (substantivos)
pélo (forma do verbo pelar)
pelo, pelos (contrações de preposição e artigo)
pêra (substantivo)
péra (substantivo)
pera (preposição arcaica)
pêro, Pêro (substantivos)
pero (conjunção arcaica)
pôla (substantivo)
póla (substantivo)
pola (contração arcaica de preposição e artigo)
pôlo (substantivo)
pólo (substantivo)
polo (contração arcaica de preposição e artigo)

TEXTOS PARA ANÁLISE

- nota da ledora: anúncio do Jornal do Brasil - classificados - com os seguintes dizeres:
- se é pra vender como água, pra quê chover no molhado? Seja direto com quem interessa. Anuncie no Classificado que interessa.
- fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO

Há, no texto acima, um erro de acentuação gráfica. Aponte-o e explique por que ele ocorre.

- nota da ledora: propaganda da Companhia Vale do Rio Doce, nos termos seguintes: Transparência, Eficiência, Coerência. Conseqüência: a Vale ganhou o Prêmio Mauá.
- fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO

1. Justifique a acentuação gráfica das palavras transparência, eficiência e coerência.

2. Observe como está grafada, no texto, a palavra conseqüência. Essa grafia está correta? Explique.

Construção

Amou daquela vez como se fosse a última
Beijou sua mulher como se fosse a última
E cada filho seu como se fosse o único
E atravessou a rua com seu passo tímido

Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima

Sentou pra descansar como se fosse sábado
Comeu feijão com arroz como se fosse príncipe
Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
Dançou e gargalhou como se ouvisse música
E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
E flutuou no ar como se fosse um pássaro
E se acabou no chão feito um pacote flácido
Agonizou no meio do passeio público
Morreu na contramão atrapalhando o tráfego

Amou daquela vez como se fosse o último
Beijou sua mulher como se fosse a única
E cada filho seu como se fosse o pródigo
E atravessou a rua com seu passo bêbado
Subiu a construção como se fosse sólido
Ergueu no patamar quatro paredes mágicas
Tijolo com tijolo num desenho lógico
Seus olhos embotados de cimento e tráfego

Sentou pra descansar como se fosse um príncipe
Comeu feijão com arroz como se fosse o máximo
Bebeu e soluçou como se fosse máquina
Dançou e gargalhou como se fosse o próximo

E tropeçou no céu como se ouvisse música
E flutuou no ar como se fosse sábado
E se acabou no chão feito um pacote tímido
Agonizou no meio do passeio náufrago
Morreu na contramão atrapalhando o público

Amou daquela vez como se fosse máquina
Beijou sua mulher como se fosse lógico
Ergueu no patamar quatro paredes flácidas
Sentou pra descansar como se fosse um pássaro

E flutuou no ar como se fosse um príncipe
E se acabou no chão feito um pacote bêbado
Morreu na contramão atrapalhando o sábado.

(HOLLANDA, Chico Buarque de. ln: Chico Buarque. São Paulo, Abril Educação, 1980. p.
28-9. Literatura comentada.)

- nota da ledora : na página um desenho, alongado, de uma construção estilizada.
- fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO

1. Observe a última palavra de cada um dos versos do texto. Por que todas são acentuadas graficamente?
2. Por que as palavras do tipo a que se refere a questão anterior são todas acentuadas graficamente?
3. Além da última palavra de cada verso, só há uma outra acentuada no texto. Qual é e por que recebe acento gráfico?
4. A partir do que se vê no texto e nas três questões anteriores, pode-se concluir que em português as palavras que recebem acento gráfico são maioria ou minoria? Explique.
5. Classifique quanto à tonicidade estas palavras, retiradas do texto: última, máquina, náufrago, música, público, tráfego, último. Se fosse eliminado o acento gráfico, as palavras continuariam existindo? Explique.
6. Que efeito causa o emprego de palavras de mesma acentuação tônica no final de cada verso? Comente.
7. "Morreu na contramão atrapalhando o sábado." Por que se pode dizer que essa é uma maneira irônica e patética de sintetizar o espírito do texto?

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1 (Univ. Alfenas-MG) Assinale a alternativa em que todas as palavras prescindem de acentuação gráfica, se forem seguidas as regras da gramática normativa atual:
a) até, ôlho-de-boi, êle
b) ôlho-de-boi, pôde, já
c) prêto, aquêle, capêta
d) até, já, dôido
e) êle, só, ninguém

2 (Univ. Alfenas-MG) A mesma regra de acentuação que vale para rápida, vale também para:
a) mutável, estaríamos, vírgula, admissíveis
b) vírgula, simbólica, símbolo, hieróglifos
c) ortográfico, colégios, egípcios, língua
d) básicos, difícil, colégios, língua
e) português, inglês, símbolos, língua

3 (FAAP-SP) Justifique a acentuação dos seguintes vocábulos:
a) históricos
b) índio
c) país

d) herói

4 (ACAFE-SC) Assinale a alternativa incorreta:
a) Esôfago, órgão e afôito são palavras acentuadas graficamente.
b) Bêbado, bálsamo e binóculo são proparoxítonas.
c) Exausto, arroio e ofício são palavras trissílabas.
d) Lei e lua apresentam ditongo e hiato, respectivamente.
e) Caminho apresenta sete letras e seis fonemas.

5 (CEFET-PR) Observando a grafia e acentuação, indique a alternativa em que todas as palavras estão corretas:
a) privilégio, espontâneo, ressurreição
b) má-criação, abstração, exitação
c) maciço, sisudez, classissismo
d) acessor, sargeta, senzala
e) incursão, propenção, mixto

6 (FUVEST-SP) Assinale a alternativa em que o texto está acentuado corretamente.
a) A princípio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgilia era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amorável, elegante, austera, um modêlo.
b) A princípio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgília era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amorável, elegante, austera, um modelo.
c) A princípio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgília era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades solidas e finas, amoravel, elegante, austera, um modêlo.
d) A principio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgilia era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amorável, elegante, austera, um modelo.
e) A princípio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgília era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amoravel, elegante, austera, um modelo.

7 (ITA-SP) Assinale a alternativa em que todas as palavras podem estar corretas quanto à acentuação gráfica:
a) seco, sozinhas, récorde, contens, rebôos, pêlos
b) pára, pôr, vêm, côas, provêm, contêm
c) pêlos, pélo, pêras, póde, argúem, avaros
d) pélo, intervém, têm, itens, reúnem, corrói
e) vem, averigúem, pôde, esfíncter, heroína, pospôr

8 (ITA-SP) Assinale a alternativa cujas palavras devem ser graficamente acentuadas, respectivamente, pelas mesmas regras de feiura, apazigue, paranoico, texteis, interim:
a) Adail, enxague, heroico, orfão, homografas
b) ruidos, averiguem, caracoizinhos, fosseis, bramane
c) juizes, frequente, bachareis, benções, pudico
d) substituidas, arguem, escarceu, nevoa, bigamo
e) baus, apaziguemos, onomatopeico, alcoois, biotipo

9 (PUCC-SP) Assinale a série em que todos os vocábulos estão escritos de acordo com as normas vigentes de acentuação gráfica:
a) item, juizes, juri, córtex, magôo
b) Luís, vírus, eletron, hífens, espírito
c) espontâneo, táxi, rúbrica, bênção, apazigue

d) através, intuito, álbuns, varíola, sauna
e) dolar, zebú, ritmo, atraí-lo, bangalô

10 (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que não há nenhum erro de ortografia e acentuação.
a) Embora quisesse pôr o caso em discussão, hesitou muito ao perceber o constrangimento de todos.
b) À exceção do representante do corpo doscente, puzeram-se a favor da proposta do ex-reitor sómente seus ex-discípulos.
c) Atraz de tanta segurança, estava a ocultar todo o ressentimento que remoia a anos.
d) De tanto remexer na memória o que lhe escapava à compreensão, já não sabia mais o quê dava tanta vida àquele amontoado de lembranças.
e) Arrependia-se sempre da rispidez com que a recebia, pois não precisava ser advinho para saber que dali há instantes choraria por ela.

11 (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que não há nenhum erro de ortografia e acentuação.
a) Estavam estranhando no seu geito, e não entendiam o por que de tanta controvérsia se ela já se pronunciara à favor da nova tese.
b) O trabalho supunha análise minuciosa de vários itens, o que justificava a exigência de mais tempo para sua execução e de mais material à disposição dos pesquizadores.
c) Obrigado à fazer o que ninguém quiz, sentiu-se humilhado, mas de repente suspos que, atravéz da difícil tarefa, poderia alcançar notoriedade.
d) Pressentiu que eles não tinham percebido a extensão do problema que apontara, e pôde comprovar sua impressão quando se referiram aquilo que dissera, sem dar o devido peso a suas palavras.
e) Hora aqui, hora ali, corria atrás de suas pretensões, sem nenhum excrúpulo de tirar vantagem do que quer que fôsse.

12 (UNESP) justifique a acentuação nos seguintes vocábulos:
a) conveniência
b) também
c) matéria
d) espírito

13 (UNESP) Ruínas é uma palavra acentuada. Explique por quê. A seguir, responda:
O vocábulo ruim deve ou não levar acento? justifique.

14 (FGV-RJ) Assinale a alternativa que completa corretamente as frases:
I. Cada qual faz como melhor lhe ( ).
II. O que ( ) estes frascos?
III. Neste momento os teóricos ( ) os conceitos.
IV. Eles ( ) a casa do necessário.
a) convém, contém, revêem, provêem
b) convém, contêm, revêem, provêm
c) convém, contém, revêm, provém
d) convêm, contém, revêem, provêem
e) convêm, contêm, revêem, provêem

15 (ITA-SP) Assinale a seqüência sem erro de acentuação:

a) pára (verbo), pêlo (subst.), averigúe, urutu
b) para (verbo), pelo (subst.), averigúe, urutu
c) pára (verbo), pêlo (subst.), averigüe, urutu
d) pára (verbo), pelo (subst.), averigüe, urutú
e) para (verbo), pelo (subst.), averigue, urutu

16 (UM-SP) Assinale a única alternativa em que nenhuma palavra é acentuada graficamente:
a) bonus, tenis, aquele, virus
b) repolho, cavalo, onix, grau
c) juiz, saudade, assim, flores
d) levedo, carater, condor, ontem
e) caju, virus, niquel, ecloga

17 (E. C. Chagas-SP) Por favor, ( ) com esse ( ), pois precisamos de ( )
a) para, ruído, tranqüilidade
b) para, ruido, tranquilidade
c) para, ruído, tranqüilidade
d) pára, ruído, tranqüilidade
e) pára, ruido, tranqüilidade

18 (PUCC-SP) A última reforma ortográfica aboliu o acento gráfico da sílaba subtônica e o acento diferencial de timbre. Por isso, não há erro de acentuação na alternativa:
a) surpresa, pelo (contração), sozinho
b) surpresa, pelo (contração), sózinho
c) surprêsa, pélo (verbo), sozinho
d) surpresa, pêlo (substantivo), sòzinho
e) n.d.a.

19 (PUCC-SP) Assinale a alternativa de vocábulo corretamente acentuado:
a) hífen
b) item
c) ítens
d) rítmo
e) n.d.a.

20 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção em que os vocábulos obedecem à mesma regra de acentuação gráfica:
a) terás/límpida
b) necessário/verás
c) dá-lhes/necessário
d) incêndio/também
e) extraordinário/incêndio

21 (FEI-SP) Reescreva as palavras abaixo, colocando o acento gráfico conveniente:
perdoo, orfã, filantropo, textil

22 (FUVEST-SP) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão corretamente acentuadas:
a) Tietê, órgão, chapéuzinho, estrêla, advérbio

b) fluido, geléia, Tatui, armazém, caráter
c) saúde, melância, gratuito, amendoim, fluído
d) inglês, cipó, cafézinho, útil, ltú
e) canôa, heroísmo, crêem, Sergípe, bambú

23 (UM-SP) Assinale a alternativa em que a acentuação da forma verbal está incorreta:

- nota da ledora: a palavra grifada foi colocada entre parêntese.
- fim da nota.

a) Os pais não (vêem) graça nos atos dos filhos indisciplinados.
b) Toda sua conversa (contém) palavras ora de revolta, ora de ternura.
c) Nada me perturba a paz interna, nem mesmo quando a minha consciência me (argui).
d) Em quase todas a reuniões, os ministros (retêm) as reformas dos planos de ensino.
e) Seus atos inconscientes (intervêm) constantemente na minha tranqüilidade.

24 (UFF-RJ) Só numa série abaixo estão todas as palavras acentuadas corretamente. Assinale-a.
a) rápido, séde, côrte
b) Satanás, ínterim, espécime
c) corôa, vatapá, automóvel
d) cometí, pêssegozinho, viúvo
e) lápis, raínha, côr

25 (FGV-RI) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão corretamente grafadas:
a) raiz, raízes, sai, apóio, Grajau
b) carretéis, funis, índio, hifens, atrás
c) juriti, ápto, âmbar, difícil, almoço
d) órfão, afável, cândido, caráter, Cristovão
e) chapéu, rainha, Bangú, fossil, conteúdo

26 (UFV-MG) Assinale a alternativa em que há erro de acentuação gráfica:
a) apóiam, obliqúe, averigúe
b) inexcedível, influi, enjôo
c) cauím, egoísta, contém
d) órgão, estréiam, saúva
e) conclui, além-túmulo, médium

27 (UNESP) Abaixo relacionamos algumas palavras:
República, porém, reações, vitima, Gegê, emissários, estória, também, contrário, memória, até, água, caique, conclusão
Marque a alternativa que contém regra de acentuação gráfica que não seja aplicável a nenhuma das palavras da relação acima:
a) Põe-se o acento agudo no i e no u tônicos que não formam ditongo com a vogal anterior.
b) Todas as palavras proparoxítonas devem ser acentuadas graficamente. Incluem-se neste preceito os vocábulos terminados em encontros vocálicos que podem ser pronunciados como ditongos crescentes.
c) Assinala-se com acento agudo o u tônico precedido de g ou q e seguido de e ou i.

d) Assinalam-se com o acento agudo os vocábulos oxítonos que terminam em a, e, o abertos, e com o acento circunflexo os que acabam em e, o fechados, seguidos ou não de s.
e) Usa-se o til para indicar a nasalização, e vale como acento tônico se outro acento não figura no vocábulo.

PARTE 2 - MORFOLOGIA

CAPÍTULO 5 - ESTRUTURA E FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

- nota da ledora: propaganda com os seguintes teores: Os Gordos - com Nicolau Breyner - domingo, no canal 1, e do Diet Shake - não faça lipo (referência a lipoaspiração) , faça aspiração (mostrando um copo vazio, de diet shake, com um canudo - e uma propaganda
- fim da nota.

A língua portuguesa apresenta dois processos básicos para a formação das palavras: a derivação e a composição.

"Os gordos" constitui exemplo de derivação imprópria: a palavra gordos, originalmente adjetivo, converteu-se em substantivo sem sofrer qualquer acréscimo ou supressão em sua forma.
O segundo exemplo alude a uma palavra formada por composição (lipoaspiração) e, decompondo-a, tenta convencer o leitor a gastar seu dinheirinho com guloseimas, em vez de fazê-lo com cirurgia estética.

CONCEITOS BÁSICOS
Sabemos que a Morfologia estuda a estrutura, a formação, a classificação e as flexões das palavras. Neste capítulo, iniciamos nossos estudos de Morfologia: vamos investigar a estrutura e os processos de formação das palavras de nossa língua.
Se pensarmos em palavras que mantêm alguma semelhança com o substantivo governo, poderemos encontrar o seguinte grupo:

governo
governa
desgoverno
desgovernado
governadores
ingovernável
ingovernabilidade

Todas essas palavras têm pelo menos um elemento comum: a forma goven-. Além disso, em todas elas há elementos destacáveis, responsáveis pelo acréscimo de algum detalhe de significação. Compare, por exemplo, governo e desgoverno: o elemento inicial des- foi acrescentado à forma governo, trazendo o significado de "falta, ausência, carência".
Continuando esse trabalho de comparação entre as diversas palavras que selecionamos, podemos depreender a existência de diversos elementos formadores:

govern-o
goven-a
des-govern-o
des-govern-a-do
govern-a-dor-es
in-govern-á-vel
in-govern-a-bil-i-dade

Cada um desses elementos formadores é capaz de fornecer alguma noção significativa à palavra que integra. Além disso, nenhum deles pode sofrer nova divisão. Estamos diante de unidades de significação mínimas, ou seja, elementos significativos indecomponíveis, a que damos o nome de morfemas.

ATIVIDADES

Comparando as palavras a seguir, faça a depreensão dos morfemas que as constituem:

a) desatualização
b) atualizar
c) atual
d) atualizado
e) atualizada
f) atualizados
g) atualmente
h) reatualizar
i) atualizador

- nota da ledora: quadro em destaque na página, fim da nota - Selecionando e comparando palavras que contêm alguma semelhança formal entre si, podemos fazer a depreensão dos elementos formadores dessas palavras. Esse trabalho nos mostra que as palavras são formadas por unidade mínimas de significado, os morfemas.

2. CLASSIFICAÇÃO DOS MORFEMAS

É o morfema govern-, comum a todas as palavras observadas na página anterior, que faz com que as consideremos palavras de uma mesma família de significação. Ao morfema comum de uma família de palavras chamamos radical; às palavras que pertencem a uma mesma família, chamamos cognatos. O radical é a parte da palavra responsável pela sua significação principal.Já sabemos que o morfema des-, que surge em desgoverno, é capaz de acrescentar ao significado da palavra governo a idéia de "negação, falta, carência". Dessa forma, o acréscimo do morfema des- cria uma nova palavra a partir de governo. A nova palavra formada tem o sentido de "falta, ausência de governo". De maneira semelhante, o acréscimo do morfema -dor à forma governa- criou a palavra governador, que significa "aquele que governa". Observe que des- e -dor são morfemas capazes de mudar o sentido do radical a que são anexados. Esses morfemas recebem o nome de afixos.

Quando são colocados antes do radical, como acontece com des-, os afixos recebem o nome de prefixos. Quando, como -dor, surgem depois do radical, os afixos são chamados de sufixos. Prefixos e sufixos são capazes de introduzir modificações de significado no radical a que são acrescentados. São também, em muitos casos, capazes

de operar mudança de classe gramatical da palavra a que são acrescentados. Nas palavras que estamos analisando, merecem destaque alguns afixos:
prefixos:
des-, em desgoverno, desgovernado
in-, em ingovernável, ingovernabilidade
sufixos
-vel, em ingovernável
-dor, em governadores
-dade, em ingovernabilidade

- nota da ledora: quadro de destaque na página -
OBSERVAÇÕES : Optamos pelo uso do termo radical para designar o morfema que concentra a significação principal da palavra e que pode ser depreendido por meio de simples comparações entre palavras de uma mesma família. Intencionalmente, não empregamos o termo raiz, que está ligado à origem histórica das palavras. Para identificar a raiz de uma família de vocábulos é necessário um conhecimento específico de etimologia.
- fim do quadro e da nota.

Se você agora pluralizar a palavra governo, encontrará a forma governos. Isso nos mostra que o morfema -s, acrescentado ao final da forma governo, é capaz de indicar a flexão de número desse substantivo.

Tomando o verbo governar e conjugando algumas de suas formas, você irá perceber modificações na parte final dessa palavra: governava, governavas, governava, governávamos, governáveis, governavam. Essas modificações ocorrem à medida que o verbo vai sendo flexionado em número (singular/plural) e pessoa (primeira, segunda ou terceira). Também ocorrem se modificarmos o tempo e o modo do verbo (governava/governara /governasse, por exemplo).

Podemos concluir, assim, que existem morfemas que indicam as flexões das palavras. Esses morfemas sempre surgem na parte final das palavras variáveis e recebem o nome de desinências. Há desinências nominais (indicam flexões nominais, ou seja, o gênero e o número) e desinências verbais (indicam flexões do verbo, como número, pessoa, tempo e modo).

Observe que entre o radical govern- e as desinências verbais surge sempre o morfema -a-. Esse morfema que liga o radical às desinências é chamado vogal temática. Sua função é justamente a de ligar-se ao radical, constituindo o chamado tema. E ao tema (radical + vogal temática) que se acrescentam as desinências. Tanto os verbos como os nomes apresentam vogais temáticas.

Há ainda um último tipo de morfema que podemos encontrar: as vogais ou consoantes de ligação. São morfemas que surgem por motivos eufônicos, ou seja, para facilitar ou mesmo possibilitar a leitura de uma determinada palavra. Temos um exemplo de vogal de ligação na palavra ingovernabilidade: o -i- entre os sufixos -bil- e -dade facilita a emissão vocal da palavra. Outros exemplos de vogais e consoantes de ligação podem ser vistos em palavras como gasômetro, alvinegro, tecnocracia; paulada, cafeteira, chaleira, tricotar.

- nota da ledora: anuncio de praia de nudismo, com um maiô colocado em cima da placa de aviso: Praia de Nudismo.
- fim da nota.

Neste metonímico anúncio (os corpos nus estão sugeridos pelo solitário maiô), vemos uma consoante de ligação na palavra nudismo, ligando o adjetivo nu ao sufixo -ismo.

ATIVIDADE
Faça a depreensão e a classificação dos morfemas formadores das seguintes palavras e flexões:
a) realizar
b) irreal
c) real
d) realmente
e) realizável
f) realizava
g) realizáramos
h) realismo
i) realista

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
Classificação dos morfemas
a) radical - morfema comum às palavras que pertencem a uma mesma família de significado. Nele se concentra a significação básica dessas palavras;
b) afixos - morfemas capazes de alterar a significação básica de um radical. Podem também operar mudanças de classe gramatical. Subdividem-se em prefixos e sufixos;
c) desinências - morfemas que indicam as flexões das palavras variáveis. Subdividem-se em desinências nominais (indicam as flexões de gênero e número dos nomes) e desinências verbais (indicam as flexões de tempo/modo e número/pessoa dos verbos);
d) vogal temática - morfema que serve de elemento de ligação entre o radical e as desinências. O conjunto radical + vogal temática recebe o nome de tema;
e) vogal ou consoante de ligação - morfema de origem geralmente eufônica, capaz de facilitar a emissão vocal de determinadas palavras.

ESTUDOS DOS MORFEMAS LIGADOS ÀS FLEXÕES DAS PALAVRAS

VOGAIS TEMÁTICAS
A vogal temática é um morfema que se junta ao radical a fim de formar uma base à qual se ligam as desinências. Essa base é chamada tema.Além de atuar como elemento de ligação entre o radical e as desinências, a vogal temática também marca grupos de nomes e de verbos. Isso significa que existem vogais temáticas nominais e vogais temáticas verbais.
a) vogais temáticas nominais - são-a, -e e -o, quando átonas finais, como em mesa, artista, busca, perda, escola; triste, base, combate, destaque, sorte; livro, tribo, amparo, auxílio, resumo. Nesses casos, não poderíamos pensar que essas terminações são desinências indicadoras de gênero, pois livro, escola e sorte, por exemplo, não sofrem flexão de gênero. É a essas vogais temáticas que se liga a desinência indicadora de plural: carro-s, mesa-s, dente-s.
Os nomes terminados em vogais tônicas (sofá, café, caqui, mandacaru e cipó, por exemplo) não apresentam vogal temática; podemos considerar que os terminados em consoante (feliz, roedor, por exemplo) têm o mesmo comportamento.

b) vogais temáticas verbais - são -a, -e e -i, criando três grupos de verbos a que se dá o nome de conjugações. Assim, os verbos cuja vogal temática é -a pertencem à primeira conjugação; aqueles cuja vogal temática é -e pertencem à segunda conjugação e os que têm vogal temática -i pertencem à terceira conjugação. Podemos perceber claramente a vogal temática atuando entre o radical e as desinências nos seguintes exemplos:
primeira conjugação: goven-a-va, atac-a-va, realiz-a-sse;
segunda conjugação: estabelec-e-sse, cr-e-ra, mex-e-rá;
terceira conjugação: defin-i-ra, imped-i-sse, ag-i-mos.

DESINÊNCIA:
As desinências são morfemas que indicam as flexões de nomes e verbos, dividindo-se, por isso, em desinências nominais e verbais Note que as desinências indicam flexões de uma mesma palavra, enquanto os afixos são usados para formar novas palavras. As flexões ocorrem obrigatoriamente quando precisamos inserir uma palavra numa seqüência ou frase:

O ministro não foi convidado para a reunião.

Os ministros não foram convidados para a reunião.

A ministra não foi convidada para a reunião.

As ministras não foram convidadas para a reunião.

As flexões sofridas pelas palavras nas frases acima são obrigatórias para o estabelecimento da concordância. Já o uso de afixos não se deve a uma obrigatoriedade, mas sim a uma opção:

O ex-ministro não foi convidado para a reunião.

A ministra não foi convidada para as reuniõezinhas.

Não há nenhum mecanismo lingüístico que torne obrigatório o uso do sufixo -(z)inhou do prefixo ex- nessas duas frases. Além disso, reuniãozinhas (plural "reuniõezinhas") e ex-ministro são duas palavras novas formadas a partir de ministro e reunião, respectivamente; já ministros, ministra e ministras são consideradas formas de uma mesma palavra, ministro.
a) desinências nominais - indicam o gênero e o número dos nomes. Para a indicação de gênero, o português costuma opor as desinências -o / -a:
garoto/garota; menino/menina. Você já sabe como distinguir essas desinências das vogais temáticas nominais: lembre-se de que, enquanto as desinências são comutáveis (podem ser trocadas uma pela outra), as vogais temáticas não são (quem pensaria seriamente em formar "livra" ou "carra" para indicar formas "femininas"?).
Para a indicação de número, costuma-se utilizar o morfema -s, que indica o plural em oposição à ausência de morfema que indica o singular: garoto/garotos; garota/garotas; menino/meninos; menina/meninas. No caso dos nomes terminados em -r e -z, a desinência de plural assume a forma -es: mar/mares; revólver/revólveres; cruz/cruzes; juiz/juízes.

b) desinências verbais - em nossa língua, as desinências verbais pertencem a dois tipos distintos. Há aquelas que indicam o modo e o tempo verbais (desinências modo-temporais) e aquelas que indicam o número e a pessoa verbais (desinências número-pessoais). Observe, nas formas verbais abaixo, algumas dessas desinências:

estud-á-va-mos
estud-: radical
-á-: vogal temática
-va-: desinência modo-temporal (caracteriza o pretérito imperfeito do indicativo)
-mos: desinência número-pessoal (caracteriza a primeira pessoa do plural)

estud-á-sse-is
-sse-: desinência modo-temporal (caracteriza o pretérito imperfeito do subjuntivo)
-is: desinência número-pessoal (caracteriza a segunda pessoa do plural)

estud-a-ria-m
-ria-: desinência modo-temporal (caracteriza o futuro do pretérito do indicativo)
-m: desinência número-pessoal (caracteriza a terceira pessoa do plural)

- nota da ledora:
fotografia do apinel de exposição da galeria do Banco Safra, anunciando a Exposição de mulheres com corpo escultural, com a seguinte legenda: Em mulher, -es e a desinência de plural, pois trata-se de nome cujo singular termina em -r. Mas o interessante neste anúncio é o emprego do adjetivo escultural geralmente usado em sentido figurado. O redator obteve um belo efeito explorando seu sentido literal. - no anúncio, a foto de uma escultura do corpo de uma mulher.
- fim da nota.

ATIVIDADES
Aponte as desinências e as vogais temáticas das seguintes palavras e flexões:
a) amor, amores
b) deputado, deputada
c) comemorava, comemorávamos, comemorássemos
d) pusesse, puséramos, pusésseis
e) pente, pentes
f) garrafa, garrafas
g) boné, bonés
h) caso, casos
i) moço, moços

- nota da ledora: quadro em destaque nesta página:
Morfemas ligados aos mecanismos de flexão
Vogais temáticas - atuam como elemento de ligação entre o radical e as desinências.
a) nominais - dividem os nomes em três classes;
b) verbais - dividem os verbos em três conjugações.
Desinências - indicam as flexões das palavras variáveis da língua.
a) nominais - indicam o gênero (masculino / feminino) e o número (singular / plural) dos nomes, pronomes e numerais variáveis;
b) verbais - indicam as flexões verbais, podendo ser modo-temporais ou número-

pessoais.
- fim do quadro de destaque da página.

4. PROCESSO DE FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

A língua portuguesa apresenta dois processos básicos para formação de palavras: a derivação e a composição.

Há derivação quando, a partir de uma palavra primitiva, obtemos novas palavras chamadas derivadas) por meio do acréscimo de afixos. Isso ocorre, por exemplo, quando, a partir da palavra primitiva piche, formamos pichar, da qual por sua vez se forma pichação, pichador; também ocorre quando obtemos impessoal a partir de pessoal ou ineficiente a partir de eficiente. Como veremos mais adiante, a derivação também pode ser feita pela supressão de morfemas ou pela troca de classe gramatical, mas nunca pelo acréscimo de radicais.

A composição ocorre quando formamos palavras pela junção de pelo menos dois radicais. Nesse sentido, diferencia-se da derivação, que não lida com radicais. As palavras resultantes do processo de composição são chamadas palavras compostas, em oposição àquelas em que há um único radical, chamadas simples.

Eis alguns exemplos de palavras compostas:

lobisomem (em que se notam os radicais das palavras lobo e homem), girassol (gira + sol), beiJa-flor (beija + flor), otorrinolaringologia (formada por radicais eruditos, trazidos diretamente do grego: oto + rino + laringo + logia).

DERIVAÇÃO

A derivação consiste basicamente na modificação de determinada palavra primitiva por meio do acréscimo de afixos. Dessa forma, temos a possibilidade de fazer sucessivos acréscimos, criando, a partir de uma base inicialmente simples, palavras de estrutura cada vez mais complexa:

escola

escolar

escolarizar

escolarização

subescolarização

Observe, assim, que a derivação deve ser vista como um processo extremamente produtivo da língua portuguesa, pois podemos incorporar os mesmos afixos a um número muito grande de palavras primitivas. Esses acréscimos podem alterar o significado da palavra (como em escolarização/subescolarização) e também mudar a classe gramatical da palavra (como em escolarizar/escolarização, que são, respectivamente, verbo e substantivo).

A derivação, quando decorre do acréscimo de afixos, pode ser classificada em três tipos: derivação prefixal, derivação sufixal e derivação parassintética.

DERIVAÇÃO PREFIXAL OU PREFIXAÇÃO

Resulta do acréscimo de prefixo à palavra primitiva, que tem o seu significado alterado; veja, por exemplo, alguns verbos derivados de pôr: repor, dispor, compor, contrapor, indispor, recompor, decompor. Tradicionalmente, os estudiosos da língua portuguesa afirmam que a prefixação não produz mudanças de classe gramatical; na língua atual, entretanto, essas modificações têm ocorrido. Veja, por exemplo, as palavras antiinflação e interbairros, que, em expressões como pacto antiinflação e transporte interbairros atuam como adjetivos, apesar de terem sido formadas de substantivos.

DERIVAÇÃO SUFIXAL OU SUFIXAÇÃO

Resulta do acréscimo de sufixo à palavra primitiva, que pode sofrer alteração de significado ou mudança de classe gramatical. Em unhada, por exemplo, houve modificação de significado: o acréscimo do sufixo trouxe a noção de "golpe", "ataque feito com a unha", ou mesmo a idéia de "ferimento provocado pela unha". Já em alfabetização, o sufixo -ção transforma em substantivo o verbo alfabetizar. Esse verbo, por sua vez, já resulta do substantivo alfabeto pelo acréscimo do sufixo -izar.

Como já vimos, o acréscimo de afixos pode ser gradativo. Nada impede que, depois de obter uma palavra por prefixação, se forme outra por sufixação, ou vice-versa. Veja, por exemplo, desvalorização (valor valorizar desvalorizar desvalorização); indesatável (desatar desatável   indesatável); desigualdade (igual igualdade   desigualdade). São palavras formadas por prefixação e sufixação ou por sufixação e prefixação.

DERIVAÇÃO PARASSINTÉTICA OU PARASSÍNTESE

Ocorre quando a palavra derivada resulta do acréscimo simultâneo de prefixo e sufixo à palavra primitiva. É um processo que dá origem principalmente a verbos, obtidos a partir de substantivos e adjetivos. Veja alguns exemplos de verbos obtidos de substantivos: abençoar, amaldiçoar, ajoelhar, apoderar, avistar, apregoar, enfileirar, esfarelar, abotoar, esburacar, espreguiçar, amanhecer, anoitecer acariciar, engatilhar, ensaboar, enraizar, afunilar, apavorar, empastelar, expatriar.

Agora, alguns formados de adjetivos: enrijecer, engordar, entortar, endireitar, esfriar, avermelhar, empobrecer, esclarecer, apodrecer, amadurecer, aportuguesar, enlouquecer, endurecer, amolecer, entristecer, empalidecer, envelhecer, expropriar.

- nota da ledora: quadro de destaque na página:

OBSERVAÇÃO: Não se deve confundir a derivação parassintética, em que o acréscimo de sufixo e prefixo é obrigatoriamente simultâneo, com casos como os das palavras desvalorização e desigualdade, que vimos há pouco. Nessas palavras, os afixos são acoplados em seqüência; assim, como vimos, desvalorização provém de desvalorizar, que provém de valorizar, que por sua vez provém de valor.É impossível fazer o mesmo com palavras formadas por parassíntese: não se pode, por exemplo, dizer que expropriar provém de "propriar" ou de "expróprio", pois tais palavras não existem; logo, expropriar provém diretamente de próprio, pelo acréscimo concomitante de prefixo e sufixo.

- fim do quadro de destaque.

DERIVAÇÃO REGRESSIVA

Ocorre quando se retira a parte final de uma palavra primitiva, obtendo por essa redução uma palavra derivada. E um processo particularmente produtivo para a formação de substantivos a partir de verbos principalmente da primeira e da segunda conjugações.

Esses substantivos, chamados por isso de verbais, indicam sempre o nome de uma ação. O mecanismo para sua obtenção é simples: substitui-se a terminação verbal formada pela vogal temática + desinência de infinitivo (-ar ou -er) por uma das vogais temáticas nominais (-a, -e ou -o):
buscar - busca
alcançar - alcance
tocar - toque
apelar - apelo
censurar - censura
atacar- ataque
sacar - saque
chorar - choro
ajudar - ajuda
cortar - corte
abalar- abalo
recuar - recuo
perder - perda
debater - debate
afagar - afago
sustentar - sustento
vender - venda
resgatar - resgate

É interessante perceber que a derivação regressiva é um processo produtivo na língua coloquial: surgiram recentemente na língua popular palavras como agito (de agitar), amasso (de amassar) e chego (de chegar).

- nota da ledora: quadro de destaque na página;
Os substantivos deverbais são sempre nomes de ação: isso é importante porque há casos em que é o verbo que se forma a partir do substantivo, como planta plantar, perfume perfumar, escudo escudar. Planta, perfume e escudo não são nomes de ação; por isso não são substantivos deverbais . Na verdade, eles é que são palavras primitivas, enquanto os verbos são derivados.

DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA

Ocorre quando determinada palavra, sem sofrer qualquer acréscimo ou supressão em sua forma, muda de classe gramatical. Isso acontece, por exemplo, nas frases:

Não aceitarei um não como resposta.

É um absurdo o que você está propondo.

Na primeira frase, não, um advérbio, converteu-se em substantivo. Na segunda, o adjetivo absurdo também se converteu em substantivo. Já em:
Você está falando bonito: o amar é indispensável.

O adjetivo bonito surge na função típica de um advérbio de modo, enquanto o verbo amar se converteu em substantivo.

- nota da ledora: anúncio na página, campanha de educação no trânsito, da cidade de Curitiba, com os seguintes dizeres: Curitiba levou 300 anos para aprender a respeitar o verde, só falta o amarelo e o vermelho (cores referentes aos sinais de trânsito) .
Acidente de trânsito não é falta de sorte, é falta de educação, legenda do anúncio:
Verde, amarelo e vermelho são adjetivos que, por derivação imprópria (note a anteposição do artigo aos três), converteram-se em substantivos. - fim do anúncio.
- nota da ledora: quadro em destaque, na página:

Tipos de derivação
a) derivação prefixal ou prefixação - resulta do acréscimo de prefixo à palavra primitiva, que tem o seu significado alterado;
b) derivação sufixal ou sufixação - resulta do acréscimo de sufixo à palavra primitiva, que pode sofrer alteração de significado ou mudança de classe gramatical;
c) derivação parassintética ou parassíntese -ocorre quando a palavra derivada resulta do acréscimo simultâneo de prefixo e sufixo à palavra primitiva. É um processo que dá origem principalmente a verbos, obtidos a partir de substantivos e adjetivos;
d) derivação regressiva - ocorre quando se retira a parte final de uma palavra, obtendo por essa redução uma palavra derivada. É um processo particularmente produtivo para a formação de substantivos a partir de verbos principalmente da primeira e da segunda conjugações;
e) derivação imprópria - ocorre quando determinada palavra, sem sofrer qualquer acréscimo ou supressão em sua forma, muda de classe gramatical.

PREFIXOS
Os prefixos são morfemas que se colocam antes dos radicais basicamente a fim de modificar-lhes o sentido; raramente esses morfemas produzem mudanças de classe gramatical.
Os principais prefixos da língua portuguesa são de origem latina. Na relação que se segue, colocamos as diversas formas que esses prefixos costumam assumir, o tipo de modificação de significado que introduzem no radical e vários exemplos.
Muitos desses prefixos originaram-se de preposições e advérbios, e não será difícil para você relacioná-los com preposições e advérbios da língua portuguesa.
Leia a relação com cuidado, concentrando-se principalmente nos exemplos.

- nota da ledora: as três páginas seguintes, trazem palavras com prefixos de origem latina, em tabela bastante extensa. Esta tabela foi alterada, em sua forma, durante a edição, contudo, o teor da mesma esta conforme o original.
- fim da nota.

Prefixo e significado

Prefixo
a-, ab-, abs- (separação, afastamento, privação)
Exemplos
abdicar, abjurar, abster, abstrair, abuso, abusar, amovível, abster
Prefixo
a-, ad- (aproximação, direção, aumento, transformação)
Exemplos
achegar, abraçar, aproveitar, amadurecer, adiantar, avivar, adjunto, administrar, admirar, adventício, assimilar

Prefixo
além- (para o lado de lá, do lado de lá)
Exemplos
além-túmulo, além-mar, além-mundo

Prefixo
ante- (anterioridade no espaço ou no tempo)
Exemplos
antebraço, antepasto, ante-sala, antevéspera, antepor, anteontem
Prefixo
aquém- (para o lado de cá, do lado de cá)
Exemplos
aquém-mar, aquém-fronteiras

Prefixo
bem-, ben- (de forma agradável, positiva ou intensa)
Exemplos
bem-aventurado, bem-vindo, benfeitor, benquisto, bem-apanhado, bem-apessoado, bem-nascido, bem-querer, bem-visto

Prefixo
circum-, circun- (ao redor de, em torno de)
Exemplos
circuncentro, circunscrever, circunvizinhança, circunvagar
Prefixo
cis- (posição aquém, do lado de cá)
Exemplos
cisandino, cisplatino, cisalpino
Prefixo
co-, com- (contigüidade, companhia, agrupamento)
Exemplos
coabitar, coadjuvante, coadquirir, condiscípulo, combater, correligionário, conjurar, consoante, confluência, compor, cooperar, corroborar, conviver, co-irmão, co-herdeiro

Prefixo
contra- (oposição, ação conjunta, proximidade)
Exemplos
contra-atacar, contra-argumento, contradizer, contrapor, contraprova, contrabalançar, contracheque, contracultura, contra-exemplo, contracapa, contracanto, contramestre

Prefixo
de- (movimento de cima para baixo)
Exemplos
decrescer, decompor, depor, depender, decapitar, deliberar, decair
Prefixo
des- (separação, ação contraria, negação, privação)
Exemplos
despedaçar, desfazer, desumano, desintegrar, desigual, desconforme, desobedecer, desmatar, desenganar, desunião, desfolhar; (as vezes serve apenas para reforço) desafastar, desinfeliz, desinquieto

Prefixo
dis-, di- (separação, movimento para diversos lados, negação)
Exemplo
difícil, dissidente, dilacerar, disseminar, distender, disforme, dissabor, divagar, difundir

Prefixo e significado

e-, es-, ex- (movimento para fora, separação, transformação)
emigrar, evadir, expor, exportar, exprimir, expatriar, extrair, esquentar, esfriar, esburacar, ex-presidente, ex-ministro, ex-namorada

en-, em-, i-, in-, im- (posição interior, movimento para dentro)
enraizar, enterrar, embarcar, embeber, imigrar, irromper, importar, importação, ingerir, inocular

entre-, inter- (posição intermediária, reciprocidade)
entreabrir, entrechoque, entrelaçar, entrevista, entretela, entrever, interação, intercâmbio, intervir, interromper, intercalar
extra- (posição exterior, fora de)
extraconjugal, extrajudicial, extra-oficial, extraordinário, extranumerário, extraterrestre, extravasar, extraviar
E-, Ifl-, Em- (negação, privação)
imoderado, inalterado, ilegal, ilegítimo, irrestrito, incômodo, inútil, incapaz, impuro, impróprio
intra- (posição interior) intro- (movimento para dentro)
intrapulmonar, intravenoso, intra-ocular
intro- (movimento para dentro) introduzir, intrometer, intrometido, introverter, introjeção, introspecção

justa- (posição ao lado)
justapor, justaposição, justalinear

mal- (de forma irregular, desagradável ou escassa)
mal-humorado, mal-educado, mal-arrumado, mal-assombrado, malfeito, mal-assado, mal-aventurança, malcriado

ob-, o- (posição em frente, diante, oposição)
objeto, obstar, obstáculo, obstruir, obstrução, opor, oposição
per- (movimento através) pos-, pós- (posterioridade, posição posterior)
perpassar, percorrer, percurso, perfurar, perseguir, perdurar posfácio, pospor, pós-escrito, pós-graduação, pós-eleitoral
pre-, pré- (anterioridade, antecedência)
premeditar, preestabelecer, predizer, predispor, pré-história, pré-adolescente, pré-amplificador

pro-, pró- (movimento para a frente, a favor de)
promover, propelir, progredir, progresso, proeminente, proclamar, prosseguir, pró-socialista, pró-britânico, pró-anistia
re- (movimento para trás, repetição)

refluir, reagir, reaver, reeditar, recomeçar, reviver, renascer, reanimar

retro- (movimento para trás)
retroação, retrocesso, retroceder, retroativo, retrógrado, retrospectivo, retrovisor
semi- (metade de, quase, que faz o papel de)
semicírculo, semibreve, semicondutor, semiconsciente, semi-escravidão, semi-analfabeto, semivogal, semimorto

sobre-, super-, supra- (posição acima ou em cima, excesso, superioridade)
sobrepor, superpor, sobrescrito, sobrescrever, sobrevir, supersensível, super-homem, supermercado, superdotado, supercivilização

soto-, sota- (debaixo, posição inferior)
sotopor, sotavento, sota-proa, sota-voga, sota-soberania
sub-, su-, sob-, 50- (movimento de baixo para cima, inferioridade, quase)
sobraçar, soerguer, soterrar, sujeitar, subjugar, submeter, subalimentado
subdesenvolvimento, subliteratura, subumano, submarino, subverter
tras-, tres-, trans- (movimento ou posição para além de, através)
traspassar ou transpassar, trasbordar ou transbordar, tresandar, tresvariar, transatlântico, transalpino, transandino, transplantar
ultra- (posição além de, em excesso)
ultrapassar, ultramar, ultravioleta, ultramicroscópico, ultraconservador, ultra-romântico, ultra-som, ultra-sofisticado
vice- (em lugar de, em posição imediatamente inferior)
vice-presidente, vice-diretor, vice-cônsul, vice-almirante, vice-rei, vice-campeão, vice-artilheiro

Prefixo e significado

an-, a- (privação, negação)
anarquia, anônimo, ateu, acéfalo, amora, anestesia, afônico, anemia

arcanjo, arquiduque, arquétipo, arcebispo, arquimilionário

an(a) - (movimento de baixo para cima, movimento inverso, repetição, afastamento, intensidade)

anacronismo, anagrama, análise, anabatista, anáfora, analogia, anatomia, anafilaxia

anf(i)- Ide Um e de outro lado, ao redor
anfiteatro, anfíbio, anfipode

ant(i)- (ação contrária, oposição)
antagonista, antítese, antiaéreo, antípoda, antídoto, antipatia, anticonstitucional, anticorpo, antifebril, antimonárquico, anti-social

ap(o)- (afastamento, separação)
apóstata, apogeu, apóstolo
arc(a)-, arce-, arque-, arqui-(superioridade, primazia)

arcanjo, arquiduque, arquétipo, arcebispo, arquimilionário
cata- (movimento de cima para baixo, oposição, em regressão)
cataclismo, catacumba, catarro, catástrofe, catadupa, catacrese, catálise, catarata

di(a)- (através, por meio de, separação)
diagnóstico, diálogo, dialeto, diâmetro, diáfano
dis- (mau estado, dificuldade)
dispnéia, disenteria, dislalia, dispepsia
ec-, ex- (movimento para fora)
eclipse, exantema, êxodo
en-, e-, em- (posição interior, dentro)
encéfalo, emplastro, elipse, embrião
end(o)- (movimento para dentro, posição interior)
endocarpo, endotérmico, endoscópio
ep(i)- (posição superior, sobre, movimento para, posterioridade)
epiderme, epígrafe, epílogo, epícarpo, epidemia
eu-, ev- (bem, bom)
eufonía, eugenia, eufemismo, euforia, eutanásia, evangelho
hiper- posição superior, excesso, além)
hipérbole, hipertensão, hipercrítíco, hiperdesenvolvimento, hiperestesia, hipermercado, hipermetropia, hipertrofia, hipersônico

hipo- (posição inferior, escassez)
hipodérmico, hipótese, hipocalórico, hipogeu, hípoglicemia, hipotensão, hipoteca

met(a)- (mudança, sucessão, posterioridade, além)
metáfora, metamorfose, metafísica, metonímia, metacarpo, metátese, metempsicose

par(a)- (perto, ao lado de, elemento acessório)
paradoxo, paralelo, parágrafo, paramilitar, parábola, parâmetro
peri- (movimento ou posição em torno)
perifrase, periferia, período, periarto, pericarpo
pro- (movimento para diante, posição em frente ou anterior)
programa, prólogo, prognóstico, pródromo, próclise
sin-, sim- (ação conjunta, companhia, reunião, simultaneidade)
sinestesia, sincronia, síntese, sinônimo, sinfonia, simpatia, sílaba, sintaxe, sistema

PREPOSIÇÕES E ADVÉRBIOS QUE TEM SIDO USADOS COMO PREFIXOS
Preposição/advérbio: significado e exemplos;
sem- (falta, privação, ausência) sem-amor, sem-terra, sem-teto, sem-fim, sem-vergonha, sem-família
quase- (perto, aproximadamente, por pouco, pouco menos) quase-delito, quase-equilíbrio, quase-posse, quase-suicida
não- (negação por exclusão) não-alinhado, não-euclidiano, não-violência, não-engajamento, não-essencial, não-ficção, não-metal, não-participante

ATIVIDADES
1. Substitua cada conjunto destacado por uma única palavra, formada por prefixação.

- nota da ledora: as palavras que estiverem grifadas, no texto, aparecerão aqui entre parênteses
- fim da nota.

a) O juiz (lerá novamente) os documentos do processo.
b) É necessário (fazer outra vez) todos os cálculos.
c) Depois de vários anos, vou (tornar a ver) meus pais.
d) Não havia motivo para pôr os interesses individuais (antes dos) interesses coletivos.
e) Não há como (dizer o contrário do) que eu afirmei.
f) Deixou a todos (sem proteção).
g) Seu comportamento (despido de honestidade) foi punido.
h) Queria uma liberdade (sem restrições).
i) Os documentos foram (datados com antecedência).
j) Depois de (passar além) destes limites, descansaremos.

2. Este exercício é igual ao anterior.
a) Nem todos os países conseguem competir no mercado (de todas as nações.)
b) Foi construída uma passagem (debaixo da terra) para evitar atropelamentos.
c) (Passe uma linha por baixo) das palavras cujo significado você desconhece.
d) Descobriram restos de homens (que viveram antes do período histórico) no Piauí.
e) Há rastros de animais (que viveram antes do Dilúvio) naquela região.
f) As civilizações (que existiam antes da chegada de Cristóvão Colombo) deixaram marcas na vida da América do Sul.
g) Precisava tomar injeções (dentro do músculo).

3. Baseando-se em seu conhecimento do valor dos prefixos, procure explicar o significado das seguintes palavras:
a) reencontro, desencontro
b) premeditar, pressentir
c) importar, exportar
d) imigrante, emigrante
e) imergir, emergir, submergir
f) intersecção
g) imoral, amoral
h) circunlóquio, colóquio
i) cisandino, cisalpino, transandino, transalpino
j) co-gestão
l) digressão, regressão, progressão
m) expatriar, repatriar
n) introvertido, extrovertido
o) prefácio, posfácio
p) refluxo, defluxo
q) introspecção, retrospecção
r) subestimar, sobreestimar
s) ultraleve

SUFIXOS

Os sufixos são capazes de modificar o significado do radical a que são acrescentados. Sua principal característica, no entanto, é a mudança de classe gramatical que geralmente operam. Dessa forma, podemos utilizar o significado de um verbo, por exemplo, num contexto em que se deve usar um substantivo.
Por isso, vamos observar os principais sufixos da língua portuguesa em relações que colocam em evidência as diversas classes de palavras envolvidas no processo de derivação. Perceba que, como o sufixo é colocado depois do radical, a ele são incorporadas as desinências que indicam as flexões das palavras variáveis.

1. Formam substantivos a partir de outros substantivos

-ada
a) ferimento, golpe ou marca produzida por instrumento: facada, punhalada, navalhada, martelada, pedrada, bicada, chifrada, dentada, unhada; penada, pincelada.
b) medida ou quantidade: garfada, batelada, fornada, tigelada, carrada, colherada.
c) multidão: boiada, carneirada, estacada, ramada, papelada, meninada.
d) alimentos ou bebidas: cajuada, laranjada, limonada, cocada, marmelada, goiabada, feijoada.
e) movimentos ou atos rápidos, enérgicos ou de duração prolongada: risada, gargalhada, cartada; jornada, noitada, temporada.

-ado, -ato
títulos honoríficos, territórios governados, cargos elevados, instituições: viscondado, arcebispado, principado, pontificado, protetorado, condado, almirantado, eleitorado, apostolado, noviciado, bacharelado, reitorado, consulado; clericato, tribunato, sindicato, triunvirato, baronato, cardinalato.

-agem
a) noção coletiva: folhagem, ferragem, plumagem, ramagem, pastagem.
b) ação ou resultado da ação; estado: aprendizagem, ladroagem, vadiagem.

-al
a) sentido coletivo: bananal, cafezal, feijoal, batatal, laranjal, morangal, pinhal, olival, jabuticabal, areal, lamaçal, lodaçal.
b) relação, pertinência: dedal, portal, pantanal.

-alha
noção coletiva de valor pejorativo: gentalha, canalha, politicalha, miuçalha.

-ama, -ame
noção coletiva ou de quantidade: dinheirama, mourama, velame, vasilhame, cordoame.

-ana, -eria
a) ramo de negócio ou estabelecimento:chapelaria, livraria, alfaiataria, drogaria, tinturaria, confeitaria, leiteria, sorveteria.
b) noção coletiva: pedraria, sacaria, caixaria, fuzilaria, gritaria, infantaria ou infanteria.
c) atos ou resultados dos atos de certos indivíduos: patifaria, velhacaria, pirataria, galantaria ou galanteria.

-ário

a) atividade, ofício, profissão: boticário, operário, secretário, bancário.
b) lugar onde se coloca algo: campanário, aquário, relicário, vestiário.
c) noção coletiva: rimário, anedotário, erário.

-edo
a) sentido coletivo: arvoredo, vinhedo, olivedo, passaredo.
b) objeto isolado, de grande vulto: penedo, rochedo.

-eiro, -eira
a) ofícios e ocupações: barbeiro, sapateiro, parteira, peixeiro, carteiro, bombeiro, sineiro, toureiro, marinheiro, livreiro, copeiro, pedreiro.
b) nomes de árvores ou arbustos: cajueiro, laranjeira, roseira, amendoeira, coqueiro, cafeeiro, pessegueiro, mangueira, jaqueira, goiabeira, craveiro, figueira, castanheiro ou castanheira, espinheiro ou espinheira.
c) objetos ou lugares que servem para guardar: cigarreira, manteigueira, paliteiro, cinzeiro, tinteiro, compoteira, açucareiro, agulheiro, saladeira.
d) objetos de uso pessoal em geral: pulseira, perneira, joelheira, munhequeira, banheira, chuteira.
e) noção coletiva, de quantidade ou de intensidade: nevoeiro, poeira, lameira, chuveiro; pedreira, carvoeira, ostreira; vespeiro, formigueiro; cabeleira.

-ia
a) profissão, dignidade ou lugar onde se exerce profissão: advocacia, baronia, chefia, chancelaria, delegacia, reitoria, diretoria.
b) sentido coletivo: confraria, clerezia, penedia.

-io
noção coletiva: mulherio, rapazio, poderio, gentio.

-ite
inflamação: bronquite, gastrite, rinite, estomatite, esplenite, otite, enterite.

-ugem
semelhança ou idéia de porção: ferrugem, lanugem, penugem, babugem.

-ume
a) noção coletiva, de quantidade ou intensidade: cardume, negrume, azedume, chorume.
b) ação ou resultado da ação: curtume, urdume.

2. Formam substantivos de adjetivos

Os substantivos derivados de adjetivos indicam qualidades, propriedades ou estados.

-dade
crueldade, maldade, bondade, divindade, sociedade, umidade, liberalidade, fragilidade, facilidade, legalidade, amabilidade, possibilidade, solubilidade.

-dão
mansidão, podridão, escuridão, gratidão.

-ez, -eza
altivez, mudez, surdez, sordidez, intrepidez, honradez, mesquinhez, pequenez, pureza, firmeza, nobreza, fraqueza, estranheza, delicadeza, sutileza.

-ia
valentia, ufania, cortesia, alegria, melhoria.

-ice, -ície
velhice, meninice, criancice, beatice, tolice, modernice; calvície, canície, planície; imundice ou imundície.

-or
alvor; amargor, dulçor; negror.

-tude
amplitude, magnitude, latitude, longitude.

-ura
brancura, amargura, loucura, frescura, verdura, doçura, largura, espessura.

3. Formam substantivos de verbos

-ança (-ância), -ença (-ência)
nomes de ação ou de resultados dela; nomes de estado: esperança, lembrança, vingança, constância, importância, relevância; crença, descrença, diferença, detença; regência, conferência, obediência.

-ante, -ente, -inte
agente: ajudante, emigrante, navegante, combatente, pretendente, ouvinte, pedinte.
Em muitos casos, houve especialização de sentido: poente, restaurante, estante, minguante, vazante, afluente.

-dor, -tor, -sor, -or
nome de agente ou de instrumento: roedor, salvador, pescador, carregador, tradutor, jogador, poupador, investidor, investigador, inspetor; regador, aquecedor; raspador; interruptor, disjuntor.

-ção, -são, -ão
ação ou resultado dela: coroação, nomeação, posição, traição, adulação, consolação, obrigação, negação, declaração, audição, solução, invocação, extensão, agressão, repercussão, discussão, puxão, arranhão, escorregão.

-douro, -tório
lugar ou instrumento para prática da ação: miradouro, ancoradouro, desaguadouro, logradouro, matadouro, bebedouro, babadouro; purgatório, dormitório, laboratório, vomitório, oratório.

-dura, -tura, -sura, -ura

resultado ou instrumento da ação: atadura, armadura, escritura, fechadura, clausura, urdidura, benzedura, mordedura, torcedura, pintura, magistratura, formatura.

-mento
ação, resultado da ação ou instrumento: acolhimento, apartamento, pensamento, conhecimento, convencimento, esquecimento, fingimento, impedimento, ferimento, ornamento, instrumento, armamento, fardamento.

4. Formam substantivos e adjetivos de outros substantivos e adjetivos

-ismo
a) doutrinas ou sistemas religiosos, filosóficos, políticos, artísticos: calvinismo, bramanismo, budismo, materialismo, espiritismo, socialismo, capitalismo, federalismo, gongorismo, simbolismo, modernismo, impressionismo.
b) maneira de proceder ou de pensar: heroísmo, pedantismo, patriotismo, servilismo, ufanismo, nepotismo, filhotismo, arrivismo, oportunismo, revanchismo.
c) formas de expressão que apresentam particularidades: vulgarismo, latinismo, galicismo, arcaísmo, neologismo, solecismo, barbarismo.
d) terminologia científica: magnetismo, galvanismo, alcoolismo, reumatismo, traumatismo.

-ista
a) sectários de certas doutrinas: calvinista, bramanista, budista, materialista, espiritista, socialista, capitalista, federalista, gongorista, simbolista, modernista, impressionista.
b) ofícios, agentes: flautista, florista, telefonista, maquinista, latinista, dentista, acionista, tenista, esportista.
c) adeptos de determinadas formas de agir ou pensar: oportunista, golpista, saudosista, emancipacionista, desenvolvimentista, arrivista, revanchista.
d) nomes pátrios ou indicadores de origem: nortista, sulista, paulista, santista, campista.

5. Formam adjetivos de substantivos ou de outros adjetivos

-aco
estado íntimo; pertinência; origem: maníaco, demoníaco, austríaco, siríaco.

- nota da ledora: quadro em destaque na página :
OBSERVAÇÃO:
A relação entre as palavras tormadas pelos sufixos -ismo e -ista é óbvia: modernismo/modernista; calvinismo/calvinista, etc. Note, no entanto, que não é uma relação obrigatória: protestantismo/protestante; maometismo/maometano; islamismo/islamita.
- fim do quadro.

-ado
a) provido, cheio de: barbado, ciliado, dentado.
b) que tem caráter de: adamado, afeminado, amarelado, avermelhado.

-aico
referência, pertinência; origem: prosaico, onomatopaico, judaico, caldaico, aramaico.

-ano
a) pertinência; proveniência; relação com: humano, mundano, serrano.
b) adeptos de doutrinas estéticas, religiosas, filosóficas: maometano, luterano, anglicano, camoniano, shakespeariano, horaciano.
c) nomes pátrios: americano, baiano, pernambucano, peruano, prussiano, açoriano, alentejano.

-ão
proveniência, origem: alemão, coimbrão, beirão, aldeão.

-al, -ar
relação, pertinência: dorsal, causal, substancial, anual, pessoal; escolar, palmar, vulgar, solar, lunar; consular; familial ou familiar.

-eiro, -ário
relação; posse; origem: verdadeiro, rasteiro, costeiro, originário, ordinário, diário, subsidiário, tributário, mineiro, brasileiro.

-engo, -enho, -eno
relação; procedência, origem: mulherengo, avoengo, solarengo, flamengo; ferrenho, estremenho, madrilenho, panamenho, portenho; nazareno, terreno, tirreno, chileno.

-ento
provido ou cheio de; que tem o caráter de: sedento, rabugento, peçonhento, cinzento, ciumento, corpulento, turbulento, opulento, barrento, vidrento.

-ês, -ense
relação; procedência, origem: francês, inglês, genovês, milanês, escocês, irlandês; paraense, cearense, maranhense, vienense, parisiense, catarinense, forense.

-eo
relação; semelhança; matéria: róseo, férreo.

-esco, -isco
referência; semelhança: burlesco, dantesco, mourisco.

-este, -estre
relação: agreste, celeste; campestre, terrestre, alpestre, silvestre.

-eu
e relação; procedência, origem: europeu, judeu, caldeu, hebreu, filisteu, cananeu.

-ico, icio
relação; procedência: bíblico, melancólico, pérsico, céltico, britânico, ibérico, geométrico; alimentício, natalício.

-il

referência; semelhança: febril, infantil, senhoril, servil, varonil, estudantil, fabril.

-ino
relação; origem; natureza: argentino, florentino, bizantino, cristalino, leonino, alabastrino, diamantino, londrino, bovino.

-ita
relação; origem: ismaelita, israelita, jesuíta.

-onho
propriedade; hábito: medonho, risonho, enfadonho, tristonho.

-oso
provido, cheio de; que provoca: orgulhoso, furioso, desejoso, rigoroso, noticioso, leitoso, sulfuroso, montanhoso, pedregoso, temeroso, lamentoso, lastimoso, vergonhoso, angustioso.

-tico
relação: aromático, problemático, asiático, rústico.

-udo
provido de, cheio de ou com a forma de, muitas vezes com idéia de desproporção: sisudo, pontudo, bicudo, peludo, cabeludo, narigudo, espadaúdo, repolhudo, bochechudo, carnudo, polpudo.

6. Formam adjetivos de verbos

-ante, -ente, -inte
ação; qualidade; estado: semelhante, tolerante; doente, resistente; constituinte, seguinte.

-io, -ivo
ação; referência; modo de ser: escorregadio, erradio, fugidio, tardio, prestadio; pensativo, lucrativo, fugitivo, afirmativo, negativo, acumulativo.

-iço, icio
referência; possibilidade de praticar ou sofrer ação: abafadiço, movediço, quebradiço, alagadiço, metediço; acomodatício, factício, translatício, sub-reptício.

-doiro, -douro, -tório
ação, muitas vezes de valor futuro; pertinência: casadoiro; duradouro, vindouro; inibitório, preparatório, imigratório.

-vel
possibilidade de praticar ou sofrer ação:
desejável, vulnerável, remediável, substituível, suportável, louvável, admissível, reduzível, removível, corrigível, discutível.

7. Forma advérbios de adjetivos

-mente
justamente, vaidosamente, livremente, burguesmente, perigosamente, firmemente, fracamente.

8. Formam verbos de substantivos e adjetivos

-ar
murar, jardinar, telefonar, ancorar, ordenar; almoçar.

-ear
sapatear, floretear; golpear, saborear, saquear; mastrear; folhear; sanear; clarear.

-ejar
lacrimejar, gotejar; gaguejar, voejar.

-entar
amolentar; aformosentar.

-ecer, -escer
favorecer; escurecer; florescer; rejuvenescer.

-ficar
falsificar, petrificar, exemplificar, fortificar, dignificar; purificar.

-ilhar
dedilhar; fervilhar.

-inhar
escrevinhar, cuspinhar.

-iscar
chuviscar; lambiscar.

-itar
saltitar, dormitar.

-izar
organizar, civilizar; harmonizar, fertilizar, esterilizar; tranqüilizar; vulgarizar, simpatizar; economizar; arborizar.

9. Sufixos aumentativos

-ão, -eirão, -arrão, -alhão, -zarrão
casarão, caldeirão, paredão; chapeirão; grandalhão, vagalhão; homenzarrão.

-aça, -aço, -uça
barcaça, barbaça; ricaço, doutoraço, mulheraço; dentuça.

-alha
fornalha

-anzil
corpanzil

- nota da ledora: quadro em destaque na página-
OBSERVAÇÃO
Os verbos novos da língua são criados pelo acréscimo da terminação -ar a substantivos e adjetivos. Essa terminação é formada pela vogal temática da primeira conjugação seguida pela desinência do infinitivo impessoal, atuando como um verdadeiro sufixo.
Os demais sufixos costumam conferir detalhes de significado aos verbos que formam.
Observe:
-ear
indica ação repetida (cabecear folhear) ou ação que se prolonga (clarear). O mesmo acontece com -ejar: gotejar, velejar.

-entar
indica processo de atribuição de uma qualidade ou estado (amolentar). O mesmo se dá com -ficar e -izar: clarificar, solidificar, civilizar, atualizar.

-iscar
indica ação repetida e diminuída; chuviscar, lambiscar. O mesmo ocorre com -itar (dormitar; saltitar), -ilhar e outros. No caso de -inhar, muitas vezes há sentido depreciativo, como em escrevinhar.

-a réu
fogaréu, povaréu, mundaréu.

-arra, -orra
bocarra, naviarra; beiçorra, cabeçorra.

-az, alhaz, arraz
ladravaz, linguaraz, fatacaz, machacaz; facalhaz; pratarraz.

-astro
medicastro, poetastro.

10. Sufixos diminutivos

-acho, -icho, -ucho
riacho, fogacho; governicho, barbicha; gorducho, papelucho, casucha.

-ebre
casebre

-eco, -ico
livreco, soneca, padreco; burrico, marica.

-ejo
lugarejo, animalejo.

-ela
ruela, viela, magricela.

-elho, -ilho, -ilha
folhelho, rapazelho; pecadilho; tropilha.

-ete, -eta, -eto
tiranete, fradete, artiguete, lembrete, diabrete; saleta, lingüeta; esboceto.

-inho, -inha, -zinha, -zinho
livrinho, pratinho, branquinho, novinho, bonitinho, toquinho, caixinha, florzinha, vozinha.

-im
espadim, lagostim, camarim, fortim.

-ino
pequenino

-isco, -usco
chuvisco, petisco; velhusco.

-ito, -ita, -zito
casita, rapazito, copito; amorzito, jardinzito, florzita.

-ola
rapazola, bandeirola, portinhola, fazendola.

-ote, -oto, -ota
rapazote, caixote, velhote, fidalgote, saiote; perdigoto; velhota.

-ulo, -ula, -culo, -cula
glóbulo, grânulo, nódulo, régulo; corpúsculo, minúsculo, homúnculo, montículo, opúsculo, versículo; radícula, gotícula; partícula, película, questiúncula.

- nota da ledora; quadro de destaque na página -
OBSERVAÇÃO: É fácil notar que muitas vezes os sufixos aumentativos e diminutivos sugerem deformidade (como em beiçorra, cabeçorra), admiração (carrão), desprezo (asneirão, poetastro, artiguete), carinho (paizinho, pequenino), intensidade (alegrinho), ironia (safadinha) e vários outros matizes semânticos. No caso dos sufixos pertencentes ao último grupo apresentado, temos a formação de diminutivos eruditos - diretamente importados do latim -, os quais são muito usados na terminologia científica.
- fim do quadro de destaque.

ATIVIDADES

1. Responda a cada um dos itens a seguir com uma palavra formada por sufixação. Como se chama:
a) o golpe dado com a cabeça?
b) um grupo de rapazes?
c) o conjunto de eleitores de uma dada região?
d) a ação de lavar?
e) uma plantação de jabuticabeiras?
1) um grupo de políticos desonestos?
g) o estabelecimento onde se vendem queijos?
h) o comerciante de queijos?
i) a planta cujo fruto é o café?
j) o recipiente onde se guarda manteiga?

2. Substitua os verbos destacados por substantivos formados por derivação. Faça todas as modificações necessárias para obter frases inteligíveis.
a) Todos (decidiram) manter as reivindicações.
b) Todos decidiram (manter) as reivindicações.
c) Esperamos que os prazos estipulados (sejam cumpridos).
d) Atenderemos a todos de acordo com a ordem segundo a qual (chegaram). Não haverá exceções.
e) Continuaremos até que (tenhamos obtido) êxito.
f) Os moradores querem que as obras sejam (continuadas).
g) Os representantes dos países envolvidos no processo recomendaram que as contas (fossem bloqueadas).
h) Os representantes dos países envolvidos no processo (recomendaram) que as contas fossem bloqueadas.

3. Substitua as expressões destacadas por nomes formados por sufixação. Faça todas as modificações necessárias para obter frases inteligíveis.
a) (Aqueles que mantêm) esta entidade decidiram tomar providências (que saneiem suas finanças).
b) É um candidato (que não se pode eleger). Suas idéias privilegiam (aqueles que desrespeitam) as instituições.
c) (Aquelas que conduzem) o movimento (de reivindicação) devem ser cercadas por medidas (que as protejam).
d) (Os que venceram) a competição receberão prêmios (que não se podem descrever).
e) A presença (dos que defendem) nossa posição é fator (de que não se pode prescindir).
f) Foi uma decisão que agradou aos que lutam para que a floresta (seja preservada).
g) Ele entrou de (forma atabalhoada).

4. Não é apenas na língua portuguesa que se estuda na escola que os sufixos são usados para formar novas palavras: isso acontece também na língua portuguesa do cotidiano e dos veículos de comunicação de massa. Baseado no seu conhecimento do valor dos sufixos, explique o sentido das seguintes palavras:
a) tietar, tietagem
b) badalação, esnobação
c) sanduicheria, danceteria
d) roqueiro, grafiteiro
e) pichador, pichação
f) prefeiturável, ministeriável, presidenciável

g) carreata
h) bacanão, durão

TEXTO PARA ANÁLISE

Pátria minha

A minha pátria é como se não fosse, é íntima
Doçura e vontade de chorar; uma criança dormindo
É minha pátria. Por isso, no exílio
Assistindo dormir meu filho
Choro de saudades da minha pátria.

Se me perguntarem o que é a minha pátria, direi:
Não sei. De fato, não sei
Como, por que e quando a minha pátria
Mas sei que a minha pátria é a luz, o sal e a água
Que elaboram e liquefazem a minha mágoa
Em longas lágrimas amargas.

Vontade de beijar os olhos de minha pátria
De niná-la, de passar-lhe a mão pelos cabelos...
Vontade de mudar as cores do vestido (auriverde!) tão feias
De minha pátria, de minha pátria sem sapatos
E sem meias, pátria minha
Tão pobrinha!

Porque te amo tanto, pátria minha, eu que não tenho
Pátria, eu semente que nasci do vento
Eu que não vou e não venho, eu que permaneço
Em contato com a dor do tempo, eu elemento
De ligação entre a ação e o pensamento
Eu fio invisível no espaço de todo adeus
Eu, o sem Deus!

Tenho-te no entanto em mim como um gemido
De flor; tenho-te como um amor morrido
A quem se jurou; tenho-te como uma fé
Sem dogma; tenho-te em tudo em que não me sinto ajeito
Nesta sala estrangeira com lareira
E sem pé-direito.

Ah, pátria minha, lembra-me uma noite no Maine, Nova Inglaterra
Quando tudo passou a ser infinito e nada terra
E eu vi alfa e beta de Centauro escalarem o monte até o céu
Muitos me surpreenderam parado no campo sem luz
A espera de ver surgir a Cruz do Sul
Que eu sabia, mas amanheceu...

Fonte de mel, bicho triste, pátria minha
Amada, idolatrada, salve, salve!
Que mais doce esperança acorrentada
O não poder dizer-te: aguarda...
Não tardo!

Quero rever-te, pátria minha, e para
Rever-te me esqueci de tudo
Fui cego, estropiado, surdo, mudo
Vi minha humilde morte cara a cara
Rasguei poemas, mulheres, horizontes
Fiquei simples, sem fontes.

Pátria minha... A minha pátria não é florão, nem ostenta
Lábaro não; a minha pátria é desolação
De caminhos, a minha pátria é terra sedenta
E praia branca; a minha pátria é o grande rio secular
Que bebe nuvem, come terra
E urina mar.

Mais do que a mais garrida a minha pátria tem
Uma quentura, um querer bem, um bem
Um libertas quae sera tamen
Que um dia traduzi num exame escrito:
"Liberta que serás também"
E repito!

Ponho no vento o ouvido e escuto a brisa
Que brinca em teus cabelos e te alisa
Pátria minha, e perfuma o teu chão...
Que vontade me vem de adormecer-me
Entre teus doces montes, pátria minha
Atento à fome em tuas entranhas
E ao batuque em teu coração.

Não te direi o nome, pátria minha
Teu nome é pátria amada, é patriazinha
Não rima com mãe gentil
Vives em mim como uma filha, que és
Uma ilha de ternura: a Ilha
Brasil, talvez.

Agora chamarei a amiga cotovia
E pedirei que peça ao rouxinol do dia
Que peça ao sabiá
Para levar-te presto este avigrama:
"Pátria minha, saudades de quem te ama...
Vinicius de Moraes".
(MORAES, Vinicius de, Poesia completa e prosa.
2. ed. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1985. p. 267-9.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Identifique o sufixo presente nas palavras doçura, quentura e ternura e indique o tipo de modificação que produz nas palavras primitivas.

2. Identifique o afixo que surge na palavra sedenta e explique que tipo de modificação ele introduz na palavra primitiva.

3. Qual o processo de formação das palavras amanhecer e acorrentar? Explique o que particulariza esse processo em relação à prefixação e à sufixação.

4. Explique o processo de formação da palavra invisível.

5. Retire do texto um caso de derivação imprópria. Comente-o.

6. "Eu, o sem Deus!" Que tipo de papel exerce a preposição sem nessa frase? Comente.

7. A relação do sujeito lírico com a pátria incorpora um processo de personificação: a pátria tem cabelos, não tem sapatos nem meias, tem vestido.
Observe o papel exercido pelos sufixos diminutivos nesse processo e comente-o.

Para mascar com chiclets
Quem subiu, no novelo do chiclets,
ao fim do fio ou do desgastamento,
sem poder não sacudir fora, antes,
a borracha infensa e imune ao tempo;
imune ao tempo ou o tempo em coisa,
em pessoa, encarnado nessa borracha,
de tal maneira, e conforme ao tempo,
o chiclets ora se contrai ora se dilata,
e consubstante ao tempo, se rompe,
interrompe, embora logo se reemende,
e fique a romper-se, a reemendar-se,
sem usura nem fim, do fio de sempre.
No entanto quem, e saberente que ele
não encarna o tempo em sua borracha.
quem já ficou num primeiro chiclets
sem reincidir nessa coisa (ou nada).

2.
Quem pôde não reincidir no chiclets,
e saberente que não encarna o tempo:
ele faz sentir o tempo e faz o homem
sentir que ele homem o está fazendo.
Faz o homem, sentindo o tempo dentro,
sentir dentro do tempo, em tempo-firme.
e com que, mascando o tempo chiclets,
imagine-o bem dominado, e o exorcize.
(MELO NETO, João Cabral de. Poesias completas (1940-1965) . 4. ed. Rio de

Janeiro. José Olympio, 1986. p. 43.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Faça a depreensão dos morfemas presentes nas palavras desgastamento e encarnado e explique os processos de formação que lhes deram origem.

2. Quais afixos podem ser percebidos na palavra consubstante? Qual o sentido que tem essa palavra?

3. A aproximação das palavras rompe e interrompe revitaliza o valor do prefixo presente nesta última? Explique.

4. Retire do texto as palavras em que surge o prefixo re- e comente as modificações que ele produz nas palavras primitivas.

5. Qual o sentido da palavra saberente? Que tipo de afixo participa de sua formação?

6. É possível relacionar o prefixo presente na palavra exorcizar com o significado que tem essa palavra? Comente.

7. Os prefixos são considerados um recurso muito eficiente para apresentar idéias e conceitos de forma sintética. Isso acontece no texto? Comente.

8. Explique a relação que o texto estabelece entre o chiclets e o tempo. Que tipo de dimensão adquire o ato de mascar chiclets?

- nota da ledora: propaganda, na página, com o seguinte teor: « A cada vida que começa, recomeça a História da Nestlé.Lembre-se de sua infância. Você, sem dúvida vai se lembrar de alguma história sua com a Nestlé, pra contar. Esse é o nosso maior alimento. A satisfação de manter uma amizade que cresce, fica forte, se renova e nunca termina. Nestlé, sua vida, nossa história »
- fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO

Aponte no texto a exploração expressiva de um dos processos de formação de palavras e comente-a.

- nota da ledora: propaganda da General Motors: Bi Bi. Duas vezes Bicampeã do carro do ano.
- fim da nota.

Analise a expressão bi bi baseado no seu conhecimento dos processos de formação de palavras e nas sugestões sonoras que produz.

COMPOSIÇÃO

A composição produz palavras compostas a partir da aproximação de palavras simples. As palavras simples são aquelas em que há um único radical, como amor e perfeito. Para que ocorra o processo de composição, é necessário estabelecer entre essas palavras um vínculo permanente, que faz com que surja um novo significado: é o que ocorre quando formamos o composto amor-perfeito, que dá nome a uma flor. O significado não é o mesmo da expressão amor perfeito, na qual cada palavra mantém seu significado original: trata-se do sentimento amoroso manifestado de forma perfeita. Em amor-perfeito há uma única palavra que dá nome a um organismo vegetal.

A composição também pode ser feita por meio do uso de radicais que não têm vida independente na língua. Isso ocorre basicamente na formação de palavras que recebem o nome de compostos eruditos por serem formadas com radicais gregos e latinos. E o caso, por exemplo, de democracia, patogênese, alviverde, agricultura e outras, usadas principalmente na nomenclatura técnica e científica.

TIPOS DE COMPOSIÇÃO

Quanto à forma que adquire a palavra composta, costumam-se apontar dois tipos de composição:

a) composição por justaposição - ocorre quando os elementos que formam o composto são simplesmente colocados lado a lado (justapostos), sem que se verifique qualquer alteração fonética em algum deles: segunda-feira, pára-raios, corre-corre, guarda-roupa, amor-perfeito, pé-de-moleque, girassol, passatempo. O que caracteriza a justaposição é a manutenção da integridade sonora das palavras que formam o composto, e não a forma de grafá-lo: passatempo e girassol, apesar de serem escritos sem hífen, são compostos por justaposição;

b) composição por aglutinação - ocorre quando os elementos que formam o composto se aglutinam, o que significa que pelo menos um deles perde sua integridade sonora, sofrendo modificações. Observe os exemplos e note as transformações sofridas pelas palavras formadoras: vinagre (vinho + acre), aguardente (água + ardente), pernalta (perna + alta), planalto (plano + alto).

Também se incluem neste caso muitos compostos eruditos (como retilíneo, crucifixo, ambidestro, demagogo e outros), cuja identificação requer conhecimentos mais especializados.

As possibilidades de composição são imprevisíveis: podem-se formar compostos pelo relacionamento de palavras pertencentes a praticamente todas as classes gramaticais. Há, por exemplo, compostos formados por substantivo + substantivo (porco-espinho), substantivo + adjetivo (amor-perfeito), advérbio + adjetivo (sempre-viva), verbo + substantivo (pára-choques).

A principal função do processo de composição é a criação de novas palavras para denominar novos objetos, conceitos ou ocupações. Essa função denominadora pode ser dada de forma descritiva ou metafórica. Palavras como papel-alumínio, relógio-pulseira ou lava-louças são descritivas porque buscam dar nome a objetos por meio de suas características ou finalidades mais relevantes.

Louva-a-deus e arranha-céu são compostos de origem metafórica, pois resultam de um evidente uso figurado da linguagem.

O surgimento de novas palavras compostas na língua é constante, uma vez que a necessidade de encontrar nomes específicos para novos objetos e conceitos é ininterrupta. Dessa forma, podemos perceber na língua atual a transformação de expressões em novas palavras. Pense, por exemplo, na expressão três em um (que na linguagem publicitária já aparece "três-em-um"), que dá nome a certas combinações de aparelhos de som. Aliás, pense na própria expressão aparelho de som, que já é praticamente uma palavra composta (como máquina de lavar ou máquina de costura).

Em alguns casos, podemos observar que já existe a consciência de que se está lidando com uma palavra composta, como é o caso de ponto de vista e meio ambiente, expressões que vêm sendo grafadas "ponto-de-vista" e "meio-ambiente" com freqüência cada vez maior.

- nota da ledora: propaganda do diet shake, fazendo referência ao vocábulo lipoaspiração. Este anúncio já foi descrito pela ledora em página anterior.
- fim da nota.

Lipoaspiração constitui exemplo de formação de novas palavras compostas na língua. O anunciante aproveitou o mote para decompô-la e incentivar jocosamente o consumo.

ATIVIDADE
Identifique o processo de formação das seguintes palavras:
a) palidez
b) empalidecer
c) boquiaberto
d) pára-quedas
e) invulnerável
f) pontiagudo
g) audiovisual
h) o recuo
i) correntista (fantasma)

- nota da ledora: quadro de destaque na página -
A composição
A composição é o processo de formação que dá origem a palavras compostas (aquelas em que há pelo menos dois radicais) pela aproximação de palavras simples ou de radicais eruditos. Se os elementos formadores mantiverem sua integridade sonora, ocorre composição por justaposição. Se pelo menos um deles sofre alterações na sua configuração sonora, ocorre composição por aglutinação.
- fim do quadro.

RADICAIS E COMPOSTOS ERUDITOS
O mecanismo da composição é utilizado para a formação de um tipo especifico de palavras conhecidas como compostos eruditos, assim chamados porque em sua formação se utilizam elementos de origem grega e latina que foram diretamente importados dessas línguas com essa finalidade. Por isso, esses compostos são também chamados de helenismos e latinismos eruditos. São palavras como pedagogia e quiromancia (formadas de elementos gregos) ou arborícola e uxoricida (formadas por elementos latinos), normalmente criadas para denominar objetos ou conceitos relacionados com as ciências e as técnicas. Muitas delas acabam se tornando cotidianas (telefone, automóvel, democracia e agricultura, por exemplo).
Apresentamos a seguir duas relações de radicais gregos e duas relações de radicais latinos. A primeira relação de radicais gregos e a primeira relação de radicais latinos agrupa os elementos formadores que normalmente são colocados no início dos compostos; a segunda relação de radicais agrupa, em cada caso, os elementos formadores que costumam surgir na parte final dos compostos.

Adotamos esse procedimento a fim de facilitar seu trabalho de consulta: ao encontrar determinado exemplo na relação dos radicais que costumam ser o primeiro elemento do composto, você poderá mais rapidamente verificar o valor do segundo elemento na relação dos radicais que costumam figurar no final dos compostos. Atente para o fato de que determinados radicais costumam aparecer em determinadas posições nos compostos; nada os impede de surgir em posição diferente.

Alguns dos radicais que colocamos nas relações a seguir são considerados prefixos por alguns autores; outros estudiosos preferem chamá-los "elementos de composição". Acreditamos que essas questões terminológicas são pouco importantes para você, que tem finalidades mais práticas. Observe que muitas palavras que fazem parte das suas aulas de Biologia, Química e Física podem ser encontradas nas relações abaixo; observe, principalmente, que o conhecimento do significado dos elementos que as constituem muitas vezes nos ajuda a compreender os conceitos e seres que denominam.

RADICAIS GREGOS

Elementos que normalmente surgem na parte inicial do composto

Radical, significado e exemplo:
acr-, acro- (alto, elevado) acrópole, acrofobia, acrobata
aer-, aero- (ar) aeródromo, aeronauta, aeróstato, aéreo
agro- (campo) agrologia, agronomia, agrografia, agromania
al-, alo- (outro, diverso) alopatia, alomorfia
andr-, andro- (homem, macho) androceu, andrógino, andróide, androsperma
anemo- (vento) anemógrafo, anemômetro
angel-, angelo- (mensageiro, anjo) angelólatra, angelogia
ant-, anto- (flor) antologia, antografia, antóide, antomania
antropo- (homem) antropógrafo, antropologia, filantropo
aritm-, aritmo- (número) aritmética, aritmologia, aritmomancia
arque- (primeiro, origem) arquétipo, arquegônio
arqueo- (antigo) arqueografia, arqueologia, arqueozóico
aster-, astro- (estrela, astro) asteróide, astrólogo, astronomia
auto- (próprio) autocracia, autógrafo, autômato
bari-, baro- (peso) barômetro, barítono, barisfera
biblio- (livro) bibliografia, biblioteca, bibliófilo
bio- (vida) biografia, biologia, macróbio, anfíbio
caco- (mau) cacofonia, cacografia
cali- (belo) califasia, caligrafia
cardi-, cardio- (coração) cardiologia, cardiografia
cin-, cine-, cines- (movimento) cinestesia, cinemática
core-, coreo- (dança) coreografia, coreógrafo
cosmo- (mundo) cosmógrafo, cosmologia
cript-, cripto- (escondido) criptônimo, criptograma
cris-, criso- (ouro) crisálida, crisântemo
crom-, cromo- (cor) cromossomo, cromogravura, cromoterapia
crono- (tempo) cronologia, cronometro, cronograma
datilo- (dedo) datilografia, datiloscopia
demo- (povo) demografia, democracia, demagogia
dinam-, dinamo- (força, potência) dinamômetro, dinamite
eco- (casa) ecologia, ecossistema, economia
eletro- (âmbar, eletricidade) elétrico, eletrômetro

enter-, entero- (intestino) enterite, enterogastrite
ergo- (trabalho) ergonomia, ergometria
estere-, estereo- (sólido, fixo) estereótipo, estereografia
estomat-, estomato- (boca, orifício) estomatite, estomatoscópio
etno- (raça) etnografia, etnologia
farmaco- (medicamento) farmacologia, farmacopéla
filo- (amigo) filósofo, filólogo
fisio- (natureza) fisiologia, fisionomia
fono- (voz) eufonia, fonologia
fos-, foto- (luz) fósforo, fotofobia
gastr-, gastro- (estômago) gastrite, gastrônomo

Radical e significado e exemplo
gen-, geno- (que gera) genótipo, hidrogênio
geo- (terra) geografia, geologia
ger-, gero- (velhice) geriatria, gerontocracia
helio- (sol) heliografia, helioscópio
hemi- (metade) hemisfério, hemistíquio
hemo-, hemato- (sangue) hemoglobina, hematócrito
hetero- (outro) heterônimo, heterogêneo
hidro- (água) hidrogênio, hidrografia
hier-, hiero- (sagrado) hieróglifo, hierosolimita
hipo- (cavalo) hipódromo, hipopótamo
homo-, homeo- (semelhante) homeopatia, homógrafo, homogêneo
icono- (imagem) iconoclasta, iconolatria
idio- (peixe) ictiófago, ictiologia
iso- (igual) isócrono, isósceles
lito- (pedra) litografia, litogravura
macro- (grande) macrocéfalo, macrocosmo
mega-, megalo- (grande) megatério, megalomaníaco
melo- (canto) melodia, melopéia
meio- (meio) mesóclise, Mesopotâmia
micro- (pequeno) micróbio, microcéfalo, microscópio
miso- (que odeia) misógino, misantropo
mito- (fábula) mitologia, mitômano
necro- (morto) necrópole, necrotério
neo- (novo) neolatino, neologismo
neuro-, nevr- (nervo) neurologia, nevralgia
odonto- (dente) odontologia, odontalgia
ofi-, oflo- (cobra, serpente) ofiologia, ofiomancia
oftalmo- (olho) oftalmologia, oftalmoscópio
onomato- (nome) onomatologia, onomatopéia
ornit-, omito- (ave) ornitologia, ornitóide
oro- (montanha) orogenia, orografia
orto- (reto, justo)ortografia, ortodoxo
oste-, osteo- (osso) osteoporose, osteodermo
oxi- (ácido, agudo) oxítona, oxígono, oxigênio
paleo- (antigo) paleografia, paleontologia panteismo,
pan- (todos, tudo) pan-americano
pato- (doença, sentimento) patologia, patogenético, patético

pedi-, pedo- (criança) pediatria, pedologia
piro- (fogo) pirólise, piromania, pirotecnia
pluto- (riqueza) plutomania, plutocracia
poli- (muito) policromia, poliglota, polígrafo, polígono
potamo- (rio) potamografia, potamologia
proto- (primeiro) protótipo, protozoário
pseudo- (falso) pseudônimo, pseudópode
psico- (alma, espírito) psicologia, psicanálise
quiro- (mão) quiromancia, quiróptero
rino- (nariz) rinoceronte, rinoplastia
rizo- (raiz) rizófilo, rizotônico
sider- (ferro) siderólito, siderurgia
sismo- (abalo, tremor) sismógrafo, sismologia
taqui (rápido)taquicardia, taquigrafia
tax-, taxi-, taxio- (ordem, arranjo) taxiologia, taxidermia
tecno- (arte, oficio, indústria) tecnologia, tecnocracia, tecnografia
tele- (longe) telegrama, telefone, telepatia
teo- (deus) teocracia, teólogo
term-, termo- (calor) termômetro, isotérmico
tipo- (figura, marca) tipografia, tipologia
topo- (lugar) topografia, toponímia
xeno- (estrangeiro) xenofobia, xenomania
xilo- (madeira) xilógrafo, xilogravura
zoo- (animal)zoógrafo, zoologia

NUMERAIS
Radical, significado, e exemplos:
mon-, mono- (um) monarca, monogamia
di- (dois) dipétalo, dissílabo
tri- (três) trilogia, trissílabo
tetra- (quatro) tetrarca, tetraedro
pent-, penta- (cinco) pentatlo, pentágono
hexa- (seis) hexágono, hexâmetro
hepta- (sete) heptágono, heptassílabo
octo- (oito) octossílabo, octaedro
enea- (nove) eneágono, eneassílabo
deca- (dez) decaedro, decalitro
hendeca- (onze) hendecassílabo, hendecaedro
dodeca- (doze) dodecassílabo
icos- (vinte) icosaedro, icoságono
hecto-, hecato- (cem) hectoedro, hecatombe, hectômetro, hectograma
quilo- (mil) quilograma, quilômetro
miria- (dez mil - inumerável) miriâmetro, miríade, miriápode

Elementos que normalmente surgem na parte final do composto
Radical , significado e exemplos
-agogia (condução) pedagogia, demagogia
-agogo (que conduz) demagogo, pedagogo
-algia (dor) cefalalgia, nevralgia
-arca (que comanda) heresiarca, monarca

-arquia (comando, governo) autarquia, monarquia

RADICAL, SIGNIFICADO E EXEMPLOS

- astenia(debilidade) neurastenia, psicastenia
-céfalo (cabeça) macrocéfalo, microcéfalo
-ciclo (círculo) bicicleta, hemiciclo
-cracia (poder) democracia, plutocracia, gerontocracia
-derme (pele) endoderme, epiderme
-doxo (que opina) ortodoxo, heterodoxo
-dromo (lugar para correr) hipódromo, velódromo
-edro (base, face) pentaedro, poliedro
-eido, -óide (forma, semelhança) caleidoscópio, asteróide, aracnóide
-fagia (ato de comer) aerofagia, antropofagia
-fago (que come) antropófago, necrófago
-filia (amizade) bibliofilia, lusofília
-fobia (inimizade, aversão) fotofobia, hidrofobia
-fobo (que tem aversão) xenófobo, zoófobo
-foro (que leva ou conduz) fósforo, semaforo
-gamia (casamento) monogamia, poligamia
-gamo (que casa) bígamo, polígamo
-glota, -glossa (língua) poliglota, isoglossa
-gono (ângulo) pentagono, polígono
-grafia (escrita, descrição) ortografia, geografia
-grafo (que escreve) calígrafo, polígrafo
-grama (escrito, peso)telegrama, quilograma
-logia (discurso, tratado, ciência) arqueologia, fonologia
-logo (que fala ou trata) dialogo, teólogo
-mancia (adivinhação) necromancia, quiromancia
-mania (loucura, tendência) megalomania, piromania
-mano (louco, inclinado) bibliômano, mitômano
-maquia (combate) logomaquia, tauromaquia
-metria (medida) antropometria, biometria
-metro (que mede) hidrômetro, pentâmetro
-morfo (que tem forma de) antropomorfo, polimorfo
-nomia (lei, regra) agronomia, astronomia
-nomo (que regula) autônomo, metrônomo
-orama (espetáculo) panorama, cosmorama
-péia (ato de fazer) melopéia, onomatopéia
-pólis, -pole (cidade) Petrópolis, metrópole
-ptero (asa) díptero, helicóptero
-scopia (ato de ver) macroscopia, microscopia
-scópio (instrumento para ver) microscópio, telescópio
-sofia (sabedoria) filosofia, teosofia
-stico (verso) dístico, monóstico
-teca (lugar onde se guarda) biblioteca, discoteca
-terapia (cura) fisioterapia, hidroterapia
-tomia (corte, divisão) dicotomia, neurotomia
-tono (tensão, tom) barítono, monótono
-trof, -trofia (nutrição) atrofia, hipertrofia

RADICAIS LATINOS

Elementos que normalmente surgem na parte inicial do composto

Radical , significado e exemplo:

agri-, agro- (campo)agrícola, agricultura
ali- (asa) alígero, alípede, aliforme
alti- (alto) altissonante, altiplano
alvi- (branco) alviverde, alvinegro
ambi- (ambos) ambidestro
api- (abelha) apicultura, apiário, apícola
arbori- (arvore) arborícola
auri- (ouro) auriverde, auriflama
avi- (ave)
bis-, bi- (duas vezes) bisavô
avi- (ave) avicultura
bel-, beli- (guerra) belígero, beligerante
ferri-, ferro- (ferro) ferrovia
calori- (calor) calorífero
cruci- (cruz) crucifixo
curvi- (curvo) curvilíneo
cent- (cem) centavo, centena, centopéia
equi-, eqüi- (igual) equilátero, equivalência ou eqüivalência
fili- (filho) filicídio, filial
fratri-, frater- (irmão) fratricida, fraternidade
igni- (fogo) ignívomo
lati- (grande, largo) latifoliado, latifúndio
loco- (lugar) locomotiva
matri- (mãe) matrilinear, matriarcal
maxi- (muito grande) maxidesvalorização, maxissaia
mili- (mil, milésima parte) milípede, milímetro
mini- (muito pequeno) minissaia, minifúndio
morti- (morte) mortífero
multi- (muito) multiforme, multidimensional
nocti- (noite, trevas) noctívago, nocticolor
nubi- (nuvem) nubívago, nubífero
oni- (todo) onipotente
patri- (pai) patrilinear, patrilocal
pedi- (pé) pedilúvio
pisci- (peixe) piscicultor
pluri- (muitos) pluriforme, plurisseriado
quadri- (quatro) quadrimotor, quadrúpede
reti- (reto) retilíneo
tri- (três) tricolor
umbri- (sombra) umbrívago, umbrífero
uni- (um) uníssono
uxori- (esposa) uxório, uxoricida
vermi- (verme) vermífugo

Elementos que normalmente surgem na parte final do composto

Radical , significado, e exemplo:
-cida (que mata) regicida, fratricida
-cola (que cultiva ou habita) vitícola, arborícola
-cultura (ato de cultivar) apicultura, piscicultura
-fero (que contém ou produz) aurífero, flamífero
-fico (que faz ou produz) benéfico, frigorífico
-forme (que tem forma de) cuneiforme, uniforme
-fugo (que foge ou que faz fugir) centrífugo, febrifugo
-gero (que contém ou produz) armígero, belígero
-paro (que produz) multíparo, ovíparo
-pede (pé) palmípede, velocípede
-sono (que soa) borrissono, uníssono
-vago (que anda) nubivago, noctívago
-vomo (que expele) fumívomo, ignívomo
-voro (que come) carnívoro, herbívoro

- nota de ledora: quadro em destaque na página:
OBSERVAÇÃO:
Há palavras que combinam elementos gregos e latinos: televisão, automóvel, genocídio, homossexual e outras. São chamadas de hibridismos. Existem hibridismos em que se combinam elementos de origens bastante diversas, como goiabeira (tupi e português), abreugrafia (português e grego), sambódromo (quimbundo - uma língua africana - e grego), surfista (inglês e grego), burocracia (francês e grego), e outros. Como você vê, trata-se de palavras muito usadas no cotidiano comunicativo, o que torna absurda a intenção de certos gramáticos de considerar os hibridismos verdadeiras aberrações devido à sua origem "mestiça".
- fim do quadro de destaque.

ATIVIDADES
1. Identifique os elementos formadores e dê o significado de cada um dos compostos abaixo:
a) democracia
b) gerontocracia
c) tecnocracia
d) plutocracia
e) talassocracia
f) teocracia
g) autocracia
h) aristocracia
i) burocracia

2. Faça o mesmo com os compostos abaixo:
a) quiromancia
b) oniromancia
c) piromancia
d) ornitomancia
e) onomatomancia
f) aritmomancia

3. Idem:
a) entomologia
b) zoologia
c) fitologia
d) geologia
e) ornitologia
f) ictiologia
g) biologia
h) filologia
i) fonologia
j) morfologia
l) cardiologia
m) ginecologia
n) psicologia
o) sociologia
p) teologia
q) antologia
s) enologia

4. Idem:
a) cistalgia
b) ostealgia
c) cefalalgia
d) odontalgia
e) mialgia
f) otalgia

5. Idem:
a) anônimo
b) homônimo
c) heterônimo
d) criptônimo
e) pseudônimo
f) ortônimo
g) antropônimo
h) topônimo
i) sinônimo
j) antônimo

6. Idem:
a) sintaxe
b) cleptomania
c) megalomania
d) nefelibata
e) acrobata
f) acrofobia
g) tanatofobia
h) semáforo
i) economia

j) rinoceronte
l) hipopótamo
m) estereótipo
n) poliglota
o) ortopedia
p) hematófago
q) metafísica

7. Idem:
a) agricultura
b) piscicultura
c) triticultura
d) rizicultura
e) fruticultura
f) avicultura

8. Reescreva as frases seguintes, substituindo as expressões destacadas por compostos eruditos:
a) Certos políticos têm (incontinência de linguagem).
b) Sua (paixão exagerada pela música) fazia-o gastar muito em discos importados.
c) Era um especialista no (estudo da escrita).
d) Eis no que deu (o governo dos técnicos).
e) Tal procedimento só é possível porque existe (um controle do mercado por algumas poucas empresas).
f) É um animal (que se alimenta de sangue).
g) Especializou-se (no estudo dos insetos).
h) É uma pessoa capaz de sofrer verdadeiras (mudanças de forma).
i) Fazia questão de que suas roupa fossem (de uma só cor).
j) O estudo dos (nomes de lugares e localidades) pode revelar muito sobre a história de uma região.

OUTROS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

ABREVIAÇÃO VOCABULAR

A abreviação vocabular consiste na eliminação de um segmento de uma palavra a fim de se obter uma forma mais curta. Ocorre, portanto, uma verdadeira truncação, obtendo-se uma nova palavra cujo significado é o mesmo da palavra original.

Esse processo é particularmente produtivo na redução de palavras muito longas:
cinematógrafo - cinema - cine
pneumático - pneu
otorrinolaringologista - otorrino
analfabeto - analfa
extraordinário - extra
pornográfico - pornô
vestibular - vestiba
metropolitano - metrô
violoncelo - celo
telefone - fone
automóvel- auto

psicologia - psico

- nota da ledora: propaganda de Donuts: CALIBRE SEU PNEU (referência bem humorada aos pneus de gordura)

O "pneu" do anúncio acima, exemplo de abreviação vocabular, não designa, obviamente, o componente do automóvel.

Observe que a forma abreviada é de amplo uso coloquial, embora em muitos casos passe a fazer parte da língua escrita. Esse traço de coloquialidade pode ser sentido em abreviações como as que colocamos abaixo, impregnadas de emotividade (carinho, desprezo, preconceito, zombaria):

professor - fessor
português - portuga
chinês - china
japonês - japa
comunista - comuna
militar - milico
confusão - confa
reboliço rebu
neurose - neura
botequim - boteco
delegado - delega
grã-fino granfa
São Paulo - Sampa
Florianópolis - Floripa

Há um certo tipo de abreviação que se vem tornando muito freqüente na língua atual. Consiste no uso de um prefixo ou de um elemento de uma palavra composta no lugar do todo:
ex, por ex-namorada, ex-marido, ex-esposa;
micro, por microcomputador;
vídeo, por videocassete;
mini, por minissaia;
máxi, por maxissaia ou maxidesvalorização;
midi, para saia que chega até o joelho ou desvalorização cambial moderada;
e vice, por vice-presidente, vice-governador, vice-prefeito e outros.
O uso dos prefixos em substituição à palavra toda deve ocorrer dentro de contextos determinados, em que é possível estabelecer o significado que se pretende. Prefixos como vice ou máxi só adquirem sentido em função dos outros elementos do texto em que surgem.

SIGLONIMIZAÇÃO

Essa palavra dá nome ao processo de formação de siglas. As siglas são formadas pela combinação das letras iniciais de uma seqüência de palavras que constitui um nome:

FGTS - Fundo de Garantia do Tempo de Serviço
CPF Cadastro de Pessoas Físicas

MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização
IOF - Imposto sobre Operações Financeiras
PIB - Produto Interno Bruto

As siglas incorporam-se de tal forma ao vocabulário do dia-a-dia, que passam a sofrer flexões e a produzir derivados. É freqüente o surgimento de construções como as ZPEs (Zonas de Processamento de Exportações), os peemedebistas (membros do PMDB - Partido do Movimento Democrático Brasileiro), os petistas (membros do PT - Partido dos Trabalhadores), a mobralizaçao do ensino, campanha pró-FGTS, e outras.
Algumas siglas provieram de outras línguas, principalmente do inglês:
UFO - Unidentified Flying Object (objeto voador não-identificado), que concorre com a criação nacional OVNI
VIP - Very Important Person (pessoa muito importante);
AIDS - Acquired Immunological Deliciency Syndrome (síndrome da imunodeficiência adquirida), cuja forma em Portugal é SIDA.

- nota da ledora: propaganda de um serviço de Limousine, dizendo que pelo tamanho, a limousine deveria pagar IPTU.
- fim do anúncio.

A sigla IPTU significa Imposto Predial e Territorial Urbano. Trata-se de um tributo da cidade de São Paulo- SP.

- nota da ledora: propaganda da campanha contra a AIDS: Aproveite o dia mundial da AIDS e faça um cheque ao portador. Campanha do Bradesco.

AIDS sigla infelizmente muito bem conhecida, proveio ao inglês. Apesar da gravidade do assunto, não podemos deixar de admirar a criatividade do redator, na exploração que fez da expressão "cheque ao portador ".
Há casos de siglas importadas que se transformaram em verdadeiras palavras. Algumas só são vistas como siglas se conhecermos sua origem:
JIPE adaptação do inglês Jeep, que por sua vez originou-se de GP (General Purpose - uso geral);
LASER- de Light Amplification by Stimulated Emission of Radiation (amplificação da luz por emissão estimulada de radiação);
RADAR - de Radio Detecting and Ranging (detecção e busca por rádio).

PALAVRA-VALISE

A palavra-valise resulta do acoplamento de duas palavras, uma das quais pelo menos sofreu truncação. É também chamada palavra-centauro e permite a realização de verdadeiras acrobacias verbais. Observe:
brasiguaio ou brasilguaio - formada de brasileiro e paraguaio para designar o povo fronteiriço entre os dois países, particularmente os brasileiros que retornaram do Paraguai atraídos pelo anúncio de reforma agrária;
portunhol - formada de português e espanhol para designar a língua resultante da mistura dos dois idiomas;
portinglês - formada de português e inglês, criada por Carlos Drummond de Andrade ("secretária portinglês");

tomarte - formada de tomate e Marte, criada por Murilo Mendes ("Ou tomarte, vermelho que nem Marte"). Note a possibilidade de ver nessa palavra também a palavra arte;
fraternura, elefantástico e copoanheiro - criações de Guimarães Rosa cuja formação não é difícil de perceber;
proesia - formada de prosa e poesia, utilizada por Décio Pignatari com referência a uma das obras do escritor irlandês James Joyce.
Note que a criação dessas palavras ocorre tanto na língua coloquial como na língua culta e literária. Na língua coloquial, o processo já produziu palavras como bebemorar, Grenal (clássico de futebol entre Grêmio e Internacional de Porto Alegre), Atletiba (Atlético Paranaense e Curitiba), Sansão (Santos e São Paulo), Flaflu (Flamengo e Fluminense), Bavi (Bahia e Vitória), Comefogo (Comercial e Botafogo de Ribeirão Preto). Na linguagem jornalística, há termos como cantriz (cantora/atriz), estagnação (estagnação /inflação) e showmício (show/comício); na literatura, além das palavras já citadas, há ainda criações como noitícia (Carlos Drummond de Andrade) ou diversonagens suspersas, de Paulo Leminski.

ONOMATOPÉIA

A onomatopéia ocorre quando se forma uma nova palavra por meio da imitação de sons. A palavra formada procura reproduzir um determinado som, adaptando-o ao conjunto de fonemas de que a língua dispõe. Dessa forma, surgem palavras como:
cacarejar; zumbir, arrulhar, crocitar, troar e outros verbos que designam vozes de animais e fenômenos naturais; tique-taque, teco-teco, reco-reco, bangue-bangue (a partir do inglês bangbang), pingue-pongue, xixi, triquetraque (fogo de artifício), saci (nome de uma ave e, por extensão, de ente mitológico), cega-rega (cigarra; por extensão, pessoa tagarela), chinfrim (coisa sem valor), quiquiriqui (pessoa ou coisa insignificante), blablablá, zunzunzum, pimpampum e outras, sempre sugestivas.

-nota da ledora: quadro de destaque na página:
Outros processos de formação de palavras
a) abreviação vocabular - consiste na eliminação de um segmento de uma palavra a fim de se obter uma forma mais curta;
b) siglonimização - processo de formação de siglas. As siglas são formadas pela combinação das letras iniciais de uma seqüência de palavras que constitui um nome;
c) palavra-valise - resulta do acoplamento de duas palavras, uma das quais pelo menos sofreu truncação;
d) onomatopéia - ocorre quando se forma uma nova palavra por meio da imitação de sons. A palavra formada procura reproduzir um determinado som, adaptando-o ao conjunto de fonemas de que a língua dispõe.
- fim do quadro de destaque.

- nota da ledora: cinco desenhos representando formas de onomatopéia: Na seqüência ao lado, Fortuna criou uma série de onomatopéias para imitar os sons da mastigação e da digestão. Não se preocupou, porém, em adaptá-las ao conjunto de fonemas da língua portuguesa. Comendo uma rosca: nhac!, croc! gut, arout!
- fim da nota.

OUTROS PROCESSOS DE ENRIQUECIMENTO DO LÉXICO

Léxico é a palavra com que se costuma denominar o conjunto de palavras que integra uma língua. É, em termos práticos, um sinônimo de vocabulário, embora tecnicamente se possam estabelecer distinções entre as duas palavras. Os processos de criação de palavras que estudamos até aqui devem ter mostrado a você que há um constante enriquecimento lexical na língua, resultante principalmente do dinamismo das modificações culturais, que constantemente criam novos objetos, novos fatos, novos conceitos. Além disso, há outros fatores de pressão sobre a língua, como vínculos de dependência econômica e cultural, capazes de impor formas de pensar e de dizer que se manifestam também no vocabulário.

Os processos de criação lexical que vimos até agora operam transformações formais nas palavras, seja por meio do acréscimo ou supressão de morfemas, seja por meio da combinação de palavras inteiras para a formação de outras. São, basicamente, processos morfológicos, pois lidam com a forma das palavras.

Há outros processos de ampliação lexical na língua portuguesa. Como não são processos morfológicos, não vamos estudá-los pormenorizadamente. São, no entanto, importantes; por isso, vamos falar um pouco sobre eles.

NEOLOGISMO SEMÂNTICO

Freqüentemente, acrescentamos significados a determinadas palavras sem que elas passem por qualquer processo de modificação formal. Pense, por exemplo, na palavra arara, nome de uma ave, que também é usada para designar pessoa nervosa, irritada. Arara, com o sentido de "irritado, nervoso , e um neologismo semântico, ou seja, um novo significado que se soma ao que a palavra já possuía.

Essa forma de enriquecimento do vocabulário é extremamente produtiva. Em alguns casos, chega-se a perder a noção do significado inicial da palavra, passando-se a empregá-la apenas no sentido que foi um dia adicional. É o caso, por exemplo, de emérito, cujo sentido original é "aposentado", mas que atualmente se usa como "distinto", "elevado; ou dissabor, cujo sentido original era "falta de sabor".

Perceba que a chamada derivação imprópria aproxima-se bastante deste processo de ampliação de significado. A derivação imprópria resulta da passagem de uma palavra a uma classe gramatical diferente sem modificações na sua forma. Na realidade, ocorre uma ampliação do significado original da palavra.

Isso pode ser percebido em casos em que esse processo está tão cristalizado, que chegamos a perder a noção do sentido e da classe originais da palavra.

Pense, por exemplo, em palavras como alvo (em expressões como tiro ao alvo), clara (de ovo), estreito (acidente geográfico), marginal (bandido ou via pública), santo (pessoa virtuosa), refrigerante - você já notou que se trata de adjetivos convertidos em substantivos?

EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS

O contato entre culturas produz efeitos também no vocabulário das línguas. No caso da língua portuguesa, podem-se apontar exemplos de palavras tomadas de línguas estrangeiras em tempos muito antigos. Esses empréstimos provieram de línguas célticas, germânicas e árabes ao longo do processo de formação do português na Península Ibérica. Posterior-mente, o Renascimento e as navegações portuguesas permitiram empréstimos de línguas européias modernas e de línguas africanas, americanas e asiáticas.

Depois desses períodos, o português recebeu empréstimos principalmente da língua francesa. Atualmente, a maior fonte de empréstimos é o inglês norte-americano. Deve-se levar em conta que muitos empréstimos da língua portuguesa atual do Brasil não ocorreram em Portugal e nas colônias africanas, onde a influência cultural e econômica dos Estados Unidos é menor.

As palavras de origem estrangeira normalmente passam por um processo de aportuguesamento fonológico e gráfico. Quando isso ocorre, muitas vezes deixamos de perceber que estamos usando um estrangeirismo. Pense em palavras como bife, futebol, beque, abajur, xampu, tão freqüentes em nosso cotidiano que já as sentimos como portuguesas. Quando mantêm a grafia da língua de origem, as palavras devem ser escritas entre aspas (na imprensa, devem surgir em destaque - normalmente itálico: shopping center; show, stress).

Atente para o fato de que os empréstimos lingüísticos só fazem sentido quando são necessários. É o que ocorre quando surgem novos produtos ou processos tecnológicos. Ainda assim, esses empréstimos devem ser submetidos ao tratamento de conformação aos hábitos fonológicos e morfológicos da língua portuguesa. São condenáveis abusos de estrangeirismos decorrentes de afetação de comportamento ou de subserviência cultural. A imprensa e a publicidade muitas vezes não resistem à tentação de utilizar a denominação estrangeira de forma apelativa, como em expressões do tipo os teens (por adolescentes) ou high technology system (sistema de alta tecnologia).

- nota da ledora: quadro de destaque na página:

Outros processos de enriquecimento do léxico

a) neologismo semântico - acréscimo de significados a determinadas palavras sem que elas passem por qualquer processo de modificação formal;

b) empréstimos lingüísticos - o contato entre culturas produz efeitos também no vocabulário das línguas, que incorpora palavras provindas de línguas estrangeiras. As palavras de origem estrangeira normalmente passam por um processo de aportuguesamento fonológico e gráfico.

- fim do quadro de destaque.

Olimpíadas: A Rio 2004 falhou, mas o pessoal persevera pela manutenção dos nossos recordes

Exemplo de palavra de origem estrangeira submetida à adaptação gráfica e fonológica do português: recorde proveniente do francês record. Ao ser aportuguesada, recebeu um e final e ganhou a pronúncia "recórde'; à moda francesa.

ATIVIDADE

Explique e denomine o processo de formação das seguintes palavras:

a) INSS
b) "confa"
c) estresse
d) teco-teco
e) caipiródromo
f) sofatleta

TEXTOS PARA ANÁLISE

- nota da ledora: nesta página, quatro anúncios do carnaval, de estilos diferentes, o carnaval tradição, o multidão, o fascinação, e o curtição: em clube, em Olinda, atrás do trio elétrico, e numa praia paradisíaca.

TRABALHANDO O TEXTO

Qual processo de formação de palavras o anúncio explora? Aponte as novas palavras obtidas e qual seu significado.

O homem: as viagens
O homem, bicho da Terra tão pequeno
chateia-se na Terra
lugar de muita miséria e pouca diversão,
faz um foguete, uma cápsula, um módulo
toca para a Lua
desce cauteloso na Lua
pisa na Lua
planta bandeirola na Lua
experimenta a Lua
coloniza a Lua
civiliza a Lua
humaniza a Lua.

Lua humanizada: tão igual à Terra.
O homem chateia-se na Lua.
Vamos para Marte - ordena a suas máquinas.
Elas obedecem, o homem desce em Marte
pisa em Marte
experimenta
coloniza
civiliza
humaniza Marte com engenho e arte.

Marte humanizado, que lugar quadrado.
Vamos a outra parte?
Claro - diz o engenho
sofisticado e dócil.
Vamos a Vênus.
O homem põe o pé em Vênus,
vê o visto - é isto?
idem
idem
idem.

O homem funde a cuca se não for a Júpiter
proclamar justiça junto com injustiça
repetir a fossa
repetir o inquieto
repetitório.

Outros planetas restam para outras colônias.
O espaço todo vira Terra-a-terra.
O homem chega ao Sol ou dá uma volta
só para tever?
Não-vê que ele inventa
roupa insiderável de viver no Sol.
Pôe o pé e:
mas que chato é o Sol, falso touro
espanhol domado.

Restam outros sistemas fora
do solar a colonizar.
Ao acabarem todos
só resta ao homem (estará equipado?)
a dificílima dangerosíssima viagem
de si a si mesmo:
pôr o pé no chão do seu coração
experimentar
colonizar
civilizar
humanizar
o homem
descobrindo em suas próprias inexploradas entranhas
a perene, insuspeitada alegria
de con-viver.
(ANDRADE, Carlos Drummond de. As impurezas do branco, 4a. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1978 p. 20-2.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. De que forma o poema explora a sufixação nos últimos versos da primeira estrofe? Comente.

2. A palavra quadrado constitui um neologismo semântico? Comente.

3. Explique o significado da passagem "vê o visto" e comente o valor adquirido pela palavra visto nesse contexto.

4. Qual o sentido da palavra fossa? Como você analisaria sua utilização no poema?

5. Como foi formada a palavra tever? Que significados ela sugere?

6. Que efeito produz a divisão col-/onizar?

7. Comente o uso da palavra dangerosíssima.

8. Que efeito produz a forma con-viver?
Comente.

9. Qual viagem você considera mais importante para o homem? A sideral ou a "dangerosíssima"? Porquê?

Jecocentrismo globalizado

Esquecido de uma cultura riquíssima, FHC usa o tom pejorativo para chamar o brasileiro de caipira

Estava o brasileiro posto em sossego, fumando o seu cigarrinho de palha, quando, em entrevista a um jornal lusitano, o presidente Fernando Henrique Cardoso resolveu teorizar sobre o caráter nacional. Depois de dizer que o Brasil é um país provinciano, como "Estados Unidos" (olha a comparação), ele partiu para a globalização pesada: "Como vivi fora do Brasil durante muitos anos, dei conta disso. Os brasileiros são caipiras, desconhecem o outro lado e, quando conhecem, se encantam. O problema é esse". Melhor resistir, por enquanto, à tentação de fazer paralelos entre o viajado Fernando Henrique e a deslumbrada madame Bovary, personagem do escritor francês Gustave Flaubert. Pois se o presidente viveu fora do Brasil, na França. no Chile, na Argentina", como esclareceu, o que lhe teria garantido uma visão nítida do que acontece por aqui, na caipirolândia, madame Bovary também reformulou suas opiniões sobre o mundo e as pessoas ao sair da província - para ir a um baile. Não, não pegou mal o presidente ter, mais uma vez, posado de sabichão cosmopolita. O que provocou protestos, do PFL ao PT, foi ter chamado os brasileiros, seus conterrâneos e eleitores, de provincianos. de caipiras.

Não há dúvida de que Fernando Henrique usou o termo "caipira" com conotação depreciativa. como quem dissesse que a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, que foi inaugurar em Lisboa, é uma invenção caipira do caipiríssimo José Aparecido de Oliveira, por sua vez cupincha do caipirésimo Itamar Franco. Mas há outro sentido para essa palavra de origem tupi, possível corruptela de (caipora), "habitante do mato". O termo também serve para designar uma cultura rústica que, do interior de São Paulo, se espalha por um pedaço de Minas Gerais e de Goiás. "A cultura caipira, que resulta da miscigenação do branco com o índio, é integral", explica o poeta e ensaísta José Paulo Paes. "Ela abarca desde hábitos alimentares até costumes religiosos, conservando um vocabulário riquíssimo."

Na década de 20, autores como Cornélio Pires e Amadeu Amaral debruçaram-se sobre a maneira de falar dos caipiras e descobriram que vários de seus erros de português são, na verdade, preciosidades Lingüísticas. Por exemplo: a expressão 'estâmago" (estômago) remonta ao português castiço do século XVI, e concordâncias exóticas como "a multidão falaram" são encontradas em versos de Camões. O modo de vida do caipira também foi objeto de um livro de Antonio Candido, Os Parceiros do Rio Bonito, de 1964, cujo prefácio traz um agradecimento "ao antigo aluno e já então colega" Fernando Henrique Cardoso, que ajudou a revisar os originais. A arqueologia sociológica de Antonio Candido é uma resposta enviesada à imagem maledicente do caipira, cristalizada por Monteiro Lobato em Urupês. Publicado em 1918, o artigo ridiculariza o Jeca-Tatu, o caboclo ignorante, imune ao progresso e supersticioso.Destila Monteiro Lobato, entre outras linhas venenosas: "Perguntem ao Jeca quem é o presidente da República."

- O homem que manda em nós tudo?
- Sim.
- Pois de certo que há de ser o imperador."

O imperador Fernando Henrique Bovary poderia prestar mais atenção às palavras que usa para rotular seus súditos. Ricos e pobres, cultos e ignorantes. os brasileiros têm uma relação ambígua com o termo caipira. Talvez porque sofram daquela nostalgia do campo que os estudiosos chamam de têm uma relação ambígua com o termo caipira. Talvez porque sofram daquela nostalgia do campo que os estudiosos chamam de "síndrome pastoril". É uma saudade envergonhada, que se extravasa nas festas juninas, na audiência de novelas com temas agrários, nos jipes metidos a besta que rodam nas grandes cidades, no sucesso da música sertaneja, um arremedo que a indústria cultural forjou para as modinhas caipiras. O produto desse jecocentrismo pode não ser tão globalizado quanto o chapéu de Mickey que se compra na Disney World. Mas é mais autêntico que o bovarismo.
(SABINO, Mário. In Veja, 24 jul. 1996)
TRABALHANDO O TEXTO

1. Como foram formadas as palavras que constituem o título do texto?

2. Como se formaram as palavras caipirolândia e cosmopolita?

3. Há no primeiro parágrafo do texto sufixos diminutivos e aumentativos. Aponte as palavras de que fazem parte e o significado que transmitem.

4. Explique como se formaram caipiríssimo e caipirésimo e que relação de significado estabelecem com caipira.

5. Como se formaram as palavras miscigenação, arqueologia e sociológica?

6. Como se formou a palavra extravasar?

7. Qual a origem da palavra jipe?

8. Baseado em elementos fornecidos pelo próprio texto, explique o sentido da palavra bovarismo.

9. Você é caipira e desconhece o outro lado?

Eco da anterior
Que dúvida Que dívida Que dádiva
Que duvidávida afinal a vida

(MOURÃO-FERREIRA, David. Antologia poética
(1948 - 1983). Lisboa. D. Quixote. 1983. p. 158.

Explique o conceito de palavra-valise a partir da leitura do poema acima.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES
1 (Univ. Alfenas-MG) O infinitivo correspondente à forma verbal negrejava está formado por:
a) derivação imprópria.

b) derivação parassintética.
c) derivação sufixal.
d) derivação regressiva.
e) composição.

2 (Univ. Alfenas-MG) O vocábulo almanaques:
a) é de origem latina.
b) é erudito, composto de radicais gregos.
c) é erudito, híbrido, composto de radicais latino e grego.
d) é de origem árabe.
e) é uma composição erudita, com prefixo e radical latinos.

3 (Univ. Alfenas-MG) Assinale a alternativa que contém a correspondência correta entre o composto de origem grega e o seu significado.
a) anarquia = falta de cabeça
b) aristocracia = governo dos plebeus
c) teocracia = governo de religiosos
d) oligarquia = governo de um pequeno grupo
e) plutocracia = governo exercido por estrangeiros

4 (UEPE) Quanto à formação de palavras:
a) (preconceito) é formação prefixal.
b) (pluralismo) e (fragilidade) são formações sufixais.
c) (incontroverso), (individual) e (interna) são formadas com o prefixo latino in, com sentido de negação.
d) (ampliação), (repetência), (preparação) e (cidadania) são substantivos formados a partir de formas verbais.
e) em (fragilizar), (modernizar) e (democratizar) o sufixo izar forma verbos a partir de adjetivos.

5 (UFCE) Complete os espaços abaixo com o substantivo que corresponde ao verbo destacado nas passagens:
a) ... (acendeu) nela o desejo...
A ( ) do desejo.
b)..... e (repetia) puxando-me...
A ( ) do chamado.
c) ... um gesto que eu não (descrevo)
A ( ) do gesto.
Marque a alternativa que completa corretamente os espaços acima:
a) acenção - repetisão - descrição
b) acensão - repetição - descreção
c) acenção - repetição - discrição
d) acensão - repetissão - descrisão
e) acensão - repetição - descrição

6 (UFCE) Empregando o sufixo mente, substitua as expressões destacadas por uma só palavra, cujo sentido seja equivalente ao da expressão substituída.
a) (Pouco a pouco), o poeta aprenderia a partir sem medo.
b) (Sem dúvida alguma), a lua nova é mais alegre que a cheia.
c) Ele ganhou um novo quarto e a aurora, (ao mesmo tempo).

d) Passou dez anos, (sem interrupção), com a janela virada para o pátio.
e) O poeta, (por exceção), prefere a lua nova.

7 (Univ. Alfenas-MG) Assinale a alternativa que contém, pela ordem, o nome do processo de formação das seguintes palavras:
ataque, tributária e expatriar.
a) prefixação, sufixação, derivação imprópria
b) derivação imprópria, sufixação, parassíntese
c) prefixação, derivação imprópria, parassíntese
d) derivação regressiva, sufixação, prefixação e sufixação
e) derivação regressiva, sufixação, parassíntese

8 (PUCSP) O vocábulo (ostentando) apresenta em sua estrutura os seguintes elementos mórficos:
a) o radical ostenta e o prefixo -ndo.
b) radical ostent-, a vogal temática -a, o tema ostenta e a desinência -ndo.
c) o prefixo os-, o radical tent-, a vogal temática -a e a desinência -ndo.
d) o radical ostenta, o tema ostent- e a desinência -ndo.
e) o radical -ndo, o tema ostent- e a vogal temática -a.

9 (ESALq-SP) São palavras formadas por prefixação:
a) luminoso, fraternidade.
b) liberdade, sonhador.
c) conselheiro, queimado.
d) linguagem, escravidão.
e) percurso, ingrato.

10 (PUCSP) As palavras (azuladas), (esbranquiçadas), (bons-dias) e (lavagem) foram formadas, respectivamente, pelos processos de:
a) derivação parassintética, derivação prefixal e sufixal, composição por aglutinação, derivação prefixal e sufixal.
b)derivação sufixal, derivação parassintética, composição por justaposição, derivação sufixal.
c) derivação parassintética, derivação parassintética, composição por aglutinação, derivação sufixal.
d)derivação prefixal e sufixal, derivação prefixal, composição por justaposição, derivação parassintética.
e) derivação sufixal, derivação imprópria, composição por justaposição, derivação sufixal.

11 (ACAFE-SC) Quanto à formação de palavras, aponte o exemplo que não corresponde à afirmação.
a) infeliz - derivação prefixal
b) inutilmente - derivação prefixal e sufixal
c) couve-flor - composição por justaposição
d) planalto - composição por aglutinação
e) semideus - composição por aglutinação

12 (CEFET-PR) Em qual das alternativas não há relação entre as duas colunas quanto ao processo de formação das seguintes palavras:

a) magoado derivação sufixal
b) obscuro derivação prefixal
c) infernal derivação prefixal e sufixal
d) aterrador derivação prefixal e sufixal
e) descampado derivação parassintética

13 (FUVEST-SP) Foram formadas pelo mesmo processo as seguintes palavras:
a) vendavais, naufrágios, polêmicas.
b) descompõem, desempregados, desejava.
c) estendendo, escritório, espírito.
d) quietação, sabonete, nadador.
e) religião, irmão, solidão.

14 (FUVEST-SP) Assinalar a alternativa que registra a palavra que tem o sufixo formador de advérbio.
a) desesperança
b) pessimismo
c) empobrecimento
d) extremamente
e) sociedade

15 (ITA-SP) Considere as seguintes significações:
"nove ângulos" - "governo de poucos" -
"som agradável" - "dor de cabeça"
Escolha a alternativa cujas palavras traduzem os significados apresentados acima.
a) pentágono, plutocracia, eufonia, mialgia
b) eneágono, oligarquia, eufonia, cefalalgia
c) nonangular, democracia, cacofonia, dispnéia
d) eneágono, aristocracia, sinfonia, cefalalgia
e) hendecágono, monarquia, sonoplastia, cefaléia

16 (ITA-sp) Considere as seguintes palavras, cujos prefixos são de origem grega:
diáfano, endocárdio, epiderme, anfíbio.
Qual alternativa apresenta palavras cujos prefixos, de origem latina, correspondem, quanto ao significado, aos de origem grega?
a) translúcido, ingerir, sobrepor, ambivalência
b) disseminar, intramuscular, superficial, ambigüidade
c) disjungir, emigrar, supervisão, bilíngüe
d) transalpino, enclausurar, supercílio, ambicionar
e) percorrer, imergir, epopéia, ambivalência

17 (PUCC-SP) Sabendo-se que prefixo é um morfema que se antepõe ao radical, alterando sua significação, assinale a alternativa que apresenta as quatro palavras iniciadas por um prefixo.
a) perfazer, decifrar, disparidade, reposição
b) retidão, dissonância, divindade, insatisfação
c) discorrer, entrever, perguntar, reler
d) inamovível, bisavô, comprimento, descansar
e) surpresa, asmático, esbravejar, anulação

18 (VUNFSP) As palavras (perda), (corredor) e (saca-rolhas) são formadas, respectivamente, por:
a) derivação regressiva, derivação sufixal, composição por justaposição.
b) derivação regressiva, derivação sufixal, derivação parassintética.
c) composição por aglutinação, derivação parassintética, derivação regressiva
d) derivação parassintética, composição por justaposição, composição por aglutinação.
e) composição por justaposição, composição por aglutinação, derivação prefixal.

19 (CESGRANRIO-RIO) Assinale a opção em que o processo de formação de palavras está indevidamente caracterizado.
a) vagalume composição
b) irritação - sufixação
c) cruzeiro - sufixação
d) baunilha - sufixação
e) palmeira - sufixação

20 (UFRJ) Assinale a alternativa cujo prefixo sub tem o sentido de posteridade.
a) sublinhar
b) subsequente
c) subdesenvolvido
d) subjacente
e) submisso

21 (FUVEST-SP) Assinale a alternativa em que uma das palavras não é formada por prefixação.
a) readquirir, predestinado, propor
b) irregular, amoral, demover
c) remeter, conter, antegozar
d) irrestrito, antípoda, prever
e) dever, deter, antever

22 (UM-SP) Dentre as alternativas abaixo, assinale aquela em que ocorrem dois prefixos que dão idéia de negação.
a) impune, acéfalo
b) pressupor, ambíguo
c) anarquia, decair
d) importar, soterrar
e) ilegal, refazer

23 (UFF-RJ) O vocábulo catedral, do ponto de vista de sua formação, é:
a) primitivo.
b) composto por aglutinação.
c) derivado sufixal.
d) parassintético.
e) derivado regressivo de catedrático.

24 (PUC-SP) Assinale a classificação errada do processo de formação indicado.
a) o porquê - conversão ou derivação imprópria.
b) desleal - derivação prefixal

c) impedimento - derivação parassintética
d) anoitecer - derivação parassintética
e) borboleta - primitivo

25 (UFPR) A formação do vocábulo destacado na expressão "o (canto) das sereias" é:
a) composição por justaposição.
b) derivação regressiva.
c) derivação sufixal.
d) palavra primitiva.
e) derivação prefixal.

26 (PUC-RJ) Relacione os sinônimos nas duas colunas abaixo e assinale a resposta correta.
1. translúcido ( ) contraveneno
2. antídoto ( ) metamorfose
3. transformação ( ) diáfano
4. adversário ( ) antítese
5. oposição ( ) antagonista
a) 1, 3, 4, 2, 5
b) 2, 3, 4 ,5,1
c) 2, 3, 1, 5, 4
d) 1, 4, 5, 2, 3
e) 4, 3, 1, 5, 2

27 (UFSC) Assinale a alternativa em que o elemento mórfico em destaque está corretamente analisado.
a) menin(a) (-a) desinência nominal de gênero
b) vend(e)ste (-e-) - vogal de ligação
c) gas(ô)metro (ô) - vogal temática de segunda conjugação
d) ama(ss)em (-sse-) - desinência de segunda pessoa do plural
e) cantaríe(is) (-is) - desinência do imperfeito do subjuntivo

28 (FEI-SP) Dê o significado dos prefixos:
a) (anti)pático
b) (sim)pático
c) (a)pático

29 (UFSC) Relacione a coluna II com a coluna I, estabelecendo a correspondência entre o significado dos prefixos gregos e latinos.

coluna I	coluna II
1) (tran)sporte	( ) (hiper)trofia
2) (circun)lóquio	( ) (para)sita
3) (bene)fício	( ) (hipo)crisia
4) (supra)citado	( ) (peri)feria
5) (sub)terrâneo	( ) (diá)logo
6) (ad)vogado	( ) (eu)genia

30) (UFPeI-RS) Os vocábulos da primeira coluna possuem prefixos latinos; os da segunda, prefixos gregos. A alternativa em que os dois prefixos não se correspondem semanticamente é:

a) subdesenvolvimento/sintonia
b) ambidestro/anfíbio
c) previsão/programa
d) infiel/anêmico
e) transparente/diálogo

31 (FUVEST-SP) Dos vocábulos da relação seguinte, transcreva apenas aqueles cujos prefixos indiquem privação, negação ou oposição:
indiciado, anarquia, aprimorar, península, amoral, antípoda, antediluviano, ateu, antigo, imberbe

32 (FUVEST-SP) Dos vocábulos da relação seguinte, transcreva apenas aqueles que indiquem inferioridade ou posição inferior:
sotopor, retroceder, supra-renal, sublingual, infravermelho, obstruir, hipodérmico, sobestar, hipertensão, périplo

CAPÍTULO 6
ESTUDO DOS VERBOS (I)

- nota da ledora: gravura nas páginas 120 e 121, com a representação de um eletrocardiograma com a legenda da Sport TV, mostrando as alterações de um coração, durante uma partida de futebol, no campo.
- fim da nota.

Embora seja sempre lembrado como a palavra que denota ação (veja quantas delas ocorrem no anúncio acima), o verbo indica ainda uma série de outros fenômenos ou processos.

O que distingue fundamentalmente os verbos são as suas flexões, e não os seus possíveis significados. Afinal de contas, o verbo é a classe de palavras que possui o maior número de flexões, na língua portuguesa.

1 INTRODUÇÃO

Conjugar verbos é algo que faz parte da vida de qualquer indivíduo, alfabetizado ou não, escolarizado ou não; no entanto, poucas pessoas se dão conta de que há nesse processo uma organização interna, um verdadeiro sistema, de que trataremos a seguir.

Os verbos desempenham uma função vital em qualquer língua, e no português não seria diferente. E em torno deles que se organizam as orações e os períodos, conseqüentemente é em torno deles que se estrutura o pensamento.

Verbo significa, originariamente, "palavra". Esse significado pode ser notado em expressões como "abrir o verbo" ou "deitar o verbo", utilizadas para indicar o uso abundante e desimpedido das palavras. Outra expressão muito conhecida é "verborragia", utilizada para indicar uso desmedido de palavras. Uma pessoa verborrágica fala muito. E o que significa comunicação verbal? Comunicação com palavras.

Os verbos receberam esse nome justamente porque, devido a sua importância na língua, foram considerados as palavras por excelência pelos gramáticos.

Conjugar um verbo é, portanto, exercer o direito pleno de empregar a palavra.

O estudo de uma classe gramatical tão importante representa, obviamente, um passo decisivo para a obtenção de um desempenho lingüístico mais satisfatório.

Neste primeiro capítulo dedicado aos verbos, vamos concentrar nossa atenção nos paradigmas de conjugação, cujo conhecimento é indispensável à produção de textos representativos da modalidade culta do português.

2 CONCEITO

Verbo é a palavra que se flexiona em número (singular/plural), pessoa (primeira, segunda, terceira), modo (indicativo, subjuntivo, imperativo), tempo (presente, pretérito, futuro) e voz (ativa, passiva, reflexiva). Pode indicar ação (fazer, copiar), estado (ser, ficar), fenômeno natural (chover, anoitecer), ocorrência (acontecer, suceder), desejo (aspirar, almejar) e outros processos.

O que caracteriza o verbo são suas flexões, e não seus possíveis significados. Observe que palavras como feitura, cópia, chuva, acontecimento e aspiração têm conteúdo muito próximo ao de alguns verbos mencionados acima; não apresentam, porém, todas as possibilidades de flexão que esses verbos possuem.

3 ESTRUTURA DAS FORMAS VERBAIS

Há três tipos de morfemas que participam da estrutura das formas verbais: o radical, a vogal temática e as desinências.

a) radical - é o elemento mórfico (morfema) que concentra o significado essencial do verbo:

opin-ar
aprend-er
nutr-ir
am-ar
beb-er
part-ir
cant-ar
escond-er
proib-ir

Você notou que, para obter o radical de um verbo, basta eliminar as duas últimas letras do infinitivo. Podem-se antepor prefixos ao radical:

des-nutr-ir
re-aprend-er

b) vogal temática - é o morfema que permite a ligação entre o radical e as desinências. Em português, há três vogais temáticas:

-a- - caracteriza os verbos da primeira conjugação: solt-a-r; deix-a-r; perdo-a-r;

-e- - caracteriza os verbos da segunda conjugação: esquec-e-r; sofr-e-r; viv-e-r.

O verbo pôr e seus derivados (supor, depor, repor, compor etc.) são considerados da segunda conjugação, pois sua vogal temática é -e-, obtida da forma portuguesa arcaica poer, do latim ponere; -i- - caracteriza os verbos da terceira conjugação: assist-i-r; permit-i-r, decid-i-r. O conjunto formado pelo radical e pela vogal temática recebe o nome de tema.

c) desinências - são morfemas que se acrescentam ao tema para indicar as flexões do verbo. Há desinências número-pessoais e desinências modo-temporais:

falá-sse-mos

falá-: tema (radical + vogal temática)
-sse-: desinência modo-temporal (indica o modo - subjuntivo - e o tempo -pretérito imperfeito - em que o verbo está conjugado)
-mos: desinência número-pessoal (indica que o verbo se refere à primeira pessoa do plural)

Você conhecerá as outras desinências verbais quando apresentarmos os modelos das conjugações.

- nota da ledora: quadro em destaque, na página:
Estrutura das formas verbais
a) radical elemento mórfico (morfema) que concentra o significado essencial do verbo;
b) vogal temática - morfema que permite a ligação entre o radical e as desinências.
Em português, há três vogais temáticas: -a-, -e-, -i-;
c) desinências - morfemas que se acrescentam ao tema para indicar as flexões do verbo.
Há desinências número-pessoais e desinências modo-temporais.
Combinando seus conhecimentos sobre a estrutura dos verbos com o conceito de sílaba tônica, você poderá facilmente descobrir o que são formas verbais rizotônicas e arrizotônicas. Nas formas rizotônicas, o acento tônico está no radical do verbo: estudo, compreendam, consigo, por exemplo. Nas formas arrizotônicas, o acento tônico não está no radical, mas na terminação verbal: estudei, venderão, conseguiríamos.

4 FLEXÕES VERBAIS
Você já sabe que os verbos apresentam flexão de número, pessoa, modo, tempo e voz. Vamos agora estudar mais minuciosamente essas flexões.

FLEXÃO DE NÚMERO E PESSOAS
Os verbos podem se referir a um único ser ou a mais de um ser; no primeiro caso, estão no singular; no segundo, no plural. Essa indicação de número é acompanhada pela indicação da pessoa gramatical a que o verbo se refere.
Observe:
estudo é forma da primeira pessoa do singular;
estudas é forma da segunda pessoa do singular;
estuda é forma da terceira pessoa do singular;
estudamos é forma da primeira pessoa do plural;
estudais é forma da segunda pessoa do plural;
estudam é forma da terceira pessoa do plural.
Essas indicações de número e pessoa são claramente identificadas quando se relaciona cada forma verbal acima com o pronome pessoal correspondente:
eu estudo
tu estudas
ele/ela estuda
nós estudamos
vós estudais
eles/elas estudam

No português atual do Brasil, o pronome tu, de segunda pessoa, tem uso limitado a algumas regiões, muitas vezes de forma diferente da que prega a gramática oficial. É comum o emprego de formas como "tu foi", "tu pega", "tu falou". O pronome é de

segunda pessoa, mas o verbo é conjugado na terceira. O pronome vós aparece em textos literários ou litúrgicos.
Para o tratamento direto, difundiu-se no Brasil o emprego dos pronomes você/vocês, que levam o verbo para a terceira pessoa:

ele/ela você estuda
eles/e/as/vocês estudam

- nota da ledora: nesta página, tira de quadrinhos com sotaque português: (?) e a seguinte legenda: general pergunta a tropa, se quer canhões ou manteiga - quereis canhões ou manteiga? e um engraçadinho da tropa responde alto, que quer canhões. Na mesa, estão passando a faca em canhõeszinhos e depois no pão, ao que outro soldado comenta: Porque é que nunca fechas essa maldita
boca?
- fim da nota.

A forma verbal correspondente ao pronome vós caiu em desuso no Brasil mas ainda é corrente em Portugal (quereis na tira acima).

FLEXÃO DE TEMPO E MODO
No momento em que se fala ou escreve, o processo verbal pode estar em plena ocorrência, pode já estar concluído ou pode ainda não ter ocorrido. Essas três possibilidades básicas, mas não únicas, são expressas pelos três tempos verbais: o presente, o pretérito (que pode ser perfeito, imperfeito ou mais-que-perfeito) e o futuro (que pode ser do presente ou do pretérito). Compare as formas estudo, estudei e estudarei para perceber essa distribuição em três tempos básicos.
A indicação de tempo está normalmente ligada à indicação de modo, ou seja, a expressão da atitude de quem fala ou escreve em relação ao conteúdo do que fala ou escreve. Quando se considera o que é falado ou escrito uma certeza, utilizam-se as formas do modo indicativo (são exemplos estudo, estudei, estudava, estudarei).

- nota da ledora: anúncio de seguros do Banco Itaú, com os seguintes dizeres:
Uma pessoa que não entende nada de seguro me convenceu a fazer um Itauvida.
Na foto, uma graciosa menininha de aproximadamente 2 anos de idade.
- fim da nota.

Entende e convenceu são formas verbais do modo indicativo, empregado para dar status de certeza àquilo que se declara.
As formas do modo subjuntivo indicam que o conteúdo do que se fala ou escreve é tomado como incerto, duvidoso, hipotético (estudasse, por exemplo). Além disso, o verbo pode exprimir um desejo, uma ordem, um apelo: nesse caso, utilizam-se as formas do modo imperativo (estude/não estude, por exemplo).
O esquema a seguir apresenta os modos e tempos verbais da língua portuguesa:
MODO INDICATIVO:
presente (estudo)
pretérito
futuro

pretérito: perfeito (estudei), imperfeito (estudava) , mais-que-perfeito (estudara)
futuro: do presente (estudarei), do pretérito (estudaria)

MODO SUBJUNTIVO
presente (estude)
pretérito imperfeito (estudasse)
futuro (estudar)

MODO IMPERATIVO
presente afirmativo (estuda)
presente negativo (não estudes)

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÃO:
1. O modo imperativo é dividido em duas formas: o afirmativo e o negativo. Não se conjuga a primeira pessoa do singular do imperativo, por motivo óbvio.
2. O esquema acima apresenta apenas os chamados tempos simples; além deles, há os tempos compostos, que apresentaremos mais adiante.
3. Os verbos possuem, além dos modos e tempos já apresentados, três formas nominais: o infinitivo (pessoal e impessoal), o gerúndio e o particípio. Essas formas são chamadas nominais porque podem assumir comportamento de nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) em determinados contextos. No caso do verbo estudar, temos:
FORMAS NOMINAIS - infinitivo pessoal (estudar, estudares…)
infinitivo impessoal (estudar)
gerúndio (estudando)
particípio (estudado)

FLEXÃO DE VOZ
A voz verbal indica fundamentalmente se o ser a que o verbo se refere é agente ou paciente do processo verbal. Há três situações possíveis:

a) voz ativa - o ser a que o verbo se refere é o agente do processo verbal. Em "O Juventus derrotou o Palmeiras", a forma verbal "derrotou" está na voz ativa porque "o Juventus" é o agente do processo verbal.
b) voz passiva - o ser a que o verbo se refere é o paciente do processo verbal. Em "O Palmeiras foi derrotado pelo juventus", a locução verbal "foi derrotado" está na voz passiva porque "o Palmeiras" é o paciente da ação verbal.
Há duas formas de voz passiva em português: a voz passiva analítica, em que ocorre uma locução verbal formada pelo verbo ser mais o particípio do verbo principal (como em "O técnico foi demitido do clube"), e a voz passiva sintética, em que se utiliza o pronome se (nesse caso chamado pronome apassivador, ou partícula apassivadora) ao lado do verbo em terceira pessoa (como em "Alugam-se casas na praia"). Essas duas formas de voz passiva serão estudadas detalhadamente nos capítulos dedicados à Sintaxe.
c) voz reflexiva- o ser a que o verbo se refere é, ao mesmo tempo, agente e paciente do processo verbal, pois age sobre si mesmo. Em "O rapaz cortou-se com uma tesoura", a forma verbal cortou-se está na voz reflexiva, pois o rapaz é, a um só tempo, agente e paciente: ele cortou a si mesmo.

- nota da ledora: propaganda do metrô de São Paulo, com os seguintes dizeres:
- Tiradentes foi enforcado. Sardinha foi devorado por índios. Getúlio se matou. Felizmente, existe um jeito mais fácil de você entrar para a história.

Venha gravar seu depoimento para o Museu do Metrô.
- fim do anúncio.

As tragédias enumeradas no anúncio exemplificam a voz passiva ("foi enforcado'; "foi devorado") e a voz reflexiva ("se matou").

ATIVIDADES

1. Indique os morfemas presentes em cada uma das formas Verbais abaixo:

a) falássemos
b) pensáramos
c) estudarei
d) perderias
e) decidissem
f) produzo
g) corrompias
h) tratávamos
i) permitistes

2. indique o tempo, o modo, o número e a pessoa de cada uma das formas verbais destacadas nas frases abaixo:

a) Não (trataríamos) de alguém como ele.
b) Ninguém (relatara) nada a ela.
c) Se você ao menos (provasse)...
d) Talvez (obtenhas) o que nós não obtivemos.
e) Se eu o (localizar), (transmitirei) seu recado.
f) (Queixava)-se constantemente de que ninguém ali (dava) importância a ele.
g) (Pedistes) a verificação de vossos projetos?
h) (Digo) o que (penso).

5 CONJUGAÇÕES

Quando se fala em conjugar um verbo, fala-se em dispor sistematizadamente todas as formas que ele pode assumir ao ser flexionado. Isso se faz com a exposição dos diversos tempos e modos de acordo com uma ordem convencionada. Observe que se trata de um recurso didático ligado à memorização e à observação de particularidades morfológicas.
Os verbos da língua portuguesa podem ser divididos em três grupos de flexões, as chamadas conjugações, identificadas respectivamente pelas vogais temáticas -a-, -e- e -i-. Para cada uma dessas conjugações, há um modelo - chamado de paradigma - que indica as formas verbais consideradas regulares. De acordo com a relação que estabelecem com esses paradigmas, os verbos podem ser classificados em:

a) regulares - obedecem precisamente a um paradigma da respectiva conjugação;
b) irregulares - não seguem nenhum paradigma da respectiva conjugação: podem apresentar irregularidades no radical ou nas terminações. Os verbos ser e ir, por apresentarem profundas alterações nos radicais em sua conjugação, são chamados anômalos;
c) defectivos - não são conjugados em determinadas pessoas, tempos ou modos;
d) abundantes - apresentam mais de uma forma para determinada flexão.

Os verbos empregados para, com o infinitivo, o gerúndio ou o particípio, formar as locuções verbais ou os tempos compostos (devo ir/estava falando/tinha procurado) são chamados de auxiliares. Os quatro mais usados nessa função são ser, estar, ter e haver.

A conjugação desses quatro verbos, rica em particularidades, será apresentada mais adiante, quando estudarmos os principais verbos irregulares.
O outro verbo do tempo composto ou locução verbal é chamado de principal. Na prática, torna-se fácil identificar o auxiliar e o principal: o auxiliar é sempre o primeiro; o principal é sempre o segundo.

PARADIGMA DOS VERBOS REGULARES

Você encontrará a seguir paradigmas dos verbos regulares das três conjugações.
Para conjugar qualquer verbo regular basta substituir o radical do verbo usado como exemplo pelo radical do verbo que se pretende conjugar. A vogal temática e as desinências não se alteram.

TEMPOS SIMPLES

1a. conjugação 2a. conjugação 3a. conjugação
modelo: estudar, vender, permitir

MODO INDICATlVO

presente :
estudo, vendo, permito,
estudas, vendes, permites ,
estuda, vende, permite,
estudamos, vendemos, permitimos,
estudais, vendeis, permitis,
estudam, vendem, permitem;

pretérito imperfeito:
estudava, vendia, permitia,
estudavas, vendias, permitias,
estudava, vendia, permitia,
estudávamos, vendíamos, permitíamos,
estudáveis, vendíeis, permitíeis,
estudavam, vendiam, permitiam

pretérito perfeito:
estudei, vendi, permiti
estudaste, vendeste, permitiste,
estudou, vendeu, permitiu,
estudamos, vendemos, permitimos,
estudastes, vendestes, permitistes,
estudaram, venderam, permitiram;

pretérito mais-que-perfeito:
estudara, vendera, permitira,
estudaras, venderas, permitiras,
estudara, vendera, permitira,
estudáramos, vendêramos, permitíramos,
estudáreis, vendêreis, permitireis,
estudaram, venderam, permitiram,

futuro do presente:

estudarei, venderei, permitirei,
estudarás, venderás, permitirás,
estudará, venderá, permitirá,
estudaremos, venderemos, permitiremos,
estudareis, vendereis, permitireis,
estudarão, venderão, permitirão

futuro do pretérito:
estudaria, venderia, permitiria,
estudarias, venderias, permitirias,
estudaria, venderia, permitiria,
estudaríamos, venderíamos, permitiríamos,
estudaríeis, venderíeis, permitiríeis,
estudariam, venderiam, permitiriam

MODO SUBJUNTIVO
presente:
estude, venda, permita,
estudes, vendas, permitas,
estude, venda, permita,
estudemos, vendamos, permitamos,
estudeis, vendais, permitais,
estudem , vendam, permitam

pretérito imperfeito:
estudasse, vendesse, permitisse,
estudasses, vendesses, permitisses,
estudasse, vendesse, permitisse,
estudássemos, vendêssemos, permitíssemos,
estudásseis, vendêsseis, permitísseis
estudassem, vendessem, permitissem

futuro:
estudar, vender, permitir,
estudares, venderes, permitires,
estudar, vender, permitir,
estudarmos, vendermos, permitirmos,
estudardes, venderdes, permitirdes,
estudarem, venderem, permitirem

MODO IMPERATIVO
afirmativo
estuda tu, vende tu, permite tu,
estude você, venda você, permita você,
estudemos nós, vendamos nós, permitamos nós,
estudai vós, vendei vós, permiti vós,
estudem vocês, vendam vocês, permitam vocês,

negativo:

não estudes tu, não vendas tu, não permitas tu,
não estude você, não venda você, não permita você,
não estudemos nós, não vendamos nós, não permitamos nós,
não estudeis vós, não vendais vós, não permitais vós,
não estudem vocês, não vendam vocês, não permitam vocês

FORMAS NOMINAIS
infinitivo impessoal:
estudar, vender, permitir
infinitivo pessoal:
estudar, vender, permitir,
estudares, venderes, permitires,
estudar, vender, permitir,
estudarmos, vendermos, permitirmos,
estudardes, venderdes, permitirdes,
estudarem, venderem, permitirem

gerúndio:
estudando, vendendo, permitindo

particípio:
estudado, vendido, permitido

- nota da ledora- quadro de destaque na página -

1. Tome cuidado especial com as formas verbais que recebem acento gráfico, pois a omissão desse acento pode causar problemas na língua escrita: analise atentamente as formas de primeira e segunda pessoas do plural dos vários tempos e compreenda que algumas devem ser acentuadas porque são proparoxítonas; atente para as formas do futuro do presente do indicativo que são acentuadas graficamente (oxítonas terminadas em -a, -as - estudarás, estudará; venderás, venderá; permitirás, permitirá) e perceba que a omissão desse acento causa confusão com as formas correspondentes do pretérito mais-que-perfeito do indicativo (paroxítonas - estudaras, estudara; venderas, vendera; permitiras, permitira).
2. Compare a terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo com a terceira pessoa do plural do futuro do presente: a primeira é paroxítona e termina em -am (estudaram, venderam, permitiram); a segunda é oxítona e termina em -ão (estudarão, venderão, permitirão).
3. Compare a segunda pessoa do singular com a segunda pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo: a primeira termina em -ste (estudaste, vendeste, permitiste); a segunda termina em -stes (estudastes, vendestes, permitistes).
4. Atente para as particularidades do modo imperativo: não se conjuga a primeira pessoa do singular; além disso, na terceira pessoa se utilizam os pronomes você/vocês, senhor/senhores, ou qualquer outro pronome de tratamento.

TEMPOS COMPOSTOS

MODO INDICATIVO
pretérito perfeito: tenho/hei, tens/hás, tem/há, temos/havemos, tendes/haveis, têm/hão

estudado, vendido, permitido
pretérito mais-que-perfeito: tinha/havia, tinhas/havias, tinha/havia, tínhamos/havíamos, tínheis/havíeis, tinham/haviam.
estudado, vendido, permitido

futuro do presente : terei/haverei, terás/haverás, terá/haverá, teremos/haveremos, tereis/havereis, terão/haverão.
estudado, vendido, permitido

futuro do pretérito: teria/haveria, terias/haverias, teria/haveria, teríamos/haveríamos, teríeis/haveríeis, teriam/haveriam,
estudado, vendido, permitido

MODO SUBJUNTIVO
pretérito perfeito: tenha/haja, tenhas/hajas, tenha/haja, tenhamos/hajamos, tenhais/hajais, tenham/hajam,
estudado, vendido, permitido

pretérito mais-que-perfeito: tivesse/houvesse, tivesses/houvesses, tivesse/houvesse, tivéssemos/houvéssemos, tivésseis/houvésseis, tivessem/houvessem,
estudado, vendido, permitido

futuro: tiver/houver, tiveres/houveres, tiver/houver, tivermos/houvermos, tiverdes/houverdes, tiverem/houverem.
estudado, vendido, permitido

FORMAS NOMINAIS

infinitivo pessoal (pretérito) : ter/haver, teres/haveres, ter/haver, termos/havermos, terdes/haverdes, terem/haverem,
estudado, vendido, permitido
infinitivo impessoal (pretérito) : ter/haver,
estudado, vendido, permitido

gerúndio (pretérito) tendo/havendo,
estudado, vendido, permitido

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES:
1. Você notou que os tempos compostos são formados pelos verbos auxiliares ter e haver mais o particípio do verbo principal. Apenas os auxiliares se flexionam.
2. No Brasil, há uma acentuada tendência ao emprego do auxiliar ter; o uso do auxiliar haver restringe-se à língua formal falada escrita.
3. O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo é largamente usado no português falado e escrito do Brasil, confinando a forma simples ao uso escrito formal.
4. As formas compostas do infinitivo e do gerúndio têm valor de pretérito.
- fim do quadro de destaque.

ATIVIDADES

1. Complete as lacunas das frases com a forma verbal indicada entre parênteses:

a) Se efetivamente ( ), serias mais insistente. (necessitar, pretérito imperfeito do subjuntivo)
b) Seu pai não ( ) às reuniões com freqüência. (comparecer, pretérito imperfeito do indicativo)
c) O diretor não nos ( ) ontem. (auxiliar, pretérito perfeito do indicativo)
d) Você sempre ( ) às oito horas? (chegar, presente do indicativo)
e) Quem ( ) esta rotina tão tranqüila? (alterar, futuro do pretérito do indicativo)
f) Já fazia muito tempo que eu ( ) a importância de ser solidário. (perceber, pretérito mais-que-perfeito do indicativo)
g) Não te ( ) em situação delicada se me prestares ajuda? (colocar, futuro do presente do indicativo)
h) Talvez eu ( ) alguma alteração no seu ânimo. (perceber, presente do subjuntivo)
i) Quando ( ) a verdade, mostrai-a a todos. (descobrir, futuro do subjuntivo)

2. Complete as lacunas com as formas verbais solicitadas entre parênteses:

a) Quando você ( ) o trabalho, poderá sair. (terminar, futuro composto do subjuntivo)
b) ( ) constantemente, mas ainda não conseguiste êxito. (insistir, pretérito perfeito composto do indicativo)
c) Nós já ( ) aquelas entidades assistenciais alguns anos atrás. (ajudar, pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo)
d) É provável que tudo ( ) até então. (acabar, pretérito perfeito composto do subjuntivo)
e) Será que ( ) em todos os meus exames até dezembro? (passar, futuro do presente composto do indicativo)
f) Se ( ) antes, teríamos obtido a vaga. (comparecer, pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo)
g) Tudo ( ) como imagináramos se ele não tivesse desistido no último momento. (ocorrer, futuro do pretérito composto do indicativo)

3. Passe para o plural cada uma das frases seguintes, mantendo o tempo e o modo dos verbos.

a) Agradava-me caminhar à beira-mar.
b) Fazias sempre questão de ajudar.
c) Ele estivera acamado.
d) Até ontem, eu desconhecia que voltaras.
e) Se quisesses, eu não seria infeliz.
f) Se fosses solidário, eu teria melhor sorte.
g) Ele dormirá aqui amanhã.
h)Você chegou às três horas?
i) Ele fixara o encontro com antecedência.
j) Ela fixará o encontro com antecedência.
l) Agiste como te recomendei?

6 FORMAÇÕES DOS TEMPOS SIMPLES

Depois de observar os tempos e modos dos verbos regulares, é importante você saber que existe uma maneira eficiente, racional e organizada de conjugá-los.

Basta empregar os conceitos de tempos primitivos e tempos derivados e explorar as relações entre eles:

a) tempos primitivos - são tempos cujos radicais ou temas são usados na formação de outros tempos. É o caso do presente do indicativo e do pretérito perfeito do indicativo. Além deles, o infinitivo impessoal é usado na formação de outros tempos;
b) tempos derivados - são aqueles cujos radicais ou temas são obtidos de um dos tempos primitivos ou do infinitivo impessoal. Com exceção do presente e do pretérito perfeito do indicativo e do infinitivo impessoal, todos os tempos e formas nominais são derivados.
O conhecimento da conjugação dos tempos primitivos e da forma como se obtém a partir deles a conjugação dos tempos derivados constitui um instrumento muito útil para evitar erros de conjugação. Com a prática e a repetição, o processo se tornará automático. Você perceberá que, em alguns casos, como na formação do imperativo e na obtenção de certos tempos de alguns verbos irregulares, esse processo de conjugação é eficiente e seguro.

Sem dúvida é importante aprender o esquema de formação do imperativo (para isso, veja a tabela na página seguinte). Porém, tão importante quanto é refletir um pouco antes de obedecer a um verbo no imperativo.

TEMPOS DERIVADOS DO PRESENTE DO INDICATIVO
O presente do indicativo forma o presente do subjuntivo; dos dois, é formado o modo imperativo:
a) presente do subjuntivo - forma-se a partir do radical da primeira pessoa do singular do presente do indicativo. Esse radical é obtido pela eliminação da desinência -o da primeira pessoa do singular: opin-o, cant-o, conheç-o, venh-o, dig-o; a ele, acrescentam-se as desinências -e, -es, -e, -emos, -eis, -em, para verbos da primeira conjugação, e -a, -as, -a, -amos, -ais, -am, para verbos da segunda e terceira conjugações;
b) imperativo afirmativo - a segunda pessoa do singular e a segunda pessoa do plural são retiradas diretamente do presente do indicativo, suprimindo-se o-s final: tu estudas - estuda tu; vós estudais - estudai vós. As formas das demais pessoas são exatamente as mesmas do presente do subjuntivo. Lembre-se de que não se conjuga a primeira pessoa do singular no modo imperativo;
c) imperativo negativo - todas as pessoas são idênticas as pessoas correspondentes do presente do subjuntivo.

ESQUEMA DE FORMAÇÃO DOS TEMPOS DERIVADOS DO PRESENTE DO INDICATIVO
(exemplo: verbo optar)

- nota da ledora: o esquema mencionado, esta muito bem explicado no ponto acima, não há condição de mantê-lo no formato de esquema, por truncar-se no momento da leitura, já que o programa não lê pulando linhas, escritas, e respeitando chaves. O esquema é apenas um acréscimo visual, ao minuciosamente exposto.
- fim da nota.

- quadro em destaque na página:

OBSERVAÇÕES:
1. Para os verbos da segunda e terceira conjugações, as desinências do presente do subjuntivo são: -a, -as, -a, -amos, -ais, -am.

2. Observe atentamente as diferenças entre as segundas pessoas do imperativo afirmativo e as segundas pessoas do imperativo negativo. Para passar uma frase do imperativo afirmativo para o negativo e vice-versa não basta acrescentar ou retirar um não: opta/não optes; optai/não opteis.
3. É muito comum na língua coloquial o emprego das formas verbais de segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo com o pronome você: - "Vem pra Caixa você também!", por exemplo, fez parte de um famoso texto publicitário poucos anos atrás. Essa mistura de tratamentos não é admissível na língua culta; para evitá-la, deve-se uniformizar o tratamento na segunda pessoa ("Vem... tu") ou na terceira pessoa ("venha... você").

ATIVIDADES
1. Passe para a forma negativa:
a) Procura-me.
b) Procure-me.
c) Entoa aquela velha canção de ninar.
d) Entoe aquela velha canção de ninar.
e) Conta o que viste.
f) Conte o que viu.
g) Aciona os motores.
h) Acione os motores.
i) Estende os panos.
j) Estenda os panos.
l) Sai daí!
m) Saia dai!
n) Belisca-me para eu perceber que estou acordado.
o) Belisque-me para eu perceber que estou acordado.
p) Assiste ao filme!
q) Assista ao filme!

2. Passe as frases do exercício anterior para o plural. A seguir, passe-as para a forma negativa.

3. Leia atentamente o texto seguinte, trecho da canção "Nosso estranho amor", de Caetano Veloso:
Não quero sugar todo seu leite
Nem quero você enfeite do meu ser
Apenas te peço que respeite
O meu louco querer.
Não importa com quem você se deite
Que você se deleite seja com quem for
Apenas te peço que aceite
O meu estranho amor.
Ah! Mainha
Deixa o ciúme chegar
Deixa o ciúme passar
E sigamos juntos
Ah! Neguinha
Deixa eu gostar de você
Pra lá' do meu coração

Não me diga nunca não.
O que ocorre com as formas de tratamento empregadas no texto?
De que maneira o modo imperativo é afetado por essas formas? Comente, explicando os efeitos obtidos no texto e apresentando maneiras de adequá-lo à língua culta.

4. Explique a formação do modo imperativo a partir do presente do indicativo. Use o verbo suar como exemplo.

TEMPOS DERIVADOS DO PRETÉRITO DO INDICATIVO
O pretérito perfeito do indicativo fornece o tema para a formação de três outros tempos: o pretérito mais-que-perfeito do indicativo, o pretérito imperfeito do subjuntivo e o futuro do subjuntivo. Para obter o tema do pretérito perfeito, basta retirar a desinência -ste da forma correspondente à segunda pessoa do singular (estuda-ste, vende-ste, parti-ste, trouxe-ste, soube-ste); a seguir, acrescentam-se a esse tema as desinências características de cada um dos três tempos derivados:
a) pretérito mais-que-perfeito do indicativo: -ra, -ras, -ra, -ramos, -reis, -ram;
b) pretérito imperfeito do subjuntivo: -sse, -sses, -sse, -ssemos, -sseis, -ssem;
c) futuro do subjuntivo: -r, -res, -r, -rmos, -rdes, -rem.

nota da ledora: anúncio publicitário da Seguradora Itaú : uma mulher falando ao telefone, com cara de triste, e a seguinte legenda: se alguém bater em você, chame a gente.
- fim da nota.

Em muitos verbos, a 3a. pessoa do singular do futuro do subjuntivo (bater, no anúncio acima) é formalmente idêntica ao infinitivo impessoal o que gera freqüentemente erros de conjugação. Por isso, fique sempre atento ao esquema de derivação desse tempo verbal

ESQUEMA DE FORMAÇÃO DOS TEMPOS DERIVADOS DO PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO

(exemplo: Verbo fazer)
Pretérito perfeito do indicativo
fiz
fize-ste
fez
fizemos
fizestes
fizeram

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo
fize-ra
fize-ras
fize-ra
fizé-ramos
fizé-reis
fize-ram

Pretérito imperfeito do subjuntivo
fize-sse
fize-sses
fize-sse
fizé-ssemos
fizé-sseis
fize-ssem

Futuro do subjuntivo
fize-r
fize-res
fize-r
fize-rmos
fize-rdes
fize-rem

-nota de destaque na página: As desinências dos tempos derivados são as mesmas para as três conjugações.

ATIVIDADES
1. Quais os tempos derivados do pretérito perfeito do indicativo? Explique sua formação usando o verbo ir como exemplo.
2. Observe a frase abaixo:
"Se você não se manter calmo, poderá fazer algo errado".
Sabendo que o verbo (manter) segue o modelo de conjugação do verbo ter,
procure adequar a frase acima ao padrão culto da língua portuguesa. Utilize o esquema de formação de tempos derivados a partir do pretérito perfeito do indicativo para comprovar a eficácia de sua correção.

TEMPOS E FORMAS NOMINAIS DE DERIVADOS DO INFINITIVO PESSOAL
O infinitivo impessoal (estudar, vender, permitir) é a base para a formação de três tempos do modo indicativo: o pretérito imperfeito, o futuro do presente e o futuro do pretérito.
Além disso, é base também das formas nominais: o infinitivo pessoal, o particípio e o gerúndio.
a) pretérito imperfeito do indicativo - forma-se pelo acréscimo das terminações -ava, -avas, -ava, -ávamos, -áveis, -avam (para os verbos da primeira conjugação) ou -ia, -ias, -ia, -íamos, -íeis, -iam (para os verbos da segunda e terceira conjugações) ao radical do infinitivo impessoal (estud-ar, vend-er, permit-ir);
b) futuro do presente do indicativo - forma-se pelo acréscimo das desinências -rei, -rás, -ra, -remos, -reis, -rão ao tema do infinitivo impessoal (estuda-r, vende-r, permiti-r);
c) futuro do pretérito do indicativo - forma-se pelo acréscimo das desinências -ria, -rias, -ria, -ríamos, -ríeis, -riam ao tema do infinitivo impessoal;
d) infinitivo pessoal - acrescentam-se as desinências -es (para a segunda pessoa do singular) e -mos, -des, -em (para as três pessoas do plural) ao infinitivo impessoal (estudar-, vender-, permitir-);
e) particípio regular - acrescenta-se a desinência -ado (para verbos da primeira conjugação) ou -ido (para verbos da segunda e terceira conjugações) ao radical do infinitivo impessoal;
f) gerúndio acrescenta-se a desinência -ndo ao tema do infinitivo impessoal.

ESQUEMA DE FORMAÇÃO DOS TEMPOS E FORMAS NOMINAIS DERIVADOS DO INFINITIVO IMPESSOAL
(exemplo: verbo cantar)
Infinitivo impessoal: cant-ar

Partícipio: cant-ado

Pretérito imperfeito do indicativo : cant-ava, cant-avas, cant-ava, cant-ávamos, cantá-veis, cant-avam

Infinitivo impessoal: canta-r
Futuro do presente do indicativo: canta-rei, canta-rás, canta-rá, canta-remos, canta-reis, canta-rão.
Futuro do pretérito do indicativo: canta-ria, canta-rias, canta-ria, canta-ríamos, canta-ríeis, canta-riam.
Gerúndio: canta-ndo

- nota da ledora - anúncio da revista placar: foto composta de uma bola, um preservativo, e um autofalante, com a seguinte legenda: O mundo é uma bola. Num planeta quadrado não haveria futebol, sexo ou rock'n'roll.
- fim da nota.

O futuro do pretérito do indicativo (haveria) deriva do infinitivo impessoal. Quanto à derivação dos objetos esféricos, a hipótese do anúncio até que é engenhosa.

Infinitivo impessoal : cantar
Infinitivo pessoal: cantar, cantar-es, cantar, cantar-mos, cantar-des, cantar-em.
- quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÃO:
Alguns poucos verbos não obedecem a um ou outro dos esquemas expostos; isso, no entanto, não chega a afetar a grande eficiência desses mecanismos de conjugação. Quando estudarmos os verbos irregulares, faremos mensão às mais importantes.

- nota - quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES
1. Para os verbos da segunda e terceira conjugações, as desinências são diferentes das que surgem no esquema de formação do particípio e pretérito imperfeito do indicativo: -ido para o particípio e -ia, -ias, -ia, -íamos, 4eis, -iam para o imperfeito.
2. Atente para o fato de que o infinitivo pessoal e o futuro do subjuntivo têm origens diferentes, o que implicará diferenças formais significativas em alguns verbos, como fazer (fazer, fazeres; fizer, fizeres), expor (expor, expores; expuser, expuseres), dizer (dizer, dizeres; disser, disseres) e outros.- fim do quadro.

ATIVIDADES
1. Preencha as lacunas com as formas verbais solicitadas entre parênteses:
a) Você nunca ( ) de nada. (reclamar, pretérito imperfeito do indicativo)
b) Desde o ano passado, o time não ( ) uma partida com tanta facilidade. (vencer, pretérito imperfeito do indicativo)

c) Não ( ) a idéia de ter de partir justamente quando lhe ( ) uma oportunidade daquelas. (aceitar, pretérito imperfeito do indicativo; surgir, pretérito imperfeito do indicativo)
d) Não ( ) minha inteligência para defender causa tão sórdida! (empregar, futuro do presente do indicativo)
e) Quem ( ) contra nossa união? (tramar, futuro do pretérito do indicativo)
f) ( ) a questão, ( ) dar prosseguimento a nossos projetos. (solucionar, particípio; poder, futuro do pretérito do indicativo)
g) Dirigiu-se a nós ( ) de nossa inoperância e ( ) nosso despreparo. (reclamar, gerúndio; denunciar, gerúndio)
h) Depois que nos identificamos, ela fez o possível e o impossível para ( ) em sua casa. (ficar, infinitivo pessoal)

2. Identifique as formas verbais destacadas na frase abaixo e explique por meio dos esquemas de formação de tempos verbais a origem de cada uma delas:
Se você não (fizer) o que determina o manual de instruções, será impossível para os técnicos (fazer) o serviço.

7 ALGUNS VERBOS REGULARES QUE MERECEM DESTAQUES

O verbo optar é um típico verbo regular cuja conjugação apresenta detalhes importantes. Atente principalmente no presente do indicativo e tempos derivados: a pronúncia culta das formas verbais aí presentes é opto, optas, opta, optam; opte, optes, opte, optem. O mesmo vale para os verbos captar, adaptar, raptar, compactar etc. O problema é prosódico e não morfológico e ocorre de forma semelhante no verbo obstar: obsto, obstas, obsta, obstam; obste, obstes, obste, obstem.
Alguns outros verbos regulares cuja pronúncia culta merece destaque são:

apaziguar
Presente do indicativo: apaziguo apaziguas apazigua apaziguamos apaziguais apaziguam
Presente do subjuntivo: apazigúe apazigúes apazigúe apazigüemos apazigüeis apazigüem

- nota da ledora: quadro de destaque, na página:
OBSERVAÇÕES
1. O verbo averiguar apresenta exatamente as mesmas características tônicas, que, aliás, são iguais às de quase todos os verbos terminados em -uar, como continuar, efetuar, habituar etc.
2. Atente na acentuação gráfica dessas formas verbais. - fim do quadro.

1. os verbos aguar, desaguar, e minguar têm comportamento tônico semelhante.
2. atente para a acentuação tônica dessas formas verbais.
3. alguns autores defendem para esse grupo o mesmo comportamento prosódico dos verbos averiguar e apaziguar (enxaguo, enxaguas, enxagua, aguo, aguas agua- todas com intensidade tonal na vogal u) ou seja , o comportamento padrão dos verbos terminados em -aur.
Enxaguar - presente do indicativo: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxaguamos, enxaguais, enxaguam
Presente do subjuntivo: enxágüe, enxágües, enxágüe, enxagüemos, enxagüeis, enxagüem
1. Esse verbo é mais empregado em sua forma pronominal (dignar-se).

2. Apresentam a mesma acentuação tônica aos verbos impugnar e indignar-se
Presente do indicativo: digno, dignas, digna, dignamos, dignais, dignam.
Presente do subjuntivo: digne, dignes, digne, dignemos, digneis, dignem

mobiliar
presente do indicativo: mobílio, mobilias, mobília, mobiliamos, mobiliais , mobíliam
presente do subjuntivo: mobílie, mibílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem
Há também verbos foneticamente regulares, mas irregulares no que diz respeito á manutenção da estrutura formal. E o caso, por exemplo, do verbo dirigir: dirijo, diriges, dirige, dirigimos, dirigis, dirigem; dirija, dirijas, dirija, dirijamos, dirijais, dirijam. É fácil conjugar esse verbo oralmente; as dificuldades surgem no momento de escrever as formas verbais. É necessário, então, substituir a letra g, que faz parte do radical (dirig-) pela letra j, justamente para manter o padrão fonético. Se fosse mantida a letra g do radical em toda a conjugação de verbos como dirigir, agir, fugir, fingir, haveria formas como 'eu dirigo", 'eu ago", "eu fugo", "eu fingo", "que eu diriga", "que eu fuga".
Você notou que só será necessário trocar o g por j diante de a e o.
Para eliminar essas dificuldades, você deve dominar com segurança as relações (já estudadas em nosso livro) entre fonemas e letras. Os problemas surgem, obviamente, nos verbos que apresentam letras que servem para representar mais de um fonema ou naqueles que apresentam fonemas que podem ser representados por mais de uma letra.
- nota da ledora: propaganda das sandálias havaianas, com os seguintes termos:
para ter um verão de verdade, exija estas marcas (a marca da sandália, feita pelo sol, no pé bronzeado).
- fim da nota.

Exigir é exemplo de verbo foneticamente regular, porém com irregularidade gráfica.
Para manter o som /z/ do infinitivo, o g transforma-se em j no imperativo (exija)
É ocaso dos verbos cujo infinitivo se escreve com c, ç, g, gu:
ficar: fico, fique; fiquei, ficaste;
descer: desço, desça; desci, desceste;
atiçar: atiço, atice; aticei, atiçaste;
carregar: carrego, carregue; carreguei, carregaste;
fingir: finjo, finges; fingi, fingiste;
erguer: ergo, ergues; ergui, ergueste.
Merecem destaque extinguir e distinguir: nesses verbos, como em erguer, as letras gu representam um dígrafo (note que não há trema sobre o u). Ao conjugá-los, obtêm-se as formas extingo extingues, extingue etc.; distingo, distingues, distingue etc. Portanto você não deve pronunciar a letra u durante a conjugação desses verbos.

ATIVIDADES
1. Complete as lacunas com as formas verbais solicitadas entre parênteses:
a) É provável que ( ) a esperança depois destes tempos negros. (renascer, presente do subjuntivo)
b) ( ) imediatamente! Tu não tens mais nada a fazer aqui! (fugir, imperativo afirmativo)
c) Parece imprescindível que os senadores ( ) com seriedade neste momento delicado. (agir, presente do subjuntivo)
d) Não é recomendável que você ( ) seu próprio sucessor. (indicar, presente do subjuntivo)
e) Ela quer uma cor que ( ) as dimensões da obra. (realçar, presente do subjuntivo)

f) É provável que eles ( ) suas contas antes do vencimento. (pagar, presente do subjuntivo)
g) Não creio que se ( ) um monumento típico do antigo regime. (reerguer, presente do subjuntivo)

2. Complete as lacunas com as formas verbais solicitadas entre parênteses. A seguir, leia atentamente as frases em voz alta, prestando atenção à forma culta de pronunciar essas formas verbais:
a) Eu não ( ) esse eterno candidato de seus velhos comparsas. (distinguir, presente do indicativo)
b) Nada ( ) a que alteremos nosso procedimento. (obstar, presente do indicativo)
c) É mais do que provável que as fontes de energia ( ) até o final do próximo século. (minguar, presente do subjuntivo)
d) Você nunca ( ) as roupas depois da aplicação desses produtos? (enxaguar, presente do indicativo)
e) Essas manifestações populares espontâneas talvez ( ) num movimento mais organizado. (desaguar, presente do subjuntivo)
f) O senador sugere que uma Comissão Parlamentar de Inquérito ( ) as denúncias. (averiguar, presente do subjuntivo)
g) A nova lei não ( ) determinações anteriores. (extinguir, pretérito perfeito do indicativo)
h) ( ) de forma consciente para não se arrependerem depois. (optar, imperativo afirmativo)

TEXTOS PARA ANÁLISE
Tempo rei
Não me iludo
Tudo permanecerá do jeito que tem sido
Transcorrendo, transformando
Tempo e espaço navegando todos os sentidos
Pães de Açúcar, Corcovados,
Fustigados pela chuva
E, pelo eterno vento
Água mole, pedra dura
Tanto bate que não restará
Nem pensamento
Tempo rei, ó tempo rei, ó tempo rei
Transformai as velhas formas do viver
Ensinai-me, ó pai, o que eu ainda não sei
Mãe senhora do perpétuo, socorrei
Pensamento
Mesmo o fundamento singular do ser humano
De um momento para o outro
Poderá não mais fundar nem gregos nem baianos
Mães zelosas, pais corujas,
Vejam como as águas de repente ficam sujas
Não se iludam, não me iludo
Tudo agora mesmo pode estar
Por um segundo
Tempo rei, ó tempo rei, ó tempo rei

GIL, Gilberto. In: raça humana. LP EMI-ODEON BR 36.201, 1984. Lado A, faixa 4.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Retire do texto três formas do presente do indicativo e indique a pessoa e o número em que estão conjugadas.
2. Retire do texto três formas do gerúndio.
3. Indique a forma verbal que, no texto, funciona como substantivo. Que processo de formação de palavras ocorre?
4. Em que modo, tempo, pessoa e número estão as formas permanecerá, restará e poderá? De que forma nominal deriva esse tempo?
5. Em que modo, pessoa e número estão as formas transformai, ensinai e socorrei? Como são obtidas essas formas?
6. A forma vejam está no mesmo modo que as três citadas na questão anterior, mas em pessoa e número diferentes. Por quê?
7. Fustigados é uma forma verbal? Explique.
8. No texto, o tempo é tratado como uma divindade. Que recursos de linguagem o poeta utilizou para concretizar esse tratamento?
9. Na sua opinião, o tempo tem efetivamente essa dimensão?

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1 (UFCE) No quadro abaixo, apresenta-se uma lista de verbos em ordem alfabética.
atribuir - chamar - dizer - escrever - existir -fluir - lidar - merecer - ser - transformar
Preencha as lacunas abaixo usando, sem repetir, os verbos do quadro acima, no presente do indicativo, de maneira que as frases fiquem corretas, segundo a norma gramatical, e aceitáveis do ponto de vista semântico.
(1) ... muitos que se (2) ... poetas, mas, na verdade, não (3) …Os verdadeiros poetas (4)... com a emoção.
O que eles (5)...
(6)...-se, com justiça, poesia.
O sonho, a fantasia, a alegria, a dor, tudo se (7)... em verso. E em verso, a vida, quer alegre, quer triste, (8)
Já aqueloutros não (9)... o nome de poetas que se lhes (10)....

2 (Univ. Alfenas-MG) Leia os versos abaixo e responda ao que se pede.
"Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.
Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam."
Caso o poeta tivesse optado pela forma você, em vez de tu, a alternativa que contém as mudanças corretas seria..
a) Conviva com teus poemas, antes de escrevê-los.
Tenha paciência, se obscuros. Calma, se o provocam.
b) Convive com seus poemas, antes de escrevê-los.
Tende paciência, se obscuros. Calma, se lhe provocam.
c) Conviva com seus poemas, antes de escrevê-los.
Tenha paciência, se obscuros. Calma, se o provocam.
d) Convivei com seus poemas, antes de escrevê-los.
Tenha paciência, se obscuros. Calma, se lhe provocam.
e) Convivei com vossos poemas, antes de escrevê-!os.
Tende paciência, se obscuros. Calma, se vos provocam.

3 (ESALq-SP) Considerando os verbos destacados nas frases abaixo, relacione a coluna da esquerda com a da direita. Depois marque a seqüência numérica que corresponde à resposta certa.
1. infinitivo impessoal
2. presente do indicativo
3. infinitivo pessoal
4. futuro do pretérito do indicativo
5. imperfeito do subjuntivo
6. perfeito do indicativo
( ) Ser livre - como (diria) famoso conselheiro - é não ser escravo.
( ) (Somos), pois, criaturas nutridas de liberdade.
( ) Diz-se que o homem (nasceu) livre.
( ) Diz-se que (renunciar) à liberdade é renunciar à própria condição humana.
( ) Os papagaios vão pelos ares até onde os meninos de outrora não acreditavam que se (pudesse) chegar com um fio de linha.
( ) Os loucos que sonharam sair de seus pavilhões usando a fórmula do incêndio para (chegarem) à liberdade, morreram.

a) 4-2-6-1-5-3
b) 5-6-2-4-1-3
c) 3-5-2-6-4-1
d) 6-2-4-1-3-5
e) 3-6-5-2-1-4

4 (PUCSP) Nos trechos:
(Vejam), continuou ele, como não dá.
e
Cante esta, convidou o major.
alterando-se o sujeito dos verbos destacados para tu e depois para vós, teremos, respectiva mente:
a) vê - canta vede - cantai
b) vejas - cantes vejais cantais
c) vês - cantas vedes - cantais
d) veja - cante vejai - cantei
e) vês - cantas vede - cantai

5 (PUCSP) Em relação aos trechos:
A questão (era) conseguir o Engenho Vertente,...
e
Ele (tinha) os seus planos na cabeça. (Via) as usinas de Pernambuco crescendo de capacidade...
se substituirmos os verbos destacados pelo futuro do pretérito do indicativo, teremos:
a) fora, tivera, vira.
b) seria, teria, veria.
c) seria, teria, viria.
d) fora, teria, veria.
e) será, terá, verá.

6 (FUVEST-SP) Preencha os claros da frase transformada com as formas adequadas dos verbos assinalados na frase original.

Original:
Para você (vir) à Cidade Universitária é preciso (virar) à direita ao (ver) a ponte da Alvarenga.
Transformada:
Para tu ( ) à Cidade Universitária e preciso que ( ) à direita quando ( ) a ponte da Alvarenga.
a) vir - vire - ver
b) vires - vires - veres
c) venhas - vires - vejas
d) vir - virar - ver
e) vires - vires - vires

7 (UEM-PR) Assinale toda vez que os verbos do imperativo, em cada dupla, se referirem à mesma pessoa.
01. a) Enxágua a louça, mana. b) Filha, seja mais otimista!
02. a) Crede sempre no bem! b) Não digais tudo o que vem à mente.
04. a) Sigamos nosso caminho... b) Criemos nosso destino!
08.a) Papai, descola uma grana aí. b) Psiu! vem mais perto, vem.

8 (PUCSP) Observe os verbos dizer, rolar e varrer, assim empregados:
dizei-me
rolai
varrei
a) Indique em que modo e pessoa estão conjugados.
b) Mantendo o modo, conjugue os referidos verbos na 3a. pessoa do singular.

9 (UFRS) Substituir a expressão destacada por um verbo.
a) Este texto é (proveniente) de um programa teatral.
b) Somos (inclinados) a crer que ele diz a verdade.

10 (UNIMEP-SP) "Não fales! Não bebas! Não fujas!" Passando tudo para a forma afirmativa, teremos:
a) Fala! Bebe! Foge!
b) Fala! Bebe! Fuja!
c) Fala! Beba! Fuja!
d) Fale! Beba! Fuja!
e) Fale! Bebe! Foge!

11 (UFV-MG) Dada a lista de verbos: ser, estar, ter, haver, continuar, permanecer, ficar, amar, dever, partir, dar, ir, vir, dormir e arguir, distribua-os em conjugações e depois explique o critério adotado.
Primeira conjugação:
Segunda conjugação:
Terceira conjugação:
Escreva agora o critério adotado para a distribuição dos verbos em três conjugações distintas.

12 (VUNESP) Alternativa em que o verbo auxiliar destacado estiver atuando na construção da voz passiva:
a) Não (haviam) preparado a mínima homenagem.

b) Os que lá se encontravam (tinham) respondido friamente à saudação dele.
c) Apanhara aquela velha revista e (começara) a folheá-la.
d) Esforçando-se para dar a entender que sua ausência não (seria) sentida.
e) Nunca, porém, (haveria) de esquecer aquela frágil armação de lona e tabique.

13 (VUNESP) Observe a frase abaixo:
A grosseria de Deus me feria e insultava-me.
Transcreva-a no:
a) pretérito perfeito do indicativo;
b) pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

14 (VUNESP) "(...) mas, a quinhentos metros, tudo se torna muito reduzido: sois uma pequena figura sem pormenores; vossas amáveis singularidades fundem-se numa sombra neutra e vulgar."
Transcreva o trecho acima:
a) no futuro do pretérito do indicativo, mantendo a segunda pessoa do plural;
b) na segunda pessoa do singular, mantendo o modo e o tempo verbais do texto de Cecilia Meireles.

15 (UFV-MG) Nos períodos de C. D. de Andrade citados abaixo, assinale a opção em que o verbo está na voz passiva.
a) "E não soubemos, ah, não soubemos amá-las,
E todas sete foram mortas."
b) "E patati patatá...Sete quedas por nós passaram."
c) "Sete fantasmas, sete crimes
Dos vivos golpeando a vida Que nunca mais renascerá."
d) "Sete quedas por mim passaram E todas sete somem no ar."
e) "Aqui outrora retumbaram vozes Da natureza imaginosa, fértil
Em teatrais encenações de sonhos."

16 (UNIMEP-SP) "Assim eu (quereria) a minha última crônica: que (fosse) pura como esse sorriso." (Fernando Sabino)
Assinale a série em que estão devidamente classificadas as formas verbais em destaque.
a) futuro do pretérito, presente do subjuntivo
b) pretérito mais-que-perfeito, pretérito imperfeito do subjuntivo
c) pretérito mais-que-perfeito, presente do subjuntivo
d) futuro do pretérito, imperfeito do subjuntivo
e) pretérito perfeito, futuro do pretérito

17 (FUVEST-SP) " () em ti, mas nem sempre () dos outros."
a) creias, duvides
b) crê, duvidas
c) creias, duvidas
d) creia, duvide
e) crê, duvides

18 (UCS-RS) "Não ( ) os dons que recebeste;
( ) sempre que a felicidade se ( ) aos
poucos."
a) esquece, lembre, constrói

b) esqueça, lembra, constrói
c) esqueça, lembre, constrói
d) esqueças, lembra, constrói
e) esqueças, lembre, constrói

19 (FAME/FUPAC-MG) Em: "(Sei) de uma moça... Se alguém (escrevesse) a sua história, (diriam) como o senhor (...)", há verbos empregados respectivamente no:
a) presente do indicativo, pretérito imperfeito do subjuntivo, futuro do pretérito do indicativo.
b) presente do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, futuro do pretérito do indicativo.
c) presente do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, pretérito imperfeito do subjuntivo.
d) presente do indicativo, futuro do pretérito do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo.
e) presente do indicativo, futuro do pretérito do subjuntivo, pretérito imperfeito do subjuntivo.

20 (FECAP-SP) Numa das alternativas, há formas rizotônicas. Assinale-a.
a) virei, respeitou, estava
b) comprando, negaceou, virou
c) conto, entra, imagina
d) pensou, tossindo, fazia
e) respondi, serrar, elogiando

21 (UFSCar-SP) O acordo não ( ) as reivindicações, a não ser que ( ) os nossos direitos e ( ) da luta.
a) substitui, abdicamos, desistimos
b) substitue, abdicamos, desistimos
c) substitui, abdiquemos, desistamos
d) substitui, abdiquemos, desistimos
e) substitue, abdiquemos, desistamos

22 (FUVESJ-SP) Reescreva o texto mudando o tratamento para a terceira pessoa.
"Donde houveste, ó pélago revolto, Esse rugido teu?"

23 (PUCC-SP) Reescreva, passando para o futuro do presente, toda a oração:
"... e somem-se logo nas trevas do esquecimento."

24 (FAAP-SP) Destaque os verbos dos versos que seguem, indicando em que pessoa, tempo e modo estão.
"Ilumina,
Ilumina,
Ilumina,
Meu peito, canção.
Dentro dele
Mora um anjo,
Que ilumina
O meu coração.
Ai, ai, amor,

Misterioso segredo,
Entra na vida da gente, Iluminando..."

25 (FGV-SP) A segunda pessoa do singular do imperativo do verbo submergir:
a) submerja
b) submerjas
c) submerge
d) n.d.a.

26 (F. C. Chagas-SP) Para que você ( ) isso, precisa ser ambicioso; quem ( ) sem que ( ), certamente é ambicioso.
a) deseja, deseja, estima
b) deseje, deseja, estime
c) deseje, deseja, estima
d) deseja, deseje, estime
e) deseje, deseje, estima

27 (UFMG) Qual dos verbos destacados não se acha no infinitivo?
a) Os avós devem (ter-se modernizado) também.
b) A idéia de (ser montado) - e por mim -não era das mais aprazíveis.
c) Estranho apartamento, se (juntarmos), em sua representação, os móveis modernos aos objetos remotos.
d) Um desejo de nos (pacificarmos), de (atingirmos) a bondade e a compreensão, nos tornava indiferentes à matéria cotidiana.
e) Luís engoliu o pão com geléia como se fosse o último alimento sobre a terra, e sua salvação dependesse de (tê-lo ingerido).

28 (UFF-Rj) Assinale a série em que estão devidamente classificadas as formas verbais em destaque: "Ao chegar da fazenda, espero que já tenha terminado a festa".
a) futuro do subjuntivo, pretérito perfeito do indicativo
b) infinitivo, presente do subjuntivo
c) futuro do subjuntivo, presente do subjuntivo
d) infinitivo, pretérito imperfeito do subjuntivo
e) infinitivo, pretérito perfeito do subjuntivo

CAPÍTULO 7
ESTUDO DOS VERBOS (2)

Neste capítulo, vamos continuar o estudo dos verbos, dedicando especial atenção aos verbos irregulares, defectivos e abundantes. Na capa da revista, encontramos dois exemplos de verbos irregulares: dizer e ver, em suas formas participiais.

No decorrer do capítulo, conheceremos diversos outros, sempre recorrendo aos esquemas de tempos primitivos e tempos derivados, que você já aprendeu no capítulo 6.

DITO & VISTO

1. INTRODUÇÃO

No capítulo anterior, você estudou os paradigmas dos verbos regulares das três conjugações (-ar, -er, -ir) e o esquema de formação dos tempos simples. É necessário que, a partir de agora, você identifique as formas verbais típicas de cada tempo e modo

com segurança; também é fundamental que você domine com desenvoltura todos os mecanismos da relação que existe entre os tempos primitivos e os derivados.
Neste capítulo, vamos observar detalhadamente os principais verbos irregulares, defectivos e abundantes de nossa língua. Esse estudo terá como base o esquema de formação dos tempos simples.

2 VERBOS IRREGULARES

Você já sabe que os verbos irregulares são aqueles que não seguem os paradigmas das conjugações, ou seja, apresentam variações de forma nos radicais ou nas desinências.
Para que o estudo desses verbos se torne mais fácil e prático, tenha sempre em mente o esquema de formação dos tempos simples, pois as irregularidades dos tempos primitivos geralmente se estendem aos tempos derivados correspondentes. Por isso vamos organizar nosso estudo a partir desse esquema de formação dos tempos simples.

VERBOS IRREGULARES APENAS NA CONJUGAÇÃO DO PRESENTE DO INDICATIVO E TEMPOS DERIVADOS

Você encontrará a seguir os principais verbos que apresentam irregularidades no presente do indicativo e, conseqüentemente, no presente do subjuntivo e no imperativo. Serão conjugados apenas o presente do indicativo e o presente do subjuntivo desses verbos: para obter o imperativo, basta seguir o esquema já conhecido. Colocaremos observações sempre que for necessário chamar a sua atenção para alguma particularidade.

PRIMEIRA CONJUGAÇÃO

recear
Presente do indicativo: recei-o, receias, receia, receamos, receais, receiam
Presente do subjuntivo: recei-e, recei-es, recei-e, receemos, receeis, recei-em

incendiar
Presente do indicativo: incendei-o, incendeias, incendeia, incendiamos, incendiais, incendeiam
Presente do subjuntivo: incendei-e, incendei-es, incendei-e, incendiemos, incendieis, incendei-em

- nota da ledora; quadro de destaque na página -
OBSERVAÇÕES:
1. Atente para a segunda pessoa do plural, em o radical apresenta modificação.
2. Seguem esse modelo os demais verbos terminados em -ear: apear, atear, arrear, bloquear, cear, enlear,folhear, frear, hastear, granjear, lisonjear, passear, semear, titubear, etc.
3. Os verbos terminados em -iar são regulares, com exceção de mediar, ansiar, remediar, incendiar, odiar e seus derivados. Um derivado importante de mediar é intermediar. - - - - fim do quadro.

O verbo odiar é irregular e conjuga-se como incendiar, ao lado.

- nota da ledora: propaganda do jornal O Estado de São Paulo com os seguintes dizeres: Eu odeio oligopólios. E quando souber o que é isso vou odiar mais ainda.
- fim da nota.

SEGUNDA CONJUGAÇÃO

ler
Presente do indicativo: lei-o lês lê lemos ledes lêem
Presente do subjuntivo: lei-a lei-as lei-a lei-amos lei-ais lei-am

- nota da ledora: quadro em destaque na página:
OBSERVAÇÕES
1. Atente para as formas da segunda e terceira pessoas do plural do presente do indicativo.
2. Seguem esse modelo os verbos reler, crer e descrer.
3. O pretérito perfeito do indicativo desses verbos é regular (li/ cri/ leste/ creste, leu/creu, lemos/cremos, lestes/ crestes, lestes/ creram)
- fim do quadro

Não confunda perda (substantivo) com perda   (forma verbal):
É possível que ele perca o emprego.
A perda do emprego levará o pobre homem ao desespero.

requerer
Presente do indicativo: requeir-o, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem
Presente do subjuntivo: requeir-a, requeir-as, requeir-a, requeir-amos, requeir-ais, requeir-am

perder
Presente do indicativo: perc-o, perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem
Presente do subjuntivo: perc-a, perc-as, perc-a, perc-amos, perc-ais, perc-am

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
O pretérito perfeito do indicativo desse verbo é regular (requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram). Conseqüentemente o pretérito mais-que-perfeito do indicativo, o imperfeito do subjuntivo e o futuro do subjuntivo também são regulares: eu requerera, se eu requeresse, quando eu requerer.
- fim do quadro

valer
Presente do indicativo: valh-o, vales, vale, valemos, valeis, valem
Presente do subjuntivo: valh-a, valh-as, valh-a, valh-amos, valh-ais, valh-am
- Segue essa conjugação o verbo equivaler

TERCEIRA CONJUGAÇÃO

divertir
Presente do indicativo: divirt-o, divertes, diverte, divertimos, divertis, divertem
presente do subjuntivo: divirt-a, divirt-as, divirt-a, divirt-amos, divirt-ais, divirt-am

Atente para a irregularidade desse verbo: a primeira pessoa do singular do presente do indicativo apresenta i em lugar do e do radical do infinitivo. Há muitos outros verbos que apresentam esse mesmo comportamento: aderir, advertir, compelir, competir, conferir, despir, digerir, discernir, divergir, expelir, ferir, inserir, investir, perseguir, preferir, referir. repelir. repetir, seguir, sentir, servir, sugerir, etc.

- nota da ledora: propaganda do jornal Folha da tarde com a seguinte legenda:
Fotos que valem mais que mil palavrões. (foto de uma pessoa passando por uma área inundada)
- fim da nota.

Veja na tabela acima as formas em que o verbo valer apresenta irregularidades.

progredir
Presente do indicativo
progrid-o
progrides
progride
progredimos
progredis
progridem

Presente do subjuntivo
progrid-a
progrid-as
progrid-a
progrid-amos
progrid-ais
progrid-am
A troca do e do infinitivo pelo i só não ocorre na primeira e segunda pessoas do plural.
Seguem esse modelo: agredir, denegrir, prevenir, regredir, transgredir.
dormir
Seguem esse modelo cobrir e seus derivados (descobrir, encobrir, recobrir), além de encobrir e tossir.

Presente do indicativo
peç-o
pedes
pede
pedimos
pedis
pedem

Presente do subjuntivo:
peç-a
peç-as
peç-a
peç-amos
peç-ais
peç-am

Presente do indicativo:
durm-o
dormes
dorme
dormimos
dormis
dormem

Presente do subjuntivo:
durm-a
durm-as
durm-a
durm-amos
durm-ais
durm-am

Seguem esse modelo: despedir, impedir, medir. Ouvir apresenta conjugação semelhante: ouço, ouves, ouve...; ouça, ouças, ouça....

fugir
Presente do indicativo:
fuj-o
foges
foge
fugimos
fugis
fogem

Presente do subjuntivo
fuj-a
fuj-as
fuj-a
fuj-amos
fuj-ais
fuj-am
Segue esse modelo o verbo sortir.

Há alguns verbos que apresentam particularidades na terceira pessoa do singular do presente do indicativo. Como essas particularidades não ocorrem na primeira pessoa do singular, não interferem nos tempos derivados do presente do indicativo. São os verbos terminados em -air (cair; decair, sair, por exemplo), -oer (doer, moer, roer) e -uir atribuir, contribuir, retribuir). Em todos esses verbos, a terceira pessoa do singular do presente do indicativo apresenta desinência -i e não -e (cai, decai, sai; dói, mói, rói; atribui, contribui, retribui). Isso explica por que muita gente erra a grafia de formas verbais como atribui, possui, mói, substitui, colocando -e no lugar do -i final. Nos verbos terminados em -uzir (conduzir; produzir, reduzir; traduzir), essa mesma pessoa não apresenta a desinência -e (conduz, produz, reduz, traduz).

Seguem esse modelo: acudir, bulir, consumir, cuspir, entupir, sacudir, subir, sumir.

polir
Presente do indicativo
pul-o
pules
pule
polimos
polis
pulem

Presente do subjuntivo
pul-a
pul-as
pul-a
pul-amos
pul-ais
pul-am

ATIVIDADES

1. Observe o modo e o tempo verbais nas frases abaixo:
Quase sempre (freio) meu ímpeto no momento certo.
E necessário que você (freie) seu ímpeto no momento certo.
Complete as lacunas das frases abaixo utilizando os verbos indicados nos mesmos tempos e modos apresentados nas frases-modelo:
a) Não ( ) fogo ao mato seco! Não provoco queimadas! (atear)
É necessário que não se ( ) fogo ao mato seco! Não se devem provocar queimadas!
b) Os garotos daquele bairro freqüentemente ( ) a praça com seus carros. Isso não é certo! (bloquear)
Algo tem de ser feito para que os garotos daquele bairro não ( ) mais a praça com seus carros.
c) Sempre ( ) os cabelos imediatamente depois que os lavo. (pentear)
E recomendável que você ( ) os cabelos imediatamente depois de lavá-los.
d) ( ) que não poderei participar do evento. (recear)
Não quero que você ( ) participar do evento.
e) Ela ( ) todas as noites com o pai. (passear)
É necessário que você ( ) com seu pai.
f) Notei que não ( ) no momento de exigires teus direitos. (titubear)
É imprescindível que não ( ) no momento de exigir teus direitos.

2. Passe para o plural cada uma das frases abaixo:
a) Ceio diariamente. Tu não ceias?
b) Sempre folheio um livro. Tu não folheias nunca?
c) Freio com firmeza antes das curvas. Tu não freias?
d) Não granjeio simpatias com facilidade. Tu granjeias?
e) Nunca lisonjeio ninguém. Tu lisonjeias?
f) Não semeio ventos para não colher tempestades. Tu semeias?

3. Observe o modo, o tempo, o número e a pessoa das formas verbais da frase-modelo. A seguir, complete as lacunas utilizando formas verbais flexionadas como as do modelo.

Não (denuncio) ninguém. Não quero que você (denuncie).
a) Não ( ) confusões com meus vizinhos. Não quero que você ( ). (criar)
b) Não ( ) desconhecidos. Não quero que você ( ) (credenciar)
c) Não ( ) com inescrupulosos.Não quero que você ( ). (negociar)
d) Não ( ) esse tipo de transação. Não quero que você ( ). (intermediar)
e) Não ( ) os individualistas. Não quero que você ( ). (premiar)
f) Não ( ) ninguém. Não quero que você ( ). (odiar)
g) Não ( ) conquistar o que não mereço. Não quero que você ( ). (ansiar)
h) Não ( ) aos quatro cantos minhas conquistas. Não quero que ( ) (anunciar)
i) Não ( ) o que não tem remédio. Não quero que você ( ) (remediar)
j) Não ( ) o ânimo com promessas vãs. Não quero que você ( ) (incendiar)

4. Passe para o plural as frases do exercício anterior.

5. Siga o modelo:

Não (creio) em propostas mirabolantes. É pouco provável que eles (creiam).
a) Não descreio das palavras dele. É pouco provável que você ( )
b) Não leio essas revistas. É pouco provável que tu ( ),
c) Quando posso, releio as melhores obras. É pouco provável que vocês não ( ),
d) Nunca perco um bom jogo de futebol. É pouco provável que tu ( ),
e) Requeiro o estrito cumprimento de meus direitos. É pouco provável que vocês não ( )
f) Não valho tão pouco! É pouco provável que vocês ( ),

6. Observe o modelo:

Sempre (advirto) quem não age de acordo com o regulamento. E bom que você também (advirta).
a) Nunca ( ) aos modismos ditados pelos meios de comunicação. É bom que você também não ( ), (aderir)
b) Não ( ) ninguém a fazer o que não quer. É bom que você também não ( ), (compelir)
c) Sempre ( ) o troco. É bom que você também ( ), (conferir)
d) Nunca ( ) pelo simples prazer de divergir. É bom que você também não ( ) (divergir)
e) Sempre me ( ) com as crianças. É bom que você também se ( ), (divertir)
f) Nunca ( ) o amor-próprio de ninguém. É bom que você também não ( ), (ferir)
g) Não me ( ) daquilo em que creio. É bom que você também não se ( ) daquilo em que crê. (despir)
h) Sempre ( ) o que meus princípios determinam. É bom que você também ( ) o que determinam os seus. (seguir)
i) Só ( ) o que me deixa à vontade. É bom que você também só ( ) o que o deixa à vontade. (vestir)

7. Observe o modelo:

É inadmissível que alguém o ( ). (perseguir)
É inadmissível que alguém o (persiga).
a) É imperativo que você o ( ), (prevenir)
b) É essencial que nós ( ), (progredir)
c) É inaceitável que a situação social do país ( ), (regredir)

d) É insuportável que se ( ) a lei continuamente. (transgredir)
e) É desnecessário que ( ) a imagem dele. (denegrir)
f) É improvável que ela ( ) estas peças de roupa. (cerzir)

8. Observe o modelo:
O diretor da área financeira do Banco Central não quer que se ( ) esse tipo de falcatrua. (encobrir)
O diretor da área financeira do Banco Central não quer que se (encubra) esse tipo de falcatrua.
a) Espero que você não ( ) essas agressões. (engolir)
b) O terapeuta sugere que nós ( ) melhor. (dormir)
c) Aquele professor, rabugentíssimo, não permite nem mesmo que alguém ( ) durante a aula. (tossir)
d) Ela espera que eu não ( ) seus segredos. (descobrir)
e) Os executivos querem que os consumidores ( ) os prejuízos advindos da má administração das empresas. (cobrir)
f) O mestre-de-obras acha melhor que se ( ) a parede com algum produto impermeabilizante. (recobrir)

9. Observe o modelo:
Fique à vontade e ( ) o que achar melhor. (pedir)
Fique à vontade e (peça) o que achar melhor.
a) Pegue o disco e ( ) a música. (ouvir)
b) Interfira com rigor e ( ) essa trapaça. (impedir)
c) Leve os instrumentos e ( ) todo o terreno. (medir)
d) Compareça à secretaria e ( ) dos funcionários. (despedir-se)
e) Crie coragem e ( ) esses degraus. (subir)
f) Saia já daí e ( ) depressa. (fugir)
g) Levante-se, ( ) a roupa e ( ) de uma vez. (sacudir; sumir)
h) Mexa-se e ( ) os que precisam. (acudir)
i) Mantenha a calma e não ( ) com quem está quieto. (bulir)
j) Civilize-se e não ( ) no chão. (cuspir)

10. Reescreva as frases do exercício anterior, passando-as para a segunda pessoa do singular.

VERBOS IRREGULARES NO PRESENTE E NO PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO E RESPECTIVOS TEMPOS DERIVADOS

Apresentamos a seguir vários verbos que mostram irregularidades tanto no presente do indicativo e tempos derivados, como no pretérito perfeito do indicativo e tempos derivados. Na conjugação de alguns verbos mais problemáticos, aparece também o pretérito imperfeito do indicativo.

PRIMEIRA CONJUGAÇÃO

Pretérito Pretérito Pretérito
perfeito do mais-que-imperfeito do Futuro do indicativo
perfeito do subjuntivo subjuntivo

indicativo
estive estive-ra estive-sse estive-r
estás estejas estive-ste estive- ras estive-sses estive- res está esteve
estive-ra estive-sse estiver estejamos estivemos estivé-ramos estivé-ssemos
estive-rmos estejais estivestes estivé-reis estivé-sseis estive-rdes
estejam estiveram estive- ram estivessem estive- rem

Presente do indicativo: estou, estás, está, estamos, estais, estão
Presente do subjuntivo: esteja, estejas, esteja, estejamosm estejais, estejam
Pretérito perfeito do indicativo: estive, estive-ste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram
pretérito mais-que-perfeito: estive-ra, estive-ras, estive-ra, estivé-ramos, estivé-reis, estive-ram
pretérito imperfeito do subjuntivo: estive-sse, estive-sses, estive-sse, estivé-ssemos, estivé-sseis, estive-ssem

futuro do subjuntivo: estive-r, estive-res, estive-r, estive-rmos, estive-rdes, estive-rem

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES:
1. O presente do subjuntivo não utiliza o radical do presente do indicativo. Isso ocorre com todos os verbos cuja primeira pessoa do singular do presente do indicativo termina em -ei ou em -ou (sei/saiba, dou/dê, hei/haja, vou/vá, sou/seja), além do verbo-querer (quero/queira). A conjugação do imperativo segue o esquema estudado.
2. Atente para as formas do presente do subjuntivo: na língua culta, deve-se usar esteja e não "esteje".
- fim da nota.

Presente do indicativo: dou dás dá damos dais dão
Presente do subjuntivo: dê dês dê demos deis dêem
Pretérito perfeito do indicativo: dei de-ste deu demos deste deram
Pretérito mais-que -perfeito do indicativo: de-ra de-ras de-ra dé-ramos dé-reis de-ram
Pretérito imperfeito do subjuntivo: de-sse de-sses de-sse dé-ssemos dé-sseis de-ssem
Futuro do subjuntivo: de-r de-res de-r de-rmos de-rdes de-rem

SEGUNDA CONJUGAÇÃO

aprazer
presente do indicativo: apraz-o aprazes apraz aprazemos aprazeis aprazem
presente do subjuntivo: apraz-a apraz-as apraz-a apraz-amos apraz-ais apraz-am
pretérito perfeito do indicativo: aprouve aprouve-ste aprouve aprouvemos aprouvestes aprouveram
pretérito mais-que-perfeito: aprouve-ra arouve-ras aprouve-ra aprouvé-ramos aprouvé-reis aprouve-ram
pretérito imperfeito do subjuntivo: aprouve-sse aprouve-sses aprouve-sse aprouvé-ssemos aprouvé-sseis aprouvessem
futuro do subjuntivo: aprouve-r aprouve-res aprouver aprouve-rmos aprouver-des aprouve-rem

- nota da ledora: quadro em destaque, na página

1. A única irregularidade no presente do indicativo desse verbo e dos que a ele se assemelham - prazer, comprazer e desprazer - é a terceira pessoa do singular, que não apresenta a desinência -e.
2. Desprazer e prazer seguem o modelo de aprazer em todos os tempos. Acredite: prazer é verbo ("Prouve a Deus que o filho não sofresse") e normalmente é usado apenas na terceira pessoa do singular e na terceira pessoa do plural.
3. Comprazer segue o modelo de aprazer.
No pretérito perfeito do indicativo e tempos derivados, pode também ser conjugado regularmente; há, portanto, duas formas possíveis para esses tempos: comprouve/comprazi, comprouveste/comprazeste,…
- fim da nota.

presente do indicativo:
caib-o
cabes
cabe
cabemos
cabeis
cabem

presente do subjuntivo:
caib-a
caib-as
caib-a
caib-amos
caib-ais
caib-am

pretérito perfeito do indicativo:
coube
coube-ste
coube
coubemos
coubestes
couberam

pretérito mais-que-perfeito do indicativo:
coube-ra
coube-ras
coube-ra
coube-ramos
coube-reis
coube-ram

pretérito imperfeito do subjuntivo:
coube-sse
coube-sses
coube-sse
coubé-ssemos
coubé-sseis

coube-ssem

futuro do subjuntivo:
coube-r
coube-res
coube-r
coube-rmos
coube-rdes
coube-rem

dizer
presente do indicativo: dig-o dizes diz dizemos dizeis dizem
presente do subjuntivo: dig-a dig-as dig-a dig-amos dig-ais dig-am
pretérito imperfeito do indicativo: disse disse-ste disse dissemos dissestes disseram
pretérito-mais-que perfeito: disse-ra disse- ras disse-ra dissé- ramos dissé-reis disse- ram
pretérito imperfeito do subjuntivo: disse-sse disse-sses disse-sse dissé-ssemos dissé-sseis disse-ssem
futuro do subjuntivo: disse-r disse- res disse-r disse- rmos disse- rdes disse-rem

- nota da ledora: quadro de destaque na página -
OBSERVAÇÕES
1. Seguem esse modelo os derivados: bendisse- condizer, contradizer, desdizer, maldizer; predizer.
2. Os futuros do indicativo desse verbo e seus derivados são irregulares, já que perdem a sílaba ze: direi, dirá, contradirei, desdirá são formas do futuro do presente; diria, contradiria, desdiria, bendiríamos são formas do futuro do pretérito.
3. O particípio desse verbo e seus derivados é irregular: dito, bendito, contradito...
- fim do quadro.

fazer
presente do indicativo: faç-o fazes faz fazemos fazeis fazem
presente do subjuntivo: faç-a faç-as faç-a faç-amos faç-ais faç-am
pretérito perfeito do indicartivo: fiz fize-ste fez fizemos fizestes fizeram
pretérito mais-que-perfeito: fize-ra fize-ras fize-ra fizé-ramos fizé-reis fize-ram
pretérito imperfeito do subjuntivo: fize-sse fize-sses fize-sse fizé-ssemos fizé-sseis fizessem
futuro do subjuntivo: fize-r fize-res fize-r fize-rmos fize-rdes fize-rem

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES
1. Seguem esse modelo: desfazer, liquefazer; perfazer; rarefazer; satisfazer; refazer.
2. Os futuros do indicativo desse verbo e seus derivados são irregulares; já que perdem a sílaba ze: farei, refará, satisfaremos desfarão a forma do futuro do presente; faria, desfaria, refaríamos, satisfariam são formas do futuro do pretérito.
3. O particípio desse verbo e seus derivados é irregular: feito, desfeito, liquefeito, satisfeito. - fim do quadro.
- fim da nota.

haver
presente do indicativo: hei hás há laja houve havemos haveis hão

presente do subjuntivo: haja hajas haja hajamos hajais hajam
pretérito perfeito do indicativo: houve houveste houve houvemos houvestes houveram
pretérito-mais-que-perfeito do indicativo: houve-ra houve-ras houve-ra houvé-ramos houvé-reis houve-ram
pretérito imperfeito do subjuntivo: houve-sse houve-sses houve-sse houvé-ssemos houvé-sseis houve-ssem
futuro do subjuntivo: houve-r houve- res houve-r houve-rmos houve-rdes houve-rem

- nota da ledora: quadro de destaque na página-
OBSERVAÇÃO:
O presente do subjuntivo não utiliza o radical do presente do indicativo (hei/haja).
O imperativo é obtido de acordo com o esquema conhecido.
- fim do quadro.

poder
presente do indicativo: poss-o podes pode podemos podeis podem
presente do subjuntivo: poss-a poss-as poss-a poss-amos poss-ais poss-am
pretérito perfeito do indicativo: pude pudeste pôde pudemos pudestes puderam
pretérito mais-que-perfeito do indicativo: pude-ra pude-ras pudera pudé-ramos pudé-reis pude-ram
pretérito imperfeito do subjuntivo: pude-sse pude-sses pude-sse pudé-ssemos pudé-sseis pude-ssem
futuro do subjuntivo: pude-r pude-res pude-r pude-rmos pude-rdes puderem

- nota da ledora: quadro de destaque, na página:
OBSERVAÇÃO
A terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo (pode) recebe acento circunflexo, diferencial de timbre de pode, terceira do singular do presente do indicativo.
- fim do quadro.

pôr
presente do indicativo:
ponh-o
pões
põe
pomos
pondes
põem

presente do subjuntivo:
ponh-a
ponh-as
ponh-a
ponh-amos
ponh-ais
ponh-am

pretérito imperfeito do indicativo:

punha
punhas
punha
púnhamos
púnheis
punham

pretérito perfeito do indicativo:
pus
puse-ste
pôs
pusemos
pusestes
puseram

pretérito mais-que-perfeito do indicativo:
puse-ra
puse-ras
puse-ra
pusé-ramos
pusé-reis
puse-ram

pretérito imperfeito do subjuntivo:
puse-sse
puse-sses
pusesse
pusé-ssemos
pusé-sseis
pusessem

futuro do subjuntivo:
puse-r
puse-res
puse-r
puser-mos
puse-rdes
puse-rem

- nota da ledora: quadro de destaque na página:

OBSERVAÇÕES

1. Atente para a diferença entre a terceira pessoa do singular e a terceira pessoa do plural do presente do indicativo (põe/ põem).
2. Analise com atenção as formas do pretérito imperfeito do indicativo.
3. Destaque-se a grafia das formas de toda a família : não existe a letra z (pus, pusemos, puseram, puser, pusermos, puserem pusesse, puséssemos, pusesses)
4. O fato de o verbo pôr receber acento (diferencial da preposição por) não significa que seus derivados também serão acentuados (depor, propor, impor etc.). Nenhum derivado de pôr é acentuado.

5. Preste atenção às formas do futuro do subjuntivo ("Se você puser a carta no correio", e não "Se você pôr a carta no correio").
6. Todos os derivados do verbo pôr seguem exatamente esse modelo de conjugação: - indispor; interpor; opor; pospor; predispor; pressupor, propor, recompor, repor, sobrepor; supor; transpor são alguns deles ("Se você compuser uma canção", e não "Se você compor uma canção"; Se eles expuserem os quadros", e não "Se eles exporem os quadros").
7. O particípio do verbo pôr e seus derivados é irregular: posto, anteposto, composto, decomposto.
- fim do quadro de destaque.

querer
presente do indicativo:
quero
queres
quer
queremos
quereis
querem

presente do subjuntivo:
queira
queiras
queira
queiramos
queirais
queiram

pretérito perfeito do indicativo:
quis
quise-ste
quis
quisemos
quisestes
quiseram

pretérito mais-que-perfeito do indicativo:
quise-ra
quise-ras
quise-ra
quisé-ramos
quisé-reis
quise-ram

pretérito perfeito do subjuntivo:
quise-sse
quise-sses
quise-sse
quisé-ssemos
quisé-sseis

quise-ssem

futuro do subjuntivo:
quise-r
quise-res
quise-r
quise-rmos
quise-rdes
quise-rem

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
1. O presente do subjuntivo não utiliza o radical da primeira pessoa do singular do presente do indicativo (quero/queira).
2. Atente para a grafia: não existe a letra z em nenhuma forma do verbo querer (quis, quisemos, quiseram, quiser, quisermos, quiserem, quisesse, quiséssemos, quisessem).
3. Como já vimos, requerer não segue a conjugação de querer. É irregular na primeira pessoa do singular do presente do indicativo (requeiro) e formas derivadas (requeira, requeiramos, requeiram). É regular no pretérito perfeito do indicativo e formas derivadas (requeri, requereu, requereram, requeresse, requerêssemos, requeressem).
- fim do quadro.

saber
presente do indicativo: sei sabes sabe sabemos sabeis sabem
presente do subjuntivo: saiba saibas saiba saibamos saibais saibam
pretérito perfeito do indicativo: soube soube-ste soube soubemos soubestes souberam
pretérito mais-que-perfeito do indicativo: soube-ra soube-ras soube-ra soubé-ramos soubé-reis soube-ram
pretérito imperfeito do subjuntivo: soube-sse soube-sses soube-sse soubé-ssemos soubé-sseis soube-ssem
fuuturo do subjuntivo: soube-r soube-res soube-r soube-rmos soube-rdes soube-rem

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÃO:
O presente do subjuntivo não apresenta o radical da primeira pessoa do singular do presente do indicativo (sei/saiba).
- fim da nota.

ser
Presente do indicativo:
sou
és
é
somos
sois
são

Presente do subjuntivo:
seja
sejas
seja

sejamos
sejais
sejam

Pretérito imperfeito do indicativo:
era
eras
era
éramos
éreis
eram

Pretérito perfeito do indicativo:
fui
fo-ste
foi
fomos
fostes
foram

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo:
fo-ra
fo-ras
fo-ra
fô-ramos
fô-reis
fo-ram

Pretérito imperfeito do subjuntivo:
fo-sse
fo-sses
fo-sse
fô-ssemos
fô-sseis
fo-ssem

Futuro subjuntivo:
fo-r
fo-res
fo-r
fo-rmos
fo-rdes
fo-rem

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
1. O verbo ser é considerado anômalo, por apresentar grandes irregularidades. Atente para os diferentes radicais que existem em sua conjugação (sou/era/fui).
2. O presente do subjuntivo não se forma a partir do radical do presente do indicativo (sou/seja). O imperativo do verbo ser é o único que não obedece integralmente ao

esquema conhecido. As duas segundas pessoas (tu e vós) do imperativo afirmativo apresentam formas independentes: sê (tu) e sede (vós).
- fim do quadro.

ter
presente do indicativo: tenh-o tens tem temos tendes têm
presente do subjuntivo: tenh-a tenh-as tenh-a tenh-amos tenh-ais tenh-am
pretérito imperfeito do indicativo: tinha tinhas tinha tínhamos tínheis tinham
pretérito perfeito do indicativo: tive tive-ste teve tivemos tivestes tiveram
pretérito mais-que-perfeito do indicativo: tive-ra tive-ras tive-ra tivé-ramos tivé-reis tive-ram
pretérito imperfeito do subjuntivo: tive-sse tive-sses tive-sse tivé-ssemos tivé-sseis tive-ssem
futuro do subjuntivo: tive-r tive-res tive-r tive-rmos Iive-rdes tive-rem

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES
1. Seguem esse modelo os derivados (ater, conter, deter, entreter, manter, reter, obter, suster).
2. Note a diferença gráfica entre a terceira pessoa do singular e a terceira pessoa do plural do presente do indicativo: ele tem/eles têm. Nos verbos derivados, a diferenciação se faz de outra maneira: ele contém/eles contêm, ele mantém/eles mantêm.
- fim do quadro.

trazer
presente do indicativo:
trag-o
trazes
traz
trazemos
trazeis
trazem

presente do subjuntivo:
trag-a
trag-as
trag-a
trag-amos
trag-ais
trag-am

pretérito perfeito do indicativo:
trouxe
trouxe-ste
trouxe
trouxemos
trouxestes
trouxeram

pretérito mais-que-perfeito do indicativo:

trouxe-ra
trouxe- ras
trouxe-ra
trouxé- ramos
trouxé-reis
trouxe- ram

pretérito imperfeito do subjuntivo:
trouxe-sse
trouxe-sses
trouxe-sse
trouxé-ssemos
trouxé-sseis
trouxe-ssem

futuro do subjuntivo:
trouxe-r
trouxe-res
touxe-r
trouxe-rmos
trouxe-rdes
trouxe-rem

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÃO
Os futuros do indicativo desse verbo são irregulares, já que perdem a sílaba ze:
trarei, trarás, trará... (para o futuro do presente); traria, trarias, traria... (para o futuro do pretérito).
- fim do quadro.

ver
Presente do indicativo: vej-o vês vê vemos vedes vêem
presente do subjuntivo: vej-a vej-as vej-a vej-amos vej-ais vej-am
Pretérito imperfeito do indicativo: vi vi-ste viu vimos vistes viram
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vi-ra vi- ras vi-ra ví-ramos ví-reis vi-ram
pretérito imperfeito do subjuntivo: vi-sse vi-sses vi-sse ví-ssemos ví-sseis vi-ssem
futuro do subjuntivo: vi-r vi-res vi-r vi-rmos vi-rdes vi-rem

- nota da ledora: anúncio de um Biscoito, e o paralelo feito pela propaganda, com a foto de uma mulher africana, tendo em torno do pescoço vários colares em formato de argola, que a mantém com o pescoço ereto e longilíneo, com a seguinte legenda: Anúncio mais para ser visto do que comentado. Linda foto da mulher; espirituosa associação entre seu "colar" e os biscoitos Calipso. Mas aproveite o ensejo para estudar as irregularidades do verbo ver. - a seguir: quadro de destaque na página:

OBSERVAÇÕES:
1. Atente para a forma da terceira pessoa do plural do presente do indicativo: vêem. Não confunda com a forma correspondente do verbo vir: vêm.
2. Seguem esse modelo os derivados: antever, entrever, prever, rever.
3. O particípio de ver e seus derivados é irregular: visto, previsto, revisto.

4. Prover, que significa "abastecer, suprir", segue a conjugação do verbo ver apenas no presente do indicativo e formas derivadas (provejo, provês, provê, provemos, provedes, provêem; proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam), Nos demais tempos, prover é absolutamente regular (provi, proveu, proveram, provera, provesse, provêssemos, provessem, provermos, proverem). -
fim do quadro.

TERCEIRA CONJUGAÇÃO

ir
Presente do indicativo: vou vais vai vamos ides vão
presente do subjuntivo: vá vás vá vamos vades vão
pretérito imperfeito do indicativo: ia ias ia íamos íeis iam
pretérito perfeito do indicativo: fui fo-ste foi fomos fostes foram
pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fo-ra fo-ras fo-ra fô-ramos fô-reis foram
pretérito imperfeito do subjuntivo: fo-sse fo-sses fo-sse fô-ssemos fô-sseis fo-ssem
futuro do subjuntivo: fo-r fo-res fo-r fo-mos fo-rdes fo-rem

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
1. O verbo ir também é considerado anômalo, dadas as acentuadas irregularidades que apresenta. Note a variação dos radicais (vou, ia, fui).
2. Atente para a diferença entre a segunda pessoa do plural do presente do indicativo e a segunda pessoa do plural do presente do subjuntivo: ides/vades.
3. As formas do pretérito perfeito e tempos derivados dos verbos ir e ser são idênticas: somente pelo contexto em que se encontram é que se pode perceber de qual verbo se trata ('Fui ao cinema e fui maltratado pelo bilheteiro" - a primeira forma fui é do verbo ir; a segunda é do verbo ser. Ponha a frase no futuro para que se evidencie a diferença: 'Irei ao cinema e serei maltratado pelo bilheteiro').
4. O verbo ir, além de anômalo, é considerado abundante, já que apresenta duas formas para o mesmo caso (nós vamos ou imos, no presente do indicativo)
- fim do quadro.

vir
Presente do indicativo: venh-o vens vem vimos vindes vêm
presente do subjuntivo: venh-a venh-as venh-a venh-amos venh-ais venh-am
pretérito imperfeito do indicativo: vinha vinhas vinha vínhamos vínheis vinham
pretérito perfeito do indicativo: vim vie-ste veio viemos viestes vieram
pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vie-ra vie-ras vie-ra vié-ramos vié-reis vie-ram
pretérito imperfeito do subjuntivo: vie-sse vie-sses vie-sse vié-ssemos vié-sseis vie-ssem
fututo do subjuntivo: vie-r vie-res vie-r vie-rmos vie-rdes vie-rem

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES
1. Atente para a diferença gráfica entre as terceiras pessoas do presente do indicativo: ele vem/eles vêm. Compare essas formas com as correspondentes do verbo ver ele vê/eles vêem).

2. Seguem esse modelo os verbos advir, convir, desavir-se (desentender-se), intervir, provir, sobrevir. Nesses verbos, a diferenciação gráfica entre as terceiras pessoas do presente do indicativo se faz de outra maneira: ele convém/eles convêm, ele intervém/eles intervêm. Atente nas formas desses verbos no pretérito perfeito e tempos derivados ("Eu intervim na discussão entre os dois"; "O problema só será resolvido se você intervier").
3.O particípio de vir e seus derivados é irregular: vindo, convindo, intervindo. Essa família de verbos é a única da língua portuguesa que apresenta particípio e gerúndio iguais ("Vem chegando a madrugada"/ "Vem vindo a madrugada"; "Já tinham chegado todos os alunos"/"Já tinham vindo todos os alunos").
- fim do quadro.

ATIVIDADES
1. Observe o modelo:
Estou muito cansado. Não acredito que você não ( ). (estar)
Estou muito cansado. Não acredito que você não (esteja).
a) Estamos muito chateados. Não é possível que vocês não ( ).
b) Estou muito contente. Não é possível que tu não ( ).
c) Estás muito alegre. Não é possível que ela não ( )
d) Estais muito preocupados. É possível que eles também ( )
e) Estou muito ansioso! É impossível que vós não ( ).
f) Eles estão muito satisfeitos. Não é possível que nós não ( )

2. Observe o modelo:
Jamais ( ) lá; se um dia ( ), ficará satisfeito. (ir) Jamais (foi) lá; se um dia (for), ficará satisfeito.
a) Jamais ( ) lá; se um dia ( ), ficaremos satisfeitos. (estar)
b) Jamais ( ) seu donativo; se um dia ( ), será bem-vindo. (dar)
c) Jamais nos ( ) esse comportamento; se um dia nos ( ), teremos abandonado nossos princípios. (aprazer)
d) Jamais ( ) três carros nessa garagem; se um dia ( ), será um verdadeiro milagre. (caber)
e) Jamais ( ) esse tipo de coisa; se um dia ( ), terei mudado de nome. (dizer)
f) Jamais o ( ); se um dia o ( ), terás mais orgulho de ti. (contradizer)
g) Jamais ( ) esse tipo de proposta; se um dia ( ), poderás arrepender-te. (fazer)
h) Jamais ( ) suas vontades; se um dia ( ), ficarei desapontado comigo. (satisfazer)
i) Jamais ( ) algo entre eles; se um dia ( ), será uma surpresa. (haver)
j) Jamais ( ) sua presença; se um dia ( ), teremos mudado de opinião. (querer)
l) Jamais ( ) a verdade; se um dia ( ), ficará desiludida. (saber)
m) Jamais ( ) infelizes; se um dia ( ), farão o possível para que as coisas mudem. (ser)
n) Jamais ele ( ) seus amigos; se um dia ( ), serão bem-vindos. (trazer)

3. Observe o modelo:
Se eu ( ) escolher, ( ) aqui definitivamente. (poder, ficar).
Se eu pudesse escolher, ficaria aqui definitivamente.
a) Se nós ( ) os causadores da tragédia, ( ) nossa responsabilidade. (ser; assumir)
b) Se ele ( ) auxílio, nós ( ) o carro e ( ) a viagem. (trazer; consertar; continuar)
c) Se a roupa ( ), você ( ) com ela à reunião. (caber; ir)
d) Se ele se ( ) a ajudar, as coisas ( ) mais fáceis. (dispor; ser)
e) Se o diretor nos ( ) mais tempo, ( ) o trabalho. (dar; terminar)

f) Se seu procedimento ( ) com o cargo que ocupa, não ( ) tantos protestos. (condizer; haver)
g) Se a mistura se ( ), a experiência ( ) um sucesso. (liquefazer; ser)
h) Se todos os convidados ( ) ao concerto, o teatro ( ) superlotado. (ir; ficar)
i) Se nós ( ), ( ) uma oportunidade a ela. (poder; dar)
j) Se você ( ), nossa vida ( ) melhor. (querer; ser)
l) Se eles ( ) a verdade, ( ) revoltados. (saber; ficar)
m) Se ninguém ( ) lá, não ( ) problema para cancelar o evento. (estar; haver)
n) Se ele a ( ) com essa roupa, ( ) enlouquecido. (ver; ficar)
o) Se você ( ) a serenidade, ( ) condição de pensar melhor. (manter; ter)

4. Reescreva as frases abaixo, substituindo a forma verbal composta pela forma verbal simples correspondente. Há alguma alteração de significado nas frases com a substituição?
a) Eles jamais (tinham vindo) aqui.
b) Ele (tinha feito) aquilo por vingança.
c) (Havíamos trazido) o equipamento necessário para a experiência.
d) (Tinha havido) um problema com o motor do carro.
e) Ela o (tinha visto) com outra mulher na festa.
f) (Tinhas anteposto) teus interesses aos da classe.
g) Notamos que o ar se (tinha rarefeito).
h) Nada se (tinha apurado) até então.
i) Nunca (tínhamos estado) ali.
j) Soubemos que ele (havia dito) a verdade no tribunal.
l) Custou-me crer que todo o estoque (havia cabido) numa única caixa.
m) Já (havias ido) lá?
n) Percebi que ele se (havia mantido) sereno durante o debate e que um simples gesto seu (havia detido) os mais nervosos.

5. Reescreva as frases propostas, transformando os tempos verbais de acordo com o modelo:
Ele sempre (toma) atitudes estranhas.
Ele sempre (tomava) atitudes estranhas.
a) Eu sempre (ponho) os livros na biblioteca.
b)Ela sempre (dispõe) de argumentos irrefutáveis.
c) Sempre (contrapomos) teses consistentes ao que ele diz.
d) Você sempre (supõe) erros dos adversários.
e) Nós sempre (vamos) ao teatro.
f) Ele sempre (vem) a este restaurante.
g) Essas atitudes não (convêm) a ninguém.
h) (Prevemos) um futuro melhor.
i) Nunca (revês) teu projeto de vida?
j) Ela nunca se (indispõe) com os pais?
l) Você não se (predispõe) a interceder?
m) Você nunca (intervém) nessa briga?
n) De que (provém) sua desconfiança?

6. Observe o modelo:
Se eu ( ), ( ) à Grécia. (poder, ir)

Se eu puder, irei à Grécia
a) Se ele se ( ) a ajudar, tudo ( ) bem. (dispor; terminar)
b) Se você ( ) favoravelmente a nós, ( ) absolvidos. (depor; ser)
c) Se nós nos ( ) um com o outro, ( ) a sociedade. (indispor; desfazer)
d) Se você não se ( ) financeiramente, ( ) para a casa paterna. (recompor; voltar)
e) Se ( ) as últimas barreiras, ( ) nossa esperança transformar-se em realidade. (transpor; ver)
f) Se a substância se ( ), ( ) um precipitado escuro no fundo do tubo de ensaio. (decompor; surgir)
g) Se você a ( ), ( ) que não é mais a mesma pessoa. (ver; perceber)
h) Se nós ( ) os cálculos, ( ) os resultados para os acionistas. (rever; trazer)
i) Se você ( ) suas vontades, ( ) sua própria futilidade. (satisfazer; perceber)
j) Se ninguém se ( ) veementemente, ele não ( ) (opor; desistir)
l) Se ( ) nosso projeto, ( ) a adesão de todos. (expor; obter)
m) Se tu nos ( ) as provas documentais, ( ) apoio a tua causa. (trazer; dar)
n) Se o interesse da sociedade se ( ) aos privilégios individuais, ( ) um novo país. (sobrepor; haver)
o) Se você ( ) o ímpeto, certamente ( ) o melhor possível. (conter; fazer)

7. Utilize os verbos entre parênteses no tempo e modo apresentados na frase-modelo:
Ele ainda não (compôs) nenhuma canção de sucesso.
a) Eu não ( ) nenhum recurso. (interpor)
b) Ela não se ( ) a colaborar? (predispor)
c) Por que você não ( ) para pôr ordem na casa? (intervir)
d) Poucos ( ) durante a discussão. (intervir)
e) Criticaram-me porque não ( ) no conflito. (intervir)
f) De onde ( ) esse material suspeitíssimo? (provir)
g) Os congressistas ( ) que aquela não era a melhor forma de redigir a lei. (convir)
h) Por que te ( ) a um projeto tão inovador? (opor)
i) As maiores empresas não ( ) no processo. (intervir)
j) Eu me ( ) com os colegas por não aceitar o sistema de trabalho vigente. (desavir)
l) Todos desejam saber por que você não ( ) na briga. (intervir)
m) Não ( ) porque não nos convocaram. (intervir)
n) Os líderes ( ) que nenhum outro recurso deveria ser tentado. (convir)
o) Os alunos se ( ) calados durante a conferência. No final, não se ( ) e externaram, com aplausos calorosos, a admiração pelo escritor. (manter; conter)

3 VERBOS DEFECTIVOS

Chamam-se defectivos os verbos que não possuem conjugação completa, ou seja, deixam de ser flexionados em algumas formas.

Em geral, o fator determinante da classificação de um verbo como defectivo é de natureza morfológica ou eufônica. Se fosse completo, o verbo falir, por exemplo, apresentaria, no presente do indicativo, "eu falo, tu fales, ele fale". Falo é forma do presente do indicativo de falar; fales e fale são do presente do subjuntivo do mesmo verbo falar. Isso implicaria um problema morfológico, ou seja, formas iguais para verbos diferentes.

Convém dizer que esse argumento não se aplica a todos os verbos que apresentam formas iguais. Trazer e tragar, por exemplo, não são defectivos, mas apresentam formas idênticas (trago é primeira pessoa do singular do presente do indicativo dos dois verbos). Ir e ser também apresentam formas idênticas (fui, fora, fosse, for), mas não são defectivos.

Se fosse completo, o verbo computar apresentaria no presente do indicativo formas como "computo, computas, computa" - palavras de sonoridade um tanto quanto "suspeita". Por isso o verbo computar é dado nas gramáticas e dicionários como defectivo.

Esses motivos nem sempre conseguem impedir o uso efetivo de formas verbais consideradas oficialmente "erradas". O próprio verbo computar é um exemplo disso. Com o desenvolvimento e a popularização dos computadores, não há quem não diga "computa". Na prática, esse verbo acaba sendo conjugado em todos os tempos, modos e pessoas.

Insistimos em que os preceitos colocados pela gramática normativa nem sempre condizem com o uso cotidiano da língua. Mas, no texto formal escrito, é mais do que recomendável que você procure seguir os padrões da língua culta.

Você verá a seguir que o problema dos verbos defectivos ocorre basicamente no presente do indicativo e formas derivadas (presente do subjuntivo e imperativos).

Para estudar os verbos defectivos, convém dividi-los em dois grupos.

PRIMEIRO GRUPO

Verbos que, no presente do indicativo, deixam de ser conjugados apenas na primeira pessoa do singular. Consequentemente, não apresentam presente do subjuntivo e imperativo negativo. O imperativo afirmativo se limita às pessoas diretamente provenientes do presente do indicativo (tu e vós). E o caso de abolir, aturdir, banir, carpir, colorir, delinqüir, demolir, exaurir, explodir, extorquir, retorquir, entre outros.

abolir
Presente do indicativo:
eu -
tu aboles
ele abole
nós abolimos
vós abolis
eles abolem

Imperativo afirmativo:
-
abole tu
-
-
aboli vós
-

SEGUNDO GRUPO

Verbos que, no presente do indicativo, são conjugados apenas na primeira e na segunda pessoas do plural (nós e vós). Quando você procura um verbo deste grupo no dicionário, costuma encontrar explicações técnicas como "no presente do indicativo, só é conjugado nas formas arrizotônicas". Você já sabe que forma arrizotônica é aquela em

que a tonicidade está fora do radical, como em falamos. A tonicidade está no -a-, fora do radical (fal-).
Os verbos deste grupo não possuem presente do subjuntivo e imperativo negativo. O imperativo afirmativo se limita à forma diretamente retirada do presente do indicativo. E o caso de adequar, aguerrir, combalir, comedir-se, falir, fornir, foragir-se, precaver, reaver, remir.

falir
presente do indicativo:
eu -
tu -
ele -
nós falimos
vós falis
eles -

imperativo afirmativo:
-
-
-
-
fali vós
-

adequar
presente do indicativo:
eu -
tu -
ele -
nós adequamos
vós adequais
eles -

imperativo afirmativo:
-
-
-
-
adequai vós
-

precaver
presente do indicativo:
eu -
tu -
ele -
nós precavemos
vós precaveis
eles -

imperativo afirmativo:

-
-
-
-
precavei vós
-

nota da ledora: quadro de destaque na página:
Precaver não deriva de ver, nem de vir. Não existem as formas "precavejo, precavo, precavenho". No pretérito perfeito do indicativo e tempos derivados, comporta-se como verbo regular: precavi, precaveste, precaveu...
Alguns autores admitem a conjugação do verbo adequar nas formas arrizotônicas do presente do subjuntivo (adeqüemos, adeqüeis), o que permitiria também a conjugação dessas mesmas formas do imperativo negativo e da primeira do plural do imperativo afirmativo.
- fim do quadro.

rever
Presente do indicativo: eu - tu - ele-, nós reavemos, vós reaveis, eles-
Imperativo afirmativo: eu - tu- ele- nos-, reavei vós, -

- nota da ledora; quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES
Na prática, pode-se dizer que reaver é conjugado como haver, mas só existe nas formas em que o verbo haver apresenta a letra v. Observe com atenção o pretérito perfeito do indicativo: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.
1. Convém repetir que os verbos defectivos são conjugados normalmente nos pretéritos e futuros. São mais do que corretas as formas como aboli, adeqüei, explode, fali, precavi, demoli, aboliu, adequou, explodiu, faliu, precaveu, demoliu.
2. para suprir uma forma dada como inexistente costuma-se recorrer a verbos sinônimos ou a expressões equivalentes. Em vez de dizer - eu me precavo/precavenho/precavejo - diga - eu me acautelo/previno; em vez de a empresa fale, diga - a empresa vai à falência/vai falir; em vez de - o texto se adequa, diga - o texto se adapta/ é adequado.
3. São considerados verbos defectivos também os verbos impessoais e os unipessoais, conjugados apenas de algumas formas por questão de significado. Não faz sentido, por exemplo, dizer "Eu chovo", ou "Ela alvoreceu ". Chover e alvorecer, como todos os verbos que indicam fenômenos naturais, são impessoais e, por isso não têm sujeito, e são conjugados apenas na terceira pessoa do singular. Também são impessoais amanhecer, anoitecer, chuviscar, estiar, gear, orvalhar, relampejar, trovejar e ventar.
Os unipessoais exprimem vozes de animais e são geralmente conjugados na terceira pessoa do singular e na terceira pessoa do plural: "O cão latia insistentemente", " os cavalos relinchavam assustados " . observe que também não faz sentido dizer " eu relincho" ou " tu latiste " . Os outros verbos unipessoais exprimem acontecimento, necessidade; acontecer, convir, ocorrer, suceder. É possível empregar os verbos impessoais ou unipessoais em sentido figurado. É o que acontece com " Quando esse dia chegar, os brasileiros amanhecerão para um novo tempo" ou " choveram faltas violentas durante o jogo".
- fim do quadro de destaque.

4 VERBOS ABUNDANTES

Verbos abundantes são aqueles que apresentam mais de uma forma para determinada flexão. Esse fenômeno costuma ocorrer no particípio, em que, além das formas regulares, terminadas em -ado ou -ido, surgem as formas irregulares, também chamadas curtas ou breves. Observe a relação abaixo:

primeira conjugação:

Infinitivo impessoal, particípio regular, e particípio irregular

aceitar	aceitado	aceito
entregar	entregado	entregue
enxugar	enxugado	enxuto
expressar	expressado	expresso
expulsar	expulsado	expulso
findar	findado	findo
isentar	isentado	isento
limpar	limpado	limpo
matar	matado	morto
salvar	salvado	salvo
segurar	segurado	seguro
soltar	soltado	solto

segunda conjugação:

no infinitivo impessoal, no particípio regular e no particípio irregular.

acender	acendido	aceso
benzer	benzido	bento
eleger	elegido	eleito
morrer	morrido	morto
prender	prendido	preso
suspender	suspendido	suspenso

terceira conjugação:

no infinito pessoal, no particípio regular e no particípio irregular

emergir	emergido	emerso
expelir	expelido	expulso
exprimir	exprimido	expresso
extinguir	extinguido	extinto
imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso
inserir	inserido	inserto
omitir	omitido	omisso
submergir	submergido	submerso

- nota da ledora: quadro de destaque na página;

1. Os particípios regulares são empregados normalmente com os auxiliares ter e haver; os particípios irregulares são normalmente empregados com os auxiliares ser, estar:

ler/haver elegido - ser/estar eleito

ter/haver imprimido - ser/estar impresso

2. Ganhar, gastar e pagar são abundantes:

ganhado/ganho; gastado/gasto; pagado/ pago são seus particípios. As formas irregulares podem ser usadas com os auxiliares ser, estar, ter e haver; as formas regulares, somente com ter e haver: ter/haver/ser/estar/ganho/gasto/pago, ter/haver ganhado/gasto/pagado.
3. pegar e chegar, na língua culta, apresentam apenas o particípio regular: pegado e chegado.
4. Abrir (e derivados) , cobrir (e derivados), escrever (e derivados) , apresentam particípios irregulares, aberto, reaberto, entreaberto; coberto, recoberto; encoberto; descoberto; escrito; reescrito; subscrito.
- fim do quadro.

ATIVIDADES

1. Nas frases abaixo, seria preciso empregar um verbo defectivo justamente numa das flexões condenadas pela língua culta. Sugira formas de completar as frases, utilizando sinônimos ou locuções verbais:
a) É possível que se ( ) aquela casa na semana que vem. (demolir)
b) É desejável que se ( ) essa exigência descabida. (abolir)
c) É provável que se ( ) aquele muro. (colorir)
d) É possível que as fontes de energia se ( ) antes do tempo previsto. (exaurir)
e) É indispensável que se ( ) daqui todo foco de corrupção. (banir)

2. Proceda como no exercício anterior.
a) É indispensável que eu ( ) meus documentos. (reaver)
b) É preciso que nós nos ( ) (precaver)
c) É desejável que os novos funcionários se ( ) às necessidades da empresa. (adequar)
d) Eu sempre me ( ) contra riscos. (precaver)
e) Muitas pessoas não ( ) sua linguagem à situação em que se encontram. (adequar)
f) Ele só ( ) seus direitos quando recorre à justiça. (reaver)

3. Utilize os verbos entre parênteses no tempo e modo do modelo:
O retirante não se precaveu contra as dificuldades da viagem.
a) Ela ( ) o patrimônio perdido? (reaver)
b) Eu não me ( ) e ( ) prejuízos com a enchente. (precaver; ter)
c) Nós ( ) tudo o que nos pertencia. (reaver)
d) Você ( ) a carga ao espaço disponível? (adequar)
e) O Congresso ainda não ( ) muitas das leis do tempo da ditadura. (abolir)
f) Muitas empresas () por causa da queda do poder aquisitivo da classe média. (falir)
g) Ela se ( ) e ( ) o pior. (precaver; afastar)
h) A herdeira ( ) os bens deixados pelo pai. (reaver)
i) ( ) o que nos pertencia. (reaver)

4. Preencha as lacunas com a forma apropriada do particípio verbal. Indique as frases em que se pode usar mais de uma forma.
a) O candidato foi ( ) com mais de duzentos mil votos. Muitos dos que o haviam ( ) na eleição anterior votaram nele novamente. (eleger)
b) Ele jamais foi ( ) pelos colegas de trabalho. Diziam que no passado ele tinha ( ) gordas propinas de uma poderosa multinacional. (aceitar)

c) O imposto já foi ( ). Menos mal, porque todo o dinheiro deste mês já foi ( ), e não há perspectiva de que outro seja ( ) (pagar, gastar; ganhar)
d) Àquela altura, já poderia ter ( ) seus débitos, se não tivesse ( ) todo o dinheiro que tinha ( ) (pagar, gastar; ganhar)
e) Assim que cheguei, fui informado de que a polícia já havia ( ) e já o tinha ( ), (chegar; pegar)
f) Ele havia ( ) o portão. De lá, podia ver o que se passava sem ser ( ) Dessa forma, foi-lhe possível certificar-se de tudo o que havia sido ( ) e ( ) pelo ex-proprietário do imóvel. Valera a pena ter ( )! (entreabrir; ver; dizer, escrever, ir)

5 AS PARTICULARIDADES DA CONJUGAÇÃO DOS VERBOS E OS DICIONÁRIOS

Você estudou neste capítulo os principais verbos irregulares, defectivos e abundantes. Você deve ter notado que vários desses verbos são de uso muito freqüente - como pôr, ver, vir, ser, haver, estar. Nesses casos, é necessário que você esteja apto a usá-los com segurança a fim de não desrespeitar o padrão culto da língua. Você estudou também verbos de uso mais limitado - como cerzir, carpir, remir. Nesses casos, é bastante provável que, mesmo depois de tê-los visto em nosso livro, você tenha alguma dúvida quando precisar empregá-los.
Eles estão aqui justamente para constituir um arquivo que você possa consultar a fim de esclarecer suas incertezas. É pouco provável que um dia você precise usar um verbo como moscar, normalmente pronominal (moscar-se). Mas, se realmente for necessário, consulte um dicionário. Reproduzimos, a seguir, o verbete moscar do dicionário de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Além do significado do verbo, você encontra valiosas informações sobre sua conjugação: moscar. V. int. e p. 1. Fugir das moscas, como o gado. 2. Fig. Desaparecer, sumir-se, safar-se: "nada mais tenho que fazer aqui! Musco-me! Ponho-me ao fresco!" (Aluísio Azevedo, O mulato, p. 246). (irreg. O o da raiz muda-se em u nas formas rizotônicas.
Além disso, o c transforma-se em qo antes de e (v. trancar). Pres. ind.: musco, moscas, musca, moscamos, moscais, muscam; imperat.: mosca, moscai, etc.; pres. sub).:musque, musques, musque, mosquemos, mosqueis, musquem.)

TEXTOS PARA ANÁLISE

-nota da ledora: propaganda na Dupont, na página, com o seguinte teor:
Você come,dorme, anda., fala, escuta, ri, chora, mora, estuda, trabalha, viaja, voa, cozinha, veste, usa, sobe, desce, para, dirige, lê, corre, joga, sara, imprime, segura, veleja, vai a praia com a Du Pont e nem está sabendo disso. A comida que você come chega a sua casa graças aos defensivos agrícolas da Du Pont. O sapato que você usa é feito com matéria prima fornecida pela Du Pont A tinta do seu automóvel é da Du Pont Os explosivos da Du Pont são responsáveis pela extração de 80% do nosso minério de ferro Os gases que gelam sua geladeira e seu ar condicionado tem o nome de Freon um produto da Du Pont Lycra você conhece. Está em maiôs, jeans e roupas intimas Lycra é da Du Pont Muita coisa que você lê talvez até mesmo este anúncio é feito com material apropriado fornecido pela Du Pont industria gráfica Agora você já sabe a Du Pont está o tempo todo ao seu lado Nisso tudo e em toda uma infinidade de coisas que fazem parte do nosso cotidiano Dia e noite Sempre DuPont.

TRABALHANDO O TEXTO

1. Observe as formas verbais presentes no texto acima e a seguir divida-as em dois grupos: as que pertencem a verbos regulares e as que pertencem a verbos irregulares.
2. Por que, na sua opinião, o texto enumera todas essas formas verbais?

- nota da ledora: propaganda da rádio jovem-pan, onde aparece um menino, na foto, e o seguinte texto : eu (o desenho de um ovo) jovem-pan. Todo mundo ouve.
(como se ovo, fosse verbo ouvir, pra uma criança que ainda não fala direito, mas já ouve a citada rádio)
- fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO

Comente a brincadeira que se está fazendo no texto e indique qual é a forma verbal envolvida.

Haiti
Quando você for convidado pra subir no adro
Da Fundação Casa de Jorge Amado
Pra ver do alto a fila de soldados, quase todos pretos
Dando porrada na nuca de malandros pretos
De ladrões mulatos e outros quase brancos
Tratados como pretos
Só pra mostrar aos outros quase pretos
(E são quase todos pretos)
E aos quase brancos pobres como pretos
Como é que pretos, pobres e mulatos
E quase brancos quase pretos de tão pobres são tratados
E não importa se olhos do mundo inteiro
Possam estar por um momento voltados para o largo
Onde os escravos eram castigados
E hoje um batuque um batuque
Com a pureza de meninos uniformizados de escola secundária em dia de parada
E a grandeza épica de um povo em formação
Nos atrai, nos deslumbra e estimula
Não importa nada: nem o traço do sobrado
Nem a lente do Fantástico, nem o disco de Paul Simon
Ninguém, ninguém é cidadão
Se você for ver a festa do Pelô, e se você não for
Pense no Haiti, reze pelo Haiti
O Haiti é aqui, o Haiti não é aqui

E na TV se você vir um deputado em pânico mal dissimulado
Diante de qualquer, mas qualquer mesmo, qualquer
Plano de educação que pareça fácil
Que pareça fácil e rápido
E vá representar uma ameaça de democratização
Do ensino de primeiro grau
E se esse mesmo deputado defender a adoção da pena capital
E o venerável cardeal disser que vê tanto espírito no feto

E nenhum no marginal
E se, ao furar o sinal, o velho sinal vermelho habitual
Notar um homem mijando na esquina da rua sobre um
Saco brilhante de lixo do Leblon
E quando ouvir o silêncio sorridente de São Paulo
Diante da chacina
cento e onze presos indefesos, mas presos são quase todos pretos
Ou quase pretos, ou quase brancos quase pretos de tão pobres
E pobres são como podres e todos sabem como se tratam os Pretos
E quando você for dar uma volta no Caribe
E quando for trepar sem camisinha
E apresentar sua participação inteligente no bloqueio a Cuba
Pense no Haiti, reze pelo Haiti
O Haiti é aqui, o Haiti não é aqui.
(GIL, Gilberto & VELOSO. caetano. In: Tropicália 2. LP
PolyGram no.5I8I78-I, 1993. Lado A, faixa 1.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Em que modo, tempo, pessoa e número está a forma verbal for, do primeiro verso do texto?
2. Em que modo, tempo, pessoa e número está a forma verbal destacada em "E na TV se você vir um deputado em pânico mal dissimulado"? A que verbo pertence essa forma? De que tempo ela é obtida?
3. O que diferencia a forma verbal ver, do terceiro verso, da forma verbal analisada na questão anterior?
4. Das formas verbais subir, mostrar, defender, furar, notar, ouvir e apresentar, algomas pertencem ao futuro do subjuntivo e outras, ao infinitivo. Releia atentamente o texto e separe-as em dois grupos.
5. Observando a forma verbal pareça, diga se o verbo parecer é regular ou irregular. Explique.
6. Em que modo e tempo está a forma verbal destacada em "E não importa se olhos do mundo inteiro/Possam estar por um momento voltados para o largo"? Como se obtém essa forma?
7. Em que modo e tempo está a forma verbal em "E o venerável cardeal disser que vê tanto espírito no feto/E nenhum no marginal"? Como se obtém essa forma?
8. A canção nos fala de uma realidade social em que o preconceito racial é evidente. Aponte passagens do texto em que é possível identificar esse fato.
9. O texto afirma que "Ninguém, ninguém é cidadão". Relacione a idéia contida nessa frase com as noções de "democratização do ensino , adoção da pena capital" e desobediência aos sinais de trânsito ("furar o sinal, o velho sinal vermelho habitual").
10. Afinal, o Haiti é aqui ou não é?

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1 (Univ. Alfenas-MG) Mesmo que nós ( ), não conseguiríamos que eles ( ) os papéis que os chefes ( ) em segredo.
a) interviéssemos, requeressem, mantêm
b) intervissemos, requeressem, mantém
c) interviéssemos, requisessem, mantêm

d) intervissemos, requisessem, mantém
e) interviéssemos, requeressem, mantêem

2 (Univ. Alfenas-MG) Assinale a alternativa que contém a forma correta dos verbos medir, valer, caber e datilografar, na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, pela ordem.
a) meço, valo, cabo, datilógrafo
b) meço, valho, caibo, datilografo
c) mido, valo, caibo, datilógrafo
d) mido, valho, caibo, datilografo
e) meço, valho, caibo, datilógrafo

3 (Univ. Alfenas-MG) Eles não ( ) em bancos e nós sabemos que vocês não ( ) dinheiro para que eles lhes ( ) o aval exigido.
a) crêem, têm, dêem
b) crêem, têem, dêem
c) creem, têm, deem
d) crêm, têm, dêm
e) creêm, teêm, deêm

4 (Fac. Santo André-SP) Dentre as frases abaixo, assinale a que apresentar erro na flexão dos verbos.
a) Ele não creu em nenhuma das histórias contadas por nós.
b) Quando eu vir seu pai, avisá-lo-ei sobre a dívida.
c) Será muito melhor para todos, se você manter a calma.
d) Eles intervieram em nossa disputa, depois de um tempo.
e) Assim que puserdes a roupa no armário, poderemos sair.

5 (UFRPE/UFPE) Relacione as frases cujos verbos destacados estão no mesmo tempo, modo e pessoa gramatical.
1) Que todo homem é um diabo não há mulher que o (negue).
2) (Vem), eu te farei da minha vida participar.
3) (Ide) em paz, o Senhor vos acompanhe.
4) Estou preso à vida e (olho) meus companheiros.
5) Tu não me (tiraste) a natureza...
( ) (Cala) essa canção soturna.
( ) (interrogai)-as agora que os reis tremem no seu trono.
( ) (Debruço)-me na grade da banca e respiro penosamente.
( ) (Trouxeste)-a para o pé de mim
( ) Mesmo assim elas procuram o diabo que as (carregue)
A seqüência correta é:
a) 3, 2, 4, 5,e1.
b) 4, 3, 2,1 e 5.
c) 5,1, 4, 2 e 3.
d) 1, 4, 5, 3e 2.
e) 2, 3, 4, 5 e 1.

6 (Univ. Alfenas-MG) Assinale a alternativa que o verbo está conjugado de forma correta na norma culta
a) O juiz não interviu no resultado do jogo.

b) Só um jogador manteu a calma na confusão.
c) Quando seu pai ver seu boletim, vai ficar alegre.
d) Eu requeri transferência para outra escola.
e) Quando ela vir de São Paulo e ver você, vai gostar.

7 (ACAFE-SC) Corrija a frase. Depois, justifique.
Eles não reaveram os seus bens.

8 (ACAFE-SC) Somente uma das opções está incorreta. Assinale-a:
a) leio - lês - lê - lemos - ledes - lêem
b) valho vales - vale - valemos - valeis- valem
c) venho - vens - vem - vimos - vindes - vem
d) vou - vais - vai - vamos - ides - vão
e) divirjo - diverges - diverge - divergimos - divergides - divergem

9 (ITA-SP) Assinale o item em que as formas dos verbos trazer, ser, pôr e ir correspondam ao seguinte exemplo: "Preferir, prefere!"
a) tragas!, sejas!, ponhas!, vás!
b) trazei!, sede!, pondes!, ide!
c) traga!, se!, ponha!, vá!
d) traze!, sê!, põe! vá!
e) traga!, seja!, ponha!, vai!

10 (PUCC-SP) Assinale a alternativa em que os verbos estejam correta e adequadamente empregados.
a) Quando você o vir, dize-lhe que já demos nossa contribuição, para que sirva-mos de exemplo a todos.
b) Quando você o ver, diz-lhe que já demos nossa contribuição, para que sirvamos de exemplo a todos.
c) Quando você o ver, diga-lhe que já demos nossa contribuição, para que sirvamos de exemplo a todos.
d) Quando você o vir, diga-lhe que já demos nossa contribuição, para que sirvamos de exemplo a todos.
e) Quando você o vir, diz-lhe que já demos nossa contribuição para que servimos de exemplo a todos.

11 (PUCC-SP) Assinale a alternativa em que os verbos estão correta e adequadamente empregados.
a) Para que possamos discutir tudo com calma, pretendo vir às cinco horas, a não ser que não dê para sair em tempo e tenha de deixar nosso encontro para mais tarde.
b) Quero que vocês tentam novamente e progridam nesses estudos, para que comprovamos a validade dessa nova teoria.
c) Se supormos que eles desistem do empreendimento na hora da decisão final, talvez devemos providenciar outros profissionais que estejam realmente interessados.
d) Será que existem cientistas que retêm o segredo que fará com que, numa bela manhã, acordamos sem a ameaça da guerra atômica?
e) Quando eles proporem o acordo que tanto aguardamos, é necessário que nos comprometemos a cumprir nossa parte.

12 (PUCSP) Conjugue os verbos conforme se pede nos parênteses e assinale a alternativa que preencha, pela ordem, corretamente as lacunas abaixo.

1. Todos ( ) sangue no ar. (verbo ver - presente do indicativo)
2. Quando você ( ) um desastre como este, ficará aterrorizado. (verbo ver - futuro do subjuntivo)
3. As moças, adormecidas na cabine, ( ) dormindo. (verbo vir - presente do indicativo)
4. Quando você ( ) aqui, ainda encontrará marcas do desastre. (verbo vir - futuro do subjuntivo)

a) vêem, ver, vêm, vier
b) vêm, ver, vem, vir
c) vêem, vir, vêm, vir
d) vêm, ver, virão, vir
e) vêem, vir, vêm, vier

13 (PUCSP) Em relação aos versos:
"És, a um tempo, esplendor e sepultura:"
"Que tens o trom e o silvo da procela" e
"Em que da voz materna ouvi: meu filho.",
se substituirmos os verbos destacados pelo presente do subjuntivo, teremos:
a) sejas, tenhas, ouças.
b) serias, terias, ouvirias.
c) sejais, tenhais, ouçais.
d) fores, tiveres, ouvires.
e) fôreis, tivéreis, ouvíreis.

14 (UNIMEP-SP) Alguns verbos apresentam irregularidades no radical da 1a. pessoa do singular do indicativo presente. A alternativa que contém as formas verbais corretas é:
a) requeiro (requerer), ouço (ouvir), valho (valer)
b) digo (dizer), medo (medir), trago (trazer)
c) meço (medir), digo (dizer), perdo (perder)
d) caibo (caber), perco (perder), requero (requerer)
e) posso (poder), cabo (caber), valo (valer)

15 (UNIMEP-SP) Quando você o ( ), ( )-lhe que eu já ( ) os livros que me haviam roubado.
A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:
a) vir, diga, reouve
b) vir, diz, reouve
c) ver, diga, reavi
d) ver, diz, reouve
e) ver, dize, reavi

16 (UNICAMP-SP) Nas suas aulas de gramática, você deve ter estudado a conjugação dos verbos irregulares. Esse conhecimento é necessário na escrita padrão. Nos trechos abaixo encontram-se formas verbais inadequadas:
I (Os astecas) não só conheciam o banho de vapor, tão prezado na Europa, como mantiam o hábito de banhar-se diariamente. (Superinteressante, out. 1992)
II. Um grupo de defesa dos direitos civis ameaçou intervir se o juiz Mike Mc Spaden ir adiante com seu plano de aprovar o pedido de castração. (Folha de S.Paulo, 13 fev. 1992)

a) Identifique as formas verbais inadequadas.
b) Que formas deveriam ter sido empregadas?
c) Como se poderia explicar a ocorrência das formas inadequadas nos trechos acima?

17 (UFV-MG) Segundo o exemplo, assinale a alternativa correta:
jogar? jogai vós.
Faça o mesmo Com os verbos: trazer, tragar, ir, ler.
a) trazei, tragai, ide, lede
b) tragam, traguem, vão, leiam
c) trazeis, tragais, ides, ledes
d) tragais, tragueis, vades, leiais
e) traze, traga, vão, leia

18 (UEL-PR) Requeiro a dispensa de taxa concedida aos que ( ), como eu, os bens que ( ) .
a) reouveram, pleiteiaram
b) reaveram, pleiteiaram
c) rehouveram, pleiteiaram
d) reouveram, pleitearam
e) rehaveram, pleitearam

19 (UNICAMP-SP) No texto abaixo, ocorre uma forma que é inadequada em contextos formais, especialmente na escrita.
Trombada
Lula e Meneguelli divergem sobre o pacto. Concordam em negociar, mas Lula só aprova um acordo se o governo retirar a medida provisória dos salários, suspender os vetos à lei da Previdência e repor perdas salariais. (Painel, Folha de Paulo, 21 set. 1990)
a) Identifique essa forma e reescreva o trecho em que ocorre, de modo a adequá-lo à modalidade escrita.
b) Como se poderia explicar a ocorrência de tal forma (e outras semelhantes), dado que os falantes não "inventam" formas lingüísticas sem alguma motivação?

20 (UEL-PR) Ainda que vários fatores ( ) a seu favor, estava claro que ele não ( ) as conseqüências que ( ) de seu impensado gesto.
a) intervissem, previra, adveriam
b) interviessem, prevera, adviriam
c) intervissem, prevera, adviriam
d) intervissem, prevera, adveriam
e) interviessem, previra, adviriam

21 (UEL-PR) Os ouvintes ( )-se de opinar, temendo que se ( ) as criticas e os ânimos não se ( )
a) absteram, mantivessem, refazessem
b) absteram, mantessem, refizessem
c) abstiveram, mantivessem, refizessem
d) absteram, mantessem, refazessem
e) abstiveram, mantessem, refizessem

22 (FUVESJ-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

Não ( ) cerimônia, ( ) que a casa é ( ), e ( ) à vontade.
a) faças, entre, tua, fique
b) faça, entre, sua, fique
c) faças, entra, sua, fica
d) faz, entra, tua, fica
e) faça, entra, tua, fique

23 (FATEC-SP) Aponte o emprego errado do verbo destacado.
a) Se a resposta (condissesse) com a pergunta...
b) Poucos (reaveram) o que arriscaram em jogos.
c) Não que não (antepuséssemos) alguém a você.
d) Não tenha dúvida, (refaremos) tantas vezes quantas forem necessárias.
e) Se não nos (virmos) mais... tenha boas férias.

24 (CESGRANRIO-RJ) Assinale o período em que aparece uma forma verbal incorretamente empregada com relação à norma culta da língua.
a) Se o compadre trouxesse a rabeca, a gente do oficio ficaria exultante.
b) Quando verem o Leonardo, ficarão surpresos com os trajes que usava.
c) Leonardo propusera que se dançasse o minueto da corte.
d) Se o Leonardo quiser, a festa terá ares aristocráticos.
e) O Leonardo não interveio na decisão da escolha do padrinho do filho.

25 (FUVEST-SP) Assinale a alternativa em que uma forma verbal foi empregada incorretamente.
a) O superior interveio na discussão, evitando a briga.
b) Se a testemunha depor favoravelmente, o réu será absolvido.
c) Quando eu reouver o dinheiro, pagarei a dívida.
d) Quando você vir Campinas, ficará extasiado.
e) Ele trará o filho, se vier a São Paulo.

26 (F. C. Chagas-SP) Não te ( ) com essas mentiras que ( ) da ignorância.
a) aborreces, provêem
b) aborreça, provém
c) aborreças, provêm
d) aborreça, provêem
e) aborreças, provém

27 (CESESP-PE) Assinale a alternativa que estiver incorreta quanto à flexão dos verbos.
a) Ele teria pena de mim se aqui viesse e visse o meu estado.
b) Paulo não intervém em casos que requeiram profunda atenção.
c) O que nós propomos a ti, sinceramente, convém-te.
d) Se eles reouverem suas forças, obterão boas vitórias.
e) Não se premiam os fracos que só obteram derrotas.

28 (FCMPA-MG) Complete as lacunas com os verbos (intervir) e (deter) no pretérito perfeito do indicativo.
A polícia ( ) no assalto e ( ) os ladrões.

29 (FUVEST-SP) Reescreva as frases abaixo, substituindo convenientemente as formas verbais destacadas pelos verbos colocados entre parênteses.
a) Se você se (colocasse) em meu lugar, perceberia melhor o problema. (pôr)
b) Quando (descobrirem) o logro em que caíram, ficarão furiosos. (ver)

30(FUVEST-SP) Reescreva as frases abaixo, obedecendo ao modelo: "Se ele voltou cedo, eu também voltei."/"Se ele voltar cedo, eu também voltarei."
a) Se ele viu o filme, eu também vi.
b) Se tu te dispuseste, eu também me dispus.

31(UCS-RS) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:
Se tudo ( ) conforme ele ( ), o trabalho já ( ).
a) for feito, preveu, vai ser concluído
b) fosse feito, prevera, teria sido concluído
c) é feito, preveu, estaria pronto
d) tivesse sido feito, havia previsto, estaria concluído
e) tiver sido feito, preverá, será concluído

32 (FGV-SP) ( ), homem ( ) criatura que me deixe, que ( ).
a) corre, dize, se não aflija
b) corra, diz, se não aflija
c) corre, dize, não aflija-se
d)corra, diz, não se aflija
e) corre, dizei, não aflija

33 (FCMSCSP) Nas alternativas estão as flexões do imperativo de cinco verbos. Assinale a alternativa em que há erro.
a) saber: sabe/saiba/saibamos/sabei/saibam
b) ver: vê/vide/vejamos/vejais/vejam
c) ir: vai/vá/vamos/ide/vão
d) ouvir: ouve/ouça/ouçamos/ouvi/ouçam
e) valer: vale/valha/valhamos/valei/valham

34 (FEI-SP) Na expressão "Deus te favoreça", substitua o verbo favorecer por:
a) abençoar
b) ouvir
c) proteger

35 (FCMSCSP) Assinale a alternativa correta quanto ao uso de verbos abundantes.
a) Por haver aceitado as normas, o candidato foi aceito na Faculdade.
b) Por haver morto o passarinho, o menino chorou. Realmente, o bicho estava bem morto.
c) Foi elegido pelas mulheres apesar de haver eleito a maioria dos homens.
d) O pastor tinha emergido os crentes depois de ter emergido ele mesmo pelo bispo. Era emersão que não acabava mais.
e) Todos os casos serão omitidos da pauta tal como você já tivera omisso os seus casos ontem.

36 (IMES-SP) Assinale a alternativa que corresponde ao que se pede:
- verbo ver - 3a. pessoa do singular do pretérito mais-que-perfeito do indicativo

- verbo ser - 3a. pessoa do singular do presente do subjuntivo
- verbo haver - 3a. pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo
- verbo vir - 2a. pessoa do singular do imperativo afirmativo

a) vera, seja, houve, vem
b) vera, seja, havi, venha
c) vira, seja, houve, vem
d) vira, seje, houve, venha
e) vira, seje, havi, vem

37 (F. C. Chagas-SP) Ele ( ) que lhe ( ) muitas dificuldades, mas enfim ( ) a verba para a pesquisa.
a) receara, opusessem, obtera
b) receara, opusessem, obtivera
c) receiara, opossem, obtivera
d) receiara, opossem, obtera
e) receara, opossem, obtera

38 (F. C. Chagas-SP) Caso ( ) realmente interessado, ele não ( ) de faltar.
a) estiver, haja
b) esteja, houve
c) estivesse, houvesse
d) estivesse, havia
e) estiver, houver

39 (Fundação Lusíada) Assinale a alternativa que se encaixe no período seguinte:
"Se você ( ) e o seu irmão ( ), quem sabe você ( ) o dinheiro."
a) requeresse, interviesse, reouvesse
b) requisesse, intervisse, reavesse
c) requeresse, intervisse, reavesse
d) requeresse, interviesse, reavesse
e) requisesse, intervisse, reouvesse

40 (UFMG) Em qual dos períodos abaixo há incorreção no uso de formas verbais, de acordo com as regras da gramática normativa?
a) Sugira o que lhe aprouver; só nos absteremos de lutar quando virmos que todos os recursos foram esgotados.
b) Todos aqueles que vêem o espetáculo voltam novamente; só não vem quem não tem dinheiro.
c) Detive-me à frente deles e intervi na discussão que já se estava tornando séria.
d) Se dispuserem de algum tempo, entretenham-se a caminhar por aqueles bosques e satisfarão toda a sua nostalgia de infância.
e) Se nos desfizéssemos de nossos poucos pertences, não teríamos como enfrentar os rigores do inverno.

41 (F. C. Chagas-SP) Quem ( ) o Pedro, ou pelo menos ( ) falar com ele, ( )-o em meu nome.
a) ver, poder, advirta
b) vir, puder, adverta
c) vir, puder, advirta
d) ver, puder, adverta

e) vir, poder, adverta

42 (F. C. Chagas-SP) Sem que ninguém tivesse ( ), o próprio menino ( )-se contra os falsos amigos.
a) intervindo, precaviu
b) intervindo, precaveio
c) intervido, precaveu
d) intervido, precaveio
e) intervindo, precaveu

43 (UM-SP) Assinale a alternativa em que não há erro na forma verbal.
a) Minha mãe hesitou; tu não hesitastes.
b) Esta página vale por meses; quero que valha para sempre.
c) Tu tiveste dezessete anos; vós tivesteis sempre a mesma idade.
d) A análise das minhas emoções é que entrava no meu plano, vós não entrávais.
e) Achavam-me lindo e diziam-mo; achavais-me lindo e dizieis-mo.

44 (FMIt-MG) Em que frase a forma verbal não está flexionada corretamente?
a) Eu águo as flores que sua mãe planta.
b) Ninguém creu no que ela declarou.
c) Se pores tudo em ordem, ficarei satisfeito.
d) Foi aos gritos que ela interveio na discussão.
e) Eu môo o grão, você depois faz o pão.

45 (UFE-RJ) Das frases que seguem, uma traz errado emprego de forma verbal. Assinale-a.
a) Cumpre teus deveres e terás a consciência tranquila.
b) Suporta-se com paciência a cólica do próximo.
c) Nada do que se possui com gosto se perde sem desconsolação.
d) Não voltes atrás, pois é fraqueza desistir-se da coisa começada.
e) Dizia Rui Barbosa: "Fazei o que vos manda a consciência, e não fazei o que vos convém aos apetites."

CAPÍTULO 8

ESTUDO DOS VERBOS (3)

- nota da ledora: anúncio do Lar Escola São Francisco, trazendo uma foto do físico, conhecido mundialmente, Dr. Stephen Hawking (portador de deficiência múltipla - cadeirante) respeitado internacionalmente pelo seu trabalho na área da física. Texto do anúncio: - este eficiente físico é um deficiente físico.
- fim da nota.

Depois de estudar detidamente os mecanismos de conjugação e os principais verbos irregulares e defectivos, você vai investigar o funcionamento dos modos e tempos verbais no uso efetivo, ou seja, nas frases e textos de nossa língua.
Nosso objetivo é fazer você refletir sobre o valor e o significado das diferentes formas verbais, tornando-o apto a empregá-las com precisão e sensibilidade. No texto acima,

por exemplo, o verbo encontra-se no modo indicativo, empregado quando se da como certo, real ou verdadeiro o conteúdo daquilo que se declara.

1 OS MODOS VERBAIS

Em português, existem três modos verbais: o indicativo, o subjuntivo e o imperativo. O modo indicativo é empregado quando se dá como certo, real ou verdadeiro o conteúdo daquilo que se fala ou escreve:
Faz muito calor nesta época do ano.
Fez muito calor no último verão.
O serviço meteorológico informa que fará muito calor neste verão.
O modo subjuntivo é empregado quando se dá como provável, duvidoso ou hipotético o conteúdo daquilo que se fala ou escreve:
Talvez faça muito calor neste verão.
Se fizesse calor nestes dias, a safra estaria perdida.
O modo imperativo é empregado para exprimir ordem, pedido, súplica, conselho:
"Cala a boca, Bárbara!"
"Seu garçom, faça o favor de me trazer depressa...
Socorram-me!
"Vai e diz a ela as minhas penas."
De um modo geral, podem-se relacionar os modos verbais a três atitudes diferentes de quem fala ou escreve: o indicativo mostra uma atitude mais objetiva diante dos fatos e processos, que são apresentados como fenômenos positivos e independentes; o subjuntivo traduz a expressão de conteúdos emocionais (O desejo, a dúvida, a incerteza), impregnando os fatos e processos com a subjetividade de quem fala ou escreve; o imperativo procura impor o processo verbal ao interlocutor, com a intenção de que este aja de acordo com aquilo que o emissor da mensagem pretende.

ATIVIDADE

Observe o emprego dos verbos destacados em cada um dos pares de frases abaixo. Justifique o modo verbal empregado em cada caso:
a) Ele vem diariamente. É possível que ele venha hoje.
b) Estou certa de que foi ele o culpado de tudo. Acredito que tenha sido ele o culpado de tudo.
c) Ele era indicado para todas as atividades. Talvez não fosse ele o indicado para todas as atividades.
d) Eu a verei amanhã.
Quando a vir outra vez, direi a ela toda a verdade.
e) Todo cidadão que efetivamente ama seu país é capaz de julga-lo com critério.
Todo cidadão que efetivamente ame seu país é capaz de julgá-lo com critério.

2 OS TEMPOS VERBAIS

OS TEMPOS DO INDICATIVO

PRESENTE

As gramáticas costumam definir o presente do indicativo como o "tempo que indica processos verbais que se desenvolvem simultaneamente ao momento em que se fala ou escreve":
Estou em São Paulo.
Não confio nele.
Na verdade, o presente do indicativo vai muito além. Pode também expressar processos habituais, regulares, ou aquilo que tem validade permanente:
Tomo banho diariamente.
Durmo pouco.
Todos os cidadãos são iguais perante a lei.
A Terra gira em torno do Sol.
O presente do indicativo pode ser empregado para narrar fatos passados, conferindo-lhes atualidade. É o chamado presente histórico:
No dia 17 de dezembro de 1989, pela primeira vez em quase trinta anos, o povo brasileiro elege diretamente o presidente da República. Iludida pelos meios de comunicação, a população não percebe que está diante de um farsante. Mas a verdade não demora a chegar. O presidente-atleta logo mostra quem é. Seu braço direito, PC Farias, saqueia o país. Forma-se uma Comissão Parlamentar de Inquérito, que investiga as atividades ilícitas da dupla. Em alguns meses, os escândalos apurados são tantos que só resta ao aventureiro renunciar.

- nota da ledora: fotografia de Fernando Collor de Mello.
- fim da nota.

O presente também pode ser usado para indicar um fato futuro próximo e de realização tida como certa:
Daqui a pouco, a gente volta.
Embarco no próximo sábado.
Utilizado com valor imperativo, o presente constitui uma forma delicada e familiar de pedir ou ordenar alguma coisa:
Artur; agora você se comporta direitinho.
Depois vocês resolvem esse problema para mim.

PRETÉRITO IMPERFEITO

O pretérito imperfeito tem varias aplicações. Pode transmitir uma idéia de continuidade, de processo que no passado era constante ou freqüente:
Estavam todos muito satisfeitos com o desempenho da equipe.
Entre os índios, as mulheres plantavam e colhiam; os homens caçavam e pescavam.
Naquela época, eu almoçava lá todos os dias.

- nota da ledora: desenho de um quadrinho de jornal, representando Getúlio Vargas, como se fosse pintor, tendo ao fundo, como modelo, uma mulher esfaimada, esquálida, e miserável; portando uma faixa onde lemos: Situação financeira do Brasil - esta mesma mulher é retratada, em uma tela, pelo pintor Getúlio Vargas, como uma jovem linda, rechochudinha, cheia de graça e saúde. Na legenda do quadrinho: "O sr. Ministro da Fazenda declarou que a situação financeira deixada pelo Estado Novo é calamitosa." (dos jornais) Mas o "artista" só pintava coisas encantadoras...
- fim da nota.

"Pintar coisas encantadoras" (apesar das evidências contrárias...) era um hobby freqüente do "artista" Getúlio Vargas. Por isso o verbo pintar está flexionado no pretérito imperfeito do indicativo, adequado para exprimir esse tipo de processo.

Ao nos transportarmos mentalmente para o passado e procurarmos falar do que então era presente, também empregamos o pretérito imperfeito do indicativo:
Eu admirava a paisagem. A vida passava devagar Quase nada se movia. Uma pessoa aparecia aqui, um cão latia ali, mas, no geral, tudo era muito quieto.
O imperfeito é usado para exprimir o processo que estava em desenvolvimento quando da ocorrência de outro:
O Sol já despontava quando a escola entrou na passarela.
A torcida ainda acreditava no empate quando o time levou o segundo gol.

Usado no lugar do presente do indicativo, o pretérito imperfeito denota cortesia:
Queria pedir-lhe uma gentileza.
Pode substituir o futuro do pretérito, tanto na linguagem coloquial como na literária:
Se ele pudesse, largava tudo e ficava com ela. "Se eu fosse você, eu voltava pra mim."

PRETÉRITO PERFEITO

O pretérito perfeito simples exprime os processos verbais concluídos e localizados num momento ou período definido do passado. Veja os exemplos:
Em 1983, o campeão brasileiro da Segunda Divisão foi o Juventus.
O concerto foi encerrado às vinte e três horas.
Os primeiros imigrantes italianos chegaram ao Brasil no século passado.
O pretérito perfeito composto exprime processos que se repetem ou prolongam até o presente:
Tenho visto coisas em que ninguém acredita.
Os professores não têm conseguido melhores condições de trabalho.

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
Atente para a distinção entre o pretérito imperfeito e o pretérito perfeito simples:
Quando o encontrava, ficávamos horas conversando.
Quando o encontrei, ficamos horas conversando.
Tinha certeza de que não seria aprovado.
Teve certeza de que não seria aprovado.

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO

O pretérito mais-que-perfeito exprime um processo que ocorreu antes de outro processo passado:
Era tarde demais quando ela percebeu que ele se envenenara (ou: tinha/havia envenenado).
O fato de ele ter-se envenenado é anterior ao fato de ela ter percebido. Envenenara é, por isso, mais-que-perfeito, ou seja, mais velho que o perfeito (percebeu).
Na linguagem do dia-a-dia, usa-se muito pouco a forma simples do pretérito mais-que-perfeito. E comum, entretanto, na linguagem formal e literária, bem como em algumas expressões cristalizadas ("Quem me dera!"; "Quisera eu"). Quando usado no lugar do futuro do pretérito do indicativo ou do pretérito imperfeito do subjuntivo, o mais-que-perfeito simples confere solenidade à expressão:

Compare com:
"E, se mais mundo houvera, lá chegara." (Camões)
E, se mais mundo houvesse, lá chegaria.

FUTURO DO PRESENTE

O futuro do presente simples expressa basicamente processos tidos como certos ou prováveis, mas que ainda não se realizaram no momento em que se fala ou escreve:
Será realizada amanhã a partida decisiva.
Estarei lá no próximo ano.
Jamais a terei a meu lado.
Pode-se usar esse tempo com valor de imperativo, com tom enfático e categórico:
"Não furtarás!"
Você ficará aqui a noite toda.
Em outros casos, essa forma imperativa parece mais branda e sugere a necessidade de que se adote certa conduta:
Você compreenderá a minha atitude.
Pagarás quando puderes.
O futuro do presente simples também pode expressar dúvida ou incerteza em relação a fatos do presente:
Ela terá atualmente trinta e cinco anos.
Será Cristina quem está lá fora?
Quando expressa circunstância de condição, o futuro do presente se relaciona com o futuro do subjuntivo para indicar processos cuja realização é tida como possível:
Se tiver dinheiro, pagarei à vista.
Se houver pressão popular as reformas sociais virão.
O futuro do presente simples é muito pouco usado na linguagem cotidiana. Em seu lugar, é normal o emprego de locuções verbais com o infinitivo, principalmente as formadas pelo verbo ir:
Vou chegar daqui a pouco.
Estes processos vão ser analisados pelo promotor
O futuro do presente composto expressa um fato ainda não realizado no momento presente, mas já passado em relação a outro fato futuro. Observe:
Quando estivermos lá, o dia já terá amanhecido. Quando eu voltar ao trabalho, você já terá entrado em férias.

FUTURO DO PRETÉRITO

O futuro do pretérito simples expressa processos posteriores ao momento passado a que nos estamos referindo:
Conclui que não seria feliz ao lado dela.
Muito tempo depois, chegaria a sensação de fracasso.
Também se emprega esse tempo para expressar dúvida ou incerteza em relação a um fato passado:
Estariam lá mais de vinte mil pessoas.
Ela teria vinte anos quando gravou o primeiro disco.
Quando expressa circunstância de condição, o futuro do pretérito se relaciona com o pretérito imperfeito do subjuntivo para indicar processos tidos como de difícil concretização:
Se ele quisesse, tudo seria diferente.

Viveria em outro lugar se pudesse.

O futuro do pretérito composto expressa um processo encerrado posteriormente a uma época passada que mencionamos no presente:

Partiu-se do pressuposto de que às cinco horas da tarde o comício já teria sido encerrado.

Anunciou-se que no dia anterior o jogador já teria assinado contrato com o outro clube.

Esse tempo também expressa dúvida sobre fatos passados:

Teria sido ele o mentor da fraude?

Quando expressa circunstância de condição, o futuro do pretérito composto relaciona-se com o pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, exprimindo processos hipotéticos ou de realização desejada, mas já impossível:

Se ele me tivesse procurado antes, eu o teria ajudado.

O país teria melhorado muito se tivessem sido feitos investimentos na educação e na saúde.

ATIVIDADES

1. Complete as lacunas com as formas adequadas dos verbos indicados entre parênteses. Em alguns casos, pode haver mais de uma opção.

a) Não ( ) ontem ao teatro com eles porque já ( ) anteontem. (ir)
b) Nós ( ) à estação logo depois que o trem ( ) (chegar; sair)
c) Todos ( ) que o ano se ( ) em quatro estações. (saber; dividir)
d) Quando jovem, eu ( ) cedo e ( ) no parque. Hoje, ( ) pouco e mal e não ( ) disposição para nada. (acordar; correr; dormir; ter)
e) Todos os domingos ele ( ) aqui e ( ) se alguém ( ) de alguma coisa. (vir; perguntar; precisar)
f) Depois daquilo, não me ( ) e ( ), exigindo que ele parasse. (conter; gritar)
g) Ele sempre ( ) aos colegas que se empenhem. (sugerir)
h) Ele sempre ( ) aos colegas que se empenhassem. (sugerir)
i) Dali onde ( ), ( ) o céu claro e ( ) o canto dos pássaros. A manhã ( ) linda! (estar; ver; ouvir; ser)
j) Antes do advento do "futebol-força", todas as equipes ( ) um jogador cerebral. A bola ( ) mansa, a categoria ( ), os jogos não ( ) violentos. ( ) a pena ir aos estádios. (ter; rolar; imperar; ser; valer)
l) Assim que ( ) a porta, ( ) que algo estranho se ( ) naquele recinto. (abrir; notar; passar)

2. Preencha as lacunas com as formas adequadas dos verbos indicados entre parênteses. Em alguns casos, pode haver mais de uma opção.

a) No próximo sábado, ( ) cedo e ( ) o primeiro ônibus para o Rio de janeiro. (acordar; pegar)
b) Tudo ( ) muito diferente se você ouvisse nossos conselhos. (ser)
c) Tudo ( ) muito diferente se você ouvir nossos conselhos. (ser)
d) Quem ( ) aqui durante a madrugada para estragar o jardim? (vir)
e) O Corinthians ( ) da fila em 1977; dois anos depois, ( ) de novo o Campeonato Paulista. (sair; ganhar)
f) Tu não ( ) sem o meu consentimento! (sair)
g) Quando ela chegar, ( ) tudo arrumado. (encontrar)
h) Quando chegarmos à cidade, tudo já ( ) (terminar)
i) Quando chegássemos à cidade, tudo já ( ). (terminar)

j) Muitos anos depois, ele ( ) repetindo as mesmas palavras, que ( ) as mesmas idéias. (continuar; expressar)
l) Tudo ( ) ser diferente se eles não tivessem tentado nos enganar. (poder)

3. Nos grupos de frases a seguir, você encontrará tempos verbais diferentes exprimindo idéias semelhantes. Procure explicar as diferenças de sentido e de emprego entre as frases de cada conjunto.
a) Farei isso amanhã.
Faço isso amanhã.
b) Segue até o fim!
Agora segues até o fim.
Seguirás até o fim!
c) Se ele colaborasse, eu dava um jeito na situação.
Se ele colaborasse, eu daria um jeito na situação.
d) Não fora a intervenção do diretor, ficáramos a ver navios.
Não fosse a intervenção do diretor, ficaríamos a ver navios.

4. Relate uma passagem de sua vida em um parágrafo. Use a terceira pessoa e o chamado presente histórico.

5. Conte em um parágrafo alguma coisa que freqüentemente acontecia em sua infância. A seguir, observe os tempos verbais empregados e justifique seu uso.

OS TEMPOS DO SUBJUNTIVO

PRESENTE

O presente do subjuntivo normalmente expressa processos hipotéticos, que muitas vezes estão ligados ao desejo, à suposição:
"Quero que tudo vá para o inferno!"
Suponho que ela esteja em Roma.
Caso você vá lá, não deixe que o explorem.
Talvez ela esteja aqui amanhã.
Ficam excluídos os que não amem a cultura.

PRETÉRITO IMPERFEITO

O imperfeito do subjuntivo expressa processos de limites imprecisos, anteriores ao momento em que se fala ou escreve:
Fizesse sol ou chovesse, não dispensava uma volta no parque.
Os baixos salários que o pai e a mãe ganhavam não permitiam que ele estudasse.
O imperfeito do subjuntivo é o tempo que se associa ao futuro do pretérito do indicativo quando se expressa circunstância de condição ou concessão:
Se ele fosse politizado, não votaria naquele farsante.
Embora se esforçasse, não conseguiria a simpatia dos colegas.

- nota da ledora: propaganda da Brastemp, foto de máquina de lavar, antiga, com o seguinte texto: - se fosse seu carro, você já teria trocado
- fim da nota.

Neste caso de correlação com o futuro do pretérito do indicativo (teria), o pretérito

imperfeito do subjuntivo (fosse) expressa circunstância de condição.
Também se relaciona com os pretéritos perfeito e imperfeito do indicativo:
Sugeri-lhe que não vendesse a casa.
Esperava-se que todos aderissem à causa.
Pretérito perfeito
Só ocorre na forma composta e expressa processos anteriores tidos como concluídos no momento em que se fala ou escreve:
Imagino que ela já tenha procurado uma solução.

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
Também só ocorre na forma composta. Expressa um processo anterior a outro processo passado:
Esperei que tivesse exposto completamente sua tese para contrapor meus argumentos.
Esse tempo pode associar-se ao futuro do pretérito simples ou composto do indicativo quando são expressos fatos irreais e hipotéticos do passado:
Se me tivesse apresentado na data combinada, já seria funcionário da empresa.
Mesmo que ela o tivesse procurado, ele não a teria recebido.

FUTURO
Na forma simples, indica fatos possíveis, mas ainda não concretizados no momento em que se fala ou escreve:
Quando comprovar sua situação, será inscrito.
Quem obtiver o primeiro prêmio receberá bolsa integral.
Se ela for a Siena, não quererá mais sair de lá.
Esse tempo normalmente se associa ao futuro do presente do indicativo quando se expressa circunstância de condição:
Se fizer o regime, emagrecerá rapidamente.
O futuro do subjuntivo composto expressa um processo futuro que estará terminado antes de outro, também futuro:
Quando tiverem concluído os estudos, receberão o diploma.
Iremos embora depois que ela tiver adormecido.

ATIVIDADES

1. Preencha as lacunas com a forma adequada dos verbos entre parênteses. Em alguns casos, pode haver mais de uma opção.
a) Talvez todas as blusas ( ) na gaveta. (caber)
b) É inacreditável que ( ) ele o autor do projeto. (ser)
c) Se o árbitro não ( ) os ânimos, as conseqüências seriam imprevisíveis. (conter)
d) Desejo que você já ( ) a bateria de testes quando eu tiver regressado. (encerrar)
e) Depois que tudo ( ) resolvido, poderemos dormir o sono dos justos. (estar)
f) Quando eles () os cálculos, descobrirão grossas falcatruas. (rever)

2. Observe o modelo; a seguir, aplique-o às frases apresentadas.
Leio o manual.
Sugiro-lhe que leia o manual
Sugeri-lhe que lesse o manual.
a) Faço um bom chá.
b) Vejo um bom filme.

c) Trago respostas convincentes.
d) Redijo claramente.
e) Confiro o dinheiro.
f) Mostro o melhor caminho.

3. Observe o modelo; a seguir, aplique-o às frases apresentadas. Explique a mudança de sentido obtida.
Suponho que ela tenha participado da conversa.
Supunha que ela tivesse participado da conversa.
a) Suponho que ele tenha convencido os filhos.
b) Suponho que a empresa tenha superado as dificuldades.
c) Suponho que tenhamos eliminado todas as dúvidas.
d) Suponho que hajam visto os melhores filmes.

4. Observe o modelo; a seguir, aplique-o às frases apresentadas. Explique a mudança de sentido obtida.
É possível que todos aceitem.
Era possível que todos aceitassem.
a) É provável que ela adote a criança.
b) É insuportável que não se elimine o cólera do país.
c) É imprescindível que participemos do evento.
d) É indispensável que façamos o convite.
e) É necessário que todos permaneçam unidos.
f) É preciso que se altere o calendário.
g) É inacreditável que ele se deixe envolver.

5. Observe o modelo; a seguir, aplique-o às frases apresentadas. Explique a mudança de sentido obtida.
Se você fizer o trabalho, ele o recompensará.
Se você fizesse o trabalho, ele o recompensaria.
Se você tivesse feito o trabalho, ele o teria recompensado.
a) Se você quiser, certamente fará melhor.
b) Se ele requerer novo exame, conseguirá.
c) Se você previr os obstáculos, irá até o fim da prova.
d) Se a população lutar por seus direitos, surgirão governantes mais capazes.
e) Se os governantes fizerem o que devem, este país será grandioso.
f) Se forem satisfeitas as necessidades sociais elementares, o país crescerá.

3 VALOR E EMPREGO DAS FORMAS NOMINAIS

O verbo apresenta três formas nominais: o infinitivo, o gerúndio e o particípio. Você já sabe que essas formas são chamadas nominais porque podem ter comportamento de nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) em certas situações.

O INFINITIVO

O infinitivo apresenta o processo verbal em si mesmo, sem nenhuma noção de tempo ou modo. É a forma utilizada para nomear os verbos:
É proibido conversar com o motorista.
Estudar é um direito de qualquer cidadão.

Quero ver você daqui a dez anos.
É normal a transformação do infinitivo em substantivo pelo uso de um determinante:
"Quando você foi embora, fez-se noite em meu viver."
Quando usado como substantivo, o infinitivo pode apresentar flexão de número:
São muitos os falares brasileiros.
Em português, o infinitivo pode ser pessoal ou impessoal. Quando se emprega o pessoal, o processo verbal é relacionado a algum ser:
Perguntei-lhe se havia algo para eu ler.
Com o impessoal, o processo verbal não é restrito a um ser em particular:
Ler é obrigação de qualquer cidadão.
No primeiro exemplo, pode-se notar que o infinitivo ler se refere ao mesmo ser a que se refere a forma perguntei: eu. No segundo exemplo, não há qualquer referência desse tipo: trata-se do processo verbal considerado em si mesmo.
O infinitivo pessoal pode flexionar-se para concordar em número e pessoa com o ser a que se refere:
Ela deseja saber se há algo para lermos.
Essa flexão pode ocorrer até mesmo em situações em que o infinitivo tenha papel nominal:
O comparecermos atrasados será tomado como menoscabo.
Em sua forma composta, o infinitivo tem valor de passado, indicando um processo já concluído no momento em que se fala ou escreve:
Ter trabalhado duro permitiu-nos belas viagens à Itália.

O PARTICÍPIO

O particípio é a forma nominal que tem, simultaneamente, características de verbo e de adjetivo.
Sua natureza verbal se manifesta nas locuções verbais, nos tempos compostos e em orações reduzidas:
A casa será desocupada até terça-feira.
Não existe nada que possa ser comprovado.
Se ele me tivesse avisado, teria conseguido resolver a situação.
Terminada a festa, o abatimento tomará conta de todos.
Calado num canto, ele nos observava atentamente.
Observe que nas duas últimas frases o particípio pode apresentar um processo completo anterior a outro (o abatimento tomará conta de todos após o término da festa) ou um processo que é simultâneo a outro (ele estava calado enquanto nos observava).
O particípio assume função de adjetivo quando caracteriza substantivos:
Tem comportamento destacado no dia-a-dia do Congresso.
Tem atuação destacada no dia-a-dia do Congresso.
- nota da ledora: quadro, de desenho, onde dois homens se cumprimentam efusivamente, e um cola um cartaz nas costas do outro, sem ser percebido pelo interlocutor, escrito: vendido.
Para ilustrar o risco de certas parcerias empresariais, o cartunista serviu-se do particípio do verbo vender, com função de adjetivo.

O GERÚNDIO

Além da natureza verbal, pode desempenhar função de advérbio e de adjetivo.
Atua como verbo nas locuções verbais e orações reduzidas. Indica normalmente um processo em curso ou prolongado:

Estou ouvindo o disco que você me deu.
Está estudando para melhorar profissionalmente.
Sua característica de advérbio pode ser percebida em frases em que indica circunstância de modo:
Gritando muito, ela chamava pelo pai.
O uso do gerúndio com valor de adjetivo é menos comum. Ocorre quando se liga a um substantivo, caracterizando-o:
"Eu vi o menino correndo
eu vi o tempo correndo ao redor do caminho daquele menino."(Caetano Veloso)
A forma composta do gerúndio tem valor de pretérito e indica processo já concluído no momento em que se fala ou escreve:
Tendo feito, por telefone, várias reclamações que não foram atendidas, resolvi ir pessoalmente à Administração Regional.

4 AS LOCUÇÕES VERBIAIS

As formas nominais dos verbos são muito utilizadas na formação das locuções verbais ou perífrases verbais, conjuntos de verbos que, numa frase, desempenham papel equivalente ao de um verbo único. Nessas locuções, o último verbo, chamado principal, sempre é empregado numa de suas formas nominais; as flexões de tempo, modo, número e pessoa se dão nos verbos auxiliares:
Nenhum aluno poderá sair antes do término da prova.
Está havendo uma profunda transformação na sociedade.
É provável que ele seja convocado para a Copa.
Começou a gritar sem nenhuma explicação.

- nota da ledora; anúncio da Monark, (bicicletas e triciclos), na foto um bebe deitado com as perninhas para o alto, lembrando o movimento de pedalar, no texto o seguinte: LEMBRA QUANDO VOCÊ COMEÇOU A PEDALAR?
- fim da nota.

Locução verbal: começou a pedalar. Verbo principal (pedalar) no infinitivo; as inflexões ocorrem no verbo auxiliar (começou).
Nossa língua apresenta uma grande variedade dessas locuções, que exprimem os mais variados "tons" de significado. Os auxiliares ter e haver são empregados na formação dos chamados tempos compostos, dos quais já falamos detalhadamente. Ser (estar, em algumas construções) é usado nas locuções verbais que exprimem a voz passiva analítica do verbo, da qual também já falamos. Poder e dever são auxiliares que exprimem a potencialidade ou a necessidade de que determinado processo se realize ou não. Observe:
Pode ocorrer algo surpreendente durante o jogo.
Deve ocorrer algo surpreendente durante o jogo.
Eles podem estudar.
Eles devem estudar.
A esses dois, podemos acrescentar querer, que exprime vontade, desejo:
Quero ver um novo país.
Outros auxiliares largamente usados são: começar a, deixar de, voltar a, continuar a, pôr-se a; ir, vir e estar; todos ligados à noção de aspecto verbal, que estudaremos a seguir.

5 ASPECTO VERBAL

Já sabemos que os verbos são capazes de transmitir informações relacionadas ao modo, ao tempo, ao número, à pessoa e à voz. Uma outra informação que os verbos conseguem transmitir diz respeito ao aspecto, ou seja, à duração do processo verbal.

Durante o estudo do valor e do emprego dos tempos verbais, você pôde perceber as diferenças entre o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito do indicativo: o primeiro indica processos concluídos e localizados num momento ou período do passado; o segundo, processos verbais cujos limites imprecisos sugerem que estavam em desenvolvimento. Na verdade, a diferença básica entre esses tempos é de aspecto, conceito que se liga à duração do processo verbal:

Quando o encontrei, saudei-o.

O aspecto é perfeito, porque o processo está concluído.

Quando o encontrava, saudava-o.

.O aspecto é imperfeito, porque o processo não tem limites claros, prolongando-se no passado por período impreciso de tempo..

Se você voltar às considerações feitas sobre o valor dos tempos verbais, vai notar que essa informação sobre a duração do processo verbal não é restrita aos pretéritos perfeito e imperfeito do indicativo, mas também está presente em outros tempos. O presente do indicativo e o presente do subjuntivo, por exemplo, apresentam aspecto imperfeito, pois não impõem limites precisos ao processo verbal:

Tomo banho todos os dias.

Espera-se que ele tome banho todos os dias.

Já o pretérito mais-que-perfeito, como o próprio nome indica, apresenta aspecto perfeito em suas formas do indicativo e do subjuntivo, pois traduz processos já concluídos e anteriores a outros, também já concluídos:

Quando chegamos lá, encontramos a mensagem que o andarilho deixara (ou: tinha/havia deixado) uma semana antes.

Se tivesse acordado antes, teria conseguido fazer o exame.

Outra informação aspectual que a oposição entre perfeito e imperfeito pode fornecer diz respeito à localização do processo no tempo. Os tempos perfeitos podem ser usados para exprimir processos localizados num ponto preciso do tempo:

No instante em que o vi, chamei-o.

Tinha-o saudado assim que o vira.

Já os tempos imperfeitos podem indicar processos freqüentes e repetidos:

Sempre que viajava, fazia detalhada revisão no carro.

O aspecto permite a indicação de outros detalhes relacionados com a duração do processo verbal. Observe as frases a seguir:

Tenho tido dissabores em meu trabalho.

Esse tempo, conhecido como pretérito perfeito composto do indicativo, indica um processo repetido ou freqüente, que se prolonga até o presente.

Estou trabalhando.

A forma composta pelo auxiliar estar seguido do gerúndio do verbo principal indica um processo que se prolonga. É largamente empregada na linguagem cotidiana, não só no presente, mas também em outros tempos (estava trabalhando, estive trabalhando, estarei trabalhando, etc.). Em Portugal, costuma-se utilizar o infinitivo precedido da preposição a em lugar do gerúndio (estou a trabalhar).

- nota da ledora: anúncio do repelente de insetos Autan; foto de uma mulher de biquíni, na praia, e o seguinte texto: - Olha quem eu tô comendo no fim de semana - disse o borrachudo para o pernilongo. Autan, salve sua pele.
- fim da nota.

Se a garota protegesse melhor o seu corpinho, o borrachudo não teria oportunidade de empregar o gerúndio.

Tudo estará resolvido quando ele chegar.
Tudo estaria resolvido quando ele chegasse.
As formas compostas “estará resolvido” e “estaria resolvido”, conhecidas como futuro do presente e futuro do pretérito compostos do indicativo, exprimem processo concluído - é a idéia do aspecto perfeito que já conhecemos - ao qual se acrescenta a noção de que os eleitos produzidos permanecem uma vez realizada a ação.

Os animais noturnos terminaram de se recolher mal começou a raiar o dia.
Nas duas locuções destacadas, mais duas noções ligadas ao aspecto verbal: a indicação do término e do início do processo verbal.

Eles vinham chegando à proporção que nós íamos saindo.
As locuções formadas com os auxiliares vir e ir exprimem processos que se prolongam.

Ele voltou a trabalhar depois de deixar de sonhar projetos irrealizáveis.
As locuções destacadas exprimem o reinício de um processo interrompido e a interrupção de outro, respectivamente.

ATIVIDADES

1. Complete as lacunas com uma das formas nominais dos verbos apresentados.
a) ( ) as provas, teriam início as férias. (encerrar)
b) Saiu da sala ( ). (esbravejar)
c) ( ) os problemas, poderemos descansar. (resolver)
d) Eles vêm ( ) pela estrada principal; por isso, vou-me ( ) pela estrada secundária. (vir; ir)
e) Haviam ( ) seus nomes nas paredes; agora, teriam de ( ) todas elas. (escrever; pintar)
f) Trouxe o livro para tu ( ). (examinar)

2. Explique as noções de aspecto transmitidas pelas formas verbais ou locuções destacadas nas frases abaixo.
a) Só sairia quando tudo (estivesse terminado).
b) Sempre (dizia) a mesma coisa.
c) (Começou a chover) assim que vocês se (puseram a andar).
d) (Voltei a jogar) há duas semanas, depois de ter ficado seis meses inativo.
e) (Ando tentando mudar) de emprego, mas não (tenho conseguido) nada.
f) (Íamos notando) o adensamento da mata à medida que nos (aproximávamos) da região da reserva.
g) (Venho) sempre aqui.
h) Não se (têm conseguido) bons resultados no combate à pobreza.

3. Complete as lacunas das frases abaixo com verbos auxiliares. Atente para as indicações de tempo fornecidas em cada frase para completá-las corretamente.
a) ( ) vir aqui todos os sábados.
b) ( ) fazer ginástica depois de vários meses de ócio.
c) ( ) reclamar da vida quando percebi que aborrecia meus amigos.
d) Mal ( ) amanhecer, os apitos das fábricas () tocar.
e) ( ) feito o possível para realizar meus sonhos e ainda me restam muitos deles.
f) ( ) ser que nada disso seja decisivo para o país, mas ainda assim () ser feito.

TEXTO PARA ANÁLISE

Raízes

Rio de Janeiro No momento em que trapalhadas mil ocorrem por aqui, cismei de me preocupar com os drusos. Não entendo de política internacional, mas acho estranhas essas minorias que atravessam a história e não encontram um lar, uma gruta, um chão que possam chamar de seu.

Não é bem o caso dos drusos, mas dos curdos, que estão sendo sacaneados pelos turcos e, periodicamente, por outros povos. Mas não conheço nenhum curdo. Quanto aos drusos eu os vi, na fronteira de Israel com o Líbano, no breve espaço de uma trégua entre duas batalhas.

São homens altos, imponentes, as roupas invariavelmente brancas. Ao contrário dos beduínos, que vivem amarrados ao deserto que é a pátria e a casa deles, os drusos dão impressão de hóspedes educados que não querem atrapalhar ninguém, nem seus hospedeiros nem seus vizinhos.

Houve época em que os drusos, como os curdos, não estavam em lugar nenhum. Havia sempre uma fronteira separando dois irmãos da mesma raça. Precisavam de um salvo-conduto para que um pudesse abraçar o outro.

Isso acontece em outros continentes onde há minorias que se recusam à integração, na secular fidelidade às raízes que se perdem no tempo. Raízes que não penetram nenhum chão, mas assim mesmo recolhem a seiva que lhes garante a teimosia e a sobrevivência.

Muitas vezes me sinto como um curdo ou um druso. Em anos mais difíceis, andei pelo mundo com um papel amarelo que me identificava mais ou menos como apátrida. Ao atravessar qualquer fronteira era obrigado a exibir o tal papel. Não sei o que tinham contra ele: bastava mostrá-lo e logo se detonava um ritual complicado, apareciam guardas com metralhadoras e cães farejadores.

E o meu problema não era falta de raízes.

Faltava-me apenas a capacidade de aderir à maioria que violentava meu gosto e meu gesto.

(CONY. Carlos Heitor, In Folha de São Paulo, 02 mar I996)

TRABALHANDO O TEXTO

1. No trecho "...essas minorias que atravessam a história e não encontram um lar, uma gruta, um chão que possam chamar de seu" (primeiro parágrafo) são empregados o presente do indicativo e o presente do subjuntivo. Explique a diferença de valor que há entre eles.

2. Qual o valor da forma verbal composta (estão sendo sacaneados) (segundo parágrafo)?

3. ("Houve) época..." / ("Havia) sempre uma fronteira..." (quarto parágrafo). Dê o nome dos tempos em que estão empregadas as formas verbais e explique a diferença de valor entre ambas.

4. "Precisavam de um salvo-conduto para que um pudesse abraçar o outro." (quarto parágrafo)
Fazendo as adaptações necessárias, reescreva a frase, substituindo precisavam por:
a) precisam;
b) precisaram;
c) precisarão.

5. "Em anos mais difíceis, andei pelo mundo com um papel amarelo, que me identificava mais ou menos como apátrida." (sexto parágrafo)
Fazendo as adaptações necessárias, reescreva o trecho, substituindo andei por:
a) andarei;
b) só andarei.

6. A partir de "Não sei o que tinham…" (sexto parágrafo), há uma seqüência de verbos no pretérito imperfeito do indicativo: tinham, bastava, detonava, apareciam, era, faltava e violentava. Justifique o valor desse tempo no trecho em questão.

7. No último parágrafo do texto, o autor diz que não adere à vontade da maioria. Você também se sente violentado em seu gosto e em seu gesto pela ditadura da maioria? Comente.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES
1(FUVEST-SP) "Ao trazer a discussão para o campo jurídico, o antigo magistrado (tentou) amenizar o que (dissera); a rigor, no entanto, suscitou dúvidas cruéis: que quer dizer 'por sua própria força'? (Será) a força física do posseiro, ou essa mais aquela que a ela se soma pelo emprego de armas?"
Observando no texto as formas verbais destacadas, é correto concluir que:
a) tentou denota evento contemporâneo de dissera.
b) dissera situa o evento em ponto do tempo anterior a (tentou).
c) (será) indica evento imediatamente posterior a (tentou).
d) (soma) situa o evento referido no mesmo ponto do tempo indicado em (será).
e) (dissera) descreve o quadro em que ocorrem os eventos denotados pelas demais formas.

2 (FUVEST-SP)
"() O antropólogo Claude Lévi-Strauss detestou a Baía de Guanabara .
Pareceu-lhe uma boca banguela.
E eu, menos a conhecera mais a amara?
Sou cego de tanto vê-la, de tanto tê-la estrela
O que é uma coisa bela?"
(Caetano Veloso, O estrangeiro.)

a) Na linguagem literária, muitas vezes, o mais-que-perfeito do indicativo substitui outras formas verbais, como no verso: "E eu, menos a conhecera mais a amara?".

Reescreva-o, usando as formas que o mais-que-perfeito substituiu.
b) Tanto (sou) como (é) são formas de presente do indicativo. Apesar disso, a visão de tempo que elas transmitem não é a mesma em uma e outra. Em que consiste essa diferença?

3) (FUVEST-SP) "Por onde passava, ficava um fermento de desassossego, os homens não reconheciam as suas mulheres, que subitamente se punham a olhar para eles, com pena de que não tivessem desaparecido, para enfim poderem procurá-los. Mas esses mesmos homens perguntavam, lá se foi, com uma inexplicável tristeza no coração, e se lhes respondiam, Ainda anda por aí, tornavam a sair com a esperança de a encontrar naquele bosque, na seara alta, banhando os pés no rio ou despindo-se atrás dum canavial, tanto fazia, que do vulto só os olhos gozavam, entre a mão e o fruto há um espigão de ferro, felizmente ninguém mais teve de morrer."
(José Saramago, Memorial do convento.)
Nesta narrativa, o emprego predominante do imperfeito do indicativo visa a:
a) destacar os elementos descritivos inseridos, trazendo-os para o primeiro plano.
b) apresentar a peregrinação de Blimunda como um fenômeno dinâmico e continuo.
c) desenhar como pano de fundo os traços de cenário em que decorre a ação.
d) marcar o tom dissertativo, em contraposição ao tom descritivo dos trechos em que ocorre o perfeito.
e) levar a entender Blimunda como personagem consciente do decorrer do tempo.

4 (FUVEST-SP)
"Folha - De todos os ditados envolvendo o seu nome, qual o que mais lhe agrada?
Satã - O diabo ri por último.
Folha - Riu por último.
Satã - Se é por último, o verbo não pode vir no passado."
(O inimigo cósmico. Folha de S.Paulo, 3 set. 1995.)
Rejeitando a correção ao ditado, Satã mostra ter usado o presente do indicativo com o mesmo valor que tem em:
a) Romário recebe a bola e chuta. Gooool!
b) D. Pedro, indignado, ergue a espada e dá o brado de independência.
c) Todo dia ela faz tudo sempre igual...
d) O quadrado da hipotenusa é igual à soma dos quadrados dos catetos.
e) Uma manhã destas, Jacinto, apareço no 202 para almoçar contigo.

5) (FUVEST-SP) Considerando a necessidade de correlação entre tempos e modos verbais, assinale a alternativa em que ela foge às normas da língua escrita padrão.
a) A redação de um documento (exige) que a pessoa (conheça) uma fraseologia complexa e arcaizante.
b) Para alguns professores, o ensino de língua portuguesa será sempre melhor, se (houver) domínio das regras de sintaxe.
c) O ensino de Português (tornou-se) mais dinâmico depois que textos de autores modernos (foram introduzidos) no currículo.
d) O ensino de Português já (sofrera) profundas modificações, quando se (organizou) um Simpósio Nacional para discutir o assunto.
e) Não (fora) a coerção exercida pelos defensores do purismo lingüistico, todos (teremos) liberdade de expressão.

6) (FUVEST-SP) "Eles pediram que a Petrobrás garanta que não haverá inquéritos administrativos contra os grevistas." (Folha de S.Paulo, 3 jun. 1995.)
a) Redija a frase acima de duas maneiras diferentes, situando o pedido referido em duas perspectivas diversas, conforme o início dado:
I. Eles haviam pedido que a Petrobrás...
II. Se eles tivessem pedido, a Petrobrás...
b) Cada nova frase irá permitir uma interpretação diferente, em relação à atitude dos que pedem e à atitude da Petrobrás. Exponha as interpretações, indicando o mecanismo gramatical que leva a cada uma delas.

7) (UNICAMP-SP) Publicadas à exata distância de um século pelo jornal O Estado de S. Paulo, as duas notícias transcritas a seguir têm em comum o fato de se referirem a catástrofes provocadas pelo mau tempo. No momento de sua publicação, as duas notícias se referiam a acontecimentos recentes, mas os recursos gramaticais empregados para expressar passado recente diferem de uma notícia para a outra.
29/11/1895: Constantinopla - Tem havido no Mar Negro grande tempestade, naufragando grande número de embarcações. Até agora o mar tem arrojado à praia mais de 80 cadáveres, que estão sendo recolhidos.
(Há um século. O Estado de S. Paulo.)
29/11/1995: Campinas- Um tornado com ventos de 180 quilômetros por hora destruiu anteontem a cobertura do ginásio multidisciplinar da Universidade Estadual de Campinas(...)
O Tornado rompeu presilhas de aço de uma polegada de espessura. Ele levantou e retorceu a estrutura do telhado, também de aço, de 100 metros de extensão e 200 toneladas. (...) Dez árvores foram arrancadas com a raiz e os ventos arremessaram longe vidros da Biblioteca Central.
(Tornado provoca destruição na Unicamp. O Estado de S. Paulo.)
a) Transcreva, das duas notícias, as expressões que situam os fatos relatados no passado.
b) Como seria redigida, hoje, a primeira notícia?
c) Redija uma continuação para uma notícia escrita hoje, que começasse por "Tem havido no Mar Negro

8 (CEFET-PR) "Sê propícia para mim,
socorre quem te (adorara),
se adorar (pudera)."
(Alphonsus de Guimaraens)
As formas verbais acima destacadas correspondem a:
a) adorará, podia.
b) adorasse, puder.
c) adorava, poderá.
d) adoraria, pudesse.
e) adorar, puder.

9 (FUVEST-SP) "Se eu (convencesse) Madalena de que ela não tem razão... Se lhe explicasse que (é) necessário vivermos em paz... Não me (entende). Não nos entendemos. O que vai acontecer (será) muito diferente do que (esperamos)."
No trecho acima, a personagem reflete sobre fatos presentes. Se ela os colocasse no passado, como ficariam os verbos destacados?
a) tivesse convencido - foi - entendeu - seria - esperaríamos

b) convencesse - seria - entendia - será - esperássemos
c) convencesse - era - entenderia - seria - esperávamos
d) convencia - era - entendia - seria - esperávamos
e) tivesse convencido - era - entendia - seria - esperávamos

10 (FUVEST-SP) "(Ficam) desde já excluídos os sonhadores, os que (amem) o mistério e (procurem) justamente esta ocasião de comprar um bilhete na loteria da vida."
Se a primeira frase fosse volitiva, e o segundo e terceiro verbos destacados conotassem ação no plano da realidade, teríamos, respectivamente, as seguintes formas verbais:
a) fiquem, amassem, procurassem.
b) ficavam, tenham amado, tenham procurado.
c) ficariam, amariam, procurariam.
d) fiquem, amam, procuram.
e) ficariam, tivessem amado, tivessem procurado.

11 (FUVEST-SP) "... e a flor de milho não será a mais linda."
a) Explique o valor do futuro do presente nessa frase. Reescreva-a substituindo a forma verbal por uma expressão equivalente.
b) Lembre dois outros empregos do futuro do presente. Dê exemplos e esclareça o valor de cada um deles.

12 (UFGO) No modo indicativo há três tempos simples que indicam passado: o pretérito perfeito, o pretérito imperfeito e o pretérito mais-que-perfeito.
Redija uma frase para cada um desses tempos verbais do pretérito, explicando seu emprego.

13 (UNIMEP-SP) Assinale a alternativa em que a oração destacada indica que um fato é anterior a outro em relação ao momento em que o emissor fala.
a) Assim que tomar banho, (vou-me deitar).
b) Caso você o encontre, (dê-lhe minhas lembranças).
c) Quando cheguei, (todos já haviam saído).
d) Se você quiser, (irei ao seu escritório).
e) Enquanto trabalhava, (cantava).

14 (VUNESP) Alternativa cuja forma verbal destacada exprime futuridade com relação ao tempo passado em que se situam as ações narradas:
a) "( ) contemplou o lugar onde tantas vezes se (aprestara) para os seus breves triunfos no trapézio."
b) "a despedida iminente, só ele (sentia)."
c) "Em algum ponto do corpo ou da alma, doía-lhe (ver) o lugar do qual se despedia ( )"
d) "No dia seguinte, (desarmariam) o Circo..."
e) "( ) os que lá se encontravam tinham respondido friamente à saudação dele, como se (fizessem) um favor."

15 (UFMG) Em todas as alternativas, a lacuna pode ser preenchida com o verbo indicado entre parênteses, no subjuntivo, exceto em:
a) Olhou para o cão, enquanto esperava que lhe ( ) a porta. (abrir)
b) Por que foi que aquela criatura não ( ) com franqueza? (proceder)
c) É preciso que uma pessoa se ( ) para encurtar a despesa. (trancar)

d) Deixa de luxo, minha filha, será o que Deus ( ) (querer)
e) Se isso me ( ) possível, procuraria a roupa. (ser)

16 (E. C. Chagas-SP) Mesmo que você lhe ( ) um acordo amigável, ele não ( )
a) proponha, aceitará
b) propor, aceitava
c) proporia, aceitaria
d) proporá, aceitará
e) propôs, aceitava

17 (FUEL-PR) Pode ser que eu ( ) levar as provas, se você ( ) tudo para que eu ( ) onde estão.
a) consiga, fará, descobriria
b) consiga, fizer, descubra
c) consigo, fizer, descobrir
d) consigo, fizer, descubro
e) consigo, fará, descobrirei

18 (CESGRAN RIO-RJ) Não há a devida correlação temporal das formas verbais em:
a) Seria conveniente que o leitor ficasse sem saber quem era Miss Dollar.
b) É conveniente que o leitor ficaria sem saber quem é Miss Dollar.
c) Era conveniente que o leitor ficasse sem saber quem foi Miss Dollar.
d) Será conveniente que o leitor fique sem saber quem é Miss Dollar.
e) Foi conveniente que o leitor ficasse sem saber quem era Miss Dollar.

19 (IMES-SP) Tempo verbal que expressa um fato anterior a outro acontecimento que também é passado:
a) pretérito imperfeito do indicativo
b) pretérito imperfeito do subjuntivo
c) pretérito perfeito do indicativo
d) pretérito mais-que-perfeito do indicativo
e) futuro do pretérito do indicativo

20 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção em que a forma verbal não tem valor imperativo.
a) Lança teu grito ao vento da procela.
b) Bandeira - talvez rasgue-te a metralha.
c) Ergue-te ó luz! estrela para o povo.
d) Traze a bênção de Deus ao cativeiro.
e) Levanta a Deus do cativeiro o grito!

21 (F. C. Chagas-SP) É possível que ( ) novidades interessantes, que ( ) e ( ) ao mesmo tempo.
a) surjam, divertem, instruam
b) surjam, divirtam, instruam
c) surjam, divirtam, instruem
d) surgem, divertem, instruem
e) surgem, divirtam, instruem

22 (FEI-SP) Com relação à frase: "Todos perceberam que João Fanhoso dera rebate falso.", responda:
a) em que tempo está a forma verbal (dera)?
b) como se justifica o seu emprego?

23 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase: "Quando ( ) mais aperfeiçoado, o computador certamente ( ) um eficiente meio de controle de toda a vida social."
a) estivesse, será
b) estiver, seria
c) esteja, era
d) estivesse, era
e) estiver, será

24 (FCMSCSP) Se eu conseguir ( ) as pessoas no lugar assim que elas ( ), tudo estará em ordem.
a) manter, chegarão
b) manter, cheguem
c) mantiver, chegarem
d) manter, chegariam
e) mantiver, chegam

25 (FCMSCSP) Não ( ) preguiçoso: ( ) os livros nessa mesa e ( ) logo recomeçar o trabalho.
a) sê, ponha, vem
b) sê, põe, venha
c) sejas, põe, vem
d) sejas, ponha, venha
e) seja, põe, vens

26 (PUCC-SP) Preencha as lacunas com os verbos vir, ver (futuro do subjuntivo) e entregar (futuro do indicativo).
a) Se eu ( ) e ( ) Mário, ( ) o livro a ele.
b) Se tu ( ) e ( ) Mário, ( ) o livro a ele.
c) Se ele ( ) e ( ) Mário, ( ) o livro a ele.
d) Se nós ( ) e ( ) Mário, ( ) o livro a ele.
e) Se vós ( ) e ( ) Mário, ( ) o livro a ele.
f) Se eles ( ) e ( ) Mário, ( ) o livro a ele.

27 (UFMG) Qual o valor do futuro do pretérito na frase seguinte: "Quando chegamos ao colégio, em 1916, a cidade teria apenas cinqüenta mil habitantes."?
(Contos de aprendiz, p. 23.)
a) fato futuro, anterior a outro futuro
b) fato futuro, relacionado com o passado
c) suposição, relativamente a um momento do futuro
d) suposição, relativamente a um momento do passado
e) configuração de um fato já passado

28 (MAPOFEI-SP)

I. Empregar o verbo da subordinada de conformidade com as exigências da principal, nas frases que seguem:

a) Duvido que eles (vir) hoje; afirmo-te, porém, que eles (vir) amanhã.
b) Saí, conquanto eu (estar) doente.
c) Ela se alegrará quando (ver) as cores de novo.
d) Caso (estar) lá amanhã, e (poder) vê-lo, chama-o.

II. Pôr os verbos seguintes no presente do subjuntivo começando as frases com as palavras "É preciso que nós":

a) nascer
b) ver
c) divertir-se
d) cantar
e) querer
f) dormir
g) instruir-se
h) saber
i) crer
j)descer
l) envelhecer
m) morrer

29 (UM-SP) Que alternativa contém as palavras adequadas para o preenchimento das lacunas?

Ao lugar de onde eles ( ), ( ) diversas romarias.

a) provém, afluem
b) provêm, aflue
c) provêm, aflui
d) provêem, afluem
e) provêm, afluem

30 (AMAN-RJ) Há uma frase com incorreção de flexão verbal. Assinale-a.

a) É preciso que nos penteamos bem para a cerimônia.
b) Convém que vades ver vosso pai doente.
c) Ele freou o carro bem perto da criança que corria.
d) Desavieram-se os dois amigos, ante a vitória do Corinthians.
e) Todas as frases acima estão incorretas.

31 (ITA-SP) Assinale o caso em que o verbo es tiver empregado corretamente:

a) Se você não requiser a tempo, perderá a inscrição.
b) Circundemos todo o quarteirão e não o encontramos.
c) São soluções por que todos ansiam.
d) Ainda que me tivesse abstido de ir, de que adiantaria?
e) Atenhai-vos ao que vos for pedido.

32 (ITA-SP) Assinale o caso em que o verbo destacado estiver correto:

a) Eu me precavo deve ser substituído por eu me (precavejo).
b) Eu me (precavenho) contra os dias de chuva.
c) Eu (reavi) o que perdera há dois anos.
d) Problemas graves me reteram no escritório.
e) Nenhuma das frases é correta.

33 (ITA-SP) Assinale o caso em que o verbo estiver empregado corretamente:
a) Foram eles que não susteram o peso; faltou-lhes equilíbrio.
b) Quando o ver, avise-me, por obséquio.
c) Se voc6e não prover, quem proverá?
d) Quando advir o que previ, dar-me-ás razão.
e) Ainda que provejeis agora, será bastante tarde.

34 (FUVEST-SP) Escreva na folha de respostas as formas dos verbos indicados que preencham corretamente as lacunas:
a) Quando eu ( ) os livros, nunca mais os emprestarei. (reaver)
b) Os alienados sempre ( ) neutros. (manter-se)
c) As provas que ( ) mais erros seriam comentadas. (conter)
d) Quando ele ( ) uma canção de paz, poderá descansar. (compor)

35 (F. C. Chagas-SP) Se você vem para apoiá-lo, não ( ) por outra razão; já que ele ( ) no caso, os amigos não se ( ).
a) viemos, interveio, desaviram
b) vimos, interveio, desavieram
c) vimos, interviu, desavieram
d) viemos, interviu, desouveram
e) viemos, interveiu, desouveram

36 (F. C. Chagas-SP) Os sentimentos altruístas ( ) e ( ) a aperfeiçoar-se, à medida que o homem se ( ) tornando um ser social.
a) nasceram, continuarão, foi
b) nasceram, continuaram, for
c) nascem, continuam, vai
d) nascem, continuam, foi
e) nasceram, continuam, ia

37(F. C. Chagas) Se eu ( ) isso, se ( ) os meus direitos, não ( ) que me desafiem novamente.
a) quiser, requerer, consentirei
b) querer, requerer, consentirei
c) quizer, requerer, consentirei
d) quiser, requerer, consintirei
e) quiser, requiser, consentirei

38 (E. C. Chagas-SP) Ainda que ( ) e nossas opiniões ( ), não é justo que se ( ) daí termos agido de má-fé.
a) dissentimos, divirjam, infere
b) dissentimos, divergem, infere
c) dissintamos, divergem, infira
d) dissintamos, divirjam, infira
e) dissintamos, divirjam, infere

39 (E. C. Chagas-SP) Se ( ) o material necessário, anotaremos tudo o que vocês ( ) no dia em que nos ( ) novamente.
a) obtivermos, propuzerem, veremos

b) obtivéssemos, proporem, virmos
c) obtermos, propuserem, vermos
d) obtivermos, propuserem, virmos
e) obtermos, proporem, virmos

40 (E. C. Chagas-SP) ( ) tranquilo se esta pasta ( ) todos os documentos.
a) ficaria, continha
b) ficaria, contivesse
c) ficava, continha
d) ficaria, contesse
e) ficaria, conter

CAPÍTULO 9
ESTUDO DOS SUBSTANTIVOS

- nota da ledora: anúncio do dicionário visual do Jornal da Tarde, com o seguinte texto:
- Este treco serve pra você nunca mais esquecer o nome daquele coiso.
- fim da nota.

Conhecer bem os substantivos constitui tarefa crucial para quem deseja se expressar com precisão na norma culta. Caso contrário, corre-se o risco de apelar para substantivos" como "trecos" e "coisos".

1 CONCEITO

Substantivo é a palavra que nomeia os seres. O conceito de seres deve incluir os nomes de pessoas, de lugares, de instituições, de grupos, de indivíduos e de entes de natureza espiritual ou mitológica:

Mulher	sociedade	vegetação	alma
Maria	senado	paineira	anjo
Brasil	cidade	cavalo	sereia
Teresina	comunidade	cidadão	saci

Além disso devem incluir nomes de ações, estados, qualidades, sensações, sentimentos: acontecimento, honestidade, amor, correria, miséria, liberdade, encontro, integridade, cidadania, etc.

2 CLASSIFICAÇÃO

Quanto à sua formação, os substantivos são classificados em simples e compostos, primitivos ou derivados. Quanto ao seu significado e abrangência, em concretos e abstratos, comuns e próprios.

SUBSTANTIVOS SIMPLES E COMPOSTOS

Os substantivos simples apresentam um único radical em sua estrutura: chuva, livro, livreiro, guarda, flor, desenvolvimento

SUBSTANTIVOS PRIMITIVOS E DERIVADOS

Os substantivos que não provêm de qualquer outra palavra da língua são chamados de primitivos: árvore, folha, flor, carta, dente, pedra.

Os substantivos formados a partir de outras palavras da língua pelo processo de derivação são chamados de derivados: arvoredo, folhagem, florista, florada, carteiro, dentista, pedreiro, cartada.

SUBSTANTIVOS CONCRETOS E ABSTRATOS

Os substantivos que dão nome a seres de existência independente, reais ou imaginários, são chamados concretos. São exemplos de substantivos concretos:

armário
sereia
homem
cidade
abacateiro
vento
formiga
Deus
Brasil

Note que são considerados concretos os substantivos que nomeiam divindades ou seres fantásticos, pois, existentes ou não, são tomados sempre como seres dotados de vida própria.

Os substantivos que dão nome a estados, qualidades, sentimentos ou ações são chamados abstratos. São exemplos de substantivos abstratos:

tristeza
atenção
beijo
honestidade
amor
clareza
ética
conquista
maturidade
brancura
abraço
paixão

Em todos esses casos, nomeiam-se conceitos cuja existência depende sempre de um ser para manifestar-se: é necessário alguém ser ou estar triste para a tristeza manifestar-se; é necessário alguém beijar ou abraçar para que ocorra um beijo ou um abraço.

- nota da ledora: foto de mulher escovando os dentes (purificação) e foto de uma mulher (cartaz de teatro, da peça - o suplício) com instrumento de tortura medieval, cravado no olho.
- fim da nota.

Purificação e suplício são exemplos de substantivos abstratos: para que haja punição ou suplício, é necessário que alguém se purifique ou se suplicie.

SUBSTANTIVOS COMUNS E PRÓPRIOS

Os substantivos que designam todo e qualquer indivíduo de uma espécie de seres são chamados comuns. E o caso de substantivos como:

homem
mulher
rio
montanha
planeta
animal
professor
país
estrela

Aqueles que designam um indivíduo particular de uma determinada espécie são chamados próprios:

José
Ana
Araguaia
Coimbra
Marte
Simão
Angola
Gibraltar
Brasil

SUBSTANTIVOS COLETIVOS

Há um tipo de substantivo comum que nomeia conjuntos de seres de uma mesma espécie: é o chamado substantivo coletivo. Colocamos a seguir uma relação dos principais coletivos da língua portuguesa; lendo-a atentamente, você vai perceber que muitos deles são de uso bastante comum e facilitam a construção de frases mais concisas e precisas.

COLETIVOS QUE INDICAM GRUPOS DE PESSOAS

Coletivo
assembléia - pessoas reunidas
banca - examinadores
banda - músicos
bando - desordeiros ou malfeitores
batalhão - soldados
camarilha - bajuladores
cambada - desordeiros ou malfeitores
caravana - viajantes ou peregrinos
caterva - desordeiros ou malfeitores
choldra - assassinos ou malfeitores
chusma - pessoas em geral
claque - pessoas pagas para aplaudir
clero - religiosos
colônia - imigrantes
comitiva - acompanhantes
corja - ladrões ou malfeitores
coro - cantores
corpo - eleitores, alunos, jurados
elenco - atores de uma peça ou filme

COLETIVOS QUE INDICAM GRUPOS DE PESSOAS

falange - tropas, anjos, heróis
horda - bandidos, invasores
junta - médicos, examinadores, credores
júri - jurados
legião - soldados, anjos, demônios
leva - presos, recrutas
malta - malfeitores ou desordeiros
multidão - pessoas em geral
orquestra - músicos
pelotão - soldados
platéia - espectadores
plêiade - poetas ou artistas
plantel - atletas, bovinos ou eqüinos selecionados
prole - filhos
quadrilha - ladrões ou malfeitores
roda - pessoas em geral
ronda - policiais em patrulha
súcia - desordeiros ou malfeitores
tertúlia - amigos, intelectuais
tripulação - aeroviários ou marinheiros
tropa - soldados, pessoas
turma - estudantes, trabalhadores, pessoas em geral

COLETIVOS QUE INDICAM CONJUNTOS DE ANIMAIS OU VEGETAIS

alcatéia - lobos
buquê - flores
cacho - frutas
cáfila - camelos
cardume - peixes
colmeia ou colmeia - abelhas
colônia - bactéria, formiga, cupins
enxame - abelhas, vespas, marimbondos
fato - cabras
fauna - animais de uma região
feixe - lenha, capim
flora - vegetais de uma região
junta - bois
manada - animais de grande porte
matilha - cães de caça

COLETIVOS QUE INDICAM CONJUNTOS DE ANIMAIS OU VEGETAIS

molho - verduras
ninhada - filhotes de aves
nuvem - insetos (gafanhotos, mosquitos, etc.)
panapaná - borboletas
plantel - animais de raça
ramalhete - flores
rebanho - gado em geral
récua - animais de carga
réstia - alhos ou cebolas
revoada - pássaros
tropa - animais de carga
vara - porcos

COLETIVOS QUE INDICAM OUTROS TIPOS DE CONJUNTOS

acervo - obras artísticas
antologia - trechos literários selecionados
armada - navios de guerra
arquipélago - ilhas
arsenal - armas e munições
atlas - mapas
baixela - objetos de mesa
bateria - peças de guerra ou de cozinha, instrumentos de percussão
biblioteca - livros catalogados
cancioneiro - poemas, canções
cinemateca - filmes
constelação - estrelas
enxoval - roupas
esquadra - navios de guerra
esquadrilha - aviões
frota - navios, aviões ou veículos em geral (ônibus, táxis, caminhões etc.)
girândola - fogos de artifício
hemeroteca - jornais e revistas arquivados
molho - chaves

pinacoteca - quadros
trouxa - roupas
vocabulário - palavras

ATIVIDADES

1. Reescreva cada uma das frases abaixo, substituindo a palavra destacada por um substantivo abstrato e fazendo todas as transformações necessárias.
a) Era um sujeito tão (altivo) que nos indignava.
b) Seu olhar é tão (triste) que ficamos tentados a ajudá-lo.
c) Seu caráter era tão (rijo) que impressionava até mesmo seus adversários.
d) Todos sentem que seu coração é (nobre).
e) É um material tão (rígido) que suporta os maiores esforços.

2. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Todos conhecem seu comportamento (honesto).
b) É fundamental que todos sejam (participativos) e (fiscalizadores).
c) Sua prática (questionadora) desagradava aos mais conservadores.
d) O ambiente era tão (claro) que turvava a vista dos presentes.
e) Seus artigos sempre foram tão (claros) que qualquer um os podia entender.
f) Seu comportamento (inquieto) preocupava os mais conservadores.

3. Nas frases seguintes, substitua as expressões destacadas por substantivos coletivos.
a) O (grupo de jogadores) do clube não é dos melhores.
b) O (grupo de condôminos reunidos) decidiu cortar despesas.
c) Devemos proteger o (conjunto de animais) e o (conjunto de vegetais) desta região.
d) A empresa aérea prometeu renovar seu (conjunto de aeronaves).
e) Formou-se um grupo de (médicos experientes) para estudar o caso.
f) (O conjunto dos jurados) condenou-o por crime de corrupção.
g) Um (grupo de músicos) alegrou a festa.
h) Aonde quer que fosse, o ministro era acompanhado por um (grupo de bajuladores).
i) As palmas que se ouviam provinham de um (grupo de pessoas pagas para aplaudir).
j) Aonde quer que fosse, o ministro era acompanhado por um (grupo de acompanhantes e auxiliares).
l) O (grupo de atores) da peça é dos melhores.
m) Naquela fotografia, ele aparece rodeado de um numeroso (grupo de filhos e filhas).
n) A biblioteca teve seu (conjunto de obras literárias) ampliado recentemente. Também foi finalmente instalado um (arquivo de jornais e revistas).
o) Comprei uma (seleção de poemas e crônicas) de Carlos Drummond de Andrade.

4. Construa frases com os seguintes coletivos:
bando, cambada, caterva, choldra, chusma, corja, malta, multidão, quadrilha, súcia, turma. Quais desses coletivos têm valor pejorativo?

3 FLEXÕES

FLEXÕES DE GÊNERO

Os substantivos em português podem pertencer ao gênero masculino ou ao gênero feminino. São masculinos os substantivos a que se pode antepor o artigo o:

o homem o gato o dia
o menino o mar o pó

São femininos os substantivos a que se pode antepor o artigo a:
a mulher a gata a semana
a menina a terra a mesa

O uso das palavras masculino e feminino costuma provocar confusão entre a categoria gramatical de gênero e a característica biológica dos sexos. Para evitar essa confusão, observe que definimos gênero como um fato ligado à concordância das palavras em seu relacionamento lingüístico: pó, por exemplo, é um substantivo masculino pela concordância que estabelece com o artigo o, e não porque se possa pensar num possível comportamento sexual das partículas de poeira. Só faz sentido relacionar o gênero ao sexo quando se trata de palavras que designam pessoas e animais, como, por exemplo, os pares professor/professora ou gato/gata. Ainda assim, essa relação não é obrigatória, pois há palavras que, mesmo pertencendo exclusivamente a um único gênero, podem indicar seres do sexo masculino ou feminino. E o caso de criança, palavra do gênero feminino que pode designar seres dos dois sexos.

FORMAÇÃO DO FEMININO

SUBSTANTIVOS BIFORMES

Os substantivos que designam seres humanos ou animais podem apresentar uma forma para o masculino e outra para o feminino; são, por isso, considerados substantivos biformes.
Essas duas formas podem apresentar um mesmo radical ou radicais diferentes; no primeiro caso, a formação do feminino está ligada principalmente à terminação da forma masculina: A maior parte dos substantivos terminados em -o átono forma o feminino pela substituição desse -o por -a:
menino/menina
terminação -o átono
gato/gata
pombo/pomba

Destaquem-se os pares galo/galinha e maestro/maestrina,

- nota da ledora: tira de quadrinhos com uma galinha e um galo conversando: a galinha pergunta ao galo: nossa, Eulália, …é você? Responde o galo: chegando do Marrocos, Edna!, insiste a galinha: - e como foi a sua operação de troca de sexo? , o galo orgulhoso responde: - Ah! Foi um sucesso!! , de repente o galo diz ops!, olha pra trás espantado e verifica que acabou de colocar um ovo.
- fim da nota.

A excetricidade gramatical do par galo/galinha é a formação do feminino, diferente de gato/gata, por exemplo. Detalhe: há erro em "do Marrocos" O certo é "de Marrocos".

A maior parte dos substantivos terminados em consoante forma o feminino pelo acréscimo da desinência -a:
freguês/freguesa

camponês/camponesa
terminação em consoante
remador/remadora
professor/professora
deus/deusa
juiz/juíza

Destaquem-se os pares ator/atriz, czar/czarina e imperador/imperatriz; para embaixador, existem as formas embaixatriz (esposa do embaixador) e embaixadora (mulher que ocupa o cargo).

A maior parte dos substantivos terminados em -ao forma o feminino pela substituição de -ão por - ou -oa:
cidadão/cidadã
órfão/órfã
terminação -ão
anfitrião/anfitriã
leão/leoa
patrão/patroa
leitão/leitoa

Nos aumentativos, a substituição é por -ona:
sabichão/sabichona
valentão/valentona
Destaquem-se os pares sultão/sultana; cão/cadela; ladrão/ladra; perdigão/perdiz; barão/baronesa.

Alguns substantivos ligados a títulos de nobreza, ocupações ou dignidades formam femininos em -esa, -essa, -isa:
abade/abadessa
conde/condessa
visconde/viscondessa
cônsul/consulesa
duque/duquesa
barão/baronesa
poeta/poetisa
profeta/profetisa
sacerdote/sacerdotisa

Alguns substantivos terminados em -e formam o feminino Com a substituição desse -e por -a:
terminação -e
mestre/mestra
elefante/elefanta
infante/infanta
monge/monja
parente/parenta

Alguns substantivos apresentam formações irregulares para o feminino:
feminino irregular

avô/avó
silfo/sílfide
réu/ré
herói/heroína
rei/rainha
marajá/marani

Entre os substantivos biformes cujas formas masculinas e femininas apresentam radicais diferentes, merecem destaque os seguintes pares:
relativos a seres humanos:
radicais diferentes para as formas masculinas e femininas
cavaleiro/amazona
frei/sóror ou soror
padrasto/madrasta
cavalheiro/dama
genro/nora
padrinho/madrinha
compadre/comadre
homem/mulher
pai/mãe
frade/freira
marido/mulher

e relativos a animais:
boi, touro/vaca
carneiro/ovelha
zangão ou zângão/abelha
bode/cabra
cavalo/égua

SUNSTANTIVOS COMUNS-DE-DOIS OU COMUNS DE DOIS GÊNEROS
Há substantivos que apresentam uma única forma para os dois gêneros; são, por isso, chamados de uniformes. Nesses casos, a distinção entre a forma masculina e a feminina é feita pela concordância com um artigo ou outro determinante: o agente/a agente; aquele jornalista/aquela jornalista. Esses substantivos são tradicionalmente conhecidos como comuns-de-dois ou comuns de dois gêneros.
Eis alguns exemplos:
o/a agente
o/a dentista
o/a intérprete
o/a artista
o/a estudante
o/a jornalista
o/a camarada
o/a gerente
o/a mártir
o/a colega
o/a imigrante
o/a pianista
o/a cliente

o/a indígena
o/a suicida

SUBSTANTIVOS SOBRECOMUNS E EPICENOS

Há ainda substantivos que designam seres humanos, animais ou vegetais e que são sempre do mesmo gênero, quer se refiram a seres do sexo masculino, quer se refiram a seres do sexo feminino. Os substantivos de um único gênero que se referem a seres humanos são tradicionalmente conhecidos como sobrecomuns.

Eis alguns exemplos:
o cônjuge
a criança
a testemunha
a criatura
o indivíduo
a vítima

Os substantivos de um único gênero que designam animais e algumas plantas são tradicionalmente conhecidos como epicenos. Eis alguns exemplos:
a águia
a baleia
a borboleta
a cobra
o besouro
o crocodilo
o jacaré
a palmeira
o mamoeiro

O gênero dos substantivos sobrecomuns e epicenos é sempre o mesmo; o que pode variar é o sexo do ser a que se referem. Quando se quer especificar esse sexo, constroem-se expressões como "criança do sexo masculino"; "um mamoeiro macho", "um mamoeiro fêmea"; "um macho de jacaré", "uma fêmea de jacaré". As palavras macho e fêmea podem concordar em gênero com o substantivo a que se referem: "onça macho" ou "onça macha", "tigre fêmea" ou tigre fêmeo".

- nota da ledora: cartaz da campanha da LBV-Rio 92 (em referência a Eco-92 - campanha de preservação do meio ambiente), com a foto de um menino de rua, dormindo na calçada, e a seguinte legenda: Gente também é bicho. Preserve a criança brasileira.
- fim da nota.

No noticiário ou nas campanhas institucionais, criança é um dos exemplos mais freqüentes de substantivo sobrecomum.

SUBSTANTIVOS DE GÊNERO VACILANTE

Há muitos substantivos cujo emprego, mesmo na língua culta, apresenta oscilação de gênero. Em alguns casos, pode-se recomendar a adoção de um dos dois gêneros; em outros, consideram-se aceitáveis ambos os usos.

Apresentamos a seguir os principais casos:
gênero masculino:
o aneurisma
o apêndice
o champanha
o clã
o dó
o eclipse
o eczema
o guaraná
o magma
o matiz
o plasma
o tracoma

gênero feminino
a agravante
a aguardente
a alface
a couve
a couve-flor
a cal
a comichão
a derme
a dinamite
a entorse
a gênese
a omoplata

a bacanal a cataplasma a ênfase a sentinela

usados em ambos os gêneros
o/a aluvião o/a caudal o/a personagem o/a tapa
o/a amálgama o/a sabiá o/a suéter o/a usucapião

GÊNETO E MUDANÇA DE SIGNIFICADO

Há substantivos cuja mudança de gênero acarreta mudança de significado. Observe a seguir os principais casos:

o cabeça: chefe, líder
a cabeça: parte do corpo ou de um objeto, pessoa muito inteligente
o capital: conjunto de bens
a capital: cidade onde se localiza a sede do Poder Executivo
o crisma: óleo usado num dos sacramentos religiosos
a crisma: cerimônia religiosa
o cura: sacerdote
a cura: ato ou efeito de curar
o língua: intérprete
a língua: músculo do aparelho digestivo; idioma
o moral: ânimo, brio
a moral: conjunto de valores e regras de comportamento

Em alguns casos, o que ocorre não é flexão de gênero, e sim homonímia: trata-se de palavras iguais na forma, mas de origem, gênero e significado diferentes. As principais são:
o cisma: separação, dissidência
a cisma: preocupação, suspeita
o grama unidade de massa
a grama relva, planta rasteira
o lente: professor
a lente: instrumento óptico

ATIVIDADES

1. complete as frases de acordo com o modelo proposto.
A polícia buscava um (homem) e acabou encontrando (uma mulher).

a) Queria um compadre e acabou encontrando ( )
b) Queriam contratar um cavaleiro e acabaram contratando ( )
c) Não gostava do genro, mas adorava ( )
d) Não só não caçou marajás, como acabou criando ( )
e) Esperavam absolver o réu e acabaram condenando ( ).
f) Aguardava carta de um parente e acabou recebendo a de ( ).
g) Não aceitaram o novo cônsul; faziam questão de que fosse ( )
h) Não encontrou o anfitrião; agradeceu, então, ( )
1) Meu filho será um cidadão consciente; minha filha será ( )
j) Os músicos não aceitaram o novo maestro: queriam o retorno ( )

l) Aguardávamos a chegada do novo embaixador quando fomos surpreendidos pela notícia de que era ( )
m) Cada rapaz da turma é um valentão; cada moça, ( )
n) Cada rapaz da turma é um cavalheiro; cada moça, ( )

2. Complete as frases abaixo de acordo com o modelo proposto.
Ele não consegue distinguir um (gato) de uma (gata).
a) Ele não consegue distinguir um boi de ( ).
b) Ele não sabe distinguir um carneiro de ( ).
c) Ele não pode distinguir um bode de ( ).
d) Ele não é capaz de distinguir um cão de ( ) .
e) Ele não tem capacidade para distinguir um elefante de ( ) .
f) Ele é incapaz de distinguir um leitão de ( ).
g) Ele não distingue um pavão de ( ).
h) Ele não saberia distinguir um perdigão de ( )

3. Complete as lacunas das frases abaixo de forma a estabelecer a concordância de gênero.
a) Senti muit( ) dó quando vi ( ) couves e ( ) alfaces que o granizo destruíra.
b) Abriu ( ) champanha que comprara na véspera. Depois, proferiu um discurso em que cada palavra era dita com muit( ) ênfase. Todos os membros d( ) clã o aplaudiram.
c) Sua saúde era muito problemática: superad( ) ( ) eczema, surgiu-lhe ( ) tracoma. Depois, sofreu ( ) entorse, quebrou ( ) omoplata, extraiu ( ) apêndice. Morreu quando lhe estourou ( ) aneurisma.
d) Foi condenado com ( ) agravante: vendeu aguardente falsificad( ) anos a fio.
e) O pênalti foi marcado e a bola, colocada na marca d( ) cal.
f) () guaraná vendid( ) nas farmácias é considerad( ) um estimulante.

4. Estabeleça a concordância de gênero nas frases abaixo.
a) ( ) cabeça da rebelião foi decapitad( ). ( ) cabeça foi expost( ) em praça pública.
b) Tod( ) ( ) capital da empresa está aplicad( ) em bancos d( ) capital do país.
c) ( ) cura confessou-se incapaz de proporcionar remédios para ( ) cura dos pacientes.
d) ( ) moral dos jogadores era pequen( ).
e) Quem sabe consigamos construir ( ) moral mais voltad( ) para a eliminação das desigualdades sociais?
f) Quant( ) gramas de ouro teriam sido espaIhados pel( ) grama?

FLEXÃO DE NÚMERO

Os substantivos flexionam-se também em número: podem assumir a forma do singular (referem-se a um único ser ou a um único conjunto de seres) ou do plural (referem-se a mais de um ser ou conjunto de seres).

FORMAÇÃO DO PLURAL

SUBSTANTIVOS SIMPLES

Acrescenta-se a desinência -s aos substantivos terminados em vogal, ditongo oral ou ditongo nasal -ãe:

terminação em vogal, ditongo oral ou ditongo nasal -ãe

casa/casas	pero/perus	pai/pais

dente/dentes
herói/heróis
sofá/sofás
cipó/cipós
lei/leis saci/sacis
maçã/maçãs
ipê/ipês
mãe/mães

Destaquem-se as formas avôs (o avô materno e o paterno) e avós (casal formado por vô e avó, ou plural de avó; também indica os antepassados de um modo geral).

A maioria dos substantivos terminados em -ão forma o plural substituindo essa terminação por -ões (incluem-se nesse grupo os aumentativos):
terminação -ão
balão/balões
botão/botões
coração/corações
eleição/eleições
leão/leões
opinião/opiniões
figurão/figurões
sabichão/sabichões
vozeirão/vozeirões

Os paroxítonos terminados em -ão e alguns poucos oxítonos e monossílabos formam o plural pelo simples acréscimo de -s:
sótão/sótãos
bênção/bênçãos
órfão/órfãos
órgão/órgãos
cidadão/cidadãos
cristão/cristãos
irmão/irmãos
mão/mãos
chão/chãos
grão/grãos
vão/vãos

Alguns substantivos terminados em -ão formam o plural substituindo essa terminação por -ães:
alemão/alemães
cão/cães
capelão/capelães
capitão/capitães
charlatão/charlatães
escrivão/escrivães
pão/pães
sacristão/sacristães
tabelião/tabeliães

Em alguns casos, há mais do que uma forma aceitável para esses plurais; a tendência da língua portuguesa atual do Brasil é utilizar a forma de plural em -ões:
ancião anciões, anciães, anciãos
guardião - guardiões, guardiães
ermitão - ermitões, ermitães, ermitãos
verão - verões, verãos
anão - anões, anãos
vilão - vilões, vilãos
Acrescenta-se a desinência -s aos substantivos terminados em -m. Essa letra é substituída por -n- na forma do plural:
homem/homens
jardim/jardins

Os substantivos terminados em -r e -z formam o plural com o acréscimo de -es:
mar/mares
açúcar/açúcares
hambúrguer/hambúrgueres
terminação -m
som/sons
atum/atuns
terminações -r e -z
raiz/raízes
rapaz/rapazes
cruz/cruzes

Destaquem-se os plurais de caráter, júnior e sênior: caracteres, juniores e seniores, formas em que ocorre também deslocamento da sílaba tônica.

Os substantivos terminados em -s formam o plural com acréscimo de -es; quando paroxítonos ou proparoxítonos, são invariáveis - o que faz com que a indicação de número passe a depender de um artigo ou outro determinante:
gás/gases
obus/obuses
um lápis/dois lápis
mês/meses
o atlas/os atlas
algum ônibus/vários ônibus
país/países
o pires/os pires
o vírus/os vírus

Os substantivos terminados em -al,-el, -ol e -ul formam o plural pela transformação do -l dessas terminações em -is:
terminações -ai, -ei, ol, -ul
canal/canais
álcool/álcoois
papel/papéis
paul/pauis
anzol/anzóis

Destaquem-se os plurais de mal, real (quando nome de moeda) e cônsul, respectivamente males, réis e cônsules. Para gol, já houve quem propusesse goles ou ois, mas a forma consagrada pelo uso é gols, estranha aos mecanismos da língua portuguesa.

Os substantivos oxítonos terminados em -il trocam o -I pelo -s; os paroxítonos trocam essa terminação por -eis:
barril/barris
ardil/ardis
funil/funis
fuzil/fuzis
fóssil/fósseis
projétil/projéteis
réptil/répteis

Além das formas paroxítonas apresentadas acima, existem as formas oxítonas projetil e reptil, que fazem os plurais projetis e reptis, oxítonos.

Os substantivos terminados em -n formam o plural pelo acréscimo de -s ou -es:
abdômen/abdomens ou abdômenes
gérmen/germens ou gérmenes
hífen/hífens ou hífenes
líquen/liquens ou líquenes

No português do Brasil, há acentuada tendência para o uso das formas obtidas pelo acréscimo de -s. Observe que, quando paroxítonas, essas formas de plural não recebem acento gráfico.

Destaque-se cânon, cujo plural é a forma cânones.

Os substantivos terminados em -x são invariáveis; a indicação de número depende da concordância com algum determinante:
o tórax/os tórax
um clímax/alguns clímax

Existem alguns substantivos terminados em -x que apresentam formas variantes terminadas em -ce; nesses casos, deve-se utilizar a forma plural da variante:
o cálix ou cálice/ os cálices
o códex ou códice/ os códices

Nos diminutivos formados pelo acréscimo do sufixo -zinho (mais raramente -zito), a formação do plural deve ser feita tanto na terminação do substantivo primitivo (com posterior supressão do -s) como na do sufixo:
balãozinho/balõezinhos
colarzinho/colarezinhos
anzolzinho/anzoizinhos
papelzinho/papeizinhos
pãozinho/pãezinhos
florzinha/florezinhas

No caso de diminutivos formados a partir de substantivos terminados em -r, há acentuada tendência na língua atual do Brasil para limitar-se o plural à terminação da forma derivada: colarzinho/colarzinhos; florzinha/florzinhas; mulherzinha/mulherzinhas. Essa forma de plural é repudiada pela norma culta.

- nota da ledora: quadro de destaque na página:

Metafonia
Há muitos substantivos cuja formação do plural não se manifesta apenas por meio de modificações morfológicas, mas também implica alteração fonológica.
Nesses casos, ocorre um fenômeno chamado metafonia, ou seja, a mudança de som entre uma forma e outra. Trata-se da alternância do timbre da vogal, que é fechado na forma do singular e aberto na forma do plural. Observe os pares abaixo:

singular (ô)	plural (ó)
aposto	apostos
caroço	caroços
corno	cornos
corpo	corpos
corvo	corvos
esforço	esforços
fogo	fogos
imposto	impostos
miolo	miolos
osso	ossos

poço	poços
porto	portos
povo	povos
socorro	socorros
forno	fornos
jogo	jogos
olho	olhos
ovo	ovos
porco	porcos
posto	postos
reforço	reforços
tijolo	tijolos

É importante que você atente na pronúncia culta desses plurais quando estiver utilizando a língua falada em situações formais. - fim do quadro de destaque.

SUBSTANTIVOS COMPOSTOS

A formação do plural dos substantivos compostos depende da forma como são grafados, do tipo de palavras que formam o composto e da relação que estabelecem entre si.
Aqueles que são grafados ligadamente (sem hífen)
Comportam-se como os substantivos simples:

aguardente/aguardentes
malmequer/malmequeres
girassol/girassóis
pontapé/pontapés

O plural dos substantivos compostos cujos elementos são ligados por hífen costuma provocar muitas dúvidas e discussões. Algumas orientações são dadas a seguir.

Nos compostos em que o primeiro elemento é um verbo ou uma palavra invariável (normalmente um advérbio) e o segundo elemento é um substantivo ou um adjetivo, coloca-se apenas o segundo elemento no plural:
beija-flor/beija-flores alto-falante/alto-falantes
bate-boca/bate-bocas grão-duque/grão-duques
sempre-viva/sempre-vivas

Assemelham-se a esses substantivos aqueles formados pelo acréscimo de um prefixo ligado por hífen:
vice-presidente/vice-presidentes
abaixo-assinado/abaixo-assinados
auto-elogio/auto-elogios
recém-nascido/recém-nascidos
ex-namorado/ex-namorados

- nota da ledora: tira de desenho, na página: o frade encontra uma mulher e o marido de braços dados, com a criança do lado, e diz ; - Sextas-feiras é pecado comer carne. A criança grita: Carne??? O que é isso ?, e a mulher diz ao frade: - agora conta!

- fim da nota.

Sextas-feiras (1o. quadro) pluraliza os dois elementos que a compõem, pois ambos são variáveis.

Nos compostos em que os dois elementos são variáveis, ambos vão para o plural:
dois elementos variáveis
guarda-civil/guardas-civis
bóia-fria/bóias-frias
cota-parte/cotas-partes
sexta-feira/sextas-feiras
mão-boba/mãos-bobas
peso-mosca/pesos-moscas

Nos casos em que o segundo elemento dá idéia de finalidade ou semelhança ou limita o primeiro, manda a tradição que só se pluralize o primeiro. Note que isso se restringe aos substantivos compostos formados por dois substantivos:
pombo-correio/pombos-correio
salário-família/salários-família
banana-maçã/bananas-maçã
escola-modelo/escolas-modelo
café-concerto/cafés-concerto
navio-escola/navios-escola
A tendência na língua portuguesa atual do Brasil é a pluralização dos dois elementos mesmo nesse caso. É o que se nota quando se consulta o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, em que alguns dos substantivos acima surgem com duas formas abonadas para o plural (salários-família e salários-famílias, por exemplo).

Nos compostos em que os elementos formadores são unidos por preposição, apenas o primeiro elemento vai para o plural:
palma-de-santa-rita/palmas-de-santa-rita
pé-de-moleque/pés-de-moleque
mula-sem-cabeça/mulas-sem-cabeça
pão-de-ló/pães-de-ló

Nos Compostos formados por palavras repetidas ou onomatopaicas, apenas o segundo elemento varia:
reco-reco/reco-recos
tico-tico/tico-ticos
tique-taque/tique-taques
pingue-pongue/pingue-pongues

Merecem destaque os seguintes substantivos compostos:
o bota-fora/os bota-fora
o topa-tudo/os topa-tudo
o pára-quedas/os pára-quedas
o salva-vidas/os salva-vidas
o diz-que-diz/os diz-que-diz
o bem-te-vi/ os bem-te-vis
o faz-de-conta/os faz-de-conta

o arco-íris/os arco-íris
o louva-a-deus/os louva-a-deus
o pisa-mansinho/os pisa-mansinho
e também
o bem-me-quer/os bem-me-queres

ATIVIDADES

1. Complete as frases de acordo com o modelo proposto.
Não posso comprar sequer um (funil). Como quer que eu compre vários (funis)?
a) Não posso formar sequer um único jardim. Como quer que eu forme vários ( ) ?
b) Nunca soltei um único balão. Como quer que eu solte vários ( ) ?
c) Não conheço um único figurão. Como quer que eu lhe apresente vários ( ) ?
d) Infelizmente, não consegui encontrar um único cidadão de verdade nesta classe. Como quer que eu lhe aponte vários ( ) ?
e) Não conheço um único capitão do exército. Como quer que eu lhe apresente vários ( ) ?
f) Não posso comprar sequer um hambúrguer. Como quer que eu compre vários ( )?

2. Complete as frases de acordo com o modelo proposto.
Não quebrou só um pires: quebrou todos os pires.
a) Não roubaram só um barril: roubaram todos os ( ) .
b) Não deixaram só um leão fugir: deixaram todos os ( ) .
c) Não fraudaram só uma eleição: fraudaram todas as ( ) .
d) Não ludibriou só um cidadão: ludibriou todos os ( )
e) Não comeu apenas um pão: comeu todos os ( ) .
f) Não é amigo de um escrivão e de um tabelião apenas: é amigo de todos os ( )
g) Não corrompeu apenas um caráter: corrompeu todos os ( ).
h) Não promoveu tão-somente um júnior para o time principal: promoveu todos os ( ) .
i) Não depredaram apenas um ônibus: depredaram todos os ( ) .
j) Não lançaram só um projétil: lançaram todos os ( ) .
l) Não lançaram somente um projetil: lançaram todos os ( )
m) Não se esqueceu apenas de um hífen: esqueceu-se de todos os ( )
n) Não devorou um pastelzinho apenas: devorou todos os ( ) .

3. Leia atentamente em voz alta as frases abaixo.
a) Comeu as uvas e jogou os caroços no lixo.
b) Não aceitaremos um novo aumento de impostos. É bom que o governo abra os olhos e realize esforços mais sérios para controlar suas contas.
c) Não se instalam chiqueiros de porcos nas proximidades de poços.
d) Compramos fogos de artifício para a festa de abertura dos jogos estudantis.
e) Acredito na convivência harmoniosa dos diferentes povos.
f) Um médico que passava por ali prestou os primeiros socorros às vítimas do acidente.

4. Complete as frases de acordo com o modelo. Em várias frases, você terá mais de uma opção correta.
Costumava viajar todas as ( ) (quinta-feira)
Costumava viajar todas as quintas-feiras.
a) Tinha direito a vários ( ) (salário-família)

b) Nunca tinha visto tantos ( ) ao mesmo tempo. (beija-flor)
c) Sua intervenção pôs fim a todos os ( ) . (bate-boca)
d) Anunciaram seu nome por intermédio dos ( ) .(alto-falante)
e) Todos os ( ) concordam com esta reivindicação. (abaixo-assinado)
f) Venho aqui todas as ( ) (segunda-feira)
g) Vários ( ) transformaram-se em presidentes da República no Brasil. (vice-presidente)
h) Os ( ) partiram para Pequim. (recém-casado)
i) Ocorreu mais um acidente com caminhões que transportavam ( ) Isso é jeito de se transportar gente! (bóia-fria)
j) Passou mal após ter comido várias ( ) e várias ( ) (banana-maçã/manga-rosa).
l) Combinaram várias ( ) (palavra-chave)
m) Tiveram de comprar vários ( ) para mobiliar a casa. (guarda-roupa)
n) Ele já perdeu três ( ) este ano. (guarda-chuva)
o) Seu canteiro de ( ) está primoroso! (couve-flor)
p) É o autor de várias ( ) (obra-prima)
q)Vários ( ) construíram seus ninhos nos postes de iluminação. (joão-de-barro)
r) Fotografaram várias ( ) em sua viagem pela Amazônia. (vitória-régia)
s) Vários ( ) japoneses foram interceptados pelos ativistas do Greenpeace. (navio-fábrica)
t) Os ( ) da empresa haviam sido roubados. (livro-caixa)
u) Não se deviam construir esses ( ) em cidades tão pequenas! (arranha-céu)
v) Vários ( ) do banco foram acusados de corrupção. (ex-diretor)
x) Teve de instalar vários ( ) para proteger as instalações da fábrica. (pára-raios)
z) Assisto a todos os ( ) de que tenho noticia. (bumba-meu-boi)

FLEXÃO DE GRAU

Os substantivos podem ser modificados a fim de exprimir intensificação, exagero, atenuação, diminuição ou mesmo deformação de seu significado. Essas modificações, que constituem as variações de grau do substantivo, são tradicionalmente consideradas um mecanismo de flexão. Você perceberá, no entanto, que não se trata de mecanismos de flexão - obrigatórios para a manutenção da concordância nas frases -, mas sim de processos de derivação e de caracterização sintática.

FORMAÇÃO DE GRAU

Os graus aumentativo e diminutivo dos substantivos podem ser formados por dois processos:
a) o sintético - consiste no acréscimo de sufixos aumentativos ou diminutivos à forma normal do substantivo. É, na verdade, um típico caso de derivação sufixal:
rato - ratão (aumentativo sintético)
rato - ratinho (diminutivo sintético)

b) o analítico - a forma normal do substantivo é modificada por adjetivos que indicam aumento ou diminuição de proporções. E um caso típico de determinação sintática:
rato - rato grande (aumentativo analítico)
rato pequeno (diminutivo analítico)

- nota da ledora: propaganda da caderneta de poupança banespa, com a foto de três porquinhos, e o seguinte texto: procuram-se cofrinhos. Entregar na…caderneta de poupança banespa.
- fim da nota.

Neste caso, o diminutivo não indica apenas tamanho. É evidente também seu valor afetivo.

No uso efetivo da língua, as formas sintéticas de indicação de grau são normalmente empregadas para conferir valores afetivos aos seres nomeados pelos substantivos. Observe formas como amigão, partidão, bandidaço, mulheraço; livrinho, ladrãozinho, rapazola, futebolzinho - em todas elas, o que interessa é transmitir dados como carinho, admiração, ironia ou desprezo, e não noções ligadas ao tamanho físico dos seres nomeados.

ATIVIDADES

1. Procure indicar o sentido de cada uma das palavras destacadas nas frases abaixo.
a) É um (sujeitinho).
b) É um (mulherão)!
c) É um (timaço)!
d) É um (timeco)!
e) Não passa de um (beberrão).
f) Vou passar uns (diazinhos) na praia.
g) Que (gentalha)!
h) Por que você se envolve com essa (gentinha)?
i) O (Carlito) chegou ontem à noite.
j) Ele pegou um (peixão)! Quatro quilos!
l) A namorada dele é um (peixão)!

2. Que palavras você pode usar para descrever as dimensões avantajadas ou diminutas de:
a) uma boca?
b) um corpo?
c) um nariz?
d) uma casa?
e) um pé?
f) uma mão?
g) um cão?
h) um gato?
i) um homem?
j) uma mulher?
l) um animal?

TEXTO PARA ANÁLISE

- nota da ledora: propaganda da Petrobrás com o seguinte texto:
o petróleo está em tudo.

Escovas de dentes, maquiagem, roupas, calçados, artigos esportivos, discos, fitas de áudio e vídeo, brinquedos, eletrodomésticos, remédios, fertilizantes, tintas, pneus, adesivos, impermeabilizantes, equipamentos cirúrgicos, tecidos sintéticos, óleo combustível, gasolina, gás de cozinha, lubrificantes.
Praticamente tudo o que você utiliza no seu dia-a-dia tem petróleo em sua composição. A lista é quase infinita.
Mas estamos trabalhando duro para ampliá-la ainda mais. Porque descobrir, transportar, refinar e comercializar petróleo é a nossa missão para tomar a sua vida cada vez mais confortável. PETROBRAS
- fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO
1. Aponte no texto substantivos derivados por sufixação.
2. Aponte um substantivo formado por abreviação vocabular.
3. Aponte no texto substantivos compostos.
4. Predominam no texto substantivos abstratos ou concretos? É possível relacionar sua resposta com o assunto de que fala o texto?
5. Que efeito se consegue com a longa enumeração de substantivos utilizada no texto? Comente.

Sexa

- Pai...
- Hmmm?
- Como é o feminino de sexo?
- O quê?
- O feminino de sexo.
- Não tem.
- Sexo não tem feminino?
- Não.
- Só tem sexo masculino?
- É. Quer dizer, não. Existem dois sexos. Masculino e feminino.
- E como é o feminino de sexo?
- Não tem feminino. Sexo é sempre masculino.
- Mas tu mesmo disse que tem sexo masculino e feminino.
- O sexo pode ser masculino ou feminino. A palavra "sexo" é masculina. O sexo masculino, o sexo feminino.
- Não devia ser "a sexa"?
- Não.
- Por que não?
- Porque não! Desculpe. Porque não. "Sexo" é sempre masculino.
- O sexo da mulher é masculino?
- É. Não! O sexo da mulher é feminino.
- E como é o feminino?
- Sexo mesmo. Igual ao do homem.
- O sexo da mulher é igual ao do homem?
- É. Quer dizer... Olha aqui. Tem sexo masculino e sexo feminino, certo?
- Certo.
- São duas coisas diferentes.
- Então como é o feminino de sexo?

- É igual ao masculino.
- Mas não são diferentes?
- Não. Ou, são! Mas a palavra é a mesma. Muda o sexo, mas não muda a palavra.
- Mas então não muda o sexo. É sempre masculino.
- A palavra é masculina.
- Não. "A palavra" é feminino. Se fosse masculina seria "o pal..."
- Chega! Vai brincar, vai.

O garoto sai e a mãe entra. O pai comenta:

- Temos que ficar de olho nesse guri...
- Porquê?
- Ele só pensa em gramática.

(VERISSIMO, Luiz Fernando. A mãe do Freud. São Paulo, Círculo do Livro, 1985. p. 83-84.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Aponte a origem da confusão apresentada pelo texto.
2. Aponte a passagem do texto em que se pode perceber a relação entre gênero gramatical e concordância nominal.
3. É possível explicar a forma "sexa" pelas regras de formação do feminino que aprendemos? De acordo com essas regras, como deveria ser completada a frase interrompida "Se fosse masculina seria 'o pal...'"?
4. O diálogo nos permite perceber como o pai procura tratar o filho? Comente essa relação, exemplificando com passagens do texto.
5. Aponte passagens em que se evidencia o uso familiar e descuidado da linguagem. Esse nível de linguagem é adequado ao texto? Comente.
6. O final do texto é irônico? Comente.

A linha e o linho

É a sua vida que eu quero bordar na minha
Como se eu fosse o pano e você fosse a linha
E a agulha do real nas mãos da fantasia
Fosse bordando ponto a ponto nosso dia-a-dia
E fosse aparecendo aos poucos nosso amor
Os nossos sentimentos loucos, nosso amor
O ziguezague do tormento, as cores da alegria
A curva generosa da compreensão
Formando a pétala da rosa da paixão
A sua vida, o meu caminho, nosso amor
Você a linha e eu o linho, nosso amor
Nossa colcha de cama, nossa toalha de mesa
Reproduzidos no bordado
A casa, a estrada, a correnteza
O sol, a ave, a árvore, o ninho da beleza.
(GIL, Gilberto. Extra .CD Warner Music Brasil, (1983.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Observe os dois substantivos presentes no titulo da canção e responda: estamos diante de um caso de flexão de gênero? Explique.
2. A que classe gramatical pertence a palavra (real) (3o. verso) ? Explique.
3. Retire do texto exemplos de substantivos primitivos.
4. Retire do texto exemplos de substantivos compostos.
5. (Fantasia) é, no texto, um substantivo abstrato ou concreto?
6. Releia atentamente os dois últimos versos do texto e responda: que recurso foi utilizado pelo compositor? Comente.
7. Você pensa em "bordar" sua vida na vida de alguém?

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1 (F. Santo André -SP) Dentre as frases abaixo, escolha aquela em que há, de fato, flexão de grau para o substantivo.
a) O advogado deu-me seu cartão.
b) Deparei-me com um portão, imenso e suntuoso.
c) Moravam num casebre, à beira do rio.
d) A abelha, ao picar a vítima, perde seu ferrão.
e) A professora distribuiu as cartilhas a todos os alunos.

2 (PUCSP) Indique a alternativa correta no que se refere ao plural dos substantivos compostos casa-grande, flor-de-cuba, arco-íris e beija-flor.
a) casa-grandes, flor-de-cubas, os arco-íris, beijas-flor
b) casas-grandes, flores-de-cuba, arcos-íris, beijas-flores
c) casas-grande, as flor-de-cubas, arcos-íris, os beija-flor
d) casas-grande, flores-de-cuba, arcos-íris, beijas-flores
e) casas-grandes, flores-de-cuba, os arco-íris, beija-flores

3 (CEFET-PR) Assinale a alternativa em que há gênero aparente na relação masculino/feminino dos pares.
a) boi - vaca
b) homem - mulher
c) cobra macho - cobra fêmea
d) o capital - a capital
e) o cônjuge (homem) - o cônjuge (mulher)

4 (CEFET-PR) Assinale a alternativa em que a palavra tem o gênero indicado incorretamente.
a) a tapa
b) grama
c) o hélice
d) o crisma
e) o ágape

5 (CEFET-PR) Das opções a seguir, assinale a que apresenta um substantivo que só tem uma forma no plural.
a) guardião
b) espião
c) peão

d) vulcão
e) cirurgião

6 (UNIMEP-SP) O plural de fogãozinho e cidadão é:
a) fogãozinhos e cidadãos.
b) fogãosinhos e cidadãos.
c) fogõezinhos e cidadãos.
d) fogõezinhos e cidadões.
e) fogõesinhos e cidadões.

7 (UEL-PR) Viam-se ( ) junto aos ( ) do jardim.
a) papelsinhos, meios-fio
b) papeizinhos, meios-fios
c) papeisinhos, meio-fios
d) papelzinhos, meio-fios
e) papeizinhos, meio-fios

8 (PUCSP) Assinale a alternativa incorreta.
a) (Borboleta) é substantivo epiceno.
b) (Rival) é comum de dois gêneros.
c) Omoplata é substantivo masculino.
d) Vítima é substantivo sobrecomum.
e) n.d.a.

9 (FMU-FIAM-SP) Indique a alternativa em que só aparecem substantivos abstratos.
a) tempo, angústia, saudade, ausência, esperança, imagem
b) angústia, sorriso, luz, ausência, esperança, inimizade
c) inimigo, luto, luz, esperança, espaço, tempo
d) angústia, saudade, ausência, esperança, inimizade
e) espaço, olhos, luz, lábios, ausência, esperança, angústia

10 (UM-SP) Numere a segunda coluna de acordo com o significado das expressões da primeira coluna e assinale a alternativa que contém os algarismos na seqüência correta.
(1) o óleo santo
(2) a relva
(3) um sacramento
(4) a ética
(5) a unidade de massa
(6) o ânimo

( ) amoral
( ) a crisma
( ) o moral
( ) o crisma
( ) a grama
( ) o grama

a) 6,1,4,3,5,2
b) 6, 3,4,1,2,5
c) 4, 1,6,3,5,2
d) 4,3,6, 1,2,5
e) 6,1,4,3,2,5

11 (UM-SP) Indique o período que não contém um substantivo no grau diminutivo.
a) Todas as moléculas foram conservadas com as propriedades particulares, independentemente da atuação do cientista.
b) O ar senhoril daquele homúnculo transformou-o no centro de atenções na tumultuada assembléia.

c) Através da vitrina da loja, a pequena observava curiosamente os objetos decorados expostos à venda, por preço bem baratinho.
d) De momento a momento, surgiam curiosas sombras e vultos apressados na silenciosa viela.
e) Enquanto distraía as crianças, a professora tocava flautim, improvisando cantigas alegres e suaves.

12 (UM-SP) Assinale a alternativa em que a flexão do substantivo composto está errada.
a) os pés-de-chumbo
b) os corre-corre
c) as públicas-formas
d) os cavalos-vapor
e) os vaivéns

13 (ITA-SP) Dadas as palavras;
1. esforços
2. portos
3. impostos
verificamos que o timbre da vogal tônica é aberto:
a) apenas na palavra 1.
b) apenas na palavra 2.
c) apenas na palavra 3.
d) apenas nas palavras 1 e 3.
e) em todas as palavras.

14 (UFJF-MG) Assinale a alternativa em que aparecem substantivos simples, respectivamente, concreto e abstrato.
a) água, vinho
b) Pedro, Jesus
c) Pilatos, verdade
d) Jesus, abaixo-assinado
e) Nova lorque, Deus

15 (ITA-SP) Dadas as sentenças:
1. Ele não chegou a falar com a Presidenta.
2. Ele sofreu um entorse grave.
3. A tracoma é uma doença contagiosa. deduzimos que:
a) apenas a sentença 1 está correta.
b) apenas a sentença 2 está correta.
c) apenas a sentença 3 está correta.
d) todas estão corretas.
e) n.d.a.

16 (UFE-RJ) Assinale a única frase em que há erro no que diz respeito ao gênero das palavras.
a) O gerente deverá depor como testemunha única do crime.
b) A personagem principal do conto é o Seu Rodrigues.
c) Ele foi apontado como a cabeça do motim.
d) O telefonema deixou a anfitriã perplexa.
e) A parte superior da traquéia é o laringe.

17 (UM-SP) Assinale a alternativa em que há um substantivo cuja mudança de gênero não altera o significado.
a) cabeça, cisma, capital
b) águia, rádio, crisma
c) cura, grama, cisma
d) lama, coral, moral
e) agente, praça, lama

18 (UFF-RJ) Numa das frases seguintes, há uma flexão de plural totalmente errada. Assinale-a.
a) Os escrivães serão beneficiados por essa lei.
b) O número mais importante é o dos anõezinhos.
c) Faltam os hífens nesta relação de palavras.
d) Fulano e Beltrano são dois grandes carateres.
e) Os reptis são animais ovíparos.

19 (UM-SP) Relacione as duas colunas, de acordo com a classificação dos substantivos, e assinale a alternativa correta.

(1) padre	( ) próprio
(2) seminário	( ) coletivo
(3) Dias	( ) derivado
(4) ano	( ) comum

a) 3, 4, 2, 1,
b) 1,2,4,3
c) 1, 3,4,2
d) 3,2,1,4
e) 2, 4,3,1

20 (UFU-MG) Dentre os plurais de nomes compostos aqui relacionados, há um que está errado. Qual?
a) escolas-modelo
b) quebra-nozes
c) chefes-de-sessões
d) guardas-noturnos
e) redatores-chefes

21 (UM-SP) Numa das opções, uma das palavras apresenta erro de flexão. Indique-a.
a) mãos-de-obra, obras-primas
b) guardas-civis, afro-brasileiros
c) salvos-condutos, papéis-moeda
d) portas-bandeira, mapas-múndi
e) salários-família, vice-diretores

22 (UNIMEP-SP) Classificam-se como substantivos as palavras destacadas, exceto em:
a) "... o (idiota) com quem os moleques mexem...".
b) "... visava a me acostumar à morna (tirania)...
c) "(Adeus), volto para meus caminhos...".
d) "... conheço até alguns (automóveis)...".
e) "... todas essas (coisas) se apagarão em lembranças...".

23 (ACAFE-SC) A alternativa em que o plural dos nomes compostos está empregado corretamente é:
a) pé-de-moleques, beija-flores, obras-pri -mas, navios-escolas.
b) pés-de-moleques, beija-flores, obras-primas, navios-escolas.
c) pés-de-moleque, beija-flores, obras-primas, navios-escola.
d) pé-de-moleques, beija-flores, obras-primas, navios-escola.
e) pés-de-moleques, beija-flores, obras-prima, navios-escolas.

24 (UFV-MG) Assinale a alternativa em que há erro na flexão de número.
a) as águas-marinhas, as públicas-formas, os acórdãos
b) abajures, caracteres, os ônus
c) auto-serviços, alto-falantes, lilases
d) capitães-mor, sabiás-pirangas, autos-de-fé
e) guardas-florestais, malmequeres, AveMarias

CAPÍTULO 10
ESTUDOS DOS ARTIGOS

- nota da ledora: tira de quadrinhos, ocupando a página inteira, com Hagar, o terrível. Conversa entre Hagar e o marinheiro:
Hagar: - eu preciso de um «braço direito forte»
marinheiro : que tal eu?
Hagar: você? Você é um homem de decisão? Você é um homem que pode dizer rapidamente sim, ou não?
Marinheiro olha, com atenção pra Hagar.
Hagar olha pensativo pra o marinheiro e…
marinheiro diz para Hagar: Poderia repetir a pergunta?
- fim da nota.

A opção pelo artigo indefinido ou definido depende, em geral, do contexto maior em que se insere a frase. No último quadrinho da história, o leitor já conhece "a pergunta", pois ela foi formulada no terceiro quadrinho.

1 CONCEITO
Artigo é a palavra que acompanha o substantivo, servindo basicamente para generalizar ou particularizar o sentido desse substantivo. É o que se nota no contraste entre:
(um) cidadão/(o) cidadão
(um) portão/(o) portão
(um) animal/(o) animal
(uma) flor/(a) flor

Em muitos casos, o artigo é essencial na especificação do gênero e do número do substantivo:
O jornalista recusou o convite do representante dos artistas.
A jornalista recusou o convite da representante das artistas.
A empresa colocou em circulação o ônibus de três eixos.

A empresa colocou em circulação os ônibus de três eixos.
Quando antepostos a palavras de qualquer classe gramatical, os artigos as transformam em substantivos. Nesses casos, ocorre a chamada derivação imprópria, que já estudamos:
É um falar que não tem fim.
O assalariado vive um sofrer interminável.
O aqui e o agora nem sempre se conjugam favoravelmente.

2. CLASSIFICAÇÃO

Em função da sua capacidade de generalizar ou particularizar o sentido do substantivo com que se relaciona, o artigo é classificado em definido e indefinido.

O artigo indefinido indica seres quaisquer dentro de uma mesma espécie; seu sentido é genérico. Assume as formas um, uma; uns, umas:

Gosto muito de animais: queria ter um cachorro, uma gata, uns tucanos e umas araras.

O artigo definido indica seres determinados dentro de uma espécie; seu sentido é particularizante. Assume as formas o, a; os, as:

Meu vizinho gosta muito de animais: você precisa ver o cachorro, a gata, os tucanos e as araras que ele tem em casa.

3. COMBINAÇÕES DOS ARTIGOS

É muito freqüente a combinação dos artigos definidos e indefinidos com preposições. O quadro seguinte apresenta a forma assumida por essas combinações.

Preposição: a, de, em por (per)

Artigo: o, os, a, as, um, uns, uma, umas
combinações: ao, aos, à, às, do, dos, da, das, dum, duns, duma, dumas, no, nos,
na, nas, num, nuns, numa, numas, pelo, pelos, pela, pelas.

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES:
1. As formas à e às indicam a fusão da preposição a com o artigo definido. Essa fusão e vogais idênticas é conhecida por crase. O uso do acento grave que indica a ocorrência da crase será estudado na parte do nosso livro, dedicado à sintaxe.
2. As formas pelo(s) / pela(s) resultam da combinação dos artigos definidos com a forma per, equivalente a por.
- fim do quadro de destaque.

ATIVIDADES

1. Os artigos são responsáveis por diversos detalhes de significação nas diferentes situações comunicativas em que são empregados. Leia atentamente as frases seguintes e comente o valor dos artigos destacados.
a) Estou levando produtos d(a) região.

b) O menino estava tão encabulado que não sabia o que fazer com as mãos. Em poucos instantes, pôs-se a chorar e a chamar pel(a) mãe.
c) A carne esta custando três reais (o) quilo.
d) Aquele era (o) momento de minha vida.
e) Aquilo sim é que é (um) homem.
f) Deve ter passado (uma) meia hora desde que ele saiu.
g) Ela tem (um) talento!

2. Explique as diferenças de significado entre as frases de cada par.
a) Todo dia ele faz isso.
Todo o dia ele faz isso.
b) Pedro não veio.
O Pedro não veio.
c) Essa caneta é minha.
Essa caneta é a minha.
d) O dirigente sindical apresentou reivindicações dos trabalhadores na reunião.
O dirigente sindical apresentou as reivindicações dos trabalhadores na reunião.
e) Chico Buarque, grande compositor brasileiro, é também escritor.
Chico Buarque, o grande compositor brasileiro, é também escritor.

3. Uma emissora de TV anunciava as transmissões dos jogos do campeonato alemão de futebol com a seguinte frase: "Na (nome da emissora), o futebol tricampeão do mundo." Há alguma inverdade nessa frase? Comente.

TEXTOS PARA ANÁLISE

- nota da ledora: publicidade de futebol com fotografia de um sutiã e duas bolas de futebol como se fossem seios; com o seguinte texto: Uma programação para quem é tarado por futebol. Se você é do tipo que fica todo assanhado quando o assunto é futebol, então não pode perder a programação da TVA.
- fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO

Comente o uso do artigo definido e do artigo indefinido nas expressões "uma programação" e "a programação".

O grande amor
Haja o que houver
Há sempre um homem para uma mulher
E há de sempre haver
Para esquecer um falso amor
E uma vontade de morrer
Seja como for
Há de vencer o grande amor
Que há de ser no coração
Como um perdão para quem chorou.
(Antônio Carlos Jobim & Vinicius de Moraes.)

TRABALHANDO O TEXTO
1. No segundo verso da canção, os substantivos homem e mulher são usados em sentido genérico ou específico? Comente.
2. Coração, no penúltimo verso, é usado em sentido genérico ou específico? Comente.
3. Comente o efeito produzido pelo contraste entre os artigos em "um falso amor" e "o grande amor".
4. Há, na sua opinião, "o grande amor" de que fala a canção?

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES
1 (FUVEST-SP)
"Ele é o homem,
eu sou apenas
uma mulher."
Nesses versos, reforça-se a oposição entre os termos homem e mulher.
a) Identifique os recursos lingüísticos utilizados para provocar esse reforço.
b) Explique por que esses recursos causam tal efeito.

2 (EFM-SP) A palavra homem aparece duas vezes na frase que segue, com significados diferentes. Explique essa diferença.
Suponho que nunca ter visto um homem e não sabia, portanto, o que era o homem." (Machado de Assis)

3 (FATEC-SP) Indique o erro quanto ao emprego do artigo.
a) Em certos momentos, as pessoas as mais corajosas se acovardam.
b) Em certos momentos, as pessoas mais corajosas se acovardam.
c) Em certos momentos, pessoas as mais corajosas se acovardam.
d) Em certos momentos, as mais corajosas pessoas se acovardam.

4 (UM-SP) Assinale a alternativa em que há erro.
a) Li a notícia no Estado de S. Paulo.
b) Li a notícia em O Estado de S. Paulo.
c) Essa notícia, eu a vi em A Gazeta.
d) Vi essa notícia em A Gazeta.
e) Foi em O Estado de S. Paulo que li a noticia.

5) (UM-SP) Em qual das alternativas o artigo definido feminino corresponderia a tos os substantivos?
a) sósia, doente, lança-perfume
b) dó, telefonema, diabete
c) clã, eclipse, pijama
d) cal, elipse, dinamite
e) champanha, criança, estudante

CAPÍTULO 11
ESTUDO DOS ADJ ETIVOS

No mundo das palavras, usamos o adjetivo para qualificar o substantivo, como na expressão "economia brasileira". já no universo do cartum, o mesmo conjunto substantivo + adjetivo designa duas personagens radicalmente distintas. Magia da arte ou da política?

- nota da ledora: charge parecida com a de Getúlio Vargas "pintor", descrita em capítulos anterior.
- fim da nota.

1 CONCEITO

Adjetivo é a palavra que caracteriza o substantivo, atribuindo-lhe qualidades (ou defeitos) e modos de ser, ou indicando-lhe o aspecto ou o estado:
sindicato fictício, eficiente, deficitário, representativo
Observe que é necessário apresentar a relação que se estabelece entre o substantivo e o adjetivo para poder conceituar este último. Na realidade, substantivos e adjetivos apresentam muitas características semelhantes e, em muitas situações, a distinção entre ambos só é possível a partir de elementos fornecidos pelo contexto:
O jovem brasileiro tomou-se participativo.
O brasileiro jovem enfrenta dificuldades para ingressar no mercado de trabalho.
Na primeira frase, jovem é substantivo, e brasileiro é adjetivo. Na segunda, invertem-se esses papéis: brasileiro é substantivo, e jovem passa a ser adjetivo.
Ser adjetivo ou ser substantivo não decorre, portanto, de características morfológicas da palavra, mas de sua atuação efetiva numa frase da língua.
Há conjuntos de palavras que têm o valor de um adjetivo: são as locuções adjetivas. Essas locuções são normalmente formadas por uma preposição e um substantivo ou por uma preposição e um advérbio; para muitas delas, existem adjetivos equivalentes:
conselho (de pai) (=paterno)
inflamação (da boca) (= bucal)
atitude (sem qualquer cabimento)
alma (em frangalhos)
jornal (de ontem)
gente (de longe)

2 CLASSIFICAÇÃO

Quanto à sua estrutura e formação, os adjetivos têm classificação idêntica à dos substantivos: são primitivos ou derivados, simples ou compostos.
Os adjetivos primitivos não são formados por derivação de nenhuma outra palavra: deles é que se formam outras palavras. São exemplos: azul branco brando claro curto grande livre triste verde

Adjetivos derivados são aqueles formados por derivação de outras palavras:
cheiroso invisível infeliz esverdeado desconfortável azulado entristecido
Os adjetivos simples apresentam um único radical em sua estrutura. E o caso de todos os exemplos apontados no item anterior. Os compostos apresentam pelo menos dois radicais em sua estrutura: ítalo-brasileiro luso-africano socioeconômico político-institucional sul-rio-grandense

ADJETIVOS PÁTRIOS

Os adjetivos referentes a países, estados, regiões, cidades ou localidades são conhecidos como adjetivos pátrios. Conhecê-los é importante para evitar erros e construir frases mais concisas. Por isso, leia com atenção as relações de adjetivos pátrios colocadas a seguir. Para facilitar seu estudo, dividimos esses adjetivos em quatro blocos: os que se referem ao Brasil, os que se referem a Portugal e outros países de língua portuguesa, os que se referem à América e os que se referem aos demais países e continentes. Nos dois primeiros blocos, procuramos fornecer os adjetivos pátrios referentes aos estados, às principais regiões, às capitais de estado e principais cidades, além das formas que costumam provocar dúvidas. Nos dois últimos blocos, fornecemos apenas as formas que costumam provocar dúvidas.

ADJETIVOS PÁTRIOS REFERENTES AO BRASIL

Estado ou cidade
Acre acreano
Alagoas alagoano
Amapá - amapaense
Amazonas - amazonense ou baré
Anápolis (GO) - anapolino
Angra dos Reis (RJ) - angrense
Aracaju - aracajuano ou aracajuense
Bahia - baiano
Belém (PA) - belenense
Belo Horizonte - belo-horizontino
Boa Vista - boa-vistense
Brasil - brasileiro
Brasília - brasiliense
Cabo Frio (RJ) - cabo-friense
Campo Grande - campo-grandense
Ceará - cearense
Cuiabá - cuiabano
Curitiba - curitibano
Duas Barras (RJ) - bibarrense
Espírito Santo - espírito-santense ou capixaba
Florianópolis - florianopolitano
Fortaleza - fortalezense
Goiânia - goianiense
Goiás - goiano
João Pessoa - pessoense
Juiz de Fora (MG) - Juiz-forano, ou juiz-forense
Macapá - macapense
Maceió - maceioense
Manaus - manauense ou manauara
Marajó (ilha) - marajoara
Maranhão - maranhense
Mato Grosso - mato-grossense
Mato Grosso do Sul - mato-grossense-do-sul
Minas Gerais - mineiro
Natal - natalense ou papa-jerimum
Niterói - niteroiense

Novo Hamburgo (RS) - hamburguense
Palmas (TO) - palmense
Pará - paraense ou paroara
Paraíba - paraibano
Paraná - paranaense
Pernambuco - pernambucano
Petrópolis (RJ) - petropolitano
Piauí - piauiense
Poços de Caldas (MG) - caldense
Porto Alegre - porto-alegrense
Porto Velho - porto-velhense
Recife - recifense
Rio Branco - rio-branquense
Rio de Janeiro (cidade) - carioca
Rio de Janeiro (estado) - fluminense
Rio Grande do Norte - rio-grandense-do-norte, norte-rio-grandense ou potiguar
Rio Grande do Sul - rio-grandense-do-sul, sul-rio-grandense ou gaúcho
São Luís - são-luisense ou ludovicense
São Paulo (cidade) - paulistano
São Paulo (estado) - paulista
Rondônia - rondoniense ou rondoniano
Sergipe - sergipano
Roraima - roraimense
Teresina - teresinense
Salvador (BA) - salvadorense ou soteropolitano
Tocantins - tocantinense
Três Corações (MG) - tricordiano
Santa Catarina - catarinense, catarineta ou barriga-verde
Três Rios (RJ) - trirriense
Vitória (ES) - vitoriense
Santarém (PA) - santareno

ADJETIVOS PATRIOS REFERENTES A PORTUGAL, PAÍSES E TERRITÓRIOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Açores - açoriano
Alentejo - alentejano
Algarve - algarvio ou algarviense
Angola - angolano ou angolense
Aveiro - aveirense
Beira - beirão ou beirense
Beja - bejense
Braga - bracarense, brácaro ou braguês
Bragança - bragantino, bragançano, brangançäo, brigantino ou bragancês
Cabo Verde - cabo-verdiano ou cabo-verdense
Castelo Branco - albicastrense
Coimbra - coimbrão, conimbricense, conimbrigense ou colimbriense
Dio - dioense
Douro - duriense
Entre Douro e Minho - interamnense
Estremadura - estremenho

Évora - eborense
Faro - farense
Funchal - funchalense
Guimarães - vimaranense
Guiné-Bissau - guineense
Leiria - leiriense
Lisboa - lisboeta, lisbonense,lisboês, lisbonino, lisbonês, olissiponense ou ulissiponense (há também a forma jocosa "alfacinha")
Luanda - luandense
Macau - macaense ou macaísta
Madeira - madeirense
Minho - minhoto
Moçambique - moçambicano
Portalegre - portalegrense
Setúbal - setubalense
Porto - portuense
Timor - timorense
Ribatejo - ribatejano
Trás-os-Montes - trasmontanos ou transmontanos
Santarém - santareno, escalabitano
Viana do Castelo - vianense ou vianês
São Tomé e Príncipe - são-tomense ou são-tomeense
Vila Real - vila-realense
Viseu - visiense

ADJETIVOS PÁTRIOS REFERENTES AS AMÉRICAS

País ou cidade, e adjetivos pátrios
Alasca - alasquense ou alasquiano
Assunção - assuncionenho
Bogotá - bogotano
Boston - bostoniano
Buenos Aires - buenairense, bonaerense ou portenho
Caracas - caraquenho
Caribe - caribenho
Chicago - chicaguense
Costa Rica - costa-riquenho ou costa-riquense
El Salvador - salvadorenho
Equador - equatoriano
Estados Unidos - estadunidense, norte-americano ou ianque
Guatemala - guatemalteco
Guiana - guianense
Honduras - hondurenho
La Paz - pacenho
Lima - limenho
Manágua - managüenho ou managüense
Montevidéu - montevideano
Nicarágua - nicaragüense ou nicaraguano
Nova lorque - nova-orquino
Panamá - panamenho
Patagônia - patagão

Porto Rico - porto-riquenho
Quito - quitenho
Suriname - surinamês
Tegucigalpa - tegucigalpenho
Terra do Fogo - fueguino
Trinidad e Tobago - trinitário

OUTROS ADJETIVOS PÁTRIOS

Pais, cidade ou região e adjetivo pátrio
Ateganistão - afegão ou afegane
Andaluzia - andaluz
Argélia - argelino ou argelano
Armênia - armênio
Azerbaijão - azerbaijano
Bagdá - bagdali
Bangladesh - bengali
Barcelona - barcelonês ou barcelonense
Baviera - bávaro
Belém (Jordânia) - belemita
Bélgica - belga
Bielo-Rússia ou bielo-russo
Belarus
Bilbau - bilbaíno
Bizâncio - bizantino
Bulgária - búlgaro
Cairo - cairota
Camarões - camaronês
Canárias - canarino
Cartago - cartaginês ou púnico
Catalunha - catalão
Ceilão - cingalês
Chipre - cipriota
Congo - congolês
Córsega - corso
Costa do Marfim - marfinense
Croácia - croata
Curdistão - curdo
Damasco - damasceno
Egito - egípcio
Estônia - estoniano
Etiópia - etíope
Florença - florentino
Galiza - galego
Geórgia - georgiano
lêmen - iemenita
Índia - indiano ou hindu
Israel - israelense ou israelita
Japão - japonês ou nipônico
Java - javanês ou jau
Jerusalém - hierosolimita ou hierosolimitano

Letônia - leto ou letão
Lituânia - lituano
Madagáscar - malgaxe
Madri - madrilenho ou madrilense
Málaga - malaguenho
Malásia - malaio
Malta - maltês
Manchúria - manchu
Mântua - mantuano
Meca - mecano
Moldávia - moldávio
Mônaco - monegasco
Mongólia - mongol ou mongólico
Nápoles - napolitano ou partenopeu
Nazaré - nazareno samarinês
Nova Zelândia - neozelandês
Pais de Gales - galês
Parma - parmesão ou parmense
Pequim - pequinês
San Marino - samarinês
Sardenha - sardo
Somália - somali
Tadjiquistão - tadjique
Tirol - tirolês
Trento - tridentino
Túnis - tunisino
Ucrânia - ucraniano
Varsóvia - varsoviano
Zâmbia - zâmbio

Em muitas situações, é necessário utilizar adjetivos próprios compostos, como euro-asiático, anglo-americano, italo-francês. Nesses casos, o primeiro dos elementos do composto assume uma forma reduzida, de origem normalmente erudita. Note que nem todos os adjetivos pátrios possuem formas reduzidas: as principais se encontram no quadro a seguir.

FORMAS REDUZIDAS DE ADJETIVOS PÁTRIOS

País, região ou continente, e Adjetivo pátrio
África - afro-
Alemanha - germano- ou teuto-
América - américo-
Ásia - ásio-
Austrália - australo-
Áustria - austro-
Bélgica - belgo-
China - sino-
Dinamarca - dano-
Espanha - hispano-
Europa - euro-
Finlândia - fino-

França - franco-
Galiza - galaico- ou galego-
Grécia - greco-
Índia - indo-
Inglaterra - anglo-
Itália - ítalo-
Japão - nipo-
Portugal - luso-

ATIVIDADES
1. Explique a diferença entre os adjetivos pátrios destacados.
a) Ele é fluminense, mas não é carioca.
b) Nem todo paulista é paulistano.
c) Eu pensava que ele fosse belenense. Na verdade, ele é belemita.
d) Não confunda as coisas: ela é portuense e não portenha.
e) Todo brasileiro é brasiliense?

2. Substitua os adjetivos pátrios destacados por formas equivalentes.
a) Ela é norte-rio-grandense; o marido, sul-rio-grandense.
b) Meu filho é catarinense; minha filha, espírito-santense.
c) Há anos não vejo meu amigo salvadorense.
d) A seleção húngara encantou o mundo na Copa de 1954.
e) Elogia-se muito a vida noturna buenairense.
f) Procura-se imitar o estilo de vida estadunidense.
g) A tecnologia japonesa invadiu o mundo.

3. Complete as frases abaixo com os adjetivos pátrios correspondentes às expressões entre parênteses.
a) As praias ( ) são inesquecíveis. (de Florianópolis)
b) O entardecer ( ) muitas vezes realça a solidão do poder. (de Brasília)
c) O carnaval ( ) atrai muitos turistas. (de Salvador)
d) O clima ( ) é muito apreciado. (de Petrópolis)
e) A pobreza ( ) parece não ter solução; o mesmo ocorre com a miséria ( ) (do Piauí/do Maranhão)
f) Um velho amigo ( ) mostrou-me a beleza arquitetônica da cidade. (de São Luis)
g) Trouxe algumas peças de cerâmica ( ) como lembrança de minhas aventuras ( ) . (de Marajó/do Pará)
h) Para ele, não basta dizer que é ( ) : é necessário acrescentar que é ( ) (de Goiás/de Goiânia)
i) (Como andam as economias ( ) e ( ) ? (de Tocantins /de Rondônia)
j) Qual a população ( ) ? E a ( ) ? (do Acre/de Rio Branco)

4. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Tenho um amigo ( ) e outro ( ) Preciso fazer amigos ( ) e ( ) (de Angola / de Moçambique/da Guiné-Bissau/de Cabo Verde)
b) Em sua viagem a Portugal, você conheceu o litoral ( ) ? E as praias ( ) ? (da Estremadura/do Algarve)
c) Fui conhecer as belezas ( ) e as maravilhas ( ) (de Braga / do Entre Douro e Minho)
d) já provaste o azeite ( ) ? (da Beira)

e) As tradições ( ) são comparáveis às ( ) e às ( ) (do Porto/de Coimbra/de Lisboa)
f) Seu amigo português é ( ) ? Eu o supunha ( ) (de Castelo Branco/de Viseu)

5. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Seu sonho ( ) converteu-se num pesadelo ( ). Ele embarcou no avião errado! (de Nova lorque/de Assunção)
b) A população ( ) é pequena. (da Terra do Fogo)
c) Parece ter chegado ao fim a guerra civil ( ) (de El Salvador)
d) O time ( ) surpreendeu os times ( ) e ( ) na Copa de 1990. (da Costa Rica / da Escócia/da Suécia)
e) Nosso basquete derrotou novamente o time ( ) , mas perdeu do time ( ) (de Porto Rico/dos Estados Unidos)
f) Vou dar um passeio pela América Central: quero conhecer as realidades ( ) , ( ) e ( ) (da Nicarágua / da Guatemala / do Panamá)
g) A infra-estrutura urbana ( ) é tão precária quanto a ( ) Aliás, o mesmo se pode dizer da ( ) e da de muitas capitais de estado ( ) (de La Paz/de Lima/de Quito/do Brasil)

6. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Napoleão era ( ) (da Córsega)
b) Foi à Itália estudar dialetos ( ) ; acabou especializando-se em arte ( ) (da Sardenha /de Florença)
c) As guerras ( ) ocupam boa parte dos livros de história antiga. (de Cartago)
d) Eu sabia que ele era ( ). Desconhecia se era ( ) ou ( ) (da Espanha/da Galiza/da Andaluzia)
e) Ele é ( ) ? É ( ) ? (de Israel/de Jerusalém)
f) Ele é ( ) ? É ( ) ? (da Síria/de Damasco)
g) As decisões do Conselho ( ) espalharam terror pela Europa. (de Trento)
h) Uma das princesas ( ) costuma envolver-se em escândalos. (de Mônaco)
i) Ele é ( ) , ( ) ou ( ) ? (da Letônia/da Lituânia /da Estônia)

7. Que adjetivos pátrios compostos você empregaria para designar:
a) um acordo entre Alemanha e Itália?
b) um tratado entre China e Vietnã?
c) uma iniciativa conjunta entre a Finlândia e a Lituânia?
d) uma literatura comum à Galiza e Portugal?
e) uma exposição reunindo artistas da África e da América?
f) um império que abrangesse Áustria e Hungria?
g) uma cultura comum a gregos e romanos?
h) uma empresa formada por investidores da Bélgica e do Brasil?
i) um instituto de pesquisa financiado pelos governos da Inglaterra e da França?

8. Depois de conhecer melhor os adjetivos pátrios, você pode tentar explicar alguns nomes freqüentes em nosso dia-a-dia. Por que será, por exemplo, que:
a) um certo tipo de queijo se chama parmesão?
b) um time de futebol se chama Fluminense?
c) um certo tipo de cão se chama pequinês?
d) certo tipo de canção se chama malaguenha?
e) certo tipo de lingüiça se chama calabresa?

3 CORRESPONDÊNCIA ENTRE ADJETIVOS E LOCUÇÕES ADJETIVAS

Há muitos adjetivos que mantêm certa correspondência de significado com locuções adjetivas, e vice-versa. E o caso dos exemplos já citados paterno/de pai e bucal/da boca. A correspondência de significado nesses casos não significa que a substituição da locução pelo adjetivo correspondente seja sempre possível.

Tampouco a substituição contrária é sempre admissível. Colar de marfim, por exemplo, é uma expressão cotidiana: seria pouco recomendável passar a dizer colar ebúrneo ou ebóreo, pois esses adjetivos têm uso restrito à linguagem literária.

Contrato leonino é uma expressão usada na linguagem jurídica: é muito pouco provável que os advogados passem a dizer contrato de leão. Em outros casos, a substituição é perfeitamente possível, transformando a equivalência entre adjetivos e locuções adjetivas em mais uma ferramenta para o aprimoramento dos textos, pois oferece possibilidades de variação vocabular. É o que ocorre na seqüência de frases a seguir:

A população das cidades tem aumentado demasiadamente no Brasil. Isso tem conduzido ao caos urbano.

- nota da ledora: anúncio de consumo, com as letras dos Estados Unidos, USE, escritas nas cores da bandeira americana, vermelho, azul e branco, com a legenda: sociedade de consumo.
- fim da nota.

De consumo é uma locução corresponde ao adjetivo consumista.

Fornecemos a seguir uma relação de locuções adjetivas e adjetivos correspondentes. Muitos desses adjetivos são de origem erudita, tendo uso restrito à linguagem técnica ou literária. Baseando-se em sua experiência lingüística, procure detectar os casos em que o adjetivo e a locução podem ser substituídos um pelo outro sem grandes alterações de sentido.

LOCUÇÕES ADJETIVAS E ADJETIVOS CORRESPONDENTES

de abdômen	abdominal
de abelha	apícola
de águia	aquilino
de aluno	discente
de asno	asinino
da audição	ótico, auditivo
de bispo	episcopal
de boca	bucal ou oral
de ano	anual
de boi	bovino
de cabelo	capilar
de lebre	leporino
de cabra	caprino
de leitelácteo	láctico
do campo	rural, campesino, bucólico
de lobo	lupino
de lua	lunar, selênico
de cão	canino
de macaco	simiesco

de cavalo	eqüino, eqüídeo
de mãe	maternal, materno
de chumbo	plúmbeo
de manhã	matinal
de chuva	pluvial
de marfim	ebúrneo, eboreo
de cidade	citadino, urbano
de mármore	marmóreo
de cinza	cinéreo
de mestre	magistral
de cobra	ofídico
de monge	monacal
de coração	cardíaco, cordial
de morte	mortal, letal
de crânio	craniano
de nádegas	glúteo
de criança	pueril, infantil
de nariz	nasal
de diamante	diamantino, adamantino
de neve	níveo, nival
de noite	noturno
de estômago	estomacal, gástrico
de nuca	occipital
de estrela	estelar
de olho	ocular
de face	facial
de orelha	auricular
de fera	ferino
de osso	ósseo
de fígado	figadal, hepático
de ouro	áureo
de filho	filial
de ovelha	ovino
de fogo	ígneo
de pai	paternal, paterno
de frente	frontal
de paixão	passional
de garganta	gutural
de pedra	pétreo
de gato	felino
de pele	epidérmico, cutâneo
degelo	glacial
de pescoço	cervical
de gesso	gípseo
de porco	suíno, porcino
de guerra	bélico
de prata	argênteo
de homem	viril, humano
de professor	docente
de idade	etário

de proteína	protéico
de ilha	insular
de pulmão	pulmonar
de intestino	celíaco, entérico, intestinal
dos quadris	ciático
de rim	renal
de inverno	hibernal
de rio	fluvial
de irmão	fraternal, fraterno
de rocha	rupestre
de lado	lateral
de selva	silvestre
de lago	lacustre
de sonho	onírico
de leão	leonino
de sintaxe	sintático
de tarde	vesperal, vespertino
da terra	terreno, terrestre, telúrico
de vento	eólico, eólio
de verão	estival
de víbora	viperino
de tórax	torácico
de vidro	vítreo
de touro	taurino
de virgem	virginal
de umbigo	umbilical
de visão	óptico ou ótico
de veias	venoso
da voz	vocal
de velho	senil

ATIVIDADES

1. Explique o sentido dos adjetivos destacados.

a) São rios de regime (nival) e (pluvial).

b) Há quem acredite que ter um comportamento viril eqüivale a deixar de agir como ser (humano).

c) Nosso vizinho tem um grave problema (cardíaco). É uma pena, pois ele é uma pessoa muito (cordial).

d) O corpo (discente) da escola resolveu apoiar as reivindicações do corpo (docente).

e) Trouxeram-nos um quilo de mel (silvestre).

f) Estão querendo dinamitar a gruta em que há inscrições (rupestres)!

g) Seu inimigo (figadal) vive sofrendo de males hepáticos.

h) Infelizmente, a criança nasceu com lábios (leporinos).

i) Percebeu que estava tornando-se (senil) quando as dores (renais), (cervicais) e (ciáticas) não o abandonaram mais.

j) Não toque nisso! É um veneno letal! 1) Foi condenado pelo crime passional que cometeu há dois anos.

m) Fale alto: ele tem um sério problema (ótico).

n) Não adianta gesticular diante dele: ele tem um sério problema (ótico).

2. Releia as frases m e n no exercício anterior e proponha formas de substituir os termos destacados por outros que evitem ambigüidades.

3. Complete as frases seguintes com os adjetivos correspondentes às locuções entre parênteses.
a) Todos admiram seu andar ( ) Eu tenho medo de sua língua ( ) . (de gata/de cobra)
b) Saiu para sua caminhada ( ) e acabou voltando somente na hora da refeição ( ) - (da manhã/da tarde)
c) Houve um significativo crescimento nos rebanhos ( ) , ( ) , ( ) e ( ) (de bois/de ovelhas/de cabras/de porcos)
d) Seus problemas ( ) e ( ) requerem os cuidados de um especialista. (de estômago/de intestino)
e) Passou por uma cirurgia ( ) (da boca)
f) A população ( ) apresenta distribuição ( ) equilibrada. (das ilhas/de idade)
g) Após o acidente, foi levado ao hospital com fortes dores ( ) e suspeita de traumatismo ( ) (do tórax/do crânio)
h) A navegação ( ) é muito praticada no Norte do país. (dos rios)
i) É um alimento de elevado teor ( ) Pena que seja inacessível à população mais pobre! (de proteínas)
j) Cobravam de mim um comportamento ( ) , como se me houvessem tratado com atenções ( ) ou ( ) (de filho/de mãe/de pai)

4 FLEXÕES

Os adjetivos se flexionam em gênero e número e apresentam variações de grau bem mais complexas que as dos substantivos.

O adjetivo concorda em gênero com o substantivo a que se refere:
um comportamento estranho
uma atitude estranha
um jornalista ativo
uma jornalista ativa
Os adjetivos também são classificados em biformes e uniformes.

Adjetivos biformes

Possuem uma forma para o gênero masculino e outra para o gênero feminino. A formação do feminino desses adjetivos costuma variar de acordo com a terminação da forma masculina, de modo semelhante ao que acontece com os substantivos.

Os adjetivos terminados em -o trocam essa terminação por -a:
ativo/ativa
branco/branca
honesto/honesta
Em alguns casos, além da mudança na terminação, há alteração no timbre da vogal tônica, que de fechado passa a aberto:
brioso/briosa
formoso/formosa
grosso/grossa

Os adjetivos terminados em -ês, -or, -e, -u geralmente recebem a terminação -a:
português/portuguesa
sedutor/sedutora
cru/crua

Destaquem-se hindu, cortês, pedrês, incolor, multicor, bicolor, tricolor e as formas comparativas maior, melhor, menor, pior, superior, inferior, anterior, posterior, que são invariáveis. Destaque-se também o par mau/má.

Os adjetivos terminados em -ão trocam essa terminação por -a, -ona e, mais raramente, por -oa:
são/sã
chorão/chorona
beirão/beiroa
catalão/catalã
comilão/comilona

Os adjetivos terminados em -eu trocam essa terminação por -éia; os terminados em -éu, por -oa:
plebeu/plebéia
ateu/atéia
tabaréu/tabaroa
ilhéu/ilhoa
Destaquem-se judeu/judia e sandeu/sandia.

Nos adjetivos compostos formados por dois adjetivos, apenas o último elemento sofre flexão; aqueles em que o segundo elemento é um substantivo são
invariáveis:
cidadão luso-brasileiro
cidadã luso-brasileira
casaco verde-escuro
saia verde-escura
clínica médico-dentária
consultório médico-dentário
tecido amarelo-ouro
roupa amarelo-ouro
papel verde-mar
tinta verde-mar
Destaque-se surdo-mudo, em que variam os dois elementos:
rapaz surdo-mudo
moça surda-muda

Adjetivos uniformes
São os adjetivos que possuem uma única forma para o masculino e o feminino:
pássaro frágil
ave frágil
ator ruim
atriz ruim
empresa agrícola

planejamento agrícola
vida exemplar
comportamento exemplar

- nota da ledora: quadrinho da famosa Radical Chic, de Miguel Paiva, em retrospectiva 96, apresentando-a sentada e pensativa, se auto-definindo, com o seguinte texto: arrogante, prepotente, agressiva, impaciente, exigente, insensível, possessiva, teimosa, tarada, chata, e louca.
- fim da nota.

O quadrinho ao lado nos oferece uma rica lista de adjetivos uniformes: arrogante, prepotente, impaciente, exigente, insensível.

São uniformes os adjetivos compostos em que o segundo elemento é um substantivo:
casaco amarelo-limão
carro verde-garrafa
camisa amarelo-limão
bicicleta verde-garrafa
Também são uniformes os compostos azul-marinho e azul-celeste.

FLEXÃO DE NÚMERO

O adjetivo concorda em número com o substantivo a que se refere:
governante capaz - governantes capazes
salário digno - salários dignos

A formação do plural dos adjetivos simples segue as mesmas regras da formação do plural dos substantivos simples. Já o plural dos adjetivos compostos segue os mesmos procedimentos da variação de gênero desses adjetivos.
Nos adjetivos compostos formados por dois adjetivos, apenas o segundo elemento vai para o plural:
tratado luso-brasileiro - tratados luso-brasileiros
intervenção médico-cirúrgica - intervenções médico-cirúrgicas

Destaque-se novamente surdo-mudo:
rapaz surdo-mudo
rapazes surdos-mudos

Os adjetivos compostos em que o segundo elemento é um substantivo são invariáveis também em número:
recipiente verde-mar recipientes verde-mar
uniforme amarelo-canário uniformes amarelo-canário

Também são invariáveis azul-marinho e azul-celeste:
camisa azul-marinho camisas azul-marinho
camiseta azul-celeste camisetas azul-celeste

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÃO:
Os adjetivos compostos podem ser divididos em três tipos:

a) os que são formados por dois adjetivos, como verde-escuro e médico-dentário - nesses casos, é o segundo elemento que varia para indicar gênero e número (verde-escura, verde-escuros, verde escuras; médico-dentária, médico-dentários, médico dentárias);
b) os que apresentam como um segundo elemento um substantivo, como amarelo-ouro e verde-mar - adjetivos desse tipo são invariáveis em gênero e número;
c) os que indicam cores esão formados expressão cor + substantivo - adjetivos desse tipo são invariáveis, mesmo quando a expressão cor de estiver subtendida (papel cor-de-rosa, papéis cor-de-rosa; giz (cor de) laranja; gizes (cor de) laranja, carro (cor de) creme, carros (cor de) creme; camisa (cor de) cinza, camisas (cor de) cinza, etc.) - fim do quadro de destaque.

FLEXÃO DE GRAU

Os adjetivos variam em grau quando se deseja comparar ou intensificar as características que atribuem. Há, portanto, dois graus do adjetivo: o comparativo e o superlativo.

COMPARATIVO

Nesse grau, compara-se a mesma característica atribuída a dois ou mais seres ou duas ou mais características atribuídas a um mesmo ser. O comparativo pode ser de igualdade, de superioridade ou de inferioridade, e é formado por estruturas analíticas de que participam advérbios e conjunções. Observe as frases seguintes:

comparativo de igualdade: Ele é tão exigente quanto justo.
Ele é tão exigente quanto (ou como) seu irmão.

comparativo de superioridade: Estamos mais atentos (do) que eles.
Estamos mais atentos (do) que ansiosos.

comparativo de inferioridade: Somos menos passivos (do) que eles.
Somos menos passivos (do) que tolerantes.

Os adjetivos bom, mau, grande e pequeno têm formas sintéticas para o grau comparativo de superioridade: melhor, pior, maior e menor, respectivamente:
Essa solução é melhor (do) que a outra.
Minha voz é pior (do) que a sua.
O descaso pela miséria é maior (do) que o senso humanitário.
A preocupação social é menor (do) que a ambição individual.

As formas analíticas correspondentes (mais bom, mais mau, mais grande, mais pequeno) só devem ser usadas quando se comparam duas características de um mesmo ser:
Ele é mais bom (do) que inteligente.
Todo corrupto é mais mau (do) que esperto.

Meu salário é mais pequeno (do) que justo.
Este país é mais grande (do) que equilibrado.
Atente para o fato de que as formas menor e pior são comparativos de superioridade,

pois eqüivalem a mais pequeno e mais mau, respectivamente.

SUPERLATIVO
Nesse grau, a característica atribuída pelo adjetivo é intensificada de forma relativa ou absoluta.
No grau superlativo relativo, essa intensificação é feita em relação a todos os demais seres de um conjunto que a possuem. O superlativo relativo pode exprimir superioridade ou inferioridade e é sempre expresso de forma analítica:

SUPERLATIVO RELATIVO DE SUPERIORIDADE:
Ele é o mais atento de todos.
Ele é o mais exigente de todos os irmãos.

SUPERLATIVO RELATIVO DE INFERIORIDADE:
Você é o menos crítico de todos.
Você é o menos passivo de todos os amigos.

As formas do superlativo relativo de superioridade dos adjetivos bom, mau, grande e pequeno também são sintéticas: o melhor, o pior, o maior e o menor.

- nota da ledora: quadro de anúncio da Zoomp, apresentando uma moça sozinha no carro, com três extraterrestres como companhia, e o seguinte texto:
ETs são as melhores companhias para terça-feira à noite.
Bebem, dançam, fumam, dizem bobagem, e na sexta não ligam querendo saber o que você vai fazer no fim de semana.
- fim da nota.

No trecho "as melhores companhias", subentende-se "as melhores companhias de todas". As melhores constitui, portanto, forma do superlativo relativo de superioridade do adjetivo bom.

No grau superlativo absoluto, intensifica-se a característica atribuída pelo adjetivo a um determinado ser, transmitindo idéia de excesso. O superlativo absoluto pode ser analítico ou sintético:
a) o superlativo absoluto analítico é formado normalmente com a participação de um advérbio:
Você é muito crítico.
Ele é demasiadamente exigente.
Somos excessivamente tolerantes.
b) o superlativo absoluto sintético é expresso com a participação de sufixos. O mais comum deles é -issimo; nos adjetivos terminados em vogal, esta desaparece ao ser acrescentado o sufixo do superlativo:
Trata-se de um artista originalíssimo.
Ele é exigentíssimo.
Seremos tolerantíssimos.

Muitos adjetivos possuem formas irregulares para exprimir o grau superlativo absoluto sintético. Muitas dessas irregularidades ocorrem porque o adjetivo, ao receber o sufixo, reassume a forma latina. É o caso dos terminados em -vel, que assumem a terminação -

bilíssimo (volúvel - volubilíssimo, indelével - indelebilíssimo). Na relação abaixo, você encontrará muitas formas irregulares do superlativo absoluto sintético. Observe que algumas são de uso comum (facílimo e dificílimo, por exemplo), enquanto outras pertencem a linguagem formal (acérrimo, pulquérrimo, por exemplo).

FORMAS DO SUPERLATIVO ABSOLUTO SINTIETICO DIGNAS DE NOTA

Adjetivo e superlativo absoluto sintético

acre	acérrimo
doce	dulcíssimo
ágil	agílimo
eficaz	eficacíssimo
agradável	agradabilíssimo
fácil	facílimo
agudo	acutíssimo
feliz	felicíssimo
alto	altíssimo, supremo
feroz	ferocíssimo
amargo	amaríssimo
fiel	fidelíssimo
amável	amabilíssimo
frágil	fragílimo
amigo	amicíssimo
frio	frigidíssimo, friíssimo
antigo	antiquíssimo
geral	generalíssimo
áspero	aspérrimo
grande	máximo
atroz	atrocíssimo
humilde	humílimo
audaz	audacíssimo
incrível	incredibilíssimo
benéfico	beneficentíssimo
infame	infamérrimo
benévolo	benevolentíssimo
inimigo	inimicíssimo
bom	bonissimo, ótimo
jovem	juvenilíssimo
capaz	capacíssimo
livre	libérrimo
célebre	celebérrimo
magnífico	magnificentíssimo
cruel	crudelíssimo
magro	macérrimo, magríssimo
difícil	dificílimo
manso	mansuetíssimo
mau	péssimo
miserável	miserabilissimo
miúdo	minutissimo
negro	nigérrimo, negrissimo
nobre	nobilíssimo

notável	notabilíssimo
pequeno	mínimo
perspicaz	perspicacíssimo
pessoal	personalíssimo
pobre	paupérrimo, pobríssimo
possível	possibilissimo
pródigo	prodigalíssimo
próspero	prospérrimo
provável	probabilíssimo
público	publicíssimo
pudico	pudicíssimo
pulcro	pulquérrimo
rústico	rusticissimo
sábio	sapientíssimo
sagrado	sacratíssimo
salubre	salubérrimo
sensível	sensibilissimo
simpático	simpaticíssimo
simples	simplícimo, simplicíssimo
soberbo	superbíssimo
tenaz	tenacissimo
tenro	teneríssimo
terrível	terribilíssimo
veloz	velocíssimo
visível	visibilissimo
volúvel	volubilíssimo
voraz	veracíssimo
vulnerável	vulnerabilíssimo

Os adjetivos terminados em -io não precedidos de e formam o superlativo absoluto sintético em iíssimo:
- sério - seriíssimo
necessário - necessariíssimo
frio - friíssimo
feio - feíssimo
mais cheio - cheíssimo

ATIVIDADDES

1. Complete as frases abaixo com a forma apropriada dos adjetivos colocados entre parênteses.
a) Apesar de ser uma dentista ( ) , possuía já uma ( ) clientela. (recém-formado/numeroso)
b) Comprei uma camisa ( ) e um chapéu ( ) para desfilar no Carnaval. (amarelo-claro/cor-de-rosa)
c) Aquela moça é ( ). Onde já se viu dar tanto dinheiro por uma motocicleta ( ) ! (san-deu/amarelo-limão)
d) Todas aquelas famílias ( ) são de origem ( ) (sulino/europeu)
e) Sou do tempo em que se usava camisa ( ) , calça ( ) e sapatos () como uniforme

nos colégios ( ) (branco/azul-marinho /preto/estadual)
f) A alma daquela criatura é ( ) (azul-celeste) g) A atual conjuntura ( ) levou aquela tradicional empresa ( ) à falência. (socioeconômico/anglo-saxão)
h) A pobreza ( ) parece não sensibilizar a comunidade ( ) (latino-americano / Ítalo-franco-germânico)
i) Vários jovens ( ) ganharam medalhas nas olimpíadas para deficientes físicos. (surdo-mudo)
j) Sua presença () sequer foi notada pela bela jovem ( ) que ele pretendia paquerar. (incolor/norueguês)
l) Ele diz que uma ordem ( ) o obriga a adotar uma prática tão ( ) (superior/conservador)
m) A jovem estava perfeitamente ( ) quando saiu daqui. (são)

2. Complete as lacunas das frases abaixo com a forma apropriada dos adjetivos entre parênteses.
a) Várias clínicas ( ) foram fiscalizadas durante a semana. (médico-cirúrgico)
b) Ele é um excêntrico. As paredes de sua casa são ( ) , suas camisas costumam ser ( ) ; além disso, ele costuma exibir uma boina ( ) . Apelidaram-no "Amarelão". (amarelo-canário/amarelo-ouro/amarelo-limão)
c) Os métodos ( ) pelos especialistas não têm sido ( ) Talvez sejam ( ) medidas menos ( ) para resolver o problema. (empregado /eficaz/necessário/tradicional
d) Várias entidades ( ) de defesa dos direitos ( ) protestaram contra as ações ( ). (latino-americano/humano/policial)
e) Alguns torneios ( ) ( ) foram ( ) devido à falta de empresas ( ) , (esportivo / afro-asiático/suspenso /patrocinador)
f) Mulheres ( ) fizeram um protesto contra a discriminação de que são vítimas quando procuram emprego. (surdo-mudo)
g) Os documentos do ano passado estão nas pastas ( ) ; os deste ano, nas pastas () (azul-marinho/azul-celestel
h) Ela tem cabelos ( ) e olhos ( ) Não há como confundi-la com outra. (castanho-escuro/azul-turquesa)
i) Aquelas cortinas ( ) dão um tom trágico ao ambiente. É melhor substitui-las por outras mais ( ) (vermelho-sangue/sóbrio)
j) Olhos ( ) e cabelos ( ): é assim que a imagino em meus devaneios. (verde-esmeralda / castanho-claro)
l) Suas roupas ( ) e seus gestos ( ) renderam muitos comentários ( ) (lilás / audaz/venenoso)

3. Complete as frases de acordo com o modelo:
É um poema belo. Não: é belíssimo!
a) A vida é frágil. Não: é ( ),
b) Era um homem talentoso. Não: era ( )
c) É um jogador ágil. Não: é ( )
d) Foi um lugar agradável. Não: foi ( )
e) Será uma pessoa amável. Não: será ( )
f) É uma moeda antiga. Não: é ( ) ,
g) É um corredor audaz. Não: é ( )
h) Seria um homem bom. Não: seria ( ) .
i) É uma solução boa. Não: é ( )
j) É uma criança doce. Não: é ( )

l) Teria sido um animal feroz. Não: teria sido ( ).
m) Fora um espírito livre. Não: fora ( ) .
n) É um sujeito magro. Não: é ( ) .
O) É um país pobre. Não: é ( )
p) Tinha sido uma pessoa simpática. Não: tinha sido ( )
q) É uma alma volúvel. Não: é ( ) ,

4. Na língua coloquial, utilizamos formas superlativas nem sempre aceitáveis na língua formal. Observe algumas dessas formas coloquiais nas frases abaixo; a seguir, reescreva as frases utilizando o superlativo absoluto apropriado à língua formal.
a) É um piloto hiperveloz!
b) Crianças subnutridas têm uma constituição vulnerável, vulnerável.
c) Ela adotou uma posição supercrítica.
d) É superpossível que a gente vá viajar.
e) Tem uma cabeça arquipequena!
f) É um cão supermanso.
g) Ele é arquiamigo de meu irmão.
h) É uma planta fragilzinha.
i) Saiu daqui felizinho da silva! É um cara sabidão!
j) É um cara sabichão

TEXTO PARA ANÁLISE

- nota da ledora: propaganda da revista Quatro Rodas, com o seguinte texto: Carros clássicos Quatro Rodas. Já virou um Clássico.
- fim da nota.

Classifique a palavra clássico em suas duas ocorrências no texto ao lado e explique qual o processo de derivação envolvido nessa mudança de classe gramatical.

- nota da ledora: quadrinhos da Radical Chic, no primeiro quadro: Retrospectiva 96 (Radical sentada na poltrona) falando : arrogante, prepotente, agressiva, impaciente, exigente, insensível, possessiva, teimosa, tarada, chata e louca. - no segundo quadro, retrospectiva 97: (Radical de pernas cruzadas, na poltrona) falando: modesta, humilde, pacífica, despojada, sensível, desprendida, compreensiva, calma, legal, e careta.
- fim da nota.

TRABALANDO O TEXTO

Pense no conceito de adjetivo e justifique por que o texto é quase exclusivamente formado por adjetivos.

Mundo novo, vida nova
Buscar um mundo novo, vida nova
E ver, se dessa vez, faço um final feliz
Deixar de lado
Aquelas velhas histórias
O verso usado
O canto antigo

Vou dizer adeus
Fazer de tudo e todos bela lembrança
Deixar de ser só esperança
E por minhas mãos, lutando, me superar
Vou traçar no tempo meu próprio caminho
E assim abrir meu peito ao vento
Me libertar
De ser somente aquilo que se espera
Em forma, jeito, luz e cor
E vou
Vou pegar um mundo novo, vida nova
Vou pegar um mundo novo, vida nova
(GONZAGA Júnior, Luís. In: Elis Regina. Saudades do Brasil. CD Warner Music do Brasil m250678-2, 1989.)

TRABALHANDO O TEXTO:

1. Utilize o título da canção para explicar como se relacionam adjetivos e substantivos.

2. Final e feliz são duas palavras que costumam andar juntas. Classifique-as morfologicamente. A seguir, utilize a palavra final numa frase em que tenha classificação morfológica diferente da que tem no texto.

3. Observe as expressões "velhas histórias" e "canto antigo". Se mudarmos a posição das palavras (histórias velhas e antigo canto), ocorrerão também mudanças de significado? Comente.

4. Abrir o peito ao vento, libertar-se, encontrar um mundo novo, uma vida nova: essas propostas lhe parecem interessantes? O que você pensa sobre elas?

Em novas vozes

Obra de Edu Lobo ganha versões cuidadosas

Inventiva, vigorosa e sofisticada, a obra de Edu Lobo poucas vezes experimentou grande sucesso popular. Ao contrário de seus parceiros Chico Buarque e Vinicius de Moraes, o compositor de "Ponteio" não figura entre os nomes mais lembrados do cancioneiro nacional. Portanto, é oportuno o lançamento de seu songbook. O CD duplo produzido por Almir Chediak é excelente por vários motivos. Primeiro, por se tratar de um dos maiores harmonizadores da música brasileira. Segundo, porque Edu dividiu sua obra com letristas irrepreensíveis. Além de Vinicius e Chico, compôs com Capinam, Torquato Neto, Ruy Guerra e Gianfrancesco Guarnieri. Sempre fez boas músicas para boas letras. Terceiro, porque as gravações, inéditas, reúnem um time de feras.
Na escolha das músicas e dos intérpretes aparecem algumas das melhores surpresas do disco. Hermeto Pascoal toca "Corrupião", faixa-título do último disco de Edu, acompanhado pelo Quinteto Villa-Lobos (que, estranhamente, tem dez músicos) e mais dois percussionistas. Usam instrumentos como garrafão de plástico, tampa de caneta e caixa de papelão. Por mais anárquico que seja Hermeto, a gravação esbanja musicalidade. Já "Zanzibar" foi arranjada e executada por Egberto Gismonti. Nela, o talento de Edu Lobo salta aos ouvidos em grande estilo. Nas canções mais conhecidas também aparecem versões surpreendentes. E o caso de "Ponteio" na voz de Alceu

Valença, "Arrastão" com Tim Maia e "Upa, neguinho" com Caetano Veloso, num sutil arranjo de voz e violão. Gal Costa canta a belíssima "Beatriz", música sobre letra que Chico Buarque fez para a mulher, Marieta Severo. O acompanhamento é de Jaques Morelembaun, que sobrepôs vários cellos e fez um bordado instrumental comovente.
Maneirismo - Tirando inspiração de vários gêneros musicais, do samba ao impressionismo, Edu é criativo não só nas harmonias, mas também na rítmica de suas canções. Isso permite ao compositor sair-se bem seja no foxtrote "A história de Lily Braun" (cantada por Leila Pinheiro), seja na sincopada "Lero-lero", parceria com Cacaso que foi tema de novela e aparece no CD pelas vozes do coral Garganta Profunda. As 33 faixas do álbum, se não deixam nenhuma lacuna grave da obra de Edu, também desviam ao máximo de um problema que costumava aparecer nos songbooks assinados por Chediak. Ao reunir tantos artistas em torno da obra de um único compositor, abria-se o espaço para "exotismos" de gente que quase nada poderia acrescentar a ela. Desta vez, apenas Ed Motta parece fora de lugar, forçando uma interpretação cheia de maneirismos em "Bancarrota blues". O resto faz jus à estatura do homenageado.
(MASSON, Celso. In: Veja, 21 ago. I996)

TRABALHANDO O TEXTO
Faça um levantamento dos adjetivos presentes no texto e a seguir responda: eles indicam a opinião do redator sobre a coletânea da obra de Edu Lobo ou fornecem informações sobre ela? Comente.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES
1 (FUVEST-SP) "(...) No fundo o imponente castelo. No primeiro plano a íngreme ladeira que conduz ao castelo. Descendo a ladeira numa disparada louca o fogoso ginete.
Montado no ginete o apaixonado caçula do castelão inimigo de capacete prateado com plumas brancas. E atravessada no ginete a formosa donzela desmaiada entregando ao vento os cabelos cor de carambola." (A. de Alcântara Machado, Carmela.)
"(...)Íamos, se não me engano, pela rua das Mangueiras, quando voltando-nos, vimos um carro elegante que levavam a trote largo dois fogosos cavalos. Uma encantadora menina, sentada ao lado de uma senhora idosa, se recostava preguiçosamente sobre o macio estofo e deixava pender pela cobertura derreada do carro a mão pequena que brincava com um leque de penas escarlates." José de Alencar, Luciola.)
Nesses excertos, observa-se que a maioria dos substantivos são modificados por adjetivos ou expressões equivalentes. Comparando os dois textos:
a) aponte em cada um deles o efeito produzido por tal recurso lingüistico;
b) justifique sua resposta.

2 (FEBASP) "Os homens são os melhores fregueses" os melhores encontra-se no grau:
a) comparativo de superioridade.
b) superlativo relativo de superioridade.
c) superlativo absoluto sintético.
d) superlativo absoluto analítico de superioridade.

3 (PUCC-SP) O (desagradável) da questão era vê-lo de (mau) humor depois da (troca) de turno.

Na frase acima, as palavras destacadas comportam-se, respectivamente, como:
a) substantivo, adjetivo, substantivo.
b) adjetivo, advérbio, verbo.
c) substantivo, adjetivo, verbo.
d) substantivo, advérbio, substantivo.
e) adjetivo, adjetivo, verbo.

4 (UNIMEP-SP) Em algumas gramáticas, o adjetivo vem definido como sendo "a palavra que modifica o substantivo". Assinale a alternativa em que o adjetivo destacado contraria a definição.
a) Li um livro lindo.
b) Beber água é saudável.
c) Cerveja gelada faz mal.
d) Gente fina é outra coisa!
e) Ele parece uma pessoa simpática.

5 (FATEC-SP) Indique a alternativa em que não é atribuída a idéia de superlativo ao adjetivo.
a) É uma idéia agradabilíssima.
b) Era um rapaz alto, alto, alto.
c) Saí de lá hipersatisfeito.
d) Almocei tremendamente bem.
e) É uma moça assustadoramente alta.

6 (FEI-SP) Siga o modelo:
modificação da paisagem : modificação paisagística
a) água dá chuva
b) exageros da paixão
c) atitudes de criança
d) soro contra veneno de Serpente

7 (EEM-SP) Dê o superlativo absoluto sintético de:
a) feliz
b) livre

8 (EEM-SP) Faça conforme o modelo:
alma de fora : alma exterior
a) imagem do espelho
b) parede de vidro
c) imposição da lei
d) comprimento da linha

9 (EPM-SP) Dê os adjetivos equivalentes às expressões em destaque.
a) programa (da tarde)
b) ciclo (da vida)
c) representante (dos alunos)

10 (EEM-SP) Passe para o plural.
a) borboleta azul-clara
b) borboleta cor-de-laranja

11 (ITA-SP) Dadas as afirmações de que os adjetivos correspondentes aos substantivos:
1. enxofre 2. chumbo 3. prata
são, respectivamente,
1.sulfúreo 2.plúmbeo 3.argênteo
verificamos que está (estão) correta(s):
a) apenas a afirmação 1.
b) apenas a afirmação 2.
c) apenas a afirmação 3.
d) apenas as afirmações 1 e 2.
e) todas as afirmações.

12 (UnB-DF) Relacione a primeira coluna à segunda.
(1) água
(2) chuva
(3) gato
(4) marfim
(5) prata
(6) rio
(7) não consta da lista
( ) pluvial
( ) ebúrneo
( ) felino
( ) aquilino
( ) argênteo
a seqüência correta é:
a) 7, 7, 3, 1, 7.
b) 6, 3, 7, 1, 4.
c) 2, 4, 3, 7, 5.
d) 2, 4, 7, 1, 7.

13 (ITA-SP) Os superlativos absolutos sintéticos de comum, soberbo, fiel, miúdo são, respectivamente:
a) comuníssimo, super, fielissimo, minúsculo.
b) comuníssimo, sobérrimo, fidelíssimo, minúsculo.
c) comuníssimo, superbíssimo, fidelíssimo, minutíssimo.
d) comunérrimo, soberrimo, fidelíssimo, miudérrimo.
e) comunérrimo, sobérrimo, fielíssimo, mi-nutíssimo.

14 (ITA-SP) Os adjetivos lígneo, gípseo, níveo, braquial significam, respectivamente:
a) lenhoso, feito de gesso, alvo, relativo ao braço.
b) lenhoso, feito de gesso, nivelado, relativo ao crânio.
c) lenhoso, rotativo, abalizado, relativo ao crânio.
d) associado, rotativo, nivelado, relativo ao braço.
e) associado, feito de gesso, abalizado, relativo ao crânio.

15 (UM-SP) Aponte a alternativa incorreta quanto à correspondência entre a locução e o adjetivo.
a) glacial (de gelo); ósseo (de osso)
b) fraternal (de irmão); argênteo (de prata)

c) farináceo (de farinha); pétreo (de pedra)
d) viperino (de vespa); ocular (de olho)
e) ebúrneo (de marfim); insípida (sem sabor)

16 (ITA-SP) O plural de terno azul-claro, terno verde-mar é, respectivamente:
a) ternos azuis-claros, ternos verdes-mares.
b) ternos azuis-claros, ternos verde-mares.
c) ternos azul-claro, ternos verde-mar.
d) ternos azul-claros, ternos verde-mar.
e) ternos azuis-claro, ternos verde-mar.

17 (UFJF-MG) Marque:
a) se I e II forem verdadeiras
b) se I e III forem verdadeiras
c) se II e III forem verdadeiras
d) se todas forem verdadeiras
e) se todas forem falsas
"...eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor... "
I. No primeiro caso, autor é substantivo; defunto é adjetivo.
II. No segundo caso, defunto é substantivo; autor é adjetivo.
III. Em ambos os casos, tem-se um substantivo composto.

18 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a alternativa em que o termo cego(s) é um adjetivo.
a) "Os cegos, habitantes de um mundo esquemático, sabem aonde ir..."
b) "O cego de Ipanema representava naquele momento todas as alegorias da noite escura da alma... "
c) "Todos os cálculos do cego se desfaziam na turbulência do álcool."
d) "Naquele instante era só um pobre cego."
e)"... da Terra que é um globo cego girando no caos."

19 (UFSC) Observe as proposições abaixo:
01. Poucos autores escrevem poemas herói-cômicos.
02. Os cabelos castanhos-escuros emolduravam-lhe o semblante juvenil.
04. Vestidos vermelhos e amarelo-laranja foram os mais vendidos na exposição.
08. As crianças surdo-mudas foram encaminhadas à clínica para tratamento.
16. Discutiu-se muito a respeito de ciências político-sociais na última assembléia dos professores.
32. As sociedades luso-brasileira adquiriram novos livros de autores portugueses.
Marque as frases corretas e some os valores que lhes são atribuídos.

20 (UNIMEP-SP) O adjetivo está mal flexionado em grau em:
a) livre: libérrimo
b) magro: macérrimo
c) doce: docílimo
d) triste: tristíssimo
e) fácil: facílimo

21 (CEFET-PR) Siga o exemplo:
Não chame a torre de alta, mas de altíssima.

Não considero sua atitude nobre, mas ( ) .

22 (PUCSP) No trecho " … o homem não fala simplesmente uma língua, não a usa, como (mero) instrumento de comunicação" , o termo sublinhado é um
- nota da ledora: em todos os exercício do livro, em que as palavras são sublinhadas ou um termo é destacado, o mesmo encontra-se entre parênteses, por motivos óbvios.
- fim da nota.
a) substantivo e significa "simples".
b) advérbio e significa "genuíno ".
c) adjetivo e significa "quase".
d) advérbio e significa "estreme".
e) adjetivo e significa "puro".

23 (UM-SP) Assinale a alternativa em que ambos os adjetivos não se flexionam em gênero.
a) elemento motor, tratamento médico-dentário
b) esforço vão, passeio matinal
c) juiz arrogante, sentimento fraterno
d) cientista hindu, homem célebre
e) costume andaluz, manual lúdico-instrutivo

24 (UFF-RJ) Das frases abaixo, apenas uma apresenta adjetivo no comparativo de superioridade. Assinale-a.
a) A palmeira é a mais alta árvore deste lugar.
b) Guardei as melhores recordações daquele dia.
c) A Lua é menor do que a Terra.
d) Ele é o maior aluno de sua turma.
e) O mais alegre dentre os colegas era Ricardo.

25 (FMIt-MG) Dê o grau normal dos superlativos:
a) macérrimo
b) tetérrimo
c) minutíssimo
d) personalíssimo
e) ferocíssimo

26 (UFU-MG) Relativamente à concordância dos adjetivos compostos indicativos de cor, uma, dentre as seguintes alternativas, está errada. Qual?
a) saia amarelo-ouro
b) papel amarelo-ouro
c) caixa vermelho-sangue
d) caixa vermelha-sangue
e) caixas vermelho-sangue

CAPÍTULO 12
ESTUDO DOS ADVÉRBIOS

- nota da ledora: propaganda da revista Veja com o seguinte texto: "em jornalismo, não existe " politicamente correto". Só existe "correto".

- fim da nota.

Um equívoco muito comum associa o advérbio exclusivamente ao verbo. No anúncio acima, porém, vemos um advérbio (politicamente) modificando um adjetivo (correto), papel que também faz parte do comportamento gramaticalmente correto do advérbio.

1 INTRODUÇÃO

Na palavra advérbio, assim como na palavra adjetivo, existe o prefixo latino ad, que indica idéia de "proximidade", "contigüidade". Portanto o nome praticamente já diz o que é o advérbio: é palavra capaz de caracterizar o processo verbal, indicando circunstâncias em que esse processo se desenvolve. E o caso, por exemplo, da palavra humildemente, que, no "Poema só para Jaime Ovalle", de Manuel Bandeira, caracteriza o processo expresso pela forma verbal pensando ("E fiquei pensando, humildemente pensando na vida e nas mulheres que amei").

O papel básico dos advérbios é, por isso, relacionar-se com os verbos da língua, caracterizando os processos expressos por eles. Essa caracterização pode ter finalidade descritiva, procurando representar objetivamente os dados da realidade. Quando se diz, por exemplo, que todos estavam "dormindo profundamente", descreve-se a maneira intensa como todos dormiam.

A caracterização adverbial pode, no entanto, indicar a subjetividade de quem analisa um evento: o advérbio deixa de ter papel descritivo e passa a traduzir sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala. É o que se verifica, por exemplo, no poema "Madrugada", de Ferreira Gullar:

Do fundo de meu quarto, do fundo
de meu corpo
clandestino
ouço (não vejo) ouço
crescer no osso e no músculo da noite
a noite
A noite ocidental obscenamente acesa
sobre meu país dividido em classes

O advérbio obscenamente é um ótimo exemplo desse outro valor dos advérbios. Modificando o adjetivo acesa, ele transmite um forte juízo de valor.

2 CONCEITO

Advérbio é a palavra que caracteriza o processo verbal, exprimindo circunstâncias em que esse processo se desenvolve. Observe:

"Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo."

(circunstâncias de tempo, negação e tempo, respectivamente)

"Todos os maridos funcionam regularmente."

(circunstância de modo)

Diferentemente do que seu nome indica, o advérbio não é modificador exclusivo do verbo. Os advérbios de intensidade e os de modo podem modificar também adjetivos e advérbios:

Esse é o procedimento menos adequado para quem se diz politicamente correto.

(o advérbio menos modifica o adjetivo adequado; o advérbio politicamente modifica o adjetivo correto)

Ela procedeu muito mal.
(o advérbio muito modifica o advérbio mal)
Em alguns casos, os advérbios podem se referir a uma oração inteira; nessa situação, normalmente transmitem a avaliação de quem fala ou escreve sobre o conteúdo da oração:
Infelizmente, o Congresso não aprovou o projeto.
Lamentavelmente, ele não estará conosco na próxima semana.

As locuções adverbiais são conjuntos de duas ou mais palavras que têm valor de advérbio. Normalmente, são formadas por preposição e substantivo ou por preposição e advérbio:

Moravam lá.
Moravam ao lado da estação.

Acordei cedo.
Acordei no meio da noite.

Fiquem aqui.
Fiquem por perto.

3 CLASSIFICAÇÃO

Os advérbios e locuções adverbiais são classificados de acordo com as circunstâncias que expressam. Na relação a seguir, você encontrará as principais circunstâncias adverbiais e alguns advérbios e locuções que podem exprimi-las.
a) lugar- aqui, aí, ali, cá, lá, acolá, além, longe, perto, dentro, adiante, defronte, onde, acima, abaixo, atrás, algures (= em algum lugar), alhures (= em outro lugar), nenhures (= em nenhum lugar); em cima, de cima, à direita, à esquerda, ao lado, de fora, por fora, etc.
b) tempo - hoje, ontem, anteontem, amanhã, atualmente, brevemente, sempre, nunca, jamais, cedo, tarde, antes, depois, logo, já, agora, ora, então, outrora, aí, quando; à noite, à tarde, de manhã, de vez em quando, às vezes, de repente, hoje em dia, etc.
c) modo - bem, mal, assim, depressa, devagar, rapidamente, lentamente, facilmente (e a maioria dos terminados em -mente); às claras, às pressas, à vontade, à toa, de cor, de mansinho, de cócoras, em silêncio, com rancor, sem medo, frente a frente, face a face, etc.
d) afirmação - sim, decerto, certamente, efetivamente, seguramente, realmente; sem dúvida, por certo, com certeza, etc.
e) negação - não, absolutamente, tampouco; de modo algum, de jeito nenhum, etc.
f) intensidade - muito, pouco, mais, menos, ainda, bastante, assaz, demais, bem, tanto, deveras, quanto, quase, apenas, mal, tão; de pouco, de todo, etc.
g) dúvida - talvez, quiçá, acaso, porventura, possivelmente, provavelmente, eventualmente, etc.

Você notou que as circunstâncias citadas acima podem ser expressas por um simples advérbio ou por uma locução adverbial. Há outras circunstâncias, que só podem ser expressas por locuções, como a de causa e a de finalidade. Observe:
Muitas crianças estão morrendo de fome/devido à desnutrição/por razões ignóbeis.
(circunstância de causa)

Preparou-se para o exame/para aquela oportunidade.
(circunstância de finalidade)

- nota da ledora: um anúncio, na página, onde uma mulher mostra-se séria, enquanto caem flores no quadro ao lado dela, com o seguinte texto: Pra mim só existe uma coisa mais fora de moda que receber flores… no anúncio ao lado, a mesma mulher, sorridente, segurando uma braçada de flores, e um quadro ao lado mostrando só o talo de uma rosa com espinhos, e o seguinte texto: …não receber.
- fim da nota.

Neste anúncio, vemos dois advérbios: mais (advérbio de intensidade, neste caso intensificando a locução adjetiva "fora de moda")...e não, advérbio de negação, modificando o verbo receber.

Alguns gramáticos citam outras circunstâncias adverbiais. Muitas delas parecem subdivisões das apontadas acima, como a de freqüência (subdivisão da circunstância de tempo).
Merecem destaque os chamados advérbios interrogativos, empregados em orações interrogativas diretas ou indiretas. Esses advérbios podem exprimir lugar, tempo, modo ou causa:

Onde foram parar os livros?
Quero saber onde foram parar os livros.
Quando será a reunião?
Quero saber quando será a reunião.
Como proceder num momento tão importante?
Quero saber como proceder num momento tão importante.
Por que você aceita tudo passivamente?
Quero saber por que você aceita tudo passivamente.

Você vai estudar mais detalhadamente as circunstâncias adverbiais nos capítulos relativos à Sintaxe (adjuntos adverbiais e orações subordinadas adverbiais).

4 FLEXÃO

Normalmente, os advérbios são considerados palavras invariáveis, por não apresentarem flexão de gênero e número. No entanto alguns deles - principalmente os de modo - apresentam variações de grau semelhantes às dos adjetivos.

GRAU COMPARATIVO

Como ocorre com os adjetivos, o grau comparativo pode ser de igualdade, de superioridade e de inferioridade:

Ele agia mais friamente (do) que o comparsa.
Ele agia menos friamente (do) que o comparsa.
Ele agia tão friamente quanto (ou como) o comparsa.

Para os advérbios bem e mal, as formas de comparativo são sintéticas (melhor e pior):

Ele agia melhor/pior (do) que o comparsa.
Cuidado: diante de particípios que atuam como adjetivos, são empregadas as formas analíticas mais bem e mais mal:
Ele é o mais bem informado dos jornalistas (e não o melhor informado). Este edifício é o mais mal construído de todos (e não o pior construído).

GRAU SUPERLATIVO

O superlativo dos advérbios é absoluto e pode ser formado de dois modos:
a) analítico o superlativo é obtido por meio do uso de um advérbio de intensidade:
Ele procedeu muito calmamente.
Investigaram desleixadamente demais as causas do acidente.
Certamente estão muito perto da cidade procurada.
b) sintético - o superlativo é obtido por meio do uso do sufixo -íssimo:
Ela crê muitíssimo em suas convicções.
As transformações sociais estão ocorrendo lentissimamente.
Acordo cedíssimo todos os dias.
Na linguagem coloquial e familiar, é comum o emprego do sufixo diminutivo para dar aos advérbios o valor superlativo:
Amanhã vamos acordar cedinho.
Ela faz tudo devagarinho.

ATIVIDADES

1. Aponte os advérbios e locuções adverbiais presentes nos trechos abaixo e classifique-os.
a) “ No dia seguinte almoçamos num restaurante e tomamos três garrafas de tinto; depois, num bar fiquei a alisar ternamente a sua mão fina, de veias azuis."
(Rubem Braga)
b) “ Talvez um ruído de elevador, uma campainha tocando no interior de outro apartamento, o fragor de um bonde lá fora, sons de um radio distante, vagas vozes - e, me lembro, havia um feixe de luz oblíquo dando no chão e na parte de baixo de uma porta, recordo vagamente a cor rósea da parede." (Rubem Braga)
c) “ se é difícil arrancar um (não) do brasileiro em geral, mais difícil ainda é arrancar um (sim) do mineiro em particular." (Fernando Sabino)
d) “ Naquela solene ocasião, diante das figuras ilustres a olhar boquiabertas as dimensões ciclópicas do monumento, sobreveio a catástrofe providencial: a imensa massa de argila, amolecida pelos sucessivos baldes d'água que o escultor, temeroso de seu endurecimento, despejava sobre o trabalho, começou a desfazer-se feito melado, e de súbito desmoronou fragorosamente." (Fernando Sabino)
e) "Aos três meses de vida, passa muito bem o primeiro macaco-aranha nascido em cativeiro, proeza realizada no Centro de Primatologia, no Rio de Janeiro, único lugar do mundo onde essa espécie pode ser legalmente criada." (Superinteressante, mar. 1992.)
f) "O mestre-cervejeiro não é um profissional comum: em qualquer fábrica de bebida, pequena ou grande, ele é, desde os tempos da Idade Média, o guardião da receita da cerveja daquela marca e o responsável pela qualidade da bebida produzida ali." (Globo Ciência, abr. 1992.)

2. Troque as locuções adverbiais destacadas nas frases a seguir por advérbios terminados em -mente.

a) Recebeu-nos (com afeto)
b) Agiu (com pudor).
c) Sempre canta (com prazer).
d) (Sem dúvida), não há mais nada a fazer.
e) Ofendeu a todos (sem distinção).
f) A política econômica atinge (sem piedade) os mais pobres.
g) Resolvi o problema (aos poucos).
h) Estava lá (por acaso).
i) Apresente a proposta (com nitidez).
j) Entendem-se (sem palavras).

3. Troque os advérbios terminados em -mente destacados nas frases seguintes por locuções adverbiais.
a) Conduzia a bola (habilmente).
b) Os alunos receberam o professor (ruidosamente).
c) Ele sofreu as conseqüências do que fez (impensadamente)
d) Agiu (friamente)
e) (Delicadamente), beijei-lhe a mão.
f) (Repentinamente) nuvens negras cobriram o céu.
g) Ofendia (despudoradamente) a quem o contradissesse.
h) (Freqüentemente) se vêem cobras nestas matas.
i) Desejava-a (intensamente).
j) Não imaginava ter agido (ingenuamente).

4. Substitua as expressões destacadas nas frases a seguir por advérbios.
a) (Por qual motivo) você não visita seu pai?
b) Não pensei isso (em nenhum instante).
c) (Em que tempo) os homens serão melhores com os outros homens?
d) (Naquele lugar) existe vegetação nativa.
e) (Neste lugar) existe muita poluição visual.
f) O teatro fica (a grande distância); o cinema, (a pequena distância).
g) Saia (neste exato instante)!
h) Ela já me viu (em algum lugar).
i) Ponha esse livro (em outro lugar).

5. A palavra destacada tem valor diferente em cada uma das frases dos pares abaixo. Classifique-a.
a) Faça isso (direito)!
Entrou pelo lado (direito).
b) Pagou (caro) o carro em que desfila pela cidade.
É um carro (caro).
c) (Breve) nos veremos.
O discurso do presidente foi (breve).
d) Fale (baixo)!
O salário médio no Brasil é (baixo).

6. Classifique as palavras destacadas nas frases seguintes.
a) Ela está (meio) nervosa.
b) Passou (meio) dia na fila do banco.
c) Vai demorar a chegar, porque anda (meio) devagar.

e) Vendeu (caro) o que havia comprado barato. É um especulador!
f) Comprei um carro (barato) pelo preço de um (caro).
g) Você é o (melhor) aluno da classe, mas seu irmão é o (pior).
h) Escrevo (melhor) do que falo.

7. Quando se colocam diversos advérbios terminados em -mente um após o outro, recomenda-se que essa terminação seja usada apenas no último deles:
O novo tributo prejudicaria ampla e injustamente as pessoas de menor renda.
Pensando nisso, comente o emprego desse tipo de advérbios na seguinte frase do escritor português Fernando Namora:
"De repente, pus-me de pé e aproximei-me lentamente, ritmadamente, voluptuosamente, da janela." (Fernando Namora, apud CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley.)

TEXTOS PARA ANÁLISE

É difícil imaginar uma rede de supermercados, com sete lojas em Salvador e faturamento anual de R$ 150 milhões, tenha, entre os seus 1,2 mil funcionários, aproximadamente 300 surdos-mudos. Mas é o que acontece na rede PetiPreço.
Eles são empacotadores, embaladores, condutores de carrinho de compras e, que ninguém se surpreenda, até recepcionistas. Uma delas é a simpática e sorridente Sumaia Siqueira, do HiperPeti da Praia de Armação, na orla marítima.
O diretor comercial e principal acionista do grupo, João Gualberto Vasconcelos, diz ter ficado sensibilizado quando procurado, em 1994, pela Associação dos Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos de Salvador (Apada) com proposta de um convênio que permitisse o aproveitamento dos surdos-mudos. Aceitou a idéia e até hoje tem razões para comemorar. (Carta Capital, 30 abr. 1997.)

-nota da ledora- o texto acima é acompanhado de foto da recepcionista, em atividade profissional, e uma faixa com o seguinte teor: A felicidade não custa caro.
- fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO

A que classe gramatical pertence a palavra caro, na foto que ilustra a reportagem? Explique.

O martelo
As rodas rangem na curva dos trilhos
Inexoravelmente.
Mas eu salvei do meu naufrágio
Os elementos mais cotidianos.
O meu quarto resume o passado em
todas as casas que habitei.
Dentro da noite
No cerne duro da cidade
Me sinto protegido.
Do jardim do convento
Vem o pio da coruja.
Doce como um arrulho de pomba.

Sei que amanhã quando acordar
Ouvirei o martelo do ferreiro
Bater corajoso o seu cântico
de certezas.
(BANDEIRA, Manuel. Estrela da vida inteira.
10. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1983. p. 141.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Aponte um exemplo de advérbio de tempo e um de intensidade.
2. Aponte um exemplo de locução adverbial de lugar.
3. A palavra inexoravelmente, cujo x deve ser lido como o de exame, eqüivale a uma locução. Indique-a.
4. Na sua opinião, que efeito produzo fato de a palavra inexoravelmente ser a única do segundo verso?
5. A palavra dentro normalmente introduz idéia de lugar. No texto, a expressão "Dentro da noite" tem efetivamente a idéia de lugar? Comente.
6. Reescreva os dois últimos versos, substituindo martelo por ferramenta. Faça as adaptações necessárias.
7. No texto, a palavra corajoso tem valor de adjetivo ou de advérbio? Comente.
8. Pode-se entender o ranger inexorável das rodas como uma metáfora da passagem do tempo. Dessa forma, como se pode entender o cântico de certezas" de que fala o poeta?

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1 (UFMG) As expressões destacadas correspondem a um adjetivo, exceto em:
a) João Fanhoso anda amanhecendo (sem entusiasmo).
b) Demorava-se (de propósito) naquele complicado banho.
c) Os bichos (da terra) fugiam em desabalada carreira.
d) Noite fechada sobre aqueles ermos perdidos da caatinga (sem fim).
e) E ainda me vem com essa conversa de homem (da roça).

2 (UFV-MG) Em todas as alternativas há dois advérbios, exceto em:
a) Ele permaneceu muito calado.
b) Amanhã, não iremos ao cinema.
c) O menino, ontem, cantou desafinadamente.
d) Tranqüilamente, realizou-se, hoje, o jogo.
e) Ela falou calma e sabiamente.

3 (UFC-CE) A opção em que há um advérbio exprimindo circunstância de tempo é:
a) Possivelmente viajarei para São Paulo.
b) Maria teria aproximadamente 15 anos.
c) As tarefas foram executadas concomitantemente.
d) Os resultados chegaram demasiadamente atrasados.

4 (FEI-SP) Substitua a expressão destacada por um advérbio de significação equivalente.
a) Recebeu a repreensão (sem dizer palavras).

b) Falava sempre (no mesmo tom).
c) Aceitou tudo (sem se revoltar).
d) Trataram-me (como irmão).

5 (FUVEST-SP) Reescreva a passagem "Humildemente pensando na vida... " substituindo o advérbio por uma locução adverbial equivalente.

6 (UNICAMP-SP) Leia atentamente o seguinte trecho de uma entrevista:
Pergunta: O Sr. fala em respeito à Constituição. Não é contraditório, então, colocar a não-posse do vice Itamar em caso de impeachment?
Resposta: Você não acha que um impeachment imposto não é rasgar a Constituição?
(Entrevista com o governador Antônio Carlos Magalhães. Isto É, 24 jun. 1992.) Se tomada literalmente, a fala de A. C. M. tem um sentido que é o oposto do pretendido.
a) Qual o sentido literal da fala de A. C. M.?
b) Reescreva a fala de A. C. M. de forma a eliminar o eventual mal-entendido.
c) A forma da pergunta pode ter influenciado a forma da resposta. Qual a característica formal que torna a resposta de A. C. M. semelhante à pergunta do repórter?

7 (UNIMEP-SP) Em "... um (aborrecimento) quando (os) vejo e gostaria de (não) vê-los mais" as palavras destacadas são, respectivamente:
a) adjetivo, artigo, advérbio.
b) adjetivo, pronome, pronome.
c) substantivo, pronome, advérbio.
d) substantivo, artigo, pronome.
e) verbo, pronome, preposição.

8 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a alternativa em que a preposição (com) traduz uma relação de instrumento.
a) "Teria sorte nos outros lugares, com gente estranha."
b) "Com o meu avô cada vez mais perto do fim, o Santa Rosa seria um inferno."
c) "Não fumava, e nenhum livro com força de me prender."
d) "Trancava-me no quarto fugindo do aperreio, matando-as com jornais."
e) "Andavam por cima do papel estendido com outras já pregadas no breu."

9 (MAPOFEI-SP) Lista dos advérbios:
bisonhamente
ironicamente
quixotescamente
desassombradamente
laconicamente
radicalmente
estoicamente
perfunctoriamente
sibilinamente
frugalmente
prolixamente
sofregamente
inexoravelmente
puerilmente
sutilmente

tacitamente
Escolha, na lista acima, o advérbio mais adequado a cada uma das ações abaixo enunciadas, de acordo com o modelo.
Falar com orgulho e arrogância
Falar arrogantemente.
a) Dizer com palavras enigmáticas e difíceis de compreender.
b) Falar de maneira franca e corajosa.
c) Exprimir-se com palavras excessivas.
d) Concordar sem dizer palavras.
e) Agir com a inexperiência de um principiante.
f) Agir com impaciência e ambição.
g) Agir como criança.
h) Insinuar com perspicácia e delicadeza.
i) Eliminar pela base.
j) Eliminar sem se render a rogos.

10 (PUCSP) No trecho:
"Os trens (de) cana apitavam de quando em vez, mas (não) davam (vencimento) à (fome) das moendas", as palavras destacadas correspondem, morfologicamente, pela ordem, a:
a) preposição, advérbio, verbo, substantivo.
b) conjunção, advérbio, substantivo, adjetivo.
c) preposição, advérbio, adjetivo, adjetivo.
d) preposição, advérbio, verbo, advérbio.
e) preposição, advérbio, substantivo, substantivo.

11(PUCC-SP) Os seus projetos são os () elaborados, por isso garantem verbas ( ) para sua execução e evitam ( ) -entendidos.
a) melhor - suficientes - mal
b) mais bem - suficientes - mal
c) mais bem - suficiente - mal
d) melhor - suficientes - mau
e) melhor - suficiente - mau

12 (VUNESP) Observe os seguintes fragmentos:
" viver em voz (alta)." e
"que ligasse o rádio um pouco (alto)..."
Indique a classe gramatical das palavras destacadas e o processo de derivação que ocorre no segundo fragmento.

13 (UMC-SP) Em: " uma cerca (de pedra-seca), do tempo dos escravos" e "Tudo é mato, crescendo "sem regra.", as locuções destacadas são, respectivamente:
a) adjetiva e adjunto adnominal; adverbial e adjunto adverbial.
b) adverbial e objeto indireto; adjetiva e predicativo.
c) adjetiva e adjunto adverbial; adverbial e adjunto adnominal.
d) adjetiva e complemento nominal; adverbial e adjunto adnominal.
e) adverbial e adjunto adnominal; adjetiva e complemento nominal.

14 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a alternativa em que a locução destacada tem valor adjetivo.

a) “ Comprei móveis e objetos diversos que entrei a utilizar (com receio)."
b) “ Azevedo Gondim compôs sobre ela (dois artigos)."
c) “ Pediu-me (com voz baixa) cinqüenta mil-réis."
d) “ Expliquei em (resumo) a prensa, o dínamo, as serras..."
e) “ Resolvi abrir o olho para que vizinhos (sem escrúpulos) não se apoderassem do que era delas."

CAPÍTULO 13
ESTUDO DOS PRONOMES

- nota da ledora: gravura de página inteira, um negativo de ultra-sonografia uterina, com dois gêmeos, com o seguinte diálogo, entre os dois:
- Você acredita em vida após o parto?
- Não sei. Nunca ninguém voltou pra contar.
- fim da nota.

A diversidade dos pronomes os transforma numa ferramenta muito útil na comunicação cotidiana, falada ou escrita. Observe que, no curto diálogo do anúncio acima, ocorrem três pronomes: você, eu (elíptico, em "(eu) Não sei") e ninguém. Trata-se de uma classe de palavras cuja freqüência e funcionalidade merecem uma investigação detalhada, como passaremos a fazer em seguida.

1 CONCEITO

Pronomes são palavras que representam os seres ou se referem a eles. Podem substituir os substantivos ou acompanhá-los, para tornar-lhes claro o sentido. Em "Eu pus os meus pés no riacho e acho que nunca os tirei" (da canção "Força estranha", de Caetano Veloso), o pronome meus acompanha o substantivo pés, indicando noção de posse. O pronome os substitui o substantivo pés.

Os pronomes permitem, ainda, identificar o ser como sendo aquele que utiliza a língua no momento da comunicação (eu, nós), aquele a que a comunicação é dirigida (tu, você, vós, vocês, Vossa Senhoria, Senhor) ou também como aquele ou aquilo que não participa do ato comunicativo, mas é mencionado (ele, ela, aquilo, outro, qualquer, alguém, etc.). O pronome também pode referir-se a um determinado ser, relacionando-o com as pessoas do discurso. Pode estabelecer outras relações, além da de posse, já citada, como a idéia de proximidade com a primeira pessoa (esta blusa, isto), com a segunda pessoa (essa blusa, isso) e com a terceira pessoa (aquela blusa, aquilo).

Quando um pronome faz as vezes de um substantivo, ou seja, quando o representa, é chamado de pronome substantivo. E o caso do pronome os do trecho da canção "Força estranha". Esse pronome, que substitui o substantivo pés, é, justamente por isso, pronome substantivo. Também há pronomes que acompanham os substantivos a fim de caracterizá-los ou determiná-los, atuando em funções típicas dos adjetivos. São, justamente por isso, chamados pronomes adjetivos. É o caso do pronome meus, do mesmo trecho. Esse pronome acompanha, determina o substantivo pés.

Há seis tipos de pronomes: pessoais, possessivos, demonstrativos, relativos, indefinidos e interrogativos. Você vai estudar agora cada um deles.

2 PRONOMES PESSOAIS

Os pronomes pessoais indicam diretamente as pessoas do discurso. Quem fala ou escreve assume os pronomes eu ou nós, emprega os pronomes tu, vós, você, vocês, Vossa Excelência ou algum outro pronome de tratamento para designar a quem se dirige e ele, ela, eles ou elas para fazer referência à pessoa ou ao assunto de que fala.

Os pronomes pessoais variam de acordo com as funções que exercem nas orações, dividindo-se em pronomes do caso reto e pronomes do caso oblíquo.

Também são considerados pessoais os chamados pronomes de tratamento.

Para estudar os pronomes pessoais, será necessário fazer referências a vários termos da análise sintática. Se você tiver dúvidas sobre eles, procure esclarecê-las na parte do livro dedicada a Sintaxe.

PRONOMES PESSOAIS DO CASO RETO

São do caso reto os pronomes pessoais que nas orações desempenham a função de sujeito ou predicativo do sujeito:

Primeira pessoa: eu (singular) - nós (plural)
Segunda pessoa: tu (singular) - vós (plural)
Terceira pessoa: ele, ela (singular) - eles, elas (plural)

Na língua culta, formal - falada ou escrita -, esses pronomes não devem ser usados como complementos verbais. Frases como "Vi ele na rua", "Encontrei ela na praça", "Trouxeram eu até aqui", comuns na língua oral cotidiana, não são aceitas no padrão formal da língua. Na língua culta, devem ser usados os pronomes oblíquos correspondentes: "Vi-o na rua", "Encontrei-a na praça", "Trouxeram-me até aqui".

PRONOME PESSOAL DO CASO OBLÍQUO

São do caso oblíquo os pronomes pessoais que, nas orações, desempenham as funções de complemento verbal (objeto direto ou indireto) ou complemento nominal. A forma dos pronomes do caso oblíquo varia de acordo com a tonicidade com que são pronunciados nas frases da língua, dividindo-se em átonos e tônicos.

PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS

primeira pessoa : me (singular); nós (plural)
segunda pessoa: te (singular); vós (plural)
terceira pessoa: o, a, se, lhe, (singular); os, as, se, lhes (plural)

Os pronomes me, te, nos e vos podem complementar verbos transitivos diretos ou indiretos. Em "Ela me ama", o me complementa o verbo amar, que não pede preposição (amar alguém). Em "O livro me pertence", o me complementa o verbo pertencer, transitivo indireto (pertencer a alguém). Os pronomes o, a, os e as atuam exclusivamente como objetos diretos; as formas lhe e lhes como objetos indiretos. Não é possível dizer, na língua culta, "Eu lhe amo". Como os pronomes me, te, nos e vos, o pronome se pode ser objeto direto ou indireto. Nesse caso, é reflexivo, ou seja, indica que o sujeito pratica a ação sobre si mesmo ("Ela se cortou"). Esses pronomes também podem assumir várias outras funções, que serão estudadas mais adiante, na parte dedicada a Sintaxe.

Os pronomes me, te, lhe, nos, vos e lhes podem combinar-se com os pronomes o, os, a, as, dando origem a formas como mo, mos, ma, mas; to, tos, ta, tas; lho, lhos, lha, lhas;

no-lo, no-los, no-la, no-las, vo-lo, vo-los, vo-la, vo-las. Observe o uso dessas formas nos exemplos que seguem:
- Com praste o livro?
- Ora, entreguei-to ontem, não te lembras?
- Não deram a notícia a vocês?
- Não, não no4a deram.

No português falado no Brasil, essas combinações não são usadas. Na língua literária, no entanto, seu emprego não é raro, como se vê em Gonçalves Dias ("Não te esqueci, eu to juro."), ou em Fernando Pessoa ("Dobrada à moda do Porto fria? Não é prato que se possa comer frio, mas trouxeram-mo frio."). Na língua oral de Portugal, essas combinações são freqüentes. Os pronomes o, os, a, as podem sofrer adaptações fonológicas depois de certas terminações verbais:
quando o verbo termina em -z, -s ou -r, o pronome assume a forma lo, los, la ou las, ao mesmo tempo que a terminação verbal é suprimida:
fiz + o = fi-lo fazeis + o = fazei-lo dizer + a = dizê-la
e quando o verbo termina em som nasal, o pronome assume as formas no, nos, na, nas:
viram + o = viram-no retém + a = retém-na
repõe + os = repãe-nos
tem + as = tem-nas

PRONOMES OBLÍQUOS TÔNICOS

Primeira pessoa	mim (singular),	nós (plural)
Segunda pessoa	ti (singular),	vós (plural)
Terceira pessoa	ele, ela, si(singular),	eles, elas, si (plural)

Os pronomes do caso oblíquo tônicos são sempre regidos por preposições, como a, até, contra, de, em, entre, para, por, sem. A combinação da preposição com alguns desses pronomes originou as formas comigo, contigo, consigo, conosco e convosco. As preposições essenciais introduzem sempre pronomes pessoais do caso oblíquo e nunca pronomes do caso reto. Por isso, preste atenção às frases abaixo, em que se exemplifica a forma culta de utilizar esses pronomes:
Não existe nada entre mim e ti.
Não foi comprovada nenhuma ligação entre ti e ela.
Não há nenhuma acusação contra mim.
Não saia sem mim.
Há construções em que a preposição, apesar de surgir anteposta a um pronome, rege a oração inteira, e não o pronome. Nesses casos, se o sujeito for um pronome, deverá ser do caso reto:
Trouxeram vários livros para eu ler.
Não saia sem eu permitir.

Note que as orações podem ser desdobradas, o que daria origem a "Trouxeram vários livros para que eu lesse" e "Não saia sem que eu permita". Não resta dúvida de que o pronome a ser empregado é mesmo do caso reto (eu).
As formas conosco e convosco são substituídas por com nós e com vós quando os pronomes pessoais são reforçados por palavras como outros, mesmos, próprios, todos, ambos ou algum numeral:
Ela terá de ir com nós todos.

Estavam com vós outros quando chegaram as encomendas?
Ele assegurou que viajaria com nós dois.
O pronome si é exclusivamente reflexivo no português do Brasil. O mesmo ocorre com a forma consigo. Observe seu emprego nas frases abaixo:
Ela é extremamente egoísta. Só é capaz de pensar em si.
Ele normalmente fala consigo mesmo em voz alta.

A SEGUNDA PESSOA INDIRETA
A chamada segunda pessoa indireta ocorre quando se empregam pronomes que, apesar de indicarem o interlocutor (portanto, a segunda pessoa), exigem o verbo na terceira pessoa. E o caso dos chamados pronomes de tratamento, que podem ser observados no quadro seguinte.

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
Pronome de tratamento: Vossa Alteza, V.A., Usado para se dirigir a príncipes, duques
Vossa Eminência, Abreviatura: V. Em.a, para se dirigir a cardeais
Vossa Excelência, Abreviatura: V. Ex.a, para se dirigir a altas autoridades e oficiais-generais
Vossa Magnificência, Abreviatura: V. Mag.a, para se dirigir a reitores de universidades
Vossa Majestade, Abreviatura: V.M., para se dirigir a reis, imperadores
Vossa Santidade, Abreviatura: V.S., para se dirigir a papa
Vossa Senhoria, Abreviatura: V.S.a, para tratamento cerimonioso
- fim do quadro.

Esses pronomes efetivamente representam uma forma indireta de tratamento de um interlocutor. Quando se trata um senador por "Vossa Excelência", por exemplo, faz-se referência à excelência que esse senador supostamente tem para poder ocupar o cargo.
As formas da relação acima (Vossa Excelência, Vossa Majestade, Vossa Senhoria) devem ser usadas quando designamos a segunda pessoa do discurso, ou seja, o interlocutor; para designar a terceira pessoa, ou seja, aquela de quem se fala, é necessário substituir Vossa por Sua, obtendo os pronomes Sua Alteza, Sua Eminência, Sua Excelência, etc.

- nota da ledora: desenho, de meia página, representando um rei falando ao povo, e atrás dele, seu séquito repetindo a sua fala, textualmente. O rei fala para o povo : Povo da minha terra. - e a corte, ao lado do rei, grita…- POVO DA MINHA TERRA…
- segue-se a este quadro legenda, falada por alguém, em meio a multidão: - Sua majestade acaba de inventar a amplificação sonora!
- fim da nota.

Comentando a inovação tecnológica que o rei introduziu no comício, o homem do povo usa corretamente a forma "Sua Majestade acaba de...'; pois está se referindo à terceira pessoa (aquela de quem se fala). Se ele quisesse dirigir a palavra ao rei diretamente, devera dizer: - " vossa Majestade acaba de … "

Também são pronomes de tratamento o senhor, a senhora e você, vocês. O senhor e a senhora são empregados no tratamento cerimonioso; você e vocês, no tratamento familiar. Você e vocês são largamente empregados no português do Brasil, praticamente substituindo as formas tu e vós.

É importante notar que esses pronomes de tratamento exigem o verbo e outros pronomes de terceira pessoa. Observe a frase seguinte:
Vossa Excelência apresentará seu projeto na sessão de hoje?
No caso de você e vocês, essas relações devem ser atentamente observadas. As formas você e vocês podem ser usadas no papel de pronomes pessoais do caso reto (atuando como sujeito ou predicativo) ou no de pronomes pessoais do caso oblíquo (atuando como complementos verbais e nominais):
Você já foi a Roma?
O mais indicado para o cargo é você.
Vi você ontem na praça.
Darei as respostas a você.
Nunca houve nada entre mim e você.

Também se usam as formas oblíquas o, a, os, as; lhe, lhes, se, si e consigo em combinação com você, vocês (e outros pronomes de tratamento):
Você não foi porque não quis. Eu o havia avisado do encontro.
Já lhe disse várias vezes que você não deve insistir. Você só é capaz de pensar em si?
Você só se preocupa consigo mesmo?
Na língua culta, não se devem misturar os tratamentos tu e você, como ocorre com freqüência, no Brasil, na língua oral cotidiana. Devem-se evitar frases como:
Se você precisar, vou te ajudar.
Em seu lugar, devemos usar frases com tratamento uniforme:
Se você precisar, vou ajudá-lo. (ou ajudar você)
ou
Se (tu) precisares, vou te ajudar.
Na língua coloquial, utiliza-se com freqüência a forma a gente como pronome de primeira pessoa do plural. O verbo deve permanecer na terceira pessoa do singular:
Com o tempo, a gente aprende cada coisa!
Na língua formal, essa forma deve ser substituída por nós.

ATIVIDADES

1. Nas frases seguintes, ocorre ambigüidade, decorrente do emprego de pronomes pessoais. Comente essas ambigüidades e proponha formas de eliminá-las.
a) É preciso que refaça o que havia feito.
b) João disse a Pedro que ele seria o escolhido.
c) Eu afirmei a Caio que conseguiria resolver a questão.
d) Ela me garantiu que obteria o cargo.
e) Sílvia disse a Flávia que ela seria a última a sair.

2. Reescreva cada uma das frases seguintes, substituindo o termo destacado por um pronome pessoal oblíquo átono.
a) Entregue (seus livros) aos colegas.
b) Entregue seus livros (aos colegas).
c) Envie (seus textos) ao editor.
d) Envie seus textos (ao editor).
e) Mostrei (o melhor caminho) aos turistas.
f) Mostrei o melhor caminho (aos turistas).
g) Apresentei (as provas) no tribunal.
h) Paguei (aos meus credores).

i) Paguei (os meus débitos).

3. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Pediram (esmola) aos rapazes.
b) Pediram esmola (aos rapazes).
c) Mostraram (a realidade) ao pobre homem.
d) Mostraram a realidade (ao pobre homem).
e) Devem destruir (a ponte).
f) Refiz (o trabalho).
g) Metes (o nariz) onde não és chamado.
h) Mete (o nariz) onde não é chamado.
i) Você deve pôr (estas roupas) lá em cima.
j) Desejo ver (seus primos).

4. As frases seguintes são freqüentes na língua coloquial e familiar. Reescreva-as de acordo com o padrão culto da língua.
a) Vi ele ontem.
b) Encontrei ela no cinema.
c) Deixa eu quieto!
d) Ela deixou alguns livros pra mim dar uma olhada.
e) Está tudo acabado entre eu e você.
f) Mandaram eu sair da sala.
g) "Cantei pra ti dormir."
h) Fizeram ele desistir da escola.
i) Trouxe ele aqui pra dar uma força pra gente.

5. Reescreva as frases de acordo com o modelo.
Trouxeram algumas revistas. vou lê-las.
Trouxeram algumas revistas (para eu ler).
a) Apresentaram algumas sugestões. Vou analisá-las.
b) Mandaram alguns documentos. Vou arquivá-los.
c) Recomendaram alguns procedimentos. Vou adotá-los.
d) Enviaram alguns exemplares. Vou examiná-los.
e) Deixaram várias fitas. Vou vê-las.

6. Complete as frases seguintes com a forma apropriada do pronome pessoal da primeira pessoa do singular.
a) Este fichário é para ( ) fazer meus apontamentos.
b) Discutimos, mas no fim tudo ficou resolvido. Não há mais nada pendente entre
( ) e ele.
c) É difícil para ( ) aceitar sua ausência.
d) Quem trouxe isto para ( ) ?
e) Não vá sem ( )
f) Para ( ) já está claro que foi ele o responsável pelo desvio das verbas.
g) Não tome nenhuma decisão sem ( ) saber.

7. Passe para o plural o verbo destacado em cada uma das frases seguintes. Faça todas as modificações necessárias.
a) Não me (esqueço) de que ele não simpatiza comigo.
b) Não te (queixaste) de que ela não se preocupava contigo?

c) Não me (lembro) da presença de alguém comigo naquele momento.
d) Não te (recordas) das coisas ruins que te acontecem?
e) Não me (propus) a cuidar melhor de mim mesmo?
f) (Lembro)-me de que ela gostava de passear comigo.
g) Não te (lembras) de quem estava contigo naquela ocasião?

8. Leia atentamente as frases seguintes. A seguir, sugira soluções para os problemas pronominais que apresentam.
a) Querida, gosto muito de si.
b) Querida, gostaria muito de sair consigo.
c) Falei consigo ontem, não se lembra?
d) Apesar da distância que nos separa, creia que nunca me esqueço de si.

9. Recentemente, uma campanha de prevenção da AIDS divulgou a frase "Se você não se cuidar, a AIDS vai te pegar". É possível criticar a combinação de pronomes adotada? Comente.

- nota da ledora: desenho da campanha de esclarecimento sobre a AIDS, apresentando um rosto cortado pelas letras AIDS.
- fim da nota.

3 PRONOMES POSSESSIVOS

Os pronomes possessivos fazem referência as pessoas do discurso, atribuindo-lhes a posse de algo. São os seguintes:
primeira pessoa do singular: meu, meus, minha, minhas
primeira pessoa do plural: nosso, nossos, nossa, nossas
segunda pessoa do singular: teu, teus, tua, tuas
segunda pessoa do plural: vosso, vossos, vossa, vossas
terceira pessoa do singular: seu, seus, sua, suas
terceira pessoa do plural: seu, seus, sua, suas

- nota da ledora: propaganda de cunho ecológico, com o seguinte texto: - A RioCell apoia os pescadores da sua região - ilustração da propaganda, a foto de um pássaro martim-pescador, com um peixinho no bico.
- fim da nota.

Leia a explicação abaixo para entender a forma que os pronomes possessivos assumem na frase.
A forma do possessivo depende da pessoa gramatical a que se refere. O gênero e o número concordam com o objeto possuído:
Dou meu apoio e minha solidariedade.

Meu e minha são pronomes possessivos relativos à primeira pessoa do singular, em sintonia com o pronome eu, também da primeira pessoa, implícito na forma verbal dou. Estão, respectivamente, no masculino e no feminino singular, em concordância com os substantivos apoio e solidariedade. Os pronomes de tratamento utilizam os possessivos da terceira pessoa:
Vossa Excelência apresentou sua proposta na sessão de hoje?
Você deve encaminhar seu relatório à direção do colégio.

Esteja certo de que seus colegas o apoiarão.
Na língua coloquial, a tendência é construir frases relacionando você com os possessivos da segunda pessoa do singular ("Você trouxe o teu livro?"). Essa tendência deve ser evitada na língua formal falada ou escrita.
Em algumas construções, os pronomes pessoais oblíquos átonos assumem valor de possessivos:
Vou seguir-lhe os passos.
(= Vou seguir seus/os seus passos.)
"E além de tudo me deixou mudo o violão." (Chico Buarque, "A Rita")
(= deixou mudo meu/o meu violão.)

Observe que o artigo é optativo antes dos possessivos:
"Meu coração é um balde despejado"(Fernando Pessoa)

"O meu amor sozinho é assim como um jardim sem flor"
(Carlos Lira e Vinicius de Moraes, "Primavera")

4 PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Os pronomes demonstrativos indicam a posição dos seres designados em relação às pessoas do discurso, situando-os no espaço, no tempo ou no próprio discurso.
Apresentam-se em formas variáveis (em gênero e número) e invariáveis:
primeira pessoa: este, estes, esta, estas, isto
segunda pessoa: esse, esses, essa, essas, isso
terceira pessoa: aquele, aqueles, aquela, aquelas, aquilo

As formas de primeira pessoa indicam proximidade de quem fala ou escreve:
Este rapaz é um velho companheiro.
Esta blusa que estou usando é confortável.

Os demonstrativos de primeira pessoa podem indicar também o tempo presente em relação a quem fala ou escreve:

Nestas últimas semanas, parece que o mundo mudou mais do que nos últimos séculos.
As formas esse, esses, essa, essas e isso indicam proximidade da pessoa a quem se fala ou escreve:
O que é isso que está em sua mão?
Nunca imaginei que esse corpo conseguisse suportar tanto trabalho.

"Esse seu olhar quando encontra o meu, fala de umas coisas..." ("Esse seu olhar", Tom Jobim)

Os demonstrativos de segunda pessoa também podem indicar o passado ou o futuro próximos de quem fala ou escreve:
Meu rendimento aumentou nesses meses.
(o emissor refere-se a meses que já passaram)

Os pronomes aquele, aqueles, aquela, aquelas e aquilo indicam o que está distante tanto de quem fala ou escreve como da pessoa a quem se fala ou escreve:
Veja aqueles monumentos.

Quem é aquela moça que está do outro lado da rua?
Esses pronomes também podem indicar um passado vago ou remoto:
Naqueles tempos, o país era mais otimista.
Naquela época, podia-se ir aos estádios e voltar vivo.
Esses pronomes demonstrativos também podem estabelecer relações entre as partes do discurso, ou seja, podem relacionar aquilo que já foi dito numa frase ou texto com o que ainda se vai dizer. Observe:
Minha tese é esta: crescimento econômico só se justifica quando produz bem-estar social.
Crescimento econômico só se justifica quando produz bem-estar social Essa é minha tese.

- nota da ledora: na página, uma tira de três desenhos, em quadrinhos, onde dois homens travam o seguinte diálogo: - gerente : dei uma olhada na sua sugestão. Decidi que é impossível. interlocutor: Já resolvi o problema. gerente: não vai dar certo. interlocutor: Está dando certo. gerente : Você escreveu errado essa palavra. interlocutor: Isso é um algarismo.
- fim da nota.

No último quadrinho, o gerente diz "esta palavra " porque a palavra está próxima dele. Seu interlocutor usa a forma "Isso é um algarismo " porque o dito algarismo está próximo de seu gerente.

Este (e as outras formas de primeira pessoa) se refere ao que ainda vai ser dito na frase ou texto; esse (e as outras formas de segunda pessoa) se refere ao que já foi dito na frase ou texto.
Também se pode utilizar a oposição entre os pronomes de primeira pessoa e os de terceira na retomada de elementos anteriormente citados:
Um amigo visitou Miami e Roma. Nesta (em Roma), emocionou-se, tropeçou em história e teve uma verdadeira aula de civilização e cultura; naquela (em Miami), comprou tênis e aparelhos eletrônicos.
Há alguns pronomes demonstrativos que desempenham papel importantíssimo no inter-relacionamento das partes que constituem frases e textos.

O, os, a, as são pronomes demonstrativos quando podem ser substituídos por isto, isso, aquilo ou aquele, aqueles, aquela, aquelas. É o que se verifica em frases como:
Devemos transformar nosso quadro social: é preciso que o façamos logo.
(= …é preciso que façamos isso logo.)
A que apresentar o melhor texto será aprovada.
(= Aquela que apresentar o melhor texto...)
Não se pode ignorar tudo o que já foi discutido.
(=.. tudo aquilo que já foi discutido.)

Tal, tais podem ter sentido próximo ao dos pronomes demonstrativos estudados acima ou de semelhante, semelhantes; nesses casos, são considerados pronomes demonstrativos, como ocorre nas frases:

Tal foi a constatação de todos, inevitável àquela altura.
(= Essa foi...)

Jamais supus que fossem capazes de pro ferir tal aberração!
(= semelhante aberração!)
Semelhante, semelhantes são demonstrativos quando eqüivalem a tal, tais:

Não se veriam semelhantes grosserias se as pessoas tivessem um mínimo de sensibilidade.
(= Não se veriam tais grosserias...)

Mesmo, mesmos, mesma, mesmas; próprio, próprios, própria, próprias são demonstrativos quando têm o sentido de "idêntico", "em pessoa":

Não é possível continuar insistindo nos mesmos erros.

Ela própria deve fiscalizar a mercadoria que lhe é entregue.

ATIVIDADES

1. Nas frases seguintes, há casos de ambigüidade decorrentes do emprego dos pronomes possessivos. Aponte essas ambigüidades e proponha formas de evitá-las.
a) Ao chegar à casa do primo, Sílvio encontrou-o com sua namorada.
b) Você deve esperar seu irmão e levá-lo em seu carro até o hospital.

2. Substitua os asteriscos das frases seguintes pelos pronomes possessivos adequados.
- nota da ledora: lembramos ao leitor, que asteriscos e lacunas foram padronizados, nos exercícios, com sinais de abertura e fechamento de parênteses, visando facilitar a leitura.
- fim da nota.
a) Você já expôs ( ) conclusões?
b) Já expuseste ( ) conclusões?
c) Você deve cuidar do que é ( ) .
d) Deves cuidar do que é ( ) ,
e) Estou muito interessado em conhecê-la melhor: fale-me de ( ) vida, de ( ) hábitos, de ( ) manias, de ( ) predileções e de ( ) aversões.
f) Estou muito interessado em conhecer-te melhor: fala-me de ( ) vida, de ( ) hábitos, de ( ) manias, de ( ) predileções e de ( ) aversões.
g) Não me apareça com ( ) habituais blasfêmias!
h) Não comeces com ( ) queixas!
i) Tente não ser muito hostil em ( ) críticas.
j) Tenta não ser muito hostil em ( ) críticas.

3. Substitua os asteriscos das frases seguintes pelos pronomes demonstrativos adequados.
a) ( ) bola que tenho em minhas mãos foi a que esteve em disputa na partida decisiva do campeonato.
b) Por que você nunca lava ( ) mãos?
c) Observe ( ) que tenho ( ) caixa: são frutas que colhi ( ) pomar ali adiante.
d) Você consegue ver ( ) rapazes lá do outro lado da rua?
e) Por favor, traga-me ( ) livro que está aí do seu lado.
f) Por favor, ajude-me a carregar ( ) caixas aqui.
g) Por favor, ajude-me a trazer até aqui ( ) caixas que estão no outro andar.

4. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) A grande verdade é ( ): foi ele o mentor do plano.
b) Embora tenha sido o mentor do plano, ele nunca admitiu ( ) fato.
c) Ninguém conseguiu provar sua culpa. Diante ( ), o júri teve de absolvê-lo.
d) O país atravessa um momento delicado.
( ) crise parece não ter fim.
e) Compramos um programa capaz de gerenciar os dados armazenados em nosso microcomputador. Um programa ( ) é indispensável ao bom desempenho do equipamento.
f) Ademir da Guia e Roberto Dias foram dois dos mais elegantes jogadores da história do futebol brasileiro. ( ) brilhou no São Paulo; ( ), filho do genial Domingos da Guia, brilhou no Palmeiras.

5. Pronomes possessivos e demonstrativos muitas vezes são usados para exprimir detalhes interessantes de significação. Procure captar e comentar os detalhes expressos nas frases seguintes.
a) Ela deve estar com os seus quarenta anos.
b) Você não vai ter um dos seus ataques de tosse justamente agora, vai?
c) O que quer aqui, meu senhor?
d) Ande logo, minha amada.
e) Ela não abre mão do seu batom.
1) O quê? Ela quer namorar aquilo?
g) O quê? Este é aquele?!
h) Aonde vai você com essa empáfia?

6. Os pronomes possessivos e demonstrativos são muito importantes para a coesão textual, pois permitem o inter-relacionamento entre as partes do texto e evitam repetições de palavras e frases. Nos parágrafos seguintes, sua função é completar as lacunas com pronomes possessivos ou demonstrativos a fim de obter um conjunto bem estruturado.
a) "Ele sempre exerceu um estranho fascínio sobre os homens. Já foi venerado por alguns povos da antigüidade e tem () forma associada a um dos signos zodiacais. ( ) capacidade de sobreviver até dois anos sem se alimentar, encerrado num vidro de laboratório, confere-lhe alguns recordes entre os seres vivos. ( ) antigüidade também causa admiração: ele existe há cerca de 400 milhões de anos - e pouco mudou desde ( ) época. Possui hábitos noturnos, é fluorescente à luz ultravioleta, pratica o canibalismo e, quando molestado, desfere uma terrível ferroada com o aguilhão que tem dependurado na extremidade de ( ) cauda anelada." (Globo Ciência, abr. 1992.)
b) "De inconvenientes, os bolores e mofos tornaram-se mais um instrumento dos cientistas nas pesquisas com medicamentos, desinfetantes, inseticidas e, mais recentemente, anticorrosivos e simplificadores dos mecanismos de produção de álcool. ( ) fez crescer o interesse de várias indústrias pelos fungos, fato que está causando furor nas micotecas, os laboratórios que os criam, armazenam e distribuem, classificando-os segundo ( ) origem e características peculiares." (Superinteressante, mar. 1 992.)

5 PRONOMES RELATIVOS

Os pronomes relativos se referem a um termo anterior - chamado antecedente -, projetando-o na oração seguinte, subordinada a esse antecedente. Cumprem, portanto, duplo papel: substituem ou especificam um antecedente e introduzem uma oração subordinada. Atuam, assim, como pronomes e conectivos a um só tempo. Observe:

"Bebi o café que eu mesmo preparei. "(Manuel Bandeira)

A palavra que é, na frase acima, um pronome relativo. O antecedente a que se relaciona é o café; a oração que se subordina a esse antecedente é que eu mesmo preparei. Desdobrando o período composto acima em duas orações, percebemos claramente qual o papel desempenhado pelo pronome relativo que:

Bebi o café. Eu mesmo preparei o café.
Percebe-se que o relativo que, que introduz a segunda oração, substitui o café.
Os pronomes relativos da língua portuguesa são divididos em variáveis e invariáveis:
Invariáveis
que
quem
quando
como
onde

Variáveis
qual, os quais, a qual, as quais
cujo, cujos, cuja, cujas
quanto, quantos, quantas

Que é ; sem dúvida o pronome mais usado. Por isso, e/e é chamado relativo universal. Pode ser usado com referência a pessoa ou coisa, no singular ou no plural:
Aqui está o amigo de que lhe falei.
Aqui estão os amigos de que lhe falei.
Aqui está o livro que lerei nas férias.
Aqui estão os livros que lerei nas férias.

O qual, os quais, a qual e as quais são exclusivamente pronomes relativos. Por isso constituem recurso didático largamente empregado para verificar se palavras como que, quem e onde (que podem pertencer a mais de uma classe de palavras) são pronomes relativos. São usados com referência a pessoa ou coisa por motivo de clareza ou depois de determinadas preposições:
Ele trabalha na maior unidade do grupo empresarial, a qual produz sofisticados equipamentos eletrônicos.
(Note que o emprego de que nesse caso geraria ambigüidade, visto que poderia recuperar unidade ou grupo.)

As únicas teses sobre as quais ninguém tem dúvidas já foram discutidas e rediscutidas. (Muitos autores não admitem o uso do que depois de sobre e outras preposições dissilábicas, como para.)

Cujo e suas flexões eqüivalem a de que, do qual, de quem. Normalmente, estabelecem relação de posse entre o antecedente e o termo que especificam:

Deve-se votar em candidatos cujo passado seja garantia de comportamento coerente.
(= o passado desses candidatos deve ser garantia...)

É um homem de cujas opiniões só se pode discordar.
(= das opiniões desse homem só se pode discordar.)

É importante notar que nunca se usa artigo depois de cujo: "cujo filho" e não "cujo o filho".

Quem refere-se a pessoa ou a algo personificado:
Este poeta, a quem o povo deveria respeitar; é o que melhor traduz a alma brasileira.
Este é meu cão, a quem prezo como companheiro.
Onde é pronome relativo quando eqüivale a em que; deve ser usado, portanto, unicamente na indicação de lugar:
Você conhece uma cidade brasileira onde se possa atravessar a rua em segurança?
Quero que você veja a escola onde fiz meus primeiros garranchos.

Quanto, quantos e quantas são pronomes relativos quando usados depois dos pronomes indefinidos tudo, todos ou todas:
Trouxe tudo quanto me pediram.
Você deve perguntar a todos quantos estavam lá.

Quando e como são relativos que exprimem noções de tempo e modo, respectivamente:
É o momento quando o céu se torna infinitamente azul.
Não aceito a forma como ela tratou você na reunião.
É fácil observar que os pronomes relativos são elementos fundamentais para a boa articulação de frases e textos: sua propriedade de atuar como pronomes e conectivos simultaneamente favorece a síntese e evita a repetição de termos.
Você poderá perceber melhor esse papel nas atividades que vêm adiante e no estudo das orações subordinadas adjetivas, na parte reservada a Sintaxe.

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÃO
Alguns autores defendem a existência de pronomes relativos sem antecedentes, em frases como:
Quem não deve não teme.
Ficou quieto onde o deixaram.
Nesses casos, os pronomes quem e onde seriam equivalentes a aqueles que e no lugar em que, respectivamente.
- fim do quadro.

- nota da ledora: propaganda da Feira de Utilidade Doméstica, UD 97, no Anhembi, em São Paulo, apresentando a seguinte: uma mulher sobre duas caixas de cadeira, olhando por cima de um muro, e a seguinte frase: - Quem é curioso vai.
- fim da nota.

No período "Quem é curioso vai "; observamos uma curiosa ocorrência gramatical: um pronome relativo sem antecedente. Para certos gramáticos, quem deve ser desdobrado em aquele que.

ATIVIDADES

1. Substitua os asteriscos das frases abaixo por pronomes relativos. Em alguns casos, você terá de colocar uma preposição antes do pronome.
a) O museu ( ) o governo do estado quer recuperar é um dos mais importantes do país.
b) Aquela médica ( ) me atendeu ontem é a diretora do hospital.
c) As provas ( ) ele tentou mostrar que é inocente não convenceram ninguém.
d) As teses, ( ) não duvido, foram rejeitadas por muitos dos presentes.
e) Este é o disco ( ) repertório a crítica tem elogiado.
f) Aquela é a garota ( ) irmão foi aprovado no vestibular.
g) Lá fica a sede da seita ( ) líderes são acusados de charlatanismo.
h) Aquela é a casa ( ) se ouvem barulhos estranhos.
i) Só ela sabe o nome do remédio ( ) devo tornar.

2. Em cada item a seguir, você encontrará dois períodos simples. Leia-os atentamente. Depois, una-os em um único período, composto, utilizando um pronome relativo para efetuar essa transformação. Faça todas as alterações que julgar necessárias à obtenção de frases bem construídas.
a) Estudei algumas teses. Essas teses apresentam soluções inovadoras.
b) Não tive tempo para ler todos os livros. Esses livros têm sido elogiados pelos críticos.
c) Felizmente pude ver algumas peças. Um professor havia falado muito bem dessas peças.
d) Preciso escrever uma carta ao senador. Na última eleição, votei nesse senador.
e) É fundamental criar projetos sociais exeqüíveis. A eliminação da miséria deve ser a principal meta desses projetos.
f) É preciso criar uma nação. A justiça social deve prevalecer nessa nação.
g) Serão criados órgãos de incentivo à cultura. A principal finalidade desses órgãos será democratizar o acesso à cultura.
h) Só consigo repudiar políticos conservadores. Para esses políticos, a questão dos meninos de rua só se resolve com repressão policial.
i) Em toda eleição surgem candidatos oportunistas. Pouco se divulga sobre a vida desses candidatos.

3. Explique a ambigüidade da frase seguinte e proponha alguma forma de resolvê-la.
O projeto será encaminhado ao líder de uma das comissões, que deve estudar o assunto.

6 PRONOME INDEFINIDO

Os pronomes indefinidos referem-se à terceira pessoa do discurso de forma vaga, imprecisa ou genérica. É o que se verifica, por exemplo, na frase:
Alguém esteve lá durante minha ausência e levou os documentos.
Não é difícil constatar que o pronome alguém faz referência a uma pessoa da qual se fala (uma terceira pessoa, portanto) de forma imprecisa, vaga. É um termo que indica um ser humano de cuja existência se tem certeza, mas cuja identidade não é conhecida.
Os pronomes indefinidos formam um grupo bastante numeroso.
Alguns são variáveis; outros são invariáveis.

Invariáveis
alguém, ninguém, cada

tudo, nada, outrem
algo, mais, menos, demais

Variáveis
algum, alguns, alguma, algumas nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhumas todo, todos, toda, todas, outro, outros, outra, outras muito, muitos, muita, muitas, pouco, poucos, pouca, poucas, certo, certos, certa, certas, vário, vários, vária, várias tanto, tantos, tanta, tantas, quanto, quantos, quanta, quantas um, uns, uma, umas, bastante, bastantes, qualquer, quaisquer.

- nota da ledora: Detalhe de anúncio da Associação Desportiva para Deficientes Físicos; o cartaz traz a foto de um homem cadeirante, (em cadeira de rodas) com uma bola de basquete ao colo, e o seguinte texto: - Alguns paraplégicos reclamam da cadeira. Eu prefiro pensar nas rodas.
- fim da nota.

Eis aqui uma bela antítese baseada no uso de pronomes. A estática amargura de alguns (pronome indefinido) se contrapõe a dinâmica vontade do eu (pronome pessoal).
Além desses pronomes, existem também as locuções pronominais indefinidas:
cada um, cada qual, quem quer que, todo aquele que, tudo o mais etc.

Se você analisar com atenção os pronomes indefinidos, vai perceber que existem alguns grupos que criam sistemas de oposição de sentido. É o caso, por exemplo, de:
algum/alguém! algo, que têm sentido afirmativo, e nenhum/ninguém/ nada, que têm sentido negativo;
todo/ tudo, que indicam uma totalidade afirmativa, e nenhum/ nada, que indicam uma totalidade negativa;
alguém/ ninguém, que se referem a pessoa, e algo/ nada, que se referem a coisa;
certo, que particulariza, e qualquer, que generaliza.
Essa oposição de sentido é muito importante para construir frases e textos coerentes. Muitas vezes, a solidez e a consistência dos argumentos expostos dependem justamente dessa oposição. Verifique nas frases seguintes a força que os pronomes indefinidos destacados conferem às afirmações de que são parte:

Nada do que se apurou produziu algum resultado prático. E ninguém se beneficiou com os milhões investidos nesses projetos megalomaníacos.
Procure levar em conta todas as informações constantes do manual. Não há nenhuma possibilidade de que algo não possa ser resolvido com essas instruções.
Algumas pessoas não se convencem de que certos assuntos não devem ser discutidos por pessoas quaisquer.
O pronome qualquer não deve ser usado com o sentido de nenhum. Não se deve dizer "O time não tem qualquer possibilidade de classificação". A construção indicada é "O time não tem nenhuma possibilidade de classificação". Qualquer deve indeterminar, generalizar:
"A partir de amanhã, qualquer brasileiro poderá sacar suas cotas do PIS".

7 PRONOMES INTERROGATIVOS

Os pronomes que, quem, qual e quanto, na teoria indefinidos, são classificados particularmente como interrogativos porque são empregados para formular interrogações diretas ou indiretas:

Que foi isso?
Quero saber que foi isso.
Qual o melhor itinerário?
Quero saber qual é o melhor itinerário.
Quem é esse rapaz?
Quero saber quem é esse rapaz.
Quanto custa?
Quero saber quanto custa.

ATIVIDADES

1. Substitua as palavras ou expressões destacadas nas frases abaixo por pronomes indefinidos. Em alguns casos, você terá de fazer alterações na concordância para obter frases bem formadas.
a) Ela pensa que é dona de todas (as coisas). É uma egocêntrica. (Nenhuma pessoa) a tolera.
b) Nenhuma pessoa deve transferir a (outras pessoas) as tarefas que lhe cabem.
c) Não é justo utilizar em proveito próprio os problemas das (outras pessoas).
d) (Poucas pessoas) têm capacidade de discernir; (muitas pessoas) ainda se deixam enganar por promessas irrealizáveis.
e) Existe gente que não crê em (nenhuma coisa) nem em (nenhum ser humano).
f) É inaceitável que se faça isso a (um ser humano). (Nenhum ser humano) pode tolerar tanto escárnio.

2. Explique a diferença de sentido entre as expressões destacadas nas frases de cada um dos pares seguintes.
a) Aquilo tinha (algum valor) para ele.
Aquilo não tinha (valor algum) para ele.
b) (Certas pessoas) têm pouco senso de ridículo.
Escolha sempre as (pessoas certas).
c) Você não vai oferecer (nada)?
Saiu do restaurante sem ter provado (nada).
d) (Outro dia) estive lá.
Estive lá no (outro dia).
e) É trabalho que pode ser feito por (qualquer um).
É trabalho que não pode ser feito por (um qualquer).
f) "(Todo dia) ela faz tudo sempre igual."
Ela faz tudo sempre igual (todo o dia).

TEXTOS PARA ANÁLISE

- nota da ledora: propaganda do Guia Quatro Rodas, com o seguinte texto: - Num país onde existem tantos feriados é um pecado você passar a maioria deles dentro de casa.
- fim da nota.

TRABALHADO O TEXTO
Aponte e classifique todos os pronomes presentes no texto ao lado.

Vou tirar você do dicionário

Vou tirar do dicionário
A palavra você
Vou trocá-la em miúdos
Mudar meu vocabulário
E no seu lugar
Vou colocar outro absurdo
Eu vou tirar suas impressões digitais da minha pele
Tirar seu cheiro dos meus lençóis
O seu rosto do meu gosto
Eu vou tirar você de letra
Nem que tenha que inventar outra gramática
Eu vou tirar você de mim
Assim que descobrir
Com quantos nãos se faz um sim
Eu vou tirar o sentimento do meu pensamento
Sua imagem e semelhança
Vou parar o movimento
A qualquer momento procurar outra lembrança
Eu vou tirar, vou limar de vez
Sua voz dos meus ouvidos
Eu vou tirar você e eu de nós
O dito pelo não tido
Eu vou tirar você de letra
Nem que tenha que inventar outra gramática
Eu vou tirar você de mim
Assim que descobrir
Com quantos nãos se faz um sim
(ASSUMPÇÁO, Itamar e RUIZ, Alice. In: DUNCAN, Zélia.
Infimidade. CD WEA 063015836 - 2, 1996.)

TRABALHANDO O TEXTO:
1. A que palavra se refere o pronome destacado em "Vou trocá-(la) em miúdos"?

2. "E no (seu) lugar vou colocar outro absurdo." A que ou a quem se refere o pronome destacado?

3. Retire do texto:
a) um pronome de tratamento;
b) quatro pronomes indefinidos;
c) dois pronomes pessoais do caso reto;
d) três pronomes pessoais do caso oblíquo.

4. "Eu vou tirar você e eu de nós." Empregado duas vezes no trecho, o pronome eu tem papéis distintos: um, próprio da forma reta; outro, não. Comente e explique o sentido do verso.

5. Durante uma entrevista, um jogador de futebol disse a um repórter: "Quando você bate na bola como lado de fora do pé..." Ao empregar a palavra você, o jogador estava referindo-se ao repórter? Esse emprego do pronome está de acordo com a norma culta? Explique.

6. Ao tirar a palavra você do dicionário, está-se tirando uma pessoa específica ou toda uma possibilidade de relacionamento sentimental com outra pessoa? Comente.

7. A que classe gramatical pertencem normalmente as palavras não e sim? No texto, as palavras nãos e sim pertencem a essa classe? Comente.

8. No texto, a invenção de uma outra gramática atende a um objetivo específico. Em alguma outra situação você julga que seria necessário criar uma nova gramática? Explique.

QUESTÕES E TESTES DE VERTIBULARES

1 (UFU-MG) Observe os trechos abaixo.

I. "Positivamente , era um diabrete Virgilia, um diabrete angélico, se querem, mas era-(o) e então... Então apareceu o Lobo Neves, ..." (Machado de Assis)

II. "Meu pai ficou atônito com o desenlace, e quer-me parecer que não morreu de outra coisa. Eram tantos os castelos que engenhara, tantos e tantíssimos os sonhos, que não podia vê-los assim esboroados, sem padecer um forte abalo no organismo. A princípio não quis crê-(lo). Um Cubas! um galho da árvore ilustre dos Cubas! E dizia isto com tal convicção, que eu já então informado da nossa tanoaria, esqueci um instante a volúvel dama, para só contemplar aquele fenômeno, não raro, mas curioso: uma imaginação graduada em consciência." (Machado de Assis)

III. "Ela era menos escrupulosa que o marido; manifestava claramente as esperanças que trazia no legado, cumulava o parente de todas as cortesias, atenções e afagos que poderiam render, pelo menos, um codicilo. Propriamente, adulava(o): mas eu observei que a adulação das mulheres não é a mesma coisa que a dos homens." (Machado de Assis)

Assinale a única alternativa em que as palavras podem substituir os termos em destaque.

a) diabrete - desenlace - parente
b) angélico - pai - legado
c) Virgília - abalo - marido
d) diabrete - organismo - parente
e) angélico - desenlace - legado

2 (UFRRJ) "Há quem pense que as empresas jornalísticas, ao promover o uso de jornais na educação, (o) fazem unicamente com o objetivo de criar o leitor do futuro."

Em relação ao termo destacado, a classificação e a justificativa de seu uso são as seguintes:

a) artigo definido, pois determina um substantivo subentendido na oração.
b) pronome demonstrativo, pois substitui a idéia expressa pela oração anterior.
c) pronome pessoal, pois substitui um substantivo subentendido na oração anterior.

d) pronome demonstrativo, pois situa cronologicamente a ação do verbo fazer.
e) artigo definido, pois substantiva o verbo fazer, determinando-o.

3 (FUVEST-SP) "Ensinar-me-lo-ias), se (o soubesses), mas não (sabes-o)."
A frase acima estaria de acordo com a norma gramatical, usando-se, onde estão as formas destacadas:
a) Ensinar-mo-ias - o soubesses - o sabes
b) Ensinarias-mo - soubesse-lo - sabe-lo
c) Ensinarias-mo - soubesses-o - o sabes
d) Ensinar-mo-ias soubesses-o sabe-lo
e) Ensinarias-mo - soubesse-lo - o sabes

4 (FUVEST-SP) Na frase "(Todo) homem é mortal, porém o homem (todo) não é mortal", o termo (todo) é empregado com significados diferentes.
a) Indique o sentido em cada uma das expressões.
b) Justifique sua resposta.

5 (PUCSP) Nos trechos:
"(aquelas) cores todas não existem na pena do pavão... "
"... (este) é o luxo do grande artista,..." e
"Ele (me) cobre de glórias..."
sob o ponto de vista morfológico, as palavras destacadas são, respectivamente:
a) pronome demonstrativo, pronome demonstrativo, pronome pessoal.
b) pronome indefinido, pronome indefinido, pronome pessoal.
c) pronome demonstrativo, pronome demonstrativo, pronome relativo.
d) pronome indefinido, pronome demonstrativo, pronome relativo.
e) pronome relativo, pronome demonstrativo, pronome possessivo.

6 (UFV-MG) Das alternativas abaixo, apenas uma preenche de modo correto as lacunas das frases. Assinale-a.
Quando saíres, avisa-nos que iremos ( )
Meu pai deu um livro para ( ) ler.
Não se ponha entre ( ) e ela.
Mandou um recado para você e ( )
a) contigo, eu, eu, eu
b) com você, mim, mim, mim
c) consigo, mim, mim, eu
d) consigo, eu, mim, mim
e) contigo, eu, mim, mim

7 (FUVEST-SP) Conheci que (1) Madalena era boa em demasia...
A culpa foi desta vida agreste que (2) me deu uma alma agreste.
Procuro recordar o que (3) dizíamos.
Terá realmente piado a coruja? Será a mesma que (4) piava há dois anos?
Esqueço que (5) eles me deixaram e que (6) esta casa está quase deserta.
Nas frases acima, o que aparece seis vezes; em três delas é pronome relativo.
Quais?
a)1-2-4
b)2-4-6
c)3-4-5

d)2-3-4
e)2-3-5

8 (PUC-SP) Assinale a alternativa que preencha, pela ordem, corretamente as lacunas abaixo.
1. A espécie nova ( ) se referia Meyer era uma borboleta.
2. A espécie nova ( ) Meyer tratava era uma borboleta.
3. A espécie nova ( ) Meyer se maravilhava era uma borboleta.
4. A espécie nova ( ) Meyer descobriu era uma borboleta.
a) que, de que, com que, que
b) a que, de que, que, de que
c) a que, que, com que, a que
d) a que, de que, com que, que
e) de que, a que, que, a que

9 (PUCSP) No trecho que a seguir transcrevemos, há vários pronomes.
"Com esta história eu vou me sensibilizar, e bem sei que cada dia é um dia roubado da morte. Eu não sou um intelectual, escrevo com o corpo. E o que escrevo é uma névoa úmida."
Identifique, nele, dois pronomes demonstrativos, um pronome pessoal do caso reto e um pronome pessoal do caso oblíquo.

10 (UNICAMP-SP) Leia com atenção o diálogo abaixo e responda:
a) a que elemento(s) do texto fazem referência os termos destacados?
b) que termo você utilizaria para relacionar as duas ultimas orações, de forma a manter o mesmo sentido decorrente da justaposição?
"VEJA - Como o senhor avalia a situação atual do Plano Cruzado?
SARNEY -(Neste momento) estamos passando de um estágio emocional para um estágio racional. Em fevereiro, a inflação - a inflação mais a correção monetária - estava nos conduzindo para uma situação na qual o Brasil seria um país absolutamente ingovernável. (Naquela ocasião), fizemos o que achamos que deveria ter sido feito, sem levar em consideração os custos políticos das nossas decisões, e sim o bem do povo. Convém lembrar que o ambiente político, (na época), não era dos melhores. Falava-se em resistências, descontentamento, até em greve geral. Uma vez anunciada a reforma econômica, porém, o que se viu foi uma extraordinária adesão popular. Não podíamos antever que a reação seria tão favorável. O povo tomou consciência da cidadania. Agora, oito meses depois, não estamos mais na fase dos "fiscais do Sarney" - os "fiscais do Sarney", que na realidade eram fiscais de seus direitos, nasceram de (um momento de emoção), e (esse momento) passou. Hoje o momento é de racionalidade, e é assim que temos de vivê-lo. Fiscalizar, participar, defender seus direitos são prerrogativas do cidadão. Mas o "fiscal do Sarney" foi importante. Ele fez nascer uma consciência nova da cidadania". (Veja no. 949,12 nov. 1986.)

11 (UNICAMP-SP) No trecho que segue há uma passagem estruturalmente ambígua (isto é, uma passagem que poderia ser interpretada de duas maneiras, se ignorássemos o que é geralmente pressuposto sobre a vida de John Kennedy).
Identifique essa passagem, transcreva-a, aponte as duas interpretações possíveis e explique o que a torna ambígua do ponto de vista estrutural.

"E se os russos atacassem agora?", perguntou certa ocasião (...) Judith Exner, uma das incontáveis amantes de Kennedy, que, simultaneamente, mantinha um caso com o chefão mafioso Sam Giancana." (Veja no. 1002,18 nov. 1987.)

12 (UNIMEP-SP) "Eu não ( )vi na festa do clube ontem. Os diretores não ( ) convidaram? Não ( ) disseram que era ontem? Eu ( ) avisei de que não podia confiar neles!"
a) o, o, o, o
b) o, lhe, lhe, o
c) o, o, lhe, o
d) lhe, lhe, lhe, lhe
e) lhe, lhe, o, o

13 (UNIMEP-SP)
I. Este é Renato.
II. Eu posso contar com a ajuda de Renato.
Se juntarmos as duas orações num só período, usando um pronome relativo, teremos:
a) Este é Renato, com quem eu posso contar com a ajuda dele.
b) Este é Renato, que eu posso contar com a ajuda dele.
c) Este é Renato, o qual eu posso contar com sua ajuda.
d) Este é Renato, com cuja ajuda eu posso contar.
e) Este é Renato, cuja ajuda eu posso contar.

14 I. Demos a (ele) todas as oportunidades.
II. Fizemos (o trabalho) como você orientou.
III. Acharam os (livros) muito interessantes.
Substituindo as palavras destacadas por um pronome oblíquo, temos:
a) I. Demos-lhe; II. Fizemo-lo; III. Acharam-los.
b) I. Demos-lhe; II. Fizemos-lo; III. Acharam-os.
c) I. Demos-lhe; II. Fizemo-lo; III. Acharam-nos.
d) I. Demo-lhe; II. Fizemos-o; III. Acharam-nos.
e) I. Demo-lhe, II. Fizemo-lhe; III. Acharam-nos.

15 (UNIMEP-SP) "A exposição ( ) inauguração assisti mostrou os lindos quadros ( ) me referi na nossa conversa do outro dia. Amanhã, haverá um leilão na mesma sala ( ) estão expostos." A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:
a) a cuja, aos quais, em que.
b) a cuja, os quais, na qual.
c) cuja, a que, em que.
d) a qual, aos quais, na qual.
e) à qual, que, que.

16 (UNIMEP-SP) "Os dados que ( ) enviei são confidenciais. Chame seu secretário e instrua-( ) a não falar nada. Peça-( ) que destrua as folhas o mais rápido possível. Velo-( ) amanhã no escritório." A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:
a) o, o, lhe, lhe.
b) o, o, lhe, o.
c) lhe, lhe, lhe, o.
d) lhe, o, lhe, lhe.
e) lhe, o, lhe, o.

17 (UNIMEP-SP) "Este é um assunto entre ( ). Não tem nada a ver ( )" Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.
a) eu e ele, contigo
b) eu e ele, consigo
c) mim e ele, com você
d) mim e ele, consigo
e) mim e ti, consigo

18 (UNIMEP-SP)
I. Coloquem (os móveis) no lugar.
II. Enviamos cartas a (vocês).
III. Refez (a lição) que estava errada?
Substituindo as palavras destacadas por pronomes, teremos:
a) I. Coloquem-nos; II. Enviamos-lhes; III. Refê-la.
b) I. Coloquem-nos; II. Enviamo-lhes; III. Refê-la.
c) I. Coloquem-os; II. Enviamo-las; III. Refez-lhe.
d) I. Coloquem-os; II. Enviamos-lhes; III. Refi-la.
e) I. Coloque-os; II. Enviamo-los; III. Refez-lhe.

19 (UEL-PR) Foram divididos ( ) próprios os trabalhos que ( ) em equipe.
a) conosco, se devem realizar
b) com nós, devem-se realizar
c) conosco, devem realizar-se
d) com nós, se devem realizar
e) conosco, devem-se realizar

20 (UEL-PR) Para ( ) poder terminar a arrumação da sala, guardem ( ) material em outro lugar até que eu volte a falar( ), dizendo que já podem entrar.
a) eu, seu, com vocês
b) eu, vosso, convosco
c) eu, vosso, consigo
d) mim, seu, com vocês
e) mim, vosso, consigo

21 (FUVEST/GV-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.
Tomo a liberdade de levar ao conhecimento de V. Exa. que os ( ) que ( ) foram encaminhados defendem causa justa e ficam a depender tão-somente de ( ) decisão para que sejam atendidos.
a) abaixos-assinados, lhe, sua
b) abaixos-assinados, vos, vossa
c) abaixo-assinados, lhe, sua
d) abaixo-assinados, vos, vossa
e) abaixo-assinados, lhe, vossa

22 (FUVEST-SP) "Quanto a mim, se (vos disser) que li o bilhete três ou quatro vezes, naquele dia, (acreditai-o), que é verdade; se vos disser mais que o reli no dia seguinte, antes e depois do almoço, (podeis crê-lo), é a realidade pura. Mas se vos disser a comoção que tive, (duvidai) um pouco da asserção, e (não a aceiteis) sem provas."

Mudando o tratamento para a terceira pessoa do plural, as expressões destacadas passam a ser:

a) lhes disser; acreditem-no; podem crê-lo; duvidem; não a aceitem.
b) lhes disserem; acreditem-lo; podem crê-lo; duvidam; não a aceitem.
c) lhe disser: acreditem-no; podem crer-lhe; duvidam; não a aceitam.
d) lhe disserem; acreditam-no; possam crê-lo; duvidassem; não a aceiteis.
e) lhes disser; acreditem-o; podem crê-lo; duvidem; não lhe aceitem.

23 (UEL-PR) O suspeito do sequestro falava de forma evasiva, sem encarar os policiais, negando o (seu) envolvimento com o caso e dizendo desconhecer o local (onde se) achariam a vítima e o dinheiro do resgate.As palavras destacadas na frase são, respectivamente:

a) pronome substantivo, advérbio de lugar, pronome reflexivo.
b) pronome adjetivo, pronome relativo, pronome apassivador.
c) pronome substantivo, advérbio de lugar, pronome apassivador.
d) pronome adjetivo, pronome relativo, pronome reflexivo.
e) pronome adjetivo, advérbio de lugar, pronome apassivador.

24 (UNICAMP-SP) "(...) vejo na televisão e no rádio que o "cujo" bateu asas e voou. Virou ave migratória."

O comentário acima, do escritor Otto Lara Resende (Folha Ilustrada, 8 nov. 1992), refere-se ao fato de que o uso do pronome relativo "cujo" é cada vez menos freqüente. Isso faz com que os falantes, ao tentarem utilizar esse pronome na escrita, construam sequências sintáticas que levam a interpretações estranhas.

Veja o exemplo seguinte:

"O povo não só quer o impeachment desse aventureiro chamado Collor, como o confisco dos bens nada honestos do sr. Paulo César Farias e companhia. E que a esse PFL e ao Brizola (cuja ficha de filiação ao PDT já rasguei) reste a vingança do povo..." (L. A. N., Painel do Leitor, Folha de S.Paulo, 30 jul. 1992)

a) O que L. A. N. pretendeu dizer com a oração entre parênteses?
b) O que ele disse literalmente?
c) Que tipo de conhecimento deve ter o leitor para entender o que L.A.N. quis dizer?

25 (FUVEST-SP) Dê o significado de (todo) em:

a) "Ai! por que (todo) ser nasce chorando?"
b) "Chegou com o rosto (todo) manchado."

26 (EPM-SP) Escreva nos espaços eu ou mim.

"Deram-na para ( ) ler, quanto entre ( ) e ela tudo ia bem."

27 (ETF-PR) Use eu ou mim.

"É difícil, para ( ) , esquecer tantas iniustiças."
"Se é para ( ) pagar, desista; não tenho dinheiro."

Texto para as questões 28 e 29.

Que me enganei, ora o vejo;
Nadam-te os olhos em pranto,
Arfa-te o peito, e no entanto
Nem me podes encarar
Erro foi, mas não foi crime,

Não te esqueci, eu tu juro:
Sacrifiquei meu futuro,
Vida e glória por te amar!
(Gonçalves Dias)

28 (FUVEST-SP) Em dois versos do texto, um pronome substitui toda uma oração. Aponte os versos em que isso ocorre.

29 (FUVEST-SP) Indique os dois versos do texto em que um pronome pessoal substitui um possessivo.

30 (UFMG) Em todas as alternativas, a expressão destacada pode ser substituida pelo pronome lhe, exceto em:
a) Tu dirás (a Cecília) que Peri partiu.
b) Cecilia viu perto (a Isabel).
c) O tiro fora destinado (a Peri) por um dos selvagens.
d) Cecilia recomendou (a Peri) que estivesse quieto.
e) Peri prometeu (a Antônio) levar-te à irmã.

31 (ITA-SP) Dadas as sentenças:
1. Ela comprou um livro para mim ler.
2. Nada há entre mim e ti.
3. Alvimar, gostaria de falar consigo.
verificamos que está(estão) correta(s):
a) apenas a sentença 1.
b) apenas a sentença 2.
c) apenas a sentença 3.
d) apenas as sentenças 1 e 2.
e) todas as sentenças.

32 (FCMSCSP) A carta vinha endereçada para ( ) e para ( ); ( ) é que a abri.
a) mim, tu, por isso
b) mim, ti, porisso
c) mim, ti, por isso
d) eu, ti, porisso
e) eu, tu, por isso

33 (FCMSC-SP) São excelentes técnicos, ( ) colaboração não podemos prescindir.
a) cuja
b) de cuja
c) que a
d) de que a
e) dos quais a

34 (FCMSCSP) Por favor, passe ( ) caneta que está aí perto de você; ( ) aqui não serve para ( ) desenhar.
a) aquela, esta, mim
b) esta, esta, mim
c) essa, esta, eu
d) essa, essa, mim

e) aquela, essa, eu

35 (FUVEST-SP)Eu ( ) desconheço.
Roubaram-( ) o carro.
Os carros? Roubaram-( ) …
Não ( ) era permitido ficar na sala.
Obrigaram-( ) a sair daqui.
a) o, lhe, nos, lhe, nos
b) lhe, o, o, o, no
c) o, os, lhe, lhe, lhe
d) lhe, lhe, lhe, se, os
e) o, o, os, lhe, no

36 (FUVEST-SP)
a) Reescreva o período seguinte, substituindo o pronome destacado por outro, sem alterar o sentido da frase.
"0 barbeiro não parou de falar, enquanto cortava os (meus) cabelos."
b) Empregando exatamente as mesmas palavras, reescreva a frase seguinte, alterando-a de modo a que adquira sentido negativo.
"Algum amigo me ajudará."

37 (FUVEST-SP) Destaque a frase em que o pronome relativo está empregado corretamente.
a) É um cidadão em cuja honestidade se pode confiar.
b) Feliz o pai cujo os filhos são ajuizados.
c) Comprou uma casa maravilhosa, cuja casa lhe custou uma fortuna.
d) Preciso de um pincel delicado, sem o cujo não poderei terminar meu quadro.
e) Os jovens, cujos pais conversam com eles, prometeram mudar de atitude.

38 (ITA-SP) Dadas as sentenças:
1. Confesso que fiquei fora de si quando recebi o telefonema.
2. nome do sinal em forma de estrela * é asterístico.
3. Ela é uma pessoa bastante arvoada. deduzimos que:
a) Apenas a sentença 1 está correta.
b) Apenas a sentença 2 está correta.
c) Apenas a sentença 3 está correta.
d) Todas estão corretas.
e) n.d.a.

39 (FEI-SP) Substitua os termos destacados pelos pronomes oblíquos correspondentes.
a) Encontraram o (corpo) na estufa.
b) Arrancara do peito (uma cruz de ametistas).
c) A disposição das plantas não permite (um esconderijo).

40 (UFJF-MG) Marque:
a) se I e II forem verdadeiras;
b) se I e III forem verdadeiras;
c) se II e III forem verdadeiras;
d) se todas forem verdadeiras;
e) se todas forem falsas.

Somente pronomes estão destacados em:
I. "(Algum) tempo hesitei se devia abrir estas memórias...
II. "... duas considerações (me) levaram a adotar diferente método: a primeira é que (eu) não sou..."
III. "Moisés, (que) também contou a sua morte."

41(ACAFE-SC) Assinale a alternativa em que a palavra destacada exerce a função de pronome adjetivo.
a) Partiu sem ao menos dizer-(me) adeus.
b) Poderíamos reconhecê-lo com um dos (nossos) mártires.
c) Aquela não foi uma obra de arte, mas (esta) será?
d) Leio muito, porém não o que (me) desagrada.
e) Sempre serei assim, mesmo que não (me) aceites.

42 (PUCSP) No trecho: "O presidente não recebeu ninguém, não havia nenhuma fotografia sorridente dele, nenhuma frase imortal, nada que fosse supimpa", tem-se:
a) quatro pronomes adjetivos indefinidos.
b) dois pronomes adjetivos indefinidos e dois pronomes substantivos indefinidos.
c) um pronome substantivo indefinido e três pronomes adjetivos indefinidos.
d) quatro pronomes substantivos indefinidos.
e) um pronome adjetivo indefinido e três pronomes substantivos indefinidos.

43 (FUVEST-SP) "Vi uma fotografia sua no metrô."
Explique pelo menos dois dos vários sentidos que podem ser atribuidos à frase acima.

44 (FUVEST-SP) Considere a validade das afirmações sobre o enunciado "cartas que não se escrevem".
I. O termo (que) retoma o seu antecedente, introduzindo uma oração que tem o valor de um modificador desse mesmo antecedente.
II. O termo (que) é agente e paciente do processo expresso pelo verbo (escrever).
III. O enunciado não determina qual é o agente do processo expresso pelo verbo (escrever).
a) Apenas a afirmação I está correta.
b) Apenas a afirmação II está correta.
c) Apenas as afirmações II e III estão corretas.
d) Apenas as afirmações I e III estão corretas.
e) Todas as três afirmações estão corretas.

45 (FUVEST-SP) Na frase seguinte, o indefinido (alguma) tem valor positivo:
"Muitas vezes encontro sua lembrança em alguma esquina da cidade". Construa uma frase em que alguma tenha valor negativo, correspondendo a (nenhuma).

CAPÍTULO 14
ESTUDO DOS NUMERAIS

- nota da ledora: propaganda da 11a. semana internacional de cria\cão publicitária, no cartaz, uma tomada macho, com os dos pinos acrescentados de dois pequenos riscos, transformados, representando o número 11.
- fim da nota.

Num mundo tão apegado à quantificação, a gramática não poderia manter-se à parte. Por isso ela também dispõe de palavras para contar, ordenar dividir e multiplicar. Multiplicação que parece não ter fim, aliás, é a criatividade dos publicitários, como percebe-mos pelo anúncio ao lado.

1 CONCEITO

Numeral é a classe de palavras que denota um número exato de coisas, seres ou conceitos ou indica a posição que ocupam numa determinada ordem. Quando apenas nomeia o número de seres, o numeral é chamado cardinal (um, dois, três..., cinqüenta, cem mil, etc.). Quando indica a ordem que o ser ocupa numa série, o numeral é chamado ordinal (primeiro, segundo, terceiro..., qüinquagésimo, centésimo milésimo, etc.).

Existem também os numerais multiplicativos e os numerais fracionários. Os multiplicativos exprimem aumentos proporcionais de quantidade, indicando números que são múltiplos de outros (dobro, triplo, quádruplo, etc.). Os fracionários indicam a diminuição proporcional da quantidade, o seu fracionamento (metade, um terço, um décimo, etc.).

2 QUADRO DOS NUMERAIS

Apresentamos a seguir três quadros de numerais: no primeiro, você encontrará os cardinais e os ordinais, além dos algarismos arábicos e romanos; no segundo, os numerais multiplicativos; no terceiro, os fracionários. Após cada quadro faremos as observações pertinentes.

- nota da ledora: quadro de destaque na página, tabela de numerais cardinais e ordinais
- fim da nota.

NUMERAIS CARDINAIS E ORDINAIS

algarismo arábico 1, algarismo romano I, cardinal um, ordinal primeiro;
algarismo arábico 2, algarismo romano II, cardinal dois, ordinal segundo
algarismo arábico 3, algarismo romano III, cardinal três, ordinal terceiro
algarismo arábico 4, algarismo romano IV, cardinal quatro, ordinal quarto
algarismo arábico 5, algarismo romano V, cardinal cinco, ordinal quinto
algarismo arábico 6, algarismo romano VI, cardinal seis, ordinal sexto
algarismo arábico 7, algarismo romano VII, cardinal sete, ordinal sétimo
algarismo arábico 8, algarismo romano VIII, cardinal oito, ordinal oitavo
algarismo arábico 9, algarismo romano IX, cardinal nove, ordinal nono
algarismo arábico 10, algarismo romano X, cardinal dez, ordinal décimo
algarismo arábico 11, algarismo romano XI, cardinal onze, ordinal décimo primeiro, undécimo, ou onzeno
algarismo arábico 12, algarismo romano XII, cardinal doze, ordinaldécimo segundo, duodécimo ou dozeno
algarismo arábico 13, algarismo romano XIII, cardinal treze, ordinal décimo terceiro, tércio décimo ou trezeno

algarismo arábico 14, algarismo romano XIV, cardinal catorze ou quatorze, ordinal décimo quarto
algarismo arábico 15, algarismo romano XV, cardinal quinze, ordinal décimo quinto
algarismo arábico 16, algarismo romano XVI, cardinal dezesseis, ordinal décimo sexto
algarismo arábico 17, algarismo romano XVII, cardinal dezessete, ordinal décimo sétimo
algarismo arábico 18, algarismo romano XVIII, cardinal dezoito, ordinal décimo oitavo
algarismo arábico 19, algarismo romano XIX, cardinal dezenove, ordinal décimo nono
algarismo arábico 20, algarismo romano XX, cardinal vinte, ordinal vigésimo
algarismo arábico 21, algarismo romano XXI, cardinal vinte e um, ordinal vigésimo primeiro
algarismo arábico 30, algarismo romano XXX, cardinal trinta, ordinal trigésimo
algarismo arábico 40, algarismo romano XL, cardinal quarenta, ordinal quadragésimo

- nota da ledora: fim do quadro da página 309
- - fim da nota.

- nota da ledora: quadro de destaque na página: continuação

50	L	cinqüenta	qüinquagéssimo
60	IX	sessenta	sexagésimo
70	LXX	setenta	setuagésimo ou septuagésimo
80	LXXX	oitenta	octogésimo
90	XC	noventa	nonagésimo
100	C	cem	centésimo
200	CC	duzentos	ducentésimo
300	CCC	trezentos	trecentésimo
400	CD	quatrocentos	quadringentésimo
500	D	quinhentos	qüingentésimo
600	DC	seiscentos	seiscentésimo ou sexcentésimo
700	DCC	setecentos	setingentésimo ou septingentésimo
800	DCCC	oitocentos	octingentésimo
900	CM	novecentos	nongentésimo ou noningentésimo
1000	M	mil	milésimo
10000	-X	dez mil	décimo milésimo

- nota da ledora: dez mil em algarismos romanos, escreve-se com uma sobre-linha no X, um tracinho sobre a letra x, o programa não aceita este caractere pois não esta rogramado, em nenhum dos oito idiomas que trabalhamos.
- fim da nota.

100000	-C	cem mil	centésimo milésimo
1 000 000	-M	um milhão	milionésimo
1 000 000000	--M	um bilhão ou bilião	bilionésimo

- nota da ledora: em algarismos romanos, no caso de cem mil, e de um milhão, coloca-se a sobre-linha nas letras C, e M respectivamente. No caso de bilhão, coloca-se duas sobre-linhas paralelas, horizontais, sobre a letra M.
- fim da nota.

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES:
1. Atente na possibilidade de usar as formas catorze ou quatorze, bilhão ou bilião. Aliás, é bom saber que bilhão, no Brasil, significa "mil milhões" (10 elevado a 9 potência ou 1 000000 000); em Portugal, "um milhão de milhões" (10 elevado a 12a. potência ou 1 000000000000).
2. Atente na grafia das formas dezesseis, dezessete, cinqüenta e seiscentos. A forma "cincoenta" é incorreta.
3. Atente nas formas cultas octogésimo e trecentésimo. A forma tricentésimo é aceita por alguns gramáticos e já se encontra dicionarizada - a segunda edição do Novo Dicionário Aurélio, por exemplo, abona essa forma.
- fim do quadro de destaque.

NUMERAIS MULTIPLICATIVOS

duplo, dobro, ou dúplice; triplo ou tríplice; quádruplo, quíntuplo, sêxtuplo, séptupIo, óctuplo nônuplo, décuplo undécuplo duodécuplo céntuplo

NUMERAIS FRACIONÁRIOS

meio ou metade, terço, quarto, quinto, sexto, sétimo, oitavo, nono, décimo, onze avos, doze avos, centésimo,

- nota da ledora: quadros em destaque na página:
Observação 1: No lugar de qualquer multiplicativo pode ser usada a combinação numeral cardinal + vezes. Essa combinação supre os casos em que não há formas speciais , como treze vezes, quarenta e seis vezes, cinqüenta e duas vezes, etc. - fim do quadro.
Observação 2: os numerais fracionários propriamente ditos são meio (ou metade) e terço. Os demais são na verdade expressos pelos ordinal correspondente, seguido da palavra avos: onze avos, doze avos, vinte avos, quarenta avos.
- fim do quadro.

3 FLEXÃO

Os numerais cardinais que variam em gênero são um/ uma, dois/duas e os que indicam centenas, de duzentos/duzentas em diante: trezentos/ trezentas, quatrocentos/quatrocentas, etc.
Cardinais como milhão, bilhão (ou bilião), trilhão, etc. variam em número: milhões, bilhões (ou biliões), trilhões, etc. Os demais cardinais são invariáveis.
Os numerais ordinais variam em gênero e número: primeiro, primeira, primeiros, primeiras; segundo, segunda, segundos, segundas; milésimo, milésima, milésimos, milésimas.
Os numerais multiplicativos são invariáveis quando atuam em funções substantivas:
Fizeram o dobro do esforço e conseguiram o triplo de produção.
Quando atuam em funções adjetivas, flexionam-se em gênero e número:
Teve de tomar doses triplas do medicamento.

Os numerais fracionários flexionam-se em gênero e número: um terço, uma terça parte; dois terços, duas terças partes.

É comum na linguagem coloquial a indicação de grau nos numerais, traduzindo afetividade ou especialização de sentido. É o que ocorre em frases como:
Me empresta duzentinho...
Aquela revista já está custando duzentão.
Ele é sempre o primeirão nessas coisas.
É artigo de primeiríssima qualidade!
O time está arriscado a ir parar na segundona. (= Segunda Divisão)

4 EMPREGO

Para designar papas, reis, imperadores, séculos e partes em que se divide uma obra, quando o numeral vem depois do substantivo, utilizam-se os ordinais até décimo e a partir daí os cardinais. Observe:
João Paulo II (segundo)
D. Pedro II (segundo)
Ato II (segundo)
Canto IX (nono)
Século VIII (oitavo)
João XXIII (vinte e três)
Luís XVI (dezesseis)
Capítulo XX (vinte)
Tomo XV (quinze)
Século XX (vinte)

Para designar leis, decretos e portaras, utiliza-se o ordinal até nono e o cardinal de dez em diante:

Artigo 1o.(primeiro)	Artigo 10(dez)
Artigo 9o.(nono)	Artigo 21 (vinte e um)

Para designar dias do mês, utilizam-se os cardinais, exceto na indicação do primeiro dia, que é tradicionalmente feita pelo ordinal:
Chegamos dia dois de setembro.
Chegamos dia primeiro de dezembro.
Quando o numeral estiver anteposto ao substantivo em algum dos casos descritos acima, será empregada a forma ordinal:
o décimo segundo capítulo
o vigésimo primeiro canto
o décimo terceiro artigo do código
o vigésimo segundo dia do mês de fevereiro

Ambos/ambas são considerados numerais. Significam "um e outro, os dois" (ou "uma e outra, as duas") e são largamente empregados para retomar pares de seres anteriormente citados:
Pedro e João parecem ter finalmente percebido a importância da solidariedade.
Ambos agora participam das atividades comunitárias de seu bairro.

Podem-se utilizar também as formas enfáticas ambos os dois, ambos a dois, ambos de dois, a ambos dois.
Não se deve usar um antes de mil: O serviço custaria mil reais. "Um mil" e "hum mil" são formas tradicionais no preenchimento de cheques e devem limitar-se a esse uso.

Milhão e milhar são palavras masculinas; por isso, o artigo que se refere a elas deve ser masculino: os dois milhões de doses de vacina, os cinco milhões de liras, os vinte milhões de mulheres; os dois milhares de crianças, os três milhares de mudas de árvores, etc.

Um é numeral cardinal quando realmente indica quantidade exata. Nesse caso, seu plural é dois:
Um cão é suficiente para proteger a casa.
Um é artigo indefinido quando indica um ser indeterminado. Nesse caso, seu plural é uns ou alguns:
Precisamos de um cão para proteger a casa.

- nota da ledora: desenho de um pirata, com a perna de pau, falando com um cidadão: - eu só dei um passo errado, na vida.
- fim da nota.
Costuma-se usar a expressão dar um passo em falso, em sentido figurado, para designar uma atitude ou decisão errada. O personagem acima, porém, parece pouco dado à linguagem figurada; a palavra um, aí, é numeral cardinal.

ATIVIDADES
1. Escreva por extenso os numerais representados pelos algarismos seguintes.
a) 16
b) 17
c) 50
d) 2834496016
e) 80o.
f) 206o.
g) 314o.
h) 1 305o.

2. Escreva por extenso os numerais representados por algarismos no paragráfo seguinte.
"O Brasil ocupa a porção centro-oriental da América do Sul, entre as latitudes 5o.16'N e 33o.45'S e as longitudes 34047'W e 73059'W. Sua área total é de 8 511 965 km2, o que corresponde a 1,66% do globo terrestre, 5,77% dos continentes, 20,80% das Américas e 47% da América do Sul. É cortado ao norte pela linha do Equador, que atravessa os estados do Amazonas, Roraima, Pará e Amapá e, a 23o30' de latitude Sul, pelo Trópico de Capricórnio, que atravessa o Mato Grosso do Sul, Paraná e São Paulo. Assim, a maior parte do seu território (93%) situa-se no hemisfério sul e na zona intertropical (92%).
Possui 23127 km de fronteiras, sendo 15 719 km com países vizinhos a maior com a Bolívia (3126 km) e a menor com o Suriname (593km). Os restantes 7 408 km fazem limites com o Oceano Atlântico." (Almanaque Abril91)

3. Escreva por extenso os numerais representados por algarismos nas frases seguintes.
a) Os poemas que você procura estão no volume IV da coleção.
b) Releia o artigo 32 da convenção do condomínio e depois tente justificar o que fez!
c) O episódio do Gigante Adamastor faz parte do Canto V de Os Lusíadas.
d) Você já leu alguma coisa sobre o papa Inocêncio VIII?

e) Quando participei da corrida de São Silvestre, cheguei em 333o. lugar.
f) Estamos comemorando o 502o. ano do descobrimento da América.

4. Comente o valor dos numerais destacados.
a) Já lhe disse isso (um milhão) de vezes!
b) É artigo de (primeira)!
c) Isso é troca de (seis) por (meia dúzia).
d) Comprou um carro de (segunda) e agora se arrepende.
e) Dou (dez) pela aparência e (zero) pela sutileza.

TEXTOS PARA ANÁLISE

Podres poderes

Enquanto os homens exercem seus podres poderes
Motos e fuscas avançam os sinais vermelhos
E perdem os verdes
Somos uns boçais

Queria querer gritar setecentas mil vezes
Como são lindos, como são lindos os burgueses
E os japoneses
Mas tudo é muito mais

Será que nunca faremos senão confirmar
A incompetência da América Católica
Que sempre precisará de ridículos tiranos?
Será será que será que será que será
Será que essa minha estópida retórica
Terá que soar, terá que se ouvir
Por mais zil anos?
Enquanto os homens exercem seus podres poderes
Índios e padres e bichas, negros e mulheres
E adolescentes
Fazem o carnaval

Queria querer cantar afinado com eles
Silenciar em respeito ao seu transe, num êxtase
Ser indecente
Mas tudo é muito mau

Ou então cada paisano e cada capataz
Com sua burrice fará jorrar sangue de mais
Nos pantanais, nas cidades, caatingas
E nos gerais?
Será que apenas os hermetismos pascoais
Os tons, os mil tons, seus sons e seus dons geniais
Nos salvam, nos salvarão dessas trevas
E nada mais?
Enquanto os homens exercem seus podres poderes
Morrer e matar de fome, de raiva e de sede

São tantas vezes gestos naturais
Eu quero aproximar o meu cantar vagabundo
Daqueles que velam pela alegria do mundo
Indo mais fundo
Tins e bens e tais
(VELOSO, Caetano. In: velô). LP Philips 824024 1984 LadoA faixa)

Ser indecente Mas tudo é muito mau

TRABALHANDO O TEXTO

1. Comente o sentido do numeral (setecentas mil), presente na segunda estrole do texto.
2. "Por mais (zil) anos?"
A palavra destacada é um numeral?
3. Os mesmos "podres poderes" continuam a ser exercidos no mesmo Brasil?
Comente.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1(UnB-DF) Assinale a alternativa em que meio funciona como advérbio.
a) Só quero meio quilo.
b) Achei-o meio triste.
c) Descobri o meio de acertar.
d) Parou no meio da rua.
e) Comprou um metro e meio.

2 (ITA-SP) Assinale o que estiver correto.
a) Seiscentismo se refere ao século XVI.
b) O algarismo romano da frase anterior se lê "décimo sexto".
c) Duodécuplo significa duas vezes; dodécuplo, doze vezes.
d) Ambos os dois é forma enfática correta.
e) Quadragésimo, quarentena, quadragésima, quaresma só aparentemente se referem a quarenta.

3 (TIBIRIÇÁ) Assinale a alternativa incorreta.
a) 874o. - octingentésimo setuagésimo quarto
b) 398o. - trecentésimo nonagésimo oitavo
c) 486o. - quadringentésimo octogésimo sexto
d) n.d.a.

4 (FASP) Ele obteve o... (123o.) lugar.
a) centésimo vigésimo terceiro
b) centésimo trigésimo terceiro
c) cento e vinte trigésimo
d) cento e vigésimo terceiro

5 (VUNESP) Assinale o caso em que não haja expressão numérica de sentido indefinido.
a) Ele é o duodécimo colocado.
b) Quer que veja este filme pela milésima vez?

c) "Na guerra os meus dedos disparam mil mortes."
d) "A vida tem uma só entrada; a saída é por cem portas."
e) n.d.a.

6 (FSCS-SP) Associe o sentido ao respectivo numeral coletivo.
(1) período de seis anos
(2) período de cinco anos
(3) estrofe de dois versos
(4) período de cem anos
(5) agrupamento de dez coisas
( ) dístico
( ) decúria
( ) sexênio
( ) centúria
( ) lustro

7 (FMU-SP) Triplo e tríplice são numerais:
a) ordinal o primeiro e multiplicativo o segundo.
b) ambos ordinais.
c) ambos cardinais.
d) ambos multiplicativos.
e) multiplicativo o primeiro e ordinal o segundo.

8 (FMU-SP) Sabendo-se que os numerais podem ser cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários, podemos dar os seguintes exemplos:
a) uma (cardinal), primeiro (ordinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário).
b) um (cardinal), milésimo (ordinal), undécupIo (multiplicativo) e meio (fracionário).
c) um (ordinal), primeiro (cardinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário).
d) um (ordinal), primeiro (cardinal), cêntuplo (multiplicativo) e centésimo (fracionário).
e) um (cardinal), primeiro (ordinal), duplo (multiplicativo), não existindo numeral denominado fracionário.

9 (ACAFE-SC) Assinale a alternativa correta.
a) Os substantivos cão, tabelião, pão, alemão e cidadão fazem o plural mudando -ao em -ães.
b) A torre é (altíssima). A palavra destacada é adjetivo e está no grau superlativo absoluto analítico.
c) Vendi todos (os) livros a (uns) alunos. As palavras destacadas são pronomes definidos.
d) O (dobro) do meu dinheiro é igual à (metade) do teu. As palavras destacadas são numerais multiplicadores.
e) Levaram-(me) o caderno. A palavra destacada é pronome pessoal oblíquo.

CAPÍTULO 15
ESTUDO DAS PREPOSIÇÕES

1 CONCEITO

Preposição é a palavra invariável que atua como conectivo entre palavras ou orações, estabelecendo sempre uma relação de subordinação. Isso significa que, entre os termos

ou orações ligados por uma preposição, haverá uma relação de dependência, em que um dos termos, ou uma das orações, assume o papel de subordinante e o outro, de subordinado:
Obedeço (subordinado), aos meus princípios. (subordinante)
Continuo obediente (subordinado), aos meus princípios.(subordinante)
E uma pessoa (subordinado), de valor.(subordinante)
Tive de agir (subordinado), com cautela. (subordinante)
Ao chegar, (subordinado), foi recebido pelo encarregado da seção.(subordinante)

Em alguns casos (particularmente nas locuções adverbais), as preposições não apenas conectam termos da oração, mas também indicam noções fundamentais à compreensão da frase. Observe:
Saí (com) pressa.
Saí (sem) pressa.
Pus (sob) a mesa.
Pus (sobre) a mesa.
Estou (com) vocês.
Estou (contra) vocês.
É evidente a diferença de sentido entre as frases de cada um dos pares acima; também é evidente que essa diferença de sentido resulta da utilização de preposições diferentes, capazes de indicar noções diferentes ao estabelecer relações entre os termos das orações.

2 CLASSIFICAÇÃO

As palavras da língua portuguesa que atuam exclusivamente como preposições são chamadas preposições essenciais. As preposições essenciais são:a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás,

- nota da ledora: na página, reprodução de pintura de Renoir, retratando duas ninfas, bem nutridas, gordinhas, representantes da figura, saudável, de mulheres da renacença; logo abaixo, reprodução do mesmo quadro, apresentando as duas ex-ninfas como protótipo de mulheres da geração diet, atual, bem magrinhas, após tomarem iogurte diet chambourcy, e a legenda: viver em forma é possível.
- fim da nota.

Após pertence ao grupo das preposições essenciais.

- nota da ledora: quadro de destaque, na página.

OBSERVAÇÕES
1. Não se deve confundir a preposição a com o artigo definido a e com o pronome a. A preposição é invariável; o artigo e o pronome se flexionam de acordo com o termo a que se referem:
Não dou atenção (a) mexericos. (preposição - observe que não estabelece concordância com o substantivo masculino plural mexericos.)
(As) fofocas desses indivíduos, ignoro-as. (artigo definido e pronome - estabelecem concordância com o substantivo feminino plural fofocas.)
2. No português atual, a preposição trás não é usada isoladamente; atua, sempre, como parte de outras expressões: por trás, por trás de, para trás.
- fim do quadro.

Há palavras de outras classes gramaticais que, em determinados contextos, podem atuar como preposições. São, por isso, chamadas preposições acidentais.
Podem atuar como preposições, por exemplo: como (= na qualidade de), conforme (= de acordo com), consoante (= conforme), exceto, fora, mediante, salvo, segundo (=conforme), senão, tirante, visto (= por), etc.

Conjuntos de duas ou mais palavras que têm o valor de uma preposição são chamados de locuções prepositivas. A ultima palavra dessas locuções é sempre uma preposição.
Eis alguns exemplos:
abaixo de, acerca de, acima de, ao lado de, a respeito de, de acordo com,dentro de, embaixo de, em cima de, em frente a, em redor de, graças a, junto a, junto de, perto de, por causa de, por cima de, por trás de.

3 COMBINAÇÕES E CONTRAÇÕES

Várias preposições se ligam a palavras de outras classes gramaticais, passando a constituir um único vocábulo. Essas ligações, que ocorrem espontaneamente na língua falada, acabam se refletindo muitas vezes na língua escrita.

Ocorre combinação quando a preposição, ao unir-se a outra palavra, mantém todos os seus fonemas. É o que acontece entre a preposição a e o artigo masculino o, os: ao, aos.
Ocorre contração quando a preposição, ao unir-se a outra palavra, sofre modificações em sua estrutura fonológica. As preposições de e em, por exemplo, formam contrações com os artigos e com diversos pronomes, originando formas como do, dos, da, das; num, nuns, numa, numas; disto, disso, daquilo; naquele, naqueles, naquela, naquelas, etc. As formas pelo, pelos, pela, pelas resultam da contração da antiga preposição per com os artigos definidos.

A contração da preposição a com os artigos ou pronomes demonstrativos a, as ou com o a inicial dos pronomes aquele, aqueles, aquela, aquelas, aquilo recebe o nome de crase (que é, aliás, o nome que se dá a toda contração de vogais idênticas) e é assinalada na escrita pelo acento grave: à, às, àquele, àqueles, àquela, àquelas, àquilo. Estudaremos detalhadamente o uso desse acento num outro capítulo de nosso livro.

ATIVIDADES

1. Nas frases seguintes, identifique as preposições e indique o sentido da relação que estabelecem.
a) Não se deve ir à praia ao meio-dia!
b) Passei o dia à toa; à noite, senti-me vazio.
c) Como não reagir ante tanta desfaçatez?!
d) Várias pessoas seguiam após eles.
e) Após alguns minutos, resolvi intervir.
f) Estou decidido: agora, vou até o fim!
g) As discussões estão suspensas até segunda ordem.
h) Tomou as necessárias decisões com rapidez. Quando percebemos, já tinha voltado com o irmão.
i) Colava seu corpo contra o muro enquanto deslizava com agilidade.

j) Todas as provas até agora encontradas atuam contra eles.
l) Venho de longe, vou para longe...
m) Desde aquele tempo, pouco se tem feito pelos mais humildes.
n) Não desejava cair em descrédito perante a opinião pública.
o) Sobre o anoitecer chegamos a Ouro Preto.
p) Sob certos aspectos, ele está certo.
q) Trazia a arma sob a camisa.

2. Nas frases seguintes, indique o sentido da relação estabelecida pela preposição destacada.
a) Muita gente ainda morre (de) fome no Brasil. Há quem evite falar (disso).
b) Estou vindo (de) Metrô para a escola.
c) Estou vindo (d)o Metrô para a escola.
d) Acabei de chegar (n)o Metrô.
e) Acabei de chegar (a)o Metrô.
f) Eu caminhava calmamente (sob) este céu azul quando me ocorreu que ele poderia desabar (sobre) minha cabeça.
g) O país viveu (sob) uma ditadura durante muitos anos. Hoje há quem não queira mais falar sobre (isso), como se o passado não fosse necessário à construção do futuro.

3. Classifique as palavras destacadas nas frases seguintes.
a) Vou sair daqui (a) pouco.
b) Eu o vi passar (há) pouco.
c) (Há) vários anos que não se investe em saúde e educação neste país.
d) Estamos (a) uma longa distância dos nossos objetivos sociais.
e) Passe-me (a) caneta, por favor. Eu (a) colocarei ali, (a) poucos centímetros da gaveta.

4. Leia atentamente cada uma das frases dos pares seguintes e explique a diferença de sentido existente em cada caso.
a) Tive de lutar contra o pai e contra o filho.
Tive de lutar contra o pai e o filho.
b) É uma medida favorável aos músicos e aos compositores.
É uma medida favorável aos músicos e compositores.

TEXTOS PARA ANÁLISE

- nota da ledora: foto do planeta terra, tendo próximo um satélite de comunicação, apresentando como texto: A Odisséia dos brasileiros no espaço. Além de 2001.
- fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO

Aponte as preposições e locuções prepositivas presentes no texto acima e indique as relações que estabelecem.

Lugar sem fim
Acorda terra de um lugar sem fim
Pára no tempo de uma terra com fim
Encontra a casa em volta de mim

Perto do longe
A pensar em ti
A cor da terra de um lugar assim
Entra na casa, entra dentro de mim
Dentro das horas
Das horas sem fim
Fora do nada
A cor fica parada
E a terra sem mim

Fui ver, sem ver
O mar em frente
Meu amigo
Eu vou ter contigo
Para sempre
(RAMIL. Kleiton & MELO E CASTRO, Eugenio. In: MELO E CASTRO, Eugênia
Águas de todo o ano. LP Polygram 81066610, 1983)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Aponte todas as preposições presentes na primeira estrofe do texto.
2. Aponte as locuções prepositivas presentes na segunda estrofe do texto.
3. Justifique a acentuação da palavra pára (segundo verso).
4. A construção "entrar dentro de" é considerada um pleonasmo vicioso, ou seja, uma repetição desnecessária e inútil de uma mesma idéia. Baseado em seu conhecimento sobre as preposições, explique por quê.
5. O texto nos fala de distância e aproximação. Aponte expressões que indicam essas idéias.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1(FUVEST-SP) Ao ligar dois termos de uma oração, a preposição pode expressar, entre outros aspectos, uma relação temporal, espacial ou nocional. Nos versos:
"Amor total e falho... Puro e impuro... Amor de velho adolescente..."
A preposição (de) estabelece uma relação nocional. Essa mesma relação ocorre em:
a) "Este fundo (de) hotel é um fim (de) mundo."
b) "A quem sonha (de) dia e sonha (de) noite,
sabendo todo sonho vão."
c) "Depois fui pirata mouro, flagelo (da) Tripolitânia."
d) "Chegarei (de) madrugada, quando cantar a seriema."
e) "Só os roçados (da) morte compensam aqui cultivar."

2 (FUVEST-SP) "No final da Guerra Civil americana, o ex-coronel ianque (...) sai a caça do soldado desertor que realizou assalto a trem com confederados." (O Estado de S. Paulo, 15 set. 1995.)
O uso da preposição com permite diferentes interpretações da frase acima.
a) Reescreva-a de duas maneiras diversas, de modo que haja um sentido
diferente em cada uma.
b) Indique, para cada uma das redações, a noção expressa pela preposição (com).

3 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção em que a preposição com traduz uma relação de instrumento.
a) "Teria sorte nos outros lugares, com gente estranha."
b) "Com o meu avô cada vez mais perto do fim, o Santa Rosa seria um inferno."
c) "Não fumava, e nenhum livro com força de me prender."
d) "Trancava-me no quarto fugindo do aperreio, matando-as com jornais."
e) "Andavam por cima do papel estendido com outras já pregadas no breu."

4 (UNIMFP-SP) "Depois (a) mãe recolhe as velas, torna (a) guardá-l(as) na bolsa.", os vocábulos destacados são, respectivamente:
a) pronome pessoal oblíquo, preposição, artigo.
b) artigo, preposição, pronome pessoal oblíquo.
c) artigo, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.
d) artigo, preposição, pronome demonstrativo.
e) preposição, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.

5 (FUVEST-SP) Na frase "Estamos a bordo." a preposição indica relação de lugar. Escreva duas frases em que o emprego dessa preposição indique, respectivamente:
a) relação de tempo hahitual;
b) relação de instrumento.

6 (FUVEST-SP) Em "óculos sem aro", a preposição sem indica ausência, falta. Explique o sentido expresso pelas preposições destacadas em:
a) "Cale-se ou expulso a senhora da sala."
b) "Interrompia a lição com piadinhas."

7 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção cuja lacuna não pode ser preenchida pela preposição entre parênteses.
a) uma companheira desta, ( ) cuja figura os mais velhos se comoviam. (com)
b) uma companheira desta, ( ) cuja figura já nos referimos anteriormente. (a)
c) uma companheira desta, ( ) cuja figura havia um ar de grande dama decadente. (em)
d) uma companheira desta, ( ) cuja figura andara todo o regimento apaixonado. (por)
e) uma companheira desta, ( ) cuja figura as crianças se assustavam. (de)

8 (UFU-MG)"... foram intimados (a) comparecer… não (a) fizeram , "... (a) sua oração...". As três ocorrências de (a) são, respectivamente:
a) preposição, pronome, preposição.
b) artigo, artigo, preposição.
c) pronome, artigo, preposição.
d) preposição, pronome, artigo.
e) artigo, pronome, pronome.

9 (PUCSP)
a folha (de um livro) retoma."
"como (sob o vento) a árvore que o doa."
"e nada finge vento (em folha) de árvore."
As expressões destacadas são introduzidas por preposições. Tais preposições são usadas, nesses versos, com a idéia de:
a) origem, lugar, especificação.
b) especificação, agente causador, lugar.

c) instrumento, especificação, lugar.
d) agente causador, especificação, lugar.
e) lugar, instrumento, origem.

10 (UM-SP) Indique a oração que apresenta locução prepositiva.
a) Havia objetos valiosos sohre a pequena mesa de mármore.
b) À medida que os inimigos se aproximavam, as tropas inglesas recuavam.
c) Seguiu a carreira militar devido à influência do pai.
d) Agiu de caso pensado, quando se afastou de voce.
e) De repente, riscou e reescreveu o texto.

11(CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase:
"O controle biológico de pragas, () o texto faz referência, é certamente o mais eficiente e adequado recurso () os lavradores dispõem para proteger a lavoura sem prejudicar o solo."
a) do qual, com que
b) de que, que
c) que, o qual
d) ao qual, cujos
e) a que, de que

12 (UEV-MC) Assinale a opção cuja sequência completa corretamente as frases abaixo.
A lei ( ) se referiu já foi revogada.
Os problemas ( ) se lembraram eram muito grandes.
O cargo ( ) aspiras é muito importante. O filme ( ) gostou foi premiado.
O jogo ( ) assistimos foi movimentado
a) que, que, que, que, que
b) a que, de que, que, que, a que
c) que, de que, que, de que, que
d) a que, de que, a que, deque, a que
e) a que, que, que, que, a que

13 (OSEC-SP) Assinale a frase que não está correta.
a) Entre mim e ti tudo acabou.
b) lá lhe disse que entre nós nada é bom.
c) Entre ela e nós existe de tudo.
d) Entre eu e você deve haver respeito.
e) Não é possível haver duvidas entre eles.

14 (ITA-SP) Considerando que o pronome relatívo deve ser examinado em relação ao verbo que lhe vem imediatamente depois, quais frases abaixo estão corretas?
1. Apresento as provas do concurso de que fui por vós designado a elaborar.
2. Apresento as provas do concurso a que fui por vós designado a fiscalizá-lo.
3. Apresento as provas do concurso de cuja organização me destes a honra.
4. Apresento as provas do concurso para cuja fiscalização fui por vós designado.
a) Todas.
b) Apenas a 1 e a 3.
c) Apenas a 2 e a 4.
d)Apenas a 3 e a 4.

e) Apenas a 1 e a 2.

15 (PUCC-SP) O projeto, ( ) realização sempre duvidara, exigiria toda a dedicação ( ) fosse capaz.
a) do qual, a que
b) cuja a, da qual
c) de cuja, de que
d) que sua, de cuja
e) cuja, a qual

16 (PUCC-SP) Os folhetos ( ) não temos cópia são exatamente aqueles ( ) conteúdo ele se fixou.
a) que, cujo
b) de que, cujo o
c) de cujos, no qual
d) dos quais, em cujo
e) os quais, ao qual

17 (UNIMEP-SP) "De todas as garotas da classe, Paula foi (a) que mais me impressionou. Gostaria de ter ido (a) sua festa com ela. Eu (a) convidei, mas ela não aceitou."
As palavras destacadas são, respectivamente:
a) pronome oblíquo, artigo, preposição.
b) pronome demonstrativo, preposição, pronome oblíquo.
c) pronome oblíquo, preposição, pronome oblíquo.
d) pronome demonstrativo, preposição, artigo.
e) preposição, artigo, pronome demonstrativo.

18 (UNIMEP-SP) "( ) dois meses que não veio Paulo. Soube que ele esteve ( ) beira de uma crise nervosa ( ) menos de cinco dias do vestibular."
A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:
a) Há, a, a
b)Há,à,a
c) Há, à, à
d) A, a,à
e)A,à,a

19 (UNICAMP-SP) No trecho abaixo, extraído de uma entrevista transcrita literalmente, há uma passagem que precisaria ser modificada para adequar-se ao português escrito culto. Identifique essa passagem e reescreva-a na forma que lhe parecer mais adequada.
"A Universidade é muito mais eficiente do que a indústria porque ela é o único organismo da sociedade que pode especular sem grande ônus. A Universidade é o único organismo que você pode abandonar uma pesquisa sem nenhum trauma (…)".

20 (UNICAMP-SP) Todos os trechos citados abaixo apresentam um problema semelhante. Diga que problema é esse e reescreva um dos trechos de modo a adequá-lo à modalidade escrita da língua portuguesa.
- Se a gente ler esta reportagem daqui a um ano a gente vai perceber as marcas que esta reportagem não é moderna (...). (amostra de escrita de aluno do 1o. grau)

- Futebol, aquele esporte que faz o povo vibrar ao ver a vitória do time a qual se propõe a torcer. (amostra de escrita de aluno do 2o. grau)
- Existem escolas que as aulas da noite são iluminadas à luz de velas... (boletim de greve da Associação dos Professores do Estado de São Paulo)

CAPÍTULO 16
ESTUDO DAS CONJUNÇÕES

1 CONCEITO

Conjunções são palavras invariáveis que unem termos de uma oração ou unem orações.
As conjunções podem relacionar termos de mesmo valor sintático ou orações sintaticamente equivalentes - as chamadas orações coordenadas - ou podem relacionar uma oração com outra que nela desempenha função sintática - respectivamente, uma oração principal e uma oração subordinada. Ohserve:
Nossa realidade social é precária (e) nefasta.
A situação social do país é precária, (mas) ainda existem aqueles que só buscam privilégios pessoais.
Não se pode deixar de perceber (que) a situação social do país é precária.

Na primeira frase, a conjunção e une dois termos equivalentes: precária e nefasta.
Na segunda frase, a conjunção mas une duas orações coordenadas: "A situação social do país é precária" e "ainda existem aqueles que só buscam privilégios pessoais". É fácil perceber que cada uma dessas orações é completa em si mesma, podendo até mesmo ser separada da outra por ponto. Na terceira frase, a conjunção que une a oração "Não se pode deixar de perceber" à oração "a situação social do país é precária". Note que o sentido do verbo perceber, presente na primeira oração, é complementado pela segunda oração da frase: perceber, é, no caso, "perceber que a situação social do país é precária". Isso significa que a segunda oração é subordinada à primeira, pois atua como complemento do verbo dessa primeira oração. A conjunção que está unindo uma oração subordinada à sua oração principal. As conjunções e as preposições são as chamadas palavras relacionais da língua.

São chamados locuções conjuntivas os conjuntos de palavras que atuam como conjunções. Essas locuções geralmente terminam em que: visto que, desde que, ainda que, por mais que, à medida que, à proporção que, etc.
Os mesmos critérios de classificação aplicados às conjunções simples são aplicados às locuções conjuntivas.

2 CLASSIFICAÇÃO

As conjunções são primeiramente classificadas em coordenativas e subordinativas, de acordo com o tipo de relação que estabelecem. As conjunções coordenativas ligam termos ou orações sintaticamente equivalentes. As conjunções subordinativas ligam uma oração a outra que nela desempenha função sintática; em outras palavras, ligam uma oração principal a uma oração que lhe é subordinada.
De acordo com o sentido das relações que estabelecem, as conjunções coordenativas são classificadas em:
aditivas (exprimem adição, soma): e, nem, não só... mas também, etc.;

adversativas (exprimem oposição, contraste): mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante, etc.;
alternativas (exprimem alternância ou exclusão): ou, ou, ou, ora, ura,etc.;
conclusivas (exprimem conclusão): logo, portanto, por conseguinte, pois (posposto ao verbo), etc.;
explicativas (exprimem explicação): pois (anteposto ao verbo), que, porque, porquanto. Etc.

Já as conjunções subordinativas são classificadas em:
integrantes (introduzem orações subordinadas substantivas): que, se, como;
causais (exprimem causa): porque, como, uma vez que, visto que, já que, etc.;

- nota da ledora: quadro de propaganda ecológica, composto de 5 quadros menores, com os seguintes dizeres: 1o. quadro: este filmee foi poduzido originalmente em preto e branco. 2o. quadro: mico-leão-dourado. 3o. quadro: ganso-cor-de-rosa, 4o. quadro: se continuar assim, só vão sobrar cinzas. (referente a queimadas e a cor da mistura do preto com o branco), 5o. e último quadro: SOS MATA ATLANTICA (com a bandeira do Brasil, em cores.).
- fim da nota.

No penúltimo quadro, temos exemplo de conjunção subordinativa condicional: "Se continuar assim…
concessivas (exprimem concessão): embora, ainda que, mesmo que, conquanto, apesar de que, etc.;
condicionais (exprimem condição ou hipótese): se, caso, desde que, contanto que, etc.;
conformativas (exprimem conformidade): conforme, consoante, segundo, como, etc.;
comparativas (estabelecem comparação): como, mais... (do) que, menos... (do) que, etc.;
consecutivas (exprimem consequência): que, de sorte que, de forma que, etc.;
finais (exprimem-finalidade): para que, a fim de que, que, porque, etc.;
proporcionais (estabelecem proporção): à medida que, à proporção que, ao passo que, quanto mais..., menos..., etc.;
temporais (indicam tempo): quando, enquanto, antes que, depois que, desde que, logo que, assim que, etc.
A classificação das conjunções deve ser feita a partir de seu efetivo emprego nas frases da língua. Por isso, as relações que apresentamos não devem ser memorizadas: você deve consultá-las quando for necessário. O estudo efetivo do valor dessas conjunções só será possível quando observarmos atentamente sua atuação. Faremos isso nos capítulos de Sintaxe dedicados ao período composto.

ATIVIDADES
1. Procure unir as orações de cada um dos pares seguintes utilizando uma conjunção coordenativa.
a) Este é um país rico. A maior parte de seu povo é muito pobre.
b) Você se preparou dedicadamente. Será bem-sucedido.
c) É um velho político corrupto. Não se deve reelegê-lo.
d) Fique descansado. Eu tomarei as providências necessárias.
e) Choveu durante a noite. As ruas estão molhadas.
f) Você pode apresentar suas propostas esta noite. Pode ficar remoendo-as sozinho por muitas noites.

g) Você deve conversar abertamente com ela sobre seus sentimentos. Deve esquecê-la definitivamente.

2. A classificação de uma conjunção só pode ser realizada satisfatoriamente a partir de sua atuação efetiva numa frase. Observe os conjuntos de frases seguintes e procure indicar o tipo de relação estabelecida pela conjunção destacada.
a) (Como) chovesse, decidi adiar a partida.
Ele é compreensivo (como) um travesseiro.
Fiz tudo (como) combináramos.
b) A indignação foi tanta (que) produziu seguidas manifestações de rua.
Tivemos de sair correndo, (que) a situação ficou difícil!
Será que os brasileiros são mais alegres (que) os outros povos?
c) Por favor, fale mais alto, (que) eu também quero ouvir.
Outro, (que) não eu, suportaria calado tudo isso.

3. O emprego equivocado de uma conjunção prejudica a estruturação e a compreensão de frases e textos. Comente o uso da conjunção destacada na frase seguinte e proponha formas mais eficientes de reescrevê-la.
A maior parte dos trabalhadores brasileiros não recebe um salário digno, mas enfrenta problemas de sobrevivência.

TEXTOS PARA ANÁLISE

- nota da ledora: propaganda da revista de decoração de interiores Casa Cláudia, com o seguinte texto: Viver (ou) Sonhar? Com esta dúvida você passa a vida sonhando.
Viver (e) Sonhar: com esta decisão você começa a viver seus sonhos.
- fim da nota.

- TRABALHANDO O TEXTO:
Explique o sentido da relação estabelecida pelas conjunções destacadas no texto ao lado.

Moto-contínuo

Um homem pode ir ao fundo do fundo, do fundo
Se for por você
Um homem pode tapar os buracos do mundo
Se for por você
Pode inventar quatquer mundo, como um vagabundo
Se for por você
Basta sonbar com você
Juntar o suco dos sonbos, encber um açude
Se for por você
A fonte da juventude correndo nas bicas
Se for por você
Bocas passando saúde com beijos nas bocas
Se for por você
Homem também pode amar e abraçar e afagar seu ofício porque

Vai habitar o edifício que faz pra você
E, no aconchego da pele, na pele, da carne, na carne entender
Que homem foi feito direito, do jeito que é feito o prazer
Homem constrói sete usinas, usando a energia
Que vem de você
Homem conduz a alegria que sai das turbinas
De volta a voce
E cria o moto-continuo, da noite pro dia,
Se for por você
E quando um homem já está de partida,
na curva da vida ele vê
Que o seu caminho não foi um caminho
Sozinho porque
Sabe que um homem vai fundo, e vai fundo, e vai fundo
Se for por você,
(LOBO, Edu & BUARQUE, Chico. In: Edu & Tom - Tom, & Edu. LP PhiIips
6328.378,
1981.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Classifique as palavras destacadas em "(Se) for por você" e (Como) um vagabundo".
2. Classifique a palavra (porque) em suas duas ocorrências no texto.
3. Classifique as palavras destacadas nos versos seguintes:
"Vai habitar o edifício (que) faz pra você
E no aconchego da pele, na pele, da carne, na carne entender
(Que) homem foi feito direito...".
4. Aponte no texto exemplos de conjunções coordenativas.
5. (Polissíndeto) É nome que se dá à repetição de uma mesma conjunção na coordenação de termos ou orações. Aponte exemplos no texto e procure relacionar essa figura de linguagem com o conteúdo do texto.
6. O amor pode realmente originar um moto-contínuo? Qual sua opinião?

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1 (FUVEST-SP) Nas frases abaixo, cada espaço pontilhado corresponde a uma conjunção retirada.
1. "Porém já cinco sóis eram passados ( ) dali nos partíramos."
2 ( ) estivesse doente faltei à escola.
3 ( ) haja maus nem por isso devemos descrer dos bons.
4. Pedro será aprovado ( ) estude.
5 ( ) chova sairei de casa.
As conjunções retiradas são, respectiva-mente:
a) quando, ainda que, sempre que, desde que, como.
b) que, como, embora, desde que, ainda que.
c) como, que, porque, ainda que, desde que.
d) que, ainda que, embora, como, logo que.
e) que, quando, embora, desde que, já que.

2 (UEL-PR) Não gostava muito de novelas policiais; admirava, porém, a técnica de seus autores.
Comece com: Admirava a técnica...
a) visto como
b) enquanto
c) conquanto
d) porquanto
e) à medida que

3 (UEL-PR) A serem considerados os resultados, o trabalho foi eficiente.
Comece com: O trabalho foi eficiente...
a) desde que
b) ainda que
c) a menos que
d) embora
e) por isso

4 (PUCSP) Assinale a alternativa que possa substituir, pela ordem, as partículas de transição dos períodos abaixo, sem alterar o significado delas.
"Em (primeiro lugar), observemos o avô. (Igualmente), lancemos um olhar para a avó. (Também) o pai deve ser observado. Todos são altos e morenos. (Conseqüentemente), a filha também será morena e alta."
a) primeiramente, ademais, além disso, em suma
b) acima de tudo, também, analogamente, finalmente
c) primordialmente, similarmente, segundo, portanto
d) antes de mais nada, da mesma forma, por outro lado, por conseguinte
e) sem dúvida, intencionalmente, pelo contrário, com efeito

5 (CESGRANRIO-RJ) Assinale o período em que ocorre a mesma relação significativa indicada pelos termos destacados em "A atividade científica é tão natural (quanto qualquer outra atividade econômica)".
a) Ele era tão aplicado, que em pouco tempo foi promovido.
b) Quanto mais estuda, menos aprende.
c) Tenho tudo quanto quero.
d) Sabia a lição tão bem como eu.
e) Todos estavam exaustos, tanto que se recolheram logo.

6 (FUVEST-SP) "Podem acusar-me: estou com a consciência tranqüila." Os dois pontos (:) do período acima poderiam ser substituidos por vírgula, explicitando-se o nexo entre as duas orações pela conjunção:
a) portanto.
b) e.
c) como.
d) pois.
e) embora,

7 (PUCSP) Em:
"...ouviam-se amplos bocejos, fortes como o marulhar das ondas...", a partícula como expressa uma idéia de:
a) causa.

b) explicação.
c) conclusão.
d) proporção.
e) comparação.

8 (FUVEST-SP) "Que não pedes um diálogo de amor, é claro, (desde que impões) a cláusula da meia-idade."
O segmento destacado poderia ser substituído, sem alteração do sentido da frase, por:
a) desde que imponhas.
b) se bem que impões.
c) contanto que imponhas.
d) conquanto imponhas.
e) porquanto impões.

9 (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que ocorre uso incorreto de conjunção.
a) O homem criou a máquina para facilitar sua vida, e contudo ela correspondeu a essa expectativa.
b) Diga-lhe que abra logo a porta, que eu estou com pressa.
c) Ele tinha todas as condições para representar bem os colegas; nem todos lhe reconheciam os méritos, porém.
d) O problema é que ainda não se sabe se ele agiu conforme as normas da empresa.
e) Ao perceber o que tinham leito com seus livros, gritou que parecia um louco.

10 (PUCSP) Nos trechos:
"Vejo três meninas caindo rápidas, enfunadas, (como) se dançassem inda"
e
"… e a prima-dona com a longa cauda de lantejoulas riscando o céu (como) um cometa", as palavras sublinhadas expressam respectivamente idéias de:
a) comparação, objeto.
b) modo, origem.
c) modo, comparação.
d) comparação, instrumento.
e) conseqüência, conseqüência.

11 (PUCSP) No período:
"Da própria garganta saiu um grito de admiração, que Cirino acompanhou, (embora) com menos entusiasmo", a palavra destacada expressa uma idéia de:
a) explicação.
b) concessão.
c) comparação.
d) modo.
e) conseqüência.

12 (PUCSP) No trecho:
"É uma espécie... nova... completamente nova! (Mas já) tem nome... Batizei-(a) logo... Vou-(lhe) mostrar..."
sob o ponto de vista morfológico, as palavras destacadas correspondem, pela ordem, a.
a) conjunção, preposição, artigo, pronome.
b) advérbio, advérbio, pronome, pronome.

c) conjunção, interjeição, artigo, advérbio.
d) advérbio, advérbio, substantivo, pronome.
e) conjunção, advérbio, pronome, pronome.

13 (UNICAMP-SP) Identifique no texto abaixo:
1. o argumento utilizado pelo Ministro do Trabalho a favor da manutenção da legislação salarial que prevê reajustes indexados e automáticos;
2. a palavra que marca sintaticamente a oposição entre os assalariados que ganham pouco e aqueles que ganham muito;
3. a palavra que poderia ser substituida por (não obstante).
"Não há (…) como se cogitar do abandono do sistema de reajustes indexados e automáticos. (…) Em suas linhas gerais a legislação salarial deve ser mantida, por ser tecnicamente melhor do que as suas antecessoras. Impõe-se, entretanto, um tratamento adequado ao piso salarial nacional e sua completa e definitiva desvinculação de outros salários. Exige-se, ainda, o estreitamento do amplo arco de salários. Não é justo que, enquanto alguns são pagos à razão de meio, um, dois ou três salários mínimos, outros consigam ganhar cinqüenta, cem, duzentas ou trezentas vezes mais. É fundamental, finalmente, que as negociações sindicais ou com as empresas sejam livres e responsáveis, tomando como parâmetro os dados objetivos da realidade." (Almir Pazzianoto. Folha de S Paulo, 30 nov. 1987.)

14 (UNICAMP-SP) No texto abaixo, substitua embora por outra palavra ou expressão, de forma que o texto resultante dessa substituição, com as mínimas alterações necessárias, mantenha o sentido original.
"(...) ergueu-se rapidamente, passou para o outro lado da sala e deu alguns passos, entre a janela da rua e a porta do gabinete do marido. Assim, com o desalinho honesto que trazia, dava-me uma impressão singular. Magra (embora), tinha não sei que balanço no andar, como quem lhe custa levar o corpo; essa feição nunca me pareceu tão distinta como naquela noite." (Machado de Assis, "Missa do galo".)

15 (UNICAMP-SP) Substitua a palavra destacada no trecho transcrito abaixo por outra que garanta o mesmo sentido ao texto (você poderá ainda fazer outras modificações, se as julgar (indispensáveis) .
(Se) não chegam a configurar um processo de radicalização verbal e de alarmismo deliberado, ainda assim são preocupantes e lamentáveis as declarações do ministro da Indústria e Comércio, Roberto Cardoso Alves, de que partidos como o PT e os PCs não deveriam ter existência legal, por não possuírem, na opinião do ministro, compromisso com a democracia. (Folha de S.Paulo, 8 dez. 1988.)

16 (UNIMEP-SP) "Apenas se viu cruzando a linha de chegada, começou a gritar de alegria."
Comece com: Começou a gritar de alegria,
a) conquanto
b) à medida que
c) tanto que
d) já que
e) contudo

17 (UNIMEP-SP) "Havendo tempo, irei à sua casa."
Comece com: Irei à sua casa,

a) se houvesse
b) embora haja
c) exceto se houver
d) desde que houvesse
e) caso haja

18 (UNIMEP-SP) "Ele insiste em trabalhar, conquanto mal tenha saído de uma pneumonia." Comece com: Mal saiu de uma pneumonia".
a) no entanto
b) por isso
c) logo
d) embora
e) então

19 (VUNESP-SP) ( ) a esposa estar, há muito tempo, longe de casa, o marido não sente sua falta, ( ) se rodeia de amigos, ( ) comemorar sua liberdade.
Observando a coerência na indicação das circunstâncias, assinalar a alternativa que preenche adequadamente as colunas.
a) em razão de; à proporção que; para
b) apesar de; já que; a fim de
c) na hipótese de; desde que; por
d) não obstante; quando; sem
e) no caso de; conforme; de modo a

20 (FECAP-SP) Classifique a palavra como nas construções seguintes, numerando, convenientemente, os parênteses. A seguir, assinale a alternativa correta.
1. preposição
2. conjunção subordinativa causal
3. conjunção subordinativa conformativa
4. conjunção coordenativa aditiva
5. advérbio interrogativo de modo
( ) Perguntamos como chegaste aqui.
( ) Percorrera as salas como eu mandara.
( ) Tinha-o como amigo.
( ) Como estivesse muito frio, fiquei em casa.
( ) Tanto ele como o irmão são meus amigos.
a) 2,4,5,3,1
b) 4, 5,3,1,2
c) 5,3,1,2,4
d) 3,1,2,4,5
e) 1,2,4,5,3

CAPÍTULO 17
ESTUDO DAS INTERJEIÇÕES

1 CONCEITO

Interjeições são palavras invariáveis que exprimem emoções, sensações, estados de espírito, ou que procuram agir sobre o interlocutor, levando-o a adotar determinados

comportamentos sem que se faça uso de estruturas lingüísticas mais elaboradas.
Observe:
Ah!- pode exprimir prazer, deslumbramento, decepção;
Psiu! - pode indicar que se está querendo atrair a atenção do interlocutor ou que se quer que ele faça silêncio.
Em alguns casos, há um conjunto de palavras que atua como uma interjeição:
são as locuções interjectivas, como Valha-me Deus! ou Macacos me mordam!

OUTRAS INTERJEIÇÕES E LOCUÇÕES INTERJECTiVAS

Interjeições e locuções
oh!, ah!, oba!, viva! - expressam alegria.
ai! ui! - expressam dor
oh!, ah!, ih!, opa!, caramba!, upa!, céus!, puxa!, xi!, gente!, hem?!, meu Deus!, uaí!
olá!, alô!, ô!, oi!, psiu!, psit!, ó! - expressam chamamento
uh!, credo!, cruzes!, Jesus!, ai! - expressam medo
tomara!, oxalá!, queira Deus!, quem me dera! - expressam desejo
psiu!, caluda!, quieto!, bico fechado! - expressam pedido de silêncio
eia!, avante!, upa!, firme!, toca! - expressam estímulo
xô!, fora!, rua!, toca!, passa!, arreda! - espressam afugentamento
ufa!, uf!, safa! - expressam alívio
ufa! - expressam cansaço

- nota da ledora: dezenho de quadrinho: um carro ingiçado, com o capô aberto, e o motorista ouvindo aproximar-se um caminhão, pensa: oba! Tomara que seja alguém com macaco! - e o caminhão que se aproxima é do Gran Circo, cheio de macacos.
- fim da nota.

No cartum acima, ocorrem duas interjeições: oba!. (que deve ser grafada sem o acento circunflexo) e tomara. Elas expressam, respectivamente, alegria e desejo.

Poderíamos estender indefinidamente essa lista. Mais importante, no entanto, é você perceber que são consideradas interjeições algumas estruturas lingüísticas bastante diferenciadas entre si. Ah! e ui!, por exemplo, são sons que servem exclusivamente para a expressão de estados emotivos; já quieto! e viva! são formadas por palavras de outras classes gramaticais que, em determinados contextos, permitem a expressão de emoções súbitas. Em alguns casos, temos verdadeiros pedaços de frases, como acontece com quem me dera!.
As interjeições são, na realidade, verdadeiras frases. Pode-se perceber isso facilmente quando se atenta para seu funcionamento na linguagem. Além de serem capazes de transmitir conteúdos significativos que correspondem a frases, as interjeições têm sua significação profundamente vinculada ao momento efetivo de sua utilização: basta perceber como um ah! pode exprimir desde desapontamento até o mais profundo prazer, de acordo com a situação em que é proferido (a qual determinará a entonação de voz com que será produzido).
Outra evidência de que as interjeições pertencem ao campo das palavras em utilização efetiva e não ao das palavras tomadas isoladamente é sua forma de apresentação: elas são sempre seguidas de um ponto de exclamação (às vezes combinado com outros sinais de pontuação). Ora, o uso de sinais de pontuação faz sentido quando se lida com elementos lingüísticos que integram a comunicação efetiva - que se verifica na

organização de frases e textos. Seria mais coerente, portanto, não considerar as interjeições uma classe de palavras à parte, mas sim mais um dos possíveis tipos de frases de que a língua portuguesa dispõe.

ATIVIDADES
1. Nos pequenos diálogos a seguir, substitua a fala do segundo interlocutor pela interjeição que julgar mais conveniente.
a) Parece que todo mundo vem à festa hoje à noite!
- Fico muito contente!
b) Finalmente chegamos ao fim da escalada!
- Estou bastante aliviado e satisfeito!
c) - Ele conseguiu bater dois recordes mundiais de natação apesar de ter ficado alguns meses sem treinar!
- Como estou admirado!
d) - Para onde você estava olhando quando tropeçou?
- Estou sentindo muita dor!
e) - Por que a gente não vai junto ao cinema domingo?
- Fico bastante feliz com o convite!
F)-Vamos ter de dividir o quarto do alojamento com o Zezão - aquele que não gosta muito de banho!
- Estou com muito nojo!

2. Que interjeição ou interjeições você usaria se:
a) abrisse a porta de seu quarto e nele encontrasse a mountain bike que estava querendo ganhar?
b) recebesse uma carta daquele(a) garoto(a) com quem 'ficou" nas últimas férias e de quem sempre sentiu saudades?
c) recebesse um boletim repleto de boas notas?
d) recebesse um boletim repleto de más notas?
e) ganhasse um bom dinheiro num concurso de redação?
f) seu time fosse campeão de futebol depois de vinte anos de espera?
g) seu(sua) namorado(a) ligasse para dizer que está tudo terminado entre vocês?
h) recebesse a notícia de que os vestibulares foram definitivamente abolídos?
i) visse uma barata?

3. Nos diálogos dos textos narrativos, as interjeições permitem a expressão sintética de dados que demandariam falas mais longas; além disso, são muitas vezes sugestivas e bem-humoradas. Leia o trecho abaixo, extraído de uma crônica de Luis Fernando Verissimo, e comente o uso que nele se faz de uma curiosa interjeição.
"O veraneio terminou mal. A idéia dos dois casais amigos, amigos de muitos anos, de alugarem uma casa juntos deu errado. Tudo por culpa do comentário que o Itaborá fez ao ver a Mirna, a comadre Mirna, de biquini fio dental pela primeira vez.
Nem tinha sido um comentário. Mais um som indefinido.
- Omnahnmon!"
- nota da ledora: desenho na página: na praia um casal, e uma mulher, a mulher retira a parte de cima do bíquine, o homem olha fixamente, a gorda espôsa cruza os braços com cara feia, e o marido fica extasiado ao observar a mulher. O sol, ao alto, estilizado, faz cara de surpresa.
- fim da nota.

TEXTOS PARA ANÁLISE:

- nota da ledora: quadrinho representando o adro de uma igreja, com algumas pessoas, e m primeiro plano, uma jovem vestida provocantemente, para quem todos dirigem o lhar.
Na legenda: Ops! A fragrância Uau!
- fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO

1. Classifique a palavra Ops!, e comente o seu significado.

2. Snif-snif e uma interjeição? Comente.

3. Uau! é, no texto, uma interjeição? Comente.

Canção de exilio facilitada
ah!
sabiá...
papa...
mana...
sofá...
sinhá...
cá?
bah!
(PAUS, José Paulo. Um por todos - Poesia reunida. São Paulo, Brasíliense, 956. p. 67.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Indique o sentido das duas interjeições presentes no texto.

2. A segunda estrofe do texto relaciona os elementos que fazem o lá melhor do que o cá. Comente esses elementos, procurando identificar a que país se refere o advérbio lá.

3. Compare o texto acima com a "Canção do exílio", de Gonçalves Dias. A seguir, comente a importância das interjeições na obtenção da versão simplificada.

PARTE 3 - SINTAXE

CAPÍTULO 18

INTRODUÇÃO A SINTAXE

A Sintaxe se ocupa do estudo das relações que as palavras estabelecem entre si nas orações e das relações que se estabelecem entre as orações nos períodos. Quando se relacionam palavras e orações, criam-se discursos, ou seja, utiliza-se efetivamente a língua para que se satisfaçam todas as necessidades de comunicação e expressão. O conhecimento da Sintaxe é, portanto, um instrumento essencial para o manuseio satisfatório das múltiplas possibilidades que existem para combinar palavras e orações.

1 FRASE, ORAÇÃO E PERÍODO

Dispor as palavras em frases é o primeiro passo para a construção dos discursos.
Isso significa que a frase se define pelo seu propósito de comunicação, isto é, pela sua capacidade de, num diálogo, numa tese, enfim, em alguma forma de comunicação lingüística, ser capaz de transmitir o conteúdo desejado para a situação em que é utilizada. Na fala, a frase apresenta uma entoação que indica com clareza seu início e seu fim; na escrita, esses limites são normalmente indicados pelas iniciais maiúsculas e pelo uso de ponto (final, de exclamação ou interrogação) ou reticências. O conceito de frase é, portanto, bastante abrangente, incluindo desde estruturas lingüísticas muito simples, como:
Ai!,
que em determinada situação é suficiente para transmitir um conteúdo claro, até estruturas complexas como:
Assim, a idolatria da máquina de matar que corresponde a certas fantasias do te/espectador mas que nada tem a ver com a função de zelar pela segurança pública, acaba contribuindo para o surgimento dos valentões enlouquecidos dentro da tropa.

As frases de estrutura mais complexa geralmente se organizam a partir de um ou mais verbos (ou locuções verbais). A frase, ou a parte de uma frase, que se organiza a partir de um verbo ou locução verbal recebe o nome de oração. A frase estruturada em orações constitui o período, que pode ser simples (formado por apenas uma oração) ou composto (formado por duas ou mais orações). Observe:
A vida (vale) muito pouco neste país.
Trata-se de um período simples, formado por apenas uma oração organizada a partir da forma verbal destacada.

A vida neste país (vale) tão pouco (que) não se (sabe) (se) (há) limite para o pior.
Trata-se de um período composto, formado por três orações organizadas a partir dos verbos destacados e conectadas pelas conjunções grifadas.
A Sintaxe se ocupa do estudo do período simples e do período composto.

- nota da ledora: Campanha da Casa do Hemofílico do Rio de Janeiro, um cartaz vermelho com as seguintes palavras: Você desmaia quando vê sangue?
- fim da nota.

Na frase acima, temos um período composto formado por duas orações, organizadas a partir das formas verbais desmaia e vê.

2 TIPOS DE FRASES

Muitas vezes, as frases assumem sentidos que só podem ser integralmente captados se atentarmos para o contexto em que são empregadas. É o caso, por exemplo, das situações em que se explora a ironia. Pense, por exemplo, na frase "Que educação!", usada quando se vê alguém invadindo, com seu carro, a faixa de pedestres. Nesse caso, ela expressa exatamente o contrário do que aparentemente diz.

A entoação é um elemento muito importante da frase falada, pois nos dá uma ampla possibilidade de expressão. Dependendo de como é dita, uma frase simples como "É ele." pode indicar constatação, dúvida, surpresa, indignação, decepção, etc. Na língua escrita, os sinais de pontuação podem agir como definidores do sentido das frases: "É ele."; "É ele?"; "É ele!"; "É ele?!"; "E ele..."; etc.
Existem, na língua portuguesa, alguns tipos de frases cuja entoação é mais ou menos previsível, de acordo com o sentido que transmitem. Observe:
a)frases declarativas: informam ou declaram alguma coisa. Podem ser afirmativas, como:
Começou a chover.
ou negativas, como:
Ainda não começou a chover.

- nota da ledora: campanha da Casa do Hemofílico do Rio de Janeiro: cartaz, em preto, com o seguinte texto: Tem gente que morre porque não vê.
- fim da nota.

Acima, temos exemplo de frase declarativa. Esta, porém, só faz sentido quando lida como resposta à frase interrogativa da página anterior. (da mesma campanha)

b) frases interrogativas: ocorrem quando se quer obter alguma informação. A interrogação pode ser direta, como nas frases:
Começou a chover?
Quem quer um louco na presidência? ou indireta, como nas frases:
Quero saber se começou a chover.
Não sei quem quer um um louco na presidência.

c) frases imperativas: são empregadas quando se quer agir diretamente sobre o comportamento do interlocutor, o que ocorre quando se dão conselhos, ordens ou quando se fazem pedidos. Podem ser afirmativas, como:
Manifeste claramente o seu pensamento ou negativas, como:
Não seja inoportuno.

d) frases exclamativas: são empregadas quando o emissor deseja expressar um estado emotivo. É o caso de:
Começou a chover!
Vai começar tudo de novo!

e) frases optativas: são empregadas para exprimir desejo. São exemplos de frases optativas:
Deus te guie!
Bons ventos o levem!

ATIVIDADES
1. Leia atentamente as frases de cada um dos grupos seguintes. Em seguida, leia-as em voz alta, conferindo a cada uma a entonação adequada.

a) Ele já prestou depoimento.
Ele já prestou depoimento?
Ele já prestou depoimento!

Ele já prestou depoimento...
Ele já prestou depoimento!?

b) Não quero que você saiba.
Não quero que você saiba!
Não quero que você saiba?
Não quero que você saiba...

c) Já sei!
Já sei?
Já sei.

2. Escreva:
a) uma frase que também é uma oração;
b) uma frase formada por mais de uma uma oração;
c) uma frase que não é oração;
d) uma oração que não é frase.

3. Algumas das frases dadas como respostas aos itens da questão no. 2 constituem períodos. Quais são? Classifique-os em períodos simpIes ou compostos.

4. O Manual de estilo da Editora Abril afirma:
"Se você deseja ser compreendido, suas frases deverão atender a um requisito essencial: a clareza. É uma exigência para a qual não existe meio-termo. Se a frase for clara, você dirá o que quis dizer. Se a frase for obscura, você provocará confusão". Levando em consideração essas colocações, comente as frases seguintes, retiradas da mesma página desse Manual.
"Enfim, toda vez que você sentar-se à máquina, postar-se diante do terminal ou pegar a caneta com o propósito de escrever, lembre-se que sentenças de breve extensão, amiúde logradas por intermédio da busca incessante da simplicidade no ato de redigir, da utilização frequente do ponto, do corte de palavras inúteis que não servem mesmo para nada e da eliminação sem dó nem piedade dos clichês, dos jargões tão presentes nas laudas das matérias dos setoristas, da retórica discursiva e da redundância repetitiva - sem aquelas intermináveis orações intercaladas e sem o abuso de partículas de subordinação, como por exempIo 'que', 'embora', 'onde', 'quando', capazes de encompridá-las desnecessariamente, tirando em consequência o fôlego do pobre leitor - 'isso para não falar que não custa refazê-las, providência que pode aproximar o verbo e o complemento do sujeito, tais sentenças de breve extensão, insistimos antes que comecemos a chateá-lo, são melhores e mais claras. Ou seja, use frases curtas."

3 AS FRASES E A PONTUAÇÃO

Uma frase é um conjunto de elementos lingüísticos estruturados para que se concretize a comunicação. Na língua oral, esses conjuntos se estruturam em sequências cuja ordenação em boa parte é feita por recursos vocais, como a entoação, as pausas, a melodia e até mesmo os silêncios. Para perceber a importância da participação desses elementos sonoros na organização da linguagem falada, basta observar alguém que esteja se comunicando em voz alta:

você vai notar que essa pessoa controla os recursos vocais mencionados para que suas frases se articulem significativamente. Assim, as frases faladas e os recursos vocais que as organizam constroem os textos falados.

Na escrita, os elementos vocais da linguagem são substituídos por um sistema de sinais visuais que com eles mantêm alguma correspondência. Esses sinais são conhecidos como sinais de pontuação e seu papel na língua escrita é semelhante ao dos elementos vocais na língua falada: participam da estruturação das frases na construção dos textos escritos. O estudo do emprego dos sinais de pontuação está ligado à percepção de seu papel estruturador na língua escrita. Isso significa que não se aprende a usá-los partindo-se do pressuposto de que eles representam na escrita as pausas e melodias da língua falada: não é esse o papel desses sinais. O estudo de seu emprego baseia-se na organização sintática e significativa das frases escritas e não nas pausas e na melodia das frases faladas.

Levando em conta tudo isso, decidimos organizar o estudo da pontuação tomando como ponto de partida os estudos de Sintaxe. Você perceberá, assim, que o conhecimento da organização sintática da língua portuguesa é um poderoso instrumento para que se alcance a pontuação correta e eficiente.

Neste primeiro capítulo, vamos falar dos sinais que delimitam graficamente as frases.

Observe:

a) o ponto final (.) é utilizado fundamentalmente para indicar o fim de uma frase declarativa:

Não há país justo sem equilíbrio social.

Não é possível que ainda se pense que há pessoas que têm mais direitos do que outras.

"A vida é a arte do encontro, embora haja muito desencontro pela vida." (Vinicius de Moraes)

b)o ponto de interrogação (?) é o sinal que indica o fim de uma frase interrogativa direta:

O que você quer aqui?

Até quando os brasileiros vão se negar a entender que miséria e desenvolvimento são inconciliáveis?

Nas frases interrogativas indiretas, utiliza-se ponto final:

Quero saber por que você não colabora.

c) o ponto de exclamação (!) é o sinal que indica o fim de frases exclamativas ou optativas (as que expressam desejo):

Que bela companheira você é!

Que Deus te acompanhe!

- nota da ledora: quadrinhos de Ziraldo, representando dois hones se encontrando, um bem humorado e o outro mau humorado: diálogo
- bem humorado: tudo bem?
- mau humorado: - em que sentido?
- bem humorado: como vai?
- mau humorado: por que pergunta?
- bem humorado: quanto tempo?!
- mau humorado: duas e quinze.
- bem humorado: Adeus!
- mau humorado: ao diabo!

- fim da nota.

Aí estão os pontos de interrogação e de exclamação! Mas, diante de tantos diálogos bizarros, melhor renunciar às explicações, e apenas rir.

Também pode ser usado para marcar o fim de frases imperativas:
- Vá-se embora! 1

É comum como recurso de ênfase a repetição do ponto de exclamação ou sua combinação com o ponto de interrogação:
Quê?! De novo?! Não suporto mais isso!!!
Ele outra vez?! Não!!

d) o sinal de reticências (...) indica uma interrupção da estrutura frasal. Essa interrupção pode decorrer de hesitação de quem tem sua fala representada ou pode indicar que se espera do leitor o complemento da frase (muitas vezes com finalidade irônica):
Veja bem, não sei... Quem sabe seja... É, na verdade eu não sei...
Bem, eu queria... Você sabe muito bem o que eu quero...
O árbitro é muito eficiente, mas os auxiliares...
Pelo jeito, ainda será preciso esperar muito tempo para que os brasileiros compreendam em que consiste a verdadeira modernidade social...
Também o sinal de reticências é constantemente combinado com pontos de interrogação ou exclamação, para acrescentar à frase particularidades de significado:
Você faria isso por mim?...
De novo!...

e) na representação gráfica de diálogos, utilizam-se os dois pontos (:) e os travessões (-):
Depois de um longo silêncio, ele disse:
- É melhor esquecer tudo.
- É melhor esquecer tudo - disse ele, depois de um longo silêncio.
- É melhor - concordei.

Também é possível empregar vírgulas no lugar dos travessões intermediários:
- Convém tentar esquecer tudo, disse ele, para que ninguém mais seja prejudicado.

A situação parece ter chegado a um impasse. "Muitos sem-terra atingiram os limites do desespero", afirmou o sociólogo, "e parecem decididos a ir até o fim".

ATIVIDADES

1. Foram retirados os pontos finais dos períodos que formam o parágrafo seguinte. Recoloque-os.

a idéia de que a violência provém da má índole dos indivíduos que a praticam é bastante generalizada ouvem-se com bastante frequência grupos de cidadãos que exigem maior eficiência da policia e até mesmo a intervenção do Exército como forma de garantir a segurança dos indivíduos e seu patrimônio mais raras são as vozes que se levantam para denunciar uma sociedade hipócrita em que aqueles que pusam como pais de família exemplares se transformam em exterminadores sem escrúpulos assim que seguram o volante de um automóvel saliente-se que nesse caso a culpa é atribuida à neurose do trânsito das grandes cidades e não à má índole individual

2. Foram retirados os sinais de pontuação que indicam o final dos períodos que formam o parágrafo seguinte. Recoloque-os.

há efetivamente um conjunto de brasileiros que se comportam como se as leis não lhes dissessem respeito o convívio social não passa de uma forma de lhes satisfazer os desejos as obrigações inerentes a qualquer forma de sociedade pertencem excluvisamente aos outros seria importante saber o que efetivamente produzem esses indivíduos para o bem da comunidade são eles seres verdadeiramente sociais a resposta a essa pergunta pude dar inicio à redescoberta da noção de bem-comum

3. Crie um diálogo em que você utiliza pontos de exclamação, pontos de interrogação, reticências e travessões.

CAPÍTULO 19

TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

- nota da ledora: cartaz de campanha em defesa da escola pública, aapresentando fotos de carteiras quebradas e completamente deterioradas, com o seguinte texto: ESCOLA PÚBLICA NÃO É PRIVADA.
- fim da nota.

Neste capítulo, inicia-se o estudo da sintaxe do período simples. Esse estudo se baseia na investigacão das várias funções que as palavras desempenham quando se organizam em orações. Durante o estudo das diversas funções sintáticas, você poderá relacioná-las com as classes de palavras ja estudadas nos capítulos dedicados a Morfologia. A relação entre as classes de palavras e suas possíveis funções sintáticas recebe o nome de morfossintaxe.
Observe uma frase de estrutura absolutamente simples:
Escola pública não é privada.
O que aconteceria se trocássemos a expressão "escola pública" pela expressão "escolas públicas"? O verbo (é), que esta na terceira pessoa do singular, deveria ser levado à terceira do plural (são), para adequar-se a flexão de pessoa e número da expressão alterada. Esse mecanismo sintático é a base da relação entre os termos essenciais da oração. Vamos estudá-lo mais atentamente.

1. CONCEITOS

Você já sabe que o período simples é aquele formado por apenas uma oração, que recebe o nome de absoluta. Você também já sabe que a oração é a frase ou membro de frase estruturada a partir de um verbo ou de uma locução verbal. O período simples, então, sempre apresentará um único verbo ou locução verbal, que será o ponto de partida para nosso trabalho de análise. A frase:
Os agricultores participaram do protesto contra a política agrária do governo.
constitui um período simples, formado por uma oração que se organiza a partir da forma verbal participaram.

Se você observar mais atentamente essa forma verbal, vai perceber que ela está na terceira pessoa do plural, porque se relaciona com a expressão "os agricultores": é fácil perceber que o termo "os agricultores" equivale ao pronome de terceira pessoa do plural eles - e você sabe que a forma verbal exigida por esse pronome é justamente uma que esteja na terceira pessoa do plural. Se você modificar a flexão do substantivo

(agricultores), colocando-o no singular (agricultor), vai perceber que o verbo também sofrerá flexão de número, passando a participou:
O agricultor participou do protesto contra a política agrária do governo.

Se você optar por modificar a pessoa gramatical do verbo (de terceira para segunda ou primeira), vai perceber que não se pode manter a expressão "os agricultores" nessa oração. No período seguinte, a forma verbal participei se relaciona com a primeira pessoa do singular (eu): Participei do protesto contra a política agrária do governo.

Dessa forma, constata-se que existe entre o verbo e o termo "os agricultores" uma relação que os obriga a concordar em número e pessoa. Essa relação recebe o nome de concordância verbal, e o termo da oração com o qual o verbo concorda em número e pessoa é o sujeito.

Só faz sentido falar em sujeito quando se está lidando com orações, ou seja, quando é possível perceber uma relação de concordância entre um determinado termo de uma oração e o verbo dessa mesma oração. Sujeito é, portanto, o nome de uma função sintática - o que significa dizer que é o nome que se atribui a um dos papéis que as palavras podem desempenhar quando se relacionam umas com as outras.

Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se afirmar que sujeito é uma função substantiva, porque são os substantivos e as palavras de valor substantivo (pronomes e numerais substantivos ou outras palavras substantivadas) que podem atuar como núcleos dessa função nas orações portuguesas. Observe a classe gramatical a que pertencem os núcleos dos sujeitos seguintes:

Os alunos (substantivo); Todos (pronome substantivo); Ambos (numeral substantivo); Os pobres (adietivo substantivado); protestaram veemente.

Quando se identifica o sujeito de uma oração, identifica-se também o predicado dessa oração. Predicado é aquilo que se declara a respeito do sujeito; em termos práticos, equivale a tudo o que resta na oração, depois de eliminado o sujeito (e o vocativo, quando ocorrer). Observe, nas orações seguintes, a divisão entre sujeito e predicado:

Os alunos; Os jogadores; (sujeito), protestaram veementemente; manifestaram sua insatisfação. (predicado)

No verão, a temperatura aumenta.
Sujeito : a temperatura
predicado: no verão, aumenta.

No predicado existe, obrigatoriamente, um verbo ou locução verbal. Para a devida análise da importância do verbo no predicado, deve-se considerar em primeiro lugar a possibilidade de dividir os verbos em dois grupos: os nocionais e os não-nocionais. Verbos nocionais são aqueles que exprimem processos; em outras palavras, indicam ação, acontecimento, fenômemo natural, desejo, atividade mental, como lutar, fazer, ocorrer, suceder, nascer, trovejar; querer, desejar, pretender; pensar, raciocinar, considerar; julgar, etc. Esses verbos são sempre núcleo dos predicados em que aparecem. Verbos não-nocionais são aqueles que exprimem estado; são mais conhecidos como verbos de ligação: ser, estar, permanecer, ficar, continuar, tornar-se,

virar, andar, achar-se, passar, acabar, persistir, etc. Os verbos não-nocionais fazem parte do predicado, mas não atuam como núcleo.
Só é possível perceber se um verbo é nocional ou não-nocional quando se considera o contexto em que é usado. Assim, na oração:
Ela anda cinco quilômetros por dia.
o verbo andar exprime uma ação, atuando como um verbo nocional. Já na oração:
Ela anda amargurada.
predomina a informação do estado do sujeito, dada pelo termo amargurada. O verbo indica que esse estado tem se mantido nos últimos dias ou semanas. Por isso se diz que, nesse caso, o verbo exprime o caráter do estado do sujeito, atuando como verbo não-nocional.

Os verbos nocionais podem ser acompanhados ou não de complementos, de acordo com a sua transitividade. Um verbo que não é acompanhado de complemento é chamado de intransitivo. É o que ocorre na oração:
Criança sofre!
Nota-se que o verbo sofrer não apresenta nenhum complemento, já que o processo que expressa começa e acaba no próprio sujeito, ou seja, não transita, não passa do sujeito para um elemento que funcione como alvo ou objeto. E exatamente por isso que esse tipo de verbo é chamado de intransitivo. Como diz o nome, não transita, não passa.

Um verbo acompanhado de complemento é chamado de transitivo. Quando se diz:
"Os ombros suportam o mundo. "(Carlos Drummnnd de Andrade) nota-se que o ato de suportar tem um alvo, um objeto. O processo expresso por suportar se inicia nos ombros e passa, ou seja, transita para o mundo, alvo ou objeto desse processo. E por isso que esse tipo de verbo é chamado de transitivo. Como diz o nome, transita, passa.

Quando o complemento de um verbo transitivo não é introduzido por preposição obrigatória, o verbo é transitivo direto; quando o complemento é introduzido por preposição obrigatória, o verbo é transitivo indireto. Há verbos acompanhados de dois complementos, um deles introduzido por preposição obrigatória e outro, não.
São os verbos transitivos diretos e indiretos. Observe os exemplos:
Levaram os livros.
(verbo transitivo direto levar algo)
Duvida-se de verdades indiscutíveis.
(verbo transitivo indireto): duvidar de algo)
Enviei o convite a todos.
(verbo transitivo direto e indireto-. enviar algo a alguém)

- nota da ledora: quadro de destaque na página: Os termos essenciais da oração são o sujeito e o predicado. Sujeito É o termo que estabelece com o verbo uma relação de concordância em número e pessoa. É sobre ele que recai a declaração contida no predicado. É uma função substantiva da oração. Predicado é aquilo que se declara a respeito do sujeito. Nele é obrigatária a presença de um verbo ou locução verbal. No predicado, o verbo pode ou não atuar como núcleo. Os verbos nocionais (intransitivos e transitivos) atuam como núcleos dos predicados; os verbos não-nocionais (verbos de ligação), não.
Sujeito e predicado são essenciais porque constituem a estrutura básica das oraçoes mais comuns da língua portuguesa. Entretanto em português há orações formadas apenas pelo predicado, como você verá mais adiante. O que caracteriza a existência de uma oração é

a presença de um verbo ou locução verbal e não a existência obrigatória de um sujeito ligado a um predicado.
- fim do quadro.

- nota da ledora: quadro de desenho, no corredor- um homem passa no corredor de um prédio, portando material de trabalho, e sua atenção é chamada por uma placa, onde se lê: -em caso de incêndio, quebre o vidro. - no local estão a mangueira de incêncio, um extintor de incêncio, e um bombeiro, sentado em uma cadeira.
- fim da nota.

O verbo quebrar se liga ao seu complemento (no caso o o vidro), sem preposição obrigatória. Classifica-se, portanto, como verbo transitivo direto.

ATIVIDADES
1. Transforme cada uma das orações seguintes de acordo com o modelo proposto. A seguir, indique o sujeito de cada oração.
Nunca levanto cedo.
Nunca levantas cedo.
Nunca levantamos cedo.
Nunca levantais cedo.
a) Cumpri a palavra dada.
b) Fui surpreendido pela notícia.

2. Passe para o plural cada uma das orações seguintes. Depois, indique o sujeito e o predicado de cada uma delas.
a) Ocorreu um fato surpreendente.
b) Sobrou muito pão na festa.
c) Basta-me uma frase de incentivo.
d) Faltou um bom quadro naquela exposição.
e) Dói-me a perna.
f) Caiu um raio sobre aquela árvore.
g) Desabou um temporal muito forte ontem à noite.
h) Existe uma cultura muito rica no interior deste país.
i) Teu trabalho foi elogiado por todos. Cometeu-se grande injustiça com aquele jogador.

3) Passe para o plural cada uma das orações seguintes. Depois, indique o sujeito e o predicado de cada uma delas.
a) Deve ter acontecido algum fato surpreendente.
b) Deve ocorrer um forte temporal esta tarde.
c) Poderia bastar-me uma frase de incentivo.
d) Poderá faltar justamente o melhor quadro naquela exposição.
e) Poderia estar doendo-me a perna.
f) Parece ter caído um raio sobre aquela árvore.
g) Deve ter desabado um temporal muito forte ontem à noite.
h) Parece ter existido uma cultura muito rica no interior deste pais.
i) Teu trabalho deve ter sido elogiado por todos.
j) Deve-se ter cometido grande injustiça com aquele jogador.

4. Classifique os verbos das orações seguintes em nocionais e não-nocionais:

a) Estou preocupado.
b) Estou em Roma.
c) Permaneceram calados durante o almoço.
d) Permaneceram exatamente no mesmo lugar.
e) O gato virou gata.
f) O furacão virou alguns carros.
g) Ficaria meses em Praga.
h) Ficaria extasiado se fosse a Praga.
i) EIa passou a chefe do departamento.
j) O pior já passou.
l) Persistimos em ser atendidos.
m) A desigualdade social persiste imutável.
n) Achei o livro.
o) Acho-me acamado.

2 TIPOS DE SUJEITOS

O sujeito das orações da língua portuguesa pode ser determinado ou indeterminado. Há ainda orações formadas sem sujeito.

SUJEITO DETERMINADO

É o sujeito que se pode identificar com precisão a partir da concordância verbal. Observe as orações:

Faltou-me coragem naquele momento. Sujeito (coragem)

Música e literatura fazem bem à alma. (música e literatura)

Na primeira oração, o sujeito determinado apresenta um único núcleo: o substantivo coragem. E, por isso, um sujeito determinado simples. já na segunda oração, o sujeito apresenta dois substantivos como núcleos: musica e literatura.
Os sujeitos determinados que apresentam dois ou mais núcleos são chamados sujeitos determinados compostos.

- nota da ledora: desenho de um índio, na mata, entre duas árvores, sento que em uma esta afixada uma seta, na outra um revólver. O índio aponta para o revólver e diz: aqui começa a civilização.
- fim da nota.

A partir da concordância verbal, identificamos facilmente a civilização como sujeito determinado simples (apresenta um único núcleo).

Chama-se sujeito determinado oculto ou sujeito determinado elíptico o núcleo do sujeito determinado que se encontra implícito na forma verbal ou no contexto. É o que ocorre quando a terminação verbal dispensa o uso do pronome pessoal correspondente, em orações como "Sinto muito a falta dela." (sujeito: eu) ou "Levamos os livros." (sujeito: nós). Em alguns casos, pode-se facilmente detectar o sujeito pelo contexto. Na seqüência de orações abaixo, o sujeito da forma verbal bloquearam é o pronome eles,

implícito na terminação verbal -am. Esse pronome se refere a "os agricultores", sujeito determinado simples do verbo da primeira oração, participaram:
Os agricultores participaram das manifestações contra a política agrária do governo.
Bloquearam a rodovia com suas máquinas.

SUJEITO INDETERMINADO

Quando não se quer ou não se pode identificar claramente a quem o predicado da oração se refere, surge o chamado sujeito indeterminado. Em português, há duas maneiras diferentes de indeterminar o sujeito de uma oração:

a) o verbo é colocado na terceira pessoa do plural, sem que se refira a nenhum termo identificado anteriormente (nem em outra oração, como no caso do sujeito determinado elíptico visto há pouco):
Procuraram você ontem à noite.
Estão pedindo sua presença lá lora.

b) o verbo surge acompanhado do pronome se, que atua como índice de indeterminaçao do sujeito. Essa construção ocorre com verbos que não apresentam complemento direto (verbos intransitivos, transitivos indiretos e de ligação). O verbo obrigatoriamente fica na terceira pessoa do singular:
Vive-se melhor fora das cidades grandes.
Precisa-se de professores de português.
Trata-se de casos delicadíssimos.
É-se muito ingênuo na adolescência.

Observe que, na primeira forma de indeterminar o sujeito, quem fala ou escreve não participa do processo verbal mencionado. Na segunda forma, não ocorre obrigatoriamente essa distância entre quem fala ou escreve e aquilo a que se refere.
Compare as orações de sujeito indeterminado:
Falam sobre reforma agrária.
Fala-se sobre reforma agrária.
Na primeira, é evidente que quem produz a oração não se inclui no grupo dos que falam sobre a reforma agrária; na segunda oração, essa inclusão é perfeitamente possível, já que quem fala ou escreve pode estar se referindo a algo que lhe é próximo ou de que participa.

ORAÇÃO SEM SUJEITO

Nessas orações, formadas apenas pelo predicado, aparecem os chamados verbos impessoais. Os casos mais importantes de orações sem sujeito da língua portuguesa ocorrem com:

a) verbos que exprimem fenômenos da natureza:
Anoiteceu docemente sobre a cidadezinha.
Está amanhecendo.
Choveu pouco no último mês de março.
Quando usados de forma figurada, esses verbos podem ter sujeito determinado:
Choveram pontapés durante a partida.

Sujeito - pontapés

b) os verbos estar, fazer, haver e ser, quando usados para indicar idéia de tempo ou fenômeno natural:
Está cedo.
É tarde.
Eram nove e quinze.
Faz muito frio na Europa.
Há meses não vejo sua prima.
Faz dois anos que não recebo cartas dela.
Deve fazer alguns meses que não conversamos.

c) o verbo haver, quando exprime existência ou acontecimento:
Há boas razões para suspeitarmos dele.
Houve vários bate-bocas durante a assembléia.
Deve haver muitos interessados em livros antigos.

Com exceção do verbo ser, que, quando indica tempo, varia de acordo com a expressão numérica que o acompanha (É uma hora / São nove horas), os verbos impessoais devem ser usados sempre na terceira pessoa do singular. Tome cuidado principalmente com os verbos fazer e haver usados impessoalmente. Não é possível usá-los no plural em frases como:

- nota da ledora: quadro de destaque na página: Faz, Deve fazer - muitos anos que conversamos.
Há, Houve, Havia, Haverá, Deve ter havido, Pode ter havido - muitas pessoas interessadas em participar do projeto.
- fim do quadro.

ATIVIDADES
1. Aponte e classifique o sujeito das orações abaixo.
a) Naquela hora, tocou o sino.
b) Veio-me à lembrança uma imagem poética.
c) Passou-me pela memória uma velha lembrança.
d) Explodiu nova crise no Oriente Médio.
e) Surgiu um novo medicamento contra a doença.
f) Teria ele condição de enfrentar a crise econômica?
g) São cada vez mais freqüentes as denúncias de abuso de autoridade contra a polícia.
h) Industriais e industriários não se entenderam sobre salários e condições de trabalho.

2. Reescreva cada uma das orações abaixo de acordo com o modelo proposto.
Alguém precisa de ajuda. Precisa-se de ajuda.
a) Alguém acredita em dias mais felizes.
b) Alguém crê em tempos menos bicudos.
c) Alguém necessita de auxílio.
d) Alguém apelou para os mais poderosos.
e) Alguém assistiu a filmes de terror.
f) Alguém aspira ao bem-estar social.
g) Alguém obedece aos impulsos mais nobres.

h) Alguém tratou de assuntos sérios naquele debate.

3. Complete cada um dos pequenos diálogos seguintes com uma frase em que surja o sujeito indeterminado, com o verbo na terceira pessoa do plural.
a) - Existe alguma mensagem para mim?
- ( ).
b) - De onde vieram estes pacotes?
- ( ).
c) - Quem trouxe este recado?
- ( ).
d) Onde você achou esse livro?
- ( ).
e) - Como você soube disso?
- ( ).
f) - Essa história é verdadeira?
- ( ).

4. Reescreva cada uma das frases seguintes de acordo com o modelo proposto.
Faz dois anos que não a encontro.
Deve fazer dois anos que não a encontro.
a) Fazia cinco anos que não nos encontrávamos.
b) Faz algumas semanas que não chove nesta cidade.
c) Faz três anos que não a procuro.

5. Reescreva cada uma das frases seguintes de acordo com o modelo proposto.
Há muitos livros sobre o assunto.
Havia muitos livros sobre o assunto.
Houve muitos livros sobre o assunto.
a) Há várias propostas em discussão.
b) Há vários cargos em disputa.
c) Há muitas maneiras de ajudar.
d) Há infindáveis modos de colaborar.
e) Há discussões intermináveis.

6. Reescreva cada uma das frases seguintes de acordo com o modelo proposto.
Deve haver várias razões para o cancelamento.
Deve ter havido várias razões para o cancelamento.
Pode ter havido várias razões para o cancelamento.
a) Deve haver provas mais contundentes contra ele.
b) Deve haver graves conseqüências.
c) Deve haver questões mais sérias.
d) Deve haver situações menos preocupantes.
e) Deve haver leis mais duras.

7. Monte orações a partir dos elementos oferecidos em cada um dos itens seguintes. Faça as necessárias relações de concordância verbal em cada caso.
a) Bater /os sinos da igreja /de trinta em trinta minutos.
b) Surgir / várias idéias revolucionárias / durante a noite.
c) Faltar / vários alunos / na semana passada.
d) Ocorrer / faltas violentas / durante o jogo.

e) Desabar / dois prédios / no ano passado.

3 TIPOS DE PREDICADOS

Você já sabe que o predicado é a parte da oração que contém a informação, a declaração a respeito do sujeito. Quando se classifica o predicado, quer-se verificar o que é essencial na informação relativa ao sujeito. Basicamente, pode-se informar a respeito do sujeito uma idéia de ação, praticada ou sofrida, ou uma idéia de estado.

A partir disso, pode-se dizer que o núcleo informativo de um predicado pode ser um verbo ou um nome. Há também predicados que têm um verbo e um nome como núcleos ao mesmo tempo.

PREDICADO VERBAL

No predicado verbal, o núcleo é sempre um verbo. Para ser núcleo do predicado, é necessário que o verbo seja nocional. São verbais os predicados das seguintes orações:
Os agricultores participaram do protesto contra a política agrária do governo.
"Perdi o bonde e a esperança." (Carlos Drummond de Andrade)
"Eu faço samba e amor até mais tarde e tenho muito sono de manhã."
(Chico Buarque)
Os alunos foram informados da alteração.

PREDICADO NOMINAL

Nos predicados nominais, o núcleo é sempre um nome, que desempenha a função de predicativo do sujeito. O predicativo do sujeito é um termo que caracteriza o sujeito, tendo como intermediário um verbo. No predicado nominal, esse verbo intermediário é sempre de ligação. Os exemplos seguintes mostram como esses verbos exprimem diferentes circunstâncias relativas ao estado do sujeito, ao mesmo tempo que o ligam ao predicativo. Em todos os casos, o núcleo do predicado é o predicativo do sujeito, e o predicado é nominal:
A vida é tênue.
Ele está exausto.
Permanecemos calados.
A taxa de mortalidade infantil continua elevada.
Um simples motorista virou celebridade nacional.
O professor parece tranqüilo.
Ele se acha acamado.
O salvador da pátria acabou cassado.
A função de predicativo do sujeito pode ser exercida por termos que têm como núcleo um adjetivo, um substantivo ou uma palavra de valor substantivo:

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
A vida é muito frágil (predicativo do sujeito - muito frágil, núcleo: frágil, adjetivo)

A vida é um eterno recomeçar.
predicativo do sujeito: um eterno recomeçar
(núcleo: recomeçar, verbo substantivado)
- fim do quadro.

PREDICADO VERBO-NOMINAL

O predicado verbo-nominal apresenta dois núcleos: um verbo (que será sempre nocional) e um predicativo (que pode referir-se ao sujeito ou a um complemento verbal). Na oração:

Os alunos saíram da prova confiantes.

O predicado é verbo-nominal porque seus núcleos informativos são um verbo nocional (saíram, verbo intransitivo), que indica uma ação praticada pelo sujeito, e um predicativo do sujeito (confiantes), que indica o estado do sujeito no momento em que se desenvolve o processo verbal. Observe que o predicado dessa oração poderia ser desdobrado em dois outros, um verbal e um nominal:

Os alunos saíram da prova. Eles estavam confiantes.

A oração:

Considero inexeqúível o projeto exposto.

também tem predicado verbo-nominal: seus núcleos são o verbo nocional (considero) e o predicativo do objeto (inexeqüiíveI). Nessa oração, "o projeto exposto" é objeto direto da forma verbal considero, pois é o termo que complementa o verbo sem preposição intermediária. Inexeqüivel caracteriza esse objeto direto, atuando como predicativo do objeto. Se você tem dificuldade para perceber que o verbo considerar participa da relação entre o objeto direto e seu predicativo, passe a oração analisada para a voz passiva:

O projeto exposto é considerado inexeqüível por mim.

- nota da ledora: propaganda das meias de seda, para mulheres, da marca Liz. No anúncio a letra R, tem em sua perna uma meia rendada, e o seguinte texto: -

Qualquer perna fica mais bonita com Liz.

- fim da nota.

A frase acima possui predicado nominal ("fica mais bonita com Liz"). O núcleo do predicativo do sujeito é o adjetivo bonita.

Nessa forma, fica evidente a intermediação verbal entre "o projeto exposto" e inexeqüível. Note que o objeto direto passou a sujeito, e o predicativo do objeto passou a predicativo do sujeito.

Outra forma de perceber o papel de predicativo do objeto do termo "inexequível" é substituir o objeto direto por um pronome oblíquo: "Considero-o inexeqüível".

Você percebe que o pronome o substitui todo o objeto direto ("o projeto exposto"), e o termo inexeqüíveI se refere justamente a esse o.

ATIVIDADES

1. Classifique os predicados das orações seguintes.

a) Ocorreram alguns fatos desagradáveis durante o seminário.
b) Houve alguns fatos desagradáveis durante o seminário.
c) Mandaram arrancar os trilhos da ferrovia.
d) Veio-me à lembrança sua doce imagem.
e) Choveu muito.
f) Achuvafoiforte.
g) Os trilhos de uma ferrovia são um monumento à civilização.

h) O passeio deve ter sido fascinante.
i) julgo selvagem o comportamento do motorista brasileiro.
j) O fracasso da equipe deixou boquiabertos os torcedores.

2. Aparentemente, os itens a e b não passam de duas formas diferentes de dizer a mesma coisa. Leia-os atentamente e responda: essa aparência é enganosa?
Comente.
a) Depois de uma curva na estrada, a cordilheira surgiu imensa à nossa frente.
b) Depois de uma curva na estrada, a cordilheira surgiu à nossa frente. Era imensa.

3. Em cada um dos itens seguintes, você contrará uma oração de predicado nominal. Leia atentamente cada uma delas e explique a diferença de sentido que apresenta em relação à oração: "Ela é muito rabugenta".
a) Ela está muito rabugenta.
b) Ela ficou muito rabugenta.
c) Ela continua muito rabugenta.
d) Ela anda muito rabugenta.
e) Ela parece muito rabugenta.
f) Ela se tornou muito rabugenta.
g) Ela permanece muito rabugenta.

4 OS TERMOS ESSENCIAIS E PONTUAÇÃO

Você viu que o sujeito e o predicado são chamados termos essenciais porque sujeito e predicado constituem a estrutura básica das orações mais típicas da língua portuguesa. Por isso a ligação que mantêm entre si não pode ser interrompida por uma vírgula, mesmo quando o sujeito é muito longo ou vem depois do predicado:
Todas as tentativas de mudar a relação entre capital e trabalho resultaram em fracasso.
Foram feitas várias manifestações contra a política industrial do governo.

- nota da ledora: desenho de três quadrinhos, no primeiro- parecendo a entrada de um grande prédio, mostra um homem sozinho portando uma pasta. . No segundo, a legenda:
- A reunião com o Dr. Mac Dowell me deixou meio zonzo, aqueles poucos minutos de convívio com o poder, o luxo, a riqueza, e a ostentação causaram um estranho efeito neste honesto e discreto profissional liberal -; no 3o. quadro, o mesmo homem ao lado de um carro, com o seguinte texto: - quando achei o meu pobre carro estacionado na rua e no sol, passei direto e fingi que não o conhecia.
- fim da nota.

Na coluna do meio, observamos que o sujeito (bastante extenso) "Aqueles poucos minutos de convívio com o poder, o luxo, a riqueza e a ostentação" não foi separado de seu predicado por virgula (o predicado começa em "causaram" e se estende até "liberal"). Pontuação corretíssima: mesmo que o sujeito seja longo, a ligação enfre ele e o predicado não pode ser interrompida por uma virgula.

A intercalação de termos entre o sujeito e o predicado deve ser marcada por vírgulas. É indispensável que, nesses casos, haja uma vírgula antes e outra depois do termo intercalado:
Os deputados, ontem à tarde, decidiram aceitar o projeto do presidente da república.
A vida, meus amigos, é um mergulho na bruma.

Usa-se vírgula para separar os núcleos de um sujeito composto:
O presidente, o governador o prefeito, os senadores, os deputados manifestaram seu repúdio ao comportamento dos policiais.

Quando o último desses núcleos é introduzido pelas conjunções e, ou ou nem, não será empregada a vírgula:
Ônibus, automóveis e caminhões deveriam participar do rodízio.
Um avião, um ônibus ou um automóvel não têm o mesmo charme de um trem.
Não ocorreram protestos veementes nem intervenções exaltadas durante a reunião.

Se cada um dos núcleos for introduzido por conjunção, deve-se empregar a vírgula:
Sofrem com essa política os professores, e os alunos, e os pais, e a sociedade, enfim.
Nem a música, nem o cinema, nem o teatro têm a magia do circo.

Nas orações de predicado verbo-nominal em que o predicativo do sujeito é invertido ou intercalado, usam-se vírgulas para isolá-lo:
Decepcionado, o velho ídolo afastou-se lentamente.
O velho ídolo, decepcionado, afastou-se lentamente.

A vírgula pode também indicar a omissão de um verbo:
Eu trabalho com fatos; você, com boatos.

ATIVIDADES

1. Empregue as vírgulas necessárias à organização das frases seguintes. Há casos em que elas simplesmente não são necessárias.
a) O irracional e exagerado investimento em rodovias ridiculamente planejadas virou poeira com algumas horas de chuva.
b) Têm progredido muito os agricultores que investem nas culturas voltadas ao consumo interno.
c) Foram deixados de lado os antigos ressentimentos as rusgas medíocres a estupidez mútua.
d) Andam lado a lado nas calçadas e ruas trabalhadores e malandros e policiais e pessoas sem teto e vendedores ambulantes.
e) Pedro ou Paulo será o novo líder do grupo.
f) Seres humanos animais e vegetais sofrem com a poluição.
g) Desiludido rasguei minha ficha de filiação.

2. Explique a diferença de sentido entre as frases de cada um dos pares seguintes.
a) O policial neurótico sacou a arma.
O policial, neurótico, sacou a arma.
b) Muitos espíritos sem dúvida passarão a duvidar.
Muitos espíritos, sem dúvida, passarão a duvidar.
c) Os atletas desnutridos deixaram o clube.
Os atletas, desnutridos, deixaram o clube.

TEXTOS PARA ANÁLISE

Comente o uso da vírgula no texto publícítário ao lado.
-nota da ledora: propaganda da Aerolineas Argentinas com o texto: Nossos jogadores de futebol, na Espanha, estão saudosos. Com Aerolineas Argentinas visite-os 5 vezes por semana. - fim da nota.

- nota da ledora: propaganda do SEBRAE, com a campanha do novo estatuto da micro e pequena empresa, apresentando o texto:- precisa-se de pequenas empresas. - Tem que ser agora.
- fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO

Classifique o sujeito da oração "Precisa-se de pequenas empresas".

Firmamento
O que é que eu vou fazer agora
Se o teu sol não brilhar por mim?
Num céu de estrelas multicoloridas
Existe uma que eu não colori

Forte, sorte na vida, lilhos feitos de amor
Todo verbo que é forte
Se conjuga no tempo
Perto, longe, o que for

Você não sai da minha cabeça
E minha mente voa
Você não sai, não sai, não sai, não sai...

Entre o céu e o firmamento
Não há ressentimento
Cada um ocupando o seu lugar
Não sai não, não sai, não sai, não sai, não sai...
O que é que eu vou...

Entre o céu e o firmamento
Existem mais coisas do que julga
O nosso próprio pensar
Que vagam como o vento
E aquele sentimento de amor eterno

Entre o céu e o firmamento
Existem mais coisas do que julga
O nosso próprio entendimento
Que vagam pelo tempo
Com aquele juramento de amor eterno
(CIDADE NEGRA. In: O eré. CD Sony, 1996. Faixa 6.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Observe os verbos destacados em cada um dos trechos seguintes:
"Num céu de estrelas multicoloridas, (existe) uma que eu não colori"
"Entre o céu e o firmamento, não (há) ressentimento"
a) Quanto ao significado, são equivalentes?
b) Qual o sujeito de cada um deles?
c) Reescreva os dois trechos, trocando uma por algumas e ressentimento por mágoas.
d) Reescreva os dois trechos obtidos no item c com os verbos no pretérito perfeito do indicativo.

2. "Existem mais coisas do que (julga) / O nosso próprio entendimento"
Por que a primeira forma verbal está no plural e a segunda, no singular?

3. Qual a função sintática do termo destacado no trecho:
"Existem mais coisas do que julga
O nosso próprio pensar
Que vagam como o (vento) "?
Explique.

4. Observe os elementos destacados nos trechos seguintes:
"O que é que eu vou fazer agora
Se o (teu) sol não brilhar por mim?"
"(Você) não sai da minha cabeça"
A combinação desses dois termos fere as normas da língua culta? Explique.

5. No dicionário de Caldas Aulete, firmamento é "base, fundamento, o que serve de apoio, de sustentáculo" e também é "a abóbada celeste, a região do ar". Na sua opinião, em qual desses sentidos a palavra é usada no texto? Comente.

A raça humana
A raça humana é uma semana
Do trabalho de Deus
A raça humana é a ferida acesa
Uma beleza uma podridão
O fogo eterno e a morte
A morte e a ressurreição
A raça humana é uma semana
Do trabalho de Deus
A raça humana é o cristal de lágrima
Da lavra da solidão
Da mina cujo mapa
Traz na palma da mão
A raça humana é uma semana
Do trabalho de Deus
A raça humana risca, rabisca, pinta
A tinta a lápis, carvão ou giz
O rosto da saudade
Que traz do gênesis
Dessa semana santa
Entre parênteses
Desse divino ousis

Da grande apoteose
Da perfeição divina
Na Grande Síntese
A raça humana é uma semana
Do trabalho de Deus.
(GIL, Gilberto, In Raça Humana, LP WB Record -35.201.1954. Lado B, faixa 5.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. "A raça humana é uma semana / Do trabalho de Deus"
a) Separe o sujeito do predicado.
b) Qual a função sintática da expressão "uma semana do trabalho de Deus"?
c) Qual o núcleo dessa função sintática?
d) A que classe de palavras pertence esse núcleo?

2. Classifique o predicado da oração da questão anterior. Depois, localize no texto outras duas orações cujo predicado tenha a mesma classificação.

3. "A raça humana risca, rabisca, pinta
A tinta, a lápis, carvão ou giz
O rosto da saudade"
Há nesse trecho três verbos e, por isso, três orações. Pode-se afirmar que as três têm o mesmo tipo de predicado? Explique.

4. "A raça humana é uma semana do trabalho de Deus"
A partir dessa frase e de todo o texto, é possível estabelecer o conceito que o autor tem da raça humana? Comente.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1 (UEL-SP) () as providências necessárias para o saneamento da cidade.
a) Haverá de ser tomado
b) Haverão de ser tomadas
c) Haverá de serem tomadas
d) Haverão de serem tomadas
e) Haverão de ser tomado

2 (UEL-SP) Até ontem, já () duas mil pessoas desabrigadas em todo o estado, e muitas mais ( ) se ( ) as chuvas torrencia
a) existiam, haverá, continuar
b) existiam, haverão, continuarem
c) existia, haverá, continuar
d) existia, haverão, continuarem
e) existiam, haverá, continuarem

3(PUCSP)
a) Explique a diferença que existe entre o emprego do verbo (haver) nas orações "havia muitas estrelas" e "haviam contado muitas estrelas".

b) Observando essa diferença, empregue o verbo haver nas orações abaixo, mantendo o mesmo tempo em que foram construídas as orações indicadas em a.
b1. Quando pequenos, ( ) participado de muitos jogos.
b2. No lugar onde construíram aquele conjunto residencial, ( ) apenas casas comerciais.

4 (FUVEST/GV-SP) Assinale a alternativa que tem oração sem sujeito.
a) Existe um povo que a bandeira empresta.
b) Embora com atraso, haviam chegado.
c) Existem flores que devoram insetos.
d) Alguns de nós ainda tinham esperança de encontrá-lo.
e) Há de haver recurso desta sentença.

5 (FUVEST-SP) Observar a oração: ( ) e Fabiano saiu de costas
Assinalar a alternativa em que a oração também tenha verbo intransitivo.
a)"... Fabiano ajustou o gado..."
b)"... acreditara na sua velha..."
c) "...davam-lhe uma ninharia..."
d) "Atrevimento não tinha..."
e) "Depois que acontecera aquela miséria..."

6 (FEI-SP) No período: "Toda a humanidade estaria condenada à morte se houvesse um tribunal para os crimes imaginários. "(PauloBonfim)
a) qual o sujeito da primeira oração?
b) qual o sujeito da segunda oração?

7 (PUCSP) O verbo ser, na oração:
"Eram cinco horas da manhã , é:
a) pessoal e concorda com o sujeito indeterminado.
b) impessoal e concorda com o objeto direto.
c) impessoal e concorda com o sujeito indeterminado.
d) impessoal e concorda com a expressão numérica.
e) pessoal e concorda com a expressão

8 (PUCSP) Indique a alternativa correta no que se refere ao sujeito da oração "Da chaminé da usina subiam para o céu nuvens de fumaça".
a) simples, tendo por núcleo (chaminé)
b) simples, tendo por núcleo (nuvens)
c) composto, tendo por núcleo (nuvens de fumaça)
d) simples, tendo por núcleo (fumaça)
e) simples, tendo por núcleo (usina)

9. (PUCSP) Nas orações:
"O pavão é um arco-íris de plumas."
e
"De água e luz ele faz seu esplendor."
temos, respectivamente:
a) dois predicados nominais, cujos predicativos dos sujeitos são arco-íris e esplendor.
b) um predicado nominal, cujo predicativo do sujeito é arco-íris, e um predicado verbo-nominal, cujo predicativo do objeto é esplendor.

c) um predicado nominal, cujo predicativo do sujeito é arco-íris, e um predicado verbaI, cujo objeto direto é esplendor.
d) dois predicados verbais, cujos objetos diretos são arco-íris e esplendor.
e) um predicado nominal, cujo verbo é de ligação, e um predicado verbal, cujo verbo é intransitivo.

10 (PUCSP) No período:
"As águias e os astros amam esta região azul, vivem nesta região azul, palpitam nesta região azul."
temos:
a) um predicado verbal e dois verbo-nominais, havendo, nos dois últimos, o complemento predicativo do objeto.
b) três predicados verbais, sendo que, no primeiro, o complemento é o objeto direto, e, nos dois últimos, o objeto indireto.
c) três predicados verbo-nominais, havendo, no último, o complemento predicativo do objeto.
d) três predicados verbais, havendo, em apenas um deles, o complemento objeto direto.
e) três predicados verbais formados por verbos intransitivos.

11 (ACAFE-SC) Identifique no conjunto de orações a que não tem sujeito.
a) Hei de vencer todas as dificuIdades.
b) Os operários fizeram um bom trabalho.
c) Bateram à porta.
d) As ondas são preguiçosas.
e) Há muitas pessoas honestas.

12 (FEBASP) Em todas as alternativas, o termo ou expressão destacados estão corretamente classificados, exceto em:
a) "Revelam ainda (que eles vêm revelando um talento incrível) - objeto direto
b) "...os homens já estão se equiparando (às mulheres) na freqüência (aos supermercados)..." - objeto indireto, complemento nominal
c) "…nas compras o (impulso) ocorre da classe média para cima..." - sujeito
d) "Até mesmo porque se houvesse (impulso), não haveria (dinheiro)..." sujeito, sujeito

13 (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal esteja correta.
a) Discutiu-se a semana toda os acordos que têm de ser assinados nos próximos dias.
b) Poderá haver novas reuniões, mas eles discutem agora sobre que produtos recairão, a partir de janeiro, a sobretaxa de exportação.
c) Entre os dois diretores deveria existir sérias divergências, pois a maior parte dos funcionários nunca os tinha visto juntos.
d) Faltava ainda dez votos, e já se comemoravam os resultados.
e) Eles hão de decidir ainda hoje, pois faz mais de dez horas que estão reunidos naquela sala.

14 (UNIMEP-SP)
I. Paulo está adoentado.
II. Paulo está no hospital.
a) O predicado é verbal em I e II.
b) O predicado é nominal em Ie II.

c) O predicado é verbo-nominal em I e II.
d) O predicado é verbal em I e nominal em II.
e) O predicado é nominal em I e verbal em II.

15(FGV-RJ) Aponte a correta análise do termo destacado.
"Ao fundo, as pedrinhas claras pareciam (tesouros abandonados)."
a) predicativo do sujeito
b) adjunto adoominal
c) objeto direto
d) complemento nominal
e) predicativo do objeto direto

16 (PUCC-SP) Se mais oportunidades ( ), mais pessoas ( ) quanto ao novo regulamento.
a) houvessem - haveriam de se pronunciar
b) houvesse - haveria de se pronunciar
c) houvessem - haveria de se pronunciarem
d) houvessem - haveriam de se pronunciarem
e) houvesse - haveriam de se pronunciar

17 (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal está correta.
a) As análises dos especialistas e do presidente preve uma queda no setor, mas o boletim da empresa sobre as vendas efetuadas no último mês justificam que não se perca o otimismo.
b) Restava, no momento, poucas esperanças de acordo, mas ela, e principalmente eu, não deixava transparecer nenhum desânimo.
c) Podem existir, agora, poucas pessoas dispostas a enfrentar este pequeno problema, mas já houve muitas outras ocasiões em que sacrifícios bem maiores foram exigidos de nós.
d) A vida e a dignidade das pessoas está posta em risco quando falta, por parte delas, recursos para atender às suas necessidades básicas.
e) Foi encontrado no meio dos escombros muitos esqueletos, e já se levantou, entre os cientistas, hipóteses de que seja de animais pré-históricos.

18 (PUCSP) No trecho:
"E dessa música e dessa cor, dessa harmonia e desse virginal azul vem então alvorando, através da penetrante, da sutil influência dos rubros Cânticos altos do sol e das soluçadas lágrimas noturnas da lua, a (grande Flor original), maravilhosa e sensibilizada da Alma, mais azul que toda a irradiação azul e em torno à qual (as águias e os astros), nas majestades e delicadezas das asas e das chamas, descrevem claros, largos giros ondeantes e sempiternos.", as expressões destacadas têm, respectivamente, função de:
a) sujeito, sujeito.
b) aposto, aposto.
c) objeto direto, objeto direto.
d) objeto direto, sujeito.
e) sujeito, objeto direto.

19(PUCSP) Em relação ao período:

"As águias e os astros abrem aqui, nesta doce, meiga e miraculosa claridade azul, um raro rumor de asas e uma rara resplandecência solenemente imortais.", é incorreto afirmar que:
a) há dois núcleos de sujeito, ligados pela conjunção coordenativa e.
b) há dois núcleos de objeto direto, ligados pela conjunção coordenativa e.
c) há dois núcleos de predicativo do sujeito, ligados pela conjunção coordenativa aditiva e.
d) há apenas uma oração.
e) há mais de um adjunto adnominal.

20 (F. Lorena-SP) "Sonham com bife a cavalo, batata frita. E a sobremesa é goiabada-cascão com muito queijo."
Os substantivos sobremesa e goiabada-cascão, respectivamente, têm a função de núcleo:
a) do predicativo e do sujeito.
b) do objeto direto e do sujeito.
c) do sujeito e do objeto indireto.
d) do vocativo e do predicativo.
e) n.d.a.

21(FMU/FIAM-SP) Identifique a função sintática dos termos destacados.
"A cara parecia uma perna." e "Não vi mais nada."
a) objeto direto e aposto
b) predicativo do sujeito e aposto
c) objeto direto e predicativo do sujeito
d) predicativo do sujeito e objeto direto
e) aposto e predicativo do objeto

Questões 22 e 23: indique a alternativa em que não há erro de concordância.

22 (PUCSP)
a) Devem haver poetas que pensam no desastre aéreo como sendo o arrebol.
b) Deve existir poetas que pensam no desastre aéreo como sendo o arrebol.
c) Pode existir poetas que pensam no desastre aéreo como sendo o arrebol.
d) Pode haver poetas que pensam no desastre aéreo como sendo o arrebol.
e) Podem haver poetas que pensam no desastre aéreo como sendo o arrebol.

23 (PUCSP)
a) Fazia dois anos que não aconteciam desastres desse tipo.
b) Faz alguns anos que não acontece desastres desse tipo.
c) Deve fazer um ano que aconteceu vários desastres aéreos.
d) Fazia algum tempo que não acontecia desastres desse tipo.
e) Devem fazer dois anos que aconteceu um desastre desse tipo.

24 (PUCSP) Em relação ao trecho:
"Pregada em larga tábua de pita, via-se formosa e grande borboleta, com asas meio abertas, como que disposta a tomar vôo.", podemos afirmar que o sujeito da oração principal é:
a) simples, tendo por núcleo implícito alguém.
b) composto, tendo por núcleos formosa e grande.

c) simples, tendo por núcleo asas.
d) indeterminado, tendo por índice de indeterminação do sujeito a partícula se.
e) simples, tendo por núcleo borboleta.

25 (FCMSCSP) Examine as três frases abaixo:
I. As questões de física (são difíceis).
II. 0 examinador (deu uma entrevista ao repórter do jornal).
III. O candidato (saiu do exame cansadíssimo).
Os predicados assinalados nas três frases são:
a) respectivamente, verbo-nominal, nominal, verbal.
b) respectivamente, nominal, verbal, verbo-nominal.
c) todos nominais.
d) todos verbais.
e) todos verbo-nominais.

26 (UFPR)
I. Durante o carnaval, (fico agitadíssimo). (predicado verbal)
II. Durante o carnaval, (fico em casa). (predicado nominal)
III. Durante o carnaval, (fico vendo o movimento das ruas). (predicado nominal)
Assinale a certa:
a) l e Il
b) II e III
c) I e III
d) Todas as alternativas estão certas.
e) Todas as classificações estão erradas.

27 (UFSCar-SP) Indique a alternativa correta.
a) Mal se distinguia, através da cerração da manhã, as casas da rua.
b) Fazem muitos anos que estas obras foram publicadas.
c) Resolvi não terminar o trabalho por motivos que não interessa expor agora.
d) Se não haviam trabalhadores braçais suficientes, que os procurassem onde houvesse.
e) Ninguém achou que valesse a pena tantos sacrifícios.

28 (UNIMEP-SP) Existem muitas definições de sujeito. Uma delas é: "Sujeito é aquele que pratica a ação verbal". Das frases a seguir, qual contraria tal definição?
a) O rato foi comido pelo gato.
b) O rapaz leu o gíbi.
c) A menina brinca com a boneca.
d) O menino entregou o jornal.
e) Viajo todos os domingos.

29 (FMU/FIAM-SP) Assinale a alternativa em que aparece um predicado verbo-nominal.
a) Os viajantes chegaram cedo ao destino.
b) Demitiram o secretário da instituição.
c) Nomearam as novas ruas da cidade.
d) Compareceram todos atrasados à reunião.
e) Estava irritado com as brincadeiras.

30 (ECMSCSP) Observar as seguintes orações:

I. Rosária continua preocupada como preço da carne.
II. Zoraide andava, andava e andava pelas alamedas.
III. Encontrei-a dormindo. Respectivamente, os predicados são:
a) nominal, verbo-nominal, verbal.
b) nominal, verbal, verbo-nominal.
c) verbo-nominal, verbal, nominal.
d) verbo-nominal, nominal, verbal.
e) verbal, verbo-nominal, nominal.

31 (VUNFSP) "(Amanhã faz um mês) que a senhora está longe de casa."
Da oração destacada, na frase transcrita, é correto dizer:
a) trata-se de uma oração em que o sujeito está elíptico, e o verbo é de ligação.
b) a oração tem por sujeito a palavra amanhã, e o verbo é transitivo direto.
c) a oração tem por sujeito um mês, e o verbo é intransitivo.
d) trata-se de uma oração sem sujeito, e o verbo é transitivo direto.
e) a oração tem sujeito indeterminado, e o verbo é de ligação.

32 (UFMT) A propósito do trecho que segue, aponte o sujeito de supõe.
"O idealismo supõe a imaginação entusiasta que se adianta à realidade no encalço da perfeição."
a) a imaginação entusiasta
b) o idealismo
c) imaginação
d) entusiasta

33(FMU-SP) "Cheguei, chegaste. Vinhas (fatigada E triste, e triste e fatigado) eu vinha." (Olavo Bilac)
Na passagem acima, os termos destacados exercem função sintática de:
a) predicativo do sujeito acompanhando um predicado verbo-nominal.
b) predicativo do sujeito acompanhando um predicado verbal.
c) predicativo do sujeito acompanhando um predicado nominal.
d) sujeito do verbo da oração principal. e) adjunto adnominal do sujeito eu.

34 (FOS-SP) Assinale a alternativa correta em relação a classificação dos predicados das orações abaixo.
1. Todos nós consideramos a sua atitude infantil.
2. A multidão caminhava pela estrada poeirenta.
3. A criançada continua emocionada.
a) 1- predicado verbal, 2 - predicado nominal, 3 - predicado verbo-nominal
b) 1 - predicado nominal, 2 - predicado verbal, 3 - predicado verbo-nominal
c) 1- predicado verbo-nominal, 2 - predicado verbal, 3 - predicado nominal
d) 1 - predicado verbo-nominal, 2 - predicado nominal, 3 - predicado verbal
e) 1 - predicado nominal, 2 - predicado verbal, 3 - predicado verbo-nominal

35 (FMU-SP)
"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante..."
O sujeito desta afirmação com que se inicia o Hino Nacional é:
a) indeterminado.
b) "um povo heróico".

c) "as margens plácidas".
d) "do lpiranga".
e) "o brado retumbante".

36 (OSEC-SP) Nas seguintes orações:
"Pede-se silêncio."
"A caverna anoitecia aos poucos."
"Fazia um calor tremendo naquela tarde."
o sujeito se classifica respectivamente como:
a) indeterminado, inexistente, simples.
b) oculto, simples, inexistente.
c) inexistente, inexistente, inexistente.
d) oculto, inexistente, simples.
e) simples, simples, inexistente.

37 (PUCSP) "Que há entre a vida e a morte?"
a) O sujeito do verbo haver é o pronome interrogativo que.
b) Tem-se uma oração sem sujeito.
c) O sujeito está oculto.
d) O sujeito é indeterminado.
e) O sujeito é "uma curta ponte".

38 (UFG-GO) Em uma das alternativas abaixo, o predicativo inicia o período. Assinale-a.
a) A dificílima viagem será realizada pelo homem.
b) Em suas próprias inexploradas entranhas descobrirá a alegria de conviver.
c) Humanizado tornou-se o sol com a presença humana.
d) Depois da dificílima viagem, o homem ficará satisfeito?
e) O homem procura a si mesmo nas viagens a outros mundos.

39 (UFMG) "Ele observou-a e achou aquele gesto (feio, grosseiro, masculinizado)."
Os termos destacados são:
a) predicativos do objeto.
b) predicativos do sujeito.
c) adjuntos adnominais.
d) objetos diretos.
e) adjuntos adverbiais de modo.

40 (FATEC-SP) Indique o período em que o sujeito é apenas agente.
a) Tu te atiraste escada abaixo, assim é que te machucaste?
b) Por mim não seriam guardadas estas coisas.
c) Coisas outras se apresentaram durante o processo.
d) Você vai, ora se vai!
e) n.d.a.

41 (UNIMAR-SP) Nas orações a seguir:
I. As chuvas abundantes, pródigas, violentas, fortes anunciaram o verão.
II. Eu e você vamos juntos.
III. Vendeu-se a pá.
o sujeito é, respectivamente:

a) composto, simples, indeterminado.
b) composto, composto, indeterminado.
c) simples, simples, oculto.
d) simples, composto, "a pá".
e) composto, simples, "a pá".

42 (UFG-GÔ) "O corpo, a alma do carpinteiro, não podem ser mais (brutos) do que a (madeira)." A função síntática dos termos em destaque é, pela ordem:
a) objeto direto, predicativo do sujeito.
b) sujeito, sujeito.
c) predicativo do sujeito, sujeito.
d) objeto direto, predicativo do sujeito.
e) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito.

43 (FOC-SP) Duas das orações abaixo têm sujeito indeterminado. Assinale-as.
I. Projetavam-se avenidas largas.
II. Há alguém esperando voce.
III. No meio das exclamações, ouviu-se um risínho de mofa.
IV. Falava-se muito sobre a possibilidade de escalar a montanha.
V. Até isso chegaram a dizer.
a) l e II.
b) III e lV.
c) IV e V.
d) V e VI:

44 (UEPG-PR) Só num caso a oração é sem sujeito. Assinale-o.
a) Faltavam três dias para o batismo.
b) Houve por improcedente a reclamação do aluno.
c) Só me resta uma esperança.
d) Havia tempo suficiente para as comemorações.
e) n.d.a.

45 (FESP) Em "Retira-te, criatura ávida de vingança.", o sujeito é:
a) te.
b) inexistente.
c) oculto determinado.
d) criatura.
e) n.d.a.

CAPÍTULO 20
TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

- nota da ledora: na página, foto de Paulo Cásar Faria, o PC do Governo Collor, no jornal a Folha, com o seguinte texto:- 1989. Collor eleito. A Folha prevê 5 anos de dúvidas e obscuridades. O concorrente prevê o resgate da moralidade no poder.
- fim da nota.

O processo expresso por um verbo nem sempre se encerra em si mesmo. O do verbo prever, por exemplo, só fica satisfatoriamente caracterizado quando se apresenta também o elemento que se prevê. Em outras palavras: prever não é simplesmente prever, mas sim "prever algo". Para obter uma unidade de significação completa, é necessário explicitar aquilo que se prevê, como no anúncio acima: "A Folha prevê 5 anos de dúvidas e obscuridades. O concorrente prevê o resgate da moralidade no poder."

Entre o verbo e os termos que com ele constituem uma unidade de significado existe uma relação que recebe o nome de transitividade. Essa relação se baseia na significação das palavras - o processo expresso pelo verbo transita do sujeito para o complemento do verbo, como você já viu no capítulo anterior.
Essa relação de transitividade não é propriedade exclusiva dos verbos, pois também os nomes podem ser transitivos. A importância dos complementos é tão grande quanto a dos termos complementados: na realidade, o que é essencial para o funcionamento apropriado da língua é a relação que se estabelece entre
uns e outros.

1 OS COMPLEMENTOS VERBAIS

Como você viu no capítulo anterior, os verbos nocionais podem ou não ser acompanhados de complementos. Os verbos nocionais que não são acompanhados de complementos são chamados de intransitivos. Os que apresentam complemento são chamados de transitivos. Os transitivos, por sua vez, são subclassificados em transitivos diretos, transitivos indiretos e transitivos diretos e indiretos.
Há dois tipos de complementos verbais: o objeto direto e o objeto indireto.
Chama-se objeto direto o complemento que se liga ao verbo sem preposição.
Chama-se objeto indireto o complemento que se liga ao verbo por meio de uma preposição obrigatória. Para detectar esses complementos, podemos transformar a oração num esquema em que surgem os pronomes indefinidos algo e alguém.
Observe:
Ocorreu um fato surpreendente ontem à noite.
O verbo ocorrer não requer complemento; seu processo se esgota no sujeito: o fato simplesmente ocorre. Esse verbo é, portanto, intransitivo.
"Solto a voz nas estradas" (Milton Nascimento)
Soltar algo: o verbo soltar faz-se acompanhar de um complemento, que se liga a ele sem preposição obrigatória; é, portanto, um verbo transitivo direto. "A voz" é objeto direto.

O país necessita de grandes investimentos em saúde e educação.
Necessitar de algo: o verbo necessitar faz-se acompanhar de um complemento introduzido por preposição obrigatória; é, portanto, um verbo transitivo indireto.
"De grandes investimentos em saúde e educação" é objeto indireto.

Informei os preços dos produtos aos clientes interessados.
Informar algo a alguém: o verbo informar faz-se acompanhar de um complemento que se liga a ele sem preposição obrigatória e de outro introduzido por preposição obrigatória; é, portanto, um verbo transitivo direto e indireto. "Os preços dos produtos" é objeto direto; "aos clientes interessados" é objeto indireto.

Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se dizer que os complementos verbais são assim como o sujeito, funções substantivas da oração: em todas as orações acima, os núcleos dos objetos diretos e indiretos são substantivos (voz, investimentos, preços, clientes0.

Além dos substantivos, podem desempenhar essas funções os pronomes e numerais substantivos e qualquer palavra substantivada.

- nota da ledora: propaganda de biscoito, apresentando a foto de uma velha senhora com traços fisionômicos orientais, com a boca aberta, e o seguinte texto, no espaço escuro da boca: - Eu quero o meu biscoito de volta, vira logo a página e devolva para mim
- fim da nota.

Na fala acima, vimos dois objetos diretos: "meu biscoito" e "a página". Em ambos, o núcleo do objeto é um substantivo: biscoito e página. Há um terceiro objeto direto ("o biscoito'; implícito), que complementa o verbo devolver.

No caso dos pronomes pessoais do caso oblíquo, devemos relembrar que alguns deles desempenham funções específicas:

a) Quando complementos verbais, os pronomes o, os, a, as atuam exclusivamente como objetos diretos, enquanto lhe e lhes atuam exclusivamente como objetos indiretos. Observe, nos pares de orações seguintes, como esses pronomes desempenham suas funções:
- Informei os preços dos produtos aos clientes interessados.
Informei-os aos clientes interessados. (objeto direto)
- Informei os preços dos produtos aos clientes interessados.
Informei-lhes os preços dos produtos. (objeto indireto)

b) Os pronomes me, te, se, nos e vos podem atuar como objetos diretos ou indiretos, de acordo com a transitividade verbal. Observe, nos pares de orações seguintes, o uso do pronome me, extensivo a te, se, nos e vos:
Escolheram-me para representar a turma.
Escolher alguém: o verbo é transitivo direto; o pronome me é, portanto, objeto direto.
Não me pertencem os seus sonhos.
Pertencer a alguém: o verbo é transitivo indireto; o sujeito é "os seus sonhos"; o pronome me é objeto indireto.

- nota da ledora: quadro de destaque na página
OBSERVAÇÕES
A transitividade de um verbo só pode ser efetivamente determinada num dado contexto. Observe nas orações seguintes como um mesmo verbo pode apresentar transitividade diferente de acordo com o contexto em que ocorre:
O pior já passou. (intransitivo)
Nos últimos anos, a Fiat passou a GM na preferência dos consumidores brasileiros. (transitivo direto)
Você precisa passar a novidade aos colegas. (transitivo direto e indireto).

2. Em alguns casos, o objeto direto pode ser introduzido por preposição: é o chamado objeto direto preposicionado. Nesses casos, o verbo é sempre transitivo direto, e seu complemento é, obviamente, um objeto direto. A preposição é empregada por necessidades expressivas ou por razões morfossintáticas, mas nunca porque o verbo a exige (se isso ocorresse, o verbo seria transitivo indireto). Observe alguns casos de objeto direto preposicionado, com os respectivos comentários:
- Cumpri com a minha palavra.

Cumprir algo: o verbo é transitivo direto.
A preposição com, estruturalmente dispensável, surge como elemento enfáticoe não porque o verbo a exija.
- O novo horário incomoda a todos.
O novo horário incomoda a mim.
Incomodar alguém: o verbo é transitivo direto. A presença da preposição decorre do tipo de pronome que atua como objeto direto: um pronome indefinido relativo a pessoa (todos), que sempre admite a preposição, e um pronome pessoal oblíquo tônico (mim), que exige a preposição.
- Notadamente aos mais desfavorecidos atingem essas medidas.
Atingir alguém: o verbo é, novamente, transitivo direto. A preposição é fundamental, no caso, para evitar ambigúidade: os mais desfavorecidos são atingidos pelas medidas. Sem a preposição, a expressão "os mais desfavorecidos" passaria a sujeito, o que alteraria radicalmente o sentido da frase. Note o tom enfático da frase, típica de pronunciamentos mais exaltados.

3. Por motivos expressivos, podem surgir os chamados objetos pleonásticos:
tanto o objeto direto, como o objeto indireto podem ser colocados em destaque, no início da oração, sendo depois repetidos por um pronome pessoal na posição onde deveriam naturalmente estar. Observe:
Suas músicas, ouço-as sempre com emoção.
"Suas músicas" é objeto direto; as é objeto direto pleonástico.
Aos filhos, dá-lhes o melhor de si.
"Aos filhos" é objeto indireto; lhes é objeto indireto pleonástico.

ATIVIDADES
1. Em cada grupo de frases, um mesmo verbo é utilizado com transitividade diferente. Indique a transitividade verbal em cada oração.
a) Quem deve falar agora?
Não me falaste a verdade.
Sempre fala asneiras.
b) Só dois alunos faltaram ontem.
Faltou-me coragem naquele instante.
c) Alguns insetos transmitem doenças.
Transmita meus cumprimentos a seu irmão.
d) Ela vive a cantar.
É um poema que canta as glórias passadas do povo português.
Cantou suas mágoas a todos que o ouviam.

2. Classifique o termo destacado em cada uma das frases seguintes. Depois, substitua-o por um pronome oblíquo átono.
a) Falta seriedade (a muitos homens públicos).
b) Diante da inevitável constatação, outra forma de entender a vida ocorreu (ao respeitável poeta).
c) Muitos eleitores queriam demonstrar (sua indignação).
d) Ouço (música popular brasileira).
e) Comunico (a todos) meu pedido de demissão.
f) Comunico a todos (meu pedido de demissão).
g) Paguei (todos os meus débitos).

h) Paguei (a todos os meus credores).
i) Apresentei (nossas reivindicações) ao presidente da comissão.
j) Apresentei nossas reivindicações (ao presidente da comissão).

3. Compare cada par de frases e comente as diferenças de sentido existentes.
a) Comemos o pão.
Comemos do pão.
b) "Como beber dessa bebida amarga?"
Como beber essa bebida amarga?
c) Sacou a arma.
Sacou da arma.

4. Forme orações a partir dos elementos fornecidos em cada um dos itens seguintes. Estabeleça as relações necessárias à obtenção de orações bem estruturadas.
a) Acontecer / fatos surpreendentes / lhe / durante a viagem à Europa.
b) Haver / poucos problemas / no seminário de ontem.
c) Comunicar /a imprensa / novo preço dos combustíveis/ ontem à noite.
d) Favorecer/ as novas regras de exploração do solo/ apenas alguns grupos empresariais.
e) Necessitar / investimento em educação pública/o país.
f) Apresentar / propostas de alteração constitucional / vários deputados / na sessão de ontem / aos colegas.

2 COMPLEMENTO NOMINAL

A transitividade não é privilégio dos verbos: há também nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) transitivos. Isso significa que determinados substantivos, adjetivos e advérbios se fazem acompanhar de complementos. Esses complementos são chamados complementos nominais e são sempre introduzidos por uma preposição. Observe:

Espero que você tenha feito uma boa leitura do texto.
leitura é' nessa oração, núcleo do objeto direto da locução verbal "tenha feito".
Note que, nessa oração, fez-se a leitura de algo. leitura é, portanto, um nome transitivo, e "do texto" é seu complemento nominal.

Você precisa ser fiel aos princípios do partido.
Fiel é, nessa oração, núcleo do predicativo do sujeito você. No caso, é preciso ser fiel a algo. "Aos princípios do partido" complementa o adjetivo fiel; é, portanto, um complemento nominal.

Ela mora perto de uma grande área industrial.
Perto é, nessa oração, o núcleo de um adjunto adverbial de lugar. Perceba que o advérbio perto precisa de um complemento: perto de algo ou de alguém. "De uma grande área industrial" é complemento nominal do advérbio perto.

Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se dizer que o complemento nominal é mais uma função substantiva da oração: nos casos citados acima, o núcleo dos complementos é sempre um substantivo (texto, princípios, área). Pronomes e numerais substantivos, assim como qualquer palavra substantivada, podem desempenhar essa função. Observe o pronome lhe atuando como complemento nominal na oração seguinte:

Não posso ser-lhe fiel: já empenhei minha palavra com outra pessoa.
O pronome lhe tem o valor de a alguém (fiel a alguém: no caso, a você ou a ele/ela); é, portanto, o complemento nominal do adjetivo fiel, que atua como núcleo do predicativo do sujeito.

Observe que o complemento nominal não se relaciona diretamente com o verbo da oração, e sim com um nome que pode desempenhar as mais diversas funções.
Isso significa que o complemento nominal sempre fará parte de um outro termo sintático, subordinando-se a um nome que pertence a esse termo. Observe:

A realização do projeto é necessária à população carente.
(complemento nominal) do projeto
(complemento nomínal) à população carente
(sujeito) a realização do projeto
(núcleo) realização
(predicativo do sujeito) é necessária à população carente
(núcleo) necessária

- nota da ledora: quadrinhos do desenho Garfield. O dono do garfield diz pra ele: - Garfield, precisamos conversar sobre essa sua obsessão com comida. Está ficando incontrolável. A geladeira esta cheia de marcas de lábios. Sonolento, Garfield pensa: - sou muito afetivo. Sabe?
- fim da nota.

Duas ocorrências de complemento nominal "obsessão com comida " e "cheia de marcas de lábios ". No primeiro caso o nome transitivo é o substantivo obsessão; no 2o. caso, o adjetivo cheia.

ATIVIDADES
1. Reescreva as frases seguintes, substituindo os verbos destacados pelos nomes correspondentes. Faça todas as adaptações necessárias à obtenção de frases bem-estruturadas.
a) O Banco Central decidiu (intervir) no mercado do dólar.
b) O governo recusou-se a (negociar) com os grevistas.
c) O candidato garantiu que, se fosse eleito, (investiria) em saúde e educação.
d) Os empresários consideram melhor (suspender) as remessas de componentes eletrônicos.

2. Aponte os complementos nominais presentes nas orações seguintes.
a) Ele nunca foi muito tolerante com os mais jovens.
b) Os investimentos em saúde e educação deveriam ser superiores a todos os outros.
c) Fique bem longe de mim!
d) Sou-lhe eternamente grato por tudo isso!
e) Sua dedicação aos pobres não passava de demagogia eleitoreira.
f) Os órgãos de preservação ambiental deveriam punir severamente os caçadores de animais em extinção.

3 O AGENTE DA PASSIVA

Além da flexão de modo, tempo, pessoa e número, o verbo possui flexão de voz.
Essa flexão indica a relação que ocorre entre o sujeito de um verbo e o processo que esse mesmo verbo expressa. Observe a oração seguinte:
O presidente aprovou as medidas econômicas.
O sujeito dessa oração é "o presidente"; "as medidas econômicas" é objeto direto da forma verbal aprovou. "O presidente" é também o agente do processo verbal, ou seja, é o termo que indica quem executa o processo expresso pelo verbo; "as medidas econômicas" é o paciente desse mesmo processo verbal, pois é o termo que indica aquilo ou aquele que sofre a ação expressa pelo verbo.
Note que estamos lidando com conceitos bastante diferentes: sujeito é o termo que concorda em número e pessoa com o verbo; agente é quem pratica a ação expressa pelo verbo. Objeto direto é o termo que complementa o verbo sem preposição obrigatória; paciente é quem sofre a ação expressa pelo verbo. Na oração que estamos analisando, o sujeito é também o agente do processo verbal:
isso ocorre porque o verbo está na voz ativa. Um verbo está na voz ativa quando o sujeito é também o agente do processo verbal que esse verbo expressa.
Se for alterada a voz do verbo da oração inicial, surgirá a oração:
As medidas econômicas foram aprovadas pelo presidente.
O sujeito dessa oração é "as medidas econômicas". Esse sujeito é o paciente do processo verbal. Um verbo apresenta sujeito paciente quando está na voz passiva. A locução "foram aprovadas" é, portanto, uma forma passiva do verbo aprovar. Você já viu nos capítulos dedicados aos verbos que a voz passiva formada com o verbo auxiliar ser é chamada voz passiva analitica.
"Pelo presidente" é o termo que exprime quem pratica a ação nessa construção na voz passiva. Esse termo é chamado, por isso, agente da passiva. O agente da passiva indica quem pratica a ação quando o verbo está na voz passiva (no português atual, o agente da passiva ocorre fundamentalmente na voz passiva analítica). É um termo sempre introduzido por preposição (normalmente por e suas formas contraídas com artigos pelo, pelos, pela, pelas -e com menor frequência de).
Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se dizer que o agente da passiva é mais uma função substantiva da oração: na oração que analisamos, seu núcleo é o substantivo presidente.
Também podem atuar como agentes da passiva pronomes e numerais substantivos, além de outras palavras substantivadas.
Observe os agentes da passiva destacados nas orações seguintes:
Aquelas frutas foram colhidas por mim.
O poema é composto de dizeres populares.
Fui iludido por ambos.

AS VOZES VERBAIS

Há três vozes verbais: a ativa, a passiva e a reflexiva. Na voz ativa, o sujeito é o agente do processo verbal. Na voz passiva, o sujeito é o paciente do processo verbal. Na reflexiva, o sujeito age sobre si mesmo, sendo ao mesmo tempo agente e paciente do processo verbal.
Observe:
Os alunos obtiveram a aprovação.
Essa oração está na voz ativa: o sujeito "os alunos" é também o agente do processo verbal. Passando-a para a voz passiva, surge a oração:
A aprovação foi obtida pelos alunos.

em que "a aprovação" é o sujeito e o paciente do processo verbal, enquanto "pelos alunos" é o agente da passiva.

Numa oração como:
Um dos alunos cortou-se durante a brincadeira.
O verbo está na voz reflexiva, pois o sujeito "um dos alunos" pratica a ação verbal sobre si mesmo. O pronome se é, no caso, objeto direto da forma verbal cortou. E como se se dissesse que João cortou João, ou seja, João cortou-se, por isso o se é objeto direto.
A transformação de uma oração que esteja na voz ativa em uma oração que esteja na voz passiva obedece a um esquema fixo: o sujeito da voz ativa passa a agente da passiva; o verbo da voz ativa é convertido numa locução em que surge o auxiliar ser (com menor frequência estar e ficar):

- nota da ledora - quadro de destaque na página:
Os alunos obtiveram a aprovação.
sujeito/agente - os alunos
objeto direto/paciente
A aprovação foi obtida pelos alunos. sujeito/paciente
agente da passiva - pelos alunos
- fim do quadro.

Na obtenção da forma passiva do verbo, o auxiliar assume o tempo e o modo do verbo ativo (no caso, pretérito perfeito do indicativo), enquanto este assume a forma do particípio (obtiveram - obtida).
Não pode haver voz passiva sem sujeito determinado e expresso. Por isso, é fácil perceber que somente os verbos que possuem objeto direto na voz ativa formam a voz passiva: afinal, é o objeto direto da voz ativa que dá origem ao Sujeito da voz passiva. Em outras palavras: somente os verbos transitivos diretos e os transitivos diretos e indiretos podem formar a voz passiva.
Você já sabe que, na voz ativa, pode haver orações de sujeito indeterminado pelo verbo na terceira pessoa do plural. Um exemplo é:
Desviaram seu destino.
Nessa oração, o sujeito está indeterminado, mas é fácil perceber que esse sujeito é o agente do processo verbal - quem quer que tenha desviado seu destino praticou - e não sofreu - uma ação. Na voz passiva, teremos uma oração cujo agente da passiva estará indeterminado:

Seu destino foi desviado. (por quem?)
Ao lado dessa forma de voz passiva analítica (formada com um verbo auxiliar), podemos formar uma outra, a voz passiva sintética, da qual participa o pronome se:

Desviou-se seu destino.
Nessa oração, "seu destino" e o sujeito da forma verbal desviou-se, No plural, essa oração seria:
Desviaram-se seus destinos.
A voz passiva sintética tem como ponto de partida uma oração na voz ativa cujo sujeito está indeterminado, Para formá-la, utilizamos o pronome se, que recebe o nome de pronome apassivador ou partícula apassivadora. Essa forma de voz passiva (assim como a forma analítica) só ocorre com verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos.

Observe:
VOZ ativa: Invadiram aquela casa.
e voz passiva analítica: Aquela casa foi invadida.
voz passiva sintética: Invadiu-se aquela casa.

O verbo na voz passiva sintética concorda em número e pessoa com o sujeito da oração:
Alugou-se o apartamento. /Alugaram-se os apartamentos.
Manipulou-se o resultado da eleição. / Manipularam-se os resultados da eleição.
Divulgou-se mais um boato. / Divulgaram-se mais uns boatos.
Entregou-se o prêmio ao atleta. / Entregaram-se os prêmios ao atleta.

- nota da ledora: anúncios na página;
Cortador de Sisal contratam-se crianças entre 5 e 12 anos com experiência no manuseio do facão. R$ 3 por dia. Exigem-se dinamismo, polivalência, motivação e vontade de residir no interior. - e segundo anúncio, com o texto: Trabalho infantil é crime.
Lugar de criança é na Escola.
- fim da nota.

Observe que, na voz passiva sintética, o verbo concorda em número e pessoa com o sujeito da oração (nos dois exemplos acima, o sujeito está na 3a. pessoa do plural, como o verbo).

- nota da ledora: quadro de destaque na página
OBSERVAÇÕES
1. voz passiva é exclusiva dos verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos: somente em casos excepcionais se forma a voz passiva de verbos com outra transitividade. Por isso, o pronome se surge como formador da voz passiva síntética ao lado desses tipos de verbos; ao lado de verbos de ligação, intransitivos ou transitivos indiretos, o pronome se surge como indeterminador do sujeito. Observe:
Vende-se uma casa de campo.

Voz passiva sintética: vender é transitivo direto.
Informou-se o resultado aos interessados.
Voz passiva sintética: informar é transitivo direto e indireto.
Nunca se está livre de equívocos.
Oração com sujeito indeterminado: estar é verbo de ligação.
Mata-se impunemente neste país.
Oração com sujeito indeterminado:
matar é verbo intransitivo.
Sonha-se com reformas de base.
Oração com sujeito indeterminado: sonhar é transitivo indireto.
Você não pode esquecer que a voz passiva sintética tem sempre um sujeito como qual o verbo deve estabelecer concordância no singular ou no plural - o que não acontece com os casos de indeterminação de sujeito, em que o verbo deve estar obrigatoriamente no singular.
Observe que há uma semelhança entre as estruturas em que o se atua como pronome apassivador e as estruturas em que o se atua como índice de indeterminação do sujeito , em ambos os casos , o agente do processo verbal está indeterminado :
Imagina-se uma solução para o problema.

Voz passiva sintética: o sujeito da oração "é uma solução para o problema"; o agente do processo verbal está indeterminado (não se pode precisar quem
imagina a solução).
Confia-se em teses suspeitíssimas.

Oração com sujeito indeterminado: o agente do processo verbal está indeterminado (não pode precisar quem confia nas teses) . Em teses suspeitíssimas é objeto indireto.

2. E possível indeterminar o sujeito dos verbos transitivos diretos utilizando o pronome se (que nesse caso será índice de indeterminação do sujeito). Para isso, o verbo deve ser acompanhado de um objeto direto preposicionado. Observe:
Estima-se aos bons amigos.
Ama-se aos pais.
Nessas duas orações, temos verbos transitivos diretos acompanhados de objetos diretos preposicionados; trata-se, portanto, de casos de indeterminação do sujeito e não de voz passiva sintética. Essas construções evitam ambiguidades: observe que as formas "Estimam-se os bons amigos." e "Amam-se os pais." podem tanto indicar a voz passiva como a voz reflexiva.

3. Na voz reflexiva, os pronomes pessoais do caso oblíquo me, te, se, nos e vos podem atuar como objetos diretos ou como objetos indiretos, de acordo com a transitividade do verbo:
Não me julgo tão competente.
Me é objeto direto (julgar algo ou alguém).
Dou-me o direito de silenciar:
Me é objeto indireto (dar algo a alguém).
- fim do quadro.

ATIVIDADES
1. Em algumas das frases abaixo, ocorre o agente da passiva. Aponte-o.
a) Prometeu lutar pelas camadas mais pobres da população.
b) Faz muito tempo que esses animais vêm sendo caçados por gente inescrupulosa.
c) As melhores teses foram representantes dos países latino-americanos.
d) O Corinthians foi inapelavelmente derrotado pelo Juventus na última rodada.
e) Deveria ser veiculada pelos meios de comunicação uma campanha que tornasse mais civilizado o selvagem trânsito brasileiro.

2. Fornecemos, a seguir, duas redações para uma mesma manchete de jornal.
Compare-as e indique as diferenças de sentido que transmitem.
"O técnico da Seleção não convocará jogadores dos times paulistas"
"Jogadores dos times paulistas não serão convocados pelo técnico da Seleção"

3. Passe cada uma das orações seguintes para a voz passiva. A seguir, responda:
a forma ativa e a forma passiva das orações são exatamente equivalentes?
Comente.
a) Secretaria da Saúde vai divulgar novos dados sobre a dengue no interior de
São Paulo.
b) Pelé, Tostão e Gérson comandaram o time brasileiro na Copa de 70 no México.

c) Várias emissoras de televisão haviam convidado os candidatos a prefeito para um debate.
d) Algumas decisões do governo têm levado os agricultores ao desespero.
e) O principal sindicato da categoria havia convocado uma greve para a semana seguinte.
f) O movimento dos aposentados acaba de obter várias conquistas na Justiça.

4. Cada uma das orações seguintes deve ser passada para a voz passiva.
Lembre-se de que, neste caso, há duas formas possíveis de voz passiva para cada oração.
a) Enviaram as cartas ontem à tarde.
b) Publicaram vários livros premiados.
c) Nomearam o novo diretor do colégio.
d) Adotaram um novo critério de seleção dos candidatos.
e) Salvaram uma criança durante o temporal.
f) Fizeram ameaças à testemunha de acusação.
g) Transformaram a cidade num caos.

5. Reescreva cada uma das orações seguintes passando para o plural o termo destacado e fazendo as demais modificações necessárias.
a) Elaborou-se (um projeto) para resolver a questão.
b) Estipulou-se (um novo prazo para a entrega da declaração).
c) Aspira-se a (uma vida mais digna).
d) Localizou-se (o principal foco de disseminação da doença).
e) Não se conhece a (real causa do acidente).
f) Não se dispõe de (um meio eficiente) para combater o mal.
g) É possível que se descubra (a origem de tudo isso).
h) É recomendável que se parta de (um dado comprovável) para dar início aos trabalhos de manutenção.
i) É evidente que se trata de (um caso de superfaturamento).

6. Forme orações com os elementos disponíveis em cada um dos itens seguintes empregando o pronome se. Esteja atento à concordância verbal apropriada a cada caso.
a) Procurar / alternativas para geração de energia.
b) Precisar / novas fontes de energia.
c) Liberar / as importações de produtos de informática / finalmente.
d) Ultrapassar / últimas barreiras ao livre comércio.
e) Pensar / soluções para a crise.
f) Encontrar / cura para várias doenças.
g) Atentar / índices de pobreza no país.

7. Explique as possíveis interpretações das orações abaixo e proponha formas de eliminar a ambigüidade.
a) Incentivam-se os alunos.
b) Desmascaram-se os culpados.
c) Acusam-se os responsáveis.

4 OS TERMOS INTEGRANTES E A PONTUAÇÃO

Os complementos verbais e o complemento nominal integram o sentido de verbos e nomes, estabelecendo com eles conjuntos significativos. Essa relação não deve ser interrompida por uma vírgula, mesmo que os complementos estejam antepostos ao termo que complementam:
É preciso saber reagir às palavras dos provocadores com lucidez.
Às palavras dos provocadores é preciso saber reagir com lucidez.
A todos os presentes informamos os novos valores dos produtos que vendemos.
Não há necessidade de tanta estupidez.
De tanta estupidez não há necessidade.

Quando os complementos verbais ou nominais são formados por mais de um núcleo, são adotados os mesmos procedimentos aplicados aos sujeitos compostos:
visitei Roma, Florença, Siena, Turim.
Ele ensina português, inglês ou matemática?
Comprou flores, discos, jóias e roupas para a namorada.
Sempre pede atenção, e carinho, e dedicação, e devoção.
complementos verbais ou nominais com mais de um núcleo

- nota da ledora: propaganda das motocicletas Honda: apresentando um avião no ar, e o seguinte texto: quem vai de São Paulo a Salvador de avião só perde 2 horas, 2180 km de praias, 157 baías, 230 rios, e milhares de coqueiros.
- fim da nota.

O complemento do verbo perder possui mais de um núcleo, os quais são separados por vírgula, menos o últmo: "perte 2 horas, 2180km de praias, 157 baías, 230 rios e milhares de coqueiros".

Os termos intercalados entre um verbo ou um nome e seus complementos devem ser isolados por vírgulas (é indispensável que se coloque uma vírgula antes e outra depois do termo intercalado):
Note, senhor presidente, as vantagens de minha proposta.

Nas construções em que surge objeto direto ou indireto pleonástico, deve-se usar a vírgula:
Aquelas frutas, plantara-as na primavera.
Aos pais, disse-lhes apenas secas palavras de adeus.

Ao agente da passiva são aplicados esses mesmos princípios de pontuação.

ATIVIDADES
1. Empregue as vírgulas necessárias à organização das frases seguintes. Em alguns casos, não será necessária vírgula alguma.
a) Enviei as saudações de meus colegas aos representantes das demais empresas da região.
b) Várias versões foram apresentadas por rádios jornais e canais de TV.
c) Aos que se sentem enganados cabe-lhes o direito de procurar a Justiça.
d) Exijo mais dedicação mais interesse mais aplicação.
e) Precisa-se de dois técnicos cinco operadores de retifica oito mecânicos de manutenção e dez ferramenteiros naquela fábrica de motores.

f) A que tipo de código moral você diz que é fiel?
g) A esse tipo de atitude conduzem as palavras insensatas daquele tresloucado.
h) Não queria ver amigos nem parentes nem colegas do futebol ou das pescarias.
i) A manutenção desses níveis de desemprego e de retração econômica poderá conduzir a já combalida sociedade brasileira a atitudes de total descrédito nas possibilidades de organização democrática do Estado.

2. Explique a diferença de sentido entre as frases seguintes.
Do meu ponto de vista nada sabem os que me criticam.
Do meu ponto de vista, nada sabem os que me criticam.

TEXTOS PARA ANÁLISE

- nota da ledora: propagande contra a dengue - cartaz com o seguinte texto: UM PAÍS INTEIRO NÃO PODE SER DERROTADO POR UM MOSQUITO.
- fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO

Qual a função sintática dos termos "um país inteiro" e "por um mosquito"?

O homem velho

O homem velho deixa vida e morte para trás
Cabeça a prumo, segue rumo e nunca, nunca mais
O grande espelho que é o mundo ousaria refletir os seus sinais
O homem velho é o rei dos animais
A solidao agora é sólida, uma pedra ao sol
As linhas do destino nas maos a mão apagou
Ele já tem a alma saturada de poesia, soul e rock'n 'roll
As coisas migram e ele serve de farol

A carne, a arte arde, a tarde cai
No abismo das esquinas
A brisa leve traz o olor fugaz
Do sexo das meninas

Luz fria, seus cabelos têm tristeza de néon
Belezas, dores e alegrias passam sem um som
Eu vejo o homem velho rindo numa curva do caminho de Hebron
E a seu olhar tudo o que é cor muda de tom

Os filhos, filmes, livros, ditos como um vendaval
Espalham-no além da ilusão do seu ser pessoal
Mas ele dói e brilha único, indivíduo, maravilha sem igual
Já tem coragem de saber que é imortal
(VELOSO, Caetano In ve/ô LP Phdips 824024 1, 1984. Lado a, faixa 4.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Qual a função síntática do termo destacado em "O homem velho deixa (vida e morte) para trás"?

2. Reescreva o trecho, substituindo o termo destacado na questão anterior pelo pronome pessoal oblíquo átono adequado.

3. Qual o sujeito da oração "As linhas do destino nas mãos a mão apagou"?

4. Reescreva a frase da questão anterior, colocando-a na ordem direta. Depois, passe-a para a voz passiva.

5. Qual a função síntática do termo destacado em "O homem velho é (o rei dos animais)"?

6. Qual a função sintática do termo destacado em "Ele já tem (a alma saturada de poesia, soul e rock'n'roll")? Classifique o predicado dessa oração.

7. Localize no texto três exemplos de verbos intransitivos.

8. Qual a função sintática do termo (único)? Classifique o predicado da oração em que esse termo está inserido.

9. No trecho "Os filhos, filmes, livros, ditos como um vendaval / Espalham-no além da ilusão do seu ser pessoal", a quem se refere o pronome (no)? Qual é sua função sintática?

10. O poeta atribui ao homem velho características que o fazem ser o "rei dos animais". Comente que tipo de realeza é essa.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1(FMU/FIAM-SP) Assinale a alternativa que contenha, respectivamente, um pronome pessoal do caso reto funcionando como sujeito e um pronome pessoal do caso oblíquo funcionando como objeto direto.
a) Eu comecei a reforma da Natureza por este passarinho.
b) E mais uma vez me convenci da "tortura" destas coisas.
c) Todos a ensinavam a respeitar a Natureza.
d) Ela os ensina a fazer os ninhos nas árvores.
e) Ela não convencia ninguém disso.

2 (UNIMAR-SP) Classifique corretamente os termos integrantes destacados.
"Mulher que (a dois) ama, a ambos engana."
a) objeto direto preposicionado e objeto direto preposicionado
b) objeto indireto e objeto direto
c) objeto indireto pleonástico e complemento nominal
d) objeto direto e objeto direto preposicionado
e) objeto direto preposicionado e objeto indireto

3 (UFV-MG) Na frase "Ela atribui-se uma culpa que não tem", o pronome se é classificado como:
a) pronome apassivador.
b) índice de indeterminação do sujeito.
c) objeto direto.
d) objeto indireto.
e) partícula expletiva ou de realce.

4(ACAFE-SC) Em relação à frase "Os gatos pretos pularam a cerca.", podemos afirmar que:
a) o sujeito é composto.
b) o verbo é transitivo direto.
c) o objeto é indireto.
d) o predicado é nominal.
e) n.d.a.

5 (FEBASP) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas: Já ( ) muitos meses que não ( ) encontro e só daqui ( ) três anos é que irei reencontrá-( ) neste mesmo lugar.
a) faz, lhe, a, lhe
b) fazem, o, a, o
c) faz, o, a, lo
d) fazem, lhe, há, lo

6 (FEBASP)
"E agora, José?
A festa (acabou)
A luz (apagou)
O povo (sumiu)
A noite (esfriou) (Carlos Drummond de Andrade)
Em relação aos verbos destacados, pode-se afirmar que:
a) os verbos são todos transitivos diretos e estão no pretérito imperfeito.
b) os verbos são todos transitivos diretos, embora o objeto direto não esteja expresso; e os verbos estão no pretérito perfeito.
c) o primeiro e o segundo verbo são transitivos diretos e os dois últimos são transitivos indiretos e estão no pretérito mais-que-perfeito.
d) todos os verbos destacados são intransitivos e estão no pretérito perfeito.

7 (PUCSP) No trecho:
"Corpos (irreconhecíveis) identificados (pelo Grande Reconhecedor)", os termos destacados têm, respectivamente, funções sintáticas de:
a) complemento nominal, objeto indireto.
b) adjunto adnominal, agente da passiva.
c) adjunto adnominal, complemento nominal.
d) objeto direto, objeto indireto.
e) adjunto adverbial, complemento nominal.

8 (PUCSP) No trecho:

"... e no fim declarou-(me) que eu tinha (medo) de que você (me) esquecesse", as palavras destacadas têm, respectivamente, funções sintáticas de:
a) objeto indireto, objeto direto, objeto direto.
b) objeto direto, objeto direto, objeto direto.
c) objeto direto, predicativo do sujeito, objeto direto.
d) objeto indireto, objeto indireto, objeto indireto.
e) objeto direto, adjunto adverbial, objeto direto.

9 (UNIMEP-SP)
I. Demos (a ele) todas as oportunidades.
II. Fizemos (o trabalho) como você orientou.
III. Acharam (os livros) muito interessantes.
Substituindo as palavras destacadas por um pronome oblíquo, temos:
a) I. Demos-lhe; II. Fizemo-lo: III. Acharam-los.
b) I. Demos-lhe; II. Fizemos-lo; III. Acharam-os.
c) I. Demos-lhe; II. Fizemo- lo; III. Acharam-nos.
d) I. Demo-lhe; II. Fizemos-o; III. Acharam-nos.
e) I. Demo-lhe; II. Fizemo-lhe; III. Acharam-nos.

10 (UNIMEP-SP) Quanto ao uso do se, a gramática tradicional não admite a construção:
a) Vendem-se casas.
b) Aluga-se apartamento.
c) Não se vá tão cedo!
d) Trabalhou-se muito hoje.
e) Conserta-se sapatos.

11 (UNIMEP-SP)
I. Coloquem (os móveis) no lugar.
II. Enviamos cartas (a vocês).
III. Refez (a Iição que estava errada)?
Substituindo as palavras destacadas por pronomes, teremos
a) I. Coloquem-nos; II. Enviamos-lhes; III. Relê-la.
b) I. Coloquem-nos; II. Enviamo-lhes; III. Relê-la.
c) I. Coloquem-os; lI. Enviamo-las; III. Relez-lhe.
d) I. Coloquem-os; II. Enviamos-lhes; Reli-la.
e) I. Coloque-os; II. Enviamo-los; III. Refez-lhe.

12 (VUNESP)
a) "Por que (brilham) teus olhos ardentes."
b) "(Sou) o sonho de tua esperança,"
Classifique, quanto à predicação, os verbos destacados dos fragmentos acima.

13 (VUNESP) "(...) e o Largo do Jardim está deserto na noite fria."
"(…) não encontro nada."
"(...) não pensei mais nem nela nem no altar, (…) "
"(...) vagou pelas ruas e becos (...) "
Classifique, quanto à predicação, os verbos dos fragmentos acima.

14 (VUNESPJ "Mas para quem (vos) olha a uma distância de quinhentos metros, essas dimensões (que) levais convosco deixam de existir." Dê a classe gramatical e a função sintática dos termos destacados.

15 (VUNESP) "Vi ontem (um bicho)
Na imundície do pátio
Catando (comida) entre os detritos."
Faça o que é pedido:
a) Reescreva a estrofe acima, substituindo os termos destacados pelo pronome pessoal correspondente e elimine as expressões adverbiais.
b) Classifique os verbos do período reescrito, quanto à predicação.

16 (VUNESP) "A pilha de jornais ali no chão, ninguém os guardou debaixo da escada."
"As suas violetas, na janela, não lhes poupei água."
Assinalar a alternativa que contiver a afirmação correta sobre as duas orações transcritas.
a) Nas duas orações há sujeito composto precedendo verbo transitivo direto e indireto.
b) Nas duas orações há sujeito indeterminado, e apenas o verbo da segunda oração é transitivo direto e indireto.
c) Nas duas orações há inversão da ordem das palavras e ocorrência de complemento verbal pleonástico.
d) Nas duas orações ocorre complemento verbal pleonástico, mas apenas na segunda há inversão da ordem das palavras.
e) Nas duas orações a ordem é direta e o sujeito é composto.

17 (FATEC-SP) Assinale a frase em que a palavra destacada indica o agente.
a) Por (mim) foram exarados estes documentos
b) De (mim) conseguireis o que quiserdes.
c) Falou-se de (mim) na reunião?
d) Contra (mim) estavam todos eles.
e) n.d.a.

18 (ESPM-SP) "Quando percebi que o doente expirava, recuei aterrado, e dei um grito, mas ninguém me ouviu." (Machado de Assis)
A função sintática das palavras doente, grito, ninguém, me é, respectivamente:
a) sujeito, objeto direto, objeto direto, objeto indireto.
b) objeto direto, sujeito, objeto direto, sujeito.
c) sujeito, objeto indireto, sujeito, objeto direto.
d) objeto indireto, objeto direto, sujeito, objeto direto.
e) sujeito, objeto direto, sujeito, objeto direto.

19 (FEFASP) Em que alternativa há objeto direto preposicionado?
a) Passou aos filhos a herança recebida dos pais.
b) Amou a seu pai com a mais plena grandeza da alma.
c) Naquele tempo era muito fácil viajar para os infernos.
d) Em dias ensolarados, gosto de ver nuvens flutuarem nos céus de agosto.

20 (FCMSCSP) Examinar as três frases abaixo e indicar onde ocorre tanto objeto direto como objeto indireto.
I. Minam pediu dinheiro ao pai.

II. A cozinheira ofereceu torta de maçã à doutora.
III. 0 geneticista confessou tudo à psiquiatra.
a) Em I e II apenas.
b) Em I e III apenas.
c) Em II e III apenas.
d) Em todas.
e) Em II apenas.

21 (ESPM-SP) "(Sorvete Kibon) decora sua cozinha. E dá (nome às latas)." Os termos destacados são, respectivamente:
a) sujeito, objeto direto, objeto indireto.
b) objeto direto, sujeito, objeto direto.
c) sujeito, objeto direto, objeto direto.
d) sujeito, sujeito, objeto indireto.
e) objeto direto, sujeito, objeto direto.

22 (FCMSCSP) Observar as duas frases a seguir:
I. No ano passado, havia passas no meu pudim.
II. No ano passado, existiam passas no meu pudim.
Em I o verbo está no singular e em II está no plural porque, quando é sinônimo de existir, o verbo haver:
a) tem sujeito e é transitivo direto.
b) tem sujeito e é intransitivo.
c) não tem sujeito e é transitivo direto.
d) não tem sujeito e é intransitivo.
e) tem sujeito, mas não tem objeto.

23 (PUCSP) Em: "Porque eu continuarei a chamar (guerra a toda esta época embaralhada) de inéditos valores...", as expressões destacadas são, respectivamente:
a) objeto direto, objeto indireto.
b) predicativo, objeto indireto.
c) objeto direto, objeto direto preposicionado.
d) predicativo, objeto direto pleonástico.
e) objeto direto, objeto indireto.

24 (CESESP-PE) Para classificar os verbos do trecho abaixo quanto a sua predicação, preencha os parênteses, obedecendo à seguinte instrução:
a) intransitivo b) transitivo direto c) transitivo indireto
d) transitivo direto e indireto "Viverás ( ) e para sempre, / na terra que aqui aforas ( ): e terás ( ) enfim tua roça." A alternativa que contém a seqüência correta é:
a) a, a, b.
b) a,b,b.
c) b,a,b.
d) b,d,c.
e) b,b,b.

25 (UFMG) Observe:
1. Queria muito aquele brinquedo. Queria muito ao amigo.
2. Dormi muito esta noite. Dormi um sono agradável.

A partir desses exemplos, explique a seguinte afirmativa: "A análise da transitividade verbal é feita de acordo com o texto e não isoladamente".

26 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção em que a substituição do pronome de primeira pessoa pelo de terceira está em desacordo com a norma da língua culta.
a) Vieram-me as rugas. Vieram-lhe as rugas.
b) Obriguei a fortuna a ser-me favorável.
Obriguei a fortuna a ser-lhe favorável.
c) Azevedo Gomes chamou-me patriota.
Azevedo Gomes chamou-lhe patriota.
d) O município devia auxiliar-me.
O município devia auxiliar-lhe.
e) Padilha pediu-me em voz baixa cinquenta mil-réis.
Padilha pediu-lhe em voz baixa cinquenta mil-réis.

27 (CESESP-PE) Indíque a função do pronome relativo que, de acordo com o seguinte código:
a) sujeito
b) Objeto direto
( ) "Viverás e para sempre, / na terra que aqui abras."
( ) "Era um anjo entre nuvens d'alvorada. / Que em sonhos se banhava e se esquecia."
( ) "... afora rendimentos que vêm de outra e qualquer origem..."
( ) "Gastei uma hora pensando um verso que a pena não quer escrever."
A seqûência conseguida foi:
a) b, b, a, a
b) a,a,b,b
c) a, b, a, b
d) b, a, b, a
e) b, a, a, b

28 (FUVEST-SP) A transformação passiva da frase "A religião te inspirou esse anúncio." apresentará o seguinte resultado:
a) Tu te inspiraste na religião para esse anúncío.
b) Esse anúncio inspirou-se na tua religião.
c) Tu foste inspirado pela religião nesse anúncio.
d) Esse anúncio te foi inspirado pela religião.
e) Tua religião foi inspirada nesse anúncio.

29 (FUVEST-SP) "... como o vi em uma noite de luar..."
a) Reescreva, na voz passiva, a oração acima transcrita, sem desprezar nenhum dos componentes sintáticos que lhe dão forma.
b) Indique a função sintática do pronome de terceira pessoa na frase original e na transformada.

30 (PUCSP) Indique a alternativa em que a partícula se não tem valor de pronome apassivador.
a)"... ouviam-se gargalhadas e pragas..."
b) "... destacavam-se risos..."
c) "... trocavam-se de janela para janela as primeiras palavras, os bons-dias..."
d) "...já não se destacavam vozes dispersas..."

e) "... pigarreava-se grosso por toda a parte..."

31 (PUCC-SP) Assinale a alternativa em que se faz corretamente a transformação passiva da frase'. "O chefe não te perdoará as falhas.".
a) Tu não serás perdoado pelo chefe por causa das falhas.
b) As falhas não te serão perdoadas pelo chefe.
c) Tuas falhas o chefe não perdoará.
d) Tu não terás o perdão do chefe para tuas falhas.
e) Não se perdoarão tuas falhas pelo chefe.

32 (UNIMEP-SP) "Eu tenho plantado o meu futuro." Passando-se a oração para a voz passiva, o verbo ficará assim:
a) tem sido plantado
b) tem estado sendo plantado
c) está sendo plantado
d) foi sendo plantado
e) esteve sendo plantado

33 (UNIMEP-SP) "O eleitor estava sendo convencido aos poucos pelo candidato." Passando-se a oração para a voz ativa, o verbo ficará assim:
a) convencera
b) estava convencendo
c) tinha estado convencido
d) tinha convencido
e) estivera convencendo

34 (ltajubá-MG) Todas as frases estão na voz passiva, exceto:
a) Fazia-se a relação dos livros novos.
b) Estuda-se novo processo de irrigação.
c) Trata-se sempre do mesmo problema.
d) Projetava-se um grande frigorífico.
e) Arrisca-se a vida por tão pouca coisa.

35 (UM-SP) Assinale a alternativa em que há agente da passiva.
a) Nós seremos julgados pelos nossos atos.
b) "Olha esta terra toda que se habita dessa gente sem lei, quase infinita."
c) Agradeço-lhe pelo livro.
d) Ouvi a notícia pelo rádio.
e) Por mim, você pode ficar.

36 (PUCSP) Em: "... o homem não fala simplesmente uma língua, não a usa como mero instrumento de comunicação, mas é quase como se a língua falasse através do homem, a língua o usasse para (se) expressar", a partícula se destacada refere-se a:
a) homem e é sujeito do verbo expressar.
b) língua e é objeto reflexivo de expressar.
c) língua e é partícula apassivadora da ação verbal.
d) homem e é objeto reflexivo de expressar.
e) homem e é partícula apassivadora da ação verbal.

37 (PUCSP) Em: "A língua já é em si uma interpretação do mundo..., ficando-(se) sob o seu domínio", a partícula se destacada refere-se:
a) a palavra interpretação e portanto é sujeito.
b) à palavra língua e portanto é objeto reflexivo.
c) a um ser indeterminado e portanto é índice de indeterminação do sujeito.
d) à palavra interpretação e portanto é objeto direto reflexivo.
e) a um ser indeterminado e portanto não tem função sintática.

38 (UFV-MG) A passiva sintética está presente em todos os itens, exceto:
a) Fala-se, aqui, uma bela língua.
b) Assistiu-se o enfermo com desvelo.
c) Procedeu-se à verificação de aprendizagem.
d) Ouviu-se um barulho estranho.
e) Abriu-se uma clareira naquela mata.

39 (FEI-SP) Transforme a voz passiva analítica em passiva sintética, conservando o tempo e o modo.
Hoje não são mais feitos carros como antigamente

40 (ltajubá-MG) Transforme segundo o modelo.
Foi socorrido por amigos. Amigos socorreram-no.
a) Foste ajudado por muitos.
b) Fomos aconselhados pelos mestres.

41 (OSEC-SP) Coloque na voz passiva as frases que a admitam, dando o motivo por que escolheu apenas duas.
a) Não a vi ontem.
b) Iremos a Santos.
c) O presidente assistirá ao desfile.
d) O enfermeiro assistiu o paciente dia e noite.

42 (FCMSCSP) Transpondo para a voz ativa a frase
"O processo deve ser revisto pelos dois funcionários", obtém-se a forma verbal:
a) deve-se rever.
b) será revisto.
c) devem rever.
d) reverão.
e) rever-se-á.

43 (OSEC-SP) Em: "... uns diziam isto; outros, aquilo...", colocando-se o verbo na voz passiva, temos:
a) tinham dito.
b) foi dito.
c) era dito.
d) seria dito.
e) haviam dito.

44 (F. C. Chagas-BA) Transpondo para a voz passiva a frase
"O tempo aos poucos fora afastando da minha memória a sua imagem.", obtém-se a forma verbal:

a) era afastada.
b) fora sendo afastada.
c) fora afastada.
d) ia-se afastando.
e) estava-se afastando.

45 (F. C. Chagas-BA) Transpondo para a voz passiva a frase
"Daqui a cinquenta anos já teremos avaliado os futurólogos de hoje.", obtém-se a forma verbal:
a) se avaliaram.
b) se avaliarão.
c) serão avaliados.
d) foram avaliados.
e) terão sido avaliados.

46 (F. C. Chagas-BA) Transpondo para a voz ativa a frase
"A Guatemala foi, recentemente, arrasada por violentos terremotos.", obtém-se a forma verbal:
a) tinha sido arrasada.
b) tinham arrasado.
c) arrasaram.
d) estiveram arrasando.
e) fora arrasada.

47 (F. C. Chagas-BA) Transpondo para a voz ativa a frase
"Eles são obrigados a tarefas desagradáveis; e, além do mais, são criticados pelo público.", obtêm-se as formas verbais:
a) têm obrigado, criticou-os.
b) foram obrigados, têm sido criticados.
c) obrigaram-nos, criticaram-nos.
d) obrigam-nos, critica-os.
e) obrigam-se, criticam-se.

48 (S. J. Rio Preto-SP) Em que alternativa as frases não se equivalem?
a) Comprar-se-iam jornais. Jornais serão comprados.
b) Devem-se consultar os superiores. Os superiores devem ser consultados.
c) Alugam-se casas. Casas são alugadas.
d) Façam-se novas provas. Novas provas sejam feitas.
e) Ouvir-se-ão vozes. Vozes serão ouvidas.

49 (FAAP-SP) Dê nova redação à frase que segue, passando-a para a voz ativa, sem mudança de tempo e modo verbais: "Foi nomeada tutora".

50 (E. C. Chagas-BA) Transpondo para a voz ativa a oração "O dissídio já havia sido homologado.", o verbo apresentará a forma:
a) homologara-se.
b) homologar-se-ia.
c) homologariam.
d) haviam homologado.
e) houvera sido homologado.

51 (F. C. Chagas-BA) Transpondo para a voz passiva a oração
"Estava terminando o bordado naquele momento.", o verbo apresentará a forma:
a) fora terminado.
b) estava sendo terminado.
c) estava para ser terminado.
d) estava a terminar.
e) tendo terminado.

52 (FEI-SP) Reescreva na voz passiva o trecho abaixo, conservando o verbo no mesmo tempo e modo.
"Se os filhos dos pescadores ouvissem o ruído da vaga, eu escutaria o rangido longínquo dos carros de boi."

53 (FAAP-SP) Dê nova redação à frase que segue, passando-a para a voz ativa sem mudança de tempo e modo verbais.
"A volta de Greta Garbo ao cinema foi anunciada ontem em Genebra, Suíça, pelo jornalista britânico Frederick Sands, autor de uma biografia da atriz."

54 (FUVEST-SP) Altere a redação do período abaixo, empregando os verbos na voz passiva. "...e se as vezes me repreendia, à vista de gente, fazia-o por simples formalidade."

55 (UFV-MG) A concordância verbal está correta em todas as formas abaixo, exceto:
a) Assistiu-se à demonstração de força.
b) Exigiam-se todas as documentações para concorrer à vaga.
c) Precisam-se de professores de matemática.
d) Construir-se-á o edifício neste local, ainda este ano.
e) Incluíram-se no processo todas as dívidas existentes.

56 (VUNESP) Explicou (que aprendera aquilo de ouvido).
Transpondo a oração em destaque para a voz passiva, temos a seguinte forma verbal:
a) tinha sido aprendido.
b) era aprendido.
c) fora aprendido.
d) tinha aprendido.
e) aprenderia.

CAPÍTULO 21

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO E VOCATIVO

- nota da ledora: quadrinhos representando dois soldados na guerra, em uma trincheira, com o seguinte diálogo:
soldado: - Franz! Eh, Franz! Acorda! Ouvi um ruído…será algum comando inimigo?
Franz: - Dorme idiota! Os comandos inimigos não fazem ruído !
soldado: - Franz! Eh, Franz!
Franz:- Que chatice! Que foi agora?
soldado, morrendo de medo: - Não estou a ouvir nada…

- fim da nota.

Neste capítulo, você vai estudar os termos acessórios da oração - o adjunto adverbial, o adjunto adnominal e o aposto. Vai estudar também o vocativo.

Quando se fala em termos acessórios da oração, pode-se ter a falsa impressão de que se está tratando de elementos dispensáveis das orações e períodos. Na prática, essa impressão não corresponde à verdade: esses termos são acessórios porque não fazem parte da estrutura básica da oração, organizada a partir de um verbo e dos nomes ligados a ele pela concordância ou pela transitividade. No entanto as informações que transmitem são fundamentais para que se alcance uma comunicação satisfatória.

Na tira acima, por exemplo, inimigo(s) (1o. e 2o. quadrinhos) se classifica como adjunto adnominal, um dos termos acessórios da oração. Mas a informação transmitida por esse termo é crucial para a graça da situação.

1 ADJUNTO ADVERBIAL

Como o nome já diz, o adjunto adverbial é essencialmente um modificador do verbo. Seu papel básico é indicar as circunstâncias em que se desenvolve o processo verbal (idéia de tempo, lugar, modo, causa, finalidade, etc.) ou intensificar um verbo, um adjetivo ou um advérbio. A semelhança entre esse conceito e o de advérbio, que você estudou nos capítulos sobre Morfologia, não é gratuita, já que o adjunto adverbial é uma função adverbial da oração, ou seja, é uma função desempenhada por advérbios e locuções adverbiais.

A classificação do adjunto adverbial depende basicamente da circunstância que expressa. Observe:

No Brasil, muitas crianças ainda morrem de fome.

Há nessa oração três adjuntos adverbiais: de fome é adjunto adverbial de causa; ainda é adjunto adverbial de tempo; no Brasil é adjunto adverbial de lugar.

Um grupo de policiais militares agrediu covardemente várias pessoas em Diadema na madrugada de ontem.

Na madrugada de ontem é adjunto adverbial de tempo; em Diadema é adjunto adverbial de lugar; covardemente é adjunto adverbial de modo.

Eles se respeitam muito.

Seu projeto é muito interessante.

O time jogou muito mal.

Nessas três orações, muito é adjunto adverbial de intensidade. No primeiro caso, intensifica uma forma verbal (respeitam), que é núcleo de um predicado verbal. No segundo, intensifica um adjetivo (interessante), que é núcleo de um predicativo do sujeito. Na terceira oração, muito intensifica um advérbio (mal), que é núcleo de um adjunto adverbial de modo.

Às vezes não é possível apontar com precisão a circunstância expressa por um adjunto adverbial. Em alguns casos, as diferentes possibilidades de interpretação dão origem a orações sugestivas. Em:

Entreguei-me calorosamente àquela causa.

é difícil precisar se calorosamente é um adjunto adverbial de modo ou de intensidade: na verdade, parece ser uma forma de expressar ao mesmo tempo as duas circunstâncias.

Por isso, é fundamental levar em conta o contexto em que surgem os adjuntos adverbiais. Isso é mais importante do que pura e simplesmente decorar classificações. A seguir, você encontrará uma relação em que aparecem algumas circunstâncias expressas por adjuntos adverbiais. Essa relação deve servir para você perceber a riqueza expressiva desse termo sintático e não para que você se "descabele" tentando decorá-la.

Algumas das circunstâncias que os adjuntos adverbiais podem expressar afirmação:
Sim, efetivamente participei da comissão.
dúvida: Talvez seja melhor sair do pais.
fim, finalidade: Prepararam-se para o exame.
meio: Fui de avião.
companhia: Fui ao cinema com sua prima.
concessão: Apesar do estado precário do gramado, o jogo foi ótimo.
assunto: Conversamos sobre literatura.
condição: Sem minha autorização, você não irá.
instrumento: Fiz a prova a lápis.
causa: Com o calor, o poço secou.
intensidade: O remédio é muito caro.
lugar: Nasci em Guaratinguetá. / Morei em Milão.
tempo: O gol foi marcado aos oito minutos.! Sinto-me melhor no inverno.

- nota da ledora: cartaz dos anos 40. As 10 mais vilãs, com o seguinte texto: - a mais refinada e sensual vilã do Spirit vem fazendo das suas desde os anos 40, mas o herói perdoa tudo e a deixa em liberdade.
Se este não é o crime perfeito, não sabemos o que é.
- fim da nota.

"Desde os anos 40" constitui adjunto adverbial de tempo.

modo: Beijei-a com ternura.! Receberam-me friamente.
negação: Não aceito sua renúncia.
Como você já sabe, as locuções adverbiais são expressões normalmente introduzidas por uma preposição. Quando uma dessas locuções atua como adjunto adverbial numa oração, você deve prestar bastante atenção à preposição, pois, na expressão de circunstâncias adverbiais, essas palavras transmitem importantes conteúdos relacionais.
Observe:
Estão voltando de casa.

Estão voltando para casa.

Fui ao cinema com eles.

Fui ao cinema sem eles.

Nesses dois pares de orações, a troca das preposições implica alteração total de significado na circunstância expressa pelo adjunto adverbial: no primeiro caso, passa-se de um adjunto adverbial de lugar que indica a origem para um que indica o destino; no segundo caso, passa-se de um adjunto adverbial de companhia para um adjunto adverbial que indica justamente a ausência dela (e que seria classificável como adjunto adverbial de modo).

Quando introduzem complementos verbais ou nominais, as preposições desempenham papel de mero conectivo, ligando um termo subordinante a um termo subordinado. Por isso, em muitos casos, são até mesmo omitidas sem prejuízo aparente de sentido. É o que ocorre, por exemplo, com a construção popular "Ela não obedece o pai.", em que se omite a preposição recomendada pela língua culta ("Ela não obedece ao pai."). No caso dos adjuntos adverbiais, a omissão da preposição acarreta modificações drásticas de sentido. Basta comparar, por exemplo, "Recomendaram-me sinceridade." a "Recomendaram-me com sinceridade.", em que a ausência do com modifica completamente a função sintática e o sentido de sinceridade (que passa de núcleo do objeto direto a núcleo do adjunto adverbial de modo).
É por isso que são considerados adjuntos adverbiais de lugar e não objetos indiretos os termos que se seguem aos verbos de movimento e permanência em construções como:
Estou na mesma sala.

Chegaram à cidade sãos e salvos.

Ficamos ao lado da igreja.
Voltou à terra natal.
O avião procede de Manaus.

Os verbos empregados são, nessas frases, intransitivos, mas seria questionável dizer que não necessitam de um termo que os complemente. Esses termos, no entanto, não são objetos indiretos, já que têm nítido valor adverbial - note como são significativas as preposições que os encabeçam em cada frase. Pela nomenclatura atualmente disponível nos estudos gramaticais, o mais recomendável é classificá-los como adjuntos adverbiais de lugar, considerando intransitivos os verbos a que se ligam. Alguns gramáticos propõem a denominação complemento circunstancial de lugar ou complemento adverbial locativo para esses termos. Mais importante do que classificá-los, no entanto, é perceber o seu significado e aprender a usá-los apropriadamente.

ATIVIDADES

1. Nas frases seguintes, aponte os adjuntos adverbiais e as circunstâncias que exprimem.
a) "De repente, do riso fez-se o pranto."
b) Entrou em casa em plena madrugada, silenciosamente.
c) À noite é possível perceber com muita clareza os efeitos benéficos do silêncio.
d) A rodovia foi entregue ao público sem plenas condições de tráfego.
e) Viajei de trem por toda a Europa.
f) Felizmente, todos se arrependeram.
g) Meus sobrinhos moram muito longe daqui, no norte da Itália.
h) Na próxima semana, não haverá expediente das sete às dez da manhã.
i) O menino quase morreu de vergonha.
j) Sem as chaves, ninguém poderá entrar.
l) "Apesar de você, amanhã há de ser outro dia."
m) Passei a vida à toa.
n) Tenho o péssimo hábito de cortar barhantes e linhas com os dentes.

2. Complete as frases seguintes com adjuntos adverbiais que exprimam as circunstâncias solicitadas entre parênteses.
a) ( ) não seja possível consertar o carro. (dúvida)

b) Não irei ao cinema ( ) . (causa)
c) ( ) , foram feitos vários discursos contra o projeto ( ) . (tempo/lugar)
d) O novo diretor executou ( ) todas as suas obrigações. (modo)
e) Ensaiei muito ( ) (Fim)
f) Trabalhava ( ) para as crianças carentes de sua cidade. (intensidade)
g) Os retirantes não conseguem emprego ( ) . (lugar)
h) Nada será feito ( ) . (condição)
i) as obras prosseguem. (concessão)
j) Moldamos vários objetos de argila ( ) (instrumento)
l) Fui ao cinema ( ) ( ) (tempo/companhia)
m) Julgo sua postura ( ) radical. (intensidade)
n) ( ), conseguiremos chegar ( ) ( ) (modo/ lugar/ tempo)

3. Passe para o plural cada uma das frases seguintes.
a) Ele pensou rápido.
b) Ele pensou rapidamente.
c) Ele foi rápido.
d) Uma voz de protesto levantou-se inesperadamente.
e) Uma voz de protesto levantou-se inesperada.
f) O rapaz falava muito baixo.
g) O rapaz era muito baixo.
h) Fiquei calmo durante a discussão.
i) Agi calmamente durante a discussão.
j) Sua atitude ponderada súbito se converteu em gesto irritado.
l) Sua atitude ponderada subitamente se converteu em gesto irritado.
m) Seu gesto de irritação foi súbito e veemente.

2 ADJUNTO ADONOMINAL

Adjunto adnominal e' o termo que caracteriza um substantivo sem a intermediação de um verbo. Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se dizer que é uma função adjetiva da oração, sendo, portanto, desempenhada por adjetivos, locuções adjetivas, artigos, pronomes adjetivos e numerais adjetivos. Em qualquer função sintática que esempenhe, o substantivo pode ser caracterizado por um ou mais de um adjunto adnominal. Observe:

As nossas primeiras experiências científicas fracassaram.
Nessa oração, "as nossas primeiras experiências científicas" é sujeito. O núcleo desse sujeito é o substantivo experiências. Relacionados a ele, caracterizando-o, estão os adjuntos adnominais as, nossas, primeiras e científicas (respectivamente, um artigo, um pronome adjetivo possessivo, um numeral adjetivo ordinal e um adjetivo).

Foi socorrido pelos dois médicos do hospital. Nessa oração, "pelos dois médicos do hospital" é agente da passiva. O núcleo desse agente da passiva é o substantivo médicos, caracterizado pelos adjuntos adnominais os (artigo da contração per + os), dois (numeral adjetivo) e do hospital (locução adjetiva).

Para perceber como o adjunto adnominal faz parte efetiva do mesmo termo sintático que tem o substantivo como núcleo, basta substituir esse termo por um pronome substantivo: como estão diretamente subordinados ao substantivo, sem qualquer

intermediação verbal, os adjuntos adnominais desaparecem quando da substituição.
Observe:

A nova política salarial prejudica os trabalhadores de menor poder aquisitivo.

Ela prejudica-os.
"A nova política salarial" e "os trabalhadores de menor poder aquisitivo" são, respectivamente, sujeito e objeto direto da oração. Subordinados aos núcleos dessas funções - os substantivos política e trabalhadores - os adjuntos adnominais desaparecem quando são substituidos pelos pronomes substantivos ela e os.

Essa percepção de que o adjunto adnominal é sempre parte de um outro termo sintático que tem como núcleo um substantivo é importante para diferenciá-lo do predicativo do objeto.
Observe:
Noel Rosa deixou uma obra riquíssima.
Nessa oração, riquíssima é adjunto adnominal de obra, que é o núcleo do objeto direto. Se substituíssemos esse objeto direto por um pronome pessoal, obteríamos "Noel Rosa deixou-a".

Sua atitude deixou seus amigos perplexos.
Nessa oração, perplexos é predicativo do objeto direto "seus amigos". Se substituíssemos esse objeto direto por um pronome pessoal, obteríamos: "Sua atitude deixou-os perplexos". Perceba que perplexos não é parte do objeto direto, e sim um termo sintático relacionado também com o verbo da oração.

- nota da ledora: quadrinho de desenho, dos soldado na trincheira, com a seguinte legenda: - Dorme idiota! Os comandos inimigos não fazem ruídos!
- fim da nota.

Adjuntos adnominais: os e inimigos.

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
É comum confundir adjunto adnominal na forma de locução adjetiva com complemento nominal. Para evitar essa confusão, considere o seguinte.
a) somente os substantivos podem ser acompanhados de adjuntos adnominais; já os complementos nominais podem ligar-se a substantivos, adjetivos e advérbios. É óbvio, portanto, que o termo ligado por preposição a um adjetivo ou a um advérbio só pode ser complemento nominal;
b) os complementos nominais são exigidos pela transitividade do nome a que se ligam; indicam, portanto, o paciente ou o alvo da noção expressa pelo substantivo. Já os adjuntos adnominais indicam o agente ou o possuidor da noção expressa pelo substantivo. Observe:
- Os investimentos da iniciativa privada em educação e saúde deveriam ser proporcionais aos lucros de cada empresa. Nessa oração, o sujeito é "os investimentos da iniciativa privada em saúde e educação". O núcleo desse sujeito é o substantivo investimentos; presos a esse núcleo por meio de preposição há os termos "da iniciativa privada" e "em educação e saúde". Observe que o primeiro indica o agente ou possuidor dos investimentos (é a iniciativa privada que investe), enquanto o segundo indica o paciente ou alvo desses investimentos (saúde e educação recebem esses investimentos).

"Da iniciativa privada" é adjunto adnominal, enquanto "em saúde e educação" é complemento nominal.
- fim do quadro.

ATIVIDADES

1. Faça a análise sintática das frases seguintes. Indique quais são os núcleos das diferentes funções sintáticas e os adjuntos adnominais que se subordinam a eles.
a) Um novo comportamento empresarial deve ser incentivado.
b) Muitos candidatos despreparados pedem votos pouco críticos a eleitores desinteressados.
c) Os garimpeiros têm transmitido doenças graves aos índios da Amazônia.
d) Um redator eficiente deve comunicar informações claras e realmente importantes ao público interessado.

2. Explique por meio de seu conhecimento das funções sintáticas a ambiguidade da seguinte frase: "Não posso julgar aquela atitude inusitada".

3. Explique por meio de seu conhecimento das funções sintáticas a ambiguidade das frases seguintes.
a) Não serei mais um pichador desta cidade!
b) É absurdo que tenhamos medo de criança!

3 APOSTO

Aposto é um termo que amplia, explica, desenvolve ou resume o conteúdo de outro termo. O termo a que o aposto se refere pode desempenhar qualquer função sintática. Sintaticamente, o aposto equivale ao termo com que se relaciona.
Observe:

Nossa terra, o Brasil, carece de políticas sociais sérias e conseqüentes. Nessa oração, "nossa terra" é o sujeito. "O Brasil" é aposto desse sujeito, pois amplia e especifica o conteúdo do termo a que se refere. Para perceber como sintaticamente "o Brasil" é equivalente ao sujeito, basta eliminar "nossa terra".
Observe:

O Brasil carece de políticas sociais sérias e conseqüentes.
"O Brasil" passa a exercer satisfatoriamente a função de sujeito, antes exercida pelo termo do qual era aposto.

O aposto é mais uma função substantiva da oração, tendo como núcleo um substantivo, um pronome ou numeral substantivo ou uma palavra substantivada.
De acordo com a relação que estabelece com o termo a que se refere, pode-se classificar o aposto em:
a) explicativo: A Ecologia, ciência que investiga as relações dos seres vivos entre si e com o meio em que vivem, adquiriu grande destaque no mundo atual.
b)enumerativo: Suas reivindicações incluíam muitas coisas: melhor salário, melhores condições de trabalho, assistência médica extensiva a familiares.
c) recapitulativo: Vida digna, cidadania plena, igualdade de oportunidades, tudo isso está na base de um país melhor.

d) comparativo: Seu senso crítico, eterno indagador, levou-o a questionar aqueles dados.
Há ainda o chamado aposto especificativo, que, por não vir marcado por sinais de pontuação (dois-pontos ou vírgulas), merece alguma atenção especial. Esse tipo de aposto é normalmente um substantivo próprio que individualiza um substantivo comum, prendendo-se a ele diretamente ou por meio de preposição.
Observe:
o compositor Chico Buarque de Holanda continua a produzir uma obra representativa.
O rio Tietê atravessa o estado de São Paulo.

Nessas orações, os termos destacados todos nomes próprios - são apostos especificativos dos substantivos comuns compositor, rio e estado. Compositor e rio atuam como núcleos dos sujeitos, enquanto estado é núcleo do objeto direto.

- nota da ledora : propaganda da Trevisan Auditores, com o seguinte texto:
SÓ EXISTE UMA ORGANIZAÇÃO QUE SABE GUARDAR UM SEGREDO TÃO BEM COMO A NOSSA. (na foto, um colarinho de sacerdote - fazendo referência subliminar ao voto de segredo de confissão, do padre, no confessionário.)
- fim da nota.

Neste anúncio de uma empresa de auditoria, o aposto está expresso por uma imagem: um padre, que representa metonimicamente a Igreja. Se a mensagem fosse apenas escrita, o anúncio poderia ser 'traduzido,' da seguinte forma: "Só existe uma organiza ção que sabe guardar um segredo tão bem como a nossa: 'a Igreja'". Este aposto, relafivo a todo o período, alude ao segredo do confessionário.

4 O VOCATIVO

O nome vocativo nos faz pensar em várias palavras ligadas à idéia de "chamar", "atrair a atenção": evocar, convocar, evocação, vocação. Vocativo é justamente o nome do termo sintático que serve para nomear um interlocutor a que se dirige a palavra. É um termo independente: não faz parte nem do sujeito nem do predicado. E mais uma função substantiva da oração, sendo desempenhada por substantivos, pronomes e numerais substantivos ou palavras substantivadas.
Observe:
(Amigo), venha visitar-me no próximo domingo.
(Senhor presidente), pedimos que se comporte de forma condizente com a importância de seu cargo.
A vida, (amada minha), é um constante retomar.
Não sei o que te dizer (meu amor).
Nessas orações, os termos destacados são vocativos: indicam e nomeiam o interlocutor a que se está dirigindo a palavra. Numa oração como a primeira, não se deve confundir o vocativo amigo com o sujeito da forma imperativa venha, que é você.

ATIVIDADES

Nas frases seguintes, aponte os apostos e os vocativos.
a) Meu velho amigo, não há mais nada que se possa dizer,
b) Você, meu velho amigo, não tem nada para me dizer?
c) Ó meus sonhos, aonde fostes?

d) Uma casa na encosta da montanha, meu maior sonho, evaporou-se com o confisco da poupança.
e) Não há mais nada a fazer, minha querida.
f) Tu, que não sabes o que fazes, diz-me: há lei nesta terra?
g) Um dia, meu bem, não haverá miséria.
h) Ele não deseja muita coisa: um emprego, uma casinha, uns trocados para uma viagem de vez em quando.

5 OS TERMOS ACESSÓRIOS, O VOCATIVO E A PONTUAÇÃO

Como vimos, os adjuntos adnominais fazem parte do termo sintático a que pertence o substantivo a que se ligam. Por isso, não devem ser separados por vírgula desse substantivo:
Os freqüentes termos de baixo calão do deputado governista evidenciam seu pleno despreparo.

Os adjuntos adverbiais podem ser separados por vírgula quando vêm após os verbos e seus complementos:
Encontrei alguns amigos, ontem à noite, na praça.
ou
Encontrei alguns amigos ontem à noite na praça.

Quando são antepostos ou intercalados, os adjuntos adverbiais devem ser obrigatoriamente separados por vírgulas. As vírgulas são dispensáveis quando o adjunto é de pequena extensão:
Ontem à noite, encontrei alguns amigos na praça.

Encontrei, durante aqueles dias de férias, alguns velhos amigos.
Amanhã virei ajudá-lo.
Ali se vendem esses produtos.

- nota da ledora: propaganda da Varig - apresentando na foto, um avião no chão, e na porta do mesmo a inscrição, em um toldo, de Hotel - no texto: - Nova Varig.
Aqui você não é passageiro. É hóspede. - fim da nota.

O aposto é separado do termo a que refere por vírgulas ou dois-pontos. Somente o aposto especificativo não é marcado por sinais de pontuação:
Seus olhos, duas bolas de pânico, impressionavam quem o via.

É imprescindível que o país adote duas diretrizes: distribuição de renda e reconstrução do ensino público.

Caetano Veloso, compositor consagrado, não suporta quem desrespeita sinal vermelho.

O compositor Caetano Veloso não suporta quem desrespeita sinal vermelho.

O vocativo deve ser sempre separado por vírgulas, qualquer que seja sua posição na frase:
Participem das decisões nacionais, cidadãos.

Cidadãos, participem das decisões nacionais.

Participação critica, cidadãos, é o caminho para um país melhor.

ATIVIDADES

Pontue adequadamente as frases seguintes. Em alguns casos, pontuar corretamente significa não usar qualquer sinal de pontuação.

a) O Brasil país que via seus jovens como garantia de um grande futuro parece ter optado por simplesmente eliminar boa parte desses jovens.

b) Acorde menino e vá ver a vida lá fora.

c) A cidadania essa ilustre desconhecida ainda passa ao largo de muitas mentes brasileiras.

d) Sob aquelas velhas árvores ali perto do poço repousam muitos dos meus sonhos.

e) Daqui a dois anos poderemos avaliar os efeitos dessas medidas.

f) Poderemos daqui a dois anos avaliar os efeitos dessas medidas.

g) Poderemos avaliar os efeitos dessas medidas daqui a dois anos.

h) Uma imensa nuvem de fumaça e poeira deverá atingir a capital filipina nas próximas horas.

i) Gostaria de saber o que está acontecendo Alfredo.

j) A reação mais sensata dos envolvidos teria sido escolher um advogado competente.

l) Tudo pode ser resumido numa única palavra incompetência.

m) Gilberto Gil músico e compositor continua criativo e iluminado.

n) O músico e compositor Gilberto Gil continua criativo e iluminado.

- nota da ledora: propaganda do Jornal da Tarde, e seus cadernos especiais, tais como: jornal dos testes, jornal dos seguros, jornal dos usados, jornal dos 0 Km., jornal dos esportivos, jornal das motos, jornal das oficinas, jornais das auto-peças. Jornal do Carro. Toda 4a. no JT.

TRABALHANDO O TEXTO

Qual o termo sintático que tem evidente destaque no texto? É possível justificar esse destaque levando-se em conta a construção do texto? Comente.

TRABALHANDO O TEXTO

- nota da ledora: propaganda da kibon com o seguinte texto: CHEGOU O KIBONBON ALFAJOR - se você pensa que vai resistir, está redondamente enganado. (foto ilustrativa
do sorvete, que tem o formado redondo e aparência de um pão de mel.) - fim da nota.

Dê a função sintática do termo redondamente. Como devemos interpretá-lo? Comente.

TRABALHANDO O TEXTO

Ternura

Eu te peço perdão por te amar de repente
Embora o meu amor seja uma velha canção nos teus ouvidos
Das horas que passei à sombra dos teus gestos
Bebendo em tua boca o perfume dos sorrisos
Das noites que vivi acalentado
Pela graça indizível dos teus passos eternamente fugindo
Trago a doçura dos que aceitam melancolicamente.
E posso te dizer que o grande afeto que te deixo
Não traz o exaspero das lágrimas nem a fascinação das promessas
Nem as misteriosas palavras dos véus da alma...
É um sossego, uma unção, um transbordamento de carícias
E só te pede que te repouses quieta, muito quieta
E deixes que as mãos cálidas da noite encontrem sem fatalidade o olhar extático
da aurora.
(MORAE5, Vinicius de. Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1986. p. 155-6.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Qual a função sintática da expressão "de repente"?
2. Morfologicamente, como se classifica essa expressão? E possível trocá-la por uma só palavra, equivalente. Qual é?
3. As expressões "dos sorrisos", "das lágrimas", "das promessas", "da noite" e "da aurora" têm, todas, a mesma função sintática. Diga qual é.
4. A quem se refere o termo quieta do trecho "que te repouses quieta"? Qual sua função sintática?
5. Retire do texto dois adjuntos adverbiais de modo não formados por locuções.
6. Qual a função sintática exercida pelo adjetivo extático? A qual locução adjetiva corresponde?
7. Qual a função sintática do adjetivo indizível? Substitua-o por uma expressão equivalente.
8. A leitura do poema permite compreender por que, apesar de ser uma velha canção nos ouvidos da amada, o amor é repentino? Comente.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1 (ESAL-SP) Não está corretamente analisado o seguinte termo em destaque:
a) "Ser livre é ampliar a órbita (da vida)." (adjunto adnominal)
b) "Por ela se tem até morrido (com alegria e felicidade)." (adjunto adverbial)
c) "Ser livre é renunciar (à própria condição humana)." (objeto indireto)
d) "Deve existir nos homens (um sentimento profundo)." (obieto direto)
e) "Ser livre - como dizia (o famoso conselheiro) - é não ser escravo." (sujeito)

2 (PUCSP) Nas estrofes:
"Tu não verás, Marília, cem cativos tirarem o cascalho e a rica terra, ou dos cercos dos rios caudalosos, ou da minada serra."
e

"Não verás separar ao hábil negro do pesado esmeril a grossa areia, e já brilharem os granetes de oiro no fundo da bateia."
há idéia de lugar em:
a) cascalho, terra, areia.
b) serra, granetes de oiro, areia.
c) rios, serra, bateia.
d) cascalho, serra, areia.
e) rios, cascalho, areia.

3 (PUCSP) No período:
"Ele (me) cobre de glórias e (me) faz (magnífico)", os termos destacados têm, respectivamente, as funções sintáticas de:
a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto,
b) objeto indireto, objeto indireto, predicativo do sujeito.
c) adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto.
d) objeto direto, objeto direto, predicativo do objeto.
e) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto.

4 (FUVEST-SP) Nos enunciados abaixo, há adjuntos adnominais e apenas um complemento nominal. Assinale a alternativa que contém o complemento nominal.
a) faturamento das empresas
b) ciclo de graves crises
c) energia desta nação
d) história do mundo
e) distribuição de poderes e renda

5 (PUCC-SP) Só pessoas (sem visão) não admitem que, neste setor, existe (oferta) considerada condizente (com a procura).
Assinale a alternativa em que se apresenta corretamente a função sintática dos termos destacados, respeitando-se a ordem em que eles ocorrem no período.
a) adjunto adnominal, objeto direto, complemento nominal
b) adjunto adverbial, objeto direto, adjunto adnominal
c) adjunto adnominal, sujeito, complemento nominal
d) adjunto adverbial, sujeito, complemento nominal
e) adjunto adnominal, objeto direto, adjunto adnominal

6 (PUCSP) Indique a alternativa que apresenta, respectivamente, as funções sintáticas das expressões destacadas nos versos:
"Amo-te, (ó rude e doloroso idioma)"
"És, a um tempo, (esplendor e sepultura)"
a) objeto direto, objeto direto
b) sujeito, vocativo
c) aposto, sujeito
d) vocativo, predicativo do sujeito
e) predicativo do objeto, predicativo do sujeito

7 (PUCSP) Nos versos:
"E em que Camões chorou no exílio amargo,
O gênio sem (ventura) eu amor (sem brilho)"
as expressões destacadas têm, respectivamente, funções sintáticas de:

a) adjunto adverbial de modo, adjunto adverbial de modo.
b) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito.
c) complemento nominal, complemento nominal.
d) adjunto adnominal, predicativo do sujeito.
e) adjunto adnominal, adjunto adnominal.

8 (PUCSP) Nos trechos:
"E fui eu que (o) descobri"
"Veja, murmurou (o) mineiro..." e
"Vou-(lhe) mostrar..."
as palavras destacadas têm, respectivamente, funções de:
a) objeto direto, adjunto adnuminal, objeto indireto.
b) objeto direto, objeto direto, objeto indireto.
c) adjunto adnominal, adjunto adnominal, adjunto adverbial.
d) adjunto adnominal, adjunto adnuminal, objeto direto.
e) objeto indireto, objeto direto, objeto indireto.

9 (PUCSP) No trecho que a seguir transcrevemos, há vários pronomes:
"Com esta história eu vou me sensibilizar, e bem sei que cada dia é um dia roubado da morte. Eu não sou um intelectual, escrevo com o corpo. E o que escrevo é uma névoa úmida."
a) Identifique, nele, dois pronomes demonstrativos, um pronome pessoal do caso reto e um pronome pessoal do caso oblíquo.
b) Dê suas respectivas funções sintáticas.

10 (UNIMEP-SP)
I. Ele é muito simpático.
II. Ela trabalhou muito pouco.
III. Há muito livro interessante.
Muito é:
a) adjunto adverbial em I e II e adjunto adnominal em III.
b) adjunto adverbial em I e adjunto adnominal em ll e III.
c) adjunto adverbial em II e adjunto adnominal em I e III.
d) adjunto adverbial em I,II e III.
e) adjunto adnominal em I, II e III.

11 (VUNFSP) "Os colegas - o equilibrista, aqueles dois que conversavam em voz baixa, todos enfim - sabiam de sua história e não haviam preparado a mínima homenagem."
Na frase acima, o travessão é empregado para:
a) destacar o aposto e deixar claro o nexo entre o sujeito e o predicado.
b) indicar mudança de interlocutor.
c) indicar a coordenação entre os diferentes núcleos do sujeito composto.
d) assinalar uma retificação do que se disse anteriormente, no início da frase.
e) realçar ironicamente o valor significativo da palavra colegas.

12 (VUNESP) "Não foi ausência (por uma semana): o batom ainda no lenço, o prato na mesa (por engano), a imagem de relance no espelho."
Os termos destacados analisam-se, respectivamente, como:
a) agente da passiva e objeto indireto.
b) adjunto adverbial de tempo e adjunto adnominal.

c) adjunto adverbial de tempo e adjunto adverbial de causa.
d) predicativo do sujeito e predicativo do objeto.
e) complemento nominal e agente da passiva.

13 (FUVEST) Assinalar a oração que começa com um adjunto adverbial de tempo.
a) Com certeza havia um erro no papel do branco.
b) No dia seguinte Fabiano voltou à cidade.
c) "Na porta, (...) enganchou as rosetas das esporas..."
d) Não deviam tratá-lo assim.
e) O que havia era safadeza.

14 (UNICAMP-SP) A leitura literal do texto abaixo produz um efeito de humor:
"As videolocadoras de São Carlos estão escondendo suas fitas de sexo explícito.
A decisão atende a uma portaria de dezembro de 91,do juizado de Menores, que proibe que as casas de vídeo aluguem, exponham e vendam fitas pornográficas a menores de 18 anos. A portaria proibe ainda os menores de 18 anos de irem a motéis e rodeios sem a companhia ou autorização dos pais." (Folha Sudeste, 5 jun. 1992.)
a) Transcreva a passagem que produz efeito de humor.
b) Qual a situação engraçada que essa passagem permite imaginar?
c) Reescreva o trecho de forma a impedir tal interpretação.

15 (UNICAMP-SP) O comentário seguinte faz parte de uma reportagem sobre o decreto assinado este ano pelo presidente José Sarney, tornando eliminatórios, no vestibular, os exames de língua portuguesa e de redação:
"Os estudantes que pretendem ingressar na Unicamp, no próximo vestibular, concordam com o decreto do governo. Estão reclamando, apenas, que a Universidade de Campinas está exigindo a leitura de um livro que entrará no exame inexistente no Brasil: A confissão de Lúcio, Mário de Sá-Carneiro. (Isto é Senhor, 991,14 set. 1988.)
Conforme redigido, o texto contém uma passagem ambígua (que pode ter mais de uma interpretação). Identifique essa passagem, transcreva-a e explique por que ela é ambígua. Em seguida, reescreva-a de forma a tornar clara a interpretação pretendida pela revista.

16 (VUNESP) Em "... (com as últimas chuvas, o verde) rebentou (verdíssimo)", identifique as funções sintáticas dos segmentos em des taque.

17 (UNIMEP-SP) Em: "... as empregadas das casas saem (apressadas), de latas e garrafas na mão, para a pequena fila (de leite)", os termos destacados são, respectivamente:
a) adjunto adverbial de modo e adjunto adverbial de matéria.
b) predicativo do sujeito e adjunto adnominal.
c) adjunto adnuminal e complemento nominal.
d) adjunto adverbial de modo e adjunto adnominal.
e) predicativo do objeto e complemento nominal.

18 (UNIMEP-SP) "Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a constituição tradicional da família, (célula da sociedade)." O termo destacado é:
a) complemento nominal.
b) vocativo.
c) agente da passiva.

d) objeto direto.
e) aposto.

19 (UFV-MG)
"Cessa (o estrondo das cachoeiras), e com ele A memória (dos índios), pulverizada,)a' não desperta o (mínimo arrepio)." (Carlos Drummond de Andrade) No texto acima, as expressões destacadas são, respectivamente:
a) sujeito, complemento nominal, objeto direto.
b) sujeito, adjunto adnominal, objeto direto.
c) objeto direto, adjunto adnominal, sujeito.
d) objeto direto, complemento nominal, objeto direto.
e) adjunto adverbial, objeto indireto, sujeito.

20 (UEL-PR) Ainda que surgissem poucos (recursos) para o projeto, todos mostravam-se satisfeitos com a boa vontade (do chefe). As palavras destacadas no período exercem, respectivamente, a função sintática de:
a) objeto direto, complemento nominal.
b) sujeito, objeto indireto.
c) objeto direto, adjunto adnominal.
d) objeto direto, objeto indireto.
e) sujeito, adjunto adnominal.

21 (UFSC) Observe os períodos abaixo e assinale a alternativa em que lhe é adjunto adnominal.
a) "... anuncíou-lhe: Filho, amanhã vais comigo."
b) O peixe caiu-lhe na rede.
c) Ao traidor, não lhe perdoaremos jamais.
d) Comuniquei-lhe o fato ontem pela manhã.
e) Sim, alguém lhe propôs emprego.

22 (UM-SP) Em "Aeromoça na burocracia me dá idéia de um pé de gerânio intimado a viver e florir dentro de um armário fechado."
as expressões "de um pé" e "de gerânio" são, respectivamente:
a) adjunto adnominal, complemento nominal.
b) complemento nominal, adjunto adnominal.
c) objeto indireto, complemento nominal.
d) adjunto adnominal, adjunto nominal.
e) complemento nominal, complemento nominal.

23 (ESPM-SP) "Continental 2001 Grand Prix II:
nossa homenagem (ao bom gosto da mulher brasileira)." As expressões destacadas são, respectivamente:
a) sujeito, complemento nominal.
b) complemento nominal, sujeito.
c) adjunto adnominal, objeto direto.
d) complemento nominal, complemento nominal.
e) complemento nominal, adjunto adnominal.

24 (FCMSCSP) Examinar as três frases abaixo:
I. Comumente a ira se acende com sentimentos desumanos.

II. No campo reina a paz.
III. Ao sétimo dia, quando bateu, por volta da meia-noite, à porta da residência, ouviu rebuliço extraordinário.
Assinalar a alternativa correta quanto à existência de adjunto adverbial.
a) Não existe em nenhuma.
b) Existe nas três.
c) Existe apenas em 1.
d) Existe em II e III.
e) Existe apenas em III.

25 (UFPeI-RS) Preencha os parênteses da segunda coluna de acordo com o resultado da analise dos termos destacados na primeira.
a) Permanecemos todos (calados).
b) Diz-me, (meu filho), que fizeste hoje.
c) (Este) vaso é o teu presente. "
d) Dera-lhe tudo: (casa, roupa, comida).
e) Aquele desastre foi feito (por ele).
f) Temos necessidade (de ajuda).
g) Ele chorou (de covarde).
h) Elegeram-no (governador).
i) Os pagãos (lhe) deram um tesouro.
( ) complemento nominal
( ) aposto
( )objeto direto
( ) Objeto indiretO
( ) predicativo do sujeito
( ) predicativo do objeto direto
( ) adjunto adnominal
( )vocativo
( ) agente da passiva
( ) adjunto adverbial

26 (FEI-SP) Resolva as questões a seguir conforme o código que segue.
a) adjunto adverbial de lugar
b) adjunto adverbial de tempo
c) adjunto adverbial de mudo
d) adjunto adverbial de causa
I. (Segunda-feira) haverá um jogo importante.
II. (Com o mau tempo) não podemos trabalhar ao relento.
III. O livro foi acolhido (com entusiasmo) pelos leitores.
IV. O automóvel parou (perto do rio).

27 (UEM-PR) O Brasil (jovem) está "curtindo" (o vestibular). Os termos destacados são, respectivamente:
a) adjunto adverbial e objeto direto.
b) predicativo do sujeito e objeto direto.
c) adjunto adnominal e complemento nominal.
d) adjunto adoominal e objeto direto.
e) adjunto adverbial e predicativo do sujeito.

28 (ltajubá-MG) Em todas as orações o termo destacado está analisado corretamente, exceto em:
a) Existe, nesta cidade, (um carpinteiro). (objeto direto)
b) É importante (o apoio dos operários). (sujeito)
c) Já tínhamos certeza (da derrota). (complemento nominal)
d) O estudante permaneceu (inalterável). (predicativo)
e) Renato, (o engenheiro), logo protestou. (aposto)

29 (F. C. ChagasS-BA> Analise o termo destacado:
"Uniu-se à melhor das noivas, a (Igreja), e oxalá vocês se amem tanto."
a) aposto
b) adjunto adnominal
c) adjunto adverbial
d) pleonasmo
e) vocativo

CAPÍTULO 22

ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

- nota da ledora: fotografia de vista de estrada de ferro, onde vemos duas mãos se segurando na porta, e os trilhos e vegetação do lado de fora do trem. Pelo ângulo da foto, percebe-se que a mesma foi tirada de dentro do trem. Ao lado, o texto:
Trago as mãos calejadas de vida, e nelas sinto, indiferente, unhas crescendo passageiras.
- mais abaixo, o mesmo texto em ingles: I bring in my hands, marks of handened life and in them I feel, unconcernedly, these nails fleetingly developing.
- fim da nota.

Neste capítulo, você começará a estudar a sintaxe do período composto. Poderá observar os processos sintáticos da subordinação e da coordenação, os tipos de orações subordinadas e, mais detalhadamente, as orações subordinadas substantivas. No poema acima, ocorrem duas orações coordenadas ("Trago as mãos caiejadas de vida / E nelas sinto, indiferente, unhas") e uma subordinada ("crescendo passageiras.").
O estudo do período composto consiste fundamentalmente em investigar as relações que se estabelecem entre orações que pertencem a um mesmo período.
Neste capítulo, você verá que as orações que atuam sintaticamente como um substantivo são chamadas de orações subordinadas substantivas.

1 CONCEITO BÁSICO

Você já sabe que período é uma frase organizada em orações. Já sabe também que no período simples existe apenas uma oração, chamada absoluta, e que no período composto existem duas ou mais orações. Essas orações podem se relacionar por meio de dois processos sintáticos diferentes: a subordinação e a coordenação .
Na subordinação, um termo atua como determinante de um outro termo. Essa relação se verifica, por exemplo, entre um verbo e seus complementos: os complementos são determinantes do verbo, integrando sua significação. Consequentemente, o objeto direto e o objeto indireto são termos subordinados ao verbo, que é o termo subordinante.

Outros termos subordinados da oração são os adjuntos adnominais (subordinados ao nome que caracterizam) e os adjuntos adverbiais (subordinados geralmente a um verbo).
No período composto, considera-se subordinada a oração que desempenha função de termo de outra oração, o que equivale a dizer que existem orações que atuam como determinantes de outras orações. Observe:
Percebeu que os homens se aproximavam.

Esse período composto é formado por duas orações: a primeira estruturada em torno da forma verbal percebeu; a segunda, em torno da forma verbal aproximavam.
A análise da primeira oração permite constatar de imediato que seu verbo é transitivo direto (perceber algo). O complemento desse verbo é, no caso, a oração "que os homens se aproximavam" . Nesse período, a segunda oração funciona como objeto direto do verbo da primeira. Na verdade, o objeto direto de percebeu é "que os homens se aproximavam".

A oração que cumpre papel de um termo sintático de outra é subordinada; a oração que tem um de seus termos na forma de oração subordinada é a principal. No caso do exempIo dado, a oração "Percebeu" é principal; "que os homens se aproximavam" e oração subordinada. Diz-se, então, que esse período é composto por subordinação.

Ocorre coordenação quando termos de mesma função sintática são relacionados entre si. Nesse caso, não se estabelece uma hierarquia entre esses termos, pois eles são sintaticamente equivalentes. Observe:
Brasileiros e portugueses devem agir como irmãos.
Nessa oração, o sujeito composto "brasileiros e portugueses", adjetivos substantivados, apresenta dois núcleos coordenados entre si: os dois substantivos desempenham um mesmo papel sintático na oração.

No período composto, a coordenação ocorre quando orações sintaticamente equivalentes se relacionam. Observe:
Comprei o livro, li os poemas e fiz o trabalho.
Nesse período, há três orações, organizadas a partir das formas verbais comprei, li e fiz.
A análise dessas orações permite perceber que cada uma delas é sintaticamente independente das demais: na primeira, ocorre um verbo transitivo direto (comprar) acompanhado de seu respectivo objeto direto ("o livro"); na segunda, o verbo ler, também transitivo direto, com o objeto direto "os poemas"; na terceira, outro verbo transitivo direto, fazer, com o objeto direto "o trabalho". Nenhuma das três orações desempenha papel de termo de outra. São orações sintaticamente independentes entre si e, por isso, coordenadas. Nesse caso, o período é composto por coordenação. Note que a ordem das orações é fixada por uma questão semântica e não sintática (os fatos indicados pelas orações obedecem à ordem cronológica).
Existem períodos compostos em que se verificam esses dois processos de organização sintática, ou seja, a subordinação e a coordenação. Observe:
Percebi que os homens se aproximavam e saí em desabalada carreira.
Nesse período, há três orações, organizadas respectivamente a partir das formas verbais percebi, aproximavam e sai.
A oração organizada em torno de percebi tem como objeto direto a oração "que os homens se aproximavam" (perceber algo); "que os homens se aproximavam",

portanto, é oração subordinada a percebi. Entre as orações organizadas em torno de percebi e saí, a relação é de coordenação, já que uma não desempenha papel de termo da outra. O período é composto por coordenação e subordinação.

ATIVIDADES

1. Nas orações seguintes, indique se os termos destacados são subordinados ou coordenados e explique por quê.
a) (O presidente e o governador) irão à Europa.
b) (Hoje) não será possível circular (pelo centro da cidade).
c) Considero o filme (brilhante, profundo, revolucionário).
d) Queremos (o país civilizado e o povo mais feliz).
e) (Cinema, futebol, boa conversa, nada) o animava.

2. Observe os períodos compostos seguintes e indique os processos sintáticos pelos quais as orações se relacionam.
a) Ninguém sabe se ela vai aceitar o convite.
b) Informe aos presentes que a reunião será cancelada.
c) Vá ao banco, pague as contas e traga os comprovantes.
d) Vá ao banco, pague as contas e prove a todos que você é capaz de honrar seus compromissos.

2 TIPOS DE ORAÇÕES SUBORDINADAS

As orações subordinadas se dividem em três grupos, de acordo com a função sintática que desempenham e a classe de palavras a que equivalem. Podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais. Mais uma vez, valem os conceitos morfossintáticos, que, como você já sabe, combinam a morfologia e a sintaxe.

Para notar as diferenças que existem entre esses três tipos de orações, tome como base a análise de um período simples:

Só depois disso percebi a profundidade das palavras dele.

Nessa oração, o sujeito é eu, implícito na terminação verbal. "A profundidade das palavras dele" é objeto direto da forma verbal percebi. O núcleo do objeto direto é profundidade. Subordinam-se ao núcleo desse objeto os adjuntos adnominais a e "das palavras dele". No adjunto adnominal "das palavras dele", o núcleo é o substantivo palavras, ao qual se prendem os adjuntos adnominais as e dele. "Só depois disso" é adjunto adverbial de tempo.

É possível transformar a expressão "a profundidade das palavras dele", objeto direto, em oração. Observe:

Só depois disso percebi que as palavras dele eram profundas.

Nesse período composto, o complemento da forma verbal percebi é a oração "que as palavras dele eram profundas". Ocorre aqui um período composto por subordinação, em que uma oração desempenha a função de objeto direto do verbo da outra. O objeto direto é uma função substantiva da oração, ou seja, é função desempenhada por substantivos e palavras de valor substantivo. E natural, portanto, que a oração subordinada que desempenha esse papel seja chamada de oração subordinada substantiva.

Pode-se também modificar o período simples original transformando em oração o adjunto adnominal do núcleo do objeto direto, profundidade. Observe:
Só depois disso percebi a profundidade que as palavras dele continham.
Nesse período, o adjunto adnominal de profundidade passa a ser a oração "que as palavras dele continham". Você já sabe que o adjunto adnominal é uma função adjetiva da oração, ou seja, é função exercida por adjetivos, locuções adjetivas e outras palavras de valor adjetivo. E por isso que são chamadas de subordinadas adjetivas as orações que, nos períodos compostos por subordinação, atuam como adjuntos adnominais de termos das orações principais.

Outra modificação que podemos fazer no período simples original é a transformação do adjunto adverbial de tempo em uma oração. Observe:
Só quando cai em mim, percebi a profundidade das palavras dele.
Nesse período composto, "só quando caí em mim" é uma oração que atua como adjunto adverbial de tempo do verbo da outra oração. O adjunto adverbial é uma função adverbial da oração, ou seja, é função exercida por advérbios e locuções adverbiais. Portanto, são chamadas de subordinadas adverbiais as orações que, num período composto por subordinação, atuam como adjuntos adverbiais do verbo da oração principal.

- nota da ledora: propaganda da revista playboy, comemorando o prêmio colunista do ano de São Paulo, com uma folha em branco, e apenas o texto em letras pretas: - A gente nem tem roupa para receber o prêmio. - juntamente com o coelhinho, logotipo da Playboy.
- fim da nota.

"para receber o prêmio." e, quanto à forma, uma oraçao subordinada adverbial reduzida, pois apresenta o verbo numa forma nominal (no caso, o infinitivo) e não é introduzida por conjunção ou pronome relativo.

É fácil perceber, assim, que a classificação das orações subordinadas decorre da combinação da função sintática que exercem com a classe de palavras que representam, ou seja, é a morfossintaxe que determina a classificação de cada oração subordinada. São subordinadas substantivas as que exercem funções substantivas (sujeito, objeto direto e indireto, complemento nominal, aposto, predicativo). São subordinadas adjetivas as que exercem funções adjetivas (atuam como adjuntos adnominais). São subordinadas adverbiais as que exercem funções adverbiais (atuam como adjuntos adverbiais, expressando as mais variadas circunstâncias).

Quanto à forma, as orações subordinadas podem ser desenvolvidas ou reduzidas. Observe:
Suponho que seja ela a mulher ideal.
Suponho ser ela a mulher ideal.
Nesses dois períodos compostos há orações subordinadas substantivas que atuam como objeto direto da forma verbal suponho. No primeiro período, a oração é "que seja ela a mulher ideal". Essa oração é introduzida por uma conjunção subordinativa (que) e apresenta uma forma verbal do presente do subjuntivo (seja). Trata-se de uma oração subordinada desenvolvida. Assim são chamadas as orações subordinadas que se organizam a partir de uma forma verbal do modo indicativo ou do subjuntivo e que são

introduzidas, na maior parte dos casos, por conjunção subordinativa ou pronome relativo.

No segundo período, a oração subordinada "ser ela a mulher ideal" apresenta o verbo numa de suas formas nominais (no caso, infinitivo) e não é introduzida por conjunção subordinativa ou pronome relativo. Justamente por apresentar uma peça a menos em sua estrutura, essa oração é chamada de reduzida. As orações reduzidas apresentam o verbo numa de suas formas nominais (infinitivo, gerúndio ou particípio) e não apresentam conjunção ou pronome relativo (em alguns casos, são encabeçadas por preposições).

ATIVIDADES

Transforme os períodos simples seguintes em períodos compostos por subordinação, substituindo os termos destacados por orações que de sempenhem a mesma função sintática.

a) Sugeri ao prefeito (a suspensão da cobrança do imposto).
b) Lembro com saudade os bons momentos (da infância).
c) (Apesar da existência de provas incontestáveis), o réu foi absolvido.
d) Ninguém quer que se chegue a uma crise (insuperável).
e) Pedi a (liberação de mais recursos).
f) (Durante o dia), nada foi feito.

3 ESTUDO DAS ORAÇÕES SUBOORDINADDAS SUBSTANTIVAS

Como você já viu, as orações subordinadas substantivas desempenham funções que no período simples normalmente são desempenhadas por substantivos. As orações substantivas podem atuar como sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo e aposto. Por isso são chamadas, respectivamente, de subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, completivas nominais, predicativas e apositivas.

Essas orações podem ser desenvolvidas ou reduzidas. As desenvolvidas normalmente se ligam à oração principal por meio das conjunções subordinativas integrantes que e se. As reduzidas apresentam verbo no infinitivo e podem ou não ser encabeçadas por preposição.

SUBJETIVAS

As orações subordinadas substantivas subjetivas atuam como sujeito do verbo da oração principal. Observe:

É fundamental o seu comparecimento à reunião.
É fundamental que você compareça à reunião.
É fundamental você comparecer à reunião.

O primeiro período é simples. Nele, "o seu comparecimento à reunião" é sujeito da forma verbal é. Na ordem direta é mais fácil constatar isso: "O seu comparecimento à reunião é fundamental". Nos outros dois períodos, que são compostos, a expressão "o seu comparecimento a reunião" foi transformada em oração ("que você compareça a reunião" e "você comparecer à reunião"). Nesses períodos, as orações destacadas são subjetivas, já que desempenham a função de sujeito da forma verbal é. A oração "você comparecer à reunião", que não é introduzida por conjunção e tem o verbo no infinitivo, é reduzida.

Quando ocorre oração subordinada substantiva subjetiva, o verbo da oração principal sempre fica na terceira pessoa do singular. As estruturas típicas da oração principal nesse caso são:
a) verbo de ligação + predicativo - é bom..., é conveniente..., é melhor..., é claro..., está comprovado..., parece certo..., fica evidente..., etc. Observe os exemplos:
É preciso que se adotem providências eficazes.
Parece estar provado que soluções mágicas não funcionam.

b) verbo na voz passiva sintética ou analítica - sabe-se..., soube-se..., comenta-se..., dir-se-ia..., foi anunciado..., foi dito..., etc. Exemplos:
Sabe-se que o país carece de sistema de saúde digno.
Foi dito que tudo seria resolvido por ele.

c) verbos como convir, cumprir, acontecer, importar, ocorrer, suceder, parecer, constar, urgir, conjugados na terceira pessoa do singular. Exemplos:
Convém que você fique.
Consta que ninguém se interessou pelo cargo.
Parece ser ela a pessoa indicada.

- nota da ledora: anúncio de campanha contra as drogas, apresentando um grande quadro negro e, dentro dele, um quadro bem pequeno, a ponto de não se conseguir ler, com uma seta que o destaca e o coloca em evidência do lado de fora, do grande quadro negro, onde podemos ler, em destaque: - Quem usa drogas experimenta novas sensações. Solidão, angústia e depressão, por exemplo.
- fim da nota.

Muitos autores consideram que o relativo quem deve ser desdobrado em "aquele que" (como já vimos na página 295). Tem-se, assim, um relativo (que), que introduz oração adjetiva. Outros autores preferem entender que "Quem usa drogas" é o efetivo sujeito de experimenta. Esta nos parece a melhor solução.

OBJETIVAS DIRETAS

As orações subordinadas substantivas objetivas diretas atuam como objeto direto do verbo da oração principal:
Todos querem que você compareça.
Suponho ser o Brasil o país de pior distribuição de renda no mundo.
Nas frases interrogativas indiretas, as orações subordinadas substantivas objetivas diretas podem ser introduzidas pela conjunção subordinativa integrante se e por pronomes ou advérbios interrogativos. Observe:
Ninguém sabe / se ela aceitará a proposta. / como a máquina funciona. / onde fica o teatro. / quanto custa o remédio. / quando entra em vigor a nova lei. / qual é o assunto da palestra.
Com os verbos deixar, mandar, fazer (chamados auxiliares causativos) e ver, sentir, ouvir, perceber (chamados auxiliares sensitivos) ocorre um tipo interessante de oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo. Observe:
Deixe-me repousar.
Mandei-os sair.

Ouvi-o gritar.
Nesses casos, as orações destacadas são todas objetivas diretas reduzidas de infinitivo. E, o que é mais interessante, os pronomes oblíquos atuam todos como sujeitos dos infinitivos verbais. Essa é a única situação da língua portuguesa em que um pronome oblíquo pode atuar como sujeito. Para perceber melhor o que ocorre, convém transformar as orações reduzidas em orações desenvolvidas:
Deixe que eu repouse.
Mandei que eles saíssem.
Ouvi que ele gritava.
Nas orações desenvolvidas, os pronomes oblíquos foram substituídos pelas formas retas correspondentes. É fácil perceber agora que se trata, efetivamente, dos sujeitos das formas verbais das orações subordinadas.

OBJETIVAS INDIRETAS

As orações subordinadas substantivas objetivas indiretas atuam como objeto indireto do verbo da oração principal:
Duvido de que esse prefeito dê prioridade às questões sociais.
Lembre-se de comprar todos os remédios.

COMPLETIVAS NOMINAIS

As orações subordinadas substantivas completivas nominais atuam como complemento de um nome da oração principal:
Levo a leve impressão de que já vou tarde.
Tenho a impressão de estar sempre no mesmo lugar.
Observe que as objetivas indiretas integram o sentido de um verbo, enquanto as completivas nominais integram o sentido de um nome. Para distinguir uma da outra, é necessário levar em conta o termo complementado. Essa é, aliás, a diferença entre o objeto indireto e o complemento nominal: o primeiro complementa um verbo; o segundo, um nome. Nos exemplos dados acima, as orações subordinadas complementam o nome impressão.

PREDICATIVAS

As orações subordinadas substantivas predicativas atuam como predicativo do sujeito da oração principal:
A verdade é que ele não passava de um impostor.
Nosso desejo era encontrares o teu caminho.

APOSITIVAS

As orações subordinadas substantivas apositivas atuam como aposto de um termo da oração principal:
De você espero apenas uma coisa: que me deixe em paz.
Só resta uma alternativa: encontrar o remédio.

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÃO:
Num período composto, [e normal que um conjunto de orações subordinadas substantivas crie uma unidade sintática e semântica. Verifique o que ocorre no seguinte período:
É fundamental que você demonstre que é favorável a queo o contratem .

Qual o sujeito da forma verbal é? Responder a essa pergunta equivale a dizer o que é fundamental para quem fez a afirmação contida na frase. E a resposta é longa: "que você demonstre que é favorável a que o contratem"- afinal, é isso que é fundamental para quem fez a afirmação. Como classificar o bloco? Na verdade o bloo todo funciona como sujeito da forma verbal é, mas não pode dizer que tudo isso seja uma oração subordinada substantiva subjetiva, já que há no trecho tres orações. Deve-se dizer que o núcleo do sujeito da forma verbal é é a oração " que você demonstre", cujo verbo (demonstre) é transitivodireto; seu objeto direto é " que é favorável a que o contratem ", cujo núcleo é " que é favorável ". O nome favorável, por sua vez, é complementado pela oração " a que o contratem ", oração subordinada substantiva completiva nominal.

Você pode achar isso tudo meio complicado, mas é necessário ver a fundo como rações subordinadas substantivas podem constituir unidades sintático-semânticas.
- fim do quadro.

ATIVIDADES
1. Transforme os termos destacados nos períodos seguintes em orações subordinadas substantivas. Depois, compare a frase original com a frase que você obteve, considerando dados como clareza, síntese, elegância.
a) Pressenti (sua chegada).
b) O sucesso do proieto depende (do teu esforço).
c) Sou contrário (à condenação do réu).
d) O importante é (a sobrevivência da nossa emoção).
e) Não preciso (de sua ajuda).
f) Anunciaram (a tua saída).
g) Lamento (vosso pouco interesse pelo projeto).

2. Classifique as orações subordinadas substantivas destacadas nos períodos seguintes.
a) Ocorre (que o país necessita da reforma agrária).
b) Comenta-se (que o país necessita da reforma agrária).
c) Nao negue (que o país necessita da reforma agrária).
d) É óbvio (que o país necessita da reforma agrária).
e) O fato é (que o país necessita da reforma agrária).
f) Tenho certeza (de que o país necessita da reforma agrária).
g) Não se pode duvidar (de que o país necessita da reforma agrária).
h) Faço uma afirmação : (que o país necessita da reforma agrária).

3. Observe atentamente os dois períodos compostos seguintes e indique a diferença de sentido que há entre eles.
Diga se você me quer.
Diga que você me quer.

4 PONTUAÇÃO DAS SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

A pontuação dos períodos compostos em que surgem orações subordinadas substantivas segue os mesmos princípios que se adotam no período simples para as funções sintáticas a que essas orações equivalem:

- A vírgula não deve separar da oração principal as orações subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, completivas nominais e predicativas - afinal, sujeitos, complementos verbais e nominais não são separados por vírgula dos termos a que se ligam. O mesmo critério se aplica para o predicativo nos predicados nominais.
- A oração subordinada substantiva apositiva deve ser separada da oração principal por vírgula ou doís-pontos, exatamente como ocorre com o aposto:

O boato, de que o presidente renunciaria, espalhou-se rapidamente.
Imponho-lhe apenas uma tarefa: que administre bem o dinheiro público.

- nota da ledora: - quatro quadrinhos, na página : os quadrinhos, não teem em seus desenhos nada que justifiquem o diálogo que se seguirá, talvez porisso o título dos quadrinhos seja Intuindo. No primeiro quadro aparece um coração, em uma tela e a seguinte mensagem: no meio do amor ele pergunta:- você acha que eu tenho pouco músculo? - segundo quadrinho: um disco voador no espaço, cheio de ET: - ela responde que não e pergunta, no terceito quadrinho, que parece ser uma chaleira no fogo: - você acha que eu sou pelancuda?, no quarto quadrinho tem o desenho de um rolo de papel, aparentemente higiênico, e: - ele responde que não.

Em todos os quadrinhos acima, temos orações subordinadas substantivas objetivas diretas. Todas, estão corretamente pontuadas: não há vírgulas separando-as das respectivas orações principais.

- nota da ledora: quadrinho representando uma cidade espacial e o seguinte texto: - E concluem que o bom do amor é que ele não acha muito.
Para concluir, a pontuação se mantém corretíssima nas duas substantivas finais: a objetiva direta e a predicativa.

ATIVIDADES

Pontue adequadamente as frases seguintes. Leve em conta a possibilidade de não usar nenhum sinal de pontuação.

a) Sempre me pede que o auxilie que interceda em seu favor que faça as coisas por ele.
b) Não duvido de que tudo possa ser resolvido por um simples aperto de mão.
c) Em sua canção "Imagine" Lennon manifestava um sonho que a humanidade vivesse em paz.
d) Não surpreende constatar que muitos brasileiros ainda imaginam ser possível resolver os graves problemas do país com promessas demagágicas.
e) "Existirmos a que será que se destina?"
f) Quero apenas uma coisa que você faça o que lhe convier.
g) Não existe a menor possibilidade de que ele se interesse pelos problemas das classes menos favorecidas.
h) Informamos a todos os interessados que José Joaquim Xavier Sampaio de Andrade é funcionário da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos desde 1988.

TEXTOS PARA ANÁLISE

Democracia e desamor

Sao Paulo Sábado à tarde, Caracas, Venezuela: o taxista que me leva do aeroporto ao hotel faz um veemente discurso contra a democracia. Chega ao ponto de responsabilizar o sistema democrático pelo contraste entre a imensa riqueza petrolífera do país e a miséria de uma fatia ponderável da população (50% dos venezuelanos vivem hoje abaixo da chamada linha de pobreza).

Domingo de manhã, Caracas: saio para comprar jornais e, no semáforo da esquina, uma mulher, cuja roupa denuncia ser ela de classe média baixa, desanda a falar mal dos militares golpistas. Imagino que vá me fazer recuperar a fé no vigor do sentimento democrático dos venezuelanos. Engano. Ela critica nos rebeldes não o fato de terem tentado um golpe, mas o de terem se rendido. "Faltam 'huevos' a esse pessoal", diz, usando a gíria em castelhano para o símbolo da virilidade.

Os puristas dirão que a amostragem é insuficiente, o que é verdade, mas persiste o fato de que, nas ruas de Caracas, a democracia encontra raros defensores. É desolador verificar que a democracia se tornou um ente mal-amado justamente no raro momento da história latino-americana em que vigora na grande maioria dos países do subcontinente.

Desolador, injustificável, mas compreensível. Enquanto o taxista fala mal da democracia, o carro serpenteia pelos morros de Caracas, nos quais se pendura um crescente número de "ranchitos", versão venezuelana (melhorada) das favelas brasileiras, olhando para os arranha-céus lá embaixo, que simbolizam a opulência da Venezuela chamada "saudita", formando um contraste tão formidável como o que existe no Rio de Janeiro.

A verdade é que a América Latina dos anos 80-90 acabou dando razão póstuma aos marxistas quando diziam que a democracia era uma coisa formal (ou burguesa). Com ela, pode-se votar e ser votado, tem-se todo o direito de reunião e de expressão e todas as demais liberdades públicas.

Falta demonstrar que a democracia é também capaz de permitir que as massas de marginalizados melhorem de vida. Sem essa prova, ela será cada vez mais mal-amada.
(ROSSI, Clóvis,. ln: FoIha de S. Paulo, 2 dez. 1992.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Aponte as orações subordinadas substantivas desenvolvidas presentes no segundo parágrafo e classifique-as.

2. "É desolador verificar que a democracia se tornou um ente mal-amado..."

a) Qual o sujeito de é?
b) Qual o objeto direto de verificar?
c) A passagem "É desolador" exprime juízo de valor do autor do texto sobre o fato apresentado a seguir?

3. "A verdade é que a América Latina dos anos 80-90 acabou dando razão póstuma aos marxistas..."

"Falta demonstrar que a democracia é também capaz de permitir que as massas de marginalizados melhorem de vida."

a) Qual o predicativo de "A verdade"?
b) Qual o sujeito de "Falta demonstrar"?
c) Qual o objeto direto de demonstrar?

d) Qual o complemento do nome capaz?
e) Qual o objeto direto de permitir?
f) Qual a importância das expressões "A verdade é" e "Falta demonstrar" para a argumentação desenvolvida no texto?

4. O texto evidencia a relação entre os períodos compostos que participam das orações subordinadas substantivas e os textos dissertativos? Comente.

5. Democracia é fundamental? Por quê?

Velho, só se for com gelo

Sao Paulo - Foi do dia para a noite. Assim mesmo, um estalo repentino. Súbito, o país descobriu que tem velhos. Ou, por outra, lembrou-se de que os havia esquecido em depósitos absurdos, às vezes fétidos.
Há os que, acometidos por variados tipos de moléstias, da esclerose ao câncer, morrem, suprema ironia, de mortes tão simples quanto banais. Ora a diarréia, ora a desnutrição.
No filme de terror que estamos exibindo ao mundo nos últimos meses, o Brasil muda freneticamente de semblante.
Há poucos dias, tinha a cara dos mortos de Caruaru. Ganhou na cena seguinte a fisionomia dos corpos de Eldorado de Carajás.
Agora, o país tem a cara dos velhos da Santa Genoveva (que nome para uma casa de horrores!). E o que há por trás dessa nova cara? Já se disse que há escassez de verbas para a Saúde. Já se afirmou também que há pilantragem dos donos da clínica.
Mas faltou dizer o principal. Sim, faltou o essencial. Por trás de mais essa face triste de nossa realidade, há o descaso abjeto do Brasil por seus velhos.
Vivemos sob o ritmo da novidade, no embalo da pressa. Encontramos tempo para falar no celular, para ver a novela compacta da Globo, até para reformar uma Constituição que ainda engatinha. Só não achamos tempo para os velhos.
E não se imagine que a chaga do abandono atazana apenas os velhos de famílias pobres ou remediadas. Não, não. Também o velhote de família rica oscila, feito alma penada, entre a amargura e o abandono. A diferença é que, em vez de ser depositado nos corredores de uma clínica com nome de santa, ganha a companhia remunerada de enfermeiras.
No Brasil de hoje, embriagado com tantos problemas sociais, o único velho que tem o seu valor reconhecido é o escocês de 12 anos. Os outros, ah, os outros. Ou jazem mortos, ou aguardam a sua vez.
(SOUZA, Josias de. In: Folha de S.PauIo, 10 jun. 1996.)

1. Qual é o objeto direto de descobriu (primeiro parágrafo)?

2. Qual é o objeto indireto de lembrou-se (primeiro parágrafo)?

3. Classifique a oração "que há escassez de verbas para a Saúde" (quinto parágrafo).

4. Classifique a oração "que há pilantragem dos donos da clínica" (quinto parágrafo).

5. Classifique a oração "que a chaga do abandono atazana apenas os velhos de famílias pobres ou remediadas" (oitavo parágrafo).

6. Classifique a oração "que (...) ganha a companhia remunerada de enfermeiras" (oitavo parágrafo).

7. O texto fala que o Brasil está "embriagado com tantos problemas sociais" e que "o único velho que tem o seu valor reconhecido é o escocês de 12 anos". Que velho é esse? Comente, não deixando de relacionar esse velho com o termo (embriagado) e com o título do texto.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1 (PUCSP) Em:
"Considerei, por fim, (que assim é o amor)..."
a oração destacada tem, em relação à oração não destacada:
a) valor de adjetivo e função sintática de predivativo do sujeito.
b) valor de advérbio e função sintática de adjunto adverbial de modo.
c) valor de substantivo e função sintática de objeto direto.
d) valor de substantivo e função sintática de sujeito.
e) valor de adjetivo e função sintática de adjunto adnominal.

2 (FEBASP) "Se para os clássicos a realidade era clássica, para os românticos, romântica, supra-real para os surrealistas, econômica para os engajados para Duras a realidade é subjetiva e fragmentada. Assim ela se liberta da necessidade de contar histórias e de uma certa concepção balzaquiana de romance, que é a concepção que vigora ainda em muitas praças e que, feliz ou infelizmente, tem mais livre curso." (O Estado de S. Paulo)
Considere o seguinte trecho: "Se para os clássicos a realidade era clássica, para os românticos, romântica, supra-real para os surrealistas, econômica para os engajados - para Duras a realidade é subjetiva … "
No período acima há:
a) um período composto de duas orações, pois há apenas dois verbos.
b)um período simples de duas orações, pois são orações independentes entre si.
c) um período composto de cinco orações, embora haja apenas dois verbos; os outros verbos, assim como os sujeitos, estão ocultos; ou seja, houve zeugma.
d) um período composto de duas orações: uma condicional e uma coordenada assindética.

3 (FUVEST-SP) "Anteontem aconteceu o que era inevitável, mas nos encantou como se fosse inesperado: meu pé de milho pendoou." (Rubem Braga)
A oração a que pertence o verbo encantar é introduzida pela conjunção mas, que a torna coordenada; por outro lado, o pronome relativo que faz dela uma subordinada. Como você pode explicar essa dualidade?

4 (VUNESP) "A conclusão é a de que mais vale um pássaro na mão do que nenhum."
a) Como se poderia analisar sintaticamente a oração em que ocorre o verbo vale?
b) Descomplique o período acima, alterando-o de modo a evitar o uso do pronome a.

5 (PUCSP) Em relação ao trecho:
"...e no fim declarou-me (que eu tinha medo de que você me esquecesse)",
as orações destacadas são, respectivamente:

a) subordinada substantiva objetiva indireta, subordinada substantiva objetiva direta.
b) subordinada substantiva predicativa, subordinada substantiva objetiva direta.
c) subordinada substantiva objetiva direta, subordinada substantiva completiva nominal.
d) subordinada substantiva objetiva direta, subordinada substantiva objetiva indireta.
e) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva predicativa.

6 (FEBASP) "Seria temerário afirmar que a melhor arte de São Paulo está hoje nos muros - cheios de grafites - e não na Bienal de Arte do Ibirapuera. Seria discutível dizer que os artistas mais expressivos não estão nas galerias de arte da cidade - e sim exatamente nos mesmos muros enfeitados com os grafites... É bom, no entanto, não confundir grafite com pichação! Pichação, diriam todos, é tudo aquilo que emporcalha a cidade, do nome do político impresso na parede à piada de mau gosto ou à declaração de amor..." (Revista Veja)
Dos períodos retirados do texto, qual é aquele que não tem oração subordinada substantiva subjetiva?
a) "Seria temerário afirmar que a melhor arte de São Paulo está hoje nos muros cheios de grafite..."
b) "Pichação, diriam todos, é tudo aquilo que emporcalha a cidade, do nome do político impresso na parede à piada de mau gosto ou à declaração de amor..."
c) "Seria discutível dizer que os artistas mais expressivos não estão nas galerias de arte da cidade e sim exatamente nos muros enfeitados com grafite..."
d) "É bom, no entanto, não confundir grafite com pichação..."

7 (UFRS) Substituir a oração destacada por um nome de sentido equivalente, efetuando as mudanças necessárias.
a) Não importou, na época, (que os inimigos de Nostradamus aprovassem ou não seus métodos).
b) Notou-se perfeitamente (que a sua atitude foi audaz).

8 (UNIMEP-SP) Quatro alternativas a seguir contêm orações destacadas que desempenham a mesma função. Assinale a alternativa que contém a oração que não exerce a mesma função que as demais.
a) É conveniente (que você estude mais).
b) Sua mãe quer (que você vá ao mercado).
c) (Fazer a prova tranquilo) é importante.
d) Bastava (que você lhe telefonasse ontem).
e) Seria necessário (a inflação parar de subir).

9 (VUNESP) Classifique a oração destacada do período abaixo.
"Espantava-me (que um rato tivesse sido o meu contraponto)."

10 (UEL-PR) Ninguém mais acreditava que ainda houvesse meios de salvá-lo.
Há, no período acima:
a) três orações subordinadas.
b) uma oração principal e uma subordinada.
c) uma oração subordinada reduzida.
d) uma oração subordinada subjetiva.
e) uma oração subordinada objetiva indireta.

11 (UFV-MG) As orações subordinadas substantivas que aparecem nos períodos abaixo são todas subjetivas, exceto:
a) Decidiu-se que o petróleo subiria de preço.
b) É muito bom que o homem, vez por outra, reflita sobre sua vida.
c) Ignoras quanto custou meu relógio?
d) Perguntou-se ao diretor quando seríamos recebidos.
e) Convinha-nos que você estivesse presente à reunião.

12 (UNICAMP-SP) Os computadores facilitam a reelaboração de textos, pois permitem, entre outras coisas, incluir e apagar trechos. A introdução dessa tecnologia na composição de jornais começou a produzir um tipo especial de erro, devido provavelmente ao fato de que o autor se esquece de eliminar partes de versões anteriores, após introduzir modificações. No trecho abaixo, por exemplo, há duas expressões de sentido equivalente, uma das quais deveria ter sido eliminada:
"Isso porque não é necessário que nesse estágio o Planalto não precisa ainda apresentar sua defesa." (Folha de S. Paulo, 5 set. 1992.) a) Identifique as expressões de sentido equivalente que não podem, neste trecho, ser usadas simultaneamente.
b) Reescreva o trecho de duas maneiras, utilizando, a cada vez, apenas uma das expressões que você identificou.

13 (FACCLÍBERO-SP) Qual a classificação sintática da oração destacada?
"É evidente (que ele não sabe)."

14 (FCMSCSP) A palavra se é conjunção subordinativa integrante (introduzindo oração subordinada substantiva objetiva direta) em qual das frases seguintes?
a) Ele se morria de ciúmes pelo patrão.
b) A Federação arroga-se o direito de cancelar o jogo.
c) O aluno fez-se passar por doutor.
d) Precisa-se de pedreiros.
e) Não sei se o vinho está bom.

15 (PUCSP) Assinale a alternativa cuja oração subordinada é substantiva predicativa.
a) Espero que venhas hoje.
b) O aluno que trabalha é bom.
c) Meu desejo é que te formes logo.
d) És tão inteligente como teu pai.
e) n.d.a.

16 (PUCSP) Nos trechos "... não é impossível que a notícia da morte me deixasse alguma tranquilidade, alívio, e um ou dois minutos de prazer" e "Digo-vos que as lágrimas eram verdadeiras", a palavra que está introduzindo, respectivamente, orações:
a) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva objetiva direta.
b) subordinada substantiva objetiva direta, subordinada substantiva objetiva direta.
c) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada substantiva completiva nominal, subordinada adjetiva explicativa.
e) subordinada adjetiva explicativa, subordinada substantiva predicativa.

17 (PUCSP) "Pode-se dizer (que a tarefa crítica é puramente formal)."
No texto acima, temos uma oração destacada que é... e um se que é....
a) substantiva objetiva direta, partícula apassivadora

b) substantiva predicativa, índice de indeterminação do sujeito
c) relativa, pronome reflexivo
d) substantiva subjetiva, partícula apassivadora
e) adverbial consecutiva, índice de indeterminação do sujeito

18 (FAAP-SP) Substitua por substantivos as orações destacadas, fazendo as adaptações necessárias.
Desejo (que vocês viajem bem e descansem bastante).

19 (FAAP-SP) "Assim nos encontrou nesta contemplação de Zé Brás, com o doce aviso (de que estava na mesa a ceiazinha)." A oração destacada é:
a) objetiva direta.
b) objetiva indireta.
c) completiva nominal.
d) subjetiva.
e) predicativa.

20 (ACAFE-SC) No período: "Não me parece bonito (que o nosso Bentinho ande metido nos cantos com a filha do Tartaruga..."), a oração destacada é:
a) subordinada substantiva objetiva indireta.
b) subordinada substantiva objetiva direta.
c) subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada substantiva completiva nominal.
e) subordinada substantiva predicativa.

21 (PUCC-SP) Assinale o período em que a oração destacada é substantiva apositiva.
a) Não me disseram (onde moravas).
b) A rua (onde moras) é muito movimentada
c) Só me interessa saber uma coisa: (onde moras).
d) Morarei (onde moras).
e) n.d.a.

22 (FUVEST-SP) Indique o objeto direto do verbo destacado.
"…(fui dizer) à minha mãe que a escrava é que estragara o doce..."

23 (FUVEST-SP) Dos termos destacados nas orações que seguem, diga qual deles tem função sintática idêntica a "Ser objeto do ódio daquele homem" em "Tornara-se doloroso para mim ser objeto do ódio daquele homem.".
a) "Não seria conveniente (tramar toda aquela história)."
b) "Dizia (ser ele homem de moral forte)."
c) "O pretexto era (sair daquele lugar incômodo)."

24 (UNIMAR-SP) A seguir estão exemplificadas três orações reduzidas de infinitivo:
I. Era preciso tirar a pressão da gestante.
II. Deus o livre de ser logrado, ainda mais pela sogra!
III. "Por ser da minha terra é que sou nobre, por ser da minha gente é que sou rico."
Entre elas, também é substantiva:
a) a I apenas.
b) a II apenas.
c) a III apenas.

d) a I e a Il.
e) a I e a III.

25 (UFMG) Dê a função sintática dos termos destacados.
a) O criado e a ama, diziam, estavam lá dentro (em interrogatório).
b) Na hora de dormir foi que senti de verdade a ausência (de minha mãe).
c) Pela minha cabeça passavam, às pressas e truncados, (os sucessos do dia).
d) Sempre que estava comigo, era a me beijar, a (me) contar histórias.
e) Junto dela eu não sentia necessidade (dos meus brinquedos).
f) Sempre que perguntava a minha mãe (por que não me levava para o engenho), ela se desculpava com o emprego de meu pai.

CAPÍTULO 23

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

- nota da ledora: propaganda do jornal O Estadão, texto: - Sua última redação que fez sucesso foi "Minhas férias na Fazenda? " - ao lado, a foto de uma vaca e a seguinte frase, atribuída a ela: - É melhor voce começar a ler o Estadão.
- fim da nota.

Uma oração adjetiva nada mais é do que um adjetivo em forma de oração. Assim como é possível dizer "redação bem sucedida", em que o substantivo redação é caracterizado pelo adjetivo bem-sucedida, é possível dizer também "redação que fez sucesso", em que a oração "que fez sucesso" exerce exatamente o mesmo papel do adjetivo bem-sucedida, ou seja, caracteriza o substantivo redação.

1 ESTRUTURA DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

Como você já viu, as orações subordinadas adjetivas têm esse nome porque equivalem a um adjetivo. Em termos sintáticos, essas orações exercem a função que normalmente cabe a um adjetivo, a de adjunto adnominal. Observe:
Não suporto gente mentirosa.
Não suporto gente que mente.
Comparando esses períodos, é fácil perceber que a oração "que mente" e a palavra mentirosa são morfossintaticamente equivalentes: têm papel morfológico de adjetivo e função sintática de adjunto adnominal do substantivo gente, que é núcleo do objeto direto da forma verbal suporto. "Que mente" e, portanto, uma oração subordinada adjetiva.

A conexão entre oração subordinada adjetiva e o termo da oração principal que ela modifica é feita, no caso, pelo pronome relativo que. Vale relembrar um recurso didático largamente empregado - e já estudado neste livro, no capítulo destinado aos pronomes - para reconhecer o pronome relativo que: ele sempre pode ser substituído por o/a qual, os/as quais. "Gente que mente" equivale a "gente a qual mente"; "aluno estudioso" equivale a "aluno o qual estuda".

Convém lembrar também que é fundamental diferenciar o relativo que da conjunção integrante que, que introduz uma oração subordinada substantiva. Observe:
"Diga às pessoas que me procurarem que estarei aqui depois do almoço".

O primeiro que é pronome relativo (que = as quais). A oração "que me procurarem", que caracteriza o substantivo pessoas, é adjetiva. O segundo que, que não pode ser substituido por nenhum outro termo, é conjunção integrante. A oração "que estarei aqui depois do almoço"é subordinada substantiva objetiva direta, já que funciona como complemento direto da forma verbal diga.
Além de conectar (ou relacionar, daí o nome relativo) duas orações, o pronome relativo desempenha uma função sintática na oração subordinada: ocupa o papel que seria exercido pelo termo que o antecede. Observe:
É preciso comer alimentos. Esses alimentos não devem fazer mal à saúde. É preciso comer alimentos que não façam mal à saúde.
No primeiro caso, há dois períodos simples. No primeiro período, o substantivo alimentos exerce a função sintática de objeto direto de comer; no segundo, é núcleo do sujeito da locução verbal devem fazer. Quando os dois períodos simples são unidos num período composto, o substantivo alimentos deixa de ser repetido: em seu lugar, exercendo a função de sujeito da forma verbal façam, surge o pronome relativo que. Note que, para os dois períodos se unirem num período composto, foi preciso alterar o modo verbal da segunda oração.

Não é só o pronome relativo que que desempenha função sintática. Aos demais relativos (quem, o qual, a qual, os quais, as quais, cujo, cuja, cujos, cujas, onde, quanto, quando, como, ja estudamos no capítulo destinado aos pronomes) também se aplica o mesmo raciocínio. Ainda neste capítulo, você verá as funções sintáticas desses relativos.
Quando são introduzidas por um pronome relativo e apresentam verbo no modo indicativo ou subjuntivo, as orações subordinadas adjetivas são chamadas desenvolvidas. Além delas, existem as orações subordinadas adjetivas reduzidas, que não são introduzidas por pronome relativo (podem ser introduzidas por preposição) e apresentam o verbo numa das formas nominais (infinitivo, gerúndio ou particípio).
Observe:
Ele foi o primeiro aluno que se apresentou.
Ele foi o primeiro aluno a se apresentar.
No primeiro período, há uma oração subordinada adjetiva desenvolvida, já que é introduzida pelo pronome relativo que e apresenta verbo conjugado no pretérito perfeito do indicativo. No segundo, há uma oração subordinada adjetiva reduzida de infinitivo: não há pronome relativo e seu verbo está no infinitivo.

ATIVIDADE

Reescreva as frases seguintes, substituindo os termos destacados por orações subordinadas que exerçam as mesmas funções sintáticas. Depois, comente as diferenças entre as frases originais e as que você obteve, considerando dados como clareza, síntese, elegância.
a) Várias empresas tiveram prejuízos (incalculáveis).
b) Em todas as discussões, sempre apresenta argumentos (indesmentíveis).
c) Os italianos, (notáveis bebedores de vinho e comedores de pizza), negam-se a permitir a descaracterização de seus hábitos alimentares.

d) O país, (grande exportador de matérias-primas), enfrenta uma crise econômica interminável.
e) O pais, grande exportador de matérias-primas, enfrenta uma crise econômica (interminável).

2 ASPECTOS SEMÂNTICOS: ORAÇÕES RESTRITIVAS E EXPLICATIVAS

Na relação que estabelecem com o termo que caracterizam, as orações subordinadas adjetivas podem atuar de duas maneiras diversas. Há aquelas que restringem o sentido do termo antecedente, individualizando-o - são as chamadas subordinadas adjetivas restritivas - e aquelas que realçam um detalhe ou amplificam dados sobre o antecedente, que já se encontra suficientemente definido - são as subordinadas adjetivas explicativas.
Observe:
jamais teria chegado aqui, não fosse a gentileza de um homem que passava naquele momento.
O homem, que se considera racional, muitas vezes age animalescamente.
No primeiro período, a oração "que passava naquele momento" restringe e particulariza o sentido da palavra homem: trata-se de um homem específico, único, que se caracteriza, no caso, por estar passando por um determinado lugar num determinado momento. A oração, na verdade, limita o universo de homens, isto é, não se refere a todos os homens. E, portanto, uma oração subordinada adjetiva restritiva. No segundo período, a oração "que se considera racional" não tem sentido restritivo em relação à palavra homem: na verdade, essa oração apenas explicita uma idéia que já sabemos estar contida no conceito de homem. A oração não faz referência a um determinado homem, e sim ao conjunto de homens, a todos os homens, a qualquer homem. Trata-se, portanto, de uma oração subordinada adjetiva explicativa.
Se você ler atentamente em voz alta os dois períodos acima, vai perceber que a oração subordinada adjetiva explicativa é separada da oração principal por uma pausa, que, na escrita, é representada pela vírgula. É comum, por isso, que a pontuação seja indicada como forma de diferenciar as orações explicativas das restritivas: de fato, as explicativas vêm sempre isoladas por vírgulas; as restritivas, não. Essa diferença é facilmente perceptível quando se está diante de um período escrito por outrem; no entanto, quando é preciso redigi-lo, é necessário levar em conta as diferenças de significado que as orações restritivas e as explicativas implicam (afinal, é quem está escrevendo que vai ter de colocar as vírgulas nesse caso!). Em muitos casos, a oração subordinada adjetiva será explicativa ou restritiva de acordo com o que se pretende dizer. Observe:

Mandei um telegrama para meu irmão que mora em Roma.
Mandei um telegrama para meu irmão, que mora em Roma.
No primeiro período, é possível afirmar com segurança que a pessoa que fala ou escreve tem, no mínimo, dois irmãos, um que mora em Roma e um que mora em outro lugar. A palavra irmão, no caso, precisa ter seu sentido limitado, ou seja, é preciso restringir seu universo. Para isso se usa uma oração subordinada adjetiva restritiva. No segundo período, é possível afirmar com segurança que a pessoa que fala ou escreve tem apenas um irmão, o qual mora em Roma. A informação de que o irmão mora em Roma não é uma particularidade, ou seja, não é um elemento identificador, diferenciador, e sim um detalhe que se quer realçar.

Observe as diferenças de sentido produzidas nos períodos seguintes pelo uso de orações subordinadas adjetivas restritivas e explicativas:

O país que não trata a educação como prioridade não pode fazer parte do rol das nações civilizadas.
O país, que não trata a educação como prioridade, não pode fazer parte do rol das nações civilizadas.

No primeiro período, faz-se uma afirmação de caráter genérico, irrestrito, que se aplica a todo e qualquer país que não trata a educação como prioridade.
Restringindo a palavra país, a oração subordinada adjetiva restritiva limita, particulariza seu sentido, tornando-a aplicável a determinado grupo de países. No segundo período, faz-se referência a um pais cuja situação é bem conhecida por quem fala e por quem ouve. No caso, a informação de que ele não trata a educação como prioridade é considerada um fato notório, a que se quer dar destaque.

Os homens cujos princípios não são sólidos acabam se corrompendo.
Os homens, cujos princípios não são sólidos, acabam se corrompendo.
No primeiro período, está-se afirmando que apenas alguns homens aqueles que não têm princípios sólidos são corruptíveis. O termo homens tem seu sentido particularizado, limitado pela oração subordinada adjetiva restritiva ("cujos princípios não são sólidos", introduzida pelo relativo cujos). No segundo período, faz-se uma afirmação de caráter genérico: todos os homens de um determinado universo (um clube, um partido político, uma escola, uma cidade, um país ou até mesmo o planeta todo) são corruptíveis, porque se considera a falta de solidez dos princípios uma característica comum a todo e qualquer homem de um determinado conjunto, que, como já foi dito, pode até ser o planeta todo. A oração subordinada adjetiva é, nesse caso, explicativa.

A empresa tem duzentos funcionários que moram em Guaratinguetá.
A empresa tem duzentos funcionários, que moram em Cuaratinguetá.
No primeiro período, afirma-se que a empresa tem mais de duzentos funcionários, dos quais duzentos moram em Guaratinguetá. A oração "que moram em Cuaratinguetá" limita, restringe o sentido da palavra funcionários. É subordinada adjetiva restritiva. No segundo período, afirma-se que a empresa tem exatamente duzentos funcionários e que todos, absolutamente todos, moram em Guaratinguetá. A oração subordinada adjetiva é explicativa.

ATIVIDADE

Leia atentamente as frases de cada um dos pares seguintes e explique as diferenças de sentido existentes entre elas.
a) O time que não treina não consegue ganhar uma partida.
O time, que não treina, não consegue ganhar uma partida.
b) Esta comprovada a participação dos policiais, cujos nomes tinham sido encontrados na agenda do traficante.
Está comprovada a participação dos policiais cujos nomes tinham sido encontrados na agenda do traficante.
c) Os jogadores, de quem se esperava no mínimo amor à camisa, simplesmente andaram em campo.
Os jogadores de quem se esperava no mínimo amor à camisa simplesmente andaram em campo.

d) A Cetesb enviará fiscais às cidades do litoral onde a poluição das praias é alarmante.
A Cetesb enviará fiscais às cidades do litoral, onde a poluição das praias é alarmante.

3 PRONOMES RELATIVOS: USOS E FUNÇÕES

QUE

Você já viu neste livro, no capítulo destinado aos pronomes, que, por seu largo emprego, o relativo que é considerado relativo universal. Esse pronome pode ser usado para substituir pessoa ou coisa, que estejam no singular ou no plural.
Sintaticamente, o relativo que pode desempenhar várias funções:
a) sujeito: O homem que pensa vale por dois.
b) objeto direto: "Bebi o café que eu mesmo preparei". (Manuel Bandeira)
c) objeto indireto: "Alegria, alegria" é uma das músicas de que mais gosto.
d) complemento nominal: As teses a que me mantenho fiel são muito polêmicas.
e) predicativo: O pessimista que eu era deu lugar a um insuportável sonhador.
f) agente da passiva: As teses por que você foi seduzido são puro delírio.
g) adjunto adverbial (no caso, de lugar): A cidade em que nasci fica no Vale do Paraíba.

Pelos exemplos acima, percebe-se que o pronome relativo deve ser precedido da preposição apropriada a cada função que exerce. E o caso do objeto indireto (gostar de algo), do complemento nominal (fiel a algo), do agente da passiva (ser seduzido por alguém ou algo) e do adjunto adverbial de lugar (nascer em algum lugar). Na língua escrita formal, a omissão da preposição nesses casos é considerada erro.

- nota da ledora: propaganda da TVA, televisão à cabo, apresentando na foto, um casal sentado no sofá, o homem dormindo e a mulher assistindo televisão, entediada. Texto: - Foi essa a vida de aventura que você prometeu a ela?
- fim da nota.

Neste anúncio, o pronome relativo que desempenha a função sintática de objeto direto.

QUEM

Como você já sabe, o pronome quem refere-se a pessoa ou a coisa personificada, no singular ou no plural. É sempre precedido de preposição, podendo exercer diversas funções sintáticas:
a) objeto direto preposicionado: Drummond, a quem admiro muito, influenciou-me profundamente.
b) objeto indireto: Este é o jogador a quem me refiro sempre.
c) complemento nominal: Este é o jogador a quem sempre faço referência.
d) agente da passiva: O médico por quem fomos assistidos é um dos mais renomados especialistas.
e) adjunto adverbial (no caso, de companhia): A mulher com quem ele mora é grega.

O QUAL, OS QUAIS, A QUAL, AS QUAIS

O qual, a qual, os quais e as quais são usados com referência a pessoa ou coisa. Desempenham as mesmas funções que o pronome que; seu uso, entretanto, é bem menos frequente. Observe dois exemplos:
a) sujeito: Conhecemos uma das irmãs de Pedro, a qual trabalha na Alemanha.

Neste caso, o relativo a qual evita ambiguidade. Se fosse usado o relativo que, não seria ossível determinar quem trabalha na Alemanha.
b) adjunto adverbial: Não deixo de cuidar da grama, sobre a qual as vezes gosto de um bom cochilo.
A preposição sobre, dissilábica, tende a exigir o relativo sob as formas o/a qual, os/as quais, rejeitando a forma que.

CUJO, CUJA, CUJOS, CUJAS
Cujo e suas flexões equivalem a de que, do qual (ou suas flexões da qual, dos quais, das quais), de quem. Estabelecem normalmente relação de posse entre o antecedente e o termo que especificam, atuando na maior parte das vezes como adjunto adnominal e em algumas construções como complemento nominal.
a) adjunto adnominal: Não consigo conviver com pessoas cujas aspirações sejam essencialmente materiais. (Não consigo conviver com pessoas / As aspirações dessas pessoas são essencialmente materiais)
b) complemento nominal: O livro, cuja leitura agradou muito aos alunos, trata dos tristes anos da ditadura. (cuja leitura = a leitura do livro)
No português falado no Brasil, esse pronome tem uso restrito às situações formais. Mesmo as pessoas de maior grau de escolaridade têm dificuldades para empregá-lo, optando por construções como:
A mulher que a casa foi invadida quer ir embora do bairro.
ou
A mulher que a casa dela foi invadida quer ir embora do bairro.
Essas construções são normais na língua falada informal, mas devem ser evitadas no padrão culto da língua. Em seu lugar, deve-se usar:
A mulher cuja casa foi invadida quer ir embora do bairro.
Observe que é erro grosseiro o emprego de artigo definido depois do pronome cujo. São erradas construções como "A mulher cuja a casa foi invadida..." ou "O garoto, cujo o tio é professor..."; basta dizer /cuja casa" ou "cujo tio".

ONDE
Onde só é pronome relativo quando equivale a em que. Quando se diz "Onde você nasceu?", não é possível pensar em pronome relativo; afinal, o período é simples, e você sabe que o pronome relativo só aparece no período composto, para substituir numa oração subordinada um termo da oração principal. No caso, onde é advérbio interrogativo.
Quando pronome relativo, onde só pode ser usado na indicação de lugar, atuando sintaticamente como adjunto adverbial de lugar:
Quero uma cidade tranqüila, onde possa passar alguns dias em paz.
A cidade onde nasci fica no Vale do Paraíba.

- nota da ledora: propaganda da camionete Pajero, em paisagem semelhante a Chapada dos Guimarães, região de grande beleza rústica, com o seguinte texto:- Ideal num país onde os prefeitos iniciam estradas e os sucessores param no meio.
- fim da nota.

Onde substitui o termo um país e desempenha na oração subordinada adjetiva a função sintática de adjunto adverbial de lugar.
Onde substitui o termo um país e desempenha na oração subordinada adjetiva afunção sintatica de adjunto adverbial de lugar.

Há uma forte tendência, na língua portuguesa atual, em usar onde como relativo universal, um verdadeiro cola-tudo. Esse uso curiosamente tende a ocorrer quando um falante de desempenho lingüistico pouco eficiente procura "falar díficil". Surgem então frases como:

Vai ser um jogo muito díficil, muito disputado, onde nós vamos tentar conseguir mais um resultado positivo.

Vivemos uma época muito difícil, onde a violência gratuita é dominante.

Não me alimentei bem, dormi mal, onde hoje não consegui uma boa marca.

A economia está em franco processo de recessão, os salários estão congelados, onde a classe média não pode mais comprar como antes.

Na língua culta, escrita ou falada, onde deve ser limitado aos casos em que há indicação de lugar físico, espacial. Quando não houver essa indicação, deve-se preferir em que, no qual (e suas flexões na qual, nos quais, nas quais) e, nos casos da idéia de causa / efeito ou de conclusão, portanto:

Vivemos uma época muito difícil, em que (na qual) a violência gratuita impera.

A economia está em franco processo de recessão, os salários estão congelados, portanto (por isso) a classe média não pode mais comprar como antes.

QUANTO, COMO, QUANDO

Quanto, quantos e quantas são pronomes relativos quando seguem os pronomes indefinidos tudo, todos ou todas. Atuam principalmente como sujeito e objeto direto.

a) sujeito: Tente interrogar todos quantos participaram da selvageria.

b) objeto direto: Comeu tudo quanto queria.

Como e quando exprimem noções de modo e tempo, respectivamente; atuam, portanto, como adjuntos adverbiais de modo e de tempo:

É estranho o modo como ele me trata.

É a hora quando o sol começa a deitar-se.

ATIVIDADES

1. Em cada item abaixo, você encontrará duas orações que deverão ser transformadas num único período composto. Para isso, você deverá usar o pronome relativo adequado e em alguns casos, fazer outras modificações.

a) Todas as crianças têm direito à escola.
Muitas dessas crianças estão hoje nas ruas.
b) Muitas crianças poderiam tornar-se profissionais competentes.
A essas crianças não se dá nenhuma oportunidade de estudar.
c) Boa parte da classe média brasileira tem comportamento extremamente violento.
Tenho muito medo dessa boa parte da classe média brasileira.
d) Muitas crianças brasileiras não têm direito à infância.
A vida dessas crianças é, desde cedo, miséria e exploração.
e) Não se pode sonhar com paz social no Brasil.
No Brasil, existe a pior distribuição de renda do planeta.

2. Substitua os asteriscos pela preposição adequada para que as frases sejam consideradas apropriadas ao padrão culto da língua portuguesa. Pode haver casos em que nenhuma preposição seja necessária.

a) Esses problemas, ( ) cujas causas conhecemos muito bem, podem ser facilmente resolvidos.

b) Algumas pessoas ( ) quem sempre lhe falo participarão do seminário.
c) Esses amigos, ( ) os quais sempre envio cartões quando viajo, nunca retribuem a lembrança.
d) São seres embrutecidos ( ) os quais não épossível manter amizade.
e) Faz muito tempo que não vou à cidade ( ) onde costumava passar as férias.
f) Ele perdeu a chave da porta ( ) que costumamos entrar.
g) É um candidato ( ) cujas promessas não se pode confiar.
h) É um candidato ( ) cujo passado não se tem conhecimento.
i) Leve aquela calça, ( ) a qual você fica muito bem.
j) O filme ( ) que me refiro foi dirigido por Giuseppe Tornatore.
l) Você vai conhecer os trens ( ) que sempre aludo com tanta saudade.
m) O transporte ferroviário é uma alternativa inteligente, ( ) que sempre se esquecem os que fazem planejamento neste país.
n) Ele perdeu a chave da porta ( ) onde costumava entrar.

3. Os períodos seguintes são típicos da linguagem falada informal. Reescreva-os, adequando-os à linguagem formal escrita.
a) É um grave problema que a solução não se consegue num passe de mágica.
b) Conheci uma garota que o pai dela é vereador.
c) O delegado suspeita de vários funcionários, que os nomes ele prefere manter em sigilo.
d) É uma situação onde todos nos sentimos muito constrangidos.
e) Estudei muito, dediquei-me de corpo e alma, onde acho que vou conseguir a vaga.
f) Foi um gesto onde todos nos sentimos recompensados.
g) É um remédio que os efeitos colaterais só aparecem depois de alguns anos.

4. As frases seguintes são ambíguas, truncadas, confusas ou não têm sentido. Proponha novas formas de redigi-las a fim de evitar os problemas verificados.
a) Expus minhas sugestões à comissão de desenvolvimento tecnológico, que permitirá novas perspectivas de trabalho.
b) O professor está interessado em defender todas as teses dos grupos ambientalistas, que, sem dúvida, apresentam problemas de interesse nacional.
c) Um médico abriu um consultório no bairro, que atende todas as tardes.
d) O time contratou um grande craque, que há muitos anos não ganha um título.
e) Estão procurando o assessor do governador em cujo carro o governador sofreu o acidente.
f) Viajou para o Rio de Janeiro Joana de França onde ficará hospedada no Palácio do Governo.
g) Está fazendo sucesso com sua nova escolinha o jogador Arturzinho, que fica no bairro da Lapa.

4 ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS E A PONTUAÇÃO

Você já viu que existem dois tipos de oração subordinadas adjetivas: as restritivas e as explicativas. Como agem de forma diferente na caracterização do termo a que se ligam, essas duas orações devem ser claramente diferenciadas na língua escrita. As orações restritivas ligam-se intimamente ao termo cujo sentido particularizam, portanto não podem ser separadas desse termo por vírgulas. As orações explicativas agem como uma espécie de detalhe ou comentário adicional ao termo a que se ligam; portanto devem ser

isoladas por vírgulas. Convém lembrar que o papel restritivo ou explicativo da oração depende muitas vezes do significado que se quer dar ao que se afirma:
O país cuja distribuição de renda é indecente não tem perspectiva de civilizar-se.
O país, cuja distribuição de renda é indecente, não tem perspectiva de civilizar-se.
Na primeira frase, a oração adjetiva restritiva é empregada para delimitar o sentido da palavra país. A falta de perspectiva de civilizar-se aplica-se apenas àqueles países que têm renda concentrada e mal distribuída. Na segunda, a oração adjetiva explicativa torna explícito um dado já aceito como inerente a um país que já tinha sido citado.

- nota da ledora: quadrinho de desenho: em um barco, médico diz pra pescador, com caniço: - olha o paciente que tem minhoca na cabeça não veio !
- fim da nota.

Para azar do pescador, faltou justamente o paciente mais precioso Este é caracterizado pelo psicanalista numa oração adjetiva restritiva ("que tem minhoca na cabeça")

É muito comum o emprego de uma vírgula depois de orações subordinadas adjetivas restritivas muito longas, principalmente quando o verbo dessa oração subordinada e o verbo da oração principal são contíguos, ou seja, estão lado a lado:
Muitas das estradas com que generais megalomaníacos, tecnocratas alucinados e empreiteiros inescrupulosos se locupletaram, estão abandonadas.
Observe que a vírgula que aparece entre locupletaram e estão separa o sujeito do predicado. Seu emprego, consagrado como recurso de clareza, na verdade não condiz com o papel básico que cabe à pontuação, o de organizador das relações lógicas e dos significados. Estruturalmente, essa vírgula é inútil.

ATIVIDADES

1. Pontue adequadamente os períodos seguintes. Lembre-se de que, em alguns casos, não haverá necessidade de nenhuma vírgula.
a) A medicina que estuda a prevenção e a cura de doenças tem tido notável desenvolvimento nos últimos anos.
b) Entre 1955 e 1976, era muito comum fazer referências jocosas aos corintianos cujo time não sabia mais o que era ser campeão.
c) O policial que me atendeu foi surpreendentemente civilizado.
d) No país com que sonho não há lugar para esses bárbaros.
e) Revi minha cidade natal onde não punha os pés desde 1991.
f) Voltei à cidade onde nasci.

2. Explique a diferença de sentido entre as frases de cada um dos pares seguintes.
a) Os professores do departamento de Botânica que pediram demissão não poderão ser substituídos.
Os professores do departamento de Botânica, que pediram demissão, não poderão ser substituídos.
b) As construtoras que não concluíram as obras estão obrigadas a devolver o dinheiro aos clientes.
As construtoras, que não concluíram as obras, estão obrigadas a devolver o dinheiro aos clientes.

TEXTOS PARA ANÁLISE

As crianças trabalhadoras

Enxergar o trabalho infantil na TV com menos glamour atenuaria a mencantilização da infância

A mão-de-obra infantil na TV cresce a cada dia, o que, parece, não incomoda ninguém. Embora já existam na opinião pública sinais de recusa à exploração do trabalho de crianças nas olarias, nas carvoarias ou na agricultura, a participação de atores mirins em propagandas, assim como nas novelas e nos filmes, não é encarada como trabalho. É como se fosse uma premiação. Qualquer mãe ficaria orgulhosa de ter o seu filhinho fazendo papel de mamífero numa campanha de leite. Ela dificilmente entenderia a coisa como um tipo de exploração injusta. Para o senso comum, estar na televisão é participar do estrelato, e no estrelato, acredita-se, não há relações trabalhistas.

O fato é que o público aceita e aplaude os programas e as propagandas estrelados por crianças. Como essa que acaba de entrar no ar, de um automóvel. Um grupo de garotos em idade de freqüentar o jardim-de-infância troca suas impressões sobre os carros dos pais. O do meu pai é alemão, anuncia um, o do meu pai é japonês, emenda outro, e cada um vai contando sua vantagem. No final, um deles garante que o carro do pai reúne todas as nacionalidades, pois é um modelo mundial e, portanto, melhor que todos os outros. O automóvel surge na cena e todos os coleguinhas ficam embasbacados.

Mas então quer dizer que alunos de jardim-de-infância funcionam para vender até produtos para consumidores adultos? Sim, os publicitários já sabem disso há tempos: crianças pesam, e muito, na decisão de compra dos adultos. Pais compram carros e outras mercadorias na esperança de comprar junto a admiração do filho. Quanto aos filhos, motivados pela TV, repercutem a propaganda dentro de casa: 'compra, paiê!'.

É muito gracioso, espontâneo e bem dirigido o elenco da campanha do tal carro. Da mesma forma, são encantadores os protagonistas mirins dos comerciais de margarina, de sabão em pó, até de brinquedo. E provavelmente a aparição episódica em propagandas como essas não seja prejudicial à criança. Proibi-la seria uma violência absurda. Mas o telespectador e a sociedade não devem esquecer que se trata de um trabalho, que deve ser tratado e regulado enquanto tal. Enxergar esse tipo de trabalho com um pouco menos de glamour contribuiria bastante para atenuar essa consentida mercantilização da infância.

O maior poeta brasileiro sonhou com uma canção que pudesse acordar os homens e adormecer as crianças. Atualmente, o uso de meninos e meninas na TV faz o contrário: desperta (e instrumentaliza) o consumismo nas crianças para inebriar os adultos.

(Bucci. Eagênio. ln: Veja, 26 mar. 1997.)

Canção amiga

Eu preparo uma canção
em que minha mãe se reconheça,
todas as mães se reconheçam,
e que fale como dois olhos.
Caminho por uma rua
que passa em muitos países.
Se não me vêem, eu vejo
e saúdo velhos amigos.

Eu distribuo um segredo
como quem ama ou sorri.
No jeito mais natural
dois carinhos se procuram.

Minha vida, nossas vidas
formam um só diamante.
Aprendi novas palavras
e tomei outras mais belas.

Eu preparo uma canção
que faça acordar os homens
e adormecer as crianças.
(ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia Completa e prosa. Rio de Janeiro, Aguilar, 1973.)

- nota da ledora: desenho de uma mulher, carregando um neném no colo, ilustrando o poema de Drummond.
- fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO

1. Reescreva o título do primeiro texto, substituindo o adjetivo pela oração adjetiva equivalente.

2. No último parágrafo do primeiro texto, há uma oração subordinada adjetiva.
a) Transcreva-a.
b) Classifique-a.
c) Que termo antecedente ela está modificando?
d) Qual a classe gramatical da palavra que que a introduz?
e) Qual a função sintática desse que?

3. Classifique a oração "em que minha mãe se reconheça", do texto de Drummond.

4. Classifique a oração "que passa em muitos países", do texto de Drummond.

5. As três orações destacadas nas questões 2, 3 e 4 têm a mesma classificação. O que isso significa nos dois textos?

6. De acordo com o texto de Eugênio Bucci, o sonho do "maior poeta brasileiro" está se concretizando? Comente.

- nota da ledora: propaganda da margarina de milho, Milleto. Na foto, um casal de executivos, e o seguinte texto: - Fizemos Milleto para a dona de casa que também são donas do próprio nariz. Quem se gosta gosta de Milleto.
- fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO

Milleto foi feito para todas as donas de casa ou somente para algumas? Explique.

SAÚDE

97,5% de culpa
É o papel do fumo no câncer de pulmão

Agora é definitivo. Uma pesquisa internacional coordenada pelo instituto francês de oncologia Gustave Roussy, abrangendo doze países, revelou que 97,5% dos casos de câncer do pulmão estão relacionados de alguma forma com o cigarro. O número quivale a dizer que apenas os fumantes ativos e passivos estão sujeitos a esse tipo de câncer. A pesquisa faz parte de um projeto científico internacional que busca novas formas de tratamento do câncer de pulmão e inclui, entre outros países, Brasil, Estados Unidos e Alemanha. No Brasil, a pesquisa foi feita pela Fundação Antonio Prudente, que mantém o Hospital do Câncer em São Paulo. Os números brasileiros seguem a média internacional.

Os números mostraram que 95% dos pacientes com câncer pulmonar sao fumantes ativos. Dos 5% restantes, 2,5% são passivos, vítimas da fumaça dos outros. A porcentagem de pacientes que não fumam também é pequena demais - somente 2,5% - e é explicada por fatores genéticos.

"As toxinas do cigarro são determinantes no aparecimento do câncer de pulmão", diz Riad Younes, diretor clínico da Fundaçao Antonio Prudente. Estima-se que apareçam o mundo em média 600000 novos doentes por ano. A pesquisa do instituto Gustave Roussy, que apontou as causas da doença, também verificou a eficiência dos tratamentos à disposição daquelas pessoas. A constatação é que eles têm evoluído muito nas duas últimas décadas. Há novos produtos no mercado, menos agressivos e mais potentes, como a Carboplatina, por exemplo, que se tornaram fundamentais no tratamento quimioterápico do câncer pulmonar.

Associaçao benéfica - O maior avanço nessa área está, no entanto, numa nova combinação de dois velhos tratamentos, a quimioterapia e a radioterapia. Na primeira ase de testes, a associação dos dois aumentou as chances de cura em 20%. A radioterapia é o mais comum dos tratamentos, principalmente por ter uma ação localizada. Já a quimioterapia sempre foi mais usada em casos extremos, como os de metástase. Mas eles nunca tinham sido utilizados juntos antes, e muito menos como terapias preventivas.

"A associação desses tratamentos possibilita a operação de tumores que, de tão grandes, não poderiam ser removidos", diz Sérgio Simon, oncologista do Hospital Albert Einstein. Agora, os tumores são reduzidos para depois ser operados. Na Fundação Antonio Prudente, sessenta voluntários participaram dos estudos sobre a eficiência desse novo tratamento, que vem apresentando bons resultados. Mas os 97,5% da pesquisa mostram, de uma vez por todas, que o melhor remédio para não ter câncer do pulmão é simplesmente apagar o cigarro - e repelir quem espalha fumaça para os outros.
(Veja, 11 out. 1995.)

TRABALHANDO O TEXTO

1 Qual a classe gramatical da palavra destacada nos trechos ".. (que) 97,5% dos casos de câncer do pulmão estÃo relacionados de alguma lorma com o cigarro" e"... (que) busca novas formas de tratamento do câncer de pulmão...", ambos retirados do primeiro parágráfo?

2. Classifique cada uma das orações citadas na questão anterior.

3. "A porcentagem de pacientes que não fumam também é pequena demais - somente 2,5% - e é explicada por fatores genéticos."
a) Quantas orações há no período acima? Separe-as.
b) Classifique a oração "que não fumam".
c) Qual a classe gramatical e a função sintáticada palavra (que) citada no item anterior?

4. "No Brasil, a pesquisa foi feita pela Fundação Antonio Prudente, que mantém o Hospital do Câncer em São Paulo."
a) Classifique a oração subordinada do período acima.
b) Reescreva o trecho, transformando-o em período simples.

5. Qual o termo recuperado pela palavra (que) no trecho "A pesquisa do Instituto Gustave Roussy, que apontou as causas da doença, também verificou a eficiência dos tratamentos à disposição daquelas pessoas."? Qual a importância da palavra (também) na identificação desse termo? Comente.

6. No trecho "Há novos produtos no mercado, menos agressivos e mais potentes, como a Carboplatina, por exemplo, que se tornaram fundamentais no tratamento quimioterápico do câncer pulmonar.", a forma verbal (tornaram) está no plural. Explique por quê.

7. A expressão "por exemplo", presente depois de "como a Carboplatina", é pleonástica? Comente.

8. Retire do último parágrafo do texto uma oração subordinada adjetiva restritiva e uma explicativa.

9. De acordo com o texto, é uma atitude inteligente fumar ou continuar fumando?

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1 (FUVFST-SP) Conheci que (1) Madalena era boa em demasia...
A culpa foi desta vida agreste que (2) me deu uma alma agreste.
Procuro recordar o que (3) dizíamos.
Terá realmente piado a coruja? Será a mesma que (4) piava há dois anos?
Esqueço que (5) eles me deixaram e que (6) esta casa está quase deserta.
Nas frases acima, o que aparece seis vezes; em três delas é pronome relativo.
Quais?
a) 1-2-4
b) 2-4-6
c) 3-4-5
d) 2-3-4

e) 2-3-5

2 (FUVEST-SP) Leia as frases abaixo e assinale a que está correta.
a) A jovem que eu lhe falei à pouco vai ser entrevistada.
b) A jovem que a pouco foi entrevistada é aquela que eu lhe falei.
c) A jovem de cuja eu lhe falei há pouco é aquela que foi entrevistada.
d) A jovem que há pouco foi entrevistada é aquela de que eu lhe falei.
e) A jovem que há pouco foi entrevistada é aquela que eu lhe falei.

3 (FUVEST-SP) "É da história do mundo que (1) as elites nunca introduziram mudanças que (2) favorecessem a sociedade como um todo. Estaríamos nos enganando se achássemos que (3) estas lideranças empresariais aqui reunidas teriam a motivação para fazer a distribuição de poderes e rendas que (4) uma nação equilibrada precisa ter." O vocábulo que está numerado em suas quatro ocorrências, nas quais se classifica como conjunção integrante e como pronome relativo. Assinalar a alternativa que registra a classificação correta em cada caso, pela ordem.
a) 1. pronome relativo, 2. conjunção integrante, 3. pronome relativo, 4. conjunção integrante
b) 1. conjunção integrante, 2. pronome relativo, 3. pronome relativo, 4. conjunção integrante
c) 1. pronome relativo, 2. pronome relativo, 3. conjunção integrante, 4. conjunção integrante
d) 1. conjunção integrante, 2. pronome relativo, 3. conjunção integrante, 4. pronome relativo
e) 1. pronome relativo, 2. conjunção integrante, 3. conjunção integrante, 4. pronome relativo

4 (FUVEST/FGV-SP) "E como sempre tive a intenção de possuir as terras de S. Bernardo, considerei legítimas as ações que me levaram a obtê-las."
a) Este período está em primeira pessoa. Como ficaria em terceira pessoa?
b) A quem se referem os pronomes: que, me, elas?

5 (PUCSP) Sobre o trecho:
"A questão era conseguir o Engenho Vertente, com o seu riacho que poderia descer em nível para irrigação das terras que dariam flor-de-cuba para uma Catunda", é correto afirmar que:
a) há duas orações subordinadas adjetivas, introduzidas pelo pronome relativo que.
b) há, respectivamente, uma oração subordinada substantiva, introduzida pela conjunção integrante que, e uma oração subordinada adjetiva, introduzida pelo pronome relativo que.
c) a primeira oração É subordinada adverbial final.
d) a última oração é subordinada adverbial final.
e) o verbo descer marca o início de uma oração subordinada adverbial reduzida de infinitivo.

6 (PUCC-SF) Observe as frases seguintes:
I. O autor destes versos é Manuel Bandeira.
II. Estes versos fazem parte do soneto "Renúncia".
Transformando-se estes dois períodos simples num período composto por subordinação, a alternativa que satisfaz essa exigência é:

a) Estes versos cujos são de Manuel Bandeira, fazem parte do soneto "Renúncia".
b) Estes versos de Manuel Bandeira fazem parte do soneto "Renúncia".
c) Estes versos, cujo autor É Manuel Bandeira, fazem parte do soneto "Renúncia".
d) Estes versos, que o autor é Manuel Bandeira, fazem parte do soneto "Renúncia".
e) Estes versos de quem o autor é Manuel Bandeira, fazem parte do soneto "Renúncia".

7 (PUCC-SP) Não revelou o que descobrira a ninguém.
Assinale a alternativa em que se analise corretamente a classe gramatical e a função sintática das palavras sublinhadas, respeitando a ordem em que elas ocorrem.
a) Artigo; adjunto adnominal. Conjunção integrante; conectivo.
b) Pronome demonstrativo; sujeito. Conjunção integrante; conectivo.
c) Artigo; adjunto adnominal. Pronome relativo; sujeito.
d) Pronome demonstrativo; objeto direto. Pronome relativo; objeto direto.
e) Artigo; adjunto adnominal. Pronome relativo; objeto direto.

8 (PUCC-SP)
I. Contou seu segredo a duas pessoas.
II. As duas pessoas eram de confiança. Observe as duas frases acima. Assinale a alternativa em que elas estão em correta reação lógica e sintática.
a) Contou seu segredo para duas pessoas, por causa que elas eram pessoas de confiança.
b) Pois as duas pessoas eram de confiança, então ele contou seu segredo para elas.
c) As duas pessoas a quem contou seu segredo eram de confiança.
d) Contou seu segredo a duas pessoas, conquanto fossem de confiança.
e) Contou seu segredo a duas pessoas, conforme eram de confiança.

9 (PUCSP) No período:
"E há poetas míopes que pensam que é o arrebol"
a partícula que introduz, respectivamente, orações:
a) subordinada substantiva completiva nominal e subordinada substantiva objetiva direta.
b) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva predicativa.
c) subordinada adjetiva restritiva e subordinada adjetiva explicativa.
d) subordinada substantiva predicativa e subordinada substantiva objetiva direta.
e) subordinada adjetiva restritiva e subordinada substantiva objetiva direta.

10 (PUCSP) Sob o ponto de vista morfológico, a partícula que, assinalada nas duas orações da questão anterior, classifica-se, respectivamente, como:
a) pronome indefinido, pronome relativo.
b) pronome relativo, conjunção integrante.
c) pronome indefinido, conjunção integrante.
d) conjunção integrante, conjunção integrante.
e) conjunção consecutiva, conjunção comparativa.

11 (PUCSP) Nos versos:
"Amo-te, ó rude e doloroso idioma,
(Em que) da voz materna ouvi: "meu filho"!
E em que Camões chorou no exílio amargo".
a expressão (em que), neles destacada, refere-se, respectivamente, a:
a) idioma, voz.
b) idioma, idioma.

c) rude e doloroso, Camões.
d) eu, eu.
e) voz, Camões.

12 (PUCSP) Em relação ao período:
"E, entrando na sala, voltou sem demora com uma caixinha quadrada de folha-de-flandres, que trazia com toda a reverência e cujo tampo abriu cuidadosamente"
É incorreto afirmar que:
a) há duas orações subordinadas adjetivas.
b) há uma oração subordinada adverbial.
c) a partícula que introduz uma oração subordinada substantiva.
d) uma das orações é reduzida de gerúndio.
e) a última oração é subordinada adjetiva.

13 (UNICAMP-SP) Observe que, os trechos abaixo, a ordem que foi dada às palavras, nos enunciados, provoca efeitos semânticos (= de significado) "estranhos":
"Fazendo sucesso com a sua nova clínica, a psicóloga Iracema Leite Ferreira Duarte, localizada na rua Campo Grande, 159."
"Embarcou para São Paulo Maria Helena Arruda, onde ficará hospedada no luxuoso hotel Maksoud Plaza.
(Notícias da Coluna Social do Correio de Mato Grosso, 28 ago. 1988.)
Escolha um dos trechos, diga qual É a interpretação "estranha" que ele pode ter e reescreva-o de forma a evitar o problema.

14 (UNIMEP-SP)
I. Este é Renato.
II. Eu posso contar com a ajuda de Renato.
Se juntarmos as duas orações num só período, usando um pronome relativo, teremos:
a) Este é Renato, com quem eu posso contar com a ajuda dele.
b) Este é Renato, que eu posso contar com a ajuda dele.
c) Este é Renato, o qual eu posso contar com sua ajuda.
d) Este é Renato, com cuja ajuda eu posso contar.
e) Este é Renato, cuja ajuda eu posso contar.

15 (UFV-MG) Dados os conjuntos constituídos por orações absolutas:
a) O menino aprende. O menino é estudioso.
b) O menino é feliz. O pai do menino o ama.
c) A cidade fica longe. O menino nasceu nessa cidade.
Reescreva cada conjunto formado por duas orações absolutas em um único período composto por subordinação, em que a segunda oração seja introduzida por pronome relativo.

16 (VUNESP) Observar as orações destacadas nas transcrições abaixo.
I. "Ergueu a cabeça e contemplou o lugar (onde tantas vezes se aprestara para os seus breves triunfos no trapézio)."
II. "Em algum ponto do corpo ou da alma, doía-lhe ver o lugar (do qual se despedia).
(…)".
III. "(...) semelhança esta que seria maior, não fosse a indiferença quase rancorosa (que o rodeava)."
IV."(...) esforçando-se para dar a entender (que sua ausência não seria sentida)."

V. "Teriam inveja, talvez. Ou desprezo. (Que lhe importava, porém)?"
A respeito delas, é correto dizer:
a) Todas são subordinadas adjetivas.
b) Com exceção de V, que é uma oração absoluta, todas as outras são adjetivas.
c) Com exceção de I, que é subordinada adverbial de lugar, todas as restantes são adjetivas.
d) Somente a II e a III são adjetivas.
e) Com exceção de IV e de V, as demais são adjetivas.

17 (VUNESP) "Sentara-se então num banco, apanhara aquela velha revista (e) começara a folheá-la, sem interesse, (para) fugir ao contato dessas pessoas (que) já o haviam excluído de seu mundo e que, desde alguns dias, raramente lhe dirigiam a palavra - com uma simplicidade afetada, esforçando-se (para) dar a entender (que) sua ausência não seria sentida."
Dos conectivos destacados no fragmento acima, somente um acumula em si os papéis de ligar orações e ser núcleo de uma função sintática na estrutura da oração introduzida. Assinale a alternativa que o contiver:
a) e
b) o primeiro para
c) o primeiro que
d) segundo para
e) o segundo que

18 (VUNESP) "Mas para quem (vos) olha a uma distância de quinhentos metros, essas dimensões (que) levais convosco deixam de existir." Dê a classe gramatical e a função sintática dos termos destacados.

19 (VUNESP) Observe o período:
"Agora sei que outro dia eu disse uma palavra que fez bem a alguém."
a) Substitua a segunda oração por um substantivo ou pronome substantivo.
b) Substitua a terceira oração por um adjetivo.

20 (VUNESP) Classifique as orações do período transcrito na questão anterior.

21 (UNICAMP-SP) A organização síntátíca dada a certos trechos exige do leitor um esforço desnecessário de interpretação. Abaixo você tem um exemplo disso.
"Ao chegar ao ancoradouro, recebeu Alzira Alves Filha um colar indígena feito de escamas de pirarucu e frutos do mar, que estava acompanhada de um grupo de adeptos do Movimento Evangélico Unido." (Folha de S. Paulo, 12 fev. 1992.)
a) Reescreva o trecho, apenas alterando a ordem, de forma a tornar a leitura mais simples.
b) Com base na solução que você propôs, explique por que, do ponto de vista da estrutura sintática do português, o trecho acima oferece dificuldade desnecessária para a compreensão.

22 (PUCSP) Observe o emprego da partícula que em:
1."... esperou que a água marejasse..."
2."... olhando as estrelas, que vinham nascendo."
a) Indique, respectivamente, o valor morfológico da referida partícula em 1 e em 2.
b) Que tipo de oração introduz em 1?

23 (UEL-PR) O homem, () méritos você se referiu, mostrou-se agradecido.
a) cujos
b) a cujos
c) cujos os
d) para cujos
e) de cujos

24 (UEL-PR) Foram inócuas as medidas tomadas pela direção da escola.
A expressão equivalente à palavra inócuas na frase acima é:
a) que não agradaram.
b) que não levaram a nenhum resultado.
c) que não foram divulgadas.
d) que não foram acatadas.
e) que não foram oportunas.

25 (FUVEST-SP) Explique as diferenças de sentido entre estes dois enunciados:
a) Os homens, que têm o seu preço, são fáceis de corromper.
b) Os homens que têm o seu preço são fáceis de corromper.

26 (PUCSP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas abaixo.
a) Veja bem estes olhos ( ) se tem ouvido falar.
b) Veja bem estes olhos ( ) se dedicaram muitos versos.
c) Veja bem estes olhos ( ) brilho fala o poeta.
d) Veja bem estes olhos ( ) se extraem confissões e promessas.
a) de que, a que, cujo, dos quais
b) que, que, sobre o qual, que
c) sobre os quais, que, de que, de onde
d) dos quais, aos quais, sobre cujo, dos quais
e) em quais, aos quais, a cujo, que

27 (CESESP-PE) "... trepado numa rede afavelada cujas varandas serviam-lhe de divisórias do casebre." Em qual das alternativas o uso de cujo não está conforme à norma culta?
a) Tenho um amigo cujos filhos vivem na Europa.
b) Rico é o livro cujas páginas há lições de vida.
c) Naquela sociedade, havia um mito cuja memória não se apagava.
d) Eis o poeta cujo valor exaltamos.
e) Afirmam-se muitos fatos de cuja veracidade se deve desconfiar.

28 (PUCC-SP) Assinale o período em que há uma oração adjetiva restritiva.
a) A casa onde estou é ótima.
b) Brasilia, que é a capital do Brasil, é linda.
c) Penso que você é de bom coração.
d) Vê-se que você é de bom coração.
e) Nada obsta a que você se empregue.

29 (UFPA) Há no período uma oração subordinada adjetiva:
a) Ele falou que compraria a casa.
b) Não fale alto, que ela pode ouvir.

c) Vamos embora, que o dia está amanhecendo.
d) Em time que ganha não se mexe.
e) Parece que a prova não está difícil

30 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase seguinte.
"O controle biológico de pragas, () o texto faz referência, é certamente o mais eficiente e adequado recurso () os lavradores dispõem para proteger a lavoura sem prejudicar o solo."
a) do qual, com que
b) de que, que
c) que, o qual
d) ao qual, cujos
e) a que, de que

31 (FAAP-SP) "Não compreendíamos a razão (por que o Iadrão nao montava a cavalo."
A oração em destaque é:
a) subordinada adjetiva restritiva.
b) subordinada adjetiva explicativa.
c) subordinada adverbial causal.
d) subordinada substantiva objetiva indireta.
e) subordinada substantiva completiva nominal.

32 (CESGRANRIO-SP) A linguagem especial, emprego se opõe o uso da comunidade, constitui um meio () os indivíduos de determinado grupo dispõem para satisfazer o desejo de auto-afirmação.
a) a cujo, de que
b) do qual, ao qual
c) cujo, que
d) o qual, a que
e) de cujo, do qual

33 (PUC-PR) Combinando os conjuntos:
1. O advogado que é pintor ficará uns dias aqui.
2. O advogado, que é pintor, ficará uns dias aqui.
( ) Refere-se a mais de um advogado.
( ) Os outros advogados não são pintores.
( ) Refere-se a um advogado apenas.
( ) Há um advogado e ele é pintor.
( ) Refere-se a mais de um pintor.
A sequência correta é:
a) 2,2,1,1, nada
b) 1,2,1,1, nada
c) nada, 1,2,2,1
d) 1,1,2,2, nada
e) nada, 1,1,2,2

34 (FATEC-SP) Há orações reduzidas que podem ser desenvolvidas em oração adjetiva. Exemplo: "Vi um rapaz (pedindo esmola a sua irmã)." se desenvolve em "Vi um rapaz (que pedia esmola a sua irmã)." Aponte a alternativa em que isso também ocorre:

a) Eram cadáveres a se erguerem dos túmulos.
b) Volte aqui, chegando a hora.
c) A solução era esperarmos.
d) Estaríamos prontos, chegada a hora.
e) n.d.a.

CAPÍTULO 24

ORAÇÕES SUBORDI NADAS ADVERBIAIS

- nota da ledora: propaganda de Valisere: adolescente vestindo calcinha e sutiã, mantendo um comportamento infantil, (sentada à moda indígena-pernas cruzadas na cadeira), e o seguinte texto: - Quando uma menina vira mulher, os homens viram meninos.
- fim da nota.

Neste capítulo, você vai estudar a última parte do período composto por subordinação, com as orações subordinadas adverbiais, isto é, aquelas que exercem a função de adjunto adverbial do verbo da oração principal. No texto do anúncio acima, a oração subordinada adverbial é "Quando uma menina vira mulher", que agrega uma circunstância de tempo à oração principal.

1 INTRODUÇÃO

Você já sabe que uma oração subordinada adverbial exerce a função de adjunto adverbial do verbo da oração principal. Observe:
Naquele momento, senti uma das maiores emoções de minha vida. Quando vi a Pietá, senti uma das maiores emoções de minha vida.
No primeiro período, "naquele momento" e um adjunto adverbial de tempo, que modifica a forma verbal senti. No segundo período, esse papel é exercido pela oração "Quando vi a Pietá", que é, portanto, uma oraçao subordinada adverbial temporal. Essa oração é desenvolvida, já que é introduzida por uma conjunção subordinativa (quando) e apresenta uma forma verbal do modo indicativo (vi, do pretérito perfeito do indicativo). Seria possível reduzi-la, obtendo algo como:
Ao ver a Pietá, senti uma das maiores emoções de minha vida.
"Ao ver a Pietá" é uma oração reduzida porque apresenta uma das formas nominais do verbo (ver é infinitivo) e não é introduzida por conjunção subordinativa, mas sim por uma preposição (a, combinada com o artigo o).

ATIVIDADE

Substitua os termos destacados nas frases seguintes por orações subordinadas.
A seguir, compare os períodos originais aos que você obteve, levando em consideração itens como clareza, síntese, elegância.
a) Nas tardes de domingo, diante da TV, morre-se (de tédio).
h) (À noite), todos os gatos são pardos.
c) (Apesar de sua dedicação ao estudo), avançava muito pouco.

d) (Sem investimento em educação e cultura), o Brasil não chegará à civilização.
e) Muita gente ainda morre (de fome).
f) (Durante as férias), viajei pelo mundo.

2 ASPECTOS SEMÂNTICOS: AS CIRCUNSTÂNCIAS

Ao estudar os adjuntos adverbiais, você viu que sua classificação é feita com base nas circunstâncias que exprimem. Com as orações subordinadas adverbiais ocorre a mesma coisa. A diferença fica por conta da quantidade: há apenas nove tipos de orações subordinadas adverbiais, enquanto os adjuntos adverbiais são pelo menos quinze. As orações adverbiaisadquirem grande importância para a articulação adequada de idéias e fatos e por isso são fundamentais num texto dissertativo, como você poderá constatar a seguir.

Você fará agora um estudo pormenorizado das circunstâncias expressas pelas orações subordinadas adverbiais. É importante compreender bem essas circunstâncias e observar atentamente as conjunções e locuções conjuntivas utilizadas em cada caso.

CAUSA

A idéia de causa está diretamente ligada àquilo que provoca um determinado fato.
As orações subordinadas adverbiais que exprimem causa são chamadas causais.
A conjunção subordinativa mais utilizada para a expressão dessa circunstância é porque.
Outras conjunções e locuções conjuntivas muito utilizadas são como (sempre introduzindo oração adverbial causal anteposta à principal), pois, lá que, uma vez que, visto que. Observe:
As ruas ficaram alagadas porque a chuva foi muito forte.
Como ninguém se interessou pelo proleto, não houve outra alternativa a não ser cancelá-lo.
Já que você não vai, eu não vou.
Por ter muito conhecimento (= Porque/Como tem muito conhecimento), ésempre consultado. (reduzida de infinitivo)

CONSEQUENCIA

A idéia de conseqüência está ligada àquilo que é provocado por um determinado fato.
As orações subordinadas adverbiais consecutivas exprimem o efeito, a conseqüência daquilo que se declara na oração principal. Essa circunstância é normalmente introduzida pela conjunção que, quase sempre precedida, na oração principal, de termos intensivos, como tão, tal, tanto, tamanho. Observe:
A chuva foi tão forte que em poucos minutos as ruas ficaram alagadas.
Tal era sua indignação que imediatamente se uniu aos manifestantes.
Sua fome era tanta que comeu com casca e tudo.

- nota da ledora:
OBSERVAÇÃO - É comum que o termo intensivo da oração principal fique subentendido, como na popular estrutura. - Ele é feio que dói -. A intensidade, no caso, é dada pela entonação, pelo modo de pronunciar a palavra feio: - ele é ffffeio que doi-

(atenção: feio esta mesmo com quatro efes, no texto), ou seja, - Ele é tão feio que sua feiúra chega a doer .
- fim da nota.

CONDIÇÃO
Condição é aquilo que se impõe como necessário para a realização ou não de um fato. As orações subordinadas adverbiais condicionais exprimem o que deve ou não ocorrer para que se realize ou deixe de se realizar o fato expresso na oração principal. A conjunção mais utilizada para introduzir essas orações é se; além dela, podem-se utilizar caso, contanto que, desde que, salvo se, exceto se, a menos que, sem que, uma vez que (seguida do verbo no subjuntivo). Observe:
Uma vez que você aceite a proposta, assinaremos o contrato.
Caso você se case, convide-me para a festa.
Não saia sem que eu permita.
Se o regulamento do campeonato for bem elaborado, certamente o melhor time será o campeão.
Conhecendo os alunos (= Se conhecesse os alunos), o professor não os teria punido. (oração reduzida de gerúndio)

CONCESSÃO
A idéia de concessão está diretamente ligada à idéia de contraste, de quebra de expectativa. De fato, quando se taz uma concessão, não se faz o que é esperado, o que é normal. As orações adverbiais que exprimem concessão são chamadas concessivas. A conjunção mais empregada para expressar essa relação é embora; além dela, podem ser usadas a conjunção conquanto e as locuções ainda que, ainda quando, mesmo que, se bem que, apesar de que. Observe:
Embora fizesse calor; levei agasalho.
Conquanto a economia tenha crescido, pelo menos metade da população continua à margem do mercado de consumo. Foi aprovado sem estudar (= sem que estudasse / embora não estudasse). (reduzida de infinitivo)

- nota da ledora: quadro de destaque na página;
OBSERVAÇÃO
A locução posto que é dada nos dicionários como equivalente a embora, ou seja, é indicada como concessiva: aprovado, posto que não estudasse". Na linguagem corrente, no Brasil, esse emprego não se verifica. Tem-se entanto, o uso dessa locução para idéia de explicação ou causa, como em um poema de Vinicius de Moraes, "Soneto de fidelidade", em que há uma célebre passage que diz: "Que não seja imortal, posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure". É evidente que o poeta não usou a locução posto que com o sentido que está nos dicionários.
- fim do quadro.

- nota da ledora: quadrinho de desenho, representando pai e filha, no sofá. A menina brinca com uma boneca. O pai diz: - apesar de ser muito madura, minha filha ainda gosta de brincar de boneca. - dirigindo-se a filha diz, marotamente: - que boneca linda, filha. Qual o nome dela? A menina com um olhar freudiano, ou quem sabe pensando como não sobrou muito, de inteligência útil, no pai-curuja, que parece embasbacado -

responde: - É a Jane. Ela é cheia de problemas. Casou cedo, virgem, se apaixonou pelo primo, deixou o marido… - o pai aparenta estar apatetado.
- fim da nota.

Apesar de ser muito madura (1o. quadrinho) é subordinada adverbial concessiva, pois estabelece contraste com a oração principal Mas como o leitor descobre no último quadrinho, a garotinha brinca de boneca de um modo nada inocente…

ATIVIDADES

1. Leia atentamente cada uma das frases seguintes. Depois, indique a relação existente entre a oração subordinada e a principal.
a) O treinador decidiu ficar calado porque seus argumentos eram inconsistentes.
b) Os argumentos do treinador eram tão inconsistentes que ele decidiu ficar calado.
c) Se os argumentos do treinador fossem consistentes, ele os teria defendido com veemência.
d) Embora dispusesse de argumentos consistentes, o treinador decidiu ficar calado.

2. Reescreva a frase seguinte utilizando as conjunções e locuções conjuntivas apresentadas em cada item. Faça todas as modificações necessárias para a obtenção de frases bem estruturadas.
Muitos brasileiros não possuem casa própria porque recebem salários baixos.
a) como
b) já que
c) visto que
d) tão... que...

3. Este exercício e semelhante ao anterior.
O quadro da educação no país é tão preocupante que até empresários tradicionalmente omissos estão interessados em participar de projetos que minimizem o problema.
a) como
b) porque
c) de modo que
d) uma vez que

4. Este exercício é semelhante aos anteriores.
Se elininar , o Grêmio, o Corinthians disputará a final do campeonato com o Cruzeiro.
a) caso
b) desde que
c) contanto que

5. Este exercício é semelhante aos anteriores. Apesar de existirem claros indícios de sua participação nas fraudes, o prefeito se diz inocente.
a) embora
b) conquanto
c) ainda que

6. Leia atentamente os dois períodos seguintes e responda à questão proposta.

Se você não se dedicar, não obterá sucesso. Embora você se dedique, não obterá sucesso.

7. Leia atentamente os dois períodos seguintes e responda à questão proposta.
O treinador não será demitido, uma vez que o time se classifique para a semifinal.
O treinador não será demitido, uma vez que o time se classificou para a semifinal.
Explique as relações estabelecidas pela locução conjuntiva (uma vez que) em cada caso.

8. Uma campanha publicitária de uma famosa marca de biscoitos explora um círculo vicioso.
Vende mais porque é fresquinho ou é fresquinho porque vende mais?
Qual relação entre fatos é explorada? Que tipos de oraçao são utilizados para expressar essa relação?

COMPARAÇÃO

As orações subordinadas adverbiais comparativas contêm fato ou ser comparado a fato ou ser mencionado na oração principal. A conjunção mais empregada para expressar comparação é como; além dela, utilizam-se com muita freqüência as estruturas que formam o grau comparativo dos adjetivos e dos advérbios: tão... como (quanto), mais (do) que, menos (do) que. Observe:
Ele dorme como um urso (dorme).
Sua sensibilidade é tão afinada quanto sua inteligência (é).

Como se pode perceber nos exemplos acima, é comum a omissão do verbo nas orações subordinadas adverbiais comparativas. Isso só não ocorre quando se comparam ações diferentes ("Ela fala mais do que faz." - nesse caso, compara-se o falar e o fazer).

CONFORMIDADE

As orações subordinadas adverbiais conformativas indicam idéia de conformidade, ou seja, exprimem uma regra, um caminho, um modelo adotado para a execução do que se declara na oração principal. A conjunção típica para exprimir essa circunstância é conforme; além dela, utilizam-se como, consoante e segundo (todas com o mesmo valor de conforme).
Observe:
Fiz o bolo conforme ensina a receita.
Consoante reza a Constituição, todos os cidadãos têm direitos iguais.
Segundo atesta recente relatório do Banco Mundial, o Brasil é o campeão mundial de má distribuição de renda.

FINALIDADE

As orações subordinadas adverbiais finais exprimem a intenção, a finalidade do que se declara na oração principal. Essa circunstância é normalmente expressa pela locução conjuntiva a fim de que; além dela, utilizam-se a locução para que e, mais raramente, as conjunções que e porque (= para que). Observe:
Vim aqui a fim de que você me explicasse as questões.
Fez tudo porque eu não obtivesse bons resultados. (- para que eu não obtivesse...)

Suportou todo tipo de humilhação para obter o visto americano. (= para que obtivesse...) (reduzida de infinitivo)

- nota da ledora: anúncio da seguradora Itaú: foto de neném, de aproximadamente 6 meses de idade, deitadinho de costas e nuzinho, apresentando o seguinte texto: -" Estão usando mulher pelada até para vender seguro de vida "- referência a nudez da criança que deve ser, objeto de amor maior e proteção, na figura de um filho, beneficiário de seguro.
- fim da nota.

"Para vender seguro de vida" é uma oração subordinada adverbial final.

PROPORÇÃO

As orações subordinadas adverbiais proporcionais estabelecem relação de proporção ou proporcionalidade entre o processo verbal nelas expresso e aquele declarado na oração principal. Essa circunstância normalmente é indicada pela locução conjuntiva à proporção que; além dela, utilizam-se à medida que e expressões como quanto mais, quanto menos, tanto mais, tanto menos. Observe:
Quanto mais se aproxima o fim do mês, mais os bolsos ficam vazios.
Quanto mais te vejo, mais te desejo.
Á medida que se aproxima o fim do campeonato, aumenta o interesse da torcida pela competição.
À proporção que se acumulam as dívidas, diminuem as possibilidades de que a empresa sobreviva.

TEMPO

As orações subordinadas adverbais temporais indicam basicamente idéia de tempo. Exprimem fatos simultâneos, anteriores ou posteriores ao fato expresso na oração principal, marcando o tempo em que se realizam. As conjunções e locuções conjuntivas mais utilizadas são quando, enquanto, assim que, logo que, mal, sempre que, antes que, depois que, desde que. Observe:
"Quando você foi embora, fez-se noite em meu viver." (Milton Nascimento & Fernando Brant)

"Enquanto os homens exercem seus podres poderes, motos e fuscas avançam os sinais vemelhos e perdem os verdes: somoos uns boçais (Caetano Veloso)
Mal você saiu, e/a chegou.
Terminada a festa, todos se retiraram. (Quando terminou a festa) (reduzida de particípio)

- nota da ledora: quadro de destaque na página
OBSERVAÇÃO
Mais importante no que aprender a classificar as orações subordinadas adverbiais é interpretá-las adequadamente e utilizar as conjunções e locuções conjuntivas de maneira eficiente. Por isso, é desaconselhável que você faça o que muita gente costuma indicar como forma de "aprender as orações subordinadas adverbiais": "descabelar-se" para

decorar listas de conjunções e, com isso, conseguir dar um rótulo as orações. Essa prática, além de fazer com que você se preocupe mais com nomenclaturas do que com o uso efetivo das estruturas lingüisticas, é inútil quando se consideram casos mais sutis de construção de frases. Observe, nas frases seguintes, o emprego da conjunção como em diversos contextos: em cada um deles, ocorre uma oração subordinada adverbial diferente. Como seria possível reconhecê-las se se par tisse de uma lista de conjunções "decoradas"? É melhor procurar compreender o que efetivamente está sendo declarado.
Como dizia o poeta, "a vida é a arte do encontro" (valor de conformidade)
Como não tenho dinheiro, não poderei participar da viagem. (valor de causa)
"E cai como uma lágrima de amor." (Antônio Carlos Jobim & Vinicius de Moraes) (valor de comparação)
Há até casos em que a classificação depende do contexto: "Como o jornal noticiou, o teatro ficou lotado". A oração subordinada adverbial pode ser causal ou conformativa, dependendo do contexto.

ATIVIDADES

1. Explique a relação estabelecida entre os fatos ou seres mencionados em cada um dos períodos seguintes.
a) Saíram sem que ninguém notasse.
b) Ela se comportou como criança mimada.
c) Ela se comportou como prometera.
d) Alguns córregos foram canalizados para que não haja inundações durante o verão.
e) Sua cútis é tão suave quanto a de um nenê.
f) Desde que ela se foi, ele tem tido crises de depressão.
g) Desde que você estude, nenhuma surpresa ocorrera.
h)Conseguiu tudo sem que se esforçasse.
i) À medida que se aproxima a data do exame, cresce a ansiedade.
j) Na medida em que o país não consegue diminuir os contrastes sociais, aumentam as tensões e os riscos.
l) "Não permita Deus que eu morra sem que volte para lá."

2. Construa períodos compostos relacionando as orações colocadas em cada item. Utilize a conjunção subordinativa que julgar mais apropriada a cada caso.
a) As várias partes interessadas chegaram a um acordo. Tudo foi feito obedecendo aos termos desse acordo.
b) Este técnico tem trabalhado muito. Os outros técnicos não têm trabalhado tanto.
c) Ele tem aprendido muito. Curiosamente, ele quer aprender sempre mais.
d) Estamos mais próximos do fundo do vale. Podemos ouvir cada vez mais distintamente o som do riacho.
e) Vou dar-lhe um presente. Não quero que ela saiba disso antecipadamente.
f) Precisamos fomar um time. Assim, poderemos participar dos vários campeonatos estudantis.
g) Deve-se investir em saúde e educação. Dessa forma, começarão a surgir perspectivas para o país.

3. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Caminhavamos a beira do rio. Ele me falava de sua vida na Europa.

b) O ministro tomou posse ontem. Fez um discurso vazio e comovente sobre a miséria nordestina.
c) Conseguimos sobreviver às vicissitudes do cotidiano. Muitos tecnocratas elaboram planos mirabolantes.
d) Ela viajou para a Argentina. Sua mãe chegou ao aeroporto três horas depois.
e) Abri a porta. Percebi que alguma coisa estranha acontecera naquela casa.
f) Caminhamos várias horas. Lembramos, então, que as janelas da casa haviam ficado abertas.

4. Substitua X e Y nas frases seguintes por fatos, seres ou conceitos que se alinem com as relações estabelecidas. Substitua, sempre que puder, as formas verbais de ser e acontecer.
a) X é mais importante do que Y.
b) X é menos agradável do que Y.
c) X écomo Y.
d) X acontece como Y acontece.
e) X não acontece como Y acontece.
f) X acontece conforme Y.
g) Como Y aconteceu, X aconteceu.
h) À medida que Y acontece, X acontece.
i) X acontece a proporção que Y acontece.

5. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Enquanto Y acontece, X acontece.
b) Enquanto Y acontecia, aconteceu X.
c) Quando Y acontecer, acontecerá X.
d) Antes que Y aconteça, acontecera X.
e) Antes que Y acontecesse, aconteceu X.
f) Assim que acontecer Y, acontecera X.
g) Logo que acontecesse Y, aconteceria X.

6. Transformar orações desenvolvidas em orações reduzidas é uma forma bastante produtiva de evitar períodos sobrecarregados de conjunções e pronomes relativos. Procure fazer isso com os períodos seguintes.
a) Creio que tenhamos que suportar as exigências que ela faz.
b) Sinto que estão acontecendo fatos que poderiam ser evitados.
c) Quando terminou a sessão, percebi que se tinha desperdiçado uma oportunidade que há muito procurávamos.
d) As promessas que se faziam ali indicavam que o novo governo tinha nítido perfil populista.
e) A expressão que mantinha em seu rosto indicava que ele não se corrígira ainda.
f) Se fossem executadas as obras que o candidato prometera, o município assumiria dívidas que varias gerações não conseguiriam saldar.
g) É importante que você tennha visto tudo a fim de que possa opinar mais tarde.

3 AS ORAÇÕES SUBOORDINADAS ADVERBIAIS E A PONTUAÇÃO

A pontuação dos períodos em que há orações subordinadas adverbiais obedece aos mesmos princípios observados em relação aos adjuntos adverbiais. Isso significa que a

oração subordinada adverbial sempre pode ser separada por vírgulas da oração principal. Essa separação é optativa quando a oração subordinada está posposta à principal e é obrigatória quando a oração subordinada está intercalada ou anteposta:
Tudo continuará como está se você não intervier.
ou
Tudo continuará como está, se você não intervier.
Disse que, quando chegar tomará todas as providências.
Quando chegar tomará todas as providências.

- nota da ledora: quadrinhos na página; dois homens conversando. O primeiro diz: - …é perdão. Mesmo os doidões um dia param se casam têm filhos, emprego… o segundo responde: - …é tô sabendo. E complementa: - mas isso so acontece quando o passado chega! - fim da nota.

"Quando o passado chega!" (2o. quadrinho) não está separada por vírgula da oração principal porque vem posposta a ela No caso, a vírgula é optativa. Mas no 1o. quadrinho observam-se dois deslizes de pontuação: faltam vírgulas em "E, Pedrão e se casam,.

ATIVIDADES

Faça a pontuação correta dos períodos seguintes.
a) Se você tivesse cumprido o que prometera não teria sido punido.
b) Logo estaríamos em casa se tudo desse certo.
c) Como choveu muito o jogo foi transferido.
d) Os rios e as cidades são sujos porque o povo é sujo.
e) À medida que avança o cólera expõe a miséria social do país.
f) Os jogadores como se esperava atuaram sem disposição.
g) Notamos quando ainda seria possível modificar o rumo das discussões a falta de interesse em aprimorar o debate.

TEXTOS PARA ANÁLISE

- nota da ledora: propaganda do IBGE, do censo populacional, com o seguinte texto:
- Brasil vai ficar muito mais legal se você responder corretamente ao Censo.
- segundo anúncio: propaganda ecológica, com o seguinte texto: - Quanto mais alimentos conseguirmos tirar da terra, menos terra iremos tirar da natureza.
- terceiro anúncio: propaganda da Fundação Banco do Brasil, com o seguinte texto:
- Cada vez que um brasileiro sai do campo para a cidade, o Brasil perde alimentos e ganha fome. - na foto, um homem do campo.
- fim da nota.

TRABALHANDO OS TEXTOS
Aponte e classifique as orações subordinadas adverbiais presentes nos textos acima.

Por que você faz cinema?
Para chatear os imbecis. Para não ser aplaudido depois de seqüências dor-de-peito. Para viver à beira do abismo. Para correr o risco de ser desmascarado pelo grande público.

Para que conhecidos e desconhecidos se deliciem. Para que os justos e os bons ganhem dinheiro, sobretudo eu mesmo. Porque de outro jeito a vida não vale a pena. Para ver e mostrar o nunca visto. o bem e o mal o feio e o bonito. Porque vi Simão no deserto.. Para insultar os arrogantes e poderosos quando ficam como cachorro dentro d' ãgua no escuro do cinema. Para ser lesado em meus direitos autorais. (ANDRADE, Joaquim Pedro de. In Calcanhoto, Adriana. A fábrica do poema. CD Epic789/031/2 476644.2)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Há vários casos de oração subordinada adverbial no texto. No entanto, há predominio de um tipo. Qual?

2. Quanto a forma, essas orações subordinadas adverbiais predominantes são todas iguais? Explique.

3. O título do texto, em forma de pergunta, induz um tipo de oração subordinaria adverbial como resposta. Que tipo é esse? Aponte os dois exemplos dessa adverbial presentes no texto.

4. No trecho "... quando ficam como "cachorros dentro d'água" no escuro do cinema", há duas orações subordinadas adverbiais. Separe-as e classifique-as.

5. No trecho destacado na questão anterior, ocorre ambiigüidade estrutural: a expressão "no escuro do cinema", adjunto adverbial de lugar, pode referir-se aos dois verbos. A qual dos verbos essa expressão se refere? Comente.

6. Nenhum dos períodos do texto é simples. Aparrentemente todos são formados apenas por orações subordinadas. Há, na verdade, uma oração principal implícita, que é a mesma em todos os períodos. Qual é essa oração?
7. As razões que levam Joaquim Pedro de Andrade a fazer cinema são de natureza variada. Algumas são ideológicas; outras, pragmáticas. Comente.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1 (EUVEST-SP) "Maria das Dores entra e vai abrir o comutador. Detenho-a: não quero luz."
Os dois pontos (:) usados acima estabelecem uma relação de subordinação entre as orações. Que tipo de subordinação?
a) Temporal.
b) Final.
c) Causal.
d) Concessiva.
e) Conclusiva.

2 (FUVEST/GV-SP) "Ninguém imaginará que, (topando) os obstáculos mencionados, eu haja procedido invariavelmente com segurança e percorrido, sem me (deter), caminhos certos.
Desenvolva as orações reduzidas cujos verbos estão destacados.

Instruções para as questões 3 e 4. Para que os enunciados soltos, apresentados nas questões 4 e 5 se reduzam a um só período, algumas adaptações são necessárias. Escolha a alternativa em que encontramos a estrutura que estilística e gramaticamente expressa, com a necessária clareza, ênfase e correção, a relação desse sentido sugerida pelos parênteses.

3 (ITA-SPI)
I. Conheço um florentino esguio e rijo. (oração principal)
II. Um punhal é esguio e rijo. (indicação de uma confirmação)
III. Ele condena a guerra com o espírito (atributo de objeto direto de I = oração subordinada adjetiva)
IV. Ele a ama desesperadamente com a alma.
(oposição à idéia do predicado de III)
a) O florentino que conheço, esguio e rijo como um punhal, condena a guerra com o espírito, embora a ame com a alma.
b) Conheço um florentino que, esguio e rijo como um punhal, condena a guerra com o espírito, mas a ama com a alma.
c) Conheço um florentino que é esguio e rijo como um punhal, e ele, condenando a guerra com o espiríto, a ama com a alma.
d) Conheço um florentino esguio e rijo como um punhal que condena a guerra com o espírito e a ania com a alma.
e) Um florentino, que é esguio e rijo como um punhal, e que é conhecido por mim, condena a guerra com o espírito, mas a ama desesperadamente com a alma.

4 (ITA-SP)
1. Houve certa vez uma festa no céu. (atributo de adjunto adverbial de III, sugerido pelo verbo ir)
II. Todos os animais compareceram a ela. (atributo do objeto direto de I, oração subordinada adjetiva)
III. O cágado não pôde ir. (oração principal)
IV. O cágado anda muito devagar. (causa de III)
a) Na festa que houve certa vez, no céu, todos os aniniais compareceram, exceto o cágado que, por andar muito devagar, não pôde se fazer presente.
b) Houve, certa vez, uma festa no céu em que compareceram todos os bichos, menos o cágado, que anda muito devagar e por isso não pôde ir nela.
c) Certa vez houve uma festa no céu; todos os bichos lá foram; com exceção do cágado, o qual não pôde ir porque andava muito devagar.
d) Com exceção do cágado que, como andava muito devagar, não pôde ir na festa, todos os bichos compareceram na mesma.
e) Por andar muito devagar, o cágado não pôde ir à festa que certa vez houve no céu, à qual compareceram todos os bichos.

5 (ITA-SP) Em qual dos períodos abaixo há uma oração subordinada adverbial que que expressa idéia de concessão?
a) Diz-se que a obra de arte é aberta; possibilita, portanto, várias leituras.
b) Pode criticar, desde que fundamente a sua crítica em argumentos.
c) Tamanhas são as exigências da pesquisa científica, que muitos desistem de realizá-la.
d) os animais devem ser adestrados, ao passo que os seres humanos devem ser educados, visto que possuem a faculdade de inteligência.
e) Não obstante haja concluído dois cursos superiores, é incapaz de redigir uma carta.

6 (PUCC-SP) Esta questão apresenta cinco propostas diferentes de redação.
Assinale a alternativa em que a redação apresenta falhas na estruturação das frases ou na relação entre elas.
a) Como o senhor não queria perder nenhum de seus trabalhadores, havia regras estipulando que os servos ou seus filhos não poderiam casar-se fora dos domínios, exceto com permissão especial.
b) senhor não queria perder nenhum de seus trabalhadores; por isso havia regras que lhe garantiam que os servos - ou seus filhos não poderiam casar-se fora dos domínios, exceto com permissão especial.
c) Para garantir ao senhor que os servos, ou seus filhos, não se afastassem - o que resultaria em perda de trabalhadores - havia regras estipulando que não poderia casar-se fora dos domínios, exceto com permissão especial.
d) Salvo em alguns casos, e com permissão especial, não se permitia aos servos ou seus filhos casarem-se fora dos domínios, o que garantia ao senhor conservar seus trabalhadores.
e) Para não perder-se nenhum dos próprios trabalhadores, é que o senhor estipulava regras para os servos e seus filhos, que então não podiam casar fora dos seus domínios, mas com permissão especial em certos casos, sim.

7 (PUCC-SP)
O homem age de forma predatória sobre a natureza.
A natureza resiste a atuação predatória do homem.
A natureza mantém vivas algumas de suas espécies.
A natureza responde ao homem sob a forma de intempéries imprevisíveis.
Observe as frases acima. Assinale a alternativa em que elas estão em correta relação lógica e sintática.
a) A natureza resiste ao homem para manter vivas algumas de suas espécies, e também lhe responde com intempéries imprevisíveis, conquanto o homem aja de maneira predatória sobre ela.
b) Pois o homem age de forma predatória sobre a natureza, então ela lhe resiste mantendo vivas algumas de suas espécies, como também lhe responde, com intempéries imprevisíveis.
c) Segundo o homem aja de maneira predatória sobre a natureza, ela lhe resiste, por manter vivas algumas de suas espécies, ou também lhe responde, sob a forma de intempéries imprevisíveis.
d) A natureza resiste ao homem mantendo vivas algumas de suas espécies ou respondendo-lhe com intempéries imprevisíveis, a menos que ele aja de forma predatória sobre ela.
e) Apesar de o homem agir de maneira predatória sobre a natureza, ela resiste, mantendo vivas algumas de suas espécies, e até lhe responde, sob a forma de intempéries imprevisíveis.

8 (PUCSP) No período:
"Da própria garganta saiu um grito de admiração, que Cirino acompanhou, (embora) com menos entusiasmo" a palavra destacada expressa uma idéia de:
a) explicação.
b) concessão.
c) comparação.
d) modo..

e) conseqüência

9 (UNICAMP-SP) No texto abaixo, substitua embora por outra palavra ou expressão, de forma que o texto resultante dessa substituição, com as mínimas alterações necessárias, mantenha o sentido original.
"(...) ergueu-se rapidamente, passou para o outro lado da sala e deu alguns passos, entre a janela da rua e a porta do gabinete do marido. Assim, com o desalinho honesto que trazia, dava-me uma impressão singular. Magra embora, tinha não sei que balanço no andar, como quem lhe custa levar o corpo; essa feição nunca me pareceu tão distinta como naquela noite." Machado de Assis, "Missa do galo")

10 (UNICAMP-SP) Escreva uma paráfrase da passagem destacada a seguir, mantendo as mesmas relações que o texto original estabelece entre o salário dos funcionários públicos e a qualidade dos vários serviços por eles prestados a população.
"No que diz respeito às universidades paulistas, a situação é de novo calamitosa.
Um professor assistente doutor ganha a metade do que recebe seu congênere nas universidades federais.(...) Que fazer diante desse descalabro? Durante a ditadura essa mesma página se enchia de análises refinadas de nossos melhores economistas (alguns deles hoje no parlamento) execrando a predação do funcionalismo através de salários de fome. Hoje a situação está ainda mais agravada e um silêncio de morte se abate sobre os salários. (Cansativo lembrar que manter à míngua os funcionários do Estado é punir os cidadãos que se servem dos hospitais, das escolas, das delegacias, das faculdades).(...) Não se entende bem por que pretender criar mais universidades (o que teoricamente seria ótimo) se se insiste em negar condições adequadas de remuneração para os funcionários e professores da USP, da Unicamp e da Unesp." (Paulo Sérgio Pinheiro, em: Folha de S.Paulo, 20 nov. 1987.)

- nota da ledora: trecho destacado " Cansativo lembrar que manter à míngua os funcionários do Estado é punir os cidadãos que se servem dos hospitais, das escolas, das delegacias, das faculdades"
- fim da nota.

11 (UNICAMP-SP) Substitua a palavra destacada no trecho transcrito abaixo por outra que garanta o mesmo sentido ao texto (você poderá ainda fazer outras modificações, se as julgar indispensáveis).
(Se) não chegam a configurar um processo de radicalização verbal e de alarmismo deliberado, ainda assim são preocupantes e lamentáveis as declarações do ministro da Indústria e Comércio, Roberto Cardoso Alves, de que partidos como o PT e os PCs não deveriam ter existência legal, por não possuírem, na opinião do ministro, compromisso com a democracia. (Folha de S. Paulo, 8 dez. 1988.)

12 (UNIMEP-SP) Assinale a alternativa que, embora tenha valor causaconseqüência, não contém oração adverbial causal.
a) Cheguei tarde, porque choveu muito.
b) Como estava doente, não fui à escola.
c) Estava tanto frio, que não saí de casa.
d) Fiquei chateado, pois fui despedido.
e) Devo ir mal na prova, já que não estudei.

13 (UFV-MG) Dadas as frases:

a) A prova de português está fácil; logo, muitos alunos passarão.
b) A prova de português está fácil, mas muitos alunos a acham difícil.
Tendo sempre em vista o uso das palavras e a eficiência da linguagem, reelabore-as, nos itens a.1 e b.1, em períodos formados por subordinação,
- usando logicamente outras conjunções em outras posições;
- usando, se necessário, outro modo verbal;
-atentando para a observação entre parênteses.
a.1 (A informação contida em "A prova de português está fácil" é (causa.)
b.1 (A informação contida em "A prova de português está fácil" é (concessão.)

14 (VUNESP) "Anda a espreitar meus olhos (para roê-los), (...)"
Transcreva o período acima, desenvolvendo a oração reduzida destacada. A seguir, classifique-a.

15 (VUNESP) Das alternativas abaixo, apenas em uma não se considera um fato natural as violetas murcharem, por receberem muita água. Assinale-a.
a) Como as violetas foram muito molhadas murcharam.
b) Desde que as violetas sejam muito moIhadas, murcham.
c) As violetas foram muito molhadas, de modo que murcharam.
d) Embora as violetas tivessem sido muito molhadas, murcharam.
e) As violetas foram tão molhadas, que murcharam.

16 (VUNESP) () a esposa estar, há muito tempo, longe de casa, o marido não sente sua falta, ( ) se rodeia de amigos, ( ) comemorar sua liberdade.
Observando a coerência na indicação das circunstâncias, assinalar a alternativa que preenche adequadamente as colunas:
a) em razão de; à proporção que; para
b) apesar de; já que; afim de
c) na hipótese de; desde que; por
d) não obstante; quando; sem
e) no caso de; conforme; de modo a

17 (UNICAMP-SP) O autor do texto abaixo conhece um tipo de raciocínio cuja estrutura lembra propriedarles de um círculo e tenta reproduzí-lo. No entanto, não é bem- sucedido.
( ) Gera-se, assím, o círculo vicioso do pessimismo. As coisas não andam porque ninguém confia no governo. E porque niguém confia no governo as coisas não andam.
(Gilberto Dimenstein, Folha de S.PauIo, 22 nov. 1990.)
a) Reescreva o trecho de maneira que ele passe a ter a estrutura de um verdadeiro círculo vicioso.
b) Comparando o que você fez e o que fez o autor, explique em que ele se equivocou.

18 (UFV-MC) "Um dia, (como lhe dissessem) que iam dar o passarinho, (caso continuasse a comportar-se mal), correu para a área e abriu a porta da gaiola." Paulo Mendes Campos) As orações destacadas são, respectivamente, subordinadas adverbiais:
a) causal e condicional.
b) comparativa e causal.
c) conformativa e consecutiva.
d) condicional e concessiva.
e) comparativa e conformativa.

19 (ESAN-~P) Na frase:
"(Como anoitecesse), recolhi-me pouco depois e deitei-me." Monteiro Lobato)
a oração destacada é:
a) coordenada sindética explicativa.
b) subordinada adverbial causal.
c) subordinarIa adverbial conformativa.
d) subordinada adjetiva explicativa.
e) subordinada adverbial final.

20 (UCMC) A classificação da oração destacada está correta em todas as opções, exceto em:
a) Ela sabia (que ele estava fazendo o certo).
(subordinada substantiva objetiva indireta)
b) Era a primeira vez (que ficava assim tão perto de uma mulher). (subordiriada substantiva subjetiva)
c) Mas não estava neles modificar um namoro (que nascera difícil, cercado, travado).
(subordinada adjetiva)
d) O momento foi tão intenso (que ela teve medo). (subordinada adverbial consecutiva)
e) Solta (que você está me machucando). (coordenada sindética explicativa)

21 (PUCC-SP) "Nunca chegara ao fim, (por mais depressa que ande)." A oração destacada é:
a) subordinada adverbial causal.
b) subordinada adverbial concessíva.
c) subordinada adverbial condicional.
d) subordinada adverbial consecutiva.
e) subordinada adverbial comparativa.

22 (FUVEST-SP) Classifique as orações em destaque no período abaixo.
"(Ao analisar o desempenho da economia brasileira), os empresários afirmaram (que os resultados eram bastante razoáveis), uma vez que a produção não aumentou, mas tambem não caiu."
a) principal, subordinada adverbial final
b) subordinada adverbial temporal, subordinada adjetiva restritiva
c) subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva objetiva direta
d) subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva subjetiva
e) principal.subordinaria substantiva objetiva direta

23 (FUVEST-SP) No período "E possível (discernir no seu percurso momentos de rebeldia contra a estandardização e o consumismo) a oração destacada é:
a) subordinada adverbial causal, reduzida de particípio.
b) subordinada objetiva direta, reduziria de infinitivo.
c) subordinada objetiva direta, reduzida de particípio.
d) sobordinada substantiva subjetiva, reduzida de infinitivo.
e) subordinada solistantiva predi(ativa, redozirla (te i iii nitivo.

24 (FUVEST-SP)
"Sei que esperavas desde o início (que eu te dissesse hoje o meu canto solene).

Sei que a única alma (que eu possuo)
é mais numerosa (que os cardumes do mar) " (Jorge de Lima)
As orações destacadas são orações subordinadas, respectivamente:
a) substantiva subjetiva, adjetiva, adverbial consecutiva
b) adjetiva, substantiva objetiva direta, adverbial comparativa.
c) substantiva objetiva direta, adjetiva, adverbial comparativa.
d) adjetiva, substantiva subjetiva, adverbial correlativa.
e) substantiva predicativa, adjetiva, adverbial consecutiva.

25 (UCMC) Em "Orai porque não entreis em tentação.", o valor da conjunção do período é de:
a) causa.
b) condição.
c) conformidade.
d) explicação.
e) finalidade.

26 (ltajubá-MC) Em que período a oração subordinada é adverbial concessiva?
a) Peço-Ihe permissão para voltar ao trabaIho.
b) Mesmo que faça calor, não poderemos nadar.
c) possível que o rapaz tenha oportunidades.
d) Se tudo correr bem, levar-te-ei à Europa.
e) Ela era tão medrosa, que não saía de casa.

27 (UM-SP) No período "Era tal a serenidade da tarde, que se percebia o sino de uma freguesía distante, dobrando a finados", a segunda oração é:
a) subordinada adverbial causal.
b) subordinada adverbial consecutiva.
c) subordinada adverbial concessiva.
d) subordinada adverbial condicional
e) subordinada adverbial temporal.

28 (FEI-SP) Complete, segundo o modelo:
Maria entrou na estufa, porque não topou com um desconhecido.
Se Maria topasse com o desconhecido, não entraria na estufa.

O velbo Leite raciocinou assim, porque havia muita cinza de cigarro no chão.

CAPÍTULO 25
ORAÇÕES COORDENADAS

1 INTRODUÇÃO

As orações coordenadas são sintaticamente independentes; uma não exerce função sintática em relação à outra. Note que na palavra coordenação existe o prefixo co-, que indica "nivelamento, igualdade, companhia ; e o mesmo prefixo de cooperar, co-líder, co-piloto. Na palavra subordinação existe o prefixo sub-, que indica posição inferior: a oração subordinada é sintaticamente dependente da principal.

2 ORAÇÕES SINDÉTICAS E ASSINDÉTICAS

Você já sabe que num período composto por coordenação as orações são independentes e sintaticamente equivalentes. Isso significa que as oraçôes coordenadas não agem como se fossem termos de outra oração, nem têm um de seus termos na forma de oração.

Observe:

"Apita o árbitro, abrem-se as cortinas e começa o espetáculo." (Fiori Gigliotti)

Há três orações nesse período, organizadas a partir das formas verbais apita, abrem-se e começa. Essas orações

- nota da ledora: cinco quadros de pequena propaganda.
1o. quadro: com texto - Quando pequeno, adorava pintura.
2o. quadro: criança riscando a parede.
3o. quadro: texto - cresceu e foi trabalhar num banco.
4o. quadro: texto - ainda há tempo de dar uma virada na sua vida.
5o. quadro: criança de aproximadamente cinco anos, chorando.
- fim da nota.

No 3o. quadro, "Cresceu" é oração coordenada assindética, seguida de uma coordenada sindética ("e foi trabalhar num banco").

são sintaticamente equivalentes, já que nenhuma delas atua como termo sintático de outra. As orações são completas, não lhes falta nenhum termo. Não é difícil para você, que já conhece as orações subordinadas, perceber claramente isso.

Trata-se, portanto, de um período composto por coordenação - e as três orações que o formam são coordenadas.

A conexão entre as duas primeiras orações é feita exclusivamente por uma pausa, representada na escrita por uma vírgula. Entre a segunda e a terceira, é feita pela conjunção e. As orações coordenadas que se ligam umas às outras apenas por uma pausa, sem conjunção, são chamadas assindéticas. É o caso de "Apita o árbitro" e "abrem-se as cortinas". As orações coordenadas introduzidas por uma conjunção são chamadas sindéticas. Sindéticas e assindéticas são palavras de origem grega; a raiz é syndeton, que significa "união". No exemplo acima, a oração "e começa o espetáculo" é coordenada sindética, porque é introduzida pela conjunção e. Costuma-se chamar de coordenada inicial a primeira oração de um período composto por coordenação.

A classificação de uma oração coordenada leva em conta fundamentalmente o aspecto lógico-semântico da relação que se estabelece entre as orações. Você começa a perceber isso já nos nomes das cinco coordenadas sindéticas, que podem ser subdassificadas em aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.

3 CLASSIFICACÃO DAS ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS

ADITIVAS

As coordenadas sindéticas aditivas normalmente indicam fatos ou acontecimentos dispostos em sequência. A palavra aditiva é da mesma família da palavra adição, que, como você sabe, significa "soma". Portanto, as coordenadas aditivas normalmente têm o papel de somar, sem acrescentar outro matiz de significação. As conjunções coordenativas aditivas típicas são e e nem (e + não):

Caetano Veloso canta e compõe muito bem.

Ela não trabalha nem estuda.

Como a conjunção nem tem o valor da expressão "e não", condena-se na língua culta a forma e nem para introduzir orações aditivas.
A língua portuguesa dispõe também de estruturas correlativas para coordenar orações. Essas estruturas, conhecidas como séries aditivas enfáticas, costumam ser usadas quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração:
Caetano Veloso não só canta, mas também (ou como também) compõe muito bem.
Ele não só foi o melhor do time, mas também (ou como também) fez o gol da vitória.

ADVERSATIVAS
As orações coordenadas sintéticas adversativas exprimem fatos ou conceitos que se opõem ao que se declara na oração se declara na oração coordenada anterior, estabelecendo contraste ou compensação. A palavra adversativa é da mesma família da palavra adversário, que, como você sabe, significa "opositor". A conjunção coordenativa adversativa típica é mas; além dela, empregam-se porém, contudo, todavia, entretanto e as locuções no entanto, não obstante. Observe:
"Eu queria querer-te e amar o amor construirmos dulcíssima prisão, encontrar a mais justa adequação, tudo métrica, rima, nunca dor, mas a vida é real e de viés."
(Caetano Veloso)

O Brasil tem potencial inesgotável; sua má administração, porém, tem produzido apenas a sociedade mais injusta do planeta.
O time jogou muito hem, entretanto não conseguiu a vitória.

- nota da ledora: quadro de destaque na página
OBSERVAÇÃO
Em textos clássicos, é possível encontrar a conjunção entando, que hoje só é empregada na locução no entanto. Quanto a esta locução, convém não imitar uma construção cada vez mais comum tanto na língua falada como na escrita: - Lutamos muito, mas, no entanto, não conseguimos o que queríamos. Mas e no entanto se equivalem; portanto, basta usar uma das duas.
- fim do quadro.

ALTERNATIVAS
A palavra alternativa é da mesma família das palavras alternância, alternar. É óbvio, pois, que as orações coordenadas sindéticas alternativas exprimem fatos ou conceitos que se alternam ou que se excluem mutuamente. Essa relação é normalmente expressa pela conjunção ou (que pode surgir isolada ou em pares); além dela, empregam-se os pares ora...
ora...ora…, ja... ja..., quer... quer... Observe:
Fale agora, ou cale-separa sempre.
Ora age com calma, ora trata a todos com muita aspereza.
Estarei lá quer você permita, quer você não permita.
Nesse último raso, o par quer... quer... está coordenando entre si duas orações que, na verdade. expressam concessão em relação a "Estarei lá". É como se se dissesse "Embora você não permita, estarei la".

- nota da ledora: quadro de destaque na página
OBSERVAÇÃO

Na língua culta, não se aceita construções como : - Estarei la, quer chova ou faça sol - ou Esta sempre alegre, seja dia de trabalho ou de festa. É necessário manter o paralelismo, repetindo a conjunção - quer chova, quer faça sol -; seja dia de festa, seja dia de trabalho. - fim do quadro.

CONCLUSIVAS
A palavra conclusiva é da mesma família das palavras concluir, conclusão. Evidentemente, as orações coordenadas sindéticas conclusivas expressam uma conclusão lógica que se obtém a partir dos fatos ou conceitos expressos na oração anterior. A conjunção mais empregada na língua falada é por isso. Na língna escrita, aparecem outras, como logo, portanto e pois, esta obrigatoriamente posposta o verbo. Também se usam então, assim e as locuções por conseguinte, de modo que, em vista disso. Observe:
Não tenho dinheiro, portanto não posso pagar.
"Penso, logo existo."
Ela é paulista; é, pois, brasileira.
O time venceu, por isso está classificado.

EXPLICATIVAS

As orções coordenadas explicativas normalmente expressam a justificativa de uma ordem, sugestão ou suposição. As conjunções mais usadas são que, porque e pois, esta obrigatoriamente anteposta ao verbo. Observe:
" Deixe em paz meu coração, que ele é um pote até aqui de mágo " (Chico Buarque)
Choveu durante a noite, porque as suas estão molhadas.
Comprimente-o, pois hoje é seu aniversário.
É preciso tomar cuidado para não confundir explicação com causa, ou seja, não se devem confundir as orações coordenadas explicativas com as subordinadas adverbiais causais. Uma explicação é sempre posterior ao fato que a gerou; uma causa é sempre anterior à conseqüência resultante dela. Nas frases acima, é fácil perceber que não se estão indicando causas, e sim se apresentando explicações:
no primeiro caso, alguém pede que o deixem em paz e explica por que está fazendo o pedido; no segundo caso, alguém supõe que tenha chovido durante a noite e baseia sua suposição no fato de as ruas estarem molhadas. Note, nesse segundo caso, que seria absurdo pensar que as ruas molhadas são a causa da chuva - o que ocorre é exatamente o inverso. Se o fato de as ruas estarem molhadas fosse a causa da chuva, estaria resolvido o problema da seca no Brasil:
bastaria molhar as ruas das cidades do sertão.

- nota da ledora: desenho de quadrinhos.
1o. quadro - dois detetives observam um homem engravatado, e carregando uma pasta. Um detetive diz ao outro: - Algo não me cheira bem, Tuminha! Vamos dar campana ao elemento que ele deve ter culpa no cartório! - responde o outro: - positivo Tumão. Que faro!.
2o. quadro:- Tuminha diz a Tumão: - Como é que você consegue farejar pistas deste jeito?
3o. quadro: - Intuição Tuminha, pura intuição! - ao que responde Tuminha com um chorinho: - snif! - complementação da nota - a intuição do Tumão advém do rastro de

pó branco que esta caindo da maleta do elemento suspeito, e deixando uma fileira de rastro atrás dele.
- fim da nota.

No 1o. quadro, ocorre uma oração coordenada sindética explicativa: 'que ele deve ter culpa no cartório'; infelizmente sem vírgula separando-a da oração precedente (estude a pontuação das orações coordenadas na página 471 deste livro).

- nota da ledora: quadro de destaque na página.
OBSERVAÇÕES
1. É preciso, no caso das coordenadas, levar em conta que a classificação depende fundamentalmente da relação de sentido que se estabelece entre as orações. A conjunção e, por exemplo, é sempre vista como aditiva. Num período como "Deus cura, e o médico manda a conta.", é evidente que seu valor não é aditivo. O período, na verdade, equivale a algo como "Deus cura, mas é o médico quem manda a conta.". Em "Você me quer forte, e eu não sou forte mais.", ocorre o mesmo. A conjunção e equivale a mas, portanto tem valor adversativo e assim deveria ser classificada. Para a Nomenclatura Gramatical Brasileira, no entanto, vale a forma. A conjunção e é aditiva e fim. Nos vestibulares mais requintados, felizmente, essa visão limitada já está fora de moda. A classificação leva em conta o sentido efetivo.
2. Há orações coordenadas assíndéticas que possuem claramente valor de sindéticas, porque apresentam um conectivo subentendido. Veja:
Fiz o possível para prevenir-lhes o perigo; ninguém quis ouvir-me.
Fale baixo: não sou surdo!
A terceira oração do primeiro período ("ninguém quis ouvir-me") e a segunda do segundo ("não sou surdo"), apesar de formalmente assindéticas, já que não apresentam conjunção, têm sentidos bem marcados: a primeira tem valor adversativo (equivale a "mas ninguém quis ouvir-me"); a segunda, explicativo (equivale a "pois não sou surdo").
Por isso convém insistir em que você se preocupe mais com o uso efetivo das estruturas linguísticas do que com discussões às vezes intermináveis sobre questões de mera nomeclatura. - fim do quadro.

ATIVIDADES
1. Explique as relações existentes entre os fatos expressos nos períodos compostos seguintes.
a) Ela já deve ter mudado, porque sua casa está vazia.
b) Mantenha a calma, que tudo dará certo.
c) É milionário e vive pedindo fiado.
d) Vários parlamentares ausentaram-se intencionalmente da votação; essa ausência deve ser vista, pois, como uma tomada de posição.
e) Venha amanhã, pois temos de tomar decisões importantes.
f) Faça direito ou será obrigado a refazer.

2. A partir dos períodos dados, construa períodos compostos por coordenação, unindo as orações na ordem conveniente. Utilize a conjunção coordenativa apropriada e faça as alterações necessárias.
a) Aquele verão foi quente e ensolarado. Só pudemos sair de casa poucas vezes.
b) Nesta terra de fartura, existem muitos pobres. Alguma coisa está errada.

c) Visite-me. Quero estar com você mais tempo.
d) A saíra de grãos será a maior da história. Muita gente passará fome.
e) Não fomos capazes de resolver nossos problemas. Foi preciso procurar novas alternativas.
f) Invista em seu futuro agora. Você poderá enfrentar dificuldades mais tarde.
g) Chove torrencialmente. A seca castiga a tudo e a todos.

3. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Estou enganado. Escrevi um texto desnecessário.
b) Não participei da reunião. Não posso opinar sobre o assunto.
c) Irei à Europa nas férias. Não estarei em San Paulo.
d) Vocês podem ir. Devem voltar cedo.
e) Esperei um pouco. Telefonei para ela. Marquei um encontro para a noite.
f) Venha logo para dentro. Está fazendo frio.
g) Ela não pára de sorrir. Deve ser feliz.
h) Tome cuidado na estrada. Está cheia de buracos.
i) Há anos estudo espanhol. Estou começando a estudar francês.
j) Vou dar o recado a ela. A reunião não pode ser adiada.
l) Caiu violentamente. Não sofreu um arranhão.

4. Ordene os fatos expressos nas orações de cada item e forme períodos compostos por coordenação. Utilize as conjunções ou sinais de pontuação apropriados a cada caso.
a) Acendeu a fogueira. Juntou galhos e gravetos.
b) Armou a barraca cuidadosamente. Escolheu um local plano e aberto. Limpou o terreno.
c) A luz invadiu o quarto. Levantou-se da cama. Chegou até a janela. Caminhou cuidadosamente no escuro. Abriu-a.
d) Não posso discutir o assunto. Nada sei sobre ele.
e) Muitas pessoas já estão dormindo. Não faça barulho.
f) Não se feriu com gravidade. Sofreu um acidente terrível.
g) Não obterá sucesso. Faça tudo cuidadosamente.

5. Em cada item seguinte, há um período composto por subordinação. Estude bem a relação estabelecida entre os fatos; depois, proponha um período composto por coordenação cujo sentido se aproxime do expresso pelo período original.
a) Embora a acusação seja grave, o candidato nega-se a discuti-la.
b) Se você não se dedicar seriamente, os resultados não serão satisfatórios.
c) Conclui que não há ninguém na casa porque janelas e portas estão trancadas.

4 AS ORAÇÕES COORDENADAS E A PONTUAÇÃO

Separam-se por vírgula as orações coordenadas assindéticas e as orações coordenadas sindéticas, com exceção das introduzidas pela conjunção e que não tenham sujeito diferente do da oração anterior:
Alguns reclamam, um ou outro protesta, ninguém reivindica.
A exploração racional dos recursos naturais pode ser lucrativa, logo deve ser incentivada num país pobre e subdesenvolvido.
A queimada de florestas nativas representa grande desperdício, mas continua a ser praticada neste país.

No caso das orações coordenadas introduzidas pela conjuoção e, devem-se anotar os mesmos procedimentos aplicados aos termos coordenados de um período simples, ou seja:
a) quando a conjunção surge apenas entre a penúltima e a última oração de uma sequência, não se emprega vírgula:
Apresentei meus argumentos e fiz minhas exigências.
Participei da reunião, levei meu relatório. Apresentei meus pontos de vista e minhas exigências.
b) quando a conjunção e é repetida, introduzindo várias orações de uma sequência, deve ser sempre precedida de vírgula:
O menino girava em volta da mãe, e vinha, e torna a ir , e ainda mais uma vez voltava, e se afastava, e ameaçava falar o que queria, e fazia meia volta…
c) a vírgula também deve ser usada quando a conjunção une orações que possuem sujeitos diferentes:
O presidente convocou os ministros, e o Congresso começou a trabalhar.

Também o ponto-e-vírgula pode ser utilizado na pontuação das orações coordenadas, especialmente com as orações adversativas e com as conclusivas:
Aja como quiser; mas não me impeça de pensar.
Os problemas se avolumam num ritmo alucinante; portanto é preciso adotar providências cócientes com rapidez.

O uso do ponto-e-vírgula pode ocorrer também entre orações assindéticas que tenham nítido valor adversativo ou conclusivo:
Fiz o possível para demovê- los daquela idéia; não consegui absolutamente nada.
Os livros são raros; e preciso conservá-los com todo o cuidado.

O ponto-e-vírgula é obrigatório para separar coordenadas sindéticas adversativas ou conclusivas que não sejam iniciarias pela conjunção. Note que, nesses casos, as conjunções deslocadas devem ser isoladas por vírgulas:
Uns lutam, criam; outros, porém, só sabem explorar.
O país investe pouco em educação; não há, portanto, perspectiva de eliminar o atraso.

- nota da ledora: propaganda na página: foto de uma pão. Texto: - Todo mundo sabe qual é a receita . Mas você não compra de todo mundo. Propaganda depende de quem faz. Salles - 1966/ 1986. Vinte anos fazendo da propaganda o pãp de cada dia.
- fim da nota.

Para enfatizar a oração coordenada adversativa, alguns preferem separá-la da anterior por ponto final. Mas convém reservar esse recurso para momentos especiais, evitando transformá-lo num cacoete lingüístico.

O ponto-e-vírgula permite organizar blocos de orações coordenadas que estabelecem contraste:
Uns avançam os sinais vermelhos, oprimem os pedestres nas faixas de segurança, estacionam em fila dupla e ostentam pose de bons cidadãos; outros nascem na miséria, crescem nas ruas, vendem goma de mascar nas esquinas e acabam recebendo destaque nas reportagens policiais.

O ponto-e-vírgula deve ser usado para separar os membros de uma enumeração:
Numa eleição, é preciso levar em conta:
a) o perfil ideológico e o programa de cada partido;
b) a atuação dos membros do partido em gestões anteriores;
c) a qualidade individrial dos candidatos do partido.

ATIVIDADES

Pontue adequadamente os períodos seguintes.
a) O jogador queria participar da partida mas o médico do clube não permitiu.
b) O álcool combustível é uma fonte renovável de energia portanto deveria ter seu uso ampliado e estimulado.
c) O álcool combustível é uma fonte renovável de energia deveria ter seu uso ampliado e estimulado portanto.
d) Insistiu muito e conseguiu o que queria.
e) Tentou uma vez e insistiu e tornou a tentar e conseguiu o que queria.
f) Examinei notei a falta de estrutura do grupo e achei melhor interferir.
g) Vários projetos têm sido apresentados para amenizar as tensões sociais do país nenhum deles contudo estabelece uma distribuição de renda menos indecente.
h) Apresentei vários projetos nenhum foi sequer analisado.
i) Chamava-se Pedro o amigo Paulo.

TEXTOS PARA ANÁLISE

Carlos, sossegue, o amor
é isso que você está vendo:
hoje beija, amanhã não beija,
depois de amanhã é domingo
e segunda-feira ninguém sabe
o que sera.
Inútil você resistir
ou mesmo suicidar-se.
Não se mate. oh não se mate,
reserve-se todo para
as bodas que ninguém sabe
quando virão, se é que virão.

O amor, Carlos você telúrico,
a noite passou em você,
e os recalques se sublimando,
lá dentro um barulho inefável,
rezas,
vitrolas,
santos que se persignam,
anúncios do melhor sabão,
barulho que ninguém sabe
de quê praquê.
Entretanto você caminha

melancólico e vertical.
Você é a palmeira, você é o grito
que ninguém ouviu no teatro
e as luzes todas se apagam.
O amor no escuro, não, no claro,
é sempre triste, meu filho,
Carlos. mas não diga nada a ninguém,
ninguém sabe nem saberá.
(ANDRADE. Carlos Drummond. Reunião. 10. ed, Rio de Janeiro, José Olympio, 1980. p. 40.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Qual é a função sintática do termo Carlos no primeiro verso do poema?
2. O termo inútil faz parte de uma oração cujo verbo está implícito. Qual é esse verbo? Qual é o sujeito desse verbo? Não se esqueça de levar em conta o papel da conjunção ou.
3. Classifique a oração "mas não diga nada a ninguém".
4. Além das orações iniciadas por e, há outra sindética aditiva. Indique-a.
5. Retire do texto outra oração que tenha a mesma classificação da oração citada na questão anterior. Com que passagem do texto ela se relaciona?
6. No trecho "mas não diga nada a ninguém, / ninguém sabe nem saberá", pode-se pensar numa conjunção implícita. Qual é e em que oração ela poderia ser empregada? Como seria classificada essa oração?
7. Que atitude o texto recomenda como forma de enfrentar a desilusão amorosa? Comente.

- nota da ledora: propaganda da Alunorte, com o seguinte texto: O Brasil exportava bauxita e importava alumina, exportava bauxina e importava alumina, exportava bauxita e importava alumina, exportava bauxita e importava alumina, exportava bauxita e importava alumina para produzir alumínio. Agora o Brasil fechou esse cíclo.
- fim da nota .

1. Classifique as orações coordenadas presentes no texto ao lado.
2. Por que, na sua opinião, o texto repete tantas vezes a mesma construção? Comente.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1 (PUCSP) No período:
"A roupa lavada, que ficara de véspera nos coradouros, umedecia o ar e punha-lhe um fartum acre de sabão ordinário." temos, respectivamente, as seguintes orações:
a) principal, subordinada adjetiva explicativa, coordenada sindética aditiva.
b) inicial, subordinada adjetiva explicativa, coordenada sindética aditiva.
c) principal, subordinada substantiva completiva nominal, coordenada sindética aditiva.
d) inicial, coordenada sindética explicativa, coordenada sindética aditiva.
e) principal, subordinada adjetiva explicativa, subordinada adverbial causal.

2 (FUVEST-SP) Dentre os períodos transcritos abaixo, um é composto por coordenação e contém uma oração coordenada sindética adversativa. Assinalar a alternativa correspondente a esse período.
a) A frustração cresce e a desesperança não cede.
b) O que dizer sem resvalar para o pessimismo, a crítica pungente ou a auto-absolvição?
c) É também ocioso pensar que nós, da tal elite, temos riqueza suficiente para distribuir.
d) Sejamos francos.
e) Em termos mundiais somos irrelevantes como potência econômica, mas ao mesmo tempo extremamente representativos como população.

3 (FUVEST-SP) "Anteontem aconteceu o que era inevitável, mas nos encantou como se fosse inesperado: meu pé de milho pendoou." (Rubem Braga)
A oração a que pertence o verbo encantar é introduzida pela conjunção mas, o que a torna coordenada; por outro lado, o pronome relativo que faz dela uma subordinada. Como você pode explicar essa dualidade?

4 (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que ocorre uso incorreto de conjunção.
a) O homem criou a máquina para facilitar sua vida, e contudo ela correspondeu a essa expectativa.
b) Diga-lhe que abra logo a porta, que eu estou com pressa.
c) Ele tinha todas as condições para representar bem os colegas; nem todos lhe reconheciam os méritos, porém.
d) O problema é que ainda não se sabe se ele agiu conforme as normas da empresa.
e) Ao perceber o que tinham feito com seus livros, gritou que parecia um louco.

5 (PUCSP) No período:
"Meyer, que estava sentado na soleira da porta com as compridas pernas encolhidas, ergueu-se precipitadamente ao avistar Cirino e correu ao seu encontro", temos, respectivamente, as seguintes orações:
a) principal, subordinada adjetiva explicativa, subordinada adverbial reduzida, coordenada sindética aditiva.
b) inicial, subordinada adjetiva restritiva, principal, coordenada sindética aditiva.
c) principal, subordinada substantiva completiva nominal, subordinada adverbial temporal, coordenada sindética aditiva.
d) inicial, coordenada sindética explicativa, coordenada assindética, coordenada sindética aditiva.
e) principal, subordinada adjetiva explicativa, coordenada assindética, coordenada sindética aditiva.

6 (PUCSP) Na organização do período composto, podem ocorrer dois processos:
a coordenação e a subordinação.
a) Explique esses dois proressos.
b) Analise o período composto que transcrevemos, dividindo suas orações e classificando-as.
" Dentro dele um desejo abre-se em flor e cresce e ele pensam ao sentir esses sonhos ignotos, que a alma é como uma planta..."

7 (UNlMFP~SP) "Mauro não estudou nada e (foi aprovado). Apesar do e, normalmente aditivo, a oração sublinhada é:

a) adversativa,
b) conclusiva.
c) explicativa.
d) alternativa.
e) causal.

8 (UNIMEP-SP)
I. Foi às Olimpíadas, mas perdi o ano na escola.
II. Perdeu o emprego, mas passou três meses na Europa.
III. Todos ficaram apreensivos, mas a responsabilidade era grande.
A conjunção mas introduz orações coordenadas adversativas que podem apresentar, no entanto, idéias ou valores diferentes. Em I. II. e III há, respectivamente, idéia ou valor de:
a) compensação, justificativa, contraste.
b) compensação, compensação, justificativa.
c) não-compensação, não-compensação, objeção.
c) não-compensação, compensação, justificativa.
e)comparação, objeção, compensação.

9 (FUVFST-SP) Assinalar a alternativa que apresenta orações de mesma classificacão que as deste período: "Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos".
a) Pouco a pouco o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano.
b) Foi até a esquina, parou, tomou fôlego.
c) Depois que aconteceu aquela miséria, temia passar ali.
d) Tomavam-lhe o gado quase de graça ainda inventavam juro.
e) Não podia dizer em voz alta que aquilo era um furto, mas era.

10 (FCMSCSP) Chamando de :
1. o período composto por coordenação sindética.
2. o período composto por coordenação assindética, assinale a alternativa correta.
a) Colhemos frutos, jogamos bola. (1)
b) Bem depressa chegou o trem: despedimo-nos sem demora. (1)
c) Os dois anos de serviço acabaram em 1855, e o escravo ficou livre, mas continuou o ofício. (1)
d) Dormi tarde, mas acordei cedo. (2)
e) Fui bem em Física, mas não acertei nada de Quimica. (2)

11 (FEl-SP) "Sem dúvida as árvores se despojaram e enegreceram, o (açude estancou), as porteiras dos currais se abriram, inúteis." (Graciliano Ramos)
Classitique sintaticamente a oração destacada.
a) coordenada sindética aditiva
b) coordenada sindética adversativa
c) coordenarIa sindética conclusiva
d) coordenada assindética

12 (FCMSCSP) Por definicão, oração coordenada que seja desprovida de conectivo e denominada assindética. Observando os períodos seguintes:
1. Não caía um galho, não balançava uma folha.
2. O filho chegou, a filha saiu, mas a mãe nem notou.
3. O fiscal deu o sinal, os candidatos entregaram a prova. Acabara o exame.

nota-se que existe coordenação assindética:
a) apenas em 1.
b) apenas em 2.
c) apenas em 3.
d) em 1, 2, 3.
e) em nenhum deles.

13 (UFV-MG) No seguinte período:
"Choveu durante a noite, (porque as ruas estão molhadas)."
a oração destacada é:
a) subordinada adverbial consecutiva.
b) coordenada sindética explicativa.
c) subordinada adverbial causal.
d) coordenada sindética conclusiva.
e) subordinada adverbial concessiva.

14 (FCMSCSP) Por definição, "oração coordenada que se prende a anterior por conectivo é denominada sindética e classilicada pelo nome da conjunção que a encabeça". Assinale a alternativa em que aparece uma coordenada sindética explicativa, conforme a definição.
a) A casaca dele estava remendada mas estava limpa.
b) Ambos se amavam, contudo não se falavam.
c) Todo mundo trabalhando: ou varrendo o chão ou lavando as vidraças.
d) Chora, que lágrimas lavam a dor.
e) O time ora atacava, ora defendia e no placar aparecia o resultado favorável.

15 (UFJF-MG) Só há oracões coordenadas em:
a) "Faltou vinho em um casamento, e deu à água que corre a cor e o qosto do vinho."
b) "As ondas aplacavam-se a um gesto seu; os peixes, que se recusavam a Pedro, enchiam a rede que Jesus mandara lançar."
c) "Uma noite, perante os discípulos turbados, caminhou lisamente sobre o mar, como nós outros pisamos o chão."
d) "Acalmou possessos. Fez andar paralíticos. A leprosos sacava as feridas."
e) "Todas essas respostas seriam impressionantes, e os evangelistas as consignariam respeitosamente em suas crônicas."

16 (IMES-SP) Classifique as orações destacadas, de acordo com o código abaixo:
a) coordenada sindética aditiva
h) coordenada sindética adversativa
c) coordenada sindética explicativa
d) coordenada sindética conclusiva
e) coordenada assindética
I. ( ) "De outras ovelhas cuidarei, (que não de vós)." (Garrett)
II. ( ) José entendeu os testes, (portanto pode fazer as provas).
III. ( )Você não pode desanimar, (pois, afinal de contas, tudo anda muito bem).

17 (F. C. Chagas-BA) Não chegue tarde, pois muita gente virá procurá-lo.
Comece com: Muita gente vira...
a) porquanto
b) entretanto

c) por conseguinte
d) dado que
e) visto como

Texto para as questões 18 e 19.
"João amava Teresa que amava Raimundo / que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili / que não amava ninguém. / João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento, / Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,/ Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes/ que não tinha entrado na história. (Carlos Drummond de Andrade)

18 (PUCSP) A primeira parte do poema (três primeiros versos) é marcada, sintaticamente, pela presença de orações ( ), cujos termos introdutórios atuam como ( )
a) subordinadas adjetivas restritivas, conectivo-sujeito
b) coordenadas sindéticas explicativas, simpIes conectivo
c) subordinadas adverbiais comparativas, simples conectivo
d) subordinadas adjetivas explicativas, conectivo-sujeito
e) coordenadas sindéticas aditivas, simples conectivo

19 (PUCSP) A segunda parte do poema (quatro últimos versos) tem um ritmo diferente da primeira. Isso se deve, entre outras características, a estrutura sintática das orações, assim organizadas:
a) coordenadas aditivas e subordinada adverbial conclusiva.
b) coordenadas explicativas e subordinada adjetiva restritiva,
c) coordenadas aditivas e subordinada adjetiva explicativa.
d) coordenadas aditivas e subordinada adjetiva restritiva.
e) coordenadas explicativas e subordinada adjetiva explicaivas.

20 (FCMSCSP) Apesar de ter uma inteligência notável, não conseguia entender as razões alheias.
Comece com: Tinha uma inteligência...
a) portanto
b) sendo que
c) afim de que
d) no entanto
e) desde que

21 (FCMSCSP) Seja racional, pois aqui não cabem critérios subjetivos.
Comece com: Aqui nâo cabem...
a) portanto
b) visto que
c) para isso
d) posto que
e) não obstante

22 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção em que a conjunção e está empregada com valor adversativo.
a) "Deixou viúva e órfãos miúdos."
b) "Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção proibi a aguardente."
c) "Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem."

d) "Iniciei a pomicultura e a avicultura."
e) "Perdi dois caboclos e levei um tiro de emboscada."

23 (PUC-PR) Em: "Ele esteve na festa; sabe, pois, o que lá aconteceu", o vocábulo pois encerra idéia de:
a) causa.
b) consequência.
c) concessão.
d) finalidade.
e) condição.

24 (UFMG) Nos itens abaixo apresentamos alguns períodos e considerações sobre eles. Em que alternativa essas considerações são erradas?
a). 1. Isso aconteceu (porque você não me ouviu).
2. Alguma coisa aconteceu, (porque você está muito assustado).
No período 1, a oração sublinhada expressa a causa do que se informa na oração principal. No período 2, a oração sublinhada não expressa a causa do que se informa na principal.

b) 1. A casa de Mário, que foi construída em 1945, conserva, até hoje, sua pintura primitiva.
2. A casa de Mário que foi construída em1945 conserva, até hole, sua pintura primitiva.
Os dois períodos têm sentidos diferentes. No período 1 podemos concluir que Mário tem uma casa apenas. No período 2 indica-se que Mário tem mais de uma casa.

c) 1. (Como tivesse terminado a apuração das eleições), os políticos vencedores festejaram, euforicamente, sua vitória.
2. (Mal terminou a apuração das eleições), os políticos vencedores festejaram, euforicamente, sua vitória.
Nos dois períodos observa-se entre a oração subordinada (destacada) e a principal uma relação de concessão.

d) 1.(Mesmo não tendo obtido um bom resultado), conseguimos a aprovação.
2. (Apesar de não ter obtido um bom resultado), conseguimos a aprovação.
Nos dois períodos observa-se entre a oração subordinada (destacada) e a principal uma relação de concessão.

e) 1. (A menos que sejam tomadas providências imediatas), toda a riqueza florestal da Amazônia será devastada.
2. (Caso não sejam tomadas providências imediatas), toda a riqueza florestal da Amazônia será devastada.
Nos dois períodos observa-se entre a oração subordinada (destacada) e a principal uma relação de condição.

CAPÍTULO 26
CONCORDÂNCIA VERBAL E NOMINAL

1 CONCORDÂNCIA VERBAL

- nota da ledora: anúncio da Adidas. Fotografia de uma perna, e um pé, dando destaque ao pé descalço, pintado com as três listras que são marca registrada da Adidas, e o seguinte texto: - 26 ossos, 200 músculos, 320 km/h na troca de mensagem com o cérebro. Para ficar perfeito, só lhe faltam três listras.
- fim da nota.

Neste capítulo, você vai estudar um dos aspectos mais ricos da sintaxe portuguesa: a concordância.
Você ja aprendeu nos capítulos destinados à analise dos termos essenciais da oração que o verbo e o sujeito estão sempre ligados pelo mecanismo de concordância, mesmo que o sujeito venha posposto ao verbo, como no anúncio ao lado (o sujeito "três listras" esta em relação de CONCORDÂNCIA com o verbo faltavam). De acordo com essa relação, verbo e sujeito concordam em número e pessoa:

Assumo meus inúmeros erros: sujeito da primeira pessoa do singular (eu),Assumimos nossos inúmeros erros: sujeito da primeira pessoa do plural (nós)

Toda pessoa sensata assume os próprios erros: sujeito da terceira pessoa do singular

Pessoas sensatas assumem os próprios erros: sujeito da terceira pessoa do plural

REGRAS BÁSICAS: SUJEITO COMPOSTO
Quando o sujeito é composto e anteposto ao verbo, a CONCORDÂNCIA se faz no plural:
Pai e filho conversaram longamente. Pais e filhos devem conversar com frequência.
Nos sujeitos compostos formados por pessoas gramaticais diferentes, a concordância no plural obedece ao seguinte esquema: a primeira pessoa prevalece sobre a segunda pessoa, que, por sua vez, prevalece sobre a terceira. Veja:
Teus irmãos, tu e eu/ tomaremos a decisão. primeira pessoa do plural
Tu e teus irmãos/ tomareis a decisão. segunda pessoa do plural
Pais e filhos/ precisam respeitar-se. terceira pessoa do plural

Quando o sujeito é composto, formado por um elemento da segunda pessoa e um da terceira, é possível empregar o verbo na terceira pessoa do plural, como se vê em muitos de nossos bons escritores. É possível, pois, aceitar a frase: "Tu e teus irmãos tomarão a decisão.", ja legitimada por grande parte dos gramáticos.

Você percebeu que, até agora, todos os exemplos trouxeram o sujeito anteposto ao verbo. No caso do sujeito composto posposto ao verbo, passa a existir uma nova possibilidade de concordância: em vez de concordar no plural com a totalidade do sujeito, o verbo pode estabelecer CONCORDÂNCIA com o núcleo do sujeito mais próximo. Convém insistir em que isso é uma opção, e não uma obrigação. Essa dupla possibilidade se estende aos demais casos de CONCORDÂNCIA entre verbo e sujeito composto que você estudara mais adiante.

Faltaram coragem e competência.
Faltou coragem e competência.

Pouco falaram o presidente e os ministros.

Pouco falou o presidente e os ministros.
Quando ocorre idéia de reciprocidade, no entanto, a CONCORDÂNCIA é feita obrigatoriamente no plural:

Abraçaram-se vencedor e vencido. Ofenderam-se o jogador e o árbitro.

ATIVIDADES

1. Substitua os asteriscos das frases seguintes pela forma apropriada do verbo entre parênteses, no tempo que você julgar adequado.

a) ( ) vÁrios fatos Inesperados ontem à noite. (ocorrer)
b) ( ) -nos alguns momentos de paz. (restar)
c) ( ) apenas alguns amigos fiéis no fim do debate. (ficar)
d) ( ) vinte reais. (sobrar)
e) ( ) alguns bons amigos para o alegrar. (bastar)
f) Certamente ( ) bons motivos para que continuemos juntos. (dever existir)
g) Ainda ( ) muitas surpresas neste campeonato. (poder ocorrer)
b) É possível que ainda ( ) lembranças daqueles momentos. (sobreviver)
i) Ainda ( ) vinte litros de combustível no tanque do carro. (caber)

2. Este exercício é semelhante ao anterior. Em alguns casos você poderá flexionar o verbo em mais de uma pessoa gramatical.

a) jogadores e torcedores ( ) depois do jogo. (discutir)
b) ( ) jogadores e torcedores depois do jogo. (discutir)
c) Meus filbos e eu ( ) a Portugal nas próximas férias. (ir)
d) ( ) a Portugal meus filbos e eu nas próximas férias. (ir)
e) ( ) a Portugal eu e meus filbos nas próximas férias. (ir)
f) Tu e teus amigos ( ) das assembléias. (dever participar)
g) Tu e eu ( ) das assembléias. (dever participar)
h) Por que ( ) tu e teus amigos às reuniões do grupo? (faltar)
i) ( ) minha irmã e teu primo para o concurso. (inscrever-se)
j) ( ) minha irmã e teu primo quando se encontraram. (abraçar-se)

3. Leia atentamente as duas frases seguintes e responda: que diferença estilística existe entre elas? Explique.
Diante da crise insuperável, renunciaram o presidente e os ministros.
Diante da crise insuperável, renunciou o presidente e os ministros.

4. Leia atentamente a frase seguinte e indique formas de evitar as possíveis ambigüidades. Feriram-se a mãe e o filho.

CASOS DE SUJEITOS SIMPLES QUE MERECEM DESTAQUES

Há muitos casos em que o sujeito simples é constituído de formas que fazem o falante hesitar no momento de estabelecer a CONCORDÂNCIA com o verbo. Em alguns desses casos, a CONCORDÂNCIA puramente gramatical é contaminada pelo ignificado de expressões que nos transmitem noção de plural apesar de terem forma de singular ou vice-versa. Por isso, convém analisar com cuidado algumas delas.

Quando o sujeito é formado por uma expressão partitiva (parte de, uma porção de, o grosso de, metade de, a maioria de, a maior parte de, grande parte de) seguida de um substantivo ou pronome no plural, o verbo pode ficar no singular ou no plural:
A maioria dos jornalistas aprovou/aprovaram a idéia.
Metade dos candidatos não apresentou /apresentaram nenhuma proposta interessante.
Esse mesmo procedimento se aplica aos casos dos coletivos, quando especificados:
Um bando de vândalos destruiu/destruíram o monumento.
Nesses casos, o uso do verbo no singular enfatiza a unidade do conjunto; já a forma plural confere destaque aos elementos que formam esse conjunto.

Quando o sujeito é formado por expressão que indica quantidade aproximada (cerca de, mais de, menos de, perto de) seguida de numeral e substantivo, o verbo concorda com o substantivo. Observe:
Cerca de mi/pessoas participaram da manifestação.
Perto de quinhentos alunos compareceram à solenidade.
Mais de um atleta estabeleceu novo recorde nas últimas Olimpíadas.
Quando a expressão mais de um se associar a verbos que exprimem reciprocidade, o plural é obrigatório:
Mais de um deputado se ofenderam na tumultuada sessão de ontem.

Quando se trata de nomes próprios, a CONCORDÂNCIA deve ser feita levando-se em conta a ausência ou presença de artigo.
Sem artigo, o verbo deve ficar no singular. Quando há artigo no plural, o verbo deve ficar no plural. Observe:
Os Estados Unidos determinam o fluxo da atividade econômica no mondo.
Minas Gerais produz queijo e poesia de primeira.

- nota da ledora:
OBSERVAÇÃO
Com nome de obra no plural, com artigo no plural, o verbo ser pode ficar no singular, desde que o predicativo do sujeito esteja no singular: "Os sertões é a obra máxima de Euclides da Cunha".

As Minas Gerais são inesquecíveis.
Alagoas impressiona pela beleza das praias e pela pobreza da população.
Os sertões imortalizaram Euclides da Cunha.

Quando o sujeito é um pronome interrogativo ou indefinido plural (quais, quantos, alguns, poucos, muitos, quaisquer, vários) seguido de de nós ou de vós, o verbo pode concordar com o primeiro pronome (na terceira pessoa do plural) ou com o pronome pessoal. Observe:
Quais de nós são/somos capazes?
Alguns de vós sabiam/sabíeis do caso?
Vários de nós propuseram Ipro pusemos sugestões inovadoras.

Observe que a opção por uma ou outra forma indica a inclusão ou a exclusão do emissor. Quando alguém diz ou escreve "Alguns de nós sabíamos de tudo e nada fizemos.", está-se incluindo no grupo de omissos. Isso não ocorre quando alguém diz ou

escreve "Alguns de nós sabiam de tudo e nada fizeram.", frase que soa como uma denúncia.
Nos casos em que o interrogativo ou indefinido estiver no singular, o verbo ficará no singular:
Qual de nós é capaz?
Algum de vós fez isso.

- nota da ledora: desenho em quadrinho, na página. Primeiro quadro: dois homens, um entregando uma mensagem ao outro, falando: - você não tem como errar, ele tem barba e chifres. Segundo quadro: o mensageiro encontra um palhaço barbudo, com uma flor no chapéu; um bode, e Hagar, pergunta em seguida: - quem de vocês é Hagar?
- fim da nota.

Não há como errar: pronome interrogativo no singular, verbo também (2o. quadro).

Quando o sujeito é formado por uma expressão que indica porcentagem seguida de substantivo, o verbo deve concordar com o substantivo. Observe:
25% do orçamento do país deve destinar-se à Educação.
85% dos entrevistados não aprovam a administração do prefeito.
1% do eleitorado aceita a mudança.
1% dos alunos faltaram à prova.
Quando a expressão que indica porcentagem não é seguida de substantivo, o verbo deve concordar com o número. Veja:

25% querem a mudança.
1% conhece o assunto.

Quando o sujeito é o pronome relativo que, a CONCORDÂNCIA em número e pessoa é feita com o antecedente desse pronome. Observe:
-Fui eu que paguei a conta,
Fomos nós que pintamos o muro.
És tu que me fazes ver o sentido da vida.
Ainda existem mulheres que ficam vermelhas na presença de um homem.

- nota da ledora: propaganda da valisère ; mulher deitada sobre um homem, todo de branco, e o seguinte texto: Ainda existem mulheres que ficam vermelhas na presença de um homem.
- fim da nota.

Com a expressão um dos que, o verbo deve assumir a forma plural:
Ademir da Guia foi um dos jogadores de futebol que mais encantaram os poetas.
Se você é um dos que admiram o escritor; certamente lerá seu novo romance.
A tendência, na linguagem corrente, é a CONCORDÂNCIA no singular. O que se ouve efetivamente é "Ele foi um dos deputados que mais lutou para a aprovação da emenda.". Faça a comparação com um caso em que se use um adjetivo. Você diria "Ela é uma das alunas mais brilhante da sala."? Claro que não! Das alunas mais brilhantes da sala, ela é uma. Do mesmo modo, dos deputados que mais lutaram pela aprovação da emenda, ele é um. Então o raciocínio lógico mostra que o verbo no singular é inaceitável.

Quando o sujeito é o pronome relativo quem, pode-se utilizar o verbo na terceira pessoa do singular ou em CONCORDÂNCIA com o antecedente do pronome.
Observe:

Fui eu quem pagou a conta.
ou
Fui eu quem paguei a conta.
Fomos nós quem pintou o muro.
ou
Fomos nós quem pintamos o muro.

ATIVIDADES

1. Complete as frases seguintes com a forma apropriada dos verbos entre parênteses.
a) Os preparativos para a conferência internacional sobre o meio ambiente ( ) ontem. (terminar)
b) As acusações ao antigo presidente do partido ( ) a polícia a abrir investigações. ( ) (levar)
c) O valor das mensalidades do curso preparatório para a carreira jurídica ( ) muito no último semestre. (subir)
d) Recente pesquisa feita pelo Ministério da Saúde revelou que a grande maioria dos adolescentes não se ( ) contra a AIDS. (prevenir)
e) A maior parte dos acidentes de trânsito ( ) pela imprudência dos envolvidos. (ser provocado)
f) Cerca de dez mil pessoas ( ) das manifestações contra a corrupção. (participar)
g) Mais de um sonbador ( ) seu dinbeiro em loterias. (gastou)

2. Explique as diferenças de significado que se podem perceber entre as frases de cada um dos pares seguintes.
a) A maior parte dos brasileiros age animalescamente ao volante de um automóvel.
A maior parte dos brasileiros agem animalescamente ao volante de um automóvel.
b) Muitos de nós são omissos.
Muitos de nós somos omissos.
c) Mais de um jogador feriu-se durante a partida.
Mais de um jogador feriram-se durante a partida.

3. Complete as frases seguintes com a forma apropriada dos verbos entre parênteses.
a) Quantos de vós ( ) conbecimento do fato e ( ) calar-se? (ter/preferir)
b) Alguns de nós () merecedores dos privilégios de que ( ) . (ser/gozar)
c) Qual de nós ( ) lazer isso? (poder)
d) Algum de nós ( ) participar dessa negociata? (aceitar)
e) Andradas ( ) no sul de Minas. (ficar)
f) Os Estados Unidos ( ) parte da América do Norte. (fazer)
g) Alguns americanófilos entendem que os Estados Unidos ( ) o máximo que a bumanidade pode produzir em termos de civilização. (representar)
h) Alagoas ( ) praias belíssimas. (ter)
i) Os cadernos de Turismo sempre afirmam que as Alagoas ( ) praias belíssimas. (ter)
j) Os sertões ( ) jornalismo, história e literatura. (reunir)

l) As Memórias do cárcere ( ) fundamentais para quem tem fé na dignidade humana. (ser)

4. Complete as frases seguintes com a forma apropriada dos verbos entre parênteses.
a) 60% dos inscritos jamais ( ) de um concurso. (haver participado)
b) 1% dos entrevistados ( ) seu voto. (negar-se a declarar)
c) 29% da verba ( ) nos labirintos da burocracia. (desaparecer)
d) 10% do dinbeiro necessário ( ) doado por mim. (ser)
e) Fui eu que ( ) aquelas prateleiras. (montar)
f) Fui eu quem ( ) aquelas prateleiras. (montar)
g) Somos sempre nós que ( ) cedo. (acordar)
h) Foste tu que ( ) o disco? (comprar)
i) Não fui eu quem ( ) isso. (fa) ar)
j) Ele é um dos que ( ) que a lei só deve existir para os pobres. (pensar)
l) Ela é uma das candidatas que ( ) a pena de morte. (repudiar)

CASOS DE SUJEITOS COMPOSTOS QUE MERECEM DESTAQUE

Há casos de sujeito composto que merecem estudo particular.

Quando o sujeito composto é formado por núcleos sinônimos ou quase sinônimos, o verbo pode ficar no plural ou no singular:
núcleos sinônimos
Descaso e desprezo marcam/marca seu comportamento.

Quando o sujeito composto é formado por núcleos dispostos em gradação, o verbo pode ficar no plural ou concordar com o último núcleo do sujeito:

Com você, meu amor uma hora, um minuto, um segundo me satisfazem/satisfaz.
No primeiro caso, o verbo no singular enfatiza a unidade de sentido que há na combinação descaso/desprezo. No segundo caso, o verbo no singular enfatiza o último elemento da série gradativa.

Quando os núcleos do sujeito composto são unidos por ou nem, o verbo deverá ficar no plural se a declaração contida no predicado puder ser atribuida a todos os núcleos:

Drummond ou Bandeira representam a essência da poesia brasileira.
Nem o professor nem o aluno acertaram a resposta.
Se a declaração contida no predicado só puder ser atribuida a um dos núcleos do sujeito, ou seja, se os núcleos forem excludentes, o verbo deverá ficar no singular. Observe:

Roma ou Buenos Aires será a sede da próxima Olimpíada.
Você ou ele será escolhido. (Só será escolhido um.)
Com as expressões um ou outro e nem um nem outro, a CONCORDÂNCIA costuma ser feita no singular, embora o plural também seja praticado. Com a locução um e outro, o plural é mais freqüênte, embora também se use o singular.
Não há uniformidade no tratamento dado a essas expressões por gramáticos e escritores.

Quando os núcleos do sujeito são unidos por com, o verbo pode ficar no plural.

Nesse caso, os núcleos recebem um mesmo grau de importância e a palavra com tem sentido muito próximo ao de e:
O pai com o filho montaram o brinquedo.
O governador com o secretariado traçaram os planos para o próximo semestre.
Nesse mesmo caso, o verbo pode ficar no singular, se a idéia é enfatizar o primeiro elemento:
O pai com o filho montou o brinquedo.
O governador com o secretariado traçou os planos para o próximo semestre.
Com o verbo no singular, não se pode falar em sujeito composto. O sujeito é simples. As expressões "com o filho" e "com o secretariado" são adjuntos adverbiais de companhia. Na verdade, é como se, houvesse uma inversão da ordem: "O pai montou o brinquedo com o filho." / "O governador traçou os planos para o próximo semestre com o secretariado.".

Quando os núcleos do sujeito são unidos por expressões correlativas como não só... mas também; não só... como também; nao só... mas ainda; não somente... mas ainda; não apenas... mas também; tanto... quanto, o verbo concorda de preferência no plural:
Não só a seca mas também o pouco-caso castigam o Nordeste.
Tanto a mãe quanto o filho ficaram surpresos com a notícia.

Quando os elementos de um sujeito composto são resumidos por um aposto recapitulativo, a CONCORDÂNCIA é feita com esse termo resumidor:
Pontes, viadutos, túneis, nada disso é prioritário em uma cidade como São Paulo.
Filmes, novelas, boas conversas, nada o tirava da apatia.

ATIVIDADES

Complete as frases seguintes com a forma apropriada do verbo entre parênteses.
a) O amor e a paixão ( ) aquele pobre coração. (incendiar)
b) Uma foto, uma imagem, uma lembrança ( ) para fazê-lo chorar. (bastar)
c) A dignidade ou a cidadania certamente ( ) fazer este país melhorar. (poder)
d) Nem a omissão da maioria, nem a corrupção impune ( ) sinais de nação civilizada. (ser)
e) Tenho absoluta convicção de que você ou seu irmão ( ) a eleição para a presidência do clube dos calvos. (ganhar)
f) Nem um nem outro deputado ( ) a presidência da câmara. (ocupar)
g) Nem um nem outro ( ) falta ao time. (fazer)
h) Um e outro nada ( ) para o bem-estar da coletividade. (produzir)
i) O presidente, com sua comitiva, ( ) ontem de manhã. (desembarcar)
j) O treinador da seleção brasileira com seus auxiliares ( ) entrevista à noite. (conceder)
l) Não apenas o menor abandonado mas também o menor carente ( ) direito à educação. (ter)
m) Bombons, balas, pastéis, tudo ( ) devorado pelas crianças. (ser)

O VERBO E A PALAVRA SE

Merece destaque a CONCORDÂNCIA das estruturas verbais formadas com a participação do pronome se. Entre as várias funções que esse pronome exerce, há duas

de particular interesse para a CONCORDÂNCIA verbal: quando é índice de indeterminação do sujeito e quando é partícula apassivadora.
Quando é índice de indeterminaçao do sujeito, o se acompanha verbos intransitivos, transitivos indiretos e de ligação, que obrigatoriamente são conjugados na terceira pessoa do singular:
Aos domingos, assiste-se a programas medonhos na televisão.
Aos sábados, costumava-se ir a bailes.
Confia-se em teses absurdas.
Era-se mais feliz no passado.
Quando se é consciente, luta-se pelo bem-estar social.
Precisa-se de governantes interessados em civilizar o país.

Quando é pronome apassivador, o se acompanha verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos na formação da voz passiva sintética. Nesse caso, o verbo deve concordar com o sujeito da oração:
Destruiu-se a base de uma sociedade igualitária.
Destruíram-se as bases de uma sociedade igualitária.
Construiu-se um posto de saúde.
Construfram-se novos postos de saúde. Não se pouparam esforços para despoluir o rio.
Não se devem poupar esforços para despoluir o rio.

- nota da ledora: propaganda do jornal a Folha de S. Paulo, com o seguinte texto: O jornal que mais se compra é o que nunca se vende.
- fim da nota.

Neste anúncio, o pronome apassivador se acompanha dois verbos tansitivos diretos (comprar e vender). Nas duas ocorrências, o sujeito é o pronome relativo que subtituindo o jornal; por isso os verbos estão no singular.

CONCORDÂNCIA COM VERBOS DE PARTICULAR INTERESSE

HAVER E FAZER

O verbo haver, quando indica existência ou acontecimento, é impessoal, devendo permanecer sempre na terceira pessoa do singular:
Há graves problemas sociais no país.
Havia graves problemas sociais no país.
Sempre houve graves problemas sociais no país.
Parece haver graves problemas sociais no país.
Deve ter havido graves problemas sociais no país.
Haver e fazer são impessoais quando indicam idéia de tempo (cronológico ou meteorológico). Nesse caso, devem permanecer na terceira pessoa do singular:
Há anos não o procuro.
Faz anos que não o procuro.
Havia anos que não nos encontrávamos.
Fazia anos que não nos encontrávamos.
Deve fazer vinte anos que ela foi embora.

SER

A CONCORDÂNCIA do verbo ser é absolutamente particular, rica em detalhes. Em várias situações, esse verbo deixa de concordar com o sujeito para concordar com o predicativo. Em outras, pode concordar com um ou com outro, de acordo com o termo que se queira enfatizar.

Quando colocado entre um substantivo comum no singular e outro no plural, o verbo ser tende a ir para o plural, independentemente da ordem dos substantivos.
Poderá ficar no singular por motivo de ênfase:
No meio da chuva, o coração do seu carro são as palhetas e os limpadores do pára-brisa.
A cama são algumas tábuas retorcidas.

Quando colocado entre um nome próprio e um comum, o verbo ser tende a concordar com o nome próprio. Entre um pronome pessoal e um substantivo comum ou próprio, o verbo concorda com o pronome:
Garrincha foi as mais incríveis diabruras com a bola.
O professor sou eu.
Eu sou Pedro das Neves.
Pedro das Neves sou eu.

Quando colocado entre um substantivo e um pronome que não seja pessoaI, o verbo ser tende a concordar com o substantivo:
Tudo eram sorrisos naquele ambiente hipócrita.
Isso são manias de quem não tem o que fazer.
Quem são os escolhidos?
Dos dois primeiros casos, encontram-se, sobretudo em textos literários, exemplos em que se opta pela CONCORDÂNCIA com o pronome.

Nas expressões que indicam quantidade (medida, peso, preço, valor), o verbo ser é invariável:
Cinco quilos é muito.
Mil reais é pouco para uma família viver em São Paulo.
Dez minutos é muito tempo.
Com você, duas horas é pouco.

Nas indicações de tempo, o verbo ser concorda com a expressão numérica mais próxima:
É uma hora.
São duas horas.
Eram quatro e vinte.
Já é meio-dia.
Já é uma e cinqüenta e cinco.
São cinco para o meio-dia.
Hoje são trinta e um de dezembro.
(Mas, cuidado: Hoje é dia trinta e um de dezembro.)

- nota da ledora: desenhos de vários relógios mostrando diversas horas, mencionadas, apenas como ilustração da página.
- fim da nota.

ATIVIDADES

1. Passe para o plural os termos destacados em cada uma das frases seguintes. Faça as mudanças necessárias em cada caso.
a) Anunciou-se (a reforma administrativa).
b) Amanhã se fará (o último exame).
c) Trata-se de (uma questão polêmica).
d) Revogar-se-á (a lei).
e) Apelou-se para o (médico mais experiente do hospital).
f) Obteve-se um (microprocessador mais veloz).
g) Definiu-se (o objetivo da reforma fiscal).
h) Ele prefere não opinar quando se fala em (eleição).
i) O ministro comunicou a todos que se estava preparando (um novo conjunto de medidas econômicas).

2. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Houve (um problema) durante a viagem.
b) Ocorreu (um problema) durante a viagem.
c) Não havia (motivo) para tanto.
d) Existia (algum motivo) para tanto?
e) Parece ter havido (uma dúvida) durante a realização da prova.
f) Parece ter surgido (uma dúvida) durante a realização da prova.
g) Ele acredita que deve ter havido (algum transtorno) durante a viagem.
h) Ele acredita que deve ter ocorrido (algum transtorno) durante a viagem.
i) Faz (um ano) que ele viajou.
j) Faz (mais de uma hora) que ela saiu.
l) Deve fazer (uma década) que o país está nessa situação.

3. Complete as frases seguintes com a forma apropriada do verbo ser.
a) Clarice ( ) as alegrias do pai.
b) Tudo ( ) lamentações depois da derrota.
c) Hoje ( ) dia dez de abril.
d) Hoje ( ) dez de abril.
e) Vinte milhões ( ) muito!
f) ( ) quinze para as quatro.
g) Seu problema ( ) nós?
h) - Quem ( ) ? ( ) eu.
i) Tu ( ) o técnico da equipe.
j) O país ( ) nós. Nós ( ) a nação brasileira.
l) A vida ( ) momentos.
m) Isso ( ) manias de um chato.
n) Aquilo ( ) atitudes típicas de adolescente.
o) Vinte metros ( ) pouco: preciso de pelo menos trinta.

FLEXÃO DO INFINITIVO

O infinitivo expressa um processo verbal sem indicação de tempo. Em português, o infinitivo pode ser impessoal, quando o que se considera é apenas o processo verbal, e pessoal, quando se atribui a esse processo verbal um agente. Observe:
É proibido conversar com o motorista. (impessoal)
É bom sairmos já. (pessoal, sujeito/agente nós)
O infinitivo constitui um dos casos mais discutidos da língua portuguesa.
Estabelecer regras para o uso de sua forma flexionada, por exemplo, é tarefa difícil. Em muitos casos, a opção é meramente estilística, como você verá adiante.
Algumas recomendações, no entanto, podem ser feitas.
A forma não flexionada deve ser usada:
a) quando o verbo é usado indeterminadamente, assumindo valor substantivo:
Dormir é fundamental para repor as energias.
Viajar é a melhor alternativa de lazer.
b) quando o infinitivo tem valor imperativo:
Direita, volver!
Honrar pai e mãe.
c) quando o infinitivo, regido de preposição de, complementa um adjetivo e assume valor passivo:
Suas constantes manifestações de desagrado são ossos duros de roer.
(= de serem roídos)
Vivi situações difíceis de esquecer. (de serem esquecidas)
d) quando o infinitivo é regido de preposição e funciona como complemento de um substantivo, adjetivo ou verbo da oração anterior:
Foram obrigados a ficar.
Acusaram-nos de praticar atos suspeitos.
Eu os convenci a aceitar.
Estão dispostos a colaborar.
e) quando o infinitivo surge como verbo principal de uma locução verbal:
Queiram, por gentileza, comparecer ao estacionamento.
Precisamos lutar para podermos vencer os jogos que vamos disputar.
Estão a dizer que fui eu?
f) quando o infinitivo é empregado numa oração reduzida que complementa um verbo auxiliar causativo (deixar, mandar, fazer) ou sensitivo (ver sentir, ouvir perceber) e tem como sujeito um pronome oblíquo:
Faça-os ficar.
Não os vi entrar.
Deixaram-nos sair.

- nota da ledora: desenho ilustrativo da página - um homem, em postura de ordem, junto a um grupo de pessoas.
- fim da nota.

A forma flexionada deve ser usada obrigatoriamente quando tem sujeito diferente do sujeito da oração anterior:
Suponho serem eles os responsáveis.
Lembrei-me da recomendação médica de tomares sol todas as manhãs. (Pense no que aconteceria se não se flexionasse o infinitivo neste caso.)
É hora de vocês passarem à ação.
Ouvi gritarem meu nome.

A flexão do infinitivo é optativa quando a oração reduzida que complementa um auxiliar causativo ou sensitivo apresentar como sujeito um substantivo. Observe:
Mande os meninos entrarem. (ou entrar)
Ouvi os pássaros cantarem. (ou cantar)
Deixe os torcedores assistirem (ou assistir) ao treino.
Quando o sujeito da oração reduzida de infinitivo for o mesmo da oração anterior, a flexão do infinitivo é desnecessária. Observe:
Eles irão a Brasília para apresentar sua proposta ao presidente.
Fizemos o possível e o impossível para aceitar sua indicação.
Nesse caso, a flexão do infinitivo só se justifica se existir a clara intenção e a necessidade de enfatizar o agente do processo expresso pelo infinitivo:
Eles irão a Brasília para apresentarem sua proposta ao presidente.
Fizemos o possível e o impossível para aceitarmos sua indicação.
Os bons autores não recomendam essa flexão.
O verbo parecer pode relacionar-se de duas maneiras distintas com o infinitivo. Observe:
Elas parecem querer.
Elas parece quererem.
Na primeira frase, parecer é verbo auxiliar de querer. Na segunda, ocorre na verdade um período composto. Parece é o verbo de uma oração principal cujo sujeito é a oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo "elas quererem". O desdobramento dessa reduzida gera algo como "Parece que elas querem."

- nota da ledora: desenho de quadrinho, na página - um casal sentado à mesa, lendo um cardápio. Texto: No lugar do amor: - o nosso amor começou em uma pizzaria em que vibramos ao ver o baixo preço das pizzas. - casal se olhando nos olhos: - (amar era olhar par a mesma beleza)
- fim da nota.

Na oraçao reduzida "ao ver o baixo preço das pizzas" (1o. quadro), o infinitivo dispensou flexão porque seu sujeito e' o mesmo da oração anterior ("em que [nós] vibramos"). No 2o. quadro, os verbos são usados indeterminadamente, assumindo valor substantivo; portanto mantêm-se na forma não flexionada.

ATIVIDADES

Complete as frases seguintes com a forma Ilexionada ou não flexionada do infinitivo entre parênteses. Indique os casos em que o uso é optativo.
a) Pediram-me permissão para ( ) . (ficar)
b) Eles devem ( ) no assunto seriamente. (pensar)
c) Admitiram ( ) relatado o caso a outras pessoas. (ter)
d) Acabaram de ( ) o início das vendas do novo disco de Gilberto Gil. (anunciar)
e) Não nos deixaram ( ) na reunião. (falar)
f) Temos visto ( ) mais alunos interessados no assunto. (surgir)
g) Eu os fiz ( ) (entrar)
h) Fiz as crianças ( ) . (sair)
i) Fizeste o possível para eles ( ) apresentar os documentos necessários? (poder)
j) Disse-lhe claramente que muitas de suas atitudes são difíceis de ( ) (aturar)
l) As chuvas de verão já começaram a ( ) . (cair)

m) Estamos aqui para ( ) nossa tese. (expor)
n) Seus olhos pareciam ( ) que eu me aproximasse. (pedir)
o) Seus olhos parecia ( ) que eu me aproximasse. (pedir)

2 CONCORDÂNCIA NOMINAL

REGRAS BÁSICAS

A CONCORDÂNCIA nominal se ocupa da relação entre os nomes, ou seja, entre as classes de palavras que compõem o chamado grupo nominal (substantivos, adjetivos, pronomes, artigos e numerais). Para estudar como essa relação se estabelece, é necessário lembrar que adjetivos e palavras de valor adjetivo podem atuar como adjuntos adnominais ou predicativos dos substantivos a que se referem. No estudo que você fará a partir de agora, considere que o comportamento dos adjetivos é extensivo às outras palavras de emprego
adjetivo.

Quando atuam como adjuntos adnominais de um único substantivo, os adjetivos concordam em gênero e número com esse substantivo:

Suas mãos frias denunciavam o que sentia naquele momento.

Quando atuam como adjuntos adnominais de dois ou mais substantivos, os adjetivos antepostos devem concordar com o substantivo mais próximo. Quando estão pospostos aos substantivos, os adjetivos pedem concordar com o substantivo mais próximo ou com todos eles. Observe:
A empresa oferece perfeita localização e atendimento.
A empresa oferece perfeito atendimento e localização.
A empresa oferece localização e atendimento perfeitos.
A emprésa oferece localização e atendimento perfeito.
A empresa oferece atendimento e localização perfeita.
A empresa oferece atendimento e localização perfeitos.
A forma adotada no terceiro e no sexto exemplo é a mais clara, pois indica que o adjetivo efetivamente se refere aos dois substantivos. Você notou que, nesses casos, o adjetivo foi flexionado no plural masculino, que é o gênero predominante quando há substantivos de gêneros diferentes.
O adjetivo anteposto a nomes próprios deve sempre concordar no plural:
O disco Tropicália 2 é uma obra-prima dos brilhantes Caetano Veloso e Gilberto Gil.

Quando um adjetivo atua como predicativo de um sujeito ou de um objeto compostos, concorda com todos os núcleos desses termos. Se o predicativo do sujeito estiver anteposto ao sujeito, pode concordar apenas com o núcleo mais próximo (coisa que acontece também com o verbo da oração):
Mãe e filho são talentosos.
Marido e mulher são bem-educados.
Considero inteligentes a professora e a aluna.
Julguei desconexas sua atitude e suas palavras.
São vergonhosos a pobreza e o desamparo.
É vergonhosa a pobreza e o desamparo.

Quando um único substantivo é modificado por dois ou mais adjetivos no singular, podem ser usadas as construções:
Admiro a cultura italiana e a francesa.
Admiro as culturas italiana e francesa.
A construção:
Estudo a cultura italiana e francesa. provocaria incerteza (trata-se de duas culturas distintas ou de uma única, ítalo-francesa?). Por isso, deve ser evitada.

No caso de numerais ordinais antepostos a um único substantivo, podem ser usadas as construções:
Convoquei os alunos da primeira e da segunda série
ou
Convoquei os alunos da primeira e segunda séries.

ATIVIDADES

1. Complete as frases seguintes com a forma apropriada do determinante colocado entre parênteses. Indique os casos em que mais de uma CONCORDÂNCIA é possível.
a) Ele adora usar óculos ( ) (escuro)
b) ( ) estive em todos os países ( ) . (latino-americano)
c) Dedica-se ao estudo das culturas ( ) . (latino-americano)
d) ( ) atitude e comportamento são ( ) (seu / deplorável)
e) ( ) comportamento e atitude são ( ) (seu/ deplorável)
f) ( ) foi ( ) () viagem. (aquele/um/melancólico)
g) Divisavam-se ( ) mangueiras e abacateiros. (robusto)
h) Divisavam-se ( ) abacateiros e mangueiras. (robusto)
i) É profundo conhecedor de plantas e animais ( ) (marinho)
j) É profundo conhecedor de animais e plantas ( ) (marinho)
l) Ela se exibe na praia, desfilando com seu corpo e cabelo ( ) (dourado)
m) Estou à procura de uma casa com portões e janelas ( ) (branco)
n) Estou à procura de uma casa com janelas e portões ( ) (branco)

2. Comente a clareza obtida em cada uma das frases seguintes.
a) Age sempre com calma e rigor britânico.
b) Age sempre com calma e rigor britânicos.

3. Complete as frases seguintes com a forma apropriada do determinante entre parênteses.
a) Estuda a língua e a literatura ( ) (francês)
b) Estuda o idioma e a literatura ( ) . (sueco)
c) Sempre deixa ( ) livros e revistas sobre a mesa. (muito)
d) Sempre deixa ( ) revistas e livros sobre a mesa. (muito)
e) Considero ( ) os trabalhos da comissão. (inútil)
f) Considero os trabalhos da comissão ( ) (inútil)
g) São ( ) a altura e o peso do lutador. (excessivo)
h) É ( ) a altura e o peso do lutador. (excessivo)
i) Considero ( ) a altura e o peso do lutador. (excessivo)
j) O talento e a habilidade desse músico são ( ) (famoso)

l) É ( ) o talento e a habilidade desse músico. (famoso)
m) São ( ) o talento e a habilidade desse músico. (famoso)
n) O time principal e o time de juniores terminaram ( ) o campeonato. (vitorioso)
o) Terminaram ( ) o time principal e o time de juniores. (vitorioso)
p) Terminou ( ) o time principal e o time de juniores. (vitorioso)

4. Una as orações de cada item seguinte numa única oração. Atente para a CONCORDÂNCIA nominal.
a) Estudo a cultura grega. Estudo também a cultura alemã.
b) É um especialista na língua francesa. E também especialista na língua russa.
c) Entregarei o pacote aos moradores do quinto andar. Entregarei o pacote também aos moradores do oitavo andar.
d) Os alunos da sétima série organizaram a cerimônia. Os alunos da oitava série também organizaram a cerimônia.
e) O presidente queria o poder político. O presidente queria também o poder econômico.

EXPRESSÕES E PALAVRAS QUE MERECEM ESTUDO PARTICULAR

Próprio, mesmo, anexo, incluso, quite e obrigado concordam em gênero e número com o substantivo ou pronome a que se referem. Observe:
- Muito obrigadas, disseram elas, nós mesmas nos servimos.
Seguem anexas as faturas requeridas.
Seguêm inclusos os comprovantes solicitados.
Já lhe paguei a dívida: estamos quites.
A moça agradeceu: - Muito obrigada.

Meio e bastante podem atuar como adjetivos ou como advérbios. No primeiro caso, referem-se a substantivos e são variáveis. No segundo, referem-se a verbos, adjetivos ou advérbios e são invariáveis:
Pedi meia cerveja e meia porção de batatas fritas.
Meia classe terá de permanecer após o sinal de meio-dia e meia.
Ela ficou meio nervosa quando soube que precisaria esperar na fila até meio-dia e meia.
A aluna foi mal na prova porque estava meio tensa.
Ficamos meio chateados.

- nota da ledora: propaganda da Casa Olga, especializada em meias, com o seguinte texto: - Casa Olga. Sete décadas. E Meia.
- fim da nota.

O redator deste anúncio elaborou uma brilhante mensagem de aniversário empregando ambiguamente a palavra meia. A primeira leitura, entendemo-la como adjetivo ("sete décadas e meia (década"). Mas, quando atentamos para a pontuação do texto e para o ramo de negócios da Casa Olga, vem-nos à mente a hipótese de que meia está sendo usada como substantivo.

O país não dispõe de recursos bastantes para a obra.
Há bastantes pessoas insatisfeitas com o que ganham.
O time perdeu bastantes oportunidades para marcar.

Os jogadores ainda acreditavam bastante em si mesmos, apesar de estarembastante cansados.
Eles se amam bastante. E são bastante loucos a ponto de casar.
Substantivos desacompanhados de determinantes (artigos, pronomes e numerais adjetivos) podem ser tomados em sentido amplo, genérico. Nesse caso, expressões como é proibido, é bom, é necessário, é preciso, é permitido e similares não variam:
Em certas situações, é necessário paciência.
Não é permitido entrada.
Liberdade é necessário.
É preciso cidadania.
No inverno, sopa é bom.
A paciência é necessária nessa situação.
Esta sopa é ótima.
É proibida a entrada de estranhos.
A liberdade é necessária.
São precisas várias medidas de urgência.

ATIVIDADES

1.Complete as frases seguintes com a forma apropriada do termo entre parênteses.
a) Elas ( ) disseram à diretora que ela ( ) teria de resolver o problema. (mesmo/mesmo)
b) Os professores garantiram que eles ( ) iriam controlar a entrega das fichas de inscrição, às quais seguiriam () os documentos necessários. (mesmo/anexo)
c) A foto pedida segue ( ) à ficha de cadastro. (incluso)
d) Envie ( ) os comprovantes solicitados. (anexo)
e) - Muito ( ). disse a moça. - Estou ( ) agora! (agradecido/quite)
f) Muito ( ) - agradeceu a moça, com um sorriso sem graça nos lábios. - Acho que é hora de eu ( ) tomar uma atitude. (obrigado/próprio)
g) Ela ( ) fará isso. (próprio)
h) Seguem ( ) às fotocópias os documentos requeridos. (anexo)

2. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) A verdura que nos serviram estava ( ) murcha. (meio)
b) Faz duas horas e ( ) que ela chegou. (meio)
c) No campo, o país vive uma situação ( ) preocupante: ( ) famílias tiveram de vender suas terras e migrar para os centros urbanos. (bastante/bastante)
d) Faça tudo com ( ) rapidez e esteja aqui antes de ( )-dia e ( ) . (bastante/meio/ meio)
e) Já passava de ( )-noite e ( ) quando ela chegou. Estava ( ) chateada e ( ) preocupada. (meio/meio/bastante/meio)
f) ( ) pessoas acham estranho este plural. É que estavam ( ) desinformadas sobre as coisas da língua portuguesa. (bastante/ meio)
g) As professoras deste país estão ( ) desgastadas com a dupla jornada de trabalho que têm de cumprir. (meio)

3. Explique por que as frases de cada par seguinte têm comportamento diferente quanto à concordância.
a) Fé é necessário.

A fé consciente, sem fanatismos e aberrações, é necessária.
b) Não é permitido entrada.
Só é permitida a entrada de funcionários.
c) Água é bom.
A água que muitos brasileiros bebem não é boa.

3 CONCORDÂNCIA IDEOLÓGICA

Você pôde ler neste capítulo que muitas vezes os mecanismos de CONCORDÂNCIA podem ser contaminados pela significação de palavras e expressões. Essa contaminação às vezes faz a CONCORDÂNCIA formal e lógica ser substituida pela CONCORDÂNCIA ideológica e psicológica. Em outras palavras: o falante às vezes é levado a colocar um verbo ou adjetivo no plural ou no singular não porque o sujeito ou substantivo tenha essa forma, mas sim porque significa isso. As vezes, a alteração diz respeito à pessoa gramatical ou ao gênero gramatical.
A CONCORDÂNCIA ideológica é chamada de silepse. Ocorrem silepses de número, gênero e pessoa.

A silepse de número ocorre particularmente quando o sujeito é um coletivo e o verbo passa a concordar no plural:
O público chegou muito cedo. Como o sol era forte e o calor, intenso, começaram a pedir aos bombeiros que jogassem água.
Você notou que o sujeito da primeira oração é público, singular com idéia de plural. A forma verbal chegou está no singular. No período seguinte, o verbo passou para o plural (começaram). Isso se explica pelo distanciamento e pela conseqüente perda da força da forma da palavra público. Passa a prevalecer o seu significado, plural (as pessoas, ou algo equivalente).
Outra forma de silepse de número ocorre quando se utiliza o chamado "plural de modéstia", em que a pessoa que fala ou escreve refere-se a si mesma como nós. Os adjetivos referentes ao falante surgem no singular:

Nossas músicas fazem muito sucesso lá, o que nos deixa satisfeito e comovido.

A silepse de gênero ocorre quando se troca o masculino pelo feminino ou vice-versa:
Vossa Excelência está frustrado?
Sua Santidade ficou impressionado com a acolhida.
Alguém está com saudades e quer que você vá vê-Ia.
São Paulo continua caótica, bárbara e violenta.

A silepse de pessoa é bastante comum quando quem fala ou escreve se inclui num sujeito de terceira pessoa:

Os brasileiros decentes queremos que acabem a impunidade e os privilégios.
Todos sabemos quais as soluções de que o Brasil precisa.

Na língua coloquial, é comum a silepse de pessoa com a forma "a gente":

"A gente somos inútil."
No padrão culto, essa construção é inaceitável.

ATIVIDADE
Comente a concordância em cada uma das frases seguintes.

a) A beleza de Maria e Teresa provocaram ciúmes e disputas.
b) Queria saber como estava a família Gonçalves. Fiquei sabendo que estão bem.
c) O grupo que comandava o clube, depois da crise, da pressão, das acusações e da revolta, renunciaram.
d) Sugiro a Vossa Senhoria que não participe da reunião, porque está exausto.
e) Decidimos participar desta reunião porque nos julgamos apto a contribuir de alguma forma.
f) Vi alguém caminhando em minha direção e corri a abraçá-la.
g) Durante a madrugada, Santos é calma e inspiradora.
h) Os professores esperamos condições dignas de trabalho.

TEXTOS PARA ANÁLISE

nota da ledora:
1a. propaganda, da Budget, texto: Entre num dos mercados que mais cresce no Brasil. Abra sua franquia Budget Rent a Car.
2a. propaganda, da 3M com o seguinte texto: Já pensou poder gravar qualquer informação, som e imagem e protegê-los por toda a vida?
3a. propaganda,: mapa do estado de Minas Gerais, com seguinte texto: Minas Gerais é o Estado que mais cresce no país.
- fim da nota.

TRABALHANDO OS TEXTOS
1. Comente a concordância em "... num dos mercados que mais cresce...".
2. Comente a concordância em "Minas Gerais é o estado...".
3. Complete a frase "Minas Gerais e' um dos estados que mais..." e justifique sua resposta.
4. justifique a concordância do pronome destacado na estrutura "... e protegê-(los)...".
Governos não têm dados confiáveis sobre cortiços
Precariedade das estatísticas oficiais mostra que problema não tem a atenção que merece

São Paulo desconhece o número de pessoas que vivem nos cortiços espalhados pela cidade. Dados desencontrados e desatualizados comprovam a falta de atenção dos governantes para o problema. Órgãos oficiais e movimentos dos encortiçados concordam apenas em um ponto: vive-se mal, muito mal, nesses locais. Novas ocupações, como a ocorrida no dia 9 na Alameda Cleveland, em Campos Elísios, na região central, estão sendo planejadas por esses movimentos, segundo eles, como forma de pressionar os governos a apresentar soluções.
A Secretaria Municipal da Habitação e a Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU), do governo estadual, tomam como base uma pesquisa feita pela Fundação Instituto de Pesquisas (Fipe) realizada entre 1993 e 1994. Naquela época, 6% da população paulistana vivia em cerca de 24 mil cortiços. Esse número corresponde a mais de 160 mil famílias.

A União de Movimentos de Moradia (UMM), da qual fazem parte os movimentos Unificação das Lutas de Cortiços (ULC) e Fórum de Cortiços de São Paulo, prefere outros números: cerca de 30% dos paulistanos são encortiçados e as 820 mil famílias vivem em 88 mil imóveis. Os dados são de 1991 e foram obtidos pela Secretaria Municipal da Habitação durante o governo de Luíza Erundina (PT).

"Pulmões" - Um projeto, ainda no papel e com recursos de R$ 200 milhões, está sendo destinado especificamente aos encortiçados. A CDHU pretende construir quatro "pulmões", prédios onde eles habitariam por algum tempo, enquanto os locais onde vivem sofreriam intervenções. A UMM já forneceu à CDHU 11 regiões com maior concentração de cortiços na cidade. O governo estadual promete atender 10 mil famílias pelo programa.

Para o diretor da Empresa Brasileira de Estudos de Patrimônio (Embraesp), Luís Antônio Pompéia, nenhum dado é confiável. "Ninguém tem estatística das habitações indecentes", disse. Há 10 anos, a Embraesp chegou a estimar que pelo menos 60% dos paulistanos viviam em cortiços, favelas ou casa precárias.

"Nada se fez nesta década", afirmou.

O secretário municipal da Habitação, Lair Krahenbhul, acha que os favelados são a prioridade entre os que vivem em submoradias. Segundo ele, há cerca de 300 mil famílias em favelas, ante os cerca de 24 mil encortiçados, de acordo com a pesquisa da Fipe. "Optamos pela favela, não por minha vontade, mas pela falta de recursos", disse.

Mutirões - O secretário mostrou-se reticente em relação aos projetos de mutirão, uma das bandeiras do governo de Erundina. "A filosofia do mutirão só serve em outros municípios, onde os terrenos são mais baratos", definiu.

O mutirão, porém, é uma das principais propostas da Pastoral da Moradia e dos movimentos por moradia popular. Para a coordenadora da Pastoral, Evaniza Rodrigues, há poucos terrenos para mutirões já desapropriados. "Os governos precisam comprar ou desapropriar mais áreas", alertou.

Evaniza lembrou que os atuais mutirões estão sendo feitos em locais desapropriados uma década atrás. 'Desde então não se mexeu na questão da reforma urbana."

(NUNOMURA, Eduardo. In: O Estado de S. Paulo, 29 mar. 1997.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Justifique a ocorrência da forma acentuada têm, no título do texto.

2. "... que (vivem) nos cortiços espalhados pela cidade." justifique a concordância da forma verbal destacada.

3. "Órgãos oficiais e movimentos dos encortiçados (concordam) apenas em um ponto: (vive)-se mal, muito mal, nesses locais."
Qual o sujeito de cada uma das formas verbais destacadas?

4. Explique a concordância da forma verbal vivia (segundo parágrafo).

5. "...60% dos paulistanos (viviam)..." justifique a concordância da forma verbal destacada.

6. Explique a concordância "... os favelados (são) a prioridade...".

7. "... (há) poucos terrenos para mutirões já desapropriados."
a) Classifique o sujeito do verbo destacado.
b) Reescreva a oração duas vezes, passando o verbo destacado para o pretérito imperfeito do indicativo e para o futuro do pretérito do indicativo.
c) Reescreva a oração, substituindo o verbo haver por existir.

8. "... onde os terrenos são mais baratos (sétimo parágrafo). Reescreva a oração, substituindo o verbo ser pelo verbo custar.

9. Os dados apresentados pelo texto confirmam o que se afirma no título e no subtítulo? Comente.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1 (ACAFE-SC) Assinale a alternativa que preenche corretamente os espaços na frase:
Hoje, quem ( ) porque, ontem ( ) tu que( )
a) paga sou eu - foste - pagaste
b) paga sou eu - foi - pagou
c) paga sou eu - foste - pagou
d) paga é eu - foi - pagaste
e) paga sou eu - fostes - pagastes

2 (FUVEST-SP) "Eu não sou o homem que tu (procuras), mas desejava (ver-te), ou, quando menos, possuir o (teu) retrato."
Se o pronome tu fosse substituído por Vossa Excelência, em lugar das palavras destacadas no trecho acima transcrito, teríamos, respectivamente, as seguintes formas:
a) procurais, ver-vos, vosso.
b) procura, vê-la, seu.
c) procura, vê-lo, vosso.
d) procurais, vê-la, vosso.
e) procurais, ver-vos, seu.

3 (FUVEST-SP) "Mas aquele pendão firme, vertical, beijado pelo vento do mar, veio enriquecer nosso canteirinho vulgar com uma força e uma alegria que fazem bem." (Rubem Braga) Suponha que o início desse período seja:
"Mas aqueles . Reescreva o período, fazendo apenas as alterações que se tornarem gramaticalmente necessárias.

4 (ITA-SP) Escolha a alternativa que melhor se ajuste ao padrão de língua culta proposto pela teoria gramatical, quanto à forma de tratamento e suas conseqüências no processo de concordância.
"Tomamos a liberdade , Senhor Ministro, de pedir-( ) a ( ) interferência nos canais de televisão. Se ..., Vossa Excelência sera dos nossos veementes aplausos."
a) vos, vossa, intervirdes, merecedora
b) lhe, sua, intervier, merecedora
c) te, tua, intervieres, merecedora
d) lhe, sua, intervir, merecedora
e) vos, soa, intervir, merecedor

5 (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal esteja correta.
a) Discutiu-se a semana toda os acordos que têm de ser assinados nos próximos dias.
b) Poderá haver novas reuniões, mas eles discutem agora sobre que produtos recairão, a partir de janeiro, a sobretaxa de exportação.
c) Entre os dois diretores deveria existir sérias divergências, pois a maior parte dos funcionários nunca os tinha visto juntos.
d) Faltava ainda dez votos, e já se comemoravam os resultados.
e) Eles hão de decidir ainda hoje, pois faz mais de dez horas que estão reunidos naquela sala.

6 (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal está correta.
a) As análises dos especialistas e do presidente prevê uma queda no setor, mas o boletim da empresa sobre as vendas efetuadas no último mês justificam que não se perca o otimismo.
b) Restava, no momento, poucas esperanças de acordo, mas ela, e principalmente eu, não deixava transparecer nenhum desânimo.
c) Podem existir, agora, poucas pessoas dispostas a enfrentar este pequeno problema, mas já houve muitas outras ocasiões em que sacrífícios bem maiores foram exigidos de nós.
d) A vida e a dignidade das pessoas está posta em risco quando falta, por parte delas, recursos para atenderás suas necessidades básicas
e) Foi encontrado no meio dos escombros muitos esqueletos, e já se levantou, entre os cientistas, hipóteses de que seja de animais pré-históricos.

7 (UFG-GO) No conhecido verso de um rock "a gente somos inútil" - ocorre uma concordância que, apesar de ser condenada pelos padrões gramaticais da língua culta, é comum na fala popular. Como se explica esta possibilidade de construção na língua portuguesa?

8 (UNICAMP-SP) No diálogo transcrito a seguir, um dos interlocutores é falante de uma variedade de português que apresenta uma série de diferenças com relação ao português culto.
Identifique, na fala desse interlocutor, as marcas formais dessas diferenças e transcreva-as. Faça, a seguir, uma hipótese sobre quem poderia ser essa pessoa (sua classe social e seu grau de escolaridade).
Interlocutor 1: Por que o senhor acha que o pessoal não está mais querendo tocar?
Interlocutor 2: E... a rapaziada nova agora não são mais como era quando nós ia, não senhora. Quando nós saía com o Congo nós levava aquele respeito com o mestre que saía com nós, né? Então nós ficava ali, se fosse tomar arguma bebida só tomava na hora que nós vinhesse embora.

9 (UNICAMP-SP) As declarações que seguem são atribuidas a uma alta autoridade do governo. Identifique e comente os trechos em que a transcrição sugere um falante que não foi capaz de expressar-se em português culto, de forma adequada ao seu papel ocial.
"Alta autoridade do governo paulista garantiu ontem que as investigações para apurar os responsáveis pelo seqúestro do ex-vice-presidente do Bradesco, Antônio Beltran Martinez, terão prosseguimento, mesmo que fique comprovada a participação de

'pessoas influentes e importantes'. 'Tudo aquilo que a polícia necessitar de meios para chegar a esse objetivo, ela terá a responsabilidade de apurar até o fim, doa a quem doer esses fatos.'" (Diário do Povo, 9 out. 1987.)

10 (UNICAMP-SP) O jornal Folha de S.Paulo introduz com o seguinte comentário uma entrevista recente (8 dez. 1988) com o professor Paulo Freire:
"A gente cheguemos" não será uma construção gramatical errada na gestão do Partido dos Trabalhadores em São Paulo." Os trechos da entrevista nos quais a Folha se baseou para fazer tal comentário foram os seguintes:
"A criança terá uma escola na qual a sua linguagem seja respeitada (...) Uma escola em que a criança aprenda a sintaxe dominante, mas sem desprezo pela sua." "Esses oito milhões de meninos vêm da periferia do Brasil (...) Precisamos respeitar a sua sintaxe mostrando que sua linguagem é bonita e gostosa, às vezes é mais bonita que a minha. E, mostrando tudo isso, dizer a ele:
'Mas para tua própria vida tu precisas dizer a gente chegou (em vez de a gente cheguemos). Isso é diferente, (a abordagem) é diferente. E assim que queremos trabalhar, com abertura, mas dizendo a verdade." Responda de forma sucinta:
a) Qual é a posição defendida pelo professor Paulo Freire em relação à correção de erros gramaticais na escola?
b) O comentário do jornal faz justiça ao pensamento do educador? Justifique a sua resposta.

11 (UFV-MG) Dadas duas frases consideradas corretas:
a) Fulano ou Beltrano será eleito em 15 de novembro Presidente da Repóblica.
b) Calor intenso ou frio excessivo me fazem mal.
Explique a razão de o verbo estar no singular em a e no plural em b.

12 (UNICAMP-SP)
Sem comentários
Do delegado regional do Ministério da Educação do Rio, Antônio Carlos Reborado, ao ler ontem um discurso de agradecimento ao seu chefe, o ministro Eraldo Tinoco: "Os convênios assinados traduz (sic)* os esforços...". (Painel, Folha de S. Paulo, l2 set. 1992.)
*sic: palavra latina que significa assim no caso, é usada pelo jornal com o sentido de "exatamente desta forma".
O título da nota, "Sem comentários , e, na verdade, um comentário que expressa o ponto de vista do jornal, motivado por um problema gramatical no discurso lido por A. C. Reborado.
a) Que problema gramatical provocou o comentário do jornal?
b) Explicite o comentário que está sugerido, neste caso específico, pela expressão "Sem comentários".

13 (UNICAMP-SP) Apesar de consideradas erradas, construções como "No segundo turno nós conversa", "A gente fomos", "Subiu os preços" obedecem a regras de concordância sistemáticas, características principalmente de dialetos de pouco prestígio social.
O trecho abaixo, extraído de um editorial de jornal (portanto, representativo da modalidade culta) contém uma construção que é de fato um erro de concordância.

"Pode-se argumentar, é certo, que eram previsíveis os percalços que enfrentariam qualquer programa de estabilização ...) necessário no Brasil." (Folha de S.Paulo, 7 nov. 1990.)
a) Transcreva o trecho em que ocorre um erro de concordância.
b) Lendo atentamente o texto, você descobrirá que existe uma explicação para esse erro. Qual é?
c) Reescreva o trecho de forma a adequá-lo à modalidade escrita culta.

14 (UFV-MG) Assinale a alternativa, cuja sequência enumera corretamente as frases:
(1) concordância verbal correta
(2) concordância verbal incorreta
( ) Ireis de carro tu, vossos primos e eu.
( ) O pai ou o filho assumirá a direção do colégio.
( ) Mais de um dos candidatos se insultaram.
( ) Os meninos parece gostarem dos brinquedos.
( ) Faz dez anos todos esses fatos.
a) 1,2,2,2,1
b) 2,2,2,1,2
c) 1,1,2,1,1
d) 1,2,1,1,2
e) 2,1,1,1,2

15 (UFV-MG(Em todas as frases abaixo a concordância verbal está incorreta, exceto:
a) Qual de nós chegamos primeiro ao topo da montanha?
b) Os Estados Unidos representa uma segurança para todo o Ocidente.
c) Recebei, Vossa Excelência, os protestos de nossa estima.
d) Sem a educação, não podem haver cidadãos conscientes.
e) Sobrou-me uma folha de papel, uma caneta e uma borracha.

16 (FATEC-SP(Assinale a alternativa em que o período 2 não corresponde à correta pIuralização do período 1.
a) 1. Mantenha-se calmo: não vai haver mais assalto.
2. Mantenham-se calmos: não vai haver mais assaltos.
b) 1. A notícia parece que correu muito rapidamente.
2. As notícias parece que correram muito rapidamente.
c) 1. Haja vista a ocorrência policial...
2. Haja vista as ocorrências policiais...
d) 1. É essa a objeção que se costuma fazer?
2. São essas as objeções que se costuma fazer?
e) 1. Haverá de existir solução menos traumática.
2. Haverão de existir soluções menos traumáticas.

17 (FAAP-SP) Nas frases abaixo, explique a concordância dos verbos destacados.
a) (Costumava haver), na cama do finado Padre João da Mata, lençóis de linho, dum luxo raro naquelas alturas.
b) Padre Antônio de Morais foi um dos que mais (sentiram) atração por Clarinha.

18 (FATEC-SP) Assinale a alternativa incorreta.

a) No período "Outro dia mesmo tinha um homem gordo cantando em alemão", a forma verbal tinha, de largo uso, é considerada coloquial; a Gramática Normativa recomenda substitui-la por havia.
b) A pluralização do termo sintático destacado em "Houve / teve grande festa para o craque" acarreta a flexão dos verbos para houveram e tiveram.
c) Ter e haver possuem o mesmo sentido e o mesmo comportamento sintático (São verbos pessoais, ambos) em "tinha de conseguir" e "havia de tentar"; entretanto, possuem sentido e comportamento sintático diferentes em "Caso sério havia entre eles, mas ninguém sabia" e "Caso sério tinha nas mãos o advogado do distinto político".
d) O verbo ter empregado em "e tem uma porção de gente diferente" possui sentido idêntico em "Por isso é que tem tanto fio na rua", mas diferente em "A gente tem um rádio bacana em casa".
e) Haver e fazer são equivalentes em "Há dez anos trabalho aqui" e "Faz dez anos que trabalho aqui". Nesse sentido, de tempo decorrido, não podem ser usados no plural.

19 (FUVEST-SP) Reescreva as frases abaixo, substituindo existir por haver e vice-versa.
a) Existiam jardins e manhãs naquele tempo: havia paz em toda parte.
b) Se existissem mais homens honestos, não haveria tantas brigas por justiça.

20 (FEI-SP) Passe para o plural:
Houve uma conversa meio longa.

21 (FUVEST-SP) Em "(Há em nosso pais duas constantes) que nos induzem a sustentar que o Brasil é o único país brasileiro de todo o mundo", reescreva o segmento destacado, substituindo o verbo haver por existir.

22 (ITA-SP) Assinale a alternativa correta.
a) Fazem anos que não te vejo.
b) Devem haver pessoas honestas lá.
c) Alvimar ou Caetano será escolhido para o cargo.
d) Aspiramos um aumento salarial melhor.
e) Custou-o a entender o que eu dizia.

23 (F.C. Chagas-BA) A ocorrência de interferências ( )-nos a concluir que ( ) uma relação profunda entre homem e sociedade que os ( ) mutuamente dependentes.
a) leva, existe, torna
b) levam, existe, tornam
c) levam, existem, tornam
d) levam, existem, torna
e) leva, existem, tornam

24 (FUVEST-SP) Indique a alternativa correta.
a) Filmes, novelas, boas conversas, nada o tiravam da apatia.
b) A pátria não é ninguém: são todos.
c) Se não vier as chuvas, como faremos?
d) É precaríssima as condições do prédio.
e) Vossa Senhoria vos preocupais demasiadamente com a vossa imagem.

25 (UM-SP) Não ( ) razões para acreditarmos nele, pois ( ) provas suficientes e ( )

anotações memoráveis a seu favor.
a) faltava, haviam, existiam
b) faltavam, havia, existiam
c) faltavam, haviam, existiam
d) faltava, havia, existia
e) faltavam, havia, existia

26 (FUVEST-SP) Num dos provérbios abaixo não se observa a concordância prescrita pela gramática. Indique-o.
a) Não se apanham moscas com vinagre.
b) Casamento e mortalha no céu se talha.
c) Quem ama o feio, bonito lhe parece.
d) De boas ceias, as sepulturas estão cheias.
e) Quem cabras não tem e cabritos vende, de algum lugar lhe vêm.

27 (FCMSCSP) Por falta de verba, ( ) as expenências e os estudos que se ( ).
a) foi suspenso, planejava fazer
b) foram suspensos, planejava fazer
c) foram suspensos, planejavam fazer
d) foram suspensas, planejavam fazer
e) foi suspenso, planejavam fazer

28 (F.C. Chagas-BA) Assinale:
a) se todos forem corretos.
b)se forem corretos somente os textos 1 e 2.
c) se forem corretos somente os textos 1 e 3,
d) se forem corretos somente os textos 2 e 3.
e) se nenhum deles for correto.
1. Vossa Excelência sois um ótimo professor.
2. Tu e eles ireis à conferência.
3. Passará o céu e a terra, mas não passarão minhas palavras.

29 (FUVEST-SP) Indique a alternativa correta.
a) Tratavam-se de questões fundamentais.
b) Comprou-se terrenos no subúrbio.
c) Precisam-se de datilógrafas.
d) Reformam-se ternos.
e) Obedeceram-se aos severos regulamentos.

30 (FCMSCSP) Não chove ( ) meses; mas a esperança e o vigor que sempre ( ) no sertanejo não o ( )
a) faz, existiu, abandonou
b) faz, existiram, abandonaram
c) fazem, existiu, abandonou
d) fazem, existiram, abandonaram
e) fazem, existiu, abandonaram

31 (FCMSCSP) Suponho que ( ) meios para que se ( ) os cálculos de modo mais simples.
a) devem haver, realize

b) devem haver, realizem
c) deve haverem, realize
d) deve haver, realizem
e) deve haver, realize

32 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção em que a lacuna pode ser preenchida por qualquer das duas formas verbais indicadas entre parênteses.
a) Um dos seus sonhos ( ) morrer na terra natal. (era, eram)
b) Aqui não ( ) os sítios onde eu brincava. (existe, existem)
c) Uma porção de sabiás ( ) na laranjeira. (cantava, cantavam)
d) Não ( ) em minha terra belezas naturais. (falta, faltam)
e) Sou eu que ( ) morrer ouvindo o canto do sabiá. (quero, quer)

33 (UFC-CE) Complete as seguintes frases observando a concordância verbal e, depois, assinale a opção certa.
1. Como ( ) haver pessoas tão generosas. (poder - imp. ind.)
2. ( )-se, muito longe, os sinos da igreja. (ouvir- imp. ind.)
3. ( ) muitos anos que ela não vai a festas. (fazer - pres. ind.)
4. Eles sempre se ( ) com dignidade. (haver- perf. ind.)
5. ( )-se muitas pessoas dirigindo-se á matriz. (ver - pres. ind.)
a) podia, ouviam, faz, houveram, vêem
b) podiam, ouvem, fazem, houveram, vêm
c) podia, ouvia, faz, havia, vêem
d) pôde, ouve, fazem, houveram, vêem
e) n.d.a.

34 (PUC-RS) Asseguro a V. S. que nao ( ) incomodar-( ) com a elaboração dos testes; ( ) ficar tranqüilo.
a) precisa, se, pode
b) precisa, se, podes
c) precisas, te, podes
d) precisais, vos, podeis
e) precisa, vos, pode

35 (UFC-CE) Assinale a opção correta.
a) Mais de um retirante se afastou do serviço.
b) Qual de vós sabeis o destino do retirante?
c) Podem haver, no campo, dias horríveis.
d) Espera-se dias mais propícios.

36 (FUVEST-SP) ( ) dez horas que se ( ) iniciado os trabalhos de apuração dos votos sem que se ( ) quais seriam os candidatos vitoriosos.
a) fazia, haviam, previsse
b) faziam, haviam, prevesse
c) fazia, havia, previsse
d) faziam, havia, previssem
e) fazia, haviam, previssem

37 (ACAFE-SC) Corrija a frase. Depois, justifique.
"Ela está meia nervosa."

38 (ACAFE-SC) Assinale a alternativa que completa corretamente os espaços.
A entrada para o cinema foi ( ), mas o filme e o desenho ( ) compensaram, pois saímos todos ( ).

a) caro apresentado - alegre
b) cara - apresentado alegre
c) caro - apresentados - alegres
d) cara - apresentados - alegres
e) cara - apresentados - alegre

39 (UEM-PR) Aponte a(s) frase(s) em que a palavra dos parênteses deve ir exclusivamente no plural.

01. Tu, eu e teu pai ( ) de ônibus. (ir)
02. Os Estados Unidos, durante a noite, ( ) a Líbia. (atacar)
04. ( ) você e seu colega. (passar)
08. ( ) muitos discursos, porém pouca argumentação. (haver)
16. Parece inteligente e tem ( ) argumentos para se defender. (bastante)
32. ( ) ao processo encontram-se as fotos. (incluso)

40 (PUCC-SP) Apenas uma alternativa preenche corretamente os espaços existentes na sentença abaixo. Assinale-a.
"Aquelas mulheres estão ( ) porque querem aproveitar a liquidação para comprar ( ) vestidos ( ).

a) alertas, bastantes, bege
b) alerta, bastante, beges
c) alerta, bastantes, bege
d) alertas, bastante, beges
e) alerta, bastantes, beges

41 (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal e nominal esteja correta.

a) Qualquer que tivessem sido as decisões da chefia, a reação dos funcionários seria a mesma, pois discórdias é que não faltava lá.
b) Eles são tão pouco esclarecidos, que com meias palavras não entendem nada; é necessário, sempre, as explicações mais detalhadas.
c) Quando já passava das dez horas, atribuiu-se o atraso do juiz a problemas de saúde e dispensaram-se as testemunhas.
d) Vai ser avaliado, no mês que vem, os danos da última seca e serão anunciados os prejuízos correspondente.
e) Eles parecem, cada vez mais, serem os únicos responsáveis pelo ocorrido, por mais inacreditável que possa ser os fatos.

42 (PUCC-SP) Não foi ( ) a pesada suspensão que lhe deram, porque você foi o que ( ) falhas apresentou; podiam ter pensado em outras penalidades mais ( ).

a) justo - menas - cabível
b) justa - menos - cabível
c) justa - menos - cabíveis
d) justo - menos - cabível
e) justo - menas - cabíveis

43 (PUCC-SP) Tenha certeza, meu caro amigo, de que suas colegas queriam elas ( ) terminar o trabalho, mas não conseguiram falar ( ) por esse motivo é que ficou tudo para ( ) resolver.
a) mesmo - consigo - mim
b) mesmas - com você - eu
c) mesmo - com você - mim
d) mesmas - consigo - mim
e) mesmas - contigo - eu

44 (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal e nominal está correta.
a) Era oito horas e até aquela hora tinha sido evitado, graças à presença de correspondentes estrangeiros, uma série de assuntos sobre política econômica.
b) Avaliou-se com muita calma, no encontro que se deu fazem uns quinze dias, as mais diferentes versões sobre o manifesto a favor da Ecologia, que havia sido publicada pela imprensa.
c) Os estudos para a fusão das duas companhias dura mais de dois meses, mas o concurso para a escolha dos nomes dos novos produtos já tem sido amplamente divulgados.
d) Seja quais forem as críticas que possam ser feitas, a verdade é que eles pretendiam, cada uma seu modo, defenderem seus pontos de vista, mesmo sabendo que nem todos eram igualmente defensável.
e) Novas taxas, em virtude dos últimos aumentos, parecem inevitáveis; indicam-se os motivos do reajuste em documentos que encaminho anexos a este.

45 (UNIMEP-SP) "Doei meu sapato e minha roupa..." Se formos colocar um adjetivo que se refira aos dois substantivos, deveremos usar:
a) novo.
b) novos.
c) nova.
d) novas.
e) Qualquer das alternativas anteriores.

46 (UFV-MG) Todas as alternativas abaixo estão corretas quanto à concordância nominal, exceto:
a) Foi acusado de crime de lesa-justiça.
b) As declarações devem seguir anexas ao processo.
c) Eram rapazes os mais elegantes possível.
d) É necessário cautela com os pseudolíderes.
e) Seguiram automóveis, cereais e geladeiras exportados.

47 (F.C. Chagas-BA) Elas ( ) providenciaram os atestados, que enviaram ( ) às procurações, como instrumentos ( ) para os fins colimados.
a) mesmas, anexos, bastantes
b) mesmo, anexo, bastante
c) mesmas, anexo, bastante
d) mesmo, anexos, bastante
e) mesmas, anexos, bastante

48 (FCMSCSP) ( ) habilidade e ( ) empenho ( ) pelos participantes, a comissão julgadora teve dificuldade em apontar o vencedor.
a) Dado a, o, demonstrado
b) Dada à, do, demonstrados
c) Dados a, o, demonstrados
d) Dados a, ao, demonstrado
e) Dados à, do, demonstrados

49 (FAAP-SP) Observando as regras de cncordância verbal e nominal, reescreva a frase que segue:
Ao meio-dia e meio, depois de penosa escalada, durante a qual houveram perigos o mais surpreendentes possíveis, o grupo de alpinistas franceses atingiu o ponto mais elevado da cordilheira.

50 (PUC-RJ) Preencha as lacunas com a forma adequada das palavras entre parênteses, fazendo a flexão de gênero e número quando necessário.
a) Por ( ) que sejam as conseqüêncías, esta e a única tentativa possível. (pior)
b) Seus propósitos estão ( ) claros. (bastante)
c) As informações prometidas seguem ( ) a esta carta. (anexo)

51 (UFSCar-SP) Reescreva o período abaixo. Corrija-o, se necessário, quanto à concordância. justifique, porém, sempre a sua resposta.
É proibido a entrada de pessoas estranhas no recinto.

52 (F.C. Chagas-BA) Assinale a alternativa em que a concordância verbal e nominal está correta.
a) Já é meio-dia e meia; faltam poucos minutos para começar a reunião.
b) Comprei um óculos escoro nesta loja. Consegue-se bons descontos aqui.
c) Vão fazer dez anos que trabalho aqui e ainda é proibido a minha entrada na sala da Diretoria
d) Duzentas gramas de queijo são demais para fazer a torta.
e) A gente fomos ao cinema no domingo, e lá haviam amigos nossos na fila.

53 (UEL-PR) Ao esforço e à seriedade ( ) ao estudo é que ( ) os louvores que ele tem recebido ultimamente.
a) consagrado, devem ser atribuidos
b) consagrada, deve ser atribuído
c) consagrados, devem ser atribuidos
d) consagradas, deve ser atribuído
e) consagrados, deve ser atribuído

54 (UEL-PR) Caso ( ) recursos, os súcios mudarão os planos ( ) à compra do imóvel.
a) venham a faltar, concernentes
b) venha a faltarem, concernente
c) venham a faltarem, concernente
d) venha a faltarem, concernentes
e) venha a faltar, concernente

55 (F.C. Chagas-BA) ( ) a tempo as complexidades dos problemas, ( ) pareceres de

técnicos na matéria.
a) Lembradas, pediram-se
b) Lembrado, pediu-se
c) Lembradas, foi pedido
d) Lembrado, pediram-se
e) Lembrado, foram pedidos

56 (F.C. Chagas-BA) Os Estados Unidos ( ) grandes universidades de ( ) fama e mérito.
a) possuem, reputada
b) possui, reputado
c) possui, reputados
d) possuem, reputado
e) possui, reputada

57 (F.C. Chagas-BA) Informo a Vossas Senhorias que ( ) seguem a carta, o relatório e a cópia que nos solicitaram, e que estão inteiramente à ( ) disposição para exame.
a) incluso, vossa
b) inclusos, sua
c) incluso, sua
d) inclusa, vossa
e) inclusos, vossa

58 (UFSC) Aponte a alternativa em que a concordância nominal não é adequada.
a) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçada.
b) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçados.
c) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçadas.
d) Obrigava sua corpulência a torçado exercício e evolução.
e) Obrigava sua corpulência a forçada evolução e exercício.

59 (UM-SP) Indique a alternativa que preenche corretamente as lacunas na frase.
( ) na verdade, de tarefas árduas que um e outro ( ) com esforço e capacidade ( )
a) Tratam-se, executou, sobre-humana
b) Tratam-se, executaram, sobre-humanas
c) Trata-se, executou, sobre-humanas
d) Trata-se, executaram, sobre-humanos
e) Tratam-se, executou, sobre-humanos

60 (F.C. Chagas-BA) Ainda ( ) furiosa, mas com ( ) violência, proferia injúrias ( ) para escandalizar os mais arrojados.
a) meia, menas, bastantes
b) meia, menos, bastante
c) meio, menos, bastante
d) meio, menos, bastantes
e) meio, menas, bastantes

61 (PUCC-SP) Assinale a concordânccia errada.
a) Ali se vendia pão e outras provisões.
b) Era meio-dia e meia.

c) Na exposição vendeu-se oito cavalos árabes.
d) Crime de leso-patriotismo.
e) Os soldados ficaram alerta.

62 (ltajubá-MG) Em todas as frases a concordância se fez corretamente, exceto:
a) Os soldados, agora, estão todos alerta.
b) Ela possuía bastante recursos para viajar.
c) As roupas das moças eram as mais belas possíveis.
d) Rosa recebeu o livro e disse: "Muito obrigada".
e) Sairei de São Paulo hoje, ao meio-dia e meia.

63 (PUCC-SP) Assinale a alternativa em que meio funciona como advérbio.
a) Fica no meio do quarto.
b) Quero meio quilo.
c) Está meio triste.
d) Achei o meio de encontrar-te.
e) n.d.a.

64 (UnB-DF) Em todas as alternativas a concordância   nominal fez-se corretamente, exceto em:
a) Eu observava no velho guerreiro o destemor e a força quase lendários.
b) Estavam emudecidos, para sempre, as almas, as vozes e os risos dos homens.
c) Aquelas mesmas figuras pareceram a nós meio estranhas.
d) O presidente quero decreto o mais breve e incisivo possíveis.

65 (UM-SP) Assinale a alternativa incorreta.
a) O narrador pulou longos páginas e capítulos.
b) Ele pulou longos capítulos e páginas.
c) Ele escreveu capítulos e páginas compactas.
d) Ele escreveu capítulos e páginas compactos.
e) Ele escreveu páginas e capítulos compactos.

66 (F.C. Chagas-BA) Água às refeições é ( ) para a saúde. Essa é uma das muitas precauções que ( ) tomar, se se quer conservar a silhueta.
a) mau, é preciso
b) mau, são precisas
c) mal, é precisa
d) má, são precisas
e) má, é preciso

CAPÍTULO 27

REGÊNCIA VERBAL E NOMINAL

- nota da ledora: propaganda da Umbro (marca de uniformes e artefatos para praticantes e esportes).
Foto: um pinheiro plantado, solitário, em uma imensa área verde; apresentando o seguinte texto: - Para nós é um centroavante livre de marcação. Umbro. (A gente só pensa em futebol)

- fim da nota.

A expressão "livre de marcação" constitui objeto de estudo da regência nominal, ao passo que pensa em futebol" pertence ao domínio da regência verbal.

1 INTRODUÇÃO

Há algum tempo, um famoso cantor americano (Michael Jackson) foi acusado de assediar sexualmente menores de idade. Ao noticiar o fato, muitas emissoras de televisão falavam das "denúncias de abuso sexual contra Michael Jackson". Você percebe o que ocorre nessa construção? A frase é, no mínimo, ambígua. De réu, Jackson pode passar a vítima. Colocada depois de dois nomes (denúncias e abuso), a preposição contra pode relacionar-se a qualquer dos dois termos. Na verdade, por estar mais próxima de abuso, é a esse termo que a preposição parece ligar-se. Isso faz Jackson passar a ser vítima do abuso.

Para que a frase fosse clara e fiel ao sentido pretendido, seria necessário aproximar a preposição contra do termo que efetivamente a rege denúncia.
Surgiria a construção "as denúncias contra Michael Jackson de abuso sexual".
Outra solução seria "as denúncias de abuso sexual feitas contra Michael Jackson". O termo regente da preposição contra passaria a ser feitas.
É disso que se ocupa a regência, ou seja, como estabelecer relações entre palavras, para criar frases que não sejam ambíguas, que expressem efetivamente o sentido desejado, que sejam corretas e claras.

2 REGÊNCIA VERBAL

A regência verbal se ocupa do estudo da relação que se estabelece entre os verbos e os termos que os complementam (objetos diretos e objetos indiretos) ou caracterizam (adjuntos adverbiais). Você sabe que o verbo gostar rege a preposição de (gostar de alguém ou de algo), que o verbo concordar rege com (concordar com alguém ou com algo), que o verbo confiar rege em (confiar em alguém ou em algo). E o verbo ir? No dia-a-dia, no Brasil, é muito comum ir em algum lugar" ("Fui no cinema", "Fui na praia"). Na língua culta, porém, o verbo ir rege as preposições a e para: "Fui ao cinema"; "Ele foi para a Grécia". A diferença entre o uso culto, formal, e o coloquial é um dos principais objetivos do estudo da regência.

Outro aspecto que deve ser considerado é a mudança de significado que pode resultar das diferentes relações que se estabelecem entre um mesmo verbo e seus complementos: "agradar alguém" é diferente de "agradar a alguém". No primeiro caso ("A mãe agrada o filho"), agradar significa "acariciar", "contentar".
No segundo ("A mãe agrada ao filho"), significa "causar agrado ou prazer", "satisfazer".
Para estudar a regência verbal, os verbos serão agrupados de acordo com sua transitividade. Lembre-se de que a transitividade não é um fato absoluto: um mesmo verbo pode atuar de diferentes formas em diferentes frases. Você verá a transitividade mais freqüênte ou mais problemática dos vários verbos estudados.
Num último grupo, foram reunidos os verbos cujas mudanças de transitividade estão relacionadas com mudanças de significado.

VERBOS INTRANSITIVOS

Os verbos intransitivos não possuem complementos. É importante, no entanto, destacar alguns detalhes relativos aos adjuntos adverbiais que costumam acompanhá-los.
Chegar e ir são normalmente acompanhados de adjuntos adverbais de lugar. Na língua culta, as preposições usadas para indicar direção ou destino são a e para.
Cheguei a Roma num domingo de Carnaval.
Fomos a Siena.
Ele deve chegar a Brasília no próximo sábado.
RonaIdo foi para a Espanha.

VERBOS TRANSITIVOS DIRETOS

Os verbos transitivos diretos são complementados por objetos diretos. Isso significa que não exigem preposição para o estabelecimento da relação de regência. Os pronomes pessoais do caso oblíquo da terceira pessoa que atuam como objetos diretos são o, os, a, as. Esses pronomes podem assumir as formas lo, los, la, las (após formas verbais terminadas em -r, -s ou -z) ou no, nos, na, nas (após formas verbais terminadas em sons nasais). Não se devem usar como complemento desses verbos os pronomes lhe, lhes.
São transitivos diretos, entre outros:
abandonar alegrar conservar prejudicar
abençoar ameaçar convidar prezar
aborrecer amolar defender proteger
abraçar amparar eleger respeitar acompanhar
auxiliar estimar socorrer acusar castigar
humilhar suportar admirar condenar namorar ver
adorar conhecer ouvir visitar

Na língua culta, esses verbos funcionam exatamente como o verbo amar:
Amo aquele rapaz. /Amo-o.
Amo aquela moça. /Amo-a.
Amam aquele rapaz. /Amam-no.
Ele deve amar aquela mulher. /Ele deve amá-la.

Os pronomes lhe, lhes só acompanham esses verbos para indicar posse (caso em que atuam como adjuntos adnominais):
Quero beijar-lhe o rosto. (= beijar seu rosto)
Prejudicaram-lhe a carreira. (= prejudicaram sua carreira)

VERBOS TRANSITIVOS INDIRETOS

Os verbos transitivos indiretos são complementados por objetos indiretos. Isso significa que esses verbos exigem uma preposição para o estabelecimento da relação de regência. Os pronomes pessoais do caso oblíquo de terceira pessoa que podem atuar como objetos indiretos são lhe, lhes, para substituir pessoas.
Não se devem usar os pronomes o, os, a, as como complementos de verbos transitivos indiretos. Com os objetos indiretos que não representam pessoas, usam-se os pronomes

oblíquos tônicos de terceira pessoa (ele, ela) em lugar dos pronomes átonos lhe, lhes.
Lembre-se de que os verbos transitivos indiretos não admitem voz passiva - as poucas exceções serão apontadas a seguir.
São verbos transitivos indiretos, entre outros:
antipatizar e simpatizar, que têm complemento introduzido pela preposição com:
Antipatizo com aquela apresentadora.
Simpatizo com os que condenam os políticos que governam para uma minoria privilegiada.
Esses verbos não são pronominais. Não se deve dizer, portanto, "antipatizei-me com ela" ou "simpatizei-me com ela".
consistir, que tem complemento introduzido pela preposição em:
A modernidade verdadeira consiste em direitos iguais para todos.
obedecer e desobedecer, que têm complemento introduzido pela preposição a:
Obedeço ao código de trânsito.
Os brasileiros desobedecem aos sinais de trânsito. Apesar de transitivos indiretos, admitem a voz passiva analítica:
Leis devem ser obedecidas.
Regras básicas de civilidade não podem ser desobedecidas.
Observe que, para substituir uma pessoa que funcione como complemento desses verbos, pode-se usar lhe ou a ele/ela: "Obedeço ao mestre/Obedeço-lhe/Obedeço a ele".
Para substituir o que não for pessoa, só se pode usar a ele/ela: "Obedeço ao código / Obedeço a ele".

dignar-se, pronominal, que no padrão culto rege a preposição de:
Ele não se dignou de olhar-me nos olhos. Ela ao menos se dignou de responder-me.

É comum, em textos formais, encontrar esse verbo com a preposição de elíptica:
"O reitor se dignou ouvir minhas palavras até o fim".
Convém lembrar que esse verbo na linguagem corrente, e usado com a preposição a, o que não é abonado por gramáticos e dicionaristas.
responder, que tem complemento introduzido pela preposição a
Respondi a todos os alunos interessados.
O acusado responderá a inquérito.
Também admite voz passiva analítica, desde que o sujeito seja aquilo, e não aquele, a que se responde:
Todas as perguntas foram respondidas satisfatoriamente.

- nota da ledora: na página, o mesmo anúncio do IBGE, descrito na página 459.
- fim da nota.

O Brasil vai ficar muito mais legal se responder corretamente o Censo.
No anúncio acima, a preposição a' exigida pelo verbo transitivo indireto responder, está combinada com o artigo definido o. A construção, portanto, está correta: "responder ao Censo"

ATIVIDADES

1. Faça a substituição dos termos destacados nas frases seguintes pelos pronomes oblíquos atonos apropriados.

a) Não desejo incomodar (aqueles rapazes).
b) É preciso ajudar (as crianças de rua).
c) Você não deve prejudicar (os alunos).
d) Vamos enviar (estes pacotes de arroz) aos flagelados.
e) Vamos enviar estes pacotes de arroz (aos flagelados).
f) Ele gostaria de namorar (Sílvia).
g) Espero poder alegrar (os amigos).
h) Prezo muito (aquele escritor).
i) Por que você não obedece (a seus pais)?
j) A comissão não respondeu (aos inscritos no concurso).

2. Em cada item você encontrara uma frase típica da linguagem coloquial de várias regiões do Brasil. Adapte cada uma dessas frases à regência verbal da língua culta.
a) Fique tranqüila, querida: eu lhe amo muito.
b) Desde que lhe vi, minha vida não é mais a mesma.
c) Não me simpatizo muito com essa tese.
d) O marginal urbano não obedece sinal vermelho.
e) Não pude responder o bilhete que você me mandou.
f) Que Deus lhe proteja!
g) Se Deus lhe amparar, tudo vai dar certo.
h) Ela ja parou de lhe amolar?
i) Faço questão de lhe abraçar.

3. Comente a regência verbal da frase seguinte:
Essa medidas consistem basicamente de novas regras para o sistema financeiro e de um novo sistema de controle de entrada de divisas externas.

VERBOS INDIFERENTEMENTE TRANSITIVOS DIRETOS OU INDIRETOS

Alguns verbos podem ser usados como transitivos diretos ou transitivos indiretos, sem que isso implique alteração de sentido. Alguns deles são:
abdicar (de) desdenhar (de)
acreditar (em) gozar (de)
almejar (por) necessitar (de)
ansiar (por) preceder (a)
anteceder (a) precisar (de)
atender (a) presidir (a)
atentar (em, para) renunciar (a)
cogitar (de, em) satisfazer (a)
consentir (em) versar (sobre)
deparar (com)

- nota da ledora: anúncios repetidos: da microempresa, na página 362; do dicionário da folha da tarde, na página 211; e da monark, na página 199
- fim da nota.

Também podem ser usados como transitivos diretos ou transitivos indiretos os verbos esquecer e lembrar. Nesse caso, porém, há um detalhe importante:
quando transitivos indiretos, esses verbos são pronominais. Observe as formas corretas de usá-los:

Esqueci o livro./ Esqueci-me do livro.
Não esqueça os amigos./ Não se esqueça dos amigos.
Não esquecemos suas palavras./ Não nos esquecemos de suas palavras.
Não lembro nada./ Não me lembro de nada.
Lembre que nada acontece por acaso./ Lembre-se de que nada acontece por acaso.

Classifique o Sujeito da oração "Precisa-se de pequenas empresas".
Precisar pode ser verbo transitivo direto ou indireto. Neste exemplo, é transitivo indireto.
Conhecer bem os substantivos constitui tarefa crucial para quem deseja se expressar com precisão na norma culta. Caso contrário corre-se o risco de apelar para "substantivos"
Esperamos que você nunca mais se esqueça da regência do verbo esquecer.

À semelhança do verbo esquecer, lembrar pode ser usado como transItivo direto (regência presente no anúncio) ou transItivo indireto. Se optássemos por esta última escreveríámos: "Lembra-se de quando você começou apedalar?".

Esses verbos também apresentam uma outra possibilidade de construção, hoje restrita à língua literária:
Não me esquecem aqueles beijos que trocamos. (= não me saem da memória, não me caem no esquecimento)
Desculpe-me, mas não me lembra a data de seu aniversário, (= não me vem à lembrança)
Lembrar, no sentido de "advertir, notar, fazer recordar", é usado com objeto indireto de pessoa e objeto direto que indica a coisa a ser lembrada. Observe:
Lembrei a todos que tudo ainda estava por fazer.

VERBOS TRANSITIVOS DIRETOS E INDIRETOS

Os verbos transitivos diretos e indiretos são acompanhados de um objeto direto e um objeto indireto. Merecem destaque, nesse grupo:
agradecer, perdoar e pagar, que apresentam objeto direto de coisa e objeto indireto de pessoa:
Agradeço aos ouvintes a audiência.
Cristo ensina que é preciso perdoar o pecado ao pecador.
Paguei o débito ao cobrador.
O uso dos pronomes oblíquos átonos deve ser feito com particular cuidado.
Observe:
Agradeci o presente. /Agradeci-o.
Agradeço a você. /Agradeço-lhe.
Perdoei a ofensa. /Perdoei-a.
Perdoei ao agressor. /Perdoei-lhe.
Paguei minhas contas. /Paguei-as.

Paguei aos meus credores. /Paguei-lhes.
É importante notar que, com esses verbos, a pessoa deve sempre aparecer como objeto indireto, mesmo que na frase não haja objeto direto. Observe:
A empresa não paga aos funcionários desde setembro. Já perdoei aos que me acusaram.
Agradeço aos eleitores que confiaram em mim.

informar, que apresenta objeto direto de coisa e objeto indireto de pessoa, ou vice-versa:
Informe os novos preços aos clientes.
lnforme os clientes dos novos preços.
(ou sobre os novos preços)

- nota da ledora: anúncio do carro Rolls Royce que, devido ao tamanho, deveria pagar IPTU (voce já viu este anúncio na página 106)
- fim da nota.

No caso do verbo pagar, o imposto (IPTU) é objeto direto, Se quiséssemos identificar o beneficidrio do pagamento, devertamos introduzi-lo como objeto indireto: "Deveria pagar IPTU à Prefeitura".
Quando se utilizam pronomes como complementos, podem-se obter as construções:
lnforme-os aos clientes. / lnforme-lhes os novos preços.
Informe-os dos novos preços. / lnforme-os deles. (Ou sobre eles)

No período composto, quando um dos complementos desse verbo é oracional, valem as mesmas orientações:
Informe aos clientes que os preços não são mais os mesmos./ Informe-lhes que os reços não são mais os mesmos.
Informe os clientes de que os preços não são mais os mesmos./ Informe-os de que os preços não são mais os mesmos.
A mesma regência de informar cabe a avisar, certificar, notificar, cientificar, prevenir.

preferir, que na língua culta deve apresentar objeto indireto introduzido pela preposição a:
Prefiro trem a ônibus.
Povo civilizado prefere democracia a ditadura.
"Prefiro um asno que me carregue a um cavalo que me derrube."

- nota da ledora: anúncio da associação dos desportitas cadeirantes - voce já viu este anúncio na página 297
- fim da nota.

Esse verbo, na língua culta, deve ser usado sem termos intensificadores como muito, antes, mil vezes, um milhão de vezes. A ênfase já é dada pelo prefixo existente no verbo (pre-).
No 2o. período, o objeto indireto do verbo preferir está elíptico, pois foi referido no período inicial. Se optássemos por explicitá-lo, escreveríamos: "Eu prefiro pensar nas rodas a reclamar da cadeira".

ATIVIDADES

1. Substitua os termos destacados pelo pronome pessoal oblíquo átono apropriado.
a) Não deixe de pagar (as contas).
b) O banco não paga (aos empregados) desde maío.
c) Sempre se encontra um jeito de perdoar (aos empresários inadimplentes).
d) Não perdoarei (essa atitude grosseira).

e) Agradeço (todas as gentilezas).
f) Agradeço (aos colegas que aqui estiveram).

2. Observe a regência verbal empregada nas frases seguintes. Faça as alterações necessárias para torná-las adequadas ao padrão culto da língua portuguesa.
a) Lembro sempre de você.
b) Nunca esqueci do que passamos juntos.
c) Ele se antipatizou comigo depois que lhe neguei apoio.
d) Prefiro mil vezes ficar aqui do que sair e enfrentar filas.
e) "Prefiro ser essa metamorfose ambulante do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo." (Raul Seixas)
f) Antes prefiro química à física.
g) Preferimos dormir que trabalhar.
h) Informo-lhe de que deve sair agora.
i) Informo-a que o empréstimo não será concedido.

VERBOS CUJA MUDANÇA DE TRANSITIVIDADE IMPLICA MUDANÇA DE SIGNIFICADO

Há vários verbos cujas modificações de transitividade produzem mudanças de significado. Veja a seguir os principais.

Agradar, no sentido de "fazer carinho", "acariciar", é transitivo direto:
Sempre agrada o filho quando o revê. /Sempre o agrada quando o revê. Cláudia não perde oportunidade de agradar o gato. / Cláudia não perde oportunidade de agradá-lo.
No sentido de "causar agrado a", "satisfazer", "ser agradável a", é transitivo indireto e rege complemento introduzido pela preposição a:
O cantor não agradou aos presentes. O cantor não lhes agradou.

Aspirar, no sentido de "sorver", "inspirar", "inalar", é transitivo direto:
Quem não fuma muitas vezes é obrigado a aspirar a fumaça dos cigarros de quem se acha dono do mundo.
Quem não fuma muitas vezes é obrigado a aspirá-la.
No sentido de "desejar", "almejar", "pretender", é transitivo indireto e rege a preposição a. Não se deve usar lhe ou lhes como objeto indireto desse verbo:
Os brasileiros sensíveis aspiramos a um país mais justo. Os brasileiros sensíveis aspiramos a ele.

Assistir, no sentido de "ajudar", "prestar assistência a", é transitivo direto:
As empresas de saúde negam-se a assistir os idosos. As empresas de saúde negam-se a assisti-los.
No sentido de "ver"," presenciar", "estar presente a" ou "caber", "pertencer", é transitivo indireto. Nos dois casos, rege complemento introduzido pela preposição a; no primeiro, apresenta objeto indireto de coisa; no segundo, de pessoa. Observe:
Assisti a um ótimo filme. /Assisti a ele.
Não assisti as últimas sessões. /Não assisti a elas.
Exigir qualidade é um direito que assiste ao consumidor. /Exigir qualidade é um direito que lhe assiste.

Na linguagem corrente do Brasil, esse verbo é usado como transitivo direto, no sentido de "ver", "presenciar": "Não assisti o jogo". No padrão culto, não se aceita essa construção. Convém lembrar que não se pode fazer a passiva de verbos transitivos indiretos, portanto não se pode dizer "O jogo foi assistido por apenas mil pessoas". No padrão formal, deve-se optar pela construção ativa
("Apenas mil pessoas assistiram ao jogo").

Alguns autores admitem que esse verbo seja usado como transitivo indireto com o sentido de "ajudar", "prestar assistência":
O médico se negou a assistir aos idosos.
O médico se negou a assistir-lhes.

Em textos literários, pode aparecer com o sentido de "morar", "residir". Nesse caso, é intransitivo e normalmente vem acompanhado de adjunto adverbial de lugar introduzido pela preposição em:
Qualquer pessoa sensível gostaria de assistir em Siena, Bruges ou Toledo.

Chamar, no sentido de "convocar"
"solicitar a atenção ou a presença de, dizendo o nome em voz alta", é transitivo direto:
Por gentileza, vá chamar sua prima. /Por favor, vá chamá-la.
Chamei você várias vezes, mas você não ouviu. /Chamei-o várias vezes, mas
você não ouviu.

No sentido de "denominar", "tachar", "apelidar", pode ser transitivo direto ou transitivo indireto. É normalmente usado com predicativo do objeto, que pode ser introduzido pela preposição de. Observe as diferentes possibilidades de construção:
A torcida chamou o jogador mercenário. /A torcidachamou-o mercenário.
A torcida chamou ao jogador mercenário. /A torcidachamou-lhe mercenário.
A torcida chamou o jogador de mercenário. /A torcida chamou-o de mercenário.
A torcida chamou ao jogador de mercenário. /A torcida chamou-lhe de mercenário.

Confraternizar não é pronominal, o que equivale a dizer que não se aceitam construções como "Os atletas se confraternizaram" ou "Os professores se confraternizaram com os alunos". Deve-se dizer "Os atletas confraternizaram"; "Os professores confraternizaram com os alunos".

Custar, no sentido de "ser custoso", "ser penoso", "ser difícil", tem como sujeito uma oração subordinada substantiva reduzida. Observe:
Ainda me custa aceitar sua ausência.
Custou-nos encontrar sua casa.
Custou-lhe entender a regência do verbo custar.

- nota da ledora: quadrinhos, onde um gaúcho adulto e uma crinça conversam. A criança pergunta: - É verdade que a revolução farrupilha começou por causa do charque. - sim, o finado Tarquínio, meu trisavô farrupilha, entrou na guerra por causa do charque.- responde o adulto. - Não concordou com os preços Seu Tourinho? - volta a perguntar a criança. Não. Um soldado imperial chamou a trisavó de charque , e o velho se aporreou
- finaliza o adulto.
- fim da nota.

Significando 'denominar'; a regência mais freqüente e coloquial do verbo chamar é a que lemos acima: "chamou a trisavó de charque".

No Brasil, na linguagem cotidiana, são comuns construções como " Zico custou a chutar" ou "Custei para entender o problema", em que o verbo custar pode significar "demorar" ou "ter dificuldade" e apresenta como sujeito uma pessoa.
Na língua culta, essas construções em que custar apresenta sujeito indicativo de pessoa são rejeitadas. Em seu lugar, devem-se utilizar construções em que surja objeto indireto de pessoa: "Custou a Zico chutar" (- Custou-lhe chutar) e "Custou-me entender o problema". Se você estranhou essas construções, lembre-se de que você não diz "Quanto tu custas para acordar mais cedo?", e sim "O que te custa acordar mais cedo?". Note que o sujeito de custar não é a pessoa, e sim a coisa, o fato: não és tu que custas para acordar mais cedo; é acordar mais cedo que te custa, custa para ti.

Implicar, no sentido de "ter como conseqûência", "trazer como conseqûência", "acarretar", "provocar", é transitivo direto:
Sua decisão implicou o cancelamento do projeto
Sua decisão implicou cancelar o projeto.
Recessão implica desemprego.
No Brasil, esse verbo é sistematicamente usado com a preposição em ("Sua decisão implica em cancelar o projeto"). Nenhum dicionário admite essa construção no padrão culto.
No sentido de "embirrar", "ter implicância", é transitivo indireto e rege a preposição com:
Sua sogra implica muito com você?
No sentido de "envolver", "comprometer", é transitivo direto e indireto:
Acabaram implicando o ex-ministro em atividades criminosas.

Proceder, no sentido de "ter cabimento", "ter fundamento", "fazer sentido" ou "portar-se", "comportar-se", "agir 'é intransitivo. Nessa segunda acepção, vem sempre acompanhado de adjunto adverbial de modo:
Seus argumentos não procedem. Você procede muito mal.
No sentido de Aprovir, "originar-se", "ter origem", é transitivo indireto e rege a preposição de:
Seu comportamento vil procede da ganância desmesurada que assola sua alma.

- nota da ledora: foto da deficiente auditiva que trabalha no supermercado, em Salvador, em rede de lojas de empresário pioneiro, no setor, ao abrir este mercado de trabalho aos deficientes auditivos. Ao fundo, a frase: a felicidade não custa caro. - Você já viu este este anúncio, e esta foto na página 276.
- fim da nota.

No cartaz ao fundo, vemos o verbo custar numa construção pouco sujeita a erros. A expressão custar caro significa "estar à venda por preço alto"

Quando usado para indicar lugar de origem da ação de deslocamento, ponto de partida, é considerado intransitivo:
O avião procede de Manaus.
No sentido de "dar início", "realizar", é transitivo indireto e rege a preposição a:
O delegado procederá ao inquérito. O fiscal procedeu ao exame na hora marcada.

Querer, no sentido de "desejar", "ter querer vontade de", "cobiçar", é transitivo direto:
Queremos um país melhor.
Quero muitos beijos, meu amor.

No sentido de "ter afeição", "estimar", é transitivo indireto e rege a preposição a:
Quero muito aos meus amigos.
Despede-se o filho que muito lhe quer.

- nota da ledora: quadrinho, na página: "quereis canhões ou manteiga? ". voce já viu esse quadrinho na página 125.

visar, no sentido de "mirar", "apontar" ou "pôr visto", "rubricar", é transitivo direto:
O caçador visou o corpo do animal. O gerente não quis visar o cheque.
No sentido de "ter em vista", "ter como objetivo", "ter como meta", é transitivo indireto e rege a preposição a:
O ensino deve sempre visar ao progresso social.
Só um projeto que vise à eliminação dos vergonhosos contrastes sociais pode levar o Brasil à verdadeira modernidade.

- nota da ledora: quadro de destaque na página -
OBSERVAÇÕES
1. Na língua formal falada e escrita, não se deve atribuir a verbos de regências diferentes um mesmo complemento. Por isso, devem-se evitar construções como:
"Ao toque da campainha, não entre, nem saia do trem."
Li e gostei do livro.
Em seu lugar, devem ser usadas estruturas como:
Ao toque da campainha, não entre no
trem, nem saia dele.
Li o livro e gostei dele.
2. Não se deve esquecer que, no padrão culto, é preciso manter a regência determinada pelo verbo quando seu complemento ou modificador é um pronome relativo. Assim, são condenáveis construções como: "A rua que eu moro é esburacada", "Os países que eu fui são ricos", "É o único amortecedor que eu confio", "O filme que assisti é italiano", "O cargo que eu aspiro é muito disputado", "O restaurante que eu comia no tempo de faculdade foi fechado". Essas frases devem ser corrigidas para:
A rua em que moro é esburacada. Os países a que fui são ricos.
É o único amortecedor em que confio. O filme a que assisti é italiano.
O cargo a que aspiro é muito disputado. O restaurante em que eu comia no tempo da faculdade foi fechado.
Note o que acontece particularmente nas duas últimas frases, quando empregadas no padrão coloquial: "O cargo que aspiro" indica que, no máximo, você sentirá o cheiro do cargo; "O restaurante que eu comia..." indica que você gosta de comer tijolos, mesas, toalhas...
3. Neste capítulo, foram analisados os verbos cuja regência costuma suscitar dúvidas. Caso você tenha de lidar com algum verbo que não foi mencionado aqui, pode consultar dicionários especializados em regência verbal (o Dicionário de verbos e regimes, de Francisco Fernandes, e o Dicionário prático de regência verbal, de Celso Pedro Luft), manuais de redação e estilo de jornais e revistas ou simplesmente um bom dicionário, como o de Aurélio Buarque de Holanda, o de Antenor Nascentes, o de Laudelino Freire ou o de Caldas Aulete.

ATIVIDADES

1. Substitua as palavras destacadas pela forma apropriada do verbo entre parênteses. Faça todas as modificações necessárias.
a) Nunca (sorvi) perfume tão agradável. (aspirar)
b) (Almejo) um futuro melhor para o povo do meu país. (aspirar)
c) Não é recomendável (acariciar) cães violentos. (agradar)
d) Ele fez tudo para (satisfazer) o inexorável sogro que Deus lhe deu. (agradar)
e) Os melhores médicos foram convocados para (cuidar) do paciente. (assistir)
f) Não deixo de (ver) os filmes de Giuseppe Tornatore, diretor do memorável Cinema Paradiso. (assistir)
g) Esse é um direito que (pertence) a todos nós. (assistir)
h) Você deve (rubricar) todas as vias do contrato. (visar)
i) O plano do governador (tem como objetivo) o saneamento das finanças estaduais, arruinadas pelo antecessor. (visar)
j) (Tenho grande afeição por) ela. (querer)
l) Sempre (cobicei) um exemplar da primeira edição da História do Brasil, de Murilo Mendes. (querer)

2. Observe a regência verbal das frases seguintes e faça as modificações necessárias para que se tornem adequadas ao padrão culto da língua portuguesa.
a) Ele custou para perceber o que estava acontecendo.
b) Custamos para enxergar o óbvio.
c) Custei para notar a encrenca que eu me meti.
d) Cidadania implica em direitos e deveres.
e) As atuais condições do sistema escolar público implicarão em maior evasão de alunos a curto e médio prazo.
f) O juiz procedeu o exame dos documentos entregues pela testemunha.

3. Aponte as diferenças de sentido existentes entre as frases dos pares seguintes.
a) O estagiário disse que assistira a várias cirurgias enquanto estivera no hospital.
O estagiário disse que assistira várias cirurgias enquanto estivera no hospital.
b) Quero-a muito. Quero-lhe muito.

4. É preciso acrescentar uma preposição a cada uma das frases seguintes para que se tornem adequadas ao padrão culto da língua portuguesa. Faça esse acréscimo.
a) Não se esqueça que ele deve colaborar com os colegas.
b) O filme que assisti ontem me deixou comovido.
c) É uma ótima professora, que todos querem muito.
d) O futuro que aspiramos ainda está um pouco longe.
e) Os princípios que ele se nega a obeceder são elementares para uma pessoa civilizada.
f) Federico Fellini, cujos filmes assisti sempre com prazer, dirigiu muitas vezes o genial Marcello Mastroianni.
g) A estabilidade que se visa com as novas regras econômicas parece ainda distante.

5. Forme frases organizando as palavras e expressões oferecidas em cada item.
a) Muitos brasileiros / não obedecer / sinalização de trânsito.
b) Sonhadores/ aspiram/mundo melhor.

c) Quem / nunca aspirar / perfume de uma rosa?
d) Tipos estranhos/assistir/filmes do Rambo.
e) Protestar/ direito / assistir / todo ser pensante.
f) Equipe médica/assistir/os doentes de AIDS.
g) Eu/preferir/futebol /vôlei.
h) Ninguém! simpatizar/pessoas pernósticas.
i) Sucesso / implicar / planejamento eficiente.
j) Medidas econômicas/visar/distribuição de renda.
l) Custar/ qualquer pessoa decente! conviver com tanta miséria.

6. Quando perguntaram ao escritor Latino Coelho o que a mulher representava para ele, o mestre não teve dúvida. "- A mulher? Ora, quero-a e quero-lhe", respondeu. Explique a resposta do escritor.

3 REGÊNCIA NOMINAL

Regência nominal é o nome da relação existente entre um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) e os termos regidos por esse nome. Essa relação é sempre intermediada por uma preposição.

No estudo da regência nominal, é preciso levar em conta que vários nomes apresentam exatamente o mesmo regime dos verbos de que derivam. Conhecer o regime de um verbo significa, nesses casos, conhecer o regime dos nomes cognatos. É o que ocorre, por exemplo, com obedecer e os nomes correspondentes: todos regem complementos introduzidos pela preposição a: obedecer a algo/a alguém, obediência a algo/a alguém; obediente a algo/a alguém; obedientemente a algo/a alguém.

Você vai encontrar, a seguir, vários nomes acompanhados da preposição ou preposições que regem. Observe-os atentamente e compare o uso indicado com o uso que você tem feito. Além disso, procure associar esses nomes entre si ou aos verbos cognatos.

SUBSTANTIVOS

admiração a, por
aversão a, para, por
atentado a, contra
bacharel em
capacidade de, para
devoção a, para com, por
doutor em
dúvida acerca de, em, sobre
horror a
impaciência com
medo a, de
obediência a
ojeriza a, por
proeminência sobre
respeito a, com, para com, por

- nota da ledora: quadrinho. No divã de um psicanalista: - Tenho medo do escuro, doutor - fala "a cliente", uma lâmpada elétrica.
- fim da nota.

O substantivo medo rege também a preposição a, mas surge mais freqüentemente acompanhado da preposição de.

ADJETIVOS
acessível a
contíguo a
generoso com
acostumado a, com
contrário a
grato a, por
afável com, para com
curioso de, por
hábil em
agradável a
descontente com
habituado a
alheio a, de
desejoso de
idêntico a
análogo a
diferente de
impróprio para
ansioso de, para, por
entendido em
indeciso em apto a, para
equivalente a
insensível a
ávido de
escasso de
liberal com
benéfico a
essencial a, para
natural de
capaz de, para
fácil de
necessário a
compatível com
fanático por
nocivo a
contemporâneo a, de
favorável a
paralelo a
parco em, de
propício a
semelhante a
passível de
próximo a, de
sensível a
preferível a

relacionado com
sito em
prejudicial a
relativo a
suspeito de
prestes a
satisfeito com, de, em, por
vazio de

ADVERBIOS
longe de
perto de
Os advérbios em -mente tendem a seguir o regime dos adjetivos de que são formados: paralela a, paralelamente a; relativa a, relativamente a.

- nota da ledora: quadro de destaque na página
OBSERVAÇÃO
Quando o complemento de um nome ou verbo tiver a forma de oração reduzida de infinitivo, não se deve fazer a contração da preposição com o eventual sujeito desse infinitivo - a preposição, afinal, introduz toda a oração, e não apenas o sujeito dela. É bom lembrar que o sujeito jamais é introduzido por preposição.
Observe:
Existe a possibilidade de eles participarem. (e não "deles participarem")

É hora de as noções de civilização contaminarem as mentes e gestos dos brasileiros. (e não "das noções")

A questão consiste em os brasileiros adotarem posturas mais críticas e menos individualistas em relação ao Estado. (e não "consiste nos ")

ATIVIDADES

1. Complete adequadamente as frases seguintes.
a) Não é possível viver em sociedade sem respeito ( ) direitos dos outros.
b) Tenho profunda aversão ( ) ególatras.
c) Ainda hoje minha ojeriza ( ) certas atitudes preconceituosas causa frenesi.
d) Aquele moleque mimado, eleito pelo povo, não teve capacidade ( ) governar o país satisfatoriamente.
e) Existem muitos novos-ricos que ainda têm dúvidas ( ) a utilidade dos estudos lingüísticos.
f) Não tenho devoção ( ) futebol.
g) Seu medo ( ) opressão é maior que sua obediência ( ) velhos dogmas.
h) A ditadura é um verdadeiro atentado ( ) dignidade humana.
i) Tenho admiração ( ) todos os que defendem os seus direitos.

2. Faça a mesma coisa com as frases seguintes.
a) A aprovação dessa lei é fundamental ( ) a proteção dos mananciais.
b) Não se deve nunca ficar acostumado ( ) falta de liberdade.

c) É um assunto pouco acessível ( ) leigos.
d) As medidas adotadas não foram agradáveis ( ) bancários.
e) Você deve dormir no quarto contíguo ( ) este.
f) Este problema é análogo ( ) que foi apresentado ontem.
g) É uma substância necessária ( ) vida.
b) Ando meio escasso ( ) idéias. Este escritor foi contemporâneo ( ) outro?
j) Há gente insensível ( ) miséria.
l) É preferível fecbar a boca ( ) falar asneiras.
m) Pretendo comprar o imóvel sito ( ) Socorro.
n) É um bomem vazio ( ) emoções.
o) Tente ser mais afável ( ) seus companbeiros.

3. É preciso acrescentar uma preposição a cada uma das frases seguintes para que se tornem adequadas ao padrão culto da língua portuguesa. Faça esse acréscimo.
a) Não há oposição que ele entre no grupo.
b) Está acostumado que eu Ihe telefone todos os domingos.
c) Estou ansioso que esse problema seja resolvido logo.
d) Fui contrário que incluíssem meu nome num manifesto de apoio ao atual prefeito.
e) O povo está desejoso que se encontre uma saida para a crise.
f) Era um pequeno cão, cuja presença estávamos habituados.
g) São crianças cujo futuro muita gente é insensível.

4. Observe a frase seguinte, típica do padrão culto da língua, e explique a particularidade de regência que apresenta.
O que me faz crer no futuro é o fato de ela ter aceitado candidatar-se.

4 COMPLEMENTO: O USO DO ACENTO INDICADOR DE CRASE

Crase é palavra de origem grega e significa "mistura", "fusão". Nos estudos de língua portuguesa, e o nome que se dá à fusão de duas vogais idênticas. Tem particular importância a crase da preposição a com o artigo feminino a(s), com o pronome demonstrativo a(s), com o a inicial dos pronomes aquele(s), aquela(s), aquilo e com o a do relativo a qual (as quais). Em todos esses casos, a fusão das vogais idênticas é assinalada na escrita por um acento grave. O uso apropriado do acento grave, ou acento indicador de crase, depende essencialmente da compreensão desse fenômeno. Aprender a colocar o acento consiste em aprender a verificar a ocorrência simultânea de uma preposição e um artigo ou pronome.

Verificar a existência de uma preposição é, antes de mais nada, aplicar os conhecimentos de regência verbal e nominal que você acaba de obter. Observe:
Conheço a diretora.
Refiro-me à diretora.

No primeiro caso, o verbo é transitivo direto (conhecer algo ou alguém), portanto não existe preposição e não pode ocorrer crase. No segundo caso, o verbo é transitivo indireto (referir-se a algo ou a alguém) e rege a preposição a, portanto a crase é possível, desde que o termo seguinte seja feminino e admita o artigo feminino a ou um dos pronomes já especificados.

Para verificar a existência de um artigo feminino ou de um pronome demonstrativo após uma preposição a, podem-se utilizar dois expedientes práticos. O primeiro deles consiste em colocar um termo masculino de mesma natureza no lugar do termo

feminino a respeito do qual se tem dúvida. Se surgir a forma ao, ocorrerá crase antes do termo feminino. Observe:
Conheço o diretor. /Conheço a diretora.
Refiro-me ao diretor. /Re firo-me à diretora.
Prefiro o quadro da direita ao da esquerda. /Prefiro a tela da direita à da esquerda.
O outro recurso prático é substituir o termo regente da preposição a por um que reja outra preposição (de, em, por). Se essas preposições não se contraírem com o artigo, ou seja, se não surgirem as formas da(s), na(s) ou pela(s), não haverá crase. Observe:
Refiro-me a você. - Gosto de você. Penso em você. Apaixonei-me por você.
Começou a gritar. - Gosta de gritar. Insiste em gotar. Optou por gritar.
Tome muito cuidado com esses "macetes". Não se esqueça de que é preciso olhar para os dois lados. Não basta provar que existe a preposição a, ou que existe o artigo a. E preciso provar que existem os dois.

Você vai ver agora alguns casos em que são comuns as dúvidas relativas ao emprego do acento indicador de crase. Note que o que vem a seguir consiste na aplicação prática dos conceitos e dos expedientes estudados.
A crase obviamente não ocorre diante de palavras que não podem ser precedidas de artigo feminino. É o caso:
dos substantivos masculinos:
Tenho um fogão a gás. Não compro a prazo. Fui a pé. Assisti a jogos memoráveis.
Dos verbos:
Disponho-me a colaborar. Cheguei a insistir.
Começou a chorar. Pôs-se a gritar.
e da maioria dos pronomes:
Mostre a ela. Parabéns a você.
Disse a mim. Refiro-me a Vossa Excelência.
Isso não interessa a ninguém.
a nenhuma pessoa aqui presente.
a qualquer um de nós.
Quero falar a todos.
a poucas pessoas.
a alguns amigos.
a essas poucas pessoas.
a qualquer pessoa.
Os poucos casos de pronomes que admitem artigo podem ser facilmente detectados pela aplicação dos métodos descritos há pouco:
Estou-me referindo à mesma pessoa. (ao mesmo homem) à própria Luisa. (ao próprio Luís)
Informe o preço à senhora Sílvia. (ao senhor Sílvio)

Como você já viu no capítulo destinado aos pronomes, antes dos possessivos, o artigo definido é optativo. Portanto, se o termo antecedente reger a preposição a, o acento grave será optativo:
Refiro-me a minha velha amiga. /Refiro-me a meu velho amigo. Refiro-me à minha velha amiga. /Refiro-me ao meu velho amigo.

de palavras femininas no plural precedidas de um a:
A pesquisa não se refere a mulheres casadas.
O prêmio só foi concedido a cantoras estrangeiras.

É um assunto relativo a jornalistas especializadas.

Nesses casos, o a é preposição, e os substantivos estão sendo usados em sentido genérico. Quando são usados em sentido específico, passam a ser precedidos do artigo as; ocorrera, então, a crase. Compare as frases seguintes:
O estudo não se aplica a pessoas de índole nervosa.
O estudo não se aplica às pessoas de que estávamos falando.
Você está se referindo a secretárias?
Você está se referindo às secretárias desta empresa?

Com as expressões adverbiais de lugar formadas por nomes de cidades, países, estados, deve-se fazer a verificação da ocorrência da crase por meio da troca do termo regente:
Vou à Bahia. Vim da Bahia. /Estou na Bahia.
Vou à Itália. - Vim da Itália. /Estou na Itália.
Vou a Florença. - Vim de Florença. /Estou em Florença.
Vou à deslumbrante Florença. - Vim da deslumbrante Florença. / Estou na deslumbrante Florença.
Tome cuidado! Não se esqueça de verificar os dois lados. Não basta constatar que surge da ou na antes de Itália, por exemplo. Isso não é garantia de acento indicador de crase; é garantia apenas de que existe artigo antes de Itália. Para que ocorra crase, é preciso que o termo anterior peça a preposição a. No caso de "Visitei a Itália", por exemplo, não há crase, já que visitar é verbo transitivo direto.

Observe com atenção o comportamento das palavras casa e terra nestas expressões:
Cheguei a casa. - Venho de casa. /Estou em casa. (casa designa a residência de quem fala ou escreve)
Cheguei à casa do diretor. - Venho da casa do diretor. /Estou na casa do diretor. A tripulação do cargueiro desceu a terra. - A tripulação do cargueiro está em terra.
(terra se opõe à noção de "estar em alto-mar")
A aeromoça chegou à terra de seus pais. - A aeromoça está na terra de seus pais.

O acento indicador de crase é usado nas expressões adverbiais, nas locuções prepositivas e conjuntivas de que participam palavras femininas:
à tarde, à chave, à noite,
à escuta, à direita,   à deriva,
às claras, às avessas, às escondidas
às moscas, à toa, à revelia
à beça, à luz, à esquerda
à larga, às vezes, às ordens
às ocultas, às turras,à beira de
à sombra de, à exceção de , à força de
à frente de, à imitação de, à procura de,
à semelhança de, à proporção que, à medida que

Incluem-se nessas expressões as indicações de horas especificadas:
à meia-noite às duas horas
à uma hora às três e quarenta
Não confunda com as indicações não especificadas:
Isso acontece a qualquer hora.
Estarei lá daqui a uma hora.

- nota da ledora: propaganda da rádio Transamerica , apresentando foto de uma jovem, com dois peniquinhos no lugar das orelhas, com o seguinte texto: Troque de estação. Transamerica, das 8 às 10 da manhã. - sugerindo que as outras emissoras só emitem ( )!!!
- fim da nota.

Merece destaque a expressão à moda de, que pode estar subentendida:
Pedimos uma pizza à moda da casa.
Atrevia-se a escrever à (moda de) Drummond.
Pedimos arroz à (moda) grega.
A expressão adverbial que indica as horas recebe acento indicador de crase: "das 8 às 10 da manhã".

Não ocorre crase nas expressões formadas por palavras femininas repetidas:
cara a cara
gota a gota
face a face
frente a frente

É fácil perceber por quê. Basta usar expressões formadas por palavras masculinas:
corpo a corpo
lado a lado
passo a passo
dia a dia

A crase é facultativa diante dos nomes próprios femininos e após a preposição até que antecede substantivos femininos, desde que o termo antecedente reja preposição a:

- nota da ledora: encontramos, no texto, erro de imprensa (reja no lugar de seja). O erro foi mantido.
- fim da nota.

Enviei as flores a Sílvia. / Enviei as flores a Pedro.
À Sílvia. ao Pedro.
Vou até a escola. / Vou até o colégio.
à escola. ao colégio.
Fui até as últimas conseqüências. /Fui até os últimos motivos.
às últimas conseqüências. aos últimos motivos.

A crase não ocorrerá se o nome de pessoa for usado em situação formal, ou se se tratar de personalidade pública. Nesses casos, não se usa artigo:
Envie a proposta a Sílvia de Araújo. /Envie a proposta a Sílvio de Araújo.
Fez referências elogiosas a Clarice Lispector. /Fez referências elogiosas a Machado de Assis.

A ocorrência da crase com os pronomes aquele(s), aquela(s) e aquilo depende apenas da verificação da presença da preposição que antecede esses pronomes:

Veja aquele monumento. aquela praça. aquilo.

ver é transitivo direto:
não há preposição

Refiro-me àquele jardim.
referir-se é transitivo indireto
àquela praça. e rege a preposição a àquilo.

A crase com o demonstrativo a(s) é detectável pelo expediente da substituição do termo regido feminino por um termo regido masculino:
Perguntarei à que chegar primeiro. / Perguntarei ao que chegar primeiro.
Sua proposta é semelhante à dele. /Seu projeto é semelhante ao dele.

O mesmo expediente deve ser usado para detectar a crase com os pronomes a qual e as quais:

A professora à qual devo meu aprendizado já se aposentou. / O professor ao qual devo meu aprendizado já se aposentou.
Muitas das alunas às quais ele dedicou seus estudos estiveram presentes à homenagem de ontem. /Muitos dos alunos aos quais ele dedicou seus estudos estiveram presentes à homenagem de ontem.

ATIVIDADES
1. Coloque o acento indicador de crase quando for necessário.
a) Comunique nossos preços as empresas interessadas.
b) Envie dinheiro a estas instituições beneficentes.
c) Nunca disse nada a respeito disso.
d) Sempre evitei comprar a crédito.
e) O governador nada pode fazer a curto prazo.
f) Não nego minha contribuição a cultura brasileira.
g) O atendimento a pacientes conveniados está suspenso.
h) Não há mais nada a fazer.
i) Direi a vocês o que sei.
j) Diga a Sua Excelência que não tenho nada a acrescentar as palavras que já disse.

2 Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Transmita a cada um dos presentes as instruções necessárias a continuidade da sessão.
b) Não vou a festas, não assisto a novelas e não aspiro a grandes posses. Estou fora de moda.
c) Diga as pessoas que me procurarem que tive de sair.
d) Vamos a sua casa ou a minha?
e) Vamos a Bahia ou a Santa Catarina nas próximas férias?
f) Fui a Europa e depois a Ásia.
g) Fui a Teresina e depois a Fortaleza.
h) Fui a Natal das praias inesquecíveis.
i) Finalmente, chegamos a Florianópolis das quarenta e duas praias.
j) Cheguei a casa tarde da noite ontem.
l) Os pescadores queriam chegar a terra antes do entardecer.
m) Fui a velha casa onde passei minha infância.

n) Preciso ir a terra dos meus antepassados.

3. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Por que trazer a baila sempre as mesmas desavenças?
b) Dizem a boca pequena que ele recusou a proposta.
c) Vivo a cata de inspiração.
d) A noite, é preciso ficar a espreita.
e) Vire a esquerda depois da praça.
f) A vítima levara vários tiros a queima-roupa.
g) Tente se manter a tona.
h) Vários policiais a paisana observavam a manifestação a procura dos lideres do movimento.
i) A loja estava as moscas quando chegamos, as quatro horas.
j) Em Roma, Londres ou Lisboa, é possível sair a rua a meia-noite.
l) A proporção que se aproxima o fim do mês, a situação se agrava.
m) Fique a vontade. Terá tudo de que precisa a mão.
n) Traga um belo filé a parmiggiana.
o) Não é fácil jogar a moda da seleção holandesa de 1974.

4. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Prefiro isto aquilo.
b) Entregue tudo aquele homem.
c) Transmita aquelas pessoas os meus cumprimentos.
d) A mulher a que fiz referência não esteve presente a reunião.
e) A mulher a qual fiz referência não esteve presente a cerimônia.
f) A cantora a cuja voz sempre me refiro estará entre nós neste ano.
g) Disse a candidata da direita que estava aprovada; a da esquerda disse que terá nova oportunidade no próximo concurso.
h) Esta camisa é idêntica a que ganhei ontem.

5. Explique a diferença de sentido entre as frases seguintes.
a) Chegou à noite.
Chegou a noite.
b)Saiu à francesa.
Saiu a francesa.
c) Parecia agradável à primeira vista.
Parecia agradável a primeira vista.
d) As vencedoras enviaram felicitações.
As vencedoras enviaram felicitações.
e) À indústria nacional prejudicou o acordo.
A indústria nacional prejudicou o acordo.
f) Fez seu trabalho à máquina.
Fez seu trabalho a máquina.
g) Permanece à distância.
Permanece a distância.

TEXTOS PARA ANÁLISE

- nota da ledora: 1a. propaganda -de não-violência no futebol. Texto: Assista agora os resultados da última rodada do campeonato de futebol. Chega de violência no futebol. - na foto: várias radiografias, apresentando lesões, resultante de traumatismos sofridos em campo, pelos jogados de futebol em decorrência de jogo violento. - fim da nota.
2a. propaganda: inseticida Rodox Mata Tudo. Texto: a maioria das pessoas
prefere pagar do que matar com as próprias mãos. Aproveite.
- fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO

Os textos acima apresentam dois verbos cuja regência merece atenção. Aponte-os e responda: foram usados corretamente? Comente.

TRABALHANDO O TEXTO

- nota da ledora: propaganda do carro Parati, com o seguinte texto: Até parece que o Brasil sabia que ia chegar a nova Parati.- na foto; várias placas de sinalização na estrada, placas de "Bem-vindo a São Paulo, a Minas Gerais, a Bahia, ao Rio de Janeiro, ao Ceará, a Góias.
- fim da nota.

Explique por que o acento indicador de crase deve ser usado em apenas uma das placas mostradas no anúncio.

Petição ao presidente

Sao Paulo - Caríssimo presidente, é com enorme constrangimento que lhe escrevo esta carta, a pedido de minha filha. Ela se entusiasmou com a informação de que o seu governo prepara-se para dar socorro financeiro a alguns bancos (sem falar na redução de impostos) e passou a achar que tem o mesmo direito.
Alega que acaba de nascer seu segundo filho e que as despesas inevitáveis vão deixá-la "na maior dureza". Tentei argumentar que esse linguajar é inadequado. Se ela ao menos dissesse que está passando por "uma crise de liquidez", como certos bancos, seria mais facilmente atendida. Mas não adianta, presidente. O linguajar da moçada de hoje é esse mesmo.
Também procurei demonstrar que o pedido dela é injusto. Afinal, ela é professora, profissão que, no Brasil, como o senhor bem sabe, goza de salários elevadíssimos e privilégios sem conta.
Já os bancos, coitados, estão sofrendo muito. Só os nove maiores grupos privados tiveram, em 1993, um lucro líquido de apenas US$1 bilhão. Como conseguem fazer para sobreviver é algo que não entendo.
Mas minha filha definitivamente não tem a mesma consciência social e argumentou: "Se os bancos podem, eu também posso. Afinal, a lei é igual para todos".
Não sei onde ela aprendeu conceitos tão subversivos, meu Deus. Deve ter sido algum professor de esquerda, desses empenhados em destruir os pilares da organização social e política brasileira.

Só falta agora essa menina pretender passar pela alfândega sem a revisão de bagagem de praxe, justo no seu governo, presidente, que, nesse ponto, é da maior inflexibilidade, não é?
Por mais que argumentasse, não consegui demovê-la. Por isso, estou sendo obrigado a enviar-lhe esta carta. Só o faço porque tenho certeza de que o senhor está em posição de me entender. Sabe, melhor do que ninguém, que coração de pai é como seu governo em relação aos bancos: absolutamente incapaz de resistir ao menor pranto.
Certo de sua compreensão, aguardo um socorro tão rápido quanto o que está para ser concedido aos bancos.
(ROSSI, Clovis In: Folha de S. Paulo, 29 jun. 1994.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. "(Caríssimo presidente), é com enorme constrangimento que lhe escrevo esta carta, a pedido de minha filha." Qual a função sintática de cada um dos termos destacados?

2. "Ela se entusiasmou com a informação de que o seu governo prepara-se para dar socorro financeiro a alguns bancos..."
a) Qual a regência da forma verbal entusiasmou?
b) O nome informação é transitivo? Explique.
c) Substitua o termo "a alguns bancos" pelo pronome oblíquo átono apropriado.

3. "( ) vão deixá-la ( )" (segundo parágrafo). justifique o emprego da forma pronominal oblíqua.

4. "Deve ter sido algum professor de esquerda, desses (empenhados) em destruir os pilares da organização social e política brasileira."
Reescreva a frase, substituindo a palavra destacada por:
a) dedicados
b) obcecados
c) favoráveis
d) contrários

5. "Por isso, estou sendo obrigado a enviar-(lhe esta carta)."
a) Qual a função sintática de cada um dos termos destacados?
b) Reescreva o trecho, substituindo "esta carta" pelo pronome oblíquo correspondente.

6. "Só o faço porque tenho certeza de que o senhor está em posição de me entender."
a) O nome certeza é transitivo? Explique.
b) Reescreva o período, substituindo certeza por aversão e fazendo todas as alterações necessárias.

7. A ironia é uma forma eficaz de crítica? Explique, baseando-se no texto lido.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1 (UFPR) Assinale a alternativa que substitui corretamente as palavras destacadas.
1. Assistimos (à inauguração da piscina).

2. O governo assiste (os flagelados).
3. Ele aspirava (a uma posição de maior destaque).
4. Ele aspira (o aroma das flores).
5. O aluno obedece (aos mestres).
a) lhe, os, a ela, a ele, lhes
b) a ela, os, a ela, o, lhes
c) a ela, os, a, a ele, os
d) a ela, a eles, lhe, lhe, lhes
e) lhe, a eles, a ela, o, lhes

2 (PUCC-SP) As sentenças abaixo, exceto uma, apresentam desvios relativos à regência verbal vigente na língua culta. Assinale a que não apresenta esses desvios.
a) Vi e gostei muito do filme apresentado na Sessão de Gala de ontem.
b) Eu me proponho a dar uma nova chance, se foro caso.
c) Deve haver professores que preferem negociar do que trabalhar, devido os vencimentos serem irrisórios.
d) Com o empréstimo compulsório, não se pode dar o luxo de ficar trocando de carro.
e) A importância que eu preciso é vultosa.

3 (UNIMEP-SP) "Eu não ( ) vi na festa do clube ontem. Os diretores não ( ) convidaram? Não ( ) disseram que era ontem? Eu ( ) avisei de que não podia confiar neles!"
a) o, o, o, o
b) o, lhe, lhe,o
c) o, o, lhe, o
d) lhe, lhe, lhe, lhe
e) lhe, lhe, o, o

4 (UNIMEP-SP) Quando (implicar) tem sentido de "acarretar", "produzir como conseqüência", constrói-se a oração com objeto direto, como se vê em:
a) Quando era pequeno, todos sempre implicavam comigo.
b) Muitas patroas costumam implicar com as empregadas domésticas.
c) Pelo que diz o assessor, isso implica em gastar mais dinheiro.
d) O banqueiro implicou-se em negócios escusos.
e) Um novo congelamento de salários implicará uma reação dos trabalhadores.

5 (UNIMEP-SP) "A exposição ( ) inauguração assisti mostrou os lindos quadros ( ) me referi na nossa conversa do outro dia. Amanhã, haverá um leilão na mesma sala ( ) estão expostos." A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:
a) a cuja, aos quais, em que.
b) a cuja, os quais, na qual.
c) cuja, a que, em que.
d) a qual, aos quais, na qual.
e) à qual, que, que.

6 (FATEC-SP) Indique a alternativa em que há erro quanto à regência.
a) Eu o agradei, Antônio?
b) Eu não lhe agradei, Antônio?
c) Muito lhe ama, saiba disto.
d) Você não é uma pessoa de que eu goste.

e) Sua explanação, contra cuja oportunidade me volto, é bem agradável mas falha.

7 (FATEC-SP) A regência verbal está conforme à gramática normativa na alternativa:
a) Quero-lhe muito bem e vou assistir a seu casamento.
b) Logo que lhe encontrar, aviso-lhe do ocorrido.
c) Juliano desobedecia seus pais, mas obedecia ao professor.
d) João namora com Maria mas prefere mais seus amigos de bar do que ela.
e) Ele esqueceu do compromisso e não pagou ao médico.

8 (UEL-PR) Importa ( ) com mais assiduidade.
a) obrigá-lo trabalhar
b) obrigar-lhe trabalhar
c) obrigá-lo à trabalhar
d) obrigar-lhe a trabalhar
e) obrigá-lo a trabalhar

9 (UEL-PR) Cônscio ( ) sua grande responsabilidade, desempenhou-se muito bem ( ) tarefas ( ) foi incumbido.
a) em, nas, que
b) de, nas, que
c) com, das, a que
d) em, às, de que
e) de, das, de que

10 (UFV-MG) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas abaixo.
A enfermeira procede ( ) exame do paciente.
O gerente visa ( ) cheque do cliente.
A equipe visa ( ) primeiro lugar no campeonato.
O conferencista aludiu ( ) fato.
Não podendo lutar, preferiu morrer ( ) viver.
a) ao, o, ao, ao, a
b) ao, ao, o, a, do que
c) ao, a, o, o, que
d) o, a, ao, ao, à
e) a, ao, o, ao, que

11 (UFV-MG) Substituindo a expressão destacada, em cada uma das frases abaixo, pelo pronome oblíquo átono devidamente empregado, assinale a alternativa cuja substituição esteja incorreta.
Enviaram o relatório (ao diretor).
Dirão (ao juiz) o que souberem.
Eis a história que narraram a (meu avô).
Teremos iniciado (os debates) amanhã.
Quem houver concluído (a prova) poderá sair.
a) Dir-lhe-ão o que souberem.
b) Eis a história que lhe narraram.
c) Enviaram-no o relatório.
d) Tê-los-emos iniciado amanhã.
e) Quem a houver concluído poderá sair.

12 (UM-SP) Assinale a alternativa que apresente um desvio no domínio da regência nominal.
a) Estava ansiosa para saber se podia gerar filhos.
b) Ela precisava domar os caprichos, dirigir suas forças para se sentir apta àquela situação conjugal.
c) Bernardo moera com alegria o punhado de milho no salão contíguo à fazenda.
d) Ávido de esperanças, abandonou seu abrigo e lançou-se entre os perseguidores.
e) Com o espírito ambicioso com verdades, aplacou a ira daquele momento.

13 (UM-SP) Aponte a alternativa em que a regência do verbo pagar contraria a norma culta.
a) Aliviando-se de um verdadeiro pesadelo, o filho pagava ao pai a promessa feita no início do ano.
b) O empregado pagou-lhe as polias e tachas roídas pela ferrugem para amaciar-lhe a raiva.
c) Pagou-lhe a dívida, querendo oferecer-lhe uma espécie de consolo.
d) O alto preço dessa doença, paguei-o com as moedas de meu hábil esforço.
e) Paguei-o, com ouro, todo o prejuízo que sofrera com a destruição da seca.

14 (FUVEST-SP) Indique a alternativa correta.
a) Preferia brincar do que trabalhar.
b) Preferia mais brincar a trabalhar.
c) Preferia brincar a trabalhar.
d) Preferia brincar à trabalhar.
e) Preferia mais brincar que trabalhar.

15 (FCMSCSP) Quando chamar tem sentido de qualificar, pode-se construir o período, por exemplo, com objeto direto mais predicativo. Tudo isso se observa na alternativa:
a) João é alto, mas treinador nenhum chamou-o para jogar.
b) Era a viúva a chamar pelo falecido.
c) Os inimigos chamam-lhe de traidor do povo.
d) Chamei pelo colega em voz alta.
e) Alguns chamam-no de fiscal.

16 (UM-SP) Assinale a alternativa incorreta quanto à regência verbal.
a) Ele custará muito para me entender.
b) Hei de querer-lhe como se fosse minha filha.
c) Em todos os recantos do sítio, as crianças sentem-se felizes, porque aspiram o ar puro.
d) O presidente assiste em Brasília há quatro anos.
e) Chamei-lhe sábio, pois sempre soube decifrar os enigmas da vida.

17 (UFMG) Em todas as alternativas, a regência verbal está correta, exceto em:
a) Preferia-me às outras sobrinhas, pelo menos nessa época.
b) Você chama isso de molecagem, Zé Lins.
c) Eu lhe acordo antes que meu marido se levante.
d) De Barbacena, lembro-me do frio e da praça.
e) Um implica o outro que, por sua vez, implica um terceiro.

18 (E. C. Chagas-BA) A mãe não ( ) bem, nem ( ) bem; isso talvez explique seu ( )

humor.
a) o queria, lhe tratava, mau
b) o queria, o tratava, mau
c) lhe queria, lhe tratava, mau
d) lhe queria, o tratava, mau
e) lhe queria, o tratava, mal

19 (UFUb-MG) Nas frases seguintes, há uma apenas em que a regência verbal está correta. Assinale-a.
a) Nós fomos no cinema ontem.
b) Ele aspirava uma posição mais elevada.
c) Não os deixei sair.
d) Força ele a devolver o que lhe pagaram demais.
e) Eu o quero muito bem.

20 (UFE-RJ) Assinale a frase que apresenta um erro de regência verbal.
a) Esse autor tem idéias com que todos simpatizamos.
b) Eis a ordem de que nos insurgimos.
c) Aludiram a incidentes de que já ninguém se lembrava.
d) Qual o cargo a que aspiras?
e) Há fatos que nunca esquecemos.

21 (ITA-SP) Assinale a frase correta.
a) Prefiro mais um asno que me leve que um cavalo que me derrube.
b) O cargo que aspiras, se conquista, não se ganha.
c) Sua afirmação de agora redunda com o que antes disse.
d) As do Nordeste são as frutas que mais gosto.
e) O bom do amigo carregou-o, como a uma criança.

22 (UFF-RJ) Assinale a alternativa em que está usado indevidamente um dos pronomes o ou lhe.
a) Não lhe agrada semelhante providência?
b) A resposta do professor não o satisfez.
c) Ajudá-lo-ei a preparar as aulas.
d) O poeta assistiu-a nas horas amargas, com extrema dedicação.
e) Vou visitar-lhe na próxima semana.

23 (UFF-RJ) Assinale a frase em que o pronome que está empregado indevidamente.
a) É este o quadro que eu te falei sobre ele ontem.
b) Eis o homem que nos vem trazer uma palavra de estímulo.
c) As dificuldades com que tive de lutar foram imensas.
d) A casa em que eu morava há vinte anos foi vendida.
e) Venceu o partido a que dei meu voto.

24 (AMAN-RJ) Escolha, abaixo, a exata regência do verbo chamar.
a) Chamamo-lo inteligente.
b) Chamamo-lo de inteligente.
c) Chamamos-lhe inteligente.
d) Chamamos-lhe de inteligente.
e) Todas as regências acima estão corretas.

25 (UM-SP) A regência verbal está errada em:
a) Esqueceu-se do endereço.
b) Não simpatizei com ele.
c) O filme a que assistimos foi ótimo.
d) Faltou-me completar aquela página.
e) Aspiro um alto cargo político.

26 (CESCRANRIO-RI) Assinale a alternativa que está de acordo com a norma culta.
a) Visei a um passaporte e fui viajar.
b) Aspirei ao perfume e achei-o delicioso.
c) Perdôo aos teus erros, pois acho-os bem humanos.
d) Ensino a você as regras do bem viver.
e) Eu lhe vi e você não me viu.

27 (PUCC-SP) Assinale a alternativa incorreta.
a) Nunca me esqueceram aquelas cenas da praia.
b) Chamei-lhe de covarde.
c) Prefiro mais cinema do que teatro.
d) Não me lembra quanto tempo lá ficaste.
e) n.d.a.

28 (UFG-GO) Indicar a alternativa correta.
a) Sempre pago pontualmente minha secretária.
b) Você não lhe viu ontem.
c) A sessão fora assistida por todos os críticos.
d) Custei dois anos para chegar a doutor.
e) O ideal a que visavam os parnasianos era a perfeição estética.

29 (FUVEST-SP) Assinale a alternativa que preencha corretamente os espaços.
Posso informar ( ) senhores ( ) ninguém, na reunião, ousou aludir ( ) tão delicado assunto.
a) aos, de que, o
b) aos, de que, ao
c) aos, que, à
d) os, que, à
e) os, de que, a

30 (FEI-SP) Reescreva a frase "E o rio deu pra falar grosso", substituindo deu por:
a) cismou
b) passou
c) deliberou

31 (PUCSP) Assinale a alternativa que preencha, pela ordem, corretamente as lacunas.
" ( ) seis horas da manhã, fá estávamos ( ) esperar o trem que nos levaria ( ) cidadezinha, de onde iríamos, ( ) cavalo, ( ) fazenda do Sr. Juca."
a) As, à, a, à, à
b) As, a, à, à, a
c) As, a, à, a, à
d) Às, a, a, a, a

e) As, à, à, a, a

32 (ACAFE-SC) Assinale a alternativa que completa a frase.
Trouxe ( ) mensagem ( ) Vossa Senhoria e aguardo ( ) resposta, ( ) fim de levar ( ) pessoa que me enviou.
a) a, a, à, a, a
b) a, à, a, à, a
c) à, à, à, à,a
d) a, a, a, a, à
e) à, a, a, a, a

33 (UFSCar-SP) Leia as frases abaixo.
A conclusão do inquérito foi prejudicial ( ) toda categoria.
Mostrou-se insensível ( ) qualquer argumentação.
Este prêmio foi atribuido ( ) melhor aluna do curso.
Faço restrições ( ) ter mais elementos no grupo.
Indique a alternativa que, na seqüência, preenche as lacunas acima corretamente.
a) a,a,à,a
b) à,à,à,à
c) à, à, a, a
d) à,à,a,à
e) a,a,à,à

34 (UNIMEP-SP) "( ) dois meses que não vejo Paulo. Soube que ele esteve ( ) beira de uma crise nervosa ( ) menos de cinco dias do vestibular." A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:
a) Há,a,a
b) Há,à,a
c) Há, à, à
d) A,a,à
e) A,à,a

35 (UEL-PR) Quanto ( ) mim, nada mais direi ( ) favor ou contra uma decisão sobre a qual já opinei ( ) muito tempo.
a) a, a, há
b) à, à, à
c) a, à, há
d) à,a,à
e) à, à, há

36 (UFV-MG) Indique a alternativa em que o sinal indicativo de crase é facultativo.
a) Voltou à casa do juiz.
b) Chegou às três horas.
c) Voltou à minha casa.
d) Devolveu as provas àquela aluna.
e) Voltou às pressas.

37 (FGV-SP) Leia a frase abaixo.
"Mostrou-se submisso as decisões do chefe." Nessa frase, uma falha de acentuação gráfica denuncia um erro de:

a) colocação pronominal.
b) pontuação.
c) regência nominal.
d) regência verbal.
e) concordância verbal.

38 (FUVEST-SP) De ( ) muito, ele se desinteressou de chegar a ocupar cargo tão importante, ( ) coisas mais simples na vida e que valem mais que a posse momentânea de certos postos de relevo ( ) que tantos ambicionam por amor ( ) ostentação."
a) a, há, à,à
b) há,as,a,a
c) há, há, a, à
d) a, hão, a,à
e) há,a,a,a

39 (FUVEST-SP) O progresso chegou inesperadamente ( ) subúrbio. Daqui ( ) poucos anos, nenhum de seus moradores se lembrará mais das casinhas que, ( ) tão pouco tempo, marcavam a paisagem familiar.
a) aquele, a, a
b) àquele, à, há
c) àquele, à, à
d) àquele, a, há
e) aquele, à, há

40 (UEL-PR) ( ) contragosto, a comissão entregou ( ) imprensa ( ) listas dos aprovados.
a) À,a,as
b) A,à,às
c) A, à, as
d) À,a,às
e) À,à,às

41 (PUC-RS) Foi ( ) mais de um século que, numa reunião de escritores, se propôs a maldição do cientista que reduzira o arco-íris ( ) simples matéria: era uma ameaça ( ) poesia.
a) a,a,à
b) há,à,a
c) há, à, à
d) a,a,a,
e) há,a,à

42 (FCMSCSP) Dê ciência ( ) todos de que não mais se atenderá ( ) pedidos que não forem dirigidos ( ) diretoria.
a) a, a, a
b) a,à,a
c) a, a, à
d) à,à,a
e) à, a,à

43 (FCMSCSP) Estamos ( ) poucas horas da cidade ( ) que vieram ter, ( ) tempos,

nossos avós.
a) a, a, há
b) há,a,a
c) há, à, há
d) à, a, a
e)a,à,há

44 (FUVEST-SP) No texto abaixo, apenas um a deve receber acento de crase. Transcreva o segmento em que ele aparece e justifique a crase.
"Dirigiu-se a ela a passos lentos e disse: estou disposto a contar tudo a senhora; não tenho coragem de falar a Mário sobre o ocorrido."

45 (FAAP-SP) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas da seguinte frase:
Ficaram frente ( ) frente, ( ) se olharem, pensando no que dizer uma ( ) outra.
a) à,à,a
b) a, à, a
c) a, a, à
d) à,a,a
e) a, a, a

46 (FUVEST-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.
( ) noite, todos os operários voltaram ( ) fábrica e só deixaram o serviço ( ) uma hora da manhã.
a) Há, à, à
b) A, a, a
c) À, à, 1a
d) À, a, há
e) A, à, a

47 (FUVEST-SP) Indique a forma que não será utilizada para completar a frase seguinte. "Maria pediu ( ) sicóloga que ( ) ajudasse ( ) resolver o problema que ( ) muito ( ) afligia."
a) preposição a
b) pronome pessoal feminino a
c) contração da preposição a e do artigo feminino a (à)
d) verbo haver indicando tempo (há)
e) artigo feminino a

48 (FAAP-SP) Explique o emprego do acento grave nas expressões destacadas.
a) Eu a compro (à vista) aos donos do mundo.
b) Digo adeus (à ilusão).

49 (F. C. Chagas-BA) O fenômeno ( ) que aludi é visível ( ) noite e ( ) olho nu.
a) a, a, a
b) a,à,à
c) a, à, a
d) à, a, à
e) à,à,a

50 (F. C. Chagas-BA) lá estavam ( ) poucos metros da clareira, ( ) qual foram ter por um atalhoaberto ( ) foice.
a) à,à,a
b) a,à,a
c) a, a, à
d) à,a,à
e) à,à,à

51 (1TA-SP) Analisando as sentenças:
I. A vista disso, devemos tomar sérias medidas.
II. Não fale tal coisa as outras.
III. Dia a dia a empresa foi crescendo.
IV. Não digo aquilo que me disso.
deduzimos que:
a) apenas a sentença III não tem crase.
b) as sentenças III e IV não têm crase.
c) todas as sentenças têm crase.
d) nenhuma sentença tem crase.
e) apenas a sentença IV não tem crase.

52 (PUCC-SP) ( ) hora, ( ) chegasse primeiro se entregaria ( ) condecoração ( ) fizera jus.
a) Àquela, à que, a, a qual
b) Aquela, a que, à, a qual
c) Aquela, à que, a, à qual
d) Àquela, à que, a, à qual
e) n.d.a.

53 (FCMSCSP) Em qual alternativa a crase foi empregada corretamente?
a) Não se esqueça de chegara casa cedo.
b) Prefira isto aquilo, já que ao se fazer o bem não se olha à quem.
c) Já que pagaste àquelas dívidas à que situação aspiras?
d) Chegaram até à região marcada e daí avançaram até à praia.
e) Suas previsões não deixaram de ter razão, pois a uma hora da madrugada é um perigo andar a pé, sozinho.

54 (UM-SP) "Agradeço ( ) Vossa Senhoria ( ) oportunidade para manifestar minha opinião ( ) respeito."
a) à, a, a
b) à,a,a
c) a, a, à
d) a, a, a
e) à,à,a

55 (FUVEST-SP) Daqui ( ) vinte quilômetros, O viajante encontrará, logo ( ) entrada do grande bosque, uma estátua que ( ) séculos foi erigida em homenagem ( ) deusa da floresta.
a) a, à, há, à
b) há,a,à,a
c) a, há, à, à

d) a, a, a, a
e) há,a,há,a

56 (PUC-PR) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.
I. Viu-se frente ( ) frente com o inimigo.
II. Observava, ( ) distância, o que estava acontecendo.
III.Não se referira ( ) nenhuma das presentes.
IV.Desandou ( ) correr ladeira abaixo.
V. Chegou ( ) uma hora da madrugada.
a) à,à,à,à,à
b) à, a, a, a, à
c) à, à, à, a, à
d) a,a,a,à,a
e) a, a, a, a, à

57 (UM-SP) Dados os períodos:
I. À força de tanto emagrecer, acabou morrendo.
II. A assistente social prestou assistência as mais necessitadas pessoas.
III.Com a eloqüência habitual, falava a qualquer pessoa, sempre disposta a aumentar o prestígio.
deduz-se que o sinal indicativo da crase está corretamente empregado:
a) apenas no primeiro período.
b) nos períodos I e II.
c) nos períodos II e III.
d) em todos os períodos.
e) nos períodos I e III.

58 (FCMSCSP) Assinale a letra correspondente ao segmento destacado incorreto.
Se não houver erro, assinale a alternativa (E).
(A) íris dos olhos é (suscetível de) reagir (à) intensidade da luz. (Sem erro)
(A) (B) (C) (D) (E)

59 (FCMSCSP) ( ) certa altura, cansou-o ( ) demora, e pôs-se ( ) reclamar.
a) A, a, a
b) À, a, a
c) A, à, à
d) À, a, à
e) À, à, à

60 (FCMSCSP) ( ) cerca de quinhentos metros ( ) leste do farol, encontrou-se, ( ) poucos dias, um navio antigo.
a) Há,à,à
b) A,à, há
c) À, a, a
d) Há,a,há
e) A, a, há

PARTE 4 - APÊNDICE

CAPÍTULO 28

PROBLEMAS GERAIS DA LÍNGUA CULTA

- nota da ledora: anúncio do Salão Internacional de Automóveis e Autopeças, em São Paulo. Texto do anúncio: Um desfile onde você passa a mão nos modelos.
- fim da nota.

Você afirmaria, com absoluta certeza, que a palavra onde esta empregada corretamente? Nao se deveria usar aonde?
Neste capítulo, estudaremos expressões que, como onde/aonde, geralmente constituem pares de certa semelhança formal, que por isso mesmo nos colocam em xeque nas redações, provas e exames.

1 INTRODUÇÃO

Este capítulo pretende oferecer a você orientações sobre aspectos gerais da língua portuguesa culta. Consiste, portanto, numa oportunidade de aperfeiçoar seu desempenho no que diz respeito à grafia e ao emprego apropriado de formas e expressões que costumeiramente causam problemas a quem pretende falar ou redigir português culto.
Acreditamos que muitas coisas que veremos a seguir já foram estudadas em sua vida escolar anterior. Nesses casos, aproveite o que vamos dizer para avaliar seu conhecimento. É importante que você definitivamente incorpore tais detalhes ao seu manuseio escrito (e falado, nas situações apropriadas) da língua portuguesa.

2 FORMA E GRAFIA DE ALGUMAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

QUE / QUÊ

Que é pronome, conjunção, advérbio ou partícula expletiva. Por se tratar de monossílabo atono, nao é acentuado.

(O) Que você pretende?
Você me pergunta (o) que vou fazer. (O) Que posso fazer?
Que beleza! Que bela atitude!
Convém que o assunto seja discutido seriamente.
Quase que me esqueço de avisá-lo.

Quê representa um monossílabo tônico. Isso ocorre quando encontramos um pronome em final de frase, imediatamente antes de um ponto (final, de interrogação ou exclamação) ou de reticências, ou quando quê é um substantivo (com o sentido de "alguma coisa", "certa coisa") ou uma interjeição (indicando surpresa, espanto):
Afinal, você veio aqui fazer o quê?
Você precisa de quê?
Há um quê inexplicável em sua atitude.
Quê! Conseguiu chegar a tempo?!

POR QUE / POR QUÊ / PORQUE / PORQUÊ

A forma por que pode ser a seqüência de uma preposição (por) e um pronome interrogativo (que). Em termos práticos, é uma expressão equivalente a "por qual razão", "por qual motivo". Veja alguns casos em que ela ocorre:
Porque você agiu daquela maneira?
Não se sabe porque tomaram tal decisão.
Não é fácil saber por que a situação persiste em não melhorar.
Leia a matéria intitulada: "Por que os corruptos não vão para a cadeia". É impressionante!
Caso surja no final de uma frase, imediatamente antes de um ponto (final, de interrogação, de exclamação) ou de reticências, a seqüência deve ser grafada por quê, pois, devido à posição na frase, o monossílabo que passa a ser tônico, devendo ser acentuado:
- Ainda não terminou? Por quê?
- Você tem coragem de perguntar por quê?!
- Claro. Por quê?
- Não sei por quê!

Há casos em que por que representa a seqüência preposição + pronome relativo, equivalendo a "pelo qual" (ou alguma de suas flexões "pela qual", "pelos quais", "pelas quais"). Em outros contextos por que equivale a "para que". Observe:
Estas são as reivindicações porque estamos lutando.
O túnel porque deveríamos passar desabou ontem.
Lutamos por que um dia este país seja melhor.

Já a forma porque é uma conjunção, equivalendo a "pois", "já que", "uma vez que", "como". Observe seu emprego em outros exemplos:
A situação agravou-se porque muita gente se omitiu.
Sei que há algo errado porque ninguém apareceu até agora.
Você continua implicando comigo! É porque eu não abro mão de minhas idéias?
Porque também pode indicar finalidade, equivalendo a "para que", "a fim de".
Trata-sede um uso pouco freqüente na língua atual:
Não julgues porque não te julguem.

A forma porquê representa um substantivo. Significa "causa", "razão", "motivo" e normalmente surge acompanhada de palavra determinante (artigo, por exemplo).
Como é um substantivo, pode ser pluralizado sem qualquer problema:
Dê-me ao menos um porquê para sua atitude.
Não é fácil encontrar o porquê de toda essa confusão.
Creio que os verdadeiros porquês mais uma vez não vieram à luz.

ONDE / AONDE
Aonde indica idéia de movimento ou aproximação. Opõe-se a donde, que exprime afastamento. Veja nos exemplos que a forma aonde costuma referir-se a verbos de movimento:
Aonde você vai?
Aonde querem chegar com essas atitudes?
Aonde devo dirigir-me para obter esclarecimentos?
Não sei aonde ir.

Onde indica o lugar em que se está ou em que se passa algum fato. Normalmente, refere-se a verbos que exprimem estado ou permanência. Observe:
Onde você está?
Onde você vai ficar nas próximas férias?
Discrimine os locais onde as tropas permanecem estacionadas.
Não sei onde começar a procurar.
O estabelecimento dessa diferença de significado tem sido uma tendência do português moderno. Na língua clássica, ela não existia; ainda hoje, é comum encontrar-se o emprego indiferente de uma ou outra forma. Para satisfazer os padrões da língua culta, procure observar essa diferença.

- nota da ledora: propaganda do sapato countryside samello, o sapato chamado antiderrapante, pelo formato especial do solado. Foto: um bosque, ao entardecer, com terreno bastante desigual. Texto : - Quando você não sabe onde quer chegar, todos os caminhos estão errados.
- fim da nota.

Errado! Como temos idéia de movimento, o redator deveria ter grafado aonde, em vez de onde.

MAS / MAIS

Mas é uma conjunção adversativa, equivalendo a "porem", "contudo", "entretanto":
Tentou, mas não conseguiu.
O país parece ser viável, mas não consegue sair do subdesenvolvimento.
Mais é pronome ou advérbio de intensidade, opondo-se normalmente a menos:
Ele foi quem mais tentou; ainda assim, não conseguiu.
É um dos países mais miseráveis do planeta.

MAL / MAU

Mal pode ser advérbio, substantivo ou conjunção. Como advérbio, significa "irregularmente", "erradamente", "de forma inconveniente ou desagradável".
Opõe-se a bem:
Era previsível que ele se comportaria mal. Era evidente que ele estava mal-intencionado porque suas opiniões haviam repercutido mal na reunião anterior.
A seleção brasileira jogou mal mas conseguiu vencer a partida.
Mal, como substantivo, pode significar "doença", "moléstia"; em alguns casos, significa "aquilo que é prejudicial ou nocivo".
A febre amarela é um mal de que já nos havíamos livrado e que, devido ao descaso, voltou a atormentar as populações pobres. O mal é que não se toma nenhuma atitude definitiva.

O substantivo mal também pode designar um conceito moral, ligado à idéia de maldade; nesse sentido, a palavra também se opõe a bem:
Há uma frase de que a visão da realidade nos faz muitas vezes duvidar:
"O mal não compensa".
Quando conjunção, mal indica tempo:
Mal você chegou, ele saiu.

Mau é adjetivo. Significa "ruim", "de má índole", "de má qualidade". Opõe-se a bom e apresenta a forma feminina má:
Trata-se de um mau administrador. Tem um coração mau.

A PAR / AO PAR
A par tem o sentido de "bem informado", "ciente":
Mantenha-me a par de tudo o que acontecer.
É importante manter-se a par das decisões parlamentares.
Ao par é uma expressão usada para indicar relação de equivalência ou igualdade entre valores financeiros (geralmente em operações cambiais):
As moedas fortes mantém o câmbio praticamente ao par.

AO ENCONTRO DE / DE ENCONTRO A
Ao encontro de indica "ser favorável a", "aproximar-se de". Observe os exemplos:
Ainda bem que sua opinião veio ao encontro da minha. Pudemos, assim, unir nossas reivindicações.
Quando a viu, foi rapidamente ao seu encontro e a abraçou afetuosamente.
De encontro a indica oposição, choque, colisão. Veja:
Como você queria que eu o ajudasse se suas opiniões sempre vieram de encontro às minhas? Nós pertencemos a mundos diferentes.
O caminhão foi de encontro ao muro. Ninguém se machucou, mas os prejuízos foram grandes.

A / HÁ NA EXPRESSÃO DE TEMPO
O verbo haver é usado em expressões que indicam tempo já transcorrido:
Tais fatos aconteceram há dez anos.
Nesse sentido, é equivalente ao verbo fazer:
Tudo aconteceu faz dez anos.

A preposição a surge em expressões em que a substituição pelo verbo fazer é impossível:
O lançamento do satélite ocorrerá daqui a duas semanas.
Partiriam dali a duas horas.

ACERCA DE / HÁ CERCA DE
Acerca de significa "sobre", "a respeito de":
Haverá uma palestra acerca das conseqüências das queimadas sobre a temperatura ambiente.

Há cerca de indica um período aproximado de tempo já transcorrido:
Os primeiros colonizadores surgiram há cerca de quinhentos anos.

AFIM / A FIM
Afim é um adjetivo que significa "igual", "semelhante". Relaciona-se com a idéia de afinidade:

Tiveram comportamentos afins durante os trabalhos de discussão. São espíritos afins.

A fim surge na locução a fim de, que significa "para" e indica idéia de finalidade:
Tentou mostrar-se capaz de inúmeras tarefas a fim de nos enganar.

DEMAIS / DE MAIS

Demais pode ser advérbio de intensidade, com o sentido de "muito"; aparece intensificando verbos, adjetivos ou outros advérbios:
Aborreceram-nos demais: isso nos deixou indignados demais. Estou até bem demais!
Demais também pode ser pronome indefinido, equivalendo a "os outros", "os restantes":
Apesar de ter chegado até lá como integrante de um grupo, resolvi partir sozinho, deixando aos demais a liberdade de escolher. Fiquei sabendo posteriormente que os demais membros da comissão também acabaram abandonando os projetos.

De mais opõe-se a de menos. Refere-se sempre a um substantivo ou pronome:
Não vejo nada de mais em sua atitude!
Decidiu-se suspender o concurso público porque surgiram candidatos de mais.

SENÃO / SE NÃO

Senão equivale a "caso contrário" ou " a não ser":
É bom que ele chegue a tempo, senão não haverá como ajudá-lo. Não fazia coisa alguma senão criticar.
Se não surge em orações condicionais. Equivale a "caso não":
Se não houver seriedade, o país não sairá da situação melancólica em que se encontra.

NA MEDIDA EM QUE / À MEDIDA QUE

Na medida em que exprime relação de causa e equivale a "porque", "já que", "uma vez que":
O fornecimento de combustível foi interrompido na medida em que os pagamentos não vinham sendo efetuados.
Na medida em que os projetos foram abandonados, a população carente ficou entregue à própria sorte.
Muitos autores não reconhecem essa forma como legítima.
À medida que indica proporção, desenvolvimento simultâneo e gradual. Equivale a "a proporção que":
Os verdadeiros motivos da renúncia foram ficando claros à medida que as investigações iam obtendo resultados.
A ansiedade aumentava à medida que o prazo fixado ia chegando ao fim.
Deve-se evitar a forma "à medida em que", resultante do cruzamento das duas locuções estudadas.

ATIVIDADES

1 Complete as frases utilizando a forma apropriada dentre as fornecidas pelos parênteses.
a) Tenho muito o ( ) fazer. (que/quê)

b) E' preciso um ( ) de louco para poder fazer isso. (que/quê)
c) Estamos rindo sem ter de ( ) (que/quê)
d) ( ) você quer saber? É ( ) sua curiosidade é maior que sua inteligência? (por que/porque/por quê/porquê)
e) Você quer saber ( ) ? Não lhe direi ( ) (por que/porque/porquê /por quê)
f) Resta ainda descobrir o ( ) dessas declarações. É difícil entender ( ) ele teria dito ludo aquilo. (porque/por que/porquê /por quê)
g) ( ) está seu orgulho? (onde/aonde)
h) Irei ( ) você quiser que eu vá. (onde / aonde)
i) Não gosto muito dela, ( ) tenho de admitir que é ( ) inteligente do que eu supunha. (mas/mais)
j) Comportou-se ( ) durante a reunião. Não creio que seja um ( ) sujeito, porém. (mal /mau)
l) Às vezes, penso que o ( ) anda vencendo o bem de goleada neste nosso mundo. Isso é tão ( ) ! (mal/mau)
m) ( ) -humorados de todo o mundo, uni-vos! (mal/mau)
n) Deixe-me ( ) de tudo o que estiver acontecendo. (a par /ao par)
o) Várias pessoas expuseram opiniões que vieram ( ) minhas durante o debate, o que muito me animou. (ao encontro de/ de encontro a)
p) Muitas pessoas têm opiniões que vêm ( ) minhas, o que não chega a me desanimar. (ao encontro de/de encontro a)
q) ( ) anos não nos vemos. E só poderei reencontrá-lo daqui ( ) dois meses! (há/a)
r) Dali ( ) três meses, eu mudaria de vida. (há/a)
s) Nada sei ( ) das manifestações que ocorreram no país ( ) de dois anos. (acerca / há cerca)
t) Já que temos idéias ( ) , deveríamos trabalhar juntos ( ) de conseguir melhores resultados. (afim/ a fim)
u) Não há nada ( ) em gostar ( ) de doces. (de mais/demais)
v) ( ) se fizer alguma coisa, o país escorregará para o caos. E ainda há quem não faça nada ( ) perseguir privilégios. (se não/senão)
x) ( ) que caminhávamos, podíamos perceber a mudança da paisagem. (à medida que/na medida em que)
z) A distribuição de renda melhorará ( ) forem feitos investimentos voltados para o mercado interno. (à medida que/na medida em que)

2 Nos trechos a seguir, todos extraídos de jornais e revistas, destacamos algumas formas e palavras. Observe-as atentamente, justifique o emprego daquelas que você considerar corretas e corrija aquelas que você considerar erradas.
a) "A atitude e a declaração são típicas de Mehta, de 55 anos, indiano de (descendência) persa, um dos mais festejados maestros do mundo e também um dos que costumam associar a profissão ao charme e à badalação mais freqüentes entre astros pop." (Veja, 25 set. 1991.)
b) "VEIA - (Por que) alguns maestros, como o senhor, tornaram-se também superstars, badalados como os astros de rock?
MEHTA - Não concordo com essa colocação. Alguns regentes tornaram-se populares (porque) esta é uma profissão mística. (Por que) é mística eu não sei.
Outros tornam-se muito populares por insistência." (Veja, 25 set. 1991.)
c) " MEHTA - Para começar, odeio rock'n'roil. Odeio! Gosto de jazz e gosto muito de música de camara (...). O (que) me faz enlouquecer é (que) quando vou ao cinema assistir a um belo filme a música de fundo não é feita (sob) medida para a cena - é só

rock'n'roll. No final, nos créditos a lista é de centenas de músicas. (Porque) eu tenho de ser submetido a isto?" (Veja, 25 set. 1991.)
d) "Com equipamento de menos e gente (de mais), os militares estão cada vez (mais) especializados em funções civis, sem contar as quinze vezes em que se meteram na vida política do pais, da independência em 1822 até o poder em 1964." (Veja, 25 set. 1991.)
e) "Na hora de comprar um produto a aparência é fundamental. E aí vale tudo para fazer a mercadoria sair da prateleira: caixas, latinhas, vidros, frascos, potes e pacotes. O importante é chamar a atenção. E quem é que não se sente tentado a levar (pra) casa um produto bonito, cuidadosamente embalado? A indústria brasileira de embalagens movimenta 5,3 bilhões de dólares por ano, o que significa 2,1% do PIB. E não é (à-toa): a sociedade moderna simplesmente adora as embalagens." Jornal da Tarde, 24 set. 1991.)
f) "P - O sr. acaba de apresentar um projeto na Câmara propondo a antecipação das eleições. (Por que) antecipar plebiscito é bom neste momento?
R - Importante não é antecipar o plebiscito, (mas) antecipar a revisão da Constituição. A antecipação do plebiscito passa a ser uma mera conseqüência disso.
Não se (pode) fazer uma revisão da Constituição, que na pratica vai equivaler a uma nova Constituinte, e, em seguida, fazer um plebiscito e ver-se obrigado, caso ganhe o parlamentarismo, a revisar de novo a Constituição. Então, o aspecto basico é o da antecipação da revisão. (Por quê? Porque) ela esta marcada para após 5 de outubro de 93, que é quando a Constituição completa cinco anos. Ora, fatalmente ela invadira 94 e você vai ter então uma quase Constituinte num ano (supereleitoral, onde) vão ser eleitos o presidente da República, governadores, dois terços do Senado, deputados estaduais e deputados federais." (Entrevista do deputado José Serra a lsto é Senhor, 21 nov. 1990.)
g) "Compare o leitor duas declarações. Uma delas, veemente e indignada, denunciava que o presidente da República estava 'no Palácio do Planalto cercado de corruptos, ladrões e assassinos' (apud Newton Rodrigues, Folha de S. Paulo, 12/11/90). A outra, genérica e vaga, lamenta: "Não posso dizer que o governo só tem ladrões, (porque) é injustiça, embora tenha ladrões no governo, (mas) não são todos". (Jornal do Brasil, 11/11/90). A primeira é da lavra do atual chefe do governo, no auge do seu entusiasmo eleitoral e moralizador. A segunda partiu do sr. Antônio Ermirio de Moraes. Nada impede que se trate também um empresário com justiça.
O exame imperturbável do leitor sofre um abalo. O autor da primeira declaração, (que) não processou, no governo, nenhum corrupto, ladrão e assassino, de quantos anonimamente atacou, quer, pela voz de seu ministro de Justiça, interpelar o autor da segunda, para (que) ele caracterize ou não a injúria. Fique sem comentário, depois do registro, a incoerência: não é só o poeta que reivindica, com firmeza, o direito de (contradizer-se). (Por que) o candidato disse alguma coisa (mais) corrosiva do (que) o empresario? (Onde) esta a diferença a diferença que distingue a eventual injúria da simples e livre manifestação do pensamento?" (lstoé Senhor, 21 nov. 1990.)
h) "Quando, (há) alguns meses, 'Ciência e sobrevivência' foi sugerido e adotado como tema geral da 43a. Reunião Anual da SBPC, a realizar-se de 14 a 19 de julho próximo na UFRJ, (mal) podíamos imaginar que, antes mesmo do encontro, a sobrevivência das principais instituições científicas do país estaria seriamente ameaçada." (Ciência Hoje, abr/maio 1991.)

3 O USO DO HÍFEN

Já vimos um dos empregos do hífen quando estudamos as regras para separação silábica e para transímeação de palavras. Além desse emprego, o hífen também é usado para ligar pronomes oblíquos a formas verbais e para relacionar elementos formadores de palavras.

Usa-se o hífen para unir os pronomes oblíquos que seguem as formas verbais com que se relacionam:

amam-se
escutaram-nos
disseram-me
resumi-lo
estruturá-la
mostramos-lhe
conceder-vos

O hífen também é empregado quando o pronome vem colocado no interior da forma verbal, numa construção conhecida como mesóclise:

encontrar-te-ei
mostrar-nos-ão
dir-nos-ia
recolher-se-á

Há casos em que ao verbo se ajuntam dois pronomes:

dê-se-lhe
mostre-se-lhe

Para o relacionamento de elementos formadores de palavras, o emprego do hífen acarreta dificuldades provenientes das confusas orientações oficiais publicadas a respeito. Podemos, no entanto, apontar algumas orientações gerais.

PALAVRAS COMPOSTAS

Usa-se hífen para unir os elementos de uma palavra composta. É por isso que se deve usar hífen na grafia de palavras como:

alto-forno alto-relevo amor-perfeito (a flor) à-toa ("vagabundo") bem-estar boa-fé bom-senso cara-de-pau dedo-duro deus-nos-acuda ("confusão") dia-a-dia ("cotidiano") dois-pontos dona-de-casa guarda-roupa louva-a-deus (o inseto) lugar-comum má-criação matéria-prima mau-caráter pão-duro pára-brisa pára-quedas pára-raios pé-de-cabra pé-de-meia ("economias") pé-de-moleque ponto-e-vírgula etc.

Hífen unindo os elementos de uma palavra composta: arranha-céu

Observe que muitas vezes o uso do hífen estabelece distinção entre a palavra composta e a expressão formada pela aproximação das mesmas palavras. Isso ocorre, por exemplo, com dia-a-dia (sinônimo de "cotidiano") e dia a dia (expressão adverbial de tempo):

O dia-a-dia está cada vez mais difícil; dia a dia temos de conviver com perigos maiores nas grandes cidades.

O mesmo ocorre com à-toa (adjetivo, sinônimo de "vadio", "vagabundo") e à toa (expressão adverbial de modo):

Não passa de um indivíduo à-toa: passa o dia inteiro à toa.

PREFIXOS E ELEMENTOS DE COMPOSIÇÃO

Usa-se o hífen com diversos prefixos e elementos de composição. Esse uso baseia-se em alguns critérios nem sempre muito claros e, pior, muitas vezes desrespeitados nos próprios textos oficiais. Basicamente, o problema consiste em evitar que determinados prefixos, que terminam em certas letras, formem uma única palavra com o elemento a que se antepõem. Isso porque a junção dos dois elementos produziria duplicação de consoantes ou pouca clareza gráfica. Assim, por exemplo, o prefixo contra, diante de palavra iniciada por r, deve ser separado por hífen, para evitar duplicação da consoante: contra-revolucionário e não con-trarrevolucionário.
Podemos dividir os prefixos em grupos, de acordo com a letra em que terminam:

Contra, extra, infra, intra, supra e ultra ligam-se por hífen às palavras iniciadas por h, r, se vogal:
contra-indicação
infra-estrutura
supra-sensível
contra-revolução
infra-som
supra-sumo
contra-senso
intra-ocular
ultra-rápido
extra-humano
intra-arterial
ultra -romântico
extra-oficial
supra-renal
ultra -som
A exceção, consagrada pelo uso, é extraordinário e seus derivados.

Auto, neo, proto e pseudo ligam-se por hífen às palavras iniciadas por h, r, s e vogal:
auto-análise
neo-realismo
auto-retrato
neo-romântico
auto-sugestão
neo-simbolismo
proto-histórico
pseudo-etimológico
pseudo-herói

Ante e sobre ligam-se por hífen às palavras iniciadas por h, r e s:
ante-histórico
ante-rosto
ante-sala
sobre-humano
sobre-ronda
sobre-selo

Anti e arqui ligam-se por hífen às palavras iniciadas por h, r e s:
anti-hemorrágico
anti-rábico
anti-social
anti-herói
anti-reumático
arqui-rabino
anti-higiênico
anti-semita
arqui-secular

O prefixo semi, apesar de terminado em -i, segue orientação diferente: é ligado por hífen às palavras iniciadas por h, r, s e vogal:
semi-aberto
semi-extensivo
semi-árido
semi-inconsciente

Super liga-se por hífen às palavras iniciadas por h e r:
semi-reta
semi-selvagem
super-homem
super-humano
super-realismo

O único prefixo terminado por -r citado nos textos oficiais é super; seria recomendável, no entanto, adotar o mesmo procedimento com os prefixos hiper e inter.

Pan e mal ligam-se por hífen às palavras iniciadas por h e vogal:
pan-africano
pan-americano
pan-eslavismo
pan-helenismo
mal-acabado
mal-agradecido
mal-educado
mal-estar
mal-humorado

Ab, oh, sob e sub ligam-se por hífen às palavras iniciadas por r:
ab-reptício (exaltado, arrebatado)
ab-rogar (pôr em desuso)
ob-reptício (ardiloso, astucioso)
sob-roda
sub-região
sub-reino
sub-reitor
sub-reptício

Ad liga-se por hífen às palavras iniciadas por r:
ad-renal
ad-rogar

O prefixo bem deve ser separado por hífen sempre que se ligar a um elemento que possui existência autônoma na língua:
bem-amado
bem-aventurado
bem-casado
bem-falante
bem-humorado
bem-vindo
bem-comportado
bem-educado
bem-estar

Mas os próprios vocabulários oficiais aceitam como corretas as formas bendizer e benquerer, ao lado de bem-dizer e bem-querer.

Há prefixos e elementos formadores que são sempre ligados por hífen à palavra a que são acrescentados: além, aquém, recém; pós, pré, pró; ex e vice, por exempIo.
Observe as seguintes palavras:
prefixos e elementos sempre ligados por hífen
além-fronteiras
além-mar
além-túmulo
aquém-fronteiras
ex-aluno
ex-deputado
ex-namorada
ex-presidente
pós-glacial
pós-operatório
pré-escolar
pré-histórico
pré-romântico
pró-democracia
pró-independência
recém-casado
recém-nascido
vice-líder
vice-presidente
vice-rei vice-reitor

- nota da ledora: propaganda do projeto Pró-Memória Farrupilha: Pró sempre se liga por hífen à palavra que lhe é acrescentada.
- fim da nota.

- nota da ledora: quadro de destaque na página

OBSERVAÇÃO
Como dissemos inicialmente, as determinações oficiais são confusas e contraditórias em muitos passos referentes ao emprego do hífen. Além de alguns casos que apontamos acima, pode-se tomar como exemplo o prefixo co, sobre o qual os textos oficiais não formulam qualquer regulamentação; além disso, a forma como foram registradas as palavras em que surge esse prefixo não nos permite formular qualquer procedimento teórico. Por isso, o melhor a fazer é habituar-se a consultar bons dicionários ou publicações especializadas no momento em que se redige, a fim de procurar solucionar as dúvidas que porventura surgirem.
- fim do quadro.

ATIVIDADES

1 Una os elementos de cada item seguinte.
a) arqui / milionário
b) arqui / secular
c) anti / escravismo
d) anti / didático
e) anti / hemorrágico
f) anti / social
g) anti / tetânico
h) ante / sala
i) ante / datar
j) contra / ofensiva
l) contra / ponto
m) contra / senso
n) auto / biografia
o) auto / educação
p) auto / suficiente
q) extra / regulamentar
r) extra / oficial
s) infra / vermelho
t) intra / venoso
u) intra / muscular
v) neo / latino
x) mal / agradecido
z) mal / criado

2 Este exercício é semelhante ao anterior.
b) semi / aberto
c) pseudo / científico
d) semi / deus
e) semi / extensivo
f) pseudo / etimologia
g) proto / histórico
h) pré / escolar
i) pró / democracia
j) neo / socialismo
l) neo / modernismo

3 Explique a diferença de significado entre os termos destacados nos pares de frases seguintes.
a) Vive (à toa). É um sujeito (à-toa).
b) Quem os vê percebe que se trata de um (amor perfeito).
Deu-me uma muda de (amor-perfeito).
c) (O dia-a-dia) nos está massacrando. (Dia a dia) as coisas estão melhorando.
d) Deu (pão duro) aos mendigos. Mais uma vez, bancou o (pão-duro).
e) Depois que ele resolveu brigar, a festa transformou-se num (deus-nos-acuda).
Ele vai voltar? (Deus nos acuda)!

4 COLOCAÇÃO DOS PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS ÁTONOS

Os pronomes pessoais oblíquos átonos (me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, se, os, as, lhes) atuam basicamente como complementos verbais. Em relação aos verbos, podem assumir três posições:
a) próclise - o pronome surge antes do verbo:
Não nos mostraram nada.
Nada me disseram.
b) ênclise - o pronome surge depois do verbo:
Apresento-lhe meus cumprimentos.
Contaram-te tudo?
c) mesóclise - o pronome é intercalado ao verbo, que deve estar no futuro do presente ou no futuro do pretérito do indicativo:

Mostrar-lhe-ei meus escritos. Falar-vos-iam a verdade?
Por muito tempo, perseguiram-se regras para orientar a colocação desses pronomes, normalmente criadas a partir de modelos da fala lusitana. Felizmente, nos últimos tempos, a discussão sobre as regras de colocação pronominal tem sido substituída por procedimentos norteados pelo bom-senso. Apresentamos a seguir algumas orientações básicas a esse respeito e salientamos que não se deve perder tempo com uma questão tão pouco relevante para o uso eficiente da língua.
A ênclise pode ser considerada a colocação básica do pronome, pois obedece à seqüência verbo-complemento. Na língua culta, deve ser observada no início das frases:
Apresentaram-se vários projetos durante a sessão.
Contaram-me casos estranhíssimos.
Parece-nos que o mais acertado seria retomar os programas de incentivo agrícola.
A ênclise não ocorre com as formas dos futuros do indicativo e do particípio. Com os futuros, quando não é possível fazer a próclise, deve-se optar pela mesóclise, forma completamente desusada na língua coloquial do Brasil:

Dir-nos-ão o que fazer?
Entender-me-ia o estrangeiro?
A próclise tende a ocorrer após pronomes relativos, interrogativos e conjunções subordinativas. Também tende a ocorrer nas negações:
É a pessoa que nos orientou.
Quem te disse isso?
Gostaria de saber por que nos fizeram vir aqui.
Nada foi feito, embora se conhecessem as conseqüências da omissão.

Não me falaram nada a respeito disso.
Nunca nos encontraremos novamente.
Jamais se cumprimentam.
Em início de frase, a próclise é típica da língua coloquial brasileira e é usada na escrita quando se pretende reproduzir a língua falada:
Me faça um favor.
Nos falaram que era tudo mentira.

Com as locuções verbais e tempos compostos, a tendência brasileira é colocar o pronome antes do verbo principal:
Vou lhe mostrar meus trabalhos.
Continuo pensando em lhe mostrar meus trabalhos.
O pronome também pode surgir em outras posições. Observe:
Eu lhes estou mostrando.
Eu estou mostrando-lhes.
O uso do hífen nos casos em que o pronome aparece em posição intermediária é considerado optativo:
Eu estou-lhes mostrando.
Eu estou lhes mostrando.
Na verdade, a primeira forma tende a representar a fala lusitana, que "encosta" o pronome no verbo auxiliar ("Eu estou-lhes..."), enquanto a segunda forma tende a representar a fala brasileira, que "encosta" o pronome no verbo principal ("... lhes mostrando.").

TEXTOS PARA ANÁLISE

- nota da ledora: 1a. propaganda - da indústria de medicamentos Hoechst . Foto: mãe com bebezinho recém-nascido, no colo. Texto da propaganda: Ele chega ao mundo hoje com uma expectativa de vida duas vezes maior do que há 100 anos.
2a. porpaganda - folheto de turismo, na foto: templos eternos. Texto : Com o nome sugestivo de Petra, esta cidade do Oriente Médio desapareceu a muito tempo . Mas suas edificações esculpidas nas montanhas rochosas estão lá, para contar a história dos nabateus, nome antigo das tribos do deserto da Síria.
- fim da nota.

TRABALHANDO OS TEXTOS

Compare os textos acima e responda:
em qual deles ocorre erro? Explique.

- nota da ledora: propaganda da GloboSat: um aparelho de televisão ultramoderno apagado, e o texto: tem gente que não vê nada de mais numa TV ultramoderna. - um aparelho de TV, dos antigos, ligado, com o logotipo da GloboSat., e o texto: - agora está explicado porquê.
2a. propaganda de livro: gravuras do homem de Neanderthal, texto: Porque o homem de Neanderthal desapareceu? O que teria determinado a extinção de um grupo tão próximo de nós?
- fim da nota.

TRABALHANDO OS TEXTOS

Observe os textos acima, aponte os erros e corrija-os

O livro dos porquês

Por que é que o Ministério da Saúde adverte que o fumo é prejudicial à saúde e varios médicos continuam fumando?
Por que é que quando alguém liga um número errado do outro lado a pessoa fica meio irritada?
Por que é que quando se pergunta "Que número é aí?" do outro lado sempre dizem "Que número ligou?"
Por que é que mesmo quando a operação é um sucesso dizem que o paciente "sofreu" uma cirurgia, apesar de ele estar anestesiado?
Por que é que usam a frase "Eu alguma vez já menti para você?" A mentira só é mentira quando descoberta.
Por que é que fabricam automóveis que atingem 200 quilômetros por hora se no trânsito não se consegue ir a mais de 20?
Por que é que quando a gente encontra uma pessoa de quem não se lembra ela sempre diz "Está lembrado de mim?"
E quando você diz, disfarçando, "É claro que sim" ela insiste: "De onde?"
Por que é que apesar da enorme onda de desemprego você nunca consegue arrumar uma empregada?
Por que é que todo mundo só quer um táxi na mesma hora em que você precisa de um?
Por que é que no trânsito a fila que você escolhe é sempre a mais lenta?
Por que é que quando você diz para alguém "Bonito sapato" a resposta é sempre "Ah, é velho..."?
Por que é que dentro do elevador todo mundo fica fingindo que não está olhando para ninguém?
(SOARES, Jô. In: Veja)

TRABALHANDO O TEXTO

1 Justifique a grafia porquês, do título do texto.

2 Justifique a grafia por que, que surge em quase todos os itens do texto.

3 Justifique o uso da forma meio, no segundo item do texto.

4 "Por que é que quando a gente encontra uma pessoa (de) quem não se lembra ela sempre..." Justifique o uso da preposição destacada.

5 Há algo comum a todas as perguntas propostas pelo autor? Comente-as.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1(UEM-PR) Assinale todo período em que o termo em destaque está registrado incorretamente.

01. Não meta o nariz (aonde) não deve.
02. Vestibulandos, (benvindos) à UEM!
04. Foi fruto de um (mal)-entendido ou de mau-olhado?
08. Nesta (cessão) trabalham somente moças.
Isso é (descriminação).
16. Ignoro (porque) meu colega ainda não chegou.
32. Os (cidadãos, guardiães) da Pátria, tornaram-se os fiscais do Sarney.

2 (PUCC-SP) Das cinco alternativas apresentadas nesta questão, apenas uma completa adequadamente as sentenças abaixo. Aponte-a.
I. Afinal, chegou o presente ( ) tanto esperávamos.
II. ( ) você vai com tanta pressa?
III. ( ) de dois meses, mudamos para este bairro.
a) por que, aonde, há cerca
b) porque, onde, acerca
c) por que, onde, a cerca
d) porque, onde, há cerca
e) porque, aonde, a cerca

3 (PUCSP) Texto:
"Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus...
Ó mar! por que não apagas
Coa esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!"
(Castro Alves)
A palavra (porque) tem diferentes grafias, dependendo do sentido em que é empregada. No texto em questão, ela aparece assim grafada: por que.
a) Explique esse emprego.
b) Preencha os espaços abaixo, grafando corretamente a referida palavra em cada um dos seguintes períodos.
I. Não sei o ( ) deste horror.
II. Ó mar! Não apagas este borrão, ( )
III. O poeta sente-se indignado ( ) a situação a que se refere é aviltante para o ser humano.

4 (UNIMEP-SP) Suponha que você tenha que agregar o sufixo sub às palavras que aparecem nas alternativas a seguir. Assinale aquela que tem de ser escrita com hífen.
a) (sub) chefe
b) (sub) entender
c) (sub) desenvolvido
d) (sub) reptício
e) (sub) liminar

5 (UFV-MC) Assinale a única alternativa em que a expressão (porque) deve vir separada.
a) Em breve compreenderás porque tanta luta por um motivo tão simples.
b) Não compareci à reunião porque estava viajando.
c) Se o Brasil precisa do trabalho de todos é porque precisamos de um nacionalismo produtivo.
d) Ainda não se descobriu o porquê de tantos desentendimentos.
e) Choveu durante a noite, porque as ruas estão molhadas.

6 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase abaixo:
As transformações ( ) tem passado a sociedade parecem condenar o homem ( ) existência num mundo dominado pela máquina.
a) porque, à
b) porquê, à
c) por que, a
d) porque, a
e) por que, à

7 (UM-SP) Assinale a alternativa que apresenta erro quanto ao emprego do (porquê).
a) Não sei por que as cousas ocultam tanto mistério.
b) Os poetas traduzem o sentido das cousas sem dizer por quê.
c) Eis o motivo porque os meus sentidos aprenderam sozinhos: as cousas têm existência.
d) Por que os filósofos pensam que as coisas sejam o que parecem ser?
e) Os homens indagam o porquê das estranhezas das cousas.

8 (ITA-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.
Quando ( ) dois dias disse ( ) ela que ia ( ) Itália para concluir meus estudos, pôs-se ( ) chorar.
a) a, a, a, a
b) há, à, à, a
c) a, à, a, à
d) há,a,à,a
e) há, a, a, à

9 (FUVEST-SP) Assinale a frase gramaticalmente correta.
a) Não sei por que discutimos.
b) Ele não veio por que estava doente.
c) Mas porque não veio ontem?
d) Não respondi porquê não sabia.
e) Eis o porque da minha viagem.

10 (ESPM-SP) Use (a fim) ou (afim), conforme a solicitação dos enunciados abaixo.
a) A idéia dela era ( ) à minha.
b) Ele não está ( ) de sair comigo.

11 (FUEL-PR) Ainda ( ) pouco, fez-se referência ( ) possíveis mudanças para daqui ( ) algumas semanas.
a) a, à, a
b) há,a,a

c) a, a, há
d) há,à,ã
e) a, à, há

12 (FMU-SP) Assinale a alternativa correta.
a) Porque se formam as ilhas de calor, com a redução de áreas verdes?
b) Por quê se forma as ilhas de calor com a redução de áreas verdes?
c) Por que formam-se as ilhas de calor, com a redução de áreas verdes?
d) Por quê forma-se as ilhas de calor, com a redução de áreas verdes?
e) Por que se formam as ilhas de calor, com a redução de áreas verdes?

13 (UM-SP) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas do período.
Não sei a razão ( ) as pessoas daquela ( ) espírita ficaram debatendo sobre a ( ) dos mortos.
a) por que, secção, reçurreição
b) por que, sessão, ressurreição
c) porque, seção, reçurreição
d) porquê, cessão, ressurreição
e) por que, sessão, ressureissão

14 (UM-SP) Assinale a alternativa que completa adequadamente as lacunas do seguinte período.
Algumas pessoas não determinam ( ) provém sua insatisfação, porque não sabem ( ) vão os sentimentos, nem ( ) mora a consideração pelo próximo.
a) donde, onde, onde
b) donde, aonde, onde
c) aonde, onde, aonde
d) aonde, aonde, aonde
e) donde, aonde, aonde

15 (FUVEST-SP) Diga ( ) elas que estejam daqui ( ) pouco ( ) porta da biblioteca.
a) à, há,a
b) a,há,à
c) a, a, à
d) à,a,a
e) a, a, a

16 (E. C. Chagas-BA) Age com ( ), ( ) queres fazer ( ) à curiosidade alheia.
a) discreção, senão, conseções
b) discrição, se não, concessões
c) discrição, senão, conseções
d) discreção, se não, concessões
e) discreção, senão, concessões

17 (ITA-SP) Preencha os claros das sentenças.
Gastaram somas ( ) (vultosas, vultuosas) para evitar o perigo.
Ela tem o grave ( ) (se não, senão) de ser invejosa.
A cidade de que ( ) (há, a) pouco você falou não mais existe.
Ainda vou descobrir o ( ) (porquê, porque, por quê, por que) dessa polémica.
Temos, respectivamente:

a) vultosas, senão, a, por quê
b) vultuosas, senão, a, porquê
c) vultuosas, senão, a, por que
d) vultosas, senão, há, porquê
e) vultosas, se não, há, porquê

18 (ITA-SP) Assinalar a alternativa correta.
a) Sinto-me contente quando minha bem amada não está mal humorada.
b) Sinto-me contente quando minha bem-amada não está mal-humorada.
c) Sinto-me contente quando minha bemamada não está mal humorada.
d) Sinto-me contente quando minha bemamada não está mau humorada.
e) Sinto-me contente quando minha bemamada não está mau-humorada.

19 (FCMSCSP) Assinale a alternativa em que a palavra que está grafada erradamente.
a) Quê! Você ainda não tomou banho este mês!
b) Depois de tomar banho, ficou com um quê irresistível.
c) Você vive de quê? De brisa?
d) Quê beleza! Estou acertando tudo.
e) Poderiam ajudar em quê? Se nada entendiam...

20 (F. C. Chagas-BA) Pense nos ideais ( ) batalhamos há tanto tempo e diga-me ( ) fracassamos. Será ( ) fomos incapazes ou descuidados em algum ponto?
a) por que, por que, por que
b) por que, por que, porque
c) porque, porque, por que
d) porque, por que, porque
e) por que, porque, por que

21 (F. C. Chagas-BA) Minha ( ) está ( ) por culpa não sei de ( ) .
a) pesquisa, atrazada, quê
b) pesquiza, atrasada, quê
c) pesquisa, atrazada, que
d) pesquiza, atrasada, que
e) pesquisa, atrasada, quê

22 (FCMSCSP) Observar as orações seguintes.
I. Por que não apontas a vendedora por que foste ludibriado?
II. A secretária não informa por que linha de ônibus chega-se ao exame.
III. Por que será que o governo não sabe o porquê da inflação?
Há erro na grafia:
a) em I apenas.
b) em duas apenas.
c) em II apenas.
d) em III apenas.
e) em nenhuma.

23 (UFPR) Complete as lacunas, usando adequadamente mas, mais, mal, mau.
Pedro e João ( ) entraram em casa, perceberam que as coisas não estavam bem, pois sua irmã caçula escolhera um ( ) momento para comunicar aos pais que iria viajar nas

férias; ( ) seus dois irmãos deixaram os pais ( ) sossegados quando disseram que a jovem iria com as primas e a tia.
a) mau, mal, mais, mas
b) mal, mal, mais, mais
c) mal, mau, mas, mais
d) mal, mau, mas, mas
e) mau, mau, mas, mais

24 (FUVEST-SP) Reescreva, preenchendo as lacunas com por que, porque, porquê, por quê.
- ( ) é que você disse isso?
- Não sei bem ( )
- Não será ( ) tem inveja dele?
- Acho que não. Vou dizer-lhe a razão ( ) o disse.

CAPÍTULO 29

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

- nota da ledora: dois desenhos infantis, representando uma escola. No primeiro, ercebe-se o desenho de uma casa…com suas formas, representando uma escola. . No segundo desenho, apresenta-se um amontoado de riscos e linhas desconexas. Texto: DESENHE A INJUSTIÇA SOCIAL.
- fim da nota.

Neste bela anúncio, o antônimo de injustiça não está expresso verbalmente, mas graficamente.

RELAÇÕES DE SIGNIFICADO ENTRE AS PALAVRAS

Palavras de significados opostos como ausência e presença ou sim e não são chamadas antônimos.
Palavras de significados próximos são chamadas sinônimos. É o que ocorre, por exemplo, com palavras como agradável, ameno, aprazível, deleitável, deleitoso, delicioso, grato, gostoso, saboroso. Observe que os sentidos dessas palavras são próximos, mas não são exatamente equivalentes.
O uso de palavras sinônimas pode ser de grande utilidade nos processos de retomada de elementos que inter-relacionam as partes dos textos. Observe:
Alguns segundos depois, apareceu um (menino). Era um (garoto) magro, de pernas compridas e finas. Um tipico (moleque).
Apesar de cada uma dessas palavras ter seus matizes próprios de significação, são usadas no texto para designar um mesmo ser. Perceba, assim, que a relação de sinonímia nãodepende exclusivamente do significado das palavras isoladas, mas resulta também do emprego que têm nos textos.
Uma relação de significado muito importante para a construção de textos é a que se estabelece entre hiperônimos e hipónimos. Hiperônimo é uma palavra cujo significado é mais abrangente do que o do seu hipônimo: é o que acontece, por exemplo, com as palavras veículo e carro veículo é hiperônimo de carro porque em seu significado está contido o significado de carro, ao lado do significado de outras palavras como carroça,

trem, caminhão. Carro é um hipônimo de veículo. A relação entre hipônimos e hiperônimos é muito útil para a retomada de elementos textuais:
Há muito tempo planejam derrubar aquele ipê. A velha árvore parece perturbar os administradores municipais.
Proteja o lobo-guará. É um animal que corre risco de extinção.
São hiperônimos muito importantes palavras de sentido genérico como coisa, fato, acontecimento, fenômeno, pessoa, ser. Essas palavras são muito freqüentes nos mecanismos de retomada de elementos textuais. Seu uso, entretanto, deve ser limitado a essa função, pois elas carecem da precisão característica dos hipônimos:
A ampliação da pobreza compromete a estabilidade social do país e é um fato que não pode ser omitido em qualquer proposta séria de planejamento governamental.A troca de insultos e sopapos entre os deputados ganhou destaque nos jornais. O acontecimento foi recriminado em vários editoriais.

- nota da ledora: anúncio da TV Sharp, com fone de ouvido, apresentando o seguinte texto: Para você nunca mais ter de assistir à Orquestra de Berlim ao som do conserto do encanamento do vizinho. - voce já viu este anúncio na página 44
- fim da nota .

O anúncio explora criativamente um par de palavras homófonas. Se voce já se esqueceu desse par, revise o exercício da página 45 (Trabalhando o texto).

- nota da ledora; quadro de destaque na página
OBSERVAÇÃO
As relações de significado que envolvem a semelhança ou igualdade de sons e grafias de palavras - a paronímia e homonímia - já foram exaustivamente estudadas na seção deste livro dedicada a Fonologia
- fim da nota.

ATIVIDADES

1 Complete as frases seguintes com um hiperônimo ou com uma palavra de sentido genérico.
a) O dono da fabrica negava-se a indenizar as famílias dos operários mortos com a explosão de uma caldeira. Esse ( ) revoltou a população da cidade.
b) Vários automóveis foram arrastados pela correnteza. Alguns ( ) foram encontrados muito longe do local onde haviam sido deixados por seus donos.
c) Cuidado com as bactérias com que você esta lidando no laboratório. São ( ) muitas vezes perigosos.
d) Grupos de refugiados chegam diariamente do sertão castigado pela seca. São ( ) famintas, maltrapilhas, destruídas.

2 Substitua a forma do verbo dar pela forma apropriada de um dos sinônimos relacionados a seguir. Observe que as frases se tornam mais precisas com a substituição.
Demonstrar
doar
oferecer
produzir
dedicar

atinar
bater

a) Dei vários livros à biblioteca da escola.
b) O time dava sinais evidentes de cansaço.
c) Não escovar os dentes da mau hálito.
d) Este lugar não nos da nenhum conforto.
e) Dá o que tem de melhor aos filhos.
f) Tive de dar garantias.
g) Dava nos outros por qualquer coisa.
h) Até que enfim deram com a resposta certa.

3 Este exercício é semelhante ao anterior; o verbo a ser substituído agora é lazer.
Produzir fingir-se conceber formar
gravar
causar
construir
montar
gerar
induzir
forçar
a) Sou capaz de fazer uma mesa em poucas horas.
b) Faz um disco por ano.
c) O medo faz mais admiradores que a paixão.
d) Faz pena vê-lo assim.
e) O trânsito brasileiro faz muitas vítimas.
f) Ele se fez de desentendido.
g) Fiz que tomasse uma atitude.
h) Não se pode fazer uma idéia do sofrimento daquelas pessoas.

TEXTOS PARA ANÁLISE

- nota da ledora: propaganda da Golden Cross, assistência médica. Fotografia de ezenas de bêbes, todos juntinhos, um amontoado de bêbes usando fraldas, e o seguinte texto: Em 1992 a Golden Cross deu mais luz que Fuenas, Ilha Solteira e Angra dos Reis juntas.
- fim da nota.

Qual relação de significado o texto explora? Comente.

O quereres

Onde queres revólver sou coqueiro
E onde queres dinheiro sou paixão
Onde queres descanso sou desejo
E onde sou só desejo queres não
E onde não queres nada nada falta
E onde voas bem alta eu sou o chão
E onde pisas o chão minha alma salta

E ganha liberdade na amplidão

Onde queres família sou maluco
E onde queres romântico, burguês
Onde queres Leblon sou Pernambuco
E onde queres eunuco, garanhão
E onde queres o sim e o não, talvez
Onde vês eu não vislumbro razão
Onde queres o lobo eu sou o irmão
E onde queres cowboy eu sou chinês

Ah! bruta flor do querer
Ah! bruta flor bruta flor

Onde queres o ato eu sou espírito
E onde queres ternura eu sou tesão
Onde queres o livre, decassílabo
E onde buscas o anjo sou mulher
Onde queres prazer sou o que dói
E onde queres tortura, mansidão
Onde queres um lar, revolução
E onde queres bandido sou herói

Eu queria querer-te e amar o amor
Construir-te dulcíssima prisão

E encontrar a mais justa adequação
Tudo métrica e rima e nunca dor
Mas a vida é real e de viés
E vê só que cilada o amor me armou
Eu te quero (e não queres) como sou
Não te quero (e não queres) como és

Ah! bruta flor do querer
Ah! bruta flor bruta flor

Onde queres comício,flipper-vídeo
E onde queres romance, rock 'n 'roll
Onde queres a lua eu sou o sol
Onde a pura natura, o inseticídio
E onde queres mistério eu sou a luz
Onde queres um canto, o mundo inteiro
Onde queres quaresma, fevereiro
E onde queres coqueiro sou obus

O quereres e o estares sempre a fim
Do que em mim é de mim tão desigual
Faz-me querer-te bem, querer-te mal
Bem a ti, mal ao quereres assim
Infinitivamente pessoal

E eu querendo querer-te sem ter fim
E, querendo-te. aprender o total
Do querer que há e do que não há em mim.
(VELOSO Caetano. In. velô. LP PhiIips 524024 1984. Lado a, faixa 1)

TRABALHANDO O TEXTO

1 Explique a expressão "infinitivamente pessoal".

2 A seu ver, o que indicam as oposições entre:
a) família/maluco
b) romântico/burguês
c) Leblon/Pernambuco
d) lobo/irmão
e) cowboy/chinês
f) livre/decassílabo
g) anjo/mulher
h) comício/flipper-vídeo
i) romance/rock'n'roII

3 Explique e comente a imagem "dulcíssima prisão".

4 Qual a importância da aproximação de antônimos para a construção do texto?

5 A relação de antonímia é absoluta ou depende de contextos? Explique com base em elementos do texto.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1(UEL-PR) A () com que agia, mascarava suas atitudes ( ) contra os mestiços.
a) descrição, discriminatórias
b) discreção, descriminatórias
c) discrição, descriminatórias
d) descrição, descriminatórias
e) discrição, discriminatórias

2 (FUVEST-SP) A ( ) científica do povo levou-o a ( ) de feiticeiros os ( ) em astronomia.
a) insipiência, tachar, expertos
b) insipiência, taxar, expertos
c) incipiência, taxar, espertos
d) incipiência, tachar, expertos
e) insipiência, taxar, espertos

3 (FEB) Considerando a significação das palavras apresentadas abaixo, escolher a opção que relaciona seus sinônimos, atentando para a grafia deles.
notável
conceder

principiante
confirmar
desterrar
a) iminente, diferir, insipiente, retificar, proscrever
b) eminente, deferir, insipiente, ratificar, prescrever
c) iminente, diferir, incipiente, ratificar, prescrever
d) eminente, deferir, incipiente, ratificar, proscrever
e) eminente, diferir, insipiente, retificar, proscrever

4 (ltajubá-MG) Em que item os significados dos parônimos estão trocados?
a) leroz = bravio, perverso; feraz = fértil, fecundo
b) sortir = prover, abastecer; surtir = originar, produzir
c) prescrever = abolir, extinguir; proscrever = ordenar, determinar
d) ratificar = validar, comprovar; retificar = corrigir, emendar
e) destratar = insultar, descompor; distratar = anular, desfazer

5 (FUVEST-SP) No último ( ) da orquestra sinfônica, houve ( ) entre os convidados, apesar de ser uma festa ( )
a) conserto - flagrantes descriminações - beneficente
b) concerto - fragrantes discriminações -beneficiente
c) conserto - flagrantes descriminações -beneficiente
d) concerto - fragrantes discriminações -beneficente
e) concerto - flagrantes discriminações -beneficente

6 (UFMG) Assinale a alternativa em que o significado não corresponde à palavra dada.
a) expiar = pagar (a culpa), remir
b) secção = corte, divisão
c) sela = arreio
d) hera = planta trepadeira
e) concertar = remendar, tornar certo

7 (Pouso Alegre-MG) Assinale o item em que a palavra destacada está incorretamente aplicada.
a) Trouxeram-me um ramalhete de flores (fragrantes).
b) A justiça (infligiu) a pena merecida aos desordeiros.
c) Promoveram uma festa (beneficiente) para a creche.
d) Devemos ser fiéis ao (cumprimento) do dever.
e) A (cessão) de terras compete ao Estado.

8 (F. C. Chagas-BA) Como os gastos foram ( ), solicitamos que os preços sejam ( )
a) escessivos, discriminados
b) excescivos, discriminados
c) excessivos, descriminados
d) excessivos, discriminados
e) escessivos, descriminados

9 (F. C. Chagas-BA) O ( ) do deputado foi ( ).
a) mandado, caçado
b) mandado, cassado
c) mandato, cassado

d) mandato, caçado
e) mandato, casçado

10 (PUCC-SP) Escolha, entre as alternativas, a que propõe a substituição dos termos ou expressões em destaque, sem que haja alteração do sentido da sentença apresentada abaixo.
Parecia (estar prestes a acontecer) a desclassificação, pois os jogadores demonstraram usar métodos (pouco sábios) na (realização) dos preparativos finais para a partida decisiva.
a) emimente, incípidos, concecussão
b) eminente, insipientes, conseqüência
c) iminente, insipientes, consecução
d) eminente, insípidos, concecussão
e) iminente, incipientes, consequência

11 (FUVEST-SP) Explique a diferença de sentido entre:
a) Ele invocou o argumento precedente.
b) Ele invocou o argumento procedente.

12 (FUVEST-SP) Indique a alternativa correta.
a) O ladrão foi apanhado em flagrante.
b) Ponto é a intercessão de duas linhas.
c) As despesas de mudança serão vultuosas.
d) Assistimos a uma violenta coalizão de caminhões.
e) O artigo incerto na Revista de Ciências foi lido por todos nós.

13 (UFG-GO) Leia as frases seguintes.
1. Assisti a um ( ) da máquina.
2. Os ( ) não são ignorantes.
3. Ele fez ao filho a ( ) de uma parte das terras.
4. De tempo em tempo se faz um novo ( ) da população.
Escolha a alternativa que oferece a sequência certa de vocábulos para a seqüência das lacunas.
a) conserto, incipientes, sessão, censo
b) concerto, insipientes, seção, senso
c) conserto, insipientes, secção, censo
d) conserto, incipientes, cessão, censo
e) concerto, incipientes, cessão, senso

14 (FUVEST-SP) Assinale a alternativa em que a frase esteja gramaticalmente correta.
a) Foi graças a interseção do diretor que consegui renovar a matrícula.
b) Entre os índios, a pior ofensa era ser tachado de covarde.
c) Li, na sessão policial do matutino, que "o criminoso cozera o desafeto a faca".
d) Apresentadas aquelas provas concludentes, o réu foi absorto.
e) A falsificação da minha rúbrica não convenceu a ninguém.

15 (FATEC-SP) Indique a frase em que as palavras destacadas apresentam a mesma relação semântica que (estranho) e (conhecido).
a) A participação em nosso grupo provoca sentimentos de (segurança) e (bem-estar).

b) No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa (desconfiança), às vezes, o nosso (medo).
c) Sentimos que aqueles que mais nos (conhecem) são também capazes de (ignorar) o que de melhor trazemos conosco.
d) As situações novas, além disso, são (atraentes) e (provocantes).
e) Freqüentemente sonhamos com (o país distante, a terra prometida) onde possamos realizar nossos desejos.

16 (ITA-SP) Os sinônimos de ignorante, iniciante, sensatez, confirmar são, respectivamente:
a) incipiente, insipiente, descrição, retificar.
b) incipiente, insipiente, discrição, ratificar.
c) insipiente, incipiente, descrição, ratificar.
d) insipiente, incipiente, discrição, ratificar.
e) incipiente, insipiente, descrição, ratificar.

CAPÍTULO 30

NOÇÕES ELEMENTARES DE ESTILÍSTICA

- nota da ledora: propaganda do guaraná diet da antartica. Foto, toráx de homem com musculatura delineada, e do lado, tampinha de guaraná diet.
- fim da nota.

A Estilística estuda a utilização da linguagem como meio de exteriorização de dados emotivos e estéticos. Seu objeto de estudo são os processos de manipulação da linguagem que permitem a quem fala ou escreve mais do que simplesmente informar - interessam principal mente as possibilidades de sugerir conteúdos emotivos e intuitivos por meio das palavras e da sua organização.
A publicidade recorre freqúentemente a esse tipo de manipulação, às vezes com pouquissimas palavras. No anúncio acima, bastou a justaposição de uma tampinha de guaraná dietético a um abdome masculino típico de atletas, para gerar uma mensagem com claro intuito persuasivo: "vocé também pode ter esse corpo escultural".
Neste capítulo, vamos fazer um estudo bastante breve dessas possibilidades, que fogem ao âmbito dos estudos gramaticais.

1 RECURSOS FONOLÓGICOS

Os sons da língua podem ser organizados de forma a transmitir sugestões e conteúdos intuitivos. Uma das formas de se conseguir isso é a altteração, ou seja, a repetição de uma mesma consoante numa seqüência Iingúística, como ocorre com /v/ e /l/ no trecho seguinte:
"Vozes veladas, veludosas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vás, vulcanizadas."
(Cruz e Sousa)

A repetição de uma mesma vogal numa seqüência lingüística recebe o nome de assonância. É o que ocorre com /ã/ e /õ/ em:
"E bamboleando em ronda
dançam bandos tontos e bambos
de pirilampos."
(Guilherme de Almeida)

A tentativa de reproduzir lingüísticamente sons e ruídos do mundo natural constitui a onomatopéia:
"Lá vem o vaqueiro pelos atalhos, tangendo as reses para os currais.
BIem... blem... blem... cantam os chocalhos dos tristes bodes patriarcais.
E os guizos finos das ovelhinhas ternas dím... dím... dím...
Eu o sino da igreja velha:
bão... báu... báu..."
(Ascenso Ferreira)

A poesia, principalmente, explora esses e outros recursos sonoros da linguagem.
O estudo dos ritmos e dos padrões métricos da linguagem poética foge ao âmbito dos estudos gramaticais. Para conhecê-los, devem-se procurar as obras especializadas e principalmente os bons poemas da língua portuguesa.

2 RECURSOS MORFOLÓGICOS

Os casos mais comuns de exploração expressiva de recursos morfológicos estão relacionados com o uso de determinados sufixos. E muito freqüênte o emprego dos sufixos aumentativos e diminutivos para exprimir conteúdos afetivos nem sempre relacionados com a dimensão física dos seres. É o caso de palavras como mulherão ou coitadinho, que fazem referência respectivamente à beleza e às características psicológicas dos seres designados. Tratamos desses e de outros casos quando estudamos a estrutura e a formação das palavras.

3 RECURSO SINTÁTICO

A Sintaxe é uma fonte inesgotável de recursos expressivos. Algumas formas de obter efeitos sutis de significação:
a) o assíndeto, ou coordenação de termos ou orações sem utilização de conectivo.
Esse recurso costuma imprimir lentidão ao ritmo narrativo:
"Foi apanha; gravetos, trouxe do chiqueiro das cabras uma braçada de madeira meio ruida pelo cupim, arrancou touceiras de macambira, arrumou tudo para a fogueira."
(Graciliano Ramos)
b) o polissíndeto, ou repetição do conectivo na coordenação de termos ou orações.
Esse recurso costuma acelerar o ritmo narrativo:
"O amor que a exalta e a pede e a chama e a implora."
(Machado de Assis)
c) a inversão da ordem normal dos termos da oração ou da frase. O termo deslocado de sua posição normal recebe forte ênfase. A inversão não é privilégio da linguagem literária, ocorrendo no uso cotidiano da linguagem:
Das minhas coisas cuido eu! Professor já não sou.

d) a repetição de termos ou de estruturas sintáticas (chamada esta última de anáfora). É um recurso de ênfase e coesão, de que falamos em vários momentos de nossos estudos.
e) o anacoluto, ou ruptura da ordem lógica da frase. É um recurso muito utilizado nos diálogos, que procuram reproduzir na escrita a língua falada. Também permite a caracterização de estados de confusão mental:
Deixe-me ver... E necessário começar por... Não, não, o melhor é tentar novamente o que foi feito ontem.
f) a silepse ou concordância ideológica, estudada no capítulo dedicado à concordância verbal e nominal.

4 RECURSOS SEMÂNTICOS

A exploração dos significados das palavras gera duas figuras principais: a metáfora e a metonímia.
A metáfora ocorre quando uma palavra passa a designar alguma coisa com a qual não mantém nenhuma relação objetiva. Na base de toda metáfora está um processo comparativo.
Observe:
Senti a seda do seu rosto em meus dedos.
Seda, na frase acima, é uma metáfora. Por trás do uso dessa palavra para indicar uma pele extremamente agradável ao tato, há várias operações de comparação: a pele descrita é tão agradável ao tato quanto a seda; a pele descrita é uma verdadeira seda; a pele descrita pode ser chamada seda.
A metonímia ocorre quando uma palavra é usada para designar alguma coisa com a qual mantém uma relação de proximidade ou posse. Observe:
Meus olhos estão tristes por que você decidiu partir.
Olhos, na frase acima, é uma metonímia. Na verdade, essa palavra, que indica uma parte do ser humano, esta sendo usada para designar o ser humano completo.

- nota da ledora: propaganda do Jornal Notícias Populares. Foto: parece um jogo de futebol, onde a platéia é fotografada. Texto: Não (em letras garrafais), alimente os animais. Chega de violência no futebol.
- fim da nota.

O alambrado lembra as grades de uma jaula; a fisionomia dos torcedores expressa agitação ou fúria. Os recursos visuais se conjugam aos verbais para produzir esta metáfora, em que seres humanos são equiparados a animais.

- nota da ledora: propaganda de macarrão: na foto, a massa em forma de macarrão tem as cores da bandeira da Itália. (verde, vermelho e amarelo)
- fim da nota.

Metonímia: o macarrão (parte) pela Itália (todo). Para não haver dúvida, o macarrão tem as cores da bandeira italiana.

Outras formas de explorar significados de maneira expressiva são:
a) a antítese, ou aproximação de antônimos. Releia o texto "O quereres", do capítulo anterior, para observar como esse recurso pode ser explorado à exaustão.
b) o eufemismo, ou atenuamento intencional da expressão em certas situações:

Falta-lhe inteligência para compreender isso.
c) a hipérbole, ou exagero intencional da expressão:
Faria isso mil vezes se fosse preciso.
d) a ironia, que consiste em, aproveitando-se do contexto, utilizar palavras que devem ser compreendidas no sentido oposto do que aparentam transmitir. É um poderoso instrumento para o sarcasmo:
Muito competente aquele candidato!
Construiu viadutos que ligam nenhum lugar a lugar algum.
e) a gradação, que consiste em encadear palavras cujos significados têm efeito cumulativo:
Os grandes projetos de colonização resultaram em pilhas de papéis velhos, restos de obras inacabadas, hectares de floresta devastada, milhares de famílias abandonadas à própria sorte.
f) a prosopopéia ou personificação, que consiste em atribuir características de seres animados a seres inanimados ou características humanas a seres não-humanos:
A floresta gesticulava nervosamente diante do lago que a devorava. O ipê acenava-lhe brandamente, chamando-o para casa.

TEXTOS PARA ANÁLISE

- nota da ledora: 1a. propaganda: com desenhos, do dicionário do Jornal da Tarde, apresentando o texto: - O dicionário que o Aurélio lançaria se soubesse desenhar. -
2a. propaganda: água mineral minalba, com o seguinte texto: A pureza dos 120 anos de Campos de Jordão, engarrafada para consumo.
- fim da nota.

- nota da ledora: 1a. propaganda - novo BMW 328i. O Carro é civilizado, o torqque que é estúpido.
2a. propaganda - correios, foto com um cão rottwailler - a grafia da raça do cachorro pode estar errada, por não constar no texto, e a ledora não ter a informação correta, pelo que se desculpa - mordendo uma caixa de encomenda sedex, apresentando o seguinte texto: Os carteiros pedem, imploram: Vacine seu cão.
3a. propaganda - Calça Jeans Wrangler. Texto: Dia dos namorados ponha uma muldura naque obra de arte.
- fim da nota.

Indique a figura de linguagem presente em cada um dos textos acima.

- nota da ledora: foto de enchente. Sem palavras.
- fim da nota.

Pantanal, São Paulo. A "gôndola" é a capota de uma perua, os rios são ruas inundadas: esse é o Jardim Pantanal, na zona leste da cidade. Jardim Pantanal vira "Veneza" quando chove

"Cuidado com o tubarao!", grita o alagoano Expedito Nunes da Silva para os passageiros de duas "gôndolas" que navegam pela Rua Pinha do Brejo, a "Rua da Praia". Cada viagem custa R$ 0,50. O Serviço começa às 5 da manhã, ainda escuro, e termina no breu, às 20 horas. O movimento maior é o de empregadas que trabalham em

casas de bairros distantes, também chamados de Jardins, como o Pantanal. A "gôndola" atraca no cais improvisado diante do Mercadinho Macau para o desembarque dos passageiros. O aposenta do Luís Oliveira Silva observa o movimento na "Rua da Praia". Ele é um ilhéu nato: migrou de Macau, ilha no Rio Grande do Norte, para o Jardim Pantanal, na zona leste de São Paulo, onde passa ilhado a temporada de enchentes.
MOISÉS RABINOVICI
(O Estado de São Paulo, 2 fev. 1997.)

TRABALHANDO O TEXTO

Indique a figura de linguagem presente na "chamada" do texto jornalístico acima.

O Cruzeiro do Sul
Rio de Janeiro - Era mais do que um trem: era uma instituição, um símbolo de luxo, um emblema de grandeza, orgulho da Estrada de Ferro Central do Brasil em geral e, em particular, de Joaquim Pinto Montenegro, meu tio, que já andara nele, no dia em que o "Cruzeiro do Sul", vindo de São Paulo, parou em Rodeio com um problema nos freios.

Nessa histérica data, Joaquim Pinto Montenegro, que já era um rodeiense ilustre, tornou-se um ponto de referência social e ferroviário, um varão de Plutarco em termos de Serra do Mar.

No silêncio das noites de rodeio, nunca chegando antes, nunca chegando depois, ouvíamos o "Cruzeiro do Sul" ainda ao longe, saindo do túnel II e vindo majestosamente, serpente de aço azulado, precisando cumprir o horário, nunca parando ali. Ninguém ia dormir sem que ele chegasse com seus vagões iluminados, deslizando sobre os trilhos como uma lagarta fosforescente, fazendo a estação rejeitada tremer de orgulho ferido, mas de vaidade também.

Na casa de Joaquim Pinto Montenegro, todos já estávamos deitados. Ele anunciava com a voz dos que sabem, dos que conhecem as leis do mundo, do sol e das estrelas, dos mares e das montanhas, e, obviamente, dos trens da Central do Brasil: "É o Cruzeiro do Sul!"
Quando passava pelas plataformas, vazias àquela hora, Rodeio inteiro tremia, tremia mansamente a casa de Joaquim Pinto Montenegro, bem embaixo da estação. Mansamente, eu tremia também.

E o "Cruzeiro do Sul" ia se distanciando, preparando-se para fazer a grande curva sobre a ponte, armazenando em sua formidável caldeira, em suas entranhas de fogo, a pressito colossal para vencer o lúgubre, o infindável túnel 12.
Assim eram os trens daquele tempo, assim era o "Cruzeiro do Sul", que não dava bola para Rodeio e o humilhava com o seu desdém, passando lentamente com seus vagões iluminados e se perdendo na noite. Mesmo assim, Rodeio sentia que vivera mais um instante de glória. Podia adormecer, agora, no silêncio deixado pelo trem azul, silêncio magnífico, silêncio que cheirava a carvão e cheiraria a saudade.
(CONY, Carlos Heitor. In: Folha de S. Paulo, 7 mar. 1996.)
TRABALHANDO O TEXTO

1 A enumeração que ocorre no primeiro parágrafo é um caso de gradação? Comente.

2 O adjetivo histórica, no segundo parágrafo, está sendo usado de forma irônica? Comente.

3 Identifique as figuras de linguagem relacionadas com o "Cruzeiro do Sul" presentes no terceiro parágrafo do texto e comente-as.

4 A concordância verbal em "... todos já estávamos deitados" apresenta alguma particularidade? Comente.

5 A cidade e o trem recebem, no texto, um tratamento afetivo bastante particular. Que figura de linguagem contribui para aumentar essa afetividade? Aponte exemplos retirados do texto.

6 Dizer que o silêncio "cheiraria a saudade" é uma figura de linguagem? Comente.

7 O Brasil é, infelizmente, um país quase sem trens. Pela leitura do texto se pode perceber que os trens adquirem nao só importância prática, mas também um valor sentimental na vida das comunidades. Pensando nisso, responda: os trens fazem falta em nossas vidas? Comente.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1(PUCSP) Nos trechos:
"…nem um dos autores nacionais ou nacionalizados de oitenta pra lá faltava nas estantes do major."
e
" …o essencial é achar-se as palavras que o violão pede e deseja", encontramos, respectivamente, as seguintes figuras de linguagem:
a) prosopopéia e hipérbole.
b) hipérbole e metonímia.
c) perífrase e hipérbole.
d) metonímia e eufemismo.
e) metonímia e prosopopéia.

2 (PUCSP) Nos trechos:
"O pavão é um arco-íris de plumas."
e
"…de tudo que ele suscita e esplende e estremece e delira..."
enquanto procedimento estilístico, temos, respectivamente:
a) metáfora e polissíndeto.
b) comparação e repetição.
c) metonímia e aliteração.
d) hipérbole e anacoluto.
e) anáfora e metáfora.

3 (ACAFE-SC) Relacione as colunas. Depois assinale a alternativa construída.
(1) Morrer de medo. ( ) eufemismo

(2) Baticum! O TL amarelo mergulhou na lagoa. ( )hipérbole
(3) Você faltou com a verdade. ( ) prosopopéia
a) 3-1 -2
b) 2-1-3
c) 1-2-3
d) 3-2-1
e) 2 - 3 - 1

4 (FEBASP)
"Se você gritasse,
se você gemesse,
se você tocasse a valsa vienense,
se você dormisse,
se você cansasse,
se você morresse...
Mas você não morre,
você é duro, José..."
(Carlos Drummond de Andrade)
Considerando a repetição da expressão "se você" no inicio dos versos; a repetição dos sons cê (se, cê, sse) e a expressão "você é duro", estilísticamente ocorrem:
a) anáfora, aliteração, metáfora.
b) pleonasmo, assonância, prosopopéia.
c) anadiplose, polissíndeto, personificação.
d) metáfora, silepse, anáfora.

5 (PUCSP) Nos versos:
"Última flor do Lácio, inculta e bela, És, a um tempo, esplendor e sepultura", temos, respectivamente:
a) metonímia e metáfora.
b) metáfora e antítese.
c) hipérbole e prosopopéia.
d) pleonasmo e antítese.
e) paronomásia e onomatopéia.

6 (UNICAMP-SP) A conhecida ironia de Machado de Assis fica evidente na seguinte passagem do romance Memórias póstumas de Brás Cubas:
Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis..." Nesse, como em muitos outros trechos de seus romances, o escritor usa com maestria as palavras, obtendo, através de sua combinação, o efeito cômico desejado. Diga qual é a ironia presente na passagem citada e explique de que maneira Machado consegue obter o efeito cômico através das relações de significação que se estabelecem entre as palavras que ele escolheu.

7 (UFV-MG)
Lua cheia
"Boião de leite
que a Noite leva
com mãos de treva
pra não sei quem beber.
E que, embora levado

muito devagarzinho,
vai derramando pingos brancos
pelo caminho."
(Cassiano Ricardo)

No texto acima, boião de leite é uma:

a) metáfora.
b) hipérbole.
c) metonímia.
d) prosopopéia.
e) repetição.

8 (UEL-PR)

"Senhor, nada valho.
Sou a planta humilde dos quintais pequenos
e das lavouras pobres.
Meu grão, perdido por acaso,
Nasce e cresce na terra descuidada.

O justo não me consagrou Pão da Vida,
nem lugar me foi dado nos altares."
(Cora Coralina)

Nos versos transcritos acima, Cora Coralina, através de uma figura de linguagem, contrapôe dois cereais. Responda:

a) Qual a figura empregada?
b) Quais os cereais contrapostos?
c) O que eles simbolizam?

9 (FOC-SP) Observe a oração:
"O (tique-taque) do relógio nos perturbava." Qual a figura de linguagem da expressão destacada?

10 (FOC-SP) "Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda." Temos aqui a seguinte figura de linguagem, típica do Barroco:

a) antítese
b) pleonasmo
c) elipse
d) hipérbole

11 (FMU-SP) Nos versos:
"O vento voa
a noite toda se atordoa."
aparece a mesma figura:

a) metáfora
b) metonímia
c) hipérbole
d) personificação
e) antítese

12 (UM-SP) Aponte a alternativa em que não haja uma comparação.

a) "Rio como um regato que soa fresco numa pedra."

b)"É mais estranho do que todas as estranhezas que as cousas sejam realmente o que parecem ser."
c) "Qual um filósofo, o poeta vive a procuraro mistério oculto das cousas."
d) "Os pensamentos das árvores a respeito do mistério das cousas são tão estranhos quanto os dos rios."
e) "Os meus sentidos estavam tão aguçados, que aprenderam sozinhos o mistério das cousas."

13 (UM-SP) "Fitei-a longamente, fixando meu olhar na menina dos olhos dela." No período acima, ocorre uma figura de palavra conhecida como:
a) metáfora.
b) catacrese.
c) antonomásia.
d) metonímia.
e) sinédoque.

14 (UM-SP) Aponte a alternativa que contenha a mesma figura de pensamento existente no período:
Acenando para a fonte, o riacho despediu-se triste e partiu para a longa viagem de volta.
a) O médico visualizou, por alguns segundos, a cara magra do doente, antes que a última paixão se calasse.
b) Os arbustos dançavam abraçados com os pinheiros a suave valsa do crepúsculo.
c) Contemplando aquela terna fisionomia, afastou-se com um sorriso pálido e irônico.
d) Só o silêncio tem sido meu companheiro neste período amargo de intensa solidão.
e) A mesquinhez de tua atitude é poço profundo, cavado no íntimo de teu espírito.

15 (FESP-SP) Assinale a figura presente na estrofe abaixo.
"Vi uma estrela tão alta
Vi uma estrela tão iria!
Vi uma estrela luzindo,
Na minha vida vazia."
(Manuel Bandeira)
a) assíndeto
b) pleonasmo
c) anacoluto
d) anáfora
e) silepse

16 (FMU-SP) Na expressão: "... a natureza parece estar chorando...", do ponto de vista estilístico temos:
a) antítese.
b) polissíndeto.
c) ironia.
d) personificação.
e) eufemismo.

17 (FUVEST-SP)
"No tempo de meu Pai, sob estes galhos, Como uma vela fúnebre de cera, (Chorei bilhões de vezes com a canseira de inexorabilíssimos trabalhos)!"
Identifique a figura empregada nos versos destacados:

a) antítese
b) anacoluto
c) hipérbole
d) litotes
e) paragoge

18 (PUCSP) Qual figura de linguagem existe em:
"... vento ou ventania varrendo ?
a) metonímia
b) aliteração
c) anacoluto
d) cacófato

19 (FUVEST-SP) Identifique a linguagem presente no verso em destaque.
"(Quando a indesejada das gentes chegar)
(Não sei se dura ou caroável), Talvez eu tenha medo, Talvez sorria e diga:
Alô, iniludível!"
a) climax
b) eufemismo
c) sínquise
d) catacrese
e) pleonasmo

20 (UM-SP) Aponte a figura: "Naquela terrível
luta, muitos adormeceram para sempre".
a) antítese
b) eufemismo
c) anacoluto
d) prosopopéia
e) pleonasmo

21 (FMU-SP) Em "Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins públicos.", há:
a) pleonasmo.
b) hipérbato de pessoa.
c) silepse de gênero.
d) silepse de pessoa.
e) silepse de número.

22 (UNIMFP-SP) Todas as frases a seguir são corretas. Assinale a única que encerra anacoluto.
a) Aos homens parece não existir a verdade.
b) Os homens parece-lhes não existir a verdade.
c) Os homens parece que ignoram a verdade.
d) Os homens parece ignorarem a verdade.
e) Os homens parecem ignorar a verdade.

23 (UFMG) "Meu pai e o proprietário sumiram-se, foram cuidar de negócios, numa daquelas conversas cheias de gritos. Minha mãe e eu ficamos cercados de saias."
Considerando essa passagem, de Infância, de Graciliano Ramos, responda:

a) Que figura de estilo ocorre no último período?
b) Reescreva-o em linguagem denotativa.

BIBLIOGRAFIA

ALI, M. Said. Gramática histórica da língua portuguesa. 2. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1931.
Meios de expressão e alterações semânticas. 2. ed. Rio de Janeiro, Simões, 1951.
Dificuldades da língua portuguesa. 6. ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1966.
BACK, Eurico. Fracasso do ensino de português - proposta de solução. Petrópolis, Vozes, 1987.
BARRETO, Mário. Novos estudos da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença/INL, 1980.
Novíssimos estudos da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença/INL, 1980.
De gramática e de linguagem. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença"INL, 1982.
Fatos da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença/INL, 1982.
BASTOS, Lúcia Kopschitz Xavier. Coesão e coerência em narrativas escolares escritas. Campinas, Editora da UNICAMP, 1985.
BLIKSTEIN, Isidoro. Técnicas de comunicação escrita. 6. ed. São Paulo, Ática, 1988.
BOAVENTURA, Edivaldo. Como ordenar as idéias. São Paulo, Atica, 1988.
BORBA, Francisco da Silva. Introdução aos estudos linguísticos. 4. ed. São Paulo, Nacional, 1975.
BRAIT, Beth. A personagem. 3. ed. São Paulo, Ática, 1987.
CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. Manual de comunicação oral e escrita. 6. ed. Petrópolis, Vozes, 1981.
Princípios de Linguística Geral. 4. ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1974.
CHALHUB, Samira. Funções da linguagem. São Paulo, Ática, 1987.
CITELLI, Adilson. Linguagem e persuasão. São Paulo, Ática, 1985.
COSTE, Daniel et alii. O texto: leitura e escrita. Campinas, Pontes, 1988.
CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
DURIGAN, Jesus Antônio et alii (org.). A magia da mudança - vestibular UNICAMP. Campinas, Editora da UNICAMP, 1987.
FÁVERO, Leonor Lo pes e. Linguística textual: uma introdução. São Paulo, Cortez, 1983.
FIORIN, José Luiz. Elementos de análise do discurso. São Paulo, Contexto/EDUSP, 1989.
FRANCHI, Eglê. A redação na escola. 2. ed. São Paulo, Martins Fontes, 1985.
FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. 12. ed. São Paulo, Cortez, 1986.
GARCIA, Othon Moacir. Comunicação em prosa moderna. 8. ed. Rio de Janeiro, FGV, 1980.
GENOUVRIER, Emile & PEYTARD, Jean. Linguística e ensino do português. Coimbra, Almedina, 1974.
GUIMARÃES, Eduardo. Texto e argumentação. Campinas, Pontes, 1987.
HAYAKAWA, 5.1. A linguagem no pensamento e na ação. 2. ed. São Paulo, Pioneira, 1972.
ILARI, Rodolfo. A Linguística e o ensino da língua portuguesa. Sito Paulo, Martins Fontes, 1986.
_ & GERALDI, João Wanderley. Semântica. 2. ed. São Paulo, Ática, 1986.
JAKOBSON, Roman. Linguística e comunicação. São Paulo, Cultrix, 1969.

KAISER, Wolfgang. Análise e interpretação da obra literária. 6. ed. Armênio Amado, 1976.
KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Argumentação e linguagem. 2. ed. São Paulo, Cortez, 1987.
KURY, Adriano da Gama. Lições de análise sintática. 3~ ed. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1964.
Novas lições de análise sintática. 2. ed. São Paulo, Ática, 1985.
Gramática fundamental da língua portuguesa. São Paulo, Lisa, 1972.
_ & OLIVEIRA, Ubaldo L. de. Gramática objetiva da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro, 1983.2v.
LAGE, Nilson. Linguagem iornalística. 2. ed. São Paulo, Ática, 1986.
LAPA, Manuel Rodrigues. Estilística da língua portuguesa. São Paulo, Martins Fontes, 1982.
Miscelânia de língua e literatura portuguesa medievaL Rio de Janeiro, INL, 1965.
LEITE, Ligia Chiappini Moraes. O foco narrativo. 2. ed. São Paulo, Ática, 1985.
LOPES, Edward. Fundamentos da Linguística contemporânea. 4. ed. São Paulo, Cultrix, 1980.
LUFT, Celso Pedro. Língua e liberdade: por uma nova concepção da língua materna e seu ensino. Ponto Alegre, L&PM, 1985.
MAIA, Eleonora Motta. No Reino da Fala - a linguagem e seus sons. São Paulo, Ática, 1985.
MARTINET, André. Elementos de Linguística Geral. 2. ed. Lisboa, Sá da Costa, 1970.
MELLO E SOUZA, Antonio Candido. Na sala de aula: caderno de análise literária. Sito Paulo, Ática, 1985.
MESQUITA, Samira Nahid de. O enredo. São Paulo, Ática, 1986.
ORLANDI, Eni Pulcinelli. A linguagem e seu funcionamento - as formas do discurso. São Paulo, Brasiliense, 1983.
PAIS, Cidmar Teodoro et aliL Manual de Linguística. Petrópolis, Vozes, 1979.
PÉCORA, Alcir. Problemas de redação. São Paulo, Mantins Fontes, 1983.
PENTEADO, José Robento Whitaker. A técnica da comunicação humana. 4. ed. São Paulo, Pioneira, 1974.
PIGNATARI, Dêcio. Informação linguagem comunicação. 12. ed. São Paulo, Cultrix, 1986.
PINTO, Edith Pimentel. A língua escrita no Brasil. Sito Paulo, Ática, 1986.
PINTO, Virgílio Nova. Comunicação e cultura brasileira. São Paulo, Ática, 1986.
REHFEDT, Gládis Knak. O ensino da língua portuguesa - por uma gramática do texto. Ponto Alegre, EST. FAPA, EDUCS, 1981.
SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Linguística Geral 7. ed. São Paulo, Cultrix, 1975.
SOUZA E SILVA, M. Cecflia P. de & KOCH, Ingedore Vilíaça. Linguística aplicada ao
português: morfologia. Sito Paulo, Contez, 1983.
Linguística aplicada ao português: sintaxe. São Paulo, Contez, 1983.
TRAVAG LIA, Luiz Carlos et alii. Metodologia e prática de ensino da língua portuguesa. Ponto Alegre, Mercado Abento/U. F. Uberlândia, 1984.
VANOYE, Francis. Usos da linguagem - problemas e técnicas na produção oral e escrita. 2.ed. São Paulo, Mantins Fontes, 1981.
VIEIRA, Maria Divanete. Metodologia da redação. Sito Paulo, Contez, 1988.
WELLECK, René & WARREN, Austin. Teoria da literatura. 3. ed. Lisboa, Publicações Europa-América, 1976.

- fim do livro.
Você encontra os produtos da Editora Scipione nos seguintes endereços

- nota da ledora: esta última página, está inteiramente tomada por nomes e endereços de livrarias, em todo o Brasil, que vendem produtos da Editora Scipione.
Como os tipos são muito pequenos, não foram recolhecidos pelo processo de escaneamento, não poderam ser traduzidos pela ledora, por falta de lupa. Contudo, será dado aqui, o endereço e telefone da própria Scipione, para qualquer informação, de interesse do leitor.
- fim da nota.

Contracapa: Gramática da Língua Portuguesa: Foto de Pasquale e de Ulisses.Texto: este livro provém de longa experiência dos autores no ensino da língua portuguesa nos mais diferentes campos: além de professores de segundo grau e cursos preparatórios de vestibular são autores de obras didáticas e responsáveis por cursos de aperfeiçoamento lingüístico para jornalistas e outros profissionais de comunicação. Mantêm, dessa forma, um incessante intercâmbio não só com a realidade das salas de aula, mas também com as redações dos jornais, das rádios e das redes de televisão o que lhes proporciona uma visão ampla e atualizada das formas de língua que devem ser tomadas como objeto de estudo e análise.

Pasquale Cipro Neto cursou letras (português/espanhol) n Universidade de São Paulo, professoor do Sistema Anglo de Ensino desde 1978, idealizador e apresentador dos Programas Nossa língua portuguesa, exibido na TV Cultura de S. Paulo, e várias outras emissoras nacionais. Nossa língua portugues e Letra e música levaddos pela Rádio cultura de São Paulo e retransmitidos para outras emissoras do país. consultor da Folha de São Paulo para assuntos da língua Portuguesa.

Ulisses Infante Licenciado em língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Leciona desde 1980. Foi professor de vários cursos pré-vestibular na capital e no interior do estado de São Paulo (Etapa, Universitário, CPV, Anglo.) Atualmente é professor do Curso e Colégio Anglo de Bragança Paulista. Autor de : Curso de gramática aplicada aos textos, Do texto ao texto - curso prático de leitura e redação, e 36 lições práticas de gramática.

editora Scipione.

Editora Scipione Ltda. Praça Carlos Gomes, 46. CEP 01501-040 São Paulo - SP
e-mail : scipione@br.homeshopping.com.br
Divulgação Rua Fagundes, 121
CEP 01508-030 São Paulo SP
Tel(011) 242-8411
Caixa Postal 65 131

O uso dos pronomes EU e MIM

GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

A regra é clara!

Após preposições, os pronomes retos EU e TU mudam de forma, viram tônicos: MIM e TI.

Enviaram o arquivo errado para ________.

Tudo certo entre ______ e você.

Falaram mal de ______ hoje.

Não parta sem _______.

“Baixa essa guarda e encurta a distância que existe entre EU e você”.

MONDO
COUTURE
83

Quando a regra não vale?

Mesmo após preposições, se o pronome funciona como SUJEITO de um verbo, ele deve assumir a forma RETA. (pronome pessoal do caso reto)

a) Ela trouxe o presente para _____desembrulhar.

b) Ela trouxe o presente para _____.

c) Minha mãe disse para _____ ficar em casa.

“Desejo ‘pra’ você paz e saúde. Que o bom Deus te ajude, ‘pra’ você cuidar dos seus, ‘pra’ mim cuidar dos meus...”

O preconceito foi criado!

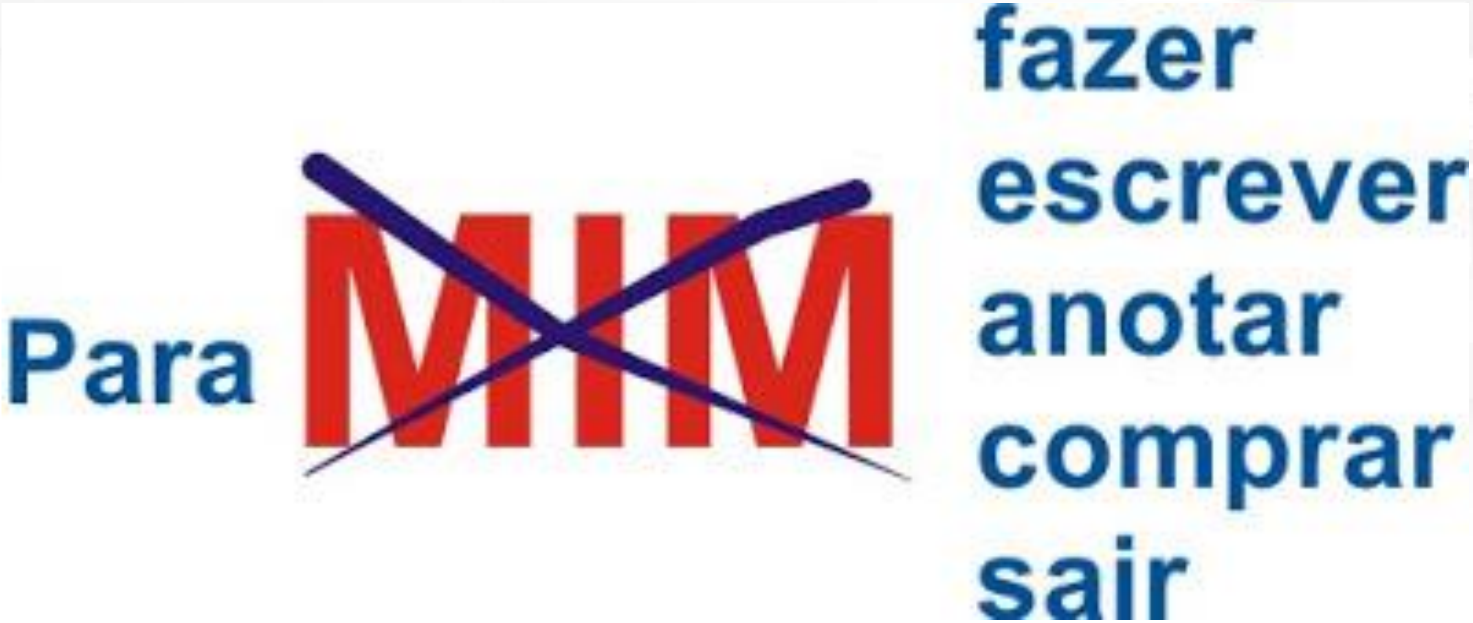

Para ~~MIM~~ fazer
escrever
anotar
comprar
sair

QUANDO VOCÊ VAI DESCOBRIR
QUE MIM NÃO CONJUGA VERBO?

GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

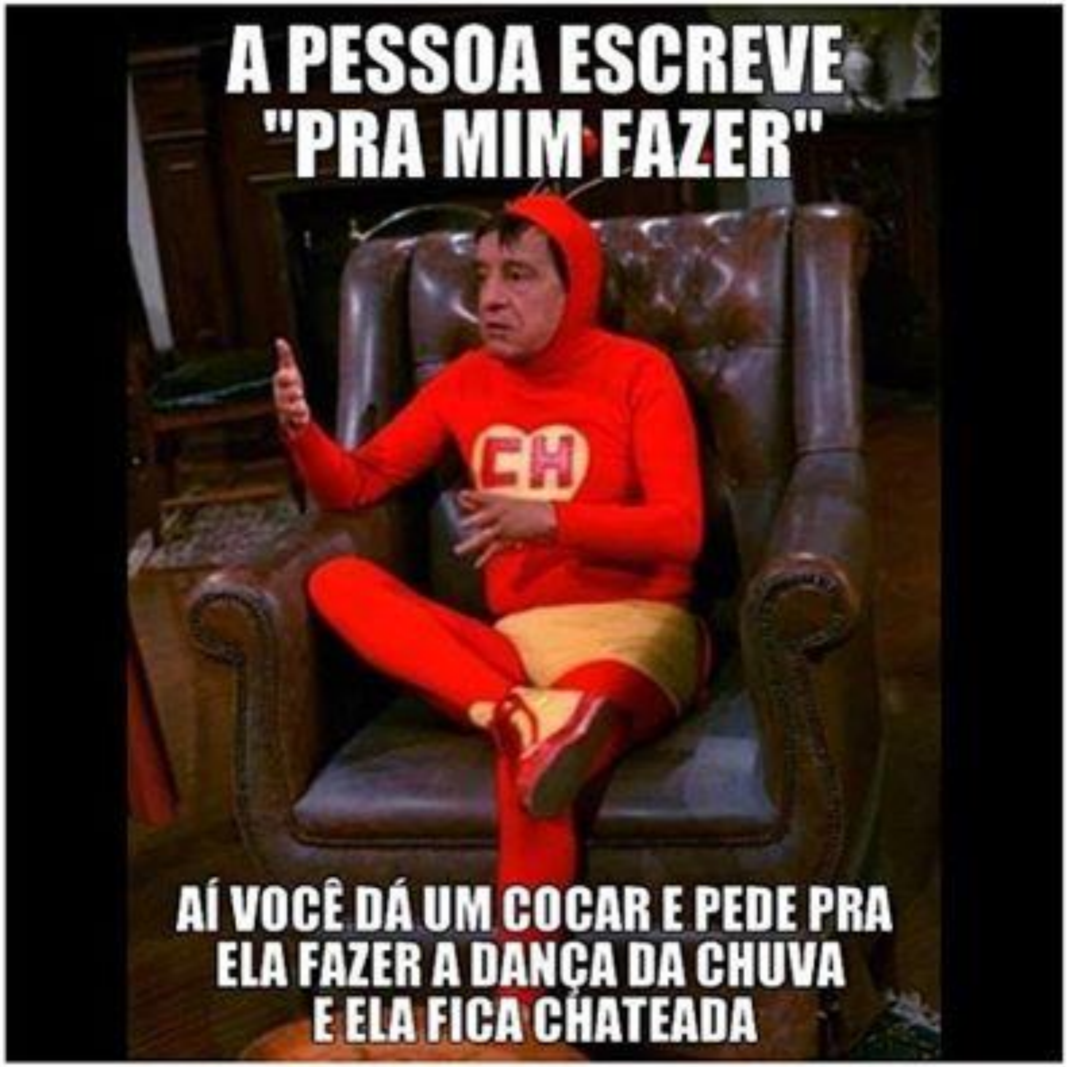
A PESSOA ESCREVE "PRA MIM FAZER"
AÍ VOCÊ DÁ UM COCAR E PEDE PRA ELA FAZER A DANÇA DA CHUVA E ELA FICA CHATEADA

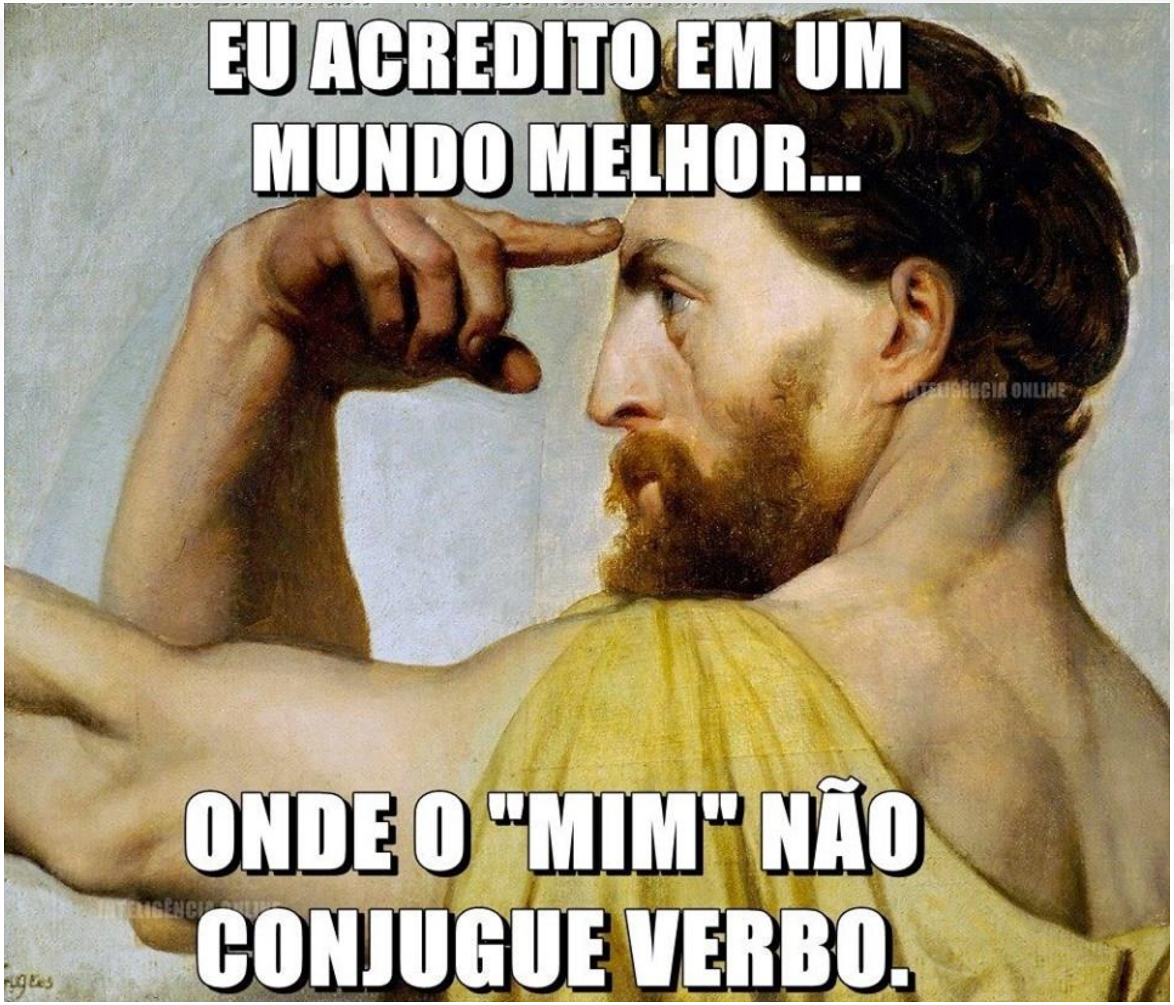
EU ACREDITO EM UM MUNDO MELHOR...
ONDE O "MIM" NÃO CONJUGUE VERBO.

#linguaafiadaaovivo

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

O pronome “mim” pode vir antes do verbo!

O médico pediu para ____ fazer exercícios.

Sempre foi difícil para ____ fazer exercícios.

Basta para ____ ler os clássicos.

Vou comprar um ventilador para ____ dormir melhor.

É essencial para ____ dormir melhor.

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

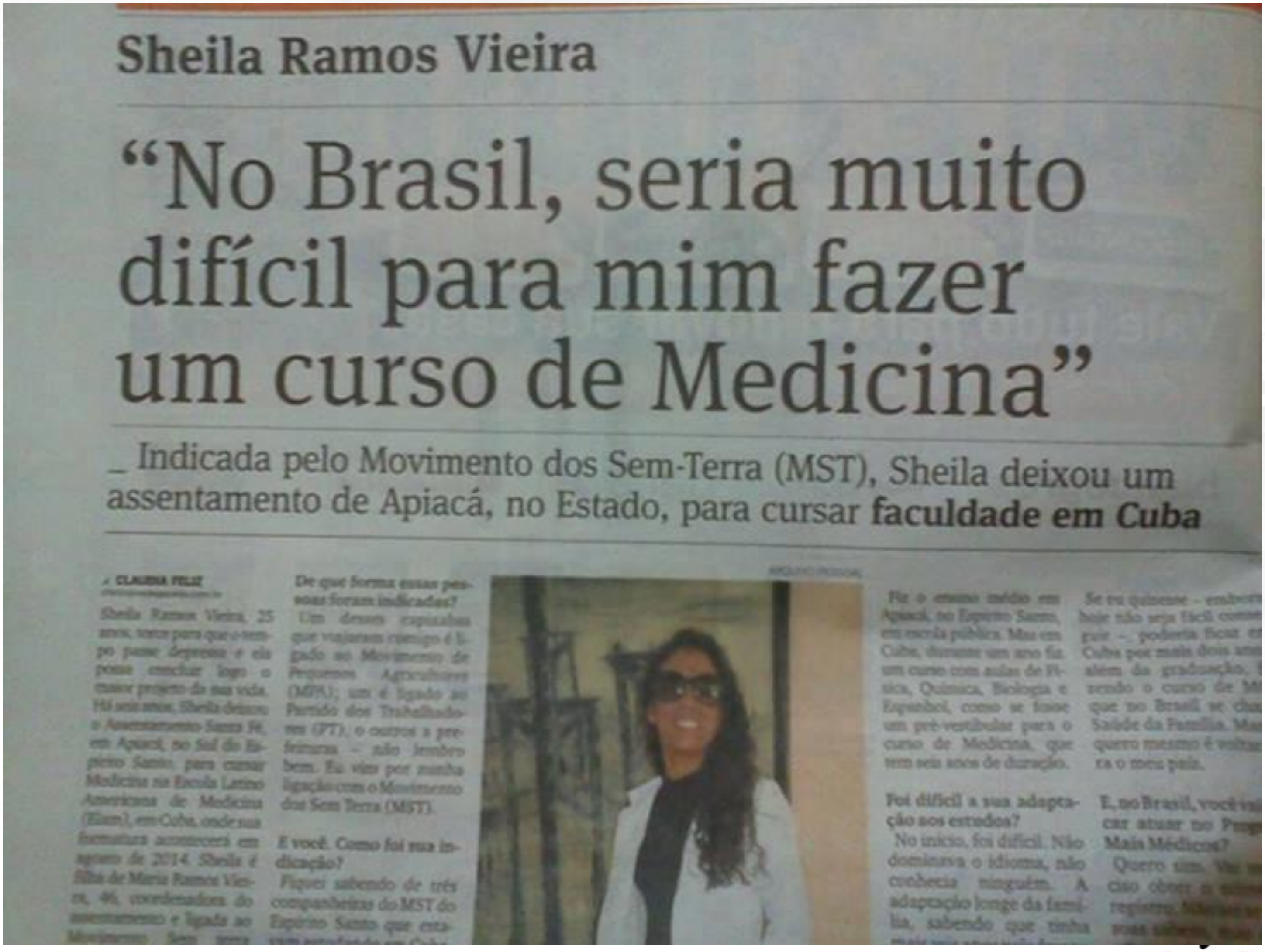

Sheila Ramos Vieira

“No Brasil, seria muito difícil para mim fazer um curso de Medicina”

_ Indicada pelo Movimento dos Sem-Terra (MST), Sheila deixou um assentamento de Apiacá, no Estado, para cursar **faculdade em *Cuba***

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

#momentopraca

Liliane Garcia

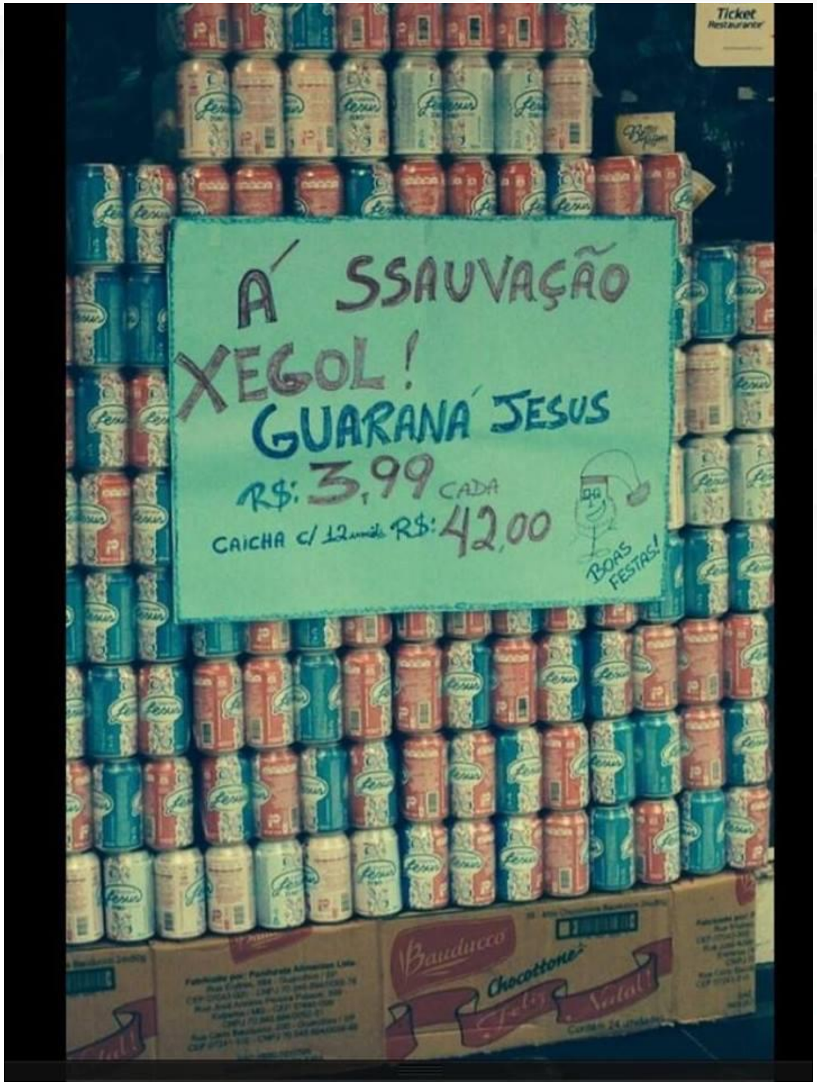
Á SSAUVAÇÃO
XEGOL!
GUARANÁ JESUS
R$: 3,99 CADA
CAICHA c/ 12 unid. R$: 42,00
BOAS FESTAS!
Ticket Restaurante
Bauducco
Chocottone
Feliz Natal!

GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

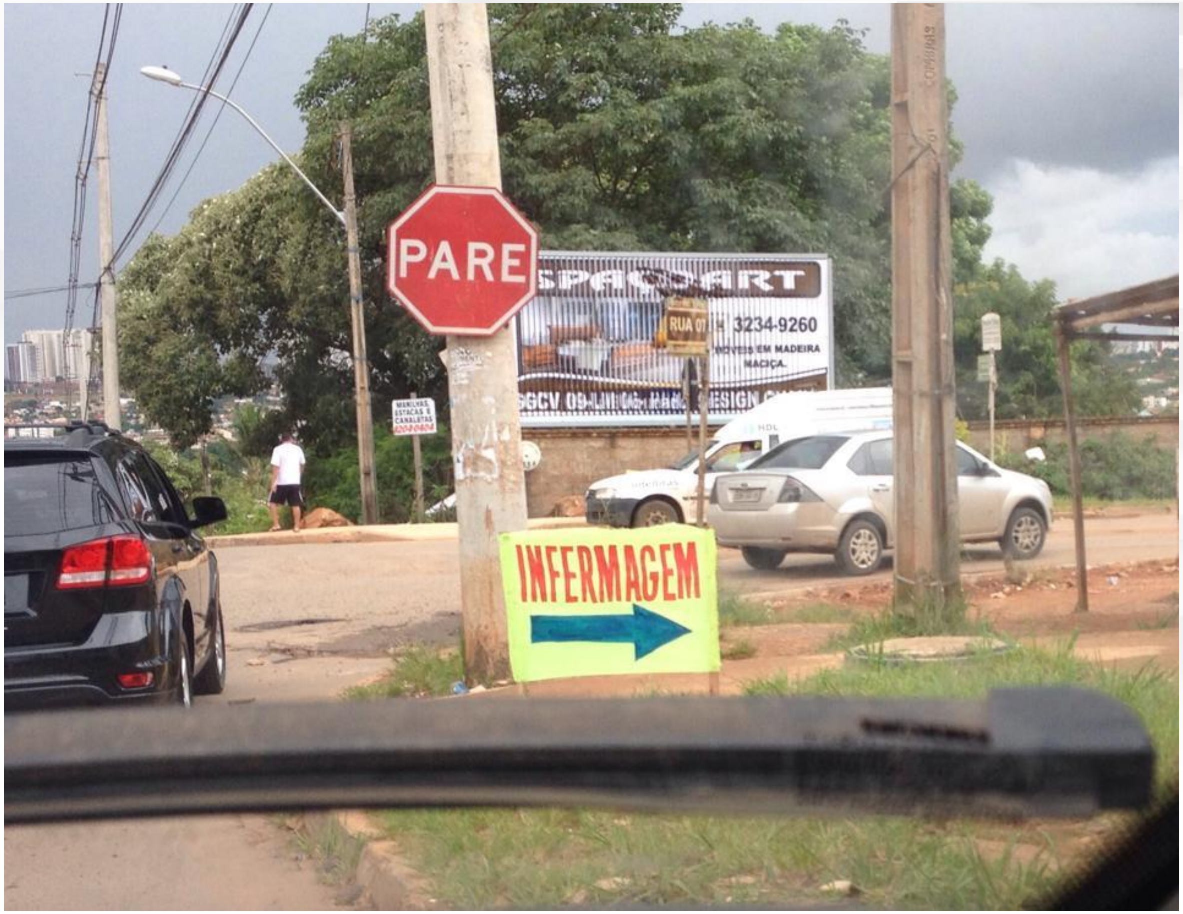
PARE
RUA 01
3234-9260
MÓVEIS EM MADEIRA MACIÇA
INFERMAGEM

#momentopraca

Moises Araujo

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

#falanerd

Taynara Alessandra

“Oi professor! estou com uma dúvida! sabe quando a banca propõe que seja desfeita uma contração? isso é possível? torna a questão errada? ou depende do contexto? muito obrigada!”

Aula 05

Português p/ DETRAN-CE (Agente de Trânsito e Fiscal de Transportes) Com videoaulas

Professor: Felipe Luccas

23277017915 - Davi Pedro da Silva

AULA 05

PONTUAÇÃO

SUMÁRIO

SUMÁRIO 1
Pontuação - Noções Introdutórias 2
Princípios Gerais 2
Vírgula, respiração e semântica. 7
O uso da vírgula 8
Uso do ponto e vírgula 35
Uso do sinal de dois pontos (:) 37
Uso das reticências: 43
Uso das aspas: 45
O uso do travessão: 49
Uso dos parênteses: 51
Lista de questões 56
Gabaritos 76

Felipe Luccas Rosas
feluccas@gmail.com

Siga-me no **Periscope**: **@felipelcoach**
Em breve, novidades!

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Pontuação - Noções Introdutórias

Olá, pessoal! Estamos de volta para aprender um assunto que vai te render uma ou duas questões garantidas na sua prova, fora a pontuação numa eventual prova discursiva. Vamos desmistificar esse assunto de uma vez por todas, adiante!!!

A pontuação serve para dar sentido a um texto escrito. Ainda que você seja daqueles alunos que, pelo hábito da leitura, aprendeu a usar a pontuação de maneira intuitiva, é preciso saber que isso, por si só, não basta para concurso público. As bancas têm exigido a **justificativa para o uso do sinal de pontuação** e as explicações para a pontuação têm sempre fundamento na análise sintática.

Nesta aula mostrarei os princípios básicos da pontuação, um raciocínio amplo para entender por que os termos devem vir pontuados de determinada maneira. Depois, vamos esmiuçar esses princípios em diversas regras de uso e suas justificativas gramaticais, do jeito que as bancas cobram.

Obs: Não se assuste com o tamanho dessa aula, pois há mais de 100 questões recentes comentadas!!

Princípios Gerais

Como sabemos, a ordem natural da organização de uma sentença na nossa língua é **SuVeCA**. É a chamada "ordem direta".

Sujeito + Verbo + Complemento (+ Adjuntos)

Eu	**comprei**	**uma bicicleta**	**semana passada**
Maria	**foi**	**trabalhar**	**de táxi**
Nós	**gostamos**	**de comer**	**em rodízios**

Essa ordem é fluída, intuitiva, natural. A inversão desses termos ou a inclusão de outros termos entre eles tem implicações na pontuação, para que ainda seja possível enxergar a relação de sentido e a sequência natural da frase.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Então, segue o **primeiro princípio fundamental da pontuação**:

Na ordem direta, a vírgula não pode separar esses termos. Qualquer termo que vier entre eles deve estar **entre vírgulas**, devidamente isolado para não interferir nessa ordem direta.

Sujeito,____ ,Verbo, ____ ,Complemento, ____ , Adjuntos, ____.

Em outras palavras, isso significa que não pode haver separação entre:

Sujeito e seu verbo.

Verbo e seu complemento.

Complemento e seu adjunto.

Predicativo de seu sujeito ou objeto.

Porém, se houver algum termo intercalado entre esses, ele deve estar isolado por pontuação: por vírgulas, parênteses, travessões.

Pedro comprou um carro de corrida.

Repito: não poderia haver nenhuma vírgula entre esses termos. Porém, poderia haver outros termos intercalados, isto é, entre um termo e outro, caso em que deve estar devidamente indicado e isolado por pontuação.

Pedro,____ ,comprou, ____ ,um carro, ____ , de corrida, ____.

Pedro*, sem pensar muito,* comprou*, a prazo e sem poder pagar ,* um carro*, que mais parecia uma nave ,* de corrida*, ontem à noite — que louco!*

Os **adjuntos**, termos que indicam circunstância adverbial, devem vir no final segundo a ordem direta. Se estiverem **deslocados, geralmente, devem ser pontuados,** conforme veremos nas regras de uso das vírgulas.

O **segundo princípio** relevante sobre a pontuação é: termo que indique **"esclarecimento" deve estar separado por pontuação**. Por "esclarecimento", de forma ampla, devemos entender expressões que desenvolvam o sentido de termos anteriores, acrescentem informações, detalhes, explicações, adendos, extensões. Esses "esclarecimentos" podem tomar forma de *adjuntos adnominais, adjuntos adverbiais, predicativos do sujeito, apostos explicativos, orações interferentes, entre outros*. Vamos detalhar essas possibilidades; mas, para entender melhor, tente, desde já, incorporar o

23277017915 - Davi Pedro da Silva

princípio geral de que esses termos virão marcados por pontuação.

Momento de reflexão... Pessoal, eu uso a palavra "princípios" e não "regras" por um motivo: há muita divergência entre gramáticos sobre o uso da pontuação e eventualmente você encontrará exemplos que contrariem em algum grau esses princípios, veja:

Ex: *O aluno, empolgado, estudou duas horas a mais.*
(predicativo, com verbo de ligação omitido, separado por vírgula)

Ex: *Que você já tinha jantado, eu já sabia.*
(objeto direto em forma de oração antecipado, separado do verbo)

Ex: A casa, de madeira, não resistiu ao furacão.
(adjunto adnominal separado do nome)

No entanto, esses casos cabem no segundo princípio, pois **são expressões de "explicação" ou ênfase** e são pouco comuns, além de serem casos de pontuação não obrigatória. As questões de prova pedem quase sempre que você identifique um erro mais crasso, uma separação prejudicial entre termos que seguem uma ordem direta e fluída.

Veja esse outro exemplo:

Ex: Quem compra, compra algo.
(sujeito separado do verbo??Com ou sem vírgula?)

*Segundo posicionamento da Academia Brasileira de Letras: "**a vírgula é de regra**. Não se estaria separando o sujeito do verbo, pois são duas orações, uma delas com o pronome relativo condensado. Eis a análise sugerida pelo Professor Rocha Lima para este tipo de período: (Aquele) compra algo=principal/que compra=subordinada adjetiva. Eis outros exemplos semelhantes: Quem tem boca, vai a Roma; Quem desdenha, quer comprar. Põe-se a vírgula quando se profere com pausa maior a segunda parte do enunciado."*

Já o gramático Sacconi defende que é caso de vírgula facultativa.

A língua portuguesa não é uma ciência exata e há bastante divergência entre gramáticos e até entre bancas.

Portanto: não se preocupe em decorar ou entender profundamente a explicação acima, trouxe esses exemplos só para você ficar preparado para casos que podem ter uma explicação excepcional, ou de uma doutrina gramatical minoritária. **REPITO: para a prova, guarde os princípios básicos e use-os para entender melhor as regras gerais que virão a seguir nessa aula.**

Moral da história: para pôr fim a essa polêmica, se vier em prova, marque a regra geral: não use vírgula. **A visão tradicional é que não se coloca vírgula entre sujeito e verbo, mesmo que esse sujeito seja uma**

23277017915 - Davi Pedro da Silva

oração. Veja o exemplo de prova:

Quem cuida da saúde conta com os recursos do corpo, já quem cultiva uma amizade conta com o conforto moral. (Item correto, **sem vírgula!!**)

Devemos saber que nas provas aparecem textos como o período destacado acima, enormes, fora da ordem direta, com várias intercalações de termos ou orações inteiras. Você deve tentar identificar os termos da ordem direta para poder organizar seu pensamento e ver aqueles que estão deslocados. Se você for capaz de identificar as funções sintáticas básicas, sujeito, complemento, adjuntos, e organizar o período, já vai ser capaz de acertar muitas questões, pois as bancas adoram inserir uma vírgula entre esses termos da ordem direta. Na confusão de um período longo, o aluno não percebe.

Bem, só por saber esse princípio de marcar com pontuação um segmento que venha entre os termos básicos da oração, já podemos resolver uma questão recente.

1. (FGV / IBGE / 2016) - Adaptada

> A frase abaixo, de Millôr Fernandes, exemplifica o emprego da vírgula por inserção de um segmento entre sujeito e verbo:
>
> *"O difícil, quando forem comuns as viagens interplanetárias, será a gente descobrir o planeta em que foram parar as bagagens";*

Comentários:

Vamos colocar em ordem direta:

[o difícil] será [A gente descobrir o planeta em que foram parar as bagagens]
Sujeito **Verbo** **Predicativo**

Vamos focar no sujeito e no verbo:

O difícil, quando forem comuns as viagens interplanetárias, será...
Sujeito **segmento intercalado** **Verbo**

De fato, as vírgulas foram usadas para isolar elemento intercalado entre o sujeito e o verbo, já que não pode haver termo solto entre eles. Ao longo da aula veremos que esse "segmento" pode ser várias coisas, orações explicativas, apostos, vocativos, orações adverbiais (como na questão). Mas o princípio por trás de todas essas regras é esse que foi explicado acima. Questão correta.

2. (CESPE / TCU / 2015) - Adaptada

> *Escreve H. Summer Maine que algumas experiências societárias, ao permitirem o declínio do poder real e o enfraquecimento de monarcas hereditários, acabaram por favorecer a emergência de aristocracias...*

23277017915 - Davi Pedro da Silva

> O emprego de vírgula logo após "H. Summer Maine" prejudicaria a correção gramatical do período.

Comentários:

Vamos aplicar o princípio da ordem direta:

H. Summer Maine* *Escreve *[**que algumas experiências societárias, ao permitirem o declínio do poder real e o enfraquecimento de monarcas hereditários, acabaram por favorecer a emergência de aristocracias**...]*

H. Summer Maine Escreve *[**ISTO**]*

Temos **sujeito**+**verbo**+**complemento** (objeto direto oracional). Não pode haver vírgula separando esses termos. A inclusão de vírgula após o verbo vai prejudicar a correção gramatical do período. Questão correta.

3. (FGV / TJ PI / 2016) - Adaptada

> *"Atualmente, a grande maioria dos casos de adultério é combinada por telefones pessoais, pois dessa forma não há tanto risco de outra pessoa atender às ligações".*
>
> A afirmação correta sobre a estrutura desse segmento do texto 1 é: a primeira vírgula do segmento marca a presença de um termo deslocado da ordem direta.

Comentários:

Na ordem direta, os termos adverbiais (advérbios, locuções adverbiais, orações adverbiais) vêm ao final. Na questão, temos um advérbio de tempo logo na posição tópica, inicial do período. Por estar desl ocado, veio marcado por vírgula. Questão correta.

4. (CESPE / Téc. Judiciário / STJ / 2012) - Adaptada.

> *A um coronel que se queixava da vida no quartel, um jornalista disse:*
>
> *— O senhor não sabe como é chato militar na imprensa.*
>
> Com relação às ideias e aos aspectos linguísticos do trecho acima, julgue os itens a seguir. O emprego da vírgula após "quartel" é facultativo.

Comentários:

Essa questão é polêmica. Alguns gramáticos defendem a posição majoritária que os complementos verbais não devem ser separados do verbo nunca. Outros, como Rocha Lima, defendem que, se estiverem no começo do período, a vírgula é obrigatória. Diante dessa polêmica, para concursos, **a vírgula é facultativa para separar objeto direto ou indireto que venha deslocado, no início do período**. Independente da polêmica, guarde que **isso é a posição do CESPE/UNB**. Questão correta.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Vírgula, respiração e semântica.

Para aprender bem essa matéria, esqueça aquela história de que a vírgula é para respirar ou para fazer pausas. Um professor da minha adolescência já dizia: "vírgula não é para ajudar a respiração, ou seria remédio para asma e bronquite". A vírgula é essencialmente um **marcador de funções sintáticas**.

A vírgula é o sinal de pontuação mais cobrado em prova e o que tem mais regras. A sua presença ou omissão altera sintática e semanticamente o texto:

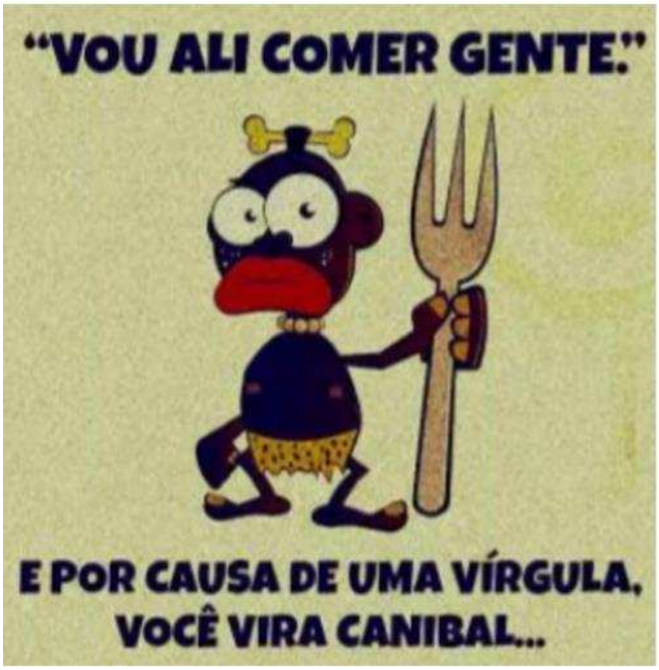
"VOU ALI COMER GENTE."
E POR CAUSA DE UMA VÍRGULA,
VOCÊ VIRA CANIBAL...

A imagem, retirada do *pinterest,* mostra bem como a ausência da vírgula pode mudar todo o sentido.

O correto seria inserir uma vírgula após "comer", para separar o vocativo "gente": vou ali comer, gente.

A ausência da vírgula faz que a palavra "gente" tenha função sintática de objeto direto do verbo "comer". Nesse caso, em vez de *"gente"* ser um chamamento ao ouvinte, torna-se aquilo que é comido pelo falante!

Vamos comparar outros exemplos de mudança de sentido por uso da vírgula.

Ex: João**,** o Auditor multou a empresa. (João é vocativo, Auditor é sujeito)
Ex: João**,** o Auditor**,** multou a empresa. (João é sujeito, Auditor é aposto explicativo)

Ex: Os servidores que fizeram greve levaram falta. (alguns levaram falta)
Ex: Os servidores**,** que fizeram greve**,** levaram falta. (todos levaram falta)

Ex: Não espere por mim! (vá na frente.)
Ex: Não**,** espere por mim! (vamos juntos.)

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Ex: "Vamos perder nada, foi resolvido." (não haverá perda.)
Ex: "Vamos perder, nada foi resolvido." (haverá perda.)

Ex: Se o homem soubesse o valor que tem, a mulher andaria de quatro à sua procura. (A mulher anda à procura do homem que sabe o próprio valor)
Ex: Se o homem soubesse o valor que tem a mulher, andaria de quatro à sua procura. (O homem anda à procura da mulher porque sabe o valor dela)

Eu trouxe esses exemplos porque a banca gosta de perguntar se uma vírgula pode ser suprimida ou mudar de posição. Nesse caso, devemos analisar as consequências sintáticas e semânticas.

5. (CESPE / SEDF / 2017)

> *Quando indaguei a alguns escritores de sucesso que manuais de estilo tinham consultado durante seu aprendizado, a resposta mais comum foi "nenhum". Disseram que escrever, 4 para eles, aconteceu naturalmente.*
>
> No que se refere ao texto precedente, julgue o item a seguir.
>
> Em "Disseram que escrever, para eles, aconteceu naturalmente", a supressão das vírgulas preservaria a correção gramatical do período, mas prejudicaria seu sentido original.

Comentários:

Na redação original, a expressão adverbial "para eles" indica opinião: na opinião deles, aconteceu naturalmente. Poderíamos entender também que tem sentido de "com eles": escrever aconteceu naturalmente com eles, na vida deles.

Se tirarmos as vírgulas, "para eles" passa a ser objeto de "escrever". Então, o sentido original muda, pois agora se escreve **para alguém (escrever para eles)**. Portanto, a ausência de vírgulas mudou o sentido e a análise sintática. Questão correta.

O uso da vírgula

Agora vamos ver as principais regras de uso da vírgula. Vocês vão observar como elas se encaixam nos princípios que trouxe no início da aula.

Não vamos ser rigorosos com nomenclatura, pois isso varia muito entre bancas e questões. De modo geral, "marcar", "separar" e "isolar" serão sinônimos, embora "isolar" geralmente signifique mais especificamente que o termo está entre vírgulas ou sinal que as substitua. Do mesmo modo, "deslocado" significa que o termo está fora da posição tradicional, pode ser sinônimo de "anteposto", se estiver ***antes*** do verbo ou oração a que se refere, e "intercalado", se estiver entre termos, no meio. Esse é o vocabulário mais tradicional. Na sequência teremos tópicos com as principais finalidades das vírgulas. Vamos em frente!!!!!!

Separar adjuntos adverbiais deslocados, antepostos, intercalados. ("circunstância"—termos ou orações.):

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Os adjuntos adverbiais expressam **circunstância** relacionada à ação verbal, como *tempo, modo, motivo, condição, concessão, instrumento, finalidade*. Podem vir na forma de orações subordinadas adverbiais, introduzidas pelas conjunções subordinativas adverbiais (*quando, embora, porque, como, conforme, à medida que, na medida em que, para que, tanto...que*). Então, essa regra vale para orações subordinadas adverbiais e termos adverbiais.

Nem sempre você saberá classificar exatamente qual é a circunstância. Mas é importante lembrar que ela se referirá ao modo que o verbo é praticado.

Na ordem direta, os termos e orações adverbiais vêm ao final. Se deslocados, como regra, devem vir separados por vírgula:

Ex: Vou jogar xadrez na casa de minha namorada. (adjunto na posição final)

Ex: Na casa de minha namorada**,** vou jogar xadrez. (adjunto deslocado)

Ex: Vou jogar**,** em casa**,** xadrez até a madrugada. (adjunto deslocado)

Ex: Inscrevi-me no concurso sem pensar muito. (adjunto na posição final)

Ex: Sem pensar muito**,** inscrevi-me no concurso. (adjunto deslocado)

Ex: Inscrevi-me**,** sem pensar muito**,** no concurso. (adjunto deslocado)

No primeiro exemplo, temos uma circunstância de lugar: adjunto adverbial de lugar.

No terceiro exemplo, temos uma circunstância de modo: adjunto adverbial de modo.

Os termos ou orações que indiquem circunstância devem vir separados por vírgulas quando estiverem fora de sua posição natural, ou seja, quando não estiverem no final do período.

Feita essa explanação, memorize:

As vírgulas são usadas para separar orações subordinadas adverbiais, principalmente quando antepostas à oração principal.

Ex: Quando cheguei, o cão ficou feliz.

Ex: Se eu pudesse, viajaria mais.

Ex: A terra estava molhada, porque tinha chovido muito.

Ex: Embora seja gentil, costuma elevar a voz.

Ex: Para que ele viesse, foi necessário muito incentivo.

Ex: Conforme prescreve a lei, furto é crime o abandono de animais.

Ex: A persistirem os sintomas, um médico deverá ser consultado.

Ex: Havendo possibilidade, faça questões das melhores bancas.

Ex: Feito o trabalho, você receberá o pagamento.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

ATENÇÃO: se a circunstância (termo adverbial ou oração subordinada adverbial) estiver após a oração principal, na ordem direta, a vírgula é facultativa. Se estiver anteposta, deve vir marcada por vírgula.

Juntamente com a regra acima, você deve ter outro detalhe em mente: se o adjunto adverbial vier fora de sua posição natural, mas for uma ***expressão simples e curta, de pequena extensão (um advérbio, por exemplo), a vírgula é facultativa***. Se for um adjunto adverbial longo, a vírgula é obrigatória. Existe muita polêmica e subjetividade sobre o que seria longo ou curto. **Para a prova**, leve a opinião majoritária, que é confirmada pela Academia Brasileira de Letras: **Adjunto curto é aquele que tem até duas palavras**; três palavras ou mais forma um **adjunto adverbial longo, que deve ser obrigatoriamente separado por vírgula quando for deslocado**.

Ex: Hoje (**,**) eu vou beber até perder a memória. (**vírgula facultativa**)

Ex: Amanhã (**,**) vou acordar arrependido. (**vírgula facultativa**)

Ex: De tarde (**,**) quero descansar... (**vírgula facultativa**)

Ex: Depois de muito esforço e sacrifício (**,**) ela conseguiu. (**Vírgula obrigatória**)

Ex: Embora fosse impossível (**,**) ela realizou a façanha. (**Vírgula obrigatória**)

Ex: Se tudo der certo (**,**) o dólar vai baixar. (**Vírgula obrigatória**)

Reitero: a função da vírgula de separar orações adverbiais deslocadas (antepostas, intercaladas) é muito cobrada em prova, especialmente com orações reduzidas. Oração deslocada pede vírgula. Fique atento!!!

HORA DE
PRATICAR!

6. (IESES / Assistente Social / 2017)

> Assinale C (certo) ou E (errado) para a justificativa do emprego da vírgula na proposição a seguir.
>
> *( ) Em: "quando a prática do envio de SMS já está enraizada, após um ano, 'não há nenhuma ligação entre o nível de ortografia tradicional e a forma dos SMS'", as vírgulas justificam-se por estar isolando um adjunto adverbial intercalado.*

Comentários:

Veja: "quando a prática do envio de SMS já está enraizada**, após um ano,** 'não há nenhuma ligação entre o nível de ortografia tradicional e a forma dos SMS'".

23277017915 - Davi Pedro da Silva

As vírgulas estão isolando circunstância adverbial de tempo, num termo intercalado. Questão correta.

7. (CESPE / Suframa / 2014)

> *Após fechar outubro com índice histórico de mão de obra direta **(127.800 trabalhadores)**, o Polo Industrial de Manaus (PIM) deu sequência aos bons resultados e encerrou novembro de 2013 com novo recorde de empregos: 129.663 trabalhadores, entre efetivos, temporários e terceirizados. O faturamento acumulado do PIM no período de janeiro a novembro de 2013 também avançou, totalizando R$ 76,6 bilhões (US$ 35.7 bilhões), registrando-se crescimento de 12,40% (2,04% na moeda americana) em relação ao mesmo período de 2012.*
>
> *Os dados fazem parte dos indicadores de desempenho do PIM, os quais são apurados mensalmente pela SUFRAMA junto às empresas incentivadas do parque industrial da capital amazonense.*
>
> A vírgula empregada após "(127.800 trabalhadores)" isola oração subordinada adverbial anteposta.

Comentários:

A oração subordinada adverbial temporal está no início, anteposta. Temos um caso de vírgula obrigatória. Questão correta.

8. (IESES / Assistente Social / 2017)

> Assinale C (certo) ou E (errado) para a justificativa do emprego da vírgula na proposição a seguir.
>
> ( ) Em: *"Esse estudo mostra que, quando os jovens começam a escrever SMS, é o nível de escrita tradicional que determina a forma dos SMS enviados", as vírgulas estão isolando uma oração subordinada adverbial.*

Comentários:

Veja: "Esse estudo mostra que***, quando os jovens começam a escrever SMS,*** é o nível de escrita tradicional que determina a forma dos SMS enviados"

As vírgulas isolam oração adverbial de tempo, intercalada entre a oração principal: *"Esse estudo mostra..."* e "que determina a forma dos SMS enviados", oração que funciona como objeto direto. Questão correta.

9. (FCC / TRF 3ª REGIÃO / 2016) - Adaptada

> *Mas foi com o samba que João Gilberto rompeu as estruturas da nossa canção. E se o rompimento não foi universal, culpa é do brasileiro, que não tem vocação pra exportar coisa alguma.*
>
> Sem prejuízo para a correção e o sentido, pode-se acrescentar uma vírgula imediatamente após o termo "E", em E se o rompimento não foi universal...

Comentários:

E**, se o rompimento não foi universal,** culpa é do brasileiro, que não tem vocação pra exportar coisa alguma.

Se incluirmos a vírgula, isolaremos a oração adverbial deslocada (oração

23277017915 - Davi Pedro da Silva

condicional), exatamente como manda a regra. Questão correta.

10. (Instituto Excelência / Almoxarife / 2017) Adaptada

> Analise a pontuação do item abaixo:
>
> III – "E de repente, eu me vi em uma missão!".
>
> Em III, a vírgula é utilizada a fim de separar o adjunto adverbial antecipado.

Comentários:

Exatamente. "De repente" indica a circunstância da forma verbal "vi". Questão correta.

11. (ESAF / ANAC-Técnico Administrativo / 2016)

> Assinale a opção em que a pontuação permanece correta, apesar de ter sido modificada.
>
> a) Há quase dois anos, fui empossado técnico administrativo (...)
>
> b) (...) na ANAC, de São Paulo e estou muito satisfeito de trabalhar lá.
>
> c) (...) na administração pública, porém; preferi, ficar onde estou (…)
>
> d) Sinceramente sou partidário, do "não se mexe, em time que está ganhando".
>
> e) Trabalho na área administrativa, junto com outros técnicos e analistas, além de ser, gestor substituto (…)

Comentários:

Não é necessário o texto, pois a banca pede aquela que permanece correta.

A única correta está logo na letra a, em que temos uma oração temporal antecipada (há quase dois anos), anteposta à principal. Nesse caso, a vírgula é obrigatória.

Na letra b, separou-se o nome de seu adjunto. Na c, um verbo de outro numa locução. Na d, separou-se o verbo de seu objeto indireto "em time". Na e, separou-se o "ser" de seu predicativo "gestor".

12. (CESPE / INSS / 2016) - Adaptada

> *Consta-nos que o autor, solicitado pelos numerosos amigos, leu há dias a comédia em casa do Sr. Estêvão Soares...*
>
> Acerca de aspectos linguísticos do texto, julgue o item a seguir.
>
> A correção gramatical e o sentido do texto seriam mantidos caso o termo "em casa" fosse isolado por vírgulas.

Comentários:

"Casa do Sr. Estêvão Soares" é uma expressão nominal composta de um nome "casa" e seu adjunto adnominal "do Sr. Estêvão Soares". Não podemos separar com vírgula o nome de seu adjunto ou de seu complemento. Seria a mesma coisa que separar "casa, de madeira" ou "camisa, azul. Questão incorreta.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

13. (CESPE / CPRM / 2016) - Adaptada

> *Por meio de ações governamentais, todos os cidadãos devem ser constantemente instruídos...*
>
> O emprego da vírgula que isola a expressão "Por meio de ações governamentais" é obrigatório.

Comentários:

A posição correta dos adjuntos adverbiais na ordem direta é no fim da frase. Quando está no início ou no meio, dizemos que está deslocado. Nesses casos, a vírgula é obrigatória. Na questão, temos um adjunto adverbial antecipado, de grande extensão (3 ou mais palavras), expressando circunstância de "meio"; então, a vírgula é obrigatória. Questão correta.

14. (CESPE / INSS / 2016) - Adaptada

> *[...] Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação.*
>
> No período "Tanto que, quando (...) momento de hesitação", o emprego de todas as vírgulas deve-se à mesma regra de pontuação.

Comentários:

Havia duas maneiras de analisar essa questão: a mais fácil era observar que a oração principal está no final e todos os termos estão "deslocados" na ordem direta, pois estão antepostos. Essa seria a razão das vírgulas.

A segunda seria mais sutil, mas também levaria ao mesmo resultado.

Vejamos a ordem direta: Tive um momento de hesitação [quando seu Joaquim, ***ao preencher a nota de encomenda***, perguntou-me onde seria entregue a estante].

A oração destacada em amarelo é a principal; a em azul, a adverbial de tempo. Pense nela como um enorme advérbio de tempo: tive um momento de hesitação agora. Dentro dessa oração adverbial que expressa circunstância de tempo, há outra oração adverbial: ***ao preencher a nota de encomenda***, reduzida de infinitivo, também com circunstância de tempo. Essa oração também é um adjunto adverbial de tempo. Em suma, as vírgulas estão isolando orações deslocadas que expressam circunstância de tempo. O fato de uma estar desenvolvida e outra estar reduzida de infinitivo não faz que sejam regras diferentes. Falando a "língua da banca": essas vírgulas são obrigatórias porque isolam orações subordinadas adverbiais temporais deslocadas.

Gabarito correta.

15. (CESPE / TCE SC / 2016) - Adaptada

> *Nesse sentido, a gestão de integridade refere-se às atividades empreendidas para estimular e reforçar a integridade e também para prevenir a corrupção e outros desvios dentro de determinada organização.*
>
> O trecho "e também" poderia ser corretamente isolado por vírgulas, recurso que lhe conferiria ênfase.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Comentários:

Veja que é uma estrutura aditiva clara, indicando finalidade: atividades empreendidas para [1] **isso** (estimular...) **E** para [2] **aquilo** (prevenir). Como a circunstância adverbial de finalidade está no final, não está deslocada, então não demanda vírgula.

"Também" é um advérbio, tem função de adjunto adverbial. Por ter somente uma palavra, não precisa estar isolado por vírgulas, mesmo deslocado. Se estivesse, de fato, seria por motivo de ênfase. O problema é que a banca não isolou somente o advérbio, mas, além dele, a conjunção "e". Isso não pode, pois vai quebrar a sequência aditiva acima. Experimente subtrair o "e também" e veja que vai ficar faltando um conector entre dois termos coordenados: "para estimular e reforçar a integridade" e "para prevenir a corrupção". Questão incorreta.

16. (CESPE / TJ DFT / 2015) - Adaptada

> *Enquanto cientistas e governos buscam novas fontes de energias sustentáveis, faça sua parte.*
>
> A vírgula empregada logo depois de "sustentáveis" é obrigatória, e sua supressão prejudicaria a correção gramatical do texto.

Comentários:

Enquanto é uma conjunção temporal e introduz uma oração adverbial temporal que está na frente da principal, ou seja, deslocada. Quando a oração adverbial estiver anteposta à principal, temos um caso de vírgula obrigatória. Questão correta.

17. (CESPE / TELEBRAS / 2015) - Adaptada

> *A partir de dados coletados com base em censos do Reino Unido, os pesquisadores verificaram diminuição de empregos que envolviam grande esforço, como trabalho e minas de carvão...*
>
> A correção gramatical e o sentido do texto seriam mantidos caso, no início do segundo parágrafo, fosse inserida uma vírgula imediatamente após "coletados" e suprimida a utilizada logo após "Reino Unido".

Comentários:

A vírgula após Reino Unido se justifica pela presença de uma oração adverbial deslocada. Sua presença é obrigatória e não poderia ser suprimida sem prejuízo à correção gramatical. Só por isso já podemos dizer que o item está incorreto.

Agora vamos explorar mais profundamente as possibilidades de pontuação desse período. Veja como ficaria a substituição proposta pela banca:

A partir de dados coletados, com base em censos do Reino Unido os pesquisadores verificaram diminuição de empregos que envolviam grande esforço...

Veja que não há mais vírgula para separar a oração adverbial que vem anteposta à principal, marcada em amarelo. Uma possibilidade que manteria a correção seria inserir uma vírgula após Unido, dessa forma, o termo entre vírgulas

23277017915 - Davi Pedro da Silva

ganharia um caráter explicativo e a oração adverbial deslocada continuaria marcada:

A partir de dados coletados, com base em censos do Reino Unido, os pesquisadores verificaram diminuição de empregos que envolviam grande esforço... Questão incorreta.

18. (FGV / Fiscal ISS Niterói / 2015) - Adaptada

> Entre os segmentos do texto 1, aquele que mostra o emprego de vírgula em função de um adjunto adverbial deslocado é: *"Hoje, tudo se reduz a uma questão de marketing".*

Comentários:

Hoje é um advérbio que traz circunstância de tempo, tem função sintática de adjunto adverbial de lugar. Sua posição na ordem direta é ao final da frase. Como "hoje" apareceu deslocado, no início, foi marcado por vírgula. Lembre-se também de que, por ser um termo pequeno, de uma única palavra, essa vírgula é facultativa. Questão correta.

19. (CESPE / SEDF / 2017)

> *Um estudo coordenado pela Fundação Getúlio Vargas aponta que, enquanto 80% dos professores de educação infantil da rede pública do país têm nível superior completo, 65,6% dos 4 docentes dessa mesma etapa na rede privada têm igual escolaridade.*
>
> Acerca dos sentidos e de aspectos linguísticos do texto anteriormente apresentado, julgue o item que se segue.
>
> A correção gramatical do texto seria mantida caso a vírgula empregada logo depois de "que" fosse suprimida.

Comentários:

A expressão **", enquanto 80% dos professores de educação infantil da rede pública do país têm nível superior completo,"** está entre vírgulas por ser um adjunto adverbial deslocado, de grande extensão. Não é possível retirar as vírgulas. A retirada de uma vírgula só também vai separar a conjunção integrante "que" do restante da oração que introduz...

Um estudo coordenado pela Fundação Getúlio Vargas aponta que, 65,6% dos 4 docentes dessa mesma etapa na rede privada têm igual escolaridade.

Questão incorreta.

20. (CESPE / CONTADOR TEM / 2014) Adaptada

> *Saiu finalmente a conta da contribuição da nova classe média brasileira — aquela que, na última década, ascendeu ao mercado de consumo, como uma avalanche de quase 110 milhões de cidadãos.*
>
> No que se refere aos aspectos linguísticos e às ideias do texto acima, julgue o próximo item.
>
> O vocábulo "finalmente" poderia ser corretamente empregado entre vírgulas.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Comentários:

Quando a banca diz "poderia", ela declara o caráter facultativo das vírgulas para isolar adjunto adverbial de pequena extensão. Como regra geral, até duas palavras, o adjunto adverbial é considerado de pequena extensão e pode aparecer sem estar isolado por vírgulas. Se o adjunto vier entre vírgulas, também é correto e tem um efeito enfático. Questão correta.

21. (IESES / Assistente Social / 2017)

> Assinale C (certo) ou E (errado) para a justificativa do emprego da vírgula na proposição a seguir.
>
> Em: *"Uma vez que o celular e o SMS são usados com facilidade e entusiasmo por adolescentes, eles poderiam ser usados como um suporte de aprendizado escolar",* a vírgula justifica-se por estar isolando uma oração reduzida antecipada.

Comentários:

A vírgula justifica-se por estar isolando uma oração explicativa, que não está reduzida, pois o verbo está conjugado "são". Orações reduzidas trazem o verbo nas formas nominais: infinitivo (ser), gerúndio (sendo) e particípio (sido). As orações reduzidas seguem as mesmas regras de pontuação que as desenvolvidas. Se vierem deslocadas, devem ser marcadas por pontuação.

Separar orações interferentes:

Essa regra é um subtipo da regra das orações intercaladas, pois a oração interferente é aquela que interrompe o período, que *interfere* na ordem direta, com um adendo, explicação ou comentário do autor:

Ex: Acontece que a donzela**, isso era segredo dela,** também tinha seus caprichos.

Ex: A vizinha**, somente fiquei sabendo agora,** guardava um corpo no freezer!

Essas orações interferentes podem vir também marcadas por vírgula ou travessão.

22. (IFPE / Técnico Eletrônica / 2017)

> Julgue a correção do item a seguir: Em *"Com o tempo você vai se acostumando e percebe que, pasmem, ainda é português!",* as vírgulas que isolam a forma verbal *"pasmem"* poderiam ser substituídas por dois travessões.

Comentários:

Temos aqui, no meio do fluxo sintático, uma oração interferente, isto é, uma fala do autor interrompendo o que ia dizendo. Questão correta.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Separar o aposto:

O aposto é um termo explicativo de valor substantivo que desenvolve ou esclarece um termo anterior. Por ter natureza explicativa e acessória, normalmente vêm marcado por vírgulas e pode ser retirado.

Ex: Ares**,** o deus da guerra**,** inspirava os troianos. (aposto explicativo)

Ex: O Presidente do Senado**,** Renan Calheiros**,** jurou ser inocente. (aposto explicativo)

Se bater aquela dúvida sobre se realmente aquelas vírgulas estão bem posicionadas, retire o termo entre vírgulas e veja se ainda faz sentido.

Ex: Ares inspirava os troianos.

Ex: O Presidente do Senado jurou ser inocente.

Viu? As frases continuam perfeitas. Isso corrobora o caráter explicativo e acessório do aposto. Ele pode ser retirado sem prejuízo da correção.

Vamos prosseguir estudando outros **tipos de aposto**.

Ex: Planejamento, disciplina, estudo**,** tudo é importante! (aposto resumitivo)

Ex: Reprovei 4 vezes**,** o que abalou minha confiança. (aposto de oração)

Ex: Chitãozinho e Xororó são cantores, este tem voz aguda e aquele tem voz grave. (aposto distributivo)

Ex: Comprei duas canetas**,** uma azul e uma vermelha. (aposto distributivo)

Ex: Queria dois atacantes no meu time**,** Messi e Suárez. (aposto distributivo)

O aposto distributivo ou enumerativo também pode vir iniciado por dois-pontos **(:)**.

Ex: Chitãozinho e Xororó são cantores**:** este tem voz aguda e aquele tem voz grave. (aposto distributivo)

Ex: Comprei duas canetas**:** uma azul e uma vermelha.

Ex: Queria dois atacantes no meu time**:** Messi e Suárez.

O aposto especificativo, aquele que especifica, distingue e individualiza, é o único que não vem pontuado.

Ex: O estado de Minas Gerais possui grande área.

Ex: A praia de Copacabana é super segura.

Ex: Ele cometeu crime de latrocínio.

Ex: O Poeta Fernando Pessoa era português.

O aposto também pode estar antes do substantivo a que se refere, separado por pontuação:

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Ex: Destino inevitável, a morte ainda intriga a filosofia. (a morte é o destino...)

23. (CESPE / FUB / 2015)

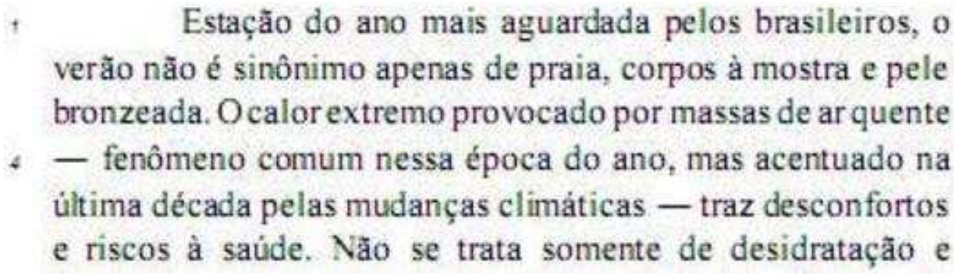

> Estação do ano mais aguardada pelos brasileiros, o verão não é sinônimo apenas de praia, corpos à mostra e pele bronzeada. O calor extremo provocado por massas de ar quente — fenômeno comum nessa época do ano, mas acentuado na última década pelas mudanças climáticas — traz desconfortos e riscos à saúde. Não se trata somente de desidratação e
>
> Com relação às ideias e às estruturas do texto acima, julgue o item que se segue.
>
> Seria mantida a correção gramatical do período caso o fragmento *"Estação do ano mais aguardada pelos brasileiros" (l.1)* fosse deslocado e inserido, entre vírgulas, após *"verão" (l.2)* feitos os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas.

Comentários:

A redação que a banca propôs foi: ***O*** *verão****,*** ***estação do ano mais aguardada pelos brasileiros,*** *não é sinônimo apenas de praia*...

Importante para questões de substituição: a banca fez menção ao ajuste de maiúsculas. Se não fizesse, o item estaria errado, pois é regra começar períodos com letra maiúscula.

Qual é a estação mais aguardada pelos brasileiros? É *o verão*. Então, o termo entre vírgulas é um aposto explicativo do termo *verão*. Como sabemos, a vírgula é usada para isolar o aposto explicativo. Questão correta.

24. (CESPE / TCE RN / 2015) - Adaptada

> *Exercer a cidadania é muito mais que um direito, é um dever, uma obrigação.*
>
> A substituição da última vírgula da frase pela conjunção **e** não acarreta erro gramatical ao texto nem traz prejuízo à sua interpretação original.

Comentários:

Vamos pensar um pouco: o "e" indica soma, geralmente de **elementos diferentes**: comprei um carro e uma moto. Ninguém diz "comprei um carro e um veículo" ou "você é bonita e bela".

A substituição da vírgula por uma conjunção aditiva "e" traria alteração de sentido, pois a vírgula marca um aposto explicativo: *uma obrigação* amplia e explica a ideia de *dever*; traz uma palavra e depois um sinônimo para explicá-lo. Se for colocada a conjunção "e" fica parecendo que são duas noções diferentes. Isso afeta a interpretação original. Questão incorreta.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Separar o vocativo:

O vocativo é um chamamento, uma invocação do ouvinte:

Ex: Bom dia, Brasil.

Ex: Felipe**,** seja mais gentil com ela!

Ex: Olha aqui**,** meu querido**,** não há milagre: você tem que estudar!

Ex: A jornalista**,** Patrícia**,** perdeu 22 kg!

Observe que, se retirarmos a vírgula, o vocativo passa a ser aposto especificativo: A jornalista Patrícia perdeu 22 kg!

25. (Instituto Excelência / Almoxarife / 2017) Adaptada

> Analise a pontuação do item abaixo:
>
> I – "Eu vi a mais linda garota hoje no açougue, Garfield".
>
> Em I, a vírgula é utilizada a fim de separar o aposto.

Comentários:

O termo "Garfield" é um vocativo, um chamamento ao ouvinte. Por isso veio marcado por vírgulas. Aposto é um termo explicativo. Questão incorreta.

26. (CESPE/ TJ CE / 2014)- Adaptada

> *Papel, amigo papel, não recolhas tudo o que escrever esta pena vadia. Querendo servir me, acabarás desservindo-me, porque se acontecer que eu me vá desta vida, sem tempo de te reduzir a cinzas, os que me lerem depois da missa de sétimo dia, ou antes, ou ainda antes do enterro, podem cuidar que te confio cuidados de amor.*
>
> *Não, papel. Quando sentires que insisto nessa nota, esquiva-te da minha mesa, e foge. A janela aberta te mostrará um pouco de telhado, entre a rua e o céu, e ali ou acolá acharás descanso. Comigo, o mais que podes achar é esquecimento, que é muito, mas não é tudo; primeiro que ele chegue, virá a troça dos malévolos ou simplesmente vadios.*
>
> *Escuta, papel. O que naquela dama Fidélia me atrai é principalmente certa feição de espírito, algo parecida com o sorriso fugitivo, que já lhe vi algumas vezes. Quero estudá-la se tiver ocasião. Tempo sobra-me, mas tu sabes que é ainda pouco para mim mesmo, para o meu criado José, e para ti, se tenho vagar e quê — e pouco mais.*
>
> Sem prejuízo da correção gramatical do texto ou de seu sentido original, a vírgula empregada em "Escuta, papel" poderia ser suprimida.

Comentários:

A vírgula está sendo usada para separar o vocativo. O autor se dirige a um ouvinte, o papel. A vírgula é obrigatória e não pode ser suprimida. Questão incorreta.

27. (Instituto Excelência / Almoxarife / 2017) Adaptada

> Analise a pontuação do item abaixo:

23277017915 - Davi Pedro da Silva

> II – “Foi uma visão linda, ela em pé no balcão, bem em frente ao fígado moído...”.
>
> Em II, as vírgulas são utilizadas a fim de separar o vocativo.

Comentários:

Em II, as vírgulas são utilizadas a fim de separar um termo explicativo intercalado, que esclarece qual era a ‘visão linda’. Vocativo é um chamamento, invocação do ouvinte. Questão incorreta.

Enumerar termos repetidos e/ou de mesma função sintática:

Umas das razões de uso da vírgula mais recorrentes em provas é a enumeração. As bancas gostam de chamar os itens de uma lista de “elementos coordenados de uma série enumerativa”. Grave esse nome!

Ex: "Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição."

Ex: Comprei frutas, legumes, cereais e carnes magras. (enumeração de itens; os termos separados pelas vírgulas são objetos do verbo comprar.)

Ex: Tenho medo de altura, da morte, da solidão e da Gretchen. (enumeração de itens; os termos separados pelas vírgulas são complementos nominais de “medo”)

Ex: Os líderes eram machistas, tirânicos e corruptos. (enumeração de itens; os termos separados pelas vírgulas são predicativos do sujeito “os líderes”)

INDO MAIS
FUNDO!

Antes do último elemento da enumeração o uso do “e” indica que a enumeração acabou. Se for inserida vírgula antes do último item, sugere-se que há outros itens que não foram mencionados.

Ex: Há grandes jogadores no Barcelona: Messi, Suárez, Neymar. (há outros grandes jogadores além desses, a lista é exemplificativa.)

Ex: Há grandes jogadores no Barcelona: Messi, Suárez e Neymar. (Não há outros grandes jogadores além desses, a lista é taxativa.)

Ex: É pau, é pedra, é o fim do caminho, é um resto de toco, é um pouco sozinho...

(a vírgula separa a repetição de uma estrutura sintática; a repetição de um termo no início de um período ou oração é uma figura de linguagem chamada anáfora. Não precisa gravar esse nome, mas grave que a vírgula separa essa repetição.)

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Ex: "Chorei, chorei, até ficar com dó de mim..."

Ex: Nadou, nadou, nadou e morreu na praia.

(a vírgula separa palavras repetidas)

Ex: "Muitos policiais estão envolvidos em corrupção, e tramas obscuras, e conluios, e todo tipo de intrigas escusas."

(a vírgula separa o polissíndeto, ou seja, a repetição de conectivos)

28. (CESPE / FUNPRESP / 2016) - Adaptada

> Com relação às ideias e aos aspectos linguísticos do texto **Um amigo em talas**, julgue o item que se segue.
>
> As vírgulas em *"Amadeu Amaral Júnior, em estado de desemprego, aceita esmolas, donativos, roupa velha, pão dormido"* foram todas empregadas para separar itens de uma enumeração.

Comentários:

Questão maldosa.

"Amadeu Amaral Júnior**,** em estado de desemprego**,** aceita [1]esmolas, [2]donativos, [3]roupa velha, [4]pão dormido"

As duas primeiras vírgulas estão isolando termo de natureza explicativa, intercalado entre o sujeito "Amadeu" e o seu verbo "aceita". As outras vírgulas estão separando termos de mesma função sintática numa enumeração: *Esmolas, donativos, roupa velha, pão dormido* são itens de uma lista de objetos diretos do verbo "aceita". Assim sendo, há uso de vírgulas por razões diferentes e a banca erra quando dá a entender que todas são para separar itens de uma enumeração. Questão incorreta.

29. (IESES / Assistente Social / 2017)

> Assinale C (certo) ou E (errado) para a justificativa do emprego da vírgula na proposição a seguir.
>
> ( )Em: *"Além disso, a escrita tradicional ensinada na escola e as mensagens de texto redigidas fora de qualquer quadro institucional 'dependem das mesmas habilidades cognitivas'"*, a vírgula justifica-se por separar termos coordenados de uma oração.

Comentários:

Não há nenhum termo coordenado sendo enumerado aqui. A vírgula apenas marca a expressão adverbial anteposta (**além disso,**...)

30. (CESPE / DEPEN / 2015) - Adaptada

> *É preciso compreender que o preso conserva os demais direitos (educação, integridade física, segurança, saúde, assistência jurídica, trabalho e outros) adquiridos como cidadão...*
>
> No trecho entre parênteses no início do primeiro parágrafo, as vírgulas foram empregadas para isolar elementos de mesma função sintática em uma enumeração.

Comentários:

Essa é a regra da vírgula nas enumerações de termos de função sintática, nas próprias palavras da banca. Questão correta.

Separar orações coordenadas *com ou sem conjunção*:

A separação de orações coordenadas é semelhante a uma enumeração de termos coordenados. Por isso, também deve ser usada a vírgula.

Ex: Cheguei, tomei banho, me arrumei e saí de novo.

Ex: Ela amava intensamente, mas por pouco tempo.

Ex: Vou embora, pois não aguento essa loucura.

Ex: Saia, que já vai chover.

Ex: Quero passar, logo evito perder tempo.

Ex: Seja por bem, seja por mal, eu vou conseguir.

Ex: *O meu pai era paulista**,** meu avô, pernambucano**,** o meu bisavô, mineiro**,** meu tataravô, baiano.

*essa última sentença é especial, pois traz duas regras de pontuação. As vírgulas em negrito separam as orações coordenadas; as demais marcam a omissão do verbo. Por substituírem um verbo omitido numa Zeugma (forma de elipse), essas vírgulas são chamadas de vírgulas *vicárias*.

Obs: Em regra, não se separam as orações coordenadas unidas por "e" ou "nem".

Obs: É possível inserir vírgulas após conjunção conclusiva iniciando periodo (Ex: *Quero passar. Logo(,) evito perder tempo.*)

31. (IFPE / Revisor / 2017)

> Julgue a correção do item a seguir: No trecho *"Cada um releu seu conto, realizou outra entrevista com o parente-personagem e produziu uma segunda versão."*, a utilização da vírgula se justifica por organizar orações coordenadas.

Comentários:

Temos uma sequência ter orações independentes, sem conectivos, separadas por vírgulas. Questão correta.

INDO MAIS
FUNDO!

A vírgula antes do "E":

É obrigatório o uso da vírgula após o "E" no polissíndeto (repetição de conjunção):

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Ex: Mas ela só reclama**,** e reclama**,** e reclama...

É obrigatório o uso da vírgula após o "E" para desfazer ambiguidade:

Ex: Ela comprou o gato**,** e o cachorro ficou com ciúme.

(se tirar a vírgula, pode-se entender que ela comprou o gato e o cachorro.)

É facultativo o uso da vírgula para separar orações aditivas com sujeitos diferentes. Porém, é recomendável usá-la. (esse uso cai muito!!)

Ex: Eu trabalhava **(,)** e meu filho gastava o dinheiro.

É facultativo o uso da vírgula para separar orações com relação adversativa, ou seja, com sentidos opostos.

Ex: Fez dieta por muitos anos **(,)** e não emagreceu.

Ex: Chovia muito **(,)** e foi nadar na piscina.

(***E*** com sentido de ***MAS***; a vírgula é aconselhável, recomendável)

É facultativo o uso da vírgula antes de etc.

É "desaconselhável" a vírgula separar orações com sujeitos iguais.

Ex: Dormi no sofá e acordei com dores na escápula.

(o sujeito de ambos os verbos é "eu": a vírgula estaria separando o sujeito do seu segundo verbo. Evite-a!)

Notinha de rodapé (KURY,1999): Pode-se usar a vírgula, quando o sujeito for o mesmo, ***"como recurso estilístico"*** para "realçar a oração iniciada pela conjunção aditiva, ocasião em que a pausa é mais forte. Nesse caso, pode-se também usar também o travessão:

Ex.:Na véspera,deitara-se cedo**, e sonhou.**

Ex.:Na véspera,deitara-se cedo**—e sonhou.**

Ressalto: esse uso acima é "estilístico", não deriva de regra gramatical. Trouxe aqui, pois pode aparecer no texto de prova e a banca perguntar o motivo do uso daquela pontuação.

Obs: A banca geralmente pergunta se a vírgula foi utilizada por um dos motivos acima e o candidato deve reconhecer as possibilidades acima. É difícil a banca ser categórica e afirmar que é "impossível" ou "proibido" usar aquela vírgula. Normalmente se limita a

23277017915 - Davi Pedro da Silva

dizer que a vírgula foi inserida por haver sujeitos diferentes ou por haver sentido adversativo e perguntar se está certo!

32. (CESPE / SEDF / 2017)

> *Como qualquer profissional do ambiente escolar, os monitores também são educadores**,** e cabe à equipe gestora realizar ações formativas para que eles saibam como interagir com as crianças e os jovens nos diversos...*
>
> Seria mantida a correção gramatical do texto caso a vírgula empregada imediatamente após "educadores" fosse suprimida.

Comentários:

As orações coordenadas pelo "E" têm sujeitos diferentes, logo é facultativa (embora recomendável) a utilização de vírgula antes da conjunção "E". Na primeira oração, o sujeito é "monitores", na segunda é uma oração:

*Como qualquer profissional do ambiente escolar, **[os monitores]** também **são** educadores, e **cabe** à equipe gestora **[realizar ações formativas para que eles saibam como interagir com as crianças e os jovens nos diversos]***

Portanto, a vírgula utilizada na redação oficial é adequada, mas não é obrigatória, de modo que sua supressão manteria a correção gramatical do texto. Questão correta.

33. (CESPE / FUNPRESP / 2016)

> *Senti como se estivesse nascendo naquele momento. Uma vida nova, passada a limpo, me esperava em direção a um Norte mais nítido, a uma morte mais próxima e sem alternativa. Mas aquela casa me protegia**, e** dentro dela uma mulher se esforçava por me fazer feliz. Aquelas folhas de papel me esperavam também, intocadas, e era minha obrigação escurecê-las de ideias, histórias, sortilégios capazes, talvez, de fazer alguém parar no seu cotidiano e se pôr a sonhar.*
>
> A respeito de aspectos linguísticos do texto, julgue o próximo item.
>
> A vírgula empregada logo após "protegia" separa orações aditivas que têm sujeitos distintos.

Comentários:

A vírgula antes do "E" é recomendável quando há sujeitos distintos. Na primeira oração, o sujeito é "aquela casa"; na segunda, é "uma mulher":

*Mas **aquela casa** me protegia**, e** dentro dela **uma mulher** se esforçava por me fazer feliz.*

Questão correta.

34. (CESPE / STJ / 2015) - Adaptada

> *Desse modo, o termo justiça como conformidade da conduta a uma norma é empregado para julgar o comportamento da pessoa humana diante de uma norma, seja esta moral, seja de direito natural ou de direito positivo.*
>
> Em "*seja esta moral, seja de direito natural*", é obrigatório o emprego da

23277017915 - Davi Pedro da Silva

> vírgula para indicar a relação de alternância entre os elementos de orações de mesmo nível sintático.

Comentários:

A estrutura da questão traz duas orações coordenadas alternativas (seja A, seja B), que devem ser obrigatoriamente separadas por vírgulas. Como as duas orações são de mesma natureza e estão coordenadas, podemos dizer que estão no mesmo nível sintático, ou têm a mesma função sintática. Questão correta.

35. (ESAF / ANAC / 2016) - Adaptada

> Assinale a opção correta quanto à justificativa em relação ao emprego de vírgulas.
>
> As vírgulas no trecho "... *os maiores mercados são Estados Unidos, Brasil, França, Canadá, Alemanha, Inglaterra, Japão e México*." separam:
>
> a) aposto explicativo que complementa oração principal.
>
> b) palavras de natureza retificativa e explicativa.
>
> c) oração subordinada adjetiva explicativa.
>
> d) complemento verbal composto por objeto direto.
>
> e) termos de mesma função sintática em uma enumeração.

Comentários:

Mudou a banca e a regra é cobrada exatamente da mesma maneira. A vírgula é usada na letra E para separar itens de mesma função sintática em uma enumeração. Qual a função sintática? Predicativos do sujeito "os maiores mercados". Gabarito letra E.

36. (FCC / TRT MT / 2016) - Adaptada

> Com respeito à pontuação, atente para as seguintes afirmações:
>
> No segmento *O fato é que não me sobrou nenhuma e elas ganharam, talvez por isso...* (5° parágrafo), pode-se acrescentar uma vírgula imediatamente antes de "e", sem prejuízo para a correção e o sentido.

Comentários:

A vírgula antes do "e" é recomendada para separar sujeitos diferentes. Questão correta.

Marcar a omissão de palavra: elipse e zeugma.

Ex: Ela gosta de *instagram*; eu, de estudar. (a vírgula substitui o verbo omitido gostar; a vírgula se justifica por ocorrência da Zeugma, omissão de termo já mencionado.)

Ex: O meu pai foi peão, minha mãe, solidão. (minha mãe "foi" solidão. A vírgula substitui o verbo "ser", que está omitido.)

Elipse é a **omissão de um termo que não foi expressamente mencionado**, mas que pode ser facilmente identificado ou presumido no contexto. **Zeugma** é a omissão de um termo que **expressamente já foi mencionado**.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Veja um caso de elipse:

Ex: Só faço o que mandam. (Eu faço o que eles(as) mandam; as palavras “Eu” e “Eles(as)” estão elípticas, mas podem ser facilmente inferidas pelas desinências)

Agora veja um caso de elipse que justifica a vírgula: geralmente pela existência de um verbo implícito:

Ex: Na casa de mamãe, roupa lavada; na minha, contas embaixo da porta.

(Na casa de mamãe havia roupa lavada; na minha há contas embaixo da porta.)

Ex: Sábado, balada; domingo, sono profundo.

(Subentende-se que sábado alguém **vai** a balada e no domingo **dorme** muito)

Ex: Aos amigos, tudo; aos inimigos; nada.

(aos amigos **oferecemos** tudo; aos inimigos **oferecemos** nada)

37. (CESPE / TCE RN / 2015) - Adaptada

> *Ao Poder Legislativo é conferida a função de elaborar a lei; ao Poder Executivo, a função de administrar a aplicação da lei; ao Poder Judiciário, a função de dirimir os conflitos legais surgidos entre pessoas ou entre estas e o Estado.*
>
> As vírgulas empregadas logo após os nomes “Executivo" e “Judiciário" indicam a elisão da forma verbal composta que as precede no texto.

Comentários:

Vamos traduzir: *Elisão da forma verbal composta que as precede*=elipse de verbo que apareceu antes. Temos aqui a vírgula da Zeugma:

Ao Poder Legislativo ***é conferida*** a função de elaborar a lei

Ao Poder Executivo**,** a função de administrar...

(é conferida)

Ao Poder Judiciário**,** a função de dirimir os conflitos...

(é conferida)

A vírgula indica a elipse da forma verbal composta “é conferida”, que está implícita nas outras orações. Repare também no uso do ponto e vírgula para enumerar orações coordenadas. Não foi o objeto da questão, mas às vezes é! Fique atento. Questão correta.

38. (FCC / TRT MT / 2016) - Adaptada

> Com respeito à pontuação, atente para as seguintes afirmações:
>
> Na frase *Conseguia às vezes juntar um punhado, outras vezes apenas dois ou três* pode-se acrescentar uma vírgula imediatamente antes de *apenas*, mantendo-se a correção e o sentido.

Comentários:

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Vejamos: *Conseguia às vezes juntar um punhado, outras vezes**,** apenas dois ou três.* ***(conseguia)***

A vírgula deve ser inserida para marcar a omissão do verbo "conseguia". Questão correta.

39. (FUNCAB / EMSERH / Radiologia / 2016)

> A última vírgula do trecho: *"As crianças terão outras memórias, outras brincadeiras, outras alegrias; os adultos, novas sensações e possibilidades."* foi empregada para:
>
> a) marcar o aposto.
>
> b) separar o vocativo.
>
> c) separar elementos de mesma função sintática.
>
> d) indicara omissão de uma palavra.
>
> e) separar orações coordenadas.

Comentários:

A vírgula foi utilizada para marcar a omissão da palavra "terão". Gabarito letra d.

Separar orações adjetivas explicativas:

Orações adjetivas explicativas basicamente são explicações que aparecem em forma de oração, por terem verbo. Assemelham-se a um aposto explicativo e acrescentam um comentário acessório (suprimível) ao substantivo. São iniciadas por pronome relativo: *que, o qual, as quais, cujo*...

Ex: Minha mãe**,** que era uma mulher sábia**,** nunca fez faculdade.

Ex: O livro**,** cuja capa era metálica**,** caiu no chão.

Ex: Chamei um policial**,** que me negou ajuda.

Lembre-se de que as orações ***adjetivas restritivas*** também são introduzidas por pronome relativo, mas ***não são separadas por vírgulas***.

Ex: O homem, que estuda muito, vence na vida. (oração explicativa)

Ex: O homem que estuda muito vence na vida. (nem todo homem vence na vida, somente aquele que estuda muito. O comentário restringe, limita *homem*)

INDO MAIS
FUNDO!

Em algumas situações, é inadequado omitir as vírgulas da oração adjetiva, pois a semântica não vai permitir o sentido restritivo:

Ex: A minha mãe, que tem medo de avião, viaja de carro. (oração explicativa)

Ex: *A minha mãe que tem medo de avião viaja de carro. (restrição inadequada)

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Observe que, nesse caso, se retirarmos a vírgula, teremos inadequação, pois estaremos restringindo "minha mãe", entidade que já é restrita por natureza. Não podemos dizer que "somente uma das minhas mães viaja de carro".

Pela mesma razão, não poderíamos omitir as vírgulas abaixo:

Ex: O Canadá, que é um país frio, recebe muitos imigrantes.

Ex: A Carta Magna de 1988, que trouxe muitos direitos difusos, é rígida.

Só há um Canadá e uma Carta Magna de 1988, então não é possível transformar a oração em restritiva. As vírgulas se tornam obrigatórias!

40. (CESPE / PMSP / 2016) - Adaptada

> "Os lixões deverão dar lugar a aterros sanitários, que, se não representam uma solução perfeita, ao menos são locais mais adequados para o depósito dos rejeitos, uma ez que evitam problemas como os citados anteriormente".
>
> A supressão da vírgula empregada logo após "sanitários" preservaria o sentido do trecho.

Comentários:

Lembre-se de que a oração explicativa vem entre vírgulas e a restritiva vem sem vírgulas.

Se suprimirmos a vírgula, a oração explicativa que está isolada: "***, que***, se não *representam uma solução perfeita*, ***ao menos são locais mais adequados para o depósito dos rejeitos,***" passará a ser restritiva. Isso muda completamente o sentido. Repare que, dentro da própria oração explicativa, há outra oração intercalada "*, se não representam uma solução perfeita,*". Essas orações muitas vezes são chamadas de "orações interferentes", pois vêm entre termos, interrompendo a ordem. A banca diz que o sentido vai ser preservado, mas não vai. Questão incorreta.

41. (FCC / TRT SE / Analista / 2016)

> Atente para a construção das seguintes frases:
>
> *I. Para o caso do escritor, apenas o segundo conceito é obrigatório.*
>
> *II. A solução de um problema não cabe aos escritores, cuja preocupação maior está em sua exposição.*
>
> *III. Ele não confia muito nos escritores, que apresentam soluções mais ou menos óbvias.*
>
> A supressão da vírgula altera significativamente o sentido da frase que está em
>
> a) I, II e III.
>
> b) I e II, apenas.
>
> c) II e III, apenas.
>
> d) I e III, apenas.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

> e) II, apenas.

Comentários:

Nos itens II e III, temos orações adjetivas. Então, se retirarmos as vírgulas, elas deixarão de ter sentido explicativo para ter sentido restritivo:

*II. A solução de um problema não cabe aos escritores**,** cuja preocupação maior está em sua exposição. (**explicativa**: não cabe aos escritores em geral)*

*II. A solução de um problema não cabe aos escritores cuja preocupação maior está em sua exposição. (**restritiva**: não cabe somente aos escritores que tenham essa preocupação maior)*

*III. Ele não confia muito nos escritores**,** que apresentam soluções mais ou menos óbvias. (**explicativa**: não confia nos escritores em geral e eles em geral apresentam opções mais ou menos óbvias)*

*III. Ele não confia muito nos escritores que apresentam soluções mais ou menos óbvias. (**restritiva**: não confia somente naqueles escritores específicos que apresentam soluções mais ou menos óbvias. Nem todos fazem isso.)*

Gabarito letra C.

42. (CESPE / Funpresp / 2016) - Adaptada

> *O homem que só tinha certezas quase nunca utilizava ponto de interrogação.*
>
> Julgue o item seguinte, referente aos aspectos linguísticos e às ideias do texto **O homem que só tinha certezas**. O sentido original do texto seria alterado caso a oração “que só tinha certezas" fosse isolada por vírgulas.

Comentários:

Vamos lá:

O homem que só tinha certezas não usava ponto de interrogação. (oração adjetiva restritiva. Há outros homens, mas esse especificamente é um que só tinha certezas.)

*O homem**, que só tinha certezas,** não usava ponto de interrogação*. (oração adjetiva explicativa. O homem não usava ponto de interrogação porque só tinha certezas.)

Moral da história, a inserção de vírgulas para isolar a oração adjetiva muda seu sentido original. Questão correta.

43. (CESPE / TCU / 2015) - Adaptada

> *Os tribunais de contas, de modo geral, são acionados pelo cidadão por meio de denúncias.*
>
> *Quando o caso que der origem à denúncia envolver dinheiro federal, a denúncia de ser feita ao TCU, que possui unidades em cada um dos estados do Brasil.*
>
> O emprego das vírgulas no primeiro período do segundo parágrafo do texto justifica-se por regras distintas.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Comentários:

Quando o caso que der origem à denúncia envolver dinheiro federal, *a denúncia de ser feita ao TCU****, que possui unidades em cada um dos estados do Brasil****.*

"Quando" já denuncia a circunstância de tempo; temos a primeira vírgula justificada pela regra da oração subordinada adverbial temporal deslocada. A segunda vírgula se justifica pela ocorrência de oração adjetiva explicativa, conforme o pronome relativo "que" anterior a ela já denuncia. Questão correta.

44. (FGV / Pref. Niterói / Ag. Fazendário / 2015) Adaptada

> *A redução da maioridade penal fere uma das cláusulas da Constituição Federal que não podem ser modificadas por congressistas.*
>
> A redação do trecho acima apresenta erro no que diz respeito ao emprego da vírgula, por omissão ou uso indevido.

Comentários:

Questão de altíssimo nível sobre a pontuação da oração adjetiva. Aprendemos que as orações adjetivas sem vírgulas são restritivas, ou seja, restringem o substantivo, destacando-o dentre vários elementos.

Por exemplo: O menino que estuda é dedicado. (a restrição reside no fato de que nem todos os meninos são dedicados, somente aquele menino específico que tem a característica de estudar. Somente ele é dedicado.)

Então, veja:

A redução da maioridade penal fere uma das cláusulas da Constituição Federal ***que não podem ser modificadas por congressistas****.*

A ausência de vírgulas torna a oração introduzida pelo pronome relativo "que" restritiva, o que dá a impressão de que somente uma das cláusulas pétreas não pode ser modificada por congressistas. Há sentido de restrição: nem todas são imutáveis. Ora, sabemos que isso é um erro, pois não podemos fazer essa restrição, uma vez que **todas as cláusulas pétreas são imutáveis (por isso se chamam pétreas)**, não somente uma delas. Dessa forma, a oração adjetiva deveria vir obrigatóriamente com vírgula, porque somente é possível ter sentido explicativo. Questão correta.

Separar expressões explicativas, retificativas e palavras de situação:

As expressões explicativas se diferenciam das orações explicativas somente pela ausência de verbo e do pronome relativo. Um aposto explicativo também segue esse padrão.

A vírgula também deve ser usada para separar palavras denotativas de situação, de retificação ou de continuidade: *afinal, enfim, ora, agora, então (sem sentido conclusivo); por exemplo, ou melhor, isto é, ou seja, aliás, com efeito, do mesmo modo, ou antes, por assim dizer.*

Ex: Vários lutadores perderam**, por exemplo,** Aldo.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Ex: Gosto muito de livros**, isto é,** de ler.

Ex: **Então,** você vai mesmo desistir de estudar?

Ex: **Afinal,** quem poderá nos defender.

Ex: Podemos**, enfim,** descansar.

Ex: **Ora,** o que você tem a ver com isso?

Ex: **Bem,** não posso negar que ela tem coragem.

Ex: **Aliás,** ela tem muita coragem.

OBS: Em expressões de natureza explicativa, podem ser usadas ***vírgulas, parênteses ou travessões***:

Ex: Messi**,** entre outros atacantes ilustres**,** nunca venceu a copa do mundo.

Ex: Messi **(**entre outros atacantes ilustres**)** nunca venceu a copa do mundo.

Ex: Messi**—** entre outros atacantes ilustres**—** nunca venceu a copa do mundo.

Veja que essa pontuação reforça o caráter acessório das explicações, que poderiam ser retiradas: Messi nunca venceu a copa do mundo.

45. (CESPE / SEDF / 2017)

> *Pedir ao educador que situe o centro de gravidade na própria criança é pedir-lhe nada menos que fazer uma revolução, se é verdade que até agora o centro de gravidade foi situado fora dela. É essa revolução — exigência fundamental do movimento da educação nova — que Claparède compara à que Copérnico realizou na astronomia*
>
> Os travessões foram empregados no texto para isolar uma expressão de natureza explicativa.

Comentários:

Sim. A expressão entre travessões faz um comentário explicativo acessório sobre o termo 'revolução' e a qualifica como fundamental. Questão correta.

46. (CESPE / DPU / 2016) - Adaptada

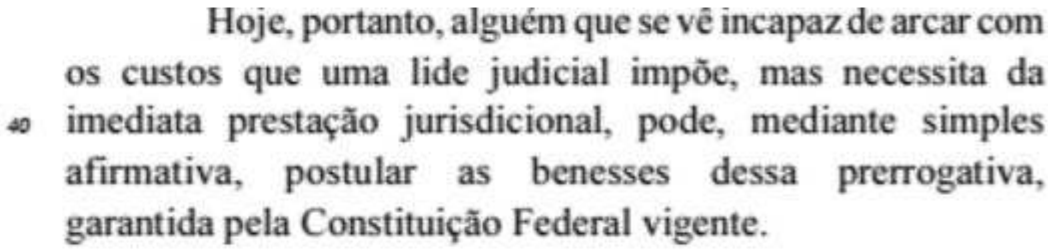

> Hoje, portanto, alguém que se vê incapaz de arcar com os custos que uma lide judicial impõe, mas necessita da imediata prestação jurisdicional, pode, mediante simples afirmativa, postular as benesses dessa prerrogativa, garantida pela Constituição Federal vigente.
>
> Ainda a respeito das ideias e dos aspectos linguísticos do texto, julgue o item subsecutivo.
>
> A supressão da vírgula empregada logo após "prerrogativa" (l.41) manteria a coerência do texto, embora alterasse o seu sentido.

Comentários:

Aqui vale o mesmo raciocínio das orações adjetivas. A presença da vírgula dá

23277017915 - Davi Pedro da Silva

à expressão um caráter explicativo.

A ausência dela deixa o termo "garantida" diretamente ligada ao nome "prerrogativa", se tornando um adjunto adnominal, que não pode ser separado do nome. Se o adjetivo estiver ligado diretamente ao nome, ele o estará particularizando de forma restritiva e teremos um sentido de uma prerrogativa específica garantida pela constituição em oposição a outras que não são garantidas.

Em termos mais simples, a supressão da vírgula manteria o termo correto e coerente, mas tiraria o caráter explicativo do termo por ela separado e faria dele um termo restritivo, com mudança de sentido. Questão correta.

Isolar conjunção coordenativa na ordem indireta:

O lugar "padrão" da conjunção é no início da oração que ela introduz. Pontanto, as conjunções coordenativas deslocadas devem vir isoladas por vírgulas, para "marcar" esse deslocamento da posição original. Ex: *Porém, logo, todavia, portanto, pois.*

Ex: Seu lugar, portanto, não é aqui.

Ex: Tinha algumas qualidades; tinha, porém, muitos defeitos.

Lembrete: o "mas" não aceita deslocamento, devendo vir iniciando a oração adversativa. A vírgula vem antes do "mas", não após.

47. (IFPE / Revisor / 2017)

> Julgue a correção do item a seguir: Em "*Um escritor proficiente, no entanto, não faz a revisão só no fim do trabalho.*", as vírgulas estão corretamente postas, pois separam expressão deslocada de sua posição original.

Comentários:

Questão correta. Na ordem direta, teríamos: *no entanto um escritor proficiente não faz a revisão só no fim do trabalho*

Já na oração original, temos a conjunção "no entanto" deslocada, fora de sua posição esperada na ordem direta, isto é, no início da oração. Daí o uso correto das vírgulas.

"Um escritor proficiente***, no entanto,*** não faz a revisão só no fim do trabalho."

48. (FEPESE / Prefeitura de Criciúma-SC / 2016) - Adaptada

> Quanto à correção gramatical julgue o item a seguir: *Todas as informações procediam de documentos, de testemunhas; havia, porém, algumas que vinham da própria vítima.*

Comentários:

Observe que a conjunção adversativa "porém" está entre vírgulas, pois está deslocada. Se estivesse iniciando a oração, a vírgula seria desnecessária.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Questão correta.

Separar o Objeto Direto Pleonástico (repetido):

O objeto "pleonástico" é aquele complemento verbal que, por recurso estilístico ou de ênfase, aparece duas vezes, isto é, é repetido.

Ex: Os **meninos**, já **os** levei para escola.

Ex: **Títulos** relevantes, não ganhei **nenhum deles.**

49. (ESAF / Técnico / ANAC / 2016)

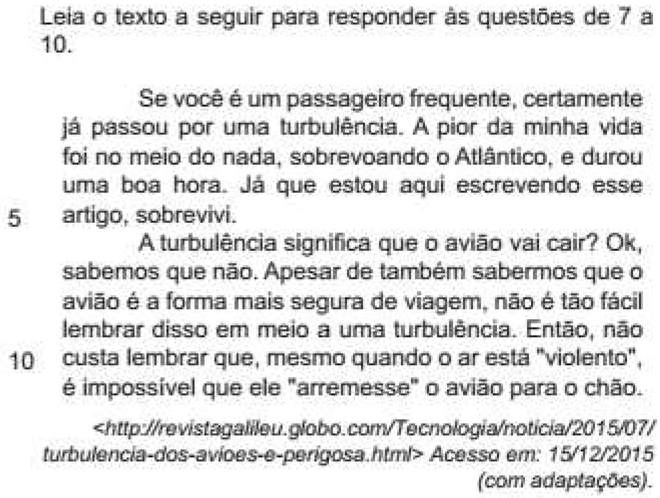

Leia o texto a seguir para responder às questões de 7 a 10.

Se você é um passageiro frequente, certamente já passou por uma turbulência. A pior da minha vida foi no meio do nada, sobrevoando o Atlântico, e durou uma boa hora. Já que estou aqui escrevendo esse artigo, sobrevivi.

A turbulência significa que o avião vai cair? Ok, sabemos que não. Apesar de também sabermos que o avião é a forma mais segura de viagem, não é tão fácil lembrar disso em meio a uma turbulência. Então, não custa lembrar que, mesmo quando o ar está "violento", é impossível que ele "arremesse" o avião para o chão.

<http://revistagalileu.globo.com/Tecnologia/noticia/2015/07/turbulencia-dos-avioes-e-perigosa.html> Acesso em: 15/12/2015 (com adaptações).

Sobre as vírgulas e as aspas empregadas no texto é correto afirmar que

a) a primeira vírgula separa duas orações coordenadas.

b) a vírgula antes do "e" (l. 3) ocorre porque o verbo da oração "e durou uma boa hora" é diferente do verbo da oração anterior.

c) a vírgula antes de "sobrevivi" (l. 5) marca a diferença entre os tempos verbais de "estou escrevendo" e "sobrevivi".

d) a vírgula que ocorre depois do "que" (l. 10) e a que ocorre depois de "violento" (l.10) estão isolando oração intercalada.

e) as aspas nas palavras "violento" (l.10) e "arremesse" (l.11) se justificam porque tais palavras pertencem ao vocabulário técnico da aviação.

Comentários:

Questão recente que explora várias regras de pontuação. Serve como uma boa revisão.

a) a primeira vírgula separa duas orações subordinadas, a oração principal de sua oração subordinada condicional. Questão incorreta.

b) a vírgula antes do "e" (l. 3) ocorre porque existe um termo adverbial entre o sujeito e o verbo. O sujeito do verbo das orações é o mesmo: a pior (turbulência) da minha vida. Questão incorreta.

c) a vírgula antes de "sobrevivi" (l. 5) marca a presença de uma oração

23277017915 - Davi Pedro da Silva

coordenada explicativa anteposta, ou deslocada. Questão incorreta.

d) a vírgula que ocorre depois do "que" (l. 10) e a que ocorre depois de "violento" (l.10) estão isolando oração adverbial intercalada, indicando circunstância de tempo. Questão correta.

e) as aspas nas palavras "violento" (l.10) e "arremesse" (l.11) se justificam porque tais palavras estão sendo usadas em sentido específico, figurado. Questão incorreta.

50. (CESGRANRIO / IBGE / Agente de Pesquisas / 2016)

> O uso das vírgulas atende ao que é preconizado pela norma-padrão da língua portuguesa em:
>
> *a) A retirada de madeira para uso doméstico é pontual e, portanto não deve ser comparada com os impactos, do desmatamento da Amazônia.*
>
> *b) Os principais benefícios dos fogões ecológicos são: o menor consumo de lenha e a utilização, de restos de madeira de demolição.*
>
> *c) É preciso reduzir o consumo de lenha para que se consiga controlar, na Mata Atlântica, o processo de desmatamento.*
>
> *d) Segundo a OMS, a exposição à fumaça dos fogões a lenha, é a causa da morte prematura de quase dois milhões de pessoas no mundo.*
>
> *e) Algumas atividades, provocam o desmatamento na Mata Atlântica: a caça, a abertura de trilhas, a criação de pequenas roças.*

Comentários:

a) A conjunção "portanto" deve vir isolada com DUAS vírgulas. Esse erro é o típico caso da vírgula "perneta", isto é, só uma em casos em devia haver duas. Questão incorreta.

b) A vírgula está separando indevidamente o nome "utilização" de seu adjunto "de restos". Incorreta.

c) "Na mata atlântica" é expressão adverbial de lugar e está deslocada. Portanto, o uso entre vírgulas está perfeito.

d) A segunda vírgula está entre o sujeito (exposição) e o verbo (é). Incorreto.

e) A vírgula está separando indevidamente o sujeito (Algumas atividades) do seu verbo (provocam). Incorreta. Gabarito letra c.

51. (CESGRANRIO / IBGE / Agente de Pesquisas / 2016)

> O emprego da vírgula é gramaticalmente facultativo em
>
> *a) Cristiano estudou todo o conteúdo, ou seja, todas as três apostilas.*
>
> *b) Aqui está, crianças, o que eu havia prometido.*
>
> *c) Queremos ir à praia. Não será, porém, nesta viagem.*
>
> *d) Hoje, mais da metade da população está acima de peso.*
>
> *e) Tua irmã, aluna do quarto ano, já está dispensada.*

Comentários:

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Na letra D, temos um adjunto adverbial de tempo, de pequena extensão. Logo a vírgula é facultativa. Vejamos a justificativa das demais alternativas:

a) Cristiano estudou todo o conteúdo***, ou seja,*** todas as três apostilas. (as vírgulas isolam palavra denotativa de explicação)

b) Aqui está***, crianças,*** o que eu havia prometido. (as vírgulas isolam vocativo)

c) Queremos ir à praia. Não será***, porém,*** nesta viagem. (as vírgulas isolam conjunção adversativa deslocada)

e) Tua irmã***, aluna do quarto ano,*** já está dispensada. (as vírgulas isolam aposto explicativo de "irmã".)

Gabarito letra D.

Uso do ponto e vírgula

A definição clássica do ponto e vírgula (;) é ser uma pausa maior que a vírgula e menor que o ponto final, é uma pontuação intermediária entre os dois. As gramáticas não trazem regras absolutas e obrigatórias para essa pontuação, o que gera certa insegurança no seu uso, sentimento que foi tratado em uma crônica de Luis Fernando Veríssimo:

> *"(...) Mas tenho um temor e uma frustração. Jamais usei um ponto e vírgula. Já usei 'outrossim', acho que já usei até 'deveras' e vivo cometendo advérbios, mas nunca me animei a usar ponto e vírgula. Tenho um respeito reverencial por quem sabe usar ponto e vírgula e uma admiração maior ainda por quem não sabe e usa assim mesmo, sabendo que poucos terão autoridade suficiente para desafiá-lo. (...)"*

Então vamos ver os casos mais comuns de uso desse sinal.

Antes de conectivos adversativos e conclusivos:

É comum o uso de ponto e vírgula para ***separar orações coordenadas***. Ele ocorre especialmente antes de conjunções adversativas: *entretanto; mas; porém; contudo; todavia; ou conclusivas: logo; portanto; por isso; por conseguinte.*

Nada impede que seja usada a vírgula também, pois sabemos que a vírgula deve ser usada para separar orações coordenadas.

Ex: Eu sempre tive medo do mar; mas sempre amei praia.

Ex: Ele foi condenado penalmente; portanto perdeu o emprego.

Se a oração se inicia após (;) ou (.), a vírgula após o conectivo **PODE** ser utilizada, facultativamente:

Ex: Ele foi condenado penalmente; portanto (,) perdeu o emprego.

Ex: Ele foi condenado penalmente. Portanto (,) perdeu o emprego.

Apesar disso, ***não se recomenda*** iniciar oração com "mas" após ponto final.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Enumerar e agrupar elementos em enumerações:

A função principal do ponto e vírgula é atuar como um enumerador. Ele separa estruturas coordenadas que já tenham vírgulas internas. Ele é usado para separar partes independentes, razão por que não é aconselhável para separar orações subordinadas.

Ex: Art. 7º São direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, além de outros que visem à melhoria de sua condição social:

I - relação de emprego protegida contra despedida arbitrária ou sem justa causa, nos termos de lei complementar, que preverá indenização compensatória, dentre outros direitos;

II - seguro-desemprego, em caso de desemprego involuntário;

III - fundo de garantia do tempo de serviço;

Ex: O concurseiro tem duas preocupações: uma é passar; outra é passar logo.

Veja a organização interna dessa enumeração:

Ex: Viajei com dois casais e um amigo solteiro: Wandercleverson, Sâmila; Waldisney, Eyshylah; Douglas. (o ponto e vírgula indica quem eram os casais)

Veja outra possibilidade:

Ex: Viajei com dois casais e um amigo solteiro: Wandercleverson; Sâmila, Waldisney; Eyshylah, Douglas. (o ponto e vírgula indica outro agrupamento)

Na fala, essa divisão e agrupamento seriam marcados pela entonação e pelas pausas.

Ex: No mercadinho tem de tudo, carne, frango, peixe; frutas, legumes, cereais. (o ponto e vírgula separa subgrupos diferentes: alimentos de origem animal e de origem vegetal.)

Ex: Os atacantes dos times são Messi, Neymar e Suárez; Cristiano, James e Bale. (o ponto e vírgula separa dois grupos de atacantes, um de cada time)

52. (FEPESE / Ministério Público-SC / 2016) - Adaptada

> A frase abaixo está gramaticalmente correta.
>
> *O índice de casos da gripe H1N1 neste ano está preocupando o governo; contribuíram para isso o número de doentes infectados e o de óbitos.*

Comentários:

O ponto e vírgula está separando duas orações independentes, coordenadas. Poderia haver um ponto final entre elas; Porém, fica melhor o ponto e vírgula porque há entre as orações certa relação de explicação ou conclusão: a segunda seria uma das causas para a primeira. Questão correta.

53. (ESAF / MPOG / 2015) - Adaptada

> *O homem é um animal. Porém, não é "apenas mais um animal". Ele é único.*

23277017915 - Davi Pedro da Silva

> O ponto final do primeiro período pode ser substituído por ponto e vírgula, sem contrariar as regras de pontuação.

Comentários:

O sinal de ponto e vírgula é corretamente usado antes de conjunções conclusivas e adversativas, sendo este último o caso da questão.

Veja: O homem é um animal; porém, não é "apenas mais um animal"

A banca não falou sobre o ajuste na letra maiúscula, mas isso não afetou o julgamento da assertiva. Fiquem atentos, para o CESPE/UNB, a falta de menção a esse ajuste tornaria a questão errada.

Questão correta.

Uso do sinal de dois pontos (:)

Em essência, o sinal de dois pontos indica que há uma relação entre o que vem antes dele com o que vem depois. Essa relação geralmente é de explicação ou, de forma mais ampla, qualquer sentido que seja um desenvolvimento do que foi dito antes.

Ligar orações coordenadas que tenham natureza de conclusão ou explicação:

Ex: O dólar estava muito alto: não viajei.

Ex: Ele era difícil de conviver: nunca se casou.

Nesse caso, como são duas orações coordenadas, poderia também haver entre elas uma vírgula. Por isso, a banca muitas vezes pergunta se é possível trocar a vírgula por dois pontos. Nesse caso, seria até possível trocar por (;).

Essas orações introduzidas por (:) com sentido de esclarecimento de um termo anterior são chamadas de orações subordinadas substantivas apositivas, pois funcionam como um aposto explicativo, mas na forma de oração (com verbo).

54. (IDECAN / INCA / 2017)

> *"Por isso penso: o debate sobre a legalização das drogas está completamente ultrapassado."* O uso de dois-pontos (:) no trecho em destaque foram utilizados para anunciar:
>
> a) Uma causa.
>
> b) Uma explicação enumerativa.
>
> c) Uma síntese sobre o que foi exposto anteriormente.
>
> d) Uma informação ligada ao que foi anunciado anteriormente.

Comentários:

O sinal de dois-pontos foi utilizado para indicar a relação entre o que foi dito antes e que vem após a pontuação: aquilo que o locutor pensa.

Gabarito letra D.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

55. (FGV / PROCURADOR / Prefeitura de Paulínia / 2016)

> Observe a frase a seguir:
>
> *“Os fantasmas são frutos do medo: quem não tem medo não vê fantasmas”.*
>
> Os dois pontos entre os dois segmentos da frase podem ser adequadamente substituídos pelo seguinte conectivo:
>
> a) pois. b) logo. c) contudo. d) entretanto. e) no entanto.

Comentários:

Questão boa e maliciosa!!! Os dois pontos podem ser usados para unir orações com sentido de explicação e conclusão. No caso da questão, temos clara relação de explicação entre a primeira oração e a segunda, então era possível e adequado substituir perfeitamente por “pois”, que é uma conjunção explicativa.

Para você que marcou a letra b. 😭

Em outros contextos, até faria sentido substituir por “logo”; no entanto, a relação na questão não é de conclusão.

“Os fantasmas são frutos do medo, ***porque*** quem não tem medo não vê fantasmas”.

Por essa razão, o gabarito é a letra a.

Isolar oração subordinada substantiva apositiva (introduzida por conjunção integrante):

Ex: Ela queria apenas uma coisa: que a prova viesse logo. (o aposto também pode vir na forma de uma oração desenvolvida.)

Ex: Ela queria apenas uma coisa: passar logo. (o aposto também pode vir na forma de uma oração reduzida.)

Introduzir citação:

O uso mais clássico do sinal de dois pontos é marcar o discurso direto e inserir uma fala alheia.

Ex: Dizia ele: estou indo pra Brasília, neste país lugar melhor não há.

Nesse caso, é comum haver aspas na reprodução literal do comentário citado.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Introduzir enumeração:

O sinal de dois-pontos é utilizado para introduzir apostos distributivos e enumerativos, ou seja, enumerações.

Ex: Eu aceito você de volta sob três condições: você vai pedir desculpas, devolver o dinheiro e nunca mais repetir esse comportamento.

Ex: Encontrei na festa meus dois melhores amigos de infância: João e Pedro.

56. (FCC / TRT 11ª / Técnico / 2017)

> *Freud uma vez recebeu carta de um conhecido pedindo conselhos diante de uma escolha importante da vida. A resposta é surpreendente**:** para as decisões pouco importantes, disse ele, vale a pena pensar bem. Quanto às grandes escolhas da vida, você terá menos chance de errar se escolher por impulso.*
>
> De acordo com as estruturas linguísticas do texto, julgue o item:
>
> No primeiro parágrafo, o sinal de dois-pontos introduz uma síntese do que foi dito antes.

Comentários:

Não. Pelo contrário, o sinal de dois-pontos anuncia o que se vai dizer, introduzindo um esclarecimento do termo "resposta". Questão incorreta.

57. (FCC / TRE SP / ANALISTA / 2017)

> *O museu não é uma estrutura sagrada e quem o frequenta deve permanecer em contato com a natureza do lado de fora...*
>
> Quanto à pontuação do período acima, pode-se
>
> I. acrescentar uma vírgula imediatamente antes da conjunção "e", uma vez que separaria orações com sujeitos diferentes.
>
> II. substituir a conjunção "e" por dois-pontos, pois o que se segue pode ser entendido como uma explicação da primeira parte da frase.
>
> III. isolar com vírgulas a expressão "em contato", uma vez que se trata de locução adverbial, sem alteração do sentido original.
>
> Está correto o que consta em
>
> a) II, apenas.
>
> b) I, II e III.
>
> c) II e III, apenas.
>
> d) I e III, apenas.
>
> e) I e II, apenas..

Comentários:

I- Separar orações coordenadas com sujeitos diferentes é uma dos casos recomendados de vírgula antes do "E". A primeira oração tem como sujeito

23277017915 - Davi Pedro da Silva

"museu"; na segunda, o sujeito é "quem". CORRETA.

II- O "E" foi utilizado para unir orações com clara relação de explicação, portanto, pode ser substituído por dois-pontos, sinal que traz também essa exata finalidade. CORRETA.

III- A expressão adverbial é tudo: "em contato com a natureza do lado de fora". Isolar somente "em contato" criaria um fragmento, sem sentido. INCORRETA.

Gabarito letra E.

58. (CESPE / INSS / 2016) Adaptada

> Os monarcas portugueses, após o terremoto que dizimou Lisboa, se orgulhavam de, a despeito dos destroços, terem erguido uma grande biblioteca: A real Livraria.
>
> Acerca de aspectos linguísticos e dos sentidos do texto acima, julgue o item que se segue. O sinal de dois-pontos empregado imediatamente após "biblioteca" introduz um termo de natureza explicativa.

Comentários:

O sinal de dois pontos é usado para introduzir termos que explicam algo que foi dito antes. A real livraria é a explicação e o esclarecimento do termo "uma grande biblioteca", é um aposto explicativo de "biblioteca". Questão correta.

59. (CESPE / TELEBRAS / 2015) - Adaptada

> *Desde 1990, no Brasil, tem havido uma melhora sistemática do coeficiente de Gini, índice comumente utilizado para medir a desigualdade de distribuição de renda: melhorou dos 0,603 de 1993 para os 0.501 de 2013.*
>
> No final do primeiro parágrafo, caso se substituíssem o sinal de dois-pontos por vírgula e a palavra "melhorou" por que passou, a correção gramatical do período seria mantida.

Comentários:

Vamos testar a sugestão da banca e ver se continua correto.

*Desde 1990, no Brasil, tem havido uma melhora sistemática do coeficiente de Gini, índice comumente utilizado para medir a desigualdade de distribuição de renda**, que passou** dos 0,603 de 1993 para os 0.501 de 2013.*

O sinal de dois pontos introduzia um aposto explicativo para o termo "melhora sistemática". A introdução da vírgula manteve esse mesmo sentido por meio de uma oração adjetiva explicativa, que é introduzida pelo pronome relativo e deve ser marcada por vírgula. Questão correta.

60. (CESPE / TRE RS / 2015) - Adaptada

> *Mais uma vez, trata-se de uma falácia: desde sempre, figuras notórias puxam votos, sem que isso represente prejuízo irremediável para a democracia...*
>
> Os dois-pontos empregados logo após "falácia" introduzem uma enumeração.

Comentários:

23277017915 - Davi Pedro da Silva

O sinal de dois pontos pode, de fato, ser usado para introduzir enumerações. Porém, não é o caso da questão. Aqui, ele serve para introduzir um termo de natureza explicativa, ou seja, para explicar a palavra "falácia". Questão incorreta.

61. (CESPE / MEC / 2015) - Adaptada

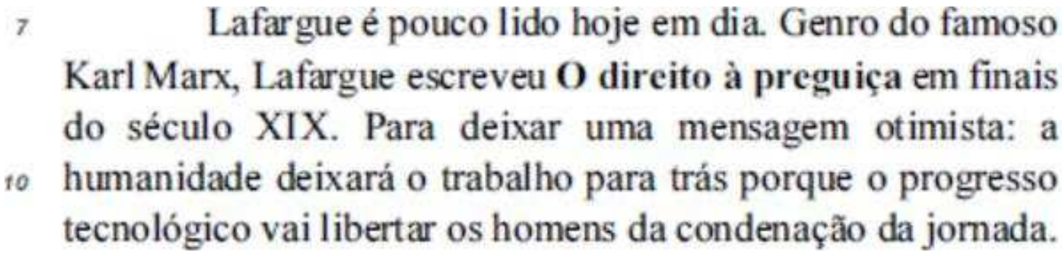

> 7 Lafargue é pouco lido hoje em dia. Genro do famoso Karl Marx, Lafargue escreveu **O direito à preguiça** em finais do século XIX. Para deixar uma mensagem otimista: a
> 10 humanidade deixará o trabalho para trás porque o progresso tecnológico vai libertar os homens da condenação da jornada.
>
> Na linha 9, os dois-pontos têm a função de introduzir uma explicação referente à informação anterior.

Comentários:

Exatamente. Os dois-pontos introduzem a explicação do que seria a "mensagem otimista", que era a libertação da condenação da jornada por meio do progresso tecnológico. Questão correta.

62. (CESPE / DEPEN / 2015) - Adaptada

> *Uma casa tem muita vez as suas relíquias, lembranças de um dia ou de outro, da tristeza que passou, da felicidade que se perdeu.*
>
> O emprego de dois-pontos em substituição à vírgula logo após a expressão "suas relíquias" não geraria erro gramatical.

Comentários:

Primeiramente, não estranhe o "muita vez", no singular. Esse trecho é de um texto antigo, de Machado de Assis. Leia como "muitas vezes".

Se incluíssemos o sinal de dois-pontos após relíquias, estaríamos estabelecendo uma relação de explicação entre o que vem antes e depois dessa pontuação:

Uma casa tem muita vez as suas ***relíquias: lembranças*** *de um dia ou de outro, da tristeza que passou, da felicidade que se perdeu.*

Com essa substituição, "lembranças" passa a ser explicação do que seriam as "relíquias". Haveria mudança semântica, mas não haveria erro gramatical. Questão correta.

63. (CESPE / FUB / 2015) - Adaptada

> *O levantamento mostra significativo avanço da Unb. O salto qualitativo deve-se a três fatores: o corpo docente, o impacto na Internet e a reputação acadêmica.*
>
> O sinal de dois-pontos empregado logo após "fatores" introduz uma enumeração.

Comentários:

Exatamente. O sinal de dois-pontos enumera os 3 fatores. Questão correta.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

64. (FGV / CODEBA / 2016) - Adaptada

> *Fantasma: o sinal exterior e visível de um medo interior.*
>
> Nessa frase ocorre o emprego de dois pontos (:) com a seguinte finalidade:
>
> a) indicar o significado de um termo anterior.
>
> b) preceder uma enumeração de termos.
>
> c) marcar uma citação.
>
> d) introduzir uma síntese do que foi enunciado.
>
> e) separar o vocativo.

Comentários:

O sinal de dois-pontos foi usado para indicar o significado do termo anterior, “fantasma”. Isso é outra forma de dizer que estabelece uma relação de explicação. Gabarito letra a.

65. (ESAF / FUNAI / Contador / 2016)

> Assinale o trecho em que foram plenamente atendidas as regras de emprego dos sinais de pontuação.
>
> *a) No Brasil, a função do índio romântico foi significativa e extravasou do campo da literatura. Já inexistente nas regiões civilizadas, o índio se tornou a imagem ideal, que permitia, a identificação do brasileiro com o sonho de originalidade e de passado honroso; além de contribuir para reforçar o sentimento de unidade nacional.*
>
> *b) Como escreveu Roger Bastide, o índio romântico serviu de álibi para se conceituar, de maneira confortadora, a mestiçagem, que lhe foi atribuída estrategicamente. A mestiçagem com o negro, mais frequente, era considerada humilhante em virtude da escravidão.*
>
> *c) O indianismo criou um antepassado mítico a quem foram atribuídas arbitrariamente virtudes convencionais, incluindo-se, as relacionadas ao cavaleiro medieval, tão em voga, na literatura romântica.*
>
> *d) Até hoje é geral, o uso de prenomes e sobrenomes indígenas, não raro tomados de textos literários; a própria Monarquia ao distribuir títulos de sua nobreza improvisada, associouos à convenção nativista, em combinações pitorescas como: barão de Pindamonhangaba, marquês de Quixeramobim...*
>
> *e) Função paralela à do índio, foi exercida no Romantismo, pela exaltação à natureza. Com efeito, na falta de uma ilustre tradição local que permitisse evocar paladinos e varões sábios desde a Antiguidade (como ocorria na Europa) a natureza brasileira entrou, de certo modo, em seu lugar como motivo de orgulho.*

Comentários:

Meus caros, na hora da prova, se você se deparar com uma questão deste tamanho, não se apavore. Procure logo uma separação entre sujeito/verbo/complemento ou entre nome/adjunto/CN. Achou o primeiro erro grave, não perca tempo, pule para a próxima e só volte para reler se achar erro

23277017915 - Davi Pedro da Silva

em mais de uma. Vamos praticar:

a) *...o índio se tornou a imagem ideal, que permitia, a identificação...* (separou verbo do objeto)

b) ***Como escreveu Roger Bastide, (1)*** o índio romântico serviu de álibi para se conceituar***, de maneira confortadora, (2)*** a mestiçagem***, que lhe foi atribuída estrategicamente (3).*** A mestiçagem com o negro***, mais frequente, (4)*** era considerada humilhante em virtude da escravidão.

Em 1, temos uma oração adverbial conformativa anteposta: vírgula obrigatória.

Em 2 e 4, temos oração adjetiva explicativa. Em 3, temos expressão adverbial isolada. A redação está perfeita. Gabarito letra B.

c) *...incluindo-se, as relacionadas ao cavaleiro medieval* (separou o verbo do sujeito paciente)

d) *Até hoje é geral, o uso de prenomes* (separou o verbo do sujeito)

e) *Função paralela à do índio, foi exercida no Romantismo* (separou o verbo do sujeito)

66. (Vunesp / MPE SP / Analista Científico / 2016)

> Assinale a alternativa em que os sinais de pontuação estão empregados segundo os mesmos princípios da norma padrão adotados na passagem – com certa diferença na duração do mandato: o dos senadores, mais longo; o dos deputados, mais curto.
>
> *a) A separação os fez perder muita coisa: ele, a guarda dos filhos; ela, a casa em que morava com as crianças.*
>
> *b) Há algo importante a explicar: a perda de clientes, muitos deles inadimplentes; entretanto, ninguém fala nada.*
>
> *c) Os meios de divulgação são os seguintes: internet, mensagem de celular e jornais; com eles, atingiremos o público.*
>
> *d) Foi o que disse o funcionário: o carregamento não chegou, ainda; e os pedidos estão se acumulando, mais e mais.*
>
> *e) Fui reticente, mas agora me explico: meu dinheiro acabou, nada me resta; e meu pai não pode me ajudar, coitado.*

Comentários:

Sejamos práticos. A banca quer a opção que traga a mesma regra de pontuação do enunciado: a regra da Zeugma, omissão da palavra "mandato".

o dos senadores**,** mais longo; o dos deputados**,** mais curto.

Mandato **Mandato**

Esse tipo de pontuação também ocorre na letra a:

A separação os fez perder muita coisa: ele**,** a guarda dos filhos; ela**,** a casa

Perder **Perder**

Gabarito letra a.

Uso das reticências:

As reticências, essencialmente, indicam uma interrupção de algo que ia continuar, ou seja, expressam interrupções no texto. O sinal de reticências sinaliza também uma ideia não concluída, algo que o escritor deixa no ar.

Ex: Nós fizemos tudo para salvar seu filho, mas...

Ex: O que eu ia dizer é...bem...deixa pra lá.

As reticências entre parênteses indicam a supressão de parte do texto **(...)**.

Ex: "Do mesmo modo que a frase não é uma simples sequência de palavras, o texto não é uma simples sucessão de frases. São elos transfrásicos, (...), que fazem do texto um conjunto de informações."

67. (FUNCAB / EMSERH / Auxiliar Operacional / 2016)

> *A carta de amor*
>
> *No momento em que Malvina ia por a frigideira no fogo, entrou a cozinheira com um envelope na mão. Isso bastou para que ela se tornasse nervosa. Seu coração pôs-se a bater precipitadamente e seu rosto se afogueou. Abriu-o com gesto decisivo e extraiu um papel verde-mar, sobre o qual se liam, em caracteres energéticos, masculinos, estas palavras: "Você será amada...".*
>
> Os "três pontos de reticências" na frase escrita no papel verde-mar indicam:
>
> a) introdução à fala de um personagem.
>
> b) realce da palavra anterior ao sinal.
>
> c) indicação de uma transcrição.
>
> d) interrupção da frase.
>
> e) fim da ação verbal.

Comentários:

As reticências servem para suspender o "fluxo" sintático, marcando uma interrupção da fala. Gabarito letra d.

68. (Copeve / UFMS / 2016)

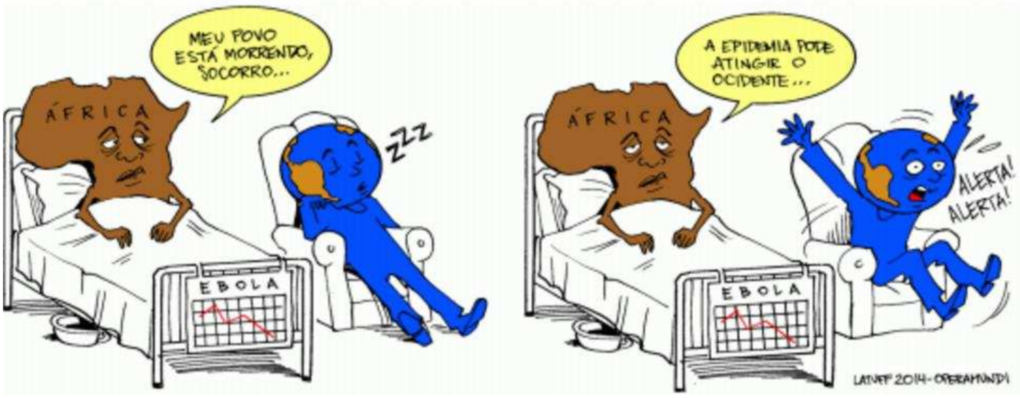
MEU POVO ESTÁ MORRENDO, SOCORRO...
ÁFRICA
ZZZ
EBOLA
A EPIDEMIA PODE ATINGIR O OCIDENTE...
ÁFRICA
ALERTA! ALERTA!
EBOLA
LATUFF 2014-OPERAMUNDI

> As reticências "..." presentes nos balões de diálogo da charge são usadas para:
>
> a) Criar um suspense sobre o que está sendo discutido pela África.
>
> b) Indicar entusiasmo na fala da África.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

> c) Demonstrar que a fala da África tem continuidade.
>
> d) Evitar repetição.
>
> e) Deixar o texto ambíguo. -

Comentários:

Novamente, as reticências indicam que a fala foi interrompida. Gabarito letra c.

69. (CESPE / Téc. Judiciário / STJ / 2012) - Adaptada

> *A um coronel que se queixava da vida no quartel, um jornalista disse:*
>
> *— O senhor não sabe como é chato militar na imprensa.*
>
> Com relação às ideias e aos aspectos linguísticos do trecho acima, julgue os itens a seguir.
>
> O ponto final empregado logo após "imprensa" poderia ser corretamente substituído por reticências.

Comentários:

A banca apenas pergunta se é possível substituir "corretamente", ou seja, sem causar erro gramatical. A substituição do ponto final pelas reticências seria sim correta; apenas causaria uma "suspensão" no pensamento, que ficaria interrompido, sem desfecho, não concluído, "no ar". Questão correta.

Uso das aspas:

As aspas servem para **citações** e para indicar o uso "especial" de uma palavra. Quando digo "especial", quero dizer um uso daquela palavra com uma intenção diferente do esperado, fora do contexto habitual.

Indicar citações:

As aspas indicam a reprodução literal do texto, as exatas palavras, no discurso direto.

Ex: Encheu o peito de ar com orgulho e gritou: "agora ferrou!"

Ex: O padre começou a oração: "em nome do pai, do filho..."

Indicar estrangeirismo, neologismo, arcaísmo, expressão popular ou gíria:

Ex: Para apagar caracteres, pressione "backspace" ou "delete".

Ex: Você é um "esquerdopata" crônico!

Ex: "Vós-me-cê" vai querer que a escrava aqui faça tudo?

Ex: Vamos ali tomar uma "birita" no bar?

Ex: Ela posta fotos de biquíni para "causar" na "net".

Ex: Impetrei um "habeas corpus" com a "patroa" para poder sair na "night".

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Atualmente, no entanto, tem sido tolerado o uso de *itálico* como forma de dispensar o uso de aspas, exceto na hipótese de citação textual.

Indicar ironia e sentido figurado:

Ex: Quem foi o "gênio" que tirou zero naquela prova fácil?

Ex: Você, calado, é um "poeta"...

Ex: O policial e o ladrão chegaram a um "entendimento".

Em citações literais, o ponto deve ficar dentro das aspas se a frase começa e termina com aspas. Exemplo:

Ex: "Nunca fiz amigos bebendo leite!" (Vinícius de Morais)

Se apenas uma parte da citação está dentro das aspas, a pontuação deve ficar fora das aspas.

Ex: Minha mãe sempre dizia que "lágrimas não são argumentos".

HORA DE
PRATICAR!

70. (IESES / Bioquímico-Pref. SJC / 2017)

Analise as proposições a seguir sobre a pontuação do seguinte trecho:

*Curiosamente, uma das formas de manifestar chateação, com perdão da expressão, é "p*** que o pariu"! Aqui, o pronome oblíquo aparece! Entretanto, ninguém vai dizer que esse é um argumento para sustentar que o pronome oblíquo está vivo. Se disser...*

I. A primeira vírgula é opcional, ou seja, sua presença é apenas um recurso de entonação.

II. A segunda e a terceira vírgula estão isolando uma oração explicativa.

III. As aspas foram empregadas para indicar que a expressão é própria da linguagem verbal.

IV. O segundo ponto de exclamação que aparece no trecho foi empregado para indicar espanto.

Agora assinale a alternativa que contenha análise correta sobre as proposições.

a) Estão corretas apenas as proposições I, II e IV.

b) Estão corretas apenas as proposições I, III e IV.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

c) Estão corretas apenas as proposições II e IV.

d) Estão corretas apenas as proposições I e III

Comentários:

I. A primeira vírgula é opcional porque "curiosamente" é adjunto adverbial antecipado de pequena extensão.

II. A segunda e a terceira vírgula estão isolando um comentário interferente. Não há verbo para podermos classificar como oração.

III. De fato, as aspas foram empregadas para indicar que a expressão foi reproduzida literalmente. Como palavrão, numa situação de fala, é própria da linguagem verbal.

IV. De fato, o segundo ponto de exclamação que aparece no trecho foi empregado para indicar espanto, causado pelo fato de não usarmos normalmente pronomes oblíquos átonos na linguagem oral e, justamente na hora de falar um palavrão, esse pronome aparecer na fala.

Gabarito letra B.

71. (CESPE / TJ DFT / 2015) - Adaptada

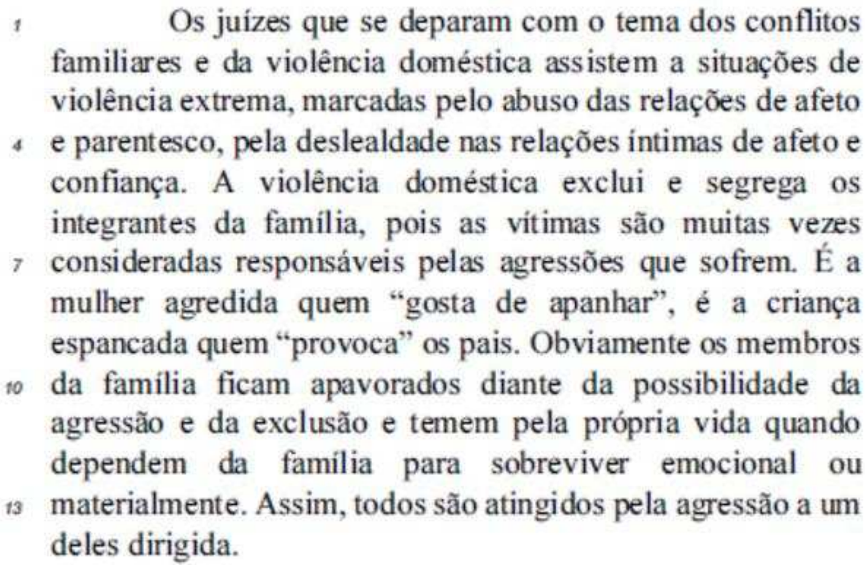

Os juízes que se deparam com o tema dos conflitos familiares e da violência doméstica assistem a situações de violência extrema, marcadas pelo abuso das relações de afeto e parentesco, pela deslealdade nas relações íntimas de afeto e confiança. A violência doméstica exclui e segrega os integrantes da família, pois as vítimas são muitas vezes consideradas responsáveis pelas agressões que sofrem. É a mulher agredida quem "gosta de apanhar", é a criança espancada quem "provoca" os pais. Obviamente os membros da família ficam apavorados diante da possibilidade da agressão e da exclusão e temem pela própria vida quando dependem da família para sobreviver emocional ou materialmente. Assim, todos são atingidos pela agressão a um deles dirigida.

Acerca dos aspectos linguísticos do texto apresentado, julgue o item seguinte.

No primeiro parágrafo, as aspas foram empregadas em trechos que reproduzem discursos de outras pessoas, e não da autora do texto.

Comentários:

A finalidade mais clássica das aspas é reproduzir o discurso de outras pessoas. Questão correta.

72. (ESAF / MPOG / 2015) - Adaptada

O homem é um animal. Porém, não é "apenas mais um animal". Ele é único.

O autor grafou a expressão "apenas mais um animal" entre aspas para atribuir-lhe um tom sarcástico e negativo.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Comentários:

A presença dessas aspas se deve ao fato de o termo destacado ser reprodução da fala de terceiros, não do autor. A opinião dele não é essa e usa as aspas para marcar a reprodução literal dessa fala, da qual discorda. As aspas até podem ser corretamente utilizadas para indicar ironia e sarcasmo. Porém, não é o que ocorre nessa questão. O autor não quer dar sentido negativo ao termo. Pelo contrário, quer negar esse sentido. Pois logo adiante diz que o homem é um animal único. Questão incorreta.

73. (CESPE / TRE RS / 2015) - Adaptada

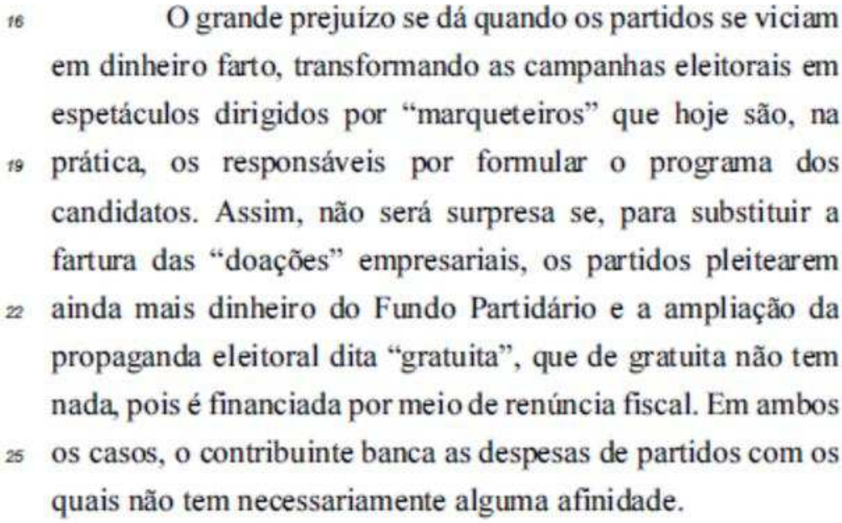

> O grande prejuízo se dá quando os partidos se viciam em dinheiro farto, transformando as campanhas eleitorais em espetáculos dirigidos por “marqueteiros” que hoje são, na prática, os responsáveis por formular o programa dos candidatos. Assim, não será surpresa se, para substituir a fartura das “doações” empresariais, os partidos pleitearem ainda mais dinheiro do Fundo Partidário e a ampliação da propaganda eleitoral dita “gratuita”, que de gratuita não tem nada, pois é financiada por meio de renúncia fiscal. Em ambos os casos, o contribuinte banca as despesas de partidos com os quais não tem necessariamente alguma afinidade.
>
> As aspas foram empregadas tanto em 'doações' (l.21) quanto em 'gratuita' (l.23) com a mesma finalidade.

Comentários:

As aspas foram usadas para marcar ironia, figura utilizada para dizer o contrário do que se pensa. A prova disso no texto é o trecho: “que de gratuita não tem nada, pois é financiada por meio de renúncia fiscal”. Questão correta.

74. (FGV / CODEMIG / 2015) - Adaptada

> *Desde 2008, o ibope pergunta à população em idade de votar quão satisfeita ela está com o funcionamento da democracia no Brasil. Os resultados nunca foram brilhantes ainda menos se comparados com países latino-americanos como Uruguai e Argentina, mas jamais haviam sido tão chocantes quanto agora. Só 15% dos brasileiros se dizem “satisfeitos" (14%) ou “muito satisfeitos" (1%) com o jeito que o regime democrático funciona no país. (Estado de São Paulo, 04/09/2015)*
>
> Os termos “satisfeitos" e “muito satisfeitos" aparecem entre aspas porque:
>
> a) destacam elementos importantes no contexto;
> b) mostram termos técnicos da pesquisa;
> c) indicam respostas dos entrevistados;

23277017915 - Davi Pedro da Silva

> d) apontam a presença de tom irônico;
>
> e) demonstram a precisão da pesquisa.

Comentários:

As aspas servem para reproduzir literalmente a fala de terceiros.

Só 15% dos brasileiros se dizem "satisfeitos" (14%) ou "muito satisfeitos"

No caso em tela, foram usadas para indicar as respostas dos entrevistados, para reproduzir como eles dizem que se sentem. Gabarito letra C.

O uso do travessão:

O travessão serve para indicar a mudança de interlocutor e muitas vezes funciona como a vírgula, nos casos em que ela é usada para isolar ou destacar palavras ou orações. Vááárias questões pedem para trocar um par de vírgulas isolando um termo por um travessão duplo.

Mudança de interlocutor no diálogo:

Ex: — Pai, tirei 7.5 no exame!

— Parabéns, filho! Qual exame?

— O exame do bafômetro. Eles ficaram com seu carro...

Ex: Meus "queridinhos"— disse ela— quero que vocês de explodam!

Isolar termos ou orações intercalados de caráter explicativo ou para dar destaque/ênfase:

Ex: Esse seu carro — se é que pode ser chamado assim — é uma "carroça".

Ex: Meus amigos —todos casados— não querem mais saber de carnaval.

Podem aparecer outros sinais de pontuação após o travessão, mas eles serão justificados por suas próprias regras de uso. Veja:

Ex: Minha filha — amor da minha vida—, não faça mais isso! (a vírgula depois do travessão está ali para isolar o vocativo *minha filha*, que tem dentro dele uma fala isolada por travessões. Basta ler sem o termo entre os travessões que fica claro o motivo da vírgula: Minha filha, não faça mais isso!)

75. (IDECAN / INCA / 2017)

> Em *"Se insistirmos nos dogmas ditos revolucionários* ***– como a luta de classes e a demonização da iniciativa privada –****, não sairemos do impasse que inviabilizou o regime comunista onde ele se implantou."*, a vírgula logo após o segundo travessão

23277017915 - Davi Pedro da Silva

a) tem seu emprego justificado já que separa oração adverbial anteposta à principal, conferindo correção gramatical ao trecho.

b) é facultativa, seu emprego advém da necessidade de ser atribuída uma maior ênfase à oração imediatamente posposta.

c) é obrigatória e separa objetos pleonásticos conferindo à argumentação a ênfase necessária à compreensão do discurso apresentado.

d) poderia ser omitida preservando-se a correção gramatical do texto já que seu emprego tem por objetivo apenas conferir ênfase à informação limitada pelos travessões.

Comentários:

Os travessões do texto estão isolando um termo explicativo, um exemplo. Por isso, esse comentário poderia ser retirado:

"Se insistirmos nos dogmas ditos revolucionários, não sairemos do impasse que inviabilizou o regime comunista onde ele se implantou."

Ao retirarmos os travessões, percebemos que a vírgula foi utilizada para marcar uma oração subordinada adverbial condicional antecipada. Gabarito letra A.

76. (CESPE / MEC / 2015) - Adaptada

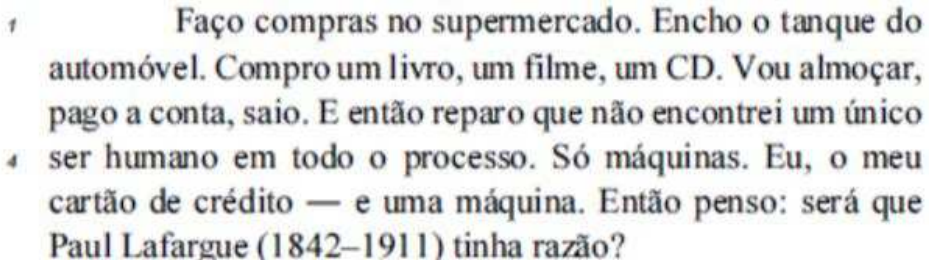
Faço compras no supermercado. Encho o tanque do automóvel. Compro um livro, um filme, um CD. Vou almoçar, pago a conta, saio. E então reparo que não encontrei um único ser humano em todo o processo. Só máquinas. Eu, o meu cartão de crédito — e uma máquina. Então penso: será que Paul Lafargue (1842–1911) tinha razão?

Na linha 5, o emprego do travessão tem a função de enfatizar a ausência de contato humano nas atividades realizadas no cotidiano, que são narradas no primeiro parágrafo.

Comentários:

Além de marcar a mudança de interlocutor, o travessão serve para isolar comentários intercalados, interferentes, com a finalidade de dar a eles ênfase, destaque. No primeiro parágrafo, de fato, o autor lista diversas atividades que realiza sem ter contato humano, por meio exclusivamente de contato com máquinas. Questão correta.

77. (FCC / SEDUS / 2016) - Adaptada

Em 1596, William Shakespeare e seus atores tiveram de deixar o teatro isabelino The Theatre, localizado em Shoreditch, em Londres, até então o recanto da dramaturgia inglesa. O período de 21 anos de concessão do terreno ao ator e empresário James Burbage havia chegado ao fim, e o senhorio exigia as terras de volta. Desolados, Shakespeare e os homens de sua companhia, Lord Chamberlain's Men, se uniram para roubar o teatro – tábua por tábua, prego por prego – e reconstruí-lo em outro lugar.

No texto, a função dos travessões em "– tábua por tábua, prego por prego

23277017915 - Davi Pedro da Silva

> –" é destacar o modo de realização da ação verbal.

Comentários:

O comentário isolado em travessões serve para destacar e dar ênfase. No caso em tela, destaca a maneira como a ação do verbo foi praticada, de forma paulatina, aos poucos. Questão correta.

Uso dos parênteses:

Essencialmente, os parênteses servem para isolar esclarecimentos acessórios.

Ex: A faculdade em que estudei (UFRJ) era longe do centro.

Ex: Os políticos estão sendo investigados (pela Polícia Federal) na "lava-jato".

Em vários casos, o uso dos parênteses vai ser justificado pelas mesmas regras do travessão duplo e das vírgulas que isolam termos ou orações acessórios.

78. (CESPE / MEC / 2015) - Adaptada

> *Em terra, se você subisse em uma construção de 150 metros— a catedral de Colônia ou o monumento de Washington, digamos—, a mudança de pressão, de tão pequena, seria imperceptível.*
>
> Julgue: O emprego da vírgula após o travessão é facultativo.

Comentários:

A maneira mais simples de resolver uma questão como essa é retirar os travessões e ver se a vírgula permanece lá por outra razão.

Em terra, se você subisse em uma construção de 150 metros, *a mudança de pressão, de tão pequena, seria imperceptível.*

Em terra, (adjunto adverbial de lugar deslocado)

,* se você subisse em uma construção de 150 metros*, (oração subordinada condicional deslocada)

, de tão pequena, (adjunto adverbial deslocado, com sentido de causa).

Moral da história, todas as vírgulas presentes têm uma motivação. A vírgula após o travessão é obrigatória, pois separa uma oração subordinada condicional deslocada. Questão incorreta.

79. (FCC / TRT MT / 2016) - Adaptada

> *Além disso, do manual de instruções de um aparelho eletrônico à numeração das linhas de ônibus, passando pelo desenho das vias urbanas, pelos impostos escorchantes e pelas regras que somos obrigados a obedecer – inclusive nos atos mais simples, como o de andar a pé –, há uma evidente arbitrariedade, às vezes melíflua, às vezes violenta, que se insinua no cotidiano.*
>
> A vírgula colocada imediatamente após o travessão pode ser suprimida, sem prejuízo da correção e do sentido.

Comentários:

23277017915 - Davi Pedro da Silva

A técnica para questões desse tipo é retirar o termo isolado entre travessões e ver se a vírgula permanece por outro motivo.

*Além disso**,** do manual de instruções de um aparelho eletrônico à numeração das linhas de ônibus**,** passando pelo desenho das vias urbanas**,** pelos impostos escorchantes e pelas regras que somos obrigados a obedecer**,** há uma evidente arbitrariedade, às vezes melíflua, às vezes violenta, que se insinua no cotidiano.*

A oração sublinhada é a oração principal. Os termos que vêm antes dela estão deslocados; logo, estão separados por vírgulas. Essa última vírgula pertence ao último termo deslocado anterior à oração principal e não poderia ser suprimida. O travessão traz um termo acessório e não influencia nessa pontuação. Questão incorreta.

80. (FCC / TRT MT / 2016) - Adaptada

> Com respeito à pontuação, atente para as seguintes afirmações:
>
> *Mas eu jamais seria capaz de reconhecer uma árvore de mulungu. Um dia, procurei no dicionário e descobri que mulungu é o mesmo que corticeira e que também é conhecido pelo nome de flor-de-coral. ''Árvore regular, ornamental, da família das leguminosas, originária da Amazônia e de Mato Grosso, de flores vermelhas, dispostas em racimos multifloros, sendo as sementes do fruto do tamanho de um feijão (mentira!), e vermelhas com mácula preta (isto, sim)'', dizia.*
>
> No parágrafo, os parênteses indicam juízos da escritora, que, portanto, não constam da definição encontrada no dicionário.

Comentários:

Os parênteses isolam os comentários pessoais da autora em relação às informações que ela lê na definição do dicionário, que veio entre aspas, para indicar que é uma reprodução literal. Questão correta.

81. (FGV / Prefeitura de Paulínia / 2016)

> *"Para efeito de comparação,(1) a média de mortes no Iraque na última década,(2) país que está em guerra,(3) foi de 550 mil. No mesmo período,(4) o Brasil registrou a mesma quantidade de mortes. Segundo o Relatório Global sobre Homicídios da ONU,(5) em 2012,(6) o país,(7) que representa 3% da população mundial,(8) registrou 10% dos homicídios ocorridos em todo o mundo".*
>
> Nesse segmento do texto 2, há oito ocorrências de vírgula, devidamente numeradas; a afirmação correta sobre o emprego desse sinal de pontuação é:
>
> a) os casos 7 e 8 marcam a presença de um aposto;
>
> b) os casos 1 e 5 mostram a mesma razão para a vírgula;
>
> c) os casos 2 e 3 marcam uma inversão de termos;
>
> d) o caso 4 marca uma explicação;
>
> e) o caso 6 indica uma enumeração.

Comentários:

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Vamos às regras que justificam as vírgulas. Os termos isolados estarão entre duas vírgulas, primeira e segunda.

1) Adjunto adverbial deslocado

2) Aposto explicativo isolado (primeira vírgula)

3) Aposto explicativo isolado (segunda vírgula)

4) Adjunto adverbial deslocado

5) Adjunto adverbial deslocado

6) Adjunto adverbial deslocado

7) Oração adjetiva explicativa (primeira vírgula)

8) Oração adjetiva explicativa (segunda vírgula)

As vírgulas 1 e 5 marcam adjuntos adverbiais deslocados (**para efeito de comparação,** e**, em 2012,**). Gabarito letra b.

82. (ESAF / Despachante Aduaneiro / 2016)

> Assinale a opção que apresenta a versão que está gramaticalmente correta e que preserva as ideias gerais do Texto.
>
> *Quem olhar a carta geográfica da região amazônica, verificará que essa larga faixa, representa uma vasta e praticamente desconhecida região.*

Comentários:

Há uma vírgula enorme entre o sujeito (quem) e verbo (verificará):

Quem olhar a carta geográfica da região amazônica, verificará...

Há outra vírgula enorme entre o sujeito (essa larga faixa) e verbo (representa):

essa larga faixa, representa

Não pode haver vírgula entre sujeito e verbo. Questão incorreta.

83. (ESAF / Despachante Aduaneiro / 2016)

> Julgue o item a seguir.
>
> *A ideia de que tais áreas periféricas escapam das prioridades nacionais é um dos inúmeros mitos que cercam a região, porque essa região, não afeta a vida no resto desses países.*

Comentários:

...essa região, não afeta a vida no resto desses países.

Não pode haver vírgula entre sujeito e verbo. Questão incorreta.

84. (ESAF / Despachante Aduaneiro / 2016)

> *"Quem olhar, com alguma atenção, a carta geográfica da América do Sul e, mais precisamente, da região amazônica, verificará que a larga faixa que se estende ao longo das fronteiras do Brasil com seus vizinhos a norte e a oeste representa uma vasta região praticamente desconhecida."*

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Assinale a opção correta referente às estruturas linguísticas desse trecho.

a) A retirada da segunda vírgula que separa o adjunto adverbial "com alguma atenção" manteria gramaticalmente correto esse trecho.

b) As expressões "com alguma atenção" e "mais precisamente" estabelecem entre si uma relação de gradação de sentido.

c) O sujeito de "verificará" é "região amazônica", expressão que poderia ser corretamente substituída, nesse trecho, pelo pronome ela.

d) A oração introduzida por "que", após "verificará", é uma oração subordinada substantiva subjetiva.

e) O verbo "representa" tem como sujeito "uma vasta região praticamente desconhecida".

Comentários:

a) Os termos isolados devem estar "entre vírgulas", não pode retirar uma vírgula só. Se deixar uma só, haveria separação entre o sujeito e o verbo. Incorreta.

b) As expressões "com alguma atenção" e "mais precisamente" estabelecem entre si uma relação de gradação do sentido de "foco": quando mais atento, mais preciso, quase como se fosse um "zoom" no mapa da América do Sul que apontaria precisamente para a região da Amazônia. Questão correta.

c) O sujeito de "verificará" é "Quem olhar"– "aquele que olhar". Incorreta.

d) A oração introduzida por "que", após "verificará", é uma oração subordinada substantiva objetiva direta. Verificará (algo-OD). Questão incorreta.

e) O verbo "representa" tem como sujeito "a larga faixa...". Questão incorreta.

Gabarito letra b.

85. (FCC / TRE SP / Analista / 2017)

Atente para as seguintes frases:

I. O sentido controverso da palavra discussão, deve-se ao modo pelo qual costumam agir, os contendores, ao exporem seus argumentos.

II. Há discussões nas quais, por excesso de paixão, os argumentos sequer são considerados, dada a exacerbação dos ânimos.

III. Parece improvável que numa discussão acirrada, possa imperar a racionalidade dos argumentos que sequer são analisados.

Quanto à virgulação, está inteiramente correto o que consta APENAS em

a) II.

b) I.

c) III.

d) I e II.

e) II e III.

Comentários:

I- A vírgula separou o sujeito do verbo. INCORRETA.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

II- As vírgulas separam o adjunto adverbial deslocado "por excesso de paixão" e o adjunto adverbial "dada a exacerbação", este em posição final no período. Não seria obrigatório inserir as vírgulas quando o adjunto está ao final, mas contribui para a clareza. CORRETA.

III- "numa discussão acirrada" é adjunto adverbial deslocado e deve vir entre duas vírgulas, não pode estar com uma vírgula só, pois acaba por separa o sujeito (a oração) do seu verbo. INCORRETA.

Gabarito letra A.

86. (ESAF / Adido Agrícola / 2017)

> Em relação às estruturas sintáticas do texto, assinale a opção **correta.**
>
> *A agricultura no Brasil tem natureza dualista, pois coexistem a produção de grande escala e as propriedades agrícolas tradicionais, com milhares de pequenos agricultores produzindo, com recursos reduzidos, para próprio consumo ou para mercados locais. Porém, a lacuna no desempenho do trabalho na agricultura está declinando, com melhorias rápidas na produtividade, impulsionadas principalmente pela maior produção de capital intensivo. Parte desse crescimento ocorreu nas propriedades agrícolas de pequeno porte que produzem produtos de alto valor.*
>
> a) O emprego de vírgula após "dualista" (l. 1) justifica-se porque isola oração subsequente com a noção de consequência.
>
> b) A expressão "com recursos reduzidos" (l. 3) está entre vírgulas porque se trata de aposto.
>
> c) O termo "Porém" (l. 4) confere ao período uma noção de condição em relação às informações anteriores.
>
> d) O termo "impulsionadas" (l. 6) está no plural para concordar com o antecedente "melhorias rápidas" (l.5).
>
> e) Mantém-se a mesma relação sintática entre as orações ao se empregar uma vírgula após "pequeno porte"(l. 8).

Comentários

a) O emprego de vírgula após "dualista" justifica-se porque separa a oração principal da oração coordenada explicativa subsequente. Portanto, a noção não é de consequência, é de explicação. INCORRETA.

b) INCORRETA. A expressão "com recursos reduzidos" (l. 4 e 5) está entre vírgulas porque se trata de expressão adverbial. Além disso, essa expressão está numa lista de elementos coordenados:

...propriedades agrícolas tradicionais, ¹com milhares de pequenos agricultores produzindo, ²com recursos reduzidos, ³para próprio consumo ou para mercados locais.

c) O termo "Porém" confere ao período uma noção de oposição, adversidade. INCORRETA.

d) CORRETA. O termo "impulsionadas" está mesmo no feminino plural para concordar em número com o antecedente "melhorias rápidas", também no feminino plural.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

e) A relação entre as orações passaria a ser de "explicação" e não mais de restrição.

Parte desse crescimento ocorreu nas propriedades agrícolas de pequeno porte ***,que produzem produtos de alto valor.*** *(sentido de: o crescimento não ocorreu em todas as propriedades agrícolas, ocorreu somente em algumas, naquelas que produzem produtos de alto valor).*

Gabarito letra D.

Pronto!! Fechamos mais uma aula importantíssima para sua aprovação. Admita, não foi tão difícil assim né rs... Espero que não. Pontuação não vai mais ser problema na sua prova!

Lista de questões

1. (FGV / IBGE / 2016) Adaptada

A frase abaixo, de Millôr Fernandes, exemplifica o emprego da vírgula por inserção de um segmento entre sujeito e verbo:

"O difícil, quando forem comuns as viagens interplanetárias, será a gente descobrir o planeta em que foram parar as bagagens";

2. (CESPE / TCU / 2015) Adaptada

Escreve H. Summer Maine que algumas experiências societárias, ao permitirem o declínio do poder real e o enfraquecimento de monarcas hereditários, acabaram por favorecer a emergência de aristocracias...

O emprego de vírgula logo após "H. Summer Maine" prejudicaria a correção gramatical do período.

3. (FGV / TJ PI / 2016) Adaptada

"Atualmente, a grande maioria dos casos de adultério é combinada por telefones pessoais, pois dessa forma não há tanto risco de outra pessoa atender às ligações".

A afirmação correta sobre a estrutura desse segmento do texto 1 é: a

23277017915 - Davi Pedro da Silva

primeira vírgula do segmento marca a presença de um termo deslocado da ordem direta.

4. (CESPE / Téc. Judiciário / STJ / 2012) Adaptada

A um coronel que se queixava da vida no quartel, um jornalista disse:

— O senhor não sabe como é chato militar na imprensa.

Com relação às ideias e aos aspectos linguísticos do trecho acima, julgue os itens a seguir. O emprego da vírgula após "quartel" é facultativo.

5. (CESPE / SEDF / 2017)

Quando indaguei a alguns escritores de sucesso que manuais de estilo tinham consultado durante seu aprendizado, a resposta mais comum foi "nenhum". Disseram que escrever, 4 para eles, aconteceu naturalmente.

No que se refere ao texto precedente, julgue o item a seguir.

Em "Disseram que escrever, para eles, aconteceu naturalmente", a supressão das vírgulas preservaria a correção gramatical do período, mas prejudicaria seu sentido original.

6. (IESES / Assistente Social / 2017)

Assinale C (certo) ou E (errado) para a justificativa do emprego da vírgula na proposição a seguir.

( ) Em: "quando a prática do envio de SMS já está enraizada, após um ano, 'não há nenhuma ligação entre o nível de ortografia tradicional e a forma dos SMS'", as vírgulas justificam-se por estar isolando um adjunto adverbial intercalado.

7. (CESPE / Suframa / 2014)

*Após fechar outubro com índice histórico de mão de obra direta **(127.800 trabalhadores)**, o Polo Industrial de Manaus (PIM) deu sequência aos bons resultados e encerrou novembro de 2013 com novo recorde de empregos: 129.663 trabalhadores, entre efetivos, temporários e terceirizados. O faturamento acumulado do PIM no período de janeiro a novembro de 2013 também avançou, totalizando R$ 76,6 bilhões (US$ 35.7 bilhões), registrando-se crescimento de 12,40% (2,04% na moeda americana) em relação ao mesmo período de 2012.*

Os dados fazem parte dos indicadores de desempenho do PIM, os quais são apurados mensalmente pela SUFRAMA junto às empresas incentivadas do parque industrial da capital amazonense.

A vírgula empregada após "(127.800 trabalhadores)" isola oração subordinada adverbial anteposta.

8. (IESES / Assistente Social / 2017)

Assinale C (certo) ou E (errado) para a justificativa do emprego da vírgula na proposição a seguir.

( ) Em: "*Esse estudo mostra que, quando os jovens começam a escrever SMS, é o nível de escrita tradicional que determina a forma dos SMS*

23277017915 - Davi Pedro da Silva

enviados", as vírgulas estão isolando uma oração subordinada adverbial.

9. (FCC / TRF 3ª REGIÃO / 2016) Adaptada

Mas foi com o samba que João Gilberto rompeu as estruturas da nossa canção. E se o rompimento não foi universal, culpa é do brasileiro, que não tem vocação pra exportar coisa alguma.

Sem prejuízo para a correção e o sentido, pode-se acrescentar uma vírgula imediatamente após o termo "E", em E se o rompimento não foi universal...

10. (Instituto Excelência / Almoxarife / 2017) Adaptada

Analise a pontuação do item abaixo:

III – "E de repente, eu me vi em uma missão!".

Em III, a vírgula é utilizada a fim de separar o adjunto adverbial antecipado.

11. (ESAF / ANAC-Técnico Administrativo / 2016)

Assinale a opção em que a pontuação permanece correta, apesar de ter sido modificada.

a) Há quase dois anos, fui empossado técnico administrativo (...)

b) (...) na ANAC, de São Paulo e estou muito satisfeito de trabalhar lá.

c) (...) na administração pública, porém; preferi, ficar onde estou (…)

d) Sinceramente sou partidário, do "não se mexe, em time que está ganhando".

e) Trabalho na área administrativa, junto com outros técnicos e analistas, além de ser, gestor substituto (…)

12. (CESPE / INSS / 2016) Adaptada

Consta-nos que o autor, solicitado pelos numerosos amigos, leu há dias a comédia em casa do Sr. Estêvão Soares...

Acerca de aspectos linguísticos do texto, julgue o item a seguir.

A correção gramatical e o sentido do texto seriam mantidos caso o termo "em casa" fosse isolado por vírgulas.

13. (CESPE / CPRM / 2016) Adaptada

Por meio de ações governamentais, todos os cidadãos devem ser constantemente instruídos...

O emprego da vírgula que isola a expressão "Por meio de ações governamentais" é obrigatório.

14. (CESPE / INSS / 2016) Adaptada

[...] Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

> No período “Tanto que, quando (...) momento de hesitação”, o emprego de todas as vírgulas deve-se à mesma regra de pontuação.

15. (CESPE / TCE SC / 2016) Adaptada

> *Nesse sentido, a gestão de integridade refere-se às atividades empreendidas para estimular e reforçar a integridade e também para prevenir a corrupção e outros desvios dentro de determinada organização.*
>
> O trecho “e também” poderia ser corretamente isolado por vírgulas, recurso que lhe conferiria ênfase.

16. (CESPE / TJ DFT / 2015) Adaptada

> *Enquanto cientistas e governos buscam novas fontes de energias sustentáveis, faça sua parte.*
>
> A vírgula empregada logo depois de “sustentáveis" é obrigatória, e sua supressão prejudicaria a correção gramatical do texto.

17. (CESPE / TELEBRAS / 2015) Adaptada

> *A partir de dados coletados com base em censos do Reino Unido, os pesquisadores verificaram diminuição de empregos que envolviam grande esforço, como trabalho e minas de carvão...*
>
> A correção gramatical e o sentido do texto seriam mantidos caso, no início do segundo parágrafo, fosse inserida uma vírgula imediatamente após “coletados” e suprimida a utilizada logo após “Reino Unido”.

18. (FGV / Fiscal ISS Niterói / 2015) Adaptada

> Entre os segmentos do texto 1, aquele que mostra o emprego de vírgula em função de um adjunto adverbial deslocado é: *“Hoje, tudo se reduz a uma questão de marketing".*

19. (CESPE / SEDF / 2017)

> *Um estudo coordenado pela Fundação Getúlio Vargas aponta que, enquanto 80% dos professores de educação infantil da rede pública do país têm nível superior completo, 65,6% dos 4 docentes dessa mesma etapa na rede privada têm igual escolaridade.*
>
> Acerca dos sentidos e de aspectos linguísticos do texto anteriormente apresentado, julgue o item que se segue.
>
> A correção gramatical do texto seria mantida caso a vírgula empregada logo depois de “que” fosse suprimida.

20. (CESPE / CONTADOR TEM / 2014) Adaptada

> *Saiu finalmente a conta da contribuição da nova classe média brasileira — aquela que, na última década, ascendeu ao mercado de consumo, como uma avalanche de quase 110 milhões de cidadãos.*

23277017915 - Davi Pedro da Silva

No que se refere aos aspectos linguísticos e às ideias do texto acima, julgue o próximo item.

O vocábulo “finalmente” poderia ser corretamente empregado entre vírgulas.

21. (IESES / Assistente Social / 2017)

Assinale C (certo) ou E (errado) para a justificativa do emprego da vírgula na proposição a seguir.

Em: *“Uma vez que o celular e o SMS são usados com facilidade e entusiasmo por adolescentes, eles poderiam ser usados como um suporte de aprendizado escolar”,* a vírgula justifica-se por estar isolando uma oração reduzida antecipada.

22. (IFPE / Técnico Eletrônica / 2017)

Julgue a correção do item a seguir: Em *“Com o tempo você vai se acostumando e percebe que, pasmem, ainda é português!”,* as vírgulas que isolam a forma verbal *“pasmem”* poderiam ser substituídas por dois travessões.

23. (CESPE / FUB / 2015)

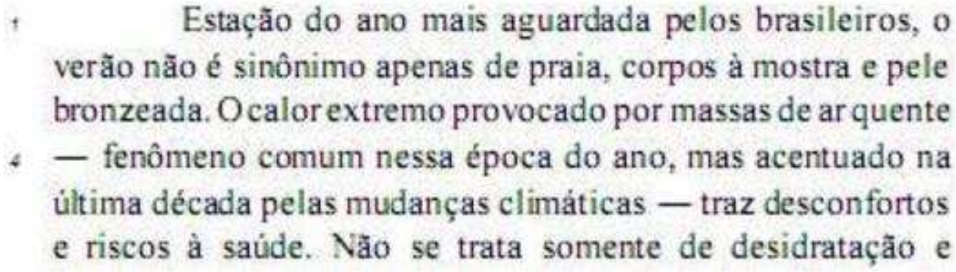

Estação do ano mais aguardada pelos brasileiros, o verão não é sinônimo apenas de praia, corpos à mostra e pele bronzeada. O calor extremo provocado por massas de ar quente — fenômeno comum nessa época do ano, mas acentuado na última década pelas mudanças climáticas — traz desconfortos e riscos à saúde. Não se trata somente de desidratação e

Com relação às ideias e às estruturas do texto acima, julgue o item que se segue.

Seria mantida a correção gramatical do período caso o fragmento *“Estação do ano mais aguardada pelos brasileiros" (l.1)* fosse deslocado e inserido, entre vírgulas, após *“verão" (l.2)* feitos os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas.

24. (CESPE / TCE RN / 2015) Adaptada

Exercer a cidadania é muito mais que um direito, é um dever, uma obrigação.

A substituição da última vírgula da frase pela conjunção **e** não acarreta erro gramatical ao texto nem traz prejuízo à sua interpretação original.

25. (Instituto Excelência / Almoxarife / 2017) Adaptada

Analise a pontuação do item abaixo:

I – “Eu vi a mais linda garota hoje no açougue, Garfield”.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

Em I, a vírgula é utilizada a fim de separar o aposto.

26. (CESPE/ TJ CE / 2014) Adaptada

Papel, amigo papel, não recolhas tudo o que escrever esta pena vadia. Querendo servir me, acabarás desservindo-me, porque se acontecer que eu me vá desta vida, sem tempo de te reduzir a cinzas, os que me lerem depois da missa de sétimo dia, ou antes, ou ainda antes do enterro, podem cuidar que te confio cuidados de amor.

Não, papel. Quando sentires que insisto nessa nota, esquiva-te da minha mesa, e foge. A janela aberta te mostrará um pouco de telhado, entre a rua e o céu, e ali ou acolá acharás descanso. Comigo, o mais que podes achar é esquecimento, que é muito, mas não é tudo; primeiro que ele chegue, virá a troça dos malévolos ou simplesmente vadios.

Escuta, papel. O que naquela dama Fidélia me atrai é principalmente certa feição de espírito, algo parecida com o sorriso fugitivo, que já lhe vi algumas vezes. Quero estudá-la se tiver ocasião. Tempo sobra-me, mas tu sabes que é ainda pouco para mim mesmo, para o meu criado José, e para ti, se tenho vagar e quê — e pouco mais.

Sem prejuízo da correção gramatical do texto ou de seu sentido original, a vírgula empregada em "Escuta, papel" poderia ser suprimida.

27. (Instituto Excelência / Almoxarife / 2017) Adaptada

Analise a pontuação do item abaixo:

II – "Foi uma visão linda, ela em pé no balcão, bem em frente ao fígado moído...".

Em II, as vírgulas são utilizadas a fim de separar o vocativo.

28. (CESPE / FUNPRESP / 2016) Adaptada

Com relação às ideias e aos aspectos linguísticos do texto **Um amigo em talas**, julgue o item que se segue.

As vírgulas em *"Amadeu Amaral Júnior, em estado de desemprego, aceita esmolas, donativos, roupa velha, pão dormido"* foram todas empregadas para separar itens de uma enumeração.

29. (IESES / Assistente Social / 2017)

Assinale C (certo) ou E (errado) para a justificativa do emprego da vírgula na proposição a seguir.

( )Em: *"Além disso, a escrita tradicional ensinada na escola e as mensagens de texto redigidas fora de qualquer quadro institucional 'dependem das mesmas habilidades cognitivas'"*, a vírgula justifica-se por separar termos coordenados de uma oração.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

30. (CESPE / DEPEN / 2015) Adaptada

É preciso compreender que o preso conserva os demais direitos (educação, integridade física, segurança, saúde, assistência jurídica, trabalho e outros) adquiridos como cidadão...

No trecho entre parênteses no início do primeiro parágrafo, as vírgulas foram empregadas para isolar elementos de mesma função sintática em uma enumeração.

31. (IFPE / Revisor / 2017)

Julgue a correção do item a seguir: No trecho *"Cada um releu seu conto, realizou outra entrevista com o parente-personagem e produziu uma segunda versão."*, a utilização da vírgula se justifica por organizar orações coordenadas.

32. (CESPE / SEDF / 2017)

*Como qualquer profissional do ambiente escolar, os monitores também são educadores**,** e cabe à equipe gestora realizar ações formativas para que eles saibam como interagir com as crianças e os jovens nos diversos...*

Seria mantida a correção gramatical do texto caso a vírgula empregada imediatamente após "educadores" fosse suprimida.

33. (CESPE / FUNPRESP / 2016)

*Senti como se estivesse nascendo naquele momento. Uma vida nova, passada a limpo, me esperava em direção a um Norte mais nítido, a uma morte mais próxima e sem alternativa. Mas aquela casa me protegia**, e** dentro dela uma mulher se esforçava por me fazer feliz. Aquelas folhas de papel me esperavam também, intocadas, e era minha obrigação escurecê-las de ideias, histórias, sortilégios capazes, talvez, de fazer alguém parar no seu cotidiano e se pôr a sonhar.*

A respeito de aspectos linguísticos do texto, julgue o próximo item.

A vírgula empregada logo após "protegia" separa orações aditivas que têm sujeitos distintos.

34. (CESPE / STJ / 2015) Adaptada

Desse modo, o termo justiça como conformidade da conduta a uma norma é empregado para julgar o comportamento da pessoa humana diante de uma norma, seja esta moral, seja de direito natural ou de direito positivo.

Em "*seja esta moral, seja de direito natural*", é obrigatório o emprego da vírgula para indicar a relação de alternância entre os elementos de orações de mesmo nível sintático.

35. (ESAF / ANAC / 2016) Adaptada

Assinale a opção correta quanto à justificativa em relação ao emprego de vírgulas.

As vírgulas no trecho "... *os maiores mercados são Estados Unidos, Brasil, França, Canadá, Alemanha, Inglaterra, Japão e México*." separam:

23277017915 - Davi Pedro da Silva

a) aposto explicativo que complementa oração principal.

b) palavras de natureza retificativa e explicativa.

c) oração subordinada adjetiva explicativa.

d) complemento verbal composto por objeto direto.

e) termos de mesma função sintática em uma enumeração.

36. (FCC / TRT MT / 2016) Adaptada

Com respeito à pontuação, atente para as seguintes afirmações:

No segmento *O fato é que não me sobrou nenhuma e elas ganharam, talvez por isso...* (5° parágrafo), pode-se acrescentar uma vírgula imediatamente antes de "e", sem prejuízo para a correção e o sentido.

37. (CESPE / TCE RN / 2015) Adaptada

Ao Poder Legislativo é conferida a função de elaborar a lei; ao Poder Executivo, a função de administrar a aplicação da lei; ao Poder Judiciário, a função de dirimir os conflitos legais surgidos entre pessoas ou entre estas e o Estado.

As vírgulas empregadas logo após os nomes "Executivo" e "Judiciário" indicam a elisão da forma verbal composta que as precede no texto.

38. (FCC / TRT MT / 2016) Adaptada

Com respeito à pontuação, atente para as seguintes afirmações:

Na frase *Conseguia às vezes juntar um punhado, outras vezes apenas dois ou três* pode-se acrescentar uma vírgula imediatamente antes de *apenas*, mantendo-se a correção e o sentido.

39. (FUNCAB / EMSERH / Radiologia / 2016)

A última vírgula do trecho: *"As crianças terão outras memórias, outras brincadeiras, outras alegrias; os adultos, novas sensações e possibilidades."* foi empregada para:

a) marcar o aposto.

b) separar o vocativo.

c) separar elementos de mesma função sintática.

d) indicara omissão de uma palavra.

e) separar orações coordenadas.

40. (CESPE / PMSP / 2016) Adaptada

"Os lixões deverão dar lugar a aterros sanitários, que, se não representam uma solução perfeita, ao menos são locais mais adequados para o depósito dos rejeitos, uma vez que evitam problemas como os citados anteriormente".

A supressão da vírgula empregada logo após "sanitários" preservaria o

23277017915 - Davi Pedro da Silva

sentido do trecho.

41. (FCC / TRT SE / Analista / 2016)

Atente para a construção das seguintes frases:

I. Para o caso do escritor, apenas o segundo conceito é obrigatório.

II. A solução de um problema não cabe aos escritores, cuja preocupação maior está em sua exposição.

III. Ele não confia muito nos escritores, que apresentam soluções mais ou menos óbvias.

A supressão da vírgula altera significativamente o sentido da frase que está em

a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) I e III, apenas.
e) II, apenas.

42. (CESPE / Funpresp / 2016) Adaptada

O homem que só tinha certezas quase nunca utilizava ponto de interrogação.

Julgue o item seguinte, referente aos aspectos linguísticos e às ideias do texto **O homem que só tinha certezas**. O sentido original do texto seria alterado caso a oração "que só tinha certezas" fosse isolada por vírgulas.

43. (CESPE / TCU / 2015) Adaptada

Os tribunais de contas, de modo geral, são acionados pelo cidadão por meio de denúncias.

Quando o caso que der origem à denúncia envolver dinheiro federal, a denúncia de ser feita ao TCU, que possui unidades em cada um dos estados do Brasil.

O emprego das vírgulas no primeiro período do segundo parágrafo do texto justifica-se por regras distintas.

44. (FGV / Pref. Niterói / Ag. Fazendário / 2015) Adaptada

A redução da maioridade penal fere uma das cláusulas da Constituição Federal que não podem ser modificadas por congressistas.

A redação do trecho acima apresenta erro no que diz respeito ao emprego da vírgula, por omissão ou uso indevido.

45. (CESPE / SEDF / 2017)

Pedir ao educador que situe o centro de gravidade na própria criança é pedir-

23277017915 - Davi Pedro da Silva

> *lhe nada menos que fazer uma revolução, se é verdade que até agora o centro de gravidade foi situado fora dela. É essa revolução — exigência fundamental do movimento da educação nova — que Claparède compara à que Copérnico realizou na astronomia*
>
> Os travessões foram empregados no texto para isolar uma expressão de natureza explicativa.

46. (CESPE / DPU / 2016) Adaptada

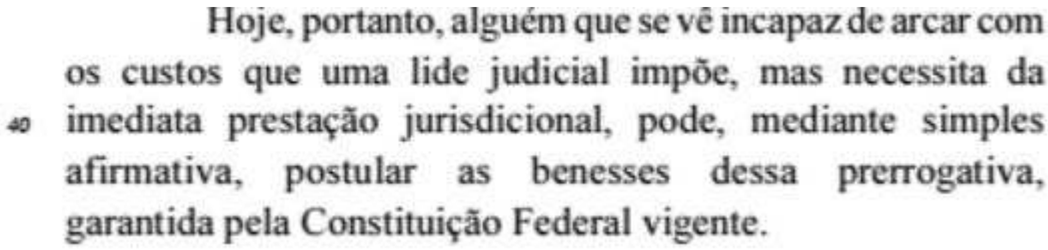

Hoje, portanto, alguém que se vê incapaz de arcar com os custos que uma lide judicial impõe, mas necessita da imediata prestação jurisdicional, pode, mediante simples afirmativa, postular as benesses dessa prerrogativa, garantida pela Constituição Federal vigente.

> Ainda a respeito das ideias e dos aspectos linguísticos do texto, julgue o item subsecutivo.
>
> A supressão da vírgula empregada logo após "prerrogativa" (l.41) manteria a coerência do texto, embora alterasse o seu sentido.

47. (IFPE / Revisor / 2017)

> Julgue a correção do item a seguir: Em "*Um escritor proficiente, no entanto, não faz a revisão só no fim do trabalho.*", as vírgulas estão corretamente postas, pois separam expressão deslocada de sua posição original.

48. (FEPESE / Prefeitura de Criciúma-SC / 2016) Adaptada

> Quanto à correção gramatical julgue o item a seguir: *Todas as informações procediam de documentos, de testemunhas; havia, porém, algumas que vinham da própria vítima.*

49. (ESAF / Técnico / ANAC / 2016)

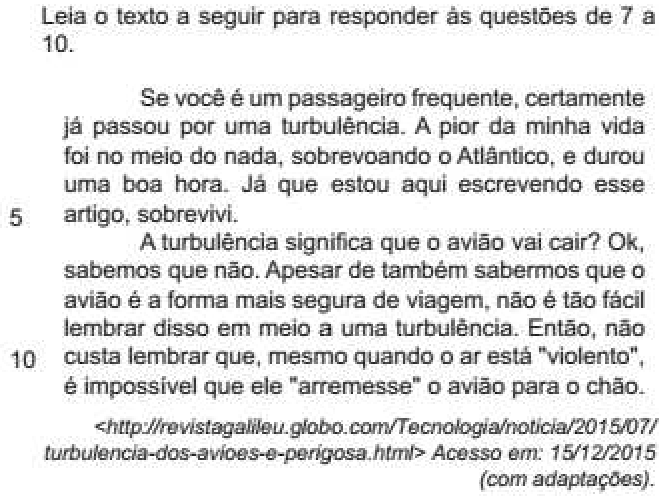

Leia o texto a seguir para responder às questões de 7 a 10.

Se você é um passageiro frequente, certamente já passou por uma turbulência. A pior da minha vida foi no meio do nada, sobrevoando o Atlântico, e durou uma boa hora. Já que estou aqui escrevendo esse artigo, sobrevivi.

A turbulência significa que o avião vai cair? Ok, sabemos que não. Apesar de também sabermos que o avião é a forma mais segura de viagem, não é tão fácil lembrar disso em meio a uma turbulência. Então, não custa lembrar que, mesmo quando o ar está "violento", é impossível que ele "arremesse" o avião para o chão.

<http://revistagalileu.globo.com/Tecnologia/noticia/2015/07/turbulencia-dos-avioes-e-perigosa.html> Acesso em: 15/12/2015 (com adaptações).

> Sobre as vírgulas e as aspas empregadas no texto é correto afirmar que
>
> a) a primeira vírgula separa duas orações coordenadas.
>
> b) a vírgula antes do "e" (l. 3) ocorre porque o verbo da oração "e durou uma boa hora" é diferente do verbo da oração anterior.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

c) a vírgula antes de "sobrevivi" (l. 5) marca a diferença entre os tempos verbais de "estou escrevendo" e "sobrevivi".

d) a vírgula que ocorre depois do "que" (l. 10) e a que ocorre depois de "violento" (l.10) estão isolando oração intercalada.

e) as aspas nas palavras "violento" (l.10) e "arremesse" (l.11) se justificam porque tais palavras pertencem ao vocabulário técnico da aviação.

50. (CESGRANRIO / IBGE / Agente de Pesquisas / 2016)

O uso das vírgulas atende ao que é preconizado pela norma-padrão da língua portuguesa em:

a) A retirada de madeira para uso doméstico é pontual e, portanto não deve ser comparada com os impactos, do desmatamento da Amazônia.

b) Os principais benefícios dos fogões ecológicos são: o menor consumo de lenha e a utilização, de restos de madeira de demolição.

c) É preciso reduzir o consumo de lenha para que se consiga controlar, na Mata Atlântica, o processo de desmatamento.

d) Segundo a OMS, a exposição à fumaça dos fogões a lenha, é a causa da morte prematura de quase dois milhões de pessoas no mundo.

e) Algumas atividades, provocam o desmatamento na Mata Atlântica: a caça, a abertura de trilhas, a criação de pequenas roças.

51. (CESGRANRIO / IBGE / Agente de Pesquisas / 2016)

O emprego da vírgula é gramaticalmente facultativo em

a) Cristiano estudou todo o conteúdo, ou seja, todas as três apostilas.

b) Aqui está, crianças, o que eu havia prometido.

c) Queremos ir à praia. Não será, porém, nesta viagem.

d) Hoje, mais da metade da população está acima de peso.

e) Tua irmã, aluna do quarto ano, já está dispensada.

52. (FEPESE / Ministério Público-SC / 2016) Adaptada

A frase abaixo está gramaticalmente correta.

O índice de casos da gripe H1N1 neste ano está preocupando o governo; contribuíram para isso o número de doentes infectados e o de óbitos.

53. (ESAF / MPOG / 2015) Adaptada

O homem é um animal. Porém, não é "apenas mais um animal". Ele é único.

O ponto final do primeiro período pode ser substituído por ponto e vírgula, sem contrariar as regras de pontuação.

54. (IDECAN / INCA / 2017)

"Por isso penso: o debate sobre a legalização das drogas está completamente ultrapassado." O uso de dois-pontos (:) no trecho em destaque foram utilizados para anunciar:

23277017915 - Davi Pedro da Silva

a) Uma causa.

b) Uma explicação enumerativa.

c) Uma síntese sobre o que foi exposto anteriormente.

d) Uma informação ligada ao que foi anunciado anteriormente.

55. (FGV / PROCURADOR / Prefeitura de Paulínia / 2016)

Observe a frase a seguir:

"Os fantasmas são frutos do medo: quem não tem medo não vê fantasmas".

Os dois pontos entre os dois segmentos da frase podem ser adequadamente substituídos pelo seguinte conectivo:

a) pois. b) logo. c) contudo. d) entretanto. e) no entanto.

56. (FCC / TRT 11ª / Técnico / 2017)

*Freud uma vez recebeu carta de um conhecido pedindo conselhos diante de uma escolha importante da vida. A resposta é surpreendente***:** *para as decisões pouco importantes, disse ele, vale a pena pensar bem. Quanto às grandes escolhas da vida, você terá menos chance de errar se escolher por impulso.*

De acordo com as estruturas linguísticas do texto, julgue o item:

No primeiro parágrafo, o sinal de dois-pontos introduz uma síntese do que foi dito antes.

57. (FCC / TRE SP / ANALISTA / 2017)

O museu não é uma estrutura sagrada e quem o frequenta deve permanecer em contato com a natureza do lado de fora...

Quanto à pontuação do período acima, pode-se

I. acrescentar uma vírgula imediatamente antes da conjunção "e", uma vez que separaria orações com sujeitos diferentes.

II. substituir a conjunção "e" por dois-pontos, pois o que se segue pode ser entendido como uma explicação da primeira parte da frase.

III. isolar com vírgulas a expressão "em contato", uma vez que se trata de locução adverbial, sem alteração do sentido original.

Está correto o que consta em

a) II, apenas.

b) I, II e III.

c) II e III, apenas.

d) I e III, apenas.

e) I e II, apenas..

23277017915 - Davi Pedro da Silva

58. (CESPE / INSS / 2016) Adaptada

Os monarcas portugueses, após o terremoto que dizimou Lisboa, se orgulhavam de, a despeito dos destroços, terem erguido uma grande biblioteca: A real Livraria.

Acerca de aspectos linguísticos e dos sentidos do texto acima, julgue o item que se segue. O sinal de dois-pontos empregado imediatamente após "biblioteca" introduz um termo de natureza explicativa.

59. (CESPE / TELEBRAS / 2015) Adaptada

Desde 1990, no Brasil, tem havido uma melhora sistemática do coeficiente de Gini, índice comumente utilizado para medir a desigualdade de distribuição de renda: melhorou dos 0,603 de 1993 para os 0.501 de 2013.

No final do primeiro parágrafo, caso se substituíssem o sinal de dois-pontos por vírgula e a palavra "melhorou" por que passou, a correção gramatical do período seria mantida.

60. (CESPE / TRE RS / 2015) Adaptada

Mais uma vez, trata-se de uma falácia: desde sempre, figuras notórias puxam votos, sem que isso represente prejuízo irremediável para a democracia...

Os dois-pontos empregados logo após "falácia" introduzem uma enumeração.

61. (CESPE / MEC / 2015) Adaptada

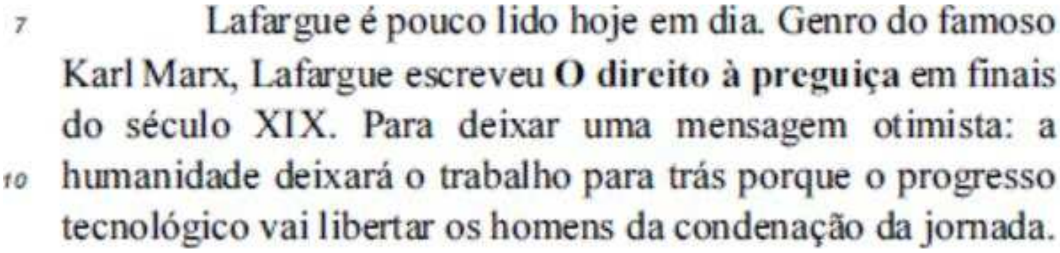

7 Lafargue é pouco lido hoje em dia. Genro do famoso
Karl Marx, Lafargue escreveu **O direito à preguiça** em finais
do século XIX. Para deixar uma mensagem otimista: a
10 humanidade deixará o trabalho para trás porque o progresso
tecnológico vai libertar os homens da condenação da jornada.

Na linha 9, os dois-pontos têm a função de introduzir uma explicação referente à informação anterior.

62. (CESPE / DEPEN / 2015) Adaptada

Uma casa tem muita vez as suas relíquias, lembranças de um dia ou de outro, da tristeza que passou, da felicidade que se perdeu.

O emprego de dois-pontos em substituição à vírgula logo após a expressão "suas relíquias" não geraria erro gramatical.

63. (CESPE / FUB / 2015) Adaptada

O levantamento mostra significativo avanço da Unb. O salto qualitativo deve-se a três fatores: o corpo docente, o impacto na Internet e a reputação acadêmica.

O sinal de dois-pontos empregado logo após "fatores" introduz uma

23277017915 - Davi Pedro da Silva

enumeração.

64. (FGV / CODEBA / 2016) Adaptada

Fantasma: o sinal exterior e visível de um medo interior.

Nessa frase ocorre o emprego de dois pontos (:) com a seguinte finalidade:

a) indicar o significado de um termo anterior.

b) preceder uma enumeração de termos.

c) marcar uma citação.

d) introduzir uma síntese do que foi enunciado.

e) separar o vocativo.

65. (ESAF / FUNAI / Contador / 2016)

Assinale o trecho em que foram plenamente atendidas as regras de emprego dos sinais de pontuação.

a) No Brasil, a função do índio romântico foi significativa e extravasou do campo da literatura. Já inexistente nas regiões civilizadas, o índio se tornou a imagem ideal, que permitia, a identificação do brasileiro com o sonho de originalidade e de passado honroso; além de contribuir para reforçar o sentimento de unidade nacional.

b) Como escreveu Roger Bastide, o índio romântico serviu de álibi para se conceituar, de maneira confortadora, a mestiçagem, que lhe foi atribuída estrategicamente. A mestiçagem com o negro, mais frequente, era considerada humilhante em virtude da escravidão.

c) O indianismo criou um antepassado mítico a quem foram atribuídas arbitrariamente virtudes convencionais, incluindo-se, as relacionadas ao cavaleiro medieval, tão em voga, na literatura romântica.

d) Até hoje é geral, o uso de prenomes e sobrenomes indígenas, não raro tomados de textos literários; a própria Monarquia ao distribuir títulos de sua nobreza improvisada, associouos à convenção nativista, em combinações pitorescas como: barão de Pindamonhangaba, marquês de Quixeramobim...

e) Função paralela à do índio, foi exercida no Romantismo, pela exaltação à natureza. Com efeito, na falta de uma ilustre tradição local que permitisse evocar paladinos e varões sábios desde a Antiguidade (como ocorria na Europa) a natureza brasileira entrou, de certo modo, em seu lugar como motivo de orgulho.

66. (Vunesp / MPE SP / Analista Científico / 2016)

Assinale a alternativa em que os sinais de pontuação estão empregados segundo os mesmos princípios da norma padrão adotados na passagem – com certa diferença na duração do mandato: o dos senadores, mais longo; o dos deputados, mais curto.

a) A separação os fez perder muita coisa: ele, a guarda dos filhos; ela, a casa em que morava com as crianças.

b) Há algo importante a explicar: a perda de clientes, muitos deles

23277017915 - Davi Pedro da Silva

> *inadimplentes; entretanto, ninguém fala nada.*
>
> *c) Os meios de divulgação são os seguintes: internet, mensagem de celular e jornais; com eles, atingiremos o público.*
>
> *d) Foi o que disse o funcionário: o carregamento não chegou, ainda; e os pedidos estão se acumulando, mais e mais.*
>
> *e) Fui reticente, mas agora me explico: meu dinheiro acabou, nada me resta; e meu pai não pode me ajudar, coitado.*

67. (FUNCAB / EMSERH / Auxiliar Operacional / 2016)

> *A carta de amor*
>
> *No momento em que Malvina ia por a frigideira no fogo, entrou a cozinheira com um envelope na mão. Isso bastou para que ela se tornasse nervosa. Seu coração pôs-se a bater precipitadamente e seu rosto se afogueou. Abriu-o com gesto decisivo e extraiu um papel verde-mar, sobre o qual se liam, em caracteres energéticos, masculinos, estas palavras: "Você será amada...".*
>
> Os "três pontos de reticências" na frase escrita no papel verde-mar indicam:
>
> a) introdução à fala de um personagem.
>
> b) realce da palavra anterior ao sinal.
>
> c) indicação de uma transcrição.
>
> d) interrupção da frase.
>
> e) fim da ação verbal.

68. (Copeve / UFMS / 2016)

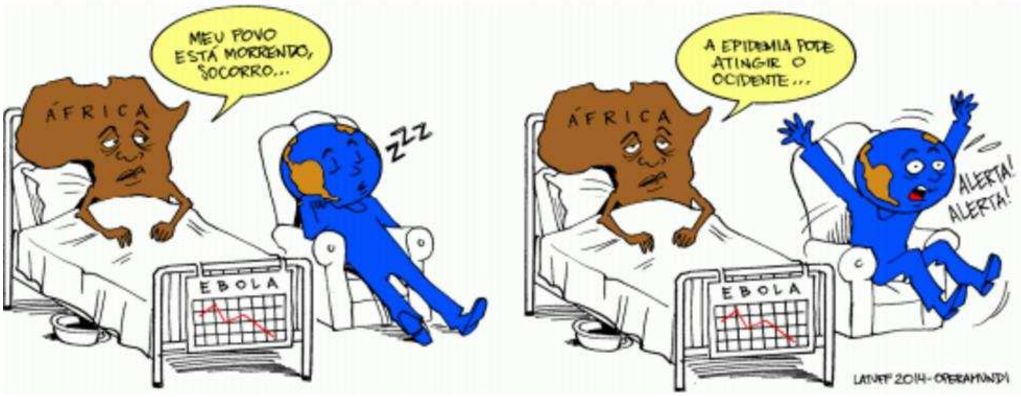
MEU POVO ESTÁ MORRENDO, SOCORRO...
ÁFRICA
ZZZ
EBOLA
A EPIDEMIA PODE ATINGIR O OCIDENTE...
ÁFRICA
ALERTA! ALERTA!
EBOLA
LATUFF 2014-OPERAMUNDI

> As reticências "..." presentes nos balões de diálogo da charge são usadas para:
>
> a) Criar um suspense sobre o que está sendo discutido pela África.
>
> b) Indicar entusiasmo na fala da África.
>
> c) Demonstrar que a fala da África tem continuidade.
>
> d) Evitar repetição.
>
> e) Deixar o texto ambíguo. -

69. (CESPE / Téc. Judiciário / STJ / 2012) Adaptada

> *A um coronel que se queixava da vida no quartel, um jornalista disse:*

23277017915 - Davi Pedro da Silva

— O senhor não sabe como é chato militar na imprensa.

Com relação às ideias e aos aspectos linguísticos do trecho acima, julgue os itens a seguir.

O ponto final empregado logo após "imprensa" poderia ser corretamente substituído por reticências.

70. (IESES / Bioquímico-Pref. SJC / 2017)

Analise as proposições a seguir sobre a pontuação do seguinte trecho:

*Curiosamente, uma das formas de manifestar chateação, com perdão da expressão, é "p*** que o pariu"! Aqui, o pronome oblíquo aparece! Entretanto, ninguém vai dizer que esse é um argumento para sustentar que o pronome oblíquo está vivo. Se disser...*

I. A primeira vírgula é opcional, ou seja, sua presença é apenas um recurso de entonação.

II. A segunda e a terceira vírgula estão isolando uma oração explicativa.

III. As aspas foram empregadas para indicar que a expressão é própria da linguagem verbal.

IV. O segundo ponto de exclamação que aparece no trecho foi empregado para indicar espanto.

Agora assinale a alternativa que contenha análise correta sobre as proposições.

a) Estão corretas apenas as proposições I, II e IV.

b) Estão corretas apenas as proposições I, III e IV.

c) Estão corretas apenas as proposições II e IV.

d) Estão corretas apenas as proposições I e III

71. (CESPE / TJ DFT / 2015) Adaptada

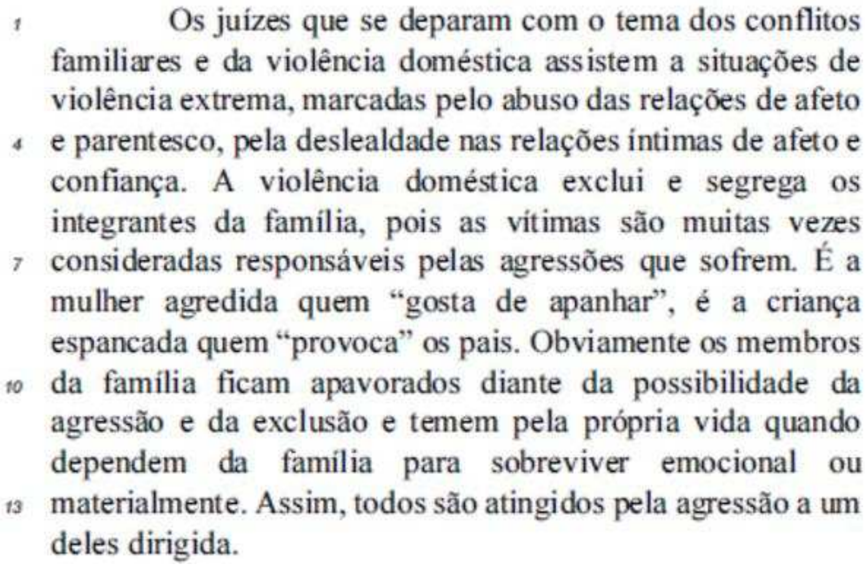

Os juízes que se deparam com o tema dos conflitos familiares e da violência doméstica assistem a situações de violência extrema, marcadas pelo abuso das relações de afeto e parentesco, pela deslealdade nas relações íntimas de afeto e confiança. A violência doméstica exclui e segrega os integrantes da família, pois as vítimas são muitas vezes consideradas responsáveis pelas agressões que sofrem. É a mulher agredida quem "gosta de apanhar", é a criança espancada quem "provoca" os pais. Obviamente os membros da família ficam apavorados diante da possibilidade da agressão e da exclusão e temem pela própria vida quando dependem da família para sobreviver emocional ou materialmente. Assim, todos são atingidos pela agressão a um deles dirigida.

Acerca dos aspectos linguísticos do texto apresentado, julgue o item seguinte.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

No primeiro parágrafo, as aspas foram empregadas em trechos que reproduzem discursos de outras pessoas, e não da autora do texto.

72. (ESAF / MPOG / 2015) Adaptada

O homem é um animal. Porém, não é "apenas mais um animal". Ele é único.

O autor grafou a expressão "apenas mais um animal" entre aspas para atribuir-lhe um tom sarcástico e negativo.

73. (CESPE / TRE RS / 2015) Adaptada

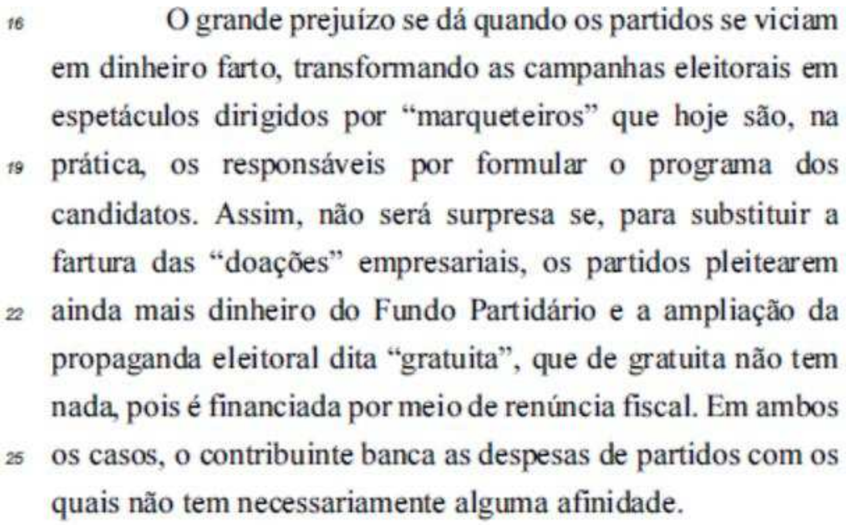

O grande prejuízo se dá quando os partidos se viciam em dinheiro farto, transformando as campanhas eleitorais em espetáculos dirigidos por "marqueteiros" que hoje são, na prática, os responsáveis por formular o programa dos candidatos. Assim, não será surpresa se, para substituir a fartura das "doações" empresariais, os partidos pleitearem ainda mais dinheiro do Fundo Partidário e a ampliação da propaganda eleitoral dita "gratuita", que de gratuita não tem nada, pois é financiada por meio de renúncia fiscal. Em ambos os casos, o contribuinte banca as despesas de partidos com os quais não tem necessariamente alguma afinidade.

As aspas foram empregadas tanto em 'doações' (l.21) quanto em 'gratuita' (l.23) com a mesma finalidade.

74. (FGV / CODEMIG / 2015) Adaptada

Desde 2008, o ibope pergunta à população em idade de votar quão satisfeita ela está com o funcionamento da democracia no Brasil. Os resultados nunca foram brilhantes ainda menos se comparados com países latino-americanos como Uruguai e Argentina, mas jamais haviam sido tão chocantes quanto agora. Só 15% dos brasileiros se dizem "satisfeitos" (14%) ou "muito satisfeitos" (1%) com o jeito que o regime democrático funciona no país. (Estado de São Paulo, 04/09/2015)

Os termos "satisfeitos" e "muito satisfeitos" aparecem entre aspas porque:

a) destacam elementos importantes no contexto;

b) mostram termos técnicos da pesquisa;

c) indicam respostas dos entrevistados;

d) apontam a presença de tom irônico;

e) demonstram a precisão da pesquisa.

75. (IDECAN / INCA / 2017)

Em *"Se insistirmos nos dogmas ditos revolucionários* ***– como a luta de classes e a demonização da iniciativa privada –****, não sairemos do impasse que inviabilizou o regime comunista onde ele se implantou."*, a

23277017915 - Davi Pedro da Silva

vírgula logo após o segundo travessão

a) tem seu emprego justificado já que separa oração adverbial anteposta à principal, conferindo correção gramatical ao trecho.

b) é facultativa, seu emprego advém da necessidade de ser atribuída uma maior ênfase à oração imediatamente posposta.

c) é obrigatória e separa objetos pleonásticos conferindo à argumentação a ênfase necessária à compreensão do discurso apresentado.

d) poderia ser omitida preservando-se a correção gramatical do texto já que seu emprego tem por objetivo apenas conferir ênfase à informação limitada pelos travessões.

76. (CESPE / MEC / 2015) Adaptada

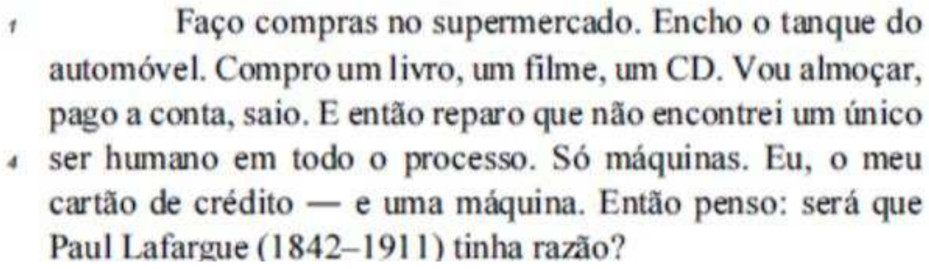

Faço compras no supermercado. Encho o tanque do
automóvel. Compro um livro, um filme, um CD. Vou almoçar,
pago a conta, saio. E então reparo que não encontrei um único
ser humano em todo o processo. Só máquinas. Eu, o meu
cartão de crédito — e uma máquina. Então penso: será que
Paul Lafargue (1842–1911) tinha razão?

Na linha 5, o emprego do travessão tem a função de enfatizar a ausência de contato humano nas atividades realizadas no cotidiano, que são narradas no primeiro parágrafo.

77. (FCC / SEDUS / 2016) Adaptada

Em 1596, William Shakespeare e seus atores tiveram de deixar o teatro isabelino The Theatre, localizado em Shoreditch, em Londres, até então o recanto da dramaturgia inglesa. O período de 21 anos de concessão do terreno ao ator e empresário James Burbage havia chegado ao fim, e o senhorio exigia as terras de volta. Desolados, Shakespeare e os homens de sua companhia, Lord Chamberlain's Men, se uniram para roubar o teatro – tábua por tábua, prego por prego – e reconstruí-lo em outro lugar.

No texto, a função dos travessões em "– tábua por tábua, prego por prego –" é destacar o modo de realização da ação verbal.

78. (CESPE / MEC / 2015) Adaptada

Em terra, se você subisse em uma construção de 150 metros— a catedral de Colônia ou o monumento de Washington, digamos—, a mudança de pressão, de tão pequena, seria imperceptível.

Julgue: O emprego da vírgula após o travessão é facultativo.

79. (FCC / TRT MT / 2016) Adaptada

Além disso, do manual de instruções de um aparelho eletrônico à numeração das linhas de ônibus, passando pelo desenho das vias urbanas, pelos impostos escorchantes e pelas regras que somos obrigados a obedecer – inclusive nos atos mais simples, como o de andar a pé –, há uma evidente arbitrariedade, às vezes melíflua, às vezes violenta, que se insinua no

23277017915 - Davi Pedro da Silva

cotidiano.

A vírgula colocada imediatamente após o travessão pode ser suprimida, sem prejuízo da correção e do sentido.

80. (FCC / TRT MT / 2016) Adaptada

Com respeito à pontuação, atente para as seguintes afirmações:

Mas eu jamais seria capaz de reconhecer uma árvore de mulungu. Um dia, procurei no dicionário e descobri que mulungu é o mesmo que corticeira e que também é conhecido pelo nome de flor-de-coral. ''Árvore regular, ornamental, da família das leguminosas, originária da Amazônia e de Mato Grosso, de flores vermelhas, dispostas em racimos multifloros, sendo as sementes do fruto do tamanho de um feijão (mentira!), e vermelhas com mácula preta (isto, sim)'', dizia.

No parágrafo, os parênteses indicam juízos da escritora, que, portanto, não constam da definição encontrada no dicionário.

81. (FGV / Prefeitura de Paulínia / 2016)

"Para efeito de comparação,(1) a média de mortes no Iraque na última década,(2) país que está em guerra,(3) foi de 550 mil. No mesmo período,(4) o Brasil registrou a mesma quantidade de mortes. Segundo o Relatório Global sobre Homicídios da ONU,(5) em 2012,(6) o país,(7) que representa 3% da população mundial,(8) registrou 10% dos homicídios ocorridos em todo o mundo".

Nesse segmento do texto 2, há oito ocorrências de vírgula, devidamente numeradas; a afirmação correta sobre o emprego desse sinal de pontuação é:

a) os casos 7 e 8 marcam a presença de um aposto;

b) os casos 1 e 5 mostram a mesma razão para a vírgula;

c) os casos 2 e 3 marcam uma inversão de termos;

d) o caso 4 marca uma explicação;

e) o caso 6 indica uma enumeração.

82. (ESAF / Despachante Aduaneiro / 2016)

Assinale a opção que apresenta a versão que está gramaticalmente correta e que preserva as ideias gerais do Texto.

Quem olhar a carta geográfica da região amazônica, verificará que essa larga faixa, representa uma vasta e praticamente desconhecida região.

83. (ESAF / Despachante Aduaneiro / 2016)

Julgue o item a seguir.

A ideia de que tais áreas periféricas escapam das prioridades nacionais é um dos inúmeros mitos que cercam a região, porque essa região, não afeta a vida no resto desses países.

23277017915 - Davi Pedro da Silva

84. (ESAF / Despachante Aduaneiro / 2016)

"Quem olhar, com alguma atenção, a carta geográfica da América do Sul e, mais precisamente, da região amazônica, verificará que a larga faixa que se estende ao longo das fronteiras do Brasil com seus vizinhos a norte e a oeste representa uma vasta região praticamente desconhecida."

Assinale a opção correta referente às estruturas linguísticas desse trecho.

a) A retirada da segunda vírgula que separa o adjunto adverbial "com alguma atenção" manteria gramaticalmente correto esse trecho.

b) As expressões "com alguma atenção" e "mais precisamente" estabelecem entre si uma relação de gradação de sentido.

c) O sujeito de "verificará" é "região amazônica", expressão que poderia ser corretamente substituída, nesse trecho, pelo pronome ela.

d) A oração introduzida por "que", após "verificará", é uma oração subordinada substantiva subjetiva.

e) O verbo "representa" tem como sujeito "uma vasta região praticamente desconhecida"*.*

85. (FCC / TRE SP / Analista / 2017)

Atente para as seguintes frases:

I. O sentido controverso da palavra discussão, deve-se ao modo pelo qual costumam agir, os contendores, ao exporem seus argumentos.

II. Há discussões nas quais, por excesso de paixão, os argumentos sequer são considerados, dada a exacerbação dos ânimos.

III. Parece improvável que numa discussão acirrada, possa imperar a racionalidade dos argumentos que sequer são analisados.

Quanto à virgulação, está inteiramente correto o que consta APENAS em

a) II.

b) I.

c) III.

d) I e II.

e) II e III.

86. (ESAF / Adido Agrícola / 2017)

Em relação às estruturas sintáticas do texto, assinale a opção **correta.**

A agricultura no Brasil tem natureza dualista, pois coexistem a produção de grande escala e as propriedades agrícolas tradicionais, com milhares de pequenos agricultores produzindo, com recursos reduzidos, para próprio consumo ou para mercados locais. Porém, a lacuna no desempenho do trabalho na agricultura está declinando, com melhorias rápidas na

23277017915 - Davi Pedro da Silva

> *produtividade, impulsionadas principalmente pela maior produção de capital intensivo. Parte desse crescimento ocorreu nas propriedades agrícolas de pequeno porte que produzem produtos de alto valor.*
>
> a) O emprego de vírgula após "dualista" (l. 1) justifica-se porque isola oração subsequente com a noção de consequência.
>
> b) A expressão "com recursos reduzidos" (l. 3) está entre vírgulas porque se trata de aposto.
>
> c) O termo "Porém" (l. 4) confere ao período uma noção de condição em relação às informações anteriores.
>
> d) O termo "impulsionadas" (l. 6) está no plural para concordar com o antecedente "melhorias rápidas" (l.5).
>
> e) Mantém-se a mesma relação sintática entre as orações ao se empregar uma vírgula após "pequeno porte"(l. 8).

Gabaritos

1.	CORRETA	**20.**	CORRETA	**39.**	LETRA D
2.	CORRETA	**21.**	INCORRETA	**40.**	INCORRETA
3.	CORRETA	**22.**	CORRETA	**41.**	LETRA C
4.	CORRETA	**23.**	CORRETA	**42.**	CORRETA
5.	CORRETA	**24.**	INCORRETA	**43.**	CORRETA
6.	CORRETA	**25.**	INCORRETA	**44.**	CORRETA
7.	CORRETA	**26.**	INCORRETA	**45.**	CORRETA
8.	CORRETA	**27.**	INCORRETA	**46.**	CORRETA
9.	CORRETA	**28.**	INCORRETA	**47.**	CORRETA
10.	CORRETA	**29.**	INCORRETA	**48.**	CORRETA
11.	LETRA A	**30.**	CORRETA	**49.**	LETRA D
12.	INCORRETA	**31.**	CORRETA	**50.**	LETRA C
13.	CORRETA	**32.**	CORRETA	**51.**	LETRA D
14.	CORRETA	**33.**	CORRETA	**52.**	CORRETA
15.	INCORRETA	**34.**	CORRETA	**53.**	CORRETA
16.	CORRETA	**35.**	LETRA E	**54.**	LETRA D
17.	INCORRETA	**36.**	CORRETA	**55.**	LETRA A
18.	CORRETA	**37.**	CORRETA	**56.**	INCORRETA
19.	INCORRETA	**38.**	CORRETA	**57.**	LETRA E

23277017915 - Davi Pedro da Silva

58.	CORRETA
59.	CORRETA
60.	INCORRETA
61.	CORRETA
62.	CORRETA
63.	CORRETA
64.	LETRA A
65.	LETRA B
66.	LETRA A
67.	LETRA D
68.	LETRA C
69.	CORRETA
70.	LETRA B
71.	CORRETA
72.	INCORRETA
73.	CORRETA
74.	LETRA C
75.	LETRA A
76.	CORRETA
77.	CORRETA
78.	INCORRETA
79.	INCORRETA
80.	CORRETA
81.	LETRA B
82.	INCORRETA
83.	INCORRETA
84.	LETRA B
85.	LETRA A
86.	LETRA D

23277017915 - Davi Pedro da Silva

EXERCÍCIOS

1. (CESPE/PMES) “...um passo nesse sentido é o aparecimento da máquina *ultrashape*. Não há cânulas nem agulhas no procedimento, apenas ondas de ultra-som...”

( ) A correção gramatical da oração será mantida se, no trecho “Não há cânulas nem agulhas” a forma verbal “há” for substituída pela forma verbal**existe**.

2. (CESPE-ANATEL/2009)”Não se trata de supor que há, de um lado, a *coisa* física ou material e, de outro, a *coisa* como ideia e significação.”

( ) Devido à organização da estrutura linguística em que ocorre a forma verbal “há” (l.1), sua substituição por **existem** respeitaria as regras gramaticais.

3. (CESPE/TCE/TO)”A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade”

( ) No trecho “Casos houve, ainda que raros”, a forma verbal “houve” é substituível por **houveram**, sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido original do texto.

4. (CESPE/TRT/ES) Se tanta companhia não vale como consolo, a vantagem de ter muita gente sofrendo com o problema é que isso estimula as pesquisas científicas. “Há equipes estudando o uso de células-tronco para tratamento da calvície”, conta Leite Jr.

( ) Na linha 2, o sujeito da forma verbal ‘Há’ é o substantivo ‘equipes’.

5. –(CESPE/MPOG/2008-S) “As chamadas cidades globais fornecem a infraestrutura de que a economia mundial necessita para as suas transações. Fazem parte dessa infra-estrutura, entre outros, o sistema bancário, hoteleiro, de telecomunicação, bem como aeroportos, segurança. Precisa haver um número significativo de pessoas qualificadas e competentes para dar conta de todos os serviços demandados para a realização das grandes transações econômicas, manipulações das bolsas de valores, transferências bancárias, entre outras.

( ) Seria privilegiada a concisão do texto se, no trecho “Precisa haver ***um número significativo de*** pessoas qualificadas e competentes” , o segmento sublinhado fosse suprimido. Nesse caso, no entanto, seria necessária a alteração de “Precisa haver” para ***Precisam haver.***

6. CESGRANRIO Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - BNDES - Federal – BR
Transpondo o período “ Há pai que nunca viu o próprio filho.” (l. 36) para o plural e substituindo haver por outro verbo ou locução verbal de sentido equivalente, o período que NÃO apresenta ERRO quanto à concordância verbal é:

a. Existem pais que nunca viram os próprios filhos.
b. Devem haver pais que nunca viram os próprios filhos.
c. Deve existir pais que nunca viram os próprios filhos.
d. Hão de haver pais que nunca viram os próprios filhos.
e. Há de existir pais que nunca viram os próprios filhos.

7. Prova: FCC - 2013 - TRT - 18ª Região (GO) - Técnico Judiciário - Tecnologia da Informação
O verbo empregado no singular que também poderia ter sido empregado no plural, sem prejuízo do respeito às normas de concordância verbal, está grifado em:

a. Uma pesquisa recente [...] procurou avaliar como o mundo corporativo se prepara para o fenômeno.
b. A juniorização, por ser realizada com o propósito de reduzir custos, compromete a qualidade da gestão...
c. Então, o trabalho emperra, os clientes reclamam, mas a planilha de custos fala mais alto.
d. Em terceiro lugar, há poucas iniciativas para garantir maior qualidade de vida e para ter quadros mais saudáveis no futuro.
e. Consequentemente, a maioria das empresas não possui mecanismos para atrair e manter tais quadros.

8. Prova: FCC - 2013 - TRT - 9ª REGIÃO (PR) - Técnico Judiciário
O verbo que pode ser corretamente flexionado no plural está grifado em:

a. Mais tarde, nas cidades, havia discussões em praça pública...
b. Como teria sido a Primavera Árabe sem e-mail, Twitter e Facebook?
c. ...na última década surgiu a comunicação digital...
d. ...e parte das interações sociais adquiriu um caráter virtual.
e. ...é difícil definir e medir separadamente a contribuição..

9. Prova: FCC - 2013 - TRT - 1ª REGIÃO (RJ) Substituindo-se o segmento em destaque pelo colocado entre parênteses ao final da frase, o verbo que deverá manter-se no singular está em:

a. Houve um sonho monumental... (sonhos monumentais)
b. Bem disse Le Corbusier que Niemeyer... (os que mais conheciam a sua obra)
c. Assim pensava o maior arquiteto... (grandes arquitetos como Niemeyer)
d. O comunismo resolve o problema da vida... (As revoluções vitoriosas da esquerda)
e. Niemeyer vira a possibilidade... (Os arquitetos da geração de Niemeyer)

10. CETRO - Prefeitura Municipal de Pinheiral - Advogado
Assinale a alternativa incorreta gramaticalmente na transcrição da frase grifada.
“Para que os peixinhos não ficassem melancólicos, haveria grandes festas aquáticas de vez em quando, pois os peixinhos alegres têm melhor sabor do que os tristes.”

a. poderia haver grandes festas aquáticas.
b. existiriam grandes festas aquáticas.
c. deveriam existir grandes festas aquáticas.
d. poderiam existir grandes festas aquáticas.
e. poderiam haver grandes festas aquáticas.

11. CETRO Prefeitura Municipal de Mairinque – 201 – Agente Controlador de Vetores
Assinale a alternativa que apresenta a concordância correta.

a. Cada um dos alunos fez sua parte.
b. Haviam mais defeitos que qualidades naquele
c. homem.
d. Os homens e as mulheres daquela cidade é que
e. sabe viver.
f. Carla e André teve que refazer a prova.
g. Ana ficou meia preocupada com os acontecimentos.

12. Prova: CETRO - 2012 - TJ-RS - Oficial de Transportes - Classe F
De acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa, assinale a alternativa correta em relação ao verbo.

a. A expectativa é a de que hajam mais alunos do que no ano passado.
b. Houveram discussões sobre a implantação do novo curso.
c. Se haver desistentes, a empresa adotará uma nova medida de contratação.
d. Embora muitos tenham trabalhado no curso, somente alguns poderão continuar.
e. Encerrou-se os prazos para candidatura ao novo cargo

13. FUNCAB - 2012 - MPE-RO - Analista - Auditoria
Assinale a opção correta quanto à concordância verbal.

a. Devem haver formas mais eficazes de mobilizar a sociedade.
b. Haviam tantas pessoas na fila, que fecharam o guichê.
c. Descobriu-se novas formas de resolver o problema.
d. Eram eles quem fazia a ronda no local.
e. Surgiu, de repente, no final da rua, os dois comparsas

14. Prova: UFMT - 2013 - COPEL - Profissional de Nível Médio
A concordância dos verbos haver e fazer merece cuidado também em texto de ordem prática.Assinale a alternativa em que tais verbos estão corretamente empregados.

a. O gerente concordou que houveram muitos problemas.Sabe que faziam anos que não o via?
b. Ele sabe que sempre haverão casos estranhos com esses indivíduos. Segundo o chefe, nem fazem 2 meses de sua contratação.
c. Todos conhecem as etapas que haviam no procedimento padrão.Comunicamos que já fazem 30 dias desde a última aquisição de material
d. Há graves problemas sociais no país. Faz exatamente 10 anos que estamos nesta empresa.

15. Prova: FCC - 2013 - PGE-BA - Assistente de Procuradoria
A concordância verbal está correta em:

a. Haviam pessoas que não se importavam com seus vizinhos de viagem, falavam alto ao celular.
b. Os usuários pareciam gostarem daquela bagunça: o som alto, mesmo de qualidade duvidosa.
c. Já fazem meses que entro no ônibus, no mesmo horário, com as mesmas pessoas que sempre falam ao celular.
d. Sempre havia pessoas que não se importavam em expor sua vida particular, pareciam até se divertir.
e. Sempre vai existir passageiros que se incomodem com o som alto e com músicas de gosto duvidoso.

16. Prova: CONSULPLAN - 2013 - PM-TO - Soldado da Polícia Militar
O verbo “haver” em “que haviam desaparecido no Rio Amazonas” aparece flexionado estabelecendo concordância com o sujeito a que se refere. De acordo com a ideia indicada pelo verbo “haver” a concordância está de acordo com a norma padrão em:

a. Haviam anos que não conversávamos.
b. Havia graves problemas sociais no país.
c. Sempre houveram graves problemas sociais no país.
d. Eles havia sido os melhores funcionários daquele setor

17. Prova: VUNESP - 2013 - SEJUS-ES - Agente Penitenciário

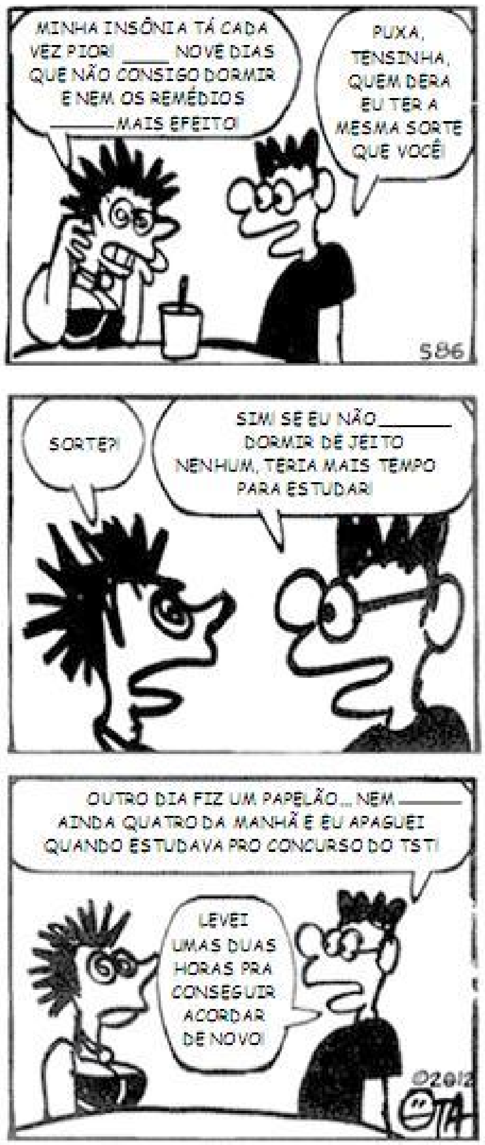
MINHA INSÔNIA TÁ CADA VEZ PIOR! _____ NOVE DIAS QUE NÃO CONSIGO DORMIR E NEM OS REMÉDIOS _______ MAIS EFEITO!
PUXA, TENSINHA, QUEM DERA EU TER A MESMA SORTE QUE VOCÊ!
586
SORTE?!
SIM! SE EU NÃO _______ DORMIR DE JEITO NENHUM, TERIA MAIS TEMPO PARA ESTUDAR!
OUTRO DIA FIZ UM PAPELÃO... NEM _______ AINDA QUATRO DA MANHÃ E EU APAGUEI QUANDO ESTUDAVA PRO CONCURSO DO TST!
LEVEI UMAS DUAS HORAS PRA CONSEGUIR ACORDAR DE NOVO!
©2012
TA

As lacunas da tirinha devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

a. Fazem ... fazem ... conseguirei ... eram
b. Faz ... fazem ... conseguisse ... eram
c. Havia ... faz ... conseguia ... era
d. Há ... faz ... consigo ... eram
e. Fazem ... fazem ... conseguiria ... era

18. Assinale a alternativa em que a concordância do verbo grifado está CORRETA**:**

a. Mesmo que se tratem de pessoas honestas, exija um fiador.
b. É importante que **haja** muitas faculdades de Letras.
c. Espero que, em fevereiro, **façam** dias menos ventosos.
d. **Haviam** quatro semanas que o navio estava no porto.
e. Se não **houverem** imprevistos, chegaremos amanhã.

19. – Assinale a alternativa em que a concordância do verbo grifado está ERRADA:

f. Onde você andava? **Fazem** mais de três horas que a espero.
g. Talvez **houvesse** soluções melhores do que aquela.
h. Você não acha que **basta** de provocações?
i. **Vão** terminar acontecendo coisas desagradáveis
j. **Haviam** ocorrido vários acidentes naquele local.

20. Assinale a alternativa em que a concordância do verbo grifado está ERRADA

a. Acho que **devem** bastar duas colheres de açúcar.
b. **Há** de haver outras saídas.
c. **Hão** de existir outras saídas.
d. **Podem** tratar-se de vírus desconhecidos.
e. **Deve** passar das quatro horas.

21. No domingo, ……… seis meses que as aulas começaram; pode-se dizer que só ………. trinta dias para as férias.

a. fará – falta
b. farão – falta
c. fará – faltam
d. faz – falta
e. fazem – faltam

22. Não ……… condições para se …….. os trabalhos; mesmo que as …….., era tarde.

a. havia – recomeçar – houvessem
b. haviam – recomeçarem – houvessem
c. haviam – recomeçar – houvesse
d. haviam – recomeçar – houvessem
e. havia – recomeçarem – houvesse

23. ………ainda muitos dias para que ele volte? Afinal, ………bem uns dois meses que ele foi viajar.

a. Faltará – deve fazer
b. Faltará – devem fazer
c. Faltarão – devem fazerem
d. Faltarão – devem fazer
e. Faltarão – deve fazer

24. Já ……… muitos anos que só ………. ruínas das construções que…….. nesta cidade.

a. fazem – existe – haviam
b. fazem – existe – havia
c. fazem – existem – haviam
d. faz – existem – havia
e. faz – existem – haviam

25. Todos os parafusos que ………. demais naquele relógio, noutros ………. falta. ………. dez anos que a queixa era a mesma.

a. havia – fazia – Havia
b. havia – faziam – Havia
c. haviam – faziam – Haviam
d. haviam – fazia – Haviam
e. haviam – faziam – Havia

26. Faça a Concordância correta usando uma das duas formas entre parênteses:

1) (Faz / Fazem) vinte minutos que estamos a sua espera.
2) (Havia / Haviam) poucas vagas para o curso.
3) Conhecido o resultado da votação, (choveu / choveram) vaias.
4) Não (havia / haviam) vizinhos naquele deserto.
5) (Havia / Haviam) já dois anos que não nos víamos.
6) Conhecera-o assim, (fazia / faziam) quase vinte anos.
7) (Deverá haver / Deverão haver) cinco anos que ocorreu o incêndio.
8) Aqui (faz / fazem) verões terríveis.
9) (Vai fazer/ Vão fazer) cem anos que nasceu o genial artista.
10) (Começou a haver / Começaram a haver) abusos.
11) Não (podem / pode) haver rasuras neste documento.
12) (Haviam / Havia) muitos anos que não vinha ao Rio.
13) (Choviam / Chovia) insultos entre os torcedores, após o jogo.
14) Talvez ainda (haja / hajam) vagas naquela escola.
15) Por cima do fogão (deviam / devia) haver fósforos.
16) (Fazem / Faz) hoje precisamente sete anos.
17) Não pode (haverem / haver) boas leis sem bons legisladores.
18) (Vai / Vão) haver grandes festas.
19) Nas fazendas (haveriam / haveria) alimentos frescos e baratos.
20) Males inevitáveis (iam / ia) chover sobre mim.
21) Naquela época (tinha / tinham) muitos feriados religiosos.
22) (Faz / Fazem) mil anos que aquela estrela está ali.
23) (Vai / Vão) haver desistências.
24) Nessa época (haviam / havia) ali muitas rivalidades.
25) (Faz / Fazem) alguns anos que nós viajamos.
26) (Há / Hão) de haver razões para ele não vir.
27) Após a reunião (haverá / haverão) debates.
28) (Houve / Houveram) alterações na folha de pagamento.
29) Nos rios e lagos não (havia / haviam) mais peixes.
30) (Há / Hão) de existir ainda outro motivo.
31) Na minha turma (havia / haviam) alunos brilhantes.
32) No Rio de Janeiro (faz / fazem) dias muito bons.
33) (Haveria / Haveriam) estrelas brilhando no céu?

34) (Deve \ Devem) fazer uns cinco anos que não vou lá.

35) Não parecia que dali (houvessem / houvesse) saído tantas riquezas.

36) Na cidade (havia / haviam) poucos médicos.

37) Cinco meses (vai / vão) fazer que não chove mais no sertão.

38) (Deve / Devem) haver alternativas energéticas.

39) (Deve / Devem) existir outras opções de investimentos.

40) A noite está tão fria que (chove / chovem) tristezas em meu pensamento

GABARITO

1. e
2. c
3. e
4. e
5. e
6. a
7. e
8. d
9. a
10. e
11. a
12. d
13. d
14. d
15. d
16. b
17. b
18. b
19. a
20. d
21. c
22. e
23. e
24. d
25. b
26. 1) faz
2) havia
3) choveram
4) havia
5) havia
6) fazia
7) deverá
8) faz
9) vai fazer
10) começou
11) pode
12) havia
13) choviam
14) haja
15) devia
16) faz
17) pode
18) vai
19) Haveria
20) iam
21) tinham
22) faz
23) vai
24) havia
25) faz
26) há
27) haverá
28) houve
29) havia
30) hão
31) havia
32) faz
33) haveria
34) deve
35) houvessem
36) havia
37) vai
38) deve
39) devem
40) chovem

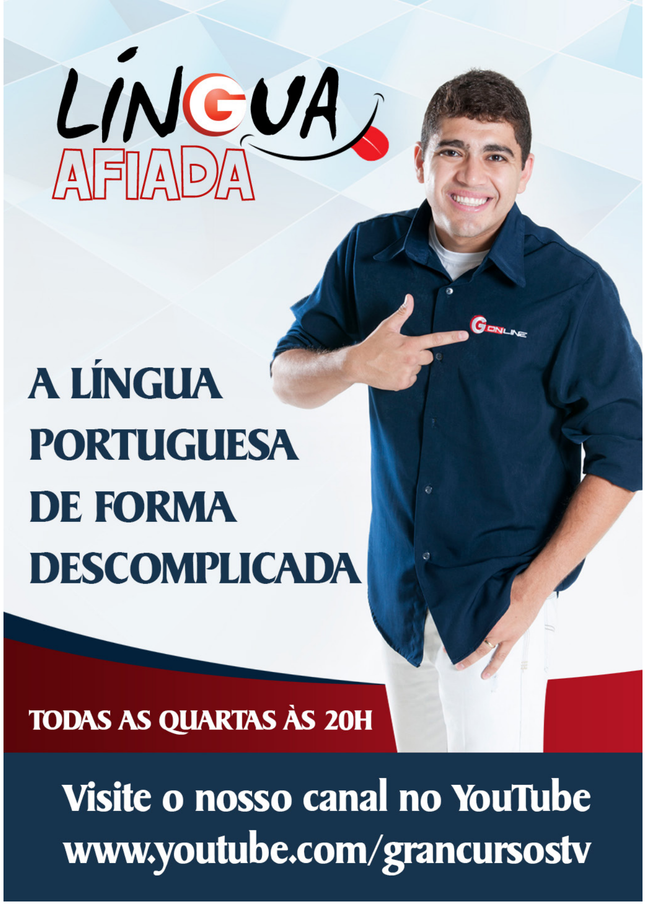
LÍNGUA AFIADA
A LÍNGUA PORTUGUESA DE FORMA DESCOMPLICADA
TODAS AS QUARTAS ÀS 20H
Visite o nosso canal no YouTube
www.youtube.com/grancursostv

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA
APRENDA A DISCIPLINA QUE MAIS REPROVA EM CONCURSOS COM OS MAIORES MESTRES

GRAN CURSOS
ESCOLA PARA CONCURSOS PÚBLICOS
24 ANOS DE TRADIÇÃO

GRAN CURSOS ONLINE
O *CLICK* QUE PODE MUDAR O SEU FUTURO
Acesse www.grancursos.com.br e SAIBA +

PORTUGUÊS

Professor Nei Xavier

ESTUDO DOS VERBOS

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

VERBO

É o termo que expressa ação, estado ou fenômeno e pode ser flexionado de acordo com modo, tempo, pessoa, número e voz.

Exemplo: Comprar - **compro, comprei, comprassem**

Vender - **vendo, vendia, vendemos**

Ir - **vou, fui, fomos**

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

OS MODOS E TEMPOS VERBAIS

- **Indicativo** - refere-se a fatos verdadeiros ou tidos como tais (certeza). O indicativo possui seis tempos:

- Pretérito
  - Perfeito
  - Imperfeito
  - Mais que perfeito
- Presente
- Futuro
  - Presente
  - Pretérito

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

OS MODOS E TEMPOS VERBAIS

- **Subjuntivo** – Faz referência a fatos incertos e possui três tempos.

Pretérito imperfeito (se)

Presente (que)

Futuro (quando)

- **Imperativo** – uma ordem, um convite ou pedido que se impõe ao agente. Não existe a primeira pessoa do singular do modo imperativo.

Afirmativo

Negativo

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

CONJUGAÇÃO VERBAL

Conjugar um verbo é representá-la em todas as suas flexões: modos, tempos, pessoas, números e vozes. E o agrupamento dessas flexões denomina-se conjugação verbal. São de três tipos, dependendo da vogal temática.

- 1ª – Conjugação - Vogal temática “a”

Exemplo: Gritar, Escutar.

- 2ª – Conjugação - Vogal temática “e”

Exemplo: Perder, Correr.

- 3ª – Conjugação - Vogal temática “i”

Exemplo: Ouvir, Pedir.

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

QUANTO À FLEXÃO, OS VERBOS CLASSIFICAM-SE EM:

- Regular - Não sofre modificação no radical quando conjugado.

Exemplo: Falar – radical: fal

Falo, falas, fala, falei, falaste, falou

- Irregular - É o verbo cujo radical não sofre modificações quando conjugado.

Exemplo: Ouvir – radical: ouv

Ouço, ouves, ouvi, ouvimos

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

QUANTO À FLEXÃO, OS VERBOS CLASSIFICAM-SE EM:

- **Defectivo** - É o verbo que não se conjuga em todos os tempos, pessoas e modos.

Exemplo: Abolir, colorir, falir

- **Abundante** - São os verbos que apresentam duas ou mais formas, quase sempre no particípio.

Exemplo: Gastar – gastado, gasto

Pegar – pegado, pego

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

QUANTO À FLEXÃO, OS VERBOS CLASSIFICAM-SE EM:

- **Anômalos** - São os formados por mais de um radical. Sendo eles apenas, os verbos ser e ir.

Exemplo: Ser - sou, és, fui

Ir - vou, fui

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

QUANTO À FUNÇÃO, OS VERBOS CLASSIFICAM-SE EM:

- **Principal - É o mais importante na locução, encontra-se sempre por último.**

Exemplo: Quero estudar.

- **Auxiliar - Aparece sempre primeiro e ajuda o principal a ser conjugado.**

Exemplo: Estamos estudando

- **Modais - Juntam-se com o infinitivo pra indicar como se realiza a ação que o verbo expressa.**

Exemplo: Posso comer este bolo?

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

FORMAS NOMINAIS

São elas: o infinitivo, particípio, e gerúndio.

Exemplo: Formas nominais do verbo pular.

Infinitivo – pular
Gerúndio – pulando
Particípio – pulado

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

FORMAS RIZOTÔNICA E ARRIZOTÔNICA

- Rizotônica - Quando a vogal tônica se encontra no radical.

Exemplo: Pulam, canta

- Arrizotônica - Quando a vogal tônica se encontra fora do radical.

Exemplo: Lutamos, chegamos

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

QUESTÃO 01 - CN

Assinale a alternativa que apresenta a identificação correta do verbo grifado.

a) "(...) aquele que bate em quem vir pela frente" – verbo ver, futuro do subjuntivo.

b) "Pesquisas realizadas com jovens (...) demonstraram que os valores (...)" – verbo demonstrar, pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

c) "(...) mas quem paga suas contas são os pais" – verbo pagar, presente do subjuntivo.

d) "(...) ainda que o mercado de trabalho esteja (...) competitivo" - verbo estar pretérito imperfeito do subjuntivo.

e) "Groisman conta que ele mesmo (...) decidiu que faria medicina (...)" - verbo conter, presente do indicativo.

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

QUESTÃO 02

Leia:

1. “Quando você foi embora, fez-se noite em meu viver (...)”
2. “Um dia ele chegou tão diferente do seu jeito de sempre chegar.”
3. Naquela época, ela não tinha perdido a inocência.

Os verbos destacados nas orações acima, classificam-se, respectivamente, em:

a) anômalo, irregular, regular, auxiliar
b) auxiliar, irregular, regular, anômalo
c) irregular, anômalo, irregular, defectivo
d) defectivo, irregular, regular, auxiliar

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

QUESTÃO 03

“*É* uma das minhas neuroses.” Se substituir o verbo destacado pelo tempo pretérito imperfeito do modo indicativo, ficará:

a) Era
b) Foi
c) Fora
d) Seria
e) Eram

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

QUESTÃO 04

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase abaixo.

“Caso você ______ estudar nesta escola, com certeza, ______ necessário trazer seus documentos.”

a) quer / fosse
b) quisesse / fosse
c) queira / será
d) queria / é
e) quiser / fosse

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

QUESTÃO 05 - CN

Em “Dado que o inverno se manteve...” e “Deteve- se ante uma loja...”, as formas verbais foram conjugadas corretamente. Assinale a opção que completa corretamente as lacunas das frases abaixo, de acordo com a conjugação de cada verbo, respectivamente.

I. Os policiais _____________ na briga dos jovens.
II. Os jovens______________ muitas dúvidas no período da adolescência.
III. As mães sempre _________ problemas na escolha das amizades de seus filhos.
IV. Se ele me ________ um jantar, sem dúvida, aceitarei.
V. Eu ______ tudo o que perdi naquele ano.

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

QUESTÃO 05 - CN

a) Interviram / tem/ vêm/ propuser/ reouve

b) Intervieram / tem/ veem/ propor/ reavi.

c) Interviram / têm/ vêm/ propor/ reouve.

d) Intervieram / têm/ veem/ propuser/ reavi

e) Intervieram / têm/ veem/ propuser/ reavia.

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

GABARITO

1. A
2. A
3. A
4. C
5. E

PORTUGUÊS

Professor Nei Xavier

ESTUDO DOS VERBOS

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

VERBO

É o termo que expressa ação, estado ou fenômeno e pode ser flexionado de acordo com modo, tempo, pessoa, número e voz.

Exemplo: Comprar - **compro, comprei, comprassem**

Vender - **vendo, vendia, vendemos**

Ir - **vou, fui, fomos**

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

OS MODOS E TEMPOS VERBAIS

- **Indicativo** - refere-se a fatos verdadeiros ou tidos como tais (certeza). O indicativo possui seis tempos:

- Pretérito
  - Perfeito
  - Imperfeito
  - Mais que perfeito
- Presente
- Futuro
  - Presente
  - Pretérito

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

OS MODOS E TEMPOS VERBAIS

- **Subjuntivo** – Faz referência a fatos incertos e possui três tempos.

Pretérito imperfeito (se)

Presente (que)

Futuro (quando)

- **Imperativo** – uma ordem, um convite ou pedido que se impõe ao agente. Não existe a primeira pessoa do singular do modo imperativo.

Afirmativo

Negativo

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

CONJUGAÇÃO VERBAL

Conjugar um verbo é representá-la em todas as suas flexões: modos, tempos, pessoas, números e vozes. E o agrupamento dessas flexões denomina-se conjugação verbal. São de três tipos, dependendo da vogal temática.

- 1ª – Conjugação - Vogal temática “a”

Exemplo: Gritar, Escutar.

- 2ª – Conjugação - Vogal temática “e”

Exemplo: Perder, Correr.

- 3ª – Conjugação - Vogal temática “i”

Exemplo: Ouvir, Pedir.

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

QUANTO À FLEXÃO, OS VERBOS CLASSIFICAM-SE EM:

- Regular - Não sofre modificação no radical quando conjugado.

Exemplo: Falar – radical: fal

Falo, falas, fala, falei, falaste, falou

- Irregular - É o verbo cujo radical não sofre modificações quando conjugado.

Exemplo: Ouvir – radical: ouv

Ouço, ouves, ouvi, ouvimos

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

QUANTO À FLEXÃO, OS VERBOS CLASSIFICAM-SE EM:

- **Defectivo** - É o verbo que não se conjuga em todos os tempos, pessoas e modos.

Exemplo: Abolir, colorir, falir

- **Abundante** - São os verbos que apresentam duas ou mais formas, quase sempre no particípio.

Exemplo: Gastar – gastado, gasto

Pegar – pegado, pego

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

QUANTO À FLEXÃO, OS VERBOS CLASSIFICAM-SE EM:

- **Anômalos** - São os formados por mais de um radical. Sendo eles apenas, os verbos ser e ir.

Exemplo: Ser - sou, és, fui

Ir - vou, fui

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

QUANTO À FUNÇÃO, OS VERBOS CLASSIFICAM-SE EM:

- **Principal - É o mais importante na locução, encontra-se sempre por último.**

Exemplo: Quero estudar.

- **Auxiliar - Aparece sempre primeiro e ajuda o principal a ser conjugado.**

Exemplo: Estamos estudando

- **Modais - Juntam-se com o infinitivo pra indicar como se realiza a ação que o verbo expressa.**

Exemplo: Posso comer este bolo?

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

FORMAS NOMINAIS

São elas: o infinitivo, particípio, e gerúndio.

Exemplo: Formas nominais do verbo pular.

Infinitivo – pular
Gerúndio – pulando
Particípio – pulado

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

FORMAS RIZOTÔNICA E ARRIZOTÔNICA

- Rizotônica - Quando a vogal tônica se encontra no radical.

Exemplo: Pulam, canta

- Arrizotônica - Quando a vogal tônica se encontra fora do radical.

Exemplo: Lutamos, chegamos

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

QUESTÃO 01 - CN

Assinale a alternativa que apresenta a identificação correta do verbo grifado.

a) "(...) aquele que bate em quem vir pela frente" – verbo ver, futuro do subjuntivo.

b) "Pesquisas realizadas com jovens (...) demonstraram que os valores (...)" – verbo demonstrar, pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

c) "(...) mas quem paga suas contas são os pais" – verbo pagar, presente do subjuntivo.

d) "(...) ainda que o mercado de trabalho esteja (...) competitivo" - verbo estar pretérito imperfeito do subjuntivo.

e) "Groisman conta que ele mesmo (...) decidiu que faria medicina (...)" - verbo conter, presente do indicativo.

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

QUESTÃO 02

Leia:

1. “Quando você foi embora, fez-se noite em meu viver (...)”
2. “Um dia ele chegou tão diferente do seu jeito de sempre chegar.”
3. Naquela época, ela não tinha perdido a inocência.

Os verbos destacados nas orações acima, classificam-se, respectivamente, em:

a) anômalo, irregular, regular, auxiliar
b) auxiliar, irregular, regular, anômalo
c) irregular, anômalo, irregular, defectivo
d) defectivo, irregular, regular, auxiliar

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

QUESTÃO 03

“É uma das minhas neuroses.” Se substituir o verbo destacado pelo tempo pretérito imperfeito do modo indicativo, ficará:

a) Era
b) Foi
c) Fora
d) Seria
e) Eram

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

QUESTÃO 04

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase abaixo.

"Caso você ______ estudar nesta escola, com certeza, ______ necessário trazer seus documentos."

a) quer / fosse
b) quisesse / fosse
c) queira / será
d) queria / é
e) quiser / fosse

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

QUESTÃO 05 - CN

Em "Dado que o inverno se manteve..." e "Deteve- se ante uma loja...", as formas verbais foram conjugadas corretamente. Assinale a opção que completa corretamente as lacunas das frases abaixo, de acordo com a conjugação de cada verbo, respectivamente.

I. Os policiais _____________ na briga dos jovens.
II. Os jovens_______________ muitas dúvidas no período da adolescência.
III. As mães sempre _________ problemas na escolha das amizades de seus filhos.
IV. Se ele me ________ um jantar, sem dúvida, aceitarei.
V. Eu ______ tudo o que perdi naquele ano.

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

QUESTÃO 05 - CN

a) Interviram / tem/ vêm/ propuser/ reouve

b) Intervieram / tem/ veem/ propor/ reavi.

c) Interviram / têm/ vêm/ propor/ reouve.

d) Intervieram / têm/ veem/ propuser/ reavi

e) Intervieram / têm/ veem/ propuser/ reavia.

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

GABARITO

1. A
2. A
3. A
4. C
5. E

PORTUGUÊS

Professor Nei Xavier

ESTUDO DOS VERBOS

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

VERBO

É o termo que expressa ação, estado ou fenômeno e pode ser flexionado de acordo com modo, tempo, pessoa, número e voz.

Exemplo: Comprar - **compro, comprei, comprassem**

Vender - **vendo, vendia, vendemos**

Ir - **vou, fui, fomos**

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

OS MODOS E TEMPOS VERBAIS

- **Indicativo** - refere-se a fatos verdadeiros ou tidos como tais (certeza). O indicativo possui seis tempos:

- Pretérito
  - Perfeito
  - Imperfeito
  - Mais que perfeito
- Presente
- Futuro
  - Presente
  - Pretérito

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

OS MODOS E TEMPOS VERBAIS

- **Subjuntivo** – Faz referência a fatos incertos e possui três tempos.

Pretérito imperfeito (se)

Presente (que)

Futuro (quando)

- **Imperativo** – uma ordem, um convite ou pedido que se impõe ao agente. Não existe a primeira pessoa do singular do modo imperativo.

Afirmativo

Negativo

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

CONJUGAÇÃO VERBAL

Conjugar um verbo é representá-la em todas as suas flexões: modos, tempos, pessoas, números e vozes. E o agrupamento dessas flexões denomina-se conjugação verbal. São de três tipos, dependendo da vogal temática.

- 1ª – Conjugação - Vogal temática “a”

Exemplo: Gritar, Escutar.

- 2ª – Conjugação - Vogal temática “e”

Exemplo: Perder, Correr.

- 3ª – Conjugação - Vogal temática “i”

Exemplo: Ouvir, Pedir.

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

QUANTO À FLEXÃO, OS VERBOS CLASSIFICAM-SE EM:

- Regular - Não sofre modificação no radical quando conjugado.

Exemplo: Falar – radical: fal

Falo, falas, fala, falei, falaste, falou

- Irregular - É o verbo cujo radical não sofre modificações quando conjugado.

Exemplo: Ouvir – radical: ouv

Ouço, ouves, ouvi, ouvimos

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

QUANTO À FLEXÃO, OS VERBOS CLASSIFICAM-SE EM:

- **Defectivo** - É o verbo que não se conjuga em todos os tempos, pessoas e modos.

Exemplo: Abolir, colorir, falir

- **Abundante** - São os verbos que apresentam duas ou mais formas, quase sempre no particípio.

Exemplo: Gastar – gastado, gasto
Pegar – pegado, pego

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

QUANTO À FLEXÃO, OS VERBOS CLASSIFICAM-SE EM:

- **Anômalos** - São os formados por mais de um radical. Sendo eles apenas, os verbos ser e ir.

Exemplo: Ser - sou, és, fui
Ir - vou, fui

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

QUANTO À FUNÇÃO, OS VERBOS CLASSIFICAM-SE EM:

- **Principal** - É o mais importante na locução, encontra-se sempre por último.

Exemplo: Quero estudar.

- **Auxiliar** - Aparece sempre primeiro e ajuda o principal a ser conjugado.

Exemplo: Estamos estudando

- **Modais** - Juntam-se com o infinitivo pra indicar como se realiza a ação que o verbo expressa.

Exemplo: Posso comer este bolo?

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

FORMAS NOMINAIS

São elas: o infinitivo, particípio, e gerúndio.

Exemplo: Formas nominais do verbo pular.

Infinitivo – pular
Gerúndio – pulando
Particípio – pulado

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

FORMAS RIZOTÔNICA E ARRIZOTÔNICA

- **Rizotônica** - Quando a vogal tônica se encontra no radical.

Exemplo: Pulam, canta

- **Arrizotônica** - Quando a vogal tônica se encontra fora do radical.

Exemplo: Lutamos, chegamos

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

QUESTÃO 01 - CN

Assinale a alternativa que apresenta a identificação correta do verbo grifado.

a) "(...) aquele que bate em quem vir pela frente" – verbo ver, futuro do subjuntivo.

b) "Pesquisas realizadas com jovens (...) demonstraram que os valores (...)" – verbo demonstrar, pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

c) "(...) mas quem paga suas contas são os pais" – verbo pagar, presente do subjuntivo.

d) "(...) ainda que o mercado de trabalho esteja (...) competitivo" - verbo estar pretérito imperfeito do subjuntivo.

e) "Groisman conta que ele mesmo (...) decidiu que faria medicina (...)" - verbo conter, presente do indicativo.

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

QUESTÃO 02

Leia:

1. “Quando você foi embora, fez-se noite em meu viver (...)”
2. “Um dia ele chegou tão diferente do seu jeito de sempre chegar.”
3. Naquela época, ela não tinha perdido a inocência.

Os verbos destacados nas orações acima, classificam-se, respectivamente, em:

a) anômalo, irregular, regular, auxiliar
b) auxiliar, irregular, regular, anômalo
c) irregular, anômalo, irregular, defectivo
d) defectivo, irregular, regular, auxiliar

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

QUESTÃO 03

“*É* uma das minhas neuroses.” Se substituir o verbo destacado pelo tempo pretérito imperfeito do modo indicativo, ficará:

a) Era
b) Foi
c) Fora
d) Seria
e) Eram

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

QUESTÃO 04

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase abaixo.

"Caso você ______ estudar nesta escola, com certeza, ______ necessário trazer seus documentos."

a) quer / fosse
b) quisesse / fosse
c) queira / será
d) queria / é
e) quiser / fosse

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

QUESTÃO 05 - CN

Em "Dado que o inverno se manteve..." e "Deteve- se ante uma loja...", as formas verbais foram conjugadas corretamente. Assinale a opção que completa corretamente as lacunas das frases abaixo, de acordo com a conjugação de cada verbo, respectivamente.

I. Os policiais _____________ na briga dos jovens.
II. Os jovens______________ muitas dúvidas no período da adolescência.
III. As mães sempre _________ problemas na escolha das amizades de seus filhos.
IV. Se ele me ________ um jantar, sem dúvida, aceitarei.
V. Eu ______ tudo o que perdi naquele ano.

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

QUESTÃO 05 - CN

a) Interviram / tem/ vêm/ propuser/ reouve

b) Intervieram / tem/ veem/ propor/ reavi.

c) Interviram / têm/ vêm/ propor/ reouve.

d) Intervieram / têm/ veem/ propuser/ reavi

e) Intervieram / têm/ veem/ propuser/ reavia.

SEMANA ESPECIAL COLÉGIO NAVAL

GABARITO

1. A
2. A
3. A
4. C
5. E

Cortesia: www.reidosconcursos.blogspot.com

Interpretação de Textos

TEORIA e 800 QUESTÕES COMENTADAS
6ª EDIÇÃO

ASSOCIAÇÃO BRASUKA DC DKBIOS RETROGRAHCOS

ANPAC

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE
PROTEÇÃO E APOIO AOS CONCURSOS

Preencha a **ficha de cadastro** no final deste livro
e receba gratuitamente informações sobre os lançamentos e as promoções da
Editora Campus/Elsevier.
Consulte também nosso catálogo
completo e últimos lançamentos em
www.campus.com.br

SÉRIE IMPETUS
PROVAS E CONCURSOS

Interpretação de Textos

TEORIA E 800 QUESTÕES COMENTADAS
6ª EDIÇÃO

Renato Aquino

ELSEVIER CAMPUS

© 2006, Elsevier Editora Ltda.
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei n° 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora,
poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados:
eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.
Editoração Eletrônica
SBNIGRI Artes e Textos Ltda.
Coordenador *da Série*
Sylvio Motta
Projeto Gráfico
Elsevier Editora Ltda.
A Qualidade da Informação
Rua Sete de Setembro, 111 — 16° andar
20050-006 — Rio de Janeiro — RJ — Brasil
Telefone: (21) 3970-9300 Fax (21) 2507-1991
E-mail: info@elsevier.com.br
Escritório São Paulo
Rua Quintana, 753 – 8º andar
04569-011 - Brooklin - São Paulo - SP
Telefone: (11) 5105-8555
ISBN 13: 978-85-352-1815-2
ISBN 10: 85-352-1815-7
Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação à nossa Central de Atendimento, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.
Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.
Central de Atendimento
Tel: 0800-265340
Rua Sete de Setembro, 111, 16° andar - Centro - Rio de Janeiro
e-mail: info@elsevier.com.br
site: www.campus.com.br
CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ
Aquino, Renato
6. ed. Interpretação de textos: teoria e 800 questões comentadas / Renato
Aquino. - 6. ed. - Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.
532p. - (Impetus provas e concursos)
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-352-1815-2
ISBN 85-352-1815-7
1. Língua portuguesa - Problemas, questões e exercícios.
2. Compreensão na leitura. 3. Análise do discurso narrativo.
4. Serviço público - Brasil - Concursos. I. Título. II. Série.
05-1502. CDD-469.8
CDU - 811.134.2

Agradecimentos

À *família querida, sempre a meu lado, incentivo primeiro da minha jornada terrena; a todos que, de uma forma ou de outra, me ajudam a caminhar pelo mundo;a Jesus, irmão maior, “caminho, verdade e vida”, que não me deixa perder o rumo; mas, acima de tudo e de todos, a Deus, nosso Pai amado, que nos concedeu a maravilha da vida.*

O Autor

Renato Monteiro de Aquino

- Mestre em Letras (Filologia Românica) pela UFRJ
- Ex-professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Colégio Militar do Rio de Janeiro
- Ex-professor de Língua Portuguesa da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro
- Ex-professor de Língua Portuguesa da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro
- Fiscal de atividades econômicas aposentado do município do Rio de Janeiro
- Professor da Companhia dos Módulos e outros cursos preparatórios para concursos públicos do Rio de Janeiro

Outras obras do autor

- Português para Concursos. 16a ed. Editora Campus/Elsevier
- Redação para Concursos. 5a ed. Editora Campus/Elsevier
- Português para Concursos em vídeo (8 fitas). Tele-Jur
- Amor e Luz (Poesias). Editora Pongetti

Apresentação

NÃO DEIXE DE LER!

A interpretação de textos, tão comum em provas de Português, sempre foi um martírio para os alunos ou candidatos a concursos públicos ou vestibulares.

A dificuldade é geral e, com certeza, oriunda da falta de treinamento. As pessoas têm pouca disposição de mergulhar no texto; elas conseguem, obviamente, lê-lo, mas não aprofundam a leitura, não extraem dele aquelas informações que uma leitura superficial, apressada, não permite.

Ao tentar resolver o problema, as pessoas buscam os materiais que julgam poder ajudá-las. Caem, então, no velho vício de ler teoria em excesso, estudar coisas que nem sempre dizem respeito à compreensão e interpretação dos textos. Cansadas, não fazem o essencial: ler uma grande quantidade de textos — e tentar interpretá-los.

Este livro que chega às suas mãos é extremamente prático. A teoria apresentada é pequena, mas deve ser estudada com boa vontade e disposição de aprender. Depois, você vai encontrar uma enorme quantidade de textos, 112, para ser preciso. São 815 questões, mais de 4000 itens, todos comentados.

Fundamental é que você os leia na ordem em que são apresentados, resolvendo com atenção máxima as questões propostas. Começa-se por textos muito curtos, uma ou duas linhas, e vai-se aumentando, tanto em tamanho quanto em dificuldade. Cabe ainda ressaltar que não tivemos a preocupação de distinguir interpretação de compreensão. Levando-se em conta o objetivo da obra, isso seria absolutamente inútil.

Não tenha medo da interpretação de textos. Como qualquer outra atividade intelectual, ela pede paciência e boa vontade. Não tente fazer apressadamente, pois isso prejudicará o seu estudo. Talvez o mais difícil seja começar. Depois, acredite, vem o progresso, objetivo maior de todos nós.

O Autor

Palavras da Coordenação da Obra

Você acha que não tem condições de estudar interpretação de textos? Está cansado de ser reprovado nas provas de Língua Portuguesa? Você, sinceramente, acredita que nunca vai conseguir entender o uso correto das figuras de linguagem ou alcançar o que dizem as famosas entrelinhas? Isso lhe tem causado uma enorme sensação de impotência e desânimo?

Agora, estes problemas já podem acabar!

A Editora Campus/Elsevier, orgulhosamente, apresenta a terceira obra do Professor Renato Aquino.

Nela, o leitor-candidato encontrará respaldo necessário para resolver provas e, conseqüentemente, ter êxito em diversos concursos públicos, afastando de vez o fantasma da reprovação.

Isso mesmo! Logo nas primeiras páginas, você perceberá que não se trata apenas de mais um manual de interpretação de textos; antes, é um estímulo de auto-ajuda, que vai ensiná-lo a resolver todas aquelas deficiências que sempre o acompanharam e impediam-no de desenvolver técnicas de redação e interpretação, aplicáveis não somente em provas de Língua Portuguesa, mas na compreensão dos enunciados de questões de qualquer disciplina.

Em trabalho minucioso, o Autor selecionou textos em ordem crescente de complexidade, além de mais de oitocentas questões, todas com gabarito criteriosamente comentado. Enfocando as variadas tendências, de acordo com as diversas bancas examinadoras, a obra é um verdadeiro marco na preparação de candidatos em geral.

Outro aspecto a ser ressaltado é a sua universalidade: tanto pode ser adotada em colégios, quanto em cursos preparatórios, haja vista que abrange concursos de nível médio e superior. Em síntese: trata-se de um livro útil para todos aqueles que queiram ou precisem aperfeiçoar seus conhecimentos de Língua Portuguesa.

A partir de agora, você dispõe de um instrumento eficaz e decisivo para o seu sucesso, tanto pessoal quanto profissional.

Bom proveito.

Sylvio Motta :

Sumário

Parte 1 GENERALIDADES 1

Capítulo 1 Explicações preliminares 2
Capítulo 2 Denotação e conotação. Figuras 6
Capítulo 3 Coesão e coerência. Conectores 14
Capítulo 4 Tipologia textual 27
Capítulo 5 Significação das palavras 31
Capítulo 6 A prática 37

Parte 2 INTERPRETAÇÃO I 42

Parte 3 INTERPRETAÇÃO II 119

Parte 4 GABARITO E COMENTÁRIOS 327

Gabarito 328
Comentários 330

BIBLIOGRAFIA 452

PARTE I

GENERALIDADES

CAPÍTULO 1

EXPLICAÇÕES PRELIMINARES

I) Para interpretar bem

Todos têm dificuldades com interpretação de textos. Encare isso como algo normal, inevitável. Importante é enfrentar o problema e, com segurança, progredir. Aliás, progredir muito. Leia com atenção os itens abaixo.

1) Desenvolva o gosto pela leitura. Leia de tudo: jornais, revistas, livros, textos publicitários, listas telefônicas, bulas de remédios etc. Enfim, tudo o que estiver ao seu alcance. Mas leia com atenção, tentando, pacientemente, apreender o sentido. O mal é “ler por ler”, para se livrar.

2) Aumente o seu vocabulário. Os dicionários são amigos que precisamos consultar. Faça exercícios de sinônimos e antônimos. (Consulte o nosso Redação para Concursos, que tem uma seção dedicada a isso.)

3) Não se deixe levar pela primeira impressão. Há textos que metem medo. Na realidade, eles nos oferecem um mundo de informações que nos fornecerão grande prazer interior. Abra sua mente e seu coração para o que o texto lhe transmite, na qualidade de um amigo silencioso.

4) Ao fazer uma prova qualquer, leia o texto duas ou três vezes, atentamente, antes de tentar responder a qualquer pergunta. Primeiro, é preciso captar sua mensagem, entendê-lo como um todo, e isso não pode ser alcançado com uma simples leitura. Dessa forma, leia-o algumas vezes. A cada leitura, novas idéias serão assimiladas. Tenha a paciência necessária para agir assim. Só depois tente resolver as questões propostas.

5) As questões de interpretação podem ser localizadas (por exemplo, voltadas só para um determinado trecho) ou referir-se ao conjunto, às idéias gerais do texto. No primeiro caso, leia não apenas o trecho (às vezes uma linha) referido, mas todo o parágrafo em que ele se situa. Lembre-se: quanto mais você ler, mais entenderá o texto. Tudo é uma questão de costume, e você vai acostumar-se a agir dessa forma. Então - acredite nisso - alcançará seu objetivo.

6) Há questões que pedem conhecimento fora do texto. Por exemplo, ele pode aludir a uma determinada personalidade da história ou da atualidade, e ser cobrado do aluno ou candidato o nome dessa pessoa ou algo que ela tenha feito. Por isso, é importante desenvolver o hábito da leitura, como já foi dito. Procure estar atualizado, lendo jornais e revistas especializadas.

II) Paráfrase

Chama-se paráfrase a reescritura de um texto sem alteração de sentido. Questões de interpretação com freqüência se baseiam nesse conhecimento, nessa técnica. Vários recursos podem ser utilizados para parafrasear um texto.

1) Emprego de sinônimos.

Ex.: *Embora voltasse cedo, deixava os pais preocupados.*
Conquanto retornasse cedo, deixava os genitores preocupados.

2) Emprego de antônimos, com apoio de uma palavra negativa.

Ex.: *Ele era fraco.*
Ele não era forte.

3) Utilização de termos anafóricos, isto é, que remetem a outros já citados no texto.

Ex.: *Paulo e Antônio já saíram. Paulo foi ao colégio; Antônio, ao cinema.*
Paulo e Antônio já saíram. Aquele foi ao colégio; este, ao cinema.

Aquele = Paulo
este = Antônio

4) Troca de termo verbal por nominal, e vice-versa.

Ex.: *É necessário que todos colaborem.*
É necessária a colaboração de todos.
Quero o respeito do grupo.
Quero que o grupo me respeite.

5) Omissão de termos facilmente subentendidos.

Ex.: *Nós desejávamos uma missão mais delicada, mais importante.*
Desejávamos missão mais delicada e importante.

6) Mudança de ordem dos termos no período.

Ex.: *Lendo o jornal, cheguei à conclusão de que tudo aquilo seria esquecido após três ou quatro meses de investigação.*
Cheguei à conclusão, lendo o jornal, de que tudo aquilo, após três ou quatro meses de pesquisa, seria esquecido.

7) Mudança de voz verbal

Ex.: *A mulher plantou uma roseira em seu jardim. (voz ativa)*
Uma roseira foi plantada pela mulher em seu jardim. (voz passiva analítica)

Obs.: Se o sujeito for indeterminado (verbo na 3ª pessoa do plural sem o sujeito expresso na frase), haverá duas mudanças possíveis.

Ex.: *Plantaram uma roseira. (voz ativa)*
Uma roseira foi plantada. (voz passiva analítica)
Plantou-se uma roseira. (voz passiva sintética)

8) Troca de discurso

Ex.: *Naquela tarde, Pedro dirigiu-se ao pai dizendo: - Cortarei a grama sozinho. (discurso direto)*
Naquela tarde, Pedro dirigiu-se ao pai dizendo que cortaria a grama sozinho. (discurso indireto)

9) Troca de palavras por expressões perifrásticas (vide perífrase, no capítulo seguinte) e vice-versa

Ex.: *Castro Alves visitou Paris naquele ano.*
O poeta dos escravos visitou a cidade luz naquele ano.

10) Troca de locuções por palavras e vice-versa:

Ex.: *O homem da cidade não conhece a linguagem do céu.*
O homem urbano não conhece a linguagem celeste.

Da cidade e **do céu** são locuções adjetivas e correspondem aos adjetivos **urbano** e **celeste.** É importante conhecer um bom número de locuções adjetivas. Consulte o assunto em nosso livro Redação para Concursos.

Numa paráfrase, vários desses recursos podem ser utilizados concomitantemente, além de outros que não foram aqui referidos, mas que a prática nos apresenta. O importante é ler com extrema atenção o trecho e suas possíveis paráfrases. Se perceber mudança de sentido, a reescritura não pode ser considerada uma paráfrase. Há muitas questões de provas baseadas nisso.

Vamos então fazer um exercício. Leia com atenção o trecho abaixo e anote a alternativa em que não ocorre uma paráfrase.

O homem caminha pela vida muitas vezes desnorteado, por não reconhecer no seu íntimo a importância de todos os instantes, de todas as coisas, simples ou grandiosas.

a) Freqüentemente sem rumo, segue o homem pela vida, por não reconhecer no seu íntimo o valor de todos os instantes, de todas as coisas, sejam simples ou grandiosas.

b) Não reconhecendo em seu âmago a importância de todos os momentos, de todas as coisas, simples ou grandiosas, o homem caminha pela vida muitas vezes desnorteado.

c) Como não reconhece no seu íntimo o valor de todos os momentos, de todas as coisas, sejam elas simples ou não, o homem vai pela vida freqüentemente desnorteado.

d) O ser humano segue, com freqüência, vida afora, sem rumo, porquanto não reconhece, em seu interior, a importância de todos os instantes, de todas as coisas, simples ou grandiosas.

e) O homem caminha pela vida sempre desnorteado, por não reconhecer, em seu mundo íntimo, o valor de cada momento, de cada coisa, seja ela simples ou grandiosa.

O trecho foi reescrito cinco vezes. Utilizaram-se vários recursos. Em quatro opções, o sentido é rigorosamente o mesmo. Tal fato não se dá, porém, na letra e, que seria o gabarito. O texto original diz que “o homem caminha pela vida muitas vezes desnorteado...”, contudo a reescritura nos diz “sempre desnorteado”. Ora, **muitas** vezes é uma coisa, sempre é outra, bem diferente.

Observações

a) Tenha cuidado com a mudança de posição dos termos dentro da frase. Palavras ou expressões podem alterar profundamente o sentido de um texto.

Ex.: *Encontrei determinadas pessoas naquela cidade.*
Encontrei pessoas determinadas naquela cidade.

Na primeira frase, **determinadas** é um pronome indefinido, equivalente a certas, umas, algumas; na segunda, é um adjetivo e significa decididas.

b) Cuidado também com a pontuação, que costuma passar despercebida.

Ex.: *A criança agitada corria pelo quintal.*
A criança, agitada, corria pelo quintal.

Na primeira frase, o adjetivo **agitada** indica uma característica da criança, algo inerente a ela, isto é, trata-se de uma pessoa sempre agitada. Na segunda, as vírgulas indicam que a criança está agitada naquele momento, sem que necessariamente ela o seja no seu dia-a-dia.

CAPÍTULO 2

DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO. FIGURAS

I) Denotação

Consultando o dicionário Houaiss, encontramos para a palavra **jóia** as seguintes definições:

1 objeto de metal precioso finamente trabalhado, em que muitas vezes se engastam pedras preciosas, pérolas etc. ou a que é aplicado esmalte, us. como acessório de vestuário, adorno de cabeça, pescoço, orelhas, braços, dedos etc.

2 Pedra preciosa de grande valor.

3 p. ext. qualquer objeto caro e trabalhado com arte (estatueta, relógio, cofre, vaso etc).

As definições são claras, precisas. Todas giram em torno de um objeto de valor. A partir dessas definições, podemos criar frases com muita segurança.

Ex.: *Essa jóia em seu pescoço está há várias gerações em nossa família.*
O rubi é uma jóia que encanta meus olhos.
Aquele vaso, provavelmente chinês, é uma jóia de raro acabamento.

A palavra **jóia,** presente nas três frases citadas, foi empregada em seus sentidos reais, primitivos. A isso se dá o nome de **denotação.**

II) Conotação

Voltando ao dicionário citado, encontramos na seqüência da leitura o seguinte:

4 fig. pessoa ou coisa muito boa e querida (sua sobrinha é uma jóia.

O próprio dicionarista nos dá um exemplo. Vejamos outras frases abaixo.

Ela é uma jóia de menina.
Que jóia esse cachorrinho!
Minha irmã se tornou uma jóia muito especial.

Observe que, em todas as frases, a palavra jóia extrapolou o sentido original de objeto caro. Ela está se referindo a pessoas e animais, que, na realidade, não podem ser jóias, se levarmos em conta o sentido denotativo do termo. Há uma comparação implícita em cada frase: bonito ou bonita como uma jóia. Dizemos então que se trata de **conotação**.

Vamos comparar as duas frases abaixo:

Comi uma fruta deliciosa.
Ela escreveu uma frase deliciosa.

Na primeira, o adjetivo **deliciosa** está empregado denotativamente, pois indica o gosto agradável da fruta; trata-se do sentido real do termo. Na segunda, o adjetivo não pode ser entendido "ao pé da letra", uma vez que frase não tem gosto, não tem sabor. É um emprego especial, estilístico da palavra **deliciosa.** Assim, ela está usada conotativamente.

Muitas vezes, as perguntas de interpretação se voltam para o emprego denotativo ou conotativo dos vocábulos. E mais: o entendimento global do texto pode depender disso. Leia-o, pois, com atenção. A leitura atenta é tudo.

III) Figuras de linguagem

As figuras constituem um recurso especial de construção, valorizando e embelezando o texto. Há questões de provas, inclusive em concursos públicos, que cobram, direta ou indiretamente, o emprego adequado da linguagem figurada. Vejamos as mais importantes, que você não pode desconhecer. Elas não serão, aqui, agrupadas de acordo com sua natureza: de palavras, de pensamento e de sintaxe. **Não** há importância nessa distinção, para interpretarmos um texto.

1) Comparação ou simile

Consiste, como o próprio nome indica, em comparar dois seres, fazendo uso de conectivos apropriados.

Ex.: *Esse liqüido é azedo como limão.*
A jovem estava branca qual uma vela.

2) Metáfora

Tipo de comparação em que não aparecem o conectivo nem o elemento comum aos seres comparados.

Ex.: *"Minha vida era um palco iluminado..." (Minha vida era alegre, bonita etc. como um palco iluminado.)*
Tuas mãos são de veludo. (Entenda-se: mãos macias como o veludo)
"A vida, manso lago azul..." (Júlio Salusse)

(Neste exemplo, nem o verbo aparece, mas é clara a idéia da comparação: a vida é suave, calma como um manso lago azul.)

3) Metonímia

Troca de uma palavra por outra, havendo entre elas uma relação real, concreta, objetiva. Há vários tipos de metonímia.

Ex.: *Sempre li Érico Veríssimo, (o autor pela obra)*
Ele nunca teve o seu próprio teto. (a parte pelo todo)
Cuidemos da infância. (o abstrato pelo concreto: infância / crianças)
Comerei mais um prato. (o continente pelo conteúdo)
Ganho a vida com meu suor. (o efeito pela causa)

4) Hipérbole

Consiste em exagerar as coisas, extrapolando a realidade.

Ex.: *Tenho milhares de coisas para fazer.*
Estava quase estourando de tanto rir.
Vive inundado de lágrimas.

5) Eufemismo

É a suavização de uma idéia desagradável. Chamado de linguagem diplomática.

Ex.: *Minha avozinha descansou. (morreu)*
Ele tem aquela doença. (câncer)
Você não foi feliz com suas palavras. (foi estúpido, grosseiro)

6) Prosopopéia ou personificação

Consiste em se atribuir a um ser inanimado ou a um animal ações próprias dos seres humanos.

Ex. *A areia chorava por causa do calor.*
As flores sorriam para ela.

7) Pleonasmo

Repetição enfática de um termo ou de uma idéia.

Ex.: *O pátio, ninguém pensou em lavá-lo. (lo = O pátio)*
Vi o acidente com olhos bem atentos. (Ver só pode ser com os olhos.)

8) Anacoluto

É a quebra da estruturação sintática, de que resulta ficar um termo sem função sintática no período. É parecido com um dos tipos de pleonasmo.

Ex.: *O jovem, alguém precisa falar com ele.*

Observe que o termo O **jovem** pode ser retirado do texto. Ele não se encaixa sintaticamente no período. Caso disséssemos **Com o jovem,** teríamos um pleonasmo: com o jovem = com ele.

9) Antítese

Emprego de palavras ou expressões de sentido oposto.

Ex.: *Era cedo para alguns e tarde para outros.*
“Não és bom, nem és mau: és triste e humano.” (Olavo Bilac)

10) Sinestesia

Consiste numa fusão de sentidos.

Ex.: *Despertou-me um som colorido. (audição e visão)*
Era uma beleza fria. (visão e tato)

11) Catacrese

É a extensão de sentido que sofrem determinadas palavras na falta ou desconhecimento do termo apropriado. Essa extensão ocorre com base na analogia. Por isso, ela é uma variação da metáfora.

Ex.: *Leito do rio. Dente de alho. Barriga da perna. Céu da boca.*

Curiosas são as catacreses constituídas por verbos: embarcar num trem, enterrar uma agulha no dedo etc. Embarcar é entrar no barco, não no trem; enterrar é entrar na terra, não no dedo.

12) Hipálage

Adjetivação de um termo em vez de outro.

Ex.: *O nado branco dos cisnes o fascinou, (brancos são os cisnes)*
Acompanhava o vôo negro dos urubus, (negros são os urubus)

13) Quiasmo

Ao mesmo tempo repetição e inversão de termos, podendo haver algumas alterações.

Ex.: *“No meio do caminho tinha uma pedra tinha uma pedra no meio do caminho “(C. D. Andrade)*
“Vinhas fatigada e triste, e triste e fatigado eu vinha.” (Olavo Bilac)

14) Silepse

Concordância anormal feita com a idéia que se faz do termo e não com o próprio termo. Pode ser:

a) de gênero

Ex.: *V Sa é bondoso.*

A concordância normal seria **bondosa,** já que **V. Sa** é do gênero feminino. Fez-se a concordância com a idéia que se possui, ou seja, trata-se de um homem.

b) de número

Ex.: *O grupo chegou apressado e conversavam em voz alta.*

O segundo verbo do período deveria concordar com **grupo.**

Mas a idéia de plural contida no coletivo leva o falante a botar o verbo no plural: conversavam. Tal concordância anormal não deve ser feita com o primeiro verbo.

c) de pessoa.

Ex.: *Os brasileiros somos otimistas.*

Em princípio, dir-se-ia são, pois o sujeito é de terceira pessoa do plural. Mas, por estar incluído entre os brasileiros, é possível colocar o verbo na primeira pessoa: somos.

15) Perífrase

Emprego de várias palavras no lugar de poucas ou de uma só.

Ex.: *"Se lá no assento etéreo onde subiste..." (Camões)*

assento etéreo = céu.

Morei na Veneza brasileira.

Veneza brasileira = Recife

Não provoque o rei dos animais.

rei dos animais = leão.

Obs.: Questões que envolvem perífrase pedem, freqüentemente, conhecimento independente do texto.

16) Assíndeto

Ausência de conectivo. É um tipo especial de elipse, que é a omissão de qualquer termo.

Ex.: *Entrei, peguei o livro, fui para a rede.*
Ligando as duas últimas orações, deveria aparecer a conjunção e.

17) Polissíndeto

Repetição da conjunção, geralmente e.

Ex.: *"Trejeita, e canta, e ri nervosamente." (Padre Antônio Tomás)*
"E treme, e cresce, e brilha, e afia o ouvido, e escuta." (Olavo Bilac)

18) Zeugma

Omissão de um termo, geralmente verbo, empregado anteriormente. Variação da elipse.

Ex.: *"A moral legisla para o homem; o direito, para o cidadão." (Tomás Ribeiro)*
"São estas as tradições das nossas linhagens; estes os exemplos de nossos avós." (Herculano)

Obs.:Na primeira frase, está subentendida a forma verbal **legisla;** na segunda, são.

19) Apóstrofe

Chamamento, invocação de alguém ou algo, presente ou ausente. Corresponde ao vocativo da análise sintática.

Ex.: *"Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?!" (Castro Alves)*
"Erguei-vos, menestréis, das púrpuras do leito!" (Guerra Junqueiro)

20) Ironia

Consiste em dizer-se o contrário do que se quer. É figura muito importante para a interpretação de textos.

Ex.: *"Moça linda bem tratada, três séculos de família, burra como uma porta, um amor." (Mário de Andrade)*

Observe que, após chamar a moça de burra, o poeta encerra a estrofe com um **aparente** elogio: um amor.

21) Hipérbato

É a inversão da ordem dos termos na oração ou das orações no período.

Ex.: *“Aberta em par estava a porta.” (Almeida Garrett)*
“Essas que ao vento vêm
Belas chuvas de junho!” (Joaquim Cardozo)

22) Anástrofe

Variante do hipérbato. Consiste em se inverter a ordem natural existente entre o termo determinado (principal) e o determinante (acessório).

Ex.: *Sentimos do vento a carícia.*
Determinado: a carícia
Determinante: do vento

Obs.: Nem sempre é simples a distinção entre hipérbato e anástrofe. Há certa discordância entre os especialistas do assunto.

23) Onomatopéia

Palavra que imita sons da natureza.

Ex.: *O ribombar dos canhões nos assustava.*
Não agüentava mais aquele tique-taque insistente.
“Não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano.” (Machado de Assis)

24) Aliteração

Repetição de fonemas consonantais.

Ex.: *Nem toda tarefa é tão tranqüila.*
“Ruem por terra as emperradas portas.” (Bocage)
“Os teus grilhões estrídulos estalam.” (Raimundo Correia)

Obs.: Nos dois últimos exemplos, as aliterações procuram reproduzir, sons naturais, constituindo-se também em onomatopéias.

25) Enálage

Troca de tempos verbais.

Ex.: *Se você viesse, ganhava minha vida mais entusiasmo,*
Agora que murcharam teus loureiros
Fora doce em teu seio amar de novo.” (Álvares de Azevedo)

Obs.: Na primeira frase, **ganhava** está no lugar de **ganharia;** na segunda, **fora** substitui **seria.**

CAPÍTULO 3

COESÃO E COERÊNCIA. CONECTORES

I) Coesão e coerência

O texto é um conjunto harmônico de elementos, associados entre si por processos de coordenação ou subordinação. Os fonemas (sons da fala), representados graficamente pelas letras, se unem constituindo as palavras. Estas, por sua vez, ligam-se para formar as orações, que passam a se agrupar constituindo os períodos. A reunião de períodos dá origem aos parágrafos. Estes também se unem, e temos então o conjunto final, que é o texto.

No meio de tudo isso, há certos elementos que permitem que o texto seja inteligível, com suas partes devidamente relacionadas. Se a ligação entre as partes do texto não for bem feita, o sentido lógico será prejudicado. Observe atentamente o trecho seguinte.

Levantamos muito cedo. Fazia frio e a água havia congelado nas torneiras. Até os animais, acostumados com baixas temperaturas, permaneciam, preguiçosamente, em suas tocas. Apesar disso, deixamos de fazer nossa caminhada matinal com as crianças.

O trecho é composto por vários períodos, agrupados em dois segmentos distintos. No primeiro, fala-se do frio intenso e suas conseqüências; no segundo, a decisão de não fazer a caminhada matinal. O que aparece para fazer a ligação entre esses dois segmentos? A locução **apesar disso.** Ora, esse termo tem valor concessivo, liga duas coisas contraditórias, opostas; mas o que segue a ele é uma conseqüência do frio que fazia naquela manhã. Dessa forma, no lugar de **apesar disso,** deveríamos usar **por isso, por causa disso, em virtude disso** etc.

Conclui-se o seguinte: as partes do texto não estavam devidamente ligadas. Diz-se então que faltou coesão textual.

Conseqüentemente, o trecho ficou sem coerência, isto é, sem sentido lógico.

Resumindo, podemos dizer que a coesão é a ligação, a união entre partes de um texto; coerência é o sentido lógico, o nexo.

II) Elementos conectores

É extremamente importante, para que se penetre no texto, uma noção segura dos recursos de que a língua dispõe para estabelecer a coesão textual. Aliás, esse termo é ainda mais amplo: qualquer vínculo estabelecido entre as palavras, as orações, os períodos ou os parágrafos podemos chamar de coesão. Toda palavra ou expressão que se refere a coisas passadas no texto, ou mesmo às que ainda virão, são elementos conectores. Os termos a que eles se referem podem ser chamados de referentes. Muita atenção, pois, com os conectores. Eis os mais importantes:

1) Pronomes pessoais, retos ou oblíquos

Ex.: *Meu filho está na escola.* ***Ele*** *tem uma prova hoje.*

Ele = meu filho (referente)

Carlos trouxe o memorando e ***o*** *entregou ao chefe.*

O = memorando (referente)

2) Pronomes possessivos

Ex.: *Pedro, chegou a* ***sua*** *maior oportunidade.*

Sua = Pedro (de Pedro)

3) Pronomes demonstrativos

Os demonstrativos estão entre os mais importantes conectores da língua portuguesa. Freqüentemente se criam questões de interpretação ou compreensão com base em seu emprego. Veja os casos seguintes.

a) *O filho está demorando, e* ***isso*** *preocupa a mãe.*

Isso = O filho está demorando.

b) ***Isto*** *preocupa a mãe: o filho está demorando.*

Isto = o filho está demorando.

Parecidos, não é mesmo? A diferença é que **isso** (esse, esses, essa, essas) é usado para fazer referência a coisas ou fatos passados no texto. **Isto** (este, estes, esta, estas) refere-se a coisas ou fatos que ainda aparecerão. Embora se faça uma certa confusão hoje em dia, o seu emprego adequado é exatamente o que acabamos de expor.

c) *O homem e a mulher estavam sorrindo.* ***Aquele*** *porque foi promovido;* ***esta*** *por ter recebido um presente.*

Aquele = homem

esta = mulher

Temos aqui uma situação especial de coesão: evitar a repetição de termos por meio do emprego de este (estes, esta, estas) e aquele (aqueles, aquela, aquelas). Não se usa, aqui, o pronome esse (esses, essa, essas). Com relação ao exemplo, a palavra **aquele** refere-se ao termo mais afastado (homem), enquanto esta, ao mais próximo (mulher). Semelhante correlação também pode ser feita com numerais (primeiro e segundo) ou com pronomes indefinidos (um e outro).

4) Pronomes indefinidos

Ex.: *Naquela época, os homens, as mulheres, as crianças,* ***todos*** *acreditavam na vitória.*

todos = homens, mulheres, crianças

5) Pronomes relativos

Ex.: *Havia ali pessoas* ***que*** *me ajudavam.*

que = pessoas

No caso do pronome relativo, o seu referente costuma ser chamado de antecedente.

6) Pronomes interrogativos

Ex.: ***Quem*** *será responsabilizado? O rapaz do almoxarifado, por não ter conferido os materiais.*

Quem = rapaz do almoxarifado

7) Substantivos

Ex.: *José e Helena chegaram de férias. Crianças ainda, não entendem o que aconteceu com o professor.*

Crianças = José e Helena

8) Advérbios

Ex.: *A faculdade ensinou-o a viver. Lá se tornou um homem.*

Lá = faculdade

9) Preposições

As preposições ligam palavras dentro de uma mesma oração. Em casos excepcionais, ligam duas orações. Elas não possuem referentes no texto, simplesmente estabelecem vínculos.

Ex.: *Preciso de ajuda.*

Morreu de frio.

Nas duas frases, a preposição liga um verbo a um substantivo. Na primeira, em que introduz um objeto indireto (complemento verbal com preposição exigida pelo verbo), ela é destituída de significado. Diz-se que tem apenas valor relacional. Na segunda, em que introduz um adjunto adverbial, ela possui valor semântico ou nocional, uma vez que a expressão que ela inicia tem um valor de causa. Veja, a seguir, os principais valores semânticos das preposições.

• De causa

Ex.: *Perdemos tudo* ***com*** *a seca.*

• De matéria

Ex.: *Trouxe copos* ***de*** *papel.*

• De assunto

Ex.: *Falavam* ***de*** *política.*

• De fim ou finalidade

Ex.: *Vivia* ***para*** *o estudo.*

• De meio

Ex.: *Falaram* ***por*** *telefone.*

• De instrumento

Ex.: *Feriu-se* ***com*** *a tesoura.*

• De condição

Ex.: *Ele não vive* ***sem*** *feijão.*

• De posse

Ex.: *Achei o livro* ***de*** *André.*

• De modo

Ex.: *Agiu* ***com*** *tranqüilidade.*

• De tempo

Ex.: *Retornaram* ***de*** *manhã.*

• De companhia

Ex.: *Passeou* ***com*** *a irmã.*

- De afirmação

Ex.: *Irei* ***com*** *certeza.*

- De lugar

Ex.: *Ele veio* ***de*** *casa.*

10) Conjunções e locuções conjuntivas

Conjunção é a palavra que liga duas orações ou, em poucos casos, dois elementos de mesma natureza. Pode-se entender também como a palavra que introduz uma oração, que pode ser coordenada ou subordinada. Não vai nos interessar aqui essa distinção. Se desejar, consulte o nosso livro Português para Concursos.

É sumamente importante para a interpretação e a compreensão de textos o conhecimento das conjunções e locuções correspondentes.

Chamaremos a todas, simplesmente, conjunções.

Da mesma forma que as preposições, as conjunções não têm referentes propriamente ditos. Cumpre reconhecer o valor de cada uma, para que se entenda o sentido das orações em português e, conseqüentemente, do texto em que elas aparecem.

Conjunções coordenativas

São as que iniciam orações coordenadas. Podem ser:

1) Aditivas: estabelecem uma adição, somam coisas ou orações de mesmo valor.

Principais conjunções: e, nem, mas também, como também, senão também, como, bem como, quanto.

Ex.: *Fechou a porta* ***e*** *foi tomar café.*
Não trabalha ***nem*** *estuda.*
Tanto lê como escreve.
Não só pintava, ***mas também*** *fazia versos.*
Não somente lavou, ***como também*** *escovou os cães.*

2) Adversativas: estabelecem idéias opostas, contrastantes.

Principais conjunções: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante, senão, que.

Ex.: *Correu muito,* ***mas*** *não se cansou.*
As árvores cresceram, ***porém*** *não estão bonitas.*
Falou alto, ***todavia*** *ninguém escutou.*
Chegamos com os alimentos, ***no entanto*** *não estavam com fome.*
Não o culpo, ***senão*** *a você.*
Peça isso a outra pessoa, ***que*** *não a mim.*

Observações

a) Em todas as frases há idéia de oposição. Se a pessoa corre muito, deve ficar cansada. A palavra **mas** introduz uma oração que contraria isso. O mesmo ocorre com as outras conjunções e suas respectivas orações.

b) Às vezes, a palavra e, normalmente aditiva, assume valor adversativo.

Ex.: *Fiz muito esforço e nada consegui,* **(mas** nada consegui)

3) Conclusivas: estabelecem conclusões a partir do que foi dito inicialmente.

Principais conjunções: logo, portanto, por conseguinte, pois (colocada depois do verbo), por isso, então, assim, em vista disso.

Ex.: *Chegou muito cedo,* ***logo*** *não perdeu o início do espetáculo.*
Todos foram avisados, ***portanto*** *não procedem as reclamações.*
É bastante cuidadoso; consegue, ***pois,*** *bons resultados.*
Estava desanimado, ***por conseguinte*** *deixou a empresa.*
É trabalhador, ***então*** *só pode ser honesto.*

4) Alternativas: ligam idéias que se alternam ou mesmo se excluem.

Principais conjunções: ou, ou...ou, ora...ora, já...já, quer...quer.

Ex.: *Faça sua parte,* ***ou*** *procure outro emprego.*

Ora *narrava,* ***ora*** *comentava.*

"Já atravessa as florestas, já chega aos campos do Ipu." (José de Alencar)

5) Explicativas: explicam ou justificam o que se diz na primeira oração.

Principais conjunções: porque, pois, que, porquanto.

Ex.: *Chorou muito,* ***porque*** *os olhos estão inchados.*
Choveu durante a madrugada, ***pois*** *o chão está alagado.*
Volte logo, ***que*** *vai chover.*
Era uma criança estudiosa, ***porquanto*** *sempre tirava boas notas.*

Observações

a) Essas conjunções também podem iniciar orações subordinadas causais, como veremos adiante.

b) Depois de imperativo, elas só podem ser coordenativas explicativas, como no terceiro exemplo.

Conjunções subordinativas

São as que iniciam as orações subordinadas. Podem ser:

1) Causais: iniciam orações que indicam a causa do que está expresso na oração principal.

Principais conjunções: porque, pois, que, porquanto, já que, uma vez que, como, visto que, visto como.

Ex.: *O gato miou* ***porque*** *pisei seu rabo.*
Estava feliz ***pois*** *encontrou a bola.*
Triste ***que*** *estava, não quis passear.*
Já ***que*** *me pediram, vou continuar.*
Visto ***que*** *vai chover, sairemos agora mesmo.*
Como *fazia frio, pegou o agasalho.*

2) Condicionais: introduzem orações que estabelecem uma condição para que ocorra o que está expresso na oração principal.

Principais conjunções: se, caso, desde que, a menos que, salvo se, sem que, contanto que, dado que, uma vez que.

Ex.: *Explicarei a situação,* ***se*** *isso for importante para todos.*
Caso *me solicitem, escreverei uma nova carta.*
Você será aprovado, ***desde que*** *se esforce mais.*
Sem que *digas a verdade, não poderemos prosseguir.*
Contanto que *todos participem da reunião, os projetos serão apresentados.*
Uma *vez* ***que*** *ele tente, poderá alcançar o objetivo.*

3) Concessivas: começam orações com valor de concessão, isto é, idéia contrária à da oração principal. Cuidado especial com essas conjunções! Elas são bastante cobradas em questões de provas.

Principais conjunções: embora, ainda que, mesmo que, conquanto, posto que, se bem que, por mais que, por menos que, suposto que, apesar de que, sem que, que, nem que.

Ex.: ***Embora*** *gritasse, não foi atendido.*
Perderia a condução ***mesmo que*** *acordasse cedo.*
Conquanto *estivesse com dores, esperou pacientemente.*
Posto que *me tenham convidado com insistência, não quis participar.*
Por mais que *tentem explicar, o caso continua confuso.*
Sem que *tenha grandes virtudes, é adorado por todos.*
Doente ***que*** *estivesse, participaria da maratona.*
Fale, ***nem que*** *seja por um minuto apenas.*

4) Comparativas: introduzem orações com valor de comparação.

Principais conjunções: como, (do) que, qual, **quanto,** feito, que nem.

Ex.: *Ele sempre foi ágil* ***como*** *o pai.*
Maria estuda mais ***que*** *a irmã.* (ou do que)
Nada o entristecia tanto ***quanto*** *o sofrimento de seu povo.*
Estava parado ***feito*** *uma estátua.*
Rastejávamos ***que nem*** *serpentes.*
Ele agiu tal ***qual*** *eu lhe pedira.*

Observações

a) Geralmente o verbo da oração comparativa é o mesmo da principal e fica subentendido. É o que ocorre nos cinco primeiros exemplos.

b) As conjunções **feito** e **que nem** são de emprego coloquial.

5) Conformativas: principiam orações com valor de acordo em relação à principal.

Principais conjunções: conforme, segundo, consoante, como.

Ex.: *Fiz tudo* ***conforme*** *me solicitaram.*
Segundo *nos contaram, o jogo foi anulado.*
Pedro tomou uma decisão ***consoante*** *determinava a sua consciência.*
Carlos é inteligente ***como*** *os pais sempre afirmaram.*

6) Consecutivas: iniciam orações com valor de conseqüência.

Principais conjunções: que (depois de tão, tal, tanto, tamanho, claros ou ocultos), de sorte que, de maneira que, de modo que, de forma que.

Ex.: *Falou tão alto* ***que*** *acordou o vizinho.*
Gritava ***que*** *era uma barbaridade.* (Gritava tanto...)
Eu lhe expliquei tudo, ***de modo que*** *não há motivos para discussão.*

7) Proporcionais: começam orações que estabelecem uma proporção.

Principais conjunções: à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto (em correlações do tipo quanto mais...mais, quanto menos...menos, quanto mais...menos, quanto menos...mais, quanto maior...maior, quanto menor...menor).

Ex.: *Seremos todos felizes* ***à proporção que*** *amarmos.*
À medida que *o tempo passava, crescia a nossa expectativa.*
O ar se tornava rarefeito ***ao passo que*** *subíamos a montanha.*
Quanto *mais nos preocuparmos, mais ficaremos nervosos.*
Quanto *menos estudamos, menos progredimos.*
Quanto *maior for o preparo, maior será a oportunidade.*

8) Finais: introduzem orações com valor de finalidade.

Principais conjunções: para que, a fim de que, que, porque.

Ex.: *Fechou a porta* ***para que*** *os animais não entrassem.*
Trarei minhas anotações ***a fim de que*** *você me ajude.*
Faço votos ***que*** *sejas feliz.* (= para que)
Esforcei-me ***porque*** *tudo desse certo.* (= para que)

9) Temporais: introduzem orações com valor de tempo.

Principais conjunções: quando, assim que, logo que, antes que, depois que, mal, apenas, que, desde que, enquanto.

Ex.: *Cheguei* ***quando*** *eles estavam saindo.*
Assim que *anoiteceu, fomos para casa.*
Sentiu-se aliviado ***depois que*** *tomou o remédio.*
Mal *a casa foi reformada, a família se mudou.*
Hoje, ***que*** *não tenho tempo, chegaram as propostas.*
Estávamos lá ***desde que*** *ele começou a lecionar.*
Enquanto *o filho estudava, a mãe fazia comida.*

10) Integrantes: são as únicas desprovidas de valor semântico; iniciam orações que completam o sentido da outra; tais orações são chamadas de subordinadas substantivas.

São apenas duas: que e se

Ex.: *É bom* ***que*** *o problema seja logo resolvido..*
Veja ***se*** *ele já chegou.*

Obs.:As palavras **que** e **se,** nos exemplos acima, iniciam orações que funcionam, respectivamente, como sujeito e objeto direto da oração principal.

Observações finais

a) Apesar de e **em que pese a** são locuções prepositivas com valor de concessão. Ligam palavras dentro de uma mesma oração ou introduzem orações reduzidas de infinitivo.

Ex.: ***Apesar*** *do aviso de perigo, ele resolveu escalar a montanha.*
Apesar de *ventar muito, fomos para a pracinha.*
Em ***que pese a*** *vários pedidos do gerente, o caixa não fez serão.*
Em ***que pese a*** *ter treinado bem, foi colocado na reserva.*

b) Algumas conjunções coordenativas às vezes ligam palavras dentro de uma mesma oração.

Ex. *Carlos* ***e*** *Rodrigo são irmãos.*
Não encontrei Sérgio ***nem*** *Regina.*
Comprarei uma casa ***ou*** *um apartamento.*

Casos especiais

Você deve ter percebido que algumas conjunções têm valores semânticos diversos. Vamos destacar algumas abaixo. A classificação de suas orações depende disso, porém **o mais importante *é o* sentido da frase.**

Mas

a) Coordenativa adversativa

Ex.: *Pediu,* ***mas*** *ninguém atendeu.*

b) Coordenativa aditiva (seguida de **também;** eqüivale a **como)**

Ex.: *Não só dá aulas,* ***mas*** *também escreve.* (= Dá aulas e escreve)

a) Coordenativa aditiva

Ex.: *Voltou* ***e*** *brincou com o cachorro.*

b) Coordenativa adversativa

Ex.: *Leu o livro,* ***e*** *não entendeu nada.* (= mas)

Pois

a) Coordenativa conclusiva

Ex.: *Trabalhou a tarde inteira; estava,* ***pois,*** *esgotado.* (= portanto)

b) Coordenativa explicativa

Ex.: *Traga o jornal,* ***pois*** *eu quero ler.*

c) Subordinativa causal

Ex.: *A planta secou* ***pois*** *não foi regada.*

Como

a) Coordenativa aditiva

Ex.: *Tanto ria* ***como*** *chorava.* (= Ria e chorava)

b) Subordinativa causal

Ex.: ***Como*** *passou mal, desistiu do passeio.* (= Porque)

c) Subordinativa comparativa

Ex.: *Era alto* **como** *um poste.* (= que nem)

d) Subordinativa conformativa

Ex.: *Alterei a programação,* ***como*** *o chefe determinara.* (= conforme)

Porque

a) Coordenativa explicativa

Ex.: *Não faça perguntas,* ***porque*** *ele ficará zangado.*

b) Subordinativa causal

Ex.: *As frutas caíram* ***porque*** *estavam maduras.*

c) Subordinativa final

Ex.: ***Porque*** *meu filho fosse feliz, fui para outra cidade.* (= para que)

Uma vez que

a) Subordinativa causal

Ex.: *Fiz aquela declaração* ***uma*** *vez* ***que*** *estava sendo pressionado.* (= porque)

b) Subordinativa condicional

Ex.: **Uma** vez **que** mude de hábitos, poderá ser aceito no grupo. (= Se mudar de hábitos)

Se

a) Subordinativa condicional

Ex.: ***Se*** *forem discretos, agradarão a todos.* (= Caso sejam discretos)

b) Subordinativa integrante

Ex.: *Diga-me* ***se*** *está na hora.*

Desde que

a) Subordinativa condicional

Ex.: ***Desde que** digam a verdade, não haverá problemas.*

b) Subordinativa temporal

Ex.: *Conheço aquela jovem* **desde que** *ela era um bebê.*

Sem que

a) Subordinativa condicional

Ex.: *Não será possível o acordo, sem* **que** *haja um debate equilibrado.* (= se não houver...)

b) Subordinativa concessiva

Ex.: ***Sem que** fizesse muito esforço, foi aprovado no concurso.* (= Embora não fizesse...)

Porquanto

a) Coordenativa explicativa

Ex.: *Ele deve ter chorado,* **porquanto** *seus olhos estão vermelhos.*

b) Subordinativa causal

Ex.: *Ficamos animados* **porquanto** *houve progresso no tratamento.*

Quanto

a) Coordenativa aditiva

Ex.: *Eles tanto criticam* **quanto** *incentivam.* (= Eles criticam e incentivam)

b) Subordinativa comparativa

Ex.: *Ele se preocupa tanto* **quanto** *o médico.*

Que

a) Coordenativa adversativa

Ex.: *Diga tal coisa a outro,* **que** *não a ele. (= mas não a ele)*

b) Coordenativa explicativa

Ex.: *Faça as anotações,* ***que*** *você estudará melhor.*

c) Subordinativa causal

Ex.: *Nervoso* ***que*** *se encontrava, não conseguiu assinar o documento.*

d) Subordinativa concessiva

Ex.: *Sujo* ***que*** *estivesse, deitaria na poltrona. (= embora)*

e) Subordinativa comparativa

Ex.: *É mais trabalhador* ***que*** *o tio.*

f) Subordinativa consecutiva

Ex.: *Era tal seu medo* ***que*** *fugiu.*

g) Subordinativa final

Ex.: *Ele me fez um sinal* ***que*** *eu não dissesse nada. (= para que)*

h) Subordinativa temporal

Ex.: *Agora,* ***que*** *já tomaste o remédio, sairemos. (= quando)*

I) Subordinativa integrante

Ex.: *Queria* ***que*** *todos fossem felizes.*

CAPÍTULO 4

TIPOLOGIA TEXTUAL

Veremos neste capítulo apenas o essencial da tipologia, aquilo que, de uma forma ou de outra, costuma ser cobrado em questões de interpretação ou compreensão de textos. São, portanto, noções que podem ajudá-lo a acertar determinados tipos de testes.

I) Descrição

Um texto se diz descritivo quando tem por base o objeto, a coisa, a pessoa. Mostra detalhes, que podem ser físicos, morais, emocionais, espirituais. Nota-se que a intenção é realmente descrever, daí a palavra descrição. Veja o exemplo abaixo:

> "Diante dela e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar, nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo." (José de Alencar, Iracema)

Uma característica marcante da descrição é a forte adjetivação que leva o leitor a visualizar o ser descrito. No trecho em estudo, o homem visto por Iracema é branco, tem olhos tristes (veja que bela hipálage criou o autor: azul triste em vez de olhos tristes); as águas são profundas, e os tecidos e armas, ignotos, ou seja, desconhecidos. Observe como a palavra todo revela a perplexidade do guerreiro, extático a observar a jovem índia à sua frente.

Veja, agora, outro exemplo de trecho descritivo, na realidade uma autodescrição.

> "Meus cabelos eram muito bonitos, dum negro quente, acastanhado nos reflexos. Caíam pelos meus ombros em cachos gordos, com ritmos pesados de molas de espiral." (Mário de Andrade, Tempo da Camisolinha)

II) Narração

Quando o texto está centrado no fato, no acontecimento, diz-se que se trata de uma narração. Palavra derivada do verbo **narrar,** narração é o ato de contar alguma coisa. Novelas, romances, contos são textos basicamente narrativos. São os seguintes os elementos de uma narração:

1) Narrador

É aquele que narra, conta o que se passa supostamente aos seus olhos. Quando participa da história, é chamado de narradorpersonagem. Então a narrativa fica, normalmente, em 1ª pessoa.

2) Personagens

São os elementos, usualmente pessoas, que participam da história. Mas os personagens podem ser coisas ou animais, como no romance O Trigo e o Joio, de Fernando Namora, em que o personagem principal, isto é, protagonista, é uma burra.

3) Enredo

É a história propriamente dita, a trama desenvolvida em torno dos personagens.

4) Tempo

O momento em que a história se passa. Pode ser presente, passado ou futuro.

5) Ambiente

O lugar em que a trama se desenvolve. Pode, naturalmente, variar muito, no desenrolar da narrativa. Eis, a seguir, um bom exemplo de texto narrativo, em que todos os elementos se fazem presentes.

> "Muitos anos mais tarde, Ana Terra costumava sentar-se na frente de sua casa para pensar no passado. E no seu pensamento como que ouvia o vento de outros tempos e sentia o tempo passar, escutava vozes, via caras e lembrava-se de coisas... O ano de 81 trouxera um acontecimento triste para o velho Maneco: Horácio deixara a fazenda, a contragosto do pai, e fora para o Rio Pardo, onde se casara com a filha dum tanoeiro e se estabelecera com uma pequena venda." (Érico Veríssimo, O Tempo e o Vento)

O trecho do grande romance de Érico Veríssimo está situado no tempo (81), faz menção a lugares onde a trama se desenvolve e apresenta personagens, como Ana Terra e Seu Maneco. E, é claro, alguém está contando: é o narrador da história.

Veja mais um exemplo de narração, agora com o narradorpersonagem.

> "Hoje estive na loja de Seu Chamun, uma tristeza. Poeira e cisco por toda parte, qualquer dia vira monturo. Os dois empregados do meu tempo foram embora, não sei se dispensados, e o dono não tem disposição para limpar." (José J. Veiga, Sombras de Reis Barbudos)

III) Discurso

Os personagens que participam da história evidentemente falam. É o que se conhece como discurso, que pode ser:

1) Direto

O narrador apresenta a fala do personagem, integral, palavra por palavra. Geralmente se usam dois pontos e travessão.

Ex.: *O funcionário disse ao patrão:*
- Espero voltar no final do expediente.

Rui perguntou ao amigo:
- Posso chegar mais tarde?

2) Indireto

O narrador incorpora à sua fala a fala do personagem. O sentido é o mesmo do discurso direto, porém é utilizada uma conjunção integrante **(que** ou se) para fazer a ligação.

Ex.: *O funcionário disse ao patrão que esperava voltar no final do expediente.*
Rui perguntou ao amigo se poderia chegar mais tarde.

Obs.: O conhecimento desse assunto é muito importante para as questões que envolvem as paráfrases. Cuidado, pois, com o sentido. Procure ver se está sendo respeitada a correlação entre os tempos verbais e entre determinados pronomes. Abaixo, outro exemplo, bem elucidativo.

Minha colega me afirmou:
- Estarei aqui, se você precisar de mim.

Minha colega me afirmou que estaria lá se eu precisasse dela.

O sentido é, rigorosamente, o mesmo. Foi necessário fazer inúmeras adaptações.

3) Indireto livre

É praticamente uma fusão dos dois anteriores. Percebe-se a fala do personagem, porém sem os recursos do discurso direto (dois pontos e travessão) nem do discurso indireto (conjunções que ou se).
Ex.: Ele caminhava preocupado pela avenida deserta. Será que vai chover, logo hoje, com todos esses compromissos!?

IV) Dissertação

Um texto é dissertativo quando tem como centro a idéia. É, pois, argumentativo, opinativo. Geralmente é o que se cobra em concursos públicos, tanto em interpretação de textos quanto na elaboração de redações. Divide-se em:

1) Introdução

Período de pouca extensão em que se apresenta uma idéia, uma afirmação que será desenvolvida nos parágrafos seguintes. É nele que se localiza o chamado tópico frasal, aquele período-chave em que se baseia todo o texto.

2) Desenvolvimento

Um ou mais parágrafos de extensão variada, de acordo com a necessidade da composição. É nele que se argumenta, discute, opina, rebate. É o corpo da redação.

3) Conclusão

Parágrafo curto com que se encerra a descrição. É também chamado de fecho. Há várias modalidades de conclusão: resumo da redação, citação de alguém famoso, opinião final contundente etc. Veja exemplo de trechos dissertativos.

> “De muitas maneiras, o emprego de alto funcionário público é um sacerdócio, porém pior, pois é exercido sob os olhares atentos da imprensa. O cidadão comum, tornado autoridade, transforma-se, do dia para a noite, numa espécie de âncora de noticiário. Não deve gaguejar, improvisar nem correr riscos em temas polêmicos.” (Gustavo Franco, na Veja 1782)

> “Entende-se por juízo um pensamento por meio do qual se afirma ou nega alguma coisa, se enuncia algo; serve para estabelecer relação entre duas idéias. Emitir um juízo é o mesmo que julgar. A inteligência opera por meio de juízos; raciocinar consiste em encadear juízos para tirar uma conclusão.” (Carlos Toledo Rizzini, Evolução para o Terceiro Milênio)

> “Insistamos sobre esta verdade: a guerra de Canudos foi um refluxo em nossa história. Tivemos, inopinadamente, ressurreta e em armas em nossa frente, uma sociedade velha, uma sociedade morta, galvanizada por um doido.” (Euclides da Cunha, Os Sertões)

Observações

a) Um texto, às vezes, apresenta tipologia mista. Uma narração, por exemplo, pode conter traços dissertativos ou descritivos. Aliás, isso é freqüente. Não há rigor absoluto.

b) Se destacamos apenas um trecho de uma determinada obra, compreensivelmente todos os elementos que caracterizam sua tipologia podem não estar presentes. Por exemplo, os três trechos dissertativos apresentados, sendo parágrafos isolados, não contêm introdução, desenvolvimento e conclusão, o que não impede que os classifiquemos daquela forma.

c) O tema costuma sugerir uma determinada tipologia, mas também aqui não há nada de absoluto. Digamos que se queira escrever sobre um passeio. A princípio, pensa-se numa narração. Porém, o autor pode prender-se a detalhes do lugar, das pessoas, do transporte utilizado etc. Teríamos então uma descrição. Por outro lado, ele pode falar da importância do lazer na vida das pessoas, para a sua saúde física ou mental etc. Dessa forma, desenvolvendo idéias, cairíamos em uma dissertação.

CAPÍTULO 5

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

Veremos, neste capítulo, coisas importantes sobre a significação de palavras e expressões, que podem influir, direta ou indiretamente, na interpretação de um texto. Trata-se, em verdade, da semântica, à qual podemos somar a denotação e a conotação, vistas em outra parte da obra.

I) Campos semânticos

As palavras podem associar-se de várias maneiras. Quando se relacionam pelo sentido, temos um campo semântico. Não se trata de sinônimos ou antônimos, mas de aproximação de sentido num dado contexto.

Ex.: *perna, braço, cabeça, olhos, cabelos, nariz* -> *partes do corpo humano*
azul, verde, amarelo, cinza, marrom, lilás - *cores*
martelo, serrote, alicate, torno, enxada -> *ferramentas*
batata, abóbora, aipim, berinjela, beterraba -> *legumes*

Observações

a) Também constituem campos semânticos palavras como flor, jardim, perfume, terra, espinho, embora não pertençam a um grupo delimitado; mas a associação entre elas é evidente.

b) As palavras podem pertencer a campos semânticos diferentes. Veja o caso de **abóbora,** citada há pouco. Ela também serve para indicar cor, o que a colocaria no segundo grupo de palavras.

II) Polissemia

É a capacidade que as palavras têm de assumir significados variados de acordo com o contexto. Não se trata de homonímia, que estudaremos adiante.

Ex.: *Ele anda muito. Mário anda doente. Aquele executivo só anda de avião. Meu relógio não anda mais.*

O verbo **andar** tem origem no latim *ambulare*. Possui inúmeros significados em português, dos quais destacamos apenas quatro. Trata-se, pois, de uma mesma palavra, de uso diverso na língua. Nas frases do exemplo, significa, respectivamente, caminhar, estar, viajar e funcionar.

III) Sinonímia

Outro item de suma importância para a interpretação de textos. Há sinonímia quando duas ou mais palavras têm o mesmo significado em determinado contexto. Diz-se, então, que são sinônimos.

Ex.: *O comprimento da sala é de oito metros.*
A extensão da sala é de oito metros.

A substituição de **comprimento** por **extensão** não altera o sentido da frase, pois os termos são sinônimos.

Em verdade, as palavras são sinônimas em certas situações, mas podem não ser em outras. É a riqueza da língua portuguesa falando mais alto. Pode-se dizer, em princípio, que face e rosto são dois sinônimos: ela tem um belo rosto, ela tem uma bela face. Mas não se consegue fazer a troca de face por rosto numa frase do tipo: em face do exposto, aceitarei.

IV) Antonímia

Requer os mesmos cuidados da sinonímia. Na realidade, tudo *é* uma questão de bom vocabulário. Antonímia é o emprego de palavras de sentido contrário, oposto.

Ex.: *É um menino corajoso.*
É um menino medroso.

V) Homonímia

Diz-se que há homonímia quando duas ou mais palavras possuem identidade de pronúncia (homônimos homófonos) ou de grafia (homônimos homógrafos). Em alguns casos, as palavras possuem iguais a pronúncia e a grafia (homônimos perfeitos). A classificação em si não é importante, mas sim o significado das palavras.

Ex.: *ceda - seda -> homônimos homófonos*
peso (A) -> peso (ê) -> homônimos homógrafos
pena - pena -> homônimos perfeitos (ou homófonos e homógrafos)

Homônimos homófonos mais importantes

acender - pôr fogo a	ascender - elevar-se
acento - inflexão da voz	assento - objeto onde se senta
asado - com asas	azado – oportuno
caçar - perseguir	cassar – anular
cegar - tirar a visão	segar - ceifar, cortar
cela - cômodo pequeno	sela – arreio
censo - recenseamento	senso – juízo
cerração - nevoeiro	serração - ato de serrar
cheque - ordem de pagamento	xeque - lance do jogo de xadrez
cidra - certa fruta	sidra - um tipo de bebida

conserto - reparo	concerto – harmonia
estático - firme, parado	extático - em êxtase
espiar - olhar	expiar – sofrer
estrato - camada; tipo de nuvem	extrato - que se extraiu
passo - passada	paço - palácio imperial
incerto - duvidoso	inserto – inserido
incipiente - que está no início	insipiente - que não sabe
lasso - cansado	laço - tipo de nó
remissão - perdão	remição - resgate
seda - tipo de tecido	ceda - flexão do verbo ceder
taxa - imposto	tacha - tipo de prego
viagem - jornada	viajem - flexão do verbo viajar

VI) Paronímia

Emprego de parônimos, palavras muito parecidas e que confundem as pessoas.

Ex.: *O tráfego era intenso naquela estrada.*
O tráfico de escravos é uma nódoa em nossa história.

As palavras **tráfego** e **tráfico** são parecidas, mas não se trata de homônimos, pois a pronúncia e a grafia são diferentes. Tráfego é movimento de veículo; tráfico, comércio.

Parônimos mais importantes

amoral - sem o senso da moral	imoral - contrário à moral
apóstrofe - chamamento	apóstrofo - tipo de sinal gráfico
arrear - pôr arreios	arriar – abaixar
astral - dos astros	austral - que fica no sul
cavaleiro - que anda a cavalo	cavalheiro – gentil
comprimento - extensão	cumprimento – saudação
conjetura - hipótese	conjuntura – situação
delatar - denunciar	dilatar – alargar
descrição - ato de descrever	discrição - qualidade de discreto
descriminar - inocentar	discriminar – separar
despercebido - sem ser notado	desapercebido – desprevenido
destratar - insultar	distratar – desfazer
docente - professor	discente – estudante
emergir - vir à tona, sair	imergir – mergulhar
emigrar - sair de um país	imigrar - entrar em um país
eminente - importante	iminente - que está para ocorrer
esbaforido - ofegante	espavorido – apavorado
estada - permanência de alguém	estadia - permanência de veículo
facundo – eloqüente	fecundo - fértil; criador

flagrante - evidente	fragrante - aromático
fluir - correr; manar	fruir -desfrutar
inerme - desarmado	inerte - parado
inflação - desvalorização	infração - transgressão
infligir - aplicar pena	infringir - transgredir
intemerato - puro	intimorato - corajoso
lactante - que amamenta	lactente - que mama
lista - relação	listra - linha, risco
locador - proprietário	locatário - inquilino
lustre - candelabro	lustro - cinco anos; brilho
mandado - ordem judicial	mandato - procuração
pleito - disputa	preito - homenagem
preeminente - nobre, distinto	proeminente - saliente
prescrever - receitar; expirar (prazo)	proscrever - afastar, desterrar
ratificar - confirmar	retificar - corrigir
sortir - abastecer	surtir - resultar
sustar - suspender	suster - sustentar
tráfego - movimento de veículo	tráfico - comércio
usuário - aquele que	usa usurário - avarento; agiota
vultoso - grande	vultuoso - vermelho e inchado

VII) Palavras e expressões latinas

Em português, freqüentemente aparecem termos emprestados do latim, e isso pode dificultar o entendimento do texto.

Veja os mais importantes.

ab initio - desde o princípio

ad hoc - para isso

ad referendum - sujeito à aprovação

ad usum - segundo o costume

a priori - antes de qualquer argumento

a posteriori - após argumentação

apud - junto de

curriculum vitae - correr de vida, conjunto de informações pessoais

data venia - com a devida permissão

errata - especificação dos erros de impressão

et alii - e outros

ex abrupto - de súbito

ex cathedra - em virtude de autoridade decorrente do título *ex consensu* - com o consentimento

ex jure - segundo o direito, por justiça

ex officio - por obrigação de lei, por dever do cargo

exempli gratia - por exemplo

ex lege - de acordo com a lei

fac-simile - cópia

habeas-corpus - liberdade de locomoção ,

hic et nunc - aqui e agora

honoris causa - por motivo de honra

ibidem - no mesmo lugar

idem - igualmente, também

in limine - preliminarmente

in loco - no lugar

in totum - totalmente

ipsis litteris - pelas mesmas letras, textualmente”

ipsis verbis - pelas mesmas palavras, textualmente

ipso facto - por isso mesmo, pelo próprio fato

ipso jure - de acordo com o direito

lato sensu - em sentido amplo

mutatis mutandis - mudando o que deve ser mudado

opus - obra musical classificada e numerada

pari passu - simultaneamente

passim - aqui e ali, em toda parte

prima facie - à primeira vista, sem maior exame

pro labore - pagamento por serviço prestado

r sic - assim mesmo, escrito desta maneira

sine die - sem data fixa

sine jure - sem direito

sine qua non - indispensável

sub judice - sob apreciação judicial

sui generis - peculiar, sem igual

stricto sensu - em sentido restrito

urb et orbi - em toda a parte

verbi gratia - por exemplo

verbo ad verbum - palavra por palavra

CAPÍTULO 6

A PRÁTICA

Neste capítulo, vamos treinar um pouco, mostrando variados tipos de questões de interpretação e compreensão de texto.

Texto I

Salustiano era um bom garfo. Mas o jantar que lhe haviam oferecido nada teve de abundante.
- Quando voltará a jantar conosco? - perguntou-lhe a dona da casa.
- Agora mesmo, se quiser.
(Barão de Itararé, in Máximas e Mínimas do Barão de Itararé)

1) A figura de linguagem presente no primeiro período do texto é:

a) hipérbole
b) eufemismo
c) prosopopéia
d) metonímia
e) antítese

2) Deduz-se do texto que Salustiano:

a) come pouco.
b) é uma pessoa educada.
c) não ficou satisfeito com o jantar.
d) é um grande amigo da dona da casa.
e) decidiu que não mais comeria naquela casa.

3) O adjetivo que não substitui sem alteração de sentido a palavra "abundante" é:

a) copiosa
b) frugal
c) opípara
d) lauta
e) abundosa

Respostas

1) O gabarito é a letra **d**. Temos aqui um tipo de metonímia. Há uma troca: ser um bom garfo / comer bem. Há muitas questões hoje em dia envolvendo as

figuras de linguagem. Estude bem o segundo capítulo, onde elas aparecem. Note que este tipo de metonímia não é fácil, porém, conhecendo bem as outras figuras, dá para fazer por eliminação.

2) A resposta é a letra **c**. A letra **a** é eliminada, pois ser um bom garfo é comer muito. A letra **b** é errada, pois, se ele fosse realmente educado, não teria dado aquela resposta no final do texto, evidenciando a sua insatisfação. Nada no texto sugere que ele seja um grande amigo da dona da casa, o que descarta a alternativa d. A opção **e** pode ser desconsiderada, uma vez que, embora insatisfeito, ele não diz que jamais comerá naquela casa; aliás, chega mesmo a aceitar o novo convite. O gabarito só pode ser a letra c, pois ele era um bom garfo e a comida era pouca, o que o levou a querer repeti-la, aceitando o convite.

3) Questão de sinonímia. A palavra **frugal** é o oposto de **abundante.** As outras quatro são sinônimas de **abundante.** Daí o gabarito ser a letra **b**.

Texto II

A mulher foi passear na capital. Dias depois o marido dela recebeu um telegrama: "Envie quinhentos cruzeiros. Preciso comprar uma capa de chuva. Aqui está chovendo sem parar".
E ele respondeu:
"Regresse. Aqui chove mais barato".
(Ziraldo, in As Anedotas do Pasquim)

1) A resposta do homem se deu por razões:

a) econômicas
b) sentimentais
c) lúdicas
d) de segurança
e) de machismo

2) Com relação à tipologia textual, pode-se afirmar que:

a) se trata de uma dissertação.
b) se trata de uma descrição com alguns traços narrativos.
c) o autor preferiu o discurso direto.
d) o segundo período é exemplo de discurso indireto livre.
e) não se detecta a presença de personagens.

3) Com relação aos elementos conectores do texto, não se pode dizer que:

a) **dela** tem como referente **mulher.**
b) o referente do pronome **ele** é **marido.**
c) a preposição **de** tem valor semântico de finalidade.

d) A oração “Aqui está chovendo sem parar” poderia ligar-se à anterior, sem alteração de sentido, pela conjunção **conquanto.**
e) O advérbio **aqui,** em seus dois empregos, não possui os mesmos referentes.

Respostas

1) Letra **a**. Ao pedir à mulher que regresse logo, ele pensava que não precisaria comprar uma capa de chuva porque eles já possuem uma, ou que gastaria menos, já que em sua cidade a capa é mais barata. O risco da questão é a presença do adjetivo **lúdicas,** menos conhecido. É necessário melhorar o vocabulário. **Lúdicas** quer dizer “relativas a jogos, brinquedos, divertimentos”.

2) A resposta só pode ser a letra **c**. As duas primeiras estão eliminadas, pois o texto é narrativo. Tanto a fala da mulher quanto a do marido são integrais, ou seja, exemplificam o que se conhece como discurso direto. O autor não usou o travessão, mais comum, preferindo as aspas. A letra **d** não tem cabimento, para quem conhece o discurso indireto livre. Não poderia ser a opção **e**, uma vez que o homem e a mulher são as personagens do texto.

3) Gabarito: letra **d**. As duas primeiras alternativas são evidentes, dispensam comentários. A letra **c** está perfeita, pois se trata de uma capa para chuva, ou seja, com a finalidade de proteger a pessoa da chuva. A última alternativa também está correta, pois o primeiro “aqui” refere-se à “capital”, onde ela está passeando, e o segundo à cidade do interior, onde se encontra o marido. A resposta só pode ser a letra **d** porque o relacionamento entre as duas orações é de causa e efeito, pedindo conjunções como **pois, porque, porquanto** etc. **Conquanto** significa **embora,** tem valor concessivo, de oposição. Além disso, seu emprego acarretaria erro de flexão verbal, pois o verbo deveria estar no subjuntivo (esteja), o que não ocorre no texto original.

Texto III

“Uma nação já não é bárbara quando tem historiadores.”
(Marquês de Maricá, in Máximas)

1) O texto é:
a) uma apologia à barbárie
b) um tributo ao desenvolvimento das nações
c) uma valorização dos historiadores
d) uma reprovação da selvageria
e) um canto de louvor à liberdade

2) Só não constitui paráfrase do texto:
a) Um país já não é bárbaro, desde que nele existem historiadores.
b) Quando tem historiadores, uma nação já é civilizada.
c) Uma nação deixa de ser bárbara quando há nela historiadores.

d) Quando possui historiadores, uma nação não mais pode ser considerada bárbara.
e) Desde que tenha historiadores, uma nação já não é mais bárbara.

Respostas

1) O gabarito é a letra c. A opção a é absurda por si mesma. A letra b não cabe, pois o texto não fala de homenagem à nação. Não pode ser a letra d, porque nada no texto reprova a barbárie (o leitor precisa aterse ao texto). A última opção é totalmente sem propósito. Na realidade, o autor valoriza os historiadores, uma vez que é a sua presença que garante estar a nação livre da barbárie.

2) Letra e. O que responde à questão é o valor dos conectivos. A palavra **quando** introduz uma oração temporal. O mesmo ocorre com o **desde que** da letra a. (observe que o verbo se encontra no modo indicativo: existem.) Na letra e, a conjunção **desde que** (o verbo da oração está no subjuntivo: tenha) inicia oração com valor de condição, havendo, pois, alteração de sentido.

Texto IV

"A maior alegria do brasileiro é hospedar alguém, mesmo um desconhecido que lhe peça pouso, numa noite de chuva."
(Cassiano Ricardo, in O Homem Cordial)

1) Segundo as idéias contidas no texto, o brasileiro:

a) põe a hospitalidade acima da prudência.
b) hospeda qualquer um, mas somente em noites chuvosas.
c) dá preferência a hospedar pessoas desconhecidas.
d) não tem outra alegria senão a de hospedar pessoas, conhecidas ou não.
e) não é prudente, por aceitar hóspedes no período da noite.

2) A palavra mesmo **pode ser trocada no texto, sem alteração de sentido, por:**

a) certamente
b) até
c) talvez
d) como
e) não

3) A expressão "A maior alegria do brasileiro" pode ser entendida como:

a) uma personificação
b) uma ironia
c) uma metáfora
d) uma hipérbole
e) uma catacrese

4) O trecho que poderia dar seqüência lógica e coesa ao texto é:

a) Não obstante isso, ele é uma pessoa gentil.
b) Dessa forma, qualquer um que o procurar será atendido.
c) A solidariedade, pois, ainda precisa ser conquistada.
d) E o brasileiro ganhou fama de intolerante.
e) Por conseguinte, se chover, ele dará hospedagem aos desconhecidos.

Respostas

1) Letra a. Na ânsia de ser hospitaleiro, o brasileiro hospeda, imprudentemente, em sua casa, pessoas desconhecidas. A letra **b** condiciona a hospedagem às noites chuvosas. A opção **c** não tem nenhum apoio no texto, que não fala em preferências. A letra **d** não cabe como resposta, pois o texto nos fala de "maior alegria", ou seja, há outras, menores. A letra **e** poderia realmente confundir. Na verdade a falta de prudência não existe por aceitar hóspedes durante a noite, mas aceitá-los sendo eles desconhecidos.

2) A resposta é a letra **b**. Mesmo é palavra denotativa de inclusão, da mesma forma que **até.**

3) O gabarito é a letra **d**. Trata-se de um evidente exagero do autor. A figura do exagero chama-se hipérbole.

4) Letra **b**. Na opção **a, não obstante isso** tem valor concessivo. Deveria ser **por isso** ou semelhantes. Na letra c, a conjunção **pois** é conclusiva, não pode estar seguida de **ainda precisa,** pois o texto diz que o brasileiro já conquistou a solidariedade. A alternativa **d** contraria inteiramente o texto. A letra **e** não dá seqüência ao texto, pois este não condiciona a hospedagem à chuva.

PARTE II

INTERPRETAÇÃO I

TEXTO I

Não existe essa coisa de um ano sem Senna, dois anos sem Senna...Não há calendário para a saudade.

(Adriane Galisteu, no Jornal do Brasil)

1) Segundo o texto, a saudade:

a) aumenta a cada ano.
b) é maior no primeiro ano.
c) é maior na data do falecimento.
d) é constante.
e) incomoda muito.

2) A segunda oração do texto tem um claro valor:

a) concessivo
b) temporal
c) causal
d) condicional
e) proporcional

3) A repetição da palavra não **exprime:**

a) dúvida
b) convicção
c) tristeza
d) confiança
e) esperança

4) A figura que consiste na repetição de uma palavra no início de cada membro da frase, como no caso da palavra não, **chama-se:**

a) anáfora
b) silepse
c) sinestesia
d) pleonasmo
e) metonímia

TEXTO II

Passei a vida atrás de eleitores e agora busco os leitores.

(José Sarney, na Veja, dez/97)

5) Deduz-se pelo texto uma mudança na vida:

a) esportiva
b) intelectual
c) profissional
d) sentimental
e) religiosa

6) O autor do texto sugere estar passando de:

a) escritor a político
b) político a jornalista
c) político a romancista
d) senador a escritor
e) político a escritor

7) Infere-se do texto que a atividade inicial do autor foi:

a) agradável
b) duradoura
c) simples
d) honesta
e) coerente

8) O trecho que justifica a resposta ao item anterior é:

a) e agora
b) os leitores
c) passei a vida
d) atrás de eleitores
e) busco

9) A palavra ou expressão que não pode substituir o termo agora é:

a) no momento
b) ora
c) presentemente
d) neste instante
e) recentemente

TEXTO III

Os animais que eu treino não sao obrigados a fazer o que vai contra a natureza deles.

(Gilberto Miranda, na Folha de São Paulo, 23/2/96)

10) O sentimento que melhor define a posição do autor perante os animais é:

a) fé
b) respeito
c) solidariedade
d) amor
e) tolerância

11) O autor do texto é:

a) um treinador atento
b) um adestrador frio
c) um treinador qualificado
d) um adestrador consciente
e) um adestrador filantropo

12) Segundo o texto, os animais:

a) são obrigados a todo tipo de treinamento.
b) fazem o que não lhes permite a natureza.
c) não fazem o que lhes permite a natureza.
d) não são objeto de qualquer preocupação para o autor.
e) são treinados dentro de determinados limites.

TEXTO IV

Estou com saudade de ficar bom. Escrever é conseqüência natural.

(Jorge Amado, na Folha de São Paulo, 22/10/96)

13) Segundo o texto:

a) o autor esteve doente e voltou a escrever.
b) o autor está doente e continua escrevendo.
c) O autor não escreve porque está doente.
d) o autor está doente porque não escreve.
e) o autor ficou bom, mas não voltou a escrever.

14) O autor na verdade tem saudade:

a) de trabalhar
b) da saúde
c) de conversar
d) de escrever
e) da doença

15) "Escrever é conseqüência natural." Conseqüência de:

a) voltar a trabalhar.
b) recuperar a saúde.
c) ter ficado muito tempo doente.
d) estar enfermo.
e) ter saúde.

TEXTO V

A mente de Deus é como a Internet: ela pode ser acessada por qualquer um, no mundo todo.

(Américo Barbosa, na Folha de São Paulo)

16) No texto, o autor compara:

a) Deus e internet
b) Deus e mundo todo
c) internet e qualquer um
d) mente e internet
e) mente e qualquer um

17) O que justifica a comparação do texto é:

a) a modernidade da informática
b) a bondade de Deus
c) a acessibilidade da mente de Deus e da internet
d) a globalização das comunicações
e) O desejo que todos têm de se comunicar com o mundo.

18) O conectivo comparativo presente no texto só não pode ser substituído por:

a) tal qual
b) que nem
c) qual
d) para
e) feito

19) Só não constitui paráfrase do texto:

a) A mente de Deus, bem como a internet, pode ser acessada por qualquer um, no mundo todo.
b) No mundo todo, qualquer um pode acessar a mente de Deus e a internet.
c) A mente de Deus pode ser acessada, no mundo todo, por qualquer um, da mesma forma que a internet.
d) Tanto a internet quanto a mente de Deus podem ser acessadas, no mundo todo, por qualquer um.
e) A mente de Deus pode acessar, como qualquer um, no mundo todo, a internet.

TEXTO VI

Marx disse que Deus é o ópio do povo. Já sabemos que não entendia nem de Deus nem de ópio. Deus é uma experiência de fé. Impossível defini-lo.

(Paulo Coelho, em O Globo, 25/2/96

20) Segundo o período inicial do texto, para Marx Deus:

a) traz imensa alegria ao povo.
b) esclarece o povo.
c) deixa o povo frustrado.
d) conduz com segurança o povo.
e) tira do povo a condição de raciocinar.

21) Segundo o autor, Marx:

a) mentiu deliberadamente.
b) foi feliz com suas palavras.
c) falou sobre o que não sabia.
d) equivocou-se em parte.
e) estava coberto de razão, mas não foi compreendido.

22) O sentimento que Marx teria demonstrado e que justifica a resposta ao item anterior é:

a) leviandade
b) orgulho
c) maldade
d) ganância
e) egoísmo

23) Infere-se do texto que Deus deve ser:

a) amado
b) conceituado
c) admirado
d) sentido
e) estudado

24) A palavra que justifica o item anterior é:

a) ópio
b) Io
c) fé
d) povo

e) experiência

25) A figura de linguagem presente no primeiro período é:

a) metáfora
b) metonímia
c) prosopopéia
d) pleonasmo
e) hipérbole

26) A palavra que poderia ter sido grafada com letra maiúscula é:

a) ópio
b) povo
c) experiência
d) fé
e)lo

TEXTO VII

Quando vim da minha terra,
não vim, perdi-me no espaço,
na ilusão de ter saído.
Ai de mim, nunca saí.

(Carlos D. de Andrade, no poema A Ilusão do Migrante)

27) O sentimento predominante no texto *é:*

a) orgulho
b) saudade
c) fé
d) esperança
e) ansiedade

28) Infere-se do texto que o autor:

a) não saiu de sua terra.
b) não queria sair de sua terra, mas foi obrigado.
c) logo esqueceu sua terra.
d) saiu de sua terra apenas fisicamente.
e) pretende voltar logo para sua terra.

29) Por "perdi-me no espaço" pode-se entender que o autor:

a) ficou perdido na nova terra.
b) ficou confuso.
c) não gostou da nova terra.
d) perdeu, momentaneamente, o sentimento por sua terra natal.
e) aborreceu-se com a nova situação.

30) Pelo último período do texto, deduz-se que:

a) ele continuou ligado à sua terra.
b) ele vai voltar à sua terra.
c) ele gostaria de deixar sua cidade, mas nunca conseguiu.
d) ele se alegra por não ter saído.
e) ele nunca saiu da terra onde vive atualmente.

31) A expressão "ai de mim" só não sugere, no poema:

a) amargura
b) decepção
c) tristeza
d) vergonha
e) nostalgia

TEXTO VIII

Enquanto o Titanic ainda flutua, tentemos o impossível para mudar o seu curso. Afinal, quem faz a história são as pessoas e não o contrário.

(Herbert de Souza, na Folha de São Paulo, 17/11/96)

32) Infere-se do texto que o Titanic:

a) é um navio real.
b) simboliza algo que vai mal.
c) é um navio imaginário.
d) simboliza esperança de salvação.
e) sintetiza todas as tragédias humanas.

33) Pelo visto, o autor não acredita em:

a) transformação
b) elogio
c) desgraça
d) favorecimento
e) determinismo

34) A palavra "afinal" pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:

a) conquanto
b) porquanto
c) malgrado
d) enquanto
e) apenas

35) Infere-se do texto que:

a) há coisas que não podem ser mudadas.
b) se tentarmos, conseguiremos.
c) o que parece impossível sempre o *é*.
d) jamais podemos desistir.
e) alguns têm a capacidade de modificar as coisas, outros não.

36) Para o autor, as pessoas não devem:

a) exagerar
b) falhar
c) desanimar
d) lamentar-se
e) fugir

TEXTO IX

A função do artista é esta, meter a mão nessa coisa essencial do ser humano, que é o sonho e a esperança. Preciso ter essa ilusão: a de que estou resgatando esses valores.

(Marieta Severo, na Folha de São Paulo)

37) Segundo o texto, o artista:

a) leva alegria às pessoas.
b) valoriza o sonho das pessoas pobres.
c) desperta as pessoas para a realidade da vida.
d) não tem qualquer influência na vida das pessoas.
e) trabalha o íntimo das pessoas.

38) Segundo o texto:

a) o sonho vale mais que a esperança.
b) o sonho vale menos que a esperança.
c) sonho e esperança têm relativa importância para as pessoas.
d) não se vive sem sonho e esperança.
e) têm importância capital para as pessoas tanto o sonho quanto a esperança.

39) A palavra ou expressão que justifica a resposta do item anterior é:

a) ilusão
b) meter a mão
c) essencial
d) ser humano
e) valores

40) A expressão "meter a mão":

a) pertence ao linguajar culto.
b) pode ser substituída, sem alteração de sentido, por **intrometer-se.**
c) tem valor pejorativo.
d) é coloquial e significa, no texto, **tocar.**
e) é um erro que deveria ter sido evitado.

41) Só não se encontra no texto:

a) a influência dos artistas
b) a necessidade da autora
c) a recuperação de coisas importantes
d) a conquista da paz
e) a carência de sentimentos das pessoas

42) A palavra “esses” poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por:

a) bons
b) certos
c) tais
d) outros
e) muitos

TEXTO X

Um prêmio chamado Sharp, ou Shell, Deus me livre! Não quero. Acho esses nomes feios. Não recebo prêmios de empresas ligadas a grupos multinacionais. Não sou traidor do meu povo nem estou à venda.

(Ariano Suassuna, na Veja, 3/7/96)

43) A palavra que melhor define o autor do texto é:

a) megalomaníaco
b) revoltado
c) narcisista
d) nacionalista
e) decepcionado

44) Se aceitasse algum tipo de prêmio de empresas multinacionais, o autor, além de traidor, se sentiria:

a) infiel
b) venal
c) pusilânime
d) ingrato
e) ímprobo

45) O autor não recebe prêmios de empresas multinacionais porque:

a) seus nomes são feios.
b) estaria prestando um desserviço ao Brasil.
c) detesta qualquer empresa que não seja brasileira
d) esses prêmios não têm valor algum.
e) não quer ficar devendo favores a esse tipo de empresa.

46) O último período do texto tem claro valor:

a) causal
b) temporal
c) condicional
d) comparativo
e) proporcional

47) A expressão "Deus me livre!" demonstra, antes de tudo:

a) revolta
b) desprezo
c) ironia
d) certeza
e) ira

TEXTO XI

Inserto entre o 16° e o 18°, o século XVII permanece em meialuz, quase apagado, nos fastos do Rio de Janeiro, sem que sobre esse período se detenha a atenção dos historiadores, sem que o distingam os que se deixam fascinar pelos aspectos brilhantes da história.

(Vivaldo Coaracy, in O Rio de Janeiro)

48) Segundo o texto, o século XVII:

a) chamou a atenção dos historiadores por ser meio apagado.
b) foi uma parte brilhante da história do Rio de Janeiro.
c) assemelha-se aos séculos XVI e XVIII.
d) foi importante, culturalmente, para o Rio de Janeiro.
e) transcorreu sem brilho, para o Rio de Janeiro.

49) A palavra ou expressão que pode substituir sem prejuízo do sentido a palavra "fastos" é:

a) anais
b) círculos culturais
c) círculos políticos
d) administração
e) imprensa

50) A expressão "quase apagada":

a) retifica a palavra meia-luz.
b) complementa a palavra meia-luz.
c) reforça a palavra meia-luz.
d) explica a palavra meia-luz.
e) amplia a palavra meia-luz.

51) Infere-se do texto que:

a) os historiadores detestaram o século XVII.
b) os mais belos momentos da história encantam certas pessoas.
c) o século XVI foi tão importante quanto o século XVIII.
d) a história do Rio de Janeiro está repleta de coisas interessantes.
e) os historiadores se interessam menos pelos séculos XVI e XVIII do que pelo século XVII.

TEXTO XII

Acho que foi uma premonição, uma vez que ele já tinha declarado que “A Fraternidade é Vermelha” seria seu último filme. Foi o cineasta contemporâneo que conseguiu chegar mais perto do conceito de Deus. Poderia ter feito muito mais filmes, mas foi vítima do totalitarismo socialista.

(Leon Cakoff, no Jornal da Tarde, 14/13/96)

52) O totalitarismo socialista:

a) atrapalhou a carreira do cineasta.
b) manteve-se alheio à carreira do cineasta.
c) interrompeu a carreira do cineasta.
d) incentivou a carreira do cineasta.
e) fiscalizou a carreira do cineasta.

53) “A Fraternidade é Vermelha”:

a) foi um filme de repercussão nos meios religiosos.
b) foi o primeiro filme de sucesso do cineasta.
c) não abordava o assunto Deus.
d) foi o melhor filme do cineasta.
e) foi o último filme do cineasta.

54) Provavelmente, o cineasta:

a) agradou, por ser materialista.
b) agradou por falar de Deus.
c) desagradou por falar de Deus.
d) desagradou por não falar de Deus.
e) não sabia nada sobre Deus.

55) Levando-se em conta o caráter materialista usualmente atribuído aos socialistas, o título do filme seria, em princípio:

a) uma redundância
b) uma ambigüidade
c) um paradoxo
d) uma qualificação
e) uma incoerência

56) A palavra “premonição” se justifica porque:

a) seu filme foi um sucesso.
b) o cineasta falava de Deus.

c) o cineasta não quis fazer mais filmes.
d) a “Fraternidade é Vermelha” foi seu último filme.
e) o cineasta foi vítima do totalitarismo socialista.

57) A palavra “Vermelha” eqüivale no texto a:

a) totalitária
b) comunista
c) socialista
d) materialista
e) espiritualista

58) O conectivo que não poderia substituir “uma vez que” no texto é:

a) porque
b) pois
c) já que
d) porquanto
e) se bem que

TEXTO XIII

Nem todas as plantas hortícolas se dão bem durante todo o ano; por isso é preciso fazer uma estruturação dos canteiros a fim de manter-se o equilíbrio das plantações. Com o sistema indicado, não faltarão verduras durante todo ano, sejam folhas, legumes ou tubérculos.

(Irineu Fabichak, in Horticultura ao Alcance de Todos)

59) Segundo o texto:

a) todas as plantas hortícolas não se dão bem durante todo o ano.
b) todas as plantas hortícolas se dão bem durante todo o ano.
c) todas as plantas hortícolas se dão mal durante todo o ano.
d) algumas plantas hortícolas se dão bem durante todo o ano.
e) nenhuma planta hortícola se dá mal durante todo o ano.

60) Para manter o equilíbrio das plantações é necessário:

a) estruturar de maneira mais lógica e racional os canteiros.
b) fazer mais canteiros, mas ordenando-os de maneira lógica e racional.
c) fazer o plantio em épocas diferentes.
d) construir canteiros emparelhados.
e) manter sempre limpos os canteiros

61) A conjunção “por isso” só não pode ser substituída por:

a) portanto
b) logo
c) então
d) porque
e) assim

62) Segundo o último parágrafo do texto:

a) tubérculos não são verduras.
b) legumes são o mesmo que tubérculos.
c) folhas, legumes e tubérculos são a mesma coisa.
d) haverá verduras o ano todo, inclusive folhas, legumes e tubérculos.
e) haverá folhas, legumes e tubérculos o ano todo.

TEXTO XIV

Aquisição à vista. A Bauducco, maior fabricante de panetones do país, está negociando a compra de sua maior concorrente, a Visconti, subsidiária brasileira da italiana Visagis. O negócio vem sendo mantido sob sigilo pelas duas empresas em razão da proximidade do Natal. Seus controladores temem que o anúncio dessa união - resultando numa espécie de AmBev dos panetones - melindre os varejistas.

(Cláudia Vassallo, na Exame, dez./99)

63) As duas empresas (/. 4) de que fala o texto são:

a) Bauducco e Visagis
b) Visconti e Visagis
c) AmBev e Bauducco
d) Bauducco e Visconti
e) Visagis e AmBev

64) A aproximação do Natal é a causa:

a) da compra da Visconti
b) do sigilo do negócio
c) do negócio da Bauducco
d) do melindre dos varejistas
e) do anúncio da união

65) Uma outra causa para esse fato seria:

a) a primeira colocação da Bauducco na fabricação de panetones
b) o fato de a Visconti ser uma multinacional
c) o fato de a AmBev entrar no mercado de panetones
d) o possível melindre dos varejistas
e) o fato de a Visconti ser concorrente da Bauducco

66) Por “aquisição à vista” entende-se, no texto:

a) que a negociação é provável.
b) que a negociação está distante, mas vai acontecer.
c) que o pagamento da negociação será feito em uma única parcela.
d) que a negociação dificilmente ocorrerá.
e) que a negociação está próxima.

TEXTO XV

Um anjo dorme aqui; na aurora apenas,
disse adeus ao brilhar das açucenas
em ter da vida alevantado o véu.
- Rosa tocada do cruel granizo Cedo
finou-se e no infantil sorriso passou do
berço pra brincar no céu!

(Casimiro de Abreu, in Primaveras)

67) O tema do texto é:

a) a inocência de uma criança
b) o nascimento de uma criança
c) o sofrimento pela morte de uma criança
d) o apego do autor por uma certa criança
e) a morte de uma criança

68) O tema se desenvolve com base em uma figura de linguagem conhecida como:

a) prosopopéia
b) hipérbole
c) pleonasmo
d) metonímia
e) eufemismo

69) No âmbito do poema, podemos dizer que pertencem ao mesmo campo semântico as palavras:

a) aurora e véu
b) anjo e rosa
c) granizo e sorriso
d) berço e céu
e) cruel e infantil

70) As palavras que respondem ao item anterior são:

a) uma antítese em relação à vida
b) hipérboles referentes ao destino
c) personificações alusivas à morte
d) metáforas relativas à criança
e) pleonasmos com relação à dor.

71) Por “sem ter da vida alevantado o véu” entende-se:

a) sem ter nascido
b) sem ter morrido cedo
c) sem ter conhecido bem a vida
d) sem viver misteriosamente
e) sem poder relacionar-se com as outras pessoas

72) “Na aurora apenas” é o mesmo que:

a) somente pela manhã
b) no limiar somente
c) apenas na alegria
d) só na tristeza
e) só no final

TEXTO XVI

Julgo que os homens que fazem a política externa do Brasil, no Itamaraty, são excessivamente pragmáticos. Tiveram sempre vida fácil, vêm da elite brasileira e nunca participaram, eles próprios, em combates contra a ditadura, contra o colonialismo. Obviamente não têm a sensibilidade de muitos outros países ou diplomatas que conheço.

(José Ramos-Horta, na Folha de São Paulo, 21/10/96)

73) Só não caracteriza os homens do Itamaraty:

a) o pragmatismo
b) a falta de sensibilidade
c) a luta contra a ditadura
d) a tranqüilidade da vida
e) as raízes na elite do Brasil

74) A palavra que não se liga semanticamente aos homens do Itamaraty é:

a) o segundo *que* (/. 1)
b) tiveram (/. 2)
c) vêm (/. 3)
d) eles (/. 3)
e) o terceiro *que* (/. 5)

75) Pelo visto, o autor gostaria de que os homens do Itamaraty tivessem mais:

a) inteligência
b patriotismo
c) vivência
d) coerência
e) grandeza

76) A oração iniciada por “obviamente” tem um claro valor de:

a) conseqüência
b) causa
c) comparação
d) condição
e) tempo

77) A palavra que pode substituir, sem prejuízo do sentido, a palavra “obviamente” (/. 4), é:

a) necessariamente
b) realmente
c) justificadamente
d) evidentemente
e) comprovadamente

78) Só não pode ser inferido do texto:

a) nem todo diplomata é excessivamente pragmático.
b) ter lutado contra o colonialismo é importante para a carreira de diplomata.
c) Nem todo diplomata vem da elite brasileira.
d) ter vida fácil é característica comum a todo tipo de diplomata.
e) há diplomatas mais sensíveis que outros.

TEXTO XVII

Se essa ainda é a situação de Portugal e era, até bem pouco, a do Brasil, havemos de convir em que no Brasil-colônia, essencialmente rural, com a ojeriza que lhe notaram os nossos historiadores pela vida das cidades - simples pontos de comércio ou de festividades religiosas -, estas não podiam exercer maior influência sobre a evolução da língua falada, que, sem nenhum controle normativo, por séculos "voou com as suas próprias asas".

(Celso Cunha, in A Língua Portuguesa e a Realidade Brasileira)

79) Segundo o texto, os historiadores:

a) tinham ojeriza pelo Brasil-colônia.
b) consideram as cidades do Brasil-colônia como simples pontos de comércio ou de festividades religiosas.
c) consideram o Brasil-colônia essencialmente rural.
d) observaram a ojeriza que a vida nas cidades causava.
e) consideram o campo mais importante que as cidades.

80) Para o autor:

a) as festas religiosas têm importância para a evolução da língua falada.
b) No Brasil-colônia, havia a prevalência da vida do campo sobre a das cidades.
c) a evolução da língua falada dependia em parte dos pontos de comércio.
d) a evolução da língua falada independe da condição de Brasilcolônia.
e) a situação do Brasil na época impedia a evolução da língua falada.

81) A palavra "ojeriza" (/. 3) significa, no texto:

a) medo
b) admiração
c) aversão
d) dificuldade
e) angústia

82) A língua falada "voou com as suas próprias asas" porque:

a) as cidades eram pontos de festividades religiosas.
b) o Brasil se distanciava lingüisticamente de Portugal.
c) faltavam universidades nos centros urbanos.
d) não se seguiam normas lingüísticas.
e) durante séculos, o controle normativo foi relaxado, por ser o Brasil uma colônia portuguesa.

83) Segundo o texto, a população do Brasil-colônia:

a) à vida do campo preferia a da cidade.
b) à vida da cidade preferia a do campo.
c) não tinha preferência quanto à vida do campo ou à da cidade.
d) preferia a vida em Portugal, mas procurava adaptar-se à situação.
e) preferia a vida no Brasil, fosse na cidade ou no campo.

TEXTO XVIII

Ainda falta um bom tempo para a aposentadoria da maior parte deles, mas a Andrade Gutierrez já tem pronto um estudo sobre a sucessão de 20 de seus principais executivos, quase todos na faixa entre 58 e 62 anos. Seus substitutos serão escolhidos entre 200 integrantes de um time de aspirantes. Eduardo Andrade, o atual superintendente, que já integra o conselho de administração da empreiteira mineira, deverá ir se afastando aos poucos do dia-a-dia dos negócios. Para os outros executivos, que deverão ser aproveitados como consultores, a aposentadoria chegará a médio prazo.

(José Maria Furtado, na Exame, dez./99)

84) Se começarmos o primeiro período do texto por “A Andrade Gutierrez já tem pronto...”, teremos, como seqüência coesa e coerente:

a) visto que ainda falta um bom tempo para a aposentadoria da maior parte deles.
b) por ainda faltar um bom tempo para a aposentadoria da maior parte deles.
c) se ainda faltar um bom tempo para a aposentadoria da maior parte deles.
d) embora ainda falte um bom tempo para a aposentadoria da maior parte deles.
e) à medida que ainda falta um bom tempo para a aposentadoria da maior parte deles.

85) Segundo o texto:

a) 20 grandes executivos da empresa se aposentarão a médio prazo.
b) 20 grandes executivos da empresa acham-se na faixa entre 58 e 62 anos.
c) nenhum dos 20 grandes executivos se aposentará a curto prazo.
d) Eduardo Andrade é um executivo na faixa dos 58 a 62 anos.
e) a empresa vai substituir seus vinte principais executivos a curto e médio prazos.

86) A empresa, no que toca à aposentadoria de seus executivos, mostra-se:

a) precipitada
b) cautelosa
c) previdente
d) rígida
e) inflexível

87) Sobre o executivo Eduardo Andrade, não se pode afirmar:

a) ocupa, no momento, a superintendência.
b) é um dos conselheiros.
c) será substituído por um dos 200 aspirantes.
d) está se afastando dos negócios da empresa.

e) será o primeiro dos 20 grandes executivos a se aposentar.

88) Sobre a Andrade Gutierrez, não é correto afirmar:

a) é empresa de obras.
b) é do estado de Minas Gerais.
c) preocupa-se com seus funcionários.
d) mantém-se alheia a qualquer tipo de renovação.
e) procura manter vínculo com executivos aposentados.

TEXTO XIX

Toda saudade é a presença da ausência
de alguém, de algum lugar, de algo enfim.
Súbito o não toma forma de sim
como se a escuridão se pusesse a luzir.
Da própria ausência de luz
o clarão se produz,
o sol na solidão.
Toda saudade é um capuz transparente
que veda e ao mesmo tempo traz a visão
do que não se pode ver
porque se deixou pra trás
mas que se guardou no coração.

(Gilberto Gil)

89) Por "presença da ausência" pode-se entender:

a) ausência difícil
b) ausência amarga
c) ausência sentida
d) ausência indiferente
e) ausência enriquecedora

90) Para o autor, a saudade é algo:

a) que leva ao desespero.
b) que só se suporta com fé.
c) que ninguém deseja.
d) que transmite coisas boas.
e) que ilude as pessoas.

91) O texto se estrutura a partir de antíteses, ou seja, emprego de palavras ou expressões de sentido contrário. O par de palavras ou expressões que não apresentam no texto essa propriedade antitética é:

a) presença (/. 1) / ausência (/. 1)
b) não (/. 3) / sim (/. 3)
c) ausência de luz (/. 5) / clarão (/. 6)
d) sol (/. 7) / solidão (/. 7)
e) que veda (/. 9) / traz a visão (/. 9)

92) Segundo o texto:

a) sente-se saudade de pessoas, e não de coisas.
b) as coisas ruins podem transformar-se em coisas boas.

c) as coisas boas podem transformar-se em coisas ruins.
d) a saudade, como um capuz, não nos permite ver com clareza a situação que vivemos.
e) a saudade, como um capuz, não nos deixa perceber coisas que ficaram em nosso passado.

93) O que se guarda no coração é:

a) a saudade
b) o clarão
c) o que se deixou para traz
d) a visão
e) o que não se pode ver

TEXTO XX

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no intróito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco.

(Machado de Assis, in Memórias Póstumas de Brás Cubas)

94) Pode-se afirmar, com base nas idéias do autor-personagem, que se trata:

a) de um texto jornalístico
b) de um texto religioso
c) de um texto científico
d) de um texto autobiográfico
e) de um texto teatral

95) Para o autor-personagem, é menos comum:

a) começar um livro por seu nascimento.
b) não começar um livro por seu nascimento, nem por sua morte.
c) começar um livro por sua morte.
d) não começar um livro por sua morte.
e) começar um livro ao mesmo tempo pelo nascimento e pela morte.

96) Deduz-se do texto que o autor-personagem:

a) está morrendo.
b) já morreu.
c) não quer morrer.
d) não vai morrer.
e) renasceu.

97) A semelhança entre o autor e Moisés é que ambos:

a) escreveram livros.
b) se preocupam com a vida e a morte.
c) não foram compreendidos.
d) valorizam a morte.
e) falam sobre suas mortes.

98) A diferença capital entre o autor e Moisés é que:

a) o autor fala da morte; Moisés, da vida.
b) o livro do autor é de memórias; o de Moisés, religioso.
c) o autor começa pelo nascimento; Moisés, pela morte.
d) Moisés começa pelo nascimento; o autor, pela morte.
e) o livro do autor é mais novo e galante do que o de Moisés.

99) Deduz-se pelo texto que o Pentateuco:

a) não fala da morte de Moisés.
b) foi lido pelo autor do texto.
c) foi escrito por Moisés.
d) só fala da vida de Moisés.
e) serviu de modelo ao autor do texto.

100) Autor defunto está para campa, assim como defunto autor para:

a) intróito
b) princípio
c) cabo
d) berço
e) fim

101) Dizendo-se um defunto autor, o autor destaca seu (sua):

a) conformismo diante da morte ;
b) tristeza por se sentir morto
c) resistência diante dos obstáculos trazidos pela nova situação
d) otimismo quanto ao futuro literário
e) atividade apesar de estar morto

TEXTO XXI

Segunda maior produtora mundial de embalagem longa vida, a SIG Combibloc, principal divisão do grupo suíço SIG, prepara a abertura de uma fábrica no Brasil. A empresa, responsável por 1 bilhão do 1,5 bilhão de dólares de faturamento do grupo, chegou ao país há dois anos disposta **5** a brigar com a líder global, Tetrapak, que detém cerca de 80% dos negócios nesse mercado. Os estudos para a implantação da fábrica foram recentemente concluídos e apontam para o Sul do país, pela facilidade logística junto ao Mercosul. Entre os oito atuais clientes da Combibloc na região estão a Unilever, com a marca de atomatado Malloa, no Chile, e a **10** italiana Cirio, no Brasil.

(Denise Brito, na Exame, dez./99)

102) Segundo o texto, a SIG Combibloc:

a) produz menos embalagem que a Tetrapak.
b) vai transferir suas fábricas brasileiras para o Sul.
c) possui oito clientes no Brasil.
d) vai abrir mais uma fábrica no Brasil.
e) possui cliente no Brasil há dois anos, embora não esteja instalada no país.

103) Segundo o texto:

a) O Mercosul não influiu na decisão de instalar uma fábrica no Sul.
b) a SIG Combibloc está entrando no ramo de atomatado.
c) a empresa suíça SIG ocupa o 2o lugar mundial na produção de embalagem longa vida.
d) a Unilever é empresa chilena.
e) a SIG Combibloc detém 2/3 do faturamento do grupo.

104) Os estudos apontam para o Sul porque:

a) o clima favorece a produção de embalagens longa vida.
b) está próximo aos demais países que compõem o Mercosul.
c) a Cirio já se encontra estabelecida ali. -v-.v.
d) nos países do Mercosul já há clientes da Combibloc.
e) o Sul é uma região desenvolvida e promissora.

105) "...que detém cerca de 80% dos negócios nesse mercado." (/. 5-6) Das alterações feitas nessa passagem do texto, a que não mantém o sentido original é:

a) a qual detém cerca de 80% dos negócios em tal mercado.
b) **que** possui perto de 80% dos negócios nesse mercado.

c) **que** detém aproximadamente 80% dos negócios em tais mercados.
d) a qual possui aproximadamente 80% dos negócios nesse mercado.
e) a qual detém perto de 80% dos negócios nesse mercado.

106) “...e apontam para o Sul do país...” O trecho destacado só não pode ser entendido, no texto, como:

a) e indicam o Sul do pai
b) e recomendam o Sul do país
c) e incluem o Sul do país
d) e aconselham o **Sul** do país
e) e sugerem o **Sul** do país

TEXTO XXII

Pode dizer-se que a presença do negro representou sempre fator obrigatório no desenvolvimento dos latifúndios coloniais. Os antigos moradores da terra foram, eventualmente, prestimosos colaboradores da indústria extrativa, na caça, na pesca, em determinados ofícios **5** mecânicos e na criação do gado. Dificilmente se acomodavam, porém, ao trabalho acurado e metódico que exige a exploração dos canaviais. Sua tendência espontânea era para as atividades menos sedentárias e que pudessem exercer-se sem regularidade forçada e sem vigilância e fiscalização de estranhos.

(Sérgio Buarque de Holanda, in Raízes)

107) Segundo o autor, os antigos moradores da terra:

a) foram o fator decisivo no desenvolvimento dos latifúndios coloniais.
b) colaboravam com má vontade na caça e na pesca.
c) não gostavam de atividades rotineiras.
d) não colaboraram com a indústria extrativa.
e) levavam uma vida sedentária.

108) “Trabalho acurado” (l. 6) é o mesmo que:

a) trabalho apressado
b) trabalho aprimorado
c) trabalho lento
d) trabalho especial
e) trabalho duro

109) Na expressão “tendência espontânea” (/. 7), temos uma(a):

a) ambigüidade
b) cacofonia
c) neologismo
d) redundância
e) arcaísmo

110) Infere-se do texto que os antigos moradores da terra eram:

a) os portugueses
b) os negros
c) os índios
d) tanto os índios quanto os negros
e) a miscigenação de portugueses e índios

111) Pelo visto, os antigos moradores da terra não possuíam muito (a):

a) disposição
b) responsabilidade
c) inteligência
d) paciência
e) orgulho

TEXTO XXIII

Com todo o aparato de suas hordas guerreiras, não conseguiram as bandeiras realizar jamais a façanha levada a cabo pelo boi e pelo vaqueiro. Enquanto que aquelas, no desbravar, sacrificavam indígenas aos milhares, despovoando sem fixarem-se, estes foram pontilhando de currais os desertos trilhados, catequizando o nativo para seus misteres, detendo-se, enraizando-se. No primeiro caso era o ir-evoltar; no segundo, era o ir-e-ficar. E assim foi o curral precedendo a fazenda e o engenho, o vaqueiro e o lavrador, realizando uma obra de conquista dos altos sertões, exclusive a pioneira.

(José Alípio Goulart, in Brasil do Boi)

112) Segundo o texto:

a) tudo que as bandeiras fizeram foi feito também pelo boi e pelo vaqueiro.
b) o boi e o vaqueiro fizeram todas as coisas que as bandeiras fizeram.
c) nem as bandeiras nem o boi e o vaqueiro alcançaram seus objetivos.
d) o boi e o vaqueiro realizaram seu trabalho porque as bandeiras abriram o caminho.
e) o boi e o vaqueiro fizeram coisas que as bandeiras não conseguiram fazer.

113) Com relação às bandeiras, não se pode afirmar que:

a) desbravaram
b) mataram
c) catequizaram
d) despovoaram
e) não se fixaram

114) Os índios foram:

a) maltratados
b) aviltados
c) expulsos
d) presos
e) massacrados

115) O par que não caracteriza a oposição existente entre as bandeiras e o boi e o vaqueiro é:

a) aquelas (/. 3) / estes (/. 4)
b) ir-e-voltar (/. 6/7) / ir-e-ficar (/. 7)
c) no primeiro caso (/. 6) / no segundo (/. 7)
d) enquanto (/. 3) / e assim *[1.7)*

e) despovoando (/. 4) / pontilhando (/. 5)

116) “...catequizando o nativo para seus misteres...” Das alterações feitas na passagem acima, a que altera basicamente o seu sentido é:

a) doutrinando o indígena para seus misteres
b) catequizando o aborigine para suas atividades
c) evangelizando o nativo para seus ofícios
d) doutrinando o nativo para seus cuidados
e) catequizando o autóctone para suas tarefas

117) O elemento conector que pode substituir a preposição com (/. 1), mantendo o sentido e a coesão textual, é:

a) mesmo
b) não obstante
c) de
d) a respeito de
e) graças a

118) “...o aparato de suas hordas guerreiras...” sugere que as conquistas dos bandeirantes ocorreram com:

a) organização e violência
b) rapidez e violência
c) técnica e profundidade
d) premeditação e segurança
e) demonstrações de racismo e violência

TEXTO XXIV

Você se lembra da Casas da Banha? Pois é, uma pesquisa mostra que mais de 60% dos cariocas ainda se recordam daquela que foi uma das maiores redes de supermercados do país, com 224 lojas e 20.000 funcionários, desaparecida no início dos anos 90. Por isso, seus antigos donos, a família Velloso, decidiram ressuscitá-la. Desta vez, porém, apenas virtualmente. Os Velloso fizeram um acordo com a GW.Commerce, de Belo Horizonte, empresa que desenvolve programas para supermercados virtuais. Em troca de uma remuneração sobre o faturamento, A GW gerenciará as vendas para a família Velloso. A família cuidará apenas das compras e das entregas.

(José Maria Furtado, na Exame, dez./99)

119) Segundo o texto, a família Velloso resolveu ressuscitar as Casas da Banha porque:

a) a rede teve 224 lojas e 20.000 funcionários.
b) a rede foi desativada no início dos anos 90.
c) uma empresa do ramo de programas para supermercados propôs um acordo vantajoso, em que a rede só entraria com as compras e as entregas.
d) mais da metade dos cariocas não esqueceram as Casas da Banha.
e) a rede funcionará apenas virtualmente.

120) A palavra ou expressão que justifica a resposta ao item anterior é:

a) Você (/. 1) . ,... . b)
desaparecida (/. 4)
c) Por isso (/. 4)
d) Desta vez (/. 5)
e) acordo *{l.* 6)

121) "Desta vez, porém, apenas virtualmente."

Com a passagem destacada acima, entende-se que as Casas da Banha:
a) funcionarão virtualmente, ou seja, sem fins lucrativos.
b) não venderão produtos de supermercado.
c) estão associando-se a uma empresa de informática.
d) estão mudando de ramo.
e) não venderão mais seus produtos em lojas.

122) O pronome "Ia" (/. 5) não pode ser, semanticamente, associado a:

a) Casas da Banha (/. 1)
b) pesquisa (/. 1)
c) daquela (/. 2)
d) uma (/. 3)
e) desaparecida (/. 4)

TEXTO XXV

A fábrica brasileira da General Motors em Gravataí, no Rio Grande do Sul, será usada como piloto para a implementação do novo modelo de negócios que está sendo desenhado mundialmente pela montadora. A meta da GM é transformar-se numa companhia totalmente
5 voltada para o comércio eletrônico. A partir do ano 2000, a Internet passará a nortear todos os negócios do grupo, envolvendo desde os fornecedores de autopeças até o consumidor final. “A planta de Gravataí representa a imagem do futuro para toda a GM”, afirma Mark Hogan, ex-presidente da filial brasileira e responsável pela nova divisão e-GM.

(Lidia Rebouças, na Exame, dez./99)

123) Segundo o texto:

a) a GM é uma empresa brasileira instalada em Gravataí.
b) a montadora fez da fábrica brasileira de Gravataí um modelo para todas as outras fábricas espalhadas pelo mundo.
c) no Rio Grande do Sul, a GM implementará um modelo de fábrica semelhante ao que está sendo criado em outras partes do mundo.
d) a fábrica brasileira da GM vinha sendo usada de acordo com o modelo mundial, mas a montadora pretende alterar esse quadro.
e) a GM vai utilizar a fábrica do Rio Grande do Sul como um protótipo do que será feito em termos mundiais.

124) A opção que contraria as idéias contidas no texto é:

a) A GM vai modificar, a partir de 2000, a forma de fazer negócios.
b) Será grande a importância da Internet nos negócios da GM.
c) O consumidor final só poderá, a partir de 2000, negociar pela Internet.
d) O comércio eletrônico está nos planos da GM para o ano 2000.
e) A fábrica brasileira é considerada padrão pelo seu ex-presidente.

125)Deduz-se, pelo texto, que a fábrica brasileira:

a) será norteada pela Internet.
b) terá seu funcionamento modificado para adaptar-se às
necessidades do mercado.
c) será transferida para Gravataí.
d) estará, a partir de 2000, parcialmente voltada para o comércio eletrônico.
e) seguirá no mesmo ritmo de outras empresas da GM atualmente funcionando no mundo.

126) Por “implementação” (/. 2), pode-se entender:

a) complementação
b) suplementação
c) exposição
d) realização
e) facilitação

127) Segundo as idéias contidas no texto, a transformação que se propõe a GM:

a) não tem apoio dos fornecedores.
b) tem apoio do consumidor final.
c) tem prazo estabelecido.
d) é inexeqüível.
e) não tem lugar marcado.

TEXTO XXVI

MAR PORTUGUÊS

Ó Mar salgado, quanto do teu sal são
lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães
choraram!
Quantos filhos em vão rezaram!
5 Quantas noivas ficaram por casarpara
que tu fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena se a
alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
10 tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
mas nele é que espelhou o céu!

(Fernando Pessoa, in Mensagem)

128) Segundo o poeta, o sofrimento do povo ocorreu:

a) apesar das conquistas portuguesas
b) em virtude das conquistas portuguesas v
c) para as conquistas portuguesas
d) antes das conquistas portuguesas
e) após as conquistas portuguesas

129) A metáfora existente nos dois primeiros versos do poema estabelece:

a) a força moral de Portugal
b) a incoerência do sofrimento diante das conquistas
c) a importância do sofrimento para que o povo deixe de sofrer
d) a profunda união entre as conquistas e o sofrimento do povo
e) a inutilidade das conquistas portuguesas

130) Além da metáfora, os dois primeiros versos contêm:

a) prosopopéia, epíteto de natureza, eufemismo
b) antítese, pleonasmo, eufemismo
c) apóstrofe, epíteto de natureza, metonímia
d) prosopopéia, pleonasmo, antítese
e) apóstrofe, hipérbole, sinestesia

131) “Quantos filhos em vão rezaram!” Com este verso, entendemos que:

a) o sofrimento do povo foi inútil.

b) o povo português da época era muito religioso.
c) muita gente perdeu entes queridos por causa das conquistas portuguesas.
d) a força da fé contribuiu efetivamente para as conquistas do país.
e) a religiosidade do povo português era inútil.

132) As palavras que melhor definem o povo português, de acordo com as idéias contidas no texto, são:

a) fé e competência
b) inteligência e maturidade
c) orgulho e religiosidade
d) perseverança e ambição
e) grandeza e tenacidade

133) Segundo o texto, para se ir sempre adiante é necessário:

a) crer no destino
b) aceitar a dor
c) viver com alegria
d) vencer o sofrimento
e) objetivar sempre o progresso

134) Por um processo anafórico, a palavra nele (/. 12) tem como referente no texto:

a) Mar (/. 1)
b) Deus (/.11)
c) perigo (/.11)
d) abismo (/.11)
e) céu (/.12)

TEXTO XXVII

Vale recordar que foi nesse século (o XVIII) que apareceram e se generalizaram em certas regiões do Brasil as famosas “tropas de muares” que, daí por diante, até o fim do século XIX e mesmo nos anos transcorridos do séc. XX, dividiram com os carros de bois as tarefas dos transportes por terra no interior do Brasil. Nos caminhos rudimentares que então possuíamos, transformados em lamaçais na estação das chuvas e no verão reduzidos a ásperas trilhas, quase intransitáveis, foram os carros de bois e as tropas os únicos meios e ligação dos núcleos de povoamento entre si e entre eles e as roças e lavouras. De outra forma não se venceriam os obstáculos naturais.

(B. J. de Souza, in Ciclo)

135) Segundo o texto, os carros de bois:

a) transportavam sozinhos pessoas e mercadorias no interior do Brasil.
b) surgiram no século XVIII, juntamente com as tropas de muares.
c) sucederam as tropas de muares no transporte de pessoas e mercadorias.
d) só transportavam mercadorias.
e) eram úteis, como as tropas de muares, por causa do estado ruim dos terrenos.

136) A estação das chuvas e o verão:

a) contribuíram para o desaparecimento dos carros de bois a partir do século XX.
b) não tiveram influência no uso das tropas de muares, pois os caminhos eram rudimentares.
c) foram fator determinante para o progresso do interior do Brasil.
d) contribuíram para a necessidade do uso de tropas de muares e de carros de bois.
e) impediam a comunicação dos núcleos de povoamento entre si.

137) Os obstáculos naturais só foram vencidos:

a) por causa do clima
b) por causa da força do povo
c) porque nem sempre os caminhos se tornavam lamaçais
d) porque os núcleos de povoamento continuavam ligados às roças e às lavouras
e) por causa da utilização das tropas de muares e dos carros de bois

138) As tropas de muares só não podem ser entendidas como tropas:

a) de cavalos
b) de mulos
c) de burros
d) de mus

e) de bestas

139) O transporte de que fala o texto só não deve ter sido, na época:

a) lento e penoso
b) difícil, mas necessário
c) duro e nostálgico
d) vagaroso e paciente
e) pachorrento, mas útil

TEXTO XXVIII

O *liberalismo é* uma teoria política e econômica que exprime os anseios da burguesia. Surge em oposição ao absolutismo dos reis e à teoria econômica do mercantilismo, defendendo os direitos da iniciativa privada e restringindo o mais possível as atribuições do Estado.

Locke foi o primeiro teórico liberal. Presenciou na Inglaterra as lutas pela deposição dos Stuarts, tendo se refugiado na Holanda por questões políticas. De lá regressa quando, vitoriosa a Revolução de 1688, Guilherme de Orange é chamado para consolidar a nova monarquia parlamentar inglesa.

(Maria Lúcia de Arruda Aranha, in História da Educação)

140) Segundo o texto, Locke:

a) participou da deposição dos Stuarts.
b) tinha respeito pelo absolutismo.
c) teve participação apenas teórica no liberalismo.
d) julgava ser necessário restringir as atribuições do Estado.
e) não sofreu qualquer tipo de perseguição política.

141) Infere-se do texto que os burgueses seriam simpáticos:

a) ao absolutismo
b) ao liberalismo
c) às atribuições do Estado
d) à perseguição política de Locke
e) aos Stuarts

142) A Revolução de 1688 foi vitoriosa porque:

a) derrubou o absolutismo.
b) implantou o liberalismo.
c) preservou os direitos de iniciativa privada.
d) baseou-se nas idéias liberais de Locke.
e) permitiu que Locke voltasse da Holanda.

143) “...que exprime os anseios da burguesia.” [l. 1/2) Das alterações feitas na passagem acima, aquela que altera substancialmente seu sentido é:

a) a qual expressa os anseios da burguesia.
b) a qual exprime os desejos da burguesia.
c) que representa os anelos da burguesia.
d) que expressa os valores da burguesia.
e) que representa as ânsias da burguesia.

144) A teoria política do liberalismo se opunha:

a) a parte da burguesia
b) ao mercantilismo
c) à monarquia parlamentar
d) a Guilherme de Orange
e) ao absolutismo

145) Infere-se do texto que Guilherme de Orange:

a) não seria simpático aos burgueses.
b) teria ligações com os reis absolutistas.
c) teria idéias liberais.
d) não concordaria com Locke.
e) teria apoiado o exílio de Locke na Holanda.

TEXTO XXIX

BUROCRATAS CEGOS

A decisão, na sexta-feira, da juíza Adriana Barreto de Carvalho Rizzotto, da 7a Vara Federal do Rio, determinando que a Light e a Cerj também paguem bônus aos consumidores de energia que reduziram o consumo entre 100 kWh e 200 kWh fez justiça.

A liminar vale para todos os brasileiros. Quando o Governo se lançou nessa difícil tarefa do racionamento, não contou com tamanha solidariedade dos consumidores. Por isso, deixou essa questão dos bônus em suspenso. Preocupada com os recursos que o Governo federal terá que desembolsar com os prêmios, a Câmara de Gestão da Crise de Energia tem evitado encarar essa questão, muito embora o próprio presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, já tenha dito que o bônus será pago.

Decididamente, os consumidores não precisavam ter lançado mão da Justiça para poder ter a garantia desse direito. Infelizmente, o permanente desrespeito ao contribuinte ainda faz parte da cultura dos burocratas brasileiros. Estão constantemente preocupados em preservar a máquina do Estado. Jamais pensam na sociedade e nos cidadãos. Agem como se logo mais na frente não precisassem da população para vencer as barreiras de mais essa crise.

(Editorial de O Dia, 19/8/01)

146) De acordo com o texto:

a) a juíza expediu a liminar porque as companhias de energia elétrica se negaram a pagar os bônus aos consumidores.
b) a liminar fez justiça a todos os tipos de consumidores.
c) a Light e a Cerj ficarão desobrigadas de pagar os bônus se o Governo fizer a sua parte.
d) o excepcional retorno dado pelos consumidores de energia tomou de surpresa o Governo.
e) o Governo pagará os bônus, desde que as companhias de energia elétrica também o façam.

147) Só não se depreende do texto que:

a) os burocratas brasileiros desrespeitam sistematicamente o contribuinte.
b) o governo não se preparou para o pagamento dos bônus.
c) o chefe do executivo federal garante que os consumidores receberão o pagamento dos bônus.
d) a Câmara de Gestão está preocupada com os gastos que terá o Governo com o pagamento dos bônus.

e) a única forma de os consumidores receberem o pagamento dos bônus é apelando para a Justiça.

148) De acordo com o texto, a burocracia brasileira:

a) vem ultimamente desrespeitando o contribuinte.
b) sempre desrespeita o contribuinte.
c) jamais desrespeitou o contribuinte.
d) vai continuar desrespeitando o contribuinte.
e) deixará de desrespeitar o contribuinte.

149) A palavra que justifica a resposta ao item anterior é:

a) infelizmente *(l.* 14)
b) constantemente (/. 16)
c) cultura (/. 15)
d) jamais (/. 17)
e) permanente (/. 15)

150) Os burocratas brasileiros:

a) ignoram o passado.
b) não valorizam o presente.
c) subestimam o passado.
d) não pensam no futuro.
e) superestimam o futuro.

151) Pode-se afirmar, com base nas idéias do texto:

a) A Câmara de Gestão defende os interesses da Light e da Cerj.
b) O presidente da República espera poder pagar os bônus aos consumidores.
c) Receber o pagamento dos bônus é um direito do contribuinte, desde que tenha reduzido o consumo satisfatoriamente.
d) Os contribuintes não deveriam ter recorrido à Justiça, porque a Câmara de Gestão garantiu o pagamento dos bônus.
e) A atuação dos burocratas brasileiros deixou a Câmara de Gestão preocupada.

TEXTO XXX

É consenso entre os economistas que o setor automobilístico é o que impulsiona a economia de qualquer país. QUATRO RODAS foi conferir e viu que os números são espantosos. A começar pelo mercado de trabalho. Estima-se que um emprego em uma fábrica de carros gera, indiretamente, 46 outros empregos. Por esse cálculo, 5 milhões de brasileiros dependem, em maior ou menor grau, dessa indústria. Até na construção civil a presença das rodas é enorme: 1 em cada 4 metros quadrados de espaço nas grandes cidades se destina a ruas ou estacionamentos. Na ponta do lápis, o filão da economia relacionado a automóveis movimentou, no ano passado, pelo menos 216 bilhões de dólares. Como o PIB brasileiro, nesse período, foi de 803 bilhões de dólares (e ainda não havia ocorrido a maxidesvalorização), cerca de 1 em cada 4 reais que circularam no país andou sobre rodas em 1998.

(Quatro Rodas, março/99)

152) Segundo o texto, a economia de um país:

a) é ajudada pelo setor automobilístico.
b) independe do setor automobilístico.
c) às vezes depende do setor automobilístico.
d) não pode prescindir do setor automobilístico.
e) fortalece o setor automobilístico.

153) A importância do setor automobilístico é destacada:

a) por boa parte dos economistas
b) pela maioria dos economistas
c) por todos os economistas
d) por alguns economistas
e) pelos economistas que atuam nessa área

154) Pelo texto, verifica-se que:

a) alguns países têm sua economia impulsionada pelo setor automobilístico.
b) o PIB brasileiro seria melhor sem o setor automobilístico.
c) para os economistas, o setor automobilístico tem importância relativa na economia brasileira.
d) cinco milhões de brasileiros têm seu sustento no setor automobilístico.
e) em 1998, três quartos da economia brasileira não tinham relação com o setor automobilístico.

155) “A começar pelo mercado de trabalho.” (/. 3/4) Das alterações feitas na passagem acima, aquela que lhe altera basicamente o sentido é:

a) a princípio pelo mercado de trabalho
b) começando pelo mercado de trabalho
c) em princípio pelo mercado de trabalho
d) principiando pelo mercado de trabalho
e) iniciando pelo mercado de trabalho

156) Segundo o texto, o setor automobilístico:

a) está presente em segmentos diversos da sociedade.
b) limita-se às fábricas de veículos.
c) no ano de 1988 gerou salários de aproximadamente 216 bilhões de dólares.
d) ficou imune à maxidesvalorização.
e) gera, pelo menos, 47 empregos por fábrica de automóveis.

157) A palavra ou expressão que justifica a resposta ao item anterior é:

a) qualquer (/. 2)
b) gera (/. 4)
c) até (/. 6)
d) na ponta do lápis (/. 9)
e) no país (/. 13)

TEXTO XXXI

Vários planetas são visíveis a olho nu: Marte, Júpiter, Vênus, Saturno e Mercúrio. Esses astros já eram conhecidos não apenas dos gregos, mas também de povos ainda mais antigos, como os babilônios.

Apesar de sua semelhança com as estrelas, os planetas eram identificados pelos povos da Antigüidade graças a duas características que os diferenciavam. Primeiro: as estrelas, em curtos períodos, não variam de posição umas em relação às outras. Já os planetas mudam de posição no céu com o passar das horas. À noite, esse movimento pode ser percebido com facilidade. Segundo: as estrelas têm uma luz que, por ser própria, pisca levemente. Já os planetas, que apenas refletem a luz do Sol, têm um brilho fixo. Os planetas mais distantes da Terra só puderam ser descobertos bem mais tarde, com a ajuda de aparelhos ópticos como o telescópio. “O primeiro deles a ser identificado foi Urano, descoberto em 1781 pelo astrônomo inglês William Herschel”, afirma a astrônoma Daniela Lázzaro, do Observatório Nacional do Rio de Janeiro.

(Superinteressante, agosto/01)

158) Com relação às idéias contidas no texto, não se pode afirmar que:

a) os gregos não conheciam o planeta Urano.
b) os gregos, bem como outros povos da Antigüidade, conheciam vários planetas do Sistema Solar.
c) a olho nu, os planetas se assemelham às estrelas.
d) os povos da Antigüidade usavam aparelhos ópticos rudimentares para identificar certos planetas.
e) os povos antigos sabiam diferençar os planetas das estrelas, mesmo sem aparelhos ópticos.

159) Infere-se do texto que a Astronomia é uma ciência que, em dadas circunstâncias, pode prescindir de:

a) estrelas
b) planetas
c) instrumentos
d) astrônomos
e) estrelas, planetas e astrônomos

160) A locução prepositiva “graças a” (/. 5) tem o mesmo valor semântico de:

a) mas também (/. 3)
b) apesar de (/. 3)
c) com (/. 8)
d) por (/. 9)
e) em (/. 13)

161) “Esses astros já eram conhecidos não apenas dos gregos, mas também de povos ainda mais antigos...” Das alterações feitas na passagem acima, aquela que apresenta sensível alteração de sentido é:

a) Esses astros já eram conhecidos não somente dos gregos, como também de povos ainda mais antigos.
b) Tais planetas já eram conhecidos não apenas dos gregos, mas também de povos ainda mais antigos.
c) Esses astros já eram conhecidos não apenas pelos gregos, mas também por povos ainda mais antigos.
d) Esses astros já eram conhecidos tanto pelos gregos, como por povos ainda mais antigos.
e) Esses astros já eram conhecidos não apenas através dos gregos, mas também através de povos mais antigos.

162) A diferença que os antigos já faziam entre estrelas e planetas era de:

a) brilho e posição
b) beleza e posição
c) importância e disposição
d) brilho e importância
e) beleza e disposição

163) Infere-se do texto que o planeta Netuno:

a) era conhecido dos gregos.
b) foi descoberto sem ajuda de aparelhos ópticos.
c) foi descoberto depois de Plutão.
d) foi descoberto depois de Urano.
e) foi identificado por acaso.

164) Segundo o texto, as estrelas:

a) nunca mudam de posição.
b) são iguais aos planetas.
c) não piscam.
d) só mudam de posição à noite.
e) mudam de posição em longos períodos de tempo.

TEXTO XXXII

Não faz muito tempo, a mata virgem, as ondas generosas e as areias brancas da Praia do Rosa, no sul catarinense, despertaram a atenção de surfistas e viajantes em busca de lugares inexplorados. Era meados dos anos 70, e este recanto permanecia exclusivo de poucas famílias de pescadores. O tempo passou e hoje “felizmente”, conforme se ouve em conversas com a gente local, o Rosa não mudou.

Mesmo estando localizada a apenas 70 quilômetros de Florianópolis e vizinha do badalado Balneário de Garopaba, a Praia do Rosa preserva, de forma ainda bruta, suas belezas naturais. É claro que houve mudanças desde sua descoberta pelos forasteiros. Mas, ao contrário de muitos lugarejos de nossa costa que tiveram a natureza devastada pela especulação imobiliária, esta região resiste intacta graças a um pacto entre moradores e donos de pousadas. Uma das medidas adotadas por eles, por exemplo, é que ninguém ocupe mais de 20% de seu terreno com construção. Assim, o verde predomina sobre os morros de frente para o mar azul repleto de baleias. Baleias? Sim, baleias francas, a mais robusta entre as espécies desses mamíferos marinhos, que chegam a impressionantes 18 metros e até 60 toneladas.

(Sérgio T. Caldas, na Os caminhos da Terra, dez./00)

165) Quanto à Praia do Rosa, o autor se contradiz ao falar:

a) da localização
b) dos moradores
c) da mudança
d) do tempo
e) do valor

166) O texto só não nos permite afirmar, com relação à Praia do Rosa:

a) mantém intactas suas belezas naturais.
b) manteve-se imune à especulação imobiliária.
c) não fica distante da capital do Estado.
d) no início dos anos 70, surfistas e exploradores se encantaram com suas belezas naturais.
e) trata-se de um local tranqüilo, onde todos respeitam a natureza.

167) Pelo visto, o que mais impressionou o autor do texto foi a presença de:

a) moradores
b) baleias
c) surfistas
d) donos de pousadas
e) viajantes

168) O fator determinante para a preservação do Rosa é:

a) a ausência da especulação imobiliária
b) o amor dos moradores pelo lugar
c) a consciência dos surfistas que freqüentam a região
d) o pacto entre moradores e donos de pensão
e) a proximidade de Florianópolis

169) O primeiro período do segundo parágrafo terá o seu sentido alterado se for iniciado por:

a) a despeito de estar localizada
b) não obstante estar localizada
c) ainda que esteja localizada
d) contanto que esteja localizada
e) posto que estivesse localizada

170) 0 adjetivo empregado com valor conotativo é:

a) generosas (/ 1)
b) exclusivo (/. 4)
c) bruta (/. 9)
d) intacta (/. 12)
e) azul (/. 16)

171) O adjetivo “badalado” (/. 8):

a) pertence à língua literária e significa **importante.**
b) é linguagem jornalística e significa **comentado.**
c) pertence à língua popular e significa **muito falado.**
d) *é* linguagem científica e significa **movimentado.**
e) pertence à língua coloquial e significa **valiosa.**

TEXTO XXXIII

A vida é difícil para todos nós. Saber disso nos ajuda porque nos poupa da autopiedade. Ter pena de si mesmo é uma viagem que não leva a lugar nenhum. A autopiedade, para ser justificada, nos toma um tempo enorme na construção de argumentos e motivos para nos entristecermos com uma coisa absolutamente natural: nossas dificuldades.

Não vale a pena perder tempo se queixando dos obstáculos que têm de ser superados para sobreviver e para crescer. É melhor ter pena dos outros e tentar ajudar os que estão perto de você e precisam de uma mão amiga, de um sorriso de encorajamento, de um abraço de conforto. Use sempre suas melhores qualidades para resolver problemas, que são: capacidade de amar, de tolerar e de rir.

Muitas pessoas vivem a se queixar de suas condições desfavoráveis, culpando as circunstâncias por suas dificuldades ou fracassos. As pessoas que se dão bem no mundo são aquelas que saem em busca de condições favoráveis e se não as encontram se esforçam por criá-las. Enquanto você acreditar que a vida é um jogo de sorte vai perder sempre. A questão não é receber boas cartas, mas usar bem as que lhe foram dadas.

(Dr. Luiz Alberto Py, in O Dia, 30/4/00)

172) Segundo o texto, evitamos a autopiedade quando:

a) aprendemos a nos comportar em sociedade.
b) nos dispomos a ajudar os outros.
c) passamos a ignorar o sofrimento.
d) percebemos que não somos os únicos a sofrer.
e) buscamos o apoio adequado.

173) Para o autor, o mais importante para a pessoa é:

a) perceber o que ocorre à sua volta.
b) ter pena das pessoas que sofrem.
c) buscar conforto numa filosofia ou religião.
d) esforçar-se para vencer as dificuldades.
e) estar ciente de que, quando menos se espera, surge a dificuldade.

174) A autopiedade, segundo o autor:

a) é uma doença.
b) é problema psicológico.
c) destrói a pessoa.
d) não pode ser evitada.
e) não conduz a nada.

175) A vida é comparada a um jogo em que a pessoa:

a) precisa de sorte.
b) deve saber jogar.
c) fica desorientada,
e) geralmente perde.
e) não pode fazer o que quer.

176) A superação das dificuldades da vida leva:

a) àpaz
b) à felicidade
c) ao equilíbrio
d) ao crescimento
e) à auto-estima

177) Os sentimentos que levam à superação das dificuldade são:

a) fé, tolerância, abnegação
b) amor, desapego, tolerância
c) caridade, sensibilidade, otimismo
d) fé, tolerância, bom humor
e) amor, tolerância, alegria

178) Para o autor:

a) não podemos vencer as dificuldades.
b) só temos dificuldades por causa da nossa imprevidência.
c) não podemos fugir das dificuldades.
d) devemos amar as dificuldades.
e) devemos procurar as dificuldades.

TEXTO XXXIV

ESPERANÇAS

Apesar de 4 bilhões de pessoas viverem na pobreza, entre os seis bilhões de habitantes da Terra, as pessoas simples continuam a acreditar num futuro melhor. Não importa se esse sentimento brota da emoção, da fé ou da esperança.

O importante é ressaltar que a crise de uma concepção científica do mundo abre, agora, a perspectiva de que os caminhos da história não sejam apenas aqueles previstos pelas largas avenidas das ideologias modernas.

Os atalhos são, hoje, as vias principais, como o demonstram o Fórum Social de Porto Alegre e a força das mobilizações contra o atual modelo de globalização. Assim como o aparente perfil caótico da natureza ganha um sentido evolutivo e coerente na esfera biológica, do mesmo modo haveria um nível - que o Evangelho denomina amor - em que as relações humanas tomam a direção da esperança.

É verdade que, com o Muro de Berlim, ruiu quase tudo aquilo que sinalizava um futuro sem opressores e oprimidos. Agora as leis do mercado importam mais do que as leis da ética.

Mas, e a pobreza de 2/3 da humanidade? O que significa falar em liberdades quando não se tem acesso a um prato de comida? Esta é a grande contradição da atual conjuntura: nunca houve tanta liberdade para tantos famintos! Mesmo os povos que no decorrer das últimas décadas não conheceram a pobreza e o desemprego agora se deparam com esses flagelos, como ocorre nos países do leste europeu.

A ironia é que, hoje, aqueles povos são livres para escolher seus governantes, podem circular por suas fronteiras e manifestar suas discordâncias em público. Mas lhes é negado o direito de escolher um sistema social que não assegure a reprodução do capital privado.

(Frei Beto, in O Dia, 19/8/01)

179) O texto pode ser entendido como um manifesto contrário ao:

a) presidencialismo
b) parlamentarismo
c) comunismo
d) socialismo
e) capitalismo

180) “Nunca houve tanta liberdade para tantos famintos.” No trecho destacado, o autor questiona o valor:

a) da globalização
b) da democracia

c) das políticas econômicas
d) das privatizações
e) do governo

181) No texto, só não há correspondência entre:

a) esse sentimento (/. 3) e crença num futuro melhor (/. 2)
b) atalhos (/. 9) e Fórum e força das mobilizações (/. 9)
c) aparente perfil caótico (/. 11) e sentido evolutivo (/. 12)
d) Muro de Berlim (/. 15) e opressores e oprimidos (/. 16)
e) seus governantes (/. 25) e lhes (/. 26)

182) Segundo o autor, os povos do antigo bloco comunista do leste europeu:

a) continuam sem liberdade de expressão.
b) hoje são mais felizes porque são livres.
c) são irônicos, apesar de livres.
d) não são totalmente livres.
e) sofrem com a ironia do governo.

183) O sinônimo adequado para "ressaltar" (/. 5) é:

a) demonstrar
b) dizer
c) destacar
d) apontar
e) afirmar

184) O grande paradoxo do mundo atual seria:

a) simplicidade - esperança
b) concepção científica - fé
c) liberdade - fome
d) esfera biológica - amor
e) sistema social - capital privado

185) "É verdade que, com o Muro de Berlim, ruiu quase tudo aquilo que sinalizava um futuro sem opressores e oprimidos." Só não há paráfrase do trecho destacado acima em:

a) Com o Muro de Berlim, certamente, caiu tudo que apontava para um futuro sem opressores e oprimidos.
b) É certo que vieram abaixo, com o Muro de Berlim, todas as coisas que sinalizavam um futuro sem opressores e oprimidos.
c) Com a queda do Muro de Berlim, na verdade, veio abaixo tudo aquilo que apontava para um futuro sem opressores e oprimidos.

d) É verdade que, por causa do Muro de Berlim, veio abaixo tudo que sinalizava um futuro sem opressores e oprimidos.
e) Ruiu, certamente, com o Muro de Berlim, tudo aquilo que sinalizava um porvir sem opressores e sem oprimidos.

TEXTO XXXV

O solvente, segundo a onda terrorista espalhada no país, é uma espécie de veneno químico que inescrupulosos donos de postos e distribuidoras mal-intencionadas deram de adicionar à gasolina. Com isso, esses bandidos estariam lesando os concorrentes (porque pagam barato pelos adulterantes), os cofres públicos (porque os impostos significam 70% do custo da gasolina; mas são baixos quando aplicados diretamente sobre os solventes) e o consumidor, já que os produtos estranhos teriam uma atuação demoníaca na saúde do motor e dos componentes do carro, roendo mangueiras e detonando – no pior dos sentidos – o sistema de combustão. Pior: quando adicionado por especialistas, o solvente quase não deixa pistas. É indetectível em testes simples e imperceptível durante o funcionamento do veículo.

Para cercar esse inimigo, QUATRO RODAS recorreu ao Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo, o insuspeito IPT. Na tentativa de flagrar postos que estivessem misturando substâncias estranhas à gasolina, repórteres coletaram amostras de combustível Brasil afora, para submetê-las à cromatografia, um método capaz de revelar cada componente de uma amostra, bem como a quantidade de cada elemento na mistura. No primeiro lote, de doze amostras reunidas numa viagem entre Buenos Aires e São Paulo, uma revelação esperada: segundo o laudo do IPT, quatro delas estavam adulteradas pela presença de solventes em proporções acima das encontradas na gasolina de referência da refinaria Replan, de Paulínia, a 117 quilômetros da capital paulista.

(D. Schelp e L. Martins, na Quatro Rodas, março/00)

186) Segundo o texto:

a) a gasolina brasileira é sempre adulterada nos postos de gasolina.
b) a gasolina argentina é superior à brasileira.
c) os donos de postos de gasolina e, principalmente, distribuidoras mal-intencionadas têm adicionado solventes à gasolina.
d) a situação é mais grave se o solvente é adicionado sob a orientação de pessoas que detenham uma técnica apurada.
e) a situação é tão grave que nem a cromatografia tem sido capaz de mostrar a adulteração da gasolina.

187) Depreende-se do texto que o IPT:

a) não tem estrutura para resolver o problema.
b) deveria usar a cromatografia.
c) dispõe de repórteres capazes de fazer a coleta de gasolina.
d) examina as amostras coletadas em postos de gasolina.
e) fica situado a 117 quilômetros da cidade de São Paulo.

188) A revista recorreu ao IPT porque:

a) ele é um instituto insuspeito.
b) ele fica em São Paulo, ponto final da viagem dos repórteres.
c) a gasolina de referência é a da Replan.
d) os cofres públicos estão sendo lesados.
e) testes simples não podem resolver o problema.

189) A alternativa em que se substituem, sem alteração de sentido, os elementos conectores “segundo” (/. 1), “com isso” (/. 3), “já que” (/. 7) e”para”(/. 13) é:

a) conforme, apesar disso, porque, a fim de
b) consoante, dessa forma, uma vez que, a fim de
c) consoante, assim, uma vez que, por
d) não obstante, dessa forma, porquanto, a fim de
e) conforme, aliás, uma vez que, por

190) Segundo o texto:

a) a gasolina não pode ter nenhum tipo de solvente.
b) há mais gasolina adulterada no Brasil, na faixa entre Buenos Aires e São Paulo.
c) por detonar o sistema de combustão, os bandidos lesam os concorrentes, os cofres públicos e o consumidor.
d) o IPT não seria o instituto adequado para fazer a avaliação da gasolina, por ser insuspeito.
e) o resultado da pesquisa encaminhada ao IPT não causou estranheza aos elementos envolvidos.

191) Com base nas idéias contidas no texto, pode-se afirmar que:

a) solvente é sempre veneno químico.
b) terroristas estão adulterando a gasolina.
c) donos de postos de gasolina são inescrupulosos.
d) os solventes adicionados à gasolina são baratos, por isso os bandidos levam vantagem sobre os concorrentes.
e) durante a viagem entre Buenos Aires e São Paulo, os repórteres desconfiaram da presença de gasolina adulterada em seu carro.

192) “...deram de adicionar à gasolina.” (/. 3) Por “deram de”, entende-se:

a) começaram a
b) acostumaram-se a
c) insistem em
d) precisam
e) desejavam

193) De acordo com o texto, a gasolina ideal:

a) leva poucos solventes.
b) não leva solventes.
c) é a da Replan.
d) não rói mangueira.
e) é a mais barata.

TEXTO XXXVI

OS UMBRAIS DA CAVERNA

RIO DE JANEIRO - Não sei por que(*), mas associei duas declarações da semana passada, feitas no mesmo dia, mas separadas por espaço e objetivo.

No Brasil, o presidente da República declarou que “já vamos transpor os umbrais do atraso”. No Afeganistão, um tal de Abdul Rahman, ministro do novo governo que ali se instalou, acredita que o país será invadido por turistas de todo o mundo interessados em conhecer Tora Bora e Candahar.

Louve-se o otimismo de um e de outro. Sempre ouvi dizer que o otimista é um cara mal-informado. As duas declarações, juntas ou separadas, são uma prova. Os umbrais do atraso que FHC anuncia transpor e os encantos turísticos do Afeganistão são boas intenções ainda distantes da realidade. Certo que não faltam progressos em nossa vida como nação e povo, mas o quadro geral ainda é lastimável, sobretudo pela existência de dois cenários contraditórios - um cada vez mais rico e outro cada vez mais miserável.

Os umbrais que separam a riqueza da miséria não serão transpostos com as prioridades que sete anos de tucanato estabeleceram para o país. Quando Maria Antonieta perguntou por que o povo não comia bolos à falta de pão, também pensava que a monarquia havia transposto os umbrais do atraso.

Quanto ao interesse de as cavernas de Tora Bora provocarem uma invasão de turistas, acho discutível esse tipo de atração. Reconheço que há exageros na massificação do turismo internacional, mas não a esse ponto.

Em todo o caso, não custa abrir um crédito de esperança para as burras do erário afegão. Se o ministro Abdul Rahman contratar um dos nossos marqueteiros profissionais, desses que prometem eleger um poste para a Presidência da República, é possível que muita gente vá conhecer as cavernas onde ainda não encontraram Osama bin Laden.

(Carlos Heitor Cony, na Folha de São Paulo, 13/1/02)

*A palavra aparece assim na edição eletrônica da Folha. No entanto, deve ser acentuada (quê).

194) O autor não acredita:

a) na boa intenção do presidente da República.
b) que o Afeganistão será invadido por turistas de todo o mundo.
c) que o ministro afegão seja otimista.
d) que o otimista é um cara mal-informado.
e) em semelhanças entre as declarações de FHC e Abdul Rahman.

195) Maria Antonieta é comparada a:

a) Abdul Rahman
b) turistas de todo o mundo
c) Tora Bora
d) FHC
e) um cara mal-informado

196) "...não custa abrir um crédito de esperança para as burras do erário afegão." Neste trecho, "as burras do erário afegão" significam:

a) as pessoas ignorantes do Afeganistão
b) os animais de carga do Afeganistão
c) os cofres do tesouro do Afeganistão
d) o dinheiro da iniciativa privada do Afeganistão
e) o dinheiro de empresas falidas do Afeganistão, confiscado pelo novo governo

197) Ao definir o otimista, o autor valeu-se de uma linguagem:

a) hermética
b) culta
c) chula
d) coloquial
e) ofensiva

198) Para o autor, tanto FHC como Abdul Rahman:

a) estão descontentes com a situação em seus países.
b) têm ampla visão social.
c) são demagogos.
d) não têm preparo para ocupar seus cargos.
e) são mal-informados.

199) Se levarmos em conta a afirmação de FHC, teremos de concluir que o Brasil:

a) não é mais um país atrasado.
b) continuará a ser um país atrasado.
c) levará muitos anos para se desenvolver.
d) em pouco tempo deixará de ser um país atrasado.
e) tem condições de ser um país adiantado.

200) No último parágrafo do texto, o autor utiliza uma linguagem:

a) metafórica
b) hiperbólica
c) irônica

d) leviana
e) pessimista

201) Para o autor, as declarações de FHC e do ministro só não têm em comum o fato de:

a) serem equivocadas.
b) partirem de pessoas otimistas.
c) serem despropositadas.
d) serem bem-intencionadas.
e) supervalorizarem a capacidade turística de seus países.

TEXTO XXXVII

TOLERÂNCIA

Quando o mundo se torna violento, buscamos uma explicação em que a compreensão se expresse em atos e palavras. Mas como explicar a tortura, o assassinato, a censura, o imperialismo ou o terrorismo, ferramentas favoritas dos repressores que querem evitar qualquer opinião divergente?

Histórias recentes da América Latina, da Europa e do Oriente Médio comprovam tais fatos: é o caso de Cuba de Castro, do Peru de Fujimori e dos radicalismos políticos, de triste memória, da Argentina e do Brasil; é a incompreensão de protestantes e católicos, na Irlanda; é a questão entre judeus e palestinos, que faz sangrar a Terra Santa. O fanatismo defensor de uma verdade aceita como única não é patrimônio exclusivo das ditaduras. Hoje os fundamentalismos religiosos, misturados a frustrações econômicas e sociais, são a expressão patológica de uma quebra de equilíbrio do universo. Como, então, enfrentá-los?

Não há melhor antídoto contra a conduta intolerante que a liberdade, conseqüência da pluralidade, que consiste em defender idéias próprias, mas aceitando que o outro possa ter razão. Precisamos reconhecer velhas verdades: a violência gera violência; todo poder é abusivo; o fanatismo é inimigo da razão; todas as vidas são preciosas; a guerra jamais é gloriosa, exceto para os vencedores que crêem que Deus está ao lado dos grandes exércitos.

A solidariedade e a tolerância democrática, inexistentes no nosso tempo, implicam uma revolução em nossas mentalidades e na aceitação do que percebemos como diferentes, para se configurar uma sociedade multicultural. Esses são os desafios éticos que deveríamos enfrentar, sem a arrogância dos países desenvolvidos e sem a marginalização dos subdesenvolvidos, afundados na miséria e na fome.

(Carlos Alberto Rabaça, em O Dia, 21 /11 / 01)

202) Para o autor, o maior problema do mundo atual é:

a) o fanatismo religioso
b) as ditaduras
c) a intolerância
d) a violência
e) a miséria

203) O autor faz alusão a problemas específicos de vários países. Aquele cujo problema é diferente do dos demais é:

a) Brasil

b) Irlanda
c) Argentina
d) Cuba
e) Peru

204) Com base nas idéias contidas no texto, pode-se afirmar que:

a) só as ditaduras aceitam uma verdade tida como única.
b) o fundamentalismo religioso não colabora com a queda do equilíbrio universal.
c) nada pode combater a intolerância de nossos dias.
d) tudo pode ser explicado, inclusive a intolerância.
e) o mundo atual não tem solidariedade e tolerância democrática.

205) Em sua função anafórica, o pronome relativo "que" (/. 16) refere-se no texto a:

a) antídoto
b) pluralidade
c) idéias
d) conduta
e) liberdade

206) Não são elementos antagônicos:

a) Brasil / Argentina
b) protestantes / católicos
c) judeus / palestinos
d) arrogância / marginalização
e) conduta intolerante / liberdade

207) "Expressão patológica" *(l.* 13) é expressão:

a) deturpada
b) exagerada
c) cotidiana
d) mórbida
e) sombria

208) Segundo o texto, ser livre é:

a) fazer o que se quer.
b) valorizar as suas idéias, em detrimento das dos outros.
c) ter suas idéias e admitir as dos outros.
d) viver intensamente.
e) não se preocupar com a intolerância do mundo.

TEXTO XXXVIII

QUENTE E FRIO

Me dizem que, de acordo com uma convenção internacional, a torneira de um lado é sempre a da água quente e a do outro, logicamente, a da água fria. Mas nunca me lembro quais são os lados. Não usam mais os velhos Q e F, imagino, para não descriminar* os analfabetos, nem as cores vermelho para quente e azul para fria, para não descriminar* os daltônicos. Mas e nós, os patetas? Também precisamos tomar banho.

Nunca nos lembramos de que lado é o quente e de que lado é o frio e estamos condenados a sustos constantes ou então a demorada experimentação até acertar a temperatura da água. Isso quando os controles não estão concentrados numa única supertorneira de múltiplas funções, na qual você pode escolher volume e temperatura numa combinação de movimentos sincronizados depois de completar um curso de aprendizagem do qual também sairá capacitado a pilotar um Boeing.

A verdade é que existe uma conspiração para afastar do mundo do consumo moderno as pessoas, digamos, neuronicamente prejudicadas. Em alguns casos a depuração foi longe demais e o resultado é que hoje existem, comprovadamente, apenas dezessete pessoas em todo o mundo que sabem programar o *timer* para gravação num videocassete. Destas, quinze só revelam o que sabem por muito dinheiro, uma está muito doente e a outra se retirou para o Tibete e não quer ser incomodada. Na maioria dos casos, no entanto, as instruções para uso são dirigidas a pessoas normais, com um mínimo de acuidade e bom senso - quer dizer, são contra nós! Mas eu já me resignara a não saber programar o *timer,* ou sequer saber o que era um *timer,* ou jamais usar a tecla Num Lock com medo de trancar todos os computadores num raio de um quilômetro, desde que me sentisse confortável no mundo que eu dominava. Como, por exemplo, no chuveiro. E enta'o a modernidade chegou às torneiras, e quente e frio também se transformaram em desafios intelectuais. Quente é a da esquerda e fria é a da direita, é isso?

Ou é o contrário? É uma conspiração.

(Luís F. Veríssimo, em O Globo, 13/1/02)

* Escrita assim na página eletrônica consultada. O perfeito é **discriminar.**

209) O texto nos fala:

a) da inépcia de todos os analfabetos
b) do problema dos daltônicos
c) da dificuldade em se decidir entre água fria e água quente
d) da dificuldade trazida pela modernidade

e) do caráter obsoleto de determinados aparelhos domésticos

210) O tom predominante no texto *é* de:

a) perplexidade
b) humorismo
c) decepção
d) realismo
e) determinismo

211) O texto é formado a partir de hipérboles. Assinale o trecho que não denota nenhum tipo de exagero.

a) “Nunca nos lembramos de que lado é o quente e de que lado é o frio...” (/. 7)
b) “...do qual também sairá capacitado a pilotar um Boeing.” (/. 13)
c) “...existem, comprovadamente, apenas dezessete pessoas em todo o mundo...” (/. 17/18)
d) “Mas eu já me resignara a não saber programar o *timer...”* (/. 23/24)
e) “É uma conspiração.” (/. 30)

212) Pelo visto, a supertorneira:

a) simplifica as coisas.
b) agrada a todos.
c) é mais um elemento complicador.
d) não apresenta grandes utilidades.
e) é uma peça totalmente inútil.

213) Embora brincando, o autor se inclui entre:

a) os analfabetos
b) os daltônicos
c) as pessoas neuronicamente prejudicadas
d) as pessoas normais
e) as que só revelam o que sabem por muito dinheiro

214) Para o autor, não se usam mais Q e F ou o vermelho e o azul para evitar:

a) que as pessoas tenham muitas coisas para decorar.
b) o crescimento do número de patetas.
c) que as pessoas neuronicamente prejudicadas fiquem sem entender o funcionamento das torneiras.
d) a marginalização de determinados indivíduos.
e) que as pessoas normais se sintam discriminadas.

215) O texto fala da dificuldade do autor no dia-a-dia. Assinale o que não se enquadra nesse caso.

a) o quente e o frio da torneira

b) o uso da supertorneira
c) dirigir um Boeing
d) o *timer* do videocassete
e) a tecla Num Lock

216) Na realidade, o problema do autor seria a falta de:

a) inteligência
b) paciência
c) humildade
d) concentração
e) memória

217) Que palavra pode substituir "acuidade" *(l.* 22) sem prejuízo do sentido original do texto?

a) originalidade
b) perspicácia
c) inteligência
d) vontade
e) persistência

218) Antes do desafio intelectual das novas torneiras, o autor se sentia:

a) tranqüilo
b) esperançoso
c) desanimado
d) um pateta
e) inseguro

219) O eufemismo é a figura que consiste em suavizar uma idéia desagradável. Assinale o trecho em que isso ocorre.

a) "Não usam mais os velhos Q e F..." (/. 3/4)
b) "Mas e nós, os patetas?" (/. 6)
c) "Também precisamos tomar banho." (/. 6)
d) "...as pessoas, digamos, neuronicamente prejudicadas." (/. 15/16)
e) "E então a modernidade chegou às torneiras..." (/. 27/28)

TEXTO XXXIX

COMO NASCEM, VIVEM E MORREM AS ESTRELAS?

A existência de um astro, que dura de 100 milhões a 1 trilhão de anos, passa por três fases: nascimento, meia-idade e maturidade.

“Todas as estrelas nascem da mesma forma: pela união de gases”, diz o astrônomo Roberto Boczko, da Universidade de São Paulo (USP). Partículas de gás (geralmente hidrogênio) soltas no Universo vão se concentrando devido às forças gravitacionais que puxam umas contra as outras.

Formam, assim, uma gigantesca nuvem de gás que se transforma em estrela - isto é, um corpo celeste que emite luz.

A gravidade espreme essa massa gasosa a tal ponto que funde os átomos em seu interior. Essa fusão é uma reação atômica que transforma hidrogênio em hélio, gerando grande quantidade de calor e de luz. Um exemplo de estrela jovem são as Pleiades, na Via Láctea, resultado de fusões que começaram há poucos milhões de anos.

Durante a meia-idade - cerca de 90% da sua existência -, a estrela permanece em estado de equilíbrio. Seu brilho e tamanho variam pouco, ocorrendo apenas uma ligeira contração. É o caso do Sol, que, com 4,5 bilhões de anos, se encontra nessa fase intermediária de sua existência, sofrendo mínima condensação.

Quando a maior parte do hidrogênio que a compõe se esgota, a estrela entra na maturidade - este sim, um período de drásticas transformações. Praticamente todo o hidrogênio do núcleo já se converteu em hélio. Com isso, diminui a fusão entre as moléculas de gás e começa um período de contração e aquecimento violentos no corpo celeste. A quantidade de calor e luz gerados é tão grande que o movimento se inverte: o astro passa a se expandir rapidamente. Seu raio chega a aumentar 50 vezes e o calor se dilui. A estrela vira uma gigante vermelha. Um exemplo é Antares, na constelação de Escorpião - uma amostra de como ficará o Sol daqui a 4,5 bilhões de anos, engolindo todo o Sistema Solar.

Já na maturidade, a falta de hidrogênio torna-se crítica. Apesar da rápida expansão, a fusão entre os gases diminui continuamente: o astro caminha para o seu fim. O modo como ele morrerá depende da sua massa.

Se ela for até duas vezes a do Sol, sua contração transformará o corpo celeste em um pequeno astro moribundo, cuja gravidade já não consegue segurar os gases da periferia. Mas se a massa for de duas a três vezes a do Sol, a contração final será muito forte, criando um corpo celeste extremamente denso chamado pulsar, ou estrela de neutrons. Quando a massa é maior, a condensação final é mais violenta ainda e o núcleo do antigo astro vira um buraco negro - sua densidade é tão alta que ele não deixa nem a luz escapar. Simultaneamente, os gases da camada mais periférica dessa estrela se transformam em uma supernova - massa de gás que brilha por pouco tempo até sumir de uma vez por todas.

(Superinteressante, agosto de 2001)

220) A ciência de que trata o texto se chama:

a) Biotecnia
b) Exobiologia
c) Astronomia
d) Astrologia
e) Ufologia

221) Segundo o texto:

a) nem todos os astros morrem.
b) as Pleiades são estrelas na fase da maturidade.
c) as estrelas nem sempre possuem luz própria.
d) o Sol ainda não entrou na fase da maturidade.
e) os astros têm um mesmo tipo de nascimento e morte.

222) "A gravidade espreme essa massa gasosa a tal ponto que funde os átomos em seu interior." Se começarmos o período acima por "A gravidade funde os átomos em seu interior", o elemento conector que deverá ser usado para que se mantenha a coesão textual e o sentido original é:

a) se bem que
b) contudo
c) porque
d) caso
e) a fim de que

223) Só não diz respeito à maturidade de uma estrela:

a) fase de grandes transformações
b) expansão rápida
c) conversão de hidrogênio em hélio
d) escassez de hidrogênio
e) aumento contínuo de calor, até a morte

224) Sobre Antares, com base no texto, não se pode afirmar:

a) é estrela na fase da maturidade.
b) situa-se na constelação de Escorpião.
c) é uma estrela vermelha.
d) Seu raio aumentou muito.
e) não pertence à Via Láctea.

225) Sobre o pulsar, podemos inferir que:

a) é um tipo de estrela de meia-idade.
b) é um astro que surge com a morte de uma estrela.

c) é o mesmo que buraco negro.
d) é um astro de massa semelhante à do Sol.
e) os gases de sua camada periférica transformam-se em uma supernova.

226) Com base nas idéias contidas no texto, só não se pode dizer que:

a) o tempo de vida dos astros é bastante variado.
b) toda estrela tem origem numa nuvem de gás.
c) a maior parte da vida de um astro é a meia-idade.
d) As Pleiades, o Sol e Antares têm em comum apenas o fato de serem estrelas.
e) uma estrela de neutrons é tão densa quanto um buraco negro.

227) Os dois pontos que aparecem depois de "continuamente" (/. 30) podem ser substituídos, sem alteração de sentido, por:

a) porque
b) e
c) mas
d) ou
e) à medida que

TEXTO XL

GRITOS DE INDEPENDÊNCIA

Comemora-se a independência do Brasil. Consta que não houve sangue, apenas o grito do Ipiranga, que marcou a ruptura com a tutela portuguesa, mantendo no poder o português D. Pedro I, que se proclamou imperador do Brasil, mas terminou seus dias como duque de Bragança e figura, na relação dinástica, como o 28° rei de Portugal. Como se vê, na passarela da história, o samba não é o do crioulo doido.

Entre o fato e a versão do fato, a história oficial tende à segunda. Ainda hoje se discute se o grito decorreu do sonho de uma pátria independente ou da ambição de um império tropical. Ficou o grito parado no ar, expresso nos rostos contorcidos das figuras de Portinari, no romanceiro de Cecília Meireles, na poesia agônica de Chico Burque, no coração desolado das mães brasileiras que enterram, por ano, cerca de 300 mil recém-nascidos, precocemente tragados pelos recursos que faltam à área social. O número só não é maior graças ao voluntariado da Pastoral da Criança, monitorada pela doutora Zilda Arns.

O Brasil, pátria vegetal, ostenta o semblante de uma cordialidade renegada por sua história. Sob o grito da independência ressoam os dos índios trucidados pela empresa colonizadora, agora restaurada pela assepsia étnica proposta pelos integracionistas que julgam as reservas indígenas privilégio nababesco. Ecoam também os gritos das vítimas indefesas de entradas e bandeiras, Fernão Dias sacrificando o próprio filho em troca de um punhado de pedras preciosas, bandeirantes travestidos de heróis da pátria pelo relato histórico dos brancos, versão barroca do esquadrão da morte rural, diriam os índios se figurassem como autores em nossa historiografia.

Abafam-se, em vão, os gritos arrancados à chibata dos negros arrastados de além-mar, sem contar as revoltas populares que minam o mito de uma pacífica abnegação que só existe no ufanismo de uma elite que se perfuma quando vai à caça.

Pátria armada de preconceitos arraigados, casa-grande que traça os limites intransponíveis da senzala, na pendular política de períodos autoritários alternados com períodos de democracia tutelar, já que, neste país, a coisa pública é negócio privado. índios, negros, mulheres, lavradores e operários não merecem a cidadania, reza a prática daqueles que sequer se envergonham de serem compatriotas de 50 milhões de pessoas que não dispõem de R$ 80 mensais para adquirir a cesta básica.

À galera, as tripas, marca indelével em nossa culinária, como a feijoada. Privatizam-se empresas e sonhos, valores e sentimentos, convocando intelectuais de aparência progressista para dar um toque de modernidade aos velhos e permanentes projetos da oligarquia. Vale tudo frente ao horror de um Brasil sujeito a reformas estruturais. Os que querem governar a sociedade não suportam os que querem governar com a sociedade.

Destroçada e endividada, a pátria navega a reboque do receituário neoliberal, que dilata a favelização, o desemprego, o poder paralelo do narcotráfico, a concentração de renda. Se o salário não paga a dívida, a vida parece não valer um salário. No Brasil, os hospitais estão : doentes, a saúde encontra-se em estado terminal, a escola gazeteia, o sistema previdenciário associa-se ao funerário e a esperança se reduz a um novo par de tênis, um emprego qualquer, alçar a fantasia pelo consolo eletrônico das telenovelas.

Amanhecia em Copacabana quando Antônio Maria gritou: “Não sei por onde vou, mas sei que não vou por aí”. Não vou pelas receitas monetaristas que salvam o Tesouro oficial e apressam a morte dos pobres.

Vou com aqueles que sempre denunciam a injustiça, testemunham a ética na política, agem com escrúpulos, defendem os direitos indígenas, repudiam todas as formas de preconceitos, promovem campanhas de combate à fome, administram recursos públicos com probidade e lutam por uma nova política econômica. Vou com aqueles que, esta semana, estarão mobilizados no Grito dos Excluídos, promovido pela CNBB, em parceria com entidades e movimentos populares. Nenhum país será independente se, primeiro, não o forem aqueles que o governam.

(Frei Beto, no Jornal do Brasil, 3/9/01)

228) Os sentimentos que melhor caracterizam o estado de espírito do autor são:

a) ódio e desequilíbrio
b) medo e pessimismo
c) insegurança e descontrole
d) revolta e angústia
e) apatia e resignação

229) Para o autor, a história do Brasil é apresentada aos brasileiros:

a) de forma realista
b) com poucos detalhes
c) com preconceito
d) cortada
e) mascarada

230) O trecho que justifica a resposta ao item anterior é:

a) “Comemora-se a independência do Brasil.”
b) “À galera, as tripas, marca indelével em nossa culinária, como a feijoada.”
c) “índios, negros, mulheres, lavradores e operários não merecem a cidadania...”

d) “Entre o fato e a versão do fato, a história oficial tende à segunda.”
e) “O número só não é maior graças ao voluntariado da Pastoral da Criança.”

231) O autor duvida:

a) do futuro do Brasil
b) dos artistas brasileiros
c) da independência do Brasil
d) das revoltas populares
e) de Antônio Maria

232) “Os que querem governar a sociedade não suportam os que querem governar com a sociedade.” Esse trecho sugere a dicotomia:

a) governo militar / governo civil
b) comunismo / capitalismo
c) presidencialismo / parlamentarismo
d) monarquia / república
e) ditadura / democracia

233) A autêntica história brasileira nos diz que o Brasil não é um país:

a) cordial
b) de futuro
c) forte
d) injusto
e) de bons escritores

234) “Não sei por onde vou, mas sei que não vou por aí”. Por esse trecho, pode-se entender:

a) a dúvida de alguém que não sabe que decisão tomar
b) a revolta diante de uma situação aceita por todos i
c) a esperança e a certeza da mudança
d) a não-aceitação do que ocorre no momento
e) o desespero por não poder fazer alguma coisa pelo país

235) “À galera, as tripas, marca indelével em nossa culinária, como a feijoada.” A palavra “indelével”, no trecho acima, significa:

a) que não se pode desejar
b) que não se pode apagar
c) que não se pode aceitar
d) que não se pode explicar
e) que não se pode prever

236) Os maiores problemas do Brasil, na atualidade, são creditados:

a) ao grito de independência
b) ao ufanismo da elite
c) à privatização das empresas
d) ao neoliberalismo
e) ao Tesouro oficial

237) Segundo o autor, os intelectuais de aparência progressista são convocados para:

a) melhorar a imagem do governo no exterior.
b) integrar o Brasil na globalização.
c) desviar a atenção do povo para coisas de somenos importância.
d) levar o povo a se interessar pelos problemas sociais e políticos do país.
e) levar o povo a achar que tudo está bem.

238) A palavra "oligarquia" *(l.* 40) significa governo:

a) de ricos
b) de nobres
c) de poucos
d) de muitos
e) do povo

239) Dentre os problemas do Brasil, o texto não faz menção:

a) à escravidão dos negros
b) à opressão dos índios
c) ao voto-cabresto do Nordeste
d) à discriminação da mulher
e) à fome do povo

240) A palavra que, metaforicamente empregada, melhor exprime a idéia do autor sobre a tirania do governo brasileiro é:

a) casa-grande
b) tripas
c) império
d) tutelar
e) telenovelas

241) Para o autor, o Brasil, na realidade, nunca foi ou teve:

a) monarquia
b) república
c) ditadura
d) capitalismo
e) democracia

242) O último parágrafo do texto difere dos demais pois nele o autor demonstra:

a) alegria por ser brasileiro
b) certeza da transformação próxima
c) convicção de que o governo está melhorando
d) esperança em um país melhor
e) indiferença diante dos problema da atualidade brasileira

PARTE III

INTERPRETAÇÃO II

TEXTO XLI

PERITO CRIMINAL - SSP/MT

TRINTA ANOS DE UMA FRASE INFELIZ

Ele não podia ter arrumado outra frase? Vá lá que haja perpetrado grande feito indo à Lua, embora tal empreendimento soe hoje exótico como uma viagem de Gulliver. Mas Neil Armstrong, o primeiro astronauta a pisar na Lua, precisava ter dito: “Este é um passo pequeno para um homem, mas um salto gigantesco para a humanidade”? Não podia ter se contentado com algo mais natural (“Quanta poeira”, por exemplo), menos pedante (“Quem diria, conseguimos”), mais útil como informação (“Andar aqui é fácil/difícil/gostoso/dói a perna”) ou mais realista (“Estou preocupado com a volta”)?

Não podia. Convencionou-se que eventos solenes pedem frases solenes. Era preciso forjar para a ocasião uma frase “histórica”. Não histórica no sentido de que fica guardada para a posteridade - a posteridade guarda também frases debochadas, como “Se eles não têm pão, comam brioches”. Histórica, no caso, eqüivale à frase edificante. É a história em sua versão, velhusca e fraudulenta, de “Mestra da Vida”, a História rebaixada a ramo da educação moral e cívica. À luz desse entendimento do que é “histórico”, Armstrong escolheu sua frase. Armstrong teve tanto tempo para pensar, no longo período de preparativos, ou outros tiveram tempo de pensar por ele, no caso de a frase lhe ter sido oferecida de bandeja, junto com a roupa e os instrumentos para a missão, e foi sair-se com um exemplar do primeiro gênero. Se era para dizer algo bonito, por que não recitou Shakespeare? Se queria algo inteligente, por que não encomendou a Gore Vidal ou Woody Allen?

(Roberto Pompeu de Toledo. *Veja*, 21/07/99)

243) O tema central do texto é:

a) a indignação pelos poucos dados enviados sobre a aventura da ida do homem à Lua.
b) a narrativa da aventura do primeiro homem a pisar na Lua.
c) a importância do acontecimento do homem ter chegado à Lua.
d) a discordância com respeito à frase escolhida para um momento grandioso.
e) o impacto da frase dita no momento em que o homem pisou na Lua.

244) A propósito do texto, o autor classifica a frase de Armstrong como infeliz, porque,

a) apesar de ter sido edificante, a frase não foi humilde.
b) apesar de ter sido bonita, a frase foi superficial.

c) apesar de ter ficado para a posteridade, a fase foi superficial, pedante, inútil e irreal.
d) apesar de ter sido solene, a frase foi exótica.
e) apesar de ter sido inteligente, a frase não foi edificante.

245) "...embora tal empreendimento soe hoje exótico como uma viagem de Gulliver." O autor do texto expressa:

a) certa decepção, com o passar dos anos, quanto à ida do homem à Lua.
b) a importância capital que teve o evento para a humanidade.
c) o encantamento com que a ida do homem à Lua é vista até hoje.
d) a necessidade de que o homem volte à Lua.
e) certa incredulidade quanto à ida do homem à Lua.

246) Para Roberto Pompeu de Toledo, a frase em apreço deveu-se ao fato de que:

a) o astronauta recebeu a frase já pronta, junto com a roupa e os instrumentos para a missão.
b) Armstrong não teve tempo para pensar em algo melhor.
c) Armstrong foi motivado pela convenção de que eventos solenes pedem frases solenes.
d) Armstrong quis ser original, não copiando Shakespeare, Gore Vidal e Woody Allen.
e) o astronauta não acreditou no êxito da missão.

247) Na opinião do autor do ensaio,

a) só frases edificantes são históricas.
b) a frase de Armstrong revela uma visão ultrapassada da História.
c) só frases bonitas ou inteligentes são históricas.
d) eventos solenes pedem" frases solenes.
e) a frase de Armstrong foi rapidamente esquecida.

248) A figura de linguagem encontrada na fase "Com muito suor o funcionário conseguiu a promoção" é:*

a) catacrese
b) prosopopéia
c) sinestesia
d) metonímia
e) metáfora
Esta questão da prova não tem base no texto.

TEXTO XLII

ANALISTA JUDICIÁRIO - TRT 17a REGIÃO
DA INFLUÊNCIA DOS ESPELHOS

Tu lembras daqueles grandes espelhos côncavos ou convexos que em certos estabelecimentos os proprietários colocavam à entrada para atrair os fregueses, achatando-os, alongando-os, deformando-os nas mais estranhas configurações?

Nós, as crianças de então, achávamos uma bruta graça, por saber que era tudo ilusão, embora talvez nem conhecêssemos o sentido da palavra “ilusão”.

Não, nós bem sabíamos que não éramos aquilo!

Depois, ao crescer, descobrimos que, para os outros, não éramos precisamente isto que somos, mas aquilo que os outros vêem.

Cuidado, incauto leitor! Há casos, na vida, em que alguns acabam adaptando-se a essas imagens enganosas, despersonalizandose num segundo “eu”.

Que pode uma alma, ainda por cima invisível, contra o testemunho de milhares de espelhos?

Eis aqui um grave assunto para um conto, uma novela, um romance, ou uma tese de mestrado em Psicologia.

(Mário Quintana, **Na volta da esquina.** Porto Alegre, Globo, 1979, p. 79)

249) Nesta crônica, Mário Quintana

a) vale-se de um incidente de seu tempo de criança, para mostrar a importância que tem a imaginação infantil.
b) alude às propriedades ilusórias dos espelhos, para mostrar que as crianças sentiam-se inteiramente capturadas por eles.
c) lembra-se das velhas táticas dos comerciantes, para concluir que aqueles tempos eram bem mais ingênuos que os de hoje.
d) alude a um antigo chamariz publicitário, para refletir sobre a personalidade profunda e sua imagem exterior.
e) vale-se de um fato curioso que observava quando criança, para defender a tese de que o mundo já foi mais alegre e poético.

250) Considere as seguintes afirmações:

I. O autor mostra que, quando criança, não imaginava a força que pode ter a imagem que os outros fazem de nós.

II. As crianças deixavam-se cativar pela magia dos espelhos, chegando mesmo a confundir as imagens com a realidade.

III. O autor sustenta a idéia de que as crianças são menos convictas da própria identidade do que os adultos.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em:

a) I, II e III
b) III, apenas
c) II e III, apenas
d) I e II, apenas
e) I, apenas

251) Está INCORRETO o seguinte comentário acerca do emprego de termos ou expressões do texto:

a) A expressão “Há casos, na vida” indica que o autor está interessado em generalizar e absolutizar a verdade da tese que acaba de expor.
b) Na frase “Nós bem sabíamos que não éramos aquilo”, o termo sublinhado acentua bem a distância e a superioridade com que as crianças avaliavam suas imagens deformadas.
c) Na frase “Não éramos precisamente isto que somos, mas aquilo que os outros vêem”, os pronomes sublinhados reforçam a oposição entre *somos* e *vêem.*
d) Ao afirmar que algumas pessoas despersonalizam-se “num segundo ’eu’”, o autor deixa implícito que todos temos um “eu” original e autêntico.
e) No penúltimo parágrafo, “uma alma invisível” e “testemunho de milhares de espelhos” representam, respectivamente, a personalidade verdadeira e suas imagens enganosas.

252) Na interrogação “Que pode uma alma, ainda por cima invisível, contra o testemunho de milhares de espelhos?” há a admissão de que

a) só a força do olhar e do interesse alheio capta as verdades de nossa alma.
b) a verdade essencial da alma não tem como se opor às imagens que lhe atribuem.
c) o essencial da alma só é reconhecível na soma de suas múltiplas imagens.
d) a fragilidade da alma só é superada quando adquire a consistência de uma imagem.
e) a legitimidade do nosso modo de ser depende inteiramente do reconhecimento alheio.

253) Segundo Mário Quintana, a despersonalização num segundo “eu”

a) é a causa, e as “imagens enganosas” são a sua conseqüência.
b) e a adaptação às imagens enganosas são fatos paralelos e independentes.
c) é uma conseqüência, cuja causa é a adaptação às imagens enganosas
d) é uma conseqüência, cuja causa é a invisibilidade da alma.
e) é a causa, cuja conseqüência é a invisibilidade da alma.

254) No segundo parágrafo do texto, a oração “por saber” exprime uma

a) causa
b) finalidade
c) condição
d) advertência
e) alternativa ,

TEXTO XLIII

AUXILIAR EM PROPRIEDADE INDUSTRIAL DO INPI

O PORCO VOADOR

FILADÉLFIA - Há coisas que só acontecem nos Estados Unidos. A Federal Aviation Administration, FAA, investiga como um porco - isso mesmo, um porco - de 135 kg conseguiu embarcar na primeira classe de um Boeing 757. E mais, nele viajou por seis horas. Segundo os relatos, o animal foi embarcado no dia 17 de outubro no vôo 107 sem escalas da companhia USAirways que saiu de Filadélfia para Seattle. A bordo, além do suíno, suas duas proprietárias e outros 198 “humanos”. O vôo, noturno, transcorreu tranqüilo durante o percurso, com a maioria dos passageiros dormindo. A paz acabou no pouso em Seattle. A FAA afirma que a confusão começou quando o Boeing 757 já taxiava na pista. Neste momento, o porco, estressado mesmo sem ter viajado na classe econômica, ficou descontrolado e começou a correr pelos corredores.

Perseguido pela tripulação, defecou em vários pontos, tentou invadir a cabine de comando e acabou escondendo-se na cozinha, onde foi cercado.

O encrenqueiro foi expulso - por um elevador de carga - pelas donas. De acordo com um jornal de Filadélfia, o porco embarcou no avião normalmente. Pelas escadas. Descrito como um animal de serviço – tipo guia de cegos - com peso declarado de apenas 5,8 kg, teve até direito a bilhete próprio adquirido no balcão. As aeromoças teriam tentado prendê-lo num compartimento na traseira, mas estava bloqueado. Instalaram o porco, então, entre as poltronas 1A e 1C da primeira classe. “Estamos investigando todos os aspectos, de segurança e sanitários, deste fato.

Temos que ver que política é essa da companhia”, afirma o porta-voz da FAA, Jim Peters. Todos os tripulantes estão sendo interrogados. A USAirways permite que gatos, aves e pequenos cães viajem com os passageiros, desde que em contêineres. Só abre exceção para “animais de serviço”, como o porco foi descrito. “Isto não acontecerá de novo”, garante um representante da empresa.

(JB, 1/11/00)

255) “Há coisas que só acontecem nos Estados Unidos.”; essa afirmação inicial prepara o leitor para algo:

a) humorístico
b) trágico
c) surpreendente
d) convencional
e) aterrorizante

256) “A Federal Aviation Administration, FAA, investiga como um porco isso mesmo, um porco - de 135 kg...”; o segmento *isso mesmo, um porco é* justificado porque:

a) o fato aludido provoca certa estranheza no leitor.
b) o peso do porco é digno de admiração.
c) a confirmação do fato pelo jornalista é indispensável.
d) a FAA só cuida de passageiros “humanos”.
e) é interessante causar surpresa no leitor.

257) “...como um porco [...] de 135 kg conseguiu embarcar na primeira classe de um Boeing 757”; a forma como foi escrito este segmento produz maior impacto no leitor porque:

a) atribui a iniciativa do embarque ao porco.
b) mostra a sofisticação tecnológica do avião.
c) indica a primeira classe como a destinada aos animais.
d) assinala a desproporção entre peso/tamanho do porco.
e) registra um fato incomum como normal.

258) *Embarcar,* na sua origem, era empregado com referência a *barco*, mas no texto aparece com referência a avião; o item abaixo em que a palavra sublinhada também mostra desvio do sentido original é:

a) O avião vai decolar com o porco a bordo.
b) O porco chegou a enterrar as patas na comida.
c) Os passageiros “humanos” estranharam o fato.
d) A poltrona ficou estragada por causa do peso do porco.
e) A investigação do incidente vai demorar.

259) Na seqüência de frases de um texto há elementos que se referem a outros elementos anteriores; o vocábulo que, ao contrário dos demais, se refere a elementos posteriores, é:

a) encrenqueiro (/.15)
b) suíno (/.07)
c) FAA (/.9)
d) coisas (/.01)
e) vôo (/.07)

260) “Segundo os relatos...”; o elemento sublinhado é semanticamente equivalente a:

a) após
b) em segundo lugar
c) conforme
d) a posteriori

e) embora

261) Um vôo “sem escalas” significa:

a) sem destino certo
b) fretado especialmente
c) sem horário fixo
d) com poucos passageiros
e) sem paradas intermediárias

262) Num momento do texto o vocábulo *suíno* (geral) substitui *porco* (específico); entre as substituições abaixo, aquela que apresenta estrutura diferente é:

a) Boeing 757 - avião
b) poltrona - assento
c) comandante - tripulante
d) USAirways - empresa
e) passageiro - cliente

263) Deduz-se da leitura do 2o parágrafo:

a) A FAA não merece credibilidade.
b) O passageiro da classe econômica é bem tratado.
c) A tripulação do Boeing foi bem treinada.
d) O porco estava acostumado a viajar.
e) O porco também sofreu no incidente.

264) “...e acabou escondendo-se na cozinha...”; o emprego do verbo *acabar* significa que:

a) é a última de uma seqüência de ações.
b) a narrativa chegou ao seu fim.
c) o personagem mostra decisão firme no que faz.
d) o personagem vai sofrer uma derrota.
e) a ação do personagem foi interrompida.

265) “Estamos investigando todos os aspectos, de segurança e sanitários, deste fato.”; em outras palavras, a FAA está analisando:

a) todos os aspectos do fato, mas principalmente os que envolvem segurança e higiene.
b) alguns aspectos do caso, particularmente os que se prendem a seguro de vida dos passageiros e ao estado dos banheiros dos aviões.
c) todos os aspectos do fato ligados à segurança e à saúde dos passageiros.
d) somente os aspectos do fato de que participou o porco, ou seja, o da falta de atenção da tripulação.

e) os aspectos de cuidados com a higiene nos aviões, além da preocupação com a revisão das aeronaves.

266) O mais surpreendente da história narrada é que:

a) o porco tenha viajado tranqüilamente na primeira parte da viagem.
b) toda a tripulação tenha cuidado do porco como se fosse um passageiro “humano”.
c) o animal tenha sido admitido na aeronave como “animal *de serviço”*.
d) tenham atribuído ao porco um peso maior do que a realidade.
e) o suíno tenha subido pelas escadas do avião e recebido com honras pelas aeromoças.

TEXTO XLIV

AGENTE DE PESQUISA DO IBGE
RELATÓRIO

Jorge Miguel

Senhor Superintendente

Tendo sido designado por Vossa Senhoria para apurar as denúncias de irregularidades ocorridas no aeroporto de Marília, submeto à apreciação de Vossa Senhoria o relatório das diligências que nesse sentido efetuei.

No dia 23 de julho de 1988 dirigi-me ao senhor Raimundo Alves Correia, encarregado do aeroporto daquela cidade, para que permitisse fosse interrogado o funcionário João Romão, acusado de ter furtado uma máquina de escrever Olivetti n. 146.801, pertencente ao patrimônio do aeroporto. O acusado relatou-nos que realmente havia levado a máquina para casa na sexta-feira - 18 de março de 1988 - apenas para executar alguma tarefa de caráter particular. Não a devolveu na segunda-feira, dia 21 de março, porque faltou ao serviço por motivo de doença. Quando retornou ao serviço dia 28 de março, devolveu a máquina. A doença do acusado está comprovada pelo atestado que segue anexo ao presente relatório; a devolução da máquina no dia 28 de março foi confirmada pelo senhor Raimundo Alves Correia.

Do exposto conclui-se que me parece infundada a acusação.

Não houve vontade de subtrair a máquina, mas apenas negligência do acusado em levar para casa um bem público para executar tarefa particular. Foi irresponsável. Não cometeu qualquer ato criminoso.

Não me convence seja necessário impor-se a instauração de processo administrativo. O funcionário deve ser repreendido pela negligência que cometeu. É o que cumpre levar ao conhecimento de Vossa Senhoria.

Aproveito a oportunidade para apresentar-lhe protestos de minha distinta consideração.

São Paulo, 25 de julho de 1988
Cláudio da Costa

267) O relatório é um texto de tipo:

a) descritivo
b) narrativo
c) argumentative
d) poético
e) dramático

268) A finalidade principal do texto é:

a) orientar o superior na tomada de uma decisão.
b) documentar oficialmente um ato irregular.

c) discutir um tema polêmico.
d) fornecer dados para uma investigação.
e) indicar funcionários passíveis de punição.

269) Não consta(m) do relatório lido:

a) o cargo da autoridade a quem é dirigido
b) o relato dos fatos ocorridos
c) uma preocupação literária do autor
d) as conclusões dos fatos analisados
e) uma fórmula de cortesia final

270) "Tendo sido designado por Vossa Senhoria..."; esta oração inicial do texto tem valor:

a) concessivo
b) temporal
c) conclusivo
d) causal
e) consecutivo

271) O estilo burocrático se caracteriza, entre outras coisas, pelo emprego de palavras desnecessárias; no primeiro parágrafo do texto são exemplos desse caso:

a) denúncias; ocorridas; apreciação
b) ocorridas; apreciação; relatório
c) apreciação; relatório; nesse sentido
d) relatório; denúncias; ocorridas
e) nesse sentido; ocorridas; apreciação

272) As datas presentes no texto têm a finalidade textual de:

a) mostrar a evolução dos acontecimentos.
b) documentar os fatos citados.
c) criar a falsa impressão de verdade.
d) valorizar o trabalho do autor do relatório.
e) facilitar a leitura do relatório.

273)"...me parece infundada a acusação."; o adjetivo sublinhado corresponde semanticamente a:

a) sem fundos
b) sem fundações
c) sem fundamento
d) sem finalidade
e) sem fingimento

274) “Não cometeu qualquer ato criminoso.”; este segmento do texto corresponde a uma:

a) conclusão a que chegou o autor do relatório
b) alegação do acusado de roubo
c) opinião do chefe do funcionário acusado
d) opinião do superintendente
e) decisão do juiz encarregado do caso

275) “É o que me cumpre levar ao conhecimento...”; o verbo sublinhado tem por sinônimo correto:

a) compreende
b) cabe
c) obriga
d) capacita
e) solicita

276) A única irregularidade existente nos fatos narrados é:

a) a ausência prolongada do funcionário.
b) a não devolução da máquina de escrever.
c) usar-se um bem público em tarefas particulares.
d) não prevenir o chefe sobre ter levado a máquina.
e) a intenção de roubar um bem público.

277) Em “Vossa Senhoria parece preocupado com o furto da máquina de escrever” há uma figura conhecida por:

a) metáfora
b) silepse de gênero
c) silepse de número
d) silepse de pessoa
e) catacrese

TEXTO XLV

PESQUISADOR - CEPEL

RAIZES

Diante da minha janela havia uma pedra.

Não, não vou fazer imitação de poesia. Nada tem de poética a história que vou contar. A pedra de que falo é na verdade uma imensa pedreira, de topo liso, coberto em alguns pontos pela vegetação rasteira, uma espécie de enclave rural em pleno Leblon, onde às vezes cabras pastavam e onde um galo alucinado insistia em cantar na hora errada, no início da madrugada. Era o lugar ideal para, nas tardes de domingo, uma menina se deitar, sentindo nas costas o calor do sol retido pela pedra, enquanto olhava as pipas agitando-se no ar. Eu ia com meus irmãos e seus amigos, quando eles subiam lá para soltar pipa. São só lembranças.

Essa pedra não existe mais. Ou pelo menos não existe assim, como a descrevo agora, a pedra da minha infância. Hoje, é uma pedra nua - morta.

Sua base ainda está lá e servirá, pelo que sei, de fundação para um shopping. Mas a superfície foi toda raspada, a *vegetação* desapareceu, a pedreira foi rebaixada em quatro ou cinco metros, retalhada durante dois anos por uma orquestra de britadeiras, e nela foram erguidos os primeiros andares do que seria um estacionamento.

Assim que começaram a destruir a pedreira, pensei com alarme numa pequena árvore, uma muda de amendoeira cujo crescimento árduo eu vinha acompanhando havia anos. A árvore crescera numa das laterais da pedra e seu tronco se encorpava, equilibrando-se de forma improvável no paredão íngreme. Eu admirava sua bravura, tirando seiva de um lugar onde não havia terra, fazendo um esforço enorme para crescer na ranhura mínima que encontrara. E caminhei um dia até o local onde ela crescia, para ver se, com as obras que tinham começado, a pequena árvore sobreviveria. Mas cheguei tarde demais. Só encontrei o tronco, decepado. Em torno, as raízes, que por anos se haviam agarrado à pedra com tanto esforço, agora condenadas a secar, inúteis.

O tempo passou. E eu não pensei mais no assunto. Até que, outro dia, assistindo a um documentário sobre os talibãs, vi uma inglesa de origem afegã mostrando a foto de um jardim onde brincava na infância e que fora destruído pela guerra civil. O documentário, feito antes da guerra com os Estados Unidos, fora gravado em solo afegão, e a moça conseguira chegar ao local do tal jardim. Mas não encontrou nada. A comparação com a foto que trazia nas mãos era chocante. Todo o verde havia desaparecido. No meio de um descampado monocromático, restara apenas o círculo de pedra de uma velha fonte, seca. E a única coisa que não mudara na paisagem eram as montanhas, ao fundo, testemunhas da devastação que - hoje sabemos - estava apenas no princípio.

Aquela mulher e seu jardim desaparecido me fizeram pensar na pequena amendoeira que crescera na pedra e que também fora decepada. E, com isso em mente, voltei ao ponto do paredão onde ela um dia se agarrara. Com surpresa, descobri que das raízes deixadas na pedra surgiam brotos, com folhas de um verde limpo.

A amendoeira teimava em renascer - como talvez fizesse o jardim afegão -, apesar da fúria dos homens.

(Heloísa Seixas, *Domingo*, n° 1336)

278) "Diante da minha janela havia uma pedra. Não, não vou fazer imitação de poesia." O comentário da segunda oração se justifica porque:

a) há um poema da nossa literatura com um verso semelhante à primeira oração.
b) toda poesia se volta para os elementos da natureza.
c) os poemas são compostos a partir de coisas aparentemente insignificantes.
d) para um texto de um jornal, a composição de um poema seria inadequada.
e) a autora do texto se declara incapaz de fazer um poema autêntico.

279) "Nada tem de poética a história que vou contar."; esse scegmento do texto traz implícita a idéia de que só é poético (a):

a) o tema ligado à vida real
b) a realidade pertencente à vida passada
c) a temática das coisas, seres e fatos harmoniosos
d) a discussão política de fatos atuais
e) a análise dos pensamentos do homem universal

280) "Nada tem de poética a história que vou contar.": a história contada pela autora tem como ponto de partida cronológico:

a) a existência de uma pedra diante da janela da autora.
b) a foto de um jardim onde uma afegã brincara na infância
c) o crescimento de uma pequena amendoeira na pedra
d) a fato de a amendoeira ter sido decepada
e) as lembranças da infância da autora.

281) "E a única coisa que não mudara na paisagem eram as montanhas, ao fundo, testemunhas da devastação que - hoje sabemos – estava apenas no princípio."; a devastação no Afeganistão estava apenas no princípio porque:

a) os Estados Unidos ainda não haviam invadido o país.
b) após a guerra EUA x talibãs, o país ficou devastado.
c) o Afeganistão passou por outros conflitos após a guerra civil.
d) o país não conseguiu reerguer-se e sua população emigrou.
e) os males da guerra permanecem após o seu término.

282) Entre o episódio do jardim da mulher e o da amendoeira da autora há um (a):

a) oposição ideológica
b) contigüidade temporal
c) paralelismo espacial

d) semelhança afetiva
e) diferença de opiniões

283) "Eu ia com meus irmãos e seus amigos, quando eles subiam lá para soltar pipas."; uma forma INCORRETA de reescritura desse mesmo segmento textual, por não manter o sentido original, ou criar ambigüidade, é:

a) Quando meus irmãos e seus amigos subiam lá para soltar pipas, eu ia com eles.
b) Eu ia com meus irmãos e seus amigos quando eles lá subiam, para soltar pipas.
c) Meus irmãos e seus amigos subiam lá para soltar pipas e eu, nesse momento, ia com eles.
d) Eu ia com eles, meus irmãos e seus amigos, quando lá subiam para soltar pipas.
e) Quando lá subiam para soltar pipas meus irmãos e seus amigos, eu ia com eles.

284) O título dado ao texto, *raízes,* se refere:

a) exclusivamente às raízes da amendoeira, que voltaram a brotar.
b) metaforicamente, a tudo o que nos prende ao passado.
c) às nossas origens raciais e espaciais.
d) às recordações da infância que desaparecem na idade adulta.
e) a tudo o que amamos e que o tempo levou.

285) O texto lido só NÃO pode ser visto como um (a):

a) recordação sentimental de tempos infantis
b) protesto contra a destruição patrocinada pelos homens
c) lamento diante de mudanças causadas pelo progresso
d) denúncia contra a ocupação irrefletida do espaço rural
e) lembrança idealizada de momentos felizes da existência

TEXTO XLVI

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR - RJ
TEXTO 1
PELES DE SAPOS

Em 1970 e 1971, houve, no Nordeste brasileiro, uma enorme procura por sapos, que eram caçados para que suas peles fossem exportadas para os Estados Unidos. Lá elas eram usadas para fazer bolsas, cintos e sapatos. Isso levou a uma drástica diminuição da população de sapos nessa região.

O sapo se alimenta de vários insetos, principalmente mariposas, grilos e besouros. É um animal voraz, isto *é,* comilão. Quando adulto chega a comer trezentos besouros por dia.

Sem os sapos, seus inimigos naturais, as mariposas, os besouros e os grilos, proliferaram de maneira assustadora.

Esses insetos invadiram as cidades. Mariposas e besouros concentraram-se em torno dos postes de iluminação pública e também entraram nas casas, causando grandes transtornos. Os grilos, com seu cricri, não deixavam as pessoas dormirem.

Em maio de 1972, na cidade de lati, em Pernambuco, a população, em uma espécie de mutirão, varreu ruas e calçadas, amontoando principalmente besouros, e também mariposas e grilos mortos, para serem levados por caminhões de lixo. Em apenas três dias encheram-se mais de oitenta caminhões com esses bichos!

O governo proibiu a caça de sapos e passou a fiscalizar a exportação de suas peles.

(Ruth de Gouvêa Duarte)

286) O título do texto, Peles de sapos, representa:

a) o motivo da invasão dos insetos nas cidades
b) o objetivo econômico dos exportadores
c) a razão de ter aumentado o número de grilos e mariposas
d) uma riqueza importante do Nordeste brasileiro
e) a causa da extinção definitiva dos sapos

287) Uma informação conta com uma série de elementos básicos: *o que* aconteceu, *quem* participou dos acontecimentos, *onde* e *quando* se passaram, *como* e *por que* ocorreram os fatos etc. Considerando que o acontecimento básico do texto 1 é a caça aos sapos, assinale a informação que não está presente no texto:

a) onde ocorreu: no Nordeste brasileiro.
b) quando ocorreu: em 1970 e 1971.
c) para que ocorreu: exportação de peles.

d) como ocorreu: armadilhas especiais.
e) conseqüência da caçada: redução da população de sapos.

288) Assinale a frase em que o vocábulo destacado tem seu antônimo corretamente indicado:

a) "...para que suas peles fossem exportadas..." - compradas
b) "...uma enorme procura por sapos..." - imensa
c) "...levou a uma drástica diminuição da população..." - progresso
d) "Quando adulto chega a comer..." - filhote
e) "...seus inimigos naturais,..." - adversários

289) "O sapo se alimenta de vários insetos, principalmente mariposas, grilos e besouros."; o emprego de *principalmente* nesse fragmento do texto indica que o sapo:

a) também come outros insetos.
b) só come mariposas, grilos e besouros.
c) prefere mariposas a grilos e besouros.
d) não come mariposas, grilos e besouros.
e) só come insetos nordestinos.

290)"Em 1970e 1971,houve, no Nordeste brasileiro, uma enorme procura por sapos, que eram caçados para que suas peles fossem exportadas para os Estados Unidos. Lá elas eram usadas para fazer bolsas, cintos e sapatos. Isso levou a uma drástica diminuição da população de sapos nessa região.". Nesse primeiro parágrafo do texto os elementos sublinhados se referem a outros elementos do mesmo parágrafo; assinale a correspondência errada:

a) suas - dos sapos
b) Lá - Estados Unidos
c) elas - as peles dos sapos
d) isso - bolsas, cintos e sapatos
e) nessa região - Nordeste brasileiro

291) "É um animal voraz, isto é, comilão."; o emprego de isto é nesse segmento do texto mostra que:

a) *voraz* e *comilão* são palavras de significados diferentes.
b) o autor empregou erradamente a palavra *voraz.*
c) o autor quer explicar melhor o significado de *voraz.*
d) *comilão é* vocábulo mais raro do que *voraz.*
e) o autor não está interessado em que o leitor entenda o que escreve.

292) Comilão é uma palavra que pertence, por relação de significado, ao grupo de:

a) comício, cômodo
b) côncavo, convexo
c) compadre, comadre
d) colega, colaborador
e) comida, comestível

293) Abaixo estão colocados 5 fatos relacionados ao conteúdo do texto; indique o item em que esses fatos foram colocados em ordem cronológica, ou seja, na ordem em que aconteceram, segundo o texto:

I. Houve proibição da caça aos sapos.
II. Houve diminuição da população dos sapos.
III. Houve exagerado aumento na população dos insetos.
IV. Houve uma intensa caça aos sapos.
V. Ocorreram problemas em Pernambuco.

a) I-II-III-IV-V
b) V-IV-III-II-I
c) I-II-III-V-IV
d) II-IV-V-III-I
e) IV-II-III-V-I

294) O vocabulário relacionado aos humanos e aos animais varia: assim, o grilo não tem voz (como os humanos), mas *cricri.* Assinale o item em que a correspondência entre vocábulos humanos e animais *não* está correta:

a) pés - patas
b) mãos - garras
c) nariz - focinho
d) boca - goela
e) filho - filhote

295) A mensagem que se pode entender do texto 1 é:

a) A matança indiscriminada de animais pode causar desequilíbrios ecológicos.
b) A economia do país está acima do bem-estar da população.
c) A união da população não resolve muitos de nossos problemas.
d) Os insetos são inimigos dos homens.
e) O governo não cuida da proteção aos animais.

TEXTO XLVII

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR - RJ
TEXTO 2
LÓGICA DA VINGANÇA

No nosso cotidiano, estamos tão envolvidos com a violência, que tendemos a acreditar que o mundo nunca foi tão violento como agora: pelo que nos contam nossos pais e outras pessoas mais velhas, há dez, vinte ou trinta anos, a vida era mais segura, certos valores eram mais respeitados e cada coisa parecia ter o seu lugar.

Essa percepção pode ser correta, mas precisamos pensar nas diversas dimensões em que pode ser interpretada. Se ampliarmos o tempo histórico, por exemplo, ela poderá se mostrar incorreta.

Em um dos volumes da coleção *História da vida privada,* Michel Rouché afirma, em seu artigo sobre a criminalidade na Alta Idade Média (por volta do século VI), que, se fôssemos comparar o número de assassinatos que ocorriam naquele período, proporcionalmente à população mundial de então, com o dos dias atuais, veríamos que antes eles eram bem mais comuns do que são agora. Segundo esse autor, naquele época, “cada qual via a justiça em sua própria vontade”, e o ato de matar não era reprovado - era até visto como sinal de virilidade: a agressividade era uma característica cultivada pelos homens, fazia parte de sua educação.

O autor afirma, ainda, que torturas e assassinatos, bastante comuns naqueles tempos, ocorriam em grande parte por vingança: “Cometido um assassinato, a linhagem da vítima tinha o imperioso dever religioso de vingar essa morte, fosse no culpado, fosse num membro da parentela”. Realizada a vingança e assassinado o culpado da primeira morte, a mesma lógica passava a valer para parentes deste, que deveriam vingá-lo, criando assim uma interminável cadeia de vinganças, que podia estender-se por várias gerações.

(A. Buoro/R Schilling/H. Singer/M. Soares)

296) Deduz-se do texto que:

a) a violência está presente em todas as épocas.
b) a vingança era legal antigamente.
c) antigamente a vida era menos segura.
d) devemos fazer justiça com as próprias mãos.
e) antigamente não havia leis contra a violência.

297) O uso de aspas, em alguns segmentos do texto, indica que:

a) devem ser lidos com mais atenção.
b) são reproduções do texto de outro autor.
c) foram traduzidos de outra língua.

d) correspondem a textos antigos.
e) mostram o mais importante do conteúdo.

298)”No nosso *cotidiano...”;* o vocábulo cotidiano, nesse caso, corresponde a:

a) mundo atual
b) atividade profissional
c) relações familiares
d) nas notícias dos jornais
e) dia-a-dia

299) Quando no texto se usa a forma da primeira pessoa do plural, em “No nosso cotidiano, estamos tão envolvidos com a violência...”, isto se refere a:

a) todos os cidadãos do Rio de Janeiro.
b) cidadãos que foram vítimas da violência.
c) vítimas do trânsito.
d) ele mesmo e aos leitores, em geral.
e) cidadãos de hoje e de antigamente.

300) O autor citado no texto diz que os assassinatos eram bem mais comuns na época antiga do que agora, mas isto só pode ser afirmado:

a) porque naquela época não havia estatísticas de registro de crimes.
b) levando-se em consideração a proporção populacional das duas épocas.
c) porque hoje não é mais aceita a lógica da vingança.
d) se acreditarmos no que nos dizem os mais velhos.
e) considerando-se que a população antiga era mais violenta **que** a atual.

301)”...que, se fôssemos comparar o número de assassinatos que ocorriam naquele período, proporcionalmente à população mundial de então, com o dos dias atuais, veríamos que antes eles eram bem mais comuns do que são agora.”; nesse segmento do texto, o vocábulo que não indica tempo é:

a) período
b) então
c) dias atuais
d) antes
e) proporcionalmente

302) “Segundo esse autor...”; o vocábulo correspondente a *segundo,* nesse caso, é:

a) para
b) quando
c) conforme
d) se

e) embora

303) “...o ato de matar não era reprovado...” eqüivale a:

a) o ato de matar não tinha aprovação.
b) merecia reprovação o ato de matar.
c) o ato de matar não era aprovado.
d) sofria reprovação o ato de matar.
e) não havia reprovação para o ato de matar.

304) O segmento estamos tão envolvidos eqüivale a temos tanto envolvimento: o item em que essa equivalência é dada de forma incorreta é:

a) a vida era mais segura - tinha mais segurança
b) valores eram mais respeitados - tinham mais respeitabilidade
c) eles eram bem mais comunicativos - tinham mais comunidade
d) o ato de matar não era reprovado - não tinha reprovação
e) a violência era mais intensa - tinha mais intensidade

305) *Vingança* corresponde ao adjetivo *vingativo*, assim como:

a) violência corresponde a violento.
b) morte corresponde a mortandade.
c) tempo corresponde a tempestade.
d) religião corresponde a religiosidade.
e) parente corresponde a parentela.

306) “...uma *interminável* cadeia de vinganças...”: o adjetivo *interminável* corresponde a:

a) que não há termos que a descrevem
b) que não sofre penas ou sanções
c) que não tem fim
d) que já terminou há algum tempo
e) que só terminará no futuro

307) *Parentela é* termo coletivo específico para parentes; o vocábulo abaixo, que também apresenta valor coletivo específico, é:

a) pilha
b) monte
c) cancioneiro
d) grupo
e) hipódromo

308) *“Realizada a vingança e assassinado o culpado...”;* o segmento que *não* poderia ser colocado, de forma adequada, no início desse trecho é:

a) assim que tiver sido
b) após
c) depois de
d) logo que tinha sido
e) mal

309) O fragmento de texto abaixo que não contém nenhum tipo de intensificação é:

a) ...estamos tão envolvidos com a violência...
b) ...o mundo nunca foi tão violento como agora...
c) ...pelo que nos contam nossos pais e outras pessoas mais velhas...
d) ...bastante comuns naqueles tempos...
e) ...cada coisa parecia ter o seu lugar...

TEXTO XLVIII

ATENDENTE JUDICIÁRIO DO TALCRIM

REQUERIMENTO

Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil; certo também de que, por esse fato, o falar e o escrever em geral, sobretudo no campo das letras, se vêem na humilhante contingência de sofrer continuamente censuras ásperas dos proprietários da língua; sabendo, além, que dentro do nosso país, os autores e os escritores, com especialidade os gramáticos, não se entendem no tocante à correção gramatical, vendo-se, diariamente, surgir azedas polêmicas entre os mais profundos estudiosos do nosso idioma - usando do direito que lhe confere a Constituição, vem pedir que o Congresso Nacional decrete o Tupi-Guarani como língua oficial e nacional do povo brasileiro. O suplicante, deixando de parte os argumentos históricos que militam em favor de sua idéia, pede vênia para lembrar que a língua é a mais alta manifestação da inteligência de um povo, é a sua criação mais viva e original; e, portanto, a emancipação política do País requer como complemento e conseqüência a sua emancipação idiomática. Demais, Senhores Congressistas, o TupiGuarani, língua originalíssima, aglutinante, é verdade, mas que o polissintetismo dá múltiplas feições de riqueza, é a única capaz de traduzir as nossas belezas, de pôr-nos em relação com a nossa natureza e adaptar se perfeitamente aos nossos órgãos vocais e cerebrais, por ser criação de povos que aqui viveram e ainda vivem, portanto possuidores da organização fisiológica e psicológica para que tendemos, evitando-se dessa forma as estéreis controvérsias gramaticais, oriundas de uma difícil adaptação de uma língua de outra região à nossa organização cerebral e ao nosso aparelho vocal - controvérsias que tanto empecem o progresso da nossa cultura literária, científica e filosófica. Seguro de que a sabedoria dos legisladores saberá encontrar meios para realizar semelhante medida e cônscio de que a Câmara e o Senado pesarão o seu alcance e utilidade. P. e E. Deferimento.

(Lima Barreto)

310) A afirmação *falsa* sobre o requerimento de Policarpo Quaresma *é:*

a) O requerente deseja que o Tupi-Guarani seja declarada língua oficial e nacional do Brasil.
b) O requerente apresenta inicialmente os dados pessoais necessários à sua identificação.
c) Os destinatários do requerimento não estão registrados no texto.
d) O requerente apresenta justificativas fisiológicas para o seu pedido.
e) O requerimento inclui apreciações sobre língua transplantada.

311) A alternativa que apresenta um argumento que não está presente no requerimento é:

a) a dependência lingüística dos brasileiros em relação a Portugal
b) as divergências internas e externas no tocante às regras gramaticais
c) a significação política de uma língua original
d) a adaptação da língua ao meio ambiente
e) a necessidade de editarem-se obras com a fala brasileira

312) A alternativa em que o elemento sublinhado não se refere a nenhum elemento anteriormente presente no texto é:

a) ...certo também de que, por esse fato, o falar e o escrever em geral... (linhas 2 e 3)
b) ...de sofrer continuamente censuras ásperas dos proprietários da língua... (linhas 4 e 5)
c) ...que, dentro do nosso país, os autores e os escritores,... (linhas 5 e 6)
d) ...que militam em favor de sua idéia,... (linha 12)
e) ...é a sua criação mais viva e original;... (linhas 13 e 14)

313) A linguagem empregada no requerimento *é* caracterizada por:

a) formalíssima e bem afinada com a tradição gramatical lusitana.
b) bastante formal, mas com pequenas influências da fala brasileira.
c) informal, já que o requerente condena a própria língua que emprega.
d) informal e descuidada no aspecto gramatical, ainda que com vocábulos cultos.
e) convencional e artificial, com concessões à fala popular.

314) A abreviatura final do requerimento significa:

a) por e especial deferimento
b) para e esperado deferimento
c) pede e espera deferimento
d) próprio e especial deferimento
e) propõe e expõe deferimento

315) O requerimento está dividido em quatro parágrafos e um fecho; a alternativa que indica a correlação equivocada entre cada uma dessas partes e seu conteúdo é:

a) primeiro parágrafo - título, cargo que ocupa a pessoa a quem é dirigido o requerimento
b) segundo parágrafo - justificativa do pedido
c) terceiro parágrafo - ampliação da justificativa
d) quarto parágrafo - expectativa esperançosa do requerente
e) fecho - abreviação convencional de solicitação

316)A alternativa em que o adjetivo sublinhado expressa a opinião do requerente é:

a) Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro... (linha 1)
b) ...certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil;... (linha 2)
c) ...se vêem na humilhante contingência de sofrer continuamente censuras... (linhas 4 e 5)
d) ...não se entendem no tocante à correção gramatical, (linha 7)
e) ...possuidores da organização fisiológica e psicológica para que tendemos... (linhas 21 e 22)

317) O requerente se refere a si mesmo na terceira pessoa; a alternativa em que, no entanto, se utiliza da primeira é:

a) Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil (linhas 1 e 2)
b) ...sabendo, além, que, dentro do nosso país, os autores e os escritores, com especialidade os gramáticos, não se entendem... (linhas 5,6 e 7) •
c) o suplicante, deixando de parte os argumentos históricos que militam em favor de sua idéia, pede vênia para lembrar... (linhas 11, 12 e 13)
d) ...a emancipação política do País requer como complemento e conseqüência a sua emancipação idiomática. (linhas 14, 15 e 16)
e) ...por ser criação de povos que aqui viveram e ainda vivem,... (linhas 20e21)

TEXTO XLIX

AGENTE ADMINISTRATIVO - QUEIMADOS/RJ
TEXTO 1
DESAPARECIMENTO DOS ANIMAIS

Tente imaginar esta cena: homens, animais e florestas convivendo em harmonia. Os homens retiram das plantas apenas os frutos necessários e cuidam para que elas continuem frutificando; não matam animais sem motivo, não sujam as águas de seus rios e não enchem de fumaça seu ar. Em outras palavras: as relações entre os seres vivos e o ambiente em que vivem, bem como as influências que uns exercem sobre os outros, estão em equilíbrio. (...)

Nossa preocupação (de brasileiros) não é só controlar a exploração das florestas, mas também evitar uma de suas piores conseqüências: a morte e o desaparecimento total de muitas espécies de animais. Apesar de nossa fauna ser muito variada, a lista oficial das espécies que estão desaparecendo já chega a 86 (dentre elas, a anta, a onça, o mico-leão, a ema e o papagaio).

E a extinção desses animais acabará provocando o desequilíbrio do meio ambiente, pois o desaparecimento de um deles faz sempre com que aumente a população de outros. Por exemplo: o aumento do número de piranhas nos rios brasileiros é conseqüência do extermínio de seus três inimigos naturais - o dourado, a ariranha e o jacaré.

(Nosso Brasil, 1979)

318) O autor propõe ao leitor que imagine uma cena para que ela funcione como:

a) um ideal a ser alcançado
b) uma fantasia que nunca se realizará
c) um objetivo a que se deve dar as costas :,
d) uma finalidade dos grupos religiosos
e) uma mensagem de fraternidade cristã

319) “...homens, animais, florestas e oceanos convivendo em harmonia.”; na continuidade do texto, o autor mostra que:

a) esqueceu-se de referir-se aos rios.
b) o homem é o agente desequilibrador da natureza.
c) os animais não matam seus semelhantes sem motivo.
d) a poluição do ar também tem causas naturais.
e) os seres vivos vivem em equilíbrio no mundo atual.

320) O item em que o elemento sublinhado tem um vocábulo correspondente indicado de forma adequada é:

a) “...convivendo em harmonia.” - harmoniosas
b) “...não matam animais sem motivo,...” - impensadamente
c) “...influências que uns exercem sobre os outros...” - recíprocas
d) “...estão em equilíbrio.” - equilibradamente
e) “...controlar a exploração das florestas...” - ecológica

321) “Os homens retiram das plantas apenas os frutos necessários...”; esta parte da cena proposta pelo autor defende que:

a) não deixe para amanhã o que pode fazer hoje.
b) Deus provera o dia de amanhã.
c) se souber usar não vai faltar.
d) a ciência prevê para poder prover.
e) quem espera sempre alcança.

322) No final do primeiro parágrafo aparecem dois parênteses com pontos; isso significa que:

a) o autor deixou de dizer outras coisas importantes.
b) o texto deixou de reproduzir uma parte do texto original.
c) parte do original do texto esta ilegível.
d) nesse espaço havia uma ilustração que foi omitida.
e) havia originalmente trechos em outras línguas.

323) O que o primeiro parágrafo tenta defender *é:*

a) o equilíbrio ecológico
b) a extinção dos animais
c) a despoluição ambiental
d) o reflorestamento
e) a proteção dos rios e oceanos

324) “Nossa preocupação (de brasileiros)...”; o que vai entre parênteses, nesse caso, é:

a) a retificação de uma ambigüidade
b) a explicação de um termo anterior
c) a particularização de um significado
d) a inclusão de uma idéia já explícita
e) um comentário para o leitor

325) O risco a que se refere o autor do texto com o último período do texto é:

a) a extinção dos jacarés, ariranhas e dourados

b) o excesso de piranhas nos rios brasileiros
c) a mortandade de outros peixes provocada pelas piranhas
d) a desarmonia populacional das espécies animais
e) a falta de alimento para o povo brasileiro

326) A relação entre a morte do dourado e a piranha *é* a de:

a) causa / conseqüência
b) efeito / causa
c) agente / paciente
d) fato / agente
e) motivação / ação

327) Falando dos perigos que o desaparecimento dos animais provoca em nosso ambiente, o autor apela para:

a) a sedução do leitor, mostrando as belezas do mundo natural.
b) a intimidação do leitor, indicando os males que daí advêm.
c) a provocação do leitor, desafiando-o a mudar seu comportamento.
d) o constrangimento do leitor, deixando-o envergonhado por suas atitudes.
e) a tentação do leitor, prometendo-lhe uma recompensa por seus atos.

TEXTO L

AGENTE ADMINISTRATIVO - QUEIMADOS/RJ
TEXTO 2
PERDÃO

Perdoar alguém é renunciar ao ressentimento, à ira ou a outras reações justificadas por algo que essa pessoa tenha feito. Isso levanta um problema filosófico: essa pessoa é tratada de forma melhor do que ela merece; mas como pode exigir-se, ou mesmo como permitir-se, tratar alguém de uma maneira que não merece? Santo Agostinho aconselhavanos a detestar o pecado, mas não o pecador, o que também indica uma atitude objetiva ou impessoal para com o pecador, como se o caráter do agente estivesse apenas acidentalmente ligado ao caráter detestável de suas ações.

(Simon Blackburn)

328) "Perdoar alguém é renunciar ao ressentimento..."; o vocábulo *renunciar* eqüivale semanticamente (sinônimo) a:

a) denunciar
b) anunciar
c) abandonar
d) retirar
e) condenar

329) O termo alguém da primeira frase do texto aparece referido com outras palavras no desenvolvimento do texto; o único termo destacado que NÃO o repete é:

a) "...por algo que essa pessoa tenha feito."
b) "...é tratada de forma melhor do que ela merece;..."
c) "...a detestar o pecado, mas não o pecador,..."
d) "...como se o caráter do agente..."
e) "...ligado ao caráter detestável de suas ações."

330) "Isso levanta um problema filosófico: essa pessoa é tratada de forma melhor do que ela merece;..."; esse segmento do texto diz-nos, implicitamente, que:

a) todos devem ser tratados segundo seus atos.
b) devemos tratar a todos de forma semelhante.
c) todos devem ser tratados de forma melhor do que merecem.
d) todos devem ser tratados de forma pior do que merecem.
e) ninguém deve ser maltratado.

331) Santo Agostinho ensina que:

a) não devemos confundir agente e paciente.
b) devemos separar ato e agente.
c) devemos confundir agente e ação.
d) devemos perdoar o ato e condenar o agente.
e) agente e ato são elementos idênticos.

TEXTO LI

AUXILIAR MÉDIO I PROGRAMADOR - MP/RJ
DESPERDÍCIO BRASIL

Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil, no preço que pagam para fazer negócios num país com regras obsoletas e vícios incrustados. O atraso brasileiro é quase sempre atribuído a alguma forma de corporativismo anacrônico ou privilégio renitente que quase sempre têm a ver com o trabalho superprotegido, com leis sociais ultrapassadas e com outras bondades inócuas, coisas do populismo irresponsável, que nos impedem de ser modernos e competitivos. Raramente falam no que o capitalismo subsidiado custa ao Brasil.

O escândalo causado pela revelação do que os grandes bancos deixam de pagar em impostos não devia ser tão grande, é só uma amostra da subtributação, pela fraude ou pelo favor, que há anos sustenta o nosso empresariado chorão, e não apenas na área financeira. A construção simultânea da oitava economia e de uma das sociedades mais miseráveis do mundo foi feita assim, não apenas pela sonegação privada e a exploração de brechas técnicas no sistema tributário - que, afinal, é lamentável, mas mostra engenhosidade e iniciativa empresarial – mas pelo favor público, pela auto-sonegação patrocinada por um Estado vassalo do dinheiro, cúmplice histórico da pilhagem do Brasil pela sua própria elite.

O Custo Brasil dos lamentos empresariais existe, como existem empresários responsáveis que pelo menos reconhecem a pilhagem, mas muito mais lamentável e atrasado é o Desperdício Brasil, o progresso e o produto de uma minoria que nunca são distribuídos, que não chegam à maioria de forma alguma, que não afetam a miséria à sua volta por nenhum canal, muito menos pela via óbvia da tributação. Dizem que com o que não é pago de imposto justo no Brasil daria para construir outro Brasil. Não é verdade. Daria para construir dois outros Brasis. E ainda sobrava um pouco para ajudar a Argentina, coitada.

(Luís Fernando Veríssimo)

332) Para entender bem um texto, é indispensável que compreendamos perfeitamente as palavras que nele constam. O item em que o vocábulo destacado apresenta um sinônimo imperfeito é:

a) “Sempre que se reúnem para LAMURIAR,...” - lamentar-se
b) “...um país com regras OBSOLETAS...” - antiquadas
c) “...e vícios INCRUSTADOS.” - arraigados
d) “...alguma forma de corporativismo ANACRÔNICO...” - doentio
e) “...ou privilégio RENITENTE...” - persistente

333) “Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil, no preço que pagam para fazer negócios num país com regras

obsoletas e vícios incrustados.”; o comentário INCORRETO feito sobre os conectores desse segmento do texto é:

a) A expressão *sempre que* tem valor de tempo.
b) O conectivo *para* tem idéia de finalidade.
c) A preposição *em* no termo *no Custo Brasil* tem valor de assunto.
d) A preposição *em* no termo *num país* tem valor de lugar.
e) A preposição *com* tem valor de companhia. >- ,,

334) O segmento do texto que NÃO apresenta uma crítica explícita ou implícita às elites dominantes brasileiras é:

a) “Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil...”
b) “Raramente (os empresários) falam no que o capitalismo subsidiado custa ao Brasil.”
c) “O escândalo causado pela revelação do que os grandes bancos deixam de pagar em impostos não devia ser tão grande,...”
d) “...pela fraude ou pelo favor, que há anos sustenta o nosso empresariado chorão,...”
e) “O Custo Brasil dos lamentos empresariais existe,...”

335) “...no preço que pagam para fazer negócios num país com regras obsoletas e vícios incrustados.”; na situação textual em que está, o segmento *país com regras obsoletas e vícios incrustados* representa:

a) uma opinião do empresariado
b) o ponto de vista do autor do texto
c) uma consideração geral que se tem sobre o país
d) o parecer do capitalismo internacional
e) a visão dos leitores sobre o país em que vivem

336) O principal prejuízo trazido pelo Custo Brasil, segundo o primeiro parágrafo do texto, que retrata a opinião do empresariado, é:

a) o corporativismo anacrônico
b) o privilégio renitente
c) trabalho superprotegido
d) populismo irresponsável
e) falta de modernidade e competitividade

337) O corporativismo anacrônico, o privilégio renitente, o trabalho superprotegido e outros elementos citados no primeiro parágrafo do texto indicam, em sua totalidade:

a) deficiências em nosso sistema socioeconômico
b) a consciência dos reais problemas do país por parte dos empresários
c) o atraso mental dos políticos nacionais

d) a carência de líderes políticos modernos e atuantes
e) a posição ultrapassada do governo

338) “Raramente falam no que o capitalismo subsidiado custa ao Brasil.”; os empresários brasileiros raramente falam neste tema porque:

a) são mal preparados e desconhecem o assunto.
b) se trata de um assunto que não lhes diz respeito.
c) se refere a algo com que lucram.
d) não querem interferir com problemas políticos.
e) não possuem qualquer consciência social.

339) “...coisas do populismo irresponsável,...” corresponde a:

a) uma retificação do que antes vem expresso
b) uma ironia sobre o que é dito anteriormente
c) uma explicação dos termos anteriores
d) mais um elemento negativo do país
e) uma crítica sobre a política do país

340) O fato de os bancos deixarem de pagar impostos;

a) faz com que o Brasil se torne a oitava economia do mundo.
b) é prova de nossa modernidade.
c) é comprovação de que estamos seguindo os moldes econômicos internacionais.
d) é mais uma prova de injustiça social.
e) garante investimentos em áreas mais carentes.

341)Subtributação só pode significar:

a) sonegação de impostos
b) ausência de fiscalização no pagamento dos impostos
c) taxação injusta, por exagerada
d) impostos reduzidos
e) dispensa de pagamento de impostos

342) “...pela fraude ou pelo favor...”; os responsáveis, respectivamente, pela fraude e pelo favor são:

a) o empresariado e o poder político
b) o Congresso e o Governo
c) os sonegadores e o empresariado
d) os banqueiros e o Congresso
e) as leis e o capitalismo internacional ,

343) Ao dizer que nosso empresariado *é chorão*, o autor repete uma idéia já expressa anteriormente era:

a) bondades inócuas
b) lamuriar
c) populismo irresponsável
d) atraso
e) trabalho superprotegido

344) Segundo o texto, o Governo brasileiro:

a) prejudica o desenvolvimento da economia.
b) colabora com a elite no roubo do país.
c) não tem consciência dos males que produz.
d) explora as brechas técnicas do sistema tributário.
e) demonstra engenhosidade e iniciativa empresarial.

345) As "brechas técnicas do sistema tributário" permitem:

a) pagamento de menos impostos
b) sonegação fiscal
c) fraude e favor
d) maior justiça social
e) o aparecimento de queixas do empresariado

346) O "Desperdício Brasil" se refere à:

a) ausência de distribuição social das riquezas
b) subtributação patrocinada pelo Estado
c) perda de dinheiro pela diminuição da produção
d) queda de arrecadação por causa do Custo Brasil
e) redução do desenvolvimento na área financeira

347)"...o progresso e o produto de uma minoria que nunca são distribuídos, que não chegam à maioria de forma alguma,..."; representam, respectivamente, a minoria e a maioria:

a) banqueiros / empresariado
b) elite econômica / trabalhadores em geral
c) economistas / povo
d) classes populares / classes abastadas
e) desempregados / industriais

348) "...que não afetam a miséria à sua volta por nenhum canal, muito menos pela via óbvia da tributação"; nesse segmento, o autor do texto diz que os impostos:

a) deveriam ser cobrados de forma mais eficiente.
b) impõem a miséria a todas as classes.
c) causam pobreza nas elites e nas classes populares.

d) não retornam à população de forma socialmente justa.
e) são o caminho mais rápido para o progresso.

TEXTO LII

AUXILIAR JUDICIÁRIO DO TRT - 9a REGIÃO

PAÍS DO FUTURO

Rio de Janeiro - Lembra-se de quando o Brasil era o país do futuro?

Primeiro foi um gigante adormecido (“em berço esplêndido”), que um dia iria acordar e botar pra quebrar.

Depois tornou-se o país do futuro, um futuro de riqueza, justiça social e bem-aventurança.

Eram tempos, aqueles, de postergar tudo o que não podia ser realizado no presente. A dureza do regime militar deixava poucas brechas para que se ousasse fazer alguma coisa que não fosse aquilo já previsto, planejado, ordenado pelos generais no poder.

Só restava então aguardar o futuro, que nunca chegava (mais uma vez vale lembrar: foram 21 anos de regime autoritário).

O pior é que, mesmo depois de redemocratizado o país, a coisa continuou e continua meio encalacrada, com muitos sonhos tendo de ser adiados a cada dia, a cada nova dificuldade. Com a globalização, temos que encarar (e temer) até as crises que ocorrem do outro lado do mundo. Todavia há que se aguardar o futuro com otimismo, e alguma razão para isso existe.

Dados de uma pesquisa elaborada pela Secretaria de Planejamento do governo de São Paulo revelam que o Brasil chegará ao próximo século, que está logo ali na esquina, com o maior contingente de jovens de sua história.

Conforme os dados da pesquisa, somente na faixa dos 20 aos s 24 anos serão quase 16 milhões de indivíduos no ano 2000.

Com esses dados, o usual seria prever o agravamento da situação do mercado de trabalho, já tão difícil para essa faixa de idade, e de problemas como a criminalidade em geral e o tráfico e o uso de drogas em particular.

Mas por que não inverter a mão e acreditar, ainda que forçando um pouco a barra, que essa massa de novas cabeças pensantes simboliza a chegada do tal futuro? Quem sabe sairá do acúmulo de energia renovada dessa geração a solução de problemas que apenas se perpetuaram no fracasso das anteriores?

Nada mal começar um milênio novinho em folha com o viço, a ousadia e o otimismo dos que têm 20 anos.

(Luiz Caversan - Folha de São Paulo, 28.11.98)

349) Encontra apoio no texto a afirmação contida na opção:

a) A existência de 16 milhões de jovens brasileiros no ano 2000 constituirá um problema insolúvel.
b) Com a população jovem brasileira na casa dos 16 milhões, só se pode esperar o pior.
c) Não se pode pensar de forma otimista em relação ao próximo século.
d) Pode-se pensar positivamente em relação ao nosso futuro, apesar de alguns problemas.
e) Pode-se pensar de forma positiva sobre nosso futuro a partir da previsão do agravamento do desemprego.

350) A idéia de futuro vem representada no texto por uma seqüência de conceitos. A opção que indica essa seqüência é:

a) expectativa - gigantismo - idealização - otimismo
b) otimismo - expectativa - idealização - gigantismo
c) gigantismo - otimismo - idealização - expectativa
d) expectativa - idealização - otimismo - gigantismo
e) gigantismo - idealização - expectativa - otimismo

351) A linguagem coloquial empregada no texto pode ser exemplificada pela expressão:

a) “em berço esplêndido”
b) botar pra quebrar
c) bem-aventurança
d) dados de uma pesquisa
e) somente na faixa

352) Postergar significa:

a) polemizar
b) preterir
c) manifestar
d) difundir
e) incentivar

353) Em “o maior contingente de jovens de sua história”, o substantivo “jovens”, embora masculino, refere-se tanto aos rapazes quanto às moças. É comum, porém, que na distinção de gêneros haja referência a conteúdos distintos. Nas alternativas abaixo, a dupla de substantivos cuja diferença de gêneros NÃO corresponde a uma diferença de significados é:

a) novos cabeças - novas cabeças
b) vários personagens - várias personagens
c) outro guia - outra guia

d) o faixa preta - a faixa preta
e) algum capital - alguma capital

354) Em “...começar um milênio novinho em folha com o viço, a ousadia e o otimismo dos que têm 20 anos”, a parte sublinhada é substituível, sem mudança do significado, por:

a) a juventude, a audácia
b) a competência, a imaginação
c) a criatividade, a perseverança
d) a criatividade, a coragem
e) a imaginação, o destemor

TEXTO LIII

AUXILIAR SUPERIOR ANALISTA DE SISTEMAS - MP/RJ
TEXTO 1
XENOFOBIA E RACISMO (fragmento)

As recentes revelações das restrições impostas, há mais de meio século, à imigração de negros, judeus e asiáticos durante os governos de Dutra e Vargas chocaram os brasileiros amantes da democracia. Foram atos injustos, cometidos contra estes segmentos do povo brasileiro que tanto contribuíram para o engrandecimento de nossa nação.

Já no Brasil atual, a imigração de estrangeiros parece liberalizada e imune às manchas do passado, enquanto que no continente europeu marcha-se a passos largos na direção de conflitos raciais onde a marca principal é o ódio dos radicais de direita aos imigrantes.

Na Europa, a história se repete com o mesmo enredo centenário: imigrantes são bem-vindos para reforçar a mão-de-obra local em momentos de reconstrução nacional ou de forte expansão econômica; após anos de dedicação e engajamento à vida local, começam a ser alvo da violência e da segregação.

(O Globo, 13/7/01)

355) A seleção vocabular do primeiro período do texto permite dizer que:

a) o adjetivo *recentes* traz como inferência que as *revelações* referidas no texto ocorreram nos dias imediatamente antes da elaboração do artigo.
b) a escolha do substantivo *revelações* se refere a um conjunto de informações que, para o bem do país, deveria permanecer oculto.
c) o substantivo *restrições* indica a presença de limitações oficiais na política migratória do país.
d) o adjetivo *impostas* se liga obrigatoriamente a um poder discricionário, como o presente nas ditaduras de Dutra e Vargas.
e) em razão das referências históricas imprecisas do texto, o segmento *há mais de meio século* se refere a uma quantidade de anos superior a 50 e inferior a 100.

356) Se as restrições de imigração eram impostas a negros, judeus e asiáticos, podemos dizer que havia, nesse momento, uma discriminação de origem:

a) racial e religiosa
b) exclusivamente racial
c) econômica e racial
d) racial e geográfica
e) religiosa, econômica, racial, geográfica e cultural

357) Em relação ao primeiro período do texto, o segundo:

a) explicita quais as revelações referidas.
b) indica, como informação nova, que os atos cometidos eram negativos.
c) esclarece qual a razão dos atos referidos terem chocado os brasileiros.
d) mostra a conseqüência dos fatos relatados anteriormente.

e) comprova as afirmativas iniciais do jornalista com dados históricos.

358) Ao classificar os atos restritivos à imigração de injustos, o autor do texto mostra:

a) somente a opinião dos brasileiros amantes da democracia
b) a sua opinião e a de alguns brasileiros
c) a sua opinião e a dos leitores
d) somente a sua opinião
e) a sua opinião e a dos brasileiros em geral

359) Ao escrever que os atos injustos foram cometidos "contra esses segmentos do povo brasileiro...", o autor do texto mostra que:

a) a população brasileira da era Vargas sofria pela discriminação oficial.
b) negros, judeus e asiáticos são vistos como brasileiros pelo autor do texto.
c) o povo brasileiro é constituído de raças e credos distintos.
d) alguns segmentos de nosso povo foram autores de atos injustos.
e) o Brasil e seu povo já passaram por momentos históricos difíceis.

360) O segundo parágrafo do texto é introduzido pelo segmento "Já no Brasil atual..."; tal segmento indica:

a) uma oposição de local e tempo
b) uma oposição de tempo
c) uma conseqüência do primeiro parágrafo
d) uma comparação de duas épocas
e) uma indicação das causas dos fatos relatados

361) Ao escrever que a imigração de estrangeiros parece "imune às manchas do passado", o autor do texto quer indicar que:

a) os estrangeiros já esqueceram as injustiças de que foram vítimas.
b) a imigração ainda traz marcas dos atos injustos do passado.
c) os imigrantes atuais desconhecem os fatos passados.
d) nada mais há que possa manchar o nosso passado histórico.
e) o processo migratório atual em nada lembra os erros do passado.

362) De todas as idéias expressas abaixo, aquela que NÃO está contida direta ou indiretamente no texto é:

a) Os imigrantes são bem-vindos no Brasil de hoje.
b) A atual situação dos imigrantes na Europa faz prever conflitos futuros.
c) Os estrangeiros acabam sendo perseguidos, em alguns países, apesar de seus bons serviços.
d) A expansão econômica da Europa provocou a saída de emigrantes.
e) Os imigrantes são fator de colaboração para o progresso das nações.

TEXTO LIV

AUXILIAR SUPERIOR ANALISTA DE SISTEMAS - MP/RJ
TEXTO 2
RACISMO

A imprensa brasileira vem noticiando uma proposta milionária do Lazio da Itália, que pretende adquirir o passe do zagueiro Juan por 10 milhões de dólares. Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e perdeu o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio.

Aqui fica uma sugestão a este jovem negro, atleta brasileiro de 22 anos, com um brilhante futuro profissional: recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália, pois moedas não resgatam a dignidade. Diga não aos xenófobos e racistas.

(O Globo, 13/7/01)

363) "A imprensa brasileira vem noticiando..."; com a utilização do tempo verbal destacado, o autor do texto quer referir-se a uma ação que:

a) acaba de terminar.
b) acaba de começar.
c) se iniciou antes de outra ação passada.
d) se iniciou há pouco tempo e permanece no presente.
e) se repete no passado e no presente.

364) O segundo texto: (Para resolver esta questão, é necessário voltar ao texto anterior, nº LIII, pertencente à mesma prova.)

a) comprova o pensamento expresso no terceiro parágrafo do texto 1.
b) exemplifica a discriminação indicada no primeiro período do texto 1.
c) mostra que os preconceitos raciais e religiosos não são coisas do passado.
d) demonstra que xenófobos e racistas são maioria na Europa.
e) aborda o mesmo tema do primeiro, mas de forma mais específica.

365) "Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro"; este segmento do texto é fruto da união das duas orações seguintes:

a) Este é o time / A torcida deste time já agrediu o jogador brasileiro.
b) Este é o time / O jogador brasileiro já foi atingido pela torcida deste time.
c) A torcida já agrediu o torcedor brasileiro / Esta é a torcida deste time.
d) A torcida já agrediu o jogador brasileiro / Este é o time cuja.
e) Este é o time cuja / A torcida agrediu o jogador brasileiro.

366) O tom final do texto é de:

a) advertência
b) alerta
c) conselho
d) ordem
e) repreensão

TEXTO LV

OF. DE JUSTIÇA AVALIADOR DA CORREGEDORIA/RJ
ENTREVISTA

Aos 51 anos o médico paulista Geraldo Medeiros é um dos endocrinologistas brasileiros de maior e mais duradouro sucesso. Numa especialidade em que o prestígio dos profissionais oscila conforme a moda, há três décadas ele mantém sua fama em ascendência. Em seu consultório de 242 metros quadrados, na elegante região dos Jardins, uma das mais exclusivas de São Paulo, Medeiros guarda as fichas de 32.600 clientes que já atendeu. Mais da metade o procurou para fazer regime de emagrecimento. Sua sala de espera está permanentemente lotada e à vezes é necessário marcar uma consulta com semanas de antecedência.

Como professor de Clínica Médica e Endocrinologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Medeiros já atendeu outros milhares de pacientes. A maioria, porém, foi parar em suas mãos em razão de outra especialidade da qual é mestre: as doenças da tireóide.

(Revista *Veja nº* 567)

367) Quais as informações fundamentais para o texto presentes em seu primeiro período?

a) aos 51 anos - Geraldo Medeiros - endocrinologista
b) Geraldo Medeiros - endocrinologista - de sucesso
c) médico paulista - Geraldo Medeiros - endocrinologista
d) aos 51 anos - médico - endocrinologista
e) médico - Geraldo Medeiros - sucesso

368) Qual a utilidade de ser dada a idade do médico entrevistado logo ao início do texto?

a) Indicar sua experiência e capacidade.
b) Mostrar sua vitalidade e competência.
c) Demonstrar sua capacidade e perspicácia.
d) Provar seu conhecimento e juventude.
e) Aludir à sua juventude e vitalidade.

369) O segundo período do texto é construído como explicitação de um dos termos do primeiro período. Qual?

a) médico paulista
b) endocrinologista brasileiro
c) maior sucesso
d) mais duradouro sucesso
e) aos 51 anos

370) Muitos elementos do segundo período repetem elementos do primeiro. Indique a correspondência equivocada entre elementos dos dois períodos.

a) especialidade - endocrinologista
b) prestígio - sucesso
c) profissionais - médico
d) fama - sucesso
e) décadas - 51 anos

371) Que elemento do primeiro período é explicitado no terceiro período?

a) aos 51 anos
b) médico paulista
c) endocrinologistas brasileiros
d) maior sucesso
e) mais duradouro sucesso

372) Entre as duas atividades do médico há uma série de elementos que se opõem. Indique a oposição equivocada.

a) endocrinologista - professor
b) clientes - pacientes
c) emagrecimento - doenças da tireóide
d) marcar uma consulta - parar em suas mãos
e) 32.600 - milhares

TEXTO LV1

PERITO LEGISTA - FAEPOL
TEXTO 1
CORPO

Na doença é que descobrimos que não vivemos sozinhos, mas sim encadeados a um ser de um reino diferente, de que nos separam abismos, que não nos conhece e pelo qual nos é impossível fazer-nos compreender: o nosso corpo. Qualquer assaltante que encontremos numa estrada, talvez consigamos torná-lo sensível ao seu interesse particular, senão à nossa desgraça. Mas pedir compaixão a nosso corpo é discorrer diante de um polvo, para quem as nossas palavras não podem ter mais sentido que o rumor das águas, e com o qual ficaríamos cheios de horror de ser obrigados a viver.

(Proust)

373) Segundo o texto, o nosso corpo:

a) tem plena consciência de viver encadeado a um ser diferente.
b) conhece perfeitamente o outro ser a que está encadeado.
c) é separado de nossa alma por um abismo intransponível.
d) se torna conhecido pouco a pouco.
e) só na doença é que tem sua existência reconhecida.

374) A conjunção *mas* (linha 1) opõe basicamente duas palavras do texto, que são:

a) descobrimos / vivemos
b) sozinhos / encadeados
c) vivemos / encadeados
d) doença / reino
e) sozinho / ser

375) "...pelo qual nos é impossível fazer-nos compreender."; esse segmento do texto quer dizer que:

a) não nos é possível fazer com que nosso corpo nos compreenda.
b) *é* impossível compreender o nosso corpo.
c) é possível fazer com que alma e corpo se entendam.
d) é impossível ao corpo compreender o ser humano.
e) o corpo humano pode compreender mas não pode ser compreendido.

376) "Qualquer assaltante que encontremos..."; nesse segmento, o uso do subjuntivo mostra uma:

a) certeza
b) comparação

c) possibilidade
d) previsão
e) condição

377) O item abaixo em que o pronome sublinhado tem seu antecedente corretamente indicado é:

a) “...ao seu interesse particular...”: corpo
b) “...para quem as nossas palavras...”: assaltante
c) “...de que nos separam abismos...”: sozinhos
d) “...e com o qual ficaríamos...”: águas
e) “...talvez consigamos torná-lo...”: assaltante

378) “...senão à nossa desgraça.”; o vocábulo sublinhado eqüivale, nesse segmento, a: 4 ,

a) ou
b) exceto
c) salvo
d) e não
e) se

379)”...é discorrer diante de um polvo.”; esse segmento do texto representa uma tarefa:

a) trabalhosa
b) inútil
c) frutífera
d) temerosa
e) destemida

TEXTO LVII

PERITO LEGISTA - FAEPOL
TEXTO 2
LONGEVIDADE

Pouquíssimas são as longevidades justificáveis. Curta ou longa, a vida deveria encerrar-se logo ao cessar a missão de quem viveu: criar um filho, realizar uma obra, fazer uma guerra, perpetrar um crime...

Existências exemplares que souberam quando terminar!

Desgraçadamente essa ciência a mais ninguém hoje se concede, empenhada que anda a medicina em proporcionar meras e miseráveis sobrevivências.

(Walter Benevides)

380) O termo longevidade significa:

a) vida inútil
b) vida distante
c) vida indiferente
d) vida miserável
e) vida longa

381) Pouquíssimas só não eqüivale semanticamente a:

a) mínimas
b) raríssimas
c) muito poucas
d) extremamente raras
e) bastante poucas

382) “Existências exemplares” são aquelas que:

a) realizaram obras benéficas.
b) tiveram longevidades injustificáveis.
c) souberam quando terminar.
d) não cumpriram missões negativas.
e) recusaram sobrevivências miseráveis.

383) A “ciência” a que se refere o autor do texto é:

a) a medicina, encarregada da sobrevivência humana
b) a competência de criar um filho
c) a possibilidade de realizar uma missão, curta ou longa
d) a de ter consciência de saber quando morrer
e) a possibilidade de ampliar a extensão da vida humana

384) O autor critica a Medicina porque ela:

a) desconhece a origem dos males.
b) aceita missões positivas e negativas.
c) prolonga vidas inúteis.
d) não é ensinada de forma competente a mais ninguém.
e) só propicia vida melhor para uns poucos privilegiados.

385) “Curta ou longa” é um exemplo de antítese, em que se opõem dois vocábulos de significação oposta; o item abaixo em que os dois vocábulos indicados possuem oposição semântica é:

a) encerrar-se / iniciar-se
b) realizar / imaginar
c) pouquíssimas / reduzidíssimas
d) cessar / interromper
e) exemplares / inúteis

TEXTO LVIII

PERITO LEGISTA - FAEPOL
TEXTO 3
A CIÊNCIA

I - A ciência permanecerá sempre a satisfação do desejo mais alto da nossa natureza, a curiosidade; ela fornecerá sempre ao homem o único meio que ele possui para melhorar a própria sorte. (Renan)
II-A ciência, que devia ter por fim o bem da humanidade, infelizmente concorre na obra de destruição e inventa constantemente novos meios de matar o maior número de homens no tempo mais curto. (Tolstói)
III -Faz-se ciência com fatos, como se faz uma casa com pedras; mas uma acumulação de fatos não é uma ciência, assim como um montão de pedras não é uma casa. (Poincaré)

386)A(s) opinião(ões) que traduz(em) uma visão negativa da ciência é(são):

a) I
b) II
c) III
d) I-II
e) II-III

387) Segundo o segmento I, a curiosidade é:

a) a satisfação de nosso desejo
b) o caminho de melhorar a própria sorte
c) o único meio de obter satisfação
d) o desejo mais alto da nossa natureza
e) sinônimo da própria ciência

388) O “desejo mais alto”, citado no segmento I, significa o desejo:

a) mais contido
b) mais difícil
c) mais problemático
d) mais intenso
e) mais espiritual

389) O emprego do futuro do presente do indicativo no segmento I significa:

a) certeza dos fatos futuros
b) possibilidade de fatos futuros
c) incerteza dos fatos futuros
d) dúvida sobre os fatos futuros
e) desejo do autor sobre os fatos futuros

390) “...para melhorar a própria sorte.”; o vocábulo *sorte,* nesse segmento, eqüivale semanticamente a:

a) futuro
b) felicidade
c) infortúnio
d) horóscopo
e) destino

391) No segmento II, o uso do pretérito imperfeito do indicativo em “...devia ter por fim o bem da humanidade...” significa que:

a) a finalidade da ciência está equivocada.
b) o ideal da ciência, no passado, era o bem da humanidade.
c) a realidade é diferente da finalidade ideal da ciência.
d) a realidade confirma o ideal científico.
e) sob certas condições a ciência atinge o seu ideal.

392) “...infelizmente concorre na obra de destruição...”; nesse segmento, o verbo *concorrer* eqüivale semanticamente a:

a) compete; rivaliza
c) prejudica :
d) colabora
e) combate

393) “...bem da humanidade...”, “...obra de destruição...”, “...novos meios de matar...”; as expressões sublinhadas são respectivamente correspondentes a:

a) humano, destrutiva, mortíferos
b) humanitário, destruidora, homicidas
c) humanista, destrutiva, assassinos
d) humano, destruidora, violentos
e) humanitário, destruidora, mortais

394) Vocábulos que no segmento II mostram a opinião do autor do texto sobre o conteúdo veiculado é:

a) infelizmente / devia
b) constantemente / infelizmente
c) por fim / devia
d) destruição / ciência
e) constantemente / destruição

395) “...matar o maior número de homens no tempo mais curto”, como aparece no segmento II, demonstra:

a) violência inútil
b) crueldade necessária
c) qualidade suprema
d) eficácia positiva
e) eficiência mórbida

396) “...como se faz uma casa com pedras...”, no segmento III, corresponde a uma:

a) condição
b) causa
c) conseqüência
d) comparação
e) concessão

397) No segmento III, os dois termos que se encontram nos mesmos postos de comparação são:

a) ciência / pedras
b) fatos / casa
c) ciência / casa
d) ciência / fatos
e) casa / pedras

398) O que nos três segmentos do texto 3 mostra um ponto comum da ciência é que ela é vista como:

a) um bem para a humanidade
b) um conhecimento subjetivo
c) uma esperança de progresso
d) uma certeza de sobrevivência
e) uma atividade humana

TEXTO LIX

MAGISTÉRIO MUNICIPAL - RIO
PRISÃO DE VENTRE NA ALMA (fragmento)

Todos estamos nos tornando, hoje, mais desconfiados do que no passado. Com exceção das pessoas que se dispõem a pagar um preço altíssimo por uma unidade monolítica, somos todos bastante divididos interiormente.

Para o bem ou para o mal, vão rareando as convicções inabaláveis. Uma parte de nós quer acreditar, outra é descrente.

Gostaríamos de ter segurança para acreditar em coisas que ninguém pode assegurar que são inteiramente dignas de nossa confiança.

As verdades do crente dependem da fé, enquanto a fé existe.

Mas a fé também pode deixar de existir; ela não depende da razão, nem da ciência; depende de Deus, que a deu e pode tirá-la. O filósofo Pascal já no século XVI afirmava que a nossa razão serve, no máximo, para nos ajudar a fazer apostas mais convenientes.

As verdades científicas, por sua vez, dependem da história, são periodicamente revistas, reformuladas. As novas descobertas e as novas invenções não se limitam a complementar os conhecimentos já adquiridos: exigem que eles sejam rediscutidos e às vezes drasticamente modificados.

E as verdades filosóficas? Quanto maiores forem os pensadores que as enunciam, mais acirrada será a controvérsia entre eles. As verdades filosóficas se contradizem, umas questionam as outras.

Somos envolvidos, então, por uma onda de ceticismo. É possível que essa onda já tenha tido alguns efeitos favoráveis à liberdade espiritual dos indivíduos, ao fortalecimento neles do espírito crítico. É possível que ela tenha de algum modo "limpado o terreno" para um diálogo mais desenvolto entre as criaturas, para valores mais comprometidos com o pluralismo, contribuindo para a superação de algumas formas rígidas e dogmáticas de pensar.

Dentro de limites razoáveis, o ceticismo atenua certezas, suaviza conclusões peremptórias e abre brechas no fanatismo. Na medida em que se espraia indefinidamente, contudo, ele traz riscos graves. A própria dinâmica de um ceticismo ilimitado apresenta uma contradição insuperável.

O poeta Brecht expressou esse impasse num poeminha que tem apenas três versos e que não pode deixar de ser reproduzido aqui: "Só acredite no que seus olhos vêem e no que seus ouvidos escutam. Não acredite nem no que seus olhos vêem e seus ouvidos escutam. E saiba que, afinal, não acreditar ainda é acreditar."

Realmente, quem não acredita, para estar convencido de que não está acreditando, precisa acreditar em seu poder de não acreditar.

Aquele que não crê, curiosamente, está crendo na sua descrença.

(Leandro Konder)

399) “...as pessoas que se dispõem a pagar um preço altíssimo por uma unidade monolítica...”; com esse segmento o autor do texto quer referir-se:

a) àquelas pessoas que, tendo possibilidades, procuram aumentar sua cultura a ponto de superarem as dúvidas.
b) aos indivíduos que se sacrificam interiormente em troca de uma consistência psicológica que os defenda de divisões internas.
c) às pessoas que se dispõem a viver sozinhas, separadas de todos os demais, a fim de evitar sofrimento inútil.
d) àqueles que imaginam viver em comunhão com Deus de modo fiel e, pela fé, superar os obstáculos.
e) àqueles céticos que defendem seu ateísmo de forma a mostrarem uma unidade de pensamento que, na verdade, não possuem.

400) “Uma parte de nós quer acreditar, outra é descrente.” O par de vocábulos abaixo que não poderia substituir, respectivamente, de forma adequada, os elementos sublinhados é:

a) quer ter fé / pecadora ;
b) quer crer / incrédula ,
c) quer confiar / desconfiada •.
d) quer dar crédito / cética
e) quer ter certeza / insegura

401) A divisão interna do ser humano, segundo o texto:

a) está mais ligada à perda da fé, que nos é dada ou tirada por Deus, do que à perda da credibilidade na ciência ou na filosofia.
b) se prende unicamente à contradição das verdades filosóficas, que se apoiam na maior ou menor credibilidade de seus enunciadores.
c) se origina da perda de nossas convicções, sejam na religião, na ciência ou na filosofia.
d) é própria da natureza humana, que não consegue criar, nem na religião, nem na ciência ou na filosofia, algo confiável.
e) é altamente positiva, já que nos livra do fanatismo e dos radicalismos de qualquer espécie.

402) Segundo o texto, as novas descobertas e as novas invenções:

a) servem para mostrar a força criativa do homem, opondo-se a “verdades definitivas”.
b) mostram o progresso dos conhecimentos científicos, criado a partir da correção dos erros anteriores.
c) discutem e modificam, além de desmascararem, todas as teorias científicas do passado.
d) demonstram a incapacidade da ciência de atingir a verdade, pois estão sempre corrigindo o caminho percorrido.

e) comprovam que a ciência também tem suas verdades permanentemente renovadas, pela complementação ou correção do já descoberto.

403) O ceticismo, segundo o texto, apresenta como aspecto positivo:

a) o aparecimento de um forte radicalismo crítico
b) a queda do pluralismo, que sempre desuniu os homens
c) o reconhecimento da possibilidade de várias verdades
d) o surgimento de formas mais rígidas e dogmáticas de pensar
e) a possibilidade de ampliar as brechas do fanatismo

404) O poeta Brecht é citado no texto para:

a) trazer sensibilidade ao tratamento do tema.
b) opor-se a uma teoria dominante.
c) comprovar a falência dos sentidos humanos.
d) ilustrar a contradição interna do ceticismo.
e) valorizar a força da fé.

405) O texto de Leandro Konder deve ser considerado como:

a) didático
b) informativo
c) argumentativo
d) expressivo
e) narrativo

TEXTO LX

AUXILIAR CENSITÁRIO DE APURAÇÃO - IBGE
RECURSOS HUMANOS

Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes.

Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como controlamos a produção do nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora de seu ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente e que acontece quando uma linhagem genética dependente de um ecossistema restrito fica geograficamente isolada e só evolui como outra espécie. É por isso que não temos mudado muito, mas também não nos extinguimos.

(Luís Fernando Veríssimo)

406) Segundo o texto, o sucesso da espécie humana *é* medido:

a) por sua capacidade de viver fora de seu ecossistema
b) por sua sobrevivência e proliferação
c) por possibilidade de produzir seu próprio alimento
d) por sua inalterabilidade e resistência à extinção
e) por sua agricultura

407) Dizer que a espécie humana *"é* um sucesso sem precedentes" eqüivale a dizer que:

a) não há explicações possíveis para esse sucesso.
b) poucas espécies tiveram sucesso semelhante.
c) nada ocorreu antes que pudesse explicar esse fato.
d) nenhuma outra espécie já atingiu tal sucesso.
e) nosso sucesso é independente de nossos antepassados.

408) *Precedente* e *procedente* são palavras de forma semelhante, mas de significados distintos. A frase abaixo em que há ERRO no emprego da palavra destacada é:

a) A nova pesquisa deve fazer *emergir* resultados interessantes.
b) É necessário ter bom *senso* para julgar os questionários da pesquisa.
c) Muitas informações mostram *descriminação* racial em pequena parte da população.
d) alguns pesquisadores são *destratados* pelos entrevistados.
e) alguns entrevistados indicam sua naturalidade *em vez de* sua nacionalidade.

409) “Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação”. Pode-se inferir desse segmento que:

a) não há outras espécies com a mesma proporção de peso e volume que a espécie humana.
b) só a espécie humana vai sobreviver.
c) só a espécie humana proliferou de forma tão rápida e ampla.
d) sobrevivência e proliferação são valores que medem o sucesso de uma espécie.
e) nossa proporção de peso e volume ajudou a nossa espécie a ter sucesso.

410) O termo destacado nos itens abaixo refere-se a algum termo anterior do texto; o item em que essa referência *é* esclarecida de forma ERRADA é:

a) Nenhuma outra (espécie) com uma proporção parecida...
b) ...se iguala à nossa (proporção) em termos de sobrevivência...
c) Isso (o fato de viver fora de nosso ecossistema de nascença) nos deu mobilidade...
d) ...que (mobilidade e sociabilidade) nos salvaram do processo de seleção.
e) ...e que (processo de seleção) acontece quando uma linhagem genética...

411) “Como controlamos a produção de nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história...”; a oração sublinhada apresenta, em relação à seguinte, o valor de:

a) condição
b) modo
c) comparação
d) conclusão
e) causa

412) O item em que o sinônimo da palavra destacada está corretamente indicado é:

a) “...em termos de sobrevivência e proliferação.” - multiplicação
b) “Isso nos deu mobilidade...” - rapidez
c) “Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade...” - negociação
d) “...que limitou outros bichos...” - confirmou
e) “... de um ecossistema restrito...” - selecionado.

413) O item abaixo que apresenta uma afirmação correta em relação ao texto lido é:

a) O autor declara sua esperança na sobrevivência da espécie humana.
b) O texto analisa a independência da espécie humana em relação à produção de seus próprios alimentos.

c) O texto mostra certas peculiaridades da espécie humana em relação a outras espécies.
d) O autor prevê certas dificuldades para a sobrevivência da espécie humana no planeta.
e) O texto alude à possibilidade de a espécie humana ficar dependente de um ecossistema restrito.

414) “Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes.”; a frase abaixo cuja estrutura ALTERA o sentido original desse segmento é:

a) Li que o sucesso da espécie humana é sem precedentes.
b) A espécie humana é um sucesso sem precedentes, segundo o que li.
c) Ser a espécie humana um sucesso sem precedentes foi o que foi lido por mim.
d) Li ser a espécie humana um sucesso sem precedentes.
e) Li que a espécie humana é um sucesso que não tem precedentes.

TEXTO LXI

TFC

Com franqueza, estava arrependido de ter vindo. Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora, e recapitulava o campo e o morro, pensava nos outros meninos vadios, o Chico Telha, o Américo, o Carlos das Escadinhas, a fina flor do bairro e do gênero humano. Para o cúmulo de desespero, vi através das vidraças da escola, no claro azul do céu, por cima do morro do Livramento, um papagaio de papel alto e largo, preso de uma corda imensa que bojava no ar, uma cousa soberba. E eu na escola, sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a gramática nos joelhos.
- Fui bobo em vir, disse eu ao Raimundo.
- Não diga isso, murmurou ele.
(“Conto de escola”. Machado de Assis. In: Contos, São Paulo, Ática, 1982, 9a ed., p. 25-30)

415) Indique o segmento que completa, de acordo com o texto, o enunciado formulado a seguir: No trecho transcrito, o narrador-personagem é um menino, que relata:

a) as dificuldades que experimenta nas aulas de leitura e gramática.
b) o desespero por não possuir um papagaio de papel tão soberbo como aquele que via no céu.
c) os temores de ficar de castigo, sentado, os livros nos joelhos.
d) o arrependimento por não ter acompanhado Raimundo nas estripulias com os meninos do morro.
e) suas emoções em um dia de escola.

416)Indique o segmento que completa, de acordo com o texto, o enunciado formulado a seguir: O menino se confessava “arrependido de ter vindo” porque:

a) os outros meninos vadios passariam a chamá-lo de bobo.
b) não gostava que os outros meninos empinassem seu papagaio de papel.
c) preferia ter ficado com os outros meninos, a brincar na rua.
d) tivera de cumprir a promessa de que viria, feita a Raimundo.
e) sentia dor nas pernas, ao ficar muito tempo sentado, com os livros nos joelhos.

417) Indique a letra que não apresenta uma relação semântica correta entre os termos emparelhados.

a) menino-narrador - arrependido de ter vindo
b) menino-narrador - preso de uma corda imensa
c) papagaio de papel - uma cousa soberba
d) papagaio de papel - bojava no ar
e) papagaio de papel - alto e largo

418) Assinale o segmento que pode substituir no texto, sem prejuízo da significação original, o trecho: “Ardia por andar lá fora.”

a) Queimava de raiva por estar preso.
b) Ansiava por estar lá fora.
c) Fervia-me para caminhar pelas ruas.
d) Recapitulava para saltar para a rua.
e) Almejava dirigir-me para o refeitório.

TEXTO LXII

ANALISTA JUDICIÁRIO DO TRF - 3a REGIÃO
O PARTO E O TAPETE

RIO DE JANEIRO - Big nem era minha, era de um cunhado.

Naquele tempo eu ainda não gostava de cachorros, pagando por isso um preço que até hoje me maltrata. Mas, como ia dizendo, Big não era minha, mas estava para ter ninhada, e meu cunhado viajara.

De repente, Big procurou um canto e entrou naquilo que os entendidos chamam de "trabalho de parto". Alertado pela cozinheira, que entendia mais do assunto, telefonei para o veterinário que era amigo do cunhado. Não o encontrei. Tive de apelar para uma emergência, expliquei a situação, 15 minutos depois veio um veterinário. Examinou Big, achou tudo bem, pediu um tapete.

Providenciei um, que estava desativado, tivera alguma nobreza, agora estava puído e desbotado. O veterinário deitou Big em cima, pediu uma cadeira e um café. Duas horas se passaram, Big teve nove filhotes e o veterinário me cobrou 90 mil cruzeiros, eram cruzeiros naquela época, e dez mil por filhote. Valiam mais - tive de admitir.

No dia seguinte, com a volta do cunhado, chamou-se o veterinário oficial. Quis informações sobre o colega que me atendera.

Contei que ele se limitara a pedir um tapete e pusera Big em cima. Depois pedira um café e uma cadeira, cobrando-me 90 mil cruzeiros pelo trabalho.

O veterinário limitou-se a comentar: "Ótimo! Você teve sorte, chamou um bom profissional!". Como? A ciência que cuida do parto dos animais se limita a colocar um tapete em baixo?

"Exatamente. Se tivesse me encontrado, eu faria o mesmo e cobraria mais caro, moro longe".

Nem sei por que estou contando isso. Acho que tem alguma coisa a ver com a sucessão presidencial. Muitas especulações, um parto complicado, que requer veterinário e curiosos. Todos darão palpites, todos se esbofarão para colocar o tapete providencial que receberá o candidato ungido, que nascerá por circunstâncias que ninguém domina.

E todos cobrarão caro.

(Carlos Heitor Cony, *Folha de S. Paulo*, 19-12-01)

419)A associação entre o episódio narrado e a sucessão presidencial apòia-se

a) no argumento de que dos dois nascerá algo de grande valia e importância.
b) na idéia de que, num e noutro caso, cumprem-se rituais que pouco interferem nos fatos, mas que têm alto preço.
c) no fato de que sempre se estendem tapetes aos líderes poderosos que estão por vir.
d) na suposição de que as emergências são iguais por mais diferentes que pareçam.

e) na constatação de que a sucessão requer o envolvimento de especialistas e muita precisão.

420) Observe as frases I e II, extraídas do texto.

I. “Big nem era minha, era de um cunhado.”
II. “Big não era minha, mas estava para ter ninhada, e meu cunhado viajara.”

É correto dizer que o narrador

a) em I, sugere estar desobrigado em relação ao animal; em II, faz ressalva a essa desobrigação.
b) em I, afirma ser estranho ao animal; em II, reitera sua indiferença em relação a este.
c) em I, exprime desprezo pelo animal; em II, manifesta um mínimo de consideração pelo destino deste.
d) em I, nega ter vínculos com o animal; em II, critica o cunhado que se ausentou, deixando Big aos cuidados de outrem.
e) em I, mostra-se longe de ter responsabilidade pelo animal; em II, invoca a responsabilidade do legítimo proprietário.

421) Ao afirmar “tive de admitir” (final do 3fl parágrafo), o narrador dos fatos está indicando que

a) constatou a verdadeira importância do profissional que assistira Big, em seu trabalho de parto.
b) tomou consciência de que pagara mais do que valiam os filhotes de Big no mercado.
c) se curvou ao argumento empregado pelo veterinário para justificar o preço de seu serviço.
d) se estarreceu com o valor que um filhote pode atingir e com o preço que cobram os veterinários.
e) pagou pelos filhotes um preço justo, já que valiam mais do que dez mil cruzeiros.

422) “Se tivesse me encontrado, eu faria o mesmo e cobraria mais caro, moro longe.” O significado do período acima está corretamente expresso em:

a) Mesmo que tivesse me encontrado, eu faria o mesmo cobrando mais caro, portanto moro longe.
b) Caso tivesse me encontrado, eu faria o mesmo, mas cobraria mais caro, pois moro longe.
c) Embora tivesse me encontrado, eu faria o mesmo, porém cobraria mais caro; moro longe, pois.
d) Desde que tivesse me encontrado, eu faria o mesmo, pois cobraria mais caro, contanto que moro longe.

e) Salvo se tivesse me encontrado, eu faria o mesmo, porque cobraria mais caro, mesmo morando longe.

423) A palavra que expressa corretamente o significado de *ungido,* em... “colocar o tapete presidencial que receberá o candidato ungido”..., é

a) sacrificado
b) usurpado
c) surgido
d) proposto
e) sagrado

424) A frase que traz implícita a idéia de mudança de situação é:

a) Naquele tempo eu ainda não gostava de cachorros.
b) Nem sei por que estou contando isso.
c) Examinou Big, achou tudo bem, pediu um tapete.
d) Quis informações sobre o colega que me atendera.
e) Ótimo! Você teve sorte, chamou um bom profissional.

TEXTO LXIII

CIÊNCIAS HUMANAS - IBGE
TEXTO
ENTREVISTA

O ensaísta canadense Alberto Manguei, autor de *Uma História da Leitura,* explica por que a palavra escrita é a grande ferramenta para entender o mundo.

Veja - *Numa época em que predominam as imagens, por que a leitura ainda é importante?*

Manguei - A atual cultura de imagens é superficialíssima, ao contrário do que acontecia na Idade Média e na Renascença, épocas que também eram marcadas por uma forte imagética. Pense, por exemplo, nas imagens veiculadas pela publicidade. Elas captam a nossa atenção por apenas poucos segundos, sem nos dar chance para pensar. Essa é a tendência geral em todos os meios visivos. Assim, a palavra escrita é, mais do que nunca, a nossa principal ferramenta para compreender o mundo. A grandeza do texto consiste em nos dar a possibilidade de refletir e interpretar. Prova disso é que as pessoas estão lendo cada vez mais, assim como mais livros estão sendo publicados a cada ano. Bill Gates, presidente da Microsoft, propõe uma sociedade sem papel. Mas, para desenvolver essa idéia, ele publicou um livro. Isso diz alguma coisa.

(*Veja,* 7 de julho de 1999)

425) *...a palavra escrita é a grande ferramenta para entender o mundo.* (/.02/3); o item abaixo que representa o papel da palavra escrita no entendimento do mundo *é* o de:

a) instrumento
b) motivo
c) objetivo
d) modo
e) processo

426)...a *palavra escrita é a grande ferramenta para entender o mundo* (/.02/3); o item abaixo em que o vocábulo *grande* apresenta o mesmo valor semântico que possui nesse segmento do texto é:

a) Por um grande tempo pensou-se que o livro iria ser substituído pelo computador.
b) Bill Gates tem grande interesse em mostrar a inutilidade da palavra escrita no mundo moderno.
c) O computador ainda tem uma grande estrada a percorrer até atingir a importância do livro.

d) O entrevistado Alberto Manguei é um dos grandes conhecedores do valor da língua escrita.
e) Os computadores mais modernos atingem grandes preços no mercado.

427) O item abaixo em que o elemento destacado tem seu valor semântico corretamente indicado é:

a) *...a grande ferramenta PARA entender o mundo* - meio
b) *...explica POR QUE a palavra escrita...* - finalidade
c) *...por que a leitura AINDA é importante?* - concessão
d) *...épocas TAMBÉM marcadas por uma forte imagética.* - acréscimo
e) *...ASSIM COMO mais livros estão sendo publicados a cada ano. modo*

428) *Numa época em que predominam as imagens,...* (/.04); a época a que se refere o repórter é:

a) indeterminada
b) a dos dias de hoje
c) a da Idade Média e da Renascença
d) a de um passado próximo
e) hipotética

429) Na pergunta do repórter há uma oposição implícita entre imagens e leitura porque:

a) os livros teóricos não possuem ilustrações.
b) imagens só estão presentes em livros infantis.
c) a leitura só é a possibilidade de criar imagens.
d) as imagens independem de leitura.
e) as letras não possuem sentido sem imagens.

430) Segmento do texto que NÃO mostra, direta ou indiretamente, uma visão negativa da cultura de imagens é:

a) *a atual cultura de imagens é superficialíssima...* (7.06)
b) *essa é a tendência geral em todos os meios visivos.* (7.10/11)
c) *elas captam a nossa atenção por apenas poucos segundos...* (/.09/10)
d) *...sem nos dar chance para pensar.* (/.IO)
e) *Bill Gates, presidente da Microsoft, propõe uma sociedade sem papel.* (/.15/16)

431) Considerando que os vocábulos *imagética* e *visivos* aparecem há pouco tempo nos dicionários da língua portuguesa, isto pode significar que:

a) são vocábulos erradamente criados pelo autor do texto.
b) tais vocábulos são traduções inadequadas de vocábulos estrangeiros.
c) representam realidades ainda ausentes de nosso cenário cultural.
d) se trata de neologismos já reconhecidos oficialmente.
e) os dicionários atuais não estão atualizados.

432) Segundo o que se depreende da resposta do entrevistado, em termos de cultura de imagens, a época moderna, em relação à Idade Média e à Renascença:

a) é bem mais superficial no tratamento das imagens.
b) prefere imagens profanas, ao invés de religiosas.
c) apresenta semelhanças nas imagens publicitárias.
d) mostra idênticas preocupações formais.
e) possui tecnologia bem mais avançada.

433) *Pense, por exemplo, nas imagens veiculadas...* (/.08/9); o termo sublinhado *é* muitas vezes confundido com *vinculadas,* seu parônimo. O item abaixo em que se empregou erradamente um vocábulo por seu parônimo é:

a) O deputado dedicou seu mandado à defesa da língua escrita.
b) Os monges medievais viviam imersos em leituras.
c) Os livros medievais tinham as páginas cosidas umas às outras.
d) Os livros imorais eram queimados pela Inquisição.
e) Os valores dos livros passam despercebidos a muitos.

434) *Essa é a tendência geral em todos os meios visivos.* (/.10/11); os *meios visivos* a que alude o entrevistado incluem certamente:

a) a pintura, a fotografia e o desenho
b) a televisão, o cinema e a fotografia
c) a pintura, a televisão e o cinema
d) o cinema, a fotografia e a pintura
e) o desenho, a pintura e a televisão

435) A frase final do entrevistado - *Isso diz alguma coisa* - refere-se à:

a) pouca importância do livro diante da importância do computador no mundo moderno
b) contradição entre o pensamento e a ação de Bill Gates
c) valorização da leitura através dos tempos
d) desvalorização das imagens no mundo da Microsoft
e) necessidade de novas pesquisas sobre o valor da leitura

436) Idéia que NÃO está contida no texto lido é:

a) A cultura de imagens na atualidade é menos profunda que em épocas anteriores.
b) As imagens publicitárias não levam à reflexão pois duram pouco em nossas mentes.
c) A compreensão integral do mundo só ocorre por meio da língua escrita.
d) Apesar da atual cultura de imagens, a leitura vê crescido o seu número de adeptos.
e) Uma sociedade sem papel, como propõe Bill Gates, é impossível.

TEXTO LXIV

CIÊNCIAS HUMANAS - IBGE
TEXTO 2
COMO SE PRECAVER DE ADVOGADOS

Alguns procedimentos para não ser enrolado por um advogado desonesto:
1. Pegue referências com antigos clientes;
2. Procure a seção da OAB ou o fórum local par ver se o advogado está cumprindo, ou já cumpriu, suspensão e pesquise o motivo;
3. Antes de acertar o valor dos honorários, consulte a tabela da OAB. Não é obrigatório segui-la, mas ela serve de base;
4. Exija um contrato de prestação de serviços com duas testemunhas. De preferência, registre-o no cartório;
5. Exija também no contrato um relatório mensal sobre o andamento do processo. Cheque as informações no fórum ou nos tribunais regularmente;
6. Ao assinar uma procuração delegando poderes ao advogado, evite conceder a ele autonomia para "dar quitação e/ou receber valores".

(*Veja, 7* de julho de 1999)

437) Sobre o título do texto - *Como se precaver de advogados* - só NÃO é correto afirmar que:

a) está implícito que o texto se refere aos maus advogados.
b) o termo *como* refere-se ao modo da ação verbal.
c) a ação verbal não está atribuída a um sujeito determinado.
d) a forma correta da posição do pronome *se* na frase seria após o infinitivo: *como precaver-se de advogados.*
e) a forma verbal corresponde à 3a pessoa do singular.

438) Se colocássemos o verbo *precaver* no imperativo, como os demais do texto, teríamos a forma:

a) precavenha-se
b) precaveja-se
c) precava-se
d) precaute-se
e) não existe qualquer forma para o imperativo

439) O tom do texto, criado pelo imperativo, é o de:

a) ordem
b) conselho
c) desejo
d) convite
e) pedido

440) ***Alguns procedimentos para não ser enrolado por um advogado desonesto;*** **pode-se deduzir do segmento destacado que:**

a) todo advogado *é* desonesto.
b) há outros procedimentos que não foram citados.
c) não é possível escapar de advogados desonestos.
d) os procedimentos citados são um meio de enrolar os desonestos.
e) a revista Veja não está preocupada em defender os leitores dos procedimentos citados.

441) ***Não é obrigatório... é*** **forma equivalente a** ***Não há obrigação de...*** **seguindo esse modelo, o item que apresenta uma correspondência equivocada é:**

a) não é legal - não há legalidade.
b) não é proibido - não há proibição.
c) não é possível - não há posse.
d) não é justo - não há justiça.
e) não é ético - não há ética.

442) ***Não éobrigatório segui-LA...*** **(item 3);** ***...registre-O no cartório...*** **(item 4); nesses segmentos do texto, os pronomes destacados referem-se, respectivamente, a:**

a) tabela / contrato
b) OAB / contrato
c) OAB / cartório
d) tabela / serviço
e) base / valor

443) ***Mensal*** **corresponde a** ***mês;*** **a correspondência ERRADA entre os itens abaixo é:**

a) milenar - mil anos
b) secular - cem anos
c) biênio - dois anos
d) bimestral - dois semestres
e) quinzenal - quinze dias

444) A grafia ***e/ou*** **indica, entre os elementos** ***e*** **e** ***ou,*** **uma relação de:**

a) semelhança
b) adição
c) alternância
d) correção
e) substituição

TEXTO LXV

CIÊNCIAS HUMANAS - IBGE
TEXTO 3
APAGUE A LUZ NA HORA DE DORMIR

Os pediatras costumam pedir aos pais que apaguem todas as luzes do quarto da criança na hora de dormir, mas há aqueles que ficam com pena do filho e não seguem a instrução à risca. De acordo com estudo recente publicado na revista inglesa *Nature,* bebês que dormem com a luz **5** acesa têm entre três a cinco vezes mais probabilidades de sofrer de miopia que as crianças acostumadas a repousar no escuro desde os primeiros dias de vida. Os pesquisadores da Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos, ouviram 479 pais de crianças e adolescentes de 2 a 16 anos. Eles perguntaram se, nos primeiros anos de vida, as crianças **10** dormiam com a luz do quarto ou com o abajur aceso. Testes oftalmológicos mostraram que 34% das crianças que dormiram com o abajur ligado se tornaram míopes. O mesmo problema atingiu 55% dos que mantinham a luz do quarto acesa à noite. Apenas 10% das que sempre dormiram no escuro desenvolveram miopia. A hipótese mais provável é a **15** de que a luz durante o sono prejudica o desenvolvimento da retina. Há outra razão, menos objetiva, envolvendo a luz e o sono da criança. O apagar da luz do quarto (sem direito à luz no corredor) é o marco do fim do dia. Se a luz fica acesa, a criança tende a se distrair, a olhar para cá e para lá, e isso é ruim.

(Veja - 7 de julho de 1999)

445) Segundo o texto, deixando a luz acesa, os pais podem:

a) combater a insegurança dos filhos.
b) provocar a ansiedade nas crianças.
c) evitar a chegada do medo noturno.
d) aumentar as possibilidades de miopia nos filhos.
e) evitar o desenvolvimento da retina.

446) A relação luz acesa/miopia é:

a) fruto da opinião do autor do texto
b) indicada por pesquisa universitária
c) comprovada pelos pediatras
d) derivada da falta de cuidado dos pais
e) estabelecida pela experiência

447)*De acordo com estudo recente...; o* item que mostra um substituto adequado da expressão sublinhada é:

a) à proporção que
b) assim como
c) conquanto
d) para
e) conforme

448)*Testes oftalmológicos* referem-se à visão; a relação abaixo INCORRETAMENTE indicada é:

a) dermatológico - pele
b) ginecológico - aparelho genital feminino
c) fisiológico - músculos
d) urológico - aparelho urinário
e) neurológico - sistema nervoso

449)Ao dizer que *Apenas 10% das que sempre dormiram no escuro desenvolveram miopia,* o autor do texto indica que:

a) considera a quantidade detectada irrelevante para o estabelecimento seguro de uma relação.
b) poucos dos entrevistados puderam dar a informação solicitada.
c) considera poucos os que contrariam a indicação “da pesquisa.
d) ainda são muitos os que desenvolvem miopia, apesar de dormirem no escuro.
e) são poucos os que comprovam a relação miopia/escuro.

450) Dizer que existe uma *hipótese* sobre determinado assunto equivale a dizer que existe:

a) uma certeza comprovada
b) uma possibilidade estabelecida
c) uma opinião não-documentada
d) uma dúvida a ser esclarecida
e) um tema já pesquisado

451) Se *a luz fica acesa, a criança tende a se distrair...;* a primeira oração desse segmento estabelece, em relação à segunda, uma relação de:

a) tempo
b) concessão
c) condição
d) causa
e) conseqüência

452) ***Há outra razão, menos objetiva, en volvendo a luz e o sono da*** **criança...: o item abaixo que mostra corretamente o desenvolvimento da forma reduzida sublinhada é:**

a) quando envolve
b) enquanto envolve
c) porque envolve
d) embora envolva
e) que envolve

TEXTO LXVI

TÉCNICO JUDICIAL JURAMENTADO - CGJ
FACISMO SOCIAL NO PAÍS DO SOCIÓLOGO

A definição dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil está no artigo 3o de nossa Constituição. São todos de grande nobreza e esperança. Valem como pólos de concentração ideal para o povo, como destinos a serem alcançados pelo Brasil, na permanente viagem de nossos sonhos.

O primeiro desses objetivos consiste em realizar uma sociedade livre, justa e solidária. Para ser livre, a sociedade terá liberdades públicas asseguradas a todos. Cidadania livre é cidadania sem intervenção excessiva do poder. No país das medidas provisórias, o cidadão acorda tolhido, dia após dia, com e sem "apagões" e "caladões". Para que a sociedade possa ser tida por justa, *é* necessário diminuir as distâncias sociais, com pobres menos pobres. Depois que a moeda se estabilizou, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, honra seja feita, houve melhora nesse campo, mas o Brasil ainda é dos mais atrasados no mundo na satisfação das necessidades sociais do ser humano.

A solidariedade proclamada no texto constitucional deve ser espontânea, colhida na consciência de cada um e, pelo menos, da população mais aquinhoada em favor dos que têm pouco. A solidariedade do artigo 3o da Constituição precisa, porém, ser catalisada pelo Estado para o trabalho espontâneo em favor dos menos favorecidos. O objetivo social exigirá da administração pública e de seus funcionários que atuem em favor dos cidadãos, com eles e não contra eles, como se os considerassem inimigos. O desenvolvimento nacional, segunda das grandes metas do país, tem ido bem no plano econômico. Progredimos em termos materiais, mas não o quanto baste.

O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3o, são projetos de um sonho estratosférico. Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir desigualdades sociais e regionais é trabalho para séculos. Não há nação do mundo sem faixas de miserabilidade - nem as mais ricas. A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias. Sem a ameaça grave de sanções, a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas.

A Carta proíbe a discriminação entre o homem e a mulher (artigo 5o, I, e artigo 226, parágrafo 5°), contra as liberdades fundamentais, e a prática do racismo (artigo 5o, incisos XLI e XLII). No trabalho, veda distinções quanto ao salário, ao exercício de funções e aos critérios de admissão por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil (artigo 7o, inciso XXX). O sociólogo português Boaventura de Souza Santos, professor da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, falando recentemente a esta *Folha,* verberou a polarização da riqueza em muitos países, inclusive no nosso, em condições parecidas com a dos Estados fascistas tradicionais. Exemplificou com grupos criminosos que substituem o Estado em certas regiões (vide o PCC) e com a parte corrupta da polícia, colaboradora do crime organizado, não se sabendo onde acaba a administração pública e começa a sociedade.

Boaventura lembra a incapacidade de redistribuição da riqueza, permitindo que o capitalismo opere contra o pobre, e não a favor dele. Chama essa situação de fascismo social. Neste país, presidido por um sociólogo, precisamos meditar sobre as insuficiências gerais e as do direito em particular, afirmadas pelo sábio sociólogo português. Meditar para corrigi-las.

(Walter Ceneviva - Folha de São Paulo, 16/06/01)

453) Ao dizer que os objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil são "de grande nobreza e esperança", o autor do texto quer dizer que:

a) nossos objetivos constitucionais estão fora da realidade atual de nosso país.
b) apesar de serem nobres, os objetivos constitucionais até hoje não foram atingidos.
c) por serem nobres, esses objetivos só poderão ser alcançados com a mudança profunda da sociedade brasileira.
d) eles representam, por sua nobreza, algo que dificilmente será atingido pelo povo brasileiro.
e) os objetivos constitucionais mostram algo nobre que funciona como ponto ideal de chegada.

454) "Valem como pólos de concentração ideal para o povo, como destinos a serem alcançados pelo Brasil, na permanente viagem de nossos sonhos"; neste segmento do texto, os vocábulos que se aproximam semanticamente são:

a) ideal / sonhos
b) pólos / viagem
c) povo / Brasil
d) viagem / Brasil
e) concentração / ideal

455) No que diz respeito aos objetivos fundamentais do Brasil, presentes no artigo 3o de nossa Constituição, podemos dizer, segundo o texto, que:

a) o primeiro dos objetivos só será atingido se a liberdade, a justiça e a solidariedade brotarem espontaneamente do povo.
b) o segundo desses objetivos já foi alcançado, apesar de algumas injustiças sociais.
c) o terceiro e o quarto objetivos só serão alcançados após um trabalho de séculos.
d) o quarto objetivo vai de encontro à cobra raivosa do preconceito, que ainda age no coração de muitos.
e) para se alcançarem os objetivos constitucionais é indispensável a criminalização das condutas contrárias.

456) O segmento do texto que NÃO mostra, explícita ou implicitamente, uma crítica ao governo atual é:

a) “Cidadania livre é cidadania sem intervenção excessiva do poder.”
b) “No país das medidas provisórias, o cidadão acorda tolhido, dia após dia, com e sem ‘apagões’ e ‘caladões’
c) “O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3o, são projetos de um sonho estratosférico.”
d) “O objetivo social exigirá da administração pública e de seus funcionários que atuem em favor dos cidadãos, com eles e não contra eles,...”
e) “Neste país, presidido por um sociólogo, precisamos meditar sobre as insuficiências gerais e as do direito em particular...”

457) Ao apelar para o depoimento do sociólogo português Boaventura de Souza Santos, o articulista pretende:

a) demonstrar a força do jornal para o qual trabalha, indicando a qualidade de seus colaboradores.
b) comparar, por oposição, o pensamento de um sociólogo português com o de um sociólogo brasileiro, o Presidente da República.
c) dar autoridade e credibilidade às opiniões veiculadas pelo artigo.
d) condenar a discriminação de raça, sexo, cor e idade que aparecem em nossa sociedade.
e) indicar o retrocesso de nosso país, comparando a nossa situação com a de outros países do primeiro mundo.

458) “...são projetos de um sonho estratosférico.”; no contexto em que está inserido, o vocábulo sublinhado eqüivale semanticamente a:

a) revolucionário
b) utópico
c) superior
d) ultrapassado
e) superado

459) “...verberou a polarização da riqueza em muitos países...”; com essa frase o articulista quer dizer que o economista português:

a) já apontou, em muitos países, a má distribuição da riqueza.
b) condenou a concentração da riqueza que ocorre em muitos países.
c) mostrou a concentração da riqueza na mão de poucos, que ocorre em muitos países.
d) abordou a má distribuição da renda nacional que existe em muitos países.
e) criticou, em muitos países, que a produção econômica se tenha reduzido a um só produto básico.

460) “...carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias”; o remédio proposto pelo jornalista é que:

a) sejam consideradas criminosas todas as pessoas que praticarem qualquer tipo de discriminação.
b) ele seja idêntico ao que é adotado para crimes hediondos.
c) todos os que se opuserem às novas medidas de força sejam considerados criminosos.
d) se considerem criminosos os que se oponham aos objetivos fundamentais de nossa Constituição.
e) se contrariem todas as condutas que, criminosamente, defendam a discriminação.

461) Os primeiros parênteses empregados no penúltimo parágrafo do texto foram utilizados para:

a) explicitar a idéia anterior.
b) localizar a proibição citada.
c) acrescentar informações ao texto.
d) documentar o artigo com textos de autoridade.
e) comprovar a opinião do jornalista.

462) “...que substituem o Estado em certas regiões (vide o PCC) e com a ! parte corrupta da polícia,...”; *vide é* forma latina correspondente ao verbo “ver”. O latinismo a seguir que tem seu significado corretamente indicado é:

a) sic - nunca
b) et alii - e assim
c) ad hoc - isto é
d) lato sensu - em sentido restrito
e) verbi gratia - por exemplo

463) O texto que serve de motivo a esta prova pode ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) argumentativo opinativo
b) narrativo moralizante
c) expositivo informativo
d) argumentativo polêmico
e) expositivo didático

TEXTO LXVII

AUXILIAR DE TELECOMUNICAÇÕES - TCT/RJ
OS COMILÕES E OS INSONES

Eu e vocês já tínhamos ouvido falar do time do come-e-dorme.

Era uma expressão da nossa infância que se confundia, acredito, com a própria infância do futebol.

Para os torcedores mais jovens, eu poderia explicar que o time do come-e-dorme era aquele formado por jogadores que viviam encostados nos clubes, meio marginalizados, mas que pareciam até apreciar essa situação: eram reservas que treinavam, levavam seu dinheirinho para casa, mas quase não jogavam.

Quando entravam no time, era geralmente no fim do jogo, quando o resultado já estava definido, e a responsabilidade era pouca. No clube, levavam a vida sem muito compromisso; em casa, comiam e dormiam, naturalmente.

Há muito tempo, não ouvia falar no time do come-e-dorme.

Parece que foi se desintegrando com as exigências cada vez mais severas do regime profissional.

Mas eis que agora ele ressurge com uma nova maquiagem, como vocês viram nas reportagens sobre o Flamengo durante a semana: *é* o time que come, come muito, mas não dorme, dorme pouco. (...)

Voltando ao caso particular do Flamengo, parece que sexta feira foi dia de séria reprimenda dos dirigentes nos comilões e nos insones. Já não foi sem tempo, porque os jogadores dos times cariocas, não só os do Flamengo, têm uma tendência natural para mergulhar fundo nas águas do amadorismo.

Vamos verificar se, repreendidos, retomam o caminho do futebol profissional. (...)

(Fernando Calazans. Os *Comilões e os Insones.* O Globo, Rio de Janeiro, 06 de outubro de 1991)

464) “...time do come-e-dorme. Era uma expressão da nossa infância...” (/. 1 e 2) Nesta passagem, o autor afirma, principalmente, que a expressão come-e-dorme foi:

a) criada por um antigo clube.
b) usada pelas crianças de sua época.
c) vivenciada por todos os seus leitores.
d) utilizada noutros tempos pelos reservas do time.

465) O texto nos revela, em relação ao time do come-e-dorme, que seus jogadores eram:

a) lentos

b) importantes
c) apadrinhados
d) privilegiados

466) O texto tem como tema principal uma crítica aos jogadores de futebol. Entre as passagens abaixo, aquela que não constitui um aspecto dessa crítica é:

a) “Era uma expressão da nossa infância...” (/. 2)
b) “...levavam seu dinheirinho para casa, mas quase não jogavam...” (/. 7e8)
c) “...o resultado já estava definido, e a responsabilidade era pouca.” (/. 10)
d) “...têm uma tendência natural para mergulhar fundo nas águas do amadorismo.” (/. 22 e 23)

467) Da linha 4 à 12 o autor descreve:

a) o treino cansativo dos reservas
b) o modo do time finalizar o jogo
c) a vida fácil de alguns jogadores de futebol
d) a forma de pagamento do time do come-e-dorme

468) O antigo time do come-e-dorme atualmente *é o* time do “come muito, mas não dorme”. Segundo o autor, este fato ocorreu em virtude de:

a) preocupação com o aumento de treinos
b) regras rígidas impostas pela profissão
c) dedicação exclusiva dos jogadores ao clube
d) estafa do time pela atuação em muitos jogos

469) “Mas eis que agora ele ressurge com uma nova maquiagem,...” (/. 16). A palavra que tem o mesmo significado da sublinhada acima é:

a) reaparece
b) treina
c) volta
d) atua

470) “...exigências cada vez mais severas...” (/. 14) A palavra “severas” significa rígidas. De acordo com o texto, o antônimo para este termo é:

a) rigorosas
b) eficazes
c) difíceis
d) brandas

TEXTO LXVIII

INSPETOR DE POLICIA - FAEPOL
DROGAS: A MÍDIA ESTÁ DENTRO

Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários que a gente pensa que não vão dar em nada, ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça. Ouvi-o de um professor - um professor brilhante, é bom que se diga. Ele se saía muito bem, tecendo considerações críticas sobre o provão. Aliás, o debate era sobre o provão, mas isso não vem ao caso. O que me interessou foi um comentário marginal que ele fez - e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário. Primeiro, ele disse que a publicidade não pode tudo, ou melhor, que nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda. Sim, a tese é óbvia, ninguém discorda disso, mas o mais interessante veio depois. Para corroborar sua constatação, o professor lembrou que muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV. Qual a conclusão lógica?

Isso mesmo: nem todo hábito de consumo é ditado pela publicidade.

A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público. Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada. Continuemos no campo das substâncias ilícitas. Existem insistentes campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam. Moral da história? Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia. Temos alguma autonomia para formar nossas decisões. Tudo certo? Creio que não. Concordo que a mídia não pode tudo, concordo que as pessoas conseguem guardar alguma independência em sua relação com a publicidade, mas acho que o professor cometeu duas impropriedades: anunciou uma tese fácil demais e, para demonstrá-la, escolheu um exemplo ingênuo demais. Embora não vejamos um comercial promovendo explicitamente o consumo de cocaína, ou de maconha, ou de heroína, ou de crack, a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam, durante 24 horas por dia, com a propaganda não de drogas, mas do efeito das drogas. A publicidade, nesse sentido, não refreia, mas reforça o desejo pelo efeito das drogas. Por favor, não se pode culpar os publicitários por isso - eles, assim como todo mundo, não sabem o que fazem.

(EugênioBucci)

471) DROGAS; A MÍDIA ESTÁ DENTRO; com esse título o autor:

a) condena a mídia por sua participação na difusão do consumo de drogas.
b) mostra que a mídia se envolve, de algum modo, com o tema das drogas.
c) faz um jogo de palavras, denunciando o incentivo ao consumo de drogas pela mídia.

d) demonstra a utilidade da mídia em campanhas antidrogas.
e) indica que a mídia é bastante conhecedora do tema das drogas.

472) “Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários...”; se desenvolvermos a forma do gerúndio *assistindo* de forma adequada ao texto, teremos:

a) depois de assistir
b) assim que assisti
c) enquanto assistia
d) logo que assisti
e) porque assisti

473) “Ele se saía muito bem tecendo considerações críticas sobre o provão,...”; o gerúndio *tecendo* mostra uma ação:

a) que antecede a do verbo da oração anterior.
b) posterior à do verbo da oração anterior. _’ __
c) que é a conseqüência da ação da oração anterior.
d) simultânea à do verbo da oração anterior.
e) que mostra oposição à ação da oração anterior.

474)A expressão destacada que tem seu significado corretamente expresso é:

a) “...que a gente pensa que não vão dar em nada.” - que não vão chegar a ser publicados
b) “...ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça.” - que me deixou com dor de cabeça
c) “...o debate era sobre o provão; mas isso não vem ao caso.” – tem pouca importância
d) “...um professor brilhante, é bom que se diga.” - é importante destacar isso
e) “Ele se safa muito bem...” - ele desviava do assunto principal

475) “O que me interessou foi um comentário marginal...”; o vocábulo destacado significa:

a) subliminar
b) maldoso
c) anormal
d) desprezível
e) paralelo

476) “Primeiro, ele me disse que a publicidade não pode tudo, ou melhor, que nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda.”; a expressão *ou melhor* indica:

a) retificação
b) esclarecimento
c) alternância

d) incerteza
e) ratificação

477) “Sim, a tese é óbvia...”; “Para corroborar sua constatação, o professor lembrou que muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV.”; em termos argumentativos, podemos dizer, com base nestes dois segmentos, que:

a) a tese é acompanhada de argumento que a defende.
b) a tese leva a uma conclusão explícita.
c) a tese parte de uma premissa falsa.
d) a tese não é acompanhada de dados que a comprovem.
e) a tese é falaciosa e não pode ser provada.

478) “Para corroborar sua constatação...”; no caso do professor citado no texto, seu pensamento *é* apoiado por:

a) opinião própria
b) estatística
c) testemunho de autoridade
d) evidência
e) analogia

479) “Muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público”; esta afirmação:

a) funciona como mais um argumento para a tese emitida pelo professor.
b) desmoraliza o falso argumento citado pelo professor no debate.
c) confirma a tese de que a publicidade pode tudo.
d) é mais um argumento do professor em defesa do que pensa.
e) representa mais uma dúvida do jornalista sobre o tema debatido.

480) Toda publicidade muda hábitos / X é publicidade contrária ao consumo de cocaína / X vai mudar o hábito de consumo da cocaína. Este silogismo, considerando-se o que é dito no texto, NÃO é verdadeiro porque:

a) a premissa não é verdadeira.
b) um dos termos do silogismo possui ambigüidade.
c) a conclusão não é uma decorrência lógica da premissa.
d) a premissa não é suficiente para a conclusão.
e) a organização dos termos está fora da disposição padrão.

481) Em alguns segmentos do texto, o autor interage com o leitor, dialogando com ele. O item em que essa estratégia está ausente *é:*

a) “Por favor, não se pode culpar os publicitários por isso - eles, assim como todo mundo, não sabem o que fazem.”
b) “Tudo certo? Creio que não.”

c) “Qual a conclusão lógica? Isso mesmo: nem todo hábito de publicidade *é* ditado pela mídia.”
d) “Moral da história? Nem que seja para consumir produtos
químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia.”
e) “Ouvi-o de um professor - um professor brilhante, é bom que se diga.”

482) O item em que a palavra destacada tem um sinônimo corretamente indicado é:

a) “...nem todas as atitudes humanas são DITADAS pela propaganda.” - regulamentadas
b) “Para CORROBORAR sua constatação,...” - contrariar
c) “Continuemos no campo das substâncias ILÍCITAS.” - perigosas
d) “...algumas um tanto SOPORÍFERAS,...” - maçantes
e) “Temos alguma AUTONOMIA para formar nossas decisões.” inteligência

483) “Continuemos no campo das substâncias ilícitas.”; o emprego da primeira pessoa do plural em *continuemos* se justifica porque o autor:

a) se refere a ele e ao professor citado no texto.
b) engloba o autor e os publicitários.
c) quer escrever de forma mais simpática e popular.
d) abrange o autor e os possíveis leitores.
e) distraiu-se sobre o tratamento até então dado ao tema.

484) “...campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam.”; no segmento sublinhado, o autor do texto alude à estratégia publicitária do (da):

a) sedução
b) intimidação
c) provocação
d) constrangimento
e) tentação

485) “...campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam.”; com esse segmento do texto, o autor nos diz que:

a) todas as campanhas antidrogas fracassam porque empregam estratégias inadequadas.
b) campanhas antidrogas fracassam mas nem todas são bem elaboradas.
c) mesmo apelando a estratégias diversas, todas as campanhas antidrogas fracassam.
d) campanhas antidrogas apelam para várias estratégias porque fracassam.
e) as campanhas antidrogas trazem contradições internas, que as levam ao fracasso.

486) “Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia.”; com esse segmento do texto, o autor quer dizer que:

a) nossa liberdade é completa diante das pressões da mídia.
b) possuímos liberdade limitada diante da mídia, ainda que a empreguemos mal.
c) como consumimos produtos químicos ilegais, temos reduzida liberdade.
d) já que a mídia anuncia produtos ilegais, nossa liberdade de escolha é limitada.
e) temos pouca liberdade diante da ação da mídia pois parte de sua ação é ilegal.

487) “Tudo certo? Creio que não.”; o autor do texto acha que nem tudo está certo porque:

a) discorda da tese defendida pelo professor.
b) não concorda com a afirmação de que a mídia não faz propaganda de cocaína.
c) acha que a mídia faz propaganda clara de substâncias químicas ilegais.
d) o professor não apresenta qualquer argumento para a defesa de sua tese.
e) as drogas continuam sendo consumidas, apesar das campanhas contrárias.

488) Segundo o texto, as drogas:

a) aparecem, na mídia, de forma explícita.
b) não são exploradas pela mídia.
c) são condenadas pela mídia de forma implícita
d) aparecem na mídia por meio de referências indiretas
e) são motivo central da propaganda midiática.

489) “...tecendo considerações críticas sobre o provão.”; *críticas* significa:

a) de ironia
b) de condenação
c) de apreciação
d) de humor
e) de negativismo

490) O adjetivo cuja expressão correspondente é indicada ERRADAMENTE é:

a) debates universitários - debates de universidades
b) professor brilhante - professor de brilho
c) comentário marginal - comentário à margem
d) atitudes humanas - atitudes do homem
e) substâncias ilícitas - substâncias fora da lei

TEXTO LXIX

TÉCNICO DE CONTROLE EXTERNO DO TCM/RIO
REPUTAÇÃO ILIBADA

Há, no Brasil, cargos para os quais a lei exige reputação ilibada, ou seja, fama ou renome sem mancha. Servem de exemplo ministros do STF (Supremo Tribunal Federal) e do STJ (Superior Tribunal de Justiça).

Para outros, o que é verdadeiro paradoxo criado pelo constituinte de 1988, reputação ilibada não basta, pois para o ministro do Tribunal de Contas da União a Constituição também impõe a idoneidade moral. Não é fácil explicar para que serve a dupla imposição, quando dispensada nas duas mais importantes cortes judiciárias do país. Sugeriria a insuficiência da reputação sem mácula, o que levaria ao absurdo.

As distinções oferecem outras curiosidades. Os ministros do STF e do STJ devem ter notável saber jurídico, mas basta, para os do Tribunal de Contas da União, o notório conhecimento jurídico, entre outras qualidades.

A distinção é inócua, embora os juristas digam que a lei não contém vocábulos inúteis. Saber e conhecimento, tanto quanto notável e notório, são palavras ocas. Dependem dos valores subjetivos de quem as aplique.

Para presidente da República, para deputado e senador, nada disso é exigido. Eleitos pelo voto popular, submetem-se a variáveis limites de idade. Não carecem de saber ou conhecimento. Basta que não sejam analfabetos. O presidente da República deve cumprir a lei e manter a probidade administrativa, mas nem sequer pode ser processado por crimes comuns, como aconteceria com o adultério não perdoado pela mulher.

Nos Estados Unidos, sob desculpa de exigirem reputação ilibada de seu presidente, os discursos moralistas esquecem a história.

Clinton errou e errou feio, mas não está só. Houve líderes de porte, mas maridos nem sempre fidelíssimos, como Roosevelt e John Kennedy, este com a vantagem do inegável bom gosto. (...)

A palavra decoro tem uma certa vantagem para definir o que se espera dos líderes políticos. É lamentável que, muitas vezes, decoro seja confundido com a ação que, embora irregular, termina sem ser descoberta. No processo por ofensa ao decoro, o senso de justiça se afoga na valoração política e no escândalo da mídia, interferindo contra ou a favor do acusado.

(Walter Ceneviva, Folha de S. Paulo, 12/09/99)

491) O fragmento em que o autor explica o "verdadeiro paradoxo criado pelo constituinte de 1988" (/. 4) é:

a) "...quando dispensada nas duas mais importantes cortes judiciárias do país" (/. 7/8)
b) "...a lei exige reputação ilibada, ou seja, fama ou renome sem mancha" (/. 1/2)

c) “Servem de exemplo ministros do STF (Supremo Tribunal Federal e do STJ (Superior Tribunal de Justiça)” (/. 2/3)
d) “as distinções oferecem outras curiosidades” (/. 10)
e) “a distinção é inócua...” (/. 13)

492) “Dupla imposição” *(l. 7)*, no texto, refere-se:

a) a leis emanadas das duas mais importantes cortes judiciárias do país
b) à redundância entre fama e renome sem mancha
c) à exigência de reputação ilibada e idoneidade moral
d) às penas aplicadas pelo Supremo Tribunal Federal e pelo Superior Tribunal de Justiça
e) às atribuições dos ministros do Superior Tribunal de Justiça e do Tribunal de Contas da União

493) “Dependem dos valores subjetivos de quem as aplique” (/. 15) significa

a) modificam os valores de quem as enuncia.
b) têm seus sentidos fixados apenas nos dicionários.
c) tomam significado de acordo com padrões individuais.
d) referem-se àqueles que a utilizam.
e) caracterizam-se pela univocidade.

494) Leia o fragmento abaixo. “*É* lamentável que, muitas vezes, decoro seja confundido com a ação que, embora seja irregular, termina sem ser descoberta.” (/. 28-30) A intenção do autor é

a) ignorar a dicotomia pensamento/ação.
b) legitimar o duplo sentido da palavra decoro.
c) confundir decoro com punibilidade.
d) denunciar a hipocrisia na preservação do decoro.
e) dissociar o senso de justiça da valoração política.

495) Os elementos que estabelecem a coesão entre o 1o e o 2o parágrafos e entre o 2o e o 3o são, respectivamente,

a) “embora” (/. 13) e “como” (/. 25)
b) “também” (/. 6) e “mas nem sequer” (/. 20)
c) “mas” (/. 11) e “probidade administrativa” (/. 20)
d) “entre outras qualidades” (/. 12) e “de quem” (/. 15)
e) “outras curiosidades” (/. 10) e “nada disso” (/. 16/17)

TEXTO LXX

AUXILIAR JUDICIÁRIO DA CORREGEDORIA/RJ

VIVER EM SOCIEDADE

A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, necessita de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite dos outros muitas vezes por dia.

Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.

Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar idéias, necessitada de dar e receber afeto. E muito provavelmente ficaria louca se continuasse sozinha por muito tempo.

Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada de tal modo que sirva, realmente, para esse fim. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades, é aquela em que todos, desde o momento em que nascem, têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados, como também devem conhecer e cumprir seus deveres e suas responsabilidades sociais.

(Dalmo de Abreu Dallari)

496) Segundo o primeiro parágrafo do texto:

a) as pessoas se ajudam mutuamente a fim de formarem uma sociedade.
b) a garantia da continuidade da vida é dada pela satisfação dos desejos das pessoas.
c) a satisfação dos interesses e desejos das pessoas leva à vida em sociedade.
d) não seria possível a sobrevivência se não existisse sociedade.
e) sem a ajuda mútua, as pessoas levariam uma vida isenta de desejos.

497) "...pois o ser humano, durante muito tempo, necessita de outros para conseguir alimentação e abrigo."; a expressão "durante muito tempo" se refere certamente ao período:

a) da velhice
b) da gravidez
c) de doenças
d) da infância
e) do trabalho

498) "E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite dos outros muitas vezes por dia."; o item cuja substituição pelo termo proposto em maiúsculas é inadequada é:

a) no mundo moderno = MODERNAMENTE
b) produzidos pela indústria = INDUSTRIALIZADOS
c) muitas vezes = FREQÜENTEMENTE
d) por dia = DIARIAMENTE
e) na cidade = URBANAMENTE

499) "Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material..."; a presença do segmento "não são apenas de ordem material" indica que, na continuidade do texto, haverá:

a) um termo de valor aditivo e pertencente a uma outra ordem
b) um termo de valor adversativo e pertencente a uma ordem diferente da citada
c) um termo de valor explicativo e pertencente à mesma ordem já referida
d) um termo de valor concessivo e pertencente a uma ordem diversa
e) um termo de valor conclusivo e pertencente à ordem citada anteriormente

500) "Elas são também de ordem espiritual e psicológica."; as palavras que exemplificam, respectivamente, na continuidade do texto as necessidades espiritual e psicológica, são:

a) afeto / atenção
b) crenças / afeto
c) fé / crenças

d) amar / ser amada
e) atenção / esperanças

501)”...a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana.”; reescrevendo-se este segmento do texto com a manutenção de seu sentido original, temos como forma adequada:

a) a natureza humana necessita da vida em sociedade.
b) a vida em sociedade necessita da natureza humana.
c) a necessidade da natureza humana é uma vida em sociedade.
d) uma necessidade da natureza humana é a vida em sociedade.
e) a natureza humana é necessária à vida em sociedade.

502) “...sofrendo a tristeza da solidão,...”; isso significa que:

a) a tristeza é semelhante à solidão.
b) a solidão provoca tristeza.
c) a tristeza leva à solidão.
d) a solidão é fruto da tristeza.
e) a tristeza causa solidão.

503) “...ficaria louca se continuasse sozinha.”; a relação entre essas duas I orações mostra que:

a) a segunda só se realiza se a primeira não realizar-se.
b) a primeira se realiza contanto que a segunda não se realize.
c) a segunda é conseqüência da primeira.
d) a primeira é motivada pela segunda.
e) a primeira é uma hipótese para a realização da segunda.

504) “E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas.”; com o segmento sublinhado, o autor do texto:

a) alude à discriminação racial.
b) refere-se à falta de disciplina social.
c) indica a existência de desigualdades sociais.
d) mostra a justa distribuição de renda no Brasil.
e) critica a falta de preocupação com a solidariedade.

TEXTO LXXI

ASSISTENTE TÉCNICO DE PLENÁRIO - TCT/RJ

TEXTO 1

O “IMPEACHMENT” E A AUSÊNCIA DE RESPONSABILIDADE PRESIDENCIAL

Tendo aludido ao lugar da obra de Rui Barbosa onde se lê “mais vale, no governo, a instabilidade que a irresponsabilidade” - essa nota dominante do presidencialismo - um dos nossos bons constitucionalistas retratou com suma clareza e singeleza a inoperância do *impeachment*, instituto de origem anglo-saxônica, acolhido pelas Constituições presidencialistas, ao afirmar que “sendo um processo de ‘formas’ criminais (ainda que não seja um procedimento penal ‘estrito’), repressivo, *a posteriori*, seu manejo é difícil, lento, corruptor e condicionado à prática de atos previamente capitulados como crimes”.

Sobre o *impeachment*, esse “canhão de cem toneladas” (Lord Bryce), que dorme “no museu das antigüidades constitucionais” (Boutmy) é ainda decisivo o juízo de Rui Barbosa, quando assevera que “a responsabilidade criada sob a forma do *impeachment* se faz absolutamente fictícia, irrealizável, mentirosa”, resultando daí no presidencialismo um poder “irresponsável e, por conseqüência, ilimitado, imoral, absoluto”.

Essa afirmativa se completa noutra passagem em que Rui Barbosa, depois de lembrar o *impeachmet* nas instituições americanas como “uma ameaça desprezada e praticamente inverificável”, escreve: “Na irresponsabilidade vai dar, naturalmente, o presidencialismo. O presidencialismo, se não em teoria, com certeza praticamente, vem a ser, de ordinário, um sistema de governo irresponsável”. Onde o presidencialismo se mostra pois irremediavelmente vulnerável e comprometido é na parte relativa à responsabilidade presidencial. O presidencialismo conhece tão-somente a responsabilidade de ordem jurídica, que apenas permite a remoção do governante, incurso nos delitos previstos pela Constituição. Defronta-se o sistema porém com um processo lento e complicado (o *impeachment*, conforme vimos), que fora da doutrina quase nenhuma aplicação teve. Muito distinto aliás da responsabilidade política a que é chamado o Executivo na forma parlamentar, responsabilidade mediante a qual se deita facilmente por terra todo o ministério decaído da confiança do Parlamento.

(BONAVIDES, Paulo. *Ciência política*, p. 384)

505) Dentre as mazelas do presidencialismo que integram a crítica de Rui Barbosa, a que o texto mais destaca é:

a) a irresponsabilidade
b) a instabilidade

c) o absolutismo
d) a imoralidade

506) Dentre as citações do texto, a que mais se distancia dos recentes acontecimentos políticos ocorridos no Brasil é:

a) "(...) um dos nossos bons constitucionalistas retratou com suma clareza e singeleza a inoperância do *impeachment."* (/. 3/4)
b) "sobre o *impeachment,* esse "canhão de cem toneladas" (Lord Bryce), que dorme "no museu das antigüidades constitucionais" (Boutmy) é ainda decisivo o juízo de Rui Barbosa (...)" - (/. 10-12)
c) "defronta-se o sistema porém com um processo lento e complicado (...) que fora da doutrina quase nenhuma aplicação teve." (/. 26-28)
d) "(...) responsabilidade mediante a qual se deita facilmente por terra todo o ministério decaído da confiança do Parlamento." (/. 30/31)

507) Das referências ao *impeachment* feitas abaixo, a única que não se encontra no texto é:

a) trata-se de um instituto criado por constitucionalistas brasileiros.
b) pode ser incluído entre as falhas do sistema presidencialista.
c) carece, enquanto processo, de presteza e simplificação.
d) constitui um instrumento constitucional ultrapassado.

508) A referência explícita ao parlamentarismo, no texto, ocorre:

a) somente no primeiro parágrafo "
b) nos dois primeiros parágrafos
c) somente no último parágrafo
d) nos dois últimos parágrafos

509)"(...) atos previamente capitulados como crime" (/. 9); o adjetivo sublinhado corresponde a:

a) acatados
b) condenados
c) lastreados
d) enumerados

510) O primeiro parágrafo do texto revela que a alusão à máxima "mais vale, no governo, a instabilidade que a irresponsabilidade" se deve a:

a) uma crítica de Rui Barbosa
b) um estudioso das Constituições
c) autores de origem anglo-saxônica
d) alguns críticos do presidencialismo

TEXTO LXXII

ASSISTENTE TÉCNICO DE PLENÁRIO - TCT/RJ
TEXTO 2
TRABALHO E AVENTURA

Nas formas de vida coletiva podem assinalar-se dois princípios que se combatem e regulam diversamente as atividades dos homens.

Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. Já nas sociedades rudimentares manifestam-se eles, segundo sua predominância, na distinção fundamental entre os povos caçadores ou coletores e os povos lavradores. Para uns, o objeto final, a mira de todo esforço, o ponto de chegada assume relevância tão capital, que chega a dispensar, por secundários, quase supérfluos, todos os processos intermediários. Seu ideal será colher o fruto sem plantar a árvore.

Esse tipo humano ignora as fronteiras. No mundo tudo se apresenta a ele em generosa amplitude e, onde quer que se erija um obstáculo a seus propósitos ambiciosos, sabe transformar esse obstáculo em trampolim. Vive dos espaços ilimitados, dos projetos vastos, dos horizontes distantes.

O trabalhador, ao contrário, é aquele que enxerga primeiro a dificuldade a vencer, não o triunfo a alcançar. O esforço lento, pouco compensador e persistente, que, no entanto, mede todas as possibilidades de esperdício e sabe tirar o máximo proveito do insignificante, tem sentido bem nítido para ele. Seu campo visual é naturalmente restrito. A parte maior do que o todo.

Existe uma ética do trabalho, como existe uma ética da aventura. O indivíduo do tipo trabalhador só atribuirá valor moral positivo às ações que sente ânimo de praticar e, inversamente, terá por imorais e detestáveis as qualidades próprias do aventureiro - audácia, imprevidência, irresponsabilidade, instabilidade, vagabundagem - tudo, enfim, quanto se relacione com a concepção espaçosa do mundo, característica desse tipo.

Por outro lado, as energias e esforços que se dirigem a uma recompensa imediata são enaltecidos pelos aventureiros; as energias que visam à estabilidade, à paz, à segurança pessoal e os esforços sem perspectiva de rápido proveito material passam, ao contrário, por viciosos e desprezíveis para eles. Nada lhes parece mais estúpido e mesquinho do que o ideal do trabalhador.

(HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1978, p. 13)

511) A respeito dos povos caçadores e dos povos lavradores, pode-se afirmar que:

a) os caçadores esforçam-se mais do que os lavradores.
b) os lavradores têm vida mais dura que os caçadores.
c) lavradores e caçadores, ambos são do mesmo tipo.
d) os caçadores integram o tipo do aventureiro.

512) Das afirmativas feitas abaixo, aquela que está em consonância com o texto 2 é:

a) O trabalhador apresenta desmotivação para o triunfo.
b) A vagabundagem é prova da falta de caráter do aventureiro.
c) O trabalhador desenvolve sua atividade num contexto espacial limitado.
d) A paz, a segurança e a estabilidade são valores absolutamente relevantes para o aventureiro.

513) Levando em conta o perfil traçado pelo texto 2 para os tipos do aventureiro e do trabalhador, pode-se afirmar que os navegantes ibéricos que conquistaram a América encarnam o tipo:

a) trabalhador, pois a expansão marítima visava o aumento de produtividade agrícola para o Velho Mundo.
b) aventureiro, pois tinham absoluto controle da situação em sua empreitada.
c) aventureiro, pois caracterizava-se a busca dos "horizontes distantes".
d) trabalhador, pois souberam dar desenvolvimento às terras conquistadas.

514) De acordo com o texto 2, só não se pode afirmar que:

a) a audácia e a imprevidência caracterizam o aventureiro.
b) a concepção espaçosa do mundo é típica do aventureiro.
c) os lavradores só existiram nas sociedades rudimentares.
d) o trabalhador não é afeito aos constantes deslocamentos e ao proveito material imediato.

515) "Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador." Em cada alternativa abaixo, redigiu-se uma frase em continuação a esse trecho do texto 2. A alternativa cuja redação não está de acordo com o significado do texto é:

a) Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. Se tem aquele visão espaçosa do mundo, esse caracteriza-se pelo campo visual restrito.
b) Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. Deste lado, o objeto final *é* o fator relevante; daquele, apenas fruto do esforço pessoal.
c) Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. Enquanto uns empenham-se nos projetos vastos, outros tiram o máximo proveito do insignificante.
d) Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. Se é cabível afirmar que, quanto ao primeiro, o ânimo é de romper barreiras, quanto ao segundo há que registrar-se a previdência e a responsabilidade.

516) Ao afirmar que “existe uma ética do trabalho, como existe uma ética da aventura”, o autor do texto 2 pretende afirmar que:

a) ambos, aventureiro e trabalhador, integram-se numa comunhão ética.
b) tanto na aventura quanto no trabalho erigem-se princípios e normas de conduta.
c) o que o trabalhador mais valoriza vai ao encontro do que o aventureiro preconiza.
d) os princípios éticos do trabalho estão em consonância com as normas de comportamento do aventureiro.

TEXTO LXXIII

ADMINISTRAÇÃO - IBGE
UM ARRISCADO ESPORTE NACIONAL

Os leigos sempre se medicaram por conta própria, já que de médico e louco todos temos um pouco, mas esse problema jamais adquiriu contornos tão preocupantes no Brasil como atualmente.

Qualquer farmácia conta hoje com um arsenal de armas de guerra para combater doenças de fazer inveja à própria indústria de material bélico nacional. Cerca de 40% das vendas realizadas pelas farmácias nas metrópoles brasileiras destinam-se a pessoas que se automedicam. A indústria farmacêutica de menor porte e importância retira 80% de seu faturamento da venda “livre” de seus produtos, isto é, das vendas realizadas sem receita médica.

Diante desse quadro, o médico tem o dever de alertar a população para os perigos ocultos em cada remédio, sem que necessariamente faça junto com essas advertências uma sugestão para que os entusiastas da automedicação passem a gastar mais em consultas médicas. Acredito que a maioria das pessoas se automedica por sugestão de amigos, leitura, fascinação pelo mundo maravilhoso das drogas “novas” ou simplesmente para tentar manter a juventude. Qualquer que seja a causa, os resultados podem ser danosos.

É comum, por exemplo, que um simples resfriado ou uma gripe banal leve um brasileiro a ingerir doses insuficientes ou inadequadas de antibióticos fortíssimos, reservados para infecções graves e com indicação precisa. Quem age assim está ensinando bactérias a se tornarem resistentes a antibióticos. Um dia, quando realmente precisar de remédio, este não funcionará. E quem não conhece aquele tipo de gripado que chega a uma farmácia e pede ao rapaz do balcão que lhe aplique uma “bomba” na veia, para cortar a gripe pela raiz? Com isso, poderá receber na corrente sangüínea soluções de glicose, cálcio, vitamina C, produtos aromáticos tudo sem saber dos riscos que corre pela entrada súbita destes produtos na sua circulação.

(Dr. Geraldo Medeiros -Veja - 1995)

517) Sobre o título dado ao texto - *um arriscado esporte nacional* -, a única afirmação correta é:

a) mostra que a automedicação é tratada como um esporte sem riscos.
b) indica quais são os riscos enfrentados por aqueles que se automedicam.
c) denuncia que a atividade esportiva favorece a automedicação;
d) condena a pouca seriedade daqueles que consomem remédio por conta própria.
e) assinala que o principal motivo da automedicação é a tentativa de manter-se a juventude.

518) ***Os leigos sempre se medicaram por conta própria,...*** **Esta frase inicial do texto só NÃO eqüivale semanticamente a:**

a) Os leigos, por conta própria, sempre se medicaram.
b) Por conta própria os leigos sempre se medicaram.
c) Os leigos se medicaram sempre por conta própria
d) Sempre se medicaram os leigos por conta própria.
e) Sempre os leigos, por conta própria, se medicaram.

519) O motivo que levou o Dr. Geraldo Medeiros a abordar o tema da automedicação, segundo o que declara no primeiro parágrafo do texto, foi:

a) a tradição que sempre tiveram os brasileiros de automedicar-se.
b) os lucros imensos obtidos pela indústria farmacêutica com a venda “livre” de remédios.
c) a maior gravidade atingida hoje pelo hábito brasileiro da automedicação.
d) a preocupação com o elevado número de óbitos decorrente da automedicação.
e) aumentar o lucro dos médicos, incentivando as consultas.

520) Um grupo de vocábulos do texto possui componentes sublinhados cuja significação é indicada a seguir; o único item em que essa indicação está ERRADA é:

a) *bélico* - guerra
b) *metrópoles* - cidade
c) *antibióticos* - vida
d) *glicose* - açúcar
e) *cálcio* - osso

521) O item em que o segmento sublinhado tem forma equivalente corretamente indicada é:

a) *...já que de médico e louco todos temos um pouco.* - uma vez que
b) *...vendas realizadas pelas farmácias...* - entre as
c) *...sem que necessariamente faça junto com essas advertências... embora*
d) *...para que os entusiastas da automedicação...* - afim
e) *Quem age assim está ensinando bactérias...* - mal

522) Palavra que NÃO pertence ao mesmo campo semântico das demais é:

a) arsenal
b) armas
c) guerra
d) combater
e) inveja

523)Ao indicar as prováveis razões pelas quais os brasileiros se automedicam, o Dr. Geraldo Medeiros utiliza um argumento baseado em opinião e não numa certeza; o segmento que comprova essa afirmação é:

a) *É comum... (l.* 19)
b) *Acredito...* (/. 15)
c) *...por exemplo...* (/. 19)
d) *Com isso...* (/. 26)
e) *Qualquer que...* (/. 17)

524) *A indústria farmacêutica de menor porte e importância retira 80% de seu faturamento da venda "livre" de seus produtos, isto é, das vendas realizadas sem receita médica.* (/. 08-10). A expressão *isto é,* neste fragmento do texto, inicia uma:

a) retificação
b) explicação
c) comparação
d) conclusão
e) dúvida

525) A palavra que melhor define o objetivo central deste texto é:

a) publicidade
b) advertência
c) conselho .
d) elogio
e) repressão

***526)...sem que necessariamente faça junto com essas advertências uma sugestão para que os entusiastas da automedicação passem a gastar mais em consultas médicas,* (/. 12-15); este comentário do autor do texto se faz necessário por razões:**

a) éticas
b) legais
c) religiosas
d) econômicas
e) políticas

TEXTO LXXIV

UFRJ
O HOMEM E A GALINHA

Era uma vez um homem que tinha uma galinha. Era uma galinha como as outras. Um dia a galinha botou um ovo de ouro. O homem ficou contente. Chamou a mulher:
- Olha o ovo que a galinha botou.
A mulher ficou contente:
- Vamos ficar ricos!
E a mulher começou a tratar bem da galinha. Todos os dias a mulher dava mingau para a galinha. Dava pão-de-ló, dava até sorvete. E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro. Vai que o marido disse:
- Pra que esse luxo com a galinha? Nunca vi galinha comer pão-de-ló... Muito menos tomar sorvete!
- É, mas esta é diferente! Ela bota ovos de ouro!
O marido não quis conversa:
- Acaba com isso mulher. Galinha come é farelo.
Aí a mulher disse:
- E se ela não botar mais ovos de ouro?
- Bota sim - o marido respondeu.
A mulher todos os dias dava farelo à galinha. E a galinha botava um ovo de ouro. Vai que o marido disse:
- Farelo está muito caro, mulher, um dinheirão! A galinha pode muito bem comer milho.
- E se ela não botar mais ovos de ouro?
- Bota sim - o marido respondeu.
Aí a mulher começou a dar milho pra galinha. E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro. Vai que o marido disse:
- Pra que esse luxo de dar milho pra galinha? Ela que procure o de-comer no quintal!
- E se ela não botar mais ovos de ouro? - a mulher perguntou.
- Bota sim - o marido falou.
E a mulher soltou a galinha no quintal. Ela catava sozinha a comida dela. Todos os dias a galinha botava um ovo de ouro. Uma dia a galinha encontrou o portão aberto. Foi embora e não voltou mais.
Dizem, eu não sei, que ela agora está numa boa casa onde tratam dela a pão-de-ló.

(Ruth Rocha)

527) O texto recebe o título de O *homem e a galinha.* Por que a história recebe esse título?

a) Porque eles são os personagens principais da história narrada.

b) Porque eles representam, respectivamente, o bem e o mal na história.
c) Porque são os narradores da história.
d) Porque ambos são personagens famosos de outras histórias.
e) Porque representam a oposição homem-animal.

528) Qual das afirmativas a seguir não é correta em relação ao homem da fábula?

a) É um personagem preocupado com o corte de gastos.
b) Mostra ingratidão em relação à galinha.
c) Demonstra não ouvir as opiniões dos outros.
d) Identifica-se como autoritário em relação à mulher
e) Revela sua maldade nos maus-tratos em relação à galinha.

529) Qual das características a seguir pode ser atribuída à galinha?

a) avareza
b) conformismo
c) ingratidão
d) revolta
e) hipocrisia

530) Era uma vez um homem que tinha uma galinha. De que outro modo poderia ser dita a frase destacada?

a) Era uma vez uma galinha, que vivia com um homem.
b) Era uma vez um homem criador de galinhas.
c) Era uma vez um proprietário de uma galinha.
d) Era uma vez uma galinha que tinha uma propriedade.
e) Certa vez um homem criava uma galinha.

531) Era uma vez é uma expressão que indica tempo:

a) bem localizado
b) determinado
c) preciso
d) indefinido
e) bem antigo

532) A segunda frase do texto diz ao leitor que a galinha era uma galinha como as outras. Qual o significado dessa frase?

a) A frase tenta enganar o leitor, dizendo algo que não é verdadeiro.
b) A frase mostra que era normal que as galinhas botassem ovos de ouro.
c) A frase indica que ela ainda não havia colocado ovos de ouro.
d) A frase mostra que essa história é de conteúdo fantástico.
e) A frase demonstra que o narrador nada conhecia de galinha.

533) O que faz a galinha ser diferente das demais?

a) Botar ovos todos os dias independentemente do que cofnia.
b) Oferecer diariamente ovos a seu patrão avarento.
c) Pôr ovos de ouro antes da época própria.
d) Botar ovos de ouro a partir de um dia determinado.
e) Ser bondosa, apesar de sofrer injustiças.

534) O homem ficou contente. O conteúdo dessa frase indica um (a):

a) causa
b) modo
c) explicação
d) conseqüência
e) comparação

535) A presença de travessões no texto indica:

a) a admiração da mulher
b) a surpresa do homem
c) a fala dos personagens
d) a autoridade do homem
e) a fala do narrador da história

536) Que elementos demonstram que a galinha passou a receber um bom tratamento, após botar o primeiro ovo de ouro?

a) pão-de-ló / mingau / sorvete
b) milho / farelo / sorvete
c) mingau / sorvete / milho
d) sorvete / farelo / pão-de-ló
e) farelo / mingau / sorvete

537) Dizem, eu não sei... Quem é o responsável por essas palavras?

a) o homem
b) a galinha
c) o narrador
d) a mulher
e) o ovo

TEXTO LXXV

ANALISTA JUDICIÁRIO - TRE
OS COITADINHOS

SÃO PAULO - Anestesiada e derrotada, a sociedade nem está percebendo a enorme inversão de valores em curso. Parece aceitar como normal que um grupo de criminosos estenda faixas pela cidade e nelas fale de paz.

Que paz? Não foram esses mesmos adoráveis senhores que decapitaram ou mandaram decapitar seus próprios companheiros de comunidade durante as recentes rebeliões?

A sociedade ouve em silêncio o juiz titular da Vara de Execuções Penais, Otávio Augusto Barros Filho, dizer que não vai resolver nada a transferência e isolamento dos líderes do PCC (Primeiro Comando da Capital ou Partido do Crime).

Digamos que não resolva. Qual é a alternativa oferecida pelo juiz? Libertá-los todos? Devolvê-los aos presídios dos quais gerenciam livremente seus negócios e determinam quem deve viver e quem deve morrer?

Vamos, por um momento que seja, cair na real: os presos, por mais hediondos que tenham sido seus crimes, merecem, sim, tratamento digno e humano. Mas não merecem um micrograma que seja de privilégios, entre eles o de determinar onde cada um deles fica preso.

Há um coro, embora surdo, que tenta retratar criminosos como coitadinhos, vítimas do sistema. Calma lá. Coitadinhos e vítimas do sistema, aqui, são os milhões de brasileiros que sobrevivem com salários obscenamente baixos (ou sem salário algum) e, não obstante, mantêm-se teimosamente honestos.

Coitadinhos e vítimas de um sistema ineficiente, aqui, são os parentes dos abatidos pela violência, condenados à prisão perpétua que é a dor pela perda de alguém querido, ao passo que o criminoso não fica mais que 30 anos na cadeia.

Parafraseando Millôr Fernandes: ou restaure-se a dignidade para todos, principalmente para os coitadinhos de verdade, ou nos rendamos de uma vez à Crime Incorporation.

(Clóvis Rossi - *Folha de São Paulo*, 25/02/01)

538) O texto foi elaborado a propósito das rebeliões de presos nas prisões paulistas no mês de fevereiro de 2002; a melhor explicação para a escolha do título os *coitadinhos* é:

a) a referência ambígua aos presos e às pessoas que sofrem pela ineficiência do sistema
b) a alusão às pessoas vítimas de salários baixos e teimosamente honestas
c) a existência de presos que, por orquestração surda, são tidos como vítimas do sistema
d) o fato de algumas pessoas padecerem eternamente pela perda de entes queridos
e) a referência aos presos que sofrem maus-tratos nas prisões brasileiras

539) No início do texto, o jornalista fala de uma sociedade "anestesiada e derrotada"; o segmento do texto que melhor demonstra a derrota de nossa sociedade é:

a) "Há um coro, embora surdo, que tenta retratar criminosos como coitadinhos, vítimas do sistema."
b) "A sociedade ouve em silêncio o juiz titular da Vara de Execuções Penais, Otávio Augusto Barros Filho, dizer que não vai resolver nada a transferência e isolamento dos líderes..."
c) "...os presos, por mais hediondos que tenham sido seus crimes, merecem, sim, tratamento digno e humano."
d) "Mas não merecem um micrograma que seja de privilégios, entre eles o de determinar onde cada um deles fica preso."
e) "Coitadinhos e vítimas de um sistema ineficiente, aqui, são os parentes dos abatidos pela violência..."

540) "Parafraseando Millôr Fernandes: ou restaure-se a dignidade para todos, principalmente para os coitadinhos de verdade, ou nos rendamos de uma vez à Crime Incorporation"; o comentário correto a respeito deste último parágrafo do texto é:

a) Uma paráfrase corresponde ao desenvolvimento das idéias de alguém, modificando-se levemente as idéias originais.
b) Com o pronome *todos* o texto quer referir-se àqueles que, de fato, sofrem de verdade: os de baixos salário, os desempregados e os que perderam entes queridos.
c) A segunda ocorrência da conjunção *ou*, neste segmento, tem valor de adição.
d) O fato de a organização criminosa receber nome inglês é de cunho irônico.
e) Para Millôr Fernandes, segundo o que foi parafraseado no texto, a dignidade deve ser restaurada somente para os coitadinhos de verdade.

541) "...merecem, sim, tratamento digno e humano."; o uso do vocábulo *sim* significa que:

a) se trata de uma verdade universalmente aceita.
b) o jornalista quer confirmar o que dizem os presos.
c) o artigo escrito apresenta certo tom irônico.
d) o jornalista afirma algo que pode receber opiniões opostas.
e) nem todos os presos são bem tratados nas prisões brasileiras.

542) "Digamos que não resolva."; em termos argumentativos, o segmento anterior indica:

a) uma hipótese sobre fato futuro sobre a qual o texto contraargumenta.
b) uma inferência segura sobre fatos previsíveis que o jornalista condena.
c) um argumento do juiz, condenado provisoriamente pelo jornalista.
d) um argumento com o qual o jornalista pretende dar razão ao juiz.

e) um pensamento negativista e comum entre os membros de uma sociedade derrotada.

543) “Não foram esses mesmos adoráveis senhores...”; neste segmento ocorre um exemplo de uma figura denominada;

a) metáfora
b) metonímia
c) ironia
d) eufemismo
e) hipérbole

544) “...os presos, por mais hediondos que tenham sido seus crimes, merecem, sim, tratamento digno e humano. Mas não merecem um micrograma que seja de privilégios, entre eles o de determinar onde cada um deles fica preso.”; nesse segmento do texto há uma série de vocábulos que se referem a elementos anteriores. O item em que a correspondência entre os dois NÃO está perfeita é:

a) “...por mais hediondos QUE tenham sido...” - seus crimes
b) “...entre ELES...” - privilégios
c) “...O de determinar...” - privilégio
d) “...um micrograma QUE seja...” - micrograma
e) “...o de determinar onde cada um DELES...” - presos

TEXTO LXXVI

ENFERMAGEM - TRE
QUESTÃO SOCIAL

Apesar da urgência da organização da sociedade para exigir segurança de fato das autoridades, a redução da violência exige mudança profunda no enfoque da administração dos problemas sociais pelos governos federal, estadual e municipal.

Uma pesquisa desenvolvida pela Fundação Getúlio Vargas, no ano passado, pelo pesquisador Ib Teixeira, constatou que a violência no país nos últimos dez anos matou 350 mil pessoas no período, mais do que as guerras do Timor Leste e de Kosovo juntas, e em menos tempo.

O custo dessa violência, segundo o BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento), é de US$ 84 bilhões ao ano, ou 10,5% do PIB (Produto Interno Bruto).

Em São Paulo, cujo PIB nominal foi de US$ 241,58 bilhões em 1997, os custos da violência levantados em 1998 representam cerca de 3% do PIB, segundo dados da tese do sociólogo Rogério Sérgio de Lima.

(Folha de São Paulo, 25/02/01)

545) Segundo o texto, a redução da violência:

a) depende tão-somente da mudança profunda no enfoque administrativo governamental.
b) é de grande importância para o progresso econômico.
c) exige organização social e mudanças governamentais.
d) derivará exclusivamente da cobrança feita às autoridades.
e) é de extrema importância no momento econômico do país.

546) "Apesar da urgência da organização..."; nesse segmento do texto, a locução *apesar* de pode ser perfeitamente substituída por:

a) não obstante
b) entretanto
c) visto que
d) já que
e) após

547) Os argumentos em que se apoia o artigo do jornal para mostrar a necessidade da redução da violência são de cunho:

a) social e religioso
b) educativo e econômico
c) social e econômico
d) religioso e educativo

e) moral e social

548) O fato de as siglas presentes no texto estarem “traduzidas” entre parênteses mostra que:

a) é regra de clareza que todas as siglas sejam explicitadas para o leitor.
b) algumas siglas do texto, segundo o seu redator, necessitam de “tradução”.
c) os leitores de jornais pertencem à classe popular, menos informada.
d) o Brasil é país de muitas siglas.
e) o texto informativo “traduz” todas as siglas nele incluídas.

549) “...constatou que a violência no país nos últimos dez anos matou 350 mil pessoas no período, mais do que as guerras do Timor Leste e de Kosovo juntas, e em menos tempo.”; segundo o texto, o segmento *e em menos tempo:*

a) indica que as guerras citadas levaram menos de dez anos.
b) contraria a argumentação básica do texto.
c) mostra a intensidade exagerada da violência no país.
d) demonstra que as guerras modernas são rápidas e extremamente cruéis.
e) é uma informação dispensável à argumentação do texto.

550) Segundo o texto, em São Paulo:

a) a violência ultrapassa a média estatística nacional de custos em relação ao PIB.
b) é sensivelmente menor o número de atos de violência, comparado com outros estados brasileiros.
c) a violência é a mais intensa entre os estados desenvolvidos.
d) a violência apresenta sinais de crescimento contínuo.
e) a violência colabora para que nossos índices, nessa área, sejam altos.

TEXTO LXXVII

EMGEPRON
TEXTO 1
QUE PAÍS...

Dissecando os gastos públicos no Brasil, um economista descobriu barbaridades no Orçamento da União deste ano. Por exemplo: Considerada a despesa geral da Câmara, cada deputado federal custa ao país, diariamente, R$ 3.700. Ou R$ 1,3 milhão por ano.

Entre os senadores, a loucura é ainda maior, pois o custo individual diário pula para R$ 71.900. E o anual, acreditem, para R$ 26 milhões.

Comparados a outras “rubricas”, os números beiram o delírio. É o caso do que a mesma União despende com a saúde de cada brasileiro - apenas R$ 0,36 por dia. E, com a educação, humilhantes R$ 0,20.

(Ricardo Boechat, JB, 6/11/01)

551) Considerando o sentido geral do texto, o adjetivo que substitui de forma INADEQUADA os pontos das reticências do título do texto é:

a) autoritário
b) injusto
c) estranho
d) desigual
e) incoerente

552) O termo “gastos públicos” se refere exclusivamente a:

a) despesas com a educação pública
b) pagamentos governamentais
c) salários da classe política
d) gastos gerais do Governo
e) investimentos no setor oficial

553) A explicação mais plausível para o fato de o economista citado no texto não ter sido identificado é:

a) não ser essa uma informação pertinente.
b) o jornalista não citar suas fontes de informações sigilosas.
c) evitar que o economista sofra represálias.
d) desconhecer o jornalista o nome do informante.
e) não ser o economista uma pessoa de destaque social.

554) O item do texto em que o jornalista NÃO incluiu termo que indique sua opinião sobre o conteúdo veiculado pelo texto é:

a) “...um economista descobriu barbaridades no Orçamento da União...”

b) “Entre os senadores, a loucura é ainda maior...”
c) “E com a educação, humilhantes R$ 0,20.
d) “...os números beiram o delírio.”
e) “...cada deputado federal custa ao país, diariamente, R$ 3.700.”

555) O Orçamento da União é um documento que:

a) esconde a verdade da maioria da população.
b) só *é* consultado nos momentos críticos. _
c) mostra a movimentação financeira do Governo.
d) autoriza os gastos governamentais.
e) traz somente informações sobre as casas do Congresso.

556) Os exemplos citados pelo jornalista:

a) atendem a seu interesse jornalístico.
b) indicam dados pouco precisos e irresponsáveis.
c) acobertam problemas do Governo.
d) mostram que os gastos com a classe política são desnecessários.
e) demonstram que o país não dispõe de recursos suficientes para as despesas.

557) “Considerada a despesa geral da Câmara, cada deputado federal custa ao país, diariamente, R$ 3.700.”; o cálculo para se chegar ao custo diário de cada deputado federal foi feito do seguinte modo:

a) a despesa geral da Câmara foi dividida pelo número de deputados federais.
b) a despesa com os deputados federais foi dividida igualmente por todos eles.
c) os gastos gerais da Casa foram repartidos por todos os funcionários.
d) os gastos da Câmara com os deputados foram divididos pelo seu número total.
e) as despesas gerais da Câmara foram divididas entre os deputados federais.

558) “Comparados a outras ’rubricas’, os números beiram o delírio.”; o comentário correto sobre o significado dos elementos desse segmento do texto é:

a) O termo *rubricas,* escrito entre aspas, tem valor irônico.
b) O *delírio* refere-se aos gastos ínfimos com saúde e educação.
c) As outras *rubricas* referidas no texto são a educação e a saúde.
d) Comparados com a educação, os gastos citados são humilhantes.
e) Os *números* referem-se à grande quantidade de deputados e senadores.

TEXTO LXXVIII

EMGEPRON
TEXTO 2
AS VIRTUDES DA INTROMISSÃO

A imprensa peca mais pela omissão que pela intromissão. Essa máxima muitas vezes é esquecida em meio à investigação, às vezes obsessiva, que as revistas e os jornais brasileiros fazem da vida de políticos e autoridades, tendência que se acentuou muito nos últimos anos. Os **5** órgãos de imprensa correm nesses casos o risco de parecer persecutórios ou de estar patrocinando campanhas gratuitas, movidas por interesses inconfessáveis, contra determinadas figuras públicas. Esta revista marcou sua presença na vida brasileira justamente pela convicção de que esse é um risco que vale a pena correr. É dever da imprensa investigar e divulgar **10** os fatos que cercam a ascensão dos políticos. Mesmo que, às vezes, eles estejam enterrados em pontos remotos de suas biografias. Quando esses fatos passados servem para iluminar a personalidade atual do político ou para desnudar as entranhas da atividade pública, eles precisam ser expostos à sociedade.

(Veja, 7/11/01

559) Entre as "virtudes da intromissão" está:

a) investigar obsessivamente a vida de políticos brasileiros.
b) patrocinar campanhas meritórias.
c) desenterrar pontos remotos das biografias de políticos.
d) explicar a prosperidade atual de políticos e autoridades.
e) arriscar-se a fazer campanhas gratuitas.

560) "A imprensa peca mais pela omissão que pela intromissão"; deduz se desse primeiro período do texto que a imprensa:

a) se intromete mais do que deve.
b) peca pela omissão e pela intromissão.
c) deveria omitir-se mais.
d) se intromete mais do que se omite.
e) não peca quando se intromete.

561) Segundo o texto, a revista VEJA:

a) peca mais pela omissão que pela intromissão.
b) patrocina campanhas gratuitas, desinteressadas.
c) é movida por interesses inconfessáveis.
d) corre o risco consciente de investigar.
e) evitar expor à sociedade fatos escabrosos.

562) O texto 2 tem a finalidade clara de:

a) denunciar os maus políticos.
b) incentivar a denúncia de crimes.
c) promover a própria revista.
d) mostrar a face oculta de muitos políticos.
e) justificar a omissão da revista em alguns casos

TEXTO LXXIX

EMGEPRON
TEXTO 3
CÃO E HOMEM

Se você recolher um cachorro que morre de fome e o tornar próspero, ele não o morderá. É esta aí a diferença principal entre um cão e um homem.

(Mark Twain)

563) O defeito humano criticado pelo autor do texto 3 é:

a) a violência
b) a ingratidão
c) o egoísmo
d) o preconceito
e) a inveja

564) O adjetivo que substitui convenientemente a oração *que morre de fome* é:

a) famigerado
b) moribundo
c) defunto
d) faminto
e) necessitado

565) O conectivo abaixo que apresenta seu valor corretamente indicado é:

a) SE você recolher... - concessão
b) morre DE fome - causa
c) E o tornar próspero - adversidade
d) QUE morre de fome - explicação
e) ENTRE um cão e um homem - distância

566) "...e O tornar próspero, ele não O morderá."; as duas ocorrências do vocábulo em maiúsculas retomam, respectivamente:

a) o cachorro / o cachorro
b) o homem / o homem
c) você / você
d) o cachorro / você
e) você / o cachorro

567) Ao escrever *cão* em lugar de *cachorro* na última parte do texto, o autor:

a) demonstra que se esqueceu do vocábulo que havia usado anteriormente.

b) mostra que quer mostrar diferença de sentido entre os dois vocábulos.
c) economiza espaço gráfico ao preferir um vocábulo menor.
d) prefere *cão* porque este vocábulo tem sentido negativo.
e) procura evitar a repetição de vocábulos idênticos.

568) O verbo *tornar* possui sentido diferente do que aparece no texto em:

a) Os aviões se tornaram armas.
b) Tornar-se rico é o anseio do jovem.
c) Ele se tornou estrangeiro.
d) Nunca mais tornou a falar.
e) Elas se tornaram impacientes.

TEXTO LXXX

PROCURADOR - MP/RS

Todos, brasileiros ou não, somos seres de transição, divididos entre um sonho de paz e a velocidade da corrida que chamamos de sucesso, seja ele feito de abundância de bens que demonstram nosso *status,* de poder ou de notoriedade. Mais radicalmente, ficamos * entre dois desejos. O primeiro seria o desejo de um mundo em que - com a bênção da providência divina, irresistível dispensadora de destinos - saberíamos aceitar nossa condição e, dentro de seus limites, construir alguma felicidade; o segundo seria o desejo de um mundo indefinido, no qual nossa condição poderia ser mudada e melhorada, sendo que, para isso, poderíamos contar só com nossos esforços, sem esperar o bingo da graça divina. Em suma, praticamos duas representações opostas da felicidade: a vida boa e o sucesso.

A vida boa, em princípio, é o ideal de felicidade das sociedades tradicionais e era o ideal da nossa antes da modernidade (embora, como dissemos, continue conosco). Para a vida boa, é necessário satisfazer o essencial e cultivar a arte de fazer uma festa tranqüila, com pouca coisa. A * técnica da vida boa é simples e antiga: precisamos saber nos satisfazer não só realizando nossos desejos, mas também, e sobretudo, conseguindo desejar um pouco menos.

O ideal de sucesso, ao contrário, é um sonho moderno e, a rigor, não tanto uma representação da felicidade quanto o direito (e a obrigação) de correr atrás dela. Para a modernidade, o que conta é a procura que motiva a mobilidade social: ser insatisfeito é ser moderno. A felicidade como condição estável, do ponto de vista moderno, sobra para os primitivos.

Entre esses dois sonhos – o desejo infinito de sucesso que nos empurra e a tranqüilidade da vida boa - oscilamos, como entre cidade e subúrbio, entre vida ativa e aposentadoria, etc.

Pois bem. Em recente pesquisa, os brasileiros (65%), perguntados se se consideravam pessoas felizes, responderam que sim. Como é possível? É que eles entenderam bem a pergunta, que concerne pessoas, e responderam de olho no ideal mais privado de felicidade: o ideal da vida boa.

Os itens mais importantes para a felicidade, conforme a pesquisa, não são os esperados índices do sucesso moderno, mas fé religiosa, casa própria e saúde. Ou seja, o básico para gozar de prazeres discretos, com a condição de não querer demais. Os itens mais incertos (e modernos), que deixariam a felicidade eternamente em perspectiva (o próprio “sucesso”, por exemplo), acabam como lanterninha. Em suma, os brasileiros são felizes porque - declaram - sabem, segundo o preceito antigo, ser felizes com pouco.

Não só a maioria dos brasileiros se considera feliz, mas eles também consideram que o Brasil é o país onde há mais pessoas felizes.

Essas duas respostas são redundantes Pode, entretanto, parecer contraditória a essas a resposta pergunta: “Você acredita que os brasileiros são felizes?” à qual só 23% responderam sim. Mas a contradição é apenas aparente. Surpreendentemente, os entrevistados parecem fazer a diferença correta entre as pessoas e o grupo social: “os brasileiros” não são a mês ma coisa que “as pessoas” no Brasil. Como corpo político, como coletividade – organizada em uma sociedade moderna e, portanto, tomada pelo jogo da mobilidade social -, os brasileiros se consideram infelizes.

A pesquisa, então, parece confirmar a leitura do país feita por Roberto Da Matta. Dois universos caminham juntos no Brasil (embora não de mãos dadas): uma comunidade tradicional que sobrevive a um país liberal pretensamente avançado. A pesquisa acrescenta que os brasileiros saberiam fazer a diferença: como coletividade, “os brasileiros” são infelizes, mas, no Brasil, “as pessoas” seriam felizes. Da Matta concluiria que os restos do Brasil arcaico fazem nossa identidade e nossa felicidade de vida boa, enquanto a modernidade azucrina nossa existência.

(Adaptado de CALLIGARIS, Contardo. *A vida boa e o país-paraíso. Folha de São Paulo,* 25 de maio de 1997)

*As lacunas pontilhadas existem por causa das questões de crase.

569) Desde o início do texto, o autor explora a temática de uma divisão que, na atualidade, os brasileiros vivenciariam, em relação à questão da felicidade. Os pares abaixo se relacionam com os dois pólos dessa divisão, à exceção de um deles. Assinale-o.

a) aceitação da própria condição / desejo de mudança de sua condição
b) contradição de concepções / coerência de concepções
c) mundo tradicional / mundo moderno
d) satisfação com o essencial / insatisfação constante
e) “os brasileiros” / “as pessoas” no Brasil

570) Em diversas passagens do texto, é possível identificar pressuposições: idéias que, embora não explicitadas, vêm embutidas no uso de diferentes expressões e **formas verbais. Assinale, das afirmações abaixo, a que** não ***é*** **pressuposta por nenhuma passagem do texto.**

a) Nossa sociedade atual é uma sociedade da modernidade.
b) A resposta dos brasileiros de que se consideram pessoas felizes é, em alguma medida, surpreendente.
c) Há contradições aparentes e outras que não o são.
d) Nem sempre pesquisas de opinião têm resultados que coincidem com o ponto de vista de especialistas.
e) O desejo de felicidade moderno está vinculado à conquista de um patamar estável.

571) É freqüente, na organização de um texto, a utilização de palavras e expressões que estabelecem conexões entre seus diversos segmentos. Esse ***é*** **o caso das palavras e expressões abaixo,** à exceção de**:**

a) **em suma** (linha 11)
b) **ao contrário** (linha 20)
c) **em recente pesquisa** (linha 29)
d) **mas** (linha 42)
e) **então** (linha **52)**

572) As palavras dispensadora (linha 06) e conta (linha 22), conforme seu uso no texto, remetem, respectivamente, às idéias de

a) concessão e relevância
b) exclusão e enumeração
c) desobrigação e importância
d) doação e quantificação
e) omissão e conveniência

573) Os pares abaixo contêm um substantivo e um pronome que, possivelmente, o substitui ou o retoma no texto.

- **desejo (linha 5) - que (linha 5)**
- **procura (linha 23) - que (linha 23)**
- **itens (linha 37) - que (linha 38)**
- **resposta (linha 45) - à qual (linhas 46)**
- **comunidade (linha 54) - que (linha 54)**

Em quantos dos pares acima a relação está incorreta?

a) em nenhum
b) em um
c) em dois
d) em três
e) em quatro

574) Em certas estruturas sintáticas, uma determinada preposição pode ser substituída por outra preposição simples, sem alteração do significado do contexto em que se encontra. Esse é o caso da preposição que ocorre em

a) sem esperar (linha 10)
b) para a vida boa (linha 15)
c) o ideal de sucesso (linha 20)
d) entre esses dois sonhos (linha 26)
e) com a condição (linha 37)

TEXTO LXXXI

TECNOLOGISTA JÚNIOR I - IBGE

DÍVIDA PÚBLICA CRESCE R$ 101,9 BILHÕES

A alta dos juros e a desvalorização do real em relação ao dólar já elevaram a dívida líquida do setor público de 50,2% do PIB (Produto Interno Bruto) para 51,9%, um aumento de R$ 29,796 bilhões entre março e maio deste ano. Neste mês, a dívida deve superar os 53% do PIB, percentual elevado para o Brasil, que chegou a prometer ao Fundo Monetário Internacional (FMI) a estabilização em 46,5% do PIB.

Para evitar o crescimento explosivo da dívida, devido à farta oferta de títulos atrelados ao câmbio para deter a alta do dólar, o governo será obrigado a fazer um novo aperto fiscal. “Se a dívida crescer muito, o país terá que gerar ganhos fiscais para pagá-la”, afirma Carlos Thadeu de Freitas, ex-diretor do Banco Central.

De qualquer forma, a dívida vai crescer. Mas se ela se estabilizar em torno de 54% do PIB não haverá grandes problemas, afirma o consultor Raul Veloso, especialista no assunto.

A dificuldade, segundo ele, será estancar a tendência do crescimento. Isso exigirá “um sacrifício maior” da sociedade para que o governo possa aumentar o superávit primário, o que significa aumentar a arrecadação de impostos e reduzir as despesas.

(Gilson Luiz Euzébio - Jornal do Brasil, 15/07/01)

575) “...o governo será obrigado a fazer um novo aperto fiscal.”; isto significa que o governo será obrigado a:

a) modificar alguns impostos.
b) intensificar a fiscalização.
c) combater a sonegação.
d) arrecadar mais com impostos.
e) reduzir a devolução de impostos.

576) O título do texto (a manchete do jornal) destaca:

a) o aspecto mais favorável ao governo
b) o fator de maior apelo afetivo
c) o elemento mais inesperado do processo
d) o sucesso maior do plano econômico
e) o item de maior interesse público

577) Como texto informativo que *é*, o texto lido:

a) pretende divulgar algo que é do interesse exclusivo do informante.
b) apoia suas informações em dados objetivos e em depoimentos de autoridades.
c) tenta criar suspense e expectativa nervosa nos leitores.
d) tem a intenção de ser claro em assunto que é do domínio comum
e) é de interesse momentâneo e só pertinente à área econômica.

578) O interesse do leitor comum ao ler o texto acima no jornal é:

a) ilustração cultural
b) informação privilegiada
c) atualização de conhecimentos
d) curiosidade mórbida
e) atração pelo pitoresco

579) Só NÃO pode estar entre os interesses do jornal ao publicar a informação contida no texto lido:

a) criar confiabilidade do leitor em relação ao jornal.
b) mostrar a situação difícil em que se encontram as finanças nacionais.
c) combater politicamente o governo atual.
d) criticar implicitamente a política econômica do governo.
e) demonstrar a ineficiência do setor público em comparação com o privado.

580) Ao indicar a tradução da sigla PIB entre parênteses, o autor do texto mostra que:

a) entende pouco do setor econômico no nível internacional.
b) escreve de forma específica para economistas.
c) pretende ser entendido pelo grande público.
d) a sigla é de criação recente e pouco conhecida.
e) tem a intenção clara de mostrar a influência do FMI em nossa economia.

581) Segundo o primeiro parágrafo do texto:

a) o FMI deve tomar medidas punitivas em relação ao Brasil.
b) o Brasil vai mal economicamente por não seguir as normas do FMI.
c) o PIB aumentou progressivamente de 1999 a 2001.
d) a alta de juros e a desvalorização do real aumentaram o PIB.
e) o aumento da dívida pública é visto por maior percentual do PIB.

582) Segmento do texto que NÃO traz, explícita ou implícita, uma ameaça à população é:

a) "...o governo será obrigado a fazer um novo aperto fiscal."
b) "Se a dívida crescer muito, o país terá que gerar ganhos fiscais para pagá-la,..."
c) "De qualquer forma, a dívida vai crescer."
d) "...para que o governo possa aumentar o superávit primário,..."

e) “Mas se ela se estabilizar em torno de 54% do PIB não haverá grandes problemas.”

583) O latinismo superávit significa:

a) o lucro obtido com a venda de produtos
b) o aumento da arrecadação de impostos
c) a diferença favorável entre arrecadação e despesas
d) a redução das despesas
e) a diferença entre a alta dos juros e a desvalorização do real

584) “De qualquer forma a dívida vai crescer. Mas se ela se estabilizar em torno de 54% do PIB não haverá grandes problemas.”; esta afirmação do consultor Raul Veloso, reescrita de forma a manter-se o sentido original, é:

a) A dívida vai crescer inevitavelmente, independente de estabilizar-se em torno de 54% do PIB, o que não trará grandes problemas.
b) Não haverá grandes problemas se a dívida se estabilizar em torno de 54% do PIB, mas, inevitavelmente, a dívida vai crescer.
c) Se a dívida crescer até 54% do PIB não haverá grandes problemas, mas seu crescimento é inevitável.
d) Se a dívida vai crescer ininterruptamente, não haverá grandes problemas se houver estabilização dos débitos em torno de 54% do PIB.
e) De qualquer forma a dívida vai crescer embora a estabilização em torno de 54% do PIB traga grandes problemas.

TEXTO LXXXII

AUXILIAR MÉDIO I - MOTORISTA - MP/RJ

O homem contemporâneo não é onívoro como seu antepassado pré-histórico; nem todos os animais e vegetais da região figuram em sua cozinha. Nosso sertanejo, por exemplo, aprecia muito os peixes de água doce e a mandioca, mas não dá o menor valor aos crustáceos e às verduras. Os negros africanos também não valorizam as hortaliças e pouca atenção dão à carne de gado. O homem urbano do Ocidente, por sua vez, não tolera a idéia de mastigar os gafanhotos, as larvas e os besouros que fazem a delícia de tantos povos do Oriente e da África. Os hindus preferem morrer de fome a provar a carne das gordas reses que abundam em seu país. Todos os povos possuem limitações inarredáveis no tocante às coisas que comem.

585) O último período do texto funciona como:

a) explicitação
b) contestação
c) conclusão
d) retificação
e) repetição

586) "O homem contemporâneo não *é* onívoro..."; o segmento sublinhado significa que o homem contemporâneo:

a) não gosta de tudo
b) não come tudo
c) não é igual em todas as partes do mundo
d) não se alimenta bem
e) come muitas coisas inadequadas

587) "O homem contemporâneo não é onívoro como seu antepassado pré-histórico;" esse segmento traz uma ambigüidade que desapareceria se fosse reescrito, mantendo-se o sentido pretendido no texto, da seguinte forma:

a) O homem contemporâneo não é onívoro como era seu antepassado pré-histórico.
b) Como seu antepassado pré-histórico, o homem contemporâneo não é onívoro.
c) O homem contemporâneo, como seu antepassado pré-histórico, não é onívoro.
d) O homem contemporâneo e seu antepassado pré-histórico não são onívoros.
e) O antepassado pré-histórico do homem contemporâneo não é onívoro como ele.

588) "...nem todos os animais e vegetais da região figuram em sua cozinha."; esse segmento do texto significa que:

a) o homem contemporâneo desconhece muitos alimentos de sua região.

b) o homem contemporâneo não se alimenta de forma adequada.
c) alguns animais e vegetais não fazem parte do cardápio do homem contemporâneo.
d) as regiões apresentam animais e vegetais distintos.
e) nem todos os homens se alimentam de animais e vegetais.

589) NÃO servem de exemplo que comprovam a tese do texto:

a) os sertanejos brasileiros
b) os negros africanos
c) os homens urbanos do Ocidente
d) os povos do Oriente
e) os hindus

590) Ao designar de *hindus* os nascidos na índia, o autor do texto:

a) preferiu esta designação à de *indianos.*
b) errou, pois *hindu* se aplica somente aos adeptos do hinduísmo.
c) quer referir-se somente a uma parte dos habitantes da índia.
d) designa somente os que adoram a vaca como símbolo religioso.
e) errou, visto que o vocábulo é grafado sem a letra H.

591) "O homem urbano do Ocidente..."; o vocábulo sublinhado se aplica ao homem:

a) civilizado
b) culto
c) não-rural
d) adulto
e) contemporâneo

TEXTO LXXXIII

ARQUIVOLOGISTA - ELETROBRAS
A MISÉRIA É DE TODOS NÓS

Como entender a resistência da miséria no Brasil, uma chaga social que remonta aos primórdios da colonização? No decorrer das últimas décadas, enquanto a miséria se mantinha mais ou menos do mesmo tamanho, todos os indicadores sociais brasileiros melhoraram.

Há mais crianças em idade escolar freqüentando aulas atualmente do que em qualquer outro período da nossa história. As taxas de analfabetismo e mortalidade infantil também são as menores desde que se passou a registrá-las nacionalmente. O Brasil figura entre as dez nações de economia mais forte do mundo. No campo diplomático, começa a exercitar seus músculos. Vem firmando uma inconteste liderança política regional na América Latina, ao mesmo tempo que atrai a simpatia do Terceiro Mundo por ter se tornado um forte oponente das injustas políticas de comércio dos países ricos. Apesar de todos esses avanços, a miséria resiste.

Embora em algumas de suas ocorrências, especialmente na zona rural, esteja confinada a bolsões invisíveis aos olhos dos brasileiros mais bem posicionados na escala social, a miséria é onipresente. Nas grandes cidades, com aterrorizante freqüência, ela atravessa o fosso social profundo e se manifesta de forma violenta. A mais assustadora dessas manifestações é a criminalidade, que, se não tem na pobreza sua única causa, certamente em razão dela se tornou mais disseminada e cruel.

Explicar a resistência da pobreza extrema entre milhões de habitante não é uma empreitada simples.

(Veja,ed. 1735)

592) O título dado ao texto se justifica porque:

a) a miséria abrange grande parte de nossa população.
b) a miséria é culpa da classe dominante.
c) todos os governantes colaboraram para a miséria comum.
d) a miséria deveria ser preocupação de todos nós.
e) um mal tão intenso atinge indistintamente a todos.

593) A primeira pergunta - "Como entender a resistência da miséria no Brasil, uma chaga social que remonta aos primórdios da colonização?":

a) tem sua resposta dada no último parágrafo.
b) representa o tema central de todo o texto.
c) é só uma motivação para a leitura do texto.
d) é uma pergunta retórica, à qual não cabe resposta.
e) é uma das perguntas do texto que ficam sem resposta.

594) Após a leitura do texto, só NÃO se pode dizer da miséria no Brasil que ela:

a) é culpa dos governos recentes, apesar de seu trabalho produtivo em outras áreas.
b) tem manifestações violentas, como a criminalidade nas grandes cidades.
c) atinge milhões de habitantes, embora alguns deles não apareçam para a classe dominante.
d) é de difícil compreensão, já que sua presença não se coaduna com a de outros indicadores sociais.
e) tem razões históricas e se mantém em níveis estáveis nas últimas décadas.

595) O melhor resumo das sete primeiras linhas do texto é:

a) Entender a miséria no Brasil é impossível, já que todos os outros indicadores sociais melhoraram.
b) Desde os primórdios da colonização a miséria existe no Brasil e se mantém onipresente.
c) A miséria no Brasil tem fundo histórico e foi alimentada por governos incompetentes.
d) Embora os indicadores sociais mostrem progressos em muitas áreas, a miséria ainda atinge uma pequena parte de nosso povo.
e) Todos os indicadores sociais melhoraram exceto o indicador da miséria que leva à criminalidade.

596) As marcas de progresso em nosso país são dadas com apoio na quantidade, exceto:

a) freqüência escolar
b) liderança diplomática
c) mortalidade infantil
d) analfabetismo
e) desempenho econômico

597) "No campo diplomático, começa a exercitar seus músculos."; com essa frase, o jornalista quer dizer que o Brasil:

a) já está suficientemente forte para começar a exercer sua liderança na América Latina.
b) já mostra que é mais forte que seus países vizinhos.
c) está iniciando seu trabalho diplomático a fim de marcar presença no cenário exterior.
d) pretende mostrar ao mundo e aos países vizinhos que já é suficientemente forte para tornar-se líder.
e) ainda é inexperiente no trato com a política exterior.

598) Segundo o texto, "A miséria *é* onipresente" embora:

a) apareça algumas vezes nas grandes cidades.
b) se manifeste de formas distintas.
c) esteja escondida dos olhos de alguns.
d) seja combatida pelas autoridades.
e) se torne mais disseminada e cruel.

599)”...não é **uma empreitada simples” eqüivale a dizer que é uma empreitada complexa; o item em que essa equivalência** ***é*** **feita de forma INCORRETA** é:

a) não é uma preocupação geral = é uma preocupação superficial
b) não é uma pessoa apática = é uma pessoa dinâmica
c) não é uma questão vital = é uma questão desimportante
d) não é um problema universal = é um problema particular
e) não é uma cópia ampliada = é uma cópia reduzida

Texto LXXXIV

ANALISTA DE REGULAÇÃO - ASEP-RJ
TEXTO 2
ENTREVISTA COM MICHAEL SERMER

Repórter: Como o senhor justifica a vantagem do pensamento científico sobre o obscurantismo?

MS - A ciência é o único campo do conhecimento humano com característica progressista. Não digo isso tomando o termo progresso como uma coisa boa, mas sim como um fato. O mesmo não ocorre na arte, por exemplo. Os artistas não melhoram o estilo de seus antecessores, eles simplesmente o mudam. Na religião, padres, rabinos e pastores não pretendem melhorar as pregações de seus mestres. Eles as imitam, interpretam e repetem aos discípulos. Astrólogos, médiuns e místicos não corrigem os erros de seus predecessores, eles os perpetuam. A ciência, não. Tem características de autocorreção que operam como a seleção natural. Para avançar, a ciência se livra dos erros e teorias obsoletas com enorme facilidade. Como a natureza, é capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros para continuar a existir.

(Diretor da ONG contra superstições -Veja, n° 1733)

600) Em termos argumentativos, pode-se dizer que:

a) a argumentação apresentada por MS se apoia em testemunhos de autoridade.
b) a tese apresentada está explícita em “a ciência se livra dos erros e teorias obsoletas com enorme facilidade”.
c) o público-alvo a ser convencido é o conjunto de pessoas ligadas, de uma maneira ou outra, ao obscurantismo.
d) os argumentos apresentados na defesa da tese se fundamentam ora na intimidação, ora na persuasão.
e) por ser de caráter científico, a subjetividade do argumentador é completamente desprezada na argumentação.

601) O segmento do texto que se volta para a própria construção do texto é:

a) “Não digo isso tomando o termo progresso como uma coisa boa, mas sim como um fato.”
b) “O mesmo não ocorre na arte, por exemplo.”
c) “Na religião, padres, rabinos e pastores não pretendem melhorar as pregações de seus mestres.”
d) “Para avançar, a ciência se livra dos erros e teorias obsoletas com enorme facilidade.”
e) “Como a natureza, é capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros para continuar a existir.”

602) *Teorias obsoletas* significa:

a) que caíram em desuso, antiquadas.
b) que foram construídas de forma errada.
c) de cuja origem não se tem conhecimento.
d) que se fundamentam em crendices.
e) que foram estabelecidas há muito tempo.

603) A característica da ciência que a torna superior à religião, à arte e à crendice é:

a) a impossibilidade de errar
b) a mudança contínua
c) a preocupação teórica
d) a permanente autocorreção
e) a ausência de imitação

604) O vocábulo em que o elemento *auto* NÃO tem o mesmo valor semântico presente em *autocorreção é:*

a) autogestão
b) autocrítica
c) autômato
d) autópsia
e) autódromo

605) *Astrólogos, médiuns* e *místicos* trabalham, respectivamente, com:

a) astros, energia cósmica e truques
b) astronomia, forças espirituais e magia
c) astrologia, espíritos desencarnados e falsificações
d) astros, entidades espirituais e esoterismo
e) astrologia, energia pura e comunicação

606) Para valorizar a ciência em face do obscurantismo, os argumentos apresentados atribuem valor a uma ciência em especial, que é a:

a) Sociologia
b) Astronomia
c) Física
d) Biologia
e) Matemática

607) "Como a natureza, é capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros para continuar a existir."; a forma EQUIVOCADA de reescrever-se esse mesmo segmento é:

a) É capaz, como a natureza, de preservar os ganhos e erradicar os erros para continuar a existir.
b) Como a natureza, para continuar a existir, é capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros.
c) Para continuar a existir, é capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros, como a natureza.
d) É capaz de preservar os ganhos, como a natureza, e erradicar os erros para continuar a existir.
e) É capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros, como a natureza, para continuar a existir.

TEXTO LXXXV

CENSO - IBGE
CHEGOU O FUTURO

Parece mentira que ele tenha chegado. Para quem está hoje na terceira idade, o ano 2000 é como se fosse a chegada do futuro pelo qual se esperou achando que ele chamais chegaria. Parecia inatingível, tão distante era no tempo e na cabeça da gente. Sonhava-se com a data como se sonhava com a ida do homem à Lua ou a Marte, como sinônimo de conquista do impossível.

O passado era embalado por uma promessa que se acreditava que jamais iria se realizar. “Pode esperar sentado”, diziam os mais velhos quando queriam desanimar um jovem, “isto só vai acontecer no ano 2000, no Dia de São Nunca”.

E eis que bem ou mal ele está aí, encerrando de uma só vez a década, o século e o milênio, dando início a uma nova era, não importa que o calendário diga o contrário; miticamente, no imaginário de todo mundo, é assim.

Foi um percurso acidentado, dramático, o deste século, para falar apenas dele e não do milênio. Só de guerras mundiais, envolvendo as grandes potências, ameaçando se espalhar pelo planeta, foram duas, acompanhadas de centenas de conflitos regionalizados, morticínio, holocausto, extermínio em massa. A ciência e a tecnologia desenvolveram e aprimoraram como nunca a arte de destruir - as espécies, inclusive a própria, e o meio ambiente.

A guerra foi o traço mais constante nesse “século da insensatez”. Chegou-se a inventar uma forma moderna e cínica de paz: a Guerra Fria.

Apesar de tudo isso, porém, o ano 2000 chega trazendo também um certo ar de vitória sobre as previsões mais pessimistas: o fato de ter resistido tantas vezes ao apocalipse anunciado demonstra que a vontade de vida da humanidade ainda foi maior do que sua pulsão de morte.

(Zuenir Ventura. *Época.* 3 de janeiro, 2000, com adaptações)

608) O texto informa que, quanto à data de encerramento do século XX, o calendário e o imaginário do povo:

a) divergem
b) convergem
c) combinam
d) complementam-se
e) harmonizam-se

609)”Sonhava-se com a data (...), como sinônimo de conquista do impossível.” (/. 4-6) De acordo com o texto, justifica esse sentimento o (a);

a) clima de euforia reinante em certas datas
b) inexperiência natural dos jovens da primeira metade do século
c) frustração dos contemporâneos do cronista com a proximidade do novo século
d) insegurança das pessoas mais velhas em relação ao seu próprio futuro
e) distância existente entre aquele momento do passado do cronista e o ano 2000

610) Durante o século XX a humanidade foi submetida a duras provas. Esta idéia está configurada no trecho:

a) *“...é* como se fosse a chegada do futuro...” (/. 2)
b) “...isto só vai acontecer no ano 2000, ...” (/. 9)
c) “...bem ou mal ele está aí, ...” (/. 11)
d) “...de uma só vez a década, o século, o milênio...” (/. 11/12)
e) “...percurso acidentado, dramático, ...” (/. 15)

611) O “certo ar de vitória” de que fala o cronista no último parágrafo devese:

a) à insensatez do século
b) à supremacia das emoções sobre a razão
c) ao instinto de sobrevivência do homem
d) ao conformismo diante das dificuldades
e) aos avanços científicos e tecnológicos

612) “Pode esperar sentado”, diziam os mais velhos quando queriam desanimar um jovem, ’isto só vai acontecer no ano 2000, no Dia de São Nunca.’ E eis que bem ou mal ele está aí,” (/. 8-11). No trecho, a conjunção sublinhada só NÃO pode ser substituída por:

a) mas
b) porque
c) porém
d) entretanto
e) no entanto

TEXTO LXXXVI

BIÓLOGO - QUEIMADOS/RJ
O MEDO SOCIAL

No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente, que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto. Dias depois, a mesma senhora reconhece o assaltante na rua. Acelera o carro, atropela-o e mata-o, com a aprovação dos que presenciaram a cena. Verídica ou não, a história é exemplar, ilustra o que é a cultura da violência, a sua nova feição no Brasil.

Ela segue regras próprias. Ao expor as pessoas a constantes ataques à sua integridade física e moral, a violência começa a gerar expectativas, a fornecer padrões de respostas. Episódios truculentos e situações-limite passam a ser imaginados e repetidos com o fim de caucionar a idéia de que só a força resolve conflitos. A violência torna-se um item obrigatório na visão do mundo que nos é transmitida. Cria a convicção tácita de que o crime e a brutalidade são inevitáveis. O problema, então, é entender como chegamos a esse ponto. Como e por que estamos nos familiarizando com a violência, tornando-a nosso cotidiano.

Em primeiro lugar, é preciso que a violência se torne corriqueira para que a lei deixe de ser concebida como o instrumento de escolha na aplicação da justiça. Sua proliferação indiscriminada mostra que as leis perderam o valor normativo e os meios legais de coerção, a força que deveriam ter. Nesse vácuo, indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto, segundo decisões privadas, dissociadas de princípios éticos válidos para todos. O crime é, assim, relativizado em seu valor de infração. Os criminosos agem com consciências felizes. Não se julgam fora da lei ou da moral, pois conduzem-se de acordo com o que estipulam ser o preceito correto. A imoralidade da cultura da violência consiste justamente na disseminação de sistemas morais particularizados e irredutíveis a ideais comuns, condição prévia para que qualquer atitude criminosa possa ser justificada e legítima.

(Jurandir Freire Costa)

613) “No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente...”; a passagem do pretérito imperfeito para o pretérito perfeito marca a mudança de:

a) um texto descritivo para um texto narrativo
b) a fala do narrador para a fala do personagem
c) um tempo passado para um tempo presente
d) um tempo presente para um tempo passado

e) a mudança de narrador

614) A narrativa contida no primeiro parágrafo tem a função textual de:

a) exemplificar algo que vai ser explicitado depois,
b justificar a reação social contra a violência.
c) despertar a atenção do leitor para o problema da violência.
d) mostrar a violência nas grandes cidades.
e) relatar algo que vai justificar uma reação social.

615) Idéia *não* contida no texto é:

a) a violência cria regras próprias.
b) os criminosos agem segundo regras particulares;
c) a violência aparece socialmente justificada.
d) a violência aparece como algo inevitável.
e) a violência requer uma ação governamental eficiente.

616) Segundo o texto, para que a lei deixe de ser o remédio contra a violência é necessário:

a) que as leis se tornem obsoletas.
b) que os governos descuidem dos problemas.
c) que a violência se banalize.
d) que os marginais se tornem mais audaciosos.
e) que a violência crie regras próprias.

617) “Nesse vácuo, indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto...”; o comentário correto sobre esse segmento do texto é:

a) O vácuo referido é o espaço vago deixado pela ação governamental.
b) Indivíduos e grupos passam a tomar a lei em suas mãos.
c) A justiça acaba sendo determinada pelos marginais.
d) A injustiça acaba por elaborar as leis.
e) Passa a vigorar a lei do mais esperto.

618) “A imoralidade da cultura da violência consiste justamente na disseminação de sistemas morais particularizados e irredutíveis a ideais comuns...”; isso significa que:

a) na cultura da violência todos os marginais pensam de forma semelhante.
b) a imoralidade da cultura da violência se localiza em pequenos grupos.
c) na cultura da violência todos saem perdendo.
d) na cultura da violência, os ideais comuns inexistem.
e) a violência dissemina ideais comuns irredutíveis.

619) “O crime *é,* assim, relativizado, em seu valor de infração.”; uma forma de reescrever-se a mesma frase, mas com perda do sentido original, é:

a) O valor de infração do crime é, assim, relativizado.
b) Assim, o crime foi relativizado em seu valor de infração.
c) O crime tem seu valor de infração, assim, relativizado.
d) Assim, o crime é, em seu valor de infração, relativizado.
e) Relativiza-se, assim, o valor de infração do crime.

TEXTO LXXXVII

PROFESSOR II/RIO
HUMANISMOS E ANTI-HUMANISMOS I

Ciência e técnica se têm revelado, na sociedade atual, inadequadas a proporcionar ao homem meios para a sua autêntica realização. Mais ainda: utilizadas como estão, têm conspirado contra a felicidade humana. E a nova geração de intelectuais, cientistas e jovens, nos últimos vinte anos, tem sido porta-voz da frustração, do medo, do protesto contra a invasão da ciência e da técnica.

Enquanto há anos atrás era difícil encontrar um nome de cientista que levantasse dúvida sobre a validez total de seu trabalho, hoje ocorre exatamente o contrário: não se conhece um só nome de grande cientista que acredite incondicionalmente no poder total da ciência e da técnica para resgatar o homem de seus males e torná-lo completamente feliz. Cientistas e pensadores não escondem seu ceticismo e sua preocupação com os resultados da ciência e da técnica.

Acontece que este clima de desconfiança, insatisfação e pavor não se nota só entre os cientistas e sábios; ele está já se alastrando entre o povo e sensibilizou especialmente os jovens, sobretudo os estudantes. O fato de que as manifestações mais clamorosas de seu protesto pertençam ao passado não significa que ele tenha perdido em intensidade e universalidade. Muito pelo contrário: o terror dos anos 70 é filho direto do protesto dos anos 60.

Note-se bem: o protesto, a recusa por parte dos cientistas, dos intelectuais em geral e dos jovens não é propriamente contra a ciência e a técnica em si, mas contra sua valorização exclusiva, contra uma sociedade que pretende construir-se unicamente sobre estas pilastras, sem levar em conta outras exigências e componentes humanos que a ciência e a técnica não podem satisfazer.

(Pedro Dalle Nogare) |

620) Na introdução do texto, o autor declara que a ciência e a técnica se têm revelado inadequadas na realização do homem. Isto porque:

a) elas têm conspirado contra a felicidade humana.
b) nenhum cientista moderno acredita piamente no poder da ciência.
c) os cientistas estão céticos quanto aos resultados da ciência e da técnica.
d) deixam de lado algumas exigências e componentes humanos.
e) atingem não só cientistas e técnicos, mas também os jovens.

621) *"Ciência e técnica se têm revelado...";* a forma verbal desse segmento do texto mostra uma ação:

a) que se iniciou em passado próximo e terminou no presente.
b) que se repete no passado e se interrompe no presente.
c) repetida com continuidade até o presente em que falamos.

d) completamente passada.
e) que se iniciou no presente com continuidade hipotética no futuro.

622) ***“...não escondem seu ceticismo...”:*** **no texto, um sinônimo adequado para o vocábulo sublinhado é:**

a) confiança
b) descrença
c) negativismo
d) cinismo
e) ateísmo

623) ***“Acontece que este clima de desconfiança, insatisfação e pavor não se nota só entre cientistas e sábios;...”;*** **após um segmento textual em que está presente a expressão** ***“não só”*****, pode-se prever um segmento seguinte com o valor de:**

a) oposição
b) concessão
c) causa
d) adição
e) comparação

624) ***“...especialmente os jovens, sobretudo os estudantes...”;*** **entre os vocábulos “jovens” e “estudantes” estabelece-se, respectivamente, uma relação de:**

a) geral / específico
b) específico / geral
c) formal / informal
d) nacional / regional
e) popular / erudito

625) ***“O fato de que as manifestações mais clamorosas de seu protesto pertençam ao passado não significa que ele tenha perdido em intensidade e universalidade.”;*** **em outras palavras, pode-se dizer que:**

a) os protestos estudantis mais clamorosos pertencem ao passado, perdendo em intensidade e universalidade.
b) apesar de os protestos estudantis terem perdido em intensidade e universalidade, eles continuam bastante clamorosos no presente.
c) o fato de os protestos de estudantes não terem perdido em intensidade e universalidade é comprovado pelas manifestações clamorosas do passado.
d) os protestos estudantis não perderam em intensidade e universalidade apesar de suas formas mais clamorosas já pertencerem ao passado.
e) o fato de os movimentos estudantis pertencerem ao passado faz com que os vejamos hoje com a mesma intensidade e universalidade de outrora.

626) ***“o terror dos anos 70 é filho direto do protesto dos anos 60.”;*** **pode-se dizer que entre os elementos citados nesse segmento do texto há uma relação respectiva de:**

a) causa / efeito
b) fato / explicação
c) conseqüência / fato
d) antecedente / conseqüente
e) tempo / espaço

TEXTO LXXXVIII

OFICIAL DE CARTÓRIO POLICIAL - FAEPOL
QUANTO TEMPO DEMORA UM PROCESSO?
(fragmento)

É lugar comum a afirmação de que a Justiça é lenta, de que os processos judiciais demoram excessivamente. Afirma-se isso a todo instante. Os meios de comunicação de massa (imprensa escrita, rádio e televisão) repetem a observação, sem qualquer ressalva, e contribuem para tornar a lentidão judicial uma “verdade”.

Os que assim procedem, certamente justificados por grande número de casos morosos, não sabem que muitos processos têm andamento célere, terminam rapidamente, que, com freqüência, os procedimentos judiciais são, na prática, mais rápidos do que os da esfera administrativa, apesar das garantias de igualdade entre as partes, oportunidades para intervir, e tudo o mais.

Por outro lado, há quem sustente que a grande maioria dos processos acaba razoavelmente depressa, e que somente pequena parte deles é morosa. Alega-se então que, precisamente porque minoria, os processos muito demorados constituem afastamento da regra geral e são curiosidades e, portanto, notícia.

O debate desenvolve-se nesses termos, prevalecendo as vozes que apontam a morosidade judicial como um mal predominante nas coisas da Justiça. Não existem, porém, estudos sérios a respeito. Ninguém procura pesquisar a verdade, a realidade do que efetivamente se passa na tramitação dos processos judiciais, e que constitui, afinal de contas, a maneira pela qual o Direito vive, deduzido pelas partes e proclamado pelos Tribunais. Desse modo, continuam as acusações ao Judiciário, cujo desprestígio é uma conseqüência natural e lógica de tais conceitos correntes.

O que ocorre realmente? Quais as verdadeiras dimensões do problema da afirmada lentidão judicial? É esse um fenômeno geral, dominante, ou setorial, ocorrente apenas em parte, em alguns setores do aparelho judicial, ou em certos tipos de procedimento?

Essas e muitas outras questões podem ser suscitadas a propósito. O que está faltando, entretanto, é a formulação de perguntas certas a aspectos dos fatos relevantes, com a realização de um estudo da realidade, e não apenas do discurso (otimista em parte da doutrina, pessimista nos veículos de comunicação de massa e na voz corrente da população). Ainda não se procurou verificar a realidade, com a utilização dos meios apropriados, com vistas ao efetivo conhecimento a respeito, e com a resultante possibilidade de se planejar, com dados concretos, as medidas destinadas a superar as deficiências existentes.

(Felippe Augusto de Miranda Rosa, desembargador TJ/RJ. *Revista da Emerj*, vol.4, n. 14, p. 163/164)

627) A pergunta que serve de título ao texto:

a) é respondida, alegando-se que a demora é um problema setorial, ocorrente apenas em parte.
b) é respondida, indicando-se que a demora é “uma verdade” criada pela comunicação de massa.
c) é respondida, retrucando-se que a demora, de fato, não existe.
d) é respondida, reconhecendo-se a demora como um problema da Justiça.
e) não é respondida no texto.

628) Dizer que a Justiça é lenta, segundo o texto, é “um lugar comum”; isto significa que:

a) a Justiça *é*, de fato, lenta.
b) a Justiça é considerada lenta pelos meios de comunicação de massa.
c) a afirmativa sobre a lentidão da Justiça é feita de forma irresponsável.
d) a lentidão da Justiça é tema repetitivo.
e) a Justiça é lenta nos casos em que estão envolvidas pessoas comuns.

629) “É lugar comum a afirmação de que a Justiça é lenta, de que os processos judiciais demoram excessivamente.”; a terceira oração desse período funciona, em relação à segunda, como uma:

a) retificação
b) explicitação
c) complementação
d) adição
e) alternativa

630) Segundo o texto, os meios de comunicação de massa:

a) apontam a morosidade judicial como um mal predominante nas coisas da Justiça.
b) já fizeram estudos a respeito da morosidade judicial.
c) colaboram para que a imagem de lentidão na Justiça se acabe.
d) fazem com que uma probabilidade se torne “verdade”.
e) desconhecem que a maioria dos casos judiciais é rapidamente resolvida.

631) A imprensa escrita, rádio e televisão são apontados como meios de comunicação “de massa”, e são assim denominados porque:

a) envolvem grande quantidade de pessoas.
b) trabalham para receptores desconhecidos.
c) mostram a realidade das classes mais populares.
d) não revelam preocupações sociais.
e) não defendem qualquer preconceito social.

632) “...os meios de comunicação de massa (imprensa escrita, rádio e televisão)...”; os termos entre parênteses, neste texto da revista da Escola de Magistratura:

a) mostram a preocupação do autor com a clareza argumentativa.
b) trazem uma explicação necessária, já que se trata de conhecimento novo.
c) classificam os meios de comunicação de massa segundo os sentidos predominantes.
d) esclarecem que o autor se limita a alguns dos meios de comunicação de massa.
e) esclarecem, talvez desnecessariamente, o conteúdo semântico do termo anterior.

633) “...repetem a observação, sem qualquer ressalva, e contribuem para tornar a lentidão judicial uma verdade.”; considerando-se a mensagem do texto, o segmento “sem qualquer ressalva” nos diz, implicitamente, que a “ressalva” deveria conter:

a) informações sobre a causa da lentidão judicial
b) dados que atenuassem a idéia de que a Justiça é lenta
c) indicações das péssimas condições de trabalho da Justiça
d) protestos sobre os baixos salários do Judiciário
e) a confissão de desconhecimento do assunto por parte da imprensa

634) O vocábulo “ressalva” aparece no *Michaelis - Moderno dicionário da língua portuguesa* (Melhoramentos, SP, 1998, p. 1829) com 6 significados, dos quais relacionamos cinco nos itens abaixo; o significado mais adequado à situação desse vocábulo no texto é:

a) nota em que se corrige um erro que passou no texto
b) nota escrita que põe alguém a salvo; documento de garantia
c) exceção, reserva
d) cláusula
e) reparação de erro; errata

635) O fato de usarem-se aspas na palavra *verdade,* ao final do primeiro parágrafo, indica que:

a) a palavra está empregada com valor humorístico.
b) o autor pretende dar ao termo um novo significado.
c) o autor não concorda totalmente que a lentidão judicial seja uma realidade.
d) o texto quer destacar o termo, valorizando o seu sentido original.
e) o vocábulo é empregado com valor pejorativo.

636)”Os que assim procedem, certamente justificados por grande número de casos morosos, não sabem...”; o segmento sublinhado quer dizer, no contexto em que se insere, que:

a) ocorrem muitos casos comprovadores de lentidão judicial, em que se apoiam os que acusam a Justiça por esse defeito.
b) há um grande número de casos complicados na Justiça, o que certamente justifica a demora em sua apreciação.
c) os que defendem a Justiça justificam a demora pelo grande número de casos a apreciar.
d) o grande número de casos leva a que se justifique a demora da Justiça, alegando-se a preocupação com a certeza do julgamento.
e) muitos casos demoram na Justiça muito mais do que o esperado.

637) Segmento do texto que NÃO apresenta um argumento de defesa diante das acusações de lentidão judicial:

a) “os que assim procedem, certamente justificados por grande número de casos morosos,...”
b) “...não sabem que muitos processos têm andamento célere,...”
c) “...terminam rapidamente;”
d) “...que, com freqüência, os procedimentos judiciais são, na prática, mais rápidos do que os da esfera administrativa,...”
e) “...há quem sustente que a grande maioria dos processos acaba razoavelmente depressa;”

638) “...apesar das garantias de igualdade entre as partes, oportunidades para intervir, e tudo o mais.”; dentro da situação do texto, os elementos sublinhados atuam como:

a) causas de maior rapidez para os processos da área administrativa
b) argumentos que justificam a maior rapidez na apreciação dos processos
c) desvantagens no julgamento dos processos da área administrativa
d) elementos que colaboram para a lentidão dos processos judiciais
e) razões que confirmam a rapidez no julgamento dos processos administrativos

639) “Por outro lado, há quem sustente que a grande maioria dos processos acaba razoavelmente depressa;”; a expressão *por outro lado* tem, neste caso, valor de:

a) adição
b) oposição
c) comparação
d) concessão
e) explicação

640) “...precisamente porque minoria, os processos muito demorados constituem afastamento da regra geral, são curiosidades e, portanto, notícia.”; infere-se desse segmento do texto que:

a) quanto mais raro o fato, maior o interesse público por ele.

b) os jornais só se interessam pelos aspectos negativos dos fatos.
c) a lentidão é a regra geral na apreciação dos processos judiciais.
d) os processos julgados de forma rápida são exceção da regra.
e) os processos com curiosidades raras provocam maior interesse dos jornais.

641) As perguntas do quinto parágrafo do texto:

a) representam dúvidas da população em geral sobre o tema abordado no texto.
b) indicam questões que só os advogados experientes podem responder.
c) introduzem novos pensamentos para a reflexão do autor.
d) são questionamentos possíveis e ainda não respondidos.
e) propõem uma nova maneira de encarar o problema discutido no texto.

642) A principal mensagem do autor do texto é:

a) a lentidão judicial é um mal real, mas que pode ser combatido e solucionado, se os meios de comunicação de massa prestarem a sua colaboração.
b) antes de qualquer outra medida, é preciso que se verifique a realidade do problema da lentidão judicial para que só então se tomem as medidas adequadas.
c) a lentidão judicial é vista de dois modos, daí que se torne confusa a situação entre otimistas e pessimistas.
d) as deficiências existentes nos processos judiciais podem ser superadas se os interessados se apoiarem na experiência bem sucedida dos processos administrativos.
e) cabe aos profissionais do Direito defender o seu prestígio, bastante abalado pela visão pessimista, divulgada pela imprensa, sobre a lentidão judicial.

TEXTO LXXXIX

AUXILIAR JUDICIÁRIO DO TALCRIM

DO PÚBLICO E DO PRIVADO

A discussão sobre os limites do domínio público e do domínio privado ocupou um lugar quase inusitado nos debates da atualidade.

Podemos, é claro, atribuir esse interesse à perspectiva, agora frustrada, da revisão da Carta Constitucional, que implicaria a possibilidade de redefinição do papel do Estado e, conseqüentemente, do que se convencionou chamar de sociedade civil. Mas a simples possibilidade de rever a Carta Magna não parece ser um fator decisivo para tornar esse debate tão atual. Talvez seja mais sensato admitir que, nos últimos anos, e isso não somente no Brasil, mas em boa parte das sociedades industrializadas, as fronteiras entre o público e o privado se modificaram de forma radical, transformando os velhos parâmetros, que estabeleciam as obrigações e limites do Estado, em peças arcaicas de uma época que não conhecia as novas relações econômicas, nem as novas formas de organização nas sociedades pós-industriais. Seja como for, podemos situar nosso tema num terreno muito mais vasto do que nossa permanente crise conjuntural, e, por isso mesmo, atribuir-lhe um significado muito maior do que devemos dispensar às eternas confusões de nossas despreparadas classes dirigentes.

(Newton Bignotto, Cadernos da Escola do Legislativo, n° 2, julho. dez. 1994, B. Horizonte, MG, 1994)

643) No título, os vocábulos público e privado se opõem:

a) sintática e semanticamente
b) morfológica e sintaticamente
c) fonética e morfologicamente
d) semanticamente
e) sintaticamente

644) Os vocábulos público e privado tiveram sua classe morfossintática original modificada em função da:

a) presença do artigo definido
b) ausência dos substantivos determinados
c) necessidade de dar-lhes outro valor semântico
d) utilização da presença da preposição de
e) ausência de advérbios determinantes

645) O primeiro período do texto acrescenta em relação ao título uma:

a) retificação do significado dos termos empregados
b) especificação do termo de discussão
c) ampliação do termo de discussão
d) oposição ao textualmente esperado
e) justificativa da escolha temática do texto

646) *Podemos, é claro, atribuir esse interesse à* perspectiva,... A utilização textual do termo sublinhado indica:

a) a necessidade de explicar algo
b) o reconhecimento de uma evidência
c) a obrigação de referir-se a tema bastante conhecido
d) uma condição de tratamento do tema
e) o objetivo de dar ênfase a determinado termo

647) Em que item a seguir não ocorre uma localização temporal do texto em relação ao momento de sua produção e leitura?

a) ...ocupou um lugar quase inusitado nos debates da atualidade.
b) ...atribuir essa perspectiva, agora frustrada, de revisão da Carta
1 c) ...não parece ser um fator decisivo para tornar esse debate tão atual.
d) Talvez seja mais sensato admitir que, nos últimos anos,...;
e) Seja como for, podemos situar nosso tema num terreno muito mais vasto...

648) *Podemos, é claro, atribuir esse interesse à perspectiva, agora frustrada, de revisão da Carta Constitucional...* Esse argumento textual:

a) aparece como elemento central da argumentação textual.
b) é simplesmente um argumento que vai ser descartado.
c) mostra a idéia do autor contrária à opinião pública.
d) indica um terreno vasto de nossa crise conjuntural.
e) denuncia os políticos como responsáveis por nossa crise permanente.

649) *...que implicaria a possibilidade de redefinição do papel do Estado, e, conseqüentemente, do que se convencionou chamar de sociedade civil.* O uso de *conseqüentemente* indica que:

a) há mais de uma conseqüência da revisão da Carta Magna
b) a redefinição de sociedade civil está ligada à do Estado.
c) sociedade civil e Estado são elementos distintos.
d) a redefinição de sociedade civil implica a redefinição de Estado.
e) a redefinição de Estado cria a sociedade civil.

650) ***Talvez seja mais sensato admitir que, nos últimos anos, e isso não somente no Brasil, mas em boa parte das sociedades industrializadas, as fronteiras entre o público e o privado se modificaram de maneira radical,...*** **Assinale o comentário correto sobre a frase destacada:**

a) o autor apresenta sua opinião de forma peremptória.
b) o texto coloca o Brasil entre as sociedades industrializadas.
c) o autor afirma que há outras opiniões mais sensatas sobre o tema.
d) o texto indica a diferença entre o Brasil e as sociedades industrializadas.
e) no Brasil, as modificações não se processaram de forma radical.

651) ***...transformando os velhos parâmetros...*** **O termo destacado na frase do texto não tem como significação adequada:**

a) regulamentos
b) princípios
c) modelos
d) peças
e) leis

652) As críticas presentes no texto se dirigem claramente:

a) aos jornalistas
b) aos empresários
c) ao povo brasileiro
d) aos dirigentes do país
e) aos intelectuais

TEXTO XC

NÍVEL TÉCNICO - MPU
HISTÓRIA DE BEM-TE-VIS

Com estas florestas de arranha-céus que vão crescendo, muita gente pensa que passarinho é coisa só de jardim zoológico; e outros até acham que seja apenas antigüidade de museu. Certamente, chegaremos lá... mas, por enquanto, ainda existem bairros afortunados, onde haja uma casa, casa que tenha um quintal, quintal que tenha uma árvore. Bom será que essa árvore seja a mangueira: pois nesse vasto palácio verde podem morar muitos passarinhos.

Os velhos cronistas encantaram-se com canindés e araras, tuins e sabiás, maracanãs e "querejuás todos azuis de cor finíssima..."

Nós esquecemos tudo: quando um poeta menciona um pássaro, o leitor pensa que *é* literatura...

Pois há um passarinho chamado bem-te-vi. Creio que está para acabar. E é pena, pois, com esse nome que tem, e que é a sua própria voz, devia estar em todas as repartições públicas (e em muitos outros lugares), numa elegante gaiola, para no momento oportuno anunciar a sua presença. Seria um sobressalto providencial e sob forma tão inocente e agradável que ninguém, decerto, se aborreceria.

Mas o que me leva a crer no desaparecimento do bem-te-vi são as mudanças que começo a observar na sua voz. O ano passado, aqui nas mangueiras dos meus simpáticos vizinhos, apareceu um bem-te-vi caprichoso, muito moderno, que se recusava a articular as três sílabas tradicionais do seu nome. Limitava-se a gritar: "... te vi!... te vi!..." com a maior irreverência gramatical. Como dizem que as últimas gerações andam muito rebeldes e novidadeiras, achei natural que também os passarinhos estivessem contagiados pelo novo estilo humano.

Mas logo a seguir, o mesmo passarinho - o seu filho, ou seu irmão, como posso saber, com a folhagem cerrada da mangueira? animou-se a uma audácia maior. Não quis saber das duas sílabas, e gritava apenas, daqui, dali, invisível e brincalhão: "... Vi! ...vi! ...vi!..." - o que me pareceu ainda mais divertido.

O tempo passou. O bem-te-vi deve ter viajado; talvez seja cosmonauta, talvez tenha voado com o seu time de futebol... Afinal tudo pode acontecer com bem-te-vis tão progressistas, que rompem com o canto da família e mudam os lemas dos seus brasões. Talvez tenha sido atacado por esses crioulos fortes que agora saem do mato de repente e disparam sem razão nenhuma contra o primeiro vivente que encontram. Mas hoje tornei a ouvir um bem-te-vi cantar. E cantava assim: "Bem-bembem-...-te-vi!" Pensei: "É uma nova escola poética que se eleva das mangueiras!..." Depois o passarinho mudou. E fez: "Bem-te-te-te-...-vi!"

Tornei a refletir: "Deve ser pequenino e estuda a sua cartilha..." E o passarinho: "Bem-bem-bem-te-te-te-vi-vi-vi...!"

Os ornitólogos devem saber se isso é caso comum ou raro. Eu jamais tinha ouvido coisa igual. Mas as crianças, que sabem mais do que eu, e vão diretas aos assuntos, ouviram, pensaram, e disseram: “Que engraçado! Um bem-te-vi gago!” Então, talvez seja mesmo só gagueira...

(Cecília Meireles, *Quadrante 2*, Rio de Janeiro, 1963, com adaptações)

653) De acordo com a crônica, assinale a opção incorreta.

a) Os jovens andam contagiados por um novo estilo de vida.
b) Há uma tendência de que as pessoas esqueçam as coisas do passado.
c) Nas grandes cidades, só se vê passarinho no jardim zoológico e nos museus.
d) Os cronistas antigos ficavam admirados com a grande quantidade de pássaros existentes.
e) A autora insinua que o bem-te-vi deveria estar nas repartições públicas como sinal de alerta.

654) Assinale a opção correta.

a) O cenário geral apresentado na crônica é uma pequena cidade do interior.
b) A mangueira é comparada a um “palácio verde” (linha 6) pela sua dimensão e pela cor de sua folhagem; nesse “palácio” podem se abrigar muitos passarinhos.
c) Os funcionários públicos ficariam contrariados, caso aparecesse um bem-te-vi na repartição.
d) A razão que leva a autora a acreditar que o bem-te-vi sumiu é o fato de ele ter parado de cantar na mangueira.
e) Está claro no texto que, na casa da autora, existiam muitas mangueiras.

655) Nos três últimos parágrafos, a autora fala de dois bem-te-vis diferentes. Assinale a opção que corresponde ao sentido contido nesses parágrafos.

a) A autora crê que os ornitólogos não sabem explicar ao certo o que aconteceu com o bem-te-vi.
b) A autora concorda plenamente com as crianças acerca da gagueira do bem-te-vi.
c) A autora tem certeza de que o primeiro bem-te-vi migrou para outra região.
d) O segundo bem-te-vi é experiente e bom cantador.
e) O segundo bem-te-vi modifica seu jeito de cantar.

656) Era “achei natural que também os passarinhos estivessem contagiados pelo novo estilo humano” (linha 24/25), a expressão destacada corresponde semanticamente a:

a) pela modernidade
b) pela tradição
c) pela antigüidade

d) pela mudança
e) pela literatura

657)A locução verbal, formada por um verbo auxiliar e uma forma nominal, expressa os diversos aspectos do desenvolvimento da ação verbal. Assinale a opção em que a locução não corresponde ao aspecto verbal indicado.

a) “Com estas florestas de arranha-céus que **vão crescendo”** (linha 1) / ação progressiva
b) “Creio que **está para acabar”** (linhas 12 e 13) / ação iminente
c) “tudo **pode acontecer”** (linha 32/33) / ação possível
d) “Mas hoje **tornei a ouvir”** (linha 37) / ação iterativa
e) “O bem-te-vi **deve ter viajado”** (linha 31) / ação obrigatória

658) Em “Limitava-se a gritar:’... te vi!... te vi!...’ com a maior irreverência gramatical.” (linha 22/23), a autora refere-se

a) ao uso da linguagem coloquial
b) ao uso indevido da pontuação
c) à colocação do pronome em próclise
d) à colocação do pronome em ênclise
e) à articulação incorreta do bem-te-vi

TEXTO XCI

ATENDENTE JUDICIÁRIO - TALCRIM
HOMEM NO MAR

De minha varanda vejo, entre árvores e telhados, o mar. Não há ninguém na praia, que resplende ao sol. O vento é nordeste, e vai tangendo, aqui e ali, no belo azul das águas, pequenas espumas que marcham alguns segundos e morrem, como bichos alegres e humildes; perto da terra a onda é verde.

Mas percebo um movimento em um ponto do mar; é um homem nadando. Ele nada a uma certa distância da praia, em braçadas pausadas e fortes; nada a favor das águas e do vento, e as pequenas espumas que nascem e somem parecem ir mais depressa do que ele.

Justo: espumas são leves, não são feitas de nada, toda sua substância é água e vento e luz, e o homem tem sua carne, seus ossos, seu coração, todo seu corpo a transportar na água. Ele usa os músculos com uma calma enérgica; avança. Certamente não suspeita de que um desconhecido o vê, e o admira porque ele está nadando na praia deserta. Não sei de onde vem essa admiração, mas encontro nesse homem uma nobreza calma, sinto-me solidário com ele, acompanho o seu esforço solitário como se ele estivesse cumprindo uma velha missão. Já nadou em minha presença uns trezentos metros; antes não sei; duas vezes o perdi de vista, quando ele passou atrás das árvores, mas esperei com toda confiança que reaparecesse sua cabeça, e o movimento alternado de seus braços. Mais uns cinqüenta metros, e o perderei de vista, pois um telhado o esconderá. Que ele nade bem esses 50 ou 60 metros; isto me parece importante; é preciso que conserve a mesma batida de sua braçada, e que eu o veja desaparecer assim como o vi aparecer, no mesmo rumo, no mesmo ritmo, forte, lento, sereno. Será perfeito; a imagem desse homem me faz bem. É apenas a imagem de um homem, e eu não poderia saber sua idade, nem sua cor, nem os traços de sua cara. Estou solidário com ele, e espero que ele esteja comigo. Que ele atinja o telhado vermelho, e então eu poderei sair da varanda tranqüilo, pensando - “vi um homem sozinho, nadando no mar; quando o vi ele já estava nadando; acompanhei-o com atenção durante todo o tempo, e testemunho que ele nadou sempre com firmeza e correção; esperei que ele atingisse um telhado vermelho, e ele o atingiu”.

Agora não sou mais responsável por ele; cumpri o meu dever, e ele cumpriu o seu. Admiro-o. Não consigo saber em que reside, para mim, a grandeza de sua tarefa; ele não estava fazendo nenhum gesto a favor de alguém nem construindo algo de útil; mas certamente fazia uma coisa bela, e a fazia de um modo puro e viril.

Não desço para ir esperá-lo na praia e lhe apertar a mão; mas dou meu silencioso apoio, minha atenção e minha estima a esse desconhecido, a esse nobre animal, a esse homem, a esse correto irmão.

(Rubem Braga)

659) As ondas são várias vezes comparadas a bichos. Na visão do autor, o que as "animaliza" é:

a) a imagem entrecortada por árvores e telhados
b) a distância em que ele se encontra do mar
c) o vento que as empurra para a areia
d) o movimento do homem que nada

660) Para o autor, as ondas são classificadas como humildes porque:

a) são vistas de longe pelo autor.
b) ficam pequenas frente à grandeza do mar.
c) parecem subjugadas pelo vento nordeste.
d) obedecem à ordem para estourar na praia.

661) O autor, durante o texto, se transforma de espectador em químico e juiz. Esta mudança se dá, respectivamente, em:

a) ... "está nadando na praia deserta"... / ... "quando ele passou atrás das árvores"... / ... "a esse homem, a esse correto irmão"
b) ... "nade bem esses 50 ou 60 metros"... /... "a imagem desse homem me faz bem"... / ... "e o perderei de vista"
c) ... "*é* um homem nadando" / "toda sua substância é água e vento **e** luz"... / ... "mas dou meu silencioso apoio"...
d) ... "nada a favor das águas" ... / ... "minha atenção e minha estima" ... / ... "um homem sozinho no mar"

662) "Ele usa os músculos com uma calma enérgica;..." Na afirmação do autor, há uma:

a) contradição, pois o adjetivo anula o sentido do substantivo
b) complementação, feita pelo autor, dele com o nadador
c) coerência de idéias, já que se trata de músculos
d) integração do homem com o mar

663) A admiração do autor pelo homem que nadava não está justificada em:

a) fazia uma coisa esteticamente perfeita.
b) lutava para ser mais forte que o mar.
c) mostrava virilidade em seus gestos.
d) havia grandeza na sua tarefa.

664) "Estou solidário com ele." Segundo seu emprego, no texto, a palavra sublinhada é antônimo de:

a) indolente
b) preocupado

c) atormentado
d) descompromissado

665) A narrativa do texto nos é dada através de uma percepção que é:

a) táctil
b) visual
c) auditiva
d) sensitiva

TEXTO XCII

CONTADOR - TRF 4a REGIÃO

As condições em que vivem os presos, em nossos cárceres superlotados, deveriam assustar todos os que planejam se tornar delinqüentes. Mas a criminalidade só vem aumentando, causando medo e perplexidade na população.

Muitas vozes têm se levantado em favor do endurecimento das penas, da manutenção das penas, da manutenção ou ampliação da Lei dos Crimes Hediondos, da defesa da sociedade contra o crime, enfim, do que se convencionou chamar "doutrina da lei e da ordem", apostando em tais caminhos como forma de dissuadir novas práticas criminosas.

Geralmente valem-se de argumentos retóricos e emocionais, raramente escorados em dados de realidade ou em estudos que apontem ser esse o melhor caminho a seguir. Embora sedutora e aparentemente sintonizada com o sentimento geral de indignação, tal corrente aponta para o caminho errado, para o retorno ao direito penal vingativo e irracional, tão combatido pelo iluminismo jurídico.

O coro dessas vozes aumenta exatamente quando o governo acaba de encaminhar ao Congresso o anteprojeto do Código Penal, elaborado por renomados juristas, com participação da sociedade organizada, com o objetivo de racionalizar as penas, reservando a privação da liberdade somente aos que cometerem crimes mais graves e, mesmo para esses, tendo sempre em vista mecanismos de reintegração social.

Destaca-se o emprego das penas alternativas, como a prestação de serviços à comunidade, a compensação por danos causados, a restrição de direitos etc.

Contra a idéia de que o bandido é um facínora que optou por atacar a sociedade, prevalece a noção de que são as vergonhosas condições sociais e econômicas do Brasil que geram a criminalidade; enquanto essas não mudarem, não há mágica: os crimes vão continuar aumentando, a despeito do maior rigor nas penas ou da multiplicação de presídios.

(Adaptado de Carlos Weis. "Dos delitos e das penas". **Folha de São Paulo,** Tendências e debates, 11/11 /2000)

666) O autor do texto mostra-se:

a) identificado com o coro das vozes que se levantam em favor da aplicação de penas mais rigorosas
b) identificado com doutrina que se convencionou chamar "da lei e da ordem"
c) contrário àqueles que encontram nas causas sociais e econômicas a razão maior das práticas criminosas
d) contrário à corrente dos que defendem, entre outras medidas, a ampliação da Lei dos Crimes Hediondos
e) contrário àqueles que defendem o emprego das penas alternativas em substituição à privação da liberdade

667) Considere as seguintes afirmações:

I. Não é mais do que uma simples coincidência o fato de que a intensificação das vozes favoráveis ao endurecimento das penas ocorre simultaneamente ao envio ao Congresso do anteprojeto do Código Penal.

II. A afirmação de que há vozes em favor da manutenção da Lei dos Crimes Hediondos deixa implícito que a vigência futura dessa lei está ameaçada.

III Estabelece-se uma franca oposição entre os que defendem a "doutrina da lei e da ordem" e os que julgam ser o bandido um facínora que age por opção.

Em relação ao texto, está correto SOMENTE o que se afirma em

a) I
b) II
c) III
d) I e II
e) II eIII

668) Está corretamente traduzido o sentido de uma expressão do texto, considerando-se o contexto, em:

a) Embora sedutora e aparentemente sintonizada = Malgrado atrativa e parcialmente sincronizada
b) forma de dissuadir = modo de ratificar
c) tão combatido pelo iluminismo jurídico = de tal modo restringido pelo irracionalismo jurídico
d) a despeito do maior rigor nas penas = em conformidade com o agravamento das punições
e) mecanismos de reintegração social = meios para reinserção na sociedade

669) Por "iluminismo jurídico" deve-se entender a

a) doutrina jurídica que defende o caráter vindicativo da legislação
b) corrente dos juristas que representam a "doutrina da lei e da ordem"
c) tradição jurídica assentada em fundamentos criteriosos e racionalistas
d) doutrina jurídica que se vale de uma argumentação retórica
e) corrente dos juristas que se identificam com o sentimento geral de indignação

TEXTO XCIII

ASSISTENTE ADMINISTRATIVO - FIOCRUZ
AIDS: PAÍS PLANEJA TESE DE VACINA EM MASSA

Já começaram os preparativos para realizar no Brasil testes em larga escala de uma vacina experimental contra a Aids. Com financiamento de US$ 1,8 milhão do Governo americano, o laboratório de pesquisa em Aids do Hospital Clementino Fraga Filho (URFJ) inicia em abril a seleção de mil pessoas para determinar a incidência do HIV em homossexuais e bissexuais de 18 a 35 anos, nos próximos três anos, e avaliar um esquema viável de recrutamento de voluntários para testar uma vacina em milhares de brasileiros.

Recentemente, nos Estados Unidos, uma vacina experimental atingiu as condições exigidas para ser testada em larga escala, mas não havia infra-estrutura para recrutar os cerca de 20 mil voluntários necessários. Com esse projeto, queremos criar essa infra-estrutura no Brasil antes que se desenvolva um produto eficaz - explicou Mauro Schechter, chefe do laboratório.

Os voluntários serão recrutados entre os indivíduos que procuram os Centros de Testagem Anônima (CTA) do Hospital São Francisco de Assis (UFRJ), do Hospital Rocha Maia e de Madureira (a ser inaugurado). Os dois primeiros fazem entre 700 e mil testes de Aids por mês. Em 15% do total, aproximadamente, o resultado é positivo. Todos os indivíduos do grupo estudado que fizerem testes de HIV nos CTAs serão informados sobre o programa e como podem participar.

- Comparando a quantidade de pessoas atendidas nesses centros com o número das que se interessarem em participar de um teste em larga escala, avaliaremos se a população a que se tem acesso é de tamanho suficiente para o teste - disse.

Para determinar a incidência da infecção pelo vírus da Aids na amostra selecionada, serão feitos, a cada seis meses, exames laboratoriais para detectar a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários. Com o mesmo intervalo de tempo, essas pessoas deverão responder a questionários sobre seu comportamento com relação à Aids.

- O objetivo é saber quais são os fatores biológicos e comportamentais que predispõem à infecção - informou Schechter.

Os voluntários terão dois médicos à disposição para esclarecimento de dúvidas sobre Aids e doenças sexualmente transmissíveis. Além disso, poderão participar de oficinas sobre práticas de sexo seguro e receberão preservativos para evitarem a contaminação pelo vírus.

No mês passado, a Fundação Instituto Oswaldo Cruz (Fiocruz) iniciou, em conjunto com a Secretaria de Saúde do Estado de São

Paulo e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), um projeto semelhante de verificação de incidência do HIV em homossexuais e bissexuais entre 18 e 50 anos. Somente no Rio serão acompanhados 500 indivíduos durante um ano.
45 O projeto, que será estendido a mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde (OMS) e pretende fornecer dados estatísticos sobre a propagação da Aids no país. Os resultados ajudarão a calcular em que amostra da população deverão ser realizados os testes e uma vacina anti-HIV em massa.

(O Globo, 15/01 //95, p. 36)

670) O texto só não faz menção ao seguinte assunto:

a) esclarecimentos sobre doenças venéreas
b) estudo sobre o comportamento humano em relação à Aids
c) recrutamento de voluntários para uma vacina experimental
d) verificação da incidência da Aids nos chamados “grupos de risco”
e) o papel da Organização Mundial de Saúde no combate à Aids

671) Dentre as afirmativas abaixo, a que não se encontra no texto é:

a) Já há no Brasil um projeto que visa verificar a incidência do HIV em determinada faixa da população.
b) Os questionários sobre comportamento poderão abrir caminho para uma nova droga contra a Aids.
c) Os testes em larga escala de uma vacina contra a Aids estão condicionados a um esquema eficaz de recrutamento de voluntários.
d) Os Centros de Testagem Anônima informarão aos interessados como poderão participar do teste de uma vacina contra a Aids.
e) A seleção das pessoas para a pesquisa do Hospital Clementino Fraga também servirá para que se avalie a aplicação dos testes de uma vacina em milhares de voluntários.

672) Segundo o texto, o convênio firmado entre a Fundação Oswaldo Cruz, a Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo e a Universidade Federal de Minas Gerais visa atingir o seguinte objetivo:

a) Dar condições às demais instituições brasileiras para aplicar em voluntários os testes de uma vacina experimental contra a Aids.
b) Preparar a infra-estrutura necessária para a aplicação da vacina experimental contra a Aids.
c) Levantar os fatores biológicos e comportamentais que predispõem o homem à infecção.
d) Estender a mulheres e crianças o teste de uma vacina experimental contra a Aids.

e) Verificar a incidência da Aids em um grupo de pessoas com características predeterminadas.

673) Segundo o texto, a distribuição de preservativos tem o seguinte objetivo:

a) Incentivar a prática do sexo seguro.
b) Preservar a contaminação dos voluntários.
c) Evitar a proliferação do vírus nos voluntários.
d) Preparar os voluntários para as oficinas sobre prática do sexo seguro.
e) Resguardar os voluntários de dúvidas quanto às doenças sexualmente transmissíveis.

674) Quanto ao teste a ser aplicado no Brasil, o texto afirma que:

a) sua aplicação está condicionada à criação de oficinas sobre práticas de sexo seguro.
b) serão feitos exames mensais para detectar a presença do HIV no sangue dos voluntários.
c) os voluntários serão escolhidos entre aqueles que procuram os Centros de Testagem Anônima.
d) seu objetivo é elaborar um questionário eficiente para levantar o perfil comportamental dos voluntários.
e) serão convocados dois médicos para esclarecer aos voluntários a melhor maneira de responder ao questionário sobre comportamento sexual.

675) A Organização Mundial de Saúde ofereceu apoio ao projeto de que participa a seguinte instituição:

a) Hospital Rocha Maia
b) Hospital São Francisco de Assis
c) Hospital Clementino Fraga Filho
d) Universidade Federal de Minas Gerais
e) Centro de Testagem Anônima de Madureira

676) Segundo o texto, a vacina experimental norte-americana não foi testada devido ao seguinte fato:

a) Não houve possibilidade de recrutamento dos voluntários necessários.
b) A eficácia da vacina só poderá ser avaliada nos próximos três anos.
c) havia necessidade de se desenvolver um produto mais eficaz antes de levar adiante a experiência.
d) O financiamento de US$ 1,8 milhão foi concedido a uma instituição brasileira, o Hospital Clementino Fraga Filho.
e) Como os testes só poderiam ser aplicados em mais de mil pessoas, não havia infra-estrutura para tal empreendimento.

677) O texto informa que será possível saber se o número de pessoas disponíveis para o teste da vacina experimental é suficiente em função dos seguintes dados:

a) O número de pessoas atendidas nos Centros de Testagem Anônima e o número de pessoas interessadas em um teste de grandes proporções.
b) O percentual de homossexuais e bissexuais que será pesquisado, somado ao número de pessoas interessadas em vacinas experimentais.
c) O número de indivíduos excluídos dos Centros de Testagem Anônima e o percentual de pessoas dispostas a participar de um teste em larga escala.
d) O percentual de indivíduos sadios que procuram os Centros de Testagem Anônima e o número de indivíduos que podem participar de testes em larga escala.
e) O número de pessoas infectadas que procuram os Centros de Testagem Anônima e o percentual de pessoas não-infectadas que se interessam pela pesquisa.

678) O texto informa que uma pesquisa acerca da incidência do HIV, a ser desenvolvida nos próximos três anos, será aplicada em:

a) mulheres e crianças
b) cerca de 20 mil voluntários
c) homossexuais entre 18 e 50 anos
d) homossexuais e bissexuais de 18 a 35 anos
e) voluntários que procuram os Centros de Testagem Anônima

679) O texto vincula a participação da Organização Mundial de Saúde em um projeto desenvolvido por entidades brasileiras na forma de um:

a) auxílio logístico
b) apoio institucional
c) incentivo pecuniário
d) amparo organizacional
e) assessoramento operacional

TEXTO XCIV

ESCRITURÁRIO - BANCO DO BRASIL

TEXTO 1

CONSUMIR NÃO É PECADO

A maneira como o consumo é visto no Brasil explica um bocado de coisas

Muita gente no Brasil vê o consumismo como um gesto um pouco nobre. Atribuem-se à sua lógica coisas como a depauperação dos valores e o acirramento de desigualdades sociais. Essa postura está refletida já em nosso léxico. O verbo "consumir", segundo o *Aurélio,* significa: "1. Gastar ou corroer até a destruição; devorar, destruir, extinguir [...] 2. Gastar, aniquilar, anular [...] 3. Enfraquecer, abater [...] 4. Desgostar, afligir, modificar [...] 5. Fazer esquecer, apagar [...] 6. Gastar, esgotar [...]". Os sentidos são negativos; as condições, pejorativas. Não há uma única referência à idéia de comprar ou adquirir. Muito menos uma associação com o ato de satisfazer uma necessidade ou saciar um desejo. Um marciano de boa índole, que tivesse chegado à Terra pelo Brasil e estivesse estudando a humanidade munido da língua portuguesa, certamente anotaria na agenda que "consumir" é uma das coisas ruins que se fazem por aqui. (...)

Por que, enfim, tantas reservas em relação ao consumo?

O primeiro foco de explicação para essa antipatia reside no fato de que nossa economia fechada sempre encurralou os consumidores no país. A falta de um leque efetivo de opções de compra tem deixado os consumidores à mercê dos produtores no Brasil. Não por acaso, os apologistas do consumo entre nós têm sido basicamente aqueles que podem exercer seu inchado poder de compra sem tomar conhecimento das fronteiras nacionais. O resto da população, mantida em situação vulnerável, ignora os benefícios de uma economia baseada no consumo.

Mais do que isso, o entrincheiramento de consumidores no mercado doméstico fez, ao longo dos anos, com que a própria imagem do cliente se deturpasse no país. No capitalismo avançado, a oferta corre atrás da demanda - o vendedor lisonjeia o comprador, trata-o bem, estende à sua frente o tapete vermelho.

No Brasil, ao contrário, os clientes servem às empresas documente. É como se o capital no país, ao produzir e vender, fizesse um favor aos consumidores. Quem tem chiliques para ter seus caprichos, desejos e necessidades atendidos por aqui são os produtores, e não os clientes - um disparate. (...)

Só se pode falar efetivamente em sociedade de consumo se a competição entre os produtores for aberta, aguda e justa. Essa é a alavanca que coloca o consumidor no camarote, no centro e acima da arena econômica. (...)

A segunda explicação para as travas brasileiras em relação ao consumo está no fato de que ele, enquanto acesso a benesses materiais, sempre foi privilégio de poucos no país. Outra vez a estrutura social fendida em dois extremos, que arquitetamos no passado, azucrina nosso presente e atravanca nosso futuro. Com um detalhe: o aparecimento de hábitos de consumo avançados nos últimos anos, na porção abastada da sociedade brasileira, acarretou um aumento das tensões em relação à porção destituída. (...)

Para responder a esse segundo foco de crítica, é necessário perceber que uma sociedade de consumo não funciona se não se fizer extensiva a todos os indivíduos. O acesso ao consumo é um direito individual *sine qua non* em uma economia desenvolvida. (...)

Ao transformar o sertanejo, o peão, o matuto em consumidores, o consumo se revela um método extremamente eficaz para integrar os excluídos e estender a cidadania a todos os brasileiros. Passando ao largo de discursos grandiloqüentes e demagogias ocas, o advento de uma sociedade de consumo no Brasil funcionaria como atalho econômico para a solução de muitas de nossas mazelas. (...)

(Adriano Silva-EXAME-3/12/97, adaptado)

680) Com a alusão às definições do verbo *consumir*, o autor pretende:

a) demonstrar o cuidado com o significado no uso de determinadas palavras.
b) enfatizar a idéia de consumismo como algo prejudicial à sociedade.
c) esclarecer qualquer dúvida que o leitor possa ter quanto à significação do termo.
d) explicar o comportamento preconceituoso de muita gente quanto ao ato de consumir.
e) mostrar a incoerência entre o significado do termo e o comportamento das pessoas.

681) Para o autor, o consumismo se constitui na(o):

a) maneira mais fácil de manipular as massas
b) forma de exacerbar os desníveis sociais
c) estratégia que transforma o consumidor em cidadão
d) estímulo à depauperação de valores
e) hábito característico de países do terceiro mundo

682) O texto aponta como uma das razões para a idéia deturpada de consumidor que há no país:

a) o entrincheiramento de consumidores no mercado doméstico
b) o advento de uma sociedade de consumo
c) a sociedade de consumo extensiva a todos
d) a transformação do sertanejo, do peão e do matuto em consumidores

e) discursos grandiloqüentes e demagogias ocas

683) Segundo o autor, existe uma tensão entre a classe privilegiada e a classe destituída. Essa tensão é causada por:

a) avanço cultural das classes abastadas
b) ignorância da porção destituída da sociedade
c) resistência da sociedade a uma economia desenvolvida
d) desigualdade de condições de acesso aos bens
e) travas brasileiras em relação ao consumo

684) A expressão "Não por acaso" (l. 19), ao iniciar o período, indica:

a) justificativa
b) ênfase
c) indagação
d) concessão
e) finalidade

685) Em "...o vendedor lisonjeia o comprador, trata-o bem, estende à sua frente o tapete vermelho." (l. 27/28); estende o tapete vermelho seria uma comparação dos compradores a:

a) consumidores desatentos
b) apologistas do consumo
c) produtores vulneráveis
d) visitantes ilustres
e) empresários eficientes

686) A atitude dos produtores em relação aos consumidores e o fato de que só parte da sociedade tem a prerrogativa do consumo são apresentados pelo autor como:

a) motivos da demanda da parte vulnerável da população
b) conseqüências de uma apologia ao consumismo
c) explicações para as reservas em relação ao consumo
d) resultados da transformação dos destituídos em cidadãos
e) soluções para o acesso indiscriminado ao consumo

TEXTO XCV

ESCRITURÁRIO - BANCO DO BRASIL
TEXTO II
MODERNIDADE É HUMANIDADE

Pensar qual o processo de desenvolvimento que queremos é um dos pontos fundamentais da Ação pelo Emprego e o Desenvolvimento. Temos uma massa de desempregados de “quarto mundo” enquanto a classe empresarial, ao pensar em emprego, pensa em um mercado para país de “primeiro mundo”. Quando pensamos em emprego pensamos em crescimento, em integração no processo produtivo? O que passa exatamente pela cabeça da sociedade e dos empresários que convivem com a fantástica situação dos países do primeiro mundo que têm um PIB sensacional... e o desemprego igual?

O grande desafio colocado hoje, principalmente para a ciência e a tecnologia, é: como podemos pensar uma sociedade onde haja lugar, espaço e ocupação para todos os seus membros? Um processo capaz de incorporar e não de excluir e marginalizar, até porque não inventamos ainda uma sociedade onde 5% trabalham e 95% vivem de bolsa de estudo, ou de bolsa de consumo. Seria uma forma de distribuir a riqueza, dar “vale cidadania” pra todo mundo. O sujeito iria com o seu vale e teria saúde, educação, bolsa de alimentação. Sem dúvida, um quadro formidável, mas totalmente irreal.

O problema imediato é pensar primeiro o desenvolvimento humano. É essa a grande questão que desafia a ciência e, portanto, as pesquisas e a tecnologia a terem como principal parâmetro a sociedade. Na verdade, estamos diante de uma questão ética. A quem serve nosso conhecimento? A quem serve a economia? Para quem exatamente pensamos o desenvolvimento? Para darmos respostas a estes problemas, fica impossível olhar pelo retrovisor. É preciso pensar o futuro, em como reinventar a sociedade, isto é, as relações culturais e econômicas e as relações de poder. Com essa visão, a ciência e a tecnologia podem perfeitamente questionar o mundo atual e contribuir para criar um novo, porque este, definitivamente, não está dando certo.

O que é importante perceber é que estamos hoje diante da consciência de que o desenvolvimento humano se constitui no grande desafio moderno. Modernidade é humanidade. E essa visão só é possível para quem pensa a sociedade do ponto de vista ético. (...)

Ironias à parte, entendo que, deste ponto de vista, a contribuição das universidade e também do mundo empresarial, apesar de sua visão imediatista e muito ligada ao primeiro mundo, é da maior importância, porque, quando qualquer setor coloca como questão central a estabilização da economia, faz aterrissar no centro de nossa agenda um problema, quando a questão central é: como eliminar, num prazo digno, a miséria, a indigência e a fome? E é para isso que inteligências e vontades têm que se dirigir.

Quando colocamos o emprego como arma contra a miséria, apontamos caminhos e saímos Brasil afora cobrando essa resposta, porque não temos mais tempo. Estamos correndo contra o tempo, contra esta tragédia que se estabeleceu no país. O Brasil não pode mais aumentar a sua taxa de indigência, sua massa de indigentes. Não falamos mais de pobreza e sim de indigência - o estado extremo da miséria.

A Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida e a Ação pelo Emprego e o Desenvolvimento existem, crescem e ecoam hoje em milhares de comitês, na mais densa corrente de solidariedade já construída nos últimos tempos, porque - mesmo sabendo que está fazendo o caminho da história pela contramão - a sociedade brasileira confia na mudança.

(HERBERT DE SOUZA - Adaptado)

687) Pode-se depreender da leitura do primeiro parágrafo que:

a) há, no país, uma massa de desempregados de “quarto mundo” aguardando uma oportunidade de se incorporar à classe empresarial.
b) há um descompasso entre as expectativas dos empresários quanto ao mercado e o nível dos desempregados.
c) para o autor, é a massa de desempregados de “quarto mundo” que fará subir o PIB nacional.
d) ao pensar em mercado de primeiro mundo, a classe empresarial demonstra ignorar o problema do desemprego.
e) a Ação pelo Emprego e o Desenvolvimento foi criada para que pudesse haver a estabilização da moeda.

688) Em “Seria uma forma de distribuir a riqueza, dar ’vale cidadania’ pra todo mundo”. (/. 15/16), a expressão sublinhada reflete uma ironia do autor porque:

a) a cidadania não é conquistada através de um vale.
b) a riqueza, num país, distribui-se por meio de donativos.
c) a distribuição de vales não admite a exclusão social.
d) as bolsas de consumo propiciam as transformações sociais.
e) os subsídios desfazem a desigualdade social.

689) No quarto parágrafo o autor afirma: “Modernidade é humanidade. E essa visão só é possível para quem pensa a sociedade do ponto de vista ético.” (/. 32-33). Assinale a opção que NÃO confirma esta idéia.

a) Um país avança e se desenvolve satisfatoriamente quando há a adequada integração da sociedade ao processo produtivo.

b) Ciência e tecnologia constituem fatores indispensáveis ao desenvolvimento, se tiverem como parâmetro a sociedade.
c) O crescimento de um país se dá à medida que há a prioridade para o desenvolvimento humano.
d) O emprego deve ser sempre planejado em função do tipo de desenvolvimento que se quer para o país.
e) O crescimento de um país mede-se pelo comportamento de primeiro mundo, demonstrado pela sociedade.

690)Em “...e **também do mundo empresarial, apesar de sua visão imediatista e muito ligada ao primeiro mundo...”** ***(l.*** **35-36), a parte sublinhada pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:**

a) quanto à sua visão imediatista
b) caso seja sua visão imediatista
c) em razão da sua visão imediatista
d) enquanto sua visão *é* imediatista
e) ainda que considerando sua visão imediatista

691) Leia atentamente a afirmativa:

A exclusão social poderá ser afastada pela. Analise os trechos abaixo, preenchendo os parênteses com (V) ou (F), conforme completem a afirmativa dada de modo verdadeiro ou falso, segundo o sentido geral do texto. A seqüência correta é:

( ) possibilidade de ocupação para todos os membros da sociedade
( ) distribuição equânime da riqueza
( ) alienação do indivíduo do processo produtivo
( ) eliminação da taxa de indigência
( ) volta aos processos de desenvolvimento do passado

a) F-V-V-V-F
b) F-F-V-F-F
c) V-V-F-V-F
d) V-V-F-V-V
e) V-V-V-F-V

692) Os textos I e II apresentam como preocupação comum o (a); (Para resolver esta questão, ***é*** **necessário voltar ao texto anterior, n° XCIV, pois ambos pertencem à mesma prova.)**

a) desenvolvimento da tecnologia
b) questionamento da modernidade
c) competição entre os produtores
d) distância entre as camadas sociais
e) distribuição de parcelas do poder entre as classes

TEXTO XCVI

OF. DE JUSTIÇA AVALIADOR - CORREGEDORIA/RJ
A LIBERDADE E O CONSUMO

Quantos morreram pela liberdade de sua pátria? Quantos foram presos ou espancados pela liberdade de dizer o que pensam?

Quantos lutaram pela libertação dos escravos?

No plano intelectual, o tema da liberdade ocupa as melhores cabeças, desde Platão e Sócrates, passando por Santo Agostinho, Spinoza, Locke, Hobbes, Hegel, Kant, Stuart Mill, Tolstoi e muitos outros. Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado? Como as liberdades essenciais se transformam em direitos do cidadão? Essas questões puseram em choque os melhores neurônios da filosofia, mas não foram as únicas a galvanizar controvérsias.

Mas vivemos hoje em uma sociedade em que a maioria já não sofre agressões a essas liberdades tão vitais, cuja conquista ou reconquista desencadeou descomunais energias físicas e intelectuais. Nosso apetite pela liberdade se aburguesou. Foi atraído (corrompido?) pelas tentações da sociedade de consumo.

O que *é* percebido como liberdade para um pacato cidadão contemporâneo que vota, fala o que quer, vive sob o manto da lei (ainda que capenga) e tem direito de mover-se livremente?

O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado. Em que pesem as angustiantes restrições do contracheque, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo (não faz muitas décadas, nas prateleiras dos nossos armazéns ora faltava manteiga, ora leite, ora feijão). Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado. Logo depois da queda do Muro de Berlim, comer uma banana virou ícone da liberdade no Leste Europeu.

A segunda liberdade moderna é o transporte próprio. BMW ou bicicleta, o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo e resolver em que direção partir. Podemos até não ir a lugar algum, mas é gostoso saber que há um veículo parado à porta, concedendo permanentemente a liberdade de ir, seja aonde for. Alguém já disse que a Vespa e a Lambretta tiraram o fervor revolucionário que poderia ter levado a Itália ao comunismo.

A terceira liberdade é a televisão. É a janela para o mundo. É a liberdade de escolher os canais (restritos em países totalitários), de ver um programa imbecil ou um jogo, ou estar tão perto das notícias quanto um presidente da República - que nos momentos dramáticos pode assistir às mesmas cenas pela CNN. É estar próximo de reis, heróis, criminosos, superatletas ou cafajestes metamorfoseados em apresentadores de TV.

Uma “liberdade” recente é o telefone celular. É o gostinho todo especial de ser capaz de falar com qualquer pessoa, em qualquer momento, onde quer que se esteja. Importante? Para algumas pessoas, é uma revolução no cotidiano e na

profissão. Para outras, é apenas o prazer de saber que a distância não mais cerceia a comunicação, por boba que seja.

Há ainda uma última liberdade, mais nova, ainda elitizada: a internet e o correio eletrônico. É um correio sem as peripécias e demoras do carteiro, instantâneo, sem remorsos pelo tamanho da mensagem (que se dane o destinatário do nosso attachment megabáitico) e que está a nosso dispor, onde quer que estejamos. E acoplado a ele vem a web, com sua cacofonia de informações, excessivas e desencontradas, onde se compra e vende, consomem-se filosofia e pornografia, arte e empulhação.

Causa certo desconforto intelectual ver substituídas por objetos de consumo as discussões filosóficas sobre liberdade e o heroísmo dos atos que levaram à sua preservação em múltiplos domínios da existência humana. Mas assim é a nossa natureza, só nos preocuparmos com o que não temos ou com o que está ameaçado. Se há um consolo nisso, ele está no saber que a preeminência de nossas liberdades consumistas marca a vitória de havermos conquistado as outras liberdades, mais vitais. Mas, infelizmente, deleitar-se com a alienação do consumismo está fora do horizonte de muitos. E, se o filósofo Joãosinho Trinta tem razão, não é por desdenhar os luxos, mas por não poder desfrutá-los.

(Cláudio de Moura Castro. Veja 1712,08/08/01)

693) O primeiro parágrafo do texto apresenta:

a) uma série de perguntas que são respondidas no desenrolar do texto
b) uma estrutura que procura destacar os itens básicos do tema discutido no texto
c) um questionamento que pretende despertar o interesse do leitor pelas respostas
d) um conjunto de perguntas retóricas, ou seja, que não necessitam de respostas
e) umas questões que pretendem realçar o valor histórico de alguns heróis nacionais

694) Nos itens abaixo, o emprego da conjunção OU (em maiúsculas) só tem nítido valor alternativo em:

a) “Quantos foram presos OU espancados pela liberdade de dizer o que pensam?”
b) “A segunda liberdade moderna é o transporte próprio, BMW OU bicicleta...”
c) “...de ver um programa imbecil ou um jogo, OU estar tão perto das notícias...”
d) “...só nos preocupamos com o que não temos OU com o que está ameaçado.”
e) “*É* estar próximo de reis, heróis, criminosos, superatletas OU cafajestes...”

695) O item abaixo que indica corretamente o significado da palavra em maiúsculas no texto é:

a) “...mas não foram as únicas a GALVANIZAR controvérsias.” discutir
b) “...comer uma banana virou um ÍCONE da liberdade no Leste europeu.” - fantasia
c) “...consomem-se filosofia e pornografia, arte e EMPULHAÇÃO.”; - grosseria

d) “...cafajestes METAMORFOSEADOS em apresentadores de TV.” desfigurados
e) “...que a distância não mais CERCEIA a comunicação...” - impede

696) “Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado?”; nesse segmento do texto, o articulista afirma que:

a) o Estado age obrigatoriamente contra a liberdade
b) é impossível haver liberdade e governo ditatorial
c) ainda não se chegou a unir os cidadãos e o governo
d) cidadãos e governo devem trabalhar juntos pela liberdade
e) o Estado é o responsável pela liberdade da população

697) “O primeiro templo da liberdade burguesa *é* o supermercado. Em que pesem as angustiantes restrições do contracheque, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo...”; o segmento sublinhado corresponde semanticamente a:

a) as despesas do supermercado são muito pesadas no orçamento doméstico.
b) os salários não permitem que se compre tudo o que se deseja.
c) as limitações de crédito impedem que se compre o necessário.
d) a inflação prejudica o acesso da população aos bens de consumo.
e) a satisfação de comprar só é permitida após o recebimento do salário.

698) “Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado”; com esse segmento do texto o autor quer dizer que:

a) todo ideal comunista se opõe aos ideais capitalistas.
b) a ideologia comunista sofre pressões por parte dos consumidores.
c) os supermercados socialistas são menos variados que os do mundo capitalista.
d) o ideal comunista ainda resiste à procura desenfreada por bens de consumo.
e) as tentações do supermercado abalaram as estruturas capitalistas.

699) “É a liberdade de escolher os canais (restritos em países totalitários)....”; o segmento sublinhado significa que:

a) nos países totalitários a censura impede o acesso à programação capitalista.
b) o número de canais disponíveis é bem menor do que nos países não-totalitários.
c) a televisão, nos países totalitários, é bem de que só poucos dispõem.
d) nos países totalitários todos os canais são do sistema de TV a cabo.
e) nos países totalitários, a TV não sofre censura governamental.

700) “...consomem-se filosofia e pornografia, arte e empulhação”; a forma abaixo que modifica o sentido desse segmento do texto é:

a) filosofia e pornografia, arte e empulhação são consumidas.
b) consomem-se não só filosofia e pornografia, como também arte e empulhação.
c) consome-se filosofia e pornografia, arte e empulhação.
d) consomem-se filosofia, pornografia, arte e empulhação.
e) filosofia e pornografia são consumidas como arte e empulhação.

701) "Essas questões puseram em choque os melhores neurônios da filosofia..."; esse segmento significa que:

a) os maiores filósofos se opuseram nas discussões sobre liberdade.
b) a liberdade e o consumo sempre foi motivo de discussão entre filósofos.
c) as questões citadas foram motivo de muitas preocupações filosóficas.
d) os filósofos brigaram entre si por causa da liberdade de consumo.
e) as perguntas sobre liberdade foram respondidas pelos melhores filósofos.

702) O item em que NÃO está presente uma crítica do jornalista é:

a) "Foi atraído (corrompido?) pelas tentações da sociedade de consumo."
b) "...vive sob o manto da lei (ainda que capenga)..."
c) "...de ver um programa imbecil ou um jogo,..."
d) "...consomem-se filosofia e pornografia, arte e empulhação."
e) "O primeiro templo da sociedade burguesa é o supermercado..."

703) "O que é percebido como liberdade para um pacato cidadão contemporâneo que vota, fala o que quer, vive sob o manto da lei (ainda que capenga) e tem o direito de mover-se livremente?"; segundo o texto, a resposta abaixo que é INADEQUADA é:

a) a liberdade de consumo
b) a liberdade de movimento
c) a liberdade de comunicação
d) a liberdade política
e) a liberdade religiosa

704) O item em que o autor do texto NÃO faz crítica direta ou indireta aos regimes não-democráticos é:

a) "Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado."
b) "Logo depois da queda do Muro de Berlim, comer uma banana virou um ícone da liberdade no Leste Europeu."
c) "Alguém já disse que a Vespa e a Lambretta tiraram o fervor revolucionário que poderia ter levado a Itália ao comunismo."
d) "Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado? Como as liberdades essenciais se transformam em direitos do cidadão?"

e) “É a liberdade de escolher os canais (restritos em países totalitários), ...”

705) “Mas, infelizmente, deleitar-se com a alienação do consumismo está fora do horizonte de muitos.”; o comentário adequado a esse segmento do texto é:

a) “infelizmente” revela uma opinião do jornalista sobre o enunciado no segmento do texto.
b) o consumismo é visto como fonte de alienação.
c) muitos desejam ser consumistas, mas não podem sê-lo.
d) o consumismo é também produtor de prazer para muitos.
e) os “muitos” a que se refere o texto são os que vivem em regimes não-capitalistas.

TEXTO XCVII

ANALISTA - TJ/RJ
MELHOR QUALIDADE DE VIDA

O exemplo de Los Angeles, onde grupos sociais se organizaram para buscar soluções para seus problemas, deve ser observado com atenção. Formando, inclusive, patrulhas civis para inibir a violência urbana, demonstraram o quanto a participação de todos é vital. Sem uma mudança
5 radical de mentalidade jamais construiremos uma convivência tranqüila e segura. Cada um por si é o caminho do suicídio. Contar apenas com o governo, com a polícia, para nossa proteção, é confiar demais na sorte. Temos que assumir nossas responsabilidades. Vizinhos, amigos, qualquer um que cruze por nossa calçada não pode ser encarado como um estranho.
10 Devem ser como parte de nossas famílias.

(Jornal da Semana - 18 de novembro de 1995)

706) Segundo o texto, a melhor qualidade de vida depende:

a) da ação da polícia
b) da ação organizada do governo
c) da ação integrada de toda a comunidade
d) da formulação de patrulhas civis
e) da ação individual

707) O autor cita o exemplo de Los Angeles para:

a) demonstrar que nos Estados Unidos tudo funciona melhor.
b) poder abordar problemas semelhantes no Brasil.
c) indicar caminhos equivocados na solução do problema da violência.
d) provar que só a democracia pode consertar os erros sociais.
e) mostrar que os americanos já resolveram os problemas que nos incomodam.

708) "...para buscar soluções..." (l. 2); neste trecho, a preposição para indica:

a) causa
b) direção
c) comparação
d) concessão
e) finalidade

709) "...para seus problemas..." (/. 2); o possessivo destacado tem como antecedente:

a) Los Angeles
b) grupos sociais
c) patrulhas civis

d) soluções
e) famílias

710) Quando o texto fala na primeira pessoa do plural, se refere a:

a) todos os cidadãos brasileiros
b) cidadãos que sofrem com a violência
c) jornalista e seus leitores
d) cariocas, em particular
e) cidadãos de Los Angeles e do Rio de Janeiro

711) “Cada um por si é o caminho do suicídio.” (l. 6). Nesta frase há uma condenação clara:

a) da violência
b) do individualismo
c) da sociedade
d) da polícia
e) das autoridades

TEXTO XCVIII

ANALISTA DE PATENTES - INPI
TEXTO 1
COMPADRISMO

O compadrismo é uma autêntica instituição nacional, nascida dessa nossa tendência para a aproximação e a camaradagem. Também a nossa política anda impregnada desses mesmos sentimentos, que têm levado o Brasil à beira do abismo, porque o governo tem de ser muito pessoal e individualista, cheio de vantagens e proteções, de abraços e intimidades.

(A. da Silva Mello)

712) Deduz-se da leitura do texto que:

a) o compadrismo deve ser abolido para que a política brasileira tenha atuação positiva.
b) o compadrismo é uma instituição nacional que se limita à política.
c) os governos devem ser pessoais e individualistas para que não se contaminem pelo compadrismo.
d) as vantagens e as proteções governamentais são frutos da recusa do compadrismo em nossa política.
e) o compadrismo é uma instituição americana e tem feito a desgraça política de muitas nações do continente.

713) Ao dizer que *o compadrismo é uma autêntica instituição nacional,* o autor não indica a que nação se refere, mas os leitores sabem que ele se refere ao Brasil; esse conhecimento deriva do fato de que:

a) o autor é brasileiro.
b) o texto foi produzido no Brasil e para ser **lido aqui.**
c) a língua utilizada no texto é a portuguesa.
d) só o Brasil possui o compadrismo.
e) as informações do texto se referem ao Brasil.

714) Ao dizer que o compadrismo nasce da nossa tendência para a aproximação e a camaradagem, o autor do texto comete um erro argumentativo, que é:

a) atribuir a um efeito a posição de causa.
b) partir de uma inferência para o seu raciocínio.
c) misturar método dedutivo e indutivo.
d) formular inadequadamente um silogismo.
e) partir do geral para o particular.

715) O autor empregou a palavra *impregnada* a fim de:

a) mostrar a enorme participação do compadrismo em nossas decisões políticas.
b) indicar uma visão negativa do compadrismo em nosso governo.
c) melhorar o nível de linguagem empregada em texto destinado a leitores cultos.
d) demonstrar sua preocupação com a clareza da linguagem utilizada.
e) contaminar o texto com a linguagem médica, a fim de implicitamente dar a conhecer a sua profissão.

716) "...porque o governo tem de ser muito pessoal e individualista,..."; nesse caso, o autor:

a) indica um caminho a ser seguido pelos bons governos.
b) mostra como deveria ser a realidade política nacional.
c) condena a ausência do compadrismo na política.
d) mostra uma tendência derivada do compadrismo.
e) elogia a atitude de um governo democrático.

717) O texto I pode ser classificado como:

a) narrativo
b) argumentativo
c) informativo
d) publicitário
e) descritivo

688) Em "Seria uma forma de distribuir a riqueza, dar 'vale cidadania' pra todo mundo". (/. 15/16), a expressão sublinhada reflete uma ironia do autor porque:

a) a cidadania não é conquistada através de um vale.
b) a riqueza, num país, distribui-se por meio de donativos.
c) a distribuição de vales não admite a exclusão social.
d) as bolsas de consumo propiciam as transformações sociais.
e) os subsídios desfazem a desigualdade social.

689) No quarto parágrafo o autor afirma: "Modernidade é humanidade. E essa visão só é possível para quem pensa a sociedade do ponto de vista ético." (/. 32-33). Assinale a opção que NÃO confirma esta idéia.

a) Um país avança e se desenvolve satisfatoriamente quando há a adequada integração da sociedade ao processo produtivo.
b) Ciência e tecnologia constituem fatores indispensáveis ao desenvolvimento, se tiverem como parâmetro a sociedade.
c) O crescimento de um país se dá à medida que há a prioridade para o desenvolvimento humano.
d) O emprego deve ser sempre planejado em função do tipo de desenvolvimento que se quer para o país.

e) O crescimento de um país mede-se pelo comportamento de primeiro mundo, demonstrado pela sociedade.

690) Em "...e também do mundo empresarial, apesar de sua visão imediatista e muito ligada ao primeiro mundo..." (/. 35-36), a parte sublinhada pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:

a) quanto à sua visão imediatista
b) caso seja sua visão imediatista
c) em razão da sua visão imediatista
d) enquanto sua visão é imediatista
e) ainda que considerando sua visão imediatista

691) Leia atentamente a afirmativa:

A exclusão social poderá ser afastada pela . Analise os trechos abaixo, preenchendo os parênteses com (V) ou (F), conforme completem a afirmativa dada de modo verdadeiro ou falso, segundo o sentido geral do texto. A seqüência correta é:
( ) possibilidade de ocupação para todos os membros da sociedade
( ) distribuição equânime da riqueza
( ) alienação do indivíduo do processo produtivo
( ) eliminação da taxa de indigência
( ) volta aos processos de desenvolvimento do passado
a) F-V-V-V-F
b) F-F-V-F-F
c) V-V-F-V-F
d)V-V-F-V-V
e) V-V-V-F-V

692) Os textos I e II apresentam como preocupação comum o(a); (Para resolver esta questão, é necessário voltar ao texto anterior, n° XCIV, pois ambos pertencem à mesma prova.)

a) desenvolvimento da tecnologia
b) questionamento da modernidade
c) competição entre os produtores
d) distância entre as camadas sociais
e) distribuição de parcelas do poder entre as classes

TEXTO XCVI

OF DE JUSTIÇA AVALIADOR - CORREGEDORIA/RJ
A LIBERDADE E O CONSUMO

Quantos morreram pela liberdade de sua pátria? Quantos foram presos ou espancados pela liberdade de dizer o que pensam?

Quantos lutaram pela libertação dos escravos?

No plano intelectual, o tema da liberdade ocupa as melhores cabeças, desde Platão e Sócrates, passando por Santo Agostinho, Spinoza, Locke, Hobbes, Hegel, Kant, Stuart Mill, Tolstoi e muitos outros. Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado? Como as liberdades essenciais se transformam em direitos do cidadão? Essas questões puseram em choque os melhores neurônios da filosofia, mas não foram as únicas a galvanizar controvérsias.

Mas vivemos hoje em uma sociedade em que a maioria já não sofre agressões a essas liberdades tão vitais, cuja conquista ou reconquista desencadeou descomunais energias físicas e intelectuais. Nosso apetite pela liberdade se aburguesou. Foi atraído (corrompido?) pelas tentações da sociedade de consumo.

O que é percebido como liberdade para um pacato cidadão contemporâneo que vota, fala o que quer, vive sob o manto da lei (ainda que capenga) e tem direito de mover-se livremente?

O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado. Em que pesem as angustiantes restrições do contracheque, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo (não faz muitas décadas, nas prateleiras dos nossos armazéns ora faltava manteiga, ora leite, ora feijão). Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado. Logo depois da queda do Muro de Berlim, comer uma banana virou ícone da liberdade no Leste Europeu.

A segunda liberdade moderna é o transporte próprio. BMW ou bicicleta, o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo e resolver em que direção partir. Podemos até não ir a lugar algum, mas é gostoso saber que há um veículo parado à porta, concedendo permanentemente a liberdade de ir, seja aonde for. Alguém já disse que a Vespa e a Lambretta tiraram o fervor revolucionário que poderia ter levado a Itália ao comunismo.

A terceira liberdade é a televisão. É a janela para o mundo. É a liberdade de escolher os canais (restritos em países totalitários), de ver um programa imbecil ou um jogo, ou estar tão perto das notícias quanto um presidente da República - que nos momentos dramáticos pode assistir às mesmas cenas pela CNN. É estar próximo de reis, heróis, criminosos, superatletas ou cafajestes metamorfoseados em apresentadores de TV.

Uma “liberdade” recente é o telefone celular. É o gostinho todo especial de ser capaz de falar com qualquer pessoa, em qualquer momento, onde quer que se esteja. Importante? Para algumas pessoas, é uma revolução no cotidiano e na

profissão. Para outras, é apenas o prazer de saber que a distância não mais cerceia a comunicação, por boba que seja.

Há ainda uma última liberdade, mais nova, ainda elitizada: a internet e o correio eletrônico. É um correio sem as peripécias e demoras do carteiro, instantâneo, sem remorsos pelo tamanho da mensagem (que se dane o destinatário do nosso attachment megabáitico) e que está a nosso dispor, onde quer que estejamos. E acoplado a ele vem a web, com sua cacofonia de informações, excessivas e desencontradas, onde se compra e vende, consomem-se filosofia e pornografia, arte e empulhação.

Causa certo desconforto intelectual ver substituídas por objetos de consumo as discussões filosóficas sobre liberdade e o heroísmo dos atos que levaram à sua preservação em múltiplos domínios da existência humana. Mas assim é a nossa natureza, só nos preocuparmos com o que não temos ou com o que está ameaçado. Se há um consolo nisso, ele está no saber que a preeminência de nossas liberdades consumistas marca a vitória de havermos conquistado as outras liberdades, mais vitais. Mas, infelizmente, deleitar-se com a alienação do consumismo está fora do horizonte de muitos. E, se o filósofo Joãosinho Trinta tem razão, não é por desdenhar os luxos, mas por não poder desfrutá-los.

(Cláudio de Moura Castro. Veja 1712,08/08/01)

693) O primeiro parágrafo do texto apresenta:

a) uma série de perguntas que são respondidas no desenrolar do texto
b) uma estrutura que procura destacar os itens básicos do tema discutido no texto
c) um questionamento que pretende despertar o interesse do leitor pelas respostas
d) um conjunto de perguntas retóricas, ou seja, que não necessitam de respostas
e) umas questões que pretendem realçar o valor histórico de alguns heróis nacionais

694) Nos itens abaixo, o emprego da conjunção OU (em maiúsculas) só tem nítido valor alternativo em:

a) “Quantos foram presos OU espancados pela liberdade de dizer o que pensam?”
b) “A segunda liberdade moderna é o transporte próprio, BMW OU bicicleta...”
c) “...de ver um programa imbecil ou um jogo, OU estar tão perto das notícias...”
d) “...só nos preocupamos com o que não temos OU com o que está ameaçado.”
e) “É estar próximo de reis, heróis, criminosos, superatletas OU cafajestes...”

695) O item abaixo que indica corretamente o significado da palavra em maiúsculas no texto é:

a) “...mas não foram as únicas a GALVANIZAR controvérsias.” discutir
b) “...comer uma banana virou um ÍCONE da liberdade no Leste europeu.” - fantasia
c) “...consomem-se filosofia e pornografia, arte e EMPULHAÇÃO.”; - grosseria

d) “...cafajestes METAMORFOSEADOS em apresentadores de TV.” desfigurados
e) “...que a distância não mais CERCEIA a comunicação...” - impede

696) “Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado?”; nesse segmento do texto, o articulista afirma que:

a) o Estado age obrigatoriamente contra a liberdade
b) é impossível haver liberdade e governo ditatorial
c) ainda não se chegou a unir os cidadãos e o governo
d) cidadãos e governo devem trabalhar juntos pela liberdade
e) o Estado é o responsável pela liberdade da população

697) “O primeiro templo da liberdade burguesa *é* o supermercado. Em que pesem as angustiantes restrições do contracheque, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo...”; o segmento sublinhado corresponde semanticamente a:

a) as despesas do supermercado são muito pesadas no orçamento doméstico.
b) os salários não permitem que se compre tudo o que se deseja.
c) as limitações de crédito impedem que se compre o necessário.
d) a inflação prejudica o acesso da população aos bens de consumo.
e) a satisfação de comprar só é permitida após o recebimento do salário.

698) “Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado”; com esse segmento do texto o autor quer dizer que:

a) todo ideal comunista se opõe aos ideais capitalistas.
b) a ideologia comunista sofre pressões por parte dos consumidores.
c) os supermercados socialistas são menos variados que os do mundo capitalista.
d) o ideal comunista ainda resiste à procura desenfreada por bens de consumo.
e) as tentações do supermercado abalaram as estruturas capitalistas.

699) “É a liberdade de escolher os canais (restritos em países totalitários)....”; o segmento sublinhado significa que:

a) nos países totalitários a censura impede o acesso à programação capitalista.
b) o número de canais disponíveis é bem menor do que nos países não-totalitários.
c) a televisão, nos países totalitários, é bem de que só poucos dispõem.
d) nos países totalitários todos os canais são do sistema de TV a cabo.
e) nos países totalitários, a TV não sofre censura governamental.

700) “...consomem-se filosofia e pornografia, arte e empulhação”; a forma abaixo que modifica o sentido desse segmento do texto é:

a) filosofia e pornografia, arte e empulhação são consumidas.

b) consomem-se não só filosofia e pornografia, como também arte **e** empulhação.
c) consome-se filosofia e pornografia, arte e empulhação.
d) consomem-se filosofia, pornografia, arte e empulhação.
e) filosofia e pornografia são consumidas como arte e empulhação.

701) "Essas questões puseram em choque os melhores neurônios da filosofia..."; esse segmento significa que:

a) os maiores filósofos se opuseram nas discussões sobre liberdade.
b) a liberdade e o consumo sempre foi motivo de discussão entre filósofos.
c) as questões citadas foram motivo de muitas preocupações filosóficas.
d) os filósofos brigaram entre si por causa da liberdade de consumo.
e) as perguntas sobre liberdade foram respondidas pelos melhores filósofos.

702) O item em que NÃO está presente uma crítica do jornalista é:

a) "Foi atraído (corrompido?) pelas tentações da sociedade de consumo."
b) "...vive sob o manto da lei (ainda que capenga)..."
c) "...de ver um programa imbecil ou um jogo,..."
d) "...consomem-se filosofia e pornografia, arte e empulhação."
e) "O primeiro templo da sociedade burguesa é o supermercado..."

703)"O que é percebido como liberdade para um pacato cidadão contemporâneo que vota, fala o que quer, vive sob o manto da lei (ainda que capenga) e tem o direito de mover-se livremente?"; segundo o texto, a resposta abaixo que é **INADEQUADA é:**

a) a liberdade de consumo
b) a liberdade de movimento
c) a liberdade de comunicação
d) a liberdade política
e) a liberdade religiosa

704) O item em que o autor do texto NÃO faz crítica direta ou indireta aos regimes não-democráticos é:

a) "Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado."
b) "Logo depois da queda do Muro de Berlim, comer uma banana virou um ícone da liberdade no Leste Europeu."
c) "Alguém já disse que a Vespa e a Lambretta tiraram o fervor revolucionário que poderia ter levado a Itália ao comunismo."
d) "Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado? Como as liberdades essenciais se transformam em direitos do cidadão?"
e) "É a liberdade de escolher os canais (restritos em países totalitários), ..."

705) “Mas, infelizmente, deleitar-se com a alienação do consumismo está fora do horizonte de muitos.”; o comentário adequado a esse segmento do texto é:

a) “infelizmente” revela uma opinião do jornalista sobre o enunciado no segmento do texto.
b) o consumismo é visto como fonte de alienação.
c) muitos desejam ser consumistas, mas não podem sê-lo.
d) o consumismo é também produtor de prazer para muitos.
e) os “muitos” a que se refere o texto são os que vivem em regimes não-capitalistas.

TEXTO XCVII

ANALISTA - TJ/RJ
MELHOR QUALIDADE DE VIDA

O exemplo de Los Angeles, onde grupos sociais se organizaram para buscar soluções para seus problemas, deve ser observado com atenção. Formando, inclusive, patrulhas civis para inibir a violência urbana, demonstraram o quanto a participação de todos é vital. Sem uma mudança radical de mentalidade jamais construiremos uma convivência tranqüila e segura. Cada um por si é o caminho do suicídio. Contar apenas com o governo, com a polícia, para nossa proteção, é confiar demais na sorte.
Temos que assumir nossas responsabilidades. Vizinhos, amigos, qualquer um que cruze por nossa calçada não pode ser encarado como um estranho. Devem ser como parte de nossas famílias.
(Jornal da Semana - 18 de novembro de 1995)

706) Segundo o texto, a melhor qualidade de vida depende:

a) da ação da polícia
b) da ação organizada do governo
c) da ação integrada de toda a comunidade
d) da formulação de patrulhas civis
e) da ação individual

707) O autor cita o exemplo de Los Angeles para:

a) demonstrar que nos Estados Unidos tudo funciona melhor.
b) poder abordar problemas semelhantes no Brasil.
c) indicar caminhos equivocados na solução do problema da violência.
d) provar que só a democracia pode consertar os erros sociais.
e) mostrar que os americanos já resolveram os problemas que nos incomodam.

708) "...para buscar soluções..." (/. 2); neste trecho, a preposição para indica:

a) causa
b) direção
c) comparação
d) concessão
e) finalidade

709) "...para seus problemas..." (/. 2); o possessivo destacado tem como antecedente:

a) Los Angeles
b) grupos sociais
c) patrulhas civis

d) soluções
e) famílias

710) Quando o texto fala na primeira pessoa do plural, se refere a:

a) todos os cidadãos brasileiros
b) cidadãos que sofrem com a violência
c) jornalista e seus leitores
d) cariocas, em particular
e) cidadãos de Los Angeles e do Rio de Janeiro

711) “Cada um por si é o caminho do suicídio.” (l. 6). Nesta frase há uma condenação clara:

a) da violência
b) do individualismo
c) da sociedade
d) da polícia
e) das autoridades

TEXTO XCVIII

ANALISTA DE PATENTES - INPI
TEXTO 1
COMPADRISMO

O compadrismo é uma autêntica instituição nacional, nascida dessa nossa tendência para a aproximação e a camaradagem. Também a nossa política anda impregnada desses mesmos sentimentos, que têm levado o Brasil à beira do abismo, porque o governo tem de ser muito pessoal e individualista, cheio de vantagens e proteções, de abraços e intimidades.

(A. da Silva Mello)

712) Deduz-se da leitura do texto que:

a) o compadrismo deve ser abolido para que a política brasileira tenha atuação positiva.
b) o compadrismo é uma instituição nacional que se limita à política.
c) os governos devem ser pessoais e individualistas para que não se contaminem pelo compadrismo.
d) as vantagens e as proteções governamentais são frutos da recusa do compadrismo em nossa política.
e) o compadrismo é uma instituição americana e tem feito a desgraça política de muitas nações do continente.

713) Ao dizer que *o compadrismo é uma autêntica instituição nacional,* o autor não indica a que nação se refere, mas os leitores sabem que ele se refere ao Brasil; esse conhecimento deriva do fato de que:

a) o autor é brasileiro.
b) o texto foi produzido no Brasil e para ser lido aqui.
c) a língua utilizada no texto é a portuguesa.
d) só o Brasil possui o compadrismo.
e) as informações do texto se referem ao Brasil.

714)Ao dizer que o compadrismo nasce da nossa tendência para a aproximação e a camaradagem, o autor do texto comete um erro argumentativo, que é:

a) atribuir a um efeito a posição de causa.
b) partir de uma inferência para o seu raciocínio.
c) misturar método dedutivo e indutivo.
d) formular inadequadamente um silogismo.
e) partir do geral para o particular.

715) O autor empregou a palavra *impregnada* a fim de:

a) mostrar a enorme participação do compadrismo em nossas decisões políticas.
b) indicar uma visão negativa do compadrismo em nosso governo.
c) melhorar o nível de linguagem empregada em texto destinado a leitores cultos.
d) demonstrar sua preocupação com a clareza da linguagem utilizada.
e) contaminar o texto com a linguagem médica, a fim de implicitamente dar a conhecer a sua profissão.

716) "...porque o governo tem de ser muito pessoal e individualista,..."; nesse caso, o autor:

a) indica um caminho a ser seguido pelos bons governos.
b) mostra como deveria ser a realidade política nacional.
c) condena a ausência do compadrismo na política.
d) mostra uma tendência derivada do compadrismo.
e) elogia a atitude de um governo democrático.

717) O texto I pode ser classificado como:

a) narrativo
b) argumentativo
c) informativo
d) publicitário
e) descritivo

TEXTO XCIX

ANALISTA DE PATENTES - INPI
TEXTO II
A INDUSTRIALIZAÇÃO

O problema básico de nossa economia estará em breve sob novo signo. O país semicolonial, agrário, importador de manufaturas e exportador de matérias-primas poderá arcar com as responsabilidades de uma vida industrial autônoma, provendo as suas urgentes necessidades de defesa e aparelhamento.

(Getúlio Vargas)

718)Deduz-se da leitura do texto II que:

a) não vão ocorrer mudanças no cenário econômico.
b) o problema de nossa economia está na falta de industrialização.
c) o Brasil vai deixar de dedicar-se à agricultura.
d) o problema econômico do Brasil é fruto do colonialismo.
e) o nosso país vai deixar de importar manufaturas.

719) A situação referida no momento da enunciação do texto:

a) vai ocorrer em breve, na dependência de algumas condições.
b) vai certamente acontecer num futuro próximo.
c) já ocorreu num passado recente.
d) ocorreu num passado recente e vai continuar no futuro.
e) é fruto da imaginação nacionalista de Getúlio Vargas.

720) 0 item abaixo que NÃO representa uma mudança na realidade brasileira, segundo o texto, é:

a) agrário / industrial
b) importador / produtor :
c) semicolonial / colonizado
d) dependente / independente
e) antigo / moderno

721) Na primeira linha do texto, o vocábulo *básico* equivale semanticamente a:

a) tradicional
b) histórico
c) fundamental
d) estrutural
e) clássico

722) ***Agrário*** **se refere a** ***campo;*** **o vocábulo abaixo em que esse radical tem significado diferente é:**

a) agricultor
b) agridoce
c) agrimensor
d) agreste
e) agrícola

723) "...as suas urgentes necessidades de defesa e aparelhamento"; levando-se em consideração o contexto, o vocábulo ***defesa*** **pode aplicar-se aos campos:**

a) econômico e militar
b) político e econômico
c) político e social
d) social e militar
e) econômico e social

724) O texto pode ser visto como:

a) fruto da imaginação do governante
b) uma promessa política
c) uma realidade presente e tangível
d) um protesto contra a exploração
e) uma crítica aos países ricos

TEXTO C

AUXILIAR ELEMENTAR - MP/RJ
TEXTO 1
A SUBSISTÊNCIA INDÍGENA

Os índios brasileiros provêem sua subsistência usando os recursos naturais de seu meio ambiente. A grande maioria das tribos indígenas pratica a agricultura. Seu processo agrícola, chamado coivara, consiste num sistema de queimadas e de fertilização da terra com as cinzas. A caça e a pesca não despertam o mesmo interesse em todos os grupos tribais. Certas tribos possuem alimentação predominantemente carnívora e são hábeis caçadoras. Algumas outras apresentam grande número de preceitos religiosos que proíbem comer a carne de certos mamíferos, tendo, por isso, a base de sua alimentação na pesca. A coleta de raízes, frutos silvestres e mel é praticada, em grau maior ou menor, por todas as tribos. Para aqueles que desconhecem a agricultura, constitui-se na principal fonte de alimento vegetal.

(Superinteressante, n. 47)

725) A palavra subsistência, presente no título do texto, significa:

a) meio de sobreviver
b) método de alimentação
c) processo de cultivo
d) modo de trabalhar
e) sistema de caça

726)”Os índios brasileiros provêem sua subsistência...”; o verbo destacado significa:

a) fabricam
b) adquirem
c) compram
d) providenciam
e) atingem

727) A expressão “meio ambiente” significa:

a) um ambiente médio
b) a metade de um ambiente
c) um local pobre
d) o espaço onde se vive
e) o meio natural e primitivo

728)A oração “usando os recursos naturais de seu meio ambiente” transmite idéia de:

a) modo
b) finalidade

c) meio
d) tempo
e) condição

729) Entre os recursos naturais usados pelos índios NÃO se encontra:

a) a caça
b) a pesca
c) frutos silvestres
d) mel e raízes
e) a coivara

730) Ao dizer que a “a grande maioria das tribos pratica a agricultura”, o autor do texto quer informar ao leitor que:

a) todas as tribos indígenas praticam a agricultura como meio de subsistência.
b) a agricultura é praticada de forma rudimentar pelas tribos indígenas brasileiras.
c) nem todos os índios praticam a agricultura.
d) os recursos naturais do meio ambiente são utilizados pelos indígenas.
e) as tribos brasileiras estão num baixo estágio cultural.

731) “Seu processo agrícola, chamado coivara, consiste num sistema de queimadas e de fertilização da terra com as cinzas.”; o item abaixo que está de acordo com o que é dito nesse segmento do texto é:

a) a coivara é um processo agrícola só conhecido pelos índios.
b) a queimada é necessária para a fertilização do solo.
c) as cinzas fertilizam o solo pouco antes de ocorrerem as queimadas.
d) o processo agrícola dos índios já se utiliza da cultura dos brancos.
e) as cinzas são misturadas à terra para aumentar a intensidade das queimadas.

732) “A caça e a pesca não despertam o mesmo interesse em todos os grupos tribais.”; isto significa que:

a) a caça e a pesca despertam menos interesse que a agricultura.
b) os grupos tribais não possuem interesse idêntico pela caça e pela pesca.
c) algumas tribos possuem mais interesse pela pesca que pela caça.
d) algumas tribos possuem mais interesse pela caça que pela pesca.
e) todas as tribos possuem interesse pela caça e pela pesca.

733) “Certas tribos possuem alimentação predominantemente carnívora e são hábeis caçadoras.”; o fato de algumas tribos serem hábeis caçadoras é visto no texto como:

a) causa de algumas tribos se alimentarem predominantemente de carne
b) conseqüência de algumas tribos terem preferência pela carne como alimento
c) condição de terem abandonado a agricultura como meio de subsistência ..
d) demonstração de que a afirmação anterior é verdadeira
e) explicação do fato de algumas tribos se alimentarem de carne

TEXTO CI

AUXILIAR ELEMENTAR - MP/RJ
TEXTO 2
A INTELIGÊNCIA ANIMAL

Há muito vem sendo estudada a possibilidade de haver, no reino animal, outros tipos de inteligência além da humana. Vejam, por exemplo, o golfinho. Dizem que esses simpáticos mamíferos pensam mais rápido do que o homem, têm linguagem própria e também podem aprender uma língua humana. Além disso, chegam a adquirir úlceras de origem psicológica e sofrem **stress** por excesso de atividade.

(Cláudio Moreno)

734)”...sofrem stress por excesso de atividade.”; o item abaixo que substitui INADEQUAMENTE a preposição por nesse segmento do texto é:

a) em razão do
b) por causa do
c) devido ao
d) visto o
e) após o

735) A semelhança entre o golfinho e o homem só NÃO está:

a) na possibilidade de sofrer distúrbios psicológicos
b) na presença de inteligência
c) no uso da linguagem
d) na impossibilidade de aprender
e) na utilização de várias linguagens :

736) O golfinho serve de exemplo comprovador de que:

a) há animais que não pensam tão rápido quanto o homem.
b) outros animais também possuem inteligência humana.
c) o homem não pode falar com os golfinhos.
d) outros mamíferos também podem falar a nossa língua.
e) há animais que pensam como os humanos.

737) Ao dizer “Vejam...”, o autor do texto refere-se:

a) aos amigos que o escutam
b) a todos os homens
c) aos que não crêem no que diz
d) aos possíveis leitores
e) aos biólogos, em geral

738) Palavra que, no texto, se refere a golfinho, evitando a sua repetição, é:

a) animal

b) mamíferos
c) inteligência
d) reino
e) linguagem

739) "Dizem que esses simpáticos mamíferos..."; a utilização da forma verbal dizem **mostra que:**

a) a ciência já estudou a questão.
b) há certeza no que se diz.
c) o autor não acredita no que é dito por outros.
d) ainda há possibilidades de haver erro no que é dito.
e) ainda não houve livros publicados a respeito desse assunto.

740) Após a leitura do texto, podemos dizer que os golfinhos:

a) não são inteligentes.
b) são pouco inteligentes.
c) são humanamente inteligentes.
d) são diferentemente inteligentes.
e) talvez sejam inteligentes como os humanos.

TEXTO CII

ANALISTA JUDICIÁRIO - TJDFT
A CPI E A IMPRUDÊNCIA DO LEGISLATIVO

Há mais de dez anos a magistratura clama por ampla reforma do Poder Judiciário. Logo após sua instalação em 1987, um conjunto de sugestões oriundo de órgãos superiores da Justiça foi levado ao exame da Assembléia Nacional Constituinte. Magistrados, membros do Ministério Público, juristas, conselheiros da Ordem dos Advogados do Brasil, professores, enfim a representação mais autêntica do universo jurídico sustentou na Assembléia debate ativo e esclarecedor sobre o tema.

Mas o legislador constituinte ignorou as propostas mais consistentes para destinar ao Poder Judiciário os instrumentos aptos a levá-lo à progressiva dinamização de suas atividades. Conquanto o modelo que viesse a ser posto na Constituição não fosse suficiente para alcançar resultados automáticos, pelo menos abriria os espaços autorizativos para as transformações futuras. Todavia, as mudanças mal arranharam os subúrbios do problema.

Agora, o poder que agiu de forma imprudente, desidiosa, se julga portador de autoridade moral para submeter o Judiciário à ação corrosiva, desmoralizante, de uma Comissão Parlamentar de Inquérito. E é indispensável anotar que as deficiências na atividade judicial resultam, de maneira substancial, de leis dissimuladas, contraditórias, aberrantes elaboradas pelo Congresso.

No mais, a instituição não pode elevar os seus níveis de operacionalidade diante de uma legislação processual que consagra número quase infinito de rituais e formalidades. Como também se acha manietada pelas oportunidades recursais, que opõem distância insuportável entre o direito ofendido e a reparação via sentença irrecorrível.

Por trás da noção mesquinha que as elites no poder cultivam em relação ao Judiciário viceja a ignorância. O Legislativo e o Executivo não se dão conta de que o magistrado não é funcionário público. Caso fosse, seu dever de lealdade não seria com a sociedade, cujos direitos e garantias lhe cumpre tutelar, mas com o Estado. O juiz é antes um agente da sociedade, por isso sua atividade está protegida pelo manto da independência. A CPI é um golpe contra a magistratura independente.

(Josemar Dantas. **Direito e justiça.** ***In:*** **Correio Braziliense,** 5/4/99, p. 2 (com adaptações)
RENATO AQUINO 327

741) Com base no conteúdo do texto, assinale a opção correta.

a) O autor é francamente favorável à instalação de uma CPI para investigar os atos do Poder Judiciário.
b) O clamor popular por uma ampla reforma do Poder Judiciário manifestou-se, há mais de dez anos, antes da instalação da Assembléia Nacional Constituinte.
c) Uma CPI para a investigação do Poder Judiciário foi instalada em 1987.
d) O legislador constituinte procurou incorporar à atual Constituição brasileira todas as propostas que visavam tornar o Poder Judiciário mais dinâmico e eficiente.
e) Profissionais ligados ao universo jurídico muito contribuíram para que a questão da reforma do Poder Judiciário fosse ativa e esclarecedoramente debatida durante a Assembléia Nacional Constituinte.

742) Tendo como referência as idéias contidas no texto, assinale a opção incorreta.

a) As elites no poder têm em boa opinião o Poder Judiciário porque estão cientes dos problemas enfrentados pela Justiça brasileira.
b) O conjunto de sugestões enviado pelos órgãos superiores da Justiça aos legisladores constituintes tinha objetivos a serem alcançados a longo prazo.
c) Se a Justiça brasileira é ineficiente, isso se deve, em parte, à legislação elaborada pelo Congresso Nacional.
d) A atual legislação processual brasileira é ritualística e formalista.
e) A facilidade em impetrar recursos é parcialmente responsável pela morosidade da Justiça brasileira.

743) Ainda com base no texto, assinale a opção correta.

a) Se o magistrado fosse de fato um funcionário público, o seu dever de lealdade seria antes com a sociedade do que com o Estado.
b) Os congressistas brasileiros têm a noção mesquinha de que o Poder Judiciário é constituído por um bando de ignorantes.
c) O Poder Legislativo, que agiu de forma imprudente e desidiosa, não tem, na opinião do autor, autoridade moral para julgar os atos do Poder Judiciário.
d) O manto aludido na linha 32 refere-se à toga do juiz.
e) A CPI é um golpe da magistratura independente contra o Poder Judiciário.

744) No texto, haverá alteração de sentido caso se substitua

a) “Conquanto” (/. 10) por **Mesmo que**
b) “subúrbios” (/. 14) por **arrabaldes**
c) “desidiosa” (/. 15) por **conflituosa**
d) “manietada” (/. 24) por **entravada**
e) “tutelar” (/. 31) por **defender**

745) Nas opções abaixo, os fragmentos destacados em negrito são reescrituras do texto. Assinale aquela em que o fragmento reescrito apresenta sentido diferente do encontrado no texto.

a) linhas 1 e 2: A magistratura clama, há mais de dez anos, por ampla reforma do Poder Judiciário.
b) **linhas 2 e 4:** A Assembléia Nacional Constituinte levou a exame, logo após sua instalação em 1987, um conjunto de sugestões oriundo de órgãos superiores da Justiça.
c) **linhas 4 a 7:** Enfim a representação mais autêntica do universo jurídico - magistrados, membros do Ministério Público, juristas, conselheiros da Ordem dos Advogados do Brasil, professores sustentou, sobre o tema, debate ativo e esclarecedor na Assembléia.
d) **linhas 27 e 28:** Viceja, por trás da noção mesquinha que as elites no poder cultivam em relação ao Judiciário, a ignorância.
e) **linhas 29 a 31:** Caso fosse, seu dever de lealdade seria com o Estado, não com a sociedade, cujos direitos e garantias lhe cumpre tutelar.

746) No texto, para evitar repetições, alguns pronomes foram usados em substituição a seus referentes. Assinale a opção que apresenta associação correta entre o pronome e o seu referente.

a) “sua” (/. 2) - “do Poder Judiciário” *{1.2)*
b) “lo” (/. 10) - “o legislador constituinte” (/. 8)
c) “seu” (/. 30) - “o Legislativo e o Executivo” (/. 28)
d) “cujos” (/. 30) - “funcionário público” (/. 29)
e) “lhe” (/. 31) - “o magistrado” (/. 29)

TEXTO CIII

ESCRITURÁRIO - CAIXA ECONÔMICA FEDERAL
TEXTO 3

Os velhos das cidadezinhas do interior parecem muito mais plenamente velhos que os das metrópoles. Não se trata da idade real de uns e outros, que pode até ser a mesma, mas dos tempos distintos que eles parecem habitar. Na agitação dos grandes centros, até mesmo a velhice parece ainda estar integrada na correria; os velhos guardam alguma ansiedade no olhar, nos modos, na lentidão aflita de quem se sente fora do compasso. Na calmaria das cidades pequeninas, é como se a velhice de cada um reafirmasse a que vem das montanhas e dos horizontes, velhice quase eterna, pousada no tempo.

Vejam-se as roupas dos velhinhos interioranos: aquele chapéu de feltro manchado, aquelas largas calças de brim caqui, incontavelmente lavadas, aquele puído dos punhos de camisas já sem cor - tudo combina admiravelmente com a enorme jaqueira do quintal, com a generosa figueira da praça, com as teias no campanário da igreja. E os hábitos? Pica-se oíumo de corda, lentamente, com um canivete herdado do século passado, enquanto a conversa mole se desenrola sem pressa e sem destino.

Na cidade grande, há um quadro que se repete mil vezes ao dia, e que talvez já diga tudo: o velhinho, no cruzamento perigoso, decide-se, enfim, a atravessar a avenida, e o faz com aflição, um braço estendido em sinal de pare aos motoristas apressados, enquanto amiúda o que pode o próprio passo. Parece suplicar ao tempo que diminua seu ritmo, que lhe dê a oportunidade de contemplar mais demoradamente os ponteiros invisíveis dos dias passados, e de sondar com calma, nas nuvens mais altas, o sentido de sua própria história.

Há, pois, velhices e velhices - até que chegue o dia em que ninguém mais tenha tempo para de fato envelhecer.

(Celso de Oliveira)

747) A frase “Os velhos das cidadezinhas do interior parecem muito mais plenamente velhos que os das metrópoles” constitui uma:

a) impressão que o autor sustenta ao longo do texto, por meio de comparações
b) impressão passageira, que o autor relativiza ao longo do texto
c) falsa hipótese, que a argumentação do autor demolirá
d) previsão feita pelo autor, a partir de observações feitas nas grandes e nas pequenas cidades
e) opinião do autor, para quem a velhice é mais opressiva nas cidadezinhas que nas metrópoles

748) Considere as seguintes afirmações:
I. Também nas roupas dos velhinhos interioranos as marcas do tempo parecem mais antigas.
II. Na cidade grande, a velhice parece indiferente à agitação geral;
III. O autor interpreta de modo simbólico o gesto que fazem os velhinhos nos cruzamentos.
Em relação ao texto, está correto o que se afirma SOMENTE em:

a) I
b) II
c) III
d) I e III
e) II e III

749) Indique a afirmação INCORRETA em relação ao texto:

a) Roupas, canivetes, árvores e campanários são aqui utilizados como marcas da velhice.
b) O autor julga que, nas cidadezinhas interioranas, a vida é bem mais longa que nos grandes centros.
c) Hábitos como o de picar fumo de corda denotam relações com o tempo que já não existem nas metrópoles.
d) O que um velhinho da cidade grande parece suplicar é que lhe seja concedido um ritmo de vida compatível com sua idade.
e) O autor sugere que, nas cidadezinhas interioranas, a velhice parece harmonizar-se com a própria natureza.

750) O sentido do último parágrafo do texto deve ser assim entendido:

a) Do jeito que as coisas estão, os velhos parecem não ter qualquer importância.
b) Tudo leva a crer que os velhos serão cada vez mais escassos, dado o atropelo da vida moderna.
c) O prestígio do que é novo é tão grande que já ninguém repara na existência dos velhos.
d) A velhice nas cidadezinhas do interior é tão harmoniosa que um dia ninguém mais sentirá o próprio envelhecimento.
e) No ritmo em que as coisas vão, a própria velhice talvez não venha a ter tempo para tomar consciência de si mesma.

751) Indique a alternativa em que se traduz corretamente o sentido de uma expressão do texto, considerado o contexto.

a) “parecem muito mais plenamente velhos” = dão a impressão de se ressentirem mais dos males da velhice
b) “guardam alguma ansiedade no olhar” = seus olhos revelam poucas expectativas
c) “fora do compasso” = num distinto andamento
d) “a conversa mole se desenrola” = a explanação é detalhada
e) “amiúda o que pode o próprio passo” = deve desacelerar suas passadas

TEXTO CIV

ESCRITURÁRIO - CAIXA ECONÔMICA FEDERAL
TEXTO 4

No início do século XX, a afeição pelo campo era uma característica comum a muitos ingleses. Já no final do século XVIII, dera origem ao sentimento de saudade de casa tão característico dos viajantes ingleses no exterior, como William Beckford, no leito de seu quarto de hotel, português, em 1787, “assediado a noite toda por idéias rurais da Inglaterra.”

À medida que as fábricas se multiplicavam, a nostalgia do morador da cidade refletia-se em seu pequeno jardim, nos animais de estimação, nas férias passadas na Escócia, ou no Distrito dos Lagos, no gosto pelas flores silvestres e a observação de pássaros, e no sonho com um chalé de fim de semana no campo. Hoje em dia, ela pode ser observada na popularidade que se conserva daqueles autores conscientemente “rurais” que, do século XVII ao XX, sustentaram o mito de uma Arcádia campestre.

Em alguns ingleses, no historiador G. M. Trevelyan, por exemplo, o amor pela natureza selvagem foi muito além desses anseios vagamente rurais. Lamentava, em um dos seus textos mais eloqüentes, de 1931, a destruição da Inglaterra rural e proclamava a importância do cenário da natureza para a vida espiritual do homem. Sustentava que até o final do século XVIII as obras do homem apenas se somavam às belezas, da natureza; depois, dizia, tinha sido rápida a deterioração. A beleza não mais era produzida pelas circunstâncias econômicas comuns e só restava, como esperança, a conservação do que ainda não fora destruído. Defendia que as terras adquiridas pelo Patrimônio Nacional, a maioria completamente inculta, deveriam ser mantidas assim.

Há apenas poucos séculos, a mera idéia de resistir à agricultura, ao invés de estimulá-la, pareceria ininteligível. Como teria progredido a civilização sem a limpeza das florestas, o cultivo do solo e a conversão da paisagem agreste em terra colonizada pelo homem? A tarefa do homem, nas palavras do Gênesis, era “encher a terra e submetê-la”. A agricultura estava para a terra como o cozimento para a carne crua. Convertia natureza em cultura. Terra não cultivada não significava homens incultos. E quando os ingleses seiscentistas mudaram-se para Massachussetts, parte de sua argumentação em defesa da ocupação dos territórios indígenas foi que aqueles que por si mesmos não submetiam e cultivavam a terra não tinham direito de impedir que outros o fizessem.

752)Ao mencionar, no primeiro parágrafo do texto, a inclinação dos ingleses pelo espaço rural, o autor

a) busca enfatizar o que ocorre no século XX, em que a afeição pelo campo lhe parece ser realmente mais genuína.
b) a caracteriza em diferentes momentos históricos, tomando como referência distintas situações em que ela se manifesta.
c) cita costumes do povo inglês destruídos pela aceleração do crescimento das fábricas, causa de sua impossibilidade de volta periódica ao campo.
d) refere autores que procuraram conscientemente manter sua popularidade explorando temas “rurais” para mostrar como se criou o mito de um paraíso campestre.
e) particulariza o espaço estrangeiro visitado pelos ingleses Portugal - para esclarecer o que os indivíduos buscavam e não podia ser encontrado na sua pátria.

753) Leia com atenção as afirmações abaixo sobre o segundo parágrafo do texto.

I. Em confronto com o primeiro parágrafo, o autor apresenta um outro matiz da relação do espírito inglês com o espaço rural.
II. O autor assinala os pontos mais relevantes referidos por G.M. Trevelyan para comprovar a idéia universalmente aceita de que o contato com a natureza é importante para o espírito.
III. O historiador inglês revela pessimismo, a cujos fundamentos ele não faz nenhuma referência no texto.
São corretas:
a) I, somente
b) III, somente
c) I e III, somente
d) II e III, somente
e) I, II e III

754) As indagações presentes no terceiro parágrafo representam, no texto,

a) pontos relevantes sobre os quais a humanidade ainda não refletiu
b) perguntas que historiadores faziam às pessoas para convencê-las da importância do culto à natureza
c) os pontos mais discutidos quando se falava do progresso na Inglaterra, terra da afeição pelo campo
d) questões possivelmente levantadas pelos que procurassem entender a razão de muitas pessoas não considerarem a agricultura um bem em si
e) aspectos importantes sobre a relação entre a natureza e o homem, úteis como argumentos a favor da idéia defendida por Trevelyan

755) No último parágrafo do texto, o comentário sobre os ingleses seiscentistas foi feito como:

a) denúncia dos falsos argumentos utilizados por aqueles que ocupam territórios indígenas
b) exemplo do caráter pioneiro dos ingleses na tarefa de colonização do território americano
c) maneira de evidenciar a árdua tarefa dos que acreditavam na força da agricultura para o progresso da civilização
d) confirmação de que terras incultas são entraves que, há séculos, subtraem ao homem o direito de progredir
e) comprovação de que, há poucos séculos, o cultivo da terra era entendido como sinônimo de civilização

756) Assinale a afirmação INCORRETA.

a) Infere-se do texto que as palavras do Gênesis foram entendidas por muitos como estímulo a derrubar matas, lavrar o solo, eliminar predadores, matar insetos nocivos, arrancar parasitas, drenar pântanos.
b) O paralelo estabelecido entre o cultivo da terra e o cozimento dos alimentos é feito para se pôr em evidência a ação do homem sobre a natureza.
c) O texto mostra que o amor pela natureza selvagem está na base da relação que se estabelece entre cultivo da terra e civilização.
d) O texto mostra que o amor à natureza selvagem, considerado como barbárie, permitiu que certos povos se dessem o direito de apoderar-se dela.
e) O Gênesis foi citado no texto porque o crédito dado às palavras bíblicas explicaria o desejo humano de transformar a natureza selvagem pensando no bem-estar do homem.

TEXTO CV

UNI-RIO

Neste momento, o bordado está pousado em cima do console e o interrompi para escrever, substituindo a tessitura dos pontos pela das palavras, o que me parece um exercício bem mais difícil. Os pontos que vou fazendo exigem de mim uma habilidade e um adestramento que já não tenho. Esforço-me e vou conseguindo vencer minhas deficiências. As palavras, porém, são mais difíceis de adestrar e vêm carregadas de uma vida que se foi desenrolando dentro e fora de mim, todos esses anos. São teimosas, ambíguas e ferem. Minha luta com elas é uma luta extenuante.

Assim, nesse momento, enceto duas lutas: com as linhas e com as palavras, mas tenho a certeza que, desta vez, estou querendo chegar a um resultado semelhante e descobrir ao fim do bordado e ao fim desse texto algo de delicado, recôndito e imperceptível sobre o meu próprio destino e sobre o destino dos seres que me rodeiam. Ontem, quando entrei no armarinho para escolher as linhas, vi-me cercada de pessoas com quem não convivia há muito tempo, ou convivia muito pouco, de cuja existência tinha esquecido. Mulheres de meia-idade que compravam lãs para bordar tapeçarias, selecionando animadamente e com grande competência os novelos, comparando as cores com os riscos trazidos, contando os pontos na etamine, medindo o tamanho do bastidor. Incorporei-me a elas e comecei a escolher, com grande acuidade, as tonalidades das minhas meadas de linha mercerizada. Pareciam pequenas abelhas alegres (...) levando a sério as suas tarefas (...) Naquelas mulheres havia alguma coisa preservada, sua capacidade de bordar dava-lhes uma dignidade e um aval.

Não queria que me discriminassem, conversei com elas de igual para igual, mostrando-lhes os pontos que minha pequena mão infantil executara.

(JARDIM, Rachel. O *penhor chinês.* 4a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990)

757) Nesse texto que você acaba de ler, estabelece-se uma relação entre bordar e escrever, ações que se desenvolvem no esforço da tessitura. Assinale a opção em que o comparativo "bem mais difícil", aplicado ao tecido do texto, justifica-se com maior propriedade.

a) As palavras são como os pontos do bordado: exigem adestramento de quem vai usá-las.
b) Palavras e pontos sujeitam-se documente ao toque do artista.
c) Palavras têm vida própria e exigem sensibilidade para se deixarem usar.
d) Palavras são prenhes de significado e, portanto, podem independer de quem as emprega.
e) Palavras são, por vezes, ambíguas, o que não ocorre com os pontos do bordado.

758) Com “Esforço-me e vou conseguindo vencer minhas deficiências”, a autora se refere:

a) ao esforço para suplantar a inibição que as palavras lhe causam
b) ao esforço que lhe custa o tecido do texto
c) à deficiência visual que lhe dificulta tecer o bordado
d) à sua própria dificuldade enquanto tecelã
e) às muitas deficiências gramaticais que necessita vencer

759) Pode-se depreender da leitura do 7o período que:

a) o bordado, tanto quanto o texto tecido, permite o resgate de algo adormecido na memória.
b) os pontos do bordado, mais que as palavras, contribuem para avivar, na memória, algo recôndito.
c) os pontos do bordado, menos que as palavras, mostram a delicada tessitura da obra.
d) as palavras, assim como os pontos do bordado, escondem a inexorabilidade do destino.
e) as palavras, mais que os pontos do bordado, escondem o traçado imperceptível da obra.

760) Neste momento (Io período) e nesse momento (7o período) referem-se a(ao):

a) um único momento: o da escolha
b) dois tempos distintos: o do bordado e o da escrita
c) tempo de retomada do bordado
d) momento da ida ao armarinho
e) momento da escritura e ao atual momento de vida

761) A conjunção que, usada antes da oração “...de cuja existência tinha esquecido”, não altera o sentido do 8o período é:

a) pois
b) ou
c) logo
d) nem
e) e

762)A expressão “...abelhas alegres” (11° período) justifica, especificamente, a significação expressa, no 9o período, com:

a) “mulheres de meia-idade...”
b) “...para bordar tapeçarias...”
c) “...selecionando animadamente e com grande competência os novelos...”
d) “...comparando as cores com os riscos trazidos...”

e) “...medindo o tamanho do bastidor”

763) O adjetivo preservada (“alguma coisa preservada” - 12° período) significa:

a) passível de corrupção
b) escondida
c) defendida de perigos
d) intacta ’
e) vigiada

TEXTO CVI

ASSISTENTE SOCIAL - TRF 3a REGIÃO
TEXTO 1
O MITO E O MUNDO MODERNO

MOYERS: Por que mitos? Por que deveríamos importar-nos com os mitos? O que eles têm a ver com minha vida?

CAMPBELL: Minha primeira resposta seria: “Vá em frente, viva a sua vida, é uma boa vida - você não precisa de mitologia”. Não acredito que se possa ter interesse por um assunto só porque alguém diz que isso é importante. Acredito em ser capturado pelo assunto, de uma maneira ou de outra. Mas você poderá descobrir que, com uma introdução apropriada, o mito é capaz de capturá-lo. E então, o que ele poderá fazer por você, caso o capture de fato?

Um de nossos problemas, hoje em dia, é que não estamos familiarizados com a literatura do espírito. Estamos interessados nas notícias do dia e nos problemas do momento. Antigamente, o campus de uma universidade era uma espécie de área hermeticamente fechada, onde as notícias do dia não se chocavam com a atenção que você dedicava à vida interior, nem com a magnífica herança humana que recebemos de nossa grande tradição - Platão, Confúcio, o Buda, Goethe e outros, que falam dos valores eternos, que têm a ver com o centro de nossas vidas.

Quando um dia você ficar velho e, tendo as necessidades imediatas todas atendidas, então se voltar para a vida interior, aí bem, se você não souber onde está ou o que é esse centro, você vai sofrer.

As literaturas grega e latina e a Bíblia costumavam fazer parte da educação de toda gente. Tendo sido suprimidas, toda uma tradição de informação mitológica do Ocidente se perdeu. Muitas histórias se conservaram, de hábito, na mente das pessoas. [...]

(CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito.* Com Bill Moyers. Org. Betty Sue Flowers. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Associação Palas Athena, 1990. p. 3-4)

766) A leitura do texto permite afirmar que a conjunção e, presente no título, sugere idéia de

a) adição
b) explicação
c) conseqüência
d) alternância
e) contraste

767) Considerando que *ironia* seja um recurso com o qual se afirma o contrário do que se enuncia, aponte a alternativa em que tal recurso se manifesta.

a) [...] as notícias não se chocavam com a atenção que você dedicava à vida interior.
b) E então, o que ele poderá fazer por você, caso o capture de fato?
c) [...] o campus de uma universidade era uma espécie de área hermeticamente fechada.
d) Vá em frente, viva a sua vida, é uma boa vida - você não precisa de mitologia.
e) Quando um dia você ficar velho [...], se você não souber onde está [...], você vai sofrer.

768) Da leitura do texto, pode-se depreender que

a) entre outros, Platão, Confúcio, Goethe e Buda são os responsáveis pela mitologia.
b) a satisfação das necessidades imediatas dos velhos propicia-lhes uma sobrevida feliz.
c) o centro interior do homem idoso foi definido por Platão, Confúcio, Buda e Goethe, entre outros.
d) o possível sofrimento do velho depende, entre outras coisas, da preocupação com a sua vida interior.
e) a literatura do espírito não é acolhida nos campus das universidades declaradamente fechadas.

769) Aponte a alternativa em que a reescrita da frase "Tendo sido suprimidas, toda uma tradição de informação mitológica do Ocidente se perdeu" conserva, de acordo com o texto, o conteúdo original.

a) Após sua preservação, não se assegurou a transmissão da mitologia ocidental.
b) Com sua supressão, desapareceu a tradição inteira de informação mitológica do Ocidente.
c) O suprimento dessas literaturas acarretou o fim da mitologia ocidental.
d) Com o seu desaparecimento, frustrou-se a mitologia do Ocidente.
e) Sua eliminação determinou o desaparecimento de toda a mitologia do Ocidente.

TEXTO CVII

ASSISTENTE SOCIAL - TRF 3a REGIÃO
TEXTO 2
É DISSO QUE O BRASIL PRECISA

O grau de maturidade econômica de uma sociedade pode ser aferido com a ajuda de índices conhecidos, como o produto interno bruto do país. O estágio de maturidade política também conta com alguns indicadores. Um deles é a ocorrência seqüenciada de eleições livres, sem
5 sustos nem sobressaltos. E como descobrir o grau de maturidade social de uma nação? Índices que medem a violência e a criminalidade são úteis para a avaliação. Mas de um tempo para cá surgiu um dado novo: a taxa de envolvimento das pessoas com o trabalho social. Não que a filantropia seja novidade ou invenção moderna. Mas a onda do bem tornou-se um
10 fenômeno especialmente notável nos últimos trinta anos.

Nos países mais civilizados, a presença da filantropia, também chamada de terceiro setor, é mais perceptível. Nas nações menos desenvolvidas socialmente, o trabalho voluntário é mais embrionário. O Brasil está num meio-termo. Do ponto de vista do resultado financeiro,
15 está entre os países que menos investem no social. Mas, quando se analisa o voluntariado pelo exército envolvido, alguma coisa espantosa está acontecendo. Há milhões de brasileiros dedicando-se a tarefas sociais [...].
(VEJA Especial, 8.12.2001, p. 8)

770) Da leitura do texto, depreende-se que o pronome *isso*, do título, aponta para

a) o grau de maturidade social de uma comunidade
b) a ocorrência seqüenciada de eleições livres
c) o grau de maturidade econômica de uma nação
d) o envolvimento das pessoas no trabalho social
e) a eliminação da distância entre ricos e pobres

771) A preposição *com* na expressão "*com* a ajuda de índices conhecidos" possui idéia de

a) companhia
b) instrumento
c) causa
d) concessão
e) dúvida

772) Em lugar *de filantropia* poderia, no texto, figurar

a) antropofobia
b) humanidade
c) humanismo
d) humanitarismo
e) misantropia

773) Em “Nos países mais civilizados, [...] a presença da filantropia [...] é mais perceptível.”, depreende-se um julgamento de valor, segundo o qual o Brasil não compõe o grupo desses países. De acordo com o texto, pode-se contrapor a essa asserção

a) o número de voluntários do trabalho social
b) o acanhado investimento financeiro no social
c) o surgimento do voluntariado nessas nações
d) a presença, nesses países, do terceiro setor
e) a atuação do terceiro setor em tais países

774) Antepostos ou pospostos a outros, alguns vocábulos podem sofrer alteração de sentido, como ocorre, por exemplo, com *novo: novo escrivão e escrivão novo.* Indique a alternativa em que se manifesta um desses vocábulos.

a) O estágio de maturidade econômica também conta com bons indicadores.
b) Não que a filantropia seja novidade ou invenção moderna.
c) [...] alguma coisa espantosa está acontecendo.
d) [...] está entre os países que menos investem socialmente.
e) [...] a onda do bem tornou-se um fenômeno especialmente notável.

775) Em “índices *que medem* a violência e a criminalidade são úteis...”, o termo destacado poderá, sem prejuízo do sentido e com a necessária adequação sintática, ser substituído por

a) mensuráveis
b) incomensuráveis
c) mensurais
d) dimensíveis
e) mensuradores

TEXTO CVIII

ASSISTENTE LEGISLATIVO - PE

- Então, quando se casa, D. Ismênia?

- Em março. Cavalcanti já está formado e...

Afinal a filha do general pôde responder com segurança à pergunta que se lhe vinha fazendo há quase cinco anos. O noivo finalmente encontrara o fim do curso de dentista e marcara o casamento para daí a três meses. A alegria foi grande na família; e, como em tal caso, uma alegria não poderia passar sem um baile, uma festa foi anunciada para o sábado que se seguia ao pedido da pragmática.

As irmãs da noiva, Quinota, Zizi, Lalá e Vivi, estavam mais contentes que a irmã nubente. Parecia que ela lhes ia deixar o caminho desembaraçado, e fora a irmã quem até ali tinha impedido que se casassem. Noiva havia quase cinco anos, Ismênia já se sentia meio casada.

Esse sentimento junto a sua natureza pobre fê-la não sentir um pouco mais de alegria. Ficou no mesmo. Casar, para ela, não era negócio de paixão, nem se inseria no sentimento ou nos sentidos: era uma idéia, uma pura idéia. Aquela sua inteligência rudimentar tinha separado da idéia de casar o amor, o prazer dos sentidos, uma tal ou qual liberdade, a maternidade, até o noivo. Desde menina, ouvia a mamãe dizer: “Aprenda a fazer isso, porque quando você se casar...” ou senão: “Você precisa aprender a pregar botões, porque quando você se casar...”.

A todo instante e a toda hora, lá vinha aquele - “porque, quando você se casar...” - e a menina foi se convencendo de que toda a existência só tendia para o casamento. A instrução, as satisfações íntimas, a alegria, tudo isso era inútil; a vida se resumia numa coisa: casar.

De resto, não era só dentro de sua família que ela encontrava aquela preocupação. No colégio, na rua, em casa das famílias conhecidas, só se falava em casar. “Sabe, D. Maricota, a Lili casou-se; não fez grande negócio, pois parece que o noivo não é lá grande coisa”; ou então: “A Zezé está doida para arranjar casamento, mas é tão feia, meu Deus!...”

(BARRETO, Lima - Triste Fim de Policarpo Quaresma - Scipione, São Paulo. 1994 - p. 25)

776) Segundo o texto, pode-se afirmar que a relação do casal de nubentes era

a) de amor, pois já fazia quase cinco anos de noivado
b) de acomodação, pois, pelo menos da parte de Ismênia, não havia paixão
c) de equilíbrio, uma vez que não havia mais os arrebatamentos da paixão
d) desejada pela família, apesar de esta não cobrar casamento das filhas
e) de cumplicidade, pois sendo um relacionamento horizontal, os dois partilhavam sentimentos, projetos e decisões

777) Em relação ao texto, todas as alternativas abaixo são verdadeiras, exceto:

a) A submissão anula a identidade do ser humano, faz dele um autômato sem desejos, sentimentos ou sonhos.
b) Quando se adestra um ser humano em vez de educá-lo, quando seu destino é traçado pela cultura de que faz parte, prejudica-se o seu desenvolvimento afetivo e intelectual.
c) O machismo diminui a figura feminina na sociedade a ponto de fazê-la pensar que, sem um marido, não consegue ser alguém ou até mesmo viver.
d) O autor tratou o assunto sem fazer uso do humor ou da ironia, uma vez que esse é um tema sério que precisa ser visto e discutido pela sociedade.
e) O casamento, visto como fim em si mesmo, não representa a realização afetiva da mulher, mas o único objetivo de sua vida.

778) Podemos afirmar que Ismênia representa

a) a mulher comedida, cautelosa que, para se defender da sociedade machista, não se deixa arrebatar pelas paixões desenfreadas
b) o perfil de companheira ideal, pois sabe ser paciente e tolerante a ponto de esperar a formatura do noivo para traçar os planos para o casamento
c) a mulher-objeto que não foi educada para sentir, para ser, mas para desempenhar apenas o papel de coadjuvante na sociedade
d) o equilíbrio, pois mesmo sendo cobrada pela sociedade, esperou que seu noivo concluísse o curso superior para marcar a data do casamento
e) uma exceção, pois dificilmente as mulheres de sua época seriam ou agiriam como ela

779) A construção sintática "uma festa foi anunciada para o sábado", sem modificar-lhe o sentido, pode ser substituída por:

a) Uma festa esteve anunciada para o sábado.
b) Uma festa tinha sido anunciada para o sábado.
c) Anunciava-se uma festa para o sábado.
d) Anunciou-se uma festa para o sábado.
e) Anunciara-se uma festa para o sábado.

780) Com base no texto, marque a opção em que é feita uma comparação:

a) "...Ismênia já se sentia meio casada."
b) "...estavam mais contentes que a irmã nubente."
c) "...fê-la não sentir um pouco mais de alegria."
d) "...o noivo não é lá grande coisa..."
e) "...mas é tão feia, meu Deus!..."

TEXTO CIX

AUXILIAR CENSITÁRIO DE INFORMÁTICA - IBGE

No início do mês o Instituto Vox Populi foi às ruas para saber o que a população pensa sobre os medicamentos genéricos. Colheu uma revelação surpreendente: 80% dos entrevistados já incorporaram essa alternativa a seus hábitos de consumo. Além dos ganhos econômicos, a nova realidade rendeu frutos políticos. O ministro da Saúde, José Serra, obteve a melhor avaliação entre toda a equipe de FHC, com percentuais capazes de causar inveja ao presidente. Os genéricos estão abrindo as portas do mercado para uma população que há anos era mantida à margem. Os medicamentos sem marca aprovados pela Vigilância Sanitária somam hoje 115 tipos e estão chegando às farmácias a preços, em média, 30% mais baratos. Tamanha revolução foi ajudada pelos holofotes acesos pela CPI dos Medicamentes, que acabou inibindo um novo boicote dos laboratórios multinacionais bem-sucedidos na sua primeira investida, ainda em 1993. No ritmo desta verdadeira revolução, a indústria nacional disparou gordos investimentos. Hoje, entre os fabricantes de remédios já aprovados, apenas um é de origem estrangeira. Com tantos êxitos, os genéricos estão se tornando uma unanimidade nacional.

(JB, 19/08/00)

781) Ao dizer, no final do texto, que os genéricos estão se tornando uma unanimidade nacional, o autor quer dizer que:

a) quase todos os brasileiros consideram o advento dos genéricos uma medida positiva.
b) os genéricos já estão alcançando, em sua distribuição, todo o território nacional.
c) todos os genéricos, em breve espaço de tempo, serão de fabricação brasileira.
d) os genéricos estão alcançando, no Brasil todo, um sucesso imprevisível.
e) os genéricos passaram a ser vistos, pelos brasileiros, como ótimos investimentos.

782) O que a pesquisa do Vox Populi revelou de surpreendente foi que:

a) os genéricos já são consumidos por grande parte da população.
b) 80% da população brasileira tanto consomem genéricos quanto os remédios tradicionais.
c) grande parte dos consumidores fazem parte de cooperativas que fornecem genéricos.

d) os genéricos só são consumidos por quem está bem informado sobre essa revolução.
e) os genéricos estão rendendo frutos econômicos e políticos.

783) A prova dos frutos políticos do advento dos genéricos é:

a) a alta popularidade do ministério de FHC
b) a avaliação pública do ministro José Serra
c) a baixa popularidade do presidente
d) a aceitação dos genéricos por parte da população
e) os altos investimentos feitos no setor

784) A população “que há anos era mantida à margem” se refere àquela parte da população que:

a) não investia no setor farmacológico.
b) desconhecia a utilidade dos genéricos.
c) só se tratava com remédios de marca.
d) não ficava doente.
e) não tinha condições econômicas de adquirir remédios.

785) Os genéricos marcam, segundo o texto, uma série de oposições em relação aos remédios tradicionais; a oposição NÃO indicada pelo texto é:

a) sem marca X com marca
b) mais baratos X mais caros
c) fabricação nacional X fabricação estrangeira
d) muito conhecimento X pouco conhecimento
e) mais consumidores X menos consumidores

786) A sigla CPI, presente no texto, significa:

a) Centro de Proteção ao Investidor
b) Comissão Parlamentar de Inquérito
c) Cooperativa Parlamentar de Investigação
d) Casa do Pequeno Investidor
e) Comissão Privada de Investigação

787) Segundo o texto, os laboratórios multinacionais:

a) aceitaram passivamente a chegada dos genéricos.
b) criaram uma CPI para os genéricos.
c) passaram a investir na produção de genéricos.
d) tentaram torpedear a revolução dos genéricos.
e) auxiliaram na criação dos genéricos.

788) “Hoje, entre os fabricantes de genéricos já aprovados, apenas um *é* de origem estrangeira.”; neste segmento, o vocábulo que mostra a opinião do autor do texto sobre o assunto abordado é:

a) já

b) apenas
c) hoje
d) estrangeira
e) aprovados

789) “Hoje, entre os fabricantes de remédios já aprovados, apenas um é de origem estrangeira.”. Infere-se desse segmento que:

a) para a fabricação dos genéricos é necessária uma aprovação de órgão competente.
b) os fabricantes estrangeiros estão ganhando terreno na fabricação dos genéricos. ;
c) os fabricantes estrangeiros não estão recebendo autorização para a fabricação de genéricos.
d) a situação atual de fabricação de genéricos *é* de baixa produção.
e) só hoje o Governo intervém na fabricação de remédios.

790) *“Além dos* ganhos econômicos, a nova realidade rendeu frutos políticos.”; a locução *além de* expressa, neste caso:

a) concessão
b) explicação
c) adição
d) localização
e) causa

791) O item em que o termo sublinhado está empregado no sentido próprio original e não no sentido figurado é:

a) “Além dos ganhos econômicos, a nova realidade rendeu frutos políticos.”
b) “...com percentuais capazes de causar inveja ao presidente.”
c) “Os genéricos estão abrindo as portas do mercado...”
d) “...a indústria disparou gordos investimentos.”
e) “Colheu uma revelação surpreendente:...”

792)”...que acabou inibindo um novo boicote dos laboratórios multinacionais...”; neste caso, o verbo *acabar* apresenta o mesmo significado que em:

a) A pesquisa da Vox Populi acabou há duas semanas.
b) Acabamos de ler o texto.
c) Os genéricos acabaram de chegar às farmácias.
d) Isso não vai acabar bem.
e) Ele se acabou na festa!

TEXTO CX

ENGENHEIRO CIVIL - TRF 2a REGIÃO

A ÁRVORE E O HOMEM

O PRIMEIRO... problema que as árvores parecem propor-nos é o de nos conformarmos com a sua mudez. Desejaríamos que falassem, como falam os animais, como falamos nós mesmos. Entretanto, elas e as pedras reservam-se o privilégio do silêncio, num mundo em que todos os seres têm pressa de se desnudar. Fiéis a si mesmas, decididas a guardar um silêncio que não está à mercê dos botânicos, procuram as árvores ignorar tudo de uma composição social que talvez se lhes afigure monstruosamente indiscreta, fundada como está na linguagem articulada, no jogo de transmissão do mais íntimo pelo mais coletivo. Grave e solitário, o tronco vive num estado de impermeabilidade ao som, a que os humanos atingem por alguns instantes e através da tragédia clássica. Não logramos comovê-lo, comunicar-lhe a nossa intemperança. Então, incapazes de trazê-lo para a nossa domesticidade, consideramo-lo um elemento da paisagem, e pintamo-lo. Ele pende, lápis ou óleo, de nossa parede, mas esse artifício não nos ilude, não incorpora a árvore à atmosfera de nossos cuidados. O fumo dos cigarros, subindo até o quadro, parece vagamente aborrecê-la, e certas árvores de Van Gogh, na sua crispação, têm algo de protesto.

(ANDRADE, C. Drummond de. *Poesia completa e prosa.* Rio de Janeiro: José Aguilar, 1973. p. 798)

793) É FALSO afirmar, a respeito do conteúdo desse texto, que:

a) a capacidade da fala é atribuída a todos os seres animados.
b) seu autor reforça a tese de que, para os seres humanos, a posse da linguagem articulada é um privilégio.
c) o silêncio das árvores é um mistério para os cientistas.
d) o desenho e a pintura são simples artifícios para integrar as árvores no ambiente social e humano.
e) parece às árvores que a socialização da intimidade através da linguagem articulada é uma indiscrição.

794) No texto, a maioria das palavras e expressões refere-se basicamente a dois universos: o das árvores e o dos homens. A alternativa que reúne EXCLUSIVAMENTE palavras relativas ao universo dos homens é:

a) crispação - silêncio
b) intemperança - botânicos
c) paisagem - impermeabilidade
d) cuidados - solitário
e) atmosfera - mudez

795) A atribuição de características humanas às árvores vem expressa no texto por várias expressões/palavras, EXCETO pela da opção:

a) propor-nos
b) fiéis
c) grave
d) ignorar
e) domesticidade

796) Os conectivos "Entretanto" e "Então" encadeiam partes do texto exprimindo, respectivamente:

a) oposição e conseqüência
b) oposição e tempo
c) tempo e conseqüência
d) tempo e conclusão
e) tempo e tempo

TEXTO CXI

REGULADOR - AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS
ÁGUA INSALUBRE

Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2002.
As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em conseqüência da Aids em todo o mundo.

(Márcia Peltier, O Globo, 21/10/2002)

797) O título dado à notícia é “Água insalubre”. Sabendo-se que “insalubre” significa “nocivo à saúde”, pode-se dizer que:

a) o título nada esclarece sobre o conteúdo do texto.
b) parte do conteúdo do texto é antecipado pelo título.
c) o adjetivo “insalubre” contradiz o conteúdo do texto.
d) o título pretende atrair o leitor pelo aspecto trágico.
e) a menção da água contaminada introduz o assunto da Aids.

798) O adjetivo atribuído ao substantivo água que NÃO tem sua significação corretamente indicada é:

a) água contaminada: água que não contém sais minerais
b) água insípida: água sem sabor
c) água insossa: água sem sal
d) água natural: água existente na natureza
e) água potável: conveniente para consumo humano

799) Logo ao início da notícia há a indicação da fonte de informação estudo do Pacific Institute of Oakland; isso ocorre porque:

a) é obrigatória a presença da fonte de informações nos jornais.
b) valoriza a notícia dizer que sua fonte é americana.
c) atribui força de verdade ao que é veiculado.
d) a identificação da fonte isenta a jornalista de responsabilidade.
e) a fonte citada é de amplo conhecimento público.

800)No segmento “morrerão de doenças”, o valor semântico da preposição sublinhada repete-se em:

a) as águas ficaram contaminadas de bactérias.
b) os estudos mostraram a contaminação das águas.
c) as águas contaminadas são as causas de doenças.
d) a água de rios é mais contaminada que a marinha.
e) os habitantes do Sul padecem de frio.

801) Pode-se deduzir da leitura do texto que:

a) a Aids é a doença que causa maior número de mortes na atualidade.
b) as crianças morrem preferencialmente de doenças causadas pela água contaminada.
c) as crianças são as mais afetadas porque se divertem na água.
d) no período citado a Aids mata menos que a água contaminada.
e) a contaminação da água só causará mortes num futuro próximo.

802) Vocábulos do texto que NÃO apresentam o mesmo referente são:

a) pessoas / as crianças
b) doenças / males
c) água / água contaminada
d) até 2002 / mesmo período
e) morrerão / serão registrados 65 milhões de casos fatais

803) A referência à Aids no final do texto tem por finalidade:

a) dar mais sensacionalismo ao texto.
b) mostrar a gravidade da Aids.
c) demonstrar o futuro negro da humanidade.
d) destacar problemas ainda pouco divulgados.
e) despertar interesse no leitor.

804) Situação que poderia representar o uso e ingestão da água simultaneamente é:

a) lavagem das calçadas
b) preparação da comida
c) banho diário
d) lavagem de roupas
e) limpeza da louça

805) O texto lido poderia ser classificado como:

a) didático
b) informativo
c) normativo
d) preditivo
e) publicitário

806) A conjunção que se poderia escrever entre os dois últimos períodos do texto de modo a manter o sentido original é:

a) mas
b) apesar de
c) enquanto
d) à media que
e) contanto que

807) Expressões que NÃO são equivalentes semanticamente são:

a) prevê = faz a previsão de que
b) mesmo período = período igual
c) casos fatais = mortes
d) em todo o mundo = mundialmente
e) doenças = males

808) Ao dizer que “as crianças serão as mais afetadas”, o texto mostra que:

a) os adultos serão igualmente afetados.
b) os adultos não serão afetados.
c) só as crianças serão afetadas.
d) os adultos serão menos afetados.
e) os adultos serão mais ou menos afetados.

TEXTO CXII

GUARDA MUNICIPAL DO RIO
TEXTO 1

Que país é este, que nega oportunidades às suas crianças e jovens, em qualquer que seja a profissão, de serem atores na vida? Milhões de brasileiros precisam, apenas, ter o direito à educação para dar, com dignidade, sua contribuição à sociedade.

Milhares de crianças utilizam sua criatividade, inteligência e seus dons apenas para sobreviver. São artistas nos sinais de trânsito, pedintes do asfalto. No entanto, a grande e esmagadora maioria tem como alternativas a violência, o furto, as drogas e a morte prematura.

É possível transformar essa realidade e isto custa muito pouco.

(Maurício Andrade, Coordenador Geral da Ação da Cidadania)

809) Este texto serve de introdução a um programa da peça teatral “Menino no meio da rua”, que aborda a esperança de mudar a vida de muitos meninos de rua; analise os trechos a seguir:

I - “Que país é este, que nega oportunidades às suas crianças e jovens, em qualquer que seja a profissão, de serem atores na vida?”
II - “Milhões de brasileiros precisam, apenas, ter o direito à educação para dar, com dignidade, sua contribuição à sociedade.”
in - “Milhares de crianças utilizam sua criatividade, inteligência e seus dons apenas para sobreviver.”
IV - “São artistas nos sinais de trânsito, pedintes do asfalto.”

Os trechos do texto que fazem alusão ao mundo do teatro são:

a) I - III
b) II-IV
c) I-IV
d) II-III
e) III - IV

810)Ao perguntar, no texto 1, “Que país é este...?”, o autor deseja:

a) satisfazer uma curiosidade.
b) tomar conhecimento de algo.
c) definir o seu país.
d) protestar contra uma injustiça.
e) revelar algo desconhecido.

811) “Que país é este, que nega oportunidades às suas crianças e jovens, em qualquer que seja a profissão, de serem atores na vida?”; neste segmento do texto, com a expressão “de serem atores na vida”, o autor quer dizer que:

a) muitos meninos e meninas poderiam trabalhar em teatro.
b) crianças e jovens são atores para sobreviver.

c) ser ator é uma atividade que não requer muito estudo.
d) trabalhar em circo pode ser a saída de sobrevivência para muitos.
e) todos deveriam ter a oportunidade de ser alguém na vida.

812)Ao usar apenas no segmento "Milhares de crianças utilizam sua criatividade, inteligência e seus dons apenas para sobreviver.", o autor quer dizer que:

a) as crianças têm pouco a oferecer.
b) o talento das crianças poderia ser mais bem empregado.
c) milhares de crianças lutam pela sobrevivência.
d) as crianças têm pouca criatividade e inteligência.
e) a sobrevivência é apenas uma das preocupações das crianças.

813) "São artistas nos sinais de trânsito, pedintes do asfalto."; o comentário INCORRETO sobre esse segmento do texto é:

a) ser artista no sinal de trânsito é mostrar criatividade para a sobrevivência.
b) "artista" e "pedinte" são atividades que se opõem em dignidade.
c) "asfalto" se opõe tradicionalmente a "morro".
d) todo o segmento se refere a "milhares de crianças", no período anterior.
e) "artistas" está usado, neste caso, com sentido pejorativo.

814) "No entanto, a grande e esmagadora maioria tem como alternativas a violência, o furto, as drogas e a morte prematura"; a afirmativa correta a respeito desse segmento do texto é:

a) a grande e esmagadora maioria das crianças que ficam nos sinais de trânsito são marginais.
b) grande parte das crianças que são artistas nos sinais de trânsito acabam vítimas da violência em que vivem.
c) as doenças e a falta de assistência levam grande parte das crianças à morte prematura.
d) a maior parte das crianças de rua apelam para a marginalidade como alternativa de sobrevivência.
e) o uso de drogas é a única causa de morte prematura das crianças.

815) A frase final desse segmento do texto - "É possível transformar essa realidade e isso custa muito pouco". - soa como:

a) condenação
b) esperança
c) desespero
d) sentimentalismo
e) protesto

PARTE 4

GABARITO E COMENTÁRIOS

GABARITO E COMENTÁRIOS

GABARITO

1 d	2 c	3 b	4 a	5 c	6 e	7 b	8 c	9 e	10 b
11 d	12 e	13 c	14 d	15 b	16 d	17 c	18 d	19 e	20 e
21 c	22 a	23 d	24 c	25 a	26 e	27 b	28 d	29 b	30 a
31 d	32 b	33 e	34 b	35 d	36 c	37 e	38 e	39 c	40 d
41 d	42 c	43 d	44 b	45 b	46 a	47 d	48 e	49 a	50 c
51 b	52 c	53 e	54 c	55 c	56 d	57 c	58 e	59 d	60 a
61 d	62 e	63 d	64 b	65 d	66 e	67 e	68 e	69 b	70 d
71 c	72 b	73 c	74 e	75 c	76 a	77 d	78 d	79 d	80 b
81 c	82 d	83 b	84 d	85 e	86 c	87 d	88 d	89 c	90 d
91 d	92 b	93 e	94 d	95 c	96 b	97 e	98 d	99 c	100 d
101 e	102 e	103 e	104 b	105 c	106 c	107 c	108 b	109 d	110 c
111 b	112 e	113 c	114 e	115 d	116 d	117 b	118 a	119 d	120 c
121 e	122 b	123 e	124 c	125 a	126 d	127 c	128 b	129 d	130 c
131 c	132 e	133 d	134 a	135 e	136 d	137 e	138 a	139 c	140 d
141 b	142 a	143 d	144 e	145 c	146 d	147 e	148 b	149 e	150 d
151 c	152 d	153 c	154 e	155 c	156 a	157 c	158 d	159 c	160 d
161 e	162 a	163 d	164 e	165 c	166 d	167 b	168 d	169 d	170 a
171 c	172 d	173 d	174 e	175 b	176 d	177 e	178 c	179 e	180 b
181 e	182 d	183 c	184 c	185 c	186 d	187 d	188 e	189 b	190 e
191 d	192 a	193 c	194 b	195 d	196 c	197 d	198 e	199 d	200 c
201 e	202 c	203 b	204 e	205 e	206 a	207 d	208 c	209 d	210 b
211 d	212 c	213 c	214 d	215 c	216 e	217 b	218 a	219 d	220 c
221 d	222 c	223 e	224 e	225 b	226 e	227 b	228 d	229 e	230 d
231 c	232 e	233 a	234 d	235 b	236 d	237 e	238 c	239 c	240 a
241 e	242 d	243 d	244 c	245 a	246 c	247 b	248 d	249 d	250 e
251 a	252 b	253 c	254 a	255 c	256 a	257 a	258 b	259 d	260 c
261 e	262 e	263 e	264 a	265 c	266 c	267 b	268 a	269 c	270 d
271 e	272 b	273 c	274 a	275 b	276 c	277 b	278 a	279 c	280 b
281 c	282 d	283 b	284 b	285 d	286 b	287 d	288 d	289 a	290 d
291 c	292 e	293 e	294 d	295 a	296 a	297 b	298 e	299 d	300 b
301 e	302 c	303 e	304 c	305 a	306 c	307 c	308 a	309 e	310 c
311 e	312 b	313 a	314 c	315 a	316 c	317 b	318 a	319 b	320 c
321 c	322 b	323 a	324 c	325 d	326 a	327 b	328 c	329 e	330 a
331 b	332 d	333 e	334 e	335 a	336 e	337 a	338 c	339 b	340 d
341 d	342 a	343 b	344 b	345 a	346 a	347 b	348 d	349 d	350 e
351 b	352 b	353 b	354 a	355 c	356 a	357 c	358 b	359 c	360 d
361 e	362 d	363 d	364 e	365 a	366 c	367 b	368 a	369 d	370 e
371 d	372 e	373 e	374 b	375 a	376 c	377 e	378 a	379 b	380 e
381 a	382 c	383 d	384 c	385 a	386 b	387 d	388 d	389 a	390 e
391 c	392 d	393 a	394 a	395 e	396 d	397 c	398 e	399 b	400 a
401 c	402 e	403 c	404 d	405 c	406 b	407 d	408 c	409 d	410 b
411 e	412 a	413 c	414 a	415 e	416 c	417 b	418 b	419 b	420 a

421 c	422 b	423 e	424 a	425 a	426 d	427 d	428 b	429 c	430 e
431 d	432 a	433 a	434 b	435 b	436 c	437 d	438 e	439 b	440 b
441 c	442 a	443 d	444 b	445 d	446 b	447 e	448 c	449 c	450 b
451 c	452 e	453 e	454 a	455 d	456 c	457 c	458 b	459 b	460 a
461 b	462 e	463 a	464 b	465 a	466 a	467 c	468 b	469 a	470 d
471 b	472 c	473 d	474 d	475 e	476 b	477 a	478 d	479 a	480 a
481 e	482 d	483 d	484 b	485 c	486 b	487 b	488 d	489 c	490 a
491 b	492 c	493 c	494 d	495 e	496 d	497 d	498 e	499 a	500 b
501 a	502 b	503 d	504 c	505 a	506 d	507 a	508 c	509 d	510 b
511 d	512 c	513 c	514 c	515 b	516 b	517 d	518 d	519 c	520 e
521 a	522 e	523 b	524 b	525 b	526 a	527 a	528 e	529 b	530 c
531 d	532 c	533 d	534 d	535 c	536 a	537 c	538 a	539 b	540 d
541 d	542 a	543 c	544 a	545 c	546 a	547 c	548 b	549 c	550 e
551 a	552 d	553 a	554 e	555 c	556 a	557 a	558 c	559 c	560 b
561 d	562 c	563 b	564 d	565 b	566 d	567 e	568 d	569 b	570 e
571 c	572 a	573 c	574 e	575 d	576 e	577 b	578 c	579 e	580 c
581 e	582 e	583 c	584 b	585 c	586 b	587 a	588 c	589 d	590 a
591 c	592 d	593 b	594 a	595 a	596 b	597 c	598 c	599 a	600 c
601 a	602 a	603 d	604 e	605 d	606 d	607 d	608 a	609 e	610 e
611 c	612 b	613 a	614 a	615 e	616 c	617 b	618 d	619 b	620 d
621 c	622 b	623 d	624 a	625 d	626 c	627 e	628 d	629 b	630 d
631 a	632 e	633 b	634 c	635 c	636 a	637 a	638 d	639 b	640 a
641 d	642 b	643 d	644 a	645 b	646 b	647 e	648 b	649 b	650 b
651 d	652 d	653 c	654 b	655 e	656 a	657 e	658 c	659 c	660 c
661 c	662 a	663 b	664 d	665 b	666 d	667 b	668 e	669 c	670 e
671 b	672 e	673 c	674 c	675 d	676 a	677 a	678 d	679 b	680 d
681 c	682 a	683 d	684 a	685 d	686 c	687 b	688 a	689 e	690 e
691 c	692 d	693 d	694 b	695 e	696 a	697 b	698 b	699 b	700 e
701 a	702 e	703 e	704 d	705 e	706 c	707 b	708 e	709 b	710 c
711 b	712 a	713 b	714 a	715 b	716 d	717 b	718 d	719 b	720 c
721 c	722 b	723 a	724 b	725 a	726 d	727 d	728 c	729 e	730 c
731 b	732 b	733 b	734 e	735 d	736 d	737 d	738 b	739 d	740 d
741 e	742 a	743 c	744 c	745 b	746 e	747 a	748 d	749 b	750 e
751 c	752 b	753 a	754 d	755 e	756 c	757 c	758 d	759 a	760 e
761 e	762 c	763 d	764 b	765 c	766 e	767 d	768 d	769 b	770 d
771 b	772 d	773 a	774 c	775 e	776 b	777 d	778 c	779 d	780 b
781 a	782 a	783 b	784 e	785 d	786 b	787 d	788 b	789 a	790 c
791 b	792 d	793 b	794 b	795 e	796 a	797 b	798 a	799 c	800 e
801 d	802 a	803 d	804 b	805 b	806 c	807 b	808 d	809 c	810 d
811 e	812 b	813 e	814 d	815 b					

COMENTÁRIOS

Texto I

1) Letra d

Nada no texto fala de aumento ou diminuição da saudade. A palavra "calendário" é a chave. Ao dizer que "não há calendário para a saudade", a autora diz que não existe data marcada para se ter mais ou menos saudade. Ou seja, a saudade não depende do tempo, simbolizado aqui pelo calendário: ela simplesmente existe.

2) Letra c

Há muitas questões em concursos públicos envolvendo o significado das orações. Procure ver qual conjunção poderia ser usada no texto. No início do livro, você tem uma boa lista dessas palavras. No caso da questão, poder-se-ia começar a segunda oração com a conjunção porque: porque não há calendário para a saudade. Sim, porque o fato de não haver calendário para a saudade faz com que não exista "essa coisa de um ano sem Sena, dois anos sem Senna".

3) Letra b

Normalmente a repetição de uma palavra, nos moldes em que aqui foi feita, expressa uma confirmação, uma convicção do autor. As outras palavras, por si mesmas, se eliminam.

4) Letra **a**

Há várias figuras de sintaxe que consistem na repetição de termos. Veja as mais importantes:

a) anáfora: repetição de uma palavra ou expressão no início da frase, membro da frase ou verso.

Ex.: "Vi uma estrela tão alta!

Vi uma estrela tão fria!

Vi uma estrela luzindo..." (Manuel Bandeira)

b) Epístrofe: repetição no final.

Ex.: "Chegou a hora da névoa. No peito e nos olhos, névoa. Quero guardar-me da névoa. Porém é inútil: há névoa." (Henriqueta Lisboa)

c) Símploce: repetição no início e no fim

Ex.: Tudo ali precisa de explicação. Tudo ali merece uma boa explicação

d) Pleonasmo: repetição de uma idéia ou de um termo da oração (objeto direto, objeto indireto ou predicativo do sujeito)

Ex.: Vi tudo com meus próprios olhos, (repetição da idéia)

Esse livro, já o li há muito, (o —> objeto direto pleonástico)

e) Quiasmo: repetição e inversão simultâneas de termos; há uma espécie de cruzamento.

Ex.: “No meio do caminho tinha uma pedra tinha uma pedra no meio do caminho.” (C. D. de Andrade)

Texto II

5) Letra **c**

Há uma visível mudança profissional. Os comentários da questão seguinte servem a esta. ,

6) Letra e

Quem corre atrás de eleitores é político. A palavra **senador** é específica. Veja bem: não se pode levar em conta que o autor, cujo nome aparece com o texto, seja conhecido. José Sarnei *é* senador da República. Mas o texto não sugere isso; cuidado, portanto! Quem corre atrás de leitores é escritor, que é o termo genérico. **Jornalista** e **romancista** são termos específicos, e nada no texto sugere essas profissões.

7) Letra b

Observe que se pergunta sobre a primeira atividade, não a que ele busca agora. Veja os comentários da questão seguinte.

8) Letra c

A expressão “passei a vida” dá nitidamente uma idéia de coisa duradoura. Passar a vida fazendo alguma coisa é, necessariamente, algo demorado.

9) Letra e

Todas as palavras ou expressões indicam tempo. As quatro primeiras referem-se ao presente; a última, **recentemente,** ao passado. **Agora** é tempo presente; **recentemente;** tempo passado.

Texto III

10) Letra b

O autor demonstra **respeito** pelos animais, no momento em que não os força a fazer coisas para as quais sua natureza não está preparada. Ou seja, ele respeita os limites de cada um. Não se trata necessariamente de **amor** ou **solidariedade,** como alguns podem pensar.

Pode-se respeitar sem que haja amor, no mais profundo sentido do termo. A solidariedade é uma atitude de apoio àquelas pessoas que se encontram em dificuldades de qualquer espécie. **Fé** e **tolerância** seriam escolhas absolutamente inadequadas.

11) Letra d

Se o autor fosse um **adestrador frio,** não hesitaria em forçar os animais. **Treinador qualificado** não serve como resposta, pois nada garante no texto que ele seja muito bom adestrador. Ele poderia respeitar os animais e não saber treiná-los devidamente. **Adestrador filantropo** é absurdo. Filantropia é caridade, ajuda incondicional aos necessitados do corpo ou do espírito. Talvez haja dúvidas entre as letras **a (treinador atento)** e **d (adestrador consciente).** Fica melhor a letra d, por duas razões: **adestrador** é termo adequado, por se tratar de treinamento de animais; **consciente** diz mais do que **atento,** pois o autor está consciente das limitações dos animais.

12) Letra e

As duas primeiras opções dizem a mesma coisa e indicam o oposto do que o texto nos apresenta. A letra **c** não tem sentido algum, pois, se a natureza permitisse, o adestrador poderia tentar normalmente.

A letra d dispensa comentários, em face do seu absurdo. A resposta só pode ser a letra e, pois fala do respeito que o autor tem pelos limites de seus animais.

Texto IV

13) Letra c

Ao dizer que está com saudade de ficar bom, o autor afirma, de maneira literária, que está doente. Isso elimina as letras **a** e e. “Escrever é conseqüência natural.” Conseqüência de quê? De ficar bom, ou seja, ficando bom, ele volta a escrever. Ele só não está escrevendo por estar doente. Daí o gabarito ser a letra c.

14) Letra d

A resposta pode parecer a letra b. Mas, numa análise mais profunda, observa-se que o autor tem vontade de ficar bom para voltar a escrever. Se escrever é uma conseqüência natural de ficar bom, é algo que ele não pretende deixar de fazer, é o que ele realmente mais almeja. **Trabalhar** não serve como resposta pois é um termo genérico, enquanto escrever é específico.

15) Letra b

Os comentários da questão anterior se ajustam também a esta. Cuidado apenas para não confundir as opções **b** e e. O autor não tem saúde, ele está doente e deseja recuperar a saúde para poder escrever.

Texto V

16) Letra d

A comparação não é feita entre Deus e a internet, como possa parecer, mas sim entre a mente (de Deus) e a internet. É diferente.

17) Letra c

Veja bem o que o texto nos transmite: a mente (de Deus), da mesma forma que a internet, podem ser acessadas por qualquer um, ou seja, elas são acessíveis. Se são acessíveis, é porque têm acessibilidade. Daí o gabarito ser a letra c.

18) Letra d “

O conectivo comparativo a que se refere o enunciado da questão é a conjunção **como. Tal qual, que nem** (popular), **qual** e **feito** (popular) poderiam ser usados sem alteração de sentido. A preposição **para** não tem esse valor, além de, nesse caso, deixar o texto sem coesão textual e coerência.

19) Letra e

Paráfrase é uma reescritura do texto, sem alteração de sentido. É comum em alguns tipos de concursos. Na letra e, ao se dizer que “a mente de Deus pode acessar”, o sentido se altera radicalmente, pois *a mente* passa a ser ativa, ou seja, ela passa a praticar a ação, quando no texto ela sofre a ação, as pessoas é que a acessam, da mesma forma que acessam a internet.

Texto VI

20) Letra e

Ao dizer que “Deus é o ópio do povo”, Marx faz alusão aos efeitos dessa droga, por comparação, naturalmente. O ópio não deixa o usuário pensar direito, tanto é que ele faz uma série de bobagens que não faria se estivesse sem a droga no organismo. Assim, a idéia que ele quer passar é que Deus também não deixa o povo pensar.

21) Letra c

O autor afirma que Marx não entendia de Deus, nem de ópio. Por isso a resposta só pode ser a letra c.

22) Letra a

Leviandade consiste em se falar sobre algo que não se conhece direito. As outras opções se excluem por si mesmas.

23) Letra d

Ter fé *é* sentir, de maneira profunda e inexplicável, alguma coisa. A fé se sente. Deus, sendo uma experiência de fé, naturalmente só pode ser sentido. Observe que as outras opções não são absurdas, mas não correspondem ao que o autor do texto quer transmitir. Temos de buscar as respostas sempre no texto. Não importa o que sabemos de antemão. A palavra fé é a chave para resolver essa questão.

24) Letra c

O comentário da questão anterior serve também para esta.

25) Letra a

Metáfora é um tipo de comparação não enunciada, em que não se expressam o conectivo comparativo nem o elemento comum aos dois seres. Deus e ópio estão sendo comparados. Se o autor dissesse: “Deus é como o ópio”, haveria uma comparação ou simile, já que teríamos na frase o conectivo **como.** Afirmando diretamente, trata-se de uma metáfora, uma das mais importantes figuras de linguagem.

26) Letra e

Qualquer palavra que se refira a Deus ou a Jesus pode ser grafada com inicial maiúscula. É o caso, no texto, do pronome pessoal oblíquo átono Io, que tem como referente a palavra Deus. Não é obrigatório, dependendo apenas do gosto do escritor.

Texto VII

27) Letra b

O autor saiu de sua terra, mas sente como se isso nunca tivesse ocorrido, pois seu sentimento é todo dela.

28) Letra d

O texto passa uma impressão de que o autor continua ligado, espiritualmente, à sua terra. Fisicamente, claro, ele não está lá, como se vê no primeiro verso. Já o último verso mostra que ele permaneceu ligado a ela, por seus sentimentos.

29) Letra b

Ao sair da terra natal e não se adaptar ao novo lugar, em virtude de sua ligação afetiva com ela, o autor se torna confuso. Não se entenda aqui o verbo **perder** (perdi-me) com o seu sentido original. A idéia é a de não se encontrar, mentalmente, no novo espaço ocupado. Outra justificativa seria a palavra **ilusão,** que por si só demonstra um estado de confusão.

30) Letra a

Como já vimos, o autor saiu apenas **fisicamente,** pois espiritualmente continuou preso à terra natal. Cuidado com a letra b. É claro que ele gostaria de retornar, mas em momento algum essa idéia é expressa no texto.

31) Letra d

As palavras **amargura,** decepção, tristeza e **nostalgia** pertencem ao mesmo campo semântico. O autor sofre por não estar em seu lugar de origem, e todas essas palavras associam-se à idéia de sofrimento. Não é o caso de vergonha. Isoladamente, a expressão **ai** de **mim** poderia indicar vergonha, mas o texto fala apenas do sofrimento do autor por estar ausente, nada ele fez que pudesse envergonhá-lo.

Texto VIII

32) Letra b

Essa questão só pode ser resolvida com um conhecimento prévio, independente do texto. O Titanic, como se sabe, era um navio que naufragou, matando uma grande quantidade de pessoas. O autor apelou para essa imagem por querer falar de algo que também corre perigo de se tornar um desastre.

33) Letra e

Determinismo é uma filosofia segundo a qual quando uma coisa tem que acontecer nada pode impedir. Pode ser associada à idéia de destino, em seu sentido mais radical. Ora, ele acredita que o curso pode ser mudado. Também justifica a resposta o fato de as pessoas fazerem a história, ou seja, elas podem criar e evitar determinadas situações.

34) Letra b

Conquanto e **malgrado** são conjunções concessivas, sinônimas de **embora.** Elas criam uma oposição, o que não ocorre no texto. **Enquanto** e **apenas** são conjunções temporais, eqüivalendo a **quando.** Também não é essa a idéia. O gabarito só pode ser a letra b, pois a palavra **porquanto** tem valor de causa e corresponde a **porque.** Esse é o valor da palavra **afinal** no texto.

35) Letra d

A opção **a** destoa completamente, já que o autor acredita nas transformações. A letra **b** pode enganar. Observe, no entanto, que ela garante que sempre conseguiremos, desde que tentemos. O texto não garante que isso vá ocorrer, apenas que se deve tentar. A letra c não pode ser a escolhida pois o autor diz para tentarmos o impossível. É lógico que, se conseguirmos, aquilo apenas teria tido a aparência de impossível. A afirmação da opção **e** não encontra nenhum apoio no texto, que não faz distinção entre quem pode conseguir e quem não pode. A resposta só pode ser a letra d: se não desistirmos, até o que parece impossível poderá ser alcançado.

36) Letra c

Esta questão praticamente foi comentada na anterior. Não se pode desistir de algo, ou seja, não se pode desanimar.

Texto IX

37) Letra e

O sonho e a esperança são coisas extremamente pessoais, que existem no mais profundo recanto de cada ser. O artista, segundo a autora, tem a capacidade de mexer ali, com o seu trabalho. A opção **a** poderia enganar alguns, já que a afirmação é indiscutível; mas não há nada no texto que diga isso. Assim, a resposta só pode ser a letra e, pois o sonho e a esperança, trabalhados pelo artista, estão no íntimo das pessoas.

38) Letra e

As três primeiras opções estabelecem algum tipo de comparação entre o sonho e a esperança, coisa que não aparece no texto.

A letra d parece ser a resposta, mas apresenta um radicalismo que não se deduz do texto, que não diz que todos sonham e têm esperança, ou mesmo que é impossível viver sem os dois. A letra e, que é a resposta, fala da importância que o sonho e a esperança possuem. No texto, a palavra que melhor explica esse fato é o adjetivo **essencial.** Veja a associação: coisa essencial —> importância capital.

39) Letra c

O comentário da questão anterior serve também para esta.

40) Letra d

Há muitas expressões que não pertencem à chamada língua culta, e sim à linguagem descontraída, familiar, que todos nós empregamos em determinadas situações. Meter **a** mão é uma dessas e tem, na realidade, mais de um significado. Pode ser entendida como **roubar.** Por exemplo: Ele é funcionário e, por causa disso, está metendo a mão. No texto, assumiu o valor de **pegar, tocar.** Cuidado para não optar pela letra b! A Idéia não é de intromissão, que tem valor pejorativo, mas de tocar o sentimento de alguém.

41) Letra d

O texto não faz nenhuma menção à paz. Por isso a resposta só pode ser a letra d. As três primeiras são evidentes. A “carência de sentimentos” da opção **e** se justifica com a palavra **resgatando.** Resgatando o quê? Dois sentimentos: o sonho e a esperança, que muitas pessoas perderam. Daí a palavra **carência.**

42) Letra c

Esses é pronome demonstrativo, refere-se a algo que passou no texto. A palavra **tais** tem o mesmo valor. **Bons** é adjetivo, estaria expressando uma qualidade que não se encontra no texto. **Certos, outros** e **muitos** são pronomes indefinidos e, da mesma forma que **bons,** mudariam o sentido da frase.

Texto X

43) Letra d

Ao dizer que não aceita “prêmios de empresas ligadas a grupos multinacionais”, o autor revela o seu amor pelo Brasil; também quando diz que não é traidor do seu povo. A esse sentimento se dá o nome de **nacionalismo. Megalomaníaco** é todo aquele que tem mania de grandeza. **Narcisista** é aquele que se acha bonito e se apaixona por sua própria imagem; a palavra tem origem na história do pastor Narciso, que, ao ver sua imagem refletida nas águas de uma fonte, apaixonou-se por ela.

44) Letra b

Venal significa “aquele que se vende, corrupto”; veja que ele diz que não está à venda. **Pusilânime** é covarde, **fmprobo** é desonesto. Na realidade, aceitar o prêmio não seria uma postura desonesta, apenas ele se sentiria como que vendido.

45) Letra b

O sentimento de nacionalismo do autor, que já comentamos, faz com que ele ache que aceitar um prêmio desse tipo seria voltar-se contra o seu país, ou seja, ele não estaria servindo ao Brasil, mas às multinacionais. Alguns podem ter pensado na alternativa c. Observe, contudo, que em momento algum ele diz ou sugere que detesta todas as empresas multinacionais. O que ele não quer é que lhe dêem prêmio algum, apenas isso.

46) Letra a

Esse período poderia ser iniciado pela conjunção subordinativa causai **porque,** ou um seu sinônimo. O fato de ele não ser traidor nem estar à venda faz com que não receba aqueles prêmios.

47) Letra d

É uma questão que pode confundir. Note que quando alguém usa essa expressão, ela não está necessariamente revoltada com alguma coisa, ou irada. Também não se poderia pensar em **ironia** ou **desprezo.** Esses sentimentos não afetam o autor ao longo do texto. Dizer “Deus me livre!” é o mesmo que garantir que não se quer, de jeito algum, uma determinada coisa. Daí o gabarito ser a letra d.

Texto XI

48) Letra e

“Transcorrer sem brilho” corresponde semanticamente a ser quase apagado. Das outras opções, a única que talvez confunda o leitor é a primeira, letra a. Acontece que o século XVII não chamou a atenção por ser meio apagado. Teria chamado a atenção dos historiadores se tivesse sido brilhante. Veja também que o autor diz “sem que sobre esse período se detenha a atenção dos historiadores”.

49) Letra a

A questão dispensa comentários, já que se trata de um mero problema de vocabulário. É só consultar um bom dicionário.

50) Letra c

Meia-luz quer dizer pouca luz. Assim, **quase pagada** surge no texto como um elemento de reforço, um tanto redundante. Não se deve pensar que se trata de uma explicação (letra d), já que elas possuem o mesmo valor semântico. Não se pode dizer, por exemplo, a título de explicação, que um cão é um cachorro. Não se explica nada com o seu sinônimo.

51) Letra b

A letra **a** é impossível pois não se diz no texto que os historiadores detestaram o século XVII; ao contrário, esse século não chamou a atenção deles. Nas opções c e e, existem comparações envolvendo os séculos XVI, XVII e XVIII; o texto apenas situa, o que é uma coisa lógica, o século XVII entre os outros dois. A opção **d** nos fala das coisas interessantes da história do Rio de Janeiro; com certeza, elas existem, mas não no texto. A resposta da questão, letra b, se justifica com o que aparece no final do texto: “...os que se deixam fascinar pelos aspectos brilhantes da história.”; esse “os” do trecho corresponde exatamente a **certas pessoas,** da alternativa **b.**

Texto XII

52) Letra c

As duas opções que poderiam confundir a cabeça do leitor são **a** e c. Na letra a, diz-se que o totalitarismo atrapalhou a carreira do cineasta; acontece que ele deixou de fazer filmes. Então não apenas atrapalhou, mas encerrou sua carreira. O texto diz que “A Fraternidade é vermelha” foi seu último filme; foi, por causa do totalitarismo socialista.

53) Letra e

Veja os comentários da questão anterior.

54) Letra c

O sentido geral do texto leva a essa suposição. Podemos juntar duas coisas: ele foi vítima do totalitarismo socialista, que é materialista, e conseguiu chegar perto do conceito de Deus. O cineasta, assim, teria desagradado por sua posição em relação a Deus.

55) Letra c ’

Fraternidade é palavra de valor positivo, lembra união, concórdia, religiosidade etc. Ela está associada no texto à palavra **vermelha,** que é usada para designar os socialistas e os comunistas e tem uma carga: emocional negativa; em princípio, é paradoxal dizer que a fraternidade é vermelha, pois são termos historicamente antagônicos. **Redundância** é um tipo de repetição desnecessária; por exemplo: erário público (erário é dinheiro público). Ambigüidade, também chamada de anfibologia, é duplo sentido; por exemplo: Paulo disse ao colega que seu irmão está doente (irmão de quem?). As outras palavras não apresentam dificuldade.

56) Letra d

O cineasta tinha declarado que aquele seria seu último filme. E foi realmente, como se ele tivesse previsto que sua carreira seria interrompida. Não confunda com a opção e. O fato de ele ter sido vítima do totalitarismo socialista fez com que sua carreira se encerrasse. A possível premonição estaria em o cineasta achar que aquele seria seu último filme, e isso realmente ocorrer.

57) Letra c

Como vimos, a palavra **vermelho** tanto podia designar os socialistas como os comunistas. No texto, por causa da menção ao totalitarismo socialista, ela aparece ligada ao socialismo. **Totalitária** é palavra que se refere a um regime de força, centralizador, qualquer um, não apenas comunista ou socialista. **Materialista** é a filosofia que prega a existência apenas do elemento material. **Espiritualismo** é a crença em algo mais além da matéria e que sobrevive à morte do corpo; todas as religiões são espiritualistas: espiritismo, catolicismo, protestantismo, budismo, judaísmo, islamismo etc. Espiritualismo não é, portanto, sinônimo de espiritismo, como muitos pensam.

58) Letra e

Uma vez que tem valor de causa. **Porque, pois, já que** e **porquanto** também são conectivos causais. O sentido mudaria radicalmente se usássemos **se bem que,** que tem valor concessivo, eqüivalendo a **embora.**

Texto XIII

59) Letra d

A primeira oração do texto diz: “Nem todas as plantas hortícolas se dão bem durante todo o ano...” Então, deduz-se, algumas se dão bem durante todo o ano. O fato de o autor escrever “nem todas” elimina todas as outras opções da questão. Convém ainda destacar que as opções **a** e c têm mesmo sentido: é uma questão de palavras.

60) Letra a

A resposta se justifica com a passagem “fazer uma estruturação dos canteiros a fim de manter-se o equilíbrio das plantações”. Na letra **a** isso é dito, porém com outras palavras.

61) Letra d

Por isso é conjunção coordenativa conclusiva. Também o são: **portanto, logo, então** e **assim,** pelo menos nesse texto, que não teria o seu sentido alterado. A palavra **porque** nunca tem esse valor de conclusão; o texto com ela ficaria sem coesão e coerência.

62) Letra e

Verduras é, segundo o texto, o nome genérico para folhas, legumes e tubérculos. A letra **a** pode ser logo eliminada, já que os tubérculos são um tipo de verdura. As opções b e **c** são eliminadas pois eles não são a mesma coisa; todos são tipos de verduras, mas são tipos diferentes. Na letra d, a palavra **inclusive** altera o sentido do texto, em que aparece **sejam.** A letra **e** aponta exatamente o que diz o final do texto: **haverá** eqüivale a **não faltarão.**

Texto XIV

63) Letra d

O texto diz que a Bauduco está comprando a Visconti. Não interessa de quem ela seja subsidiária. Com exceção da opção a, as demais alternativas são absurdas.

64) Letra b

Se você observar bem, vai notar que as alternativas **a** e **c** têm o mesmo sentido. Na realidade, elas não indicam a conseqüência da proximidade do Natal. A conseqüência é o sigilo do negócio. A expressão **em razão** de é o mesmo que **por causa de,** ou seja, tem valor de causa; assim, o sigilo é mantido por causa da proximidade do Natal.

65) Letra d

A idéia do texto é que os varejistas poderiam ficar melindrados por causa do anúncio da união, daí o sigilo mantido pelas empresas.

66) Letra e

A expressão **à vista** pode significar o oposto de a prazo ou algo que está se aproximando, que já pode ser visto ou sentido. No texto, o sentido é o segundo. A letra c, naturalmente, não tem razão de ser. A negociação é dada no texto como certa, apenas é mantida em sigilo; não cabe, então, a letra **a** como resposta. Quando se diz que alguma coisa está à vista, ela certamente está próxima, o que invalida a opção b. A opção d é totalmente contrária ao texto, uma vez que a negociação já está ocorrendo. O gabarito só pode ser a letra **e.**

Texto XV

67) Letra e

O texto fala da morte de uma criança. Vários trechos comprovam isso: "um anjo dorme aqui" (no túmulo), "cedo finou-se" (finar-se significa morrer), "brincar no céu". Talvez alguns tenham anotado a letra c; acontece que o autor apresenta o fato sem demonstrar a sua própria tristeza: apenas mostra, liricamente, a morte da criança. Também não se pode pensar em um possível apego do autor pela criança; em nenhum trecho isso fica evidenciado, podendo até tratar-se de uma criança desconhecida do autor.

68) Letra e

O autor procura suavizar a idéia da morte. Usa, por exemplo, o verbo **dormir,** que transmite coisas boas, agradáveis. O próprio verbo finar-se é mais agradável do que o amedrontador **morrer.** Finalmente, todo o último verso tem essa finalidade, com força maior no verbo **brincar.** Trata-se de uma figura de linguagem conhecida como **eufemismo.** A **prosopopéia** consiste em se personificar alguma coisa; por exemplo: a árvore ficou triste. **Hipérbole** é a figura do exagero; por exemplo: estou morrendo de rir. **Metonímia** é uma troca de palavras, havendo entre elas uma relação real, concreta, objetiva; há vários tipos; por exemplo: ler Machado de Assis (autor/obra), não ter um teto onde morar (parte/todo) etc. Sobre o pleonasmo já falamos alguma coisa, ao comentar a questão 4.

69) Letra b

Normalmente **anjo** e **rosa** não pertencem ao mesmo campo semântico, já que não possuem nenhum tipo de relacionamento significativo. No entanto, no texto, ambos se referem à criança que morreu.

70) Letra d

Anjo e **rosa** são dois termos metafóricos referentes à criança morta. É como se o autor dissesse: esta criança é um anjo, esta criança é uma rosa. Esse tipo de comparação chama-se **metáfora.** Veja os comentários da questão 25. **Antítese** é o emprego de palavras ou expressões de sentido contrário; por exemplo: às vezes ri, às vezes chora. **Personificação** é o mesmo que prosopopéia (veja comentários da questão 68).

71) Letra c

Levantar (ou alevantar, como escreveu o poeta) **o véu** significa perceber bem as coisas, esclarecer-se. A pessoa com um véu no rosto não enxerga bem. Levantando esse véu, percebe melhor as coisas. Quem morreu foi uma criança, portanto não teve tempo de conhecer bem a vida, ou seja, não teve tempo de levantar o véu que a sua pouca idade lhe colocava no rosto. É uma expressão metafórica.

72) Letra b

Aurora no texto significa o começo da vida. É uma metáfora. A palavra **limiar** significa o início, e **somente** corresponde a apenas. Por isso o gabarito só pode ser a letra b.

Texto XVI

73) Letra c

A resposta está presente na passagem: "...nunca participaram, eles próprios, em combates contra a ditadura". Todas as outras características se encontram registradas no texto: o **pragmatismo** —> "excessivamente pragmáticos"; a **falta de sensibilidade** —> "não têm a sensibilidade"; a **tranqüilidade da vida** —> "vida fácil"; as **raízes na elite do Brasil** —> "vêm da elite brasileira"

74) Letra e

O terceiro *que* do texto tem como antecedente o substantivo **diplomatas,** que não são os do Itamaraty.

75) Letra c

Os homens do Itamaraty, segundo o autor, não têm vivência, porque tiveram vida fácil e não lutaram contra a ditadura. Por isso mesmo não têm a sensibilidade de outros diplomatas.

76) Letra a

Várias coisas são afirmadas acerca dos homens do Itamaraty. A conseqüência é que eles ficaram sem sensibilidade. Poder-se-ia começar esse último período por uma conjunção como **portanto,** que expressa uma conclusão ou conseqüência.

77) Letra d

É uma questão de sinônimos. Uma coisa óbvia é uma coisa evidente, e não necessária, real, justificada ou comprovada. **Obviamente** tem como sinônimo **evidentemente.**

78) Letra d

Ter vida fácil, para o autor, é uma característica dos diplomatas do Itamaraty, o que faz com que eles não tenham sensibilidade. Os outros diplomatas conhecidos do autor são sensíveis exatamente por não terem tido vida fácil.

Texto XVII

79) Letra d

Há três alternativas com o verbo **considerar.** As três podem ser eliminadas, uma vez que o texto não diz que os historiadores consideram alguma coisa. Esse verbo implica algum tipo de julgamento, o que não ocorre em nenhum momento. Diz, sim, que eles notaram a ojeriza que havia pela vida nas cidades, isso porque o Brasil-colônia era essencialmente rural. A alternativa **a** é descabida. Por isso, o gabarito só pode ser a letra d.

80) Letra b

O fato de o Brasil-colônia ser, segundo o texto, essencialmente rural leva à conclusão lógica de que a vida do campo prevalecia sobre a da cidade.

81) Letra c

Questão de sinônimos. Não há o que discutir. Na dúvida, consulte-se o dicionário.

82) Letra d

É importante, sempre, buscar no próprio texto os elementos necessários para se chegar à resposta da questão. Observe que a letra e, que parece ser a resposta, fala de um controle normativo da língua que i teria sido relaxado por ser o Brasil uma colônia de Portugal. Há aqui uma informação que não encontramos no texto, e nem pode ser deduzida. O que se encontra é que as cidades, por serem simples pontos de comércio ou de festividades religiosas, não podiam influenciar a evolução da língua. Assim sendo, as pessoas não seguiam normas lingüísticas ao se expressarem, e a língua passou a voar com as próprias asas. Por isso, o gabarito deve ser a letra d.

83) Letra b

Esta questão depende, um pouco, do emprego do verbo **preferir.** A letra **c** diz que a população não tinha preferência quanto a viver no campo ou na cidade. O texto diz que ela dava preferência à vida no campo. As duas últimas opções também podem ser eliminadas pelo mesmo motivo: na letra d, a preferência seria pela vida em Portugal, enquanto na letra d, pela vida no Brasil; não há esse tipo de comparação no texto. Nas letras **a** e b, o verbo **preferir** aparece usado em frases na ordem inversa. Em ambas, a palavra **vida** está subentendida, depois do pronome demonstrativo "a". Colocando na ordem direta a frase da opção b, teríamos: preferia a (vida) do campo à vida da cidade. Ou seja, gostava mais da vida do campo do que da vida da cidade, que é exatamente o que diz o texto. Cabe aqui uma outra observação. O objeto direto do verbo preferir é a coisa de que se gosta mais, que se prefere. Por exemplo: prefiro o futebol ao vôlei. O futebol, que é o objeto direto, é a coisa preferida.

Texto XVIII

84) Letra d

É uma questão de coesão textual e coerência. A segunda oração do período inicial do texto começa pela conjunção coordenativa adversativa "mas". Ou seja, a segunda oração é oposta, adversa, em relação à primeira. Sempre que isso ocorre, podemos eliminar a conjunção adversativa (mas, porém, contudo, todavia etc.) e colocar no início da outra oração uma conjunção subordinativa concessiva (embora, mesmo que, ainda que etc). É o que pode ser feito no texto. Agora, veja, abaixo, um outro exemplo, mais simples. Corri muito, mas não fiquei cansado. Embora tenha corrido muito, não fiquei cansado. Como se vê, o sentido básico de oposição é mantido.

85) Letra e

Vejamos letra por letra. A letra a está errada pois Eduardo Andrade se aposentará logo, ou seja, em curto prazo; como ele pertence ao grupo de vinte grandes executivos, os outros dezenove é que se aposentarão em médio prazo. A letra b deve ser eliminada porque o texto diz que quase todos estão nessa faixa etária, não todos. A letra c deve ser descartada uma vez que Eduardo Andrade se aposentará em curto prazo. A letra d não está correta pois o texto não fala da faixa etária de Eduardo Andrade; ele pode ser um daqueles que não estão na faixa entre 58 e 62 anos. O gabarito só pode ser a letra e, inteiramente de acordo com o texto.

86) Letra c

A empresa se mostra previdente porque, mesmo faltando um bom tempo para a aposentadoria da maioria de seus grandes executivos, ela já faz estudos nesse sentido e prepara um grupo de duzentos aspirantes, dos quais sairão os substitutos.

87) Letra d

Uma questão sutil que depende de um tempo verbal. A alternativa diz que ele está se afastando dos negócios da empresa. Não é verdade. Nas linhas 6 e 7, encontra-se o seguinte: "...deverá ir se afastando aos poucos..." Ele não está se afastando, irá se afastar.

88) Letra d

A opção **d** contém erro pois a empresa pensa, e com muito tempo de antecedência, na renovação de seu quadro de grandes executivos. A renovação se dará com a aposentadoria de cada um.

Texto XIX

89) Letra c

Há pessoas que não sentem a ausência de outras pessoas. Entende-se por "presença da ausência" que a ausência está presente, isto é, a pessoa sente essa ausência. Daí se poder entender como uma ausência sentida.

90) Letra d

O autor destaca, numa linguagem metafórica, coisas boas que a saudade traz. O não tomando a forma do sim, a escuridão passando a luzir, o sol na solidão.

91) Letra d

Presença é antônimo de **ausência,** isso constitui um antítese. Da mesma forma, **não** e **sim. Ausência de luz** se opõe semanticamente a **clarão. Que veda** (que fecha, que não deixa ver) se opõe a **traz a visão.** Sempre que palavras ou expressões são opostas quanto ao sentido, diz-se que constituem antíteses. Não há essa idéia de coisa contrária entre **sol** e **solidão,** porque solidão não é algo escuro, que se oporia à luz do sol.

92) Letra b

No texto, várias coisas ruins se transformam em boas. Por exemplo, o **não** (ninguém gosta de uma negativa em determinadas situações) que se transforma em **sim.**

93) Letra e

Questão bastante delicada. Aparentemente, duas opções serviriam como resposta: **c** e e. A ligação da oração “mas que se guardou no coração” é com “do que não se pode ver”: do que não se pode ver mas se guardou no coração; então, o que está no coração é o que não se pode ver; por isso a resposta é a letra e. Mas por que a ligação não é com a oração começada por **porque?** Volte ao texto, por favor, e verifique que essa oração (porque se deixou pra trás) pode ser retirada do texto sem que com ela tenha que ser retirada também a oração iniciada por mas. Outra maneira de comprovar isso é observar o emprego do pronome relativo **que:** do que não se pode ver mas (do) que se guardou no coração. Realmente, as duas orações estão ligadas diretamente.

Texto XX

94) Letra d

Um texto autobiográfico é aquele em que o autor fala de sua própria vida, de sua própria história. É o que ocorre no texto.

95) Letra c

O autor diz que o uso vulgar é começar o livro pelo nascimento. Assim, começar pela morte é uma coisa menos comum. Cuidado com os jogos de palavras que às vezes as alternativas apresentam. Na opção d, temos “não começar um livro por sua morte”, isto é, começar pelo nascimento, o que é uma coisa comum.

96) Letra b

Quando o autor diz estar em dúvida quanto a começar o livro por seu nascimento ou sua morte, na realidade está afirmando que já morreu. Também se pode chegar a essa conclusão quando ele se diz um defunto autor.

97) Letra e

Além de se colocar como um defunto autor, prestes a escrever sobre a própria morte, o autor afirma que Moisés também fez isso. Então, ambos falaram acerca de suas mortes. A resposta não deve ser a letra a, embora também seja uma semelhança; mas é uma coisa genérica, de pouca importância para o texto, que trata da morte do próprio autor.

98) Letra d

O autor diz que Moisés contou a sua morte no cabo, isto *é*, no fim. E ele tinha agido diferente, como se vê na linha 4: “a adotar diferente método...”

99) Letra c

No livro do autor, a morte aparecerá em primeiro lugar; Moisés fez diferente: colocou-a no fim. E o autor afirma que a diferença entre seu livro e o Pentateuco é exatamente essa. Assim, deduz-se, o Pentateuco foi escrito por Moisés.

100) Letra d

Autor defunto pode ser entendido como um autor que morreu, daí sua ligação com a palavra **campa. Já defunto autor** seria alguém que morreu e que passa a atuar como autor, para o qual, como se vê na linha 6, a campa se transformou em berço. Berço, aqui, simbolizando o início de uma nova fase. Por isso a ligação entre **defunto autor** e **berço.**

101) Letra e

Como um defunto autor ele terá pela frente uma nova fase, em que atuará como autor. Diferentemente do autor defunto, que não teria atividade alguma.

Texto XXI

102) Letra e

No início do texto, lê-se: “...prepara a abertura de uma fábrica no Brasil.” Então, ainda não está instalada aqui. Logo depois, temos: “...chegou ao país há dois anos...”. No final, é feita a citação da Cirio, cliente no Brasil. Juntando-se tudo isso, conclui-se que a resposta é a letra e.

103) Letra e

A alternativa **a** está errada porque o texto fala da facilidade logística junto ao Mercosul. A Combibloc apenas produz as embalagens para o atomatado Malloa, por isso não procede a alternativa b. A letra **c** pode confundir o candidato; na realidade, especificamente é a SIG Combibloc que ocupa o 2o lugar mundial, a SIG é o grupo inteiro; o texto, nesse particular, se volta para a Combibloc. Quanto à opção d, o texto diz que a Unilever está instalada no Chile, o que não garante que seja uma empresa chilena. A resposta se justifica com a terceira linha, pois 1 bilhão corresponde a 2/3 de 1,5 bilhão.

104) Letra b

A resposta se justifica com o trecho: “...pela facilidade logística junto ao Mercosul.” A palavra **junto** é a chave da questão. A letra d, embora pareça satisfazer, é apenas uma conseqüência disso.

105) Letra c

A que mercado se refere o texto? Ao de produção de embalagens longa vida. Na letra c, a palavra **mercado** está no plural, o que altera o sentido, uma vez que se trata apenas de um mercado.

106) Letra c

É uma questão simples de sinônimos. Não há o que discutir. **Incluir** não é o mesmo que **apontar.**

Texto XXII

107) Letra c

A resposta se justifica com o trecho: “Dificilmente se acomodavam, porém, ao trabalho acurado e metódico...”. A palavra-chave para a questão é o adjetivo **metódico,** que pressupõe rotina, coisa de que eles não gostavam.

108) Letra b

Questão de sinônimos. Basta consultar um dicionário para conferir. **Acurado** é o mesmo que **especial.**

109) Letra d

Cacofonia é o som desagradável que surge na união do final de uma palavra com o início da seguinte; por exemplo, nosso hino (suíno). **Neologismo** é palavra inventada, que não consta no vocabulário oficial da língua; por exemplo, imexível. **Arcaísmo** é o uso de termos antigos, em desuso; por exemplo, usar a palavra **físico** com o sentido de **médico.** Quanto à **ambigüidade,** veja os comentários da questão 55. Em **tendência espontânea** temos uma **redundância,** uma vez que a tendência é sempre espontânea, ou não seria tendência. Veja mais explicações sobre redundância na questão 55.

110) Letra c

Deduz-se que se trata dos índios, em razão de suas características e por serem chamados de antigos moradores da terra. Na realidade, é uma questão que exige conhecimentos extratexto.

111) Letra b

Justifica-se a resposta com o trecho: “...e que pudessem exercer-se sem regularidade forçada e sem vigilância e fiscalização de estranhos.” Ou seja, eles eram livres, gostavam de fazer as coisas de acordo com sua vontade, na hora que bem entendessem. A vigilância e a fiscalização os perturbavam, pois não gostavam de regularidade no trabalho.

Texto XXIII

112) Letra e

Quando o autor diz que “não conseguiram as bandeiras realizar jamais a façanha levada a cabo pelo boi e pelo vaqueiro”, está afirmando exatamente o que aparece na opção e, que é uma espécie de paráfrase desse trecho. A alternativa **b** é perigosa: o boi e o vaqueiro fizeram algumas coisas que as bandeiras fizeram, como a conquista de determinadas terras, mas o boi e o vaqueiro não fizeram as coisas ruins, como o sacrifício de indígenas.

113) Letra c

Quem catequizou os nativos foram o vaqueiro e o boi, como se vê na linha cinco.

114) Letra e

A resposta aparece, bem clara, no trecho: “...sacrificavam indígenas aos milhares...”. Isso é massacre, sem dúvida alguma. Observe que não há menção a possíveis maus-tratos contra os índios; provavelmente ocorreram, mas o texto não diz nada a respeito.

115) Letra d

Enquanto é conjunção, parte da locução **enquanto que,** onde o **que** é expletivo. **Assim** é um advérbio. Elas não têm nenhuma relação com as bandeiras ou com **o** boi e o vaqueiro, muito menos indicam **qualquer tipo** de oposição.

116) Letra d

A palavra **misteres** significa tarefas, atividades, ofícios. Não é sinônima de **cuidados,** cujo emprego, então, altera radicalmente o sentido do trecho. As outras palavras são sinônimas: catequizando, doutrinando evangelizando; nativo, indígena, aborigine, autóctone.

117) Letra b

A questão têm uma armadilha que muitas vezes derruba o candidato. A expressão “Com todo o aparato de suas hordas guerreiras...” é um adjunto adverbial de concessão, ou seja, é uma oposição ao que se expressa no verbo. Vários elementos podem iniciar esse tipo de adjunto, entre eles, **não obstante.** Daí a resposta ser a letra b. Agora, veja a armadilha: **mesmo** também pode ser usada no texto, sem alteração de sentido. Por que, então, a resposta não pode ser a letra a? Porque a palavra **mesmo** não poderia substituir, como pede a questão, a palavra **com,** mas antecedê-la. Teríamos, assim: “Mesmo com todo o aparato de suas hordas guerreiras...” Na letra d, a locução usada é **a** respeito **de,** com valor semântico de assunto. Não confunda com **a despeito de,** que poderia substituir a preposição **com** no trecho.

118) Letra a

O vocábulo **aparato** pode ser entendido como *organização de determinados atos públicos.* A expressão **hordas guerreiras** significa *grupos indisciplinados ou bárbaros voltados para a guerra.* A resposta só pode ser a letra **a.**

Texto XXIV

119) Letra d

A oração começada pela conjunção **por isso** é conclusiva e expressa uma conseqüência em relação ao fato de mais de 60% dos cariocas ainda se recordarem das Casas da Banha. Daí a resposta ser a letra d. Não poderia ser a letra c, como possa parecer, porque o texto não fala de nenhum acordo proposto à família Velloso, apenas cita o acordo.

120) Letra c

A resposta ao item anterior se ajusta a esta questão. A chave da compreensão é a palavra **por isso.**

121) Letra e

Funcionamento virtual não quer dizer sem fins lucrativos, o que invalida a letra a. A letra b poderia ser a resposta se a preposição utilizada fosse **em,** e não **de:** não venderão em supermercado, o que poderia sugerir a venda virtual. As opções **c** e **d** são facilmente descartadas; o que o trecho afirma é que as vendas serão feitas apenas (veja a importância da palavra) virtualmente, isto é, pelo computador, e não em lojas, como antigamente.

122) Letra b

Trata-se de uma questão de coesão textual, ou seja, as devidas ligações que existem entre as palavras ou expressões de um texto. Na palavra **ressuscitá-la,** o pronome **la** é objeto direto, a coisa ressuscitada, isto é, as Casas da Banha. **Daquela, uma** e **desaparecida** referem-se também às Casas da Banha. Então, semanticamente, estão ligadas ao pronome **la.** Isso não ocorre com a palavra **pesquisa.**

Texto XXV

123) Letra e

O erro da primeira opção é que a GM não é empresa brasileira. A segunda está errada porque o texto diz que a fábrica de Gravataí será usada como piloto, ou seja, ainda vai acontecer. Na opção seguinte, o erro está na palavra **semelhante;** a fábrica de Gravataí não é semelhante ao que está sendo criado no mundo, ela será o modelo para as outras. A alternativa seguinte não tem o menor apoio no texto, que não fala em transformação da fábrica de Gravataí. A própria Gm é que vai se transformar. A última alternativa está de acordo com o texto.

124) Letra c

Dizer que “a Internet passará a nortear todos os negócios do grupo” não significa que os consumidores não poderão comprar em lojas.

125) Letra a

O texto nos diz que a “Internet passará a nortear todos os negócios do grupo”. Isso terá como partida a planta da fábrica brasileira, considerada piloto da transformação. Então, a resposta só pode ser a letra a. Na letra d, a palavra deveria ser **totalmente,** e não **parcialmente,** já que a fábrica do Rio Grande do Sul será o modelo para as demais espalhadas pelo mundo.

126) Letra d

Questão que dispensa comentários, pois se trata de sinonímia. **Implementação** é o mesmo que **realização.**

127) Letra c

O prazo estabelecido é o ano de 2000.

Texto XXVI

128) Letra b

A locução prepositiva **em virtude de** introduz termo com valor de causa. O relacionamento das conquistas com o sofrimento do povo é exatamente de causa e efeito. O povo sofreu por causa das conquistas, pois muita gente não voltou para casa.

129) Letra d

A metáfora existe na comparação feita entre o sal do mar e as lágrimas do povo português. Há, pois, uma fusão entre o mar, que simboliza as conquistas, e as lágrimas, que simbolizam o sofrimento. O poeta quer passar a idéia de que não haveria conquistas sem o sofrimento do povo, as duas coisas estão intimamente associadas.

130) Letra c

Apóstrofe é a figura que consiste em chamar, interpelar alguém ou algo. Veja, como exemplo, o conhecido verso de Castro Alves: “Deus, ó Deus, onde estás que não respondes?” em que o poeta está interpelando, chamando Deus. **Epíteto de natureza** é um tipo de pleonasmo: leite branco, gelo frio, pedra dura; isto é, por sua natureza, o leite é sempre branco, o gelo sempre frio, a pedra sempre dura. **Sinestesia** é a figura que consiste em misturar sentidos (tato, visão etc.).; por exemplo: som colorido, mistura de audição e visão. As outras figuras já comentamos em questões anteriores. No poema, então, além da **metáfora,** encontramos uma **apóstrofe** (Ó mar salgado), um epíteto de natureza (mar salgado) e uma metonímia na palavra **Portugal,** palavra usada no lugar de **portugueses** (troca dos habitantes pelo lugar).

131) Letra c

Por causa da locução **em** vão, a resposta parece ser a letra a. O verso quer dizer que, apesar das orações dos filhos, muitos pais não regressaram. Mas o sofrimento do povo como um todo não pode ser considerado inútil, no momento em que o país conquistou, cresceu. A resposta só pode mesmo ser a letra c, pois, apesar das preces, muita gente perdeu seus entes queridos.

132) Letra e

O fato de se rezar em determinados momentos de aflição não significa necessariamente fé ou religiosidade. Qualquer um, mesmo sem ser religioso, pode orar em certos momentos da vida. É possível, assim, eliminar as alternativas **a** e **c**. O povo português é, como qualquer povo, inteligente. Mas nada no texto faz menção **a** isso. Elimina-se, então, a alternativa b. Também seria inadequado considerá-lo ambicioso, a partir dos elementos do texto. A resposta só pode ser mesmo a letra e: o povo demonstra grandeza e tenacidade ao sofrer pelo progresso do país.

133) Letra d

A resposta está, bem clara, na passagem: “Quem quer passar além do Bojador tem que passar além da dor.”; isto é, tem que vencer a dor.

134) Letra a

Nele se refere a mar. Entenda-se: *é* no mar que espelhou o céu.

Texto XXVII

135) Letra e

A resposta não pode ser a letra **a** porque os carros de bois dividiam a tarefa do transporte com as tropas de muares, como se pode constatar na linha 4. A letra **b** contém erro pois as tropas de muares é que surgiram no século XVIII, não havendo citação da época do aparecimento dos carros de bois. A letra c está errada porque os carros de bois foram usados juntamente com as tropas, e não após elas. A letra d também não está correta porque o texto não afirma tal coisa, diz apenas que eles ligavam os núcleos de povoamento entre si e com as roças e lavouras. O gabarito é a letra e pois o texto fala de lamaçais e trilhas quase intransitáveis, que só as tropas e os carros de bois poderiam vencer.

136) Letra d

Como vimos nos comentários da resposta anterior, o estado ruim dos caminhos, por causa das chuvas (lamaçais) e do verão (ásperas trilhas), favoreceu o uso das tropas e dos carros de bois.

137) Letra e

Os comentários das duas últimas questões se aplicam a esta. Vale destacar, aqui, dois trechos do texto: “...foram os carros de bois e as tropas os únicos meios de ligação...” (/. 7/8) e “De outra forma não se venceriam os obstáculos naturais.” (/. 9 e 10)

138) Letra a

Questão de vocabulário. **Muares,** com possíveis variações de sentido, **mulos, burros, mus** e **bestas.** Os cavalos não têm relação com os muares.

139) Letra c

O único adjetivo que não se aplica àquele tipo de transporte é nostálgico. Nostalgia é a melancolia causada pela saudade da pátria, segundo os dicionários. Por extensão, melancolia causada por qualquer tipo de saudade. Nada no texto sugere um transporte nostálgico.

Texto XXVIII

140) Letra d

O liberalismo restringe as atribuições do Estado. Locke foi o primeiro teórico do liberalismo. Assim, deduz-se que ele achava necessário restringir as atribuições do Estado. Mas cuidado com letra c. Ela afirma que a participação de Locke foi apenas teórica; não é verdade, se levarmos em conta que ele foi perseguido a ponto de precisar refugiar-se na Holanda.

141) Letra b

Se o liberalismo exprime os anseios da burguesia, segundo o primeiro período do texto, os burgueses só poderiam ser simpáticos a ele. Eles não poderiam ter simpatia pelo absolutismo ou pelos Stuarts, absolutistas por excelência. Não se esqueça de que o liberalismo se opunha ao absolutismo. A perseguição de Locke foi feita pelos absolutistas, o que invalida também a letra d. Agora, observe a letra c: os burgueses não seriam simpáticos às atribuições do Estado, e sim às suas restrições, conforme o final do segundo período do texto.

142) Letra a

Deduz-se do texto que a Revolução acabou com o absolutismo, tanto é que Locke pôde regressar da Holanda. A implantação do liberalismo foi conseqüência imediata da queda do absolutismo.

143) Letra d

A palavra **valores** não *é* sinônima de **anseios.** O texto teria o seu sentido radicalmente alterado. Convém dizer que não há sinônimos perfeitos, em língua alguma. Sinônimos são termos de mesmo significado ou, pelo menos, muito parecido. O enunciado fala em alterar substancialmente, e isso ocorre, sem dúvida, na troca de **anseios** por **valores.**

144) Letra e

Essa questão já foi comentada anteriormente. É, inclusive, o tema do texto.

145) Letra c

O texto não diz quem foi Guilherme de Orange, mas ele foi chamado “para consolidar a nova monarquia parlamentar inglesa”. Isso só poderia ocorrer se ele tivesse idéias liberais, pois o liberalismo estava se implantando naquele momento.

Texto XXIX

146) Letra d

A letra **a** pode parecer a resposta, mas contém um erro: as companhias de energia elétrica não se negaram a pagar os bônus. Segundo o texto, “...os consumidores nao precisavam ter lançado mao da Justiça para poder ter a garantia desse direito”, ou seja, as pessoas ficaram com medo de não receber, por isso apelaram; mas o texto não diz que as companhias se negaram a fazer o pagamento. A letra b é extremamente sutil e capciosa; não se trata de todos os tipos de consumidores, mas apenas dos consumidores de energia elétrica. As letras c e e não têm nenhum respaldo no texto. O gabarito só pode ser a letra d. Veja o que o texto diz a respeito do governo: “...não contou com tamanha solidariedade dos consumidores.”

147) Letra e

A resposta desta questão está expressa no seguinte trecho: “Decididamente, os consumidores não precisavam ter lançado mão da Justiça para poder ter a garantia desse direito.” (/. 13/14), ou seja, os bônus seriam pagos de qualquer forma, mesmo porque o próprio presidente da República garantiu isso.

148) Letra b

A palavra-chave para responder a essa questão é permanente, na linha 15. Permanente é algo que sempre ocorre.

149) Letra e

Ver os comentários da questão anterior.

150) Letra d

A resposta aparece, clara, no trecho: “Agem como se logo mais na frente não precisassem da população...” (/. 17/18); esse “logo mais na frente” refere-se a um futuro próximo. Eles não estão preocupados com o que virá, pensam apenas no presente.

151) Letra c

A Câmara de Gestão defende os interesses do governo, não das companhias de energia. O presidente não espera pagar, como afirma a opção b: o bônus, segundo ele, será pago. A letra d também está errada, porque não foi a Câmara de Gestão que garantiu o pagamento dos bônus, mas o presidente da República. A letra e não encontra nenhum apoio no texto. A resposta é a letra c. Basta reunir duas coisas: a redução do consumo de energia (1º parágrafo) e o trecho: “...para poder ter a garantia desse direito” (/.14).

Texto XXX

152) Letra d

Se o setor automobilístico impulsiona a economia de um país, como se vê no primeiro período, ele é de capital importância. Portanto, a economia não pode ficar sem o setor automobilístico. Corroboram essa afirmação os números apresentados ao longo do texto.

153) Letra c

A resposta surge, bem nítida, no trecho: “É consenso entre os economistas...” Consenso é acordo de opiniões, e o texto não fala, em momento algum, que se trata de economistas apenas ligados ao setor automobilístico.

154) Letra e

A letra **a** não satisfaz pois o texto nos informa da importância do setor automobilístico na economia de “qualquer país” (/. 2). As letras b e **c** são absurdas, totalmente contrárias ao tema do texto, que é a importância desse setor na economia. A letra **d** poderia confundir, mas ela fala de sustento, ou seja, todas as despesas de um indivíduo para que ele se mantenha; o texto diz apenas que 5 milhões dependem, em maior ou menor grau, do setor automobilístico; depender em menor grau não pode ser entendido como tirar o seu sustento desse setor. A resposta é a letra **e** porque, como se afirma no último período do texto, 1 em cada 4 reais foi gerado no setor automobilístico, o que quer dizer que três quartos não tiveram relação com a indústria de automóveis.

155) Letra c

A questão se baseia na diferença de sentido entre duas expressões muito conhecidas: a princípio e em princípio. A **princípio** *é* uma locução que só deve ser usada com o sentido de **no começo,** que é o que ocorre com **a começar,** no trecho destacado. Por isso, **a princípio, começando, principiando** e **iniciando** podem ser usadas sem prejuízo do sentido. **Em princípio** eqüivale a **em tese, teoricamente,** não podendo, pois, substituir **a começar.**

156) Letra a

A resposta se encontra no trecho: “Até na construção civil a presença das rodas é enorme.” Assim, a letra b fica automaticamente eliminada. Os 216 bilhões de dólares é a quantia movimentada pelo setor automobilístico, não apenas com os salários. A letra **d** é facilmente descartada. A letra **e** pode parecer a resposta, mas contém erro: o que o texto diz é que cada emprego em uma fábrica de automóveis gera outros 46 empregos indiretos, isto é, sem ligação direta com a fábrica; não se podem somar esses números, o que daria 47.

157) Letra c

A palavra até indica inclusão. A construção civil seria mais um segmento em que está presente o setor automobilístico. Assim, existem alguns segmentos.

Texto XXXI

158) Letra d

Os gregos antigos não conheciam o planeta Urano, que só foi descoberto em 1781. No inicio do texto se diz que os gregos e povos ainda mais antigos conheciam determinados planetas. A semelhança, segundo o texto, realmente existe (/. 4). A letra d é a resposta porque traz uma afirmação não contida no texto (veja o enunciado da questão). A maneira que eles tinham de fazer a diferença não dependia do uso de aparelhos; é, por sinal, o que afirma a opção e.

159) Letra c

No momento em que algumas coisas podem ser descobertas a olho nu, a resposta só pode ser a letra c.

160) Letra d

A locução graças a tem valor de causa, mas também indica soma (é igual a e); apesar de, concessão, oposição; com, modo; em, tempo. Só a preposição por, no trecho, indica causa: por ser própria —> porque é própria.

161) Letra e

O trecho nos diz que os gregos e os povos mais antigos conheciam esses astros. Na letra e, com o emprego da locução prepositiva através de, o sentido se altera.

A idéia passa a ser que alguém conhecia esses astros, por intermédio dos gregos e de povos mais antigos. Muda o agente da ação verbal.

162) Letra a

O texto diz que “as estrelas não variam de posição” (/. 6/7) e que “os planetas mudam de posição no céu” (/. 7/8). Também afirma que “as estrelas têm uma luz...que pisca levemente” (/. 9/10) e que “os planetas...têm um brilho fixo” (/. 10/11).

163) Letra d

O texto diz que o primeiro planeta muito distante da Terra a ser descoberto foi Urano. Já eram conhecidos Marte, Júpiter, Vênus, Saturno e Mercúrio. Assim, Plutão só pode ter sido descoberto depois de Urano.

164) Letra e

A resposta se encontra no seguinte trecho: “...”as estrelas, em curtos períodos, não variam de posição umas em relação às outras.” Se elas não variam em curtos períodos, é que variam em períodos longos de tempo.

Texto XXXII

165) Letra c

Comparemos dois trechos do texto: “...o Rosa não mudou.” (/. 6) e “É claro que houve mudanças desde sua descoberta pelos forasteiros.” (/. 9/10). Por isso, uma pequena contradição do autor.

166) Letra d

No primeiro parágrafo, o autor nos fala que, em meados dos anos 70, a Praia do Rosa permanecia exclusiva de poucas famílias de pescadores. Então, ela não despertou a atenção de surfistas e exploradores no início dos anos 70.

167) Letra b

O autor apresenta, com naturalidade, as excelências da Praia do Rosa. Até o momento em que fala das baleias. Ele mostra uma certa admiração, quando repete, numa interrogação, a palavra **baleias.** Mais admirado fica por se tratar de uma espécie não muito comum, as baleias francas, “que chegam a impressionantes 18 metros e até 60 toneladas”. As outras alternativas se eliminam naturalmente.

168) Letra d

A resposta da questão se encontra claramente expressa no seguinte trecho: “...esta região resiste intacta graças a um pacto entre moradores e donos de pousadas.”. A locução prepositiva graças a introduz adjunto adverbial de causa. Assim, o que ocasionou a preservação do Rosa foi o pacto, que, inclusive, não permitiu a especulação imobiliária.

169) Letra d

A palavra **mesmo** que inicia o referido período tem no trecho um valor claramente concessivo, ou seja, sua oração se opõe à oração seguinte, que é a principal. **A despeito de, não obstante, ainda que** e **posto que** têm, todas elas, valor concessivo. Já a locução conjuntiva **contanto que** têm valor de condição. Seu emprego, naturalmente, altera o sentido do trecho, aliás, mais do que isso, deixa-o sem coerência.

170) Letra a

A palavra possui, num dado texto, valor denotativo quando empregada com seu sentido normal, primitivo, real. Por exemplo, a palavra **flor** em “A flor é bonita”. Tem valor conotativo, quando usada com sentido especial, figurado. Como exemplo, a palavra **flor** em “Essa menina é uma flor”. Uma menina não pode ser uma flor, se se tratar realmente do vegetal. Ela só pode ser entendida se desdobrarmos a frase numa comparação: “Essa menina é bonita como uma flor.” A palavra **generosas,** no texto, não pode ser entendida como boas, caridosas etc. Literalmente, as ondas não podem ser generosas.

171) Letra c

A palavra **badalado** é um exemplo de linguagem descontraída, popular. Significa exatamente “muito falado”. Convém lembrar que nem sempre é fácil distinguir a linguagem culta, seja literária, jornalística ou outra qualquer, da linguagem dita popular ou coloquial. Um bom dicionário pode ajudar, pois costuma fazer a distinção entre uma coisa e outra. Considere linguagem popular, por exemplo, as gírias de um modo geral.

Texto XXXIII

172) Letra d

A resposta se encontra no primeiro período do texto. Quando percebemos que a vida é difícil para todos, poupamo-nos da autopiedade. Cuidado com a opção b: na realidade, nós nos dispomos a ajudar os outros quando nos livramos da autopiedade, ou seja, quando percebemos que as outras pessoas também sofrem. Veja o que aparece nas linhas 8 e 9: “É melhor ter pena dos outros...”

173) Letra **d**

O texto, como um todo, fala que não devemos ficar chorando pelo caminho, culpando o que quer que seja pelo que nos ocorre de ruim. Devemos, sim, lutar para vencer as dificuldades, que são naturais em nossa caminhada. Observe o trecho seguinte: “Não vale a pena perder tempo se queixando dos obstáculos que têm de ser superados para sobreviver e para crescer.” O autor afirma que os obstáculos têm de ser superados, e isso, naturalmente, pede esforço.

174) Letra e

A resposta está bem clara no trecho seguinte: “Ter pena de si mesmo é uma viagem que não leva a lugar nenhum.” Autopiedade é ter pena de si mesmo e não leva a lugar nenhum, isto *é,* a nada.

175) Letra b

No final do texto, encontramos o seguinte: “A questão não é receber boas cartas, mas usar bem as que lhe foram dadas.” Usar bem as cartas é o mesmo que saber jogar.

176) Letra d

É claro que todos esses sentimentos poderiam servir como resposta. No entanto, só uma opção tem realmente apoio no texto. A letra d é a resposta, como se observa no trecho: “...obstáculos que têm de ser superados para sobreviver e para crescer.” (/. 7/8)

177) Letra e

Segundo o autor, para resolver problemas, devemos usar as nossas melhores qualidades, que são “capacidade de amar, de tolerar e de rir”. (/. 12). Por isso a resposta é **amor** (capacidade de amar), **tolerância** (capacidade de tolerar) e **alegria** (capacidade de rir).

178)Letrac

Para o autor, as nossas dificuldades são uma coisa absolutamente natural, como se vê nas linhas 5 e 6. Se elas são naturais, são inerentes ao ser humano, não dependem de nós, portanto não as podemos evitar.

Texto XXXIV

179) Letra e

Alguns trechos sugerem essa postura do autor, principalmente o seguinte, nas linhas 16 e 17: “Agora as leis do mercado importam mais do que as leis da ética.” As leis do mercado, evidentemente, dizem respeito ao capitalismo. Só que - e aí está a maior crítica - elas valem mais do que as leis da ética.

180) Letra b

A palavra-chave, aqui, é **liberdade,** intimamente associada à democracia. O questionamento - e isso está bem claro - é a quantidade de pessoas famintas, apesar da liberdade trazida pela democracia.

181) Letra e

O pronome pessoal “lhes” não tem como referente o termo “seus governantes”, e sim “aqueles povos” (/. 24). Entende-se: “Mas é negado àqueles povos o direito de escolher...”

182) Letra d

Eles não são totalmente livres porque, como se vê no último parágrafo, não têm o direito de escolher um sistema social que não assegure a reprodução do capital privado

183) Letra c

Questão de sinônimo. Não há o que discutir. A palavra **ressaltar** significa **destacar.**

184) Letra c

O paradoxo pode ser entendido como uma contradição, pelo menos na aparência. Os termos que, com base no texto, possuem essa característica são **liberdade** e **fome.** A liberdade não deveria contribuir para o aumento da fome, conforme coloca o autor. Aliás, o texto se baseia nesse paradoxo, nessa contradição que se tornou uma triste realidade.

185) Letra c

A paráfrase, como já vimos, é uma reescritura em que se mantém o sentido básico do texto. Esta questão *é* delicada e, com certeza, vai enganar muitas pessoas. O problema é como entender “com o muro de Berlim”. A tendência talvez seja achar que o autor quisesse dizer “com a queda do muro de Berlim”, já que esse é um fato histórico que marcou a humanidade e é recente, comparado com a sua construção. Mas aí o texto não teria lógica alguma. Na realidade, o significado é de “com a construção do muro de Berlim”. Só assim tem sentido o restante do trecho: “ruiu quase tudo aquilo que sinalizava um futuro sem opressores e oprimidos”. Se fosse “com opressores”, a idéia seria realmente de queda do muro de Berlim. A alternativa c apresenta, assim, uma mudança de sentido absurda

ao afirmar “Com a queda do muro de Berlim”.

Texto XXXV

186) Letra d

As opções **a** e c apresentam o mesmo tipo de erro: a gasolina brasileira não é sempre adulterada nos postos, pois, por amostragem, isso ocorre apenas em quatro postos, num total de doze; da mesma forma, não se pode afirmar que os donos de postos de gasolina adulteram a gasolina, porque disso se entende que todos fazem tal coisa, quando essa prática só pode ser atribuída aos inescrupulosos. A letra **b** não tem qualquer apoio no texto. A letra **e** afirma o contrário do texto (veja o que o autor coloca nas linhas 17 e 18). A resposta se encontra no seguinte trecho: “Pior: quando adicionado por especialistas, o solvente quase não deixa pistas.” (/. 10/11)

187) Letra d

O IPT é o instituto que examina as amostras coletadas, como se vê no trecho “...segundo o laudo do IPT...” Os repórteres, claro, não são do IPT, mas da revista Quatro Rodas.

188) Letra e

O texto diz que a adulteração da gasolina é “indetectível em testes simples” (7. 11). Assim, a revista recorreu ao IPT para que ele, com a cromatografia, pudesse resolver o problema (veja as linhas 13-19). O fato de o instituto ser insuspeito não pode ser entendido como a causa da escolha, que seria, como o texto bem coloca, a capacidade do IPT de descobrir a adição fraudulenta de solventes à gasolina.

189) Letra b

É uma questão de sinonímia e coesão textual. **Segundo** é conectivo conformativo, ficando eliminada a letra d, pois **não obstante,** que eqüivale a **apesar de,** tem valor concessivo. Com **isso,** no trecho destacado, tem valor de modo, o que descarta as letras **a** e **e; apesar disso** tem valor concessivo, e **aliás,** retificativo. Já **que** é conectivo causai, eqüivalendo a **uma** vez **que,** que aparece nas duas opções que não foram eliminadas. A palavra **para** tem valor de finalidade, correspondendo a **a fim de,** ficando, então, como resposta, a letra b. A palavra **por,** se colocada no texto, assumiria um valor causal.

190) Letra e

Há erro na alternativa **a** porque os solventes só não podem aparecer em determinadas proporções. Veja o que se encontra no final do texto: “...quatro delas estavam adulteradas pela presença de solventes em proporções acima das encontradas na gasolina de referência da refinaria Replan...”. A opção b não tem qualquer respaldo no texto. A alternativa **c** contém erro, porque, ao detonar o sistema de combustão, os bandidos lesam especificamente o consumidor. A opção d é absurda. A letra **e** está inteiramente de acordo com o texto. Eis o trecho que justifica a resposta: “...uma revelação esperada...” (/. 20).

191) Letra d

O texto diz que a gasolina de referência da replan contém solventes, em proporções aceitáveis. Nesse caso, então, o solvente deixa de ser um veneno químico. Nenhum terrorista está adulterando a gasolina: a alternativa b é absurda. Nem todos os donos de postos são inescrupulosos; o problema da alternativa **c** é, pois, a generalização.

Observe a passagem seguinte: “Com isso, esses bandidos estariam lesando os concorrentes (porque pagam barato pelos adulterantes)...” Esta é a justificativa de a resposta ser a letra d. A letra **e** não satisfaz, já que em nenhum momento houve a desconfiança de que o problema ocorresse em seu próprio carro, e sim nos postos de gasolina.

192) Letra a

Questão de sinonímia. **Deram de** eqüivale no texto exatamente a **começaram a.** Todas as outras palavras ou expressões alterariam o sentido do trecho.

193) Letra c

A gasolina ideal seria a da Replan porque ela apresenta solventes na proporção adequada. Não é propriamente uma questão de poucos ou muitos solventes, pois isso é relativo. O que conta é a proporção permitida.

Texto XXXVI

194) Letra b

O autor declara que “o otimista é um cara mal-informado” (/. 10). Para ele, o ministro afegão é otimista em crer numa invasão de turistas. Agora, juntemos tudo isso com o trecho seguinte: “Os umbrais do atraso que FHC anuncia transpor e os encantos turísticos do Afeganistão são boas intenções ainda distantes da realidade.” A resposta, assim, só pode ser a letra b.

195) Letra d

O presidente FHC disse que “já vamos transpor os umbrais do atraso” (/. 4/5). Mais adiante, nas linhas 19 a 21, o autor afirma: “Quando Maria Antonieta perguntou por que o povo não comia bolos à falta de pão, também pensava que a monarquia havia transposto os umbrais do atraso.” A comparação com FHC fica evidente na palavra **também,** no trecho destacado. **Também** une as duas pessoas, FHC e Maria Antonieta, no que toca à idéia de terem sido transpostos os umbrais do atraso. Daí a resposta ser a letra d. A letra e poderia parecer correta, mas está errada. Maria Antonieta não é comparada a um cara mal-informado, ela era malinformada.

196) Letra c

Burra é uma palavra de pouco uso no português atual, com o sentido de cofre. Erário é dinheiro público. Assim, o trecho destacado tem o sentido de cofres do tesouro do Afeganistão. O crédito de esperança seria a possibilidade de haver, de acordo com o otimismo do ministro Abdul Rahman, uma invasão de turistas ávidos por conhecer Tora Bora e Candahar, o que encheria os cofres do país.

197) Letra d

Ao considerar o otimista “um cara mal-informado” (/. 10), o autor se vale de uma linguagem descontraída, coloquial. Mais precisamente no emprego da palavra **cara,** com o sentido de pessoa.

198) Letra e

O texto não diz nem sugere que eles estejam descontentes com a situação em seus países, ao contrário, uma vez que se mostram ambos otimistas. Para o autor, eles não têm visão social, por estarem equivocados em seus pontos de vista. O autor não os acusa de demagogos, apenas os considera mal-informados, o que nos leva a aceitar a alternativa e como resposta. A letra d é absolutamente inadequada em relação às idéias contidas no texto.

199) Letra d

A resposta da questão se encontra claramente colocada no trecho: “já vamos transpor os umbrais do atraso” (/. 4/5). A palavra já transmite nitidamente a idéia de que o país deixará logo de ser atrasado.

200) Letra c

O autor ironiza ao dizer que o ministro afegão poderia conseguir que muita gente visitasse as cavernas do país se contratasse um dos marqueteiros profissionais do Brasil, que prometem até eleger um poste para a Presidência do Brasil.

201) Letra e

Uma questão bastante sutil. Para alguns, parecerá que não há resposta. Acontece que só o ministro Abdul Rahman supervaloriza a capacidade turística do país; o presidente do Brasil fala em vencer o atraso, sem nenhuma citação ao setor do turismo.

Texto XXXVII

202) Letra c

Todo o texto fala da intolerância entre os homens. Na realidade, o fanatismo, também abordado, é uma conseqüência da falta de tolerância. O trecho que melhor explica a preocupação do autor com a intolerância é o seguinte: “Não há melhor antídoto contra a conduta intolerante que a liberdade...” (/. 15/16)

203) Letra b

Essa questão pede conhecimentos extratexto. O problema do Brasil, da Argentina, de Cuba e do Peru é de ditadura. O problema da Irlanda, mais precisamente da Irlanda do Norte, é a luta separatista envolvendo católicos e protestantes.

204) Letra e

A resposta se encontra, explícita, na passagem: “A solidariedade e a tolerância democrática, inexistentes no nosso tempo...” (/. 22/23)

205)Letra e

O antecedente do pronome relativo **que** não é a palavra **pluralidade,** colocada imediatamente antes dele, como possa parecer. Faça a substituição e você verá, pelo sentido, que o referente é **liberdade:** a liberdade consiste em defender idéias próprias.

206) Letra **a**

Nada no texto opõe o Brasil à Argentina. São apenas citados como países que passaram por problemas semelhantes no que toca à intolerância de seus governos autoritários.

207) Letra d

Questão de sinonímia. Basta consultar um bom dicionário para comprovar. O adjetivo **patológico** pode ser entendido como **doentio, mórbido.**

208) Letra c

Realmente muitos pensam que ser livre é fazer tudo aquilo que deseja, mas não é o que o texto nos diz. A letra **a** é absurda por si mesma. As alternativas b, d e e são parecidas, todas apontam para uma conduta egoística, que o texto procura combater. A resposta surge, clara, na passagem que segue: "...consiste em defender idéias próprias, mas aceitando que o outro possa ter razão." (/. 16/17)

Texto XXXVIII

209) Letra d

Todo o texto se baseia, com muito humor, na dificuldade que tem o autor em utilizar determinados aparelhos e objetos do mundo moderno: as torneiras de água quente ou fria, o *timer* nos videocassetes, a tecla *Num Lock* nos computadores.

210) Letra b

É uma questão fácil. O autor brinca com o conceito de modernidade e a possível dificuldade dos usuários de aparelhos modernos. Ele mesmo se diz incapaz de reconhecer coisas sabidamente simples.

211) Letra d

A hipérbole, figura de linguagem, aparece em quatro alternativas, de maneira mais ou menos evidente. Na letra a, que talvez possa confundir o leitor, ela se expressa na palavra **nunca.** Na letra d não existe hipérbole, pois o fato de alguém não saber programar o *timer* não constitui exagero algum.

212) Letra c

Com bom humor, o autor diz que, para saber usar a supertorneira, é necessário fazer um curso de aprendizagem bastante difícil. Daí ser ela um elemento complicador na vida dos usuários.

213) Letra c

As pessoas neuronicamente prejudicadas seriam aquelas com pouca inteligência, entre as quais ele, brincando, se inclui, já que não consegue fazer determinadas coisas aparentemente simples, como se vê ao longo do texto.

214) Letra d

No primeiro parágrafo do texto, o autor diz que o uso das letras Q e F marginalizaria os analfabetos, pois eles não reconhecem as letras; afirma também que o emprego das cores marginalizaria os daltônicos, que não conseguem distingui-las.

215) Letra c

O Boeing aparece apenas como ilustração de uma dificuldade sentida pelo autor. É claro que, em momento algum, ele fala na possibilidade de dirigir um avião.

216) Letra e

O autor afirma que não consegue gravar a posição das torneiras de água quente ou fria, entre outras coisas. É, nitidamente, um problema de memória.

217) Letra b

Questão de sinonímia. **Acuidade** pode, dependendo do texto, como este que estamos analisando, significar **perspicácia, sagacidade, agudeza de espírito.**

218) Letra a

Leia de novo o final do texto. Lá se diz que o autor estava confortável, ou seja, tranqüilo, ao usar, por exemplo, o chuveiro. Aí surgem os novos tipos de torneira.

219) Letra d

O eufemismo aparece na expressão “neuronicamente prejudicadas”, maneira mais suave de dizer **sem inteligência, ignorantes** etc.

Texto XXXIX

220) Letra c

Biotecnia é a técnica da adaptação dos organismos vivos às necessidades dos homens. **Exobiologia** é a ciência que estuda a possibilidade de vida extraterrestre. **Astrologia** é o estudo da influência dos astros no destino e no comportamento dos seres humanos. **Ufologia** é a ciência que trata da presença na Terra de naves extraterrestres, popularmente chamadas de discos voadores. **Astronomia** é a ciência que trata da constituição, da posição relativa e dos movimentos dos astros. A resposta, assim, só pode ser a letra c.

221) Letra d

O quarto parágrafo do texto mostra quando um astro entra na fase da maturidade. O exemplo dado é Antares, segundo o texto, “uma amostra de como ficará o Sol daqui a 4,5 bilhões de anos”. Ou seja, o Sol ainda não se encontra na maturidade, porém na meia-idade.

222) Letra c

Uma questão de coesão textual. O período apresentado é formado por duas orações, sendo que a primeira indica causa, e a segunda, conseqüência. É aquela estrutura que se aprende em gramática: tal...que, sendo a oração do **que** consecutiva. Ora, se começarmos pela segunda oração, com a eliminação desse **que,** a oração seguinte será subordinada causai. A única conjunção que tem esse valor é **porque.**

223) Letra e

O erro da letra e consiste em se afirmar que o aumento de calor se dá até a morte da estrela. Veja o que se encontra no 4o parágrafo: “Seu raio chega a aumentar 50 vezes e o calor se dilui.” (/. 25/26). Deduzse, então, que o calor não aumenta continuamente até a morte do astro. Chega um momento em que ele, o calor, se dilui.

224) Letra e

Não há nenhuma informação no texto sobre Antares pertencer ou não à Via Láctea. O que se diz é que ela pertence à constelação de Escorpião. Com base no texto, como diz o enunciado, não se pode fazer a afirmação da letra e. Aqui, o conhecimento extratexto do leitor não vem ao caso. É necessário que o texto o diga. Mesmo que a opção fosse “pertence à Via Láctea”, que é a verdade, ela continuaria a ser falsa, porque essa informação não é dada pelo autor.

225) Letra b

A resposta se encontra no último parágrafo, em especial no trecho: “...criando um corpo celeste extremamente denso chamado pulsar, ou estrela de neutrons.”

226) Letra e

Como se vê no último parágrafo, o buraco negro tem maior densidade do que a estrela de neutrons, também chamada pulsar. As Pleiades são estrelas jovens, o Sol está na meia-idade, e Antares, na maturidade. São diferentes, mas são estrelas. As outras opções não oferecem maior dificuldade.

227) Letra b

As conjunções **porque, mas, ou** e **à medida que** introduziriam, na frase, valores de, respectivamente, **causa, adversidade, alternância** e **proporção,** alterando totalmente o sentido dela. A idéia é de **adição, seguimento, conclusão,** valores expressos pela conjunção aditiva **e.**

Texto XL

228) Letra d

Até por exclusão, chega-se naturalmente à opção d. As outras apresentam sentimentos que, em nenhum momento, o autor deixa transparecer: ódio, descontrole, apatia, medo. Na realidade, ele se mostra revoltado com a injustiça social, com os preconceitos etc. E angustiado, em face do sofrimento do povo brasileiro, que nada pode fazer.

229) Letra e

A maior revolta que o autor demonstra é exatamente o fato de mostrarem aos brasileiros os fatos históricos de maneira deturpada, escondendo-se a realidade.

230) Letra d

A alternativa diz que a história oficial, ou seja, a que é apresentada ao povo, tende à versão do fato, e não ao fato em si. Assim, a história acaba sendo mascarada, para enganar.

231) Letra c

Todo o texto expõe a dúvida do autor quanto à independência, que aqui deve ser entendida de maneira mais ampla, não apenas o rompimento histórico com Portugal. O Brasil, segundo o texto, não é independente, no momento em que o povo continua sujeito a decisões arbitrárias de governos autoritários. Assim, o povo não seria de todo livre. Aliás, nem os governantes, para o autor, são livres. Leia o último período do texto, que deixa tudo bem claro.

232) Letra e

Governar a sociedade sem a participação dela é ato de ditadura, seja de que tipo for. Opondo-se a isso, teríamos o governar com a sociedade, característica maior da democracia.

233) Letra a

Todas as coisas desagradáveis levadas a efeito contra o povo (negros, escravos, índios, mulheres, lavradores, operários), durante toda a história do país, apontam para a alternativa a. Não se pode esquecer que, segundo o autor, tudo sempre foi camuflado.

234) Letra d

A frase deve ser entendida não apenas como a dúvida quanto a que caminho seguir, num determinado local. No contexto, ela surge como a convicção de que ele não vai fazer as mesmas coisas erradas que muita gente faz. Quer buscar um novo caminho no que tange às atitudes a serem tomadas na sociedade. É por isso que a frase de Antônio Maria foi aproveitada pelo autor.

235) Letra b

Questão de significado de palavras. É inquestionável. **Indelével** é o que não se pode **delir,** ou seja, **apagar.**

236) Letra d

O texto é uma crítica ao atual governo brasileiro, apesar de citar os governos como um todo. E o enunciado da questão fala em problemas brasileiros da atualidade. Veja o trecho seguinte: "...a pátria navega a reboque do receituário neoliberal..." No momento em que o texto é produzido (2001), o Brasil tem um presidente que se diz neoliberal. É um componente extratexto importante, mas não chega a ser essencial.

237) Letra e

É um modo de mascarar a realidade. O que o autor chama de intelectuais de aparência progressista seriam aquelas pessoas de renome, falando em modernidade como meio de evolução social, mas que acabam transmitindo idéias preconcebidas de maneira camuflada, de tal forma que o povo possa julgar que tudo está como deveria ser. Mesmo porque, segundo o autor, esses intelectuais estariam dando "um toque de modernidade aos velhos e permanentes projetos da oligarquia" (/. 39/40). Ou seja, nem tão modernos assim.

238) Letra c

Oligarquia é uma palavra de origem grega que pode ser assim dividida: olig / arqu / ia. **Olig** significa **de poucos, arqu** quer dizer **governo** e **ia** é um sufixo formador de substantivo. Assim, a palavra quer dizer **governo de poucas pessoas.**

239) Letra c

A escravidão dos negros é citada no trecho: "...os gritos arrancados à chibata dos negros arrastados de além-mar..." (/. 26/27); a opressão dos índios, na passagem:

“...ressoam os dos índios trucidados pela empresa colonizadora...” (*l*. 18); a discriminação da mulher, no trecho: “índios, negros, mulheres, lavradores e operários não merecem a cidadania...” (*l*. 33/34); a fome do povo, na passagem: “...50 milhões de pessoas que não dispõem de R$ 80 mensais para adquirir a cesta básica.” (*l*. 35/36). Não há nenhuma citação ou alusão ao voto-cabresto do

Nordeste.

240) Letra a

A casa-grande era a casa dos senhores; os escravos ficavam na senzala. O governo estaria na casa-grande, dominando o povo, como se este estivesse numa senzala.

241) Letra e

Todo o texto leva à idéia de que o povo nunca teve voz ativa no país. Sempre teve que aceitar o que lhe foi imposto. Daí a resposta ser a letra e, pois na democracia o povo tem participação ativa.

242) Letra d

Em todo o parágrafo, sente-se esse clima de esperança. Para o autor, nem tudo está perdido. O que melhor justifica essa resposta é a mobilização do Grito dos Excluídos. Se as entidades, religiosas ou não, estão agindo, ainda se pode ter alguma esperança.

Texto XLI

243) Letra d

É uma questão fácil. Todo o texto trata da discordância do autor em relação à famosa frase do astronauta. Aliás, isso é dito logo no primeiro período: “Ele não podia ter arrumado outra frase?” Depois, o ensaísta apresenta os seus argumentos.

244) Letra c

A resposta está na segunda metade do primeiro parágrafo, quando diz que a frase poderia ter sido “mais natural”, “menos pedante”, “mais útil” ou “mais realista”.

245) Letra a

Observe que as opções b, c e d se opõem, pelo sentido, às outras duas. A dúvida maior fica por conta das alternativas a e e. Com uma leitura atenta, verifica-se que o autor, em nenhum instante, deixa transparecer que duvida de que o homem tenha ido à Lua. A resposta é a letra a, porque o enunciado fala em algo exótico, ou seja, estranho. Aconteceu, mas é estranho, decepcionante, não encanta mais as pessoas, como a viagem de Gulliver encantava, quando de sua publicação.

246) Letra c

A resposta está, direta e integral, no segundo período do segundo parágrafo: “Convencionou-se que eventos solenes pedem frases solenes.”

247) Letra b

O que se afirma na opção **a** é descartado pelo ensaísta quando escreve que “a posteridade guarda também frases debochadas” (/. 12/13). O mesmo se aplica à alternativa c. A letra d pode confundir o leitor, mas o que ela apresenta não é a opinião do autor, como pede o enunciado, e sim uma convenção da sociedade. A última opção não tem nenhum apoio no texto. A alternativa b, que é a resposta, pode ser constatada no período: É a história em sua versão, velhusca e fraudulenta,...” (/. 14/15)

248) Letra d

A questão é independente do texto. A metonímia é a troca de palavras quando entre elas existe uma relação objetiva, real. No caso da questão, a palavra **suor** está sendo usada no lugar de **trabalho,** ou seja, ocorreu a troca da causa pelo efeito.

Texto XLII

249) Letra d

As opções a, b, c e e são parecidas. São todas superficiais, valorizando a imaginação e a alegria das crianças, a ingenuidade e a poesia dos tempos passados. O autor vai mais além, e a resposta pode ser percebida, principalmente, no 6o parágrafo, onde a alma sugere a personalidade profunda, enquanto que os espelhos dizem respeito ao exterior, que nem sempre reflete o que vai na profundidade do ser.

250) Letra e

O item I é correto em função do que aparece no trecho: “Depois, ao crescer, descobrimos...” (/. 9). O item II está errado, e isso fica evidente no 3o parágrafo: “Não, nós sabíamos que não éramos aquilo!”. Quanto ao item in, nada há no texto que garanta a sua autenticidade. Assim, somente o item I é correto, o que leva para a opção e.

251) Letra a

Com “Há casos, na vida” o autor apenas mostra que a situação é possível, mas não se pode pensar em generalização. Afinal, são alguns casos, apenas, situações particulares para as quais o texto chama a atenção. Na letra b, a palavra **aquilo** mostra bem o afastamento, diferentemente de **isto** e isso. A opção **c** também se baseia na noção de perto ou longe inerente aos demonstrativos: **isto,** proximidade total, refere-se ao que o falante é, enquanto **aquilo,** afastamento total, refere-se aos outros, afastados do falante. A letra d é clara: se temos um segundo eu, é porque existe um primeiro, original. Para a compreensão da alternativa e, vide a resposta da questão 249.

252) Letra b

A resposta fica nítida quando analisamos o início da pergunta: “Que pode...?” Ou seja, a alma não pode, mesmo porque é invisível, fazer nada contra aquilo que dizem dela, da mesma forma que nada pode fazer a pessoa diante de um espelho que lhe deforma a imagem. Aliás, todo o texto se baseia nisso.

253) Letra c

A resposta se encontra no quinto parágrafo, quando o autor pede ao leitor que tenha cuidado. A idéia é a seguinte: às vezes, as pessoas acabam acreditando naquelas imagens enganosas que fazem a seu respeito e, **conseqüentemente,** se despersonalizam, isto é, passam a assumir uma nova personalidade, um segundo eu. É a preocupação demonstrada pelo autor nesse parágrafo.

254) Letra a

“Por saber” eqüivale a “porque sabíamos”, com a conjunção subordinativa causai **porque.**

Texto XLIH

255) Letra c

A afirmação destacada no enunciado cria suspense, e nesses casos aguarda-se algo que realmente surpreenda.

256) Letra a

O segmento reforça a palavra **porco,** uma vez que ela realmente causa surpresa, estranheza no leitor. É como se o autor quisesse dizer que não houve erro no emprego da palavra **porco,** realmente foi ela que o leitor leu.

257) Letra a

As opções b, **c** e **d** se excluem naturalmente. Mas também não caberia a letra e, porque a palavra **como** transmite certa surpresa com o acontecimento, o que nos garante que ele realmente é incomum, não sendo registrado como normal. Da maneira como o autor redigiu o trecho em destaque, realmente o próprio porco teria providenciado seu embarque. Com o sujeito indeterminado, não haveria tal interpretação absurda: como conseguiram embarcá-lo...

258) Letra b

Temos aqui um caso de catacrese. **Embarcar** é *entrar no barco.* Na falta de palavras específicas para entrar no avião, no trem, no ônibus etc, usa-se o mesmo **embarcar.** Fenômeno idêntico ocorre com **enterrar,** na opção b. O verbo quer dizer *entrar na terra;* no texto, é usado em relação à comida.

259) Letra d

Quando uma palavra se refere a elementos que já apareceram no texto, diz-se que tem valor anafórico; quando a referência é a elementos que ainda virão, seu emprego é catafórico (há autores que chamam os dois de anafórico). A palavra **coisas** se refere à estranha viagem de um porco na primeira classe de um Boeing 757.

260) Letra c

Segundo e **conforme** são sinônimos. Normalmente conjunções subordinativas conformativas, são aqui preposições acidentais, uma vez que não iniciam oração subordinada, mas um simples adjunto adverbial.

261)Letra e

Sem escalas é termo empregado usualmente no transporte aéreo. A questão não oferece dificuldades.

262) Letra e

Questão bastante complicada. Nas quatro primeiras alternativas, é nítida a idéia de geral e específico. Por exemplo, o Boeing 757 é um tipo de avião, a poltrona é um tipo de assento etc. Essa idéia não é clara na relação passageiro /cliente. Nem sempre o passageiro é um cliente. No carro de um amigo, você é o passageiro, mas não é cliente do amigo.

263) Letra e

A resposta se encontra na palavra **estressado,** na linha **11.** A viagem de avião, por não ser algo normal para um porco, deixou-o estressado, tanto que começou a correr desesperado, até ser capturado e expulso.

264) Letra a

O porco fez uma série de coisas: correu, defecou, tentou invadir a cabine de comando. A última ação foi a entrada na cozinha. Realmente o verbo **acabar** está empregado com o seu sentido próprio.

265) Letra c

A letra **a** não cabe como resposta pois fala de outros aspectos, além dos de segurança e higiene. A letra **b** fala de "alguns aspectos", e não de todos. A opção d, entre outras coisas, emprega a palavra **somente,** que a elimina. A letra **e** diz da revisão das aeronaves, como se tivesse havido algum risco para os passageiros sob esse aspecto. A resposta só pode ser a opção c, uma espécie de paráfrase do trecho destacado.

266) Letra a

O texto, como um todo, leva a essa resposta. A letra **b** não tem nenhum apoio no artigo; em momento algum o animal foi servido em bandeja ou convidado a colocar o cinto de segurança. A letra **c** tem lógica, mas não se compara, em termos de surpresa, com a viagem do porco na primeira classe. As duas últimas alternativas são desconexas, principalmente a opção **e.**

Texto XLIV

267) Letra b

Normalmente, o relatório é uma narração, expõe fatos para apreciação de uma autoridade qualquer. Pode apresentar alguns traços descritivos ou dissertativos (argumentativos), mas, por sua essência, é basicamente narrativo.

268)Letra a

As letras b, c, **d** e **e** referem situações específicas. Não é o caso, pois o autor foi designado para verificar as "denúncias de irregularidades" para que o seu superior pudesse tomar a decisão adequada.

269) Letra c

O autor valeu-se de uma linguagem inteiramente denotativa, objetiva, como convém a todo relatório. Não fez uso de linguagem figurada, nem se preocupou com o esmero do vocabulário. Todos os outros itens são facilmente localizados no texto. Respectivamente, temos: primeira linha, todo o texto, linhas 18 a 21 e linhas 26 e 27.

270) Letra d

Desdobrando a oração reduzida de gerúndio numa desenvolvida, temos: “Porque fui designado por Vossa Senhoria...”. A conjunção **porque** introduz oração subordinada adverbial causal. A conseqüência se encontra na oração principal, cujo verbo é submeto.

271) Letra e

Volte ao texto e veja que “nesse sentido”, “ocorridas” e “apreciação” (apreciação de) podem ser retiradas do texto sem qualquer alteração de sentido. Tente fazer o mesmo com as outras e não conseguirá.

272) Letra b

Em documentos como o relatório, é importante tudo aquilo que possa conferir veracidade ao texto, e as datas precisas colaboram sobejamente nesse sentido. É uma característica desse tipo de texto.

273) Letra c

Questão de sinônimos. **Infundada** quer dizer exatamente **sem fundamento.** É só conferir em um bom dicionário.

274) Letra a

É uma questão bem simples. Lendo o texto com um mínimo de atenção, verifica-se que essa frase pertence ao narrador, não a uma personagem qualquer. Além da fala geral do narrador, temos no texto as falas do encarregado do aeroporto e do acusado. Nenhum deles se pronuncia no antepenúltimo parágrafo, de onde provém o trecho destacado.

275) Letra b

Outra questão de sinônimos. **Cumpre** significa, no texto, cabe. Os outros termos são descabidos.

276) Letra c

A resposta só pode ser a letra c, embora também se possa pensar na opção d. Nesta última, diz-se que a irregularidade é “não prevenir o chefe”, quando na realidade é “ter levado a máquina”. Mesmo que tivesse prevenido o superior, o funcionário teria errado, pois não se pode usar um bem público para fazer serviços pessoais, ainda que na própria repartição.

277) Letra b

A frase apresenta uma concordância nominal fora dos padrões da língua portuguesa. Vossa **Senhoria** é palavra feminina; **preocupado,** um adjetivo masculino. A concordância está sendo feita com a idéia que se tem sobre a pessoa, ou seja, trata-se de um homem. É o que se conhece como silepse de gênero.

Texto XLV

278) Letra a

De certa forma, a questão pede algum conhecimento da literatura brasileira. A autora faz alusão a famosos versos de Carlos Drummond de Andrade: “No meio do caminho tinha uma pedra / tinha uma pedra no meio do caminho”. Por isso ela disse que não estava fazendo imitação de poesia.

2 79) Letra c

Quando a autora diz que não há nada de poético na história que será contada, que é uma história triste, melancólica, nostálgica, deduz se que só histórias de outra natureza, ou seja, harmoniosas, podem ser consideradas poéticas.

280) Letra b

Trata-se de uma questão delicada, que pode enganar, se nos deixarmos levar pela primeira impressão. O que fez com que a autora contasse a história foi ter visto, em um documentário, a foto do jardim onde a mulher afegã brincara quando criança. Isso fez com que ela se lembrasse da pequena amendoeira decepada. A história, pois, tem como ponto de partida esse fato; se não fosse ele, ela não teria sido narrada. A infância da autora pode até ser anterior (nada no texto garante isso), porém o que a questão quer é o ponto de partida cronológico da história, daí a resposta ser a letra b.

281) Letra c

A resposta se encontra no trecho: “O documentário, feito antes da guerra com os Estados Unidos, fora gravado em solo afegão...” O documentário era, pois, sobre a guerra civil, quando houve o início da devastação do país. A guerra contra os americanos aumentou-a.

282) Letra d

Tanto a autora quanto a mulher afegã choram a perda de um bem natural pela atuação do homem. No caso da autora, pela necessidade do progresso; no da afegã, pela destruição causada pela guerra. A letra b fala em “contigüidade temporal”, mas o texto não permite qualquer dedução a esse respeito. Assim, sendo as outras opções descabidas, só podemos ficar com a letra d.

283) Letra b

A letra b sugere, em virtude da pontuação da frase, que a autora, criança na época, também ia soltar pipas. Observe que a única diferença entre essa reescritura e a frase do texto é a posição das vírgulas. A pausa dada à nova frase por meio de uma vírgula alterou o sentido.

284) Letra b

Denotativamente, raiz é a parte da planta que a prende ao solo. Figuradamente, passou a significar tudo aquilo que nos prende, nos fixa a um lugar ou a uma época. A autora do texto nos fala do passado, seu e da mulher afegã. As outras alternativas se excluem por si mesmas.

285) Letra d

A resposta dessa questão é óbvia. Não há sequer alusão, por breve que seja, à ocupação do espaço rural.

Texto XLVI

286) Letra b

A resposta só pode ser a opção b porque, segundo o texto, as peles eram importadas para os Estados Unidos. O que interessava aos exportadores eram tão-somente as peles.

287) Letra d

O texto não fala sobre a maneira como os sapos eram caçados. Basta lê-lo uma outra vez para verificar isso. As outras opções estão perfeitas.

288) Letra d

Antônimos são palavras de sentido contrário, não apenas diferentes. Na letra a, as palavras não têm relação de sentido. Na b, temos dois sinônimos. Na c, que talvez engane algumas pessoas, elas não são antônimas. O antônimo de **diminuição é aumento; progresso** não quer dizer **aumento. Inimigos** e **adversários,** na letra e, embora parecidos, não chegam a ser sinônimos, e muito menos antônimos. Realmente, **adulto** é o contrário de **filhote,** quando a referência é a animais.

289) Letra a

A palavra **principalmente** indica que os termos citados a seguir são os mais importantes, mas não os únicos. Assim, entende-se que o sapo come, além de outros insetos, mariposas, grilos e besouros.

290) Letra d

É questão de coesão textual. É necessário voltar ao texto e buscar as palavras destacadas. Não é difícil: pede atenção, apenas. O pronome **isso** não se refere aos substantivos colocados antes dele, mas sim ao fato de os sapos estarem sendo caçados. Ou seja, a enorme caça aos sapos fez com que sua população diminuísse drasticamente.

291) Letra c

A locução **isto** é possui valor explicativo. Tem largo uso em português e é empregada entre vírgulas, quando no meio da frase, o que é mais freqüente. Com medo de que o leitor desconheça o significado da palavra voraz, o autor resolveu explicá-la, utilizando-se da expressão **isto** é e indicando, então, um sinônimo, uma palavra mais simples: comilão.

292) Letra e

A questão trata do conhecimento dos radicais, contudo é muito simples. **Comilão** é o que come muito, logo pertencem à sua família lingüística as palavras **comida** e **comestível.**

293) Letra e

O texto nos diz que primeiro houve a caça aos sapos (/. 1/2). Como conseqüência disso, ocorreu “drástica diminuição da população de sapos” (/. 4/5). Com a redução dos sapos, aumentou o número de insetos, já que não havia mais tantos sapos para devorá-los (/. 9/10). Então começaram a surgir problemas na região (/. 11-14), com a invasão dos insetos. A conseqüência das dificuldades trazidas pelos insetos foi a proibição da caça aos sapos (/. 20/21). É só ler o texto, procurando cada indicação colocada nos itens numerados. Assim se chega, sem problemas, à letra e.

294) Letra d

Tanto **boca** quanto **goela** referem-se, indiferentemente, a humanos e animais. A questão pede conhecimentos extratexto.

295) Letra a

A resposta é a letra **a** porque o texto se baseia nos problemas causados pela matança indiscriminada de sapos, a qual gerou um desequilíbrio ecológico que foi o aumento sem controle de determinados insetos.

Texto XLVII

296) Letra a

Com exceção da letra d, todas as opções, em princípio, servem como resposta. É aquele caso famoso de se ficar com a melhor. Se lermos o texto com muita atenção, veremos que seu objetivo é mostrar que em todas as épocas houve violência. Essa intenção do autor surge evidente no primeiro parágrafo, quando ele diz que "tendemos a acreditar que o mundo nunca foi tão violento como agora;...". A partir daí ele vai tentar mostrar que a coisa não é bem assim. Vários fatos citados, que parecem servir como resposta da questão, são particularidades que, reunidas, provam a tese do autor.

297) Letra b

O emprego das aspas se deve a vários fatores. Um deles *é* a necessidade de reproduzir, com fidelidade, palavras de outrem. Há, no texto, dois trechos em que o autor cita palavras de Michel Rouché. Daí a resposta ser a letra b.

298) Letra e

Questão de sinonímia. **Cotidiano** (ou quotidiano) é o mesmo que **dia-a-dia.** Não confunda este substantivo com a locução adverbial **dia a dia,** sem hífen: estava evoluindo dia a dia.

299) Letra d

Muitos escritores usam essa técnica. Serve para aproximá-los de seus leitores. Com a primeira pessoa do plural, o autor se insere no conteúdo do texto, criando uma certa intimidade entre ele e os leitores.

300) Letra b

A resposta se encontra no trecho "...se fôssemos comparar o número de assassinatos que ocorriam naquele período, proporcionalmente à população mundial de então,..." (3o parágrafo).

301) Letra e

Questão de semântica, isto é, de significação. Não há, no advérbio **proporcionalmente,** noção alguma de tempo, e sim de modo (comparar de que modo?).

302) Letra c

Segundo e **conforme** são sinônimos. Veja os comentários da questão 260.

303) Letra e

Questão de paráfrase. A única frase que mantém o sentido da original está na opção e. Raciocine comigo: *o ato de matar não era reprovado* quer dizer que ele, o ato, *não tinha reprovação, era aprovado, tinha aprovação.* Partindo daí, pode-se eliminar quatro alternativas, sobrando, como resposta, a letra e.

304) Letra c

Também questão de paráfrase. *Ser comunicativo* não é *ter mais comunidade,* e sim *comunicação.*

305) Letra a

Observe que há, no enunciado, menção à classe gramatical: adjetivo violento. Assim, temos um substantivo (vingança) correspondendo a um adjetivo (violento). A resposta é a letra **a** porque o substantivo **violência** corresponde ao adjetivo **violento.** Em todas as outras opções, a segunda palavra não é adjetivo. Como se vê, a questão não é de formação de palavras, mas de classes gramaticais.

306) Letra c

Questão de semântica. **Interminável é** o que **não termina,** ou seja, que **não tem fim.**

307)Letra c

Cancioneiro refere-se especificamente a canções. **Pilha, monte** e **grupo** são coletivos gerais, não se referem a um único ser. **Hipódromo** não é coletivo, e sim o lugar onde se realizam corridas de cavalos.

308) Letra a

O que não permite que a expressão da letra **a** inicie o texto é a correlação de tempos verbais. Se o fizéssemos, teríamos a seguinte construção: *Assim que tiver sido realizada a vingança e assassinado o culpado da primeira morte, a mesma lógica passava a valer para parentes deste...*" Não há correspondência entre **tiver** e **passava.** Para que a frase ficasse perfeita, teríamos que usar o futuro do presente: **passará.** Uma coisa, nesta questão, chama a nossa atenção: não se deve simplesmente encaixar a palavra no trecho destacado; antes, é preciso voltar a ele e olhar o período inteiro. Faça sempre assim, em questões semelhantes.

309) Letra e

São as seguintes as palavras que causam intensificação, pela ordem de aparecimento: tão, tão, mais e bastante. São todas advérbios de intensidade. Na letra **e** isso não acontece.

Texto XLVIII

310) Letra c

Os destinatários do requerimento são os congressistas, por conseguinte a afirmação da letra **c** é falsa.

311) Letra e

Em nenhum momento o autor do requerimento fala na possível necessidade da edição de obras no idioma tupi-guarani. Uma releitura atenta mostrará isso.

312)Letra b

Questão de coesão textual. Na opção **a, fato** se refere à característica de empréstimo da língua portuguesa ao Brasil. Na letra **c, nosso país** tem como referente a palavra **Brasil.** Na alternativa d, **sua** refere-se a **suplicante.** Na opção e, **sua** tem como referente **povo.** Semelhante processo coesivo não se verifica com **proprietários da língua,** na letra b, que é a resposta.

313) Letra **a**

Até por eliminação, pode-se chegar à resposta. Na letra b, não se verifica no texto a presença de brasileirismos, termos próprios do nosso país. As letras c, d e **e** podem ser eliminadas, pois a linguagem do texto é culta, portanto formal, não apresentando palavras ou expressões de cunho popular. Na realidade, esta questão pede conhecimentos prévios sobre as diversas modalidades da língua.

314)Letra c

Trata-se de uma forma antiga, usada em requerimentos. A pessoa que escreve um requerimento está pedindo e, claro, aguardando deferimento, ou seja, aprovação do que é solicitado.

315) Letra a

No primeiro parágrafo, o autor do texto fala de si próprio e faz a solicitação objeto do requerimento.

316) Letra c

Os adjetivos que aparecem nas opções a, b, **d** e **e** têm valor objetivo, não dependem da opinião de quem quer que seja. Já a palavra **humilhante,** na opção c, tem um claro valor **subjetivo,** pois para muitos essa contingência pode não ser considerada humilhante. Trata-se da opinião do autor, por isso a resposta é a letra c.

317) Letra b

O autor foge à terceira pessoa ao empregar o pronome possessivo **nosso,** que se refere ao pessoal nós, primeira pessoa do plural.

Texto XLIX

318) Letra a

As opções **b** e **c** são semelhantes e vão de encontro à idéia central do tema, que é a preocupação real com a extinção de animais. As opções dee também se assemelham e não têm apoio no texto, que é objetivo e não faz nenhuma menção a qualquer tipo de religiosidade. A letra **a** é a resposta porque, no primeiro parágrafo, o autor apresenta coisas que o homem não faz, mas deveria fazer, para que o equilíbrio fosse alcançado.

319) Letra b

A resposta se encontra, além do texto como um todo (e aí levaríamos em conta o que se conhece do homem a esse respeito, portanto um conhecimento extratexto), na preocupação em controlar a exploração das florestas (2o parágrafo), exploração esta feita evidentemente pelo homem e que tem causado problemas de desequilíbrio do meio ambiente.

320) Letra c

Os vocábulos adequados para cada item são, respectivamente: **harmoniosos** (por causa do masculino homens, presente na série) ou **harmoniosamente; desmotivadamente; recíprocas,** que é o gabarito; **equilibradas** (o verbo **estar** pede um adjetivo); **florestal,** que quer dizer **das florestas,** não deve ser utilizado aqui, pois se trata de um complemento nominal, e não adjunto adnominal.

321) Letra c

Se as pessoas retirarem das plantas apenas o que vão comer, não haverá desperdício de alimento, isto é, não vai faltar comida mais tarde. Essa é a idéia do trecho, por isso a resposta só pode ser a letra c. Talvez alguns pensem na letra b, mas ela estaria incentivando o desperdício. Veja bem: tiraríamos tudo o que pudéssemos, inclusive aquilo que não utilizaríamos, e Deus colocaria tudo de novo no lugar. Quer dizer: arrancaríamos todos os frutos de uma árvore, até mesmo os verdes, e no dia seguinte a árvore estaria de novo cheia de frutos. Absurdo!

322) Letra b

Trata-se de uma prática de redação. Quando se omite uma parte do texto que se está reproduzindo, colocam-se pontos, entre parênteses ou não, para que a omissão fique evidenciada. É uma questão de respeito ao texto de outra pessoa ou ao de si mesmo.

323) Letra a

As letras b e c são inteiramente descabidas. As letras **d** e **e** particularizam. Já a letra a, que é o gabarito, fala do equilíbrio como um todo, ou seja, ecológico, sem especificar nada.

324) Letra c

Os parênteses têm múltiplo emprego. No caso da questão, o autor quis particularizar a significação do termo: não se tratava da preocupação de qualquer povo, apenas do brasileiro. A letra b poderia confundir; não é, no entanto, uma explicação; a palavra preocupação não é explicada pelo vocábulo brasileiros, e sim particularizada. Veja um exemplo de explicação, posta entre parênteses: Meu amigo (brasileiro por opção) não gostou da brincadeira. Neste caso, o termo poderia também aparecer entre vírgulas.

325) Letra d

O que o último período diz, em outras palavras e resumidamente, é que o aumento populacional de uma espécie ocasiona a diminuição de outra, e vice-versa. A conseqüência lógica disso é a desarmonia populacional dessas espécies. As letras a e b não cabem como resposta, embora pareça, porque no período em questão temos apenas um exemplo do problema da extinção e do aumento populacional das espécies. O autor poderia usar quaisquer outros animais para isso.

326) Letra a

Se o aumento do número de piranhas é a conseqüência do extermínio do dourado (bem como da ariranha e do jacaré), como diz o exemplo do autor, no último período, a resposta só pode ser a letra a: a morte do dourado é a causa do aumento do número de piranhas.

327) Letra b

Todo o texto, praticamente, faz essa intimidação, mas ela fica bem evidente nos trechos: “...mas também evitar...espécies de animais...” *[l.* 9-11) e “E a extinção...meio ambiente...” (/. 14/15)

Texto L

328) Letra c

Questão de sinonímia. **Renunciar** e **abandonar** podem ser usados indiferentemente no texto. É claro que nem sempre esses vocábulos serão sinônimos. Se dissermos, por exemplo, “ele abandonou a cidade”, o verbo **abandonar** não poderá ser substituído por **renunciar.** Vale dizer que não existem sinônimos perfeitos, em língua alguma.

329) Letra e

Temos aqui uma questão envolvendo coesão textual, ou seja, a ligação entre os componentes de um texto. Volte ao texto e veja que “alguém” é o ser que praticou um ato errado. Leia com atenção as frases destacadas nas opções da questão. A única em que o termo destacado não se refere a “alguém” é a última.

330) Letra a

Se o autor acha que ser tratado de maneira melhor do que se merece é um problema filosófico, é porque o ideal seria tratar a todos de acordo com as suas atitudes, o que nos leva para a letra a.

331) Letra b

Santo Agostinho dizia que devíamos detestar o pecado, mas não o pecador. O pecador, ou seja, quem cometeu um delito, é o agente; o pecado, isto é, o delito cometido, é a ação. Ele achava que o erro, o ato infeliz cometido é que deveria ser detestado por todos nós, nunca o indivíduo que o praticou. Assim, ele separava o ato do agente que o praticou.

Texto LI

332) Letra d

Questão de sinonímia. **Anacrônico** quer dizer **fora da moda, fora do uso corrente.**

333) Letra e

A preposição **com** possui inúmeros valores semânticos. Tem valor de companhia em frases do tipo: ele saiu com o irmão. No texto, não é nítida a relação, mas diríamos que seu valor nocional é de posse (país que tem regras obsoletas e vícios incrustados). O que não se pode aceitar é a idéia de companhia, que não existe no trecho em destaque.

334) Letra e

Na letra a, os empresários são criticados porque sempre lamuriam nas reuniões. Na b, o autor critica os empresários por quase não falarem no custo do capitalismo subsidiado. Na c, a crítica é aos grandes bancos por deixarem de pagar impostos. Na d, os empresários são criticados por causa da fraude ou do favor que os beneficiam. Não se depreende qualquer tipo de crítica na opção e.

335) Letra a

É necessário voltar ao texto, mesmo que a questão esteja calcada em um trecho. Este, por si só, não dá elementos para que se responda. É preciso saber quem paga. O texto diz, logo em seu primeiro parágrafo: “Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil, no preço que pagam para fazer negócios...”. O sujeito de **pagam** é **eles,** ou seja, os empresários. Assim o trecho destacado nesta questão representa a opinião do empresariado.

336) Letra e

A resposta aparece nítida no trecho “...que nos impedem de ser modernos e competitivos”. Só por curiosidade: o enunciado, por descuido, dá a resposta da questão anterior, quando diz “...que retrata a opinião do empresariado...”.

337) Letra a

A resposta só pode ser a letra **a** porque todos os termos apresentados são colocados pelo empresariado como obstáculos aos seus negócios. Assim, deduz-se que se trata de deficiências que atingem a situação socioeconômica dos empresários, daí seus lamentos expostos em todo o primeiro parágrafo. As opções **c**, **d** e **e** são facilmente descartadas, porém a opção **b** poderia trazer alguma confusão. Ela não serve como resposta pois fala dos problemas do país, em geral, enquanto na realidade os empresários se lamentam pelos problemas que os atingem, não demonstrando preocupação com todos os tipos de problemas nacionais.

338) Letra c

O empresariado é, evidentemente, capitalista. Assim, lucrando com algo que traz prejuízos ao país (segundo o autor do texto), eles quase não falam a respeito, porque seriam naturalmente questionados.

339) Letra b

É necessário ler com muita atenção o trecho. “Coisas do populismo irresponsável” refere-se a três termos citados anteriormente: “trabalho superprotegido”, “leis sociais ultrapassadas” e “outras bondades inócuas”. Isso lembra (e aí temos a necessidade de conhecimento extratexto) o famoso populismo, tão citado em relação a determinados governos. A palavra **populismo** está usada ironicamente, pois as três coisas deram errado, tanto *é* que há o reforço da palavra **irresponsável.**

340) Letra d

A injustiça social ocorre porque, se alguns pagam, todos teriam de pagar impostos. Claro que para isso eu não preciso recorrer ao texto. Mas é perigoso raciocinar assim, pois o autor poderia estar contrariando, por qualquer motivo, esse axioma. Tente sempre localizar no texto. À vezes uma simples palavra ou expressão responde ao que se quer. Por exemplo, a palavra **escândalo,** no início do segundo parágrafo. Também nos dá essa idéia a expressão **pela fraude ou pelo favor,** algumas linhas adiante (há alguns favorecidos, outros não, eis a injustiça social).

341) Letra d

Subtributação pode ser entendida como o ato de tributar por baixo, de maneira reduzida. Por isso a resposta é a letra d, que fala de impostos reduzidos. A palavra não se refere ao não-pagamento de impostos, o que elimina as alternativas **a** e **e**.

342) Letra a

O texto diz, no segundo parágrafo, que a subtributação sustenta o empresariado e ocorre por fraude ou favor. Ora, a fraude é cometida pelo interessado, que no caso é o empresariado. E quem dá favores que levem a uma subtributação só pode ser o governo, pois só ele tem esse poder.

343) Letra b

Lamuriar é chorar. No primeiro período do texto, a ação de lamuriar ou chorar é atribuída aos empresários.

344) Letra b

Ao favorecer o empresariado com **a** subtributação, o governo está colaborando com o roubo da elite, pois o dinheiro deixa de ser recolhido pelos cofres públicos, de onde sairia para bancar projetos sociais. Dessa forma, a população está sendo roubada.

345) Letra a

A subtributação, que é o pagamento de menos impostos, só existe porque há brechas no sistema tributário, devidamente exploradas para benefício do empresariado. Se não houvesse tais brechas, os empresários pagariam os impostos devidos.

346) Letra a

A resposta se encontra no trecho: "...mais lamentável e atrasado é o Desperdício Brasil, o progresso e o produto de uma minoria que nunca são distribuídos, que não chegam à maioria de forma alguma..." (3o parágrafo).

347) Letra b

A maioria, no texto, são os menos favorecidos; a minoria, aquela classe que possui em excesso. Com isso, a letra **a** é descartada, pois coloca dois grupos favorecidos. Na letra c, a palavra **economistas** destoa do que se imagina sobre uma classe poderosa, rica; **economista** é também trabalhador, pode ser rico ou pobre. Nas opções dee houve inversão: primeiro os menos favorecidos, depois os privilegiados. Assim, a resposta só pode ser a letra b.

348) Letra d

Afetar a miséria à sua volta seria fazer algo para acabar com ela ou, pelo menos, diminuí-la, sendo que o caminho lógico para isso é o da utilização dos impostos, a tributação. Como eles não retornam devidamente à população, como diz a letra d, que é o gabarito, a miséria continua a mesma.

Texto LII

349) Letra d

O texto fala de inúmeros problemas brasileiros, em quase todos os seus parágrafos. Mas, nos dois últimos, muda o tom e mostra otimismo em relação ao que os jovens podem fazer pelo país. Isso fica bem claro no trecho: "Quem sabe sairá do acúmulo de energia renovada dessa geração a solução de problemas que apenas se perpetuaram no fracasso das anteriores?"

350) Letra e

A questão se reporta à ordem de aparecimento dos conceitos. Assim, temos: **gigantismo** na linha 3 (“gigante adormecido”); **idealização,** linhas 5/6; expectativa, linha 11 (“só restava então aguardar o futuro”); **otimismo,** linhas 17/18.

351) Letra b

Muitas vezes a expressão corrente não pertence à língua culta, sendo manifestação da inventividade e improvisação do falante. “Botar pra quebrar” é uma delas. Se a observarmos bem, veremos que ao pé da letra é destituída de significação, além de contar com a presença de uma forma contraída da preposição **para,** pra, igualmente sem guarida na língua padrão.

352) Letra b

Questão de sinonímia. **Postergar** significa, entre outras coisas, deixar atrás, preterir.

353) Letra b

Esta questão, na realidade, é independente do texto, tomado apenas como elemento motivador. Diferentemente do que ocorre com as outras palavras, **personagem,** sem alteração de sentido, pode ser masculino ou feminino: o personagem é o homem ou a mulher; a personagem, também.

354) Letra a

Outra questão de sinonímia. Não há o que discutir. **Viço** significa vigor de vegetação nas plantas. Figuradamente é juventude, fase da vida em que se tem muito vigor; **ousadia** é o mesmo que audácia.

Texto LIII

355) Letra c
A letra **a** não cabe como resposta pois, embora as revelações sejam recentes, o texto não diz que foram feitas dias antes da elaboração do artigo. Também não pode ser a letra b, pois o período não diz nada sobre o mal que seria, para os brasileiros, a revelação das informações. Para muitos, vai parecer que a resposta seja a letra d; acontece que o adjetivo **impostas** não se liga obrigatoriamente a um regime discricionário; isso pode ocorrer com regimes mais liberais, que sintam a necessidade de fazê-lo para o bem do povo. Quanto à letra e, nota-se, no texto, que “há mais de meio século” significa pouco mais de meio século; não há motivo para essa delimitação feita na alternativa, mesmo porque as informações

são imprecisas. A letra c é a resposta, pois **restrições** é o mesmo que **limitações,** impostas aos imigrantes pelos governos citados.

356) Letra a

Quanto aos negros, a discriminação é racial; com relação aos judeus e aos asiáticos, religiosa e também racial, isto porque eles professavam religiões diferentes daquelas comuns em nosso país.

357) Letra c

O segundo período afirma que os atos cometidos contra negros, asiáticos e judeus foram injustos, e é essa injustiça que chocou o povo brasileiro.

3 58) Letra b

O autor diz que quem se chocou foram os amantes da democracia, portanto uma parcela da sociedade. Assim, o trecho expressa a opinião do autor bem como a desses brasileiros.

359) Letra c

A letra b, que parece ser a resposta, não é correta porque negros e judeus podem ser autenticamente brasileiros, mas não os asiáticos, que nasceram em outros países. O gabarito é a letra c pois todos eles podem se integrar àquilo que se chama de povo. Em verdade, o povo de um país não é formado apenas pelos que nasceram, mas também pelos que vivem ali, trabalhando pelo progresso e pelo bem geral, inclusive se submetendo às suas leis.

360) Letra d

O primeiro parágrafo fala do Brasil de meio século atrás; o segundo traz informações sobre o país na atualidade (veja a palavra “atual”, logo no início).

361) Letra e

Algo está imune quando não pode ser afetado. Se a imigração atual está imune às manchas do passado, ou seja, não sofre mais com a discriminação do governo, deduz-se que o processo imigratório também é outro, em nada lembrando o daquela época citada no início do texto.

362) Letra d

O último parágrafo do texto diz que os imigrantes, bem-vindos a princípio, por reforçarem a mão-de-obra em períodos de expansão econômica, passam a ser, depois, alvos de violência e segregação. A letra d está errada porque afirma que a expansão provocou a saída desses imigrantes, o que não se lê no parágrafo que trata do assunto, como acima mostramos.

Texto LIV

363) Letra d

É uma questão de emprego de tempos verbais. O sentido da
frase diz tudo. A união do presente do indicativo vem com o gerúndio noticiando confere essa idéia de ação no presente, mas que teve início há pouco tempo. Veja um outro exemplo: ele vem trabalhando exageradamente, ou seja, ultimamente (há pouco tempo) ele tem trabalhado exageradamente.

364) Letra e

Esta questão remete o candidato ao primeiro texto da prova, que, aqui no livro, é o texto anterior a este, ou seja, o de n° LIII. Ao compará-los, verificamos que ambos tratam de racismo, porém o segundo, o que agora estamos analisando, cita uma situação atual e concreta, a do jogador Juan. É, portanto, mais específico do que o outro. Por isso a resposta só pode ser a opção e. Vejamos, para um entendimento maior, as outras opções. A letra a está errada, pois o jogador Antônio Carlos não emprestou a sua mão-de-obra em uma época de expansão econômica: ele é jogador de futebol. A letra b não cabe como resposta, pois o primeiro texto fala de imigrantes, o que não ocorre com este texto. A letra c está errada, porque o segundo texto não trata de preconceitos religiosos, apenas raciais. A opção d não está correta já que não há menção no texto quanto a ser maioria o número de xenófobos e racistas na Europa.

365) Letra a

É uma questão de coesão, pois se baseia no emprego de um conectivo, o pronome relativo **cujo.** Essa palavra eqüivale sempre a um possessivo, indica posse ou parte de. Na letra a, que é a resposta, existe essa noção de posse, na expressão “deste time” *{A torcida deste time é o* mesmo que *a sua torcida). Veja* outro exemplo: Chegou o homem / A filha do homem (o mesmo que sua filha) foi contratada. Teríamos então: Chegou o homem cuja filha foi contratada.

366) Letra c

O autor está fazendo uso do imperativo para aconselhar o jogador. Não se trata, como possa parecer, de um simples alerta. É o valor do imperativo, que pode expressar ordem ou conselho, este quando de maneira mais veemente, ostensiva.

Texto LV

367) Letra b

A idade não é um fator importante para definir um profissional de sucesso, o que elimina as opções a e d. Na opção c, **médico paulista** é desnecessário, pois a especialidade está sendo citada. Na letra e, fala-se apenas **médico,** quando se sabe a sua especialidade, que deveria então aparecer. Assim, a letra b reúne os dados mais importantes: nome, especialidade e - a idéia central do texto - o sucesso.

368) Letra a

Uma pessoa de 51 anos já teve tempo de se tornar experiente em uma determinada atividade. A informação reforça a idéia de o sucesso ser duradouro.

369) Letra d

A resposta está no trecho: “...há três décadas ele mantém sua fama em ascendência”. Isso explicita o sucesso duradouro; afinal, três décadas é muito tempo de sucesso.

370) Letra e

Não há relação alguma entre décadas e a idade do médico. O trecho fala de 3 décadas de fama e ascendência, simplesmente isso.

371) Letra d

O sucesso do médico é explicitado, no terceiro período, pelo tamanho de seu consultório e pela elegância da região em que ele se situa, além da grande quantidade de clientes atendidos.

372) Letra **e**

Questão pouco clara. O médico tem duas atividades: sua clínica e a Universidade de São Paulo. Na letra **a** as palavras se opõem porque, como professor, ele atende, em sua maioria, pacientes com problemas de tireóide, havendo aqui a oposição à palavra **endocrinologista.** Na letra b, temos oposição entre **clientes** e **pacientes;** a primeira palavra é reservada no texto para as pessoas atendidas em sua clínica, e a segunda para as que ele atende na Universidade. Na opção **c, emagrecimento** está associado ao atendimento na clínica particular; **doenças da tireóide,** na Universidade; na opção d, temos a mesma coisa: **marcar consulta** associa-se à clínica particular; **parar em suas mãos,** à Universidade. Segundo a banca do concurso, o gabarito é a letra **e** porque os números são absolutos: na clínica, 32.600 pessoas, não apenas com problemas de emagrecimento, mas também de tireóide, a sua outra especialidade; o mesmo pode ser dito para os milhares de pacientes atendidos na Universidade. Observe, esse é o detalhe, que nas duas situações o autor fala de maioria. De qualquer forma, cabe dizer que não é uma questão, em meu ver, bem formulada. Peço-lhe que não se preocupe com ela.

Texto LVI

373) Letra e

A resposta está, bem nítida, nas duas primeiras linhas do texto, principalmente no trecho: “Na doença é que descobrimos...” Adiante aparece, na função de aposto da palavra **ser,** o vocábulo **corpo.** A letra c, que pode confundir alguns, é incorreta porque fala em abismo intransponível, quando o texto diz que estamos encadeados a ele.

374) Letra b

Questão de coesão textual. A conjunção **mas** é adversativa, cria oposição. Sozinhos se opõe a **encadeados.** Se estamos encadeados, ligados a alguma coisa, não estamos sozinhos.

375) Letra a

Questão de paráfrase. Embora o trecho destacado admita outra interpretação (não podemos, por meio do nosso corpo, fazer com que nos entendam), a letra **a** corresponde ao seu sentido. Cuidado com a opção d; ela é genérica, enquanto o texto é específico, trata de cada um em particular, tanto é assim que o autor se inclui ao usar a primeira pessoa do plural.

376) Letra c

O modo subjuntivo apresenta o fato de maneira duvidosa, hipotética, diferentemente do indicativo. Ao dizer *eu canto, sl* pessoa transmite a idéia de maneira real, indubitável, precisa: é o presente do indicativo; já ao falar *que eu cante,* transmite uma idéia imprecisa, vaga, pode ser que a ação não se concretize:

é o presente do subjuntivo. Tal *é* o valor de **encontremos** no texto. Por isso a resposta é a letra c.

377) Letra e

Questão de coesão textual. Pela ordem, temos: seu —» assaltante; quem —> polvo; nos —> seu antecedente não está expresso, seria nós; o qual —> polvo (o pronome relativo **o qual** sempre concorda com o antecedente, que, então, não poderia ser águas). O gabarito é a letra e, pois o pronome átono Io (alteração de o), que significa **ele,** refere-se a assaltante: tornar o assaltante sensível.

378) Letra a

Questão de sinonímia. A palavra **senão** tem vários significados. No texto o seu sentido lógico só pode ser **ou:** ou à nossa desgraça. As outras opções se excluem naturalmente.

379) Letra b

Um polvo, evidentemente, não tem como entender o que se diz a ele. Seria uma atividade inútil. Popularmente, costuma-se usar a palavra **porta** para indicar essa inutilidade.

Texto LVII

380) Letra e

Questão de sinonímia. Não há o que discutir. **Longevidade** significa vida longa.

381) Letra a

Embora seja também uma questão de semântica, tem alguma dificuldade. **Raro** é o que existe em pouca quantidade. **Mínino** não se refere a quantidade, mas a tamanho: é superlativo absoluto sintético de **pequeno.** Assim, a substituição de pouquíssimas por **mínimas** implicaria mudança de sentido.

382) Letra c

É necessário sempre buscar elementos no texto. Não responda a nenhuma questão baseado no que você acha, na sua experiência de vida, pois isso vai levá-lo a erro numa questão deste tipo. A resposta é clara, claríssima, desde que você realmente releia o texto. Lá está: “Existências exemplares que souberam quando terminar!”

383) Letra d

Observe o emprego do demonstrativo **essa.** Ele remete a algo que passou no texto, no caso “que souberam quando terminar”, ou seja, a consciência de saber quando morrer.

384)Letra c

A resposta está no trecho: “...empenhada que anda a medicina em proporcionar meras e miseráveis sobrevivências”. Não se esqueça do que pedimos no comentário da questão 382. Você pode perfeitamente discordar do autor, até achar um absurdo a sua posição, mas precisa se voltar para o texto, apenas para o que o texto transmite.

385) Letra a

Questão de figuras de linguagem, com base na antonímia. A antítese foi definida no enunciado, cabe ao candidato apenas procurar os antônimos, que aparecem na opção **a. Exemplares** não é o contrário de **inúteis,** como possa parecer. A palavra significa *o que serve de exemplo,* não necessariamente que seja útil.

Texto LVIII

386) Letra b
O primeiro segmento mostra a ciência como algo bom para o ser humano. O segundo traz uma visão negativa (“concorre na obra de destruição”) da ciência. O terceiro não a apresenta como algo positivo nem negativo. Por isso a resposta é a letra b.
387) Letra d
A análise sintática pode ajudar-nos a resolver a questão. A palavra **curiosidade** atua como aposto da palavra **desejo. Do desejo** é complemento nominal de **satisfação** (satisfação de quê?). Mas, se escrevermos a frase até o vocábulo **desejo,** sentiremos necessidade de uma explicação: que desejo é esse? a curiosidade. Dessa forma, a curiosidade é o desejo mais alto da nossa natureza.
388) Letra d
As três primeiras opções são facilmente eliminadas. O sentido real, se levarmos em conta todo o trecho, é de intensidade. Não se pode pensar em *mais espiritual* porque todo desejo é espiritual, é o espírito que quer.
389) Letra a
O futuro do presente tem exatamente esse valor indicado na opção a, que é a resposta. O que poderia suscitar alguma dúvida é a afirmação da alternativa e. Mas o texto tem caráter objetivo, não expressa em parte alguma a opinião do autor.
390) Letra e
Questão de sinonímia. O vocábulo **sorte** pode ser usado com o valor de **destino.**
391) Letra c
“Devia ter por fim o bem da humanidade” quer dizer que a ciência tem uma outra finalidade, que não o bem da humanidade (concorre na obra de destruição). Assim, a realidade (aquilo que a ciência faz) é diferente daquilo que seria a finalidade ideal (fazer o bem).
392) Letra d
Outra questão de sinonímia. **Concorre** pode ser substituído, no **trecho,** por **colabora,** sem alteração de sentido.
393) Letra a
A questão trata da correspondência entre as locuções adjetivas e os adjetivos. Só a letra **a** apresenta essa correspondência. **Humanitário** e **humanista,** são específicos, trazem implícita a idéia de bem feito a alguém. **Destrutiva** e **destruidora** podem ser usadas indistintamente no lugar da locução. **Homicida** e assassinos são termos específicos: matam seres humanos. **Violentos** não tem cabimento. **Mortais** é vocábulo que indica algo que causa a morte, não necessariamente por intermédio de um matador.
394) Letra a

Há palavras que num texto expressam a opinião do autor. Procure ver se não há possibilidade de uma outra pessoa, no lugar daquela, pensar de maneira diferente. Por exemplo, se eu digo que um determinado indivíduo é maravilhoso, estou expressando a minha opinião, já que outra pessoa pode não achar. Agora, se eu digo que aquele indivíduo é gordo, mais alguém que olhe para ele vai ter de dizer a mesma coisa, porque ou se é gordo, ou não. O advérbio **infelizmente** tem esse caráter de subjetividade: pode ser que outra pessoa não ache aquilo uma coisa infeliz. Da mesma forma, o verbo **devia** expressa algo pessoal, e não geral. Todas as outras palavras têm valor objetivo, ou seja, não dependem da opinião do autor.

395) Letra e

Algo que consiga realizar tal façanha tem de ser considerado eficiente, abstraindo-se de valores morais. É mórbida porque atinge seres humanos, o que não é desejável. A resposta não pode ser a letra a, porque, embora se possa pensar em violência para o caso, não seria inútil, no momento em que atinge um determinado objetivo preestabelecido.

396) Letra d

É questão de coesão textual. A palavra **como** tem inúmeros valores. No trecho, introduz uma oração com sentido de comparação. Compara-se **ciência** com **casa,** mais precisamente o ato de fazer uma e outra coisa.

397) Letra c

Como se disse no comentário anterior, o autor compara **ciência** e **casa,** valendo-se de um conectivo comparativo, que é a conjunção **como.**

398) Letra e

Nos três segmentos, a ciência surge como uma atividade humana, para o bem ou para o mal, sujeita que está aos erros dos homens. As outras alternativas se excluem por si mesmas.

Texto LIX

399)Letra b

Questão muito delicada. Vamos começar pelo sentido da palavra **monolítico,** derivada de **monólito.** Este é o nome que se dá a qualquer obra feita de um só bloco de pedra. **Monolítico** que dizer, então, feito de um só bloco de pedra; sugere assim algo indivisível. No trecho destacado, a palavra tem sentido figurado, como também é figurado “pagar um preço altíssimo”. O que se pode entender do trecho é que há pessoas que, como um monólito, não se dividem interiormente, olham apenas para um lado, por isso mesmo pagando um preço alto (sofrem muito por causa dessa atitude unilateral). Por conseguinte, a resposta só pode ser a letra b.

400) Letra a

Pecador é o que peca, que erra. **Descrente** *é* tão-somente aquele que não acredita. Ser descrente não é ser pecador, não é ser errado em suas atitudes no mundo, diante de outras pessoas.

401) Letra c

A resposta se acha no trecho: “...vão rareando as convicções inabaláveis”. Isto é, desaparece, em muitos de nós, aquela condição monolítica que algumas pessoas cultivam. O terceiro parágrafo acrescenta que essas perdas ocorrem na religião, na ciência ou na filosofia.

402) Letra e

Nesta questão, podemos eliminar logo as alternativas **c** e **d**, por absurdas. Não pode ser a letra a, uma vez que o texto não fala de verdades definitivas, muito ao contrário. A letra b não serve como resposta, porque nem todo progresso surge a partir da correção de erros anteriores, ele pode vir como uma complementação de conhecimentos já adquiridos, como se vê no quarto parágrafo. Por isso mesmo que acabamos de expor, com base no quarto parágrafo, o gabarito só pode ser a letra e.

403) Letra c

Vamos reportar-nos ao que é dito no sexto parágrafo: “É possível que essa onda já tenha tido alguns efeitos favoráveis à liberdade espiritual dos indivíduos, ao fortalecimento neles do espírito crítico”. A liberdade espiritual seria a possibilidade de não se aceitar qualquer coisa imposta pela ciência, pela filosofia ou pela religião; o mesmo se pode dizer do espírito crítico, que, naturalmente, permite escolher entre o que se julga bom e o que se julga mal.

404) Letra d

Com o jogo de palavras apresentado, Brecht afirma que não há ceticismo absoluto; no momento em que você acredita que não crê, deixou de ser cético, por acreditar em algo. É contraditório.

405) Letra c

O texto é uma dissertação, em que o autor defende seus pontos de vista, apresentando argumentos que julga necessários para tal.

Texto LX

406) Letra b

A resposta pode ser localizada, com clareza, no segundo período, onde se destaca a expressão **sobrevivência e proliferação.**

407) Letra d

Precedente é o que vem antes. Assim, um sucesso sem precedentes é um sucesso que não teve outro igual, antes dele. Podemos entender, também, que a expressão **sem precedentes** quer dizer **sem igual.** Daí a resposta ser a letra d.

408) Letra c

O enunciado dá uma definição que serve tanto para homônimos como para parônimos. O texto serviu apenas para motivar a questão, tomando por base a palavra **precedente.** Diz-se que **precedente** e **procedente** são parônimos. Todas as alternativas apresentam palavras que têm parônimos ou homônimos: emergir/imergir, senso/censo, descriminação/discriminação, destratados/distratados, em vez de/ao invés de. Neste último caso, trata-se de expressões que podemos entender como parônimas, tal a sua semelhança. **Emergir** significa sair (de um líquido ou de algo), **imergir** que dizer entrar (no líquido); **senso** é juízo, **censo** é recenseamento, pesquisa de opinião; **destratados** quer dizer tratados mal, **distratados** significa rescindidos (os contratos); **em vez de** é uma expressão que denota substituição, já **ao invés de** indica oposição. Na letra **c** houve troca no emprego dos parônimos, já que deveria ter sido usado o vocábulo **discriminação,** que significa separação. **Descriminação** é o ato de descriminar, absolver de crime.

409) Letra d

No trecho anterior a este, o autor diz que nenhuma espécie se iguala à humana em termos de sucesso alcançado (sucesso sem precedentes). Agora, no trecho do enunciado, o autor afirma que nenhuma outra espécie se iguala à humana no que toca à sobrevivência e à proliferação. Então, deduz-se que a sobrevivência e a proliferação é que medem o sucesso de uma espécie, o que nos leva para a opção d.

410) Letra b

Questão de coesão textual. **Nossa** refere-se ao **substantivo espécie,** e não ao vocábulo **proporção.** Observe o emprego de **isso,** na opção c: refere-se a um fato passado, e não a uma palavra ou expressão.

411) Letra e

Mais uma questão envolvendo os significados da palavra **como.** No trecho, ela pode ser substituída por **porque** e inicia oração subordinada adverbial causal. Isso quer dizer que a primeira oração do período é a causa do que ocorre na segunda, que então expressa uma conseqüência.

412) Letra a

Questão de sinonímia. **Proliferação** eqüivale, no texto, a **multiplicação.** Em todas as outras alternativas, não existem sinônimos.

413) Letra c

O texto destaca características próprias da espécie humana, como o controle da produção do próprio alimento e a sociabilidade e a mobilidade, estas por causa da capacidade de viver fora do seu ecossistema de nascença. São peculiaridades que distinguem a espécie humana de outras. Assim, o gabarito só pode ser a opção c.

414) Letra a

Questão de paráfrase. É quase imperceptível a diferença. O sentido da frase original é amplo: a espécie humana é um sucesso (no caso, sem precedentes); nenhuma outra se iguala a ela. Na variante, fala-se em sucesso da espécie humana, o que é mais restrito.

Texto LXI

415) Letra e

O texto não fala de possíveis dificuldades do menino nas aulas de leitura e gramática, não cabendo pois a letra **a** como resposta. Também não pode ser a letra b porque o desespero de que fala o texto ocorre porque o menino gostaria de estar lá fora brincando com o papagaio, não que quisesse e não pudesse comprá-lo. A letra **c** está errada pois ele não se encontrava de castigo, apenas estava com os livros nos joelhos. A letra d é errada porque ele e Raimundo estavam juntos, na escola. Na realidade, o texto apenas retrata as emoções de um dia de aula; por isso o gabarito é a letra e.

416) Letra c

A resposta se encontra no trecho “Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora...”. Ou seja, queria estar na rua, brincando com os colegas, e não na sala de aula. Talvez a alternativa que possa trazer dúvida seja a d. Mas não há essa indicação no texto, inclusive no diálogo ocorrido entre os dois colegas.

417) Letra b

O que está preso por uma corda imensa é o papagaio, não o menino-narrador. Isso é dito de maneira clara nas linhas 6 e 7. As outras
relações são perfeitas.

418) Letra b

É uma questão de paráfrase, de certa forma já comentada na questão 416. A forma verbal **ardia** tem valor conotativo e expressa a ansiedade do menino em estar fora da escola, brincando com os colegas.

Texto LXII

419) Letra b

A principal comparação feita é a do tapete colocado por baixo da cadela e aquele por sobre o qual passará o candidato eleito. São rituais que aparecem num e noutro caso, mas que pouco interferem nos acontecimentos. Da mesma forma, tanto o parto de Big quanto a eleição presidencial custam caro. Por isso, a resposta só pode ser a letra b.

420)Letra a

Na primeira frase, o autor declara não ser sua a cadela, mas de um cunhado. Assim, não sendo ele o dono, não tinha qualquer obrigação para com o animal. Na segunda, ele repete que a cadela não lhe pertencia e entra com a conjunção adversativa **mas,** que introduz uma ressalva: Big estava para ter filhotes, e seu dono viajara, transferindo-se para ele, o autor, a responsabilidade de cuidar dela.

421) Letra c

O veterinário alegou que cobrara 90 mil cruzeiros por se tratar de 9 animaizinhos, saindo cada um a dez mil. Ele foi levado a reconhecer que o veterinário tinha razão. A oração “tive de admitir” eqüivale a “fui forçado a admitir”, em virtude dos argumentos apresentados.

422) Letra b

Questão de paráfrase e de coesão textual. A classificação das orações desse período é, respectivamente: subordinada adverbial condicional, introduzida pela conjunção se; principal; coordenada sindética adversativa, iniciada pela conjunção **e** (com valor de **mas);** subordinada adverbial causal, com a conjunção subentendida. Na letra b, que é a resposta, a conjunção **caso** substitui o **se** (elas são sinônimas); a oração principal fica inalterada; a conjunção **mas** é usada em lugar de **e** (elas são sinônimas); a conjunção causai **pois,** que estava subentendida, aparece encabeçando a última oração. Assim, não houve alteração de sentido em relação ao período original.

423) Letra e

Questão de sinonímia, inquestionável, portanto. **Ungido** quer dizer sagrado.

424) Letra a

Se o autor diz que, numa determinada época, ainda não gostava de cachorros, é porque agora gosta, tendo havido uma mudança de atitude. A palavra que bem expressa a mudança é **ainda.** Nas outras opções, não se reconhece qualquer tipo de mudança de situação.

Texto LXIII

425) Letra a

A palavra **ferramenta** leva à idéia de instrumento, na tarefa de se entender o mundo atual.

426) Letra d

A palavra **grande,** no trecho, tem valor superlativo, eqüivalendo a **maior** (popularmente, **mais grande).** Observe que a palavra está precedida do artigo definido a. Isso só ocorre na letra d, onde podemos entender que “o entrevistado Alberto Manguei é um dos maiores conhecedores do valor da língua escrita”.

427) Letra d

Os valores semânticos dos termos destacados são, respectivamente: finalidade, causa, tempo, acréscimo (gabarito), comparação.

428) Letra b

A comprovação de que a frase se refere aos dias atuais é a presença do verbo **predominam,** no presente do indicativo, bem como de outro verbo, na seqüência do período, também no presente do indicativo: *é*

429) Letra c

É uma questão extremamente complexa. Acredito que a banca do concurso tenha tido o seguinte raciocínio: as imagens já existem, enquanto a leitura cria imagens; como as imagens predominam, segundo o repórter, surge a oposição: *já existirem* e *serem criadas,* ou seja, por que criar imagens se elas já existem, inclusive predominando na comunicação atual?

430) Letra e

A letra **a** é evidente, por causa da palavra **superficialíssima.** Na letra b, o fato de a tendência ser geral e em todos os meios visivos representa, na visão do autor, uma coisa ruim, por não dar opções às pessoas. A letra **c** tem como ponto negativo o fato de as imagens prenderem a nossa atenção por um tempo muito reduzido, não nos deixando raciocinar em cima daquilo que é exposto. À opção **d** cabe a mesma observação do item anterior. Já na alternativa **e** nada há que possa ser entendido como negativo no que se refere à cultura de imagens.

431) Letra d

Neologismos são termos criados para preencher lacunas na língua. Com o passar do tempo, são incorporados ao idioma, sendo registrados pelos dicionários. O enunciado diz que os vocábulos **imagética** e **visivos** aparecem há pouco nos dicionários. Deduz-se, então, que são neologismos (se não, estariam lá há muito tempo) já reconhecidos oficialmente (pelos dicionários).

432) Letra a
A resposta se encontra, nítida, no primeiro período da resposta dada pelo entrevistado.

433) Letra a
Questão de semântica. Na frase da letra a, deveria ter sido usada a palavra **mandato,** poder político passado pelo povo por meio de uma eleição. **Mandado** é ordem judicial. Nas outras opções, temos, respectivamente: imersos: mergulhados **(emersos:** que vieram à tona); **cosidas:** costuradas **(cozidas:** cozinhadas); **imorais:** que atentam contra a moral **(amorais:** que não têm o senso da moral); **despercebidos:** sem ser percebidos **(desapercebidos:** desprevenidos).

434) Letra b
O autor estava falando sobre meios publicitários. Assim, **pintura** e **desenho,** apenas artes, devem ser eliminados. Dessa maneira, a resposta fica sendo a letra b, pois os três elementos se prestam à publicidade, sendo chamados pelo autor de visivos.

435) Letra b
Se Bill Gates propõe uma sociedade sem papel, não poderia usar um livro, que é papel, para dar essa mensagem. Ele se contradisse, pois deveria ter usado o computador.

436) Letra c
A opção **a** se encontra justificada nas linhas 6 e 7. O conteúdo da alternativa b pode ser conferido nas linhas 9 e 10. Confira o que diz a letra d, nas linhas 14 e 15. Quanto à letra e, pode-se dizer que o texto, em sua interpretação global, leva a tal conclusão. A própria contradição de Bill Gates justifica a impossibilidade de uma sociedade sem papel. Já a opção **c** não tem qualquer apoio no texto, o qual afirma que "a palavra escrita é, mais do que nunca, a nossa principal ferramenta para compreender o mundo". Principal, não única.

Texto LXIV

437) Letra d
Esta questão é de interpretação e de gramática. A opção a é evidente, mas precisa do que se diz no primeiro período do texto: "por um advogado desonesto". A alternativa b é correta, uma vez que o conectivo **como** indica o modo de se precaver de advogados desonestos. A letra c é perfeita pois a palavra se está indeterminando o sujeito. A alternativa d está errada, por isso é o gabarito, pois os advérbios (como é um advérbio interrogativo de causa) atraem obrigatoriamente os pronomes átonos, estando correta a colocação pronominal do título. A letra e está correta pois o infinitivo é pessoal e se encontra na terceira pessoa.

438) Letra e
Questão totalmente de gramática. A 3a pessoa do singular do imperativo afirmativo é emprestada do presente do subjuntivo. Por exemplo: cante, cantes, cante, cantemos, canteis, cantem; assim, o imperativo de terceira pessoa será

cante (você). O verbo precaver-se, que é defectivo, não se conjuga no presente do subjuntivo, logo não tem as formas correspondentes do imperativo.

439) Letra b

A finalidade do imperativo é dar uma ordem, um conselho, um pedido mais veemente etc. O mais comum é usá-lo para mandar, dar ordens a alguém. No texto, até em função da temática, o que a revista faz é aconselhar o leitor.

440) Letra b

A palavra **alguns** *é* a chave da questão. Com ela, tem-se a certeza de que existem outros procedimentos que não foram citados. As outras alternativas são descabidas, com exceção da última. Mesmo assim, não há por que errar a questão, pois se a revista publica o texto, só pode ser para dar aos leitores condições de se defenderem dos maus advogados.

441) Letra c

A resposta é evidente. *Não é possível* corresponde a *não há possibilidade.* **Posse,** embora tenha o mesmo radical de possível, mudaria o sentido da expressão, se fosse usada.

442) Letra a

Questão de coesão textual. É só voltar ao texto com atenção para acertar. *Não é obrigatório segui-la* corresponde a *Não é obrigatório seguir a tabela; registre-o no cartório* eqüivale a *registre o contrato no cartório.* Diz-se então que os referentes de **la** e **o** são, respectivamente, **tabela** e **contrato.**

443) Letra d

É uma questão de conhecimento de vocabulário. **Bimestral** é relativo a dois meses e quer dizer, precisamente, o que ocorre de dois em dois meses, a cada bimestre. Não confunda com **bimensal,** que se refere ao que ocorre duas vezes no mesmo mês.

444) Letra b

Não é fácil entender o enunciado. A questão pede a relação que existe entre as palavras **e** e ou, que aparecem ligadas por uma barra. No final do texto, temos “dar quitação e/ou receber valores”. O que se quer dizer *é dar quitação e receber valores* e *dar quitação ou receber valores,* sendo válidas as duas coisas. Assim, a barra existente entre e e ou indica uma adição.

Texto LXV

445) Letra d

A resposta se encontra bem clara no trecho: “...bebês que dormem com a luz acesa têm três a cinco vezes mais possibilidades de sofrer de miopia...”Na verdade, esse é o tema do texto.

446) Letra b

A revista publicou a conclusão de uma pesquisa feita pela Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos (/. 7/8). A pesquisa já havia sido divulgada pela revista inglesa *Nature* (/. 4). Assim, a resposta só pode ser a opção b.

447) Letra e

De acordo com é uma locução prepositiva que indica conformidade. A palavra que pode substituí-la sem prejuízo de sentido é **conforme,** que, nesse caso, é uma preposição acidental.

448) Letra c

Questão de conhecimento de vocabulário. **Fisiológico** é um adjetivo que se refere ao estudo das funções orgânicas. Para músculos, temos o adjetivo **miológico.**

449) Letra c

Segundo a pesquisa, as crianças que dormem no claro têm muito mais possibilidades de desenvolver a miopia, donde se deduz que as que dormem no escuro têm reduzidas possibilidades. Destas, diz o trecho destacado, apenas 10% desenvolveram a miopia. Assim, com o vocábulo **apenas** o autor indica que são poucas as pessoas que contrariam o resultado da pesquisa.

450) Letra b

É uma questão de significado de palavras. Se algo é uma hipótese, é porque existe a possibilidade de se concretizar. Se fosse impossível, não seria hipótese.

451) Letra c

A conjunção **se,** nesse período, é condicional. Pode ser trocada por seu sinônimo, **caso:** caso a luz fique acesa, a criança tende a se distrair.

452) Letra e

Nesse tipo de questão, faça as trocas solicitadas e veja qual delas mantém o sentido e a correção gramatical. O gerúndio muitas vezes eqüivale a uma oração subordinada adjetiva, que é aquela normalmente iniciada por um pronome relativo. Veja um outro exemplo: *vi um menino brincando é* o mesmo que *vi um menino que brincava.*

Texto LXVI

453) Letra e

No trecho, o autor somente destaca a nobreza e a esperança trazidas pelos objetivos fundamentais. Os comentários feitos nas quatro primeiras alternativas fogem a essa colocação simples. O trecho não fala de mudanças necessárias, da impossibilidade de eles serem alcançados ou do fato de ainda não terem se tornado realidade. Não importa que ao longo do texto muitas coisas sejam colocadas nesse sentido. A letra **e** é a resposta pois fala de algo nobre, como na passagem, e do ponto de partida, que pode ser associado à esperança.

454) Letra a

Todo ideal é um sonho, que pode ou não realizar-se. A concentração ideal é, assim, um sonho.

455) Letra d

O quarto objetivo está exposto pelo autor no trecho: “A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação...”. Mais adiante diz que, se não houver graves sanções impostas às condutas contrárias, “a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas”. Assim, observa-se que tais pessoas são contrárias, por seu preconceito, ao quarto objetivo. Na letra d, o autor usou a locução **de encontro** a para expressar essa idéia contrária. Não a confunda com outra, parecida: **ao encontro de,** que não encerra qualquer valor de oposição. Por exemplo: *ele foi ao encontro do amigo* (na direção do amigo, para abraçar o amigo etc.) é diferente de *ele foi de encontro ao amigo* (esbarrou no amigo, ou foi contrário às idéias do amigo).

456) Letra c

Na opção c, gabarito da questão, o sonho estratosférico representa a opinião do autor a respeito dos objetivos terceiro e quarto, não tem nenhuma relação com a postura do governo. Nas outras, há sempre uma crítica ao governo atual.

457) Letra c

Referir as palavras de alguém especialista naquilo que o artigo expõe confere, sem dúvida, mais credibilidade. Imaginem que a revista tivesse veiculado a opinião de uma pessoa de outro ramo do saber, ou até, pegando-se um extremo, de um indivíduo iletrado, mesmo que de boa vontade. Os leitores não confiariam no que ele dissesse. Tratando-se, como é o caso, de um sociólogo, professor da Universidade de Coimbra, o artigo ganha maior respeito por parte de seus leitores.

458) Letra b

Como a estratosfera, camada situada acima de 12.000 metros, é de difícil acesso, o adjetivo **estratosférico** passou a indicar aquilo que é impossível de se atingir. **Utópico** quer dizer exatamente irrealizável, quimérico. Por isso, no trecho, os vocábulos são sinônimos.

459) Letra b

É uma questão de paráfrase. **Verberar** pode significar **condenar, polarização** é o mesmo que **concentração;** além dessas trocas, houve o acréscimo de **que ocorre,** que estava subentendido no trecho destacado. Não houve, portanto, mudança de sentido.

460) Letra a

Se você voltar ao texto, vai verificar que as condutas são contrárias ao 4o objetivo fundamental, previsto no artigo 3o da Constituição. Esse objetivo trata da discriminação de toda espécie. O remédio (meio adequado e lícito para se alcançar determinado fim de direito, segundo o Aurélio) proposto pelo jornalista é exatamente a criminalização dessas condutas contrárias, ou seja, que as pessoas sejam apenadas, punidas pela prática de qualquer tipo de discriminação.

461) Letra b

Os parênteses são usados em inúmeras situações. Aqui servem para mostrar em que artigos (e suas divisões) fica proibida a discriminação entre homem e mulher.

462) Letra e

Os significados dos latinismos são os seguintes: **sic** – assim mesmo; **et alii** - e outros; **ad hoc** - para isso; **lato sensu** - em sentido amplo. A letra **e** está perfeita: **verbi gratia** corresponde ao português **por exemplo.**

463) Letra a

O texto é uma dissertação, pois está baseado nas idéias. Assim, como qualquer dissertação, apresenta os argumentos do autor. É apenas opinativo, não chega a criar polêmicas. Daí a resposta ser a letra a. Na realidade, bastaria que se dissesse **argumentativo.** A palavra **opinativo** poderia ser dispensada, por redundante.

Texto LXVII

464) Letra b
A resposta se encontra logo no primeiro parágrafo, no emprego da expressão “nossa infância”. O autor está, no trecho, dirigindo-se aos leitores, por isso o emprego do possessivo **nossa.** Portanto, era uma expressão usada por ele e outras pessoas, em sua infância.
465) Letra a
A própria expressão **come-e-dorme** sugere a lentidão do jogador. Comer e dormir, jogando pouco, leva à idéia de morosidade desse tipo de jogador. E, para confirmar a resposta, as outras opções são facilmente descartadas; **apadrinhados** ou **privilegiados** seriam se estivessem sempre jogando, mesmo sem capacidade; se fossem importantes, não ficariam sem jogar.
466) Letra a
Na letra b, o autor critica os jogadores pelo fato de ganharem e quase não jogarem. Na opção c, pelo fato de serem colocados em campo quando o resultado já estava definido. Na alternativa d, por mergulharem no amadorismo. A letra **a** não apresenta qualquer tipo de crítica.
467) Letra **c**
Nesse trecho, o autor fala sobre a vida do jogador conhecido por come-e-dorme, repleta de facilidades: quase não jogavam, recebiam pagamento, tinham pouco compromisso no clube etc.
468) Letra b
O autor fala da transformação ocorrida com o time do come-e-dorme. Segundo ele, continua comendo, e comendo muito, mas não dorme. A transformação se deu “com as exigências cada vez mais severas do regime profissional” (/. 14/15).
469) Letra a
Questão de sinonímia. O verbo **ressurgir** (surgir de novo) é o mesmo que **reaparecer** (aparecer de novo). Não há qualquer tipo de dificuldade.
470) Letra d
Questão de antonímia, também sem dificuldade alguma. O adjetivo **severas** é o contrário de **brandas.** Diz-se que são dois antônimos.

Texto LXVIII

471) Letra b
A palavra **dentro** responde à questão. A mídia está dentro de quê? Do problema das drogas. Assim, de uma forma ou de outra, a mídia se envolve com o problema. A letra **e** poderia confundir um pouco; ela seria o gabarito se o título fosse *drogas: a mídia está por dentro.* Popularmente, **estar por dentro** é conhecer bem alguma coisa.
472) Letra c

O gerúndio, na frase, indica ação concomitante àquela expressa pela oração principal. É uma característica do gerúndio. A conjunção que exprime essa ação é **enquanto.** Prosseguindo a leitura, isso ficará provado com o emprego da forma verbal **ouvi:** *enquanto assistia, ouvi um raciocínio...*

473) Letra d

O emprego do gerúndio nesse trecho é idêntico ao da questão anterior. Veja que admite a troca por *enquanto tecia considerações...* Assim, a ação é concomitante, simultânea à expressa pela forma verbal saía.

474) Letra d

É uma questão de paráfrase. O trecho sublinhado aparece alterado. O único em que não há mudança de sentido, portanto *é* uma paráfrase, se encontra na opção **d**. As opções **a** e **b** são facilmente descartadas. A letra **c** não cabe, pois **não vir ao caso** não é **ter pouca importância;** uma coisa pode ser importante, mas não vir ao caso. Na letra e, o verbo **sair** não corresponde ao verbo **desviar;** quem se sai bem não desvia do assunto principal.

475) Letra e

Questão de sinonímia. Não há o que discutir. **Marginal** pode ser substituído por **paralelo,** sem que haja alteração de sentido: são sinônimos.

476) Letra b

A expressão **ou melhor** pode indicar retificação ou esclarecimento. Está usada no texto com o intuito de esclarecer a afirmação feita sobre a publicidade. Ela não está corrigindo algo que tenha sido dito. Veja um exemplo de retificação: Ele estuda Física, ou melhor, Matemática.

477) Letra a

Antes de mais nada, é preciso lembrar qual a tese do professor, que o autor do texto chamou de óbvia. A tese é que "a publicidade não pode tudo" (/. 8); em outras palavras: nem sempre nossos atos são influenciados pela publicidade. O argumento que a defende é o fato de muita gente cheirar cocaína embora não haja propaganda dessa droga na TV.

478) Letra d

O pensamento do professor é apoiado por algo que, naturalmente, o autor do texto considerou uma coisa lógica, ou seja, evidente: o fato de nem todo ato de consumo ser ditado pela publicidade.

479) Letra a

Em primeiro lugar, o início do parágrafo em que esse trecho se insere responde, sem problemas, à questão: "A favor da mesma tese...". Em segundo, porque confirma a idéia do professor de que a publicidade não consegue tudo em relação aos consumidores; embora ela tente fazer isso, o consumidor muitas vezes caminha por outro lado, pois guarda, como se vê mais adiante no texto, "alguma independência em sua relação com a publicidade..."(/. 23/24).

480) Letra a

Silogismo, segundo a Lógica, *é* a união de duas premissas, das quais, por inferência, se tira uma terceira, chamada conclusão. Por exemplo: Todo homem é racional (Ia premissa) / Paulo é um homem (2ª premissa) / Logo, Paulo é racional (conclusão). O silogismo proposto pela questão não é verdadeiro porque a primeira premissa é falsa: ela diz que toda publicidade muda hábitos, o que contraria o texto.

481) Letra e

Na letra a, a expressão “Por favor” faz o elo entre o autor e os leitores. Nas opções b, c e d, o autor se dirige ao leitor através de perguntas: “Tudo certo?” “Qual a conclusão lógica?” e “Moral da história?”. Na última opção, não se usa semelhante recurso.

482) Letra d

Questão de sinonímia. **Soporífero** é o que produz sono; é usado, figuradamente, como maçante. Sinônimos que poderiam ter sido usados nas alternativas incorretas: impostas, confirmar, ilegítimas, independência.

483) Letra d

Esta é uma técnica comum entre os escritores: usar a primeira pessoa do plural para uma aproximação maior com os leitores. Já tínhamos visto, na questão 481, que o autor do artigo usa termos voltados diretamente para o leitor, como que para conversar com ele. O emprego da 1a pessoa do plural só vem confirmar essa tendência do autor.

484) Letra b

A palavra terrorista sugere intimidação. Quando alguém diz, às vezes sem qualquer sustentação, que a empresa em que trabalha vai falir e todos ficarão, em conseqüência, desempregados, está metendo medo nas pessoas, intimidando-as em função da suposta iminência de uma derrocada financeira. Diz-se, então, que foi terrorismo por parte daquela pessoa que espalhou o boato. Daí a resposta ser a letra b.

485) Letra c

O trecho destacado mostra dois tipos diversos de campanhas antidrogas: as soporíferas e as terroristas, sendo que todas fracassam. A opção c diz exatamente isso, só que se utilizando de outra construção: mesmo apelando para estratégias diferentes (soporíferas e terroristas), as campanhas fracassam.

486) Letra b

Mais uma questão em que a opção correta reescreve o trecho do enunciado. Veja bem: “ainda somos minimamente livres” eqüivale a *possuímos liberdade limitada;* “Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais” é o mesmo que *ainda que a empreguemos mal* (a liberdade).

487) Letra b

O autor acha, contrariando o professor, que a mídia faz propaganda de drogas, ao falar do efeito que elas produzem. Veja a segunda metade do último parágrafo.

488) Letra d

A resposta se acha no trecho: “Embora não vejamos um comercial promovendo explicitamente o consumo de cocaína..., a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam...com a propaganda não de drogas, mas do efeito das drogas” (terceiro parágrafo). Não se esqueça de que devemos procurar elementos no texto, mesmo que não concordemos com eles. Pelas alternativas apresentadas, a resposta só pode ser a letra d. A única que talvez suscite dúvidas é a opção c; acontece que as drogas são condenadas de maneira explícita, o que parece chocarse com o gabarito.

489) Letra c

Questão de sinonímia. O professor estava fazendo apreciações sobre o provão. Assim, **considerações críticas** são **considerações de apreciação.** As outras opções se excluem naturalmente.

490) Letra a

Correspondência entre as locuções adjetivas e os adjetivos. Se, em vez de **debates,** usássemos **alunos,** a correspondência seria válida: **alunos universitários** é o mesmo que alunos **de universidades.** Com a palavra debates, em virtude de seu sentido, a correlação não existe. Nem sempre se pode trocar uma locução adjetiva por um adjetivo, e vice-versa.

Texto LXIX

491) Letra b

O texto nos diz que a lei exige que os ministros do STF e do STJ tenham reputação ilibada. É um paradoxo, porque para o ministro do TCU, corte hierarquicamente abaixo das outras duas citadas, há uma dupla imposição: reputação ilibada e idoneidade moral.

492) Letra c

A resposta já foi dada na questão anterior: ao ministro do TCU são exigidas duas coisas: reputação ilibada e idoneidade moral, diferentemente dos ministros do STF e do STJ, dos quais só se exige reputação ilibada.

493) Letra c

Algo tem caráter subjetivo quando depende de opinião, ou seja, obedece a padrões individuais, e não coletivos. Por isso a resposta é a letra c. A letra **e** fala em univocidade, que significa homogeneidade, inequivocidade. Uma coisa é unívoca quando não dá margem a interpretações diversas, a ambigüidades. Valores subjetivos não são valores unívocos, pois podem ser múltiplos, embora digam respeito ao indivíduo. Alguém pode ter sobre uma mesma coisa idéias variadas.

494) Letra d

Decoro é decência, dignidade, recato no comportamento. O chamado **decoro parlamentar** é a postura digna requerida para o exercício do cargo. Ora, se a conduta é irregular, houve falta de decoro, mesmo que isso não seja descoberto. Assim, é hipócrita quem se diz possuidor de decoro, quando o que ocorre é que suas ações indevidas não foram descobertas. O autor está denunciando essa hipocrisia.

495) Letra d

Estabelecer a coesão entre parágrafos é uni-los através de determinados elementos, os chamados conectores. A expressão “outras curiosidades” faz menção a elementos do parágrafo anterior, preparando o leitor para novas informações, acréscimos que serão feitos no atual parágrafo. Da mesma forma, “nada disso” conduz o leitor a algo citado no 2o parágrafo (já vimos que o pronome **isso** se presta a tal tipo de ligação).

Texto LXX

496) Letra d
A resposta se encontra no trecho; “...a fim de que possam garantir a continuidade da vida...”; **continuidade da vida** é o mesmo que **sobrevivência.**
497) Letra d
Trata-se de uma questão que pede, naturalmente, um conhecimento independente do texto, porém é muito simples. A criança precisa de que a alimentem, ou não sobreviveria. É claro que o mesmo pode ocorrer com os idosos, mas não é uma regra geral: há velhinhos que podem fazê-lo por si mesmos. A resposta realmente é a letra d.
498) Letra e
Questão de vocabulário. Procure sempre voltar ao texto e fazer nele as substituições propostas. Não tente resolver a questão apenas com base nas alternativas. **Na cidade,** que é um adjunto adverbial de lugar, não pode ser substituído por **urbanamente,** que transmitira à frase uma idéia de modo, inadmissível no contexto.
499) Letra a
É o sentido do trecho. Quando se diz “não são apenas”, esperase naturalmente que outros sejam citados adiante. Aí, volta-se ao texto para conferir. Lá encontramos: “...não são apenas de ordem material...Elas são também de ordem espiritual e psicológica” (/. 10-13). Note a correlação **apenas / também.**
500) Letra b
Esta questão leva em conta, ao falar de ordem espiritual, a idéia de religiosidade. Se fôssemos tomar o termo em seu sentido amplo, veríamos que todas as palavras apresentadas, por indicarem sentimentos, têm um caráter espiritual. Crença e fé, sob o aspecto da religiosidade, são valores de cunho espiritual, quase sinônimos, diria. Na opção **c**, elas aparecem juntas, não podendo estar aí a resposta. Como primeiro elemento do par, crenças só aparece na letra **b**, que é a resposta. E realmente, no desenvolvimento do texto, o autor separa a fé e as crenças, por meio da expressão “além disso” (/. 15), de todas as outras coisas, tão somente de caráter psicológico.
501) Letra a
Questão de paráfrase. O homem não pode viver fora da sociedade, pois isso é para ele uma necessidade. Tal é a idéia do trecho destacado. A letra **a** diz exatamente isso, com outras palavras. É uma questão de atenção, de leitura cuidadosa. Observe que as opções **b** e **e** invertem as coisas.
502) Letra b
O fato de se sentir sozinha faz com que a pessoa fique triste. Assim, a solidão é a causa da tristeza, daí a resposta ser a letra **b**. As três últimas opções têm o mesmo significado e invertem o sentido de causa e efeito.
503) Letra d

A idéia do trecho é esta: continuar sozinha faria com que ela enlouquecesse. Assim, a primeira oração é motivada pela primeira.

504) Letra c

O segmento sublinhado denota o privilégio de certos indivíduos (todas as necessidades de algumas pessoas são satisfeitas) em detrimento de outros (os que têm apenas algumas de suas necessidades satisfeitas). Privilégio significa desigualdade social. .

Texto LXXI

505) Letra a !

A resposta se encontra, bem nítida, no início do texto: “mais vale, no governo, a instabilidade que a irresponsabilidade”. Ou seja, a irresponsabilidade vale ainda menos que a instabilidade. São palavras de Rui Barbosa, citadas pelo autor, que logo em seguida diz: “- essa nota dominante do presidencialismo”. Adiante, confirmando a tese, diz Rui Barbosa: “Na irresponsabilidade vai dar, naturalmente, o presidencialismo.”

506) Letra c

A questão exige do candidato conhecimentos da história recente do Brasil. Ela não dá ao candidato, em meu ver, condições reais de solução. Tudo indica que a banca faz, com a opção d, alusão ao parlamentarismo criado no Brasil logo após a posse de João Goulart, que lutaria, com sucesso, pelo retorno do presidencialismo. Mas, ficaremos com a letra c, que fala em um processo lento e complicado (impeachment) que quase não teve aplicação. Tal afirmação ignora o impeachment do presidente Collor, o qual já havia ocorrido na época em que o texto foi escrito.

507) Letra a

O que se afirma na opção b pode ser conferido no trecho, com palavras de Rui Barbosa: “a responsabilidade criada sob a forma do impeachment se faz absolutamente fictícia, irrealizável, mentirosa...”. O que se afirma na opção c se encontra na passagem: “Defronta-se o sistema porém com um processo lento e complicado (o impeachment, conforme vimos)...” Já a afirmação da letra d tem apoio na passagem: “...depois de lembrar o impeachment nas instituições americanas como uma ameaça desprezada e praticamente inverificável...” Também nesta outra: “Sobre o impeachment..., que dorme ’no museu das antigüidades constitucionais’ é ainda decisivo...” A afirmação da letra **a** não tem apoio no texto.

508) Letra c

O enunciado diz “referência explícita”. Assim, no último parágrafo, único onde isso ocorre, temos “...a que é chamado o Executivo na forma parlamentar...”

509) Letra d

Questão de sinonímia. **Capitular** é o mesmo que enumerar, ou pelo menos pode ser. Na passagem destacada, realmente **capitulados** é sinônimo de **enumerados.**

510) Letra b

A resposta se encontra no trecho: “Tendo aludido...um dos nossos bons constitucionalistas retratou com suma clareza...”. Ou seja, um dos nossos bons constitucionalistas é que fez a alusão.

Texto LXXII

511) Letra d
O primeiro parágrafo do texto diz que os dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. Depois, acrescenta que eles (os princípios), nas sociedades rudimentares, distinguem os povos caçadores (ou coletores) dos povos lavradores. Assim, pode-se dizer que o tipo aventureiro está para os povos caçadores, assim como o tipo trabalhador para os povos lavradores. O caçador, por natureza, é aventureiro; o lavrador, por natureza, é trabalhador. Pode-se também resolver a questão por eliminação: as três outras alternativas não têm qualquer apoio no texto.
512) Letra c
A resposta se encontra na passagem, que se refere ao aventureiro:”- tudo, enfim, quanto se relacione com a concepção espaçosa do mundo, característica desse tipo”. Como o trabalhador é o inverso do aventureiro, conforme se verifica em todo o texto, o contexto espacial do trabalhador é limitado; ele não se expande como o aventureiro. Por conseguinte, a resposta só pode ser a alternativa c.
513) Letra c
Aparentemente, uma questão que não está centrada no texto. As alternativas **a** e **d** são naturalmente eliminadas. A letra **b** pode ser eliminada pois qualquer tipo de controle não diz respeito ao aventureiro. Fica-se, pois, com a letra c; a busca dos horizontes distantes está relacionada com “a concepção espaçosa do mundo” (4a parágrafo), característica do aventureiro.
514) Letra c
No primeiro parágrafo, o autor cita os lavradores, situando-os nas sociedades rudimentares, bem como os caçadores. Mas não diz, em momento algum, que eles só existiram nessas sociedades. Aliás, o advérbio já nos ajuda bastante; ele quer dizer que desde aquela época os dois princípios se manifestavam, na distinção entre povos caçadores e povos lavradores, não se excluindo a possibilidade de esses povos existirem em outras épocas.
515) Letra b
Na alternativa b, houve uma inversão. **Deste lado** refere-se, por uma questão de coesão, ao elemento mais próximo: **trabalhador.** Só que pelo sentido deveria referir-se ao aventureiro. O mesmo problema se deu com o termo **daquele,** que por um processo coesivo, se refere ao mais afastado: **aventureiro,** quando, na realidade, deveria referir-se ao trabalhador.
516) Letra b
A ética são princípios e normas de conduta. O trecho diz que o trabalho e a aventura possuem, ambos, a sua ética. Então, pode-se dizer que, para os dois, existem princípios e normas de conduta. Por isso a resposta é a letra **b.**

Texto LXXIII

517) Letra d

Quem consome remédio por conta própria mete-se em uma aventura perigosa, pois os males podem ser enormes. É como um esporte de alto risco, aliás esporte de âmbito nacional, em face da grande quantidade de pessoas que o praticam. Dessa forma, o autor condena a pouca seriedade com que tais pessoas consomem remédios sem a devida orientação médica.

518) Letra d

A idéia, quase imperceptível, é a seguinte: a expressão **por conta própria** colocada ao lado da palavra **leigos,** sem vírgula, passa a idéia de que eles são leigos por conta própria, e não que se medicam por conta própria.

519) Letra c

Veja o trecho seguinte, extraído do primeiro parágrafo: "...mas esse problema jamais atingiu contornos tão preocupantes no Brasil como atualmente." Mais adiante, no segundo parágrafo, ele afirma: "Diante desse quadro, o médico tem o dever de alertar a população para os perigos..."

520) Letra **e**

Trata-se de radicais de origem latina ou grega muito utilizados em português. O elemento **cale,** da palavra **cálcio,** é de origem latina **e** significa **pedra calcária.** Para **osso,** na língua portuguesa, temos o grego **oste(o),** como em osteologia, e o latim **oss,** como em ossada.

521) Letra a

A conjunção já **que** (mais precisamente uma locução conjuntiva), na passagem destacada, tem valor de causa. **Uma vez que** pode ser usada em seu lugar sem alteração de sentido, pois também é conjunção (locução conjuntiva) causai. Na letra **d**, o que poderia substituir a palavra **para** é **a fim.**

522) Letra e

As palavras pertencem ao mesmo campo semântico quando se associam, de alguma forma, pelo sentido. Por exemplo: flor, jardim, espinho, perfume; não são sinônimas, estão ligadas por uma idéia comum. Da mesma forma, **arsenal, armas, guerra** e **combater;** a palavra **inveja** não está associada semanticamente às outras.

523) Letra b

O próprio verbo **acreditar** encerra esse caráter de subjetividade. Usado na Ia pessoa do singular, confere o valor meramente opinativo para o autor do texto.

524) Letra b

A expressão *das vendas realizadas sem receita médica,* amplia, esclarece a significação de *da venda* livre *de seus produtos.* Cabe à locução **isto é** ligar as duas. Tem, pois, caráter explicativo.

525) Letra b

Há trechos que justificam plenamente o gabarito, embora nem fosse necessário citá-los, em função do que o texto como um todo nos apresenta. Nas linhas 11 e 12, encontramos: "...o médico tem o dever de alertar a população...". Nas linhas 12 e 13: "...sem que necessariamente faça junto com essas advertências..."

526) Letra a

Quem escreve é um médico. Houve então a preocupação, por parte dele, de que o leitor não pensasse que a intenção do autor era conseguir novos clientes, exatamente aqueles que deixassem de se automedicar para procurar um médico. Isso seria, sem dúvida, falta de ética.

Texto LXXIV

527) Letra a
A história toda gira em torno desses dois personagens, sendo que a mulher tem menos importância no texto, já que não interfere no relacionamento do animal com a família; por ela ficaria tudo na mesma, até o fim. Assim, o título faz alusão aos dois personagens centrais.
528) Letra e
A palavra maus-tratos pressupõe algum dano físico a um ser qualquer. O homem se limitava a trocar, por questão de economia, o alimento da galinha, mas ela não ficava sem comer. As outras opções são facilmente localizadas no texto.
529) Letra b
A resposta se justifica pelo fato de a galinha continuar pondo os ovos, apesar de perder as regalias alimentares. Ela se conformava com a situação e prosseguia na sua função de poedeira de ovos de ouro.
530) Letra c
A passagem em destaque no enunciado nos diz que o homem era dono de uma galinha. Na letra a, afirma-se que a galinha vivia com o homem, o que não quer dizer que ele fosse seu dono. Na letra b, há uma generalização: o homem cria galinhas, não apenas aquela da história, alterando-se o sentido do trecho. A letra d é descabida. A letra e pode confundir um pouco; o fato de o homem criar uma galinha não garante que seja ele seu dono: pode-se criar um animal para uma terceira pessoa.
531) Letra d
Essa expressão é muito utilizada em histórias infantis exatamente com a função de indeterminar o tempo em que ela se passa.
532) Letra c
A informação de que a galinha botou um ovo de ouro, fato que a tornava um ser especial, é dada após a frase destacada no enunciado. Portanto, até ali, tratava-se de uma galinha normal, como qualquer outra.
533) Letra d
A resposta está presente, sem margem a dúvidas, no terceiro período do texto: “Um dia a galinha botou um ovo de ouro”. E, como se observa pelo desenrolar da narrativa, não mais parou. A letra c fala em botar ovos de ouro antes da época própria, mas não existe essa época, pôs botar ovos de ouro é uma fantasia; o texto tem como base uma famosa história infantil, a de João e o pé de feijão.
534) Letra d
Os dois últimos períodos do primeiro parágrafo podem fundir-se em um só: *o homem ficou contente porque um dia a galinha botou um ovo de ouro.* A primeira oração se chama principal, e a segunda, começada por porque, subordinada

adverbial causal. Logo, o fato de a galinha ter botado um ovo de ouro teve como conseqüência o fato de o homem ficar contente.

535) Letra c

Uma das funções principais do travessão é indicar a fala do interlocutor. Ele é usado inúmeras vezes no texto, pois o homem e a mulher conversam no decorrer da narrativa.

536) Letra a

A primeira providência da mulher, logo após a galinha botar um ovo de ouro, foi dar-lhe mingau, pão-de-ló e sorvete (/. 7 e 8).

537) Letra c

Evidentemente, as opções bee são absurdas. Não poderia ser nem o homem, nem a mulher (opções **a** e d) pois, como personagens, sua fala seria introduzida por um travessão, ou mesmo colocada entre aspas. Outra possibilidade de um deles ser o responsável seria a construção da frase com discurso indireto; não é o caso: as palavras são mesmo do narrador.

Texto LXXV

538) Letra a

O autor do artigo lembra, no sexto parágrafo, que os criminosos são tidos como “coitadinhos, vítimas do sistema”. No mesmo parágrafo, demonstra indignação e afirma que coitadinhos são “os milhões de brasileiros que sobrevivem com salários obscenamente baixos...”. Assim, o título se refere aos dois tipos de “coitadinhos”, daí o duplo sentido presente nele.

539)Letra b ,

A frase do Juiz titular da Vara de Execuções Penais demonstra a impotência da justiça e da sociedade em geral diante do crime organizado; assim, a sociedade se encontra, nos dizeres do autor, anestesiada e derrotada, ou seja, vendo as coisas ruins acontecerem sem poder fazer nada.

540) Letra d

A letra **a** não cabe como resposta, pois numa paráfrase não pode haver alteração de sentido. A opção b pode levar a erro; a palavra **principalmente,** no trecho destacado, indica que há outros, além dos coitadinhos de verdade, para os quais a dignidade tem de ser restaurada, enquanto a alternativa limita a extensão do pronome **todos** aos coitadinhos de verdade. A letra c está errada, porque a conjunção **ou** tem valor de alternância, e não de adição. A opção e contém erro já que, como comentamos, a dignidade deve ser restaurada para todos, não apenas para os coitadinhos de verdade. O gabarito realmente é a alternativa d, pois o uso de um idioma estrangeiro confere uma certa pompa à expressão, que na realidade se refere a criminosos.

541) Letra d

Eis aqui um emprego curioso do advérbio **sim.** O autor dá sua opinião sobre algo polêmico. Como que prevendo possíveis objeções e querendo que sua opinião seja aceita por todos, ele se utiliza da palavra como uma espécie de reforço. É como se ele dissesse: não adianta acharem o contrário, eles merecem sim.

542) Letra a

A idéia é a seguinte: o juiz dissera que a transferência de presos não resolveria o problema. No início do parágrafo seguinte, o autor escreve: “Digamos que não resolva”. Com o verbo **digamos,** ele apresenta uma hipótese; é uma hipótese sobre um fato futuro (que não resolva, que não venha no futuro a ser resolvido). Só que o texto vai contra-argumentar, como se vê no trecho: “Mas não merecem um micrograma que seja de privilégios, entre eles o de determinar onde cada um deles fica preso.” Ou seja, talvez a transferência não resolva, mas não se pode permitir que os próprios presos escolham onde querem ficar.

543) Letra c

“Adoráveis senhores” são os bandidos. Como bandido não tem nada de adorável, o autor usou a expressão querendo dizer exatamente o contrário. Isso só pode ser percebido no contexto.

544) Letra a

Questão de coesão textual. A palavra **que,** na alternativa a, não se refere a nenhum elemento anterior. Ela faz parte da locução conjuntiva **por mais que,** com a intercalação do adjetivo **hediondos. Por mais que** é o mesmo que **embora:** embora tenham sido hediondos...

Texto LXXVI

545) Letra c

A resposta da questão se encontra na passagem: “...a redução da violência exige mudança profunda no enfoque da administração dos problemas sociais pelos governos federal, estadual e municipal.” A letra c, que é o gabarito, é um resumo desse trecho.

546) Letra a

Apesar de e **não obstante** são expressões de valor concessivo. É uma questão de sinônimos. Veja outro exemplo: *apesar do calor, usou o agasalho (não obstante o calor, usou o agasalho).* As duas partes da frase são opostas: não se usa, normalmente, agasalho quando faz calor.

547) Letra c

O segundo parágrafo apresenta um argumento de cunho social: o fato de morrerem, no país, em dez anos, mais pessoas do que nas guerras do Timor Leste e de Kosovo juntas. Os dois últimos mostram argumentos de cunho econômico, ao citar, em dólares, o custo da violência.

548) Letra b

Nenhum escritor é obrigado a explicar o significado das siglas que porventura utilize. Se ele quiser, não explica nenhuma, mesmo que seu leitor não entenda nada do que ele escreve. Assim, para o redator, houve necessidade de explicar algumas. É só uma questão de bom senso.

549) Letra c

A expressão e **em menos tempo** reforça a idéia da violência, já evidente pelo fato de morrerem mais pessoas no país do que naquelas duas guerras juntas. Quer dizer: além de morrerem mais pessoas, as mortes ocorreram num espaço de tempo menor do que o das guerras citadas. Assim, torna-se clara a exagerada intensidade da violência no país.

550) Letra e

O estado de São Paulo é citado no texto em virtude dos altos índices de violência que abriga. Tão altos, que seus custos alcançam cerca de 3% do PIB. Logo, fica evidente que a violência nesse estado colabora, como se vê na alternativa e, para a elevação dos índices de violência no país.

Texto LXXVII

551) Letra a

O que se quer com esta questão é que se coloquem, no título, os adjetivos propostos, como a completá-lo. **Autoritário** é um adjetivo que significa dominador, ditatorial, impositivo. Teríamos, desse modo: que país autoritário! Não é essa a idéia do texto: nele nada sugere que o país seja autoritário. Mas é, sem dúvida, injusto, estranho, desigual e incoerente.

552) Letra d

As opções a, c e **e** especificam os gastos: com a educação, com salários da classe política e com investimentos. A opção b pode causar problemas; na realidade, ela também especifica, pois **pagamentos governamentais** são apenas uma espécie de despesa pública: a despesa que o Governo tem com pagamentos (mas há outros gastos do Governo além de pagamentos). A resposta é a letra d, pois os gastos públicos são quaisquer movimentações financeiras que o governo faça, isto é, são gastos gerais do Governo.

553) Letra a

Embora não haja no texto elementos reais para se comprovar a resposta (veja que o enunciado diz “mais plausível”), dá para se chegar a ela por eliminação. É a mais lógica de todas.

554) Letra e

Têm grande carga de subjetivismo (opinião do autor), pela ordem de aparecimento: barbaridades, loucura, humilhantes, delírio.

Essas palavras estão no texto por conta do emocional do autor. Na opção e, nenhuma palavra possui semelhante característica.

555) Letra c

Segundo o texto, o Orçamento da União é um documento que prevê os gastos com a Câmara, com o Senado, com a Saúde e com a Educação. Não autoriza gasto nenhum, como diz a letra d, apenas mostra a movimentação financeira. As outras opções se excluem naturalmente.

556) Letra a

O texto tem como finalidade informar os seus leitores. É objetivo por ser um texto jornalístico. Não se pode afirmar que os dados apresentados são imprecisos e irresponsáveis, nem que escondem problemas do Governo; nada no texto sugere isso. Também não há elementos que digam ser desnecessários os gastos com a classe política, mas sim desproporcionais aos dos indivíduos em geral. A última opção é descabida.

557) Letra a
Tudo na Câmara ocorre em função da atividade dos deputados, mesmo porque sem eles não haveria a Câmara. Assim, dividindo-se a despesa geral da Câmara (salário de deputados, assessores e funcionários, materiais utilizados, cópias xerográficas etc.) pelo número de deputados, chega-se ao que cada deputado custa ao país.
558) Letra c
O termo rubricas é técnico e se refere aos vários itens do Orçamento. O autor falara, até ali, sobre os gastos com a Câmara e o Senado, expressos por números astronômicos. Faz então uma comparação com outras rubricas, que são a saúde e a educação. A diferença é tão brutal, que o autor considerou um delírio os imensos gastos com a Câmara e o Senado.

Texto LXXVIII

559) Letra c
O dever que a imprensa tem de investigar (/. 9) caracteriza a intromissão de que nos fala o artigo. Uma de suas virtudes aparece logo depois, no trecho: “Mesmo que, às vezes, eles estejam enterrados em pontos remotos de suas biografias.” Por isso, a resposta é a letra c.
560) Letra b
Se ela peca mais pela omissão, é porque ela se omite mais do que se intromete, isto é, ela se intromete pouco. Porém, nenhuma alternativa apresenta esse paralelo. A letra d, por exemplo, inverte os fatores. Na realidade, não interessa se há mais intromissão ou mais omissão, e sim que as duas coisas existem: ela tanto peca por uma, quanto por outra. Dessa forma, o gabarito só pode ser a letra b.
561) Letra d
A resposta se acha no trecho: “Esta revista marcou sua presença na vida brasileira justamente pela convicção que esse é um risco que vale a pena correr.” Risco de quê? De investigar. Ou seja, o risco que os órgãos de imprensa correm com sua investigação (“risco de parecer persecutórios ou de estar patrocinando campanhas...”).
562) Letra c
A resposta se encontra, nítida, no trecho: “Esta revista marcou sua presença na vida brasileira...”

Texto LXXIX

563) Letra b
O homem, segundo o texto, não age como o cão: se for beneficiado por você, ele lhe fará alguma coisa de ruim. É o sentimento chamado ingratidão, que consiste em não reconhecer o benefício recebido.
564) Letra d
Famigerado é o mesmo que famoso; **moribundo** o que está morrendo; **defunto** o que já morreu; **necessitado** o que tem necessidade; **faminto,** da alternativa d, é

o que tem fome. A oração adjetiva **que morre de fome** representa uma hipérbole, um exagero, mas eqüivale a faminto.

565) Letra b

A palavra se tem valor nocional de condição, eqüivalendo a caso; a conjunção **e** tem valor semântico de adição; **que** é pronome relativo, não tem valor nocional; a preposição **entre,** que introduz um complemento nominal, não tem valor semântico. Na alternativa b, que *é* a resposta, a preposição **de** introduz um adjunto adverbial de causa, podendo-se dizer: morre por causa da fome. Assim, seu valor nocional ou semântico é de causa.

566) Letra d

Questão de coesão textual. A oração *e o tornar próspero* equivale a *e tornar o cachorro próspero.* Já a oração *ele não o morderá* vale por *ele não morderá você.* Assim, usando uma linguagem muito comum em concursos, **cachorro** e **você** são os referentes dos pronomes átonos usados adiante.

567) Letra e

Mero recurso estilístico. Sempre que possível, o escritor usa sinônimos ou expressões equivalentes para não repetir enfadonhamente determinados termos. Às vezes, é bom que se diga, faz exatamente o contrário: repete para criar expressividade. As quatro primeiras opções são facilmente descartadas, e a resposta só pode ser a letra e.

568) Letra d

No texto, o verbo **tornar,** embora transitivo direto (seu objeto direto é o pronome o) tem o valor de **transformar,** isto é, indica que seu objeto direto sofre uma transformação; está acompanhado de um predicativo, a palavra **próspero.** Na letra a, o predicativo é **armas;** na **b, rico;** na **c, estrangeiro;** na **e, impacientes.** Na opção d, não há predicativo porque o verbo **tornar** é um simples verbo auxiliar, com o sentido de voltar (nunca mais voltou a falar).

Texto LXXX

569) Letra b

Os pólos da divisão a que se refere o enunciado da questão são a vida boa e o sucesso. Assim, podemos localizar, ao longo do texto, os pares assinalados em cada alternativa. Opção **a**: “...saberíamos aceitar nossa condição...” (/. 7); “...no qual nossa condição poderia ser mudada e melhorada...”(/. 8/9). Opção **c**: “A vida boa, em princípio, é o ideal de felicidade das sociedades tradicionais...” (/. 13/14); “...e era o ideal da nossa antes da modernidade...” (/. 14). Opção **d**: “Para a vida boa, é necessário satisfazer o essencial...” (/. 15/16); “...ser insatisfeito é ser moderno.” (/. 23). Opção **e**: “...a diferença correta entre as pessoas e o grupo social: ’os brasileiros’ não são a mesma coisa que ’as pessoas’ no Brasil.” (/. 48/49). A opção **b** não tem apoio no texto.

570) Letra e

A opção **a** é pressuposta pelo trecho: “...e era o ideal da nossa antes da modernidade...” (/. 14). A opção b é pressuposta no trecho: “Como é possível?” (/. 31). A opção **c** é pressuposta pela passagem: “Pode, entretanto, parecer contraditória a essas a resposta...” (/. 44/45); o verbo **pode** pressupõe que haja contradições aparentes e contradições não aparentes. A opção **d** *é* pressuposta no trecho: “Surpreendentemente, os entrevistados parecem fazer a diferença correta...” (/. 47/48). O que se afirma na opção **e** não é pressuposto por nenhuma passagem do texto.

571) Letra c

Questão de coesão textual. Na linha 29, a expressão **em recente pesquisa** é um adjunto adverbial sem qualquer ligação com elementos passados ou que virão no texto. Nas outras opções, temos o seguinte: **em suma** introduz um resumo do que foi dito antes; **ao contrário** estabelece oposição entre o ideal de vida boa (todo o parágrafo anterior) e o ideal de sucesso; **mas** liga sua oração ao período anterior, criando uma idéia de adversidade, oposição; **então,** com valor de conclusão (eqüivale a **portanto),** liga a leitura feita por Roberto da Matta à pesquisa citada no parágrafo anterior.

572) Letra a

Dispensadora de destinos quer dizer **que concede destinos,** a **que faz concessão de destinos.** O termo **O que conta** quer dizer **o que vale, o que tem relevância.** Daí a resposta ser a letra a.

573) Letra c

Questão de coesão textual. A primeira correlação é errada, pois o pronome relativo **que** refere-se a **mundo,** e não a **desejo.** A segunda é correta, pois o pronome relativo **que** (igual a **a qual)** tem como antecedente a palavra **procura.** A terceira é correta, pois o pronome relativo **que** (igual a **os quais)** tem como antecedente o substantivo **itens.** A quarta é errada porque o pronome relativo à **qual** (na realidade preposição **a** mais pronome **a qual)** tem como antecedente **pergunta,** e não **resposta** (não se dá resposta a uma resposta, mas a uma pergunta). A quinta é correta pois o pronome relativo **que** (igual a **a qual)** refere-se à palavra **comunidade.** Resumindo, estão corretas a 2a, a 3a e a 5a; erradas a Ia e a 4a. Por isso o gabarito é a letra c, que diz haver dois erros.

574) Letra e

A preposição com pode ser substituída sem alteração de sentido por **sob:** sob a condição de não querer demais. Também poderia ser trocada por **em:** na condição de não querer demais.

Texto LXXXI

575) Letra d

A expressão **aperto fiscal** é bastante usada hoje em dia e se refere a maior arrecadação fiscal de que o governo necessita para cumprir suas obrigações. A palavra **aperto** se deve ao fato de que o contribuinte será afetado, pois é ele que paga impostos e terá de pagar mais ainda.

576) Letra e

O título de qualquer texto jornalístico procura prender a atenção do leitor, para que ele leia a matéria. Enfim, tem de ser algo que desperte o interesse. No caso do título que estamos analisando, ele desperta o interesse dos leitores, pois destaca algo - o crescimento da dívida pública - que pode afetar diretamente a vida de cada um.

577) Letra b

A característica maior de um texto informativo é a objetividade. Sua finalidade, como o nome diz, é informar com precisão e credibilidade. Este texto em especial apresenta dados precisos e cita organismos nacionais e estrangeiros, bem como pessoas renomadas e capacitadas para discorrer sobre o tema. Analisando as outras opções, temos o seguinte: a opção a é facilmente descartada; a c contraria a objetividade de um texto informativo, que não tenta criar suspense algum; a d fala que o texto trata de algo do domínio comum, o que não *é* verdade: poucas pessoas entendem realmente do assunto abordado; finalmente, a e fala de interesse momentâneo, o que é falso, pois um aperto fiscal pode se prolongar por muitos anos, afetando a vida das pessoas não apenas no momento em que o texto é publicado.

578) Letra c

Como é um texto informativo, apresentando dados e a opinião de especialistas, seu leitor busca nele exatamente uma atualização de conhecimentos. Repito: trata-se de um texto informativo, quem o lê quer somar as informações nele contidas às suas próprias.

579) letra e

O autor fala apenas do setor público; não há sequer alusões à iniciativa privada. Portanto, o gabarito só pode ser a letra e. As alternativas b, c e d são parecidas e se encontram disseminadas no texto, que tem como tema a situação econômica do país. A letra a é clara, pois o texto é cuidadoso com as informações, abonadas por especialistas e organismos conhecidos.

580) Letra c

É, como já dissemos, uma técnica que determinados escritores utilizam, para que o público de um modo geral possa compreender o texto. Mas não é um procedimento obrigatório.

581) Letra e

O parâmetro utilizado pelo autor para indicar o crescimento da dívida é o PIB. O melhor trecho em que isso se verifica é “Neste mês, a dívida deve superar os 53% do PIB...” (/. 4).

582) Letra e

Na opção a, a ameaça é o aperto fiscal; na b, o que o governo poderá vir a fazer para gerar ganhos (geralmente do bolso do trabalhador); na c, o crescimento iminente da dívida; na d, o aumento do superávit primário. Já na alternativa **e** não existe qualquer tipo de ameaça à população.

583) Letra c

Questão de vocabulário. **Superávit** é um latinismo que se opõe a **déficit** e quer dizer a diferença para mais entre uma receita (arrecadação) e uma despesa. A diferença para menos é o **déficit.**

584) Letra b

Questão de paráfrase. As alternativas a, **d** e **e** alteram flagrantemente o sentido do trecho original. A letra b, que é a resposta, mantém o sentido da passagem.

Contudo, a letra **c** também parece manter o significado. Há duas coisas na opção que devem chamar nossa atenção. Dizendo *se a dívida crescer até 54% do PIB,* tem-se a idéia de que a dívida vai aumentar o equivalente a 54% do PIB, ou seja, seria somada a ela a importância correspondente a 54% do PIB. O certo é dizer *se a dívida crescer a até 54% do PIB,* isto é, o limite (trazido pela preposição a) seria um valor equivalente a 54% do PIB. Uma outra coisa é que, com a ordem dada aos termos da frase, o pronome **seu** ficou ambíguo: refere-se à dívida ou ao PIB?

Texto LXXXII

585) Letra c
O autor do texto fala de hábitos alimentares de vários povos diferentes. Cada um come uma coisa e não admite comer outra. Assim, o último período tira uma conclusão, englobando, na palavra **todos,** os povos citados anteriormente.
586) Letra b
A palavra **onívoro** é formada por dois elementos latinos: *oni* (tudo, todos) e *voro* (o que come). Assim, **onívoro** é o que come tudo. O enunciado diz que o homem não é onívoro, então ele não come tudo.
587) Letra a
A simples inserção da forma verbal era, proposta na opção a, elimina a ambigüidade. Mas qual era a ambigüidade? A frase original tem dois sentidos: *o homem contemporâneo não é onívoro como era seu antepassado pré-histórico* ou *o homem contemporâneo não é onívoro como não era seu antepassado pré-histórico.* Usando-se **era** ou **não era** damos um só sentido ao trecho.
588) Letra c
Figurar na cozinha de alguém quer dizer fazer parte de sua alimentação, de seu cardápio. Se nem todos os animais e vegetais da região fazem parte da sua alimentação, é porque alguns não são comidos por ele, enquanto outros são, raciocínio que leva à alternativa c.
589) Letra d
Os povos do Oriente são citados como exemplo de devoradores de gafanhotos, larvas e besouros, mas o texto não diz do que eles não gostam; então eles podem ser onívoros, o que contraria a tese do texto, expressa no primeiro período.
590) Letra a
Hindu é sinônimo de **indiano,** o habitante da índia. A palavra não se aplica apenas à religião conhecida como **hinduísmo.**
591)Letra c
Questão de vocabulário. A palavra **urbano** é o adjetivo referente à cidade. **Urbano** é o contrário de **rural,** que diz respeito ao campo. Assim, o homem urbano é o da cidade, é o não-rural.

Texto LXXXIII

592) Letra d

O enunciado da questão se refere apenas ao título. A letra **a** pode ser eliminada, pois fala de grande parte da população, e o título diz de todos; além disso, ela se refere aos inúmeros miseráveis de nossa população, o que não se deduz do título, mesmo porque nem todos são miseráveis. As letras **b** e c podem ser facilmente descartadas. A letra e fala que a pobreza atinge a todos, o que sabemos não ser verdadeiro. Então o título só pode estar se referindo à preocupação e à responsabilidade que todos nós temos diante da miséria.

593) Letra b

Essa frase é o que se conhece como tópico frasal, aquela colocação que será analisada e ampliada ao longo do texto. Relendo-o atentamente, veremos que tudo gira em torno da resistência da miséria; as coisas ruins melhoraram no país, menos ela.

594) Letra a

O que se afirma na opção **a** não se encontra no texto. Vejamos as afirmações contidas nas outras opções: letra b: “A mais assustadora dessas manifestações é a criminalidade...” (/. 19/20); letra c: “...esteja confinada a bolsões invisíveis aos olhos dos brasileiros mais bem posicionados na escala social...” (/. 16/17); letra d: “Como entender a resistência da miséria no Brasil...” (/. 1) e “...enquanto a miséria se mantinha mais ou menos do mesmo tamanho, todos os indicadores sociais brasileiros melhoraram.” *(l.* 3/4); letra e: “No decorrer das últimas décadas, enquanto a miséria se mantinha mais ou menos do mesmo tamanho...” (/. 2-4).

595) Letra a

As alternativas b, c, **d** e **e** cortam informações importantes e apresentam outras, acessórias, que não devem figurar em um bom resumo. A opção **a** é a resposta pois a frase é clara e objetiva, traduzindo fielmente o que se diz nas sete linha iniciais do texto.

596) Letra b

Vamos localizar no texto: **freqüência escolar:** linhas 5 e 6; **mortalidade infantil:** linhas 6 a 8; **analfabetismo:** linhas 6 a 8; **desempenho econômico:** linhas 8 e 9. Quanto à **liderança diplomática,** não há no texto referência à quantidade; nas linhas 9 e 10, lê-se, apenas: “No campo diplomático, começa a exercitar seus músculos. Vem firmando uma inconteste liderança política...”

597) Letra c

É uma imagem utilizada pelo autor. **Exercitar os músculos** é uma expressão metafórica; seria preparar-se para exercer uma função difícil, da mesma forma que se preparam os músculos para uma disputa física. Atente para o emprego do verbo **começa,** batendo com **está iniciando,** da alternativa c.

598) Letra c

A resposta está no primeiro período do segundo parágrafo. Veja a estrutura: **Embora** inicia a primeira oração do período, cuja principal se encontra mais adiante: **a miséria *é* onipresente.** O texto poderia ter uma outra ordem: *A miséria é onipresente, embora em algumas de suas ocorrências...*

599) Letra a

A questão se baseia no emprego de antônimos, uma vez que a primeira parte das frases é sempre precedida de **não.** São antônimos: apática/dinâmica, vital/desimportante, universal/particular, ampliada/reduzida. Na letra **a,** **superficial** não é antônimo de **geral,** e sim de **profunda.** O antônimo de **geral** é **particular.**

Texto LXXXIV

600) Letra c
Ao dizer: "A ciência é o único campo do conhecimento humano com característica progressista." (/. 3/4), o autor coloca a ciência acima de tudo (arte, religião etc). Ao argumentar ao longo do texto, faz comparações da ciência com esses outros segmentos da sociedade, como que para mostrar às pessoas que aquilo em que elas tanto acreditam são inferiores à ciência.
601) Letra a
Ao mencionar o vocábulo **progresso,** o autor retoma um termo usado linhas atrás, na tentativa de ressaltar a objetividade do seu emprego e, conseqüentemente, da própria ciência.
602) Letra a
Questão de semântica, que requer conhecimento das palavras. **Obsoleto** é um adjetivo que significa fora de uso, antiquado.
603) Letra d
As letras a, **c** e **e** podem ser facilmente descartadas. As outras duas talvez tragam alguma confusão. A letra **b** fala de mudança contínua, o que de certa forma ocorre com a ciência. Porém **mudança** é um termo vago, podendo referir-se a algo melhor ou pior. O texto fala em transformação para melhor. Se a pessoa se precipitar e não voltar ao texto, anotará essa opção. Vejamos como a resposta está evidente na seguinte passagem: "Tem características de autocorreção que operam como a seleção natural." *(l.* 11/12). A palavra **autocorreção** é utilizada na alternativa d. Não se deixe levar pela primeira impressão trazida pelas alternativas. Volte sempre ao texto, para conferir.
604) Letra e
O elemento **auto** da palavra autocorreção é de origem grega e significa de si mesmo, por si mesmo. A palavra quer dizer a correção de si mesma, ela própria se corrigindo. Autogestão e autocrítica não oferecem dificuldade; literalmente, **autômato** é uma máquina que age por si mesma; **autópsia** (ou autópsia) quer dizer exame de si mesmo. Já na palavra **autódromo, auto** é redução de **automóvel** e **dromo** significa lugar de corrida. Por isso a resposta é a letra e.
605) Letra d
Esta questão é independente do texto, tomado apenas como elemento motivador. É problema de significado das palavras. Os astrólogos trabalham com os astros, não no sentido científico da Astronomia, mas com referência à Astrologia; os médiuns, como se vê no espiritismo e em outras filosofias, como a umbanda e o candomblé, lidam com entidades espirituais (também caberia espíritos

desencarnados); os místicos não são apenas os esotéricos, mas as outras palavras se excluem naturalmente.

606) Letra d

A resposta se encontra no trecho: “Tem características de autocorreção que operam como a seleção natural.” A seleção natural é pertinente à Biologia. Mais adiante, ele diz que a ciência tem essa capacidade, ao compará-la à natureza. (/. 13/14)

607) Letra d

Questão de paráfrase. No trecho em destaque, a ciência é comparada à natureza pela sua capacidade de preservar os ganhos e erradicar os erros. Na alternativa d, temos uma grande mudança de sentido, trazida pela posição do termo **como a natureza.** Na nova frase, a comparação é feita apenas com base na capacidade de preservar os ganhos, ficando a idéia de que a natureza não consegue erradicar os erros.

Texto LXXXV

608) Letra a

A resposta está nítida na passagem: “E eis que bem ou mal ele está aí, encerrando de uma só vez a década, o século e o milênio, dando início a uma nova era, não importa que o calendário diga o contrário; miticamente, no imaginário de todo mundo, é assim.” (/. 11-14) A divergência, em outras palavras, é a seguinte: para o imaginário do povo, o ano 2000 inicia um novo século e um novo milênio; para o calendário oficial, isso só ocorre no ano 2001.

609) Letra e

O verbo **sonhar** pressupõe, por si só, a idéia de algo distante, nebuloso, difícil de alcançar. Tal idéia vem reforçada pela palavra impossível. Assim, a sensação de impossível é justificada pelo afastamento no tempo: algo muito distante da pessoa parece um sonho, algo inatingível.

610) Letra e

Um percurso acidentado e dramático é aquele de quem sofre. O trecho da letra e, no texto, inicia o relato das dificuldades e do sofrimento de boa parte da humanidade no século XX.

611) Letra c

Num século complicado, com guerras e carnificinas em todas as regiões do globo, sobreviver confere, segundo o autor, “um certo ar de vitória”. No último parágrafo, o trecho que melhor explica esse instinto de sobrevivência do homem é: “...demonstra que a vontade de vida da humanidade ainda foi maior do que sua pulsão pela morte.”

612) Letra b

A conjunção e, normalmente aditiva, pode assumir valor de adversativa, passando a significar mas, porém, contudo, todavia, no entanto, entretranto etc. A conjunção **porque,** que nunca é adversativa, não pode ser usada no texto.

Texto LXXXVI

613) Letra **a**
É uma questão mal formulada, pois não deixa nítida a idéia de descrição contida no pretérito imperfeito. Mas o pretérito perfeito, por indicar uma ação extinta praticada por um elemento que não a senhora (e aí temos personagens), nos permite classificar o trecho como narrativo.

614) Letra **a**
O primeiro parágrafo se limita a mostrar o problema da senhora assaltada que, dias depois, atropela e mata o assaltante. É como uma introdução, que será retomada e desenvolvida nos parágrafos seguintes. Observe que essa explicitação começa logo no primeiro período, ligado ao parágrafo anterior pela palavra **ela,** que se refere à violência.

615) Letra **e**
Vamos localizar o que se afirma em cada alternativa. Opção a: "Ela segue regras próprias" (/. 7). Opção b: "...pois conduzem-se de acordo com o que estipulam ser o preceito correto" (/. 25/26). Opção c: "...condição prévia para que qualquer atitude criminosa possa ser justificada e legítima" (/. 28/29). Opção d: "Cria a convicção tácita de que o crime e a brutalidade são inevitáveis" (/. 12/13).

616) Letra **c**
A resposta se acha no trecho: "Em primeiro lugar, é preciso que a violência se torne corriqueira para que a lei deixe de ser concebida como o instrumento de escolha na aplicação da justiça." (/. 17-19) Na realidade, o enunciado apenas inverte o que aparece no trecho. O remédio de que fala a questão é "o instrumento de escolha na aplicação da justiça".

617) Letra **b**
No último parágrafo, o autor nos diz que quando as leis perdem o valor normativo e os meios legais de coerção ficam sem a força que deveriam ter, cria-se um vácuo, um vazio. Então, "indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto...", isto é, tomam a lei em suas mãos, já que ela nada consegue fazer. *Arbitrar o que é justo ou injusto é* o mesmo que *tomar a lei em suas mãos.*

618) Letra **d**
A cultura da violência dá origem a sistemas morais particularizados, em detrimento dos ideais comuns. Ou seja, cada um resolve o problema à sua maneira, e os ideais comuns deixam de existir.

619) Letra **b**
Questão de paráfrase, que pode enganar. Na realidade, o que é relativizado é o valor de infração do crime, e isso pode ser dito de várias maneiras. Na letra b, a simples troca do tempo verbal (é -> foi) altera o sentido da frase original.

Texto LXXXVII

620) Letra d
A ciência e a técnica não levam em conta elementos propriamente humanos, como os sentimentos, que não podem ser medidos em laboratório, a religiosidade etc. Importante para a solução da questão é o trecho: "...utilizadas como estão...".

Veja que a idéia é que elas deveriam ser utilizadas de outra forma, não como estão.

621) Letra c

É o valor do pretérito perfeito composto. Os tempos compostos são formados pelos auxiliares **ter** ou **haver** e o particípio do verbo principal. A união do presente (tem) com o particípio (revelado) constitui o pretérito perfeito composto. O valor desse tempo composto é exatamente esse. O que se quer dizer, para dar outro exemplo, com *ele tem estudado muito?* Que ele vem estudando repetidamente até o momento presente.

622) Letra b

Questão de sinonímia. **Ceticismo** (ou cepticismo) é o mesmo que descrença. Uma pessoa cética é aquela que não crê, descrente.

623) Letra d

O termo **não** *só* (não apenas, não somente) pede em correlação **mas também** (como também), e o nexo entre as duas orações será de adição. Por exemplo: *Não só pinta mas também compõe,* que quer dizer *pinta e compõe.*

624) Letra a

Para esse tipo de questão, procure ver quem (ou o que) contém e quem (ou o que) está contido. **Jovens** é o termo geral; **estudantes,** o específico. O termo **estudantes** está contido no termo jovens. Veja outro exemplo: trabalhador / pedreiro. **Trabalhador** é o termo geral, é o que contém; **pedreiro** é o termo específico, o que está contido.

625) Letra d

Questão de paráfrase. Importante é perceber que o pronome **ele** refere-se a **protesto.** As manifestações desse protesto eram mais clamorosas no passado, mas isso não quer dizer que ele, o protesto, tenha perdido em intensidade e universalidade. Bem entendido o trecho destacado, verifica-se que seu sentido permanece na alternativa d.

626) Letra c

O protesto dos anos 60 é um fato que tem como conseqüência o terror dos anos 70. As letras **a** e **d** serviriam como resposta se os componentes estivessem invertidos: efeito/causa e conseqüente/antecedente.

Texto LXXXVIII

627) Letra e

Muitas vezes um texto se inicia com uma pergunta à qual não se dará nenhuma resposta. É só uma forma de introduzir um assunto e, talvez, prender a atenção do leitor. Este texto não fala de tempo exato, mas indeterminado (pouco ou muito).

628) Letra d

A palavra **lugar-comum** (é esta a grafia perfeita da palavra: com hífen) significa chavão, coisa repetida, batida, que todos usam. Sabendo-se a significação do vocábulo, a resposta fica fácil.

629) Letra b

Veja a divisão das orações, por meio de colchetes: [É lugar comum a afirmação] [de que a Justiça é lenta], [de que os processos judiciais demoram excessivamente.] A segunda oração apresenta uma afirmação de ordem geral: a Justiça é lenta. A terceira, em relação a ela, apresenta uma das coisas em que é lenta, ou seja, explicita a idéia nela contida: os processos judiciais demoram excessivamente.

630) Letra d

A resposta à questão se acha no trecho: "...e contribuem para tornar a lentidão judicial uma 'verdade'." (/. 4 e 5) Quer dizer, os meios de comunicação de massa passam adiante essa idéia, que o autor está questionando, de lentidão por parte da Justiça. Aos olhos do povo, o que é uma possibilidade passa a ser uma verdade. É uma crítica do autor aos meios de comunicação de massa.

631) Letra a

Há, naturalmente, outros meios de comunicação. Porém, por seu grande alcance, os mais importantes são a imprensa escrita (jornais e revistas, basicamente), o rádio e a televisão. Convencionou-se chamá-los de meios de comunicação de massa.

632) Letra e

O que se coloca entre parênteses freqüentemente se presta a dar esclarecimentos sobre termos passados no texto. Pela natureza do artigo e por serem bastante conhecidos das pessoas os meios de comunicação, o autor poderia, sim, ter prescindido de fazer a explicação.

633) Letra b

A posição inflexível dos meios de comunicação, segundo o autor, leva as pessoas a crer que a Justiça é lenta. Essa imagem negativa que eles passam da Justiça poderia ser atenuada se houvesse uma ressalva, com algo favorável a ela. Assim, o gabarito só pode ser a letra b.

634) Letra c

É uma questão de sinonímia e polissemia. Há palavras com vários sentidos; faz-se necessário analisar a frase para se saber com qual sentido um determinado vocábulo está sendo empregado. Como vimos na questão anterior, ressalva, no texto, seria uma espécie de exceção, algo bom em relação à Justiça, acusada por todos como lenta.

635) Letra c

Há vários motivos para se colocar uma palavra ou expressão entre aspas. Observa-se, ao longo do texto, que o autor não acha que a Justiça seja sempre lenta. Assim, para deixar clara a sua posição, destaca o termo com as aspas, chamando a atenção para ele, pois deve haver um motivo para que se faça tal coisa. Sem as aspas, poderia haver a idéia de que realmente, sem margem a dúvidas, a Justiça é lenta.

636) Letra a

Não podemos aqui nos ater somente ao trecho destacado: é necessário voltar ao texto. O pronome Os refere-se aos meios de comunicação de massa, citados no parágrafo anterior. Por *Os que assim procedem* pode-se entender aqueles que repetem a observação (a lentidão da Justiça), sem qualquer ressalva. Então, segundo a passagem destacada, os que agem dessa forma se apoiam, se justificam no grande número de casos morosos da Justiça. Verifica-se que a letra a diz exatamente isso, com outras palavras.

63 7) Letra a

Vamos destacar os argumentos presentes em cada alternativa. Na b: tem andamento célere; na c: terminam rapidamente; na d: mais rápidos; na e: acaba razoavelmente depressa.

638) Letra d

Ao dar garantias de igualdade, oportunidades para intervir e outras coisas mais, a Justiça retarda um pouco o andamento dos processos. Atente para o valor concessivo da locução apesar de. Poderíamos escrever assim: apesar desses fatores de morosidade, com freqüência os procedimentos judiciais são mais rápidos...

639) Letra b

O "outro lado" da expressão é exatamente *quem sustente que a maioria dos processos acaba razoavelmente depressa.* Isso quer dizer que já foi citado um lado, que *é a maioria dos processos* não *acaba razoavelmente depressa.* Existe, pois, uma oposição, introduzida pela expressão **por outro lado.**

640) Letra a

Por serem minoria, os processos muito demorados podem ser considerados raros, tornando-se, assim, notícia. Então, deduz-se, quanto mais raro for o fato, tanto maior será o interesse do povo por ele. Daí a resposta ser a alternativa a.

641) Letra d

Logo após as perguntas, na primeira linha do 6o parágrafo, temos a chave desta questão: "Essas e muitas outras questões podem ser suscitadas a propósito." Então, elas são possíveis. Nenhuma delas terá resposta no texto, o que nos leva para a opção d.

642) Letra b

Ao longo do texto, o autor solicita que não se aceite passivamente a idéia, amplamente exposta pelos meios de comunicação, de que a Justiça é lenta. Se for constatado o problema, as medidas cabíveis serão tomadas (veja o último período do texto).

Texto LXXXIX

643) Letra d

A única oposição é de sentido, ou seja, semântica. São dois antônimos, palavras de sentidos opostos.

644) Letra a

Originalmente, **público** e **privado** são dois adjetivos: domínio público, domínio privado. No título, houve a substantivação dos vocábulos, em virtude do emprego do artigo o. Qualquer palavra, nessas circunstâncias, passa a substantivo: o não, o sorrir, o belo etc.

645) Letra b

Fato comum em textos é usar-se um ou mais períodos do primeiro parágrafo para especificar o título. O autor deste texto amplia os termos utilizados no título, começa a falar sobre eles exatamente no primeiro período, que é a introdução.

646) Letra b

Há vários recursos em português para explicar, retificar, confirmar afirmações feitas no texto. Geralmente se utilizam expressões colocadas entre vírgulas, sem função sintática, para tal fim: isto é, ou melhor, ou seja, aliás, digo, *é* claro, é evidente etc. É o que ocorre com a locução *é* **claro,** utilizada pelo autor. Observe que, se alterarmos a ordem, teremos algo completamente diferente: É claro que podemos atribuir esse interesse à perspectiva...sendo que *É claro* passa a constituir uma oração seguida de sujeito oracional.

647) Letra e

Vamos verificar essa localização temporal em todas as opções em que ela ocorre: opção a: da atualidade; opção b: revisão da Carta (uma época em que se queria fazer a revisão da Constituição); opção c: tão atual; opção d: nos últimos anos.

648) Letra b

A possibilidade de atribuir tal interesse à perspectiva de revisão da Carta é um argumento do autor que será descartado mais adiante, ao afirmar: “Mas a simples possibilidade de rever a Carta Magna não parece ser um fator decisivo para tornar esse debate tão atual.” (/. 6-8)

649) Letra b

Na passagem destacada, nota-se um relacionamento de causa e efeito, estabelecido exatamente pela palavra **consequentemente.** A redefinição do papel do Estado é a causa; a sociedade civil (sua redefinição), a conseqüência. Observe que a alternativa d inverte a disposição causa/efeito das orações.

650) Letra b

O termo **não somente** inclui o Brasil nas sociedades industrializadas, o que nos leva à opção b. A palavra **peremptório,** na alternativa a, quer dizer definitivo, decisivo; o autor não foi peremptório ao dizer “Talvez seja mais sensato...”. Na alternativa c, fala-se de opiniões sensatas, quando o autor atribuiu a sensatez ao ato de admitir. Na letra d, não há indicação alguma de possíveis diferenças entre o Brasil e as sociedades industrializadas. A letra **e** inverte as coisas: pelo texto, as modificações foram radicais também no Brasil.

651) Letra d

Questão de sinonímia. No texto, a única palavra que destoaria, alterando o significado, é **peças.** É claro que, em outro contexto, as quatro palavras propostas podem não ser consideradas sinônimas.

652) Letra d

A resposta surge nítida na última oração do texto: “...que devemos dispensar às eternas confusões de nossas despreparadas classes dirigentes.”

Texto XC

653) Letra c

Confira a resposta no primeiro período do texto, donde sobressaem os trechos: “é coisa só de jardim zoológico” e “apenas antigüidade de museu”. Mas a autora deixa claro que isso é o que “muita gente pensa”, ou seja, não é a realidade.

654) Letra b

A mangueira é uma árvore grande e frondosa, que lembrou à autora um palácio; o verde, evidentemente, refere-se à cor de suas folhas. A autora usou uma metáfora, que é um tipo de comparação sem a presença do conectivo.

655) Letra e

A autora diz, na linha 42, que os ornitólogos “devem saber se isso é caso comum ou raro”, o que descarta a letra a, que afirma o contrário. No último período do texto, ela diz: “Então, talvez seja mesmo só gagueira...” **(talvez** é advérbio de dúvida), o que elimina a letra b, que diz que ela concorda plenamente. Na linha 31, a autora diz que o bem-te-vi “deve ter viajado”, ou seja, não tem certeza; isso invalida a opção c. Ao dizer, na linha 40, que o passarinho deve ser pequeno e que estuda a sua cartilha, ela descarta a possibilidade de ele ser experiente cantador, o que elimina a opção d. A resposta é a letra e, porque o segundo bem-te-vi altera algumas vezes a sua voz, como se vê no penúltimo parágrafo.

656) Letra a

Questão simples de semântica. **Um novo estilo** eqüivale a uma atitude moderna. Talvez a letra **d** possa causar algum problema, mas a palavra **mudança** tem caráter geral, e o texto fala de um tipo específico, que é a mudança de vida do homem na atualidade, em comparação com os tempos antigos. r ;

657) Letra e

Pode ser que o vocabulário atrapalhe um pouco a resolução da questão. **Iminente** quer dizer *que está para acontecer,* e iterativa significa *repetida.* Na letra e, gabarito da questão, **deve ter viajado** é ação duvidosa. Ação obrigatória seria se disséssemos **tem de viajar.**

658) Letra c

A língua culta rejeita a colocação do pronome átono (me, te, se, o, lhe, nos, vos) antes do verbo, em início de frase; é erro de colocação pronominal. Também se poderia pensar na alternativa a, mas a linguagem coloquial tem sentido geral, enquanto a colocação pronominal é específica.

Texto XCI

659) Letra c

Não chega a haver várias comparações, como diz o enunciado da questão. Mas as ondas, mais precisamente a espuma que elas fazem, são comparadas, no primeiro parágrafo, a bichos, porque nascem e morrem. E o que lhes dá essa espécie de animalização, ou seja, o movimento, é exatamente o vento, empurrando-as para a areia.

660) Letra c

A resposta se encontra no primeiro parágrafo, do qual se infere que elas, sendo levadas pelo vento - e não podem fazer nada contra isso, pois são subjugadas -, aceitam passivamente a situação, como bichos alegres e humildes.

661) Letra c
Vamos analisar os componentes da opção c, que é a resposta da questão. Ao dizer: “...é um homem nadando”, o autor lembra o que viu na praia, sendo, pois, um espectador; ao afirmar: “toda sua substância é água e vento e luz”, age como um químico analisando os constituintes das espumas; quando escreve: “...mas dou meu silencioso apoio...”, está julgando favoravelmente, sendo, dessa forma, o juiz.

662) Letra a
Trata-se de um recurso estilístico de grande efeito. O adjetivo enérgica não poderia, em princípio, determinar o substantivo **calma;** mas o que o autor quer é valorizar a calma com que o nadador avança na água: com tranqüilidade, mas firme, sem hesitar.

663) Letra b
As alternativas a, c e **d** indicam, de modo claro, a admiração do autor: a perfeição estética, a virilidade e a grandeza. Já na alternativa b, o autor não deixa transparecer isso, já que tentar ser mais forte que o mar é, de certa forma, uma presunção.

664) Letra d
Questão de antonímia, sem margem a discussões. **Indolente, preocupado** e **atormentado** têm sentidos diferentes de **solidário,** mas não indicam o contrário. A resposta só pode ser a letra d.

665) Letra b
O autor narra o que se passa aos seus olhos. Da varanda de sua casa, ele vê o homem nadando.

Texto XCII

666) Letra d
No primeiro parágrafo, lê-se: “Muitas vozes têm se levantado em favor...da manutenção ou ampliação da Lei dos Crimes Hediondos...”. Mais adiante, no mesmo parágrafo, encontra-se: “Embora sedutora...tal corrente aponta para o caminho errado...”. Assim, fica evidente que o autor se mostra contrário a tal corrente de pensamento.

667) Letra b
O item I é incorreto, pois o povo, numa situação dessas, procura sempre pressionar os congressistas para alcançar os seus objetivos; não há, pois, coincidência. O item II é correto, e a chave do entendimento é a palavra manutenção: se há pessoas querendo a manutenção da lei, é porque sua vigência está sendo ameaçada. O item in não é correto, pois indica exatamente o contrário do texto: os que defendem a “doutrina da lei e da ordem” são aqueles que acham que o bandido *é* um facínora que age por opção.

668) Letra e
Questão de paráfrase. A letra **a** altera substancialmente o trecho. Na letra **b, dissuadir** não é o mesmo que **ratificar.** Na opção **c, combatido** é diferente de **restringido,** e **irracionalismo** *é* o contrário de **iluminismo.** Na alternativa d, as

locuções prepositivas **a despeito de** e **em conformidade com** têm diferentes significados.
669) Letra c
Alusão ao movimento intelectual do século XVIII, conhecido como Iluminismo, caracterizado pela valorização da ciência e da racionalidade crítica. Esse século ficou conhecido como “Século das Luzes”. Atente, na alternativa c, para a palavra **racionalistas,** que é a chave da resposta.

Texto XCIII

670) Letra e
Vamos localizar no texto os assuntos indicados nas alternativas. Opção a: “Os voluntários terão dois médicos à disposição para esclarecimento de dúvidas sobre Aids e doenças sexualmente transmissíveis.” (/. 34-36). Opção b: ““...essas pessoas deverão responder a questionários sobre seu comportamento com relação à Aids.” (/. 30/31). Opção c: “...recrutamento de voluntários para testar uma vacina em milhares de brasileiros.” (/. 7/8). Opção d: “...um projeto semelhante de verificação de incidência do HIV em homossexuais e bissexuais...” (/. 41/42). Quanto à opção e, cabe dizer que a OMS é citada uma vez, na linha 43, apenas como apoio ao projeto da Fiocruz.
671) Letra b
A opção a pode ser conferida nas linhas 3-6; a opção c, nas linhas 10-12; a opção d, nas linhas 19 a 21; opção e, nas linhas 3 a 8. Sobre os questionários citados na opção b, o texto diz o seguinte: “- O objetivo é saber quais são os fatores biológicos e comportamentais que predispõem à infecção...” (/. 32/33). Portanto, o que se afirma na alternativa b não aparece no texto, embora, a partir desses questionários, a avaliação possa vir a ser feita. Em outras palavras: o que se diz na opção b é correto, mas não se encontra no texto. Cuidado com esse tipo de questão!
672) Letra e
A resposta se encontra no último parágrafo. Segundo ele, o projeto pretende fornecer dados estatísticos (o mesmo que *verificar a incidência da Aids),* e os resultados ajudarão a calcular em que amostra da população (o mesmo que *um grupo de pessoas com características determinadas)* os testes serão realizados.
673) Letra c
A resposta está bem clara no trecho: “e receberão preservativos para evitarem a contaminação pelo vírus.” (/. 37/38) A letra b, por causa da palavra contaminação, pode confundir, mas ela, realmente, traz um absurdo: “preservar a contaminação dos voluntários” quer dizer **garantir que eles continuem contaminados.** Se a frase fosse: “preservar os voluntários da contaminação”, teríamos duas respostas na questão.
674) Letra c
A resposta aparece, muito clara, no trecho: “Os voluntários serão recrutados entre os indivíduos que procuram os Centros de Testagem Anônima...” (/. 15/16). Todavia, é melhor ficar desconfiado quando a resposta for tão evidente. Procure

voltar um pouco no texto, para ver se há alguma armadilha. Realmente, esse trecho se refere ao teste que vai ser aplicado no Brasil, como se vê em algumas passagens do texto.

675) Letra d

No penúltimo parágrafo, vê-se que o projeto a que se refere o enunciado da questão foi iniciado pela Fiocruz, pela Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo e pela UFMG. No último parágrafo, temos: “O projeto...tem o apoio da Organização Mundial de Saúde...”. Assim, a resposta só pode ser a letra d.

676) Letra a

No segundo parágrafo, lê-se o seguinte: “Recentemente, nos Estados Unidos, uma vacina experimental atingiu as condições...mas não havia infra-estrutura para recrutar os cerca de 20 mil voluntários necessários.” Não há dúvida quanto à resposta da questão.

677) Letra a

Vejamos o seguinte trecho (4Q parágrafo): “- Comparando a quantidade de pessoas atendidas nesses centros (1Q dado do enunciado) com o número das que se interessarem em participar de um teste em larga escala (2fi dado do enunciado), avaliaremos se a população a que se tem acesso é de tamanho suficiente (veja a palavra suficiente no enunciado) para o teste - disse.”

678) Letra d

O texto cita duas vezes homossexuais e bissexuais, nas linhas 6 e 42. Nas linhas 5 e 6, lemos: “...para determinar a incidência do HIV em homossexuais e bissexuais de 18 a 35 anos...” Não padece dúvidas quanto à resposta, portanto.

679) Letra b

Pelo que se entende do texto, o apoio ao projeto brasileiro, por parte da OMS, se faz apenas pelo empréstimo do nome, na esperança de dar mais credibilidade. O nome da instituição pode ajudar a levar adiante o projeto.

Texto XCIV

680) Letra d

O texto faz uma associação entre as definições de caráter negativo do consumismo e as idéias que as pessoas fazem dele. Para o autor, as definições do verbo levam as pessoas a ver o consumismo, num ato de preconceito, como um gesto pouco nobre (linhas 1 e 2).

681) Letra c

Observe o trecho seguinte, extraído do último parágrafo: “...o consumo se revela um método extremamente eficaz para integrar os excluídos e estender a cidadania a todos os brasileiros.” *Estender **a** cidadania a todos os brasileiros* eqüivale a *transformar os consumidores em cidadãos*, como se vê na alternativa c.

682) Letra a

A resposta aparece na seguinte passagem do texto: “Mais do que isso, o entrincheiramento de consumidores no mercado doméstico fez, ao longo dos anos, com que a própria imagem do cliente se deturpasse no país.” (/. 24-26)

683) Letra d

A classe **privilegiada** é a que o autor chama de abastada ("...na porção abastada da sociedade brasileira...", nas linhas 43 e 44); a classe **destituída** é aquela que não consegue acompanhar o consumismo dos privilegiados, gerando-se uma tensão entre as duas ("...acarretou um aumento das tenções em relação à porção destituída." nas linhas 44/45).

684) Letra a

A expressão **não por** acaso serve como uma justificativa para o fato de os apologistas do consumo entre nós serem aqueles que podem exercer seu poder de compra.

685) Letra d

Aqui, faz-se necessário o conhecimento da expressão **estender o tapete vermelho.** Ela *é* utilizada quando alguém, por ser muito importante, é recebido com excesso de atenção e cuidado. É uma imagem utilizada pelo autor para designar, no texto, o tratamento especial conferido pelo vendedor ao comprador, consumidor em potencial.

686) Letra c

A resposta começa a se delinear no trecho: "Por que, enfim, tantas reservas em relação ao consumo?" (/. 15). A partir daí, o autor passa a responder à sua pergunta, explicando que reservas são essas. Mais adiante, ele diz: "A falta de um leque efetivo de opções de compra tem deixado os consumidores à mercê dos produtores no Brasil." (/. 18/19). Depois, nas linhas 31-33, ele diz que atitude é essa dos produtores (ter chiliques), de que fala o enunciado. Já a segunda explicação para as reservas em relação ao consumo aparece no trecho: "...os apologistas do consumo têm sido basicamente aqueles que podem exercer seu inchado poder de compra...". Ou seja, segundo o enunciado, a parte da sociedade que tem a prerrogativa do consumo.

Texto XCV

687) Letra b

Pelo que se vê no segundo período do primeiro parágrafo, a classe empresarial, no que toca a empregos, pensa em um mercado para país desenvolvido, enquanto os desempregados brasileiros são de nível de "quarto "mundo".

688) Letra a

Cidadania é algo que se conquista com valores éticos e morais. Existem vales-refeição, vales-transporte e outros mais, como forma de ajudar o trabalhador de baixa renda. O autor criou a palavra vale-cidadania (assim se deve escrever: com hífen), que evidentemente não poderia existir, para ressaltar a idéia de que todos precisam ter os mesmos direitos, todos precisam realmente ser cidadãos brasileiros.

689) Letra e •

Vejamos o ponto de vista ético presente em cada alternativa. Na opção a, a adequada integração da sociedade; na opção b, o fato de a ciência e a tecnologia terem como parâmetro a sociedade; na opção c, a prioridade para o crescimento humano; na opção d, o desenvolvimento do país. Já na letra e, o crescimento não está vinculado a nada que expresse um ponto de vista ético; o comportamento de primeiro mundo não caracteriza a preocupação com o respeito e a ética.

690) Letra e

A locução prepositiva apesar **de** tem valor concessivo, indica oposição. Na letra e, a conjunção **ainda que** introduz uma oração adverbial concessiva, mantendo, assim, o sentido da locução.

691) Letra c

Os dois primeiros itens se encontram no segundo parágrafo: ...”uma sociedade onde haja lugar, espaço e ocupação para todos os seus membros?” e “Seria uma forma de distribuir a riqueza...”. O terceiro item fere o tema do texto, em que o autor pergunta: “Quando pensamos em emprego pensamos em crescimento, em integração no processo produtivo?”. O quarto item pode ser lido no quinto parágrafo: “...como eliminar, num prazo digno, a miséria, a indigência e a fome?” O quinto item vai de encontro a tudo que se diz no texto; o próprio título fala em modernidade.

692) Letra d

Para resolver a questão, você precisa comparar dois textos: este e o anterior, que é o de número XCIV pois ambos pertencem à mesma prova (Escriturário do Banco do Brasil). No texto XCIV, o autor opõe os consumidores de alta renda aos de baixa renda; neste texto, basicamente, os empregados e os desempregados, isto é, os excluídos (veja o primeiro período do segundo parágrafo).

Texto XCVI

693)Letra d

Muitos escritores utilizam a técnica de introduzir seus textos com perguntas, numa forma de atrair a atenção dos leitores, sem que haja respostas para elas. É o que se conhece por perguntas retóricas, aquelas que não precisam de respostas. Leia cada uma delas e comprove, no texto, o que acabou de ser explicado.

694) Letra b

Nem sempre é fácil perceber se o **ou** tem valor aditivo ou alternativo. Procure ver se é cabível a troca pela conjunção e, quando então se tem um valor semântico de adição. A única opção em que a palavra não eqüivale a e, ficando nítida a idéia de alternativa, é a b.

695) Letra e

Questão de sinonímia. Galvanizar significa dourar ou pratear; **ícone** é algo ou alguém representativo, nas artes, nos esportes etc; **empulhação** entende-se por tapeação; **metamorfoseados** quer dizer transformados. O verbo **cercear,** da alternativa e, significa realmente impedir.

696) Letra a

Se a ação restritiva do Estado é inevitável (o Estado não pode permitir que os cidadãos façam tudo que querem, sob o risco de se criar o caos social), ele acaba agindo contra a liberdade dos cidadãos.

697) Letra b

A locução **em que pese a** (infelizmente mal utilizada pelo autor do texto, pois ela não se flexiona) eqüivale semanticamente a **apesar de,** tendo, pois, valor concessivo. A idéia é a seguinte: apesar das angustiantes restrições do contracheque, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo. Então, as prateleiras estão cheias de produtos, mas os salários não permitem muitas compras (restrições do contracheque).

698) Letra b

Os comunistas também são consumidores, também compram coisas. Dessa forma, o ideal comunista (viver com pouco, equilibradamente) é abalado pela pressão exercida pelos consumidores (os próprios comunistas) em função da tentação que representa um supermercado com as prateleiras cheias de produtos.

699) Letra b

Restritos quer dizer limitados, em menor número. Entende-se, então, que nos países totalitários há menos canais disponíveis do que nos países não-totalitários.

700) Letra e

Questão de paráfrase. Segundo a frase destacada, filosofia, pornografia, arte e empulhação são consumidas. Na última alternativa, a colocação da palavra **como** altera o sentido, pois a idéia que a frase agora nos passa é a de que a filosofia e a pornografia são consumidas como sendo arte e empulhação. Nessa frase, desaparece a noção de soma que existe entre as quatro palavras.

701) Letra a

A palavra **neurônios,** na passagem destacada, tem emprego metonímico. Ela eqüivale mais ou menos a **sábios;** houve uma troca de palavras de caráter objetivo: os sábios, como qualquer um, possuem neurônios. “Essa questões”, que aparece no enunciado, eqüivale **a discussões sobre a liberdade;** colocar em choque é opor; “os melhores neurônios da filosofia” são “os maiores filósofos”. Por conseguinte, a resposta é a letra a.

702) Letra e

Na letra a, a crítica é feita aos consumidores em geral, cujo apetite pela burguesia foi atraído, corrompido; na b, a lei é chamada de capenga; na c, o autor chama o programa de imbecil; na d, critica o fato de se consumirem coisas ruins, como pornografia e empulhação. Nada há de crítica na opção e, que é a resposta.

703) Letra e

A liberdade de movimento se encontra em “tem o direito de mover-se livremente”; a liberdade de comunicação, em “fala o que quer”; a liberdade política, em “que vota”. A liberdade de consumo não aparece especificada, mas podemos entendê-la na reunião de todas essas características do cidadão contemporâneo. Já a liberdade religiosa, que é algo particular, não conseguimos depreender da passagem selecionada.

704) Letra d

Na letra a, a crítica é feita ao fato de o ideal comunista não ter sido forte o suficiente para resistir às tentações do consumo; na letra b, o autor critica o fato de que comer uma simples banana virou ícone de liberdade; na letra c, o fim do fervor revolucionário por causa da vontade de ter uma Vespa ou uma Lambreta; na letra e, a limitação do número de canais. Nada há de crítica aos regimes não-

democráticos na letra d. Não confunda! A ação restritiva do Estado, que é inevitável, não se refere especificamente àqueles de regime não-democráticos.
705) Letra e
O trecho pode ser entendido, com palavras mais simples, da seguinte forma: muitas pessoas, infelizmente, não se alegram com a alienação do comunismo. É claro que tais pessoas são aquelas que vivem em países não-democráticos e não se sentem felizes com as restrições (alienação do comunismo) a elas impostas.

Texto XCVII

706) Letra c
É o exemplo de Los Angeles, “onde grupos sociais se organizaram...”. O autor nos diz, ao longo do texto, que é necessário seguir esse exemplo de integração da cidade americana.
707)Letra b
O exemplo de Los Angeles abre caminho para o desenvolvimento da idéia da união que nós, brasileiros, precisamos ter. Nas linhas 4 a 6, lê-se: “Sem uma mudança radical de mentalidade (como fizeram os moradores de Los Angeles) jamais construiremos uma convivência tranqüila e segura.”
708) Letra e
A preposição **para** pode apresentar valores semânticos diversos. Na passagem destacada, ela indica a finalidade da organização dos grupos sociais. Eqüivale, como sempre ocorre quando tem esse sentido, a **para que:** para que se buscassem soluções.
709) Letra b
Questão de coesão textual. Entenda-se: para buscar soluções para problemas dos grupos sociais. Antecedente é o mesmo que referente, desde que já tenha sido utilizado no texto. Se ainda vai aparecer, o referente pode ser chamado de conseqüente.
710) Letra c
A primeira pessoa do plural engloba, no texto, o autor e seus leitores. É uma prática corrente entre os escritores; ela cria uma aproximação, uma intimidade, além de mostrar que o autor não se situa acima do leitor, ambos caminham juntos.
711) Letra b
Cada um por si quer dizer cada qual agindo voltado apenas para si próprio, sem se importar com a coletividade. É um ato individualista e, conseqüentemente, egoísta.

Texto XCVIII

712) Letra a
Se o compadrismo está levando o Brasil ao abismo, ele precisa ser erradicado para que a política do país atue de maneira mais positiva, sem favorecimentos.
713) Letra b

Isso pode ser comprovado no trecho: “Também a nossa política...que têm levado o Brasil à beira do abismo...”. As palavras **nossa** e **Brasil** indicam que o texto foi produzido aqui e, por conseguinte, para que nós, brasileiros, o leiamos.

714)Letra a

O autor inverte, embora isso não seja fácil de perceber, a causa e o efeito. O compadrismo (os dicionários registram compadrice e compadrio) é que deu origem à nossa tendência para a aproximação e a camaradagem. Melhor ainda, ele é a própria aproximação e camaradagem. De qualquer forma, trata-se de uma questão discutível.

715) Letra b

A palavra **impregnada** tem, freqüentemente, valor pejorativo, lembra contaminação. No trecho em que ela aparece (“Também nossa política anda impregnada desses mesmos sentimentos...”), o autor faz uma ligação entre os sentimentos, que são negativos, e a política, utilizando-se da palavra **impregnada;** é como se dissesse que nossa política está contaminada por esses maus sentimentos.

716) Letra d

As pessoas, acostumadas ao compadrismo, querem que o governo fique muito próximo delas, que ele seja pessoal, dando-lhes alguma vantagem, quando na realidade governo não é para isso, governo é para o coletivo, e não o individual.

717) Letra b

O texto é uma dissertação, basicamente a apresentação de argumentos por parte do autor, que defende suas idéias sobre os possíveis malefícios do compadrismo no governo.

Texto XCIX

718) Letra d

Se, como se vê na Ia linha, o problema básico da economia logo estará sob um novo signo, é porque a mudança ainda não ocorreu. Na linha seguinte, ele diz que o país é semicolonial, agrário etc. Portanto, o que causou esse problema atual é o colonialismo, de que o país ainda não conseguiu se livrar (ele é semicolonial).

719)Letrab

A resposta se encontra, bem clara, no trecho: “estará em breve sob um novo signo.” É a união do verbo no futuro do presente, que garante que a ação vai se realizar, com a locução adverbial **em** breve, que indica a proximidade da ação verbal.

720) Letra c

O texto afirma que o país passará de semicolonial para industrializado. A característica destacada no último período não diz respeito a país colonizado.

721) Letra c

Questão de sinonímia. Não há dúvida de que a palavra **básico** significa **fundamental.** De qualquer forma, como já dissemos, procure melhorar seu vocabulário.

722) Letra b

Na realidade, trata-se de dois radicais, e não um só, como afirma o enunciado da questão. **Agrário** tem o radical latino **agri,** que significa campo. Aparece em muitas palavras do português, inclusive em **agricultor** (o que cultiva o campo), **agrimensor** (o que mede o campo), **agreste** (relativo ao campo) e **agrícola** (relativo à agricultura), encontradas nas alternativas **a, c, d** e e. **Agridoce** é formado pelo radical latino **agri,** que quer dizer **ácido** ou **azedo,** mais a palavra **doce,** do latim **dulce.**

723) Letra a

O texto fala do problema básico de nossa economia, por isso a defesa é econômica; já a palavra **aparelhamento** sugere atividade militar.

724) Letra b

Levando-se em conta que a transformação ainda não se processou, ela só pode ser vista como uma promessa política, que pode realizar-se ou não.

Texto C

725) Letra a

Questão de semântica. A palavra **subsistência** significa realmente **meio de sobreviver.** Provém do verbo **subsistir.** Curiosidade: tanto no verbo quanto no substantivo, a letra **s** representa o som de **ss,** e não de **z**. Pronúncia: subssistir e subssistência.

726) Letra d

Questão de sinonímia. O verbo **prover** (não confunda com **provir)** tem vários significados, entre eles o de providenciar.

727) Letra d

Outra questão de semântica. A expressão **meio ambiente** quer dizer **espaço em que se vive.** Detalhe: escreve-se sem hífen, como aparece no texto e no enunciado da questão.

728) Letra c

Embora a letra **a** pareça ser a resposta, a idéia da oração reduzida de gerúndio é de meio, uma vez que os índios provêem sua subsistência por meio da utilização dos recursos naturais de seu meio ambiente.

729) Letra e

A coivara não é um recurso natural, e sim um processo agrícola que consiste em utilizar as cinzas provenientes das queimadas.

730) Letra c

A expressão **a grande maioria** indica a maior parcela de um todo. Se a maioria faz alguma coisa, uma outra parcela, a minoria, não faz. Daí poder afirmar-se que nem todos os índios praticam a agricultura.

731) Letra b

Após as queimadas, os índios utilizam as cinzas delas provenientes para fertilizar a terra. Como só há cinzas por causa das queimadas, estas são necessárias à fertilização.

732) Letra b

Há grupos tribais que se interessam pela pesca, enquanto outros se voltam para a caça. Assim, o interesse deles é diferente em relação à caça e à pesca. A letra b, que é a resposta, diz que os grupos tribais não possuem interesse idêntico pela caça e pela pesca, o que está de acordo com o trecho selecionado.

733) Letra b

A idéia é a seguinte: o fato de algumas tribos serem carnívoras faz com que sejam hábeis caçadoras. Assim, a causa é **serem carnívoras;** e a conseqüência, **serem hábeis caçadoras.** Pode-se entender ainda que a necessidade que elas têm de comer carne faz com que desenvolvam boas técnicas de caça.

Texto CI

734) Letra e

A preposição **por,** nesse trecho, tem valor nocional de causa. A preposição **após,** da letra **e,** conferiria à frase um valor de tempo (após o excesso de atividade, depois do excesso de atividade).

735) Letra d

A resposta se encontra no trecho: “...e também podem aprender uma língua humana”. As outras semelhanças são facilmente localizadas no texto.

736) Letra d

Veja a resposta no trecho que segue: “...e também podem aprender uma língua humana.” A alternativa que poderia confundir um pouco é a c. Acontece que o próprio trecho destacado neste comentário nos ajuda a ver que ela está errada. Se os golfinhos podem aprender uma língua humana, os homens podem falar com eles.

737) Letra d

Muitos escritores se dirigem diretamente aos leitores, tentando criar uma aproximação que possa favorecer o entendimento do texto. No caso presente, foi utilizado o imperativo, mas há outros meios de se conseguir esse efeito. Já vimos, por exemplo, que o escritor às vezes usa a primeira pessoa do plural, unindo-se, assim, aos leitores.

738) Letra b

É um processo anafórico (referência a algo passado no texto) de coesão textual. O terceiro período poderia começar assim: dizem que esses simpáticos golfinhos...

739) Letra d

A utilização da terceira pessoa do plural sem o sujeito presente na oração constitui o chamado sujeito indeterminado. Seu emprego, muitas vezes, transmite essa idéia de incerteza que se percebe no texto: pode ser que seja verdade ou não.

740) Letra d

O texto fala “na possibilidade de haver, no reino animal, outros tipos de inteligência além da humana”. Logo depois, admite que os golfinhos é que possuem essa inteligência. Eles teriam, então, um outro tipo de inteligência. Portanto, como diz a opção d, são diferentemente inteligentes.

Texto CII

741) Letra e

A opção a está errada pois na última linha do texto o autor diz: “A CPI é um golpe contra a magistratura independente.” A opção b está errada porque, como se vê no primeiro período do texto, quem clama por ampla reforma do Poder Judiciário é a magistratura. A opção c é incorreta porque a CPI foi instalada na mesma época da elaboração do texto, com se vê no terceiro parágrafo. A opção d não está certa, conforme se lê no trecho seguinte, início do segundo parágrafo: “Mas o legislador constituinte ignorou as propostas mais consistentes para destinar ao Poder Judiciário os instrumentos aptos...”. A resposta é a letra e, pelo que se acha no último período do primeiro parágrafo.

742) Letra a

O que se afirma na letra **a** não é verdadeiro pois, segundo o exposto nas linhas 27 e 28, as elites no poder têm uma noção mesquinha em relação ao Poder Judiciário.

743) Letra c

Na letra a, houve uma inversão entre sociedade e Estado; quanto à letra b, o erro é que quem tem essa noção mesquinha, segundo o texto, são as elites no poder, não especificamente os congressistas; a letra **d** também não é correta, uma vez que a palavra **manto** é uma metáfora, podendo ser entendida como **proteção;** a letra **e** é absurda: o golpe não é da magistratura, e sim dos congressistas. Já a letra **c** está correta e pode ser justificada pelo trecho: “Agora, o poder que agiu de forma imprudente, desidiosa, se julga portador de autoridade moral para submeter o Judiciário...” (/. 15/16).

744) Letra c

Questão de sinonímia. A palavra **desidiosa** pode ser indolente, preguiçosa, negligente. Este último significado é o que a palavra tem no texto.

745) Letra b

Questão de paráfrase. No trecho original, é dito que um conjunto de sugestões foi levado ao exame da Assembléia Nacional Constituinte, isto é, para que ela o examinasse. Na opção b, escreve-se que a Assembléia levou a exame, donde se conclui que um outro órgão, não especificado, faria o tal exame.

746) Letra e

Questão de coesão textual. Eis a correlação perfeita: o pronome sua tem como referente Assembléia Nacional Constituinte; Io refere-se a Poder Judiciário; o referente de **seu** é magistrado; o referente de **cujos** é sociedade.

Texto CIII

747) Letra a

Essa impressão que o autor tem (ele diz “parecem”) vai-se desenvolver por meio de inúmeras comparações entre os velhos da cidade e os do interior. Tal, inclusive, é o tema da crônica. A letra d pode confundir, porém ela é falsa pelo fato de falar em previsão, quando o autor apresenta tão-somente as suas impressões a respeito da velhice.

748) Letra d

O item I é verdadeiro, podendo ser comprovado no trecho, início do segundo parágrafo: “Vejam-se as roupas dos velhinhos interioranos: aquele chapéu de feltro manchado...” O item II é falso; o que ocorre com os velhinhos da cidade é exatamente o contrário, como se verifica no trecho: “Na agitação dos grandes centros, até mesmo a velhice parece ainda estar integrada na correria...” (/. 4/5). O item in está correto, pois o autor vê no ato de levantar os braços um pedido simbólico ao tempo: “Parece suplicar ao tempo que diminua seu ritmo...” (/. 22).

749) Letra b

Em nenhum trecho da crônica, o autor diz que a vida é mais longa no interior. Chega mesmo a afirmar: “Não se trata da idade real de uns e outros, que pode até ser a mesma...” (/. 2/3)

750) Letra e

Ninguém ter tempo para de fato envelhecer é algo que não pode ser entendido literalmente. É como se a pessoa, com a evolução natural das coisas e com inúmeros afazeres, não mais se aperceba de sua própria velhice, ou, como diz a alternativa e, a própria velhice não tome consciência de si mesma. A letra d tem alguma lógica, mas ela alude apenas aos velhos do interior.

751) Letra c

Compasso é vocábulo de vários significados; usado figuradamente, tem o sentido de movimento cadenciado, andamento. É esse o sentido do texto. Assim, **fora do compasso** deve ser entendido como fora do andamento normal, ou, como na opção c, num distinto andamento.

Texto CIV

752) Letra b

Várias passagens do texto justificam o gabarito. Por exemplo, a citação de William Beckford, em 1787 (veja nas linhas 4 e 5); a popularidade dos autores rurais, hoje em dia (veja nas linhas 10 a 12); o historiador G. M. Trevelyan, em 1931 etc.

753) Letra a

O item I está correto pois, enquanto no primeiro parágrafo o sentimento do povo inglês em relação ao campo é de saudade e nostalgia, vontade de radicar-se novamente no campo, no segundo existe a preocupação com a conservação da natureza. O item II está errado, porque o autor não tira conclusões algumas com base nas idéias de Trevelyan, apenas as expõe. O item in está errado pois o historiador não se apresenta de maneira pessimista, apenas realista; mostrar coisas ruins não significa pessimismo, que é o sentimento segundo o qual as coisas vão dar errado, e isso não se encontra nas idéias dele.

754) Letra d

A pessoas que não considerassem a agricultura, por si só, um bem, alguém, tentando convencê-las, poderia perfeitamente perguntar: - Como teria progredido a civilização sem a limpeza das florestas, o cultivo do solo e a conversão da paisagem agreste em terra colonizada pelo homem? Sim, porque tudo isso é agricultura, daí sua importância.

755) Letra e
Os indígenas não são considerados povos civilizados. Os ingleses seiscentistas (século XVII) queriam cultivar as terras dos indígenas, que não o faziam. Entendiam que as terras eram selvagens, como selvagens eram seus habitantes. Levando a agricultura a elas, estariam levando a civilização.
756) Letra c
A letra c não tem qualquer apoio no texto, muito pelo contrário. Esse amor pela natureza selvagem se opõe ao cultivo da terra e à civilização. Veja, no segundo parágrafo, as colocações do historiador G. M. Trevelyan. Por causa da civilização, para ele, "tinha sido rápida a deterioração". Adiante, encontramos: "Defendia que as terras adquiridas pelo Patrimônio Nacional, a maioria completamente inculta, deveriam ser mantidas assim."

Texto CV

757) Letra c
As alternativas a, b e d podem ser descartadas com alguma facilidade, por não expressarem a idéia de "mais difícil" em relação ao bordado. Entre as outras duas, devemos ficar com a c pois o enunciado pede aquela que justifica com maior propriedade. A letra c atende bem ao enunciado, pois fala da vida própria das palavras e da sensibilidade que a pessoa tem de possuir para saber usá-las, o que expressa uma grande dificuldade para qualquer um. A dificuldade indicada na letra **e** não seria tão grande assim, mesmo porque nem sempre as palavras são ambíguas.
758) Letra d
A resposta encontra-se no período anterior: "Os pontos que vou fazendo exigem de mim uma habilidade e um adestramento que já não tenho." Os pontos a que se refere são os do bordado; a dificuldade como tecelã, de que fala a opção d, é a falta de habilidade e adestramento.
O período seguinte se liga semanticamente ao anterior, estando implícita a conjunção **mas** (Mas esforço-me e vou conseguindo...).
759) Letra a
O sétimo período começa por "Assim, nesse momento" e termina em "que me rodeiam". As opções b, c e **e** podem ser eliminadas porque esse período não estabelece comparação, para mais ou para menos, entre os pontos do bordado e as palavras. A letra **a** cabe como resposta porque, além de igualar os pontos e as palavras, fala de algo adormecido na memória (esquecido, escondido na memória), exatamente com se vê em "...e descobrir...algo de delicado, recôndito e imperceptível...". Recôndito, vale dizer, *é* escondido.
760) Letra e
Gramaticalmente falando, o ideal seria que a autora tivesse usado **neste momento** nas duas situações. Mas, levando-se em conta o que nos diz o texto, há uma pequena diferença entre as duas: **Neste momento** indica o instante exato em que a autora começa a compor o texto; **nesse momento,** embora pareça a mesma coisa, não tem relação direta com o texto, mas com a vida da escritora, pois ela

parte para uma lucubração filosófica. O trecho pode ser entendido da seguinte forma: assim, nesse momento da minha vida, enceto (inicio) duas lutas: com as linhas e com as palavras.

761) Letra e

O enunciado desta questão não é claro. O que a banca do concurso quer saber é qual conjunção poderia ser usada antes da oração "...de cuja existência tinha esquecido", sem lhe alterar o sentido. Realmente, se disséssemos *e de cuja existência tinha esquecido,* não haveria mudança de sentido.

762) Letra c

Outro enunciado confuso. **Abelhas alegres** é uma metáfora que justifica a significação do trecho: "...selecionando animadamente e com grande competência os novelos...". Veja a relação entre as duas colocações: as mulheres faziam a seleção animadamente, ou seja, alegres; e com competência, o que lembra as abelhas, sempre competentes em seu mister de produzir o mel.

763) Letra d

Questão de sinonímia. Não há o que discutir. **Preservada** pode ser substituída sem alteração de sentido por **intacta:** são sinônimos.

764) Letra b

A letra **b** fala de uma habilidade e um adestramento que a autora já não tem. Deduz-se que ela já os teve, daí a frase "...que minha pequena mão infantil executara."

765) Letra c

Questão de gramática, sem relação com a compreensão do texto. Já comentamos numa outra questão que os tempos compostos são formados pelo verbo auxiliar (ter ou haver) e o particípio do verbo principal. O tempo que forma o mais-que-perfeito composto é o pretérito imperfeito: tinha falado, havia estudado etc. Como o verbo da primeira oração é uma locução verbal, o mais-que-perfeito composto terá dois particípios: tinha estado pousado.

Texto CVI

766) Letra e

Ao longo do texto, o mito e o mundo moderno são colocados como elementos contrastantes. A idéia do autor é que o mundo moderno não mais leva em conta os mitos. A conjunção e, no título, em função de tudo isso, só pode ser entendida como um elemento de contraste.

767) Letra d

Como o autor do texto assume uma posição claramente favorável aos mitos, essa frase não pode ser entendida literalmente. Esse recurso de afirmar algo contrário ao que se quer realmente dizer chama-se ironia. É claro que só no contexto ela pode ser reconhecida, como acontece aqui.

768) Letra d

O último período do terceiro parágrafo diz que a pessoa vai * sofrer quando, na velhice, tendo satisfeito suas necessidades imediatas (entenda-se materiais), olhar para dentro de si mesma e não reconhecer o seu centro, ou seja, aqueles "valores eternos”, citados no período anterior, de que falam Platão, Confúcio, o Buda e Goethe, entre outros. Sob esse aspecto, a resposta passa a ser a letra d, que fala do sofrimento trazido pela preocupação com a vida interior.

769) Letra b

O particípio **suprimidas,** da passagem em destaque, refere-se às literaturas grega e latina e à Bíblia. As letras **a** e c não oferecem dúvidas, por absurdas que são. A opção **d** está errada, pelo emprego indevido da forma verbal frustrou-se. A letra e, embora pareça correta, peca pelo fato xí de falar em desaparecimento total da mitologia, enquanto o original diz que o que se perdeu foi a tradição de informação mitológica, o que é diferente. A resposta só pode ser a opção b.

Texto CVII

770) Letra d

Todo o texto leva a essa idéia de que a filantropia é algo positivo no mundo. O Brasil é um dos países que menos investem no social. Assim, o país precisa de que o próprio povo se dedique cada vez mais a tarefas sociais.

771)Letra b ’;

A ajuda de índices conhecidos é um instrumento de aferição do grau de maturidade econômica de uma sociedade. Dessa forma-se, a preposição **com** tem valor semântico ou nocional de instrumento.

772) Letra d

Questão de sinonímia. A palavra **filantropia** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **humanitarismo.** Elas são sinônimas.

773) Letra a

A “presença da filantropia”, que aparece nessa passagem do trecho, refere-se indistintamente ao governo e ao povo, pelo menos não há nada que diga o contrário. O Brasil estaria, então, numa posição de inferioridade em termos de filantropia. Mas a afirmação do último período (“Há milhões de brasileiros dedicando-se a tarefas sociais”) se opõe a essa afirmativa.

774) Letra c

A palavra **alguma,** colocada antes dos substantivos, tem valor positivo; colocada após eles, assume valor negativo, eqüivalendo a **nenhuma.** Observe que a inversão, na letra c, de *alguma coisa* para *coisa alguma* ocasiona uma mudança brutal de significado, a frase passa a ter o sentido oposto da outra. Isso sempre ocorre com o pronome algum (e flexões).

775) Letra e

O sufixo **or** da palavra **mensuradores** indica o agente da ação verbal, ou seja, **aqueles que medem.** Da mesma forma, **pintor é** o **que pinta, cantor é** o **que canta** etc.

Texto CVIII

776) Letra b

A resposta fica evidente no seguinte trecho: “Casar, para ela, não era negócio de paixão, nem se inseria no sentimento ou nos sentidos...”

(/. 14/15)
777) Letra d

A personagem central do texto, Ismênia, vivia em função do que a sociedade e, em especial a mãe, lhe impunham. Como um autômato, ela fora preparada para o casamento. Sua submissão a tais valores sociais tirava-lhe os desejos, os sonhos, a felicidade, como se vê em inúmeras passagens do texto. Enfim, ela era simplesmente conduzida. Esse resumo serve para mostrar que estão corretas as alternativas a, b, c, e e. A letra **d** está errada, pois o texto é leve, bem-humorado (veja, entre outros, o trecho: "A Zezé está doida para arranjar casamento, mas é tão feia, meu Deus!..." (/. 28/29). E o autor ironiza, sutilmente, esse valores sociais a que as pessoas se apegavam na época, por meio dos sentimentos contraditórios da personagem.

778) Letra c

Ela não fora educada para sentir, mas para casar, sendo assim mera coadjuvante de uma sociedade que traçava previamente, por intermédio da família, o caminho que deveria seguir.

779) Letra d

Questão de paráfrase baseada no conhecimento de voz verbal.

Na frase: "uma festa foi anunciada para o sábado", o verbo **anunciar** se encontra na voz passiva analítica ou verbal, que é aquela formada pelo auxiliar (ser) e o particípio (anunciada). Na letra d, a frase "anunciou-se uma festa para o sábado" apresenta o verbo na voz passiva sintética ou pronominal, que é aquela formada pela partícula apassivadora se. O sentido é o mesmo, até porque não houve mudança de tempo verbal.

780) Letra b .

A comparação ou simile ocorre quando a frase apresenta um conectivo comparativo, geralmente **como** ou **que.** Por exemplo, *ele é forte como o pai,* em que há dois seres sendo comparados, atuando como conectivo a palavra **como.** Na frase da alternativa b, as irmãs são comparadas a Ismênia (a irmã nubente), utilizando-se o autor da conjunção comparativa **que.**

Texto CIX

781) Letra a

Se os genéricos fossem uma unanimidade nacional, entenderse-ia que todos os brasileiros os consideram uma medida positiva; como o enunciado diz *estão se tornando,* entende-se que quase todos os consideram assim.

782) Letra a

A resposta se acha, bem clara, no segundo período do texto:

"Colheu (o Instituto) uma revelação surpreendente: 80% dos entrevistados já incorporaram essa alternativa a seus atos de consumo.", ou seja, grande parte da população (80%) já consome genéricos, daí a surpresa trazida pela pesquisa.

783) Letra b

Confira a resposta no item seguinte: "O ministro da Saúde, José Serra, obteve a melhor avaliação em toda a equipe de FHC."

784) Letra e

Pelo fato de custarem, em média, menos 30% do que os remédios tradicionais, os genéricos acabaram beneficiando a população de menor renda, aquela “que há anos era mantida à margem”, sem condições de comprar remédios. Estar à margem é estar fora dos padrões ditos normais, marginalizado, destituído, e o normal é que as pessoas possam comprar seus remédios.

785) Letra d

Vamos localizar as alternativas no texto. Opção a: “Os medicamentos sem marca aprovados...” (/. 9). Opção b: “...em média 30% mais baratos.” (/. 10/11). Opção c: “Hoje, entre os fabricantes de remédios já aprovados, apenas um é de origem estrangeira.” (/. 15/16). Opção e: “80% dos entrevistados já incorporaram essa alternativa a seus hábitos de consumo.” (/. 3/4). A alternativa d não pode ser localizada no texto.

786) Letra b

Questão de vocabulário, no caso de siglas, que não depende do texto. **CPI** quer dizer Comissão Parlamentar de Inquérito. Cabe aqui ressaltar a importância da leitura, pois essa sigla é bastante utilizada pela imprensa brasileira.

787) Letra d

Os laboratórios multinacionais não tinham, por razões econômicas, interesse no sucesso dos genéricos, passando então a boicotá-los, ou seja, a torpedeá-los, como diz a alternativa d. Veja o trecho em que isso se mostra: “...que acabou inibindo um novo boicote dos laboratórios multinacionais - bem sucedidos na sua primeira investida, ainda em 1993.” (/. 12-14)

788)Letrab

A palavra **apenas** poderia não ter sido usada. Seu emprego sugere uma espécie de admiração do autor, como se ele dissesse: realmente isso é muito pouco e, conseqüentemente, muito bom. É como também se ele exclamasse: apenas um!

789) Letra a

Se o autor fala em remédios já aprovados, é porque eles se submetem à aprovação de um órgão com competência técnica e legal para julgá-los; eles podem ser aprovados ou não.

790) Letra c

Questão de semântica. O trecho destacado poderia ser redigido, sem alteração de sentido, da seguinte forma: a nova realidade rendeu frutos políticos e ganhos econômicos. A locução prepositiva **além de** eqüivale à palavra e, conjunção aditiva.

791) Letra b

A palavra **inveja** está empregada em seu sentido denotativo, ou seja, comum, real, primitivo. As demais extrapolam o sentido original. Por exemplo, na letra **a, frutos** é algo que se come, mas não tem esse valor no texto. Diz-se então que tem um sentido conotativo ou figurado. O mesmo ocorre com os termos **abrindo as portas, disparou** e **colheu.**

792) Letra d

Na alternativa a, o verbo **acabar** quer dizer tão-somente ter fim, sendo dispensável o que segue no texto: a pesquisa da Vox Populi acabou. Nas alternativas **b** e c, o verbo **acabar** significa vir de terminar uma ação, ter terminado há pouco; acabamos de ler o texto, da letra b, quer dizer que o ato de ler terminou há pouco, sendo que raciocínio idêntico se aplica à opção c. Na opção e, o verbo é pronominal e significa exaurir-se. No trecho destacado no enunciado, o verbo **acabar** está seguido de um gerúndio, que indica exatamente como a coisa vai acabar; na alternativa d, que é a resposta, a palavra **bem** assume esse mesmo valor (modo, como no caso do gerúndio) por causa do sentido do verbo **acabar.**

Veja que se pode colocar no lugar dele uma oração de gerúndio: isso não vai acabar trazendo uma coisa boa (ou, mais claro, vai acabar não trazendo uma coisa boa).

Texto CX

793) Letra b

Pelo contrário, o autor diz que o silêncio é um privilégio das plantas e das pedras. Veja o trecho em que isso aparece: “Entretanto, elas e as pedras reservam-se o privilégio do silêncio...” (/. 3/4)

794) Letra b

Na letra **a, crispação** e **silêncio** referem-se, ambas, às árvores; na opção **c, paisagem** e **impermeabilidade,** as duas, também se ligam às árvores; na alternativa **d, cuidados** diz respeito aos homens, enquanto **solitário** se liga às árvores (tronco); na opção **e, atmosfera** refere-se aos homens, porém **mudez,** às plantas.

795) Letra e

O enunciado da questão alude a uma figura de linguagem conhecida como prosopopéia ou personificação. Ela só não ocorre na palavra **domesticidade,** que não diz respeito às árvores, mas aos homens.

796) Letra a

Entretanto é uma conjunção adversativa, sinônima de **mas; então,** no texto, eqüivale a conseqüentemente, e é uma conjunção conclusiva.

Texto CXI

797) Letra b

O texto fala sobre duas coisas: as mortes causadas pela água e as provocadas pela Aids. O título faz menção apenas à primeira, isto é, a uma parte do conteúdo.

798) Letra a

Questão de semântica. **Contaminado** quer dizer corrompido, viciado, contagiado; **insípido** vem do latim *insipidu, é* aquilo que não é sápido, ou seja, que não tem sabor; **insosso** provém do latim *insulsu* e significa sem sal; **natural** não oferece problema; **potável,** do latim *potabile,* significa que se pode beber.

799)Letrac

Essa técnica, comum em textos informativos, transmite confiança e credibilidade ao leitor. Evidentemente, não é obrigatória, como diz a letra a; as letras bee são facilmente descartadas; a letra **d** também está errada porque a responsabilidade é sempre de quem escreve (a fonte, confirmando isso, pode ter sido citada indevidamente, sem que o leitor venha a perceber).

800)Letra e

Morrerão de doenças pode ser entendido como “morrerão por causa de doenças”. Assim, **de doenças** é um adjunto adverbial de causa, tendo valor semântico de causa a preposição **de.** O mesmo ocorre na opção e, onde **de frio** eqüivale a “por causa do frio”, tendo o **de** valor semântico ou nocional de causa.

801) Letra d

O texto fala que 76 milhões de pessoas morrerão por causa da água, ao passo que a Aids matará, no mesmo período, 65 milhões. Então, está claro, menos pessoas morrerão por causa da Aids.

802) Letra a

As crianças são apenas parte dessas pessoas; não se pode dizer que o termo **crianças** substitui ou se refere diretamentente a **pessoas.**

803) Letra d

Vamos lembrar que o título é “Água insalubre”. O autor discorre sobre o tema, buscando alertar a população para um problema grave.

Mas esse problema não é muito conhecido, não é divulgado devidamente. Então, ele faz uma comparação com a Aids, que é algo sempre em evidência, com a finalidade de chamar a atenção das pessoas para a gravidade do problema da água.

804) Letra b

Questão que não se baseia no texto. A resposta é a letra b porque, quando se prepara a comida, a água é usada para lavar o alimento e participar do cozimento. Ao ingeri-lo, a água, naturalmente, vai junto. As outras são evidentes: ninguém bebe água da lavagem das calçadas, do banho diário, da lavagem de roupas e da limpeza da louça, ocorrendo apenas o uso.

805) Letra b

O texto procura apenas informar o leitor, é uma dissertação de cunho informativo. A palavra **preditivo** significa “aquele que prediz”. O texto faz uma previsão (e não predição, que tem um cunho místico) baseada no estudo de uma instituição científica.

806) Letra c

A conjunção **enquanto** é temporal e pode ser usada entre os dois períodos, que têm entre si uma noção de tempo: “...pelo uso e ingestão de água contaminada, enquanto, no mesmo período, serão registrados 65 milhões...”. Quanto à letra b, vale dizer que não se trata de uma conjunção, e sim de uma locução prepositiva. A conjunção, no caso, seria **apesar de que,** que também não poderia ser usada na frase.

807) Letra b

l Mesmo é um pronome demonstrativo e, como tal, remete a algo passado no texto: “até 2002”. **Igual** é um adjetivo, qualifica o seu substantivo. Um exemplo mais simples: *ele fez o mesmo trabalho* (indicação de um trabalho já citado) não tem o mesmo sentido de *ele fez o trabalho igual* (o trabalho está sendo confrontado com outro trabalho, é o oposto de **diferente).**

808) Letra d
As pessoas podem ser crianças ou adultos. Se as crianças serão as mais afetadas, é porque os adultos serão os menos afetados. Não há dificuldade alguma.

Texto CXII

809) Letra c
As referências ao mundo do teatro são feitas nos itens I e IV, no emprego, respectivamente, das palavras atores e artistas. O item in pode confundir um pouco, por causa da palavra criatividade. Esta, no entanto, pode ser aplicada a qualquer ramo de atividade humana, ou seja, não apenas os artistas e autores teatrais são criativos.
810) Letra d
Todo o texto é um protesto contra o abandono das crianças de rua, impedidas de progredir e dar, no futuro, uma efetiva contribuição à sociedade. Com a pergunta, o autor se mostra indignado pelo fato de o país negar às crianças e jovens a oportunidade do progresso a que todo indivíduo tem direito.
811) Letra e
A palavra atores é uma metáfora com base na criatividade desse grupo de profissionais. Assim, as alternativas a, b e d devem ser eliminadas, pois tratam da atividade de ator, denotativamente falando. A opção c é inteiramente descabida, não tendo qualquer relação com o texto.
Realmente, ser ator na vida significa fazer alguma coisa de bom, dar vazão à sua competência e criatividade, sendo isso o que se nega às crianças e jovens, segundo o autor.
812)Letrab
A palavra apenas é uma palavra denotativa de exclusão. Se a criatividade, a inteligência e os dons são usados, de acordo com o texto, apenas para sobreviver, é sinal de que eles deveriam ser usados também para outras coisas, ou seja, deveriam ser mais bem empregados, como diz a opção b.
813) Letra e
A palavra artistas nada tem de pejorativo no texto. Ao contrário, ela está sendo usada para destacar a criatividade das crianças e dos jovens. A letra c pede algum conhecimento extratexto, a oposição que se criou na sociedade entre o asfalto (onde teoricamente estariam as pessoas com melhor situação financeira) e o morro, que lembra indevidamente as favelas e abriga cidadãos de menor poder aquisitivo.
Quanto à letra d, a ligação apontada é exata e constitui um processo de coesão textual. As alternativas a e b não oferecem dúvidas.
814) Letra d
Essa questão é delicada, pela semelhança de algumas opções.
Não se esqueça de que ela está centrada no trecho em destaque, e não em todo o texto. A palavra-chave é alternativas, que também se encontra na opção d, embora no singular. A idéia é a seguinte: como essas crianças não têm

oportunidades de vida, acabam optando pela alternativa do crime, como meio de sobrevivência.

815) Letra b

Algo possível é algo sobre o qual se pode ter esperança. Reforça a idéia o fato de que custa pouco. Outra maneira de ver: esperança vem do verbo esperar, ter expectativa. Só se espera alcançar alguma coisa quando ela é possível.

BIBLIOGRAFIA

ANDRÉ, Hildebrando Afonso de. *Gramática ilustrada.* 4. ed. São Paulo: Moderna, 1991.
BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa.* 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
FERNANDES, Francisco. *Dicionário de verbos e regimes.* 33. ed. Porto Alegre/Rio de Janeiro: Globo, 1983.
FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa.* 3. ed. totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS, Rio de Janeiro. *Dicionário houaiss da língua portuguesa.* 1. ed. Objetiva, 2001.
JOTA, Zélio dos Santos. *Dicionário de Lingüística.* 2. ed. Rio de Janeiro: Presença/INL, 1981.
LEITÃO, Luiz Ricardo e LIMA, Ronaldo. *Interpretação de textos.* Rio de Janeiro: Cooautor, 1995.
MICHAELIS. *Moderno dicionário da língua portuguesa.* São Paulo: Melhoramentos, 1998.
PIMENTEL, Ernani Filgueiras. *Intelecção e interpretação de textos.* 17. ed. Brasília: Vest-Con, 1999.
ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa.* 20. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.
WALDECK, Sérgio e SOUZA, Luiz. *Roteiros de comunicação e expressão.* 5. ed. Rio de Janeiro: Eldorado, 1980.

Cortesia: www.reidosconcursos.blogspot.com

Interpretação de Textos

TEORIA e 800 QUESTÕES COMENTADAS

6ª EDIÇÃO

ASSOCIAÇÃO BRASUKA DC DKBIOS RETROGRAHCOS

ANPAC

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE
PROTEÇÃO E APOIO AOS CONCURSOS

Preencha a **ficha de cadastro** no final deste livro
e receba gratuitamente informações sobre os lançamentos e as promoções da
Editora Campus/Elsevier.
Consulte também nosso catálogo
completo e últimos lançamentos em
www.campus.com.br

SÉRIE IMPETUS
PROVAS E CONCURSOS

Interpretação de Textos

TEORIA E 800 QUESTÕES COMENTADAS
6ª EDIÇÃO

Renato Aquino

ELSEVIER CAMPUS

© 2006, Elsevier Editora Ltda.
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei n° 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora,
poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados:
eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.
Editoração Eletrônica
SBNIGRI Artes e Textos Ltda.
Coordenador *da Série*
Sylvio Motta
Projeto Gráfico
Elsevier Editora Ltda.
A Qualidade da Informação
Rua Sete de Setembro, 111 — 16° andar
20050-006 — Rio de Janeiro — RJ — Brasil
Telefone: (21) 3970-9300 Fax (21) 2507-1991
E-mail: info@elsevier.com.br
Escritório São Paulo
Rua Quintana, 753 – 8º andar
04569-011 - Brooklin - São Paulo - SP
Telefone: (11) 5105-8555
ISBN 13: 978-85-352-1815-2
ISBN 10: 85-352-1815-7
Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação à nossa Central de Atendimento, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.
Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.
Central de Atendimento
Tel: 0800-265340
Rua Sete de Setembro, 111, 16° andar - Centro - Rio de Janeiro
e-mail: info@elsevier.com.br
site: www.campus.com.br
CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ
Aquino, Renato
6. ed. Interpretação de textos: teoria e 800 questões comentadas / Renato
Aquino. - 6. ed. - Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.
532p. - (Impetus provas e concursos)
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-352-1815-2
ISBN 85-352-1815-7
1. Língua portuguesa - Problemas, questões e exercícios.
2. Compreensão na leitura. 3. Análise do discurso narrativo.
4. Serviço público - Brasil - Concursos. I. Título. II. Série.
05-1502. CDD-469.8
CDU - 811.134.2

Agradecimentos

À *família querida, sempre a meu lado, incentivo primeiro da minha jornada terrena; a todos que, de uma forma ou de outra, me ajudam a caminhar pelo mundo;a Jesus, irmão maior, “caminho, verdade e vida”, que não me deixa perder o rumo; mas, acima de tudo e de todos, a Deus, nosso Pai amado, que nos concedeu a maravilha da vida.*

O Autor

Renato Monteiro de Aquino

- Mestre em Letras (Filologia Românica) pela UFRJ
- Ex-professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Colégio Militar do Rio de Janeiro
- Ex-professor de Língua Portuguesa da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro
- Ex-professor de Língua Portuguesa da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro
- Fiscal de atividades econômicas aposentado do município do Rio de Janeiro
- Professor da Companhia dos Módulos e outros cursos preparatórios para concursos públicos do Rio de Janeiro

Outras obras do autor

- Português para Concursos. 16a ed. Editora Campus/Elsevier
- Redação para Concursos. 5a ed. Editora Campus/Elsevier
- Português para Concursos em vídeo (8 fitas). Tele-Jur
- Amor e Luz (Poesias). Editora Pongetti

Apresentação

NÃO DEIXE DE LER!

A interpretação de textos, tão comum em provas de Português, sempre foi um martírio para os alunos ou candidatos a concursos públicos ou vestibulares.

A dificuldade é geral e, com certeza, oriunda da falta de treinamento. As pessoas têm pouca disposição de mergulhar no texto; elas conseguem, obviamente, lê-lo, mas não aprofundam a leitura, não extraem dele aquelas informações que uma leitura superficial, apressada, não permite.

Ao tentar resolver o problema, as pessoas buscam os materiais que julgam poder ajudá-las. Caem, então, no velho vício de ler teoria em excesso, estudar coisas que nem sempre dizem respeito à compreensão e interpretação dos textos. Cansadas, não fazem o essencial: ler uma grande quantidade de textos — e tentar interpretá-los.

Este livro que chega às suas mãos é extremamente prático. A teoria apresentada é pequena, mas deve ser estudada com boa vontade e disposição de aprender. Depois, você vai encontrar uma enorme quantidade de textos, 112, para ser preciso. São 815 questões, mais de 4000 itens, todos comentados.

Fundamental é que você os leia na ordem em que são apresentados, resolvendo com atenção máxima as questões propostas. Começa-se por textos muito curtos, uma ou duas linhas, e vai-se aumentando, tanto em tamanho quanto em dificuldade. Cabe ainda ressaltar que não tivemos a preocupação de distinguir interpretação de compreensão. Levando-se em conta o objetivo da obra, isso seria absolutamente inútil.

Não tenha medo da interpretação de textos. Como qualquer outra atividade intelectual, ela pede paciência e boa vontade. Não tente fazer apressadamente, pois isso prejudicará o seu estudo. Talvez o mais difícil seja começar. Depois, acredite, vem o progresso, objetivo maior de todos nós.

O Autor

Palavras da Coordenação da Obra

Você acha que não tem condições de estudar interpretação de textos? Está cansado de ser reprovado nas provas de Língua Portuguesa? Você, sinceramente, acredita que nunca vai conseguir entender o uso correto das figuras de linguagem ou alcançar o que dizem as famosas entrelinhas? Isso lhe tem causado uma enorme sensação de impotência e desânimo?

Agora, estes problemas já podem acabar!

A Editora Campus/Elsevier, orgulhosamente, apresenta a terceira obra do Professor Renato Aquino.

Nela, o leitor-candidato encontrará respaldo necessário para resolver provas e, conseqüentemente, ter êxito em diversos concursos públicos, afastando de vez o fantasma da reprovação.

Isso mesmo! Logo nas primeiras páginas, você perceberá que não se trata apenas de mais um manual de interpretação de textos; antes, é um estímulo de auto-ajuda, que vai ensiná-lo a resolver todas aquelas deficiências que sempre o acompanharam e impediam-no de desenvolver técnicas de redação e interpretação, aplicáveis não somente em provas de Língua Portuguesa, mas na compreensão dos enunciados de questões de qualquer disciplina.

Em trabalho minucioso, o Autor selecionou textos em ordem crescente de complexidade, além de mais de oitocentas questões, todas com gabarito criteriosamente comentado. Enfocando as variadas tendências, de acordo com as diversas bancas examinadoras, a obra é um verdadeiro marco na preparação de candidatos em geral.

Outro aspecto a ser ressaltado é a sua universalidade: tanto pode ser adotada em colégios, quanto em cursos preparatórios, haja vista que abrange concursos de nível médio e superior. Em síntese: trata-se de um livro útil para todos aqueles que queiram ou precisem aperfeiçoar seus conhecimentos de Língua Portuguesa.

A partir de agora, você dispõe de um instrumento eficaz e decisivo para o seu sucesso, tanto pessoal quanto profissional.

Bom proveito.

Sylvio Motta :

Sumário

Parte 1 GENERALIDADES 1

Capítulo 1 Explicações preliminares 2
Capítulo 2 Denotação e conotação. Figuras 6
Capítulo 3 Coesão e coerência. Conectores 14
Capítulo 4 Tipologia textual 27
Capítulo 5 Significação das palavras 31
Capítulo 6 A prática 37

Parte 2 INTERPRETAÇÃO I 42

Parte 3 INTERPRETAÇÃO II 119

Parte 4 GABARITO E COMENTÁRIOS 327

Gabarito 328
Comentários 330

BIBLIOGRAFIA 452

PARTE I

GENERALIDADES

CAPÍTULO 1

EXPLICAÇÕES PRELIMINARES

I) Para interpretar bem

Todos têm dificuldades com interpretação de textos. Encare isso como algo normal, inevitável. Importante é enfrentar o problema e, com segurança, progredir. Aliás, progredir muito. Leia com atenção os itens abaixo.

1) Desenvolva o gosto pela leitura. Leia de tudo: jornais, revistas, livros, textos publicitários, listas telefônicas, bulas de remédios etc. Enfim, tudo o que estiver ao seu alcance. Mas leia com atenção, tentando, pacientemente, apreender o sentido. O mal é “ler por ler”, para se livrar.

2) Aumente o seu vocabulário. Os dicionários são amigos que precisamos consultar. Faça exercícios de sinônimos e antônimos. (Consulte o nosso Redação para Concursos, que tem uma seção dedicada a isso.)

3) Não se deixe levar pela primeira impressão. Há textos que metem medo. Na realidade, eles nos oferecem um mundo de informações que nos fornecerão grande prazer interior. Abra sua mente e seu coração para o que o texto lhe transmite, na qualidade de um amigo silencioso.

4) Ao fazer uma prova qualquer, leia o texto duas ou três vezes, atentamente, antes de tentar responder a qualquer pergunta. Primeiro, é preciso captar sua mensagem, entendê-lo como um todo, e isso não pode ser alcançado com uma simples leitura. Dessa forma, leia-o algumas vezes. A cada leitura, novas idéias serão assimiladas. Tenha a paciência necessária para agir assim. Só depois tente resolver as questões propostas.

5) As questões de interpretação podem ser localizadas (por exemplo, voltadas só para um determinado trecho) ou referir-se ao conjunto, às idéias gerais do texto. No primeiro caso, leia não apenas o trecho (às vezes uma linha) referido, mas todo o parágrafo em que ele se situa. Lembre-se: quanto mais você ler, mais entenderá o texto. Tudo é uma questão de costume, e você vai acostumar-se a agir dessa forma. Então - acredite nisso - alcançará seu objetivo.

6) Há questões que pedem conhecimento fora do texto. Por exemplo, ele pode aludir a uma determinada personalidade da história ou da atualidade, e ser cobrado do aluno ou candidato o nome dessa pessoa ou algo que ela tenha feito. Por isso, é importante desenvolver o hábito da leitura, como já foi dito. Procure estar atualizado, lendo jornais e revistas especializadas.

II) Paráfrase

Chama-se paráfrase a reescritura de um texto sem alteração de sentido. Questões de interpretação com freqüência se baseiam nesse conhecimento, nessa técnica. Vários recursos podem ser utilizados para parafrasear um texto.

1) Emprego de sinônimos.

Ex.: *Embora voltasse cedo, deixava os pais preocupados.*
Conquanto retornasse cedo, deixava os genitores preocupados.

2) Emprego de antônimos, com apoio de uma palavra negativa.

Ex.: *Ele era fraco.*
Ele não era forte.

3) Utilização de termos anafóricos, isto é, que remetem a outros já citados no texto.

Ex.: *Paulo e Antônio já saíram. Paulo foi ao colégio; Antônio, ao cinema.*
Paulo e Antônio já saíram. Aquele foi ao colégio; este, ao cinema.

Aquele = Paulo
este = Antônio

4) Troca de termo verbal por nominal, e vice-versa.

Ex.: *É necessário que todos colaborem.*
É necessária a colaboração de todos.
Quero o respeito do grupo.
Quero que o grupo me respeite.

5) Omissão de termos facilmente subentendidos.

Ex.: *Nós desejávamos uma missão mais delicada, mais importante.*
Desejávamos missão mais delicada e importante.

6) Mudança de ordem dos termos no período.

Ex.: *Lendo o jornal, cheguei à conclusão de que tudo aquilo seria esquecido após três ou quatro meses de investigação.*
Cheguei à conclusão, lendo o jornal, de que tudo aquilo, após três ou quatro meses de pesquisa, seria esquecido.

7) Mudança de voz verbal

Ex.: *A mulher plantou uma roseira em seu jardim. (voz ativa)*
Uma roseira foi plantada pela mulher em seu jardim. (voz passiva analítica)

Obs.: Se o sujeito for indeterminado (verbo na 3ª pessoa do plural sem o sujeito expresso na frase), haverá duas mudanças possíveis.

Ex.: *Plantaram uma roseira. (voz ativa)*
Uma roseira foi plantada. (voz passiva analítica)
Plantou-se uma roseira. (voz passiva sintética)

8) Troca de discurso

Ex.: *Naquela tarde, Pedro dirigiu-se ao pai dizendo: - Cortarei a grama sozinho. (discurso direto)*

Naquela tarde, Pedro dirigiu-se ao pai dizendo que cortaria a grama sozinho. (discurso indireto)

9) Troca de palavras por expressões perifrásticas (vide perífrase, no capítulo seguinte) e vice-versa

Ex.: *Castro Alves visitou Paris naquele ano.*
O poeta dos escravos visitou a cidade luz naquele ano.

10) Troca de locuções por palavras e vice-versa:

Ex.: *O homem da cidade não conhece a linguagem do céu.*
O homem urbano não conhece a linguagem celeste.

Da cidade e **do céu** são locuções adjetivas e correspondem aos adjetivos **urbano** e **celeste.** É importante conhecer um bom número de locuções adjetivas. Consulte o assunto em nosso livro Redação para Concursos.

Numa paráfrase, vários desses recursos podem ser utilizados concomitantemente, além de outros que não foram aqui referidos, mas que a prática nos apresenta. O importante é ler com extrema atenção o trecho e suas possíveis paráfrases. Se perceber mudança de sentido, a reescritura não pode ser considerada uma paráfrase. Há muitas questões de provas baseadas nisso.

Vamos então fazer um exercício. Leia com atenção o trecho abaixo e anote a alternativa em que não ocorre uma paráfrase.

O homem caminha pela vida muitas vezes desnorteado, por não reconhecer no seu íntimo a importância de todos os instantes, de todas as coisas, simples ou grandiosas.

a) Freqüentemente sem rumo, segue o homem pela vida, por não reconhecer no seu íntimo o valor de todos os instantes, de todas as coisas, sejam simples ou grandiosas.

b) Não reconhecendo em seu âmago a importância de todos os momentos, de todas as coisas, simples ou grandiosas, o homem caminha pela vida muitas vezes desnorteado.

c) Como não reconhece no seu íntimo o valor de todos os momentos, de todas as coisas, sejam elas simples ou não, o homem vai pela vida freqüentemente desnorteado.

d) O ser humano segue, com freqüência, vida afora, sem rumo, porquanto não reconhece, em seu interior, a importância de todos os instantes, de todas as coisas, simples ou grandiosas.

e) O homem caminha pela vida sempre desnorteado, por não reconhecer, em seu mundo íntimo, o valor de cada momento, de cada coisa, seja ela simples ou grandiosa.

O trecho foi reescrito cinco vezes. Utilizaram-se vários recursos. Em quatro opções, o sentido é rigorosamente o mesmo. Tal fato não se dá, porém, na letra e, que seria o gabarito. O texto original diz que “o homem caminha pela vida muitas vezes desnorteado...”, contudo a reescritura nos diz “sempre desnorteado”. Ora, **muitas** vezes é uma coisa, sempre é outra, bem diferente.

Observações

a) Tenha cuidado com a mudança de posição dos termos dentro da frase. Palavras ou expressões podem alterar profundamente o sentido de um texto.

Ex.: *Encontrei determinadas pessoas naquela cidade.*
Encontrei pessoas determinadas naquela cidade.

Na primeira frase, **determinadas** é um pronome indefinido, equivalente a certas, umas, algumas; na segunda, é um adjetivo e significa decididas.

b) Cuidado também com a pontuação, que costuma passar despercebida.

Ex.: *A criança agitada corria pelo quintal.*
A criança, agitada, corria pelo quintal.

Na primeira frase, o adjetivo **agitada** indica uma característica da criança, algo inerente a ela, isto é, trata-se de uma pessoa sempre agitada. Na segunda, as vírgulas indicam que a criança está agitada naquele momento, sem que necessariamente ela o seja no seu dia-a-dia.

CAPÍTULO 2

DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO. FIGURAS

I) Denotação

Consultando o dicionário Houaiss, encontramos para a palavra **jóia** as seguintes definições:

1 objeto de metal precioso finamente trabalhado, em que muitas vezes se engastam pedras preciosas, pérolas etc. ou a que é aplicado esmalte, us. como acessório de vestuário, adorno de cabeça, pescoço, orelhas, braços, dedos etc.

2 Pedra preciosa de grande valor.

3 p. ext. qualquer objeto caro e trabalhado com arte (estatueta, relógio, cofre, vaso etc).

As definições são claras, precisas. Todas giram em torno de um objeto de valor. A partir dessas definições, podemos criar frases com muita segurança.

Ex.: *Essa jóia em seu pescoço está há várias gerações em nossa família.*
O rubi é uma jóia que encanta meus olhos.
Aquele vaso, provavelmente chinês, é uma jóia de raro acabamento.

A palavra **jóia,** presente nas três frases citadas, foi empregada em seus sentidos reais, primitivos. A isso se dá o nome de **denotação.**

II) Conotação

Voltando ao dicionário citado, encontramos na seqüência da leitura o seguinte:

4 fig. pessoa ou coisa muito boa e querida (sua sobrinha é uma jóia.

O próprio dicionarista nos dá um exemplo. Vejamos outras frases abaixo.

Ela é uma jóia de menina.
Que jóia esse cachorrinho!
Minha irmã se tornou uma jóia muito especial.

Observe que, em todas as frases, a palavra jóia extrapolou o sentido original de objeto caro. Ela está se referindo a pessoas e animais, que, na realidade, não podem ser jóias, se levarmos em conta o sentido denotativo do termo. Há uma comparação implícita em cada frase: bonito ou bonita como uma jóia. Dizemos então que se trata de **conotação**.

Vamos comparar as duas frases abaixo:

Comi uma fruta deliciosa.
Ela escreveu uma frase deliciosa.

Na primeira, o adjetivo **deliciosa** está empregado denotativamente, pois indica o gosto agradável da fruta; trata-se do sentido real do termo. Na segunda, o adjetivo não pode ser entendido "ao pé da letra", uma vez que frase não tem gosto, não tem sabor. É um emprego especial, estilístico da palavra **deliciosa.** Assim, ela está usada conotativamente.

Muitas vezes, as perguntas de interpretação se voltam para o emprego denotativo ou conotativo dos vocábulos. E mais: o entendimento global do texto pode depender disso. Leia-o, pois, com atenção. A leitura atenta é tudo.

III) Figuras de linguagem

As figuras constituem um recurso especial de construção, valorizando e embelezando o texto. Há questões de provas, inclusive em concursos públicos, que cobram, direta ou indiretamente, o emprego adequado da linguagem figurada. Vejamos as mais importantes, que você não pode desconhecer. Elas não serão, aqui, agrupadas de acordo com sua natureza: de palavras, de pensamento e de sintaxe. **Não** há importância nessa distinção, para interpretarmos um texto.

1) Comparação ou simile

Consiste, como o próprio nome indica, em comparar dois seres, fazendo uso de conectivos apropriados.

Ex.: *Esse liqüido é azedo como limão.*
A jovem estava branca qual uma vela.

2) Metáfora

Tipo de comparação em que não aparecem o conectivo nem o elemento comum aos seres comparados.

Ex.: *"Minha vida era um palco iluminado..." (Minha vida era alegre, bonita etc. como um palco iluminado.)*
Tuas mãos são de veludo. (Entenda-se: mãos macias como o veludo)
"A vida, manso lago azul..." (Júlio Salusse)

(Neste exemplo, nem o verbo aparece, mas é clara a idéia da comparação: a vida é suave, calma como um manso lago azul.)

3) Metonímia

Troca de uma palavra por outra, havendo entre elas uma relação real, concreta, objetiva. Há vários tipos de metonímia.

Ex.: *Sempre li Érico Veríssimo, (o autor pela obra)*
Ele nunca teve o seu próprio teto. (a parte pelo todo)
Cuidemos da infância. (o abstrato pelo concreto: infância / crianças)
Comerei mais um prato. (o continente pelo conteúdo)
Ganho a vida com meu suor. (o efeito pela causa)

4) Hipérbole

Consiste em exagerar as coisas, extrapolando a realidade.

Ex.: *Tenho milhares de coisas para fazer.*
Estava quase estourando de tanto rir.
Vive inundado de lágrimas.

5) Eufemismo

É a suavização de uma idéia desagradável. Chamado de linguagem diplomática.

Ex.: *Minha avozinha descansou. (morreu)*
Ele tem aquela doença. (câncer)
Você não foi feliz com suas palavras. (foi estúpido, grosseiro)

6) Prosopopéia ou personificação

Consiste em se atribuir a um ser inanimado ou a um animal ações próprias dos seres humanos.

Ex. *A areia chorava por causa do calor.*
As flores sorriam para ela.

7) Pleonasmo

Repetição enfática de um termo ou de uma idéia.

Ex.: *O pátio, ninguém pensou em lavá-lo. (lo = O pátio)*
Vi o acidente com olhos bem atentos. (Ver só pode ser com os olhos.)

8) Anacoluto

É a quebra da estruturação sintática, de que resulta ficar um termo sem função sintática no período. É parecido com um dos tipos de pleonasmo.

Ex.: *O jovem, alguém precisa falar com ele.*

Observe que o termo O **jovem** pode ser retirado do texto. Ele não se encaixa sintaticamente no período. Caso disséssemos **Com o jovem,** teríamos um pleonasmo: com o jovem = com ele.

9) Antítese

Emprego de palavras ou expressões de sentido oposto.

Ex.: *Era cedo para alguns e tarde para outros.*
“Não és bom, nem és mau: és triste e humano.” (Olavo Bilac)

10) Sinestesia

Consiste numa fusão de sentidos.

Ex.: *Despertou-me um som colorido. (audição e visão)*
Era uma beleza fria. (visão e tato)

11) Catacrese

É a extensão de sentido que sofrem determinadas palavras na falta ou desconhecimento do termo apropriado. Essa extensão ocorre com base na analogia. Por isso, ela é uma variação da metáfora.

Ex.: *Leito do rio. Dente de alho. Barriga da perna. Céu da boca.*

Curiosas são as catacreses constituídas por verbos: embarcar num trem, enterrar uma agulha no dedo etc. Embarcar é entrar no barco, não no trem; enterrar é entrar na terra, não no dedo.

12) Hipálage

Adjetivação de um termo em vez de outro.

Ex.: *O nado branco dos cisnes o fascinou, (brancos são os cisnes)*
Acompanhava o vôo negro dos urubus, (negros são os urubus)

13) Quiasmo

Ao mesmo tempo repetição e inversão de termos, podendo haver algumas alterações.

Ex.: *“No meio do caminho tinha uma pedra tinha uma pedra no meio do caminho “(C. D. Andrade)*
“Vinhas fatigada e triste, e triste e fatigado eu vinha.” (Olavo Bilac)

14) Silepse

Concordância anormal feita com a idéia que se faz do termo e não com o próprio termo. Pode ser:

a) de gênero

Ex.: *V Sa é bondoso.*

A concordância normal seria **bondosa,** já que **V. Sa** é do gênero feminino. Fez-se a concordância com a idéia que se possui, ou seja, trata-se de um homem.

b) de número

Ex.: *O grupo chegou apressado e conversavam em voz alta.*

O segundo verbo do período deveria concordar com **grupo.**

Mas a idéia de plural contida no coletivo leva o falante a botar o verbo no plural: conversavam. Tal concordância anormal não deve ser feita com o primeiro verbo.

c) de pessoa.

Ex.: *Os brasileiros somos otimistas.*

Em princípio, dir-se-ia são, pois o sujeito é de terceira pessoa do plural. Mas, por estar incluído entre os brasileiros, é possível colocar o verbo na primeira pessoa: somos.

15) Perífrase

Emprego de várias palavras no lugar de poucas ou de uma só.

Ex.: *"Se lá no assento etéreo onde subiste..." (Camões)*

assento etéreo = céu.

Morei na Veneza brasileira.

Veneza brasileira = Recife

Não provoque o rei dos animais.

rei dos animais = leão.

Obs.: Questões que envolvem perífrase pedem, freqüentemente, conhecimento independente do texto.

16) Assíndeto

Ausência de conectivo. É um tipo especial de elipse, que é a omissão de qualquer termo.

Ex.: *Entrei, peguei o livro, fui para a rede.*
Ligando as duas últimas orações, deveria aparecer a conjunção e.

17) Polissíndeto

Repetição da conjunção, geralmente e.

Ex.: *"Trejeita, e canta, e ri nervosamente." (Padre Antônio Tomás)*
"E treme, e cresce, e brilha, e afia o ouvido, e escuta." (Olavo Bilac)

18) Zeugma

Omissão de um termo, geralmente verbo, empregado anteriormente. Variação da elipse.

Ex.: *"A moral legisla para o homem; o direito, para o cidadão." (Tomás Ribeiro)*
"São estas as tradições das nossas linhagens; estes os exemplos de nossos avós." (Herculano)

Obs.:Na primeira frase, está subentendida a forma verbal **legisla;** na segunda, são.

19) Apóstrofe

Chamamento, invocação de alguém ou algo, presente ou ausente. Corresponde ao vocativo da análise sintática.

Ex.: *"Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?!" (Castro Alves)*
"Erguei-vos, menestréis, das púrpuras do leito!" (Guerra Junqueiro)

20) Ironia

Consiste em dizer-se o contrário do que se quer. É figura muito importante para a interpretação de textos.

Ex.: *"Moça linda bem tratada, três séculos de família, burra como uma porta, um amor." (Mário de Andrade)*

Observe que, após chamar a moça de burra, o poeta encerra a estrofe com um **aparente** elogio: um amor.

21) Hipérbato

É a inversão da ordem dos termos na oração ou das orações no período.

Ex.: *“Aberta em par estava a porta.” (Almeida Garrett)*
“Essas que ao vento vêm
Belas chuvas de junho!” (Joaquim Cardozo)

22) Anástrofe

Variante do hipérbato. Consiste em se inverter a ordem natural existente entre o termo determinado (principal) e o determinante (acessório).

Ex.: *Sentimos do vento a carícia.*
Determinado: a carícia
Determinante: do vento

Obs.: Nem sempre é simples a distinção entre hipérbato e anástrofe. Há certa discordância entre os especialistas do assunto.

23) Onomatopéia

Palavra que imita sons da natureza.

Ex.: *O ribombar dos canhões nos assustava.*
Não agüentava mais aquele tique-taque insistente.
“Não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano.” (Machado de Assis)

24) Aliteração

Repetição de fonemas consonantais.

Ex.: *Nem toda tarefa é tão tranqüila.*
“Ruem por terra as emperradas portas.” (Bocage)
“Os teus grilhões estrídulos estalam.” (Raimundo Correia)

Obs.: Nos dois últimos exemplos, as aliterações procuram reproduzir, sons naturais, constituindo-se também em onomatopéias.

25) Enálage

Troca de tempos verbais.

Ex.: *Se você viesse, ganhava minha vida mais entusiasmo,*
Agora que murcharam teus loureiros
Fora doce em teu seio amar de novo.” (Álvares de Azevedo)

Obs.: Na primeira frase, **ganhava** está no lugar de **ganharia;** na segunda, **fora** substitui **seria.**

CAPÍTULO 3

COESÃO E COERÊNCIA. CONECTORES

I) Coesão e coerência

O texto é um conjunto harmônico de elementos, associados entre si por processos de coordenação ou subordinação. Os fonemas (sons da fala), representados graficamente pelas letras, se unem constituindo as palavras. Estas, por sua vez, ligam-se para formar as orações, que passam a se agrupar constituindo os períodos. A reunião de períodos dá origem aos parágrafos. Estes também se unem, e temos então o conjunto final, que é o texto.

No meio de tudo isso, há certos elementos que permitem que o texto seja inteligível, com suas partes devidamente relacionadas. Se a ligação entre as partes do texto não for bem feita, o sentido lógico será prejudicado. Observe atentamente o trecho seguinte.

Levantamos muito cedo. Fazia frio e a água havia congelado nas torneiras. Até os animais, acostumados com baixas temperaturas, permaneciam, preguiçosamente, em suas tocas. Apesar disso, deixamos de fazer nossa caminhada matinal com as crianças.

O trecho é composto por vários períodos, agrupados em dois segmentos distintos. No primeiro, fala-se do frio intenso e suas conseqüências; no segundo, a decisão de não fazer a caminhada matinal. O que aparece para fazer a ligação entre esses dois segmentos? A locução **apesar disso.** Ora, esse termo tem valor concessivo, liga duas coisas contraditórias, opostas; mas o que segue a ele é uma conseqüência do frio que fazia naquela manhã. Dessa forma, no lugar de **apesar disso,** deveríamos usar **por isso, por causa disso, em virtude disso** etc.

Conclui-se o seguinte: as partes do texto não estavam devidamente ligadas. Diz-se então que faltou coesão textual.

Conseqüentemente, o trecho ficou sem coerência, isto é, sem sentido lógico.

Resumindo, podemos dizer que a coesão é a ligação, a união entre partes de um texto; coerência é o sentido lógico, o nexo.

II) Elementos conectores

É extremamente importante, para que se penetre no texto, uma noção segura dos recursos de que a língua dispõe para estabelecer a coesão textual. Aliás, esse termo é ainda mais amplo: qualquer vínculo estabelecido entre as palavras, as orações, os períodos ou os parágrafos podemos chamar de coesão. Toda palavra ou expressão que se refere a coisas passadas no texto, ou mesmo às que ainda virão, são elementos conectores. Os termos a que eles se referem podem ser chamados de referentes. Muita atenção, pois, com os conectores. Eis os mais importantes:

1) Pronomes pessoais, retos ou oblíquos

Ex.: *Meu filho está na escola.* ***Ele*** *tem uma prova hoje.*

Ele = meu filho (referente)

Carlos trouxe o memorando e ***o*** *entregou ao chefe.*

O = memorando (referente)

2) Pronomes possessivos

Ex.: *Pedro, chegou a* ***sua*** *maior oportunidade.*

Sua = Pedro (de Pedro)

3) Pronomes demonstrativos

Os demonstrativos estão entre os mais importantes conectores da língua portuguesa. Freqüentemente se criam questões de interpretação ou compreensão com base em seu emprego. Veja os casos seguintes.

a) *O filho está demorando, e* ***isso*** *preocupa a mãe.*

Isso = O filho está demorando.

b) ***Isto*** *preocupa a mãe: o filho está demorando.*

Isto = o filho está demorando.

Parecidos, não é mesmo? A diferença é que **isso** (esse, esses, essa, essas) é usado para fazer referência a coisas ou fatos passados no texto. **Isto** (este, estes, esta, estas) refere-se a coisas ou fatos que ainda aparecerão. Embora se faça uma certa confusão hoje em dia, o seu emprego adequado é exatamente o que acabamos de expor.

c) *O homem e a mulher estavam sorrindo.* ***Aquele*** *porque foi promovido;* ***esta*** *por ter recebido um presente.*

Aquele = homem

esta = mulher

Temos aqui uma situação especial de coesão: evitar a repetição de termos por meio do emprego de este (estes, esta, estas) e aquele (aqueles, aquela, aquelas). Não se usa, aqui, o pronome esse (esses, essa, essas). Com relação ao exemplo, a palavra **aquele** refere-se ao termo mais afastado (homem), enquanto esta, ao mais próximo (mulher). Semelhante correlação também pode ser feita com numerais (primeiro e segundo) ou com pronomes indefinidos (um e outro).

4) Pronomes indefinidos

Ex.: *Naquela época, os homens, as mulheres, as crianças,* ***todos*** *acreditavam na vitória.*

todos = homens, mulheres, crianças

5) Pronomes relativos

Ex.: *Havia ali pessoas* ***que*** *me ajudavam.*

que = pessoas

No caso do pronome relativo, o seu referente costuma ser chamado de antecedente.

6) Pronomes interrogativos

Ex.: ***Quem*** *será responsabilizado? O rapaz do almoxarifado, por não ter conferido os materiais.*

Quem = rapaz do almoxarifado

7) Substantivos

Ex.: *José e Helena chegaram de férias. Crianças ainda, não entendem o que aconteceu com o professor.*

Crianças = José e Helena

8) Advérbios

Ex.: *A faculdade ensinou-o a viver. Lá se tornou um homem.*

Lá = faculdade

9) Preposições

As preposições ligam palavras dentro de uma mesma oração. Em casos excepcionais, ligam duas orações. Elas não possuem referentes no texto, simplesmente estabelecem vínculos.

Ex.: *Preciso de ajuda.*

Morreu de frio.

Nas duas frases, a preposição liga um verbo a um substantivo. Na primeira, em que introduz um objeto indireto (complemento verbal com preposição exigida pelo verbo), ela é destituída de significado. Diz-se que tem apenas valor relacional. Na segunda, em que introduz um adjunto adverbial, ela possui valor semântico ou nocional, uma vez que a expressão que ela inicia tem um valor de causa. Veja, a seguir, os principais valores semânticos das preposições.

• De causa

Ex.: *Perdemos tudo* ***com*** *a seca.*

• De matéria

Ex.: *Trouxe copos* ***de*** *papel.*

• De assunto

Ex.: *Falavam* ***de*** *política.*

• De fim ou finalidade

Ex.: *Vivia* ***para*** *o estudo.*

• De meio

Ex.: *Falaram* ***por*** *telefone.*

• De instrumento

Ex.: *Feriu-se* ***com*** *a tesoura.*

• De condição

Ex.: *Ele não vive* ***sem*** *feijão.*

• De posse

Ex.: *Achei o livro* ***de*** *André.*

• De modo

Ex.: *Agiu* ***com*** *tranqüilidade.*

• De tempo

Ex.: *Retornaram* ***de*** *manhã.*

• De companhia

Ex.: *Passeou* ***com*** *a irmã.*

- De afirmação

Ex.: *Irei* ***com*** *certeza.*

- De lugar

Ex.: *Ele veio* ***de*** *casa.*

10) Conjunções e locuções conjuntivas

Conjunção é a palavra que liga duas orações ou, em poucos casos, dois elementos de mesma natureza. Pode-se entender também como a palavra que introduz uma oração, que pode ser coordenada ou subordinada. Não vai nos interessar aqui essa distinção. Se desejar, consulte o nosso livro Português para Concursos.

É sumamente importante para a interpretação e a compreensão de textos o conhecimento das conjunções e locuções correspondentes.

Chamaremos a todas, simplesmente, conjunções.

Da mesma forma que as preposições, as conjunções não têm referentes propriamente ditos. Cumpre reconhecer o valor de cada uma, para que se entenda o sentido das orações em português e, conseqüentemente, do texto em que elas aparecem.

Conjunções coordenativas

São as que iniciam orações coordenadas. Podem ser:

1) Aditivas: estabelecem uma adição, somam coisas ou orações de mesmo valor.

Principais conjunções: e, nem, mas também, como também, senão também, como, bem como, quanto.

Ex.: *Fechou a porta* ***e*** *foi tomar café.*
Não trabalha ***nem*** *estuda.*
Tanto lê como escreve.
Não só pintava, ***mas também*** *fazia versos.*
Não somente lavou, ***como também*** *escovou os cães.*

2) Adversativas: estabelecem idéias opostas, contrastantes.

Principais conjunções: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante, senão, que.

Ex.: *Correu muito,* ***mas*** *não se cansou.*
As árvores cresceram, ***porém*** *não estão bonitas.*
Falou alto, ***todavia*** *ninguém escutou.*
Chegamos com os alimentos, ***no entanto*** *não estavam com fome.*
Não o culpo, ***senão*** *a você.*
Peça isso a outra pessoa, ***que*** *não a mim.*

Observações

a) Em todas as frases há idéia de oposição. Se a pessoa corre muito, deve ficar cansada. A palavra **mas** introduz uma oração que contraria isso. O mesmo ocorre com as outras conjunções e suas respectivas orações.

b) Às vezes, a palavra e, normalmente aditiva, assume valor adversativo.

Ex.: *Fiz muito esforço e nada consegui,* **(mas** nada consegui)

3) Conclusivas: estabelecem conclusões a partir do que foi dito inicialmente.

Principais conjunções: logo, portanto, por conseguinte, pois (colocada depois do verbo), por isso, então, assim, em vista disso.

Ex.: *Chegou muito cedo,* ***logo*** *não perdeu o início do espetáculo.*
Todos foram avisados, ***portanto*** *não procedem as reclamações.*
É bastante cuidadoso; consegue, ***pois,*** *bons resultados.*
Estava desanimado, ***por conseguinte*** *deixou a empresa.*
É trabalhador, ***então*** *só pode ser honesto.*

4) Alternativas: ligam idéias que se alternam ou mesmo se excluem.

Principais conjunções: ou, ou...ou, ora...ora, já...já, quer...quer.

Ex.: *Faça sua parte,* ***ou*** *procure outro emprego.*

Ora *narrava,* ***ora*** *comentava.*

"Já atravessa as florestas, já chega aos campos do Ipu." (José de Alencar)

5) Explicativas: explicam ou justificam o que se diz na primeira oração.

Principais conjunções: porque, pois, que, porquanto.

Ex.: *Chorou muito,* ***porque*** *os olhos estão inchados.*
Choveu durante a madrugada, ***pois*** *o chão está alagado.*
Volte logo, ***que*** *vai chover.*
Era uma criança estudiosa, ***porquanto*** *sempre tirava boas notas.*

Observações

a) Essas conjunções também podem iniciar orações subordinadas causais, como veremos adiante.

b) Depois de imperativo, elas só podem ser coordenativas explicativas, como no terceiro exemplo.

Conjunções subordinativas

São as que iniciam as orações subordinadas. Podem ser:

1) Causais: iniciam orações que indicam a causa do que está expresso na oração principal.

Principais conjunções: porque, pois, que, porquanto, já que, uma vez que, como, visto que, visto como.

Ex.: *O gato miou* ***porque*** *pisei seu rabo.*
Estava feliz ***pois*** *encontrou a bola.*
Triste ***que*** *estava, não quis passear.*
Já ***que*** *me pediram, vou continuar.*
Visto ***que*** *vai chover, sairemos agora mesmo.*
Como *fazia frio, pegou o agasalho.*

2) Condicionais: introduzem orações que estabelecem uma condição para que ocorra o que está expresso na oração principal.

Principais conjunções: se, caso, desde que, a menos que, salvo se, sem que, contanto que, dado que, uma vez que.

Ex.: *Explicarei a situação,* ***se*** *isso for importante para todos.*
Caso *me solicitem, escreverei uma nova carta.*
Você será aprovado, ***desde que*** *se esforce mais.*
Sem que *digas a verdade, não poderemos prosseguir.*
Contanto que *todos participem da reunião, os projetos serão apresentados.*
Uma *vez* ***que*** *ele tente, poderá alcançar o objetivo.*

3) Concessivas: começam orações com valor de concessão, isto é, idéia contrária à da oração principal. Cuidado especial com essas conjunções! Elas são bastante cobradas em questões de provas.

Principais conjunções: embora, ainda que, mesmo que, conquanto, posto que, se bem que, por mais que, por menos que, suposto que, apesar de que, sem que, que, nem que.

Ex.: ***Embora*** *gritasse, não foi atendido.*
Perderia a condução ***mesmo que*** *acordasse cedo.*
Conquanto *estivesse com dores, esperou pacientemente.*
Posto que *me tenham convidado com insistência, não quis participar.*
Por mais que *tentem explicar, o caso continua confuso.*
Sem que *tenha grandes virtudes, é adorado por todos.*
Doente ***que*** *estivesse, participaria da maratona.*
Fale, ***nem que*** *seja por um minuto apenas.*

4) Comparativas: introduzem orações com valor de comparação.

Principais conjunções: como, (do) que, qual, **quanto,** feito, que nem.

Ex.: *Ele sempre foi ágil* ***como*** *o pai.*
Maria estuda mais ***que*** *a irmã.* (ou do que)
Nada o entristecia tanto ***quanto*** *o sofrimento de seu povo.*
Estava parado ***feito*** *uma estátua.*
Rastejávamos ***que nem*** *serpentes.*
Ele agiu tal ***qual*** *eu lhe pedira.*

Observações

a) Geralmente o verbo da oração comparativa é o mesmo da principal e fica subentendido. É o que ocorre nos cinco primeiros exemplos.

b) As conjunções **feito** e **que nem** são de emprego coloquial.

5) Conformativas: principiam orações com valor de acordo em relação à principal.

Principais conjunções: conforme, segundo, consoante, como.

Ex.: *Fiz tudo* ***conforme*** *me solicitaram.*
Segundo *nos contaram, o jogo foi anulado.*
Pedro tomou uma decisão ***consoante*** *determinava a sua consciência.*
Carlos é inteligente ***como*** *os pais sempre afirmaram.*

6) Consecutivas: iniciam orações com valor de conseqüência.

Principais conjunções: que (depois de tão, tal, tanto, tamanho, claros ou ocultos), de sorte que, de maneira que, de modo que, de forma que.

Ex.: *Falou tão alto* ***que*** *acordou o vizinho.*
Gritava ***que*** *era uma barbaridade.* (Gritava tanto...)
Eu lhe expliquei tudo, ***de modo que*** *não há motivos para discussão.*

7) Proporcionais: começam orações que estabelecem uma proporção.

Principais conjunções: à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto (em correlações do tipo quanto mais...mais, quanto menos...menos, quanto mais...menos, quanto menos...mais, quanto maior...maior, quanto menor...menor).

Ex.: *Seremos todos felizes* ***à proporção que*** *amarmos.*
À medida que *o tempo passava, crescia a nossa expectativa.*
O ar se tornava rarefeito ***ao passo que*** *subíamos a montanha.*
Quanto *mais nos preocuparmos, mais ficaremos nervosos.*
Quanto *menos estudamos, menos progredimos.*
Quanto *maior for o preparo, maior será a oportunidade.*

8) Finais: introduzem orações com valor de finalidade.

Principais conjunções: para que, a fim de que, que, porque.

Ex.: *Fechou a porta* ***para que*** *os animais não entrassem.*
Trarei minhas anotações ***a fim de que*** *você me ajude.*
Faço votos ***que*** *sejas feliz.* (= para que)
Esforcei-me ***porque*** *tudo desse certo.* (= para que)

9) Temporais: introduzem orações com valor de tempo.

Principais conjunções: quando, assim que, logo que, antes que, depois que, mal, apenas, que, desde que, enquanto.

Ex.: *Cheguei* ***quando*** *eles estavam saindo.*
Assim que *anoiteceu, fomos para casa.*
Sentiu-se aliviado ***depois que*** *tomou o remédio.*
Mal *a casa foi reformada, a família se mudou.*
Hoje, ***que*** *não tenho tempo, chegaram as propostas.*
Estávamos lá ***desde que*** *ele começou a lecionar.*
Enquanto *o filho estudava, a mãe fazia comida.*

10) Integrantes: são as únicas desprovidas de valor semântico; iniciam orações que completam o sentido da outra; tais orações são chamadas de subordinadas substantivas.

São apenas duas: que e se

Ex.: *É bom* ***que*** *o problema seja logo resolvido..*
Veja ***se*** *ele já chegou.*

Obs.:As palavras **que** e **se,** nos exemplos acima, iniciam orações que funcionam, respectivamente, como sujeito e objeto direto da oração principal.

Observações finais

a) Apesar de e **em que pese a** são locuções prepositivas com valor de concessão. Ligam palavras dentro de uma mesma oração ou introduzem orações reduzidas de infinitivo.

Ex.: ***Apesar*** *do aviso de perigo, ele resolveu escalar a montanha.*
Apesar de *ventar muito, fomos para a pracinha.*
Em ***que pese a*** *vários pedidos do gerente, o caixa não fez serão.*
Em ***que pese a*** *ter treinado bem, foi colocado na reserva.*

b) Algumas conjunções coordenativas às vezes ligam palavras dentro de uma mesma oração.

Ex. *Carlos* ***e*** *Rodrigo são irmãos.*
Não encontrei Sérgio **nem** *Regina.*
Comprarei uma casa ***ou*** *um apartamento.*

Casos especiais

Você deve ter percebido que algumas conjunções têm valores semânticos diversos. Vamos destacar algumas abaixo. A classificação de suas orações depende disso, porém **o mais importante *é o* sentido da frase.**

Mas

a) Coordenativa adversativa

Ex.: *Pediu,* ***mas*** *ninguém atendeu.*

b) Coordenativa aditiva (seguida de **também;** eqüivale a **como)**

Ex.: *Não só dá aulas,* ***mas*** *também escreve.* (= Dá aulas e escreve)

a) Coordenativa aditiva

Ex.: *Voltou* ***e*** *brincou com o cachorro.*

b) Coordenativa adversativa

Ex.: *Leu o livro,* ***e*** *não entendeu nada.* (= mas)

Pois

a) Coordenativa conclusiva

Ex.: *Trabalhou a tarde inteira; estava,* ***pois,*** *esgotado.* (= portanto)

b) Coordenativa explicativa

Ex.: *Traga o jornal,* ***pois*** *eu quero ler.*

c) Subordinativa causal

Ex.: *A planta secou* ***pois*** *não foi regada.*

Como

a) Coordenativa aditiva

Ex.: *Tanto ria* ***como*** *chorava.* (= Ria e chorava)

b) Subordinativa causal

Ex.: ***Como*** *passou mal, desistiu do passeio.* (= Porque)

c) Subordinativa comparativa

Ex.: *Era alto* **como** *um poste.* (= que nem)

d) Subordinativa conformativa

Ex.: *Alterei a programação,* ***como*** *o chefe determinara.* (= conforme)

Porque

a) Coordenativa explicativa

Ex.: *Não faça perguntas,* ***porque*** *ele ficará zangado.*

b) Subordinativa causal

Ex.: *As frutas caíram* ***porque*** *estavam maduras.*

c) Subordinativa final

Ex.: ***Porque*** *meu filho fosse feliz, fui para outra cidade.* (= para que)

Uma vez que

a) Subordinativa causal

Ex.: *Fiz aquela declaração* ***uma*** *vez* ***que*** *estava sendo pressionado.* (= porque)

b) Subordinativa condicional

Ex.: **Uma** vez **que** mude de hábitos, poderá ser aceito no grupo. (= Se mudar de hábitos)

Se

a) Subordinativa condicional

Ex.: ***Se*** *forem discretos, agradarão a todos.* (= Caso sejam discretos)

b) Subordinativa integrante

Ex.: *Diga-me* ***se*** *está na hora.*

Desde que

a) Subordinativa condicional

Ex.: ***Desde que*** *digam a verdade, não haverá problemas.*

b) Subordinativa temporal

Ex.: *Conheço aquela jovem* ***desde que*** *ela era um bebê.*

Sem que

a) Subordinativa condicional

Ex.: *Não será possível o acordo, sem* ***que*** *haja um debate equilibrado.* (= se não houver...)

b) Subordinativa concessiva

Ex.: ***Sem que*** *fizesse muito esforço, foi aprovado no concurso.* (= Embora não fizesse...)

Porquanto

a) Coordenativa explicativa

Ex.: *Ele deve ter chorado,* ***porquanto*** *seus olhos estão vermelhos.*

b) Subordinativa causal

Ex.: *Ficamos animados* ***porquanto*** *houve progresso no*

tratamento.

Quanto

a) Coordenativa aditiva

Ex.: *Eles tanto criticam* ***quanto*** *incentivam.* (= Eles criticam e incentivam)

b) Subordinativa comparativa

Ex.: *Ele se preocupa tanto* ***quanto*** *o médico.*

Que

a) Coordenativa adversativa

Ex.: *Diga tal coisa a outro,* ***que*** *não a ele. (= mas não a ele)*

b) Coordenativa explicativa

Ex.: *Faça as anotações,* ***que*** *você estudará melhor.*

c) Subordinativa causal

Ex.: *Nervoso* ***que*** *se encontrava, não conseguiu assinar o documento.*

d) Subordinativa concessiva

Ex.: *Sujo* ***que*** *estivesse, deitaria na poltrona. (= embora)*

e) Subordinativa comparativa

Ex.: *É mais trabalhador* ***que*** *o tio.*

f) Subordinativa consecutiva

Ex.: *Era tal seu medo* ***que*** *fugiu.*

g) Subordinativa final

Ex.: *Ele me fez um sinal* ***que*** *eu não dissesse nada. (= para que)*

h) Subordinativa temporal

Ex.: *Agora,* ***que*** *já tomaste o remédio, sairemos. (= quando)*

I) Subordinativa integrante

Ex.: *Queria* ***que*** *todos fossem felizes.*

CAPÍTULO 4

TIPOLOGIA TEXTUAL

Veremos neste capítulo apenas o essencial da tipologia, aquilo que, de uma forma ou de outra, costuma ser cobrado em questões de interpretação ou compreensão de textos. São, portanto, noções que podem ajudá-lo a acertar determinados tipos de testes.

I) Descrição

Um texto se diz descritivo quando tem por base o objeto, a coisa, a pessoa. Mostra detalhes, que podem ser físicos, morais, emocionais, espirituais. Nota-se que a intenção é realmente descrever, daí a palavra descrição. Veja o exemplo abaixo:

> "Diante dela e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar, nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo." (José de Alencar, Iracema)

Uma característica marcante da descrição é a forte adjetivação que leva o leitor a visualizar o ser descrito. No trecho em estudo, o homem visto por Iracema é branco, tem olhos tristes (veja que bela hipálage criou o autor: azul triste em vez de olhos tristes); as águas são profundas, e os tecidos e armas, ignotos, ou seja, desconhecidos. Observe como a palavra todo revela a perplexidade do guerreiro, extático a observar a jovem índia à sua frente.

Veja, agora, outro exemplo de trecho descritivo, na realidade uma autodescrição.

> "Meus cabelos eram muito bonitos, dum negro quente, acastanhado nos reflexos. Caíam pelos meus ombros em cachos gordos, com ritmos pesados de molas de espiral." (Mário de Andrade, Tempo da Camisolinha)

II) Narração

Quando o texto está centrado no fato, no acontecimento, diz-se que se trata de uma narração. Palavra derivada do verbo **narrar,** narração é o ato de contar alguma coisa. Novelas, romances, contos são textos basicamente narrativos. São os seguintes os elementos de uma narração:

1) Narrador

É aquele que narra, conta o que se passa supostamente aos seus olhos. Quando participa da história, é chamado de narradorpersonagem. Então a narrativa fica, normalmente, em 1ª pessoa.

2) Personagens

São os elementos, usualmente pessoas, que participam da história. Mas os personagens podem ser coisas ou animais, como no romance O Trigo e o Joio, de Fernando Namora, em que o personagem principal, isto é, protagonista, é uma burra.

3) Enredo

É a história propriamente dita, a trama desenvolvida em torno dos personagens.

4) Tempo

O momento em que a história se passa. Pode ser presente, passado ou futuro.

5) Ambiente

O lugar em que a trama se desenvolve. Pode, naturalmente, variar muito, no desenrolar da narrativa. Eis, a seguir, um bom exemplo de texto narrativo, em que todos os elementos se fazem presentes.

> "Muitos anos mais tarde, Ana Terra costumava sentar-se na frente de sua casa para pensar no passado. E no seu pensamento como que ouvia o vento de outros tempos e sentia o tempo passar, escutava vozes, via caras e lembrava-se de coisas... O ano de 81 trouxera um acontecimento triste para o velho Maneco: Horácio deixara a fazenda, a contragosto do pai, e fora para o Rio Pardo, onde se casara com a filha dum tanoeiro e se estabelecera com uma pequena venda." (Érico Veríssimo, O Tempo e o Vento)

O trecho do grande romance de Érico Veríssimo está situado no tempo (81), faz menção a lugares onde a trama se desenvolve e apresenta personagens, como Ana Terra e Seu Maneco. E, é claro, alguém está contando: é o narrador da história.

Veja mais um exemplo de narração, agora com o narradorpersonagem.

> "Hoje estive na loja de Seu Chamun, uma tristeza. Poeira e cisco por toda parte, qualquer dia vira monturo. Os dois empregados do meu tempo foram embora, não sei se dispensados, e o dono não tem disposição para limpar." (José J. Veiga, Sombras de Reis Barbudos)

III) Discurso

Os personagens que participam da história evidentemente falam. É o que se conhece como discurso, que pode ser:

1) Direto

O narrador apresenta a fala do personagem, integral, palavra por palavra. Geralmente se usam dois pontos e travessão.

Ex.: *O funcionário disse ao patrão:*
- Espero voltar no final do expediente.

Rui perguntou ao amigo:
- Posso chegar mais tarde?

2) Indireto

O narrador incorpora à sua fala a fala do personagem. O sentido é o mesmo do discurso direto, porém é utilizada uma conjunção integrante **(que** ou se) para fazer a ligação.

Ex.: *O funcionário disse ao patrão que esperava voltar no final do expediente.*
Rui perguntou ao amigo se poderia chegar mais tarde.

Obs.: O conhecimento desse assunto é muito importante para as questões que envolvem as paráfrases. Cuidado, pois, com o sentido. Procure ver se está sendo respeitada a correlação entre os tempos verbais e entre determinados pronomes. Abaixo, outro exemplo, bem elucidativo.

Minha colega me afirmou:
- Estarei aqui, se você precisar de mim.

Minha colega me afirmou que estaria lá se eu precisasse dela.

O sentido é, rigorosamente, o mesmo. Foi necessário fazer inúmeras adaptações.

3) Indireto livre

É praticamente uma fusão dos dois anteriores. Percebe-se a fala do personagem, porém sem os recursos do discurso direto (dois pontos e travessão) nem do discurso indireto (conjunções que ou se).
Ex.: Ele caminhava preocupado pela avenida deserta. Será que vai chover, logo hoje, com todos esses compromissos!?

IV) Dissertação

Um texto é dissertativo quando tem como centro a idéia. É, pois, argumentativo, opinativo. Geralmente é o que se cobra em concursos públicos, tanto em interpretação de textos quanto na elaboração de redações. Divide-se em:

1) Introdução

Período de pouca extensão em que se apresenta uma idéia, uma afirmação que será desenvolvida nos parágrafos seguintes. É nele que se localiza o chamado tópico frasal, aquele período-chave em que se baseia todo o texto.

2) Desenvolvimento

Um ou mais parágrafos de extensão variada, de acordo com a necessidade da composição. É nele que se argumenta, discute, opina, rebate. É o corpo da redação.

3) Conclusão

Parágrafo curto com que se encerra a descrição. É também chamado de fecho. Há várias modalidades de conclusão: resumo da redação, citação de alguém famoso, opinião final contundente etc. Veja exemplo de trechos dissertativos.

> "De muitas maneiras, o emprego de alto funcionário público é um sacerdócio, porém pior, pois é exercido sob os olhares atentos da imprensa. O cidadão comum, tornado autoridade, transforma-se, do dia para a noite, numa espécie de âncora de noticiário. Não deve gaguejar, improvisar nem correr riscos em temas polêmicos." (Gustavo Franco, na Veja 1782)
>
> "Entende-se por juízo um pensamento por meio do qual se afirma ou nega alguma coisa, se enuncia algo; serve para estabelecer relação entre duas idéias. Emitir um juízo é o mesmo que julgar. A inteligência opera por meio de juízos; raciocinar consiste em encadear juízos para tirar uma conclusão." (Carlos Toledo Rizzini, Evolução para o Terceiro Milênio)
>
> "Insistamos sobre esta verdade: a guerra de Canudos foi um refluxo em nossa história. Tivemos, inopinadamente, ressurreta e em armas em nossa frente, uma sociedade velha, uma sociedade morta, galvanizada por um doido." (Euclides da Cunha, Os Sertões)

Observações

a) Um texto, às vezes, apresenta tipologia mista. Uma narração, por exemplo, pode conter traços dissertativos ou descritivos. Aliás, isso é freqüente. Não há rigor absoluto.

b) Se destacamos apenas um trecho de uma determinada obra, compreensivelmente todos os elementos que caracterizam sua tipologia podem não estar presentes. Por exemplo, os três trechos dissertativos apresentados, sendo parágrafos isolados, não contêm introdução, desenvolvimento e conclusão, o que não impede que os classifiquemos daquela forma.

c) O tema costuma sugerir uma determinada tipologia, mas também aqui não há nada de absoluto. Digamos que se queira escrever sobre um passeio. A princípio, pensa-se numa narração. Porém, o autor pode prender-se a detalhes do lugar, das pessoas, do transporte utilizado etc. Teríamos então uma descrição. Por outro lado, ele pode falar da importância do lazer na vida das pessoas, para a sua saúde física ou mental etc. Dessa forma, desenvolvendo idéias, cairíamos em uma dissertação.

CAPÍTULO 5

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

Veremos, neste capítulo, coisas importantes sobre a significação de palavras e expressões, que podem influir, direta ou indiretamente, na interpretação de um texto. Trata-se, em verdade, da semântica, à qual podemos somar a denotação e a conotação, vistas em outra parte da obra.

I) Campos semânticos

As palavras podem associar-se de várias maneiras. Quando se relacionam pelo sentido, temos um campo semântico. Não se trata de sinônimos ou antônimos, mas de aproximação de sentido num dado contexto.

Ex.: *perna, braço, cabeça, olhos, cabelos, nariz -> partes do corpo humano*
azul, verde, amarelo, cinza, marrom, lilás - cores
martelo, serrote, alicate, torno, enxada -> ferramentas
batata, abóbora, aipim, berinjela, beterraba -> legumes

Observações

a) Também constituem campos semânticos palavras como flor, jardim, perfume, terra, espinho, embora não pertençam a um grupo delimitado; mas a associação entre elas é evidente.

b) As palavras podem pertencer a campos semânticos diferentes. Veja o caso de **abóbora,** citada há pouco. Ela também serve para indicar cor, o que a colocaria no segundo grupo de palavras.

II) Polissemia

É a capacidade que as palavras têm de assumir significados variados de acordo com o contexto. Não se trata de homonímia, que estudaremos adiante.

Ex.: *Ele anda muito. Mário anda doente. Aquele executivo só anda de avião. Meu relógio não anda mais.*

O verbo **andar** tem origem no latim *ambulare*. Possui inúmeros significados em português, dos quais destacamos apenas quatro. Trata-se, pois, de uma mesma palavra, de uso diverso na língua. Nas frases do exemplo, significa, respectivamente, caminhar, estar, viajar e funcionar.

III) Sinonímia

Outro item de suma importância para a interpretação de textos. Há sinonímia quando duas ou mais palavras têm o mesmo significado em determinado contexto. Diz-se, então, que são sinônimos.

Ex.: *O comprimento da sala é de oito metros.*
A extensão da sala é de oito metros.

A substituição de **comprimento** por **extensão** não altera o sentido da frase, pois os termos são sinônimos.

Em verdade, as palavras são sinônimas em certas situações, mas podem não ser em outras. É a riqueza da língua portuguesa falando mais alto. Pode-se dizer, em princípio, que face e rosto são dois sinônimos: ela tem um belo rosto, ela tem uma bela face. Mas não se consegue fazer a troca de face por rosto numa frase do tipo: em face do exposto, aceitarei.

IV) Antonímia

Requer os mesmos cuidados da sinonímia. Na realidade, tudo *é* uma questão de bom vocabulário. Antonímia é o emprego de palavras de sentido contrário, oposto.

Ex.: *É um menino corajoso.*
É um menino medroso.

V) Homonímia

Diz-se que há homonímia quando duas ou mais palavras possuem identidade de pronúncia (homônimos homófonos) ou de grafia (homônimos homógrafos). Em alguns casos, as palavras possuem iguais a pronúncia e a grafia (homônimos perfeitos). A classificação em si não é importante, mas sim o significado das palavras.

Ex.: *ceda* - *seda* -> *homônimos homófonos*
peso (A) -> *peso (ê)* -> *homônimos homógrafos*
pena - *pena* -> *homônimos perfeitos (ou homófonos e homógrafos)*

Homônimos homófonos mais importantes

acender - pôr fogo a	ascender - elevar-se
acento - inflexão da voz	assento - objeto onde se senta
asado - com asas	azado – oportuno
caçar - perseguir	cassar – anular
cegar - tirar a visão	segar - ceifar, cortar
cela - cômodo pequeno	sela – arreio
censo - recenseamento	senso – juízo
cerração - nevoeiro	serração - ato de serrar
cheque - ordem de pagamento	xeque - lance do jogo de xadrez
cidra - certa fruta	sidra - um tipo de bebida

conserto - reparo	concerto – harmonia
estático - firme, parado	extático - em êxtase
espiar - olhar	expiar – sofrer
estrato - camada; tipo de nuvem	extrato - que se extraiu
passo - passada	paço - palácio imperial
incerto - duvidoso	inserto – inserido
incipiente - que está no início	insipiente - que não sabe
lasso - cansado	laço - tipo de nó
remissão - perdão	remição - resgate
seda - tipo de tecido	ceda - flexão do verbo ceder
taxa - imposto	tacha - tipo de prego
viagem - jornada	viajem - flexão do verbo viajar

VI) Paronímia

Emprego de parônimos, palavras muito parecidas e que confundem as pessoas.

Ex.: *O tráfego era intenso naquela estrada.*
O tráfico de escravos é uma nódoa em nossa história.

As palavras **tráfego** e **tráfico** são parecidas, mas não se trata de homônimos, pois a pronúncia e a grafia são diferentes. Tráfego é movimento de veículo; tráfico, comércio.

Parônimos mais importantes

amoral - sem o senso da moral	imoral - contrário à moral
apóstrofe - chamamento	apóstrofo - tipo de sinal gráfico
arrear - pôr arreios	arriar – abaixar
astral - dos astros	austral - que fica no sul
cavaleiro - que anda a cavalo	cavalheiro – gentil
comprimento - extensão	cumprimento – saudação
conjetura - hipótese	conjuntura – situação
delatar - denunciar	dilatar – alargar
descrição - ato de descrever	discrição - qualidade de discreto
descriminar - inocentar	discriminar – separar
despercebido - sem ser notado	desapercebido – desprevenido
destratar - insultar	distratar – desfazer
docente - professor	discente – estudante
emergir - vir à tona, sair	imergir – mergulhar
emigrar - sair de um país	imigrar - entrar em um país
eminente - importante	iminente - que está para ocorrer
esbaforido - ofegante	espavorido – apavorado
estada - permanência de alguém	estadia - permanência de veículo
facundo – eloqüente	fecundo - fértil; criador

flagrante - evidente	fragrante - aromático
fluir - correr; manar	fruir -desfrutar
inerme - desarmado	inerte - parado
inflação - desvalorização	infração - transgressão
infligir - aplicar pena	infringir - transgredir
intemerato - puro	intimorato - corajoso
lactante - que amamenta	lactente - que mama
lista - relação	listra - linha, risco
locador - proprietário	locatário - inquilino
lustre - candelabro	lustro - cinco anos; brilho
mandado - ordem judicial	mandato - procuração
pleito - disputa	preito - homenagem
preeminente - nobre, distinto	proeminente - saliente
prescrever - receitar; expirar (prazo)	proscrever - afastar, desterrar
ratificar - confirmar	retificar - corrigir
sortir - abastecer	surtir - resultar
sustar - suspender	suster - sustentar
tráfego - movimento de veículo	tráfico - comércio
usuário - aquele que	usa usurário - avarento; agiota
vultoso - grande	vultuoso - vermelho e inchado

VII) Palavras e expressões latinas

Em português, freqüentemente aparecem termos emprestados do latim, e isso pode dificultar o entendimento do texto.

Veja os mais importantes.

ab initio - desde o princípio

ad hoc - para isso

ad referendum - sujeito à aprovação

ad usum - segundo o costume

a priori - antes de qualquer argumento

a posteriori - após argumentação

apud - junto de

curriculum vitae - correr de vida, conjunto de informações pessoais

data venia - com a devida permissão

errata - especificação dos erros de impressão

et alii - e outros

ex abrupto - de súbito

ex cathedra - em virtude de autoridade decorrente do título

ex consensu - com o consentimento
ex jure - segundo o direito, por justiça
ex officio - por obrigação de lei, por dever do cargo
exempli gratia - por exemplo
ex lege - de acordo com a lei
fac-simile - cópia
habeas-corpus - liberdade de locomoção ,
hic et nunc - aqui e agora
honoris causa - por motivo de honra
ibidem - no mesmo lugar
idem - igualmente, também
in limine - preliminarmente
in loco - no lugar
in totum - totalmente
ipsis litteris - pelas mesmas letras, textualmente”
ipsis verbis - pelas mesmas palavras, textualmente
ipso facto - por isso mesmo, pelo próprio fato
ipso jure - de acordo com o direito
lato sensu - em sentido amplo
mutatis mutandis - mudando o que deve ser mudado
opus - obra musical classificada e numerada
pari passu - simultaneamente
passim - aqui e ali, em toda parte
prima facie - à primeira vista, sem maior exame
pro labore - pagamento por serviço prestado
r sic - assim mesmo, escrito desta maneira
sine die - sem data fixa
sine jure - sem direito
sine qua non - indispensável
sub judice - sob apreciação judicial
sui generis - peculiar, sem igual
stricto sensu - em sentido restrito

urb et orbi - em toda a parte

verbi gratia - por exemplo

verbo ad verbum - palavra por palavra

CAPÍTULO 6

A PRÁTICA

Neste capítulo, vamos treinar um pouco, mostrando variados tipos de questões de interpretação e compreensão de texto.

Texto I

Salustiano era um bom garfo. Mas o jantar que lhe haviam oferecido nada teve de abundante.
- Quando voltará a jantar conosco? - perguntou-lhe a dona da casa.
- Agora mesmo, se quiser.
(Barão de Itararé, in Máximas e Mínimas do Barão de Itararé)

1) A figura de linguagem presente no primeiro período do texto é:

a) hipérbole
b) eufemismo
c) prosopopéia
d) metonímia
e) antítese

2) Deduz-se do texto que Salustiano:

a) come pouco.
b) é uma pessoa educada.
c) não ficou satisfeito com o jantar.
d) é um grande amigo da dona da casa.
e) decidiu que não mais comeria naquela casa.

3) O adjetivo que não substitui sem alteração de sentido a palavra "abundante" é:

a) copiosa
b) frugal
c) opípara
d) lauta
e) abundosa

Respostas

1) O gabarito é a letra **d**. Temos aqui um tipo de metonímia. Há uma troca: ser um bom garfo / comer bem. Há muitas questões hoje em dia envolvendo as

figuras de linguagem. Estude bem o segundo capítulo, onde elas aparecem. Note que este tipo de metonímia não é fácil, porém, conhecendo bem as outras figuras, dá para fazer por eliminação.

2) A resposta é a letra **c**. A letra **a** é eliminada, pois ser um bom garfo é comer muito. A letra **b** é errada, pois, se ele fosse realmente educado, não teria dado aquela resposta no final do texto, evidenciando a sua insatisfação. Nada no texto sugere que ele seja um grande amigo da dona da casa, o que descarta a alternativa d. A opção **e** pode ser desconsiderada, uma vez que, embora insatisfeito, ele não diz que jamais comerá naquela casa; aliás, chega mesmo a aceitar o novo convite. O gabarito só pode ser a letra c, pois ele era um bom garfo e a comida era pouca, o que o levou a querer repeti-la, aceitando o convite.

3) Questão de sinonímia. A palavra **frugal** é o oposto de **abundante.** As outras quatro são sinônimas de **abundante.** Daí o gabarito ser a letra **b**.

Texto II

A mulher foi passear na capital. Dias depois o marido dela recebeu um telegrama: “Envie quinhentos cruzeiros. Preciso comprar uma capa de chuva. Aqui está chovendo sem parar”.
E ele respondeu:
“Regresse. Aqui chove mais barato”.
(Ziraldo, in As Anedotas do Pasquim)

1) A resposta do homem se deu por razões:

a) econômicas
b) sentimentais
c) lúdicas
d) de segurança
e) de machismo

2) Com relação à tipologia textual, pode-se afirmar que:

a) se trata de uma dissertação.
b) se trata de uma descrição com alguns traços narrativos.
c) o autor preferiu o discurso direto.
d) o segundo período é exemplo de discurso indireto livre.
e) não se detecta a presença de personagens.

3) Com relação aos elementos conectores do texto, não se pode dizer que:

a) **dela** tem como referente **mulher.**
b) o referente do pronome **ele** é **marido.**
c) a preposição **de** tem valor semântico de finalidade.

d) A oração “Aqui está chovendo sem parar” poderia ligar-se à anterior, sem alteração de sentido, pela conjunção **conquanto.**

e) O advérbio **aqui,** em seus dois empregos, não possui os mesmos referentes.

Respostas

1) Letra **a**. Ao pedir à mulher que regresse logo, ele pensava que não precisaria comprar uma capa de chuva porque eles já possuem uma, ou que gastaria menos, já que em sua cidade a capa é mais barata. O risco da questão é a presença do adjetivo **lúdicas,** menos conhecido. É necessário melhorar o vocabulário. **Lúdicas** quer dizer “relativas a jogos, brinquedos, divertimentos”.

2) A resposta só pode ser a letra **c**. As duas primeiras estão eliminadas, pois o texto é narrativo. Tanto a fala da mulher quanto a do marido são integrais, ou seja, exemplificam o que se conhece como discurso direto. O autor não usou o travessão, mais comum, preferindo as aspas. A letra **d** não tem cabimento, para quem conhece o discurso indireto livre. Não poderia ser a opção **e**, uma vez que o homem e a mulher são as personagens do texto.

3) Gabarito: letra **d**. As duas primeiras alternativas são evidentes, dispensam comentários. A letra **c** está perfeita, pois se trata de uma capa para chuva, ou seja, com a finalidade de proteger a pessoa da chuva. A última alternativa também está correta, pois o primeiro “aqui” refere-se à “capital”, onde ela está passeando, e o segundo à cidade do interior, onde se encontra o marido. A resposta só pode ser a letra **d** porque o relacionamento entre as duas orações é de causa e efeito, pedindo conjunções como **pois, porque, porquanto** etc. **Conquanto** significa **embora,** tem valor concessivo, de oposição. Além disso, seu emprego acarretaria erro de flexão verbal, pois o verbo deveria estar no subjuntivo (esteja), o que não ocorre no texto original.

Texto III

“Uma nação já não é bárbara quando tem historiadores.”
(Marquês de Maricá, in Máximas)

1) O texto é:
a) uma apologia à barbárie
b) um tributo ao desenvolvimento das nações
c) uma valorização dos historiadores
d) uma reprovação da selvageria
e) um canto de louvor à liberdade

2) Só não constitui paráfrase do texto:
a) Um país já não é bárbaro, desde que nele existem historiadores.
b) Quando tem historiadores, uma nação já é civilizada.
c) Uma nação deixa de ser bárbara quando há nela historiadores.

d) Quando possui historiadores, uma nação não mais pode ser
considerada bárbara.
e) Desde que tenha historiadores, uma nação já não é mais bárbara.

Respostas

1) O gabarito é a letra c. A opção a é absurda por si mesma. A letra b não cabe, pois o texto não fala de homenagem à nação. Não pode ser a letra d, porque nada no texto reprova a barbárie (o leitor precisa aterse ao texto). A última opção é totalmente sem propósito. Na realidade, o autor valoriza os historiadores, uma vez que é a sua presença que garante estar a nação livre da barbárie.

2) Letra e. O que responde à questão é o valor dos conectivos. A palavra **quando** introduz uma oração temporal. O mesmo ocorre com o **desde que** da letra a. (observe que o verbo se encontra no modo indicativo: existem.) Na letra e, a conjunção **desde que** (o verbo da oração está no subjuntivo: tenha) inicia oração com valor de condição, havendo, pois, alteração de sentido.

Texto IV

"A maior alegria do brasileiro é hospedar alguém, mesmo um desconhecido que lhe peça pouso, numa noite de chuva."
(Cassiano Ricardo, in O Homem Cordial)

1) Segundo as idéias contidas no texto, o brasileiro:

a) põe a hospitalidade acima da prudência.
b) hospeda qualquer um, mas somente em noites chuvosas.
c) dá preferência a hospedar pessoas desconhecidas.
d) não tem outra alegria senão a de hospedar pessoas, conhecidas ou não.
e) não é prudente, por aceitar hóspedes no período da noite.

2) A palavra mesmo **pode ser trocada no texto, sem alteração de sentido, por:**

a) certamente
b) até
c) talvez
d) como
e) não

3) A expressão "A maior alegria do brasileiro" pode ser entendida como:

a) uma personificação
b) uma ironia
c) uma metáfora
d) uma hipérbole
e) uma catacrese

4) O trecho que poderia dar seqüência lógica e coesa ao texto é:

a) Não obstante isso, ele é uma pessoa gentil.
b) Dessa forma, qualquer um que o procurar será atendido.
c) A solidariedade, pois, ainda precisa ser conquistada.
d) E o brasileiro ganhou fama de intolerante.
e) Por conseguinte, se chover, ele dará hospedagem aos desconhecidos.

Respostas

1) Letra a. Na ânsia de ser hospitaleiro, o brasileiro hospeda, imprudentemente, em sua casa, pessoas desconhecidas. A letra **b** condiciona a hospedagem às noites chuvosas. A opção **c** não tem nenhum apoio no texto, que não fala em preferências. A letra **d** não cabe como resposta, pois o texto nos fala de "maior alegria", ou seja, há outras, menores. A letra **e** poderia realmente confundir. Na verdade a falta de prudência não existe por aceitar hóspedes durante a noite, mas aceitá-los sendo eles desconhecidos.

2) A resposta é a letra **b**. Mesmo é palavra denotativa de inclusão, da mesma forma que **até.**

3) O gabarito é a letra **d**. Trata-se de um evidente exagero do autor. A figura do exagero chama-se hipérbole.

4) Letra **b**. Na opção **a, não obstante isso** tem valor concessivo. Deveria ser **por isso** ou semelhantes. Na letra c, a conjunção **pois** é conclusiva, não pode estar seguida de **ainda precisa,** pois o texto diz que o brasileiro já conquistou a solidariedade. A alternativa **d** contraria inteiramente o texto. A letra **e** não dá seqüência ao texto, pois este não condiciona a hospedagem à chuva.

PARTE II

INTERPRETAÇÃO I

TEXTO I

Não existe essa coisa de um ano sem Senna, dois anos sem Senna...Não há calendário para a saudade.

(Adriane Galisteu, no Jornal do Brasil)

1) Segundo o texto, a saudade:

a) aumenta a cada ano.
b) é maior no primeiro ano.
c) é maior na data do falecimento.
d) é constante.
e) incomoda muito.

2) A segunda oração do texto tem um claro valor:

a) concessivo
b) temporal
c) causal
d) condicional
e) proporcional

3) A repetição da palavra não **exprime:**

a) dúvida
b) convicção
c) tristeza
d) confiança
e) esperança

4) A figura que consiste na repetição de uma palavra no início de cada membro da frase, como no caso da palavra não, **chama-se:**

a) anáfora
b) silepse
c) sinestesia
d) pleonasmo
e) metonímia

TEXTO II

Passei a vida atrás de eleitores e agora busco os leitores.

(José Sarney, na Veja, dez/97)

5) Deduz-se pelo texto uma mudança na vida:

a) esportiva
b) intelectual
c) profissional
d) sentimental
e) religiosa

6) O autor do texto sugere estar passando de:

a) escritor a político
b) político a jornalista
c) político a romancista
d) senador a escritor
e) político a escritor

7) Infere-se do texto que a atividade inicial do autor foi:

a) agradável
b) duradoura
c) simples
d) honesta
e) coerente

8) O trecho que justifica a resposta ao item anterior é:

a) e agora
b) os leitores
c) passei a vida
d) atrás de eleitores
e) busco

9) A palavra ou expressão que não pode substituir o termo agora é:

a) no momento
b) ora
c) presentemente
d) neste instante
e) recentemente

TEXTO III

Os animais que eu treino não sao obrigados a fazer o que vai contra a natureza deles.

(Gilberto Miranda, na Folha de São Paulo, 23/2/96)

10) O sentimento que melhor define a posição do autor perante os animais é:

a) fé
b) respeito
c) solidariedade
d) amor
e) tolerância

11) O autor do texto é:

a) um treinador atento
b) um adestrador frio
c) um treinador qualificado
d) um adestrador consciente
e) um adestrador filantropo

12) Segundo o texto, os animais:

a) são obrigados a todo tipo de treinamento.
b) fazem o que não lhes permite a natureza.
c) não fazem o que lhes permite a natureza.
d) não são objeto de qualquer preocupação para o autor.
e) são treinados dentro de determinados limites.

TEXTO IV

Estou com saudade de ficar bom. Escrever é conseqüência natural.

(Jorge Amado, na Folha de São Paulo, 22/10/96)

13) Segundo o texto:

a) o autor esteve doente e voltou a escrever.
b) o autor está doente e continua escrevendo.
c) O autor não escreve porque está doente.
d) o autor está doente porque não escreve.
e) o autor ficou bom, mas não voltou a escrever.

14) O autor na verdade tem saudade:

a) de trabalhar
b) da saúde
c) de conversar
d) de escrever
e) da doença

15) "Escrever é conseqüência natural." Conseqüência de:

a) voltar a trabalhar.
b) recuperar a saúde.
c) ter ficado muito tempo doente.
d) estar enfermo.
e) ter saúde.

TEXTO V

A mente de Deus é como a Internet: ela pode ser acessada por qualquer um, no mundo todo.

(Américo Barbosa, na Folha de São Paulo)

16) No texto, o autor compara:

a) Deus e internet
b) Deus e mundo todo
c) internet e qualquer um
d) mente e internet
e) mente e qualquer um

17) O que justifica a comparação do texto é:

a) a modernidade da informática
b) a bondade de Deus
c) a acessibilidade da mente de Deus e da internet
d) a globalização das comunicações
e) O desejo que todos têm de se comunicar com o mundo.

18) O conectivo comparativo presente no texto só não pode ser substituído por:

a) tal qual
b) que nem
c) qual
d) para
e) feito

19) Só não constitui paráfrase do texto:

a) A mente de Deus, bem como a internet, pode ser acessada por qualquer um, no mundo todo.
b) No mundo todo, qualquer um pode acessar a mente de Deus e a internet.
c) A mente de Deus pode ser acessada, no mundo todo, por qualquer um, da mesma forma que a internet.
d) Tanto a internet quanto a mente de Deus podem ser acessadas, no mundo todo, por qualquer um.
e) A mente de Deus pode acessar, como qualquer um, no mundo todo, a internet.

TEXTO VI

Marx disse que Deus é o ópio do povo. Já sabemos que não entendia nem de Deus nem de ópio. Deus é uma experiência de fé. Impossível defini-lo.

(Paulo Coelho, em O Globo, 25/2/96

20) Segundo o período inicial do texto, para Marx Deus:

a) traz imensa alegria ao povo.
b) esclarece o povo.
c) deixa o povo frustrado.
d) conduz com segurança o povo.
e) tira do povo a condição de raciocinar.

21) Segundo o autor, Marx:

a) mentiu deliberadamente.
b) foi feliz com suas palavras.
c) falou sobre o que não sabia.
d) equivocou-se em parte.
e) estava coberto de razão, mas não foi compreendido.

22) O sentimento que Marx teria demonstrado e que justifica a resposta ao item anterior é:

a) leviandade
b) orgulho
c) maldade
d) ganância
e) egoísmo

23) Infere-se do texto que Deus deve ser:

a) amado
b) conceituado
c) admirado
d) sentido
e) estudado

24) A palavra que justifica o item anterior é:

a) ópio
b) Io
c) fé
d) povo

e) experiência

25) A figura de linguagem presente no primeiro período é:

a) metáfora
b) metonímia
c) prosopopéia
d) pleonasmo
e) hipérbole

26) A palavra que poderia ter sido grafada com letra maiúscula é:

a) ópio
b) povo
c) experiência
d) fé
e)lo

TEXTO VII

Quando vim da minha terra,
não vim, perdi-me no espaço,
na ilusão de ter saído.
Ai de mim, nunca saí.

(Carlos D. de Andrade, no poema A Ilusão do Migrante)

27) O sentimento predominante no texto *é:*

a) orgulho
b) saudade
c) fé
d) esperança
e) ansiedade

28) Infere-se do texto que o autor:

a) não saiu de sua terra.
b) não queria sair de sua terra, mas foi obrigado.
c) logo esqueceu sua terra.
d) saiu de sua terra apenas fisicamente.
e) pretende voltar logo para sua terra.

29) Por "perdi-me no espaço" pode-se entender que o autor:

a) ficou perdido na nova terra.
b) ficou confuso.
c) não gostou da nova terra.
d) perdeu, momentaneamente, o sentimento por sua terra natal.
e) aborreceu-se com a nova situação.

30) Pelo último período do texto, deduz-se que:

a) ele continuou ligado à sua terra.
b) ele vai voltar à sua terra.
c) ele gostaria de deixar sua cidade, mas nunca conseguiu.
d) ele se alegra por não ter saído.
e) ele nunca saiu da terra onde vive atualmente.

31) A expressão "ai de mim" só não sugere, no poema:

a) amargura
b) decepção
c) tristeza
d) vergonha
e) nostalgia

TEXTO VIII

Enquanto o Titanic ainda flutua, tentemos o impossível para mudar o seu curso. Afinal, quem faz a história são as pessoas e não o contrário.

(Herbert de Souza, na Folha de São Paulo, 17/11/96)

32) Infere-se do texto que o Titanic:

a) é um navio real.
b) simboliza algo que vai mal.
c) é um navio imaginário.
d) simboliza esperança de salvação.
e) sintetiza todas as tragédias humanas.

33) Pelo visto, o autor não acredita em:

a) transformação
b) elogio
c) desgraça
d) favorecimento
e) determinismo

34) A palavra "afinal" pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:

a) conquanto
b) porquanto
c) malgrado
d) enquanto
e) apenas

35) Infere-se do texto que:

a) há coisas que não podem ser mudadas.
b) se tentarmos, conseguiremos.
c) o que parece impossível sempre o *é*.
d) jamais podemos desistir.
e) alguns têm a capacidade de modificar as coisas, outros não.

36) Para o autor, as pessoas não devem:

a) exagerar
b) falhar
c) desanimar
d) lamentar-se
e) fugir

TEXTO IX

A função do artista é esta, meter a mão nessa coisa essencial do ser humano, que é o sonho e a esperança. Preciso ter essa ilusão: a de que estou resgatando esses valores.

(Marieta Severo, na Folha de São Paulo)

37) Segundo o texto, o artista:

a) leva alegria às pessoas.
b) valoriza o sonho das pessoas pobres.
c) desperta as pessoas para a realidade da vida.
d) não tem qualquer influência na vida das pessoas.
e) trabalha o íntimo das pessoas.

38) Segundo o texto:

a) o sonho vale mais que a esperança.
b) o sonho vale menos que a esperança.
c) sonho e esperança têm relativa importância para as pessoas.
d) não se vive sem sonho e esperança.
e) têm importância capital para as pessoas tanto o sonho quanto a esperança.

39) A palavra ou expressão que justifica a resposta do item anterior é:

a) ilusão
b) meter a mão
c) essencial
d) ser humano
e) valores

40) A expressão "meter a mão":

a) pertence ao linguajar culto.
b) pode ser substituída, sem alteração de sentido, por **intrometer-se.**
c) tem valor pejorativo.
d) é coloquial e significa, no texto, **tocar.**
e) é um erro que deveria ter sido evitado.

41) Só não se encontra no texto:

a) a influência dos artistas
b) a necessidade da autora
c) a recuperação de coisas importantes
d) a conquista da paz
e) a carência de sentimentos das pessoas

42) A palavra “esses” poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por:

a) bons
b) certos
c) tais
d) outros
e) muitos

TEXTO X

Um prêmio chamado Sharp, ou Shell, Deus me livre! Não quero. Acho esses nomes feios. Não recebo prêmios de empresas ligadas a grupos multinacionais. Não sou traidor do meu povo nem estou à venda.

(Ariano Suassuna, na Veja, 3/7/96)

43) A palavra que melhor define o autor do texto é:

a) megalomaníaco
b) revoltado
c) narcisista
d) nacionalista
e) decepcionado

44) Se aceitasse algum tipo de prêmio de empresas multinacionais, o autor, além de traidor, se sentiria:

a) infiel
b) venal
c) pusilânime
d) ingrato
e) ímprobo

45) O autor não recebe prêmios de empresas multinacionais porque:

a) seus nomes são feios.
b) estaria prestando um desserviço ao Brasil.
c) detesta qualquer empresa que não seja brasileira
d) esses prêmios não têm valor algum.
e) não quer ficar devendo favores a esse tipo de empresa.

46) O último período do texto tem claro valor:

a) causal
b) temporal
c) condicional
d) comparativo
e) proporcional

47) A expressão “Deus me livre!” demonstra, antes de tudo:

a) revolta
b) desprezo
c) ironia
d) certeza
e) ira

TEXTO XI

Inserto entre o 16° e o 18°, o século XVII permanece em meialuz, quase apagado, nos fastos do Rio de Janeiro, sem que sobre esse período se detenha a atenção dos historiadores, sem que o distingam os que se deixam fascinar pelos aspectos brilhantes da história.

(Vivaldo Coaracy, in O Rio de Janeiro)

48) Segundo o texto, o século XVII:

a) chamou a atenção dos historiadores por ser meio apagado.
b) foi uma parte brilhante da história do Rio de Janeiro.
c) assemelha-se aos séculos XVI e XVIII.
d) foi importante, culturalmente, para o Rio de Janeiro.
e) transcorreu sem brilho, para o Rio de Janeiro.

49) A palavra ou expressão que pode substituir sem prejuízo do sentido a palavra “fastos” é:

a) anais
b) círculos culturais
c) círculos políticos
d) administração
e) imprensa

50) A expressão “quase apagada”:

a) retifica a palavra meia-luz.
b) complementa a palavra meia-luz.
c) reforça a palavra meia-luz.
d) explica a palavra meia-luz.
e) amplia a palavra meia-luz.

51) Infere-se do texto que:

a) os historiadores detestaram o século XVII.
b) os mais belos momentos da história encantam certas pessoas.
c) o século XVI foi tão importante quanto o século XVIII.
d) a história do Rio de Janeiro está repleta de coisas interessantes.
e) os historiadores se interessam menos pelos séculos XVI e XVIII do que pelo século XVII.

TEXTO XII

Acho que foi uma premonição, uma vez que ele já tinha declarado que “A Fraternidade é Vermelha” seria seu último filme. Foi o cineasta contemporâneo que conseguiu chegar mais perto do conceito de Deus. Poderia ter feito muito mais filmes, mas foi vítima do totalitarismo socialista.

(Leon Cakoff, no Jornal da Tarde, 14/13/96)

52) O totalitarismo socialista:

a) atrapalhou a carreira do cineasta.
b) manteve-se alheio à carreira do cineasta.
c) interrompeu a carreira do cineasta.
d) incentivou a carreira do cineasta.
e) fiscalizou a carreira do cineasta.

53) “A Fraternidade é Vermelha”:

a) foi um filme de repercussão nos meios religiosos.
b) foi o primeiro filme de sucesso do cineasta.
c) não abordava o assunto Deus.
d) foi o melhor filme do cineasta.
e) foi o último filme do cineasta.

54) Provavelmente, o cineasta:

a) agradou, por ser materialista.
b) agradou por falar de Deus.
c) desagradou por falar de Deus.
d) desagradou por não falar de Deus.
e) não sabia nada sobre Deus.

55) Levando-se em conta o caráter materialista usualmente atribuído aos socialistas, o título do filme seria, em princípio:

a) uma redundância
b) uma ambigüidade
c) um paradoxo
d) uma qualificação
e) uma incoerência

56) A palavra “premonição” se justifica porque:

a) seu filme foi um sucesso.
b) o cineasta falava de Deus.

c) o cineasta não quis fazer mais filmes.
d) a “Fraternidade é Vermelha” foi seu último filme.
e) o cineasta foi vítima do totalitarismo socialista.

57) A palavra “Vermelha” eqüivale no texto a:

a) totalitária
b) comunista
c) socialista
d) materialista
e) espiritualista

58) O conectivo que não poderia substituir “uma vez que” no texto é:

a) porque
b) pois
c) já que
d) porquanto
e) se bem que

TEXTO XIII

Nem todas as plantas hortícolas se dão bem durante todo o ano; por isso é preciso fazer uma estruturação dos canteiros a fim de manter-se o equilíbrio das plantações. Com o sistema indicado, não faltarão verduras durante todo ano, sejam folhas, legumes ou tubérculos.

(Irineu Fabichak, in Horticultura ao Alcance de Todos)

59) Segundo o texto:

a) todas as plantas hortícolas não se dão bem durante todo o ano.
b) todas as plantas hortícolas se dão bem durante todo o ano.
c) todas as plantas hortícolas se dão mal durante todo o ano.
d) algumas plantas hortícolas se dão bem durante todo o ano.
e) nenhuma planta hortícola se dá mal durante todo o ano.

60) Para manter o equilíbrio das plantações é necessário:

a) estruturar de maneira mais lógica e racional os canteiros.
b) fazer mais canteiros, mas ordenando-os de maneira lógica e racional.
c) fazer o plantio em épocas diferentes.
d) construir canteiros emparelhados.
e) manter sempre limpos os canteiros

61) A conjunção “por isso” só não pode ser substituída por:

a) portanto
b) logo
c) então
d) porque
e) assim

62) Segundo o último parágrafo do texto:

a) tubérculos não são verduras.
b) legumes são o mesmo que tubérculos.
c) folhas, legumes e tubérculos são a mesma coisa.
d) haverá verduras o ano todo, inclusive folhas, legumes e tubérculos.
e) haverá folhas, legumes e tubérculos o ano todo.

TEXTO XIV

Aquisição à vista. A Bauducco, maior fabricante de panetones do país, está negociando a compra de sua maior concorrente, a Visconti, subsidiária brasileira da italiana Visagis. O negócio vem sendo mantido sob sigilo pelas duas empresas em razão da proximidade do Natal. Seus controladores temem que o anúncio dessa união - resultando numa espécie de AmBev dos panetones - melindre os varejistas.

(Cláudia Vassallo, na Exame, dez./99)

63) As duas empresas (/. 4) de que fala o texto são:

a) Bauducco e Visagis
b) Visconti e Visagis
c) AmBev e Bauducco
d) Bauducco e Visconti
e) Visagis e AmBev

64) A aproximação do Natal é a causa:

a) da compra da Visconti
b) do sigilo do negócio
c) do negócio da Bauducco
d) do melindre dos varejistas
e) do anúncio da união

65) Uma outra causa para esse fato seria:

a) a primeira colocação da Bauducco na fabricação de panetones
b) o fato de a Visconti ser uma multinacional
c) o fato de a AmBev entrar no mercado de panetones
d) o possível melindre dos varejistas
e) o fato de a Visconti ser concorrente da Bauducco

66) Por “aquisição à vista” entende-se, no texto:

a) que a negociação é provável.
b) que a negociação está distante, mas vai acontecer.
c) que o pagamento da negociação será feito em uma única parcela.
d) que a negociação dificilmente ocorrerá.
e) que a negociação está próxima.

TEXTO XV

Um anjo dorme aqui; na aurora apenas,
disse adeus ao brilhar das açucenas
em ter da vida alevantado o véu.
- Rosa tocada do cruel granizo Cedo
finou-se e no infantil sorriso passou do
berço pra brincar no céu!

(Casimiro de Abreu, in Primaveras)

67) O tema do texto é:

a) a inocência de uma criança
b) o nascimento de uma criança
c) o sofrimento pela morte de uma criança
d) o apego do autor por uma certa criança
e) a morte de uma criança

68) O tema se desenvolve com base em uma figura de linguagem conhecida como:

a) prosopopéia
b) hipérbole
c) pleonasmo
d) metonímia
e) eufemismo

69) No âmbito do poema, podemos dizer que pertencem ao mesmo campo semântico as palavras:

a) aurora e véu
b) anjo e rosa
c) granizo e sorriso
d) berço e céu
e) cruel e infantil

70) As palavras que respondem ao item anterior são:

a) uma antítese em relação à vida
b) hipérboles referentes ao destino
c) personificações alusivas à morte
d) metáforas relativas à criança
e) pleonasmos com relação à dor.

71) Por "sem ter da vida alevantado o véu" entende-se:

a) sem ter nascido
b) sem ter morrido cedo
c) sem ter conhecido bem a vida
d) sem viver misteriosamente
e) sem poder relacionar-se com as outras pessoas

72) “Na aurora apenas” é o mesmo que:

a) somente pela manhã
b) no limiar somente
c) apenas na alegria
d) só na tristeza
e) só no final

TEXTO XVI

Julgo que os homens que fazem a política externa do Brasil, no Itamaraty, são excessivamente pragmáticos. Tiveram sempre vida fácil, vêm da elite brasileira e nunca participaram, eles próprios, em combates contra a ditadura, contra o colonialismo. Obviamente não têm a sensibilidade de muitos outros países ou diplomatas que conheço.

(José Ramos-Horta, na Folha de São Paulo, 21/10/96)

73) Só não caracteriza os homens do Itamaraty:

a) o pragmatismo
b) a falta de sensibilidade
c) a luta contra a ditadura
d) a tranqüilidade da vida
e) as raízes na elite do Brasil

74) A palavra que não se liga semanticamente aos homens do Itamaraty é:

a) o segundo *que* (/. 1)
b) tiveram (/. 2)
c) vêm (/. 3)
d) eles (/. 3)
e) o terceiro *que* (/. 5)

75) Pelo visto, o autor gostaria de que os homens do Itamaraty tivessem mais:

a) inteligência
b patriotismo
c) vivência
d) coerência
e) grandeza

76) A oração iniciada por "obviamente" tem um claro valor de:

a) conseqüência
b) causa
c) comparação
d) condição
e) tempo

77) A palavra que pode substituir, sem prejuízo do sentido, a palavra "obviamente" (/. 4), é:

a) necessariamente
b) realmente
c) justificadamente
d) evidentemente
e) comprovadamente

78) Só não pode ser inferido do texto:

a) nem todo diplomata é excessivamente pragmático.
b) ter lutado contra o colonialismo é importante para a carreira de diplomata.
c) Nem todo diplomata vem da elite brasileira.
d) ter vida fácil é característica comum a todo tipo de diplomata.
e) há diplomatas mais sensíveis que outros.

TEXTO XVII

Se essa ainda é a situação de Portugal e era, até bem pouco, a do Brasil, havemos de convir em que no Brasil-colônia, essencialmente rural, com a ojeriza que lhe notaram os nossos historiadores pela vida das cidades - simples pontos de comércio ou de festividades religiosas -, estas não podiam exercer maior influência sobre a evolução da língua falada, que, sem nenhum controle normativo, por séculos “voou com as suas próprias asas”.

(Celso Cunha, in A Língua Portuguesa e a Realidade Brasileira)

79) Segundo o texto, os historiadores:

a) tinham ojeriza pelo Brasil-colônia.
b) consideram as cidades do Brasil-colônia como simples pontos de comércio ou de festividades religiosas.
c) consideram o Brasil-colônia essencialmente rural.
d) observaram a ojeriza que a vida nas cidades causava.
e) consideram o campo mais importante que as cidades.

80) Para o autor:

a) as festas religiosas têm importância para a evolução da língua falada.
b) No Brasil-colônia, havia a prevalência da vida do campo sobre a das cidades.
c) a evolução da língua falada dependia em parte dos pontos de comércio.
d) a evolução da língua falada independe da condição de Brasilcolônia.
e) a situação do Brasil na época impedia a evolução da língua falada.

81) A palavra “ojeriza” (/. 3) significa, no texto:

a) medo
b) admiração
c) aversão
d) dificuldade
e) angústia

82) A língua falada “voou com as suas próprias asas” porque:

a) as cidades eram pontos de festividades religiosas.
b) o Brasil se distanciava lingüisticamente de Portugal.
c) faltavam universidades nos centros urbanos.
d) não se seguiam normas lingüísticas.
e) durante séculos, o controle normativo foi relaxado, por ser o Brasil uma colônia portuguesa.

83) Segundo o texto, a população do Brasil-colônia:

a) à vida do campo preferia a da cidade.
b) à vida da cidade preferia a do campo.
c) não tinha preferência quanto à vida do campo ou à da cidade.
d) preferia a vida em Portugal, mas procurava adaptar-se à situação.
e) preferia a vida no Brasil, fosse na cidade ou no campo.

TEXTO XVIII

Ainda falta um bom tempo para a aposentadoria da maior parte deles, mas a Andrade Gutierrez já tem pronto um estudo sobre a sucessão de 20 de seus principais executivos, quase todos na faixa entre 58 e 62 anos. Seus substitutos serão escolhidos entre 200 integrantes de um time de aspirantes. Eduardo Andrade, o atual superintendente, que já integra o conselho de administração da empreiteira mineira, deverá ir se afastando aos poucos do dia-a-dia dos negócios. Para os outros executivos, que deverão ser aproveitados como consultores, a aposentadoria chegará a médio prazo.

(José Maria Furtado, na Exame, dez./99)

84) Se começarmos o primeiro período do texto por "A Andrade Gutierrez já tem pronto...", teremos, como seqüência coesa e coerente:

a) visto que ainda falta um bom tempo para a aposentadoria da maior parte deles.
b) por ainda faltar um bom tempo para a aposentadoria da maior parte deles.
c) se ainda faltar um bom tempo para a aposentadoria da maior parte deles.
d) embora ainda falte um bom tempo para a aposentadoria da maior parte deles.
e) à medida que ainda falta um bom tempo para a aposentadoria da maior parte deles.

85) Segundo o texto:

a) 20 grandes executivos da empresa se aposentarão a médio prazo.
b) 20 grandes executivos da empresa acham-se na faixa entre 58 e 62 anos.
c) nenhum dos 20 grandes executivos se aposentará a curto prazo.
d) Eduardo Andrade é um executivo na faixa dos 58 a 62 anos.
e) a empresa vai substituir seus vinte principais executivos a curto e médio prazos.

86) A empresa, no que toca à aposentadoria de seus executivos, mostra-se:

a) precipitada
b) cautelosa
c) previdente
d) rígida
e) inflexível

87) Sobre o executivo Eduardo Andrade, não se pode afirmar:

a) ocupa, no momento, a superintendência.
b) é um dos conselheiros.
c) será substituído por um dos 200 aspirantes.
d) está se afastando dos negócios da empresa.

e) será o primeiro dos 20 grandes executivos a se aposentar.

88) Sobre a Andrade Gutierrez, não é correto afirmar:

a) é empresa de obras.
b) é do estado de Minas Gerais.
c) preocupa-se com seus funcionários.
d) mantém-se alheia a qualquer tipo de renovação.
e) procura manter vínculo com executivos aposentados.

TEXTO XIX

Toda saudade é a presença da ausência
de alguém, de algum lugar, de algo enfim.
Súbito o não toma forma de sim
como se a escuridão se pusesse a luzir.
Da própria ausência de luz
o clarão se produz,
o sol na solidão.
Toda saudade é um capuz transparente
que veda e ao mesmo tempo traz a visão
do que não se pode ver
porque se deixou pra trás
mas que se guardou no coração.

(Gilberto Gil)

89) Por “presença da ausência” pode-se entender:

a) ausência difícil
b) ausência amarga
c) ausência sentida
d) ausência indiferente
e) ausência enriquecedora

90) Para o autor, a saudade é algo:

a) que leva ao desespero.
b) que só se suporta com fé.
c) que ninguém deseja.
d) que transmite coisas boas.
e) que ilude as pessoas.

91) O texto se estrutura a partir de antíteses, ou seja, emprego de palavras ou expressões de sentido contrário. O par de palavras ou expressões que não apresentam no texto essa propriedade antitética é:

a) presença (/. 1) / ausência (/. 1)
b) não (/. 3) / sim (/. 3)
c) ausência de luz (/. 5) / clarão (/. 6)
d) sol (/. 7) / solidão (/. 7)
e) que veda (/. 9) / traz a visão (/. 9)

92) Segundo o texto:

a) sente-se saudade de pessoas, e não de coisas.
b) as coisas ruins podem transformar-se em coisas boas.

c) as coisas boas podem transformar-se em coisas ruins.
d) a saudade, como um capuz, não nos permite ver com clareza a situação que vivemos.
e) a saudade, como um capuz, não nos deixa perceber coisas que ficaram em nosso passado.

93) O que se guarda no coração é:

a) a saudade
b) o clarão
c) o que se deixou para traz
d) a visão
e) o que não se pode ver

TEXTO XX

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no intróito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco.

(Machado de Assis, in Memórias Póstumas de Brás Cubas)

94) Pode-se afirmar, com base nas idéias do autor-personagem, que se trata:

a) de um texto jornalístico
b) de um texto religioso
c) de um texto científico
d) de um texto autobiográfico
e) de um texto teatral

95) Para o autor-personagem, é menos comum:

a) começar um livro por seu nascimento.
b) não começar um livro por seu nascimento, nem por sua morte.
c) começar um livro por sua morte.
d) não começar um livro por sua morte.
e) começar um livro ao mesmo tempo pelo nascimento e pela morte.

96) Deduz-se do texto que o autor-personagem:

a) está morrendo.
b) já morreu.
c) não quer morrer.
d) não vai morrer.
e) renasceu.

97) A semelhança entre o autor e Moisés é que ambos:

a) escreveram livros.
b) se preocupam com a vida e a morte.
c) não foram compreendidos.
d) valorizam a morte.
e) falam sobre suas mortes.

98) A diferença capital entre o autor e Moisés é que:

a) o autor fala da morte; Moisés, da vida.
b) o livro do autor é de memórias; o de Moisés, religioso.
c) o autor começa pelo nascimento; Moisés, pela morte.
d) Moisés começa pelo nascimento; o autor, pela morte.
e) o livro do autor é mais novo e galante do que o de Moisés.

99) Deduz-se pelo texto que o Pentateuco:

a) não fala da morte de Moisés.
b) foi lido pelo autor do texto.
c) foi escrito por Moisés.
d) só fala da vida de Moisés.
e) serviu de modelo ao autor do texto.

100) Autor defunto está para campa, assim como defunto autor para:

a) intróito
b) princípio
c) cabo
d) berço
e) fim

101) Dizendo-se um defunto autor, o autor destaca seu (sua):

a) conformismo diante da morte ;
b) tristeza por se sentir morto
c) resistência diante dos obstáculos trazidos pela nova situação
d) otimismo quanto ao futuro literário
e) atividade apesar de estar morto

TEXTO XXI

Segunda maior produtora mundial de embalagem longa vida, a SIG Combibloc, principal divisão do grupo suíço SIG, prepara a abertura de uma fábrica no Brasil. A empresa, responsável por 1 bilhão do 1,5 bilhão de dólares de faturamento do grupo, chegou ao país há dois anos disposta **5** a brigar com a líder global, Tetrapak, que detém cerca de 80% dos negócios nesse mercado. Os estudos para a implantação da fábrica foram recentemente concluídos e apontam para o Sul do país, pela facilidade logística junto ao Mercosul. Entre os oito atuais clientes da Combibloc na região estão a Unilever, com a marca de atomatado Malloa, no Chile, e a **10** italiana Cirio, no Brasil.

(Denise Brito, na Exame, dez./99)

102) Segundo o texto, a SIG Combibloc:

a) produz menos embalagem que a Tetrapak.
b) vai transferir suas fábricas brasileiras para o Sul.
c) possui oito clientes no Brasil.
d) vai abrir mais uma fábrica no Brasil.
e) possui cliente no Brasil há dois anos, embora não esteja instalada no país.

103) Segundo o texto:

a) O Mercosul não influiu na decisão de instalar uma fábrica no Sul.
b) a SIG Combibloc está entrando no ramo de atomatado.
c) a empresa suíça SIG ocupa o 2o lugar mundial na produção de embalagem longa vida.
d) a Unilever é empresa chilena.
e) a SIG Combibloc detém 2/3 do faturamento do grupo.

104) Os estudos apontam para o Sul porque:

a) o clima favorece a produção de embalagens longa vida.
b) está próximo aos demais países que compõem o Mercosul.
c) a Cirio já se encontra estabelecida ali. -v-.v.
d) nos países do Mercosul já há clientes da Combibloc.
e) o Sul é uma região desenvolvida e promissora.

105) "...que detém cerca de 80% dos negócios nesse mercado." (/. 5-6) Das alterações feitas nessa passagem do texto, a que não mantém o sentido original é:

a) a qual detém cerca de 80% dos negócios em tal mercado.
b) **que** possui perto de 80% dos negócios nesse mercado.

c) **que** detém aproximadamente 80% dos negócios em tais mercados.
d) a qual possui aproximadamente 80% dos negócios nesse mercado.
e) a qual detém perto de 80% dos negócios nesse mercado.

106) “...e apontam para o Sul do país...” O trecho destacado só não pode ser entendido, no texto, como:

a) e indicam o Sul do pai
b) e recomendam o Sul do país
c) e incluem o Sul do país
d) e aconselham o **Sul** do país
e) e sugerem o **Sul** do país

TEXTO XXII

Pode dizer-se que a presença do negro representou sempre fator obrigatório no desenvolvimento dos latifúndios coloniais. Os antigos moradores da terra foram, eventualmente, prestimosos colaboradores da indústria extrativa, na caça, na pesca, em determinados ofícios **5** mecânicos e na criação do gado. Dificilmente se acomodavam, porém, ao trabalho acurado e metódico que exige a exploração dos canaviais. Sua tendência espontânea era para as atividades menos sedentárias e que pudessem exercer-se sem regularidade forçada e sem vigilância e fiscalização de estranhos.

(Sérgio Buarque de Holanda, in Raízes)

107) Segundo o autor, os antigos moradores da terra:

a) foram o fator decisivo no desenvolvimento dos latifúndios coloniais.
b) colaboravam com má vontade na caça e na pesca.
c) não gostavam de atividades rotineiras.
d) não colaboraram com a indústria extrativa.
e) levavam uma vida sedentária.

108) “Trabalho acurado” (l. 6) é o mesmo que:

a) trabalho apressado
b) trabalho aprimorado
c) trabalho lento
d) trabalho especial
e) trabalho duro

109) Na expressão “tendência espontânea” (/. 7), temos uma(a):

a) ambigüidade
b) cacofonia
c) neologismo
d) redundância
e) arcaísmo

110) Infere-se do texto que os antigos moradores da terra eram:

a) os portugueses
b) os negros
c) os índios
d) tanto os índios quanto os negros
e) a miscigenação de portugueses e índios

111) Pelo visto, os antigos moradores da terra não possuíam muito (a):

a) disposição
b) responsabilidade
c) inteligência
d) paciência
e) orgulho

TEXTO XXIII

Com todo o aparato de suas hordas guerreiras, não conseguiram as bandeiras realizar jamais a façanha levada a cabo pelo boi e pelo vaqueiro. Enquanto que aquelas, no desbravar, sacrificavam indígenas aos milhares, despovoando sem fixarem-se, estes foram pontilhando de currais os desertos trilhados, catequizando o nativo para seus misteres, detendo-se, enraizando-se. No primeiro caso era o ir-evoltar; no segundo, era o ir-e-ficar. E assim foi o curral precedendo a fazenda e o engenho, o vaqueiro e o lavrador, realizando uma obra de conquista dos altos sertões, exclusive a pioneira.

(José Alípio Goulart, in Brasil do Boi)

112) Segundo o texto:

a) tudo que as bandeiras fizeram foi feito também pelo boi e pelo vaqueiro.
b) o boi e o vaqueiro fizeram todas as coisas que as bandeiras fizeram.
c) nem as bandeiras nem o boi e o vaqueiro alcançaram seus objetivos.
d) o boi e o vaqueiro realizaram seu trabalho porque as bandeiras abriram o caminho.
e) o boi e o vaqueiro fizeram coisas que as bandeiras não conseguiram fazer.

113) Com relação às bandeiras, não se pode afirmar que:

a) desbravaram
b) mataram
c) catequizaram
d) despovoaram
e) não se fixaram

114) Os índios foram:

a) maltratados
b) aviltados
c) expulsos
d) presos
e) massacrados

115) O par que não caracteriza a oposição existente entre as bandeiras e o boi e o vaqueiro é:

a) aquelas (/. 3) / estes (/. 4)
b) ir-e-voltar (/. 6/7) / ir-e-ficar (/. 7)
c) no primeiro caso (/. 6) / no segundo (/. 7)
d) enquanto (/. 3) / e assim *[1.7)*

e) despovoando (/. 4) / pontilhando (/. 5)

116) “...catequizando o nativo para seus misteres...” Das alterações feitas na passagem acima, a que altera basicamente o seu sentido é:

a) doutrinando o indígena para seus misteres
b) catequizando o aborigine para suas atividades
c) evangelizando o nativo para seus ofícios
d) doutrinando o nativo para seus cuidados
e) catequizando o autóctone para suas tarefas

117) O elemento conector que pode substituir a preposição com (/. 1), mantendo o sentido e a coesão textual, é:

a) mesmo
b) não obstante
c) de
d) a respeito de
e) graças a

118) “...o aparato de suas hordas guerreiras...” sugere que as conquistas dos bandeirantes ocorreram com:

a) organização e violência
b) rapidez e violência
c) técnica e profundidade
d) premeditação e segurança
e) demonstrações de racismo e violência

TEXTO XXIV

Você se lembra da Casas da Banha? Pois é, uma pesquisa mostra que mais de 60% dos cariocas ainda se recordam daquela que foi uma das maiores redes de supermercados do país, com 224 lojas e 20.000 funcionários, desaparecida no início dos anos 90. Por isso, seus antigos donos, a família Velloso, decidiram ressuscitá-la. Desta vez, porém, apenas virtualmente. Os Velloso fizeram um acordo com a GW.Commerce, de Belo Horizonte, empresa que desenvolve programas para supermercados virtuais. Em troca de uma remuneração sobre o faturamento, A GW gerenciará as vendas para a família Velloso. A família cuidará apenas das compras e das entregas.

(José Maria Furtado, na Exame, dez./99)

119) Segundo o texto, a família Velloso resolveu ressuscitar as Casas da Banha porque:

a) a rede teve 224 lojas e 20.000 funcionários.
b) a rede foi desativada no início dos anos 90.
c) uma empresa do ramo de programas para supermercados propôs um acordo vantajoso, em que a rede só entraria com as compras e as entregas.
d) mais da metade dos cariocas não esqueceram as Casas da Banha.
e) a rede funcionará apenas virtualmente.

120) A palavra ou expressão que justifica a resposta ao item anterior é:

a) Você (/. 1) . ,... . b)
desaparecida (/. 4)
c) Por isso (/. 4)
d) Desta vez (/. 5)
e) acordo *{l.* 6)

121) "Desta vez, porém, apenas virtualmente."

Com a passagem destacada acima, entende-se que as Casas da Banha:
a) funcionarão virtualmente, ou seja, sem fins lucrativos.
b) não venderão produtos de supermercado.
c) estão associando-se a uma empresa de informática.
d) estão mudando de ramo.
e) não venderão mais seus produtos em lojas.

122) O pronome "Ia" (/. 5) não pode ser, semanticamente, associado a:

a) Casas da Banha (/. 1)
b) pesquisa (/. 1)
c) daquela (/. 2)
d) uma (/. 3)
e) desaparecida (/. 4)

TEXTO XXV

A fábrica brasileira da General Motors em Gravataí, no Rio Grande do Sul, será usada como piloto para a implementação do novo modelo de negócios que está sendo desenhado mundialmente pela montadora. A meta da GM é transformar-se numa companhia totalmente **5** voltada para o comércio eletrônico. A partir do ano 2000, a Internet passará a nortear todos os negócios do grupo, envolvendo desde os fornecedores de autopeças até o consumidor final. “A planta de Gravataí representa a imagem do futuro para toda a GM”, afirma Mark Hogan, ex-presidente da filial brasileira e responsável pela nova divisão e-GM.

(Lidia Rebouças, na Exame, dez./99)

123) Segundo o texto:

a) a GM é uma empresa brasileira instalada em Gravataí.
b) a montadora fez da fábrica brasileira de Gravataí um modelo para todas as outras fábricas espalhadas pelo mundo.
c) no Rio Grande do Sul, a GM implementará um modelo de fábrica semelhante ao que está sendo criado em outras partes do mundo.
d) a fábrica brasileira da GM vinha sendo usada de acordo com o modelo mundial, mas a montadora pretende alterar esse quadro.
e) a GM vai utilizar a fábrica do Rio Grande do Sul como um protótipo do que será feito em termos mundiais.

124) A opção que contraria as idéias contidas no texto é:

a) A GM vai modificar, a partir de 2000, a forma de fazer negócios.
b) Será grande a importância da Internet nos negócios da GM.
c) O consumidor final só poderá, a partir de 2000, negociar pela Internet.
d) O comércio eletrônico está nos planos da GM para o ano 2000.
e) A fábrica brasileira é considerada padrão pelo seu ex-presidente.

125)Deduz-se, pelo texto, que a fábrica brasileira:

a) será norteada pela Internet.
b) terá seu funcionamento modificado para adaptar-se às necessidades do mercado.
c) será transferida para Gravataí.
d) estará, a partir de 2000, parcialmente voltada para o comércio eletrônico.
e) seguirá no mesmo ritmo de outras empresas da GM atualmente funcionando no mundo.

126) Por “implementação” (/. 2), pode-se entender:

a) complementação
b) suplementação
c) exposição
d) realização
e) facilitação

127) Segundo as idéias contidas no texto, a transformação que se propõe a GM:

a) não tem apoio dos fornecedores.
b) tem apoio do consumidor final.
c) tem prazo estabelecido.
d) é inexeqüível.
e) não tem lugar marcado.

TEXTO XXVI

MAR PORTUGUÊS

Ó Mar salgado, quanto do teu sal são
lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães
choraram!
Quantos filhos em vão rezaram!
5 Quantas noivas ficaram por casarpara
que tu fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena se a
alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
10 tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
mas nele é que espelhou o céu!

(Fernando Pessoa, in Mensagem)

128) Segundo o poeta, o sofrimento do povo ocorreu:

a) apesar das conquistas portuguesas
b) em virtude das conquistas portuguesas v
c) para as conquistas portuguesas
d) antes das conquistas portuguesas
e) após as conquistas portuguesas

129) A metáfora existente nos dois primeiros versos do poema estabelece:

a) a força moral de Portugal
b) a incoerência do sofrimento diante das conquistas
c) a importância do sofrimento para que o povo deixe de sofrer
d) a profunda união entre as conquistas e o sofrimento do povo
e) a inutilidade das conquistas portuguesas

130) Além da metáfora, os dois primeiros versos contêm:

a) prosopopéia, epíteto de natureza, eufemismo
b) antítese, pleonasmo, eufemismo
c) apóstrofe, epíteto de natureza, metonímia
d) prosopopéia, pleonasmo, antítese
e) apóstrofe, hipérbole, sinestesia

131) “Quantos filhos em vão rezaram!” Com este verso, entendemos que:

a) o sofrimento do povo foi inútil.

b) o povo português da época era muito religioso.
c) muita gente perdeu entes queridos por causa das conquistas portuguesas.
d) a força da fé contribuiu efetivamente para as conquistas do país.
e) a religiosidade do povo português era inútil.

132) As palavras que melhor definem o povo português, de acordo com as idéias contidas no texto, são:

a) fé e competência
b) inteligência e maturidade
c) orgulho e religiosidade
d) perseverança e ambição
e) grandeza e tenacidade

133) Segundo o texto, para se ir sempre adiante é necessário:

a) crer no destino
b) aceitar a dor
c) viver com alegria
d) vencer o sofrimento
e) objetivar sempre o progresso

134) Por um processo anafórico, a palavra nele (/. 12) tem como referente no texto:

a) Mar (/. 1)
b) Deus (/.11)
c) perigo (/.11)
d) abismo (/.11)
e) céu (/.12)

TEXTO XXVII

Vale recordar que foi nesse século (o XVIII) que apareceram e se generalizaram em certas regiões do Brasil as famosas “tropas de muares” que, daí por diante, até o fim do século XIX e mesmo nos anos transcorridos do séc. XX, dividiram com os carros de bois as tarefas dos transportes por terra no interior do Brasil. Nos caminhos rudimentares que então possuíamos, transformados em lamaçais na estação das chuvas e no verão reduzidos a ásperas trilhas, quase intransitáveis, foram os carros de bois e as tropas os únicos meios e ligação dos núcleos de povoamento entre si e entre eles e as roças e lavouras. De outra forma não se venceriam os obstáculos naturais.

(B. J. de Souza, in Ciclo)

135) Segundo o texto, os carros de bois:

a) transportavam sozinhos pessoas e mercadorias no interior do Brasil.
b) surgiram no século XVIII, juntamente com as tropas de muares.
c) sucederam as tropas de muares no transporte de pessoas e mercadorias.
d) só transportavam mercadorias.
e) eram úteis, como as tropas de muares, por causa do estado ruim dos terrenos.

136) A estação das chuvas e o verão:

a) contribuíram para o desaparecimento dos carros de bois a partir do século XX.
b) não tiveram influência no uso das tropas de muares, pois os caminhos eram rudimentares.
c) foram fator determinante para o progresso do interior do Brasil.
d) contribuíram para a necessidade do uso de tropas de muares e de carros de bois.
e) impediam a comunicação dos núcleos de povoamento entre si.

137) Os obstáculos naturais só foram vencidos:

a) por causa do clima
b) por causa da força do povo
c) porque nem sempre os caminhos se tornavam lamaçais
d) porque os núcleos de povoamento continuavam ligados às roças e às lavouras
e) por causa da utilização das tropas de muares e dos carros de bois

138) As tropas de muares só não podem ser entendidas como tropas:

a) de cavalos
b) de mulos
c) de burros
d) de mus

e) de bestas

139) O transporte de que fala o texto só não deve ter sido, na época:

a) lento e penoso
b) difícil, mas necessário
c) duro e nostálgico
d) vagaroso e paciente
e) pachorrento, mas útil

TEXTO XXVIII

O *liberalismo é* uma teoria política e econômica que exprime os anseios da burguesia. Surge em oposição ao absolutismo dos reis e à teoria econômica do mercantilismo, defendendo os direitos da iniciativa privada e restringindo o mais possível as atribuições do Estado.

Locke foi o primeiro teórico liberal. Presenciou na Inglaterra as lutas pela deposição dos Stuarts, tendo se refugiado na Holanda por questões políticas. De lá regressa quando, vitoriosa a Revolução de 1688, Guilherme de Orange é chamado para consolidar a nova monarquia parlamentar inglesa.

(Maria Lúcia de Arruda Aranha, in História da Educação)

140) Segundo o texto, Locke:

a) participou da deposição dos Stuarts.
b) tinha respeito pelo absolutismo.
c) teve participação apenas teórica no liberalismo.
d) julgava ser necessário restringir as atribuições do Estado.
e) não sofreu qualquer tipo de perseguição política.

141) Infere-se do texto que os burgueses seriam simpáticos:

a) ao absolutismo
b) ao liberalismo
c) às atribuições do Estado
d) à perseguição política de Locke
e) aos Stuarts

142) A Revolução de 1688 foi vitoriosa porque:

a) derrubou o absolutismo.
b) implantou o liberalismo.
c) preservou os direitos de iniciativa privada.
d) baseou-se nas idéias liberais de Locke.
e) permitiu que Locke voltasse da Holanda.

143) "...que exprime os anseios da burguesia." [l. 1/2) Das alterações feitas na passagem acima, aquela que altera substancialmente seu sentido é:

a) a qual expressa os anseios da burguesia.
b) a qual exprime os desejos da burguesia.
c) que representa os anelos da burguesia.
d) que expressa os valores da burguesia.
e) que representa as ânsias da burguesia.

144) A teoria política do liberalismo se opunha:

a) a parte da burguesia
b) ao mercantilismo
c) à monarquia parlamentar
d) a Guilherme de Orange
e) ao absolutismo

145) Infere-se do texto que Guilherme de Orange:

a) não seria simpático aos burgueses.
b) teria ligações com os reis absolutistas.
c) teria idéias liberais.
d) não concordaria com Locke.
e) teria apoiado o exílio de Locke na Holanda.

TEXTO XXIX

BUROCRATAS CEGOS

A decisão, na sexta-feira, da juíza Adriana Barreto de Carvalho Rizzotto, da 7a Vara Federal do Rio, determinando que a Light e a Cerj também paguem bônus aos consumidores de energia que reduziram o consumo entre 100 kWh e 200 kWh fez justiça.

A liminar vale para todos os brasileiros. Quando o Governo se lançou nessa difícil tarefa do racionamento, não contou com tamanha solidariedade dos consumidores. Por isso, deixou essa questão dos bônus em suspenso. Preocupada com os recursos que o Governo federal terá que desembolsar com os prêmios, a Câmara de Gestão da Crise de Energia tem evitado encarar essa questão, muito embora o próprio presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, já tenha dito que o bônus será pago.

Decididamente, os consumidores não precisavam ter lançado mão da Justiça para poder ter a garantia desse direito. Infelizmente, o permanente desrespeito ao contribuinte ainda faz parte da cultura dos burocratas brasileiros. Estão constantemente preocupados em preservar a máquina do Estado. Jamais pensam na sociedade e nos cidadãos. Agem como se logo mais na frente não precisassem da população para vencer as barreiras de mais essa crise.

(Editorial de O Dia, 19/8/01)

146) De acordo com o texto:

a) a juíza expediu a liminar porque as companhias de energia elétrica se negaram a pagar os bônus aos consumidores.
b) a liminar fez justiça a todos os tipos de consumidores.
c) a Light e a Cerj ficarão desobrigadas de pagar os bônus se o Governo fizer a sua parte.
d) o excepcional retorno dado pelos consumidores de energia tomou de surpresa o Governo.
e) o Governo pagará os bônus, desde que as companhias de energia elétrica também o façam.

147) Só não se depreende do texto que:

a) os burocratas brasileiros desrespeitam sistematicamente o contribuinte.
b) o governo não se preparou para o pagamento dos bônus.
c) o chefe do executivo federal garante que os consumidores receberão o pagamento dos bônus.
d) a Câmara de Gestão está preocupada com os gastos que terá o Governo com o pagamento dos bônus.

e) a única forma de os consumidores receberem o pagamento dos bônus é apelando para a Justiça.

148) De acordo com o texto, a burocracia brasileira:

a) vem ultimamente desrespeitando o contribuinte.
b) sempre desrespeita o contribuinte.
c) jamais desrespeitou o contribuinte.
d) vai continuar desrespeitando o contribuinte.
e) deixará de desrespeitar o contribuinte.

149) A palavra que justifica a resposta ao item anterior é:

a) infelizmente *(l.* 14)
b) constantemente (/. 16)
c) cultura (/. 15)
d) jamais (/. 17)
e) permanente (/. 15)

150) Os burocratas brasileiros:

a) ignoram o passado.
b) não valorizam o presente.
c) subestimam o passado.
d) não pensam no futuro.
e) superestimam o futuro.

151) Pode-se afirmar, com base nas idéias do texto:

a) A Câmara de Gestão defende os interesses da Light e da Cerj.
b) O presidente da República espera poder pagar os bônus aos consumidores.
c) Receber o pagamento dos bônus é um direito do contribuinte, desde que tenha reduzido o consumo satisfatoriamente.
d) Os contribuintes não deveriam ter recorrido à Justiça, porque a Câmara de Gestão garantiu o pagamento dos bônus.
e) A atuação dos burocratas brasileiros deixou a Câmara de Gestão preocupada.

TEXTO XXX

É consenso entre os economistas que o setor automobilístico é o que impulsiona a economia de qualquer país. QUATRO RODAS foi conferir e viu que os números são espantosos. A começar pelo mercado de trabalho. Estima-se que um emprego em uma fábrica de carros gera, indiretamente, 46 outros empregos. Por esse cálculo, 5 milhões de brasileiros dependem, em maior ou menor grau, dessa indústria. Até na construção civil a presença das rodas é enorme: 1 em cada 4 metros quadrados de espaço nas grandes cidades se destina a ruas ou estacionamentos. Na ponta do lápis, o filão da economia relacionado a automóveis movimentou, no ano passado, pelo menos 216 bilhões de dólares. Como o PIB brasileiro, nesse período, foi de 803 bilhões de dólares (e ainda não havia ocorrido a maxidesvalorização), cerca de 1 em cada 4 reais que circularam no país andou sobre rodas em 1998.

(Quatro Rodas, março/99)

152) Segundo o texto, a economia de um país:

a) é ajudada pelo setor automobilístico.
b) independe do setor automobilístico.
c) às vezes depende do setor automobilístico.
d) não pode prescindir do setor automobilístico.
e) fortalece o setor automobilístico.

153) A importância do setor automobilístico é destacada:

a) por boa parte dos economistas
b) pela maioria dos economistas
c) por todos os economistas
d) por alguns economistas
e) pelos economistas que atuam nessa área

154) Pelo texto, verifica-se que:

a) alguns países têm sua economia impulsionada pelo setor automobilístico.
b) o PIB brasileiro seria melhor sem o setor automobilístico.
c) para os economistas, o setor automobilístico tem importância relativa na economia brasileira.
d) cinco milhões de brasileiros têm seu sustento no setor automobilístico.
e) em 1998, três quartos da economia brasileira não tinham relação com o setor automobilístico.

155) “A começar pelo mercado de trabalho.” (/. 3/4) Das alterações feitas na passagem acima, aquela que lhe altera basicamente o sentido é:

a) a princípio pelo mercado de trabalho
b) começando pelo mercado de trabalho
c) em princípio pelo mercado de trabalho
d) principiando pelo mercado de trabalho
e) iniciando pelo mercado de trabalho

156) Segundo o texto, o setor automobilístico:

a) está presente em segmentos diversos da sociedade.
b) limita-se às fábricas de veículos.
c) no ano de 1988 gerou salários de aproximadamente 216 bilhões de dólares.
d) ficou imune à maxidesvalorização.
e) gera, pelo menos, 47 empregos por fábrica de automóveis.

157) A palavra ou expressão que justifica a resposta ao item anterior é:

a) qualquer (/. 2)
b) gera (/. 4)
c) até (/. 6)
d) na ponta do lápis (/. 9)
e) no país (/. 13)

TEXTO XXXI

Vários planetas são visíveis a olho nu: Marte, Júpiter, Vênus, Saturno e Mercúrio. Esses astros já eram conhecidos não apenas dos gregos, mas também de povos ainda mais antigos, como os babilônios.

Apesar de sua semelhança com as estrelas, os planetas eram identificados pelos povos da Antigüidade graças a duas características que os diferenciavam. Primeiro: as estrelas, em curtos períodos, não variam de posição umas em relação às outras. Já os planetas mudam de posição no céu com o passar das horas. À noite, esse movimento pode ser percebido com facilidade. Segundo: as estrelas têm uma luz que, por ser própria, pisca levemente. Já os planetas, que apenas refletem a luz do Sol, têm um brilho fixo. Os planetas mais distantes da Terra só puderam ser descobertos bem mais tarde, com a ajuda de aparelhos ópticos como o telescópio. “O primeiro deles a ser identificado foi Urano, descoberto em 1781 pelo astrônomo inglês William Herschel”, afirma a astrônoma Daniela Lázzaro, do Observatório Nacional do Rio de Janeiro.

(Superinteressante, agosto/01)

158) Com relação às idéias contidas no texto, não se pode afirmar que:

a) os gregos não conheciam o planeta Urano.
b) os gregos, bem como outros povos da Antigüidade, conheciam vários planetas do Sistema Solar.
c) a olho nu, os planetas se assemelham às estrelas.
d) os povos da Antigüidade usavam aparelhos ópticos rudimentares para identificar certos planetas.
e) os povos antigos sabiam diferençar os planetas das estrelas, mesmo sem aparelhos ópticos.

159) Infere-se do texto que a Astronomia é uma ciência que, em dadas circunstâncias, pode prescindir de:

a) estrelas
b) planetas
c) instrumentos
d) astrônomos
e) estrelas, planetas e astrônomos

160) A locução prepositiva “graças a” (/. 5) tem o mesmo valor semântico de:

a) mas também (/. 3)
b) apesar de (/. 3)
c) com (/. 8)
d) por (/. 9)
e) em (/. 13)

161) “Esses astros já eram conhecidos não apenas dos gregos, mas também de povos ainda mais antigos...” Das alterações feitas na passagem acima, aquela que apresenta sensível alteração de sentido é:

a) Esses astros já eram conhecidos não somente dos gregos, como também de povos ainda mais antigos.
b) Tais planetas já eram conhecidos não apenas dos gregos, mas também de povos ainda mais antigos.
c) Esses astros já eram conhecidos não apenas pelos gregos, mas também por povos ainda mais antigos.
d) Esses astros já eram conhecidos tanto pelos gregos, como por povos ainda mais antigos.
e) Esses astros já eram conhecidos não apenas através dos gregos, mas também através de povos mais antigos.

162) A diferença que os antigos já faziam entre estrelas e planetas era de:

a) brilho e posição
b) beleza e posição
c) importância e disposição
d) brilho e importância
e) beleza e disposição

163) Infere-se do texto que o planeta Netuno:

a) era conhecido dos gregos.
b) foi descoberto sem ajuda de aparelhos ópticos.
c) foi descoberto depois de Plutão.
d) foi descoberto depois de Urano.
e) foi identificado por acaso.

164) Segundo o texto, as estrelas:

a) nunca mudam de posição.
b) são iguais aos planetas.
c) não piscam.
d) só mudam de posição à noite.
e) mudam de posição em longos períodos de tempo.

TEXTO XXXII

Não faz muito tempo, a mata virgem, as ondas generosas e as areias brancas da Praia do Rosa, no sul catarinense, despertaram a atenção de surfistas e viajantes em busca de lugares inexplorados. Era meados dos anos 70, e este recanto permanecia exclusivo de poucas famílias de pescadores. O tempo passou e hoje “felizmente”, conforme se ouve em conversas com a gente local, o Rosa não mudou.

Mesmo estando localizada a apenas 70 quilômetros de Florianópolis e vizinha do badalado Balneário de Garopaba, a Praia do Rosa preserva, de forma ainda bruta, suas belezas naturais. É claro que houve mudanças desde sua descoberta pelos forasteiros. Mas, ao contrário de muitos lugarejos de nossa costa que tiveram a natureza devastada pela especulação imobiliária, esta região resiste intacta graças a um pacto entre moradores e donos de pousadas. Uma das medidas adotadas por eles, por exemplo, é que ninguém ocupe mais de 20% de seu terreno com construção. Assim, o verde predomina sobre os morros de frente para o mar azul repleto de baleias. Baleias? Sim, baleias francas, a mais robusta entre as espécies desses mamíferos marinhos, que chegam a impressionantes 18 metros e até 60 toneladas.

(Sérgio T. Caldas, na Os caminhos da Terra, dez./00)

165) Quanto à Praia do Rosa, o autor se contradiz ao falar:

a) da localização
b) dos moradores
c) da mudança
d) do tempo
e) do valor

166) O texto só não nos permite afirmar, com relação à Praia do Rosa:

a) mantém intactas suas belezas naturais.
b) manteve-se imune à especulação imobiliária.
c) não fica distante da capital do Estado.
d) no início dos anos 70, surfistas e exploradores se encantaram com suas belezas naturais.
e) trata-se de um local tranqüilo, onde todos respeitam a natureza.

167) Pelo visto, o que mais impressionou o autor do texto foi a presença de:

a) moradores
b) baleias
c) surfistas
d) donos de pousadas
e) viajantes

168) O fator determinante para a preservação do Rosa é:

a) a ausência da especulação imobiliária
b) o amor dos moradores pelo lugar
c) a consciência dos surfistas que freqüentam a região
d) o pacto entre moradores e donos de pensão
e) a proximidade de Florianópolis

169) O primeiro período do segundo parágrafo terá o seu sentido alterado se for iniciado por:

a) a despeito de estar localizada
b) não obstante estar localizada
c) ainda que esteja localizada
d) contanto que esteja localizada
e) posto que estivesse localizada

170) 0 adjetivo empregado com valor conotativo é:

a) generosas (/ 1)
b) exclusivo (/. 4)
c) bruta (/. 9)
d) intacta (/. 12)
e) azul (/. 16)

171) O adjetivo "badalado" (/. 8):

a) pertence à língua literária e significa **importante.**
b) é linguagem jornalística e significa **comentado.**
c) pertence à língua popular e significa **muito falado.**
d) *é* linguagem científica e significa **movimentado.**
e) pertence à língua coloquial e significa **valiosa.**

TEXTO XXXIII

A vida é difícil para todos nós. Saber disso nos ajuda porque nos poupa da autopiedade. Ter pena de si mesmo é uma viagem que não leva a lugar nenhum. A autopiedade, para ser justificada, nos toma um tempo enorme na construção de argumentos e motivos para nos entristecermos com uma coisa absolutamente natural: nossas dificuldades.

Não vale a pena perder tempo se queixando dos obstáculos que têm de ser superados para sobreviver e para crescer. É melhor ter pena dos outros e tentar ajudar os que estão perto de você e precisam de uma mão amiga, de um sorriso de encorajamento, de um abraço de conforto. Use sempre suas melhores qualidades para resolver problemas, que são: capacidade de amar, de tolerar e de rir.

Muitas pessoas vivem a se queixar de suas condições desfavoráveis, culpando as circunstâncias por suas dificuldades ou fracassos. As pessoas que se dão bem no mundo são aquelas que saem em busca de condições favoráveis e se não as encontram se esforçam por criá-las. Enquanto você acreditar que a vida é um jogo de sorte vai perder sempre. A questão não é receber boas cartas, mas usar bem as que lhe foram dadas.

(Dr. Luiz Alberto Py, in O Dia, 30/4/00)

172) Segundo o texto, evitamos a autopiedade quando:

a) aprendemos a nos comportar em sociedade.
b) nos dispomos a ajudar os outros.
c) passamos a ignorar o sofrimento.
d) percebemos que não somos os únicos a sofrer.
e) buscamos o apoio adequado.

173) Para o autor, o mais importante para a pessoa é:

a) perceber o que ocorre à sua volta.
b) ter pena das pessoas que sofrem.
c) buscar conforto numa filosofia ou religião.
d) esforçar-se para vencer as dificuldades.
e) estar ciente de que, quando menos se espera, surge a dificuldade.

174) A autopiedade, segundo o autor:

a) é uma doença.
b) é problema psicológico.
c) destrói a pessoa.
d) não pode ser evitada.
e) não conduz a nada.

175) A vida é comparada a um jogo em que a pessoa:

a) precisa de sorte.
b) deve saber jogar.
c) fica desorientada,
e) geralmente perde.
e) não pode fazer o que quer.

176) A superação das dificuldades da vida leva:

a) àpaz
b) à felicidade
c) ao equilíbrio
d) ao crescimento
e) à auto-estima

177) Os sentimentos que levam à superação das dificuldade são:

a) fé, tolerância, abnegação
b) amor, desapego, tolerância
c) caridade, sensibilidade, otimismo
d) fé, tolerância, bom humor
e) amor, tolerância, alegria

178) Para o autor:

a) não podemos vencer as dificuldades.
b) só temos dificuldades por causa da nossa imprevidência.
c) não podemos fugir das dificuldades.
d) devemos amar as dificuldades.
e) devemos procurar as dificuldades.

TEXTO XXXIV

ESPERANÇAS

Apesar de 4 bilhões de pessoas viverem na pobreza, entre os seis bilhões de habitantes da Terra, as pessoas simples continuam a acreditar num futuro melhor. Não importa se esse sentimento brota da emoção, da fé ou da esperança.

O importante é ressaltar que a crise de uma concepção científica do mundo abre, agora, a perspectiva de que os caminhos da história não sejam apenas aqueles previstos pelas largas avenidas das ideologias modernas.

Os atalhos são, hoje, as vias principais, como o demonstram o Fórum Social de Porto Alegre e a força das mobilizações contra o atual modelo de globalização. Assim como o aparente perfil caótico da natureza ganha um sentido evolutivo e coerente na esfera biológica, do mesmo modo haveria um nível - que o Evangelho denomina amor - em que as relações humanas tomam a direção da esperança.

É verdade que, com o Muro de Berlim, ruiu quase tudo aquilo que sinalizava um futuro sem opressores e oprimidos. Agora as leis do mercado importam mais do que as leis da ética.

Mas, e a pobreza de 2/3 da humanidade? O que significa falar em liberdades quando não se tem acesso a um prato de comida? Esta é a grande contradição da atual conjuntura: nunca houve tanta liberdade para tantos famintos! Mesmo os povos que no decorrer das últimas décadas não conheceram a pobreza e o desemprego agora se deparam com esses flagelos, como ocorre nos países do leste europeu.

A ironia é que, hoje, aqueles povos são livres para escolher seus governantes, podem circular por suas fronteiras e manifestar suas discordâncias em público. Mas lhes é negado o direito de escolher um sistema social que não assegure a reprodução do capital privado.

(Frei Beto, in O Dia, 19/8/01)

179) O texto pode ser entendido como um manifesto contrário ao:

a) presidencialismo
b) parlamentarismo
c) comunismo
d) socialismo
e) capitalismo

180) “Nunca houve tanta liberdade para tantos famintos.” No trecho destacado, o autor questiona o valor:

a) da globalização
b) da democracia

c) das políticas econômicas
d) das privatizações
e) do governo

181) No texto, só não há correspondência entre:

a) esse sentimento (/. 3) e crença num futuro melhor (/. 2)
b) atalhos (/. 9) e Fórum e força das mobilizações (/. 9)
c) aparente perfil caótico (/. 11) e sentido evolutivo (/. 12)
d) Muro de Berlim (/. 15) e opressores e oprimidos (/. 16)
e) seus governantes (/. 25) e lhes (/. 26)

182) Segundo o autor, os povos do antigo bloco comunista do leste europeu:

a) continuam sem liberdade de expressão.
b) hoje são mais felizes porque são livres.
c) são irônicos, apesar de livres.
d) não são totalmente livres.
e) sofrem com a ironia do governo.

183) O sinônimo adequado para “ressaltar” (/. 5) é:

a) demonstrar
b) dizer
c) destacar
d) apontar
e) afirmar

184) O grande paradoxo do mundo atual seria:

a) simplicidade - esperança
b) concepção científica - fé
c) liberdade - fome
d) esfera biológica - amor
e) sistema social - capital privado

185) “É verdade que, com o Muro de Berlim, ruiu quase tudo aquilo que sinalizava um futuro sem opressores e oprimidos.” Só não há paráfrase do trecho destacado acima em:

a) Com o Muro de Berlim, certamente, caiu tudo que apontava para um futuro sem opressores e oprimidos.
b) É certo que vieram abaixo, com o Muro de Berlim, todas as coisas que sinalizavam um futuro sem opressores e oprimidos.
c) Com a queda do Muro de Berlim, na verdade, veio abaixo tudo aquilo que apontava para um futuro sem opressores e oprimidos.

d) É verdade que, por causa do Muro de Berlim, veio abaixo tudo que sinalizava um futuro sem opressores e oprimidos.
e) Ruiu, certamente, com o Muro de Berlim, tudo aquilo que sinalizava um porvir sem opressores e sem oprimidos.

TEXTO XXXV

O solvente, segundo a onda terrorista espalhada no país, é uma espécie de veneno químico que inescrupulosos donos de postos e distribuidoras mal-intencionadas deram de adicionar à gasolina. Com isso, esses bandidos estariam lesando os concorrentes (porque pagam barato pelos adulterantes), os cofres públicos (porque os impostos significam 70% do custo da gasolina; mas são baixos quando aplicados diretamente sobre os solventes) e o consumidor, já que os produtos estranhos teriam uma atuação demoníaca na saúde do motor e dos componentes do carro, roendo mangueiras e detonando – no pior dos sentidos – o sistema de combustão. Pior: quando adicionado por especialistas, o solvente quase não deixa pistas. É indetectível em testes simples e imperceptível durante o funcionamento do veículo.

Para cercar esse inimigo, QUATRO RODAS recorreu ao Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo, o insuspeito IPT. Na tentativa de flagrar postos que estivessem misturando substâncias estranhas à gasolina, repórteres coletaram amostras de combustível Brasil afora, para submetê-las à cromatografia, um método capaz de revelar cada componente de uma amostra, bem como a quantidade de cada elemento na mistura. No primeiro lote, de doze amostras reunidas numa viagem entre Buenos Aires e São Paulo, uma revelação esperada: segundo o laudo do IPT, quatro delas estavam adulteradas pela presença de solventes em proporções acima das encontradas na gasolina de referência da refinaria Replan, de Paulínia, a 117 quilômetros da capital paulista.

(D. Schelp e L. Martins, na Quatro Rodas, março/00)

186) Segundo o texto:

a) a gasolina brasileira é sempre adulterada nos postos de gasolina.
b) a gasolina argentina é superior à brasileira.
c) os donos de postos de gasolina e, principalmente, distribuidoras mal-intencionadas têm adicionado solventes à gasolina.
d) a situação é mais grave se o solvente é adicionado sob a orientação de pessoas que detenham uma técnica apurada.
e) a situação é tão grave que nem a cromatografia tem sido capaz de mostrar a adulteração da gasolina.

187) Depreende-se do texto que o IPT:

a) não tem estrutura para resolver o problema.
b) deveria usar a cromatografia.
c) dispõe de repórteres capazes de fazer a coleta de gasolina.
d) examina as amostras coletadas em postos de gasolina.
e) fica situado a 117 quilômetros da cidade de São Paulo.

188) A revista recorreu ao IPT porque:

a) ele é um instituto insuspeito.
b) ele fica em São Paulo, ponto final da viagem dos repórteres.
c) a gasolina de referência é a da Replan.
d) os cofres públicos estão sendo lesados.
e) testes simples não podem resolver o problema.

189) A alternativa em que se substituem, sem alteração de sentido, os elementos conectores “segundo” (/. 1), “com isso” (/. 3), “já que” (/. 7) e”para”(/. 13) é:

a) conforme, apesar disso, porque, a fim de
b) consoante, dessa forma, uma vez que, a fim de
c) consoante, assim, uma vez que, por
d) não obstante, dessa forma, porquanto, a fim de
e) conforme, aliás, uma vez que, por

190) Segundo o texto:

a) a gasolina não pode ter nenhum tipo de solvente.
b) há mais gasolina adulterada no Brasil, na faixa entre Buenos Aires e São Paulo.
c) por detonar o sistema de combustão, os bandidos lesam os concorrentes, os cofres públicos e o consumidor.
d) o IPT não seria o instituto adequado para fazer a avaliação da gasolina, por ser insuspeito.
e) o resultado da pesquisa encaminhada ao IPT não causou estranheza aos elementos envolvidos.

191) Com base nas idéias contidas no texto, pode-se afirmar que:

a) solvente é sempre veneno químico.
b) terroristas estão adulterando a gasolina.
c) donos de postos de gasolina são inescrupulosos.
d) os solventes adicionados à gasolina são baratos, por isso os bandidos levam vantagem sobre os concorrentes.
e) durante a viagem entre Buenos Aires e São Paulo, os repórteres desconfiaram da presença de gasolina adulterada em seu carro.

192) “...deram de adicionar à gasolina.” (/. 3) Por “deram de”, entende-se:

a) começaram a
b) acostumaram-se a
c) insistem em
d) precisam
e) desejavam

193) De acordo com o texto, a gasolina ideal:

a) leva poucos solventes.
b) não leva solventes.
c) é a da Replan.
d) não rói mangueira.
e) é a mais barata.

TEXTO XXXVI

OS UMBRAIS DA CAVERNA

RIO DE JANEIRO - Não sei por que(*), mas associei duas declarações da semana passada, feitas no mesmo dia, mas separadas por espaço e objetivo.

No Brasil, o presidente da República declarou que “já vamos transpor os umbrais do atraso”. No Afeganistão, um tal de Abdul Rahman, ministro do novo governo que ali se instalou, acredita que o país será invadido por turistas de todo o mundo interessados em conhecer Tora Bora e Candahar.

Louve-se o otimismo de um e de outro. Sempre ouvi dizer que o otimista é um cara mal-informado. As duas declarações, juntas ou separadas, são uma prova. Os umbrais do atraso que FHC anuncia transpor e os encantos turísticos do Afeganistão são boas intenções ainda distantes da realidade. Certo que não faltam progressos em nossa vida como nação e povo, mas o quadro geral ainda é lastimável, sobretudo pela existência de dois cenários contraditórios - um cada vez mais rico e outro cada vez mais miserável.

Os umbrais que separam a riqueza da miséria não serão transpostos com as prioridades que sete anos de tucanato estabeleceram para o país. Quando Maria Antonieta perguntou por que o povo não comia bolos à falta de pão, também pensava que a monarquia havia transposto os umbrais do atraso.

Quanto ao interesse de as cavernas de Tora Bora provocarem uma invasão de turistas, acho discutível esse tipo de atração. Reconheço que há exageros na massificação do turismo internacional, mas não a esse ponto.

Em todo o caso, não custa abrir um crédito de esperança para as burras do erário afegão. Se o ministro Abdul Rahman contratar um dos nossos marqueteiros profissionais, desses que prometem eleger um poste para a Presidência da República, é possível que muita gente vá conhecer as cavernas onde ainda não encontraram Osama bin Laden.

(Carlos Heitor Cony, na Folha de São Paulo, 13/1/02)

*A palavra aparece assim na edição eletrônica da Folha. No entanto, deve ser acentuada (quê).

194) O autor não acredita:

a) na boa intenção do presidente da República.
b) que o Afeganistão será invadido por turistas de todo o mundo.
c) que o ministro afegão seja otimista.
d) que o otimista é um cara mal-informado.
e) em semelhanças entre as declarações de FHC e Abdul Rahman.

195) Maria Antonieta é comparada a:

a) Abdul Rahman
b) turistas de todo o mundo
c) Tora Bora
d) FHC
e) um cara mal-informado

196) "...não custa abrir um crédito de esperança para as burras do erário afegão." Neste trecho, "as burras do erário afegão" significam:

a) as pessoas ignorantes do Afeganistão
b) os animais de carga do Afeganistão
c) os cofres do tesouro do Afeganistão
d) o dinheiro da iniciativa privada do Afeganistão
e) o dinheiro de empresas falidas do Afeganistão, confiscado pelo novo governo

197) Ao definir o otimista, o autor valeu-se de uma linguagem:

a) hermética
b) culta
c) chula
d) coloquial
e) ofensiva

198) Para o autor, tanto FHC como Abdul Rahman:

a) estão descontentes com a situação em seus países.
b) têm ampla visão social.
c) são demagogos.
d) não têm preparo para ocupar seus cargos.
e) são mal-informados.

199) Se levarmos em conta a afirmação de FHC, teremos de concluir que o Brasil:

a) não é mais um país atrasado.
b) continuará a ser um país atrasado.
c) levará muitos anos para se desenvolver.
d) em pouco tempo deixará de ser um país atrasado.
e) tem condições de ser um país adiantado.

200) No último parágrafo do texto, o autor utiliza uma linguagem:

a) metafórica
b) hiperbólica
c) irônica

d) leviana
e) pessimista

201) Para o autor, as declarações de FHC e do ministro só não têm em comum o fato de:

a) serem equivocadas.
b) partirem de pessoas otimistas.
c) serem despropositadas.
d) serem bem-intencionadas.
e) supervalorizarem a capacidade turística de seus países.

TEXTO XXXVII

TOLERÂNCIA

Quando o mundo se torna violento, buscamos uma explicação em que a compreensão se expresse em atos e palavras. Mas como explicar a tortura, o assassinato, a censura, o imperialismo ou o terrorismo, ferramentas favoritas dos repressores que querem evitar qualquer opinião divergente?

Histórias recentes da América Latina, da Europa e do Oriente Médio comprovam tais fatos: é o caso de Cuba de Castro, do Peru de Fujimori e dos radicalismos políticos, de triste memória, da Argentina e do Brasil; é a incompreensão de protestantes e católicos, na Irlanda; é a questão entre judeus e palestinos, que faz sangrar a Terra Santa. O fanatismo defensor de uma verdade aceita como única não é patrimônio exclusivo das ditaduras. Hoje os fundamentalismos religiosos, misturados a frustrações econômicas e sociais, são a expressão patológica de uma quebra de equilíbrio do universo. Como, então, enfrentá-los?

Não há melhor antídoto contra a conduta intolerante que a liberdade, conseqüência da pluralidade, que consiste em defender idéias próprias, mas aceitando que o outro possa ter razão. Precisamos reconhecer velhas verdades: a violência gera violência; todo poder é abusivo; o fanatismo é inimigo da razão; todas as vidas são preciosas; a guerra jamais é gloriosa, exceto para os vencedores que crêem que Deus está ao lado dos grandes exércitos.

A solidariedade e a tolerância democrática, inexistentes no nosso tempo, implicam uma revolução em nossas mentalidades e na aceitação do que percebemos como diferentes, para se configurar uma sociedade multicultural. Esses são os desafios éticos que deveríamos enfrentar, sem a arrogância dos países desenvolvidos e sem a marginalização dos subdesenvolvidos, afundados na miséria e na fome.

(Carlos Alberto Rabaça, em O Dia, 21 /11 / 01)

202) Para o autor, o maior problema do mundo atual é:

a) o fanatismo religioso
b) as ditaduras
c) a intolerância
d) a violência
e) a miséria

203) O autor faz alusão a problemas específicos de vários países. Aquele cujo problema é diferente do dos demais é:

a) Brasil

b) Irlanda
c) Argentina
d) Cuba
e) Peru

204) Com base nas idéias contidas no texto, pode-se afirmar que:

a) só as ditaduras aceitam uma verdade tida como única.
b) o fundamentalismo religioso não colabora com a queda do equilíbrio universal.
c) nada pode combater a intolerância de nossos dias.
d) tudo pode ser explicado, inclusive a intolerância.
e) o mundo atual não tem solidariedade e tolerância democrática.

205) Em sua função anafórica, o pronome relativo “que” (/. 16) refere-se no texto a:

a) antídoto
b) pluralidade
c) idéias
d) conduta
e) liberdade

206) Não são elementos antagônicos:

a) Brasil / Argentina
b) protestantes / católicos
c) judeus / palestinos
d) arrogância / marginalização
e) conduta intolerante / liberdade

207) “Expressão patológica” _(l._ 13) é expressão:

a) deturpada
b) exagerada
c) cotidiana
d) mórbida
e) sombria

208) Segundo o texto, ser livre é:

a) fazer o que se quer.
b) valorizar as suas idéias, em detrimento das dos outros.
c) ter suas idéias e admitir as dos outros.
d) viver intensamente.
e) não se preocupar com a intolerância do mundo.

TEXTO XXXVIII

QUENTE E FRIO

Me dizem que, de acordo com uma convenção internacional, a torneira de um lado é sempre a da água quente e a do outro, logicamente, a da água fria. Mas nunca me lembro quais são os lados. Não usam mais os velhos Q e F, imagino, para não descriminar* os analfabetos, nem as cores vermelho para quente e azul para fria, para não descriminar* os daltônicos. Mas e nós, os patetas? Também precisamos tomar banho.

Nunca nos lembramos de que lado é o quente e de que lado é o frio e estamos condenados a sustos constantes ou então a demorada experimentação até acertar a temperatura da água. Isso quando os controles não estão concentrados numa única supertorneira de múltiplas funções, na qual você pode escolher volume e temperatura numa combinação de movimentos sincronizados depois de completar um curso de aprendizagem do qual também sairá capacitado a pilotar um Boeing.

A verdade é que existe uma conspiração para afastar do mundo do consumo moderno as pessoas, digamos, neuronicamente prejudicadas. Em alguns casos a depuração foi longe demais e o resultado é que hoje existem, comprovadamente, apenas dezessete pessoas em todo o mundo que sabem programar o *timer* para gravação num videocassete. Destas, quinze só revelam o que sabem por muito dinheiro, uma está muito doente e a outra se retirou para o Tibete e não quer ser incomodada. Na maioria dos casos, no entanto, as instruções para uso são dirigidas a pessoas normais, com um mínimo de acuidade e bom senso - quer dizer, são contra nós! Mas eu já me resignara a não saber programar o *timer,* ou sequer saber o que era um *timer,* ou jamais usar a tecla Num Lock com medo de trancar todos os computadores num raio de um quilômetro, desde que me sentisse confortável no mundo que eu dominava. Como, por exemplo, no chuveiro. E enta’o a modernidade chegou às torneiras, e quente e frio também se transformaram em desafios intelectuais. Quente é a da esquerda e fria é a da direita, é isso?

Ou é o contrário? É uma conspiração.

(Luís F. Veríssimo, em O Globo, 13/1/02)

* Escrita assim na página eletrônica consultada. O perfeito é **discriminar.**

209) O texto nos fala:

a) da inépcia de todos os analfabetos
b) do problema dos daltônicos
c) da dificuldade em se decidir entre água fria e água quente
d) da dificuldade trazida pela modernidade

e) do caráter obsoleto de determinados aparelhos domésticos

210) O tom predominante no texto *é* de:

a) perplexidade
b) humorismo
c) decepção
d) realismo
e) determinismo

211) O texto é formado a partir de hipérboles. Assinale o trecho que não denota nenhum tipo de exagero.

a) “Nunca nos lembramos de que lado é o quente e de que lado é o frio...” (/. 7)
b) “...do qual também sairá capacitado a pilotar um Boeing.” (/. 13)
c) “...existem, comprovadamente, apenas dezessete pessoas em todo o mundo...” (/. 17/18)
d) “Mas eu já me resignara a não saber programar o *timer...*” (/. 23/24)
e) “É uma conspiração.” (/. 30)

212) Pelo visto, a supertorneira:

a) simplifica as coisas.
b) agrada a todos.
c) é mais um elemento complicador.
d) não apresenta grandes utilidades.
e) é uma peça totalmente inútil.

213) Embora brincando, o autor se inclui entre:

a) os analfabetos
b) os daltônicos
c) as pessoas neuronicamente prejudicadas
d) as pessoas normais
e) as que só revelam o que sabem por muito dinheiro

214) Para o autor, não se usam mais Q e F ou o vermelho e o azul para evitar:

a) que as pessoas tenham muitas coisas para decorar.
b) o crescimento do número de patetas.
c) que as pessoas neuronicamente prejudicadas fiquem sem entender o funcionamento das torneiras.
d) a marginalização de determinados indivíduos.
e) que as pessoas normais se sintam discriminadas.

215) O texto fala da dificuldade do autor no dia-a-dia. Assinale o que não se enquadra nesse caso.

a) o quente e o frio da torneira

b) o uso da supertorneira
c) dirigir um Boeing
d) o *timer* do videocassete
e) a tecla Num Lock

216) Na realidade, o problema do autor seria a falta de:

a) inteligência
b) paciência
c) humildade
d) concentração
e) memória

217) Que palavra pode substituir "acuidade" *(l.* 22) sem prejuízo do sentido original do texto?

a) originalidade
b) perspicácia
c) inteligência
d) vontade
e) persistência

218) Antes do desafio intelectual das novas torneiras, o autor se sentia:

a) tranqüilo
b) esperançoso
c) desanimado
d) um pateta
e) inseguro

219) O eufemismo é a figura que consiste em suavizar uma idéia desagradável. Assinale o trecho em que isso ocorre.

a) "Não usam mais os velhos Q e F..." (/. 3/4)
b) "Mas e nós, os patetas?" (/. 6)
c) "Também precisamos tomar banho." (/. 6)
d) "...as pessoas, digamos, neuronicamente prejudicadas." (/. 15/16)
e) "E então a modernidade chegou às torneiras..." (/. 27/28)

TEXTO XXXIX

COMO NASCEM, VIVEM E MORREM AS ESTRELAS?

A existência de um astro, que dura de 100 milhões a 1 trilhão de anos, passa por três fases: nascimento, meia-idade e maturidade.

“Todas as estrelas nascem da mesma forma: pela união de gases”, diz o astrônomo Roberto Boczko, da Universidade de São Paulo (USP). Partículas de gás (geralmente hidrogênio) soltas no Universo vão se concentrando devido às forças gravitacionais que puxam umas contra as outras.

Formam, assim, uma gigantesca nuvem de gás que se transforma em estrela - isto é, um corpo celeste que emite luz.

A gravidade espreme essa massa gasosa a tal ponto que funde os átomos em seu interior. Essa fusão é uma reação atômica que transforma hidrogênio em hélio, gerando grande quantidade de calor e de luz. Um exemplo de estrela jovem são as Pleiades, na Via Láctea, resultado de fusões que começaram há poucos milhões de anos.

Durante a meia-idade - cerca de 90% da sua existência -, a estrela permanece em estado de equilíbrio. Seu brilho e tamanho variam pouco, ocorrendo apenas uma ligeira contração. É o caso do Sol, que, com 4,5 bilhões de anos, se encontra nessa fase intermediária de sua existência, sofrendo mínima condensação.

Quando a maior parte do hidrogênio que a compõe se esgota, a estrela entra na maturidade - este sim, um período de drásticas transformações. Praticamente todo o hidrogênio do núcleo já se converteu em hélio. Com isso, diminui a fusão entre as moléculas de gás e começa um período de contração e aquecimento violentos no corpo celeste. A quantidade de calor e luz gerados é tão grande que o movimento se inverte: o astro passa a se expandir rapidamente. Seu raio chega a aumentar 50 vezes e o calor se dilui. A estrela vira uma gigante vermelha. Um exemplo é Antares, na constelação de Escorpião - uma amostra de como ficará o Sol daqui a 4,5 bilhões de anos, engolindo todo o Sistema Solar.

Já na maturidade, a falta de hidrogênio torna-se crítica. Apesar da rápida expansão, a fusão entre os gases diminui continuamente: o astro caminha para o seu fim. O modo como ele morrerá depende da sua massa.

Se ela for até duas vezes a do Sol, sua contração transformará o corpo celeste em um pequeno astro moribundo, cuja gravidade já não consegue segurar os gases da periferia. Mas se a massa for de duas a três vezes a do Sol, a contração final será muito forte, criando um corpo celeste extremamente denso chamado pulsar, ou estrela de neutrons. Quando a massa é maior, a condensação final é mais violenta ainda e o núcleo do antigo astro vira um buraco negro - sua densidade é tão alta que ele não deixa nem a luz escapar. Simultaneamente, os gases da camada mais periférica dessa estrela se transformam em uma supernova - massa de gás que brilha por pouco tempo até sumir de uma vez por todas.

(Superinteressante, agosto de 2001)

220) A ciência de que trata o texto se chama:

a) Biotecnia
b) Exobiologia
c) Astronomia
d) Astrologia
e) Ufologia

221) Segundo o texto:

a) nem todos os astros morrem.
b) as Pleiades são estrelas na fase da maturidade.
c) as estrelas nem sempre possuem luz própria.
d) o Sol ainda não entrou na fase da maturidade.
e) os astros têm um mesmo tipo de nascimento e morte.

222) "A gravidade espreme essa massa gasosa a tal ponto que funde os átomos em seu interior." Se começarmos o período acima por "A gravidade funde os átomos em seu interior", o elemento conector que deverá ser usado para que se mantenha a coesão textual e o sentido original é:

a) se bem que
b) contudo
c) porque
d) caso
e) a fim de que

223) Só não diz respeito à maturidade de uma estrela:

a) fase de grandes transformações
b) expansão rápida
c) conversão de hidrogênio em hélio
d) escassez de hidrogênio
e) aumento contínuo de calor, até a morte

224) Sobre Antares, com base no texto, não se pode afirmar:

a) é estrela na fase da maturidade.
b) situa-se na constelação de Escorpião.
c) é uma estrela vermelha.
d) Seu raio aumentou muito.
e) não pertence à Via Láctea.

225) Sobre o pulsar, podemos inferir que:

a) é um tipo de estrela de meia-idade.
b) é um astro que surge com a morte de uma estrela.

c) é o mesmo que buraco negro.
d) é um astro de massa semelhante à do Sol.
e) os gases de sua camada periférica transformam-se em uma supernova.

226) Com base nas idéias contidas no texto, só não se pode dizer que:

a) o tempo de vida dos astros é bastante variado.
b) toda estrela tem origem numa nuvem de gás.
c) a maior parte da vida de um astro é a meia-idade.
d) As Pleiades, o Sol e Antares têm em comum apenas o fato de serem estrelas.
e) uma estrela de neutrons é tão densa quanto um buraco negro.

227) Os dois pontos que aparecem depois de “continuamente” (/. 30) podem ser substituídos, sem alteração de sentido, por:

a) porque
b) e
c) mas
d) ou
e) à medida que

TEXTO XL

GRITOS DE INDEPENDÊNCIA

Comemora-se a independência do Brasil. Consta que não houve sangue, apenas o grito do Ipiranga, que marcou a ruptura com a tutela portuguesa, mantendo no poder o português D. Pedro I, que se proclamou imperador do Brasil, mas terminou seus dias como duque de Bragança e figura, na relação dinástica, como o 28° rei de Portugal. Como se vê, na passarela da história, o samba não é o do crioulo doido.

Entre o fato e a versão do fato, a história oficial tende à segunda. Ainda hoje se discute se o grito decorreu do sonho de uma pátria independente ou da ambição de um império tropical. Ficou o grito parado no ar, expresso nos rostos contorcidos das figuras de Portinari, no romanceiro de Cecília Meireles, na poesia agônica de Chico Burque, no coração desolado das mães brasileiras que enterram, por ano, cerca de 300 mil recém-nascidos, precocemente tragados pelos recursos que faltam à área social. O número só não é maior graças ao voluntariado da Pastoral da Criança, monitorada pela doutora Zilda Arns.

O Brasil, pátria vegetal, ostenta o semblante de uma cordialidade renegada por sua história. Sob o grito da independência ressoam os dos índios trucidados pela empresa colonizadora, agora restaurada pela assepsia étnica proposta pelos integracionistas que julgam as reservas indígenas privilégio nababesco. Ecoam também os gritos das vítimas indefesas de entradas e bandeiras, Fernão Dias sacrificando o próprio filho em troca de um punhado de pedras preciosas, bandeirantes travestidos de heróis da pátria pelo relato histórico dos brancos, versão barroca do esquadrão da morte rural, diriam os índios se figurassem como autores em nossa historiografia.

Abafam-se, em vão, os gritos arrancados à chibata dos negros arrastados de além-mar, sem contar as revoltas populares que minam o mito de uma pacífica abnegação que só existe no ufanismo de uma elite que se perfuma quando vai à caça.

Pátria armada de preconceitos arraigados, casa-grande que traça os limites intransponíveis da senzala, na pendular política de períodos autoritários alternados com períodos de democracia tutelar, já que, neste país, a coisa pública é negócio privado. índios, negros, mulheres, lavradores e operários não merecem a cidadania, reza a prática daqueles que sequer se envergonham de serem compatriotas de 50 milhões de pessoas que não dispõem de R$ 80 mensais para adquirir a cesta básica.

À galera, as tripas, marca indelével em nossa culinária, como a feijoada. Privatizam-se empresas e sonhos, valores e sentimentos, convocando intelectuais de aparência progressista para dar um toque de modernidade aos velhos e permanentes projetos da oligarquia. Vale tudo frente ao horror de um Brasil sujeito a reformas estruturais. Os que querem governar a sociedade não suportam os que querem governar com a sociedade.

Destroçada e endividada, a pátria navega a reboque do receituário neoliberal, que dilata a favelização, o desemprego, o poder paralelo do narcotráfico, a concentração de renda. Se o salário não paga a dívida, a vida parece não valer um salário. No Brasil, os hospitais estão : doentes, a saúde encontra-se em estado terminal, a escola gazeteia, o sistema previdenciário associa-se ao funerário e a esperança se reduz a um novo par de tênis, um emprego qualquer, alçar a fantasia pelo consolo eletrônico das telenovelas.

Amanhecia em Copacabana quando Antônio Maria gritou: “Não sei por onde vou, mas sei que não vou por aí”. Não vou pelas receitas monetaristas que salvam o Tesouro oficial e apressam a morte dos pobres.

Vou com aqueles que sempre denunciam a injustiça, testemunham a ética na política, agem com escrúpulos, defendem os direitos indígenas, repudiam todas as formas de preconceitos, promovem campanhas de combate à fome, administram recursos públicos com probidade e lutam por uma nova política econômica. Vou com aqueles que, esta semana, estarão mobilizados no Grito dos Excluídos, promovido pela CNBB, em parceria com entidades e movimentos populares. Nenhum país será independente se, primeiro, não o forem aqueles que o governam.

(Frei Beto, no Jornal do Brasil, 3/9/01)

228) Os sentimentos que melhor caracterizam o estado de espírito do autor são:

a) ódio e desequilíbrio
b) medo e pessimismo
c) insegurança e descontrole
d) revolta e angústia
e) apatia e resignação

229) Para o autor, a história do Brasil é apresentada aos brasileiros:

a) de forma realista
b) com poucos detalhes
c) com preconceito
d) cortada
e) mascarada

230) O trecho que justifica a resposta ao item anterior é:

a) “Comemora-se a independência do Brasil.”
b) “À galera, as tripas, marca indelével em nossa culinária, como a feijoada.”
c) “índios, negros, mulheres, lavradores e operários não merecem a cidadania...”

d) “Entre o fato e a versão do fato, a história oficial tende à segunda.”
e) “O número só não é maior graças ao voluntariado da Pastoral da Criança.”

231) O autor duvida:

a) do futuro do Brasil
b) dos artistas brasileiros
c) da independência do Brasil
d) das revoltas populares
e) de Antônio Maria

232) “Os que querem governar a sociedade não suportam os que querem governar com a sociedade.” Esse trecho sugere a dicotomia:

a) governo militar / governo civil
b) comunismo / capitalismo
c) presidencialismo / parlamentarismo
d) monarquia / república
e) ditadura / democracia

233) A autêntica história brasileira nos diz que o Brasil não é um país:

a) cordial
b) de futuro
c) forte
d) injusto
e) de bons escritores

234) “Não sei por onde vou, mas sei que não vou por aí”. Por esse trecho, pode-se entender:

a) a dúvida de alguém que não sabe que decisão tomar
b) a revolta diante de uma situação aceita por todos i
c) a esperança e a certeza da mudança
d) a não-aceitação do que ocorre no momento
e) o desespero por não poder fazer alguma coisa pelo país

235) “À galera, as tripas, marca indelével em nossa culinária, como a feijoada.” A palavra “indelével”, no trecho acima, significa:

a) que não se pode desejar
b) que não se pode apagar
c) que não se pode aceitar
d) que não se pode explicar
e) que não se pode prever

236) Os maiores problemas do Brasil, na atualidade, são creditados:

a) ao grito de independência
b) ao ufanismo da elite
c) à privatização das empresas
d) ao neoliberalismo
e) ao Tesouro oficial

237) Segundo o autor, os intelectuais de aparência progressista são convocados para:

a) melhorar a imagem do governo no exterior.
b) integrar o Brasil na globalização.
c) desviar a atenção do povo para coisas de somenos importância.
d) levar o povo a se interessar pelos problemas sociais e políticos do país.
e) levar o povo a achar que tudo está bem.

238) A palavra "oligarquia" *(l.* 40) significa governo:

a) de ricos
b) de nobres
c) de poucos
d) de muitos
e) do povo

239) Dentre os problemas do Brasil, o texto não faz menção:

a) à escravidão dos negros
b) à opressão dos índios
c) ao voto-cabresto do Nordeste
d) à discriminação da mulher
e) à fome do povo

240) A palavra que, metaforicamente empregada, melhor exprime a idéia do autor sobre a tirania do governo brasileiro é:

a) casa-grande
b) tripas
c) império
d) tutelar
e) telenovelas

241) Para o autor, o Brasil, na realidade, nunca foi ou teve:

a) monarquia
b) república
c) ditadura
d) capitalismo
e) democracia

242) O último parágrafo do texto difere dos demais pois nele o autor demonstra:

a) alegria por ser brasileiro
b) certeza da transformação próxima
c) convicção de que o governo está melhorando
d) esperança em um país melhor
e) indiferença diante dos problema da atualidade brasileira

PARTE III

INTERPRETAÇÃO II

TEXTO XLI

PERITO CRIMINAL - SSP/MT
TRINTA ANOS DE UMA FRASE INFELIZ

Ele não podia ter arrumado outra frase? Vá lá que haja perpetrado grande feito indo à Lua, embora tal empreendimento soe hoje exótico como uma viagem de Gulliver. Mas Neil Armstrong, o primeiro astronauta a pisar na Lua, precisava ter dito: “Este é um passo pequeno para um homem, mas um salto gigantesco para a humanidade”? Não podia ter se contentado com algo mais natural (“Quanta poeira”, por exemplo), menos pedante (“Quem diria, conseguimos”), mais útil como informação (“Andar aqui é fácil/difícil/gostoso/dói a perna”) ou mais realista (“Estou preocupado com a volta”)?

Não podia. Convencionou-se que eventos solenes pedem frases solenes. Era preciso forjar para a ocasião uma frase “histórica”. Não histórica no sentido de que fica guardada para a posteridade - a posteridade guarda também frases debochadas, como “Se eles não têm pão, comam brioches”. Histórica, no caso, eqüivale à frase edificante. É a história em sua versão, velhusca e fraudulenta, de “Mestra da Vida”, a História rebaixada a ramo da educação moral e cívica. À luz desse entendimento do que é “histórico”, Armstrong escolheu sua frase. Armstrong teve tanto tempo para pensar, no longo período de preparativos, ou outros tiveram tempo de pensar por ele, no caso de a frase lhe ter sido oferecida de bandeja, junto com a roupa e os instrumentos para a missão, e foi sair-se com um exemplar do primeiro gênero. Se era para dizer algo bonito, por que não recitou Shakespeare? Se queria algo inteligente, por que não encomendou a Gore Vidal ou Woody Allen?

(Roberto Pompeu de Toledo. *Veja*, 21/07/99)

243) O tema central do texto é:

a) a indignação pelos poucos dados enviados sobre a aventura da ida do homem à Lua.
b) a narrativa da aventura do primeiro homem a pisar na Lua.
c) a importância do acontecimento do homem ter chegado à Lua.
d) a discordância com respeito à frase escolhida para um momento grandioso.
e) o impacto da frase dita no momento em que o homem pisou na Lua.

244) A propósito do texto, o autor classifica a frase de Armstrong como infeliz, porque,

a) apesar de ter sido edificante, a frase não foi humilde.
b) apesar de ter sido bonita, a frase foi superficial.

c) apesar de ter ficado para a posteridade, a fase foi superficial, pedante, inútil e irreal.
d) apesar de ter sido solene, a frase foi exótica.
e) apesar de ter sido inteligente, a frase não foi edificante.

245) "...embora tal empreendimento soe hoje exótico como uma viagem de Gulliver." O autor do texto expressa:

a) certa decepção, com o passar dos anos, quanto à ida do homem à Lua.
b) a importância capital que teve o evento para a humanidade.
c) o encantamento com que a ida do homem à Lua é vista até hoje.
d) a necessidade de que o homem volte à Lua.
e) certa incredulidade quanto à ida do homem à Lua.

246) Para Roberto Pompeu de Toledo, a frase em apreço deveu-se ao fato de que:

a) o astronauta recebeu a frase já pronta, junto com a roupa e os instrumentos para a missão.
b) Armstrong não teve tempo para pensar em algo melhor.
c) Armstrong foi motivado pela convenção de que eventos solenes pedem frases solenes.
d) Armstrong quis ser original, não copiando Shakespeare, Gore Vidal e Woody Allen.
e) o astronauta não acreditou no êxito da missão.

247) Na opinião do autor do ensaio,

a) só frases edificantes são históricas.
b) a frase de Armstrong revela uma visão ultrapassada da História.
c) só frases bonitas ou inteligentes são históricas.
d) eventos solenes pedem" frases solenes.
e) a frase de Armstrong foi rapidamente esquecida.

248) A figura de linguagem encontrada na fase "Com muito suor o funcionário conseguiu a promoção" é:*

a) catacrese
b) prosopopéia
c) sinestesia
d) metonímia
e) metáfora
Esta questão da prova não tem base no texto.

TEXTO XLII

ANALISTA JUDICIÁRIO - TRT 17a REGIÃO

DA INFLUÊNCIA DOS ESPELHOS

Tu lembras daqueles grandes espelhos côncavos ou convexos que em certos estabelecimentos os proprietários colocavam à entrada para atrair os fregueses, achatando-os, alongando-os, deformando-os nas mais estranhas configurações?

Nós, as crianças de então, achávamos uma bruta graça, por saber que era tudo ilusão, embora talvez nem conhecêssemos o sentido da palavra “ilusão”.

Não, nós bem sabíamos que não éramos aquilo!

Depois, ao crescer, descobrimos que, para os outros, não éramos precisamente isto que somos, mas aquilo que os outros vêem.

Cuidado, incauto leitor! Há casos, na vida, em que alguns acabam adaptando-se a essas imagens enganosas, despersonalizandose num segundo “eu”.

Que pode uma alma, ainda por cima invisível, contra o testemunho de milhares de espelhos?

Eis aqui um grave assunto para um conto, uma novela, um romance, ou uma tese de mestrado em Psicologia.

(Mário Quintana, **Na volta da esquina.** Porto Alegre, Globo, 1979, p. 79)

249) Nesta crônica, Mário Quintana

a) vale-se de um incidente de seu tempo de criança, para mostrar a importância que tem a imaginação infantil.
b) alude às propriedades ilusórias dos espelhos, para mostrar que as crianças sentiam-se inteiramente capturadas por eles.
c) lembra-se das velhas táticas dos comerciantes, para concluir que aqueles tempos eram bem mais ingênuos que os de hoje.
d) alude a um antigo chamariz publicitário, para refletir sobre a personalidade profunda e sua imagem exterior.
e) vale-se de um fato curioso que observava quando criança, para defender a tese de que o mundo já foi mais alegre e poético.

250) Considere as seguintes afirmações:

I. O autor mostra que, quando criança, não imaginava a força que pode ter a imagem que os outros fazem de nós.

II. As crianças deixavam-se cativar pela magia dos espelhos, chegando mesmo a confundir as imagens com a realidade.

III. O autor sustenta a idéia de que as crianças são menos convictas da própria identidade do que os adultos.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em:

a) I, II e III
b) III, apenas
c) II e III, apenas
d) I e II, apenas
e) I, apenas

251) Está INCORRETO o seguinte comentário acerca do emprego de termos ou expressões do texto:

a) A expressão "Há casos, na vida" indica que o autor está interessado em generalizar e absolutizar a verdade da tese que acaba de expor.
b) Na frase "Nós bem sabíamos que não éramos aquilo", o termo sublinhado acentua bem a distância e a superioridade com que as crianças avaliavam suas imagens deformadas.
c) Na frase "Não éramos precisamente isto que somos, mas aquilo que os outros vêem", os pronomes sublinhados reforçam a oposição entre *somos* e *vêem.*
d) Ao afirmar que algumas pessoas despersonalizam-se "num segundo 'eu'", o autor deixa implícito que todos temos um "eu" original e autêntico.
e) No penúltimo parágrafo, "uma alma invisível" e "testemunho de milhares de espelhos" representam, respectivamente, a personalidade verdadeira e suas imagens enganosas.

252) Na interrogação "Que pode uma alma, ainda por cima invisível, contra o testemunho de milhares de espelhos?" há a admissão de que

a) só a força do olhar e do interesse alheio capta as verdades de nossa alma.
b) a verdade essencial da alma não tem como se opor às imagens que lhe atribuem.
c) o essencial da alma só é reconhecível na soma de suas múltiplas imagens.
d) a fragilidade da alma só é superada quando adquire a consistência de uma imagem.
e) a legitimidade do nosso modo de ser depende inteiramente do reconhecimento alheio.

253) Segundo Mário Quintana, a despersonalização num segundo "eu"

a) é a causa, e as "imagens enganosas" são a sua conseqüência.
b) e a adaptação às imagens enganosas são fatos paralelos e independentes.
c) é uma conseqüência, cuja causa é a adaptação às imagens enganosas
d) é uma conseqüência, cuja causa é a invisibilidade da alma.
e) é a causa, cuja conseqüência é a invisibilidade da alma.

254) No segundo parágrafo do texto, a oração “por saber” exprime uma

a) causa
b) finalidade
c) condição
d) advertência
e) alternativa ,

TEXTO XLIII

AUXILIAR EM PROPRIEDADE INDUSTRIAL DO INPI
O PORCO VOADOR

FILADÉLFIA - Há coisas que só acontecem nos Estados Unidos. A Federal Aviation Administration, FAA, investiga como um porco - isso mesmo, um porco - de 135 kg conseguiu embarcar na primeira classe de um Boeing 757. E mais, nele viajou por seis horas. Segundo os relatos, o animal foi embarcado no dia 17 de outubro no vôo 107 sem escalas da companhia USAirways que saiu de Filadélfia para Seattle. A bordo, além do suíno, suas duas proprietárias e outros 198 “humanos”. O vôo, noturno, transcorreu tranqüilo durante o percurso, com a maioria dos passageiros dormindo. A paz acabou no pouso em Seattle. A FAA afirma que a confusão começou quando o Boeing 757 já taxiava na pista. Neste momento, o porco, estressado mesmo sem ter viajado na classe econômica, ficou descontrolado e começou a correr pelos corredores.

Perseguido pela tripulação, defecou em vários pontos, tentou invadir a cabine de comando e acabou escondendo-se na cozinha, onde foi cercado.

O encrenqueiro foi expulso - por um elevador de carga - pelas donas. De acordo com um jornal de Filadélfia, o porco embarcou no avião normalmente. Pelas escadas. Descrito como um animal de serviço – tipo guia de cegos - com peso declarado de apenas 5,8 kg, teve até direito a bilhete próprio adquirido no balcão. As aeromoças teriam tentado prendê-lo num compartimento na traseira, mas estava bloqueado. Instalaram o porco, então, entre as poltronas 1A e 1C da primeira classe. “Estamos investigando todos os aspectos, de segurança e sanitários, deste fato.

Temos que ver que política é essa da companhia”, afirma o porta-voz da FAA, Jim Peters. Todos os tripulantes estão sendo interrogados. A USAirways permite que gatos, aves e pequenos cães viajem com os passageiros, desde que em contêineres. Só abre exceção para “animais de serviço”, como o porco foi descrito. “Isto não acontecerá de novo”, garante um representante da empresa.

(JB, 1/11/00)

255) “Há coisas que só acontecem nos Estados Unidos.”; essa afirmação inicial prepara o leitor para algo:

a) humorístico
b) trágico
c) surpreendente
d) convencional
e) aterrorizante

256) “A Federal Aviation Administration, FAA, investiga como um porco isso mesmo, um porco - de 135 kg...”; o segmento *isso mesmo, um porco é* justificado porque:

a) o fato aludido provoca certa estranheza no leitor.
b) o peso do porco é digno de admiração.
c) a confirmação do fato pelo jornalista é indispensável.
d) a FAA só cuida de passageiros “humanos”.
e) é interessante causar surpresa no leitor.

257) “...como um porco [...] de 135 kg conseguiu embarcar na primeira classe de um Boeing 757”; a forma como foi escrito este segmento produz maior impacto no leitor porque:

a) atribui a iniciativa do embarque ao porco.
b) mostra a sofisticação tecnológica do avião.
c) indica a primeira classe como a destinada aos animais.
d) assinala a desproporção entre peso/tamanho do porco.
e) registra um fato incomum como normal.

258) *Embarcar,* na sua origem, era empregado com referência a *barco*, mas no texto aparece com referência a avião; o item abaixo em que a palavra sublinhada também mostra desvio do sentido original é:

a) O avião vai decolar com o porco a bordo.
b) O porco chegou a enterrar as patas na comida.
c) Os passageiros “humanos” estranharam o fato.
d) A poltrona ficou estragada por causa do peso do porco.
e) A investigação do incidente vai demorar.

259) Na seqüência de frases de um texto há elementos que se referem a outros elementos anteriores; o vocábulo que, ao contrário dos demais, se refere a elementos posteriores, é:

a) encrenqueiro (/.15)
b) suíno (/.07)
c) FAA (/.9)
d) coisas (/.01)
e) vôo (/.07)

260) “Segundo os relatos...”; o elemento sublinhado é semanticamente equivalente a:

a) após
b) em segundo lugar
c) conforme
d) a posteriori

e) embora

261) Um vôo "sem escalas" significa:

a) sem destino certo
b) fretado especialmente
c) sem horário fixo
d) com poucos passageiros
e) sem paradas intermediárias

262) Num momento do texto o vocábulo *suíno* (geral) substitui *porco* (específico); entre as substituições abaixo, aquela que apresenta estrutura diferente é:

a) Boeing 757 - avião
b) poltrona - assento
c) comandante - tripulante
d) USAirways - empresa
e) passageiro - cliente

263) Deduz-se da leitura do 2o parágrafo:

a) A FAA não merece credibilidade.
b) O passageiro da classe econômica é bem tratado.
c) A tripulação do Boeing foi bem treinada.
d) O porco estava acostumado a viajar.
e) O porco também sofreu no incidente.

264) "...e acabou escondendo-se na cozinha..."; o emprego do verbo *acabar* significa que:

a) é a última de uma seqüência de ações.
b) a narrativa chegou ao seu fim.
c) o personagem mostra decisão firme no que faz.
d) o personagem vai sofrer uma derrota.
e) a ação do personagem foi interrompida.

265) "Estamos investigando todos os aspectos, de segurança e sanitários, deste fato."; em outras palavras, a FAA está analisando:

a) todos os aspectos do fato, mas principalmente os que envolvem segurança e higiene.
b) alguns aspectos do caso, particularmente os que se prendem a seguro de vida dos passageiros e ao estado dos banheiros dos aviões.
c) todos os aspectos do fato ligados à segurança e à saúde dos passageiros.
d) somente os aspectos do fato de que participou o porco, ou seja, o da falta de atenção da tripulação.

e) os aspectos de cuidados com a higiene nos aviões, além da preocupação com a revisão das aeronaves.

266) O mais surpreendente da história narrada é que:

a) o porco tenha viajado tranqüilamente na primeira parte da viagem.
b) toda a tripulação tenha cuidado do porco como se fosse um passageiro “humano”.
c) o animal tenha sido admitido na aeronave como “animal *de serviço”*.
d) tenham atribuído ao porco um peso maior do que a realidade.
e) o suíno tenha subido pelas escadas do avião e recebido com honras pelas aeromoças.

TEXTO XLIV

AGENTE DE PESQUISA DO IBGE
RELATÓRIO

Jorge Miguel

Senhor Superintendente

Tendo sido designado por Vossa Senhoria para apurar as denúncias de irregularidades ocorridas no aeroporto de Marília, submeto à apreciação de Vossa Senhoria o relatório das diligências que nesse sentido efetuei.

No dia 23 de julho de 1988 dirigi-me ao senhor Raimundo Alves Correia, encarregado do aeroporto daquela cidade, para que permitisse fosse interrogado o funcionário João Romão, acusado de ter furtado uma máquina de escrever Olivetti n. 146.801, pertencente ao patrimônio do aeroporto. O acusado relatou-nos que realmente havia levado a máquina para casa na sexta-feira - 18 de março de 1988 - apenas para executar alguma tarefa de caráter particular. Não a devolveu na segunda-feira, dia 21 de março, porque faltou ao serviço por motivo de doença. Quando retornou ao serviço dia 28 de março, devolveu a máquina. A doença do acusado está comprovada pelo atestado que segue anexo ao presente relatório; a devolução da máquina no dia 28 de março foi confirmada pelo senhor Raimundo Alves Correia.

Do exposto conclui-se que me parece infundada a acusação.

Não houve vontade de subtrair a máquina, mas apenas negligência do acusado em levar para casa um bem público para executar tarefa particular. Foi irresponsável. Não cometeu qualquer ato criminoso.

Não me convence seja necessário impor-se a instauração de processo administrativo. O funcionário deve ser repreendido pela negligência que cometeu. É o que cumpre levar ao conhecimento de Vossa Senhoria.

Aproveito a oportunidade para apresentar-lhe protestos de minha distinta consideração.

São Paulo, 25 de julho de 1988
Cláudio da Costa

267) O relatório é um texto de tipo:

a) descritivo
b) narrativo
c) argumentative
d) poético
e) dramático

268) A finalidade principal do texto é:

a) orientar o superior na tomada de uma decisão.
b) documentar oficialmente um ato irregular.

c) discutir um tema polêmico.
d) fornecer dados para uma investigação.
e) indicar funcionários passíveis de punição.

269) Não consta(m) do relatório lido:

a) o cargo da autoridade a quem é dirigido
b) o relato dos fatos ocorridos
c) uma preocupação literária do autor
d) as conclusões dos fatos analisados
e) uma fórmula de cortesia final

270) "Tendo sido designado por Vossa Senhoria..."; esta oração inicial do texto tem valor:

a) concessivo
b) temporal
c) conclusivo
d) causal
e) consecutivo

271) O estilo burocrático se caracteriza, entre outras coisas, pelo emprego de palavras desnecessárias; no primeiro parágrafo do texto são exemplos desse caso:

a) denúncias; ocorridas; apreciação
b) ocorridas; apreciação; relatório
c) apreciação; relatório; nesse sentido
d) relatório; denúncias; ocorridas
e) nesse sentido; ocorridas; apreciação

272) As datas presentes no texto têm a finalidade textual de:

a) mostrar a evolução dos acontecimentos.
b) documentar os fatos citados.
c) criar a falsa impressão de verdade.
d) valorizar o trabalho do autor do relatório.
e) facilitar a leitura do relatório.

273)"...me parece infundada a acusação."; o adjetivo sublinhado corresponde semanticamente a:

a) sem fundos
b) sem fundações
c) sem fundamento
d) sem finalidade
e) sem fingimento

274) “Não cometeu qualquer ato criminoso.”; este segmento do texto corresponde a uma:

a) conclusão a que chegou o autor do relatório
b) alegação do acusado de roubo
c) opinião do chefe do funcionário acusado
d) opinião do superintendente
e) decisão do juiz encarregado do caso

275) “É o que me cumpre levar ao conhecimento...”; o verbo sublinhado tem por sinônimo correto:

a) compreende
b) cabe
c) obriga
d) capacita
e) solicita

276) A única irregularidade existente nos fatos narrados é:

a) a ausência prolongada do funcionário.
b) a não devolução da máquina de escrever.
c) usar-se um bem público em tarefas particulares.
d) não prevenir o chefe sobre ter levado a máquina.
e) a intenção de roubar um bem público.

277) Em “Vossa Senhoria parece preocupado com o furto da máquina de escrever” há uma figura conhecida por:

a) metáfora
b) silepse de gênero
c) silepse de número
d) silepse de pessoa
e) catacrese

TEXTO XLV

PESQUISADOR - CEPEL
RAIZES

Diante da minha janela havia uma pedra.

Não, não vou fazer imitação de poesia. Nada tem de poética a história que vou contar. A pedra de que falo é na verdade uma imensa pedreira, de topo liso, coberto em alguns pontos pela vegetação rasteira, uma espécie de enclave rural em pleno Leblon, onde às vezes cabras pastavam e onde um galo alucinado insistia em cantar na hora errada, no início da madrugada. Era o lugar ideal para, nas tardes de domingo, uma menina se deitar, sentindo nas costas o calor do sol retido pela pedra, enquanto olhava as pipas agitando-se no ar. Eu ia com meus irmãos e seus amigos, quando eles subiam lá para soltar pipa. São só lembranças.

Essa pedra não existe mais. Ou pelo menos não existe assim, como a descrevo agora, a pedra da minha infância. Hoje, é uma pedra nua - morta.

Sua base ainda está lá e servirá, pelo que sei, de fundação para um shopping. Mas a superfície foi toda raspada, a *vegetação* desapareceu, a pedreira foi rebaixada em quatro ou cinco metros, retalhada durante dois anos por uma orquestra de britadeiras, e nela foram erguidos os primeiros andares do que seria um estacionamento.

Assim que começaram a destruir a pedreira, pensei com alarme numa pequena árvore, uma muda de amendoeira cujo crescimento árduo eu vinha acompanhando havia anos. A árvore crescera numa das laterais da pedra e seu tronco se encorpava, equilibrando-se de forma improvável no paredão íngreme. Eu admirava sua bravura, tirando seiva de um lugar onde não havia terra, fazendo um esforço enorme para crescer na ranhura mínima que encontrara. E caminhei um dia até o local onde ela crescia, para ver se, com as obras que tinham começado, a pequena árvore sobreviveria. Mas cheguei tarde demais. Só encontrei o tronco, decepado. Em torno, as raízes, que por anos se haviam agarrado à pedra com tanto esforço, agora condenadas a secar, inúteis.

O tempo passou. E eu não pensei mais no assunto. Até que, outro dia, assistindo a um documentário sobre os talibãs, vi uma inglesa de origem afegã mostrando a foto de um jardim onde brincava na infância e que fora destruído pela guerra civil. O documentário, feito antes da guerra com os Estados Unidos, fora gravado em solo afegão, e a moça conseguira chegar ao local do tal jardim. Mas não encontrou nada. A comparação com a foto que trazia nas mãos era chocante. Todo o verde havia desaparecido. No meio de um descampado monocromático, restara apenas o círculo de pedra de uma velha fonte, seca. E a única coisa que não mudara na paisagem eram as montanhas, ao fundo, testemunhas da devastação que - hoje sabemos - estava apenas no princípio.

Aquela mulher e seu jardim desaparecido me fizeram pensar na pequena amendoeira que crescera na pedra e que também fora decepada. E, com isso em mente, voltei ao ponto do paredão onde ela um dia se agarrara. Com surpresa, descobri que das raízes deixadas na pedra surgiam brotos, com folhas de um verde limpo.

A amendoeira teimava em renascer - como talvez fizesse o jardim afegão -, apesar da fúria dos homens.

(Heloísa Seixas, *Domingo,* n° 1336)

278) "Diante da minha janela havia uma pedra. Não, não vou fazer imitação de poesia." O comentário da segunda oração se justifica porque:

a) há um poema da nossa literatura com um verso semelhante à primeira oração.
b) toda poesia se volta para os elementos da natureza.
c) os poemas são compostos a partir de coisas aparentemente insignificantes.
d) para um texto de um jornal, a composição de um poema seria inadequada.
e) a autora do texto se declara incapaz de fazer um poema autêntico.

279) "Nada tem de poética a história que vou contar."; esse scegmento do texto traz implícita a idéia de que só é poético (a):

a) o tema ligado à vida real
b) a realidade pertencente à vida passada
c) a temática das coisas, seres e fatos harmoniosos
d) a discussão política de fatos atuais
e) a análise dos pensamentos do homem universal

280) "Nada tem de poética a história que vou contar.": a história contada pela autora tem como ponto de partida cronológico:

a) a existência de uma pedra diante da janela da autora.
b) a foto de um jardim onde uma afegã brincara na infância
c) o crescimento de uma pequena amendoeira na pedra
d) a fato de a amendoeira ter sido decepada
e) as lembranças da infância da autora.

281) "E a única coisa que não mudara na paisagem eram as montanhas, ao fundo, testemunhas da devastação que - hoje sabemos – estava apenas no princípio."; a devastação no Afeganistão estava apenas no princípio porque:

a) os Estados Unidos ainda não haviam invadido o país.
b) após a guerra EUA x talibãs, o país ficou devastado.
c) o Afeganistão passou por outros conflitos após a guerra civil.
d) o país não conseguiu reerguer-se e sua população emigrou.
e) os males da guerra permanecem após o seu término.

282) Entre o episódio do jardim da mulher e o da amendoeira da autora há um (a):

a) oposição ideológica
b) contigüidade temporal
c) paralelismo espacial

d) semelhança afetiva
e) diferença de opiniões

283) “Eu ia com meus irmãos e seus amigos, quando eles subiam lá para soltar pipas.”; uma forma INCORRETA de reescritura desse mesmo segmento textual, por não manter o sentido original, ou criar ambigüidade, é:

a) Quando meus irmãos e seus amigos subiam lá para soltar pipas, eu ia com eles.
b) Eu ia com meus irmãos e seus amigos quando eles lá subiam, para soltar pipas.
c) Meus irmãos e seus amigos subiam lá para soltar pipas e eu, nesse momento, ia com eles.
d) Eu ia com eles, meus irmãos e seus amigos, quando lá subiam para soltar pipas.
e) Quando lá subiam para soltar pipas meus irmãos e seus amigos, eu ia com eles.

284) O título dado ao texto, *raízes,* se refere:

a) exclusivamente às raízes da amendoeira, que voltaram a brotar.
b) metaforicamente, a tudo o que nos prende ao passado.
c) às nossas origens raciais e espaciais.
d) às recordações da infância que desaparecem na idade adulta.
e) a tudo o que amamos e que o tempo levou.

285) O texto lido só NÃO pode ser visto como um (a):

a) recordação sentimental de tempos infantis
b) protesto contra a destruição patrocinada pelos homens
c) lamento diante de mudanças causadas pelo progresso
d) denúncia contra a ocupação irrefletida do espaço rural
e) lembrança idealizada de momentos felizes da existência

TEXTO XLVI

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR - RJ

TEXTO 1

PELES DE SAPOS

Em 1970 e 1971, houve, no Nordeste brasileiro, uma enorme procura por sapos, que eram caçados para que suas peles fossem exportadas para os Estados Unidos. Lá elas eram usadas para fazer bolsas, cintos e sapatos. Isso levou a uma drástica diminuição da população de sapos nessa região.

O sapo se alimenta de vários insetos, principalmente mariposas, grilos e besouros. É um animal voraz, isto *é,* comilão. Quando adulto chega a comer trezentos besouros por dia.

Sem os sapos, seus inimigos naturais, as mariposas, os besouros e os grilos, proliferaram de maneira assustadora.

Esses insetos invadiram as cidades. Mariposas e besouros concentraram-se em torno dos postes de iluminação pública e também entraram nas casas, causando grandes transtornos. Os grilos, com seu cricri, não deixavam as pessoas dormirem.

Em maio de 1972, na cidade de lati, em Pernambuco, a população, em uma espécie de mutirão, varreu ruas e calçadas, amontoando principalmente besouros, e também mariposas e grilos mortos, para serem levados por caminhões de lixo. Em apenas três dias encheram-se mais de oitenta caminhões com esses bichos!

O governo proibiu a caça de sapos e passou a fiscalizar a exportação de suas peles.

(Ruth de Gouvêa Duarte)

286) O título do texto, Peles de sapos, representa:

a) o motivo da invasão dos insetos nas cidades
b) o objetivo econômico dos exportadores
c) a razão de ter aumentado o número de grilos e mariposas
d) uma riqueza importante do Nordeste brasileiro
e) a causa da extinção definitiva dos sapos

287) Uma informação conta com uma série de elementos básicos: *o que* aconteceu, *quem* participou dos acontecimentos, *onde* e *quando* se passaram, *como* e *por que* ocorreram os fatos etc. Considerando que o acontecimento básico do texto 1 é a caça aos sapos, assinale a informação que não está presente no texto:

a) onde ocorreu: no Nordeste brasileiro.
b) quando ocorreu: em 1970 e 1971.
c) para que ocorreu: exportação de peles.

d) como ocorreu: armadilhas especiais.
e) conseqüência da caçada: redução da população de sapos.

288) Assinale a frase em que o vocábulo destacado tem seu antônimo corretamente indicado:

a) “...para que suas peles fossem exportadas...” - compradas
b) “...uma enorme procura por sapos...” - imensa
c) “...levou a uma drástica diminuição da população...” - progresso
d) “Quando adulto chega a comer...” - filhote
e) “...seus inimigos naturais,...” - adversários

289) “O sapo se alimenta de vários insetos, principalmente mariposas, grilos e besouros.”; o emprego de *principalmente* nesse fragmento do texto indica que o sapo:

a) também come outros insetos.
b) só come mariposas, grilos e besouros.
c) prefere mariposas a grilos e besouros.
d) não come mariposas, grilos e besouros.
e) só come insetos nordestinos.

290)”Em 1970e 1971,houve, no Nordeste brasileiro, uma enorme procura por sapos, que eram caçados para que suas peles fossem exportadas para os Estados Unidos. Lá elas eram usadas para fazer bolsas, cintos e sapatos. Isso levou a uma drástica diminuição da população de sapos nessa região.”. Nesse primeiro parágrafo do texto os elementos sublinhados se referem a outros elementos do mesmo parágrafo; assinale a correspondência errada:

a) suas - dos sapos
b) Lá - Estados Unidos
c) elas - as peles dos sapos
d) isso - bolsas, cintos e sapatos
e) nessa região - Nordeste brasileiro

291) “É um animal voraz, isto é, comilão.”; o emprego de isto é nesse segmento do texto mostra que:

a) *voraz* e *comilão* são palavras de significados diferentes.
b) o autor empregou erradamente a palavra *voraz.*
c) o autor quer explicar melhor o significado de *voraz.*
d) *comilão é* vocábulo mais raro do que *voraz.*
e) o autor não está interessado em que o leitor entenda o que escreve.

292) Comilão é uma palavra que pertence, por relação de significado, ao grupo de:

a) comício, cômodo
b) côncavo, convexo
c) compadre, comadre
d) colega, colaborador
e) comida, comestível

293) Abaixo estão colocados 5 fatos relacionados ao conteúdo do texto; indique o item em que esses fatos foram colocados em ordem cronológica, ou seja, na ordem em que aconteceram, segundo o texto:

I. Houve proibição da caça aos sapos.
II. Houve diminuição da população dos sapos.
III. Houve exagerado aumento na população dos insetos.
IV. Houve uma intensa caça aos sapos.
V. Ocorreram problemas em Pernambuco.

a) I-II-III-IV-V
b) V-IV-III-II-I
c) I-II-III-V-IV
d) II-IV-V-III-I
e) IV-II-III-V-I

294) O vocabulário relacionado aos humanos e aos animais varia: assim, o grilo não tem voz (como os humanos), mas *cricri.* Assinale o item em que a correspondência entre vocábulos humanos e animais *não* está correta:

a) pés - patas
b) mãos - garras
c) nariz - focinho
d) boca - goela
e) filho - filhote

295) A mensagem que se pode entender do texto 1 é:

a) A matança indiscriminada de animais pode causar desequilíbrios ecológicos.
b) A economia do país está acima do bem-estar da população.
c) A união da população não resolve muitos de nossos problemas.
d) Os insetos são inimigos dos homens.
e) O governo não cuida da proteção aos animais.

TEXTO XLVII

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR - RJ
TEXTO 2
LÓGICA DA VINGANÇA

No nosso cotidiano, estamos tão envolvidos com a violência, que tendemos a acreditar que o mundo nunca foi tão violento como agora: pelo que nos contam nossos pais e outras pessoas mais velhas, há dez, vinte ou trinta anos, a vida era mais segura, certos valores eram mais respeitados e cada coisa parecia ter o seu lugar.

Essa percepção pode ser correta, mas precisamos pensar nas diversas dimensões em que pode ser interpretada. Se ampliarmos o tempo histórico, por exemplo, ela poderá se mostrar incorreta.

Em um dos volumes da coleção *História da vida privada,* Michel Rouché afirma, em seu artigo sobre a criminalidade na Alta Idade Média (por volta do século VI), que, se fôssemos comparar o número de assassinatos que ocorriam naquele período, proporcionalmente à população mundial de então, com o dos dias atuais, veríamos que antes eles eram bem mais comuns do que são agora. Segundo esse autor, naquele época, “cada qual via a justiça em sua própria vontade”, e o ato de matar não era reprovado - era até visto como sinal de virilidade: a agressividade era uma característica cultivada pelos homens, fazia parte de sua educação.

O autor afirma, ainda, que torturas e assassinatos, bastante comuns naqueles tempos, ocorriam em grande parte por vingança: “Cometido um assassinato, a linhagem da vítima tinha o imperioso dever religioso de vingar essa morte, fosse no culpado, fosse num membro da parentela”. Realizada a vingança e assassinado o culpado da primeira morte, a mesma lógica passava a valer para parentes deste, que deveriam vingá-lo, criando assim uma interminável cadeia de vinganças, que podia estender-se por várias gerações.

(A. Buoro/R Schilling/H. Singer/M. Soares)

296) Deduz-se do texto que:

a) a violência está presente em todas as épocas.
b) a vingança era legal antigamente.
c) antigamente a vida era menos segura.
d) devemos fazer justiça com as próprias mãos.
e) antigamente não havia leis contra a violência.

297) O uso de aspas, em alguns segmentos do texto, indica que:

a) devem ser lidos com mais atenção.
b) são reproduções do texto de outro autor.
c) foram traduzidos de outra língua.

d) correspondem a textos antigos.
e) mostram o mais importante do conteúdo.

298)"No nosso *cotidiano...";* o vocábulo cotidiano, nesse caso, corresponde a:

a) mundo atual
b) atividade profissional
c) relações familiares
d) nas notícias dos jornais
e) dia-a-dia

299) Quando no texto se usa a forma da primeira pessoa do plural, em "No nosso cotidiano, estamos tão envolvidos com a violência...", isto se refere a:

a) todos os cidadãos do Rio de Janeiro.
b) cidadãos que foram vítimas da violência.
c) vítimas do trânsito.
d) ele mesmo e aos leitores, em geral.
e) cidadãos de hoje e de antigamente.

300) O autor citado no texto diz que os assassinatos eram bem mais comuns na época antiga do que agora, mas isto só pode ser afirmado:

a) porque naquela época não havia estatísticas de registro de crimes.
b) levando-se em consideração a proporção populacional das duas épocas.
c) porque hoje não é mais aceita a lógica da vingança.
d) se acreditarmos no que nos dizem os mais velhos.
e) considerando-se que a população antiga era mais violenta **que** a atual.

301)"...que, se fôssemos comparar o número de assassinatos que ocorriam naquele período, proporcionalmente à população mundial de então, com o dos dias atuais, veríamos que antes eles eram bem mais comuns do que são agora."; nesse segmento do texto, o vocábulo que não indica tempo é:

a) período
b) então
c) dias atuais
d) antes
e) proporcionalmente

302) "Segundo esse autor..."; o vocábulo correspondente a *segundo,* nesse caso, é:

a) para
b) quando
c) conforme
d) se

e) embora

303) "...o ato de matar não era reprovado..." eqüivale a:

a) o ato de matar não tinha aprovação.
b) merecia reprovação o ato de matar.
c) o ato de matar não era aprovado.
d) sofria reprovação o ato de matar.
e) não havia reprovação para o ato de matar.

304) O segmento estamos tão envolvidos eqüivale a temos tanto envolvimento: o item em que essa equivalência é dada de forma incorreta é:

a) a vida era mais segura - tinha mais segurança
b) valores eram mais respeitados - tinham mais respeitabilidade
c) eles eram bem mais comunicativos - tinham mais comunidade
d) o ato de matar não era reprovado - não tinha reprovação
e) a violência era mais intensa - tinha mais intensidade

305) *Vingança* corresponde ao adjetivo *vingativo*, assim como:

a) violência corresponde a violento.
b) morte corresponde a mortandade.
c) tempo corresponde a tempestade.
d) religião corresponde a religiosidade.
e) parente corresponde a parentela.

306) "...uma *interminável* cadeia de vinganças...": o adjetivo *interminável* corresponde a:

a) que não há termos que a descrevem
b) que não sofre penas ou sanções
c) que não tem fim
d) que já terminou há algum tempo
e) que só terminará no futuro

307) *Parentela é* termo coletivo específico para parentes; o vocábulo abaixo, que também apresenta valor coletivo específico, é:

a) pilha
b) monte
c) cancioneiro
d) grupo
e) hipódromo

308) *"Realizada a vingança e assassinado o culpado...";* o segmento que *não* poderia ser colocado, de forma adequada, no início desse trecho é:

a) assim que tiver sido
b) após
c) depois de
d) logo que tinha sido
e) mal

309) O fragmento de texto abaixo que não contém nenhum tipo de intensificação é:

a) ...estamos tão envolvidos com a violência...
b) ...o mundo nunca foi tão violento como agora...
c) ...pelo que nos contam nossos pais e outras pessoas mais velhas...
d) ...bastante comuns naqueles tempos...
e) ...cada coisa parecia ter o seu lugar...

TEXTO XLVIII

ATENDENTE JUDICIÁRIO DO TALCRIM
REQUERIMENTO

Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil; certo também de que, por esse fato, o falar e o escrever em geral, sobretudo no campo das letras, se vêem na humilhante contingência de sofrer continuamente censuras ásperas dos proprietários da língua; sabendo, além, que dentro do nosso país, os autores e os escritores, com especialidade os gramáticos, não se entendem no tocante à correção gramatical, vendo-se, diariamente, surgir azedas polêmicas entre os mais profundos estudiosos do nosso idioma - usando do direito que lhe confere a Constituição, vem pedir que o Congresso Nacional decrete o Tupi-Guarani como língua oficial e nacional do povo brasileiro. O suplicante, deixando de parte os argumentos históricos que militam em favor de sua idéia, pede vênia para lembrar que a língua é a mais alta manifestação da inteligência de um povo, é a sua criação mais viva e original; e, portanto, a emancipação política do País requer como complemento e conseqüência a sua emancipação idiomática. Demais, Senhores Congressistas, o TupiGuarani, língua originalíssima, aglutinante, é verdade, mas que o polissintetismo dá múltiplas feições de riqueza, é a única capaz de traduzir as nossas belezas, de pôr-nos em relação com a nossa natureza e adaptar se perfeitamente aos nossos órgãos vocais e cerebrais, por ser criação de povos que aqui viveram e ainda vivem, portanto possuidores da organização fisiológica e psicológica para que tendemos, evitando-se dessa forma as estéreis controvérsias gramaticais, oriundas de uma difícil adaptação de uma língua de outra região à nossa organização cerebral e ao nosso aparelho vocal - controvérsias que tanto empecem o progresso da nossa cultura literária, científica e filosófica. Seguro de que a sabedoria dos legisladores saberá encontrar meios para realizar semelhante medida e cônscio de que a Câmara e o Senado pesarão o seu alcance e utilidade. P. e E. Deferimento.

(Lima Barreto)

310) A afirmação *falsa* sobre o requerimento de Policarpo Quaresma *é:*

a) O requerente deseja que o Tupi-Guarani seja declarada língua oficial e nacional do Brasil.
b) O requerente apresenta inicialmente os dados pessoais necessários à sua identificação.
c) Os destinatários do requerimento não estão registrados no texto.
d) O requerente apresenta justificativas fisiológicas para o seu pedido.
e) O requerimento inclui apreciações sobre língua transplantada.

311) A alternativa que apresenta um argumento que não está presente no requerimento é:

a) a dependência lingüística dos brasileiros em relação a Portugal
b) as divergências internas e externas no tocante às regras gramaticais
c) a significação política de uma língua original
d) a adaptação da língua ao meio ambiente
e) a necessidade de editarem-se obras com a fala brasileira

312) A alternativa em que o elemento sublinhado não se refere a nenhum elemento anteriormente presente no texto é:

a) ...certo também de que, por esse fato, o falar e o escrever em geral... (linhas 2 e 3)
b) ...de sofrer continuamente censuras ásperas dos proprietários da língua... (linhas 4 e 5)
c) ...que, dentro do nosso país, os autores e os escritores,... (linhas 5 e 6)
d) ...que militam em favor de sua idéia,... (linha 12)
e) ...é a sua criação mais viva e original;... (linhas 13 e 14)

313) A linguagem empregada no requerimento *é* caracterizada por:

a) formalíssima e bem afinada com a tradição gramatical lusitana.
b) bastante formal, mas com pequenas influências da fala brasileira.
c) informal, já que o requerente condena a própria língua que emprega.
d) informal e descuidada no aspecto gramatical, ainda que com vocábulos cultos.
e) convencional e artificial, com concessões à fala popular.

314) A abreviatura final do requerimento significa:

a) por e especial deferimento
b) para e esperado deferimento
c) pede e espera deferimento
d) próprio e especial deferimento
e) propõe e expõe deferimento

315) O requerimento está dividido em quatro parágrafos e um fecho; a alternativa que indica a correlação equivocada entre cada uma dessas partes e seu conteúdo é:

a) primeiro parágrafo - título, cargo que ocupa a pessoa a quem é dirigido o requerimento
b) segundo parágrafo - justificativa do pedido
c) terceiro parágrafo - ampliação da justificativa
d) quarto parágrafo - expectativa esperançosa do requerente
e) fecho - abreviação convencional de solicitação

316)A alternativa em que o adjetivo sublinhado expressa a opinião do requerente é:

a) Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro... (linha 1)
b) ...certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil;... (linha 2)
c) ...se vêem na humilhante contingência de sofrer continuamente censuras... (linhas 4 e 5)
d) ...não se entendem no tocante à correção gramatical, (linha 7)
e) ...possuidores da organização fisiológica e psicológica para que tendemos... (linhas 21 e 22)

317) O requerente se refere a si mesmo na terceira pessoa; a alternativa em que, no entanto, se utiliza da primeira é:

a) Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil (linhas 1 e 2)
b) ...sabendo, além, que, dentro do nosso país, os autores e os escritores, com especialidade os gramáticos, não se entendem... (linhas 5,6 e 7) •
c) o suplicante, deixando de parte os argumentos históricos que militam em favor de sua idéia, pede vênia para lembrar... (linhas 11, 12 e 13)
d) ...a emancipação política do País requer como complemento e conseqüência a sua emancipação idiomática. (linhas 14, 15 e 16)
e) ...por ser criação de povos que aqui viveram e ainda vivem,... (linhas 20e21)

TEXTO XLIX

AGENTE ADMINISTRATIVO - QUEIMADOS/RJ
TEXTO 1
DESAPARECIMENTO DOS ANIMAIS

Tente imaginar esta cena: homens, animais e florestas convivendo em harmonia. Os homens retiram das plantas apenas os frutos necessários e cuidam para que elas continuem frutificando; não matam animais sem motivo, não sujam as águas de seus rios e não enchem de fumaça seu ar. Em outras palavras: as relações entre os seres vivos e o ambiente em que vivem, bem como as influências que uns exercem sobre os outros, estão em equilíbrio. (...)

Nossa preocupação (de brasileiros) não é só controlar a exploração das florestas, mas também evitar uma de suas piores conseqüências: a morte e o desaparecimento total de muitas espécies de animais. Apesar de nossa fauna ser muito variada, a lista oficial das espécies que estão desaparecendo já chega a 86 (dentre elas, a anta, a onça, o mico-leão, a ema e o papagaio).

E a extinção desses animais acabará provocando o desequilíbrio do meio ambiente, pois o desaparecimento de um deles faz sempre com que aumente a população de outros. Por exemplo: o aumento do número de piranhas nos rios brasileiros é conseqüência do extermínio de seus três inimigos naturais - o dourado, a ariranha e o jacaré.

(Nosso Brasil, 1979)

318) O autor propõe ao leitor que imagine uma cena para que ela funcione como:

a) um ideal a ser alcançado
b) uma fantasia que nunca se realizará
c) um objetivo a que se deve dar as costas :,
d) uma finalidade dos grupos religiosos
e) uma mensagem de fraternidade cristã

319) “...homens, animais, florestas e oceanos convivendo em harmonia.”; na continuidade do texto, o autor mostra que:

a) esqueceu-se de referir-se aos rios.
b) o homem é o agente desequilibrador da natureza.
c) os animais não matam seus semelhantes sem motivo.
d) a poluição do ar também tem causas naturais.
e) os seres vivos vivem em equilíbrio no mundo atual.

320) O item em que o elemento sublinhado tem um vocábulo correspondente indicado de forma adequada é:

a) “...convivendo em harmonia.” - harmoniosas
b) “...não matam animais sem motivo,...” - impensadamente
c) “...influências que uns exercem sobre os outros...” - recíprocas
d) “...estão em equilíbrio.” - equilibradamente
e) “...controlar a exploração das florestas...” - ecológica

321) “Os homens retiram das plantas apenas os frutos necessários...”; esta parte da cena proposta pelo autor defende que:

a) não deixe para amanhã o que pode fazer hoje.
b) Deus provera o dia de amanhã.
c) se souber usar não vai faltar.
d) a ciência prevê para poder prover.
e) quem espera sempre alcança.

322) No final do primeiro parágrafo aparecem dois parênteses com pontos; isso significa que:

a) o autor deixou de dizer outras coisas importantes.
b) o texto deixou de reproduzir uma parte do texto original.
c) parte do original do texto esta ilegível.
d) nesse espaço havia uma ilustração que foi omitida.
e) havia originalmente trechos em outras línguas.

323) O que o primeiro parágrafo tenta defender *é:*

a) o equilíbrio ecológico
b) a extinção dos animais
c) a despoluição ambiental
d) o reflorestamento
e) a proteção dos rios e oceanos

324) “Nossa preocupação (de brasileiros)...”; o que vai entre parênteses, nesse caso, é:

a) a retificação de uma ambigüidade
b) a explicação de um termo anterior
c) a particularização de um significado
d) a inclusão de uma idéia já explícita
e) um comentário para o leitor

325) O risco a que se refere o autor do texto com o último período do texto é:

a) a extinção dos jacarés, ariranhas e dourados

b) o excesso de piranhas nos rios brasileiros
c) a mortandade de outros peixes provocada pelas piranhas
d) a desarmonia populacional das espécies animais
e) a falta de alimento para o povo brasileiro

326) A relação entre a morte do dourado e a piranha *é* a de:

a) causa / conseqüência
b) efeito / causa
c) agente / paciente
d) fato / agente
e) motivação / ação

327) Falando dos perigos que o desaparecimento dos animais provoca em nosso ambiente, o autor apela para:

a) a sedução do leitor, mostrando as belezas do mundo natural.
b) a intimidação do leitor, indicando os males que daí advêm.
c) a provocação do leitor, desafiando-o a mudar seu comportamento.
d) o constrangimento do leitor, deixando-o envergonhado por suas atitudes.
e) a tentação do leitor, prometendo-lhe uma recompensa por seus atos.

TEXTO L

AGENTE ADMINISTRATIVO - QUEIMADOS/RJ
TEXTO 2
PERDÃO

Perdoar alguém é renunciar ao ressentimento, à ira ou a outras reações justificadas por algo que essa pessoa tenha feito. Isso levanta um problema filosófico: essa pessoa é tratada de forma melhor do que ela merece; mas como pode exigir-se, ou mesmo como permitir-se, tratar alguém de uma maneira que não merece? Santo Agostinho aconselhavanos a detestar o pecado, mas não o pecador, o que também indica uma atitude objetiva ou impessoal para com o pecador, como se o caráter do agente estivesse apenas acidentalmente ligado ao caráter detestável de suas ações.

(Simon Blackburn)

328) “Perdoar alguém é renunciar ao ressentimento...”; o vocábulo *renunciar* eqüivale semanticamente (sinônimo) a:

a) denunciar
b) anunciar
c) abandonar
d) retirar
e) condenar

329) O termo alguém da primeira frase do texto aparece referido com outras palavras no desenvolvimento do texto; o único termo destacado que NÃO o repete é:

a) “...por algo que essa pessoa tenha feito.”
b) “...é tratada de forma melhor do que ela merece;...”
c) “...a detestar o pecado, mas não o pecador,...”
d) “...como se o caráter do agente...”
e) “...ligado ao caráter detestável de suas ações.”

330) “Isso levanta um problema filosófico: essa pessoa é tratada de forma melhor do que ela merece;...”; esse segmento do texto diz-nos, implicitamente, que:

a) todos devem ser tratados segundo seus atos.
b) devemos tratar a todos de forma semelhante.
c) todos devem ser tratados de forma melhor do que merecem.
d) todos devem ser tratados de forma pior do que merecem.
e) ninguém deve ser maltratado.

331) Santo Agostinho ensina que:

a) não devemos confundir agente e paciente.
b) devemos separar ato e agente.
c) devemos confundir agente e ação.
d) devemos perdoar o ato e condenar o agente.
e) agente e ato são elementos idênticos.

TEXTO LI

AUXILIAR MÉDIO I PROGRAMADOR - MP/RJ
DESPERDÍCIO BRASIL

Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil, no preço que pagam para fazer negócios num país com regras obsoletas e vícios incrustados. O atraso brasileiro é quase sempre atribuído a alguma forma de corporativismo anacrônico ou privilégio renitente que quase sempre têm a ver com o trabalho superprotegido, com leis sociais ultrapassadas e com outras bondades inócuas, coisas do populismo irresponsável, que nos impedem de ser modernos e competitivos. Raramente falam no que o capitalismo subsidiado custa ao Brasil.

O escândalo causado pela revelação do que os grandes bancos deixam de pagar em impostos não devia ser tão grande, é só uma amostra da subtributação, pela fraude ou pelo favor, que há anos sustenta o nosso empresariado chorão, e não apenas na área financeira. A construção simultânea da oitava economia e de uma das sociedades mais miseráveis do mundo foi feita assim, não apenas pela sonegação privada e a exploração de brechas técnicas no sistema tributário - que, afinal, é lamentável, mas mostra engenhosidade e iniciativa empresarial – mas pelo favor público, pela auto-sonegação patrocinada por um Estado vassalo do dinheiro, cúmplice histórico da pilhagem do Brasil pela sua própria elite.

O Custo Brasil dos lamentos empresariais existe, como existem empresários responsáveis que pelo menos reconhecem a pilhagem, mas muito mais lamentável e atrasado é o Desperdício Brasil, o progresso e o produto de uma minoria que nunca são distribuídos, que não chegam à maioria de forma alguma, que não afetam a miséria à sua volta por nenhum canal, muito menos pela via óbvia da tributação. Dizem que com o que não é pago de imposto justo no Brasil daria para construir outro Brasil. Não é verdade. Daria para construir dois outros Brasis. E ainda sobrava um pouco para ajudar a Argentina, coitada.

(Luís Fernando Veríssimo)

332) Para entender bem um texto, é indispensável que compreendamos perfeitamente as palavras que nele constam. O item em que o vocábulo destacado apresenta um sinônimo imperfeito é:

a) “Sempre que se reúnem para LAMURIAR,...” - lamentar-se
b) “...um país com regras OBSOLETAS...” - antiquadas
c) “...e vícios INCRUSTADOS.” - arraigados
d) “...alguma forma de corporativismo ANACRÔNICO...” - doentio
e) “...ou privilégio RENITENTE...” - persistente

333) “Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil, no preço que pagam para fazer negócios num país com regras

obsoletas e vícios incrustados.”; o comentário INCORRETO feito sobre os conectores desse segmento do texto é:

a) A expressão *sempre que* tem valor de tempo.
b) O conectivo *para* tem idéia de finalidade.
c) A preposição *em* no termo *no Custo Brasil* tem valor de assunto.
d) A preposição *em* no termo *num país* tem valor de lugar.
e) A preposição *com* tem valor de companhia. >- ,,

334) O segmento do texto que NÃO apresenta uma crítica explícita ou implícita às elites dominantes brasileiras é:

a) “Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil...”
b) “Raramente (os empresários) falam no que o capitalismo subsidiado custa ao Brasil.”
c) “O escândalo causado pela revelação do que os grandes bancos deixam de pagar em impostos não devia ser tão grande,...”
d) “...pela fraude ou pelo favor, que há anos sustenta o nosso empresariado chorão,...”
e) “O Custo Brasil dos lamentos empresariais existe,...”

335) “...no preço que pagam para fazer negócios num país com regras obsoletas e vícios incrustados.”; na situação textual em que está, o segmento *país com regras obsoletas e vícios incrustados* representa:

a) uma opinião do empresariado
b) o ponto de vista do autor do texto
c) uma consideração geral que se tem sobre o país
d) o parecer do capitalismo internacional
e) a visão dos leitores sobre o país em que vivem

336) O principal prejuízo trazido pelo Custo Brasil, segundo o primeiro parágrafo do texto, que retrata a opinião do empresariado, é:

a) o corporativismo anacrônico
b) o privilégio renitente
c) trabalho superprotegido
d) populismo irresponsável
e) falta de modernidade e competitividade

337) O corporativismo anacrônico, o privilégio renitente, o trabalho superprotegido e outros elementos citados no primeiro parágrafo do texto indicam, em sua totalidade:

a) deficiências em nosso sistema socioeconômico
b) a consciência dos reais problemas do país por parte dos empresários
c) o atraso mental dos políticos nacionais

d) a carência de líderes políticos modernos e atuantes
e) a posição ultrapassada do governo

338) “Raramente falam no que o capitalismo subsidiado custa ao Brasil.”; os empresários brasileiros raramente falam neste tema porque:

a) são mal preparados e desconhecem o assunto.
b) se trata de um assunto que não lhes diz respeito.
c) se refere a algo com que lucram.
d) não querem interferir com problemas políticos.
e) não possuem qualquer consciência social.

339) “...coisas do populismo irresponsável,...” corresponde a:

a) uma retificação do que antes vem expresso
b) uma ironia sobre o que é dito anteriormente
c) uma explicação dos termos anteriores
d) mais um elemento negativo do país
e) uma crítica sobre a política do país

340) O fato de os bancos deixarem de pagar impostos;

a) faz com que o Brasil se torne a oitava economia do mundo.
b) é prova de nossa modernidade.
c) é comprovação de que estamos seguindo os moldes econômicos internacionais.
d) é mais uma prova de injustiça social.
e) garante investimentos em áreas mais carentes.

341)Subtributação só pode significar:

a) sonegação de impostos
b) ausência de fiscalização no pagamento dos impostos
c) taxação injusta, por exagerada
d) impostos reduzidos
e) dispensa de pagamento de impostos

342) “...pela fraude ou pelo favor...”; os responsáveis, respectivamente, pela fraude e pelo favor são:

a) o empresariado e o poder político
b) o Congresso e o Governo
c) os sonegadores e o empresariado
d) os banqueiros e o Congresso
e) as leis e o capitalismo internacional ,

343) Ao dizer que nosso empresariado *é chorão*, o autor repete uma idéia já expressa anteriormente era:

a) bondades inócuas
b) lamuriar
c) populismo irresponsável
d) atraso
e) trabalho superprotegido

344) Segundo o texto, o Governo brasileiro:

a) prejudica o desenvolvimento da economia.
b) colabora com a elite no roubo do país.
c) não tem consciência dos males que produz.
d) explora as brechas técnicas do sistema tributário.
e) demonstra engenhosidade e iniciativa empresarial.

345) As “brechas técnicas do sistema tributário” permitem:

a) pagamento de menos impostos
b) sonegação fiscal
c) fraude e favor
d) maior justiça social
e) o aparecimento de queixas do empresariado

346) O “Desperdício Brasil” se refere à:

a) ausência de distribuição social das riquezas
b) subtributação patrocinada pelo Estado
c) perda de dinheiro pela diminuição da produção
d) queda de arrecadação por causa do Custo Brasil
e) redução do desenvolvimento na área financeira

347)”...o progresso e o produto de uma minoria que nunca são distribuídos, que não chegam à maioria de forma alguma,...”; representam, respectivamente, a minoria e a maioria:

a) banqueiros / empresariado
b) elite econômica / trabalhadores em geral
c) economistas / povo
d) classes populares / classes abastadas
e) desempregados / industriais

348) “...que não afetam a miséria à sua volta por nenhum canal, muito menos pela via óbvia da tributação”; nesse segmento, o autor do texto diz que os impostos:

a) deveriam ser cobrados de forma mais eficiente.
b) impõem a miséria a todas as classes.
c) causam pobreza nas elites e nas classes populares.

d) não retornam à população de forma socialmente justa.
e) são o caminho mais rápido para o progresso.

TEXTO LII

AUXILIAR JUDICIÁRIO DO TRT - 9a REGIÃO
PAÍS DO FUTURO

Rio de Janeiro - Lembra-se de quando o Brasil era o país do futuro?

Primeiro foi um gigante adormecido (“em berço esplêndido”), que um dia iria acordar e botar pra quebrar.

Depois tornou-se o país do futuro, um futuro de riqueza, justiça social e bem-aventurança.

Eram tempos, aqueles, de postergar tudo o que não podia ser realizado no presente. A dureza do regime militar deixava poucas brechas para que se ousasse fazer alguma coisa que não fosse aquilo já previsto, planejado, ordenado pelos generais no poder.

Só restava então aguardar o futuro, que nunca chegava (mais uma vez vale lembrar: foram 21 anos de regime autoritário).

O pior é que, mesmo depois de redemocratizado o país, a coisa continuou e continua meio encalacrada, com muitos sonhos tendo de ser adiados a cada dia, a cada nova dificuldade. Com a globalização, temos que encarar (e temer) até as crises que ocorrem do outro lado do mundo. Todavia há que se aguardar o futuro com otimismo, e alguma razão para isso existe.

Dados de uma pesquisa elaborada pela Secretaria de Planejamento do governo de São Paulo revelam que o Brasil chegará ao próximo século, que está logo ali na esquina, com o maior contingente de jovens de sua história.

Conforme os dados da pesquisa, somente na faixa dos 20 aos s 24 anos serão quase 16 milhões de indivíduos no ano 2000.

Com esses dados, o usual seria prever o agravamento da situação do mercado de trabalho, já tão difícil para essa faixa de idade, e de problemas como a criminalidade em geral e o tráfico e o uso de drogas em particular.

Mas por que não inverter a mão e acreditar, ainda que forçando um pouco a barra, que essa massa de novas cabeças pensantes simboliza a chegada do tal futuro? Quem sabe sairá do acúmulo de energia renovada dessa geração a solução de problemas que apenas se perpetuaram no fracasso das anteriores?

Nada mal começar um milênio novinho em folha com o viço, a ousadia e o otimismo dos que têm 20 anos.

(Luiz Caversan - Folha de São Paulo, 28.11.98)

349) Encontra apoio no texto a afirmação contida na opção:

a) A existência de 16 milhões de jovens brasileiros no ano 2000 constituirá um problema insolúvel.
b) Com a população jovem brasileira na casa dos 16 milhões, só se pode esperar o pior.
c) Não se pode pensar de forma otimista em relação ao próximo século.
d) Pode-se pensar positivamente em relação ao nosso futuro, apesar de alguns problemas.
e) Pode-se pensar de forma positiva sobre nosso futuro a partir da previsão do agravamento do desemprego.

350) A idéia de futuro vem representada no texto por uma seqüência de conceitos. A opção que indica essa seqüência é:

a) expectativa - gigantismo - idealização - otimismo
b) otimismo - expectativa - idealização - gigantismo
c) gigantismo - otimismo - idealização - expectativa
d) expectativa - idealização - otimismo - gigantismo
e) gigantismo - idealização - expectativa - otimismo

351) A linguagem coloquial empregada no texto pode ser exemplificada pela expressão:

a) “em berço esplêndido”
b) botar pra quebrar
c) bem-aventurança
d) dados de uma pesquisa
e) somente na faixa

352) Postergar significa:

a) polemizar
b) preterir
c) manifestar
d) difundir
e) incentivar

353) Em “o maior contingente de jovens de sua história”, o substantivo “jovens”, embora masculino, refere-se tanto aos rapazes quanto às moças. É comum, porém, que na distinção de gêneros haja referência a conteúdos distintos. Nas alternativas abaixo, a dupla de substantivos cuja diferença de gêneros NÃO corresponde a uma diferença de significados é:

a) novos cabeças - novas cabeças
b) vários personagens - várias personagens
c) outro guia - outra guia

d) o faixa preta - a faixa preta
e) algum capital - alguma capital

354) Em “...começar um milênio novinho em folha com o viço, a ousadia e o otimismo dos que têm 20 anos”, a parte sublinhada é substituível, sem mudança do significado, por:

a) a juventude, a audácia
b) a competência, a imaginação
c) a criatividade, a perseverança
d) a criatividade, a coragem
e) a imaginação, o destemor

TEXTO LIII

AUXILIAR SUPERIOR ANALISTA DE SISTEMAS - MP/RJ
TEXTO 1
XENOFOBIA E RACISMO (fragmento)

As recentes revelações das restrições impostas, há mais de meio século, à imigração de negros, judeus e asiáticos durante os governos de Dutra e Vargas chocaram os brasileiros amantes da democracia. Foram atos injustos, cometidos contra estes segmentos do povo brasileiro que tanto contribuíram para o engrandecimento de nossa nação.

Já no Brasil atual, a imigração de estrangeiros parece liberalizada e imune às manchas do passado, enquanto que no continente europeu marcha-se a passos largos na direção de conflitos raciais onde a marca principal é o ódio dos radicais de direita aos imigrantes.

Na Europa, a história se repete com o mesmo enredo centenário: imigrantes são bem-vindos para reforçar a mão-de-obra local em momentos de reconstrução nacional ou de forte expansão econômica; após anos de dedicação e engajamento à vida local, começam a ser alvo da violência e da segregação.

(O Globo, 13/7/01)

355) A seleção vocabular do primeiro período do texto permite dizer que:

a) o adjetivo *recentes* traz como inferência que as *revelações* referidas no texto ocorreram nos dias imediatamente antes da elaboração do artigo.
b) a escolha do substantivo *revelações* se refere a um conjunto de informações que, para o bem do país, deveria permanecer oculto.
c) o substantivo *restrições* indica a presença de limitações oficiais na política migratória do país.
d) o adjetivo *impostas* se liga obrigatoriamente a um poder discricionário, como o presente nas ditaduras de Dutra e Vargas.
e) em razão das referências históricas imprecisas do texto, o segmento *há mais de meio século* se refere a uma quantidade de anos superior a 50 e inferior a 100.

356) Se as restrições de imigração eram impostas a negros, judeus e asiáticos, podemos dizer que havia, nesse momento, uma discriminação de origem:

a) racial e religiosa
b) exclusivamente racial
c) econômica e racial
d) racial e geográfica
e) religiosa, econômica, racial, geográfica e cultural

357) Em relação ao primeiro período do texto, o segundo:

a) explicita quais as revelações referidas.
b) indica, como informação nova, que os atos cometidos eram negativos.
c) esclarece qual a razão dos atos referidos terem chocado os brasileiros.
d) mostra a conseqüência dos fatos relatados anteriormente.

e) comprova as afirmativas iniciais do jornalista com dados históricos.

358) Ao classificar os atos restritivos à imigração de injustos, o autor do texto mostra:

a) somente a opinião dos brasileiros amantes da democracia
b) a sua opinião e a de alguns brasileiros
c) a sua opinião e a dos leitores
d) somente a sua opinião
e) a sua opinião e a dos brasileiros em geral

359) Ao escrever que os atos injustos foram cometidos "contra esses segmentos do povo brasileiro...", o autor do texto mostra que:

a) a população brasileira da era Vargas sofria pela discriminação oficial.
b) negros, judeus e asiáticos são vistos como brasileiros pelo autor do texto.
c) o povo brasileiro é constituído de raças e credos distintos.
d) alguns segmentos de nosso povo foram autores de atos injustos.
e) o Brasil e seu povo já passaram por momentos históricos difíceis.

360) O segundo parágrafo do texto é introduzido pelo segmento "Já no Brasil atual..."; tal segmento indica:

a) uma oposição de local e tempo
b) uma oposição de tempo
c) uma conseqüência do primeiro parágrafo
d) uma comparação de duas épocas
e) uma indicação das causas dos fatos relatados

361) Ao escrever que a imigração de estrangeiros parece "imune às manchas do passado", o autor do texto quer indicar que:

a) os estrangeiros já esqueceram as injustiças de que foram vítimas.
b) a imigração ainda traz marcas dos atos injustos do passado.
c) os imigrantes atuais desconhecem os fatos passados.
d) nada mais há que possa manchar o nosso passado histórico.
e) o processo migratório atual em nada lembra os erros do passado.

362) De todas as idéias expressas abaixo, aquela que NÃO está contida direta ou indiretamente no texto é:

a) Os imigrantes são bem-vindos no Brasil de hoje.
b) A atual situação dos imigrantes na Europa faz prever conflitos futuros.
c) Os estrangeiros acabam sendo perseguidos, em alguns países, apesar de seus bons serviços.
d) A expansão econômica da Europa provocou a saída de emigrantes.
e) Os imigrantes são fator de colaboração para o progresso das nações.

TEXTO LIV

AUXILIAR SUPERIOR ANALISTA DE SISTEMAS - MP/RJ
TEXTO 2
RACISMO

A imprensa brasileira vem noticiando uma proposta milionária do Lazio da Itália, que pretende adquirir o passe do zagueiro Juan por 10 milhões de dólares. Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e perdeu o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio.

Aqui fica uma sugestão a este jovem negro, atleta brasileiro de 22 anos, com um brilhante futuro profissional: recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália, pois moedas não resgatam a dignidade. Diga não aos xenófobos e racistas.

(O Globo, 13/7/01)

363) “A imprensa brasileira vem noticiando...”; com a utilização do tempo verbal destacado, o autor do texto quer referir-se a uma ação que:

a) acaba de terminar.
b) acaba de começar.
c) se iniciou antes de outra ação passada.
d) se iniciou há pouco tempo e permanece no presente.
e) se repete no passado e no presente.

364) O segundo texto: (Para resolver esta questão, é necessário voltar ao texto anterior, nº LIII, pertencente à mesma prova.)

a) comprova o pensamento expresso no terceiro parágrafo do texto 1.
b) exemplifica a discriminação indicada no primeiro período do texto 1.
c) mostra que os preconceitos raciais e religiosos não são coisas do passado.
d) demonstra que xenófobos e racistas são maioria na Europa.
e) aborda o mesmo tema do primeiro, mas de forma mais específica.

365) “Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro”; este segmento do texto é fruto da união das duas orações seguintes:

a) Este é o time / A torcida deste time já agrediu o jogador brasileiro.
b) Este é o time / O jogador brasileiro já foi atingido pela torcida deste time.
c) A torcida já agrediu o torcedor brasileiro / Esta é a torcida deste time.
d) A torcida já agrediu o jogador brasileiro / Este é o time cuja.
e) Este é o time cuja / A torcida agrediu o jogador brasileiro.

366) O tom final do texto é de:

a) advertência
b) alerta
c) conselho
d) ordem
e) repreensão

TEXTO LV

OF. DE JUSTIÇA AVALIADOR DA CORREGEDORIA/RJ
ENTREVISTA

Aos 51 anos o médico paulista Geraldo Medeiros é um dos endocrinologistas brasileiros de maior e mais duradouro sucesso. Numa especialidade em que o prestígio dos profissionais oscila conforme a moda, há três décadas ele mantém sua fama em ascendência. Em seu consultório de 242 metros quadrados, na elegante região dos Jardins, uma das mais exclusivas de São Paulo, Medeiros guarda as fichas de 32.600 clientes que já atendeu. Mais da metade o procurou para fazer regime de emagrecimento. Sua sala de espera está permanentemente lotada e à vezes é necessário marcar uma consulta com semanas de antecedência.

Como professor de Clínica Médica e Endocrinologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Medeiros já atendeu outros milhares de pacientes. A maioria, porém, foi parar em suas mãos em razão de outra especialidade da qual é mestre: as doenças da tireóide.
(Revista *Veja nº* 567)

367) Quais as informações fundamentais para o texto presentes em seu primeiro período?

a) aos 51 anos - Geraldo Medeiros - endocrinologista
b) Geraldo Medeiros - endocrinologista - de sucesso
c) médico paulista - Geraldo Medeiros - endocrinologista
d) aos 51 anos - médico - endocrinologista
e) médico - Geraldo Medeiros - sucesso

368) Qual a utilidade de ser dada a idade do médico entrevistado logo ao início do texto?

a) Indicar sua experiência e capacidade.
b) Mostrar sua vitalidade e competência.
c) Demonstrar sua capacidade e perspicácia.
d) Provar seu conhecimento e juventude.
e) Aludir à sua juventude e vitalidade.

369) O segundo período do texto é construído como explicitação de um dos termos do primeiro período. Qual?

a) médico paulista
b) endocrinologista brasileiro
c) maior sucesso
d) mais duradouro sucesso
e) aos 51 anos

370) Muitos elementos do segundo período repetem elementos do primeiro. Indique a correspondência equivocada entre elementos dos dois períodos.

a) especialidade - endocrinologista
b) prestígio - sucesso
c) profissionais - médico
d) fama - sucesso
e) décadas - 51 anos

371) Que elemento do primeiro período é explicitado no terceiro período?

a) aos 51 anos
b) médico paulista
c) endocrinologistas brasileiros
d) maior sucesso
e) mais duradouro sucesso

372) Entre as duas atividades do médico há uma série de elementos que se opõem. Indique a oposição equivocada.

a) endocrinologista - professor
b) clientes - pacientes
c) emagrecimento - doenças da tireóide
d) marcar uma consulta - parar em suas mãos
e) 32.600 - milhares

TEXTO LV1

PERITO LEGISTA - FAEPOL
TEXTO 1
CORPO

Na doença é que descobrimos que não vivemos sozinhos, mas sim encadeados a um ser de um reino diferente, de que nos separam abismos, que não nos conhece e pelo qual nos é impossível fazer-nos compreender: o nosso corpo. Qualquer assaltante que encontremos numa estrada, talvez consigamos torná-lo sensível ao seu interesse particular, senão à nossa desgraça. Mas pedir compaixão a nosso corpo é discorrer diante de um polvo, para quem as nossas palavras não podem ter mais sentido que o rumor das águas, e com o qual ficaríamos cheios de horror de ser obrigados a viver.

(Proust)

373) Segundo o texto, o nosso corpo:

a) tem plena consciência de viver encadeado a um ser diferente.
b) conhece perfeitamente o outro ser a que está encadeado.
c) é separado de nossa alma por um abismo intransponível.
d) se torna conhecido pouco a pouco.
e) só na doença é que tem sua existência reconhecida.

374) A conjunção *mas* (linha 1) opõe basicamente duas palavras do texto, que são:

a) descobrimos / vivemos
b) sozinhos / encadeados
c) vivemos / encadeados
d) doença / reino
e) sozinho / ser

375) "...pelo qual nos é impossível fazer-nos compreender."; esse segmento do texto quer dizer que:

a) não nos é possível fazer com que nosso corpo nos compreenda.
b) *é* impossível compreender o nosso corpo.
c) é possível fazer com que alma e corpo se entendam.
d) é impossível ao corpo compreender o ser humano.
e) o corpo humano pode compreender mas não pode ser compreendido.

376) "Qualquer assaltante que encontremos..."; nesse segmento, o uso do subjuntivo mostra uma:

a) certeza
b) comparação

c) possibilidade
d) previsão
e) condição

377) O item abaixo em que o pronome sublinhado tem seu antecedente corretamente indicado é:

a) “...ao seu interesse particular...”: corpo
b) “...para quem as nossas palavras...”: assaltante
c) “...de que nos separam abismos...”: sozinhos
d) “...e com o qual ficaríamos...”: águas
e) “...talvez consigamos torná-lo...”: assaltante

378) “...senão à nossa desgraça.”; o vocábulo sublinhado eqüivale, nesse segmento, a: 4 ,

a) ou
b) exceto
c) salvo
d) e não
e) se

379)”...é discorrer diante de um polvo.”; esse segmento do texto representa uma tarefa:

a) trabalhosa
b) inútil
c) frutífera
d) temerosa
e) destemida

TEXTO LVII

PERITO LEGISTA - FAEPOL
TEXTO 2
LONGEVIDADE

Pouquíssimas são as longevidades justificáveis. Curta ou longa, a vida deveria encerrar-se logo ao cessar a missão de quem viveu: criar um filho, realizar uma obra, fazer uma guerra, perpetrar um crime...

Existências exemplares que souberam quando terminar!

Desgraçadamente essa ciência a mais ninguém hoje se concede, empenhada que anda a medicina em proporcionar meras e miseráveis sobrevivências.

(Walter Benevides)

380) O termo longevidade significa:

a) vida inútil
b) vida distante
c) vida indiferente
d) vida miserável
e) vida longa

381) Pouquíssimas só não eqüivale semanticamente a:

a) mínimas
b) raríssimas
c) muito poucas
d) extremamente raras
e) bastante poucas

382) “Existências exemplares” são aquelas que:

a) realizaram obras benéficas.
b) tiveram longevidades injustificáveis.
c) souberam quando terminar.
d) não cumpriram missões negativas.
e) recusaram sobrevivências miseráveis.

383) A “ciência” a que se refere o autor do texto é:

a) a medicina, encarregada da sobrevivência humana
b) a competência de criar um filho
c) a possibilidade de realizar uma missão, curta ou longa
d) a de ter consciência de saber quando morrer
e) a possibilidade de ampliar a extensão da vida humana

384) O autor critica a Medicina porque ela:

a) desconhece a origem dos males.
b) aceita missões positivas e negativas.
c) prolonga vidas inúteis.
d) não é ensinada de forma competente a mais ninguém.
e) só propicia vida melhor para uns poucos privilegiados.

385) “Curta ou longa” é um exemplo de antítese, em que se opõem dois vocábulos de significação oposta; o item abaixo em que os dois vocábulos indicados possuem oposição semântica é:

a) encerrar-se / iniciar-se
b) realizar / imaginar
c) pouquíssimas / reduzidíssimas
d) cessar / interromper
e) exemplares / inúteis

TEXTO LVIII

PERITO LEGISTA - FAEPOL
TEXTO 3
A CIÊNCIA

I - A ciência permanecerá sempre a satisfação do desejo mais alto da nossa natureza, a curiosidade; ela fornecerá sempre ao homem o único meio que ele possui para melhorar a própria sorte. (Renan)
II-A ciência, que devia ter por fim o bem da humanidade, infelizmente concorre na obra de destruição e inventa constantemente novos meios de matar o maior número de homens no tempo mais curto. (Tolstói)
III -Faz-se ciência com fatos, como se faz uma casa com pedras; mas uma acumulação de fatos não é uma ciência, assim como um montão de pedras não é uma casa. (Poincaré)

386)A(s) opinião(ões) que traduz(em) uma visão negativa da ciência é(são):

a) I
b) II
c) III
d) I-II
e) II-III

387) Segundo o segmento I, a curiosidade é:

a) a satisfação de nosso desejo
b) o caminho de melhorar a própria sorte
c) o único meio de obter satisfação
d) o desejo mais alto da nossa natureza
e) sinônimo da própria ciência

388) O “desejo mais alto”, citado no segmento I, significa o desejo:

a) mais contido
b) mais difícil
c) mais problemático
d) mais intenso
e) mais espiritual

389) O emprego do futuro do presente do indicativo no segmento I significa:

a) certeza dos fatos futuros
b) possibilidade de fatos futuros
c) incerteza dos fatos futuros
d) dúvida sobre os fatos futuros
e) desejo do autor sobre os fatos futuros

390) “...para melhorar a própria sorte.”; o vocábulo *sorte,* nesse segmento, eqüivale semanticamente a:

a) futuro
b) felicidade
c) infortúnio
d) horóscopo
e) destino

391) No segmento II, o uso do pretérito imperfeito do indicativo em “...devia ter por fim o bem da humanidade...” significa que:

a) a finalidade da ciência está equivocada.
b) o ideal da ciência, no passado, era o bem da humanidade.
c) a realidade é diferente da finalidade ideal da ciência.
d) a realidade confirma o ideal científico.
e) sob certas condições a ciência atinge o seu ideal.

392) “...infelizmente concorre na obra de destruição...”; nesse segmento, o verbo *concorrer* eqüivale semanticamente a:

a) compete; rivaliza
c) prejudica :
d) colabora
e) combate

393) “...bem da humanidade...”, “...obra de destruição...”, “...novos meios de matar...”; as expressões sublinhadas são respectivamente correspondentes a:

a) humano, destrutiva, mortíferos
b) humanitário, destruidora, homicidas
c) humanista, destrutiva, assassinos
d) humano, destruidora, violentos
e) humanitário, destruidora, mortais

394) Vocábulos que no segmento II mostram a opinião do autor do texto sobre o conteúdo veiculado é:

a) infelizmente / devia
b) constantemente / infelizmente
c) por fim / devia
d) destruição / ciência
e) constantemente / destruição

395) “...matar o maior número de homens no tempo mais curto”, como aparece no segmento II, demonstra:

a) violência inútil
b) crueldade necessária
c) qualidade suprema
d) eficácia positiva
e) eficiência mórbida

396) “...como se faz uma casa com pedras...”, no segmento III, corresponde a uma:

a) condição
b) causa
c) conseqüência
d) comparação
e) concessão

397) No segmento III, os dois termos que se encontram nos mesmos postos de comparação são:

a) ciência / pedras
b) fatos / casa
c) ciência / casa
d) ciência / fatos
e) casa / pedras

398) O que nos três segmentos do texto 3 mostra um ponto comum da ciência é que ela é vista como:

a) um bem para a humanidade
b) um conhecimento subjetivo
c) uma esperança de progresso
d) uma certeza de sobrevivência
e) uma atividade humana

TEXTO LIX

MAGISTÉRIO MUNICIPAL - RIO
PRISÃO DE VENTRE NA ALMA (fragmento)

Todos estamos nos tornando, hoje, mais desconfiados do que no passado. Com exceção das pessoas que se dispõem a pagar um preço altíssimo por uma unidade monolítica, somos todos bastante divididos interiormente.

Para o bem ou para o mal, vão rareando as convicções inabaláveis. Uma parte de nós quer acreditar, outra é descrente.

Gostaríamos de ter segurança para acreditar em coisas que ninguém pode assegurar que são inteiramente dignas de nossa confiança.

As verdades do crente dependem da fé, enquanto a fé existe.

Mas a fé também pode deixar de existir; ela não depende da razão, nem da ciência; depende de Deus, que a deu e pode tirá-la. O filósofo Pascal já no século XVI afirmava que a nossa razão serve, no máximo, para nos ajudar a fazer apostas mais convenientes.

As verdades científicas, por sua vez, dependem da história, são periodicamente revistas, reformuladas. As novas descobertas e as novas invenções não se limitam a complementar os conhecimentos já adquiridos: exigem que eles sejam rediscutidos e às vezes drasticamente modificados.

E as verdades filosóficas? Quanto maiores forem os pensadores que as enunciam, mais acirrada será a controvérsia entre eles. As verdades filosóficas se contradizem, umas questionam as outras.

Somos envolvidos, então, por uma onda de ceticismo. É possível que essa onda já tenha tido alguns efeitos favoráveis à liberdade espiritual dos indivíduos, ao fortalecimento neles do espírito crítico. É possível que ela tenha de algum modo “limpado o terreno” para um diálogo mais desenvolto entre as criaturas, para valores mais comprometidos com o pluralismo, contribuindo para a superação de algumas formas rígidas e dogmáticas de pensar.

Dentro de limites razoáveis, o ceticismo atenua certezas, suaviza conclusões peremptórias e abre brechas no fanatismo. Na medida em que se espraia indefinidamente, contudo, ele traz riscos graves. A própria dinâmica de um ceticismo ilimitado apresenta uma contradição insuperável.

O poeta Brecht expressou esse impasse num poeminha que tem apenas três versos e que não pode deixar de ser reproduzido aqui: “Só acredite no que seus olhos vêem e no que seus ouvidos escutam. Não acredite nem no que seus olhos vêem e seus ouvidos escutam. E saiba que, afinal, não acreditar ainda é acreditar.”

Realmente, quem não acredita, para estar convencido de que não está acreditando, precisa acreditar em seu poder de não acreditar.

Aquele que não crê, curiosamente, está crendo na sua descrença.

(Leandro Konder)

399) “...as pessoas que se dispõem a pagar um preço altíssimo por uma unidade monolítica...”; com esse segmento o autor do texto quer referir-se:

a) àquelas pessoas que, tendo possibilidades, procuram aumentar sua cultura a ponto de superarem as dúvidas.
b) aos indivíduos que se sacrificam interiormente em troca de uma consistência psicológica que os defenda de divisões internas.
c) às pessoas que se dispõem a viver sozinhas, separadas de todos os demais, a fim de evitar sofrimento inútil.
d) àqueles que imaginam viver em comunhão com Deus de modo fiel e, pela fé, superar os obstáculos.
e) àqueles céticos que defendem seu ateísmo de forma a mostrarem uma unidade de pensamento que, na verdade, não possuem.

400) “Uma parte de nós quer acreditar, outra é descrente.” O par de vocábulos abaixo que não poderia substituir, respectivamente, de forma adequada, os elementos sublinhados é:

a) quer ter fé / pecadora ;
b) quer crer / incrédula ,
c) quer confiar / desconfiada •.
d) quer dar crédito / cética
e) quer ter certeza / insegura

401) A divisão interna do ser humano, segundo o texto:

a) está mais ligada à perda da fé, que nos é dada ou tirada por Deus, do que à perda da credibilidade na ciência ou na filosofia.
b) se prende unicamente à contradição das verdades filosóficas, que se apoiam na maior ou menor credibilidade de seus enunciadores.
c) se origina da perda de nossas convicções, sejam na religião, na ciência ou na filosofia.
d) é própria da natureza humana, que não consegue criar, nem na religião, nem na ciência ou na filosofia, algo confiável.
e) é altamente positiva, já que nos livra do fanatismo e dos radicalismos de qualquer espécie.

402) Segundo o texto, as novas descobertas e as novas invenções:

a) servem para mostrar a força criativa do homem, opondo-se a “verdades definitivas”.
b) mostram o progresso dos conhecimentos científicos, criado a partir da correção dos erros anteriores.
c) discutem e modificam, além de desmascararem, todas as teorias científicas do passado.
d) demonstram a incapacidade da ciência de atingir a verdade, pois estão sempre corrigindo o caminho percorrido.

e) comprovam que a ciência também tem suas verdades permanentemente renovadas, pela complementação ou correção do já descoberto.

403) O ceticismo, segundo o texto, apresenta como aspecto positivo:

a) o aparecimento de um forte radicalismo crítico
b) a queda do pluralismo, que sempre desuniu os homens
c) o reconhecimento da possibilidade de várias verdades
d) o surgimento de formas mais rígidas e dogmáticas de pensar
e) a possibilidade de ampliar as brechas do fanatismo

404) O poeta Brecht é citado no texto para:

a) trazer sensibilidade ao tratamento do tema.
b) opor-se a uma teoria dominante.
c) comprovar a falência dos sentidos humanos.
d) ilustrar a contradição interna do ceticismo.
e) valorizar a força da fé.

405) O texto de Leandro Konder deve ser considerado como:

a) didático
b) informativo
c) argumentativo
d) expressivo
e) narrativo

TEXTO LX

AUXILIAR CENSITÁRIO DE APURAÇÃO - IBGE
RECURSOS HUMANOS

Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes.

Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como controlamos a produção do nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora de seu ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente e que acontece quando uma linhagem genética dependente de um ecossistema restrito fica geograficamente isolada e só evolui como outra espécie. É por isso que não temos mudado muito, mas também não nos extinguimos.

(Luís Fernando Veríssimo)

406) Segundo o texto, o sucesso da espécie humana *é* medido:

a) por sua capacidade de viver fora de seu ecossistema
b) por sua sobrevivência e proliferação
c) por possibilidade de produzir seu próprio alimento
d) por sua inalterabilidade e resistência à extinção
e) por sua agricultura

407) Dizer que a espécie humana *“é* um sucesso sem precedentes” eqüivale a dizer que:

a) não há explicações possíveis para esse sucesso.
b) poucas espécies tiveram sucesso semelhante.
c) nada ocorreu antes que pudesse explicar esse fato.
d) nenhuma outra espécie já atingiu tal sucesso.
e) nosso sucesso é independente de nossos antepassados.

408) *Precedente* e *procedente* são palavras de forma semelhante, mas de significados distintos. A frase abaixo em que há ERRO no emprego da palavra destacada é:

a) A nova pesquisa deve fazer *emergir* resultados interessantes.
b) É necessário ter bom *senso* para julgar os questionários da pesquisa.
c) Muitas informações mostram *descriminação* racial em pequena parte da população.
d) alguns pesquisadores são *destratados* pelos entrevistados.
e) alguns entrevistados indicam sua naturalidade *em vez de* sua nacionalidade.

409) “Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação”. Pode-se inferir desse segmento que:

a) não há outras espécies com a mesma proporção de peso e volume que a espécie humana.
b) só a espécie humana vai sobreviver.
c) só a espécie humana proliferou de forma tão rápida e ampla.
d) sobrevivência e proliferação são valores que medem o sucesso de uma espécie.
e) nossa proporção de peso e volume ajudou a nossa espécie a ter sucesso.

410) O termo destacado nos itens abaixo refere-se a algum termo anterior do texto; o item em que essa referência *é* esclarecida de forma ERRADA é:

a) Nenhuma outra (espécie) com uma proporção parecida...
b) ...se iguala à nossa (proporção) em termos de sobrevivência...
c) Isso (o fato de viver fora de nosso ecossistema de nascença) nos deu mobilidade...
d) ...que (mobilidade e sociabilidade) nos salvaram do processo de seleção.
e) ...e que (processo de seleção) acontece quando uma linhagem genética...

411) “Como controlamos a produção de nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história...”; a oração sublinhada apresenta, em relação à seguinte, o valor de:

a) condição
b) modo
c) comparação
d) conclusão
e) causa

412) O item em que o sinônimo da palavra destacada está corretamente indicado é:

a) “...em termos de sobrevivência e proliferação.” - multiplicação
b) “Isso nos deu mobilidade...” - rapidez
c) “Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade...” - negociação
d) “...que limitou outros bichos...” - confirmou
e) “... de um ecossistema restrito...” - selecionado.

413) O item abaixo que apresenta uma afirmação correta em relação ao texto lido é:

a) O autor declara sua esperança na sobrevivência da espécie humana.
b) O texto analisa a independência da espécie humana em relação à produção de seus próprios alimentos.

c) O texto mostra certas peculiaridades da espécie humana em relação a outras espécies.
d) O autor prevê certas dificuldades para a sobrevivência da espécie humana no planeta.
e) O texto alude à possibilidade de a espécie humana ficar dependente de um ecossistema restrito.

414) “Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes.”; a frase abaixo cuja estrutura ALTERA o sentido original desse segmento é:

a) Li que o sucesso da espécie humana é sem precedentes.
b) A espécie humana é um sucesso sem precedentes, segundo o que li.
c) Ser a espécie humana um sucesso sem precedentes foi o que foi lido por mim.
d) Li ser a espécie humana um sucesso sem precedentes.
e) Li que a espécie humana é um sucesso que não tem precedentes.

TEXTO LXI

TFC

Com franqueza, estava arrependido de ter vindo. Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora, e recapitulava o campo e o morro, pensava nos outros meninos vadios, o Chico Telha, o Américo, o Carlos das Escadinhas, a fina flor do bairro e do gênero humano. Para o cúmulo de desespero, vi através das vidraças da escola, no claro azul do céu, por cima do morro do Livramento, um papagaio de papel alto e largo, preso de uma corda imensa que bojava no ar, uma cousa soberba. E eu na escola, sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a gramática nos joelhos.
- Fui bobo em vir, disse eu ao Raimundo.
- Não diga isso, murmurou ele.
("Conto de escola". Machado de Assis. In: Contos, São Paulo, Ática, 1982, 9a ed., p. 25-30)

415) Indique o segmento que completa, de acordo com o texto, o enunciado formulado a seguir: No trecho transcrito, o narrador-personagem é um menino, que relata:

a) as dificuldades que experimenta nas aulas de leitura e gramática.
b) o desespero por não possuir um papagaio de papel tão soberbo como aquele que via no céu.
c) os temores de ficar de castigo, sentado, os livros nos joelhos.
d) o arrependimento por não ter acompanhado Raimundo nas estripulias com os meninos do morro.
e) suas emoções em um dia de escola.

416)Indique o segmento que completa, de acordo com o texto, o enunciado formulado a seguir: O menino se confessava "arrependido de ter vindo" porque:

a) os outros meninos vadios passariam a chamá-lo de bobo.
b) não gostava que os outros meninos empinassem seu papagaio de papel.
c) preferia ter ficado com os outros meninos, a brincar na rua.
d) tivera de cumprir a promessa de que viria, feita a Raimundo.
e) sentia dor nas pernas, ao ficar muito tempo sentado, com os livros nos joelhos.

417) Indique a letra que não apresenta uma relação semântica correta entre os termos emparelhados.

a) menino-narrador - arrependido de ter vindo
b) menino-narrador - preso de uma corda imensa
c) papagaio de papel - uma cousa soberba
d) papagaio de papel - bojava no ar
e) papagaio de papel - alto e largo

418) Assinale o segmento que pode substituir no texto, sem prejuízo da significação original, o trecho: “Ardia por andar lá fora.”

a) Queimava de raiva por estar preso.
b) Ansiava por estar lá fora.
c) Fervia-me para caminhar pelas ruas.
d) Recapitulava para saltar para a rua.
e) Almejava dirigir-me para o refeitório.

TEXTO LXII

ANALISTA JUDICIÁRIO DO TRF - 3a REGIÃO
O PARTO E O TAPETE

RIO DE JANEIRO - Big nem era minha, era de um cunhado.

Naquele tempo eu ainda não gostava de cachorros, pagando por isso um preço que até hoje me maltrata. Mas, como ia dizendo, Big não era minha, mas estava para ter ninhada, e meu cunhado viajara.

De repente, Big procurou um canto e entrou naquilo que os entendidos chamam de “trabalho de parto”. Alertado pela cozinheira, que entendia mais do assunto, telefonei para o veterinário que era amigo do cunhado. Não o encontrei. Tive de apelar para uma emergência, expliquei a situação, 15 minutos depois veio um veterinário. Examinou Big, achou tudo bem, pediu um tapete.

Providenciei um, que estava desativado, tivera alguma nobreza, agora estava puído e desbotado. O veterinário deitou Big em cima, pediu uma cadeira e um café. Duas horas se passaram, Big teve nove filhotes e o veterinário me cobrou 90 mil cruzeiros, eram cruzeiros naquela época, e dez mil por filhote. Valiam mais - tive de admitir.

No dia seguinte, com a volta do cunhado, chamou-se o veterinário oficial. Quis informações sobre o colega que me atendera.

Contei que ele se limitara a pedir um tapete e pusera Big em cima. Depois pedira um café e uma cadeira, cobrando-me 90 mil cruzeiros pelo trabalho.

O veterinário limitou-se a comentar: “Ótimo! Você teve sorte, chamou um bom profissional!”. Como? A ciência que cuida do parto dos animais se limita a colocar um tapete em baixo?

“Exatamente. Se tivesse me encontrado, eu faria o mesmo e cobraria mais caro, moro longe”.

Nem sei por que estou contando isso. Acho que tem alguma coisa a ver com a sucessão presidencial. Muitas especulações, um parto complicado, que requer veterinário e curiosos. Todos darão palpites, todos se esbofarão para colocar o tapete providencial que receberá o candidato ungido, que nascerá por circunstâncias que ninguém domina.

E todos cobrarão caro.

(Carlos Heitor Cony, *Folha de S. Paulo*, 19-12-01)

419)A associação entre o episódio narrado e a sucessão presidencial apòia-se

a) no argumento de que dos dois nascerá algo de grande valia e importância.
b) na idéia de que, num e noutro caso, cumprem-se rituais que pouco interferem nos fatos, mas que têm alto preço.
c) no fato de que sempre se estendem tapetes aos líderes poderosos que estão por vir.
d) na suposição de que as emergências são iguais por mais diferentes que pareçam.

e) na constatação de que a sucessão requer o envolvimento de especialistas e muita precisão.

420) Observe as frases I e II, extraídas do texto.

I. “Big nem era minha, era de um cunhado.”
II. “Big não era minha, mas estava para ter ninhada, e meu cunhado viajara.”

É correto dizer que o narrador

a) em I, sugere estar desobrigado em relação ao animal; em II, faz ressalva a essa desobrigação.
b) em I, afirma ser estranho ao animal; em II, reitera sua indiferença em relação a este.
c) em I, exprime desprezo pelo animal; em II, manifesta um mínimo de consideração pelo destino deste.
d) em I, nega ter vínculos com o animal; em II, critica o cunhado que se ausentou, deixando Big aos cuidados de outrem.
e) em I, mostra-se longe de ter responsabilidade pelo animal; em II, invoca a responsabilidade do legítimo proprietário.

421) Ao afirmar “tive de admitir” (final do 3fl parágrafo), o narrador dos fatos está indicando que

a) constatou a verdadeira importância do profissional que assistira Big, em seu trabalho de parto.
b) tomou consciência de que pagara mais do que valiam os filhotes de Big no mercado.
c) se curvou ao argumento empregado pelo veterinário para justificar o preço de seu serviço.
d) se estarreceu com o valor que um filhote pode atingir e com o preço que cobram os veterinários.
e) pagou pelos filhotes um preço justo, já que valiam mais do que dez mil cruzeiros.

422) “Se tivesse me encontrado, eu faria o mesmo e cobraria mais caro, moro longe.” O significado do período acima está corretamente expresso em:

a) Mesmo que tivesse me encontrado, eu faria o mesmo cobrando mais caro, portanto moro longe.
b) Caso tivesse me encontrado, eu faria o mesmo, mas cobraria mais caro, pois moro longe.
c) Embora tivesse me encontrado, eu faria o mesmo, porém cobraria mais caro; moro longe, pois.
d) Desde que tivesse me encontrado, eu faria o mesmo, pois cobraria mais caro, contanto que moro longe.

e) Salvo se tivesse me encontrado, eu faria o mesmo, porque cobraria mais caro, mesmo morando longe.

423) A palavra que expressa corretamente o significado de *ungido*, em... "colocar o tapete presidencial que receberá o candidato ungido"..., é

a) sacrificado
b) usurpado
c) surgido
d) proposto
e) sagrado

424) A frase que traz implícita a idéia de mudança de situação é:

a) Naquele tempo eu ainda não gostava de cachorros.
b) Nem sei por que estou contando isso.
c) Examinou Big, achou tudo bem, pediu um tapete.
d) Quis informações sobre o colega que me atendera.
e) Ótimo! Você teve sorte, chamou um bom profissional.

TEXTO LXIII

CIÊNCIAS HUMANAS - IBGE
TEXTO
ENTREVISTA

O ensaísta canadense Alberto Manguei, autor de *Uma História da Leitura,* explica por que a palavra escrita é a grande ferramenta para entender o mundo.

Veja - *Numa época em que predominam as imagens, por que a leitura ainda é importante?*

Manguei - A atual cultura de imagens é superficialíssima, ao contrário do que acontecia na Idade Média e na Renascença, épocas que também eram marcadas por uma forte imagética. Pense, por exemplo, nas imagens veiculadas pela publicidade. Elas captam a nossa atenção por apenas poucos segundos, sem nos dar chance para pensar. Essa é a tendência geral em todos os meios visivos. Assim, a palavra escrita é, mais do que nunca, a nossa principal ferramenta para compreender o mundo. A grandeza do texto consiste em nos dar a possibilidade de refletir e interpretar. Prova disso é que as pessoas estão lendo cada vez mais, assim como mais livros estão sendo publicados a cada ano. Bill Gates, presidente da Microsoft, propõe uma sociedade sem papel. Mas, para desenvolver essa idéia, ele publicou um livro. Isso diz alguma coisa.

(Veja, 7 de julho de 1999)

425) *...a palavra escrita é a grande ferramenta para entender o mundo.* (/.02/3); o item abaixo que representa o papel da palavra escrita no entendimento do mundo *é* o de:

a) instrumento
b) motivo
c) objetivo
d) modo
e) processo

426)...a *palavra escrita é a grande ferramenta para entender o mundo* (/.02/3); o item abaixo em que o vocábulo *grande* apresenta o mesmo valor semântico que possui nesse segmento do texto é:

a) Por um grande tempo pensou-se que o livro iria ser substituído pelo computador.
b) Bill Gates tem grande interesse em mostrar a inutilidade da palavra escrita no mundo moderno.
c) O computador ainda tem uma grande estrada a percorrer até atingir a importância do livro.

d) O entrevistado Alberto Manguei é um dos grandes conhecedores do valor da língua escrita.
e) Os computadores mais modernos atingem grandes preços no mercado.

427) O item abaixo em que o elemento destacado tem seu valor semântico corretamente indicado é:

a) *...a grande ferramenta PARA entender o mundo* - meio
b) *...explica POR QUE a palavra escrita...* - finalidade
c) *...por que a leitura AINDA é importante?* - concessão
d) *...épocas TAMBÉM marcadas por uma forte imagética.* - acréscimo
e) *...ASSIM COMO mais livros estão sendo publicados a cada ano. modo*

428) *Numa época em que predominam as imagens,...* (/.04); a época a que se refere o repórter é:

a) indeterminada
b) a dos dias de hoje
c) a da Idade Média e da Renascença
d) a de um passado próximo
e) hipotética

429) Na pergunta do repórter há uma oposição implícita entre imagens e leitura porque:

a) os livros teóricos não possuem ilustrações.
b) imagens só estão presentes em livros infantis.
c) a leitura só é a possibilidade de criar imagens.
d) as imagens independem de leitura.
e) as letras não possuem sentido sem imagens.

430) Segmento do texto que NÃO mostra, direta ou indiretamente, uma visão negativa da cultura de imagens é:

a) *a atual cultura de imagens é superficialíssima...* (7.06)
b) *essa é a tendência geral em todos os meios visivos.* (7.10/11)
c) *elas captam a nossa atenção por apenas poucos segundos...* (/.09/10)
d) *...sem nos dar chance para pensar.* (/.IO)
e) *Bill Gates, presidente da Microsoft, propõe uma sociedade sem papel.* (/.15/16)

431) Considerando que os vocábulos *imagética* e *visivos* aparecem há pouco tempo nos dicionários da língua portuguesa, isto pode significar que:

a) são vocábulos erradamente criados pelo autor do texto.
b) tais vocábulos são traduções inadequadas de vocábulos estrangeiros.
c) representam realidades ainda ausentes de nosso cenário cultural.
d) se trata de neologismos já reconhecidos oficialmente.
e) os dicionários atuais não estão atualizados.

432) Segundo o que se depreende da resposta do entrevistado, em termos de cultura de imagens, a época moderna, em relação à Idade Média e à Renascença:

a) é bem mais superficial no tratamento das imagens.
b) prefere imagens profanas, ao invés de religiosas.
c) apresenta semelhanças nas imagens publicitárias.
d) mostra idênticas preocupações formais.
e) possui tecnologia bem mais avançada.

433) *Pense, por exemplo, nas imagens veiculadas...* (/.08/9); o termo sublinhado *é* muitas vezes confundido com *vinculadas,* seu parônimo. O item abaixo em que se empregou erradamente um vocábulo por seu parônimo é:

a) O deputado dedicou seu mandado à defesa da língua escrita.
b) Os monges medievais viviam imersos em leituras.
c) Os livros medievais tinham as páginas cosidas umas às outras.
d) Os livros imorais eram queimados pela Inquisição.
e) Os valores dos livros passam despercebidos a muitos.

434) *Essa é a tendência geral em todos os meios visivos.* (/.10/11); os *meios visivos* a que alude o entrevistado incluem certamente:

a) a pintura, a fotografia e o desenho
b) a televisão, o cinema e a fotografia
c) a pintura, a televisão e o cinema
d) o cinema, a fotografia e a pintura
e) o desenho, a pintura e a televisão

435) A frase final do entrevistado - *Isso diz alguma coisa* - refere-se à:

a) pouca importância do livro diante da importância do computador no mundo moderno
b) contradição entre o pensamento e a ação de Bill Gates
c) valorização da leitura através dos tempos
d) desvalorização das imagens no mundo da Microsoft
e) necessidade de novas pesquisas sobre o valor da leitura

436) Idéia que NÃO está contida no texto lido é:

a) A cultura de imagens na atualidade é menos profunda que em épocas anteriores.
b) As imagens publicitárias não levam à reflexão pois duram pouco em nossas mentes.
c) A compreensão integral do mundo só ocorre por meio da língua escrita.
d) Apesar da atual cultura de imagens, a leitura vê crescido o seu número de adeptos.
e) Uma sociedade sem papel, como propõe Bill Gates, é impossível.

TEXTO LXIV

CIÊNCIAS HUMANAS - IBGE
TEXTO 2
COMO SE PRECAVER DE ADVOGADOS

Alguns procedimentos para não ser enrolado por um advogado desonesto:
1. Pegue referências com antigos clientes;
2. Procure a seção da OAB ou o fórum local par ver se o advogado está cumprindo, ou já cumpriu, suspensão e pesquise o motivo;
3. Antes de acertar o valor dos honorários, consulte a tabela da OAB. Não é obrigatório segui-la, mas ela serve de base;
4. Exija um contrato de prestação de serviços com duas testemunhas. De preferência, registre-o no cartório;
5. Exija também no contrato um relatório mensal sobre o andamento do processo. Cheque as informações no fórum ou nos tribunais regularmente;
6. Ao assinar uma procuração delegando poderes ao advogado, evite conceder a ele autonomia para “dar quitação e/ou receber valores”.

(*Veja, 7* de julho de 1999)

437) Sobre o título do texto - *Como se precaver de advogados* - só NÃO é correto afirmar que:

a) está implícito que o texto se refere aos maus advogados.
b) o termo *como* refere-se ao modo da ação verbal.
c) a ação verbal não está atribuída a um sujeito determinado.
d) a forma correta da posição do pronome *se* na frase seria após o infinitivo: *como precaver-se de advogados.*
e) a forma verbal corresponde à 3a pessoa do singular.

438) Se colocássemos o verbo *precaver* no imperativo, como os demais do texto, teríamos a forma:

a) precavenha-se
b) precaveja-se
c) precava-se
d) precaute-se
e) não existe qualquer forma para o imperativo

439) O tom do texto, criado pelo imperativo, é o de:

a) ordem
b) conselho
c) desejo
d) convite
e) pedido

440) ***Alguns procedimentos para não ser enrolado por um advogado desonesto;*** **pode-se deduzir do segmento destacado que:**

a) todo advogado *é* desonesto.
b) há outros procedimentos que não foram citados.
c) não é possível escapar de advogados desonestos.
d) os procedimentos citados são um meio de enrolar os desonestos.
e) a revista Veja não está preocupada em defender os leitores dos procedimentos citados.

441) ***Não é obrigatório... é*** **forma equivalente a** ***Não há obrigação de...*** **seguindo esse modelo, o item que apresenta uma correspondência equivocada é:**

a) não é legal - não há legalidade.
b) não é proibido - não há proibição.
c) não é possível - não há posse.
d) não é justo - não há justiça.
e) não é ético - não há ética.

442) ***Não éobrigatório segui-LA...*** **(item 3);** ***...registre-O no cartório...*** **(item 4); nesses segmentos do texto, os pronomes destacados referem-se, respectivamente, a:**

a) tabela / contrato
b) OAB / contrato
c) OAB / cartório
d) tabela / serviço
e) base / valor

443) ***Mensal*** **corresponde a** ***mês;*** **a correspondência ERRADA entre os itens abaixo é:**

a) milenar - mil anos
b) secular - cem anos
c) biênio - dois anos
d) bimestral - dois semestres
e) quinzenal - quinze dias

444) A grafia ***e/ou*** **indica, entre os elementos** ***e*** **e** ***ou,*** **uma relação de:**

a) semelhança
b) adição
c) alternância
d) correção
e) substituição

TEXTO LXV

CIÊNCIAS HUMANAS - IBGE
TEXTO 3
APAGUE A LUZ NA HORA DE DORMIR

Os pediatras costumam pedir aos pais que apaguem todas as luzes do quarto da criança na hora de dormir, mas há aqueles que ficam com pena do filho e não seguem a instrução à risca. De acordo com estudo recente publicado na revista inglesa *Nature,* bebês que dormem com a luz acesa têm entre três a cinco vezes mais probabilidades de sofrer de miopia que as crianças acostumadas a repousar no escuro desde os primeiros dias de vida. Os pesquisadores da Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos, ouviram 479 pais de crianças e adolescentes de 2 a 16 anos. Eles perguntaram se, nos primeiros anos de vida, as crianças dormiam com a luz do quarto ou com o abajur aceso. Testes oftalmológicos mostraram que 34% das crianças que dormiram com o abajur ligado se tornaram míopes. O mesmo problema atingiu 55% dos que mantinham a luz do quarto acesa à noite. Apenas 10% das que sempre dormiram no escuro desenvolveram miopia. A hipótese mais provável é a de que a luz durante o sono prejudica o desenvolvimento da retina. Há outra razão, menos objetiva, envolvendo a luz e o sono da criança. O apagar da luz do quarto (sem direito à luz no corredor) é o marco do fim do dia. Se a luz fica acesa, a criança tende a se distrair, a olhar para cá e para lá, e isso é ruim.

(*Veja* - 7 de julho de 1999)

445) Segundo o texto, deixando a luz acesa, os pais podem:

a) combater a insegurança dos filhos.
b) provocar a ansiedade nas crianças.
c) evitar a chegada do medo noturno.
d) aumentar as possibilidades de miopia nos filhos.
e) evitar o desenvolvimento da retina.

446) A relação luz acesa/miopia é:

a) fruto da opinião do autor do texto
b) indicada por pesquisa universitária
c) comprovada pelos pediatras
d) derivada da falta de cuidado dos pais
e) estabelecida pela experiência

447)*De acordo com estudo recente...; o* item que mostra um substituto adequado da expressão sublinhada é:

a) à proporção que
b) assim como
c) conquanto
d) para
e) conforme

448)*Testes oftalmológicos* referem-se à visão; a relação abaixo INCORRETAMENTE indicada é:

a) dermatológico - pele
b) ginecológico - aparelho genital feminino
c) fisiológico - músculos
d) urológico - aparelho urinário
e) neurológico - sistema nervoso

449)Ao dizer que *Apenas 10% das que sempre dormiram no escuro desenvolveram miopia,* o autor do texto indica que:

a) considera a quantidade detectada irrelevante para o estabelecimento seguro de uma relação.
b) poucos dos entrevistados puderam dar a informação solicitada.
c) considera poucos os que contrariam a indicação “da pesquisa.
d) ainda são muitos os que desenvolvem miopia, apesar de dormirem no escuro.
e) são poucos os que comprovam a relação miopia/escuro.

450) Dizer que existe uma *hipótese* sobre determinado assunto equivale a dizer que existe:

a) uma certeza comprovada
b) uma possibilidade estabelecida
c) uma opinião não-documentada
d) uma dúvida a ser esclarecida
e) um tema já pesquisado

451) Se *a luz fica acesa, a criança tende a se distrair...;* a primeira oração desse segmento estabelece, em relação à segunda, uma relação de:

a) tempo
b) concessão
c) condição
d) causa
e) conseqüência

452) ***Há outra razão, menos objetiva, en volvendo a luz e o sono da*** **criança...: o item abaixo que mostra corretamente o desenvolvimento da forma reduzida sublinhada é:**

a) quando envolve
b) enquanto envolve
c) porque envolve
d) embora envolva
e) que envolve

TEXTO LXVI

TÉCNICO JUDICIAL JURAMENTADO - CGJ
FACISMO SOCIAL NO PAÍS DO SOCIÓLOGO

A definição dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil está no artigo 3o de nossa Constituição. São todos de grande nobreza e esperança. Valem como pólos de concentração ideal para o povo, como destinos a serem alcançados pelo Brasil, na permanente viagem de nossos sonhos.

O primeiro desses objetivos consiste em realizar uma sociedade livre, justa e solidária. Para ser livre, a sociedade terá liberdades públicas asseguradas a todos. Cidadania livre é cidadania sem intervenção excessiva do poder. No país das medidas provisórias, o cidadão acorda tolhido, dia após dia, com e sem "apagões" e "caladões". Para que a sociedade possa ser tida por justa, *é* necessário diminuir as distâncias sociais, com pobres menos pobres. Depois que a moeda se estabilizou, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, honra seja feita, houve melhora nesse campo, mas o Brasil ainda é dos mais atrasados no mundo na satisfação das necessidades sociais do ser humano.

A solidariedade proclamada no texto constitucional deve ser espontânea, colhida na consciência de cada um e, pelo menos, da população mais aquinhoada em favor dos que têm pouco. A solidariedade do artigo 3o da Constituição precisa, porém, ser catalisada pelo Estado para o trabalho espontâneo em favor dos menos favorecidos. O objetivo social exigirá da administração pública e de seus funcionários que atuem em favor dos cidadãos, com eles e não contra eles, como se os considerassem inimigos. O desenvolvimento nacional, segunda das grandes metas do país, tem ido bem no plano econômico. Progredimos em termos materiais, mas não o quanto baste.

O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3o, são projetos de um sonho estratosférico. Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir desigualdades sociais e regionais é trabalho para séculos. Não há nação do mundo sem faixas de miserabilidade - nem as mais ricas. A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias. Sem a ameaça grave de sanções, a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas.

A Carta proíbe a discriminação entre o homem e a mulher (artigo 5o, I, e artigo 226, parágrafo 5°), contra as liberdades fundamentais, e a prática do racismo (artigo 5o, incisos XLI e XLII). No trabalho, veda distinções quanto ao salário, ao exercício de funções e aos critérios de admissão por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil (artigo 7o, inciso XXX). O sociólogo português Boaventura de Souza Santos, professor da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, falando recentemente a esta *Folha,* verberou a polarização da riqueza em muitos países, inclusive no nosso, em condições parecidas com a dos Estados fascistas tradicionais. Exemplificou com grupos criminosos que substituem o Estado em certas regiões (vide o PCC) e com a parte corrupta da polícia, colaboradora do crime organizado, não se sabendo onde acaba a administração pública e começa a sociedade.

Boaventura lembra a incapacidade de redistribuição da riqueza, permitindo que o capitalismo opere contra o pobre, e não a favor dele. Chama essa situação de fascismo social. Neste país, presidido por um sociólogo, precisamos meditar sobre as insuficiências gerais e as do direito em particular, afirmadas pelo sábio sociólogo português. Meditar para corrigi-las.

(Walter Ceneviva - Folha de São Paulo, 16/06/01)

453) Ao dizer que os objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil são "de grande nobreza e esperança", o autor do texto quer dizer que:

a) nossos objetivos constitucionais estão fora da realidade atual de nosso país.
b) apesar de serem nobres, os objetivos constitucionais até hoje não foram atingidos.
c) por serem nobres, esses objetivos só poderão ser alcançados com a mudança profunda da sociedade brasileira.
d) eles representam, por sua nobreza, algo que dificilmente será atingido pelo povo brasileiro.
e) os objetivos constitucionais mostram algo nobre que funciona como ponto ideal de chegada.

454) "Valem como pólos de concentração ideal para o povo, como destinos a serem alcançados pelo Brasil, na permanente viagem de nossos sonhos"; neste segmento do texto, os vocábulos que se aproximam semanticamente são:

a) ideal / sonhos
b) pólos / viagem
c) povo / Brasil
d) viagem / Brasil
e) concentração / ideal

455) No que diz respeito aos objetivos fundamentais do Brasil, presentes no artigo 3o de nossa Constituição, podemos dizer, segundo o texto, que:

a) o primeiro dos objetivos só será atingido se a liberdade, a justiça e a solidariedade brotarem espontaneamente do povo.
b) o segundo desses objetivos já foi alcançado, apesar de algumas injustiças sociais.
c) o terceiro e o quarto objetivos só serão alcançados após um trabalho de séculos.
d) o quarto objetivo vai de encontro à cobra raivosa do preconceito, que ainda age no coração de muitos.
e) para se alcançarem os objetivos constitucionais é indispensável a criminalização das condutas contrárias.

456) O segmento do texto que NÃO mostra, explícita ou implicitamente, uma crítica ao governo atual é:

a) “Cidadania livre é cidadania sem intervenção excessiva do poder.”
b) “No país das medidas provisórias, o cidadão acorda tolhido, dia após dia, com e sem ‘apagões’ e ‘caladões’
c) “O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3o, são projetos de um sonho estratosférico.”
d) “O objetivo social exigirá da administração pública e de seus funcionários que atuem em favor dos cidadãos, com eles e não contra eles,...”
e) “Neste país, presidido por um sociólogo, precisamos meditar sobre as insuficiências gerais e as do direito em particular...”

457) Ao apelar para o depoimento do sociólogo português Boaventura de Souza Santos, o articulista pretende:

a) demonstrar a força do jornal para o qual trabalha, indicando a qualidade de seus colaboradores.
b) comparar, por oposição, o pensamento de um sociólogo português com o de um sociólogo brasileiro, o Presidente da República.
c) dar autoridade e credibilidade às opiniões veiculadas pelo artigo.
d) condenar a discriminação de raça, sexo, cor e idade que aparecem em nossa sociedade.
e) indicar o retrocesso de nosso país, comparando a nossa situação com a de outros países do primeiro mundo.

458) “...são projetos de um sonho estratosférico.”; no contexto em que está inserido, o vocábulo sublinhado eqüivale semanticamente a:

a) revolucionário
b) utópico
c) superior
d) ultrapassado
e) superado

459) “...verberou a polarização da riqueza em muitos países...”; com essa frase o articulista quer dizer que o economista português:

a) já apontou, em muitos países, a má distribuição da riqueza.
b) condenou a concentração da riqueza que ocorre em muitos países.
c) mostrou a concentração da riqueza na mão de poucos, que ocorre em muitos países.
d) abordou a má distribuição da renda nacional que existe em muitos países.
e) criticou, em muitos países, que a produção econômica se tenha reduzido a um só produto básico.

460) “...carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias”; o remédio proposto pelo jornalista é que:

a) sejam consideradas criminosas todas as pessoas que praticarem qualquer tipo de discriminação.
b) ele seja idêntico ao que é adotado para crimes hediondos.
c) todos os que se opuserem às novas medidas de força sejam considerados criminosos.
d) se considerem criminosos os que se oponham aos objetivos fundamentais de nossa Constituição.
e) se contrariem todas as condutas que, criminosamente, defendam a discriminação.

461) Os primeiros parênteses empregados no penúltimo parágrafo do texto foram utilizados para:

a) explicitar a idéia anterior.
b) localizar a proibição citada.
c) acrescentar informações ao texto.
d) documentar o artigo com textos de autoridade.
e) comprovar a opinião do jornalista.

462) “...que substituem o Estado em certas regiões (vide o PCC) e com a ! parte corrupta da polícia,...”; *vide é* forma latina correspondente ao verbo “ver”. O latinismo a seguir que tem seu significado corretamente indicado é:

a) sic - nunca
b) et alii - e assim
c) ad hoc - isto é
d) lato sensu - em sentido restrito
e) verbi gratia - por exemplo

463) O texto que serve de motivo a esta prova pode ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) argumentativo opinativo
b) narrativo moralizante
c) expositivo informativo
d) argumentativo polêmico
e) expositivo didático

TEXTO LXVII

AUXILIAR DE TELECOMUNICAÇÕES - TCT/RJ
OS COMILÕES E OS INSONES

Eu e vocês já tínhamos ouvido falar do time do come-e-dorme.

Era uma expressão da nossa infância que se confundia, acredito, com a própria infância do futebol.

Para os torcedores mais jovens, eu poderia explicar que o time do come-e-dorme era aquele formado por jogadores que viviam encostados nos clubes, meio marginalizados, mas que pareciam até apreciar essa situação: eram reservas que treinavam, levavam seu dinheirinho para casa, mas quase não jogavam.

Quando entravam no time, era geralmente no fim do jogo, quando o resultado já estava definido, e a responsabilidade era pouca. No clube, levavam a vida sem muito compromisso; em casa, comiam e dormiam, naturalmente.

Há muito tempo, não ouvia falar no time do come-e-dorme.

Parece que foi se desintegrando com as exigências cada vez mais severas do regime profissional.

Mas eis que agora ele ressurge com uma nova maquiagem, como vocês viram nas reportagens sobre o Flamengo durante a semana: *é* o time que come, come muito, mas não dorme, dorme pouco. (...)

Voltando ao caso particular do Flamengo, parece que sexta feira foi dia de séria reprimenda dos dirigentes nos comilões e nos insones. Já não foi sem tempo, porque os jogadores dos times cariocas, não só os do Flamengo, têm uma tendência natural para mergulhar fundo nas águas do amadorismo.

Vamos verificar se, repreendidos, retomam o caminho do futebol profissional. (...)

(Fernando Calazans. Os *Comilões e os Insones*. O Globo, Rio de Janeiro, 06 de outubro de 1991)

464) "...time do come-e-dorme. Era uma expressão da nossa infância..." (/. 1 e 2) Nesta passagem, o autor afirma, principalmente, que a expressão come-e-dorme foi:

a) criada por um antigo clube.
b) usada pelas crianças de sua época.
c) vivenciada por todos os seus leitores.
d) utilizada noutros tempos pelos reservas do time.

465) O texto nos revela, em relação ao time do come-e-dorme, que seus jogadores eram:

a) lentos

b) importantes
c) apadrinhados
d) privilegiados

466) O texto tem como tema principal uma crítica aos jogadores de futebol. Entre as passagens abaixo, aquela que não constitui um aspecto dessa crítica é:

a) “Era uma expressão da nossa infância...” (/. 2)
b) “...levavam seu dinheirinho para casa, mas quase não jogavam...” (/. 7e8)
c) “...o resultado já estava definido, e a responsabilidade era pouca.” (/. 10)
d) “...têm uma tendência natural para mergulhar fundo nas águas do amadorismo.” (/. 22 e 23)

467) Da linha 4 à 12 o autor descreve:

a) o treino cansativo dos reservas
b) o modo do time finalizar o jogo
c) a vida fácil de alguns jogadores de futebol
d) a forma de pagamento do time do come-e-dorme

468) O antigo time do come-e-dorme atualmente *é o* time do “come muito, mas não dorme”. Segundo o autor, este fato ocorreu em virtude de:

a) preocupação com o aumento de treinos
b) regras rígidas impostas pela profissão
c) dedicação exclusiva dos jogadores ao clube
d) estafa do time pela atuação em muitos jogos

469) “Mas eis que agora ele ressurge com uma nova maquiagem,...” (/. 16). A palavra que tem o mesmo significado da sublinhada acima é:

a) reaparece
b) treina
c) volta
d) atua

470) “...exigências cada vez mais severas...” (/. 14) A palavra “severas” significa rígidas. De acordo com o texto, o antônimo para este termo é:

a) rigorosas
b) eficazes
c) difíceis
d) brandas

TEXTO LXVIII

INSPETOR DE POLICIA - FAEPOL
DROGAS: A MÍDIA ESTÁ DENTRO

Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários que a gente pensa que não vão dar em nada, ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça. Ouvi-o de um professor - um professor brilhante, é bom que se diga. Ele se saía muito bem, tecendo considerações críticas sobre o provão. Aliás, o debate era sobre o provão, mas isso não vem ao caso. O que me interessou foi um comentário marginal que ele fez - e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário. Primeiro, ele disse que a publicidade não pode tudo, ou melhor, que nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda. Sim, a tese é óbvia, ninguém discorda disso, mas o mais interessante veio depois. Para corroborar sua constatação, o professor lembrou que muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV. Qual a conclusão lógica?

Isso mesmo: nem todo hábito de consumo é ditado pela publicidade.

A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público. Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada. Continuemos no campo das substâncias ilícitas. Existem insistentes campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam. Moral da história? Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia. Temos alguma autonomia para formar nossas decisões. Tudo certo? Creio que não. Concordo que a mídia não pode tudo, concordo que as pessoas conseguem guardar alguma independência em sua relação com a publicidade, mas acho que o professor cometeu duas impropriedades: anunciou uma tese fácil demais e, para demonstrá-la, escolheu um exemplo ingênuo demais. Embora não vejamos um comercial promovendo explicitamente o consumo de cocaína, ou de maconha, ou de heroína, ou de crack, a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam, durante 24 horas por dia, com a propaganda não de drogas, mas do efeito das drogas. A publicidade, nesse sentido, não refreia, mas reforça o desejo pelo efeito das drogas. Por favor, não se pode culpar os publicitários por isso - eles, assim como todo mundo, não sabem o que fazem.

(EugênioBucci)

471) DROGAS; A MÍDIA ESTÁ DENTRO; com esse título o autor:

a) condena a mídia por sua participação na difusão do consumo de drogas.
b) mostra que a mídia se envolve, de algum modo, com o tema das drogas.
c) faz um jogo de palavras, denunciando o incentivo ao consumo de drogas pela mídia.

d) demonstra a utilidade da mídia em campanhas antidrogas.
e) indica que a mídia é bastante conhecedora do tema das drogas.

472) “Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários...”; se desenvolvermos a forma do gerúndio *assistindo* de forma adequada ao texto, teremos:

a) depois de assistir
b) assim que assisti
c) enquanto assistia
d) logo que assisti
e) porque assisti

473) “Ele se saía muito bem tecendo considerações críticas sobre o provão,...”; o gerúndio *tecendo* mostra uma ação:

a) que antecede a do verbo da oração anterior.
b) posterior à do verbo da oração anterior. _’ __
c) que é a conseqüência da ação da oração anterior.
d) simultânea à do verbo da oração anterior.
e) que mostra oposição à ação da oração anterior.

474)A expressão destacada que tem seu significado corretamente expresso é:

a) “...que a gente pensa que não vão dar em nada.” - que não vão chegar a ser publicados
b) “...ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça.” - que me deixou com dor de cabeça
c) “...o debate era sobre o provão; mas isso não vem ao caso.” – tem pouca importância
d) “...um professor brilhante, é bom que se diga.” - é importante destacar isso
e) “Ele se safa muito bem...” - ele desviava do assunto principal

475) “O que me interessou foi um comentário marginal...”; o vocábulo destacado significa:

a) subliminar
b) maldoso
c) anormal
d) desprezível
e) paralelo

476) “Primeiro, ele me disse que a publicidade não pode tudo, ou melhor, que nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda.”; a expressão *ou melhor* indica:

a) retificação
b) esclarecimento
c) alternância

d) incerteza
e) ratificação

477) "Sim, a tese é óbvia..."; "Para corroborar sua constatação, o professor lembrou que muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV."; em termos argumentativos, podemos dizer, com base nestes dois segmentos, que:

a) a tese é acompanhada de argumento que a defende.
b) a tese leva a uma conclusão explícita.
c) a tese parte de uma premissa falsa.
d) a tese não é acompanhada de dados que a comprovem.
e) a tese é falaciosa e não pode ser provada.

478) "Para corroborar sua constatação..."; no caso do professor citado no texto, seu pensamento *é* apoiado por:

a) opinião própria
b) estatística
c) testemunho de autoridade
d) evidência
e) analogia

479) "Muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público"; esta afirmação:

a) funciona como mais um argumento para a tese emitida pelo professor.
b) desmoraliza o falso argumento citado pelo professor no debate.
c) confirma a tese de que a publicidade pode tudo.
d) é mais um argumento do professor em defesa do que pensa.
e) representa mais uma dúvida do jornalista sobre o tema debatido.

480) Toda publicidade muda hábitos / X é publicidade contrária ao consumo de cocaína / X vai mudar o hábito de consumo da cocaína. Este silogismo, considerando-se o que é dito no texto, NÃO é verdadeiro porque:

a) a premissa não é verdadeira.
b) um dos termos do silogismo possui ambigüidade.
c) a conclusão não é uma decorrência lógica da premissa.
d) a premissa não é suficiente para a conclusão.
e) a organização dos termos está fora da disposição padrão.

481) Em alguns segmentos do texto, o autor interage com o leitor, dialogando com ele. O item em que essa estratégia está ausente *é:*

a) "Por favor, não se pode culpar os publicitários por isso - eles, assim como todo mundo, não sabem o que fazem."
b) "Tudo certo? Creio que não."

c) “Qual a conclusão lógica? Isso mesmo: nem todo hábito de publicidade *é* ditado pela mídia.”
d) “Moral da história? Nem que seja para consumir produtos
químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia.”
e) “Ouvi-o de um professor - um professor brilhante, é bom que se diga.”

482) O item em que a palavra destacada tem um sinônimo corretamente indicado é:

a) “...nem todas as atitudes humanas são DITADAS pela propaganda.” - regulamentadas
b) “Para CORROBORAR sua constatação,...” - contrariar
c) “Continuemos no campo das substâncias ILÍCITAS.” - perigosas
d) “...algumas um tanto SOPORÍFERAS,...” - maçantes
e) “Temos alguma AUTONOMIA para formar nossas decisões.” inteligência

483) “Continuemos no campo das substâncias ilícitas.”; o emprego da primeira pessoa do plural em *continuemos* se justifica porque o autor:

a) se refere a ele e ao professor citado no texto.
b) engloba o autor e os publicitários.
c) quer escrever de forma mais simpática e popular.
d) abrange o autor e os possíveis leitores.
e) distraiu-se sobre o tratamento até então dado ao tema.

484) “...campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam.”; no segmento sublinhado, o autor do texto alude à estratégia publicitária do (da):

a) sedução
b) intimidação
c) provocação
d) constrangimento
e) tentação

485) “...campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam.”; com esse segmento do texto, o autor nos diz que:

a) todas as campanhas antidrogas fracassam porque empregam estratégias inadequadas.
b) campanhas antidrogas fracassam mas nem todas são bem elaboradas.
c) mesmo apelando a estratégias diversas, todas as campanhas antidrogas fracassam.
d) campanhas antidrogas apelam para várias estratégias porque fracassam.
e) as campanhas antidrogas trazem contradições internas, que as levam ao fracasso.

486) “Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia.”; com esse segmento do texto, o autor quer dizer que:

a) nossa liberdade é completa diante das pressões da mídia.
b) possuímos liberdade limitada diante da mídia, ainda que a empreguemos mal.
c) como consumimos produtos químicos ilegais, temos reduzida liberdade.
d) já que a mídia anuncia produtos ilegais, nossa liberdade de escolha é limitada.
e) temos pouca liberdade diante da ação da mídia pois parte de sua ação é ilegal.

487) “Tudo certo? Creio que não.”; o autor do texto acha que nem tudo está certo porque:

a) discorda da tese defendida pelo professor.
b) não concorda com a afirmação de que a mídia não faz propaganda de cocaína.
c) acha que a mídia faz propaganda clara de substâncias químicas ilegais.
d) o professor não apresenta qualquer argumento para a defesa de sua tese.
e) as drogas continuam sendo consumidas, apesar das campanhas contrárias.

488) Segundo o texto, as drogas:

a) aparecem, na mídia, de forma explícita.
b) não são exploradas pela mídia.
c) são condenadas pela mídia de forma implícita
d) aparecem na mídia por meio de referências indiretas
e) são motivo central da propaganda midiática.

489) “...tecendo considerações críticas sobre o provão.”; *críticas* significa:

a) de ironia
b) de condenação
c) de apreciação
d) de humor
e) de negativismo

490) O adjetivo cuja expressão correspondente é indicada ERRADAMENTE é:

a) debates universitários - debates de universidades
b) professor brilhante - professor de brilho
c) comentário marginal - comentário à margem
d) atitudes humanas - atitudes do homem
e) substâncias ilícitas - substâncias fora da lei

TEXTO LXIX

TÉCNICO DE CONTROLE EXTERNO DO TCM/RIO
REPUTAÇÃO ILIBADA

Há, no Brasil, cargos para os quais a lei exige reputação ilibada, ou seja, fama ou renome sem mancha. Servem de exemplo ministros do STF (Supremo Tribunal Federal) e do STJ (Superior Tribunal de Justiça).

Para outros, o que é verdadeiro paradoxo criado pelo constituinte de 1988, reputação ilibada não basta, pois para o ministro do Tribunal de Contas da União a Constituição também impõe a idoneidade moral. Não é fácil explicar para que serve a dupla imposição, quando dispensada nas duas mais importantes cortes judiciárias do país. Sugeriria a insuficiência da reputação sem mácula, o que levaria ao absurdo.

As distinções oferecem outras curiosidades. Os ministros do STF e do STJ devem ter notável saber jurídico, mas basta, para os do Tribunal de Contas da União, o notório conhecimento jurídico, entre outras qualidades.

A distinção é inócua, embora os juristas digam que a lei não contém vocábulos inúteis. Saber e conhecimento, tanto quanto notável e notório, são palavras ocas. Dependem dos valores subjetivos de quem as aplique.

Para presidente da República, para deputado e senador, nada disso é exigido. Eleitos pelo voto popular, submetem-se a variáveis limites de idade. Não carecem de saber ou conhecimento. Basta que não sejam analfabetos. O presidente da República deve cumprir a lei e manter a probidade administrativa, mas nem sequer pode ser processado por crimes comuns, como aconteceria com o adultério não perdoado pela mulher.

Nos Estados Unidos, sob desculpa de exigirem reputação ilibada de seu presidente, os discursos moralistas esquecem a história.

Clinton errou e errou feio, mas não está só. Houve líderes de porte, mas maridos nem sempre fidelíssimos, como Roosevelt e John Kennedy, este com a vantagem do inegável bom gosto. (...)

A palavra decoro tem uma certa vantagem para definir o que se espera dos líderes políticos. É lamentável que, muitas vezes, decoro seja confundido com a ação que, embora irregular, termina sem ser descoberta. No processo por ofensa ao decoro, o senso de justiça se afoga na valoração política e no escândalo da mídia, interferindo contra ou a favor do acusado.

(Walter Ceneviva, Folha de S. Paulo, 12/09/99)

491) O fragmento em que o autor explica o “verdadeiro paradoxo criado pelo constituinte de 1988” (/. 4) é:

a) “...quando dispensada nas duas mais importantes cortes judiciárias do país” (/. 7/8)
b) “...a lei exige reputação ilibada, ou seja, fama ou renome sem mancha” (/. 1/2)

c) “Servem de exemplo ministros do STF (Supremo Tribunal Federal e do STJ (Superior Tribunal de Justiça)” (/. 2/3)
d) “as distinções oferecem outras curiosidades” (/. 10)
e) “a distinção é inócua...” (/. 13)

492) “Dupla imposição” *(l. 7)*, no texto, refere-se:

a) a leis emanadas das duas mais importantes cortes judiciárias do país
b) à redundância entre fama e renome sem mancha
c) à exigência de reputação ilibada e idoneidade moral
d) às penas aplicadas pelo Supremo Tribunal Federal e pelo Superior Tribunal de Justiça
e) às atribuições dos ministros do Superior Tribunal de Justiça e do Tribunal de Contas da União

493) “Dependem dos valores subjetivos de quem as aplique” (/. 15) significa

a) modificam os valores de quem as enuncia.
b) têm seus sentidos fixados apenas nos dicionários.
c) tomam significado de acordo com padrões individuais.
d) referem-se àqueles que a utilizam.
e) caracterizam-se pela univocidade.

494) Leia o fragmento abaixo. “*É* lamentável que, muitas vezes, decoro seja confundido com a ação que, embora seja irregular, termina sem ser descoberta.” (/. 28-30) A intenção do autor é

a) ignorar a dicotomia pensamento/ação.
b) legitimar o duplo sentido da palavra decoro.
c) confundir decoro com punibilidade.
d) denunciar a hipocrisia na preservação do decoro.
e) dissociar o senso de justiça da valoração política.

495) Os elementos que estabelecem a coesão entre o 1o e o 2o parágrafos e entre o 2o e o 3o são, respectivamente,

a) “embora” (/. 13) e “como” (/. 25)
b) “também” (/. 6) e “mas nem sequer” (/. 20)
c) “mas” (/. 11) e “probidade administrativa” (/. 20)
d) “entre outras qualidades” (/. 12) e “de quem” (/. 15)
e) “outras curiosidades” (/. 10) e “nada disso” (/. 16/17)

TEXTO LXX

AUXILIAR JUDICIÁRIO DA CORREGEDORIA/RJ

VIVER EM SOCIEDADE

A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, necessita de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite dos outros muitas vezes por dia.

Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.

Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar idéias, necessitada de dar e receber afeto. E muito provavelmente ficaria louca se continuasse sozinha por muito tempo.

Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada de tal modo que sirva, realmente, para esse fim. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades, é aquela em que todos, desde o momento em que nascem, têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados, como também devem conhecer e cumprir seus deveres e suas responsabilidades sociais.

(Dalmo de Abreu Dallari)

496) Segundo o primeiro parágrafo do texto:

a) as pessoas se ajudam mutuamente a fim de formarem uma sociedade.
b) a garantia da continuidade da vida é dada pela satisfação dos desejos das pessoas.
c) a satisfação dos interesses e desejos das pessoas leva à vida em sociedade.
d) não seria possível a sobrevivência se não existisse sociedade.
e) sem a ajuda mútua, as pessoas levariam uma vida isenta de desejos.

497) “...pois o ser humano, durante muito tempo, necessita de outros para conseguir alimentação e abrigo.”; a expressão “durante muito tempo” se refere certamente ao período:

a) da velhice
b) da gravidez
c) de doenças
d) da infância
e) do trabalho

498) “E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite dos outros muitas vezes por dia.”; o item cuja substituição pelo termo proposto em maiúsculas é inadequada é:

a) no mundo moderno = MODERNAMENTE
b) produzidos pela indústria = INDUSTRIALIZADOS
c) muitas vezes = FREQÜENTEMENTE
d) por dia = DIARIAMENTE
e) na cidade = URBANAMENTE

499) “Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material...”; a presença do segmento “não são apenas de ordem material” indica que, na continuidade do texto, haverá:

a) um termo de valor aditivo e pertencente a uma outra ordem
b) um termo de valor adversativo e pertencente a uma ordem diferente da citada
c) um termo de valor explicativo e pertencente à mesma ordem já referida
d) um termo de valor concessivo e pertencente a uma ordem diversa
e) um termo de valor conclusivo e pertencente à ordem citada anteriormente

500) “Elas são também de ordem espiritual e psicológica.”; as palavras que exemplificam, respectivamente, na continuidade do texto as necessidades espiritual e psicológica, são:

a) afeto / atenção
b) crenças / afeto
c) fé / crenças

d) amar / ser amada
e) atenção / esperanças

501)”...a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana.”; reescrevendo-se este segmento do texto com a manutenção de seu sentido original, temos como forma adequada:

a) a natureza humana necessita da vida em sociedade.
b) a vida em sociedade necessita da natureza humana.
c) a necessidade da natureza humana é uma vida em sociedade.
d) uma necessidade da natureza humana é a vida em sociedade.
e) a natureza humana é necessária à vida em sociedade.

502) “...sofrendo a tristeza da solidão,...”; isso significa que:

a) a tristeza é semelhante à solidão.
b) a solidão provoca tristeza.
c) a tristeza leva à solidão.
d) a solidão é fruto da tristeza.
e) a tristeza causa solidão.

503) “...ficaria louca se continuasse sozinha.”; a relação entre essas duas I orações mostra que:

a) a segunda só se realiza se a primeira não realizar-se.
b) a primeira se realiza contanto que a segunda não se realize.
c) a segunda é conseqüência da primeira.
d) a primeira é motivada pela segunda.
e) a primeira é uma hipótese para a realização da segunda.

504) “E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas.”; com o segmento sublinhado, o autor do texto:

a) alude à discriminação racial.
b) refere-se à falta de disciplina social.
c) indica a existência de desigualdades sociais.
d) mostra a justa distribuição de renda no Brasil.
e) critica a falta de preocupação com a solidariedade.

TEXTO LXXI

ASSISTENTE TÉCNICO DE PLENÁRIO - TCT/RJ

TEXTO 1

O “IMPEACHMENT” E A AUSÊNCIA DE RESPONSABILIDADE PRESIDENCIAL

Tendo aludido ao lugar da obra de Rui Barbosa onde se lê “mais vale, no governo, a instabilidade que a irresponsabilidade” - essa nota dominante do presidencialismo - um dos nossos bons constitucionalistas retratou com suma clareza e singeleza a inoperância do *impeachment*, instituto de origem anglo-saxônica, acolhido pelas Constituições presidencialistas, ao afirmar que “sendo um processo de ‘formas’ criminais (ainda que não seja um procedimento penal ‘estrito’), repressivo, *a posteriori*, seu manejo é difícil, lento, corruptor e condicionado à prática de atos previamente capitulados como crimes”.

Sobre o *impeachment*, esse “canhão de cem toneladas” (Lord Bryce), que dorme “no museu das antigüidades constitucionais” (Boutmy) é ainda decisivo o juízo de Rui Barbosa, quando assevera que “a responsabilidade criada sob a forma do *impeachment* se faz absolutamente fictícia, irrealizável, mentirosa”, resultando daí no presidencialismo um poder “irresponsável e, por conseqüência, ilimitado, imoral, absoluto”.

Essa afirmativa se completa noutra passagem em que Rui Barbosa, depois de lembrar o *impeachmet* nas instituições americanas como “uma ameaça desprezada e praticamente inverificável”, escreve: “Na irresponsabilidade vai dar, naturalmente, o presidencialismo. O presidencialismo, se não em teoria, com certeza praticamente, vem a ser, de ordinário, um sistema de governo irresponsável”. Onde o presidencialismo se mostra pois irremediavelmente vulnerável e comprometido é na parte relativa à responsabilidade presidencial. O presidencialismo conhece tão-somente a responsabilidade de ordem jurídica, que apenas permite a remoção do governante, incurso nos delitos previstos pela Constituição. Defronta-se o sistema porém com um processo lento e complicado (o *impeachment*, conforme vimos), que fora da doutrina quase nenhuma aplicação teve. Muito distinto aliás da responsabilidade política a que é chamado o Executivo na forma parlamentar, responsabilidade mediante a qual se deita facilmente por terra todo o ministério decaído da confiança do Parlamento.

(BONAVIDES, Paulo. *Ciência política,* p. 384)

505) Dentre as mazelas do presidencialismo que integram a crítica de Rui Barbosa, a que o texto mais destaca é:

a) a irresponsabilidade
b) a instabilidade

c) o absolutismo
d) a imoralidade

506) Dentre as citações do texto, a que mais se distancia dos recentes acontecimentos políticos ocorridos no Brasil é:

a) “(...) um dos nossos bons constitucionalistas retratou com suma clareza e singeleza a inoperância do *impeachment.”* (/. 3/4)
b) “sobre o *impeachment,* esse “canhão de cem toneladas” (Lord Bryce), que dorme “no museu das antigüidades constitucionais” (Boutmy) é ainda decisivo o juízo de Rui Barbosa (...)” - (/. 10-12)
c) “defronta-se o sistema porém com um processo lento e complicado (...) que fora da doutrina quase nenhuma aplicação teve.” (/. 26-28)
d) “(...) responsabilidade mediante a qual se deita facilmente por terra todo o ministério decaído da confiança do Parlamento.” (/. 30/31)

507) Das referências ao *impeachment* feitas abaixo, a única que não se encontra no texto é:

a) trata-se de um instituto criado por constitucionalistas brasileiros.
b) pode ser incluído entre as falhas do sistema presidencialista.
c) carece, enquanto processo, de presteza e simplificação.
d) constitui um instrumento constitucional ultrapassado.

508) A referência explícita ao parlamentarismo, no texto, ocorre:

a) somente no primeiro parágrafo “
b) nos dois primeiros parágrafos
c) somente no último parágrafo
d) nos dois últimos parágrafos

509)”(...) atos previamente capitulados como crime” (/. 9); o adjetivo sublinhado corresponde a:

a) acatados
b) condenados
c) lastreados
d) enumerados

510) O primeiro parágrafo do texto revela que a alusão à máxima “mais vale, no governo, a instabilidade que a irresponsabilidade” se deve a:

a) uma crítica de Rui Barbosa
b) um estudioso das Constituições
c) autores de origem anglo-saxônica
d) alguns críticos do presidencialismo

TEXTO LXXII

ASSISTENTE TÉCNICO DE PLENÁRIO - TCT/RJ
TEXTO 2
TRABALHO E AVENTURA

Nas formas de vida coletiva podem assinalar-se dois princípios que se combatem e regulam diversamente as atividades dos homens.

Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. Já nas sociedades rudimentares manifestam-se eles, segundo sua predominância, na distinção fundamental entre os povos caçadores ou coletores e os povos lavradores. Para uns, o objeto final, a mira de todo esforço, o ponto de chegada assume relevância tão capital, que chega a dispensar, por secundários, quase supérfluos, todos os processos intermediários. Seu ideal será colher o fruto sem plantar a árvore.

Esse tipo humano ignora as fronteiras. No mundo tudo se apresenta a ele em generosa amplitude e, onde quer que se erija um obstáculo a seus propósitos ambiciosos, sabe transformar esse obstáculo em trampolim. Vive dos espaços ilimitados, dos projetos vastos, dos horizontes distantes.

O trabalhador, ao contrário, é aquele que enxerga primeiro a dificuldade a vencer, não o triunfo a alcançar. O esforço lento, pouco compensador e persistente, que, no entanto, mede todas as possibilidades de esperdício e sabe tirar o máximo proveito do insignificante, tem sentido bem nítido para ele. Seu campo visual é naturalmente restrito. A parte maior do que o todo.

Existe uma ética do trabalho, como existe uma ética da aventura. O indivíduo do tipo trabalhador só atribuirá valor moral positivo às ações que sente ânimo de praticar e, inversamente, terá por imorais e detestáveis as qualidades próprias do aventureiro - audácia, imprevidência, irresponsabilidade, instabilidade, vagabundagem - tudo, enfim, quanto se relacione com a concepção espaçosa do mundo, característica desse tipo.

Por outro lado, as energias e esforços que se dirigem a uma recompensa imediata são enaltecidos pelos aventureiros; as energias que visam à estabilidade, à paz, à segurança pessoal e os esforços sem perspectiva de rápido proveito material passam, ao contrário, por viciosos e desprezíveis para eles. Nada lhes parece mais estúpido e mesquinho do que o ideal do trabalhador.

(HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1978, p. 13)

511) A respeito dos povos caçadores e dos povos lavradores, pode-se afirmar que:

a) os caçadores esforçam-se mais do que os lavradores.
b) os lavradores têm vida mais dura que os caçadores.
c) lavradores e caçadores, ambos são do mesmo tipo.
d) os caçadores integram o tipo do aventureiro.

512) Das afirmativas feitas abaixo, aquela que está em consonância com o texto 2 é:

a) O trabalhador apresenta desmotivação para o triunfo.
b) A vagabundagem é prova da falta de caráter do aventureiro.
c) O trabalhador desenvolve sua atividade num contexto espacial limitado.
d) A paz, a segurança e a estabilidade são valores absolutamente relevantes para o aventureiro.

513) Levando em conta o perfil traçado pelo texto 2 para os tipos do aventureiro e do trabalhador, pode-se afirmar que os navegantes ibéricos que conquistaram a América encarnam o tipo:

a) trabalhador, pois a expansão marítima visava o aumento de produtividade agrícola para o Velho Mundo.
b) aventureiro, pois tinham absoluto controle da situação em sua empreitada.
c) aventureiro, pois caracterizava-se a busca dos “horizontes distantes”.
d) trabalhador, pois souberam dar desenvolvimento às terras conquistadas.

514) De acordo com o texto 2, só não se pode afirmar que:

a) a audácia e a imprevidência caracterizam o aventureiro.
b) a concepção espaçosa do mundo é típica do aventureiro.
c) os lavradores só existiram nas sociedades rudimentares.
d) o trabalhador não é afeito aos constantes deslocamentos e ao proveito material imediato.

515) “Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador.” Em cada alternativa abaixo, redigiu-se uma frase em continuação a esse trecho do texto 2. A alternativa cuja redação não está de acordo com o significado do texto é:

a) Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. Se tem aquele visão espaçosa do mundo, esse caracteriza-se pelo campo visual restrito.
b) Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. Deste lado, o objeto final *é* o fator relevante; daquele, apenas fruto do esforço pessoal.
c) Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. Enquanto uns empenham-se nos projetos vastos, outros tiram o máximo proveito do insignificante.
d) Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. Se é cabível afirmar que, quanto ao primeiro, o ânimo é de romper barreiras, quanto ao segundo há que registrar-se a previdência e a responsabilidade.

516) Ao afirmar que “existe uma ética do trabalho, como existe uma ética da aventura”, o autor do texto 2 pretende afirmar que:

a) ambos, aventureiro e trabalhador, integram-se numa comunhão ética.
b) tanto na aventura quanto no trabalho erigem-se princípios e normas de conduta.
c) o que o trabalhador mais valoriza vai ao encontro do que o aventureiro preconiza.
d) os princípios éticos do trabalho estão em consonância com as normas de comportamento do aventureiro.

TEXTO LXXIII

ADMINISTRAÇÃO - IBGE
UM ARRISCADO ESPORTE NACIONAL

Os leigos sempre se medicaram por conta própria, já que de médico e louco todos temos um pouco, mas esse problema jamais adquiriu contornos tão preocupantes no Brasil como atualmente.

Qualquer farmácia conta hoje com um arsenal de armas de guerra para combater doenças de fazer inveja à própria indústria de material bélico nacional. Cerca de 40% das vendas realizadas pelas farmácias nas metrópoles brasileiras destinam-se a pessoas que se automedicam. A indústria farmacêutica de menor porte e importância retira 80% de seu faturamento da venda “livre” de seus produtos, isto é, das vendas realizadas sem receita médica.

Diante desse quadro, o médico tem o dever de alertar a população para os perigos ocultos em cada remédio, sem que necessariamente faça junto com essas advertências uma sugestão para que os entusiastas da automedicação passem a gastar mais em consultas médicas. Acredito que a maioria das pessoas se automedica por sugestão de amigos, leitura, fascinação pelo mundo maravilhoso das drogas “novas” ou simplesmente para tentar manter a juventude. Qualquer que seja a causa, os resultados podem ser danosos.

É comum, por exemplo, que um simples resfriado ou uma gripe banal leve um brasileiro a ingerir doses insuficientes ou inadequadas de antibióticos fortíssimos, reservados para infecções graves e com indicação precisa. Quem age assim está ensinando bactérias a se tornarem resistentes a antibióticos. Um dia, quando realmente precisar de remédio, este não funcionará. E quem não conhece aquele tipo de gripado que chega a uma farmácia e pede ao rapaz do balcão que lhe aplique uma “bomba” na veia, para cortar a gripe pela raiz? Com isso, poderá receber na corrente sangüínea soluções de glicose, cálcio, vitamina C, produtos aromáticos tudo sem saber dos riscos que corre pela entrada súbita destes produtos na sua circulação.

(Dr. Geraldo Medeiros -Veja - 1995)

517) Sobre o título dado ao texto - ***um arriscado esporte nacional*** **-, a única afirmação correta é:**

a) mostra que a automedicação é tratada como um esporte sem riscos.
b) indica quais são os riscos enfrentados por aqueles que se automedicam.
c) denuncia que a atividade esportiva favorece a automedicação;
d) condena a pouca seriedade daqueles que consomem remédio por conta própria.
e) assinala que o principal motivo da automedicação é a tentativa de manter-se a juventude.

518) ***Os leigos sempre se medicaram por conta própria,...*** **Esta frase inicial do texto só NÃO eqüivale semanticamente a:**

a) Os leigos, por conta própria, sempre se medicaram.
b) Por conta própria os leigos sempre se medicaram.
c) Os leigos se medicaram sempre por conta própria
d) Sempre se medicaram os leigos por conta própria.
e) Sempre os leigos, por conta própria, se medicaram.

519) O motivo que levou o Dr. Geraldo Medeiros a abordar o tema da automedicação, segundo o que declara no primeiro parágrafo do texto, foi:

a) a tradição que sempre tiveram os brasileiros de automedicar-se.
b) os lucros imensos obtidos pela indústria farmacêutica com a venda “livre” de remédios.
c) a maior gravidade atingida hoje pelo hábito brasileiro da automedicação.
d) a preocupação com o elevado número de óbitos decorrente da automedicação.
e) aumentar o lucro dos médicos, incentivando as consultas.

520) Um grupo de vocábulos do texto possui componentes sublinhados cuja significação é indicada a seguir; o único item em que essa indicação está ERRADA é:

a) *bélico* - guerra
b) *metrópoles* - cidade
c) *antibióticos* - vida
d) *glicose* - açúcar
e) *cálcio* - osso

521) O item em que o segmento sublinhado tem forma equivalente corretamente indicada é:

a) *...já que de médico e louco todos temos um pouco.* - uma vez que
b) *...vendas realizadas pelas farmácias...* - entre as
c) *...sem que necessariamente faça junto com essas advertências... embora*
d) *...para que os entusiastas da automedicação...* - afim
e) *Quem age assim está ensinando bactérias...* - mal

522) Palavra que NÃO pertence ao mesmo campo semântico das demais é:

a) arsenal
b) armas
c) guerra
d) combater
e) inveja

523)Ao indicar as prováveis razões pelas quais os brasileiros se automedicam, o Dr. Geraldo Medeiros utiliza um argumento baseado em opinião e não numa certeza; o segmento que comprova essa afirmação é:

a) *É comum... (l.* 19)
b) *Acredito...* (/. 15)
c) *...por exemplo...* (/. 19)
d) *Com isso...* (/. 26)
e) *Qualquer que...* (/. 17)

524) *A indústria farmacêutica de menor porte e importância retira 80% de seu faturamento da venda "livre" de seus produtos, isto é, das vendas realizadas sem receita médica.* (/. 08-10). A expressão *isto é,* neste fragmento do texto, inicia uma:

a) retificação
b) explicação
c) comparação
d) conclusão
e) dúvida

525) A palavra que melhor define o objetivo central deste texto é:

a) publicidade
b) advertência
c) conselho .
d) elogio
e) repressão

***526)...sem que necessariamente faça junto com essas advertências uma sugestão para que os entusiastas da automedicação passem a gastar mais em consultas médicas,* (/. 12-15); este comentário do autor do texto se faz necessário por razões:**

a) éticas
b) legais
c) religiosas
d) econômicas
e) políticas

TEXTO LXXIV

UFRJ
O HOMEM E A GALINHA

Era uma vez um homem que tinha uma galinha. Era uma galinha como as outras. Um dia a galinha botou um ovo de ouro. O homem ficou contente. Chamou a mulher:
- Olha o ovo que a galinha botou.
A mulher ficou contente:
- Vamos ficar ricos!
E a mulher começou a tratar bem da galinha. Todos os dias a mulher dava mingau para a galinha. Dava pão-de-ló, dava até sorvete. E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro. Vai que o marido disse:
- Pra que esse luxo com a galinha? Nunca vi galinha comer pão-de-ló... Muito menos tomar sorvete!
- É, mas esta é diferente! Ela bota ovos de ouro!
O marido não quis conversa:
- Acaba com isso mulher. Galinha come é farelo.
Aí a mulher disse:
- E se ela não botar mais ovos de ouro?
- Bota sim - o marido respondeu.
A mulher todos os dias dava farelo à galinha. E a galinha botava um ovo de ouro. Vai que o marido disse:
- Farelo está muito caro, mulher, um dinheirão! A galinha pode muito bem comer milho.
- E se ela não botar mais ovos de ouro?
- Bota sim - o marido respondeu.
Aí a mulher começou a dar milho pra galinha. E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro. Vai que o marido disse:
- Pra que esse luxo de dar milho pra galinha? Ela que procure o de-comer no quintal!
- E se ela não botar mais ovos de ouro? - a mulher perguntou.
- Bota sim - o marido falou.
E a mulher soltou a galinha no quintal. Ela catava sozinha a comida dela. Todos os dias a galinha botava um ovo de ouro. Uma dia a galinha encontrou o portão aberto. Foi embora e não voltou mais.
Dizem, eu não sei, que ela agora está numa boa casa onde tratam dela a pão-de-ló.

(Ruth Rocha)

527) O texto recebe o título de O *homem e a galinha.* Por que a história recebe esse título?

a) Porque eles são os personagens principais da história narrada.

b) Porque eles representam, respectivamente, o bem e o mal na história.
c) Porque são os narradores da história.
d) Porque ambos são personagens famosos de outras histórias.
e) Porque representam a oposição homem-animal.

528) Qual das afirmativas a seguir não é correta em relação ao homem da fábula?

a) É um personagem preocupado com o corte de gastos.
b) Mostra ingratidão em relação à galinha.
c) Demonstra não ouvir as opiniões dos outros.
d) Identifica-se como autoritário em relação à mulher
e) Revela sua maldade nos maus-tratos em relação à galinha.

529) Qual das características a seguir pode ser atribuída à galinha?

a) avareza
b) conformismo
c) ingratidão
d) revolta
e) hipocrisia

530) Era uma vez um homem que tinha uma galinha. De que outro modo poderia ser dita a frase destacada?

a) Era uma vez uma galinha, que vivia com um homem.
b) Era uma vez um homem criador de galinhas.
c) Era uma vez um proprietário de uma galinha.
d) Era uma vez uma galinha que tinha uma propriedade.
e) Certa vez um homem criava uma galinha.

531) Era uma vez é uma expressão que indica tempo:

a) bem localizado
b) determinado
c) preciso
d) indefinido
e) bem antigo

532) A segunda frase do texto diz ao leitor que a galinha era uma galinha como as outras. Qual o significado dessa frase?

a) A frase tenta enganar o leitor, dizendo algo que não é verdadeiro.
b) A frase mostra que era normal que as galinhas botassem ovos de ouro.
c) A frase indica que ela ainda não havia colocado ovos de ouro.
d) A frase mostra que essa história é de conteúdo fantástico.
e) A frase demonstra que o narrador nada conhecia de galinha.

533) O que faz a galinha ser diferente das demais?

a) Botar ovos todos os dias independentemente do que cofnia.
b) Oferecer diariamente ovos a seu patrão avarento.
c) Pôr ovos de ouro antes da época própria.
d) Botar ovos de ouro a partir de um dia determinado.
e) Ser bondosa, apesar de sofrer injustiças.

534) O homem ficou contente. O conteúdo dessa frase indica um (a):

a) causa
b) modo
c) explicação
d) conseqüência
e) comparação

535) A presença de travessões no texto indica:

a) a admiração da mulher
b) a surpresa do homem
c) a fala dos personagens
d) a autoridade do homem
e) a fala do narrador da história

536) Que elementos demonstram que a galinha passou a receber um bom tratamento, após botar o primeiro ovo de ouro?

a) pão-de-ló / mingau / sorvete
b) milho / farelo / sorvete
c) mingau / sorvete / milho
d) sorvete / farelo / pão-de-ló
e) farelo / mingau / sorvete

537) Dizem, eu não sei... Quem é o responsável por essas palavras?

a) o homem
b) a galinha
c) o narrador
d) a mulher
e) o ovo

TEXTO LXXV

ANALISTA JUDICIÁRIO - TRE
OS COITADINHOS

SÃO PAULO - Anestesiada e derrotada, a sociedade nem está percebendo a enorme inversão de valores em curso. Parece aceitar como normal que um grupo de criminosos estenda faixas pela cidade e nelas fale de paz.

Que paz? Não foram esses mesmos adoráveis senhores que decapitaram ou mandaram decapitar seus próprios companheiros de comunidade durante as recentes rebeliões?

A sociedade ouve em silêncio o juiz titular da Vara de Execuções Penais, Otávio Augusto Barros Filho, dizer que não vai resolver nada a transferência e isolamento dos líderes do PCC (Primeiro Comando da Capital ou Partido do Crime).

Digamos que não resolva. Qual é a alternativa oferecida pelo juiz? Libertá-los todos? Devolvê-los aos presídios dos quais gerenciam livremente seus negócios e determinam quem deve viver e quem deve morrer?

Vamos, por um momento que seja, cair na real: os presos, por mais hediondos que tenham sido seus crimes, merecem, sim, tratamento digno e humano. Mas não merecem um micrograma que seja de privilégios, entre eles o de determinar onde cada um deles fica preso.

Há um coro, embora surdo, que tenta retratar criminosos como coitadinhos, vítimas do sistema. Calma lá. Coitadinhos e vítimas do sistema, aqui, são os milhões de brasileiros que sobrevivem com salários obscenamente baixos (ou sem salário algum) e, não obstante, mantêm-se teimosamente honestos.

Coitadinhos e vítimas de um sistema ineficiente, aqui, são os parentes dos abatidos pela violência, condenados à prisão perpétua que é a dor pela perda de alguém querido, ao passo que o criminoso não fica mais que 30 anos na cadeia.

Parafraseando Millôr Fernandes: ou restaure-se a dignidade para todos, principalmente para os coitadinhos de verdade, ou nos rendamos de uma vez à Crime Incorporation.

(Clóvis Rossi - *Folha de São Paulo*, 25/02/01)

538) O texto foi elaborado a propósito das rebeliões de presos nas prisões paulistas no mês de fevereiro de 2002; a melhor explicação para a escolha do título os *coitadinhos* é:

a) a referência ambígua aos presos e às pessoas que sofrem pela ineficiência do sistema
b) a alusão às pessoas vítimas de salários baixos e teimosamente honestas
c) a existência de presos que, por orquestração surda, são tidos como vítimas do sistema
d) o fato de algumas pessoas padecerem eternamente pela perda de entes queridos
e) a referência aos presos que sofrem maus-tratos nas prisões brasileiras

539) No início do texto, o jornalista fala de uma sociedade "anestesiada e derrotada"; o segmento do texto que melhor demonstra a derrota de nossa sociedade é:

a) "Há um coro, embora surdo, que tenta retratar criminosos como coitadinhos, vítimas do sistema."
b) "A sociedade ouve em silêncio o juiz titular da Vara de Execuções Penais, Otávio Augusto Barros Filho, dizer que não vai resolver nada a transferência e isolamento dos líderes..."
c) "...os presos, por mais hediondos que tenham sido seus crimes, merecem, sim, tratamento digno e humano."
d) "Mas não merecem um micrograma que seja de privilégios, entre eles o de determinar onde cada um deles fica preso."
e) "Coitadinhos e vítimas de um sistema ineficiente, aqui, são os parentes dos abatidos pela violência..."

540) "Parafraseando Millôr Fernandes: ou restaure-se a dignidade para todos, principalmente para os coitadinhos de verdade, ou nos rendamos de uma vez à Crime Incorporation"; o comentário correto a respeito deste último parágrafo do texto é:

a) Uma paráfrase corresponde ao desenvolvimento das idéias de alguém, modificando-se levemente as idéias originais.
b) Com o pronome *todos* o texto quer referir-se àqueles que, de fato, sofrem de verdade: os de baixos salário, os desempregados e os que perderam entes queridos.
c) A segunda ocorrência da conjunção *ou*, neste segmento, tem valor de adição.
d) O fato de a organização criminosa receber nome inglês é de cunho irônico.
e) Para Millôr Fernandes, segundo o que foi parafraseado no texto, a dignidade deve ser restaurada somente para os coitadinhos de verdade.

541) "...merecem, sim, tratamento digno e humano."; o uso do vocábulo *sim* significa que:

a) se trata de uma verdade universalmente aceita.
b) o jornalista quer confirmar o que dizem os presos.
c) o artigo escrito apresenta certo tom irônico.
d) o jornalista afirma algo que pode receber opiniões opostas.
e) nem todos os presos são bem tratados nas prisões brasileiras.

542) "Digamos que não resolva."; em termos argumentativos, o segmento anterior indica:

a) uma hipótese sobre fato futuro sobre a qual o texto contraargumenta.
b) uma inferência segura sobre fatos previsíveis que o jornalista condena.
c) um argumento do juiz, condenado provisoriamente pelo jornalista.
d) um argumento com o qual o jornalista pretende dar razão ao juiz.

e) um pensamento negativista e comum entre os membros de uma sociedade derrotada.

543) “Não foram esses mesmos adoráveis senhores...”; neste segmento ocorre um exemplo de uma figura denominada;

a) metáfora
b) metonímia
c) ironia
d) eufemismo
e) hipérbole

544) “...os presos, por mais hediondos que tenham sido seus crimes, merecem, sim, tratamento digno e humano. Mas não merecem um micrograma que seja de privilégios, entre eles o de determinar onde cada um deles fica preso.”; nesse segmento do texto há uma série de vocábulos que se referem a elementos anteriores. O item em que a correspondência entre os dois NÃO está perfeita é:

a) “...por mais hediondos QUE tenham sido...” - seus crimes
b) “...entre ELES...” - privilégios
c) “...O de determinar...” - privilégio
d) “...um micrograma QUE seja...” - micrograma
e) “...o de determinar onde cada um DELES...” - presos

TEXTO LXXVI

ENFERMAGEM - TRE
QUESTÃO SOCIAL

Apesar da urgência da organização da sociedade para exigir segurança de fato das autoridades, a redução da violência exige mudança profunda no enfoque da administração dos problemas sociais pelos governos federal, estadual e municipal.

Uma pesquisa desenvolvida pela Fundação Getúlio Vargas, no ano passado, pelo pesquisador Ib Teixeira, constatou que a violência no país nos últimos dez anos matou 350 mil pessoas no período, mais do que as guerras do Timor Leste e de Kosovo juntas, e em menos tempo.

O custo dessa violência, segundo o BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento), é de US$ 84 bilhões ao ano, ou 10,5% do PIB (Produto Interno Bruto).

Em São Paulo, cujo PIB nominal foi de US$ 241,58 bilhões em 1997, os custos da violência levantados em 1998 representam cerca de 3% do PIB, segundo dados da tese do sociólogo Rogério Sérgio de Lima.

(Folha de São Paulo, 25/02/01)

545) Segundo o texto, a redução da violência:

a) depende tão-somente da mudança profunda no enfoque administrativo governamental.
b) é de grande importância para o progresso econômico.
c) exige organização social e mudanças governamentais.
d) derivará exclusivamente da cobrança feita às autoridades.
e) é de extrema importância no momento econômico do país.

546) “Apesar da urgência da organização...”; nesse segmento do texto, a locução *apesar* de pode ser perfeitamente substituída por:

a) não obstante
b) entretanto
c) visto que
d) já que
e) após

547) Os argumentos em que se apoia o artigo do jornal para mostrar a necessidade da redução da violência são de cunho:

a) social e religioso
b) educativo e econômico
c) social e econômico
d) religioso e educativo

e) moral e social

548) O fato de as siglas presentes no texto estarem “traduzidas” entre parênteses mostra que:

a) é regra de clareza que todas as siglas sejam explicitadas para o leitor.
b) algumas siglas do texto, segundo o seu redator, necessitam de “tradução”.
c) os leitores de jornais pertencem à classe popular, menos informada.
d) o Brasil é país de muitas siglas.
e) o texto informativo “traduz” todas as siglas nele incluídas.

549) “...constatou que a violência no país nos últimos dez anos matou 350 mil pessoas no período, mais do que as guerras do Timor Leste e de Kosovo juntas, e em menos tempo.”; segundo o texto, o segmento *e em menos tempo:*

a) indica que as guerras citadas levaram menos de dez anos.
b) contraria a argumentação básica do texto.
c) mostra a intensidade exagerada da violência no país.
d) demonstra que as guerras modernas são rápidas e extremamente cruéis.
e) é uma informação dispensável à argumentação do texto.

550) Segundo o texto, em São Paulo:

a) a violência ultrapassa a média estatística nacional de custos em relação ao PIB.
b) é sensivelmente menor o número de atos de violência, comparado com outros estados brasileiros.
c) a violência é a mais intensa entre os estados desenvolvidos.
d) a violência apresenta sinais de crescimento contínuo.
e) a violência colabora para que nossos índices, nessa área, sejam altos.

TEXTO LXXVII

EMGEPRON
TEXTO 1
QUE PAÍS...

Dissecando os gastos públicos no Brasil, um economista descobriu barbaridades no Orçamento da União deste ano. Por exemplo: Considerada a despesa geral da Câmara, cada deputado federal custa ao país, diariamente, R$ 3.700. Ou R$ 1,3 milhão por ano.

Entre os senadores, a loucura é ainda maior, pois o custo individual diário pula para R$ 71.900. E o anual, acreditem, para R$ 26 milhões.

Comparados a outras “rubricas”, os números beiram o delírio. É o caso do que a mesma União despende com a saúde de cada brasileiro - apenas R$ 0,36 por dia. E, com a educação, humilhantes R$ 0,20.

(Ricardo Boechat, JB, 6/11/01)

551) Considerando o sentido geral do texto, o adjetivo que substitui de forma INADEQUADA os pontos das reticências do título do texto é:

a) autoritário
b) injusto
c) estranho
d) desigual
e) incoerente

552) O termo “gastos públicos” se refere exclusivamente a:

a) despesas com a educação pública
b) pagamentos governamentais
c) salários da classe política
d) gastos gerais do Governo
e) investimentos no setor oficial

553) A explicação mais plausível para o fato de o economista citado no texto não ter sido identificado é:

a) não ser essa uma informação pertinente.
b) o jornalista não citar suas fontes de informações sigilosas.
c) evitar que o economista sofra represálias.
d) desconhecer o jornalista o nome do informante.
e) não ser o economista uma pessoa de destaque social.

554) O item do texto em que o jornalista NÃO incluiu termo que indique sua opinião sobre o conteúdo veiculado pelo texto é:

a) “...um economista descobriu barbaridades no Orçamento da União...”

b) “Entre os senadores, a loucura é ainda maior...”
c) “E com a educação, humilhantes R$ 0,20.
d) “...os números beiram o delírio.”
e) “...cada deputado federal custa ao país, diariamente, R$ 3.700.”

555) O Orçamento da União é um documento que:

a) esconde a verdade da maioria da população.
b) só *é* consultado nos momentos críticos. _
c) mostra a movimentação financeira do Governo.
d) autoriza os gastos governamentais.
e) traz somente informações sobre as casas do Congresso.

556) Os exemplos citados pelo jornalista:

a) atendem a seu interesse jornalístico.
b) indicam dados pouco precisos e irresponsáveis.
c) acobertam problemas do Governo.
d) mostram que os gastos com a classe política são desnecessários.
e) demonstram que o país não dispõe de recursos suficientes para as despesas.

557) “Considerada a despesa geral da Câmara, cada deputado federal custa ao país, diariamente, R$ 3.700.”; o cálculo para se chegar ao custo diário de cada deputado federal foi feito do seguinte modo:

a) a despesa geral da Câmara foi dividida pelo número de deputados federais.
b) a despesa com os deputados federais foi dividida igualmente por todos eles.
c) os gastos gerais da Casa foram repartidos por todos os funcionários.
d) os gastos da Câmara com os deputados foram divididos pelo seu número total.
e) as despesas gerais da Câmara foram divididas entre os deputados federais.

558) “Comparados a outras ’rubricas’, os números beiram o delírio.”; o comentário correto sobre o significado dos elementos desse segmento do texto é:

a) O termo *rubricas,* escrito entre aspas, tem valor irônico.
b) O *delírio* refere-se aos gastos ínfimos com saúde e educação.
c) As outras *rubricas* referidas no texto são a educação e a saúde.
d) Comparados com a educação, os gastos citados são humilhantes.
e) Os *números* referem-se à grande quantidade de deputados e senadores.

TEXTO LXXVIII

EMGEPRON
TEXTO 2
AS VIRTUDES DA INTROMISSÃO

A imprensa peca mais pela omissão que pela intromissão. Essa máxima muitas vezes é esquecida em meio à investigação, às vezes obsessiva, que as revistas e os jornais brasileiros fazem da vida de políticos e autoridades, tendência que se acentuou muito nos últimos anos. Os **5** órgãos de imprensa correm nesses casos o risco de parecer persecutórios ou de estar patrocinando campanhas gratuitas, movidas por interesses inconfessáveis, contra determinadas figuras públicas. Esta revista marcou sua presença na vida brasileira justamente pela convicção de que esse é um risco que vale a pena correr. É dever da imprensa investigar e divulgar **10** os fatos que cercam a ascensão dos políticos. Mesmo que, às vezes, eles estejam enterrados em pontos remotos de suas biografias. Quando esses fatos passados servem para iluminar a personalidade atual do político ou para desnudar as entranhas da atividade pública, eles precisam ser expostos à sociedade.

(Veja, 7/11/01

559) Entre as "virtudes da intromissão" está:

a) investigar obsessivamente a vida de políticos brasileiros.
b) patrocinar campanhas meritórias.
c) desenterrar pontos remotos das biografias de políticos.
d) explicar a prosperidade atual de políticos e autoridades.
e) arriscar-se a fazer campanhas gratuitas.

560) "A imprensa peca mais pela omissão que pela intromissão"; deduz se desse primeiro período do texto que a imprensa:

a) se intromete mais do que deve.
b) peca pela omissão e pela intromissão.
c) deveria omitir-se mais.
d) se intromete mais do que se omite.
e) não peca quando se intromete.

561) Segundo o texto, a revista VEJA:

a) peca mais pela omissão que pela intromissão.
b) patrocina campanhas gratuitas, desinteressadas.
c) é movida por interesses inconfessáveis.
d) corre o risco consciente de investigar.
e) evitar expor à sociedade fatos escabrosos.

562) O texto 2 tem a finalidade clara de:

a) denunciar os maus políticos.
b) incentivar a denúncia de crimes.
c) promover a própria revista.
d) mostrar a face oculta de muitos políticos.
e) justificar a omissão da revista em alguns casos

TEXTO LXXIX

EMGEPRON
TEXTO 3
CÃO E HOMEM

Se você recolher um cachorro que morre de fome e o tornar próspero, ele não o morderá. É esta aí a diferença principal entre um cão e um homem.

(Mark Twain)

563) O defeito humano criticado pelo autor do texto 3 é:

a) a violência
b) a ingratidão
c) o egoísmo
d) o preconceito
e) a inveja

564) O adjetivo que substitui convenientemente a oração *que morre de fome* é:

a) famigerado
b) moribundo
c) defunto
d) faminto
e) necessitado

565) O conectivo abaixo que apresenta seu valor corretamente indicado é:

a) SE você recolher... - concessão
b) morre DE fome - causa
c) E o tornar próspero - adversidade
d) QUE morre de fome - explicação
e) ENTRE um cão e um homem - distância

566) "...e O tornar próspero, ele não O morderá."; as duas ocorrências do vocábulo em maiúsculas retomam, respectivamente:

a) o cachorro / o cachorro
b) o homem / o homem
c) você / você
d) o cachorro / você
e) você / o cachorro

567) Ao escrever *cão* em lugar de *cachorro* na última parte do texto, o autor:

a) demonstra que se esqueceu do vocábulo que havia usado anteriormente.

b) mostra que quer mostrar diferença de sentido entre os dois vocábulos.
c) economiza espaço gráfico ao preferir um vocábulo menor.
d) prefere *cão* porque este vocábulo tem sentido negativo.
e) procura evitar a repetição de vocábulos idênticos.

568) O verbo *tornar* possui sentido diferente do que aparece no texto em:

a) Os aviões se tornaram armas.
b) Tornar-se rico é o anseio do jovem.
c) Ele se tornou estrangeiro.
d) Nunca mais tornou a falar.
e) Elas se tornaram impacientes.

TEXTO LXXX

PROCURADOR - MP/RS

Todos, brasileiros ou não, somos seres de transição, divididos entre um sonho de paz e a velocidade da corrida que chamamos de sucesso, seja ele feito de abundância de bens que demonstram nosso *status,* de poder ou de notoriedade. Mais radicalmente, ficamos * entre dois desejos. O primeiro seria o desejo de um mundo em que - com a bênção da providência divina, irresistível dispensadora de destinos - saberíamos aceitar nossa condição e, dentro de seus limites, construir alguma felicidade; o segundo seria o desejo de um mundo indefinido, no qual nossa condição poderia ser mudada e melhorada, sendo que, para isso, poderíamos contar só com nossos esforços, sem esperar o bingo da graça divina. Em suma, praticamos duas representações opostas da felicidade: a vida boa e o sucesso.

A vida boa, em princípio, é o ideal de felicidade das sociedades tradicionais e era o ideal da nossa antes da modernidade (embora, como dissemos, continue conosco). Para a vida boa, é necessário satisfazer o essencial e cultivar a arte de fazer uma festa tranqüila, com pouca coisa. A * técnica da vida boa é simples e antiga: precisamos saber nos satisfazer não só realizando nossos desejos, mas também, e sobretudo, conseguindo desejar um pouco menos.

O ideal de sucesso, ao contrário, é um sonho moderno e, a rigor, não tanto uma representação da felicidade quanto o direito (e a obrigação) de correr atrás dela. Para a modernidade, o que conta é a procura que motiva a mobilidade social: ser insatisfeito é ser moderno. A felicidade como condição estável, do ponto de vista moderno, sobra para os primitivos.

Entre esses dois sonhos – o desejo infinito de sucesso que nos empurra e a tranqüilidade da vida boa - oscilamos, como entre cidade e subúrbio, entre vida ativa e aposentadoria, etc.

Pois bem. Em recente pesquisa, os brasileiros (65%), perguntados se se consideravam pessoas felizes, responderam que sim. Como é possível? É que eles entenderam bem a pergunta, que concerne pessoas, e responderam de olho no ideal mais privado de felicidade: o ideal da vida boa.

Os itens mais importantes para a felicidade, conforme a pesquisa, não são os esperados índices do sucesso moderno, mas fé religiosa, cas a própria e saúde. Ou seja, o básico para gozar de prazeres discretos, com a condição de não querer demais. Os itens mais incertos (e modernos), que deixariam a felicidade eternamente em perspectiva (o próprio “sucesso”, por exemplo), acabam como lanterninha. Em suma, os brasileiros são felizes porque - declaram - sabem, segundo o preceito antigo, ser felizes com pouco.

Não só a maioria dos brasileiros se considera feliz, mas eles também consideram que o Brasil é o país onde há mais pessoas felizes.

Essas duas respostas são redundantes Pode, entretanto, parecer contraditória a essas a resposta pergunta: “Você acredita que os brasileiros são felizes?” à qual só 23% responderam sim. Mas a contradição é apenas aparente. Surpreendentemente, os entrevistados parecem fazer a diferença correta entre as pessoas e o grupo social: “os brasileiros” não são a mês ma coisa que “as pessoas” no Brasil. Como corpo político, como coletividade – organizada em uma sociedade moderna e, portanto, tomada pelo jogo da mobilidade social -, os brasileiros se consideram infelizes.

A pesquisa, então, parece confirmar a leitura do país feita por Roberto Da Matta. Dois universos caminham juntos no Brasil (embora não de mãos dadas): uma comunidade tradicional que sobrevive a um país liberal pretensamente avançado. A pesquisa acrescenta que os brasileiros saberiam fazer a diferença: como coletividade, “os brasileiros” são infelizes, mas, no Brasil, “as pessoas” seriam felizes. Da Matta concluiria que os restos do Brasil arcaico fazem nossa identidade e nossa felicidade de vida boa, enquanto a modernidade azucrina nossa existência.

(Adaptado de CALLIGARIS, Contardo. *A vida boa e o país-paraíso. Folha de São Paulo,* 25 de maio de 1997)

*As lacunas pontilhadas existem por causa das questões de crase.

569) Desde o início do texto, o autor explora a temática de uma divisão que, na atualidade, os brasileiros vivenciariam, em relação à questão da felicidade. Os pares abaixo se relacionam com os dois pólos dessa divisão, à exceção de um deles. Assinale-o.

a) aceitação da própria condição / desejo de mudança de sua condição
b) contradição de concepções / coerência de concepções
c) mundo tradicional / mundo moderno
d) satisfação com o essencial / insatisfação constante
e) “os brasileiros” / “as pessoas” no Brasil

570) Em diversas passagens do texto, é possível identificar pressuposições: idéias que, embora não explicitadas, vêm embutidas no uso de diferentes expressões e **formas verbais. Assinale, das afirmações abaixo, a que** não ***é*** **pressuposta por nenhuma passagem do texto.**

a) Nossa sociedade atual é uma sociedade da modernidade.
b) A resposta dos brasileiros de que se consideram pessoas felizes é, em alguma medida, surpreendente.
c) Há contradições aparentes e outras que não o são.
d) Nem sempre pesquisas de opinião têm resultados que coincidem com o ponto de vista de especialistas.
e) O desejo de felicidade moderno está vinculado à conquista de um patamar estável.

571) É freqüente, na organização de um texto, a utilização de palavras e expressões que estabelecem conexões entre seus diversos segmentos. Esse ***é*** **o caso das palavras e expressões abaixo,** à exceção de**:**

a) **em suma** (linha 11)
b) **ao contrário** (linha 20)
c) **em recente pesquisa** (linha 29)
d) **mas** (linha 42)
e) **então** (linha **52)**

572) As palavras dispensadora (linha 06) e conta (linha 22), conforme seu uso no texto, remetem, respectivamente, às idéias de

a) concessão e relevância
b) exclusão e enumeração
c) desobrigação e importância
d) doação e quantificação
e) omissão e conveniência

573) Os pares abaixo contêm um substantivo e um pronome que, possivelmente, o substitui ou o retoma no texto.

• desejo (linha 5) - que (linha 5)
• procura (linha 23) - que (linha 23)
• itens (linha 37) - que (linha 38)
• resposta (linha 45) - à qual (linhas 46)
• comunidade (linha 54) - que (linha 54)

Em quantos dos pares acima a relação está incorreta?

a) em nenhum
b) em um
c) em dois
d) em três
e) em quatro

574) Em certas estruturas sintáticas, uma determinada preposição pode ser substituída por outra preposição simples, sem alteração do significado do contexto em que se encontra. Esse é o caso da preposição que ocorre em

a) sem esperar (linha 10)
b) para a vida boa (linha 15)
c) o ideal de sucesso (linha 20)
d) entre esses dois sonhos (linha 26)
e) com a condição (linha 37)

TEXTO LXXXI

TECNOLOGISTA JÚNIOR I - IBGE
DÍVIDA PÚBLICA CRESCE R$ 101,9 BILHÕES

A alta dos juros e a desvalorização do real em relação ao dólar já elevaram a dívida líquida do setor público de 50,2% do PIB (Produto Interno Bruto) para 51,9%, um aumento de R$ 29,796 bilhões entre março e maio deste ano. Neste mês, a dívida deve superar os 53% do PIB, percentual elevado para o Brasil, que chegou a prometer ao Fundo Monetário Internacional (FMI) a estabilização em 46,5% do PIB.

Para evitar o crescimento explosivo da dívida, devido à farta oferta de títulos atrelados ao câmbio para deter a alta do dólar, o governo será obrigado a fazer um novo aperto fiscal. “Se a dívida crescer muito, o país terá que gerar ganhos fiscais para pagá-la”, afirma Carlos Thadeu de Freitas, ex-diretor do Banco Central.

De qualquer forma, a dívida vai crescer. Mas se ela se estabilizar em torno de 54% do PIB não haverá grandes problemas, afirma o consultor Raul Veloso, especialista no assunto. A dificuldade, segundo ele, será estancar a tendência do crescimento. Isso exigirá “um sacrifício maior” da sociedade para que o governo possa aumentar o superávit primário, o que significa aumentar a arrecadação de impostos e reduzir as despesas.

(Gilson Luiz Euzébio - Jornal do Brasil, 15/07/01)

575) “...o governo será obrigado a fazer um novo aperto fiscal.”; isto significa que o governo será obrigado a:

a) modificar alguns impostos.
b) intensificar a fiscalização.
c) combater a sonegação.
d) arrecadar mais com impostos.
e) reduzir a devolução de impostos.

576) O título do texto (a manchete do jornal) destaca:

a) o aspecto mais favorável ao governo
b) o fator de maior apelo afetivo
c) o elemento mais inesperado do processo
d) o sucesso maior do plano econômico
e) o item de maior interesse público

577) Como texto informativo que *é*, o texto lido:

a) pretende divulgar algo que é do interesse exclusivo do informante.
b) apoia suas informações em dados objetivos e em depoimentos de autoridades.
c) tenta criar suspense e expectativa nervosa nos leitores.
d) tem a intenção de ser claro em assunto que é do domínio comum
e) é de interesse momentâneo e só pertinente à área econômica.

578) O interesse do leitor comum ao ler o texto acima no jornal é:

a) ilustração cultural
b) informação privilegiada
c) atualização de conhecimentos
d) curiosidade mórbida
e) atração pelo pitoresco

579) Só NÃO pode estar entre os interesses do jornal ao publicar a informação contida no texto lido:

a) criar confiabilidade do leitor em relação ao jornal.
b) mostrar a situação difícil em que se encontram as finanças nacionais.
c) combater politicamente o governo atual.
d) criticar implicitamente a política econômica do governo.
e) demonstrar a ineficiência do setor público em comparação com o privado.

580) Ao indicar a tradução da sigla PIB entre parênteses, o autor do texto mostra que:

a) entende pouco do setor econômico no nível internacional.
b) escreve de forma específica para economistas.
c) pretende ser entendido pelo grande público.
d) a sigla é de criação recente e pouco conhecida.
e) tem a intenção clara de mostrar a influência do FMI em nossa economia.

581) Segundo o primeiro parágrafo do texto:

a) o FMI deve tomar medidas punitivas em relação ao Brasil.
b) o Brasil vai mal economicamente por não seguir as normas do FMI.
c) o PIB aumentou progressivamente de 1999 a 2001.
d) a alta de juros e a desvalorização do real aumentaram o PIB.
e) o aumento da dívida pública é visto por maior percentual do PIB.

582) Segmento do texto que NÃO traz, explícita ou implícita, uma ameaça à população é:

a) “...o governo será obrigado a fazer um novo aperto fiscal.”
b) “Se a dívida crescer muito, o país terá que gerar ganhos fiscais para pagá-la,...”
c) “De qualquer forma, a dívida vai crescer.”
d) “...para que o governo possa aumentar o superávit primário,...”

e) “Mas se ela se estabilizar em torno de 54% do PIB não haverá grandes problemas.”

583) O latinismo superávit significa:

a) o lucro obtido com a venda de produtos
b) o aumento da arrecadação de impostos
c) a diferença favorável entre arrecadação e despesas
d) a redução das despesas
e) a diferença entre a alta dos juros e a desvalorização do real

584) “De qualquer forma a dívida vai crescer. Mas se ela se estabilizar em torno de 54% do PIB não haverá grandes problemas.”; esta afirmação do consultor Raul Veloso, reescrita de forma a manter-se o sentido original, é:

a) A dívida vai crescer inevitavelmente, independente de estabilizar-se em torno de 54% do PIB, o que não trará grandes problemas.
b) Não haverá grandes problemas se a dívida se estabilizar em torno de 54% do PIB, mas, inevitavelmente, a dívida vai crescer.
c) Se a dívida crescer até 54% do PIB não haverá grandes problemas, mas seu crescimento é inevitável.
d) Se a dívida vai crescer ininterruptamente, não haverá grandes problemas se houver estabilização dos débitos em torno de 54% do PIB.
e) De qualquer forma a dívida vai crescer embora a estabilização em torno de 54% do PIB traga grandes problemas.

TEXTO LXXXII

AUXILIAR MÉDIO I - MOTORISTA - MP/RJ

O homem contemporâneo não é onívoro como seu antepassado pré-histórico; nem todos os animais e vegetais da região figuram em sua cozinha. Nosso sertanejo, por exemplo, aprecia muito os peixes de água doce e a mandioca, mas não dá o menor valor aos crustáceos e às verduras. Os negros africanos também não valorizam as hortaliças e pouca atenção dão à carne de gado. O homem urbano do Ocidente, por sua vez, não tolera a idéia de mastigar os gafanhotos, as larvas e os besouros que fazem a delícia de tantos povos do Oriente e da África. Os hindus preferem morrer de fome a provar a carne das gordas reses que abundam em seu país. Todos os povos possuem limitações inarredáveis no tocante às coisas que comem.

585) O último período do texto funciona como:

a) explicitação
b) contestação
c) conclusão
d) retificação
e) repetição

586) “O homem contemporâneo não *é* onívoro...”; o segmento sublinhado significa que o homem contemporâneo:

a) não gosta de tudo
b) não come tudo
c) não é igual em todas as partes do mundo
d) não se alimenta bem
e) come muitas coisas inadequadas

587) “O homem contemporâneo não é onívoro como seu antepassado pré-histórico;” esse segmento traz uma ambigüidade que desapareceria se fosse reescrito, mantendo-se o sentido pretendido no texto, da seguinte forma:

a) O homem contemporâneo não é onívoro como era seu antepassado pré-histórico.
b) Como seu antepassado pré-histórico, o homem contemporâneo não é onívoro.
c) O homem contemporâneo, como seu antepassado pré-histórico, não é onívoro.
d) O homem contemporâneo e seu antepassado pré-histórico não são onívoros.
e) O antepassado pré-histórico do homem contemporâneo não é onívoro como ele.

588) ”...nem todos os animais e vegetais da região figuram em sua cozinha.”; esse segmento do texto significa que:

a) o homem contemporâneo desconhece muitos alimentos de sua região.

b) o homem contemporâneo não se alimenta de forma adequada.
c) alguns animais e vegetais não fazem parte do cardápio do homem contemporâneo.
d) as regiões apresentam animais e vegetais distintos.
e) nem todos os homens se alimentam de animais e vegetais.

589) NÃO servem de exemplo que comprovam a tese do texto:

a) os sertanejos brasileiros
b) os negros africanos
c) os homens urbanos do Ocidente
d) os povos do Oriente
e) os hindus

590) Ao designar de *hindus* os nascidos na índia, o autor do texto:

a) preferiu esta designação à de *indianos.*
b) errou, pois *hindu* se aplica somente aos adeptos do hinduísmo.
c) quer referir-se somente a uma parte dos habitantes da índia.
d) designa somente os que adoram a vaca como símbolo religioso.
e) errou, visto que o vocábulo é grafado sem a letra H.

591) "O homem urbano do Ocidente..."; o vocábulo sublinhado se aplica ao homem:

a) civilizado
b) culto
c) não-rural
d) adulto
e) contemporâneo

TEXTO LXXXIII

ARQUIVOLOGISTA - ELETROBRAS
A MISÉRIA É DE TODOS NÓS

Como entender a resistência da miséria no Brasil, uma chaga social que remonta aos primórdios da colonização? No decorrer das últimas décadas, enquanto a miséria se mantinha mais ou menos do mesmo tamanho, todos os indicadores sociais brasileiros melhoraram.

5 Há mais crianças em idade escolar freqüentando aulas atualmente do que em qualquer outro período da nossa história. As taxas de analfabetismo e mortalidade infantil também são as menores desde que se passou a registrá-las nacionalmente. O Brasil figura entre as dez nações de economia mais forte do mundo. No campo diplomático, começa a
10 exercitar seus músculos. Vem firmando uma inconteste liderança política regional na América Latina, ao mesmo tempo que atrai a simpatia do Terceiro Mundo por ter se tornado um forte oponente das injustas políticas de comércio dos países ricos. Apesar de todos esses avanços, a miséria resiste.

15 Embora em algumas de suas ocorrências, especialmente na zona rural, esteja confinada a bolsões invisíveis aos olhos dos brasileiros mais bem posicionados na escala social, a miséria é onipresente. Nas grandes cidades, com aterrorizante freqüência, ela atravessa o fosso social profundo e se manifesta de forma violenta. A mais assustadora dessas
20 manifestações é a criminalidade, que, se não tem na pobreza sua única causa, certamente em razão dela se tornou mais disseminada e cruel.

Explicar a resistência da pobreza extrema entre milhões de habitante não é uma empreitada simples.

(Veja,ed. 1735)

592) O título dado ao texto se justifica porque:

a) a miséria abrange grande parte de nossa população.
b) a miséria é culpa da classe dominante.
c) todos os governantes colaboraram para a miséria comum.
d) a miséria deveria ser preocupação de todos nós.
e) um mal tão intenso atinge indistintamente a todos.

593) A primeira pergunta - "Como entender a resistência da miséria no Brasil, uma chaga social que remonta aos primórdios da colonização?":

a) tem sua resposta dada no último parágrafo.
b) representa o tema central de todo o texto.
c) é só uma motivação para a leitura do texto.
d) é uma pergunta retórica, à qual não cabe resposta.
e) é uma das perguntas do texto que ficam sem resposta.

594) Após a leitura do texto, só NÃO se pode dizer da miséria no Brasil que ela:

a) é culpa dos governos recentes, apesar de seu trabalho produtivo em outras áreas.
b) tem manifestações violentas, como a criminalidade nas grandes cidades.
c) atinge milhões de habitantes, embora alguns deles não apareçam para a classe dominante.
d) é de difícil compreensão, já que sua presença não se coaduna com a de outros indicadores sociais.
e) tem razões históricas e se mantém em níveis estáveis nas últimas décadas.

595) O melhor resumo das sete primeiras linhas do texto é:

a) Entender a miséria no Brasil é impossível, já que todos os outros indicadores sociais melhoraram.
b) Desde os primórdios da colonização a miséria existe no Brasil e se mantém onipresente.
c) A miséria no Brasil tem fundo histórico e foi alimentada por governos incompetentes.
d) Embora os indicadores sociais mostrem progressos em muitas áreas, a miséria ainda atinge uma pequena parte de nosso povo.
e) Todos os indicadores sociais melhoraram exceto o indicador da miséria que leva à criminalidade.

596) As marcas de progresso em nosso país são dadas com apoio na quantidade, exceto:

a) freqüência escolar
b) liderança diplomática
c) mortalidade infantil
d) analfabetismo
e) desempenho econômico

597) “No campo diplomático, começa a exercitar seus músculos.”; com essa frase, o jornalista quer dizer que o Brasil:

a) já está suficientemente forte para começar a exercer sua liderança na América Latina.
b) já mostra que é mais forte que seus países vizinhos.
c) está iniciando seu trabalho diplomático a fim de marcar presença no cenário exterior.
d) pretende mostrar ao mundo e aos países vizinhos que já é suficientemente forte para tornar-se líder.
e) ainda é inexperiente no trato com a política exterior.

598) Segundo o texto, “A miséria *é* onipresente” embora:

a) apareça algumas vezes nas grandes cidades.
b) se manifeste de formas distintas.
c) esteja escondida dos olhos de alguns.
d) seja combatida pelas autoridades.
e) se torne mais disseminada e cruel.

599)”...não é **uma empreitada simples” eqüivale a dizer que é uma empreitada complexa; o item em que essa equivalência *é* feita de forma INCORRETA** é:

a) não é uma preocupação geral = é uma preocupação superficial
b) não é uma pessoa apática = é uma pessoa dinâmica
c) não é uma questão vital = é uma questão desimportante
d) não é um problema universal = é um problema particular
e) não é uma cópia ampliada = é uma cópia reduzida

Texto LXXXIV

ANALISTA DE REGULAÇÃO - ASEP-RJ
TEXTO 2
ENTREVISTA COM MICHAEL SERMER

Repórter: Como o senhor justifica a vantagem do pensamento científico sobre o obscurantismo?
MS - A ciência é o único campo do conhecimento humano com característica progressista. Não digo isso tomando o termo progresso como uma coisa boa, mas sim como um fato. O mesmo não ocorre na arte, por exemplo. Os artistas não melhoram o estilo de seus antecessores, eles simplesmente o mudam. Na religião, padres, rabinos e pastores não pretendem melhorar as pregações de seus mestres. Eles as imitam, interpretam e repetem aos discípulos. Astrólogos, médiuns e místicos não corrigem os erros de seus predecessores, eles os perpetuam. A ciência, não. Tem características de autocorreção que operam como a seleção natural. Para avançar, a ciência se livra dos erros e teorias obsoletas com enorme facilidade. Como a natureza, é capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros para continuar a existir.

(Diretor da ONG contra superstições -Veja, n° 1733)

600) Em termos argumentativos, pode-se dizer que:

a) a argumentação apresentada por MS se apoia em testemunhos de autoridade.
b) a tese apresentada está explícita em "a ciência se livra dos erros e teorias obsoletas com enorme facilidade".
c) o público-alvo a ser convencido é o conjunto de pessoas ligadas, de uma maneira ou outra, ao obscurantismo.
d) os argumentos apresentados na defesa da tese se fundamentam ora na intimidação, ora na persuasão.
e) por ser de caráter científico, a subjetividade do argumentador é completamente desprezada na argumentação.

601) O segmento do texto que se volta para a própria construção do texto é:

a) "Não digo isso tomando o termo progresso como uma coisa boa, mas sim como um fato."
b) "O mesmo não ocorre na arte, por exemplo."
c) "Na religião, padres, rabinos e pastores não pretendem melhorar as pregações de seus mestres."
d) "Para avançar, a ciência se livra dos erros e teorias obsoletas com enorme facilidade."
e) "Como a natureza, é capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros para continuar a existir."

602) *Teorias obsoletas* significa:

a) que caíram em desuso, antiquadas.
b) que foram construídas de forma errada.
c) de cuja origem não se tem conhecimento.
d) que se fundamentam em crendices.
e) que foram estabelecidas há muito tempo.

603) A característica da ciência que a torna superior à religião, à arte e à crendice é:

a) a impossibilidade de errar
b) a mudança contínua
c) a preocupação teórica
d) a permanente autocorreção
e) a ausência de imitação

604) O vocábulo em que o elemento *auto* NÃO tem o mesmo valor semântico presente em *autocorreção é:*

a) autogestão
b) autocrítica
c) autômato
d) autópsia
e) autódromo

605) *Astrólogos, médiuns* e *místicos* trabalham, respectivamente, com:

a) astros, energia cósmica e truques
b) astronomia, forças espirituais e magia
c) astrologia, espíritos desencarnados e falsificações
d) astros, entidades espirituais e esoterismo
e) astrologia, energia pura e comunicação

606) Para valorizar a ciência em face do obscurantismo, os argumentos apresentados atribuem valor a uma ciência em especial, que é a:

a) Sociologia
b) Astronomia
c) Física
d) Biologia
e) Matemática

607) “Como a natureza, é capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros para continuar a existir.”; a forma EQUIVOCADA de reescrever-se esse mesmo segmento é:

a) É capaz, como a natureza, de preservar os ganhos e erradicar os erros para continuar a existir.
b) Como a natureza, para continuar a existir, é capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros.
c) Para continuar a existir, é capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros, como a natureza.
d) É capaz de preservar os ganhos, como a natureza, e erradicar os erros para continuar a existir.
e) É capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros, como a natureza, para continuar a existir.

TEXTO LXXXV

CENSO - IBGE
CHEGOU O FUTURO

Parece mentira que ele tenha chegado. Para quem está hoje na terceira idade, o ano 2000 é como se fosse a chegada do futuro pelo qual se esperou achando que ele chamais chegaria. Parecia inatingível, tão distante era no tempo e na cabeça da gente. Sonhava-se com a data como se sonhava com a ida do homem à Lua ou a Marte, como sinônimo de conquista do impossível.

O passado era embalado por uma promessa que se acreditava que jamais iria se realizar. “Pode esperar sentado”, diziam os mais velhos quando queriam desanimar um jovem, “isto só vai acontecer no ano 2000, no Dia de São Nunca”.

E eis que bem ou mal ele está aí, encerrando de uma só vez a década, o século e o milênio, dando início a uma nova era, não importa que o calendário diga o contrário; miticamente, no imaginário de todo mundo, é assim.

Foi um percurso acidentado, dramático, o deste século, para falar apenas dele e não do milênio. Só de guerras mundiais, envolvendo as grandes potências, ameaçando se espalhar pelo planeta, foram duas, acompanhadas de centenas de conflitos regionalizados, morticínio, holocausto, extermínio em massa. A ciência e a tecnologia desenvolveram e aprimoraram como nunca a arte de destruir - as espécies, inclusive a própria, e o meio ambiente.

A guerra foi o traço mais constante nesse “século da insensatez”. Chegou-se a inventar uma forma moderna e cínica de paz: a Guerra Fria.

Apesar de tudo isso, porém, o ano 2000 chega trazendo também um certo ar de vitória sobre as previsões mais pessimistas: o fato de ter resistido tantas vezes ao apocalipse anunciado demonstra que a vontade de vida da humanidade ainda foi maior do que sua pulsão de morte.

(Zuenir Ventura. *Época.* 3 de janeiro, 2000, com adaptações)

608) O texto informa que, quanto à data de encerramento do século XX, o calendário e o imaginário do povo:

a) divergem
b) convergem
c) combinam
d) complementam-se
e) harmonizam-se

609)”Sonhava-se com a data (...), como sinônimo de conquista do impossível.” (/. 4-6) De acordo com o texto, justifica esse sentimento o (a);

a) clima de euforia reinante em certas datas
b) inexperiência natural dos jovens da primeira metade do século
c) frustração dos contemporâneos do cronista com a proximidade do novo século
d) insegurança das pessoas mais velhas em relação ao seu próprio futuro
e) distância existente entre aquele momento do passado do cronista e o ano 2000

610) Durante o século XX a humanidade foi submetida a duras provas. Esta idéia está configurada no trecho:

a) “...*é* como se fosse a chegada do futuro...” (/. 2)
b) “...isto só vai acontecer no ano 2000, ...” (/. 9)
c) “...bem ou mal ele está aí, ...” (/. 11)
d) “...de uma só vez a década, o século, o milênio...” (/. 11/12)
e) “...percurso acidentado, dramático, ...” (/. 15)

611) O “certo ar de vitória” de que fala o cronista no último parágrafo devese:

a) à insensatez do século
b) à supremacia das emoções sobre a razão
c) ao instinto de sobrevivência do homem
d) ao conformismo diante das dificuldades
e) aos avanços científicos e tecnológicos

612) “Pode esperar sentado”, diziam os mais velhos quando queriam desanimar um jovem, ’isto só vai acontecer no ano 2000, no Dia de São Nunca.’ E eis que bem ou mal ele está aí,” (/. 8-11). No trecho, a conjunção sublinhada só NÃO pode ser substituída por:

a) mas
b) porque
c) porém
d) entretanto
e) no entanto

TEXTO LXXXVI

BIÓLOGO - QUEIMADOS/RJ
O MEDO SOCIAL

No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente, que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto. Dias depois, a mesma senhora reconhece o assaltante na rua. Acelera o carro, atropela-o e mata-o, com a aprovação dos que presenciaram a cena. Verídica ou não, a história é exemplar, ilustra o que é a cultura da violência, a sua nova feição no Brasil.

Ela segue regras próprias. Ao expor as pessoas a constantes ataques à sua integridade física e moral, a violência começa a gerar expectativas, a fornecer padrões de respostas. Episódios truculentos e situações-limite passam a ser imaginados e repetidos com o fim de caucionar a idéia de que só a força resolve conflitos. A violência torna-se um item obrigatório na visão do mundo que nos é transmitida. Cria a convicção tácita de que o crime e a brutalidade são inevitáveis. O problema, então, é entender como chegamos a esse ponto. Como e por que estamos nos familiarizando com a violência, tornando-a nosso cotidiano.

Em primeiro lugar, é preciso que a violência se torne corriqueira para que a lei deixe de ser concebida como o instrumento de escolha na aplicação da justiça. Sua proliferação indiscriminada mostra que as leis perderam o valor normativo e os meios legais de coerção, a força que deveriam ter. Nesse vácuo, indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto, segundo decisões privadas, dissociadas de princípios éticos válidos para todos. O crime é, assim, relativizado em seu valor de infração. Os criminosos agem com consciências felizes. Não se julgam fora da lei ou da moral, pois conduzem-se de acordo com o que estipulam ser o preceito correto. A imoralidade da cultura da violência consiste justamente na disseminação de sistemas morais particularizados e irredutíveis a ideais comuns, condição prévia para que qualquer atitude criminosa possa ser justificada e legítima.

(Jurandir Freire Costa)

613) “No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente...”; a passagem do pretérito imperfeito para o pretérito perfeito marca a mudança de:

a) um texto descritivo para um texto narrativo
b) a fala do narrador para a fala do personagem
c) um tempo passado para um tempo presente
d) um tempo presente para um tempo passado

e) a mudança de narrador

614) A narrativa contida no primeiro parágrafo tem a função textual de:

a) exemplificar algo que vai ser explicitado depois,
b justificar a reação social contra a violência.
c) despertar a atenção do leitor para o problema da violência.
d) mostrar a violência nas grandes cidades.
e) relatar algo que vai justificar uma reação social.

615) Idéia *não* contida no texto é:

a) a violência cria regras próprias.
b) os criminosos agem segundo regras particulares;
c) a violência aparece socialmente justificada.
d) a violência aparece como algo inevitável.
e) a violência requer uma ação governamental eficiente.

616) Segundo o texto, para que a lei deixe de ser o remédio contra a violência é necessário:

a) que as leis se tornem obsoletas.
b) que os governos descuidem dos problemas.
c) que a violência se banalize.
d) que os marginais se tornem mais audaciosos.
e) que a violência crie regras próprias.

617) "Nesse vácuo, indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto..."; o comentário correto sobre esse segmento do texto é:

a) O vácuo referido é o espaço vago deixado pela ação governamental.
b) Indivíduos e grupos passam a tomar a lei em suas mãos.
c) A justiça acaba sendo determinada pelos marginais.
d) A injustiça acaba por elaborar as leis.
e) Passa a vigorar a lei do mais esperto.

618) "A imoralidade da cultura da violência consiste justamente na disseminação de sistemas morais particularizados e irredutíveis a ideais comuns..."; isso significa que:

a) na cultura da violência todos os marginais pensam de forma semelhante.
b) a imoralidade da cultura da violência se localiza em pequenos grupos.
c) na cultura da violência todos saem perdendo.
d) na cultura da violência, os ideais comuns inexistem.
e) a violência dissemina ideais comuns irredutíveis.

619) “O crime *é,* assim, relativizado, em seu valor de infração.”; uma forma de reescrever-se a mesma frase, mas com perda do sentido original, é:

a) O valor de infração do crime é, assim, relativizado.
b) Assim, o crime foi relativizado em seu valor de infração.
c) O crime tem seu valor de infração, assim, relativizado.
d) Assim, o crime é, em seu valor de infração, relativizado.
e) Relativiza-se, assim, o valor de infração do crime.

TEXTO LXXXVII

PROFESSOR II/RIO
HUMANISMOS E ANTI-HUMANISMOS I

Ciência e técnica se têm revelado, na sociedade atual, inadequadas a proporcionar ao homem meios para a sua autêntica realização. Mais ainda: utilizadas como estão, têm conspirado contra a felicidade humana. E a nova geração de intelectuais, cientistas e jovens, nos últimos vinte anos, tem sido porta-voz da frustração, do medo, do protesto contra a invasão da ciência e da técnica.

Enquanto há anos atrás era difícil encontrar um nome de cientista que levantasse dúvida sobre a validez total de seu trabalho, hoje ocorre exatamente o contrário: não se conhece um só nome de grande cientista que acredite incondicionalmente no poder total da ciência e da técnica para resgatar o homem de seus males e torná-lo completamente feliz. Cientistas e pensadores não escondem seu ceticismo e sua preocupação com os resultados da ciência e da técnica.

Acontece que este clima de desconfiança, insatisfação e pavor não se nota só entre os cientistas e sábios; ele está já se alastrando entre o povo e sensibilizou especialmente os jovens, sobretudo os estudantes. O fato de que as manifestações mais clamorosas de seu protesto pertençam ao passado não significa que ele tenha perdido em intensidade e universalidade. Muito pelo contrário: o terror dos anos 70 é filho direto do protesto dos anos 60.

Note-se bem: o protesto, a recusa por parte dos cientistas, dos intelectuais em geral e dos jovens não é propriamente contra a ciência e a técnica em si, mas contra sua valorização exclusiva, contra uma sociedade que pretende construir-se unicamente sobre estas pilastras, sem levar em conta outras exigências e componentes humanos que a ciência e a técnica não podem satisfazer.

(Pedro Dalle Nogare) |

620) Na introdução do texto, o autor declara que a ciência e a técnica se têm revelado inadequadas na realização do homem. Isto porque:

a) elas têm conspirado contra a felicidade humana.
b) nenhum cientista moderno acredita piamente no poder da ciência.
c) os cientistas estão céticos quanto aos resultados da ciência e da técnica.
d) deixam de lado algumas exigências e componentes humanos.
e) atingem não só cientistas e técnicos, mas também os jovens.

621) *“Ciência e técnica se têm revelado...”;* a forma verbal desse segmento do texto mostra uma ação:

a) que se iniciou em passado próximo e terminou no presente.
b) que se repete no passado e se interrompe no presente.
c) repetida com continuidade até o presente em que falamos.

d) completamente passada.
e) que se iniciou no presente com continuidade hipotética no futuro.

622) ***"...não escondem seu ceticismo...":*** **no texto, um sinônimo adequado para o vocábulo sublinhado é:**

a) confiança
b) descrença
c) negativismo
d) cinismo
e) ateísmo

623) ***"Acontece que este clima de desconfiança, insatisfação e pavor não se nota só entre cientistas e sábios;...";*** **após um segmento textual em que está presente a expressão *"não só"*, pode-se prever um segmento seguinte com o valor de:**

a) oposição
b) concessão
c) causa
d) adição
e) comparação

624) ***"...especialmente os jovens, sobretudo os estudantes...";*** **entre os vocábulos "jovens" e "estudantes" estabelece-se, respectivamente, uma relação de:**

a) geral / específico
b) específico / geral
c) formal / informal
d) nacional / regional
e) popular / erudito

625) ***"O fato de que as manifestações mais clamorosas de seu protesto pertençam ao passado não significa que ele tenha perdido em intensidade e universalidade.";*** **em outras palavras, pode-se dizer que:**

a) os protestos estudantis mais clamorosos pertencem ao passado, perdendo em intensidade e universalidade.
b) apesar de os protestos estudantis terem perdido em intensidade e universalidade, eles continuam bastante clamorosos no presente.
c) o fato de os protestos de estudantes não terem perdido em intensidade e universalidade é comprovado pelas manifestações clamorosas do passado.
d) os protestos estudantis não perderam em intensidade e universalidade apesar de suas formas mais clamorosas já pertencerem ao passado.
e) o fato de os movimentos estudantis pertencerem ao passado faz com que os vejamos hoje com a mesma intensidade e universalidade de outrora.

626) ***“o terror dos anos 70 é filho direto do protesto dos anos 60.”;*** **pode-se dizer que entre os elementos citados nesse segmento do texto há uma relação respectiva de:**

a) causa / efeito
b) fato / explicação
c) conseqüência / fato
d) antecedente / conseqüente
e) tempo / espaço

TEXTO LXXXVIII

OFICIAL DE CARTÓRIO POLICIAL - FAEPOL
QUANTO TEMPO DEMORA UM PROCESSO?
(fragmento)

É lugar comum a afirmação de que a Justiça é lenta, de que os processos judiciais demoram excessivamente. Afirma-se isso a todo instante. Os meios de comunicação de massa (imprensa escrita, rádio e televisão) repetem a observação, sem qualquer ressalva, e contribuem para tornar a lentidão judicial uma “verdade”.

Os que assim procedem, certamente justificados por grande número de casos morosos, não sabem que muitos processos têm andamento célere, terminam rapidamente, que, com freqüência, os procedimentos judiciais são, na prática, mais rápidos do que os da esfera administrativa, apesar das garantias de igualdade entre as partes, oportunidades para intervir, e tudo o mais.

Por outro lado, há quem sustente que a grande maioria dos processos acaba razoavelmente depressa, e que somente pequena parte deles é morosa. Alega-se então que, precisamente porque minoria, os processos muito demorados constituem afastamento da regra geral e são curiosidades e, portanto, notícia.

O debate desenvolve-se nesses termos, prevalecendo as vozes que apontam a morosidade judicial como um mal predominante nas coisas da Justiça. Não existem, porém, estudos sérios a respeito. Ninguém procura pesquisar a verdade, a realidade do que efetivamente se passa na tramitação dos processos judiciais, e que constitui, afinal de contas, a maneira pela qual o Direito vive, deduzido pelas partes e proclamado pelos Tribunais. Desse modo, continuam as acusações ao Judiciário, cujo desprestígio é uma conseqüência natural e lógica de tais conceitos correntes.

O que ocorre realmente? Quais as verdadeiras dimensões do problema da afirmada lentidão judicial? É esse um fenômeno geral, dominante, ou setorial, ocorrente apenas em parte, em alguns setores do aparelho judicial, ou em certos tipos de procedimento?

Essas e muitas outras questões podem ser suscitadas a propósito. O que está faltando, entretanto, é a formulação de perguntas certas a aspectos dos fatos relevantes, com a realização de um estudo da realidade, e não apenas do discurso (otimista em parte da doutrina, pessimista nos veículos de comunicação de massa e na voz corrente da população). Ainda não se procurou verificar a realidade, com a utilização dos meios apropriados, com vistas ao efetivo conhecimento a respeito, e com a resultante possibilidade de se planejar, com dados concretos, as medidas destinadas a superar as deficiências existentes.

(Felippe Augusto de Miranda Rosa, desembargador TJ/RJ. *Revista da Emerj*, vol.4, n. 14, p. 163/164)

627) A pergunta que serve de título ao texto:

a) é respondida, alegando-se que a demora é um problema setorial, ocorrente apenas em parte.
b) é respondida, indicando-se que a demora é “uma verdade” criada pela comunicação de massa.
c) é respondida, retrucando-se que a demora, de fato, não existe.
d) é respondida, reconhecendo-se a demora como um problema da Justiça.
e) não é respondida no texto.

628) Dizer que a Justiça é lenta, segundo o texto, é “um lugar comum”; isto significa que:

a) a Justiça *é*, de fato, lenta.
b) a Justiça é considerada lenta pelos meios de comunicação de massa.
c) a afirmativa sobre a lentidão da Justiça é feita de forma irresponsável.
d) a lentidão da Justiça é tema repetitivo.
e) a Justiça é lenta nos casos em que estão envolvidas pessoas comuns.

629) “É lugar comum a afirmação de que a Justiça é lenta, de que os processos judiciais demoram excessivamente.”; a terceira oração desse período funciona, em relação à segunda, como uma:

a) retificação
b) explicitação
c) complementação
d) adição
e) alternativa

630) Segundo o texto, os meios de comunicação de massa:

a) apontam a morosidade judicial como um mal predominante nas coisas da Justiça.
b) já fizeram estudos a respeito da morosidade judicial.
c) colaboram para que a imagem de lentidão na Justiça se acabe.
d) fazem com que uma probabilidade se torne “verdade”.
e) desconhecem que a maioria dos casos judiciais é rapidamente resolvida.

631) A imprensa escrita, rádio e televisão são apontados como meios de comunicação “de massa”, e são assim denominados porque:

a) envolvem grande quantidade de pessoas.
b) trabalham para receptores desconhecidos.
c) mostram a realidade das classes mais populares.
d) não revelam preocupações sociais.
e) não defendem qualquer preconceito social.

632) “...os meios de comunicação de massa (imprensa escrita, rádio e televisão)...”; os termos entre parênteses, neste texto da revista da Escola de Magistratura:

a) mostram a preocupação do autor com a clareza argumentativa.
b) trazem uma explicação necessária, já que se trata de conhecimento novo.
c) classificam os meios de comunicação de massa segundo os sentidos predominantes.
d) esclarecem que o autor se limita a alguns dos meios de comunicação de massa.
e) esclarecem, talvez desnecessariamente, o conteúdo semântico do termo anterior.

633) “...repetem a observação, sem qualquer ressalva, e contribuem para tornar a lentidão judicial uma verdade.”; considerando-se a mensagem do texto, o segmento “sem qualquer ressalva” nos diz, implicitamente, que a “ressalva” deveria conter:

a) informações sobre a causa da lentidão judicial
b) dados que atenuassem a idéia de que a Justiça é lenta
c) indicações das péssimas condições de trabalho da Justiça
d) protestos sobre os baixos salários do Judiciário
e) a confissão de desconhecimento do assunto por parte da imprensa

634) O vocábulo “ressalva” aparece no *Michaelis - Moderno dicionário da língua portuguesa* (Melhoramentos, SP, 1998, p. 1829) com 6 significados, dos quais relacionamos cinco nos itens abaixo; o significado mais adequado à situação desse vocábulo no texto é:

a) nota em que se corrige um erro que passou no texto
b) nota escrita que põe alguém a salvo; documento de garantia
c) exceção, reserva
d) cláusula
e) reparação de erro; errata

635) O fato de usarem-se aspas na palavra *verdade*, ao final do primeiro parágrafo, indica que:

a) a palavra está empregada com valor humorístico.
b) o autor pretende dar ao termo um novo significado.
c) o autor não concorda totalmente que a lentidão judicial seja uma realidade.
d) o texto quer destacar o termo, valorizando o seu sentido original.
e) o vocábulo é empregado com valor pejorativo.

636)”Os que assim procedem, certamente justificados por grande número de casos morosos, não sabem...”; o segmento sublinhado quer dizer, no contexto em que se insere, que:

a) ocorrem muitos casos comprovadores de lentidão judicial, em que se apoiam os que acusam a Justiça por esse defeito.
b) há um grande número de casos complicados na Justiça, o que certamente justifica a demora em sua apreciação.
c) os que defendem a Justiça justificam a demora pelo grande número de casos a apreciar.
d) o grande número de casos leva a que se justifique a demora da Justiça, alegando-se a preocupação com a certeza do julgamento.
e) muitos casos demoram na Justiça muito mais do que o esperado.

637) Segmento do texto que NÃO apresenta um argumento de defesa diante das acusações de lentidão judicial:

a) “os que assim procedem, certamente justificados por grande número de casos morosos,...”
b) “...não sabem que muitos processos têm andamento célere,...”
c) “...terminam rapidamente;”
d) “...que, com freqüência, os procedimentos judiciais são, na prática, mais rápidos do que os da esfera administrativa,...”
e) “...há quem sustente que a grande maioria dos processos acaba razoavelmente depressa;”

638) “...apesar das garantias de igualdade entre as partes, oportunidades para intervir, e tudo o mais.”; dentro da situação do texto, os elementos sublinhados atuam como:

a) causas de maior rapidez para os processos da área administrativa
b) argumentos que justificam a maior rapidez na apreciação dos processos
c) desvantagens no julgamento dos processos da área administrativa
d) elementos que colaboram para a lentidão dos processos judiciais
e) razões que confirmam a rapidez no julgamento dos processos administrativos

639) “Por outro lado, há quem sustente que a grande maioria dos processos acaba razoavelmente depressa;”; a expressão *por outro lado* tem, neste caso, valor de:

a) adição
b) oposição
c) comparação
d) concessão
e) explicação

640) “...precisamente porque minoria, os processos muito demorados constituem afastamento da regra geral, são curiosidades e, portanto, notícia.”; infere-se desse segmento do texto que:

a) quanto mais raro o fato, maior o interesse público por ele.

b) os jornais só se interessam pelos aspectos negativos dos fatos.
c) a lentidão é a regra geral na apreciação dos processos judiciais.
d) os processos julgados de forma rápida são exceção da regra.
e) os processos com curiosidades raras provocam maior interesse dos jornais.

641) As perguntas do quinto parágrafo do texto:

a) representam dúvidas da população em geral sobre o tema abordado no texto.
b) indicam questões que só os advogados experientes podem responder.
c) introduzem novos pensamentos para a reflexão do autor.
d) são questionamentos possíveis e ainda não respondidos.
e) propõem uma nova maneira de encarar o problema discutido no texto.

642) A principal mensagem do autor do texto é:

a) a lentidão judicial é um mal real, mas que pode ser combatido e solucionado, se os meios de comunicação de massa prestarem a sua colaboração.
b) antes de qualquer outra medida, é preciso que se verifique a realidade do problema da lentidão judicial para que só então se tomem as medidas adequadas.
c) a lentidão judicial é vista de dois modos, daí que se torne confusa a situação entre otimistas e pessimistas.
d) as deficiências existentes nos processos judiciais podem ser superadas se os interessados se apoiarem na experiência bem sucedida dos processos administrativos.
e) cabe aos profissionais do Direito defender o seu prestígio, bastante abalado pela visão pessimista, divulgada pela imprensa, sobre a lentidão judicial.

TEXTO LXXXIX

AUXILIAR JUDICIÁRIO DO TALCRIM

DO PÚBLICO E DO PRIVADO

A discussão sobre os limites do domínio público e do domínio privado ocupou um lugar quase inusitado nos debates da atualidade.

Podemos, é claro, atribuir esse interesse à perspectiva, agora frustrada, da revisão da Carta Constitucional, que implicaria a possibilidade de redefinição do papel do Estado e, conseqüentemente, do que se convencionou chamar de sociedade civil. Mas a simples possibilidade de rever a Carta Magna não parece ser um fator decisivo para tornar esse debate tão atual. Talvez seja mais sensato admitir que, nos últimos anos, e isso não somente no Brasil, mas em boa parte das sociedades industrializadas, as fronteiras entre o público e o privado se modificaram de forma radical, transformando os velhos parâmetros, que estabeleciam as obrigações e limites do Estado, em peças arcaicas de uma época que não conhecia as novas relações econômicas, nem as novas formas de organização nas sociedades pós-industriais. Seja como for, podemos situar nosso tema num terreno muito mais vasto do que nossa permanente crise conjuntural, e, por isso mesmo, atribuir-lhe um significado muito maior do que devemos dispensar às eternas confusões de nossas despreparadas classes dirigentes.

(Newton Bignotto, Cadernos da Escola do Legislativo, n° 2, julho. dez. 1994, B. Horizonte, MG, 1994)

643) No título, os vocábulos público e privado se opõem:

a) sintática e semanticamente
b) morfológica e sintaticamente
c) fonética e morfologicamente
d) semanticamente
e) sintaticamente

644) Os vocábulos público e privado tiveram sua classe morfossintática original modificada em função da:

a) presença do artigo definido
b) ausência dos substantivos determinados
c) necessidade de dar-lhes outro valor semântico
d) utilização da presença da preposição de
e) ausência de advérbios determinantes

645) O primeiro período do texto acrescenta em relação ao título uma:

a) retificação do significado dos termos empregados
b) especificação do termo de discussão
c) ampliação do termo de discussão
d) oposição ao textualmente esperado
e) justificativa da escolha temática do texto

646) ***Podemos, é claro, atribuir esse interesse à*** **perspectiva,... A utilização textual do termo sublinhado indica:**

a) a necessidade de explicar algo
b) o reconhecimento de uma evidência
c) a obrigação de referir-se a tema bastante conhecido
d) uma condição de tratamento do tema
e) o objetivo de dar ênfase a determinado termo

647) Em que item a seguir não ocorre uma localização temporal do texto em relação ao momento de sua produção e leitura?

a) ...ocupou um lugar quase inusitado nos debates da atualidade.
b) ...atribuir essa perspectiva, agora frustrada, de revisão da Carta
1 c) ...não parece ser um fator decisivo para tornar esse debate tão atual.
d) Talvez seja mais sensato admitir que, nos últimos anos,...;
e) Seja como for, podemos situar nosso tema num terreno muito mais vasto...

648) ***Podemos, é claro, atribuir esse interesse à perspectiva, agora frustrada, de revisão da Carta Constitucional...*** **Esse argumento textual:**

a) aparece como elemento central da argumentação textual.
b) é simplesmente um argumento que vai ser descartado.
c) mostra a idéia do autor contrária à opinião pública.
d) indica um terreno vasto de nossa crise conjuntural.
e) denuncia os políticos como responsáveis por nossa crise permanente.

649) ***...que implicaria a possibilidade de redefinição do papel do Estado, e, conseqüentemente, do que se convencionou chamar de sociedade civil.*** **O uso de** ***conseqüentemente*** **indica que:**

a) há mais de uma conseqüência da revisão da Carta Magna
b) a redefinição de sociedade civil está ligada à do Estado.
c) sociedade civil e Estado são elementos distintos.
d) a redefinição de sociedade civil implica a redefinição de Estado.
e) a redefinição de Estado cria a sociedade civil.

650) ***Talvez seja mais sensato admitir que, nos últimos anos, e isso não somente no Brasil, mas em boa parte das sociedades industrializadas, as fronteiras entre o público e o privado se modificaram de maneira radical,...*** **Assinale o comentário correto sobre a frase destacada:**

a) o autor apresenta sua opinião de forma peremptória.
b) o texto coloca o Brasil entre as sociedades industrializadas.
c) o autor afirma que há outras opiniões mais sensatas sobre o tema.
d) o texto indica a diferença entre o Brasil e as sociedades industrializadas.
e) no Brasil, as modificações não se processaram de forma radical.

651) ...*transformando os velhos parâmetros*... O termo destacado na frase do texto não tem como significação adequada:

a) regulamentos
b) princípios
c) modelos
d) peças
e) leis

652) As críticas presentes no texto se dirigem claramente:

a) aos jornalistas
b) aos empresários
c) ao povo brasileiro
d) aos dirigentes do país
e) aos intelectuais

TEXTO XC

NÍVEL TÉCNICO - MPU

HISTÓRIA DE BEM-TE-VIS

Com estas florestas de arranha-céus que vão crescendo, muita gente pensa que passarinho é coisa só de jardim zoológico; e outros até acham que seja apenas antigüidade de museu. Certamente, chegaremos lá... mas, por enquanto, ainda existem bairros afortunados, onde haja uma casa, casa que tenha um quintal, quintal que tenha uma árvore. Bom será que essa árvore seja a mangueira: pois nesse vasto palácio verde podem morar muitos passarinhos.

Os velhos cronistas encantaram-se com canindés e araras, tuins e sabiás, maracanãs e “querejuás todos azuis de cor finíssima...”

Nós esquecemos tudo: quando um poeta menciona um pássaro, o leitor pensa que *é* literatura...

Pois há um passarinho chamado bem-te-vi. Creio que está para acabar. E é pena, pois, com esse nome que tem, e que é a sua própria voz, devia estar em todas as repartições públicas (e em muitos outros lugares), numa elegante gaiola, para no momento oportuno anunciar a sua presença. Seria um sobressalto providencial e sob forma tão inocente e agradável que ninguém, decerto, se aborreceria.

Mas o que me leva a crer no desaparecimento do bem-te-vi são as mudanças que começo a observar na sua voz. O ano passado, aqui nas mangueiras dos meus simpáticos vizinhos, apareceu um bem-te-vi caprichoso, muito moderno, que se recusava a articular as três sílabas tradicionais do seu nome. Limitava-se a gritar: “... te vi!... te vi!...” com a maior irreverência gramatical. Como dizem que as últimas gerações andam muito rebeldes e novidadeiras, achei natural que também os passarinhos estivessem contagiados pelo novo estilo humano.

Mas logo a seguir, o mesmo passarinho - o seu filho, ou seu irmão, como posso saber, com a folhagem cerrada da mangueira? animou-se a uma audácia maior. Não quis saber das duas sílabas, e gritava apenas, daqui, dali, invisível e brincalhão: “... Vi! ...vi! ...vi!...” - o que me pareceu ainda mais divertido.

O tempo passou. O bem-te-vi deve ter viajado; talvez seja cosmonauta, talvez tenha voado com o seu time de futebol... Afinal tudo pode acontecer com bem-te-vis tão progressistas, que rompem com o canto da família e mudam os lemas dos seus brasões. Talvez tenha sido atacado por esses crioulos fortes que agora saem do mato de repente e disparam sem razão nenhuma contra o primeiro vivente que encontram. Mas hoje tornei a ouvir um bem-te-vi cantar. E cantava assim: “Bem-bembem-...-te-vi!” Pensei: “É uma nova escola poética que se eleva das mangueiras!...” Depois o passarinho mudou. E fez: “Bem-te-te-te-...-vi!”

Tornei a refletir: “Deve ser pequenino e estuda a sua cartilha...” E o passarinho: “Bem-bem-bem-te-te-te-vi-vi-vi...!”

Os ornitólogos devem saber se isso é caso comum ou raro. Eu jamais tinha ouvido coisa igual. Mas as crianças, que sabem mais do que eu, e vão diretas aos assuntos, ouviram, pensaram, e disseram: “Que engraçado! Um bem-te-vi gago!” Então, talvez seja mesmo só gagueira...

(Cecília Meireles, *Quadrante 2*, Rio de Janeiro, 1963, com adaptações)

653) De acordo com a crônica, assinale a opção incorreta.

a) Os jovens andam contagiados por um novo estilo de vida.
b) Há uma tendência de que as pessoas esqueçam as coisas do passado.
c) Nas grandes cidades, só se vê passarinho no jardim zoológico e nos museus.
d) Os cronistas antigos ficavam admirados com a grande quantidade de pássaros existentes.
e) A autora insinua que o bem-te-vi deveria estar nas repartições públicas como sinal de alerta.

654) Assinale a opção correta.

a) O cenário geral apresentado na crônica é uma pequena cidade do interior.
b) A mangueira é comparada a um “palácio verde” (linha 6) pela sua dimensão e pela cor de sua folhagem; nesse “palácio” podem se abrigar muitos passarinhos.
c) Os funcionários públicos ficariam contrariados, caso aparecesse um bem-te-vi na repartição.
d) A razão que leva a autora a acreditar que o bem-te-vi sumiu é o fato de ele ter parado de cantar na mangueira.
e) Está claro no texto que, na casa da autora, existiam muitas mangueiras.

655) Nos três últimos parágrafos, a autora fala de dois bem-te-vis diferentes. Assinale a opção que corresponde ao sentido contido nesses parágrafos.

a) A autora crê que os ornitólogos não sabem explicar ao certo o que aconteceu com o bem-te-vi.
b) A autora concorda plenamente com as crianças acerca da gagueira do bem-te-vi.
c) A autora tem certeza de que o primeiro bem-te-vi migrou para outra região.
d) O segundo bem-te-vi é experiente e bom cantador.
e) O segundo bem-te-vi modifica seu jeito de cantar.

656) Era “achei natural que também os passarinhos estivessem contagiados pelo novo estilo humano” (linha 24/25), a expressão destacada corresponde semanticamente a:

a) pela modernidade
b) pela tradição
c) pela antigüidade

d) pela mudança
e) pela literatura

657)A locução verbal, formada por um verbo auxiliar e uma forma nominal, expressa os diversos aspectos do desenvolvimento da ação verbal. Assinale a opção em que a locução não corresponde ao aspecto verbal indicado.

a) “Com estas florestas de arranha-céus que **vão crescendo”** (linha 1) / ação progressiva
b) “Creio que **está para acabar”** (linhas 12 e 13) / ação iminente
c) “tudo **pode acontecer”** (linha 32/33) / ação possível
d) “Mas hoje **tornei a ouvir”** (linha 37) / ação iterativa
e) “O bem-te-vi **deve ter viajado”** (linha 31) / ação obrigatória

658) Em “Limitava-se a gritar:’... te vi!... te vi!...’ com a maior irreverência gramatical.” (linha 22/23), a autora refere-se

a) ao uso da linguagem coloquial
b) ao uso indevido da pontuação
c) à colocação do pronome em próclise
d) à colocação do pronome em ênclise
e) à articulação incorreta do bem-te-vi

TEXTO XCI

ATENDENTE JUDICIÁRIO - TALCRIM
HOMEM NO MAR

De minha varanda vejo, entre árvores e telhados, o mar. Não há ninguém na praia, que resplende ao sol. O vento é nordeste, e vai tangendo, aqui e ali, no belo azul das águas, pequenas espumas que marcham alguns segundos e morrem, como bichos alegres e humildes; perto da terra a onda é verde.

Mas percebo um movimento em um ponto do mar; é um homem nadando. Ele nada a uma certa distância da praia, em braçadas pausadas e fortes; nada a favor das águas e do vento, e as pequenas espumas que nascem e somem parecem ir mais depressa do que ele.

Justo: espumas são leves, não são feitas de nada, toda sua substância é água e vento e luz, e o homem tem sua carne, seus ossos, seu coração, todo seu corpo a transportar na água. Ele usa os músculos com uma calma enérgica; avança. Certamente não suspeita de que um desconhecido o vê, e o admira porque ele está nadando na praia deserta. Não sei de onde vem essa admiração, mas encontro nesse homem uma nobreza calma, sinto-me solidário com ele, acompanho o seu esforço solitário como se ele estivesse cumprindo uma velha missão. Já nadou em minha presença uns trezentos metros; antes não sei; duas vezes o perdi de vista, quando ele passou atrás das árvores, mas esperei com toda confiança que reaparecesse sua cabeça, e o movimento alternado de seus braços. Mais uns cinqüenta metros, e o perderei de vista, pois um telhado o esconderá. Que ele nade bem esses 50 ou 60 metros; isto me parece importante; é preciso que conserve a mesma batida de sua braçada, e que eu o veja desaparecer assim como o vi aparecer, no mesmo rumo, no mesmo ritmo, forte, lento, sereno. Será perfeito; a imagem desse homem me faz bem. É apenas a imagem de um homem, e eu não poderia saber sua idade, nem sua cor, nem os traços de sua cara. Estou solidário com ele, e espero que ele esteja comigo. Que ele atinja o telhado vermelho, e então eu poderei sair da varanda tranqüilo, pensando - “vi um homem sozinho, nadando no mar; quando o vi ele já estava nadando; acompanhei-o com atenção durante todo o tempo, e testemunho que ele nadou sempre com firmeza e correção; esperei que ele atingisse um telhado vermelho, e ele o atingiu”.

Agora não sou mais responsável por ele; cumpri o meu dever, e ele cumpriu o seu. Admiro-o. Não consigo saber em que reside, para mim, a grandeza de sua tarefa; ele não estava fazendo nenhum gesto a favor de alguém nem construindo algo de útil; mas certamente fazia uma coisa bela, e a fazia de um modo puro e viril.

Não desço para ir esperá-lo na praia e lhe apertar a mão; mas dou meu silencioso apoio, minha atenção e minha estima a esse desconhecido, a esse nobre animal, a esse homem, a esse correto irmão.

(Rubem Braga)

659) As ondas são várias vezes comparadas a bichos. Na visão do autor, o que as "animaliza" é:

a) a imagem entrecortada por árvores e telhados
b) a distância em que ele se encontra do mar
c) o vento que as empurra para a areia
d) o movimento do homem que nada

660) Para o autor, as ondas são classificadas como humildes porque:

a) são vistas de longe pelo autor.
b) ficam pequenas frente à grandeza do mar.
c) parecem subjugadas pelo vento nordeste.
d) obedecem à ordem para estourar na praia.

661) O autor, durante o texto, se transforma de espectador em químico e juiz. Esta mudança se dá, respectivamente, em:

a) ... "está nadando na praia deserta"... / ... "quando ele passou atrás das árvores"... / ... "a esse homem, a esse correto irmão"
b) ... "nade bem esses 50 ou 60 metros"... /... "a imagem desse homem me faz bem"... / ... "e o perderei de vista"
c) ... "*é* um homem nadando" / "toda sua substância é água e vento **e** luz"... / ... "mas dou meu silencioso apoio"...
d) ... "nada a favor das águas" ... / ... "minha atenção e minha estima" ... / ... "um homem sozinho no mar"

662) "Ele usa os músculos com uma calma enérgica;..." Na afirmação do autor, há uma:

a) contradição, pois o adjetivo anula o sentido do substantivo
b) complementação, feita pelo autor, dele com o nadador
c) coerência de idéias, já que se trata de músculos
d) integração do homem com o mar

663) A admiração do autor pelo homem que nadava não está justificada em:

a) fazia uma coisa esteticamente perfeita.
b) lutava para ser mais forte que o mar.
c) mostrava virilidade em seus gestos.
d) havia grandeza na sua tarefa.

664) "Estou solidário com ele." Segundo seu emprego, no texto, a palavra sublinhada é antônimo de:

a) indolente
b) preocupado

c) atormentado
d) descompromissado

665) A narrativa do texto nos é dada através de uma percepção que é:

a) táctil
b) visual
c) auditiva
d) sensitiva

TEXTO XCII

CONTADOR - TRF 4a REGIÃO

As condições em que vivem os presos, em nossos cárceres superlotados, deveriam assustar todos os que planejam se tornar delinqüentes. Mas a criminalidade só vem aumentando, causando medo e perplexidade na população.

Muitas vozes têm se levantado em favor do endurecimento das penas, da manutenção das penas, da manutenção ou ampliação da Lei dos Crimes Hediondos, da defesa da sociedade contra o crime, enfim, do que se convencionou chamar “doutrina da lei e da ordem”, apostando em tais caminhos como forma de dissuadir novas práticas criminosas.

Geralmente valem-se de argumentos retóricos e emocionais, raramente escorados em dados de realidade ou em estudos que apontem ser esse o melhor caminho a seguir. Embora sedutora e aparentemente sintonizada com o sentimento geral de indignação, tal corrente aponta para o caminho errado, para o retorno ao direito penal vingativo e irracional, tão combatido pelo iluminismo jurídico.

O coro dessas vozes aumenta exatamente quando o governo acaba de encaminhar ao Congresso o anteprojeto do Código Penal, elaborado por renomados juristas, com participação da sociedade organizada, com o objetivo de racionalizar as penas, reservando a privação da liberdade somente aos que cometerem crimes mais graves e, mesmo para esses, tendo sempre em vista mecanismos de reintegração social.

Destaca-se o emprego das penas alternativas, como a prestação de serviços à comunidade, a compensação por danos causados, a restrição de direitos etc.

Contra a idéia de que o bandido é um facínora que optou por atacar a sociedade, prevalece a noção de que são as vergonhosas condições sociais e econômicas do Brasil que geram a criminalidade; enquanto essas não mudarem, não há mágica: os crimes vão continuar aumentando, a despeito do maior rigor nas penas ou da multiplicação de presídios.

(Adaptado de Carlos Weis. “Dos delitos e das penas”. **Folha de São Paulo,** Tendências e debates, 11/11 /2000)

666) O autor do texto mostra-se:

a) identificado com o coro das vozes que se levantam em favor da aplicação de penas mais rigorosas
b) identificado com doutrina que se convencionou chamar “da lei e da ordem”
c) contrário àqueles que encontram nas causas sociais e econômicas a razão maior das práticas criminosas
d) contrário à corrente dos que defendem, entre outras medidas, a ampliação da Lei dos Crimes Hediondos
e) contrário àqueles que defendem o emprego das penas alternativas em substituição à privação da liberdade

667) Considere as seguintes afirmações:

I. Não é mais do que uma simples coincidência o fato de que a intensificação das vozes favoráveis ao endurecimento das penas ocorre simultaneamente ao envio ao Congresso do anteprojeto do Código Penal.

II. A afirmação de que há vozes em favor da manutenção da Lei dos Crimes Hediondos deixa implícito que a vigência futura dessa lei está ameaçada.

III Estabelece-se uma franca oposição entre os que defendem a "doutrina da lei e da ordem" e os que julgam ser o bandido um facínora que age por opção.

Em relação ao texto, está correto SOMENTE o que se afirma em

a) I
b) II
c) III
d) I e II
e) II eIII

668) Está corretamente traduzido o sentido de uma expressão do texto, considerando-se o contexto, em:

a) Embora sedutora e aparentemente sintonizada = Malgrado atrativa e parcialmente sincronizada
b) forma de dissuadir = modo de ratificar
c) tão combatido pelo iluminismo jurídico = de tal modo restringido pelo irracionalismo jurídico
d) a despeito do maior rigor nas penas = em conformidade com o agravamento das punições
e) mecanismos de reintegração social = meios para reinserção na sociedade

669) Por "iluminismo jurídico" deve-se entender a

a) doutrina jurídica que defende o caráter vindicativo da legislação
b) corrente dos juristas que representam a "doutrina da lei e da ordem"
c) tradição jurídica assentada em fundamentos criteriosos e racionalistas
d) doutrina jurídica que se vale de uma argumentação retórica
e) corrente dos juristas que se identificam com o sentimento geral de indignação

TEXTO XCIII

ASSISTENTE ADMINISTRATIVO - FIOCRUZ

AIDS: PAÍS PLANEJA TESE DE VACINA EM MASSA

Já começaram os preparativos para realizar no Brasil testes em larga escala de uma vacina experimental contra a Aids. Com financiamento de US$ 1,8 milhão do Governo americano, o laboratório de pesquisa em Aids do Hospital Clementino Fraga Filho (URFJ) inicia em abril a seleção de mil pessoas para determinar a incidência do HIV em homossexuais e bissexuais de 18 a 35 anos, nos próximos três anos, e avaliar um esquema viável de recrutamento de voluntários para testar uma vacina em milhares de brasileiros.

Recentemente, nos Estados Unidos, uma vacina experimental atingiu as condições exigidas para ser testada em larga escala, mas não havia infra-estrutura para recrutar os cerca de 20 mil voluntários necessários. Com esse projeto, queremos criar essa infra-estrutura no Brasil antes que se desenvolva um produto eficaz - explicou Mauro Schechter, chefe do laboratório.

Os voluntários serão recrutados entre os indivíduos que procuram os Centros de Testagem Anônima (CTA) do Hospital São Francisco de Assis (UFRJ), do Hospital Rocha Maia e de Madureira (a ser inaugurado). Os dois primeiros fazem entre 700 e mil testes de Aids por mês. Em 15% do total, aproximadamente, o resultado é positivo. Todos os indivíduos do grupo estudado que fizerem testes de HIV nos CTAs serão informados sobre o programa e como podem participar.

- Comparando a quantidade de pessoas atendidas nesses centros com o número das que se interessarem em participar de um teste em larga escala, avaliaremos se a população a que se tem acesso é de tamanho suficiente para o teste - disse.

Para determinar a incidência da infecção pelo vírus da Aids na amostra selecionada, serão feitos, a cada seis meses, exames laboratoriais para detectar a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários. Com o mesmo intervalo de tempo, essas pessoas deverão responder a questionários sobre seu comportamento com relação à Aids.

- O objetivo é saber quais são os fatores biológicos e comportamentais que predispõem à infecção - informou Schechter.

Os voluntários terão dois médicos à disposição para esclarecimento de dúvidas sobre Aids e doenças sexualmente transmissíveis. Além disso, poderão participar de oficinas sobre práticas de sexo seguro e receberão preservativos para evitarem a contaminação pelo vírus.

No mês passado, a Fundação Instituto Oswaldo Cruz (Fiocruz) iniciou, em conjunto com a Secretaria de Saúde do Estado de São

Paulo e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), um projeto semelhante de verificação de incidência do HIV em homossexuais e bissexuais entre 18 e 50 anos. Somente no Rio serão acompanhados 500 indivíduos durante um ano.

45 O projeto, que será estendido a mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde (OMS) e pretende fornecer dados estatísticos sobre a propagação da Aids no país. Os resultados ajudarão a calcular em que amostra da população deverão ser realizados os testes e uma vacina anti-HIV em massa.

(O Globo, 15/01 //95, p. 36)

670) O texto só não faz menção ao seguinte assunto:

a) esclarecimentos sobre doenças venéreas
b) estudo sobre o comportamento humano em relação à Aids
c) recrutamento de voluntários para uma vacina experimental
d) verificação da incidência da Aids nos chamados “grupos de risco”
e) o papel da Organização Mundial de Saúde no combate à Aids

671) Dentre as afirmativas abaixo, a que não se encontra no texto é:

a) Já há no Brasil um projeto que visa verificar a incidência do HIV em determinada faixa da população.
b) Os questionários sobre comportamento poderão abrir caminho para uma nova droga contra a Aids.
c) Os testes em larga escala de uma vacina contra a Aids estão condicionados a um esquema eficaz de recrutamento de voluntários.
d) Os Centros de Testagem Anônima informarão aos interessados como poderão participar do teste de uma vacina contra a Aids.
e) A seleção das pessoas para a pesquisa do Hospital Clementino Fraga também servirá para que se avalie a aplicação dos testes de uma vacina em milhares de voluntários.

672) Segundo o texto, o convênio firmado entre a Fundação Oswaldo Cruz, a Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo e a Universidade Federal de Minas Gerais visa atingir o seguinte objetivo:

a) Dar condições às demais instituições brasileiras para aplicar em voluntários os testes de uma vacina experimental contra a Aids.
b) Preparar a infra-estrutura necessária para a aplicação da vacina experimental contra a Aids.
c) Levantar os fatores biológicos e comportamentais que predispõem o homem à infecção.
d) Estender a mulheres e crianças o teste de uma vacina experimental contra a Aids.

e) Verificar a incidência da Aids em um grupo de pessoas com características predeterminadas.

673) Segundo o texto, a distribuição de preservativos tem o seguinte objetivo:

a) Incentivar a prática do sexo seguro.
b) Preservar a contaminação dos voluntários.
c) Evitar a proliferação do vírus nos voluntários.
d) Preparar os voluntários para as oficinas sobre prática do sexo seguro.
e) Resguardar os voluntários de dúvidas quanto às doenças sexualmente transmissíveis.

674) Quanto ao teste a ser aplicado no Brasil, o texto afirma que:

a) sua aplicação está condicionada à criação de oficinas sobre práticas de sexo seguro.
b) serão feitos exames mensais para detectar a presença do HIV no sangue dos voluntários.
c) os voluntários serão escolhidos entre aqueles que procuram os Centros de Testagem Anônima.
d) seu objetivo é elaborar um questionário eficiente para levantar o perfil comportamental dos voluntários.
e) serão convocados dois médicos para esclarecer aos voluntários a melhor maneira de responder ao questionário sobre comportamento sexual.

675) A Organização Mundial de Saúde ofereceu apoio ao projeto de que participa a seguinte instituição:

a) Hospital Rocha Maia
b) Hospital São Francisco de Assis
c) Hospital Clementino Fraga Filho
d) Universidade Federal de Minas Gerais
e) Centro de Testagem Anônima de Madureira

676) Segundo o texto, a vacina experimental norte-americana não foi testada devido ao seguinte fato:

a) Não houve possibilidade de recrutamento dos voluntários necessários.
b) A eficácia da vacina só poderá ser avaliada nos próximos três anos.
c) havia necessidade de se desenvolver um produto mais eficaz antes de levar adiante a experiência.
d) O financiamento de US$ 1,8 milhão foi concedido a uma instituição brasileira, o Hospital Clementino Fraga Filho.
e) Como os testes só poderiam ser aplicados em mais de mil pessoas, não havia infra-estrutura para tal empreendimento.

677) O texto informa que será possível saber se o número de pessoas disponíveis para o teste da vacina experimental é suficiente em função dos seguintes dados:

a) O número de pessoas atendidas nos Centros de Testagem Anônima e o número de pessoas interessadas em um teste de grandes proporções.
b) O percentual de homossexuais e bissexuais que será pesquisado, somado ao número de pessoas interessadas em vacinas experimentais.
c) O número de indivíduos excluídos dos Centros de Testagem Anônima e o percentual de pessoas dispostas a participar de um teste em larga escala.
d) O percentual de indivíduos sadios que procuram os Centros de Testagem Anônima e o número de indivíduos que podem participar de testes em larga escala.
e) O número de pessoas infectadas que procuram os Centros de Testagem Anônima e o percentual de pessoas não-infectadas que se interessam pela pesquisa.

678) O texto informa que uma pesquisa acerca da incidência do HIV, a ser desenvolvida nos próximos três anos, será aplicada em:

a) mulheres e crianças
b) cerca de 20 mil voluntários
c) homossexuais entre 18 e 50 anos
d) homossexuais e bissexuais de 18 a 35 anos
e) voluntários que procuram os Centros de Testagem Anônima

679) O texto vincula a participação da Organização Mundial de Saúde em um projeto desenvolvido por entidades brasileiras na forma de um:

a) auxílio logístico
b) apoio institucional
c) incentivo pecuniário
d) amparo organizacional
e) assessoramento operacional

TEXTO XCIV

ESCRITURÁRIO - BANCO DO BRASIL
TEXTO 1
CONSUMIR NÃO É PECADO
A maneira como o consumo é visto no Brasil explica um bocado de coisas

Muita gente no Brasil vê o consumismo como um gesto um pouco nobre. Atribuem-se à sua lógica coisas como a depauperação dos valores e o acirramento de desigualdades sociais. Essa postura está refletida já em nosso léxico. O verbo “consumir”, segundo o *Aurélio,* significa: “1. Gastar ou corroer até a destruição; devorar, destruir, extinguir [...] 2. Gastar, aniquilar, anular [...] 3. Enfraquecer, abater [...] 4. Desgostar, afligir, modificar [...] 5. Fazer esquecer, apagar [...] 6. Gastar, esgotar [...]”. Os sentidos são negativos; as condições, pejorativas. Não há uma única referência à idéia de comprar ou adquirir. Muito menos uma associação com o ato de satisfazer uma necessidade ou saciar um desejo. Um marciano de boa índole, que tivesse chegado à Terra pelo Brasil e estivesse estudando a humanidade munido da língua portuguesa, certamente anotaria na agenda que “consumir” é uma das coisas ruins que se fazem por aqui. (...)

Por que, enfim, tantas reservas em relação ao consumo?

O primeiro foco de explicação para essa antipatia reside no fato de que nossa economia fechada sempre encurralou os consumidores no país. A falta de um leque efetivo de opções de compra tem deixado os consumidores à mercê dos produtores no Brasil. Não por acaso, os apologistas do consumo entre nós têm sido basicamente aqueles que podem exercer seu inchado poder de compra sem tomar conhecimento das fronteiras nacionais. O resto da população, mantida em situação vulnerável, ignora os benefícios de uma economia baseada no consumo.

Mais do que isso, o entrincheiramento de consumidores no mercado doméstico fez, ao longo dos anos, com que a própria imagem do cliente se deturpasse no país. No capitalismo avançado, a oferta corre atrás da demanda - o vendedor lisonjeia o comprador, trata-o bem, estende à sua frente o tapete vermelho.

No Brasil, ao contrário, os clientes servem às empresas documente. É como se o capital no país, ao produzir e vender, fizesse um favor aos consumidores. Quem tem chiliques para ter seus caprichos, desejos e necessidades atendidos por aqui são os produtores, e não os clientes - um disparate. (...)

Só se pode falar efetivamente em sociedade de consumo se a competição entre os produtores for aberta, aguda e justa. Essa é a alavanca que coloca o consumidor no camarote, no centro e acima da arena econômica. (...)

A segunda explicação para as travas brasileiras em relação ao consumo está no fato de que ele, enquanto acesso a benesses materiais, sempre foi privilégio de poucos no país. Outra vez a estrutura social fendida em dois extremos, que arquitetamos no passado, azucrina nosso presente e atravanca nosso futuro. Com um detalhe: o aparecimento de hábitos de consumo avançados nos últimos anos, na porção abastada da sociedade brasileira, acarretou um aumento das tensões em relação à porção destituída. (...)

Para responder a esse segundo foco de crítica, é necessário perceber que uma sociedade de consumo não funciona se não se fizer extensiva a todos os indivíduos. O acesso ao consumo é um direito individual *sine qua non* em uma economia desenvolvida. (...)

Ao transformar o sertanejo, o peão, o matuto em consumidores, o consumo se revela um método extremamente eficaz para integrar os excluídos e estender a cidadania a todos os brasileiros. Passando ao largo de discursos grandiloqüentes e demagogias ocas, o advento de uma sociedade de consumo no Brasil funcionaria como atalho econômico para a solução de muitas de nossas mazelas. (...)

(Adriano Silva-EXAME-3/12/97, adaptado)

680) Com a alusão às definições do verbo *consumir*, o autor pretende:

a) demonstrar o cuidado com o significado no uso de determinadas palavras.
b) enfatizar a idéia de consumismo como algo prejudicial à sociedade.
c) esclarecer qualquer dúvida que o leitor possa ter quanto à significação do termo.
d) explicar o comportamento preconceituoso de muita gente quanto ao ato de consumir.
e) mostrar a incoerência entre o significado do termo e o comportamento das pessoas.

681) Para o autor, o consumismo se constitui na(o):

a) maneira mais fácil de manipular as massas
b) forma de exacerbar os desníveis sociais
c) estratégia que transforma o consumidor em cidadão
d) estímulo à depauperação de valores
e) hábito característico de países do terceiro mundo

682) O texto aponta como uma das razões para a idéia deturpada de consumidor que há no país:

a) o entrincheiramento de consumidores no mercado doméstico
b) o advento de uma sociedade de consumo
c) a sociedade de consumo extensiva a todos
d) a transformação do sertanejo, do peão e do matuto em consumidores

e) discursos grandiloqüentes e demagogias ocas

683) Segundo o autor, existe uma tensão entre a classe privilegiada e a classe destituída. Essa tensão é causada por:

a) avanço cultural das classes abastadas
b) ignorância da porção destituída da sociedade
c) resistência da sociedade a uma economia desenvolvida
d) desigualdade de condições de acesso aos bens
e) travas brasileiras em relação ao consumo

684) A expressão "Não por acaso" (l. 19), ao iniciar o período, indica:

a) justificativa
b) ênfase
c) indagação
d) concessão
e) finalidade

685) Em "...o vendedor lisonjeia o comprador, trata-o bem, estende à sua frente o tapete vermelho." (l. 27/28); estende o tapete vermelho seria uma comparação dos compradores a:

a) consumidores desatentos
b) apologistas do consumo
c) produtores vulneráveis
d) visitantes ilustres
e) empresários eficientes

686) A atitude dos produtores em relação aos consumidores e o fato de que só parte da sociedade tem a prerrogativa do consumo são apresentados pelo autor como:

a) motivos da demanda da parte vulnerável da população
b) conseqüências de uma apologia ao consumismo
c) explicações para as reservas em relação ao consumo
d) resultados da transformação dos destituídos em cidadãos
e) soluções para o acesso indiscriminado ao consumo

TEXTO XCV

ESCRITURÁRIO - BANCO DO BRASIL
TEXTO II
MODERNIDADE É HUMANIDADE

Pensar qual o processo de desenvolvimento que queremos é um dos pontos fundamentais da Ação pelo Emprego e o Desenvolvimento. Temos uma massa de desempregados de “quarto mundo” enquanto a classe empresarial, ao pensar em emprego, pensa em um mercado para país de “primeiro mundo”. Quando pensamos em emprego pensamos em crescimento, em integração no processo produtivo? O que passa exatamente pela cabeça da sociedade e dos empresários que convivem com a fantástica situação dos países do primeiro mundo que têm um PIB sensacional... e o desemprego igual?

O grande desafio colocado hoje, principalmente para a ciência e a tecnologia, é: como podemos pensar uma sociedade onde haja lugar, espaço e ocupação para todos os seus membros? Um processo capaz de incorporar e não de excluir e marginalizar, até porque não inventamos ainda uma sociedade onde 5% trabalham e 95% vivem de bolsa de estudo, ou de bolsa de consumo. Seria uma forma de distribuir a riqueza, dar “vale cidadania” pra todo mundo. O sujeito iria com o seu vale e teria saúde, educação, bolsa de alimentação. Sem dúvida, um quadro formidável, mas totalmente irreal.

O problema imediato é pensar primeiro o desenvolvimento humano. É essa a grande questão que desafia a ciência e, portanto, as pesquisas e a tecnologia a terem como principal parâmetro a sociedade. Na verdade, estamos diante de uma questão ética. A quem serve nosso conhecimento? A quem serve a economia? Para quem exatamente pensamos o desenvolvimento? Para darmos respostas a estes problemas, fica impossível olhar pelo retrovisor. É preciso pensar o futuro, em como reinventar a sociedade, isto é, as relações culturais e econômicas e as relações de poder. Com essa visão, a ciência e a tecnologia podem perfeitamente questionar o mundo atual e contribuir para criar um novo, porque este, definitivamente, não está dando certo.

O que é importante perceber é que estamos hoje diante da consciência de que o desenvolvimento humano se constitui no grande desafio moderno. Modernidade é humanidade. E essa visão só é possível para quem pensa a sociedade do ponto de vista ético. (...)

Ironias à parte, entendo que, deste ponto de vista, a contribuição das universidade e também do mundo empresarial, apesar de sua visão imediatista e muito ligada ao primeiro mundo, é da maior importância, porque, quando qualquer setor coloca como questão central a estabilização da economia, faz aterrissar no centro de nossa agenda um problema, quando a questão central é: como eliminar, num prazo digno, a miséria, a indigência e a fome? E é para isso que inteligências e vontades têm que se dirigir.

Quando colocamos o emprego como arma contra a miséria, apontamos caminhos e saímos Brasil afora cobrando essa resposta, porque não temos mais tempo. Estamos correndo contra o tempo, contra esta tragédia que se estabeleceu no país. O Brasil não pode mais aumentar a sua taxa de indigência, sua massa de indigentes. Não falamos mais de pobreza e sim de indigência - o estado extremo da miséria.

A Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida e a Ação pelo Emprego e o Desenvolvimento existem, crescem e ecoam hoje em milhares de comitês, na mais densa corrente de solidariedade já construída nos últimos tempos, porque - mesmo sabendo que está fazendo o caminho da história pela contramão - a sociedade brasileira confia na mudança.

(HERBERT DE SOUZA - Adaptado)

687) Pode-se depreender da leitura do primeiro parágrafo que:

a) há, no país, uma massa de desempregados de “quarto mundo” aguardando uma oportunidade de se incorporar à classe empresarial.
b) há um descompasso entre as expectativas dos empresários quanto ao mercado e o nível dos desempregados.
c) para o autor, é a massa de desempregados de “quarto mundo” que fará subir o PIB nacional.
d) ao pensar em mercado de primeiro mundo, a classe empresarial demonstra ignorar o problema do desemprego.
e) a Ação pelo Emprego e o Desenvolvimento foi criada para que pudesse haver a estabilização da moeda.

688) Em “Seria uma forma de distribuir a riqueza, dar ’vale cidadania’ pra todo mundo”. (/. 15/16), a expressão sublinhada reflete uma ironia do autor porque:

a) a cidadania não é conquistada através de um vale.
b) a riqueza, num país, distribui-se por meio de donativos.
c) a distribuição de vales não admite a exclusão social.
d) as bolsas de consumo propiciam as transformações sociais.
e) os subsídios desfazem a desigualdade social.

689) No quarto parágrafo o autor afirma: “Modernidade é humanidade. E essa visão só é possível para quem pensa a sociedade do ponto de vista ético.” (/. 32-33). Assinale a opção que NÃO confirma esta idéia.

a) Um país avança e se desenvolve satisfatoriamente quando há a adequada integração da sociedade ao processo produtivo.

b) Ciência e tecnologia constituem fatores indispensáveis ao desenvolvimento, se tiverem como parâmetro a sociedade.
c) O crescimento de um país se dá à medida que há a prioridade para o desenvolvimento humano.
d) O emprego deve ser sempre planejado em função do tipo de desenvolvimento que se quer para o país.
e) O crescimento de um país mede-se pelo comportamento de primeiro mundo, demonstrado pela sociedade.

690)Em "...e **também do mundo empresarial, apesar de sua visão imediatista e muito ligada ao primeiro mundo..."** ***(l.*** **35-36), a parte sublinhada pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:**

a) quanto à sua visão imediatista
b) caso seja sua visão imediatista
c) em razão da sua visão imediatista
d) enquanto sua visão *é* imediatista
e) ainda que considerando sua visão imediatista

691) Leia atentamente a afirmativa:

A exclusão social poderá ser afastada pela. Analise os trechos abaixo, preenchendo os parênteses com (V) ou (F), conforme completem a afirmativa dada de modo verdadeiro ou falso, segundo o sentido geral do texto. A seqüência correta é:

( ) possibilidade de ocupação para todos os membros da sociedade
( ) distribuição equânime da riqueza
( ) alienação do indivíduo do processo produtivo
( ) eliminação da taxa de indigência
( ) volta aos processos de desenvolvimento do passado

a) F-V-V-V-F
b) F-F-V-F-F
c) V-V-F-V-F
d) V-V-F-V-V
e) V-V-V-F-V

692) Os textos I e II apresentam como preocupação comum o (a); (Para resolver esta questão, *é* necessário voltar ao texto anterior, n° XCIV, pois ambos pertencem à mesma prova.)

a) desenvolvimento da tecnologia
b) questionamento da modernidade
c) competição entre os produtores
d) distância entre as camadas sociais
e) distribuição de parcelas do poder entre as classes

TEXTO XCVI

OF. DE JUSTIÇA AVALIADOR - CORREGEDORIA/RJ
A LIBERDADE E O CONSUMO

Quantos morreram pela liberdade de sua pátria? Quantos foram presos ou espancados pela liberdade de dizer o que pensam?

Quantos lutaram pela libertação dos escravos?

No plano intelectual, o tema da liberdade ocupa as melhores cabeças, desde Platão e Sócrates, passando por Santo Agostinho, Spinoza, Locke, Hobbes, Hegel, Kant, Stuart Mill, Tolstoi e muitos outros. Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado? Como as liberdades essenciais se transformam em direitos do cidadão? Essas questões puseram em choque os melhores neurônios da filosofia, mas não foram as únicas a galvanizar controvérsias.

Mas vivemos hoje em uma sociedade em que a maioria já não sofre agressões a essas liberdades tão vitais, cuja conquista ou reconquista desencadeou descomunais energias físicas e intelectuais. Nosso apetite pela liberdade se aburguesou. Foi atraído (corrompido?) pelas tentações da sociedade de consumo.

O que *é* percebido como liberdade para um pacato cidadão contemporâneo que vota, fala o que quer, vive sob o manto da lei (ainda que capenga) e tem direito de mover-se livremente?

O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado. Em que pesem as angustiantes restrições do contracheque, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo (não faz muitas décadas, nas prateleiras dos nossos armazéns ora faltava manteiga, ora leite, ora feijão). Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado. Logo depois da queda do Muro de Berlim, comer uma banana virou ícone da liberdade no Leste Europeu.

A segunda liberdade moderna é o transporte próprio. BMW ou bicicleta, o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo e resolver em que direção partir. Podemos até não ir a lugar algum, mas é gostoso saber que há um veículo parado à porta, concedendo permanentemente a liberdade de ir, seja aonde for. Alguém já disse que a Vespa e a Lambretta tiraram o fervor revolucionário que poderia ter levado a Itália ao comunismo.

A terceira liberdade é a televisão. É a janela para o mundo. É a liberdade de escolher os canais (restritos em países totalitários), de ver um programa imbecil ou um jogo, ou estar tão perto das notícias quanto um presidente da República - que nos momentos dramáticos pode assistir às mesmas cenas pela CNN. É estar próximo de reis, heróis, criminosos, superatletas ou cafajestes metamorfoseados em apresentadores de TV.

Uma “liberdade” recente é o telefone celular. É o gostinho todo especial de ser capaz de falar com qualquer pessoa, em qualquer momento, onde quer que se esteja. Importante? Para algumas pessoas, é uma revolução no cotidiano e na

profissão. Para outras, é apenas o prazer de saber que a distância não mais cerceia a comunicação, por boba que seja.

Há ainda uma última liberdade, mais nova, ainda elitizada: a internet e o correio eletrônico. É um correio sem as peripécias e demoras do carteiro, instantâneo, sem remorsos pelo tamanho da mensagem (que se dane o destinatário do nosso attachment megabáitico) e que está a nosso dispor, onde quer que estejamos. E acoplado a ele vem a web, com sua cacofonia de informações, excessivas e desencontradas, onde se compra e vende, consomem-se filosofia e pornografia, arte e empulhação.

Causa certo desconforto intelectual ver substituídas por objetos de consumo as discussões filosóficas sobre liberdade e o heroísmo dos atos que levaram à sua preservação em múltiplos domínios da existência humana. Mas assim é a nossa natureza, só nos preocuparmos com o que não temos ou com o que está ameaçado. Se há um consolo nisso, ele está no saber que a preeminência de nossas liberdades consumistas marca a vitória de havermos conquistado as outras liberdades, mais vitais. Mas, infelizmente, deleitar-se com a alienação do consumismo está fora do horizonte de muitos. E, se o filósofo Joãosinho Trinta tem razão, não é por desdenhar os luxos, mas por não poder desfrutá-los.

(Cláudio de Moura Castro. Veja 1712,08/08/01)

693) O primeiro parágrafo do texto apresenta:

a) uma série de perguntas que são respondidas no desenrolar do texto
b) uma estrutura que procura destacar os itens básicos do tema discutido no texto
c) um questionamento que pretende despertar o interesse do leitor pelas respostas
d) um conjunto de perguntas retóricas, ou seja, que não necessitam de respostas
e) umas questões que pretendem realçar o valor histórico de alguns heróis nacionais

694) Nos itens abaixo, o emprego da conjunção OU (em maiúsculas) só tem nítido valor alternativo em:

a) “Quantos foram presos OU espancados pela liberdade de dizer o que pensam?”
b) “A segunda liberdade moderna é o transporte próprio, BMW OU bicicleta...”
c) “...de ver um programa imbecil ou um jogo, OU estar tão perto das notícias...”
d) “...só nos preocupamos com o que não temos OU com o que está ameaçado.”
e) *“É* estar próximo de reis, heróis, criminosos, superatletas OU cafajestes...”

695) O item abaixo que indica corretamente o significado da palavra em maiúsculas no texto é:

a) “...mas não foram as únicas a GALVANIZAR controvérsias.” discutir
b) “...comer uma banana virou um ÍCONE da liberdade no Leste europeu.” - fantasia
c) “...consomem-se filosofia e pornografia, arte e EMPULHAÇÃO.”; - grosseria

d) “...cafajestes METAMORFOSEADOS em apresentadores de TV.” desfigurados
e) “...que a distância não mais CERCEIA a comunicação...” - impede

696) “Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado?”; nesse segmento do texto, o articulista afirma que:

a) o Estado age obrigatoriamente contra a liberdade
b) é impossível haver liberdade e governo ditatorial
c) ainda não se chegou a unir os cidadãos e o governo
d) cidadãos e governo devem trabalhar juntos pela liberdade
e) o Estado é o responsável pela liberdade da população

697) “O primeiro templo da liberdade burguesa *é* o supermercado. Em que pesem as angustiantes restrições do contracheque, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo...”; o segmento sublinhado corresponde semanticamente a:

a) as despesas do supermercado são muito pesadas no orçamento doméstico.
b) os salários não permitem que se compre tudo o que se deseja.
c) as limitações de crédito impedem que se compre o necessário.
d) a inflação prejudica o acesso da população aos bens de consumo.
e) a satisfação de comprar só é permitida após o recebimento do salário.

698) “Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado”; com esse segmento do texto o autor quer dizer que:

a) todo ideal comunista se opõe aos ideais capitalistas.
b) a ideologia comunista sofre pressões por parte dos consumidores.
c) os supermercados socialistas são menos variados que os do mundo capitalista.
d) o ideal comunista ainda resiste à procura desenfreada por bens de consumo.
e) as tentações do supermercado abalaram as estruturas capitalistas.

699) “É a liberdade de escolher os canais (restritos em países totalitários)....”; o segmento sublinhado significa que:

a) nos países totalitários a censura impede o acesso à programação capitalista.
b) o número de canais disponíveis é bem menor do que nos países não-totalitários.
c) a televisão, nos países totalitários, é bem de que só poucos dispõem.
d) nos países totalitários todos os canais são do sistema de TV a cabo.
e) nos países totalitários, a TV não sofre censura governamental.

700) “...consomem-se filosofia e pornografia, arte e empulhação”; a forma abaixo que modifica o sentido desse segmento do texto é:

a) filosofia e pornografia, arte e empulhação são consumidas.
b) consomem-se não só filosofia e pornografia, como também arte e empulhação.
c) consome-se filosofia e pornografia, arte e empulhação.
d) consomem-se filosofia, pornografia, arte e empulhação.
e) filosofia e pornografia são consumidas como arte e empulhação.

701) "Essas questões puseram em choque os melhores neurônios da filosofia..."; esse segmento significa que:

a) os maiores filósofos se opuseram nas discussões sobre liberdade.
b) a liberdade e o consumo sempre foi motivo de discussão entre filósofos.
c) as questões citadas foram motivo de muitas preocupações filosóficas.
d) os filósofos brigaram entre si por causa da liberdade de consumo.
e) as perguntas sobre liberdade foram respondidas pelos melhores filósofos.

702) O item em que NÃO está presente uma crítica do jornalista é:

a) "Foi atraído (corrompido?) pelas tentações da sociedade de consumo."
b) "...vive sob o manto da lei (ainda que capenga)..."
c) "...de ver um programa imbecil ou um jogo,..."
d) "...consomem-se filosofia e pornografia, arte e empulhação."
e) "O primeiro templo da sociedade burguesa é o supermercado..."

703) "O que é percebido como liberdade para um pacato cidadão contemporâneo que vota, fala o que quer, vive sob o manto da lei (ainda que capenga) e tem o direito de mover-se livremente?"; segundo o texto, a resposta abaixo que é INADEQUADA é:

a) a liberdade de consumo
b) a liberdade de movimento
c) a liberdade de comunicação
d) a liberdade política
e) a liberdade religiosa

704) O item em que o autor do texto NÃO faz crítica direta ou indireta aos regimes não-democráticos é:

a) "Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado."
b) "Logo depois da queda do Muro de Berlim, comer uma banana virou um ícone da liberdade no Leste Europeu."
c) "Alguém já disse que a Vespa e a Lambretta tiraram o fervor revolucionário que poderia ter levado a Itália ao comunismo."
d) "Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado? Como as liberdades essenciais se transformam em direitos do cidadão?"

e) “É a liberdade de escolher os canais (restritos em países totalitários), ...”

705) “Mas, infelizmente, deleitar-se com a alienação do consumismo está fora do horizonte de muitos.”; o comentário adequado a esse segmento do texto é:

a) “infelizmente” revela uma opinião do jornalista sobre o enunciado no segmento do texto.
b) o consumismo é visto como fonte de alienação.
c) muitos desejam ser consumistas, mas não podem sê-lo.
d) o consumismo é também produtor de prazer para muitos.
e) os “muitos” a que se refere o texto são os que vivem em regimes não-capitalistas.

TEXTO XCVII

ANALISTA - TJ/RJ
MELHOR QUALIDADE DE VIDA

O exemplo de Los Angeles, onde grupos sociais se organizaram para buscar soluções para seus problemas, deve ser observado com atenção. Formando, inclusive, patrulhas civis para inibir a violência urbana, demonstraram o quanto a participação de todos é vital. Sem uma mudança radical de mentalidade jamais construiremos uma convivência tranqüila e segura. Cada um por si é o caminho do suicídio. Contar apenas com o governo, com a polícia, para nossa proteção, é confiar demais na sorte. Temos que assumir nossas responsabilidades. Vizinhos, amigos, qualquer um que cruze por nossa calçada não pode ser encarado como um estranho. Devem ser como parte de nossas famílias.

(Jornal da Semana - 18 de novembro de 1995)

706) Segundo o texto, a melhor qualidade de vida depende:

a) da ação da polícia
b) da ação organizada do governo
c) da ação integrada de toda a comunidade
d) da formulação de patrulhas civis
e) da ação individual

707) O autor cita o exemplo de Los Angeles para:

a) demonstrar que nos Estados Unidos tudo funciona melhor.
b) poder abordar problemas semelhantes no Brasil.
c) indicar caminhos equivocados na solução do problema da violência.
d) provar que só a democracia pode consertar os erros sociais.
e) mostrar que os americanos já resolveram os problemas que nos incomodam.

708) "...para buscar soluções..." (l. 2); neste trecho, a preposição para indica:

a) causa
b) direção
c) comparação
d) concessão
e) finalidade

709) "...para seus problemas..." (/. 2); o possessivo destacado tem como antecedente:

a) Los Angeles
b) grupos sociais
c) patrulhas civis

d) soluções
e) famílias

710) Quando o texto fala na primeira pessoa do plural, se refere a:

a) todos os cidadãos brasileiros
b) cidadãos que sofrem com a violência
c) jornalista e seus leitores
d) cariocas, em particular
e) cidadãos de Los Angeles e do Rio de Janeiro

711) “Cada um por si é o caminho do suicídio.” (l. 6). Nesta frase há uma condenação clara:

a) da violência
b) do individualismo
c) da sociedade
d) da polícia
e) das autoridades

TEXTO XCVIII

ANALISTA DE PATENTES - INPI
TEXTO 1
COMPADRISMO

O compadrismo é uma autêntica instituição nacional, nascida dessa nossa tendência para a aproximação e a camaradagem. Também a nossa política anda impregnada desses mesmos sentimentos, que têm levado o Brasil à beira do abismo, porque o governo tem de ser muito pessoal e individualista, cheio de vantagens e proteções, de abraços e intimidades.

(A. da Silva Mello)

712) Deduz-se da leitura do texto que:

a) o compadrismo deve ser abolido para que a política brasileira tenha atuação positiva.
b) o compadrismo é uma instituição nacional que se limita à política.
c) os governos devem ser pessoais e individualistas para que não se contaminem pelo compadrismo.
d) as vantagens e as proteções governamentais são frutos da recusa do compadrismo em nossa política.
e) o compadrismo é uma instituição americana e tem feito a desgraça política de muitas nações do continente.

713) Ao dizer que *o compadrismo é uma autêntica instituição nacional,* o autor não indica a que nação se refere, mas os leitores sabem que ele se refere ao Brasil; esse conhecimento deriva do fato de que:

a) o autor é brasileiro.
b) o texto foi produzido no Brasil e para ser **lido aqui.**
c) a língua utilizada no texto é a portuguesa.
d) só o Brasil possui o compadrismo.
e) as informações do texto se referem ao Brasil.

714) Ao dizer que o compadrismo nasce da nossa tendência para a aproximação e a camaradagem, o autor do texto comete um erro argumentativo, que é:

a) atribuir a um efeito a posição de causa.
b) partir de uma inferência para o seu raciocínio.
c) misturar método dedutivo e indutivo.
d) formular inadequadamente um silogismo.
e) partir do geral para o particular.

715) O autor empregou a palavra *impregnada* a fim de:

a) mostrar a enorme participação do compadrismo em nossas decisões políticas.
b) indicar uma visão negativa do compadrismo em nosso governo.
c) melhorar o nível de linguagem empregada em texto destinado a leitores cultos.
d) demonstrar sua preocupação com a clareza da linguagem utilizada.
e) contaminar o texto com a linguagem médica, a fim de implicitamente dar a conhecer a sua profissão.

716) “...porque o governo tem de ser muito pessoal e individualista,...”; nesse caso, o autor:

a) indica um caminho a ser seguido pelos bons governos.
b) mostra como deveria ser a realidade política nacional.
c) condena a ausência do compadrismo na política.
d) mostra uma tendência derivada do compadrismo.
e) elogia a atitude de um governo democrático.

717) O texto I pode ser classificado como:

a) narrativo
b) argumentativo
c) informativo
d) publicitário
e) descritivo

688) Em “Seria uma forma de distribuir a riqueza, dar ’vale cidadania’ pra todo mundo”. (/. 15/16), a expressão sublinhada reflete uma ironia do autor porque:

a) a cidadania não é conquistada através de um vale.
b) a riqueza, num país, distribui-se por meio de donativos.
c) a distribuição de vales não admite a exclusão social.
d) as bolsas de consumo propiciam as transformações sociais.
e) os subsídios desfazem a desigualdade social.

689) No quarto parágrafo o autor afirma: “Modernidade é humanidade. E essa visão só é possível para quem pensa a sociedade do ponto de vista ético.” (/. 32-33). Assinale a opção que NÃO confirma esta idéia.

a) Um país avança e se desenvolve satisfatoriamente quando há a adequada integração da sociedade ao processo produtivo.
b) Ciência e tecnologia constituem fatores indispensáveis ao desenvolvimento, se tiverem como parâmetro a sociedade.
c) O crescimento de um país se dá à medida que há a prioridade para o desenvolvimento humano.
d) O emprego deve ser sempre planejado em função do tipo de desenvolvimento que se quer para o país.

e) O crescimento de um país mede-se pelo comportamento de primeiro mundo, demonstrado pela sociedade.

690) Em "...e também do mundo empresarial, apesar de sua visão imediatista e muito ligada ao primeiro mundo..." (/. 35-36), a parte sublinhada pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:

a) quanto à sua visão imediatista
b) caso seja sua visão imediatista
c) em razão da sua visão imediatista
d) enquanto sua visão é imediatista
e) ainda que considerando sua visão imediatista

691) Leia atentamente a afirmativa:

A exclusão social poderá ser afastada pela . Analise os trechos abaixo, preenchendo os parênteses com (V) ou (F), conforme completem a afirmativa dada de modo verdadeiro ou falso, segundo o sentido geral do texto. A seqüência correta é:
( ) possibilidade de ocupação para todos os membros da sociedade
( ) distribuição equânime da riqueza
( ) alienação do indivíduo do processo produtivo
( ) eliminação da taxa de indigência
( ) volta aos processos de desenvolvimento do passado
a) F-V-V-V-F
b) F-F-V-F-F
c) V-V-F-V-F
d)V-V-F-V-V
e) V-V-V-F-V

692) Os textos I e II apresentam como preocupação comum o(a); (Para resolver esta questão, é necessário voltar ao texto anterior, n° XCIV, pois ambos pertencem à mesma prova.)

a) desenvolvimento da tecnologia
b) questionamento da modernidade
c) competição entre os produtores
d) distância entre as camadas sociais
e) distribuição de parcelas do poder entre as classes

TEXTO XCVI

OF DE JUSTIÇA AVALIADOR - CORREGEDORIA/RJ
A LIBERDADE E O CONSUMO

Quantos morreram pela liberdade de sua pátria? Quantos foram presos ou espancados pela liberdade de dizer o que pensam?

Quantos lutaram pela libertação dos escravos?

No plano intelectual, o tema da liberdade ocupa as melhores cabeças, desde Platão e Sócrates, passando por Santo Agostinho, Spinoza, Locke, Hobbes, Hegel, Kant, Stuart Mill, Tolstoi e muitos outros. Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado? Como as liberdades essenciais se transformam em direitos do cidadão? Essas questões puseram em choque os melhores neurônios da filosofia, mas não foram as únicas a galvanizar controvérsias.

Mas vivemos hoje em uma sociedade em que a maioria já não sofre agressões a essas liberdades tão vitais, cuja conquista ou reconquista desencadeou descomunais energias físicas e intelectuais. Nosso apetite pela liberdade se aburguesou. Foi atraído (corrompido?) pelas tentações da sociedade de consumo.

O que é percebido como liberdade para um pacato cidadão contemporâneo que vota, fala o que quer, vive sob o manto da lei (ainda que capenga) e tem direito de mover-se livremente?

O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado. Em que pesem as angustiantes restrições do contracheque, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo (não faz muitas décadas, nas prateleiras dos nossos armazéns ora faltava manteiga, ora leite, ora feijão). Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado. Logo depois da queda do Muro de Berlim, comer uma banana virou ícone da liberdade no Leste Europeu.

A segunda liberdade moderna é o transporte próprio. BMW ou bicicleta, o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo e resolver em que direção partir. Podemos até não ir a lugar algum, mas é gostoso saber que há um veículo parado à porta, concedendo permanentemente a liberdade de ir, seja aonde for. Alguém já disse que a Vespa e a Lambretta tiraram o fervor revolucionário que poderia ter levado a Itália ao comunismo.

A terceira liberdade é a televisão. É a janela para o mundo. É a liberdade de escolher os canais (restritos em países totalitários), de ver um programa imbecil ou um jogo, ou estar tão perto das notícias quanto um presidente da República - que nos momentos dramáticos pode assistir às mesmas cenas pela CNN. É estar próximo de reis, heróis, criminosos, superatletas ou cafajestes metamorfoseados em apresentadores de TV.

Uma “liberdade” recente é o telefone celular. É o gostinho todo especial de ser capaz de falar com qualquer pessoa, em qualquer momento, onde quer que se esteja. Importante? Para algumas pessoas, é uma revolução no cotidiano e na

profissão. Para outras, é apenas o prazer de saber que a distância não mais cerceia a comunicação, por boba que seja.

Há ainda uma última liberdade, mais nova, ainda elitizada: a internet e o correio eletrônico. É um correio sem as peripécias e demoras do carteiro, instantâneo, sem remorsos pelo tamanho da mensagem (que se dane o destinatário do nosso attachment megabáitico) e que está a nosso dispor, onde quer que estejamos. E acoplado a ele vem a web, com sua cacofonia de informações, excessivas e desencontradas, onde se compra e vende, consomem-se filosofia e pornografia, arte e empulhação.

Causa certo desconforto intelectual ver substituídas por objetos de consumo as discussões filosóficas sobre liberdade e o heroísmo dos atos que levaram à sua preservação em múltiplos domínios da existência humana. Mas assim é a nossa natureza, só nos preocuparmos com o que não temos ou com o que está ameaçado. Se há um consolo nisso, ele está no saber que a preeminência de nossas liberdades consumistas marca a vitória de havermos conquistado as outras liberdades, mais vitais. Mas, infelizmente, deleitar-se com a alienação do consumismo está fora do horizonte de muitos. E, se o filósofo Joãosinho Trinta tem razão, não é por desdenhar os luxos, mas por não poder desfrutá-los.

(Cláudio de Moura Castro. Veja 1712,08/08/01)

693) O primeiro parágrafo do texto apresenta:

a) uma série de perguntas que são respondidas no desenrolar do texto
b) uma estrutura que procura destacar os itens básicos do tema discutido no texto
c) um questionamento que pretende despertar o interesse do leitor pelas respostas
d) um conjunto de perguntas retóricas, ou seja, que não necessitam de respostas
e) umas questões que pretendem realçar o valor histórico de alguns heróis nacionais

694) Nos itens abaixo, o emprego da conjunção OU (em maiúsculas) só tem nítido valor alternativo em:

a) “Quantos foram presos OU espancados pela liberdade de dizer o que pensam?”
b) “A segunda liberdade moderna é o transporte próprio, BMW OU bicicleta...”
c) “...de ver um programa imbecil ou um jogo, OU estar tão perto das notícias...”
d) “...só nos preocupamos com o que não temos OU com o que está ameaçado.”
e) “É estar próximo de reis, heróis, criminosos, superatletas OU cafajestes...”

695) O item abaixo que indica corretamente o significado da palavra em maiúsculas no texto é:

a) “...mas não foram as únicas a GALVANIZAR controvérsias.” discutir
b) “...comer uma banana virou um ÍCONE da liberdade no Leste europeu.” - fantasia
c) “...consomem-se filosofia e pornografia, arte e EMPULHAÇÃO.”; - grosseria

d) “...cafajestes METAMORFOSEADOS em apresentadores de TV.” desfigurados
e) “...que a distância não mais CERCEIA a comunicação...” - impede

696) “Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado?”; nesse segmento do texto, o articulista afirma que:

a) o Estado age obrigatoriamente contra a liberdade
b) é impossível haver liberdade e governo ditatorial
c) ainda não se chegou a unir os cidadãos e o governo
d) cidadãos e governo devem trabalhar juntos pela liberdade
e) o Estado é o responsável pela liberdade da população

697) “O primeiro templo da liberdade burguesa *é* o supermercado. Em que pesem as angustiantes restrições do contracheque, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo...”; o segmento sublinhado corresponde semanticamente a:

a) as despesas do supermercado são muito pesadas no orçamento doméstico.
b) os salários não permitem que se compre tudo o que se deseja.
c) as limitações de crédito impedem que se compre o necessário.
d) a inflação prejudica o acesso da população aos bens de consumo.
e) a satisfação de comprar só é permitida após o recebimento do salário.

698) “Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado”; com esse segmento do texto o autor quer dizer que:

a) todo ideal comunista se opõe aos ideais capitalistas.
b) a ideologia comunista sofre pressões por parte dos consumidores.
c) os supermercados socialistas são menos variados que os do mundo capitalista.
d) o ideal comunista ainda resiste à procura desenfreada por bens de consumo.
e) as tentações do supermercado abalaram as estruturas capitalistas.

699) “É a liberdade de escolher os canais (restritos em países totalitários)....”; o segmento sublinhado significa que:

a) nos países totalitários a censura impede o acesso à programação capitalista.
b) o número de canais disponíveis é bem menor do que nos países não-totalitários.
c) a televisão, nos países totalitários, é bem de que só poucos dispõem.
d) nos países totalitários todos os canais são do sistema de TV a cabo.
e) nos países totalitários, a TV não sofre censura governamental.

700) “...consomem-se filosofia e pornografia, arte e empulhação”; a forma abaixo que modifica o sentido desse segmento do texto é:

a) filosofia e pornografia, arte e empulhação são consumidas.

b) consomem-se não só filosofia e pornografia, como também arte **e** empulhação.
c) consome-se filosofia e pornografia, arte e empulhação.
d) consomem-se filosofia, pornografia, arte e empulhação.
e) filosofia e pornografia são consumidas como arte e empulhação.

701) “Essas questões puseram em choque os melhores neurônios da filosofia...”; esse segmento significa que:

a) os maiores filósofos se opuseram nas discussões sobre liberdade.
b) a liberdade e o consumo sempre foi motivo de discussão entre filósofos.
c) as questões citadas foram motivo de muitas preocupações filosóficas.
d) os filósofos brigaram entre si por causa da liberdade de consumo.
e) as perguntas sobre liberdade foram respondidas pelos melhores filósofos.

702) O item em que NÃO está presente uma crítica do jornalista é:

a) “Foi atraído (corrompido?) pelas tentações da sociedade de consumo.”
b) “...vive sob o manto da lei (ainda que capenga)...”
c) “...de ver um programa imbecil ou um jogo,...”
d) “...consomem-se filosofia e pornografia, arte e empulhação.”
e) “O primeiro templo da sociedade burguesa é o supermercado...”

703)”O que é percebido como liberdade para um pacato cidadão contemporâneo que vota, fala o que quer, vive sob o manto da lei (ainda que capenga) e tem o direito de mover-se livremente?”; segundo o texto, a resposta abaixo que é **INADEQUADA é:**

a) a liberdade de consumo
b) a liberdade de movimento
c) a liberdade de comunicação
d) a liberdade política
e) a liberdade religiosa

704) O item em que o autor do texto NÃO faz crítica direta ou indireta aos regimes não-democráticos é:

a) “Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado.”
b) “Logo depois da queda do Muro de Berlim, comer uma banana virou um ícone da liberdade no Leste Europeu.”
c) “Alguém já disse que a Vespa e a Lambretta tiraram o fervor revolucionário que poderia ter levado a Itália ao comunismo.”
d) “Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado? Como as liberdades essenciais se transformam em direitos do cidadão?”
e) “É a liberdade de escolher os canais (restritos em países totalitários), ...”

705) “Mas, infelizmente, deleitar-se com a alienação do consumismo está fora do horizonte de muitos.”; o comentário adequado a esse segmento do texto é:

a) “infelizmente” revela uma opinião do jornalista sobre o enunciado no segmento do texto.
b) o consumismo é visto como fonte de alienação.
c) muitos desejam ser consumistas, mas não podem sê-lo.
d) o consumismo é também produtor de prazer para muitos.
e) os “muitos” a que se refere o texto são os que vivem em regimes não-capitalistas.

TEXTO XCVII

ANALISTA - TJ/RJ
MELHOR QUALIDADE DE VIDA

O exemplo de Los Angeles, onde grupos sociais se organizaram para buscar soluções para seus problemas, deve ser observado com atenção. Formando, inclusive, patrulhas civis para inibir a violência urbana, demonstraram o quanto a participação de todos é vital. Sem uma mudança **5** radical de mentalidade jamais construiremos uma convivência tranqüila e segura. Cada um por si é o caminho do suicídio. Contar apenas com o governo, com a polícia, para nossa proteção, é confiar demais na sorte.
Temos que assumir nossas responsabilidades. Vizinhos, amigos, qualquer um que cruze por nossa calçada não pode ser encarado como um estranho. **10** Devem ser como parte de nossas famílias.
(Jornal da Semana - 18 de novembro de 1995)

706) Segundo o texto, a melhor qualidade de vida depende:

a) da ação da polícia
b) da ação organizada do governo
c) da ação integrada de toda a comunidade
d) da formulação de patrulhas civis
e) da ação individual

707) O autor cita o exemplo de Los Angeles para:

a) demonstrar que nos Estados Unidos tudo funciona melhor.
b) poder abordar problemas semelhantes no Brasil.
c) indicar caminhos equivocados na solução do problema da violência.
d) provar que só a democracia pode consertar os erros sociais.
e) mostrar que os americanos já resolveram os problemas que nos incomodam.

708) "...para buscar soluções..." (/. 2); neste trecho, a preposição para indica:

a) causa
b) direção
c) comparação
d) concessão
e) finalidade

709) "...para seus problemas..." (/. 2); o possessivo destacado tem como antecedente:

a) Los Angeles
b) grupos sociais
c) patrulhas civis

d) soluções
e) famílias

710) Quando o texto fala na primeira pessoa do plural, se refere a:

a) todos os cidadãos brasileiros
b) cidadãos que sofrem com a violência
c) jornalista e seus leitores
d) cariocas, em particular
e) cidadãos de Los Angeles e do Rio de Janeiro

711) “Cada um por si é o caminho do suicídio.” (l. 6). Nesta frase há uma condenação clara:

a) da violência
b) do individualismo
c) da sociedade
d) da polícia
e) das autoridades

TEXTO XCVIII

ANALISTA DE PATENTES - INPI
TEXTO 1
COMPADRISMO

O compadrismo é uma autêntica instituição nacional, nascida dessa nossa tendência para a aproximação e a camaradagem. Também a nossa política anda impregnada desses mesmos sentimentos, que têm levado o Brasil à beira do abismo, porque o governo tem de ser muito pessoal e individualista, cheio de vantagens e proteções, de abraços e intimidades.

(A. da Silva Mello)

712) Deduz-se da leitura do texto que:

a) o compadrismo deve ser abolido para que a política brasileira tenha atuação positiva.
b) o compadrismo é uma instituição nacional que se limita à política.
c) os governos devem ser pessoais e individualistas para que não se contaminem pelo compadrismo.
d) as vantagens e as proteções governamentais são frutos da recusa do compadrismo em nossa política.
e) o compadrismo é uma instituição americana e tem feito a desgraça política de muitas nações do continente.

713) Ao dizer que *o compadrismo é uma autêntica instituição nacional,* o autor não indica a que nação se refere, mas os leitores sabem que ele se refere ao Brasil; esse conhecimento deriva do fato de que:

a) o autor é brasileiro.
b) o texto foi produzido no Brasil e para ser lido aqui.
c) a língua utilizada no texto é a portuguesa.
d) só o Brasil possui o compadrismo.
e) as informações do texto se referem ao Brasil.

714)Ao dizer que o compadrismo nasce da nossa tendência para a aproximação e a camaradagem, o autor do texto comete um erro argumentativo, que é:

a) atribuir a um efeito a posição de causa.
b) partir de uma inferência para o seu raciocínio.
c) misturar método dedutivo e indutivo.
d) formular inadequadamente um silogismo.
e) partir do geral para o particular.

715) O autor empregou a palavra *impregnada* a fim de:

a) mostrar a enorme participação do compadrismo em nossas decisões políticas.
b) indicar uma visão negativa do compadrismo em nosso governo.
c) melhorar o nível de linguagem empregada em texto destinado a leitores cultos.
d) demonstrar sua preocupação com a clareza da linguagem utilizada.
e) contaminar o texto com a linguagem médica, a fim de implicitamente dar a conhecer a sua profissão.

716) “...porque o governo tem de ser muito pessoal e individualista,...”; nesse caso, o autor:

a) indica um caminho a ser seguido pelos bons governos.
b) mostra como deveria ser a realidade política nacional.
c) condena a ausência do compadrismo na política.
d) mostra uma tendência derivada do compadrismo.
e) elogia a atitude de um governo democrático.

717) O texto I pode ser classificado como:

a) narrativo
b) argumentativo
c) informativo
d) publicitário
e) descritivo

TEXTO XCIX

ANALISTA DE PATENTES - INPI
TEXTO II
A INDUSTRIALIZAÇÃO

O problema básico de nossa economia estará em breve sob novo signo. O país semicolonial, agrário, importador de manufaturas e exportador de matérias-primas poderá arcar com as responsabilidades de uma vida industrial autônoma, provendo as suas urgentes necessidades de defesa e aparelhamento.

(Getúlio Vargas)

718)Deduz-se da leitura do texto II que:

a) não vão ocorrer mudanças no cenário econômico.
b) o problema de nossa economia está na falta de industrialização.
c) o Brasil vai deixar de dedicar-se à agricultura.
d) o problema econômico do Brasil é fruto do colonialismo.
e) o nosso país vai deixar de importar manufaturas.

719) A situação referida no momento da enunciação do texto:

a) vai ocorrer em breve, na dependência de algumas condições.
b) vai certamente acontecer num futuro próximo.
c) já ocorreu num passado recente.
d) ocorreu num passado recente e vai continuar no futuro.
e) é fruto da imaginação nacionalista de Getúlio Vargas.

720) 0 item abaixo que NÃO representa uma mudança na realidade brasileira, segundo o texto, é:

a) agrário / industrial
b) importador / produtor :
c) semicolonial / colonizado
d) dependente / independente
e) antigo / moderno

721) Na primeira linha do texto, o vocábulo *básico* equivale semanticamente a:

a) tradicional
b) histórico
c) fundamental
d) estrutural
e) clássico

722) *Agrário* se refere a *campo;* o vocábulo abaixo em que esse radical tem significado diferente é:

a) agricultor
b) agridoce
c) agrimensor
d) agreste
e) agrícola

723) "...as suas urgentes necessidades de defesa e aparelhamento"; levando-se em consideração o contexto, o vocábulo *defesa* pode aplicar-se aos campos:

a) econômico e militar
b) político e econômico
c) político e social
d) social e militar
e) econômico e social

724) O texto pode ser visto como:

a) fruto da imaginação do governante
b) uma promessa política
c) uma realidade presente e tangível
d) um protesto contra a exploração
e) uma crítica aos países ricos

TEXTO C

AUXILIAR ELEMENTAR - MP/RJ
TEXTO 1
A SUBSISTÊNCIA INDÍGENA

Os índios brasileiros provêem sua subsistência usando os recursos naturais de seu meio ambiente. A grande maioria das tribos indígenas pratica a agricultura. Seu processo agrícola, chamado coivara, consiste num sistema de queimadas e de fertilização da terra com as cinzas. A caça e a pesca não despertam o mesmo interesse em todos os grupos tribais. Certas tribos possuem alimentação predominantemente carnívora e são hábeis caçadoras. Algumas outras apresentam grande número de preceitos religiosos que proíbem comer a carne de certos mamíferos, tendo, por isso, a base de sua alimentação na pesca. A coleta de raízes, frutos silvestres e mel é praticada, em grau maior ou menor, por todas as tribos. Para aqueles que desconhecem a agricultura, constitui-se na principal fonte de alimento vegetal.

(Superinteressante, n. 47)

725) A palavra subsistência, presente no título do texto, significa:

a) meio de sobreviver
b) método de alimentação
c) processo de cultivo
d) modo de trabalhar
e) sistema de caça

726)”Os índios brasileiros provêem sua subsistência...”; o verbo destacado significa:

a) fabricam
b) adquirem
c) compram
d) providenciam
e) atingem

727) A expressão “meio ambiente” significa:

a) um ambiente médio
b) a metade de um ambiente
c) um local pobre
d) o espaço onde se vive
e) o meio natural e primitivo

728)A oração “usando os recursos naturais de seu meio ambiente” transmite idéia de:

a) modo
b) finalidade

c) meio
d) tempo
e) condição

729) Entre os recursos naturais usados pelos índios NÃO se encontra:

a) a caça
b) a pesca
c) frutos silvestres
d) mel e raízes
e) a coivara

730) Ao dizer que a "a grande maioria das tribos pratica a agricultura", o autor do texto quer informar ao leitor que:

a) todas as tribos indígenas praticam a agricultura como meio de subsistência.
b) a agricultura é praticada de forma rudimentar pelas tribos indígenas brasileiras.
c) nem todos os índios praticam a agricultura.
d) os recursos naturais do meio ambiente são utilizados pelos indígenas.
e) as tribos brasileiras estão num baixo estágio cultural.

731) "Seu processo agrícola, chamado coivara, consiste num sistema de queimadas e de fertilização da terra com as cinzas."; o item abaixo que está de acordo com o que é dito nesse segmento do texto é:

a) a coivara é um processo agrícola só conhecido pelos índios.
b) a queimada é necessária para a fertilização do solo.
c) as cinzas fertilizam o solo pouco antes de ocorrerem as queimadas.
d) o processo agrícola dos índios já se utiliza da cultura dos brancos.
e) as cinzas são misturadas à terra para aumentar a intensidade das queimadas.

732) "A caça e a pesca não despertam o mesmo interesse em todos os grupos tribais."; isto significa que:

a) a caça e a pesca despertam menos interesse que a agricultura.
b) os grupos tribais não possuem interesse idêntico pela caça e pela pesca.
c) algumas tribos possuem mais interesse pela pesca que pela caça.
d) algumas tribos possuem mais interesse pela caça que pela pesca.
e) todas as tribos possuem interesse pela caça e pela pesca.

733) "Certas tribos possuem alimentação predominantemente carnívora e são hábeis caçadoras."; o fato de algumas tribos serem hábeis caçadoras é visto no texto como:

a) causa de algumas tribos se alimentarem predominantemente de carne
b) conseqüência de algumas tribos terem preferência pela carne como alimento
c) condição de terem abandonado a agricultura como meio de subsistência ..
d) demonstração de que a afirmação anterior é verdadeira
e) explicação do fato de algumas tribos se alimentarem de carne

TEXTO CI

AUXILIAR ELEMENTAR - MP/RJ
TEXTO 2
A INTELIGÊNCIA ANIMAL

Há muito vem sendo estudada a possibilidade de haver, no reino animal, outros tipos de inteligência além da humana. Vejam, por exemplo, o golfinho. Dizem que esses simpáticos mamíferos pensam mais rápido do que o homem, têm linguagem própria e também podem aprender uma língua humana. Além disso, chegam a adquirir úlceras de origem psicológica e sofrem **stress** por excesso de atividade.

(Cláudio Moreno)

734)”...sofrem stress por excesso de atividade.”; o item abaixo que substitui INADEQUAMENTE a preposição por nesse segmento do texto é:

a) em razão do
b) por causa do
c) devido ao
d) visto o
e) após o

735) A semelhança entre o golfinho e o homem só NÃO está:

a) na possibilidade de sofrer distúrbios psicológicos
b) na presença de inteligência
c) no uso da linguagem
d) na impossibilidade de aprender
e) na utilização de várias linguagens :

736) O golfinho serve de exemplo comprovador de que:

a) há animais que não pensam tão rápido quanto o homem.
b) outros animais também possuem inteligência humana.
c) o homem não pode falar com os golfinhos.
d) outros mamíferos também podem falar a nossa língua.
e) há animais que pensam como os humanos.

737) Ao dizer “Vejam...”, o autor do texto refere-se:

a) aos amigos que o escutam
b) a todos os homens
c) aos que não crêem no que diz
d) aos possíveis leitores
e) aos biólogos, em geral

738) Palavra que, no texto, se refere a golfinho, evitando a sua repetição, é:

a) animal

b) mamíferos
c) inteligência
d) reino
e) linguagem

739) “Dizem que esses simpáticos mamíferos...”; a utilização da forma verbal dizem **mostra que:**

a) a ciência já estudou a questão.
b) há certeza no que se diz.
c) o autor não acredita no que é dito por outros.
d) ainda há possibilidades de haver erro no que é dito.
e) ainda não houve livros publicados a respeito desse assunto.

740) Após a leitura do texto, podemos dizer que os golfinhos:

a) não são inteligentes.
b) são pouco inteligentes.
c) são humanamente inteligentes.
d) são diferentemente inteligentes.
e) talvez sejam inteligentes como os humanos.

TEXTO CII

ANALISTA JUDICIÁRIO - TJDFT

A CPI E A IMPRUDÊNCIA DO LEGISLATIVO

Há mais de dez anos a magistratura clama por ampla reforma do Poder Judiciário. Logo após sua instalação em 1987, um conjunto de sugestões oriundo de órgãos superiores da Justiça foi levado ao exame da Assembléia Nacional Constituinte. Magistrados, membros do Ministério Público, juristas, conselheiros da Ordem dos Advogados do Brasil, professores, enfim a representação mais autêntica do universo jurídico sustentou na Assembléia debate ativo e esclarecedor sobre o tema.

Mas o legislador constituinte ignorou as propostas mais consistentes para destinar ao Poder Judiciário os instrumentos aptos a levá-lo à progressiva dinamização de suas atividades. Conquanto o modelo que viesse a ser posto na Constituição não fosse suficiente para alcançar resultados automáticos, pelo menos abriria os espaços autorizativos para as transformações futuras. Todavia, as mudanças mal arranharam os subúrbios do problema.

Agora, o poder que agiu de forma imprudente, desidiosa, se julga portador de autoridade moral para submeter o Judiciário à ação corrosiva, desmoralizante, de uma Comissão Parlamentar de Inquérito. E é indispensável anotar que as deficiências na atividade judicial resultam, de maneira substancial, de leis dissimuladas, contraditórias, aberrantes elaboradas pelo Congresso.

No mais, a instituição não pode elevar os seus níveis de operacionalidade diante de uma legislação processual que consagra número quase infinito de rituais e formalidades. Como também se acha manietada pelas oportunidades recursais, que opõem distância insuportável entre o direito ofendido e a reparação via sentença irrecorrível.

Por trás da noção mesquinha que as elites no poder cultivam em relação ao Judiciário viceja a ignorância. O Legislativo e o Executivo não se dão conta de que o magistrado não é funcionário público. Caso fosse, seu dever de lealdade não seria com a sociedade, cujos direitos e garantias lhe cumpre tutelar, mas com o Estado. O juiz é antes um agente da sociedade, por isso sua atividade está protegida pelo manto da independência. A CPI é um golpe contra a magistratura independente.

(Josemar Dantas. **Direito e justiça.** ***In:*** **Correio Braziliense,** 5/4/99, p. 2 (com adaptações)
RENATO AQUINO 327

741) Com base no conteúdo do texto, assinale a opção correta.

a) O autor é francamente favorável à instalação de uma CPI para investigar os atos do Poder Judiciário.
b) O clamor popular por uma ampla reforma do Poder Judiciário manifestou-se, há mais de dez anos, antes da instalação da Assembléia Nacional Constituinte.
c) Uma CPI para a investigação do Poder Judiciário foi instalada em 1987.
d) O legislador constituinte procurou incorporar à atual Constituição brasileira todas as propostas que visavam tornar o Poder Judiciário mais dinâmico e eficiente.
e) Profissionais ligados ao universo jurídico muito contribuíram para que a questão da reforma do Poder Judiciário fosse ativa e esclarecedoramente debatida durante a Assembléia Nacional Constituinte.

742) Tendo como referência as idéias contidas no texto, assinale a opção incorreta.

a) As elites no poder têm em boa opinião o Poder Judiciário porque estão cientes dos problemas enfrentados pela Justiça brasileira.
b) O conjunto de sugestões enviado pelos órgãos superiores da Justiça aos legisladores constituintes tinha objetivos a serem alcançados a longo prazo.
c) Se a Justiça brasileira é ineficiente, isso se deve, em parte, à legislação elaborada pelo Congresso Nacional.
d) A atual legislação processual brasileira é ritualística e formalista.
e) A facilidade em impetrar recursos é parcialmente responsável pela morosidade da Justiça brasileira.

743) Ainda com base no texto, assinale a opção correta.

a) Se o magistrado fosse de fato um funcionário público, o seu dever de lealdade seria antes com a sociedade do que com o Estado.
b) Os congressistas brasileiros têm a noção mesquinha de que o Poder Judiciário é constituído por um bando de ignorantes.
c) O Poder Legislativo, que agiu de forma imprudente e desidiosa, não tem, na opinião do autor, autoridade moral para julgar os atos do Poder Judiciário.
d) O manto aludido na linha 32 refere-se à toga do juiz.
e) A CPI é um golpe da magistratura independente contra o Poder Judiciário.

744) No texto, haverá alteração de sentido caso se substitua

a) “Conquanto” (/. 10) por **Mesmo que**
b) “subúrbios” (/. 14) por **arrabaldes**
c) “desidiosa” (/. 15) por **conflituosa**
d) “manietada” (/. 24) por **entravada**
e) “tutelar” (/. 31) por **defender**

745) Nas opções abaixo, os fragmentos destacados em negrito são reescrituras do texto. Assinale aquela em que o fragmento reescrito apresenta sentido diferente do encontrado no texto.

a) linhas 1 e 2: A magistratura clama, há mais de dez anos, por ampla reforma do Poder Judiciário.
b) **linhas 2 e 4:** A Assembléia Nacional Constituinte levou a exame, logo após sua instalação em 1987, um conjunto de sugestões oriundo de órgãos superiores da Justiça.
c) **linhas 4 a 7:** Enfim a representação mais autêntica do universo jurídico - magistrados, membros do Ministério Público, juristas, conselheiros da Ordem dos Advogados do Brasil, professores sustentou, sobre o tema, debate ativo e esclarecedor na Assembléia.
d) **linhas 27 e 28:** Viceja, por trás da noção mesquinha que as elites no poder cultivam em relação ao Judiciário, a ignorância.
e) **linhas 29 a 31:** Caso fosse, seu dever de lealdade seria com o Estado, não com a sociedade, cujos direitos e garantias lhe cumpre tutelar.

746) No texto, para evitar repetições, alguns pronomes foram usados em substituição a seus referentes. Assinale a opção que apresenta associação correta entre o pronome e o seu referente.

a) “sua” (/. 2) - “do Poder Judiciário” *{1.2)*
b) “lo” (/. 10) - “o legislador constituinte” (/. 8)
c) “seu” (/. 30) - “o Legislativo e o Executivo” (/. 28)
d) “cujos” (/. 30) - “funcionário público” (/. 29)
e) “lhe” (/. 31) - “o magistrado” (/. 29)

TEXTO CIII

ESCRITURÁRIO - CAIXA ECONÔMICA FEDERAL
TEXTO 3

Os velhos das cidadezinhas do interior parecem muito mais plenamente velhos que os das metrópoles. Não se trata da idade real de uns e outros, que pode até ser a mesma, mas dos tempos distintos que eles parecem habitar. Na agitação dos grandes centros, até mesmo a velhice parece ainda estar integrada na correria; os velhos guardam alguma ansiedade no olhar, nos modos, na lentidão aflita de quem se sente fora do compasso. Na calmaria das cidades pequeninas, é como se a velhice de cada um reafirmasse a que vem das montanhas e dos horizontes, velhice quase eterna, pousada no tempo.

Vejam-se as roupas dos velhinhos interioranos: aquele chapéu de feltro manchado, aquelas largas calças de brim caqui, incontavelmente lavadas, aquele puído dos punhos de camisas já sem cor - tudo combina admiravelmente com a enorme jaqueira do quintal, com a generosa figueira da praça, com as teias no campanário da igreja. E os hábitos?

Pica-se oíumo de corda, lentamente, com um canivete herdado do século passado, enquanto a conversa mole se desenrola sem pressa e sem destino.

Na cidade grande, há um quadro que se repete mil vezes ao dia, e que talvez já diga tudo: o velhinho, no cruzamento perigoso, decide-se, enfim, a atravessar a avenida, e o faz com aflição, um braço estendido em sinal de pare aos motoristas apressados, enquanto amiúda o que pode o próprio passo. Parece suplicar ao tempo que diminua seu ritmo, que lhe dê a oportunidade de contemplar mais demoradamente os ponteiros invisíveis dos dias passados, e de sondar com calma, nas nuvens mais altas, o sentido de sua própria história.

Há, pois, velhices e velhices - até que chegue o dia em que ninguém mais tenha tempo para de fato envelhecer.

(Celso de Oliveira)

747) A frase “Os velhos das cidadezinhas do interior parecem muito mais plenamente velhos que os das metrópoles” constitui uma:

a) impressão que o autor sustenta ao longo do texto, por meio de comparações
b) impressão passageira, que o autor relativiza ao longo do texto
c) falsa hipótese, que a argumentação do autor demolirá
d) previsão feita pelo autor, a partir de observações feitas nas grandes e nas pequenas cidades
e) opinião do autor, para quem a velhice é mais opressiva nas cidadezinhas que nas metrópoles

748) Considere as seguintes afirmações:
I. Também nas roupas dos velhinhos interioranos as marcas do tempo parecem mais antigas.
II. Na cidade grande, a velhice parece indiferente à agitação geral;
III. O autor interpreta de modo simbólico o gesto que fazem os velhinhos nos cruzamentos.
Em relação ao texto, está correto o que se afirma SOMENTE em:

a) I
b) II
c) III
d) I e III
e) II e III

749) Indique a afirmação INCORRETA em relação ao texto:

a) Roupas, canivetes, árvores e campanários são aqui utilizados como marcas da velhice.
b) O autor julga que, nas cidadezinhas interioranas, a vida é bem mais longa que nos grandes centros.
c) Hábitos como o de picar fumo de corda denotam relações com o tempo que já não existem nas metrópoles.
d) O que um velhinho da cidade grande parece suplicar é que lhe seja concedido um ritmo de vida compatível com sua idade.
e) O autor sugere que, nas cidadezinhas interioranas, a velhice parece harmonizar-se com a própria natureza.

750) O sentido do último parágrafo do texto deve ser assim entendido:

a) Do jeito que as coisas estão, os velhos parecem não ter qualquer importância.
b) Tudo leva a crer que os velhos serão cada vez mais escassos, dado o atropelo da vida moderna.
c) O prestígio do que é novo é tão grande que já ninguém repara na existência dos velhos.
d) A velhice nas cidadezinhas do interior é tão harmoniosa que um dia ninguém mais sentirá o próprio envelhecimento.
e) No ritmo em que as coisas vão, a própria velhice talvez não venha a ter tempo para tomar consciência de si mesma.

751) Indique a alternativa em que se traduz corretamente o sentido de uma expressão do texto, considerado o contexto.

a) “parecem muito mais plenamente velhos” = dão a impressão de se ressentirem mais dos males da velhice
b) “guardam alguma ansiedade no olhar” = seus olhos revelam poucas expectativas
c) “fora do compasso” = num distinto andamento
d) “a conversa mole se desenrola” = a explanação é detalhada
e) “amiúda o que pode o próprio passo” = deve desacelerar suas passadas

TEXTO CIV

ESCRITURÁRIO - CAIXA ECONÔMICA FEDERAL
TEXTO 4

No início do século XX, a afeição pelo campo era uma característica comum a muitos ingleses. Já no final do século XVIII, dera origem ao sentimento de saudade de casa tão característico dos viajantes ingleses no exterior, como William Beckford, no leito de seu quarto de hotel, português, em 1787, “assediado a noite toda por idéias rurais da Inglaterra.”

À medida que as fábricas se multiplicavam, a nostalgia do morador da cidade refletia-se em seu pequeno jardim, nos animais de estimação, nas férias passadas na Escócia, ou no Distrito dos Lagos, no gosto pelas flores silvestres e a observação de pássaros, e no sonho com um chalé de fim de semana no campo. Hoje em dia, ela pode ser observada na popularidade que se conserva daqueles autores conscientemente “rurais” que, do século XVII ao XX, sustentaram o mito de uma Arcádia campestre.

Em alguns ingleses, no historiador G. M. Trevelyan, por exemplo, o amor pela natureza selvagem foi muito além desses anseios vagamente rurais. Lamentava, em um dos seus textos mais eloqüentes, de 1931, a destruição da Inglaterra rural e proclamava a importância do cenário da natureza para a vida espiritual do homem. Sustentava que até o final do século XVIII as obras do homem apenas se somavam às belezas, da natureza; depois, dizia, tinha sido rápida a deterioração. A beleza não mais era produzida pelas circunstâncias econômicas comuns e só restava, como esperança, a conservação do que ainda não fora destruído. Defendia que as terras adquiridas pelo Patrimônio Nacional, a maioria completamente inculta, deveriam ser mantidas assim.

Há apenas poucos séculos, a mera idéia de resistir à agricultura, ao invés de estimulá-la, pareceria ininteligível. Como teria progredido a civilização sem a limpeza das florestas, o cultivo do solo e a conversão da paisagem agreste em terra colonizada pelo homem? A tarefa do homem, nas palavras do Gênesis, era “encher a terra e submetê-la”. A agricultura estava para a terra como o cozimento para a carne crua. Convertia natureza em cultura. Terra não cultivada não significava homens incultos. E quando os ingleses seiscentistas mudaram-se para Massachussetts, parte de sua argumentação em defesa da ocupação dos territórios indígenas foi que aqueles que por si mesmos não submetiam e cultivavam a terra não tinham direito de impedir que outros o fizessem.

752)Ao mencionar, no primeiro parágrafo do texto, a inclinação dos ingleses pelo espaço rural, o autor

a) busca enfatizar o que ocorre no século XX, em que a afeição pelo campo lhe parece ser realmente mais genuína.
b) a caracteriza em diferentes momentos históricos, tomando como referência distintas situações em que ela se manifesta.
c) cita costumes do povo inglês destruídos pela aceleração do crescimento das fábricas, causa de sua impossibilidade de volta periódica ao campo.
d) refere autores que procuraram conscientemente manter sua popularidade explorando temas "rurais" para mostrar como se criou o mito de um paraíso campestre.
e) particulariza o espaço estrangeiro visitado pelos ingleses Portugal - para esclarecer o que os indivíduos buscavam e não podia ser encontrado na sua pátria.

753) Leia com atenção as afirmações abaixo sobre o segundo parágrafo do texto.

I. Em confronto com o primeiro parágrafo, o autor apresenta um outro matiz da relação do espírito inglês com o espaço rural.
II. O autor assinala os pontos mais relevantes referidos por G.M. Trevelyan para comprovar a idéia universalmente aceita de que o contato com a natureza é importante para o espírito.
III. O historiador inglês revela pessimismo, a cujos fundamentos ele não faz nenhuma referência no texto.
São corretas:
a) I, somente
b) III, somente
c) I e III, somente
d) II e III, somente
e) I, II e III

754) As indagações presentes no terceiro parágrafo representam, no texto,

a) pontos relevantes sobre os quais a humanidade ainda não refletiu
b) perguntas que historiadores faziam às pessoas para convencê-las da importância do culto à natureza
c) os pontos mais discutidos quando se falava do progresso na Inglaterra, terra da afeição pelo campo
d) questões possivelmente levantadas pelos que procurassem entender a razão de muitas pessoas não considerarem a agricultura um bem em si
e) aspectos importantes sobre a relação entre a natureza e o homem, úteis como argumentos a favor da idéia defendida por Trevelyan

755) No último parágrafo do texto, o comentário sobre os ingleses seiscentistas foi feito como:

a) denúncia dos falsos argumentos utilizados por aqueles que ocupam territórios indígenas
b) exemplo do caráter pioneiro dos ingleses na tarefa de colonização do território americano
c) maneira de evidenciar a árdua tarefa dos que acreditavam na força da agricultura para o progresso da civilização
d) confirmação de que terras incultas são entraves que, há séculos, subtraem ao homem o direito de progredir
e) comprovação de que, há poucos séculos, o cultivo da terra era entendido como sinônimo de civilização

756) Assinale a afirmação INCORRETA.

a) Infere-se do texto que as palavras do Gênesis foram entendidas por muitos como estímulo a derrubar matas, lavrar o solo, eliminar predadores, matar insetos nocivos, arrancar parasitas, drenar pântanos.
b) O paralelo estabelecido entre o cultivo da terra e o cozimento dos alimentos é feito para se pôr em evidência a ação do homem sobre a natureza.
c) O texto mostra que o amor pela natureza selvagem está na base da relação que se estabelece entre cultivo da terra e civilização.
d) O texto mostra que o amor à natureza selvagem, considerado como barbárie, permitiu que certos povos se dessem o direito de apoderar-se dela.
e) O Gênesis foi citado no texto porque o crédito dado às palavras bíblicas explicaria o desejo humano de transformar a natureza selvagem pensando no bem-estar do homem.

TEXTO CV

UNI-RIO

Neste momento, o bordado está pousado em cima do console e o interrompi para escrever, substituindo a tessitura dos pontos pela das palavras, o que me parece um exercício bem mais difícil. Os pontos que vou fazendo exigem de mim uma habilidade e um adestramento que já não tenho. Esforço-me e vou conseguindo vencer minhas deficiências. As palavras, porém, são mais difíceis de adestrar e vêm carregadas de uma vida que se foi desenrolando dentro e fora de mim, todos esses anos. São teimosas, ambíguas e ferem. Minha luta com elas é uma luta extenuante.

Assim, nesse momento, enceto duas lutas: com as linhas e com as palavras, mas tenho a certeza que, desta vez, estou querendo chegar a um resultado semelhante e descobrir ao fim do bordado e ao fim desse texto algo de delicado, recôndito e imperceptível sobre o meu próprio destino e sobre o destino dos seres que me rodeiam. Ontem, quando entrei no armarinho para escolher as linhas, vi-me cercada de pessoas com quem não convivia há muito tempo, ou convivia muito pouco, de cuja existência tinha esquecido. Mulheres de meia-idade que compravam lãs para bordar tapeçarias, selecionando animadamente e com grande competência os novelos, comparando as cores com os riscos trazidos, contando os pontos na etamine, medindo o tamanho do bastidor. Incorporei-me a elas e comecei a escolher, com grande acuidade, as tonalidades das minhas meadas de linha mercerizada. Pareciam pequenas abelhas alegres (...) levando a sério as suas tarefas (...) Naquelas mulheres havia alguma coisa preservada, sua capacidade de bordar dava-lhes uma dignidade e um aval.

Não queria que me discriminassem, conversei com elas de igual para igual, mostrando-lhes os pontos que minha pequena mão infantil executara.

(JARDIM, Rachel. O *penhor chinês.* 4a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990)

757) Nesse texto que você acaba de ler, estabelece-se uma relação entre bordar e escrever, ações que se desenvolvem no esforço da tessitura. Assinale a opção em que o comparativo "bem mais difícil", aplicado ao tecido do texto, justifica-se com maior propriedade.

a) As palavras são como os pontos do bordado: exigem adestramento de quem vai usá-las.
b) Palavras e pontos sujeitam-se documente ao toque do artista.
c) Palavras têm vida própria e exigem sensibilidade para se deixarem usar.
d) Palavras são prenhes de significado e, portanto, podem independer de quem as emprega.
e) Palavras são, por vezes, ambíguas, o que não ocorre com os pontos do bordado.

758) Com “Esforço-me e vou conseguindo vencer minhas deficiências”, a autora se refere:

a) ao esforço para suplantar a inibição que as palavras lhe causam
b) ao esforço que lhe custa o tecido do texto
c) à deficiência visual que lhe dificulta tecer o bordado
d) à sua própria dificuldade enquanto tecelã
e) às muitas deficiências gramaticais que necessita vencer

759) Pode-se depreender da leitura do 7o período que:

a) o bordado, tanto quanto o texto tecido, permite o resgate de algo adormecido na memória.
b) os pontos do bordado, mais que as palavras, contribuem para avivar, na memória, algo recôndito.
c) os pontos do bordado, menos que as palavras, mostram a delicada tessitura da obra.
d) as palavras, assim como os pontos do bordado, escondem a inexorabilidade do destino.
e) as palavras, mais que os pontos do bordado, escondem o traçado imperceptível da obra.

760) Neste momento (Io período) e nesse momento (7o período) referem-se a(ao):

a) um único momento: o da escolha
b) dois tempos distintos: o do bordado e o da escrita
c) tempo de retomada do bordado
d) momento da ida ao armarinho
e) momento da escritura e ao atual momento de vida

761) A conjunção que, usada antes da oração “...de cuja existência tinha esquecido”, não altera o sentido do 8o período é:

a) pois
b) ou
c) logo
d) nem
e) e

762)A expressão “...abelhas alegres” (11° período) justifica, especificamente, a significação expressa, no 9o período, com:

a) “mulheres de meia-idade...”
b) “...para bordar tapeçarias...”
c) “...selecionando animadamente e com grande competência os novelos...”
d) “...comparando as cores com os riscos trazidos...”

e) “...medindo o tamanho do bastidor”

763) O adjetivo preservada (“alguma coisa preservada” - 12° período) significa:

a) passível de corrupção
b) escondida
c) defendida de perigos
d) intacta ’
e) vigiada

TEXTO CVI

ASSISTENTE SOCIAL - TRF 3a REGIÃO
TEXTO 1
O MITO E O MUNDO MODERNO

MOYERS: Por que mitos? Por que deveríamos importar-nos com os mitos? O que eles têm a ver com minha vida?

CAMPBELL: Minha primeira resposta seria: “Vá em frente, viva a sua vida, é uma boa vida - você não precisa de mitologia”. Não acredito que se possa ter interesse por um assunto só porque alguém diz que isso é importante. Acredito em ser capturado pelo assunto, de uma maneira ou de outra. Mas você poderá descobrir que, com uma introdução apropriada, o mito é capaz de capturá-lo. E então, o que ele poderá fazer por você, caso o capture de fato?

Um de nossos problemas, hoje em dia, é que não estamos familiarizados com a literatura do espírito. Estamos interessados nas notícias do dia e nos problemas do momento. Antigamente, o campus de uma universidade era uma espécie de área hermeticamente fechada, onde as notícias do dia não se chocavam com a atenção que você dedicava à vida interior, nem com a magnífica herança humana que recebemos de nossa grande tradição - Platão, Confúcio, o Buda, Goethe e outros, que falam dos valores eternos, que têm a ver com o centro de nossas vidas.

Quando um dia você ficar velho e, tendo as necessidades imediatas todas atendidas, então se voltar para a vida interior, aí bem, se você não souber onde está ou o que é esse centro, você vai sofrer.

As literaturas grega e latina e a Bíblia costumavam fazer parte da educação de toda gente. Tendo sido suprimidas, toda uma tradição de informação mitológica do Ocidente se perdeu. Muitas histórias se conservaram, de hábito, na mente das pessoas. [...]

(CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito.* Com Bill Moyers. Org. Betty Sue Flowers. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Associação Palas Athena, 1990. p. 3-4)

766) A leitura do texto permite afirmar que a conjunção e, presente no título, sugere idéia de

a) adição
b) explicação
c) conseqüência
d) alternância
e) contraste

767) Considerando que *ironia* seja um recurso com o qual se afirma o contrário do que se enuncia, aponte a alternativa em que tal recurso se manifesta.

a) [...] as notícias não se chocavam com a atenção que você dedicava à vida interior.
b) E então, o que ele poderá fazer por você, caso o capture de fato?
c) [...] o campus de uma universidade era uma espécie de área hermeticamente fechada.
d) Vá em frente, viva a sua vida, é uma boa vida - você não precisa de mitologia.
e) Quando um dia você ficar velho [...], se você não souber onde está [...], você vai sofrer.

768) Da leitura do texto, pode-se depreender que

a) entre outros, Platão, Confúcio, Goethe e Buda são os responsáveis pela mitologia.
b) a satisfação das necessidades imediatas dos velhos propicia-lhes uma sobrevida feliz.
c) o centro interior do homem idoso foi definido por Platão, Confúcio, Buda e Goethe, entre outros.
d) o possível sofrimento do velho depende, entre outras coisas, da preocupação com a sua vida interior.
e) a literatura do espírito não é acolhida nos campus das universidades declaradamente fechadas.

769) Aponte a alternativa em que a reescrita da frase "Tendo sido suprimidas, toda uma tradição de informação mitológica do Ocidente se perdeu" conserva, de acordo com o texto, o conteúdo original.

a) Após sua preservação, não se assegurou a transmissão da mitologia ocidental.
b) Com sua supressão, desapareceu a tradição inteira de informação mitológica do Ocidente.
c) O suprimento dessas literaturas acarretou o fim da mitologia ocidental.
d) Com o seu desaparecimento, frustrou-se a mitologia do Ocidente.
e) Sua eliminação determinou o desaparecimento de toda a mitologia do Ocidente.

TEXTO CVII

ASSISTENTE SOCIAL - TRF 3a REGIÃO
TEXTO 2
É DISSO QUE O BRASIL PRECISA

O grau de maturidade econômica de uma sociedade pode ser aferido com a ajuda de índices conhecidos, como o produto interno bruto do país. O estágio de maturidade política também conta com alguns indicadores. Um deles é a ocorrência seqüenciada de eleições livres, sem sustos nem sobressaltos. E como descobrir o grau de maturidade social de uma nação? Índices que medem a violência e a criminalidade são úteis para a avaliação. Mas de um tempo para cá surgiu um dado novo: a taxa de envolvimento das pessoas com o trabalho social. Não que a filantropia seja novidade ou invenção moderna. Mas a onda do bem tornou-se um fenômeno especialmente notável nos últimos trinta anos.

Nos países mais civilizados, a presença da filantropia, também chamada de terceiro setor, é mais perceptível. Nas nações menos desenvolvidas socialmente, o trabalho voluntário é mais embrionário. O Brasil está num meio-termo. Do ponto de vista do resultado financeiro, está entre os países que menos investem no social. Mas, quando se analisa o voluntariado pelo exército envolvido, alguma coisa espantosa está acontecendo. Há milhões de brasileiros dedicando-se a tarefas sociais [...].

(VEJA Especial, 8.12.2001, p. 8)

770) Da leitura do texto, depreende-se que o pronome *isso*, do título, aponta para

a) o grau de maturidade social de uma comunidade
b) a ocorrência seqüenciada de eleições livres
c) o grau de maturidade econômica de uma nação
d) o envolvimento das pessoas no trabalho social
e) a eliminação da distância entre ricos e pobres

771) A preposição *com* na expressão "*com* a ajuda de índices conhecidos" possui idéia de

a) companhia
b) instrumento
c) causa
d) concessão
e) dúvida

772) Em lugar *de filantropia* poderia, no texto, figurar

a) antropofobia
b) humanidade
c) humanismo
d) humanitarismo
e) misantropia

773) Em "Nos países mais civilizados, [...] a presença da filantropia [...] é mais perceptível.", depreende-se um julgamento de valor, segundo o qual o Brasil não compõe o grupo desses países. De acordo com o texto, pode-se contrapor a essa asserção

a) o número de voluntários do trabalho social
b) o acanhado investimento financeiro no social
c) o surgimento do voluntariado nessas nações
d) a presença, nesses países, do terceiro setor
e) a atuação do terceiro setor em tais países

774) Antepostos ou pospostos a outros, alguns vocábulos podem sofrer alteração de sentido, como ocorre, por exemplo, com *novo: novo escrivão e escrivão novo.* Indique a alternativa em que se manifesta um desses vocábulos.

a) O estágio de maturidade econômica também conta com bons indicadores.
b) Não que a filantropia seja novidade ou invenção moderna.
c) [...] alguma coisa espantosa está acontecendo.
d) [...] está entre os países que menos investem socialmente.
e) [...] a onda do bem tornou-se um fenômeno especialmente notável.

775) Em "índices *que medem* a violência e a criminalidade são úteis...", o termo destacado poderá, sem prejuízo do sentido e com a necessária adequação sintática, ser substituído por

a) mensuráveis
b) incomensuráveis
c) mensurais
d) dimensíveis
e) mensuradores

TEXTO CVIII

ASSISTENTE LEGISLATIVO - PE

- Então, quando se casa, D. Ismênia?

- Em março. Cavalcanti já está formado e...

Afinal a filha do general pôde responder com segurança à pergunta que se lhe vinha fazendo há quase cinco anos. O noivo finalmente encontrara o fim do curso de dentista e marcara o casamento para daí a três meses. A alegria foi grande na família; e, como em tal caso, uma alegria não poderia passar sem um baile, uma festa foi anunciada para o sábado que se seguia ao pedido da pragmática.

As irmãs da noiva, Quinota, Zizi, Lalá e Vivi, estavam mais contentes que a irmã nubente. Parecia que ela lhes ia deixar o caminho desembaraçado, e fora a irmã quem até ali tinha impedido que se casassem. Noiva havia quase cinco anos, Ismênia já se sentia meio casada.

Esse sentimento junto a sua natureza pobre fê-la não sentir um pouco mais de alegria. Ficou no mesmo. Casar, para ela, não era negócio de paixão, nem se inseria no sentimento ou nos sentidos: era uma idéia, uma pura idéia. Aquela sua inteligência rudimentar tinha separado da idéia de casar o amor, o prazer dos sentidos, uma tal ou qual liberdade, a maternidade, até o noivo. Desde menina, ouvia a mamãe dizer: “Aprenda a fazer isso, porque quando você se casar...” ou senão: “Você precisa aprender a pregar botões, porque quando você se casar...”.

A todo instante e a toda hora, lá vinha aquele - “porque, quando você se casar...” - e a menina foi se convencendo de que toda a existência só tendia para o casamento. A instrução, as satisfações íntimas, a alegria, tudo isso era inútil; a vida se resumia numa coisa: casar.

De resto, não era só dentro de sua família que ela encontrava aquela preocupação. No colégio, na rua, em casa das famílias conhecidas, só se falava em casar. “Sabe, D. Maricota, a Lili casou-se; não fez grande negócio, pois parece que o noivo não é lá grande coisa”; ou então: “A Zezé está doida para arranjar casamento, mas é tão feia, meu Deus!...”

(BARRETO, Lima - Triste Fim de Policarpo Quaresma - Scipione, São Paulo. 1994 - p. 25)

776) Segundo o texto, pode-se afirmar que a relação do casal de nubentes era

a) de amor, pois já fazia quase cinco anos de noivado
b) de acomodação, pois, pelo menos da parte de Ismênia, não havia paixão
c) de equilíbrio, uma vez que não havia mais os arrebatamentos da paixão
d) desejada pela família, apesar de esta não cobrar casamento das filhas
e) de cumplicidade, pois sendo um relacionamento horizontal, os dois partilhavam sentimentos, projetos e decisões

777) Em relação ao texto, todas as alternativas abaixo são verdadeiras, exceto:

a) A submissão anula a identidade do ser humano, faz dele um autômato sem desejos, sentimentos ou sonhos.
b) Quando se adestra um ser humano em vez de educá-lo, quando seu destino é traçado pela cultura de que faz parte, prejudica-se o seu desenvolvimento afetivo e intelectual.
c) O machismo diminui a figura feminina na sociedade a ponto de fazê-la pensar que, sem um marido, não consegue ser alguém ou até mesmo viver.
d) O autor tratou o assunto sem fazer uso do humor ou da ironia, uma vez que esse é um tema sério que precisa ser visto e discutido pela sociedade.
e) O casamento, visto como fim em si mesmo, não representa a realização afetiva da mulher, mas o único objetivo de sua vida.

778) Podemos afirmar que Ismênia representa

a) a mulher comedida, cautelosa que, para se defender da sociedade machista, não se deixa arrebatar pelas paixões desenfreadas
b) o perfil de companheira ideal, pois sabe ser paciente e tolerante a ponto de esperar a formatura do noivo para traçar os planos para o casamento
c) a mulher-objeto que não foi educada para sentir, para ser, mas para desempenhar apenas o papel de coadjuvante na sociedade
d) o equilíbrio, pois mesmo sendo cobrada pela sociedade, esperou que seu noivo concluísse o curso superior para marcar a data do casamento
e) uma exceção, pois dificilmente as mulheres de sua época seriam ou agiriam como ela

779) A construção sintática “uma festa foi anunciada para o sábado”, sem modificar-lhe o sentido, pode ser substituída por:

a) Uma festa esteve anunciada para o sábado.
b) Uma festa tinha sido anunciada para o sábado.
c) Anunciava-se uma festa para o sábado.
d) Anunciou-se uma festa para o sábado.
e) Anunciara-se uma festa para o sábado.

780) Com base no texto, marque a opção em que é feita uma comparação:

a) “...Ismênia já se sentia meio casada.”
b) “...estavam mais contentes que a irmã nubente.”
c) “...fê-la não sentir um pouco mais de alegria.”
d) “...o noivo não é lá grande coisa...”
e) “...mas é tão feia, meu Deus!...”

TEXTO CIX

AUXILIAR CENSITÁRIO DE INFORMÁTICA - IBGE

No início do mês o Instituto Vox Populi foi às ruas para saber o que a população pensa sobre os medicamentos genéricos. Colheu uma revelação surpreendente: 80% dos entrevistados já incorporaram essa alternativa a seus hábitos de consumo. Além dos ganhos econômicos, a nova realidade rendeu frutos políticos. O ministro da Saúde, José Serra, obteve a melhor avaliação entre toda a equipe de FHC, com percentuais capazes de causar inveja ao presidente. Os genéricos estão abrindo as portas do mercado para uma população que há anos era mantida à margem. Os medicamentos sem marca aprovados pela Vigilância Sanitária somam hoje 115 tipos e estão chegando às farmácias a preços, em média, 30% mais baratos. Tamanha revolução foi ajudada pelos holofotes acesos pela CPI dos Medicamentes, que acabou inibindo um novo boicote dos laboratórios multinacionais bem-sucedidos na sua primeira investida, ainda em 1993. No ritmo desta verdadeira revolução, a indústria nacional disparou gordos investimentos. Hoje, entre os fabricantes de remédios já aprovados, apenas um é de origem estrangeira. Com tantos êxitos, os genéricos estão se tornando uma unanimidade nacional.

(JB, 19/08/00)

781) Ao dizer, no final do texto, que os genéricos estão se tornando uma unanimidade nacional, o autor quer dizer que:

a) quase todos os brasileiros consideram o advento dos genéricos uma medida positiva.
b) os genéricos já estão alcançando, em sua distribuição, todo o território nacional.
c) todos os genéricos, em breve espaço de tempo, serão de fabricação brasileira.
d) os genéricos estão alcançando, no Brasil todo, um sucesso imprevisível.
e) os genéricos passaram a ser vistos, pelos brasileiros, como ótimos investimentos.

782) O que a pesquisa do Vox Populi revelou de surpreendente foi que:

a) os genéricos já são consumidos por grande parte da população.
b) 80% da população brasileira tanto consomem genéricos quanto os remédios tradicionais.
c) grande parte dos consumidores fazem parte de cooperativas que fornecem genéricos.

d) os genéricos só são consumidos por quem está bem informado sobre essa revolução.
e) os genéricos estão rendendo frutos econômicos e políticos.

783) A prova dos frutos políticos do advento dos genéricos é:

a) a alta popularidade do ministério de FHC
b) a avaliação pública do ministro José Serra
c) a baixa popularidade do presidente
d) a aceitação dos genéricos por parte da população
e) os altos investimentos feitos no setor

784) A população "que há anos era mantida à margem" se refere àquela parte da população que:

a) não investia no setor farmacológico.
b) desconhecia a utilidade dos genéricos.
c) só se tratava com remédios de marca.
d) não ficava doente.
e) não tinha condições econômicas de adquirir remédios.

785) Os genéricos marcam, segundo o texto, uma série de oposições em relação aos remédios tradicionais; a oposição NÃO indicada pelo texto é:

a) sem marca X com marca
b) mais baratos X mais caros
c) fabricação nacional X fabricação estrangeira
d) muito conhecimento X pouco conhecimento
e) mais consumidores X menos consumidores

786) A sigla CPI, presente no texto, significa:

a) Centro de Proteção ao Investidor
b) Comissão Parlamentar de Inquérito
c) Cooperativa Parlamentar de Investigação
d) Casa do Pequeno Investidor
e) Comissão Privada de Investigação

787) Segundo o texto, os laboratórios multinacionais:

a) aceitaram passivamente a chegada dos genéricos.
b) criaram uma CPI para os genéricos.
c) passaram a investir na produção de genéricos.
d) tentaram torpedear a revolução dos genéricos.
e) auxiliaram na criação dos genéricos.

788) "Hoje, entre os fabricantes de genéricos já aprovados, apenas um *é* de origem estrangeira."; neste segmento, o vocábulo que mostra a opinião do autor do texto sobre o assunto abordado é:

a) já

b) apenas
c) hoje
d) estrangeira
e) aprovados

789) “Hoje, entre os fabricantes de remédios já aprovados, apenas um é de origem estrangeira.”. Infere-se desse segmento que:

a) para a fabricação dos genéricos é necessária uma aprovação de órgão competente.
b) os fabricantes estrangeiros estão ganhando terreno na fabricação dos genéricos. ;
c) os fabricantes estrangeiros não estão recebendo autorização para a fabricação de genéricos.
d) a situação atual de fabricação de genéricos *é* de baixa produção.
e) só hoje o Governo intervém na fabricação de remédios.

790) *“Além dos* ganhos econômicos, a nova realidade rendeu frutos políticos.”; a locução *além de* expressa, neste caso:

a) concessão
b) explicação
c) adição
d) localização
e) causa

791) O item em que o termo sublinhado está empregado no sentido próprio original e não no sentido figurado é:

a) “Além dos ganhos econômicos, a nova realidade rendeu frutos políticos.”
b) “...com percentuais capazes de causar inveja ao presidente.”
c) “Os genéricos estão abrindo as portas do mercado...”
d) “...a indústria disparou gordos investimentos.”
e) “Colheu uma revelação surpreendente:...”

792)”...que acabou inibindo um novo boicote dos laboratórios multinacionais...”; neste caso, o verbo *acabar* apresenta o mesmo significado que em:

a) A pesquisa da Vox Populi acabou há duas semanas.
b) Acabamos de ler o texto.
c) Os genéricos acabaram de chegar às farmácias.
d) Isso não vai acabar bem.
e) Ele se acabou na festa!

TEXTO CX

ENGENHEIRO CIVIL - TRF 2a REGIÃO

A ÁRVORE E O HOMEM

O PRIMEIRO... problema que as árvores parecem propor-nos é o de nos conformarmos com a sua mudez. Desejaríamos que falassem, como falam os animais, como falamos nós mesmos. Entretanto, elas e as pedras reservam-se o privilégio do silêncio, num mundo em que todos os seres têm pressa de se desnudar. Fiéis a si mesmas, decididas a guardar um silêncio que não está à mercê dos botânicos, procuram as árvores ignorar tudo de uma composição social que talvez se lhes afigure monstruosamente indiscreta, fundada como está na linguagem articulada, no jogo de transmissão do mais íntimo pelo mais coletivo. Grave e solitário, o tronco vive num estado de impermeabilidade ao som, a que os humanos atingem por alguns instantes e através da tragédia clássica. Não logramos comovê-lo, comunicar-lhe a nossa intemperança. Então, incapazes de trazê-lo para a nossa domesticidade, consideramo-lo um elemento da paisagem, e pintamo-lo. Ele pende, lápis ou óleo, de nossa parede, mas esse artifício não nos ilude, não incorpora a árvore à atmosfera de nossos cuidados. O fumo dos cigarros, subindo até o quadro, parece vagamente aborrecê-la, e certas árvores de Van Gogh, na sua crispação, têm algo de protesto.

(ANDRADE, C. Drummond de. *Poesia completa e prosa.* Rio de Janeiro: José Aguilar, 1973. p. 798)

793) É FALSO afirmar, a respeito do conteúdo desse texto, que:

a) a capacidade da fala é atribuída a todos os seres animados.
b) seu autor reforça a tese de que, para os seres humanos, a posse da linguagem articulada é um privilégio.
c) o silêncio das árvores é um mistério para os cientistas.
d) o desenho e a pintura são simples artifícios para integrar as árvores no ambiente social e humano.
e) parece às árvores que a socialização da intimidade através da linguagem articulada é uma indiscrição.

794) No texto, a maioria das palavras e expressões refere-se basicamente a dois universos: o das árvores e o dos homens. A alternativa que reúne EXCLUSIVAMENTE palavras relativas ao universo dos homens é:

a) crispação - silêncio
b) intemperança - botânicos
c) paisagem - impermeabilidade
d) cuidados - solitário
e) atmosfera - mudez

795) A atribuição de características humanas às árvores vem expressa no texto por várias expressões/palavras, EXCETO pela da opção:

a) propor-nos
b) fiéis
c) grave
d) ignorar
e) domesticidade

796) Os conectivos “Entretanto” e “Então” encadeiam partes do texto exprimindo, respectivamente:

a) oposição e conseqüência
b) oposição e tempo
c) tempo e conseqüência
d) tempo e conclusão
e) tempo e tempo

TEXTO CXI

REGULADOR - AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS
ÁGUA INSALUBRE

Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2002.
As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em conseqüência da Aids em todo o mundo.

(Márcia Peltier, O Globo, 21/10/2002)

797) O título dado à notícia é "Água insalubre". Sabendo-se que "insalubre" significa "nocivo à saúde", pode-se dizer que:

a) o título nada esclarece sobre o conteúdo do texto.
b) parte do conteúdo do texto é antecipado pelo título.
c) o adjetivo "insalubre" contradiz o conteúdo do texto.
d) o título pretende atrair o leitor pelo aspecto trágico.
e) a menção da água contaminada introduz o assunto da Aids.

798) O adjetivo atribuído ao substantivo água que NÃO tem sua significação corretamente indicada é:

a) água contaminada: água que não contém sais minerais
b) água insípida: água sem sabor
c) água insossa: água sem sal
d) água natural: água existente na natureza
e) água potável: conveniente para consumo humano

799) Logo ao início da notícia há a indicação da fonte de informação estudo do Pacific Institute of Oakland; isso ocorre porque:

a) é obrigatória a presença da fonte de informações nos jornais.
b) valoriza a notícia dizer que sua fonte é americana.
c) atribui força de verdade ao que é veiculado.
d) a identificação da fonte isenta a jornalista de responsabilidade.
e) a fonte citada é de amplo conhecimento público.

800)No segmento "morrerão de doenças", o valor semântico da preposição sublinhada repete-se em:

a) as águas ficaram contaminadas de bactérias.
b) os estudos mostraram a contaminação das águas.
c) as águas contaminadas são as causas de doenças.
d) a água de rios é mais contaminada que a marinha.
e) os habitantes do Sul padecem de frio.

801) Pode-se deduzir da leitura do texto que:

a) a Aids é a doença que causa maior número de mortes na atualidade.
b) as crianças morrem preferencialmente de doenças causadas pela água contaminada.
c) as crianças são as mais afetadas porque se divertem na água.
d) no período citado a Aids mata menos que a água contaminada.
e) a contaminação da água só causará mortes num futuro próximo.

802) Vocábulos do texto que NÃO apresentam o mesmo referente são:

a) pessoas / as crianças
b) doenças / males
c) água / água contaminada
d) até 2002 / mesmo período
e) morrerão / serão registrados 65 milhões de casos fatais

803) A referência à Aids no final do texto tem por finalidade:

a) dar mais sensacionalismo ao texto.
b) mostrar a gravidade da Aids.
c) demonstrar o futuro negro da humanidade.
d) destacar problemas ainda pouco divulgados.
e) despertar interesse no leitor.

804) Situação que poderia representar o uso e ingestão da água simultaneamente é:

a) lavagem das calçadas
b) preparação da comida
c) banho diário
d) lavagem de roupas
e) limpeza da louça

805) O texto lido poderia ser classificado como:

a) didático
b) informativo
c) normativo
d) preditivo
e) publicitário

806) A conjunção que se poderia escrever entre os dois últimos períodos do texto de modo a manter o sentido original é:

a) mas
b) apesar de
c) enquanto
d) à media que
e) contanto que

807) Expressões que NÃO são equivalentes semanticamente são:

a) prevê = faz a previsão de que
b) mesmo período = período igual
c) casos fatais = mortes
d) em todo o mundo = mundialmente
e) doenças = males

808) Ao dizer que “as crianças serão as mais afetadas”, o texto mostra que:

a) os adultos serão igualmente afetados.
b) os adultos não serão afetados.
c) só as crianças serão afetadas.
d) os adultos serão menos afetados.
e) os adultos serão mais ou menos afetados.

TEXTO CXII

GUARDA MUNICIPAL DO RIO
TEXTO 1

Que país é este, que nega oportunidades às suas crianças e jovens, em qualquer que seja a profissão, de serem atores na vida? Milhões de brasileiros precisam, apenas, ter o direito à educação para dar, com dignidade, sua contribuição à sociedade.

Milhares de crianças utilizam sua criatividade, inteligência e seus dons apenas para sobreviver. São artistas nos sinais de trânsito, pedintes do asfalto. No entanto, a grande e esmagadora maioria tem como alternativas a violência, o furto, as drogas e a morte prematura.

É possível transformar essa realidade e isto custa muito pouco.

(Maurício Andrade, Coordenador Geral da Ação da Cidadania)

809) Este texto serve de introdução a um programa da peça teatral "Menino no meio da rua", que aborda a esperança de mudar a vida de muitos meninos de rua; analise os trechos a seguir:

I - "Que país é este, que nega oportunidades às suas crianças e jovens, em qualquer que seja a profissão, de serem atores na vida?"
II - "Milhões de brasileiros precisam, apenas, ter o direito à educação para dar, com dignidade, sua contribuição à sociedade."
in - "Milhares de crianças utilizam sua criatividade, inteligência e seus dons apenas para sobreviver."
IV - "São artistas nos sinais de trânsito, pedintes do asfalto."

Os trechos do texto que fazem alusão ao mundo do teatro são:

a) I - III
b) II-IV
c) I-IV
d) II-III
e) III - IV

810)Ao perguntar, no texto 1, "Que país é este...?", o autor deseja:

a) satisfazer uma curiosidade.
b) tomar conhecimento de algo.
c) definir o seu país.
d) protestar contra uma injustiça.
e) revelar algo desconhecido.

811) "Que país é este, que nega oportunidades às suas crianças e jovens, em qualquer que seja a profissão, de serem atores na vida?"; neste segmento do texto, com a expressão "de serem atores na vida", o autor quer dizer que:

a) muitos meninos e meninas poderiam trabalhar em teatro.
b) crianças e jovens são atores para sobreviver.

c) ser ator é uma atividade que não requer muito estudo.
d) trabalhar em circo pode ser a saída de sobrevivência para muitos.
e) todos deveriam ter a oportunidade de ser alguém na vida.

812)Ao usar apenas no segmento "Milhares de crianças utilizam sua criatividade, inteligência e seus dons apenas para sobreviver.", o autor quer dizer que:

a) as crianças têm pouco a oferecer.
b) o talento das crianças poderia ser mais bem empregado.
c) milhares de crianças lutam pela sobrevivência.
d) as crianças têm pouca criatividade e inteligência.
e) a sobrevivência é apenas uma das preocupações das crianças.

813) "São artistas nos sinais de trânsito, pedintes do asfalto."; o comentário INCORRETO sobre esse segmento do texto é:

a) ser artista no sinal de trânsito é mostrar criatividade para a sobrevivência.
b) "artista" e "pedinte" são atividades que se opõem em dignidade.
c) "asfalto" se opõe tradicionalmente a "morro".
d) todo o segmento se refere a "milhares de crianças", no período anterior.
e) "artistas" está usado, neste caso, com sentido pejorativo.

814) "No entanto, a grande e esmagadora maioria tem como alternativas a violência, o furto, as drogas e a morte prematura"; a afirmativa correta a respeito desse segmento do texto é:

a) a grande e esmagadora maioria das crianças que ficam nos sinais de trânsito são marginais.
b) grande parte das crianças que são artistas nos sinais de trânsito acabam vítimas da violência em que vivem.
c) as doenças e a falta de assistência levam grande parte das crianças à morte prematura.
d) a maior parte das crianças de rua apelam para a marginalidade como alternativa de sobrevivência.
e) o uso de drogas é a única causa de morte prematura das crianças.

815) A frase final desse segmento do texto - "É possível transformar essa realidade e isso custa muito pouco". - soa como:

a) condenação
b) esperança
c) desespero
d) sentimentalismo
e) protesto

PARTE 4

GABARITO E COMENTÁRIOS

GABARITO E COMENTÁRIOS

GABARITO

1 d	**2 c**	**3 b**	**4 a**	**5 c**	**6 e**	**7 b**	**8 c**	**9 e**	**10 b**
11 d	**12 e**	**13 c**	**14 d**	**15 b**	**16 d**	**17 c**	**18 d**	**19 e**	**20 e**
21 c	**22 a**	**23 d**	**24 c**	**25 a**	**26 e**	**27 b**	**28 d**	**29 b**	**30 a**
31 d	**32 b**	**33 e**	**34 b**	**35 d**	**36 c**	**37 e**	**38 e**	**39 c**	**40 d**
41 d	**42 c**	**43 d**	**44 b**	**45 b**	**46 a**	**47 d**	**48 e**	**49 a**	**50 c**
51 b	**52 c**	**53 e**	**54 c**	**55 c**	**56 d**	**57 c**	**58 e**	**59 d**	**60 a**
61 d	**62 e**	**63 d**	**64 b**	**65 d**	**66 e**	**67 e**	**68 e**	**69 b**	**70 d**
71 c	**72 b**	**73 c**	**74 e**	**75 c**	**76 a**	**77 d**	**78 d**	**79 d**	**80 b**
81 c	**82 d**	**83 b**	**84 d**	**85 e**	**86 c**	**87 d**	**88 d**	**89 c**	**90 d**
91 d	**92 b**	**93 e**	**94 d**	**95 c**	**96 b**	**97 e**	**98 d**	**99 c**	**100 d**
101 e	**102 e**	**103 e**	**104 b**	**105 c**	**106 c**	**107 c**	**108 b**	**109 d**	**110 c**
111 b	**112 e**	**113 c**	**114 e**	**115 d**	**116 d**	**117 b**	**118 a**	**119 d**	**120 c**
121 e	**122 b**	**123 e**	**124 c**	**125 a**	**126 d**	**127 c**	**128 b**	**129 d**	**130 c**
131 c	**132 e**	**133 d**	**134 a**	**135 e**	**136 d**	**137 e**	**138 a**	**139 c**	**140 d**
141 b	**142 a**	**143 d**	**144 e**	**145 c**	**146 d**	**147 e**	**148 b**	**149 e**	**150 d**
151 c	**152 d**	**153 c**	**154 e**	**155 c**	**156 a**	**157 c**	**158 d**	**159 c**	**160 d**
161 e	**162 a**	**163 d**	**164 e**	**165 c**	**166 d**	**167 b**	**168 d**	**169 d**	**170 a**
171 c	**172 d**	**173 d**	**174 e**	**175 b**	**176 d**	**177 e**	**178 c**	**179 e**	**180 b**
181 e	**182 d**	**183 c**	**184 c**	**185 c**	**186 d**	**187 d**	**188 e**	**189 b**	**190 e**
191 d	**192 a**	**193 c**	**194 b**	**195 d**	**196 c**	**197 d**	**198 e**	**199 d**	**200 c**
201 e	**202 c**	**203 b**	**204 e**	**205 e**	**206 a**	**207 d**	**208 c**	**209 d**	**210 b**
211 d	**212 c**	**213 c**	**214 d**	**215 c**	**216 e**	**217 b**	**218 a**	**219 d**	**220 c**
221 d	**222 c**	**223 e**	**224 e**	**225 b**	**226 e**	**227 b**	**228 d**	**229 e**	**230 d**
231 c	**232 e**	**233 a**	**234 d**	**235 b**	**236 d**	**237 e**	**238 c**	**239 c**	**240 a**
241 e	**242 d**	**243 d**	**244 c**	**245 a**	**246 c**	**247 b**	**248 d**	**249 d**	**250 e**
251 a	**252 b**	**253 c**	**254 a**	**255 c**	**256 a**	**257 a**	**258 b**	**259 d**	**260 c**
261 e	**262 e**	**263 e**	**264 a**	**265 c**	**266 c**	**267 b**	**268 a**	**269 c**	**270 d**
271 e	**272 b**	**273 c**	**274 a**	**275 b**	**276 c**	**277 b**	**278 a**	**279 c**	**280 b**
281 c	**282 d**	**283 b**	**284 b**	**285 d**	**286 b**	**287 d**	**288 d**	**289 a**	**290 d**
291 c	**292 e**	**293 e**	**294 d**	**295 a**	**296 a**	**297 b**	**298 e**	**299 d**	**300 b**
301 e	**302 c**	**303 e**	**304 c**	**305 a**	**306 c**	**307 c**	**308 a**	**309 e**	**310 c**
311 e	**312 b**	**313 a**	**314 c**	**315 a**	**316 c**	**317 b**	**318 a**	**319 b**	**320 c**
321 c	**322 b**	**323 a**	**324 c**	**325 d**	**326 a**	**327 b**	**328 c**	**329 e**	**330 a**
331 b	**332 d**	**333 e**	**334 e**	**335 a**	**336 e**	**337 a**	**338 c**	**339 b**	**340 d**
341 d	**342 a**	**343 b**	**344 b**	**345 a**	**346 a**	**347 b**	**348 d**	**349 d**	**350 e**
351 b	**352 b**	**353 b**	**354 a**	**355 c**	**356 a**	**357 c**	**358 b**	**359 c**	**360 d**
361 e	**362 d**	**363 d**	**364 e**	**365 a**	**366 c**	**367 b**	**368 a**	**369 d**	**370 e**
371 d	**372 e**	**373 e**	**374 b**	**375 a**	**376 c**	**377 e**	**378 a**	**379 b**	**380 e**
381 a	**382 c**	**383 d**	**384 c**	**385 a**	**386 b**	**387 d**	**388 d**	**389 a**	**390 e**
391 c	**392 d**	**393 a**	**394 a**	**395 e**	**396 d**	**397 c**	**398 e**	**399 b**	**400 a**
401 c	**402 e**	**403 c**	**404 d**	**405 c**	**406 b**	**407 d**	**408 c**	**409 d**	**410 b**
411 e	**412 a**	**413 c**	**414 a**	**415 e**	**416 c**	**417 b**	**418 b**	**419 b**	**420 a**

421 c	422 b	423 e	424 a	425 a	426 d	427 d	428 b	429 c	430 e
431 d	432 a	433 a	434 b	435 b	436 c	437 d	438 e	439 b	440 b
441 c	442 a	443 d	444 b	445 d	446 b	447 e	448 c	449 c	450 b
451 c	452 e	453 e	454 a	455 d	456 c	457 c	458 b	459 b	460 a
461 b	462 e	463 a	464 b	465 a	466 a	467 c	468 b	469 a	470 d
471 b	472 c	473 d	474 d	475 e	476 b	477 a	478 d	479 a	480 a
481 e	482 d	483 d	484 b	485 c	486 b	487 b	488 d	489 c	490 a
491 b	492 c	493 c	494 d	495 e	496 d	497 d	498 e	499 a	500 b
501 a	502 b	503 d	504 c	505 a	506 d	507 a	508 c	509 d	510 b
511 d	512 c	513 c	514 c	515 b	516 b	517 d	518 d	519 c	520 e
521 a	522 e	523 b	524 b	525 b	526 a	527 a	528 e	529 b	530 c
531 d	532 c	533 d	534 d	535 c	536 a	537 c	538 a	539 b	540 d
541 d	542 a	543 c	544 a	545 c	546 a	547 c	548 b	549 c	550 e
551 a	552 d	553 a	554 e	555 c	556 a	557 a	558 c	559 c	560 b
561 d	562 c	563 b	564 d	565 b	566 d	567 e	568 d	569 b	570 e
571 c	572 a	573 c	574 e	575 d	576 e	577 b	578 c	579 e	580 c
581 e	582 e	583 c	584 b	585 c	586 b	587 a	588 c	589 d	590 a
591 c	592 d	593 b	594 a	595 a	596 b	597 c	598 c	599 a	600 c
601 a	602 a	603 d	604 e	605 d	606 d	607 d	608 a	609 e	610 e
611 c	612 b	613 a	614 a	615 e	616 c	617 b	618 d	619 b	620 d
621 c	622 b	623 d	624 a	625 d	626 c	627 e	628 d	629 b	630 d
631 a	632 e	633 b	634 c	635 c	636 a	637 a	638 d	639 b	640 a
641 d	642 b	643 d	644 a	645 b	646 b	647 e	648 b	649 b	650 b
651 d	652 d	653 c	654 b	655 e	656 a	657 e	658 c	659 c	660 c
661 c	662 a	663 b	664 d	665 b	666 d	667 b	668 e	669 c	670 e
671 b	672 e	673 c	674 c	675 d	676 a	677 a	678 d	679 b	680 d
681 c	682 a	683 d	684 a	685 d	686 c	687 b	688 a	689 e	690 e
691 c	692 d	693 d	694 b	695 e	696 a	697 b	698 b	699 b	700 e
701 a	702 e	703 e	704 d	705 e	706 c	707 b	708 e	709 b	710 c
711 b	712 a	713 b	714 a	715 b	716 d	717 b	718 d	719 b	720 c
721 c	722 b	723 a	724 b	725 a	726 d	727 d	728 c	729 e	730 c
731 b	732 b	733 b	734 e	735 d	736 d	737 d	738 b	739 d	740 d
741 e	742 a	743 c	744 c	745 b	746 e	747 a	748 d	749 b	750 e
751 c	752 b	753 a	754 d	755 e	756 c	757 c	758 d	759 a	760 e
761 e	762 c	763 d	764 b	765 c	766 e	767 d	768 d	769 b	770 d
771 b	772 d	773 a	774 c	775 e	776 b	777 d	778 c	779 d	780 b
781 a	782 a	783 b	784 e	785 d	786 b	787 d	788 b	789 a	790 c
791 b	792 d	793 b	794 b	795 e	796 a	797 b	798 a	799 c	800 e
801 d	802 a	803 d	804 b	805 b	806 c	807 b	808 d	809 c	810 d
811 e	812 b	813 e	814 d	815 b					

COMENTÁRIOS

Texto I

1) Letra d

Nada no texto fala de aumento ou diminuição da saudade. A palavra “calendário” é a chave. Ao dizer que “não há calendário para a saudade”, a autora diz que não existe data marcada para se ter mais ou menos saudade. Ou seja, a saudade não depende do tempo, simbolizado aqui pelo calendário: ela simplesmente existe.

2) Letra c

Há muitas questões em concursos públicos envolvendo o significado das orações. Procure ver qual conjunção poderia ser usada no texto. No início do livro, você tem uma boa lista dessas palavras. No caso da questão, poder-se-ia começar a segunda oração com a conjunção porque: porque não há calendário para a saudade. Sim, porque o fato de não haver calendário para a saudade faz com que não exista “essa coisa de um ano sem Sena, dois anos sem Senna”.

3) Letra b

Normalmente a repetição de uma palavra, nos moldes em que aqui foi feita, expressa uma confirmação, uma convicção do autor. As outras palavras, por si mesmas, se eliminam.

4) Letra **a**

Há várias figuras de sintaxe que consistem na repetição de termos. Veja as mais importantes:

a) anáfora: repetição de uma palavra ou expressão no início da frase, membro da frase ou verso.

Ex.: “Vi uma estrela tão alta!

Vi uma estrela tão fria!

Vi uma estrela luzindo...” (Manuel Bandeira)

b) Epístrofe: repetição no final.

Ex.: “Chegou a hora da névoa. No peito e nos olhos, névoa. Quero guardar-me da névoa. Porém é inútil: há névoa.” (Henriqueta Lisboa)

c) Símploce: repetição no início e no fim

Ex.: Tudo ali precisa de explicação. Tudo ali merece uma boa explicação

d) Pleonasmo: repetição de uma idéia ou de um termo da oração (objeto direto, objeto indireto ou predicativo do sujeito)

Ex.: Vi tudo com meus próprios olhos, (repetição da idéia)

Esse livro, já o li há muito, (o —> objeto direto pleonástico)

e) Quiasmo: repetição e inversão simultâneas de termos; há uma espécie de cruzamento.

Ex.: “No meio do caminho tinha uma pedra tinha uma pedra no meio do caminho.” (C. D. de Andrade)

Texto II

5) Letra **c**

Há uma visível mudança profissional. Os comentários da questão seguinte servem a esta. ,

6) Letra e

Quem corre atrás de eleitores é político. A palavra **senador** é específica. Veja bem: não se pode levar em conta que o autor, cujo nome aparece com o texto, seja conhecido. José Sarnei *é* senador da República. Mas o texto não sugere isso; cuidado, portanto! Quem corre atrás de leitores é escritor, que é o termo genérico. **Jornalista** e **romancista** são termos específicos, e nada no texto sugere essas profissões.

7) Letra b

Observe que se pergunta sobre a primeira atividade, não a que ele busca agora. Veja os comentários da questão seguinte.

8) Letra c

A expressão “passei a vida” dá nitidamente uma idéia de coisa duradoura. Passar a vida fazendo alguma coisa é, necessariamente, algo demorado.

9) Letra e

Todas as palavras ou expressões indicam tempo. As quatro primeiras referem-se ao presente; a última, **recentemente,** ao passado. **Agora** é tempo presente; **recentemente;** tempo passado.

Texto III

10) Letra b

O autor demonstra **respeito** pelos animais, no momento em que não os força a fazer coisas para as quais sua natureza não está preparada. Ou seja, ele respeita os limites de cada um. Não se trata necessariamente de **amor** ou **solidariedade,** como alguns podem pensar.

Pode-se respeitar sem que haja amor, no mais profundo sentido do termo. A solidariedade é uma atitude de apoio àquelas pessoas que se encontram em dificuldades de qualquer espécie. **Fé** e **tolerância** seriam escolhas absolutamente inadequadas.

11) Letra d

Se o autor fosse um **adestrador frio,** não hesitaria em forçar os animais. **Treinador qualificado** não serve como resposta, pois nada garante no texto que ele seja muito bom adestrador. Ele poderia respeitar os animais e não saber treiná-los devidamente. **Adestrador filantropo** é absurdo. Filantropia é caridade, ajuda incondicional aos necessitados do corpo ou do espírito. Talvez haja dúvidas entre as letras **a (treinador atento)** e **d (adestrador consciente).** Fica melhor a letra d, por duas razões: **adestrador** é termo adequado, por se tratar de treinamento de animais; **consciente** diz mais do que **atento,** pois o autor está consciente das limitações dos animais.

12) Letra e

As duas primeiras opções dizem a mesma coisa e indicam o oposto do que o texto nos apresenta. A letra **c** não tem sentido algum, pois, se a natureza permitisse, o adestrador poderia tentar normalmente.

A letra d dispensa comentários, em face do seu absurdo. A resposta só pode ser a letra e, pois fala do respeito que o autor tem pelos limites de seus animais.

Texto IV

13) Letra c

Ao dizer que está com saudade de ficar bom, o autor afirma, de maneira literária, que está doente. Isso elimina as letras **a** e e. “Escrever é conseqüência natural.” Conseqüência de quê? De ficar bom, ou seja, ficando bom, ele volta a escrever. Ele só não está escrevendo por estar doente. Daí o gabarito ser a letra c.

14) Letra d

A resposta pode parecer a letra b. Mas, numa análise mais profunda, observa-se que o autor tem vontade de ficar bom para voltar a escrever. Se escrever é uma conseqüência natural de ficar bom, é algo que ele não pretende deixar de fazer, é o que ele realmente mais almeja. **Trabalhar** não serve como resposta pois é um termo genérico, enquanto escrever é específico.

15) Letra b

Os comentários da questão anterior se ajustam também a esta. Cuidado apenas para não confundir as opções **b** e e. O autor não tem saúde, ele está doente e deseja recuperar a saúde para poder escrever.

Texto V

16) Letra d

A comparação não é feita entre Deus e a internet, como possa parecer, mas sim entre a mente (de Deus) e a internet. É diferente.

17) Letra c

Veja bem o que o texto nos transmite: a mente (de Deus), da mesma forma que a internet, podem ser acessadas por qualquer um, ou seja, elas são acessíveis. Se são acessíveis, é porque têm acessibilidade. Daí o gabarito ser a letra c.

18) Letra d “

O conectivo comparativo a que se refere o enunciado da questão é a conjunção **como. Tal qual, que nem** (popular), **qual** e **feito** (popular) poderiam ser usados sem alteração de sentido. A preposição **para** não tem esse valor, além de, nesse caso, deixar o texto sem coesão textual e coerência.

19) Letra e

Paráfrase é uma reescritura do texto, sem alteração de sentido. É comum em alguns tipos de concursos. Na letra e, ao se dizer que “a mente de Deus pode acessar”, o sentido se altera radicalmente, pois *a mente* passa a ser ativa, ou seja, ela passa a praticar a ação, quando no texto ela sofre a ação, as pessoas é que a acessam, da mesma forma que acessam a internet.

Texto VI

20) Letra e

Ao dizer que “Deus é o ópio do povo”, Marx faz alusão aos efeitos dessa droga, por comparação, naturalmente. O ópio não deixa o usuário pensar direito, tanto é que ele faz uma série de bobagens que não faria se estivesse sem a droga no organismo. Assim, a idéia que ele quer passar é que Deus também não deixa o povo pensar.

21) Letra c

O autor afirma que Marx não entendia de Deus, nem de ópio. Por isso a resposta só pode ser a letra c.

22) Letra a

Leviandade consiste em se falar sobre algo que não se conhece direito. As outras opções se excluem por si mesmas.

23) Letra d

Ter fé *é* sentir, de maneira profunda e inexplicável, alguma coisa. A fé se sente. Deus, sendo uma experiência de fé, naturalmente só pode ser sentido. Observe que as outras opções não são absurdas, mas não correspondem ao que o autor do texto quer transmitir. Temos de buscar as respostas sempre no texto. Não importa o que sabemos de antemão. A palavra fé é a chave para resolver essa questão.

24) Letra c

O comentário da questão anterior serve também para esta.

25) Letra a

Metáfora é um tipo de comparação não enunciada, em que não se expressam o conectivo comparativo nem o elemento comum aos dois seres. Deus e ópio estão sendo comparados. Se o autor dissesse: “Deus é como o ópio”, haveria uma comparação ou simile, já que teríamos na frase o conectivo **como.** Afirmando diretamente, trata-se de uma metáfora, uma das mais importantes figuras de linguagem.

26) Letra e

Qualquer palavra que se refira a Deus ou a Jesus pode ser grafada com inicial maiúscula. É o caso, no texto, do pronome pessoal oblíquo átono Io, que tem como referente a palavra Deus. Não é obrigatório, dependendo apenas do gosto do escritor.

Texto VII

27) Letra b

O autor saiu de sua terra, mas sente como se isso nunca tivesse ocorrido, pois seu sentimento é todo dela.

28) Letra d

O texto passa uma impressão de que o autor continua ligado, espiritualmente, à sua terra. Fisicamente, claro, ele não está lá, como se vê no primeiro verso. Já o último verso mostra que ele permaneceu ligado a ela, por seus sentimentos.

29) Letra b

Ao sair da terra natal e não se adaptar ao novo lugar, em virtude de sua ligação afetiva com ela, o autor se torna confuso. Não se entenda aqui o verbo **perder** (perdi-me) com o seu sentido original. A idéia é a de não se encontrar, mentalmente, no novo espaço ocupado. Outra justificativa seria a palavra **ilusão,** que por si só demonstra um estado de confusão.

30) Letra a

Como já vimos, o autor saiu apenas **fisicamente,** pois espiritualmente continuou preso à terra natal. Cuidado com a letra b. É claro que ele gostaria de retornar, mas em momento algum essa idéia é expressa no texto.

31) Letra d

As palavras **amargura,** decepção, tristeza e **nostalgia** pertencem ao mesmo campo semântico. O autor sofre por não estar em seu lugar de origem, e todas essas palavras associam-se à idéia de sofrimento. Não é o caso de vergonha. Isoladamente, a expressão **ai** de **mim** poderia indicar vergonha, mas o texto fala apenas do sofrimento do autor por estar ausente, nada ele fez que pudesse envergonhá-lo.

Texto VIII

32) Letra b

Essa questão só pode ser resolvida com um conhecimento prévio, independente do texto. O Titanic, como se sabe, era um navio que naufragou, matando uma grande quantidade de pessoas. O autor apelou para essa imagem por querer falar de algo que também corre perigo de se tornar um desastre.

33) Letra e

Determinismo é uma filosofia segundo a qual quando uma coisa tem que acontecer nada pode impedir. Pode ser associada à idéia de destino, em seu sentido mais radical. Ora, ele acredita que o curso pode ser mudado. Também justifica a resposta o fato de as pessoas fazerem a história, ou seja, elas podem criar e evitar determinadas situações.

34) Letra b

Conquanto e **malgrado** são conjunções concessivas, sinônimas de **embora.** Elas criam uma oposição, o que não ocorre no texto. **Enquanto** e **apenas** são conjunções temporais, eqüivalendo a **quando.** Também não é essa a idéia. O gabarito só pode ser a letra b, pois a palavra **porquanto** tem valor de causa e corresponde a **porque.** Esse é o valor da palavra **afinal** no texto.

35) Letra d

A opção **a** destoa completamente, já que o autor acredita nas transformações. A letra **b** pode enganar. Observe, no entanto, que ela garante que sempre conseguiremos, desde que tentemos. O texto não garante que isso vá ocorrer, apenas que se deve tentar. A letra c não pode ser a escolhida pois o autor diz para tentarmos o impossível. É lógico que, se conseguirmos, aquilo apenas teria tido a aparência de impossível. A afirmação da opção **e** não encontra nenhum apoio no texto, que não faz distinção entre quem pode conseguir e quem não pode. A resposta só pode ser a letra d: se não desistirmos, até o que parece impossível poderá ser alcançado.

36) Letra c

Esta questão praticamente foi comentada na anterior. Não se pode desistir de algo, ou seja, não se pode desanimar.

Texto IX

37) Letra e

O sonho e a esperança são coisas extremamente pessoais, que existem no mais profundo recanto de cada ser. O artista, segundo a autora, tem a capacidade de mexer ali, com o seu trabalho. A opção **a** poderia enganar alguns, já que a afirmação é indiscutível; mas não há nada no texto que diga isso. Assim, a resposta só pode ser a letra e, pois o sonho e a esperança, trabalhados pelo artista, estão no íntimo das pessoas.

38) Letra e

As três primeiras opções estabelecem algum tipo de comparação entre o sonho e a esperança, coisa que não aparece no texto.

A letra d parece ser a resposta, mas apresenta um radicalismo que não se deduz do texto, que não diz que todos sonham e têm esperança, ou mesmo que é impossível viver sem os dois. A letra e, que é a resposta, fala da importância que o sonho e a esperança possuem. No texto, a palavra que melhor explica esse fato é o adjetivo **essencial.** Veja a associação: coisa essencial —> importância capital.

39) Letra c

O comentário da questão anterior serve também para esta.

40) Letra d

Há muitas expressões que não pertencem à chamada língua culta, e sim à linguagem descontraída, familiar, que todos nós empregamos em determinadas situações. Meter **a** mão é uma dessas e tem, na realidade, mais de um significado. Pode ser entendida como **roubar.** Por exemplo: Ele é funcionário e, por causa disso, está metendo a mão. No texto, assumiu o valor de **pegar, tocar.** Cuidado para não optar pela letra b! A Idéia não é de intromissão, que tem valor pejorativo, mas de tocar o sentimento de alguém.

41) Letra d

O texto não faz nenhuma menção à paz. Por isso a resposta só pode ser a letra d. As três primeiras são evidentes. A “carência de sentimentos” da opção **e** se justifica com a palavra **resgatando.** Resgatando o quê? Dois sentimentos: o sonho e a esperança, que muitas pessoas perderam. Daí a palavra **carência.**

42) Letra c

Esses é pronome demonstrativo, refere-se a algo que passou no texto. A palavra **tais** tem o mesmo valor. **Bons** é adjetivo, estaria expressando uma qualidade que não se encontra no texto. **Certos, outros** e **muitos** são pronomes indefinidos e, da mesma forma que **bons,** mudariam o sentido da frase.

Texto X

43) Letra d

Ao dizer que não aceita “prêmios de empresas ligadas a grupos multinacionais”, o autor revela o seu amor pelo Brasil; também quando diz que não é traidor do seu povo. A esse sentimento se dá o nome de **nacionalismo. Megalomaníaco** é todo aquele que tem mania de grandeza. **Narcisista** é aquele que se acha bonito e se apaixona por sua própria imagem; a palavra tem origem na história do pastor Narciso, que, ao ver sua imagem refletida nas águas de uma fonte, apaixonou-se por ela.

44) Letra b

Venal significa “aquele que se vende, corrupto”; veja que ele diz que não está à venda. **Pusilânime** é covarde, **fmprobo** é desonesto. Na realidade, aceitar o prêmio não seria uma postura desonesta, apenas ele se sentiria como que vendido.

45) Letra b

O sentimento de nacionalismo do autor, que já comentamos, faz com que ele ache que aceitar um prêmio desse tipo seria voltar-se contra o seu país, ou seja, ele não estaria servindo ao Brasil, mas às multinacionais. Alguns podem ter pensado na alternativa c. Observe, contudo, que em momento algum ele diz ou sugere que detesta todas as empresas multinacionais. O que ele não quer é que lhe dêem prêmio algum, apenas isso.

46) Letra a

Esse período poderia ser iniciado pela conjunção subordinativa causai **porque,** ou um seu sinônimo. O fato de ele não ser traidor nem estar à venda faz com que não receba aqueles prêmios.

47) Letra d

É uma questão que pode confundir. Note que quando alguém usa essa expressão, ela não está necessariamente revoltada com alguma coisa, ou irada. Também não se poderia pensar em **ironia** ou **desprezo.** Esses sentimentos não afetam o autor ao longo do texto. Dizer “Deus me livre!” é o mesmo que garantir que não se quer, de jeito algum, uma determinada coisa. Daí o gabarito ser a letra d.

Texto XI

48) Letra e

“Transcorrer sem brilho” corresponde semanticamente a ser quase apagado. Das outras opções, a única que talvez confunda o leitor é a primeira, letra a. Acontece que o século XVII não chamou a atenção por ser meio apagado. Teria chamado a atenção dos historiadores se tivesse sido brilhante. Veja também que o autor diz “sem que sobre esse período se detenha a atenção dos historiadores”.

49) Letra a

A questão dispensa comentários, já que se trata de um mero problema de vocabulário. É só consultar um bom dicionário.

50) Letra c

Meia-luz quer dizer pouca luz. Assim, **quase pagada** surge no texto como um elemento de reforço, um tanto redundante. Não se deve pensar que se trata de uma explicação (letra d), já que elas possuem o mesmo valor semântico. Não se pode dizer, por exemplo, a título de explicação, que um cão é um cachorro. Não se explica nada com o seu sinônimo.

51) Letra b

A letra **a** é impossível pois não se diz no texto que os historiadores detestaram o século XVII; ao contrário, esse século não chamou a atenção deles. Nas opções c e e, existem comparações envolvendo os séculos XVI, XVII e XVIII; o texto apenas situa, o que é uma coisa lógica, o século XVII entre os outros dois. A opção **d** nos fala das coisas interessantes da história do Rio de Janeiro; com certeza, elas existem, mas não no texto. A resposta da questão, letra b, se justifica com o que aparece no final do texto: “...os que se deixam fascinar pelos aspectos brilhantes da história.”; esse “os” do trecho corresponde exatamente a **certas pessoas,** da alternativa **b.**

Texto XII

52) Letra c

As duas opções que poderiam confundir a cabeça do leitor são **a** e c. Na letra a, diz-se que o totalitarismo atrapalhou a carreira do cineasta; acontece que ele deixou de fazer filmes. Então não apenas atrapalhou, mas encerrou sua carreira. O texto diz que “A Fraternidade é vermelha” foi seu último filme; foi, por causa do totalitarismo socialista.

53) Letra e

Veja os comentários da questão anterior.

54) Letra c

O sentido geral do texto leva a essa suposição. Podemos juntar duas coisas: ele foi vítima do totalitarismo socialista, que é materialista, e conseguiu chegar perto do conceito de Deus. O cineasta, assim, teria desagradado por sua posição em relação a Deus.

55) Letra c ’

Fraternidade é palavra de valor positivo, lembra união, concórdia, religiosidade etc. Ela está associada no texto à palavra **vermelha,** que é usada para designar os socialistas e os comunistas e tem uma carga: emocional negativa; em princípio, é paradoxal dizer que a fraternidade é vermelha, pois são termos historicamente antagônicos. **Redundância** é um tipo de repetição desnecessária; por exemplo: erário público (erário é dinheiro público). Ambigüidade, também chamada de anfibologia, é duplo sentido; por exemplo: Paulo disse ao colega que seu irmão está doente (irmão de quem?). As outras palavras não apresentam dificuldade.

56) Letra d

O cineasta tinha declarado que aquele seria seu último filme. E foi realmente, como se ele tivesse previsto que sua carreira seria interrompida. Não confunda com a opção e. O fato de ele ter sido vítima do totalitarismo socialista fez com que sua carreira se encerrasse. A possível premonição estaria em o cineasta achar que aquele seria seu último filme, e isso realmente ocorrer.

57) Letra c

Como vimos, a palavra **vermelho** tanto podia designar os socialistas como os comunistas. No texto, por causa da menção ao totalitarismo socialista, ela aparece ligada ao socialismo. **Totalitária** é palavra que se refere a um regime de força, centralizador, qualquer um, não apenas comunista ou socialista. **Materialista** é a filosofia que prega a existência apenas do elemento material. **Espiritualismo** é a crença em algo mais além da matéria e que sobrevive à morte do corpo; todas as religiões são espiritualistas: espiritismo, catolicismo, protestantismo, budismo, judaísmo, islamismo etc. Espiritualismo não é, portanto, sinônimo de espiritismo, como muitos pensam.

58) Letra e

Uma vez que tem valor de causa. **Porque, pois, já que** e **porquanto** também são conectivos causais. O sentido mudaria radicalmente se usássemos **se bem que,** que tem valor concessivo, eqüivalendo a **embora.**

Texto XIII

59) Letra d

A primeira oração do texto diz: “Nem todas as plantas hortícolas se dão bem durante todo o ano...” Então, deduz-se, algumas se dão bem durante todo o ano. O fato de o autor escrever “nem todas” elimina todas as outras opções da questão. Convém ainda destacar que as opções **a** e c têm mesmo sentido: é uma questão de palavras.

60) Letra a

A resposta se justifica com a passagem “fazer uma estruturação dos canteiros a fim de manter-se o equilíbrio das plantações”. Na letra **a** isso é dito, porém com outras palavras.

61) Letra d

Por isso é conjunção coordenativa conclusiva. Também o são: **portanto, logo, então** e **assim,** pelo menos nesse texto, que não teria o seu sentido alterado. A palavra **porque** nunca tem esse valor de conclusão; o texto com ela ficaria sem coesão e coerência.

62) Letra e

Verduras é, segundo o texto, o nome genérico para folhas, legumes e tubérculos. A letra **a** pode ser logo eliminada, já que os tubérculos são um tipo de verdura. As opções b e **c** são eliminadas pois eles não são a mesma coisa; todos são tipos de verduras, mas são tipos diferentes. Na letra d, a palavra **inclusive** altera o sentido do texto, em que aparece **sejam.** A letra **e** aponta exatamente o que diz o final do texto: **haverá** eqüivale a **não faltarão.**

Texto XIV

63) Letra d

O texto diz que a Bauduco está comprando a Visconti. Não interessa de quem ela seja subsidiária. Com exceção da opção a, as demais alternativas são absurdas.

64) Letra b

Se você observar bem, vai notar que as alternativas **a** e **c** têm o mesmo sentido. Na realidade, elas não indicam a conseqüência da proximidade do Natal. A conseqüência é o sigilo do negócio. A expressão **em razão** de é o mesmo que **por causa de,** ou seja, tem valor de causa; assim, o sigilo é mantido por causa da proximidade do Natal.

65) Letra d

A idéia do texto é que os varejistas poderiam ficar melindrados por causa do anúncio da união, daí o sigilo mantido pelas empresas.

66) Letra e

A expressão **à vista** pode significar o oposto de a prazo ou algo que está se aproximando, que já pode ser visto ou sentido. No texto, o sentido é o segundo. A letra c, naturalmente, não tem razão de ser. A negociação é dada no texto como certa, apenas é mantida em sigilo; não cabe, então, a letra **a** como resposta. Quando se diz que alguma coisa está à vista, ela certamente está próxima, o que invalida a opção b. A opção d é totalmente contrária ao texto, uma vez que a negociação já está ocorrendo. O gabarito só pode ser a letra **e.**

Texto XV

67) Letra e

O texto fala da morte de uma criança. Vários trechos comprovam isso: “um anjo dorme aqui” (no túmulo), “cedo finou-se” (finar-se significa morrer), “brincar no céu”. Talvez alguns tenham anotado a letra c; acontece que o autor apresenta o fato sem demonstrar a sua própria tristeza: apenas mostra, liricamente, a morte da criança. Também não se pode pensar em um possível apego do autor pela criança; em nenhum trecho isso fica evidenciado, podendo até tratar-se de uma criança desconhecida do autor.

68) Letra e

O autor procura suavizar a idéia da morte. Usa, por exemplo, o verbo **dormir,** que transmite coisas boas, agradáveis. O próprio verbo finar-se é mais agradável do que o amedrontador **morrer.** Finalmente, todo o último verso tem essa finalidade, com força maior no verbo **brincar.** Trata-se de uma figura de linguagem conhecida como **eufemismo.** A **prosopopéia** consiste em se personificar alguma coisa; por exemplo: a árvore ficou triste. **Hipérbole** é a figura do exagero; por exemplo: estou morrendo de rir. **Metonímia** é uma troca de palavras, havendo entre elas uma relação real, concreta, objetiva; há vários tipos; por exemplo: ler Machado de Assis (autor/obra), não ter um teto onde morar (parte/todo) etc. Sobre o pleonasmo já falamos alguma coisa, ao comentar a questão 4.

69) Letra b

Normalmente **anjo** e **rosa** não pertencem ao mesmo campo semântico, já que não possuem nenhum tipo de relacionamento significativo. No entanto, no texto, ambos se referem à criança que morreu.

70) Letra d

Anjo e **rosa** são dois termos metafóricos referentes à criança morta. É como se o autor dissesse: esta criança é um anjo, esta criança é uma rosa. Esse tipo de comparação chama-se **metáfora.** Veja os comentários da questão 25. **Antítese** é o emprego de palavras ou expressões de sentido contrário; por exemplo: às vezes ri, às vezes chora. **Personificação** é o mesmo que prosopopéia (veja comentários da questão 68).

71) Letra c

Levantar (ou alevantar, como escreveu o poeta) **o véu** significa perceber bem as coisas, esclarecer-se. A pessoa com um véu no rosto não enxerga bem. Levantando esse véu, percebe melhor as coisas. Quem morreu foi uma criança, portanto não teve tempo de conhecer bem a vida, ou seja, não teve tempo de levantar o véu que a sua pouca idade lhe colocava no rosto. É uma expressão metafórica.

72) Letra b

Aurora no texto significa o começo da vida. É uma metáfora. A palavra **limiar** significa o início, e **somente** corresponde a apenas. Por isso o gabarito só pode ser a letra b.

Texto XVI

73) Letra c

A resposta está presente na passagem: "...nunca participaram, eles próprios, em combates contra a ditadura". Todas as outras características se encontram registradas no texto: o **pragmatismo** —> "excessivamente pragmáticos"; a **falta de sensibilidade** —> "não têm a sensibilidade"; a **tranqüilidade da vida** —> "vida fácil"; as **raízes na elite do Brasil** —> "vêm da elite brasileira"

74) Letra e

O terceiro *que* do texto tem como antecedente o substantivo **diplomatas,** que não são os do Itamaraty.

75) Letra c

Os homens do Itamaraty, segundo o autor, não têm vivência, porque tiveram vida fácil e não lutaram contra a ditadura. Por isso mesmo não têm a sensibilidade de outros diplomatas.

76) Letra a

Várias coisas são afirmadas acerca dos homens do Itamaraty. A conseqüência é que eles ficaram sem sensibilidade. Poder-se-ia começar esse último período por uma conjunção como **portanto,** que expressa uma conclusão ou conseqüência.

77) Letra d

É uma questão de sinônimos. Uma coisa óbvia é uma coisa evidente, e não necessária, real, justificada ou comprovada. **Obviamente** tem como sinônimo **evidentemente.**

78) Letra d

Ter vida fácil, para o autor, é uma característica dos diplomatas do Itamaraty, o que faz com que eles não tenham sensibilidade. Os outros diplomatas conhecidos do autor são sensíveis exatamente por não terem tido vida fácil.

Texto XVII

79) Letra d

Há três alternativas com o verbo **considerar.** As três podem ser eliminadas, uma vez que o texto não diz que os historiadores consideram alguma coisa. Esse verbo implica algum tipo de julgamento, o que não ocorre em nenhum momento. Diz, sim, que eles notaram a ojeriza que havia pela vida nas cidades, isso porque o Brasil-colônia era essencialmente rural. A alternativa **a** é descabida. Por isso, o gabarito só pode ser a letra d.

80) Letra b

O fato de o Brasil-colônia ser, segundo o texto, essencialmente rural leva à conclusão lógica de que a vida do campo prevalecia sobre a da cidade.

81) Letra c

Questão de sinônimos. Não há o que discutir. Na dúvida, consulte-se o dicionário.

82) Letra d

É importante, sempre, buscar no próprio texto os elementos necessários para se chegar à resposta da questão. Observe que a letra e, que parece ser a resposta, fala de um controle normativo da língua que i teria sido relaxado por ser o Brasil uma colônia de Portugal. Há aqui uma informação que não encontramos no texto, e nem pode ser deduzida. O que se encontra é que as cidades, por serem simples pontos de comércio ou de festividades religiosas, não podiam influenciar a evolução da língua. Assim sendo, as pessoas não seguiam normas lingüísticas ao se expressarem, e a língua passou a voar com as próprias asas. Por isso, o gabarito deve ser a letra d.

83) Letra b

Esta questão depende, um pouco, do emprego do verbo **preferir.** A letra **c** diz que a população não tinha preferência quanto a viver no campo ou na cidade. O texto diz que ela dava preferência à vida no campo. As duas últimas opções também podem ser eliminadas pelo mesmo motivo: na letra d, a preferência seria pela vida em Portugal, enquanto na letra d, pela vida no Brasil; não há esse tipo de comparação no texto. Nas letras **a** e b, o verbo **preferir** aparece usado em frases na ordem inversa. Em ambas, a palavra **vida** está subentendida, depois do pronome demonstrativo "a". Colocando na ordem direta a frase da opção b, teríamos: preferia a (vida) do campo à vida da cidade. Ou seja, gostava mais da vida do campo do que da vida da cidade, que é exatamente o que diz o texto. Cabe aqui uma outra observação. O objeto direto do verbo preferir é a coisa de que se gosta mais, que se prefere. Por exemplo: prefiro o futebol ao vôlei. O futebol, que é o objeto direto, é a coisa preferida.

Texto XVIII

84) Letra d

É uma questão de coesão textual e coerência. A segunda oração do período inicial do texto começa pela conjunção coordenativa adversativa "mas". Ou seja, a segunda oração é oposta, adversa, em relação à primeira. Sempre que isso ocorre, podemos eliminar a conjunção adversativa (mas, porém, contudo, todavia etc.) e colocar no início da outra oração uma conjunção subordinativa concessiva (embora, mesmo que, ainda que etc). É o que pode ser feito no texto. Agora, veja, abaixo, um outro exemplo, mais simples. Corri muito, mas não fiquei cansado. Embora tenha corrido muito, não fiquei cansado. Como se vê, o sentido básico de oposição é mantido.

85) Letra e

Vejamos letra por letra. A letra a está errada pois Eduardo Andrade se aposentará logo, ou seja, em curto prazo; como ele pertence ao grupo de vinte grandes executivos, os outros dezenove é que se aposentarão em médio prazo. A letra b deve ser eliminada porque o texto diz que quase todos estão nessa faixa etária, não todos. A letra c deve ser descartada uma vez que Eduardo Andrade se aposentará em curto prazo. A letra d não está correta pois o texto não fala da faixa etária de Eduardo Andrade; ele pode ser um daqueles que não estão na faixa entre 58 e 62 anos. O gabarito só pode ser a letra e, inteiramente de acordo com o texto.

86) Letra c

A empresa se mostra previdente porque, mesmo faltando um bom tempo para a aposentadoria da maioria de seus grandes executivos, ela já faz estudos nesse sentido e prepara um grupo de duzentos aspirantes, dos quais sairão os substitutos.

87) Letra d

Uma questão sutil que depende de um tempo verbal. A alternativa diz que ele está se afastando dos negócios da empresa. Não é verdade. Nas linhas 6 e 7, encontra-se o seguinte: "...deverá ir se afastando aos poucos..." Ele não está se afastando, irá se afastar.

88) Letra d

A opção **d** contém erro pois a empresa pensa, e com muito tempo de antecedência, na renovação de seu quadro de grandes executivos. A renovação se dará com a aposentadoria de cada um.

Texto XIX

89) Letra c

Há pessoas que não sentem a ausência de outras pessoas. Entende-se por "presença da ausência" que a ausência está presente, isto é, a pessoa sente essa ausência. Daí se poder entender como uma ausência sentida.

90) Letra d

O autor destaca, numa linguagem metafórica, coisas boas que a saudade traz. O não tomando a forma do sim, a escuridão passando a luzir, o sol na solidão.

91) Letra d

Presença é antônimo de **ausência,** isso constitui um antítese. Da mesma forma, **não** e **sim. Ausência de luz** se opõe semanticamente a **clarão. Que veda** (que fecha, que não deixa ver) se opõe a **traz a visão.** Sempre que palavras ou expressões são opostas quanto ao sentido, diz-se que constituem antíteses. Não há essa idéia de coisa contrária entre **sol** e **solidão,** porque solidão não é algo escuro, que se oporia à luz do sol.

92) Letra b

No texto, várias coisas ruins se transformam em boas. Por exemplo, o **não** (ninguém gosta de uma negativa em determinadas situações) que se transforma em **sim.**

93) Letra e

Questão bastante delicada. Aparentemente, duas opções serviriam como resposta: **c** e e. A ligação da oração "mas que se guardou no coração" é com "do que não se pode ver": do que não se pode ver mas se guardou no coração; então, o que está no coração é o que não se pode ver; por isso a resposta é a letra e. Mas por que a ligação não é com a oração começada por **porque?** Volte ao texto, por favor, e verifique que essa oração (porque se deixou pra trás) pode ser retirada do texto sem que com ela tenha que ser retirada também a oração iniciada por mas. Outra maneira de comprovar isso é observar o emprego do pronome relativo **que:** do que não se pode ver mas (do) que se guardou no coração. Realmente, as duas orações estão ligadas diretamente.

Texto XX

94) Letra d

Um texto autobiográfico é aquele em que o autor fala de sua própria vida, de sua própria história. É o que ocorre no texto.

95) Letra c

O autor diz que o uso vulgar é começar o livro pelo nascimento. Assim, começar pela morte é uma coisa menos comum. Cuidado com os jogos de palavras que às vezes as alternativas apresentam. Na opção d, temos "não começar um livro por sua morte", isto é, começar pelo nascimento, o que é uma coisa comum.

96) Letra b

Quando o autor diz estar em dúvida quanto a começar o livro por seu nascimento ou sua morte, na realidade está afirmando que já morreu. Também se pode chegar a essa conclusão quando ele se diz um defunto autor.

97) Letra e

Além de se colocar como um defunto autor, prestes a escrever sobre a própria morte, o autor afirma que Moisés também fez isso. Então, ambos falaram acerca de suas mortes. A resposta não deve ser a letra a, embora também seja uma semelhança; mas é uma coisa genérica, de pouca importância para o texto, que trata da morte do próprio autor.

98) Letra d

O autor diz que Moisés contou a sua morte no cabo, isto *é*, no fim. E ele tinha agido diferente, como se vê na linha 4: “a adotar diferente método...”

99) Letra c

No livro do autor, a morte aparecerá em primeiro lugar; Moisés fez diferente: colocou-a no fim. E o autor afirma que a diferença entre seu livro e o Pentateuco é exatamente essa. Assim, deduz-se, o Pentateuco foi escrito por Moisés.

100) Letra d

Autor defunto pode ser entendido como um autor que morreu, daí sua ligação com a palavra **campa. Já defunto autor** seria alguém que morreu e que passa a atuar como autor, para o qual, como se vê na linha 6, a campa se transformou em berço. Berço, aqui, simbolizando o início de uma nova fase. Por isso a ligação entre **defunto autor** e **berço.**

101) Letra e

Como um defunto autor ele terá pela frente uma nova fase, em que atuará como autor. Diferentemente do autor defunto, que não teria atividade alguma.

Texto XXI

102) Letra e

No início do texto, lê-se: “...prepara a abertura de uma fábrica no Brasil.” Então, ainda não está instalada aqui. Logo depois, temos: “...chegou ao país há dois anos...”. No final, é feita a citação da Cirio, cliente no Brasil. Juntando-se tudo isso, conclui-se que a resposta é a letra e.

103) Letra e

A alternativa **a** está errada porque o texto fala da facilidade logística junto ao Mercosul. A Combibloc apenas produz as embalagens para o atomatado Malloa, por isso não procede a alternativa b. A letra **c** pode confundir o candidato; na realidade, especificamente é a SIG Combibloc que ocupa o 2o lugar mundial, a SIG é o grupo inteiro; o texto, nesse particular, se volta para a Combibloc. Quanto à opção d, o texto diz que a Unilever está instalada no Chile, o que não garante que seja uma empresa chilena. A resposta se justifica com a terceira linha, pois 1 bilhão corresponde a 2/3 de 1,5 bilhão.

104) Letra b

A resposta se justifica com o trecho: "...pela facilidade logística junto ao Mercosul." A palavra **junto** é a chave da questão. A letra d, embora pareça satisfazer, é apenas uma conseqüência disso.

105) Letra c

A que mercado se refere o texto? Ao de produção de embalagens longa vida. Na letra c, a palavra **mercado** está no plural, o que altera o sentido, uma vez que se trata apenas de um mercado.

106) Letra c

É uma questão simples de sinônimos. Não há o que discutir. **Incluir** não é o mesmo que **apontar.**

Texto XXII

107) Letra c

A resposta se justifica com o trecho: "Dificilmente se acomodavam, porém, ao trabalho acurado e metódico...". A palavra-chave para a questão é o adjetivo **metódico,** que pressupõe rotina, coisa de que eles não gostavam.

108) Letra b

Questão de sinônimos. Basta consultar um dicionário para conferir. **Acurado** é o mesmo que **especial.**

109) Letra d

Cacofonia é o som desagradável que surge na união do final de uma palavra com o início da seguinte; por exemplo, nosso hino (suíno). **Neologismo** é palavra inventada, que não consta no vocabulário oficial da língua; por exemplo, imexível. **Arcaísmo** é o uso de termos antigos, em desuso; por exemplo, usar a palavra **físico** com o sentido de **médico.** Quanto à **ambigüidade,** veja os comentários da questão 55. Em **tendência espontânea** temos uma **redundância,** uma vez que a tendência é sempre espontânea, ou não seria tendência. Veja mais explicações sobre redundância na questão 55.

110) Letra c

Deduz-se que se trata dos índios, em razão de suas características e por serem chamados de antigos moradores da terra. Na realidade, é uma questão que exige conhecimentos extratexto.

111) Letra b

Justifica-se a resposta com o trecho: “...e que pudessem exercer-se sem regularidade forçada e sem vigilância e fiscalização de estranhos.” Ou seja, eles eram livres, gostavam de fazer as coisas de acordo com sua vontade, na hora que bem entendessem. A vigilância e a fiscalização os perturbavam, pois não gostavam de regularidade no trabalho.

Texto XXIII

112) Letra e

Quando o autor diz que “não conseguiram as bandeiras realizar jamais a façanha levada a cabo pelo boi e pelo vaqueiro”, está afirmando exatamente o que aparece na opção e, que é uma espécie de paráfrase desse trecho. A alternativa **b** é perigosa: o boi e o vaqueiro fizeram algumas coisas que as bandeiras fizeram, como a conquista de determinadas terras, mas o boi e o vaqueiro não fizeram as coisas ruins, como o sacrifício de indígenas.

113) Letra c

Quem catequizou os nativos foram o vaqueiro e o boi, como se vê na linha cinco.

114) Letra e

A resposta aparece, bem clara, no trecho: “...sacrificavam indígenas aos milhares...”. Isso é massacre, sem dúvida alguma. Observe que não há menção a possíveis maus-tratos contra os índios; provavelmente ocorreram, mas o texto não diz nada a respeito.

115) Letra d

Enquanto é conjunção, parte da locução **enquanto que,** onde o **que** é expletivo. **Assim** é um advérbio. Elas não têm nenhuma relação com as bandeiras ou com **o** boi e o vaqueiro, muito menos indicam **qualquer tipo** de oposição.

116) Letra d

A palavra **misteres** significa tarefas, atividades, ofícios. Não é sinônima de **cuidados,** cujo emprego, então, altera radicalmente o sentido do trecho. As outras palavras são sinônimas: catequizando, doutrinando evangelizando; nativo, indígena, aborigine, autóctone.

117) Letra b

A questão têm uma armadilha que muitas vezes derruba o candidato. A expressão “Com todo o aparato de suas hordas guerreiras...” é um adjunto adverbial de concessão, ou seja, é uma oposição ao que se expressa no verbo. Vários elementos podem iniciar esse tipo de adjunto, entre eles, **não obstante.** Daí a resposta ser a letra b. Agora, veja a armadilha: **mesmo** também pode ser usada no texto, sem alteração de sentido. Por que, então, a resposta não pode ser a letra a? Porque a palavra **mesmo** não poderia substituir, como pede a questão, a palavra **com,** mas antecedê-la. Teríamos, assim: “Mesmo com todo o aparato de suas hordas guerreiras...” Na letra d, a locução usada é **a** respeito **de,** com valor semântico de assunto. Não confunda com **a despeito de,** que poderia substituir a preposição **com** no trecho.

118) Letra a

O vocábulo **aparato** pode ser entendido como *organização de determinados atos públicos.* A expressão **hordas guerreiras** significa *grupos indisciplinados ou bárbaros voltados para a guerra.* A resposta só pode ser a letra **a.**

Texto XXIV

119) Letra d

A oração começada pela conjunção **por isso** é conclusiva e expressa uma conseqüência em relação ao fato de mais de 60% dos cariocas ainda se recordarem das Casas da Banha. Daí a resposta ser a letra d. Não poderia ser a letra c, como possa parecer, porque o texto não fala de nenhum acordo proposto à família Velloso, apenas cita o acordo.

120) Letra c

A resposta ao item anterior se ajusta a esta questão. A chave da compreensão é a palavra **por isso.**

121) Letra e

Funcionamento virtual não quer dizer sem fins lucrativos, o que invalida a letra a. A letra b poderia ser a resposta se a preposição utilizada fosse **em,** e não **de:** não venderão em supermercado, o que poderia sugerir a venda virtual. As opções **c** e **d** são facilmente descartadas; o que o trecho afirma é que as vendas serão feitas apenas (veja a importância da palavra) virtualmente, isto é, pelo computador, e não em lojas, como antigamente.

122) Letra b

Trata-se de uma questão de coesão textual, ou seja, as devidas ligações que existem entre as palavras ou expressões de um texto. Na palavra **ressuscitá-la,** o pronome **la** é objeto direto, a coisa ressuscitada, isto é, as Casas da Banha. **Daquela, uma** e **desaparecida** referem-se também às Casas da Banha. Então, semanticamente, estão ligadas ao pronome **la.** Isso não ocorre com a palavra **pesquisa.**

Texto XXV

123) Letra e

O erro da primeira opção é que a GM não é empresa brasileira. A segunda está errada porque o texto diz que a fábrica de Gravataí será usada como piloto, ou seja, ainda vai acontecer. Na opção seguinte, o erro está na palavra **semelhante;** a fábrica de Gravataí não é semelhante ao que está sendo criado no mundo, ela será o modelo para as outras. A alternativa seguinte não tem o menor apoio no texto, que não fala em transformação da fábrica de Gravataí. A própria Gm é que vai se transformar. A última alternativa está de acordo com o texto.

124) Letra c

Dizer que “a Internet passará a nortear todos os negócios do grupo” não significa que os consumidores não poderão comprar em lojas.

125) Letra a

O texto nos diz que a “Internet passará a nortear todos os negócios do grupo”. Isso terá como partida a planta da fábrica brasileira, considerada piloto da transformação. Então, a resposta só pode ser a letra a. Na letra d, a palavra deveria ser **totalmente,** e não **parcialmente,** já que a fábrica do Rio Grande do Sul será o modelo para as demais espalhadas pelo mundo.

126) Letra d

Questão que dispensa comentários, pois se trata de sinonímia. **Implementação** é o mesmo que **realização.**

127) Letra c

O prazo estabelecido é o ano de 2000.

Texto XXVI

128) Letra b

A locução prepositiva **em virtude de** introduz termo com valor de causa. O relacionamento das conquistas com o sofrimento do povo é exatamente de causa e efeito. O povo sofreu por causa das conquistas, pois muita gente não voltou para casa.

129) Letra d

A metáfora existe na comparação feita entre o sal do mar e as lágrimas do povo português. Há, pois, uma fusão entre o mar, que simboliza as conquistas, e as lágrimas, que simbolizam o sofrimento. O poeta quer passar a idéia de que não haveria conquistas sem o sofrimento do povo, as duas coisas estão intimamente associadas.

130) Letra c

Apóstrofe é a figura que consiste em chamar, interpelar alguém ou algo. Veja, como exemplo, o conhecido verso de Castro Alves: “Deus, ó Deus, onde estás que não respondes?” em que o poeta está interpelando, chamando Deus. **Epíteto de natureza** é um tipo de pleonasmo: leite branco, gelo frio, pedra dura; isto é, por sua natureza, o leite é sempre branco, o gelo sempre frio, a pedra sempre dura. **Sinestesia** é a figura que consiste em misturar sentidos (tato, visão etc.).; por exemplo: som colorido, mistura de audição e visão. As outras figuras já comentamos em questões anteriores. No poema, então, além da **metáfora,** encontramos uma **apóstrofe** (Ó mar salgado), um epíteto de natureza (mar salgado) e uma metonímia na palavra **Portugal,** palavra usada no lugar de **portugueses** (troca dos habitantes pelo lugar).

131) Letra c

Por causa da locução **em** vão, a resposta parece ser a letra a. O verso quer dizer que, apesar das orações dos filhos, muitos pais não regressaram. Mas o sofrimento do povo como um todo não pode ser considerado inútil, no momento em que o país conquistou, cresceu. A resposta só pode mesmo ser a letra c, pois, apesar das preces, muita gente perdeu seus entes queridos.

132) Letra e

O fato de se rezar em determinados momentos de aflição não significa necessariamente fé ou religiosidade. Qualquer um, mesmo sem ser religioso, pode orar em certos momentos da vida. É possível, assim, eliminar as alternativas **a** e **c**. O povo português é, como qualquer povo, inteligente. Mas nada no texto faz menção **a** isso. Elimina-se, então, a alternativa b. Também seria inadequado considerá-lo ambicioso, a partir dos elementos do texto. A resposta só pode ser mesmo a letra e: o povo demonstra grandeza e tenacidade ao sofrer pelo progresso do país.

133) Letra d

A resposta está, bem clara, na passagem: "Quem quer passar além do Bojador tem que passar além da dor."; isto é, tem que vencer a dor.

134) Letra a

Nele se refere a mar. Entenda-se: *é* no mar que espelhou o céu.

Texto XXVII

135) Letra e

A resposta não pode ser a letra **a** porque os carros de bois dividiam a tarefa do transporte com as tropas de muares, como se pode constatar na linha 4. A letra **b** contém erro pois as tropas de muares é que surgiram no século XVIII, não havendo citação da época do aparecimento dos carros de bois. A letra c está errada porque os carros de bois foram usados juntamente com as tropas, e não após elas. A letra d também não está correta porque o texto não afirma tal coisa, diz apenas que eles ligavam os núcleos de povoamento entre si e com as roças e lavouras. O gabarito é a letra e pois o texto fala de lamaçais e trilhas quase intransitáveis, que só as tropas e os carros de bois poderiam vencer.

136) Letra d

Como vimos nos comentários da resposta anterior, o estado ruim dos caminhos, por causa das chuvas (lamaçais) e do verão (ásperas trilhas), favoreceu o uso das tropas e dos carros de bois.

137) Letra e

Os comentários das duas últimas questões se aplicam a esta. Vale destacar, aqui, dois trechos do texto: "...foram os carros de bois e as tropas os únicos meios de ligação..." (/. 7/8) e "De outra forma não se venceriam os obstáculos naturais." (/. 9 e 10)

138) Letra a

Questão de vocabulário. **Muares,** com possíveis variações de sentido, **mulos, burros, mus** e **bestas.** Os cavalos não têm relação com os muares.

139) Letra c

O único adjetivo que não se aplica àquele tipo de transporte é nostálgico. Nostalgia é a melancolia causada pela saudade da pátria, segundo os dicionários. Por extensão, melancolia causada por qualquer tipo de saudade. Nada no texto sugere um transporte nostálgico.

Texto XXVIII

140) Letra d

O liberalismo restringe as atribuições do Estado. Locke foi o primeiro teórico do liberalismo. Assim, deduz-se que ele achava necessário restringir as atribuições do Estado. Mas cuidado com letra c. Ela afirma que a participação de Locke foi apenas teórica; não é verdade, se levarmos em conta que ele foi perseguido a ponto de precisar refugiar-se na Holanda.

141) Letra b

Se o liberalismo exprime os anseios da burguesia, segundo o primeiro período do texto, os burgueses só poderiam ser simpáticos a ele. Eles não poderiam ter simpatia pelo absolutismo ou pelos Stuarts, absolutistas por excelência. Não se esqueça de que o liberalismo se opunha ao absolutismo. A perseguição de Locke foi feita pelos absolutistas, o que invalida também a letra d. Agora, observe a letra c: os burgueses não seriam simpáticos às atribuições do Estado, e sim às suas restrições, conforme o final do segundo período do texto.

142) Letra a

Deduz-se do texto que a Revolução acabou com o absolutismo, tanto é que Locke pôde regressar da Holanda. A implantação do liberalismo foi conseqüência imediata da queda do absolutismo.

143) Letra d

A palavra **valores** não *é* sinônima de **anseios.** O texto teria o seu sentido radicalmente alterado. Convém dizer que não há sinônimos perfeitos, em língua alguma. Sinônimos são termos de mesmo significado ou, pelo menos, muito parecido. O enunciado fala em alterar substancialmente, e isso ocorre, sem dúvida, na troca de **anseios** por **valores.**

144) Letra e

Essa questão já foi comentada anteriormente. É, inclusive, o tema do texto.

145) Letra c

O texto não diz quem foi Guilherme de Orange, mas ele foi chamado “para consolidar a nova monarquia parlamentar inglesa”. Isso só poderia ocorrer se ele tivesse idéias liberais, pois o liberalismo estava se implantando naquele momento.

Texto XXIX

146) Letra d

A letra **a** pode parecer a resposta, mas contém um erro: as companhias de energia elétrica não se negaram a pagar os bônus. Segundo o texto, “...os consumidores nao precisavam ter lançado mao da Justiça para poder ter a garantia desse direito”, ou seja, as pessoas ficaram com medo de não receber, por isso apelaram; mas o texto não diz que as companhias se negaram a fazer o pagamento. A letra b é extremamente sutil e capciosa; não se trata de todos os tipos de consumidores, mas apenas dos consumidores de energia elétrica. As letras c e e não têm nenhum respaldo no texto. O gabarito só pode ser a letra d. Veja o que o texto diz a respeito do governo: “...não contou com tamanha solidariedade dos consumidores.”

147) Letra e

A resposta desta questão está expressa no seguinte trecho: “Decididamente, os consumidores não precisavam ter lançado mão da Justiça para poder ter a garantia desse direito.” (/. 13/14), ou seja, os bônus seriam pagos de qualquer forma, mesmo porque o próprio presidente da República garantiu isso.

148) Letra b

A palavra-chave para responder a essa questão é permanente, na linha 15. Permanente é algo que sempre ocorre.

149) Letra e

Ver os comentários da questão anterior.

150) Letra d

A resposta aparece, clara, no trecho: “Agem como se logo mais na frente não precisassem da população...” (/. 17/18); esse “logo mais na frente” refere-se a um futuro próximo. Eles não estão preocupados com o que virá, pensam apenas no presente.

151) Letra c

A Câmara de Gestão defende os interesses do governo, não das companhias de energia. O presidente não espera pagar, como afirma a opção b: o bônus, segundo ele, será pago. A letra d também está errada, porque não foi a Câmara de Gestão que garantiu o pagamento dos bônus, mas o presidente da República. A letra e não encontra nenhum apoio no texto. A resposta é a letra c. Basta reunir duas coisas: a redução do consumo de energia (1º parágrafo) e o trecho: “...para poder ter a garantia desse direito” (/.14).

Texto XXX

152) Letra d

Se o setor automobilístico impulsiona a economia de um país, como se vê no primeiro período, ele é de capital importância. Portanto, a economia não pode ficar sem o setor automobilístico. Corroboram essa afirmação os números apresentados ao longo do texto.

153) Letra c

A resposta surge, bem nítida, no trecho: “É consenso entre os economistas...” Consenso é acordo de opiniões, e o texto não fala, em momento algum, que se trata de economistas apenas ligados ao setor automobilístico.

154) Letra e

A letra **a** não satisfaz pois o texto nos informa da importância do setor automobilístico na economia de “qualquer país” (/. 2). As letras b e **c** são absurdas, totalmente contrárias ao tema do texto, que é a importância desse setor na economia. A letra **d** poderia confundir, mas ela fala de sustento, ou seja, todas as despesas de um indivíduo para que ele se mantenha; o texto diz apenas que 5 milhões dependem, em maior ou menor grau, do setor automobilístico; depender em menor grau não pode ser entendido como tirar o seu sustento desse setor. A resposta é a letra **e** porque, como se afirma no último período do texto, 1 em cada 4 reais foi gerado no setor automobilístico, o que quer dizer que três quartos não tiveram relação com a indústria de automóveis.

155) Letra c

A questão se baseia na diferença de sentido entre duas expressões muito conhecidas: a princípio e em princípio. A **princípio** *é* uma locução que só deve ser usada com o sentido de **no começo,** que é o que ocorre com **a começar,** no trecho destacado. Por isso, **a princípio, começando, principiando** e **iniciando** podem ser usadas sem prejuízo do sentido. **Em princípio** eqüivale a **em tese, teoricamente,** não podendo, pois, substituir **a começar.**

156) Letra a

A resposta se encontra no trecho: “Até na construção civil a presença das rodas é enorme.” Assim, a letra b fica automaticamente eliminada. Os 216 bilhões de dólares é a quantia movimentada pelo setor automobilístico, não apenas com os salários. A letra **d** é facilmente descartada. A letra **e** pode parecer a resposta, mas contém erro: o que o texto diz é que cada emprego em uma fábrica de automóveis gera outros 46 empregos indiretos, isto é, sem ligação direta com a fábrica; não se podem somar esses números, o que daria 47.

157) Letra c

A palavra até indica inclusão. A construção civil seria mais um segmento em que está presente o setor automobilístico. Assim, existem alguns segmentos.

Texto XXXI

158) Letra d

Os gregos antigos não conheciam o planeta Urano, que só foi descoberto em 1781. No inicio do texto se diz que os gregos e povos ainda mais antigos conheciam determinados planetas. A semelhança, segundo o texto, realmente existe (/. 4). A letra d é a resposta porque traz uma afirmação não contida no texto (veja o enunciado da questão). A maneira que eles tinham de fazer a diferença não dependia do uso de aparelhos; é, por sinal, o que afirma a opção e.

159) Letra c

No momento em que algumas coisas podem ser descobertas a olho nu, a resposta só pode ser a letra c.

160) Letra d

A locução graças a tem valor de causa, mas também indica soma (é igual a e); apesar de, concessão, oposição; com, modo; em, tempo. Só a preposição por, no trecho, indica causa: por ser própria —> porque é própria.

161) Letra e

O trecho nos diz que os gregos e os povos mais antigos conheciam esses astros. Na letra e, com o emprego da locução prepositiva através de, o sentido se altera.

A idéia passa a ser que alguém conhecia esses astros, por intermédio dos gregos e de povos mais antigos. Muda o agente da ação verbal.

162) Letra a

O texto diz que “as estrelas não variam de posição” (/. 6/7) e que “os planetas mudam de posição no céu” (/. 7/8). Também afirma que “as estrelas têm uma luz...que pisca levemente” (/. 9/10) e que “os planetas...têm um brilho fixo” (/. 10/11).

163) Letra d

O texto diz que o primeiro planeta muito distante da Terra a ser descoberto foi Urano. Já eram conhecidos Marte, Júpiter, Vênus, Saturno e Mercúrio. Assim, Plutão só pode ter sido descoberto depois de Urano.

164) Letra e

A resposta se encontra no seguinte trecho: “...”as estrelas, em curtos períodos, não variam de posição umas em relação às outras.” Se elas não variam em curtos períodos, é que variam em períodos longos de tempo.

Texto XXXII

165) Letra c

Comparemos dois trechos do texto: “...o Rosa não mudou.” (/. 6) e “É claro que houve mudanças desde sua descoberta pelos forasteiros.” (/. 9/10). Por isso, uma pequena contradição do autor.

166) Letra d

No primeiro parágrafo, o autor nos fala que, em meados dos anos 70, a Praia do Rosa permanecia exclusiva de poucas famílias de pescadores. Então, ela não despertou a atenção de surfistas e exploradores no início dos anos 70.

167) Letra b

O autor apresenta, com naturalidade, as excelências da Praia do Rosa. Até o momento em que fala das baleias. Ele mostra uma certa admiração, quando repete, numa interrogação, a palavra **baleias.** Mais admirado fica por se tratar de uma espécie não muito comum, as baleias francas, “que chegam a impressionantes 18 metros e até 60 toneladas”. As outras alternativas se eliminam naturalmente.

168) Letra d

A resposta da questão se encontra claramente expressa no seguinte trecho: “...esta região resiste intacta graças a um pacto entre moradores e donos de pousadas.”. A locução prepositiva graças a introduz adjunto adverbial de causa. Assim, o que ocasionou a preservação do Rosa foi o pacto, que, inclusive, não permitiu a especulação imobiliária.

169) Letra d

A palavra **mesmo** que inicia o referido período tem no trecho um valor claramente concessivo, ou seja, sua oração se opõe à oração seguinte, que é a principal. **A despeito de, não obstante, ainda que** e **posto que** têm, todas elas, valor concessivo. Já a locução conjuntiva **contanto que** têm valor de condição. Seu emprego, naturalmente, altera o sentido do trecho, aliás, mais do que isso, deixa-o sem coerência.

170) Letra a

A palavra possui, num dado texto, valor denotativo quando empregada com seu sentido normal, primitivo, real. Por exemplo, a palavra **flor** em “A flor é bonita”. Tem valor conotativo, quando usada com sentido especial, figurado. Como exemplo, a palavra **flor** em “Essa menina é uma flor”. Uma menina não pode ser uma flor, se se tratar realmente do vegetal. Ela só pode ser entendida se desdobrarmos a frase numa comparação: “Essa menina é bonita como uma flor.” A palavra **generosas,** no texto, não pode ser entendida como boas, caridosas etc. Literalmente, as ondas não podem ser generosas.

171) Letra c

A palavra **badalado** é um exemplo de linguagem descontraída, popular. Significa exatamente “muito falado”. Convém lembrar que nem sempre é fácil distinguir a linguagem culta, seja literária, jornalística ou outra qualquer, da linguagem dita popular ou coloquial. Um bom dicionário pode ajudar, pois costuma fazer a distinção entre uma coisa e outra. Considere linguagem popular, por exemplo, as gírias de um modo geral.

Texto XXXIII

172) Letra d

A resposta se encontra no primeiro período do texto. Quando percebemos que a vida é difícil para todos, poupamo-nos da autopiedade. Cuidado com a opção b: na realidade, nós nos dispomos a ajudar os outros quando nos livramos da autopiedade, ou seja, quando percebemos que as outras pessoas também sofrem. Veja o que aparece nas linhas 8 e 9: “É melhor ter pena dos outros...”

173) Letra **d**

O texto, como um todo, fala que não devemos ficar chorando pelo caminho, culpando o que quer que seja pelo que nos ocorre de ruim. Devemos, sim, lutar para vencer as dificuldades, que são naturais em nossa caminhada. Observe o trecho seguinte: “Não vale a pena perder tempo se queixando dos obstáculos que têm de ser superados para sobreviver e para crescer.” O autor afirma que os obstáculos têm de ser superados, e isso, naturalmente, pede esforço.

174) Letra e

A resposta está bem clara no trecho seguinte: “Ter pena de si mesmo é uma viagem que não leva a lugar nenhum.” Autopiedade é ter pena de si mesmo e não leva a lugar nenhum, isto *é,* a nada.

175) Letra b

No final do texto, encontramos o seguinte: “A questão não é receber boas cartas, mas usar bem as que lhe foram dadas.” Usar bem as cartas é o mesmo que saber jogar.

176) Letra d

É claro que todos esses sentimentos poderiam servir como resposta. No entanto, só uma opção tem realmente apoio no texto. A letra d é a resposta, como se observa no trecho: “...obstáculos que têm de ser superados para sobreviver e para crescer.” (/. 7/8)

177) Letra e

Segundo o autor, para resolver problemas, devemos usar as nossas melhores qualidades, que são “capacidade de amar, de tolerar e de rir”. (/. 12). Por isso a resposta é **amor** (capacidade de amar), **tolerância** (capacidade de tolerar) e **alegria** (capacidade de rir).

178)Letrac

Para o autor, as nossas dificuldades são uma coisa absolutamente natural, como se vê nas linhas 5 e 6. Se elas são naturais, são inerentes ao ser humano, não dependem de nós, portanto não as podemos evitar.

Texto XXXIV

179) Letra e

Alguns trechos sugerem essa postura do autor, principalmente o seguinte, nas linhas 16 e 17: “Agora as leis do mercado importam mais do que as leis da ética.” As leis do mercado, evidentemente, dizem respeito ao capitalismo. Só que - e aí está a maior crítica - elas valem mais do que as leis da ética.

180) Letra b

A palavra-chave, aqui, é **liberdade,** intimamente associada à democracia. O questionamento - e isso está bem claro - é a quantidade de pessoas famintas, apesar da liberdade trazida pela democracia.

181) Letra e

O pronome pessoal “lhes” não tem como referente o termo “seus governantes”, e sim “aqueles povos” (/. 24). Entende-se: “Mas é negado àqueles povos o direito de escolher...”

182) Letra d

Eles não são totalmente livres porque, como se vê no último parágrafo, não têm o direito de escolher um sistema social que não assegure a reprodução do capital privado

183) Letra c

Questão de sinônimo. Não há o que discutir. A palavra **ressaltar** significa **destacar.**

184) Letra c

O paradoxo pode ser entendido como uma contradição, pelo menos na aparência. Os termos que, com base no texto, possuem essa característica são **liberdade** e **fome.** A liberdade não deveria contribuir para o aumento da fome, conforme coloca o autor. Aliás, o texto se baseia nesse paradoxo, nessa contradição que se tornou uma triste realidade.

185) Letra c

A paráfrase, como já vimos, é uma reescritura em que se mantém o sentido básico do texto. Esta questão *é* delicada e, com certeza, vai enganar muitas pessoas. O problema é como entender “com o muro de Berlim”. A tendência talvez seja achar que o autor quisesse dizer “com a queda do muro de Berlim”, já que esse é um fato histórico que marcou a humanidade e é recente, comparado com a sua construção. Mas aí o texto não teria lógica alguma. Na realidade, o significado é de “com a construção do muro de Berlim”. Só assim tem sentido o restante do trecho: “ruiu quase tudo aquilo que sinalizava um futuro sem opressores e oprimidos”. Se fosse “com opressores”, a idéia seria realmente de queda do muro de Berlim. A alternativa c apresenta, assim, uma mudança de sentido absurda

ao afirmar “Com a queda do muro de Berlim”.

Texto XXXV

186) Letra d

As opções **a** e c apresentam o mesmo tipo de erro: a gasolina brasileira não é sempre adulterada nos postos, pois, por amostragem, isso ocorre apenas em quatro postos, num total de doze; da mesma forma, não se pode afirmar que os donos de postos de gasolina adulteram a gasolina, porque disso se entende que todos fazem tal coisa, quando essa prática só pode ser atribuída aos inescrupulosos. A letra **b** não tem qualquer apoio no texto. A letra **e** afirma o contrário do texto (veja o que o autor coloca nas linhas 17 e 18). A resposta se encontra no seguinte trecho: “Pior: quando adicionado por especialistas, o solvente quase não deixa pistas.” (/. 10/11)

187) Letra d

O IPT é o instituto que examina as amostras coletadas, como se vê no trecho “...segundo o laudo do IPT...” Os repórteres, claro, não são do IPT, mas da revista Quatro Rodas.

188) Letra e

O texto diz que a adulteração da gasolina é “indetectível em testes simples” (7. 11). Assim, a revista recorreu ao IPT para que ele, com a cromatografia, pudesse resolver o problema (veja as linhas 13-19). O fato de o instituto ser insuspeito não pode ser entendido como a causa da escolha, que seria, como o texto bem coloca, a capacidade do IPT de descobrir a adição fraudulenta de solventes à gasolina.

189) Letra b

É uma questão de sinonímia e coesão textual. **Segundo** é conectivo conformativo, ficando eliminada a letra d, pois **não obstante,** que eqüivale a **apesar de,** tem valor concessivo. Com **isso,** no trecho destacado, tem valor de modo, o que descarta as letras **a** e **e; apesar disso** tem valor concessivo, e **aliás,** retificativo. Já **que** é conectivo causai, eqüivalendo a **uma** vez **que,** que aparece nas duas opções que não foram eliminadas. A palavra **para** tem valor de finalidade, correspondendo a **a fim de,** ficando, então, como resposta, a letra b. A palavra **por,** se colocada no texto, assumiria um valor causal.

190) Letra e

Há erro na alternativa **a** porque os solventes só não podem aparecer em determinadas proporções. Veja o que se encontra no final do texto: “...quatro delas estavam adulteradas pela presença de solventes em proporções acima das encontradas na gasolina de referência da refinaria Replan...”. A opção b não tem qualquer respaldo no texto. A alternativa **c** contém erro, porque, ao detonar o sistema de combustão, os bandidos lesam especificamente o consumidor. A opção d é absurda. A letra **e** está inteiramente de acordo com o texto. Eis o trecho que justifica a resposta: “...uma revelação esperada...” (/. 20).

191) Letra d

O texto diz que a gasolina de referência da replan contém solventes, em proporções aceitáveis. Nesse caso, então, o solvente deixa de ser um veneno químico. Nenhum terrorista está adulterando a gasolina: a alternativa b é absurda. Nem todos os donos de postos são inescrupulosos; o problema da alternativa **c** é, pois, a generalização.

Observe a passagem seguinte: “Com isso, esses bandidos estariam lesando os concorrentes (porque pagam barato pelos adulterantes)...” Esta é a justificativa de a resposta ser a letra d. A letra **e** não satisfaz, já que em nenhum momento houve a desconfiança de que o problema ocorresse em seu próprio carro, e sim nos postos de gasolina.

192) Letra a

Questão de sinonímia. **Deram de** eqüivale no texto exatamente a **começaram a.** Todas as outras palavras ou expressões alterariam o sentido do trecho.

193) Letra c

A gasolina ideal seria a da Replan porque ela apresenta solventes na proporção adequada. Não é propriamente uma questão de poucos ou muitos solventes, pois isso é relativo. O que conta é a proporção permitida.

Texto XXXVI

194) Letra b

O autor declara que “o otimista é um cara mal-informado” (/. 10). Para ele, o ministro afegão é otimista em crer numa invasão de turistas. Agora, juntemos tudo isso com o trecho seguinte: “Os umbrais do atraso que FHC anuncia transpor e os encantos turísticos do Afeganistão são boas intenções ainda distantes da realidade.” A resposta, assim, só pode ser a letra b.

195) Letra d

O presidente FHC disse que “já vamos transpor os umbrais do atraso” (/. 4/5). Mais adiante, nas linhas 19 a 21, o autor afirma: “Quando Maria Antonieta perguntou por que o povo não comia bolos à falta de pão, também pensava que a monarquia havia transposto os umbrais do atraso.” A comparação com FHC fica evidente na palavra **também,** no trecho destacado. **Também** une as duas pessoas, FHC e Maria Antonieta, no que toca à idéia de terem sido transpostos os umbrais do atraso. Daí a resposta ser a letra d. A letra e poderia parecer correta, mas está errada. Maria Antonieta não é comparada a um cara mal-informado, ela era malinformada.

196) Letra c

Burra é uma palavra de pouco uso no português atual, com o sentido de cofre. Erário é dinheiro público. Assim, o trecho destacado tem o sentido de cofres do tesouro do Afeganistão. O crédito de esperança seria a possibilidade de haver, de acordo com o otimismo do ministro Abdul Rahman, uma invasão de turistas ávidos por conhecer Tora Bora e Candahar, o que encheria os cofres do país.

197) Letra d

Ao considerar o otimista “um cara mal-informado” (/. 10), o autor se vale de uma linguagem descontraída, coloquial. Mais precisamente no emprego da palavra **cara,** com o sentido de pessoa.

198) Letra e

O texto não diz nem sugere que eles estejam descontentes com a situação em seus países, ao contrário, uma vez que se mostram ambos otimistas. Para o autor, eles não têm visão social, por estarem equivocados em seus pontos de vista. O autor não os acusa de demagogos, apenas os considera mal-informados, o que nos leva a aceitar a alternativa e como resposta. A letra d é absolutamente inadequada em relação às idéias contidas no texto.

199) Letra d

A resposta da questão se encontra claramente colocada no trecho: “já vamos transpor os umbrais do atraso” (/. 4/5). A palavra já transmite nitidamente a idéia de que o país deixará logo de ser atrasado.

200) Letra c

O autor ironiza ao dizer que o ministro afegão poderia conseguir que muita gente visitasse as cavernas do país se contratasse um dos marqueteiros profissionais do Brasil, que prometem até eleger um poste para a Presidência do Brasil.

201) Letra e

Uma questão bastante sutil. Para alguns, parecerá que não há resposta. Acontece que só o ministro Abdul Rahman supervaloriza a capacidade turística do país; o presidente do Brasil fala em vencer o atraso, sem nenhuma citação ao setor do turismo.

Texto XXXVII

202) Letra c

Todo o texto fala da intolerância entre os homens. Na realidade, o fanatismo, também abordado, é uma conseqüência da falta de tolerância. O trecho que melhor explica a preocupação do autor com a intolerância é o seguinte: “Não há melhor antídoto contra a conduta intolerante que a liberdade...” (/. 15/16)

203) Letra b

Essa questão pede conhecimentos extratexto. O problema do Brasil, da Argentina, de Cuba e do Peru é de ditadura. O problema da Irlanda, mais precisamente da Irlanda do Norte, é a luta separatista envolvendo católicos e protestantes.

204) Letra e

A resposta se encontra, explícita, na passagem: “A solidariedade e a tolerância democrática, inexistentes no nosso tempo...” (/. 22/23)

205)Letra e

O antecedente do pronome relativo **que** não é a palavra **pluralidade,** colocada imediatamente antes dele, como possa parecer. Faça a substituição e você verá, pelo sentido, que o referente é **liberdade:** a liberdade consiste em defender idéias próprias.

206) Letra **a**

Nada no texto opõe o Brasil à Argentina. São apenas citados como países que passaram por problemas semelhantes no que toca à intolerância de seus governos autoritários.

207) Letra d

Questão de sinonímia. Basta consultar um bom dicionário para comprovar. O adjetivo **patológico** pode ser entendido como **doentio, mórbido.**

208) Letra c

Realmente muitos pensam que ser livre é fazer tudo aquilo que deseja, mas não é o que o texto nos diz. A letra **a** é absurda por si mesma. As alternativas b, d e e são parecidas, todas apontam para uma conduta egoística, que o texto procura combater. A resposta surge, clara, na passagem que segue: “...consiste em defender idéias próprias, mas aceitando que o outro possa ter razão.” (/. 16/17)

Texto XXXVIII

209) Letra d

Todo o texto se baseia, com muito humor, na dificuldade que tem o autor em utilizar determinados aparelhos e objetos do mundo moderno: as torneiras de água quente ou fria, o *timer* nos videocassetes, a tecla *Num Lock* nos computadores.

210) Letra b

É uma questão fácil. O autor brinca com o conceito de modernidade e a possível dificuldade dos usuários de aparelhos modernos. Ele mesmo se diz incapaz de reconhecer coisas sabidamente simples.

211) Letra d

A hipérbole, figura de linguagem, aparece em quatro alternativas, de maneira mais ou menos evidente. Na letra a, que talvez possa confundir o leitor, ela se expressa na palavra **nunca.** Na letra d não existe hipérbole, pois o fato de alguém não saber programar o *timer* não constitui exagero algum.

212) Letra c

Com bom humor, o autor diz que, para saber usar a supertorneira, é necessário fazer um curso de aprendizagem bastante difícil. Daí ser ela um elemento complicador na vida dos usuários.

213) Letra c

As pessoas neuronicamente prejudicadas seriam aquelas com pouca inteligência, entre as quais ele, brincando, se inclui, já que não consegue fazer determinadas coisas aparentemente simples, como se vê ao longo do texto.

214) Letra d

No primeiro parágrafo do texto, o autor diz que o uso das letras Q e F marginalizaria os analfabetos, pois eles não reconhecem as letras; afirma também que o emprego das cores marginalizaria os daltônicos, que não conseguem distingui-las.

215) Letra c

O Boeing aparece apenas como ilustração de uma dificuldade sentida pelo autor. É claro que, em momento algum, ele fala na possibilidade de dirigir um avião.

216) Letra e

O autor afirma que não consegue gravar a posição das torneiras de água quente ou fria, entre outras coisas. É, nitidamente, um problema de memória.

217) Letra b

Questão de sinonímia. **Acuidade** pode, dependendo do texto, como este que estamos analisando, significar **perspicácia, sagacidade, agudeza de espírito.**

218) Letra a

Leia de novo o final do texto. Lá se diz que o autor estava confortável, ou seja, tranqüilo, ao usar, por exemplo, o chuveiro. Aí surgem os novos tipos de torneira.

219) Letra d

O eufemismo aparece na expressão “neuronicamente prejudicadas”, maneira mais suave de dizer **sem inteligência, ignorantes** etc.

Texto XXXIX

220) Letra c

Biotecnia é a técnica da adaptação dos organismos vivos às necessidades dos homens. **Exobiologia** é a ciência que estuda a possibilidade de vida extraterrestre. **Astrologia** é o estudo da influência dos astros no destino e no comportamento dos seres humanos. **Ufologia** é a ciência que trata da presença na Terra de naves extraterrestres, popularmente chamadas de discos voadores. **Astronomia** é a ciência que trata da constituição, da posição relativa e dos movimentos dos astros. A resposta, assim, só pode ser a letra c.

221) Letra d

O quarto parágrafo do texto mostra quando um astro entra na fase da maturidade. O exemplo dado é Antares, segundo o texto, “uma amostra de como ficará o Sol daqui a 4,5 bilhões de anos”. Ou seja, o Sol ainda não se encontra na maturidade, porém na meia-idade.

222) Letra c

Uma questão de coesão textual. O período apresentado é formado por duas orações, sendo que a primeira indica causa, e a segunda, conseqüência. É aquela estrutura que se aprende em gramática: tal...que, sendo a oração do **que** consecutiva. Ora, se começarmos pela segunda oração, com a eliminação desse **que,** a oração seguinte será subordinada causai. A única conjunção que tem esse valor é **porque.**

223) Letra e

O erro da letra e consiste em se afirmar que o aumento de calor se dá até a morte da estrela. Veja o que se encontra no 4o parágrafo: “Seu raio chega a aumentar 50 vezes e o calor se dilui.” (/. 25/26). Deduzse, então, que o calor não aumenta continuamente até a morte do astro. Chega um momento em que ele, o calor, se dilui.

224) Letra e

Não há nenhuma informação no texto sobre Antares pertencer ou não à Via Láctea. O que se diz é que ela pertence à constelação de Escorpião. Com base no texto, como diz o enunciado, não se pode fazer a afirmação da letra e. Aqui, o conhecimento extratexto do leitor não vem ao caso. É necessário que o texto o diga. Mesmo que a opção fosse “pertence à Via Láctea”, que é a verdade, ela continuaria a ser falsa, porque essa informação não é dada pelo autor.

225) Letra b

A resposta se encontra no último parágrafo, em especial no trecho: “...criando um corpo celeste extremamente denso chamado pulsar, ou estrela de neutrons.”

226) Letra e

Como se vê no último parágrafo, o buraco negro tem maior densidade do que a estrela de neutrons, também chamada pulsar. As Pleiades são estrelas jovens, o Sol está na meia-idade, e Antares, na maturidade. São diferentes, mas são estrelas. As outras opções não oferecem maior dificuldade.

227) Letra b

As conjunções **porque, mas, ou** e **à medida que** introduziriam, na frase, valores de, respectivamente, **causa, adversidade, alternância** e **proporção,** alterando totalmente o sentido dela. A idéia é de **adição, seguimento, conclusão,** valores expressos pela conjunção aditiva **e.**

Texto XL

228) Letra d

Até por exclusão, chega-se naturalmente à opção d. As outras apresentam sentimentos que, em nenhum momento, o autor deixa transparecer: ódio, descontrole, apatia, medo. Na realidade, ele se mostra revoltado com a injustiça social, com os preconceitos etc. E angustiado, em face do sofrimento do povo brasileiro, que nada pode fazer.

229) Letra e

A maior revolta que o autor demonstra é exatamente o fato de mostrarem aos brasileiros os fatos históricos de maneira deturpada, escondendo-se a realidade.

230) Letra d

A alternativa diz que a história oficial, ou seja, a que é apresentada ao povo, tende à versão do fato, e não ao fato em si. Assim, a história acaba sendo mascarada, para enganar.

231) Letra c

Todo o texto expõe a dúvida do autor quanto à independência, que aqui deve ser entendida de maneira mais ampla, não apenas o rompimento histórico com Portugal. O Brasil, segundo o texto, não é independente, no momento em que o povo continua sujeito a decisões arbitrárias de governos autoritários. Assim, o povo não seria de todo livre. Aliás, nem os governantes, para o autor, são livres. Leia o último período do texto, que deixa tudo bem claro.

232) Letra e

Governar a sociedade sem a participação dela é ato de ditadura, seja de que tipo for. Opondo-se a isso, teríamos o governar com a sociedade, característica maior da democracia.

233) Letra a

Todas as coisas desagradáveis levadas a efeito contra o povo (negros, escravos, índios, mulheres, lavradores, operários), durante toda a história do país, apontam para a alternativa a. Não se pode esquecer que, segundo o autor, tudo sempre foi camuflado.

234) Letra d

A frase deve ser entendida não apenas como a dúvida quanto a que caminho seguir, num determinado local. No contexto, ela surge como a convicção de que ele não vai fazer as mesmas coisas erradas que muita gente faz. Quer buscar um novo caminho no que tange às atitudes a serem tomadas na sociedade. É por isso que a frase de Antônio Maria foi aproveitada pelo autor.

235) Letra b

Questão de significado de palavras. É inquestionável. **Indelével** é o que não se pode **delir,** ou seja, **apagar.**

236) Letra d

O texto é uma crítica ao atual governo brasileiro, apesar de citar os governos como um todo. E o enunciado da questão fala em problemas brasileiros da atualidade. Veja o trecho seguinte: “...a pátria navega a reboque do receituário neoliberal...” No momento em que o texto é produzido (2001), o Brasil tem um presidente que se diz neoliberal. É um componente extratexto importante, mas não chega a ser essencial.

237) Letra e

É um modo de mascarar a realidade. O que o autor chama de intelectuais de aparência progressista seriam aquelas pessoas de renome, falando em modernidade como meio de evolução social, mas que acabam transmitindo idéias preconcebidas de maneira camuflada, de tal forma que o povo possa julgar que tudo está como deveria ser. Mesmo porque, segundo o autor, esses intelectuais estariam dando “um toque de modernidade aos velhos e permanentes projetos da oligarquia” (/. 39/40). Ou seja, nem tão modernos assim.

238) Letra c

Oligarquia é uma palavra de origem grega que pode ser assim dividida: olig / arqu / ia. **Olig** significa **de poucos, arqu** quer dizer **governo** e **ia** é um sufixo formador de substantivo. Assim, a palavra quer dizer **governo de poucas pessoas.**

239) Letra c

A escravidão dos negros é citada no trecho: “...os gritos arrancados à chibata dos negros arrastados de além-mar...” (/. 26/27); a opressão dos índios, na passagem:

“...ressoam os dos índios trucidados pela empresa colonizadora...” (/. 18); a discriminação da mulher, no trecho: “índios, negros, mulheres, lavradores e operários não merecem a cidadania...” (/. 33/34); a fome do povo, na passagem: “...50 milhões de pessoas que não dispõem de R$ 80 mensais para adquirir a cesta básica.” (/. 35/36). Não há nenhuma citação ou alusão ao voto-cabresto do

Nordeste.

240) Letra a

A casa-grande era a casa dos senhores; os escravos ficavam na senzala. O governo estaria na casa-grande, dominando o povo, como se este estivesse numa senzala.

241) Letra e

Todo o texto leva à idéia de que o povo nunca teve voz ativa no país. Sempre teve que aceitar o que lhe foi imposto. Daí a resposta ser a letra e, pois na democracia o povo tem participação ativa.

242) Letra d

Em todo o parágrafo, sente-se esse clima de esperança. Para o autor, nem tudo está perdido. O que melhor justifica essa resposta é a mobilização do Grito dos Excluídos. Se as entidades, religiosas ou não, estão agindo, ainda se pode ter alguma esperança.

Texto XLI

243) Letra d

É uma questão fácil. Todo o texto trata da discordância do autor em relação à famosa frase do astronauta. Aliás, isso é dito logo no primeiro período: “Ele não podia ter arrumado outra frase?” Depois, o ensaísta apresenta os seus argumentos.

244) Letra c

A resposta está na segunda metade do primeiro parágrafo, quando diz que a frase poderia ter sido “mais natural”, “menos pedante”, “mais útil” ou “mais realista”.

245) Letra a

Observe que as opções b, c e d se opõem, pelo sentido, às outras duas. A dúvida maior fica por conta das alternativas a e e. Com uma leitura atenta, verifica-se que o autor, em nenhum instante, deixa transparecer que duvida de que o homem tenha ido à Lua. A resposta é a letra a, porque o enunciado fala em algo exótico, ou seja, estranho. Aconteceu, mas é estranho, decepcionante, não encanta mais as pessoas, como a viagem de Gulliver encantava, quando de sua publicação.

246) Letra c

A resposta está, direta e integral, no segundo período do segundo parágrafo: “Convencionou-se que eventos solenes pedem frases solenes.”

247) Letra b

O que se afirma na opção **a** é descartado pelo ensaísta quando escreve que “a posteridade guarda também frases debochadas” (/. 12/13). O mesmo se aplica à alternativa c. A letra d pode confundir o leitor, mas o que ela apresenta não é a opinião do autor, como pede o enunciado, e sim uma convenção da sociedade. A última opção não tem nenhum apoio no texto. A alternativa b, que é a resposta, pode ser constatada no período: É a história em sua versão, velhusca e fraudulenta,...” (/. 14/15)

248) Letra d

A questão é independente do texto. A metonímia é a troca de palavras quando entre elas existe uma relação objetiva, real. No caso da questão, a palavra **suor** está sendo usada no lugar de **trabalho,** ou seja, ocorreu a troca da causa pelo efeito.

Texto XLII

249) Letra d

As opções a, b, c e e são parecidas. São todas superficiais, valorizando a imaginação e a alegria das crianças, a ingenuidade e a poesia dos tempos passados. O autor vai mais além, e a resposta pode ser percebida, principalmente, no 6o parágrafo, onde a alma sugere a personalidade profunda, enquanto que os espelhos dizem respeito ao exterior, que nem sempre reflete o que vai na profundidade do ser.

250) Letra e

O item I é correto em função do que aparece no trecho: “Depois, ao crescer, descobrimos...” (/. 9). O item II está errado, e isso fica evidente no 3o parágrafo: “Não, nós sabíamos que não éramos aquilo!”. Quanto ao item in, nada há no texto que garanta a sua autenticidade. Assim, somente o item I é correto, o que leva para a opção e.

251) Letra a

Com “Há casos, na vida” o autor apenas mostra que a situação é possível, mas não se pode pensar em generalização. Afinal, são alguns casos, apenas, situações particulares para as quais o texto chama a atenção. Na letra b, a palavra **aquilo** mostra bem o afastamento, diferentemente de **isto** e isso. A opção **c** também se baseia na noção de perto ou longe inerente aos demonstrativos: **isto,** proximidade total, refere-se ao que o falante é, enquanto **aquilo,** afastamento total, refere-se aos outros, afastados do falante. A letra d é clara: se temos um segundo eu, é porque existe um primeiro, original. Para a compreensão da alternativa e, vide a resposta da questão 249.

252) Letra b

A resposta fica nítida quando analisamos o início da pergunta: “Que pode...?” Ou seja, a alma não pode, mesmo porque é invisível, fazer nada contra aquilo que dizem dela, da mesma forma que nada pode fazer a pessoa diante de um espelho que lhe deforma a imagem. Aliás, todo o texto se baseia nisso.

253) Letra c

A resposta se encontra no quinto parágrafo, quando o autor pede ao leitor que tenha cuidado. A idéia é a seguinte: às vezes, as pessoas acabam acreditando naquelas imagens enganosas que fazem a seu respeito e, **conseqüentemente,** se despersonalizam, isto é, passam a assumir uma nova personalidade, um segundo eu. É a preocupação demonstrada pelo autor nesse parágrafo.

254) Letra a

“Por saber” eqüivale a “porque sabíamos”, com a conjunção subordinativa causai **porque.**

Texto XLIH

255) Letra c

A afirmação destacada no enunciado cria suspense, e nesses casos aguarda-se algo que realmente surpreenda.

256) Letra a

O segmento reforça a palavra **porco,** uma vez que ela realmente causa surpresa, estranheza no leitor. É como se o autor quisesse dizer que não houve erro no emprego da palavra **porco,** realmente foi ela que o leitor leu.

257) Letra a

As opções b, **c** e **d** se excluem naturalmente. Mas também não caberia a letra e, porque a palavra **como** transmite certa surpresa com o acontecimento, o que nos garante que ele realmente é incomum, não sendo registrado como normal. Da maneira como o autor redigiu o trecho em destaque, realmente o próprio porco teria providenciado seu embarque. Com o sujeito indeterminado, não haveria tal interpretação absurda: como conseguiram embarcá-lo...

258) Letra b

Temos aqui um caso de catacrese. **Embarcar** é *entrar no barco.* Na falta de palavras específicas para entrar no avião, no trem, no ônibus etc, usa-se o mesmo **embarcar.** Fenômeno idêntico ocorre com **enterrar,** na opção b. O verbo quer dizer *entrar na terra;* no texto, é usado em relação à comida.

259) Letra d

Quando uma palavra se refere a elementos que já apareceram no texto, diz-se que tem valor anafórico; quando a referência é a elementos que ainda virão, seu emprego é catafórico (há autores que chamam os dois de anafórico). A palavra **coisas** se refere à estranha viagem de um porco na primeira classe de um Boeing 757.

260) Letra c

Segundo e **conforme** são sinônimos. Normalmente conjunções subordinativas conformativas, são aqui preposições acidentais, uma vez que não iniciam oração subordinada, mas um simples adjunto adverbial.

261)Letra e

Sem escalas é termo empregado usualmente no transporte aéreo. A questão não oferece dificuldades.

262) Letra e

Questão bastante complicada. Nas quatro primeiras alternativas, é nítida a idéia de geral e específico. Por exemplo, o Boeing 757 é um tipo de avião, a poltrona é um tipo de assento etc. Essa idéia não é clara na relação passageiro /cliente. Nem sempre o passageiro é um cliente. No carro de um amigo, você é o passageiro, mas não é cliente do amigo.

263) Letra e

A resposta se encontra na palavra **estressado,** na linha **11.** A viagem de avião, por não ser algo normal para um porco, deixou-o estressado, tanto que começou a correr desesperado, até ser capturado e expulso.

264) Letra a

O porco fez uma série de coisas: correu, defecou, tentou invadir a cabine de comando. A última ação foi a entrada na cozinha. Realmente o verbo **acabar** está empregado com o seu sentido próprio.

265) Letra c

A letra **a** não cabe como resposta pois fala de outros aspectos, além dos de segurança e higiene. A letra **b** fala de "alguns aspectos", e não de todos. A opção d, entre outras coisas, emprega a palavra **somente,** que a elimina. A letra **e** diz da revisão das aeronaves, como se tivesse havido algum risco para os passageiros sob esse aspecto. A resposta só pode ser a opção c, uma espécie de paráfrase do trecho destacado.

266) Letra a

O texto, como um todo, leva a essa resposta. A letra **b** não tem nenhum apoio no artigo; em momento algum o animal foi servido em bandeja ou convidado a colocar o cinto de segurança. A letra **c** tem lógica, mas não se compara, em termos de surpresa, com a viagem do porco na primeira classe. As duas últimas alternativas são desconexas, principalmente a opção **e.**

Texto XLIV

267) Letra b

Normalmente, o relatório é uma narração, expõe fatos para apreciação de uma autoridade qualquer. Pode apresentar alguns traços descritivos ou dissertativos (argumentativos), mas, por sua essência, é basicamente narrativo.

268)Letra a

As letras b, c, **d** e **e** referem situações específicas. Não é o caso, pois o autor foi designado para verificar as "denúncias de irregularidades" para que o seu superior pudesse tomar a decisão adequada.

269) Letra c

O autor valeu-se de uma linguagem inteiramente denotativa, objetiva, como convém a todo relatório. Não fez uso de linguagem figurada, nem se preocupou com o esmero do vocabulário. Todos os outros itens são facilmente localizados no texto. Respectivamente, temos: primeira linha, todo o texto, linhas 18 a 21 e linhas 26 e 27.

270) Letra d

Desdobrando a oração reduzida de gerúndio numa desenvolvida, temos: “Porque fui designado por Vossa Senhoria...”. A conjunção **porque** introduz oração subordinada adverbial causal. A conseqüência se encontra na oração principal, cujo verbo é submeto.

271) Letra e

Volte ao texto e veja que “nesse sentido”, “ocorridas” e “apreciação” (apreciação de) podem ser retiradas do texto sem qualquer alteração de sentido. Tente fazer o mesmo com as outras e não conseguirá.

272) Letra b

Em documentos como o relatório, é importante tudo aquilo que possa conferir veracidade ao texto, e as datas precisas colaboram sobejamente nesse sentido. É uma característica desse tipo de texto.

273) Letra c

Questão de sinônimos. **Infundada** quer dizer exatamente **sem fundamento.** É só conferir em um bom dicionário.

274) Letra a

É uma questão bem simples. Lendo o texto com um mínimo de atenção, verifica-se que essa frase pertence ao narrador, não a uma personagem qualquer. Além da fala geral do narrador, temos no texto as falas do encarregado do aeroporto e do acusado. Nenhum deles se pronuncia no antepenúltimo parágrafo, de onde provém o trecho destacado.

275) Letra b

Outra questão de sinônimos. **Cumpre** significa, no texto, cabe. Os outros termos são descabidos.

276) Letra c

A resposta só pode ser a letra c, embora também se possa pensar na opção d. Nesta última, diz-se que a irregularidade é “não prevenir o chefe”, quando na realidade é “ter levado a máquina”. Mesmo que tivesse prevenido o superior, o funcionário teria errado, pois não se pode usar um bem público para fazer serviços pessoais, ainda que na própria repartição.

277) Letra b

A frase apresenta uma concordância nominal fora dos padrões da língua portuguesa. Vossa **Senhoria** é palavra feminina; **preocupado,** um adjetivo masculino. A concordância está sendo feita com a idéia que se tem sobre a pessoa, ou seja, trata-se de um homem. É o que se conhece como silepse de gênero.

Texto XLV

278) Letra a

De certa forma, a questão pede algum conhecimento da literatura brasileira. A autora faz alusão a famosos versos de Carlos Drummond de Andrade: “No meio do caminho tinha uma pedra / tinha uma pedra no meio do caminho”. Por isso ela disse que não estava fazendo imitação de poesia.

2 79) Letra c

Quando a autora diz que não há nada de poético na história que será contada, que é uma história triste, melancólica, nostálgica, deduz se que só histórias de outra natureza, ou seja, harmoniosas, podem ser consideradas poéticas.

280) Letra b

Trata-se de uma questão delicada, que pode enganar, se nos deixarmos levar pela primeira impressão. O que fez com que a autora contasse a história foi ter visto, em um documentário, a foto do jardim onde a mulher afegã brincara quando criança. Isso fez com que ela se lembrasse da pequena amendoeira decepada. A história, pois, tem como ponto de partida esse fato; se não fosse ele, ela não teria sido narrada. A infância da autora pode até ser anterior (nada no texto garante isso), porém o que a questão quer é o ponto de partida cronológico da história, daí a resposta ser a letra b.

281) Letra c

A resposta se encontra no trecho: “O documentário, feito antes da guerra com os Estados Unidos, fora gravado em solo afegão...” O documentário era, pois, sobre a guerra civil, quando houve o início da devastação do país. A guerra contra os americanos aumentou-a.

282) Letra d

Tanto a autora quanto a mulher afegã choram a perda de um bem natural pela atuação do homem. No caso da autora, pela necessidade do progresso; no da afegã, pela destruição causada pela guerra. A letra b fala em “contigüidade temporal”, mas o texto não permite qualquer dedução a esse respeito. Assim, sendo as outras opções descabidas, só podemos ficar com a letra d.

283) Letra b

A letra b sugere, em virtude da pontuação da frase, que a autora, criança na época, também ia soltar pipas. Observe que a única diferença entre essa reescritura e a frase do texto é a posição das vírgulas. A pausa dada à nova frase por meio de uma vírgula alterou o sentido.

284) Letra b

Denotativamente, raiz é a parte da planta que a prende ao solo. Figuradamente, passou a significar tudo aquilo que nos prende, nos fixa a um lugar ou a uma época. A autora do texto nos fala do passado, seu e da mulher afegã. As outras alternativas se excluem por si mesmas.

285) Letra d

A resposta dessa questão é óbvia. Não há sequer alusão, por breve que seja, à ocupação do espaço rural.

Texto XLVI

286) Letra b

A resposta só pode ser a opção b porque, segundo o texto, as peles eram importadas para os Estados Unidos. O que interessava aos exportadores eram tão-somente as peles.

287) Letra d

O texto não fala sobre a maneira como os sapos eram caçados. Basta lê-lo uma outra vez para verificar isso. As outras opções estão perfeitas.

288) Letra d

Antônimos são palavras de sentido contrário, não apenas diferentes. Na letra a, as palavras não têm relação de sentido. Na b, temos dois sinônimos. Na c, que talvez engane algumas pessoas, elas não são antônimas. O antônimo de **diminuição é aumento; progresso** não quer dizer **aumento. Inimigos** e **adversários,** na letra e, embora parecidos, não chegam a ser sinônimos, e muito menos antônimos. Realmente, **adulto** é o contrário de **filhote,** quando a referência é a animais.

289) Letra a

A palavra **principalmente** indica que os termos citados a seguir são os mais importantes, mas não os únicos. Assim, entende-se que o sapo come, além de outros insetos, mariposas, grilos e besouros.

290) Letra d

É questão de coesão textual. É necessário voltar ao texto e buscar as palavras destacadas. Não é difícil: pede atenção, apenas. O pronome **isso** não se refere aos substantivos colocados antes dele, mas sim ao fato de os sapos estarem sendo caçados. Ou seja, a enorme caça aos sapos fez com que sua população diminuísse drasticamente.

291) Letra c

A locução **isto** é possui valor explicativo. Tem largo uso em português e é empregada entre vírgulas, quando no meio da frase, o que é mais freqüente. Com medo de que o leitor desconheça o significado da palavra voraz, o autor resolveu explicá-la, utilizando-se da expressão **isto** é e indicando, então, um sinônimo, uma palavra mais simples: comilão.

292) Letra e

A questão trata do conhecimento dos radicais, contudo é muito simples. **Comilão** é o que come muito, logo pertencem à sua família lingüística as palavras **comida** e **comestível.**

293) Letra e

O texto nos diz que primeiro houve a caça aos sapos (/. 1/2). Como conseqüência disso, ocorreu "drástica diminuição da população de sapos" (/. 4/5). Com a redução dos sapos, aumentou o número de insetos, já que não havia mais tantos sapos para devorá-los (/. 9/10). Então começaram a surgir problemas na região (/. 11-14), com a invasão dos insetos. A conseqüência das dificuldades trazidas pelos insetos foi a proibição da caça aos sapos (/. 20/21). É só ler o texto, procurando cada indicação colocada nos itens numerados. Assim se chega, sem problemas, à letra e.

294) Letra d

Tanto **boca** quanto **goela** referem-se, indiferentemente, a humanos e animais. A questão pede conhecimentos extratexto.

295) Letra a

A resposta é a letra **a** porque o texto se baseia nos problemas causados pela matança indiscriminada de sapos, a qual gerou um desequilíbrio ecológico que foi o aumento sem controle de determinados insetos.

Texto XLVII

296) Letra a

Com exceção da letra d, todas as opções, em princípio, servem como resposta. É aquele caso famoso de se ficar com a melhor. Se lermos o texto com muita atenção, veremos que seu objetivo é mostrar que em todas as épocas houve violência. Essa intenção do autor surge evidente no primeiro parágrafo, quando ele diz que “tendemos a acreditar que o mundo nunca foi tão violento como agora;...”. A partir daí ele vai tentar mostrar que a coisa não é bem assim. Vários fatos citados, que parecem servir como resposta da questão, são particularidades que, reunidas, provam a tese do autor.

297) Letra b

O emprego das aspas se deve a vários fatores. Um deles *é* a necessidade de reproduzir, com fidelidade, palavras de outrem. Há, no texto, dois trechos em que o autor cita palavras de Michel Rouché. Daí a resposta ser a letra b.

298) Letra e

Questão de sinonímia. **Cotidiano** (ou quotidiano) é o mesmo que **dia-a-dia.** Não confunda este substantivo com a locução adverbial **dia a dia,** sem hífen: estava evoluindo dia a dia.

299) Letra d

Muitos escritores usam essa técnica. Serve para aproximá-los de seus leitores. Com a primeira pessoa do plural, o autor se insere no conteúdo do texto, criando uma certa intimidade entre ele e os leitores.

300) Letra b

A resposta se encontra no trecho “...se fôssemos comparar o número de assassinatos que ocorriam naquele período, proporcionalmente à população mundial de então,...” (3o parágrafo).

301) Letra e

Questão de semântica, isto é, de significação. Não há, no advérbio **proporcionalmente,** noção alguma de tempo, e sim de modo (comparar de que modo?).

302) Letra c

Segundo e **conforme** são sinônimos. Veja os comentários da questão 260.

303) Letra e

Questão de paráfrase. A única frase que mantém o sentido da original está na opção e. Raciocine comigo: *o ato de matar não era reprovado* quer dizer que ele, o ato, *não tinha reprovação, era aprovado, tinha aprovação.* Partindo daí, pode-se eliminar quatro alternativas, sobrando, como resposta, a letra e.

304) Letra c

Também questão de paráfrase. *Ser comunicativo* não é *ter mais comunidade*, e sim *comunicação.*

305) Letra a

Observe que há, no enunciado, menção à classe gramatical: adjetivo violento. Assim, temos um substantivo (vingança) correspondendo a um adjetivo (violento). A resposta é a letra **a** porque o substantivo **violência** corresponde ao adjetivo **violento.** Em todas as outras opções, a segunda palavra não é adjetivo. Como se vê, a questão não é de formação de palavras, mas de classes gramaticais.

306) Letra c

Questão de semântica. **Interminável é** o que **não termina,** ou seja, que **não tem fim.**

307)Letra c

Cancioneiro refere-se especificamente a canções. **Pilha, monte** e **grupo** são coletivos gerais, não se referem a um único ser. **Hipódromo** não é coletivo, e sim o lugar onde se realizam corridas de cavalos.

308) Letra a

O que não permite que a expressão da letra **a** inicie o texto é a correlação de tempos verbais. Se o fizéssemos, teríamos a seguinte construção: *Assim que tiver sido realizada a vingança e assassinado o culpado da primeira morte, a mesma lógica passava a valer para parentes deste...*" Não há correspondência entre **tiver** e **passava.** Para que a frase ficasse perfeita, teríamos que usar o futuro do presente: **passará.** Uma coisa, nesta questão, chama a nossa atenção: não se deve simplesmente encaixar a palavra no trecho destacado; antes, é preciso voltar a ele e olhar o período inteiro. Faça sempre assim, em questões semelhantes.

309) Letra e

São as seguintes as palavras que causam intensificação, pela ordem de aparecimento: tão, tão, mais e bastante. São todas advérbios de intensidade. Na letra **e** isso não acontece.

Texto XLVIII

310) Letra c

Os destinatários do requerimento são os congressistas, por conseguinte a afirmação da letra **c** é falsa.

311) Letra e

Em nenhum momento o autor do requerimento fala na possível necessidade da edição de obras no idioma tupi-guarani. Uma releitura atenta mostrará isso.

312)Letra b

Questão de coesão textual. Na opção **a, fato** se refere à característica de empréstimo da língua portuguesa ao Brasil. Na letra **c, nosso país** tem como referente a palavra **Brasil.** Na alternativa d, **sua** refere-se a **suplicante.** Na opção e, **sua** tem como referente **povo.** Semelhante processo coesivo não se verifica com **proprietários da língua,** na letra b, que é a resposta.

313) Letra **a**

Até por eliminação, pode-se chegar à resposta. Na letra b, não se verifica no texto a presença de brasileirismos, termos próprios do nosso país. As letras c, d e **e** podem ser eliminadas, pois a linguagem do texto é culta, portanto formal, não apresentando palavras ou expressões de cunho popular. Na realidade, esta questão pede conhecimentos prévios sobre as diversas modalidades da língua.

314)Letra c

Trata-se de uma forma antiga, usada em requerimentos. A pessoa que escreve um requerimento está pedindo e, claro, aguardando deferimento, ou seja, aprovação do que é solicitado.

315) Letra a

No primeiro parágrafo, o autor do texto fala de si próprio e faz a solicitação objeto do requerimento.

316) Letra c

Os adjetivos que aparecem nas opções a, b, **d** e **e** têm valor objetivo, não dependem da opinião de quem quer que seja. Já a palavra **humilhante,** na opção c, tem um claro valor **subjetivo,** pois para muitos essa contingência pode não ser considerada humilhante. Trata-se da opinião do autor, por isso a resposta é a letra c.

317) Letra b

O autor foge à terceira pessoa ao empregar o pronome possessivo **nosso,** que se refere ao pessoal nós, primeira pessoa do plural.

Texto XLIX

318) Letra a

As opções **b** e **c** são semelhantes e vão de encontro à idéia central do tema, que é a preocupação real com a extinção de animais. As opções dee também se assemelham e não têm apoio no texto, que é objetivo e não faz nenhuma menção a qualquer tipo de religiosidade. A letra **a** é a resposta porque, no primeiro parágrafo, o autor apresenta coisas que o homem não faz, mas deveria fazer, para que o equilíbrio fosse alcançado.

319) Letra b

A resposta se encontra, além do texto como um todo (e aí levaríamos em conta o que se conhece do homem a esse respeito, portanto um conhecimento extratexto), na preocupação em controlar a exploração das florestas (2o parágrafo), exploração esta feita evidentemente pelo homem e que tem causado problemas de desequilíbrio do meio ambiente.

320) Letra c

Os vocábulos adequados para cada item são, respectivamente: **harmoniosos** (por causa do masculino homens, presente na série) ou **harmoniosamente; desmotivadamente; recíprocas,** que é o gabarito; **equilibradas** (o verbo **estar** pede um adjetivo); **florestal,** que quer dizer **das florestas,** não deve ser utilizado aqui, pois se trata de um complemento nominal, e não adjunto adnominal.

321) Letra c

Se as pessoas retirarem das plantas apenas o que vão comer, não haverá desperdício de alimento, isto é, não vai faltar comida mais tarde. Essa é a idéia do trecho, por isso a resposta só pode ser a letra c. Talvez alguns pensem na letra b, mas ela estaria incentivando o desperdício. Veja bem: tiraríamos tudo o que pudéssemos, inclusive aquilo que não utilizaríamos, e Deus colocaria tudo de novo no lugar. Quer dizer: arrancaríamos todos os frutos de uma árvore, até mesmo os verdes, e no dia seguinte a árvore estaria de novo cheia de frutos. Absurdo!

322) Letra b

Trata-se de uma prática de redação. Quando se omite uma parte do texto que se está reproduzindo, colocam-se pontos, entre parênteses ou não, para que a omissão fique evidenciada. É uma questão de respeito ao texto de outra pessoa ou ao de si mesmo.

323) Letra a

As letras b e c são inteiramente descabidas. As letras **d** e **e** particularizam. Já a letra a, que é o gabarito, fala do equilíbrio como um todo, ou seja, ecológico, sem especificar nada.

324) Letra c

Os parênteses têm múltiplo emprego. No caso da questão, o autor quis particularizar a significação do termo: não se tratava da preocupação de qualquer povo, apenas do brasileiro. A letra b poderia confundir; não é, no entanto, uma explicação; a palavra preocupação não é explicada pelo vocábulo brasileiros, e sim particularizada. Veja um exemplo de explicação, posta entre parênteses: Meu amigo (brasileiro por opção) não gostou da brincadeira. Neste caso, o termo poderia também aparecer entre vírgulas.

325) Letra d

O que o último período diz, em outras palavras e resumidamente, é que o aumento populacional de uma espécie ocasiona a diminuição de outra, e vice-versa. A conseqüência lógica disso é a desarmonia populacional dessas espécies. As letras a e b não cabem como resposta, embora pareça, porque no período em questão temos apenas um exemplo do problema da extinção e do aumento populacional das espécies. O autor poderia usar quaisquer outros animais para isso.

326) Letra a

Se o aumento do número de piranhas é a conseqüência do extermínio do dourado (bem como da ariranha e do jacaré), como diz o exemplo do autor, no último período, a resposta só pode ser a letra a: a morte do dourado é a causa do aumento do número de piranhas.

327) Letra b

Todo o texto, praticamente, faz essa intimidação, mas ela fica bem evidente nos trechos: “...mas também evitar...espécies de animais...” *[l.* 9-11) e “E a extinção...meio ambiente...” (/. 14/15)

Texto L

328) Letra c

Questão de sinonímia. **Renunciar** e **abandonar** podem ser usados indiferentemente no texto. É claro que nem sempre esses vocábulos serão sinônimos. Se dissermos, por exemplo, “ele abandonou a cidade”, o verbo **abandonar** não poderá ser substituído por **renunciar.** Vale dizer que não existem sinônimos perfeitos, em língua alguma.

329) Letra e

Temos aqui uma questão envolvendo coesão textual, ou seja, a ligação entre os componentes de um texto. Volte ao texto e veja que “alguém” é o ser que praticou um ato errado. Leia com atenção as frases destacadas nas opções da questão. A única em que o termo destacado não se refere a “alguém” é a última.

330) Letra a

Se o autor acha que ser tratado de maneira melhor do que se merece é um problema filosófico, é porque o ideal seria tratar a todos de acordo com as suas atitudes, o que nos leva para a letra a.

331) Letra b

Santo Agostinho dizia que devíamos detestar o pecado, mas não o pecador. O pecador, ou seja, quem cometeu um delito, é o agente; o pecado, isto é, o delito cometido, é a ação. Ele achava que o erro, o ato infeliz cometido é que deveria ser detestado por todos nós, nunca o indivíduo que o praticou. Assim, ele separava o ato do agente que o praticou.

Texto LI

332) Letra d

Questão de sinonímia. **Anacrônico** quer dizer **fora da moda, fora do uso corrente.**

333) Letra e

A preposição **com** possui inúmeros valores semânticos. Tem valor de companhia em frases do tipo: ele saiu com o irmão. No texto, não é nítida a relação, mas diríamos que seu valor nocional é de posse (país que tem regras obsoletas e vícios incrustados). O que não se pode aceitar é a idéia de companhia, que não existe no trecho em destaque.

334) Letra e

Na letra a, os empresários são criticados porque sempre lamuriam nas reuniões. Na b, o autor critica os empresários por quase não falarem no custo do capitalismo subsidiado. Na c, a crítica é aos grandes bancos por deixarem de pagar impostos. Na d, os empresários são criticados por causa da fraude ou do favor que os beneficiam. Não se depreende qualquer tipo de crítica na opção e.

335) Letra a

É necessário voltar ao texto, mesmo que a questão esteja calcada em um trecho. Este, por si só, não dá elementos para que se responda. É preciso saber quem paga. O texto diz, logo em seu primeiro parágrafo: “Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil, no preço que pagam para fazer negócios...”. O sujeito de **pagam** é **eles,** ou seja, os empresários. Assim o trecho destacado nesta questão representa a opinião do empresariado.

336) Letra e

A resposta aparece nítida no trecho “...que nos impedem de ser modernos e competitivos”. Só por curiosidade: o enunciado, por descuido, dá a resposta da questão anterior, quando diz “...que retrata a opinião do empresariado...”.

337) Letra a

A resposta só pode ser a letra **a** porque todos os termos apresentados são colocados pelo empresariado como obstáculos aos seus negócios. Assim, deduz-se que se trata de deficiências que atingem a situação socioeconômica dos empresários, daí seus lamentos expostos em todo o primeiro parágrafo. As opções **c**, **d** e **e** são facilmente descartadas, porém a opção **b** poderia trazer alguma confusão. Ela não serve como resposta pois fala dos problemas do país, em geral, enquanto na realidade os empresários se lamentam pelos problemas que os atingem, não demonstrando preocupação com todos os tipos de problemas nacionais.

338) Letra c

O empresariado é, evidentemente, capitalista. Assim, lucrando com algo que traz prejuízos ao país (segundo o autor do texto), eles quase não falam a respeito, porque seriam naturalmente questionados.

339) Letra b

É necessário ler com muita atenção o trecho. “Coisas do populismo irresponsável” refere-se a três termos citados anteriormente: “trabalho superprotegido”, “leis sociais ultrapassadas” e “outras bondades inócuas”. Isso lembra (e aí temos a necessidade de conhecimento extratexto) o famoso populismo, tão citado em relação a determinados governos. A palavra **populismo** está usada ironicamente, pois as três coisas deram errado, tanto *é* que há o reforço da palavra **irresponsável.**

340) Letra d

A injustiça social ocorre porque, se alguns pagam, todos teriam de pagar impostos. Claro que para isso eu não preciso recorrer ao texto. Mas é perigoso raciocinar assim, pois o autor poderia estar contrariando, por qualquer motivo, esse axioma. Tente sempre localizar no texto. À vezes uma simples palavra ou expressão responde ao que se quer. Por exemplo, a palavra **escândalo,** no início do segundo parágrafo. Também nos dá essa idéia a expressão **pela fraude ou pelo favor,** algumas linhas adiante (há alguns favorecidos, outros não, eis a injustiça social).

341) Letra d

Subtributação pode ser entendida como o ato de tributar por baixo, de maneira reduzida. Por isso a resposta é a letra d, que fala de impostos reduzidos. A palavra não se refere ao não-pagamento de impostos, o que elimina as alternativas **a** e **e**.

342) Letra a

O texto diz, no segundo parágrafo, que a subtributação sustenta o empresariado e ocorre por fraude ou favor. Ora, a fraude é cometida pelo interessado, que no caso é o empresariado. E quem dá favores que levem a uma subtributação só pode ser o governo, pois só ele tem esse poder.

343) Letra b

Lamuriar é chorar. No primeiro período do texto, a ação de lamuriar ou chorar é atribuída aos empresários.

344) Letra b

Ao favorecer o empresariado com **a** subtributação, o governo está colaborando com o roubo da elite, pois o dinheiro deixa de ser recolhido pelos cofres públicos, de onde sairia para bancar projetos sociais. Dessa forma, a população está sendo roubada.

345) Letra a

A subtributação, que é o pagamento de menos impostos, só existe porque há brechas no sistema tributário, devidamente exploradas para benefício do empresariado. Se não houvesse tais brechas, os empresários pagariam os impostos devidos.

346) Letra a

A resposta se encontra no trecho: “...mais lamentável e atrasado é o Desperdício Brasil, o progresso e o produto de uma minoria que nunca são distribuídos, que não chegam à maioria de forma alguma...” (3o parágrafo).

347) Letra b

A maioria, no texto, são os menos favorecidos; a minoria, aquela classe que possui em excesso. Com isso, a letra **a** é descartada, pois coloca dois grupos favorecidos. Na letra c, a palavra **economistas** destoa do que se imagina sobre uma classe poderosa, rica; **economista** é também trabalhador, pode ser rico ou pobre. Nas opções dee houve inversão: primeiro os menos favorecidos, depois os privilegiados. Assim, a resposta só pode ser a letra b.

348) Letra d

Afetar a miséria à sua volta seria fazer algo para acabar com ela ou, pelo menos, diminuí-la, sendo que o caminho lógico para isso é o da utilização dos impostos, a tributação. Como eles não retornam devidamente à população, como diz a letra d, que é o gabarito, a miséria continua a mesma.

Texto LII

349) Letra d

O texto fala de inúmeros problemas brasileiros, em quase todos os seus parágrafos. Mas, nos dois últimos, muda o tom e mostra otimismo em relação ao que os jovens podem fazer pelo país. Isso fica bem claro no trecho: “Quem sabe sairá do acúmulo de energia renovada dessa geração a solução de problemas que apenas se perpetuaram no fracasso das anteriores?”

350) Letra e

A questão se reporta à ordem de aparecimento dos conceitos. Assim, temos: **gigantismo** na linha 3 (“gigante adormecido”); **idealização,** linhas 5/6; expectativa, linha 11 (“só restava então aguardar o futuro”); **otimismo,** linhas 17/18.

351) Letra b

Muitas vezes a expressão corrente não pertence à língua culta, sendo manifestação da inventividade e improvisação do falante. “Botar pra quebrar” é uma delas. Se a observarmos bem, veremos que ao pé da letra é destituída de significação, além de contar com a presença de uma forma contraída da preposição **para,** pra, igualmente sem guarida na língua padrão.

352) Letra b

Questão de sinonímia. **Postergar** significa, entre outras coisas, deixar atrás, preterir.

353) Letra b

Esta questão, na realidade, é independente do texto, tomado apenas como elemento motivador. Diferentemente do que ocorre com as outras palavras, **personagem,** sem alteração de sentido, pode ser masculino ou feminino: o personagem é o homem ou a mulher; a personagem, também.

354) Letra a

Outra questão de sinonímia. Não há o que discutir. **Viço** significa vigor de vegetação nas plantas. Figuradamente é juventude, fase da vida em que se tem muito vigor; **ousadia** é o mesmo que audácia.

Texto LIII

355) Letra c

A letra **a** não cabe como resposta pois, embora as revelações sejam recentes, o texto não diz que foram feitas dias antes da elaboração do artigo. Também não pode ser a letra b, pois o período não diz nada sobre o mal que seria, para os brasileiros, a revelação das informações. Para muitos, vai parecer que a resposta seja a letra d; acontece que o adjetivo **impostas** não se liga obrigatoriamente a um regime discricionário; isso pode ocorrer com regimes mais liberais, que sintam a necessidade de fazê-lo para o bem do povo. Quanto à letra e, nota-se, no texto, que “há mais de meio século” significa pouco mais de meio século; não há motivo para essa delimitação feita na alternativa, mesmo porque as informações são imprecisas. A letra c é a resposta, pois **restrições** é o mesmo que **limitações,** impostas aos imigrantes pelos governos citados.

356) Letra a

Quanto aos negros, a discriminação é racial; com relação aos judeus e aos asiáticos, religiosa e também racial, isto porque eles professavam religiões diferentes daquelas comuns em nosso país.

357) Letra c

O segundo período afirma que os atos cometidos contra negros, asiáticos e judeus foram injustos, e é essa injustiça que chocou o povo brasileiro.

3 58) Letra b

O autor diz que quem se chocou foram os amantes da democracia, portanto uma parcela da sociedade. Assim, o trecho expressa a opinião do autor bem como a desses brasileiros.

359) Letra c

A letra b, que parece ser a resposta, não é correta porque negros e judeus podem ser autenticamente brasileiros, mas não os asiáticos, que nasceram em outros países. O gabarito é a letra c pois todos eles podem se integrar àquilo que se chama de povo. Em verdade, o povo de um país não é formado apenas pelos que nasceram, mas também pelos que vivem ali, trabalhando pelo progresso e pelo bem geral, inclusive se submetendo às suas leis.

360) Letra d

O primeiro parágrafo fala do Brasil de meio século atrás; o segundo traz informações sobre o país na atualidade (veja a palavra “atual”, logo no início).

361) Letra e

Algo está imune quando não pode ser afetado. Se a imigração atual está imune às manchas do passado, ou seja, não sofre mais com a discriminação do governo, deduz-se que o processo imigratório também é outro, em nada lembrando o daquela época citada no início do texto.

362) Letra d

O último parágrafo do texto diz que os imigrantes, bem-vindos a princípio, por reforçarem a mão-de-obra em períodos de expansão econômica, passam a ser, depois, alvos de violência e segregação. A letra d está errada porque afirma que a expansão provocou a saída desses imigrantes, o que não se lê no parágrafo que trata do assunto, como acima mostramos.

Texto LIV

363) Letra d

É uma questão de emprego de tempos verbais. O sentido da
frase diz tudo. A união do presente do indicativo vem com o gerúndio noticiando confere essa idéia de ação no presente, mas que teve início há pouco tempo. Veja um outro exemplo: ele vem trabalhando exageradamente, ou seja, ultimamente (há pouco tempo) ele tem trabalhado exageradamente.

364) Letra e

Esta questão remete o candidato ao primeiro texto da prova, que, aqui no livro, é o texto anterior a este, ou seja, o de n° LIII. Ao compará-los, verificamos que ambos tratam de racismo, porém o segundo, o que agora estamos analisando, cita uma situação atual e concreta, a do jogador Juan. É, portanto, mais específico do que o outro. Por isso a resposta só pode ser a opção e. Vejamos, para um entendimento maior, as outras opções. A letra a está errada, pois o jogador Antônio Carlos não emprestou a sua mão-de-obra em uma época de expansão econômica: ele é jogador de futebol. A letra b não cabe como resposta, pois o primeiro texto fala de imigrantes, o que não ocorre com este texto. A letra c está errada, porque o segundo texto não trata de preconceitos religiosos, apenas raciais. A opção d não está correta já que não há menção no texto quanto a ser maioria o número de xenófobos e racistas na Europa.

365) Letra a

É uma questão de coesão, pois se baseia no emprego de um conectivo, o pronome relativo **cujo.** Essa palavra eqüivale sempre a um possessivo, indica posse ou parte de. Na letra a, que é a resposta, existe essa noção de posse, na expressão “deste time” *{A torcida deste time é o* mesmo que *a sua torcida). Veja* outro exemplo: Chegou o homem / A filha do homem (o mesmo que sua filha) foi contratada. Teríamos então: Chegou o homem cuja filha foi contratada.

366) Letra c

O autor está fazendo uso do imperativo para aconselhar o jogador. Não se trata, como possa parecer, de um simples alerta. É o valor do imperativo, que pode expressar ordem ou conselho, este quando de maneira mais veemente, ostensiva.

Texto LV

367) Letra b

A idade não é um fator importante para definir um profissional de sucesso, o que elimina as opções a e d. Na opção c, **médico paulista** é desnecessário, pois a especialidade está sendo citada. Na letra e, fala-se apenas **médico,** quando se sabe a sua especialidade, que deveria então aparecer. Assim, a letra b reúne os dados mais importantes: nome, especialidade e - a idéia central do texto - o sucesso.

368) Letra a

Uma pessoa de 51 anos já teve tempo de se tornar experiente em uma determinada atividade. A informação reforça a idéia de o sucesso ser duradouro.

369) Letra d

A resposta está no trecho: “...há três décadas ele mantém sua fama em ascendência”. Isso explicita o sucesso duradouro; afinal, três décadas é muito tempo de sucesso.

370) Letra e

Não há relação alguma entre décadas e a idade do médico. O trecho fala de 3 décadas de fama e ascendência, simplesmente isso.

371) Letra d

O sucesso do médico é explicitado, no terceiro período, pelo tamanho de seu consultório e pela elegância da região em que ele se situa, além da grande quantidade de clientes atendidos.

372) Letra **e**

Questão pouco clara. O médico tem duas atividades: sua clínica e a Universidade de São Paulo. Na letra **a** as palavras se opõem porque, como professor, ele atende, em sua maioria, pacientes com problemas de tireóide, havendo aqui a oposição à palavra **endocrinologista.** Na letra b, temos oposição entre **clientes** e **pacientes;** a primeira palavra é reservada no texto para as pessoas atendidas em sua clínica, e a segunda para as que ele atende na Universidade. Na opção **c, emagrecimento** está associado ao atendimento na clínica particular; **doenças da tireóide,** na Universidade; na opção d, temos a mesma coisa: **marcar consulta** associa-se à clínica particular; **parar em suas mãos,** à Universidade. Segundo a banca do concurso, o gabarito é a letra **e** porque os números são absolutos: na clínica, 32.600 pessoas, não apenas com problemas de emagrecimento, mas também de tireóide, a sua outra especialidade; o mesmo pode ser dito para os milhares de pacientes atendidos na Universidade. Observe, esse é o detalhe, que nas duas situações o autor fala de maioria. De qualquer forma, cabe dizer que não é uma questão, em meu ver, bem formulada. Peço-lhe que não se preocupe com ela.

Texto LVI

373) Letra e

A resposta está, bem nítida, nas duas primeiras linhas do texto, principalmente no trecho: “Na doença é que descobrimos...” Adiante aparece, na função de aposto da palavra **ser,** o vocábulo **corpo.** A letra c, que pode confundir alguns, é incorreta porque fala em abismo intransponível, quando o texto diz que estamos encadeados a ele.

374) Letra b

Questão de coesão textual. A conjunção **mas** é adversativa, cria oposição. Sozinhos se opõe a **encadeados.** Se estamos encadeados, ligados a alguma coisa, não estamos sozinhos.

375) Letra a

Questão de paráfrase. Embora o trecho destacado admita outra interpretação (não podemos, por meio do nosso corpo, fazer com que nos entendam), a letra **a** corresponde ao seu sentido. Cuidado com a opção d; ela é genérica, enquanto o texto é específico, trata de cada um em particular, tanto é assim que o autor se inclui ao usar a primeira pessoa do plural.

376) Letra c

O modo subjuntivo apresenta o fato de maneira duvidosa, hipotética, diferentemente do indicativo. Ao dizer *eu canto, sl* pessoa transmite a idéia de maneira real, indubitável, precisa: é o presente do indicativo; já ao falar *que eu cante,* transmite uma idéia imprecisa, vaga, pode ser que a ação não se concretize:

é o presente do subjuntivo. Tal *é* o valor de **encontremos** no texto. Por isso a resposta é a letra c.

377) Letra e

Questão de coesão textual. Pela ordem, temos: seu —» assaltante; quem —> polvo; nos —> seu antecedente não está expresso, seria nós; o qual —> polvo (o pronome relativo **o qual** sempre concorda com o antecedente, que, então, não poderia ser águas). O gabarito é a letra e, pois o pronome átono Io (alteração de o), que significa **ele,** refere-se a assaltante: tornar o assaltante sensível.

378) Letra a

Questão de sinonímia. A palavra **senão** tem vários significados. No texto o seu sentido lógico só pode ser **ou:** ou à nossa desgraça. As outras opções se excluem naturalmente.

379) Letra b

Um polvo, evidentemente, não tem como entender o que se diz a ele. Seria uma atividade inútil. Popularmente, costuma-se usar a palavra **porta** para indicar essa inutilidade.

Texto LVII

380) Letra e

Questão de sinonímia. Não há o que discutir. **Longevidade** significa vida longa.

381) Letra a

Embora seja também uma questão de semântica, tem alguma dificuldade. **Raro** é o que existe em pouca quantidade. **Mínino** não se refere a quantidade, mas a tamanho: é superlativo absoluto sintético de **pequeno.** Assim, a substituição de pouquíssimas por **mínimas** implicaria mudança de sentido.

382) Letra c

É necessário sempre buscar elementos no texto. Não responda a nenhuma questão baseado no que você acha, na sua experiência de vida, pois isso vai levá-lo a erro numa questão deste tipo. A resposta é clara, claríssima, desde que você realmente releia o texto. Lá está: “Existências exemplares que souberam quando terminar!”

383) Letra d

Observe o emprego do demonstrativo **essa.** Ele remete a algo que passou no texto, no caso “que souberam quando terminar”, ou seja, a consciência de saber quando morrer.

384)Letra c

A resposta está no trecho: “...empenhada que anda a medicina em proporcionar meras e miseráveis sobrevivências”. Não se esqueça do que pedimos no comentário da questão 382. Você pode perfeitamente discordar do autor, até achar um absurdo a sua posição, mas precisa se voltar para o texto, apenas para o que o texto transmite.

385) Letra a

Questão de figuras de linguagem, com base na antonímia. A antítese foi definida no enunciado, cabe ao candidato apenas procurar os antônimos, que aparecem na opção **a. Exemplares** não é o contrário de **inúteis,** como possa parecer. A palavra significa *o que serve de exemplo,* não necessariamente que seja útil.

Texto LVIII

386) Letra b
O primeiro segmento mostra a ciência como algo bom para o ser humano. O segundo traz uma visão negativa (“concorre na obra de destruição”) da ciência. O terceiro não a apresenta como algo positivo nem negativo. Por isso a resposta é a letra b.
387) Letra d
A análise sintática pode ajudar-nos a resolver a questão. A palavra **curiosidade** atua como aposto da palavra **desejo. Do desejo** é complemento nominal de **satisfação** (satisfação de quê?). Mas, se escrevermos a frase até o vocábulo **desejo,** sentiremos necessidade de uma explicação: que desejo é esse? a curiosidade. Dessa forma, a curiosidade é o desejo mais alto da nossa natureza.
388) Letra d
As três primeiras opções são facilmente eliminadas. O sentido real, se levarmos em conta todo o trecho, é de intensidade. Não se pode pensar em *mais espiritual* porque todo desejo é espiritual, é o espírito que quer.
389) Letra a
O futuro do presente tem exatamente esse valor indicado na opção a, que é a resposta. O que poderia suscitar alguma dúvida é a afirmação da alternativa e. Mas o texto tem caráter objetivo, não expressa em parte alguma a opinião do autor.
390) Letra e
Questão de sinonímia. O vocábulo **sorte** pode ser usado com o valor de **destino.**
391) Letra c
“Devia ter por fim o bem da humanidade” quer dizer que a ciência tem uma outra finalidade, que não o bem da humanidade (concorre na obra de destruição). Assim, a realidade (aquilo que a ciência faz) é diferente daquilo que seria a finalidade ideal (fazer o bem).
392) Letra d
Outra questão de sinonímia. **Concorre** pode ser substituído, no **trecho,** por **colabora,** sem alteração de sentido.
393) Letra a
A questão trata da correspondência entre as locuções adjetivas e os adjetivos. Só a letra **a** apresenta essa correspondência. **Humanitário** e **humanista,** são específicos, trazem implícita a idéia de bem feito a alguém. **Destrutiva** e **destruidora** podem ser usadas indistintamente no lugar da locução. **Homicida** e assassinos são termos específicos: matam seres humanos. **Violentos** não tem cabimento. **Mortais** é vocábulo que indica algo que causa a morte, não necessariamente por intermédio de um matador.
394) Letra a

Há palavras que num texto expressam a opinião do autor. Procure ver se não há possibilidade de uma outra pessoa, no lugar daquela, pensar de maneira diferente. Por exemplo, se eu digo que um determinado indivíduo é maravilhoso, estou expressando a minha opinião, já que outra pessoa pode não achar. Agora, se eu digo que aquele indivíduo é gordo, mais alguém que olhe para ele vai ter de dizer a mesma coisa, porque ou se é gordo, ou não. O advérbio **infelizmente** tem esse caráter de subjetividade: pode ser que outra pessoa não ache aquilo uma coisa infeliz. Da mesma forma, o verbo **devia** expressa algo pessoal, e não geral. Todas as outras palavras têm valor objetivo, ou seja, não dependem da opinião do autor.

395) Letra e

Algo que consiga realizar tal façanha tem de ser considerado eficiente, abstraindo-se de valores morais. É mórbida porque atinge seres humanos, o que não é desejável. A resposta não pode ser a letra a, porque, embora se possa pensar em violência para o caso, não seria inútil, no momento em que atinge um determinado objetivo preestabelecido.

396) Letra d

É questão de coesão textual. A palavra **como** tem inúmeros valores. No trecho, introduz uma oração com sentido de comparação. Compara-se **ciência** com **casa,** mais precisamente o ato de fazer uma e outra coisa.

397) Letra c

Como se disse no comentário anterior, o autor compara **ciência** e **casa,** valendo-se de um conectivo comparativo, que é a conjunção **como.**

398) Letra e

Nos três segmentos, a ciência surge como uma atividade humana, para o bem ou para o mal, sujeita que está aos erros dos homens. As outras alternativas se excluem por si mesmas.

Texto LIX

399)Letra b

Questão muito delicada. Vamos começar pelo sentido da palavra **monolítico,** derivada de **monólito.** Este é o nome que se dá a qualquer obra feita de um só bloco de pedra. **Monolítico** que dizer, então, feito de um só bloco de pedra; sugere assim algo indivisível. No trecho destacado, a palavra tem sentido figurado, como também é figurado "pagar um preço altíssimo". O que se pode entender do trecho é que há pessoas que, como um monólito, não se dividem interiormente, olham apenas para um lado, por isso mesmo pagando um preço alto (sofrem muito por causa dessa atitude unilateral). Por conseguinte, a resposta só pode ser a letra b.

400) Letra a

Pecador é o que peca, que erra. **Descrente** *é* tão-somente aquele que não acredita. Ser descrente não é ser pecador, não é ser errado em suas atitudes no mundo, diante de outras pessoas.

401) Letra c

A resposta se acha no trecho: “...vão rareando as convicções inabaláveis”. Isto é, desaparece, em muitos de nós, aquela condição monolítica que algumas pessoas cultivam. O terceiro parágrafo acrescenta que essas perdas ocorrem na religião, na ciência ou na filosofia.

402) Letra e

Nesta questão, podemos eliminar logo as alternativas **c** e **d**, por absurdas. Não pode ser a letra a, uma vez que o texto não fala de verdades definitivas, muito ao contrário. A letra b não serve como resposta, porque nem todo progresso surge a partir da correção de erros anteriores, ele pode vir como uma complementação de conhecimentos já adquiridos, como se vê no quarto parágrafo. Por isso mesmo que acabamos de expor, com base no quarto parágrafo, o gabarito só pode ser a letra e.

403) Letra c

Vamos reportar-nos ao que é dito no sexto parágrafo: “É possível que essa onda já tenha tido alguns efeitos favoráveis à liberdade espiritual dos indivíduos, ao fortalecimento neles do espírito crítico”. A liberdade espiritual seria a possibilidade de não se aceitar qualquer coisa imposta pela ciência, pela filosofia ou pela religião; o mesmo se pode dizer do espírito crítico, que, naturalmente, permite escolher entre o que se julga bom e o que se julga mal.

404) Letra d

Com o jogo de palavras apresentado, Brecht afirma que não há ceticismo absoluto; no momento em que você acredita que não crê, deixou de ser cético, por acreditar em algo. É contraditório.

405) Letra c

O texto é uma dissertação, em que o autor defende seus pontos de vista, apresentando argumentos que julga necessários para tal.

Texto LX

406) Letra b

A resposta pode ser localizada, com clareza, no segundo período, onde se destaca a expressão **sobrevivência e proliferação.**

407) Letra d

Precedente é o que vem antes. Assim, um sucesso sem precedentes é um sucesso que não teve outro igual, antes dele. Podemos entender, também, que a expressão **sem precedentes** quer dizer **sem igual.** Daí a resposta ser a letra d.

408) Letra c

O enunciado dá uma definição que serve tanto para homônimos como para parônimos. O texto serviu apenas para motivar a questão, tomando por base a palavra **precedente.** Diz-se que **precedente** e **procedente** são parônimos. Todas as alternativas apresentam palavras que têm parônimos ou homônimos: emergir/imergir, senso/censo, descriminação/discriminação, destratados/distratados, em vez de/ao invés de. Neste último caso, trata-se de expressões que podemos entender como parônimas, tal a sua semelhança. **Emergir** significa sair (de um líquido ou de algo), **imergir** que dizer entrar (no líquido); **senso** é juízo, **censo** é recenseamento, pesquisa de opinião; **destratados** quer dizer tratados mal, **distratados** significa rescindidos (os contratos); **em vez de** é uma expressão que denota substituição, já **ao invés de** indica oposição. Na letra **c** houve troca no emprego dos parônimos, já que deveria ter sido usado o vocábulo **discriminação,** que significa separação. **Descriminação** é o ato de descriminar, absolver de crime.

409) Letra d

No trecho anterior a este, o autor diz que nenhuma espécie se iguala à humana em termos de sucesso alcançado (sucesso sem precedentes). Agora, no trecho do enunciado, o autor afirma que nenhuma outra espécie se iguala à humana no que toca à sobrevivência e à proliferação. Então, deduz-se que a sobrevivência e a proliferação é que medem o sucesso de uma espécie, o que nos leva para a opção d.

410) Letra b

Questão de coesão textual. **Nossa** refere-se ao **substantivo espécie,** e não ao vocábulo **proporção.** Observe o emprego de **isso,** na opção c: refere-se a um fato passado, e não a uma palavra ou expressão.

411) Letra e

Mais uma questão envolvendo os significados da palavra **como.** No trecho, ela pode ser substituída por **porque** e inicia oração subordinada adverbial causal. Isso quer dizer que a primeira oração do período é a causa do que ocorre na segunda, que então expressa uma conseqüência.

412) Letra a

Questão de sinonímia. **Proliferação** eqüivale, no texto, a **multiplicação.** Em todas as outras alternativas, não existem sinônimos.

413) Letra c

O texto destaca características próprias da espécie humana, como o controle da produção do próprio alimento e a sociabilidade e a mobilidade, estas por causa da capacidade de viver fora do seu ecossistema de nascença. São peculiaridades que distinguem a espécie humana de outras. Assim, o gabarito só pode ser a opção c.

414) Letra a

Questão de paráfrase. É quase imperceptível a diferença. O sentido da frase original é amplo: a espécie humana é um sucesso (no caso, sem precedentes); nenhuma outra se iguala a ela. Na variante, fala-se em sucesso da espécie humana, o que é mais restrito.

Texto LXI

415) Letra e

O texto não fala de possíveis dificuldades do menino nas aulas de leitura e gramática, não cabendo pois a letra **a** como resposta. Também não pode ser a letra b porque o desespero de que fala o texto ocorre porque o menino gostaria de estar lá fora brincando com o papagaio, não que quisesse e não pudesse comprá-lo. A letra **c** está errada pois ele não se encontrava de castigo, apenas estava com os livros nos joelhos. A letra d é errada porque ele e Raimundo estavam juntos, na escola. Na realidade, o texto apenas retrata as emoções de um dia de aula; por isso o gabarito é a letra e.

416) Letra c

A resposta se encontra no trecho “Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora...”. Ou seja, queria estar na rua, brincando com os colegas, e não na sala de aula. Talvez a alternativa que possa trazer dúvida seja a d. Mas não há essa indicação no texto, inclusive no diálogo ocorrido entre os dois colegas.

417) Letra b

O que está preso por uma corda imensa é o papagaio, não o menino-narrador. Isso é dito de maneira clara nas linhas 6 e 7. As outras
relações são perfeitas.

418) Letra b

É uma questão de paráfrase, de certa forma já comentada na questão 416. A forma verbal **ardia** tem valor conotativo e expressa a ansiedade do menino em estar fora da escola, brincando com os colegas.

Texto LXII

419) Letra b

A principal comparação feita é a do tapete colocado por baixo da cadela e aquele por sobre o qual passará o candidato eleito. São rituais que aparecem num e noutro caso, mas que pouco interferem nos acontecimentos. Da mesma forma, tanto o parto de Big quanto a eleição presidencial custam caro. Por isso, a resposta só pode ser a letra b.

420)Letra a

Na primeira frase, o autor declara não ser sua a cadela, mas de um cunhado. Assim, não sendo ele o dono, não tinha qualquer obrigação para com o animal. Na segunda, ele repete que a cadela não lhe pertencia e entra com a conjunção adversativa **mas,** que introduz uma ressalva: Big estava para ter filhotes, e seu dono viajara, transferindo-se para ele, o autor, a responsabilidade de cuidar dela.

421) Letra c

O veterinário alegou que cobrara 90 mil cruzeiros por se tratar de 9 animaizinhos, saindo cada um a dez mil. Ele foi levado a reconhecer que o veterinário tinha razão. A oração “tive de admitir” eqüivale a “fui forçado a admitir”, em virtude dos argumentos apresentados.

422) Letra b

Questão de paráfrase e de coesão textual. A classificação das orações desse período é, respectivamente: subordinada adverbial condicional, introduzida pela conjunção se; principal; coordenada sindética adversativa, iniciada pela conjunção **e** (com valor de **mas);** subordinada adverbial causal, com a conjunção subentendida. Na letra b, que é a resposta, a conjunção **caso** substitui o **se** (elas são sinônimas); a oração principal fica inalterada; a conjunção **mas** é usada em lugar de **e** (elas são sinônimas); a conjunção causai **pois,** que estava subentendida, aparece encabeçando a última oração. Assim, não houve alteração de sentido em relação ao período original.

423) Letra e
Questão de sinonímia, inquestionável, portanto. **Ungido** quer dizer sagrado.
424) Letra a
Se o autor diz que, numa determinada época, ainda não gostava de cachorros, é porque agora gosta, tendo havido uma mudança de atitude. A palavra que bem expressa a mudança é **ainda.** Nas outras opções, não se reconhece qualquer tipo de mudança de situação.

Texto LXIII

425) Letra a
A palavra **ferramenta** leva à idéia de instrumento, na tarefa de se entender o mundo atual.
426) Letra d
A palavra **grande,** no trecho, tem valor superlativo, eqüivalendo a **maior** (popularmente, **mais grande).** Observe que a palavra está precedida do artigo definido a. Isso só ocorre na letra d, onde podemos entender que "o entrevistado Alberto Manguei é um dos maiores conhecedores do valor da língua escrita".
427) Letra d
Os valores semânticos dos termos destacados são, respectivamente: finalidade, causa, tempo, acréscimo (gabarito), comparação.
428) Letra b
A comprovação de que a frase se refere aos dias atuais é a presença do verbo **predominam,** no presente do indicativo, bem como de outro verbo, na seqüência do período, também no presente do indicativo: *é*
429) Letra c
É uma questão extremamente complexa. Acredito que a banca do concurso tenha tido o seguinte raciocínio: as imagens já existem, enquanto a leitura cria imagens; como as imagens predominam, segundo o repórter, surge a oposição: *já existirem* e *serem criadas,* ou seja, por que criar imagens se elas já existem, inclusive predominando na comunicação atual?
430) Letra e
A letra **a** é evidente, por causa da palavra **superficialíssima.** Na letra b, o fato de a tendência ser geral e em todos os meios visivos representa, na visão do autor, uma coisa ruim, por não dar opções às pessoas. A letra **c** tem como ponto negativo o fato de as imagens prenderem a nossa atenção por um tempo muito reduzido, não nos deixando raciocinar em cima daquilo que é exposto. À opção **d** cabe a mesma observação do item anterior. Já na alternativa **e** nada há que possa ser entendido como negativo no que se refere à cultura de imagens.
431) Letra d
Neologismos são termos criados para preencher lacunas na língua. Com o passar do tempo, são incorporados ao idioma, sendo registrados pelos dicionários. O enunciado diz que os vocábulos **imagética** e **visivos** aparecem há pouco nos dicionários. Deduz-se, então, que são neologismos (se não, estariam lá há muito tempo) já reconhecidos oficialmente (pelos dicionários).

432) Letra a

A resposta se encontra, nítida, no primeiro período da resposta dada pelo entrevistado.

433) Letra a

Questão de semântica. Na frase da letra a, deveria ter sido usada a palavra **mandato,** poder político passado pelo povo por meio de uma eleição. **Mandado** é ordem judicial. Nas outras opções, temos, respectivamente: imersos: mergulhados **(emersos:** que vieram à tona); **cosidas:** costuradas **(cozidas:** cozinhadas); **imorais:** que atentam contra a moral **(amorais:** que não têm o senso da moral); **despercebidos:** sem ser percebidos **(desapercebidos:** desprevenidos).

434) Letra b

O autor estava falando sobre meios publicitários. Assim, **pintura** e **desenho,** apenas artes, devem ser eliminados. Dessa maneira, a resposta fica sendo a letra b, pois os três elementos se prestam à publicidade, sendo chamados pelo autor de visivos.

435) Letra b

Se Bill Gates propõe uma sociedade sem papel, não poderia usar um livro, que é papel, para dar essa mensagem. Ele se contradisse, pois deveria ter usado o computador.

436) Letra c

A opção **a** se encontra justificada nas linhas 6 e 7. O conteúdo da alternativa b pode ser conferido nas linhas 9 e 10. Confira o que diz a letra d, nas linhas 14 e 15. Quanto à letra e, pode-se dizer que o texto, em sua interpretação global, leva a tal conclusão. A própria contradição de Bill Gates justifica a impossibilidade de uma sociedade sem papel. Já a opção **c** não tem qualquer apoio no texto, o qual afirma que "a palavra escrita é, mais do que nunca, a nossa principal ferramenta para compreender o mundo". Principal, não única.

Texto LXIV

437) Letra d

Esta questão é de interpretação e de gramática. A opção a é evidente, mas precisa do que se diz no primeiro período do texto: "por um advogado desonesto". A alternativa b é correta, uma vez que o conectivo **como** indica o modo de se precaver de advogados desonestos. A letra c é perfeita pois a palavra se está indeterminando o sujeito. A alternativa d está errada, por isso é o gabarito, pois os advérbios (como é um advérbio interrogativo de causa) atraem obrigatoriamente os pronomes átonos, estando correta a colocação pronominal do título. A letra e está correta pois o infinitivo é pessoal e se encontra na terceira pessoa.

438) Letra e

Questão totalmente de gramática. A 3a pessoa do singular do imperativo afirmativo é emprestada do presente do subjuntivo. Por exemplo: cante, cantes, cante, cantemos, canteis, cantem; assim, o imperativo de terceira pessoa será

cante (você). O verbo precaver-se, que é defectivo, não se conjuga no presente do subjuntivo, logo não tem as formas correspondentes do imperativo.

439) Letra b

A finalidade do imperativo é dar uma ordem, um conselho, um pedido mais veemente etc. O mais comum é usá-lo para mandar, dar ordens a alguém. No texto, até em função da temática, o que a revista faz é aconselhar o leitor.

440) Letra b

A palavra **alguns** *é* a chave da questão. Com ela, tem-se a certeza de que existem outros procedimentos que não foram citados. As outras alternativas são descabidas, com exceção da última. Mesmo assim, não há por que errar a questão, pois se a revista publica o texto, só pode ser para dar aos leitores condições de se defenderem dos maus advogados.

441) Letra c

A resposta é evidente. *Não é possível* corresponde a *não há possibilidade.* **Posse,** embora tenha o mesmo radical de possível, mudaria o sentido da expressão, se fosse usada.

442) Letra a

Questão de coesão textual. É só voltar ao texto com atenção para acertar. *Não é obrigatório segui-la* corresponde a *Não é obrigatório seguir a tabela; registre-o no cartório* eqüivale a *registre o contrato no cartório.* Diz-se então que os referentes de **la** e **o** são, respectivamente, **tabela** e **contrato.**

443) Letra d

É uma questão de conhecimento de vocabulário. **Bimestral** é relativo a dois meses e quer dizer, precisamente, o que ocorre de dois em dois meses, a cada bimestre. Não confunda com **bimensal,** que se refere ao que ocorre duas vezes no mesmo mês.

444) Letra b

Não é fácil entender o enunciado. A questão pede a relação que existe entre as palavras **e** e ou, que aparecem ligadas por uma barra. No final do texto, temos "dar quitação e/ou receber valores". O que se quer dizer *é dar quitação e receber valores* e *dar quitação ou receber valores,* sendo válidas as duas coisas. Assim, a barra existente entre e e ou indica uma adição.

Texto LXV

445) Letra d

A resposta se encontra bem clara no trecho: "...bebês que dormem com a luz acesa têm três a cinco vezes mais possibilidades de sofrer de miopia..."Na verdade, esse é o tema do texto.

446) Letra b

A revista publicou a conclusão de uma pesquisa feita pela Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos (/. 7/8). A pesquisa já havia sido divulgada pela revista inglesa *Nature* (/. 4). Assim, a resposta só pode ser a opção b.

447) Letra e

De acordo com é uma locução prepositiva que indica conformidade. A palavra que pode substituí-la sem prejuízo de sentido é **conforme,** que, nesse caso, é uma preposição acidental.

448) Letra c

Questão de conhecimento de vocabulário. **Fisiológico** é um adjetivo que se refere ao estudo das funções orgânicas. Para músculos, temos o adjetivo **miológico.**

449) Letra c

Segundo a pesquisa, as crianças que dormem no claro têm muito mais possibilidades de desenvolver a miopia, donde se deduz que as que dormem no escuro têm reduzidas possibilidades. Destas, diz o trecho destacado, apenas 10% desenvolveram a miopia. Assim, com o vocábulo **apenas** o autor indica que são poucas as pessoas que contrariam o resultado da pesquisa.

450) Letra b

É uma questão de significado de palavras. Se algo é uma hipótese, é porque existe a possibilidade de se concretizar. Se fosse impossível, não seria hipótese.

451) Letra c

A conjunção **se,** nesse período, é condicional. Pode ser trocada por seu sinônimo, **caso:** caso a luz fique acesa, a criança tende a se distrair.

452) Letra e

Nesse tipo de questão, faça as trocas solicitadas e veja qual delas mantém o sentido e a correção gramatical. O gerúndio muitas vezes eqüivale a uma oração subordinada adjetiva, que é aquela normalmente iniciada por um pronome relativo. Veja um outro exemplo: *vi um menino brincando é* o mesmo que *vi um menino que brincava.*

Texto LXVI

453) Letra e

No trecho, o autor somente destaca a nobreza e a esperança trazidas pelos objetivos fundamentais. Os comentários feitos nas quatro primeiras alternativas fogem a essa colocação simples. O trecho não fala de mudanças necessárias, da impossibilidade de eles serem alcançados ou do fato de ainda não terem se tornado realidade. Não importa que ao longo do texto muitas coisas sejam colocadas nesse sentido. A letra **e** é a resposta pois fala de algo nobre, como na passagem, e do ponto de partida, que pode ser associado à esperança.

454) Letra a

Todo ideal é um sonho, que pode ou não realizar-se. A concentração ideal é, assim, um sonho.

455) Letra d

O quarto objetivo está exposto pelo autor no trecho: “A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação...”. Mais adiante diz que, se não houver graves sanções impostas às condutas contrárias, “a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas”. Assim, observa-se que tais pessoas são contrárias, por seu preconceito, ao quarto objetivo. Na letra d, o autor usou a locução **de encontro** a para expressar essa idéia contrária. Não a confunda com outra, parecida: **ao encontro de,** que não encerra qualquer valor de oposição. Por exemplo: *ele foi ao encontro do amigo* (na direção do amigo, para abraçar o amigo etc.) é diferente de *ele foi de encontro ao amigo* (esbarrou no amigo, ou foi contrário às idéias do amigo).

456) Letra c

Na opção c, gabarito da questão, o sonho estratosférico representa a opinião do autor a respeito dos objetivos terceiro e quarto, não tem nenhuma relação com a postura do governo. Nas outras, há sempre uma crítica ao governo atual.

457) Letra c

Referir as palavras de alguém especialista naquilo que o artigo expõe confere, sem dúvida, mais credibilidade. Imaginem que a revista tivesse veiculado a opinião de uma pessoa de outro ramo do saber, ou até, pegando-se um extremo, de um indivíduo iletrado, mesmo que de boa vontade. Os leitores não confiariam no que ele dissesse. Tratando-se, como é o caso, de um sociólogo, professor da Universidade de Coimbra, o artigo ganha maior respeito por parte de seus leitores.

458) Letra b

Como a estratosfera, camada situada acima de 12.000 metros, é de difícil acesso, o adjetivo **estratosférico** passou a indicar aquilo que é impossível de se atingir. **Utópico** quer dizer exatamente irrealizável, quimérico. Por isso, no trecho, os vocábulos são sinônimos.

459) Letra b

É uma questão de paráfrase. **Verberar** pode significar **condenar, polarização** é o mesmo que **concentração;** além dessas trocas, houve o acréscimo de **que ocorre,** que estava subentendido no trecho destacado. Não houve, portanto, mudança de sentido.

460) Letra a

Se você voltar ao texto, vai verificar que as condutas são contrárias ao 4o objetivo fundamental, previsto no artigo 3o da Constituição. Esse objetivo trata da discriminação de toda espécie. O remédio (meio adequado e lícito para se alcançar determinado fim de direito, segundo o Aurélio) proposto pelo jornalista é exatamente a criminalização dessas condutas contrárias, ou seja, que as pessoas sejam apenadas, punidas pela prática de qualquer tipo de discriminação.

461) Letra b

Os parênteses são usados em inúmeras situações. Aqui servem para mostrar em que artigos (e suas divisões) fica proibida a discriminação entre homem e mulher.

462) Letra e

Os significados dos latinismos são os seguintes: **sic** – assim mesmo; **et alii** - e outros; **ad hoc** - para isso; **lato sensu** - em sentido amplo. A letra **e** está perfeita: **verbi gratia** corresponde ao português **por exemplo.**

463) Letra a

O texto é uma dissertação, pois está baseado nas idéias. Assim, como qualquer dissertação, apresenta os argumentos do autor. É apenas opinativo, não chega a criar polêmicas. Daí a resposta ser a letra a. Na realidade, bastaria que se dissesse **argumentativo.** A palavra **opinativo** poderia ser dispensada, por redundante.

Texto LXVII

464) Letra b
A resposta se encontra logo no primeiro parágrafo, no emprego da expressão "nossa infância". O autor está, no trecho, dirigindo-se aos leitores, por isso o emprego do possessivo **nossa.** Portanto, era uma expressão usada por ele e outras pessoas, em sua infância.
465) Letra a
A própria expressão **come-e-dorme** sugere a lentidão do jogador. Comer e dormir, jogando pouco, leva à idéia de morosidade desse tipo de jogador. E, para confirmar a resposta, as outras opções são facilmente descartadas; **apadrinhados** ou **privilegiados** seriam se estivessem sempre jogando, mesmo sem capacidade; se fossem importantes, não ficariam sem jogar.
466) Letra a
Na letra b, o autor critica os jogadores pelo fato de ganharem e quase não jogarem. Na opção c, pelo fato de serem colocados em campo quando o resultado já estava definido. Na alternativa d, por mergulharem no amadorismo. A letra **a** não apresenta qualquer tipo de crítica.
467) Letra **c**
Nesse trecho, o autor fala sobre a vida do jogador conhecido por come-e-dorme, repleta de facilidades: quase não jogavam, recebiam pagamento, tinham pouco compromisso no clube etc.
468) Letra b
O autor fala da transformação ocorrida com o time do come-e-dorme. Segundo ele, continua comendo, e comendo muito, mas não dorme. A transformação se deu "com as exigências cada vez mais severas do regime profissional" (/. 14/15).
469) Letra a
Questão de sinonímia. O verbo **ressurgir** (surgir de novo) é o mesmo que **reaparecer** (aparecer de novo). Não há qualquer tipo de dificuldade.
470) Letra d
Questão de antonímia, também sem dificuldade alguma. O adjetivo **severas** é o contrário de **brandas.** Diz-se que são dois antônimos.

Texto LXVIII

471) Letra b
A palavra **dentro** responde à questão. A mídia está dentro de quê? Do problema das drogas. Assim, de uma forma ou de outra, a mídia se envolve com o problema. A letra **e** poderia confundir um pouco; ela seria o gabarito se o título fosse *drogas: a mídia está por dentro.* Popularmente, **estar por dentro** é conhecer bem alguma coisa.
472) Letra c

O gerúndio, na frase, indica ação concomitante àquela expressa pela oração principal. É uma característica do gerúndio. A conjunção que exprime essa ação é **enquanto.** Prosseguindo a leitura, isso ficará provado com o emprego da forma verbal **ouvi:** *enquanto assistia, ouvi um raciocínio...*

473) Letra d

O emprego do gerúndio nesse trecho é idêntico ao da questão anterior. Veja que admite a troca por *enquanto tecia considerações...* Assim, a ação é concomitante, simultânea à expressa pela forma verbal saía.

474) Letra d

É uma questão de paráfrase. O trecho sublinhado aparece alterado. O único em que não há mudança de sentido, portanto *é* uma paráfrase, se encontra na opção **d**. As opções **a** e **b** são facilmente descartadas. A letra **c** não cabe, pois **não vir ao caso** não é **ter pouca importância;** uma coisa pode ser importante, mas não vir ao caso. Na letra e, o verbo **sair** não corresponde ao verbo **desviar;** quem se sai bem não desvia do assunto principal.

475) Letra e

Questão de sinonímia. Não há o que discutir. **Marginal** pode ser substituído por **paralelo,** sem que haja alteração de sentido: são sinônimos.

476) Letra b

A expressão **ou melhor** pode indicar retificação ou esclarecimento. Está usada no texto com o intuito de esclarecer a afirmação feita sobre a publicidade. Ela não está corrigindo algo que tenha sido dito. Veja um exemplo de retificação: Ele estuda Física, ou melhor, Matemática.

477) Letra a

Antes de mais nada, é preciso lembrar qual a tese do professor, que o autor do texto chamou de óbvia. A tese é que "a publicidade não pode tudo" (/. 8); em outras palavras: nem sempre nossos atos são influenciados pela publicidade. O argumento que a defende é o fato de muita gente cheirar cocaína embora não haja propaganda dessa droga na TV.

478) Letra d

O pensamento do professor é apoiado por algo que, naturalmente, o autor do texto considerou uma coisa lógica, ou seja, evidente: o fato de nem todo ato de consumo ser ditado pela publicidade.

479) Letra a

Em primeiro lugar, o início do parágrafo em que esse trecho se insere responde, sem problemas, à questão: "A favor da mesma tese...". Em segundo, porque confirma a idéia do professor de que a publicidade não consegue tudo em relação aos consumidores; embora ela tente fazer isso, o consumidor muitas vezes caminha por outro lado, pois guarda, como se vê mais adiante no texto, "alguma independência em sua relação com a publicidade..."(/. 23/24).

480) Letra a

Silogismo, segundo a Lógica, *é* a união de duas premissas, das quais, por inferência, se tira uma terceira, chamada conclusão. Por exemplo: Todo homem é racional (Ia premissa) / Paulo é um homem (2ª premissa) / Logo, Paulo é racional (conclusão). O silogismo proposto pela questão não é verdadeiro porque a primeira premissa é falsa: ela diz que toda publicidade muda hábitos, o que contraria o texto.

481) Letra e

Na letra a, a expressão “Por favor” faz o elo entre o autor e os leitores. Nas opções b, c e d, o autor se dirige ao leitor através de perguntas: “Tudo certo?” “Qual a conclusão lógica?” e “Moral da história?”. Na última opção, não se usa semelhante recurso.

482) Letra d

Questão de sinonímia. **Soporífero** é o que produz sono; é usado, figuradamente, como maçante. Sinônimos que poderiam ter sido usados nas alternativas incorretas: impostas, confirmar, ilegítimas, independência.

483) Letra d

Esta é uma técnica comum entre os escritores: usar a primeira pessoa do plural para uma aproximação maior com os leitores. Já tínhamos visto, na questão 481, que o autor do artigo usa termos voltados diretamente para o leitor, como que para conversar com ele. O emprego da 1a pessoa do plural só vem confirmar essa tendência do autor.

484) Letra b

A palavra terrorista sugere intimidação. Quando alguém diz, às vezes sem qualquer sustentação, que a empresa em que trabalha vai falir e todos ficarão, em conseqüência, desempregados, está metendo medo nas pessoas, intimidando-as em função da suposta iminência de uma derrocada financeira. Diz-se, então, que foi terrorismo por parte daquela pessoa que espalhou o boato. Daí a resposta ser a letra b.

485) Letra c

O trecho destacado mostra dois tipos diversos de campanhas antidrogas: as soporíferas e as terroristas, sendo que todas fracassam. A opção c diz exatamente isso, só que se utilizando de outra construção: mesmo apelando para estratégias diferentes (soporíferas e terroristas), as campanhas fracassam.

486) Letra b

Mais uma questão em que a opção correta reescreve o trecho do enunciado. Veja bem: “ainda somos minimamente livres” eqüivale a *possuímos liberdade limitada;* “Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais” é o mesmo que *ainda que a empreguemos mal* (a liberdade).

487) Letra b

O autor acha, contrariando o professor, que a mídia faz propaganda de drogas, ao falar do efeito que elas produzem. Veja a segunda metade do último parágrafo.

488) Letra d

A resposta se acha no trecho: “Embora não vejamos um comercial promovendo explicitamente o consumo de cocaína..., a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam...com a propaganda não de drogas, mas do efeito das drogas” (terceiro parágrafo). Não se esqueça de que devemos procurar elementos no texto, mesmo que não concordemos com eles. Pelas alternativas apresentadas, a resposta só pode ser a letra d. A única que talvez suscite dúvidas é a opção c; acontece que as drogas são condenadas de maneira explícita, o que parece chocarse com o gabarito.

489) Letra c

Questão de sinonímia. O professor estava fazendo apreciações sobre o provão. Assim, **considerações críticas** são **considerações de apreciação.** As outras opções se excluem naturalmente.

490) Letra a

Correspondência entre as locuções adjetivas e os adjetivos. Se, em vez de **debates,** usássemos **alunos,** a correspondência seria válida: **alunos universitários** é o mesmo que alunos **de universidades.** Com a palavra debates, em virtude de seu sentido, a correlação não existe. Nem sempre se pode trocar uma locução adjetiva por um adjetivo, e vice-versa.

Texto LXIX

491) Letra b

O texto nos diz que a lei exige que os ministros do STF e do STJ tenham reputação ilibada. É um paradoxo, porque para o ministro do TCU, corte hierarquicamente abaixo das outras duas citadas, há uma dupla imposição: reputação ilibada e idoneidade moral.

492) Letra c

A resposta já foi dada na questão anterior: ao ministro do TCU são exigidas duas coisas: reputação ilibada e idoneidade moral, diferentemente dos ministros do STF e do STJ, dos quais só se exige reputação ilibada.

493) Letra c

Algo tem caráter subjetivo quando depende de opinião, ou seja, obedece a padrões individuais, e não coletivos. Por isso a resposta é a letra c. A letra **e** fala em univocidade, que significa homogeneidade, inequivocidade. Uma coisa é unívoca quando não dá margem a interpretações diversas, a ambigüidades. Valores subjetivos não são valores unívocos, pois podem ser múltiplos, embora digam respeito ao indivíduo. Alguém pode ter sobre uma mesma coisa idéias variadas.

494) Letra d

Decoro é decência, dignidade, recato no comportamento. O chamado **decoro parlamentar** é a postura digna requerida para o exercício do cargo. Ora, se a conduta é irregular, houve falta de decoro, mesmo que isso não seja descoberto. Assim, é hipócrita quem se diz possuidor de decoro, quando o que ocorre é que suas ações indevidas não foram descobertas. O autor está denunciando essa hipocrisia.

495) Letra d

Estabelecer a coesão entre parágrafos é uni-los através de determinados elementos, os chamados conectores. A expressão “outras curiosidades” faz menção a elementos do parágrafo anterior, preparando o leitor para novas informações, acréscimos que serão feitos no atual parágrafo. Da mesma forma, “nada disso” conduz o leitor a algo citado no 2o parágrafo (já vimos que o pronome **isso** se presta a tal tipo de ligação).

Texto LXX

496) Letra d
A resposta se encontra no trecho; “...a fim de que possam garantir a continuidade da vida...”; **continuidade da vida** é o mesmo que **sobrevivência.**
497) Letra d
Trata-se de uma questão que pede, naturalmente, um conhecimento independente do texto, porém é muito simples. A criança precisa de que a alimentem, ou não sobreviveria. É claro que o mesmo pode ocorrer com os idosos, mas não é uma regra geral: há velhinhos que podem fazê-lo por si mesmos. A resposta realmente é a letra d.
498) Letra e
Questão de vocabulário. Procure sempre voltar ao texto e fazer nele as substituições propostas. Não tente resolver a questão apenas com base nas alternativas. **Na cidade,** que é um adjunto adverbial de lugar, não pode ser substituído por **urbanamente,** que transmitira à frase uma idéia de modo, inadmissível no contexto.
499) Letra a
É o sentido do trecho. Quando se diz “não são apenas”, esperase naturalmente que outros sejam citados adiante. Aí, volta-se ao texto para conferir. Lá encontramos: “...não são apenas de ordem material...Elas são também de ordem espiritual e psicológica” (/. 10-13). Note a correlação **apenas / também.**
500) Letra b
Esta questão leva em conta, ao falar de ordem espiritual, a idéia de religiosidade. Se fôssemos tomar o termo em seu sentido amplo, veríamos que todas as palavras apresentadas, por indicarem sentimentos, têm um caráter espiritual. Crença e fé, sob o aspecto da religiosidade, são valores de cunho espiritual, quase sinônimos, diria. Na opção **c**, elas aparecem juntas, não podendo estar aí a resposta. Como primeiro elemento do par, crenças só aparece na letra **b**, que é a resposta. E realmente, no desenvolvimento do texto, o autor separa a fé e as crenças, por meio da expressão “além disso” (/. 15), de todas as outras coisas, tão somente de caráter psicológico.
501) Letra a
Questão de paráfrase. O homem não pode viver fora da sociedade, pois isso é para ele uma necessidade. Tal é a idéia do trecho destacado. A letra **a** diz exatamente isso, com outras palavras. É uma questão de atenção, de leitura cuidadosa. Observe que as opções **b** e **e** invertem as coisas.
502) Letra b
O fato de se sentir sozinha faz com que a pessoa fique triste. Assim, a solidão é a causa da tristeza, daí a resposta ser a letra **b**. As três últimas opções têm o mesmo significado e invertem o sentido de causa e efeito.
503) Letra d

A idéia do trecho é esta: continuar sozinha faria com que ela enlouquecesse. Assim, a primeira oração é motivada pela primeira.

504) Letra c

O segmento sublinhado denota o privilégio de certos indivíduos (todas as necessidades de algumas pessoas são satisfeitas) em detrimento de outros (os que têm apenas algumas de suas necessidades satisfeitas). Privilégio significa desigualdade social. .

Texto LXXI

505) Letra a !

A resposta se encontra, bem nítida, no início do texto: “mais vale, no governo, a instabilidade que a irresponsabilidade”. Ou seja, a irresponsabilidade vale ainda menos que a instabilidade. São palavras de Rui Barbosa, citadas pelo autor, que logo em seguida diz: “- essa nota dominante do presidencialismo”. Adiante, confirmando a tese, diz Rui Barbosa: “Na irresponsabilidade vai dar, naturalmente, o presidencialismo.”

506) Letra c

A questão exige do candidato conhecimentos da história recente do Brasil. Ela não dá ao candidato, em meu ver, condições reais de solução. Tudo indica que a banca faz, com a opção d, alusão ao parlamentarismo criado no Brasil logo após a posse de João Goulart, que lutaria, com sucesso, pelo retorno do presidencialismo. Mas, ficaremos com a letra c, que fala em um processo lento e complicado (impeachment) que quase não teve aplicação. Tal afirmação ignora o impeachment do presidente Collor, o qual já havia ocorrido na época em que o texto foi escrito.

507) Letra a

O que se afirma na opção b pode ser conferido no trecho, com palavras de Rui Barbosa: “a responsabilidade criada sob a forma do impeachment se faz absolutamente fictícia, irrealizável, mentirosa...”. O que se afirma na opção c se encontra na passagem: “Defronta-se o sistema porém com um processo lento e complicado (o impeachment, conforme vimos)...” Já a afirmação da letra d tem apoio na passagem: “...depois de lembrar o impeachment nas instituições americanas como uma ameaça desprezada e praticamente inverificável...” Também nesta outra: “Sobre o impeachment..., que dorme ’no museu das antigüidades constitucionais’ é ainda decisivo...” A afirmação da letra **a** não tem apoio no texto.

508) Letra c

O enunciado diz “referência explícita”. Assim, no último parágrafo, único onde isso ocorre, temos “...a que é chamado o Executivo na forma parlamentar...”

509) Letra d

Questão de sinonímia. **Capitular** é o mesmo que enumerar, ou pelo menos pode ser. Na passagem destacada, realmente **capitulados** é sinônimo de **enumerados.**

510) Letra b

A resposta se encontra no trecho: “Tendo aludido...um dos nossos bons constitucionalistas retratou com suma clareza...”. Ou seja, um dos nossos bons constitucionalistas é que fez a alusão.

Texto LXXII

511) Letra d
O primeiro parágrafo do texto diz que os dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. Depois, acrescenta que eles (os princípios), nas sociedades rudimentares, distinguem os povos caçadores (ou coletores) dos povos lavradores. Assim, pode-se dizer que o tipo aventureiro está para os povos caçadores, assim como o tipo trabalhador para os povos lavradores. O caçador, por natureza, é aventureiro; o lavrador, por natureza, é trabalhador. Pode-se também resolver a questão por eliminação: as três outras alternativas não têm qualquer apoio no texto.
512) Letra c
A resposta se encontra na passagem, que se refere ao aventureiro:”- tudo, enfim, quanto se relacione com a concepção espaçosa do mundo, característica desse tipo”. Como o trabalhador é o inverso do aventureiro, conforme se verifica em todo o texto, o contexto espacial do trabalhador é limitado; ele não se expande como o aventureiro. Por conseguinte, a resposta só pode ser a alternativa c.
513) Letra c
Aparentemente, uma questão que não está centrada no texto. As alternativas **a** e **d** são naturalmente eliminadas. A letra **b** pode ser eliminada pois qualquer tipo de controle não diz respeito ao aventureiro. Fica-se, pois, com a letra c; a busca dos horizontes distantes está relacionada com “a concepção espaçosa do mundo” (4a parágrafo), característica do aventureiro.
514) Letra c
No primeiro parágrafo, o autor cita os lavradores, situando-os nas sociedades rudimentares, bem como os caçadores. Mas não diz, em momento algum, que eles só existiram nessas sociedades. Aliás, o advérbio já nos ajuda bastante; ele quer dizer que desde aquela época os dois princípios se manifestavam, na distinção entre povos caçadores e povos lavradores, não se excluindo a possibilidade de esses povos existirem em outras épocas.
515) Letra b
Na alternativa b, houve uma inversão. **Deste lado** refere-se, por uma questão de coesão, ao elemento mais próximo: **trabalhador.** Só que pelo sentido deveria referir-se ao aventureiro. O mesmo problema se deu com o termo **daquele,** que por um processo coesivo, se refere ao mais afastado: **aventureiro,** quando, na realidade, deveria referir-se ao trabalhador.
516) Letra b
A ética são princípios e normas de conduta. O trecho diz que o trabalho e a aventura possuem, ambos, a sua ética. Então, pode-se dizer que, para os dois, existem princípios e normas de conduta. Por isso a resposta é a letra **b.**

Texto LXXIII

517) Letra d

Quem consome remédio por conta própria mete-se em uma aventura perigosa, pois os males podem ser enormes. É como um esporte de alto risco, aliás esporte de âmbito nacional, em face da grande quantidade de pessoas que o praticam. Dessa forma, o autor condena a pouca seriedade com que tais pessoas consomem remédios sem a devida orientação médica.

518) Letra d

A idéia, quase imperceptível, é a seguinte: a expressão **por conta própria** colocada ao lado da palavra **leigos,** sem vírgula, passa a idéia de que eles são leigos por conta própria, e não que se medicam por conta própria.

519) Letra c

Veja o trecho seguinte, extraído do primeiro parágrafo: "...mas esse problema jamais atingiu contornos tão preocupantes no Brasil como atualmente." Mais adiante, no segundo parágrafo, ele afirma: "Diante desse quadro, o médico tem o dever de alertar a população para os perigos..."

520) Letra **e**

Trata-se de radicais de origem latina ou grega muito utilizados em português. O elemento **cale,** da palavra **cálcio,** é de origem latina **e** significa **pedra calcária.** Para **osso,** na língua portuguesa, temos o grego **oste(o),** como em osteologia, e o latim **oss,** como em ossada.

521) Letra a

A conjunção já **que** (mais precisamente uma locução conjuntiva), na passagem destacada, tem valor de causa. **Uma vez que** pode ser usada em seu lugar sem alteração de sentido, pois também é conjunção (locução conjuntiva) causai. Na letra **d**, o que poderia substituir a palavra **para** é **a fim.**

522) Letra e

As palavras pertencem ao mesmo campo semântico quando se associam, de alguma forma, pelo sentido. Por exemplo: flor, jardim, espinho, perfume; não são sinônimas, estão ligadas por uma idéia comum. Da mesma forma, **arsenal, armas, guerra** e **combater;** a palavra **inveja** não está associada semanticamente às outras.

523) Letra b

O próprio verbo **acreditar** encerra esse caráter de subjetividade. Usado na Ia pessoa do singular, confere o valor meramente opinativo para o autor do texto.

524) Letra b

A expressão *das vendas realizadas sem receita médica,* amplia, esclarece a significação de *da venda* livre *de seus produtos.* Cabe à locução **isto é** ligar as duas. Tem, pois, caráter explicativo.

525) Letra b

Há trechos que justificam plenamente o gabarito, embora nem fosse necessário citá-los, em função do que o texto como um todo nos apresenta. Nas linhas 11 e 12, encontramos: "...o médico tem o dever de alertar a população...". Nas linhas 12 e 13: "...sem que necessariamente faça junto com essas advertências..."

526) Letra a

Quem escreve é um médico. Houve então a preocupação, por parte dele, de que o leitor não pensasse que a intenção do autor era conseguir novos clientes, exatamente aqueles que deixassem de se automedicar para procurar um médico. Isso seria, sem dúvida, falta de ética.

Texto LXXIV

527) Letra a
A história toda gira em torno desses dois personagens, sendo que a mulher tem menos importância no texto, já que não interfere no relacionamento do animal com a família; por ela ficaria tudo na mesma, até o fim. Assim, o título faz alusão aos dois personagens centrais.
528) Letra e
A palavra maus-tratos pressupõe algum dano físico a um ser qualquer. O homem se limitava a trocar, por questão de economia, o alimento da galinha, mas ela não ficava sem comer. As outras opções são facilmente localizadas no texto.
529) Letra b
A resposta se justifica pelo fato de a galinha continuar pondo os ovos, apesar de perder as regalias alimentares. Ela se conformava com a situação e prosseguia na sua função de poedeira de ovos de ouro.
530) Letra c
A passagem em destaque no enunciado nos diz que o homem era dono de uma galinha. Na letra a, afirma-se que a galinha vivia com o homem, o que não quer dizer que ele fosse seu dono. Na letra b, há uma generalização: o homem cria galinhas, não apenas aquela da história, alterando-se o sentido do trecho. A letra d é descabida. A letra e pode confundir um pouco; o fato de o homem criar uma galinha não garante que seja ele seu dono: pode-se criar um animal para uma terceira pessoa.
531) Letra d
Essa expressão é muito utilizada em histórias infantis exatamente com a função de indeterminar o tempo em que ela se passa.
532) Letra c
A informação de que a galinha botou um ovo de ouro, fato que a tornava um ser especial, é dada após a frase destacada no enunciado. Portanto, até ali, tratava-se de uma galinha normal, como qualquer outra.
533) Letra d
A resposta está presente, sem margem a dúvidas, no terceiro período do texto: “Um dia a galinha botou um ovo de ouro”. E, como se observa pelo desenrolar da narrativa, não mais parou. A letra c fala em botar ovos de ouro antes da época própria, mas não existe essa época, pôs botar ovos de ouro é uma fantasia; o texto tem como base uma famosa história infantil, a de João e o pé de feijão.
534) Letra d
Os dois últimos períodos do primeiro parágrafo podem fundir-se em um só: *o homem ficou contente porque um dia a galinha botou um ovo de ouro.* A primeira oração se chama principal, e a segunda, começada por porque, subordinada

adverbial causal. Logo, o fato de a galinha ter botado um ovo de ouro teve como conseqüência o fato de o homem ficar contente.

535) Letra c

Uma das funções principais do travessão é indicar a fala do interlocutor. Ele é usado inúmeras vezes no texto, pois o homem e a mulher conversam no decorrer da narrativa.

536) Letra a

A primeira providência da mulher, logo após a galinha botar um ovo de ouro, foi dar-lhe mingau, pão-de-ló e sorvete (/. 7 e 8).

537) Letra c

Evidentemente, as opções bee são absurdas. Não poderia ser nem o homem, nem a mulher (opções **a** e d) pois, como personagens, sua fala seria introduzida por um travessão, ou mesmo colocada entre aspas. Outra possibilidade de um deles ser o responsável seria a construção da frase com discurso indireto; não é o caso: as palavras são mesmo do narrador.

Texto LXXV

538) Letra a

O autor do artigo lembra, no sexto parágrafo, que os criminosos são tidos como “coitadinhos, vítimas do sistema”. No mesmo parágrafo, demonstra indignação e afirma que coitadinhos são “os milhões de brasileiros que sobrevivem com salários obscenamente baixos...”. Assim, o título se refere aos dois tipos de “coitadinhos”, daí o duplo sentido presente nele.

539)Letra b ,

A frase do Juiz titular da Vara de Execuções Penais demonstra a impotência da justiça e da sociedade em geral diante do crime organizado; assim, a sociedade se encontra, nos dizeres do autor, anestesiada e derrotada, ou seja, vendo as coisas ruins acontecerem sem poder fazer nada.

540) Letra d

A letra **a** não cabe como resposta, pois numa paráfrase não pode haver alteração de sentido. A opção b pode levar a erro; a palavra **principalmente,** no trecho destacado, indica que há outros, além dos coitadinhos de verdade, para os quais a dignidade tem de ser restaurada, enquanto a alternativa limita a extensão do pronome **todos** aos coitadinhos de verdade. A letra c está errada, porque a conjunção **ou** tem valor de alternância, e não de adição. A opção e contém erro já que, como comentamos, a dignidade deve ser restaurada para todos, não apenas para os coitadinhos de verdade. O gabarito realmente é a alternativa d, pois o uso de um idioma estrangeiro confere uma certa pompa à expressão, que na realidade se refere a criminosos.

541) Letra d

Eis aqui um emprego curioso do advérbio **sim.** O autor dá sua opinião sobre algo polêmico. Como que prevendo possíveis objeções e querendo que sua opinião seja aceita por todos, ele se utiliza da palavra como uma espécie de reforço. É como se ele dissesse: não adianta acharem o contrário, eles merecem sim.

542) Letra a
A idéia é a seguinte: o juiz dissera que a transferência de presos não resolveria o problema. No início do parágrafo seguinte, o autor escreve: “Digamos que não resolva”. Com o verbo **digamos,** ele apresenta uma hipótese; é uma hipótese sobre um fato futuro (que não resolva, que não venha no futuro a ser resolvido). Só que o texto vai contra-argumentar, como se vê no trecho: “Mas não merecem um micrograma que seja de privilégios, entre eles o de determinar onde cada um deles fica preso.” Ou seja, talvez a transferência não resolva, mas não se pode permitir que os próprios presos escolham onde querem ficar.
543) Letra c
“Adoráveis senhores” são os bandidos. Como bandido não tem nada de adorável, o autor usou a expressão querendo dizer exatamente o contrário. Isso só pode ser percebido no contexto.
544) Letra a
Questão de coesão textual. A palavra **que,** na alternativa a, não se refere a nenhum elemento anterior. Ela faz parte da locução conjuntiva **por mais que,** com a intercalação do adjetivo **hediondos. Por mais que** é o mesmo que **embora:** embora tenham sido hediondos...

Texto LXXVI

545) Letra c
A resposta da questão se encontra na passagem: “...a redução da violência exige mudança profunda no enfoque da administração dos problemas sociais pelos governos federal, estadual e municipal.” A letra c, que é o gabarito, é um resumo desse trecho.
546) Letra a
Apesar de e **não obstante** são expressões de valor concessivo. É uma questão de sinônimos. Veja outro exemplo: *apesar do calor, usou o agasalho (não obstante o calor, usou o agasalho).* As duas partes da frase são opostas: não se usa, normalmente, agasalho quando faz calor.
547) Letra c
O segundo parágrafo apresenta um argumento de cunho social: o fato de morrerem, no país, em dez anos, mais pessoas do que nas guerras do Timor Leste e de Kosovo juntas. Os dois últimos mostram argumentos de cunho econômico, ao citar, em dólares, o custo da violência.
548) Letra b
Nenhum escritor é obrigado a explicar o significado das siglas que porventura utilize. Se ele quiser, não explica nenhuma, mesmo que seu leitor não entenda nada do que ele escreve. Assim, para o redator, houve necessidade de explicar algumas. É só uma questão de bom senso.
549) Letra c
A expressão e **em menos tempo** reforça a idéia da violência, já evidente pelo fato de morrerem mais pessoas no país do que naquelas duas guerras juntas. Quer dizer: além de morrerem mais pessoas, as mortes ocorreram num espaço de

tempo menor do que o das guerras citadas. Assim, torna-se clara a exagerada intensidade da violência no país.

550) Letra e

O estado de São Paulo é citado no texto em virtude dos altos índices de violência que abriga. Tão altos, que seus custos alcançam cerca de 3% do PIB. Logo, fica evidente que a violência nesse estado colabora, como se vê na alternativa e, para a elevação dos índices de violência no país.

Texto LXXVII

551) Letra a

O que se quer com esta questão é que se coloquem, no título, os adjetivos propostos, como a completá-lo. **Autoritário** é um adjetivo que significa dominador, ditatorial, impositivo. Teríamos, desse modo: que país autoritário! Não é essa a idéia do texto: nele nada sugere que o país seja autoritário. Mas é, sem dúvida, injusto, estranho, desigual e incoerente.

552) Letra d

As opções a, c e **e** especificam os gastos: com a educação, com salários da classe política e com investimentos. A opção b pode causar problemas; na realidade, ela também especifica, pois **pagamentos governamentais** são apenas uma espécie de despesa pública: a despesa que o Governo tem com pagamentos (mas há outros gastos do Governo além de pagamentos). A resposta é a letra d, pois os gastos públicos são quaisquer movimentações financeiras que o governo faça, isto é, são gastos gerais do Governo.

553) Letra a

Embora não haja no texto elementos reais para se comprovar a resposta (veja que o enunciado diz “mais plausível”), dá para se chegar a ela por eliminação. É a mais lógica de todas.

554) Letra e

Têm grande carga de subjetivismo (opinião do autor), pela ordem de aparecimento: barbaridades, loucura, humilhantes, delírio.

Essas palavras estão no texto por conta do emocional do autor. Na opção e, nenhuma palavra possui semelhante característica.

555) Letra c

Segundo o texto, o Orçamento da União é um documento que prevê os gastos com a Câmara, com o Senado, com a Saúde e com a Educação. Não autoriza gasto nenhum, como diz a letra d, apenas mostra a movimentação financeira. As outras opções se excluem naturalmente.

556) Letra a

O texto tem como finalidade informar os seus leitores. É objetivo por ser um texto jornalístico. Não se pode afirmar que os dados apresentados são imprecisos e irresponsáveis, nem que escondem problemas do Governo; nada no texto sugere isso. Também não há elementos que digam ser desnecessários os gastos com a classe política, mas sim desproporcionais aos dos indivíduos em geral. A última opção é descabida.

557) Letra a
Tudo na Câmara ocorre em função da atividade dos deputados, mesmo porque sem eles não haveria a Câmara. Assim, dividindo-se a despesa geral da Câmara (salário de deputados, assessores e funcionários, materiais utilizados, cópias xerográficas etc.) pelo número de deputados, chega-se ao que cada deputado custa ao país.
558) Letra c
O termo rubricas é técnico e se refere aos vários itens do Orçamento. O autor falara, até ali, sobre os gastos com a Câmara e o Senado, expressos por números astronômicos. Faz então uma comparação com outras rubricas, que são a saúde e a educação. A diferença é tão brutal, que o autor considerou um delírio os imensos gastos com a Câmara e o Senado.

Texto LXXVIII

559) Letra c
O dever que a imprensa tem de investigar (/. 9) caracteriza a intromissão de que nos fala o artigo. Uma de suas virtudes aparece logo depois, no trecho: “Mesmo que, às vezes, eles estejam enterrados em pontos remotos de suas biografias.” Por isso, a resposta é a letra c.
560) Letra b
Se ela peca mais pela omissão, é porque ela se omite mais do que se intromete, isto é, ela se intromete pouco. Porém, nenhuma alternativa apresenta esse paralelo. A letra d, por exemplo, inverte os fatores. Na realidade, não interessa se há mais intromissão ou mais omissão, e sim que as duas coisas existem: ela tanto peca por uma, quanto por outra. Dessa forma, o gabarito só pode ser a letra b.
561) Letra d
A resposta se acha no trecho: “Esta revista marcou sua presença na vida brasileira justamente pela convicção que esse é um risco que vale a pena correr.” Risco de quê? De investigar. Ou seja, o risco que os órgãos de imprensa correm com sua investigação (“risco de parecer persecutórios ou de estar patrocinando campanhas...”).
562) Letra c
A resposta se encontra, nítida, no trecho: “Esta revista marcou sua presença na vida brasileira...”

Texto LXXIX

563) Letra b
O homem, segundo o texto, não age como o cão: se for beneficiado por você, ele lhe fará alguma coisa de ruim. É o sentimento chamado ingratidão, que consiste em não reconhecer o benefício recebido.
564) Letra d
Famigerado é o mesmo que famoso; **moribundo** o que está morrendo; **defunto** o que já morreu; **necessitado** o que tem necessidade; **faminto,** da alternativa d, é

o que tem fome. A oração adjetiva **que morre de fome** representa uma hipérbole, um exagero, mas eqüivale a faminto.

565) Letra b

A palavra se tem valor nocional de condição, eqüivalendo a caso; a conjunção **e** tem valor semântico de adição; **que** é pronome relativo, não tem valor nocional; a preposição **entre,** que introduz um complemento nominal, não tem valor semântico. Na alternativa b, que *é* a resposta, a preposição **de** introduz um adjunto adverbial de causa, podendo-se dizer: morre por causa da fome. Assim, seu valor nocional ou semântico é de causa.

566) Letra d

Questão de coesão textual. A oração *e o tornar próspero* equivale a *e tornar o cachorro próspero.* Já a oração *ele não o morderá* vale por *ele não morderá você.* Assim, usando uma linguagem muito comum em concursos, **cachorro** e **você** são os referentes dos pronomes átonos usados adiante.

567) Letra e

Mero recurso estilístico. Sempre que possível, o escritor usa sinônimos ou expressões equivalentes para não repetir enfadonhamente determinados termos. Às vezes, é bom que se diga, faz exatamente o contrário: repete para criar expressividade. As quatro primeiras opções são facilmente descartadas, e a resposta só pode ser a letra e.

568) Letra d

No texto, o verbo **tornar,** embora transitivo direto (seu objeto direto é o pronome o) tem o valor de **transformar,** isto é, indica que seu objeto direto sofre uma transformação; está acompanhado de um predicativo, a palavra **próspero.** Na letra a, o predicativo é **armas;** na **b, rico;** na **c, estrangeiro;** na **e, impacientes.** Na opção d, não há predicativo porque o verbo **tornar** é um simples verbo auxiliar, com o sentido de voltar (nunca mais voltou a falar).

Texto LXXX

569) Letra b

Os pólos da divisão a que se refere o enunciado da questão são a vida boa e o sucesso. Assim, podemos localizar, ao longo do texto, os pares assinalados em cada alternativa. Opção **a**: "...saberíamos aceitar nossa condição..." (/. 7); "...no qual nossa condição poderia ser mudada e melhorada..."(/. 8/9). Opção **c**: "A vida boa, em princípio, é o ideal de felicidade das sociedades tradicionais..." (/. 13/14); "...e era o ideal da nossa antes da modernidade..." (/. 14). Opção **d**: "Para a vida boa, é necessário satisfazer o essencial..." (/. 15/16); "...ser insatisfeito é ser moderno." (/. 23). Opção **e**: "...a diferença correta entre as pessoas e o grupo social: 'os brasileiros' não são a mesma coisa que 'as pessoas' no Brasil." (/. 48/49). A opção **b** não tem apoio no texto.

570) Letra e

A opção **a** é pressuposta pelo trecho: "...e era o ideal da nossa antes da modernidade..." (/. 14). A opção b é pressuposta no trecho: "Como é possível?" (/. 31). A opção **c** é pressuposta pela passagem: "Pode, entretanto, parecer contraditória a essas a resposta...” (/. 44/45); o verbo **pode** pressupõe que haja contradições aparentes e contradições não aparentes. A opção **d** *é* pressuposta no trecho: “Surpreendentemente, os entrevistados parecem fazer a diferença correta...” (/. 47/48). O que se afirma na opção **e** não é pressuposto por nenhuma passagem do texto.

571) Letra c

Questão de coesão textual. Na linha 29, a expressão **em recente pesquisa** é um adjunto adverbial sem qualquer ligação com elementos passados ou que virão no texto. Nas outras opções, temos o seguinte: **em suma** introduz um resumo do que foi dito antes; **ao contrário** estabelece oposição entre o ideal de vida boa (todo o parágrafo anterior) e o ideal de sucesso; **mas** liga sua oração ao período anterior, criando uma idéia de adversidade, oposição; **então,** com valor de conclusão (eqüivale a **portanto),** liga a leitura feita por Roberto da Matta à pesquisa citada no parágrafo anterior.

572) Letra a

Dispensadora de destinos quer dizer **que concede destinos,** a **que faz concessão de destinos.** O termo **O que conta** quer dizer **o que vale, o que tem relevância.** Daí a resposta ser a letra a.

573) Letra c

Questão de coesão textual. A primeira correlação é errada, pois o pronome relativo **que** refere-se a **mundo,** e não a **desejo.** A segunda é correta, pois o pronome relativo **que** (igual a **a qual)** tem como antecedente a palavra **procura.** A terceira é correta, pois o pronome relativo **que** (igual a **os quais)** tem como antecedente o substantivo **itens.** A quarta é errada porque o pronome relativo à **qual** (na realidade preposição **a** mais pronome **a qual)** tem como antecedente **pergunta,** e não **resposta** (não se dá resposta a uma resposta, mas a uma pergunta). A quinta é correta pois o pronome relativo **que** (igual a **a qual)** refere-se à palavra **comunidade.** Resumindo, estão corretas a 2a, a 3a e a 5a; erradas a Ia e a 4a. Por isso o gabarito é a letra c, que diz haver dois erros.

574) Letra e

A preposição com pode ser substituída sem alteração de sentido por **sob:** sob a condição de não querer demais. Também poderia ser trocada por **em:** na condição de não querer demais.

Texto LXXXI

575) Letra d

A expressão **aperto fiscal** é bastante usada hoje em dia e se refere a maior arrecadação fiscal de que o governo necessita para cumprir suas obrigações. A palavra **aperto** se deve ao fato de que o contribuinte será afetado, pois é ele que paga impostos e terá de pagar mais ainda.

576) Letra e

O título de qualquer texto jornalístico procura prender a atenção do leitor, para que ele leia a matéria. Enfim, tem de ser algo que desperte o interesse. No caso do título que estamos analisando, ele desperta o interesse dos leitores, pois destaca algo - o crescimento da dívida pública - que pode afetar diretamente a vida de cada um.

577) Letra b

A característica maior de um texto informativo é a objetividade. Sua finalidade, como o nome diz, é informar com precisão e credibilidade. Este texto em especial apresenta dados precisos e cita organismos nacionais e estrangeiros, bem como pessoas renomadas e capacitadas para discorrer sobre o tema. Analisando as outras opções, temos o seguinte: a opção a é facilmente descartada; a c contraria a objetividade de um texto informativo, que não tenta criar suspense algum; a d fala que o texto trata de algo do domínio comum, o que não *é* verdade: poucas pessoas entendem realmente do assunto abordado; finalmente, a e fala de interesse momentâneo, o que é falso, pois um aperto fiscal pode se prolongar por muitos anos, afetando a vida das pessoas não apenas no momento em que o texto é publicado.

578) Letra c

Como é um texto informativo, apresentando dados e a opinião de especialistas, seu leitor busca nele exatamente uma atualização de conhecimentos. Repito: trata-se de um texto informativo, quem o lê quer somar as informações nele contidas às suas próprias.

579) letra e

O autor fala apenas do setor público; não há sequer alusões à iniciativa privada. Portanto, o gabarito só pode ser a letra e. As alternativas b, c e d são parecidas e se encontram disseminadas no texto, que tem como tema a situação econômica do país. A letra a é clara, pois o texto é cuidadoso com as informações, abonadas por especialistas e organismos conhecidos.

580) Letra c

É, como já dissemos, uma técnica que determinados escritores utilizam, para que o público de um modo geral possa compreender o texto. Mas não é um procedimento obrigatório.

581) Letra e

O parâmetro utilizado pelo autor para indicar o crescimento da dívida é o PIB. O melhor trecho em que isso se verifica é “Neste mês, a dívida deve superar os 53% do PIB...” (/. 4).

582) Letra e

Na opção a, a ameaça é o aperto fiscal; na b, o que o governo poderá vir a fazer para gerar ganhos (geralmente do bolso do trabalhador); na c, o crescimento iminente da dívida; na d, o aumento do superávit primário. Já na alternativa **e** não existe qualquer tipo de ameaça à população.

583) Letra c

Questão de vocabulário. **Superávit** é um latinismo que se opõe a **déficit** e quer dizer a diferença para mais entre uma receita (arrecadação) e uma despesa. A diferença para menos é o **déficit.**

584) Letra b

Questão de paráfrase. As alternativas a, **d** e **e** alteram flagrantemente o sentido do trecho original. A letra b, que é a resposta, mantém o sentido da passagem.

Contudo, a letra **c** também parece manter o significado. Há duas coisas na opção que devem chamar nossa atenção. Dizendo *se a dívida crescer até 54% do PIB,* tem-se a idéia de que a dívida vai aumentar o equivalente a 54% do PIB, ou seja, seria somada a ela a importância correspondente a 54% do PIB. O certo é dizer *se a dívida crescer a até 54% do PIB,* isto é, o limite (trazido pela preposição a) seria um valor equivalente a 54% do PIB. Uma outra coisa é que, com a ordem dada aos termos da frase, o pronome **seu** ficou ambíguo: refere-se à dívida ou ao PIB?

Texto LXXXII

585) Letra c
O autor do texto fala de hábitos alimentares de vários povos diferentes. Cada um come uma coisa e não admite comer outra. Assim, o último período tira uma conclusão, englobando, na palavra **todos,** os povos citados anteriormente.
586) Letra b
A palavra **onívoro** é formada por dois elementos latinos: *oni* (tudo, todos) e *voro* (o que come). Assim, **onívoro** é o que come tudo. O enunciado diz que o homem não é onívoro, então ele não come tudo.
587) Letra a
A simples inserção da forma verbal era, proposta na opção a, elimina a ambigüidade. Mas qual era a ambigüidade? A frase original tem dois sentidos: *o homem contemporâneo não é onívoro como era seu antepassado pré-histórico* ou *o homem contemporâneo não é onívoro como não era seu antepassado pré-histórico.* Usando-se **era** ou **não era** damos um só sentido ao trecho.
588) Letra c
Figurar na cozinha de alguém quer dizer fazer parte de sua alimentação, de seu cardápio. Se nem todos os animais e vegetais da região fazem parte da sua alimentação, é porque alguns não são comidos por ele, enquanto outros são, raciocínio que leva à alternativa c.
589) Letra d
Os povos do Oriente são citados como exemplo de devoradores de gafanhotos, larvas e besouros, mas o texto não diz do que eles não gostam; então eles podem ser onívoros, o que contraria a tese do texto, expressa no primeiro período.
590) Letra a
Hindu é sinônimo de **indiano,** o habitante da índia. A palavra não se aplica apenas à religião conhecida como **hinduísmo.**
591)Letra c
Questão de vocabulário. A palavra **urbano** é o adjetivo referente à cidade. **Urbano** é o contrário de **rural,** que diz respeito ao campo. Assim, o homem urbano é o da cidade, é o não-rural.

Texto LXXXIII

592) Letra d

O enunciado da questão se refere apenas ao título. A letra **a** pode ser eliminada, pois fala de grande parte da população, e o título diz de todos; além disso, ela se refere aos inúmeros miseráveis de nossa população, o que não se deduz do título, mesmo porque nem todos são miseráveis. As letras **b** e c podem ser facilmente descartadas. A letra e fala que a pobreza atinge a todos, o que sabemos não ser verdadeiro. Então o título só pode estar se referindo à preocupação e à responsabilidade que todos nós temos diante da miséria.

593) Letra b

Essa frase é o que se conhece como tópico frasal, aquela colocação que será analisada e ampliada ao longo do texto. Relendo-o atentamente, veremos que tudo gira em torno da resistência da miséria; as coisas ruins melhoraram no país, menos ela.

594) Letra a

O que se afirma na opção **a** não se encontra no texto. Vejamos as afirmações contidas nas outras opções: letra b: “A mais assustadora dessas manifestações é a criminalidade...” (/. 19/20); letra c: “...esteja confinada a bolsões invisíveis aos olhos dos brasileiros mais bem posicionados na escala social...” (/. 16/17); letra d: “Como entender a resistência da miséria no Brasil...” (/. 1) e “...enquanto a miséria se mantinha mais ou menos do mesmo tamanho, todos os indicadores sociais brasileiros melhoraram.” *(l.* 3/4); letra e: “No decorrer das últimas décadas, enquanto a miséria se mantinha mais ou menos do mesmo tamanho...” (/. 2-4).

595) Letra a

As alternativas b, c, **d** e **e** cortam informações importantes e apresentam outras, acessórias, que não devem figurar em um bom resumo. A opção **a** é a resposta pois a frase é clara e objetiva, traduzindo fielmente o que se diz nas sete linha iniciais do texto.

596) Letra b

Vamos localizar no texto: **freqüência escolar:** linhas 5 e 6; **mortalidade infantil:** linhas 6 a 8; **analfabetismo:** linhas 6 a 8; **desempenho econômico:** linhas 8 e 9. Quanto à **liderança diplomática,** não há no texto referência à quantidade; nas linhas 9 e 10, lê-se, apenas: “No campo diplomático, começa a exercitar seus músculos. Vem firmando uma inconteste liderança política...”

597) Letra c

É uma imagem utilizada pelo autor. **Exercitar os músculos** é uma expressão metafórica; seria preparar-se para exercer uma função difícil, da mesma forma que se preparam os músculos para uma disputa física. Atente para o emprego do verbo **começa,** batendo com **está iniciando,** da alternativa c.

598) Letra c

A resposta está no primeiro período do segundo parágrafo. Veja a estrutura: **Embora** inicia a primeira oração do período, cuja principal se encontra mais adiante: **a miséria *é* onipresente.** O texto poderia ter uma outra ordem: *A miséria é onipresente, embora em algumas de suas ocorrências...*

599) Letra a

A questão se baseia no emprego de antônimos, uma vez que a primeira parte das frases é sempre precedida de **não.** São antônimos: apática/dinâmica, vital/desimportante, universal/particular, ampliada/reduzida. Na letra **a, superficial** não é antônimo de **geral,** e sim de **profunda.** O antônimo de **geral** é **particular.**

Texto LXXXIV

600) Letra c
Ao dizer: “A ciência é o único campo do conhecimento humano com característica progressista.” (/. 3/4), o autor coloca a ciência acima de tudo (arte, religião etc). Ao argumentar ao longo do texto, faz comparações da ciência com esses outros segmentos da sociedade, como que para mostrar às pessoas que aquilo em que elas tanto acreditam são inferiores à ciência.
601) Letra a
Ao mencionar o vocábulo **progresso,** o autor retoma um termo usado linhas atrás, na tentativa de ressaltar a objetividade do seu emprego e, conseqüentemente, da própria ciência.
602) Letra a
Questão de semântica, que requer conhecimento das palavras. **Obsoleto** é um adjetivo que significa fora de uso, antiquado.
603) Letra d
As letras a, **c** e **e** podem ser facilmente descartadas. As outras duas talvez tragam alguma confusão. A letra **b** fala de mudança contínua, o que de certa forma ocorre com a ciência. Porém **mudança** é um termo vago, podendo referir-se a algo melhor ou pior. O texto fala em transformação para melhor. Se a pessoa se precipitar e não voltar ao texto, anotará essa opção. Vejamos como a resposta está evidente na seguinte passagem: “Tem características de autocorreção que operam como a seleção natural.” *(l.* 11/12). A palavra **autocorreção** é utilizada na alternativa d. Não se deixe levar pela primeira impressão trazida pelas alternativas. Volte sempre ao texto, para conferir.
604) Letra e
O elemento **auto** da palavra autocorreção é de origem grega e significa de si mesmo, por si mesmo. A palavra quer dizer a correção de si mesma, ela própria se corrigindo. Autogestão e autocrítica não oferecem dificuldade; literalmente, **autômato** é uma máquina que age por si mesma; **autópsia** (ou autópsia) quer dizer exame de si mesmo. Já na palavra **autódromo, auto** é redução de **automóvel** e **dromo** significa lugar de corrida. Por isso a resposta é a letra e.
605) Letra d
Esta questão é independente do texto, tomado apenas como elemento motivador. É problema de significado das palavras. Os astrólogos trabalham com os astros, não no sentido científico da Astronomia, mas com referência à Astrologia; os médiuns, como se vê no espiritismo e em outras filosofias, como a umbanda e o candomblé, lidam com entidades espirituais (também caberia espíritos

desencarnados); os místicos não são apenas os esotéricos, mas as outras palavras se excluem naturalmente.

606) Letra d

A resposta se encontra no trecho: “Tem características de autocorreção que operam como a seleção natural.” A seleção natural é pertinente à Biologia. Mais adiante, ele diz que a ciência tem essa capacidade, ao compará-la à natureza. (/. 13/14)

607) Letra d

Questão de paráfrase. No trecho em destaque, a ciência é comparada à natureza pela sua capacidade de preservar os ganhos e erradicar os erros. Na alternativa d, temos uma grande mudança de sentido, trazida pela posição do termo **como a natureza.** Na nova frase, a comparação é feita apenas com base na capacidade de preservar os ganhos, ficando a idéia de que a natureza não consegue erradicar os erros.

Texto LXXXV

608) Letra a

A resposta está nítida na passagem: “E eis que bem ou mal ele está aí, encerrando de uma só vez a década, o século e o milênio, dando início a uma nova era, não importa que o calendário diga o contrário; miticamente, no imaginário de todo mundo, é assim.” (/. 11-14) A divergência, em outras palavras, é a seguinte: para o imaginário do povo, o ano 2000 inicia um novo século e um novo milênio; para o calendário oficial, isso só ocorre no ano 2001.

609) Letra e

O verbo **sonhar** pressupõe, por si só, a idéia de algo distante, nebuloso, difícil de alcançar. Tal idéia vem reforçada pela palavra impossível. Assim, a sensação de impossível é justificada pelo afastamento no tempo: algo muito distante da pessoa parece um sonho, algo inatingível.

610) Letra e

Um percurso acidentado e dramático é aquele de quem sofre. O trecho da letra e, no texto, inicia o relato das dificuldades e do sofrimento de boa parte da humanidade no século XX.

611) Letra c

Num século complicado, com guerras e carnificinas em todas as regiões do globo, sobreviver confere, segundo o autor, “um certo ar de vitória”. No último parágrafo, o trecho que melhor explica esse instinto de sobrevivência do homem é: “...demonstra que a vontade de vida da humanidade ainda foi maior do que sua pulsão pela morte.”

612) Letra b

A conjunção e, normalmente aditiva, pode assumir valor de adversativa, passando a significar mas, porém, contudo, todavia, no entanto, entretranto etc. A conjunção **porque,** que nunca é adversativa, não pode ser usada no texto.

Texto LXXXVI

613) Letra **a**

É uma questão mal formulada, pois não deixa nítida a idéia de descrição contida no pretérito imperfeito. Mas o pretérito perfeito, por indicar uma ação extinta praticada por um elemento que não a senhora (e aí temos personagens), nos permite classificar o trecho como narrativo.

614) Letra **a**

O primeiro parágrafo se limita a mostrar o problema da senhora assaltada que, dias depois, atropela e mata o assaltante. É como uma introdução, que será retomada e desenvolvida nos parágrafos seguintes. Observe que essa explicitação começa logo no primeiro período, ligado ao parágrafo anterior pela palavra **ela,** que se refere à violência.

615) Letra **e**

Vamos localizar o que se afirma em cada alternativa. Opção a: "Ela segue regras próprias" (/. 7). Opção b: "...pois conduzem-se de acordo com o que estipulam ser o preceito correto" (/. 25/26). Opção c: "...condição prévia para que qualquer atitude criminosa possa ser justificada e legítima" (/. 28/29). Opção d: "Cria a convicção tácita de que o crime e a brutalidade são inevitáveis" (/. 12/13).

616) Letra **c**

A resposta se acha no trecho: "Em primeiro lugar, é preciso que a violência se torne corriqueira para que a lei deixe de ser concebida como o instrumento de escolha na aplicação da justiça." (/. 17-19) Na realidade, o enunciado apenas inverte o que aparece no trecho. O remédio de que fala a questão é "o instrumento de escolha na aplicação da justiça".

617) Letra **b**

No último parágrafo, o autor nos diz que quando as leis perdem o valor normativo e os meios legais de coerção ficam sem a força que deveriam ter, cria-se um vácuo, um vazio. Então, "indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto...", isto é, tomam a lei em suas mãos, já que ela nada consegue fazer. *Arbitrar o que é justo ou injusto é* o mesmo que *tomar a lei em suas mãos.*

618) Letra **d**

A cultura da violência dá origem a sistemas morais particularizados, em detrimento dos ideais comuns. Ou seja, cada um resolve o problema à sua maneira, e os ideais comuns deixam de existir.

619) Letra **b**

Questão de paráfrase, que pode enganar. Na realidade, o que é relativizado é o valor de infração do crime, e isso pode ser dito de várias maneiras. Na letra b, a simples troca do tempo verbal (é -> foi) altera o sentido da frase original.

Texto LXXXVII

620) Letra d

A ciência e a técnica não levam em conta elementos propriamente humanos, como os sentimentos, que não podem ser medidos em laboratório, a religiosidade etc. Importante para a solução da questão é o trecho: "...utilizadas como estão...".

Veja que a idéia é que elas deveriam ser utilizadas de outra forma, não como estão.

621) Letra c

É o valor do pretérito perfeito composto. Os tempos compostos são formados pelos auxiliares **ter** ou **haver** e o particípio do verbo principal. A união do presente (tem) com o particípio (revelado) constitui o pretérito perfeito composto. O valor desse tempo composto é exatamente esse. O que se quer dizer, para dar outro exemplo, com *ele tem estudado muito?* Que ele vem estudando repetidamente até o momento presente.

622) Letra b

Questão de sinonímia. **Ceticismo** (ou cepticismo) é o mesmo que descrença. Uma pessoa cética é aquela que não crê, descrente.

623) Letra d

O termo **não** *só* (não apenas, não somente) pede em correlação **mas também** (como também), e o nexo entre as duas orações será de adição. Por exemplo: *Não só pinta mas também compõe,* que quer dizer *pinta e compõe.*

624) Letra a

Para esse tipo de questão, procure ver quem (ou o que) contém e quem (ou o que) está contido. **Jovens** é o termo geral; **estudantes,** o específico. O termo **estudantes** está contido no termo jovens. Veja outro exemplo: trabalhador / pedreiro. **Trabalhador** é o termo geral, é o que contém; **pedreiro** é o termo específico, o que está contido.

625) Letra d

Questão de paráfrase. Importante é perceber que o pronome **ele** refere-se a **protesto.** As manifestações desse protesto eram mais clamorosas no passado, mas isso não quer dizer que ele, o protesto, tenha perdido em intensidade e universalidade. Bem entendido o trecho destacado, verifica-se que seu sentido permanece na alternativa d.

626) Letra c

O protesto dos anos 60 é um fato que tem como conseqüência o terror dos anos 70. As letras **a** e **d** serviriam como resposta se os componentes estivessem invertidos: efeito/causa e conseqüente/antecedente.

Texto LXXXVIII

627) Letra e

Muitas vezes um texto se inicia com uma pergunta à qual não se dará nenhuma resposta. É só uma forma de introduzir um assunto e, talvez, prender a atenção do leitor. Este texto não fala de tempo exato, mas indeterminado (pouco ou muito).

628) Letra d

A palavra **lugar-comum** (é esta a grafia perfeita da palavra: com hífen) significa chavão, coisa repetida, batida, que todos usam. Sabendo-se a significação do vocábulo, a resposta fica fácil.

629) Letra b

Veja a divisão das orações, por meio de colchetes: [É lugar comum a afirmação] [de que a Justiça é lenta], [de que os processos judiciais demoram excessivamente.] A segunda oração apresenta uma afirmação de ordem geral: a Justiça é lenta. A terceira, em relação a ela, apresenta uma das coisas em que é lenta, ou seja, explicita a idéia nela contida: os processos judiciais demoram excessivamente.

630) Letra d

A resposta à questão se acha no trecho: "...e contribuem para tornar a lentidão judicial uma 'verdade'." (/. 4 e 5) Quer dizer, os meios de comunicação de massa passam adiante essa idéia, que o autor está questionando, de lentidão por parte da Justiça. Aos olhos do povo, o que é uma possibilidade passa a ser uma verdade. É uma crítica do autor aos meios de comunicação de massa.

631) Letra a

Há, naturalmente, outros meios de comunicação. Porém, por seu grande alcance, os mais importantes são a imprensa escrita (jornais e revistas, basicamente), o rádio e a televisão. Convencionou-se chamá-los de meios de comunicação de massa.

632) Letra e

O que se coloca entre parênteses freqüentemente se presta a dar esclarecimentos sobre termos passados no texto. Pela natureza do artigo e por serem bastante conhecidos das pessoas os meios de comunicação, o autor poderia, sim, ter prescindido de fazer a explicação.

633) Letra b

A posição inflexível dos meios de comunicação, segundo o autor, leva as pessoas a crer que a Justiça é lenta. Essa imagem negativa que eles passam da Justiça poderia ser atenuada se houvesse uma ressalva, com algo favorável a ela. Assim, o gabarito só pode ser a letra b.

634) Letra c

É uma questão de sinonímia e polissemia. Há palavras com vários sentidos; faz-se necessário analisar a frase para se saber com qual sentido um determinado vocábulo está sendo empregado. Como vimos na questão anterior, ressalva, no texto, seria uma espécie de exceção, algo bom em relação à Justiça, acusada por todos como lenta.

635) Letra c

Há vários motivos para se colocar uma palavra ou expressão entre aspas. Observa-se, ao longo do texto, que o autor não acha que a Justiça seja sempre lenta. Assim, para deixar clara a sua posição, destaca o termo com as aspas, chamando a atenção para ele, pois deve haver um motivo para que se faça tal coisa. Sem as aspas, poderia haver a idéia de que realmente, sem margem a dúvidas, a Justiça é lenta.

636) Letra a

Não podemos aqui nos ater somente ao trecho destacado: é necessário voltar ao texto. O pronome Os refere-se aos meios de comunicação de massa, citados no parágrafo anterior. Por *Os que assim procedem* pode-se entender aqueles que repetem a observação (a lentidão da Justiça), sem qualquer ressalva. Então, segundo a passagem destacada, os que agem dessa forma se apoiam, se justificam no grande número de casos morosos da Justiça. Verifica-se que a letra a diz exatamente isso, com outras palavras.

63 7) Letra a

Vamos destacar os argumentos presentes em cada alternativa. Na b: tem andamento célere; na c: terminam rapidamente; na d: mais rápidos; na e: acaba razoavelmente depressa.

638) Letra d

Ao dar garantias de igualdade, oportunidades para intervir e outras coisas mais, a Justiça retarda um pouco o andamento dos processos. Atente para o valor concessivo da locução apesar de. Poderíamos escrever assim: apesar desses fatores de morosidade, com freqüência os procedimentos judiciais são mais rápidos...

639) Letra b

O "outro lado" da expressão é exatamente *quem sustente que a maioria dos processos acaba razoavelmente depressa.* Isso quer dizer que já foi citado um lado, que *é a maioria dos processos* não *acaba razoavelmente depressa.* Existe, pois, uma oposição, introduzida pela expressão **por outro lado.**

640) Letra a

Por serem minoria, os processos muito demorados podem ser considerados raros, tornando-se, assim, notícia. Então, deduz-se, quanto mais raro for o fato, tanto maior será o interesse do povo por ele. Daí a resposta ser a alternativa a.

641) Letra d

Logo após as perguntas, na primeira linha do 6o parágrafo, temos a chave desta questão: "Essas e muitas outras questões podem ser suscitadas a propósito." Então, elas são possíveis. Nenhuma delas terá resposta no texto, o que nos leva para a opção d.

642) Letra b

Ao longo do texto, o autor solicita que não se aceite passivamente a idéia, amplamente exposta pelos meios de comunicação, de que a Justiça é lenta. Se for constatado o problema, as medidas cabíveis serão tomadas (veja o último período do texto).

Texto LXXXIX

643) Letra d

A única oposição é de sentido, ou seja, semântica. São dois antônimos, palavras de sentidos opostos.

644) Letra a

Originalmente, **público** e **privado** são dois adjetivos: domínio público, domínio privado. No título, houve a substantivação dos vocábulos, em virtude do emprego do artigo o. Qualquer palavra, nessas circunstâncias, passa a substantivo: o não, o sorrir, o belo etc.

645) Letra b

Fato comum em textos é usar-se um ou mais períodos do primeiro parágrafo para especificar o título. O autor deste texto amplia os termos utilizados no título, começa a falar sobre eles exatamente no primeiro período, que é a introdução.

646) Letra b

Há vários recursos em português para explicar, retificar, confirmar afirmações feitas no texto. Geralmente se utilizam expressões colocadas entre vírgulas, sem função sintática, para tal fim: isto é, ou melhor, ou seja, aliás, digo, *é* claro, é evidente etc. É o que ocorre com a locução *é* **claro,** utilizada pelo autor. Observe que, se alterarmos a ordem, teremos algo completamente diferente: É claro que podemos atribuir esse interesse à perspectiva...sendo que *É claro* passa a constituir uma oração seguida de sujeito oracional.

647) Letra e

Vamos verificar essa localização temporal em todas as opções em que ela ocorre: opção a: da atualidade; opção b: revisão da Carta (uma época em que se queria fazer a revisão da Constituição); opção c: tão atual; opção d: nos últimos anos.

648) Letra b

A possibilidade de atribuir tal interesse à perspectiva de revisão da Carta é um argumento do autor que será descartado mais adiante, ao afirmar: “Mas a simples possibilidade de rever a Carta Magna não parece ser um fator decisivo para tornar esse debate tão atual.” (/. 6-8)

649) Letra b

Na passagem destacada, nota-se um relacionamento de causa e efeito, estabelecido exatamente pela palavra **consequentemente.** A redefinição do papel do Estado é a causa; a sociedade civil (sua redefinição), a conseqüência. Observe que a alternativa d inverte a disposição causa/efeito das orações.

650) Letra b

O termo **não somente** inclui o Brasil nas sociedades industrializadas, o que nos leva à opção b. A palavra **peremptório,** na alternativa a, quer dizer definitivo, decisivo; o autor não foi peremptório ao dizer “Talvez seja mais sensato...”. Na alternativa c, fala-se de opiniões sensatas, quando o autor atribuiu a sensatez ao ato de admitir. Na letra d, não há indicação alguma de possíveis diferenças entre o Brasil e as sociedades industrializadas. A letra **e** inverte as coisas: pelo texto, as modificações foram radicais também no Brasil.

651) Letra d

Questão de sinonímia. No texto, a única palavra que destoaria, alterando o significado, é **peças.** É claro que, em outro contexto, as quatro palavras propostas podem não ser consideradas sinônimas.

652) Letra d

A resposta surge nítida na última oração do texto: “...que devemos dispensar às eternas confusões de nossas despreparadas classes dirigentes.”

Texto XC

653) Letra c

Confira a resposta no primeiro período do texto, donde sobressaem os trechos: “é coisa só de jardim zoológico” e “apenas antigüidade de museu”. Mas a autora deixa claro que isso é o que “muita gente pensa”, ou seja, não é a realidade.

654) Letra b

A mangueira é uma árvore grande e frondosa, que lembrou à autora um palácio; o verde, evidentemente, refere-se à cor de suas folhas. A autora usou uma metáfora, que é um tipo de comparação sem a presença do conectivo.

655) Letra e

A autora diz, na linha 42, que os ornitólogos “devem saber se isso é caso comum ou raro”, o que descarta a letra a, que afirma o contrário. No último período do texto, ela diz: “Então, talvez seja mesmo só gagueira...” **(talvez** é advérbio de dúvida), o que elimina a letra b, que diz que ela concorda plenamente. Na linha 31, a autora diz que o bem-te-vi “deve ter viajado”, ou seja, não tem certeza; isso invalida a opção c. Ao dizer, na linha 40, que o passarinho deve ser pequeno e que estuda a sua cartilha, ela descarta a possibilidade de ele ser experiente cantador, o que elimina a opção d. A resposta é a letra e, porque o segundo bem-te-vi altera algumas vezes a sua voz, como se vê no penúltimo parágrafo.

656) Letra a

Questão simples de semântica. **Um novo estilo** eqüivale a uma atitude moderna. Talvez a letra **d** possa causar algum problema, mas a palavra **mudança** tem caráter geral, e o texto fala de um tipo específico, que é a mudança de vida do homem na atualidade, em comparação com os tempos antigos. r ;

657) Letra e

Pode ser que o vocabulário atrapalhe um pouco a resolução da questão. **Iminente** quer dizer *que está para acontecer,* e iterativa significa *repetida.* Na letra e, gabarito da questão, **deve ter viajado** é ação duvidosa. Ação obrigatória seria se disséssemos **tem de viajar.**

658) Letra c

A língua culta rejeita a colocação do pronome átono (me, te, se, o, lhe, nos, vos) antes do verbo, em início de frase; é erro de colocação pronominal. Também se poderia pensar na alternativa a, mas a linguagem coloquial tem sentido geral, enquanto a colocação pronominal é específica.

Texto XCI

659) Letra c

Não chega a haver várias comparações, como diz o enunciado da questão. Mas as ondas, mais precisamente a espuma que elas fazem, são comparadas, no primeiro parágrafo, a bichos, porque nascem e morrem. E o que lhes dá essa espécie de animalização, ou seja, o movimento, é exatamente o vento, empurrando-as para a areia.

660) Letra c

A resposta se encontra no primeiro parágrafo, do qual se infere que elas, sendo levadas pelo vento - e não podem fazer nada contra isso, pois são subjugadas -, aceitam passivamente a situação, como bichos alegres e humildes.

661) Letra c

Vamos analisar os componentes da opção c, que é a resposta da questão. Ao dizer: “...é um homem nadando”, o autor lembra o que viu na praia, sendo, pois, um espectador; ao afirmar: “toda sua substância é água e vento e luz”, age como um químico analisando os constituintes das espumas; quando escreve: “...mas dou meu silencioso apoio...”, está julgando favoravelmente, sendo, dessa forma, o juiz.

662) Letra a

Trata-se de um recurso estilístico de grande efeito. O adjetivo enérgica não poderia, em princípio, determinar o substantivo **calma;** mas o que o autor quer é valorizar a calma com que o nadador avança na água: com tranqüilidade, mas firme, sem hesitar.

663) Letra b

As alternativas a, c e **d** indicam, de modo claro, a admiração do autor: a perfeição estética, a virilidade e a grandeza. Já na alternativa b, o autor não deixa transparecer isso, já que tentar ser mais forte que o mar é, de certa forma, uma presunção.

664) Letra d

Questão de antonímia, sem margem a discussões. **Indolente, preocupado** e **atormentado** têm sentidos diferentes de **solidário,** mas não indicam o contrário. A resposta só pode ser a letra d.

665) Letra b

O autor narra o que se passa aos seus olhos. Da varanda de sua casa, ele vê o homem nadando.

Texto XCII

666) Letra d

No primeiro parágrafo, lê-se: “Muitas vozes têm se levantado em favor...da manutenção ou ampliação da Lei dos Crimes Hediondos...”. Mais adiante, no mesmo parágrafo, encontra-se: “Embora sedutora...tal corrente aponta para o caminho errado...”. Assim, fica evidente que o autor se mostra contrário a tal corrente de pensamento.

667) Letra b

O item I é incorreto, pois o povo, numa situação dessas, procura sempre pressionar os congressistas para alcançar os seus objetivos; não há, pois, coincidência. O item II é correto, e a chave do entendimento é a palavra manutenção: se há pessoas querendo a manutenção da lei, é porque sua vigência está sendo ameaçada. O item in não é correto, pois indica exatamente o contrário do texto: os que defendem a “doutrina da lei e da ordem” são aqueles que acham que o bandido *é* um facínora que age por opção.

668) Letra e

Questão de paráfrase. A letra **a** altera substancialmente o trecho. Na letra **b, dissuadir** não é o mesmo que **ratificar.** Na opção **c, combatido** é diferente de **restringido,** e **irracionalismo** *é* o contrário de **iluminismo.** Na alternativa d, as locuções prepositivas **a despeito de** e **em conformidade com** têm diferentes significados.

669) Letra c

Alusão ao movimento intelectual do século XVIII, conhecido como Iluminismo, caracterizado pela valorização da ciência e da racionalidade crítica. Esse século ficou conhecido como "Século das Luzes". Atente, na alternativa c, para a palavra **racionalistas,** que é a chave da resposta.

Texto XCIII

670) Letra e

Vamos localizar no texto os assuntos indicados nas alternativas. Opção a: "Os voluntários terão dois médicos à disposição para esclarecimento de dúvidas sobre Aids e doenças sexualmente transmissíveis." (/. 34-36). Opção b: ""...essas pessoas deverão responder a questionários sobre seu comportamento com relação à Aids." (/. 30/31). Opção c: "...recrutamento de voluntários para testar uma vacina em milhares de brasileiros." (/. 7/8). Opção d: "...um projeto semelhante de verificação de incidência do HIV em homossexuais e bissexuais..." (/. 41/42). Quanto à opção e, cabe dizer que a OMS é citada uma vez, na linha 43, apenas como apoio ao projeto da Fiocruz.

671) Letra b

A opção a pode ser conferida nas linhas 3-6; a opção c, nas linhas 10-12; a opção d, nas linhas 19 a 21; opção e, nas linhas 3 a 8. Sobre os questionários citados na opção b, o texto diz o seguinte: "- O objetivo é saber quais são os fatores biológicos e comportamentais que predispõem à infecção..." (/. 32/33). Portanto, o que se afirma na alternativa b não aparece no texto, embora, a partir desses questionários, a avaliação possa vir a ser feita. Em outras palavras: o que se diz na opção b é correto, mas não se encontra no texto. Cuidado com esse tipo de questão!

672) Letra e

A resposta se encontra no último parágrafo. Segundo ele, o projeto pretende fornecer dados estatísticos (o mesmo que *verificar a incidência da Aids),* e os resultados ajudarão a calcular em que amostra da população (o mesmo que *um grupo de pessoas com características determinadas)* os testes serão realizados.

673) Letra c

A resposta está bem clara no trecho: "e receberão preservativos para evitarem a contaminação pelo vírus." (/. 37/38) A letra b, por causa da palavra contaminação, pode confundir, mas ela, realmente, traz um absurdo: "preservar a contaminação dos voluntários" quer dizer **garantir que eles continuem contaminados.** Se a frase fosse: "preservar os voluntários da contaminação", teríamos duas respostas na questão.

674) Letra c

A resposta aparece, muito clara, no trecho: "Os voluntários serão recrutados entre os indivíduos que procuram os Centros de Testagem Anônima..." (/. 15/16). Todavia, é melhor ficar desconfiado quando a resposta for tão evidente. Procure voltar um pouco no texto, para ver se há alguma armadilha. Realmente, esse trecho se refere ao teste que vai ser aplicado no Brasil, como se vê em algumas passagens do texto.

675) Letra d

No penúltimo parágrafo, vê-se que o projeto a que se refere o enunciado da questão foi iniciado pela Fiocruz, pela Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo e pela UFMG. No último parágrafo, temos: "O projeto...tem o apoio da Organização Mundial de Saúde...". Assim, a resposta só pode ser a letra d.

676) Letra a

No segundo parágrafo, lê-se o seguinte: "Recentemente, nos Estados Unidos, uma vacina experimental atingiu as condições...mas não havia infra-estrutura para recrutar os cerca de 20 mil voluntários necessários." Não há dúvida quanto à resposta da questão.

677) Letra a

Vejamos o seguinte trecho (4Q parágrafo): "- Comparando a quantidade de pessoas atendidas nesses centros (1Q dado do enunciado) com o número das que se interessarem em participar de um teste em larga escala (2fi dado do enunciado), avaliaremos se a população a que se tem acesso é de tamanho suficiente (veja a palavra suficiente no enunciado) para o teste - disse."

678) Letra d

O texto cita duas vezes homossexuais e bissexuais, nas linhas 6 e 42. Nas linhas 5 e 6, lemos: "...para determinar a incidência do HIV em homossexuais e bissexuais de 18 a 35 anos..." Não padece dúvidas quanto à resposta, portanto.

679) Letra b

Pelo que se entende do texto, o apoio ao projeto brasileiro, por parte da OMS, se faz apenas pelo empréstimo do nome, na esperança de dar mais credibilidade. O nome da instituição pode ajudar a levar adiante o projeto.

Texto XCIV

680) Letra d

O texto faz uma associação entre as definições de caráter negativo do consumismo e as idéias que as pessoas fazem dele. Para o autor, as definições do verbo levam as pessoas a ver o consumismo, num ato de preconceito, como um gesto pouco nobre (linhas 1 e 2).

681) Letra c

Observe o trecho seguinte, extraído do último parágrafo: "...o consumo se revela um método extremamente eficaz para integrar os excluídos e estender a cidadania a todos os brasileiros." *Estender* ***a*** *cidadania a todos os brasileiros* eqüivale a *transformar os consumidores em cidadãos*, como se vê na alternativa c.

682) Letra a

A resposta aparece na seguinte passagem do texto: "Mais do que isso, o entrincheiramento de consumidores no mercado doméstico fez, ao longo dos anos, com que a própria imagem do cliente se deturpasse no país." (/. 24-26)

683) Letra d

A classe **privilegiada** é a que o autor chama de abastada ("...na porção abastada da sociedade brasileira...", nas linhas 43 e 44); a classe **destituída** é aquela que não consegue acompanhar o consumismo dos privilegiados, gerando-se uma tensão entre as duas ("...acarretou um aumento das tenções em relação à porção destituída." nas linhas 44/45).

684) Letra a

A expressão **não por** acaso serve como uma justificativa para o fato de os apologistas do consumo entre nós serem aqueles que podem exercer seu poder de compra.

685) Letra d

Aqui, faz-se necessário o conhecimento da expressão **estender o tapete vermelho.** Ela *é* utilizada quando alguém, por ser muito importante, é recebido com excesso de atenção e cuidado. É uma imagem utilizada pelo autor para designar, no texto, o tratamento especial conferido pelo vendedor ao comprador, consumidor em potencial.

686) Letra c

A resposta começa a se delinear no trecho: "Por que, enfim, tantas reservas em relação ao consumo?" (/. 15). A partir daí, o autor passa a responder à sua pergunta, explicando que reservas são essas. Mais adiante, ele diz: "A falta de um leque efetivo de opções de compra tem deixado os consumidores à mercê dos produtores no Brasil." (/. 18/19). Depois, nas linhas 31-33, ele diz que atitude é essa dos produtores (ter chiliques), de que fala o enunciado. Já a segunda explicação para as reservas em relação ao consumo aparece no trecho: "...os apologistas do consumo têm sido basicamente aqueles que podem exercer seu inchado poder de compra...". Ou seja, segundo o enunciado, a parte da sociedade que tem a prerrogativa do consumo.

Texto XCV

687) Letra b

Pelo que se vê no segundo período do primeiro parágrafo, a classe empresarial, no que toca a empregos, pensa em um mercado para país desenvolvido, enquanto os desempregados brasileiros são de nível de "quarto "mundo".

688) Letra a

Cidadania é algo que se conquista com valores éticos e morais. Existem vales-refeição, vales-transporte e outros mais, como forma de ajudar o trabalhador de baixa renda. O autor criou a palavra vale-cidadania (assim se deve escrever: com hífen), que evidentemente não poderia existir, para ressaltar a idéia de que todos precisam ter os mesmos direitos, todos precisam realmente ser cidadãos brasileiros.

689) Letra e •

Vejamos o ponto de vista ético presente em cada alternativa. Na opção a, a adequada integração da sociedade; na opção b, o fato de a ciência e a tecnologia terem como parâmetro a sociedade; na opção c, a prioridade para o crescimento humano; na opção d, o desenvolvimento do país. Já na letra e, o crescimento não está vinculado a nada que expresse um ponto de vista ético; o comportamento de primeiro mundo não caracteriza a preocupação com o respeito e a ética.

690) Letra e

A locução prepositiva apesar **de** tem valor concessivo, indica oposição. Na letra e, a conjunção **ainda que** introduz uma oração adverbial concessiva, mantendo, assim, o sentido da locução.

691) Letra c

Os dois primeiros itens se encontram no segundo parágrafo: ...”uma sociedade onde haja lugar, espaço e ocupação para todos os seus membros?” e “Seria uma forma de distribuir a riqueza...”. O terceiro item fere o tema do texto, em que o autor pergunta: “Quando pensamos em emprego pensamos em crescimento, em integração no processo produtivo?”. O quarto item pode ser lido no quinto parágrafo: “...como eliminar, num prazo digno, a miséria, a indigência e a fome?” O quinto item vai de encontro a tudo que se diz no texto; o próprio título fala em modernidade.

692) Letra d

Para resolver a questão, você precisa comparar dois textos: este e o anterior, que é o de número XCIV pois ambos pertencem à mesma prova (Escriturário do Banco do Brasil). No texto XCIV, o autor opõe os consumidores de alta renda aos de baixa renda; neste texto, basicamente, os empregados e os desempregados, isto é, os excluídos (veja o primeiro período do segundo parágrafo).

Texto XCVI

693)Letra d

Muitos escritores utilizam a técnica de introduzir seus textos com perguntas, numa forma de atrair a atenção dos leitores, sem que haja respostas para elas. É o que se conhece por perguntas retóricas, aquelas que não precisam de respostas. Leia cada uma delas e comprove, no texto, o que acabou de ser explicado.

694) Letra b

Nem sempre é fácil perceber se o **ou** tem valor aditivo ou alternativo. Procure ver se é cabível a troca pela conjunção e, quando então se tem um valor semântico de adição. A única opção em que a palavra não eqüivale a e, ficando nítida a idéia de alternativa, é a b.

695) Letra e

Questão de sinonímia. Galvanizar significa dourar ou pratear; **ícone** é algo ou alguém representativo, nas artes, nos esportes etc; **empulhação** entende-se por tapeação; **metamorfoseados** quer dizer transformados. O verbo **cercear,** da alternativa e, significa realmente impedir.

696) Letra a

Se a ação restritiva do Estado é inevitável (o Estado não pode permitir que os cidadãos façam tudo que querem, sob o risco de se criar o caos social), ele acaba agindo contra a liberdade dos cidadãos.

697) Letra b

A locução **em que pese a** (infelizmente mal utilizada pelo autor do texto, pois ela não se flexiona) eqüivale semanticamente a **apesar de,** tendo, pois, valor concessivo. A idéia é a seguinte: apesar das angustiantes restrições do contracheque, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo. Então, as prateleiras estão cheias de produtos, mas os salários não permitem muitas compras (restrições do contracheque).

698) Letra b

Os comunistas também são consumidores, também compram coisas. Dessa forma, o ideal comunista (viver com pouco, equilibradamente) é abalado pela pressão exercida pelos consumidores (os próprios comunistas) em função da tentação que representa um supermercado com as prateleiras cheias de produtos.

699) Letra b

Restritos quer dizer limitados, em menor número. Entende-se, então, que nos países totalitários há menos canais disponíveis do que nos países não-totalitários.

700) Letra e

Questão de paráfrase. Segundo a frase destacada, filosofia, pornografia, arte e empulhação são consumidas. Na última alternativa, a colocação da palavra **como** altera o sentido, pois a idéia que a frase agora nos passa é a de que a filosofia e a pornografia são consumidas como sendo arte e empulhação. Nessa frase, desaparece a noção de soma que existe entre as quatro palavras.

701) Letra a

A palavra **neurônios,** na passagem destacada, tem emprego metonímico. Ela eqüivale mais ou menos a **sábios;** houve uma troca de palavras de caráter objetivo: os sábios, como qualquer um, possuem neurônios. “Essa questões”, que aparece no enunciado, eqüivale **a discussões sobre a liberdade;** colocar em choque é opor; “os melhores neurônios da filosofia” são “os maiores filósofos”. Por conseguinte, a resposta é a letra a.

702) Letra e

Na letra a, a crítica é feita aos consumidores em geral, cujo apetite pela burguesia foi atraído, corrompido; na b, a lei é chamada de capenga; na c, o autor chama o programa de imbecil; na d, critica o fato de se consumirem coisas ruins, como pornografia e empulhação. Nada há de crítica na opção e, que é a resposta.

703) Letra e

A liberdade de movimento se encontra em “tem o direito de mover-se livremente”; a liberdade de comunicação, em “fala o que quer”; a liberdade política, em “que vota”. A liberdade de consumo não aparece especificada, mas podemos entendê-la na reunião de todas essas características do cidadão contemporâneo. Já a liberdade religiosa, que é algo particular, não conseguimos depreender da passagem selecionada.

704) Letra d

Na letra a, a crítica é feita ao fato de o ideal comunista não ter sido forte o suficiente para resistir às tentações do consumo; na letra b, o autor critica o fato de que comer uma simples banana virou ícone de liberdade; na letra c, o fim do fervor revolucionário por causa da vontade de ter uma Vespa ou uma Lambreta; na letra e, a limitação do número de canais. Nada há de crítica aos regimes não-democráticos na letra d. Não confunda! A ação restritiva do Estado, que é inevitável, não se refere especificamente àqueles de regime não-democráticos.

705) Letra e

O trecho pode ser entendido, com palavras mais simples, da seguinte forma: muitas pessoas, infelizmente, não se alegram com a alienação do comunismo. É claro que tais pessoas são aquelas que vivem em países não-democráticos e não se sentem felizes com as restrições (alienação do comunismo) a elas impostas.

Texto XCVII

706) Letra c

É o exemplo de Los Angeles, "onde grupos sociais se organizaram...". O autor nos diz, ao longo do texto, que é necessário seguir esse exemplo de integração da cidade americana.

707)Letra b

O exemplo de Los Angeles abre caminho para o desenvolvimento da idéia da união que nós, brasileiros, precisamos ter. Nas linhas 4 a 6, lê-se: "Sem uma mudança radical de mentalidade (como fizeram os moradores de Los Angeles) jamais construiremos uma convivência tranqüila e segura."

708) Letra e

A preposição **para** pode apresentar valores semânticos diversos. Na passagem destacada, ela indica a finalidade da organização dos grupos sociais. Eqüivale, como sempre ocorre quando tem esse sentido, a **para que:** para que se buscassem soluções.

709) Letra b

Questão de coesão textual. Entenda-se: para buscar soluções para problemas dos grupos sociais. Antecedente é o mesmo que referente, desde que já tenha sido utilizado no texto. Se ainda vai aparecer, o referente pode ser chamado de conseqüente.

710) Letra c

A primeira pessoa do plural engloba, no texto, o autor e seus leitores. É uma prática corrente entre os escritores; ela cria uma aproximação, uma intimidade, além de mostrar que o autor não se situa acima do leitor, ambos caminham juntos.

711) Letra b

Cada um por si quer dizer cada qual agindo voltado apenas para si próprio, sem se importar com a coletividade. É um ato individualista e, conseqüentemente, egoísta.

Texto XCVIII

712) Letra a

Se o compadrismo está levando o Brasil ao abismo, ele precisa ser erradicado para que a política do país atue de maneira mais positiva, sem favorecimentos.

713) Letra b

Isso pode ser comprovado no trecho: “Também a nossa política...que têm levado o Brasil à beira do abismo...”. As palavras **nossa** e **Brasil** indicam que o texto foi produzido aqui e, por conseguinte, para que nós, brasileiros, o leiamos.

714)Letra a

O autor inverte, embora isso não seja fácil de perceber, a causa e o efeito. O compadrismo (os dicionários registram compadrice e compadrio) é que deu origem à nossa tendência para a aproximação e a camaradagem. Melhor ainda, ele é a própria aproximação e camaradagem. De qualquer forma, trata-se de uma questão discutível.

715) Letra b

A palavra **impregnada** tem, freqüentemente, valor pejorativo, lembra contaminação. No trecho em que ela aparece (“Também nossa política anda impregnada desses mesmos sentimentos...”), o autor faz uma ligação entre os sentimentos, que são negativos, e a política, utilizando-se da palavra **impregnada;** é como se dissesse que nossa política está contaminada por esses maus sentimentos.

716) Letra d

As pessoas, acostumadas ao compadrismo, querem que o governo fique muito próximo delas, que ele seja pessoal, dando-lhes alguma vantagem, quando na realidade governo não é para isso, governo é para o coletivo, e não o individual.

717) Letra b

O texto é uma dissertação, basicamente a apresentação de argumentos por parte do autor, que defende suas idéias sobre os possíveis malefícios do compadrismo no governo.

Texto XCIX

718) Letra d

Se, como se vê na Ia linha, o problema básico da economia logo estará sob um novo signo, é porque a mudança ainda não ocorreu. Na linha seguinte, ele diz que o país é semicolonial, agrário etc. Portanto, o que causou esse problema atual é o colonialismo, de que o país ainda não conseguiu se livrar (ele é semicolonial).

719)Letrab

A resposta se encontra, bem clara, no trecho: “estará em breve sob um novo signo.” É a união do verbo no futuro do presente, que garante que a ação vai se realizar, com a locução adverbial **em** breve, que indica a proximidade da ação verbal.

720) Letra c

O texto afirma que o país passará de semicolonial para industrializado. A característica destacada no último período não diz respeito a país colonizado.

721) Letra c

Questão de sinonímia. Não há dúvida de que a palavra **básico** significa **fundamental.** De qualquer forma, como já dissemos, procure melhorar seu vocabulário.

722) Letra b

Na realidade, trata-se de dois radicais, e não um só, como afirma o enunciado da questão. **Agrário** tem o radical latino **agri,** que significa campo. Aparece em muitas palavras do português, inclusive em **agricultor** (o que cultiva o campo), **agrimensor** (o que mede o campo), **agreste** (relativo ao campo) e **agrícola** (relativo à agricultura), encontradas nas alternativas **a, c, d** e e. **Agridoce** é formado pelo radical latino **agri,** que quer dizer **ácido** ou **azedo,** mais a palavra **doce,** do latim **dulce.**

723) Letra a

O texto fala do problema básico de nossa economia, por isso a defesa é econômica; já a palavra **aparelhamento** sugere atividade militar.

724) Letra b

Levando-se em conta que a transformação ainda não se processou, ela só pode ser vista como uma promessa política, que pode realizar-se ou não.

Texto C

725) Letra a

Questão de semântica. A palavra **subsistência** significa realmente **meio de sobreviver.** Provém do verbo **subsistir.** Curiosidade: tanto no verbo quanto no substantivo, a letra **s** representa o som de **ss,** e não de **z**. Pronúncia: subssistir e subssistência.

726) Letra d

Questão de sinonímia. O verbo **prover** (não confunda com **provir)** tem vários significados, entre eles o de providenciar.

727) Letra d

Outra questão de semântica. A expressão **meio ambiente** quer dizer **espaço em que se vive.** Detalhe: escreve-se sem hífen, como aparece no texto e no enunciado da questão.

728) Letra c

Embora a letra **a** pareça ser a resposta, a idéia da oração reduzida de gerúndio é de meio, uma vez que os índios provêem sua subsistência por meio da utilização dos recursos naturais de seu meio ambiente.

729) Letra e

A coivara não é um recurso natural, e sim um processo agrícola que consiste em utilizar as cinzas provenientes das queimadas.

730) Letra c

A expressão **a grande maioria** indica a maior parcela de um todo. Se a maioria faz alguma coisa, uma outra parcela, a minoria, não faz. Daí poder afirmar-se que nem todos os índios praticam a agricultura.

731) Letra b

Após as queimadas, os índios utilizam as cinzas delas provenientes para fertilizar a terra. Como só há cinzas por causa das queimadas, estas são necessárias à fertilização.

732) Letra b

Há grupos tribais que se interessam pela pesca, enquanto outros se voltam para a caça. Assim, o interesse deles é diferente em relação à caça e à pesca. A letra b, que é a resposta, diz que os grupos tribais não possuem interesse idêntico pela caça e pela pesca, o que está de acordo com o trecho selecionado.
733) Letra b
A idéia é a seguinte: o fato de algumas tribos serem carnívoras faz com que sejam hábeis caçadoras. Assim, a causa é **serem carnívoras;** e a conseqüência, **serem hábeis caçadoras.** Pode-se entender ainda que a necessidade que elas têm de comer carne faz com que desenvolvam boas técnicas de caça.

Texto CI

734) Letra e
A preposição **por,** nesse trecho, tem valor nocional de causa. A preposição **após,** da letra **e,** conferiria à frase um valor de tempo (após o excesso de atividade, depois do excesso de atividade).
735) Letra d
A resposta se encontra no trecho: “...e também podem aprender uma língua humana”. As outras semelhanças são facilmente localizadas no texto.
736) Letra d
Veja a resposta no trecho que segue: “...e também podem aprender uma língua humana.” A alternativa que poderia confundir um pouco é a c. Acontece que o próprio trecho destacado neste comentário nos ajuda a ver que ela está errada. Se os golfinhos podem aprender uma língua humana, os homens podem falar com eles.
737) Letra d
Muitos escritores se dirigem diretamente aos leitores, tentando criar uma aproximação que possa favorecer o entendimento do texto. No caso presente, foi utilizado o imperativo, mas há outros meios de se conseguir esse efeito. Já vimos, por exemplo, que o escritor às vezes usa a primeira pessoa do plural, unindo-se, assim, aos leitores.
738) Letra b
É um processo anafórico (referência a algo passado no texto) de coesão textual. O terceiro período poderia começar assim: dizem que esses simpáticos golfinhos...
739) Letra d
A utilização da terceira pessoa do plural sem o sujeito presente na oração constitui o chamado sujeito indeterminado. Seu emprego, muitas vezes, transmite essa idéia de incerteza que se percebe no texto: pode ser que seja verdade ou não.
740) Letra d
O texto fala “na possibilidade de haver, no reino animal, outros tipos de inteligência além da humana”. Logo depois, admite que os golfinhos é que possuem essa inteligência. Eles teriam, então, um outro tipo de inteligência. Portanto, como diz a opção d, são diferentemente inteligentes.

Texto CII

741) Letra e

A opção a está errada pois na última linha do texto o autor diz: “A CPI é um golpe contra a magistratura independente.” A opção b está errada porque, como se vê no primeiro período do texto, quem clama por ampla reforma do Poder Judiciário é a magistratura. A opção c é incorreta porque a CPI foi instalada na mesma época da elaboração do texto, com se vê no terceiro parágrafo. A opção d não está certa, conforme se lê no trecho seguinte, início do segundo parágrafo: “Mas o legislador constituinte ignorou as propostas mais consistentes para destinar ao Poder Judiciário os instrumentos aptos...”. A resposta é a letra e, pelo que se acha no último período do primeiro parágrafo.

742) Letra a

O que se afirma na letra **a** não é verdadeiro pois, segundo o exposto nas linhas 27 e 28, as elites no poder têm uma noção mesquinha em relação ao Poder Judiciário.

743) Letra c

Na letra a, houve uma inversão entre sociedade e Estado; quanto à letra b, o erro é que quem tem essa noção mesquinha, segundo o texto, são as elites no poder, não especificamente os congressistas; a letra **d** também não é correta, uma vez que a palavra **manto** é uma metáfora, podendo ser entendida como **proteção;** a letra **e** é absurda: o golpe não é da magistratura, e sim dos congressistas. Já a letra **c** está correta e pode ser justificada pelo trecho: “Agora, o poder que agiu de forma imprudente, desidiosa, se julga portador de autoridade moral para submeter o Judiciário...” (/. 15/16).

744) Letra c

Questão de sinonímia. A palavra **desidiosa** pode ser indolente, preguiçosa, negligente. Este último significado é o que a palavra tem no texto.

745) Letra b

Questão de paráfrase. No trecho original, é dito que um conjunto de sugestões foi levado ao exame da Assembléia Nacional Constituinte, isto é, para que ela o examinasse. Na opção b, escreve-se que a Assembléia levou a exame, donde se conclui que um outro órgão, não especificado, faria o tal exame.

746) Letra e

Questão de coesão textual. Eis a correlação perfeita: o pronome sua tem como referente Assembléia Nacional Constituinte; Io refere-se a Poder Judiciário; o referente de **seu** é magistrado; o referente de **cujos** é sociedade.

Texto CIII

747) Letra a

Essa impressão que o autor tem (ele diz “parecem”) vai-se desenvolver por meio de inúmeras comparações entre os velhos da cidade e os do interior. Tal, inclusive, é o tema da crônica. A letra d pode confundir, porém ela é falsa pelo fato de falar em previsão, quando o autor apresenta tão-somente as suas impressões a respeito da velhice.

748) Letra d

O item I é verdadeiro, podendo ser comprovado no trecho, início do segundo parágrafo: “Vejam-se as roupas dos velhinhos interioranos: aquele chapéu de feltro manchado...” O item II é falso; o que ocorre com os velhinhos da cidade é exatamente o contrário, como se verifica no trecho: “Na agitação dos grandes centros, até mesmo a velhice parece ainda estar integrada na correria...” (/. 4/5). O item in está correto, pois o autor vê no ato de levantar os braços um pedido simbólico ao tempo: “Parece suplicar ao tempo que diminua seu ritmo...” (/. 22).

749) Letra b

Em nenhum trecho da crônica, o autor diz que a vida é mais longa no interior. Chega mesmo a afirmar: “Não se trata da idade real de uns e outros, que pode até ser a mesma...” (/. 2/3)

750) Letra e

Ninguém ter tempo para de fato envelhecer é algo que não pode ser entendido literalmente. É como se a pessoa, com a evolução natural das coisas e com inúmeros afazeres, não mais se aperceba de sua própria velhice, ou, como diz a alternativa e, a própria velhice não tome consciência de si mesma. A letra d tem alguma lógica, mas ela alude apenas aos velhos do interior.

751) Letra c

Compasso é vocábulo de vários significados; usado figuradamente, tem o sentido de movimento cadenciado, andamento. É esse o sentido do texto. Assim, **fora do compasso** deve ser entendido como fora do andamento normal, ou, como na opção c, num distinto andamento.

Texto CIV

752) Letra b

Várias passagens do texto justificam o gabarito. Por exemplo, a citação de William Beckford, em 1787 (veja nas linhas 4 e 5); a popularidade dos autores rurais, hoje em dia (veja nas linhas 10 a 12); o historiador G. M. Trevelyan, em 1931 etc.

753) Letra a

O item I está correto pois, enquanto no primeiro parágrafo o sentimento do povo inglês em relação ao campo é de saudade e nostalgia, vontade de radicar-se novamente no campo, no segundo existe a preocupação com a conservação da natureza. O item II está errado, porque o autor não tira conclusões algumas com base nas idéias de Trevelyan, apenas as expõe. O item in está errado pois o historiador não se apresenta de maneira pessimista, apenas realista; mostrar coisas ruins não significa pessimismo, que é o sentimento segundo o qual as coisas vão dar errado, e isso não se encontra nas idéias dele.

754) Letra d

A pessoas que não considerassem a agricultura, por si só, um bem, alguém, tentando convencê-las, poderia perfeitamente perguntar: - Como teria progredido a civilização sem a limpeza das florestas, o cultivo do solo e a conversão da paisagem agreste em terra colonizada pelo homem? Sim, porque tudo isso é agricultura, daí sua importância.

755) Letra e
Os indígenas não são considerados povos civilizados. Os ingleses seiscentistas (século XVII) queriam cultivar as terras dos indígenas, que não o faziam. Entendiam que as terras eram selvagens, como selvagens eram seus habitantes. Levando a agricultura a elas, estariam levando a civilização.
756) Letra c
A letra c não tem qualquer apoio no texto, muito pelo contrário. Esse amor pela natureza selvagem se opõe ao cultivo da terra e à civilização. Veja, no segundo parágrafo, as colocações do historiador G. M. Trevelyan. Por causa da civilização, para ele, "tinha sido rápida a deterioração". Adiante, encontramos: "Defendia que as terras adquiridas pelo Patrimônio Nacional, a maioria completamente inculta, deveriam ser mantidas assim."

Texto CV

757) Letra c
As alternativas a, b e d podem ser descartadas com alguma facilidade, por não expressarem a idéia de "mais difícil" em relação ao bordado. Entre as outras duas, devemos ficar com a c pois o enunciado pede aquela que justifica com maior propriedade. A letra c atende bem ao enunciado, pois fala da vida própria das palavras e da sensibilidade que a pessoa tem de possuir para saber usá-las, o que expressa uma grande dificuldade para qualquer um. A dificuldade indicada na letra **e** não seria tão grande assim, mesmo porque nem sempre as palavras são ambíguas.
758) Letra d
A resposta encontra-se no período anterior: "Os pontos que vou fazendo exigem de mim uma habilidade e um adestramento que já não tenho." Os pontos a que se refere são os do bordado; a dificuldade como tecelã, de que fala a opção d, é a falta de habilidade e adestramento.
O período seguinte se liga semanticamente ao anterior, estando implícita a conjunção **mas** (Mas esforço-me e vou conseguindo...).
759) Letra a
O sétimo período começa por "Assim, nesse momento" e termina em "que me rodeiam". As opções b, c e **e** podem ser eliminadas porque esse período não estabelece comparação, para mais ou para menos, entre os pontos do bordado e as palavras. A letra **a** cabe como resposta porque, além de igualar os pontos e as palavras, fala de algo adormecido na memória (esquecido, escondido na memória), exatamente com se vê em "...e descobrir...algo de delicado, recôndito e imperceptível...". Recôndito, vale dizer, *é* escondido.
760) Letra e
Gramaticalmente falando, o ideal seria que a autora tivesse usado **neste momento** nas duas situações. Mas, levando-se em conta o que nos diz o texto, há uma pequena diferença entre as duas: **Neste momento** indica o instante exato em que a autora começa a compor o texto; **nesse momento,** embora pareça a mesma coisa, não tem relação direta com o texto, mas com a vida da escritora, pois ela

parte para uma lucubração filosófica. O trecho pode ser entendido da seguinte forma: assim, nesse momento da minha vida, enceto (inicio) duas lutas: com as linhas e com as palavras.

761) Letra e

O enunciado desta questão não é claro. O que a banca do concurso quer saber é qual conjunção poderia ser usada antes da oração "...de cuja existência tinha esquecido", sem lhe alterar o sentido. Realmente, se disséssemos *e de cuja existência tinha esquecido,* não haveria mudança de sentido.

762) Letra c

Outro enunciado confuso. **Abelhas alegres** é uma metáfora que justifica a significação do trecho: "...selecionando animadamente e com grande competência os novelos...". Veja a relação entre as duas colocações: as mulheres faziam a seleção animadamente, ou seja, alegres; e com competência, o que lembra as abelhas, sempre competentes em seu mister de produzir o mel.

763) Letra d

Questão de sinonímia. Não há o que discutir. **Preservada** pode ser substituída sem alteração de sentido por **intacta:** são sinônimos.

764) Letra b

A letra **b** fala de uma habilidade e um adestramento que a autora já não tem. Deduz-se que ela já os teve, daí a frase "...que minha pequena mão infantil executara."

765) Letra c

Questão de gramática, sem relação com a compreensão do texto. Já comentamos numa outra questão que os tempos compostos são formados pelo verbo auxiliar (ter ou haver) e o particípio do verbo principal. O tempo que forma o mais-que-perfeito composto é o pretérito imperfeito: tinha falado, havia estudado etc. Como o verbo da primeira oração é uma locução verbal, o mais-que-perfeito composto terá dois particípios: tinha estado pousado.

Texto CVI

766) Letra e

Ao longo do texto, o mito e o mundo moderno são colocados como elementos contrastantes. A idéia do autor é que o mundo moderno não mais leva em conta os mitos. A conjunção e, no título, em função de tudo isso, só pode ser entendida como um elemento de contraste.

767) Letra d

Como o autor do texto assume uma posição claramente favorável aos mitos, essa frase não pode ser entendida literalmente. Esse recurso de afirmar algo contrário ao que se quer realmente dizer chama-se ironia. É claro que só no contexto ela pode ser reconhecida, como acontece aqui.

768) Letra d

O último período do terceiro parágrafo diz que a pessoa vai * sofrer quando, na velhice, tendo satisfeito suas necessidades imediatas (entenda-se materiais), olhar para dentro de si mesma e não reconhecer o seu centro, ou seja, aqueles "valores

eternos”, citados no período anterior, de que falam Platão, Confúcio, o Buda e Goethe, entre outros. Sob esse aspecto, a resposta passa a ser a letra d, que fala do sofrimento trazido pela preocupação com a vida interior.
769) Letra b
O particípio **suprimidas,** da passagem em destaque, refere-se às literaturas grega e latina e à Bíblia. As letras **a** e c não oferecem dúvidas, por absurdas que são. A opção **d** está errada, pelo emprego indevido da forma verbal frustrou-se. A letra e, embora pareça correta, peca pelo fato xí de falar em desaparecimento total da mitologia, enquanto o original diz que o que se perdeu foi a tradição de informação mitológica, o que é diferente. A resposta só pode ser a opção b.

Texto CVII

770) Letra d
Todo o texto leva a essa idéia de que a filantropia é algo positivo no mundo. O Brasil é um dos países que menos investem no social. Assim, o país precisa de que o próprio povo se dedique cada vez mais a tarefas sociais.
771)Letra b ’;
A ajuda de índices conhecidos é um instrumento de aferição do grau de maturidade econômica de uma sociedade. Dessa forma-se, a preposição **com** tem valor semântico ou nocional de instrumento.
772) Letra d
Questão de sinonímia. A palavra **filantropia** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **humanitarismo.** Elas são sinônimas.
773) Letra a
A “presença da filantropia”, que aparece nessa passagem do trecho, refere-se indistintamente ao governo e ao povo, pelo menos não há nada que diga o contrário. O Brasil estaria, então, numa posição de inferioridade em termos de filantropia. Mas a afirmação do último período (“Há milhões de brasileiros dedicando-se a tarefas sociais”) se opõe a essa afirmativa.
774) Letra c
A palavra **alguma,** colocada antes dos substantivos, tem valor positivo; colocada após eles, assume valor negativo, eqüivalendo a **nenhuma.** Observe que a inversão, na letra c, de *alguma coisa* para *coisa alguma* ocasiona uma mudança brutal de significado, a frase passa a ter o sentido oposto da outra. Isso sempre ocorre com o pronome algum (e flexões).
775) Letra e
O sufixo **or** da palavra **mensuradores** indica o agente da ação verbal, ou seja, **aqueles que medem.** Da mesma forma, **pintor é** o **que pinta, cantor é** o **que canta** etc.

Texto CVIII

776) Letra b
A resposta fica evidente no seguinte trecho: “Casar, para ela, não era negócio de paixão, nem se inseria no sentimento ou nos sentidos...”

(/. 14/15)

777) Letra d

A personagem central do texto, Ismênia, vivia em função do que a sociedade e, em especial a mãe, lhe impunham. Como um autômato, ela fora preparada para o casamento. Sua submissão a tais valores sociais tirava-lhe os desejos, os sonhos, a felicidade, como se vê em inúmeras passagens do texto. Enfim, ela era simplesmente conduzida. Esse resumo serve para mostrar que estão corretas as alternativas a, b, c, e e. A letra **d** está errada, pois o texto é leve, bem-humorado (veja, entre outros, o trecho: "A Zezé está doida para arranjar casamento, mas é tão feia, meu Deus!..." (/. 28/29). E o autor ironiza, sutilmente, esse valores sociais a que as pessoas se apegavam na época, por meio dos sentimentos contraditórios da personagem.

778) Letra c

Ela não fora educada para sentir, mas para casar, sendo assim mera coadjuvante de uma sociedade que traçava previamente, por intermédio da família, o caminho que deveria seguir.

779) Letra d

Questão de paráfrase baseada no conhecimento de voz verbal.

Na frase: "uma festa foi anunciada para o sábado", o verbo **anunciar** se encontra na voz passiva analítica ou verbal, que é aquela formada pelo auxiliar (ser) e o particípio (anunciada). Na letra d, a frase "anunciou-se uma festa para o sábado" apresenta o verbo na voz passiva sintética ou pronominal, que é aquela formada pela partícula apassivadora se. O sentido é o mesmo, até porque não houve mudança de tempo verbal.

780) Letra b .

A comparação ou simile ocorre quando a frase apresenta um conectivo comparativo, geralmente **como** ou **que.** Por exemplo, *ele é forte como o pai,* em que há dois seres sendo comparados, atuando como conectivo a palavra **como.** Na frase da alternativa b, as irmãs são comparadas a Ismênia (a irmã nubente), utilizando-se o autor da conjunção comparativa **que.**

Texto CIX

781) Letra a

Se os genéricos fossem uma unanimidade nacional, entenderse-ia que todos os brasileiros os consideram uma medida positiva; como o enunciado diz *estão se tornando,* entende-se que quase todos os consideram assim.

782) Letra a

A resposta se acha, bem clara, no segundo período do texto:

"Colheu (o Instituto) uma revelação surpreendente: 80% dos entrevistados já incorporaram essa alternativa a seus atos de consumo.", ou seja, grande parte da população (80%) já consome genéricos, daí a surpresa trazida pela pesquisa.

783) Letra b

Confira a resposta no item seguinte: "O ministro da Saúde, José Serra, obteve a melhor avaliação em toda a equipe de FHC."

784) Letra e
Pelo fato de custarem, em média, menos 30% do que os remédios tradicionais, os genéricos acabaram beneficiando a população de menor renda, aquela "que há anos era mantida à margem", sem condições de comprar remédios. Estar à margem é estar fora dos padrões ditos normais, marginalizado, destituído, e o normal é que as pessoas possam comprar seus remédios.
785) Letra d
Vamos localizar as alternativas no texto. Opção a: "Os medicamentos sem marca aprovados..." (/. 9). Opção b: "...em média 30% mais baratos." (/. 10/11). Opção c: "Hoje, entre os fabricantes de remédios já aprovados, apenas um é de origem estrangeira." (/. 15/16). Opção e: "80% dos entrevistados já incorporaram essa alternativa a seus hábitos de consumo." (/. 3/4). A alternativa d não pode ser localizada no texto.
786) Letra b
Questão de vocabulário, no caso de siglas, que não depende do texto. **CPI** quer dizer Comissão Parlamentar de Inquérito. Cabe aqui ressaltar a importância da leitura, pois essa sigla é bastante utilizada pela imprensa brasileira.
787) Letra d
Os laboratórios multinacionais não tinham, por razões econômicas, interesse no sucesso dos genéricos, passando então a boicotá-los, ou seja, a torpedeá-los, como diz a alternativa d. Veja o trecho em que isso se mostra: "...que acabou inibindo um novo boicote dos laboratórios multinacionais - bem sucedidos na sua primeira investida, ainda em 1993." (/. 12-14)
788)Letrab
A palavra **apenas** poderia não ter sido usada. Seu emprego sugere uma espécie de admiração do autor, como se ele dissesse: realmente isso é muito pouco e, conseqüentemente, muito bom. É como também se ele exclamasse: apenas um!
789) Letra a
Se o autor fala em remédios já aprovados, é porque eles se submetem à aprovação de um órgão com competência técnica e legal para julgá-los; eles podem ser aprovados ou não.
790) Letra c
Questão de semântica. O trecho destacado poderia ser redigido, sem alteração de sentido, da seguinte forma: a nova realidade rendeu frutos políticos e ganhos econômicos. A locução prepositiva **além de** eqüivale à palavra e, conjunção aditiva.
791) Letra b
A palavra **inveja** está empregada em seu sentido denotativo, ou seja, comum, real, primitivo. As demais extrapolam o sentido original. Por exemplo, na letra **a, frutos** é algo que se come, mas não tem esse valor no texto. Diz-se então que tem um sentido conotativo ou figurado. O mesmo ocorre com os termos **abrindo as portas, disparou** e **colheu.**
792) Letra d
Na alternativa a, o verbo **acabar** quer dizer tão-somente ter fim, sendo dispensável o que segue no texto: a pesquisa da Vox Populi acabou. Nas

alternativas **b** e c, o verbo **acabar** significa vir de terminar uma ação, ter terminado há pouco; acabamos de ler o texto, da letra b, quer dizer que o ato de ler terminou há pouco, sendo que raciocínio idêntico se aplica à opção c. Na opção e, o verbo é pronominal e significa exaurir-se. No trecho destacado no enunciado, o verbo **acabar** está seguido de um gerúndio, que indica exatamente como a coisa vai acabar; na alternativa d, que é a resposta, a palavra **bem** assume esse mesmo valor (modo, como no caso do gerúndio) por causa do sentido do verbo **acabar.**

Veja que se pode colocar no lugar dele uma oração de gerúndio: isso não vai acabar trazendo uma coisa boa (ou, mais claro, vai acabar não trazendo uma coisa boa).

Texto CX

793) Letra b

Pelo contrário, o autor diz que o silêncio é um privilégio das plantas e das pedras. Veja o trecho em que isso aparece: “Entretanto, elas e as pedras reservam-se o privilégio do silêncio...” (/. 3/4)

794) Letra b

Na letra **a, crispação** e **silêncio** referem-se, ambas, às árvores; na opção **c, paisagem** e **impermeabilidade,** as duas, também se ligam às árvores; na alternativa **d, cuidados** diz respeito aos homens, enquanto **solitário** se liga às árvores (tronco); na opção **e, atmosfera** refere-se aos homens, porém **mudez,** às plantas.

795) Letra e

O enunciado da questão alude a uma figura de linguagem conhecida como prosopopéia ou personificação. Ela só não ocorre na palavra **domesticidade,** que não diz respeito às árvores, mas aos homens.

796) Letra a

Entretanto é uma conjunção adversativa, sinônima de **mas; então,** no texto, eqüivale a conseqüentemente, e é uma conjunção conclusiva.

Texto CXI

797) Letra b

O texto fala sobre duas coisas: as mortes causadas pela água e as provocadas pela Aids. O título faz menção apenas à primeira, isto é, a uma parte do conteúdo.

798) Letra a

Questão de semântica. **Contaminado** quer dizer corrompido, viciado, contagiado; **insípido** vem do latim *insipidu, é* aquilo que não é sápido, ou seja, que não tem sabor; **insosso** provém do latim *insulsu* e significa sem sal; **natural** não oferece problema; **potável,** do latim *potabile,* significa que se pode beber.

799)Letrac

Essa técnica, comum em textos informativos, transmite confiança e credibilidade ao leitor. Evidentemente, não é obrigatória, como diz a letra a; as letras bee são facilmente descartadas; a letra **d** também está errada porque a responsabilidade é sempre de quem escreve (a fonte, confirmando isso, pode ter sido citada indevidamente, sem que o leitor venha a perceber).

800)Letra e

Morrerão de doenças pode ser entendido como "morrerão por causa de doenças". Assim, **de doenças** é um adjunto adverbial de causa, tendo valor semântico de causa a preposição **de.** O mesmo ocorre na opção e, onde **de frio** eqüivale a "por causa do frio", tendo o **de** valor semântico ou nocional de causa.

801) Letra d

O texto fala que 76 milhões de pessoas morrerão por causa da água, ao passo que a Aids matará, no mesmo período, 65 milhões. Então, está claro, menos pessoas morrerão por causa da Aids.

802) Letra a

As crianças são apenas parte dessas pessoas; não se pode dizer que o termo **crianças** substitui ou se refere diretamentente a **pessoas.**

803) Letra d

Vamos lembrar que o título é "Água insalubre". O autor discorre sobre o tema, buscando alertar a população para um problema grave.

Mas esse problema não é muito conhecido, não é divulgado devidamente. Então, ele faz uma comparação com a Aids, que é algo sempre em evidência, com a finalidade de chamar a atenção das pessoas para a gravidade do problema da água.

804) Letra b

Questão que não se baseia no texto. A resposta é a letra b porque, quando se prepara a comida, a água é usada para lavar o alimento e participar do cozimento. Ao ingeri-lo, a água, naturalmente, vai junto. As outras são evidentes: ninguém bebe água da lavagem das calçadas, do banho diário, da lavagem de roupas e da limpeza da louça, ocorrendo apenas o uso.

805) Letra b

O texto procura apenas informar o leitor, é uma dissertação de cunho informativo. A palavra **preditivo** significa "aquele que prediz". O texto faz uma previsão (e não predição, que tem um cunho místico) baseada no estudo de uma instituição científica.

806) Letra c

A conjunção **enquanto** é temporal e pode ser usada entre os dois períodos, que têm entre si uma noção de tempo: "...pelo uso e ingestão de água contaminada, enquanto, no mesmo período, serão registrados 65 milhões...". Quanto à letra b, vale dizer que não se trata de uma conjunção, e sim de uma locução prepositiva. A conjunção, no caso, seria **apesar de que,** que também não poderia ser usada na frase.

807) Letra b

l Mesmo é um pronome demonstrativo e, como tal, remete a algo passado no texto: "até 2002". **Igual** é um adjetivo, qualifica o seu substantivo. Um exemplo mais simples: *ele fez o mesmo trabalho* (indicação de um trabalho já citado) não tem o mesmo sentido de *ele fez o trabalho igual* (o trabalho está sendo confrontado com outro trabalho, é o oposto de **diferente).**

808) Letra d
As pessoas podem ser crianças ou adultos. Se as crianças serão as mais afetadas, é porque os adultos serão os menos afetados. Não há dificuldade alguma.

Texto CXII

809) Letra c
As referências ao mundo do teatro são feitas nos itens I e IV, no emprego, respectivamente, das palavras atores e artistas. O item in pode confundir um pouco, por causa da palavra criatividade. Esta, no entanto, pode ser aplicada a qualquer ramo de atividade humana, ou seja, não apenas os artistas e autores teatrais são criativos.
810) Letra d
Todo o texto é um protesto contra o abandono das crianças de rua, impedidas de progredir e dar, no futuro, uma efetiva contribuição à sociedade. Com a pergunta, o autor se mostra indignado pelo fato de o país negar às crianças e jovens a oportunidade do progresso a que todo indivíduo tem direito.
811) Letra e
A palavra atores é uma metáfora com base na criatividade desse grupo de profissionais. Assim, as alternativas a, b e d devem ser eliminadas, pois tratam da atividade de ator, denotativamente falando. A opção c é inteiramente descabida, não tendo qualquer relação com o texto.
Realmente, ser ator na vida significa fazer alguma coisa de bom, dar vazão à sua competência e criatividade, sendo isso o que se nega às crianças e jovens, segundo o autor.
812)Letrab
A palavra apenas é uma palavra denotativa de exclusão. Se a criatividade, a inteligência e os dons são usados, de acordo com o texto, apenas para sobreviver, é sinal de que eles deveriam ser usados também para outras coisas, ou seja, deveriam ser mais bem empregados, como diz a opção b.
813) Letra e
A palavra artistas nada tem de pejorativo no texto. Ao contrário, ela está sendo usada para destacar a criatividade das crianças e dos jovens. A letra c pede algum conhecimento extratexto, a oposição que se criou na sociedade entre o asfalto (onde teoricamente estariam as pessoas com melhor situação financeira) e o morro, que lembra indevidamente as favelas e abriga cidadãos de menor poder aquisitivo.
Quanto à letra d, a ligação apontada é exata e constitui um processo de coesão textual. As alternativas a e b não oferecem dúvidas.
814) Letra d
Essa questão é delicada, pela semelhança de algumas opções.
Não se esqueça de que ela está centrada no trecho em destaque, e não em todo o texto. A palavra-chave é alternativas, que também se encontra na opção d, embora no singular. A idéia é a seguinte: como essas crianças não têm

oportunidades de vida, acabam optando pela alternativa do crime, como meio de sobrevivência.
815) Letra b
Algo possível é algo sobre o qual se pode ter esperança. Reforça a idéia o fato de que custa pouco. Outra maneira de ver: esperança vem do verbo esperar, ter expectativa. Só se espera alcançar alguma coisa quando ela é possível.

BIBLIOGRAFIA

ANDRÉ, Hildebrando Afonso de. *Gramática ilustrada.* 4. ed. São Paulo: Moderna, 1991.
BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa.* 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
FERNANDES, Francisco. *Dicionário de verbos e regimes.* 33. ed. Porto Alegre/Rio de Janeiro: Globo, 1983.
FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa.* 3. ed. totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS, Rio de Janeiro. *Dicionário houaiss da língua portuguesa.* 1. ed. Objetiva, 2001.
JOTA, Zélio dos Santos. *Dicionário de Lingüística.* 2. ed. Rio de Janeiro: Presença/INL, 1981.
LEITÃO, Luiz Ricardo e LIMA, Ronaldo. *Interpretação de textos.* Rio de Janeiro: Cooautor, 1995.
MICHAELIS. *Moderno dicionário da língua portuguesa.* São Paulo: Melhoramentos, 1998.
PIMENTEL, Ernani Filgueiras. *Intelecção e interpretação de textos.* 17. ed. Brasília: Vest-Con, 1999.
ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa.* 20. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.
WALDECK, Sérgio e SOUZA, Luiz. *Roteiros de comunicação e expressão.* 5. ed. Rio de Janeiro: Eldorado, 1980.

Exercícios com Gabarito de Português Advérbio, Conjunção e Preposição

1) (UFAC-1997) O PRIMO
Primeira noite ele conheceu que Santina não era moça. Casado por amor, Bento se desesperou. Matar a noiva, suicidar-se, e deixar o outro sem castigo? Ela revelou que, havia dois anos, o primo Euzébio lhe fizera mal, por mais que se defendesse. De vergonha, prometeu a Nossa Senhora ficar solteira. O próprio Bento não a deixava mentir, testemunha de sua aflição antes do casamento. Santina pediu perdão, ele respondeu que era tarde - noiva de grinalda sem ter direito.
(Cemitério de elefantes. Apud CARNEIRO, Agostinho Dias)

"...o primo Euzébio lhe fizera mal..." Nessa frase, a palavra mal está escrita com "l". Há, porém, situações em que ela também pode ser escrita com "u". Observe as frases abaixo e, em seguida, assinale a alternativa cuja seqüência preencha adequadamente os espaços em branco.

- Para Santina, Euzébio foi um homem____.
- Segundo o narrador, Bento fez um _____ casamento.
- Bento recebeu muito_____ a revelação de Santina.
_____ ouviu a revelação de Santina, Bento decidiu separar-se.

a) mau / mal / mal / Mau
b) mau / mal / mau / Mal
c) mal / mau / mal / Mau
d) mal / mal / mau / Mau
e) mau / mau / mal / Mal

2) (Fuvest-1998) "É preciso agir, e **rápido**", disse ontem o ex-presidente nacional do partido.

A frase em que a palavra sublinhada NÃO exerce função idêntica à de **rápido** é:

a) Como estava exaltado, o homem gesticulava e falava **alto**.
b) Mademoiselle ergueu **súbito** a cabeça, voltou-a pro lado, esperando, olhos baixos.
c) Estavam acostumados a falar **baixo**.
d) Conversamos por alguns minutos, mas tão **abafado** que nem as paredes ouviram.
e) Sim, havíamos de ter um oratório bonito, **alto**, de jacarandá.

3) (UECE-2006) “Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.
Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.
O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado. Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.
Um dia, ao pino do sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite.

....

Rumor suspeito quebra a harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se. Diante dela, e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar, nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo.
Foi rápido como o olhar o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.
De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais da alma que da ferida.
O sentimento que ele pôs nos olhos e no rosto, não sei eu. Porém a virgem lançou de si o arco e a uiraçaba e correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara. A mão, que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida; deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.
O guerreiro falou:
- Quebras comigo a flecha da paz?
- Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos? Donde vieste a estas matas que nunca viram outro guerreiro como tu?
- Venho de longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram, e hoje têm os meus.
- Bem-vindo seja o estrangeiro aos campos dos tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema.”
(José de Alencar, do romance Iracema)

“O pé grácil e nu, MAL roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra” (linhas 10 a 12). Em que alternativa a palavra “MAL” foi empregada no mesmo sentido da frase do texto
a) Mal Iracema viu o guerreiro, disparou a flecha contra ele
b) Ao ver o guerreiro ferido, sorrindo para ela, a índia percebeu que agira mal
c) O guerreiro, apesar de falar mal o idioma da índia, conseguiu comunicar-se
d) O guerreiro ferido pela flecha, mal podia caminhar.

4) (Mack-2005) 01 Aurélia pousara a mão no ombro do marido (...), colocou-se
02 diante de seu cavalheiro e entregou-lhe a cintura mimosa.
03 Era a primeira vez, e já tinham mais de seis meses de casados; era
04 a primeira vez que o braço de Seixas enlaçava a cintura de Aurélia. Explica-
05 se pois o estremecimento que ambos sofreram ao mútuo contacto (...).
06 As senhoras não gostam da valsa, senão pelo prazer de
07 sentirem-se arrebatadas no turbilhão.(...) Mas é justamente aí que o
08 está perigo. Esse enlevo inocente da dança entrega a mulher
09 palpitante, inebriada, às tentações do cavalheiro, delicado embora,
10 mas homem, que ela sem querer está provocando com o casto requebro
11 de seu talhe e traspassando com as tépidas emanações de seu corpo.
José de Alencar

Assinale a alternativa correta.
a) No primeiro parágrafo, entregou é forma verbal que expressa ação realizada no passado antes de outra ocorrida também no passado.
b) O advérbio já (linha 03) está empregado com o mesmo sentido de "ainda".
c) As expressões de Seixas (linha 04), de Aurélia (linha 04) e da valsa (linha 06) exercem a mesma função sintática: objeto indireto.
d) Substituindo senão (linha 06) por "unicamente", o sentido original não é prejudicado.
e) O emprego de justamente (linha 07) revela o desejo de precisão na indicação feita.

5) (FGV-2004) 1. Era no tempo que ainda os portugueses não
2. haviam sido por uma tempestade empurrados para
3. a terra de Santa Cruz. Esta pequena ilha abundava
4. de belas aves e em derredor pescava-se excelente
5. peixe. Uma jovem tamoia, cujo rosto moreno parecia
6. tostado pelo fogo em que ardia-lhe o coração,
7. uma jovem tamoia linda e sensível, tinha por habitação
8. esta rude gruta, onde ainda então não se via
9. a fonte que hoje vemos. Ora, ela, que até os quinze
10. anos era inocente como a flor, e por isso alegre
11. e folgazona como uma cabritinha nova, começou a
12. fazer-se tímida e depois triste, como o gemido da
13. rola; a causa disto estava no agradável parecer de
14. um mancebo da sua tribo, que diariamente vinha
15. caçar ou pescar à ilha, e vinte vezes já o havia feito
16. sem que de uma só desse fé dos olhares ardentes
17. que lhe dardejava a moça. O nome dele era Aoitin;
18. o nome dela era Ahy.
19. A pobre Ahy, que sempre o seguia, ora lhe apanhava
20. as aves que ele matava, ora lhe buscava as flechas
21. disparadas, e nunca um só sinal de reconhecimento
22. obtinha; quando no fim de seus trabalhos,
23. Aoitin ia adormecer na gruta, ela entrava de manso
24. e com um ramo de palmeira procurava, movendo o
25. ar, refrescar a fronte do guerreiro adormecido. Mas
26. tantos extremos eram tão mal pagos que Ahy, de
27. cansada, procurou fugir do insensível moço e fazer
28. por esquecê-lo; porém, como era de esperar, nem
29. fugiu-lhe e nem o esqueceu.
30. Desde então tomou outro partido: chorou. Ou
31. porque a sua dor era tão grande que lhe podia
32. exprimir o amor em lágrimas desde o coração até
33. os olhos, ou porque, selvagem mesmo, ela já tinha
34. compreendido que a grande arma da mulher está
35. no pranto, Ahy chorou.

MACEDO, Joaquim Manuel de. A Moreninha. São Paulo: Ática, 1997, p. 62-63.

Que circunstância indica, no texto, a expressão **de cansada** (L. 27)? Como o texto justifica essa circunstância?

6) (Unicamp-2001) A breve tira abaixo fornece um bom exemplo de como o contexto pode afetar a interpretação e até mesmo a análise gramatical de uma seqüência lingüística.

RADICAL CHIC/Miguel Paiva

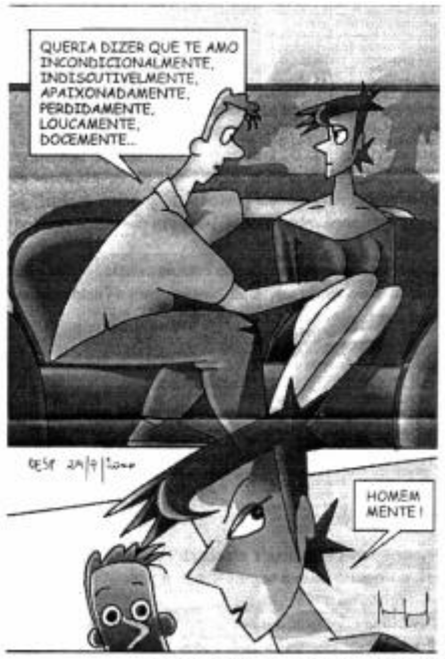
QUERIA DIZER QUE TE AMO INCONDICIONALMENTE, INDISCUTIVELMENTE, APAIXONADAMENTE, PERDIDAMENTE, LOUCAMENTE, DOCEMENTE...
OESP 24/9/2000
HOMEM MENTE!

Fonte: O Estado de S. Paulo, *24/09/2000.*

a) Supondo que a fala da moça fosse lida fora do contexto dessa tira, como você a entenderia?
b) Se a fala da moça fosse considerada uma continuação da fala do rapaz, poderia ser entendida como uma única palavra, de derivação não prevista na língua portuguesa. Que palavra seria e o que significaria?
c) As duas leituras possíveis para a fala da moça não estão em contradição; ao contrário, reforçam-se. O que significará essa fala, se fizermos simultaneamente as duas leituras?

7) (ITA-2003) A questão a seguir refere-se ao texto abaixo.

(...)
As angústias dos brasileiros em relação ao português são de duas ordens. Para uma parte da população, a que não teve acesso a uma boa escola e, mesmo assim, conseguiu galgar posições, o problema é sobretudo com a gramática. É esse o público que consome avidamente os fascículos e livros do professor Pasquale, em que as regras básicas do idioma são apresentadas de forma clara e bem-humorada. Para o segmento que teve oportunidade de estudar em bons colégios, a principal dificuldade é com clareza. É para satisfazer a essa demanda que um novo tipo de profissional surgiu: o professor de português especializado em adestrar funcionários de empresas. Antigamente, os cursos dados no escritório eram de gramática básica e se destinavam principalmente a secretárias. De uns tempos para cá, eles passaram a atender primordialmente gente de nível superior. Em geral, os professores que atuam em firmas são acadêmicos que fazem esse tipo de trabalho esporadicamente para ganhar um dinheiro extra. "É fascinante, porque deixamos de viver a teoria para enfrentar a língua do mundo real", diz Antônio Suárez Abreu, livre-docente pela Universidade de São Paulo (...)

(JOÃO GABRIEL DE LIMA. Falar e escrever, eis a questão. Veja, 7/11/2001, n. 1725)

O adjetivo "principal" (em *a principal dificuldade é com clareza*) permite inferir que a clareza é apenas um elemento dentro de um conjunto de dificuldades, talvez o mais significativo. Semelhante inferência pode ser realizada pelos advérbios:
a) avidamente, principalmente, primordialmente.
b) sobretudo, avidamente, principalmente.
c) avidamente, antigamente, principalmente.
d) sobretudo, principalmente, primordialmente.
e) principalmente, primordialmente, esporadicamente.

8) (VUNESP-2007) A velha contrabandista

Diz que era uma velhinha que sabia andar de lambreta. Todo dia ela passava pela fronteira montada na lambreta, com um bruto saco atrás da lambreta. O pessoal da Alfândega – tudo malandro velho – começou a desconfiar da velhinha.
Um dia, quando ela vinha na lambreta com o saco atrás, o fiscal da Alfândega mandou ela parar. A velhinha parou e então o fiscal perguntou assim pra ela:
– Escuta aqui, vovozinha, a senhora passa por aqui todo dia, com esse saco aí atrás. Que diabo a senhora leva nesse saco?
A velhinha sorriu com os poucos dentes que lhe restavam e mais os outros, que ela adquirira no odontólogo, e respondeu:
– É areia!
Aí quem riu foi o fiscal. Achou que não era areia nenhuma e mandou a velhinha saltar da lambreta para examinar o saco. A velhinha saltou, o fiscal esvaziou o saco e lá só tinha areia. Muito encabulado, ordenou à velhinha que fosse em frente. Ela montou na lambreta e foi embora, com o saco de areia atrás.
Mas o fiscal ficou desconfiado ainda. Talvez a velhinha passasse um dia com areia e no outro com muamba, dentro daquele maldito saco. No dia seguinte, quando ela passou na lambreta com o saco atrás, o fiscal mandou parar outra vez. Perguntou o que é que ela levava no saco e ela respondeu que era areia, uai!
O fiscal examinou e era mesmo. Durante um mês seguido o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.
Diz que foi aí que o fiscal se chateou:
– Olha, vovozinha, eu sou fiscal de alfândega com 40 anos de serviço. Manjo essa coisa de contrabando pra burro. Ninguém me tira da cabeça que a senhora é contrabandista.
– Mas no saco só tem areia! – insistiu a velhinha. E já ia tocar a lambreta, quando o fiscal propôs:
– Eu prometo à senhora que deixo a senhora passar. Não dou parte, não apreendo, não conto nada a ninguém, mas a senhora vai me dizer: qual é o contrabando que a senhora está passando por aqui todos os dias?

– O senhor promete que não "espáia"? – quis saber a velhinha.
– Juro – respondeu o fiscal.
– É lambreta.
(Primo Altamirando e Elas.)

Muito próxima do texto oral, a crônica é um gênero que aproveita alguns recursos típicos da fala, como a repetição, para estabelecer a coesão textual. No primeiro parágrafo, por exemplo, a palavra "velhinha" repete-se duas vezes; "lambreta", três vezes. Pensando ainda nos modos de relacionar as palavras, na frase, especifique outra forma de manter a coesão, empregada também no primeiro parágrafo do texto.
Em seguida, explique a diferença de função entre o termo "aí", ocorrente no terceiro parágrafo, e o mesmo vocábulo, no sexto parágrafo.

9) (Mack-2006) Capítulo 1
De como Itaguaí ganhou uma casa de Orates
As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua. Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil, não podendo el-rei alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia.
— A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo.
Dito isso, meteu-se em Itaguaí, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência [...]. Foi então que um dos recantos desta [*da medicina*] lhe chamou especialmente a atenção, — o recanto psíquico, o exame da patologia cerebral. Não havia na colônia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante matéria, mal explorada ou quase inexplorada. Simão Bacamarte compreendeu que a ciência lusitana, e particularmente a brasileira, podia cobrir-se de "louros imarcescíveis", — expressão usada por ele mesmo, mas em um arroubo de intimidade doméstica; exteriormente era modesto, segundo convém aos sabedores.
Machado de Assis — O alienista
Obs.: orate = *indivíduo louco*
imarcescível = *que não murcha*

Assinale a alternativa correta.
a) O advérbio ainda (linha 08) equivale, no contexto, a "nem mesmo".
b) A forma verbal vivera (linha 01) denota ação verbal que ocorre simultaneamente à ação citada na oração principal do período.
c) A oração não podendo el-rei alcançar dele (linha 03) expressa uma conseqüência.
d) A conjunção ou (linha 04) foi empregada para expressar idéia de dúvida.
e) As expressões mal explorada e quase inexplorada (linhas 08 e 09) são tomadas como sinônimas.

10) (ITA-2000) Filme bom é filme antigo? Lógico que não, mas ''A Múmia'', de 1932, põe a frase em xeque.
Sua refilmagem, com Brendan Fraser no elenco, ainda corre nos cinemas brasileiros, repleta de humor e efeitos visuais.
Na de Karl Freund, há a vantagem de Boris Karloff no papel-título, compondo uma múmia aterrorizadora, fiel ao terror dos anos 30.
Apesar de alguma precariedade, lança um clima de mistério que a versão 1999 não conseguiu, tal a ênfase dada à embalagem. Daí ''nem sempre cinema bom são efeitos especiais'' deveria ser a tal frase.(PSL)
A precária e misteriosa múmia de 32, *Folha de S. Paulo,* Caderno Ilustrada, 4/8/1999.)

Em: ''**tal** a ênfase dada à embalagem'' e ''deveria ser **a tal** frase'', os termos em destaque nas duas frases podem ser substituídos, respectivamente, por:
a)semelhante; aquela.
b) tamanha; essa.
c) tamanha; aquela.
d) semelhante; essa.
e) essa; aquela.

11) (Mack-2004) Há no Brasil grandíssimas matas de árvores agrestes, cedros, carvalhos, vinháticos, angelins e outras não conhecidas em Espanha, de madeiras fortíssimas para se poderem fazer delas fortíssimos galeões e, o que mais é, que da casca de algumas se tira a estopa para se calafetarem e fazerem cordas para enxárcia e amarras, do que tudo se aproveitam os que querem cá fazer navios, e se pudera aproveitar el-rei se cá os mandara fazer.
Obs.: enxárcia - conjunto de cabos e degraus roliços feitos de cabo ('corda'), madeira ou ferro, que sustentam mastros de embarcações a vela

A passagem que comprova que o autor escreve sobre um espaço no qual ele se encontra inserido é:
a) Há no Brasil grandíssimas matas de árvores agrestes, cedros ...
b) outras não conhecidas em Espanha ...
c) o que mais é ...
d) os que querem cá fazer navios ...
e) se pudera aproveitar el-rei ...

12) (ITA-2005) Ilusão Universitária
1 Houve um tempo em que, ao ser admitido numa faculdade de direito, um jovem via seu futuro praticamente assegurado, como advogado, juiz ou promotor público. A situação, como se sabe, é hoje

bastante diversa. Mudaram a universidade, o mercado de trabalho e os estudantes, muitos dos quais inadvertidamente compram a ilusão de que o diploma é condição necessária e suficiente para o sucesso profissional.

A proliferação dos cursos universitários nos anos 90 e 2000 é a um só tempo sintoma e causa dessas mudanças. Um mercado de trabalho cada vez mais exigente passou a cobrar maior titulação dos jovens profissionais. Com isso, aumentou a oferta de cursos e caiu a qualidade.

O fenômeno da multiplicação das faculdades e do declínio da qualidade acadêmica foi especialmente intenso no campo do direito. Trata-se, afinal, de uma carreira de prestígio, cujo ensino é barato. Não exige mais do que o professor, livros, uma lousa e o cilindro de giz. Existem hoje 762 cursos jurídicos no país. Em 1993, eles eram 183. A OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) acaba de divulgar a lista das faculdades recomendadas. Das 215 avaliadas, apenas 60 (28%) receberam o “nihil obstat”. A Ordem levou em conta conceitos do provão e os resultados do seu próprio exame de credenciamento de bacharéis.

A verdade é que nenhum país do mundo é constituído apenas por advogados, médicos e engenheiros. Apenas uma elite chega a formar-se nesses cursos. No Brasil, contudo, criou-se a ilusão de que a faculdade abre todas as portas. Assim, alunos sem qualificação acadêmica para seguir essas carreiras pagam para obter diplomas que não lhes serão de grande valia. É mais sensato limitar os cursos e zelar por sua excelência, evitando paliativos como o exame da Ordem, que é hoje absolutamente necessário para proteger o cidadão de advogados incompetentes - o que só confirma as graves deficiências do sistema educacional.
(Folha de S. Paulo, 29/01/2004)

A universidade é só o começo

Na última década, a universidade viveu uma espécie de milagre da multiplicação dos diplomas. O número de graduados cresceu de 225 mil no final dos anos 80 para 325 mil no levantamento mais recente do Ministério da Educação em 2000.
A entrada no mercado de trabalho desse contingente, porém, não vem sendo propriamente triunfal como uma festa de formatura. Engenheiros e educadores, professores e administradores, escritores e sobretudo empresários têm sussurrado uma frase nos ouvidos dessas centenas de milhares de novos graduados: “O diploma está nu”.
Passaporte tranqüilo para o emprego na década de 80, o certificado superior vem sendo exigido com cada vez mais vistos.

Considerado um dos principais pensadores da educação no país, o economista Cláudio de Moura Castro sintetiza a relação atual do diploma com o mercado de trabalho em uma frase: “Ele é necessário, mas não suficiente”. O raciocínio é simples. Com o aumento do número de graduados no mercado, quem não tem um certificado já começa em desvantagem.
Conselheiro-chefe de educação do Banco Interamericano de Desenvolvimento durante anos, ele compara o sem-diploma a alguém “em um mato sem cachorro no qual os outros usam armas automáticas e você um tacape”. Por outro lado, o economista-educador diz que ter um fuzil, seja lá qual for, não garante tanta vantagem assim nessa floresta.
Para Robert Wong, o diagnóstico é semelhante. Só muda a metáfora. Principal executivo na América do Sul da Korn/Ferry International, maior empresa de recrutamento de altos executivos do mundo, ele equipara a formação acadêmica com a potência do motor de um carro.
Equilibrados demais acessórios, igualado o preço, o motor pode desempatar a escolha do consumidor. “Tudo sendo igual, a escolaridade faz a diferença.”
Mas assim como Moura Castro, o head hunter defende a idéia de que um motor turbinado não abre automaticamente as portas do mercado. Wong conta que no mesmo dia da entrevista à Folha [Jornal Folha de S. Paulo] trabalhava na seleção de um executivo para uma multinacional na qual um dos principais candidatos não tinha experiência acadêmica. “É um self-made man.”
Brasileiro nascido na China, Wong observa que é em países como esses, chamados “em desenvolvimento”, que existem mais condições hoje para o sucesso de profissionais como esses, de perfil empreendedor. (...)
(Cassiano Elek Machado. A universidade é só o começo. Folha de S. Paulo, 27/07/2002. Disponível na Internet: http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse. Data de acesso: 24/08/2004)

Assinale a opção que não traduz uma interpretação condizente com os valores dos advérbios terminados em mente.
a) A admissão no curso de direito quase garantia uma carreira futura, como advogado, juiz ou promotor público. (Texto 1, linha 2)
b) Muitos estudantes não estão advertidos quanto à ilusão de que o diploma é a chave do sucesso profissional. (Texto 1, linha 3)
c) De todos os cursos superiores, os cursos de direito foram os que mais se multiplicaram nos últimos anos. (Texto 1, linha 8)
d) Não há dúvida de que o exame da OAB deve ser mantido nos dias atuais. (Texto 1, linha 19)
e) A entrada dos graduados no mercado de trabalho não pode ser considerada, nos últimos anos, uma grande vitória. (Texto 2, linha 4)

13) (ITA-2003) Leia o texto abaixo e assinale a alternativa correta:

Sonolento leitor, o jogo do Brasil já aconteceu. Como estou escrevendo ontem, não faço idéia do que ocorreu. Porém, tentei adivinhar a atuação dos jogadores. Cabe ao leitor avaliar minha avaliação e dar-me a nota final.
(TORERO, José Roberto. Folha de S. Paulo, 13/06/2002, A-1)

Com o uso do advérbio em "Como estou escrevendo ontem...", autor
a) marcou que a leitura do texto acontece simultaneamente ao processo de produção do texto.
b) adequou esse elemento à forma verbal composta de auxiliar + gerúndio, para guiar a interpretação do leitor.
c) não observou a regra gramatical que impede o uso do verbo no presente com aspecto durativo juntamente com um marcador de passado.
d) sinalizou explicitamente que a produção e a leitura do texto acontecem em momentos distintos.
e) lançou mão de um recurso que, embora gramaticalmente incorreto, coloca o leitor e o produtor do texto em dois momentos distintos: passado e presente, respectivamente.

14) (FGV-2003) Leia o texto abaixo, fragmento de um conto chamado "A nova Califórnia", de Lima Barreto. Depois, responda à pergunta correspondente.

Ninguém sabia donde viera aquele homem. O agente do correio pudera apenas informar que acudia ao nome de Raimundo Flamel (..........). Quase diariamente, o carteiro lá ia a um dos extremos da cidade, onde morava o desconhecido, sopesando um maço alentado de cartas vindas do mundo inteiro, grossas revistas em línguas arrevesadas, livros, pacotes...
Quando Fabrício, o pedreiro, voltou de um serviço em casa do novo habitante, todos na venda perguntaram-lhe que trabalho lhe tinha sido determinado.
- Vou fazer um forno, disse o preto, na sala de jantar.
Imaginem o espanto da pequena cidade de Tubiacanga, ao saber de tão extravagante construção: um forno na sala de jantar! E, pelos dias seguintes, Fabrício pôde contar que vira balões de vidros, facas sem corte, copos como os da farmácia - um rol de coisas esquisitas a se mostrarem pelas mesas e prateleiras como utensílios de uma bateria de cozinha em que o próprio diabo cozinhasse.

Explique o uso que têm os advérbios **donde** (*'Ninguém sabia donde viera aquele homem'*), **onde** e **aonde**, segundo a norma culta da língua portuguesa. Formule uma frase para cada um desses advérbios.

15) (FGV-2004) Leia o texto abaixo; depois, responda à pergunta.

TEXTO A

1. É justa a alegria dos lexicólogos e dos editores
2. quando, ao som dos tambores e das trombetas
3. da publicidade, aparecem a anunciar-nos a entrada
4. de uns quantos milhares de palavras novas
5. nos seus dicionários. Com o andar do tempo, a
6. língua foi perdendo e ganhando, tornou-se, em
7. cada dia que passou, simultaneamente mais rica
8. e mais pobre: as palavras velhas, cansadas, fora
9. de uso, resistiram mal à agitação frenética das
10. palavras recém-chegadas, e acabaram por cair
11. numa espécie de limbo onde ficam à espera da
12. morte definitiva ou, na melhor hipótese, do toque
13. da varinha mágica de um erudito obsessivo ou de
14. um curioso ocasional, que lhe darão (sic) ainda
15. um lampejo breve de vida, um suplemento de
16. precária existência, uma derradeira esperança. O
17. dicionário, imagem ordenada do mundo, constróise
18. e desenvolve-se sobre palavras que viveram
19. uma vida plena, que depois envelheceram e definharam,
20. primeiro geradas, depois geradoras,
21. como o foram os homens e as mulheres que as
22. fizeram e de que iriam ser, por sua vez, e ao
23. mesmo tempo, senhores e servos.

SARAMAGO, José. Cadernos de Lanzarote II.São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 303/304.

Transcreva o fragmento de texto "...por sua vez, e ao mesmo tempo, senhores e servos." (L. 22 e 23), substituindo a expressão sublinhada por um advérbio de mesmo sentido.

16) (UNICAMP-2006) Na sua coluna diária do Jornal Folha de S. Paulo de 17 de agosto de 2005, José Simão escreve: "No Brasil nem a esquerda é direita!".
a) Nessa afirmação, a polissemia da língua produz ironia. Em que palavras está ancorada essa ironia?
b) Quais os sentidos de cada uma das palavras envolvidas na polissemia acima referida?
c) Comparando a afirmação "No Brasil nem a esquerda é direita" com "No Brasil a esquerda não é direita", qual a diferença de sentido estabelecida pela substituição de 'nem' por 'não'?

17) (UECE-2002) O ÓDIO À DIFERENÇA
É milenar o hábito de estranhamento entre os homens. Indivíduos que por algum motivo destoam num grupo qualquer costumam provocar sentimentos de antipatia entre aqueles que se sentem iguais entre si - e superiores ao que lhes parece diferente. O racismo, baseado em preconceito, nasce daí. Povos mais escuros, mais pobres, menos cultos ou simplesmente de outra etnia sempre foram vítimas de desprezo irracional por parte de coletividades que se consideram superiores na comparação.

(*VEJA*. 26/9/2001)

O advérbio *simplesmente* sugere que, no tocante ao bom convívio entre as pessoas, *ser de outra etnia*, em comparação com ser *mais escuro*, *mais pobre*, *menos culto*, tem
a) nenhuma importância
b) igual importância
c) muita importância
d) menos importância

18) (FGV-2005) O primeiro passo para aprender a pensar, curiosamente, é aprender a observar. Só que isso, infelizmente, não é ensinado. Hoje nossos alunos são proibidos de observar o mundo, trancafiados que ficam numa sala de aula, estrategicamente colocada bem longe do dia-a-dia e da realidade. Nossas escolas nos obrigam a estudar mais os livros de antigamente do que a realidade que nos cerca. Observar, para muitos professores, significa ler o que os grandes intelectuais do passado observaram - gente como Rousseau, Platão ou Keynes. Só que esses grandes pensadores seriam os primeiros a dizer "esqueçam tudo o que escrevi", se estivessem vivos. Na época não existia internet nem computadores, o mundo era totalmente diferente. Eles ficariam chocados se soubessem que nossos alunos são impedidos de observar o mundo que os cerca e obrigados a ler teoria escrita 200 ou 2000 anos atrás - o que leva os jovens de hoje a se sentir alienados, confusos e sem respostas coerentes para explicar a realidade.
Não que eu seja contra livros, muito pelo contrário. Sou a favor de observar primeiro, ler depois. Os livros, se forem bons, confirmarão o que você já suspeitava. Ou porão tudo em ordem, de forma esclarecedora. Existem livros antigos maravilhosos, com fatos que não podem ser esquecidos, mas precisam ser dosados com o aprendizado da observação.
Ensinar a observar deveria ser a tarefa número 1 da educação. Quase metade das grandes descobertas científicas surgiu não da lógica, do raciocínio ou do uso de teoria, mas da simples observação, auxiliada talvez por novos instrumentos, como o telescópio, o microscópio, o tomógrafo, ou pelo uso de novos algoritmos matemáticos. Se você tem dificuldade de raciocínio, talvez seja porque não aprendeu a observar direito, e seu problema nada tem a ver com sua cabeça.
Ensinar a observar não é fácil. Primeiro você precisa eliminar os preconceitos, ou pré-conceitos, que são a carga de atitudes e visões incorretas que alguns nos ensinam e nos impedem de enxergar o verdadeiro mundo. Há tanta coisa que é escrita hoje simplesmente para defender os interesses do autor ou grupo que dissemina essa idéia, o que é assustador. Se você quer ter uma visão independente, aprenda correndo a observar você mesmo. Quantas vezes não participamos de uma reunião e alguém diz "vamos parar de discutir", no sentido de pensar e tentar "ver" o problema de outro ângulo? Quantas vezes a gente simplesmente não "enxerga" a questão? Se você realmente quiser ter idéias novas, ser criativo, ser inovador e ter uma opinião independente, aprimore primeiro os seus sentidos. Você estará no caminho certo para começar a pensar.
(Stephen Kanitz, Observar e pensar. Veja, 04.08.2004. Adaptado)

O advérbio ***não***, em uma frase do texto, é empregado de modo enfático, sem o sentido negativo que lhe é próprio. Assinale a alternativa em que isso ocorre.
a) Na época não existia internet nem computadores, o mundo era totalmente diferente.
b) Não que eu seja contra livros, muito pelo contrário.
c) Quase metade das descobertas científicas surgiu não da lógica [...], mas da simples observação.
d) Quantas vezes não participamos de uma reunião e alguém diz "vamos parar de discutir" [...]?
e) Quantas vezes a gente simplesmente não "enxerga" a questão?

19) (UFAC-1997) O PRIMO
Primeira noite ele conheceu que Santina não era moça. Casado por amor, Bento se desesperou. Matar a noiva, suicidar-se, e deixar o outro sem castigo? Ela revelou que, havia dois anos, o primo Euzébio lhe fizera mal, por mais que se defendesse. De vergonha, prometeu a Nossa Senhora ficar solteira. O próprio Bento não a deixava mentir, testemunha de sua aflição antes do casamento. Santina pediu perdão, ele respondeu que era tarde - noiva de grinalda sem ter direito.
(Cemitério de elefantes. Apud CARNEIRO, Agostinho Dias)

Leia com atenção as seguintes frases, reparando nas sublinhas:
I. Bento pretendia morar< do lado de cá >do túnel.
II. <Do lado de lá> do povoado, havia uma serra.
III. Bento gostava de se encontrar com Santina< neste lugar>.
IV. Santina nunca mais foi vista< nesse lugar>.

Se substituírmos as expressões sublinhadas por advérbios de sentidos equivalentes, teremos a seguinte seqüência:
a) aquém - além - aqui - aí
b) além - aquém - aqui - aí
c) aquém - além - ali - aqui
d) além - além - aqui - aí
e) além - aquém - ali - aqui

20) (UFAC-1997) O PRIMO

Primeira noite ele conheceu que Santina não era moça. Casado por amor, Bento se desesperou. Matar a noiva, suicidar-se, e deixar o outro sem castigo? Ela revelou que, havia dois anos, o primo Euzébio lhe fizera mal, por mais que se defendesse. De vergonha, prometeu a Nossa Senhora ficar solteira. O próprio Bento não a deixava mentir, testemunha de sua aflição antes do casamento. Santina pediu perdão, ele respondeu que era tarde - noiva de grinalda sem ter direito.
(Cemitério de elefantes. Apud CARNEIRO, Agostinho Dias)

Na frase "Isso **pouco** importa, eu já lhe falei **bastantes** vezes", as palavras sublinhadas são, respectivamente:
a) advérbio de intensidade e pronome indefinido.
b) pronome indefinido e advérbio de intensidade.
c) pronome indefinido e pronome indefinido.
d) advérbio de intensidade e advérbio de intensidade.
e) advérbio de intensidade, ambas, mas a segunda está grafada erroneamente no plural.

21) (UFPA-1997) OS SAPOS
Manuel Bandeira

Enfunando os papos,
Saem da penumbra.
Aos pulos, os sapos.
A luz os deslumbra.

Em ronco que aterra,
Berra o sapo-boi:
- "Meu pai foi à guerra!"
- "Não foi!" - "Foi!" - "Não foi!"

O sapo-tanoeiro
Parnasiano aguado,
Diz: - "Meu cancioneiro
É bem martelado.

Vede como primo
Em comer os hiatos!
Que arte! E nunca rimo
Os termos cognatos.

O meu verso é bom
Frumento sem joio.
Faço rimas com
Consoantes de apoio.

Vai por cinqüenta anos
Que lhes dei a norma:
Reduzi sem danos
A formas a forma.

Clame a saparia
Em críticas céticas:
Não há mais poesia
Mas há artes poéticas..."

Urra o sapo-boi:
- "Meu pai foi rei" - "Foi!"
- "Não foi!" - "Foi" - "Não foi!"

Brada em um assomo
O sapo-tanoeiro:
- "A grande arte é como
Lavor de joalheiro.

Ou bem de estatutário.
Tudo quanto é belo.
Tudo quanto é vário,
Canta no martelo".

Outros, sapos-pipas
(Um mal em si cabe),
Falam pelas tripas:
-"Sei!" - "Não sabe!" - "Sabe!".

Longe dessa grita,
Lá onde mais densa
A noite infinita
Verte a sombra imensa;

Lá, fugido ao mundo,
Sem glória, sem fé,
No perau profundo
E solitário, é

Que soluças tu,
Transido de frio,
Sapo cururu
Da beira do rio...

Na 12º estrofe, 2º verso, encontra-se o advérbio lá. Qual ou quais o(s) termo(s) de referência representa no poema?

22) (FGV-2005) Os tiranos e os autocratas sempre compreenderam que a capacidade de ler, o conhecimento, os livros e os jornais são potencialmente perigosos. Podem insuflar idéias independentes e até rebeldes nas cabeças de seus súditos. O governador real britânico da colônia de Virgínia escreveu em 1671:
Graças a Deus não há escolas, nem imprensa livre; e espero que não [as] tenhamos nestes [próximos] cem anos; pois o conhecimento introduziu no mundo a desobediência, a heresia e as seitas, e a imprensa divulgou-as e publicou os libelos contra os melhores governos. Que Deus nos guarde de ambos!
Mas os colonizadores norte-americanos, compreendendo em que consiste a liberdade, não pensavam assim. Em seus primeiros anos, os Estados Unidos se vangloriavam de ter um dos índices mais elevados - talvez o mais elevado - de cidadãos alfabetizados no mundo.
Atualmente, os Estados Unidos não são o líder mundial em alfabetização. Muitos dos que são alfabetizados não

conseguem ler, nem compreender material muito simples - muito menos um livro da sexta série, um manual de instruções, um horário de ônibus, o documento de uma hipoteca ou um programa eleitoral.
As rodas dentadas da pobreza, ignorância, falta de esperança e baixa auto-estima se engrenam para criar um tipo de máquina do fracasso perpétuo que esmigalha os sonhos de geração a geração. Nós todos pagamos o preço de mantê-la funcionando. O analfabetismo é a sua cavilha.
Ainda que endureçamos os nossos corações diante da vergonha e da desgraça experimentadas pelas vítimas, o ônus do analfabetismo é muito alto para todos os demais - o custo de despesas médicas e hospitalização, o custo de crimes e prisões, o custo de programas de educação especial, o custo da produtividade perdida e de inteligências potencialmente brilhantes que poderiam ajudar a solucionar os dilemas que nos perseguem.
Frederick Douglass ensinou que a alfabetização é o caminho da escravidão para a liberdade. Há muitos tipos de escravidão e muitos tipos de liberdade. Mas saber ler ainda é o caminho.
(Carl Sagan, O caminho para a liberdade. Em O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro. Adaptado)

Ainda que endureçamos os nossos corações diante da vergonha e da desgraça experimentadas pelas vítimas, o ônus do analfabetismo é muito alto para todos os demais.
A locução *ainda que* e o advérbio *muito* estabelecem, nesse enunciado, relações de sentido, respectivamente, de
a) restrição e quantidade.
b) causa e modo.
c) tempo e meio.
d) concessão e intensidade.
e) condição e especificação.

23) (UFSCar-2002) Soneto de fidelidade
(Vinicius de Moraes)
De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento.

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

Por enquanto
(Renato Russo)
Mudaram as estações
Nada mudou
Mas eu sei que alguma coisa aconteceu
Tá tudo assim, tão diferente
Se lembra quando a gente
Chegou um dia a acreditar
Que tudo era pra sempre
Sem saber
Que o pra sempre
Sempre acaba.

No segundo verso do poema, no qual o poeta mostra como tratará o seu amor, as expressões “com tal zelo”, “sempre” e “tanto” dão, respectivamente, idéia de
a) modo - intensidade - modo.
b) modo - tempo - intensidade.
c) tempo - tempo - modo.
d) finalidade - tempo - modo.
e) finalidade - modo - intensidade.

24) (Fuvest-2002) Talvez pareça excessivo o escrúpulo do Cotrim, a quem não souber que ele possuía um caráter ferozmente honrado. Eu mesmo fui injusto com ele durante os anos que se seguiram ao inventário de meu pai. Reconheço que era um modelo. Argüiam-no de avareza, e cuido que tinham razão; mas a avareza é apenas a exageração de uma virtude e as virtudes devem ser como os orçamentos: melhor é o saldo que o deficit. Como era muito seco de maneiras tinha inimigos, que chegavam a acusá-lo de bárbaro. O único fato alegado neste particular era o de mandar com freqüência escravos ao calabouço, donde eles desciam a escorrer sangue; mas, além de que ele só mandava os perversos e os fujões, ocorre que, tendo longamente contrabandeado em escravos, habituara-se de certo modo ao trato um pouco mais duro que esse gênero de negócio requeria, e não se pode honestamente atribuir à índole original de um homem o que é puro efeito de relações sociais.
(Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas)

O efeito expressivo obtido em “ferozmente honrado” resulta de uma inesperada associação de advérbio com adjetivo, que também se verifica em:
a) sorriso maliciosamente inocente.
b) formas graciosamente curvas.
c) sistema singularmente espantoso.
d) opinião simplesmente abusada.
e) expressão profundamente abatida.

25) (Unifesp-2002) Texto I:
“O Vale de Santarém é um destes lugares privilegiados pela natureza, sítios amenos e deleitosos em que as plantas, o ar, a situação, tudo está numa harmonia suavíssima e perfeita; não há ali nada grandioso nem sublime, mas há uma como simetria de cores, de sons, de

disposição em tudo quanto se vê e se sente, que não parece senão que a paz, a saúde, o sossego do espírito e o repouso do coração devem viver ali, reinar ali um reinado de amor e benevolência. (...) Imagina-se por aqui o Éden que o primeiro homem habitou com a sua inocência e com a virgindade do seu coração.
À esquerda do vale, e abrigado do norte pela montanha que ali se corta quase a pique, está um maciço de verdura do mais belo viço e variedade. (...)
Para mais realçar a beleza do quadro, vê-se por entre um claro das árvores a janela meio aberta de uma habitação antiga, mas não dilapidada - (...) A janela é larga e baixa; parece mais ornada e também mais antiga que o resto do edifício, que todavia mal se vê...”
(Almeida Garrett, Viagens na minha terra.)

Texto II:
“Depois, fatigado do esforço supremo, [o rio] se estende sobre a terra, e adormece numa linda bacia que a natureza formou, e onde o recebe como um leito de noiva, sob as cortinas de trepadeiras e flores agrestes. A vegetação nessas paragens ostentava outrora todo o seu luxo e vigor; florestas virgens se estendiam ao longo das margens do rio, que corria no meio das arcarias de verdura e dos capitéis formados pelos leques das palmeiras.
Tudo era grande e pomposo no cenário que a natureza, sublime artista, tinha decorado para os dramas majestosos dos elementos, em que o homem é apenas um simples comparsa. (...) Entretanto, via-se à margem direita do rio uma casa larga e espaçosa, construída sobre uma eminência e protegida de todos os lados por uma muralha de rocha cortada a pique.”
(José de Alencar, O guarani.)

Texto III:
“Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço
De estar a ela um dia reclinado:
Ali em vale um monte está mudado:
Quanto pode dos anos o progresso!
Árvores aqui vi tão florescentes,
Que faziam perpétua a primavera:
Nem troncos vejo agora decadentes.”
(Cláudio Manuel da Costa, Sonetos-VII.)

Com referência ao texto III, a correlação entre o advérbio de lugar, o objeto que nele se situa e o tempo de existência (ou vida) deste objeto está correta em
a) “Aqui” = “fonte” no presente e “árvores florescentes” no passado.
b) “Ali” = “vale” no presente e “monte” no presente.
c) “Aqui” = “fonte”, “árvores florescentes”, “troncos decadentes” no passado.
d) “Aqui” = “fonte”, “árvores florescentes”, “troncos decadentes” no presente.
e) “Ali” = “vale” no passado e “monte” no passado.

26) (Fuvest-2004) Texto para a questão a seguir

Olhar para o céu noturno é quase um privilégio em nossa atribulada e iluminada vida moderna. (...) Companhias de turismo deveriam criar “excursões noturnas”, em que grupos de pessoas são transportados até pontos estratégicos para serem instruídos por um astrônomo sobre as maravilhas do céu noturno. Seria o nascimento do “turismo astronômico”, que complementaria perfeitamente o novo turismo ecológico. E por que não? Turismo astronômico ou não, talvez a primeira impressão ao observarmos o céu noturno seja uma enorme sensação de paz, de permanência, de profunda ausência de movimento, fora um eventual avião ou mesmo um satélite distante (uma estrela que se move!). Vemos incontáveis estrelas, emitindo sua radiação eletromagnética, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas.
Essa visão pacata dos céus é completamente diferente da visão de um astrofísico moderno. As inocentes estrelas são verdadeiras fornalhas nucleares, produzindo uma quantidade enorme de energia a cada segundo. A morte de uma estrela modesta como o Sol, por exemplo, virá acompanhada de uma explosão que chegará até a nossa vizinhança, transformando tudo o que encontrar pela frente em poeira cósmica. (O leitor não precisa se preocupar muito. O Sol ainda produzirá energia “docilmente” por mais uns 5 bilhões de anos.)
(Marcelo Gleiser, Retalhos cósmicos)

Na frase “O Sol ainda produzirá energia (...)”, o advérbio *ainda* tem o mesmo sentido que em:
a) Ainda lutando, nada conseguirá.
b) Há ainda outras pessoas envolvidas no caso.
c) Ainda há cinco minutos ela estava aqui.
d) Um dia ele voltará, e ela estará ainda à sua espera.
e) Sei que ainda serás rico.

27) (FGV-2002) Um cachorro de maus bofes acusou uma pobre ovelhinha de lhe haver furtado um osso.
- Para que furtaria eu esse osso - ela - se sou herbívora e um osso para mim vale tanto quanto um pedaço de pau?
- Não quero saber de nada. Você furtou o osso e vou levá-la aos tribunais.
E assim fez.
Queixou-se ao gavião-de-penacho e pediu-lhe justiça. O gavião reuniu o tribunal para julgar a causa, sorteando para isso doze urubus de papo vazio.
Comparece a ovelha. Fala. Defende-se de forma cabal, com razões muito irmãs das do cordeirinho que o lobo em tempos comeu.
Mas o júri, composto de carnívoros gulosos, não quis saber de nada e deu a sentença:
- Ou entrega o osso já e já, ou condenamos você à morte!
A ré tremeu: não havia escapatória!... Osso não tinha e não podia, portanto, restituir; mas tinha vida e ia entregá-la em pagamento do que não furtara.

Assim aconteceu. O cachorro sangrou-a, espostejou-a, reservou para si um quarto e dividiu o restante com os juízes famintos, a título de custas...
(Monteiro Lobato. Fábulas e Histórias Diversas)

Leia atentamente a seguinte frase extraída do texto: "*Ou entrega o osso já e já, ou condenamos você à morte*!". Poder-se-ia dispensar uma das formas *já* dessa frase sem alterar-lhe o sentido? Explique.

28) (UFOP-2001) UM CHORINHO EM MENTE

Descompassadamente
Taquicardicamente
Descontroladamente
Eu desejei você
Apaixonadamente
Lovestoricamente
Idolatradamente
Eu adorei você
Enfeitiçadamente
Heliotropicamente
Apostolicamente
Eu segui você
Resignadamente
Cristianissimamente
Interminavelmente
Eu perdoei você
Astuciosamente
Maquiavelicamente
Silenciosamente
Você me enredou
Insaciavelmente
Aracnidicamente
Canibalescamente
Você me devorou
Indecorosamente
Despudoradamente
Pornograficamente
Você me enganou
Arrasadoramente
Desmoralizantemente
Definitivamente
Você me aniquilou
(Laerte Freire)

O texto explora o uso de um mesmo processo de formação de palavras.

a) Que processo é esse? Explique-o.]
b) Que hipóteses poderiam ser levantadas a respeito das intenções do autor ao usar esse recurso?

29) (UFV-2005)

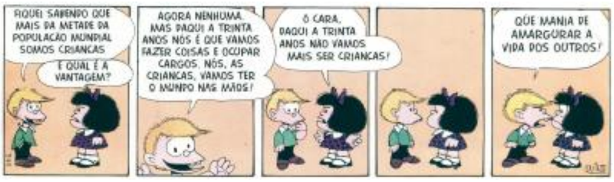
FIQUEI SABENDO QUE MAIS DA METADE DA POPULACÃO MUNDIAL SOMOS CRIANCAS
E QUAL É A VANTAGEM?
AGORA NENHUMA. MAS DAQUI A TRINTA ANOS NÓS É QUE VAMOS FAZER COISAS E OCUPAR CARGOS. NÓS, AS CRIANCAS, VAMOS TER O MUNDO NAS MÃOS!
Ó CARA, DAQUI A TRINTA ANOS NÃO VAMOS MAIS SER CRIANCAS!
QUE MANIA DE AMARGURAR A VIDA DOS OUTROS!

"Mas daqui a trinta anos nós é que vamos fazer coisas e ocupar cargos." Das alterações processadas abaixo, aquela em que NÃO ocorre substancial mudança de sentido é:
a) Por isso daqui a trinta anos nós é que vamos fazer coisas inclusive ocupar cargos.
b) Além disso daqui a trinta anos nós é que vamos fazer coisas sem ocupar cargos.
c) Tanto que daqui a trinta anos nós é que vamos fazer coisas e ocupar cargos.
d) No entanto daqui a trinta anos nós é que vamos fazer coisas além de ocupar cargos.
e) Portanto daqui a trinta anos nós é que vamos fazer coisas assim como ocupar cargos.

30) (UFSCar-2002) O grande clandestino
(Aníbal Machado)
Eu me distraio muito com a passagem do tempo.
Chego às vezes a dormir. O tempo então aproveita e
[passa escondido.
Mas com que velocidade!
Basta ver o estado das coisas depois que desperto:
[quase todas fora do lugar, ou desaparecidas; outras
[com uma prole imensa;
O que é preciso é nunca dormir, e ficar vigilante, para
[obrigá-lo ao menos a disfarçar a evidência de suas
[metamorfoses.
(...)
Contudo, não se deve ligar demasiada importância ao
[tempo. Ele corre de qualquer maneira.
É até possível que não exista.
Seu propósito evidente é envelhecer o mundo.
Mas a resposta do mundo é renascer sempre para o
[tempo.

Texto 2
O tempo e os relógios
(Cecília Meireles)
Creia-se ou não, todo mundo sente que o tempo passa. Não precisamos olhar para o espelho nem para nenhum relógio: o tempo está em nosso coração, e ouve-se; o tempo está em nosso pensamento, e lembra-se. "Vou matando o tempo, enquanto o tempo não me mata" - respondia-me na Índia um grande homem amigo meu, cada vez que perguntava como ia passando.
(...)
Em todo caso, esses são os tempos grandes. O tempo

pequeno é o dos nossos relógios.

Muitos recursos lingüísticos garantem ao texto a sua coesão e expressividade.

No texto de Aníbal Machado, os termos “mas” (3º verso) e “contudo” (6º verso) têm a mesma função coesiva e expressiva? Justifique a sua resposta.

No trecho do texto 2 “Não precisamos olhar para o espelho nem para nenhum relógio: o tempo está em nosso coração, e ouve-se...”, os dois pontos poderiam ser substituídos por um conectivo para ligar as orações. Reescreva o trecho, explicitando esse elemento de ligação das orações.

31) (Faap-1996) Dario vinha apressado, o guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina, diminuiu o passo até parar, encostando-se à parede de uma casa. Foi escorregando por ela, de costas, sentou-se na calçada, ainda úmida da chuva, e descansou no chão o cachimbo.

Dois ou três passantes rodearam-no, indagando se não estava se sentindo bem. Dario abriu a boca, moveu os lábios, mas não se ouviu resposta. Um senhor gordo, de branco, sugeriu que ele devia sofrer de ataque.

Estendeu-se mais um pouco, deitado agora na calçada, o cachimbo a seu lado tinha apagado. Um rapaz de bigode pediu ao grupo que se afastasse, deixando-o respirar. E abriu-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe retiraram os sapatos, Dario roncou pela garganta e um fio de espuma saiu do canto da boca.

Cada pessoa que chegava se punha na ponta dos pés, embora não pudesse ver. Os moradores da rua conversavam de uma porta à outra, as crianças foram acordadas e vieram de pijama às janelas. O senhor gordo repetia que Dario sentara-se na calçada, soprando ainda a fumaça do cachimbo e encostando o guarda-chuva na parede. Mas não se via guarda-chuva ou cachimbo ao lado dele.

Uma velhinha de cabeça grisalha gritou que Dario estava morrendo. Um grupo transportou-o na direção do táxi estacionado na esquina. Já tinha introduzido no carro metade do corpo, quando o motorista protestou: se ele morresse na viagem? A turba concordou em chamar a ambulância. Dario foi conduzido de volta e encostado à parede - não tinha os sapatos e o alfinete de pérola na gravata.

(Dalton Trevisan)

"(1) Cada pessoa / (2) que chegava, / (1) se punha na ponta dos pés, / (3) embora não pudesse ver."
Há no texto três orações, e estão numeradas. A segunda - QUE CHEGAVA - é subordinada:

a) substantiva subjetiva
b) substantiva objetiva direta
c) adverbial causal
d) adverbial final
e) adjetiva

32) (Fatec-1997) Quando jovem, Antônio Vieira acreditava nas palavras, especialmente nas que eram ditas com fé. No entanto, todas as palavras que ele dissera, nos púlpitos, na salas de aula, nas reuniões, nas catequeses, nos corredores, nos ouvidos dos reis, clérigos, inquisidores, duques, marqueses, ouvidores, governadores, ministros, presidentes, rainhas, príncipes, indígenas, desses milhões de palavras ditas com esforço de pensamento, poucas - ou nenhuma delas - havia surtido efeito. O mundo continuava exatamente o de sempre. O homem, igual a si mesmo.

Ana Miranda, BOCA DO INFERNO

Antônio Vieira acreditava nas palavras.
No entanto, poucas palavras haviam surtido efeito.
Assinale a alternativa que contém período de mesma classificação sintática que o período anterior:
a) Vivera como um santo; o que se dizia dele, entretanto, era bem diferente.
b) Como não tivera culpa comprovada, Teles de Menezes pôde voltar à sua terra natal.
c) Enquanto isso se passava, na Universidade do México me dedicaram umas conclusões de teologia.
d) Se Ignácio de Loyola estivesse vivo estaria aplaudindo e apoiando seu soldado.
e) Afinal, tudo aconteceu por culpa do pedido que meu pai lhe fizera.

33) (Faap-1996) "Mas eu o exasperava tanto QUE se tornara doloroso para mim ser o objeto do ódio daquele homem QUE de certo modo eu amava."
Há no período duas orações que se iniciam com o conectivo QUE. A primeira dá idéia de:
a) condição
b) conseqüência
c) concessão
d) causa
e) tempo

34) (FGV-1996) (Transformação de períodos):
EXEMPLO: Paulo é grande e seu irmão Pedro é maior.
1. nexo lógico de comparação;
primeira possibilidade: Pedro é maior do que Paulo, seu irmão.
segunda possibilidade: Paulo é menor do que Pedro, seu irmão.

O rio Tietê continua sujo e falta água em São Paulo.

Em três estruturas diferentes, reconstrua - com duas possibilidades cada - período acima, efetuando as alterações necessárias para estabelecer entre as orações nexos lógicos de:
1.contraste
2.condicionalidade
3.finalidade

35) (UEPB-2006) “ Será através da educação que faremos a revolução no campo. Para tanto é necessário capital. **Como** Zé Américo podemos dizer:
“eu sei onde está o dinheiro”. O dinheiro existe, mas o que não pode continuar é essa roubalheira escancarada...”
(Correio da Paraíba, 24/05/05)
Assinale, entre as propostas abaixo, aquela em que a expressão **COMO** tem a mesma classificação daquele em destaque no trecho citado, mantendo um sentido aproximado.
a) “O resto é calúnia, eles são dois velhinhos que dividem uma linda história de amor, tratam-se de senhor e senhora, como se fazia antigamente, e sempre viveram juntos, embora em domicílios separados”, diz a advogada dele, Paule Le Bail.
(Veja, n. 23, ano 38, 08/06/05)
b) (...) os consumidores mais endinheirados trocam de celular todo ano, em busca de funções mais avançadas, como telas com mais cores e câmaras com resolução superior.
(Veja, n.14, ano 38, 06/04/05)
c) Como escolher um plano familiar (...) O primeiro passo ao escolher um plano de descontos em ligações no celular é levantar quanto cada pessoa da família usa o telefone.
(Veja, n.14, ano 38, 06/04/05)
d) O Banco Central estuda como tornar os caixas eletrônicos compatíveis entre si.
(Veja, n. 23, ano 38, 08/06/05)
e) Como todo sucesso tem seu preço, Gislaine convive com ameaças de morte ... e anda escoltada por seguranças.
(Veja, n.14, ano 38, 06/04/05)

36) (UERJ-2001) “A caricatura não tem por objeto principal fazer rir. Isto é tão certo que há caricaturas lúgubres. Porque encontra o riso em seu caminho, a caricatura afinal não tem nada duma arte do riso, como têm avançado muitos autores, e assim a considera o preconceito corrente. (...) Longe de ser um testemunho da alegria, o próprio exagero caricatural não é senão um meio, nas mãos do artista, para exprimir seu rancor. Não há por que nos surpreendermos com isso. Como, realmente, à força de muito advertidos a respeito daquilo que mascara a mímica social, não cairmos em meditação cheia de desgosto? Como não nos deixarmos possuir por uma espécie de desencantamento, uma como que fadiga da alma, à custa de muito vermos e de vermos muito bem?”
(GAULTIER, Paul. In: LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.)

Porque encontra o riso em seu caminho, a caricatura afinal não tem nada duma arte do riso...

Neste trecho, percebemos que o conectivo “porque” está sendo empregado com um significado diferente do usual. A substituição do conectivo que preserva o sentido original do trecho é:
a) Se encontrar o riso em seu caminho, ...
b) Ainda que encontre o riso em seu caminho, ...
c) Já tendo encontrado o riso em seu caminho, ...
d) Em virtude de encontrar o riso em seu caminho, ...

37) (Mack-2004) “De aorcdo com uma pqsieusa de uma uinrvesiddae ignlsea, não ipomtra em qaul odrem as lrteas de uma plravaa etãso, a úncia csoia iprotmatne é que a piremria e a úlmlia lrteas etejasm no lgaur crteo. O rseto pdoe ser uma ttaol bçguana que vcoê pdoe anida ler sem pobrlmea. Itso é poqrue nós não lmeos cdaa lrtea isladoa, mas a plaravaa cmoo um tdoo.” Não, o trecho acima não foi publicado por descuido. Trata-se de uma brincadeira que está circulando na internet, mas que é baseada em princípios científicos: “O cérebro aplica um sistema de inferência nos processo de leitura. Esse sistema, chamado ‘sistema de preenchimento’, se baseia em pontos nodais ou relevantes, a partir dos quais o cérebro completa o que falta ou coloca as partes corretas nos seus devidos lugares”, explica o neurologista Benito Damasceno. Esse mecanismo não funciona apenas com a leitura: “Quando vemos apenas uma ponta de caneta, por exemplo, somos capazes de inferir que aquilo é uma caneta inteira”, diz Damasceno.

Considere as seguintes afirmações sobre o segundo parágrafo.
I. A conjunção “mas” permite pressupor que conhecimentos científicos, geralmente, não se manifestam em brincadeiras.
II. A negativa com que é iniciado tem a função de simular um diálogo com o leitor.
III. Os dois-pontos introduzem trecho que fundamenta a informação enunciada anteriormente.
Assinale
a) se todas as afirmativas estiverem corretas.
b) se todas as afirmativas estiverem incorretas.
c) se apenas I e II estiverem corretas.
d) se apenas I e III estiverem corretas.
e) se apenas II e III estiverem corretas.

38) (UEPB-2006) “O governo federal não pode tratar igualmente os desiguais, tem de investir mais nas regiões **que** venha possibilitar um crescimento maior e a unificação desses dois Brasis.” (Correio da Paraíba, 24/05/05) Listamos abaixo (de I a IV) explicações sobre o termo **QUE**, sob os aspectos morfológico e sintático. Assinale a alternativa (de **a** a **e**) que corresponde à(às) justificativa(s) possível(is) quanto à escolha do autor no trecho citado:

I. QUE é uma conjunção consecutiva e estabelece uma relação de resultado ou conseqüência entre investimento nas regiões e crescimento dos dois Brasis.
II. QUE é uma conjunção final (com elipse da preposição “para”) e estabelece uma relação de finalidade entre investimento nas regiões e crescimento dos dois Brasis.
III. QUE é um pronome relativo e expressa noção de ênfase à possibilidade de crescimento e unificação dos dois Brasis.
IV. QUE é um pronome relativo e tem como referente o termo “regiões”.

a) Apenas a explicação IV está correta.
b) As explicações III e IV estão corretas.
c) Apenas a explicação I está correta.
d) Apenas a explicação II está correta.
e) As explicações I e II estão corretas.

39) (Mack-2002) … isto de método, sendo, como é, uma cousa indispensável, todavia é melhor tê-lo sem gravata nem suspensórios, mas um pouco à fresca e à solta (…).

Assinale a alternativa correta sobre o fragmento transcrito.

a) **isto** tem o mesmo valor da interjeição presente na frase: Isto! Você superou brilhantemente o obstáculo!.
b) A frase sendo uma cousa indispensável expressa, no contexto, uma condição.
c) **como é** constitui recurso para não deixar dúvida sobre a afirmação que está sendo articulada.
d) todavia pode ser substituído, sem prejuízo do sentido original, por **porque.**
e) O acento indicativo da crase observado em à solta ocorreria corretamente também **em chegou à escrever aos pais.**

40) (FGV-2004)
1. Era no tempo que ainda os portugueses não
2. haviam sido por uma tempestade empurrados para
3. a terra de Santa Cruz. Esta pequena ilha abundava
4. de belas aves e em derredor pescava-se excelente
5. peixe. Uma jovem tamoia, cujo rosto moreno parecia
6. tostado pelo fogo em que ardia-lhe o coração,
7. uma jovem tamoia linda e sensível, tinha por habitação
8. esta rude gruta, onde ainda então não se via
9. a fonte que hoje vemos. Ora, ela, que até os quinze
10. anos era inocente como a flor, e por isso alegre
11. e folgazona como uma cabritinha nova, começou a
12. fazer-se tímida e depois triste, como o gemido da
13. rola; a causa disto estava no agradável parecer de
14. um mancebo da sua tribo, que diariamente vinha
15. caçar ou pescar à ilha, e vinte vezes já o havia feito
16. sem que de uma só desse fé dos olhares ardentes
17. que lhe dardejava a moça. O nome dele era Aoitin;
18. o nome dela era Ahy.
19. A pobre Ahy, que sempre o seguia, ora lhe apanhava
20. as aves que ele matava, ora lhe buscava as flechas
21. disparadas, e nunca um só sinal de reconhecimento
22. obtinha; quando no fim de seus trabalhos,
23. Aoitin ia adormecer na gruta, ela entrava de manso
24. e com um ramo de palmeira procurava, movendo o
25. ar, refrescar a fronte do guerreiro adormecido. Mas
26. tantos extremos eram tão mal pagos que Ahy, de
27. cansada, procurou fugir do insensível moço e fazer
28. por esquecê-lo; porém, como era de esperar, nem
29. fugiu-lhe e nem o esqueceu.
30. Desde então tomou outro partido: chorou. Ou
31. porque a sua dor era tão grande que lhe podia
32. exprimir o amor em lágrimas desde o coração até
33. os olhos, ou porque, selvagem mesmo, ela já tinha
34. compreendido que a grande arma da mulher está
35. no pranto, Ahy chorou.

MACEDO, Joaquim Manuel de. A Moreninha. São Paulo: Ática, 1997, p. 62-63.

Observe:
“A pobre Ahy, que sempre o seguia, ora lhe apanhava as aves que ele matava, ora lhe buscava as flechas disparadas, e nunca um só sinal de reconhecimento obtinha...” (L. 19-20-21-22)

a) Que diferenças podem ser apontadas entre a palavra ora, nesse trecho, e a palavra hora, que não está no texto?
b) Cite outra passagem do texto em que se encontram palavras com o mesmo emprego e sentido semelhante ao de ora, nesse trecho.

41) (ESPM-2006) A morte do livro
FERREIRA GULLAR

A morte do livro como veículo da literatura já foi profetizada várias vezes na chamada época moderna. E não por inimigos da literatura, mas pelos escritores mesmos. Até onde me lembro, o primeiro a fazer essa profecia foi nada menos que o poeta Guillaume Apollinaire, no começo do século 20.

Entusiasmado com a invenção do gramofone (ou vitrola), acreditou que os poetas em breve deixariam de imprimir seus poemas em livros para gravá-los em discos, com a vantagem — segundo ele, indiscutível — de o antigo leitor, tornado ouvinte, ouvi-los na voz do próprio poeta. [...]

De qualquer modo, Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas enquanto o disco veio servir mesmo foi aos cantores e compositores de canções populares, [...].

O mais recente profeta do fim do livro é o romancista norte-americano Philip Roth, que, numa entrevista, fez o prenúncio. Na verdade, ele anunciou o fim da própria literatura e não por falta de escritores, mas de leitores. Certamente, referia-se a certo tipo de literatura, pois obras de ficção como “O Código Da Vinci” e “Harry Potter” alcançam tiragens de milhões de exemplares em todos os idiomas.

Outro fenômeno que contradiz a tese de que as pessoas lêem cada vez menos é o crescente tamanho dos “best-sellers”: ultimamente, os volumes ultrapassam as 400 ou 500 páginas, havendo os que atingem mais de 800. Tais dados põem em dúvida, mais uma vez, as previsões da morte do livro e da literatura. [...]

A visão simplificadora consiste em não levar em conta alguns fatores que estão ocultos, mas atuantes na sociedade de massa: fatores qualitativos que a avaliação meramente quantitativa ignora. Começa pelo fato de que são as obras literárias de qualidade, e não as que constituem mero passatempo, que influem na construção do universo imaginário da época. É indiscutível que tais obras atingem, inicialmente, um número reduzido de leitores, mas é verdade também que, através deles, com o passar do tempo, influem sobre um número cada vez maior de indivíduos — e especialmente sobre aqueles que constituem o núcleo social irradiador das idéias.

Costumo, a propósito desta discussão, citar o exemplo de um livro de poemas que nasceu maldito: “As Flores do Mal”, de Charles Baudelaire, cuja primeira edição, em reduzida tiragem, data de 1857. Naquela mesma época havia autores cujos livros alcançavam tiragens consideráveis, que às vezes chegavam a mais de 30 mil exemplares. Esses livros cumpriram sua missão, divertiram os leitores e depois foram esquecidos, como muitos “best-sellers” de nossa época. Enquanto isso, o livro de poemas de Baudelaire — cuja venda quase foi proibida pela Justiça —, que vem sendo reeditado e traduzido em todas as línguas, já deve ter atingido, no total das tiragens, muitos milhões de exemplares. O verdadeiro “best-seller” é ele ou não é? [...]

*(*Folha de São Paulo*, 19/03/2006)*

No trecho: “...Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas...”, o conector em negrito só não possui o mesmo valor semântico de:

a) porque.
b) conquanto.
c) visto que.
d) uma vez que.
e) como.

42) (Unifesp-2003) A questão a seguir é relacionada a uma passagem bíblica e a um trecho da canção “Cálice”, realizada em 1973, por Chico Buarque (1944-) e Gilberto Gil (1942-).

Texto Bíblico

Pai, se queres, afasta de mim este cálice! Contudo, não a minha vontade, mas a tua seja feita! (Lucas, 22)
(in: Bíblia de Jerusalém. 7ª impressão. São Paulo: Paulus, 1995)

Trecho de Canção

Pai, afasta de mim esse cálice!
Pai, afasta de mim esse cálice!
Pai, afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue.

Como beber dessa bebida amarga,
Tragar a dor, engolir a labuta,
Mesmo calada a boca, resta o peito,
Silêncio na cidade não se escuta.
De que me vale ser filho da santa,
Melhor seria ser filho da outra,
Outra realidade menos morta,
Tanta mentira, tanta força bruta.
....
(in: www.uol.com.br/chicobuarque/)

A frase *Contudo, não a minha vontade, mas a tua seja feita!* contém dois conectivos adversativos. O conectivo mas estabelece coesão entre a oração a tua [vontade] seja feita e a oração não [seja feita] a minha vontade. O conectivo contudo estabelece coesão entre

a) a oração implícita [se não queres] e a oração não [seja feita] a minha vontade.
b) a oração se queres e a oração não [seja feita] a minha vontade.
c) a oração afasta de mim este cálice! e a oração a tua [vontade] seja feita.
d) a oração implícita [se não queres] e a oração a tua [vontade] seja feita.
e) a oração a tua [vontade] seja feita e a oração não [seja feita] a minha vontade.

43) (UNIUBE-2002) A questão abaixo refere-se ao texto retirado de “Dom Casmurro”, de Machado de Assis, transcrito abaixo.

Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei num trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos. A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem inteiramente maus. Sucedeu, porém, que, como eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso.
- Continue, disse eu acordando.
- Já acabei, murmurou ele.
- São muito bonitos.
Vi-lhe fazer um gesto para tirá-los outra vez do bolso, mas não passou do gesto; estava amuado.
No dia seguinte entrou a dizer de mim nomes feios, e acabou alcunhando-me “Dom Casmurro”. Os vizinhos, que não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha, que afinal pegou. Nem por isso me zanguei. Contei a anedota aos amigos da cidade, e eles, por graça, chamam-me assim, alguns em bilhetes: “Dom Casmurro, domingo vou jantar com você.” “ ___ Vou para Petrópolis, Dom Casmurro; a casa é a mesma da Renânia; vê se deixas essa caverna do Engenho Novo, e vai lá passar uns quinze dias comigo.” “___ Meu caro Dom Casmurro, não cuide que o dispenso do teatro amanhã; venha e dormirá aqui na cidade; dou-lhe camarote, dou-lhe chá, dou-lhe cama; só não lhe dou moça.”
Não consultes dicionários. “Casmurro” não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. “Dom” veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo. Tudo por estar cochilando! Também não achei melhor título para a minha narração ___ se não tiver outro daqui até ao fim do livro, vai este mesmo. O meu poeta do trem ficará sabendo que não lhe guardo ranço. E com pequeno esforço, sendo o título seu, poderá cuidar que a obra é sua. Há livros que apenas terão isso dos seus autores; alguns nem tanto.

“Sucedeu, porém, que, **como eu estava cansado**, fechei os olhos três ou quatro vezes...”

Assinale a alternativa que melhor corresponde ao trecho destacado acima.
a) apesar de eu estar cansado.
b) enquanto eu estava cansado.
c) porque eu estava cansado.
d) embora eu estivesse cansado.

44) (Unifesp-2003) A questão seguinte baseia-se no poema “Pneumotórax”, do modernista Manuel Bandeira (1886-1968).

Pneumotórax
Febre, hemoptise, dispnéia e suores noturnos.
A vida inteira que podia ter sido e que não foi.
Tosse, tosse, tosse.
Mandou chamar o médico:
- Diga trinta e três.
- Trinta e três... trinta e três... trinta e três...
- Respire.
....
- O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.
- Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?
- Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.
(Manuel Bandeira, Libertinagem)

Em uma de suas ocorrências, no poema Pneumotórax, a conjunção *e* poderia ser substituída por *mas*, sem prejuízo semântico. Essa possibilidade verifica-se em
a) dispnéia, e suores noturnos
b) trinta e três... trinta e três
c) Diga trinta e três
d) pulmão esquerdo e o pulmão direito
e) ter sido e que não foi

45) (UFES-2002) Ainda que mal
Carlos Drummond de Andrade

Ainda que mal pergunte,
ainda que mal respondas;
ainda que mal te entenda,
ainda que mal repitas;
ainda que mal insista,
ainda que mal desculpes;
ainda que mal me exprima,
ainda que mal me julgues;
ainda que mal me mostre,
ainda que mal me vejas;
ainda que mal te encare,
ainda que mal te furtes
ainda que mal te siga,
ainda que mal te voltes;
ainda que mal te ame,
ainda que mal o saibas;
ainda que mal te agarre,
ainda que mal te mates;
ainda assim te pergunto
e me queimando em teu seio,
me salvo e me dano: amor.

O termo que introduz a maioria dos versos do texto acima estabelece relação de
a) comparação.
b) condição.
c) concessão.
d) conformidade.
e) finalidade.

46) (Fuvest-2000) Ao se discutirem as idéias expostas na assembléia, chegou-se à seguinte conclusão: pôr em confronto **essas idéias** com outras menos polêmicas seria avaliar melhor o peso **dessas idéias** , à luz do princípio geral que vem regendo **as mesmas idéias**.

a) Transcreva o texto, substituindo as expressões sublinhadas por pronomes pessoais que lhes sejam correspondentes e efetuando as alterações necessárias.

b) Reescreva a oração *Ao se discutirem as idéias expostas na assembléia*, introduzindo-a pela conjunção adequada e mantendo a correlação entre os tempos verbais.

47) (Mack-1996) Assinale a alternativa que apresenta a seqüência correta para preencher as lacunas.

______ estivesse adoentado, compareceu a todas as reuniões, ______ não pôde prestar grande colaboração, ______ estava sem energia ______ participar dos debates.

a) todavia - porque - mas - a fim de
b) mesmo que - pois - mas - para
c) ainda que - logo - embora - para
d) embora - mas - pois - para
e) apesar de que - pois - porque - para

48) (IBMEC-2007) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

- Deu-me alguns motivos ________ me pareciam inconsistentes.
- As informações ________ dependo são sigilosas.
- Lembro-me ________ ele só usava camisas brancas.
- Feliz do pai ________ filhos são ajuizados.
- Vivemos um momento ________ os graves problemas econômicos impedem uma maior mobilidade social.

a) cujos, nas quais, de que, cujo os, no qual
b) que, das quais, de que, cujos, em que
c) os quais, de que, que, o qual, onde
d) que, de que, que, cujos, onde
e) dos quais, de que, que, de cujos, no qual

49) (UEL-1995) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

A visão ..... dos fatos explica ..... apenas alguns alunos foram premiados.

a) destorcida - porque.
b) distorcida - por que.
c) distorcida - porque.
d) destorcida - por que.
e) destorcida - porquê.

50) (ENEM-2004) Cidade grande
Que beleza, Montes Claros.
Como cresceu Montes Claros.
Quanta indústria em Montes Claros.
Montes Claros cresceu tanto,
ficou urbe tão notória,
prima-rica do Rio de Janeiro,
que já tem cinco favelas
por enquanto, e mais promete.
(Carlos Drummond de Andrade)

No trecho “Montes Claros cresceu tanto,/ (...),/ que já tem cinco favelas”, a palavra *que* contribui para estabelecer uma relação de conseqüência. Dos seguintes versos, todos de Carlos Drummond de Andrade, apresentam esse mesmo tipo de relação:

a) “Meu Deus, por que me abandonaste / se sabias que eu não era Deus / se sabias que eu era fraco.”
b) “No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu / a ninar nos longes da senzala - e nunca se esqueceu / chamava para o café.”
c) “Teus ombros suportam o mundo / e ele não pesa mais que a mão de uma criança.”
d) “A ausência é um estar em mim. / E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços, / que rio e danço e invento exclamações alegres.”
e) “Penetra surdamente no reino das palavras. / Lá estão os poemas que esperam ser escritos.”

51) (Fuvest-2001) Considerando-se a relação lógica existente entre os dois segmentos dos provérbios adiante citados, o espaço pontilhado **NÃO** poderá ser corretamente preenchido pela conjunção ***mas***, apenas em:

a) Morre o homem, (...) fica a fama.
b) Reino com novo rei (...) povo com nova lei.
c) Por fora bela viola, (...) por dentro pão bolorento.
d) Amigos, amigos! (...) negócios à parte.
e) A palavra é de prata, (...) o silêncio é de ouro.

52) (UNIFESP-2005) Considere as afirmações:

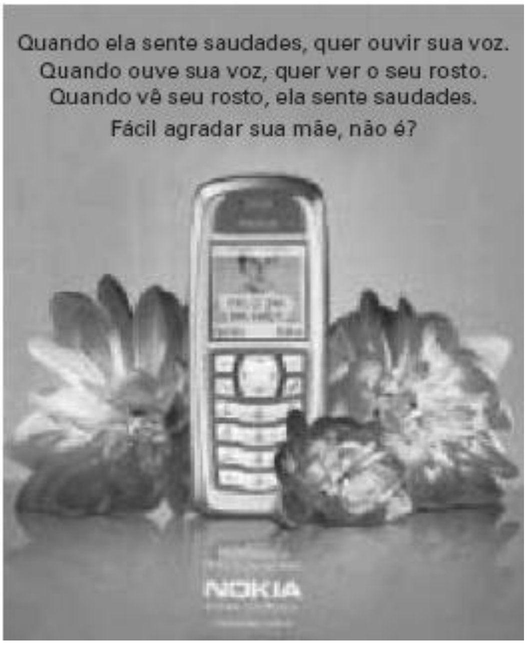

Quando ela sente saudades, quer ouvir sua voz.
Quando ouve sua voz, quer ver o seu rosto.
Quando vê seu rosto, ela sente saudades.
Fácil agradar sua mãe, não é?

(Veja, 12.05.2004.)

I. Os pronomes sua e seu referem-se ao receptor da mensagem, que pode ser uma pessoa do sexo masculino ou do sexo feminino.
II. Se a conjunção Quando fosse substituída por Se, os verbos teriam outra flexão.
III. Embora possua classificação gramatical diferente da conjunção Quando, Se poderia configurar na propaganda, pois apresentaria a idéia de forma coerente.
IV. Num nível de linguagem bastante informal, a última frase poderia assumir a seguinte forma: “Facinho agradar sua mãe, né?”
Estão corretas somente as afirmações:
a) I e II.
b) II e IV.
c) III e IV.
d) I, II e III.
e) I, III e IV.

53) (FUVEST-2007) Das vãs sutilezas
Os homens recorrem por vezes a sutilezas fúteis e vãs para atrair nossa atenção. (...) Aprovo a atitude daquele personagem a quem apresentaram um homem que com tamanha habilidade atirava um grão de alpiste que o fazia passar pelo buraco de uma agulha sem jamais errar o golpe. Tendo pedido ao outro que lhe desse uma recompensa por essa habilidade excepcional, atendeu o solicitado, de maneira prazenteira e justa a meu ver, mandando entregar-lhe três medidas de alpiste a fim de que pudesse continuar a exercer tão nobre arte. É prova irrefutável da fraqueza de nosso julgamento apaixonarmo-nos pelas coisas só porque são raras e inéditas, ou ainda porque apresentam alguma dificuldade, muito embora não sejam nem boas nem úteis em si.
Montaigne, Ensaios.

A expressão sublinhada no trecho “...ou ainda porque apresentam alguma dificuldade, **muito embora** não sejam nem boas nem úteis em si” pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido, por
a) desde que.
b) contanto que.
c) uma vez que.
d) a não ser que.
e) se bem que.

54) (Fuvest-1998) Detenho-me diante de uma lareira e olho o fogo. É gordo e vermelho, como nas pinturas antigas; remexo as brasas com o ferro, baixo um pouco a tampa de metal e então ele chia com mais força, estala, raiveja, grunhe. Abro: mais intensos clarões vermelhos lambem o grande quarto e a grande cômoda velha parece regozijar-se ao receber a luz desse honesto fogo. Há chamas douradas, pinceladas azuis, brasas rubras e outras cor-de-rosa, numa delicadeza de guache. Lá no alto, todas as minhas chaminés devem estar fumegando com seus penachos brancos na noite escura; não é a lenha do fogo, é toda a minha fragata velha que estala de popa a proa, e vai partir no mar de chuva. Dentro, leva cálidos corações.

A mesma relação semântica assinalada pela conjunção e na frase "Detenho-me diante de uma lareira e olho o fogo" encontra-se também em:
a) E, a cada dia, você tem mais lugares onde pode contar com a comodidade de pagar suas despesas com cartões de crédito.
b) Realizada pela primeira vez em outubro do ano passado, a Semana de Arte e Cultura da USP tenta conquistar seu espaço na agenda cultural de São Paulo.
c) Carro quebra no meio da estrada e casal pede ajuda a um motorista que passa pelo local.
d) Quisera falar com o ladrão, e nada fizera.
e) E seu irmão Dito é o dono daqui?

55) (PUC-SP-2005) É CARNAVAL
E então chegava o Carnaval, registrando-se grandes comemorações ao Festival de Besteira. Em Goiânia o folião Cândido Teixeira de Lima brincava fantasiado de Papa Paulo VI e provava no salão que não é tão cândido assim, pois aproveitava o mote da marcha Máscara Negra e beijava tudo que era mulher que passasse dando sopa.
Um padre local, por volta da meia-noite, recebeu uma denúncia e foi para o baile, exigindo da Polícia que o Papa de araque fosse preso. Em seguida, declarou: “Brincar o Carnaval já é um pecado grave. Brincar fantasiado de Papa é uma blasfêmia terrível.”
O caso morreu aí e nunca mais se soube o que era mais blasfêmia: um cidadão se fantasiar de Papa ou o piedoso sacerdote encanar o Sumo Pontífice.
E enquanto todos pulavam no salão, o dólar pulava no câmbio. Há coisas inexplicáveis! Até hoje não se sabe por

que foi durante o Carnaval que o Governo aumentou o dólar, fazendo muito rico ficar mais rico. E, porque o Ministro do Planejamento e seus cúmplices, aliás, digo, seus auxiliares, aumentaram o dólar e desvalorizaram o cruzeiro em pleno Carnaval, passaram a ser conhecidos por Acadêmicos do Cruzeiro - numa homenagem também aos salgueirenses que, no Carnaval de 1967, entraram pelo cano.
(PRETA, Stanislaw Ponte.FEBEAPÁ 2 - 2º- Festival de Besteira que Assola o País. 9ª- edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993, p. 32)

Observe o enunciado a seguir:
Em Goiânia o folião Cândido Teixeira de Lima brincava fantasiado de Papa Paulo VI e provava no salão que não é tão cândido assim, pois aproveitava o mote da marcha Máscara Negra e beijava tudo que era mulher que passasse dando sopa.
As orações sublinhadas, em relação às anteriores, indicam, respectivamente, a idéia de
a) adição e finalidade.
b) meio e fim.
c) alternância e oposição.
d) adição e causa.
e) explicação e conclusão.

56) (PUC - RJ-2006) Entre a desordem carnavalesca, que permite e estimula o excesso, e a ordem, que requer a continência e a disciplina pela obediência estrita às leis, como é que nós, brasileiros, ficamos? Qual a nossa relação e a nossa atitude para com e diante de uma lei universal que teoricamente deve valer para todos? Como procedemos diante da norma geral, se fomos criados numa casa onde, desde a mais tenra idade, aprendemos que há sempre um modo de satisfazer nossas vontades e desejos, mesmo que isso vá de encontro às normas do bom senso e da coletividade em geral?

Num livro que escrevi - *Carnavais, malandros e heróis* - , lancei a tese de que o dilema brasileiro residia numa trágica oscilação entre um esqueleto nacional feito de leis universais cujo sujeito era o indivíduo e situações onde cada qual se salvava e se despachava como podia, utilizando para isso o seu sistema de relações pessoais. Haveria assim, nessa colocação, um verdadeiro combate entre leis que devem valer para todos e relações que evidentemente só podem funcionar para quem as tem. O resultado é um sistema social dividido e até mesmo equilibrado entre duas unidades sociais básicas: o indivíduo (o sujeito das leis universais que modernizam a sociedade) e a pessoa (o sujeito das relações sociais, que conduz ao pólo tradicional do sistema). Entre os dois, o coração dos brasileiros balança. E no meio dos dois, a malandragem, o "jeitinho", e o famoso e antipático "sabe com quem está falando?" seriam modos de enfrentar essas contradições e paradoxos de modo tipicamente brasileiro. [...]

De fato, como é que reagimos diante de um "proibido estacionar", "proibido fumar", ou diante de uma fila quilométrica? Como é que se faz diante de um requerimento que está sempre errado? Ou diante de um prazo que já se esgotou e conduz a uma multa automática que não foi divulgada de modo apropriado pela autoridade pública? Ou de uma taxação injusta e abusiva que o Governo novamente decidiu instituir de modo drástico e sem consulta?

Nos Estados Unidos, na França e na Inglaterra, somente para citar três bons exemplos, as regras ou são obedecidas ou não existem. Nessas sociedades, sabe-se que não há prazer algum em escrever normas que contrariam e, em alguns casos, aviltam o bom senso e as regras da própria sociedade, abrindo caminho para a corrupção burocrática e ampliando a desconfiança do poder público. Assim, diante dessa enorme coerência entre a regra jurídica e as práticas da vida diária, o inglês, o francês e o norte-americano param diante de uma placa de trânsito que ordena parar, o que - para nós - parece um absurdo lógico e social, pelas razões já indicadas. Ficamos, pois, sempre confundidos e, ao mesmo tempo, fascinados com a chamada disciplina existente nesses países. Aliás, é curioso que a nossa percepção dessa obediência às leis universais seja traduzida em termos de civilização e disciplina, educação e ordem, quando na realidade ela é decorrente de uma simples e direta adequação entre a prática social e o mundo constitucional e jurídico. É isso que faz a obediência que tanto admiramos e, também, engendra aquela confiança de que tanto sentimos falta. Porque, nessas sociedades, a lei não é feita para explorar ou submeter o cidadão, ou como instrumento para corrigir e reinventar a sociedade. Lá, a lei é um instrumento que faz a sociedade funcionar bem e isso - começamos a enxergar - já é um bocado! Claro está que um dos resultados dessa confiança é uma aplicação segura da lei que, por ser norma universal, não pode pactuar com o *privilégio* ou com a lei privada, aquela norma que se aplica diferencialmente se o crime ou a falta foi cometida por pessoas diferencialmente situadas na escala social. Isso que ocorre diariamente no Brasil, quando, digamos, um bacharel comete um assassinato e tem direito a prisão especial e um operário, diante da mesma lei, não tem igual direito porque não é, obviamente, bacharel... A destruição do privilégio engendrou uma justiça ágil e operativa na base do certo *ou* errado. Uma justiça que não aceita o mais-ou-menos e as indefectíveis gradações e hierarquias que normalmente acompanham a ritualização legal brasileira, que para todos os delitos estabelece virtualmente um peso e uma escala.
[Fragmento de "O modo de navegação social: a malandragem e o `jeitinho´", cap. 7 de O que faz o Brasil, Brasil, de Roberto DaMatta]

a) Em apenas um dos períodos abaixo, a conjunção ***se*** pode ser substituída pela conjunção condicional *caso*, sem

alterar o sentido original do texto. Selecione o período em que isso ocorre e reescreva o trecho sublinhado, substituindo *se* por *caso*. Faça as adaptações necessárias.
Período 1: Como procedemos diante da norma geral, se fomos criados numa casa onde, desde a mais tenra idade, aprendemos que há sempre um modo de satisfazer nossas vontades e desejos, mesmo que isso vá de encontro às normas do bom senso e da coletividade em geral? (linhas 3-6)
Período 2: Claro está que um dos resultados dessa confiança é uma aplicação segura da lei que, por ser norma universal, não pode pactuar com o privilégio ou a lei privada, aquela norma que se aplica diferencialmente se o crime ou a falta foi cometida por pessoas diferencialmente situadas na escala social. (linhas 35-38)

b) A construção abaixo é ambígua. Reescreva-a de forma a eliminar a ambigüidade, escolhendo uma de suas leituras possíveis.
O deputado que tinha alegado imunidade parlamentar na semana passada foi preso.

57) (Mack-2005) Eu também já fui brasileiro
moreno como vocês.
Ponteei viola, guiei forde
e aprendi na mesa dos bares
que o nacionalismo é uma virtude.
Mas há uma hora em que os bares se fecham
e todas as virtudes se negam.
Carlos Drummond de Andrade

Assinale a alternativa que apresenta conjunção com sentido equivalente ao de Mas (sexto verso).
a) Anda que anda até que desanda.
b) Não só venceu mas também convenceu.
c) Mas que beleza, Dona Creuza!
d) Atirou-se do vigésimo sétimo andar e não se feriu.
e) Há sempre um “mas” em nossos discursos.

58) (Fuvest-2003) Eu te amo
Ah, se já perdemos a noção da hora,
Se juntos já jogamos tudo fora,
Me conta agora como hei de partir...

Se, ao te conhecer, dei pra sonhar, fiz tantos desvarios,
Rompi com o mundo, queimei meus navios,
Me diz pra onde é que inda posso ir...
(...)
Se entornaste a nossa sorte pelo chão,
Se na bagunça do teu coração
Meu sangue errou de veia e se perdeu...
(...)
Como, se nos amamos como dois pagãos,
Teus seios inda estão nas minhas mãos,
Me explica com que cara eu vou sair...
Não, acho que estás só fazendo de conta,
Te dei meus olhos pra tomares conta,
Agora conta como hei de partir...
(Tom Jobim - Chico Buarque)

Examinando-se aspectos construtivos deste texto, verifica-se que
a) todas as ocorrências da conjunção se expressam uma condição, com o sentido de no caso de.
b) o emprego de como, no início da quarta estrofe, é uma retomada de “como hei de partir”, da primeira estrofe.
c) A repetição de conta, na última estrofe, reitera a mesma idéia do custo que a separação representa para o sujeito.
d) o emprego da vírgula depois de Não, na última estrofe, é facultativo, uma vez que a partícula negativa tem aqui o valor de uma simples ênfase.
e) o efeito dramático nele obtido nasce da reiterada oposição entre ações transcorridas no passado.

59) (ETEs-2007) Façamos as pazes com a Terra (fragmento)
“O chamado que nos é feito hoje para pormos fim à guerra contra a natureza é por uma solidariedade sem precedentes com as gerações futuras. Será que, para chegar a isso, a humanidade precisará selar um novo pacto, um “contrato natural” de co-desenvolvimento com o planeta, assinando um armistício com a natureza? Precisamos da sabedoria necessária para defender uma ética para o futuro, pois, se quisermos fazer as pazes com a Terra, essa ética terá que prevalecer. Este planeta é o nosso reflexo: se ele está ferido, nós estamos feridos; se ele está mutilado, a humanidade também está.”
(MATSUURA, Koïchiro. Façamos as pazes com a Terra. In: Folha de S. Paulo, 4 de jul. 2007.)

Mãos dadas
Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus
/companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem
/grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito,
/vamos de mãos dadas.
Não serei o cantor de uma mulher,
/de uma história,
não direi os suspiros ao anoitecer,
/a paisagem vista da janela,
não distribuirei entorpecentes ou
/cartas de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei
/raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, o tempo
/presente, os homens presentes,
a vida presente.

(DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. “Mãos dadas”. In: *Sentimento do Mundo.* Record.)

Assinale a alternativa em cujo verso a conjunção expressa oposição entre as idéias.
a) “Também não cantarei o mundo futuro.”
b) “Estou preso à vida e olho meus companheiros.”
c) “Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.”
d) “não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida”
e) “não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.”

60) (FGV-1997) Figurou recentemente, num jornal da cidade, a frase abaixo:
"Embora fosse prolixo, o apresentador ultrapassou o tempo previsto."
Examine atentamente o sentido dessa frase. Se for o caso, corrija-a no que for necessário e explique o porquê da correção.
Caso você considere correta a frase, escreva apenas: A frase está correta.

61) (Mack-2001) Flores
Me mandam flores. Uma das curiosidades de minha vida. Sempre me mandam flores. Essas rosas, aí há três dias, vieram botões, abriram, já estão se despedindo. “Rose, elle a vécu ce que vivent les roses, l’espace d’un matin.”* Uma amiga me diz que aspirina prolonga a vida dessas flores, gentil desce até à farmácia, volta, enche de água o jarro (as mulheres sempre descobrem que a gente tem um jarro), põe dentro dois comprimidos. Fico olhando as flores e os gestos - há um terno eterno feminino nessa conjugação. As folhas firmam um pouco seu verde, as pétalas se enrijecem ligeiramente, ou é só impressão? Tudo é possível, quando a alma não é pequena. Estendo a mão espalmada significativamente, recebo também dois comprimidos, meio copo d’água, engulo. Amanhã desabrocho.
** Rosa, ela superou o tempo que vivem as rosas, o espaço de uma manhã.*
Millôr Fernandes

Tudo vale a pena / Se a alma não é pequena.
O se, no verso acima, equivale ao destacado em:
a) Queria saber se o livro é este encapado de verde.
b) Diante do colega, ele se recusou a pedir desculpas.
c) Ele é, como se sabe, o maior especialista na decodificação desse tipo de sinal.
d) Se você o encontrar, diga que estou com saudades dele.
e) Não se fizeram os trabalhos, conforme o combinado.

62) (ITA-2003) Há algum tempo, apareceu na imprensa a notícia de uma controvérsia sobre a Lei de Aposentadoria, envolvendo duas teses que podem ser expressas nas sentenças abaixo:
I. Poderão aposentar-se os trabalhadores com 65 anos e 30 anos de contribuição para o INSS.
II. Poderão aposentar-se os trabalhadores com 65 anos ou 30 anos de contribuição para o INSS.
Aponte a alternativa que apresenta a interpretação que **NÃO** pode ser feita a partir dessas sentenças:
a) de acordo com (I), para aposentar-se, uma pessoa deve ter simultaneamente, pelo menos, 65 anos de idade e, pelo menos, 30 anos de contribuição para o INSS.
b) de acordo com (II), para aposentar-se, uma pessoa deve ter simultaneamente, pelo menos, 65 anos de idade e, pelo menos, 30 anos de contribuição para o INSS.
c) de acordo com (II), uma pessoa que tenha 65 anos de idade e 5 anos de contribuição para o INSS poderá se aposentar.
d) de acordo com (II), para aposentar-se, basta que uma pessoa tenha 65 anos de idade, pelo menos.
e) de acordo com (II), para aposentar-se, basta que uma pessoa tenha contribuído para o INSS por, pelo menos, 30 anos.

63) (Mack-2001) I
A lição é que não peçais nunca dinheiro grosso aos deuses, senão com a cláusula expressa de saber que é dinheiro grosso. Sem ela, os bens são menos que as flores de um dia. Tudo vale pela consciência. (...) Passai das riquezas materiais às intelectuais: é a mesma cousa. Se o mestre-escola da tua rua imaginar que não sabe vernáculo nem latim, em vão lhe provarás que ele escreve como Vieira ou Cícero, ele perderá as noites e os sonos em cima dos livros, comerá as unhas em vez de pão, encanecerá ou encalvecerá, e morrerá crendo que mal distingue o verbo do advérbio.
Machado de Assis

II
Poucos dias depois morreu... Não morreu súdito nem vencido. Antes de principiar a agonia, que foi curta, pôs a coroa na cabeça,- uma coroa que não era, ao menos, um chapéu velho ou uma bacia, onde os espectadores palpassem a ilusão. Não, senhor; ele pegou em nada, levantou nada e cingiu nada; só ele via a insígnia imperial, pesada de ouro, rútila de brilhantes e outras pedras preciosas. O esforço que fizera para erguer meio corpo não durou muito; o corpo caiu outra vez; o rosto conservou porventura uma expressão gloriosa.
- Guardem a minha coroa, murmurou. Ao vencedor...
A cara ficou séria, porque a morte é séria; dous minutos de agonia, um trejeito horrível, e estava assinada a abdicação.
Machado de Assis

Em I, entre *Cícero* e *ele*, pode-se incluir, sem alterar o sentido original do período,
a) no entanto.
b) pois.
c) ou.

d) onde.
e) assim.

64) (Fuvest-2004) I. Desespero meu: leitura obrigatória de livro indicado...
II. Uma surpresa: tão bom, aquele livro!
III. Nenhum aborrecimento na leitura.

a) Respeitando a seqüência em que estão apresentadas as três frases acima, articule-as num único período. Empregue os verbos e os nexos oracionais necessários à clareza, à coesão e à coerência desse período.
b) Transcreva o período abaixo, virgulando-o adequadamente:
A obrigação de ler um livro como toda obrigação indispõe-nos contra a tarefa imposta mas pode ocorrer se encontrarmos prazer nessa leitura que o peso da obrigação desapareça.

65) (Fuvest-2004) Leia com atenção as seguintes frases, extraídas do termo de garantia de um produto para emagrecimento:
I) Esta garantia ficará automaticamente cancelada se o produto não for corretamente utilizado.
II) Não se aceitará a devolução do produto caso ele contenha menos de 60% de seu conteúdo.
III) As despesas de transporte ou quaisquer ônus decorrente do envio do produto para troca corre por conta do usuário.

a) Reescreva os trechos sublinhados nas frases I e II, substituindo as conjunções que os iniciam por outras equivalentes e fazendo as alterações necessárias.
b) Reescreva a frase III, fazendo as correções necessárias.

66) (FGV-2003) Leia o fragmento abaixo, do conto A cartomante de Machado de Assis. Depois, responda às perguntas.
“Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante.”
Observe o seguinte trecho, extraído do texto:
Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes...
Justifique o uso de ***mas***, nesse caso.

67) (UFRJ-1996) Na verdade, à primeira vista, seu aspecto era de um velho como tantos outros, de idade indefinida, rugas, cabelos brancos, uma barba que lhe dará um vago ar de sabedoria e respeitabilidade. Mas uma certa agilidade e o porte ereto darão a impressão de que, apesar da aparência de velho, o viajante guardará o vigor da juventude. E os olhos... ah, o brilho dos olhos será absolutamente sem idade, um brilho deslumbrado como o de um bebê, curioso como o de um menino, desafiador como o de um jovem, sábio como o de um homem maduro, maroto como o de um velhinho bem-humorado que conseguisse somar tudo isso.
(MACHADO, Ana Maria. O CANTO DA PRAÇA. Rio de Janeiro: Salamandra, 1986.)

As conjunções "mas" e "e" , que iniciam o segundo e o terceiro períodos, são especialmente importantes na ESTRUTURAÇÃO e no SENTIDO DO TEXTO. Explique por quê.

68) (IME-1996) Nas frases a seguir há erros ou impropriedades. Reescreva-as e justifique a correção
a) "Não se conseguiu apurar o motivo porque a atriz se divorciou."
b) "O milionário dispendeu milhares de dólares com aquela propaganda."

69) (Covest-1997) Nas frases publicitárias abaixo, assinale a alternativa em que a palavra sublinhada introduz uma relação de imposição:
a) Margarina M. <Para quem> não esqueceu o paladar.
b) O refrigerante dietético R não tem concorrente, <mas> você tem.
c) Use sandálias S < enquanto> você combina com ela.
d) Ande devagar, Chaupezinho, com sapatos C, <para> o lobo mau poder te pegar.
e) Use Leite de Aveia D, <porque> sua pele merece.

70) (Mack-2004) Navegava Alexandre em uma poderosa armada pelo mar Eritreu a conquistar a Índia, e como fosse trazido à sua presença um pirata, que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício; porém ele, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim: Basta, senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador? Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza; o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres.

Assinale a alternativa em que a palavra “como” assume a mesma função que exerce em como fosse trazido à sua presença um pirata.

a) Como você conseguiu chegar até aqui?
b) Como todos podem ver, a situação não é das melhores.
c) Não só leu os livros indicados, como também outros de interesse pessoal.
d) Como não telefonou, resolvi procurá-lo pessoalmente.
e) O arquiteto projetou o jardim exatamente como lhe pediram.

71) (UERJ-2003) O DEFEITO
Note algo muito curioso. É o defeito que faz a gente pensar. Se o carro não tivesse parado, você teria continuado sua viagem calmamente, ouvindo música, sem sequer pensar que automóveis têm motores. *O que não é problemático não é pensado.* Você nem sabe que tem fígado até o momento em que ele funciona mal. Você nem sabe que tem coração até que ele dá umas batidas diferentes. Você nem toma consciência do sapato, até que uma pedrinha entre lá dentro. Quando está escrevendo, você se esquece da ponta do lápis até que ela quebra. Você não sabe que tem olhos - o que significa que eles vão muito bem. Você toma consciência dos olhos quando eles começam a funcionar mal. Da mesma forma que você não toma consciência do ar que respira, até que ele começa a feder... Fernando Pessoa diz que "pensamento é doença dos olhos". É verdade, mas nem toda. O mais certo seria "pensamento é doença do corpo".
Todo pensamento começa com um problema. Quem não é capaz de perceber e formular problemas com clareza não pode fazer ciência. Não é curioso que nossos processos de ensino de ciência se concentrem mais na capacidade do aluno para responder? Você já viu alguma prova ou exame em que o professor pedisse que o aluno formulasse o problema? (...) Freqüentemente, fracassamos no ensino da ciência porque apresentamos soluções perfeitas para problemas que nunca chegaram a ser formulados e compreendidos pelo aluno."
(ALVES, Rubem. Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras. São Paulo: Brasiliense, 1995.)

As frases que formam um texto mantêm entre si relações semânticas que podem ser expressas por elementos lingüísticos coesivos - conectivos - ou não.
Observe estas frases do texto:

Todo pensamento começa com um problema. Quem não é capaz de perceber e formular problemas com clareza não pode fazer ciência .

Considerando o contexto no qual estão inseridas e a ordem em que se apresentam, identifique o tipo de relação estabelecida pelas frases entre si e cite duas conjunções que poderiam ser usadas para marcar essa relação.

72) (Fuvest-2005) O filme **Cazuza - O tempo não pára** me deixou numa espécie de felicidade pensativa. Tento explicar por quê.
Cazuza mordeu a vida com todos os dentes. A doença e a morte parecem ter-se vingado de sua paixão exagerada de viver. É impossível sair da sala de cinema sem se perguntar mais uma vez: o que vale mais, a preservação de nossas forças, que garantiria uma vida mais longa, ou a livre procura da máxima intensidade e variedade de experiências?
Digo que a pergunta se apresenta "mais uma vez" porque a questão é hoje trivial e, ao mesmo tempo, persecutória. (...) Obedecemos a uma proliferação de regras que são ditadas pelos progressos da prevenção. Ninguém imagina que comer banha, fumar, tomar pinga, transar sem camisinha e combinar, sei lá, nitratos com Viagra seja uma boa idéia. De fato não é. À primeira vista, parece lógico que concordemos sem hesitação sobre o seguinte: não há ou não deveria haver prazeres que valham um risco de vida ou, simplesmente, que valham o risco de encurtar a vida. De que adiantaria um prazer que, por assim dizer, cortasse o galho sobre o qual estou sentado?
Os jovens têm uma razão básica para desconfiar de uma moral prudente e um pouco avara que sugere que escolhamos sempre os tempos suplementares. É que a morte lhes parece distante, uma coisa com a qual a gente se preocupará mais tarde, muito mais tarde. Mas sua vontade de caminhar na corda bamba e sem rede não é apenas a inconsciência de quem pode esquecer que "o tempo não pára". É também (e talvez sobretudo) um questionamento que nos desafia: para disciplinar a experiência, será que temos outras razões que não sejam só a decisão de durar um pouco mais?
(Contardo Calligaris, **Folha de S. Paulo**)

Entre as frases "Cazuza mordeu a vida com todos os dentes" e "A doença e a morte parecem ter-se vingado de sua paixão exagerada de viver" estabelece-se um vínculo que pode ser corretamente explicitado com o emprego de
a) desde que.
b) tanto assim que.
c) uma vez que.
d) à medida que.
e) apesar de que.

73) (PUC-SP-1996) O MARTÍRIO DO ARTISTA

Arte ingrata! E enquanto, em desalento,
A órbita elipsoidal dos olhos lhe arda,
Busca exteriorizar o pensamento
Que em suas fronetais células guarda!

Tarda-lhe a Idéia! A inspiração lhe tarda!
E ei-lo a tremer, rasga o papel, violento,
Como o soldado que rasgou a farda
No desespero do último momento!

Tenta chorar e os olhos sente enxutos! ...
É como o paralítico que, à míngua
Da própria voz e na que ardente o lavra

Febre de em vão falar, com os dedos brutos
Para falar, puxa e repuxa a língua,
E não lhe vem à boca uma palavra!
Augusto dos Anjos

Observe o emprego da partícula "e", em:
I. "Tenta chorar e os olhos sente enxutos!..."
II. "puxa e repuxa a língua,"
III. "E não lhe vem a boca uma palavra!"
Analisando a relação que a referida partícula estabelece nas três construções, pode-se dizer que:
a) nos três casos, seu valor é o mesmo, ou seja, de conjunção aditiva.
b) em cada caso, seu valor é diferente, ou seja: em I, é de conjunção adversativa; em II, é de conjunção aditiva; em III, é de conjunção temporal.
c) em I e em II, seu valor é de conjunção aditiva; em III é de, simplesmente, introdutora do verso.
d) nos três casos, seu valor é o mesmo, ou seja, de conjunção adversativa.
e) em I e III, seu valor é de conjunção adversativa; em II, seu valor é de conjunção aditiva.

74) (UEMG-2006) O MUNDO

Tornar a leitura e a escrita significativas para os jovens é um desafio para professores de português, que precisam romper as barreiras entre as salas de aula e a realidade
Quem nunca teve que ler uma bula de remédio? Onde encontrá-las, em caso de necessidade? (...) A maioria de nós encarou aquele texto em letras miúdas à procura de um esclarecimento sobre dose, efeitos colaterais, contra-indicações ou freqüência com que o produto deve ser tomado.(...) Embora a linguagem em que o texto da bula era escrito não fosse lá muito amigável, os usuários faziam o possível para obter ao menos as informações mais importantes para não matar o paciente envenenado nem deixá-lo sem tratamento.
Há alguns meses, a agência nacional reguladora da saúde no Brasil, a Anvisa, mandou que as bulas fossem escritas para o público, e não mais para os especialistas. A idéia foi ótima e o usuário, especialmente aquele menos letrado, agradece muito que se mude o público-alvo do texto que ensina a usar os remédios.(...)
Ler a bula dos remédios é uma ação que, muito provavelmente, só acontece diante da necessidade. Se meu filho pequeno tem febre, corro para ler a bula e entender que dose de antitérmico devo administrar. Se eu tenho dor de cabeça, leio a bula do analgésico para saber como devo tomá-lo. E assim procedem outras pessoas em circunstâncias diversas. Sempre diante da necessidade e, claro, após a consulta ao médico.
Essa é a "leitura significativa" que funciona como acesso a um conhecimento, mesmo que ele seja tão circunstancial, e preparação para uma ação, mesmo que seja a de tomar um comprimido. Daí em diante, saberei o procedimento de ler bulas e talvez nem precise mais ler se me acontecer novamente a necessidade do mesmo remédio. Outras leituras significativas são o rótulo de um produto que se vai comprar, os preços do bem de consumo, o tíquete do cinema, as placas do ponto de ônibus, o regulamento de um concurso, a notícia de um jornal.
Se estou precisando trocar de carro, leio os anúncios classificados; caso queira me divertir no cinema, recorro às sinopses e às resenhas para me ajudarem a escolher o filme, o cinema e as sessões. Caso eu me sinta meio sem perspectivas, posso recorrer aos regulamentos de concurso. Nesses casos, há quem prefira as páginas do horóscopo. Também posso ler para me informar, para aprender a usar uma ferramenta, ligar um aparelho eletrônico, aumentar meu conhecimento sobre algo menos tangível ou mesmo ler para escrever em reação a algo que foi lido. Em muitos casos, posso ler para aprender.
A leitura significativa acontece diariamente com as pessoas à medida que elas interagem com o mundo e com todas as peças escritas que nos circundam. E estamos tão acostumados a isso que esquecemos de que ler é hoje algo muito trivial, especialmente para as pessoas que moram nas cidades.
Já outros gêneros de texto não são assim tão fáceis de achar. Os poemas (infelizmente!) não estão nos rótulos de embalagens nem junto aos frascos de remédio. Talvez não fossem lá muito informativos e de grande ajuda para quem está com uma lancinante dor de cabeça. Os romances não cabem nos *outdoors* e os contos não costumam acompanhar os tíquetes-refeição. Embora todas essas coisas possam se cruzar em instâncias específicas, os gêneros de texto artísticos não são tão funcionais quanto os anteriormente citados, mas também têm seus "códigos" de leitura. São lidos em momentos específicos, por exemplo: quando alguém quer ter prazer, experiência estética, conhecimento, vocabulário, etc. Em alguns casos, é necessário ler para um concurso ou para se divertir. Esta também é a leitura significativa.
E o que é que a leitura se torna quando entra pelos portões da escola? O que acontece com a leitura significativa quando ela deixa de ser feita a partir de uma necessidade ou de uma motivação mais "real" e passa a ser feita como tarefa pontuada? Como compreender a leitura de uma bula de remédio sem precisar dela? (...) Como ter prazer em ler um poema perto da hora do recreio, quando se sente mais a necessidade de ler o quadro de salgadinhos (e seus preços) na cantina da escola?
A leitura ganha contornos de "cobaia de laboratório" quando sai de sua significação e cai no ambiente artificial e na situação inventada. No entanto, é extremamente difícil para o professor, especialmente o de português, tornar a

sala de aula um ambiente confortável para a leitura significativa. Como trazer as necessidades e as motivações para dentro da sala de aula?
Quando o assunto é a escrita, a situação se agrava ainda mais. Quando é que sentimos necessidade de escrever? Que textos são necessários à nossa comunicação diária, seja no trabalho ou entre amigos na Internet? Como agir por meio de textos em circunstâncias reais? E como trazer essas circunstâncias para a escola?
Já que o mundo inteiro não cabe numa sala, quem sabe se o professor de português saísse mais da sala de aula e levasse o aluno às situações em que ler e escrever se tornam muito tangíveis? E se a sala de aula de português não fosse tão inibitória ao encontro, à conversa e ao texto e se tornasse uma "sala ambiente", à maneira dos professores de biologia?
Em lugar de cadeiras individuais de costas umas para as outras estariam as mesas redondas. No lugar do quadro, uma estante de livros de referência sobre língua e muitos outros assuntos. Ou talvez a biblioteca fosse muito adequada à conversão dos alunos-repetidores em alunos interventores.
Quem sabe se o professor de português fizesse a necessidade acontecer? Uma sessão de cinema de verdade pode ensejar resenhas de verdade. Um lugar onde publicar as resenhas (e aí é impossível não citar a Internet) pode transformar textos-obrigação em textos formadores de opinião, ao menos para uso daquela comunidade.
(...) ler e escrever são condutas da vida em sociedade. Não são ratinhos mortos de laboratório prontinhos para ser desmontados e montados, picadinhos e jogados fora.
Quem sabe o professor de português reconfigure a sala de aula e transforme a escola numa extensão sem muros e sem cercas elétricas do mundo de textos que a rodeia?
(RIBEIRO, Ana Elisa. *Estado de Minas,* Belo Horizonte, 10 set.2005.Caderno PENSAR - texto adaptado)

Observe, ainda, o seguinte trecho:
"Embora a linguagem em que o texto da bula era escrito não fosse lá muito amigável..."
Assinale a alternativa em que a substituição do articulador em destaque se fez *de maneira inadequada* e *prejudicial* ao sentido da idéia objetivada.
a) Apesar de a linguagem em que o texto da bula era escrito não ser lá muito amigável...
b) Conquanto a linguagem em que o texto da bula era escrito não fosse lá muito amigável...
c) Ainda que a linguagem em que o texto da bula era escrito não fosse lá muito amigável...
d) Caso a linguagem em que o texto da bula era escrito não fosse lá muito amigável...

75) (ENEM-2001) O mundo é grande
O mundo é grande e cabe
Nesta janela sobre o mar.
O mar é grande e cabe
Na cama e no colchão de amar.
O amor é grande e cabe
No breve espaço de beijar.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.

Neste poema, o poeta realizou uma opção estilística: a reiteração de determinadas construções e expressões lingüísticas, como o uso da mesma conjunção para estabelecer a relação entre as frases. Essa conjunção estabelece, entre as idéias relacionadas, um sentido de
a) oposição.
b) comparação.
c) conclusão.
d) alternância.
e) finalidade.

76) (UFV-2005) O tabaco consome dinheiro público. Bilhões de reais saem do bolso do contribuinte para tratar a dependência do tabaco e as graves doenças que ela causa. A dependência do tabaco também aumenta as desigualdades sociais porque muitos trabalhadores fumantes, além de perderem a saúde, gastam com cigarros o que poderia ser usado em alimentação e educação. Em muitos casos, com o dinheiro de um maço de cigarros pode-se comprar, por exemplo, um litro de leite e sete pães. Para romper com esse perverso círculo de pobreza, países no mundo inteiro estão se unindo através da Convenção-Quadro de Controle do Tabaco para conter a expansão do tabagismo e os graves danos que causa, sobretudo nos países em desenvolvimento. Incluir o Brasil nesse grupo interessa a todos os brasileiros. É um passo importante para criar uma sociedade mais justa.
(Propaganda do Ministério da Saúde. Brasil um país de todos. Governo Federal, 2004.)

"A dependência do tabaco também aumenta as desigualdades sociais porque muitos trabalhadores fumantes, além de perderem a saúde [...]." O termo "além de", neste fragmento, estabelece relação lógico-semântica de:
a) condição.
b) concessão.
c) adição.
d) conformidade.
e) consecução.

77) (PUC-SP-2002) O TIO AQUÁTICO
Os primeiros vertebrados, que no Carbonífero deixaram a vida aquática pela vida terrestre, derivavam dos peixes ósseos pulmonados, cujas nadadeiras podiam ser roladas sob o corpo e usadas como patas sobre a terra.
Agora já estava claro que os tempos aquáticos haviam terminado, recordou o velho Qfwfq, e aqueles que se decidiam a dar o grande passo eram sempre em número

maior, não havendo família que não tivesse algum dos seus entes queridos lá no seco; todos contavam coisas extraordinárias sobre o que se podia fazer em terra firme, e chamavam os parentes. Então, os peixes jovens, já não era mais possível segurá-los; agitavam as nadadeiras nas margens lodosas para ver se funcionavam como patas, como haviam conseguido fazer os mais dotados. Mas precisamente naqueles tempos se acentuavam as diferenças entre nós: existia a família que vivia em terra havia várias gerações e cujos jovens ostentavam maneiras que já não eram de anfíbios mas quase de répteis; e existiam aqueles que ainda insistiam em bancar o peixe e assim se tornavam ainda mais peixes do que quando se usava ser peixe.

(..)

Daquela vez a visita à lagoa foi mais longa. Estendemo-nos os três sobre uma das margens em declive: o tio mais para o lado da água, mas nós também a meio banho, de tal maneira que se alguém nos visse de longe, estirados uns ao lado dos outros, não saberia dizer quem era terrestre e quem aquático.

O peixe atacou um de seus refrãos preferidos: a superioridade da respiração na água sobre a respiração aérea, com todo o repertório de suas difamações. Agora LII toma as dores e lhe dá o merecido troco!, pensava. Mas eis que se viu aquele dia que LII usava uma outra tática: discutia com ardor, defendendo nossos pontos de vista, mas ao mesmo tempo levando muito a sério os argumentos do velho N'ba N'ga.

As terras emersas, segundo o tio, eram um fenômeno limitado: iriam desaparecer assim como vieram à tona, ou, de qualquer forma, ficariam sujeitas a mutações contínuas: vulcões, glaciações, terremotos, enrugamentos do terreno, mutações de clima e de vegetação. E nossa vida nesse meio devia enfrentar transformações contínuas, mediante as quais populações inteiras iriam desaparecer, e só haveria de sobreviver quem estivesse disposto a modificar de tal forma a base de sua existência, que as razões anteriormente passíveis de tornar a vida bela de viver seriam completamente transtornadas e esquecidas.

Calvino, I (1994). As Cosmicômicas, São Paulo, Companhia das Letras, p. 71-83.

Leia com atenção o seguinte trecho do texto:

"Então, os peixes jovens, já não era mais possível segurá-los; agitavam as nadadeiras nas margens lodosas **para** ver se funcionavam **como** patas, **como** haviam conseguido fazer os mais dotados.

Mas precisamente naqueles tempos se acentuavam as diferenças entre nós..."

As palavras destacadas indicam, respectivamente,

a) finalidade, oposição, comparação, conformidade.
b) oposição, finalidade, conformidade, oposição.
c) conformidade, finalidade, oposição, comparação.
d) finalidade, comparação, conformidade, oposição.
e) comparação, finalidade, oposição, conformidade.

78) (FGV-2004) Observe o seguinte fragmento:

"Ou porque a sua dor era tão grande que lhe podia exprimir o amor em lágrimas desde o coração até os olhos, ou porque, selvagem mesmo, ela já tinha compreendido que a grande arma da mulher está no pranto, Ahy chorou."

O que significa **mesmo** nesse fragmento? Justifique sua resposta.

79) (FGV-2002) Observe os períodos abaixo e escolha a alternativa correta em relação à idéia expressa, respectivamente, pelas conjunções ou locuções SEM QUE, POR MAIS QUE, COMO, CONQUANTO, PARA QUE.

1. Sem que respeites pai e mãe, não serás feliz.
2. Por mais que corresse, não chegou a tempo.
3. Como não tivesse certeza, preferiu não responder.
4. Conquanto a enchente lhe ameaçasse a vida, Gertrudes negou-se a abandonar a casa.
5. Mandamos colocar grades em todas as janelas para que as crianças tivessem mais segurança.

a) Condição, concessão, causa, concessão, finalidade.
b) Concessão, causa, concessão, finalidade, condição.
c) Causa, concessão, finalidade, condição, concessão.
d) Condição, finalidade, condição, concessão, causa.
e) Finalidade, condição, concessão, causa, concessão.

80) (UECE-2002) OUTRO NOME DO RACISMO

Odeio surtos de bom-mocismo, remorsos súbitos, arrastões morais. Abomino a retórica politicamente correta, paternalismos vesgos, equívocos bem-intencionados.

Assisto pois com fastio e espanto às discussões sobre a implantação de um sistema de cotas, na universidade, para estudantes de pele negra. No Ceará, baseado no mesmo voluntarismo míope, tramita na Assembléia projeto que garante cotas no vestibular para estudantes da escola pública. As duas propostas padecem do mesmo pecado original: pretendem remediar uma injustiça histórica através de outra.

A perversa desigualdade brasileira tem raízes profundas, construídas ao longo de 500 anos de exploração, preconceito e exclusão. Portanto, não será resolvida na base de decretos e canetadas oficiais. O tal sistema de cotas aponta no alvo errado. Em vez de combater o problema em suas causas primeiras, procura apaziguar nossas consciências cívicas investindo contra o que, na verdade, é só uma conseqüência.

Se queremos, de fato, estabelecer políticas compensatórias a favor dos excluídos, que apontemos então nossa indignação para o coração da desigualdade: é preciso investir maciçamente na educação básica, elevando efetivamente o nível da escola pública.

Ao adotarmos cotas e cursinhos pré-universitários exclusivos para negros, estaríamos na verdade estabelecendo um retrocesso histórico, institucionalizando o questionável conceito de raça. Ressuscitaríamos assim, quem sabe, as teses de Nina Rodrigues. Reforçaríamos a idéia anacrônica de que as raças são naturais e, por conseqüência, que uma pode realmente ser superior às outras. Assim, só alimentaríamos ainda mais o preconceito. Oficializaríamos o gueto e a discriminação. Os adeptos da idéia se defendem com nova pérola do pensamento politicamente correto. Falam de uma tal ''discriminação positiva''. Em bom português, não passa de uma outra forma de racismo. Um racismo às avessas. Mas o mais puro e insuportável racismo.
(Lira Neto. O POVO: 14/9/2001)

Sobre o termo *pois* (*Assisto **pois** com fastio e espanto às...*), podemos dizer que tem a função de
I - marcar uma relação textual-discursiva
II - concluir o que é enunciado no primeiro parágrafo
III - constituir um elo de coordenação entre orações
É correto o que se afirma
a) em I e II
b) em I e III
c) apenas em III
d) em I, II e III

81) (UFRN-2002) Palmadas fora-da-lei

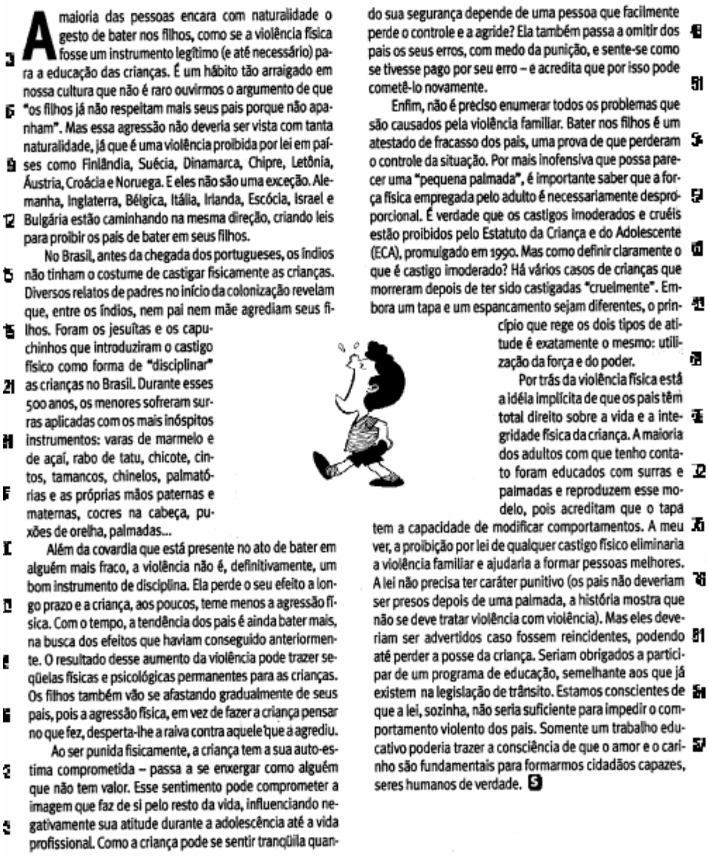

A maioria das pessoas encara com naturalidade o gesto de bater nos filhos, como se a violência física fosse um instrumento legítimo (e até necessário) para a educação das crianças. É um hábito tão arraigado em nossa cultura que não é raro ouvirmos o argumento de que "os filhos já não respeitam mais seus pais porque não apanham". Mas essa agressão não deveria ser vista com tanta naturalidade, já que é uma violência proibida por lei em países como Finlândia, Suécia, Dinamarca, Chipre, Letônia, Áustria, Croácia e Noruega. E eles não são uma exceção. Alemanha, Inglaterra, Bélgica, Itália, Irlanda, Escócia, Israel e Bulgária estão caminhando na mesma direção, criando leis para proibir os pais de bater em seus filhos.

No Brasil, antes da chegada dos portugueses, os índios não tinham o costume de castigar fisicamente as crianças. Diversos relatos de padres no início da colonização revelam que, entre os índios, nem pai nem mãe agrediam seus filhos. Foram os jesuítas e os capuchinhos que introduziram o castigo físico como forma de "disciplinar" as crianças no Brasil. Durante esses 500 anos, os menores sofreram surras aplicadas com os mais inóspitos instrumentos: varas de marmelo e de açaí, rabo de tatu, chicote, cintos, tamancos, chinelos, palmatórias e as próprias mãos paternas e maternas, cocres na cabeça, puxões de orelha, palmadas...

Além da covardia que está presente no ato de bater em alguém mais fraco, a violência não é, definitivamente, um bom instrumento de disciplina. Ela perde o seu efeito a longo prazo e a criança, aos poucos, teme menos a agressão física. Com o tempo, a tendência dos pais é ainda bater mais, na busca dos efeitos que haviam conseguido anteriormente. O resultado desse aumento da violência pode trazer seqüelas físicas e psicológicas permanentes para as crianças. Os filhos também vão se afastando gradualmente de seus pais, pois a agressão física, em vez de fazer a criança pensar no que fez, desperta-lhe a raiva contra aquele que a agrediu.

Ao ser punida fisicamente, a criança tem a sua auto-estima comprometida – passa a se enxergar como alguém que não tem valor. Esse sentimento pode comprometer a imagem que faz de si pelo resto da vida, influenciando negativamente sua atitude durante a adolescência até a vida profissional. Como a criança pode se sentir tranqüila quando sua segurança depende de uma pessoa que facilmente perde o controle e a agride? Ela também passa a omitir dos pais os seus erros, com medo da punição, e sente-se como se tivesse pago por seu erro – e acredita que por isso pode cometê-lo novamente.

Enfim, não é preciso enumerar todos os problemas que são causados pela violência familiar. Bater nos filhos é um atestado de fracasso dos pais, uma prova de que perderam o controle da situação. Por mais inofensiva que possa parecer uma "pequena palmada", é importante saber que a força física empregada pelo adulto é necessariamente desproporcional. É verdade que os castigos imoderados e cruéis estão proibidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), promulgado em 1990. Mas como definir claramente o que é castigo imoderado? Há vários casos de crianças que morreram depois de ter sido castigadas "cruelmente". Embora um tapa e um espancamento sejam diferentes, o princípio que rege os dois tipos de atitude é exatamente o mesmo: utilização da força e do poder.

Por trás da violência física está a idéia implícita de que os pais têm total direito sobre a vida e a integridade física da criança. A maioria dos adultos com que tenho contato foram educados com surras e palmadas e reproduzem esse modelo, pois acreditam que o tapa tem a capacidade de modificar comportamentos. A meu ver, a proibição por lei de qualquer castigo físico eliminaria a violência familiar e ajudaria a formar pessoas melhores. A lei não precisa ter caráter punitivo (os pais não deveriam ser presos depois de uma palmada, a história mostra que não se deve tratar violência com violência). Mas eles deveriam ser advertidos caso fossem reincidentes, podendo até perder a posse da criança. Seriam obrigados a participar de um programa de educação, semelhante aos que já existem na legislação de trânsito. Estamos conscientes de que a lei, sozinha, não seria suficiente para impedir o comportamento violento dos pais. Somente um trabalho educativo poderia trazer a consciência de que o amor e o carinho são fundamentais para formarmos cidadãos capazes, seres humanos de verdade. S

PARANHOS, C. Palmada fora-da-lei. Superinteressante, São Paulo, ano 15, n. 2, p. 90, fev. 2001.

Embora um tapa e um espancamento sejam diferentes, o princípio que rege os dois tipos de atitude é exatamente o mesmo. (linhas 62 a 65)

O sentido da frase acima permanecerá inalterado, mesmo se substituirmos a conjunção embora pela locução conjuntiva
a) contanto que.
b) desde que.
c) uma vez que.
d) por mais que.

82) (Cesgranrio-1995) Por amor à Pátria

1 O que é mesmo a Pátria?
2 Houve, com certeza, uma considerável quantidade de brasileiros(as) que, na linha da própria formação, evocaram a Pátria com critérios puramente geográficos: uma vastíssima porção de terra, delimitada, porém, por tratados e convenções. Ainda bem quando acrescentaram: a Pátria é também o Povo, milhões de homens e mulheres que nasceram, moram, vivem, dentro desse território.
3 Outros, numerosos, aprimoraram essa noção de Pátria e pensaram nas riquezas e belezas naturais encerradas na vastidão da terra. Então, a partir das cores da bandeira, decantaram o verde das florestas, o azul do firmamento espelhado no oceano, o amarelo dos metais escondidos no subsolo. Ufanaram-se legitimamente do seu

país ou declararam, convictos, aos filhos jovens, que jamais hão-de ver país como este.

4 Foi o que fizeram todos quantos procuraram a Pátria no quase meio milênio da historia do Brasil, complexa e fascinante História de conquistas e reveses, de "sangue, suor e lágrimas", mas também de esperanças e de realizações. Evocaram gestos heróicos, comovedoras lendas e sugestivas tradições.

5 Tudo isso e o formidável universo humano e sacrossanto que se oculta debaixo de tudo isso constituem a Pátria. Ela é história, é política e é religião. Por isso é mais do que o mero território. É algo de telúrico. É mais do que a justaposição de indivíduos, mas reflete a pulsação da inenarrável história de cada um.

6 A Pátria é mais do que a Nação e o Estado e vem antes deles. A Nação mais elaborada e o Estado mais forte e poderoso, se não partem da noção de Pátria e não servem para dar à Pátria sua fisionomia e sua substância interior, não têm todo o seu valor.

7 Por último, quero exprimir, com os olhos fixos na Pátria, o seu paradoxo mais estimulante. De um lado, ela é algo de acabado, que se recebe em herança.

8 Por outro lado, ela nunca está definitivamente pronta. Está em construção e só é digno dela quem colabora, em mutirão, para ir aperfeiçoando o seu ser. Independente, ela precisa de quem complete a sua independência. Democrática, ela pertence a quem tutela e aprimora a democracia. Livre, ela conta com quem salvaguarda a sua liberdade. E sobretudo, hospitaleira, fraterna, aconchegante, cordial, ela reclama cidadãos e filhos que a façam crescer mais e mais nestes atributos essenciais de concórdia, equilíbrio, harmonia, que a fazem inacreditavelmente Pátria - e me dá vontade de dizer, se me permitem criar um neologismo, inacreditavelmente Mátria.

9 Pensando bem, cada brasileiro, quem quer que seja, tem o direito de esperar que os outros 140 milhões de brasileiros sejam, para ele, Pátria.

Dom Lucas Moreira Neves
(adaptação) JORNAL DO BRASIL - 08/09/93

Os elementos "mas também" (parágrafo 4) e "para dar" (parágrafo 6) conferem aos períodos, respectivamente, idéias de:

a) oposição - causa.
b) consecução - finalidade.
c) acréscimo - finalidade.
d) concessão - causa.
e) oposição - explicação.

83) (FGV-2001) Religiosamente, pela manhã, ele dava milho na mão para a galinha cega. As bicadas tontas, de violentas, faziam doer a palma da mão calosa. E ele sorria. Depois a conduzia ao poço, onde ela bebia com os pés dentro da água. A sensação direta da água nos pés lhe anunciava que era hora de matar a sede; curvava o pescoço rapidamente, mas nem sempre apenas o bico atingia a água: muita vez, no furor da sede longamente guardada, toda a cabeça mergulhava no líquido, e ela a sacudia, assim molhada, no ar. Gotas inúmeras se espargiam nas mãos e no rosto do carroceiro agachado junto do poço. Aquela água era como uma bênção para ele. Como água benta, com que um Deus misericordioso e acessível aspergisse todas as dores animais. Bênção, água benta, ou coisa parecida: uma impressão de doloroso triunfo, de sofredora vitória sobre a desgraça inexplicável, injustificável, na carícia dos pingos de água, que não enxugava e lhe secavam lentamente na pele. Impressão, aliás, algo confusa, sem requintes psicológicos e sem literatura.

Depois de satisfeita a sede, ele a colocava no pequeno cercado de tela separado do terreiro (as outras galinhas martirizavam muito a branquinha) que construíra especialmente para ela. De tardinha dava-lhe outra vez milho e água e deixava a pobre cega num poleiro solitário, dentro do cercado.

Porque o bico e as unhas não mais catassem e ciscassem, puseram-se a crescer. A galinha ia adquirindo um aspecto irrisório de rapace, ironia do destino, o bico recurvo, as unhas aduncas. E tal crescimento já lhe atrapalhava os passos, lhe impedia de comer e beber. Ele notou essa miséria e, de vez em quando, com a tesoura, aparava o excesso de substância córnea no serzinho desgraçado e querido.

Entretanto, a galinha já se sentia de novo quase feliz. Tinha delidas lembranças da claridade sumida. No terreiro plano ela podia ir e vir à vontade até topar a tela de arame, e abrigar-se do sol debaixo do seu poleiro solitário. Ainda tinha liberdade - o pouco de liberdade necessário à sua cegueira. E milho. Não compreendia nem procurava compreender aquilo. Tinham soprado a lâmpada e acabou-se. Quem tinha soprado não era da conta dela. Mas o que lhe doía fundamente era já não poder ver o galo de plumas bonitas. E não sentir mais o galo perturbá-la com o seu cócó-có malicioso. O ingrato.

(João Alphonsus - Galinha Cega. Em MORICONI, Italo, Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século. São Paulo: Objetiva, 2000.)

No último parágrafo do texto, há uma frase aparentemente solta: *E milho*. Explique seu sentido, no contexto.

84) (Fuvest-2001) Só os roçados da morte
compensam aqui cultivar,
e cultivá-los é fácil:
simples questão de plantar;
não se precisa de limpa,
de adubar nem de regar;
as estiagens e as pragas
fazem-nos mais prosperar;
e dão lucro imediato;
nem é preciso esperar
pela colheita: recebe-se

na hora mesma de semear.
(João Cabral de Melo Neto, Morte e vida severina)

Substituindo-se os dois-pontos por uma conjunção, em "(...) pela colheita: recebe-se (...)", mantém-se o sentido do texto APENAS em "(...) pela colheita,
a) embora se receba (...)"..
b) ou se recebe (...)".
c) ainda que se receba (...)".
d) já que se recebe (...)"
e) portanto se recebe (...)".

85) (Mack-2002) Sou um homem arrasado. Doença? Não. Gozo perfeita saúde.
O que estou é velho. (…) cinqüenta anos gastos sem objetivo, a maltratar-me e a maltratar os outros. O resultado é que endureci, calejei, e não é um arranhão que penetra esta casca espessa e vem ferir cá dentro a sensibilidade embotada.
Cinqüenta anos! Quantas horas inúteis! (…) Comer e dormir como um porco! (…) E depois guardar comida para os filhos, para os netos, para muitas gerações. Que estupidez! (…)
Penso em Madalena com insistência. Se fosse possível recomeçarmos … Para que enganar-me?
Se fosse possível recomeçarmos, aconteceria exatamente o que aconteceu.
Graciliano Ramos - S. Bernardo

"O resultado é que endureci, calejei, **e** não é um arranhão que penetra esta casca espessa."

A conjunção **e** do período acima pode ser corretamente substituída, sem prejuízo do sentido original, por:
a) mas.
b) portanto.
c) pois.
d) por que
e) no entanto.

86) (UFU-2006) Tenho desprezo por gente que se orgulha da própria raça. Nem tanto pelo orgulho, sentimento menos nobre, porém inerente à natureza humana, mas pela estupidez. Que mérito pessoal um pobre de espírito pode pleitear por haver nascido branco, negro ou amarelo, de olhos azuis ou lilases?
Tradicionalmente, o conceito popular de raça está ligado a características externas do corpo humano, como cor da pele, formato dos olhos e as curvas que o cabelo faz ou deixa de fazer. Existe visão mais subjetiva?
Na Alemanha nazista, bastava ter a pele morena para o cidadão ser considerado de uma raça inferior à dos que se proclamavam arianos. Nos Estados Unidos, são classificadas como negras pessoas que no Brasil consideramos brancas; lá, os mineiros de Governador Valadares são rotulados de hispânicos. Conheci um cientista português que se orgulhava de descender diretamente dos godos!
Há cerca de 100 mil anos, seres humanos de anatomia semelhante à da mulher e à do homem moderno migraram da África, berço de nossa espécie, para os quatro cantos do mundo. Tais ondas migratórias criaram forte pressão seletiva sobre nossos ancestrais. Não é difícil imaginar as agruras de uma família habituada ao sol da savana etíope, obrigada a adaptar-se à escuridão do inverno russo; ou as dificuldades de adaptação de pessoas acostumadas a dietas vegetarianas ao migrar para regiões congeladas.
Apesar de primatas aventureiros, éramos muito mais apegados à terra natal nessa época em que as viagens precisavam ser feitas a pé; a maioria de nossos antepassados passava a existência no raio de alguns quilômetros ao redor da aldeia natal. Como descendemos de um pequeno grupo de hominídeos africanos e o isolamento favorece o acúmulo de semelhanças genéticas, traços externos como a cor da pele, dos olhos e dos cabelos tornaram-se característicos de determinadas populações.
Mas seria possível estabelecer critérios genéticos mais objetivos para definir o que chamamos de raça? Em outras palavras: além dessa meia dúzia de aspectos identificáveis externamente, o que diferenciaria um negro de um branco ou de um asiático?
Para determinar o grau de parentesco entre dois indivíduos, os geneticistas modernos fazem comparações entre certos genes contidos no DNA de cada um. Lembrando que os genes nada mais são do que pequenos fragmentos da molécula de DNA, a tecnologia atual permite que semelhanças e disparidades porventura existentes entre dois genes sejam detectadas com precisão.
Tecnicamente, essas diferenças recebem o nome de polimorfismos. É na análise desses polimorfismos que se baseia o teste de DNA para exclusão de paternidade, por exemplo.
Na Universidade de Stanford, Noah Rosemberg e Jonathan Pritchard testaram 375 polimorfismos genéticos em 52 grupos de habitantes da Ásia, África, Europa e das Américas. Através da comparação, conseguiram dividilos em cinco grupos étnicos cujos ancestrais estiveram isolados por barreiras geográficas, como desertos extensos, montanhas intransponíveis ou oceanos: os africanos da região abaixo do deserto do Saara, os asiáticos do leste, os europeus e asiáticos que vivem a oeste dos Himalaias, os habitantes da Nova Guiné e Melanésia e os indígenas das Américas.
No entanto, quando os autores tentaram atribuir identidade genética aos habitantes do sul da Índia, verificaram que seus traços eram comuns a europeus e a asiáticos, observação consistente com a influência exercida por esses povos naquela área do país.
A conclusão é que só é possível identificar grupos de indivíduos com semelhanças genéticas ligadas a suas

origens geográficas quando descendem de populações isoladas por barreiras que impediram a miscigenação.
Mas o conceito popular de raça está distante da complexidade das análises de polimorfismos genéticos: para o povo, raça é questão de cor da pele, tipo de cabelo e traços fisionômicos.
Nada mais primário!
Essas características sofreram forte influência do processo de seleção natural que, no decorrer da evolução de nossa espécie, eliminou os menos aptos. Pessoas com mesma cor de pele podem apresentar profundas divergências genéticas, como é o caso de um negro brasileiro comparado com um aborígene australiano ou com um árabe de pele escura.
Ao contrário, indivíduos semelhantes geneticamente, quando submetidos a forças seletivas distintas, podem adquirir aparências diversas. Nos transplantes de órgãos, ninguém é louco de escolher um doador apenas por ser fisicamente parecido ou por ter cabelo crespo como o do receptor.
Excluídos os gêmeos univitelinos, entre os 6 bilhões de seres humanos não existem dois indivíduos geneticamente idênticos. Dos 30 mil genes que formam nosso genoma, os responsáveis pela cor da pele e pelo formato do rosto não passam de algumas dezenas.
Como as combinações de genes maternos e paternos admitem infinitas alternativas, teoricamente pode haver mais identidade genética entre dois estranhos do que entre primos consangüíneos; entre um negro brasileiro e um branco argentino, do que entre dois negros sul-africanos ou dois brancos noruegueses.
Dráuzio Varela. *Folha de S. Paulo,* 1º de abril de 2006.

Assinale a **ÚNICA** alternativa em que o termo em destaque expressa exemplificação.
a) "...conseguiram dividi-los em cinco grupos étnicos cujos ancestrais estiveram isolados por barreiras geográficas, **como** desertos extensos, montanhas intransponíveis ou oceanos..." (linhas 42-44)
b) "**Como** descendemos de um pequeno grupo de hominídeos africanos e o isolamento favorece o acúmulo de semelhanças genéticas..." (linhas 24-25)
c) "Nos Estados Unidos, são classificadas **como** negras pessoas que no Brasil consideramos brancas..." (linhas 9-11)
d) "...ninguém é louco de escolher um doador apenas por ser fisicamente parecido ou por ter cabelo crespo **como** o do receptor." (linhas 66-67)

87) (UFU-2006) Tenho desprezo por gente que se orgulha da própria raça. Nem tanto pelo orgulho, sentimento menos nobre, porém inerente à natureza humana, mas pela estupidez. Que mérito pessoal um pobre de espírito pode pleitear por haver nascido branco, negro ou amarelo, de olhos azuis ou lilases?
Tradicionalmente, o conceito popular de raça está ligado a características externas do corpo humano, como cor da pele, formato dos olhos e as curvas que o cabelo faz ou deixa de fazer. Existe visão mais subjetiva?
Na Alemanha nazista, bastava ter a pele morena para o cidadão ser considerado de uma raça inferior à dos que se proclamavam arianos. Nos Estados Unidos, são classificadas como negras pessoas que no Brasil consideramos brancas; lá, os mineiros de Governador Valadares são rotulados de hispânicos. Conheci um cientista português que se orgulhava de descender diretamente dos godos!
Há cerca de 100 mil anos, seres humanos de anatomia semelhante à da mulher e à do homem moderno migraram da África, berço de nossa espécie, para os quatro cantos do mundo. Tais ondas migratórias criaram forte pressão seletiva sobre nossos ancestrais. Não é difícil imaginar as agruras de uma família habituada ao sol da savana etíope, obrigada a adaptar-se à escuridão do inverno russo; ou as dificuldades de adaptação de pessoas acostumadas a dietas vegetarianas ao migrar para regiões congeladas.
Apesar de primatas aventureiros, éramos muito mais apegados à terra natal nessa época em que as viagens precisavam ser feitas a pé; a maioria de nossos antepassados passava a existência no raio de alguns quilômetros ao redor da aldeia natal. Como descendemos de um pequeno grupo de hominídeos africanos e o isolamento favorece o acúmulo de semelhanças genéticas, traços externos como a cor da pele, dos olhos e dos cabelos tornaram-se característicos de determinadas populações.
Mas seria possível estabelecer critérios genéticos mais objetivos para definir o que chamamos de raça? Em outras palavras: além dessa meia dúzia de aspectos identificáveis externamente, o que diferenciaria um negro de um branco ou de um asiático?
Para determinar o grau de parentesco entre dois indivíduos, os geneticistas modernos fazem comparações entre certos genes contidos no DNA de cada um. Lembrando que os genes nada mais são do que pequenos fragmentos da molécula de DNA, a tecnologia atual permite que semelhanças e disparidades porventura existentes entre dois genes sejam detectadas com precisão.
Tecnicamente, essas diferenças recebem o nome de polimorfismos. É na análise desses polimorfismos que se baseia o teste de DNA para exclusão de paternidade, por exemplo.
Na Universidade de Stanford, Noah Rosemberg e Jonathan Pritchard testaram 375 polimorfismos genéticos em 52 grupos de habitantes da Ásia, África, Europa e das Américas. Através da comparação, conseguiram dividilos em cinco grupos étnicos cujos ancestrais estiveram isolados por barreiras geográficas, como desertos extensos, montanhas intransponíveis ou oceanos: os africanos da região abaixo do deserto do Saara, os

asiáticos do leste, os europeus e asiáticos que vivem a oeste dos Himalaias, os habitantes da Nova Guiné e Melanésia e os indígenas das Américas.

No entanto, quando os autores tentaram atribuir identidade genética aos habitantes do sul da Índia, verificaram que seus traços eram comuns a europeus e a asiáticos, observação consistente com a influência exercida por esses povos naquela área do país.

A conclusão é que só é possível identificar grupos de indivíduos com semelhanças genéticas ligadas a suas origens geográficas quando descendem de populações isoladas por barreiras que impediram a miscigenação.

Mas o conceito popular de raça está distante da complexidade das análises de polimorfismos genéticos: para o povo, raça é questão de cor da pele, tipo de cabelo e traços fisionômicos.

Nada mais primário!

Essas características sofreram forte influência do processo de seleção natural que, no decorrer da evolução de nossa espécie, eliminou os menos aptos. Pessoas com mesma cor de pele podem apresentar profundas divergências genéticas, como é o caso de um negro brasileiro comparado com um aborígene australiano ou com um árabe de pele escura.

Ao contrário, indivíduos semelhantes geneticamente, quando submetidos a forças seletivas distintas, podem adquirir aparências diversas. Nos transplantes de órgãos, ninguém é louco de escolher um doador apenas por ser fisicamente parecido ou por ter cabelo crespo como o do receptor.

Excluídos os gêmeos univitelinos, entre os 6 bilhões de seres humanos não existem dois indivíduos geneticamente idênticos. Dos 30 mil genes que formam nosso genoma, os responsáveis pela cor da pele e pelo formato do rosto não passam de algumas dezenas.

Como as combinações de genes maternos e paternos admitem infinitas alternativas, teoricamente pode haver mais identidade genética entre dois estranhos do que entre primos consangüíneos; entre um negro brasileiro e um branco argentino, do que entre dois negros sul-africanos ou dois brancos noruegueses.

Dráuzio Varela. *Folha de S. Paulo,* 1º de abril de 2006.

Observe o período abaixo.

...só é possível identificar grupos de indivíduos com semelhanças genéticas ligadas a suas origens geográficas **quando** descendem de populações isoladas... (linhas 52-54)

Assinale a **ÚNICA** alternativa em que a substituição do termo em destaque mantém a mesma relação de sentido entre as proposições.

a) porque
b) se
c) pois
d) posto que

88) (UECE-2002) Texto

AS IRACEMAS DO CEARÁ

Em pleno domingo, ao pino do sol, procurávamos, entre o pouco verde que ainda resta, entre as pequenas estradas de Caucaia, a índia que recebera o mesmo nome da virgem dos lábios de mel de José de Alencar. Ao encontrá-la, algumas semelhanças nos vêm à mente. Os cabelos são negros como asa de graúna só que ficam presos no topo da cabeça. O pé é pequeno e grácil, mas não aparece nu e sim calçado em uma chinela de borracha. Está ali uma outra Iracema, está ali também o retrato das índias de agora, longe do traço romanesco do poeta-romancista. Esta Iracema, de sobrenome Matos Mesquita, traça uma história diferente daquela dos seus antepassados (...). Até pouco tempo atrás ensinava os guris da aldeia da Lagoa, embaixo de uma cajazeira. Iracema trocou os livros e as cantigas de meninos para tornar-se agente de saúde. "O trabalho da índia não é mais diferente do da mulher branca. Antes, ela ia para a mata, plantava e fazia artesanato. Agora, algumas vendem frutas e peixes em Fortaleza e outras ou são professoras ou apenas domésticas", explica Iracema. Da antiga imagem das mulheres de seios de fora, saia de palha e cocar na cabeça resta muito pouco. As mulheres indígenas não esperam mais aquilo que a terra sob os pés tem a oferecer. (...) Apenas algumas índias conhecem a saga da virgem dos lábios de mel. "Nós fomos abandonados como a Iracema do livro. Só que abandonados pelas autoridades. Hoje, a situação está mudando um pouco porque não ficamos mais calados e descobrimos que temos direitos. E estamos lutando por eles", enfatiza a Iracema dos Tapebas.

(Ana Naddaf e Marisa A. de Britto Xavier. O POVO. 18/4/1999)

O elemento coesivo *só que* , como o *mas* , opõe idéias. No texto em estudo, pode-se afirmar que *só que*

a) tem a mesma força argumentativa que *mas*
b) intensifica, mais do que *mas*, a oposição das idéias
c) minimiza o contraste estabelecido entre as duas informações
d) acrescenta à informação uma forte carga pejorativa

89) (PUC - RJ-2007) TEXTO 1

A revolução do cérebro

O seu cérebro é capaz de quase qualquer coisa. Ele consegue parar o tempo, ficar vários dias numa boa sem dormir, ler pensamentos, mover objetos a distância e se reconstruir de acordo com a necessidade. Parecem superpoderes de histórias em quadrinhos, mas são apenas algumas das descobertas que os neurocientistas fizeram ao

longo da última década. Algumas dessas façanhas sempre fizeram parte do seu cérebro e só agora conseguimos perceber. Outras são fruto da ciência: ao decifrar alguns mecanismos da nossa mente, os pesquisadores estão encontrando maneiras de realizar coisas que antes pareciam impossíveis. O resultado é uma revolução como nenhuma outra, capaz de mudar não só a maneira como entendemos o cérebro, mas também a imagem que fazemos do mundo, da realidade e de quem somos nós.
[...]
O seu corpo, ao que parece, é muito pequeno para conter uma máquina tão poderosa quanto o cérebro. Prova disso veio em julho, quando foram divulgadas as aventuras de Matthew Nagle, um americano que ficou paralítico em uma briga em 2001. Três anos depois, cientistas da Universidade Brown, EUA, e de quatro outras instituições implantaram eletrodos na parte do cérebro dele responsável pelos movimentos dos braços e registraram os disparos de mais de 100 neurônios. Enviados a um computador, esses sinais permitiram que ele controlasse um cursor em uma tela, abrisse e-mails, jogasse videogames e comandasse um braço robótico. Somente com o pensamento, Nagle conseguiu mover objetos. [...]
Foi [...] uma prova de que o nosso cérebro é capaz de comandar objetos fora do corpo – uma idéia que pode mudar nossa relação com o mundo.
Extraído da Revista Superinteressante, Editora Abril, agosto de 2006, pp.50-59.

TEXTO 2

O século louco

Do século XX, no futuro, se dirá que foi louco. Um século que usou ao máximo o poder do cérebro para manipular as coisas do mundo e não usou o coração para fazer isso com sentimento solidário.
Um século no qual a palavra inteligência perdeu o seu sentido pleno, porque o raciocínio foi capaz de manipular a natureza nos limites da curiosidade científica, mas não foi usado para fazer um mundo melhor e mais belo para todos. A inteligência do século XX foi burra. Foi capaz de fabricar uma bomba atômica, liberar a energia escondida dentro dos átomos, mas incapaz de evitar que se usassem duas delas, matando centenas de milhares de pessoas.
O que se pode dizer da bomba atômica, como símbolo do século XX, vale para o conjunto das técnicas usadas nestes cem anos loucos: fomos capazes de tudo, menos de fazer o mundo mais decente – como teria sido possível.
Vivemos um tempo em que a inteligência humana conseguiu fazer robôs que substituem os trabalhadores, mas no lugar de libertar o homem da necessidade do trabalho, os robôs provocam a miséria do desemprego.
Inventamos a maravilha do automóvel e aumentamos o tempo perdido para ir de casa ao trabalho. Fizemos armas inteligentes, que acertam os alvos sem necessidade de arriscar a vida de pilotos, mas põem em risco a paz entre os povos.[...]
BUARQUE, Cristovam. Os instrangeiros. A aventura da opinião na fronteira dos séculos.
Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2002, pp. 113-115.

a) Retire, do Texto 1, uma expressão que tem um caráter excessivamente informal em relação ao restante do mesmo.
b) Fazendo todas as modificações necessárias, reescreva o período abaixo sem empregar a conjunção integrante "**que**". "Enviados a um computador, esses sinais permitiram que ele controlasse um cursor em uma tela, abrisse e-mails, jogasse videogame e comandasse um braço robótico."
c) Reescreva o período abaixo, utilizando a conjunção "embora" para marcar a relação estabelecida entre as duas orações. "Inventamos a maravilha do automóvel e aumentamos o tempo perdido para ir de casa ao trabalho."

90) (UFRJ-206) TEXTO II: De manhã

O hábito de estar aqui agora
aos poucos substitui a compulsão
de ser o tempo todo alguém ou algo.
Um belo dia - por algum motivo
é sempre dia claro nesses casos -
você abre a janela, ou abre um pote
de pêssegos em calda, ou mesmo um livro
que nunca há de ser lido até o fim
e então a idéia irrompe, clara e nítida:
É necessário? Não. Será possível?
De modo algum. Ao menos dá prazer?
Será prazer essa exigência cega
a latejar na mente o tempo todo?
Então por quê?
E neste exato instante
você por fim entende, e refestela-se
a valer nessa poltrona, a mais cômoda
da casa, e pensa sem rancor:
Perdi o dia, mas ganhei o mundo.
(Mesmo que seja por trinta segundos.)

(BRITO, Paulo Henriques. As três epifanias - III. In: BRITO, P. H. *Macau.* São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 72-73)

A conjunção adversativa *mas*, utilizada no penúltimo verso do texto II, além de implicar contraste, desempenha papel argumentativo específico.
Explique esse papel.

91) (Mack-2006) Texto I

Tanto de meu estado me acho incerto
que em vivo ardor tremendo estou de frio;
sem causa, juntamente choro e rio;
o mundo todo abarco e nada aperto.
[...]
Se me pergunta alguém por que assim ando,
respondo que não sei; porém suspeito
que só porque vos vi, minha Senhora.
Camões

Texto II
Metassoneto ou o computador irritado
abba
baab
cdc
dcc
[...]
blablablablablablablablablablablablablabla
José Paulo Paes

Assinale a alternativa correta sobre o texto I.
a) No primeiro verso da primeira estrofe está expressa a conseqüência do que se manifesta no segundo verso.
b) Em tremendo estou de frio (verso 2), o termo destacado é um predicativo do sujeito, pois vem antecedido de verbo de ligação e expressa um estado.
c) Se, no segmento porque vos vi (último verso), o poeta optasse por um pronome de terceira pessoa, usaria, de acordo com a norma culta, a forma "lhe".
d) A conjunção e (verso 4) pode ser substituída pela conjunção "mas", sem prejuízo do sentido original.
e) Em por que assim ando (última estrofe), a expressão em negrito está corretamente grafada, assim como em "Eis o por quê da minha insegurança".

92) (Fuvest-2004) Texto para a questão a seguir

Uma flor, o Quincas Borba. Nunca em minha infância, nunca em toda a minha vida, achei um menino mais gracioso, inventivo e travesso. Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade. A mãe, viúva, com alguma cousa de seu, adorava o filho e trazia-o amimado, asseado, enfeitado, com um vistoso pajem atrás, um pajem que nos deixava gazear a escola, ir caçar ninhos de pássaros, ou perseguir lagartixas nos morros do Livramento e da Conceição, ou simplesmente arruar, à toa, como dous peraltas sem emprego. E de imperador! Era um gosto ver o Quincas Borba fazer de imperador nas festas do Espírito Santo. De resto, nos nossos jogos pueris, ele escolhia sempre um papel de rei, ministro, general, uma supremacia, qualquer que fosse. Tinha garbo o traquinas, e gravidade, certa magnificência nas atitudes, nos meneios. Quem diria que... Suspendamos a pena; não adiantemos os sucessos. Vamos de um salto a 1822, data da nossa independência política, e do meu primeiro cativeiro pessoal.

(Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas)

Em "Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade.", a palavra assinalada pode ser substituída, sem que haja alteração de sentido, por:
a) mas sim.
b) de outro modo.
c) exceto.
d) portanto.
e) ou.

93) (IBMEC-2007) [...] Pus-me a ler o jornal, os anúncios de "precisa-se". Dentre eles, um pareceu aceitável. Tratava-se de um rapaz de conduta afiançada para acompanhar um cesto de pão. Era nas Laranjeiras. Estava resolvido a aceitar; trabalharia um ano ou mais; guardaria dinheiro suficiente que me desse tempo para pleitear mais tarde um lugar melhor. Não havia nada que me impedisse: eu era desconhecido, sem família, sem origens... Que mal havia?
Mais tarde, se chegasse a alguma coisa, não me envergonharia, por certo?! Fui, contente até. Falei ao gordo proprietário do estabelecimento. Não me recordo mais das suas feições, mas tenho na memória as grandes mãos com um enorme "solitário" e o seu alentado corpo de arrobas.
— Foi o senhor que anunciou um rapaz para...
— Foi; é o senhor? respondeu-me logo sem me dar tempo de acabar.
— Sou, pois não.
O gordo proprietário esteve um instante a considerar, agitou os pequenos olhos perdidos no grande rosto, examinou-me convenientemente e disse por fim, voltando-me as costas com mau humor:
— Não me serve.
— Por quê? atrevi-me eu.
— Porque não me serve.
E veio vagarosamente até uma das portas da rua, enquanto eu saía literalmente esmagado. Naquela recusa do padeiro em me admitir, eu descobria uma espécie de sítio posto à minha vida. Sendo obrigado a trabalhar, o trabalho era-me recusado em nome de sentimentos injustificáveis. Facilmente generalizei e convenci-me de que esse seria o preceder geral. Imaginei as longas marchas que teria que fazer para arranjar qualquer coisa com que viver; as humilhações que teria que tragar; e, de novo, me veio aquele ódio do bonde, quando de volta da casa do Deputado Castro. Revoltava-me que me obrigassem a despender tanta força de vontade, tanta energia, com
coisas em que os outros pouco gastavam. Era uma desigualdade absurda, estúpida, contra a qual se iam quebrar o meu pensamento angustiado e os meus sentimentos liberais que não podiam acusar particularmente o padeiro.
Que diabo! Eu oferecia-me, ele não queria! que havia nisso demais?

Era uma simples manifestação de um sentimento geral e era contra esse sentimento, aos poucos descoberto por mim, que eu me revoltava. Vim descendo a rua, e perdendo-me aos poucos no meu próprio raciocínio. Preliminarmente descobria-lhe absurdos, voltava ao interior, misturava os dois, embrulhava-me. No largo do Machado, contemplei durante momentos aquela igreja de frontão grego e colunas dóricas e tive a sensação de estar em país estrangeiro.
(Lima Barreto. Recordações do escrivão Isaías Caminha. *3. Ed. São Paulo: Ática, 1994, p. 69-70.)*

Assinale a alternativa que preenche as lacunas **corretamente**:
“Indaguei-lhe ______ não servia como seu funcionário, ______? Ele, desatento, não me respondeu o ______.“
a) porque, por que, porquê.
b) por que, por quê, porquê.
c) por que, porquê, por que.
d) porque, porque, por quê.
e) porquê, por quê, porque.

94) (ENEM-2002) A crônica muitas vezes constitui um espaço para reflexão sobre aspectos da sociedade em que vivemos.

“Eu, na rua, com pressa, e o menino segurou no meu braço, falou qualquer coisa que não entendi. Fui logo dizendo que não tinha, certa de que ele estava pedindo dinheiro. Não estava. Queria saber a hora.
Talvez não fosse um Menino De Família, mas também não era um Menino De Rua. É assim que a gente divide. Menino De Família é aquele bem-vestido com tênis da moda e camiseta de marca, que usa relógio e a mãe dá outro se o dele for roubado por um Menino De Rua. Menino De Rua é aquele que quando a gente passa perto segura a bolsa com força porque pensa que ele é pivete, trombadinha, ladrão.
(...) Na verdade não existem meninos De rua. Existem meninos NA rua. E toda vez que um menino está NA rua é porque alguém o botou lá. Os meninos não vão sozinhos aos lugares. Assim como são postos no mundo, durante muitos anos também são postos onde quer que estejam. Resta ver quem os põe na rua. E por quê.”
COLASSANTI, Marina. In: *Eu sei, mas não devia.* Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

No terceiro parágrafo em *“... não existem meninos De rua. Existem meninos NA rua.”*, a troca de De pelo Na determina que a relação de sentido entre “menino” e “rua” seja

a) de localização e não de qualidade.
b) de origem e não de posse.
c) de origem e não de localização.
d) de qualidade e não de origem.
e) de posse e não de localização.

95) (Covest-1997) Assinale a alternativa correta no que se refere ao uso dos pronomes:
a) Não acredito que entre mim e você surjam problemas deste tipo.
b) Espere-me, pois estarei consigo na próxima semana.
c) Não há qualquer afinidade entre eu e eles.
d) Estas flores chegaram para tu.
e) Pedi que deixasse o documento para mim assinar.

96) (Mack-2004) Há no Brasil grandíssimas matas de árvores agrestes, cedros, carvalhos, vinháticos, angelins e outras não conhecidas em Espanha, de madeiras fortíssimas para se poderem fazer delas fortíssimos galeões e, o que mais é, que da casca de algumas se tira a estopa para se calafetarem e fazerem cordas para enxárcia e amarras, do que tudo se aproveitam os que querem cá fazer navios, e se pudera aproveitar el-rei se cá os mandara fazer.
Obs.: enxárcia — conjunto de cabos e degraus roliços feitos de cabo (‘corda’), madeira ou ferro, que sustentam mastros de embarcações a vela
Considerando sempre o contexto, assinale a alternativa correta.
a) Substituindo “haver” por “existir”, na frase Há no Brasil grandíssimas matas de árvores, a forma correta é: “Existe no Brasil”.
b) Em grandíssimas matas **de** árvores agrestes, o termo destacado estabelece relação de “constituição”.
c) Em se tira a estopa **para se calafetarem**, o segmento destacado expressa idéia de “meio com o qual se obtém um certo resultado”.
d) Nas linhas finais, aparecem dois pronomes **os** (**os** que querem; **os** mandara fazer), e eles têm o mesmo referente.
e) A frase se cá os mandara fazer traz subentendida a seguinte idéia: el-rei é um dos que efetivamente aproveitam tudo das árvores encontradas no Brasil.

97) (FEI-1997) "Não é o homem um mundo pequeno que está dentro do mundo grande, mas é um mundo grande que está dentro do pequeno. Baste *por prova o coração humano, que sendo uma pequena parte do homem, excede na capacidade a toda a grandeza do mundo. (...) O mar, com ser um monstro,* indômito, chegando às areias, pára; as árvores, onde *as põem, não se mudam; os peixes contentam-se com o mar, as aves com o ar, os outros animais com a terra. Pelo contrário, o homem, monstro ou quimera de todos os elementos, em nenhum lugar *pára, com nenhuma fortuna se contenta, nenhuma ambição ou apetite o falta: tudo confunde e como é maior que o mundo, não cabe nele".

Observe as palavras indicadas no texto: "por" (ref. 1); "indômito" (ref. 2); "as" (ref. 3); "pára" (ref. 4). Assinale a

alternativa que analise corretamente a classe gramatical destas palavras:
a) verbo - substantivo - pronome - preposição.
b) preposição - substantivo - artigo - verbo.
c) verbo - adjetivo - artigo - verbo.
d) preposição - adjetivo - artigo - preposição.
e) preposição - adjetivo - pronome - verbo.

98) (IME-1996) Nas frases a seguir há erros ou impropriedades. Reescreva-as e justifique a correção.
a) "Esta é uma tarefa para mim fazer sozinho, não admito que se reparta as responsabilidades entre eu e outra pessoa."
b) "Ele tomou as decisões as mais oportunas."

99) (FGV-2005) No quarto parágrafo, é possível acrescentar uma preposição combinada com um artigo. Qual é a combinação? Em que frase ela pode aparecer? Justifique.

1. HORA DA SESTA. Um grande silêncio no casarão.
2. Faz sol, depois de uma semana de dias sombrios e úmidos.
3. Clarissa abre um livro para ler. Mas o silêncio é tão grande que, inquieta, ela torna a pôr o
4. volume na prateleira, ergue-se e vai até a janela, para ver um pouco de vida.
5. Na frente da farmácia está um homem metido num grosso sobretudo cor de chumbo. Um
6. cachorro magro atravessa a rua. A mulher do coletor aparece à janela. Um rapaz de pés
7. descalços entra na Panificadora.
8. Clarissa olha para o céu, que é dum azul tímido e desbotado, olha para as sombras fracas
9. sobre a rua e depois se volta para dentro do quarto.
10. Aqui faz frio. Lá no fundo do espelho está uma Clarissa indecisa, parada, braços caídos,
11. esperando. Mas esperando quê?
12. Clarissa recorda. Foi no verão. Todos no casarão dormiam. As moscas dançavam no ar,
13. zumbindo. Fazia um solão terrível, amarelo e quente. No seu quarto, Clarissa não sabia que
14. fazer. De repente pensou numa travessura. Mamãe guardava no sótão as suas latas de
15. doce, os seus bolinhos e os seus pães que deviam durar toda a semana. Era proibido entrar
16. lá. Quem entrava, dos pequenos, corria o risco de levar palmadas no lugar de
17. costume.
18. Mas o silêncio da sesta estava cheio de convites traiçoeiros. Clarissa ficou pensando.
19. Lembrou-se de que a chave da porta da cozinha servia no quartinho do sótão.
20. Foi buscá-la na ponta dos pés. Encontrou-a no lugar. Subiu as escadas devagarinho. Os
21. degraus rangiam e a cada rangido ela levava um sustinho que a fazia estremecer.
22. Clarissa subia, com a grande chave na mão. Ninguém... Silêncio...
23. Diante da porta do sótão, parou, com o coração aos pulos. Experimentou a chave. A
24. princípio não entrava bem na fechadura. Depois entrou. Com muita cautela, abriu a porta e
25. se viu no meio duma escuridão perfumada, duma escuridão fresca que cheirava a doces,
26. bolinhos e pão.
27. Comeu muito. Desceu cheia de medo. No outro dia D. Clemência descobriu a violação, e
28. Clarissa levou meia dúzia de palmadas.
29. Agora ela recorda... E de repente se faz uma grande claridade, ela tem a grande idéia. “A
30. chave da cozinha serve na porta do quarto do sótão.” O quarto de Vasco fica no sótão...
31. Vasco está no escritório... Todos dormem... Oh!
32. E se ela fosse buscar a chave da cozinha e subisse, entrasse no quarto de Vasco e
33. descobrisse o grande mistério?
34. Não. Não sou mais criança. Não. Não fica direito uma moça entrar no quarto dum rapaz.
35. Mas ele não está lá... que mal faz? Mesmo que estivesse, é teu primo. Sim, não sejas
36. medrosa. Vamos. Não. Não vou. Podem ver. Que é que vão pensar? Subo a escada,
37. alguém me vê, pergunta: “Aonde vais, Clarissa?” Ora, vou até o quartinho das malas.
38. Pronto. Ninguém pode desconfiar. Vou. Não, não vou. Vou, sim!

(Porto Alegre: Globo, 1981. pp. 132-133)

100) (ITA-2005) O projeto Montanha Limpa, desenvolvido desde 1992, por meio da parceria entre o Parque Nacional de Itatiaia e a DuPont, visa amenizar os problemas causados pela poluição em forma de lixo deixado por visitantes desatentos.
(Folheto do Projeto Montanha Limpa do Parque Nacional de Itatiaia).
A preposição que indica que o Projeto Montanha Limpa continua até a publicação do Folheto é
a) entre.
b) por (por visitantes)..
c) em.
d) por (pela poluição).
e) desde

101) (FGV-2004) Observe o fragmento:
“Era no tempo que ainda os portugueses não haviam sido por uma tempestade empurrados para a terra de Santa Cruz.”
É possível acrescentar aí uma preposição. Transcreva o fragmento, mas inclua essa preposição.

102) (FGV-2003) Observe os termos sublinhados nas seguintes frases:

Chegou a hora do público se manifestar contra a publicação desse impostor.
As palmas do público ecoavam pelo teatro, em apoio à proposta de Nabuco.
Vista do público, a cantora parecia bonita; da coxia, percebia-se que era feia.

Sobre eles, é correto afirmar:

a) Para o segundo exemplo, vários gramáticos recomendam a forma de o em lugar de do, porque a preposição está regendo o sujeito.
b) Para o terceiro exemplo, vários gramáticos recomendam a forma de o em lugar de do, porque a preposição está regendo o sujeito.
c) Nos três exemplos, os termos sublinhados exercem a mesma função sintática de adjunto adverbial.
d) No primeiro e no segundo exemplos, os termos sublinhados exercem a mesma função sintática de adjunto adnominal.
e) Para o primeiro exemplo, vários gramáticos recomendam a forma de o em lugar de do, porque o público é sujeito, que não deve ser iniciado por preposição.

103) (ITA-1996) OS CÃES

- Lutar. Podes escachá-los ou não; o essencial[1] é que lutes. Vida é luta. Vida sem luta*$^{-}$ é um mar morto no centro do organismo universal.
DAÍ A POUCO demos COM UMA BRIGA de cães*; fato que AOS OLHOS DE UM HOMEM VULGAR não teria valor, Quincas Borba fez-me parar e observar os cães. Eram dois. Notou que ao pé deles* estava um osso, MOTIVO DA GUERRA, e não deixou de chamar a minha atenção para a circunstância de que o osso não tinha carne. Um simples osso nu. Os cães mordiam-se*, rosnavam, COM O FUROR NOS OLHOS... Quincas Borba meteu a bengala DEBAIXO DO[5] BRAÇO, e parecia em êxtase.
- Que belo que isto é! dizia ele de quando em quando. Quis arrancá-lo dali, mas não pude; ele estava arraigado AO CHÃO, e só continuou A ANDAR, quando a briga cessou* INTEIRAMENTE, e um dos cães, MORDIDO e vencido, foi levar a sua fome A OUTRA PARTE. Notei que ficara sinceramente ALEGRE, posto[6] contivesse a ALEGRIA, segundo convinha a um grande filósofo. Fez-me observar a beleza do espetáculo, relembrou o objeto da luta, concluiu que os cães tinham fome; mas a privação do alimento era nada para os efeitos gerais da filosofia. Nem deixou de recordar que em algumas partes do globo o espetáculo é mais grandioso: as criaturas humanas é que disputam¤ aos cães os ossos e outros manjares menos APETECÍVEIS; luta que se complica muito, porque entra em ação a inteligência do homem, com todo o acúmulo de sagacidade que lhe deram os séculos etc.

Identificadas as classes das palavras retiradas do texto e relacionando a primeira relação à segunda, assinale a seqüência correta a seguir:

(1) adjetivo
(2) substantivo
(3) verbo
(4) pronome
(5) advérbio
(6) conjunção
(7) preposição
(8) locução adjetiva
(9) locução adverbial
(10) locução substantiva
(11) locução prepositiva

( ) o essencial (referência 1)
( ) sem luta (referência 2)
( ) de cães (referência 3)
( ) ao pé deles (referência 4)
( ) debaixo do (referência 5)
( ) posto (referência 6)

a) 1-8-8-9-11-3
b) 1-9-8-9-7-3
c) 2-8-8-9-11-6
d) 2-9-10-10-9-11
e) 2-8-8-10-9-6

104) (UNIFESP-2004) TEXTO 1
... a serpente mostrava ser a mais cautelosa de todos os animais selváticos do campo, que Jeová Deus havia feito. Assim, ela começou dizer à mulher: “É realmente assim que Deus disse, que não deveis comer de toda árvore do jardim?” A isso a mulher disse à serpente: “Do fruto das árvores do jardim podemos comer. Mas quanto a comer do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: ‘Não deveis comer dele, não, nem deveis tocar nele, para que não morrais.’ ” A isso a serpente disse à mulher: “Positivamente não morrereis. Porque Deus sabe que, no mesmo dia que em que comerdes dele, forçosamente se abrirão os vossos olhos e forçosamente sereis como Deus, sabendo o que é bom e o que é mau.”
Conseqüentemente, a mulher viu que a árvore era boa para alimento e que era algo para os olhos anelarem, sim, a árvore desejável para se contemplar. De modo que começou a tomar do seu fruto e a comê-lo. Depois deu também dele a seu esposo, quando estava com ela, e ele começou a comê-lo. Abriram-se então os olhos e começaram a perceber que estavam nus. Por isso coseram

folhas de figueira e fizeram para si coberturas para os lombos.
(Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas.)

TEXTO 2
Você já ouviu a história de Adão e Eva?
Se não leu, certamente ouviu alguém contar, e deve se lembrar do que aconteceu com os dois. Com os dois e com a serpente, é claro.
Conta a Bíblia que Adão e Eva viviam muito felizes no Paraíso, onde só havia uma proibição: eles não podiam experimentar o gosto da maçã.
Adão, mais obediente, bem que não queria comer a tal da maçã. Mas Eva falou tão bem dela, fez com que parecesse tão gostosa, que o pobre coitado não resistiu.
Foi dar a primeira mordida e perder o lugar no Paraíso...
Se Eva vivesse hoje, seria uma ótima publicitária, uma profissional de propaganda. Afinal, ela soube convencer Adão de que valia a pena pagar um preço tão alto por uma simples maçã.
Mas, se a gente pensar bem, Eva não foi a primeira publicitária.
Antes dela, houve uma outra, a serpente. Simbolizando o demônio, foi a serpente que criou, na mulher, o desejo de experimentar o fruto proibido.
E, assim, nasceu a propaganda.
(André Carvalho & Sebastião Martins. Propaganda.)

A alternativa em que o uso da preposição em destaque tem função mais estilística do que gramatical é
a) ... quando estava **com** ela...
b) **Do** fruto das árvores do jardim podemos comer.
c) ... e fizeram para si coberturas **para** os lombos.
d) ... ela começou dizer **à** mulher...
e) Depois deu também dele **a** seu esposo ...

105) (Fatec-2002) Texto I
Então Macunaíma pôs reparo numa criadinha com um vestido de linho amarelo pintado com extrato de tatajuba. Ela já ia atravessando atravessando o corgo pelo pau. Depois dela passar o herói gritou pra pinguela:
- Viu alguma coisa, pau?
- Via a graça dela!
- Quá! quá! quá quaquá!...
Macunaíma deu uma grande gargalhada. Então seguiu atrás do par. Eles já tinham brincado e descansavam na beira da lagoa. A moça estava sentada na borda duma igarité encalhada na praia. Toda nua inda do banho comia tambiús vivos, se rindo pro rapaz. Ele deitara de bruços na água rente dos pés da moça e tirava os lambarizinhos da lagoa pra ela comer. A crilada das ondas amontoava nas costas dele porém escorregando no corpo nu molhado caía de novo na lagoa com risadinhas de pingos. A moça batia com os pés n'água e era feito um repuxo roubado da Luna espirrando jeitoso, cegando o rapaz. Então ele enfiava a cabeça na lagoa e trazia a boca cheia de água. A moça apertava com os pés as bochechas dele e recebia o jato em cheio na barriga, assim. A brisa fiava a cabeleira da moça esticando de um em um os fios lisos na cara dela. O moço pôs reparo nisso. Firmando o queixo no joelho da companheira ergueu o busto da água, estirou o braço pro alto e principiou tirando os cabelos da cara da moça pra que ela pudesse comer sossegada
os tambiús. Então pra agradecer ela enfiou três lambarizinhos na boca dele e rindo muito fastou o joelho depressa. O busto do rapaz não teve apoio mais e ele no sufragante focinhou n'água até o fundo, a moça inda forçando o pescoço dele com os pés. Ele ia escorregando sem perceber de tanta graça que achava na vida. Ia escorregando e afinal a canoa virou. Pois deixai ela virar! A moça levou um tombo engraçado por cima do rapaz e ele enrolou-se nela talqualmente um apuizeiro carinhoso. Todos os tambiús fugiram enquanto os dois brincavam n'água outra vez.
(Mário de Andrade, Macunaíma. O herói sem nenhum caráter)

Texto II
De outras e muitas grandezas vos poderíamos ilustrar, senhoras Amazonas, não fora persignar demasiado esta epístola; todavia, com afirmar-vos que esta é, por sem dúvida, a mais bela cidade terráquea, muito hemos feito em favor destes homens de prol. Mas cair-nos-iam as faces, si ocultáramos no silêncio, uma curiosidade original deste povo. Ora sabereis que a sua riqueza de expressão intelectual é tão prodigiosa, que falam numa língua e escrevem noutra. Assim chegado a estas plagas hospitalares, nos demos ao trabalho de bem nos inteirarmos da etnologia da terra, e dentre muita surpresa e assombro que se nos deparou, por certo não foi das menores tal originalidade lingüística. Nas conversas utilizam-se os paulistanos dum linguajar bárbaro e multifário, crasso de feição e impuro na vernaculidade, mas que não deixa de ter o seu sabor e força nas apóstrofes, e também nas vozes do brincar. Destas e daquelas nos inteiramos, solícito; e nos será grata empresa vo-las ensinarmos aí chegado. Mas si de tal desprezível língua se utilizam
na conversação os naturais desta terra, logo que tomam da pena, se despojam de tanta asperidade, e surge o Homem Latino, de Lineu, exprimindo-se numa outra linguagem, mui próxima da vergiliana, no dizer dum panegirista, meigo idioma, que, com imperecível galhardia, se intitula: língua de Camões! De tal originalidade e riqueza vos há-de ser grato ter ciência, e mais ainda vos espantareis com saberdes, que à grande e quase total maioria, nem essas duas línguas bastam, senão que se enriquecem do mais lídimo italiano, por mais musical e gracioso, e que por todos os recantos da urbs é versado.
(Mário de Andrade, Macunaíma. O herói sem nenhum caráter)

Assinale a alternativa que transcreve e converte, correta e respectivamente, a frase do registro coloquial da

linguagem, extraída do Texto I, em seu correspondente na modalidade culta.
a) "*Pois deixai ela virar*" / "Pois deixa-a virar".
b) "*Ele deitara de bruços na água*" / "Ele tinha deitado de bruços na água".
c) "*Depois dela passar*" / "Depois de ela passar".
d) "*ele enrolou-se nela talqualmente um apuizeiro carinhoso*" / "ele enrolou-se nela mesmo sendo um apuizeiro carinhoso".
e) "*Ia escorregando e afinal a canoa virou*" / "Ia escorregando e até que enfim a canoa virou".

106) (UFCE-1996) UM CÃO, APENAS

01 Subidos, de ânimo leve e descansado passo, os quarenta degraus do jardim - plantas em flor de cada lado; borboletas incertas; salpicos de luz no granito -, eis-me no patamar. E a meus pés, no áspero capacho de coco, à frescura da cal do pórtico, um cãozinho triste interrompe o seu sono, levanta a cabeça e fita-me. É um triste cãozinho doente, com todo o corpo ferido; gastas, as mechas brancas do pêlo; o olhar dorido e profundo, com esse lustro de lágrima que há nos olhos das pessoas muito idosas. Com um grande esforço acaba de levantar-se. Eu não lhe digo nada; não faço nenhum gesto. Envergonha-me haver interrompido o seu sono. Se ele estava feliz ali, eu não devia ter chegado. Já que lhe faltavam tantas coisas, que ao menos dormisse: também os animais devem esquecer, enquanto dormem...

02 Ele, porém, levantava-se e olhava-me. Levantava-se com a dificuldade dos enfermos graves: acomodando as patas da frente, o resto do corpo, sempre com os olhos em mim, como à espera de uma palavra ou de um gesto. Mas eu não o queria vexar nem oprimir. Gostaria de ocupar-me dele: chamar alguém, pedir-lhe que o examinasse, que receitasse, encaminhá-lo para um tratamento... Mas tudo é longe, meu Deus, tudo é tão longe. E era preciso passar. E ele estava na minha frente inábil, como envergonhado de se achar tão sujo e doente, com o envelhecido olhar numa espécie de súplica.

03 Até o fim da vida guardarei seu olhar no meu coração. Até o fim da vida sentirei esta humana infelicidade de nem sempre poder socorrer, neste complexo mundo dos homens.

04 Então, o triste cãozinho reuniu todas as suas forças, atravessou o patamar, sem nenhuma dúvida sobre o caminho, como se fosse um visitante habitual, e começou a descer as escadas e as suas rampas, com as plantas em flor de cada lado, as borboletas incertas, salpicos de luz no granito, até o limiar da entrada. Passou por entre as grades do portão, prosseguiu para o lado esquerdo, desapareceu.

05 Ele ia descendo como um velhinho andrajoso, esfarrapado, de cabeça baixa, sem firmeza e sem destino. Era, no entanto, uma forma de vida. Uma criatura deste mundo de criaturas inumeráveis. Esteve ao meu alcance; talvez tivesse fome e sede; e eu nada fiz por ele; amei-o, apenas, com uma caridade inútil, sem qualquer expressão concreta. Deixei-o partir, assim humilhado, e tão digno, no entanto, como alguém que respeitosamente pede desculpas de ter ocupado um lugar que não era seu.

06 Depois pensei que nós todos somos, um dia, esse cãozinho triste, à sombra de uma porta. E há o dono da casa, e a escada que descemos, e a dignidade final da solidão.

(MEIRELES, Cecília. ILUSÕES DO MUNDO: CRÔNICAS. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 16-17)

As preposições podem estabelecer várias relações de sentido. Com base nesta afirmação, resolva os quesitos a e b.

a) Complete as frases com a preposição adequada às idéias indicadas entre parênteses.

Ele desceu as escadas _____ a rua. (DESTINO)
Ele desceu as escadas _____ tristeza. (MODO)
Ele desceu as escadas _____ hesitação. (FALTA)
Ele desceu as escadas _____ mármore. (MATÉRIA)
Ele desceu as escadas _____ minha vontade. (OPOSIÇÃO)

b) Escreva ao lado de cada frase a idéia indicada pela preposição em maiúsculo.

"... borboletas incertas, salpicos DE luz ..." (parágrafo 01)

"Passou POR entre as grades do portão..." (parágrafo 04)

"... prosseguiu PARA o lado esquerdo... desapareceu." (parágrafo 04)

"Ele ia descendo... SEM firmeza e SEM destino." (parágrafo 05)

"... pede desculpas DE ter ocupado um lugar que não era seu." (parágrafo 05)

GABARITO

1) Alternativa: A

2) Alternativa: E

3) Alternativa: A

4) Alternativa: E

5) A expressão “de cansada” indica circunstância de causa , justificada no texto pelo fato de ela ter tentado de várias maneiras conquistar Aoitin, sem sucesso.

6) a) Que os homens mentem.
b) A palavra seria “homemente” ou “homemmente”. Seria um advérbio que significaria aquilo feito da maneira típica dos homens.
c) Que o modo de agir típico dos homens é com mentiras.

7) Alternativa: D

8) No primeiro parágrafo, o emprego de pronomes é outra forma de estabelecer a coesão textual. Quando usados, evitam repetições: que, pronome relativo, substitui: “velhinha”; ela, pronome pessoal, também; tudo, pronome indefinido, substitui “o pessoal da Alfândega”.
No terceiro parágrafo, o advérbio aí está empregado em sentido próprio, indicando lugar (próximo à segunda pessoa); no sexto parágrafo, o mesmo advérbio indica tempo (“neste momento”).

9) Alternativa: A

10) Alternativa: C

11) Alternativa: D

12) Alternativa: E

13) Alternativa: D

14) *Donde* é a contração de *de* e *onde*. Significa ***de*** *algum lugar*. Um exemplo de uso é:
Donde você vem?

Aonde é a contração de *a* e *onde*. Significa ***a*** *algum lugar*. Um exemplo de uso é:
Aonde você vai?

Onde significa ***em*** *algum lugar*. Um exemplo de uso é:
Onde você mora?

15) … por sua vez, e **simultaneamente/concomitantemente**, senhores e servos

16) a) A ironia está ancorada nas palavras “esquerda” e “direita”.

b) A palavra “esquerda”, no discurso político, adquire sentido por oposição à chamada “direita”. Nesse contexto os partidos de “esquerda” representariam, *grosso modo*, uma ênfase maior nas questões sociais, e os de “direita”, nas questões econômicas. No jogo polissêmico, a palavra “direita” manifesta outro sentido, referindo-se àquilo que é correto, digno, honesto, etc. Além desses sentidos, as palavras podem ser interpretadas como referências espaciais, indicativas de duas posições laterais opostas: a “esquerda” e a “direita”.

c) A palavra “nem” serve para negar excluindo algo, estabelecendo o pressuposto de que a negação não era esperada, contrariando a expectativa em relação ao que foi excluído. Na afirmação “No Brasil nem a esquerda é direita”, estabelece o pressuposto de que no Brasil ninguém age corretamente, mas o esperado seria que a esquerda o fizesse. Substituindo-se a palavra “nem” pela palavra “não”, perde-se esse pressuposto: o “não” apenas serve para negar, sem estabelecer qualquer pressuposto.

17) Alternativa: D

18) Alternativa: D

19) Alternativa: A

20) Alternativa: A

21) onde mais densa
A noite infinita
Verte a sombra imensa

22) Alternativa: D

23) Alternativa: B

24) Alternativa: A

25) Alternativa: C

26) Alternativa: D

27) Não, uma vez que o *já* está sendo utilizado de forma enfática.

28) a) Sufixação - acrescentando o sufixo - mente aos adjetivos escolhidos

b) Todos os sentimentos estão elevados a um grau extremo , seja no sofrimento, no amor, na crítica ...

29) Alternativa: D

30) a) Sim. Mas e contudo são conjunções coordenativas adversativas, cuja função é estabelecer relação de oposição ao que está sendo dito antes.

b) “Não precisamos olhar para o espelho nem para nenhum relógio, **pois** o tempo está em nosso coração, e ouve-se...”

31) Alternativa: E

32) Alternativa: A

33) Alternativa: B

34) 1. - contraste
O rio Tietê continua sujo mas não falta água em S. Paulo.
Embora não falte água em S. Paulo, o rio Tietê sujo
2. condicionalidade :
Se o rio Tietê continuar sujo faltará água em SP
Faltará água em SP a não ser que limpem o rio Tietê
3. finalidade:
Para que não falte água em SP é preciso limpar o rio Tietê
É preciso limpar o rio Tietê a fim de que não falte água em SP

35) Alternativa: A

36) Alternativa: B

37) Alternativa: A

38) Alternativa: E

39) Alternativa: C

40) a) A palavra “ora” empregada no texto funciona como conjunção coordenativa alternativa; já “hora” é um substantivo cuja referência é um segmento de tempo, equivalente a 60 minutos.
b) No último parágrafo é também empregada uma conjunção coordenativa alternativa: “Ou porque a sua dor era tão grande... , ou porque, selvagem mesmo, ela já tinha compreendido...”

41) Alternativa: B

42) Alternativa: A

43) Alternativa: C

44) Alternativa: A

45) Alternativa: C

46) a) Há várias possibilidades. Entre elas:
Ao se discutirem as idéias expostas na assembléia, chegou-se à seguinte conclusão: pô-**las** em confronto com outras menos polêmicas seria avaliar-**lhes** melhor o peso, à luz do princípio geral que **as** vem regendo.
-Ao se discutirem as idéias expostas na assembléia, chegou-se à seguinte conclusão: pô-**las** em confronto com outras menos polêmicas seria avaliar melhor o **seu** peso, à luz do princípio geral que vem regendo-**as**.
- Ao se discutirem as idéias expostas na assembléia, chegou-se à seguinte conclusão: pô-**las** em confronto com outras menos polêmicas seria avaliar melhor o peso **delas**, à luz do princípio geral que vem regendo **a elas**.
É evidente que também seriam possíveis combinações das formas acimas.
b) Há várias formas, entre elas:
Quando se **discutiram** as idéias expostas na assembléia,...
Assim que se **discutiram** as idéias expostas na assembléia,...
Logo que se **discutiram** as idéias expostas na assembléia,...

47) Alternativa: D

48) Alternativa: B

49) Alternativa: B

50) Alternativa: D

51) Alternativa: B

52) Alternativa: E

53) Alternativa: E

54) Alternativa: C

55) Alternativa: D
Trata-se de questão mal formulada. Indiscutivelmente, a primeira oração estabelece relação de adição, mas a segunda tem valor explicativo e não causal.

56) a) Período 2: [...] caso o crime ou a falta tenha sido cometida por pessoas diferencialmente situadas na escala social.

b) Exemplos de respostas possíveis:

 O deputado que na semana passada tinha alegado imunidade parlamentar foi preso.

 O deputado que tinha alegado imunidade parlamentar foi preso na semana passada.

57) Alternativa: D

58) Alternativa: B

59) Alternativa: C

60) Se era prolixo, facilmente ultrapassaria a hora. Se a notícia pretende dizer que ele passou do tempo, deveria ser composta assim: “ Como era prolixo, o orador ultrapassou o tempo previsto.” Ou
Porque era...
Por ser ...

61) Alternativa: D

62) Alternativa: B

63) Alternativa: B

64) a) Para desespero meu, havia leitura obrigatória de livro indicado, (poderia ser usado **;**)porém ocorreu uma surpresa: era tão bom aquele livro que não senti nenhum aborrecimento na leitura.
Obs: haveria outras possibilidades, principalmente caso invertesse a ordem.
b) A obrigação de ler um livro**,** como toda obrigação**,** indispõe-nos contra a tarefa imposta**,** mas pode ocorrer**,** se encontrarmos prazer nessa leitura**,** que o peso da obrigação desapareça.

65) a) I - ... caso o produto não seja corretamente utilizado.
II - ... se ele contiver menos de 60% de seu conteúdo.
b) “As despesas de transporte ou quaisquer ônus **decorrentes** do envio do produto para troca **correm** por conta do usuário.”

66) Mas está sendo usado para estabelecer uma relação de adição enfática. Note que no texto está subentendida a palavra também: Camilo, não só o estava, mas (também) via-a estremecer....

67) A conjunção MAS, vem apresentar que apesar da aparência de velho, o homem guardava em si o vigor da mocidade, e na seqüência, a conjunção E acrescenta o detalhe dos olhos que, por sua vivacidade, tornam a idade do homem absolutamente indevassável.

68) a)"Não se conseguiu apurar o motivo por que a atriz se divorciou."
Porque - no sentido de por qual razão ou motivo, grafa-se separado, pois o que é pronome relativo

b) "O milionário despendeu milhares de dólares com aquela propaganda."
Despender - verbo que significa perder, gastar, consumir

69) Alternativa: E

70) Alternativa: D

71) Tipo de relação: conclusão.
Duas dentre as conjunções:
- logo
- então
- portanto

72) Alternativa: B

73) Alternativa: A

74) Alternativa: D

75) Alternativa: A

PERCENTUAIS DE RESPOSTA NO EXAME

A	B	C	D	E
12	46	19	14	9

Esta questão apresenta, para leitura e análise, o poema “O mundo é grande”, onde os recursos lingüísticos expressivos utilizados geram um efeito de oposição entre as idéias.
A análise sintático-semântica é necessária para a compreensão do valor de oposição assumido pela conjunção “e”: imagens justapostas estão relacionadas, contrapondo-se em planos diferentes. Um percentual significativo (46%) de participantes considerou que o valor da conjunção “e”, nesse poema, é de comparação, o que não reflete o sentido estilístico proposto pelo poeta, mas corresponde apenas à primeira operação que se realiza para estabelecer o sentido de oposição. De maneira análoga, pode-se analisar os equívocos daqueles que optaram pelas alternativas C e D.

Fonte: relatório pedagógico ENEM 2001

76) Alternativa: C

77) Alternativa: D

78) A palavra “mesmo” tem valor concessivo, significando “apesar de, embora, ainda que”.

79) Alternativa: A

80) Alternativa: A

81) Alternativa: D

82) Alternativa: C

83) A frase está apenas aparentemente solta. Na verdade ela adiciona um outro complemento ao verbo *ter*, da oração anterior, ou seja, a galinha tinha liberdade e milho. Vale salientar, ainda, que milho, neste contexto, deve ser interpretado como metonímia de alimento.

84) Alternativa: D

85) Alternativa: B

86) Alternativa: A

87) Alternativa: B

88)

89) a) “numa boa”
b) Enviados a um computador, esses sinais permitiram a ele controlar um cursor em uma tela, abrir e-mails, jogar videogame e comandar um braço robótico.
c) Embora tenhamos inventado a maravilha do automóvel, aumentamos o tempo perdido para ir de casa ao trabalho.

90) A conjunção *mas* desempenha o papel de realçar o conteúdo da segunda oração, que constitui o elemento central na argumentação.

91) Alternativa: D

92) Alternativa: A

93) Alternativa: B

94) Alternativa: A

95) Alternativa: A

96) Alternativa: B

97) Alternativa: E

98) a) "Esta é uma tarefa para eu fazer sozinho, não admito que se repartam as responsabilidades entre mim e outra pessoa”“.
Eu fazer - sujeito de verbo tem que ser pronome do caso reto
Se repartam - passiva sintética, o sujeito é responsabilidades
Entre mim e outra - com preposição entre usa-se a forma oblíqua do pronome eu

b) "Ele tomou as decisões mais oportunas."
Redundância na repetição do objeto direto.

99) A única passagem que admitiria a inclusão de uma combinação de preposição e artigo seria: “sobretudo cor de chumbo”. Assim, teríamos: sobretudo **da** cor de chumbo. A inclusão da preposição “de” e do artigo definido “a” explicitaria uma combinação que vem implícita.

100) Alternativa: E

101) “Era no tempo **em** que ainda os portugueses não haviam sido por uma tempestade empurrados para a terra de Santa Cruz.”

102) Alternativa: A

103) Alternativa: C

104) Alternativa: B

105) Alternativa: C

106) Resposta:
a) para
com
sem
de
contra
b) mat駻ia
lugar
dire鈬o
falta
motivo

Encontro Consonantal

Encontro consonantal é o encontro de duas consoantes, com sons diferentes, em uma mesma palavra

Pode ocorrer em:

sílabas diferentes:

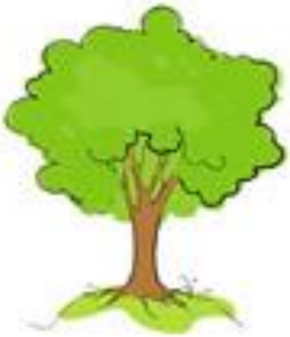

árvore

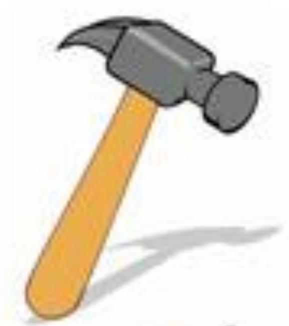

martelo

mesma sílaba:

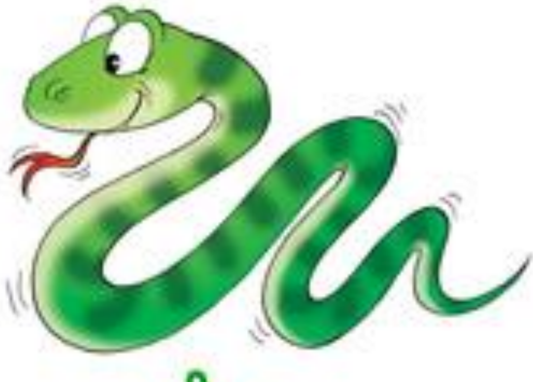

cobra

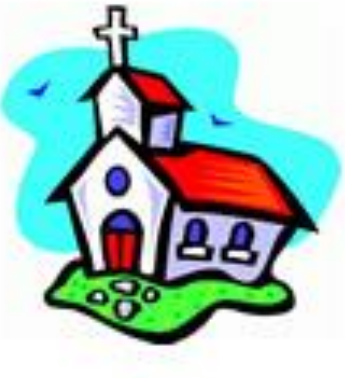

igreja

Encontro Vocálico

Encontro vocálico é o encontro de dois ou mais sons vocálicos em uma mesma palavra. Pode ocorrer em:

sílabas diferentes:

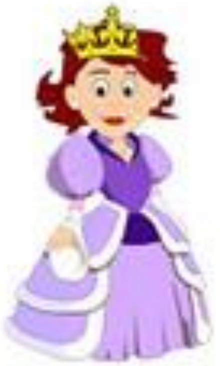

rainha

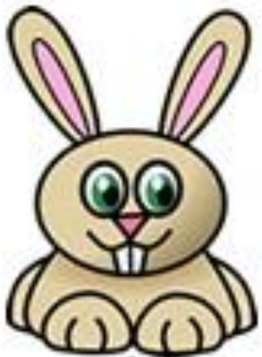

coelho

mesma sílaba:

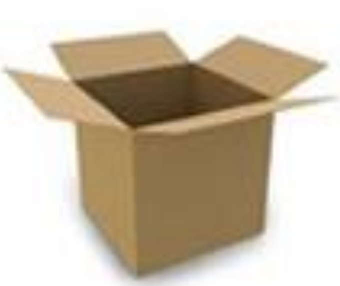

caixa

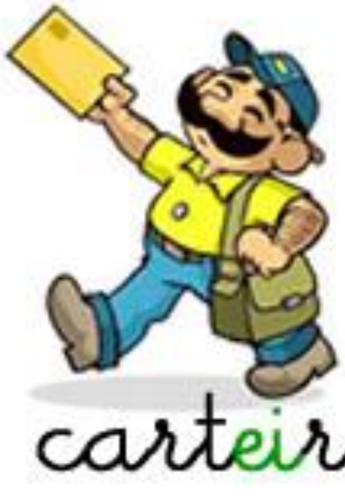

carteiro

Encontro Vocálico

DITONGO

Temos um ditongo quando há um encontro de duas vogais em uma mesma sílaba:

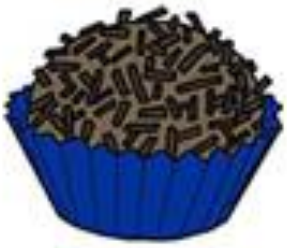

brigadeiro

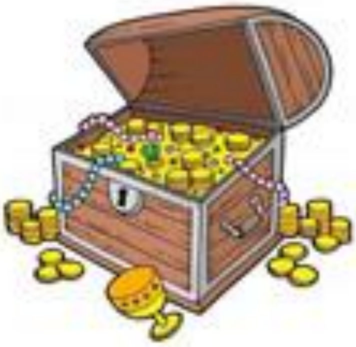

tesouro

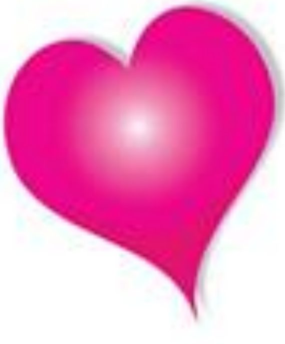

coração

Encontro Vocálico

TRITONGO

Temos um tritongo quando há um encontro de três vogais em uma mesma sílaba:

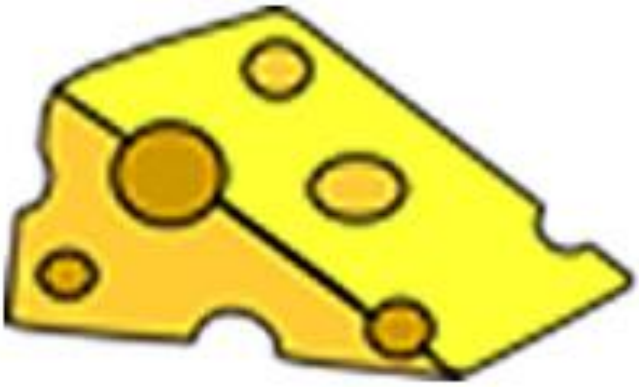

queijo

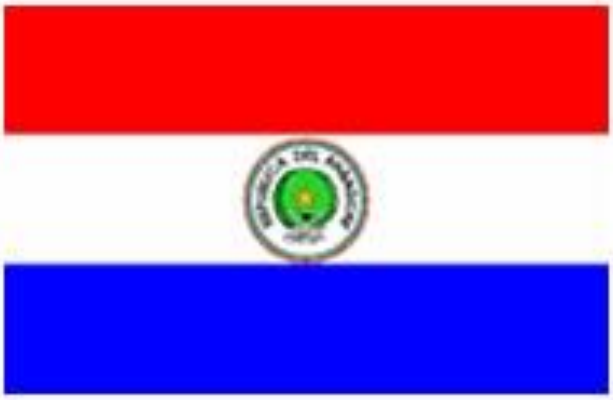

Paraguai

Encontro Vocálico

HIATO

Temos hiato quando há um encontro de de duas vogais em uma mesma palavras, mas em sílabas diferentes:

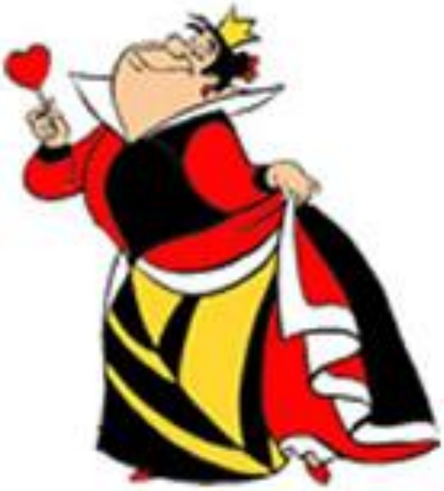

rainha

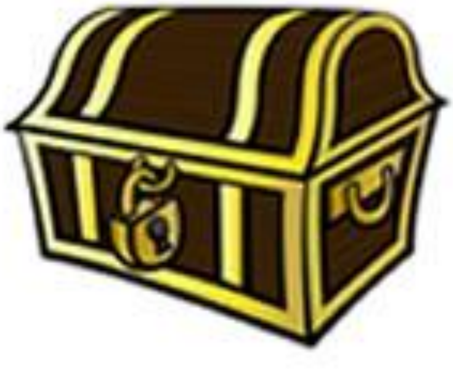

baú

Dígrafo

Dígrafo é o encontro de duas letras que apresentam um único som.

Pode ocorrer em:

sílabas diferentes:

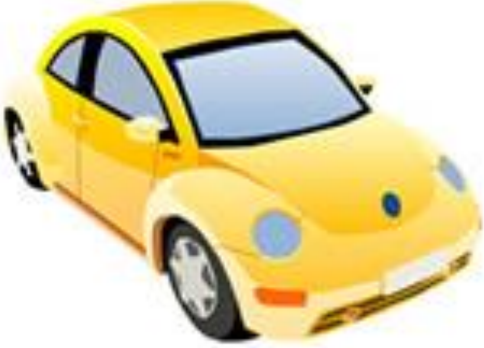

carro

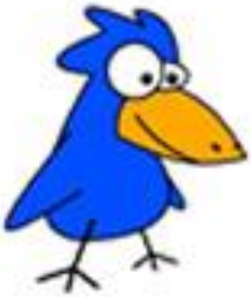

pássaro

mesma sílaba:

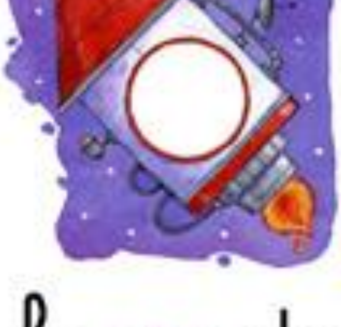

foguete

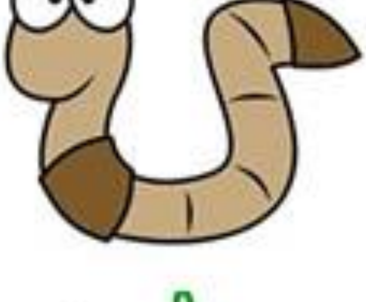

minhoca

Dígrafo

Conheça alguns dígrafos:

NH LH CH

SÇ RR SS

SC QU GU

XC

Substantivo

O substantivo é uma palavra que nomeia pessoas, lugares, sentimentos, estados, ações e qualidades.

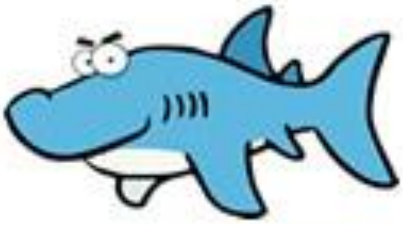

tubarão

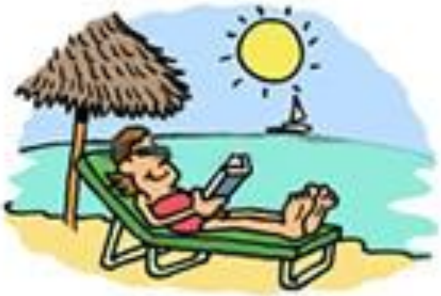

praia

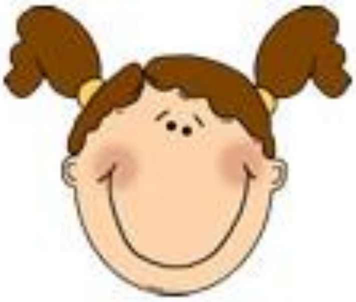

alegria

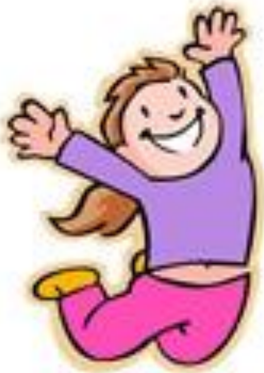

salto

Substantivo

COMUM OU PRÓPRIO?

O substantivo comum se refere a seres ou coisas em geral e substantivo próprio se refere a seres ou coisas específicos.

comum **próprio**

menino André

comum **próprio**

cidade Curitiba

Substantivo

COLETIVO

Quando um substantivo comum, no singular, designa um grupo de seres ou coisas da mesma espécie, é chamado de coletivo.

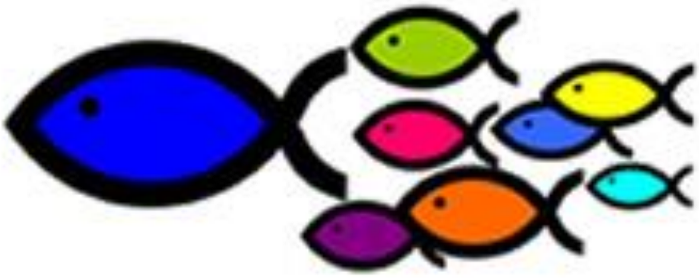

cardume

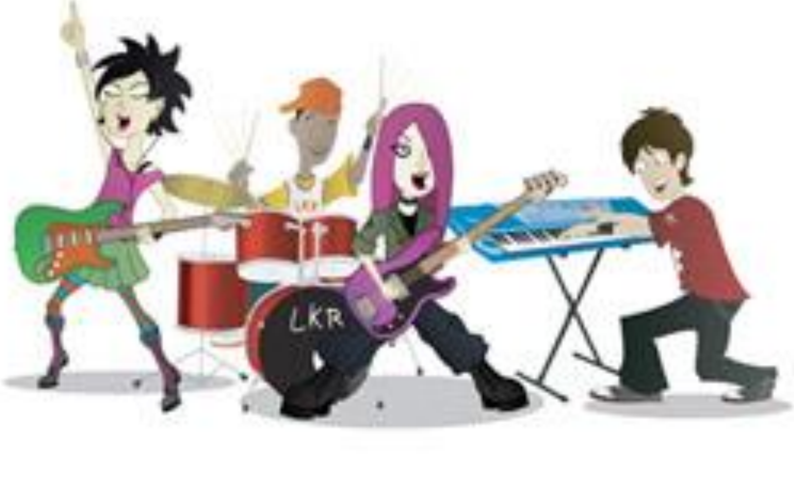

banda

Substantivo

CONCRETO OU ABSTRATO?

O substantivo concreto dá nome ao que pode ser visualizado com imagens e o abstrato nomeia ações, qualidades, estados ou sentimentos.

concreto

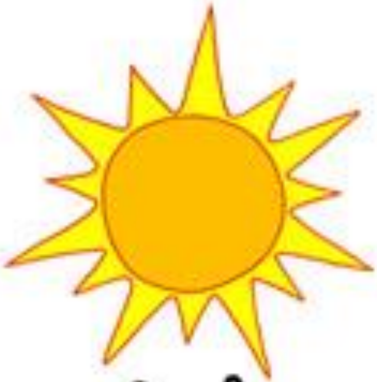

Sol

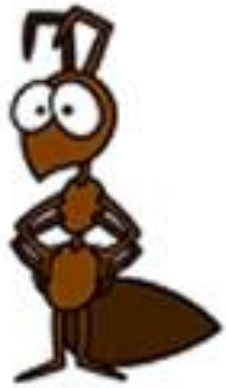

formiga

abstrato

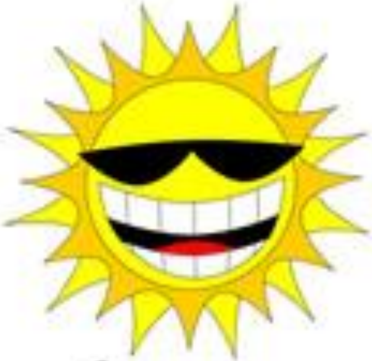

alegria

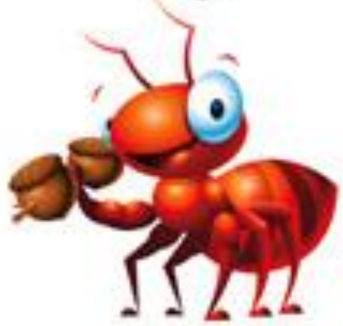

força

Substantivo

SIMPLES OU COMPOSTO?

Quanto à sua formação, o substantivo pode ser simples, quando formado por apenas um elemento e composto quando formado por mais de um elemento.

simples

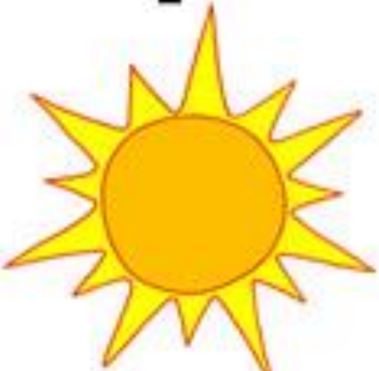

Sol

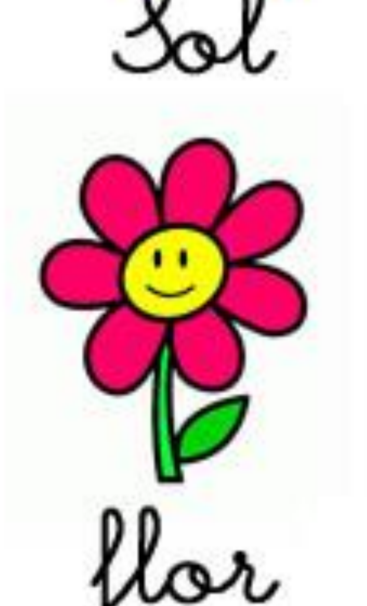

flor

composto

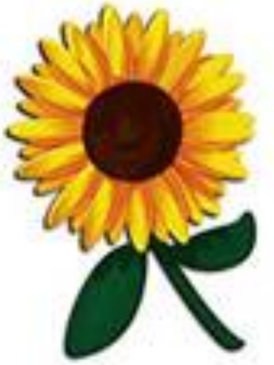

girassol

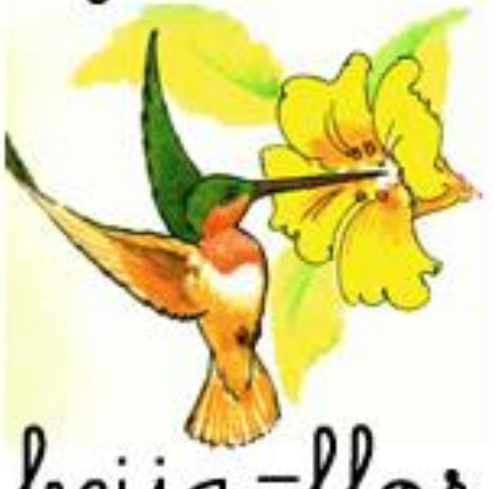

beija-flor

Substantivo

PRIMITIVO OU DERIVADO?

Quanto à sua formação, o substantivo pode ser primitivo quando não se origina de outra palavra e derivado quando se origina de outra palavra.

primitivo	**derivado**
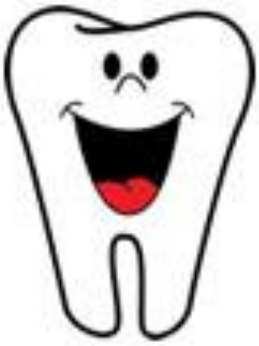 dente	dentadura
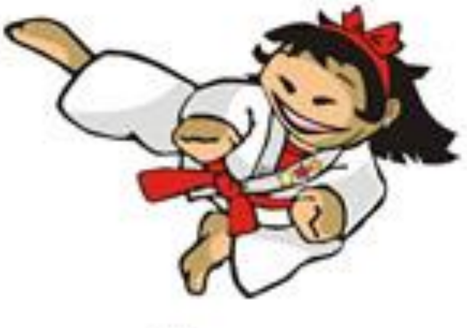 chute	chuteira

Sílaba Tônica

A sílaba tônica é a sílaba mais forte pronunciada em uma palavra. O acento é uma dica da sílaba tônica, mas nem todas as sílabas tônicas são acentuadas.

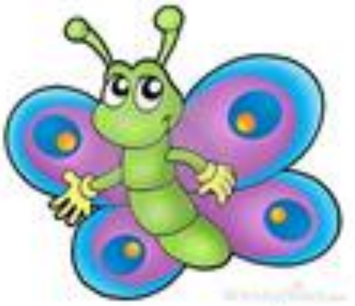

borboleta

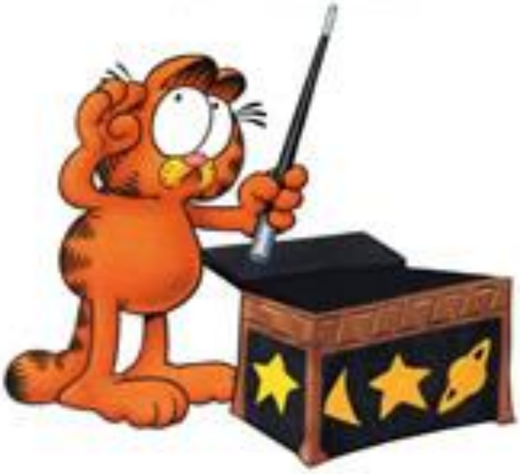

mágico

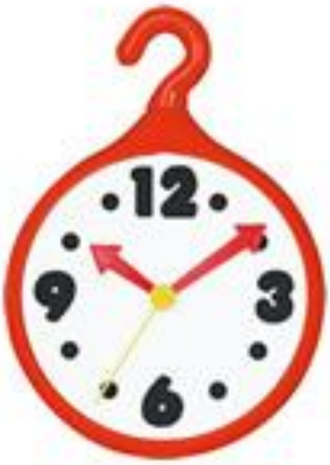

relógio

Sílaba Tônica

CLASSIFICAÇÃO

Para classificar uma sílaba tônica, contamos a sílaba de trás para frente.

De acordo com a posição, a sílaba tônica recebe uma classificação. Ela pode ser:

PROPAROXÍTONA

PAROXÍTONA

OXÍTONA

Sílaba Tônica

OXÍTONA

A sílaba tônica é classificada como oxítona quando ocupa o ÚLTIMO lugar na sílaba:

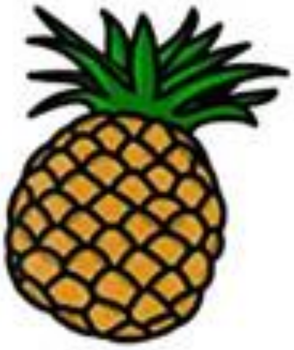

abacaxi

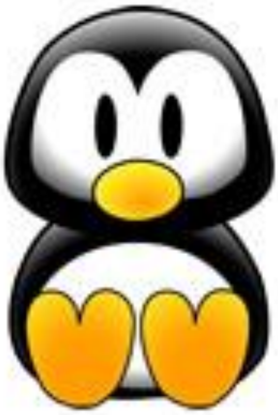

pinguim

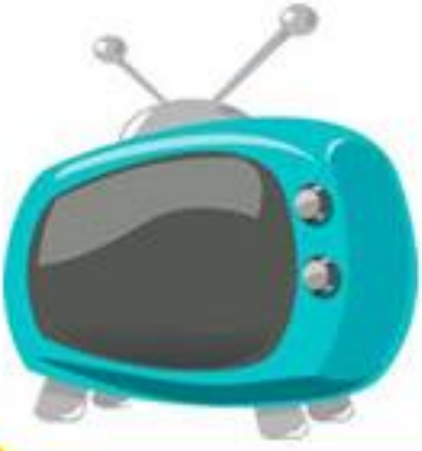

televisão

Sílaba Tônica

PAROXÍTONA

A sílaba tônica é classificada como paroxítona quando ocupa o **PENÚLTIMO** lugar na sílaba:

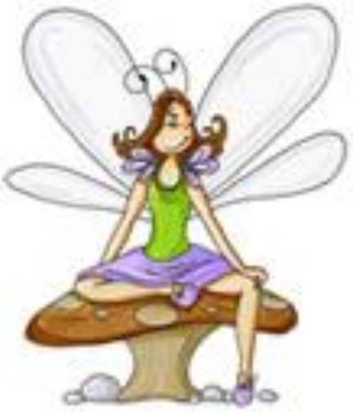

fada

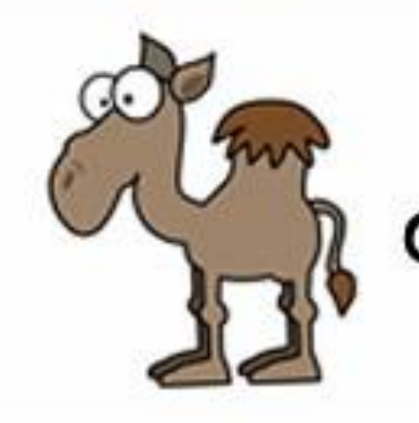

dromedário

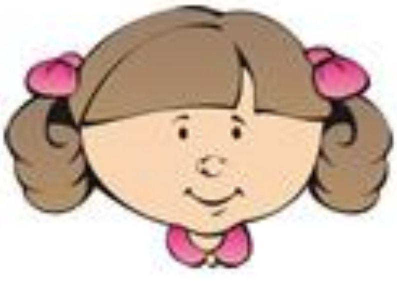

menina

Sílaba Tônica

PROPAROXÍTONA

A sílaba tônica é classificada como proparoxítona quando ocupa o **ANTEPENÚLTIMO** lugar na sílaba:

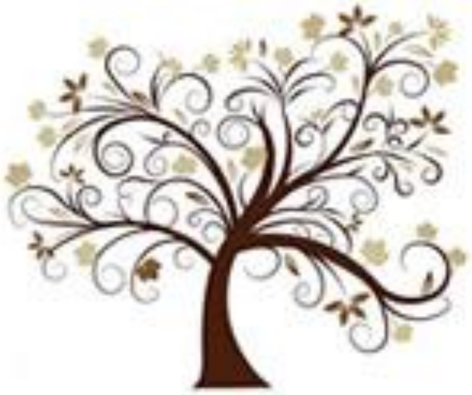

árvore

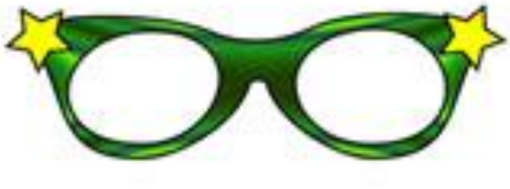

óculos

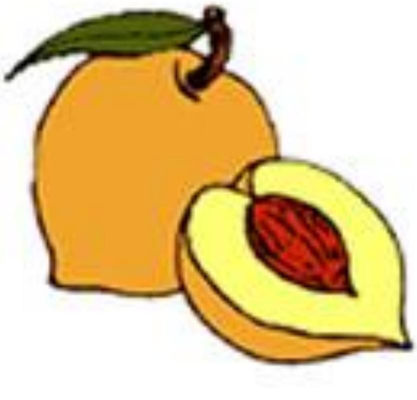

pêssego

Adjetivo

O adjetivo é uma palavra que dá características a algo, ou seja, ela atribui qualidades.

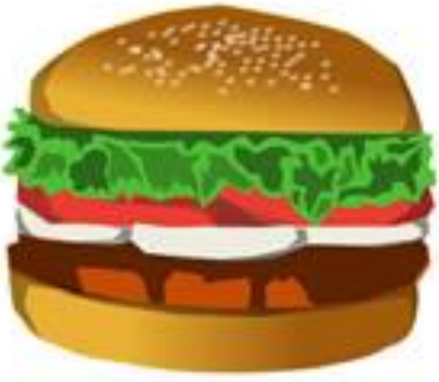

saboroso

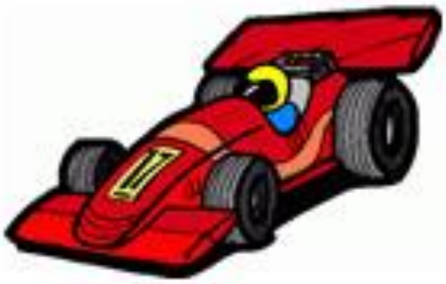

veloz

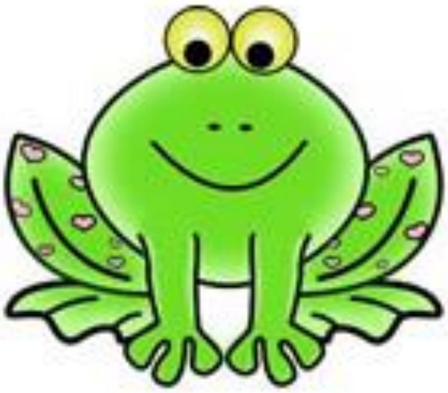

esverdeado

Locução Adjetiva

A locução adjetiva é um grupo de palavras que é equivalente a um adjetivo:

dia de chuva

dia chuvoso

amor de mãe

amor materno

O uso dos PORQUÊS

Por que

Por quê

Porque

Porquê

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

1. POR QUE

→ Quando está IMPLÍCITA, logo após o termo, a palavra “MOTIVO”.

Nunca entendi _________ ele deixou o emprego.

Gostaria de saber ________você não foi.

_________ você anda tão desanimada?

__________ não desiste dessa aventura maluca?

_________ você não olha pra mim?

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

________ parou?

Não se sabe _______ tomaram tal decisão.

Diga a todos _________ você tirou essa nota tão baixa.

Não importa explicar ________ brigaram as duas famílias.

Opa! Também se separa quando é igual a PELO QUAL

Qual é o ideal __________ vocês lutam?

Os caminhos _________ eu passei foram difíceis.

2. POR QUÊ

→ Quando está IMPLÍCITA, logo após o termo, a palavra “MOTIVO”, no final de frases.

Parou ___________ ?

Toda vez que pergunto recebo a mesma resposta, mas ainda continuo sem entender ___________.

Você está aqui __________?

A obra foi interrompida ______________?

GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

3. PORQUÊ

→ Usado com valor substantivo, precedido de DETERMINANTE.

Indaga-se, em vão, o _____________ de tantas experiências.

Ninguém atinava o ________ daquela decisão.

Sem qualquer _________, ele se foi.

Querem saber, certamente, o ____________ da minha atitude?

4. PORQUE

→Conectivo (conjunção) de valor explicativo ou causal.

→= pois, já que.

Pensem bem, ______________ é fácil enganar-se.

Você não foi _________ estava chovendo.

Talvez estejam faltando recursos,_____________ a obra foi interrompida

Vá cedo ao teatro,__________ há poucos lugares

”Não sei **POR QUE** você se foi, quantas saudades eu senti…” (Tim Maia)

GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

”É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã, **PORQUE** se você parar pra pensar, na verdade não há.” (Legião Urbana)

“Me diz **POR QUE** o céu é azul.” (Legião Urbana)

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

“De repente fico rindo à toa sem saber **POR QUÊ**. E vem a vontade de sonhar de novo te encontrar.” (Maria Bethânia)

GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

“**POR QUE** você me esquece e some? **POR QUE** você não cola em mim?” (Caetano Veloso/Peninha)

GRAN INSTITUTO
DE LÍNGUA
PORTUGUESA

“Não há **POR QUE** voltar. Não penso em te seguir. Não quero mais a tua insensatez…” (Cássia Eller)

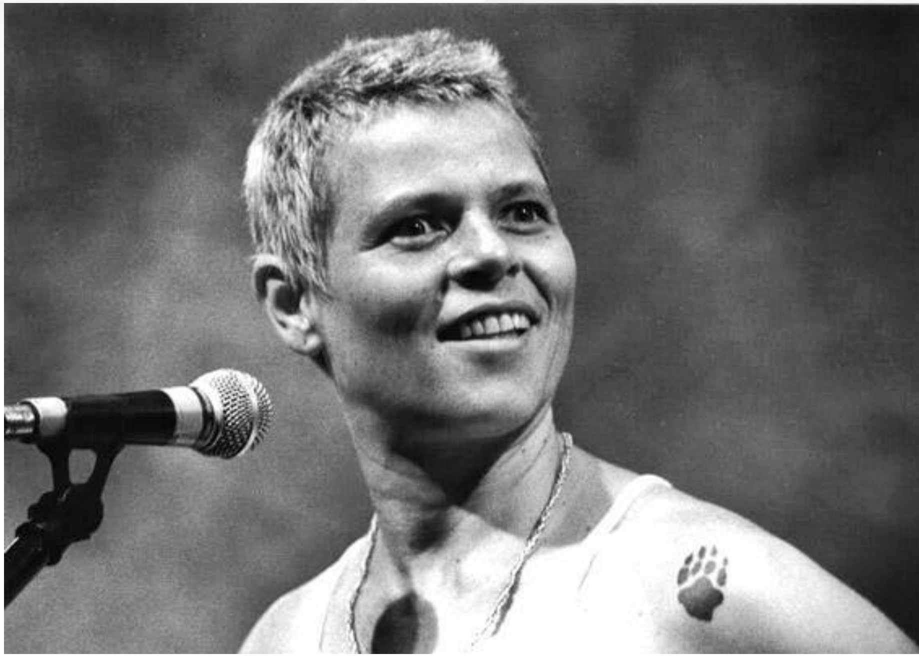

GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

“Não sei **por que** o nosso amor não pode ser diferente.” (Belo)

Que na vida o hoje tem que aproveitar,
porque eu não sei se o amanhã há de chegar (Revelação)

GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

“Eu só sei que o som do batuque é
truque do seu balancê.
Preta cola comigo, **porque** estou
amando você.” (Zeca Pagodinho)

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

“Amor amigo. Não sei **por que** fugiu de mim, sem me dizer para onde foi. Cadê você?” (Exaltasamba)

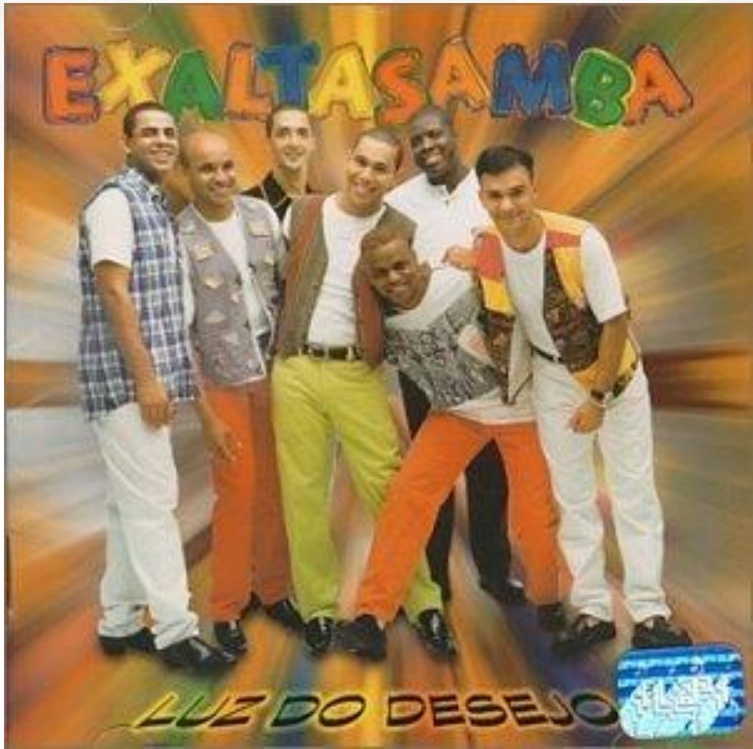
EXALTASAMBA
LUZ DO DESEJO

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Vem me fazer feliz,
porque eu te amo
Você deságua em mim
E eu oceano (Djavan)

“Só eu sei as
esquinas **POR QUE** que
passei.” (Djavan)

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

“**POR QUE** você não olha pra mim? Ô ô” (Os Paralamas do Sucesso)

OS
PARALAMAS
DO
SUCESSO
9
LUAS

“Não sei **POR QUE** insisto tanto em te querer, se você sempre faz de mim o que bem quer.” (Fagner)

“Eu perco o sono e choro
sei que quase desespero
mas não sei **POR QUÊ**.”
(Kid Abelha)

“De você sei quase nada: pra onde vai ou **POR QUE** veio.”
(Zeca Baleiro)

“Destino, **por que** fazes assim?
Tenha pena de mim...”
(A. Guineto)

GRAN INSTITUTO
DE LÍNGUA
PORTUGUESA

LÍNGUA
AFIADA

“**Por que** você não para de bobeira e vem me dar um beijo? DEMORÔ!”
(Os Travessos)

OS
TRAVESSOS

“Mas eu me engano, me desespero
Porque te amo, porque te quero
E a minha vida é só pensar em
você”
(Zezé Di Camargo)

ZEZE' DI CAMARGO
LUCIANO

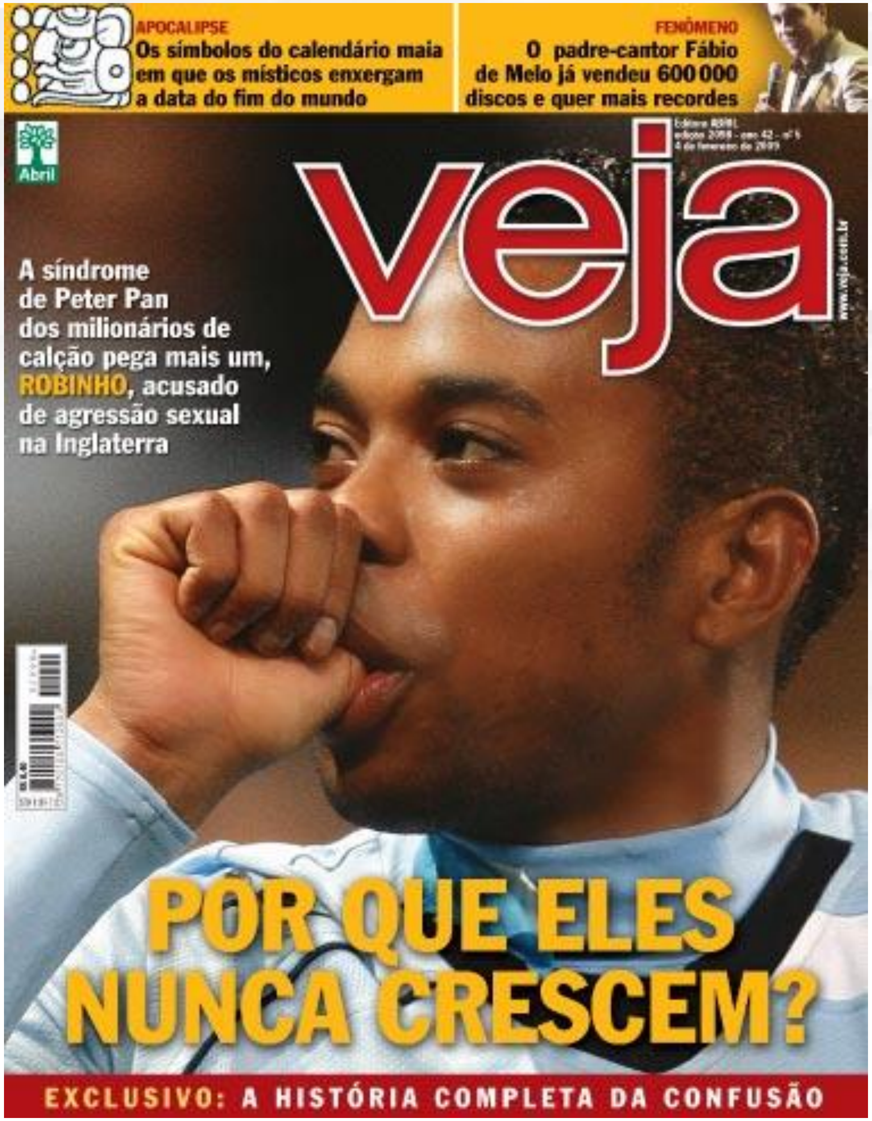

APOCALIPSE
Os símbolos do calendário maia em que os místicos enxergam a data do fim do mundo

FENÔMENO
O padre-cantor Fábio de Melo já vendeu 600 000 discos e quer mais recordes

veja

A síndrome de Peter Pan dos milionários de calção pega mais um, **ROBINHO**, acusado de agressão sexual na Inglaterra

POR QUE ELES NUNCA CRESCEM?

EXCLUSIVO: A HISTÓRIA COMPLETA DA CONFUSÃO

SHERRY ARGOV

Autora de Por que os homens se casam com as manipuladoras

Por que os homens amam as mulheres poderosas?

Um guia para você deixar de ser boazinha e se tornar irresistível

SEXTANTE

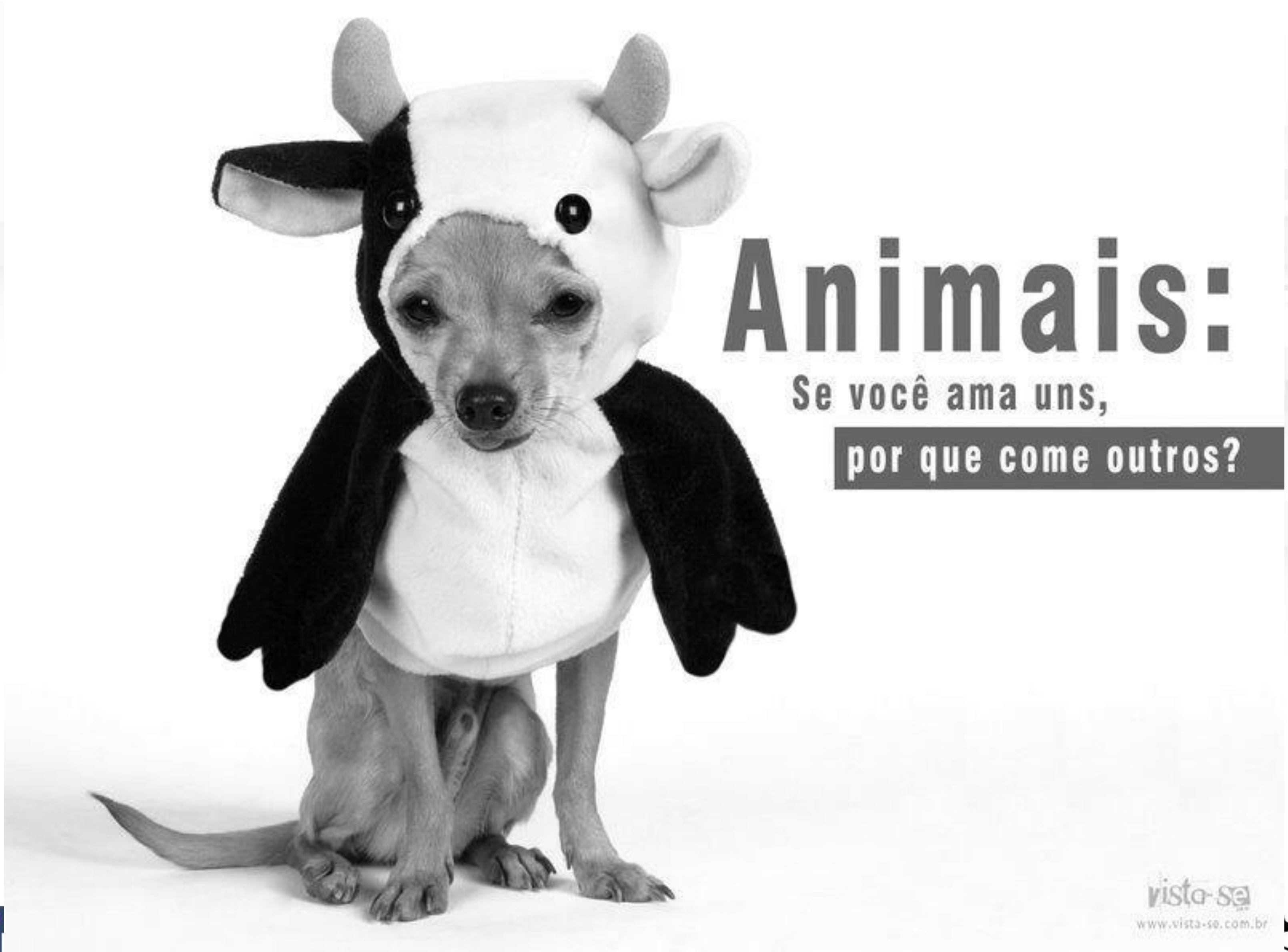
Animais:
Se você ama uns,
por que come outros?
vista-se
www.vista-se.com.br

GILP PORTUGUESA

AFIADA

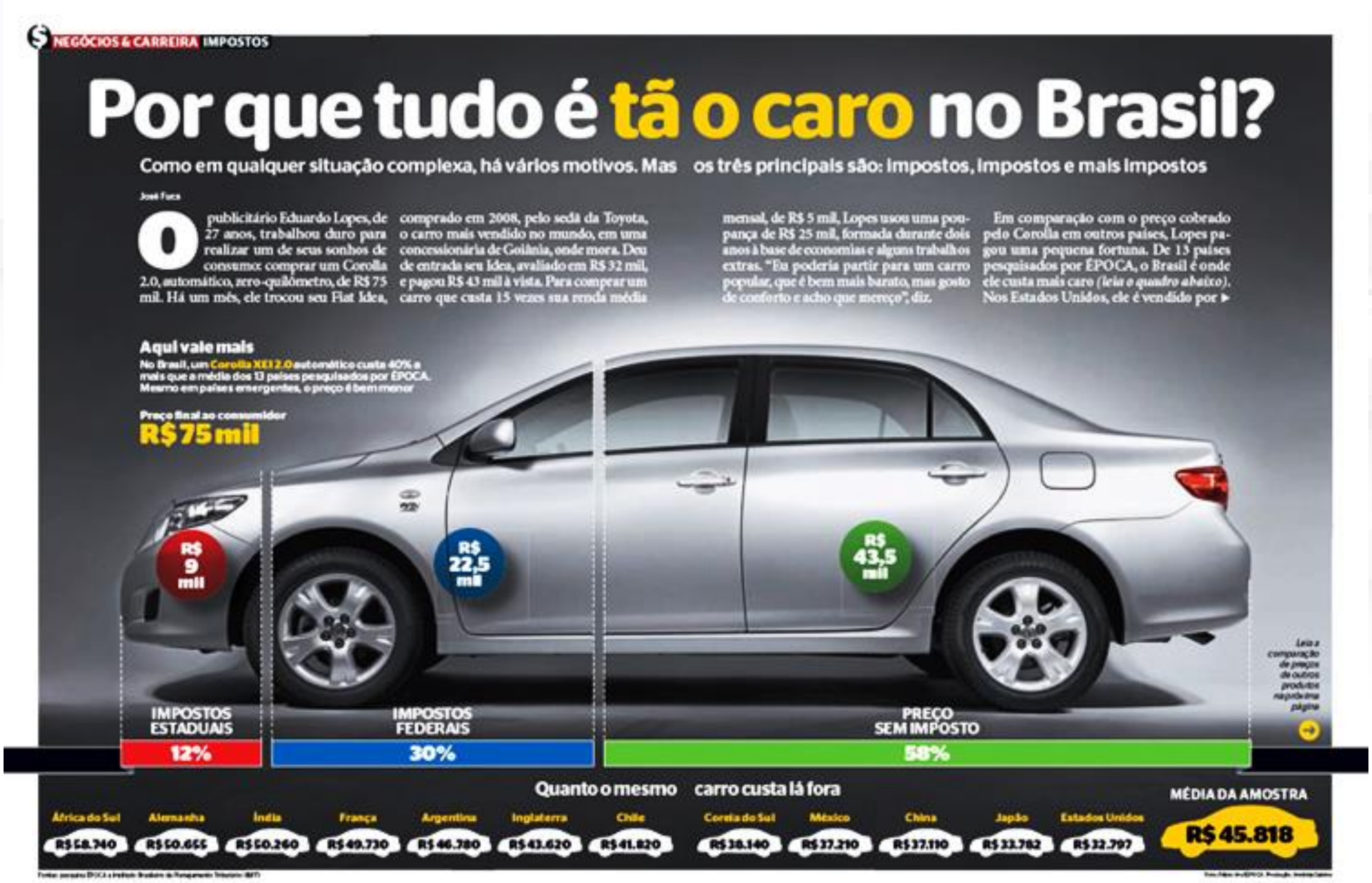

NEGÓCIOS & CARREIRA IMPOSTOS

Por que tudo é tão caro no Brasil?

Como em qualquer situação complexa, há vários motivos. Mas os três principais são: impostos, impostos e mais impostos

José Fucs

O publicitário Eduardo Lopes, de 27 anos, trabalhou duro para realizar um de seus sonhos de consumo: comprar um Corolla 2.0, automático, zero-quilômetro, de R$ 75 mil. Há um mês, ele trocou seu Fiat Idea, comprado em 2008, pelo sedã da Toyota, o carro mais vendido no mundo, em uma concessionária de Goiânia, onde mora. Deu de entrada seu Idea, avaliado em R$ 32 mil, e pagou R$ 43 mil à vista. Para comprar um carro que custa 15 vezes sua renda média mensal, de R$ 5 mil, Lopes usou uma poupança de R$ 25 mil, formada durante dois anos à base de economias e alguns trabalhos extras. "Eu poderia partir para um carro popular, que é bem mais barato, mas gosto de conforto e acho que mereço", diz.

Em comparação com o preço cobrado pelo Corolla em outros países, Lopes pagou uma pequena fortuna. De 13 países pesquisados por ÉPOCA, o Brasil é onde ele custa mais caro (*leia o quadro abaixo*). Nos Estados Unidos, ele é vendido por ►

Aqui vale mais

No Brasil, um **Corolla XEI 2.0** automático custa 40% a mais que a média dos 13 países pesquisados por ÉPOCA. Mesmo em países emergentes, o preço é bem menor

Preço final ao consumidor
R$ 75 mil

R$ 9 mil

R$ 22,5 mil

R$ 43,5 mil

IMPOSTOS ESTADUAIS	IMPOSTOS FEDERAIS	PREÇO SEM IMPOSTO
12%	30%	58%

Leia a comparação de preços de outros produtos na próxima página

Quanto o mesmo carro custa lá fora

África do Sul	Alemanha	Índia	França	Argentina	Inglaterra	Chile	Coreia do Sul	México	China	Japão	Estados Unidos	MÉDIA DA AMOSTRA
R$58.740	R$50.655	R$50.260	R$49.730	R$46.780	R$43.620	R$41.820	R$38.140	R$37.210	R$37.110	R$33.782	R$32.797	R$ 45.818

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

1 Prova: FUNRIO - MPOG - Agente Administrativo

"- Lembra por que o senhor me contratou? Porque eu era o servidor publico perfeito." Marque a opção em que se deve usar, à semelhança do fragmento acima, "por que" e "porque":

a) Andar isso tudo _______? / Não se sabe o _______ daquela atitude.

b) Não veio _______ não quis? / Sei muito bem _______ motivo ele se foi.

c) Não sei _______ ele não quer sair. / Não fui _______ tenho que estudar.

d) Diga-me um _______ para continuar aqui. / Vou de metrô _______ demora menos.

e) Queria saber _______ ele saiu. / Qual é o _______ agora?

2. FCC - TRF 4ª - Analista Judiciário - Superior

Marque o item cujos vocábulos preenchem corretamente as lacunas do texto: Não sei __________ você não acredita em mudanças. __________ tudo é fugaz, pode ser. Mas tudo também se renova. Há sempre um __________ de mistério nas coisas ________ lutamos. Você não tem esperanças __________ ?

a) por que / porque / porquê / por que / por quê
b) porque / porque / porquê / porque / por quê
c) por que / por que / por que / porque / por quê
d) por que / porque / porquê / porque / por que
e) porque / porque / porque / por que / por que

3. Assinale a sequência que preenche corretamente as lacunas.

“Todos os cidadãos devem saber .... o Poder Legislativo está assim. Estamos instalando novos computadores, é um momento de transição, eis o .... “

- A) por que - porquê;
- B) porque - por quê;
- C) porquê - por que;
- D) por que - porque.

4. Complete, usando **por que / por quê / porque / porquê**.

1. Pense nos ideais _________ batalhamos há tanto tempo.
2. Eles não vieram à reunião, _________?
3. Não sei _________ faltaram, mas sei o _________ da minha raiva.
4. Ainda vou descobrir o _________ dessa polêmica.

A) por que – por quê – por que – porquê – porquê
B) porque – porquê – porque – por quê – por quê
C) por que – por quê – porque – porquê – porquê
D) porque – porque – por que – porquê – por quê
E) porque – porque – porque – porque – porque

5. Assinale a frase gramaticalmente correta.

A) Não sei por que discutimos.
B) Ele não veio por que estava doente.
C) Mas porque não veio ontem?
D) Não respondi porquê não sabia.
E) Eis o porque da minha viagem

GUIA PRÁTICO DE GRAMÁTICA

Português do Brasil

Gramática

Exercícios

Teste de nível

Expressões idiomáticas

Provérbios

Lamartine Bião Oberg – lamartinebiao@live.fr

Evaí Oliveira – evayoliveira@hotmail.com

Teresa Resende Leiserowitz – leiserowitzteresa@gmail.com

Diagramação: Evaí Oliveira

Capa: Kinkas Caetano – kinkascaetano@yahoo.fr

Copyright 2016 by Lamartine Bião Oberg

All rights reserved.

Printed in the United State By CreateSpace

Apresentação

O Guia Prático de Gramática – Português do Brasil tem como objetivo o ensino de Português Língua Estrangeira (PLE), Português Segunda Língua e PLH (Português Língua de Herança). É uma ferramenta para as pessoas que optarem pela autoaprendizagem e também, para docentes de PLE.

Contém explicações claras e aplicação prática das principais estruturas dos níveis elementar, pré-elementar, intermediário e avançado. Além de várias expressões idiomáticas e provérbios da língua portuguesa do Brasil e um teste de nível.

Este livro contou com a participação dos professores Tereza Leiserowitz que contribuiu com sua experiência do mundo anglófono, Lamartine Bião Oberg (francófono) e Evaí Oliveira (lusófono), com o que há de mais moderno no ensino do Português do Brasil.

Os autores

ÍNDICE

Unidades

1. Verbo *ser* 06

2. Verbo *estar* 10

3. Artigos 13

4. Pronomes possessivos 19

5. Numerais cardinais...23

6. Numerais ordinais 27

7. Pretérito perfeito do indicativo 32

8. Pronomes demonstrativos e advérbios de lugar 35

9. Modo imperativo 40

10. Presente ou pretérito perfeito do indicativo: verbos irregulares de segunda conjugação 45

11. Plurais 50

12. Pretérito imperfeito do indicativo 56

13. Verbos pronominais 59

14. O gênero 63

15. Verbo *ir* 71

16. Grau comparativo dos adjetivos 74

17. Presente do indicativo 79

18. Presente contínuo 83

19. Pronomes indefinidos 86

20. Comparativos de igualdade 91

21. Uso do verbo precisar 94

22. Futuro do presente 97

23. Pretérito imperfeito continuado 100

24. Futuro do pretérito 104

25. Verbos: *haver* impessoal, *acontecer* e *ficar* 108
26. Presente: verbos irregulares da 3.ª conjugação 111
27. Uso da preposição *para* ou *por* 114
28. Pretérito perfeito composto 118
29. Pretérito mais-que-perfeito composto 123
30. Verbos da 3.ª conjugação terminados em *-uir* 127
31. Futuro do subjuntivo 130
32. Pretérito imperfeito do subjuntivo 133
33. Presente do subjuntivo 136
34. Tempos compostos do indicativo 140
35. Tempos compostos do subjuntivo 145
36. Infinitivo pessoal 149

Apêndices

A – Particípios 152
B – Verbos auxiliares 157
C – Expressões idiomáticas e provérbios 163

Teste de nível 168

Respostas dos exercícios 171

Referências 190

UNIDADE 1

VERBO *SER*

PRESENTE DO INDICATIVO
Eu **sou**
Tu **és**
Ele, ela, você **é**
Nós **somos**
Eles, elas, vocês **são**

Observações:

- O pronome pessoal "tu" (informal) é utilizado no português de Portugal, do Sul, em algumas regiões do Norte e Nordeste.

- O pronome de tratamento "você" (informal) é usado como forma de intimidade, proximidade, e tratamento de igual para igual.

- O Senhor, a Senhora, o Doutor, a Doutora (tratamento formal), denotam respeito, cerimônia, por aquele com quem se fala.

Ser: uma condição permanente, inata, fixa, imutável, uma definição.

- Eu **sou** homem.

- Eu **sou** professor.

- Eu **sou** brasileiro.

- Ela **é** francesa.

- O Brasil **é** grande.

- Os políticos **são** corruptos.

- Eu **sou** brasileira. Eu sempre serei brasileira. Eu posso ter outra cidadania, mas eu sou brasileira porque eu nasci no Brasil.

O verbo “ser” expressa:

- Qualidade natural de uma pessoa: Eu **sou** homem.

- Qualidade natural de um animal: O cavalo árabe **é** um ótimo cavalo.

- Qualidade natural de uma coisa: A mesa **é** grande.

- Natureza de uma coisa: A caneta **é** de plástico.

- Nacionalidade: Você **é** francês.

- Profissão: Nós **somos** comissários de bordo.

- Posse ou propriedade: O passaporte e o visto **são** de São Paulo.

- Temperamento: Ela **é** impaciente.

- Acontecimento: A reunião **é** amanhã.

- Pertencimento: Este livro **é** de minha mãe.

- Origem: Ele **é** da Bahia.

- Equivaler a, custar: Quanto **é** esse caderno?

- Finalidade: Isto **é** para prender o cabelo.

EXERCÍCIOS

Preencha os espaços vagos com o verbo “ser”:

1. Paulo ________ brasileiro de Santa Catarina.

2. Você ________ italiana de Roma.

3. Maria ________ alta e elegante como uma modelo.

4. Pedro ________ um ótimo rapaz e elegante.

5. Ela ________ muito bonita e simpática.

6. Elas ________ muito baixas.

7. José não ________ muito magro, ele ________ muito gordo como o professor.

8. Ela ________ uma boa professora, ele também ________ um bom professor.

9. A floresta da Tijuca ________ grande e linda.

10. Maria ________ aeromoça da TAM.

11. Esta cadeira ________ pequena, mas confortável.

12. Sérgio ________ estudante de medicina.

13. Maio ________ um mês muito agradável em Salvador.

14. O Parque do Flamengo ________ grande e bonito.

15. Este edifício ________ muito alto e moderno.

16. Este jornal ________ de Roberto, meu amigo.

17. A Rua Prudente de Moraes ________ estreita a barulhenta.

18. A Avenida Atlântica ________ larga e movimentada.

19. A aula de português ________ muito interessante e lógico.

20. Elas ________ ótimas pessoas e grandes amigas.

21. Hoje ________ quinta-feira, véspera de feriado.

22. Hoje ________ 23 de julho.

23. Eu ________ carioca da gema.

24. Nós ________ farristas.

25. Eu ________ de origem indígena do Amazonas.

26. Nós ________ flamenguistas.

27. Eu ________ baixinho, gordinho e mal distribuído.

28. Nós ________ bairristas.

29. Eu ________ contra o racismo.

30. Nós ________ imigrantes brasileiros.

UNIDADE 2

VERBO *ESTAR*

PRESENTE DO INDICATIVO
Eu **estou**
Tu **estás**
Ele, ela, você **está**
Nós **estamos**
Eles, elas, vocês **estão**

Estar: uma condição temporária.

- Eu **estou** na escola.

- Eu **estou** em casa.

- Eu **estou** feliz.

- Eu **estou** triste.

- Eu **estou** no cinema.

- A taça **está** cheia de vinho, mas daqui a pouco estará vazia, porque eu tomarei tudo.

- Agora, eu **estou** em casa, mas daqui a pouco eu não estarei mais. Eu vou ao cinema. Se você me telefonar, eu não atenderei, porque eu estarei no cinema.

O verbo “estar” indica:

- Posição: Eu **estou** em pé.

- Lugar: Você **está** na aula de português.

- Condição: Como você **está**?

- Certo momento: Nós **estamos** na quinta-feira.

- Presença: Vocês **estão** no estágio da Air France.

- Morar (viver): Eles **estão** no Rio de Janeiro.

- Indicação climática: **Está** muito frio.

EXECÍCIOS

Preencha os espaços vagos com o verbo “estar”:

1. Nós ________ na aula de português da Associação.

2. O dia ________ bonito hoje como um dia de setembro.

3. Paulo ________ lá no Rio de Janeiro por duas semanas.

4. Como ________ a Senhora?

5. Eu ________ bem, obrigada. E o Senhor?

6. A professora ________ na aula de inglês da Cultura Inglesa.

7. Nós ________ na Universidade Úrsula.

8. Nós ________ aqui no balcão da Air France, no aeroporto Antônio Carlos Jobim.

9. A porta do avião da TAM ________ fechada para o voo Paris/Rio.

10. As janelas da sala ________ abertas por causa do calor.

11. Pedro ________ nos Estados Unidos para fazer um curso de pós-graduação.

12. Hoje ________ frio como um dia de inverno em Petrópolis.

13. Os alunos ________ no fumando um cigarro "Continental".

14. Os livros ________ sobre a escrivaninha de Rubem Braga.

15. O lápis ________ na gaveta da mesa de Carlos Eduardo Novaes.

16. O quadro ________ na parede da sala de jantar do apartamento do Ziraldo.

17. João ________ no Pão de Açúcar, e vai ver o Iate Clube do Rio.

18. Hoje ________ um dia quente como um dia de Rio de Janeiro.

19. Paulo e Maria ________ no Corcovado para ver a Baía de Guanabara.

20. Vocês ________ no Jardim Botânico para verem as vitórias-régias.

21. Pedro e José ________ na Quinta da Boa Vista para visitarem o Jardim Zoológico.

22. Nós ________ na quinta-feira.

23. Nós ________ no estádio do Maracanã para assistirmos ao FLAFLU.

24. Eles ________ de férias na Bahia.

25. Eu ________ com fome e com sede.

26. Nós ________ resfriados.

27. Você ________ com dor de cabeça.

28. Ele ________ chateado.

29. Ela ________ com vergonha do vestido.

30. Ele ________ zangado com o pai.

UNIDADE 3

ARTIGOS

É a palavra variável em gênero e número que antecede o substantivo, definindo-o ou o indefinindo.

Há dois tipos de artigos: definidos e indefinidos.

ARTIGOS DEFINIDOS

Determinam ou definem o substantivo de forma precisa, específica. Flexionam-se em gênero e número.

São eles:

Masculino singular: o

Masculino plural: os

Feminino singular: a

Feminino plural: as

EMPREGO DO ARTIGO DEFINIDO

Usa-se artigo definido:

a) Quando não se deseja repetir um substantivo já mencionado.

Exemplo: Comprei **o** livro de redação e **o** de literatura. (Está implícito: o **livro** de literatura.)

b) Depois do numeral **ambos**.

Exemplo: O professor aplicou ambos **os** exercícios.

c) Antes de nomes de países, estados, continentes e acidentes geográficos (rios, serras, montanhas etc.)

Exemplos: **o** Brasil, **a** França, **a** América, **a** Europa, **o** Pico da Neblina, **o** rio São Francisco.

Observação: Portugal, Cabo Verde, Angola, Cuba e Israel não admitem artigo.

d) Na formação do grau superlativo relativo.

Exemplos: Tive **os** professores mais competentes. / Tive professores **os** mais competentes.

Não se usa artigo definido:

a) Antes de nomes de pessoas.

Exemplo: **Quincas Berro D'Água** é personagem de um romance de Jorge Amado.

b) Depois do pronome relativo cujo (e suas flexões).

Exemplo: Este é o autor **cujos** livros já li.

c) Antes da maioria dos nomes de cidades.

Exemplos: **Salvador** é linda. / **Paris** é muito elegante.

Observação: Se o nome de lugar que não admite artigo vier qualificado, passa a admitir artigo.

Exemplos: Visitei **a** velha Salvador. / Estava n**a** Roma antiga.

d) Antes de pronomes de tratamento.

Exemplos: **Vossa Excelência** viajará hoje.

e) Antes do pronome indefinido **todo**, no sentido de *qualquer*.

Exemplo: Ele lê **todo** livro de ficção científica. (qualquer livro)

Observação: quando a palavra **todo** tem sentido de totalidade, admite artigo.

Exemplo: Ele leu **todo** *o* livro. (o livro inteiro)

Nota: É facultativo o uso do artigo antes de pronomes possessivos.

Exemplos: Deixei **meu** livro em cima da estante. / Deixei *o* **meu** livro em cima da estante.

ARTIGOS INDEFINIDOS

Determinam os substantivos de modo impreciso, vago. Acompanham nomes aos quais não se havia feito referência anterior.

Flexionam-se em gênero e número.

São eles:

Masculino singular: um

Masculino plural: uns

Feminino singular: uma

Feminino plural: umas

EMPREGO DO ARTIGO INDEFINIDO

a) Usa-se antes de numerais, para indicar quantidade aproximada.

Exemplo: Deve ter **uns** cem livros na minha estante.

b) Uso facultativo antes do pronome indefinido *certo*.

Exemplos: Comprei **certo** dicionário. / Comprei *um* **certo** dicionário.

OBSERVAÇÃO GERAL

O artigo serve para substantivar (tornar substantivo) qualquer palavra ou expressão que acompanhe.

Exemplos:

O “**sim**” é uma palavra que expressa afirmação. (**não** vira substantivo)

Quem ama **o feio**, bonito lhe parece. (**feio** vira substantivo)

EXERCÍCIOS

Preencha os espaços vagos com os artigos definidos ou indefinidos:

1. ________ alunos de português são bons e quietos.

2. ________ rio Amazonas é muito largo e muito comprido.

3. ________ livro de José Alfredo está sobre ________ mesa de sala.

4. ________ professor está em pé na secretaria da escola.

5. ________ aluna está sentada na cadeira do professor.

6. ________ dia está bonito e ensolarado hoje.

7. ________ porta da sala está fechada para a reunião de hoje.

8. ________ quadro está na parede do salão.

9. ________ lápis do professor é verde e fino.

10. ________ Rua Visconde de Pirajá é estreita e fica em Ipanema.

11. ________ Avenida Nossa Senhora de Copacabana é larga e agitada.

12. ________ relógio de Marta está sempre atrasado.

13. ________ páginas do livro são coloridas.

14. ________ Brasil é muito grande. É o maior país da América do Sul.

15. Há ________ chave e ________ documento na gaveta da cômoda do quarto.

16. Temos ________ amigo em Nova Iorque. Ele tem ________ fábrica de farinha de mandioca.

17. Nesta avenida há ________ hotel e ________ Estação Rodoviária.

18. Meu médico tem ________ consultório moderno em Copacabana.

19. Nesta sala há ________ armário e ________ mesa de jacarandá.

20. Isto é ________ cinzeiro de cristal.

21. Isso é ________ isqueiro de prata.

22. Aquilo é ________ bolsa de couro.

23. Isso é ________ caneta de plástico.

24. Isto é ________ carro velho e quebrado.

25. Aquilo é ________ pasta de crocodilo.

26. Isto é ________ caderno de escola pública.

27. Aquilo é ________ dicionário Aurélio.

28. Isso é ________ borracha brasileira.

29. Isto é ________ cadeira de vime.

30. ________ dia ensolarado em Ipanema.

UNIDADE 4

PRONOMES POSSESSIVOS

Pronome possessivo é a palavra que se refere a uma das pessoas do discurso. Com isso, dá-lhe sentido de posse.

Os pronomes possessivos são:

NÚMERO	PESSOA	PRONOMES POSSESSIVOS
Singular	1.ª	meu, minha, meus, minhas
	2.ª	teu, tua, teus, tuas
	3.ª	seu, sua, seus, suas dela, dela, deles, delas
Plural	1.ª	nosso, nossa, nossos, nossas
	2.ª	vosso, vossa, vossos, vossas
	3.ª	seu, sua, seus, suas dele, dela, deles, delas

Empregos dos pronomes possessivos

a) O pronome **seu** (e suas flexões) refere-se à 3.ª pessoa, tanto no singular quanto no plural e à 2.ª pessoa, quando o pronome de tratamento é **você**. Isso pode gerar ambiguidade, duplo sentido no sentido da frase.

Exemplo: O aluno disse ao colega que não aceitou **sua** reprovação.

(Reprovação do aluno ou do colega?)

A frase é ambígua porque o possessivo **sua** pode estar indicando a reprovação da pessoa **de quem** se fala (3.ª pessoa), ou da reprovação da pessoa **com quem** se fala (2.ª pessoa).

Para evitar essa ambiguidade, pode-se substituir o possessivo **seu** (e suas flexões) por **dele** (e suas flexões) para se referir à 3.ª pessoa ou por **teu** (e suas flexões) para se referir à 2.ª pessoa.

Exemplos:

O aluno disse ao colega que não aceitou a reprovação dele. **(3.ª pessoa - do colega)**

O aluno disse ao colega que não aceitou a tua reprovação. **(2.ª pessoa - do aluno)**

b) Não se usa pronome possessivo para se referir a partes do corpo.

Exemplo: Acordei com dor no pescoço.

(e não: Acordei com dor no **meu** pescoço.)

c) Os possessivos concordam em gênero e número com a coisa possuída, em pessoa com o possuidor.

Exemplos:

(eu) Vendi **meu** carro.

(tu) Refizeste **tua** atividade?

(nós) Compramos **nossa** casa.

d) A forma **seu**, quando utilizado como redução do pronome de tratamento **senhor**, não é um pronome possessivo.

Seu Lamartine é professor de português em Paris.

EXERCÍCIOS

Complete com o pronome possessivo adequado.

1. De quem são os livros? São ________? Sim, são.

2. - ________ secretária é daqui. E a ________, de onde é? É do Rio.

3. ________ apartamento é pequeno. O ________ também? Não, o ________ é grande.

4. ________ amigos moram perto daqui. E os ________, onde moram? Moram longe.

5. De quem são as canetas? São ________?

6. Quero conversar com ________ professor de português.

7. Queremos conversar com ________ professor de português.

8. Vamos sair com ________ filhos.

9. Gostamos de sair com ________ amigos.

10. Ontem falamos com ________ filha ao telefone.

11. Moro neste bairro com ________ família. Gosto do ________ bairro.

12. Estou falando com ________ mulher.

13. Vou guardar ________ documentos no cofre.

14. Venha comigo! Quero mostrar ________ apartamento.

15. ________ amigas querem falar comigo.

16. (ela) Onde estão os óculos ________?

17. (ela) O apartamento ________ é confortável.

18. (ele) Não gosto da cidade ________.

19. (ele) Você conhece os irmãos ________?

20. (ele/ela) A família ________ é grande. A família ________ também é.

21. (elas) O pai ________ é alemão.

22. (eles/elas) A mãe ________ não está aqui. Ela está na Europa com a amiga ________.

23. (eles/elas) O escritório ________ é no centro. O escritório ________ é no subúrbio.

24. (ela/ele) Os irmãos ________ trabalham aqui. Os irmãos ________ também.

25. (ela/ele) Você quer o livro ________ ou o livro ________?

26. Maria foi passear com ________ irmão.

27. Onde é que você deixou ________ livros?

28. Dei ________ óculos para Paulo.

29. Abracei ________ pai com muito carinho e fiquei emocionado.

30. Adoro ________ clube. Torço por ele há anos.

UNIDADE 5

NUMERAIS CARDINAIS

Os numerais cardinais indicam número ou quantidade.

Exemplo: Tenho **cinquenta** revistas.

a) Na enumeração de textos, páginas, folhas, casas, apartamentos e equivalentes, usa-se o numeral cardinal se esse vier depois do substantivo.

Exemplos:

Livro 18 (dezoito)

Bloco 5 (cinco)

Folha 3 (três)

Linha 30 (trinta)

Apartamento 21 (vinte e um)

Quarto 9 (nove)

b) Na leitura de algarismos romanos, que indicam séculos, capítulos, nomes de papas ou reis:

- se vier depois do substantivo, depois de **décimo** usa-se o cardinal.

Exemplos:

Século XXI (vinte e um)

Capítulo XV (quinze)

Papa Bento XVI (dezesseis)

Rei Luís XV (quinze)

c) Quando se tem dois ou mais algarismos (números), coloca-se a conjunção **e** entre as centenas, dezenas e unidades.

Exemplos:

23 – vinte e três

37 – trinta e sete

45 – quarenta e cinco

222 – duzentos e vinte e dois

486 – quatrocentos e oitenta e seis

d) Para enumerar leis, decretos, artigos, portarias e outros textos oficiais, usa-se o ordinal até o **nono** e o cardinal a partir de **dez**.

Lei 14 (quatorze)

Portaria 22 (vinte e dois)

Artigo 51 (cinquenta e um)

EXERCÍCIOS

Escreva os seguintes números:

1. 13 ____

2. 17 ____

3. 24 ____

4. 58 ____

5. 100 _______________________________________

6. 150 _______________________________________

7. 243 _______________________________________

8. 576 _______________________________________

9. 1953 ______________________________________

10. 1959 _____________________________________

11. 1963 _____________________________________

12. 1969 _____________________________________

13. 1975 _____________________________________

14. 1980 _____________________________________

15. 1987 _____________________________________

16. 2739 _____________________________________

17. 72.967 ___________________________________

18. 903.084 __________________________________

19. 1020 ____

20. 2217 ____

21. 5318 ____

22. 8111 ____

23. 1.000.000 ____________________________________

24. 2.000.000 ____________________________________

25. 1.555.876 ____________________________________

26. 3.198.789 ____________________________________

27. 5.888.555 ____________________________________

28. 1.000.000.000 ________________________________

29. 2.000.000.000 ________________________________

30. 5.234.756.654 ________________________________

UNIDADE 6

NUMERAIS ORDINAIS

Os numerais ordinais indicam ordem ou sequência.

São formados por cardinal seguido dos símbolos º e ª sobrescritos.

Exemplos: 1º (primeiro), 1ª (primeira), 2º (segundo), 2ª (segunda)

a) Os numerais ordinais variam em gênero e número.

Exemplos:

Ele passou em **primeiro** lugar no Concurso Público.

Ela foi a **primeira** a entrar na sala.

Só respondi aos **primeiros** itens do exercício.

Apenas li as **primeiras** páginas do livro.

b) Para enumerar leis, decretos, artigos, portarias e outros textos oficiais, usa-se o ordinal até o **nono** e o cardinal a partir de **dez**.

Exemplos:

Lei 2ª (segunda)	Lei 14 (quatorze)
Portaria 7ª (sétima)	Portaria 22 (vinte e dois)
Artigo 8º (oitavo)	Artigo 51 (cinquenta e um)

c) Na enumeração de textos, páginas, folhas, casas, apartamentos e equivalentes, usa-se o numeral ordinal se esse vier antes do substantivo.

Exemplos:

18º (décimo oitavo) livro

5º (quinto) bloco

3ª (terceira) folha

30ª (trigésima) linha

9º (nono) quarto

21º (vigésimo primeiro) apartamento

d) Para indicar o primeiro dia de cada mês, usa-se o numeral ordinal.

Exemplo: No dia **primeiro** de maio, comemora-se o dia do trabalho.

e) Na leitura de algarismos romanos, que indicam séculos, capítulos, nomes de papas ou reis:

- se vier depois do substantivo, usa-se o ordinal até **décimo** e, depois, cardinal.

Exemplos:

Século VII (sétimo)	Século XXI (vinte e um)
Capítulo III (terceiro)	Capítulo XV (quinze)
Papa João Paulo II (segundo)	Papa Bento XVI (dezesseis)
Rei Henrique VIII (oitavo)	Rei Luís XV (quinze)

- se vier antes do substantivo, usa-se o ordinal.

Exemplos:

XIII capítulo (décimo terceiro)

V século (quinto)

EXERCÍCIOS

Escreva os seguintes números:

1. 1º - primeiro

2. 1ª - primeira

3. 2º - segundo

4. 2ª - segunda

5. 3º - ____

6. 3ª - ____

7. 4º - ____

8. 4.ª - ____

9. 5º - ____

10. 5ª - ____

11. 6º - ____

12. 6ª - ____

13. 7º - sétimo

14. 7ª - sétima

15. 8º - ____

16. 8ª - ____

17. 9º - ____

18. 9ª - ____

19. 10º - décimo

20. 10ª - ____

21. 11º - décimo primeiro

22. 11ª - ____

23. 12º - ____

25. 12ª - ____

25. 14º - ____

26. 14ª - ____

27. 15º - ____

28. 15ª - ____

29. 20º - ____

30. 20ª - ____

31. 21º - vigésimo primeiro

32. 21ª - ____

33. 22º - ____

34. 22ª - ____

35. 23º - ____

36. 23ª - ____

37. 30º - trigésimo

38. 30ª - ____

39. 40º - quadragésimo

40. 40ª - ____

41. 50º - quinquagésimo

42. 50ª - ____

43. 60º - sexagésimo

44. 60ª - ____

45. 70º - septuagésimo

46. 70ª - ____

47. 80º - octogésimo

48. 80ª - ____

49. 90º - nonagésimo

50. 90ª - ____

51. 100º - centésimo

52. 100ª - ____

53. 1.000º - milésimo

54. 1.000ª - ____

55. 1.000.000º - milionésimo

56. 1.000.000ª - ____

UNIDADE 7

PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO

Exprime um fato passado concluído, em relação ao momento em que se fala:

Exemplo:

Na semana passada, eu *cheguei* cedo ao teatro.

Ontem, eu *fiz* a lição de casa.

Pedro Álvares Cabral *descobriu* o Brasil em 1500.

No mês passado, eu *li* Romeu e Julieta, de Shakespeare.

Eu	cantei	devi	parti
Tu	cantaste	deveste	partiste
Ele, ela, você	cantou	deveu	partiu
Nós	cantamos	devemos	partimos
Eles, elas, vocês	cantaram	deveram	partiram

EXERCÍCIOS

Complete os minidiálogos como os verbos indicados no pretérito perfeito do indicativo:

1. Quando os senhores _________ ao Brasil? _________ há quinze dias. (chegar)

2. A senhora já _________ a Brasília? Não, ainda não _________. (ir)

3. O que você _________ ontem no jantar? _________ uma comida típica da Bahia. (comer)

4. Você já _________ notícias de sua casa? Sim, ontem mesmo, _________ uma carta da minha mãe. (receber)

5. Você já _________ essa música antes? É samba, não é? (ouvir)

6. Você já _________ a lição toda? Toda não, _________ só a metade. (ler)

7. Quem _________ as janelas? Luís _________ porque o ar-condicionado está pifado. (abrir)

8. Eu _________ no dia 26 de junho em São Paulo. (nascer)

9. Em que dia o Senhor _________? (nascer)

10. O comerciante _________ todas as mercadorias importadas. (vender)

11. O engenheiro _________ o terreno em dois lotes. (dividir)

12. Nós _________ uma casa no ano passado na Ilha de Paquetá. (comprar)

13. Vocês _________ o teste de Biologia? _________, sim. (fazer)

14. Você _________ aeróbica? _________, eu suei pra burro. (fazer)

15. Pedrinho _________ o dever de casa? _________ sim, às pressas. (fazer)

16. Maria _________ um vestido muito bonito para o baile de sábado. (fazer)

17. Nós _________ um ótimo exame de Português e tiramos nota 10. (fazer)

18. O senhor já _________ no Corcovado de bondinho? (subir)

19. Eles já _________ Dom Casmurro, de Machado de Assis? (ler)

20. Eu nunca _________ neve no Brasil. (ver)

21. Você _________ o acidente na avenida? _________, sim. Foi horrível! (ver)

22. Ontem, eles me _________ na joalheria, mas eu não os _________. (ver)

23. Anteontem, ela _________ o diretor da firma jantando no clube com a secretária dele. (ver)

24. Você _________ o ladrão correndo? _________ sim e a polícia não o pegou. (ver)

25. Eu nunca _________ João cantando. É um cara triste mesmo. (ver)

26. Este livro _________ 30,00 reais na Livraria Siciliana. (custar)

27. Eu _________ (olhar) a moça e a _________ (reconhecer) logo.

28. Eu _________ (alugar) um carro para dar um passeio no Rio.

29. Você já _________ (ver) as obras na Barra para os Jogos Olímpicos?

30. Nós _________ (passar) a ferro a roupa toda no domingo.

UNIDADE 8

PRONOMES DEMONSTRATIVOS E ADVÉRBIOS DE LUGAR

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Os pronomes demonstrativos são palavras substituem ou acompanham os nomes, indicando a posição dos seres e das coisas no tempo e no espaço em relação às pessoas gramaticais.

1.ª pessoa – este(s), esta(s), isto -------------------------------- aqui

2.ª pessoa – esse(s), essa(s), isso ------------------------------- aí

3.ª pessoa – aquele(s), aquela(s), aquilo ----------------------- ali ou lá

EMPREGO DOS PRONOMES DEMONSTRATIVOS

1) De acordo com o espaço

a) *este(s)*, *esta(s)*, *isto* são usados para indicar que o ser (ou objeto) a que se referem está próximo da 1.ª pessoa (quem fala).

Exemplo: *Esta* caneta é minha.

b) *esse(s)*, *essa(s)*, *isso* são usados para indicar que o ser (ou objeto) a que referem está próximo da 2.ª pessoa (com quem se fala).

Exemplo: *Isso* que está com você é um livro.

c) *aquele(s)*, *aquela(s)*, *aquilo* são usados para indicar que o ser (ou objeto) a que se referem está próximo da 3.ª pessoa (de quem se fala) ou distantes de todas elas.

Exemplo: De quem são *aquelas* revistas?

2) De acordo com o tempo

a) 1.ª pessoa: indicam tempo presente em relação ao momento em que se fala.

Exemplos: *Esta* noite irei ao cinema.

b) 2.ª pessoa: indicam tempo passado recente ou futuro em relação ao momento em que se fala.

Exemplos: *Essa* crise afetou a economia do Brasil.

c) 3.ª pessoa: indicam tempo distante em relação ao momento em que se fala.

Exemplos: *Aquele* tempo não volta mais.

3) De acordo com o texto

a) 1.ª: indicam algo que será dito.

Exemplo: A verdade é *esta*: não entendi suas razões.

b) 2.ª: indicam algo que já foi mencionado no texto.

Exemplo: Gregório de Matos e Padre Antônio Vieira: *esses* são os principais autores do Barroco no Brasil.

c) este (e flexões), aquele (e flexões): usados para fazer referência a elementos já mencionados. *Este* se refere ao mais próximo e *aquele* ao mais distante.

Exemplo: Produção Textual e Matemática são disciplinas que me agradam: *esta* me desenvolve o raciocínio; *aquela*, a escrita.

ADVÉRBIOS DE LUGAR

Os advérbios são palavras invariáveis, que modificam verbos, adjetivos, outros advérbios ou frases, expressando circunstâncias (lugar, tempo, modo etc.).

São advérbios de lugar:

aqui	ali	acolá
aí	lá	atrás
dentro	fora	perto
longe	abaixo	acima
adiante	além	defronte

EXERCÍCIOS

Complete com o pronome demonstrativo adequado:

1. O que é isso aí? (pasta escolar)

____

2. O que é aquilo ali? (mesas de imbuia)

____

3. O que é aquilo ali? (mala de mão)

____

4. O que é isso aí? (livros de Paulo Coelho)

____

5. O que é isto aqui? (borracha)

____

6. O que é aquilo ali? (dicionários de português/francês)

____

7. O que é isto aqui? (cadeira de balanço)

____

8. O que é isso aí? (régua de madeira)

____

9. ________________ CD aqui é de Caetano Veloso.

10. ________________ capa ali é do disco de Gal Costa.

11. ________________ livros ali são do meu amigo Chico Buarque.

12. ________________ jornal ali é de Ronaldinho.

13. ________________ canetas aqui são de Pelé.

14. _______________ cadernos aí são de Paulinho da Viola.

15. O que é isso aí? (caneta / professor)

____

16. O que é isso aí? (cadernos / minha irmã)

____

17. _______________ é minha esposa. Muito prazer.

18. _______________ é meu marido. – Foi bom te conhecer.

19. _______________ é minha filha mais nova.

20. _______________ é meu filho mais velho.

21. Olhe _______________ estrela lá no céu. É grande!

22. Eu ganhei _______________ flores no dia dos namorados.

23. _______________ homem que nós encontramos ontem, é estranho.

24. _______________ vinho é muito bom. Vamos comprar?

25. O que é _______________ lá no céu? Parece um disco voador.

26. Nem me fale mais neste assunto. _______________ é ridículo.

27. Eu comprei _______________ para meu filho.

28. _______________ menina aí pode se machucar. Está correndo muito.

29. O que é _______________ que está acontecendo no mundo?

30. _______________ carteira está muito velha. Preciso comprar uma outra.

UNIDADE 9

MODO IMPERATIVO

O modo imperativo pode ser afirmativo ou negativo e indica ordem, pedido, conselho ou proibição.

Exemplos:

Abra a porta.

Não pise na grama.

Venha logo!

Sirva-se, amigo!

Não fume neste local.

A forma imperativa pode ser substituída por um verbo no infinitivo ou gerúndio, com valor de ordem.

Exemplos:

Proibido *fumar*!

Andando!

Favor, não *pisar* no meu pé, quando danço!

Correndo, agora!

Marcar a alterativa correta.

O imperativo pode ser representado por uma frase nominal.

Exemplos:

Silêncio!

Fora!

FORMAÇÃO DO IMPERATIVO

- No imperativo, não há a primeira pessoa do singular.

- Na formação do imperativo afirmativo, a 2.ª pessoa do singular do presente do indicativo perde o –s final e as demais pessoas são as mesmas do presente do subjuntivo.

- Na formação do imperativo negativo, todas as pessoas apresentam a mesma forma do presente do subjuntivo.

Veja:

IMPERATIVO AFIRMATIVO

PRESENTE DO INDICATIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO
Eu canto	-----	que eu cante
Tu *cantas*	***Canta*** tu	que tu cantes
Ele, ela, você canta	**Cante** ele, ela, você	que ele, ela, você **cante**
Nós cantamos	**Cantemos** nós	que nós **cantemos**
Eles, elas, vocês cantam	**Cantem** eles, elas, vocês	que eles, elas, vocês **cantem**

IMPERATIVO NEGATIVO

PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
que eu cante	-----
que tu *cantes*	não *cantes*
que ele, ela, você *cante*	não *cante*
que nós *cantemos*	não *cantemos*
que eles, elas, vocês *cantem*	não *cantem*

Nota:

Para o imperativo de *tu* e *você*, devemos observar os itens abaixo:

- Para o imperativo de *tu*, usa-se a flexão da 2.ª pessoa do singular do indicativo sem o –s.

- Para o imperativo de *você*, usa-se a flexão da 3.ª pessoa do singular do subjuntivo.

EXERCÍCIOS

Ponha as frases abaixo no imperativo de “você”:

1. Menino, tira o dedo do nariz.

____

2. Menino, não põe a mão na boca.

____

3. Menino, não come doce antes do almoço.

____

4. Vai fazer a lição de casa.

____

5. Sai daí.

____

6. Vai dormir. Isto é conversa de gente grande.

____

7. Não amola os outros.

____

8. Não chupa o dedo.

____

9. Não suja a roupa.

____

10. Não rabisca a parede.

____

11. Vai tomar banho.

12. Não fica comendo estas porcarias.

13. Não suja a roupa que acabou de tomar banho.

14. Não fica andando com esses moleques.

15. Não sobe no muro.

16. Não brinca n’água com esse calor.

17. Não sobe na árvore que acaba se machucando.

18. Não sai do castigo.

19. Não brinca no barro.

20. Para de chacoalhar as pernas desse jeito enquanto come.

21. Tem sossego.

22. Não fica aí que fica me estorvando.

23. Não fica olhando a janela.

24. Não abre a porta do quarto.

25. Não come muito doce que acaba vomitando.

26. Não veste essa calça, veste a marrom.

27. Não mexe nas coisas do seu pai.

28. Não mexe no rádio.

29. Não cospe no chão.

30. Desce do portão.

31. Vê se fica quieto vendo televisão.

32. Não solta papagaio (pipa) na rua cheia de fio.

33. Não fica subindo no colo, não que já está grandinho.

34. Tira o dedo do ouvido.

35. Não brinca com fogo que mija na cama de noite.

UNIDADE 10

PRESENTE OU PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO:

VERBOS IRREGULARES DE SEGUNDA CONJUGAÇÃO

Os verbos irregulares sofrem alterações no radical ou nas desinências e não seguem um modelo de conjugação.

Pertencem à 2.ª conjugação os verbos com infinitivo terminado em –*er*.

PRESENTE	PRETÉRITO PERFEITO
Eu quero	Eu **quis**
Tu queres	Tu **quiseste**
Ele, ela, você **quer**	Ele, ela, você **quis**
Nós queremos	Nós **quisemos**
Eles, elas, vocês querem	Eles, elas, vocês **quiseram**

PRESENTE	PRETÉRITO PERFEITO
Eu **perco**	Eu perdi
Tu perdes	Tu perdeste
Ele, ela, você perde	Ele, ela, você perdeu
Nós perdemos	Nós perdemos
Eles, elas, vocês perdem	Eles, elas, vocês perderam

PRESENTE	PRETÉRITO PERFEITO
Eu **digo**	Eu **disse**
Tu dizes	Tu **disseste**
Ele, ela, você diz	Ele, ela, você **disse**
Nós dizemos	Nós **dissemos**
Eles, elas, vocês dizem	Eles, elas, vocês **disseram**

PRESENTE	PRETÉRITO PERFEITO
Eu **posso**	Eu **pude**
Tu podes	Tu **pudeste**
Ele, ela, você pode	Ele, ela, você **pôde**
Nós podemos	Nós **pudemos**
Eles, elas, vocês podem	Eles, elas, vocês **puderam**

PRESENTE	PRETÉRITO PERFEITO
Eu **sei**	Eu **soube**
Tu sabes	Tu **soubeste**
Ele, ela, você sabe	Ele, ela, você **soube**
Nós sabemos	Nós **soubemos**
Eles, elas, vocês sabem	Eles, elas, vocês **souberam**

EXERCÍCIOS

Preencha as lacunas com os verbos que estão entre parênteses no presente do indicativo ou no pretérito perfeito do indicativo.

1. Miguel! O que é que você ____________ para agradecer?

Eu ____________ "muito obrigado", mas a Sofia ____________ "muito obrigada". (dizer)

2. Sofia! Você ____________ estar no bar às três? (poder)

Hoje, às três, não ____________.

3. O que é que vocês ____________ no Natal? (querer)

Eu ____________ uma bicicleta e Rui ____________ uma motocicleta nova.

4. Você ____________ onde está o meu dicionário? (saber)

Não, não ____________.

5. Carlos e Arnaldo ____________ jogar tênis muito bem. (jogar)

6. ____________ levar o seu carro hoje, à noite. (poder)

7. Ontem, nós ____________ falar com este artista. (querer)

8. Ontem, eu ____________ este programa de televisão. (ver)

9. Ontem, você ____________ falar comigo. (poder)

10. Ele sempre ____________ conhecer a Europa. (querer)

11. O ladrão ____________ assaltar esta mulher. (querer)

12. Por que você ____________ entrar neste restaurante? (querer)

13. Anteontem, eles ____________ o ladrão correndo. (ver)

14. Você já ____________ um elefante? (ver)

Eu já ____________, sim. (ver)

15. Todos ____________ ver o jogo pela televisão. (poder)

16. Os jogadores não ____________ viajar. (poder)

17. Ela ____________ ver muito bem o rosto do artista. (poder)

18. Ontem, eu ____________ ver o filme de Carlitos. (poder)

19. Eles ____________ sempre a verdade. (dizer)

20. Estas crianças ____________ a verdade? (dizer)

21. Quem ____________ isso para você? (dizer)
Elas me ____________ toda a verdade. (dizer)

22. Você ____________ aquele homem na porta do restaurante? (ver)

23. Ele já ____________ muito dinheiro, mas ____________ tudo em jogatinas. (ter, perder)

24. Você _____________ tomar café? (querer)
Sim, ______________. Você _________________ adoçante? Eu não tomo café com açúcar. (querer, querer)

25. Ontem ____________ aula de português? (ter)
Quantos filhos você ____________? (ter)
Eu não ____________ filhos. (ter)

26. Você ____________ alguma coisa para a festa? (trazer)

Eu ____________ a salada e a torta de maçã. (trazer)

27. Meu gato desapareceu. Você ____________ um gato branco e bem peludo? (ver)

Não, eu não ____________. Quem sabe eles ____________. (ver, ver)

28. Eu não ____________ sempre Roberto. Vocês moram perto dele. Vocês o ____________ sempre. (ver, ver)

Não, nós o ____________ raramente. (ver)

29. Eu não ____________ meu carro. Você ____________? (ver, ver)

30. Vocês ______________ meus óculos? (ver)

Eu ___________. Estão na sua cabeça. (ver)

UNIDADE 11

PLURAIS

Os substantivos podem se apresentar no singular ou no plural.

Singular: refere-se a um ser ou a um grupo de seres.

Exemplos: a garota, a fauna, o peixe, o enxame.

Plural: refere-se a mais de um ser ou mais de um grupo de seres.

Exemplos: as garotas, as faunas, os peixes, os enxames.

Em Língua Portuguesa, há várias maneiras de formar o plural dos substantivos.

Acrescenta-se **–s**:

1. Aos substantivos terminados em vogal ou ditongo crescente ou decrescente.

Exemplos: maçã – maçã**s**, filho – filho**s**, prédio – prédio**s**, mãe – mãe**s**, tatu – tatu**s**, degrau – degrau**s**, chapéu – chapéu**s**.

2. Aos substantivos terminados em **–n**:

Exemplos: abdômen – abdomen**s**, hífen – hifen**s**, líquen – líquen**s**, pólen – polen**s**, elétron – elétron**s**, gérmen – germen**s**.

Observação: As palavras abdômen, hífen, líquen e gérmen formam o plural pela adição de **–s** ou **–es** às terminações.

Exemplos: abdômen – abdomen**s** ou abdômen**es**, hífen – hifen**s** ou hífen**es**, líquen – liquen**s** ou líquen**es**, gérmen – germen**s** ou gérmen**es**.

Acrescenta-se **–es** aos substantivos terminados em **–r**, **–s** ou **–z**:

Exemplos: açúcar – açúcar**es**, cruz – cruz**es**, radar – radar**es**, hambúrguer – hambúrguer**es**, vereador – vereador**es**, mulher – mulher**es**, flor – flor**es**, deus – deus**es**, mês – mes**es**, português – portugues**es**.

Observações:

Os substantivos terminados em **–s** só recebem acento se forem oxítonos ou monossílabos tônicos.

Exemplos: fregu**ês** – fregueses, g**ás** – gases.

Se os substantivos terminados em **–s** forem paroxítonos ou proparoxítonos, permanecem invariáveis.

Exemplos: o lápis – os lápis, o pires – os pires, o ônibus – os ônibus, o tênis – os tênis, o vírus – os vírus.

As palavras **mal** e **cônsul** formam o plural com o acréscimo de **–es**: mal**es**, cônsul**es**.

A palavra **mel** admite duas formas de plural: méis ou meles.

Nos substantivos terminados em **–al**, **–el**, **–ol** e **–ul**, troca-se o **–l** por **–is**.

Exemplos: jornal – jorna**is**, anel – ané**is**, anzol – anzó**is**, papel – papé**is**, real – rea**is**, pardal – parda**is**, álcool – álcoo**is**.

Exceções: mal – mal**es**, cônsul – cônsul**es**.

Nos substantivos terminados em **–il**:

Oxítonos: troca-se o **–l** por **–s**.

Exemplos: fuzil – fuz**is**, canil – can**is**, barril – barr**is**.

Paroxítonos: troca-se o **–il** por **–eis**.

Exemplos: fóssil – fóss**eis**, réptil – répt**eis**, projétil – projét**eis**.

Observação: As palavras **reptil** e **projetil** (oxítonas) têm como plural **reptis** e **projetis**.

Nos substantivos terminados em **–ão**:

1. Acrescenta-se **–s**.

Exemplos: cidadão – cidadão**s**, cristão – cristão**s**, sótão – sótão**s**, órfão – órfão**s**, órgão – órgão**s**, bênção – bênção**s**.

2. Troca-se **–ão** por **–ães**:

Exemplos: pão – p**ães**, cão – c**ães**, charlatão – charlat**ães**, tabelião – tabeli**ães**, sacristão – sacrist**ães**.

3. Troca-se **–ão** por **–ões**:

Exemplos: leão – le**ões**, balão – bal**ões**, guardião – guardi**ões**, verão – ver**ões**, ligação – ligaç**ões**, publicação – publicaç**ões**.

Observação: Alguns substantivos terminados em **–ão** apresentam mais de uma forma no plural.

Exemplos: alazão – alazões ou alazães, aldeão – aldeões ou aldeães ou aldeãos, anão – anãos ou anões, ancião – anciãos ou anciães ou anciões, charlatão – charlatões ou charlatães, corrimão – corrimãos ou corrimões, refrão – refrãos ou refrões, sultão – sultãos ou sultões, verão – verãos ou verões, vilão – vilãos ou vilães, vulcão –vulcões, ermitão – ermitãos ou ermitães ou ermitões.

Nos substantivos diminutivos terminados em **–zinho**, elimina-se o **–s** da palavra primitiva no plural e se acrescenta o sufixo no plural.

Exemplos: balãozinho – balõezinhos, pãozinho – pãezinhos, pastelzinho – pasteizinhos, limãozinho – limõezinhos, farolzinho – faroizinhos, florzinha – florezinhas.

Os substantivos terminados em –x são invariáveis.

Exemplos: o tórax – os tórax, a fênix – as fênix, o látex – os látex, o ônix – os ônix.

Exceções: o códex – os códices, o clímax – os clímaces.

Nos substantivos terminados em **–m**, troca-se o **–m** por **–ns**.

Exemplos: armazém – armazé**ns**, bombom – bombo**ns**, atum – atu**ns**, bandolim – bandoli**ns**, jardim – jardi**ns**, batom – bato**ns**, nuvem – nuve**ns**, som – so**ns**, pajem – paje**ns**.

Os nomes de letras e números formam o plural normalmente.

Exemplos:

O agá – os agás (ou os hh), o i – os is (ou os ii)

O cinco – os cincos, o nove – os noves

Observação: os numerais dois, três, seis e dez, quando usados como substantivos, não sofrem variação.

Exemplos: o seis – os seis, o três – os três, o seis – os seis, o dez – os dez.

EXERCÍCIOS

Dê o plural das seguintes palavras.

1. mão: ____________________

2. revólver: _________________

3. raiz: ____________________

4. órfão: ___________________

5. lápis: ___________________

6. pão: ____________________

7. jornal: ___________________

8. cônsul: __________________

9. lição: ___________________

10. funil: ___________________

11. lençol: _________________

12. animal: _________________

13. projétil: _________________

14. opinião: ________________

15. coronel: ________________

16. alemão: ________________

17. flor: ____________________

18. povo: __________________

19. automóvel: _____________

20. cruz: ___________________

21. olho: ___________________

22. ruim: ___________________

23. osso: __________________

24. inglês: _________________

25. cristão: _________________

26. bolso: __________________

27. colher: _________________

28. jardim: _________________

29. cidadão: ________________

30. almoço: ________________

31. rapaz: __________________

32. anel: ___________________

33. capaz: _________________

UNIDADE 12

PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO

O tempo pretérito imperfeito do indicativo exprime um fato passado não concluído, em relação ao momento em que se fala, uma ação que costumava ser feita no passado, mas agora não se faz mais.

Exemplos:

Eu sempre CANTAVA no chuveiro. (Agora eu não canto mais.)

Antigamente, eu FUMAVA. (Agora eu não fumo mais.)

Quando eu era criança, eu IA muito à casa da minha avó. (Agora eu não vou mais, ela já faleceu.)

O pretérito imperfeito também:

- Exprime a ideia de duração.

Exemplo: Quando eu ERA criança, eu JOGAVA futebol de botão.

- Exprime a ideia de simultaneidade.

Exemplo: Enquanto ela LIA Machado de Assis, eu PREPARAVA o jantar.

FORMAÇÃO DO PRETÉRITO IMPERFEITO

Acrescentam-se as terminações ao infinitivo:

Para os verbos terminados em –ar

-va: 1.ª pessoa do singular

-vas: 2.ª pessoa do singular

-va: 3.ª pessoa do singular

-vamos: 1.ª pessoa do plural

-vam: 3.ª pessoa do plural

Para os verbos terminados em –er e –ir

-ia: 1.ª pessoa do singular

-ias: 2.ª pessoa do singular

-ia: 3.ª pessoa do singular

-íamos: 1.ª pessoa do plural

-iam: 3.ª pessoa do plural

Eu	canta**va**	dev**ia**	part**ia**
Tu	canta**vas**	dev**ias**	part**ias**
Ele, ela, você	canta**va**	dev**ia**	part**ia**
Nós	cantá**vamos**	dev**íamos**	part**íamos**
Eles, elas, vocês	canta**vam**	dev**iam**	part**iam**

EXERCÍCIOS

Ponha estes textos no pretérito imperfeito do indicativo.

1. Quando eu ____________ (morar) no Rio ____________ (estudar) na Universidade. ____________ (sair) de casa todos os dias às 9:45 ____________ (ficar) na escola até as 11:00. ____________ (almoçar) em casa e ____________ (descansar) até o meio dia e meia. De tarde, ____________ (voltar) para a escola, onde ____________ (ficar) até as 4:00. De noite, ____________ (estudar) por três horas. Aos sábados, ____________ (fazer) as compras para casa e ____________ (passear) um pouco. Às vezes, ____________ (ir) à praia, outras vezes ao cinema e outras vezes ____________ (ficar) em casa. Não ____________ (gostar) de ficar em casa porque minha mulher me ____________ (fazer) trabalhar muito. Aos domingos, ____________ (ir) à igreja e depois ____________ (jantar) fora, domingo de tarde ____________ (começar) a estudar outra vez. Puxa! Que vida!

2. Quando nós morávamos no Rio ____________ (estudar) na Santa Úrsula. Todos os dias ____________ (acordar) bem cedo, ____________ (levantar-se) às 7 horas, e ____________ (tomar) café. Às 7:45 ____________ (sair) para a faculdade, onde ____________ (ficar) até o meio-dia. ____________ (ficar) na faculdade por 6 horas. Aos sábados, ____________ (visitar) os pontos interessantes da cidade; mas primeiro ____________ (ir) ao supermercado e geralmente ____________ (comprar) no Carrefour. De noite, ____________ (assistir) a um pouco de televisão e ____________ (descansar) dos estudos. No domingo, ____________ (ir) à praia tomar banho de mar, Lúcia ____________ (paquerar) os rapazes e eu ____________ (namorar) Ricardo. De tarde, ____________ (ir) assistir a um filme em Copacabana e depois ____________ (ir) tomar um lanche na lanchonete Cirandinha e ____________ (voltar) para casa para assistir ao programa Fantástico, na TV Globo e antes de dormirmos, ____________ (preparar) as coisas para o dia seguinte. Que droga!

UNIDADE 13

VERBOS PRONOMINAIS

Os verbos pronominais são conjugados com pronomes pessoais oblíquos átonos, referentes ao sujeito.

São classificados em:

- Essencialmente pronominais: são usados somente na forma pronominal.

Exemplos:

O assassino *se arrependeu* do crime.

O aluno *se queixou* da nota.

- Acidentalmente pronominais ou reflexivos: podem ser usados em sua forma simples, sem o pronome oblíquo.

Exemplos:

Lembrei-me de responder às questões.

Lembrei o ocorrido ao meu pai.

Vejam os exemplos abaixo no presente do indicativo.

Pronome pessoal	Pronome oblíquo	Queixar-se	Lembrar-se	Arrepender-se
Eu	Me	queixo	lembro	arrependo
Tu	Te	queixas	lembras	arrependes
Ele/ela/você	Se	queixa	lembra	arrepende
Nós	Nos	queixamos	lembramos	arrependemos
Eles/elas/vocês	Se	queixam	lembram	arrependem

EXERCÍCIOS

Preencha os espaços com o verbo que está entre parênteses.

1. Ela então ______________________ (decidir-se) ______________________ (levantar-se), ______________________ (vestir-se) e saiu. No elevador, encontrou um vizinho, ______________________ (cumprimentar-se), conversaram um pouco e, na rua, ______________________ (despedir-se) para o escritório dela.

2. As crianças estavam atrasadas, por isso elas ______________________ (vestir-se) depressa e correram para a escola.

3. O almoço estava pronto, mas a empregada não estava em casa. Por isso, nós mesmos ______________________ (servir-se).

4. Na festa, todos ______________________ (divertir-se) alegremente.

5. Aquele homem não está ______________________ (sentir-se) bem. Ele pegou um táxi e foi para casa.

6. Quando cheguei a Londres, ______________________ (dirigir-se) ao hotel.

7. A festa vai ser animada. As moças e os rapazes vão ______________________ (divertir-se) muito.

8. Quando a gente está cansada, a gente não ______________________ (sentir-se) bem.

9. Teresa, o avião vai partir. Precisamos ______________________ (despedir-se) agora.

10. Quando ela passou, todos os rapazes ______________________ (virar-se) para vê-la.

11. Ela gosta de Antônio e de Pedro, mas não ______________________ (decidir-se) por nenhum deles. ______________________ (enganar-se) com as mulheres.

13. Mário ______________________ (levantar-se) da cadeira, ______________________ (dirigir-se) ao banheiro para ______________________ (observar-se) longamente no espelho, porque é vaidoso.

14. Todos ______________________ (aproximar-se) para melhor verem o espetáculo do Djavan.

15. Ela ______________________ (olhar-se) minuciosamente no espelho para ______________________ (maquiar-se).

16. Tivemos uma discussão agradável quando eles ______________________ (visitar-se) em Petrópolis.

17. Ele ______________________ (levantar-se), ______________________ (aproximar-se) de nossa mesa e pediu licença para ______________________ (ausentar-se) um minutinho.

18. Nossos vizinhos são muito antipáticos. Eles ______________________ (mudar-se) para cá em junho.

19. Eu ______________________ (assustar-se) e derrubei meu copo de vinho.

20. Ele ____________________ (abaixar-se) para pegar seus lápis no chão e para olhar as pernas da professora. Joãozinho é terrível.

21. Nós ____________________ (olhar-se) e ____________________ (cumprimentar-se) maliciosamente.

22. Os sindicatos ____________________ (reunir-se) para programar as ações antes da greve geral.

23. Eu ____________________ (casar-se) de véu e grinalda na Igreja do Outeiro da Glória, no Rio, em maio.

24. Eu ____________________ (apaixonar-se) por ele e ele por mim. Seis meses depois ____________________ (casar-se).

25. Ele ____________________ (formar-se) em Economia na PUC e o paraninfo foi o ministro da Fazenda da época.

26. Ela ____________________ (aposentar-se) após muitos anos de trabalho, mas continua trabalhando. A aposentadoria dele é muito pequena.

27. Não ____________________ (deixar-se) influenciar pelos discursos partidários.

28. ____________________ (deixar-se) em paz. Estou exausto.

29. Não ____________________ (agradar-se) fazer uma dieta para ir à praia no verão.

30. Eu não ____________________ (queixar-se) da vida. Sou pobre, mas estou com saúde e a praia e o sol são de graça.

UNIDADE 14

O GÊNERO

Na Língua Portuguesa, as palavras se agrupam em dois gêneros: masculino e feminino.

Em geral, a flexão de gênero é feita com a troca de **-o** por **-a**, ou com o acréscimo da vogal **-a**, no final da palavra.

Exemplos: cozinheir**o** – cozinheir**a**, gat**o** – gat**a**, professor – professor**a**, cantor – cantor**a**

Nem sempre a terminação **-o** ou **-a** indica a forma masculina ou feminina.

Exemplos: **o** grama, **o** telefonema, **a** libido, **a** comichão

BIFORMES

Chamam-se biformes ou heterônimos os substantivos que apresentam uma forma para o masculino e outra para o feminino.

Exemplos: genro – nora, boi – vaca, cavalo – égua, zangão – abelha, homem – mulher, padre – madre, cavaleiro – amazona, cavalheiro – dama, carneiro – ovelha, bode – cabra, rei – rainha, padrasto – madrasta, ator – atriz, ladrão – ladra, cidadão – cidadã, maestro – maestrina.

A formação do feminino pode ser feita por meio de desinências e sufixos.

- Troca-se **o** por **a**

Exemplos: garot**o** – garot**a**, alun**o** – alun**a**

- Troca-se **e** por **a**

Exemplos: elefant**e** – elefant**a**, mestr**e** – mestr**a**, parent**e** – parent**a**, president**e** – president**a**

- Troca-se **e**, **a** por **essa**, **esa**, **isa**

Exemplos: sacerdot**e** – sacerdot**isa**, poet**a** – poet**isa**, profet**a** – profet**isa**, duqu**e** – duqu**esa**, príncip**e** – princ**esa**, abad**e** – abad**essa**, cond**e** – cond**essa**

- Acrescenta-se **a** às terminações **ês**, **or**, **l**, **z**

Exemplos: franc**ês** – franc**esa**, fregu**ês** – fregu**esa**, aut**or** – aut**ora**, cant**or** – cant**ora**, bachare**l** – bachare**la**, marecha**l** – marecha**la**, jui**z** – juí**za**

- Troca-se **ão** por **ã**, **oa**, **ona**

Exemplos: cidad**ão** – cidad**ã**, campe**ão** – campe**ã**, irm**ão** – irm**ã**, patr**ão** – patr**oa**, le**ão** – le**oa**, pav**ão** – pav**oa**, solteir**ão** – solteir**ona**, chor**ão** – chor**ona**, mandri**ão** – mandri**ona**

- Troca-se **or** por **eira** ou **triz**

Exemplos: at**or** – a**triz**, imperad**or** – impera**triz**, namorad**or** – namorad**eira**

Exceções: barão – baronesa, ladrão – ladra, sultão – sultana, cão – cadela, perdigão – perdiz, czar – czarina, monge – monja, maestro – maestrina, hebreu – hebreia, avô – avó

UNIFORMES

Chamam-se uniformes os substantivos que apresentam uma única forma para os dois gêneros.

Exemplos: **o/a** gerente, **a** criança, **o** cônjuge, **o** jacaré

Os substantivos uniformes são classificados em epicenos, sobrecomuns e comuns de dois gêneros.

EPICENOS

É o substantivo que designa animais e não varia em gênero. Diferencia-se o sexo do animal pelo emprego da palavra *macho* ou *fêmea*.

Exemplos: a onça macha – a onça fêmea, o crocodilo macho – o crocodilo fêmea

Outros exemplos: a rã, o pernilongo, a baleia, o jacaré, a mosca, a águia, o gavião, a tartaruga, o tatu, o rinoceronte

SOBRECOMUNS

É o substantivo que apresenta um só gênero para indicar o masculino e o feminino.

Exemplos: a criança, a testemunha, o sujeito, o algoz, a vítima, o indivíduo, o cônjuge, o ídolo, a presa, o carrasco, o animal, o ser, a criatura, o cadáver

COMUNS DE DOIS GÊNEROS

É o substantivo que apresenta uma só forma para o masculino e para o feminino. O gênero é indicado pelo artigo, adjetivo ou pronome que o acompanha.

Exemplos: **o/a** jornalista, **o/a** imigrante, **o/a** artista, **o/a** indígena, **o/a** selvagem, **um/uma** paciente, **aquele/aquela** jovem, **novo/nova** agente, modelo **lindo/linda**, **famoso/famosa** pianista, **estudioso/estudiosa** colega, **outro/outra** mártir.

MUDANÇA DE GÊNERO E SIGNIFICADO

Alguns substantivos mudam de sentido quando se troca o gênero.

Exemplos:

o águia (pessoa notável, esperta) – **a** águia (ave)

o cabeça (líder, chefe) – **a** cabeça (parte do corpo)

o caixa (atendente) – **a** caixa (objeto)

o capital (dinheiro) – **a** capital (cidade principal)

o estepe (pneu) – **a** estepe (vegetação)

o grama (peso) – **a** grama (relva)

o guia (acompanhante) – **a** guia (documento)

o rádio (aparelho de som) – **a** rádio (local de transmissão de programas, estação radiodifusora)

SUBSTANTIVOS DE GÊNERO VACILANTE

Alguns substantivos causam dúvida quanto ao gênero.

São masculinos

O alvará – documento

O ágape – refeição de confraternização

O aneurisma – dilatação arterial

O apêndice – acessório

O champanha ou champanhe – bebida

O clã – grupo familiar

O dó – compaixão, pesar, nota musical

O eclipse – fenômeno astrológico

O estigma – sinal

O gengibre – erva

O guaraná – fruto

O magma – massa do interior da Terra

O telefonema – chamada telefônica

São femininos

A aguardente (bebida)

A alface (hortaliça)

A cal (substância)

A cólera (raiva)

A comichão (coceira)

A derme (pele)

A dinamite (explosivo)

A elipse (supressão)

A hélice (peça propulsora)

A libido (desejo sexual)

A sentinela (vigia)

A sucuri (cobra)

A tíbia (osso da perna)

São masculinos ou femininos

O/A usucapião

O/A laringe

O/A aluvião

O/A personagem

O/A dengue

O/A diabete/diabetes

O/A sabiá

O/A suéter

EXERCÍCIOS

A. Nas frases seguintes, passe para o gênero feminino as palavras sublinhadas.

1. Aquele cantor leciona música MTB.

____

2. Este professor dá aula de alemão em casa.

____

3. Este freguês compra frutas todos os dias na feira.

____

4. Aquele senhor é francês de Toulouse.

____

5. Este escritor escreve poesias.

____

6. Aquele escultor é espanhol, é de Barcelona.

____

7. O funcionário daquela firma é colombiano de Bogotá.

____

8. Este aluno é bom em Matemática.

____

9. Aquele moço é italiano de Bérgamo.

____

10. O amigo de José estuda inglês.

____

11. O tio de Paulo é católico, mas não é praticante.

____

12. O primo de Maria é uma ótima pessoa e muito dado.

____

13. O cunhado de Lígia é argentino de Santa Fé.

____

14. O avô de Leonor tem oitenta anos e é saudável.

____

B. Assinale M para as palavras masculinas e F para as femininas.

1. Papai _____
2. Doutor _____
3. Rainha _____
4. Sacerdote ____
5. Mamãe _____
6. Gato _____
7. Herói _____
8. Freguês _____
9. Hóspede _____
10. Alemã _____
11. Relógio _____
12. Estudante ___
13. Outono _____
14. Inverno _____
15. Verão _____
16. Mãe _____
17. Irmã _____
18. Pianista ____
19. Filha _____
20. Heroína _____
21. Embaixador ___

22. Consulesa __

23. Lápis _____

24. Advogado ___

25. Professor ___

26. Escritora ____

27. Avô _____

28. Jornalista ___

29. Pai _____

30. Amiga _____

31. Nora _____

32. Homem _____

33. Irmão _____

34. Cristã _____

35. Dia _____

36. Primavera ___

C. Mude estas frases do gênero masculino para o gênero feminino.

1. Ele é francês. ____

2. O professor é magro. __________________________________

3. O patrão é exigente. ___________________________________

4. O comilão é gordo. ____________________________________

5. O boi é manso. _______________________________________

UNIDADE 15

VERBO *IR*

PRESENTE DO INDICATIVO
Eu **vou**
Tu **vais**
Ele, ela, você **vai**
Nós **vamos**
Eles, elas, vocês **vão**

EXERCÍCIOS

Preencha os espaços vagos com o verbo IR no presente do indicativo.

1. Maria não pode ir ao cinema porque ________ estudar a lição para a prova de amanhã.

2. Laura ________ pôr a mesa para o jantar das amigas do colégio.

3. Eles ________ ler os jornais mais tarde porque as crianças estão perturbando.

4. Amanhã, a mamãe ________ comprar frutas no mercadinho de Copacabana.

5. Paulo ________ tomar café em vez de chá porque o chá é caro à beca.

6. Amanhã, eu ________ almoçar com uma amiga portuguesa um bacalhau à Zé do Pipo.

7. Elas ________ começar a lecionar naquela escola amanhã de manhã, apesar do salário.

8. Eu ________ pôr uma carta no correio logo cedo, senão não chega na semana que vem.

9. Nesta semana, Paulo ________ estudar no Colégio Anglo-Americano, no Rio.

10. Amanhã, eu ________ jantar com umas amigas no Copacabana Palace.

11. Neste mês, nós ________ estudar francês na Aliança Francesa de Botafogo.

12. Você ________ estudar matemática amanhã? Que chatice, hein?

13. Paulo ________ se levantar às sete horas, depois de amanhã, para correr em volta da Lagoa.

14. Ele ________ comprar um novo livro de português porque o que ele tem não presta.

15. Eu não ________ pôr estes livros aqui porque a empregada não tirou o pó.

16. Hoje, à noite, Amélia ________ visitar uma amiga para anunciar seu casamento.

17. Amanhã, nós ________ fazer uma visita para uns amigos que não vemos há muito tempo.

18. O avião de São Paulo ________ chegar às 6 horas, com meia hora de atraso.

19. O ônibus de Petrópolis ________ chegar à estação rodoviária às 10 horas em ponto.

20. Nós ________ comprar entradas para o teatro com antecedência, senão vai esgotar.

21. Os estudantes ________ fazer o exame de biologia amanhã bem cedinho, mas estão com medo.

22. Vera ________ alisar os cabelos no cabeleireiro a Pavuna, depois de amanhã.

23. O menino ________ entrar para a escola de Parada de Lucas, mas fica muito longe de casa. Ele tem que ir a pé.

24. Nós ________ viajar amanhã em cedo para Cabo Frio e Búzios.

25. Manuel ________ fazer uma viagem a Portugal, para visitar a família.

26. Hoje, à tarde, Maria ________ à farmácia da Praça da Saens Pena para comprar um perfume.

27. O que é que você ________ fazer hoje? Eu, nada. E você, já tem programa?

28. Hoje, eu ________ ao cinema no Largo do Machado para ver um filme brasileiro.

29. Este moço e esta moça ________ ao Aeroporto Santos Dummont para buscar uma amiga.

30. Este trem ________ para o interior de Minas.

31. Este ônibus ________ para o Leblon? Não. ________ para o centro pelo Aterro.

32. Ele sempre ________ à fábrica de carona.

UNIDADE 16

GRAU COMPARATIVO DOS ADJETIVOS

O grau comparativo dos adjetivos indica a comparação de uma mesma característica entre dois ou mais seres ou a atribuição de duas ou mais características ao mesmo ser.

O grau comparativo pode ser de igualdade, superioridade e inferioridade.

COMPARATIVO DE IGUALDADE

Tão ... quanto, tão ... como, tanto ... quanto, tanto … como

Exemplos:

O quadro de Da Vinci é *tão* bonito *quanto* o de Caravaggio.

Sua casa é *tanto* confortável *como* a minha.

COMPARATIVO DE SUPERIORIDADE

Mais ... que, mais ... do que

Exemplos:

O quadro de Da Vinci é *mais* bonito *que* o de Caravaggio.

Sua casa é *mais* confortável *do que* a minha.

COMPARATIVO DE INFERIORIDADE

Menos ... que, menos ... do que

Exemplos:

O quadro de Da Vinci é *menos* bonito *do que* o de Caravaggio.

Sua casa é *menos* confortável *que* a minha.

Observações:

Os advérbios *muito, pouco* e *bem* podem ser usados para reforçar as comparações de superioridade e inferioridade.

Exemplos:

Maria é *pouco mais alta que* Carla.

O peixe é *bem mais caro que* a carne.

Meu carro é *muito menos confortável que* o seu.

Na comparação de qualidades entre dois seres, as formas *mais bom*, *mais mau* e *mais grande* são incorretas. As formas corretas são *melhor*, *pior* e *maior*, respectivamente.

Exemplos:

Sorvete é *mais bom* que picolé. (errada) / Sorvete é *melhor* que picolé. (correta)

Ele é *mais mau* que a irmã. (errada) / Ele é *pior* que a irmã. (correta)

Minha rua é *mais grande* que a sua. (errada) / Minha rua é *maior* que a sua. (correta)

As expressões *mais grande* e *mais bom* devem ser usadas quando se compara duas características de um mesmo ser.

Exemplos:

Minha casa é *mais grande* que confortável.

João é *mais bom* que paciente.

EXERCÍCIOS

A. Leia as frases seguintes e construa o grau comparativo de igualdade.

1. Antônio é ________ magro ________ Manuel.

2. O livro de francês é ________ interessante ________ o de inglês.

3. A casa de Paulo é ________ fria ________ a de José.

4. Sou ________ baixa ________ minha irmã.

5. Joana é ________ inteligente ________ Lúcia.

6. Fernando é ________ feliz ________ Plínio.

7. Somos ________ moços ________ eles.

8. Dezembro é ________ quente ________ janeiro.

9. O menino é ________ bonito ________ menina.

10. Hoje está ________ frio ________ ontem.

11. Este livro não é ________ barato ________ aquele.

B. Agora construa o grau comparativo de superioridade.

12. Este quadro é ________ bonito ________ aquele.

13. Pedro é ________ velho ________ Afonso.

14. A lição de português é ________ fácil ________ a de francês.

15. A rua Barata Ribeiro é ________ estreita ________ a Av. Atlântica.

16. A casa de Rosa é ________ confortável ________ a de Celina.

17. Uma poltrona é ________ confortável ________ uma cadeira.

18. Esta mesa é ________ pesada ________ aquela.

19. Este livro é ________ leve ________ aquele.

20. A laranja é ________ doce ________ o limão.

21. Ela é ________ gorda ________ eu.

22. Pedro é ________ jovem ________ João.

C. E agora, construa o grau comparativo de inferioridade.

23. Paulo é ________ prudente ________ Carlos.

24. Antônio é ________ habilidoso ________ Roberto.

25. Teresa é ________ compreensiva ________ você.

26. O filho é ________ ajuizado ________ o pai.

27. Ela é ________ preguiçosa ________ ele.

28. Celina é ________ estudiosa ________ Estela.

29. O rapaz é ________ talentoso ________ a moça.

30. Esta rua ________ estreita ________ aquela.

31. As mulheres são ________ espertas ________ os homens.

32. Os meninos são ________ ingênuos ________ as meninas.

33. Os brasileiros são ________ risonhos ________ os franceses.

34. Os idosos são ________ chatos ________ os jovens.

35. Os filmes de Glauber Rocha são ________ interessantes que os de Rui Guerra.

36. Os ingleses são ________ pessimistas que os franceses.

37. Sou ________ preguiçoso ________ meu irmão.

38. Ele é ________ intelectual ________ sua irmã.

39. Os políticos do Sul são ________ desonestos ________ os do Norte.

40. Os mineiros são ________ reservados ________ os cariocas.

41. O pessoal do Nordeste é ________ bem-humorado ________ o do Sul.

42. Os paulistas são ________ desembaraçados ________ os nortistas.

UNIDADE 17

PRESENTE DO INDICATIVO

Indica uma ação que costumamos fazer.

Exemplos:

Todos os dias, eu **almoço** no restaurante vegetariano perto do meu escritório.

Eu sempre **tomo** um café e como uma sobremesa também. Depois **caminho** um pouco pela rua e **volto** para o trabalho.

Eu	canto	devo	parto
Tu	cantas	deves	partes
Ele, ela, você	canta	deve	parte
Nós	cantamos	devemos	partimos
Eles, elas, vocês	cantam	devem	partem

a) Exprime um fato que ocorre no momento em que se fala:

Exemplos:

Vejo a lua no céu.

Os estudantes **protestam** nas ruas de Salvador.

b) Exprime uma verdade científica:

Exemplos:

A Terra **é** redonda.

Por um ponto **passam** infinitas retas.

c) Exprime uma ação habitual:

Exemplos:

Não **como** nada aos domingos.

Não **uso** internet em horário de aula.

Observação: O presente do indicativo pode substituir o futuro do presente.

Exemplos:

As aulas **começam** na próxima semana. (sentido de **começarão**)

Amanhã, **publico** no blogue. (sentido de **publicarei**)

EXERCÍCIOS

Preencha os espaços vagos com o verbo entre parênteses no presente do indicativo.

1. Eu ________________ (atender) o telefone agora.

2. Ela ________________ (abrir) a porta agora.

3. Agora, nós ________________ (beber) cerveja e ________________ (comer) pizza.

4. Hoje, ele ________________ (mostrar) a cidade para os amigos.

5. Você ________________ (aprender) português agora.

6. Eles ________________ (trabalhar) muito agora.

7. Nós ________________ (atender) clientes hoje.

8. Eu ________________ (aprender) alemão agora.

9. Vocês ________________ (escrever) agora.

10. Agora o médico ________________ (trabalhar) no hospital.

11. Eles ________________ (abrir) uma conta no banco.

12. Que pena! Nosso trem ________________ (partir)!

13. Meus pais ________________ (viver) em Manaus agora.

14. Olha! Ela ________________ (trocar) o pneu do carro.

15. Eu ________________ (aprender) português depressa.

16. Nós ________________ (ir) para Nova Iorque em viagem de negócio.

17. Você ________________ (ter) problemas com a sua televisão.

18. Eu ________________ (molhar) as plantas.

19. Paulo ________________ (procurar) emprego.

20. Nós não ________________ (ouvir) direito a música.

21. As crianças ________________ (ler) livros de aventuras.

22. Maurício ________________ (escrever) uma carta.

23. A família do Sr. Augusto ________________ (almoçar) agora.

24. Mamãe ________________ (lavar) os pratos.

25. João ________________ (consertar) a bicicleta.

26. Susana ________________ (fazer) o dever de casa.

27. Pedrinho ________________ (ver) o jogo na TV.

28. O avô ________________ (ouvir) as notícias sobre a greve.

29. A avó ________________ (arrumar) as gavetas do armário.

30. O Sr. Durval ________________ (voltar) para o trabalho.

UNIDADE 18

PRESENTE CONTÍNUO

É uma ação que está acontecendo agora, neste momento. É formado com o presente do indicativo do verbo auxiliar e o gerúndio do verbo principal.

Exemplos:

Agora, eu **estou almoçando** no restaurante vegetariano perto do meu escritório.

Eu **estou tomando** um café e comendo uma sobremesa.

Agora eu **estou caminhando** pela rua e **estou voltando** para o trabalho.

Eu estou	Cantando Devendo Partindo
Tu estás	
Ele, ela, você está	
Nós estamos	
Eles, elas, vocês estão	

EXERCÍCIOS

Preencha os espaços vagos com o verbo entre parênteses no presente contínuo.

1. Eu ________________ (atender) o telefone agora.

2. Ela ________________ (abrir) a porta agora.

3. Agora, nós ________________ (beber) cerveja e ________________ (comer) pizza.

4. Hoje, ele ________________ (mostrar) a cidade para os amigos.

5. Você ________________ (aprender) português agora.

6. Eles ________________ (trabalhar) muito agora.

7. Nós ________________ (atender) clientes hoje.

8. Eu ________________ (aprender) alemão agora.

9. Vocês ________________ (escrever) agora.

10. Agora o médico ________________ (trabalhar) no hospital.

11. Eles ________________ (abrir) uma conta no banco.

12. Que pena! Nosso trem ________________ (partir)!

13. Meus pais ________________ (viver) em Manaus agora.

14. Olha! Ela ________________ (trocar) o pneu do carro.

15. Eu ________________ (aprender) português depressa.

16. Nós ________________ (ir) para Nova Iorque em viagem de negócio.

17. Você ________________ (ter) problemas com a sua televisão.

18. Eu ________________ (molhar) as plantas.

19. Paulo ________________ (procurar) emprego.

20. Nós não ________________ (ouvir) direito a música.

21. As crianças ________________ (ler) livros de aventuras.

22. Maurício ________________ (escrever) uma carta.

23. A família do Sr. Augusto ________________ (almoçar) agora.

24. Mamãe ________________ (lavar) os pratos.

25. João ________________ (consertar) a bicicleta.

26. Susana ________________ (fazer) o dever de casa.

27. Pedrinho ________________ (ver) o jogo na TV.

28. O avô ________________ (ouvir) as notícias sobre a greve.

29. A avó ________________ (arrumar) as gavetas do armário.

30. O Sr. Durval ________________ (voltar) para o trabalho.

UNIDADE 19

PRONOMES INDEFINIDOS

São palavras que se referem a substantivos de forma vaga.

VARIÁVEIS

Algum, alguma, alguns, algumas, nenhum, nenhuma, nenhuns, nenhumas, certo, certa, certos, certas, muito, muita, muitos, muitas, todo, todas, todos, todas, outro, outra, outros, outras, pouco, pouca, poucos, poucas, tanto, tanta, tantos, tantas, vários, várias, qualquer, quaisquer, bastante, bastantes, quanto, quanta, quantos, quantas, tal, tais, qual, quais, diverso, diversa, diversos, diversas

INVARIÁVEIS

Algo, alguém, ninguém, tudo, nada, cada, outrem, quem, mais, menos.

Observações:

a) Pronome indefinido *algum*.

- Antes do substantivo, tem valor positivo.

Exemplo: *Algum* setor aumentará a produção esta semana.

- Depois do substantivo, *algum* tem valor negativo.

Exemplo: Setor *algum* aumentará a produção esta semana.

b) Pronomes indefinidos *todo* e *toda*.

- Quando não são seguidos de artigo, têm o sentido de *qualquer*.

Exemplo: Ele lê *todo* livro de ficção científica. (qualquer livro)

- Quando são acompanhadas de artigo têm sentido de *inteiro*, admite artigo.

Exemplo: Ele leu *todo o* livro. (o livro inteiro)

c) *Certo* (e suas variações).

- Antes do substantivo, tem valor de pronome indefinido.

Exemplo: *Certas* páginas não foram assinadas. (certas – algumas)

- Depois do substantivo, tem valor de adjetivo.

Exemplos: As páginas *certas* não foram assinadas.

EXERCÍCIOS

A. Preencha os espaços vagos com os seguintes indefinidos.

- Algum, alguma, alguns, algumas

1. Comprei ________ livros para você.

2. Ela sempre tem ________ coisas para contar.

3. Trouxe-te ________ revistas.

4. Escolhe ________ livros.

- cada

5. O professor deu um livro para ________ aluno.

6. ________ dia faço uma coisa diferente.

7. Sempre ponho ________ coisa em seu lugar.

- certo, certa, certos, certas

8. ________ pessoas gostam muito de estudar.

9. Não concordo com ________ aspectos desta situação.

10. ________ ocasião falaram-se a respeito disso.

- diferentes

11. Temos ________ pontos de vista.

12. Paulo encontrou-se com ________ pessoas ontem.

13. Pedro e Paulo têm ________ empregos.

- diversos, diversas

14. Temos ________ coisas para fazer hoje.

15. Inês tem ________ livros de inglês.

16. Encontrei-me com ele ________ vezes.

- muito, muita, muitos, muitas

17. Há ________ pessoas na sala.

18. Comprei ________ cadernos para o meu filho.

19. A professora tem ________ paciência com os alunos.

- nenhum, nenhuma, nenhuns, nenhumas

20. ________ foi à aula ontem.

21. Vera é muito exigente, por isso ________ casa lhe agrada.

22. Paulo não tem ________ amigo.

- outro, outra, outros, outras

23. Não gostei deste livro. Por isso comprei ________.

24. Havia ________ pessoa na sala, além de Celina e Sônia.

25. Já li este livro. Tens ________ para me emprestar.

- pouco, pouca, poucos, poucas

26. Diana tem ________ dinheiro no banco.

27. Esta menina tem ________ iniciativa.

28. Ele tem ________ amigos.

- qualquer, quaisquer

29. Jorge enfrenta ________ situação.

30. Nós enfrentamos ________ situações.

- quanto, quanta, quantos, quantas

31. Não me recordo de ________ livros comprei.

32. Carmen não sabe ________ tem.

33. Não sei ________ blusas vou comprar.

- tanto, tanta, tantos, tantas

34. Tenho ________ coisas para fazer que não me será possível ir ao cinema.

35. Por que é que tomaste ________ remédios?

36. Tomei ________ café que não pude dormir.

- todo, toda, todos, todas

37. Gastei ________ o dinheiro que tinha.

38. O comerciante liquidou ________ as mercadorias.

39. ________ os alunos foram ao passeio.

B. Complete o texto abaixo com os indefinidos.

Na minha família, ________ as pessoas escolheram seguir uma carreira universitária e ________ se arrependeu da escolha que fez. Tenho ________ primos que se dedicaram ao comércio. Todos enriqueceram depressa. Aliás, é difícil ________ se dar mal na vida quando a escolha foi certa.

UNIDADE 20

COMPARATIVOS DE IGUALDADE

O grau comparativo dos adjetivos indica a comparação de uma mesma característica entre dois ou mais seres ou a atribuição de duas ou mais características ao mesmo ser.

Tão ... quanto, tão ... como, tanto ... quanto, tanto ... como

Exemplos:

O quadro de Caravaggio é *tão* bonito *quanto* o de Da Vinci.

Sua casa é *tanto* confortável *como* a minha.

EXERCÍCIOS

A – Tão + adjetivo + quanto

1. Este jornal é ________ bom ________ aquele.

2. Este livro é ________ interessante ________ esse.

3. Este aviso é ________ importante ________ esse.

4. Este chá é ________ delicioso ________ aquele outro.

5. Esta praia é ________ ruim ________ a outra.

6. Seu apartamento é ________ escuro ________ o meu.

7. Sua casa é ________ ensolarada ________ a minha.

8. Jumbo é ________ rápido ________ DC 10.

9. As vitrines desta loja são ________ chiques ________ as vitrines da loja vizinha.

10. A indústria alemã é ________ avançada ________ a indústria americana.

B – Tão + advérbio + quanto

11. Eu engoli ________ depressa ________ você.

12. Eles poupam ________ pouco ________ nós.

13. Carlos dirige ________ devagar ________ o avô.

14. Pedro se comportou ________ mal ________ José.

15. Luíza fala português ________ fluentemente ________ as outras moças.

C – Tanto, tanta ou tantos, tantas + nome + quanto

16. Eu tenho ________ dinheiro ________ ela.

17. Ninguém trabalhou ________ anos ________ ela.

18. Vocês têm ________ medo ________ eu.

19. Ele não tem ________ experiência ________ Jorge.

20. Gal Costa ganhou ________ aplausos ________ Maria Bethânia.

21. O professor Guedes tem ________ aulas ________ o professor Bião.

D – Verbo + tanto quanto

22. Você gasta _______________________ eu.

23. Ninguém trabalha ______________________ os comissários de bordo.

24. Aqui no estágio de português, os homens fofocam ______________________ as mulheres.

25. Ela fuma ______________________ nós.

26. A Varig paga ______________________ a Vasp.

27. Evaí trabalha ______________________ Bião.

28. Teresa viaja ______________________ Evaí.

29. Os franceses poupam ______________________ os ingleses.

30. Os nórdicos bebem ______________________ os ingleses.

UNIDADE 21

USO DO VERBO PRECISAR

O verbo *precisar* possui duas regências:

É *transitivo direto*, no sentido de *indicar com certeza*.

Exemplo: Eu *preciso* comprar cigarro.

É *transitivo indireto*, no sentido de *ter necessidade*. Nesse caso, usa-se a preposição **de**.

Exemplo: Os homens *precisam de* uma mulher meiga.

EXERCÍCIOS

Use o verbo "precisar" com ou sem preposição.

1. João ______________ duas horas para fazer este trabalho.

2. Ela vai ao supermercado porque ______________ comprar café, leite etc.

3. Que pena! Você ______________ ver como ele cantou.

4. Se não me engano, você ______________ dinheiro para ir ao cinema.

5. Por falar nisso, você ______________ reservar a sua passagem até amanhã, no máximo, senão não terá lugar no voo direto.

6. Não leve a mal, mas ______________ ajuda para servir todo mundo.

7. Não se faça de bobo, sua mãe ______________ você. Vá ajudá-la.

8. Você ______________ entender, seu pai está uma pilha de nervos, hoje.

9. Não ria à toa, você ______________ tomar juízo.

10. Você sabe se o dólar baixou? Sei lá! ______________ dar uma olhada no Jornal do Brasil.

11. Eu acho que você ______________ estudar mais um pouco para passar na prova. Não acha?

12. A meu ver, ele ______________ comer menos. Está gordo demais.

13. Na minha opinião, o governo ______________ tomar medidas drásticas contra a inflação.

14. Desculpe, mas eu acho que você ______________ tomar jeito, não é?

15. Não sei se é por aí o consulado, mas você ______________ perguntar para alguém lá na outra esquina.

16. O que você quis dizer com isso? Você ______________ calma.

17. Finalizando, nós ______________ mais cuidado antes de aplicarmos na Bolsa.

18. A autora afirma que ______________ fazer uma revisão geral antes da publicação do livro.

19. O professor de Português concluiu que os alunos ______________ fazer uma revisão do conteúdo antes da prova.

20. Desculpe, mas acho que você _______________ descanso. Uma semaninha não lhe faria mal.

Complete as frases abaixo, usando o verbo “precisar”.

21. Vamos à padaria porque

____

22. Vou ao posto de gasolina porque

____

23. Ele vai ao barbeiro porque

____

24. Ela vai à estação rodoviária porque

____

25. Vou ao banco porque

____

26. Vou telefonar para ele porque

____

27. Vou mandar um torpedo para ela porque

____

28. Vou vender minha casa porque

____

29. Eles vão de avião porque

____

30. Não adianta você se pesar todos os dias, você

____

UNIDADE 22

FUTURO DO PRESENTE

a) Exprime um fato posterior, em relação ao momento em que se fala.

Exemplos:

Hoje estou aqui, amanhã *ESTAREI* na Europa.

Papai *CHEGARÁ* amanhã.

b) Pode indicar ação que ocorre no presente, mas exprimindo dúvida e um futuro bem próximo.

Exemplo**:** *HAVERÁ* hoje umas cinco aulas, não mais.

FORMAÇÃO DO FUTURO DO PRESENTE

Acrescentam-se as terminações ao infinitivo:

-ei: 1.ª pessoa do singular

-ás: 2.ª pessoa do singular

-á: 3.ª pessoa do singular

-emos: 1.ª pessoa do plural

-ão: 3.ª pessoa do plural

Eu	cantar**ei**	vender**ei**	partir**ei**
Tu	cantar**ás**	vender**ás**	partir**ás**
Ele, ela, você	cantar**á**	vender**á**	partir**á**
Nós	cantar**emos**	vender**emos**	partir**emos**
Eles, elas, vocês	cantar**ão**	vender**ão**	partir**ão**

EXERCÍCIOS

Preencha os espaços com os verbos no futuro do presente.

1. No mês que vem, nós ________________ à tarde. E vocês ________________ isso também?
Não, a gente ________________ de manhã. (estudar, fazer, continuar)

2. Amanhã, (nós) ________________ bem cedo para estudar. (chegar)

3. Amanhã, (eles) ________________ uns amigos em São Francisco. (visitar)

4. O que vocês ________________ amanhã? ________________ estudar pela manhã e à tarde ________________ ao clube. (fazer, ir, ir)

5. O que você ________________ nas próximas férias? Você me ________________ aquela lembrancinha que lhe pedi? (fazer, trazer)

6. Ana Maria ________________ ao chefe que precisa ganhar um salário melhor. (dizer)

7. Esta sua ideia ________________ problemas. (trazer)

8. Querido, você me ________________ para sempre? (amar)

9. E a sua mãe me ________________ bem? ________________. (aceitar)

10. Nós ________________ felizes para sempre? ________________. (viver)

11. E os amigos ________________ nos visitar? ________________. (vir)

12. O avião ________________ dentro de uma hora. (partir)

13. Depois de amanhã, nós ________________ o projetor que você nos pediu. (trazer)

14. Lúcia ________________ para a Europa, amanhã. (viajar)

15. Não sei quando ________________ com você. (falar)

16. Acho que ________________ o carro que tenho. (vender)

17. Amanhã, minha mãe e eu ________________ um passeio pela cidade. (fazer)

18. Às dez horas, o arquiteto nos ________________ o que pensa sobre nosso projeto. (dizer)

19. Eu ________________ a verdade. (dizer)

20. Vocês ________________ tudo a ela. (dizer)

21. Estas crianças ________________ muito barulho. (fazer)

22. O jornaleiro ________________ o jornal em casa. (trazer)

23. Eu não ________________ mais o meu carro aqui. (trazer)

24. Elas nunca ________________ esta receita de vatapá. (fazer)

25. Você ________________ seu filho aqui algum dia? (trazer)

26. Você ________________ a ele para vir amanhã ao meu apartamento. (dizer)

27. Paulo ________________ uma festa de arromba para os amigos, por ocasião de sua formatura. (dar)

28. Lúcia ________________ seu vestido de formatura em Paris. Quem pode, pode. (fazer)

29. Cristina ________________ um carrinho novinho em folha. Gente fina é outra coisa! (comprar)

30. A mãe ________________ a filha antes de embarcar para a Europa. (aconselhar)

UNIDADE 23

PRETÉRITO IMPERFEITO CONTINUADO

Forma-se o pretérito imperfeito continuado com o pretérito imperfeito do verbo “estar” e o gerúndio do verbo principal.

Exemplos:

Eu ***estava lendo*** um livro quando você me ligou.

Eu ***estava comprando*** algo quando papai bateu nos meus ombros.

Eu ***estava indo*** para o trabalho quando notei que tinha esquecido a carteira em casa.

Eu ***estava pondo*** gasolina no carro quando vi um antigo amigo da UNE.

Eu estava	Cantando Vendendo Partindo
Tu estavas	
Ele, ela, você estava	
Nós estávamos	
Eles, elas, vocês estavam	

EXERCÍCIOS

Escreva as seguintes frases substituindo o pretérito imperfeito pelo pretérito imperfeito continuado.

1. O que você fazia quando o professor chegou?

____

2. Eu lia o meu horóscopo.

____

3. Conversávamos com Cristina.

____

4. Corrigíamos os exercícios.

____

5. Fazíamos jogo da velha no quadro.

____

6. Quando chegamos ao Rio, chovia.

____

7. Quando a campainha soou, os alunos brincavam no pátio.

____

8. Como vocês fizeram o trabalho depressa? É que enquanto eu terminava de escrever, Marta datilografava.

____

9. O que vocês faziam na biblioteca?

____

10. O que eles faziam no banco?

____

11. Carlos ________________ (estudar) os pedidos dos clientes.

12. O diretor ________________ (ler) o balanço.

13. A telefonista ________________ (atender) o telefone.

14. Dois clientes ________________ (depositar) cheques.

15. Nós ________________ (trabalhar) muitíssimo, claro.

16. As secretárias ________________ (bater) papo, evidentemente.

17. Carlos, o moço ________________ (jogar) no jogo do bicho.

18. Teresa ________________ (pedir) o extrato de suas contas.

19. Roberto ________________ (informar-se) sobre o saldo de sua conta corrente.

20. Júlia ________________ (preencher) o impresso para depósito.

21. A fila toda ________________ (reclamar) da demora no atendimento nos guichês.

22. O cliente ________________ (endossar) os cheques.

23. Antônio ________________ (comprar) dólares para a próxima viagem aos EUA, na seção de câmbio.

24. Cristina ________________ (dirigir-se) à seção de cobrança no subsolo.

25. O pai coruja ________________ (enviar) dinheiro para o filho que estava estudando na França.

26. Dr. Paulo ________________ (reclamar) a contagem dos juros das suas contas de poupanças.

27. João quer comprar uma casa na praia e ________________ (pedir) ao gerente um empréstimo.

28. Cristóvão não ________________ (fazer) fila porque já tem mais de 60 anos.

29. Ricardo muito na dele ________________ (pagar) no guichê automático todas as operações mensais.

30. Júlio ________________ (requisitar) dois talões de cheque da sua conta.

UNIDADE 24

FUTURO DO PRETÉRITO

Emprega-se o futuro do pretérito para:

a) exprime um fato posterior, em relação a um fato passado:

Exemplo: Ontem você garantiu que o dinheiro *estaria* aqui hoje.

b) exprime uma incerteza:

Exemplo: *Seriam* dez ou doze horas quando ele chegou?

c) usa-se no lugar do presente do indicativo ou do imperativo quando se faz um pedido:

Exemplos: Você me *faria* um favor? / *Gostaria* de falar com você.

FORMAÇÃO DO FUTURO DO PRETÉRITO

Acrescentam-se as terminações ao infinitivo:

-ia: 1.ª pessoa do singular	-íamos: 1.ª pessoa do plural
-ias: 2.ª pessoa do singular	-iam: 3.ª pessoa do plural
-ia: 3.ª pessoa do singular	

Eu	cantar**ia**	vender**ia**	partir**ia**
Tu	cantar**ias**	vender**ias**	partir**ias**
Ele, ela, você	cantar**ia**	vender**ia**	partir**ia**
Nós	cantar**íamos**	vender**íamos**	partir**íamos**
Eles, elas, vocês	cantar**iam**	vender**iam**	partir**iam**

EXERCÍCIOS

Ponha as frases abaixo no futuro do pretérito.

1. ________ saber onde ________ fazer as reservas das passagens. (querer, poder)

2. Vocês ________ de viajar conosco de férias? ________ muito. (gostar)

3. A senhora ________ me dar uma informação? Claro! O que deseja? (poder)

4. ________ me fazer um favor? Pois não! O que deseja? (poder)

Para ter uma vida com mais saúde, o que você faria?

5. Dormir oito horas por dia.

____

6. Fazer ginástica logo cedo.

____

7. Andar menos de carro e mais a pé.

____

8. Comer só nas horas certas.

____

9. Beber menos cerveja e vinho.

____

10. Dizer “não” a doces e massas.

11. Ir mais à piscina e menos ao bar.

12. Parar de fumar.

13. Ir ao médico duas vezes por ano.

14. Ter mais tempo para descansar.

Sozinho, numa ilha deserta, o que você faria?

15. Comer macacos.

16. Vestir uma folha de bananeira.

17. Dormir na rede.

18. Trazer peixe do mar.

19. Escrever poemas.

20. Cantar o dia inteiro.

21. Fazer roupas e sapatos naturais.

____

22. Construir um barco.

____

23. Aprender a língua dos animais.

____

24. Saber como ficar rico.

____

25. Dizer “bom dia” aos papagaios.

____

26. Fazer uma jangada para passear em volta da ilha.

____

27. Acender uma fogueira para assar peixes.

____

28. Subir nos coqueiros.

____

29. Relembrar momentos engraçados.

____

30. Procurar frutas para comer.

____

UNIDADE 25

VERBOS: HAVER IMPESSOAL, ACONTECER E FICAR

a) No sentido de *existir*, o verbo *haver* é impessoal. Conjuga-se apenas na 3.ª pessoa.

Exemplo: *Há* trinta alunos na sala.

b) No sentido de tempo decorrido, o verbo *haver* também é impessoal.

Exemplo: *Há* um mês não chove.

c) No sentido de *ter*, o verbo *haver* é pessoal e concorda com o sujeito.

Exemplo: Eles *haviam* obtido a nota máxima na atividade.

d) *Acontecer* indica ocorrência.

Exemplo: O carnaval de Salvador *acontece* em fevereiro.

e) *Ficar* indica permanência, localização.

Exemplo: A vila *fica* num vale.

EXERCÍCIOS

1. Viajo no fim do mês. Vou ________ 5 dias em Brasília. (ficar)

2. Quanto tempo vocês ________ lá, na agência? ________ um tempão. (ficar)

3. Quando vocês chegaram ao Brasil? ________ um mês. (haver)

4. Vocês vão sair amanhã de manhã? Vamos ________ em casa. (ficar)

5. ________ muito tempo que eu não via Teresa. (haver)

6. ________ muito tempo que nós não vínhamos aqui. (haver)

7. Por que não veio ontem? Eu vinha, mas ________ um imprevisto na última hora. (acontecer)

8. Paris ________ na França. (ficar)

9. O Pão de Açúcar ________ no Rio de Janeiro. (ficar)

10. Onde ________ a farmácia. (ficar)

11. O que é que ________? Zé anda desaparecido. (acontecer)

12. A cidade está calma porque ________ muito guardas na rua. (haver)

13. Nós estávamos preocupados porque ________ muitos ladrões na rua. (haver)

14. Ele perdeu o passaporte e a passagem e ________ no mato sem cachorro. (ficar)

15. Ele foi roubado na praia de Copacabana e ________ de cueca. (ficar)

16. Você não soube o que ________ comigo? (acontecer)

17. O que vai ________, se eu não pagar a conta? (acontecer)

18. O que ________, quando o passageiro fuma cachimbo a bordo? (acontecer)

19. Não sei o que está ________ comigo, aeromoça. Estou com medo nessa viagem. (acontecer)

20. O que ________? (acontecer) Os meus fones pararam de funcionar.

21. Como você ________ (ficar) quando viu o lindo pôr do sol?

22. Como nós ________ (ficar) quando comemos demais?

23. ________ (haver) quanto tempo você não vai ao Brasil?

24. O que ________ (acontecer)? Você anda sumido.

25. O que ________ (acontecer) quando você não come?

26. O que ________ (acontecer) quando você mata aula?

27. ________ muito tempo que não vou à Bahia.

28. O que ________ (acontecer) quando a saudade aperta?

29. O que ________ (acontecer) com o Rio São Francisco recentemente?

30. ________ (haver) tanta gente à entrada da discoteca que estou com medo de ser barrado.

UNIDADE 26

PRESENTE: VERBOS IRREGULARES DA 3.ª CONJUGAÇÃO

Os verbos irregulares sofrem alterações no radical ou nas desinências e não seguem um modelo de conjugação.

Pertencem à 3.ª conjugação os verbos com infinitivo terminado em –*ir*.

AGREDIR	PREFERIR	SUBIR
Eu **agrido**	Eu **prefiro**	Eu subo
Tu **agrides**	Tu preferes	Tu **sobes**
Ele, ela, você **agride**	Ele, ela, você prefere	Ele, ela, você **sobe**
Nós agredimos	Nós preferimos	Nós subimos
Eles, elas, vocês **agridem**	Eles, elas, vocês preferem	Eles, elas, vocês **sobem**

VESTIR	OUVIR	DORMIR
Eu **visto**	Eu **ouço**	Eu **durmo**
Tu vestes	Tu ouves	Tu dormes
Ele, ela, você veste	Ele, ela, você ouve	Ele, ela, você dorme
Nós vestimos	Nós ouvimos	Nós dormimos
Eles, elas, vocês vestem	Eles, elas, vocês ouvem	Eles, elas, vocês dormem

EXERCÍCIOS

1. Eu não ________ que você faça isso. (consentir)

2. Eu ________ que não possa ir à praia. (sentir)

3. Você se ________ com muito gosto. (vestir)

4. Nós ________ trabalhar à tarde do que de manhã. (preferir)

5. Eu me ________ de acordo com o meu tipo. (vestir)

6. Eu ________ muito calor nesse verão. (sentir)

7. Todos os dias, eu ________ para o trabalho. (sair)

8. Às vezes, eu me ________ bem dos meus negócios. (sair)

9. Eu não ________ fazer tudo o que devo. (conseguir)

10. Você ________ esta rua todos os dias. (subir)

11. Por que você ________ desse assunto? (fugir)

12. Quando você faz uma limpeza, ________ todos os papéis importantes. (sumir)

13. No inverno, este artigo sempre ________ de preço. (subir)

14. As crianças ________ na árvore para brincar. (subir)

15. Quando estou cansado, ________ a noite inteira. (dormir)

16. Os preços ________ todos os dias. (subir)

17. Eles moram em São Paulo, mas eu ________ morar no Rio. (preferir)

18. Eu ________ medo, quando ouço barulho à noite. (sentir)

19. Não gosto muito de ir a festas. Eu nunca ________ (divertir-se)

20. Eles ________ quando estão com frio, mas eu ________ sempre quando estou com calor. (cobrir-se, descobrir-se)

21. Eu nunca ________ das minhas responsabilidades. (fugir)

22. Eles nunca ________ medo, quando ________ barulho à noite. (sentir, ouvir)

23. O que você ________ quando recebe visitas em casa? (servir)

24. Como você ________ quando vai a uma festa de aniversário? (vestir-se)

25. Como vocês ________ no Carnaval da Bahia? (divertir-se)

26. Eles ________ à beça, esses políticos, não aguento mais. (mentir)

27. Eu ________ nervoso. Estamos às vésperas da prova. (sentir-se)

28. Eu ________ como manda a moda. (vestir-se)

29. Este livro não ________ para nossos alunos. (servir)

30. Estas calças não ________ mais para você. Estão apertadas demais. (servir)

31. Quem ________ almoçar comigo? (vir)

32. Eu ________ da França, e ela ________ da Alemanha. (vir, vir)

33. ________, pode ________. Eu não tenho medo de você. (vir, vir)

34. Nós ________ aqui para falar com você. (vir)

35. Duas vezes por semana eu ________ trabalhar de bicicleta. (vir)

36. Você ________ trabalhar no seu carro ou de carona. (vir)

37. Eu não tenho carro, eu sempre ________ de ônibus. (vir)

38. Eles não ________ de avião, ________ de navio. (vir)

39. Minha irmã ________ passar o Natal comigo. (vir)

40. Ricardo ________ com você todos os dias? (vir)

UNIDADE 27

USO DA PREPOSIÇÃO PARA OU POR

PRINCIPAIS USOS DA PREPOSIÇÃO **PARA**

Lugar para onde: Ir **para** casa.

Finalidade: Estudar **para** vencer.

Tempo: Deixar **para** o mês seguinte.

Restrição: Proibido **para** crianças.

PRINCIPAIS USOS DA PREPOSIÇÃO **POR**

Para fazer referência a lugar por onde anda: **Por** onde você anda, menina? Ficou perambulando **por** aqueles vales sombrios.

Meio: Ela segurou a criança **pelos** cabelos. (per+lo(s) – forma antiga de *por*.

Modo como se realiza algo: Julgaram a moça **por** puro preconceito.

Indicando a causa: Chorou **por** ciúmes. / Cantou **por** amor à arte.

Noção de tempo: Ficou **por** horas a fio mexendo nas velhas coisas.

Agente da passiva: O rato foi morto **pelo** gato. (contração prep. “per” + “lo”)

Disposição de ânimo: Aquilo não foi erro, foi paixão **pelo** objeto.

Lugar por onde: Caminhar **por** estradas esburacadas.

Tempo através de: Viver **por** toda a eternidade.

Meio ou instrumento: Comunicar-se **por** gestos.

Troca: Comer gato **por** lebre.

Preço: Comprar **por** dez dólares.

Causa, agente: Foi enforcado **por** seus crimes. / Foi enforcado **po**r um carrasco.

Finalidade: Monumento **por** memória do presidente.

Inclinação ou disposição para: Ter paixão **por** viagens.

Observação:

Usamos *pelo/pela* quando precisamos dizer: *per+lo* ou *per+la*. (A contração da preposição "por" mais o artigo definido "o/a".)

Por + o = pelo

Exemplo: O gato foi morto **pelo** cachorro.

Por + a = pela

Exemplo: Ela sempre anda **pela** sombra das árvores.

EXERCÍCIOS

Preencha os espaços com a preposição adequada.

1. Ele deu a vida ________ irmã dele.

2. Essas frases são ________ traduzir.

3. Acho que ele me deu aquele dinheiro ________ comprar o livro.

4. Esses vestidos são ________ guardar no armário.

5. Não posso dizer mais nada. Já fiz tudo o que pude ________ ela.

6. Mandei o terno ________ lavar.

7. Comprei o terno ________ R$ 390,00.

8. Ele já foi ________ casa.

9. Troquei meu carro ________ um mais novo.

10. ________ que serve um professor? ________ nada.

11. Esse relatório deve estar pronto ________ a próxima reunião.

12. Eles devem ficar na Europa ________ mais um ano.

13. Comprei aquela casa ________ um preço muito baixo.

14. Não deixe ________ amanhã o que pode fazer hoje. Compre já.

15. Não gosto de esperar ________ ninguém, quanto mais ________ sogra.

16. Quanto você pagou ________ seu carro?

17. Isso é importante ________ mim.

18. Eles mandaram flores ________ Luísa ________ avião da TAM.

19. ________ mim, ela pode fazer o que quiser. Não é minha passageira.

20. Ricardo já passou ________ aqui?

21. ________ quem é este presente?

22. Mandei o meu carro ________ a garagem.

23. ________ onde eles entraram?

24. Ele fez contrato ________ 3 anos.

25. Esse ônibus passa ________ sua rua?

26. Fátima trabalha ________ o governo.

27. Eles devem vir ________ a minha festa de aniversário.

28. Ela se casou ________ amor.

29. Eles escolheram um representante ________ falar ________ todos.

30. É ________ tudo isso que não vou mais à casa dela.

31. ________ amor de Deus.

32. Um ________ todos e todos ________ um.

33. Saíram ________ porta de trás.

34. Você vai ao Leblon, ________ Copacabana ou ________ o Jóquei?

35. Perdemos o avião ________ poucos minutos.

36. Traga guaraná ________ as crianças.

37. Aluguei a casa ________ 2 anos.

38. Eu sou ________ democracia.

39. Você fez esses erros ________ falta de atenção.

40. Levamos balas ________ os filhos dele.

UNIDADE 28

PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO

Os tempos verbais compostos são formados pelos verbos auxiliares TER ou HAVER mais o particípio do verbo principal.

Nos tempos compostos, conjuga-se apenas o verbo auxiliar.

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito

É formado pelo presente do indicativo do verbo auxiliar mais o particípio do verbo principal.

Exprime um fato passado que continua a se repetir no presente.

Ex.: Eu ***tenho respondido*** minhas atividades em dia.

Presente do indicativo	Particípio
Eu tenho – hei	Cantado Devido Partido
Tu tens – hás	
Ele, ela, você tem – há	
Nós temos – havemos	
Eles, elas, vocês têm – hão	

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito

É formado pelo presente do subjuntivo do verbo auxiliar mais o particípio do verbo principal.

Exprime um fato supostamente concluído no passado.

Ex.: Espero que ***tenham feito*** o curso de francês.

Presente do subjuntivo	Particípio
Que eu tenha – haja	Cantado Vendido Partido
Que tu tenhas – hajas	
Que ele, ela, você tenha – haja	
Que nós tenhamos – hajamos	
Que eles, elas, vocês tenham – hajam	

EXERCÍCIOS

Responda às perguntas abaixo usando o pretérito perfeito composto.

O que você tem feito ultimamente?

1. (trabalhar muito) – Ultimamente, eu ________________________

2. (ficar em casa) – ____

3. (vender terrenos) – ____________________________________

4. (atender clientes) – ____________________________________

5. (dormir até tarde) – _____________________________________

6. (assistir a novelas) – ___________________________________

7. (descansar) – ____

8. (ir ao cinema) – _______________________________________

9. (não fazer nada) – ______________________________________

10. (gastar muito dinheiro) – ______________________________

11. (ganhar muitas garotas) – ______________________________

12. (não vir ao estágio) – __________________________________

O que vocês têm feito desde que chegaram ao Rio?

13. (só falar em português) – Desde que nós chegamos ao Rio, ____

14. (só escrever cartões postais)

____

15. (ver os amigos do peito)

16. (abrir as garrafas de cerveja)

17. (pôr os pontos nos ii do hotel)

18. (só estar doente)

19. (só ter problemas com os motoristas de táxi)

20. (fazer amigos na praia)

21. (visitar as galerias de arte)

22. (só comer e dormir)

23. (só fazer planos de paquera)

24. (só ouvir bobagens dos clientes)

25. (só ir aos ensaios das Escolas de Samba)

26. (só tomar cachaça no botequim da esquina)

27. (só dançar na gafieira Estudantina Musical)

28. (só passar uma noitada no Karaokê do Vogue)

29. (só fazer compras na Rua da Carioca)

30. (só curtir em Búzios)

31. (só pagar com o cartão de crédito)

32. (só dar boas gorjetas aos garçons)

33. (só frequentar a Churrascaria Marius)

34. (só dormir às 5:00 da madrugada)

UNIDADE 29

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO

MODO INDICATIVO

Pretérito mais-que-perfeito composto

É formado pelo pretérito imperfeito do indicativo do verbo auxiliar mais o particípio do verbo principal.

Exprime um fato passado, anterior a outro também passado.

Exemplo: O livro já ***tinha chegado***, quando ligou para os Correios.

Pretérito imperfeito do indicativo	Particípio
Eu tinha – havia	Cantado Vendido Partido
Tu tinhas – havias	
Ele, ela, você tinha – havia	
Nós tínhamos – havíamos	
Eles, elas, vocês tinham – haviam	

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito mais-que-perfeito composto

É formado pelo pretérito imperfeito do subjuntivo do verbo auxiliar mais o particípio do verbo principal.

Exprime uma ação que ocorreria no passado, antes de outro fato também passado.

Exemplo: Se você ***tivesse pesquisado*** no dicionário, saberia o significado da palavra.

Pretérito imperfeito do subjuntivo	Particípio
Se eu tivesse – houvesse	Cantado Vendido Partido
Se tu tivesses – houvesses	
Se ele, ela, você tivesse – houvesse	
Se nós tivéssemos – houvéssemos	
Se eles, elas, vocês tivessem – houvessem	

EXERCÍCIOS

Preencha os espaços vagos com o pretérito mais-que-perfeito composto.

1. Ela nunca ________________ (ver) uma criança tão gorda.

2. Ela já ________________ (ganhar) um carro novo.

3. Quando cheguei ao aeroporto, o *check-in* já ________________ (fechar). Perdi meu voo.

4. Porque ela ________________ (gastar) todo o dinheiro, não pôde comprar os livros.

5. Eles nunca ________________ (vir) ao Rio. Foi uma surpresa maravilhosa!

6. Eu ________________ (cobrir) a comida para as moscas não pousarem.

7. Você se encontrou com Maria na exposição? Não, quando cheguei lá, ela já ________________ (sair). Não aguentou esperar tanto tempo.

8. Gostou do show? Ah! Muito! Nunca ________________ (ver) nada desse gênero.

9. Por que Pedro não passou na prova? Porque ele não ________________ (estudar) bastante.

10. Vocês contaram a novidade à sua irmã? Não, Mário já ________________ (contar) para ela.

11. As flores chegaram a tempo? Quando chegaram, eu já ________________ (fazer) a encomenda em outra floricultura.

12. Eu não ________________ (abrir) uma conta nesse banco.

13. Nós nunca ________________ (ganhar) na loteria. Foi uma grande surpresa.

14. Ela nunca ________________ (dizer) tanta tolice.

15. Vocês já ________________ (fazer) exercícios igual?

16. Eles já ________________ (gastar) o dinheiro antecipadamente.

17. Pedro já ________________ (ouvir) aquela música no rádio.

18. Ela já ________________ (ver) as fotos várias vezes.

19. Quando chegamos ao Rio, Paulo já ________________ (partir).

20. Quando Pedro e Paulo chegaram ao aeroporto, o avião já ________________ (decolar)

21. Quando ele mandou a resposta, eu já ________________ (desistir) do casamento.

22. Por que ela estava tão triste outro dia? Porque ela ________________ (discutir) com o namorado.

23. Por que eles estavam cansados? Porque eles ________________ (ir) a pé.

24. Por que vocês não almoçaram conosco? Porque já ________________ (almoçar).

25. Nós já ________________ (chegar) quando o pessoal chegou para jantar de surpresa.

26. Quando a boa notícia chegou, nós já ________________ (sair) para a praia.

27. Eles estavam morrendo de fome porque não ________________ (comer) nada na véspera.

28. Eu estava nervoso porque nada ________________ (dar) certo. Que azar meu!

29. Quando eu nasci, meu bisavô já ________________ (morrer). Que pena!

30. Fomos ver o filme que vocês ________________ (recomendar).

UNIDADE 30

VERBOS DA 3.ª CONJUGAÇÃO TERMINADOS EM -UIR

Pertencem à 3.ª conjugação os verbos com infinitivo terminado em *–ir*.

Presente do indicativo

CONSTRUIR	DESTRUIR
Eu construo	Eu destruo
Tu constróis	Tu destróis
Ele, ela, você constrói	Ele, ela, você destrói
Nós construímos	Nós destruímos
Eles, elas, vocês constroem	Eles, elas, vocês destroem

DISTRIBUIR	POSSUIR
Eu distribuo	Eu possuo
Tu distribuis	Tu possuis
Ele, ela, você distribui	Ele, ela, você possui
Nós distribuímos	Nós possuímos
Eles, elas, vocês distribuem	Eles, elas, vocês possuem

EXERCÍCIOS

Preencha os espaços vagos com os verbos entre parênteses.

1. Dentro das minhas possibilidades, eu ________________ (retribuir) todo o favor que me fazem.

2. Sempre que fico doente, ________________ (diminuir) de peso.

3. Eu não ________________ (constituir) para meus colegas.

4. Eu ________________ (atribuir) ao governo a falta de empregos.

5. Nós não ________________ (possuir) nada para declarar na alfândega.

6. Você sempre ________________ (incluir) os mesmos nomes na lista de convidados.

7. Vocês ________________ (contribuir) para alguma instituição de caridade.

8. Você ________________ (destruir) todos os brinquedos que ganha.

9. A que vocês ________________ (atribuir) a inflação do Brasil?

10. Todos os anos, os turistas ________________ (afluir) ao Carnaval do Rio.

11. Nós ________________ (instruir) nossos comissários e aeromoças no nosso centro de formação em Orly.

12. Você ________________ (possuir) muitos bens em Recife?

13. Ele sempre usa material de primeira em todos os edifícios que ________________ (construir)

14. Você ________________ (influir) na escolha de uma bebida a bordo?

15. Você me ________________ (restituir) estes documentos amanhã. Está bem?

16. O prazo que você ________________ (instituir) para a entrega dos documentos é muito curto.

17. Comprando somente o necessário, ela ________________ (diminuir) as despesas da casa.

18. Nós não ________________ (possuir) nada para declarar à Polícia.

19. Esta criança ________________ (destruir) tudo o que ganha.

20. O governo ________________ (reconstruir) os velhos casarões da Lapa.

21. Os jovens de hoje ________________ (construir) o mundo de amanhã.

22. Quando um professor falta, há sempre outro que o ________________. (substituir)

23. Na noite de Natal, os pais e avós ________________ (distribuir) presentes para os filhos e netos.

24. Eu ________________ (atribuir) ao petróleo as causas da poluição das grandes cidades.

25. Agradeço e ________________ (retribuir) os votos de um Feliz Natal e Próspero Ano Novo.

26. Você ________________ (distribuir) a sua sobrecarga de trabalho entre os seus colegas?

27. O analfabetismo ________________ (constituir) um empecilho ao desenvolvimento do Brasil.

28. Você viu as manchetes dos jornais de hoje? Chuvas torrenciais ________________ (destruir) os cafezais do Paraná.

29. André ________________ (distribuir) folhetos à porta do metrô para poder pagar seus estudos.

30. Meus filhos ________________ (constituir) a exceção à regra: não gostam de feijão.

UNIDADE 31

FUTURO DO SUBJUNTIVO

Emprega-se o futuro do subjuntivo para:

a) Indicar um fato que pode acontecer ou não.

Exemplos:

Saberá o conteúdo, se ***ler*** o livro.

O filme será iniciado, quando todos ***chegarem***.

FORMAÇÃO DO FUTURO DO SUBJUNTIVO

Acrescentam-se as terminações ao infinitivo:

-es: 2.ª pessoa do singular

-mos: 1.ª pessoa do plural

-em: 3.ª pessoa do plural

Quando eu	cantar	dever	partir
Quando tu	cantar**es**	dever**es**	partir**es**
Quando ele/ela/você	cantar	dever	partir
Quando nós	cantar**mos**	dever**mos**	partir**mos**
Quando eles/elas/vocês	cantar**em**	dever**em**	partir**em**

EXERCÍCIOS

Complete os espaços com o verbo indicado no futuro do subjuntivo.

1. Sempre que ________________ (ter) tempo, mandem notícias.

2. Ela nos ajudará, se nós ________________ (ficar) sozinhos.

3. Se você ________________ (perder) o ônibus, tome um táxi.

4. Contarei a ele sobre o vaso quebrado, quando ele ________________ (estar) de bom humor.

5. Vocês podem pagar como ________________ (preferir).

6. Papai nos sustentará enquanto ________________ (estar) estudando.

7. Iremos embora, se não ________________ (haver) objeção.

8. Quando ________________ (encontrar) Roberto e Isabel, digam-lhes que não se preocupem.

9. Assim que você ________________ (ver) Flávia, digam-lhe que mando lembranças.

10. Não sei como farei o trabalho, mas seja o que Deus ________________ (querer).

11. Todos os que ________________ (poder) entrar no teatro, entrarão.

12. Ficaremos com tudo o que vocês ________________ (trazer).

13. Minha filha, agradeça o presente, seja o que ________________ (ser).

14. Haja o que ________________ (haver) não vou desistir do negócio.

15. Ela só comerá quando eu ________________ (comer).

16. Se eu ________________ (ficar) doente, chamarei o médico.

17. Se ________________ (estar) frio em São Paulo, precisarei de casaco.

18. Se ela ________________ (gostar) daqui, ficará algum tempo.

19. Se o tempo ________________ (melhorar), faremos um piquenique no Posto 6.

20. Se nós ________________ (engordar) muito, faremos dieta.

21. Se eles ________________ (trazer) a receita, compraremos os remédios.

22. Se ela ________________ (estar) de folga, telefonará.

23. Se nós ________________ (abrir) as janelas, ficará mais frescos.

24. Se eu ________________ (poder), irei lá.

25. Se ________________ (dar) tempo, passo pela sua casa.

26. Logo que eu ________________ (vender) este carro, comprarei outro.

27. Seja quem ________________ (ser), não abra a porta.

28. Como o que ________________ (comer), não consegue fazer a digestão.

29. Esteja onde ________________ (estar), irei ao seu encontro. Estou morrendo de saudades de você.

30. Faça o que ________________ (fazer), vai ter que quietinho na festa.

UNIDADE 32

PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO

Emprega-se o pretérito imperfeito do subjuntivo para:

a) Indicar uma condição, uma hipótese, um desejo ou uma fantasia.

Exemplos:

Se nós ***cantássemos***, o tempo passaria mais rápido.

Se eu ***ganhasse*** na loteria, compraria muitos livros.

FORMAÇÃO DO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO

Retira-se o -r final do infinitivo e se acrescentam as terminações:

-sse: 1.ª pessoa do singular

-sses: 2.ª pessoa do singular

-sse: 3.ª pessoa do singular

-ssemos: 1.ª pessoa do plural

-ssem: 3.ª pessoa do plural

Se eu	canta**sse**	deve**sse**	parti**sse**
Se tu	canta**sses**	deve**sses**	parti**sses**
Se ele/ela/você	canta**sse**	deve**sse**	parti**sse**
Se nós	cantá**ssemos**	devê**ssemos**	partí**ssemos**
Se eles/elas/vocês	canta**ssem**	deve**ssem**	parti**ssem**

EXERCÍCIOS

Complete os espaços abaixo com os verbos no imperfeito do subjuntivo.

1. Se eu ________ (ter) mais dinheiro, ficaria mais tempo no Rio.

2. Eu iria à festa, se ________ (receber) o convite.

3. Ela reclamaria, caso você ________ (sair) de casa sem avisar.

4. Não faria prova final, se ________ (obter) boas notas durante o ano.

5. Eles desligaram o rádio para que você ________ (estudar).

6. Ele estudou português para que ________ (ser) um bom tradutor.

7. O freguês pediu ao frentista que ________ (completar) o tanque.

8. A freguesa pediu ao frentista que ________ (verificar) o óleo.

9. Seu Manuel aconselhou o frentista que ________ (calibrar) os pneus.

10. Dona Ana disse ao frentista que ________ (limpar) os vidros.

11. Caetano Veloso chamou o frentista para que ________ (pôr) água no radiador.

12. Você pediu que ela ________ (ficar) lá até eu chegar.

13. Carlos desejava que eu ________ (estudar) bastante.

14. Foi uma pena que ela não ________ (estar) aqui conosco.

15. Ele quis que eu ________ (beber) até que eu ________ (ficar) bêbado.

16. Foi preciso que eu ________ (ler) todo esse livro para entender a obra do autor.

17. Embora ela ________ (saber) a canção, não quis cantá-la para nós.

18. Pensei que vocês ________ (poder) ir ao Rio conosco.

19. Eles pediram que nós ________ (ir) visitá-lo.

20. Insistiu para que ela ________ (ver) aquela peça no Teatro Copacabana.

21. Pedi que os passageiros ________ (ter) paciência comigo, porque estava muito nervosa.

22. O chefe da escala recomendou-lhe que ________ (estar) no aeroporto às 20:00 em ponto.

23. Eu estudaria português se ________ (ser) você.

24. Se eu ________ (ser) você, não diria que ele está errado.

25. Se ele ________ (querer) poderia ser um ótimo chefe de cabine.

26. Se eu ________ (estar) feliz, daria pulos de alegria.

27. Se ________ (ser) verão, iria à praia todos os dias.

28. Se você ________ (querer), lavaria a louça para mim.

29. O que você faria se ________ (ter) 20 anos hoje?

30. O que vocês fariam se ________________ (estiver) no lugar da presidente do Brasil?

UNIDADE 33

PRESENTE DO SUBJUNTIVO

Emprega-se o presente do subjuntivo para:

a) Indicar uma possibilidade, dúvida ou incerteza em orações dependentes.

Exemplos:

Talvez o professor ***possa*** esclarecer esta dúvida.

Duvido que me ***enviem*** os livros.

b) Indicar um desejo ou uma expectativa.

Exemplos:

Espero que ***tenha*** aula hoje.

Tomara que eles ***cantem*** a música da qual mais gosto.

FORMAÇÃO DO PRESENTE DO SUBJUNTIVO

Nos verbos da 1.ª conjugação (-ar), troca-se a vogal final do presente do indicativo por -e.

Nos verbos da 2.ª (-er) e 3.ª (-ir) conjugações, troca-se a vogal final do presente do indicativo por -a.

Vejam abaixo como formar o presente do subjuntivo.

1.ª CONJUGAÇÃO		2.ª CONJUGAÇÃO		3.ª CONJUGAÇÃO	
Presente do indicativo	Presente do subjuntivo	Presente do indicativo	Presente do subjuntivo	Presente do indicativo	Presente do subjuntivo
Cant**o**	Que eu cant**e**	Vend**o**	Que eu vend**a**	Part**o**	Que eu part**a**
Cant**a**s	Que tu cant**e**s	Vend**e**s	Que tu vend**a**s	Part**e**s	Que tu part**a**s
Cant**a**	Que ele, ela, você cant**e**	Vend**e**	Que ele vend**a**	Part**e**	Que ele, ela, você part**a**
Cant**a**mos	Que nós Cant**e**mos	Vend**e**mos	Que nós vend**a**mos	Part**i**mos	Que nós part**a**mos
Cant**a**m	Que eles, elas, vocês cant**e**m	Vend**e**m	Que eles, elas, vocês vend**a**m	Part**e**m	Que eles, elas, vocês part**a**m

EXERCÍCIOS

Complete os espaços com os verbos no presente do subjuntivo.

1. Espero que você ________________ (fazer) seu trabalho.

2. Eu prefiro que isso não ________________ (acontecer).

3. Talvez ela ________________ (ir) ao cinema.

4. Espero que não ________________ (ser) nada de importante.

5. É impossível que o Brasil ___________ (perder) para a Argentina.

6. É possível que elas ________________ (falar) com o presidente da Air France.

7. Nós não queremos que elas ________________ (saber) do incidente a bordo.

8. Elas que se ________________ (machucar); não tenho nada com isso.

9. É preciso que ____________ (haver) dinheiro no Rio para se viver.

10. Talvez, eu não ________________ (ter) coragem para pedir outra dose de uísque.

11. Falo alto para que todos me ________________ (ouvir).

12. Repito a explicação a fim de que os alunos me ________________ (compreender).

13. Faço gestos para que todo mundo me ________________ (ver).

14. Vou terminar o trabalho mesmo que ninguém me ________________ (ajudar).

15. Mesmo que me ________________ (vestir) depressa, chegaremos tarde.

16. Embora eu ________________ (preferir) a blusa branca, vou buscar a verde.

17. Vou abrir o guarda-chuva antes que ________________ (ficar) todo molhado.

18. Vou servir-lhes chá, a não ser que vocês ________________ (querer) café.

19. Vou esperar até que ________________ (haver) alguém para nos atender.

20. Não vou comprar esta máquina fotográfica, mesmo que a fábrica me ________________ (dar) uma garantia de 5 anos.

21. Convém que o senhor nos ________________ (deixar) seu nome e endereço, para que nós ________________ (dar) uma olhada na lista.

22. Basta que vocês me ________________ (dar) seus nomes e endereços, que eu dou um jeito.

23. Espero que ela ________________ (ter) dinheiro, senão vai ser um horror.

24. Eu duvido que ela ________________ (sentir) feliz com aquele namorado.

25. É possível que ________________ (chover) ainda hoje.

26. É bom que vocês ________________ (chegar) meia hora antes do jogo.

27. É necessário que você ________________ (aprender) o português antes de ir ao Brasil.

28. É preciso que vocês ________________ (escovar) os dentes antes de dormirem.

29. Basta que vocês ________________ (pedir) uma licença prêmio para fazerem o tratamento médico.

30. Convém que vocês ________________ (comprar) à vista. Sai bem mais barato.

UNIDADE 34

TEMPOS COMPOSTOS DO INDICATIVO

Os tempos verbais compostos são formados pelos verbos auxiliares TER ou HAVER mais o particípio do verbo principal.

Nos tempos compostos, conjuga-se apenas o verbo auxiliar.

PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO

É formado pelo presente do indicativo do verbo auxiliar mais o particípio do verbo principal.

Exprime um fato passado que continua a se repetir no presente.

Exemplo: Eu ***tenho respondido*** minhas atividades em dia.

PRESENTE DO INDICATIVO	PARTICÍPIO
Eu tenho – hei	Cantado Vendido Partido
Tu tens – hás	
Ele, ela, você tem – há	
Nós temos – havemos	
Eles, elas, vocês têm – hão	

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO

É formado pelo pretérito imperfeito do indicativo do verbo auxiliar mais o particípio do verbo principal.

Exprime um fato passado, anterior a outro também passado.

Exemplo: O livro já ***tinha chegado***, quando ligou para os Correios.

Pretérito Imperfeito do Indicativo	Particípio
Eu tinha – havia	Cantado Vendido Partido
Tu tinhas – havias	
Ele, ela, você tinha – havia	
Nós tínhamos – havíamos	
Eles, elas, vocês tinham – haviam	

FUTURO DO PRESENTE COMPOSTO

É formado pelo futuro do presente do indicativo do verbo auxiliar mais o particípio do verbo principal.

Exprime uma ação que estará concluída antes de outra posterior a ela.

Exemplo: Até comprar O Mundo Perdido, ***terei lido*** Viagem ao Centro da Terra.

Futuro do presente do indicativo	Particípio
Eu terei – haverei	Cantado Vendido Partido
Tu terás – haverás	
Ele, ela, você terá – haverá	
Nós teremos – haveremos	
Eles, elas, vocês terão – haverão	

FUTURO DO PRETÉRITO COMPOSTO

É formado pelo futuro do pretérito do indicativo do verbo auxiliar mais o particípio do verbo principal.

Exprime um fato que poderia ter sido realizado após outro fato passado.

Exemplo: A viagem ***teria sido*** mais rápida se tivéssemos pegado o atalho.

Futuro do pretérito do indicativo	Particípio
Eu teria – haveria	Cantado Vendido Partido
Tu terias – haverias	
Ele, ela, você teria – haveria	
Nós teríamos – haveríamos	
Eles, elas, vocês teriam – haveriam	

EXERCÍCIOS

Complete os espaços com o tempo indicado entre parênteses.

1. Quando ele chegou, eu já ________________ (ter saído).

2. Nós ________________ (ter visitado) o João todos os dias desde que ele foi para o hospital.

3. Eu ________________ (ter estado) muito ocupado desde que cheguei.

4. Quando você voltar ao Brasil, eu já ________________ (ter terminado) o curso.

5. Nessas últimas semanas, ________________ (ter chovido) muito.

6. Eles ________________ (estar saindo) quando o telefone tocou.

7. Ele ________________ (ter estado) doente, ultimamente.

8. Nós ________________ (estar falando) com o chefe sobre nosso aumento.

9. Eu ________________ (ter estado) muito ocupado, por isso ainda não pude ir lá.

10. Eu ________________ (ter conversado) sobre isso com João e ele disse que ________________ (ter feito) a mesma coisa em meu lugar.

11. ________________ (ter sido) bom que eles tivessem vindo.

12. Eles ________________ (ter pedido) a mesma coisa há anos, mas nunca conseguiram nada.

13. Nós ________________ (estar saindo) quando Maria chegou.

14. Nós ________________ (ter telefonado) para o escritório todos os dias, mas não o encontramos nunca.

15. Eu ________________ (estar indo) para casa dele quando o encontrei.

16. Ele ________________ (estar contando) a mim o que se passou, mas não teve tempo de acabar.

17. Ultimamente, Pedro ________________ (ter vindo) aqui duas vezes por semana.

18. Até o fim do dia, nós ________________ (ter visto) todos os documentos.

19. Até o dia 15, ela ________________ (gastar) todo o salário.

20. Até o fim do mês, eu ________________ (fazer) todo o trabalho.

21. Amanhã, a estas horas, ele já ________________ (chegar) lá.

22. Com ela, ele ________________ (ser) mais feliz.

23. Com mais tempo, eu ________________ (fazer) um trabalho melhor.

24. Com medo, eu não ________________ (abrir) aquela porta.

25. Com chuva, ninguém ________________ (sair).

26. Sem óculos, eu não ________________ (ver) nada.

27. Acho que, com jeito, você ________________ (descobrir) a verdade.

28. Amanhã, eu ________________ (ver) um bom filme.

29. O que é que você ________________ (ver) agora?

30. Eu ________________ (ir) comprar um carro, mas não pude.

UNIDADE 35

TEMPOS COMPOSTOS DO SUBJUNTIVO

Os tempos verbais compostos são formados pelos verbos auxiliares TER ou HAVER mais o particípio do verbo principal.

Nos tempos compostos, conjuga-se apenas o verbo auxiliar.

PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO

É formado pelo presente do subjuntivo do verbo auxiliar mais o particípio do verbo principal.

Exprime um fato supostamente concluído no passado.

Exemplo: Espero que ***tenham feito*** o curso de francês.

Presente do subjuntivo	Particípio
Que eu tenha – haja	Cantado Vendido Partido
Que tu tenhas – hajas	
Que ele, ela, você tenha – haja	
Que nós tenhamos – hajamos	
Que eles, elas, vocês tenham – hajam	

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO

É formado pelo pretérito imperfeito do subjuntivo do verbo auxiliar mais o particípio do verbo principal.

Exprime uma ação que ocorreria no passado, antes de outro fato também passado.

Exemplo: Se você ***tivesse pesquisado*** no dicionário, saberia o significado da palavra.

Pretérito imperfeito do subjuntivo	Particípio
Se eu tivesse – houvesse	Cantado Vendido Partido
Se tu tivesses – houvesses	
Se ele, ela, você tivesse – houvesse	
Se nós tivéssemos – houvéssemos	
Se eles, elas, vocês tivessem – houvessem	

FUTURO COMPOSTO

É formado com o futuro do subjuntivo do verbo auxiliar mais o particípio do verbo principal.

Exprime um fato futuro concluído com relação a outro fato também futuro.

Exemplo: Irei passar as férias em Salvador, assim que ***houverem terminado*** as aulas.

Futuro do subjuntivo	Particípio
Quando eu tiver – houver	Cantado Vendido Partido
Quando tu tiveres – houveres	
Quando ele, ela, você tiver – houver	
Quando nós tivermos – houvermos	
Quando eles, elas, vocês tiverem – houverem	

EXERCÍCIOS

Complete as orações com os tempos compostos do subjuntivo.

1. Espero que ela ________________ (conseguir) os documentos necessários.

2. Mesmo que ele ________________ (contar) a verdade, ninguém teria acreditado.

3. Telefonarei para você quando ________________ (chegar) lá.

4. Embora nós ________________ (ser) bons amigos, nunca mais nos vimos.

5. Assim que ________________ (terminar) de pagar meu carro, comprarei um terreno.

6. Sinto que elas não ________________ (fazer) progresso.

7. Depois que ________________ (receber) mais informações, resolveremos o que fazer.

8. É provável que José já ________________ (ler) a notícia nos jornais.

9. Eu nunca teria feito esse negócio se você não ________________ (insistir).

10. Só vá para casa quando ________________ (acabar) seu trabalho.

11. Tomara que o telefonema ________________ (chegar) a tempo.

12. Se não ________________ (chover) ontem, eu teria vindo vê-la.

13. Teríamos perdido o negócio se ________________ (esperar) até o dia seguinte.

14. Assim que ________________ (deixar) minhas malas no hotel, sairei para jantar.

15. Lembro-me bem dele, embora só o ________________ (ver) duas vezes.

16. Se eu ________________ (seguir) direito as instruções, a experiência daria certo.

17. Foi bom que vocês ________________ (vir) à festa.

18. Espero que a reunião já ________________ (acabar).

19. Logo que a secretaria ________________ (fazer) a relação dos compradores, comunique-lhes por escrito.

20. Pensei que o avião ________________ (chegar) às 15h30min no Aeroporto Antônio Carlos Jobim.

21. Vou sair lá pelas 18h. Espero que você já ________________ (arrumar) o seu quarto quando eu chegar.

22. Ontem, Alice fez a prova de português. Duvido que ela ________________ (tirar) uma boa nota, visto que ela não estudou nada.

23. Quando vocês ________________ (acabar) o jantar, tirem a mesa e ponham tudo na máquina de lavar louça.

24. Assim que ________________ (ver) o DVD, eu lhe empresto.

25. Se até às 10h ninguém ________________ (chegar) à reunião, cancelem tudo e adiem para a semana que vem.

26. Se o motorista não ________________ (beber), não teria bebido com o carro.

27. Mesmo que ___________ (brigar) no passado, fizeram as pazes.

28. Embora ________________ (ir) à festa, não me diverti nem um pouco.

29. Se ______________ (chover), o comércio teria sido um fracasso.

30. Se ________________ (escutar) os meus pais, não teria feito tantas burradas na vida.

UNIDADE 36

INFINITIVO PESSOAL

Também chamado de infinitivo flexionado, é empregado nos seguintes casos:

a) Quando os sujeitos dos verbos são diferentes.

Exemplo: Pouco a pouco, eu vi os convidados ***chegarem*** à festa.

b) Se infinitivo vier referindo-se ao sujeito plural no início da frase, antecedido de preposição.

Exemplo: Para ***escrevermos*** bem, temos que ler muito.

FORMAÇÃO DO INFINITIVO PESSOAL

Forma-se o infinitivo pessoal pela adição das terminações:

-es: para a 2.ª pessoa do singular (tu)
-mos: para a 1.ª pessoa do plural (nós)
-em: para a 3.ª pessoa do plural (eles, elas)

A 1.ª e a 3.ª do singular, eu e ele/ela, respectivamente, não recebem terminações.

(para) Eu	cantar	vender	partir
(para) Tu	cantar**es**	vender**es**	partir**es**
(para) Ele/ela/você	cantar	vender	partir
(para) Nós	cantar**mos**	vender**mos**	partir**mos**
(para) Eles/elas/vocês	cantar**em**	vender**em**	partir**em**

EXERCÍCIOS

Complete com o verbo no infinitivo.

1. Ela pediu para nós ________________ (estar) às 7 horas, na faculdade.

2. Antes de vocês ________________ (ir) embora, por favor, avisem-me.

3. Ana, depois de nós ________________ (fazer) as compras, vou convidá-la para um lanche.

4. A babá vai ficar com as crianças para eu ________________ (sair) hoje, à noite.

5. O sindicato lutou para os operários ________________ (conseguir) melhor salário.

6. Alberto fez um churrasco para nós ________________ (comemorar) a vitória do time.

7. Eu fechei a janela por ________________ (estar) frio.

8. Alguns convidados saíram antes da festa ________________ (acabar).

9. Ela fez o almoço sem nós ________________ (pedir).

10. O táxi parou para os dois passageiros ________________ (descer).

11. Ela leu o jornal depois de nós ________________ (chegar) a casa.

12. Os pais vão ficar na cidade até os filhos ________________ (terminar) os estudos.

13. É melhor ________________ (levar) o guarda-chuva, porque achamos que vai chover.

14. Ao ________________ (receber) a notícia, João e Paulo ficaram loucos.

15. Fiquem em Salvador até ________________ (terminar) a reportagem.

16. Não saiam de casa sem nós ________________ (chegar).

17. Sente-se, Ricardo, para ________________ (falar) sobre a viagem.

18. Não arrumo o avião sem os passageiros ________________ (partir).

19. É perigoso ________________ (tomar) banho aqui, meninos!

20. Antes de ________________ (sair), venham falar comigo.

21. Peço-lhe para não me ________________ (interromper).

22. Não vejo razão para o senhor ________________ (ficar) tão irritado.

23. Não se preocupe que eu espero até ________________ (acabar).

24. Quero terminar de pôr a mesa antes de ________________ (chegar) os convidados.

25. Este livro é para vocês ________________ (ler) antes das férias.

26. Eloísa irá aonde nós a ________________ (mandar).

27. Bebam o que vocês ________________ (desejar).

28. Estes exercícios são para vocês ________________ (fazer) em casa.

29. Para vocês ________________ (aprender) o português, é preciso fazer uma viagem de estudo ao Brasil.

30. Antes de ________________ (voltar) para casa, mandem um torpedo que eu vou buscá-los de carro.

APÊNDICE A

PARTICÍPIOS

Para formar o particípio, acrescenta-se a terminação –ado aos verbos da 1.ª conjugação (-ar) e –ido aos verbos da 2.ª e 3.ª conjugações (-er, -ir).

1.ª conjugação (-ar)	2.ª conjugação (-er)	3.ª conjugação (-ir)
cant**ado**	dev**ido**	part**ido**

PARTICÍPIOS DOS VERBOS ABUNDANTES

Os verbos abundantes possuem duas formas de particípios.

Particípio regular: com terminações em –ado e –ido, como visto acima.

Particípio irregular: com terminações variadas.

A forma regular é usada nos tempos compostos com os verbos auxiliares **ter** e **haver.**

Exemplos:

Ela **tinha imprimido** o material para a prova.

Ele **tinha acendido** a lâmpada.

A forma irregular é usada com os verbos **ser** e **estar**.

Exemplos:

O livro já **foi impresso**.

A lâmpada ainda não **foi acesa**.

Veja, no quadro, a seguir a lista de alguns verbos que apresentam duas formas de particípio.

INFINITIVO	FORMA REGULAR	FORMA IRREGULAR
aceitar	aceitado	aceito
acender	acendido	aceso
anexar	anexado	anexo
benzer	benzido	bento
cegar	cegado	cego
completar	completado	completo
concluir	concluído	concluso
confundir	confundido	confuso
corrigir	corrigido	correto
dispersar	dispersado	disperso
distinguir	distinguido	distinto
eleger	elegido	eleito
emergir	emergido	emerso
encher	enchido	cheio
entregar	entregado	entregue
envolver	envolvido	envolto

enxugar	enxugado	enxuto
erigir	erigido	ereto
expressar	expressado	expresso
exprimir	exprimido	expresso
expulsar	expulsado	expulso
extinguir	extinguido	extinto
findar	findado	findo
fixar	fixado	fixo
fritar	fritado	frito
ganhar	ganhado	ganho
gastar	gastado	gasto
imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso
incluir	incluído	incluso
isentar	isentado	isento
limpar	limpado	limpo
matar	matado	morto
morrer	morrido	morto
ocultar	ocultado	oculto

omitir	omitido	omisso
pagar	pagado	pago
prender	prendido	preso
salvar	salvado	salvo
secar	secado	seco
segurar	segurado	seguro
soltar	soltado	solto
suspender	suspendido	suspenso
tingir	tingido	tinto
vagar	vagado	vago

Observações:

a) As formas irregulares podem ser empregadas como adjetivos quando caracterizam um substantivo.

Exemplos: Ovo **frito**, pano **seco**, exercício **incluso**.

b) Os particípios dos verbos *ganhar*, *gastar* e *pagar* são mais usados na forma irregular, como os verbos auxiliares *ter*, *haver*, *ser* e *estar*.

Exemplos:

O aluno tinha **ganho** dois pontos na atividade.

O professor tinha **gasto** todas as folhas com a impressão das provas.

O jantar foi **pago** pelo noivo.

A forma regular é usada apenas com os verbos *ter* e *haver*.

Exemplo:

A menina **tinha ganhado** uma boneca de presente de aniversário.

O menino **havia gastado** todo o dinheiro na compra dos livros.

O noivo **tinha pagado** o jantar.

c) Os verbos *abrir*, *cobrir* e *escrever* só possuem a forma irregular: *aberto*, *coberto* e *escrito*.

d) *Pegar* e *chegar* só possuem a forma regular: *pegado* e *chegado*.

APÊNDICE B

VERBOS AUXILIARES

Auxiliares da voz passiva: ser e estar

Auxiliares dos tempos compostos: ter e haver

INDICATIVO

PRESENTE			
sou	estou	tenho	hei
és	estás	tens	hás
é	está	tem	há
somos	estamos	temos	havemos
são	estão	têm	hão

PRETÉRITO PERFEITO			
fui	estive	tive	houve
foste	estivestes	tivestes	houveste
foi	esteve	teve	houve
fomos	estivemos	tivemos	houvemos
foram	estiveram	tiveram	houveram

PRETÉRITO IMPERFEITO			
era	estava	tinha	havia
eras	estavas	tinhas	havias
era	estava	tinhas	havia
éramos	estávamos	tínhamos	havíamos
eram	estavam	tinham	haviam

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO			
fora	estivera	tivera	houvera
foras	estiveras	tiveras	houveras
fora	estivera	tivera	houvera
fôramos	estivéramos	tivéramos	houvéramos
foram	estiveram	tiveram	houveram

FUTURO DO PRESENTE			
serei	estarei	terei	haverei
serás	estarás	terás	haverás
será	estará	terá	haverá
seremos	estaremos	teremos	haveremos
serão	estarão	terão	haverão

FUTURO DO PRETÉRITO			
seria	estaria	teria	haveria
serias	estarias	terias	haverias
seria	estaria	teria	haveria
seríamos	estaríamos	teríamos	haveríamos
seriam	estariam	teriam	haveriam

SUBJUNTIVO

PRESENTE			
seja	esteja	tenha	haja
sejas	estejas	tenhas	hajas
seja	esteja	tenha	haja
sejamos	estejamos	tenhamos	hajamos
sejam	estejam	tenham	hajam

PRETÉRITO IMPERFEITO			
fosse	estivesse	tivesse	houvesse
fosses	estivesses	tivesses	houvesses
fosse	estivesse	tivesse	houvesse
fôssemos	estivéssemos	tivéssemos	houvéssemos
fossem	estivessem	tivessem	houvessem

FUTURO			
for	estiver	tiver	houver
fores	estiveres	tiveres	houveres
for	estiver	tiver	houver
formos	estivermos	tivermos	houvermos
forem	estiverem	tiverem	houverem

IMPERATIVO

AFIRMATIVO			
-	-	-	-
sê	está	tem	há
seja	esteja	tenha	haja
sejamos	estejamos	tenhamos	hajamos
sejam	estejam	tenham	hajam

NEGATIVO			
-	-	-	-
não sejas	não estejas	não tenhas	não hajas
não seja	não esteja	não tenha	não haja
não sejamos	não estejamos	não tenhamos	não hajamos
não sejam	não estejam	não tenham	não hajam

FORMAS NOMINAIS

INFINITIVO IMPESSOAL			
ser	estar	ter	haver

INFINITIVO PESSOAL			
ser	estar	ter	haver
seres	estares	teres	haveres
ser	estar	ter	haver
sermos	estarmos	termos	havermos
serem	estarem	terem	haverem

PARTICÍPIO			
sido	estado	tido	havido

GERÚNDIO			
sendo	estando	tendo	havendo

APÊNDICE C

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS E PROVÉRBIOS

1. Molhar o biscoito: ter relação sexual

2. Descascar o abacaxi: resolver os problemas difíceis, que ninguém quer fazer ou resolver

3. Pôr as barbas de molho: esperar alguma coisa, ser prudente, desconfiar

4. Não adianta chorar pelo leite derramado: não adianta se arrepender de alguma que já aconteceu

5. Engolir sapos: aceitar o que gosta e não gosta

6. Procurar pelo em ovo: ater-se a detalhes para desqualificar algo contra o qual a pessoa já tem uma opinião

7. Pisar na bola: estragar tudo

8. Pedras no sapato: problemas

9. Pendurar as chuteiras: parar de trabalhar (termo futebolístico)

10. Trocando as mãos pelos pés: confundir-se

11. Não perder a linha: manter-se numa boa conduta

12. Encher linguiça: acrescentar coisas desnecessárias

13. Quebrar um galho: ajudar

14. Mão na roda: ajuda de grande valor

15. Tirar água do joelho: urinar

16. João sem braço: fingir que não sabe fazer alguma coisa para não ser obrigado a fazê-la

17. Fazer tempestade em copo d'água: criar problemas por pouca coisa

18. Segurar uma vela: acompanhar um casal que quer ficar sozinho

19. Estar com a corda no pescoço: estar com problemas

20. Marcar toca ou dormir de toca: vacilar, bobear (gíria)

21. Queimar a rosca: ter relação homossexual

22. Soltar a franga: causar confusão

23. Rodar a baiana: gritar, causar confusão

24. Uma mão lava a outra: um ajuda o outro

25. Estar com a faca e o queijo na mão: ter tudo para fazer o que quer

26. Tomar chá de cadeira: esperar muito para ser atendido

27. Feio como o diabo: pessoa muito feia

28. Escuro como o breu: sem luz, sem visibilidade

29. Surdo como uma porta: pessoa que não ouve nada

30. Rápido como um raio: depressa

31. Preto como carvão: pessoa de pele muito escura

32. Doce como mel: pessoa gentil, dócil, agradável

33. Amargo como fel: pessoa ou coisa desagradável

34. Magro como palito: pessoa muito magra

35. Pesado como chumbo: pessoa ou coisa muito pesada

36. Leve como uma pluma: pessoa ou coisa muito leve

37. Certo como dois e dois são quatro: conta certa, exata

38. Tremer como vara verde: sentir muito medo ou muito frio

39. Dormir como uma pedra: dormir muito

40. Dar com os burros na água: perder o negócio, falir (falência)

41. Estar de pernas para o ar: bagunçado

42. Tirar o cavalinho da chuva: desistir de algo, perder a esperança

43. Dar uma de migué: escapar de uma obrigação

44. Farinha do mesmo saco: comparação entre pessoa que têm as mesmas qualidades

45. A vaca foi para o brejo: alguma coisa deu errado

46. Fazer vista grossa: fingir não ver algo errado

47. Custa o olho da cara: custar muito caro

48. Acabar em pizza: algo errado acabou sem punição

49. Acertar na mosca: acertar ou adivinhar alguma coisa na primeira tentativa

50. Quando a esmola é muita o santo desconfia: desconfiar de pessoas boa demais, além do normal

51. Casa de ferreiro, espeto de pau: a pessoa sabe fazer alguma coisa, mas não faz

52. Um dia é da caça e o outro é do caçador: um dia se pode perde e no dia seguinte se pode ganha

53. Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura: com insistência, pode-se alcançar os objetivos

54. Quem rir por último, rir melhor: tomar atitudes cautelosas, sem pressa

55. Quem não tem cão, caça com gato: quando não tem uma coisa, faz com outra

56. De grão em grão, a galinha enche o papo: com insistência, pode-se alcançar os objetivos

57. Para bom entendedor, meia palavra basta: não precisa entrar em detalhes para que a outra pessoa compreenda

58. Quem ama o feio, bonito lhe parece: a beleza, aparência não é tudo

59. De cavalo dado, não se olham os dentes: quando se recebe um presente, deve-se mostrar satisfeito e não se deve perguntar o preço

60. Amigo da onça: pessoa falsa, fingida, dissimulada

61. Comer com os olhos: ver de longe, sem tocar

62. Elefante branco: algo que se tem ou foi construído sem serventia

63. Com a corda toda: agitado, frenético, eufórico

64. Ver o passarinho verde: estar apaixonado

65. Ficar a ver navios: esperar em vão

66. Cair no conto do vigário: ser enganado

67. Pensando na morte da bezerra: estar pensativo

68. Onde Judas perdeu as botas: lugar longe, distante

69. Jogar verde para colher maduro: tentar conseguir informações sem fazer perguntas diretas

70. Filho de peixinho, peixinho é: o filho tem características parecidas com as do pai

TESTE DE NÍVEL

A. Use os verbos abaixo conjugando-os no tempo correto.

1. Ontem, eu _________________ (conhecer) um brasileiro na festa.

2. Maíra e eu _________________ (ir) sempre ao cinema às quartas-feiras.

3. João e Pedro _________________ (vir) na semana que vem aqui em casa.

4. Quando eu _________________ (ser) criança, Vilma _________________ (estudar) numa escola municipal.

5. Nos fins de semana, ele _________________ (fazer) compras logo cedo.

6. Antigamente, Mariano _________________ (colocar) tênis e camiseta para ir ao clube.

7. Em dezembro, antes de ir para Santos, João _________________ (passar) uns dias aqui.

8. Ontem à noite, enquanto _________________ (assistir) à televisão, meu marido _________________ (ler) o relatório mensal.

9. Depois que Mauro _________________ (comprar) seu computador, ele nunca mais _________________ (vir) aqui em casa.

10. Juliana _________________ (trabalhar) no hospital quando ela _________________ (morar) em Sergipe.

B. Complete as lacunas com o pronome adequado.

1. Ontem, encontrei Amélia. Ela nem __________ disse “bom dia”. (eu)

2. Eu __________ dei uma entrada para ver o show de João Gilberto. (ele)

3. Nós __________ cumprimentamos todos os dias chegando ao escritório. (nós)

4. Você viu Maria ontem? Eu não __________ vejo há mais de três semanas. (ela)

5. Quando você vai comprar os ingressos para o jogo de domingo? Eu já __________ comprei ontem. (eles)

6. Eu pude ver o ladrão saindo da loja, mas não __________ vi de frente. (ele)

7. João sabe que não pode ver suas filhas amanhã. Ele vai __________ telefonar na sexta-feira. (elas)

8. Marisa pedia a minha ajuda durante a festa. Eu vou __________ dar uma mão até às 10 horas. (ela)

9. Vocês viram os animais no circo? Eu __________ verei amanhã. (eles)

10. Que Deus __________ abençoe! (tu)

C. Complete as frases conjugando os verbos no tempo adequado.

1. Ela quer que eu __________ (pagar) a conta do restaurante.

2. Maíra não quis que eu __________ (ir) com ela ao baile.

3. Talvez ele __________ (vir) domingo conosco.

4. Eu espero que ele __________ (pedir) para Maria não vir domingo.

5. Ele me pediu que eu __________ (fazer) um favor antes de ir embora.

6. Eu não esperava que ela __________ (dizer) isso.

7. Ele exige que vocês __________ (estar) aqui às 10 horas.

8. Ele receia que Paula __________ (alugar) a casa antes de dele.

9. Mônica duvida que Paula __________ (esquecer) o que aconteceu.

10. Não acreditava que ele __________ (fazer) isso com seu marido.

11. Juvenal sabia que eu __________ (comprar) meu celular ontem.

12. Laura não que __________ (ir) ao churrasco domingo.

13. Pedro não quer que eu __________ (ir) ao cinema quarta-feira.

14. Quando eu __________ (ir) ao Brasil, ficarei no hotel Atlântico.

15. Tomara que eu __________ (chegar) na hora certa.

RESPOSTAS DOS EXERCÍCIOS

UNIDADE 1

1. é
2. é
3. é
4. é
5. é
6. são
7. é
8. é
9. é
10. é
11. é
12. é
13. é
14. é
15. é
16. é
17. é
18. é
19. é
20. são
21. é
22. é
23. sou
24. somos
25. sou
26. somos
27. sou
28. somos
29. sou
30. somos

UNIDADE 2

1. estamos
2. está
3. está
4. está
5. estou
6. está
7. estamos
8. estamos
9. está
10. estão
11. está
12. está
13. estão
14. estão
15. está
16. está
17. está
18. está
19. estão
20. estão
21. estão
22. estamos
23. estamos
24. estão
25. estou
26. estamos
27. está
28. está
29. está
30. está

UNIDADE 3

1. os
2. o
3. o / a
4. o
5. uma
6. o
7. a
8. o
9. o
10. a
11. a
12. o
13. as
14. o
15. uma / um
16. um / uma
17. uma / uma
18. um
19. um / uma

20. um
21. um
22. uma
23. uma
24. um
25. uma
26. um
27. um
28. uma
29. uma
30. um

UNIDADE 4

1. seus/teus
2. minha / sua-tua
3. meu / seu-teu / meu
4. meus / seus/teus
5. suas-tuas
6. nosso
7. seu
8. nossos
9. nossos
10. nossa
11. minha / meu
12. minha
13. meus
14. meu
15. minhas
16. dela
17. dela
18. dele
19. dele
20. dele/dela
21. delas
22. deles, delas
23. deles/delas
24. dela/dele
25. dela/dele
26. seu
27. seus
28. meus
29. meu
30. meu

UNIDADE 5

1. treze
2. dezessete
3. vinte e quatro
4. cinquenta e oito
5. cem
6. cento e cinquenta
7. duzentos e quarenta e três
8. quinhentos e setenta e seis
9. mil novecentos e cinquenta e três
10. mil novecentos e cinquenta e nove
11. mil novecentos e sessenta e três
12. mil novecentos e sessenta e nove
13. mil novecentos e setenta e cinco
14. mil novecentos e oitenta
15. mil novecentos e oitenta e sete
16. dois mil setecentos e trinta e nove

17. setenta e dois mil novecentos e sessenta e sete

18. novecentos e três mil e oitenta e quatro

19. mil e vinte

20. dois mil duzentos e dezessete

21. cinco mil trezentos e dezoito

22. oito mil cento e onze

23. um milhão

24. dois milhões

25. um milhão

26. três milhões cento e noventa e oito mil setecentos e oitenta e nove

27. cinco milhões oitocentos e oitenta e oito mil quinhentos e cinquenta e cinco

28. um bilhão

29. dois bilhões

30. cinco bilhões duzentos e trinta e quatro milhões setecentos e cinquenta e seis mil seiscentos e cinquenta e quatro

UNIDADE 6

1. primeiro

2. primeira

3. segundo

4. segunda

5. terceiro

6. terceira

7. quarto

8. quarta

9. quinto

10. quinta

11. sexto

12. sexta

13. sétimo

14. sétima

15. oitavo

16. oitava

17. nono

18. nona

19. décimo

20. décima

21. décimo primeiro

22. décima primeira

23. décimo segundo

24. décima segunda

25. décimo quarto

26. décima quarta

27. décimo quinto

28. décima quinta

29. vigésimo

30. vigésima

31. vigésimo primeiro

32. vigésima primeira

33. vigésimo segundo

34. vigésima segunda

35. vigésimo terceiro

36. vigésima terceira

37. trigésimo

38. trigésima

39. quadragésimo

40. quadragésima

41. quinquagésimo

42. quinquagésima

43. sexagésimo

44. sexagésima

45. septuagésimo

46. septuagésima

47. octogésimo

48. octogésima

49. nonagésimo

50. nonagésima

51. centésimo

52. centésima

53. milésimo

54. milésima

55. milionésimo

56. milionésima

UNIDADE 7

1. chegaram / chegamos

2. foi / fui

3. comeram / comemos

4. recebeu / recebi

5. ouviu

6. leu / li

7. abriu / abriu

8. nasci

9. nasceu

10. vendeu

11. dividiu

12. compramos

13. fizeram / fizemos

14. fez / fiz

15. fez / fiz

16. fez

17. fizemos

18. subiu

19. leram

20. vi

21. viu / vi

22. viram / vi

23. viu

24. viu / vi

25. vi

26. custou

27. olhei / reconheceu

28. aluguei

29. viu

30. passamos

UNIDADE 8

1. Isto é uma pasta escolar.

2. Aquilo são mesas de imbuia.

3. Aquilo é uma mala de mão.

4. Isto são livros de Paulo Coelho.

5. Isso é uma borracha.

6. Aquilo são dicionários de português/francês.

7. Isso é uma cadeira de balanço.

8. Isto é uma régua de madeira.

9. Este

10. Aquela

11. Aqueles

12. Aquele

13. Estas

14. Isso

15. Esta caneta é do professor.

16. Estes cadernos são de minha irmã.

17. Esta
18. Este
19. Esta
20. Este
21. aquela
22. estas
23. Aquele
24. Este
25. aquilo
26. Isto
27. isto
28. Essa
29. isto
30. Esta

UNIDADE 9

1. tire
2. ponha
3. coma
4. vá
5. saia
6. vá
7. amole
8. chupe
9. suje
10. rabisque
11. vá
12. fique
13. suje
14. fique
15. suba
16. brinque
17. suba
18. saia
19. brinque
20. pare
21. tenha
22. fique
23. fique
24. abra
25. coma
26. vista
27. mexa
28. mexa
29. cuspa
30. desça
31. veja
32. solte
33. fique
34. tire
35. brinque

UNIDADE 10

1. disse / disse / disse
2. pode / posso
3. querem / quero / quer
4. sabe / sei
5. jogam
6. pode
7. quisemos
8. vi
9. pôde
10. quis
11. quis
12. quer
13. viram
14. viu / vi
15. pudemos ou podemos
16. puderam ou podem
17. pôde ou pode
18. pude
19. dizem

20. disseram

21. disse / disseram

22. vê ou viu

23. teve / perdeu

24. quer / quero / quer

25. tive / tem / tenho

26. trouxe / trouxe

27. viu / vi / viram

28. vejo / veem / vemos

29. vejo / vê

30. viram / vejo

UNIDADE 11

1. mãos
2. revólveres
3. raízes
4. órfãos
5. lápis
6. pães
7. jornais
8. cônsules
9. lições
10. funis
11. lençóis
12. animais
13. projéteis / projetis
14. opiniões
15. coronéis
16. alemães
17. flores
18. povos
19. automóveis
20. cruzes
21. olhos
22. ruins
23. ossos
24. ingleses
25. cristãos
26. bolsos
27. colheres
28. jardins
29. cidadãos
30. almoços
31. rapazes
32. anéis
33. capazes

UNIDADE 12

1. morava / estudava / saía / ficava / almoçava / descansava / voltava / ficava / estudava / fazia / passeava / ia / ficava / gostava / fazia / ia / jantava / começava

2. estudava / acordava / levantava-se / tomava / saía / ficava / ficava / visitava / ia / comprava / assistia / descansava / ia / paquerava / namorava / ia / ia / voltava / preparava

UNIDADE 13

1. se decidiu / levantou-se / vestiu-se / cumprimentaram-se / despediu-se
2. se vestiram
3. nos servimos
4. se divertiram
5. sentindo-se
6. dirigi-me
7. se divertir
8. se sente
9. nos despedir
10. se viraram
11. se decidiu
12. se enganou
13. se levantou / dirigiu-se / observar-se
14. se aproximaram
15. se olhou / se maquiar
16. nos visitaram
17. se levantou / aproximou-se / se ausentar
18. se mudaram
19. me assustei
20. se abaixou
21. nos olhamos e nos cumprimentamos
22. se reuniram
23. me casarei
24. me apaixonei / nos casamos
25. se formou
26. se aposentou
27. se deixe
28. Deixe-me
29. me agrada
30. me queixo

UNIDADE 14

A.

1. aquela cantora
2. esta professora
3. esta freguesa
4. aquela senhora francesa
5. esta escritora
6. aquela escultora espanhola
7. a funcionária colombiana
8. esta aluna boa
9. aquela moça italiana
10. a amiga
11. a tia católica
12. a prima dada
13. a cunhada argentina
14. a avó

B.

1. Papai M
2. Doutor M
3. Rainha F
4.Sacerdote M
5. Mamãe F
6. Gato M
7. Herói M
8. Freguês M
9. Hóspede M/F
10. Alemã F
11. Relógio M
12. Estudante M/F
13. Outono M
14. Inverno M

15. Verão M
16. Mãe F
17. Irmã F
18. Pianista M/F
19. Filha F
20. Heroína F
21. Embaixador M
22. Consulesa F
23. Lápis M
24. Advogado M
25. Professor M
26. Escritora F
27. Avô M
28. Jornalista M/F
29. Pai M
30. Amiga F
31. Nora F
32. Homem M
33. Irmão M
34. Cristã F
35. Dia M
36. Primavera F

C.

1. Ela é francesa.
2. A professora é magra.
3. A patroa é exigente.
4. A comilona é gorda.
5. A vaca é mansa.

UNIDADE 15

1. vai
2. vai
3. vão
4. vai
5. vai
6. vou
7. vão
8. vou
9. vou
10. vou
11. vamos
12. vai
13. vai
14. vai
15. vou
16. vai
17. vamos
18. vai
19. vai
20. vamos
21. vão
22. vai
23. vai
24. vamos
25. vai
26. vai
27. vai
28. vou
29. vão
30. vai
31. vai / vai
32. vão

UNIDADE 16

1. tão / quanto
2. tão / quanto
3. tão / quanto
4. tão / quanto
5. tão / quanto
6. tão / quanto
7. tão / quanto
8. tão / quanto
9. tão / quanto
10. tão / quanto
11. tão / quanto
12. mais / (do) que
13. mais / (do) que
14. mais / (do) que
15. mais / (do) que
16. mais / (do) que
17. mais / (do) que
18. mais / (do) que

19. mais / (do) que
20. mais / (do) que
21. mais / (do) que
22. mais / (do) que
23. menos / (do) que
24. menos / (do) que
25. menos / (do) que
26. menos / (do) que
27. menos / (do) que
28. menos / (do) que
29. menos / (do) que
30. menos / (do) que
31. menos / (do) que
32. menos / (do) que
33. menos / (do) que
34. menos / (do) que
35. menos / (do) que
36. menos / (do) que
37. menos / (do) que
38. menos / (do) que
39. menos / (do) que
40. menos / (do) que
41. menos / (do) que
42. menos / (do) que

UNIDADE 17

1. atendo
2. abro
3. bebemos / comemos
4. mostra
5. aprende
6. trabalham
7. atendemos
8. aprendo
9. escrevem
10. trabalha
11. abrem
12. parte
13. vivem
14. troca
15. aprendo
16. vamos
17. têm
18. molho
19. procura
20. ouvimos
21. leem
22. escreve
23. almoça
24. lava
25. conserta
26. faz
27. vê
28. ouve
29. arruma
30. volta

UNIDADE 18

1. estou atendendo
2. está abrindo
3. estamos comendo
4. está mostrando
5. está aprendendo
6. estão trabalhando
7. estamos atendendo
8. estou aprendendo
9. estão escrevendo
10. está trabalhando
11. estão abrindo
12. está partindo
13. estão vivendo
14. está trocando
15. estou aprendendo
16. estamos indo
17. está tendo
18. estou molhando
19. está procurando
20. estamos ouvindo
21. estão lendo
22. está escrevendo
23. está almoçando
24. está lavando
25. está consertando
26. está fazendo
27. está vendo
28. está ouvindo
29. está arrumando
30. está voltando

UNIDADE 19

A.

1. alguns
2. algumas
3. algumas
4. alguns
5. cada
6. cada
7. cada
8. certas
9. certos
10. certa
11. diferentes
12. diferentes
13. diferentes
14. diversas
15. diversos
16. diversas
17. muitas
18. muitos
19. muita
20. nenhum
21. nenhuma
22. nenhum
23. outro
24. outra
25. outros
26. pouco
27. pouca
28. poucos
29. qualquer
30. quaisquer
31. quantos
32. quanto

33. quantas
34. tantas
35. tantos
36. tanto
37. todo
38. todas
39. todos
B. todas / nenhuma / alguns / alguém

UNIDADE 20

1. tão quanto
2. tão quanto
3. tão quanto
4. tão quanto
5. tão quanto
6. tão quanto
7. tão quanto
8. tão quanto
9. tão quanto
10. tão quanto
11. tão quanto
12. tão quanto
13. tão quanto
14. tão quanto
15. tão quanto
16. tanto quanto
17. tantos quanto
18. tanto quanto
19. tanta quanto
20. tantos quanto
21. tantas quanto
22. tanto quanto
23. tanto quanto
24. tanto quanto
25. tanto quanto
26. tanto quanto
27. tanto quanto
28. tanto quanto
29. tanto quanto
30. tanto quanto

UNIDADE 21

1. precisa de
2. precisa
3. precisa
4. precisa de
5. precisa
6. preciso de
7. precisa de
8. precisa
9. precisa
10. precisa
11. precisa
12. precisa
13. precisa
14. precisa
15. precisa
16. precisa de
17. precisamos de
18. precisa
19. precisam
20. precisa de
21. resposta pessoal
22. resposta pessoal
23. resposta pessoal
24. resposta pessoal
25. resposta pessoal
26. resposta pessoal
27. resposta pessoal
28. resposta pessoal
29. resposta pessoal
30. resposta pessoal

UNIDADE 22

1. estudaremos / fará / continuará
2. chegaremos
3. visitarão
4. farão / iremos / iremos
5. fará / trará
6. dirá
7. trará
8. amará
9. aceitará / aceitará
10. viveremos / viveremos
11. virão / virão
12. partirá
13. traremos
14. viajará
15. falarei
16. venderá
17. faremos
18. dirá
19. direi
20. dirão
21. farão
22. trará
23. trarei
24. farão
25. trará
26. dirá
27. dará
28. fará
29. comprará
30. aconselhará

UNIDADE 23

1. estava fazendo
2. estava lendo
3. estávamos conversando
4. estávamos corrigindo
5. estávamos fazendo
6. estava chovendo
7. estavam brincando
8. estava datilografando
9. estavam fazendo
10. estavam fazendo
11. estava estudando
12. estava lendo
13. estava atendendo
14. estavam depositando
15. estávamos trabalhando
16. estavam batendo
17. estava jogando
18. estava pedindo
19. estava informando-se
20. estava preenchendo
21. estava reclamando
22. estava endossando
23. estava comprando
24. estava dirigindo-se
25. estava enviando
26. estava reclamando

27. estava pedindo
28. estava fazendo
29. estava pagando
30. estava requisitando

UNIDADE 24

1. quereria / poderia
2. gostariam / gostaríamos
3. poderia
4. poderia
5. dormiria
6. faria
7. andaria
8. comeria
9. beberia
10. diria
11. iria
12. pararia
13. iria
14. teria
15. comeria
16. vestiria
17. dormiria
18. traria
19. escreveria
20. cantaria
21. faria
22. construiria
23. aprenderia
24. saberia
25. diria
26. faria
27. acenderia
28. subiria
29. relembraria
30. procuraria

UNIDADE 25

1. ficar
2. ficaram / ficamos
3. há
4. ficar
5. há
6. há
7. aconteceu
8. fica
9. fica
10. fica
11. aconteceu
12. há
13. há
14. ficou
15. ficou
16. aconteceu
17. acontecer
18. acontece
19. acontecendo
20. aconteceu
21. fica
22. ficamos
23. há
24. aconteceu
25. acontece
26. acontece
27. há
28. acontece
29. aconteceu
30. havia

UNIDADE 26

1. consinto
2. sinto
3. visto
4. prefiro
5. visto
6. sinto
7. saio
8. saio
9. consigo
10. subo
11. fujo
12. sumo

13. subo
14. subo
15. durmo
16. subo
17. prefiro
18. sinto
19. me divirto
20. se cobrem / me descubro
21. fujo
22. sentem / ouvem
23. serve
24. se veste
25. se divertem
26. mentem
27. me sinto
28. me visto
29. serve
30. servem
31. vem
32. venho / vem
33. vem / vir
34. vimos
35. venho
36. vem
37. venho
38. vêm / vêm
39. vem
40. vem

UNIDADE 27

1. pela
2. para
3. para
4. para
5. por
6. para
7. por
8. para
9. por
10. para / para
11. para
12. por
13. por
14. para
15. por / pela
16. por
17. para
18. para / pelo
19. por
20. por
21. para
22. para
23. por
24. para
25. pela
26. para
27. para
28. por
29. para / por
30. por
31. por
32. por / por
33. pela
34. por / pelo
35. por
36. para
37. por
38. pela
39. por
40. para

UNIDADE 28

1. tenho trabalhado
2. tenho ficado
3. tenho vendido
4. tenho atendido
5. tenho dormido
6. tenho assistido
7. tenho descansado
8. tenho ido
9. tenho feito
10. tenho gastado
11. tenho ganhado

12. tenho vindo
13. tenho falado
14. tenho escrito
15. tenho visto
16. tenho aberto
17. tenho posto
18. tenho estado
19. tenho tido
20. tenho feito
21. tenho visitado
22. tenho comido e dormido
23. tenho feito
24. tenho ouvido
25. tenho ido
26. tenho tomado
27. tenho dançado
28. tenho passado
29. tenho feito
30. tenho curtido
31. tenho pagado
32. tenho dado
33. tenho frequentado
34. tenho dormido

UNIDADE 29

1. tinha visto
2. tinha ganhado
3. tinha fechado
4. tinha gastado
5. tinham vindo
6. tinha coberto
7. tinha saído
8. tinha visto
9. tinha estudado
10. tinha contado
11. tinha feito
12. tinha aberto
13. tínhamos ganhado
14. tinha dito
15. tinham feito
16. tinham gastado
17. tinha ouvido
18. tinha visto
19. tinha partido
20. tinha decolado
21. tinha desistido
22. tinha discutido
23. tinham ido
24. tínhamos almoçado
25. tínhamos chegado
26. tínhamos saído
27. tinham comido
28. tinha dado
29. tinha morrido
30. tinha recomendado

UNIDADE 30

1. retribuo
2. diminuo
3. construo
4. atribuo
5. possuímos
6. inclui
7. contribuem
8. destrói
9. atribuem
10. afluem
11. instruímos
12. possui

13. construo
14. influi
15. restitui
16. instituiu
17. diminui
18. possuímos
19. destrói
20. reconstruiu
21. constroem
22. substitui
23. distribuem
24. atribuo
25. retribuo
26. distribui
27. constitui
28. destroem
29. distribui
30. constituem

UNIDADE 31

1. tiver
2. ficarmos
3. perder
4. estiver
5. preferirem
6. estivermos
7. houver
8. encontrar
9. virem
10. quiser
11. puderem
12. trouxerem
13. for
14. houver
15. comer
16. ficar
17. estiver
18. gostar
19. melhorar
20. engordarmos
21. trouxerem
22. estiver
23. abrirmos
24. puder
25. der
26. vender
27. for
28. comer
29. estiver
30. fizer

UNIDADE 32

1. tivesse
2. recebesse
3. saísse
4. obtivesse
5. estudasse
6. fosse
7. completasse
8. verificasse
9. calibrasse
10. limpasse
11. pusesse
12. ficasse
13. estudasse
14. estivesse
15. bebesse / ficasse
16. lesse
17. soubesse
18. pudesse
19. fôssemos
20. visse
21. tivessem
22. estivesse
23. fosse
24. fosse
25. quisesse
26. estivesse
27. fosse

28. quisesse
29. tivesse
30. estivessem

UNIDADE 33

1. faça
2. aconteça
3. vá
4. seja
5. perca
6. falem
7. saibam
8. machuquem
9. haja
10. tenha
11. ouçam
12. compreendam
13. vejam
14. ajude
15. vista
16. prefira
17. fique
18. queiram
19. haja
20. dê
21. deixe / demos
22. dê
23. tenha
24. sinta
25. chova
26. cheguem
27. aprenda
28. escovem
29. peçam
30. comprem

UNIDADE 34

1. tinha saído
2. temos visitado
3. tenho estado
4. terei terminado
5. tem chovido
6. estavam saindo
7. tem estado
8. estamos falando
9. tenho estado
10. tinha conversado / teria feito
11. teria sido
12. tinham perdido
13. estávamos saindo
14. temos telefonado
15. estava indo
16. estava contando
17. tem vindo
18. teremos visto
19. terá gastado
20. terei feito
21. terá chegado
22. teria sido
23. teria feito
24. teria aberto
25. terá saído
26. teria visto
27. teria descoberto
28. terei visto
29. teria visto
30. teria ido

UNIDADE 35

1. tenha conseguido
2. tivesse contado
3. tiver chegado
4. tivéssemos sido
5. tivesse terminado
6. tenham feito
7. tiver recebido
8. tenha lido
9. tivesse insistido
10. tiver acabado
11. tenha chegado
12. tivesse chovido
13. tivéssemos esperado
14. tiver deixado
15. tivesse visto
16. tivesse seguido
17. tenham vindo
18. tenha acabado
19. tiver feito
20. tivesse chegado
21. tenha arrumado
22. tenha tirado
23. tiverem acabado
24. tiver visto
25. tiver chegado
26. tivesse bebido
27. tivessem brigado
28. tivesse ido
29. tivesse chovido
30. tivesse escutado

UNIDADE 36

1. estarmos
2. irem
3. fazermos
4. sair
5. conseguirem
6. comemorarmos
7. estar
8. acabar
9. pedirmos
10. descerem
11. chegarmos
12. terminarem
13. levarmos
14. receberem
15. terminarem
16. chegarmos
17. falarmos
18. partirem
19. tomarem
20. saírem
21. interromper
22. ficar
23. acabar
24. chegarem
25. lerem
26. mandarmos
27. desejarem
28. fazerem
29. aprenderem
30. voltarem

TESTE DE NÍVEL

A.

1. conheci
2. vamos
3. vêm
4. era / estudava
5. fazia
6. colocava
7. passou
8. assistia / leu
9. comprou / veio
10. trabalhou / morava

B.

1. me
2. lhe
3. nos
4. a
5. os
6. o
7. lhes
8. lhe
9. os
10. te

C.

1. pague
2. fosse
3. vá
4. peça
5. fizesse
6. tivesse dito
7. estejam
8. alugue
9. esqueça
10. tivesse feito
11. tinha comprado
12. ir
13. vá
14. for
15. chegue

REFERÊNCIAS

Academia Brasileira de Letras. Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Global, 2009.

AULETE, Caldas. Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2011.

BECHARA, Evanildo. Moderna gramática da língua portuguesa. 37. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.

BECHARA, Evanildo. O que muda com o novo acordo ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

BORBA, Francisco S. Dicionário Unesp do português contemporâneo. Curitiba: Piá, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

LOPES, Karolina. Minimanual de gramática. São Paulo: DCL, 2010.

MARTINO, Agnaldo. Português esquematizado: gramática, interpretação de texto, redação oficial, redação discursiva. São Paulo: Saraiva, 2012.

MESQUITA, Roberto Melo. Gramática da língua portuguesa. 10. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2009.

SARMENTO, Leila Lauar. Gramática em textos. 2. ed. rev. São Paulo: Moderna, 2005.

Estratégia
CONCURSOS

Aula 08

Português p/ Polícia Civil-PA (Todos os Cargos) - Com videoaulas

Professores: Equipe Rafaela Freitas, Rafaela Freitas

Aula 08

Revisão Final - FUNCAB

Como vão, amigos? Tudo bem?

Estamos finalizando o meu curso. Esta aula é especial: uma coletânea de questões recentes da **FUNCAB**, todas de 2016. Ótima oportunidade para testar o seu estudo e para conhecer ainda mais a banca examinadora do certame!! Será bem legal!

Espero que gostem!!

SUMÁRIO

QUESTÕES SEM COMENTÁRIOS.........02
QUESTÕES COMENTADAS.........24
GABARITO.........56
MEU ATÉ BREVE.........57

Nada é impossível para aqueles que fazem da dificuldade uma oportunidade!!

Que tal um teste? Façam primeiro as provas sozinhos, sem os meus comentários e sem gabarito. Em seguida, vou repetir a prova para que vocês confiram o gabarito e vejam as minhas considerações e explicações! Espero que a média de acertos seja boa!!!

Bons estudos!

PROVA 01. Técnico Administrativo – ANS – 2016

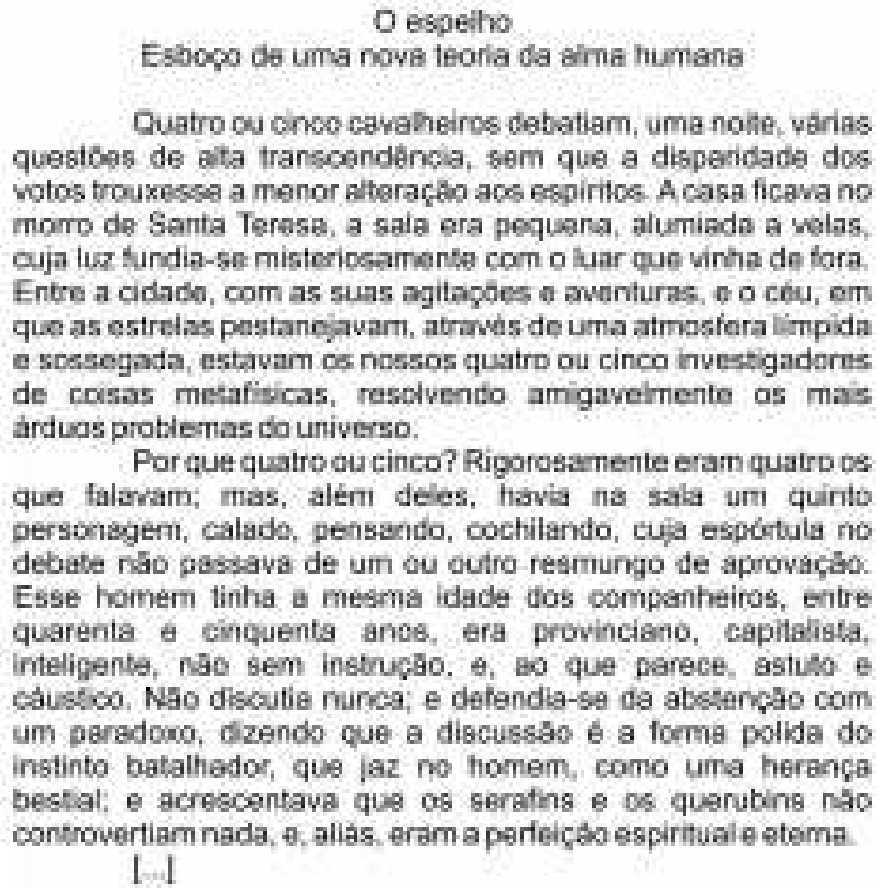

O espelho
Esboço de uma nova teoria da alma humana

Quatro ou cinco cavalheiros debatiam, uma noite, várias questões de alta transcendência, sem que a disparidade dos votos trouxesse a menor alteração aos espíritos. A casa ficava no morro de Santa Teresa, a sala era pequena, alumiada a velas, cuja luz fundia-se misteriosamente com o luar que vinha de fora. Entre a cidade, com as suas agitações e aventuras, e o céu, em que as estrelas pestanejavam, através de uma atmosfera límpida e sossegada, estavam os nossos quatro ou cinco investigadores de coisas metafísicas, resolvendo amigavelmente os mais árduos problemas do universo.

Por que quatro ou cinco? Rigorosamente eram quatro os que falavam; mas, além deles, havia na sala um quinto personagem, calado, pensando, cochilando, cuja espórtula no debate não passava de um ou outro resmungo de aprovação. Esse homem tinha a mesma idade dos companheiros, entre quarenta e cinquenta anos, era provinciano, capitalista, inteligente, não sem instrução, e, ao que parece, astuto e cáustico. Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão é a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial; e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna.

[...]

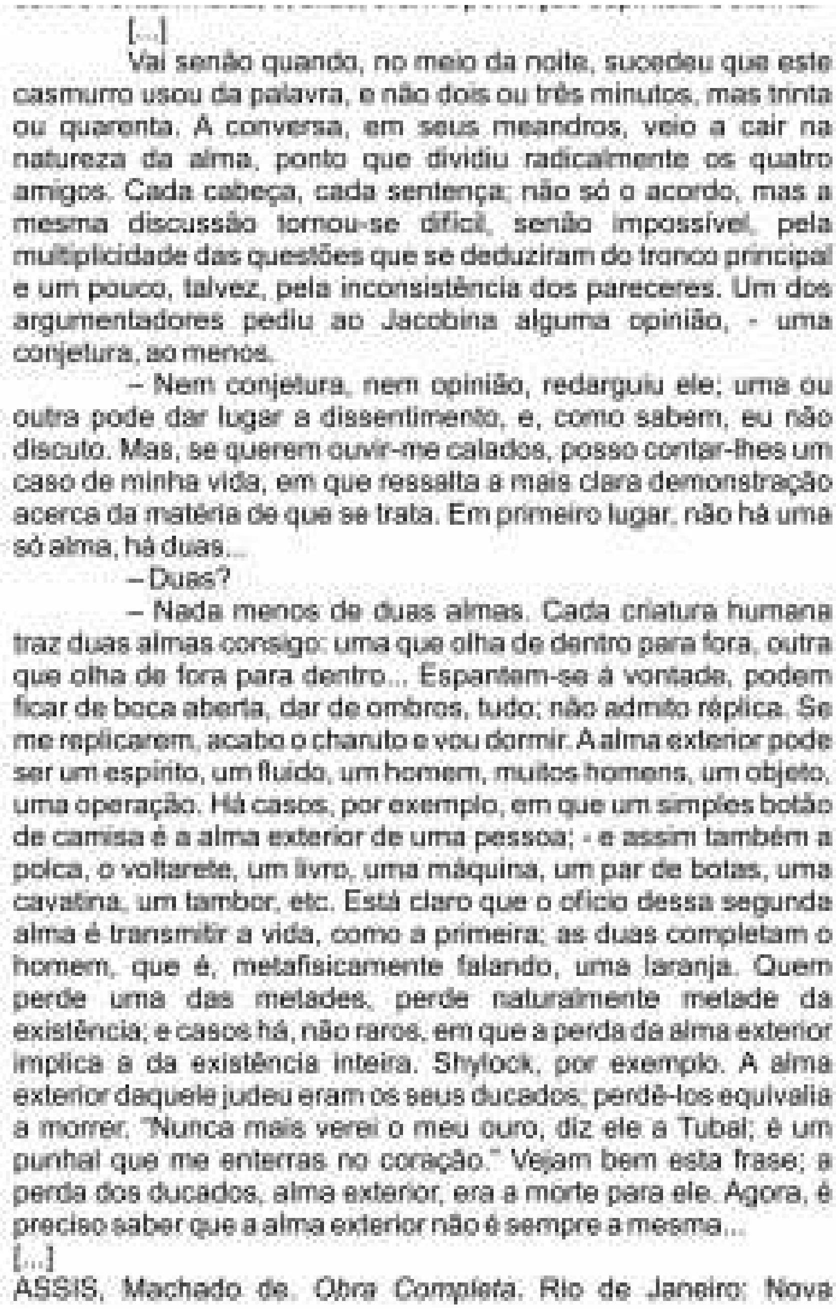

[...]

Vai senão quando, no meio da noite, sucedeu que este casmurro usou da palavra, e não dois ou três minutos, mas trinta ou quarenta. A conversa, em seus meandros, veio a cair na natureza da alma, ponto que dividiu radicalmente os quatro amigos. Cada cabeça, cada sentença; não só o acordo, mas a mesma discussão tornou-se difícil, senão impossível, pela multiplicidade das questões que se deduziram do tronco principal e um pouco, talvez, pela inconsistência dos pareceres. Um dos argumentadores pediu ao Jacobina alguma opinião, - uma conjetura, ao menos.

– Nem conjetura, nem opinião, redarguiu ele; uma ou outra pode dar lugar a dissentimento, e, como sabem, eu não discuto. Mas, se querem ouvir-me calados, posso contar-lhes um caso de minha vida, em que ressalta a mais clara demonstração acerca da matéria de que se trata. Em primeiro lugar, não há uma só alma, há duas...

– Duas?

– Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro... Espantem-se à vontade, podem ficar de boca aberta, dar de ombros, tudo; não admito réplica. Se me replicarem, acabo o charuto e vou dormir. A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; - e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor, etc. Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira. Shylock, por exemplo. A alma exterior daquele judeu eram os seus ducados; perdê-los equivalia a morrer. "Nunca mais verei o meu ouro, diz ele a Tubal; é um punhal que me enterras no coração." Vejam bem esta frase; a perda dos ducados, alma exterior, era a morte para ele. Agora, é preciso saber que a alma exterior não é sempre a mesma...

[...]

ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova

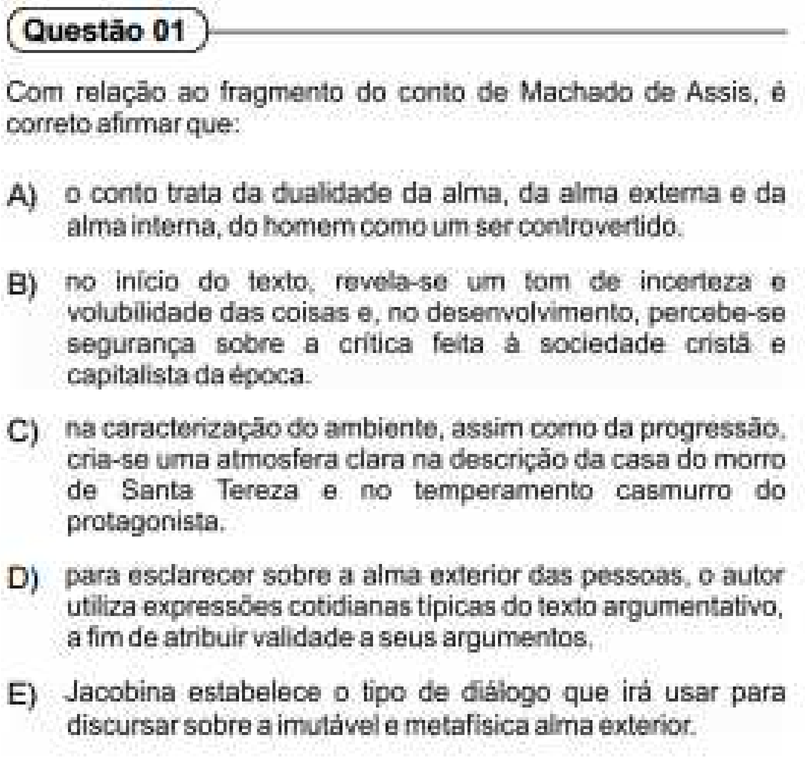

Questão 01

Com relação ao fragmento do conto de Machado de Assis, é correto afirmar que:

A) o conto trata da dualidade da alma, da alma externa e da alma interna, do homem como um ser controvertido.

B) no início do texto, revela-se um tom de incerteza e volubilidade das coisas e, no desenvolvimento, percebe-se segurança sobre a crítica feita à sociedade cristã e capitalista da época.

C) na caracterização do ambiente, assim como da progressão, cria-se uma atmosfera clara na descrição da casa do morro de Santa Tereza e no temperamento casmurro do protagonista.

D) para esclarecer sobre a alma exterior das pessoas, o autor utiliza expressões cotidianas típicas do texto argumentativo, a fim de atribuir validade a seus argumentos.

E) Jacobina estabelece o tipo de diálogo que irá usar para discursar sobre a imutável e metafísica alma exterior.

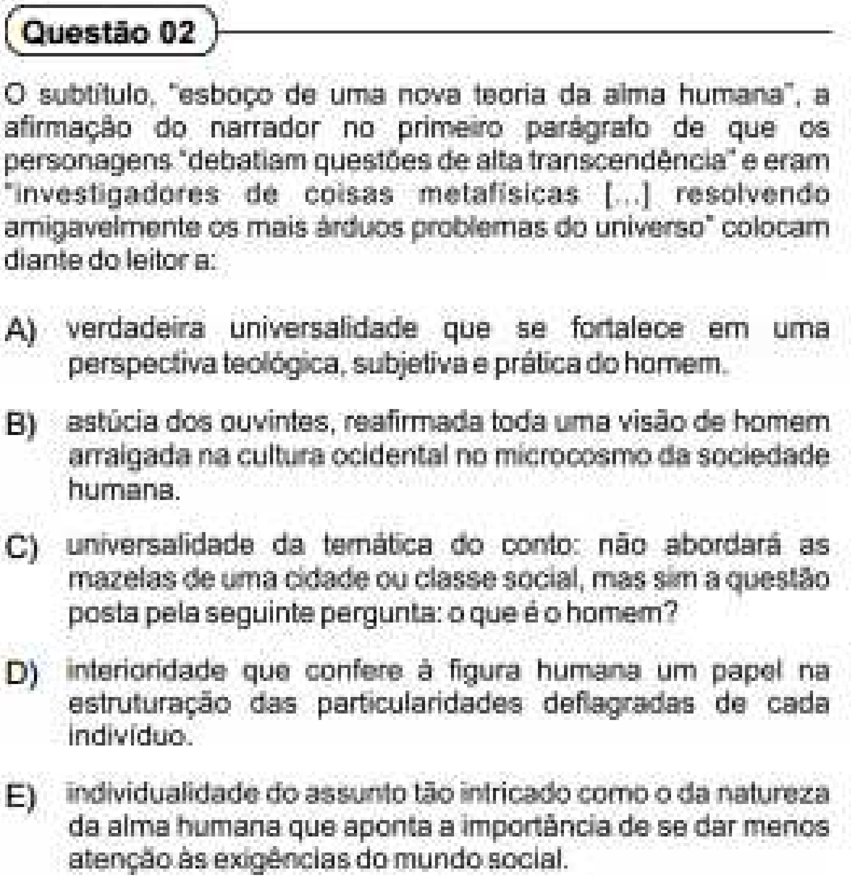

Questão 02

O subtítulo, "esboço de uma nova teoria da alma humana", a afirmação do narrador no primeiro parágrafo de que os personagens "debatiam questões de alta transcendência" e eram "investigadores de coisas metafísicas [...] resolvendo amigavelmente os mais árduos problemas do universo" colocam diante do leitor a:

A) verdadeira universalidade que se fortalece em uma perspectiva teológica, subjetiva e prática do homem.

B) astúcia dos ouvintes, reafirmada toda uma visão de homem arraigada na cultura ocidental no microcosmo da sociedade humana.

C) universalidade da temática do conto: não abordará as mazelas de uma cidade ou classe social, mas sim a questão posta pela seguinte pergunta: o que é o homem?

D) interioridade que confere à figura humana um papel na estruturação das particularidades deflagradas de cada indivíduo.

E) individualidade do assunto tão intricado como o da natureza da alma humana que aponta a importância de se dar menos atenção às exigências do mundo social.

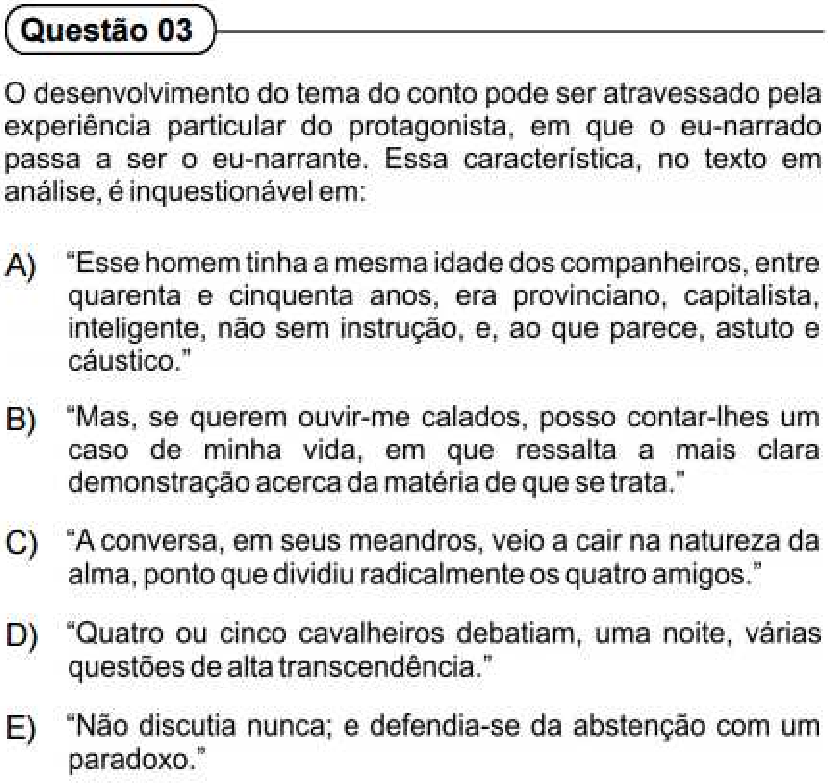

Questão 03

O desenvolvimento do tema do conto pode ser atravessado pela experiência particular do protagonista, em que o eu-narrado passa a ser o eu-narrante. Essa característica, no texto em análise, é inquestionável em:

A) "Esse homem tinha a mesma idade dos companheiros, entre quarenta e cinquenta anos, era provinciano, capitalista, inteligente, não sem instrução, e, ao que parece, astuto e cáustico."

B) "Mas, se querem ouvir-me calados, posso contar-lhes um caso de minha vida, em que ressalta a mais clara demonstração acerca da matéria de que se trata."

C) "A conversa, em seus meandros, veio a cair na natureza da alma, ponto que dividiu radicalmente os quatro amigos."

D) "Quatro ou cinco cavalheiros debatiam, uma noite, várias questões de alta transcendência."

E) "Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo."

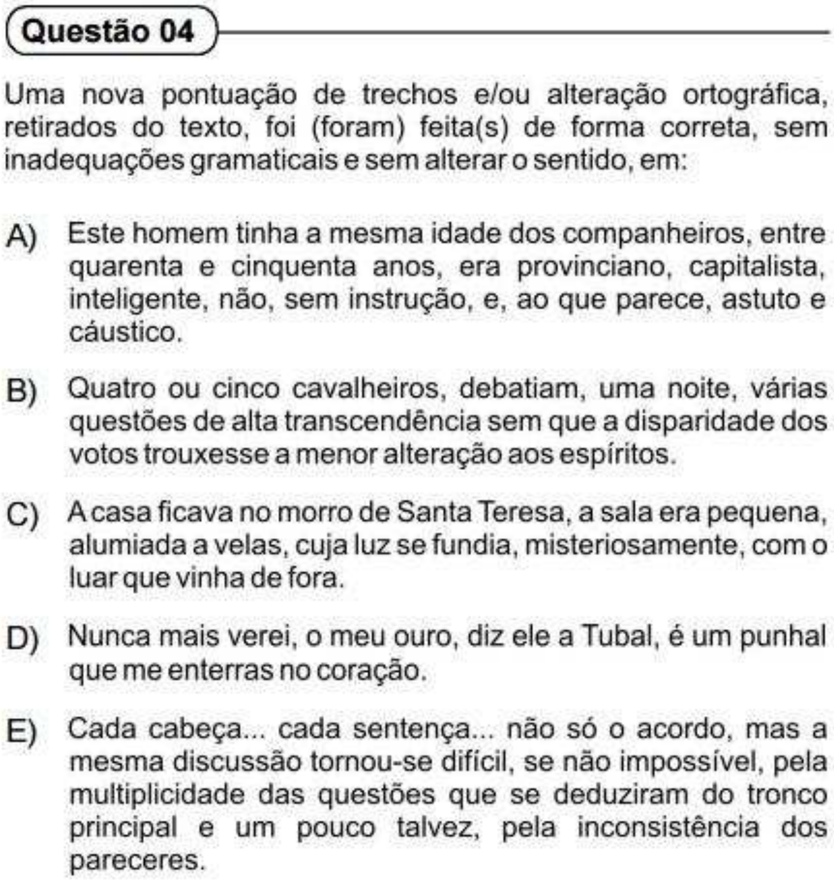

Questão 04

Uma nova pontuação de trechos e/ou alteração ortográfica, retirados do texto, foi (foram) feita(s) de forma correta, sem inadequações gramaticais e sem alterar o sentido, em:

A) Este homem tinha a mesma idade dos companheiros, entre quarenta e cinquenta anos, era provinciano, capitalista, inteligente, não, sem instrução, e, ao que parece, astuto e cáustico.

B) Quatro ou cinco cavalheiros, debatiam, uma noite, várias questões de alta transcendência sem que a disparidade dos votos trouxesse a menor alteração aos espíritos.

C) A casa ficava no morro de Santa Teresa, a sala era pequena, alumiada a velas, cuja luz se fundia, misteriosamente, com o luar que vinha de fora.

D) Nunca mais verei, o meu ouro, diz ele a Tubal, é um punhal que me enterras no coração.

E) Cada cabeça... cada sentença... não só o acordo, mas a mesma discussão tornou-se difícil, se não impossível, pela multiplicidade das questões que se deduziram do tronco principal e um pouco talvez, pela inconsistência dos pareceres.

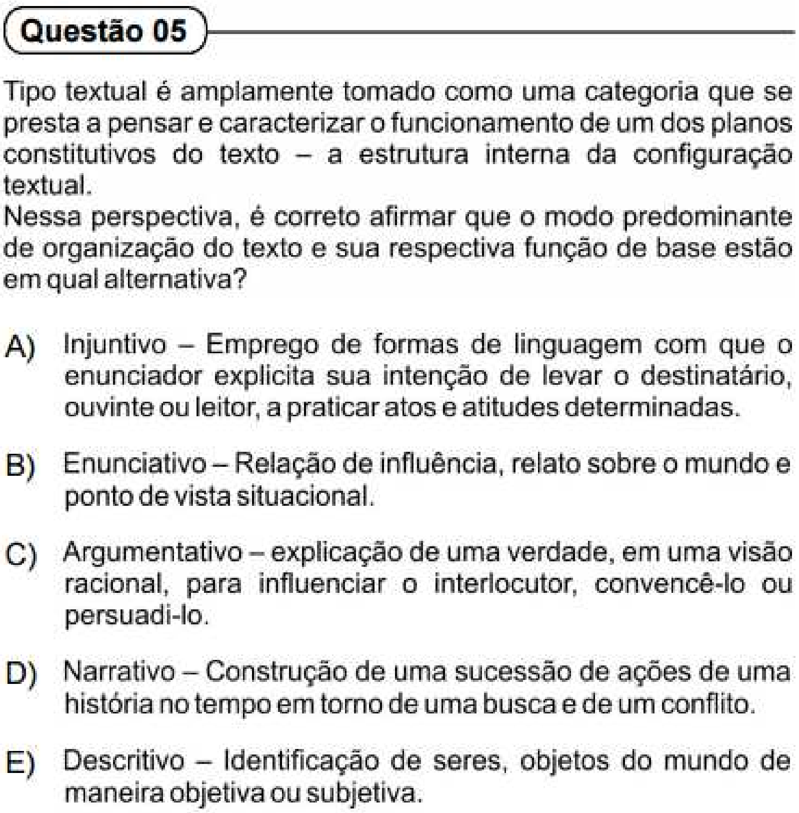

Questão 05

Tipo textual é amplamente tomado como uma categoria que se presta a pensar e caracterizar o funcionamento de um dos planos constitutivos do texto – a estrutura interna da configuração textual.
Nessa perspectiva, é correto afirmar que o modo predominante de organização do texto e sua respectiva função de base estão em qual alternativa?

A) Injuntivo – Emprego de formas de linguagem com que o enunciador explicita sua intenção de levar o destinatário, ouvinte ou leitor, a praticar atos e atitudes determinadas.

B) Enunciativo – Relação de influência, relato sobre o mundo e ponto de vista situacional.

C) Argumentativo – explicação de uma verdade, em uma visão racional, para influenciar o interlocutor, convencê-lo ou persuadi-lo.

D) Narrativo – Construção de uma sucessão de ações de uma história no tempo em torno de uma busca e de um conflito.

E) Descritivo – Identificação de seres, objetos do mundo de maneira objetiva ou subjetiva.

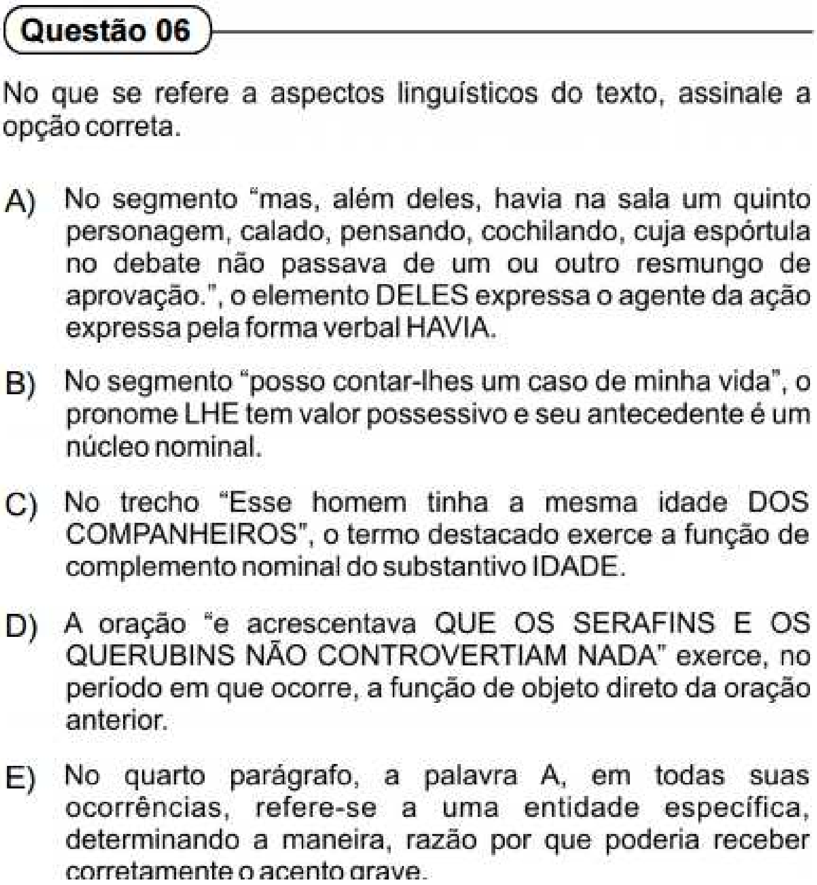

Questão 06

No que se refere a aspectos linguísticos do texto, assinale a opção correta.

A) No segmento "mas, além deles, havia na sala um quinto personagem, calado, pensando, cochilando, cuja espórtula no debate não passava de um ou outro resmungo de aprovação.", o elemento DELES expressa o agente da ação expressa pela forma verbal HAVIA.

B) No segmento "posso contar-lhes um caso de minha vida", o pronome LHE tem valor possessivo e seu antecedente é um núcleo nominal.

C) No trecho "Esse homem tinha a mesma idade DOS COMPANHEIROS", o termo destacado exerce a função de complemento nominal do substantivo IDADE.

D) A oração "e acrescentava QUE OS SERAFINS E OS QUERUBINS NÃO CONTROVERTIAM NADA" exerce, no período em que ocorre, a função de objeto direto da oração anterior.

E) No quarto parágrafo, a palavra A, em todas suas ocorrências, refere-se a uma entidade específica, determinando a maneira, razão por que poderia receber corretamente o acento grave.

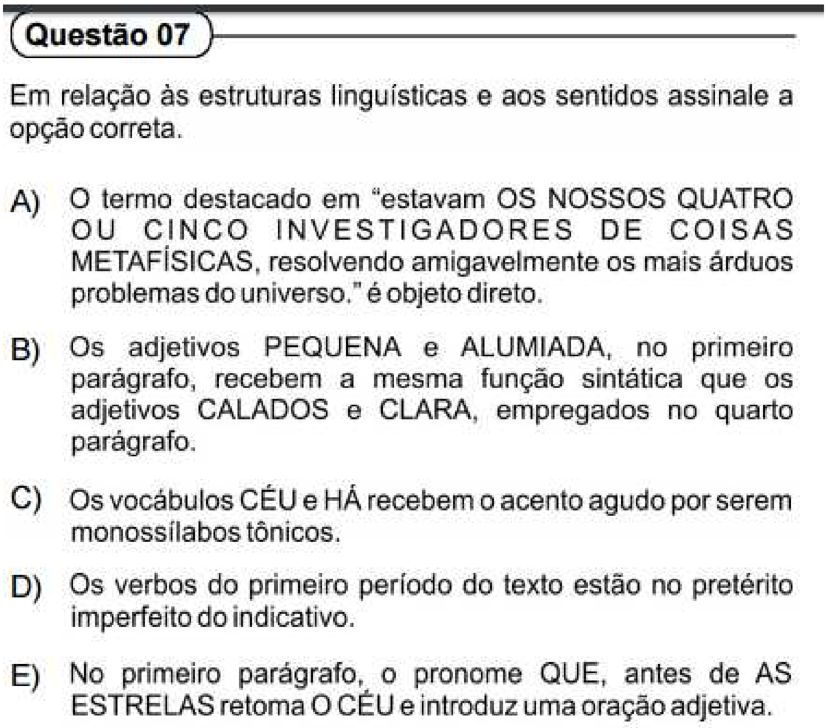

Questão 07

Em relação às estruturas linguísticas e aos sentidos assinale a opção correta.

A) O termo destacado em "estavam OS NOSSOS QUATRO OU CINCO INVESTIGADORES DE COISAS METAFÍSICAS, resolvendo amigavelmente os mais árduos problemas do universo." é objeto direto.

B) Os adjetivos PEQUENA e ALUMIADA, no primeiro parágrafo, recebem a mesma função sintática que os adjetivos CALADOS e CLARA, empregados no quarto parágrafo.

C) Os vocábulos CÉU e HÁ recebem o acento agudo por serem monossílabos tônicos.

D) Os verbos do primeiro período do texto estão no pretérito imperfeito do indicativo.

E) No primeiro parágrafo, o pronome QUE, antes de AS ESTRELAS retoma O CÉU e introduz uma oração adjetiva.

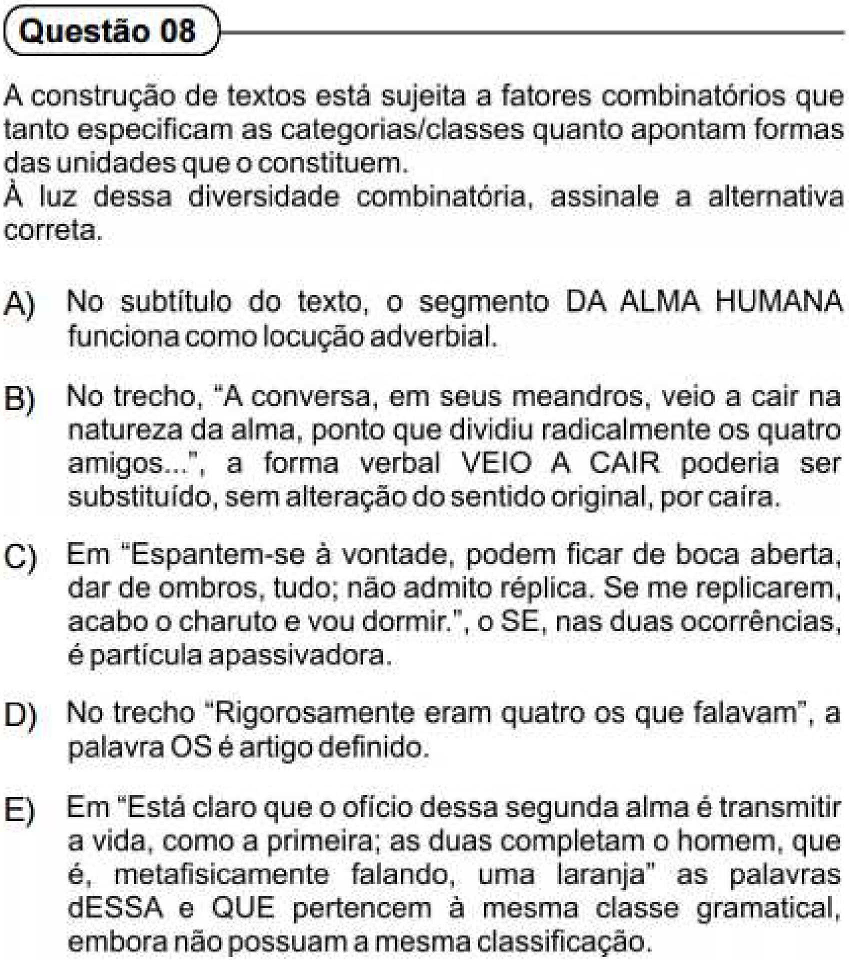

Questão 08

A construção de textos está sujeita a fatores combinatórios que tanto especificam as categorias/classes quanto apontam formas das unidades que o constituem.
À luz dessa diversidade combinatória, assinale a alternativa correta.

A) No subtítulo do texto, o segmento DA ALMA HUMANA funciona como locução adverbial.

B) No trecho, "A conversa, em seus meandros, veio a cair na natureza da alma, ponto que dividiu radicalmente os quatro amigos...", a forma verbal VEIO A CAIR poderia ser substituído, sem alteração do sentido original, por caíra.

C) Em "Espantem-se à vontade, podem ficar de boca aberta, dar de ombros, tudo; não admito réplica. Se me replicarem, acabo o charuto e vou dormir.", o SE, nas duas ocorrências, é partícula apassivadora.

D) No trecho "Rigorosamente eram quatro os que falavam", a palavra OS é artigo definido.

E) Em "Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja" as palavras dESSA e QUE pertencem à mesma classe gramatical, embora não possuam a mesma classificação.

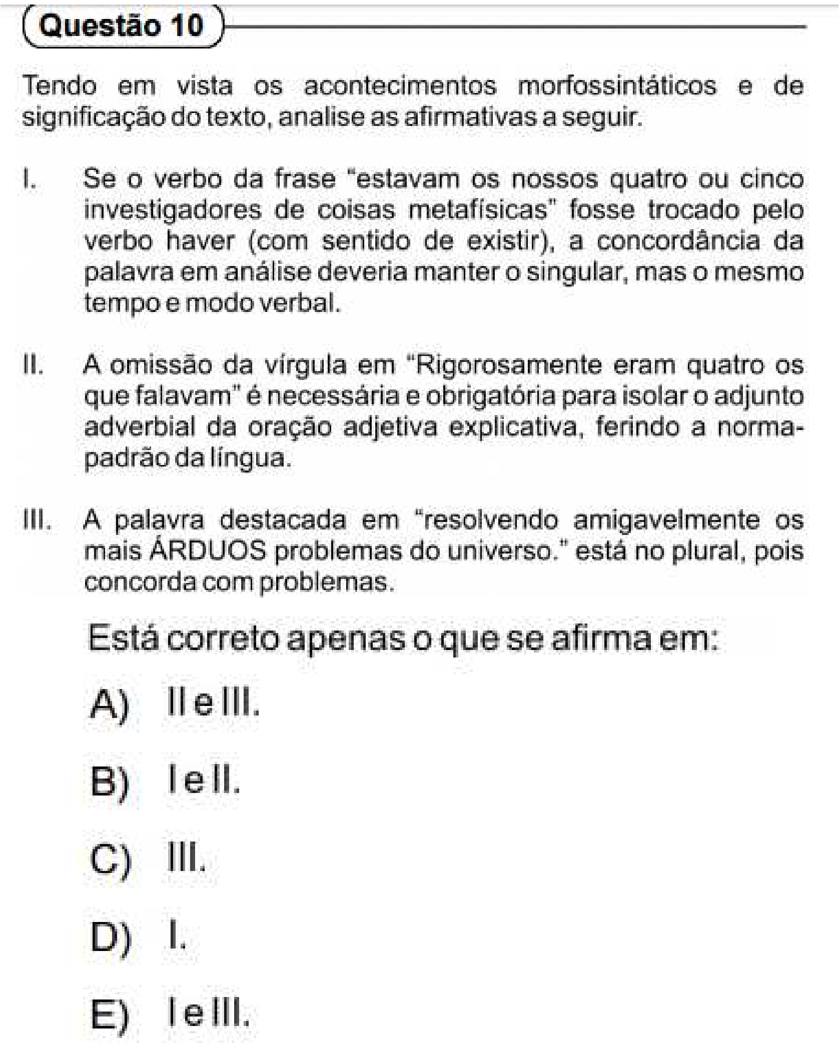

Questão 10

Tendo em vista os acontecimentos morfossintáticos e de significação do texto, analise as afirmativas a seguir.

I. Se o verbo da frase "estavam os nossos quatro ou cinco investigadores de coisas metafísicas" fosse trocado pelo verbo haver (com sentido de existir), a concordância da palavra em análise deveria manter o singular, mas o mesmo tempo e modo verbal.

II. A omissão da vírgula em "Rigorosamente eram quatro os que falavam" é necessária e obrigatória para isolar o adjunto adverbial da oração adjetiva explicativa, ferindo a norma-padrão da língua.

III. A palavra destacada em "resolvendo amigavelmente os mais ÁRDUOS problemas do universo." está no plural, pois concorda com problemas.

Está correto apenas o que se afirma em:

A) II e III.

B) I e II.

C) III.

D) I.

E) I e III.

PROVA 2 – Técnico em Regulação – ANS - 2016

A banca trouxe um belo texto literário do tipo narrativo, com as duas primeiras questões de interpretação textual, a terceira sobre topilogia e as demais de gramática.

Vamos aos comentários!

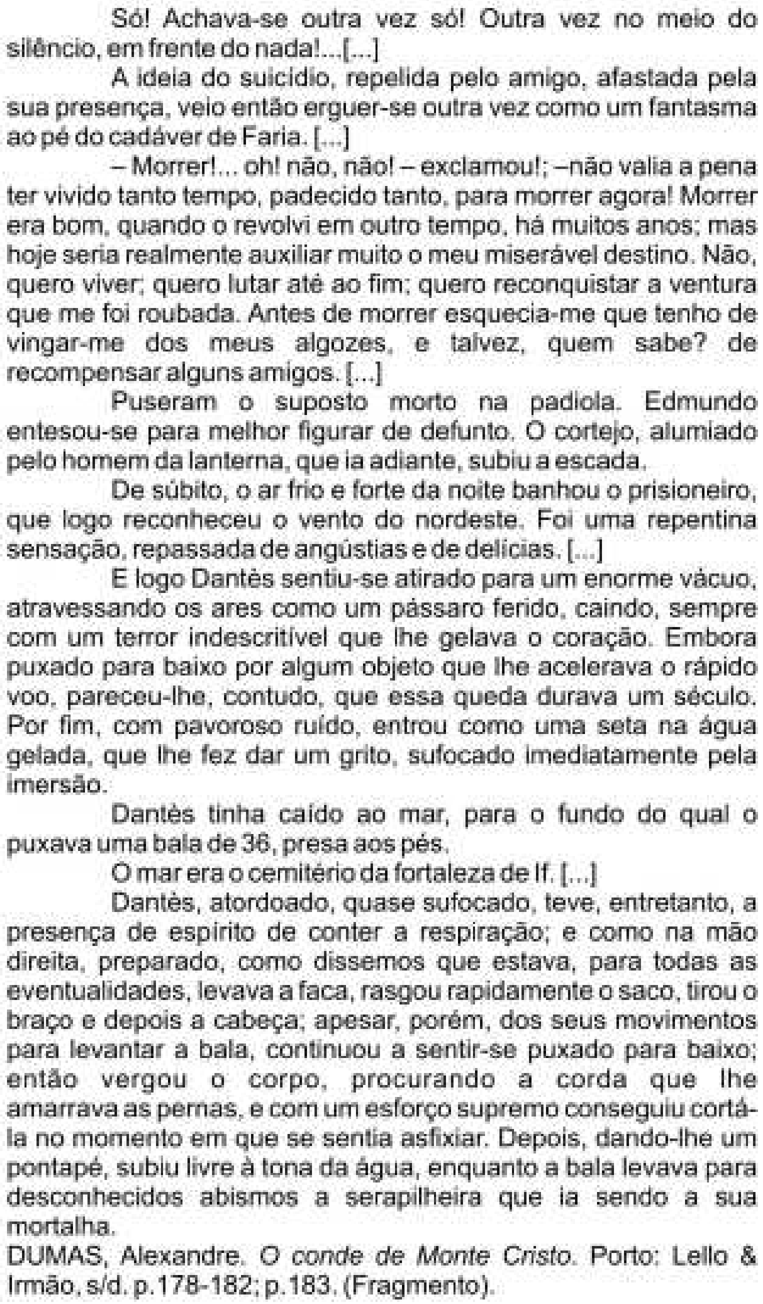

Só! Achava-se outra vez só! Outra vez no meio do silêncio, em frente do nada!...[...]

A ideia do suicídio, repelida pelo amigo, afastada pela sua presença, veio então erguer-se outra vez como um fantasma ao pé do cadáver de Faria. [...]

– Morrer!... oh! não, não! – exclamou!; –não valia a pena ter vivido tanto tempo, padecido tanto, para morrer agora! Morrer era bom, quando o revolvi em outro tempo, há muitos anos; mas hoje seria realmente auxiliar muito o meu miserável destino. Não, quero viver; quero lutar até ao fim; quero reconquistar a ventura que me foi roubada. Antes de morrer esquecia-me que tenho de vingar-me dos meus algozes, e talvez, quem sabe? de recompensar alguns amigos. [...]

Puseram o suposto morto na padiola. Edmundo entesou-se para melhor figurar de defunto. O cortejo, alumiado pelo homem da lanterna, que ia adiante, subiu a escada.

De súbito, o ar frio e forte da noite banhou o prisioneiro, que logo reconheceu o vento do nordeste. Foi uma repentina sensação, repassada de angústias e de delícias. [...]

E logo Dantès sentiu-se atirado para um enorme vácuo, atravessando os ares como um pássaro ferido, caindo, sempre com um terror indescritível que lhe gelava o coração. Embora puxado para baixo por algum objeto que lhe acelerava o rápido voo, pareceu-lhe, contudo, que essa queda durava um século. Por fim, com pavoroso ruído, entrou como uma seta na água gelada, que lhe fez dar um grito, sufocado imediatamente pela imersão.

Dantès tinha caído ao mar, para o fundo do qual o puxava uma bala de 36, presa aos pés.

O mar era o cemitério da fortaleza de If. [...]

Dantès, atordoado, quase sufocado, teve, entretanto, a presença de espírito de conter a respiração; e como na mão direita, preparado, como dissemos que estava, para todas as eventualidades, levava a faca, rasgou rapidamente o saco, tirou o braço e depois a cabeça; apesar, porém, dos seus movimentos para levantar a bala, continuou a sentir-se puxado para baixo; então vergou o corpo, procurando a corda que lhe amarrava as pernas, e com um esforço supremo conseguiu cortá-la no momento em que se sentia asfixiar. Depois, dando-lhe um pontapé, subiu livre à tona da água, enquanto a bala levava para desconhecidos abismos a serapilheira que ia sendo a sua mortalha.

DUMAS, Alexandre. *O conde de Monte Cristo*. Porto: Lello & Irmão, s/d. p.178-182; p.183. (Fragmento).

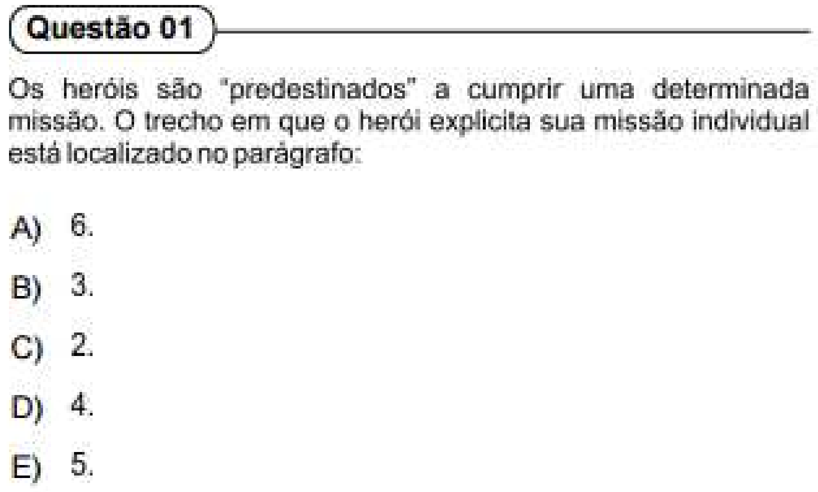

Questão 01

Os heróis são "predestinados" a cumprir uma determinada missão. O trecho em que o herói explicita sua missão individual está localizado no parágrafo:

A) 6.

B) 3.

C) 2.

D) 4.

E) 5.

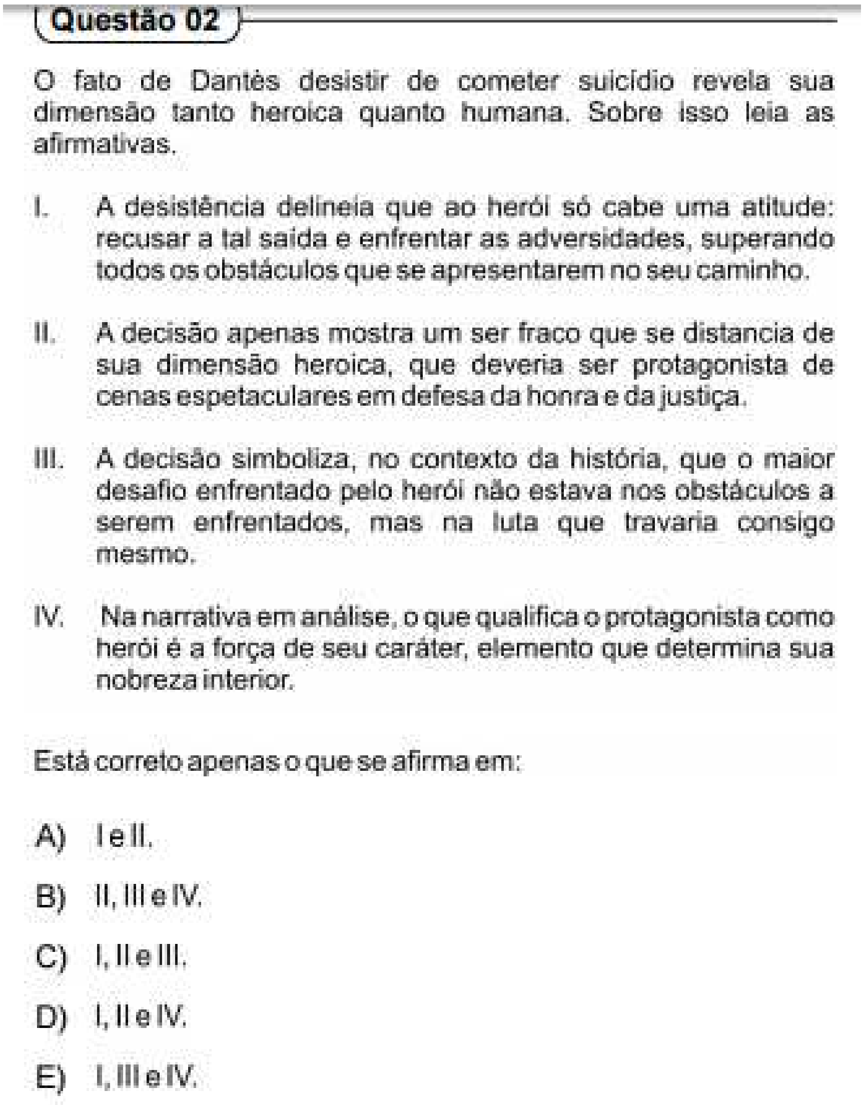

Questão 02

O fato de Dantès desistir de cometer suicídio revela sua dimensão tanto heroica quanto humana. Sobre isso leia as afirmativas.

I. A desistência delineia que ao herói só cabe uma atitude: recusar a tal saída e enfrentar as adversidades, superando todos os obstáculos que se apresentarem no seu caminho.

II. A decisão apenas mostra um ser fraco que se distancia de sua dimensão heroica, que deveria ser protagonista de cenas espetaculares em defesa da honra e da justiça.

III. A decisão simboliza, no contexto da história, que o maior desafio enfrentado pelo herói não estava nos obstáculos a serem enfrentados, mas na luta que travaria consigo mesmo.

IV. Na narrativa em análise, o que qualifica o protagonista como herói é a força de seu caráter, elemento que determina sua nobreza interior.

Está correto apenas o que se afirma em:

A) I e II.

B) II, III e IV.

C) I, II e III.

D) I, II e IV.

E) I, III e IV.

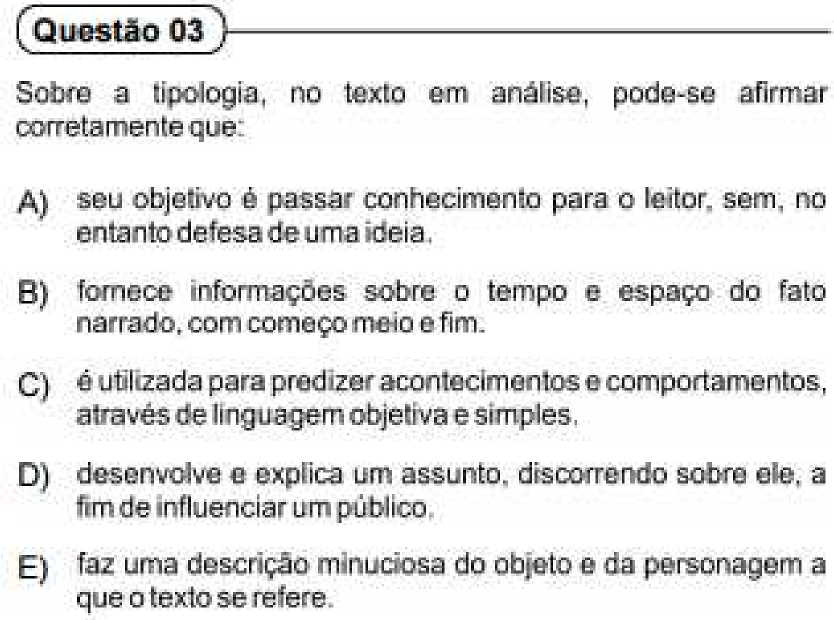

Questão 03

Sobre a tipologia, no texto em análise, pode-se afirmar corretamente que:

A) seu objetivo é passar conhecimento para o leitor, sem, no entanto defesa de uma ideia.

B) fornece informações sobre o tempo e espaço do fato narrado, com começo meio e fim.

C) é utilizada para predizer acontecimentos e comportamentos, através de linguagem objetiva e simples.

D) desenvolve e explica um assunto, discorrendo sobre ele, a fim de influenciar um público.

E) faz uma descrição minuciosa do objeto e da personagem a que o texto se refere.

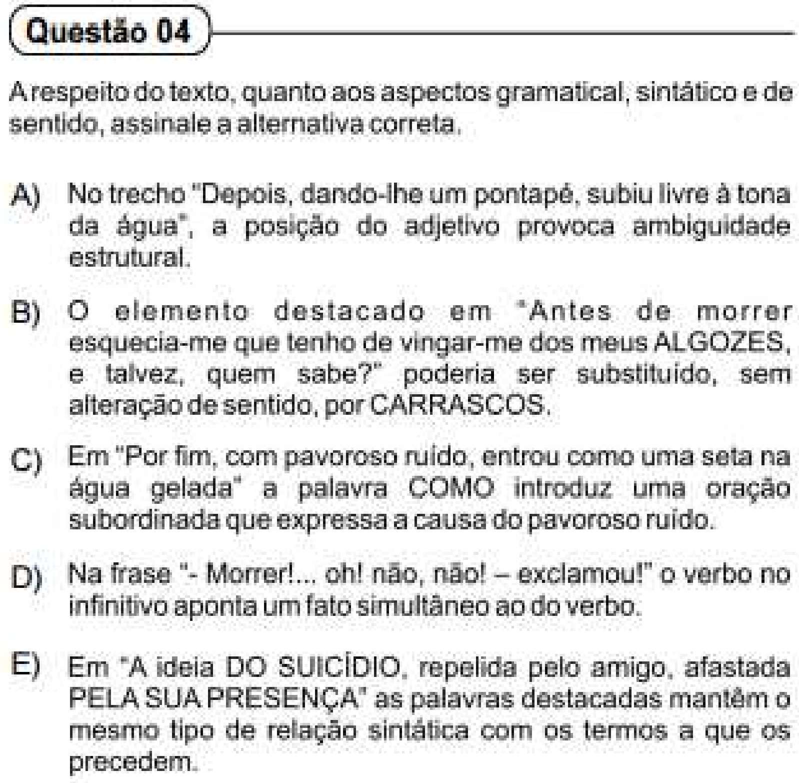

Questão 04

A respeito do texto, quanto aos aspectos gramatical, sintático e de sentido, assinale a alternativa correta.

A) No trecho "Depois, dando-lhe um pontapé, subiu livre à tona da água", a posição do adjetivo provoca ambiguidade estrutural.

B) O elemento destacado em "Antes de morrer esquecia-me que tenho de vingar-me dos meus ALGOZES, e talvez, quem sabe?" poderia ser substituído, sem alteração de sentido, por CARRASCOS.

C) Em "Por fim, com pavoroso ruído, entrou como uma seta na água gelada" a palavra COMO introduz uma oração subordinada que expressa a causa do pavoroso ruído.

D) Na frase "- Morrer!... oh! não, não! – exclamou!" o verbo no infinitivo aponta um fato simultâneo ao do verbo.

E) Em "A ideia DO SUICÍDIO, repelida pelo amigo, afastada PELA SUA PRESENÇA" as palavras destacadas mantêm o mesmo tipo de relação sintática com os termos a que os precedem.

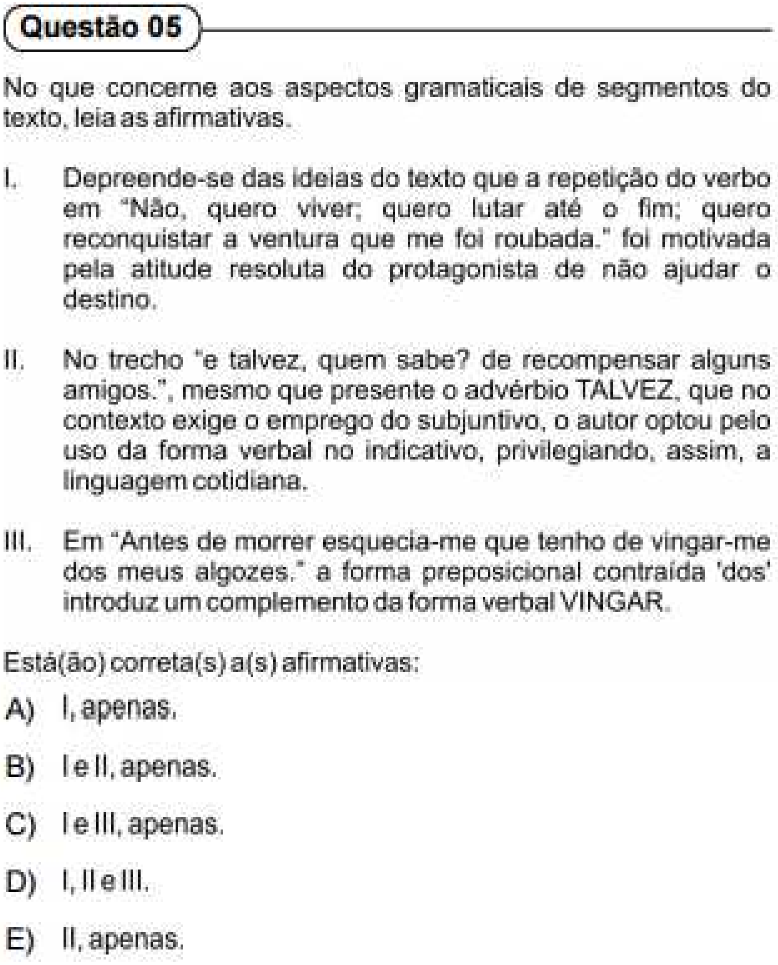

Questão 05

No que concerne aos aspectos gramaticais de segmentos do texto, leia as afirmativas.

I. Depreende-se das ideias do texto que a repetição do verbo em "Não, quero viver; quero lutar até o fim; quero reconquistar a ventura que me foi roubada." foi motivada pela atitude resoluta do protagonista de não ajudar o destino.

II. No trecho "e talvez, quem sabe? de recompensar alguns amigos.", mesmo que presente o advérbio TALVEZ, que no contexto exige o emprego do subjuntivo, o autor optou pelo uso da forma verbal no indicativo, privilegiando, assim, a linguagem cotidiana.

III. Em "Antes de morrer esquecia-me que tenho de vingar-me dos meus algozes." a forma preposicional contraída 'dos' introduz um complemento da forma verbal VINGAR.

Está(ão) correta(s) a(s) afirmativas:

A) I, apenas.

B) I e II, apenas.

C) I e III, apenas.

D) I, II e III.

E) II, apenas.

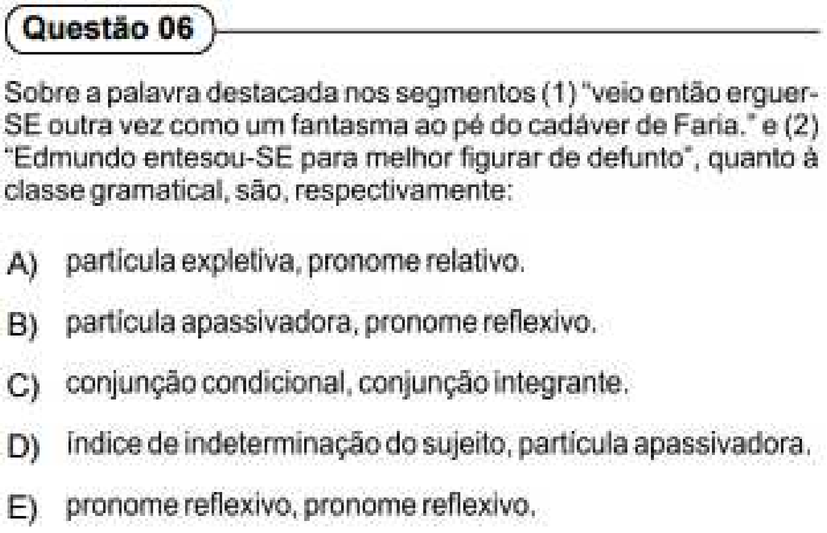

Questão 06

Sobre a palavra destacada nos segmentos (1) "veio então erguer-SE outra vez como um fantasma ao pé do cadáver de Faria." e (2) "Edmundo entesou-SE para melhor figurar de defunto", quanto à classe gramatical, são, respectivamente:

A) partícula expletiva, pronome relativo.

B) partícula apassivadora, pronome reflexivo.

C) conjunção condicional, conjunção integrante.

D) índice de indeterminação do sujeito, partícula apassivadora.

E) pronome reflexivo, pronome reflexivo.

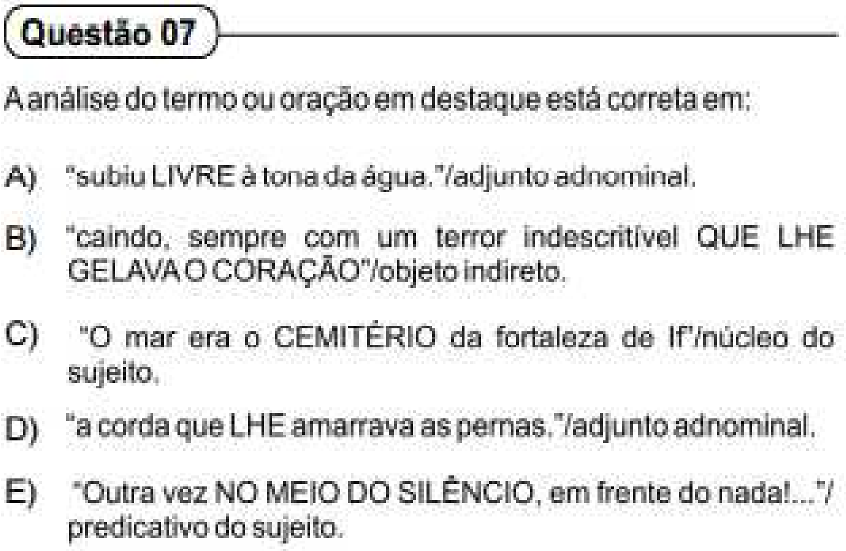

Questão 07

A análise do termo ou oração em destaque está correta em:

A) "subiu LIVRE à tona da água."/adjunto adnominal.

B) "caindo, sempre com um terror indescritível QUE LHE GELAVA O CORAÇÃO"/objeto indireto.

C) "O mar era o CEMITÉRIO da fortaleza de If"/núcleo do sujeito.

D) "a corda que LHE amarrava as pernas."/adjunto adnominal.

E) "Outra vez NO MEIO DO SILÊNCIO, em frente do nada!..."/ predicativo do sujeito.

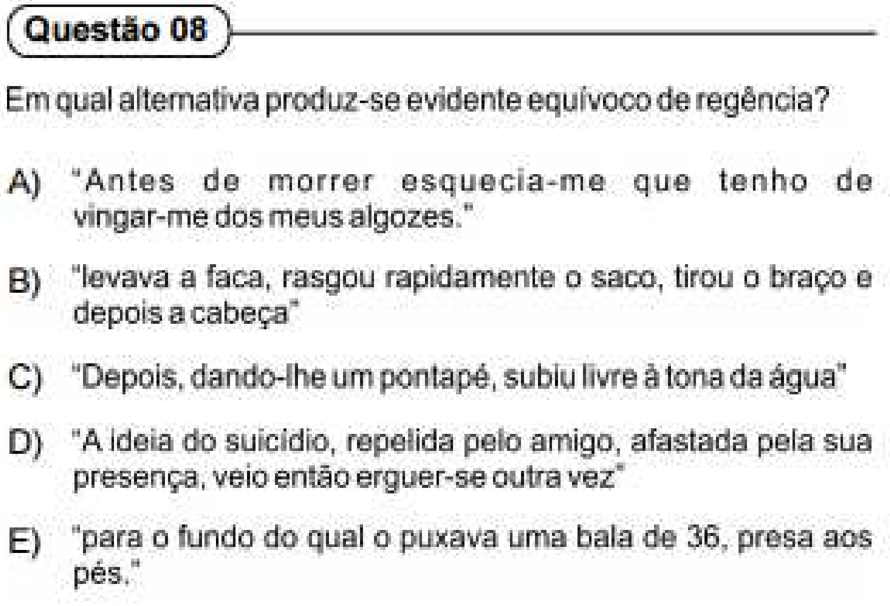

Questão 08

Em qual alternativa produz-se evidente equívoco de regência?

A) "Antes de morrer esquecia-me que tenho de vingar-me dos meus algozes."

B) "levava a faca, rasgou rapidamente o saco, tirou o braço e depois a cabeça"

C) "Depois, dando-lhe um pontapé, subiu livre à tona da água"

D) "A ideia do suicídio, repelida pelo amigo, afastada pela sua presença, veio então erguer-se outra vez"

E) "para o fundo do qual o puxava uma bala de 36, presa aos pés."

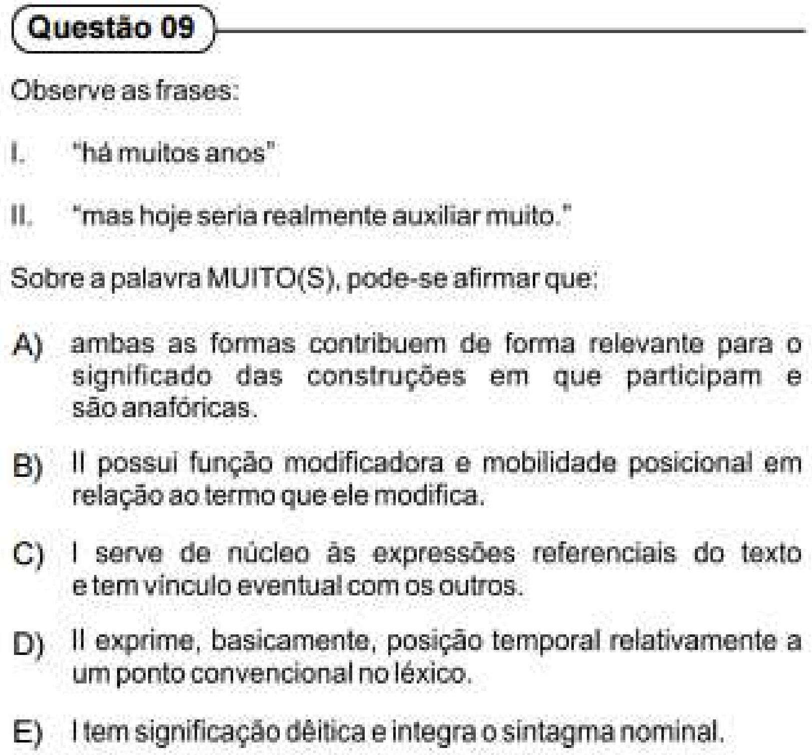

Questão 09

Observe as frases:

I. "há muitos anos"

II. "mas hoje seria realmente auxiliar muito."

Sobre a palavra MUITO(S), pode-se afirmar que:

A) ambas as formas contribuem de forma relevante para o significado das construções em que participam e são anafóricas.

B) II possui função modificadora e mobilidade posicional em relação ao termo que ele modifica.

C) I serve de núcleo às expressões referenciais do texto e tem vínculo eventual com os outros.

D) II exprime, basicamente, posição temporal relativamente a um ponto convencional no léxico.

E) I tem significação dêitica e integra o sintagma nominal.

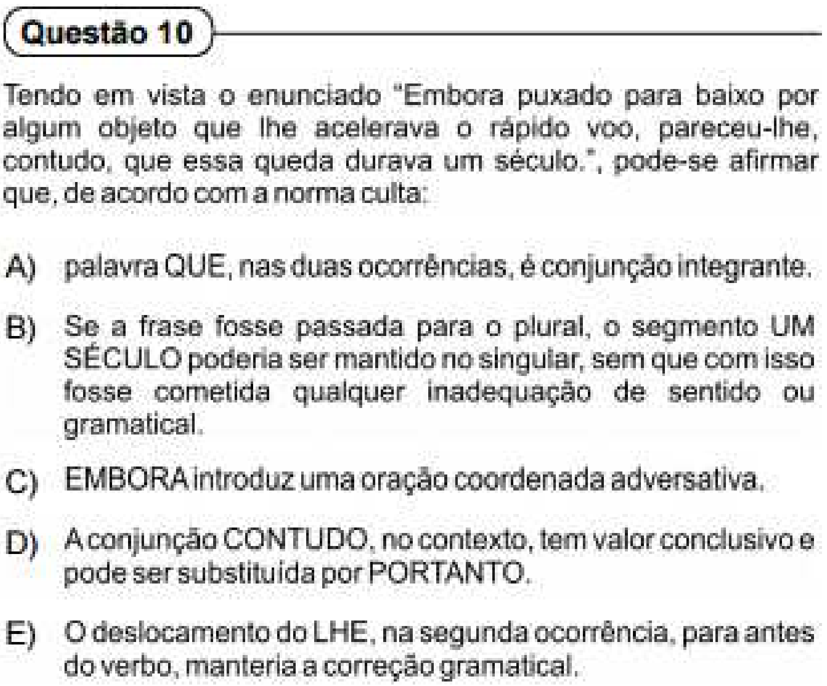

Questão 10

Tendo em vista o enunciado "Embora puxado para baixo por algum objeto que lhe acelerava o rápido voo, pareceu-lhe, contudo, que essa queda durava um século.", pode-se afirmar que, de acordo com a norma culta:

A) palavra QUE, nas duas ocorrências, é conjunção integrante.

B) Se a frase fosse passada para o plural, o segmento UM SÉCULO poderia ser mantido no singular, sem que com isso fosse cometida qualquer inadequação de sentido ou gramatical.

C) EMBORA introduz uma oração coordenada adversativa.

D) A conjunção CONTUDO, no contexto, tem valor conclusivo e pode ser substituída por PORTANTO.

E) O deslocamento do LHE, na segunda ocorrência, para antes do verbo, manteria a correção gramatical.

PROVA 3 – Analista de Sistema – CREA/AC - 2016

Texto para responder às questões de 01 a 15.

A nova Califórnia (Fragmento)

Tubiacanga era uma pequena cidade de três ou quatro mil habitantes, muito pacífica, em cuja estação, de onde em onde, os expressos davam a honra de parar. Há cinco anos não se registrava nela um furto ou roubo. As portas e janelas só eram usadas... porque o Rio as usava. [...]

Mas, qual não foi a surpresa dos seus habitantes quando se veio a verificar nela um dos repugnantes crimes de que se tem memória! [...] violavam-se as sepulturas do "Sossego", do seu cemitério, do seu campo-santo. [...]

A indignação na cidade tomou todas as feições e todas as vontades. [...] A própria filha do engenheiro residente da estrada de ferro, que vivia desdenhando aquele lugarejo [...] não pôde deixar de compartilhar da indignação e do horror que tal ato provocara em todos do lugarejo. Que tinha ela com o túmulo de antigos escravos e humildes roceiros? Em que podia interessar aos seus lindos olhos pardos o destino de tão humildes ossos? Porventura o furto deles perturbaria o seu sonho de fazer radiar a beleza de sua boca, dos seus olhos e do seu busto nas calçadas do Rio?

Decerto, não; mas era a Morte, a Morte implacável e onipotente, de que ela também se sentia escrava, e que não deixaria um dia de levar a sua linda caveirinha para a paz eterna do cemitério. [...]

Organizaram então uma guarda. Dez homens decididos juraram perante o subdelegado vigiar durante a noite a mansão dos mortos.

Nada houve de anormal na primeira noite, na segunda e na terceira; mas, na quarta, quando os vigias já se dispunham a cochilar, um deles julgou

lobrigar um vulto esgueirando-se por entre a quadra dos carneiros. Correram e conseguiram apanhar dois dos vampiros. [...]

A notícia correu logo de casa em casa e, quando, de manhã, se tratou de estabelecer a identidade dos dois malfeitores, foi diante da população inteira que foram neles reconhecidos o Coletor Carvalhais e o Coronel Bentes, rico fazendeiro e presidente da Câmara. Este último [...] a perguntas repetidas que lhe fizeram, pôde dizer que juntava os ossos para fazer ouro e o companheiro que fugira era o farmacêutico.

Houve espanto e houve esperanças. Como fazer ouro com ossos? Seria possível? Mas aquele homem rico, respeitado, como desceria ao papel de ladrão de mortos se a coisa não fosse verdade!

Se fosse possível fazer, se daqueles míseros despojos fúnebres se pudesse fazer alguns contos de réis, como não seria bom para todos eles!

O carteiro, cujo velho sonho era a formatura do filho, viu logo ali meios de consegui-la. Castrioto, o escrivão do juiz de paz, que no ano passado conseguiu comprar uma casa, mas ainda não a pudera cercar, pensou no muro, que lhe devia proteger a horta e a criação. Pelos olhos do sitiante Marques, que andava desde anos atrapalhado para arranjar um pasto, pensou logo no prado verde do Costa, onde os seus bois engordariam e ganhariam forças...

Às necessidades de cada um, aqueles ossos que eram ouro viriam atender, satisfazer e felicitá-los; e aqueles dois ou três milhares de pessoas, homens, crianças, mulheres, moços e velhos, como se fossem uma só pessoa, correram à casa do farmacêutico.

BARRETO, Lima. . In: SALES, Herberto (Org.). . Rio de Janeiro: Ediouro. p. 25-27. A nova Califórnia Contos brasileiros

Questão 01 - Sobre o texto leia as afirmativas a seguir.

I. Uma cidade de cotidiano tão tranquilo, com habitantes supostamente pacíficos, só poderia reagir com indignação e imediata ambição diante da profanação dos túmulos.

II. O que determina a indignação da filha do engenheiro não é a profanação dos túmulos das pessoas simples de Tubiacanga, mas a possibilidade de que também seu túmulo pudesse ser profanado depois de sua morte.

III. O texto critica o preconceito e o elitismo da sociedade, revelado pelo desprezo que a moça, filha do engenheiro, tinha pelo lugarejo simples e pela origem das pessoas.

Está correto o que se afirma em:

A) I, apenas.

B) I e III, apenas.

C) II e III, apenas.

D) I, II e III.

E) I e II, apenas.

Questão 02 - Na construção do texto em prosa, Lima Barreto:

A) monta um cenário em que, além de fazer uma crítica exclusiva ao comportamento do brasileiro, ressalta a pobreza de imaginação e falta de criatividade do homem que vive na cidade.

B) elabora uma narrativa satírica em que a cupidez e o ridículo do comportamento nacional andam lado a lado.

C) denuncia o pensamento masculino de que a riqueza fácil resolveria, de imediato, os problemas e atenderia à fantasia de luxo e bem-estar econômico.

D) revela que, na realidade, Castrioto era um anjo, que trazia mensagem de paz para os habitantes da cidade.

E) elogia a ciência experimental, que consegue produzir ouro por meio das experiências em laboratórios e o comportamento humano.

Questão 03 - Sobre os elementos destacados do fragmento "Tubiacanga era uma pequena cidade de três ou quatro mil habitantes, muito pacífica, em cuja estação, de onde em onde, os expressos davam a honra de parar.", leia as afirmativas.

I. A palavra MUITO é um pronome adjetivo indefinido.
II. CUJA é um pronome adjetivo relativo.
III. OS EXPRESSOS é o sujeito da oração a qual pertence.

Está correto apenas o que se afirma em:

A) I.

B) II.

C) I e II.

D) I e III.

E) II e III.

Questão 04 - Sobre o segmento "As portas e janelas só eram usadas... porque o Rio as usava.", é correto afirmar que:

A) as categorias sintáticas presentes nas orações são formas independentes entre si e do conteúdo expresso no texto.

B) através da análise do segmento, pode-se depreender as várias unidades menores do período, isto é, as três orações (ou sentenças) nela existentes.

C) a partir da análise do fragmento, é possível verificar um problema de concordância verbal existente na segunda oração.

D) ao se decompor o segmento em unidades sintáticas, a fim de compreender a maneira pela qual os elementos sintáticos são organizados na sentença, percebe-se que foi omitida uma dessas unidades na primeira oração: o agente da passiva.

E) o verbo na voz ativa, na primeira oração, permite a compreensão dos vários mecanismos inerentes às unidades menores da língua.

Questão 05 - Do ponto de vista da norma culta, a única substituição que poderia ser feita, sem alteração de valor semântico e linguístico, seria:

A) "Decerto, não; mas era a Morte, a Morte implacável e onipotente, de que ela também se sentia escrava." = Decerto, não; mas era a Morte, a Morte implacável e onipotente, de que ela também sentia-se escrava.

B) "Há cinco anos não se registrava nela um furto ou roubo." = Há cinco anos não registrava-se nela um furto ou roubo.

C) "quando os vigias já se dispunham a cochilar" = quando os vigias já dispunham-se a cochilar.

D) "[...] a perguntas repetidas que lhe fizeram" = [...] a perguntas repetidas que fizeram-lhe.

E) "mas ainda não a pudera cercar" = mas ainda não pudera-lhe cercar.

Questão 06 - Considerando-se o contexto, traduz-se corretamente o sentido de um segmento em:

A) "quando SE VEIO A VERIFICAR nela um dos repugnantes crimes" = quando iriam verificar nela um dos repugnantes crimes.

B) "os expressos DAVAM A HONRA de parar" = os expressos doavam dignamente as paradas.

C) "A indignação na cidade tomou todas as FEIÇÕES e todas as vontades." = A indignação na cidade tomou todos os formatos e todas as vontades.

D) "A notícia correu logo de CASA EM CASA" = A notícia correu logo pela grande extensão da cidade.

E) "quando os vigias já se DISPUNHAM A COCHILAR" = quando os vigias já dormitavam.

Questão 07 - O segundo parágrafo do texto de Lima Barreto ancora-se na sugestão de duplo sentido da palavra SOSSEGO – apoiado pelas aspas – tomada ora com ideia abstrata, ora concreta. Esses sentidos são, respectivamente:

A) sentimentos individuais/ cidade de Tubiacanga.

B) referência à tranquilidade da cidade/ nome do cemitério.

C) expectativa da população/referência ao campo-santo.

D) eufemismo/cidade pacífica.

E) ênfase na hipérbole inicial/ amenização da morte.

Questão 08 - "Houve espanto e houve esperanças. Como fazer ouro com ossos? Seria possível?"

A respeito do trecho acima, quanto aos aspectos gramatical, sintático e semântico, analise as afirmativas a seguir.

I. O verbo do último período pertence a um tempo associado à incerteza, à relação de um fato futuro e um fato passado.

II. Não há referente, no texto, que justifique o uso de OSSOS pluralizado.

III. ESPANTO e ESPERANÇAS, nas respectivas orações a que pertencem, assumem papel de objeto direto.

Está correto apenas o que se afirma em:

A) I e III.

B) I e II.

C) II e III.

D) II.

E) III.

Questão 09 - Para que se compreenda bem a maneira como são escolhidas e utilizadas as formas verbais nos enunciados da língua portuguesa, é importante que se leve em conta uma noção muito importante: o aspecto verbal.

Nesse sentido, em "A própria filha do engenheiro residente da estrada de ferro, que VIVIA DESDENHANDO aquele lugarejo" a forma verbal destacada marca o aspecto:

A) momentâneo.

B) incoativo.

C) permansivo.

D) conclusivo.

E) durativo.

Questão 10 - A oração destacada em "Mas, qual não foi a surpresa dos seus habitantes quando se veio a verificar nela um dos repugnantes crimes DE QUE SE TEM MEMÓRIA!" é subordinada:

A) adverbial causal.

B) adverbial consecutiva.

C) substantiva objetiva indireta.

D) adjetiva restritiva.

E) substantiva completiva nominal.

Questão 11 - Em "Organizaram ENTÃO uma guarda.", a palavra em destaque apresenta a seguinte relação:

A) adversativa.

B) explicativa.

C) conclusiva.

D) consecutiva.

E) concessiva.

Questão 12 - O termo destacado em "um deles julgou lobrigar um vulto esgueirando-SE por entre a quadra dos carneiros.", no contexto, é:

A) partícula apassivadora.

B) pronome reflexivo.

C) índice de indeterminação do sujeito.

D) conjunção subordinativa condicional.

E) conjunção integrante.

Questão 13 - A transposição da segunda oração da frase "Há cinco anos não se registrava nela um furto ou roubo." para a voz passiva analítica implicará:

A) a utilização de UM FURTO OU ROUBO como sujeito.

B) em que se use a forma verbal REGISTRAVA-SE.

C) a utilização de NELA como sujeito.

D) em que o sujeito de HAVER passe a ser CINCO ANOS.

E) a utilização da forma verbal HAVIA REGISTRADO.

Questão 14 - Considere as seguintes afirmações sobre aspectos do texto:

I. Na frase "Se fosse possível fazer, se daqueles míseros despojos fúnebres se pudesse fazer alguns contos de réis, como não seria bom para todos eles!" as palavras MÍSEROS e FÚNEBRES concordam com DESPOJOS.

II. Atentando para o uso do sinal indicativo de crase, o A, em todas as ocorrências no segmento "Mas, qual não foi a surpresa dos seus habitantes quando se veio a verificar nela um dos repugnantes crimes", deveria ser acentuado.

III. Na frase "Às necessidades de cada um, aqueles ossos que eram ouro viriam atender, satisfazer e felicitá-LOS", o elemento destacado substitui, no contexto, o vocábulo OSSOS.

Está correto apenas o que se afirma em:

A) I e II.

B) II e III.

C) III.

D) II.

E) I.

Questão 15 - "Se fosse possível fazer, se daqueles míseros despojos fúnebres se pudesse fazer alguns contos de réis, como não seria bom para todos eles!" O efeito de sentido que a frase exclamativa provoca é:

A) corresponde a um sentimento do interlocutor/leitor em relação ao fato narrado.

B) confere contemplação à situação vivida em relação ao desaparecimento dos ossos.

C) introduz uma hipótese a averiguar a respeito do fazendeiro e do presidente da Câmara.

D) exprime estado psicológico do locutor relativamente ao interlocutor e a um estado de coisas especificado.

E) expressa estímulo para que se comece a investigação sobre os roubos dos ossos para verificar a veracidade a denúncia narrativa.

QUESTÕES
COMENTADAS

PROVA 01. Técnico Administrativo – ANS – 2016

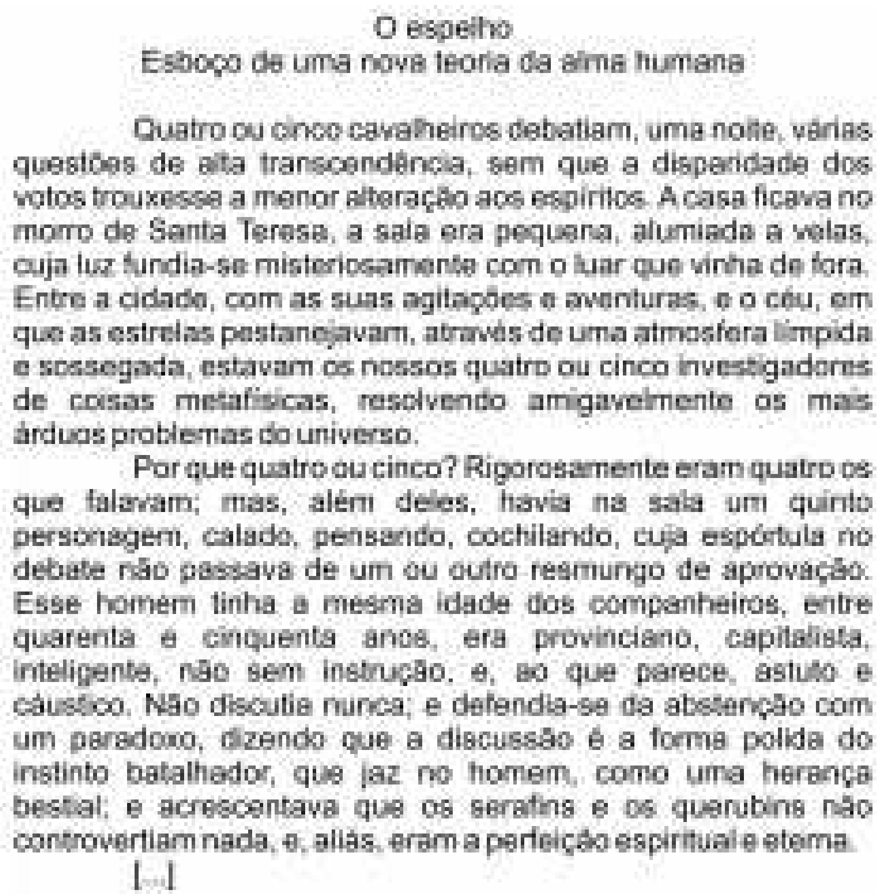

O espelho
Esboço de uma nova teoria da alma humana

Quatro ou cinco cavalheiros debatiam, uma noite, várias questões de alta transcendência, sem que a disparidade dos votos trouxesse a menor alteração aos espíritos. A casa ficava no morro de Santa Teresa, a sala era pequena, alumiada a velas, cuja luz fundia-se misteriosamente com o luar que vinha de fora. Entre a cidade, com as suas agitações e aventuras, e o céu, em que as estrelas pestanejavam, através de uma atmosfera límpida e sossegada, estavam os nossos quatro ou cinco investigadores de coisas metafísicas, resolvendo amigavelmente os mais árduos problemas do universo.

Por que quatro ou cinco? Rigorosamente eram quatro os que falavam; mas, além deles, havia na sala um quinto personagem, calado, pensando, cochilando, cuja espórtula no debate não passava de um ou outro resmungo de aprovação. Esse homem tinha a mesma idade dos companheiros, entre quarenta e cinquenta anos, era provinciano, capitalista, inteligente, não sem instrução, e, ao que parece, astuto e cáustico. Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão é a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial; e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna.

[...]

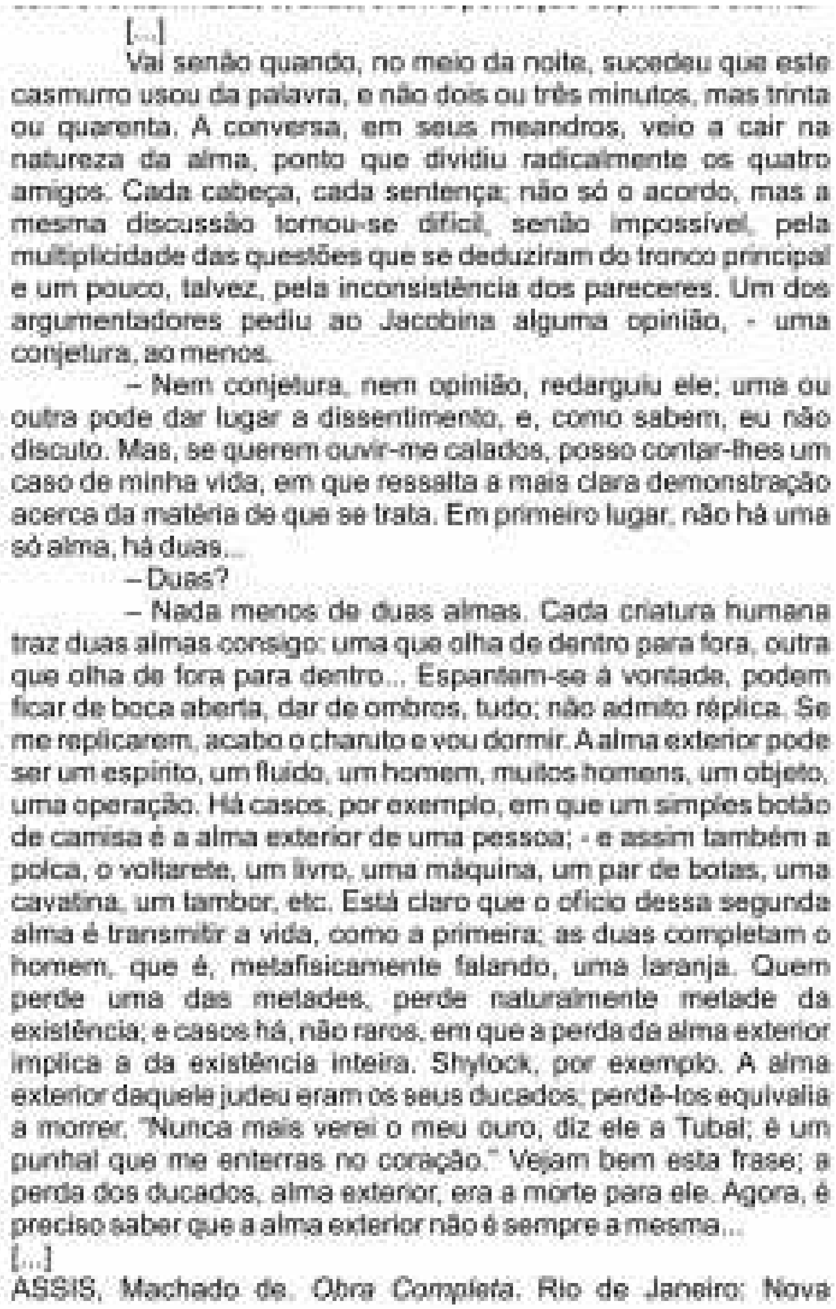

[...]

Vai senão quando, no meio da noite, sucedeu que este casmurro usou da palavra, e não dois ou três minutos, mas trinta ou quarenta. A conversa, em seus meandros, veio a cair na natureza da alma, ponto que dividiu radicalmente os quatro amigos. Cada cabeça, cada sentença; não só o acordo, mas a mesma discussão tornou-se difícil, senão impossível, pela multiplicidade das questões que se deduziram do tronco principal e um pouco, talvez, pela inconsistência dos pareceres. Um dos argumentadores pediu ao Jacobina alguma opinião, - uma conjetura, ao menos.

– Nem conjetura, nem opinião, redarguiu ele; uma ou outra pode dar lugar a dissentimento, e, como sabem, eu não discuto. Mas, se querem ouvir-me calados, posso contar-lhes um caso de minha vida, em que ressalta a mais clara demonstração acerca da matéria de que se trata. Em primeiro lugar, não há uma só alma, há duas...

– Duas?

– Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro... Espantem-se à vontade, podem ficar de boca aberta, dar de ombros, tudo; não admito réplica. Se me replicarem, acabo o charuto e vou dormir. A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; - e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor, etc. Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira. Shylock, por exemplo. A alma exterior daquele judeu eram os seus ducados; perdê-los equivalia a morrer. "Nunca mais verei o meu ouro, diz ele a Tubal; é um punhal que me enterras no coração." Vejam bem esta frase; a perda dos ducados, alma exterior, era a morte para ele. Agora, é preciso saber que a alma exterior não é sempre a mesma...

[...]

ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova

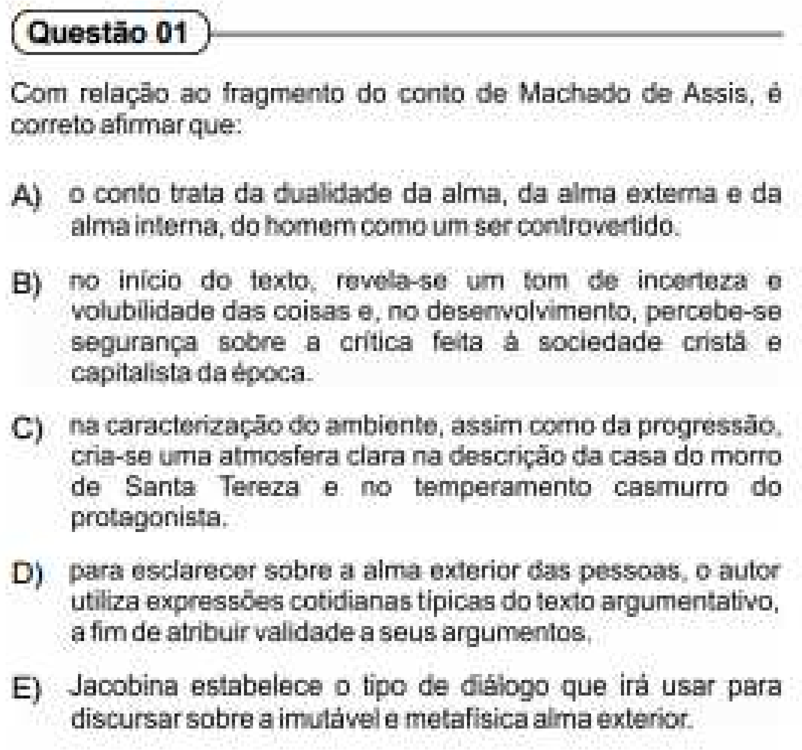

Questão 01

Com relação ao fragmento do conto de Machado de Assis, é correto afirmar que:

A) o conto trata da dualidade da alma, da alma externa e da alma interna, do homem como um ser controvertido.

B) no início do texto, revela-se um tom de incerteza e volubilidade das coisas e, no desenvolvimento, percebe-se segurança sobre a crítica feita à sociedade cristã e capitalista da época.

C) na caracterização do ambiente, assim como da progressão, cria-se uma atmosfera clara na descrição da casa do morro de Santa Tereza e no temperamento casmurro do protagonista.

D) para esclarecer sobre a alma exterior das pessoas, o autor utiliza expressões cotidianas típicas do texto argumentativo, a fim de atribuir validade a seus argumentos.

E) Jacobina estabelece o tipo de diálogo que irá usar para discursar sobre a imutável e metafísica alma exterior.

Comentário: a alternativa A é a correta para essa questão. Isso pode ser confirmado pelo título/subtítulo e explicado no último parágrafo: "Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: ***uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro.****" A controvérsia do homem está justamente na dualidade da alma.*

E as outras alternativas?

B) não pode ser o gabarito, pois ela está toda incorreta. Não há tom de incerteza, menos ainda uma crítica à sociedade cristã e capitalista da época.

C) a casa do morro de Santa Teresa, onde a conversa ocorre, não é descrita como um ambiente claro. Segundo o autor, iluminava-se por velas e a pouca luz era "misteriosamente" fundida com a da lua. Sendo assim, alternativa errada.

D) a alternativa apresenta-se errada, pois o autor não usa de linguagem cotidiana, muito menos típica de uma texto argumentativo. O conto é um texto narrativo e está repleto de descrição (personagem e lugar).

E) O personagem principal era avesso a discussões sobre qualquer tema. Ele NÃO estabelece diálogo com os colegas, ao contrário, pede para que eles o ouçam em silêncio.

Gabarito: A

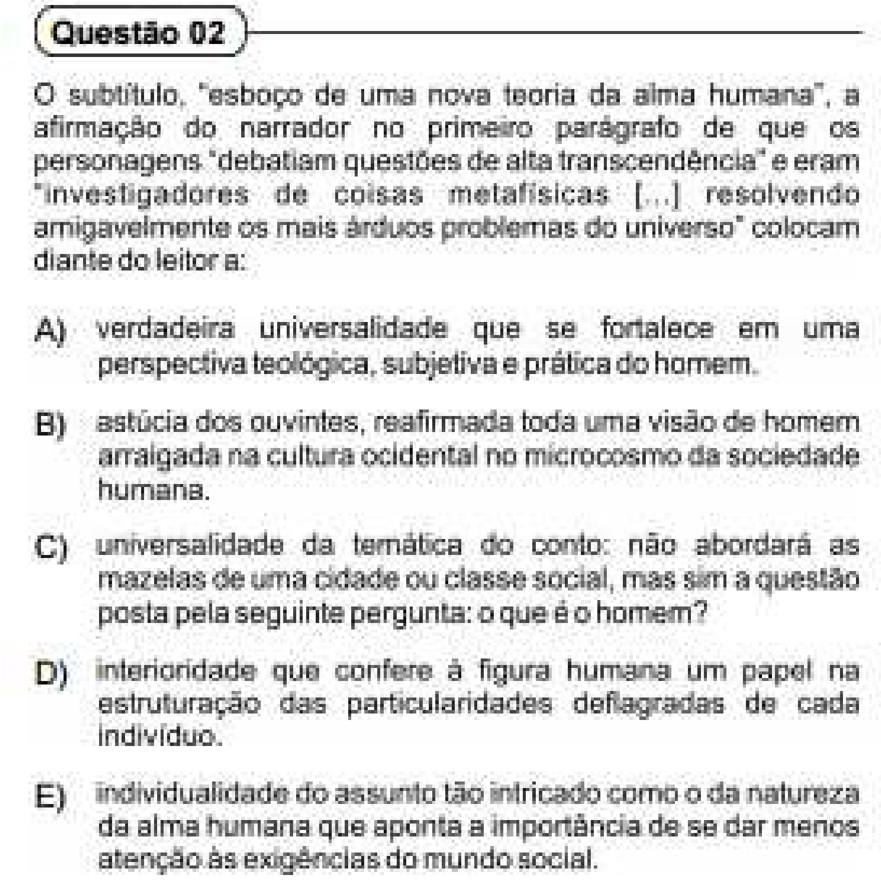

Questão 02

O subtítulo, "esboço de uma nova teoria da alma humana", a afirmação do narrador no primeiro parágrafo de que os personagens "debatiam questões de alta transcendência" e eram "investigadores de coisas metafísicas [...] resolvendo amigavelmente os mais árduos problemas do universo" colocam diante do leitor a:

A) verdadeira universalidade que se fortalece em uma perspectiva teológica, subjetiva e prática do homem.

B) astúcia dos ouvintes, reafirmada toda uma visão de homem arraigada na cultura ocidental no microcosmo da sociedade humana.

C) universalidade da temática do conto: não abordará as mazelas de uma cidade ou classe social, mas sim a questão posta pela seguinte pergunta: o que é o homem?

D) interioridade que confere à figura humana um papel na estruturação das particularidades deflagradas de cada indivíduo.

E) individualidade do assunto tão intricado como o da natureza da alma humana que aponta a importância de se dar menos atenção às exigências do mundo social.

Comentário: no primeiro parágrafo, temos: "Entre a cidade, com suas agitações e aventuras, e o céu, em que as estrelas pestanejavam, através de uma atmosfera límpida e sossegada, estavam os nossos quatro ou cinco investigadores de coisas metafísicas, resolvendo amigavelmente os mais árduos problemas do universo."

Nesse trecho, percebemos a citação sobre a agitação da cidade que rodeava os personagens e que essa agitação não os afetava. Estavam preocupados com algo que transcende o material. Daí caírem no assunto sobre *a natureza da alma humana: "A conversa, em seus meandros, veio a cair na natureza da alma..."*

Gabarito: C

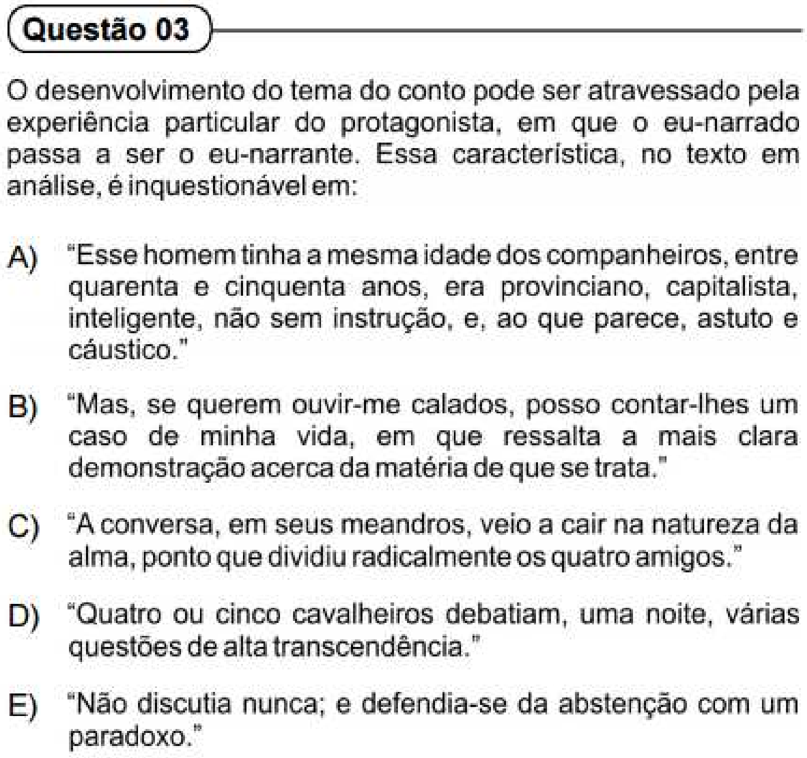

Questão 03

O desenvolvimento do tema do conto pode ser atravessado pela experiência particular do protagonista, em que o eu-narrado passa a ser o eu-narrante. Essa característica, no texto em análise, é inquestionável em:

A) "Esse homem tinha a mesma idade dos companheiros, entre quarenta e cinquenta anos, era provinciano, capitalista, inteligente, não sem instrução, e, ao que parece, astuto e cáustico."

B) "Mas, se querem ouvir-me calados, posso contar-lhes um caso de minha vida, em que ressalta a mais clara demonstração acerca da matéria de que se trata."

C) "A conversa, em seus meandros, veio a cair na natureza da alma, ponto que dividiu radicalmente os quatro amigos."

D) "Quatro ou cinco cavalheiros debatiam, uma noite, várias questões de alta transcendência."

E) "Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo."

Comentário: o eu-narrado passa a ser o eu-narrante quando o homem, que, até então, mantinha-se "calado, pensando, cochilando", como consta no texto, é solicitado para fazer uma conjectura, a partir daí passa a falar "(...) e não dois ou três minutos, mas trinta ou quarenta (...)". Começa pedindo que não o repliquem e continua com o trecho que consta na alternativa B. As demais alternativa trazem o narrador descrevendo ambiente e os personagens e "preparando" o tema para o protagonista passar a narrar a própria experiência.

Gabarito: B

A partir da questão 04, a banca cobrou gramática. A começar pela pontuação:

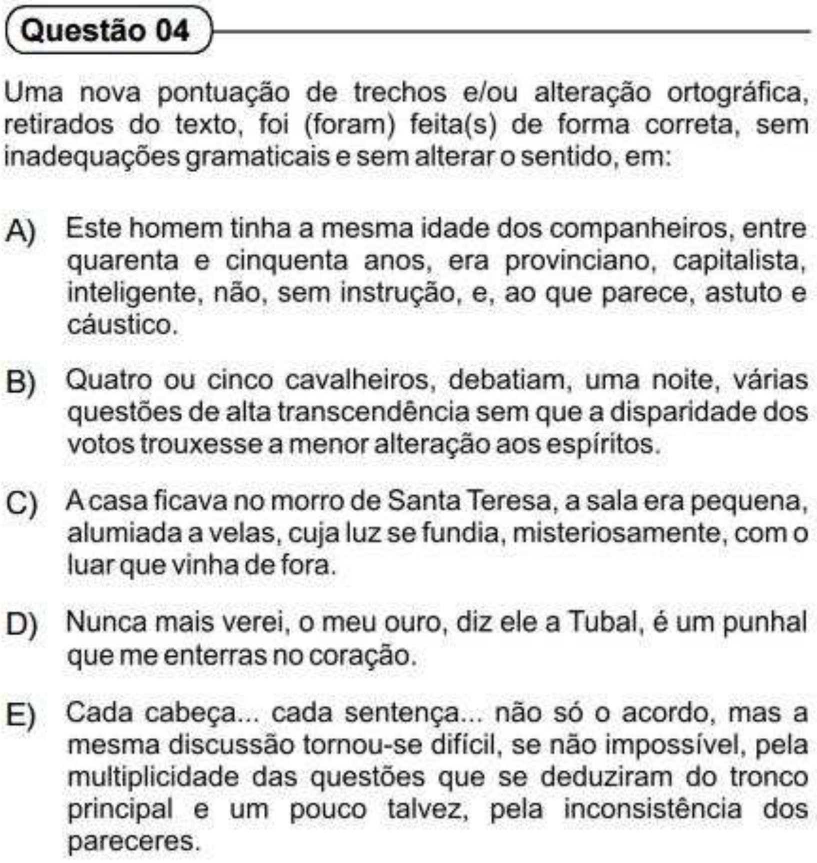

Questão 04

Uma nova pontuação de trechos e/ou alteração ortográfica, retirados do texto, foi (foram) feita(s) de forma correta, sem inadequações gramaticais e sem alterar o sentido, em:

A) Este homem tinha a mesma idade dos companheiros, entre quarenta e cinquenta anos, era provinciano, capitalista, inteligente, não, sem instrução, e, ao que parece, astuto e cáustico.

B) Quatro ou cinco cavalheiros, debatiam, uma noite, várias questões de alta transcendência sem que a disparidade dos votos trouxesse a menor alteração aos espíritos.

C) A casa ficava no morro de Santa Teresa, a sala era pequena, alumiada a velas, cuja luz se fundia, misteriosamente, com o luar que vinha de fora.

D) Nunca mais verei, o meu ouro, diz ele a Tubal, é um punhal que me enterras no coração.

E) Cada cabeça... cada sentença... não só o acordo, mas a mesma discussão tornou-se difícil, se não impossível, pela multiplicidade das questões que se deduziram do tronco principal e um pouco talvez, pela inconsistência dos pareceres.

Comentário: na alternativa A, o uso do "Este" traz prejuízo gramatical, uma vez que é um pronome usado para se referir a termos que ainda serão mencionados no texto, o que não é o caso, já que o narrador está falando de um quinto personagem já citado no período anterior. Além disso, não há motivo para a utilização de vírgula depois da palavra "não", portanto há erro gramatical no uso da vírgula.

Em B e em D, respectivamente, há erro no fato de o sujeito estar separado do verbo ("quarto ou cinco cavalheiros, debatiam...") e de o verbo estar separado do objeto por vírgula ("nunca mais verei, o meu ouro").

Em C, não há erro.

Em E, há erro no uso da vírgula, mas o principal problema é a substituição de "senão" por "se não". "Senão" significa e pode ser substituído por "a não ser" e se não pode ser substituído por caso não, porém um não pode substituir o outro por divergência de sentidos.

A alternativa correta, portanto, é a letra C.

Gabarito: C

Agora uma questão de TIPOLOGIA TEXTUAL bem simples.

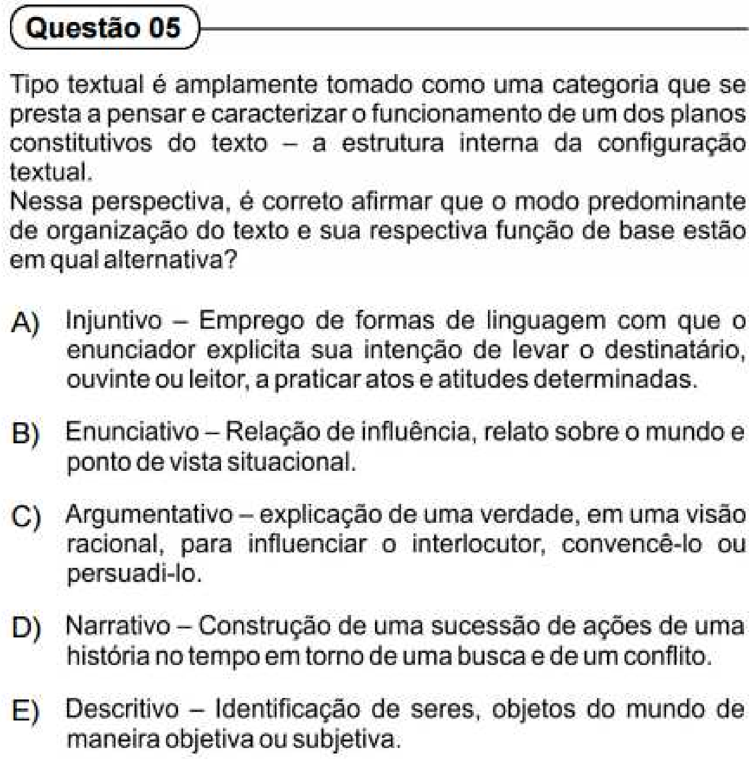

Questão 05

Tipo textual é amplamente tomado como uma categoria que se presta a pensar e caracterizar o funcionamento de um dos planos constitutivos do texto – a estrutura interna da configuração textual.
Nessa perspectiva, é correto afirmar que o modo predominante de organização do texto e sua respectiva função de base estão em qual alternativa?

A) Injuntivo – Emprego de formas de linguagem com que o enunciador explicita sua intenção de levar o destinatário, ouvinte ou leitor, a praticar atos e atitudes determinadas.

B) Enunciativo – Relação de influência, relato sobre o mundo e ponto de vista situacional.

C) Argumentativo – explicação de uma verdade, em uma visão racional, para influenciar o interlocutor, convencê-lo ou persuadi-lo.

D) Narrativo – Construção de uma sucessão de ações de uma história no tempo em torno de uma busca e de um conflito.

E) Descritivo – Identificação de seres, objetos do mundo de maneira objetiva ou subjetiva.

Comentário: a estrutura do texto é predominantemente narrativa, pois conseguimos identificar personagens (os quatro ou cinco cavalheiros), espaço (uma casa em Santa Tereza), tempo (uma noite) e uma progressão linear com começo, meio e fim. A alternativa correta é a letra D. É claro que, no decorrer do texto, há momentos de descrição, mas isso não trona o texto descritivo, ok? Para ser descritivo, o texto não pode ter sequência de fatos, tempo, narrador...

Gabarito: D

As próximas duas questões três questões (6, 7 e 8) foram também de gramática, mais especificamente de sintaxe.

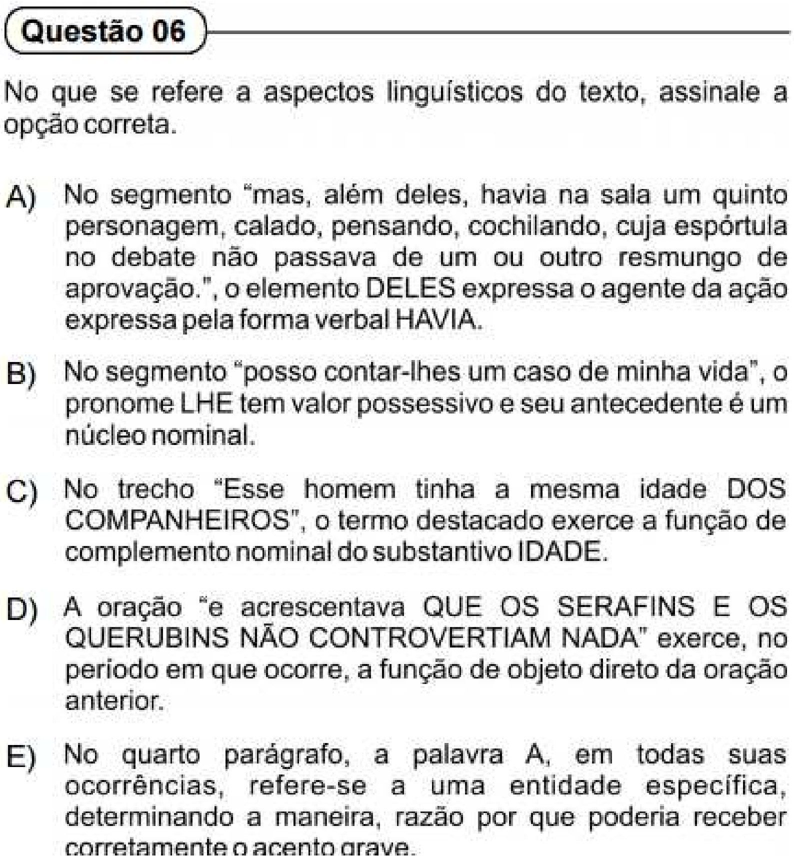

Questão 06

No que se refere a aspectos linguísticos do texto, assinale a opção correta.

A) No segmento "mas, além deles, havia na sala um quinto personagem, calado, pensando, cochilando, cuja espórtula no debate não passava de um ou outro resmungo de aprovação.", o elemento DELES expressa o agente da ação expressa pela forma verbal HAVIA.

B) No segmento "posso contar-lhes um caso de minha vida", o pronome LHE tem valor possessivo e seu antecedente é um núcleo nominal.

C) No trecho "Esse homem tinha a mesma idade DOS COMPANHEIROS", o termo destacado exerce a função de complemento nominal do substantivo IDADE.

D) A oração "e acrescentava QUE OS SERAFINS E OS QUERUBINS NÃO CONTROVERTIAM NADA" exerce, no período em que ocorre, a função de objeto direto da oração anterior.

E) No quarto parágrafo, a palavra A, em todas suas ocorrências, refere-se a uma entidade específica, determinando a maneira, razão por que poderia receber corretamente o acento grave.

Comentário: na alternativa A, o verbo "havia" não expressa ação, é impessoal. Sendo assim, o "deles" não pode ser o agente.

Em B, o pronome "lhe" está funcionando como objeto indireto do verbo "contar", não tem valor possessivo!

Em C, a expressão "dos companheiros" é adjunto adnominal de "idade", não complemento nominal.

Em D, a afirmação está correta. É o gabarito da questão. A oração destacada é objetiva direta, completa o sentido do verbo "acrescentar".

Já em E, a afirmação de que todos os "As" que constam no quarto parágrafo devem ser craseados é muito equivocada.

A alternativa correta é a letra D.

Gabarito: D

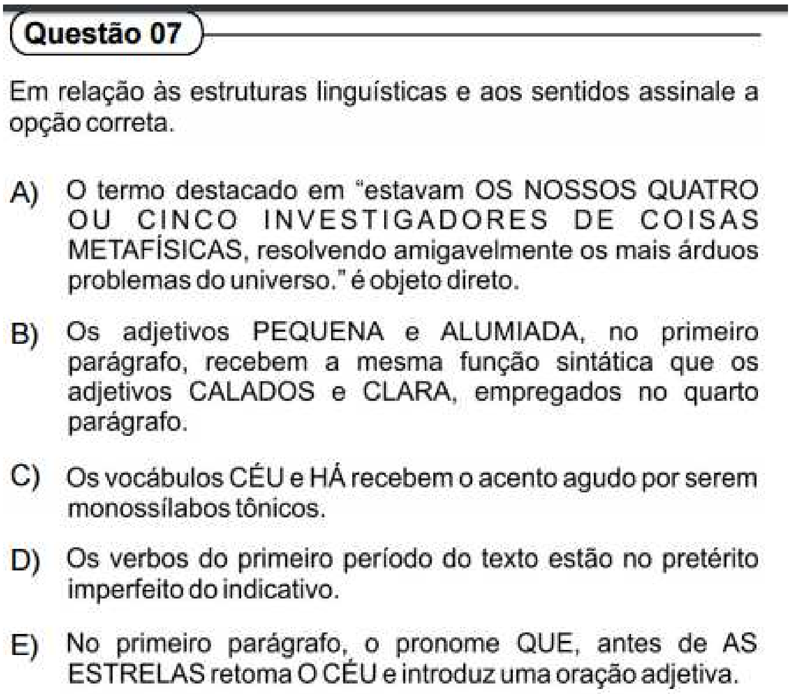

Questão 07

Em relação às estruturas linguísticas e aos sentidos assinale a opção correta.

A) O termo destacado em “estavam OS NOSSOS QUATRO OU CINCO INVESTIGADORES DE COISAS METAFÍSICAS, resolvendo amigavelmente os mais árduos problemas do universo.” é objeto direto.

B) Os adjetivos PEQUENA e ALUMIADA, no primeiro parágrafo, recebem a mesma função sintática que os adjetivos CALADOS e CLARA, empregados no quarto parágrafo.

C) Os vocábulos CÉU e HÁ recebem o acento agudo por serem monossílabos tônicos.

D) Os verbos do primeiro período do texto estão no pretérito imperfeito do indicativo.

E) No primeiro parágrafo, o pronome QUE, antes de AS ESTRELAS retoma O CÉU e introduz uma oração adjetiva.

Comentário: em A, o termo em destaque é o sujeito do verbo “estavam”.

Na letra B, “pequena” e “alumiada” são predicativos do sujeito “casa”; “calados” está funcionando como adjunto adverbial de modo e “clara” é adjunto adnominal da palavra “demonstração”.

Em C, a palavra “céu” recebe acento devido ao ditongo aberto e é classificada como oxítona, já a forma verbal “há” é um monossílabo tônico.

Em D, A forma verbal “debatiam” está no pretérito imperfeito do indicativo, mas “trouxesse” está no pretérito imperfeito do modo subjuntivo.

A alternativa E está correta.

Gabarito: E

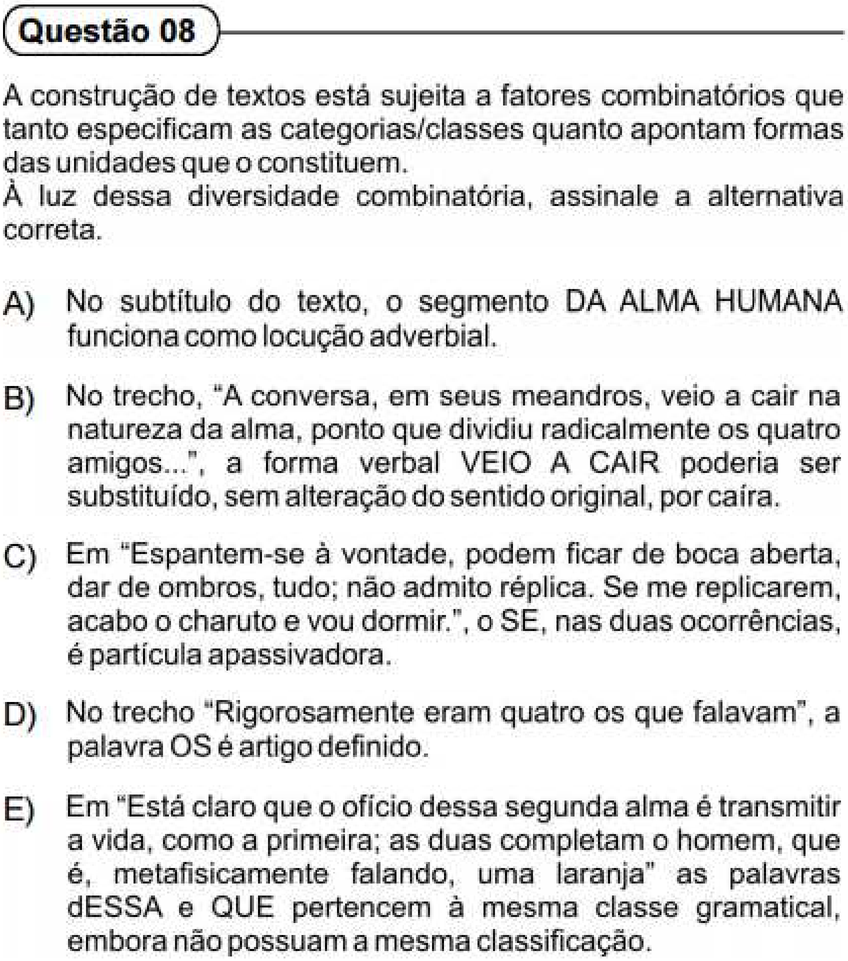

Questão 08

A construção de textos está sujeita a fatores combinatórios que tanto especificam as categorias/classes quanto apontam formas das unidades que o constituem.
À luz dessa diversidade combinatória, assinale a alternativa correta.

A) No subtítulo do texto, o segmento DA ALMA HUMANA funciona como locução adverbial.

B) No trecho, "A conversa, em seus meandros, veio a cair na natureza da alma, ponto que dividiu radicalmente os quatro amigos...", a forma verbal VEIO A CAIR poderia ser substituído, sem alteração do sentido original, por caíra.

C) Em "Espantem-se à vontade, podem ficar de boca aberta, dar de ombros, tudo; não admito réplica. Se me replicarem, acabo o charuto e vou dormir.", o SE, nas duas ocorrências, é partícula apassivadora.

D) No trecho "Rigorosamente eram quatro os que falavam", a palavra OS é artigo definido.

E) Em "Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja" as palavras dESSA e QUE pertencem à mesma classe gramatical, embora não possuam a mesma classificação.

Comentário: em A, há erro porque "da alma humana" é adjunto adnominal de "teoria".

A substituição correta para "veio a cair", na letra B, seria "caiu".

Na alternativa C, o "se" em "Espantem-se" é partícula apassivadora, mas em "Se me replicarem..." é conjunção que inicia uma oração condicional.

Em D, a palavra "os" está funcionando como pronome demonstrativo.

Na letra E, tanto "dessa" quanto "que" estão funcionando como pronomes relativos. Esse é o nosso gabarito.

Gabarito: E

A questão 09 da prova foi de Redação oficial, assunto que não cairá para vocês! Para fechar, uma questão básica de morfossintaxe! Fácil, galera! Veja:

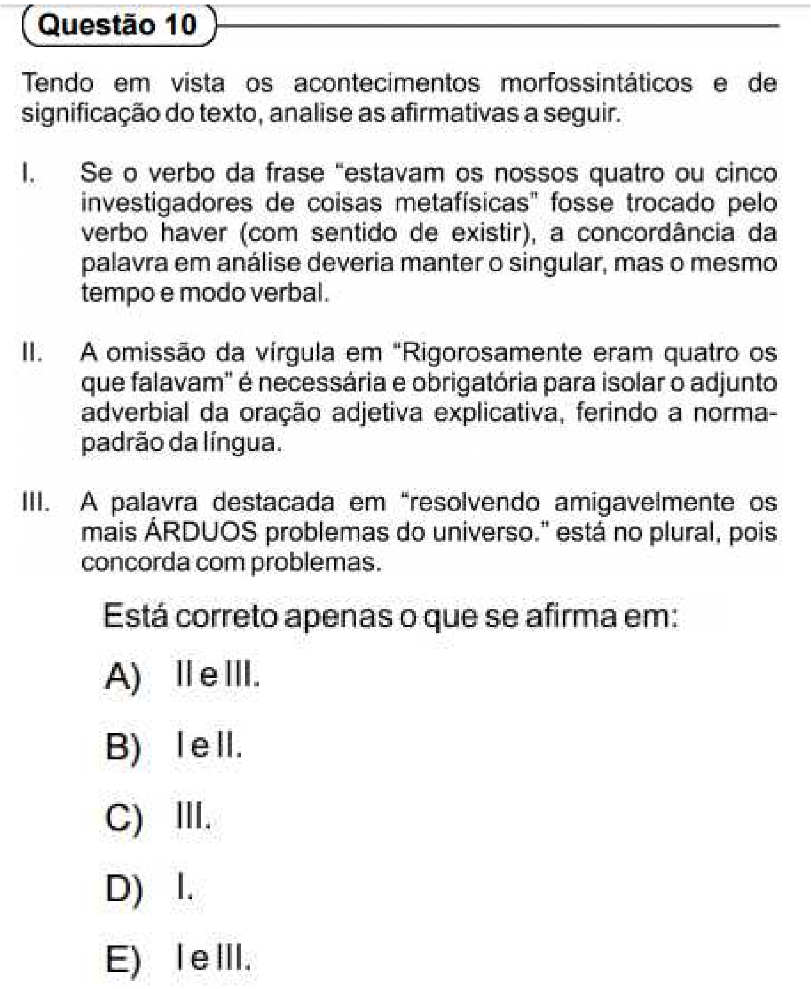

Questão 10

Tendo em vista os acontecimentos morfossintáticos e de significação do texto, analise as afirmativas a seguir.

I. Se o verbo da frase "estavam os nossos quatro ou cinco investigadores de coisas metafísicas" fosse trocado pelo verbo haver (com sentido de existir), a concordância da palavra em análise deveria manter o singular, mas o mesmo tempo e modo verbal.

II. A omissão da vírgula em "Rigorosamente eram quatro os que falavam" é necessária e obrigatória para isolar o adjunto adverbial da oração adjetiva explicativa, ferindo a norma-padrão da língua.

III. A palavra destacada em "resolvendo amigavelmente os mais ÁRDUOS problemas do universo." está no plural, pois concorda com problemas.

Está correto apenas o que se afirma em:

A) II e III.

B) I e II.

C) III.

D) I.

E) I e III.

Comentário: As afirmativas I e III estão corretas. A II está errada porque a vírgula para isolar adjunto adverbial que constitui uma única palavra é facultativa e não obrigatória como consta.

A alternativa correta, portanto, é a letra E.

Gabarito: E

PROVA 2 – Técnico em Regulação – ANS - 2016

A banca trouxe um belo texto literário do tipo narrativo, com as duas primeiras questões de interpretação textual, a terceira sobre topilogia e as demais de gramática.

Vamos aos comentários!

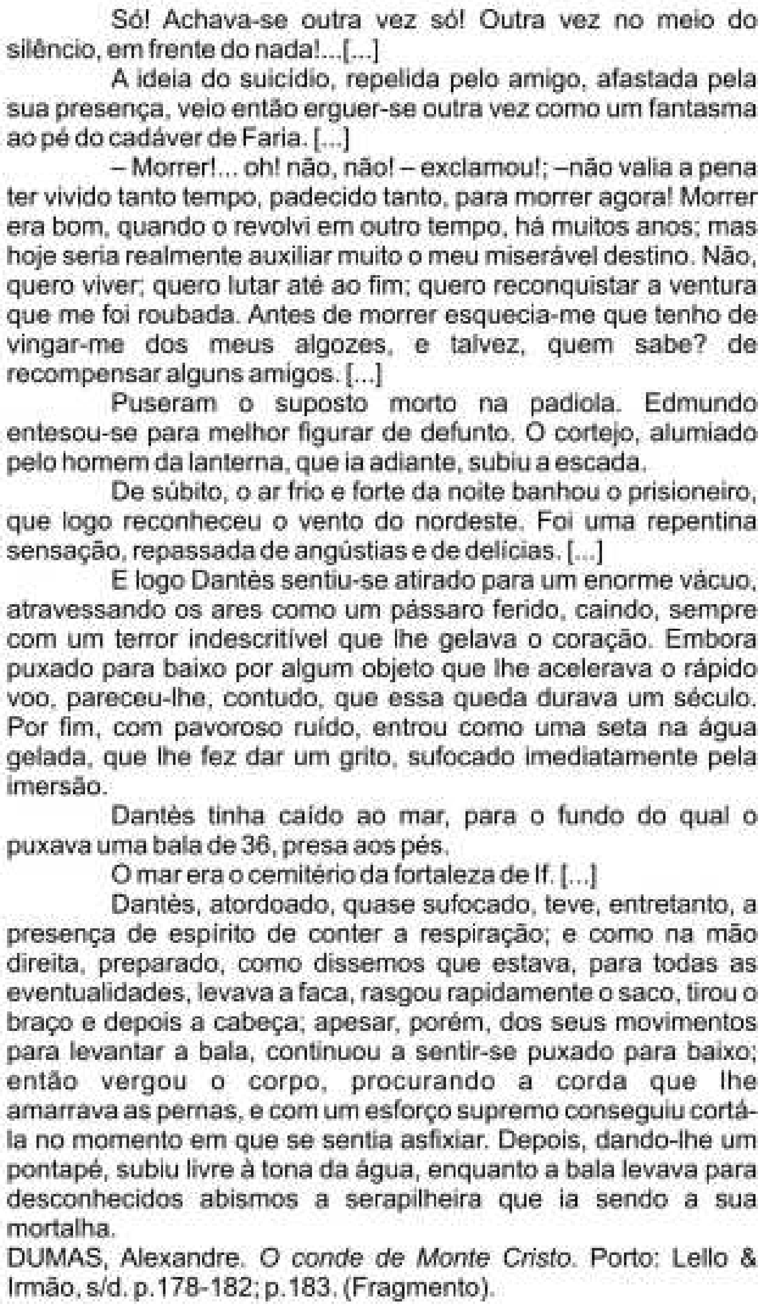

Só! Achava-se outra vez só! Outra vez no meio do silêncio, em frente do nada!...[...]

A ideia do suicídio, repelida pelo amigo, afastada pela sua presença, veio então erguer-se outra vez como um fantasma ao pé do cadáver de Faria. [...]

– Morrer!... oh! não, não! – exclamou!; –não valia a pena ter vivido tanto tempo, padecido tanto, para morrer agora! Morrer era bom, quando o revolvi em outro tempo, há muitos anos; mas hoje seria realmente auxiliar muito o meu miserável destino. Não, quero viver; quero lutar até ao fim; quero reconquistar a ventura que me foi roubada. Antes de morrer esquecia-me que tenho de vingar-me dos meus algozes, e talvez, quem sabe? de recompensar alguns amigos. [...]

Puseram o suposto morto na padiola. Edmundo entesou-se para melhor figurar de defunto. O cortejo, alumiado pelo homem da lanterna, que ia adiante, subiu a escada.

De súbito, o ar frio e forte da noite banhou o prisioneiro, que logo reconheceu o vento do nordeste. Foi uma repentina sensação, repassada de angústias e de delícias. [...]

E logo Dantès sentiu-se atirado para um enorme vácuo, atravessando os ares como um pássaro ferido, caindo, sempre com um terror indescritível que lhe gelava o coração. Embora puxado para baixo por algum objeto que lhe acelerava o rápido voo, pareceu-lhe, contudo, que essa queda durava um século. Por fim, com pavoroso ruído, entrou como uma seta na água gelada, que lhe fez dar um grito, sufocado imediatamente pela imersão.

Dantès tinha caído ao mar, para o fundo do qual o puxava uma bala de 36, presa aos pés.

O mar era o cemitério da fortaleza de If. [...]

Dantès, atordoado, quase sufocado, teve, entretanto, a presença de espírito de conter a respiração; e como na mão direita, preparado, como dissemos que estava, para todas as eventualidades, levava a faca, rasgou rapidamente o saco, tirou o braço e depois a cabeça; apesar, porém, dos seus movimentos para levantar a bala, continuou a sentir-se puxado para baixo; então vergou o corpo, procurando a corda que lhe amarrava as pernas, e com um esforço supremo conseguiu cortá-la no momento em que se sentia asfixiar. Depois, dando-lhe um pontapé, subiu livre à tona da água, enquanto a bala levava para desconhecidos abismos a serapilheira que ia sendo a sua mortalha.

DUMAS, Alexandre. *O conde de Monte Cristo*. Porto: Lello & Irmão, s/d. p.178-182; p.183. (Fragmento).

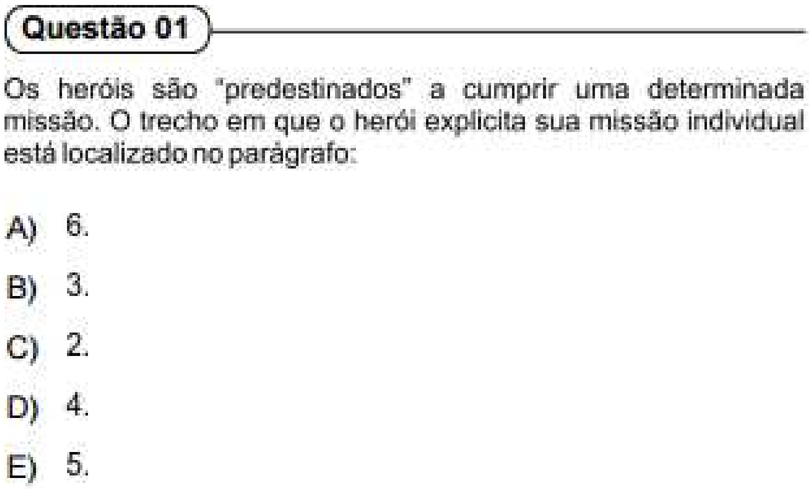

Questão 01

Os heróis são "predestinados" a cumprir uma determinada missão. O trecho em que o herói explicita sua missão individual está localizado no parágrafo:

A) 6.
B) 3.
C) 2.
D) 4.
E) 5.

Comentário: o trecho que indica a missão do herói consta no parágrafo 3. A saber: "Não, quero viver; quero lutar até ao fim; quero reconquistar a ventura que me foi roubada. Antes de morrer, esquecia-me que tenho de vingar-me dos meus algozes, e talvez, quem sabe? de recompensar alguns amigos."

Gabarito: B

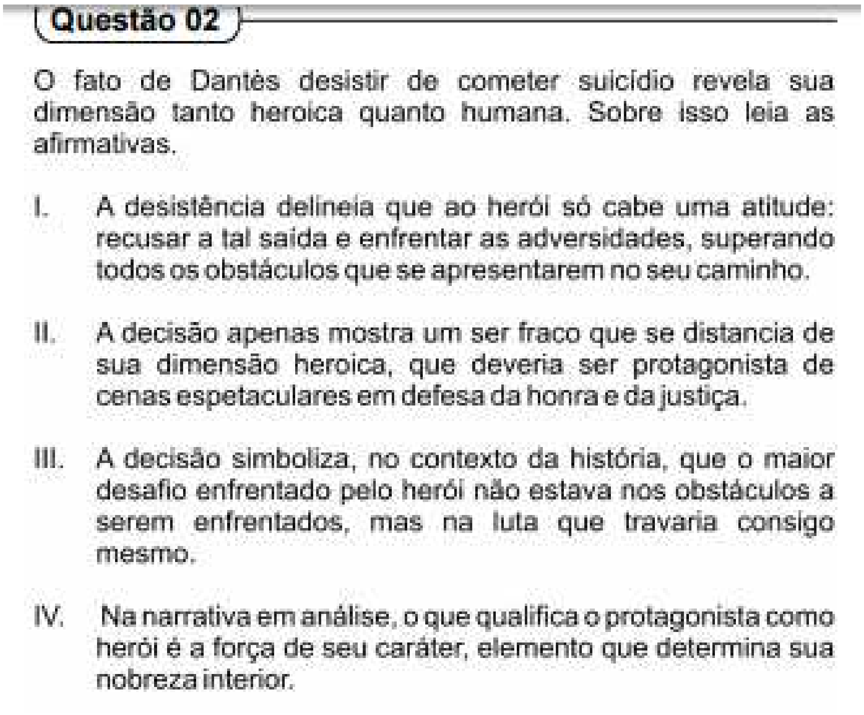

Questão 02

O fato de Dantès desistir de cometer suicídio revela sua dimensão tanto heroica quanto humana. Sobre isso leia as afirmativas.

I. A desistência delineia que ao herói só cabe uma atitude: recusar a tal saída e enfrentar as adversidades, superando todos os obstáculos que se apresentarem no seu caminho.

II. A decisão apenas mostra um ser fraco que se distancia de sua dimensão heroica, que deveria ser protagonista de cenas espetaculares em defesa da honra e da justiça.

III. A decisão simboliza, no contexto da história, que o maior desafio enfrentado pelo herói não estava nos obstáculos a serem enfrentados, mas na luta que travaria consigo mesmo.

IV. Na narrativa em análise, o que qualifica o protagonista como herói é a força de seu caráter, elemento que determina sua nobreza interior.

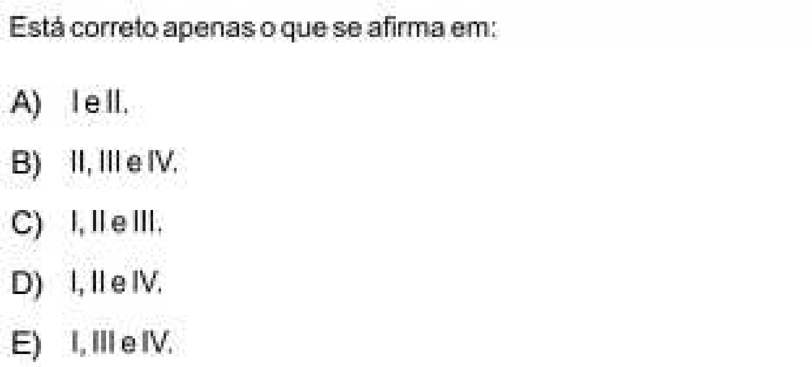

Está correto apenas o que se afirma em:

A) I e II.
B) II, III e IV.
C) I, II e III.
D) I, II e IV.
E) I, III e IV.

Comentário: as afirmativas I, III e IV estão corretas. Resumindo-as: o herói trava uma luta consigo mesmo (III) e se caracteriza como tal devido à força de seu caráter (IV), que é demonstrado a partir da recusa da "tal saída" (o suicídio), do enfrentamento das adversidades e da superação dos "obstáculos que se apresentarem no seu caminho" (I).

Gabarito: E

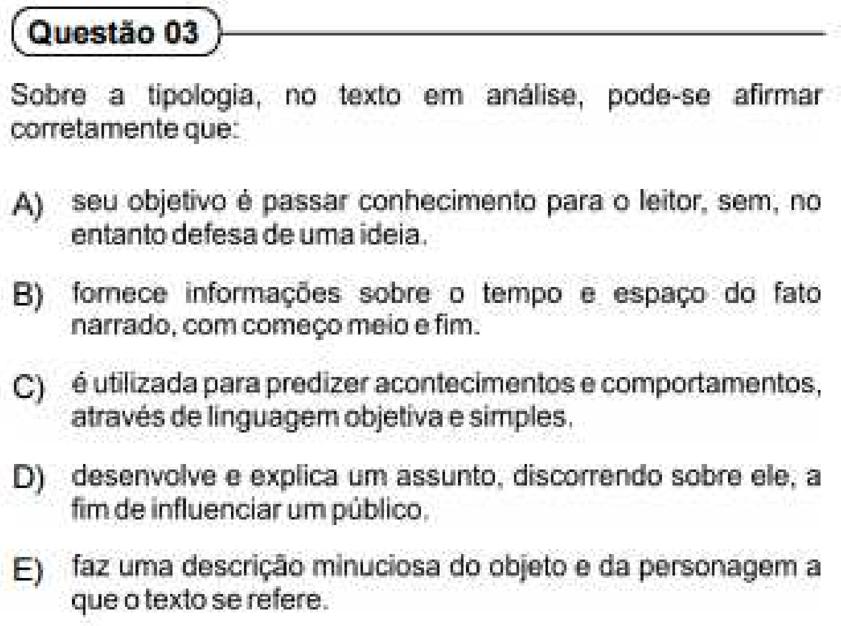

Questão 03

Sobre a tipologia, no texto em análise, pode-se afirmar corretamente que:

A) seu objetivo é passar conhecimento para o leitor, sem, no entanto defesa de uma ideia.
B) fornece informações sobre o tempo e espaço do fato narrado, com começo meio e fim.
C) é utilizada para predizer acontecimentos e comportamentos, através de linguagem objetiva e simples.
D) desenvolve e explica um assunto, discorrendo sobre ele, a fim de influenciar um público.
E) faz uma descrição minuciosa do objeto e da personagem a que o texto se refere.

Comentário: O texto apresenta as características do tipo textual narrativo conforme consta na letra B. Há passagem de tempo cronológico ligada à evolução das ações do personagem. Há um espaço em que os fatos *ocorrem. Além disso, é possível perceber a presença de um narrador em terceira pessoa.*

Gabarito: B

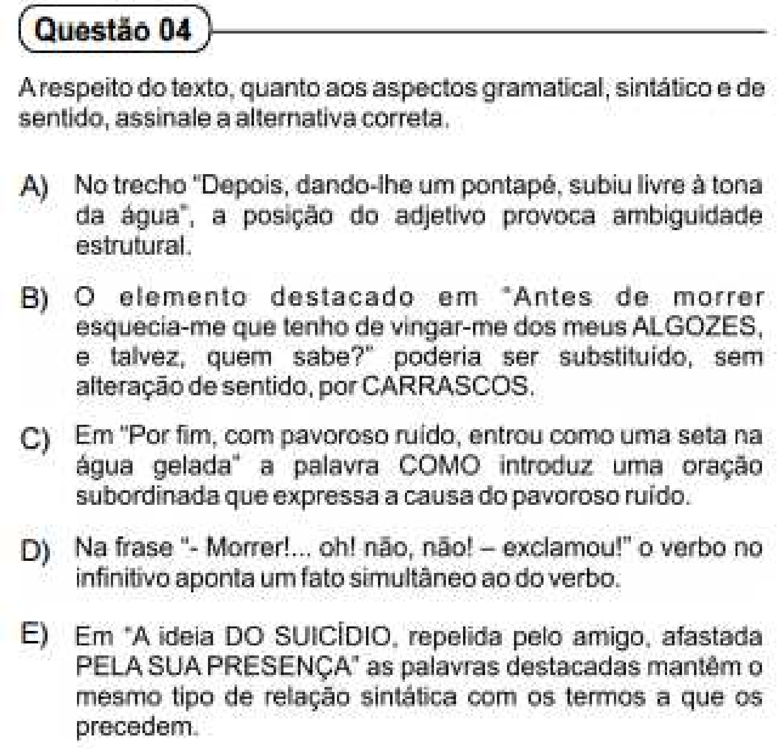

Questão 04

A respeito do texto, quanto aos aspectos gramatical, sintático e de sentido, assinale a alternativa correta.

A) No trecho "Depois, dando-lhe um pontapé, subiu livre à tona da água", a posição do adjetivo provoca ambiguidade estrutural.

B) O elemento destacado em "Antes de morrer esquecia-me que tenho de vingar-me dos meus ALGOZES, e talvez, quem sabe?" poderia ser substituído, sem alteração de sentido, por CARRASCOS.

C) Em "Por fim, com pavoroso ruído, entrou como uma seta na água gelada" a palavra COMO introduz uma oração subordinada que expressa a causa do pavoroso ruído.

D) Na frase "- Morrer!... oh! não, não! – exclamou!" o verbo no infinitivo aponta um fato simultâneo ao do verbo.

E) Em "A ideia DO SUICÍDIO, repelida pelo amigo, afastada PELA SUA PRESENÇA" as palavras destacadas mantêm o mesmo tipo de relação sintática com os termos a que os precedem.

Comentário: na alternativa A, a ambiguidade (livre do que o amarrava ou livre por não ser mais prisioneiro) no trecho não ocorre pela posição do adjetivo "livre". Alternativa errada.

Em B, a palavra "algozes" é sinônima de "carrascos". Portanto a substituição proposta é viável e essa alternativa correta.

Em C, a palavra "como" introduz uma oração subordinada adverbial comparativa e não causal. Alternativa errada.

Em D, não há simultaneidade de fatos. Alternativa errada.

Já em E, "do suicídio" é adjunto adnominal de "ideia" e "pela sua presença" é adjunto adverbial do verbo "afastar". Um termo está ligado a um nome e o outro, a um verbo, não poderiam manter o mesmo tipo de relação sintática. Alternativa errada.

A alternativa correta, então, é a letra B

Gabarito: B

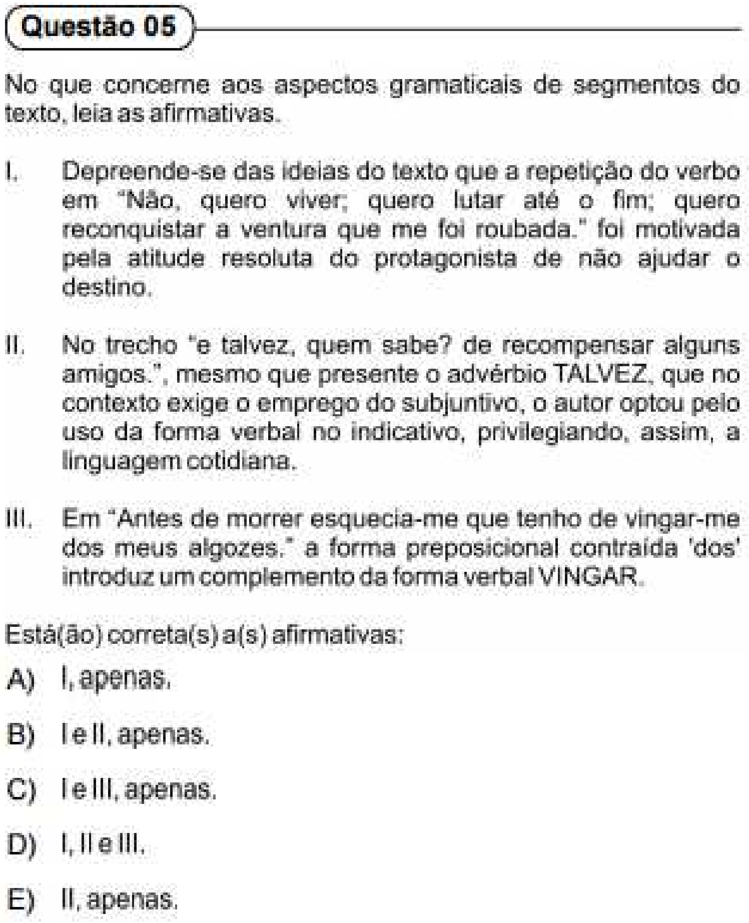

Questão 05

No que concerne aos aspectos gramaticais de segmentos do texto, leia as afirmativas.

I. Depreende-se das ideias do texto que a repetição do verbo em "Não, quero viver; quero lutar até o fim; quero reconquistar a ventura que me foi roubada." foi motivada pela atitude resoluta do protagonista de não ajudar o destino.

II. No trecho "e talvez, quem sabe? de recompensar alguns amigos.", mesmo que presente o advérbio TALVEZ, que no contexto exige o emprego do subjuntivo, o autor optou pelo uso da forma verbal no indicativo, privilegiando, assim, a linguagem cotidiana.

III. Em "Antes de morrer esquecia-me que tenho de vingar-me dos meus algozes." a forma preposicional contraída 'dos' introduz um complemento da forma verbal VINGAR.

Está(ão) correta(s) a(s) afirmativas:

A) I, apenas.

B) I e II, apenas.

C) I e III, apenas.

D) I, II e III.

E) II, apenas.

Comentário: as afirmativas I e III estão corretas. Na I a repetição da forma verbal "quero", conjugada na 1ª pessoa do singular, dá ideia de conversa consigo mesmo, de luta interior. Na III, o verbo "vingar-se" é transitivo direto e indireto, sendo o seu objeto direto o próprio sujeito (vingar-me) e o seu objeto indireto "dos meus algozes".

A afirmativa II está incorreta porque o uso do verbo no indicativo "sabe" está em paralelismo com o outro verbo da oração "tenho". Além disso, ambos, de acordo com o contexto, indicam um pensamento do personagem.

A alternativa correta é a letra C.

Gabarito: C

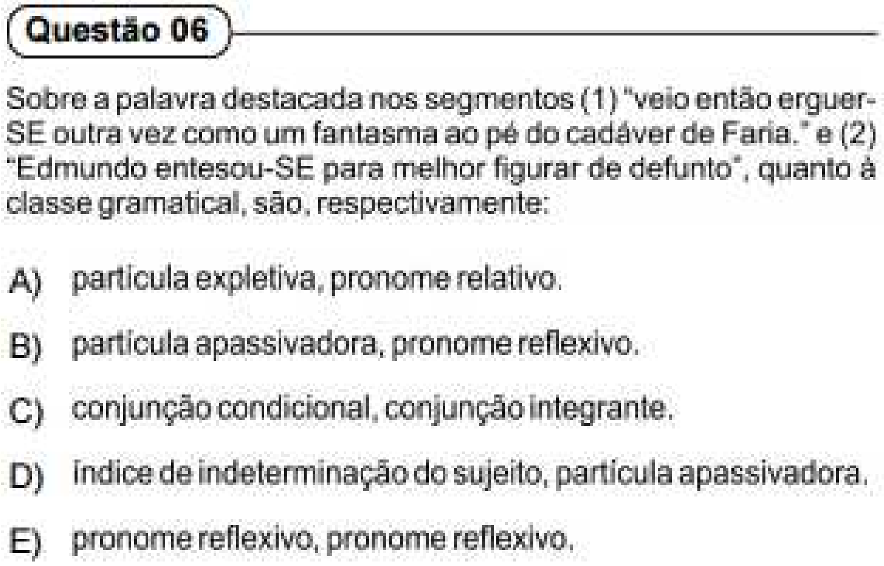

Questão 06

Sobre a palavra destacada nos segmentos (1) "veio então erguer-SE outra vez como um fantasma ao pé do cadáver de Faria." e (2) "Edmundo entesou-SE para melhor figurar de defunto", quanto à classe gramatical, são, respectivamente:

A) partícula expletiva, pronome relativo.

B) partícula apassivadora, pronome reflexivo.

C) conjunção condicional, conjunção integrante.

D) índice de indeterminação do sujeito, partícula apassivadora.

E) pronome reflexivo, pronome reflexivo.

Comentário: notemos que em ambos os verbos a partícula "se" indica que o sujeito está praticando uma ação contra si mesmo. Ele é sujeito agente e sujeito paciente dos verbos "erguer" e "entesar". Nas duas ocorrências, o "se" é pronome reflexivo.

O nosso gabarito é, portanto, a letra E.

Gabarito: E

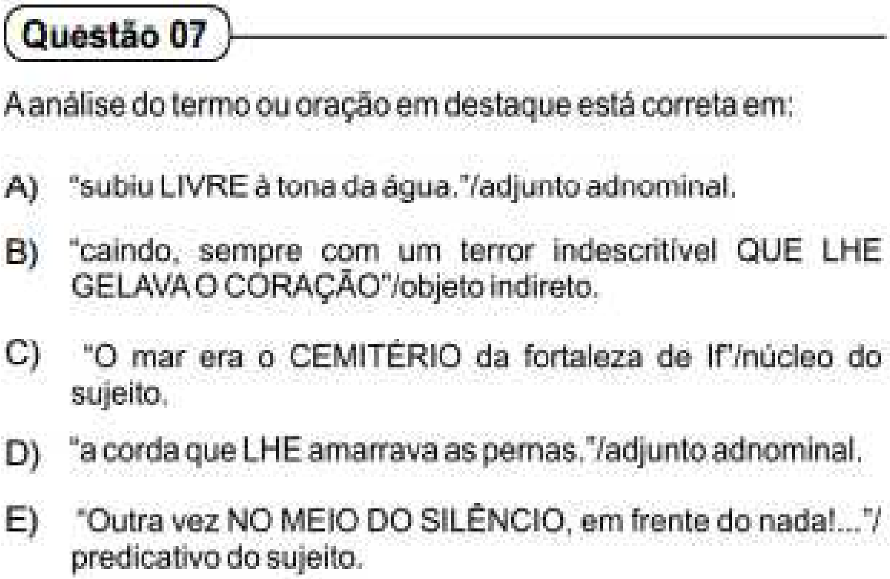

Questão 07

A análise do termo ou oração em destaque está correta em:

A) "subiu LIVRE à tona da água."/adjunto adnominal.

B) "caindo, sempre com um terror indescritível QUE LHE GELAVA O CORAÇÃO"/objeto indireto.

C) "O mar era o CEMITÉRIO da fortaleza de If"/núcleo do sujeito.

D) "a corda que LHE amarrava as pernas."/adjunto adnominal.

E) "Outra vez NO MEIO DO SILÊNCIO, em frente do nada!..."/ predicativo do sujeito.

Comentário: a alternativa correta aqui é a D. O pronome "lhe" está ligado ao nome "pernas" dando ideia de posse (a corda amarrava as pernas DELE). Vamos ver a classificação correta do termos destacado nas outras alternativas:

A) "livre" – adjunto adverbial de modo.

B) "que lhe gelava o coração" – oração restritiva.

C) "cemitério" – núcleo do predicativo.

E) "no meio do silêncio" – adjunto adverbial de modo/tempo.

Gabarito: D

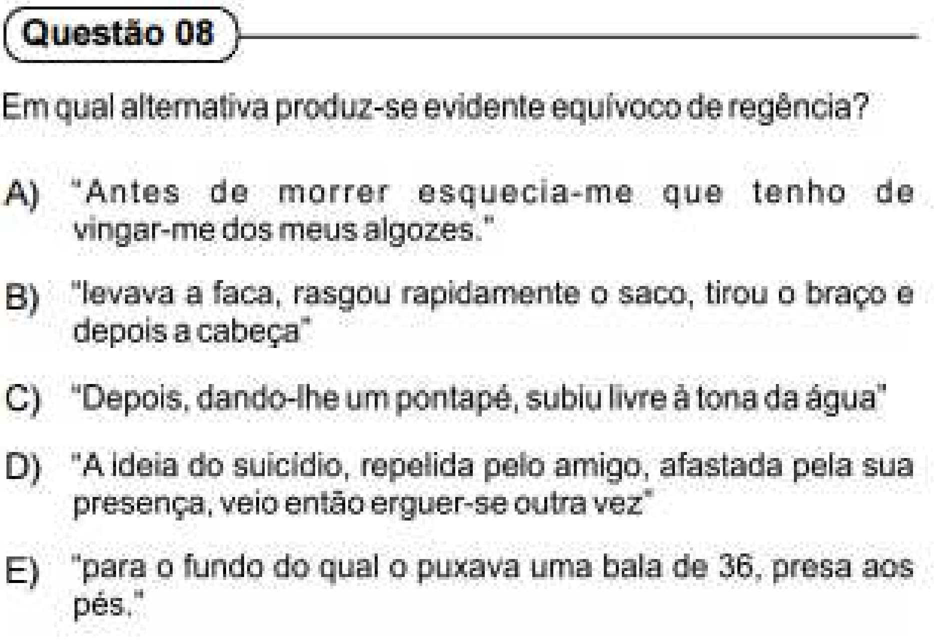

Questão 08

Em qual alternativa produz-se evidente equívoco de regência?

A) "Antes de morrer esquecia-me que tenho de vingar-me dos meus algozes."

B) "levava a faca, rasgou rapidamente o saco, tirou o braço e depois a cabeça"

C) "Depois, dando-lhe um pontapé, subiu livre à tona da água"

D) "A ideia do suicídio, repelida pelo amigo, afastada pela sua presença, veio então erguer-se outra vez"

E) "para o fundo do qual o puxava uma bala de 36, presa aos pés."

Comentário: há um equívoco de regência na alternativa A com relação ao verbo "esquecer". Se ele for usado de maneira pronominal, é obrigatório o uso da preposição "de": esquecia-me de que...

Gabarito: A

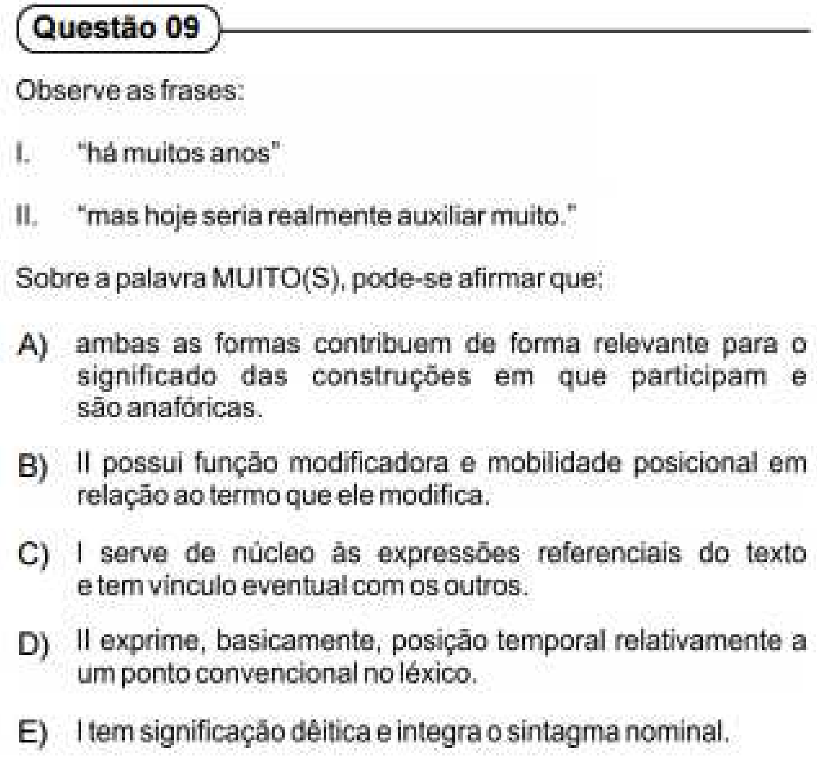

Questão 09

Observe as frases:

I. "há muitos anos"

II. "mas hoje seria realmente auxiliar muito."

Sobre a palavra MUITO(S), pode-se afirmar que:

A) ambas as formas contribuem de forma relevante para o significado das construções em que participam e são anafóricas.

B) II possui função modificadora e mobilidade posicional em relação ao termo que ele modifica.

C) I serve de núcleo às expressões referenciais do texto e tem vinculo eventual com os outros.

D) II exprime, basicamente, posição temporal relativamente a um ponto convencional no léxico.

E) I tem significação dêitica e integra o sintagma nominal.

Comentário: vamos analisar cada alternativa:

A) o "muitos" não foi usado como recurso anafórico em nenhum dos dois casos, o que torna a alternativa errada.

B) GABARITO INDICADO PELA BANCA. Em II, o "muitos" possui função modificadora intensificando o sentido do verbo "auxiliar". Porém, a mobilidade posicional do termo com relação ao verbo acarretaria diferença de sentido, ou seja, não há mobilidade posicional perfeita na frase. É diferente dizer: "Mas hoje seria realmente auxiliar muito" e "Mas hoje seria realmente muito auxiliar".

A banca não especificou se o candidato deveria analisar apenas a correção gramatical ou também o sentido. Se pensarmos apenas na adequação sintática, alterar a posição do termo "muitas" seria possível, embora ocorra mudança de sentido. Como a banca não especificou isso, devemos entender que TUDO deveria ser avaliado. Sendo assim, a alternativa B está ERRADA! RECURSO!

C) e D) não fazem sentido! Foram colocadas na prova para confundir o aluno.

E) Em I, integra um sintagma verbal, não nominal.

Gabarito: B

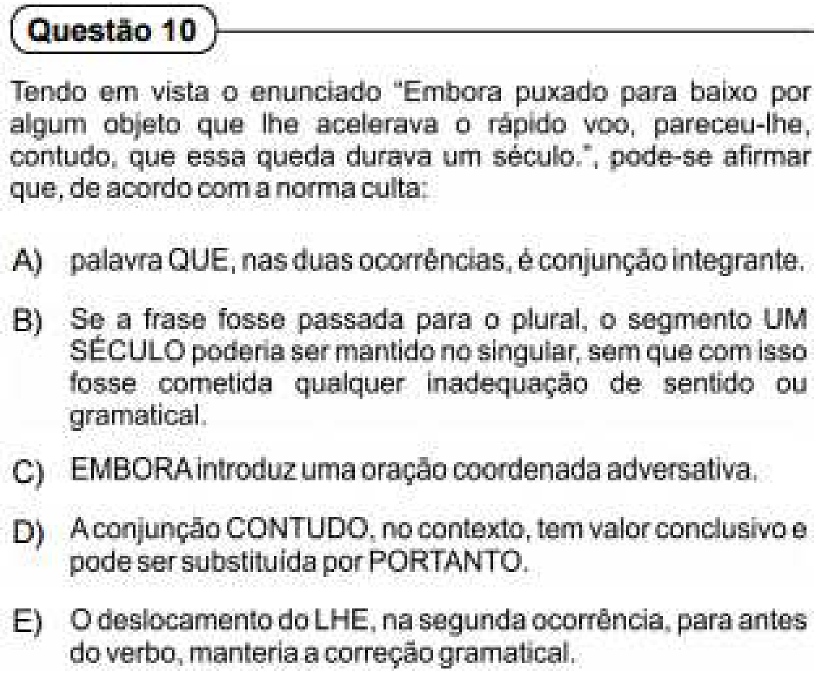

Questão 10

Tendo em vista o enunciado "Embora puxado para baixo por algum objeto que lhe acelerava o rápido voo, pareceu-lhe, contudo, que essa queda durava um século.", pode-se afirmar que, de acordo com a norma culta:

A) palavra QUE, nas duas ocorrências, é conjunção integrante.

B) Se a frase fosse passada para o plural, o segmento UM SÉCULO poderia ser mantido no singular, sem que com isso fosse cometida qualquer inadequação de sentido ou gramatical.

C) EMBORA introduz uma oração coordenada adversativa.

D) A conjunção CONTUDO, no contexto, tem valor conclusivo e pode ser substituída por PORTANTO.

E) O deslocamento do LHE, na segunda ocorrência, para antes do verbo, manteria a correção gramatical.

Comentário: a palavra "que", na primeira ocorrência, é pronome relativo, pois está retomando o termo que o antecede (objeto); na segunda ocorrência, é sim conjunção integrante e está iniciando uma oração objetiva direta.

Em B, a afirmação está correta.

Em C, a conjunção "embora" inicia uma oração subordinada adverbial concessiva e não coordenada adversativa.

Em D, a conjunção "contudo" tem valor adversativo,

Gabarito: B

PROVA 3 – Analista de Sistema – CREA/AC - 2016

Texto para responder às questões de 01 a 15.

A nova Califórnia (Fragmento)

Tubiacanga era uma pequena cidade de três ou quatro mil habitantes, muito pacífica, em cuja estação, de onde em onde, os expressos davam a honra de parar. Há cinco anos não se registrava nela um furto ou roubo. As portas e janelas só eram usadas... porque o Rio as usava. [...]

Mas, qual não foi a surpresa dos seus habitantes quando se veio a verificar nela um dos repugnantes crimes de que se tem memória! [...] violavam-se as sepulturas do "Sossego", do seu cemitério, do seu campo-santo. [...]

A indignação na cidade tomou todas as feições e todas as vontades. [...] A própria filha do engenheiro residente da estrada de ferro, que vivia desdenhando aquele lugarejo [...] não pôde deixar de compartilhar da indignação e do horror que tal ato provocara em todos do lugarejo. Que tinha ela com o túmulo de antigos escravos e humildes roceiros? Em que podia interessar aos seus lindos olhos pardos o destino de tão humildes ossos? Porventura o furto deles perturbaria o seu sonho de fazer radiar a beleza de sua boca, dos seus olhos e do seu busto nas calçadas do Rio?

Decerto, não; mas era a Morte, a Morte implacável e onipotente, de que ela também se sentia escrava, e que não deixaria um dia de levar a sua linda caveirinha para a paz eterna do cemitério. [...]

Organizaram então uma guarda. Dez homens decididos juraram perante o subdelegado vigiar durante a noite a mansão dos mortos.

Nada houve de anormal na primeira noite, na segunda e na terceira; mas, na quarta, quando os vigias já se dispunham a cochilar, um deles julgou

lobrigar um vulto esgueirando-se por entre a quadra dos carneiros. Correram e conseguiram apanhar dois dos vampiros. [...]

A notícia correu logo de casa em casa e, quando, de manhã, se tratou de estabelecer a identidade dos dois malfeitores, foi diante da população inteira que foram neles reconhecidos o Coletor Carvalhais e o Coronel Bentes, rico fazendeiro e presidente da Câmara. Este último [...] a perguntas repetidas que lhe fizeram, pôde dizer que juntava os ossos para fazer ouro e o companheiro que fugira era o farmacêutico.

Houve espanto e houve esperanças. Como fazer ouro com ossos? Seria possível? Mas aquele homem rico, respeitado, como desceria ao papel de ladrão de mortos se a coisa não fosse verdade!

Se fosse possível fazer, se daqueles míseros despojos fúnebres se pudesse fazer alguns contos de réis, como não seria bom para todos eles!

O carteiro, cujo velho sonho era a formatura do filho, viu logo ali meios de consegui-la. Castrioto, o escrivão do juiz de paz, que no ano passado conseguiu comprar uma casa, mas ainda não a pudera cercar, pensou no muro, que lhe devia proteger a horta e a criação. Pelos olhos do sitiante Marques, que andava desde anos atrapalhado para arranjar um pasto, pensou logo no prado verde do Costa, onde os seus bois engordariam e ganhariam forças...

Às necessidades de cada um, aqueles ossos que eram ouro viriam atender, satisfazer e felicitá-los; e aqueles dois ou três milhares de pessoas, homens, crianças, mulheres, moços e velhos, como se fossem uma só pessoa, correram à casa do farmacêutico.

BARRETO, Lima. . In: SALES, Herberto (Org.). . Rio de Janeiro: Ediouro. p. 25-27. A nova Califórnia Contos brasileiros

Questão 01 - Sobre o texto leia as afirmativas a seguir.

IV. Uma cidade de cotidiano tão tranquilo, com habitantes supostamente pacíficos, só poderia reagir com indignação e imediata ambição diante da profanação dos túmulos.

V. O que determina a indignação da filha do engenheiro não é a profanação dos túmulos das pessoas simples de Tubiacanga, mas a possibilidade de que também seu túmulo pudesse ser profanado depois de sua morte.

VI. O texto critica o preconceito e o elitismo da sociedade, revelado pelo desprezo que a moça, filha do engenheiro, tinha pelo lugarejo simples e pela origem das pessoas.

Está correto o que se afirma em:

A) I, apenas.
B) I e III, apenas.
C) II e III, apenas.
D) I, II e III.
E) I e II, apenas.

Comentário:

Analisando as afirmativas:

I – errada – Há erro na afirmação de que as pessoas reagiriam com ambição diante da profanação dos túmulos, no texto consta somente que agiram com indignação.

II – certa – A confirmação dessa afirmação está no trecho: "era a Morte, a Morte implacável e onipotente, de que ela também se sentia escrava, e que não deixaria um dia de levar a sua linda caveirinha para a paz eterna do cemitério."

III – certa – A afirmação pode ser confirmada no trecho: "A própria filha do engenheiro residente da estrada de ferro, que vivia desdenhando aquele lugarejo [...] não pôde deixar de compartilhar da indignação e do horror que tal ato provocara em todos do lugarejo."

As afirmativas II e III estão corretas.

Gabarito: C

Questão 02 - Na construção do texto em prosa, Lima Barreto:

A) monta um cenário em que, além de fazer uma crítica exclusiva ao comportamento do brasileiro, ressalta a pobreza de imaginação e falta de criatividade do homem que vive na cidade.

B) elabora uma narrativa satírica em que a cupidez e o ridículo do comportamento nacional andam lado a lado.

C) denuncia o pensamento masculino de que a riqueza fácil resolveria, de imediato, os problemas e atenderia à fantasia de luxo e bem-estar econômico.

D) revela que, na realidade, Castrioto era um anjo, que trazia mensagem de paz para os habitantes da cidade.

E) elogia a ciência experimental, que consegue produzir ouro por meio das experiências em laboratórios e o comportamento humano.

Comentário:

À primeira vista, as alternativas que parecem estar corretas são a letra A e B. Analisando-as, temos:

Em A, não há respaldo no texto para a afirmação de que o autor faz críticas ao homem que vive na cidade. Apesar de se poder verificar uma crítica a determinado comportamento, não se pode afirmar que há crítica exclusivamente ao comportamento do brasileiro.

Na letra B, há fundamento porque o autor elaborou o texto de maneira a demonstrar que a cobiça é acompanhada do ridículo. Quando a população indignada da cidade soube que a violação dos túmulos poderia levá-los a resolver seus problemas financeiros, logo se interessaram e a indignação inicial deu lugar à cobiça.

Gabarito: B

Questão 03 - Sobre os elementos destacados do fragmento "Tubiacanga era uma pequena cidade de três ou quatro mil habitantes, muito pacífica, em cuja estação, de onde em onde, os expressos davam a honra de parar.", leia as afirmativas.

IV. A palavra MUITO é um pronome adjetivo indefinido.
V. CUJA é um pronome adjetivo relativo.
VI. OS EXPRESSOS é o sujeito da oração a qual pertence.

Está correto apenas o que se afirma em:

A) I.
B) II.
C) I e II.
D) I e III.
E) II e III.

Comentário:

I – errada – "muito", nesse contexto, está funcionando como advérbio de intensidade, modificando o termo "pacífica".

II – certa – "cuja" é um pronome relativo adjetivo indicativo de posse, que, nesse contexto, faz a relação entre "cidade" e "estação".

III – certa – "os expressos" é o sujeito da oração "davam a honra de parar".

Gabarito: E

Questão 04 - Sobre o segmento "As portas e janelas só eram usadas... porque o Rio as usava.", é correto afirmar que:

A) as categorias sintáticas presentes nas orações são formas independentes entre si e do conteúdo expresso no texto.

B) através da análise do segmento, pode-se depreender as várias unidades menores do período, isto é, as três orações (ou sentenças) nela existentes.

C) a partir da análise do fragmento, é possível verificar um problema de concordância verbal existente na segunda oração.

D) ao se decompor o segmento em unidades sintáticas, a fim de compreender a maneira pela qual os elementos sintáticos são organizados na sentença, percebe-se que foi omitida uma dessas unidades na primeira oração: o agente da passiva.

E) o verbo na voz ativa, na primeira oração, permite a compreensão dos vários mecanismos inerentes às unidades menores da língua.

Comentário:

A única alternativa que está coerente e de acordo com o fragmento do texto é a letra D. Na primeira oração, foi omitido o agente da passiva, que, por inferência, concluímos ser 'pelos moradores'.

Gabarito: D

Questão 05 - Do ponto de vista da norma culta, a única substituição que poderia ser feita, sem alteração de valor semântico e linguístico, seria:

A) "Decerto, não; mas era a Morte, a Morte implacável e onipotente, de que ela também se sentia escrava." = Decerto, não; mas era a Morte, a Morte implacável e onipotente, de que ela também sentia-se escrava.

B) "Há cinco anos não se registrava nela um furto ou roubo." = Há cinco anos não registrava-se nela um furto ou roubo.

C) "quando os vigias já se dispunham a cochilar" = quando os vigias já dispunham-se a cochilar.

D) "[...] a perguntas repetidas que lhe fizeram" = [...] a perguntas repetidas que fizeram-lhe.

E) "mas ainda não a pudera cercar" = mas ainda não pudera-lhe cercar.

Comentário:

A colocação pronominal da reescrita que consta na letra A é a única aceita segundo a norma culta.

Nas demais alternativas, há elementos que atraem o pronome, fazendo com que sua localização seja antes do verbo, ou seja, proclítica.

Gabarito: A

Questão 06 - Considerando-se o contexto, traduz-se corretamente o sentido de um segmento em:

A) "quando SE VEIO A VERIFICAR nela um dos repugnantes crimes" = quando iriam verificar nela um dos repugnantes crimes.

B) "os expressos DAVAM A HONRA de parar" = os expressos doavam dignamente as paradas.

C) "A indignação na cidade tomou todas as FEIÇÕES e todas as vontades." = A indignação na cidade tomou todos os formatos e todas as vontades.

D) "A notícia correu logo de CASA EM CASA" = A notícia correu logo pela grande extensão da cidade.

E) "quando os vigias já se DISPUNHAM A COCHILAR" = quando os vigias já dormitavam.

Comentário:

Analisando as alternativas:

A – errada – "se veio a verificar" dá ideia de fato ocorrido e "viriam verificar" dá ideia de fato provável de acontecer, possibilidade.

B – errada – "davam a honra" levanta ideia de concessão = 'paradas foram concedidas'. Já em "doavam dignamente as paradas" dá ideia de que os expressos doavam as paradas como se fossem objetos.

C – correta – "feições" pode ser entendido como "formatos".

D – errada – considerando o contexto, não se pode afirmar que a cidade tinha "grande extensão", uma vez que no primeiro parágrafo consta que se tratava de uma pequena cidade.

E – errada – de acordo com o contexto, "dispunham-se a cochilar" significa que eles decidiram cochilar por considerarem que não havia mais *risco. Já em "já dormitavam" tem-se ideia de que eles já estavam dormindo quando apareceu o vulto.*

Gabarito: C

Questão 07 - O segundo parágrafo do texto de Lima Barreto ancora-se na sugestão de duplo sentido da palavra SOSSEGO – apoiado pelas aspas – tomada ora com ideia abstrata, ora concreta. Esses sentidos são, respectivamente:

A) sentimentos individuais/ cidade de Tubiacanga.
B) referência à tranquilidade da cidade/ nome do cemitério.
C) expectativa da população/referência ao campo-santo.
D) eufemismo/cidade pacífica.
E) ênfase na hipérbole inicial/ amenização da morte.

Comentário:

No trecho "violavam-se as sepulturas do "Sossego", do seu cemitério, do seu campo-santo.", percebemos que o termo entre aspas tem duplo sentido: pode tanto ser entendido como o sossego dos habitantes, dando a entender 'lugar de descanso', como pode ser entendido como o nome do cemitério da cidade.

Gabarito: B

Questão 08 - "Houve espanto e houve esperanças. Como fazer ouro com ossos? Seria possível?"

A respeito do trecho acima, quanto aos aspectos gramatical, sintático e semântico, analise as afirmativas a seguir.

IV. O verbo do último período pertence a um tempo associado à incerteza, à relação de um fato futuro e um fato passado.

V. Não há referente, no texto, que justifique o uso de OSSOS pluralizado.

VI. ESPANTO e ESPERANÇAS, nas respectivas orações a que pertencem, assumem papel de objeto direto.

Está correto apenas o que se afirma em:

A) I e III.

B) I e II.

C) II e III.

D) II.

E) III.

Comentário:

A afirmativa II está incorreta. Há referente para a palavra "ossos", empregada no plural, no trecho: "Este último [...] a perguntas repetidas que lhe fizeram, pôde dizer que juntava os ossos para fazer ouro e o companheiro que fugira era o farmacêutico."

Gabarito: A

Questão 09 - Para que se compreenda bem a maneira como são escolhidas e utilizadas as formas verbais nos enunciados da língua portuguesa, é importante que se leve em conta uma noção muito importante: o aspecto verbal.

Nesse sentido, em "A própria filha do engenheiro residente da estrada de ferro, que VIVIA DESDENHANDO aquele lugarejo" a forma verbal destacada marca o aspecto:

A) momentâneo.

B) incoativo.

C) permansivo.

D) conclusivo.

E) durativo.

Comentário:

A locução verbal "vivia desdenhando", que está no pretérito imperfeito do indicativo, indica ideia de ação durativa, ou seja, que sempre acontecia.

Gabarito: E

Questão 10 - A oração destacada em "Mas, qual não foi a surpresa dos seus habitantes quando se veio a verificar nela um dos repugnantes crimes DE QUE SE TEM MEMÓRIA!" é subordinada:

A) adverbial causal.
B) adverbial consecutiva.
C) substantiva objetiva indireta.
D) adjetiva restritiva.
E) substantiva completiva nominal.

Comentário:

A expressão destacada no enunciado da questão exerce a função sintática de adjetivo do termo "crime", é, portanto, uma oração subordinada adjetiva restritiva.

A alternativa E levanta dúvida, mas o termo "crime" tem sentido completo, portanto não necessita de complemento nominal.

Gabarito: D

Questão 11 - Em "Organizaram ENTÃO uma guarda.", a palavra em destaque apresenta a seguinte relação:

A) adversativa.
B) explicativa.
C) conclusiva.
D) consecutiva.
E) concessiva.

Comentário:

O termo "então" indica relação de conclusão.

Gabarito: C

Questão 12 - O termo destacado em "um deles julgou lobrigar um vulto esgueirando-SE por entre a quadra dos carneiros.", no contexto, é:

A) partícula apassivadora.

B) pronome reflexivo.

C) índice de indeterminação do sujeito.

D) conjunção subordinativa condicional.

E) conjunção integrante.

Comentário:

O "se" em "esgueirando-se" demonstra que a ação foi realizada e sofrida pelo mesmo indivíduo. Trata-se de um pronome reflexivo.

Gabarito: B

Questão 13 - A transposição da segunda oração da frase "Há cinco anos não se registrava nela um furto ou roubo." para a voz passiva analítica implicará:

A) a utilização de UM FURTO OU ROUBO como sujeito.

B) em que se use a forma verbal REGISTRAVA-SE.

C) a utilização de NELA como sujeito.

D) em que o sujeito de HAVER passe a ser CINCO ANOS.

E) a utilização da forma verbal HAVIA REGISTRADO.

Comentário:

A segunda oração "não se registrava nela um furto ou roubo" passada para a voz passiva analítica é: 'um furto ou roubo não era registrado nela', em que temos "um furto ou roubo" como sujeito paciente.

Gabarito: A

Questão 14 - Considere as seguintes afirmações sobre aspectos do texto:

I. Na frase "Se fosse possível fazer, se daqueles míseros despojos fúnebres se pudesse fazer alguns contos de réis, como não seria bom para todos eles!" as palavras MÍSEROS e FÚNEBRES concordam com DESPOJOS.

II. Atentando para o uso do sinal indicativo de crase, o A, em todas as ocorrências no segmento "Mas, qual não foi a surpresa dos seus habitantes quando se veio a verificar nela um dos repugnantes crimes", deveria ser acentuado.

III. Na frase "Às necessidades de cada um, aqueles ossos que eram ouro viriam atender, satisfazer e felicitá-LOS", o elemento destacado substitui, no contexto, o vocábulo OSSOS.

Está correto apenas o que se afirma em:

A) I e II.

B) II e III.

C) III.

D) II.

E) I.

Comentário:

Apenas a afirmativa I está correta.

As afirmativas II e III estão erradas porque não ocorre crase nos "a" do trecho destacado em II; e em III, o "-los" está se referindo a "cada um".

Gabarito: E

Questão 15 - "Se fosse possível fazer, se daqueles míseros despojos fúnebres se pudesse fazer alguns contos de réis, como não seria bom para todos eles!" O efeito de sentido que a frase exclamativa provoca é:

A) corresponde a um sentimento do interlocutor/leitor em relação ao fato narrado.

B) confere contemplação à situação vivida em relação ao desaparecimento dos ossos.

C) introduz uma hipótese a averiguar a respeito do fazendeiro e do presidente da Câmara.

D) exprime estado psicológico do locutor relativamente ao interlocutor e a um estado de coisas especificado.

E) expressa estímulo para que se comece a investigação sobre os roubos dos ossos para verificar a veracidade a denúncia narrativa.

Comentário:

O locutor ou narrador é onisciente, uma vez que além de narrar o fato, narra também o que os personagens pensam. Sendo assim, ele deixa transparecer para o interlocutor o seu estado psicológico, que parece ser de contentamento, uma vez que conhece as necessidades dos personagens. Esse caráter psicológico do narrador pode ser melhor observado no penúltimo parágrafo.

Gabarito: D

PROVA 01

1. A
2. C
3. B
4. C
5. D
6. D
7. E
8. E
9. E

PROVA 02

1. B
2. E
3. B
4. B
5. C
6. E
7. D
8. A
9. B
10. B

PROVA 02

1. C
2. B
3. E
4. D
5. A
6. C
7. B
8. A
9. E
10. D
11. C
12. B
13. A
14. E
15. D

No mais, alunos queridos, estarei aqui torcendo pelo sucesso de cada um de vocês! Espero que minhas aulas tenham feito diferença no estudo de vocês!

Apaixonada que sou pelo grande Fernando Pessoa, deixo um poema lindíssimo do heterônimo Ricardo Reis, do genial poeta:

Para ser grande, sê inteiro
Nada teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa.
Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda brilha,
Porque alta vive.

Entregue-se inteiro a seu objetivo, não pela metade, não desanimado, mas TODO, viva alto como a lua no céu e veja quão imenso e lindo é o reflexo que você produz!

Grande abraço a todos!

FALE
COMIGO

Entrem em contato sempre que quiserem e/ou precisarem! Vamos manter contato! Estou lá no Facebook, heim!! Mandei um "oi" para mim!

Forte abraço!

Rafaela Freitas.

Contato: professorarafaelafreitas@gmail.com

Curtam minha página no FaceBook e sigam no Instagran:

Palavreando com Rafa Freitas.

Concordância
nominal
e verbal

Sumário

Apresentação..5

Concordância nominal..5

- Adjetivo na referência a um substantivo 5
- Adjetivo na referência a dois ou mais substantivos... 6
  - O plural se imporá se o adjetivo 7
- Um substantivo com dois ou mais adjetivos a referenciá-lo 9
- Concordância com numerais ordinais 10
- Concordância dos adjetivos compostos de dois ou mais elementos 11
  - Exceção..11
- Adjetivo na indicação de cor 11
- Casos especiais.. 12
  - Bastante 12
  - Alerta 13
  - Melhor..13
  - Mesmo e próprio..13
  - Só..14
  - Extra e quite..14
  - Junto..14
  - Pseudo (prefixo)..16
  - De forma que, de maneira que, de modo que 16
  - Um e outro, um ou outro, nem um nem outro.................................16
  - Todo..17
  - Caro e barato 17
  - Meio e meia 17
  - Adjetivos na função de advérbios 18
  - É bom, é necessário, é preciso, é proibido e assemelhados 18
  - Anexo 19
  - Obrigado..19
  - Menos e **menas** 19
  - Milhão e milhar 20
  - Possível 20

CONCORDÂNCIA VERBAL..20

- Um dos que 21
- Mais de um.. 23
- Menos de, cerca de, perto de e assemelhados... 23
- Nem um nem outro.. 23
- Um e outro.. 24
- Um ou outro.. 24

- Que 24
- Quem 25
- Coletivos partitivos 25
- Porcentagem 26
- Um milhão, um bilhão, um trilhão etc. 26
- Sujeito formado por pronome interrogativo ou indefinido acompanhado pelas expressões **de nós, de vós, de vocês** 27
- Pronomes de tratamento 27
- Como, inclusive, exceto, menos, bem como, assim como e assemelhados 28
- Bater, dar, soar 28
- Ser 28
- É bastante, é muito, é pouco, é suficiente, é tudo, é nada, é mais, é menos e assemelhados 29
- Sujeito no singular e predicativo no plural 29
- Predicativo é o pronome demonstrativo **O** 30
- Substantivos próprios ou comuns terminados em **S** 30
- Títulos de obras terminados em **S** 31
- Sujeito oracional ou constituído de verbos no infinitivo 32
- Sujeito composto resumido por pronome indefinido 32
- Sujeitos precedidos de **cada** ou **nenhum** 32
- Sujeitos ligados por **não só…mas também; tanto…como; tanto…quanto** 33
- Verbo acompanhado do pronome SE 33

VERBOS IMPESSOAIS 36
- Haver 36
- Estar, fazer, ser 37

INFINITIVO 38
- Impessoal (sem flexão) 38
- Pessoal (flexionado) 40

VERBO SER NO INFINITIVO 42

ESTUDO COMPLEMENTAR 42
- Haver 42
- HÁ e A 43
- Há menos de, a menos de 44
- Haja vista 44
- Fazer 45

Apresentação

Neste volume, apresentamos os principais casos de concordância nominal e verbal para auxiliar nossos amigos a redigir um texto sem erros banais que, por falta de domínio dos rudimentos da língua, tiram o brilho da comunicação.

Não é nossa pretensão esgotar o assunto, mas, sim, facilitar a vida de quem faz da Língua Portuguesa seu instrumento de trabalho.

Boa leitura!

Concordância nominal

Dá-se em gênero – feminino e masculino – e em número – singular e plural – entre nomes e pares nominais (substantivos, adjetivos, artigos, pronomes e palavras que pertençam, na relação semântica, ao universo nominal).

Adjetivo na referência a um substantivo

Faça-o concordar em gênero e número com o substantivo:

Os jurados indicados pelas partes tomaram assento no tribunal.

As mães aflitas devem ser **consoladas**.

A punição dada ao réu foi **merecida**.

Os argumentos fortes e **coerentes** acarretam **bons resultados** e satisfazem **as partes envolvidas**.

Alguns homens justos e **generosos** granjeiam **a admiração** de **todos os** (indivíduos) que se dedicam ao bem-estar da comunidade.

O centro velho de São Paulo carece de **reformas substanciais**.

A beleza feminina é **ditada** pela sensibilidade.

Inconformado com os últimos acontecimentos, **um grupo** de moradores exigiu providências do governo.

Inconformadas com a falta de segurança, **várias mães** exigiram providências do governo.

Adjetivo na referência a dois ou mais substantivos

Acerte sempre, pondo-o no plural e no gênero dos substantivos:

Gostamos de **mamão** e **abacate maduros**.

A **porta** e a **janela** da sala estão **emperradas**.

Obs.: com substantivos de gêneros diferentes, o adjetivo fica no masculino:
Paulo e **Cláudia**, **comprometidos** com o projeto, apresentaram soluções para a construção do viaduto.
Homens e **mulheres honestos**.
Comprei **uma moto** e **dois carros novos**.
Comprei **dois carros** e **uma moto novos**.
Indignados, **promotor** e **juíza** deixaram o tribunal.
Prezados diretor e **assistente**, …

Importante

Se o adjetivo vier anteposto aos substantivos, poderá concordar com o mais próximo (atração):

Trabalhamos numa **ótima instituição** e curso.

Temos **ótima direção**, coordenação e professores nesta universidade.

Quando o mais próximo estiver no plural masculino, a concordância passará a ser lógica:

Nesta universidade, temos **excelentes professores**, **direção** e **coordenação**.

Se o adjetivo vier posposto aos substantivos, poderá também concordar com o mais próximo (atração):

Naquele antiquário, encontramos uma escultura, um vaso e uma **tela valiosa**.

Naquele antiquário, encontramos uma escultura, uma tela e **um vaso valioso**.

Naquele antiquário, encontramos telas, vasos e **esculturas valiosas**.

Obs.: Mas não se esqueça de que, ao fazê-lo concordar com o grupo de substantivos, no plural e no gênero prevalente, você acertará sempre.

No entanto, quando o sentido exigir, será obrigatório fazer o adjetivo concordar com o mais próximo:

Comi arroz, feijão e **mamão maduro**.

Analisemos os mapas e **a área cultivada**.

Se os substantivos forem sinônimos ou indicarem gradação, a concordância se fará preferencialmente (mas não exclusivamente como querem alguns gramáticos) com o mais próximo:

Meu amigo, para ficarmos convencidos de sua cumplicidade, uma palavra, um gesto, **um olhar carinhoso** basta.

Seu esforço, empenho e **dedicação extrema** é suficiente para o sucesso de nossa parceria.

O plural se imporá se o adjetivo

1. for predicativo do objeto:

O juiz considerou **culpados o chefe** e **o subchefe** da quadrilha.

Quem considerou?

O juiz (sujeito).

O juiz considerou a quem?

O chefe e **o subchefe** da quadrilha (objeto de considerar).

Qual a situação imputada a eles?

A culpa (representada pelo adjetivo **culpados**, que passa a caracterizar a situação imposta pelo juiz, sendo, portanto, predicativo do objeto).

2. caracterizar nomes próprios:

Os preguiçosos Alex e **Gumercindo** não concluíram o trabalho a eles confiado.

Os amigos Carla e **Mauro** estavam dispostos a colaborar.

Assim se procederá também com relação aos pronomes de tratamento:

Os senhores Manuel e **José** devem permanecer calados.

Cabe ressaltar que o adjetivo na função de predicativo (seja ele do sujeito ou do objeto) deve sempre concordar em gênero e número com os substantivos a que se refere:

Portanto,

O quadro e **a sala** estavam **sujos**.

O deputado ameaçou tornar **públicos o nome** e **o endereço** dos desafetos.

São **insuportáveis o calor** e **o frio** nesta cidade.

Andavam **tristes o cunhado** e **a mulher** do falecido.

Foram **conclusivos o laudo pericial** e **os depoimentos das testemunhas**.

O promotor e **o advogado de defesa** mantiveram-se **calados** durante a leitura da sentença.

Obs.: O adjetivo predicativo permanecerá no singular (invariável) se estiver representado por substantivo abstrato ou tratado de forma genérica:
Os alunos são **o alvo** principal de nosso trabalho.
Os resultados do Enade foram **o ponto chave** da discussão.
Os traficantes são **a escória** da sociedade.

Um substantivo com dois ou mais adjetivos a referenciá-lo

Admitem-se as seguintes concordâncias:

> **Os setores público** e **privado** devem ser parceiros nas causas sociais.
>
> **Os governos paraguaio** e **brasileiro** assinaram acordo para geração de energia elétrica.
>
> **As bandeiras brasileira** e **francesa** tremularam durante as comemorações.
>
> **As polícias civil** e **militar** contiveram os manifestantes.
>
> **O setor público** e **o privado** devem ser parceiros nas causas sociais.
>
> **O governo paraguaio** e **o brasileiro** assinaram acordo para geração de energia elétrica.
>
> **A bandeira brasileira** e **a francesa** tremularam durante as comemorações.
>
> **A polícia civil** e **a militar** contiveram os manifestantes.

Obs.: Prefira esta construção, que apresenta o segundo adjetivo precedido de **o** ou **a** – por soar melhor em alguns contextos:

O setor público e **o privado** devem ser parceiros nas causas sociais.

O governo paraguaio e **o brasileiro** assinaram acordo para geração de energia elétrica.

A bandeira brasileira e **a francesa** tremularam durante as comemorações.

A polícia civil e **a militar** contiveram os manifestantes.

Atenção!

Embora alguns gramáticos defendam também como correta a concordância com o substantivo no singular sem a anteposição de **o** ou **a** ao segundo adjetivo, **EVITE**-a:

O setor público e privado devem ser parceiros nas causas sociais.

O governo paraguaio e brasileiro assinaram acordo para geração de energia elétrica.

A bandeira brasileira e francesa tremularam durante as comemorações.

A polícia civil e militar contiveram os manifestantes.

Cuidado com algumas construções

Os governos estaduais, municipais e **federal** não pouparão esforços para a realização da Copa em 2014.

Note que **federal** é um só governo; por isso, não deve fazer parte do grupo cujo referente é **governos**. Para resolver o problema, anteponha o artigo ao adjetivo:

Os governos estaduais, municipais e **o federal** não pouparão esforços para a realização da Copa em 2014.

Concordância com numerais ordinais

Embora se admitam as seguintes construções:

Primeiro e **segundo graus**...

O primeiro e **o segundo grau**...

O primeiro e **segundo graus**...

O primeiro e **segundo grau**...

O primeiro e **o segundo graus**...

Obs.: Prefira estas:
Primeiro e **segundo graus**...
O primeiro e **o segundo grau**...
O primeiro e **segundo graus**...

Concordância dos adjetivos compostos de dois ou mais elementos

Só há variação do último elemento, que concorda com o substantivo a que se refere:

Os **acordos** luso-**brasileiros** trouxeram benefícios à população.

As **festividades** teuto-franco-**libanesas** agradaram a todos.

Ele goza de boas **condições** socio**econômicas**.

Os jovens devem ler **publicações** infanto-**juvenis**.

Gosto de participar das **discussões** histórico-**filosóficas**.

O **acordo** franco-**brasileiro** envolve produção e compra de aviões.

Exceção

Surdo-mudo (os dois elementos variam):

Ela é **surda-muda**.

Paulo e **Priscila** são **surdos-mudos**.

A meningite deixou-**os surdos-mudos**.

Adjetivo na indicação de cor

O adjetivo também colore nossa vida, o ambiente, as coisas:

Compramos **calças verdes** e **camisas amarelas**.

Quando tivermos um substantivo a indicar a cor, não haverá variação. Neste caso, subentende-se **cor de**:

Sobre a cama havia **anáguas** (cor de) **manga**, **sutiãs rosa**, **lençóis creme** e **travesseiros turquesa**.

Compramos dois **carros vinho** e três **motos cinza**.

Para indicar **a cor**, quando composto de:

Adjetivo+adjetivo

Só o último elemento varia (concorda com o substantivo):

Teus **olhos** azul-**escuros** me seduzem.

Você fica bem de **camisa** verde-**amarela**.

Obs.: Os adjetivos azul-celeste, azul-marinho e furta-cor são invariáveis.

Adjetivo+substantivo

Não há variação dos elementos:

Os militares usam **calças verde-oliva**, e você, **vestidos amarelo-canário**.

Cor+de+substantivo

Será sempre invariável:

Nossa vida é e sempre será **cor-de-rosa**.

Casos especiais

Bastante

Quando tiver valor de advérbio de intensidade (equivalente a **muito**, **suficientemente**), será invariável:

Comi **bastante** (muito).

Estes exercícios são **bastante** fáceis. (Neste caso, prefira **muito** fáceis).

Ele é **bastante** inteligente para aceitar propostas sem fundamento. (Dê preferência a **muito** inteligente…)

Como pronome indefinido (acompanhando o substantivo), deverá concordar com ele:

Comemos **bastantes frutas**. Entretanto, devemos evitar o uso.

Será melhor escrever "**muitas frutas**".

Nesta sala, cabem **bastantes alunos**. (Prefira **muitos alunos**)

Alerta

Mantenha-o invariável:

> As sentinelas estão sempre **alerta**.
>
> As pessoas devem manter-se sempre **alerta** às decisões do governo.

Melhor

Só se pluraliza como adjetivo (equivale a **mais bom**):

> **Ronaldo** e **Felipe** são, atualmente, os **melhores** jogadores do Corinthians.
>
> Com muita luta, vocês conseguirão **melhores resultados**.

Como advérbio, torna-se invariável (equivale a **mais bem**):

> Os deputados devem analisar **melhor** os projetos.
>
> Os computadores nos permitem conhecer **melhor** os fatos.

Obs.: com particípios verbais, o uso de melhor é proibido.
Em seu lugar, deve-se empregar mais bem:
Os suprimentos devem ser **mais bem distribuídos**.
(o advérbio **bem** indica **modo**, **maneira de**, e o **mais** funciona como intensificador.)
As avaliações deveriam ser mais **bem analisadas**.
As argumentações (mais) **bem fundamentadas** serão aceitas pela promotoria.

Mesmo e próprio

Como demonstrativos, concordam com o termo (substantivo ou pronome) a que se referem:

> **Eu mesma** (própria) comprei o barco, disse **Esmeralda**.
>
> "A cidade ainda está em uma UTI", disse a prefeita, apesar de **ela mesma** (própria) ter mencionado…
>
> **A ré mesma** desistiu de enfrentar o júri.

Aenção!

Mesmo é invariável:

a) como advérbio – equivale a **de fato**, **realmente**:

Eles vão **mesmo** (de fato, realmente) à praia?

Paula e Márcia gostam **mesmo** (de fato, realmente) de mim?

b) **como conjunção subordinativa** – equivale a **embora**:

Mesmo que faça sol, ficarei em casa.

Só

É variável quando significa **sozinho** ou equivale ao demonstrativo **mesmo**:

Eles vivem **sós** (sozinhos)

As imagens não falam por si **sós** (mesmas).

Como advérbio, o **só** não sofre variação (equivale a **somente**, **apenas**):

Só (somente, apenas) ele votou no deputado.

O juiz **só** (somente, apenas) deferiu o processo após ouvir as alegações das partes.

Extra e quite

Sempre concordarão em número (singular e plural) com o substantivo:

Nesta empresa, não se pagam **horas extras**.

Peço-lhe que faça **atividade extra**.

(**Nós**) Estamos **quites** com nossas obrigações militares.

Os sócios estão quites com a Receita Federal.

Junto

Como adjetivo, concorda com o substantivo ou com o pronome substantivo:

As meninas almoçaram **juntas**.

Todos estavam **juntos**.

Sentamo-**nos juntos** à mesa.

Como advérbio, fica invariável (modifica o verbo):

Junto encaminho os cálculos que você me pediu.

Observação

As locuções **junto a** e **junto de** significam **perto de** e são invariáveis:

Estavam **junto ao** poste.

Durante a discussão, a advogada ficou **junto do** cliente.

Cuidado!

Não utilize **junto a** indevidamente:

Errado: Exigiu providências **junto à** polícia.

Correto: Exigiu providências **da** polícia.

Errado: Pediu dinheiro emprestado **junto ao** Banco Real.

Correto: Pediu dinheiro emprestado **no** Banco Real.

Errado: O vereador quer promover atividades **junto à** comunidade.

Correto: O vereador quer promover atividades **com a** comunidade.

Evite o uso de **junto com**, pois é redundante:

O advogado de defesa entrou no tribunal **junto com** o cliente.

Ele foi **junto com** o pai ao hospital.

Diga ou escreva:

O advogado de defesa entrou no tribunal **com** o cliente.

O advogado e seu cliente entraram **juntos** no tribunal.

Advogado e cliente entraram **juntos** no tribunal.

Ele foi **com** o pai ao hospital.

Pai e filho foram **juntos** ao hospital.

Pseudo (prefixo)

É sempre invariável. É elemento de composição de palavras:

As **pseudoverdades** destroem a boa argumentação.

A **pseudoeducação** deforma o desenvolvimento dos jovens.

Observação

O prefixo **pseudo** liga-se com hífen a palavras iniciadas pela mesma **vogal** ou por **h**:

Pseudo-hérnia; pseudo-hipertrofia; pseudo-hiperparatireoidismo; pseudo-história; pseudo-organização; pseudo-orgasmo; pseudo-osteose.

Nos demais casos, o hífen desaparece:

Pseudoconformismo; pseudodemocracia; pseudofilosofia; pseudointeligência; pseudorrepública; pseudossindicato.

De forma que, de maneira que, de modo que

São sempre invariáveis:

Preparou o projeto **de modo que** atendesse às exigências da banca examinadora.

Ronaldo posicionou-se na grande área **de forma que** pudesse cabecear a bola com precisão.

Responda às questões **de maneira que** fiquem bem claros seus argumentos.

Evite de forma a, **de maneira a**, **de modo a**.

Um e outro, um ou outro, nem um nem outro

Com estas expressões, se houver substantivo posposto, este ficará no singular:

Um e outro deputado abstiveram-se de votar no plenário.

Um e outro amigo confraternizaram no Ano Novo.

Um ou outro caso de quebra de decoro parlamentar foi analisado pela Comissão de Ética.

Nem um nem outro ato de corrupção foram punidos exemplarmente.

Todo

Pode ter função adverbial, modificando um adjetivo (equivale a completamente, inteiramente, totalmente). Como tal, mantém-se invariável:

> Os manifestantes ficaram **todo** (totalmente) **interessados** no resultado do discurso do governador.
>
> As chuvas deixaram-nos **todo** (completamente) **molhados**.

Ou pode funcionar como pronome indefinido, concordando, por atração, com o substantivo ou pronome:

> **Os manifestantes** ficaram **todos** interessados no resultado do discurso do governador.
>
> As chuvas deixaram-**nos todos** molhados.

Caro e barato

Como advérbios, não variam (modificam o verbo):

> A energia elétrica custa **caro**.
>
> As frutas natalinas custam **barato**.

Como adjetivos, concordam com o substantivo:

> **A energia** elétrica é **cara**.
>
> **As frutas** natalinas são **baratas**.

Meio e meia

MEIO, significando **um tanto**, **um pouco**, **mais ou menos**, mantém-se invariável. Acompanha particípio adjetivado ou adjetivo:

Carla anda **meio** triste.

A porta está **meio** aberta.

As professorinhas continuam **meio** insatisfeitas.

Patricinha está **meio** cansada.

MEIO, significando **metade**, é variável.
Concorda com o substantivo a que se refere.
Assim,

É meio-dia e **meia** (**hora**).

Tomaram **meia dose** de uísque.

Compramos **meio quilo** de farinha.

Adjetivos na função de advérbios

Modificam o verbo e não variam:

A Skol desce **redondo** (redondamente).

Você fala **gostoso** (gostosamente).

"Doutor fala **bonito**."

O medo o fez suar **frio**.

Andem **rápido** (rapidamente).

É bom, é necessário, é preciso, é proibido e assemelhados

Quando se referem a substantivo (sujeito) tomado no sentido genérico, indeterminado, ficam invariáveis:

Água **é bom** para evitar doenças.

Entrada **é proibido**.

Calma ao volante **é necessário**.

É permitido saída.

Se o substantivo (sujeito) estiver determinado por artigo ou pronome, a concordância se fará com o determinante:

Esta água é **boa** para consumo.

A entrada é **proibida**.

A calma ao volante é **necessária**.

É **permitida a** saída.

Anexo

É apenas adjetivo e, como tal, concorda com o substantivo a que se refere:

Seguem **anexas as cartas**.

Seguem **anexos os documentos**.

Evite o uso da expressão invariável **em anexo.**

Obrigado

Concorda com o termo a que se refere:

Quando agradece, **ela** diz muito **obrigada**, e **ele**, muito **obrigado**.

Quando o agradecimento é coletivo, **elas** dizem muito **obrigadas**, e **eles**, muito **obrigados**.

Obs.: Quando se mesclam os elementos que agradecem, a concordância se faz no masculino:
Elas e **ele** dizem muito **obrigados**.

Menos e **menas**

Em hipótese alguma use **menas**, pois esta palavra não existe em Língua Portuguesa.

Em qualquer situação, utilize **MENOS**:

Estou cansado; por isso, darei **menos** aulas hoje.

Mais amor e **menos** confiança.

Quero comer **menos** verdura.

Milhão e milhar

São substantivos masculinos; por isso, os elementos que os determinam devem permanecer no mesmo gênero, concordando com essas palavras:

Dois milhões de pessoas compareceram à passeata.

Foram **vendidos** seis **milhões** de revistas.

Foram **destruídos os** três **milhões** de cópias piratas que estavam no depósito da Polícia Federal.

Recuperamos **dois dos** sete **milhões** de libras esterlinas.

Dois milhões de crianças desapareceram.

Possível

Fica invariável nas expressões compostas de **o menos**, **o mais**, **o melhor**, **o pior**:

O programa social atingiu **o maior** número de pessoas **possível**.

As instruções devem ser **o mais** legíveis **possível**.

Com o artigo no plural, o adjetivo também vai para o plural:

Nos últimos jogos, os resultados do Palmeiras foram **os** piores **possíveis**, e os do Flamengo, **os** melhores.

Obs.: Prefira a construção invariável.

CONCORDÂNCIA VERBAL

Relação de número (singular e plural) e pessoa (1ª, 2ª e 3ª) que se estabelece entre verbo e sujeito na frase:

Siga sempre o esquema:

a) Sujeito simples no singular, verbo no singular;
b) Sujeito simples no plural, verbo no plural;
c) Sujeito composto, verbo sempre no plural.

Obs.: o que está entre parênteses, nos exemplos abaixo, não deve aparecer na frase. Foi posto apenas para orientar o leitor.

Márcia se **comunica** muito bem com **todas as pessoas** que **conversam** com ela.

O amor e a virtude (**eles**) **são** essenciais para as boas relações humanas.

Eu e você (**nós**) **concordamos** com a necessidade de escrever bem.

A humildade e a boa ignorância são os primeiros passos para alcançar a sabedoria.

Nunca **nos esqueçamos** (**nós**) de que **a boa comunicação contribui** para o sucesso do indivíduo.

Você encontrará, a seguir, todos os exemplos de que (**você**) **precisa** para falar e escrever corretamente.

Um dos que

Carlos é **um dos que defendem** (ou defende) a ética nas empresas.

Embora alguns gramáticos defendam, com a expressão **um dos que**, o uso do verbo no singular ou no plural, indiferentemente, justificando o singular pelo destaque que se quer dar a **um**, **aconselhamos seja empregado o verbo apenas no plural**. Assim,

Carlos é **um dos que defendem** a ética nas empresas.

João foi **um dos que enfrentaram** todos os problemas, vencendo-os com dignidade.

Obs.: Um dos motivos que nos levam a justificar a concordância no plural é a construção com expressões de sentido contrário. Nestes casos, é impossível deixar o verbo no singular:
Nenhum dos que defendem a ética nas empresas esteve

presente à reunião.
Nem um dos que defendem a ética nas empresas compareceu à reunião.
Nenhum dos que enfrentaram todos os problemas soube vencê-los com dignidade.
Nem um dos que enfrentaram todos os problemas soube vencê-los com dignidade.

Se você quiser enfatizar apenas o elemento, atribuindo-lhe a ideia, utilize-se dos mecanismos que a língua lhe oferece:

Carlos é que **defende** a ética nas empresas.

Quem defende a ética nas empresas **é Carlos**.

Importante

Se antes **do que** vier um substantivo e a ideia expressa pelo verbo for atribuída a um ser apenas, o verbo ficará, obrigatoriamente, no singular:

A Lua é um dos corpos celestes que desperta o suspiro dos namorados.

(Neste caso, só a Lua tem essa característica.)

Caso a ideia se refira a dois ou mais seres, o verbo vai para o plural:

A Lua é **um dos corpos celestes que circundam** a Terra.

(Neste caso, há outros corpos celestes que circundam a Terra, e não só a Lua.)

Obs.: No entanto, para evitar estranheza na concordância, sugerimos que se altere a frase (o primeiro exemplo) para:
A Lua é o corpo celeste que **desperta** o suspiro dos namorados.
Entre os corpos celestes, **a Lua** é que **desperta** o suspiro dos namorados.
A Lua, um dos corpos celestes, **desperta** o suspiro dos namorados.

Mais de um

Com a expressão **mais de um**, mantenha o verbo no singular:

Mais de um concorrente **abandonou** a prova.

Mais de um policial **conteve** a fúria dos torcedores.

Obs.: Deve-se usar o plural se houver reciprocidade de ideias (ação recíproca):
Mais de um concorrente **se cumprimentaram** antes da competição.
(A ideia expressa pelo verbo exige, no mínimo, duas pessoas.)
Mais de um oponente **bateram-se** em duelo.

Menos de, cerca de, perto de e assemelhados

Com estas expressões, o verbo concorda com o numeral que as acompanha:

Menos de **dez** profissionais **compareceram** à cerimônia.

Cerca de **cinquenta** carros **ficaram destruídos**.

Nem um nem outro

Dê preferência ao verbo no plural:

Nem um nem outro contribuíram para a concretização do plano.

Estenda a observação para:

Nem seu pai nem seu irmão irão ao congresso.

Singular só se o contexto determinar a exclusão de um dos elementos:

Nem um nem outro será considerado vencedor da maratona.

Nem um nem outro parlamentar acusado de corrupção **assumirá** a presidência da Casa.

Um e outro

Dê preferência ao verbo no plural:

Um e outro merecem nossa consideração.

Um e outro estavam discutindo o assunto,…

Um e outro jornalista **receberão** o prêmio.

Um ou outro

Deixe o verbo no singular:

Meu caro amigo, **um ou outro** advogado **defenderá** nossa causa.

Um ou outro amigo **saberá** recompensá-lo.

Que

Com o relativo **que**, a concordância com o antecedente se impõe:

Fomos **nós que pagamos** a conta.

São **eles que se entregam** a tais propósitos.

Sou **eu que preciso** de carinho.

Obs.: a expressão de realce (enfática) **é que** é invariável. A concordância se mantém entre os elementos que se relacionam na frase:

Nós é que pagamos a conta.
Eles é que se entregam a tais propósitos.
Eu é que preciso de carinho.

Quem

Com o pronome quem, aconselhamos que se faça a concordância com ele:

Sou eu **quem aprecia** os bons momentos.

És tu **quem usufrui** as delícias da cidade.

É ele **quem goza** os prazeres da vida.

Lembre-se de que o **quem** significa **aquele que.** Por isso, a concordância se justifica.

Coletivos partitivos

Com expressões partitivas seguidas de adjunto no plural, **aconselha-se a concordância no singular**, embora os gramáticos aceitem, indiferentemente, singular e plural:

A maioria dos acadêmicos **deixou** (deixaram) o recinto.

A minoria dos cientistas **concordou** (concordaram) com as novas diretrizes do CNPq.

Grande parte dos acadêmicos **compareceu** (compareceram) ao debate.

A maior parte dos espectadores **assistiu** (assistiram) às comemorações.

A menor parte dos cientistas **concordou** (concordaram) com as novas diretrizes do CNPq.

Parte dos pesquisadores **saiu** (saíram) do laboratório.

Metade dos deputados **absteve**-se (abstiveram-se) de votar.

Um grupo de torcedores do Coritiba, além de **depredar** (depredarem) o estádio, **agrediu** (agrediram) juiz, bandeirinhas, policiais e jogadores depois do jogo.

O cardume de piranhas **tem** (têm) provocado grandes prejuízos aos pecuaristas.

Porcentagem

Quando se trata de porcentagem seguida de elemento no plural, a concordância se faz com ela:

35% dos recursos **se destinam** a projetos sociais.

2% dos acadêmicos **compareceram** ao debate.

1% dos acadêmicos **compareceu** à conferência.

50% dos jovens **estão trabalhando** em projetos sociais, **mas a metade** deles não **colabora** com os mais necessitados.

Se o elemento a que a porcentagem se refere estiver no singular, será melhor concordar com ele:

30% **do povo rejeitou** a proposta do governo.

50% **do viaduto precisa** de reparos.

Caso se particularize (determine) a porcentagem, a concordância se faz com ela:

Os 20% da dívida **serão pagos** no dia 15 de janeiro.

Aqueles 30% da comissão **foram descontados** do preço total do imóvel?

Se o nome vier anteposto à porcentagem, o verbo concordará com ela:

Da população, **30% rejeitaram** a proposta do governo.

Dos candidatos, apenas **1%** não **foi aprovado**.

Se o verbo estiver antes do número da porcentagem, concordará com ele:

Foram destruídos 35% da plantação de café.

Estão alagados 25% dos municípios gaúchos.

Um milhão, um bilhão, um trilhão etc.

Embora a ideia seja plural, conservam o verbo no singular:

Um milhão de pessoas **compareceu** ao evento.

Um bilhão de dólares **foi gasto** na construção do metrô.

No entanto, se a um milhão, um bilhão, um trilhão seguir-se um termo para indicar quantidade exata, levaremos o verbo para o plural:

Um milhão e trezentas mil pessoas **compareceram** ao evento.

Um bilhão, duzentos e cinquenta milhões e trezentos mil dólares **foram gastos** na construção do metrô.

Sujeito formado por pronome interrogativo ou indefinido acompanhado pelas expressões de nós, de vós, de vocês

Com o pronome no singular, o verbo deve concordar no mesmo número:

Qual de nós será eleito presidente?

Qual de vocês deixará o tribunal?

Com o pronome no plural, o verbo deve ir para o plural e concordar, preferencialmente, com o pronome ou com a expressão:

Quais de vocês permanecerão nesta sala?

Quais de vós preferem que o julgamento seja adiado?

Quais **de vós preferis** que o julgamento seja adiado?

Quantos de nós estarão dispostos a abraçar a causa?

Quantos **de nós** estaremos dispostos a abraçar a causa?

Pronomes de tratamento

Verbo sempre na terceira pessoa:

Vossa Senhoria deve acompanhar-me.

Sua Santidade esteve no Brasil.

Vossa alteza comportou-se como um verdadeiro líder.

Como, inclusive, exceto, menos, bem como, assim como e assemelhados

Com estas expressões entre o sujeito e o verbo, faça a concordância com o primeiro elemento (sujeito-núcleo):

A primeira dama, assim como seus assistentes, **deixou** a reunião.

Vocês, como eu, **precisam** de paz.

Os integrantes da mesa, menos (exceto) o presidente, **votaram** a favor da emenda.

Os policiais, bem como nós, **ficaram indignados** com a perversidade do meliante.

Bater, dar, soar

Na indicação de horas, concordam normalmente com o sujeito:

Bateram três horas no relógio da catedral.

Deram duas horas no relógio da catedral.

Soaram cinco horas no relógio da catedral.

O relógio bateu 23 horas.

O relógio deu 24 horas.

O relógio soou 22 horas.

Ser

Na indicação de horas, datas e distância, o verbo concorda com a expressão numérica:

– Que horas **são?**

– São dez horas.

– É uma hora.

De São Paulo ao Rio de Janeiro **são 420** km.

Hoje **são 25** de dezembro de 2009.

Obs.: Se houver a palavra **dia**, o verbo ficará no singular:
Hoje **é dia** 25 de janeiro de 2010.

É bastante, é muito, é pouco, é suficiente, é tudo, é nada, é mais, é menos e assemelhados

São expressões invariáveis em frases como:

Dez milhões **é muito** (é bastante).

Cinquenta metros de cetim **é pouco** para revestir a parede.

Seiscentos reais **é suficiente** para cobrir as despesas.

Vinte dias **é mais** do que precisamos para completar o trabalho.

Amores de infância **é tudo** que nos resta na vida.

Sujeito no singular e predicativo no plural

Independentemente de o sujeito ser oração, pronome demonstrativo, indefinido ou um substantivo, a concordância se faz por atração com o predicativo:

O que me seduziu **foram os gestos de afeição daqueles seres**.

O apoio mais importante **são as palavras de nossos amigos**.

A maior alegria dos pais **são os filhos bem criados**.

Sua maior decepção **continuam sendo as contradições de seus familiares**.

Tudo **são delícias** em nossa vida.

Aquilo **foram brincadeiras** de mau gosto.

Isto **são histórias** interessantes.

Caso o sujeito seja pessoa ou nome de pessoa, a concordância se faz com ele:

Cláudia é as delícias de sua família.

O garoto é só travessuras.

Obs.: Se quisermos fazer prevalecer o sujeito sobre o predicativo, o verbo ficará no singular:

O Senado é tudo, **é** só desmandos.

Minha vida é as alegrias infantis.

Predicativo é o pronome demonstrativo O

Amores **é o** que tem de sobra.

Mais empregos **é o** que o povo mais deseja em 2010.

Substantivos próprios ou comuns terminados em S

Se vierem sem determinante (artigo ou pronome), o verbo ficará no singular:

Vassouras é uma bela cidade fluminense.

Alagoas fica no Nordeste.

Minas Gerais é um dos maiores colégios eleitorais do País.

Santos está localizado no litoral sul de São Paulo.

Hifens não **deve** ser acentuado.

Pires acompanha a xícara.

Pelos perdeu o acento.

Armazéns está no plural.

Caso haja determinante no singular, o verbo permanece no singular:

O Amazonas é o maior estado do Brasil.

O pires acompanha a xícara.

Aquele lápis foi usado indevidamente; por isso,…

Se vierem acompanhados de determinante no plural, o verbo irá, obrigatoriamente, para o plural:

Os Estados Unidos discutiram a crise palestina.

Os Estados Unidos são um grande país.

Os Alpes ficam na Suíça.

Os Andes formam uma das mais belas paisagens da América do Sul.

Aqueles ônibus não **circularão** hoje.

E mais, mesmo que você encontre nos jornais:

EUA se **mobilizam** para guerra", não estranhe. Lembre-se de que o nome **EUA** traz embutido o artigo **OS**, o que justifica o plural.

Atenção!

Títulos de obras terminados em S

Mesmo que antecedidos de determinante no plural, prefira o verbo no singular:

Os Lusíadas é uma das obras mais importantes da literatura.

Os Sertões trata da batalha de Canudos.

Os pensadores foi publicado pela editora Abril. (nome da coleção)

Os três mosqueteiros é um clássico da literatura.

Os imigrantes foi ao ar pela TV Bandeirantes. (título de novela)

Para justificar o verbo no singular e evitar o estranhamento e a crítica de alguns autores que preferem a concordância no plural com os títulos de obras que trazem o artigo **OS**, apresentamos estes exemplos com a obra de Dionélio Machado, utilizando o verbo no plural:

Os ratos são de Dionélio Machado.

Os ratos não **podem** faltar na biblioteca dos apreciadores da literatura brasileira.

(Soa estranho, não? Talvez precisemos de alguns gatos para espantar esses bichinhos da biblioteca!)

Sujeito oracional ou constituído de verbos no infinitivo

O verbo deve fica no singular:

Quem permanecer no recinto participará do sorteio.

Beber e comer nos **satisfaz**.

Ser feliz e compreender o semelhante é inerente ao ser humano.

Obs.: Se os infinitivos estiverem substantivados ou indicarem contraste, o verbo irá para o plural:
O viver e **o sonhar bastam** a uma vida feliz.
Subir e descer fazem parte da caminhada.
Nascer e **morrer compõem** o ciclo existencial.

Sujeito composto resumido por pronome indefinido

Ponha sempre o verbo no singular:

Verduras, legumes e frutas, **tudo contribui** para a saúde do homem.

Jogadores, técnico e preparador físico, **ninguém seguiu** a determinação do juiz.

Móveis, eletrodomésticos, roupas, carros, **nada sobrou** depois do temporal.

Sujeitos precedidos de cada ou nenhum

O verbo fica no singular:

Cada senador, **cada** deputado, **cada** vereador, no exercício do cargo, **deveria** cuidar da coisa pública com honestidade e esmero.

Nenhum padre, **nenhum** pastor, **nenhum** pai de santo **pode** fazer uso da fé em benefício próprio.

Sujeitos ligados por não só...mas também; tanto...como; tanto... quanto

Levam o verbo para o plural:

Não só eu**, mas também** você **participaremos** das comemorações.

Tanto a teoria **como a prática são** essenciais ao conhecimento.

Tanto a promotoria **quanto** o advogado de defesa **mostraram** inabilidade na condução do caso.

Verbo acompanhado do pronome SE

Para não errar a concordância, é necessário conhecer a regência verbal.

Explicação:

Sempre que, na voz ativa, tivermos

Sujeito agente (SA) **+ verbo transitivo direto** (VTD) **+ objeto direto** (OD**)**

Paulo e Roberto **compraram** **carros novos**

(SA) **(VTD)** **(OD)**

Na voz passiva analítica (verbo principal no particípio acompanhado pelo auxiliar **ser**), o sujeito passará a agente da passiva (AP), e o objeto, a sujeito paciente (SP), com o qual o verbo sempre concordará:

Carros novos foram comprados por Paulo e Roberto.

(**SP**) **(AP)**

Por isso,

Na voz passiva sintética (verbo acompanhado de **SE**), o verbo concorda obrigatoriamente com o sujeito paciente (aquele que recebe a ação expressa pelo verbo). A única diferença é a posição do sujeito, que, agora, aparece posposto à forma verbal:

Compram-se carros novos. (**Carros novos são comprados**.)

Observe mais estes exemplos:

Aluga-se quarto. (**Quarto é alugado.**)

Alugam-se quartos. (**Quartos são alugados.**)

Vendem-se apartamentos. (**Apartamentos são vendidos.**)

Deram-se muitos conselhos. (**Muitos conselhos foram dados.**)

Quando tivermos uma frase com
Sujeito (S) + **verbo intransitivo** (VI) + **adjunto adverbial** (AA)

Paulo **morreu** de inanição **no sertão pernambucano**.
(S) (**VI)** **(AA)** **(AA)**

Se o sujeito desaparecer e o verbo vier acompanhado de **SE**, este será índice de indeterminação do sujeito, o que deixará obrigatoriamente o verbo no singular:

Morre-se de inanição no sertão pernambucano.
(Não se pode precisar o sujeito.)

O mesmo processo se dá com verbo de ligação (VL):

As pessoas **são** felizes na infância.
(VL)

Quem é feliz na infância?
As pessoas (sujeito).

Se eliminarmos o sujeito e acrescentarmos o **SE** ao verbo, teremos, na frase, apenas a ideia de felicidade na infância sem o conhecimento da pessoa a quem se atribui tal fato, o que caracterizará a indeterminação do sujeito. Por isso, o verbo ficará obrigatoriamente no singular:

É-se feliz na infância.
(Quem é feliz na infância? Alguém o é, mas não podemos precisá-lo.)

Se o verbo for transitivo indireto (VTI), vier acompanhado de seu objeto indireto (OI) e não houver sujeito expresso, em aparecendo o **SE** (índice de indeterminação do sujeito) ao lado do verbo, o singular se imporá:

Vejamos a transformação:

As empresas **precisam** de bons colaboradores.

(VTI) **(OI)**

Para você relembrar:

Quem precisa de bons colaboradores?
As empresas (sujeito).
Quem precisa, precisa **de**… (verbo transitivo indireto).
(Observe a necessidade da preposição **de**)

Portanto,

Elas precisam de quê?

De bons colaboradores (objeto indireto).

Se retirarmos o sujeito e acrescentarmos o **SE** ao verbo, teremos a indeterminação caracterizada; por isso, o verbo ficará no singular:

Precisa-se de bons colaboradores.
(Quem precisa? Alguém, mas não podemos defini-lo.)

Observe mais estes exemplos:

Assiste-se a bons filmes.

Trata-se de doentes mentais.

Cuida-se de crianças.

Comprometeu-se com os organizadores do evento.

VERBOS IMPESSOAIS

Não se referem a uma pessoa específica, em razão do sentido expresso por eles na frase, e devem ficar na 3ª pessoa do singular. Neste caso, a oração é sem sujeito.

São exemplos de verbos impessoais os que expressam fenômeno da natureza:

Chove torrencialmente em São Paulo.

Trovejou muito na noite passada.

Ventou durante a madrugada.

Geia durante o inverno em São Joaquim.

No verão, **escurece** mais tarde.

Obs.: Quando se usa o verbo no sentido figurado, pode-se fazê-lo concordar com o sujeito:
Amanheci de bom humor. (sujeito EU)

Outros verbos impessoais

Haver

Como sinônimo de acontecer, existir, ocorrer, realizar-se:

Houve grandes conflitos no Irã. (= Aconteceram, ocorreram)

Havia muitas pessoas no desfile. (= Existiam)

Há muitas inconsistências nas declarações no réu. (= Existem)

Haverá muitas comemorações na passagem do ano. (= Realizar-se-ão)

Atenção!

Com verbo no imperfeito ou no mais-que-perfeito do indicativo a acompanhar **haver**, deve-se usar **havia** (= fazia):

Os jurados **estavam** no tribunal **havia** (fazia) duas horas.

Paulo **estivera** ali **havia** (fazia) muito tempo.

Havia (Fazia) anos os réus não **se envolviam** com os crimes a eles imputados.

O advogado **entregara** o cargo **havia** (fazia) dois meses, quando…

O avião **tinha aterrissado havia** (fazia) duas horas.

Na indicação de tempo:

Iniciei o tratamento **há** duas semanas. (= faz)

Obs.: Na oralidade, é comum o uso de **ter** como impessoal em lugar de **haver**:
Tinha muitas pessoas no desfile.
Tem muitas inconsistências na declaração do réu.
Terá muitas comemorações na passagem do ano.
Porém, **na linguagem escrita**, **é condenável.**

Estar, fazer, ser

Na indicação de tempo:

Está muito frio aqui.

Chegamos à França **faz** dez dias.

Era tarde quando chegamos à praia.

Obs.: Não se esgota aqui o assunto impessoalidade dos verbos, pois frases há em que o sentido de alguns verbos transforma-os em impessoais. Se você tiver interesse em aprofundar o estudo, entre em contato com o autor pelo endereço eletrônico professorsimoes@uninove.br ou professorsimoes@uol.com.br.

INFINITIVO

Há séculos, o infinitivo vem despertando o interesse de estudiosos. No entanto, o assunto continua a tirar o sono daqueles que se veem às voltas com seu emprego. Para colaborar, comentaremos, de forma simplificada, o seu uso.

Impessoal (sem flexão)

a) Nas locuções verbais (verbo auxiliar + principal), mesmo que distanciado do auxiliar:

Devemos apreciar um bom vinho.

Eles **costumam comparecer** aos encontros.

Os senadores **querem vetar** a proposta do governo.

Devemos, sempre que nos for pedido, **fornecer** os dados para análise da diretoria.

Eles **podem**, se assim o desejarem, **ajudar** os menos favorecidos.

b) Como sujeito ou predicativo do sujeito:

Viver é **ter** a oportunidade de amar.

É proibido **fumar**.

É importante **sanar** os problemas.

Amar é **respeitar** o outro.

c) Com valor de imperativo:

"Não **roubar**."

"Não **cobiçar** a mulher do próximo."

"**Amar** a Deus sobre todas as coisas."

"Meia-volta, **volver**!"

d) Com preposição (funciona como complemento de substantivo, adjetivo ou verbo.):

Exercício difícil **de fazer**.

Foram convidados **a se retirar**.

Batatas gostosas **de comer**.

Ossos duros **de roer**.

Temos o dever **de comunicar** que…

Internacional e São Paulo perderam a chance **de ganhar** o campeonato.

e) Posposto a verbo na voz passiva:

Os brasileiros foram forçados **a deixar** o Suriname.

Os manifestantes foram convencidos **a desistir** de seus propósitos.

Fomos impedidos **de entrar** no tribunal.

f) Com valor de gerúndio:

Os deputados estavam **a colaborar** com o líder do governo na Câmara. (colaborando)

As crianças estão **a encantar** o público. (encantando)

g) Com valor de adjetivo (vem regido da preposição **de**.):

Estes fatos são **de desanimar**. (desanimadores)

Tais argumentos eram **de louvar**. (louváveis)

h) Com os verbos **deixar**, **fazer**, **mandar**, **ouvir**, **sentir** e **ver** acompanhados de pronome oblíquo que funciona como sujeito do infinitivo:

"Não **nos** deixeis **cair** em tentação."

Os senadores fizeram-**nos desacreditar** na política brasileira.

Mandei-**os calar** a boca.

Não **as** ouça **lamentar** o resultado, pois motivos elas não têm.

Sinta-**os vibrar** pela conquista, meu amigo!

Vê-**los receber** o prêmio foi compensador.

Obs.: Se o sujeito do infinitivo for um substantivo, pode-se flexioná-lo ou não:
Mandei **os estudantes calarem** (**calar**) a boca.
Não ouça **as atletas lamentarem** (**lamentar**) o resultado, pois motivos elas não têm.
Sinta **os atletas vibrarem** (**vibrar**) pela conquista, meu amigo!
Ver **os alunos receberem** (**receber**) o prêmio foi compensador.

---

i) Nas orações reduzidas de infinitivo pospostas à principal, prefira a forma não flexionada quando houver um único sujeito:

Estamos aqui para **dar** nossa opinião.
(**Nós** é o sujeito de ambas as orações.)

Eles vieram para **comemorar** o Natal conosco.
(**Eles** é o sujeito de ambas as orações.)

Paulo e Márcia aceitaram nosso convite sem h**esitar**.
(**Paulo e Márcia** é o sujeito de ambas as orações.)

Os suspeitos fugiram para **sair** do flagrante.
(**Os suspeitos** é o sujeito de ambas as orações.)

Pessoal (flexionado)

a) Com sujeito diferente do da principal:

Não é conveniente **contestarem** a decisão do juiz.

Explicação:

Oração principal: Não é conveniente.
O que não é conveniente?
Contestarem a decisão do juiz. (sujeito da principal)
Qual é o sujeito de **contestar**?
Eles ou **elas**. (indeterminado)

Pedimos-lhes a gentileza **de permanecerem** sentados.

(Sujeito da primeira oração – **nós** –, e da segunda, **vocês**.)

O juiz sugeriu **estarem** os réus mentindo.

(**O juiz** é o sujeito da primeira oração, e **os réus**, o da segunda.)

O promotor utilizou-se de argumentos irrefutáveis para os réus **confessarem** o crime.

(Em que **o promotor** é o sujeito de "utilizou-se", e **os réus**, o de "confessarem".)

b) Nas orações reduzidas de infinitivo (regido de preposição) antepostas à principal, quando o sujeito for o mesmo nas duas orações e estiver no plural, prefira a forma flexionada:

Para **conseguirem** bons resultados, os atletas treinaram intensamente.

(**Os atletas** é o sujeito de ambas as orações.)

Para **comemorarem** o Natal conosco, eles chegaram cedo.

(**Eles** é o sujeito de ambas as orações.)

Para **saírem** do flagrante, os suspeitos deixaram o local do crime.

(**Os suspeitos** é o sujeito de ambas as orações.)

Por **desrespeitarem** as leis, foram punidos com severidade.

(**Eles** é o sujeito de ambas as orações.)

c) Nas orações reduzidas de infinitivo (regido de preposição) intercaladas entre o sujeito e o verbo da principal, quando o sujeito for o mesmo e estiver no plural, prefira a forma flexionada:

Os atletas, para **conseguirem** bons resultados, treinaram intensamente.

Eles, para **comemorarem** o Natal conosco, chegaram cedo.

Os suspeitos, para **saírem** do flagrante, deixaram o local do crime.

Os torcedores, por **desrespeitarem** as leis, foram punidos com severidade.

VERBO SER NO INFINITIVO

Sempre que vier acompanhado da preposição **A**, poderemos usar **a ser** e **a serem**. No entanto, sugerimos que você se valha da coerência para utilizá-lo:

> O caixa separou os produtos **a ser** (**a serem**) substituídos.
>
> Os filmes **a ser** (**a serem**) exibidos foram retirados da programação.
>
> Levou as obras **a ser** (**a serem**) utilizadas no exame da OAB.

ESTUDO COMPLEMENTAR

Haver

Observe esta frase retirada de um texto publicado em jornal de grande circulação em São Paulo (1º de dezembro de 2001):

> “Quando **haviam** vários textos de um autor, a escolha se baseava na importância do assunto ou no inusitado da abordagem”.

Apesar de a matéria tratar do lançamento de um livro que “reúne textos de expoentes da cultura brasileira”, houve descuido de quem a revisou. Para que isso não aconteça com você, observe, com atenção, as informações a seguir sobre o emprego de **HAVER**:

Se você utilizá-lo como sinônimo de **existir**, **acontecer**, **ocorrer**, **suceder**, **fazer**, deixe-o na 3ª pessoa do singular (é o que o revisor do texto deveria ter feito):

> “Quando **havia** (e não **haviam**) vários textos de um autor [...]”
>
> **Houve** (e não **houveram**) muitas brigas na Câmara.
>
> Não **há** (e não **hão**) vagas na construção civil.
>
> Nunca **houve** (e não **houveram**) tantos crimes como agora.
>
> Se **houvesse** (e não **houvessem**) mais pessoas comprometidas ética e moralmente, todos lucrariam.
>
> **Havia** (e não **haviam**) tantas coisas a dizer; no entanto, ninguém lhe deu crédito.

Obs.: Se **haver** estiver acompanhado de outro **verbo** (locução verbal), este também ficará no singular:

Deveria (e não deveriam) haver muitas mensagens em sua caixa postal.

Pode (e não podem) haver muitas razões para tal atitude, mas isso não justifica o desrespeito às regras de nossa sociedade.

Agora, vamos apreciar outros empregos de **haver** para que você possa analisá-los.

Se, na frase, o verbo **haver** estiver auxiliando outro verbo (neste caso pode ser substituído por **ter**), caberá a você manter a concordância normal:

Eles ainda **haverão** (terão) de cumprir o que prometeram à população.

Os presidentes haviam (tinham) concordado com a proposta de paz.

Os orientais hão (terão) de seguir os ensinamentos de Buda.

HÁ e A

Há - indica tempo transcorrido (você pode substituí-lo por **faz**):

Há (Faz) dez anos, tudo era diferente.

Isso aconteceu **há** (faz) meses.

Obs.: Evite redundância: **há** dez anos **atrás**, **há** muito tempo **atrás.**

Diga, apenas, **há** dez anos; dez anos **atrás**; **há** muito tempo ou muito tempo **atrás**.

A - Você deverá usá-lo para exprimir tempo futuro ou distância:

Daqui **a** dez minutos, sairemos.

João estava **a** um passo do abismo.

Colocou-se **a** dois metros do inimigo.

Estamos **a** 230 km de Belo Horizonte.

Ou na referência a um espaço temporal que nos separa de um fato, de um acontecimento:

Estamos **a** dez minutos do início da sessão.

Estamos **a** cinco anos da realização da Copa do Mundo no Brasil.

Há menos de, a menos de

Seguem a regra de **HÁ** e **A**.

Compare os exemplos abaixo:

O Brasil tornou-se independente **há** (faz) **menos de** dois séculos.

Partiram **há** (faz) **menos de** quatro horas.

Estava **a menos de** duas horas da cidade.

Encontrava-se **a menos de** vinte metros dos assaltantes.

Estamos **a menos de** cinco minutos do início da competição.

Haja vista

É invariável (equivale a **veja**):

Haja vista o resultado das eleições…

Haja vista os meus amores de infância…

Obs.: Embora haja quem pluralize o verbo **haver**, fazendo-o concordar com o elemento que vem depois da expressão: **Hajam** vista **os problemas** gerados pela burocracia…, aconselha-se o uso da forma invariável, pois estará correta em qualquer circunstância.

Fazer

E para reforçar, nada melhor do que voltar ao verbo **FAZER,** que estará presente nas expressões de tempo, mantendo-se no singular tal como **haver**:

Fez (e não fizeram) dez anos que nos conhecemos.

Vai fazer (e não vão fazer) dez anos que ele se despediu do mundo.

Nos demais casos, concordará com o sujeito:

As meninas farão dez anos amanhã.

Para o Natal, **faremos** compras pela internet. (**nós**).

Façam os exercícios com atenção. (**vocês**).

Concordância
nominal
e verbal

Sumário

Apresentação 5

Concordância nominal 5
- Adjetivo na referência a um substantivo 5
- Adjetivo na referência a dois ou mais substantivos 6
  - O plural se imporá se o adjetivo 7
- Um substantivo com dois ou mais adjetivos a referenciá-lo 9
- Concordância com numerais ordinais 10
- Concordância dos adjetivos compostos de dois ou mais elementos 11
  - Exceção 11
- Adjetivo na indicação de cor 11
- Casos especiais 12
  - Bastante 12
  - Alerta 13
  - Melhor 13
  - Mesmo e próprio 13
  - Só 14
  - Extra e quite 14
  - Junto 14
  - Pseudo (prefixo) 16
  - De forma que, de maneira que, de modo que 16
  - Um e outro, um ou outro, nem um nem outro 16
  - Todo 17
  - Caro e barato 17
  - Meio e meia 17
  - Adjetivos na função de advérbios 18
  - É bom, é necessário, é preciso, é proibido e assemelhados 18
  - Anexo 19
  - Obrigado 19
  - Menos e **menas** 19
  - Milhão e milhar 20
  - Possível 20

CONCORDÂNCIA VERBAL 20
- Um dos que 21
- Mais de um 23
- Menos de, cerca de, perto de e assemelhados 23
- Nem um nem outro 23
- Um e outro 24
- Um ou outro 24

Que 24
Quem 25
Coletivos partitivos 25
Porcentagem 26
Um milhão, um bilhão, um trilhão etc. 26
Sujeito formado por pronome interrogativo ou indefinido acompanhado pelas expressões **de nós, de vós, de vocês** 27
Pronomes de tratamento 27
Como, inclusive, exceto, menos, bem como, assim como e assemelhados 28
Bater, dar, soar 28
Ser 28
É bastante, é muito, é pouco, é suficiente, é tudo, é nada, é mais, é menos e assemelhados 29
Sujeito no singular e predicativo no plural 29
Predicativo é o pronome demonstrativo **O** 30
Substantivos próprios ou comuns terminados em **S** 30
Títulos de obras terminados em **S** 31
Sujeito oracional ou constituído de verbos no infinitivo 32
Sujeito composto resumido por pronome indefinido 32
Sujeitos precedidos de **cada** ou **nenhum** 32
Sujeitos ligados por não só...mas também; tanto...como; tanto...quanto 33
Verbo acompanhado do pronome SE 33

VERBOS IMPESSOAIS 36
Haver 36
Estar, fazer, ser 37

INFINITIVO 38
Impessoal (sem flexão) 38
Pessoal (flexionado) 40

VERBO SER NO INFINITIVO 42

ESTUDO COMPLEMENTAR 42
Haver 42
HÁ e A 43
Há menos de, a menos de 44
Haja vista 44
Fazer 45

Apresentação

Neste volume, apresentamos os principais casos de concordância nominal e verbal para auxiliar nossos amigos a redigir um texto sem erros banais que, por falta de domínio dos rudimentos da língua, tiram o brilho da comunicação.

Não é nossa pretensão esgotar o assunto, mas, sim, facilitar a vida de quem faz da Língua Portuguesa seu instrumento de trabalho.

Boa leitura!

Concordância nominal

Dá-se em gênero – feminino e masculino – e em número – singular e plural – entre nomes e pares nominais (substantivos, adjetivos, artigos, pronomes e palavras que pertençam, na relação semântica, ao universo nominal).

Adjetivo na referência a um substantivo

Faça-o concordar em gênero e número com o substantivo:

Os jurados indicados pelas partes tomaram assento no tribunal.

As mães aflitas devem ser **consoladas**.

A punição dada ao réu foi **merecida**.

Os argumentos fortes e **coerentes** acarretam **bons resultados** e satisfazem **as partes envolvidas**.

Alguns homens justos e **generosos** granjeiam **a admiração** de **todos os** (indivíduos) que se dedicam ao bem-estar da comunidade.

O centro velho de São Paulo carece de **reformas substanciais**.

A beleza feminina é **ditada** pela sensibilidade.

Inconformado com os últimos acontecimentos, **um grupo** de moradores exigiu providências do governo.

Inconformadas com a falta de segurança, **várias mães** exigiram providências do governo.

Adjetivo na referência a dois ou mais substantivos

Acerte sempre, pondo-o no plural e no gênero dos substantivos:

Gostamos de **mamão** e **abacate maduros**.

A **porta** e a **janela** da sala estão **emperradas**.

Obs.: com substantivos de gêneros diferentes, o adjetivo fica no masculino:
Paulo e **Cláudia**, **comprometidos** com o projeto, apresentaram soluções para a construção do viaduto.
Homens e **mulheres honestos**.
Comprei **uma moto** e **dois carros novos**.
Comprei **dois carros** e **uma moto novos**.
Indignados, **promotor** e **juíza** deixaram o tribunal.
Prezados diretor e **assistente**, …

Importante

Se o adjetivo vier anteposto aos substantivos, poderá concordar com o mais próximo (atração):

Trabalhamos numa **ótima instituição** e curso.

Temos **ótima direção**, coordenação e professores nesta universidade.

Quando o mais próximo estiver no plural masculino, a concordância passará a ser lógica:

Nesta universidade, temos **excelentes professores**, **direção** e **coordenação**.

Se o adjetivo vier posposto aos substantivos, poderá também concordar com o mais próximo (atração):

Naquele antiquário, encontramos uma escultura, um vaso e uma **tela valiosa**.

Naquele antiquário, encontramos uma escultura, uma tela e **um vaso valioso**.

Naquele antiquário, encontramos telas, vasos e **esculturas valiosas**.

Obs.: Mas não se esqueça de que, ao fazê-lo concordar com o grupo de substantivos, no plural e no gênero prevalente, você acertará sempre.

No entanto, quando o sentido exigir, será obrigatório fazer o adjetivo concordar com o mais próximo:

Comi arroz, feijão e **mamão maduro**.

Analisemos os mapas e **a área cultivada**.

Se os substantivos forem sinônimos ou indicarem gradação, a concordância se fará preferencialmente (mas não exclusivamente como querem alguns gramáticos) com o mais próximo:

Meu amigo, para ficarmos convencidos de sua cumplicidade, uma palavra, um gesto, **um olhar carinhoso** basta.

Seu esforço, empenho e **dedicação extrema** é suficiente para o sucesso de nossa parceria.

O plural se imporá se o adjetivo

1. for predicativo do objeto:

O juiz considerou **culpados o chefe** e **o subchefe** da quadrilha.

Quem considerou?

O juiz (sujeito).

O juiz considerou a quem?

O chefe e **o subchefe** da quadrilha (objeto de considerar).

Qual a situação imputada a eles?

A culpa (representada pelo adjetivo **culpados**, que passa a caracterizar a situação imposta pelo juiz, sendo, portanto, predicativo do objeto).

2. caracterizar nomes próprios:

Os preguiçosos Alex e **Gumercindo** não concluíram o trabalho a eles confiado.

Os amigos Carla e **Mauro** estavam dispostos a colaborar.

Assim se procederá também com relação aos pronomes de tratamento:

Os senhores Manuel e **José** devem permanecer calados.

Cabe ressaltar que o adjetivo na função de predicativo (seja ele do sujeito ou do objeto) deve sempre concordar em gênero e número com os substantivos a que se refere:

Portanto,

O quadro e **a sala** estavam **sujos**.

O deputado ameaçou tornar **públicos o nome** e **o endereço** dos desafetos.

São **insuportáveis o calor** e **o frio** nesta cidade.

Andavam **tristes o cunhado** e **a mulher** do falecido.

Foram **conclusivos o laudo pericial** e **os depoimentos das testemunhas**.

O promotor e **o advogado de defesa** mantiveram-se **calados** durante a leitura da sentença.

Obs.: O adjetivo predicativo permanecerá no singular (invariável) se estiver representado por substantivo abstrato ou tratado de forma genérica:
Os alunos são **o alvo** principal de nosso trabalho.
Os resultados do Enade foram **o ponto chave** da discussão.
Os traficantes são **a escória** da sociedade.

Um substantivo com dois ou mais adjetivos a referenciá-lo

Admitem-se as seguintes concordâncias:

Os setores público e **privado** devem ser parceiros nas causas sociais.

Os governos paraguaio e **brasileiro** assinaram acordo para geração de energia elétrica.

As bandeiras brasileira e **francesa** tremularam durante as comemorações.

As polícias civil e **militar** contiveram os manifestantes.

O setor público e **o privado** devem ser parceiros nas causas sociais.

O governo paraguaio e **o brasileiro** assinaram acordo para geração de energia elétrica.

A bandeira brasileira e **a francesa** tremularam durante as comemorações.

A polícia civil e **a militar** contiveram os manifestantes.

Obs.: Prefira esta construção, que apresenta o segundo adjetivo precedido de **o** ou **a** – por soar melhor em alguns contextos:
O setor público e **o privado** devem ser parceiros nas causas sociais.
O governo paraguaio e **o brasileiro** assinaram acordo para geração de energia elétrica.
A bandeira brasileira e **a francesa** tremularam durante as comemorações.
A polícia civil e **a militar** contiveram os manifestantes.

Atenção!

Embora alguns gramáticos defendam também como correta a concordância com o substantivo no singular sem a anteposição de **o** ou **a** ao segundo adjetivo, **EVITE**-a:

O setor público e privado devem ser parceiros nas causas sociais.

O governo paraguaio e brasileiro assinaram acordo para geração de energia elétrica.

A bandeira brasileira e francesa tremularam durante as comemorações.

A polícia civil e militar contiveram os manifestantes.

Cuidado com algumas construções

Os governos estaduais, municipais e **federal** não pouparão esforços para a realização da Copa em 2014.

Note que **federal** é um só governo; por isso, não deve fazer parte do grupo cujo referente é **governos**. Para resolver o problema, anteponha o artigo ao adjetivo:

Os governos estaduais, municipais e **o federal** não pouparão esforços para a realização da Copa em 2014.

Concordância com numerais ordinais

Embora se admitam as seguintes construções:

Primeiro e **segundo graus**...

O primeiro e **o segundo grau**...

O primeiro e **segundo graus**...

O primeiro e **segundo grau**...

O primeiro e **o segundo graus**...

Obs.: Prefira estas:
Primeiro e **segundo graus**...
O primeiro e **o segundo grau**...
O primeiro e **segundo graus**...

Concordância dos adjetivos compostos de dois ou mais elementos

Só há variação do último elemento, que concorda com o substantivo a que se refere:

Os **acordos** luso-**brasileiros** trouxeram benefícios à população.

As **festividades** teuto-franco-**libanesas** agradaram a todos.

Ele goza de boas **condições** socio**econômicas**.

Os jovens devem ler **publicações** infanto-**juvenis**.

Gosto de participar das **discussões** histórico-**filosóficas**.

O **acordo** franco-**brasileiro** envolve produção e compra de aviões.

Exceção

Surdo-mudo (os dois elementos variam):

Ela é **surda-muda**.

Paulo e **Priscila** são **surdos-mudos**.

A meningite deixou-**os surdos-mudos**.

Adjetivo na indicação de cor

O adjetivo também colore nossa vida, o ambiente, as coisas:

Compramos **calças verdes** e **camisas amarelas**.

Quando tivermos um substantivo a indicar a cor, não haverá variação. Neste caso, subentende-se **cor de**:

Sobre a cama havia **anáguas** (cor de) **manga**, **sutiãs rosa**, **lençóis creme** e **travesseiros turquesa**.

Compramos dois **carros vinho** e três **motos cinza**.

Para indicar **a cor**, quando composto de:

Adjetivo+adjetivo

Só o último elemento varia (concorda com o substantivo):

Teus **olhos** azul-**escuros** me seduzem.

Você fica bem de **camisa** verde-**amarela**.

Obs.: Os adjetivos azul-celeste, azul-marinho e furta-cor são invariáveis.

Adjetivo+substantivo

Não há variação dos elementos:

Os militares usam **calças verde-oliva**, e você, **vestidos amarelo-canário**.

Cor+de+substantivo

Será sempre invariável:

Nossa vida é e sempre será **cor-de-rosa**.

Casos especiais

Bastante

Quando tiver valor de advérbio de intensidade (equivalente a **muito**, **suficientemente**), será invariável:

Comi **bastante** (muito).

Estes exercícios são **bastante** fáceis. (Neste caso, prefira **muito** fáceis).

Ele é **bastante** inteligente para aceitar propostas sem fundamento. (Dê preferência a **muito** inteligente…)

Como pronome indefinido (acompanhando o substantivo), deverá concordar com ele:

Comemos **bastantes frutas**. Entretanto, devemos evitar o uso.

Será melhor escrever "**muitas frutas**".

Nesta sala, cabem **bastantes alunos**. (Prefira **muitos alunos**)

Alerta

Mantenha-o invariável:

As sentinelas estão sempre **alerta**.

As pessoas devem manter-se sempre **alerta** às decisões do governo.

Melhor

Só se pluraliza como adjetivo (equivale a **mais bom**):

Ronaldo e **Felipe** são, atualmente, os **melhores** jogadores do Corinthians.

Com muita luta, vocês conseguirão **melhores resultados**.

Como advérbio, torna-se invariável (equivale a **mais bem**):

Os deputados devem analisar **melhor** os projetos.

Os computadores nos permitem conhecer **melhor** os fatos.

Obs.: com particípios verbais, o uso de melhor é proibido.
Em seu lugar, deve-se empregar mais bem:
Os suprimentos devem ser **mais bem distribuídos**.
(o advérbio **bem** indica **modo**, **maneira de**, e o **mais** funciona como intensificador.)
As avaliações deveriam ser mais **bem analisadas**.
As argumentações (mais) **bem fundamentadas** serão aceitas pela promotoria.

Mesmo e próprio

Como demonstrativos, concordam com o termo (substantivo ou pronome) a que se referem:

Eu mesma (própria) comprei o barco, disse **Esmeralda**.

“A cidade ainda está em uma UTI”, disse a prefeita, apesar de **ela mesma** (própria) ter mencionado…

A ré mesma desistiu de enfrentar o júri.

Aenção!

Mesmo é invariável:

a) como advérbio – equivale a **de fato**, **realmente**:

Eles vão **mesmo** (de fato, realmente) à praia?

Paula e Márcia gostam **mesmo** (de fato, realmente) de mim?

b) **como conjunção subordinativa** – equivale a **embora**:

Mesmo que faça sol, ficarei em casa.

Só

É variável quando significa **sozinho** ou equivale ao demonstrativo **mesmo**:

Eles vivem **sós** (sozinhos)

As imagens não falam por si **sós** (mesmas).

Como advérbio, o **só** não sofre variação (equivale a **somente**, **apenas**):

Só (somente, apenas) ele votou no deputado.

O juiz **só** (somente, apenas) deferiu o processo após ouvir as alegações das partes.

Extra e quite

Sempre concordarão em número (singular e plural) com o substantivo:

Nesta empresa, não se pagam **horas extras**.

Peço-lhe que faça **atividade extra**.

(**Nós**) Estamos **quites** com nossas obrigações militares.

Os sócios estão quites com a Receita Federal.

Junto

Como adjetivo, concorda com o substantivo ou com o pronome substantivo:

As meninas almoçaram **juntas**.

Todos estavam **juntos**.

Sentamo-**nos juntos** à mesa.

Como advérbio, fica invariável (modifica o verbo):

Junto encaminho os cálculos que você me pediu.

Observação

As locuções **junto a** e **junto de** significam **perto de** e são invariáveis:

Estavam **junto ao** poste.

Durante a discussão, a advogada ficou **junto do** cliente.

Cuidado!

Não utilize **junto a** indevidamente:

Errado: Exigiu providências **junto à** polícia.

Correto: Exigiu providências **da** polícia.

Errado: Pediu dinheiro emprestado **junto ao** Banco Real.

Correto: Pediu dinheiro emprestado **no** Banco Real.

Errado: O vereador quer promover atividades **junto à** comunidade.

Correto: O vereador quer promover atividades **com a** comunidade.

Evite o uso de **junto com**, pois é redundante:

O advogado de defesa entrou no tribunal **junto com** o cliente.

Ele foi **junto com** o pai ao hospital.

Diga ou escreva:

O advogado de defesa entrou no tribunal **com** o cliente.

O advogado e seu cliente entraram **juntos** no tribunal.

Advogado e cliente entraram **juntos** no tribunal.

Ele foi **com** o pai ao hospital.

Pai e filho foram **juntos** ao hospital.

Pseudo (prefixo)

É sempre invariável. É elemento de composição de palavras:

As **pseudoverdades** destroem a boa argumentação.

A **pseudoeducação** deforma o desenvolvimento dos jovens.

Observação

O prefixo **pseudo** liga-se com hífen a palavras iniciadas pela mesma **vogal** ou por **h**:

Pseudo-hérnia; pseudo-hipertrofia; pseudo-hiperparatireoidismo; pseudo-história; pseudo-organização; pseudo-orgasmo; pseudo-osteose.

Nos demais casos, o hífen desaparece:

Pseudoconformismo; pseudodemocracia; pseudofilosofia; pseudointeligência; pseudorrepública; pseudossindicato.

De forma que, de maneira que, de modo que

São sempre invariáveis:

Preparou o projeto **de modo que** atendesse às exigências da banca examinadora.

Ronaldo posicionou-se na grande área **de forma que** pudesse cabecear a bola com precisão.

Responda às questões **de maneira que** fiquem bem claros seus argumentos.

Evite de forma a, **de maneira a**, **de modo a**.

Um e outro, um ou outro, nem um nem outro

Com estas expressões, se houver substantivo posposto, este ficará no singular:

Um e outro deputado abstiveram-se de votar no plenário.

Um e outro amigo confraternizaram no Ano Novo.

Um ou outro caso de quebra de decoro parlamentar foi analisado pela Comissão de Ética.

Nem um nem outro ato de corrupção foram punidos exemplarmente.

Todo

Pode ter função adverbial, modificando um adjetivo (equivale a completamente, inteiramente, totalmente). Como tal, mantém-se invariável:

Os manifestantes ficaram **todo** (totalmente) **interessados** no resultado do discurso do governador.

As chuvas deixaram-nos **todo** (completamente) **molhados**.

Ou pode funcionar como pronome indefinido, concordando, por atração, com o substantivo ou pronome:

Os manifestantes ficaram **todos** interessados no resultado do discurso do governador.

As chuvas deixaram-**nos todos** molhados.

Caro e barato

Como advérbios, não variam (modificam o verbo):

A energia elétrica custa **caro**.

As frutas natalinas custam **barato**.

Como adjetivos, concordam com o substantivo:

A energia elétrica é **cara**.

As frutas natalinas são **baratas**.

Meio e meia

MEIO, significando **um tanto**, **um pouco**, **mais ou menos**, mantém-se invariável. Acompanha particípio adjetivado ou adjetivo:

Carla anda **meio** triste.

A porta está **meio** aberta.

As professorinhas continuam **meio** insatisfeitas.

Patricinha está **meio** cansada.

MEIO, significando **metade**, é variável.
Concorda com o substantivo a que se refere.
Assim,

É meio-dia e **meia** (**hora**).

Tomaram **meia dose** de uísque.

Compramos **meio quilo** de farinha.

Adjetivos na função de advérbios

Modificam o verbo e não variam:

A Skol desce **redondo** (redondamente).

Você fala **gostoso** (gostosamente).

"Doutor fala **bonito**."

O medo o fez suar **frio**.

Andem **rápido** (rapidamente).

É bom, é necessário, é preciso, é proibido e assemelhados

Quando se referem a substantivo (sujeito) tomado no sentido genérico, indeterminado, ficam invariáveis:

Água **é bom** para evitar doenças.

Entrada **é proibido**.

Calma ao volante **é necessário**.

É permitido saída.

Se o substantivo (sujeito) estiver determinado por artigo ou pronome, a concordância se fará com o determinante:

Esta água é **boa** para consumo.

A entrada é **proibida**.

A calma ao volante é **necessária**.

É **permitida a** saída.

Anexo

É apenas adjetivo e, como tal, concorda com o substantivo a que se refere:

Seguem **anexas as cartas**.

Seguem **anexos os documentos**.

Evite o uso da expressão invariável **em anexo.**

Obrigado

Concorda com o termo a que se refere:

Quando agradece, **ela** diz muito **obrigada**, e **ele**, muito **obrigado**.

Quando o agradecimento é coletivo, **elas** dizem muito **obrigadas**, e **eles**, muito **obrigados**.

Obs.: Quando se mesclam os elementos que agradecem, a concordância se faz no masculino:
Elas e **ele** dizem muito **obrigados**.

Menos e **menas**

Em hipótese alguma use **menas**, pois esta palavra não existe em Língua Portuguesa.

Em qualquer situação, utilize **MENOS**:

Estou cansado; por isso, darei **menos** aulas hoje.

Mais amor e **menos** confiança.

Quero comer **menos** verdura.

Milhão e milhar

São substantivos masculinos; por isso, os elementos que os determinam devem permanecer no mesmo gênero, concordando com essas palavras:

> **Dois milhões** de pessoas compareceram à passeata.
>
> Foram **vendidos** seis **milhões** de revistas.
>
> Foram **destruídos os** três **milhões** de cópias piratas que estavam no depósito da Polícia Federal.
>
> Recuperamos **dois dos** sete **milhões** de libras esterlinas.
>
> **Dois milhões** de crianças desapareceram.

Possível

Fica invariável nas expressões compostas de **o menos**, **o mais**, **o melhor**, **o pior**:

> O programa social atingiu **o maior** número de pessoas **possível**.
>
> As instruções devem ser **o mais** legíveis **possível**.

Com o artigo no plural, o adjetivo também vai para o plural:

> Nos últimos jogos, os resultados do Palmeiras foram **os** piores **possíveis**, e os do Flamengo, **os** melhores.

Obs.: Prefira a construção invariável.

CONCORDÂNCIA VERBAL

Relação de número (singular e plural) e pessoa (1ª, 2ª e 3ª) que se estabelece entre verbo e sujeito na frase:

Siga sempre o esquema:

a) Sujeito simples no singular, verbo no singular;
b) Sujeito simples no plural, verbo no plural;
c) Sujeito composto, verbo sempre no plural.

Obs.: o que está entre parênteses, nos exemplos abaixo, não deve aparecer na frase. Foi posto apenas para orientar o leitor.

Márcia se **comunica** muito bem com **todas as pessoas** que **conversam** com ela.

O amor e a virtude (**eles**) **são** essenciais para as boas relações humanas.

Eu e você (**nós**) **concordamos** com a necessidade de escrever bem.

A humildade e a boa ignorância são os primeiros passos para alcançar a sabedoria.

Nunca **nos esqueçamos** (**nós**) de que **a boa comunicação contribui** para o sucesso do indivíduo.

Você encontrará, a seguir, todos os exemplos de que (**você**) **precisa** para falar e escrever corretamente.

Um dos que

Carlos é **um dos que defendem** (ou defende) a ética nas empresas.

Embora alguns gramáticos defendam, com a expressão **um dos que**, o uso do verbo no singular ou no plural, indiferentemente, justificando o singular pelo destaque que se quer dar a **um**, **aconselhamos seja empregado o verbo apenas no plural**. Assim,

Carlos é **um dos que defendem** a ética nas empresas.

João foi **um dos que enfrentaram** todos os problemas, vencendo-os com dignidade.

Obs.: Um dos motivos que nos levam a justificar a concordância no plural é a construção com expressões de sentido contrário. Nestes casos, é impossível deixar o verbo no singular:
Nenhum dos que defendem a ética nas empresas esteve

presente à reunião.
Nem um dos que defendem a ética nas empresas compareceu à reunião.
Nenhum dos que enfrentaram todos os problemas soube vencê-los com dignidade.
Nem um dos que enfrentaram todos os problemas soube vencê-los com dignidade.

Se você quiser enfatizar apenas o elemento, atribuindo-lhe a ideia, utilize-se dos mecanismos que a língua lhe oferece:

Carlos é que **defende** a ética nas empresas.

Quem defende a ética nas empresas **é Carlos**.

Importante

Se antes **do que** vier um substantivo e a ideia expressa pelo verbo for atribuída a um ser apenas, o verbo ficará, obrigatoriamente, no singular:

A Lua é um dos corpos celestes que desperta o suspiro dos namorados.

(Neste caso, só a Lua tem essa característica.)

Caso a ideia se refira a dois ou mais seres, o verbo vai para o plural:

A Lua é **um dos corpos celestes que circundam** a Terra.

(Neste caso, há outros corpos celestes que circundam a Terra, e não só a Lua.)

Obs.: No entanto, para evitar estranheza na concordância, sugerimos que se altere a frase (o primeiro exemplo) para:
A Lua é o corpo celeste que **desperta** o suspiro dos namorados.
Entre os corpos celestes, **a Lua** é que **desperta** o suspiro dos namorados.
A Lua, um dos corpos celestes, **desperta** o suspiro dos namorados.

Mais de um

Com a expressão **mais de um**, mantenha o verbo no singular:

Mais de um concorrente **abandonou** a prova.

Mais de um policial **conteve** a fúria dos torcedores.

Obs.: Deve-se usar o plural se houver reciprocidade de ideias (ação recíproca):
Mais de um concorrente **se cumprimentaram** antes da competição.
(A ideia expressa pelo verbo exige, no mínimo, duas pessoas.)
Mais de um oponente **bateram-se** em duelo.

Menos de, cerca de, perto de e assemelhados

Com estas expressões, o verbo concorda com o numeral que as acompanha:

Menos de **dez** profissionais **compareceram** à cerimônia.

Cerca de **cinquenta** carros **ficaram destruídos**.

Nem um nem outro

Dê preferência ao verbo no plural:

Nem um nem outro contribuíram para a concretização do plano.

Estenda a observação para:

Nem seu pai nem seu irmão irão ao congresso.

Singular só se o contexto determinar a exclusão de um dos elementos:

Nem um nem outro será considerado vencedor da maratona.

Nem um nem outro parlamentar acusado de corrupção **assumirá** a presidência da Casa.

Um e outro

Dê preferência ao verbo no plural:

Um e outro merecem nossa consideração.

Um e outro estavam discutindo o assunto,…

Um e outro jornalista **receberão** o prêmio.

Um ou outro

Deixe o verbo no singular:

Meu caro amigo, **um ou outro** advogado **defenderá** nossa causa.

Um ou outro amigo **saberá** recompensá-lo.

Que

Com o relativo **que**, a concordância com o antecedente se impõe:

Fomos **nós que pagamos** a conta.

São **eles que se entregam** a tais propósitos.

Sou **eu que preciso** de carinho.

Obs.: a expressão de realce (enfática) **é que** é invariável. A concordância se mantém entre os elementos que se relacionam na frase:

Nós é que pagamos a conta.
Eles é que se entregam a tais propósitos.
Eu é que preciso de carinho.

Quem

Com o pronome quem, aconselhamos que se faça a concordância com ele:

Sou eu **quem aprecia** os bons momentos.

És tu **quem usufrui** as delícias da cidade.

É ele **quem goza** os prazeres da vida.

Lembre-se de que o **quem** significa **aquele que.** Por isso, a concordância se justifica.

Coletivos partitivos

Com expressões partitivas seguidas de adjunto no plural, **aconselha-se a concordância no singular**, embora os gramáticos aceitem, indiferentemente, singular e plural:

A maioria dos acadêmicos **deixou** (deixaram) o recinto.

A minoria dos cientistas **concordou** (concordaram) com as novas diretrizes do CNPq.

Grande parte dos acadêmicos **compareceu** (compareceram) ao debate.

A maior parte dos espectadores **assistiu** (assistiram) às comemorações.

A menor parte dos cientistas **concordou** (concordaram) com as novas diretrizes do CNPq.

Parte dos pesquisadores **saiu** (saíram) do laboratório.

Metade dos deputados **absteve**-se (abstiveram-se) de votar.

Um grupo de torcedores do Coritiba, além de **depredar** (depredarem) o estádio, **agrediu** (agrediram) juiz, bandeirinhas, policiais e jogadores depois do jogo.

O cardume de piranhas **tem** (têm) provocado grandes prejuízos aos pecuaristas.

Porcentagem

Quando se trata de porcentagem seguida de elemento no plural, a concordância se faz com ela:

35% dos recursos **se destinam** a projetos sociais.

2% dos acadêmicos **compareceram** ao debate.

1% dos acadêmicos **compareceu** à conferência.

50% dos jovens **estão trabalhando** em projetos sociais, **mas a metade** deles não **colabora** com os mais necessitados.

Se o elemento a que a porcentagem se refere estiver no singular, será melhor concordar com ele:

30% **do povo rejeitou** a proposta do governo.

50% **do viaduto precisa** de reparos.

Caso se particularize (determine) a porcentagem, a concordância se faz com ela:

Os 20% da dívida **serão pagos** no dia 15 de janeiro.

Aqueles 30% da comissão **foram descontados** do preço total do imóvel?

Se o nome vier anteposto à porcentagem, o verbo concordará com ela:

Da população, **30% rejeitaram** a proposta do governo.

Dos candidatos, apenas **1%** não **foi aprovado**.

Se o verbo estiver antes do número da porcentagem, concordará com ele:

Foram destruídos 35% da plantação de café.

Estão alagados 25% dos municípios gaúchos.

Um milhão, um bilhão, um trilhão etc.

Embora a ideia seja plural, conservam o verbo no singular:

Um milhão de pessoas **compareceu** ao evento.

Um bilhão de dólares **foi gasto** na construção do metrô.

No entanto, se a um milhão, um bilhão, um trilhão seguir-se um termo para indicar quantidade exata, levaremos o verbo para o plural:

Um milhão e trezentas mil pessoas **compareceram** ao evento.

Um bilhão, duzentos e cinquenta milhões e trezentos mil dólares **foram gastos** na construção do metrô.

Sujeito formado por pronome interrogativo ou indefinido acompanhado pelas expressões de nós, de vós, de vocês

Com o pronome no singular, o verbo deve concordar no mesmo número:

Qual de nós será eleito presidente?

Qual de vocês deixará o tribunal?

Com o pronome no plural, o verbo deve ir para o plural e concordar, preferencialmente, com o pronome ou com a expressão:

Quais de vocês permanecerão nesta sala?

Quais de vós preferem que o julgamento seja adiado?

Quais **de vós preferis** que o julgamento seja adiado?

Quantos de nós estarão dispostos a abraçar a causa?

Quantos **de nós** estaremos dispostos a abraçar a causa?

Pronomes de tratamento

Verbo sempre na terceira pessoa:

Vossa Senhoria deve acompanhar-me.

Sua Santidade esteve no Brasil.

Vossa alteza comportou-se como um verdadeiro líder.

Como, inclusive, exceto, menos, bem como, assim como e assemelhados

Com estas expressões entre o sujeito e o verbo, faça a concordância com o primeiro elemento (sujeito-núcleo):

A primeira dama, assim como seus assistentes, **deixou** a reunião.

Vocês, como eu, **precisam** de paz.

Os integrantes da mesa, menos (exceto) o presidente, **votaram** a favor da emenda.

Os policiais, bem como nós, **ficaram indignados** com a perversidade do meliante.

Bater, dar, soar

Na indicação de horas, concordam normalmente com o sujeito:

Bateram três horas no relógio da catedral.

Deram duas horas no relógio da catedral.

Soaram cinco horas no relógio da catedral.

O relógio bateu 23 horas.

O relógio deu 24 horas.

O relógio soou 22 horas.

Ser

Na indicação de horas, datas e distância, o verbo concorda com a expressão numérica:

– Que horas **são?**

– São dez horas.

– É uma hora.

De São Paulo ao Rio de Janeiro **são 420** km.

Hoje **são 25** de dezembro de 2009.

Obs.: Se houver a palavra **dia**, o verbo ficará no singular:
Hoje **é dia** 25 de janeiro de 2010.

É bastante, é muito, é pouco, é suficiente, é tudo, é nada, é mais, é menos e assemelhados

São expressões invariáveis em frases como:

Dez milhões **é muito** (é bastante).

Cinquenta metros de cetim **é pouco** para revestir a parede.

Seiscentos reais **é suficiente** para cobrir as despesas.

Vinte dias **é mais** do que precisamos para completar o trabalho.

Amores de infância **é tudo** que nos resta na vida.

Sujeito no singular e predicativo no plural

Independentemente de o sujeito ser oração, pronome demonstrativo, indefinido ou um substantivo, a concordância se faz por atração com o predicativo:

O que me seduziu **foram os gestos de afeição daqueles seres**.

O apoio mais importante **são as palavras de nossos amigos**.

A maior alegria dos pais **são os filhos bem criados**.

Sua maior decepção **continuam sendo as contradições de seus familiares**.

Tudo **são delícias** em nossa vida.

Aquilo **foram brincadeiras** de mau gosto.

Isto **são histórias** interessantes.

Caso o sujeito seja pessoa ou nome de pessoa, a concordância se faz com ele:

Cláudia é as delícias de sua família.

O garoto é só travessuras.

Obs.: Se quisermos fazer prevalecer o sujeito sobre o predicativo, o verbo ficará no singular:
O Senado é tudo, **é** só desmandos.
Minha vida é as alegrias infantis.

Predicativo é o pronome demonstrativo O

Amores **é o** que tem de sobra.

Mais empregos **é o** que o povo mais deseja em 2010.

Substantivos próprios ou comuns terminados em S

Se vierem sem determinante (artigo ou pronome), o verbo ficará no singular:

Vassouras é uma bela cidade fluminense.

Alagoas fica no Nordeste.

Minas Gerais é um dos maiores colégios eleitorais do País.

Santos está localizado no litoral sul de São Paulo.

Hifens não **deve** ser acentuado.

Pires acompanha a xícara.

Pelos perdeu o acento.

Armazéns está no plural.

Caso haja determinante no singular, o verbo permanece no singular:

O Amazonas é o maior estado do Brasil.

O pires acompanha a xícara.

Aquele lápis foi usado indevidamente; por isso,…

Se vierem acompanhados de determinante no plural, o verbo irá, obrigatoriamente, para o plural:

Os Estados Unidos discutiram a crise palestina.

Os Estados Unidos são um grande país.

Os Alpes ficam na Suíça.

Os Andes formam uma das mais belas paisagens da América do Sul.

Aqueles ônibus não **circularão** hoje.

E mais, mesmo que você encontre nos jornais:

EUA se **mobilizam** para guerra", não estranhe. Lembre-se de que o nome **EUA** traz embutido o artigo **OS**, o que justifica o plural.

Atenção!

Títulos de obras terminados em S

Mesmo que antecedidos de determinante no plural, prefira o verbo no singular:

Os Lusíadas é uma das obras mais importantes da literatura.

Os Sertões trata da batalha de Canudos.

Os pensadores foi publicado pela editora Abril. (nome da coleção)

Os três mosqueteiros é um clássico da literatura.

Os imigrantes foi ao ar pela TV Bandeirantes. (título de novela)

Para justificar o verbo no singular e evitar o estranhamento e a crítica de alguns autores que preferem a concordância no plural com os títulos de obras que trazem o artigo **OS**, apresentamos estes exemplos com a obra de Dionélio Machado, utilizando o verbo no plural:

Os ratos são de Dionélio Machado.

Os ratos não **podem** faltar na biblioteca dos apreciadores da literatura brasileira.

(Soa estranho, não? Talvez precisemos de alguns gatos para espantar esses bichinhos da biblioteca!)

Sujeito oracional ou constituído de verbos no infinitivo

O verbo deve fica no singular:

Quem permanecer no recinto participará do sorteio.

Beber e comer nos **satisfaz**.

Ser feliz e compreender o semelhante é inerente ao ser humano.

Obs.: Se os infinitivos estiverem substantivados ou indicarem contraste, o verbo irá para o plural:
O viver e **o sonhar bastam** a uma vida feliz.
Subir e descer fazem parte da caminhada.
Nascer e **morrer compõem** o ciclo existencial.

Sujeito composto resumido por pronome indefinido

Ponha sempre o verbo no singular:

Verduras, legumes e frutas, **tudo contribui** para a saúde do homem.

Jogadores, técnico e preparador físico, **ninguém seguiu** a determinação do juiz.

Móveis, eletrodomésticos, roupas, carros, **nada sobrou** depois do temporal.

Sujeitos precedidos de cada ou nenhum

O verbo fica no singular:

Cada senador, **cada** deputado, **cada** vereador, no exercício do cargo, **deveria** cuidar da coisa pública com honestidade e esmero.

Nenhum padre, **nenhum** pastor, **nenhum** pai de santo **pode** fazer uso da fé em benefício próprio.

Sujeitos ligados por não só…mas também; tanto…como; tanto…quanto

Levam o verbo para o plural:

Não só eu**, mas também** você **participaremos** das comemorações.

Tanto a teoria **como a prática são** essenciais ao conhecimento.

Tanto a promotoria **quanto** o advogado de defesa **mostraram** inabilidade na condução do caso.

Verbo acompanhado do pronome SE

Para não errar a concordância, é necessário conhecer a regência verbal.

Explicação:

Sempre que, na voz ativa, tivermos

Sujeito agente (SA) **+ verbo transitivo direto** (VTD) **+ objeto direto** (OD**)**

Paulo e Roberto **comprararam carros novos**

(SA) (VTD) (OD)

Na voz passiva analítica (verbo principal no particípio acompanhado pelo auxiliar **ser**), o sujeito passará a agente da passiva (AP), e o objeto, a sujeito paciente (SP), com o qual o verbo sempre concordará:

Carros novos foram comprados por Paulo e Roberto.

(**SP**) **(AP)**

Por isso,

Na voz passiva sintética (verbo acompanhado de **SE**), o verbo concorda obrigatoriamente com o sujeito paciente (aquele que recebe a ação expressa pelo verbo). A única diferença é a posição do sujeito, que, agora, aparece posposto à forma verbal:

Compram-se carros novos. (**Carros novos são comprados**.)

Observe mais estes exemplos:

Aluga-se quarto. (**Quarto é alugado.**)

Alugam-se quartos. (**Quartos são alugados.**)

Vendem-se apartamentos. (**Apartamentos são vendidos.**)

Deram-se muitos conselhos. (**Muitos conselhos foram dados.**)

Quando tivermos uma frase com
Sujeito (S) + **verbo intransitivo** (VI) + **adjunto adverbial** (AA)

Paulo **morreu** de inanição **no sertão pernambucano**.
(S) (**VI)** **(AA)** **(AA)**

Se o sujeito desaparecer e o verbo vier acompanhado de **SE**, este será índice de indeterminação do sujeito, o que deixará obrigatoriamente o verbo no singular:

Morre-se de inanição no sertão pernambucano.
(Não se pode precisar o sujeito.)

O mesmo processo se dá com verbo de ligação (VL):

As pessoas **são** felizes na infância.
(VL)

Quem é feliz na infância?
As pessoas (sujeito).

Se eliminarmos o sujeito e acrescentarmos o **SE** ao verbo, teremos, na frase, apenas a ideia de felicidade na infância sem o conhecimento da pessoa a quem se atribui tal fato, o que caracterizará a indeterminação do sujeito. Por isso, o verbo ficará obrigatoriamente no singular:

É-se feliz na infância.
(Quem é feliz na infância? Alguém o é, mas não podemos precisá-lo.)

Se o verbo for transitivo indireto (VTI), vier acompanhado de seu objeto indireto (OI) e não houver sujeito expresso, em aparecendo o **SE** (índice de indeterminação do sujeito) ao lado do verbo, o singular se imporá:

Vejamos a transformação:

As empresas **precisam** de bons colaboradores.
(VTI) **(OI)**

Para você relembrar:

Quem precisa de bons colaboradores?
As empresas (sujeito).
Quem precisa, precisa **de**… (verbo transitivo indireto).
(Observe a necessidade da preposição **de**)

Portanto,

Elas precisam de quê?

De bons colaboradores (objeto indireto).

Se retirarmos o sujeito e acrescentarmos o **SE** ao verbo, teremos a indeterminação caracterizada; por isso, o verbo ficará no singular:

Precisa-se de bons colaboradores.
(Quem precisa? Alguém, mas não podemos defini-lo.)

Observe mais estes exemplos:

Assiste-se a bons filmes.

Trata-se de doentes mentais.

Cuida-se de crianças.

Comprometeu-se com os organizadores do evento.

VERBOS IMPESSOAIS

Não se referem a uma pessoa específica, em razão do sentido expresso por eles na frase, e devem ficar na 3ª pessoa do singular. Neste caso, a oração é sem sujeito.

São exemplos de verbos impessoais os que expressam fenômeno da natureza:

Chove torrencialmente em São Paulo.

Trovejou muito na noite passada.

Ventou durante a madrugada.

Geia durante o inverno em São Joaquim.

No verão, **escurece** mais tarde.

Obs.: Quando se usa o verbo no sentido figurado, pode-se fazê-lo concordar com o sujeito:
Amanheci de bom humor. (sujeito EU)

Outros verbos impessoais

Haver

Como sinônimo de acontecer, existir, ocorrer, realizar-se:

Houve grandes conflitos no Irã. (= Aconteceram, ocorreram)

Havia muitas pessoas no desfile. (= Existiam)

Há muitas inconsistências nas declarações no réu. (= Existem)

Haverá muitas comemorações na passagem do ano. (= Realizar-se-ão)

Atenção!

Com verbo no imperfeito ou no mais-que-perfeito do indicativo a acompanhar **haver**, deve-se usar **havia** (= fazia):

Os jurados **estavam** no tribunal **havia** (fazia) duas horas.

Paulo **estivera** ali **havia** (fazia) muito tempo.

Havia (Fazia) anos os réus não **se envolviam** com os crimes a eles imputados.

O advogado **entregara** o cargo **havia** (fazia) dois meses, quando…

O avião **tinha aterrissado havia** (fazia) duas horas.

Na indicação de tempo:

Iniciei o tratamento **há** duas semanas. (= faz)

Obs.: Na oralidade, é comum o uso de **ter** como impessoal em lugar de **haver**:
Tinha muitas pessoas no desfile.
Tem muitas inconsistências na declaração do réu.
Terá muitas comemorações na passagem do ano.
Porém, **na linguagem escrita**, **é condenável.**

Estar, fazer, ser

Na indicação de tempo:

Está muito frio aqui.

Chegamos à França **faz** dez dias.

Era tarde quando chegamos à praia.

Obs.: Não se esgota aqui o assunto impessoalidade dos verbos, pois frases há em que o sentido de alguns verbos transforma-os em impessoais. Se você tiver interesse em aprofundar o estudo, entre em contato com o autor pelo endereço eletrônico professorsimoes@uninove.br ou professorsimoes@uol.com.br.

INFINITIVO

Há séculos, o infinitivo vem despertando o interesse de estudiosos. No entanto, o assunto continua a tirar o sono daqueles que se veem às voltas com seu emprego. Para colaborar, comentaremos, de forma simplificada, o seu uso.

Impessoal (sem flexão)

a) Nas locuções verbais (verbo auxiliar + principal), mesmo que distanciado do auxiliar:

Devemos apreciar um bom vinho.

Eles **costumam comparecer** aos encontros.

Os senadores **querem vetar** a proposta do governo.

Devemos, sempre que nos for pedido, **fornecer** os dados para análise da diretoria.

Eles **podem**, se assim o desejarem, **ajudar** os menos favorecidos.

b) Como sujeito ou predicativo do sujeito:

Viver é **ter** a oportunidade de amar.

É proibido **fumar**.

É importante **sanar** os problemas.

Amar é **respeitar** o outro.

c) Com valor de imperativo:

"Não **roubar**."

"Não **cobiçar** a mulher do próximo."

"**Amar** a Deus sobre todas as coisas."

"Meia-volta, **volver**!"

d) Com preposição (funciona como complemento de substantivo, adjetivo ou verbo.):

Exercício difícil **de fazer**.

Foram convidados **a se retirar**.

Batatas gostosas **de comer**.

Ossos duros **de roer**.

Temos o dever **de comunicar** que…

Internacional e São Paulo perderam a chance **de ganhar** o campeonato.

e) Posposto a verbo na voz passiva:

Os brasileiros foram forçados **a deixar** o Suriname.

Os manifestantes foram convencidos **a desistir** de seus propósitos.

Fomos impedidos **de entrar** no tribunal.

f) Com valor de gerúndio:

Os deputados estavam **a colaborar** com o líder do governo na Câmara. (colaborando)

As crianças estão **a encantar** o público. (encantando)

g) Com valor de adjetivo (vem regido da preposição **de**.):

Estes fatos são **de desanimar**. (desanimadores)

Tais argumentos eram **de louvar**. (louváveis)

h) Com os verbos **deixar**, **fazer**, **mandar**, **ouvir**, **sentir** e **ver** acompanhados de pronome oblíquo que funciona como sujeito do infinitivo:

“Não **nos** deixeis **cair** em tentação.”

Os senadores fizeram-**nos desacreditar** na política brasileira.

Mandei-**os calar** a boca.

Não **as** ouça **lamentar** o resultado, pois motivos elas não têm.

Sinta-**os vibrar** pela conquista, meu amigo!

Vê-**los receber** o prêmio foi compensador.

Obs.: Se o sujeito do infinitivo for um substantivo, pode-se flexioná-lo ou não:
Mandei **os estudantes calarem** (**calar**) a boca.
Não ouça **as atletas lamentarem** (**lamentar**) o resultado, pois motivos elas não têm.
Sinta **os atletas vibrarem** (**vibrar**) pela conquista, meu amigo!
Ver **os alunos receberem** (**receber**) o prêmio foi compensador.

---

i) Nas orações reduzidas de infinitivo pospostas à principal, prefira a forma não flexionada quando houver um único sujeito:

Estamos aqui para **dar** nossa opinião.

(**Nós** é o sujeito de ambas as orações.)

Eles vieram para **comemorar** o Natal conosco.

(**Eles** é o sujeito de ambas as orações.)

Paulo e Márcia aceitaram nosso convite sem h**esitar**.

(**Paulo e Márcia** é o sujeito de ambas as orações.)

Os suspeitos fugiram para **sair** do flagrante.

(**Os suspeitos** é o sujeito de ambas as orações.)

Pessoal (flexionado)

a) Com sujeito diferente do da principal:

Não é conveniente **contestarem** a decisão do juiz.

Explicação:

Oração principal: Não é conveniente.

O que não é conveniente?

Contestarem a decisão do juiz. (sujeito da principal)

Qual é o sujeito de **contestar**?

Eles ou **elas**. (indeterminado)

Pedimos-lhes a gentileza **de permanecerem** sentados.

(Sujeito da primeira oração – **nós** –, e da segunda, **vocês**.)

O juiz sugeriu **estarem** os réus mentindo.

(**O juiz** é o sujeito da primeira oração, e **os réus**, o da segunda.)

O promotor utilizou-se de argumentos irrefutáveis para os réus **confessarem** o crime.

(Em que **o promotor** é o sujeito de “utilizou-se”, e **os réus**, o de “confessarem”.)

b) Nas orações reduzidas de infinitivo (regido de preposição) antepostas à principal, quando o sujeito for o mesmo nas duas orações e estiver no plural, prefira a forma flexionada:

Para **conseguirem** bons resultados, os atletas treinaram intensamente.

(**Os atletas** é o sujeito de ambas as orações.)

Para **comemorarem** o Natal conosco, eles chegaram cedo.

(**Eles** é o sujeito de ambas as orações.)

Para **saírem** do flagrante, os suspeitos deixaram o local do crime.

(**Os suspeitos** é o sujeito de ambas as orações.)

Por **desrespeitarem** as leis, foram punidos com severidade.

(**Eles** é o sujeito de ambas as orações.)

c) Nas orações reduzidas de infinitivo (regido de preposição) intercaladas entre o sujeito e o verbo da principal, quando o sujeito for o mesmo e estiver no plural, prefira a forma flexionada:

Os atletas, para **conseguirem** bons resultados, treinaram intensamente.

Eles, para **comemorarem** o Natal conosco, chegaram cedo.

Os suspeitos, para **saírem** do flagrante, deixaram o local do crime.

Os torcedores, por **desrespeitarem** as leis, foram punidos com severidade.

VERBO SER NO INFINITIVO

Sempre que vier acompanhado da preposição **A**, poderemos usar **a ser** e **a serem**. No entanto, sugerimos que você se valha da coerência para utilizá-lo:

> O caixa separou os produtos **a ser** (**a serem**) substituídos.
>
> Os filmes **a ser** (**a serem**) exibidos foram retirados da programação.
>
> Levou as obras **a ser** (**a serem**) utilizadas no exame da OAB.

ESTUDO COMPLEMENTAR

Haver

Observe esta frase retirada de um texto publicado em jornal de grande circulação em São Paulo (1º de dezembro de 2001):

> "Quando **haviam** vários textos de um autor, a escolha se baseava na importância do assunto ou no inusitado da abordagem".

Apesar de a matéria tratar do lançamento de um livro que "reúne textos de expoentes da cultura brasileira", houve descuido de quem a revisou. Para que isso não aconteça com você, observe, com atenção, as informações a seguir sobre o emprego de **HAVER**:

Se você utilizá-lo como sinônimo de **existir**, **acontecer**, **ocorrer**, **suceder**, **fazer**, deixe-o na 3ª pessoa do singular (é o que o revisor do texto deveria ter feito):

> "Quando **havia** (e não **haviam**) vários textos de um autor [...]"
>
> **Houve** (e não **houveram**) muitas brigas na Câmara.
>
> Não **há** (e não **hão**) vagas na construção civil.
>
> Nunca **houve** (e não **houveram**) tantos crimes como agora.
>
> Se **houvesse** (e não **houvessem**) mais pessoas comprometidas ética e moralmente, todos lucrariam.
>
> **Havia** (e não **haviam**) tantas coisas a dizer; no entanto, ninguém lhe deu crédito.

Obs.: Se **haver** estiver acompanhado de outro **verbo** (locução verbal), este também ficará no singular:
Deveria (e não deveriam) haver muitas mensagens em sua caixa postal.
Pode (e não podem) haver muitas razões para tal atitude, mas isso não justifica o desrespeito às regras de nossa sociedade.

Agora, vamos apreciar outros empregos de **haver** para que você possa analisá-los.

Se, na frase, o verbo **haver** estiver auxiliando outro verbo (neste caso pode ser substituído por **ter**), caberá a você manter a concordância normal:

Eles ainda **haverão** (terão) de cumprir o que prometeram à população.

Os presidentes haviam (tinham) concordado com a proposta de paz.

Os orientais hão (terão) de seguir os ensinamentos de Buda.

HÁ e A

Há - indica tempo transcorrido (você pode substituí-lo por **faz**):

Há (Faz) dez anos, tudo era diferente.

Isso aconteceu **há** (faz) meses.

Obs.: Evite redundância: **há** dez anos **atrás**, **há** muito tempo **atrás**.

Diga, apenas, **há** dez anos; dez anos **atrás**; **há** muito tempo ou muito tempo **atrás**.

A - Você deverá usá-lo para exprimir tempo futuro ou distância:

Daqui **a** dez minutos, sairemos.

João estava **a** um passo do abismo.

Colocou-se **a** dois metros do inimigo.

Estamos **a** 230 km de Belo Horizonte.

Ou na referência a um espaço temporal que nos separa de um fato, de um acontecimento:

Estamos **a** dez minutos do início da sessão.

Estamos **a** cinco anos da realização da Copa do Mundo no Brasil.

Há menos de, a menos de

Seguem a regra de **HÁ** e **A**.

Compare os exemplos abaixo:

O Brasil tornou-se independente **há** (faz) **menos de** dois séculos.

Partiram **há** (faz) **menos de** quatro horas.

Estava **a menos de** duas horas da cidade.

Encontrava-se **a menos de** vinte metros dos assaltantes.

Estamos **a menos de** cinco minutos do início da competição.

Haja vista

É invariável (equivale a **veja**):

Haja vista o resultado das eleições…

Haja vista os meus amores de infância…

Obs.: Embora haja quem pluralize o verbo **haver**, fazendo-o concordar com o elemento que vem depois da expressão: **Hajam** vista **os problemas** gerados pela burocracia…, aconselha-se o uso da forma invariável, pois estará correta em qualquer circunstância.

Fazer

E para reforçar, nada melhor do que voltar ao verbo **FAZER,** que estará presente nas expressões de tempo, mantendo-se no singular tal como **haver**:

Fez (e não fizeram) dez anos que nos conhecemos.

Vai fazer (e não vão fazer) dez anos que ele se despediu do mundo.

Nos demais casos, concordará com o sujeito:

As meninas farão dez anos amanhã.

Para o Natal, **faremos** compras pela internet. (**nós**).

Façam os exercícios com atenção. (**vocês**).

Metáfora
Metonímia
Catacrese

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

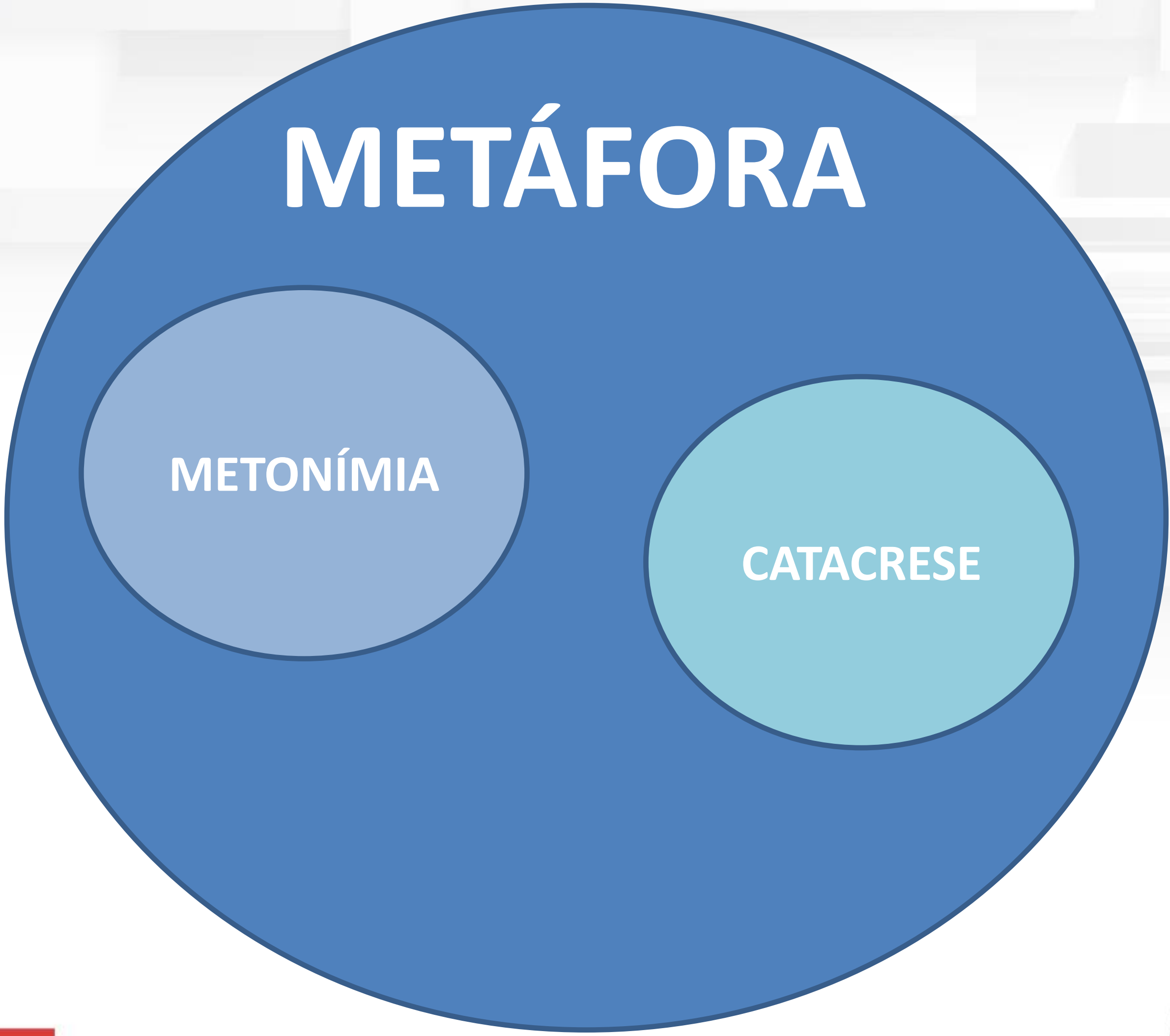

METÁFORA

METONÍMIA

CATACRESE

METÁFORA

Comparação psicológica, em que o elemento comparativo permanece subentendido.
Usar uma palavra fora do seu sentido comum, movido por uma semelhança.

Ele carrega o mundo nos ombros.
O gramado hoje está um tapete.
Levou uma punhalada nas costas.
Este projeto era a menina de seus olhos.

“Foi quando meu pai me disse:
Filha, você é a ovelha negra da família...”

“... Não sei se era pra esquecer ou lembrar.
E ficou um pedaço de você em mim.
E hoje eu quero te ver...”

GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

“E, a cantar, eu direi o que acho então o que é amar...
É uma ponte, lá para o longe do horizonte, jardim sem espinho. Vinho que vai bem em qualquer canção, Roupa de vestir Em qualquer estação”

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

METONÍMIA

Substituição de palavras, com CONTIGUIDADE SEMÂNTICA.

- o todo pela parte: *O Brasil participará da Copa do Mundo.*
- a parte pelo todo: *Todos procuram um teto onde morar.*
- o efeito pela causa: *Respeite ao menos meus cabelos brancos.*
- o autor pela obra: *Roubaram um Portinari do museu.*
- o continente pelo conteúdo: *Comeu dois pratos de feijoada.*
- o símbolo pelo simbolizado: *Ignácio sempre foi atraído pela Cruz*
- a marca pelo produto: *Traga duas latas de leite-moça.*

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

A marca pelo produto

Nestlé
Moça
Fazendo maravilhas desde 1921
395g

ESPONJA DE LÃ DE AÇO
ASSOLAN
PESO LÍQUIDO
60g
MAIS MACIA E EFICIENTE
CONTÉM 4 UNIDADES

CLORO ATIVO
ÁGUA SANITÁRIA
Qboa
Múltiplo uso
2 litros
ELIMINA BACTÉRIAS

ADAMS®
Chiclets®
Peppermint Gum
12 PIECES
ARTIFICIALLY FLAVORED

LOCTITE
Super Bonder®
ADESIVO INSTANTÂNEO UNIVERSAL
3g
Original

COTONETES®
Johnson & Johnson
Seguros e absorventes
ANTIGERME
75 UNIDADES/UNITS

NOVO
BAND
CURATIVOS

TRANSPARENTES
RESPIRÁVEL
Mais confortável
Formato anatômico
MAIS CURATIVOS pelo mesmo preço
DE 35 PARA 40
CONTÉM 40 UNIDADES
Johnson & Johnson

OMO
progress TOTAL
1kg

EMBALAGEM BOLSA
Médio
fluxo moderado a intenso
o.b.
9 entre 10 ginecologistas usuárias de absorvente interno usam o.b.
Contém 6 unidades

CATACRESE

Por falta ou por desconhecimento de termo designador, pega-se outro por empréstimo, com associação semântica.

Embarquem já no trem.

Dente de alho
Pé da cadeira
Céu da boca
Cabeça de prego
Boca da garrafa
Braço do rio

#falanerd

Fabiana Goulart

- Professor, posta a diferença entre ONDE e AONDE!!

#momentopraca

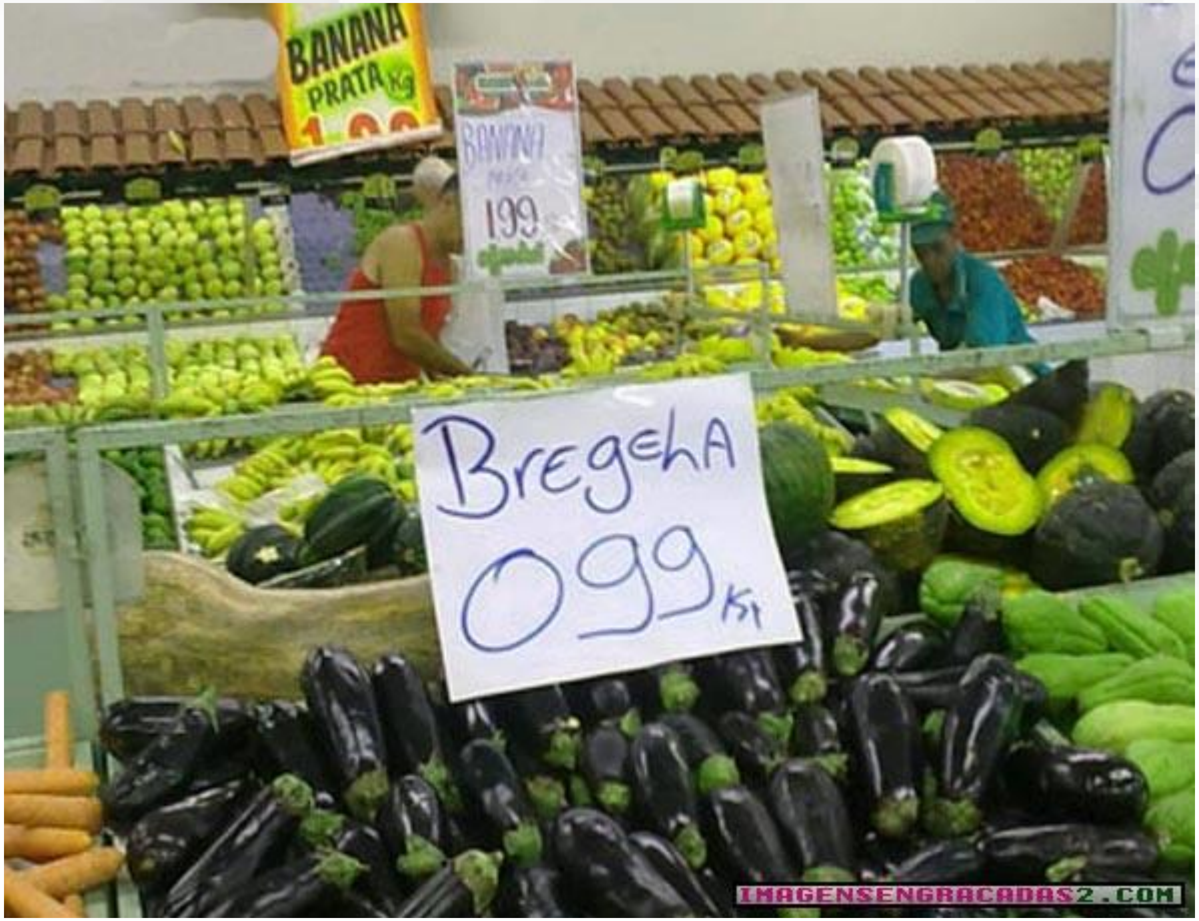
BANANA PRATA Kg
BANANA 199
Bregeha 099 Kg
IMAGENSENGRACADAS2.COM

#momentopraca

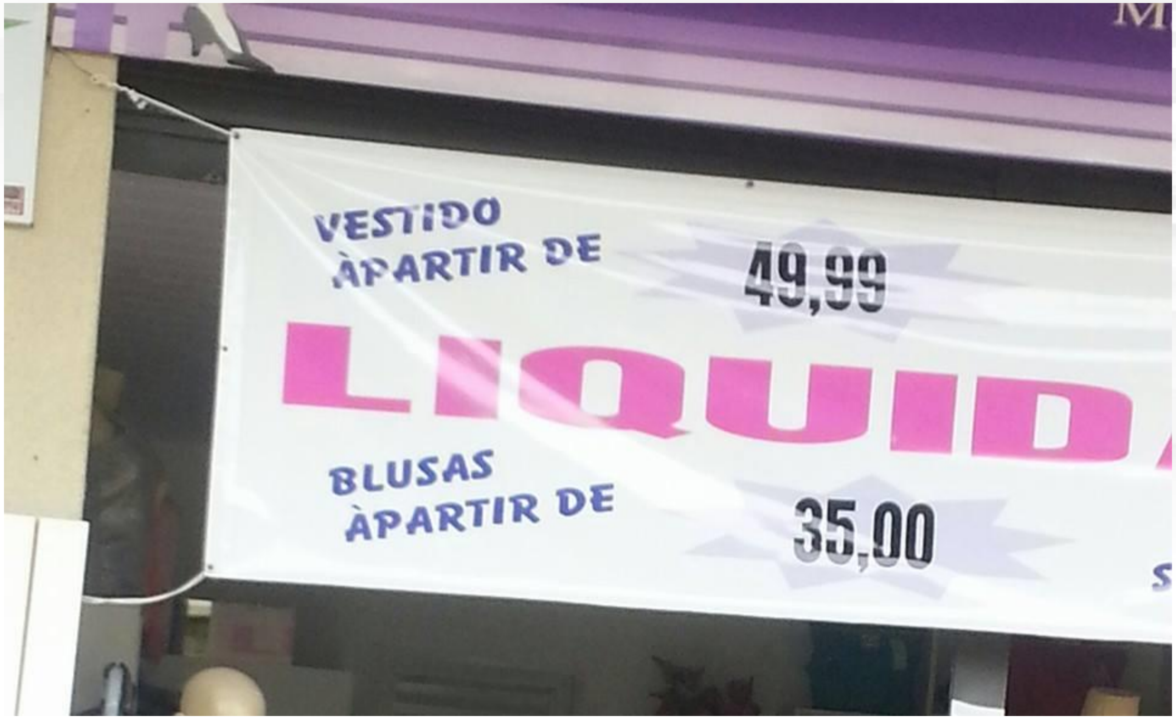
VESTIDO
ÀPARTIR DE
49,99
LIQUID
BLUSAS
ÀPARTIR DE
35,00

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

PORTUGUÊS

Interpretação de textos
Funções da Linguagem

Prof.ª Isabel Vega

I) Comunicação → pleno entendimento da mensagem

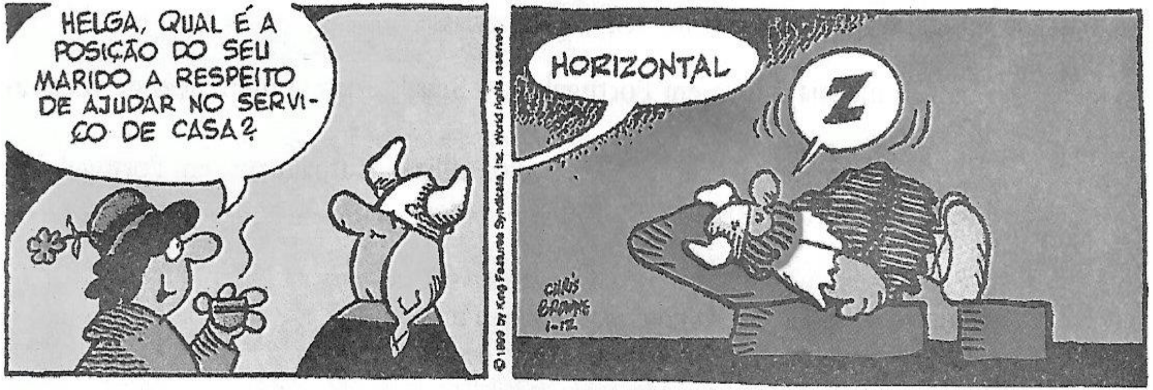
HELGA, QUAL É A POSIÇÃO DO SEU MARIDO A RESPEITO DE AJUDAR NO SERVIÇO DE CASA?
HORIZONTAL
Z
© 1999 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved
CHRIS BROWNE 1-12

(Folha de S. Paulo, 12/2/99.)

Elementos envolvidos na comunicação: Helga, amiga da Helga, conversa em si, linguagem, oralidade, situação do Hagar dormindo.

► Elementos da comunicação (Roman Jakobson)

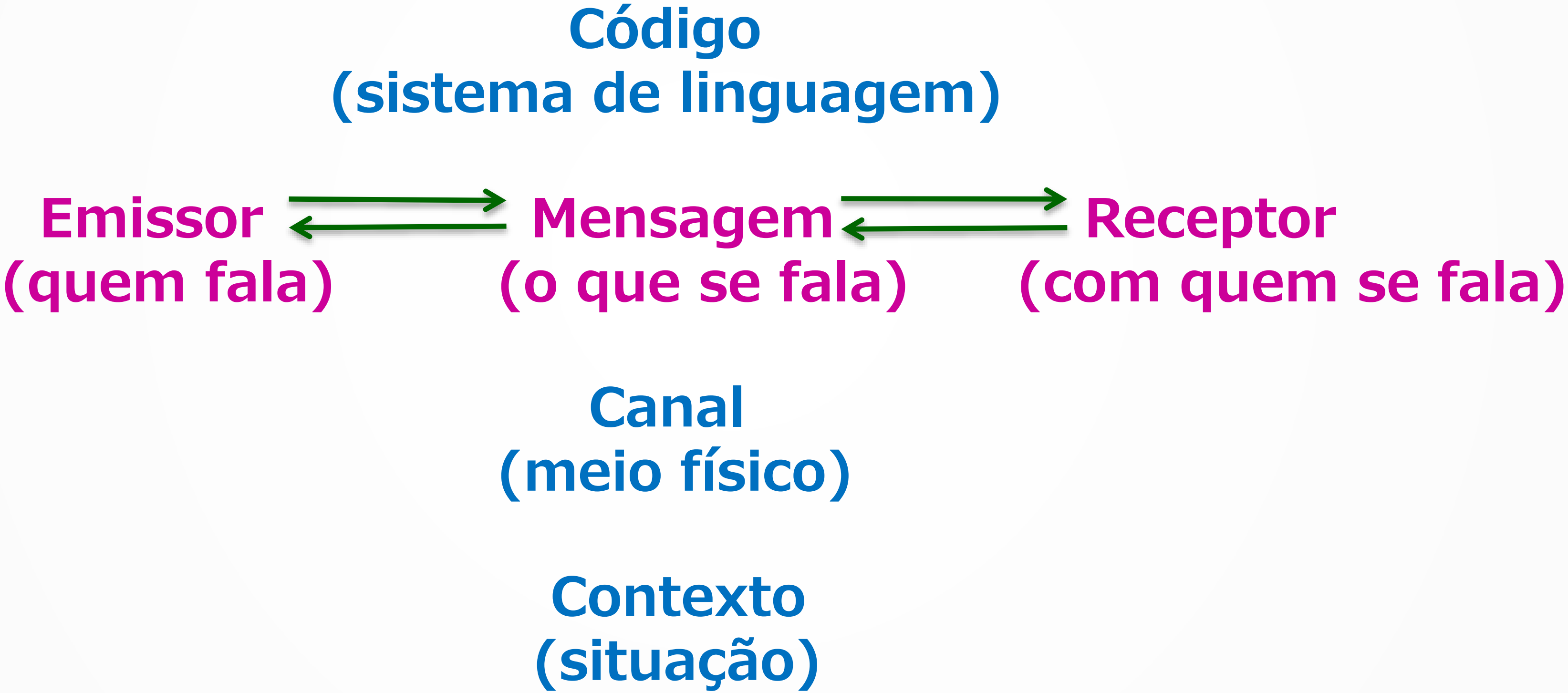

Código
(sistema de linguagem)

Emissor
(quem fala)

Mensagem
(o que se fala)

Receptor
(com quem se fala)

Canal
(meio físico)

Contexto
(situação)

II) Funções da Linguagem → intencionalidade discursiva

a) Função emotiva (ou expressiva) → A intenção é destacar o **emissor** (ou falante, ou locutor). As principais marcas dessa função são os verbos e pronomes na 1ª pessoa, a adjetivação e a escolha do vocabulário, sobretudo dos advérbios.

Ex.1: “Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.”
(“**Poema de sete faces**”, Carlos Drummond)

Ex.2: Felizmente, aquele menino é um doce!

b) Função Referencial → A intenção é pôr em evidência o **contexto**, os fatos do mundo, em forma literária ou não literária.

Ex.: Durante vários meses, a equipe da TV Vitória registrou uma verdadeira indústria do crime. Por trás de um esquema bilionário, existe uma teia criminosa que deixa para trás um rastro de milhares de vítimas, como dois meninos, de apenas oito anos, que já precisam lutar pela sobrevivência e ajudam as famílias a produzir carvão. Um trabalho duro, cansativo, que compromete a saúde e o desenvolvimento. Sem folga, eles passam o dia inteiro nos fornos, que têm o tamanho exato para uma criança. Um dia inteiro de trabalho rende para esses meninos pouco mais de R$ 7.

(**Redação Folha Vitória**, em 26/07/2011. com adaptações.)

Funções da Linguagem

Ex.2: “**Meninos carvoeiros**”, de Manuel Bandeira (1921).

Os meninos carvoeiros
Passam a caminho da cidade.
 Eh, carvoero!
E vão tocando os animais com um relho enorme. (...)
(...)
 Eh, carvoero!
Só mesmo estas crianças raquíticas
Vão bem com estes burrinhos descadeirados.
A madrugada ingênua parece feita para eles...
Pequenina, ingênua miséria!
Adoráveis carvoeirinhos que trabalhais como se brincásseis!
(...)

Funções da Linguagem

C) Função Poética → A intenção é elaborar a **mensagem**, usando técnicas de composição literária e figuras de linguagem. Embora seja fundamental em textos literários, é empregada em textos informativos de modo pontual, em textos publicitários e em letras de música.

Ex.: Poema “**Lua Cheia**”, de Cassiano Ricardo.

Boião de leite
que a noite leva
com mãos de treva
pra não sei quem beber.

E que, embora levado
muito devagarzinho,
vai derramando pingos brancos
pelo caminho...

d) Função metalinguística → A intenção é explicar o **código** usado na comunicação. Ela está no nosso cotidiano cada vez que precisamos explicar ou resumir o sentido de algo que o outro não entendeu.

Ex.1: Trecho do poema “**Catar feijão**”, de João Cabral.

Catar feijão se limita com escrever:
jogam-se os grãos na água do alguidar
e as palavras na da folha de papel;
e depois, joga-se fora o que boiar.

Ex.2: “De repente nasci, isto é, senti necessidade de escrever.”
(Drummond)

e) Função conativa (ou apelativa) → A intenção é de persuadir o **interlocutor**. É frequente, nesse tipo de texto, o emprego de verbos no imperativo e de pronomes de tratamento ou na 2ª pessoa. É a função essencial dos textos publicitários.

Ex.: Poema “**Reclame**”, de Chacal.

Se o mundo não vai bem
a seus olhos, use lentes
... ou transforme o mundo.

ótica olho vivo
agradece a preferência

f) Função fática → A intenção é testar o **canal**, manter o contato entre os interlocutores do ato comunicativo.

Ex.: Trecho de "**Sinal fechado**", de Paulinho da Viola.

Olá, como vai?
Eu vou indo, e você, tudo bem?
Tudo bem eu vou indo, correndo,
pegar meu lugar no futuro. E você?
Tudo bem, eu vou indo em busca
de um sono tranqüilo, quem sabe?
Quanto tempo... pois é...
Quanto tempo...

Estratégia
CONCURSOS

Aula 09

Português p/ Polícia Civil-PA (Todos os Cargos) - Com videoaulas

Professores: Equipe Rafaela Freitas, Rafaela Freitas

Aula 09

Revisão Final - FUNCAB

Como vão, amigos? Tudo bem?

Estamos finalizando o meu curso. Esta aula é especial: uma coletânea de questões recentes da **FUNCAB**, todas de 2016. Ótima oportunidade para testar o seu estudo e para conhecer ainda mais a banca examinadora do certame!! Será bem legal!

Espero que gostem!!

SUMÁRIO

QUESTÕES SEM COMENTÁRIOS..02
QUESTÕES COMENTADAS..24
GABARITO...56
MEU ATÉ BREVE...57

Nada é impossível para aqueles que fazem da dificuldade uma oportunidade!!

Que tal um teste? Façam primeiro as provas sozinhos, sem os meus comentários e sem gabarito. Em seguida, vou repetir a prova para que vocês confiram o gabarito e vejam as minhas considerações e explicações! Espero que a média de acertos seja boa!!!

Bons estudos!

PROVA 01. Técnico Administrativo – ANS – 2016

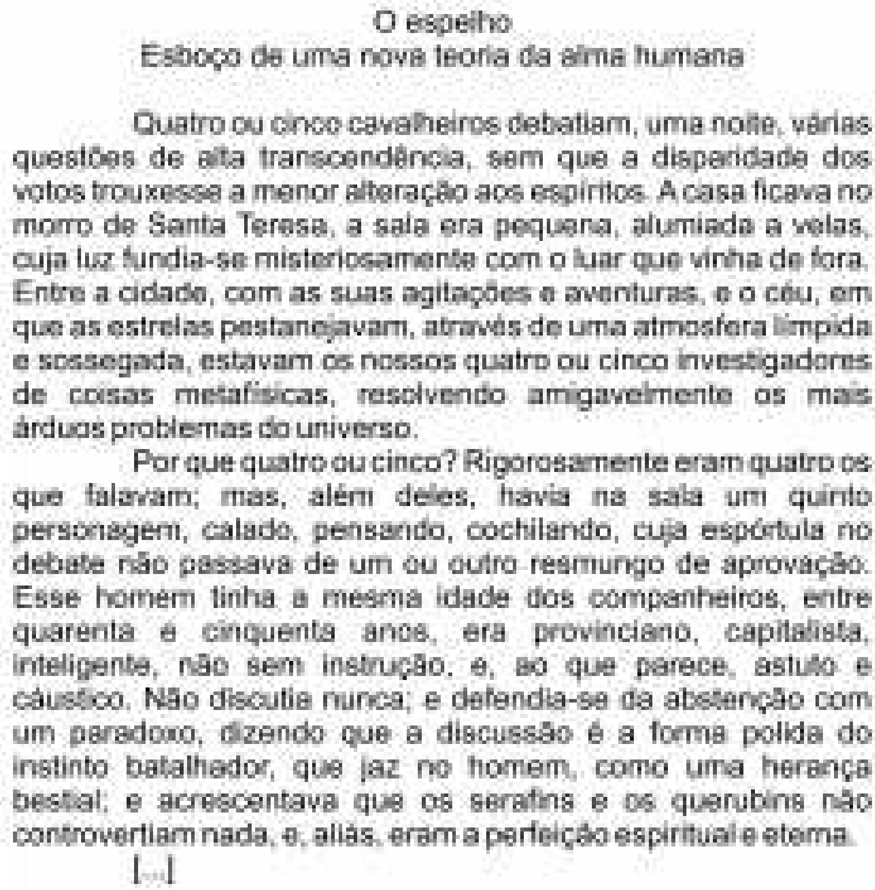

O espelho
Esboço de uma nova teoria da alma humana

Quatro ou cinco cavalheiros debatiam, uma noite, várias questões de alta transcendência, sem que a disparidade dos votos trouxesse a menor alteração aos espíritos. A casa ficava no morro de Santa Teresa, a sala era pequena, alumiada a velas, cuja luz fundia-se misteriosamente com o luar que vinha de fora. Entre a cidade, com as suas agitações e aventuras, e o céu, em que as estrelas pestanejavam, através de uma atmosfera límpida e sossegada, estavam os nossos quatro ou cinco investigadores de coisas metafísicas, resolvendo amigavelmente os mais árduos problemas do universo.

Por que quatro ou cinco? Rigorosamente eram quatro os que falavam; mas, além deles, havia na sala um quinto personagem, calado, pensando, cochilando, cuja espórtula no debate não passava de um ou outro resmungo de aprovação. Esse homem tinha a mesma idade dos companheiros, entre quarenta e cinquenta anos, era provinciano, capitalista, inteligente, não sem instrução, e, ao que parece, astuto e cáustico. Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão é a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial; e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna.

[...]

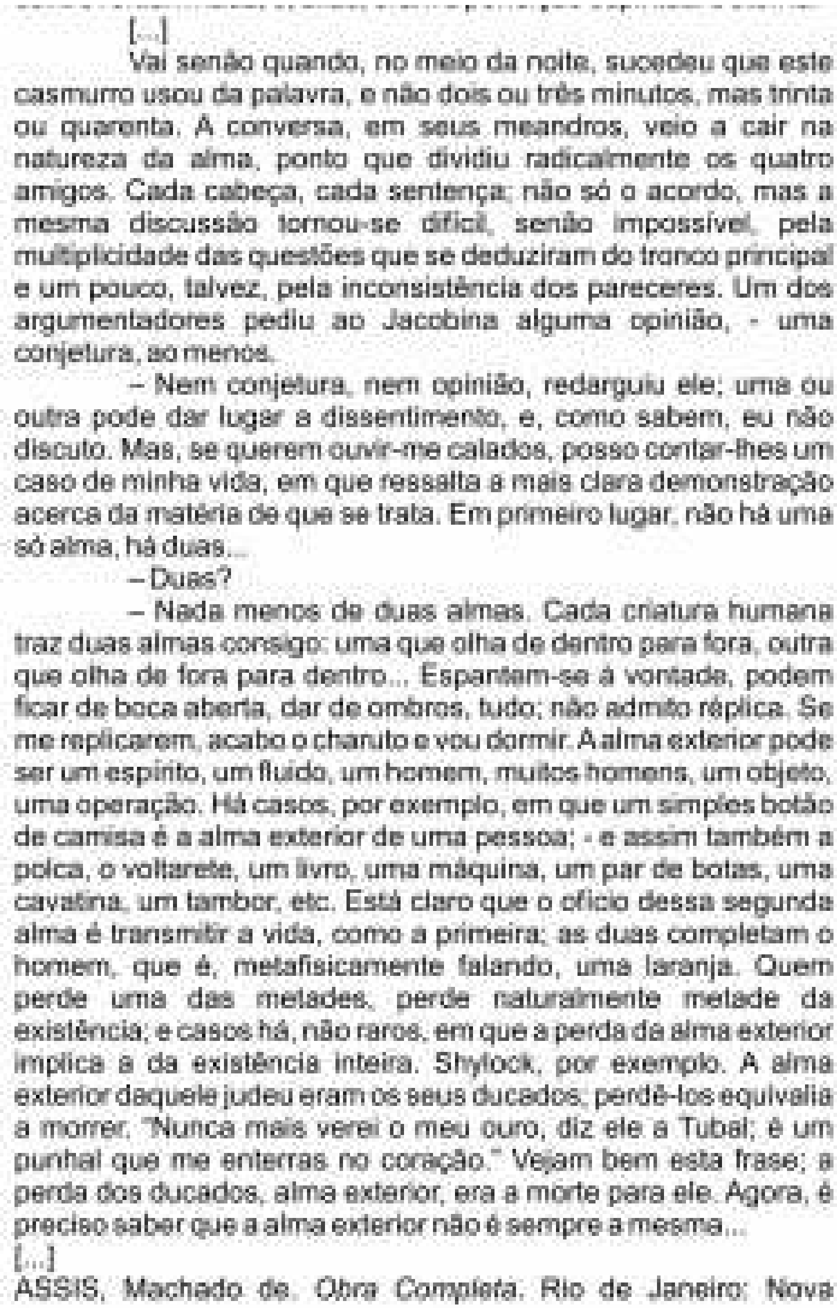

[...]

Vai senão quando, no meio da noite, sucedeu que este casmurro usou da palavra, e não dois ou três minutos, mas trinta ou quarenta. A conversa, em seus meandros, veio a cair na natureza da alma, ponto que dividiu radicalmente os quatro amigos. Cada cabeça, cada sentença; não só o acordo, mas a mesma discussão tornou-se difícil, senão impossível, pela multiplicidade das questões que se deduziram do tronco principal e um pouco, talvez, pela inconsistência dos pareceres. Um dos argumentadores pediu ao Jacobina alguma opinião, - uma conjetura, ao menos.

– Nem conjetura, nem opinião, redarguiu ele; uma ou outra pode dar lugar a dissentimento, e, como sabem, eu não discuto. Mas, se querem ouvir-me calados, posso contar-lhes um caso de minha vida, em que ressalta a mais clara demonstração acerca da matéria de que se trata. Em primeiro lugar, não há uma só alma, há duas...

– Duas?

– Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro... Espantem-se à vontade, podem ficar de boca aberta, dar de ombros, tudo; não admito réplica. Se me replicarem, acabo o charuto e vou dormir. A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; - e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor, etc. Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira. Shylock, por exemplo. A alma exterior daquele judeu eram os seus ducados; perdê-los equivalia a morrer. "Nunca mais verei o meu ouro, diz ele a Tubal; é um punhal que me enterras no coração." Vejam bem esta frase; a perda dos ducados, alma exterior, era a morte para ele. Agora, é preciso saber que a alma exterior não é sempre a mesma...

[...]

ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova

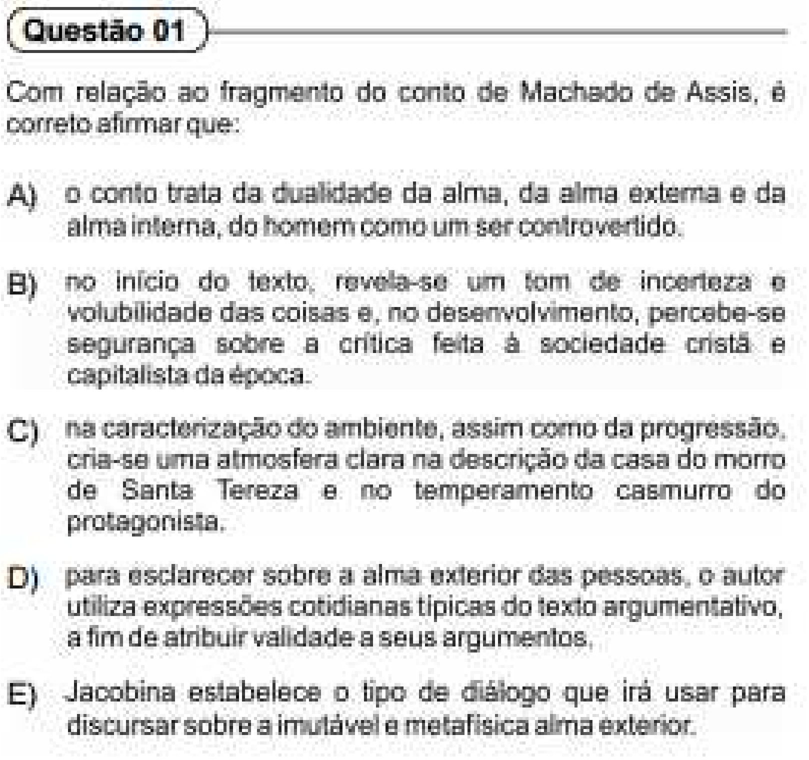

Questão 01

Com relação ao fragmento do conto de Machado de Assis, é correto afirmar que:

A) o conto trata da dualidade da alma, da alma externa e da alma interna, do homem como um ser controvertido.

B) no início do texto, revela-se um tom de incerteza e volubilidade das coisas e, no desenvolvimento, percebe-se segurança sobre a crítica feita à sociedade cristã e capitalista da época.

C) na caracterização do ambiente, assim como da progressão, cria-se uma atmosfera clara na descrição da casa do morro de Santa Tereza e no temperamento casmurro do protagonista.

D) para esclarecer sobre a alma exterior das pessoas, o autor utiliza expressões cotidianas típicas do texto argumentativo, a fim de atribuir validade a seus argumentos.

E) Jacobina estabelece o tipo de diálogo que irá usar para discursar sobre a imutável e metafísica alma exterior.

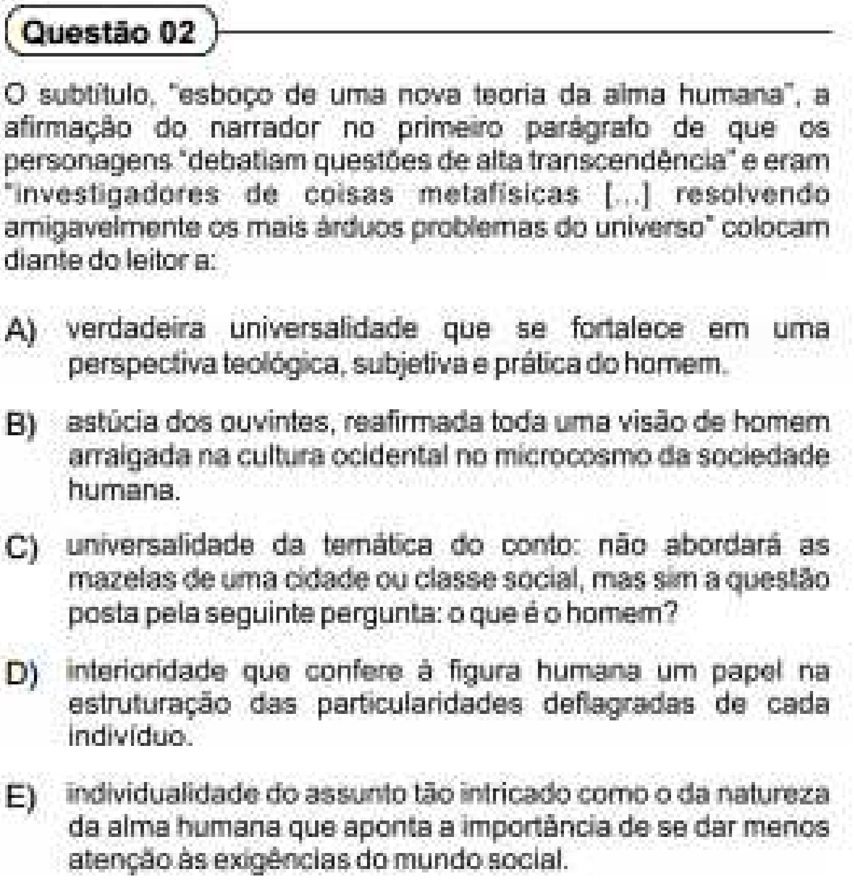

Questão 02

O subtítulo, "esboço de uma nova teoria da alma humana", a afirmação do narrador no primeiro parágrafo de que os personagens "debatiam questões de alta transcendência" e eram "investigadores de coisas metafísicas [...] resolvendo amigavelmente os mais árduos problemas do universo" colocam diante do leitor a:

A) verdadeira universalidade que se fortalece em uma perspectiva teológica, subjetiva e prática do homem.

B) astúcia dos ouvintes, reafirmada toda uma visão de homem arraigada na cultura ocidental no microcosmo da sociedade humana.

C) universalidade da temática do conto: não abordará as mazelas de uma cidade ou classe social, mas sim a questão posta pela seguinte pergunta: o que é o homem?

D) interioridade que confere à figura humana um papel na estruturação das particularidades deflagradas de cada indivíduo.

E) individualidade do assunto tão intricado como o da natureza da alma humana que aponta a importância de se dar menos atenção às exigências do mundo social.

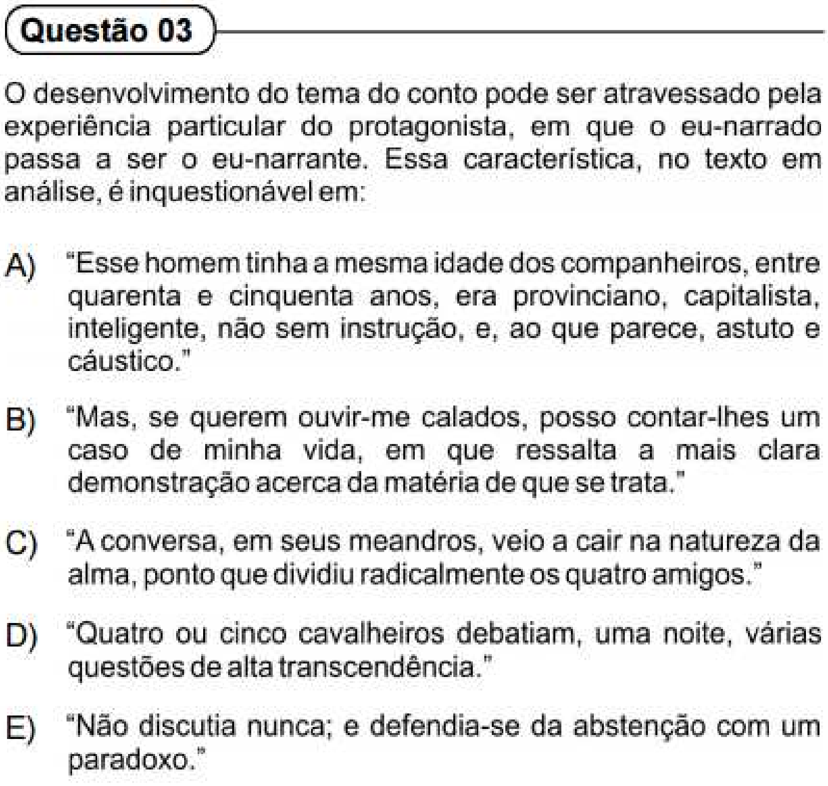

Questão 03

O desenvolvimento do tema do conto pode ser atravessado pela experiência particular do protagonista, em que o eu-narrado passa a ser o eu-narrante. Essa característica, no texto em análise, é inquestionável em:

A) "Esse homem tinha a mesma idade dos companheiros, entre quarenta e cinquenta anos, era provinciano, capitalista, inteligente, não sem instrução, e, ao que parece, astuto e cáustico."

B) "Mas, se querem ouvir-me calados, posso contar-lhes um caso de minha vida, em que ressalta a mais clara demonstração acerca da matéria de que se trata."

C) "A conversa, em seus meandros, veio a cair na natureza da alma, ponto que dividiu radicalmente os quatro amigos."

D) "Quatro ou cinco cavalheiros debatiam, uma noite, várias questões de alta transcendência."

E) "Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo."

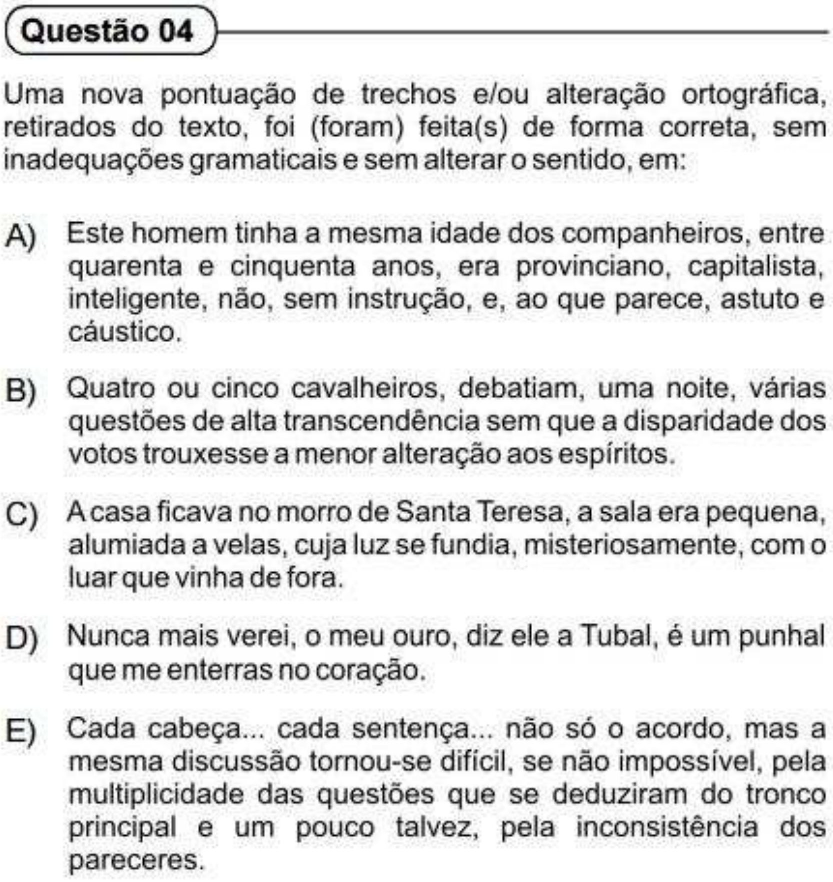

Questão 04

Uma nova pontuação de trechos e/ou alteração ortográfica, retirados do texto, foi (foram) feita(s) de forma correta, sem inadequações gramaticais e sem alterar o sentido, em:

A) Este homem tinha a mesma idade dos companheiros, entre quarenta e cinquenta anos, era provinciano, capitalista, inteligente, não, sem instrução, e, ao que parece, astuto e cáustico.

B) Quatro ou cinco cavalheiros, debatiam, uma noite, várias questões de alta transcendência sem que a disparidade dos votos trouxesse a menor alteração aos espíritos.

C) A casa ficava no morro de Santa Teresa, a sala era pequena, alumiada a velas, cuja luz se fundia, misteriosamente, com o luar que vinha de fora.

D) Nunca mais verei, o meu ouro, diz ele a Tubal, é um punhal que me enterras no coração.

E) Cada cabeça... cada sentença... não só o acordo, mas a mesma discussão tornou-se difícil, se não impossível, pela multiplicidade das questões que se deduziram do tronco principal e um pouco talvez, pela inconsistência dos pareceres.

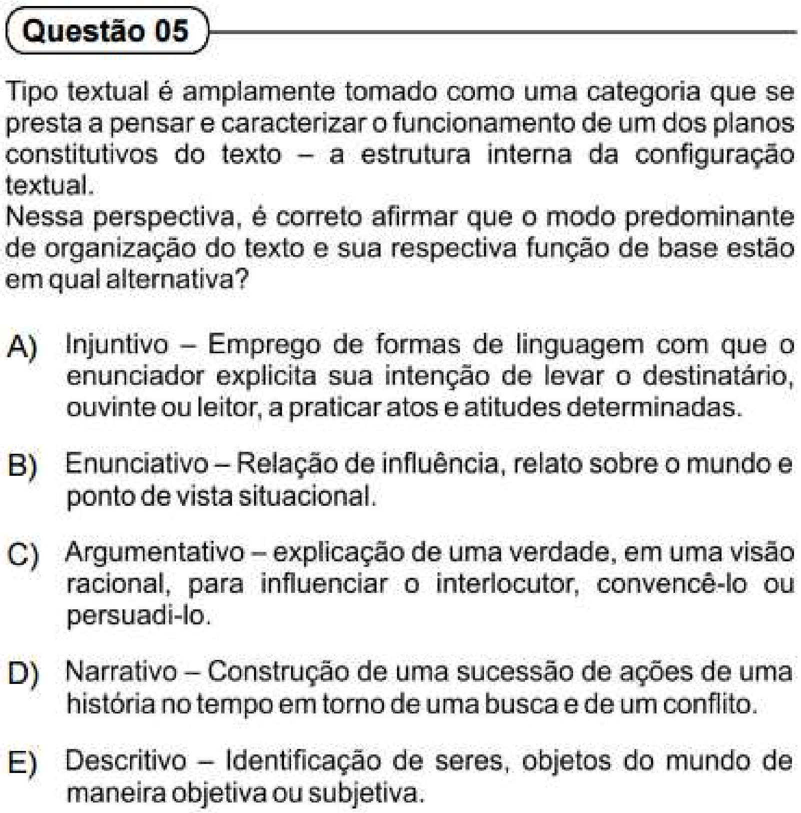

Questão 05

Tipo textual é amplamente tomado como uma categoria que se presta a pensar e caracterizar o funcionamento de um dos planos constitutivos do texto – a estrutura interna da configuração textual.
Nessa perspectiva, é correto afirmar que o modo predominante de organização do texto e sua respectiva função de base estão em qual alternativa?

A) Injuntivo – Emprego de formas de linguagem com que o enunciador explicita sua intenção de levar o destinatário, ouvinte ou leitor, a praticar atos e atitudes determinadas.

B) Enunciativo – Relação de influência, relato sobre o mundo e ponto de vista situacional.

C) Argumentativo – explicação de uma verdade, em uma visão racional, para influenciar o interlocutor, convencê-lo ou persuadi-lo.

D) Narrativo – Construção de uma sucessão de ações de uma história no tempo em torno de uma busca e de um conflito.

E) Descritivo – Identificação de seres, objetos do mundo de maneira objetiva ou subjetiva.

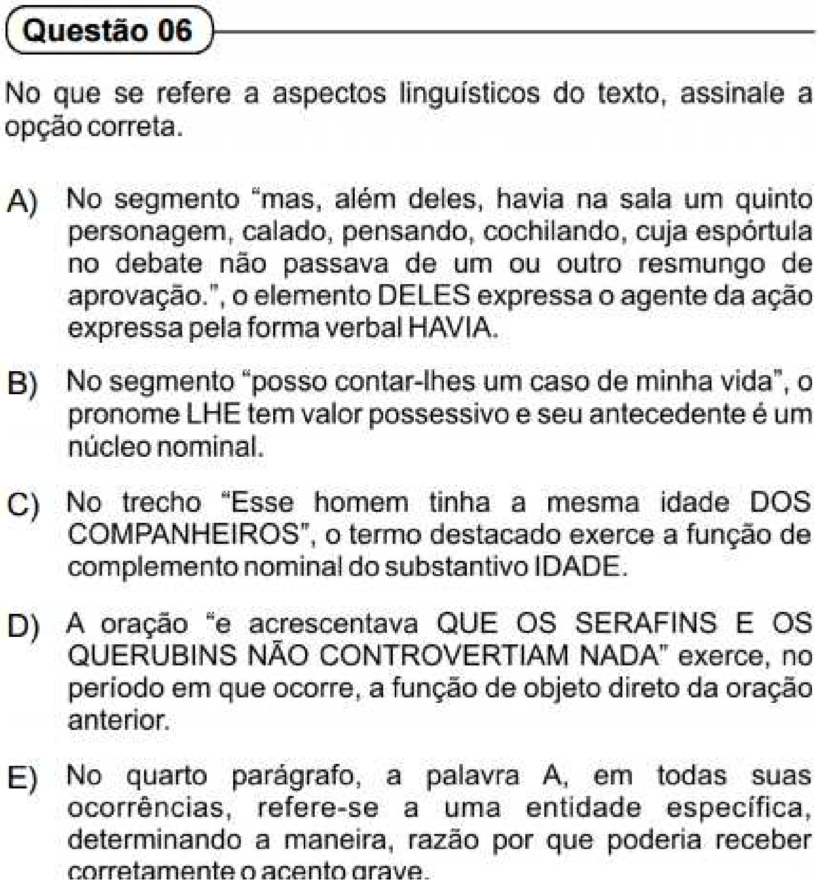

Questão 06

No que se refere a aspectos linguísticos do texto, assinale a opção correta.

A) No segmento “mas, além deles, havia na sala um quinto personagem, calado, pensando, cochilando, cuja espórtula no debate não passava de um ou outro resmungo de aprovação.”, o elemento DELES expressa o agente da ação expressa pela forma verbal HAVIA.

B) No segmento “posso contar-lhes um caso de minha vida”, o pronome LHE tem valor possessivo e seu antecedente é um núcleo nominal.

C) No trecho “Esse homem tinha a mesma idade DOS COMPANHEIROS”, o termo destacado exerce a função de complemento nominal do substantivo IDADE.

D) A oração “e acrescentava QUE OS SERAFINS E OS QUERUBINS NÃO CONTROVERTIAM NADA” exerce, no período em que ocorre, a função de objeto direto da oração anterior.

E) No quarto parágrafo, a palavra A, em todas suas ocorrências, refere-se a uma entidade específica, determinando a maneira, razão por que poderia receber corretamente o acento grave.

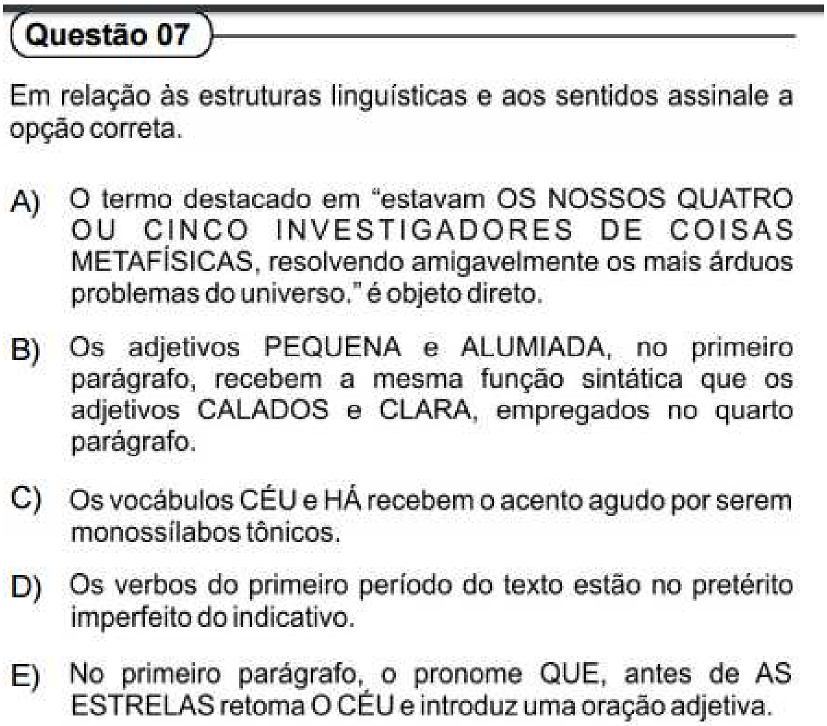

Questão 07

Em relação às estruturas linguísticas e aos sentidos assinale a opção correta.

A) O termo destacado em "estavam OS NOSSOS QUATRO OU CINCO INVESTIGADORES DE COISAS METAFÍSICAS, resolvendo amigavelmente os mais árduos problemas do universo." é objeto direto.

B) Os adjetivos PEQUENA e ALUMIADA, no primeiro parágrafo, recebem a mesma função sintática que os adjetivos CALADOS e CLARA, empregados no quarto parágrafo.

C) Os vocábulos CÉU e HÁ recebem o acento agudo por serem monossílabos tônicos.

D) Os verbos do primeiro período do texto estão no pretérito imperfeito do indicativo.

E) No primeiro parágrafo, o pronome QUE, antes de AS ESTRELAS retoma O CÉU e introduz uma oração adjetiva.

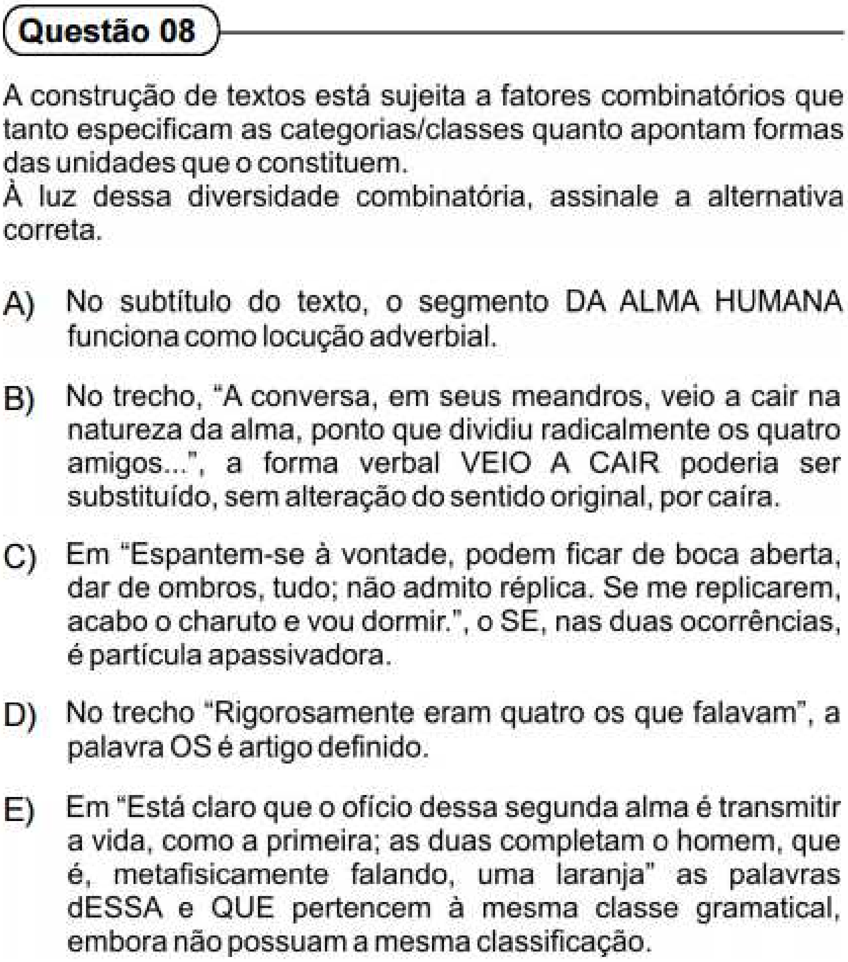

Questão 08

A construção de textos está sujeita a fatores combinatórios que tanto especificam as categorias/classes quanto apontam formas das unidades que o constituem.
À luz dessa diversidade combinatória, assinale a alternativa correta.

A) No subtítulo do texto, o segmento DA ALMA HUMANA funciona como locução adverbial.

B) No trecho, "A conversa, em seus meandros, veio a cair na natureza da alma, ponto que dividiu radicalmente os quatro amigos...", a forma verbal VEIO A CAIR poderia ser substituído, sem alteração do sentido original, por caíra.

C) Em "Espantem-se à vontade, podem ficar de boca aberta, dar de ombros, tudo; não admito réplica. Se me replicarem, acabo o charuto e vou dormir.", o SE, nas duas ocorrências, é partícula apassivadora.

D) No trecho "Rigorosamente eram quatro os que falavam", a palavra OS é artigo definido.

E) Em "Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja" as palavras dESSA e QUE pertencem à mesma classe gramatical, embora não possuam a mesma classificação.

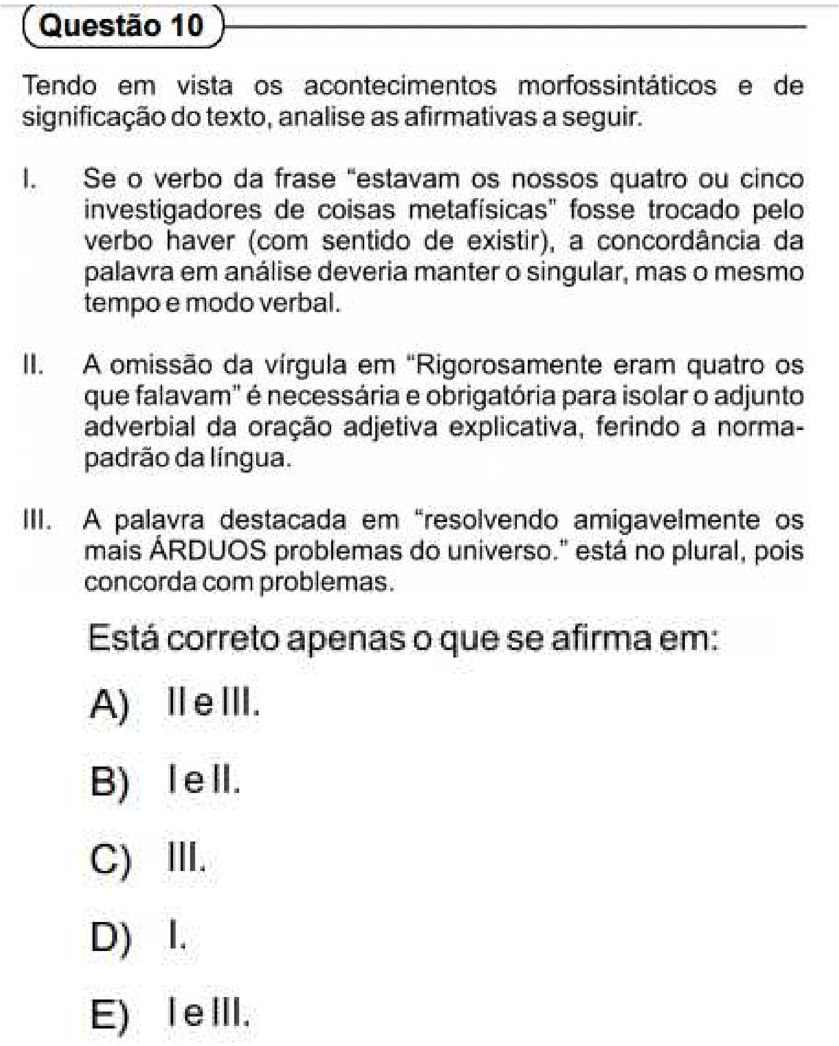

Questão 10

Tendo em vista os acontecimentos morfossintáticos e de significação do texto, analise as afirmativas a seguir.

I. Se o verbo da frase "estavam os nossos quatro ou cinco investigadores de coisas metafísicas" fosse trocado pelo verbo haver (com sentido de existir), a concordância da palavra em análise deveria manter o singular, mas o mesmo tempo e modo verbal.

II. A omissão da vírgula em "Rigorosamente eram quatro os que falavam" é necessária e obrigatória para isolar o adjunto adverbial da oração adjetiva explicativa, ferindo a norma-padrão da língua.

III. A palavra destacada em "resolvendo amigavelmente os mais ÁRDUOS problemas do universo." está no plural, pois concorda com problemas.

Está correto apenas o que se afirma em:

A) II e III.

B) I e II.

C) III.

D) I.

E) I e III.

PROVA 2 – Técnico em Regulação – ANS - 2016

A banca trouxe um belo texto literário do tipo narrativo, com as duas primeiras questões de interpretação textual, a terceira sobre topilogia e as demais de gramática.

Vamos aos comentários!

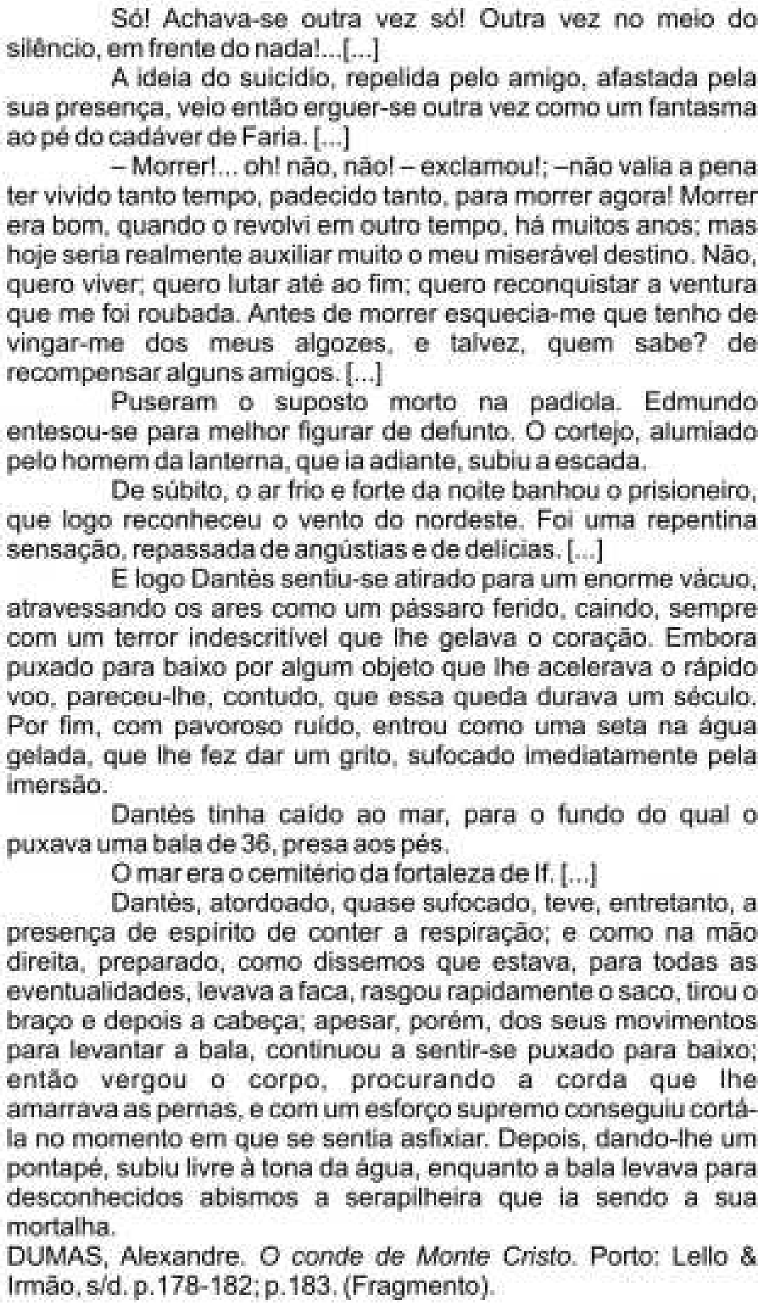

Só! Achava-se outra vez só! Outra vez no meio do silêncio, em frente do nada!...[...]

A ideia do suicídio, repelida pelo amigo, afastada pela sua presença, veio então erguer-se outra vez como um fantasma ao pé do cadáver de Faria. [...]

– Morrer!... oh! não, não! – exclamou!; –não valia a pena ter vivido tanto tempo, padecido tanto, para morrer agora! Morrer era bom, quando o revolvi em outro tempo, há muitos anos; mas hoje seria realmente auxiliar muito o meu miserável destino. Não, quero viver; quero lutar até ao fim; quero reconquistar a ventura que me foi roubada. Antes de morrer esquecia-me que tenho de vingar-me dos meus algozes, e talvez, quem sabe? de recompensar alguns amigos. [...]

Puseram o suposto morto na padiola. Edmundo entesou-se para melhor figurar de defunto. O cortejo, alumiado pelo homem da lanterna, que ia adiante, subiu a escada.

De súbito, o ar frio e forte da noite banhou o prisioneiro, que logo reconheceu o vento do nordeste. Foi uma repentina sensação, repassada de angústias e de delícias. [...]

E logo Dantès sentiu-se atirado para um enorme vácuo, atravessando os ares como um pássaro ferido, caindo, sempre com um terror indescritível que lhe gelava o coração. Embora puxado para baixo por algum objeto que lhe acelerava o rápido voo, pareceu-lhe, contudo, que essa queda durava um século. Por fim, com pavoroso ruído, entrou como uma seta na água gelada, que lhe fez dar um grito, sufocado imediatamente pela imersão.

Dantès tinha caído ao mar, para o fundo do qual o puxava uma bala de 36, presa aos pés.

O mar era o cemitério da fortaleza de If. [...]

Dantès, atordoado, quase sufocado, teve, entretanto, a presença de espírito de conter a respiração; e como na mão direita, preparado, como dissemos que estava, para todas as eventualidades, levava a faca, rasgou rapidamente o saco, tirou o braço e depois a cabeça; apesar, porém, dos seus movimentos para levantar a bala, continuou a sentir-se puxado para baixo; então vergou o corpo, procurando a corda que lhe amarrava as pernas, e com um esforço supremo conseguiu cortá-la no momento em que se sentia asfixiar. Depois, dando-lhe um pontapé, subiu livre à tona da água, enquanto a bala levava para desconhecidos abismos a serapilheira que ia sendo a sua mortalha.

DUMAS, Alexandre. *O conde de Monte Cristo*. Porto: Lello & Irmão, s/d. p.178-182; p.183. (Fragmento).

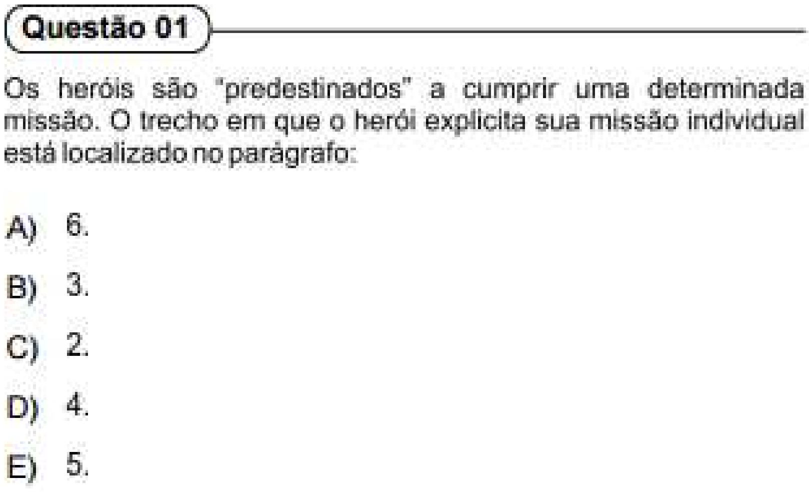

Questão 01

Os heróis são "predestinados" a cumprir uma determinada missão. O trecho em que o herói explicita sua missão individual está localizado no parágrafo:

A) 6.
B) 3.
C) 2.
D) 4.
E) 5.

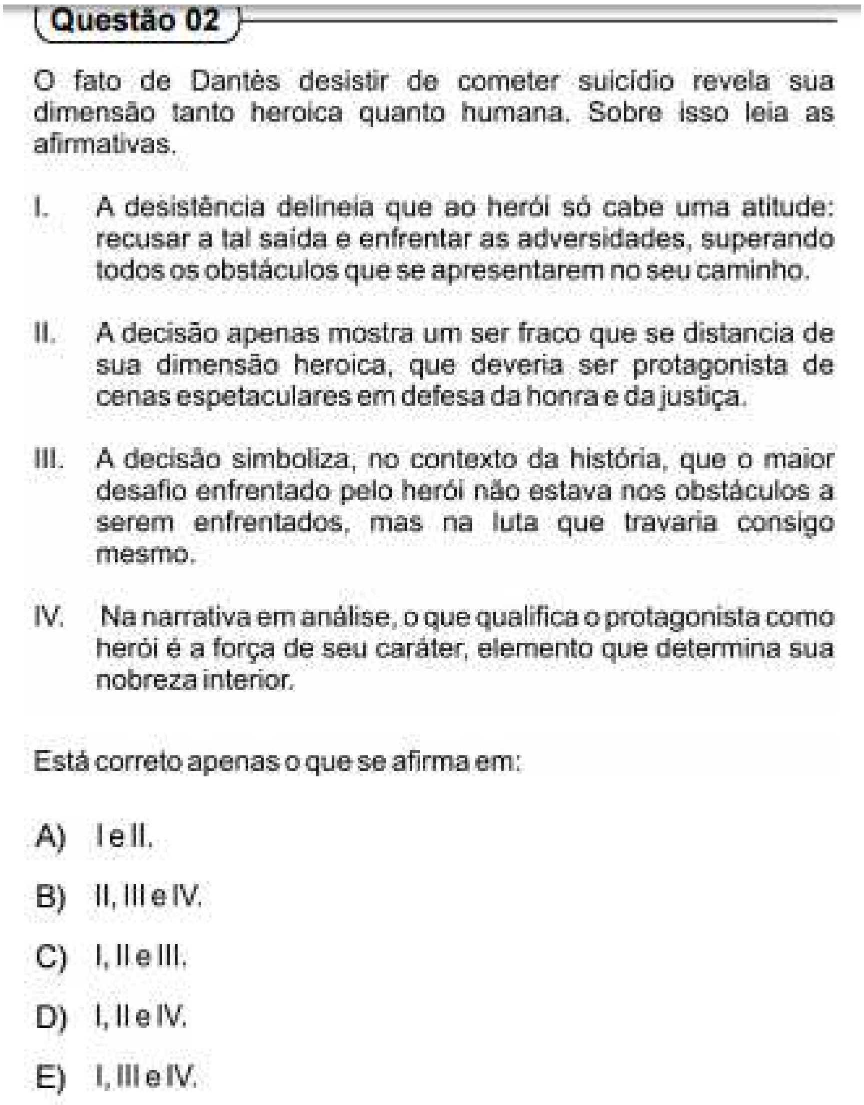

Questão 02

O fato de Dantès desistir de cometer suicídio revela sua dimensão tanto heroica quanto humana. Sobre isso leia as afirmativas.

I. A desistência delineia que ao herói só cabe uma atitude: recusar a tal saída e enfrentar as adversidades, superando todos os obstáculos que se apresentarem no seu caminho.

II. A decisão apenas mostra um ser fraco que se distancia de sua dimensão heroica, que deveria ser protagonista de cenas espetaculares em defesa da honra e da justiça.

III. A decisão simboliza, no contexto da história, que o maior desafio enfrentado pelo herói não estava nos obstáculos a serem enfrentados, mas na luta que travaria consigo mesmo.

IV. Na narrativa em análise, o que qualifica o protagonista como herói é a força de seu caráter, elemento que determina sua nobreza interior.

Está correto apenas o que se afirma em:

A) I e II.
B) II, III e IV.
C) I, II e III.
D) I, II e IV.
E) I, III e IV.

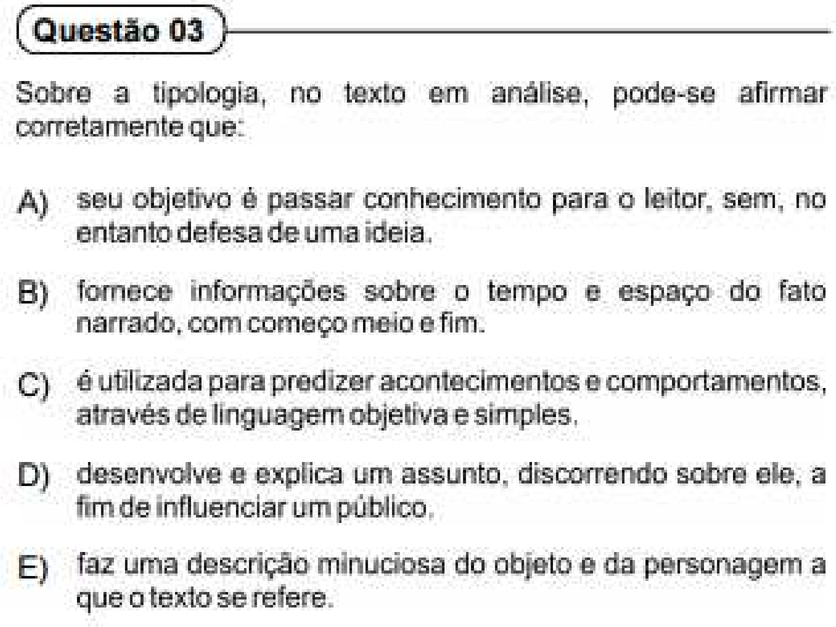

Questão 03

Sobre a tipologia, no texto em análise, pode-se afirmar corretamente que:

A) seu objetivo é passar conhecimento para o leitor, sem, no entanto defesa de uma ideia.

B) fornece informações sobre o tempo e espaço do fato narrado, com começo meio e fim.

C) é utilizada para predizer acontecimentos e comportamentos, através de linguagem objetiva e simples.

D) desenvolve e explica um assunto, discorrendo sobre ele, a fim de influenciar um público.

E) faz uma descrição minuciosa do objeto e da personagem a que o texto se refere.

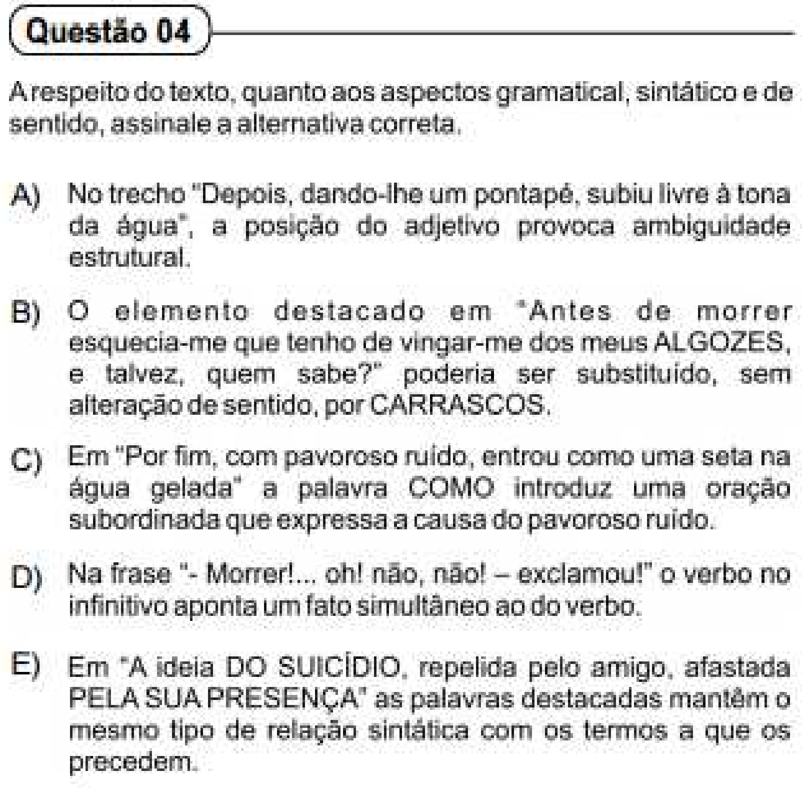

Questão 04

A respeito do texto, quanto aos aspectos gramatical, sintático e de sentido, assinale a alternativa correta.

A) No trecho "Depois, dando-lhe um pontapé, subiu livre à tona da água", a posição do adjetivo provoca ambiguidade estrutural.

B) O elemento destacado em "Antes de morrer esquecia-me que tenho de vingar-me dos meus ALGOZES, e talvez, quem sabe?" poderia ser substituído, sem alteração de sentido, por CARRASCOS.

C) Em "Por fim, com pavoroso ruído, entrou como uma seta na água gelada" a palavra COMO introduz uma oração subordinada que expressa a causa do pavoroso ruído.

D) Na frase "- Morrer!... oh! não, não! – exclamou!" o verbo no infinitivo aponta um fato simultâneo ao do verbo.

E) Em "A ideia DO SUICÍDIO, repelida pelo amigo, afastada PELA SUA PRESENÇA" as palavras destacadas mantêm o mesmo tipo de relação sintática com os termos a que os precedem.

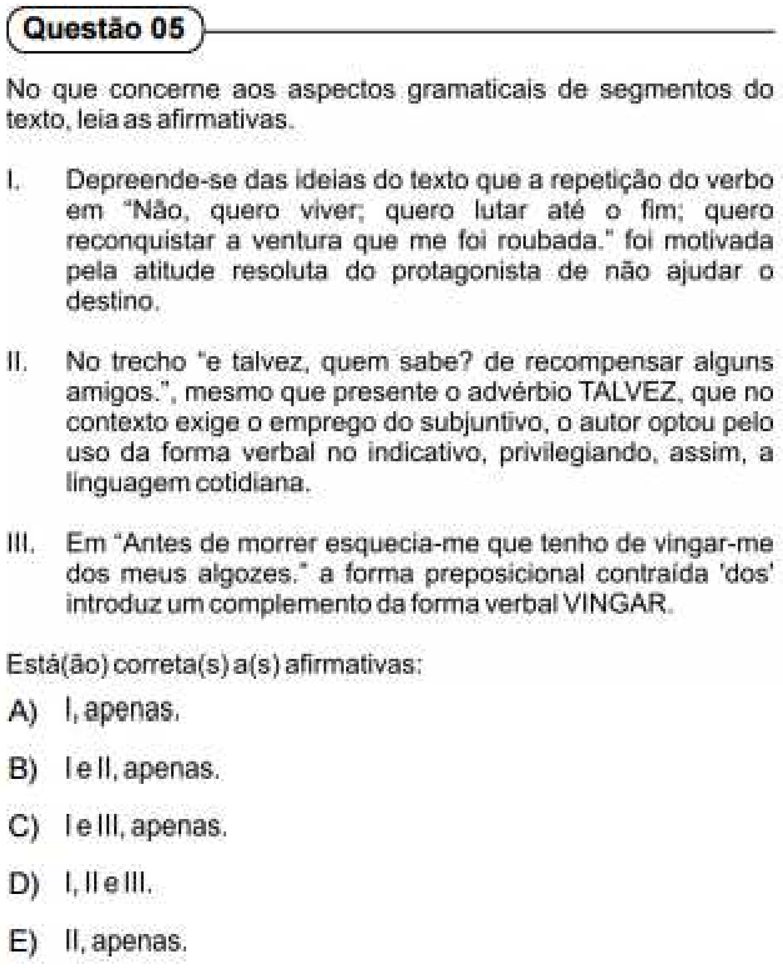

Questão 05

No que concerne aos aspectos gramaticais de segmentos do texto, leia as afirmativas.

I. Depreende-se das ideias do texto que a repetição do verbo em "Não, quero viver; quero lutar até o fim; quero reconquistar a ventura que me foi roubada." foi motivada pela atitude resoluta do protagonista de não ajudar o destino.

II. No trecho "e talvez, quem sabe? de recompensar alguns amigos.", mesmo que presente o advérbio TALVEZ, que no contexto exige o emprego do subjuntivo, o autor optou pelo uso da forma verbal no indicativo, privilegiando, assim, a linguagem cotidiana.

III. Em "Antes de morrer esquecia-me que tenho de vingar-me dos meus algozes." a forma preposicional contraída 'dos' introduz um complemento da forma verbal VINGAR.

Está(ão) correta(s) a(s) afirmativas:

A) I, apenas.

B) I e II, apenas.

C) I e III, apenas.

D) I, II e III.

E) II, apenas.

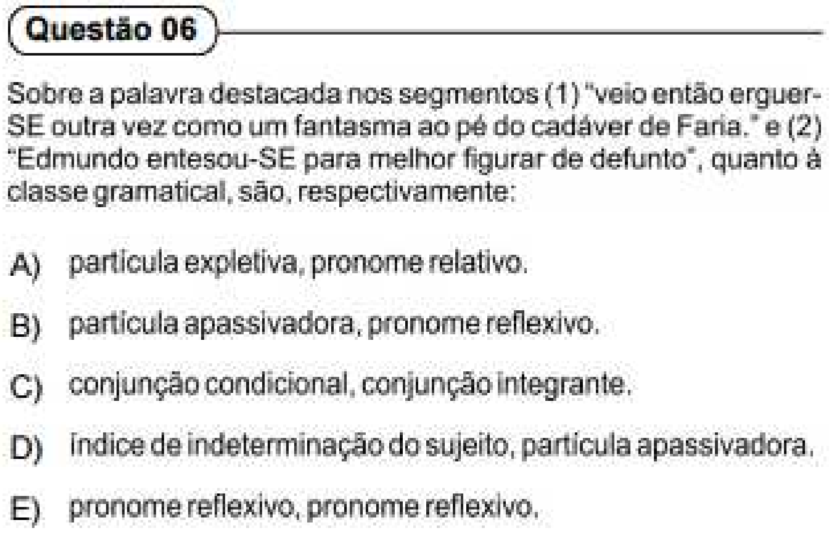

Questão 06

Sobre a palavra destacada nos segmentos (1) "veio então erguer-SE outra vez como um fantasma ao pé do cadáver de Faria." e (2) "Edmundo entesou-SE para melhor figurar de defunto", quanto à classe gramatical, são, respectivamente:

A) partícula expletiva, pronome relativo.

B) partícula apassivadora, pronome reflexivo.

C) conjunção condicional, conjunção integrante.

D) índice de indeterminação do sujeito, partícula apassivadora.

E) pronome reflexivo, pronome reflexivo.

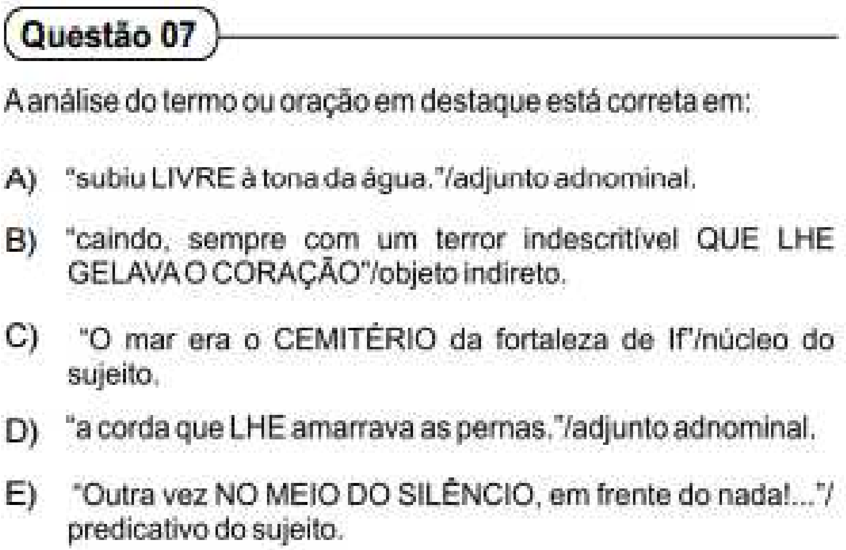

Questão 07

A análise do termo ou oração em destaque está correta em:

A) "subiu LIVRE à tona da água."/adjunto adnominal.

B) "caindo, sempre com um terror indescritível QUE LHE GELAVA O CORAÇÃO"/objeto indireto.

C) "O mar era o CEMITÉRIO da fortaleza de If"/núcleo do sujeito.

D) "a corda que LHE amarrava as pernas."/adjunto adnominal.

E) "Outra vez NO MEIO DO SILÊNCIO, em frente do nada!..."/ predicativo do sujeito.

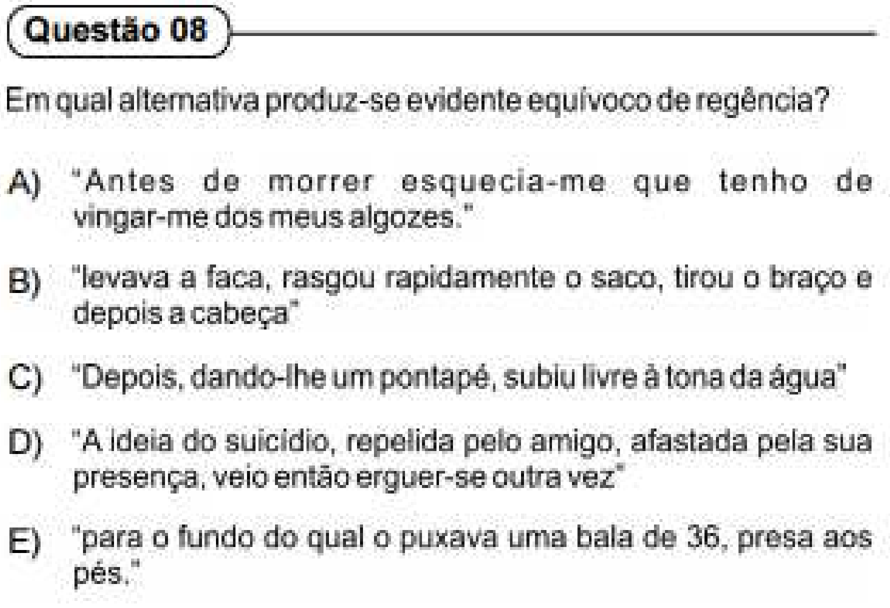

Questão 08

Em qual alternativa produz-se evidente equívoco de regência?

A) "Antes de morrer esquecia-me que tenho de vingar-me dos meus algozes."

B) "levava a faca, rasgou rapidamente o saco, tirou o braço e depois a cabeça"

C) "Depois, dando-lhe um pontapé, subiu livre à tona da água"

D) "A ideia do suicídio, repelida pelo amigo, afastada pela sua presença, veio então erguer-se outra vez"

E) "para o fundo do qual o puxava uma bala de 36, presa aos pés."

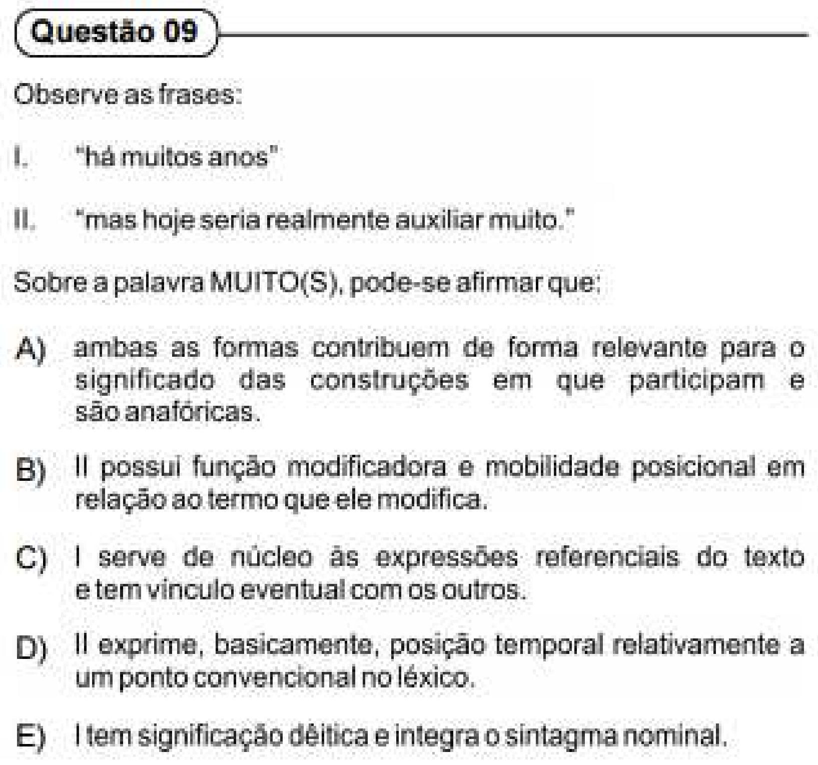

Questão 09

Observe as frases:

I. "há muitos anos"

II. "mas hoje seria realmente auxiliar muito."

Sobre a palavra MUITO(S), pode-se afirmar que:

A) ambas as formas contribuem de forma relevante para o significado das construções em que participam e são anafóricas.

B) II possui função modificadora e mobilidade posicional em relação ao termo que ele modifica.

C) I serve de núcleo às expressões referenciais do texto e tem vínculo eventual com os outros.

D) II exprime, basicamente, posição temporal relativamente a um ponto convencional no léxico.

E) I tem significação dêitica e integra o sintagma nominal.

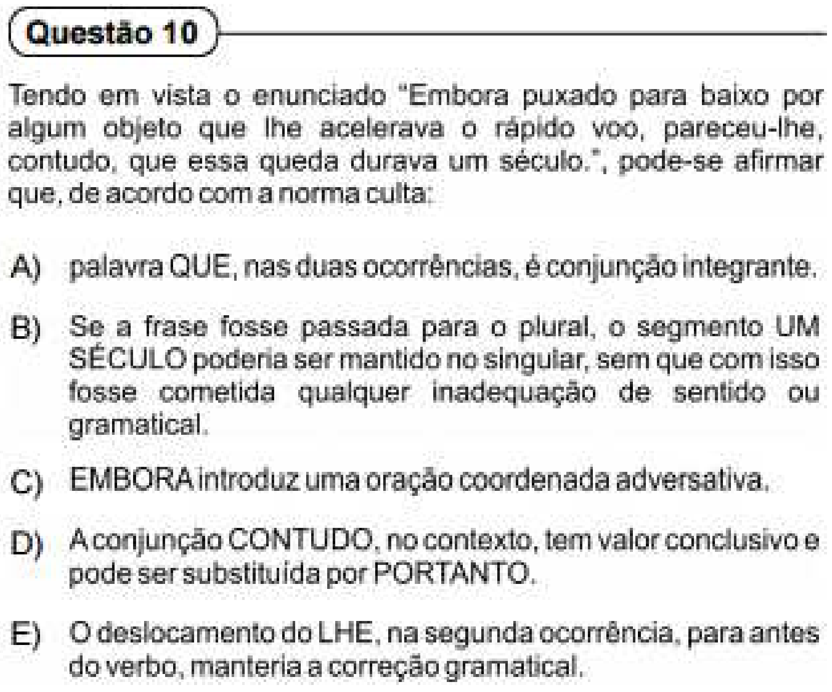

Questão 10

Tendo em vista o enunciado "Embora puxado para baixo por algum objeto que lhe acelerava o rápido voo, pareceu-lhe, contudo, que essa queda durava um século.", pode-se afirmar que, de acordo com a norma culta:

A) palavra QUE, nas duas ocorrências, é conjunção integrante.

B) Se a frase fosse passada para o plural, o segmento UM SÉCULO poderia ser mantido no singular, sem que com isso fosse cometida qualquer inadequação de sentido ou gramatical.

C) EMBORA introduz uma oração coordenada adversativa.

D) A conjunção CONTUDO, no contexto, tem valor conclusivo e pode ser substituída por PORTANTO.

E) O deslocamento do LHE, na segunda ocorrência, para antes do verbo, manteria a correção gramatical.

PROVA 3 – Analista de Sistema – CREA/AC - 2016

Texto para responder às questões de 01 a 15.

A nova Califórnia (Fragmento)

Tubiacanga era uma pequena cidade de três ou quatro mil habitantes, muito pacífica, em cuja estação, de onde em onde, os expressos davam a honra de parar. Há cinco anos não se registrava nela um furto ou roubo. As portas e janelas só eram usadas... porque o Rio as usava. [...]

Mas, qual não foi a surpresa dos seus habitantes quando se veio a verificar nela um dos repugnantes crimes de que se tem memória! [...] violavam-se as sepulturas do "Sossego", do seu cemitério, do seu campo-santo. [...]

A indignação na cidade tomou todas as feições e todas as vontades. [...] A própria filha do engenheiro residente da estrada de ferro, que vivia desdenhando aquele lugarejo [...] não pôde deixar de compartilhar da indignação e do horror que tal ato provocara em todos do lugarejo. Que tinha ela com o túmulo de antigos escravos e humildes roceiros? Em que podia interessar aos seus lindos olhos pardos o destino de tão humildes ossos? Porventura o furto deles perturbaria o seu sonho de fazer radiar a beleza de sua boca, dos seus olhos e do seu busto nas calçadas do Rio?

Decerto, não; mas era a Morte, a Morte implacável e onipotente, de que ela também se sentia escrava, e que não deixaria um dia de levar a sua linda caveirinha para a paz eterna do cemitério. [...]

Organizaram então uma guarda. Dez homens decididos juraram perante o subdelegado vigiar durante a noite a mansão dos mortos.

Nada houve de anormal na primeira noite, na segunda e na terceira; mas, na quarta, quando os vigias já se dispunham a cochilar, um deles julgou

lobrigar um vulto esgueirando-se por entre a quadra dos carneiros. Correram e conseguiram apanhar dois dos vampiros. [...]

A notícia correu logo de casa em casa e, quando, de manhã, se tratou de estabelecer a identidade dos dois malfeitores, foi diante da população inteira que foram neles reconhecidos o Coletor Carvalhais e o Coronel Bentes, rico fazendeiro e presidente da Câmara. Este último [...] a perguntas repetidas que lhe fizeram, pôde dizer que juntava os ossos para fazer ouro e o companheiro que fugira era o farmacêutico.

Houve espanto e houve esperanças. Como fazer ouro com ossos? Seria possível? Mas aquele homem rico, respeitado, como desceria ao papel de ladrão de mortos se a coisa não fosse verdade!

Se fosse possível fazer, se daqueles míseros despojos fúnebres se pudesse fazer alguns contos de réis, como não seria bom para todos eles!

O carteiro, cujo velho sonho era a formatura do filho, viu logo ali meios de consegui-la. Castrioto, o escrivão do juiz de paz, que no ano passado conseguiu comprar uma casa, mas ainda não a pudera cercar, pensou no muro, que lhe devia proteger a horta e a criação. Pelos olhos do sitiante Marques, que andava desde anos atrapalhado para arranjar um pasto, pensou logo no prado verde do Costa, onde os seus bois engordariam e ganhariam forças...

Às necessidades de cada um, aqueles ossos que eram ouro viriam atender, satisfazer e felicitá-los; e aqueles dois ou três milhares de pessoas, homens, crianças, mulheres, moços e velhos, como se fossem uma só pessoa, correram à casa do farmacêutico.

BARRETO, Lima. . In: SALES, Herberto (Org.). . Rio de Janeiro: Ediouro. p. 25-27. A nova Califórnia Contos brasileiros

Questão 01 - Sobre o texto leia as afirmativas a seguir.

I. Uma cidade de cotidiano tão tranquilo, com habitantes supostamente pacíficos, só poderia reagir com indignação e imediata ambição diante da profanação dos túmulos.

II. O que determina a indignação da filha do engenheiro não é a profanação dos túmulos das pessoas simples de Tubiacanga, mas a possibilidade de que também seu túmulo pudesse ser profanado depois de sua morte.

III. O texto critica o preconceito e o elitismo da sociedade, revelado pelo desprezo que a moça, filha do engenheiro, tinha pelo lugarejo simples e pela origem das pessoas.

Está correto o que se afirma em:

A) I, apenas.

B) I e III, apenas.

C) II e III, apenas.

D) I, II e III.

E) I e II, apenas.

Questão 02 - Na construção do texto em prosa, Lima Barreto:

A) monta um cenário em que, além de fazer uma crítica exclusiva ao comportamento do brasileiro, ressalta a pobreza de imaginação e falta de criatividade do homem que vive na cidade.

B) elabora uma narrativa satírica em que a cupidez e o ridículo do comportamento nacional andam lado a lado.

C) denuncia o pensamento masculino de que a riqueza fácil resolveria, de imediato, os problemas e atenderia à fantasia de luxo e bem-estar econômico.

D) revela que, na realidade, Castrioto era um anjo, que trazia mensagem de paz para os habitantes da cidade.

E) elogia a ciência experimental, que consegue produzir ouro por meio das experiências em laboratórios e o comportamento humano.

Questão 03 - Sobre os elementos destacados do fragmento "Tubiacanga era uma pequena cidade de três ou quatro mil habitantes, muito pacífica, em cuja estação, de onde em onde, os expressos davam a honra de parar.", leia as afirmativas.

I. A palavra MUITO é um pronome adjetivo indefinido.
II. CUJA é um pronome adjetivo relativo.
III. OS EXPRESSOS é o sujeito da oração a qual pertence.

Está correto apenas o que se afirma em:

A) I.
B) II.
C) I e II.
D) I e III.
E) II e III.

Questão 04 - Sobre o segmento "As portas e janelas só eram usadas... porque o Rio as usava.", é correto afirmar que:

A) as categorias sintáticas presentes nas orações são formas independentes entre si e do conteúdo expresso no texto.

B) através da análise do segmento, pode-se depreender as várias unidades menores do período, isto é, as três orações (ou sentenças) nela existentes.

C) a partir da análise do fragmento, é possível verificar um problema de concordância verbal existente na segunda oração.

D) ao se decompor o segmento em unidades sintáticas, a fim de compreender a maneira pela qual os elementos sintáticos são organizados na sentença, percebe-se que foi omitida uma dessas unidades na primeira oração: o agente da passiva.

E) o verbo na voz ativa, na primeira oração, permite a compreensão dos vários mecanismos inerentes às unidades menores da língua.

Questão 05 - Do ponto de vista da norma culta, a única substituição que poderia ser feita, sem alteração de valor semântico e linguístico, seria:

A) "Decerto, não; mas era a Morte, a Morte implacável e onipotente, de que ela também se sentia escrava." = Decerto, não; mas era a Morte, a Morte implacável e onipotente, de que ela também sentia-se escrava.

B) "Há cinco anos não se registrava nela um furto ou roubo." = Há cinco anos não registrava-se nela um furto ou roubo.

C) "quando os vigias já se dispunham a cochilar" = quando os vigias já dispunham-se a cochilar.

D) "[...] a perguntas repetidas que lhe fizeram" = [...] a perguntas repetidas que fizeram-lhe.

E) "mas ainda não a pudera cercar" = mas ainda não pudera-lhe cercar.

Questão 06 - Considerando-se o contexto, traduz-se corretamente o sentido de um segmento em:

A) "quando SE VEIO A VERIFICAR nela um dos repugnantes crimes" = quando iriam verificar nela um dos repugnantes crimes.

B) "os expressos DAVAM A HONRA de parar" = os expressos doavam dignamente as paradas.

C) "A indignação na cidade tomou todas as FEIÇÕES e todas as vontades." = A indignação na cidade tomou todos os formatos e todas as vontades.

D) "A notícia correu logo de CASA EM CASA" = A notícia correu logo pela grande extensão da cidade.

E) "quando os vigias já se DISPUNHAM A COCHILAR" = quando os vigias já dormitavam.

Questão 07 - O segundo parágrafo do texto de Lima Barreto ancora-se na sugestão de duplo sentido da palavra SOSSEGO – apoiado pelas aspas – tomada ora com ideia abstrata, ora concreta. Esses sentidos são, respectivamente:

A) sentimentos individuais/ cidade de Tubiacanga.

B) referência à tranquilidade da cidade/ nome do cemitério.

C) expectativa da população/referência ao campo-santo.

D) eufemismo/cidade pacífica.

E) ênfase na hipérbole inicial/ amenização da morte.

Questão 08 - “Houve espanto e houve esperanças. Como fazer ouro com ossos? Seria possível?”

A respeito do trecho acima, quanto aos aspectos gramatical, sintático e semântico, analise as afirmativas a seguir.

I. O verbo do último período pertence a um tempo associado à incerteza, à relação de um fato futuro e um fato passado.

II. Não há referente, no texto, que justifique o uso de OSSOS pluralizado.

III. ESPANTO e ESPERANÇAS, nas respectivas orações a que pertencem, assumem papel de objeto direto.

Está correto apenas o que se afirma em:

A) I e III.

B) I e II.

C) II e III.

D) II.

E) III.

Questão 09 - Para que se compreenda bem a maneira como são escolhidas e utilizadas as formas verbais nos enunciados da língua portuguesa, é importante que se leve em conta uma noção muito importante: o aspecto verbal.

Nesse sentido, em “A própria filha do engenheiro residente da estrada de ferro, que VIVIA DESDENHANDO aquele lugarejo” a forma verbal destacada marca o aspecto:

A) momentâneo.

B) incoativo.
C) permansivo.
D) conclusivo.
E) durativo.

Questão 10 - A oração destacada em "Mas, qual não foi a surpresa dos seus habitantes quando se veio a verificar nela um dos repugnantes crimes DE QUE SE TEM MEMÓRIA!" é subordinada:

A) adverbial causal.
B) adverbial consecutiva.
C) substantiva objetiva indireta.
D) adjetiva restritiva.
E) substantiva completiva nominal.

Questão 11 - Em "Organizaram ENTÃO uma guarda.", a palavra em destaque apresenta a seguinte relação:

A) adversativa.
B) explicativa.
C) conclusiva.
D) consecutiva.
E) concessiva.

Questão 12 - O termo destacado em "um deles julgou lobrigar um vulto esgueirando-SE por entre a quadra dos carneiros.", no contexto, é:

A) partícula apassivadora.
B) pronome reflexivo.
C) índice de indeterminação do sujeito.
D) conjunção subordinativa condicional.
E) conjunção integrante.

Questão 13 - A transposição da segunda oração da frase "Há cinco anos não se registrava nela um furto ou roubo." para a voz passiva analítica implicará:

A) a utilização de UM FURTO OU ROUBO como sujeito.

B) em que se use a forma verbal REGISTRAVA-SE.

C) a utilização de NELA como sujeito.

D) em que o sujeito de HAVER passe a ser CINCO ANOS.

E) a utilização da forma verbal HAVIA REGISTRADO.

Questão 14 - Considere as seguintes afirmações sobre aspectos do texto:

I. Na frase "Se fosse possível fazer, se daqueles míseros despojos fúnebres se pudesse fazer alguns contos de réis, como não seria bom para todos eles!" as palavras MÍSEROS e FÚNEBRES concordam com DESPOJOS.

II. Atentando para o uso do sinal indicativo de crase, o A, em todas as ocorrências no segmento "Mas, qual não foi a surpresa dos seus habitantes quando se veio a verificar nela um dos repugnantes crimes", deveria ser acentuado.

III. Na frase "Às necessidades de cada um, aqueles ossos que eram ouro viriam atender, satisfazer e felicitá-LOS", o elemento destacado substitui, no contexto, o vocábulo OSSOS.

Está correto apenas o que se afirma em:

A) I e II.

B) II e III.

C) III.

D) II.

E) I.

Questão 15 - "Se fosse possível fazer, se daqueles míseros despojos fúnebres se pudesse fazer alguns contos de réis, como não seria bom para todos eles!" O efeito de sentido que a frase exclamativa provoca é:

A) corresponde a um sentimento do interlocutor/leitor em relação ao fato narrado.

B) confere contemplação à situação vivida em relação ao desaparecimento dos ossos.

C) introduz uma hipótese a averiguar a respeito do fazendeiro e do presidente da Câmara.

D) exprime estado psicológico do locutor relativamente ao interlocutor e a um estado de coisas especificado.

E) expressa estímulo para que se comece a investigação sobre os roubos dos ossos para verificar a veracidade a denúncia narrativa.

QUESTÕES COMENTADAS

PROVA 01. Técnico Administrativo – ANS – 2016

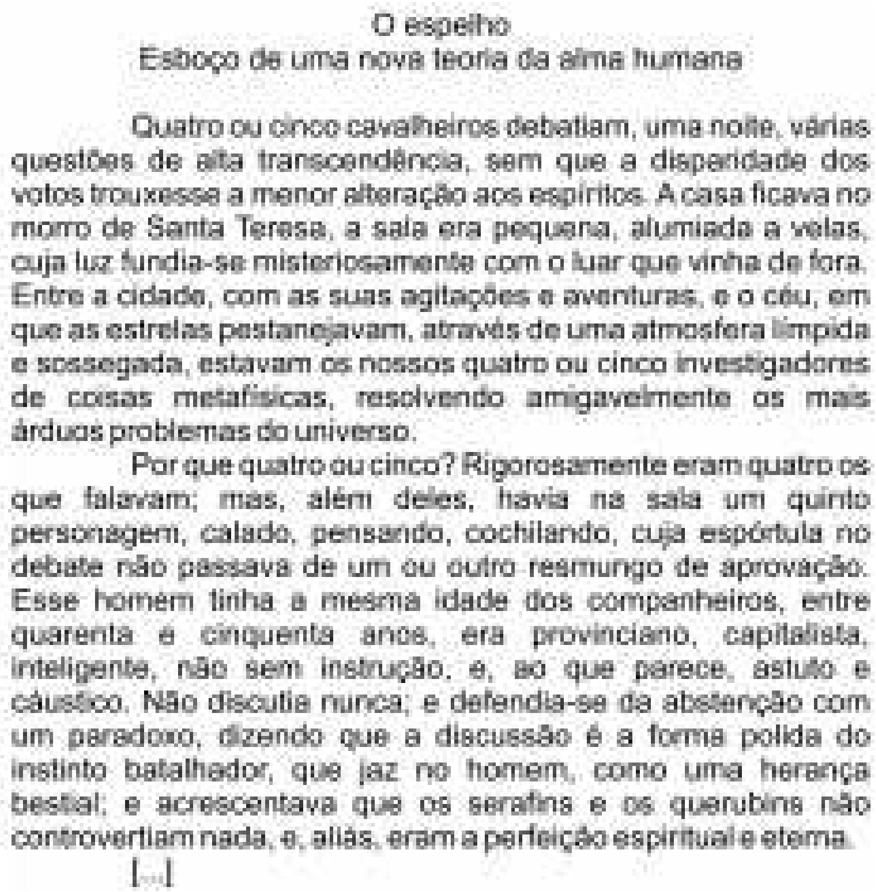

O espelho
Esboço de uma nova teoria da alma humana

Quatro ou cinco cavalheiros debatiam, uma noite, várias questões de alta transcendência, sem que a disparidade dos votos trouxesse a menor alteração aos espíritos. A casa ficava no morro de Santa Teresa, a sala era pequena, alumiada a velas, cuja luz fundia-se misteriosamente com o luar que vinha de fora. Entre a cidade, com as suas agitações e aventuras, e o céu, em que as estrelas pestanejavam, através de uma atmosfera límpida e sossegada, estavam os nossos quatro ou cinco investigadores de coisas metafísicas, resolvendo amigavelmente os mais árduos problemas do universo.

Por que quatro ou cinco? Rigorosamente eram quatro os que falavam; mas, além deles, havia na sala um quinto personagem, calado, pensando, cochilando, cuja espórtula no debate não passava de um ou outro resmungo de aprovação. Esse homem tinha a mesma idade dos companheiros, entre quarenta e cinquenta anos, era provinciano, capitalista, inteligente, não sem instrução, e, ao que parece, astuto e cáustico. Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão é a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial; e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna.

[...]

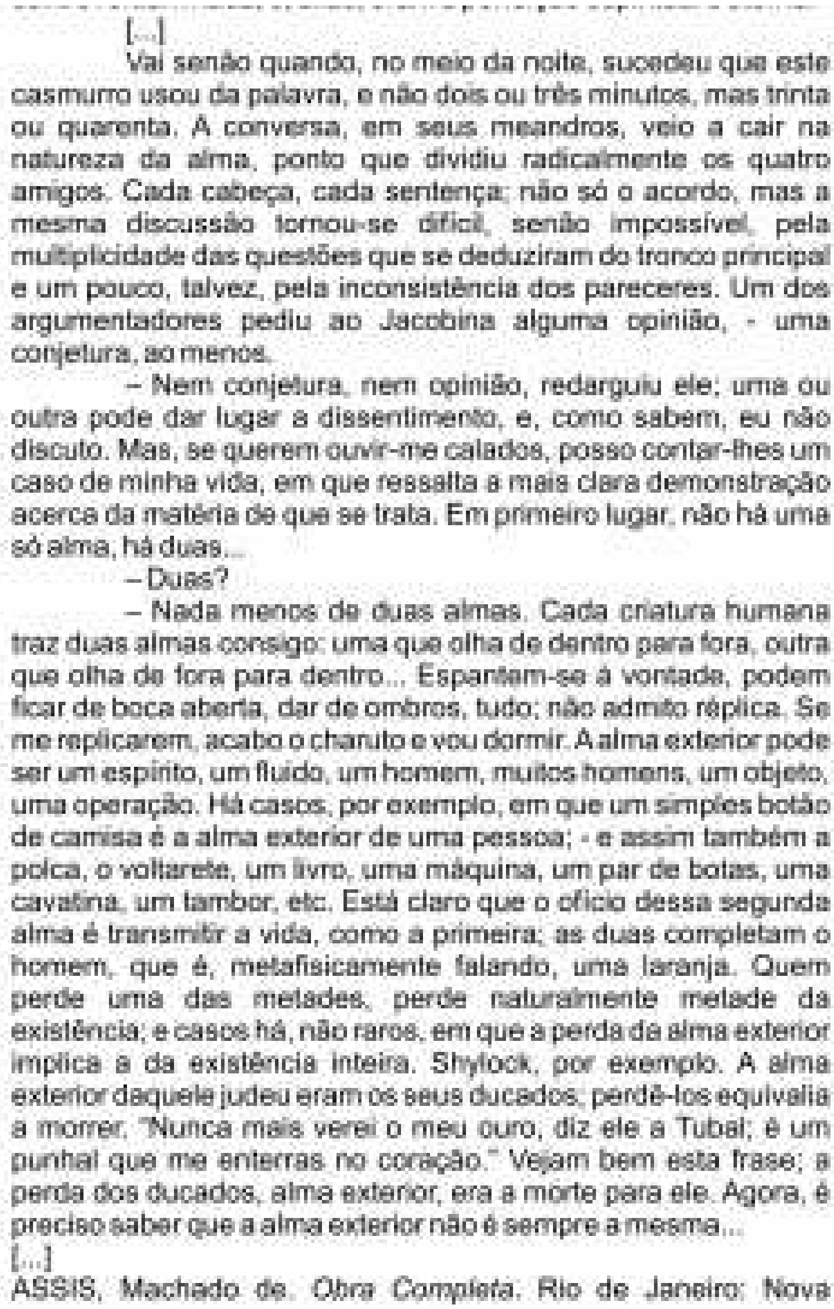

[...]

Vai senão quando, no meio da noite, sucedeu que este casmurro usou da palavra, e não dois ou três minutos, mas trinta ou quarenta. A conversa, em seus meandros, veio a cair na natureza da alma, ponto que dividiu radicalmente os quatro amigos. Cada cabeça, cada sentença; não só o acordo, mas a mesma discussão tornou-se difícil, senão impossível, pela multiplicidade das questões que se deduziram do tronco principal e um pouco, talvez, pela inconsistência dos pareceres. Um dos argumentadores pediu ao Jacobina alguma opinião, - uma conjetura, ao menos.

– Nem conjetura, nem opinião, redarguiu ele; uma ou outra pode dar lugar a dissentimento, e, como sabem, eu não discuto. Mas, se querem ouvir-me calados, posso contar-lhes um caso de minha vida, em que ressalta a mais clara demonstração acerca da matéria de que se trata. Em primeiro lugar, não há uma só alma, há duas...

– Duas?

– Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro... Espantem-se à vontade, podem ficar de boca aberta, dar de ombros, tudo; não admito réplica. Se me replicarem, acabo o charuto e vou dormir. A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; - e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor, etc. Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira. Shylock, por exemplo. A alma exterior daquele judeu eram os seus ducados; perdê-los equivalia a morrer. "Nunca mais verei o meu ouro, diz ele a Tubal; é um punhal que me enterras no coração." Vejam bem esta frase; a perda dos ducados, alma exterior, era a morte para ele. Agora, é preciso saber que a alma exterior não é sempre a mesma...

[...]

ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova

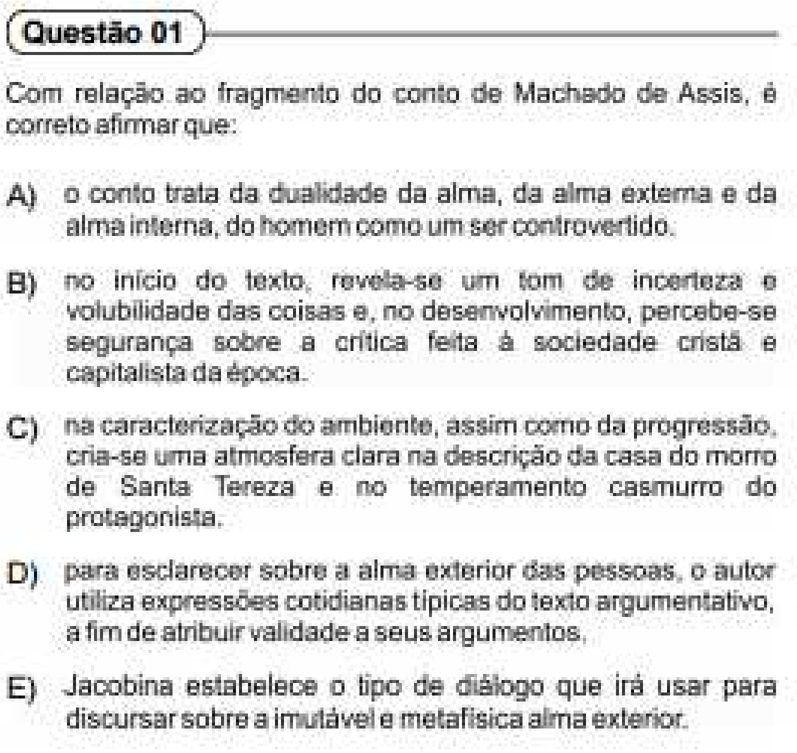

Questão 01

Com relação ao fragmento do conto de Machado de Assis, é correto afirmar que:

A) o conto trata da dualidade da alma, da alma externa e da alma interna, do homem como um ser controvertido.

B) no início do texto, revela-se um tom de incerteza e volubilidade das coisas e, no desenvolvimento, percebe-se segurança sobre a crítica feita à sociedade cristã e capitalista da época.

C) na caracterização do ambiente, assim como da progressão, cria-se uma atmosfera clara na descrição da casa do morro de Santa Tereza e no temperamento casmurro do protagonista.

D) para esclarecer sobre a alma exterior das pessoas, o autor utiliza expressões cotidianas típicas do texto argumentativo, a fim de atribuir validade a seus argumentos.

E) Jacobina estabelece o tipo de diálogo que irá usar para discursar sobre a imutável e metafísica alma exterior.

Comentário: a alternativa A é a correta para essa questão. Isso pode ser confirmado pelo título/subtítulo e explicado no último parágrafo: "Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: ***uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro.****" A controvérsia do homem está justamente na dualidade da alma.*

E as outras alternativas?

B) não pode ser o gabarito, pois ela está toda incorreta. Não há tom de incerteza, menos ainda uma crítica à sociedade cristã e capitalista da época.

C) a casa do morro de Santa Teresa, onde a conversa ocorre, não é descrita como um ambiente claro. Segundo o autor, iluminava-se por velas e a pouca luz era "misteriosamente" fundida com a da lua. Sendo assim, alternativa errada.

D) a alternativa apresenta-se errada, pois o autor não usa de linguagem cotidiana, muito menos típica de uma texto argumentativo. O conto é um texto narrativo e está repleto de descrição (personagem e lugar).

E) O personagem principal era avesso a discussões sobre qualquer tema. Ele NÃO estabelece diálogo com os colegas, ao contrário, pede para que eles o ouçam em silêncio.

Gabarito: A

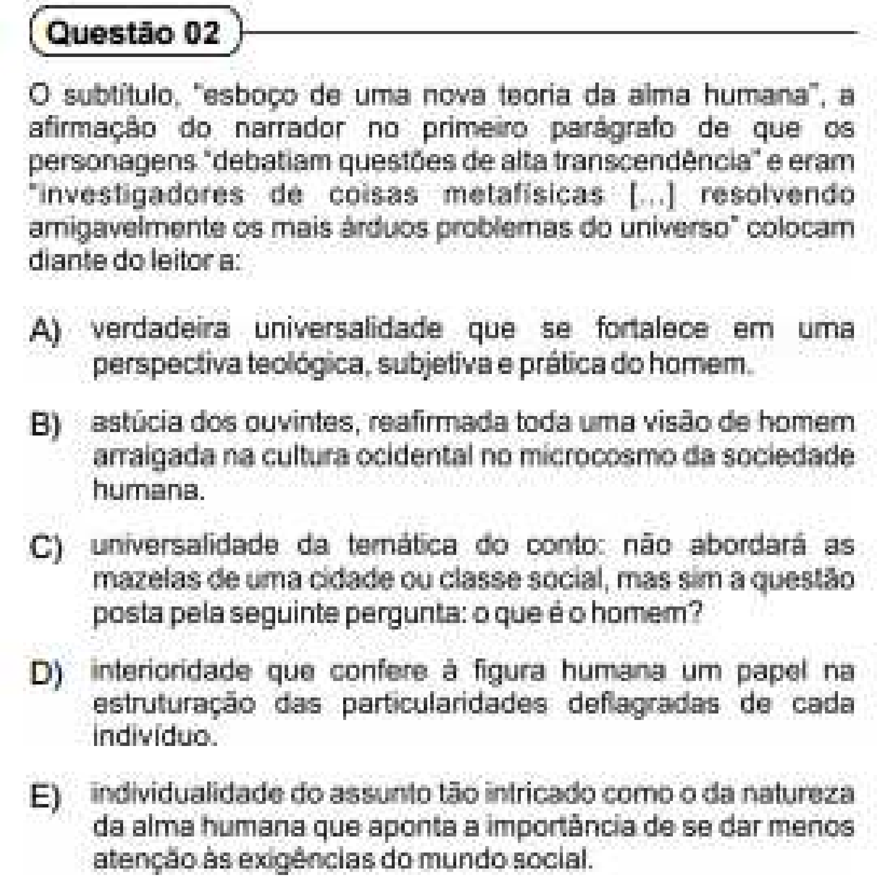

Questão 02

O subtítulo, "esboço de uma nova teoria da alma humana", a afirmação do narrador no primeiro parágrafo de que os personagens "debatiam questões de alta transcendência" e eram "investigadores de coisas metafísicas [...] resolvendo amigavelmente os mais árduos problemas do universo" colocam diante do leitor a:

A) verdadeira universalidade que se fortalece em uma perspectiva teológica, subjetiva e prática do homem.

B) astúcia dos ouvintes, reafirmada toda uma visão de homem arraigada na cultura ocidental no microcosmo da sociedade humana.

C) universalidade da temática do conto: não abordará as mazelas de uma cidade ou classe social, mas sim a questão posta pela seguinte pergunta: o que é o homem?

D) interioridade que confere à figura humana um papel na estruturação das particularidades deflagradas de cada indivíduo.

E) individualidade do assunto tão intricado como o da natureza da alma humana que aponta a importância de se dar menos atenção às exigências do mundo social.

Comentário: no primeiro parágrafo, temos: "Entre a cidade, com suas agitações e aventuras, e o céu, em que as estrelas pestanejavam, através de uma atmosfera límpida e sossegada, estavam os nossos quatro ou cinco investigadores de coisas metafísicas, resolvendo amigavelmente os mais árduos problemas do universo."

Nesse trecho, percebemos a citação sobre a agitação da cidade que rodeava os personagens e que essa agitação não os afetava. Estavam preocupados com algo que transcende o material. Daí caírem no assunto sobre *a natureza da alma humana: "A conversa, em seus meandros, veio a cair na natureza da alma..."*

Gabarito: C

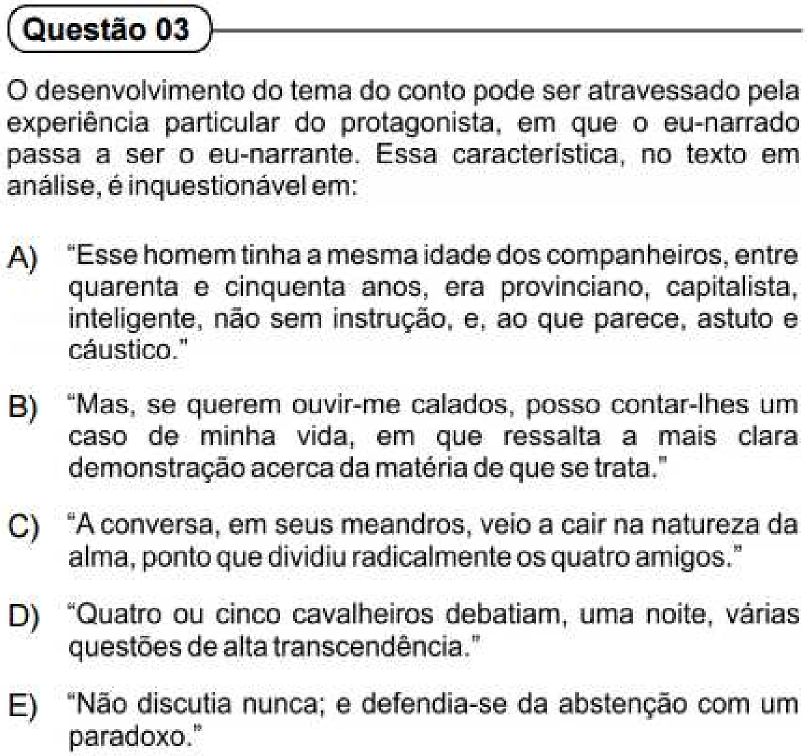

Questão 03

O desenvolvimento do tema do conto pode ser atravessado pela experiência particular do protagonista, em que o eu-narrado passa a ser o eu-narrante. Essa característica, no texto em análise, é inquestionável em:

A) "Esse homem tinha a mesma idade dos companheiros, entre quarenta e cinquenta anos, era provinciano, capitalista, inteligente, não sem instrução, e, ao que parece, astuto e cáustico."

B) "Mas, se querem ouvir-me calados, posso contar-lhes um caso de minha vida, em que ressalta a mais clara demonstração acerca da matéria de que se trata."

C) "A conversa, em seus meandros, veio a cair na natureza da alma, ponto que dividiu radicalmente os quatro amigos."

D) "Quatro ou cinco cavalheiros debatiam, uma noite, várias questões de alta transcendência."

E) "Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo."

Comentário: o eu-narrado passa a ser o eu-narrante quando o homem, que, até então, mantinha-se "calado, pensando, cochilando", como consta no texto, é solicitado para fazer uma conjectura, a partir daí passa a falar "(...) e não dois ou três minutos, mas trinta ou quarenta (...)". Começa pedindo que não o repliquem e continua com o trecho que consta na alternativa B. As demais alternativa trazem o narrador descrevendo ambiente e os personagens e "preparando" o tema para o protagonista passar a narrar a própria experiência.

Gabarito: B

A partir da questão 04, a banca cobrou gramática. A começar pela pontuação:

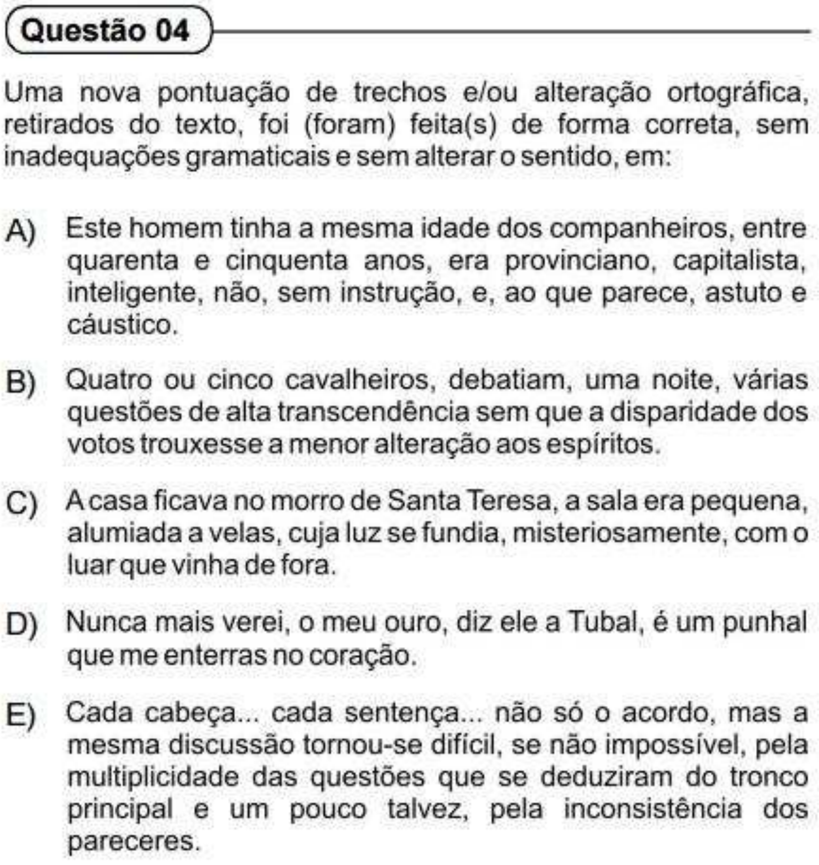

Questão 04

Uma nova pontuação de trechos e/ou alteração ortográfica, retirados do texto, foi (foram) feita(s) de forma correta, sem inadequações gramaticais e sem alterar o sentido, em:

A) Este homem tinha a mesma idade dos companheiros, entre quarenta e cinquenta anos, era provinciano, capitalista, inteligente, não, sem instrução, e, ao que parece, astuto e cáustico.

B) Quatro ou cinco cavalheiros, debatiam, uma noite, várias questões de alta transcendência sem que a disparidade dos votos trouxesse a menor alteração aos espíritos.

C) A casa ficava no morro de Santa Teresa, a sala era pequena, alumiada a velas, cuja luz se fundia, misteriosamente, com o luar que vinha de fora.

D) Nunca mais verei, o meu ouro, diz ele a Tubal, é um punhal que me enterras no coração.

E) Cada cabeça... cada sentença... não só o acordo, mas a mesma discussão tornou-se difícil, se não impossível, pela multiplicidade das questões que se deduziram do tronco principal e um pouco talvez, pela inconsistência dos pareceres.

Comentário: na alternativa A, o uso do "Este" traz prejuízo gramatical, uma vez que é um pronome usado para se referir a termos que ainda serão mencionados no texto, o que não é o caso, já que o narrador está falando de um quinto personagem já citado no período anterior. Além disso, não há motivo para a utilização de vírgula depois da palavra "não", portanto há erro gramatical no uso da vírgula.

Em B e em D, respectivamente, há erro no fato de o sujeito estar separado do verbo ("quarto ou cinco cavalheiros, debatiam...") e de o verbo estar separado do objeto por vírgula ("nunca mais verei, o meu ouro").

Em C, não há erro.

Em E, há erro no uso da vírgula, mas o principal problema é a substituição de "senão" por "se não". "Senão" significa e pode ser substituído por "a não ser" e se não pode ser substituído por caso não, porém um não pode substituir o outro por divergência de sentidos.

A alternativa correta, portanto, é a letra C.

Gabarito: C

Agora uma questão de TIPOLOGIA TEXTUAL bem simples.

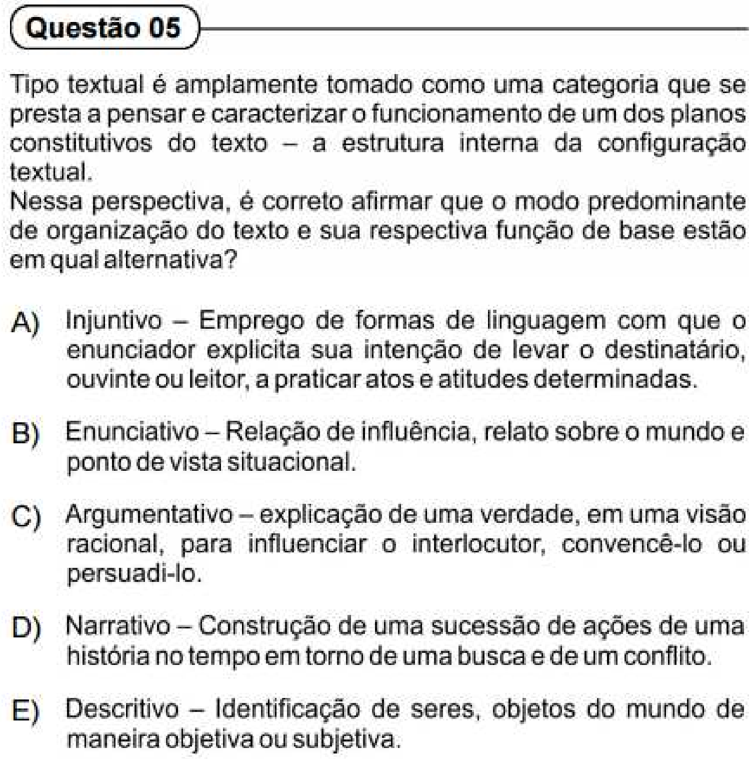

Questão 05

Tipo textual é amplamente tomado como uma categoria que se presta a pensar e caracterizar o funcionamento de um dos planos constitutivos do texto – a estrutura interna da configuração textual.
Nessa perspectiva, é correto afirmar que o modo predominante de organização do texto e sua respectiva função de base estão em qual alternativa?

A) Injuntivo – Emprego de formas de linguagem com que o enunciador explicita sua intenção de levar o destinatário, ouvinte ou leitor, a praticar atos e atitudes determinadas.

B) Enunciativo – Relação de influência, relato sobre o mundo e ponto de vista situacional.

C) Argumentativo – explicação de uma verdade, em uma visão racional, para influenciar o interlocutor, convencê-lo ou persuadi-lo.

D) Narrativo – Construção de uma sucessão de ações de uma história no tempo em torno de uma busca e de um conflito.

E) Descritivo – Identificação de seres, objetos do mundo de maneira objetiva ou subjetiva.

Comentário: a estrutura do texto é predominantemente narrativa, pois conseguimos identificar personagens (os quatro ou cinco cavalheiros), espaço (uma casa em Santa Tereza), tempo (uma noite) e uma progressão linear com começo, meio e fim. A alternativa correta é a letra D. É claro que, no decorrer do texto, há momentos de descrição, mas isso não trona o texto descritivo, ok? Para ser descritivo, o texto não pode ter sequência de fatos, tempo, narrador...

Gabarito: D

As próximas duas questões três questões (6, 7 e 8) foram também de gramática, mais especificamente de sintaxe.

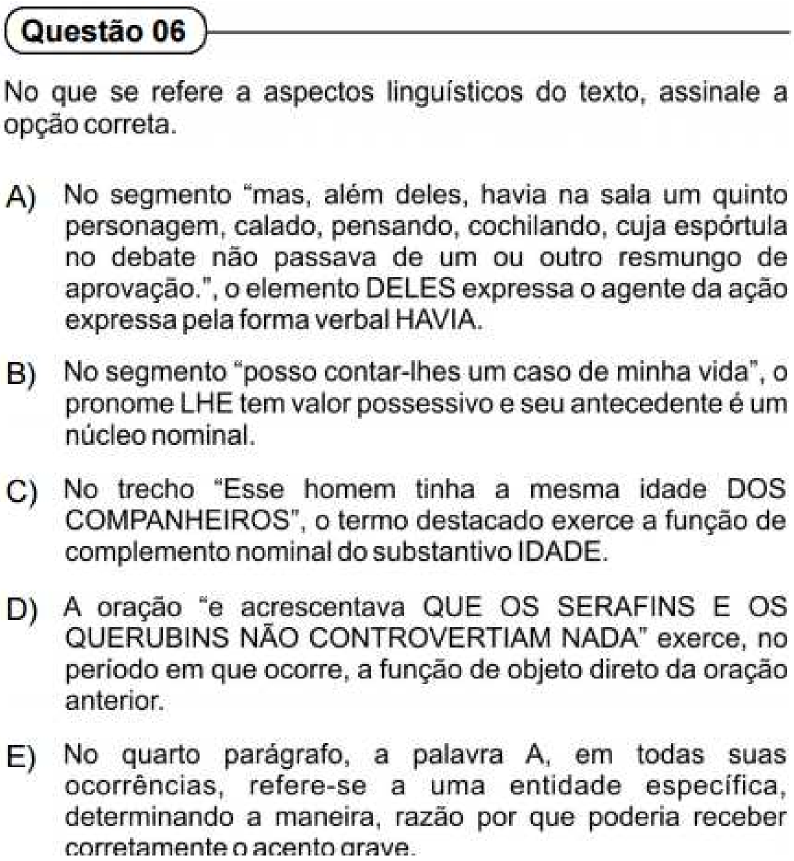

Questão 06

No que se refere a aspectos linguísticos do texto, assinale a opção correta.

A) No segmento “mas, além deles, havia na sala um quinto personagem, calado, pensando, cochilando, cuja espórtula no debate não passava de um ou outro resmungo de aprovação.”, o elemento DELES expressa o agente da ação expressa pela forma verbal HAVIA.

B) No segmento “posso contar-lhes um caso de minha vida”, o pronome LHE tem valor possessivo e seu antecedente é um núcleo nominal.

C) No trecho “Esse homem tinha a mesma idade DOS COMPANHEIROS”, o termo destacado exerce a função de complemento nominal do substantivo IDADE.

D) A oração “e acrescentava QUE OS SERAFINS E OS QUERUBINS NÃO CONTROVERTIAM NADA” exerce, no período em que ocorre, a função de objeto direto da oração anterior.

E) No quarto parágrafo, a palavra A, em todas suas ocorrências, refere-se a uma entidade específica, determinando a maneira, razão por que poderia receber corretamente o acento grave.

Comentário: na alternativa A, o verbo “havia” não expressa ação, é impessoal. Sendo assim, o “deles” não pode ser o agente.

Em B, o pronome “lhe” está funcionando como objeto indireto do verbo “contar”, não tem valor possessivo!

Em C, a expressão “dos companheiros” é adjunto adnominal de “idade”, não complemento nominal.

Em D, a afirmação está correta. É o gabarito da questão. A oração destacada é objetiva direta, completa o sentido do verbo “acrescentar”.

Já em E, a afirmação de que todos os “As” que constam no quarto parágrafo devem ser craseados é muito equivocada.

A alternativa correta é a letra D.

Gabarito: D

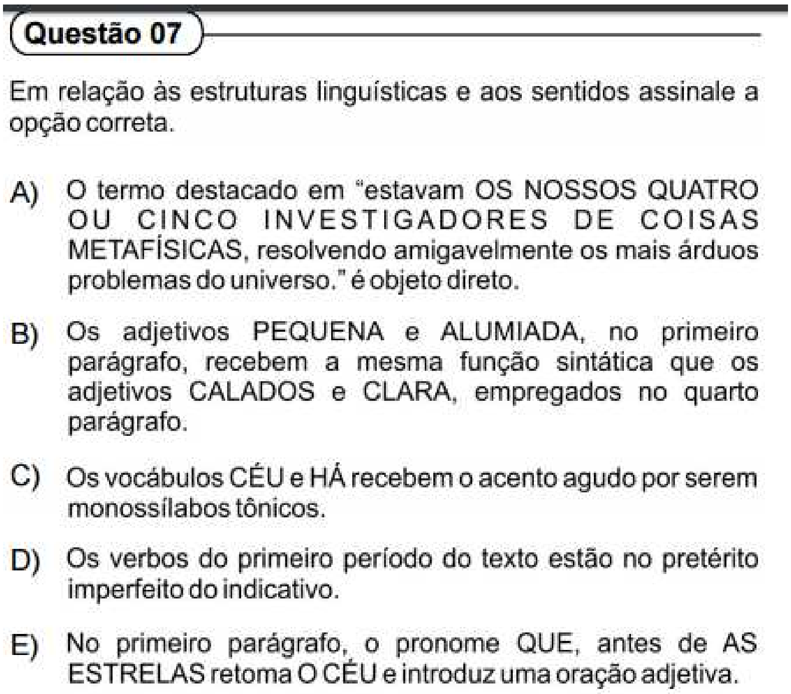

Questão 07

Em relação às estruturas linguísticas e aos sentidos assinale a opção correta.

A) O termo destacado em "estavam OS NOSSOS QUATRO OU CINCO INVESTIGADORES DE COISAS METAFÍSICAS, resolvendo amigavelmente os mais árduos problemas do universo." é objeto direto.

B) Os adjetivos PEQUENA e ALUMIADA, no primeiro parágrafo, recebem a mesma função sintática que os adjetivos CALADOS e CLARA, empregados no quarto parágrafo.

C) Os vocábulos CÉU e HÁ recebem o acento agudo por serem monossílabos tônicos.

D) Os verbos do primeiro período do texto estão no pretérito imperfeito do indicativo.

E) No primeiro parágrafo, o pronome QUE, antes de AS ESTRELAS retoma O CÉU e introduz uma oração adjetiva.

Comentário: em A, o termo em destaque é o sujeito do verbo "estavam".

Na letra B, "pequena" e "alumiada" são predicativos do sujeito "casa"; "calados" está funcionando como adjunto adverbial de modo e "clara" é adjunto adnominal da palavra "demonstração".

Em C, a palavra "céu" recebe acento devido ao ditongo aberto e é classificada como oxítona, já a forma verbal "há" é um monossílabo tônico.

Em D, A forma verbal "debatiam" está no pretérito imperfeito do indicativo, mas "trouxesse" está no pretérito imperfeito do modo subjuntivo.

A alternativa E está correta.

Gabarito: E

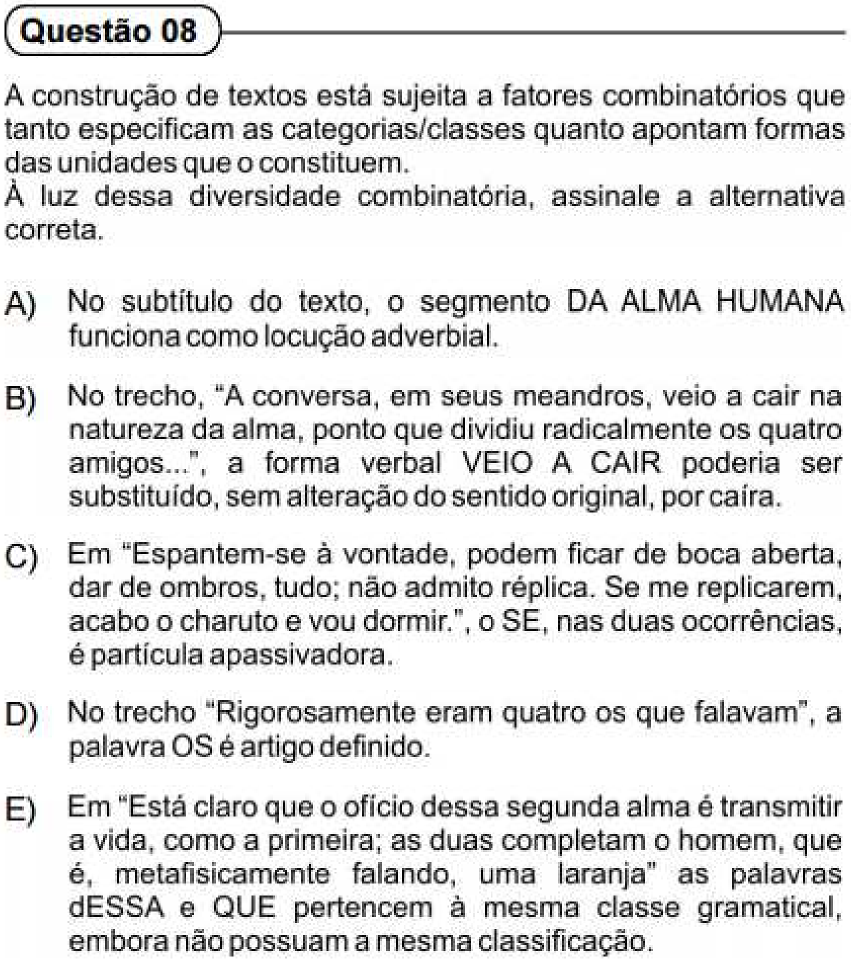

Questão 08

A construção de textos está sujeita a fatores combinatórios que tanto especificam as categorias/classes quanto apontam formas das unidades que o constituem.
À luz dessa diversidade combinatória, assinale a alternativa correta.

A) No subtítulo do texto, o segmento DA ALMA HUMANA funciona como locução adverbial.

B) No trecho, "A conversa, em seus meandros, veio a cair na natureza da alma, ponto que dividiu radicalmente os quatro amigos...", a forma verbal VEIO A CAIR poderia ser substituído, sem alteração do sentido original, por caíra.

C) Em "Espantem-se à vontade, podem ficar de boca aberta, dar de ombros, tudo; não admito réplica. Se me replicarem, acabo o charuto e vou dormir.", o SE, nas duas ocorrências, é partícula apassivadora.

D) No trecho "Rigorosamente eram quatro os que falavam", a palavra OS é artigo definido.

E) Em "Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja" as palavras dESSA e QUE pertencem à mesma classe gramatical, embora não possuam a mesma classificação.

Comentário: em A, há erro porque "da alma humana" é adjunto adnominal de "teoria".

A substituição correta para "veio a cair", na letra B, seria "caiu".

Na alternativa C, o "se" em "Espantem-se" é partícula apassivadora, mas em "Se me replicarem..." é conjunção que inicia uma oração condicional.

Em D, a palavra "os" está funcionando como pronome demonstrativo.

Na letra E, tanto "dessa" quanto "que" estão funcionando como pronomes relativos. Esse é o nosso gabarito.

Gabarito: E

A questão 09 da prova foi de Redação oficial, assunto que não cairá para vocês! Para fechar, uma questão básica de morfossintaxe! Fácil, galera! Veja:

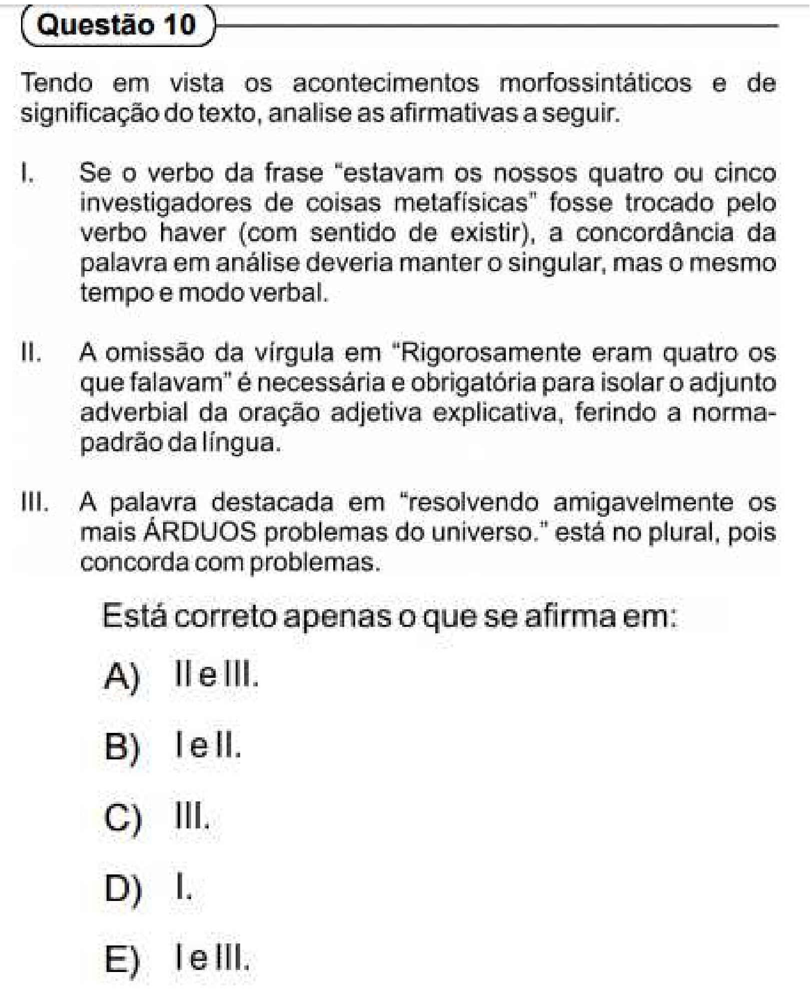

Questão 10

Tendo em vista os acontecimentos morfossintáticos e de significação do texto, analise as afirmativas a seguir.

I. Se o verbo da frase "estavam os nossos quatro ou cinco investigadores de coisas metafísicas" fosse trocado pelo verbo haver (com sentido de existir), a concordância da palavra em análise deveria manter o singular, mas o mesmo tempo e modo verbal.

II. A omissão da vírgula em "Rigorosamente eram quatro os que falavam" é necessária e obrigatória para isolar o adjunto adverbial da oração adjetiva explicativa, ferindo a norma-padrão da língua.

III. A palavra destacada em "resolvendo amigavelmente os mais ÁRDUOS problemas do universo." está no plural, pois concorda com problemas.

Está correto apenas o que se afirma em:

A) II e III.

B) I e II.

C) III.

D) I.

E) I e III.

Comentário: As afirmativas I e III estão corretas. A II está errada porque a vírgula para isolar adjunto adverbial que constitui uma única palavra é facultativa e não obrigatória como consta.

A alternativa correta, portanto, é a letra E.

Gabarito: E

PROVA 2 – Técnico em Regulação – ANS - 2016

A banca trouxe um belo texto literário do tipo narrativo, com as duas primeiras questões de interpretação textual, a terceira sobre topilogia e as demais de gramática.

Vamos aos comentários!

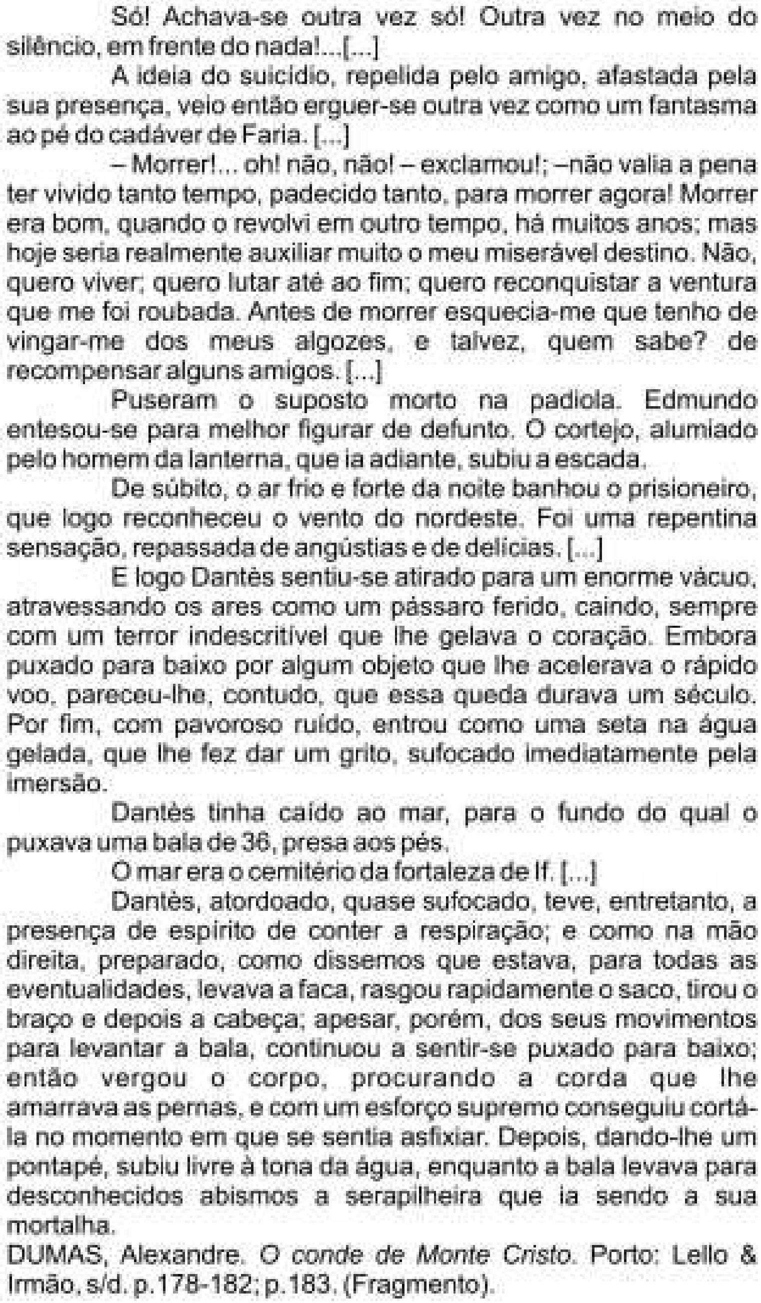

Só! Achava-se outra vez só! Outra vez no meio do silêncio, em frente do nada!...[...]

A ideia do suicídio, repelida pelo amigo, afastada pela sua presença, veio então erguer-se outra vez como um fantasma ao pé do cadáver de Faria. [...]

– Morrer!... oh! não, não! – exclamou!; –não valia a pena ter vivido tanto tempo, padecido tanto, para morrer agora! Morrer era bom, quando o revolvi em outro tempo, há muitos anos; mas hoje seria realmente auxiliar muito o meu miserável destino. Não, quero viver; quero lutar até ao fim; quero reconquistar a ventura que me foi roubada. Antes de morrer esquecia-me que tenho de vingar-me dos meus algozes, e talvez, quem sabe? de recompensar alguns amigos. [...]

Puseram o suposto morto na padiola. Edmundo entesou-se para melhor figurar de defunto. O cortejo, alumiado pelo homem da lanterna, que ia adiante, subiu a escada.

De súbito, o ar frio e forte da noite banhou o prisioneiro, que logo reconheceu o vento do nordeste. Foi uma repentina sensação, repassada de angústias e de delícias. [...]

E logo Dantès sentiu-se atirado para um enorme vácuo, atravessando os ares como um pássaro ferido, caindo, sempre com um terror indescritível que lhe gelava o coração. Embora puxado para baixo por algum objeto que lhe acelerava o rápido voo, pareceu-lhe, contudo, que essa queda durava um século. Por fim, com pavoroso ruído, entrou como uma seta na água gelada, que lhe fez dar um grito, sufocado imediatamente pela imersão.

Dantès tinha caído ao mar, para o fundo do qual o puxava uma bala de 36, presa aos pés.

O mar era o cemitério da fortaleza de If. [...]

Dantès, atordoado, quase sufocado, teve, entretanto, a presença de espírito de conter a respiração; e como na mão direita, preparado, como dissemos que estava, para todas as eventualidades, levava a faca, rasgou rapidamente o saco, tirou o braço e depois a cabeça; apesar, porém, dos seus movimentos para levantar a bala, continuou a sentir-se puxado para baixo; então vergou o corpo, procurando a corda que lhe amarrava as pernas, e com um esforço supremo conseguiu cortá-la no momento em que se sentia asfixiar. Depois, dando-lhe um pontapé, subiu livre à tona da água, enquanto a bala levava para desconhecidos abismos a serapilheira que ia sendo a sua mortalha.

DUMAS, Alexandre. *O conde de Monte Cristo*. Porto: Lello & Irmão, s/d. p.178-182; p.183. (Fragmento).

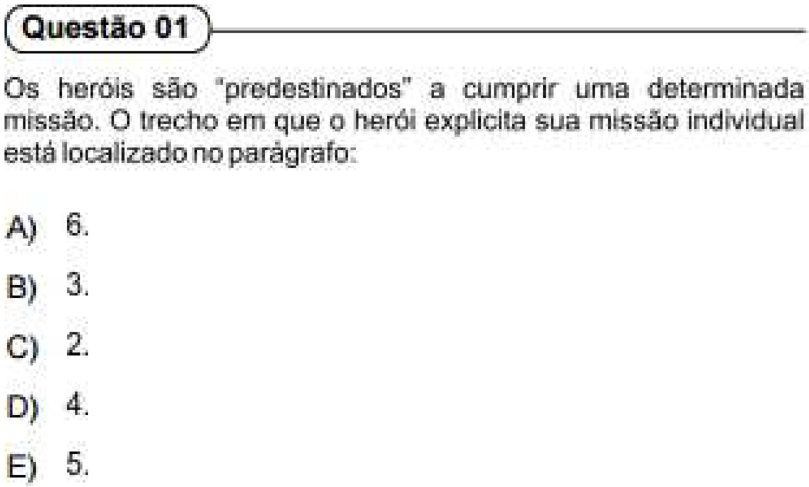

Questão 01

Os heróis são "predestinados" a cumprir uma determinada missão. O trecho em que o herói explicita sua missão individual está localizado no parágrafo:

A) 6.
B) 3.
C) 2.
D) 4.
E) 5.

Comentário: o trecho que indica a missão do herói consta no parágrafo 3. A saber: "Não, quero viver; quero lutar até ao fim; quero reconquistar a ventura que me foi roubada. Antes de morrer, esquecia-me que tenho de vingar-me dos meus algozes, e talvez, quem sabe? de recompensar alguns amigos."

Gabarito: B

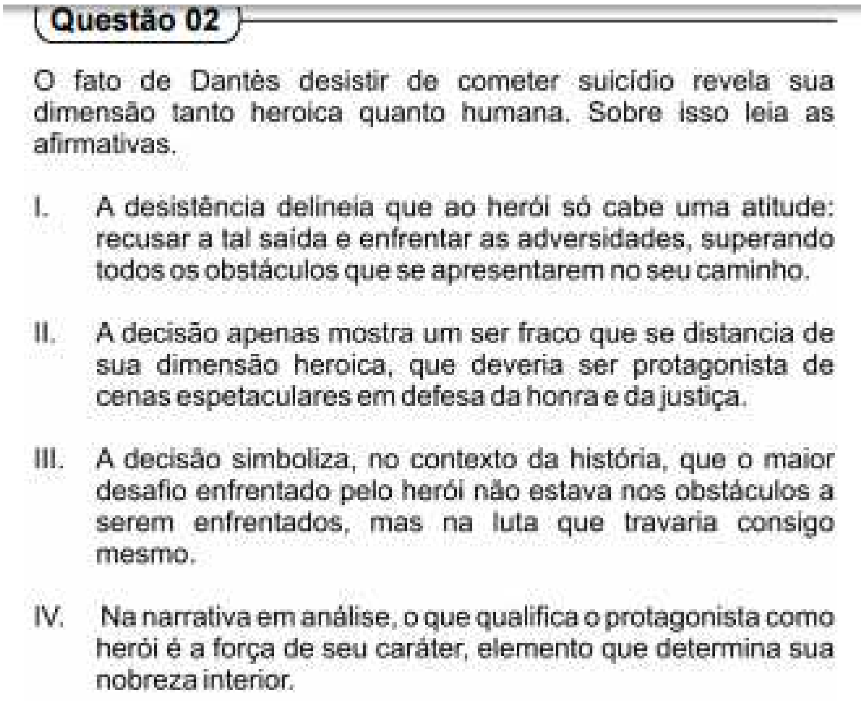

Questão 02

O fato de Dantès desistir de cometer suicídio revela sua dimensão tanto heroica quanto humana. Sobre isso leia as afirmativas.

I. A desistência delineia que ao herói só cabe uma atitude: recusar a tal saída e enfrentar as adversidades, superando todos os obstáculos que se apresentarem no seu caminho.

II. A decisão apenas mostra um ser fraco que se distancia de sua dimensão heroica, que deveria ser protagonista de cenas espetaculares em defesa da honra e da justiça.

III. A decisão simboliza, no contexto da história, que o maior desafio enfrentado pelo herói não estava nos obstáculos a serem enfrentados, mas na luta que travaria consigo mesmo.

IV. Na narrativa em análise, o que qualifica o protagonista como herói é a força de seu caráter, elemento que determina sua nobreza interior.

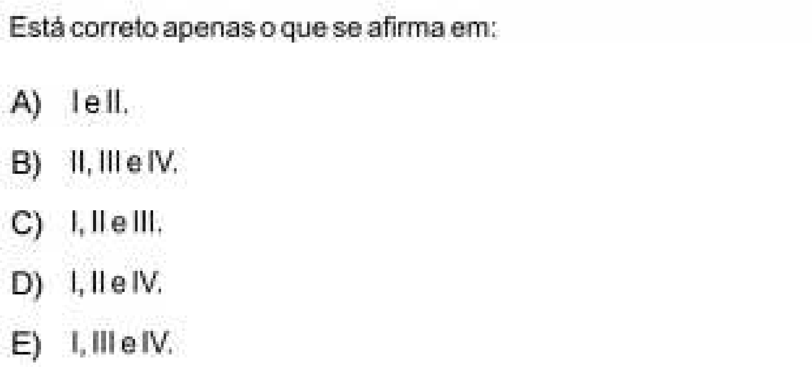

Está correto apenas o que se afirma em:

A) I e II.

B) II, III e IV.

C) I, II e III.

D) I, II e IV.

E) I, III e IV.

Comentário: as afirmativas I, III e IV estão corretas. Resumindo-as: o herói trava uma luta consigo mesmo (III) e se caracteriza como tal devido à força de seu caráter (IV), que é demonstrado a partir da recusa da "tal saída" (o suicídio), do enfrentamento das adversidades e da superação dos "obstáculos que se apresentarem no seu caminho" (I).

Gabarito: E

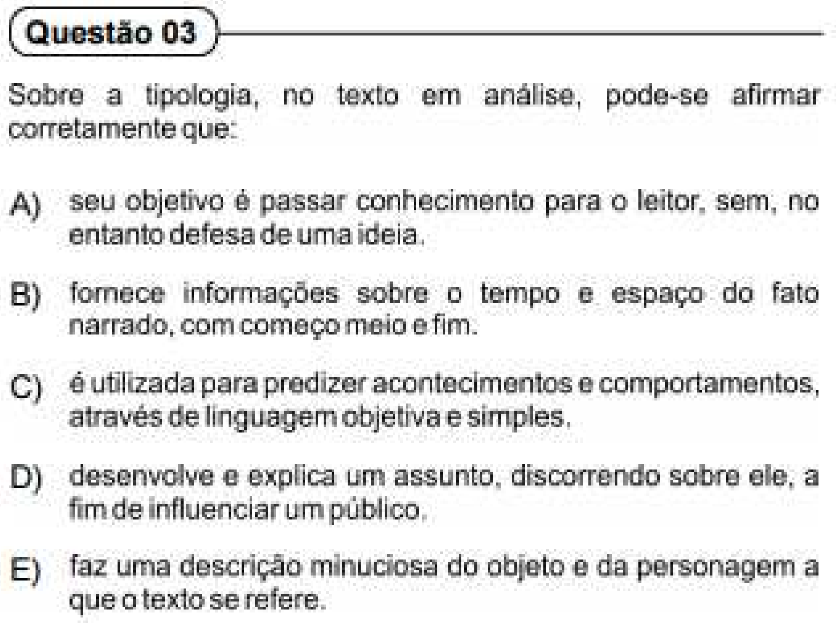

Questão 03

Sobre a tipologia, no texto em análise, pode-se afirmar corretamente que:

A) seu objetivo é passar conhecimento para o leitor, sem, no entanto defesa de uma ideia.

B) fornece informações sobre o tempo e espaço do fato narrado, com começo meio e fim.

C) é utilizada para predizer acontecimentos e comportamentos, através de linguagem objetiva e simples.

D) desenvolve e explica um assunto, discorrendo sobre ele, a fim de influenciar um público.

E) faz uma descrição minuciosa do objeto e da personagem a que o texto se refere.

Comentário: O texto apresenta as características do tipo textual narrativo conforme consta na letra B. Há passagem de tempo cronológico ligada à evolução das ações do personagem. Há um espaço em que os fatos *ocorrem. Além disso, é possível perceber a presença de um narrador em terceira pessoa.*

Gabarito: B

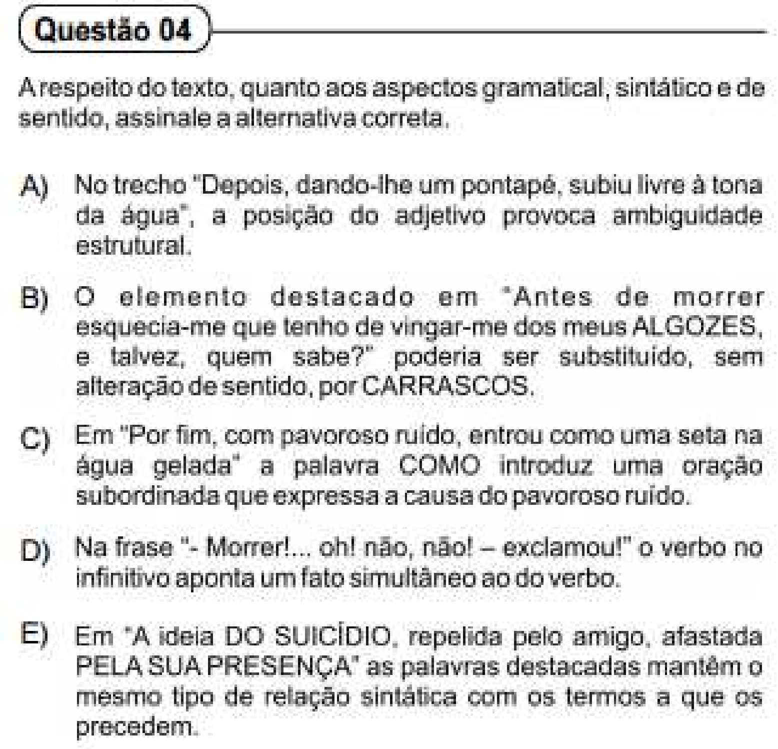

Questão 04

A respeito do texto, quanto aos aspectos gramatical, sintático e de sentido, assinale a alternativa correta.

A) No trecho "Depois, dando-lhe um pontapé, subiu livre à tona da água", a posição do adjetivo provoca ambiguidade estrutural.

B) O elemento destacado em "Antes de morrer esquecia-me que tenho de vingar-me dos meus ALGOZES, e talvez, quem sabe?" poderia ser substituído, sem alteração de sentido, por CARRASCOS.

C) Em "Por fim, com pavoroso ruído, entrou como uma seta na água gelada" a palavra COMO introduz uma oração subordinada que expressa a causa do pavoroso ruído.

D) Na frase "- Morrer!... oh! não, não! – exclamou!" o verbo no infinitivo aponta um fato simultâneo ao do verbo.

E) Em "A ideia DO SUICÍDIO, repelida pelo amigo, afastada PELA SUA PRESENÇA" as palavras destacadas mantêm o mesmo tipo de relação sintática com os termos a que os precedem.

Comentário: na alternativa A, a ambiguidade (livre do que o amarrava ou livre por não ser mais prisioneiro) no trecho não ocorre pela posição do adjetivo "livre". Alternativa errada.

Em B, a palavra "algozes" é sinônima de "carrascos". Portanto a substituição proposta é viável e essa alternativa correta.

Em C, a palavra "como" introduz uma oração subordinada adverbial comparativa e não causal. Alternativa errada.

Em D, não há simultaneidade de fatos. Alternativa errada.

Já em E, "do suicídio" é adjunto adnominal de "ideia" e "pela sua presença" é adjunto adverbial do verbo "afastar". Um termo está ligado a um nome e o outro, a um verbo, não poderiam manter o mesmo tipo de relação sintática. Alternativa errada.

A alternativa correta, então, é a letra B

Gabarito: B

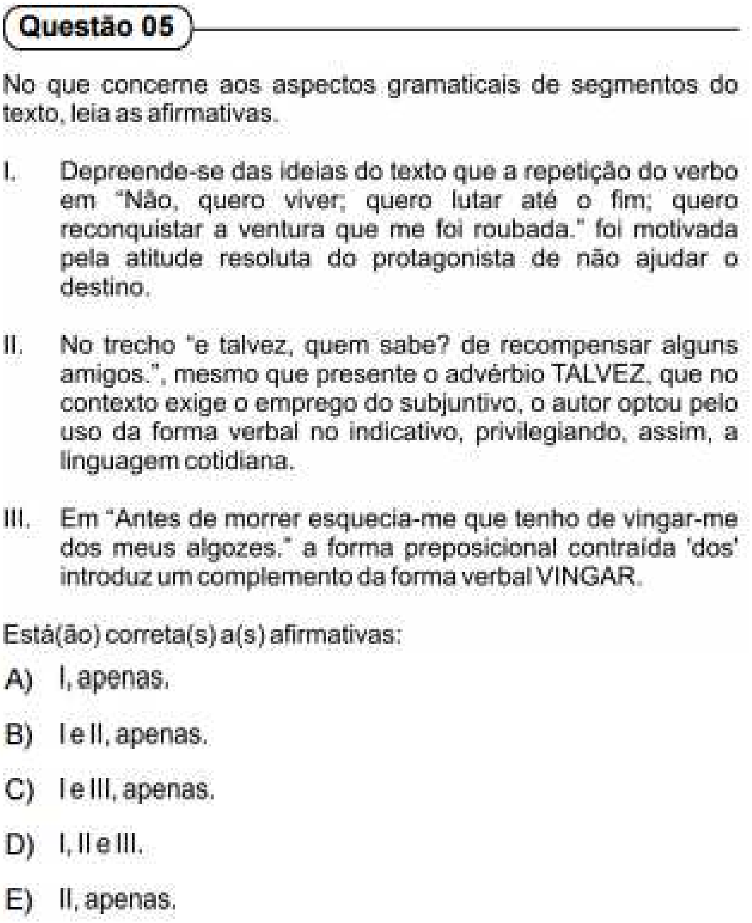

Questão 05

No que concerne aos aspectos gramaticais de segmentos do texto, leia as afirmativas.

I. Depreende-se das ideias do texto que a repetição do verbo em "Não, quero viver; quero lutar até o fim; quero reconquistar a ventura que me foi roubada." foi motivada pela atitude resoluta do protagonista de não ajudar o destino.

II. No trecho "e talvez, quem sabe? de recompensar alguns amigos.", mesmo que presente o advérbio TALVEZ, que no contexto exige o emprego do subjuntivo, o autor optou pelo uso da forma verbal no indicativo, privilegiando, assim, a linguagem cotidiana.

III. Em "Antes de morrer esquecia-me que tenho de vingar-me dos meus algozes." a forma preposicional contraída 'dos' introduz um complemento da forma verbal VINGAR.

Está(ão) correta(s) a(s) afirmativas:

A) I, apenas.

B) I e II, apenas.

C) I e III, apenas.

D) I, II e III.

E) II, apenas.

Comentário: as afirmativas I e III estão corretas. Na I a repetição da forma verbal "quero", conjugada na 1ª pessoa do singular, dá ideia de conversa consigo mesmo, de luta interior. Na III, o verbo "vingar-se" é transitivo direto e indireto, sendo o seu objeto direto o próprio sujeito (vingar-me) e o seu objeto indireto "dos meus algozes".

A afirmativa II está incorreta porque o uso do verbo no indicativo "sabe" está em paralelismo com o outro verbo da oração "tenho". Além disso, ambos, de acordo com o contexto, indicam um pensamento do personagem.

A alternativa correta é a letra C.

Gabarito: C

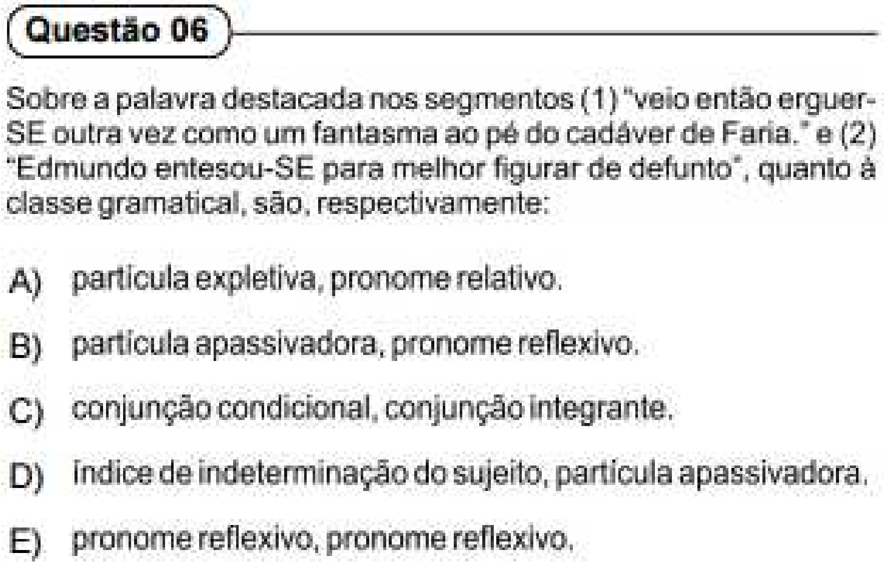

Questão 06

Sobre a palavra destacada nos segmentos (1) "veio então erguer-SE outra vez como um fantasma ao pé do cadáver de Faria." e (2) "Edmundo entesou-SE para melhor figurar de defunto", quanto à classe gramatical, são, respectivamente:

A) partícula expletiva, pronome relativo.

B) partícula apassivadora, pronome reflexivo.

C) conjunção condicional, conjunção integrante.

D) índice de indeterminação do sujeito, partícula apassivadora.

E) pronome reflexivo, pronome reflexivo.

Comentário: notemos que em ambos os verbos a partícula "se" indica que o sujeito está praticando uma ação contra si mesmo. Ele é sujeito agente e sujeito paciente dos verbos "erguer" e "entesar". Nas duas ocorrências, o "se" é pronome reflexivo.

O nosso gabarito é, portanto, a letra E.

Gabarito: E

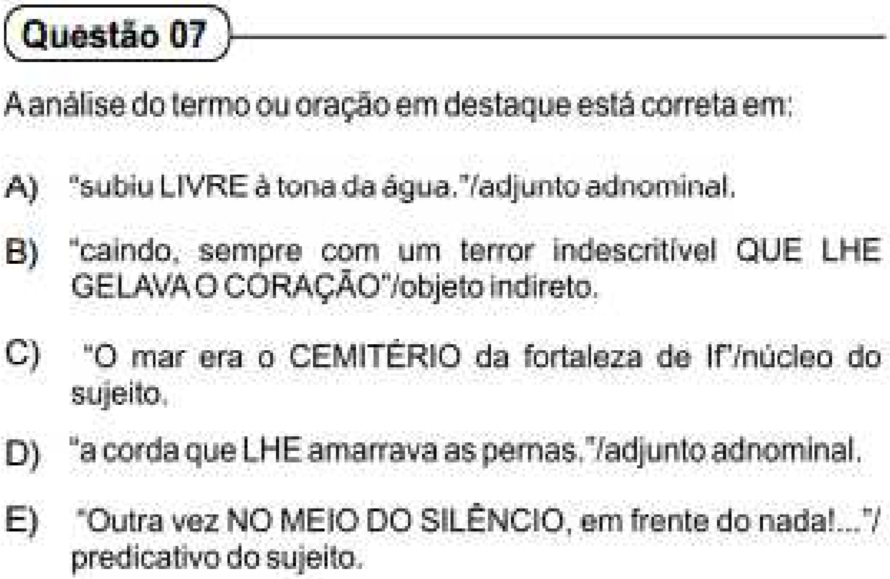

Questão 07

A análise do termo ou oração em destaque está correta em:

A) "subiu LIVRE à tona da água."/adjunto adnominal.

B) "caindo, sempre com um terror indescritível QUE LHE GELAVA O CORAÇÃO"/objeto indireto.

C) "O mar era o CEMITÉRIO da fortaleza de If"/núcleo do sujeito.

D) "a corda que LHE amarrava as pernas."/adjunto adnominal.

E) "Outra vez NO MEIO DO SILÊNCIO, em frente do nada!..."/ predicativo do sujeito.

Comentário: a alternativa correta aqui é a D. O pronome "lhe" está ligado ao nome "pernas" dando ideia de posse (a corda amarrava as pernas DELE). Vamos ver a classificação correta do termos destacado nas outras alternativas:

A) "livre" – adjunto adverbial de modo.

B) "que lhe gelava o coração" – oração restritiva.

C) "cemitério" – núcleo do predicativo.

E) "no meio do silêncio" – adjunto adverbial de modo/tempo.

Gabarito: D

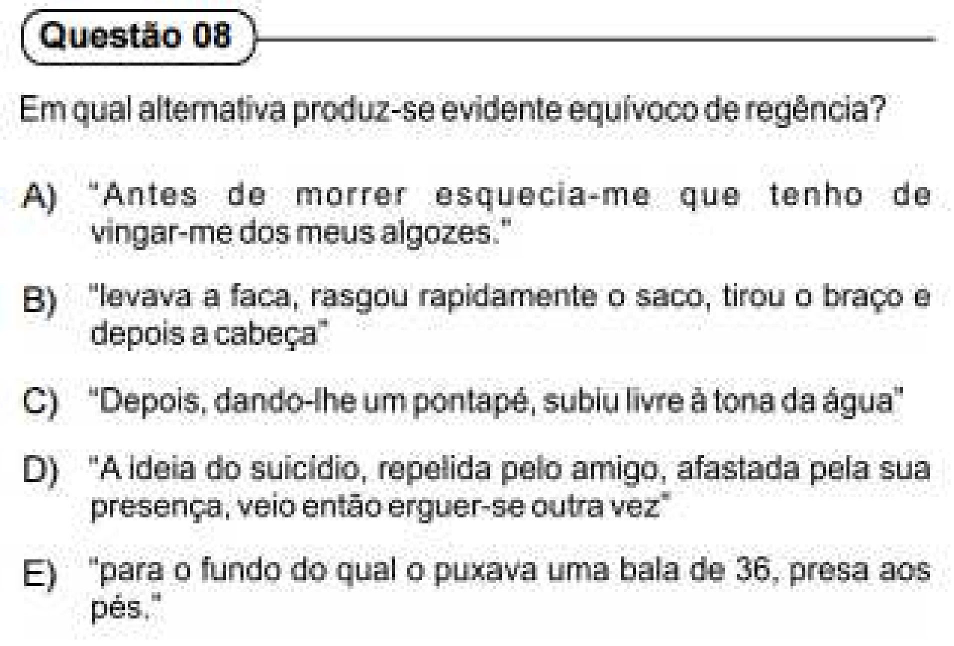

Questão 08

Em qual alternativa produz-se evidente equívoco de regência?

A) "Antes de morrer esquecia-me que tenho de vingar-me dos meus algozes."

B) "levava a faca, rasgou rapidamente o saco, tirou o braço e depois a cabeça"

C) "Depois, dando-lhe um pontapé, subiu livre à tona da água"

D) "A ideia do suicídio, repelida pelo amigo, afastada pela sua presença, veio então erguer-se outra vez"

E) "para o fundo do qual o puxava uma bala de 36, presa aos pés."

Comentário: há um equívoco de regência na alternativa A com relação ao verbo "esquecer". Se ele for usado de maneira pronominal, é obrigatório o uso da preposição "de": esquecia-me de que...

Gabarito: A

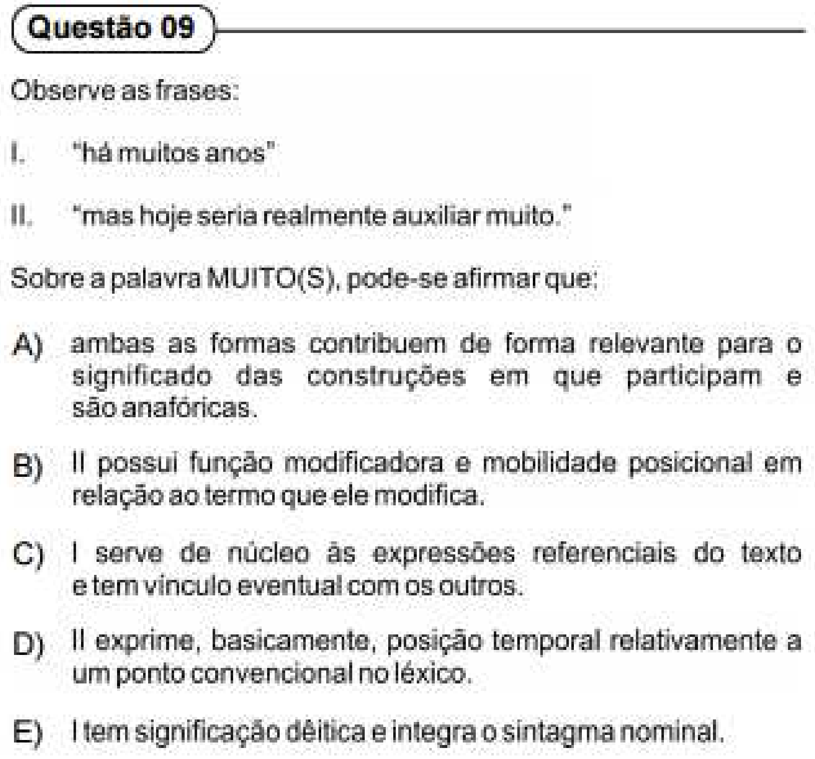

Questão 09

Observe as frases:

I. "há muitos anos"

II. "mas hoje seria realmente auxiliar muito."

Sobre a palavra MUITO(S), pode-se afirmar que:

A) ambas as formas contribuem de forma relevante para o significado das construções em que participam e são anafóricas.

B) II possui função modificadora e mobilidade posicional em relação ao termo que ele modifica.

C) I serve de núcleo às expressões referenciais do texto e tem vínculo eventual com os outros.

D) II exprime, basicamente, posição temporal relativamente a um ponto convencional no léxico.

E) I tem significação dêitica e integra o sintagma nominal.

Comentário: vamos analisar cada alternativa:

A) o "muitos" não foi usado como recurso anafórico em nenhum dos dois casos, o que torna a alternativa errada.

B) GABARITO INDICADO PELA BANCA. Em II, o "muitos" possui função modificadora intensificando o sentido do verbo "auxiliar". Porém, a mobilidade posicional do termo com relação ao verbo acarretaria diferença de sentido, ou seja, não há mobilidade posicional perfeita na frase. É diferente dizer: "Mas hoje seria realmente auxiliar muito" e "Mas hoje seria realmente muito auxiliar".

A banca não especificou se o candidato deveria analisar apenas a correção gramatical ou também o sentido. Se pensarmos apenas na adequação sintática, alterar a posição do termo "muitas" seria possível, embora ocorra mudança de sentido. Como a banca não especificou isso, devemos entender que TUDO deveria ser avaliado. Sendo assim, a alternativa B está ERRADA! RECURSO!

C) e D) não fazem sentido! Foram colocadas na prova para confundir o aluno.

E) Em I, integra um sintagma verbal, não nominal.

Gabarito: B

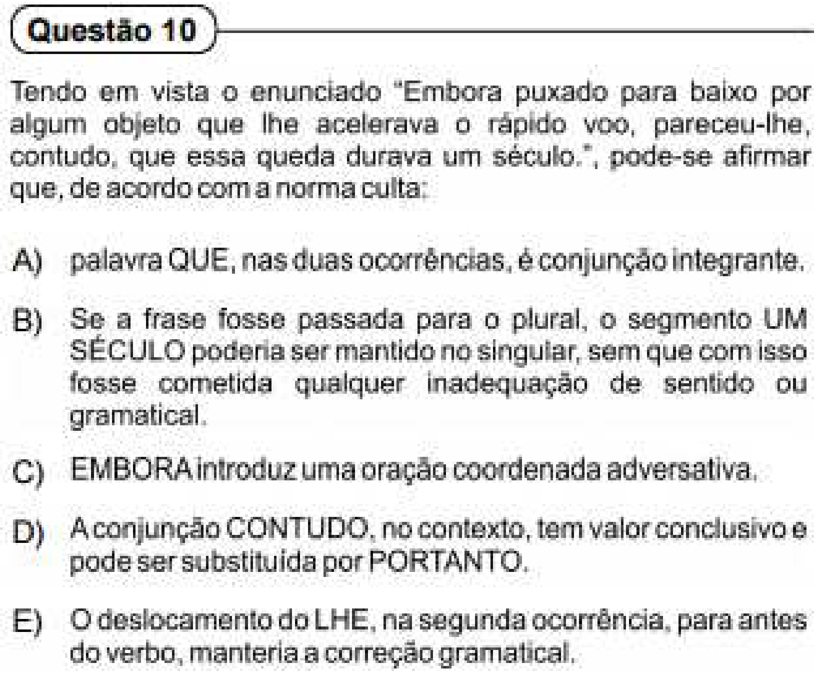

Questão 10

Tendo em vista o enunciado "Embora puxado para baixo por algum objeto que lhe acelerava o rápido voo, pareceu-lhe, contudo, que essa queda durava um século.", pode-se afirmar que, de acordo com a norma culta:

A) palavra QUE, nas duas ocorrências, é conjunção integrante.

B) Se a frase fosse passada para o plural, o segmento UM SÉCULO poderia ser mantido no singular, sem que com isso fosse cometida qualquer inadequação de sentido ou gramatical.

C) EMBORA introduz uma oração coordenada adversativa.

D) A conjunção CONTUDO, no contexto, tem valor conclusivo e pode ser substituída por PORTANTO.

E) O deslocamento do LHE, na segunda ocorrência, para antes do verbo, manteria a correção gramatical.

Comentário: a palavra "que", na primeira ocorrência, é pronome relativo, pois está retomando o termo que o antecede (objeto); na segunda ocorrência, é sim conjunção integrante e está iniciando uma oração objetiva direta.

Em B, a afirmação está correta.

Em C, a conjunção "embora" inicia uma oração subordinada adverbial concessiva e não coordenada adversativa.

Em D, a conjunção "contudo" tem valor adversativo,

Gabarito: B

PROVA 3 – Analista de Sistema – CREA/AC - 2016

Texto para responder às questões de 01 a 15.

A nova Califórnia (Fragmento)

Tubiacanga era uma pequena cidade de três ou quatro mil habitantes, muito pacífica, em cuja estação, de onde em onde, os expressos davam a honra de parar. Há cinco anos não se registrava nela um furto ou roubo. As portas e janelas só eram usadas... porque o Rio as usava. [...]

Mas, qual não foi a surpresa dos seus habitantes quando se veio a verificar nela um dos repugnantes crimes de que se tem memória! [...] violavam-se as sepulturas do "Sossego", do seu cemitério, do seu campo-santo. [...]

A indignação na cidade tomou todas as feições e todas as vontades. [...] A própria filha do engenheiro residente da estrada de ferro, que vivia desdenhando aquele lugarejo [...] não pôde deixar de compartilhar da indignação e do horror que tal ato provocara em todos do lugarejo. Que tinha ela com o túmulo de antigos escravos e humildes roceiros? Em que podia interessar aos seus lindos olhos pardos o destino de tão humildes ossos? Porventura o furto deles perturbaria o seu sonho de fazer radiar a beleza de sua boca, dos seus olhos e do seu busto nas calçadas do Rio?

Decerto, não; mas era a Morte, a Morte implacável e onipotente, de que ela também se sentia escrava, e que não deixaria um dia de levar a sua linda caveirinha para a paz eterna do cemitério. [...]

Organizaram então uma guarda. Dez homens decididos juraram perante o subdelegado vigiar durante a noite a mansão dos mortos.

Nada houve de anormal na primeira noite, na segunda e na terceira; mas, na quarta, quando os vigias já se dispunham a cochilar, um deles julgou

lobrigar um vulto esgueirando-se por entre a quadra dos carneiros. Correram e conseguiram apanhar dois dos vampiros. [...]

A notícia correu logo de casa em casa e, quando, de manhã, se tratou de estabelecer a identidade dos dois malfeitores, foi diante da população inteira que foram neles reconhecidos o Coletor Carvalhais e o Coronel Bentes, rico fazendeiro e presidente da Câmara. Este último [...] a perguntas repetidas que lhe fizeram, pôde dizer que juntava os ossos para fazer ouro e o companheiro que fugira era o farmacêutico.

Houve espanto e houve esperanças. Como fazer ouro com ossos? Seria possível? Mas aquele homem rico, respeitado, como desceria ao papel de ladrão de mortos se a coisa não fosse verdade!

Se fosse possível fazer, se daqueles míseros despojos fúnebres se pudesse fazer alguns contos de réis, como não seria bom para todos eles!

O carteiro, cujo velho sonho era a formatura do filho, viu logo ali meios de consegui-la. Castrioto, o escrivão do juiz de paz, que no ano passado conseguiu comprar uma casa, mas ainda não a pudera cercar, pensou no muro, que lhe devia proteger a horta e a criação. Pelos olhos do sitiante Marques, que andava desde anos atrapalhado para arranjar um pasto, pensou logo no prado verde do Costa, onde os seus bois engordariam e ganhariam forças...

Às necessidades de cada um, aqueles ossos que eram ouro viriam atender, satisfazer e felicitá-los; e aqueles dois ou três milhares de pessoas, homens, crianças, mulheres, moços e velhos, como se fossem uma só pessoa, correram à casa do farmacêutico.

BARRETO, Lima. . In: SALES, Herberto (Org.). . Rio de Janeiro: Ediouro. p. 25-27. A nova Califórnia Contos brasileiros

Questão 01 - Sobre o texto leia as afirmativas a seguir.

IV. Uma cidade de cotidiano tão tranquilo, com habitantes supostamente pacíficos, só poderia reagir com indignação e imediata ambição diante da profanação dos túmulos.

V. O que determina a indignação da filha do engenheiro não é a profanação dos túmulos das pessoas simples de Tubiacanga, mas a possibilidade de que também seu túmulo pudesse ser profanado depois de sua morte.

VI. O texto critica o preconceito e o elitismo da sociedade, revelado pelo desprezo que a moça, filha do engenheiro, tinha pelo lugarejo simples e pela origem das pessoas.

Está correto o que se afirma em:

A) I, apenas.

B) I e III, apenas.

C) II e III, apenas.

D) I, II e III.

E) I e II, apenas.

Comentário:

Analisando as afirmativas:

I – errada – Há erro na afirmação de que as pessoas reagiriam com ambição diante da profanação dos túmulos, no texto consta somente que agiram com indignação.

II – certa – A confirmação dessa afirmação está no trecho: "era a Morte, a Morte implacável e onipotente, de que ela também se sentia escrava, e que não deixaria um dia de levar a sua linda caveirinha para a paz eterna do cemitério."

III – certa – A afirmação pode ser confirmada no trecho: "A própria filha do engenheiro residente da estrada de ferro, que vivia desdenhando aquele lugarejo [...] não pôde deixar de compartilhar da indignação e do horror que tal ato provocara em todos do lugarejo."

As afirmativas II e III estão corretas.

Gabarito: C

Questão 02 - Na construção do texto em prosa, Lima Barreto:

A) monta um cenário em que, além de fazer uma crítica exclusiva ao comportamento do brasileiro, ressalta a pobreza de imaginação e falta de criatividade do homem que vive na cidade.

B) elabora uma narrativa satírica em que a cupidez e o ridículo do comportamento nacional andam lado a lado.

C) denuncia o pensamento masculino de que a riqueza fácil resolveria, de imediato, os problemas e atenderia à fantasia de luxo e bem-estar econômico.

D) revela que, na realidade, Castrioto era um anjo, que trazia mensagem de paz para os habitantes da cidade.

E) elogia a ciência experimental, que consegue produzir ouro por meio das experiências em laboratórios e o comportamento humano.

Comentário:

À primeira vista, as alternativas que parecem estar corretas são a letra A e B. Analisando-as, temos:

Em A, não há respaldo no texto para a afirmação de que o autor faz críticas ao homem que vive na cidade. Apesar de se poder verificar uma crítica a determinado comportamento, não se pode afirmar que há crítica exclusivamente ao comportamento do brasileiro.

Na letra B, há fundamento porque o autor elaborou o texto de maneira a demonstrar que a cobiça é acompanhada do ridículo. Quando a população indignada da cidade soube que a violação dos túmulos poderia levá-los a resolver seus problemas financeiros, logo se interessaram e a indignação inicial deu lugar à cobiça.

Gabarito: B

Questão 03 - Sobre os elementos destacados do fragmento "Tubiacanga era uma pequena cidade de três ou quatro mil habitantes, muito pacífica, em cuja estação, de onde em onde, os expressos davam a honra de parar.", leia as afirmativas.

IV. A palavra MUITO é um pronome adjetivo indefinido.
V. CUJA é um pronome adjetivo relativo.
VI. OS EXPRESSOS é o sujeito da oração a qual pertence.

Está correto apenas o que se afirma em:

A) I.
B) II.
C) I e II.
D) I e III.
E) II e III.

Comentário:

I – errada – "muito", nesse contexto, está funcionando como advérbio de intensidade, modificando o termo "pacífica".

II – certa – "cuja" é um pronome relativo adjetivo indicativo de posse, que, nesse contexto, faz a relação entre "cidade" e "estação".

III – certa – "os expressos" é o sujeito da oração "davam a honra de parar".

Gabarito: E

Questão 04 - Sobre o segmento "As portas e janelas só eram usadas... porque o Rio as usava.", é correto afirmar que:

A) as categorias sintáticas presentes nas orações são formas independentes entre si e do conteúdo expresso no texto.

B) através da análise do segmento, pode-se depreender as várias unidades menores do período, isto é, as três orações (ou sentenças) nela existentes.

C) a partir da análise do fragmento, é possível verificar um problema de concordância verbal existente na segunda oração.

D) ao se decompor o segmento em unidades sintáticas, a fim de compreender a maneira pela qual os elementos sintáticos são organizados na sentença, percebe-se que foi omitida uma dessas unidades na primeira oração: o agente da passiva.

E) o verbo na voz ativa, na primeira oração, permite a compreensão dos vários mecanismos inerentes às unidades menores da língua.

Comentário:

A única alternativa que está coerente e de acordo com o fragmento do texto é a letra D. Na primeira oração, foi omitido o agente da passiva, que, por inferência, concluímos ser 'pelos moradores'.

Gabarito: D

Questão 05 - Do ponto de vista da norma culta, a única substituição que poderia ser feita, sem alteração de valor semântico e linguístico, seria:

A) "Decerto, não; mas era a Morte, a Morte implacável e onipotente, de que ela também se sentia escrava." = Decerto, não; mas era a Morte, a Morte implacável e onipotente, de que ela também sentia-se escrava.

B) "Há cinco anos não se registrava nela um furto ou roubo." = Há cinco anos não registrava-se nela um furto ou roubo.

C) "quando os vigias já se dispunham a cochilar" = quando os vigias já dispunham-se a cochilar.

D) "[...] a perguntas repetidas que lhe fizeram" = [...] a perguntas repetidas que fizeram-lhe.

E) "mas ainda não a pudera cercar" = mas ainda não pudera-lhe cercar.

Comentário:

A colocação pronominal da reescrita que consta na letra A é a única aceita segundo a norma culta.

Nas demais alternativas, há elementos que atraem o pronome, fazendo com que sua localização seja antes do verbo, ou seja, proclítica.

Gabarito: A

Questão 06 - Considerando-se o contexto, traduz-se corretamente o sentido de um segmento em:

A) "quando SE VEIO A VERIFICAR nela um dos repugnantes crimes" = quando iriam verificar nela um dos repugnantes crimes.

B) "os expressos DAVAM A HONRA de parar" = os expressos doavam dignamente as paradas.

C) "A indignação na cidade tomou todas as FEIÇÕES e todas as vontades." = A indignação na cidade tomou todos os formatos e todas as vontades.

D) "A notícia correu logo de CASA EM CASA" = A notícia correu logo pela grande extensão da cidade.

E) "quando os vigias já se DISPUNHAM A COCHILAR" = quando os vigias já dormitavam.

Comentário:

Analisando as alternativas:

A – errada – "se veio a verificar" dá ideia de fato ocorrido e "viriam verificar" dá ideia de fato provável de acontecer, possibilidade.

B – errada – "davam a honra" levanta ideia de concessão = 'paradas foram concedidas'. Já em "doavam dignamente as paradas" dá ideia de que os expressos doavam as paradas como se fossem objetos.

C – correta – "feições" pode ser entendido como "formatos".

D – errada – considerando o contexto, não se pode afirmar que a cidade tinha "grande extensão", uma vez que no primeiro parágrafo consta que se tratava de uma pequena cidade.

E – errada – de acordo com o contexto, "dispunham-se a cochilar" significa que eles decidiram cochilar por considerarem que não havia mais *risco. Já em "já dormitavam" tem-se ideia de que eles já estavam dormindo quando apareceu o vulto.*

Gabarito: C

Questão 07 - O segundo parágrafo do texto de Lima Barreto ancora-se na sugestão de duplo sentido da palavra SOSSEGO – apoiado pelas aspas – tomada ora com ideia abstrata, ora concreta. Esses sentidos são, respectivamente:

A) sentimentos individuais/ cidade de Tubiacanga.
B) referência à tranquilidade da cidade/ nome do cemitério.
C) expectativa da população/referência ao campo-santo.
D) eufemismo/cidade pacífica.
E) ênfase na hipérbole inicial/ amenização da morte.

Comentário:

No trecho "violavam-se as sepulturas do "Sossego", do seu cemitério, do seu campo-santo.", percebemos que o termo entre aspas tem duplo sentido: pode tanto ser entendido como o sossego dos habitantes, dando a entender 'lugar de descanso', como pode ser entendido como o nome do cemitério da cidade.

Gabarito: B

Questão 08 - "Houve espanto e houve esperanças. Como fazer ouro com ossos? Seria possível?"

A respeito do trecho acima, quanto aos aspectos gramatical, sintático e semântico, analise as afirmativas a seguir.

IV. O verbo do último período pertence a um tempo associado à incerteza, à relação de um fato futuro e um fato passado.

V. Não há referente, no texto, que justifique o uso de OSSOS pluralizado.

VI. ESPANTO e ESPERANÇAS, nas respectivas orações a que pertencem, assumem papel de objeto direto.

Está correto apenas o que se afirma em:

A) I e III.
B) I e II.
C) II e III.
D) II.
E) III.

Comentário:

A afirmativa II está incorreta. Há referente para a palavra "ossos", empregada no plural, no trecho: "Este último [...] a perguntas repetidas que lhe fizeram, pôde dizer que juntava os ossos para fazer ouro e o companheiro que fugira era o farmacêutico."

Gabarito: A

Questão 09 - Para que se compreenda bem a maneira como são escolhidas e utilizadas as formas verbais nos enunciados da língua portuguesa, é importante que se leve em conta uma noção muito importante: o aspecto verbal.

Nesse sentido, em "A própria filha do engenheiro residente da estrada de ferro, que VIVIA DESDENHANDO aquele lugarejo" a forma verbal destacada marca o aspecto:

A) momentâneo.
B) incoativo.
C) permansivo.
D) conclusivo.
E) durativo.

Comentário:

A locução verbal "vivia desdenhando", que está no pretérito imperfeito do indicativo, indica ideia de ação durativa, ou seja, que sempre acontecia.

Gabarito: E

Questão 10 - A oração destacada em "Mas, qual não foi a surpresa dos seus habitantes quando se veio a verificar nela um dos repugnantes crimes DE QUE SE TEM MEMÓRIA!" é subordinada:

A) adverbial causal.
B) adverbial consecutiva.
C) substantiva objetiva indireta.
D) adjetiva restritiva.
E) substantiva completiva nominal.

Comentário:

A expressão destacada no enunciado da questão exerce a função sintática de adjetivo do termo "crime", é, portanto, uma oração subordinada adjetiva restritiva.

A alternativa E levanta dúvida, mas o termo "crime" tem sentido completo, portanto não necessita de complemento nominal.

Gabarito: D

Questão 11 - Em "Organizaram ENTÃO uma guarda.", a palavra em destaque apresenta a seguinte relação:

A) adversativa.
B) explicativa.
C) conclusiva.
D) consecutiva.
E) concessiva.

Comentário:

O termo "então" indica relação de conclusão.

Gabarito: C

Questão 12 - O termo destacado em "um deles julgou lobrigar um vulto esgueirando-SE por entre a quadra dos carneiros.", no contexto, é:

A) partícula apassivadora.

B) pronome reflexivo.

C) índice de indeterminação do sujeito.

D) conjunção subordinativa condicional.

E) conjunção integrante.

Comentário:

O "se" em "esgueirando-se" demonstra que a ação foi realizada e sofrida pelo mesmo indivíduo. Trata-se de um pronome reflexivo.

Gabarito: B

Questão 13 - A transposição da segunda oração da frase "Há cinco anos não se registrava nela um furto ou roubo." para a voz passiva analítica implicará:

A) a utilização de UM FURTO OU ROUBO como sujeito.

B) em que se use a forma verbal REGISTRAVA-SE.

C) a utilização de NELA como sujeito.

D) em que o sujeito de HAVER passe a ser CINCO ANOS.

E) a utilização da forma verbal HAVIA REGISTRADO.

Comentário:

A segunda oração "não se registrava nela um furto ou roubo" passada para a voz passiva analítica é: 'um furto ou roubo não era registrado nela', em que temos "um furto ou roubo" como sujeito paciente.

Gabarito: A

Questão 14 - Considere as seguintes afirmações sobre aspectos do texto:

I. Na frase "Se fosse possível fazer, se daqueles míseros despojos fúnebres se pudesse fazer alguns contos de réis, como não seria bom para todos eles!" as palavras MÍSEROS e FÚNEBRES concordam com DESPOJOS.

II. Atentando para o uso do sinal indicativo de crase, o A, em todas as ocorrências no segmento "Mas, qual não foi a surpresa dos seus habitantes quando se veio a verificar nela um dos repugnantes crimes", deveria ser acentuado.

III. Na frase "Às necessidades de cada um, aqueles ossos que eram ouro viriam atender, satisfazer e felicitá-LOS", o elemento destacado substitui, no contexto, o vocábulo OSSOS.

Está correto apenas o que se afirma em:

A) I e II.

B) II e III.

C) III.

D) II.

E) I.

Comentário:

Apenas a afirmativa I está correta.

As afirmativas II e III estão erradas porque não ocorre crase nos "a" do trecho destacado em II; e em III, o "-los" está se referindo a "cada um".

Gabarito: E

Questão 15 - "Se fosse possível fazer, se daqueles míseros despojos fúnebres se pudesse fazer alguns contos de réis, como não seria bom para todos eles!" O efeito de sentido que a frase exclamativa provoca é:

A) corresponde a um sentimento do interlocutor/leitor em relação ao fato narrado.

B) confere contemplação à situação vivida em relação ao desaparecimento dos ossos.

C) introduz uma hipótese a averiguar a respeito do fazendeiro e do presidente da Câmara.

D) exprime estado psicológico do locutor relativamente ao interlocutor e a um estado de coisas especificado.

E) expressa estímulo para que se comece a investigação sobre os roubos dos ossos para verificar a veracidade a denúncia narrativa.

Comentário:

O locutor ou narrador é onisciente, uma vez que além de narrar o fato, narra também o que os personagens pensam. Sendo assim, ele deixa transparecer para o interlocutor o seu estado psicológico, que parece ser de contentamento, uma vez que conhece as necessidades dos personagens. Esse caráter psicológico do narrador pode ser melhor observado no penúltimo parágrafo.

Gabarito: D

PROVA 01

1. A
2. C
3. B
4. C
5. D
6. D
7. E
8. E
9. E

PROVA 02

1. B
2. E
3. B
4. B
5. C
6. E
7. D
8. A
9. B
10. B

PROVA 02

1. C
2. B
3. E
4. D
5. A
6. C
7. B
8. A
9. E
10. D
11. C
12. B
13. A
14. E
15. D

No mais, alunos queridos, estarei aqui torcendo pelo sucesso de cada um de vocês! Espero que minhas aulas tenham feito diferença no estudo de vocês!

Apaixonada que sou pelo grande Fernando Pessoa, deixo um poema lindíssimo do heterônimo Ricardo Reis, do genial poeta:

Para ser grande, sê inteiro
Nada teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa.
Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda brilha,
Porque alta vive.

Entregue-se inteiro a seu objetivo, não pela metade, não desanimado, mas TODO, viva alto como a lua no céu e veja quão imenso e lindo é o reflexo que você produz!

Grande abraço a todos!

FALE COMIGO

Entrem em contato sempre que quiserem e/ou precisarem! Vamos manter contato! Estou lá no Facebook, heim!! Mandei um “oi” para mim!

Forte abraço!

Rafaela Freitas.

Contato: professorarafaelafreitas@gmail.com

Curtam minha página no FaceBook e sigam no Instagran:

Palavreando com Rafa Freitas.

GUIA PRÁTICO DA NOVA ORTOGRAFIA

Maurício Silva
Elenice Alves da Costa

editoracontexto

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.org*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

GUIA
PRÁTICO DA
NOVA
ORTOGRAFIA

MAURÍCIO SILVA
ELENICE ALVES DA COSTA

editoracontexto

Copyright © 2011 dos Autores

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Contexto (Editora Pinsky Ltda.)

Montagem de capa e diagramação
Gustavo S. Vilas Boas

Preparação de textos
Mirelle Mie Iano

Revisão
Lilian Aquino

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Silva, Maurício

Guia prático da nova ortografia / Maurício Silva, Elenice Alves da Costa. – 1. ed., 2ª reimpressão. – São Paulo : Contexto, 2012.

Bibliografia

ISBN 978-85-7244-695-2

1. Português – Ortografia I. Costa, Elenice Alves da. II. Título.

12-00651 CDD-469.152

Índice para catálogo sistemático:

1. Ortografia : Português : Linguística 469.152

2012

EDITORA CONTEXTO
Diretor editorial: *Jaime Pinsky*

Rua Dr. José Elias, 520 – Alto da Lapa
05083-030 – São Paulo – SP
PABX: (11) 3832 5838
contexto@editoracontexto.com.br
www.editoracontexto.com.br

Versão digital criada pela Schäffer: www.studioschaffer.com

Introdução

O período de transição acabou. Em 2012 termina o prazo dado pelo governo brasileiro para que o novo acordo passe a ser utilizado por todos, tornando-se obrigatória a utilização das novas normas ortográficas. Desse modo, escolas, meios de comunicação impressa, órgãos e departamentos oficiais, enfim, todos aqueles que, direta ou indiretamente, dependem da língua portuguesa escrita passaram a ter uma preocupação a mais: a adaptação de sua grafia para as novas regras do acordo.

Formulado entre 1986/1990, o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa foi aprovado pelas nações que compõem a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Desde 2009, as regras já valem no Brasil. Mas até agora ainda era permitida a utilização das regras antigas. Muito se discutiu acerca da pertinência dessas novas regras, das condições de adaptabilidade às diretrizes do novo acordo, dos aspectos positivos e negativos das mudanças etc. De toda essa discussão, contudo, há pelo menos um consenso: em 2012 encerra-se o período de adaptação ao novo acordo e as mudanças previstas passam a valer de verdade, e, gostemos ou não, todos nós temos de nos adaptar.

Foi exatamente pensando nisso que escrevemos esse *Guia prático da nova ortografia*, redigido e organizado de modo a oferecer ao leitor uma exposição mais dinâmica das mudanças ortográficas, simplificando sua consulta e facilitando o emprego da língua escrita no seu dia a dia. Resumimos ao máximo as normas do acordo, para, assim, auxiliar o leitor no trabalho de encontrar a correta forma gráfica das palavras que compõem o extenso e variado léxico da língua portuguesa. Por isso, dividimos o vasto conjunto de regras previstas nas bases do novo acordo em alguns poucos grupos que contemplassem o maior número possível de vocábulos da língua.

Com isso, enfim, nosso objetivo é tanto promover o modo *correto* de escrever – ortografia: *orto* (correto) + *grafia* (escrita) –, quanto oferecer ao leitor um guia de consulta rápida e facilitada, a fim de que suas dúvidas possam ser suprimidas com clareza e eficácia.

Seguem, às regras aqui expostas, algumas sugestões de leitura para quem quiser se aprofundar no assunto, bem como uma bibliografia voltada para especialistas estudiosos da língua que, porventura, busquem uma fonte de consulta e pesquisa mais especializada.

Regras: mudanças e permanências

ALFABETO

O que foi acrescentado

1. As letras K, Y, W em antropônimos (nomes de pessoas), topônimos (nomes de lugares) e outros casos específicos (siglas, símbolos e unidades de medida):

Byroniano
Darwin
Ely
Franklin
Kant
Kardec
Kepler
KLM
Kuwait
Kwanza
Malawiano
Taylorista
Wagner
Washington
Watt
Yeda

O que foi eliminado (ou adaptado)

1. Algumas consoantes finais de antropônimos:

José (de Joseph)
Judite (de Judith)
Nazaré (de Nazareth)
Bete (de Beth)
Rute (de Ruth)

O que foi mantido (mas que pode ser simplificado)

1. Algumas consoantes finais de antropônimos:

Baruch ou *Baruc*

Josafat ou *Josafá*

Enoch ou *Enoc*

Loth ou *Lot*

Moloch ou *Moloc*

Ziph ou *Zif*

David ou *Davi*

Aleph ou *Alef*

Jacob ou *Jacó*

Inah ou *Iná*

Job ou *Jó*

Dinah ou *Diná*

Mas atenção...

para efeito legal, os antropônimos devem permanecer com a grafia com que foram registrados no cartório de registro civil.

O que foi recomendado

1. Algumas formas estrangeiras de topônimos:

Antuérpia (de Anvers)

Xangai (de Shanghai)

Milão (de Milano)

Quebeque (de Québec)

Zurique (de Zürich)

Madri (de Madrid)

Munique (de München)

Bordéus (de Bordeaux)

Genebra (de Genève)

Berlim (de Berlin)

Turim (de Torino)

Mineápolis (de Minneapolis)

Londres (de London)

Iêmen (de Yemen)

Mas atenção...

deve-se manter a grafia original dos topônimos que não possuem correspondente no português (Washington, Los Angeles, Buenos Aires, Zagreb, La Paz). Há casos em que se consagrou, principalmente pela frequência de uso, uma grafia mista (Nova York, Nova Jersey).

Como era antes do acordo?

Antes do acordo, algumas letras do alfabeto e algumas terminações de antropônimos não existiam oficialmente; já em relação aos topônimos, não havia nenhuma determinação explícita sobre a alteração de sua grafia.

LETRAS MAIÚSCULAS E MINÚSCULAS

Emprego de letras minúsculas

1. Nomes de meses, estações do ano, dias da semana e pontos cardeais:

janeiro
fevereiro
março
abril
maio
junho
julho
agosto
setembro
outubro
novembro
dezembro
primavera
verão
outono
inverno
segunda-feira
terça-feira
quarta-feira
quinta-feira
sexta-feira
sábado
domingo
norte
sul
leste
oeste
sudeste
nordeste
noroeste

sudoeste

Mas atenção...

quando empregados com sentido absoluto, os pontos cardeais e vocábulos equivalentes devem ser grafados em maiúscula: Nordeste (por nordeste do Brasil), Norte (por norte de Portugal), Meio-Dia (pelo sul da França), Ocidente (por ocidente europeu), Oriente (por oriente asiático) etc.

Emprego de letras maiúsculas ou minúsculas

1. Citações bibliográficas, formas de tratamento e reverência, nomes sagrados, domínios do saber e logradouros:

Memórias póstumas de Brás Cubas ou *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

Grande sertão: veredas ou *Grande Sertão: Veredas*

Casa-grande e senzala ou *Casa-Grande e Senzala*

O crime do padre Amaro ou *O Crime do Padre Amaro*

Santa Isabel ou *santa Isabel*

Doutor Carlos Ferreira ou *doutor Carlos Ferreira*

Papa João Paulo II ou *papa João Paulo II*

Senhor Roberto ou *senhor Roberto*

Matemática Aplicada ou *matemática aplicada*

Educação Física ou *educação física*

História do Brasil ou *história do Brasil*

Linguística ou *linguística*

Rua do Ouvidor ou *rua do Ouvidor*

Estrada das Figueiras ou *estrada das Figueiras*

Edifício Copan ou *edifício Copan*

Igreja do Rosário ou *igreja do Rosário*

Palácio do Governo ou *palácio do governo*

Bairro da Mooca ou *bairro da Mooca*

Mas atenção...

nunca se deve escrever com letra minúscula os nomes próprios, mesmo que façam parte de um dos casos anteriormente descritos: Brás Cubas, Amaro, Carlos Ferreira, João Paulo etc.

Como era antes do acordo?

Antes do acordo, algumas palavras eram escritas somente com letras maiúsculas; em alguns casos, como o das citações bibliográficas, o uso de maiúscula ou minúscula já era facultativo.

ACENTOS

Trema

1. Eliminação do trema nos encontros GUE, GUI, QUE, QUI, em que a letra U for pronunciada:

aguentar
antiquíssimo
arguição
cinquenta
cinquentenário
consequência
enxágue
equestre
frequente
iniquidade
linguiça
linguística
quinquênio
subsequente

Mas atenção...

em nomes próprios e de logradouros estrangeiros e seus derivados, deve-se manter a grafia original, com trema: Müller (mülleriano), Hübner (hübneriano), Bündchen, Süddeutsche, Kümmel etc.

Acento agudo

1. Eliminação do acento agudo nos ditongos abertos tônicos EI e OI, quando eles estiverem em posição de sílaba paroxítona:

ideia
estreia
assembleia
estreio
asteroide
geleia
boia
hebreia
celuloide
heroico
claraboia
alcaloide
colmeia
jiboia
Coreia joia
debiloide
odisseia
epopeia
paranoia
estoico
paranoico
plateia

Mas atenção...

no caso de palavras que possuem as condições expostas anteriormente, mas que obedecem à regra de paroxítonas terminadas em R, o acento agudo permanece, em benefício dessa regra: Méier, destróier etc. Além disso, deve-se manter a acentuação dos ditongos abertos tônicos das palavras oxítonas: anéis, batéis, fiéis, papéis, corrói, herói etc.

2. Eliminação do acento agudo no I e U tônicos em posição de hiato, precedidos de ditongo, das palavras paroxítonas:

baiuca
cauila
bocaiuva
feiura
boiuna
Sauipe
boiuno
tauismo

Mas atenção...

a regra não incide sobre as palavras que possuem as mesmas condições descritas, mas são oxítonas ou proparoxítonas (teiú, maiúsculo, feiíssimo, precaríssimo, cheiíssimo, friíssimo); ou cujos I e U tônicos não são precedidos de ditongo (aí, baú, cafeína, saída, saúde, país, viúvo, saístes, saúva).

3. Verbos terminados em UAR podem ou não ser acentuados, conforme sua pronúncia:

(eu) averíguo ou *averiguo*
(ele) averígua ou *averigua*
averígue ou *averigue (você)*
(eu) enxáguo ou *enxaguo*
(ele) enxágua ou *enxagua*
enxágue ou *enxague (você)*
(eu) apazíguo ou *apaziguo*
(ele) apazígua ou *apazigua*
apazígue ou *apazigue (você)*
(eu) águo ou *aguo*
(ele) água ou *agua*
ágüe ou *ague (você)*

Acento circunflexo

1. Eliminação do acento circunflexo nos encontros vocálicos OO e EE:

abençoo magoo
coo (de coar)
moo (de moer)
coroo
perdoo
creem
povoo
deem
releem
doo (de doar)
reveem

enjoo *veem*

leem voo

zoo

Acentos agudo e circunflexo

1. Eliminação dos acentos agudo e circunflexo diferenciais em palavras homógrafas (com mesma grafia):

para (de parar) *pelo (substantivo)*

pela (de pelar) *pelo (de pelar)*

pela (substantivo) *pera (substantivo)*

polo (substantivo) pero (substantivo)

2. Manutenção dos acentos agudo e circunflexo diferenciais em palavras homógrafas:

pôde (passado)/pode (presente)

pôr (verbo)/por (preposição)

tem (singular)/têm (plural)

vem (singular)/vêm (plural)

abstém (singular)/abstêm (plural)

contém (singular)/contêm (plural)

retém (singular)/retêm (plural)

convém (singular)/convêm (plural)

Mas atenção...

alguns acentos diferenciais são de uso facultativo: amámos (passado)/amamos (presente) e demais formas verbais da primeira conjugação (verbos terminados em -AR), dêmos (presente do subjuntivo)/demos (passado), fôrma (substantivo)/forma (verbo).

3. Manutenção dos acentos circunflexo e agudo em palavras que permitem dupla acentuação, sendo as primeiras formas mais usadas no Brasil e as segundas, em Portugal:

econômico ou *económico*
Antônio ou *António*
acadêmico ou *académico*
prêmio ou *prémio*
fêmur ou *fémur*
gênero ou *género*
bebê ou *bebé*
fenômeno ou *fenómeno*
canapê ou *canapé*
bônus ou *bónus*
matinê ou *matiné*
sêmen ou *sémen*
purê ou *puré*
fênix ou *fénix*
ônix ou *ónix*

Como era antes do acordo?

Antes do acordo, várias palavras eram acentuadas, seja com o trema (lingüiça, agüentar, freqüente, conseqüência, cinqüenta etc.), seja com o acento agudo (idéia, assembléia, hebréia, paranóico, heróico), seja com o acento circunflexo (vôo, enjôo, perdôo, crêem, lêem, vêem etc.). Além disso, algumas palavras possuíam o acento diferencial (pára/para).

HÍFEN

Palavras que possuem hífen

1. Palavras formadas por prefixação, em que o prefixo termina por vogal e a palavra seguinte inicia-se por vogal igual (*VOGAL 1* + *VOGAL 1*):

alfa-aglutinação
entre-eixo
ante-estreia
extra-abdominal
anti-ibérico
extra-axial
anti-ictérico
hidro-oligocitemia
anti-imperialista
homo-ousiano
anti-individualista
infra-acústico

anti-infeccioso
anti-inflacionário
anti-inflamatório
anti-intelectual
arqui-inimigo
arqui-irmandade
auto-observação
auto-ônibus
auto-organização
auto-oxidação
beta-amilase
bi-ilíaco
contra-apelação
contra-abertura
contra-almirante
contra-anunciar
contra-assinado
contra-atacado
contra-avisar
di-iodado
di-iodeto
eletro-óptico
infra-assinado
infra-atômico
infra-axilar
intra-amniótico
intra-auricular
iso-osmótico
mega-ação
micro-ondas
micro-ondulação
micro-ônibus
neo-ortodoxo
poli-isopreno
proto-orgânico
proto-organismo
pseudo-occipital
retro-ocular
sobre-elevado
sobre-erguer
sobre-estimar
sobre-existir
sobre-exposição
supra-atmosférico
supra-auricular

Mas atenção...

não se separam por hífen palavras que, apesar de terem vogais iguais, iniciam-se pelos prefixos átonos CO-, PRE- e RE-: coobrigação, coorganização, coorientador, preexistente, preelaborar, preestabelecido, reescrever, reedição, reerguer, reestabelecer etc. De acordo com a morfologia portuguesa e com as bases do novo acordo, nas formações em que o prefixo PRE- for tônico, ele deve ser grafado com acento e separado por hífen: pré-estreia, pré-lançamento etc. (Ver item 4 a seguir.)

2. Palavras compostas por justaposição, isto é, em que ambos os elementos da composição são vocábulos independentes:

abaixo-assinado
afro-asiático
alcaide-mor
amor-perfeito
arco-íris
ave-maria
azul-escuro
bate-boca
belo-horizontino
boa-fé
cabra-cega
cabra-macho
caminhão-pipa
carro-chefe
carta-bilhete
carta-bomba
cirurgião-dentista
conta-gotas
decreto-lei
ferro-velho
finca-pé
guarda-chuva
guarda-noturno
indo-europeu
joão-ninguém
luso-brasileiro
mato-grossense
mato-grossense-do-sul
médico-cirurgião
mesa-redonda
pão-duro
para-choque
para-lamas
para-raios
porta-bandeira
porta-malas
porto-alegrense
primeiro-ministro
rio-grandense-do-norte
roda-viva
rubro-negro
sul-africano
tenente-coronel
tio-avô
vaga-lume
vitória-régia

Mas atenção...

algumas poucas palavras compostas por justaposição – cuja noção de composição, em certa medida, desapareceu – perderam o hífen: paraquedas, paraquedista, mandachuva; outras já eram grafadas sem hífen antes do acordo (pontapé, madressilva, girassol, ferromodelismo, radiorrelógio).

3. Palavras compostas por justaposição que designam espécies botânicas e zoológicas:

abóbora-menina
andorinha-da-serra
andorinha-do-mar
andorinha-grande
bem-te-vi
cobra-capelo
cobra-d'água
contra-erva
contra-erva-bastarda
contra-erva-do-peru
couve-de-bruxelas
couve-flor
cravo-da-índia
erva-cidreira
erva-doce
erva-do-chá
ervilha-de-cheiro
fava-de-santo-inácio
feijão-verde
flor-do-espírito-santo
formiga-branca
formiga-de-roça
formiga-ferro
lebre-da-patagônia
lesma-de-conchinha
mico-leão-dourado
peixe-do-paraíso
peixe-espada
peroba-do-campo
pimenta-do-reino
pintassilgo-verde
sabiá-laranjeira
tamanduá-bandeira

Mas atenção...

não se usa hífen no caso de tais nomes exprimirem sentido diferente de espécies botânicas e zoológicas: bico de papagaio (problema de coluna), olho de boi (tipo de selo) etc.

4. Palavras formadas por prefixação com os seguintes prefixos: ad-, ab-, ob-, bem-, além-, aquém-, recém-, sem-, ex-, sota-, soto-, vice-, vizo-, pós-, pré-, pró-, grã-, grão-, pan-, circum-, mal-, má-, sub- e sob-:

ab-reativo
ab-rogar
ad-digital
ad-referendar
ad-renal
além-Atlântico
além-fronteira
além-mar
aquém-mar
bem-acondicionado
bem-aventurado
bem-criado
bem-cuidado
bem-disposto
bem-estar
bem-nascido
bem-passado
bem-vindo
bem-visto
circum-adjacência
circum-escolar
circum-murado
circum-navegação
circum-murar
ex-almirante
pan-africano
pan-americano
pan-mágico
pan-negritude
pós-doutorado
pós-exílio
pós-graduação
pós-menopausa
pós-moderno
pós-morte
pós-parto
pós-tônico
pré-adolescência
pré-anestésico
pré-atômico
pré-avisar
pré-cabralino
pré-capitalismo
pré-escolar
pré-natal
pré-socrático
pré-vestibular
pró-africano
pró-europeu
pró-hominídeo

ex-diretor
ex-hospedeira
ex-marido
ex-presidente
ex-primeiro-ministro
grã-duque
grã-fina
grão-cruz
grão-ducal
grão-mestre
grão-rabino
má-educação
má-fé
má-formação
mal-acostumado
mal-afortunado
mal-amado
mal-assado
mal-assombrado
mal-entendido
mal-estar
mal-humorado
mal-limpo
ob-rogar

recém-casado
recém-nascido
sem-terra
sem-teto
sem-vergonha
sob-roda
sob-rojar
sota-almirante
sota-ministro
sota-piloto
soto-mestre
soto-pôr
soto-posto
soto-soberania
sub-base
sub-brigadeiro
sub-ramal
sub-região
sub-reitor
vice-prefeito
vice-presidente
vice-reino
vice-reitor
vice-secretário
vizo-rei

Mas atenção...

a) com os prefixos ab-, ad- e ob-, o hífen se mantém apenas diante de palavras iniciadas por B, D ou R, já que nos demais casos ele desaparece (abceder, abmaterializar, adnominar, adgeração, obcomprimido, obpiramidal);

b) com o prefixo mal-, o hífen se mantém apenas diante de palavras iniciadas por VOGAL, H ou L, e nos demais casos ele desaparece (malcriado, malnascido, malfalante, malfeito, maldisposto);

c) com os prefixos sub- e sob-, o hífen se mantém apenas diante de palavras iniciadas por R e B também desaparecendo nos demais casos (sobpesar, sobsaia, subcapítulo, subcutícula, subdelegar, subtropical);

d) com os prefixos circum- e pan-, o hífen se mantém apenas diante de palavras iniciadas por VOGAL, M ou N, e nos demais casos ele desaparece (panfrancesismo, pancontinental, pansemítico, pantropical, circumpacífico, circumpolar, circuncentral, circunlocução, circunvizinhar);

e) com o prefixo bem-, o hífen desaparece somente se o segundo elemento for derivado dos verbos fazer ou querer (benfazejo, benfeito, benfeitor, benfeitoria, benquerença, benquisto, benquerer.

Palavras que não possuem hífen

1. Palavras formadas por prefixação, em que o prefixo termina por vogal e a palavra seguinte inicia-se por vogal diferente (*VOGAL 1 + VOGAL 2*):

agroecologia

agroecossistema

agroexportador

agroindústria

antiadministrativo

antiagrícola

antialcoólico

antialérgico

antiamarílico

antiamericanismo

antiárabe

antiarte

coagente

coator

coautor

coautoria

coeditor

coeducação

contraescritura

contraespionar

contraestímulo

contraexemplo

contraexpor

contraextensão

antiatômico
antieconômico
antiescolar
antiescolástico
antievolucionista
antioligarquia
antioxidante
autoacusação
autoadesivo
autoadministração
autoafirmar
autoajuda
autoanálise
autoaprendizado
autoaprendizagem
autoeducação
autoescola
autoestima
autoestrada
autoimune
autoindução
autoinoculação
autointoxicação
coactante
coacusado
coadaptação
coadaptar
coadquirir
contraincisão
contraindicado
contrainquérito
contrainvertido
contraoferta
extraescolar
extraestatal
extraestatuário
extraocular
extraoficial
extraorbital
extraorgânico
extraurbano
hidroaéreo
hidroaeroplano
hidroagrícola
hidroaviação
hidroencefalia
hidroextração
infraescavação
infraestrutura
infraocular
infraordem
intraocular
intraoral
plurienal
pluriestratificação
pluriocular

coadunar
pluriovular
semiárido

2. Palavras formadas por prefixação, em que o prefixo termina por vogal e a palavra seguinte inicia-se por consoante (no caso das consoantes serem R ou S, elas devem ser dobradas) (*VOGAL* + *CONSOANTE*):

afrodescendente
anticlerical
antirrábico
antirracional
antirracista
antirradiação
antirreal
antirreflexo
antirreforma
antirregimental
antirregulamentar
antirreligioso
antirrepublicano
antirrevolucionário
antirroubo
antirrugas
antirruído
antissemita
antisséptico
antissocial
arquimilionário
autorradiografia
autorreflexão
cosseno
eletrorradiologia
eletrosseção
extrajudiciário
extrarregular
extrarregular
extrasseco
extrassensível
extrassolar
infrassom
justafluvial
metatexto
microcirurgia
microssaia
microssegundo
microssocial
minirretrospectiva
minissubmarino
neoliberal
neorrepublicano
protomártir
protorreligião
protorrevolucionário

autorregeneração
autorregulação
autorretrato
autosserviço
autossubsistência
autossuficiência
autossugestão
autossustentável
biorritmo
contrapeso
Contrarreforma
contrarregra
contrarroda
contrassenha
contrassenso
contrassugestão
contraveneno
copiloto
corresponsável
cossegurar

protorromance
protossatélite
semirreta
semisselvagem
supracitado
suprarrenal
suprassumo
ultraliberal
ultrarracional
ultrarraro
ultrarrealista
ultrarrevolucionário
ultrarromântico
ultrarroxo
ultrassecreto
ultrassecular
ultrassensível
ultrassonografia
ultrassonoro
ultrarrápido

Mas atenção...

a) como visto anteriormente, nos adjetivos pátrios compostos deve-se manter o hífen (afro-brasileiro, greco-romano, sino-brasileiro, austro-húngaro, luso-brasileiro, sul-rio-grandense etc.), o que não ocorre quando tais elementos formarem outros tipos de adjetivos compostos (anglofalante, lusófono, francofonia, germanofilia etc.).

b) Para ver o funcionamento da regra VOGAL + H, veja este boxe.

3. Palavras formadas por prefixação, em que o prefixo termina por consoante e a palavra seguinte inicia-se por consoante diferente (*CONSOANTE 1* + *CONSOANTE 2*):

supersafra
supersensual
hipersensível
supersecreto
hipersensual
superdotado
supersônico
hipertenso
supersimples
hiperpigmentação

Mas atenção...

as palavras formadas por prefixação em que ambas as consoantes são iguais (CONSOANTE 1 + CONSOANTE 1) mantêm o hífen: hiper-reativo, inter-relacionado, super-resistente, super-requintado, super-resfriado, super-realista, inter-racial, super-realismo, inter-regional etc.

4. Palavras formadas por prefixação, em que o prefixo termina por consoante e a palavra seguinte inicia-se por vogal (*CONSOANTE* + *VOGAL*):

hiperácido
superaquecer
hiperagudo
superatrasado
hiperamável superego
hiperativo
superinterior
hiperinflação
superocupado
superagitado
superúmido

Mas atenção...

os vocábulos formados por prefixação – incluindo aqueles com prefixos terminados por vogal (ver esta regra) –, cujo segundo elemento inicia-se por H, mantêm o hífen: pré-história, semi-hospitalar, geo-história, sub-hepático, anti-higiênico, contra-harmônico, extra-humano, super-homem, ultra-hiperbólico, neo-helênico, pan-helenismo, anti-herói, anti-hemorrágico, anti-histórico, anti-horário, anti-humano, contra-haste, extra-hepático, extra-hospitalar, geo-hidrografia, neo-horizontino, pan-hispânico, semi-homem, semi-humano, semi-histórico, sub-humano, sub-horizontal, super-habilidade, ultra-honesto, ultra-humano, pré-helênico, pré-histórico. Com exceção daqueles que possuem os prefixos CO- e RE-: coabitar, coerdeiro, reaver etc.

5. Locuções e expressões compostas que possuem termo de ligação (preposição, conjunção, artigo, pronome etc.):

bicho de sete cabeças *leva e traz*

café com leite *mão de obra*

camisa de força maria vai com as outras

cara de pau *olho de sogra*

deus me livre *pai de todos*

deus nos acuda *pão de ló*

dia a dia *pé de moleque*

diz que diz *pé de vento*

faz de conta ponto e vírgula

queda de braço

Mas atenção...

algumas locuções e expressões, em razão de serem consagradas pelo uso – ou que designam espécies botânicas e zoológicas, como vimos anteriormente –, continuam sendo grafadas com hífen: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa, gota-d´água. Também mantiveram o hífen as expressões compostas por elementos iguais ou parecidos: reco-reco, blá-blá-blá, zum-zum, tico-tico, tique-taque, cri-cri, pingue-pongue, zigue-zague, esconde-esconde, pega-pega, corre-corre, quebra-quebra etc.

6. Palavras em que o advérbio de negação NÃO atua como prefixo:

não agressão *não alinhado*

não violência *não localizado*

não governamental *não euclidiano*

não fumante *não cumprimento*

não linear não ficção

não simétrico *não salariado*

não contradição *não viciado*

Como era antes do acordo?

Antes do acordo, várias palavras que perderam o hífen eram escritas com ele (co-herdeiro, neo-republicano, pára-quedas etc.) e algumas que ganharam o hífen eram escritas sem ele (microondas, antiinflacionário, autoobservação etc.).

TERMINAÇÕES

Terminações de palavras derivadas

1. Vocábulos derivados de palavras terminadas em -E(S) ganham o sufixo -IANO:

acriano (de Acre)

açoriano (de Açores)

euclidiano (de Euclides)

camoniano (de Camões)

torriano (de Torres)

comtiano (de Comte)

cabo-verdiano (Cabo Verde)

Terminações de verbos

1. Alguns verbos terminados em -IAR são conjugados no presente com -IO/-IA(M) ou -EIO/ -EIA(M):

(eu) negocio ou *negoceio*

(ele) negocia ou *negoceia*

(eles) negociam ou *negoceiam*

(eu) premio ou *premeio*

(ele) premia ou *premeia*

(eles) premiam ou *premeiam*

(eu) cadencio ou *cadenceio*

(ele) cadencia ou *cadenceia*

(eles) cadenciam ou *cadenceiam*

(eu) comercio ou *comerceio*

(ele) comercia ou *comerceia*

(eles) comerciam ou *comerceiam*

(eu) diligencio ou *diligenceio*

(ele) diligencia ou *diligenceia*

(eles) diligenciam ou *diligenceiam*

(eu) licencio ou *licenceio*

(ele) licencia ou *licenceia*

(eles) licenciam ou *licenceiam*

(eu) presencio ou *presenceio*

(ele) presencia ou *presenceia*

(eles) presenciam ou *presenceiam*

(eu) sentencio ou *sentenceio*

(ele) sentencia ou *sentenceia*

(eles) sentenciam ou *sentenceiam*

Mas atenção...

alguns verbos terminados em -IAR são conjugados apenas com -IO: (eu) noticio, (ele) noticia, (eu) calunio, (eles) caluniam, (eu) conferencio, (ele) conferencia, (eu) influencio, (eles) influenciam, (eu) principio, (eu) desafio, (eu) extravio; outros verbos terminam em -EIO: (eu) medeio, (ele) medeia, (eu) anseio, (eles) anseiam, (eu) remedeio, (ele) remedeia, (eu) incendeio, (eu) odeio.

Como era antes do acordo?

Antes do acordo, alguns vocábulos terminados em -E(S) aceitavam também, em seus derivados, a grafia com -eano: acreano, torreano, comteano.

Detalhes da nova ortografia

O novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa possui, além das regras anteriormente expostas, uma série de outros detalhes de escrita. Por não serem de uso muito frequente ou por se referirem a uma categoria de palavras que compreende poucos exemplos, foram colocados aqui sob a forma de curiosidades, embora – é bom que se saiba – são de uso obrigatório. São eles:

1. Nomes próprios, bem como nomes de marcas, títulos e abreviaturas devem seguir as regras de acentuação do novo acordo ortográfico:

Raul Pompeia

Quintino Bocaiuva

José de Alencar

Pelé

Telefônica (empresa de telefonia)

Pão de Açúcar (supermercado)

O Boticário (empresa de cosméticos)

Itaú (banco)

Caixa Econômica (banco)

álg. (abreviatura de álgebra)

cód. (abreviatura de código)

pág. (abreviatura de página)

Mas atenção...

conforme reza o acordo, por direito, "pode manter-se a grafia original de quaisquer firmas comerciais, nomes de sociedades, marcas e títulos que estejam inscritos em registro público", ou seja, esses casos seguem uma grafia própria mesmo que ela não esteja contemplada pelas regras do acordo (Petrobras, Rhodia, Copagaz, Bob's); no caso de nomes de pessoas falecidas, ao contrário do que costuma ocorrer com o nome de pessoas vivas, em que o registro civil é respeitado, prescreve-se sua grafia de acordo com a regra vigente (Elísio de Carvalho em vez de Elysio de Carvalho, Rui Barbosa em vez de Ruy Barbosa, Eça de Queirós em vez de Eça de Queiroz).

2. Algumas palavras perderam sua consoante muda não pronunciada:

ação (em vez de acção)

batizar (em vez de baptizar)

direto (em vez de directo)

adotar (em vez de adoptar)

objeção (em vez de objecção)

ato (em vez de acto)

ótimo (em vez de óptimo)

acionar (em vez de accionar)

abstração (em vez de abstracção)

atual (em vez de actual)

Mas atenção...

quando a consoante for pronunciada, sua grafia é de uso facultativo. Há casos de pronúncia de consoantes mudas mais comuns no Brasil: peremptório (em vez de perentório), aspecto (em vez de aspeto), corrupto (em vez de corruto), recepção (em vez de receção) etc. Em Portugal, onde a pronúncia de consoantes mudas é mais frequente, outros casos são mais comuns: facto (em vez de fato), sector (em vez de setor), carácter (em vez de caráter), amnistia (em vez de anistia), sumptuoso (em vez de suntuoso), ceptro (em vez de cetro), subtil (em vez de sutil), amígdala (em vez de amídala), omnipotente (em vez de onipotente), omnisciente (em vez de onisciente) etc.

3. Palavras que terminam com sílaba tônica seguida de sufixo de origem tupi-guarani devem ser grafadas com hífen:

amoré-guaçu

capim-açu

anajá-mirim

Ceará-Mirim

andá-açu

Embu-Guaçu

Sugestões de leitura

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo*: criação lexical. São Paulo: Ática, 2002.

Com base em estudos lexicológicos e lexicográficos, trata-se de uma maneira prática de compreender os principais processos de formação de palavras do português na atualidade, sobretudo as produções neológicas. O livro introduz o leitor no universo da morfologia de abordagem funcionalista.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

Trata-se de uma gramática atualizada do ponto de vista teó-rico, pautando-se na orientação normativa e apresentando maior número possível de fatos gramaticais. Seu autor discute, de maneira ampla, os principais processos de formação de palavras em português, além de incorporar as regras estabelecidas pelo novo acordo ortográfico.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

Gramática que procura desvelar o conhecimento linguístico armazenado na mente dos falantes, levando em consideração o registro do português brasileiro. Este livro apresenta reflexões importantes sobre a formação do léxico, a lexicalização, o vocabulário e o dicionário, mostrando um quadro cronológico dos dicionários da língua portuguesa e trazendo também comentários interessantes sobre o novo acordo ortográfico.

CUNHA, Celso. *Gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Padrão, 1980.

Embora comprometida com a Nomenclatura Gramatical Brasileira, o que lhe impõe certas restrições, esta gramática apresenta uma visão lúcida e firme sobre fenômenos morfológicos no português contemporâneo. É uma das gramáticas que melhor apresentam definições para as diferentes classes de palavras.

SILVA, Maurício. *O novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*: o que muda, o que não muda. São Paulo: Contexto, 2008.

Primeiro livro publicado no Brasil sobre o assunto, apresenta não apenas suas principais regras, mas também um bom panorama da história da ortografia da língua portuguesa, bem como discute as implicações do acordo ortográfico. O livro traz ainda o texto integral das bases do novo acordo.

SILVA, Maurício (org.). *Ortografia da língua portuguesa*: história, discurso, representações. São Paulo: Contexto, 2009.

Trata-se de um livro que apresenta a ortografia da língua portuguesa sob perspectivas diversas, indo de sua história até considerações acerca das suas representaões no cenário linguístico nacional, sem se esquecer, evidentemente, do novo acordo ortográfico. O livro traz uma bibliografia aprofundada sobre o assunto, congregando estudos de especialistas nacionais e estrangeiros.

Bibliografia

AGUIAR, Monalisa dos Reis. *A ortografia da língua portuguesa na segunda metade do século XIX e no início do século XX*: dos projetos de reforma ao acordo ortográfico de 1931. São Paulo, 2005. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

CASTRO, Ivo; DUARTE, Inês; LEIRIA, Isabel (orgs.). *A demanda da ortografia portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, 1987.

ESTRELA, Edite. *A questão ortográfica*: reforma e acordos da língua portuguesa. Lisboa: Editorial Notícias, s.d.

FIGUEIREDO, Cândido de. *A ortografia no Brasil*: história e crítica. Lisboa: Clássica, 1929.

GARCIA, Afrânio da Silva. *História da ortografia do português do Brasil*. Rio de Janeiro, 1996. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

HOUAISS, Antônio. *A nova ortografia da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1991.

HOUAISS, Antônio. *O português no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 1992.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O português da gente*: a língua que estudamos; a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2006.

LUFT, Celso Pedro. *Grande manual de ortografia Globo*. Porto Alegre: Globo, 1983.

MATEUS, Maria Helena Mira. *A face exposta da língua portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2002.

NOLL, Volker; DIETRICH, Wolf (orgs.). *O português e o tupi no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010.

Os autores

Maurício Silva é professor do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Nove de Julho. Possui doutorado e pós-doutorado em Letras Clássicas e Vernáculas pela Universidade de São Paulo. É autor de *O novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa: o que muda, o que não muda e de Ortografia da língua portuguesa: história, discurso, representações*, ambos publicados pela Editora Contexto.

Elenice Alves da Costa é professora de Língua Portuguesa na Universidade Nove de Julho. Possui mestrado em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. É membro dos grupos de pesquisa Interfaces do Léxico da Língua Portuguesa, e Linguística e Literatura: Teorias e Práticas Discursivas.

CADASTRE-SE no site da Editora Contexto para receber nosso boletim eletrônico circulando o saber na sua área de interesse e também para acessar os conteúdos exclusivos preparados especialmente para você. **www.editoracontexto.com.br**

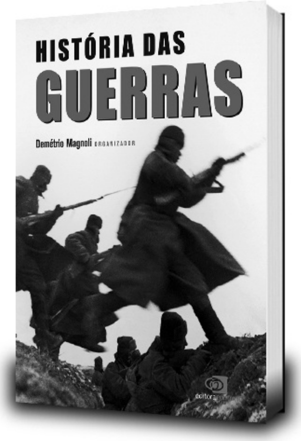
HISTÓRIA DAS
GUERRAS
Demétrio Magnoli ORGANIZADOR

HISTÓRIA
LÍNGUA PORTUGUESA
GEOGRAFIA
FORMAÇÃO DE PROFESSORES
MEIO AMBIENTE
INTERESSE GERAL
EDUCAÇÃO
JORNALISMO
FUTEBOL
ECONOMIA
TURISMO
SAÚDE

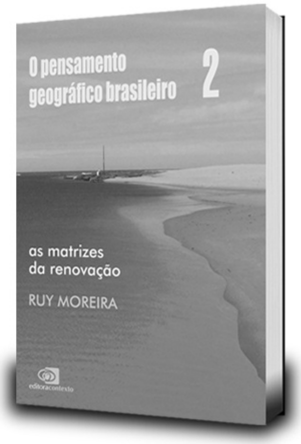
O pensamento geográfico brasileiro 2
as matrizes da renovação
RUY MOREIRA
editoracontexto

O historiador e suas fontes
Carla Bassanezi Pinsky • Tania Regina de Luca
editoracontexto

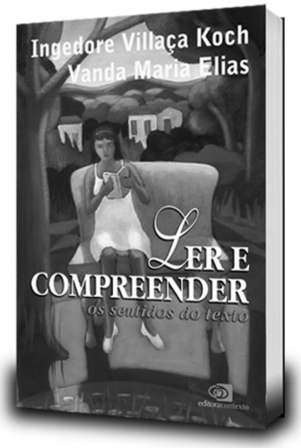
Ingedore Villaça Koch
Vanda Maria Elias
LER E COMPREENDER
os sentidos do texto
editoracontexto

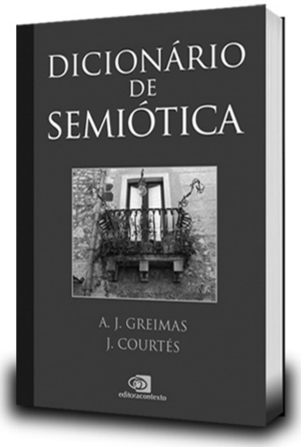
DICIONÁRIO DE SEMIÓTICA
A. J. GREIMAS
J. COURTÉS
editoracontexto

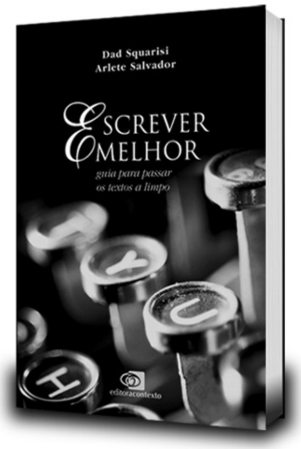
Dad Squarisi
Arlete Salvador
ESCREVER MELHOR
guia para passar os textos a limpo
editoracontexto

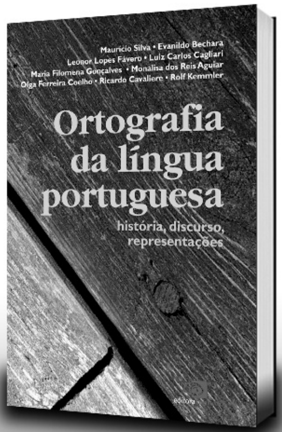
Maurício Silva • Evanildo Bechara
Leonor Lopes Fávero • Luiz Carlos Cagliari
Maria Filomena Gonçalves • Monalisa dos Reis Aguiar
Olga Ferreira Coelho • Ricardo Cavaliere • Rolf Kemmler
Ortografia da língua portuguesa
história, discurso, representações

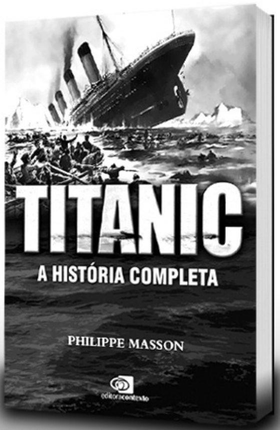
TITANIC
A HISTÓRIA COMPLETA
PHILIPPE MASSON
editoracontexto

OS AMERICANOS
Antonio Pedro Tota

MARCOS GUTERMAN
O futebol explica o Brasil
Uma história da maior expressão popular do país
editoracontexto

CONHEÇA os canais de comunicação da Contexto na web e faça parte de nossa rede
twitter YouTube Broadcast Yourself™ flickr facebook orkut **www.editoracontexto.com.br/redes/**

editora contexto
Promovendo a Circulação do Saber

GUIA PRÁTICO DA NOVA ORTOGRAFIA

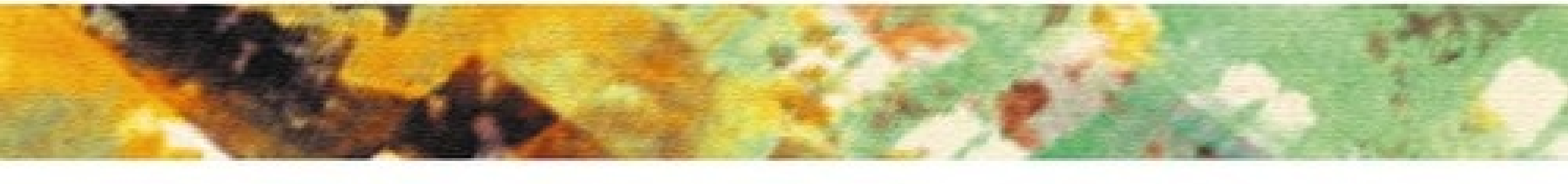

Maurício Silva
Elenice Alves da Costa

editoracontexto

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.org*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

GUIA
PRÁTICO DA
NOVA
ORTOGRAFIA

Maurício Silva
Elenice Alves da Costa

editoracontexto

Copyright © 2011 dos Autores

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Contexto (Editora Pinsky Ltda.)

Montagem de capa e diagramação
Gustavo S. Vilas Boas

Preparação de textos
Mirelle Mie Iano

Revisão
Lilian Aquino

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Silva, Maurício

Guia prático da nova ortografia / Maurício Silva, Elenice Alves da Costa. – 1. ed., 2ª reimpressão. – São Paulo : Contexto, 2012.

Bibliografia

ISBN 978-85-7244-695-2

1. Português – Ortografia I. Costa, Elenice Alves da. II. Título.

12-00651 CDD-469.152

Índice para catálogo sistemático:

1. Ortografia : Português : Linguística 469.152

2012

EDITORA CONTEXTO
Diretor editorial: *Jaime Pinsky*

Rua Dr. José Elias, 520 – Alto da Lapa
05083-030 – São Paulo – SP
PABX: (11) 3832 5838
contexto@editoracontexto.com.br
www.editoracontexto.com.br

Versão digital criada pela Schäffer: www.studioschaffer.com

Introdução

O período de transição acabou. Em 2012 termina o prazo dado pelo governo brasileiro para que o novo acordo passe a ser utilizado por todos, tornando-se obrigatória a utilização das novas normas ortográficas. Desse modo, escolas, meios de comunicação impressa, órgãos e departamentos oficiais, enfim, todos aqueles que, direta ou indiretamente, dependem da língua portuguesa escrita passaram a ter uma preocupação a mais: a adaptação de sua grafia para as novas regras do acordo.

Formulado entre 1986/1990, o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa foi aprovado pelas nações que compõem a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Desde 2009, as regras já valem no Brasil. Mas até agora ainda era permitida a utilização das regras antigas. Muito se discutiu acerca da pertinência dessas novas regras, das condições de adaptabilidade às diretrizes do novo acordo, dos aspectos positivos e negativos das mudanças etc. De toda essa discussão, contudo, há pelo menos um consenso: em 2012 encerra-se o período de adaptação ao novo acordo e as mudanças previstas passam a valer de verdade, e, gostemos ou não, todos nós temos de nos adaptar.

Foi exatamente pensando nisso que escrevemos esse *Guia prático da nova ortografia*, redigido e organizado de modo a oferecer ao leitor uma exposição mais dinâmica das mudanças ortográficas, simplificando sua consulta e facilitando o emprego da língua escrita no seu dia a dia. Resumimos ao máximo as normas do acordo, para, assim, auxiliar o leitor no trabalho de encontrar a correta forma gráfica das palavras que compõem o extenso e variado léxico da língua portuguesa. Por isso, dividimos o vasto conjunto de regras previstas nas bases do novo acordo em alguns poucos grupos que contemplassem o maior número possível de vocábulos da língua.

Com isso, enfim, nosso objetivo é tanto promover o modo *correto* de escrever – ortografia: *orto* (correto) + *grafia* (escrita) –, quanto oferecer ao leitor um guia de consulta rápida e facilitada, a fim de que suas dúvidas possam ser suprimidas com clareza e eficácia.

Seguem, às regras aqui expostas, algumas sugestões de leitura para quem quiser se aprofundar no assunto, bem como uma bibliografia voltada para especialistas estudiosos da língua que, porventura, busquem uma fonte de consulta e pesquisa mais especializada.

Regras:
mudanças e permanências

ALFABETO

O que foi acrescentado

1. As letras K, Y, W em antropônimos (nomes de pessoas), topônimos (nomes de lugares) e outros casos específicos (siglas, símbolos e unidades de medida):

Byroniano

Kuwait

Darwin

Kwanza

Ely

Malawiano

Franklin

Taylorista

Kant

Wagner

Kardec

Washington

Kepler

Watt

KLM

Yeda

O que foi eliminado (ou adaptado)

1. Algumas consoantes finais de antropônimos:

José (de Joseph)

Judite (de Judith)

Nazaré (de Nazareth)

Bete (de Beth)

Rute (de Ruth)

O que foi mantido (mas que pode ser simplificado)

1. Algumas consoantes finais de antropônimos:

Baruch ou *Baruc*
Josafat ou *Josafá*
Enoch ou *Enoc*
Loth ou *Lot*
Moloch ou *Moloc*
Ziph ou *Zif*
David ou *Davi*
Aleph ou *Alef*
Jacob ou *Jacó*
Inah ou *Iná*
Job ou *Jó*
Dinah ou *Diná*

Mas atenção...

para efeito legal, os antropônimos devem permanecer com a grafia com que foram registrados no cartório de registro civil.

O que foi recomendado

1. Algumas formas estrangeiras de topônimos:

Antuérpia (de Anvers)
Xangai (de Shanghai)
Milão (de Milano)
Quebeque (de Québec)
Zurique (de Zürich)
Madri (de Madrid)
Munique (de München)
Bordéus (de Bordeaux)
Genebra (de Genève)
Berlim (de Berlin)
Turim (de Torino)
Mineápolis (de Minneapolis)
Londres (de London)
Iêmen (de Yemen)

Mas atenção...

deve-se manter a grafia original dos topônimos que não possuem correspondente no português (Washington, Los Angeles, Buenos Aires, Zagreb, La Paz). Há casos em que se consagrou, principalmente pela frequência de uso, uma grafia mista (Nova York, Nova Jersey).

Como era antes do acordo?

Antes do acordo, algumas letras do alfabeto e algumas terminações de antropônimos não existiam oficialmente; já em relação aos topônimos, não havia nenhuma determinação explícita sobre a alteração de sua grafia.

LETRAS MAIÚSCULAS E MINÚSCULAS

Emprego de letras minúsculas

1. Nomes de meses, estações do ano, dias da semana e pontos cardeais:

janeiro
fevereiro
março
abril
maio
junho
julho
agosto
setembro
outubro
novembro
dezembro
primavera
verão
outono
inverno
segunda-feira
terça-feira
quarta-feira
quinta-feira
sexta-feira
sábado
domingo
norte
sul
leste
oeste
sudeste
nordeste
noroeste

sudoeste

Mas atenção...

quando empregados com sentido absoluto, os pontos cardeais e vocábulos equivalentes devem ser grafados em maiúscula: Nordeste (por nordeste do Brasil), Norte (por norte de Portugal), Meio-Dia (pelo sul da França), Ocidente (por ocidente europeu), Oriente (por oriente asiático) etc.

Emprego de letras maiúsculas ou minúsculas

1. Citações bibliográficas, formas de tratamento e reverência, nomes sagrados, domínios do saber e logradouros:

Memórias póstumas de Brás Cubas ou *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

Grande sertão: veredas ou *Grande Sertão: Veredas*

Casa-grande e senzala ou *Casa-Grande e Senzala*

O crime do padre Amaro ou *O Crime do Padre Amaro*

Santa Isabel ou *santa Isabel*

Doutor Carlos Ferreira ou *doutor Carlos Ferreira*

Papa João Paulo II ou *papa João Paulo II*

Senhor Roberto ou *senhor Roberto*

Matemática Aplicada ou *matemática aplicada*

Educação Física ou *educação física*

História do Brasil ou *história do Brasil*

Linguística ou *linguística*

Rua do Ouvidor ou *rua do Ouvidor*

Estrada das Figueiras ou *estrada das Figueiras*

Edifício Copan ou *edifício Copan*

Igreja do Rosário ou *igreja do Rosário*

Palácio do Governo ou *palácio do governo*

Bairro da Mooca ou *bairro da Mooca*

Mas atenção...

nunca se deve escrever com letra minúscula os nomes próprios, mesmo que façam parte de um dos casos anteriormente descritos: Brás Cubas, Amaro, Carlos Ferreira, João Paulo etc.

Como era antes do acordo?

Antes do acordo, algumas palavras eram escritas somente com letras maiúsculas; em alguns casos, como o das citações bibliográficas, o uso de maiúscula ou minúscula já era facultativo.

ACENTOS

Trema

1. Eliminação do trema nos encontros GUE, GUI, QUE, QUI, em que a letra U for pronunciada:

aguentar equestre
antiquíssimo *frequente*
arguição *iniquidade*
cinquenta *linguiça*
cinquentenário linguística
consequência *quinquênio*
enxágue *subsequente*

Mas atenção...

em nomes próprios e de logradouros estrangeiros e seus derivados, deve-se manter a grafia original, com trema: Müller (mülleriano), Hübner (hübneriano), Bündchen, Süddeutsche, Kümmel etc.

Acento agudo

1. Eliminação do acento agudo nos ditongos abertos tônicos EI e OI, quando eles estiverem em posição de sílaba paroxítona:

ideia
estreia
assembleia
estreio
asteroide
geleia
boia
hebreia
celuloide
heroico
claraboia
alcaloide
colmeia
jiboia
Coreia *joia*
debiloide
odisseia
epopeia
paranoia
estoico
paranoico
plateia

Mas atenção...

no caso de palavras que possuem as condições expostas anteriormente, mas que obedecem à regra de paroxítonas terminadas em R, o acento agudo permanece, em benefício dessa regra: Méier, destróier etc. Além disso, deve-se manter a acentuação dos ditongos abertos tônicos das palavras oxítonas: anéis, batéis, fiéis, papéis, corrói, herói etc.

2. Eliminação do acento agudo no I e U tônicos em posição de hiato, precedidos de ditongo, das palavras paroxítonas:

baiuca
cauila
bocaiuva
feiura
boiuna
Sauipe
boiuno
tauismo

Mas atenção...

a regra não incide sobre as palavras que possuem as mesmas condições descritas, mas são oxítonas ou proparoxítonas (teiú, maiúsculo, feiíssimo, precaríssimo, cheiíssimo, friíssimo); ou cujos I e U tônicos não são precedidos de ditongo (aí, baú, cafeína, saída, saúde, país, viúvo, saístes, saúva).

3. Verbos terminados em UAR podem ou não ser acentuados, conforme sua pronúncia:

(eu) averíguo ou *averiguo*

(ele) averígua ou *averigua*

averígue ou *averigue (você)*

(eu) enxáguo ou *enxaguo*

(ele) enxágua ou *enxagua*

enxágue ou *enxague (você)*

(eu) apazíguo ou *apaziguo*

(ele) apazígua ou *apazigua*

apazígue ou *apazigue (você)*

(eu) águo ou *aguo*

(ele) água ou *agua*

águe ou *ague (você)*

Acento circunflexo

1. Eliminação do acento circunflexo nos encontros vocálicos OO e EE:

abençoo magoo

coo (de coar)

moo (de moer)

coroo

perdoo

creem

povoo

deem

releem

doo (de doar)

reveem

enjoo

veem

leem voo

zoo

Acentos agudo e circunflexo

1. Eliminação dos acentos agudo e circunflexo diferenciais em palavras homógrafas (com mesma grafia):

para (de parar)

pelo (substantivo)

pela (de pelar)

pelo (de pelar)

pela (substantivo)

pera (substantivo)

polo (substantivo) pero (substantivo)

2. Manutenção dos acentos agudo e circunflexo diferenciais em palavras homógrafas:

pôde (passado)/pode (presente)

pôr (verbo)/por (preposição)

tem (singular)/têm (plural)

vem (singular)/vêm (plural)

abstém (singular)/abstêm (plural)

contém (singular)/contêm (plural)

retém (singular)/retêm (plural)

convém (singular)/convêm (plural)

Mas atenção...

alguns acentos diferenciais são de uso facultativo: amámos (passado)/amamos (presente) e demais formas verbais da primeira conjugação (verbos terminados em -AR), dêmos (presente do subjuntivo)/demos (passado), fôrma (substantivo)/forma (verbo).

3. Manutenção dos acentos circunflexo e agudo em palavras que permitem dupla acentuação, sendo as primeiras formas mais usadas no Brasil e as segundas, em Portugal:

econômico ou *económico*
Antônio ou *António*
acadêmico ou *académico*
prêmio ou *prémio*
fêmur ou *fémur*
gênero ou *género*
bebê ou *bebé*
fenômeno ou *fenómeno*
canapê ou *canapé*
bônus ou *bónus*
matinê ou *matiné*
sêmen ou *sémen*
purê ou *puré*
fênix ou *fénix*
ônix ou *ónix*

Como era antes do acordo?

Antes do acordo, várias palavras eram acentuadas, seja com o trema (lingüiça, agüentar, freqüente, conseqüência, cinqüenta etc.), seja com o acento agudo (idéia, assembléia, hebréia, paranóico, heróico), seja com o acento circunflexo (vôo, enjôo, perdôo, crêem, lêem, vêem etc.). Além disso, algumas palavras possuíam o acento diferencial (pára/para).

HÍFEN

Palavras que possuem hífen

1. Palavras formadas por prefixação, em que o prefixo termina por vogal e a palavra seguinte inicia-se por vogal igual (*VOGAL 1 + VOGAL 1*):

alfa-aglutinação
entre-eixo
ante-estreia
extra-abdominal
anti-ibérico
extra-axial
anti-ictérico
hidro-oligocitemia
anti-imperialista
homo-ousiano
anti-individualista
infra-acústico

anti-infeccioso
anti-inflacionário
anti-inflamatório
anti-intelectual
arqui-inimigo
arqui-irmandade
auto-observação
auto-ônibus
auto-organização
auto-oxidação
beta-amilase
bi-ilíaco
contra-apelação
contra-abertura
contra-almirante
contra-anunciar
contra-assinado
contra-atacado
contra-avisar
di-iodado
di-iodeto
eletro-óptico

infra-assinado
infra-atômico
infra-axilar
intra-amniótico
intra-auricular
iso-osmótico
mega-ação
micro-ondas
micro-ondulação
micro-ônibus
neo-ortodoxo
poli-isopreno
proto-orgânico
proto-organismo
pseudo-occipital
retro-ocular
sobre-elevado
sobre-erguer
sobre-estimar
sobre-existir
sobre-exposição
supra-atmosférico
supra-auricular

Mas atenção...

não se separam por hífen palavras que, apesar de terem vogais iguais, iniciam-se pelos prefixos átonos CO-, PRE- e RE-: coobrigação, coorganização, coorientador, preexistente, preelaborar, preestabelecido, reescrever, reedição, reerguer, reestabelecer etc. De acordo com a morfologia portuguesa e com as bases do novo acordo, nas formações em que o prefixo PRE- for tônico, ele deve ser grafado com acento e separado por hífen: pré-estreia, pré-lançamento etc. (Ver item 4 a seguir.)

2. Palavras compostas por justaposição, isto é, em que ambos os elementos da composição são vocábulos independentes:

abaixo-assinado
afro-asiático
alcaide-mor
amor-perfeito
arco-íris
ave-maria
azul-escuro
bate-boca
belo-horizontino
boa-fé
cabra-cega
cabra-macho
caminhão-pipa
carro-chefe
carta-bilhete
carta-bomba
cirurgião-dentista
conta-gotas
decreto-lei
ferro-velho
finca-pé
guarda-chuva
guarda-noturno
indo-europeu
joão-ninguém
luso-brasileiro
mato-grossense
mato-grossense-do-sul
médico-cirurgião
mesa-redonda
pão-duro
para-choque
para-lamas
para-raios
porta-bandeira
porta-malas
porto-alegrense
primeiro-ministro
rio-grandense-do-norte
roda-viva
rubro-negro
sul-africano
tenente-coronel
tio-avô
vaga-lume
vitória-régia

Mas atenção...

algumas poucas palavras compostas por justaposição – cuja noção de composição, em certa medida, desapareceu – perderam o hífen: paraquedas, paraquedista, mandachuva; outras já eram grafadas sem hífen antes do acordo (pontapé, madressilva, girassol, ferromodelismo, radiorrelógio).

3. Palavras compostas por justaposição que designam espécies botânicas e zoológicas:

abóbora-menina
andorinha-da-serra
andorinha-do-mar
andorinha-grande
bem-te-vi
cobra-capelo
cobra-d'água
contra-erva
contra-erva-bastarda
contra-erva-do-peru
couve-de-bruxelas
couve-flor
cravo-da-índia
erva-cidreira
erva-doce
erva-do-chá
ervilha-de-cheiro
fava-de-santo-inácio
feijão-verde
flor-do-espírito-santo
formiga-branca
formiga-de-roça
formiga-ferro
lebre-da-patagônia
lesma-de-conchinha
mico-leão-dourado
peixe-do-paraíso
peixe-espada
peroba-do-campo
pimenta-do-reino
pintassilgo-verde
sabiá-laranjeira
tamanduá-bandeira

Mas atenção...

não se usa hífen no caso de tais nomes exprimirem sentido diferente de espécies botânicas e zoológicas: bico de papagaio (problema de coluna), olho de boi (tipo de selo) etc.

4. Palavras formadas por prefixação com os seguintes prefixos: ad-, ab-, ob-, bem-, além-, aquém-, recém-, sem-, ex-, sota-, soto-, vice-, vizo-, pós-, pré-, pró-, grã-, grão-, pan-, circum-, mal-, má-, sub- e sob-:

ab-reativo
ab-rogar
ad-digital
ad-referendar
ad-renal
além-Atlântico
além-fronteira
além-mar
aquém-mar
bem-acondicionado
bem-aventurado
bem-criado
bem-cuidado
bem-disposto
bem-estar
bem-nascido
bem-passado
bem-vindo
bem-visto
circum-adjacência
circum-escolar
circum-murado
circum-navegação
circum-murar
ex-almirante

pan-africano
pan-americano
pan-mágico
pan-negritude
pós-doutorado
pós-exílio
pós-graduação
pós-menopausa
pós-moderno
pós-morte
pós-parto
pós-tônico
pré-adolescência
pré-anestésico
pré-atômico
pré-avisar
pré-cabralino
pré-capitalismo
pré-escolar
pré-natal
pré-socrático
pré-vestibular
pró-africano
pró-europeu
pró-hominídeo

ex-diretor
ex-hospedeira
ex-marido
ex-presidente
ex-primeiro-ministro
grã-duque
grã-fina
grão-cruz
grão-ducal
grão-mestre
grão-rabino
má-educação
má-fé
má-formação
mal-acostumado
mal-afortunado
mal-amado
mal-assado
mal-assombrado
mal-entendido
mal-estar
mal-humorado
mal-limpo
ob-rogar
recém-casado
recém-nascido
sem-terra
sem-teto
sem-vergonha
sob-roda
sob-rojar
sota-almirante
sota-ministro
sota-piloto
soto-mestre
soto-pôr
soto-posto
soto-soberania
sub-base
sub-brigadeiro
sub-ramal
sub-região
sub-reitor
vice-prefeito
vice-presidente
vice-reino
vice-reitor
vice-secretário
vizo-rei

Mas atenção...

a) com os prefixos ab-, ad- e ob-, o hífen se mantém apenas diante de palavras iniciadas por B, D ou R, já que nos demais casos ele desaparece (abceder, abmaterializar, adnominar, adgeração, obcomprimido, obpiramidal);

b) com o prefixo mal-, o hífen se mantém apenas diante de palavras iniciadas por VOGAL, H ou L, e nos demais casos ele desaparece (malcriado, malnascido, malfalante, malfeito, maldisposto);

c) com os prefixos sub- e sob-, o hífen se mantém apenas diante de palavras iniciadas por R e B também desaparecendo nos demais casos (sobpesar, sobsaia, subcapítulo, subcutícula, subdelegar, subtropical);

d) com os prefixos circum- e pan-, o hífen se mantém apenas diante de palavras iniciadas por VOGAL, M ou N, e nos demais casos ele desaparece (panfrancesismo, pancontinental, pansemítico, pantropical, circumpacífico, circumpolar, circuncentral, circunlocução, circunvizinhar);

e) com o prefixo bem-, o hífen desaparece somente se o segundo elemento for derivado dos verbos fazer ou querer (benfazejo, benfeito, benfeitor, benfeitoria, benquerença, benquisto, benquerer.

Palavras que não possuem hífen

1. Palavras formadas por prefixação, em que o prefixo termina por vogal e a palavra seguinte inicia-se por vogal diferente (*VOGAL 1 + VOGAL 2*):

agroecologia
agroecossistema
agroexportador
agroindústria
antiadministrativo
antiagrícola
antialcoólico
antialérgico
antiamarílico
antiamericanismo
antiárabe
antiarte

coagente
coator
coautor
coautoria
coeditor
coeducação
contraescritura
contraespionar
contraestímulo
contraexemplo
contraexpor
contraextensão

antiatômico
antieconômico
antiescolar
antiescolástico
antievolucionista
antioligarquia
antioxidante
autoacusação
autoadesivo
autoadministração
autoafirmar
autoajuda
autoanálise
autoaprendizado
autoaprendizagem
autoeducação
autoescola
autoestima
autoestrada
autoimune
autoindução
autoinoculação
autointoxicação
coactante
coacusado
coadaptação
coadaptar
coadquirir
contraincisão
contraindicado
contrainquérito
contrainvertido
contraoferta
extraescolar
extraestatal
extraestatuário
extraocular
extraoficial
extraorbital
extraorgânico
extraurbano
hidroaéreo
hidroaeroplano
hidroagrícola
hidroaviação
hidroencefalia
hidroextração
infraescavação
infraestrutura
infraocular
infraordem
intraocular
intraoral
plurienal
pluriestratificação
pluriocular

coadunar
pluriovular
semiárido

2. Palavras formadas por prefixação, em que o prefixo termina por vogal e a palavra seguinte inicia-se por consoante (no caso das consoantes serem R ou S, elas devem ser dobradas) (*VOGAL* + *CONSOANTE*):

afrodescendente
anticlerical
antirrábico
antirracional
antirracista
antirradiação
antirreal
antirreflexo
antirreforma
antirregimental
antirregulamentar
antirreligioso
antirrepublicano
antirrevolucionário
antirroubo
antirrugas
antirruído
antissemita
antisséptico
antissocial
arquimilionário
autorradiografia
autorreflexão
cosseno
eletrorradiologia
eletrosseção
extrajudiciário
extrarregular
extrarregular
extrasseco
extrassensível
extrassolar
infrassom
justafluvial
metatexto
microcirurgia
microssaia
microssegundo
microssocial
minirretrospectiva
minissubmarino
neoliberal
neorrepublicano
protomártir
protorreligião
protorrevolucionário

autorregeneração
autorregulação
autorretrato
autosserviço
autossubsistência
autossuficiência
autossugestão
autossustentável
biorritmo
contrapeso
Contrarreforma
contrarregra
contrarroda
contrassenha
contrassenso
contrassugestão
contraveneno
copiloto
corresponsável
cossegurar

protorromance
protossatélite
semirreta
semisselvagem
supracitado
suprarrenal
suprassumo
ultraliberal
ultrarracional
ultrarraro
ultrarrealista
ultrarrevolucionário
ultrarromântico
ultrarroxo
ultrassecreto
ultrassecular
ultrassensível
ultrassonografia
ultrassonoro
ultrarrápido

Mas atenção...

a) como visto anteriormente, nos adjetivos pátrios compostos deve-se manter o hífen (afro-brasileiro, greco-romano, sino-brasileiro, austro-húngaro, luso-brasileiro, sul-rio-grandense etc.), o que não ocorre quando tais elementos formarem outros tipos de adjetivos compostos (anglofalante, lusófono, francofonia, germanofilia etc.).

b) Para ver o funcionamento da regra VOGAL + H, veja este boxe.

3. Palavras formadas por prefixação, em que o prefixo termina por consoante e a palavra seguinte inicia-se por consoante diferente (*CONSOANTE 1* + *CONSOANTE 2*):

supersafra
supersensual
hipersensível
supersecreto
hipersensual
superdotado
supersônico
hipertenso
supersimples
hiperpigmentação

Mas atenção...

as palavras formadas por prefixação em que ambas as consoantes são iguais (CONSOANTE 1 + CONSOANTE 1) mantêm o hífen: hiper-reativo, inter-relacionado, super-resistente, super-requintado, super-resfriado, super-realista, inter-racial, super-realismo, inter-regional etc.

4. Palavras formadas por prefixação, em que o prefixo termina por consoante e a palavra seguinte inicia-se por vogal (*CONSOANTE* + *VOGAL*):

hiperácido
superaquecer
hiperagudo
superatrasado
hiperamável superego
hiperativo
superinterior
hiperinflação
superocupado
superagitado
superúmido

Mas atenção...

os vocábulos formados por prefixação – incluindo aqueles com prefixos terminados por vogal (ver esta regra) –, cujo segundo elemento inicia-se por H, mantêm o hífen: pré-história, semi-hospitalar, geo-história, sub-hepático, anti-higiênico, contra-harmônico, extra-humano, super-homem, ultra-hiperbólico, neo-helênico, pan-helenismo, anti-herói, anti-hemorrágico, anti-histórico, anti-horário, anti-humano, contra-haste, extra-hepático, extra-hospitalar, geo-hidrografia, neo-horizontino, pan-hispânico, semi-homem, semi-humano, semi-histórico, sub-humano, sub-horizontal, super-habilidade, ultra-honesto, ultra-humano, pré-helênico, pré-histórico. Com exceção daqueles que possuem os prefixos CO- e RE-: coabitar, coerdeiro, reaver etc.

5. Locuções e expressões compostas que possuem termo de ligação (preposição, conjunção, artigo, pronome etc.):

bicho de sete cabeças *leva e traz*
café com leite *mão de obra*
camisa de força *maria vai com as outras*
cara de pau *olho de sogra*
deus me livre *pai de todos*
deus nos acuda *pão de ló*
dia a dia *pé de moleque*
diz que diz *pé de vento*
faz de conta *ponto e vírgula*
queda de braço

Mas atenção...

algumas locuções e expressões, em razão de serem consagradas pelo uso – ou que designam espécies botânicas e zoológicas, como vimos anteriormente –, continuam sendo grafadas com hífen: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa, gota-d´água. Também mantiveram o hífen as expressões compostas por elementos iguais ou parecidos: reco-reco, blá-blá-blá, zum-zum, tico-tico, tique-taque, cri-cri, pingue-pongue, zigue-zague, esconde-esconde, pega-pega, corre-corre, quebra-quebra etc.

6. Palavras em que o advérbio de negação NÃO atua como prefixo:

não agressão *não alinhado*
não violência *não localizado*
não governamental *não euclidiano*
não fumante *não cumprimento*

não linear não ficção

não simétrico

não salariado

não contradição

não viciado

Como era antes do acordo?

Antes do acordo, várias palavras que perderam o hífen eram escritas com ele (co-herdeiro, neo-republicano, pára-quedas etc.) e algumas que ganharam o hífen eram escritas sem ele (microondas, antiinflacionário, autoobservação etc.).

TERMINAÇÕES

Terminações de palavras derivadas

1. Vocábulos derivados de palavras terminadas em -E(S) ganham o sufixo -IANO:

acriano (de Acre)

açoriano (de Açores)

euclidiano (de Euclides)

camoniano (de Camões)

torriano (de Torres)

comtiano (de Comte)

cabo-verdiano (Cabo Verde)

Terminações de verbos

1. Alguns verbos terminados em -IAR são conjugados no presente com -IO/-IA(M) ou -EIO/ -EIA(M):

(eu) negocio ou *negoceio*

(ele) negocia ou *negoceia*

(eles) negociam ou *negoceiam*

(eu) premio ou *premeio*

(ele) premia ou *premeia*

(eles) premiam ou *premeiam*

(eu) cadencio ou *cadenceio*

(ele) cadencia ou *cadenceia*

(eles) cadenciam ou *cadenceiam*

(eu) comercio ou *comerceio*

(ele) comercia ou *comerceia*

(eles) comerciam ou *comerceiam*

(eu) diligencio ou *diligenceio*

(ele) diligencia ou *diligenceia*

(eles) diligenciam ou *diligenceiam*

(eu) licencio ou *licenceio*

(ele) licencia ou *licenceia*

(eles) licenciam ou *licenceiam*

(eu) presencio ou *presenceio*

(ele) presencia ou *presenceia*

(eles) presenciam ou *presenceiam*

(eu) sentencio ou *sentenceio*

(ele) sentencia ou *sentenceia*

(eles) sentenciam ou *sentenceiam*

Mas atenção...

alguns verbos terminados em -IAR são conjugados apenas com -IO: (eu) noticio, (ele) noticia, (eu) calunio, (eles) caluniam, (eu) conferencio, (ele) conferencia, (eu) influencio, (eles) influenciam, (eu) principio, (eu) desafio, (eu) extravio; outros verbos terminam em -EIO: (eu) medeio, (ele) medeia, (eu) anseio, (eles) anseiam, (eu) remedeio, (ele) remedeia, (eu) incendeio, (eu) odeio.

Como era antes do acordo?

Antes do acordo, alguns vocábulos terminados em -E(S) aceitavam também, em seus derivados, a grafia com -eano: acreano, torreano, comteano.

Detalhes da nova ortografia

O novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa possui, além das regras anteriormente expostas, uma série de outros detalhes de escrita. Por não serem de uso muito frequente ou por se referirem a uma categoria de palavras que compreende poucos exemplos, foram colocados aqui sob a forma de curiosidades, embora – é bom que se saiba – são de uso obrigatório. São eles:

1. Nomes próprios, bem como nomes de marcas, títulos e abreviaturas devem seguir as regras de acentuação do novo acordo ortográfico:

Raul Pompeia
Quintino Bocaiuva
José de Alencar
Pelé
Telefônica (empresa de telefonia)
Pão de Açúcar (supermercado)
O Boticário (empresa de cosméticos)
Itaú (banco)
Caixa Econômica (banco)
álg. (abreviatura de álgebra)
cód. (abreviatura de código)
pág. (abreviatura de página)

Mas atenção...

conforme reza o acordo, por direito, “pode manter-se a grafia original de quaisquer firmas comerciais, nomes de sociedades, marcas e títulos que estejam inscritos em registro público”, ou seja, esses casos seguem uma grafia própria mesmo que ela não esteja contemplada pelas regras do acordo (Petrobras, Rhodia, Copagaz, Bob’s); no caso de nomes de pessoas falecidas, ao contrário do que costuma ocorrer com o nome de pessoas vivas, em que o registro civil é respeitado, prescreve-se sua grafia de acordo com a regra vigente (Elísio de Carvalho em vez de Elysio de Carvalho, Rui Barbosa em vez de Ruy Barbosa, Eça de Queirós em vez de Eça de Queiroz).

2. Algumas palavras perderam sua consoante muda não pronunciada:

ação (em vez de acção)

batizar (em vez de baptizar)

direto (em vez de directo)

adotar (em vez de adoptar)

objeção (em vez de objecção)

ato (em vez de acto)

ótimo (em vez de óptimo)

acionar (em vez de accionar)

abstração (em vez de abstracção)

atual (em vez de actual)

Mas atenção...

quando a consoante for pronunciada, sua grafia é de uso facultativo. Há casos de pronúncia de consoantes mudas mais comuns no Brasil: peremptório (em vez de perentório), aspecto (em vez de aspeto), corrupto (em vez de corruto), recepção (em vez de receção) etc. Em Portugal, onde a pronúncia de consoantes mudas é mais frequente, outros casos são mais comuns: facto (em vez de fato), sector (em vez de setor), carácter (em vez de caráter), amnistia (em vez de anistia), sumptuoso (em vez de suntuoso), ceptro (em vez de cetro), subtil (em vez de sutil), amígdala (em vez de amídala), omnipotente (em vez de onipotente), omnisciente (em vez de onisciente) etc.

3. Palavras que terminam com sílaba tônica seguida de sufixo de origem tupi-guarani devem ser grafadas com hífen:

amoré-guaçu

capim-açu

anajá-mirim

Ceará-Mirim

andá-açu

Embu-Guaçu

Sugestões de leitura

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo*: criação lexical. São Paulo: Ática, 2002.

Com base em estudos lexicológicos e lexicográficos, trata-se de uma maneira prática de compreender os principais processos de formação de palavras do português na atualidade, sobretudo as produções neológicas. O livro introduz o leitor no universo da morfologia de abordagem funcionalista.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

Trata-se de uma gramática atualizada do ponto de vista teó-rico, pautando-se na orientação normativa e apresentando maior número possível de fatos gramaticais. Seu autor discute, de maneira ampla, os principais processos de formação de palavras em português, além de incorporar as regras estabelecidas pelo novo acordo ortográfico.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

Gramática que procura desvelar o conhecimento linguístico armazenado na mente dos falantes, levando em consideração o registro do português brasileiro. Este livro apresenta reflexões importantes sobre a formação do léxico, a lexicalização, o vocabulário e o dicionário, mostrando um quadro cronológico dos dicionários da língua portuguesa e trazendo também comentários interessantes sobre o novo acordo ortográfico.

CUNHA, Celso. *Gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Padrão, 1980.

Embora comprometida com a Nomenclatura Gramatical Brasileira, o que lhe impõe certas restrições, esta gramática apresenta uma visão lúcida e firme sobre fenômenos morfológicos no português contemporâneo. É uma das gramáticas que melhor apresentam definições para as diferentes classes de palavras.

SILVA, Maurício. *O novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*: o que muda, o que não muda. São Paulo: Contexto, 2008.

Primeiro livro publicado no Brasil sobre o assunto, apresenta não apenas suas principais regras, mas também um bom panorama da história da ortografia da língua portuguesa, bem como discute as implicações do acordo ortográfico. O livro traz ainda o texto integral das bases do novo acordo.

SILVA, Maurício (org.). *Ortografia da língua portuguesa*: história, discurso, representações. São Paulo: Contexto, 2009.

Trata-se de um livro que apresenta a ortografia da língua portuguesa sob perspectivas diversas, indo de sua história até considerações acerca das suas representaões no cenário linguístico nacional, sem se esquecer, evidentemente, do novo acordo ortográfico. O livro traz uma bibliografia aprofundada sobre o assunto, congregando estudos de especialistas nacionais e estrangeiros.

Bibliografia

AGUIAR, Monalisa dos Reis. *A ortografia da língua portuguesa na segunda metade do século xix e no início do século xx*: dos projetos de reforma ao acordo ortográfico de 1931. São Paulo, 2005. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

CASTRO, Ivo; DUARTE, Inês; LEIRIA, Isabel (orgs.). *A demanda da ortografia portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, 1987.

ESTRELA, Edite. *A questão ortográfica*: reforma e acordos da língua portuguesa. Lisboa: Editorial Notícias, s.d.

FIGUEIREDO, Cândido de. *A ortografia no Brasil*: história e crítica. Lisboa: Clássica, 1929.

GARCIA, Afrânio da Silva. *História da ortografia do português do Brasil*. Rio de Janeiro, 1996. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

HOUAISS, Antônio. *A nova ortografia da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1991.

HOUAISS, Antônio. *O português no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 1992.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O português da gente*: a língua que estudamos; a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2006.

LUFT, Celso Pedro. *Grande manual de ortografia Globo*. Porto Alegre: Globo, 1983.

MATEUS, Maria Helena Mira. *A face exposta da língua portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2002.

NOLL, Volker; DIETRICH, Wolf (orgs.). *O português e o tupi no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010.

Os autores

Maurício Silva é professor do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Nove de Julho. Possui doutorado e pós-doutorado em Letras Clássicas e Vernáculas pela Universidade de São Paulo. É autor de *O novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa: o que muda, o que não muda e de Ortografia da língua portuguesa: história, discurso, representações*, ambos publicados pela Editora Contexto.

Elenice Alves da Costa é professora de Língua Portuguesa na Universidade Nove de Julho. Possui mestrado em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. É membro dos grupos de pesquisa Interfaces do Léxico da Língua Portuguesa, e Linguística e Literatura: Teorias e Práticas Discursivas.

CADASTRE-SE no site da Editora Contexto para receber nosso boletim eletrônico circulando o saber na sua área de interesse e também para acessar os conteúdos exclusivos preparados especialmente para você. **www.editoracontexto.com.br**

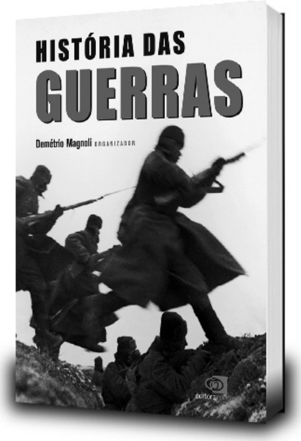
HISTÓRIA DAS
GUERRAS
Demétrio Magnoli ORGANIZADOR
editora contexto

HISTÓRIA
LÍNGUA PORTUGUESA
GEOGRAFIA
FORMAÇÃO DE PROFESSORES
MEIO AMBIENTE
INTERESSE GERAL
EDUCAÇÃO
JORNALISMO
FUTEBOL
ECONOMIA
TURISMO
SAÚDE

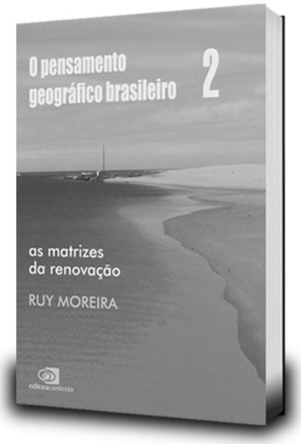
O pensamento geográfico brasileiro 2
as matrizes da renovação
RUY MOREIRA
editora contexto

O historiador e suas fontes
Carla Bassanezi Pinsky • Tania Regina de Luca
editora contexto

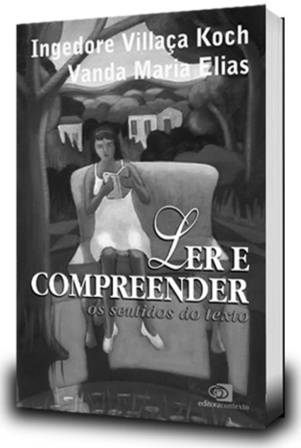
Ingedore Villaça Koch
Vanda Maria Elias
LER E COMPREENDER
os sentidos do texto
editora contexto

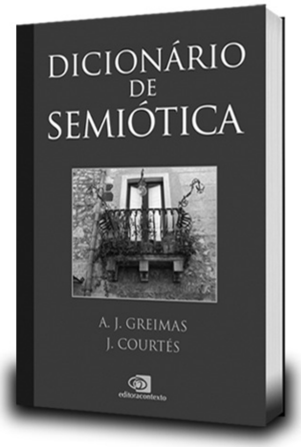
DICIONÁRIO DE SEMIÓTICA
A. J. GREIMAS
J. COURTÉS
editora contexto

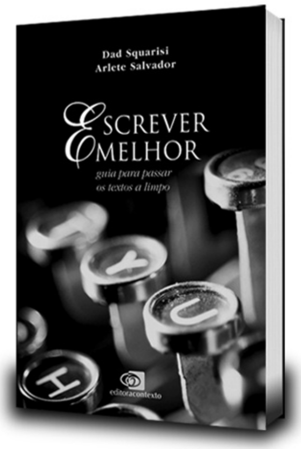
Dad Squarisi
Arlete Salvador
ESCREVER MELHOR
guia para passar os textos a limpo
editora contexto

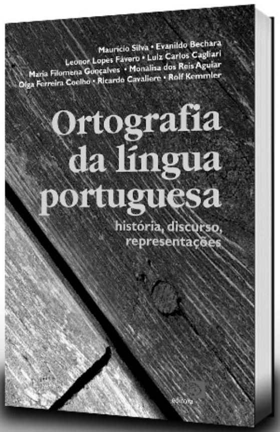
Maurício Silva • Evanildo Bechara
Leonor Lopes Fávero • Luiz Carlos Cagliari
Maria Filomena Gonçalves • Monalisa dos Reis Aguiar
Olga Ferreira Coelho • Ricardo Cavaliere • Rolf Kemmler
Ortografia da língua portuguesa
história, discurso, representações

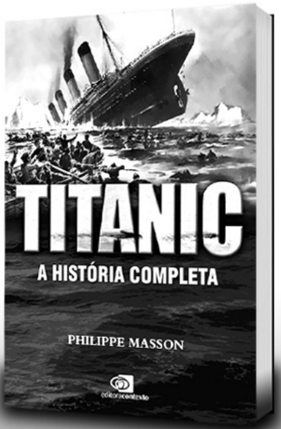
TITANIC
A HISTÓRIA COMPLETA
PHILIPPE MASSON
editora contexto

OS AMERICANOS
Antonio Pedro Tota

MARCOS GUTERMAN
O futebol explica o Brasil
Uma história da maior expressão popular do país
editora contexto

CONHEÇA os canais de comunicação da Contexto na web e faça parte de nossa rede

twitter YouTube flickr facebook orkut **www.editoracontexto.com.br/redes/**

editora contexto
Promovendo a Circulação do Saber

Qconcursos.com

PORTUGUÊS

Interpretação de textos
Coesão e Coerência

Prof.ª Isabel Vega

I) COERÊNCIA TEXTUAL → A coerência consiste no princípio da **não contradição** de sentidos entre as passagens de um mesmo texto ou entre as afirmações de um texto e o mundo real.

a) Coerência intertextual – aquela que diz respeito à relação de compatibilidade, de adequação, de não contradição entre os enunciados do texto, como ocorre, por exemplo, quando não se desdiz o que acabou de ser dito.

Ex.: **Todas as pessoas** buscam o amor, entretanto **alguns** preferem a solidão.

1) todas – feminino ≠ alguns – masculino
2) todas – totalidade ≠ alguns – parcialidade

b) Coerência extratextual – que concerne à adequação do texto a algo que lhe é exterior. Essa exterioridade pode ser

► o conhecimento de mundo: são aqueles dados referentes ao mundo físico, à cultura de um povo, ao conteúdo das ciências, por exemplo.

Ex.: O terremoto no Haiti, **na Ásia**, destruiu 70% das edificações da capital. (informação errada: **na América Central**)

► as regras gramaticais e os recursos semânticos da língua.

Ex.:Devemos estudar muito, **posto que** passar em concurso é difícil. (uso indevido do vocabulário: **posto que = embora**)

II) COESÃO TEXTUAL→ é o conjunto de mecanismos linguísticos por meio dos quais se integram as partes de um texto. Essa integração pode ocorrer com o emprego de **conectores** (preposições, conjunções, advérbios) ou com a **referenciação**, a **reiteração**, a **substituição de palavras** e a **elipse**.

a) Uso de conectores

Ex.1:{O [menino **de** óculos] pediu} {**que** todos colaborassem}.
↳preposição ↳conjunção integrante

Ex.2:[**Quando** chegou], [pediu desculpas] [**porque** se atrasara].
↳conjunção/tempo ↳conjunção/causa

b) Referenciação → retomada ou antecipação de termos da frase.

► **anáfora** – quando uma palavra do texto faz referência a outra já mencionada.

Ex.1: [**O menino** saiu cedo de casa] [porque **ele** tinha prova].

Ex.2: **Flores, bombons livros** adoro receber **isso**.

► **catáfora** – quando uma palavra faz referência a outra que ainda será mencionada no texto.

Ex.: **Esta** palavra é a única que você merece: **adeus**.

c) Reiteração e Paráfrase → repetição de palavras e ideias.

Ex.:"Em *Emílio*, Rousseau constrói a temporalidade da vida de Emílio como uma ficção, jamais se teria proposto a aplicá-la. O menino Emílio não existe, não existiu e não foi pensado para existir. Trata-se de um artifício lógico-dedutivo para meditar sobre a educação e as orientações do ensino. Emílio é alegoria para reflexão sobre o ato de educar as crianças. Emílio, que não é filho, tampouco é aluno... É um construto teórico e um suporte operatório para a análise conceitual do ato educativo."

(Carlota Boto. O Emílio como categoria operatória do pensamento rousseauniano.)

III. (   ) A repetição de palavras e o uso de paráfrases contribuem para estabelecer a coesão do texto.

d) Substituição

► **por sinônimos, antônimos, hiperônimos ou hipônimos, ou por termos metafóricos ou metonímicos.**

Ex.1: **João** é muito dedicado. **O garoto** quer sempre ajudar. **Esse menino** é um exemplo! (substituição por **sinonímia**)

Ex.2: Não haja com **pressa**! É preciso **calma** nessa hora. (substituição por **antonímia**)

Ex.3: Gosto de **maçã** e **banana**. Essas **frutas** são ótimas. (substituição por **hiperonímia**)

Ex.4:Gosto de **frutas**. **Banana** e **maçã** são minhas preferidas. (substituição por **hiponímia**)

Ex.5: **Machado de Assis** escreveu textos brilhantes. O **autor** é conhecido no mundo todo. (substituição por **metonímia**)

Ex.6: A **vizinha** não parava de falar. A **matraca** reclamava do aumento do condomínio. (substituição por **metáfora**)

► **por contiguidade** – formação de **campo semântico**, em que as palavras se relacionam pela identidade dos traços semânticos.

Ex.: Houve um grande **assalto** ao **Banco do Brasil**, que não deu certo. Os **policiais** conseguiram **prender** os **bandidos**, que foram transportados em várias **viaturas** para a **delegacia** mais próxima, onde se expuseram as **armas** e o produto do **roubo**.

e) Elipse → quando há a omissão de algum elemento do texto em algum dos contextos em que deveria ocorrer.

Ex.1:Com o noivado, ela **mudou** todos os planos; ele**,** só alguns.

Ex.2: [João e Maria casaram-se ontem] [e viajaram para Paris].

↳ sujeito em elipse

Questões de concurso:

- Nos versos de Luís de Camões: "E, enquanto eu estes canto e a vós não posso,/sublime Rei, pois não me atrevo a tanto.", há um recurso expressivo que consiste em inferir, a partir do contexto, um termo omitido. Essa figura de sintaxe denomina-se (**elipse**).

Coesão e Coerência

- “Em 2012, o CNJ promoveu, em parcerias com órgãos do Executivo e do Judiciário, campanhas importantes para promover o bem-estar do cidadão, como **a da** aplicação da Lei Maria da Penha no âmbito dos tribunais; **a do** reconhecimento da paternidade voluntária; **a do** fortalecimento da ideia de conciliação no Judiciário; e **a de** valorização da vida.”

No trecho “a do reconhecimento”, há elipse do termo “aplicação”, anteriormente utilizado.

( ) certo ( ) errado

MÓDULO 29

Crase – Regra, Ocorrência e Não-Ocorrência

CRASE

Comparando as frases *Naquelas férias fui à Grécia* (I) e *Naquelas férias fui a Israel* (II), percebemos que em (I) aparece um "a" com acento grave (à), o que não ocorre na frase (II). Isso acontece porque, apesar de as duas frases apresentarem o mesmo verbo *fui* (e quem vai, vai a algum lugar), os substantivos *Grécia* e *Israel* guardam entre si uma diferença. *Grécia* admite, antes dela, o artigo feminino "a" (estou vindo d**a** Grécia); ao passo que *Israel* já não é precedido por artigo feminino "a" (estou vindo de Israel).

Assim, podemos estabelecer que, para que haja *crase* (fusão de dois fonemas idênticos: a + a = à), é preciso detectarmos se o termo que antecipa (o regente) pede preposição "a" e se o termo que segue (o regido) é precedido ou não de artigo feminino "a", ou de qualquer outro fonema "a" (**a** qual, **a**s quais, **a**quele(s), **a**quela(s), **a**quilo).

Exemplo

O bedel *dirigiu-se* **à** *secretaria da escola*.
(1) (2)

(1) regente (2) regido

O regente (dirigiu-se) pede preposição "**a**", pois quem se dirige, na frase acima, dirige-se "**a**" algum lugar.
↑
preposição

Já o regido (secretaria da escola) admite, antes de si, artigo feminino "a" porque, substituindo o verbo da referida oração, teríamos: o bedel está vindo d**a** secretaria da escola.
↑
artigo feminino

Portanto, havendo preposição "a" junto ao **regente** e o artigo feminino "a" antes do **regido**, ocorrerá obrigatoriamente a presença da crase.

Outros exemplos

Alguém se referiu **à** tristeza que havia no seu olhar.
↑
a + a

Ele pediu **à** filha mais velha que o ajudasse.
↑
a + a

Quando cheguei **à** cantina, percebi que ela estava vazia.
↑
a + a

Obviamente, se não ocorrerem a preposição "a" e o artigo feminino "a", não haverá crase.

Exemplos

Não entendo **a** indiferença de meu pai.
(não entendo o silêncio de meu pai)

Concluindo: o termo regente (entendo) não pede preposição "a", pois é um verbo transitivo direto.

Naquele ano voltei **a** Guará.
(naquele ano estive em Guará)

Concluindo: o termo regido (Guará) não admite artigo feminino "a".

Desta forma, podemos estabelecer o seguinte:

1.°) é muito importante ficarmos atentos à regência verbal e nominal, para que possamos perceber a presença ou ausência da preposição "**a**";

2.°) também não devemos nos esquecer de que, em determinados casos, não ocorre artigo feminino "**a**", não havendo possibilidade de existir crase.

Observações Complementares

OCORRE CRASE

(1) *Locuções adverbiais femininas.*

Exemplos

à noite, à tarde, à vontade, à vista, à direita, à toa, às claras, às escondidas, às ocultas, às vezes, às pressas etc.

(2) *Locuções prepositivas.*

Exemplos

à espera de, à custa de, à procura de, à cata de, à vista de etc.

(3) *Locuções conjuntivas.*

Exemplos

à medida que, à proporção que.

(4) *Expressões adverbiais indicando o número de horas.*

Exemplos

à uma hora, às duas horas, às vinte horas etc.

(5) A expressão **à moda de**, mesmo que a palavra "moda" esteja oculta.

Exemplos

– bife à (moda) milanesa;
– estilo à (maneira de) Rui Barbosa.

(6) Os pronomes pessoais de tratamento: *senhora, senhorita, dona* e *madame* admitem artigo e poderão aparecer precedidos de crase.

Exemplos

Agradeço *à senhora* a oportunidade que me foi dada.
Peço *à senhorita* que refaça o teste...

NÃO OCORRE CRASE

1.°) Antes de palavras masculinas.

Exemplo

Ela não gostava de andar *a cavalo*.

2.°) Antes de verbo infinitivo.

Exemplo

Pus-me *a reclamar* da situação.

3.°) Antes de pronomes.

Exemplos

Dirigiram-se *a mim* para emprestar-lhes o dinheiro.
Não contei *a vocês* a novidade.
O carro pertencia *a alguém* da casa ao lado.

4.°) Antes de nomes de cidade.

Exemplos

Fui *a Curitiba* visitar meus avós.

Porém:

Fui *à Curitiba* ***de Dalton Trevisan***.

↑

elemento modificador

Provando:

Estou vindo d**a** Curitiba de Dalton Trevisan.

↑

artigo feminino

5.°) Nas expressões formadas por palavras repetidas.

Exemplo

Os inimigos encontravam-se *cara a cara*.

6.°) Quando um **a** (sem o "s" de plural) preceder um nome no plural.

Exemplos

Refiro-me *a falhas* absurdas...

Porém: Refiro-me *às falhas* que ele cometeu.

7.°) Palavra hora não determinada.

Exemplos

Chegarei a Santos daqui *a uma hora*.

Porém: Chegarei a Santos *às 13 horas*.

MÓDULO 30 Casos Especiais de Crase

1. CRASE ANTES DA PALAVRA CASA

A palavra **casa** – significando lar, a residência própria da pessoa –, se não vier modificada por um **adjunto adnominal**, não admite artigo. Daí, nesse caso, não ocorrerá a crase antes dela.

Exemplos

Cheguei a casa bem tarde.

Provando

Saí **de** casa bem tarde.

↑

preposição sem artigo definido feminino singular

Porém:

Voltei à casa **de meus tios**.

↑ adjunto adnominal

Provando

Saí d**a** casa de meus tios.
↑
artigo definido feminino singular

2. CRASE ANTES DA PALAVRA DISTÂNCIA

A palavra **distância** só admite artigo definido feminino *a* quando estiver especificada; daí, então, ocorrerá crase junto a ela.

Exemplo

Fique à distância de 10 metros!

Provando

Preciso d**a** distância de 10 metros...
↑
artigo definido feminino singular

Porém:

— Fique a distância!

Provando

Preciso **de** distância...
↑
preposição sem artigo definido feminino singular

3. CRASE ANTES DA PALAVRA TERRA

A palavra **terra** – em oposição a *bordo* e significando *chão firme* –, se não vier modificada por **adjunto adnominal**, não admite artigo definido feminino singular, o que fará com que **não** ocorra crase antes dela.

Exemplos

Os marinheiros foram **a** terra buscar água potável.

Provando

Os marinheiros estiveram **em** terra buscando água potável.
↑
preposição sem artigo definido feminino

Porém:

Fomos à terra **de meus avós**.
adjunto adnominal

Provando

Estamos vindo d**a** terra de meus avós...
↑
artigo definido feminino singular

4. CRASE ANTES DOS PRONOMES RELATIVOS

a) Antes dos pronomes relativos *que*, *quem*, *cujo*, **não** ocorrerá crase, pois esses pronomes não admitem antes de si artigo definido feminino singular **a** ou **as**.

Exemplos

Pouca gente gostou da peça **a** que assistimos ontem.
Eram pessoas **a** quem confiamos quase tudo.
É um escritor **a** cuja obra sempre faço referência.

b) Quanto aos pronomes relativos **a qual**, **as quais**, por serem iniciados pelo fonema **a**, eles receberão o acento grave indicador da crase, desde que o termo regente peça preposição **a**.

Exemplos

Gostei da peça **à** qual você fez referência.
Não conheço as pessoas **às** quais ele não perdoou nunca.

Provando

— Quem faz referência, faz referência **a**...
— Quem perdoa, perdoa **a** alguém...

5. CRASE ANTES DOS PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Sempre que o regente admitir preposição **a**, haverá a fusão dessa preposição **a** com o fonema **a** dos pronomes demonstrativos:

— **a**quele(s), **a**quela(s), **a**quilo
— **a**, **as** (= aquela, aquelas)

Exemplos

Ninguém se referiu **à**quele erro que eu cometi.
Esta camiseta é igual **à** que meu irmão ganhou da namorada.

Provando

— Quem se refere, se refere **a** alguém ou **a** alguma coisa.
— Algo igual... é igual **a** alguma coisa.

6. CRASE FACULTATIVA

Pode ou não ocorrer crase:

a) Antes de nomes próprios de pessoas femininos.

Exemplo

Refiro-me a (à) Maria Fernanda Cândido...

Provando

Penso **em** Maria Fernanda Cândido.
↑
preposição

ou

Penso n**a** Maria Fernanda Cândido.
↑
artigo definido feminino singular

b) Antes de pronomes possessivos femininos.

Exemplo

Dirigi-me a(à) minha tia para pedir-lhe a foto.

Provando

Dependo **de** minha tia...

↑

preposição

ou

Dependo d**a** minha tia...

↑

artigo definido feminino singular

c) Depois da preposição *até*.

Exemplo

Fomos até a (à) a lojinha da esquina.

Observe-se que a preposição **até** pode ser empregada sozinha (até) ou em uma locução com a preposição **a** (até a).

Exemplos

Fomos até o bar da esquina.

ou

Fomos até **a** o bar da esquina.

↑

preposição

Observações Complementares

Nas expressões que indicam tempo, é importante não esquecer

(1) que "**a**" (preposição) indica tempo futuro (a ser transcorrido).

Exemplo

Daqui **a** duas horas estaremos no parque...

↑

preposição

(2) que "**há**" (verbo **haver**) indica tempo passado (que já transcorreu).

Exemplo

Saímos do parque **há** duas horas...

↑

(faz)

MÓDULO 55 Terceira Geração Modernista – 1945 (IV): Clarice Lispector

1. Clarice Lispector (Ucrânia, 1925 – Rio de Janeiro, 1977)

■ Vida

Recém-nascida, veio para o Brasil com os pais, que se estabeleceram no Recife. Em 1934 a família transferiu-se para o Rio de Janeiro onde Clarice fez o curso ginasial e os preparatórios. Adolescente, lê Graciliano, Herman Hesse, Julien Green. Em 1943, aluna da Faculdade de Direito, escreve o seu primeiro romance, *Perto do Coração Selvagem*, que é recusado pela editora José Olympio. Publica-o no ano seguinte, pela editora A Noite e recebe o Prêmio Graça Aranha. Ainda em 1944 vai com o marido para Nápoles onde trabalha num hospital da Força Expedicionária Brasileira. Voltando para o Brasil, escreve *O Lustre*, que sai em 1946. Depois de longas estadas na Suíça (Berna) e nos Estados Unidos, a escritora fixa-se no Rio, onde viveu até a morte.

(Alfredo Bosi, *História Concisa da Literatura Brasileira*)

■ Obras

- **Romance**

  Perto do Coração Selvagem (1944)
  O Lustre (1946)
  A Cidade Sitiada (1949)
  A Maçã no Escuro (1961)
  A Paixão segundo G.H. (1961)
  Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres (1969)
  Água Viva (1973)
  A Hora da Estrela (1977)

- **Conto**

  Alguns Contos (1952)
  Laços de Família (1960)
  A Legião Estrangeira (1964)
  Felicidade Clandestina (1971)
  A Imitação da Rosa (1973)
  A Via-Crúcis do Corpo (1974)
  Onde Estivestes de Noite (1974)

- **Crônica**

  De Corpo Inteiro (1975)
  Visão do Esplendor (1975)

- **Literatura infantil**

  O Mistério do Coelho Pensante (1967)
  A Mulher que Matou os Peixes (1969)
  A Vida Íntima de Laura (1974)
  Quase de Verdade (1978)

- **Editadas postumamente**

  Para não Esquecer (1978)
  Um Sopro de Vida (1978)
  A Bela e a Fera (1979)
  A Descoberta do Mundo (1984)

■ Características gerais

Já no romance *Perto do Coração Selvagem* há aproximação com os ficcionistas de "vanguarda" da época: **James Joyce**, **Virginia Woolf** e **William Faulkner**, pelo uso **intensivo da metáfora insólita**, **entrega ao fluxo da consciência e ruptura com o enredo factual**, atitudes que preservará até a última obra.

Caracteriza-se pela exacerbação do momento interior, de tal modo intensa que, a certa altura de seu itinerário, a própria subjetividade entra em crise. O espírito, perdido no labirinto da memória e da autoanálise, reclama um novo equilíbrio, transcendendo do plano do psicológico para o metafísico. A própria narradora revela a consciência desse salto, quando diz:

> *Além do mais a "psicologia" nunca me interessou. O olhar psicológico me impacientava e me impacienta, é um instrumento que só transpassa. Acho que desde a adolescência eu havia saído do estágio do psicológico.*
>
> (*A Paixão segundo G.H.*)

Ou ainda:

> *Uma vida completa pode acabar numa identificação tão absoluta com o não-eu que não haverá mais um eu para morrer.*
>
> (Bernard Berenson, citado em epígrafe por Clarice em *A Paixão segundo G.H.*)

A obra toda de Clarice é **um romance de educação sentimental**. Até a *Paixão segundo G.H.*, Clarice faz a prospecção do mundo interior, como quem macera a afetividade e afia a atenção, para colher amostras, numa tentativa de absorver o mundo. A partir desse romance não há mais os recursos habituais do romance psicológico. Não há etapas de um drama. Cada pensamento envolve todo o drama: logo, não há um começo definido no tempo, nem um epílogo. Há um contínuo denso na experiência existencial e o reconhecimento de uma verdade que despoja o eu das ilusões cotidianas e o entrega a um novo sentido da realidade:

> *Perdi alguma coisa que me era essencial, que já não me é mais. Não me é necessária, assim como se eu tivesse perdido uma terceira perna que até então me impossibilitava de andar, mas que fazia de mim um tripé estável.*
>
> (*A Paixão segundo G.H.*)

A palavra neutra de Clarice Lispector articula essa experiência metafísica radical, valendo-se do verbo "ser" e de construções sintáticas anômalas que obrigam o leitor a repensar as relações convencionais praticadas pela sua própria linguagem:

> *Eu estava agora tão maior que não me via mais. Tão grande como uma paisagem ao longe (...) como poderei dizer senão timidamente assim: a vida se me é. A vida se me é, e eu não entendo o que digo. Então adoro.*
>
> (*A Paixão segundo G.H.*)

■ *Laços de Família*

São 13 contos centrados, tematicamente, no processo de aprisionamento dos indivíduos pelos "laços de família", pela vida doméstica e seu cotidiano. As formas de vida convencionais e estereotipadas vão repetindo-se de geração em geração, submetendo as consciências e as vontades. A dissecação da classe média carioca resulta numa visão desencantada e descrente dos liames familiares, dos "laços" de convenção e interesse que minam a precária união familiar.

"Amor", "Uma Galinha" e "Feliz Aniversário" são três contos dos mais conhecidos do livro.

■ *A Paixão segundo G.H.*

É um mergulho no interior da personagem-narradora, e não há propriamente história. G.H. busca, em si mesma, pela introspecção radical, sua identidade e as razões de viver, sentir e amar. A obra nem começa nem termina: ela continua.

A narradora e personagem do romance está em seu apartamento tomando café, como faz todos os dias. Dirige-se ao quarto da empregada, que acabara de deixar o emprego. Lá vê subitamente uma barata saindo de um armário. Esse evento provoca-lhe uma **náusea** impressionante, mas, ao mesmo tempo, é motivador de uma longa e difícil avaliação de sua própria existência, sempre resguardada, sempre muito acomodada. A visão da barata é o seu momento da **iluminação**, após o qual já não é a mesma, já não é a criatura alienada que tomava café distraidamente em seu apartamento.

Nesse momento, deflagra-se na narradora a consciência da solidão (tanto dela, quanto da barata). O nojo pelo inseto a desafia assustadoramente: é preciso que ela se aproxime da barata, toque na barata e até (seria possível?) prove o sabor da barata. Para regressar ao seu estado de um ser primitivo selvagem — e por isso mais feliz —, G. H. deve passar pela experiência de provar o gosto do inseto. Através da "provação" (que é a sua náusea física e existencial), G.H. estaria fazendo uma reviravolta em seu mundo condicionado e asséptico, alienado e imune.

A náusea, aqui tomada como **forma emocional violenta da angústia**, é o momento que antecede a **revelação**, a **epifania**, e resulta da dolorosa sensação da fragilidade da condição humana.

A paixão de G.H. pode ser biblicamente interpretada como sofrimento, aludindo à Paixão de Cristo, narrada por Mateus, Marcos, Lucas e João.

É comum a aproximação da obra de Clarice à corrente filosófica **existencialista** especialmente do existencialismo literário-filosófico de **Jean-Paul Sartre** (1905-1981).

Segundo Afonso Romano de Sant'Ana, os romances e contos de Clarice percorrem estas quatro etapas:

1) a personagem é disposta numa determinada situação cotidiana;
2) prepara-se um evento que é pressentido discretamente;
3) ocorre o evento, que lhe "ilumina" a vida;
4) ocorre o desfecho, onde se considera a situação da vida da personagem, após o evento.

■ *A Hora da Estrela*

O enredo de *A Hora da Estrela*, como o próprio narrador insiste, é pobre e sem interesse. Na verdade, esse tom de ironia e desprezo pela história de Macabéa só faz evidenciar a situação dramática de exclusão social da personagem.

Macabéa é a migrante nordestina, sem família, semialfabetizada, que divide o quarto em um cortiço na rua do Acre, perto do porto do Rio de Janeiro. Ela dorme mal, é desleixada. Trabalhando como datilógrafa em um pequeno escritório, só não é despedida pelo patrão por piedade, não obstante ser ameaçada constantemente. A única relação de Macabéa com o mundo era por meio do rádio-relógio, que lhe dizia as horas precisamente e lhe dava informações que ela decodificava vagamente.

Nessa situação de marginalidade, Macabéa conhece Olímpico de Jesus, nordestino como ela, mas com pretensões de ascensão na vida. Os dois passam a se encontrar e o relacionamento parece mais com o de dois animais do que com o de dois seres humanos: o diálogo é precário, a ignorância diante do mundo é sufocante. São dois párias que estão juntos: ela, virgem, sonhadora, esperançosa nessa única e nova relação; ele, ignorante, violento e com vontade de ser alguém na vida.

Glória, a colega de escritório de Macabéa, aparece e lhe rouba o pretenso namorado. Olímpico vê em Glória, a "carioca da gema", a possibilidade da tão sonhada ascensão social.

Por fim, Macabéa, por indicação da amiga Glória, procura uma cartomante, que, segundo a amiga, era muito competente. A cartomante Carlota, depois de descrever a situação de quase indigência social em que Macabéa vivia, prevê-lhe um futuro feliz: ao sair da consulta, ela encontraria um bonito homem, rico, provavelmente estrangeiro, que lhe modificaria a vida.

De fato, as predições da cartomante realizaram-se. Deslumbrada com seu futuro, Macabéa deixa a casa da vidente em estado de êxtase, e, ao atravessar a rua, é atropelada pelo "Mercedes amarelo". Sozinha, como sempre, ela é observada por algumas pessoas e experimenta o único gosto de ser objeto da atenção de alguém. Agonizando, em posição fetal, vertendo sangue, Macabéa desfruta de seu mais brilhante momento na vida, a sua **hora da estrela**.

Terceira Geração Modernista – 1945 (V): João Cabral de Melo Neto

1. João Cabral de Melo Neto (Recife, PE, 1920 – Rio de Janeiro, 1999)

■ Vida

João Cabral de Melo Neto passou a infância em São Lourenço da Mata, interior de Pernambuco, em contato com os engenhos de açúcar, os canaviais e a literatura de cordel, que costumava ler para os empregados dos engenhos da família. Aos dez anos, muda-se para Recife, cursando o primário e o secundário no colégio dos irmãos maristas. Trabalhou como auxiliar de escritório, vendedor de apólices de seguro e foi campeão juvenil pelo Santa Cruz Futebol Clube. Em 1945, vivendo no Rio de Janeiro, ingressa na carreira diplomática, servindo em países da América do Sul, Europa e África. Em 1952, acusado de subversão pelo Ministério das Relações Exteriores, é posto em "disponibilidade inativa", pelo então presidente Getúlio Vargas, só retomando suas funções em 1954. Estreou na literatura com o livro *Pedra do Sono*, mas é com *O Engenheiro* (1945) que sua poesia toma um rumo definitivo, marcado por uma postura antirromântica, que privilegia o cerebralismo, a precisão e a clareza, mais do que a intuição ou inspiração: "Eu procuro uma poesia que fosse como uma cafeína. Uma poesia que fosse um excitante, um estimulante, e não um calmante. De forma que é daí que vem toda a minha imagística valorizando o áspero. (...) Eu não escrevo com algodão (...) Eu prefiro escrever com pedras." (João Cabral, *Revista 34 Letras).* Em 1969, é eleito para a Academia Brasileira de Letras e, nos anos 90, é agraciado com o "Neustadt International Prize", que o qualifica para o Nobel de Literatura.

■ Obras

Pedra do Sono (1942)
O Engenheiro (1945)
Psicologia da Composição, com a "Fábula de Anfion" e "Antiode" (1947)
O Cão sem Plumas (1950)
Duas Águas (os anteriores e mais)
Morte e Vida Severina, *Paisagem com Figuras* e *Uma Faca só Lâmina* (1956)
Quaderna (1960)
Dois Parlamentos (1960)
Terceira Feira (1961)
A Educação pela Pedra (1966)
Poesias Completas (1940/65/68)
Museu de Tudo (1975)
A Escola das Facas (1980)
Auto do Frade (1984)
Agrestes (1985)
Crime na Calle Relator (1987)
Sevilha Andando (1990)

Associado de início à Geração de 45, João Cabral trilhou, na verdade, um caminho inteiramente próprio. Sua obra, como ele mesmo sugeriu, divide-se em *duas águas*: de um lado, a **poesia-construção**, voltada sobre si mesma, tematizando com frequência a própria poesia; de outro, a **poesia-participação**, voltada para problemas sociais.

■ Características

- **A arquitetura do poema**

Constitui, com Drummond e Murilo Mendes (poetas com os quais mantém afinidades, especialmente nos primeiros livros), o grupo mais denso e expressivo da moderna poesia da língua portuguesa.

Absorvendo a perspectiva da pintura cubista de Picasso, deforma a realidade aparente, para destacar as linhas estruturais básicas. É comum invocar-se a influência do visualismo surrealista de Murilo Mendes. Talvez seja melhor falarmos em confluência de ideias, em comunhão em torno do ideal de construção rigorosa do poema.

João Cabral é um poeta de poucas palavras e poucos assuntos. Seus poemas comunicam-se por si mesmos, presos a um rigoroso esquematismo, e fundados em palavras com sentido denotativo, palavras concretas, tecidas em fios de tramas complicadas e surpreendentes, como um tear, como "**máquina do poema**".

- **Uma poética antirromântica**

As imagens da realidade em João Cabral são reduzidas à sua essência. São imagens descarnadas, que deixam visíveis os seus "esqueletos", isto é, as suas linhas estruturais básicas. O poeta não está preocupado com sua expressão individual; pretende, ao contrário, tornar o poema independente dessa visão individual. O poema deve funcionar como forma de comunicação por sua própria força interior, sem interferência do poeta.

O trabalho poético de João Cabral, de fato, rompe com o mito da inspiração do escritor, associado tradicionalmente à criação do poema. A poesia não está no sentimento do poeta ou mesmo na beleza dos fatos a que se refere, mas na organização do texto, no rigor de sua construção.

- **Uma educação pela pedra**

"Há em João Cabral uma verdadeira '**didática da pedra**' como processo teórico e prático de apreensão da realidade. Essa '**educação**' consiste num processo de '**imitação**' de objetos, pelo qual é possível tratar da realidade através do poema, isto é, através de uma forma, de uma linguagem que para sua estruturação não despreza, antes acentua, a existência do objeto."

(João Alexandre Barbosa)

A **pedra** nos remete à aridez humana e geográfica do Nordeste, e é símbolo constante na obra do autor, fazendo confluir a temática social (linguagem objeto) com a reflexão sobre o fazer poético no próprio texto artístico (metalinguagem).

Sua reflexão poética, ao mesmo tempo social e histórica, volta-se para a espessura da paisagem humana do Nordeste e de Sevilha, na Espanha, onde viveu muito tempo como diplomata.

- **Uma poesia prosaica**

Sua poesia não é melódica, mas rítmica. João Cabral começou a escrever em verso livre, mas, a partir de *O Cão sem Plumas*, adotou a métrica tradicional, dando preferência ao verso de oito e nove sílabas (octassílabo e eneassílabo) e à rima toante, cuja sonoridade, estranha à língua portuguesa, aproxima a sua poesia do ritmo da prosa:

Você aqui reencontrará
as mesmas coisas e loisas
que me fazem escrever
tanto e de tão poucas coisas:
o não-verso de oito sílabas
(em linha vizinha à prosa)
que raro tem oito sílabas,
pois metrifica à sua volta;
a perdida rima toante
que apaga o verso e não soa,
que o faz andar pé no chão
pelos aceiros da prosa.

(“A Augusto de Campos”, *Agrestes* – fragmento)

■ **Obras comentadas**

A) *Pedra do Sono*, livro inaugural, oscila entre a técnica imagística do surrealismo e o intelectualismo, o gosto da palavra em si, à maneira de Mallarmé. Há aproximações com a poética de 1922, com a de Murilo Mendes (surrealismo construtivista) e com a de Drummond (estilística da repetição).

B) *O Engenheiro* fixa um projeto geométrico de construção do poema, sob inspiração das artes plásticas (Picasso, Miró, Juan Gris, Mondrian). Há três constantes: a limpidez da linguagem, a disposição gráfica das estrofes e a poesia sobre poesia (metapoesia).

C) *Psicologia da Composição*, *Fábula de Anfion* e “Antiode”: intensificaram o antilirismo de *O Engenheiro* e a investigação sobre a natureza e eficácia da poesia.

D) *O Cão sem Plumas*, *O Rio* e *Morte e Vida Severina* compõem um ciclo voltado para a realidade nordestina e denúncia da miséria.

E) *Morte e Vida Severina: auto de natal pernambucano:* a linha narrativa segue dois movimentos, que aparecem no título: “morte” e “vida”. No primeiro, temos o trajeto de Severino, personagem-protagonista, para Recife, em face da situação de miséria econômico-social. Caminhando em direção ao mar, tendo como guia a trilha do rio Capibaribe, Severino atravessa regiões típicas da paisagem nordestina: o sertão, o agreste, a zona da mata, a cidade litorânea. No segundo movimento, o da “vida”, o autor não coloca a euforia da ressurreição da vida dos autos tradicionais: ao contrário, o otimismo que aí ocorre é de confiança no homem, em sua capacidade de resolver os problemas sociais. Depois de deparar-se com muitas mortes pelo caminho, Severino desengana-se com o sonho da cidade grande e do mar. Resolve então “saltar fora da ponte e da vida”, atirando-se no rio Capibaribe. Enquanto se prepara para morrer e conversa com seu José, Mestre Carpina, uma mulher anuncia que o filho deste “saltou dentro da vida” (= nasceu). Severino assiste ao auto de natal, encenação comemorativa do nascimento. Seu José demove Severino da resolução de “saltar fora da ponte e da vida”.

TEXTOS

AUTOCRÍTICA

Só duas coisas conseguiram
(des)feri-lo até a poesia:
o Pernambuco de onde veio
e o aonde foi, a Andaluzia.
Um, o vacinou do falar rico
e deu-lhe a outra, fêmea e viva,
desafio demente: em verso
dar a ver Sertão e Sevilha.

(*A Escola das Facas*)

MENINO DE ENGENHO

A cana cortada é uma foice.
Cortada num ângulo agudo,
ganha o gume afiado da foice
que a corta em foice, um dar-se mútuo.

Menino, o gume de uma cana
cortou-me ao quase de cegar-me,
e uma cicatriz, que não guardo,
soube dentro de mim guardar-se.

A cicatriz não tenho mais;
o inoculado, tenho ainda;
nunca soube é se o inoculado
(então) é vírus ou vacina.

(*A Escola das Facas*)

A MULHER SENTADA

Mulher. Mulher e pombos.
Mulher entre sonhos.
Nuvens nos seus olhos?
Nuvens sobre seus cabelos.

(A visita espera na sala;
a notícia, no telefone;
a morte cresce na hora;
a primavera, além da janela.)

Mulher sentada. Tranquila
na sala, como se voasse.

(*O Engenheiro*)

DIRIGE-SE À MULHER NA JANELA QUE DEPOIS DESCOBRE TRATAR-SE DE QUEM SE SABERÁ

— Muito bom dia, senhora,
que nessa janela está;
sabe dizer se é possível
algum trabalho encontrar?
— Trabalho aqui nunca falta
a quem sabe trabalhar;
o que fazia o compadre
na sua terra de lá?
— Pois fui sempre lavrador,
lavrador de terra má;
não há espécie de terra
que eu não possa cultivar.
— Isso aqui de nada adianta,
pouco existe o que lavrar;
(...)
— Agora se me permite
minha vez de perguntar:
como a senhora, comadre,
pode manter o seu lar?
— Vou explicar rapidamente,
logo compreenderá:
como aqui a morte é tanta,
vivo de a morte ajudar.
— E ainda se me permite
que lhe volte a perguntar:
é aqui uma profissão
trabalho tão singular?
— É, sim, uma profissão,
e a melhor de quantas há:
sou de toda a região
rezadora titular.

(*Morte e Vida Severina*)

1. A poesia concreta

Por volta de 1950, surgiu em São Paulo um grupo de jovens poetas que se mostravam empenhados em experiências que levassem avante o espírito revolucionário dos modernistas de 22, espírito este abandonado pelas tendências restauradoras surgidas com a “Geração de 45”. Esses poetas eram Décio Pignatari (1927-2012), Haroldo de Campos (1929-2003) e Augusto de Campos (1931). Influenciados por realizações da literatura internacional do século XX (a poesia de Ezra Pound e E.E. Cummings, a prosa de James Joyce) e interessados no desenvolvimento que se notava em outras artes (sobretudo as tendências construtivistas na música e nas artes plásticas), deram às suas experiências um sentido de vanguarda que os levou à formulação de uma nova forma de poesia: a **poesia concreta**, na qual não se utiliza mais o verso (a linha como unidade de ritmo e sentido), mas sim palavras distribuídas pelo branco da página através de relações de som, forma (das letras, da escrita) e sentido. A isso se chamou estrutura **verbivocovisual**: “verbal” pela presença da palavra como significação; “vocal” pela valorização estruturalmente rigorosa do som da palavra; “visual” pela importância que ganha a forma visual das letras contra o branco do papel.

Essa valorização do branco da página através da distribuição rítmica das palavras no espaço é inaugurada, modernamente, pelo grande mestre da poesia simbolista francesa, Stéphane Mallarmé, poeta a quem os concretistas atribuem enorme importância. De fato, Mallarmé, em seu poema “Um Lance de Dados”, de 1897, construiu pela primeira vez uma estrutura poética complexa em que o branco da página tem função significativa, estrutural: o sentido e o ritmo do poema têm relação com a distribuição das palavras no espaço e com a variação dos corpos tipográficos (isto é, a forma das letras impressas).

Pode-se dizer que a poesia concreta se anunciou pela primeira vez na série de poemas chamada *poetamenos* (1953), de Augusto de Campos. Os poemas de *poetamenos*, seguindo sugestões colhidas na estrutura da música arrojadamente inovadora de Anton Webern (1883-1945), são como partituras espaciais coloridas: o uso de diferentes cores (há poemas em que se usam até 6 cores) marca a diferença de vozes que se cruzam e se imbricam, como numa peça musical moderna. O poema seguinte, “eis os amantes”, foi originalmente impresso em duas cores complementares (laranja e azul), correspondentes a duas vozes (masculina e feminina) que se aglutinam e se separam, em busca de uma equivalência física com a união dos amantes “sem parentes senão os corpos”:

eis
os
amantes   sem   parentes
senão
os corpos
irmãum   gemeoutrem
cimaeu   baixela
ecoraçambos
duplamplinfantuno(s)empre
semen(t)emventre
estesse   aquelele
inhumenoutro

Numa primeira fase, os poemas concretos ainda apresentam linguagem próxima do modelo discursivo e suas formas mantêm relações com objetos exteriores ao poema. É a fase chamada *orgânica*.

Numa segunda fase, que se inicia por volta de 1956, na altura da importante Exposição Nacional de Arte Concreta, os poemas apresentam uma estrutura mais rigorosamente abstrata, chamada *geométrica*, na qual a organização das palavras é controlada com maior rigor. O poema seguinte, “tensão”, de 1956, ainda de Augusto de Campos, é um dos primeiros exemplos dessa “fase geométrica”:

com   can
som   tem

con   ten   tam
tém   são   bem

tom   sem
bem   som

Sobre esse texto, escreveu Haroldo de Campos que “sua estrutura gráfica é baseada em dois quadrados virtuais, em cujo ponto de intersecção está colocada, privilegiadamente, a palavra *tensão*. As palavras ou grupos de palavras do poema têm, como norma, 6 letras dispostas em blocos de 3. Esses trigramas, agrupados aos pares, produzem uma sonoridade monótona, quase-chinesa, em correspondência com a regularidade formal da estrutura gráfica. Nos dois extremos encontramos as palavras *com som* e *sem som*. Entre tais polos dialéticos (som e silêncio) e a tensão central, articula-se a área semântica do poema, que pode ser lido a partir de qualquer palavra ou grupo de palavras. ‘Poesia concreta: tensão de palavras-coisas no espaço-tempo’.”

■ O Grupo Noigandres

Augusto de Campos, seu irmão Haroldo de Campos e Décio Pignatari, na fase da poesia concreta, formaram o Grupo Noigandres, ao qual vieram a se juntar dois outros poetas importantes no movimento: José Lino Grünewald e Ronaldo Azeredo. Outros poetas jovens foram influenciados pelo movimento ou a ele se ligaram, como foi o caso de Ferreira Gullar, que posteriormente abandonou a poesia concreta e se ligou ao movimento popularesco de poesia de participação social que se desenvolveu na década de 1960. Poetas da geração antiga também foram influenciados pelas inovações da poesia concreta, como foi o caso de Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Murilo Mendes, entre outros. A repercussão internacional do movimento foi bastante grande, tanto nos Estados Unidos quanto na Europa e na Ásia (Japão). Por isso, pode-se dizer que a poesia concreta foi o primeiro movimento literário de trânsito internacional nascido no Brasil. Por outro lado, a importância que a poesia concreta vem tendo para os mais criativos poetas brasileiros de hoje é ainda viva e decisiva.

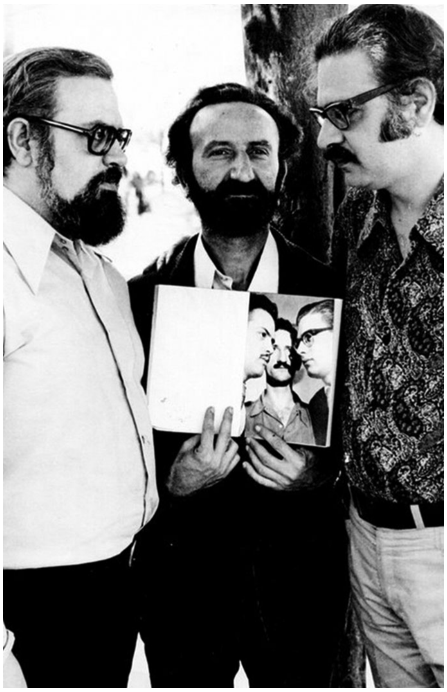

Da esquerda para a direita: Haroldo de Campos (1929-2003), Décio Pignatari (1927-2012) e Augusto de Campos (1931).

As realizações poéticas de Augusto de Campos, Décio Pignatari e Haroldo de Campos não se detiveram na poesia concreta, mas dela caminharam para experiências sempre ousadas, seja de invenção de novas linguagens, seja de reatamento com a tradição do discurso poético, através de poemas originais ou de traduções de grandes obras da poesia do Ocidente e do Oriente, escritas nas mais diversas línguas e sempre transpostas criativamente para o português. Hoje, a obra desses três poetas é parte central do que há de mais vivo na poesia do Brasil, e não apenas de nossa época. Grandes cultores do verso na fase inicial, "pré-concreta", de suas obras conseguem ainda tirar do verso efeitos surpreendentes e renovadores.

Processos construtivos do concretismo foram utilizados em letras de canções da música popular brasileira (MPB), na esteira do movimento tropicalista. Vale lembrar que na canção *Sampa*, de Caetano Veloso, na expressão "aos poetas de campos e espaços", o compositor refere-se aos poetas concretistas.

TEXTOS

beba coca cola
babe cola
beba coca
babe cola caco
caco
cola
cloaca

(Décio Pignatari)

p
pl
plu
pluv
pluvi
pluvia
fluvial
fluvial
fluvial
fluvial
fluvial
fluvial

(Augusto de Campos)

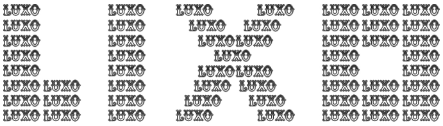

(Augusto de Campos)

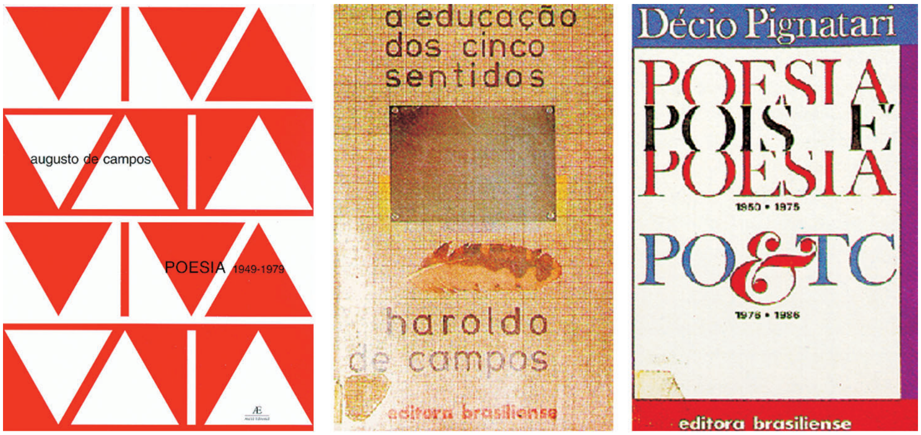

Fotos das capas de *Viva Vaia*, de Augusto de Campos, *A Educação dos Cinco Sentidos*, de Haroldo de Campos, e *Poesia Pois é Poesia*, de Décio Pignatari.

MÓDULO 58 Literatura Contemporânea (I) – (Caderno de Exercícios)

MÓDULO 59 Literatura Contemporânea (II) – (Caderno de Exercícios)

MÓDULO 60 Literatura Contemporânea (III) – (Caderno de Exercícios)

PORTUGUÊS

Funções morfossintáticas
da palavra “se”

Prof.ª Isabel Vega

►A palavra “se” pode receber as seguintes classificações:

I) SUBSTANTIVO → vem sempre antecedido de artigo ou de outra palavra determinante.

Ex.: Aquele **se** tornou ambígua a frase.

II) PARTÍCULA EXPLETIVA OU DE REALCE → liga-se a verbos intransitivos, em geral, para realçar o sujeito, sem ter nenhuma função sintática. Pode ser dispensado sem que haja perda de sentido na frase.

Ex.1: Sorriu-**se** meio enigmático.

Ex.2: Foi-**se** embora sem olhar para trás.

Qconcursos.com

Funções morfossintáticas da palavra “se”

III) PRONOME APASSIVADOR → forma a voz passiva sintética ao se relacionar com verbo **transitivo direto**.

Ex.1: [Ofereceram] [mais vagas] na obra aqui perto. (Voz ativa)
↳VTD ↳OD

[Ofereceram-**se**] [mais vagas] na obra aqui perto. } Voz passiva sintética
↳sujeito
↳**pronome apassivador**

Ex.2:[Mais vagas] [foram oferecidas] na obra. } Voz passiva analítica
↳sujeito ↳locução verbal passiva

Funções morfossintáticas da palavra “se”

IV) ÍNDICE DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO → serve para indeterminar o sujeito na noz ativa. É sempre usado com verbos **intransitivos** ou **transitivos indiretos**.

Ex.1: [Precisaram] [de mais empregados] na construção.
↳VTI ↳OI
(3ª p.plural = sujeito indeterminado)

[Precisou-**se**] [de mais empregados] na construção.
↳VTI ↳OI
↳ **índice de indeterminação do sujeito**

Ex.2: [Dorme-**se**] melhor com o frio.
↳VI ↳ **índice de indeterminação do sujeito**

Funções morfossintáticas da palavra "se"

IV) PRONOME REFLEXIVO → forma a voz reflexiva, com valor ou não de reciprocidade. Exerce **sempre** função sintática de objeto direto ou indireto.

Ex.1: [As meninas] olhavam-[**se**] no espelho, vaidosas.
↳ sujeito ↳ **pronome reflexivo - OD**

Ex.2:Na praça, [os namorados] beijaram-[**se**] apaixonadamente.
↳ sujeito ↳ **p. reflexivo – OD (com valor de reciprocidade)**

Funções morfossintáticas da palavra “se”

V) PARTE INTEGRANTE DO VERBO → acompanha verbos pronominais, que são aqueles que se conjugam obrigatoriamente com o pronome, como ajoelhar-se, arrepender-se, queixar-se, apiedar-se, etc.

Ex.1: Sem querer, o menino [feriu]-[**se**].
(VTD) OD → **pronome reflexivo**

Sem querer, o menino [feriu] [**seu amigo**].
(VTD) OD

Ex.2: Ele [lamentava-**se**] sem motivos.
(VI) ↳**parte integrante do verbo**

*Ele sempre [lamentou] [**seu amigo**] sem motivos.
(VTD) (OD)

VI) CONJUNÇÃO

a) subordinativa integrante → inicia as orações subordinadas substantivas objetivas diretas, quando o período indica dúvida.

Ex.1: [Eu sei] [**que** você gostará da surpresa que preparei].
OP ↳ conjunção integrante (OD oracional)
(certeza)

Ex.2: [Não sei] [**se** você gostará da surpresa que preparei].
OP ↳ conjunção integrante (OD oracional)
(dúvida)

Ex.3: [Ele disse] [**se** viria mais cedo hoje] **?**
OP ↳ conjunção integrante (OD oracional)

b) subordinativas adverbiais

- **condicional** → [**Se** não fizer o dever], [ficará de castigo].

  [**Caso** não faça o dever], [ficará de castigo].

- **temporal** → [**Se** for chegar tarde], [avise sempre].

  [**Quando** for chegar tarde], [avise sempre].

- **causal** → [**Se** estudou], [para que ter medo da prova]?

  [**Já que** estudou], [para que ter medo da prova]?

1. **(FUNIVERSA/ HFA)**. Quanto aos aspectos gramaticais e semânticos do texto, julgue certo ou errado.

A oração em negrito no trecho — Pesquisa do periódico *Industrial Workforce Management* com 372 profissionais revela **que 48% deles conduziram ao menos três rodadas de demissões**‖ apresenta a mesma função sintática que o termo —mudanças: —Como resultado, 73% admitiram mudanças em sua rotina provocadas pelo aumento do estresse e da ansiedade.‖ CERTO

Segundo a observação de H. von Stein, ao ouvir a palavra —natureza‖, o homem dos séculos XVII e XVIII pensa imediatamente no firmamento; o do século XIX pensa em uma paisagem.‖

2. **(CESPE/ MS/ REDAÇÃO OFICIAL)** Em —o homem dos séculos XVII e XVIII pensa imediatamente no firmamento; o do século XIX pensa em uma paisagem – o núcleo do sujeito está elíptico, na segunda ocorrência do verbo pensar. CERTO

3. **(FUNIVERSA/ MPGO/ 2007)** Na França, admite-se **termo estrangeiro** se não houver, no francês, palavra com o mesmo significado...‖ O termo destacado funciona sintaticamente como:
   - a. objeto direto.
   - b. objeto indireto.
   - [✓ c.] sujeito.
   - d. aposto.

4. **(FUMARC/ 2012/ TJMG/ TÉCNICO JUDICIÁRIO/ BIBLIOTECÁRIO)**

   Leia o trecho transcrito:

   "O povo **respira** aliviado." VI

   A predicação do verbo negritado na frase acima se repete em
   - a. Mesmo com os meus conselhos, ele continua ansioso. VL
   - [✓ b.] O presidente, após a maratona, desembarcou completamente satisfeito. VI
   - c. Só ficarão acesas as lâmpadas da sala e do corredor. VL
   - d. O filho dependia da mãe para as atividades diárias. VTI

5. **(FCC/ 2012/ MPE-AP/ ANALISTA MINISTERIAL/ CIÊNCIAS CONTÁBEIS)**

   "... intervêm nele importantes fatores políticos." SUJ

   O segmento em destaque exerce na frase acima a mesma função sintática que o elemento grifado exerce em:
   - a. A partir desse momento a ocupação da América deixa de ser um problema exclusivamente comercial... OD
   - [✓ b.] A ocupação econômica das terras americanas constitui um episódio da expansão comercial da Europa. SUJ
   - c. A legenda de riquezas inapreciáveis por descobrir corre a Europa... OD
   - d. O comércio interno europeu [...] havia alcançado um elevado grau de desenvolvimento no século XV... OD
   - e. Outros países tentarão estabelecer-se em posições fortes. OI

6. **(FCC/ 2012/ MPE-AP/ PROMOTOR DE JUSTIÇA)**

   "... quando vierem as cheias..." SUJ

   O segmento em destaque exerce na frase acima a mesma função sintática que o elemento grifado exerce em:
   - [✓ a.] ... todos fogem diante dele... SUJ
   - b. ... as coisas do mundo sejam governadas pela fortuna e por Deus... C
   - c. ... mas deixa a nosso governo a outra metade... C
   - d. ... sem poder contê-lo minimamente... C
   - e. ... só resta aos homens providenciar barreiras e diques... C

7. **(CESPE/ CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO DF)**

É sabido que a bactéria em questão — Escherichia coli — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas

O trecho "que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas" (l. 1-4) exerce a função de sujeito da locução "É sabido" (l. 1). CERTO

8. **(PROVA/ FCC/ 2011/ NOSSA CAIXA DESENVOLVIMENTO/ CONTADOR)**

   Na frase "**No caso dos donos do mundo, não se devem esperar exames de consciência mais profundos**", é correto afirmar que:
   - a. a construção verbal é um exemplo de voz ativa.
   - b. a partícula se tem a mesma função que em "E se ela não vier?".
   - c. a forma plural "devem" concorda com "exames".
   - d. ocorre um exemplo de indeterminação do sujeito.
   - [✓ e.] a expressão "donos do mundo" leva o verbo ao plural.

9. **(CETRO/ DEPARTAMENTO AUTÔNOMO DE ÁGUA E ESGOTOS/ ANALISTA ADMINISTRATIVO/ 2012)**

   De acordo com a oração "O juiz agiu favoravelmente **ao réu**.", assinale a alternativa cujo termo destacado equivale sintaticamente a "ao réu". CN

a. O assunto interessa **ao aluno**.
b. Entregou a correspondência **ao morador**. OI
[✓ c.] O fumo é prejudicial **à saúde**. CN
d. Carlos gosta **de Luciana**. OI

10. (CETRO/ PREFEITURA DE MANAUS/ ADVOGADO/ 2012)

Leia a oração abaixo.

Tenho confiança **em você**. CN

Assinale a alternativa cujo termo destacado **não** exerce a mesma função sintática que "**em você**".
a. Agiu favoravelmente **ao réu**. CN
b. Drogas são prejudiciais **à saúde**. CN
c. Maria tem orgulho **do filho**. CN
[✓ d.] Entregou a carta **à namorada**.
e. José estava consciente **de tudo**. CN

11. (ESCOLA DE MARINHA MERCANTE) No período: "As cartas, enviei-as, ontem, pelo portador da Companhia."
A função sintática do termo sublinhado é:
a. objeto indireto pleonástico;
b. sujeito;
c. objeto indireto;
[✓ d.] objeto direto pleonástico;
e. objeto direto.

12. (CESPE/ 2012/ INSTITUTO RIO BRANCO/ DIPLOMATA/ 1ª ETAPA)

Considerando a estrutura textual, a consistência argumentativa e as estruturas linguísticas do texto, julgue (C ou E) o item que se segue. CERTO

No período "Que Demócrito não risse, eu o provo" (l.20), o verbo **provar** complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.

13. (CESGRANRIO/ 2008/ CAPES/ ANALISTA DE SISTEMAS)

"mesmo admitindo **que grandes massas da população estejam excluídas dele**." (l. 8-10). Os segmentos destacados têm a mesma função que a oração em destaque em: OD
[✓ a.] "...criaram novos espaços de conhecimento" (l. 33-34). OD
b. "Esses espaços de formação têm tudo..." (l. 36). AA
c. "O conhecimento é o grande capital da humanidade" (l. 40). PS
d. "...que precisa dele para a inovação tecnológica" (l. 41-42). OI
e. "acabaram surgindo indústrias do conhecimento" (l. 50). SUJ

14. (INSTITUTO CIDADES/ 2009/ UNIFESP/ ANALISTA DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO) "E tanta coisa mais quero lhe oferecer" (v. 17). A função sintática do lhe no verso destacado é de: OI
a. sujeito
b. objeto direto
[✓ c.] objeto indireto
d. partícula expletiva

15. (COPEVE/ UFAL/ 2010/ CASAL/ ADVOGADO)

Nas orações:

Todos acharam o espetáculo fabuloso;

O Pedro considera a Maria uma ótima professora. Os termos em negrito exercem a função sintática de
a. aposto.
b. predicativo do sujeito.
c. objeto cognato.
d. adjunto adverbial.
[✓ e.] predicativo do objeto.

16. (COPEVE/ UFAL/ 2010/ PREFEITURA DE RIO LARGO – AL/ PROCURADOR MUNICIPAL)

No período "Concluiu que os cães tinham fome", a oração "que os cães tinham fome" exerce a função de
a. complemento nominal.
b. predicativo.
c. aposto.
d. sujeito.
[✓ e.] objeto direto.

17. (IBGE/ 2009/ AGENTE/ BANCA CONSULPLAN)

Assinale a alternativa em que o termo destacado NÃO exerce a mesma função dos demais:
a. "Não tento rebater críticas." OD
b. "Há os que adivinham as entrelinhas." OD
[✓ c.] "Ninguém é obrigado a aceitar essa afirmativa."
d. "Ao vê-lo ausente de casa por um par de anos." OD
e. "Não lhe ocorre que há níveis diferentes de compreensão." OI

18. (BNDES/ SUPERIOR/ 2005/ NCE)

O segmento inicial de nosso Hino Nacional diz o seguinte:

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heroico o brado retumbante

Se colocados na ordem direta, os termos desses dois versos estariam assim dispostos:
[✓ a.] As margens plácidas do Ipiranga ouviram O brado retumbante de um povo heroico;
b. As margens plácidas ouviram do Ipiranga O heroico brado retumbante de um povo;
c. As margens plácidas do Ipiranga ouviram O heroico brado retumbante de um povo;
d. Do Ipiranga as margens plácidas ouviram O brado retumbante de um povo heroico;
e. Ouviram as margens plácidas do Ipiranga De um povo o heroico brado retumbante.

19. (IBGE/ TÉCNICO/ CESGRANRIO)

O **recenseador** entrevista as pessoas.

Na frase acima, o termo destacado tem a função de sujeito.

Assinale a opção em que **recenseador** também é sujeito.

a. Algumas pessoas têm medo do recenseador. CN
b. Aquele homem alto é recenseador. PS
[✓ c.] Preencheu todos os formulários o recenseador. SUJ
d. O motorista levou o recenseador até a casa. OD
e. O chefe pediu ao recenseador paciência. OI

GABARITO

1. C
2. C
3. C
4. B
5. B
6. A
7. C
8. C
9. C
10. D
11. D
12. C
13. A
14. C
15. E
16. E
17. E
18. A
19. C

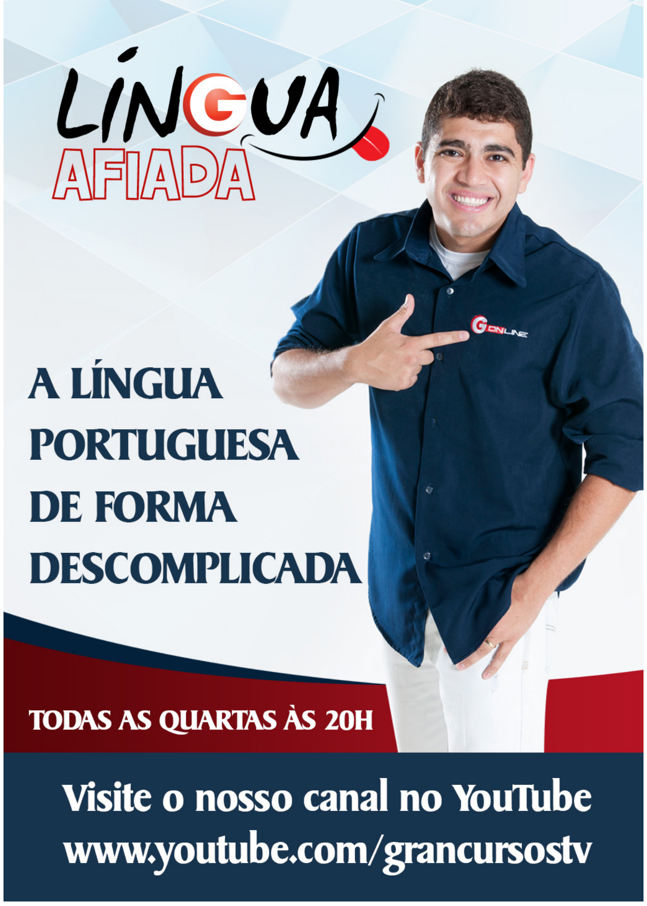
LÍNGUA AFIADA
A LÍNGUA PORTUGUESA DE FORMA DESCOMPLICADA
TODAS AS QUARTAS ÀS 20H
Visite o nosso canal no YouTube
www.youtube.com/grancursostv

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA
APRENDA A DISCIPLINA QUE MAIS REPROVA EM CONCURSOS COM OS MAIORES MESTRES
GRAN CURSOS ESCOLA PARA CONCURSOS PÚBLICOS
24 ANOS DE TRADIÇÃO
GRAN CURSOS ONLINE
O *CLICK* QUE PODE MUDAR O SEU FUTURO
Acesse www.grancursos.com.br e SAIBA +

CLÁUDIO MORENO

NOVA ORTOGRAFIA

guia prático do português correto

vol. 2

para gostar de aprender

MORFOLOGIA

FORMAÇÃO DE PALAVRAS

FLEXÃO NOMINAL

CONJUGAÇÃO VERBAL

para gostar de aprender

L&PM POCKET

para gostar de aprender

CLÁUDIO MORENO

guia prático do português correto vol. 2

para gostar de aprender

MORFOLOGIA

FORMAÇÃO DE PALAVRAS
FLEXÃO NOMINAL
CONJUGAÇÃO VERBAL

www.lpm.com.br
L&PM POCKET

À memória de Joaquim Moreno, meu pai,
e de Celso Pedro Luft, mestre e amigo.

Apresentação

Este livro é a narrativa de minha volta para casa – ou, ao menos, para essa casa especial que é a língua que falamos. Assim como, muito tempo depois, voltamos a visitar o lar em que passamos nossos primeiros anos – agora mais velhos e mais sábios –, trato de revisitar aquelas regras que aprendi quando pequeno, na escola, com todos aqueles detalhes que nem eu nem meus professores entendíamos muito bem.

Quando, há alguns anos, criei minha página no Portal Terra (www.sualingua.com.br), percebi, com surpresa, que os leitores que me escrevem continuam a ter as mesmas dúvidas e hesitações que eu tinha quando saí do colégio nos turbulentos anos 60. As perguntas que me fazem são as mesmas que eu fazia, quando ainda não tinha toda esta experiência e formação que acumulei ao longo de trinta anos, que me permitem enxergar bem mais claro o desenho da delicada tapeçaria que é a Língua Portuguesa. Por isso, quando respondo a um leitor, faço-o com prazer e entusiasmo, pois sinto que, no fundo, estou respondendo a mim mesmo, àquele jovem idealista e cheio de interrogações que resolveu dedicar sua vida ao estudo do idioma.

Por essa mesma razão, este livro, da primeira à última linha, foi escrito no tom de quem conversa com alguém que gosta de sua língua e está interessado em entendê-la. Este interlocutor é você, meu caro leitor, e também todos aqueles que enviaram as perguntas que compõem este volume, reproduzidas na íntegra para dar mais sentido às respostas. Cada unidade está dividida em três níveis: primeiro, vem uma explicação dos princípios mais gerais que você deve conhecer para aproveitar melhor a leitura; em seguida, as perguntas mais significativas, com discussão detalhada; finalmente, uma série de perguntas curtas, pontuais, acompanhadas da respectiva resposta.

Devido à extensão do material, decidimos dividi-lo em quatro volumes. O primeiro reúne questões sobre **Ortografia** (emprego das letras, acentuação, emprego do hífen e pronúncia correta). O segundo, questões sobre **Morfologia** (flexão dos substantivos e adjetivos, conjugação verbal, formação de novas palavras). O terceiro, questões sobre **Sintaxe** (regência, concordância, crase e colocação de pronomes). O quarto, finalmente, será todo dedicado à pontuação.

Sempre que, para fins de análise ou de comparação, foi preciso escrever uma forma **errada**, ela foi antecedida de um asterisco, segundo a praxe de todos os modernos trabalhos em Linguística (por exemplo, "o dicionário registra **obcecado**, e não *__obscecado__ ou *__obsecado__"). O que vier indicado entre duas barras inclinadas refere-se exclusivamente à pronúncia e não pode ser considerado como uma indicação da forma correta de grafia (por exemplo: afta vira, na fala, /**á-fi-ta**/).

1. Essa palavra existe?

Quando você quer saber se uma determinada palavra existe, a quem você recorre? Se responder ao dicionário, você estará se juntando à esmagadora maioria das pessoas que se preocupam com isso. Essa é uma crença comum a falantes de todas as línguas, fazendo o dicionário assumir um lugar tão proeminente e misterioso na vida das pessoas que ele passou a ser denominado de **o dicionário**, simplesmente, como se ele fosse um só, sempre o mesmo, como o ***Velho Testamento*** . Equivocadamente, as pessoas passaram a vê-lo como o registro civil de todo o nosso léxico, uma espécie de cartório de nascimentos onde os falantes podem conferir a existência ou não de um vocábulo.

Pois fique sabendo que tudo isso é pura fantasia: nenhum dicionário inclui todas as palavras presentes em uma língua – nem mesmo o ***OED***, o famoso ***Oxford English Dictionary***, com seus vinte volumes maciços; ele, como qualquer outro, também não passa de uma escolha, de uma seleção de palavras feita pelos seus autores. Além disso, pela criatividade infinita que caracteriza as línguas humanas, um dicionário jamais poderá ser uma lista completa, pois assim que uma edição fica pronta, ela já está desatualizada.

Fazer dicionários é sempre escolher. Não adianta – a grande função do dicionarista é escolher. O ***Aurélio*** traz as palavras que Aurélio Buarque de Hollanda escolheu apresentar, enquanto o ***Houaiss*** traz as palavras que Antônio Houaiss selecionou. Isso é fácil de constatar: pegue duas palavras com um razoável intervalo entre elas (digamos, **casa** e **crisma**) e verifique quais (e quantas) cada um dos autores registrou entre esses dois limites. Você vai notar que um despreza palavras que o outro privilegia, seja por convicção pessoal, seja por simples economia de espaço.

Portanto, o fato de não encontrarmos uma palavra no dicionário não quer dizer que ela não tenha sido aprovada pelo dicionarista (supondo a hipótese impossível de que ele conheça todas); ela pode ter sido simplesmente omitida por razões que vimos acima. Já o contrário é bem mais significativo: quando ele coloca uma palavra na lista, é sinal de que ele reconhece essa palavra e acha importante sua inclusão, por ser usada por um número representativo de pessoas. Você começa a perceber, dessa forma, que **estar no dicionário** tem um peso diferente de **não estar no dicionário**. As pessoas reagem como se o fato de não encontrar uma palavra na lista fosse um sinal de **desaprovação** por parte do autor; muito eu já ouvi "Não está nem no ***Aurélio*!"**, como se isso quisesse dizer alguma coisa. Na verdade, a exclamação que se aceita é "Já está até no ***Aurélio***!". Este é o raciocínio. O dicionário vai ser sempre **incompleto**.

O processo mais produtivo de formação de novas palavras, no Português, é a **derivação**. De uma mesma base, podem-se formar substantivos, adjetivos ou verbos pelo acréscimo de **afixos** (prefixos ou sufixos). Como ainda não ocorreram todas as possibilidades de criação lexical, existem centenas de milhares de **vocábulos virtuais**, que aparecerão à medida que os falantes necessitarem deles. À pergunta "Existe **intensivista**, para designar quem é especializado nos equipamentos e procedimentos de Terapia Intensiva?", só podemos responder: pode existir; se não está no dicionário, é só uma questão de tempo.

Para concluir, eu gostaria de mandar um recado àqueles que resistem ao ingresso de palavras novas em nosso léxico e que tentam combater criações incontestáveis como **normatização**, **disponibilizar** ou **imexível**: o pior que pode acontecer a uma língua é o seu empobrecimento, não o seu enriquecimento.

assessoramento

*Caro Professor, gostaria de um esclarecimento sobre uma palavra que alguém que eu conheço insiste em usar: **assessoramento**. Essa palavra existe em Português? Não seria melhor usar **assessoria**? Por exemplo: essa pessoa usa "assessoramento técnico e comercial em transporte vertical". Isso é correto? Obrigada por sua ajuda.*

Marilena R. – Campinas (SP)

Cara Marilena: quanto ao **assessoramento**, o nosso idioma usa vários recursos para formar substantivos abstratos de ação a partir de um verbo: ou tira a terminação verbal e acrescenta simplesmente uma vogal (**roubar**/**roubo**; **trocar**/**troca**; **desgastar**/**desgaste**); ou acrescenta ao radical um dos sufixos especializados neste fim: **-mento** (**congelar**/**congelamento**); **-ção** (**explorar**/**exploração**); **-dura** (**benzer**/**benzedura**); **-ia** (**correr**/**correria**). O que ninguém jamais conseguirá explicar são os vínculos ocultos entre esses elementos todos, que nos fazem preferir **degelo** para **degelar**, mas **congelamento** para **congelar**. Por que não **degelamento**? Seria perfeitamente possível, mas não se formou, indicando que, entre as várias possibilidades, a forma **degelo** ganhou nossa preferência. E mais: se usamos **congelamento** aqui no Brasil, lembro que Portugal prefere **congelação** – usando uma das terminações que nossa língua admite para o mesmo radical. Por isso, é comum encontrarmos duas ou mais formas ainda disputando seu espaço; é o caso bem conhecido de **monitoração** e **monitoramento**, ambas bem formadas, que ficarão coexistindo até que uma delas vá ficando esmaecida. No meu dialeto pessoal, **assessoramento** e **assessoria** estão em pé de igualdade; nenhuma das duas tem minha preferência. Agora, como você mesma notou, ao seu colega soa melhor **assessoramento**, enquanto você prefere **assessoria**. Esse estado de indefinição pode durar décadas. Por isso, sossegue.

nomes comerciais em **X**

Por que há tantos nomes comerciais terminados em X? O Professor apresenta suas suposições.

*Caríssimo Professor: embora haja vocábulos bem antigos terminados em **X**, esse final me parece ter uma conotação de moderno e contemporâneo, sendo bastante utilizado para dar nome a produtos que se querem associados à tecnologia, principalmente, como é o caso de **Vaspex**, **Sedex** e tantos outros que são criados diariamente (até mesmo o popularíssimo **Marmitex**). Minha pergunta é: de onde vem essa terminação? Quais foram seus precursores?*

Wolney U. – Goiânia

Meu caro Wolney: a operação de batizar um produto industrial envolve muito mais que uma simples designação: é importante também que esse nome sugira qualidades desejáveis como modernidade, eficiência e respeitabilidade. Essa força evocativa das palavras fica naquele rincão misterioso que o linguista Roman Jakobson denominava de **função poética** da linguagem. Digo **misterioso** porque simplesmente ninguém explica por que uma determinada combinação de sons traz mais prestígio do que outras; o certo é que isso acontece, e os publicitários e homens de criação precisam ter sempre o ouvido muito atento.

Há fortes indícios de que o uso das terminações em **X** para marcas e produtos tenha vindo do Inglês. A presença, em muitos nomes compostos, de radicais como **flex**, **mix**, **max**, **fix**, **lux**, **vox**, mais o uso difundido do sufixo **high-tech** (já que estou falando do Inglês ...) **-ex**, que sugere a ideia de **excelência**, parecem ter carregado todos os nomes terminados em **X** com essa aura especial, reforçada por marcas de grande renome e qualidade, como **Rolex**, **Xerox**, **Pentax**, **Victorinox**, **Linux**, **Rolleiflex**. Na irrefreável globalização mercantil, muitos desses produtos entraram no Brasil, misturando seus nomes ao de produtos genuinamente nacionais, batizados também nesse novo estilo. Hoje, sem uma pesquisa cuidadosa nas juntas comerciais e nos registros de marcas, é praticamente impossível distinguir, a olho nu, quem é daqui e quem é de fora entre os seguintes nomes: **Ajax**, **Chamex**, **Colorex**, **Concremix**, **Durex**, **Errorex**, **Eucatex**, **Iodex**, **Marinex**, **Mentex**, **Panex**, **Paviflex**, **Repelex**, **Varilux**, **Zetaflex**. O inconfundível toque brasileiro: o professor Antônio José Sandmann, em seu

Competência Lexical, menciona uma pequena firma de reparos domésticos de instalações elétricas e hidráulicas, no litoral do Paraná, que ostenta o vistoso e significativo nome de **Prajax**.

motinho

Se temos **tortinha** e **portinha**, por que uma moto pequenina não é uma **motinha**?

*Prezado Doutor: gostaria que você me ajudasse a resolver uma dúvida que já está virando assunto em todos os lugares que eu e meus amigos frequentamos: qual é o diminutivo de **moto** e **foto**? É **fotinho** ou **fotinha**? **Motinha** ou **motinho**?*

Gustavo A. – São Paulo

Meu caro Gustavo: embora a tradição gramatical considerasse **-inho** e **-zinho** como duas variantes do mesmo sufixo, hoje se sabe que são dois elementos completamente diferentes, quanto a sua natureza e quanto a seu comportamento. O elemento **-zinho** funciona como uma espécie de adjetivo preso ao vocábulo primitivo, mantendo com ele a mesma relação de concordância que os adjetivos mantêm com os substantivos: um cometA, um **cometazinhO**; um poemA, um **poemazinhO**; uma tribO, uma **tribozinhA**. O elemento **-inho**, no entanto, funciona como um sufixo especial, que conserva o A ou o O final do vocábulo primitivo, independentemente do gênero ser masculino ou feminino: um poemA, um **poeminhA**; um cometA, um **cometinhA**; uma tribO, uma **tribinhO**; um sambA, um **sambinhA**.

No Português, pouquíssimos são os vocábulos femininos que terminam em **O**: além de **tribo**, temos a **libido** (um latinismo importado por via científica) e os dois vocábulos que mencionaste, **moto** e **foto**, criados modernamente pela redução dos compostos eruditos **motocicleta** e **fotografia**. Por isso – se formarmos diminutivos usando **-inho** –, vamos ter a **motO**, a **motinhO**; a **fotO**, a **fotinhO**. É natural que as pessoas achem estranhas essas duas formas, dada a sua extraordinária raridade nos padrões do nosso vocabulário. Abraço.

guarda-chuvinha

Como se chama um guarda-chuva **pequenino? É um** guarda-chuvinho**, um** guarda-chuvinha **ou um** guarda-chuvazinho?

Professor, numa reunião de família, em meio a muita brincadeira e descontração, surgiu uma dúvida interessante: qual é a forma correta de escrever o diminutivo de ***guarda-chuva****? Já buscamos em diversos materiais e nada de sanar nossa dúvida. Aguardo resposta.*

Vanice – Bento Gonçalves (RS)

Minha cara Vanice: um guarda-chuva pequeno pode ser tanto um **guarda-chuvinha** como um **guarda-chuvazinho**. Na maioria dos substantivos de nosso idioma, podemos optar entre formar diminutivos com **-inho** e diminutivos com **-zinho**: **paredinha**, **paredezinha**; **livrinho**, **livrozinho**; **colherinha**, **colherzinha**; etc. Com **-inho**, fica conservada a vogal terminal do vocábulo primitivo: **poeta**, **poetinha**; **tema**, **teminha**, enquanto com **-zinho**, que tem um nítido caráter de **adjetivo**, aparece a terminação característica do gênero: um **poetazinho**; um **temazinho**.

Daí nasce a discrepância entre **guarda-chuvinhA** e **guarda-chuvazinhO** (friso: ambos estão corretos!). No primeiro, o **A** de **chuva** é conservado após o sufixo: **chuvinha**. No segundo, **-zinho** se acrescenta ao composto [**guarda-chuva**] com o elemento terminal característico do masculino (já que este é o gênero de **guarda-chuva**): **guarda-chuvaZINHO**. É complexo; não me admira que vocês tivessem dificuldades em encontrar a resposta.

absenteísmo

O sufixo -**ismo** que está presente em **cristianismo** e **classicismo** não é o mesmo que aparece em **clientelismo** ou **denuncismo**.

*Caro Professor Moreno: estou em fase de redação de minha dissertação de mestrado e gostaria de orientação quanto à adequação das palavras **afastamento** ou **absenteísmo** para caracterizar a ausência do funcionário no trabalho por motivo de licença-saúde. Ressalto ainda que me refiro apenas a ausências justificadas por atestado médico.*

Denise B. – São José do Rio Preto (SP)

Minha cara Denise: acho que você deve evitar o vocábulo **absenteísmo** no seu trabalho. Os vocábulos em **-ismo**, outrora, eram usados exclusivamente para designar doutrinas, movimentos artísticos, estilos literários: **naturalismo**, **positivismo**, **classicismo**, **surrealismo**, etc. Modernamente, contudo, este sufixo também passou a intervir na criação de vocábulos em que se percebe uma nítida intenção de criticar o exagero, o excesso. É o caso de **consumismo**, **grevismo**, **assembleísmo**, **denuncismo**, etc. Em **absenteísmo**, como em **consumismo**, o sufixo **-ismo** indica a exagerada repetição ou intensificação de uma prática. **Consumista** é quem consome sem critérios; **absenteísta** é quem vive faltando a seu emprego ou a suas aulas. Fique com o **afastamento** – ainda mais considerando que se trata de licença-saúde.

adjetivos gentílicos

Uma leitora argentina quer saber se **brasileiro** é o único gentílico com essa terminação.

*Caro Professor: por que o adjetivo relativo ao Brasil é **brasileiro**, se este sufixo não é usado em nenhum outro caso para derivados de nomes geográficos?*

Paula Velarco – Buenos Aires (Argentina)

Você tem razão em estranhar, Paula, mas verá que há uma boa explicação para isso. Nosso idioma dispõe de vários sufixos para obter o mesmo resultado; por exemplo, na formação de substantivos abstratos de **ação** (aqueles que derivam de verbos), o Português, entre outros, pode usar **-mento** (**tratamento**, **abalroamento**), **-dura** (**andadura**, **varredura**), **-ção** (**descrição**, **provocação**) ou **-agem** (**passagem**, **regulagem**). Não existe um padrão que determine qual desses sufixos vamos usar; a seleção se dá, caso a caso, por critérios que ainda não foram bem estudados. O mesmo vai ocorrer com os adjetivos gentílicos. Nossos sufixos mais produtivos para esse fim são **-ano**, **-ense** e **-ês**, mas também temos adjetivos em **-ino**, **-ista**, **-ão**, **-ita** e **-enho**, entre outros:

-ENSE: amazonense, catarinense, maranhense, rio-grandense (é o mais usado nos gentílicos brasileiros).
-ÊS: português, chinês, neozelandês, calabrês, holandês.
-ANO: americano, italiano, californiano, baiano, boliviano.
-INO: belo-horizontino, bragantino, argelino, marroquino, londrino, florentino.
-ÃO: alemão, lapão, afegão, catalão, coimbrão, gascão, parmesão (de Parma).
-ITA: israelita, iemenita, moscovita, vietnamita.
-ENHO: costa-riquenho, hondurenho, porto-riquenho (de topônimos do espanhol).
-ISTA: santista, paulista, campista (raro).

O sufixo -**eiro**, por sua vez, é muito usado para indicar profissão ou atividade: **jornaleiro**, **sapateiro**, **cabeleireiro**, **ferreiro**. Isso explica por que os nascidos no Brasil são **brasileiros** (e não **brasilianos** ou **brasilenses**): essa era a denominação dos que trabalhavam, nos primeiros dias do Descobrimento, na extração do pau-brasil e passou a designar todos os que nasciam aqui nesta terra.

Da mesma forma, chamamos de **mineiros** os que nascem em Minas Gerais, palavra que já existia como profissão. Como podes ver, gentílicos com a terminação **-eiro** são muito raros e não devem chegar a meia dezena. Não me admira que você, falante nativa de outro idioma, tivesse percebido a estranheza dessa formação.

aidético

Um médico infectologista lamenta o emprego indiscriminado do termo **aidético**; o Professor explica o que está havendo.

*Caro Professor: entre nós que trabalhamos com doenças infecciosas – eu sou médico infectologista – a palavra **aidético** tem uma conotação pejorativa. É como se nós nos referíssemos a um paciente com câncer como **canceroso**. Para mim, ainda mais, não havia razão para a sua existência, já que a raiz **aids** não daria **aidético**, no máximo um **aidesético**.*

Para minha surpresa, o dicionário **Aurélio** *registra o termo sem nenhum alerta sobre o seu uso perigoso. E eis que o* **Houaiss** *vem e faz o mesmo. Esses nossos dicionaristas não estariam aceitando termos acriticamente? O que o senhor acha disso? Estão autorizando a nós, médicos, usarmos o termo em nossos artigos científicos?*

Hélio B.

Meu caro Hélio: a língua corrente usa as palavras independentemente das considerações éticas que um médico possa levantar. Essa distância entre o uso especializado e o uso comum é observável em qualquer área do conhecimento; enquanto o vocabulário jurídico distingue entre **roubar** e **furtar**, a diferença inexiste para o cidadão que teve seu carro levado por ladrões. Para este mesmo cidadão, o vocábulo **aidético** designa simplesmente os indivíduos contaminados pelo vírus da Aids; ele não percebe aí a carga pejorativa que um médico vê e procura evitar. É como **louco** ou **maluco**, vocábulos que um falante comum utiliza, sem malícia, para designar quem sofre das faculdades mentais, mas que deixam toda a comunidade de psiquiatras e psicólogos com os cabelos (e as barbas) em pé.

Aidético é o adjetivo que nasceu de **Aids**, e ninguém mais poderá matá-lo, mesmo que fosse malformado – no que, aliás, também tenho as minhas dúvidas. Por que deveria ser ***aidesético**? Não temos nenhum vocábulo com essa terminação **-esético**; além disso, vejo que **lues** deu **luético** e **herpes** deu **herpético**, com a desconsideração da sibilante final, como ocorre com **aidético**.

Agora, o fato de todos os bons dicionários registrarem o termo não significa sinal verde para usá-lo em trabalhos científicos; lembre-se de que todos os palavrões estão dicionarizados, mas isso não nos autoriza a empregá-los num artigo ou numa tese. Dicionário apenas registra e informa; a nós cabe decidir o que é correto ou adequado para as situações concretas, de acordo com nossa formação e nossa sensibilidade. Como você muito bem observou, médicos que se referem a seus pacientes como **cancerosos** ou **sifilíticos** parecem não ter a humanidade e a compreensão indispensáveis para um profissional dessa área.

Alcorão ou **Corão**?

Veja por que é preferível a forma **Alcorão**.

*Prezado Doutor: tenho observado em revistas a palavra **Corão**; já em jornais, na televisão e no **Aurélio** aparece **Alcorão**. Gostaria de saber qual é a forma correta.*

Marlene – Araçatuba (SP)

Minha cara Marlene: no bom e velho Português, sempre se usou **Alcorão**. Assim vem nos dicionários mais respeitáveis do passado (**Bluteau** e **Morais**). Assim escrevia Camões em 1572:

Uns caem meios mortos, outros vão
A ajuda convocando do **Alcorão**.

Os Lusíadas – Canto III, 50.

Como todos nós sabemos, a permanência dos árabes, por sete séculos, na Península Ibérica (onde hoje ficam Portugal e Espanha) contribuiu com centenas de vocábulos para o Português, muitos deles curiosamente iniciados pela letra **A**: **almôndega**, **alfândega**, **almoxarife**, **almofada**, **açafrão**, **açougue**, **açúcar**, **açude**, **adaga**, **alcova**, **alcunha**, **aldeia**, **alface**, **algema**, **algodão**, **algoz**, **alicerce**, **almíscar**, **alvará**, **arrabalde**, **arroba**, **arroz**, **azeite**, entre outros.

Este **AL** ou **A** era o artigo árabe usado antes dos substantivos; nossos antepassados simplesmente incorporaram essa partícula nas palavras que ouviam, sem ter a consciência de sua natureza de artigo. Basta compararmos nosso **açúcar** e nosso **algodão** com o ***sugar*** e o ***cotton*** do Inglês, o ***sucre*** e o ***coton*** do Francês, e o ***zucchero*** e o ***cotone*** do Italiano, línguas que nunca estiveram em contato direto com o Árabe. Por esse mesmo motivo, enquanto o Inglês prefere ***Koran***, nós preferimos a forma com o artigo **Al** já assimilado. Há quem prefira simplesmente **Corão**, por se assemelhar mais ao termo árabe aportuguesado; respeito a opção, mas não vejo razão para contrariar o que nossa tradição já fixou tão bem. Agora, o que não engulo é aquela teoriazinha, defendida por algumas sumidades, de que é preferível **Corão** porque **o Al**corão, com a presença dos dois artigos (o nosso e o árabe), seria uma forma de **pleonasmo**! Eu morro, mas não vejo todas as manifestações da ignorância humana! Por esse mesmo raciocínio de jerico, seria melhor dizer que “o **godão** é o melhor tecido para camisas” e que “as **zeitonas** são indispensáveis no recheio da empadinha”.

datiloscopista

Saiba por que o funcionário que trabalha na expedição do documento de identidade é um **datiloscopista**.

*Caro Professor Moreno: por que é utilizado o termo **datiloscopista** para designar o funcionário que trabalha na expedição de documento de identidade? Obrigada!*

Otália

Minha prezada Otália: **datiloscopista** é um composto erudito formado pelo elemento ***datilo***, que significa **dedo** (o mesmo que aparece em **datilografia**, escrever com os dedos), mais ***scopein*** (no Grego, olhar, examinar – o mesmo que está em **microscópio**, que o olha o pequeno, ou **telescópio**, que olha de longe). Os **datiloscopistas** – que alguns organismos preferem chamar de **papiloscopistas** – são os peritos na identificação das impressões **digitais**.

Temos aqui uma interessante confirmação do fato de que nosso idioma (principalmente na linguagem técnico-científica) tem duas mães, o **Grego** e o **Latim**. **Digital** vem do Latim ***digito***, que significa **dedo**, da mesma forma que o Grego ***datilo***. Um dr. Frankenstein poderia juntar pedaços de palavras e engendrar um **digitoscopista**, mas isso iria contrariar a tendência genérica de formar compostos com elementos da **mesma** fonte (ou tudo Grego, ou tudo Latim). Por isso, chamamos de **datiloscopista** aquele que examina os dedos.

deletar

Falando de **deletar**, lembro que não podemos simplesmente enxotar os parentes distantes que vêm bater à porta de nossa casa.

Professor Moreno: assistindo a um programa de TV, recebi a informação de que o verbo **deletar**, *muito utilizado em Informática, viria do latim* ***delere*** *(excluir, eliminar). Esta palavra latina (e outras) teria sido incorporada ao idioma anglo-saxão no período em que o Império Romano ocupou a região da Bretanha. Isto tem algum fundamento?*

Cleber P. – Pinhalzinho (PR)

Meu caro Cleber: o vocabulário do Inglês reparte-se, em proporção quase igual, entre três origens: a **anglo-saxônica** (é o núcleo do idioma; são as palavras mais usadas e, em sua maioria, monossilábicas); a **francesa** (vocábulos que entraram no idioma com a invasão dos normandos); e a **latina** (para um inglês ou um americano, as mais difíceis de usar; para nós, que somos latinos, as mais fáceis). ***Delere***, do Latim (apagar), deu o ***delete*** do Inglês e o nosso **indelével** (uma **tinta indelével** não pode ser apagada; uma **impressão indelével** é uma impressão que jamais esqueceremos). Portanto, quando importamos **deletar** do Inglês, estamos apenas trazendo de volta para casa uma prima extraviada.

elegantíssimo ou **elegantérrimo**?

Quem fica muito magra fica **magríssima**, **macérrima** ou **magérrima**? E muito elegante? **Elegantíssima** ou **elegantérrima**?

*Caro Professor Moreno: outro dia, em conversa acontecida no horário do jantar, minha filha de quinze anos, estudante do Ensino Médio, aluna premiada no colégio, falou mais ou menos assim: fulano estava **elegantíssimo**; na mesma hora retruquei, dizendo que o correto seria **elegantérrimo**. Minha filha então argumentou que os dois eram corretos. Na mesma semana, na revista **Marie Claire**, li alguma coisa que parecia vir em defesa aos meus argumentos, num artigo que colocava a palavra **elegantíssimo** em itálico, como que em tom pejorativo, e depois fazia uma referência a outro **elegantérrimo** em tom mais enfático. As duas maneiras estão corretas? Se estão corretas, existe uma que seria mais elegante utilizar? Antecipadamente agradeço.*

Paulo G. – Palmas (TO)

Meu caro Paulo: sua filha mereceu o prêmio de melhor estudante: ela é que está com a razão. O superlativo de **elegante** é **elegantíssimo**. Nosso idioma forma seus superlativos por meio de uma simples operação morfológica: [adjetivo + íssimo]; assim brotam, naturalmente, **belíssimo**, **grandíssimo**, **duríssimo**, **caríssimo**. Alguns (muito poucos – não chegam a 50, de 50.000) têm também outra forma alternativa, usando a forma latina. É o caso de **doce** (**docíssimo** e **dulcíssimo**) , **negro** (**negríssimo** e **nigérrimo**), etc. (veja, mais abaixo, **"superlativos eruditos"**). Em algumas dessas formas latinas aparece o sufixo superlativo **-érrimo**, que vamos também encontrar em **paupérrimo**, **macérrimo** (incluo, lá no fim, uma discussão sobre esta palavra; não estava na pergunta, eu sei, mas não pude resistir), **celebérrimo** – todos, como você pode ver, com um inegável toque erudito.

Acontece, Paulo, que certos setores da imprensa – principalmente ligados à moda e ao colunismo social – passaram a usar liberalmente este sufixo, criando formas como **chiquérrimo**, **riquérrimo**, **elegantérrimo**; já ouvi **boazudérrima** (e, para meu espanto, uma forma totalmente inusitada, que não existia nem no Latim: **carésima**, **gostosésima**, **peruésima**!). Não tenho nada contra elas; as palavras, como os seres humanos, têm direito de existir, mesmo que não sejam lá boa coisa. Até gosto de usar algumas quando quero fazer ironia ou brincadeira; só não vou empregá-las quando estiver falando ou escrevendo em tom mais formal ou profissional.

Nesse sentido, sua pergunta final é **extremamente adequada**: "Se ambas estão corretas, existe uma que seria mais elegante utilizar?". É isso aí, Paulo! Esse é o verdadeiro segredo de quem usa bem o Português: não se trata apenas de escolher entre uma forma correta e uma errada, mas sim escolher, entre duas formas corretas, **a mais adequada** para a situação. **Elegantíssimo**? Podemos usar sempre, em qualquer contexto, em qualquer nível de linguagem. **Elegantérrimo**? Só no salão de beleza, na crônica social, na conversa entre amigos. Um abraço, e não deixe de dizer à sua filha que ela é que estava certa.

P. S.: Quanto ao **macérrimo**: eu disse que a composição vernácula de nossos superlativos é [adjetivo + íssimo] e que alguns apresentam, concomitantemente, uma forma mais erudita, proveniente do Latim. Assim acontece com **pobre**, que tem **pobríssimo** (pobre + íssimo) ou **paupérrimo** (no Latim, **pobre** é ***pauper***, que encontramos também em **pauperismo**, **depauperar**, etc.); com **doce**, que tem **docíssimo** ou **dulcíssimo** (no Latim, **doce** é ***dulcis***, radical que encontramos em **edulcorante**, **dulcificar** ou no nome **Dulce**). Pois bem, o adjetivo **magro** tem o superlativo vernáculo **magríssimo** ou a forma alatinada **macérrimo**; no Latim, **magro** é ***macer***, radical que podemos encontrar em **emaciar** ou **macilento**. Com a nova moda do sufixo **-érrimo**, no entanto, criou-se também **magérrimo**, uma combinação popular, meio cruza de jacaré com cobra-d'água, onde se nota talvez uma analogia com **negro-nigérrimo**. Existe essa forma? – já me perguntaram várias vezes. A resposta é **sim**; é claro que existe, se a maioria da população a utiliza diariamente (e os dicionários registram). Agora, quanto a usá-la ou não, vale o que eu sempre digo a respeito dessas variantes: camisa polo com bermuda é roupa bonita e decente, mas não serve para todas as ocasiões. Traje de recepção? **Macérrimo**. Traje de passeio ou esporte? **Magríssimo**. Camiseta com sandália, ou pijama com chinelo? **Magérrimo**.

eletrocussão

Um leitor exagerado escreve que **eletrocussão** só pode ser usado para quem é executado na cadeira elétrica; quem morre de choque morre por **eletroplessão**. Aí é que ele se engana.

*Um leitor nos questionou sobre o uso da expressão **eletrocutado** para quem morre com uma descarga elétrica provocada por um fio desencapado. Disse-nos que **eletrocutado** é aquele que morre na cadeira elétrica. Para descargas elétricas deveríamos utilizar **eletroplessão**. Realmente, no dicionário **Aurélio** consta **eletroplessão** como a morte ocorrida devido a uma descarga elétrica. Mas vamos dizer o quê? Que o cara foi **eletroplessado**? Nunca vi isso! Ou só podemos dizer que ele "sofreu uma descarga elétrica" – para não dizer que foi **eletrocutado**?*

Marina G. – Jornal do Bairro – São Paulo (SP)

Minha cara Marina: esse teu rabugento leitor está apenas seguindo uma velha opinião dos puristas, que sempre implicaram com **eletrocutar**. O verbo veio do Inglês ***electrocute***, constituído pela soma dos elementos [electr-] + [-cute] (o final de ***execute***, "executar"), um neologismo criado em 1889. É verdade que, originariamente, este verbo tinha o significado específico de executar um criminoso por eletricidade. Em pouquíssimo tempo, contudo, à medida que os usos da eletricidade se difundiam por todo o planeta, o verbo passou a ser usado para designar qualquer morte causada por descarga elétrica. Como sempre, a língua se adaptou às mudanças do mundo real. O substantivo derivado, ***electrocution***, passou a servir para qualquer morte por eletricidade – quer para mortes acidentais, quer para suicídio, quer para homicídios, quer, até mesmo, para a exótica morte causada pela descarga de peixes elétricos, como o nosso poraquê. Entre as línguas latinas, além do Português, adotaram os mesmos vocábulos o Espanhol (***electrocutar***, ***electrocución***), o Francês (***électrocuter***, ***électrocution***) e o Italiano (***elettrocuzione***).

No ***Cambridge International Dictionary,*** o exemplo dado em Inglês é *"He was **electrocuted** (=killed by electricity) when he touched the bare wires":* "Ele foi **eletrocutado** (morto por eletricidade) quando tocou nos fios desencapados". Na Itália, equipamentos elétricos podem trazer etiquetas que alertam para o "*pericolo di* ***elettrocuzione****"* ("perigo de **eletrocussão**"). Na França, os serviços de emergência/reanimação distinguem a ***électrisation*** – as diferentes manifestações fisiopatológicas devidas à passagem da corrente elétrica através do corpo humano – da ***électrocution***, que é a morte em consequência da ***électrisation***; seus manuais alertam contra os perigos do equipamento elétrico dos blocos cirúrgicos e dos serviços de reanimação, já que desfibriladores e bisturis elétricos podem ***électrocuter*** pacientes ou membros da equipe. Como se pode ver, o uso é universal.

No Português, houve as habituais reações conservadoras contra **eletrocussão**; ora, como sempre acontece, os opositores da nova forma tiveram de oferecer uma alternativa própria – e criaram o horrendo **eletroplessão**, formado arbitrariamente de [eletro] + [plessão] (do Grego ***plessein***, ferir), adotado por muitos médicos-legistas, que reservam **eletrocussão** especificamente para a morte na cadeira elétrica. Aquela criação, artificial e doméstica, que os dicionários de Portugal não registram (a bem da verdade, contudo, devo assinalar que um importante filólogo da terra de Camões sugeriu, por sua vez, um não menos horrendo **eletrocidar**...), tem a desvantagem de produzir um verbo inviável, **eletroplessar**(?). Basta comparar **eletrocuto**, **eletrocutas**, **eletrocuta**, com **eletroplesso**, **eletroplessas**, **eletroplessas**, para ver qual dos dois é o sobrevivente. Você tem toda a razão, Marina: "Ele morreu **eletroplessado"** é de amargar!

No ***Aurélio***, os dois sentidos de **eletrocussão**, **eletrocutar** são registrados: tanto a execução penal quanto a simples morte por eletricidade. No ***Dicionário Médico***, de Rodolpho Paciornik, vemos "**Eletrocussão** [De eletro + execução] – O ato de matar por meio de uma corrente elétrica. Poderá ser acidental ou no cumprimento de uma sentença legal de pena de morte". O ***Dicionário da Língua Portuguesa***, da Porto Editora, traz simplesmente "morte por meio da eletricidade". O INSS e os organismos oficiais de controle de acidentes de trabalho falam só de **eletrocussão**. O que mais quer esse seu leitor? Grande coisa que **eletrocutar**, ao nascer, quisesse dizer "executar por descarga elétrica"; as palavras mudam e ampliam seu significado, e não adianta espernear contra isso. Ou esse leitor vai exigir que as **rubricas** voltem a ser feitas em tinta **rubra** (como eram, inicialmente), ou que o pontífice volte a cuidar das **pontes** (como na Roma Antiga), ou que se volte a **bordar** apenas nas **bordas** do tecido?

esterçar

Eis um termo muito útil para quem entende de automobilismo.

*Prezado Professor: quando criança (interior de Minas Gerais), eu ouvia muito a expressão "**desterçar** a roda de um carro" ou então "**esterçar** a roda de um carro". Já constatei que nenhuma dessas duas palavras existe; já vi "terçar". Será que lá em Uberlândia todos falavam erradamente essa palavra? Aguardo sua ajuda. Abraços*

José R. – Uberlândia (MG)

Meu caro Régis: o que você quer dizer com "nenhuma dessas palavras existe"? Presumo que se traduza em "não estavam no dicionário em que procurei", não é isso? Ora, lembre-se sempre de duas verdades básicas: (1) nenhum dicionário do mundo contém todas as palavras de uma língua e (2) se você ouvia essas expressões em Uberlândia, elas decididamente existiam (a não ser que sua feliz infância fosse povoada de alucinações auditivas).

Claro que a palavra poderia ser escrita de outra forma, o que explicaria a pesquisa infrutífera. Lembro do leitor que reclamou não ter encontrado no ***Aurélio*** um vocábulo tão comum quanto ***odômetro**; ele deve ter ficado sem jeito quando eu o informei de que ele estava procurando no endereço errado: o vocábulo é **hodômetro**, e mora na letra **H**, não na letra **O** do amansa. Este, no entanto, não é o seu caso; a forma é **esterçar**, mesmo.

É um vocábulo usado em automobilismo e, portanto, coisa bem moderna. A edição atual do ***Morais*** (1999) dá **esterçar** com o significado de "mover à direita e à esquerda o volante do automóvel". Nosso dicionário campeão, o ***Houaiss***, registra o mesmo significado, mas traz muitas outras informações, entre elas que o termo vem do italiano ***sterzare***, vocábulo registrado em 1743, com o sentido primitivo de "fazer girar a carroça", que adquiriu, no século XX, o sentido de girar o volante do automóvel.

Uma rápida pesquisa nas páginas especializadas de automobilismo, na internet, mostra dezenas de exemplos do emprego de **esterçar**, **esterçamento** e **esterçante**. Não encontrei **desesterçar**, mas num lugar onde se **esterça**, por que também não se **desesterça**? Afinal, o prefixo **des-** pode ser acrescentado a qualquer verbo que admita, semanticamente, o inverso da ação: **enterrar**, **desenterrar**; **colar**, **descolar**; **pregar**, **despregar**; **comer**, **descomer**; etc. A maior parte do nosso léxico ligado ao automóvel proveio da França, de onde foram importados os primeiros carros que entraram no Brasil; **esterçar**, contudo, termo muito útil no automobilismo desportivo, veio da Itália, pátria das Ferraris, Maserattis e Lamborghinis.

Além disso, o que justifica sua incorporação ao nosso idioma é a sua grande utilidade, pois serve de base para outros vocábulos muito empregados nos textos sobre segurança ao dirigir, como **subesterçar** e **sobre-esterçar**. Um carro **subesterçante** é o que tende a sair de frente, na curva, enquanto um **sobre-esterçante** tende a sair de traseira. Neste último caso, inclusive, o remédio que os peritos recomendam (e que os simples mortais como eu não têm reflexo nem coragem para empregar) é o **contraesterço**, que consiste em aumentar a pressão no acelerador e girar a direção mais ainda em direção à curva! Os conceitos de **subesterço** e **sobre-esterço** são amplamente empregados na literatura especializada mundial, onde aparecem como ***sottosterzo*** e ***sovrasterzo*** (Italiano) e ***understeering*** e ***oversteering*** (Inglês). Fique tranquilo, que **esterçar** está correto em Uberlândia e no mundo todo!

existe **excepcionação**?

*Pergunta a leitora Márcia, de Brasília (DF): Prezado Doutor: existem as palavras **excepcionação** e **excepcionalização**?*

1a parte:

Prezada Márcia: em questão de vocábulo, não cabe essa discussão de **existe** ou **não existe**. O maior dicionário que temos, em Português, não tem um terço das palavras de nossa língua. E os outros dois terços? Estão por aí, à nossa disposição. Qualquer língua natural – Português, Inglês, etc. – tem um conjunto de elementos (prefixos, radicais e sufixos) e algumas regras de combinação desses elementos. Com isso, o falante tem uma verdadeira máquina de construir (seria melhor dizer **fazer surgir**) a palavra certa na hora em que dela necessitar. Sua pergunta é sobre duas aves esquisitas, **excepcionação** e **excepcionalização**. Em que contexto (em que frase) elas poderiam ser necessárias? Eu preciso saber disso, para poder emitir uma opinião honesta. Mande as frases em que você viu essas palavras empregadas, ou em que você sentiu vontade de empregá-las. Aí eu poderei responder.

*A leitora voltou, desta vez trazendo o contexto: "A mesma filosofia foi aplicada à filial de Curitiba; no entanto, por existirem características próprias devido à centralização nacional de algumas atividades, vamos analisar, em conjunto com a diretoria daquela filial, as **excepcionações** para as atividades em que isso se fizer necessário".*

2a parte:

Minha cara Márcia: para mim, continuam faltando dados, mas agora de outra ordem. Note que as palavras do Português (as que estão no dicionário e as que ainda nem sonham em aparecer) seguem sempre um conjunto de regras de formação determinado pelo próprio caráter da língua. Um desses princípios subterrâneos possibilita que, a partir de um **verbo** qualquer, formemos, se julgarmos necessário, um **substantivo abstrato** (é um processo importantíssimo em todas as línguas do mundo; sua real justificativa não cabe aqui discutir).

Como fazemos isso? Acrescentando certos sufixos típicos para essa finalidade: **-mento**, **-dura**, **-agem**, **-ção**, etc. Os substantivos assim formados conservam, evidentemente, uma forte dose do significado de **ação** que o verbo caracteristicamente apresenta: **enfrentamento**, **desaparecimento** (ato de **enfrentar** e **desaparecer**) ; **propositura**, **abertura** (ato de **propor** e **abrir**); **secagem** e **moagem** (ato de **secar** e **moer**) ; **construção** e **conservação** (ato de **construir** e **conservar**); e assim por diante.

Ora, seguindo esse raciocínio, para podermos formar **excepcionação** devemos presumir um verbo **excepcionar**. O verbo existe e está registrado no ***Aurélio***; o problema é que tem um sentido completamente diferente do que está no exemplo que você me mandou. É um verbo da **técnica jurídica**, mais precisamente do Direito Processual, e significa "opor exceção", isto é, a "defesa indireta (relativamente à contestação, que é direta), em que o réu, sem negar o fato afirmado pelo autor, alega direito seu com o intento de elidir ou paralisar a ação (suspeição, incompetência, litispendência, coisa julgada, etc.)". Bem longe, não é?

Que dados me faltam, então? Bem, se fosse possível demonstrar que este mesmo verbo **excepcionar** (que é, aliás, monstruoso – o que não dizer então do **excepcionação**, que é abominável?) vem suprir uma real necessidade léxica ou sintática dessa área em que você trabalha, e – o que é fundamental! – que usando **excepcionação** vocês vão conseguir dizer alguma coisa que não conseguem dizer com nossa velha **exceção**, aí teríamos uma justificativa para o novo termo. Confesso que, lendo o exemplo enviado, pareceu-me que **exceção** entra perfeitamente na frase. Pode haver aí, entretanto, alguma nuança técnica que não alcanço; por isso, passo a vocês a decisão: se existe alguma coisa realmente nova, preciso de mais exemplos. Se não há significação nova envolvida, então, por amor à língua de Vieira e Machado, enterrem essa coisa horrorosa.

P.S.: ***excepcionalização**, então, nem pensar! Agora precisaríamos de um ***excepcionalizar**! É claro que continuo na minha atitude prudente: pode ser que haja aqui sutilezas que me escapam.

gay ou **guei**?

Aprenda a diferença entre ***gay***, **guei** e **homossexual**.

Caríssimo Professor: existe um sítio brasileiro na internet sobre a homossexualidade que insiste em usar o termo ***guei*** *em vez de* **gay**. *Eu acho isso um puritanismo linguístico bastante nacionalista, bem extremista. Eu prefiro usar o termo reconhecido internacionalmente, e defendo o seu uso, pois acho que a palavra* ***homossexual*** *carrega um certo tom clínico nem sempre apropriado em meios sociais. Ademais, não sei de nenhuma palavra para* **gay** *em português que seja positiva, ou mesmo neutra – tudo me parece muito pejorativo. Seria um grande prazer receber uma resposta sua.*

Paul B. – Seattle, WA (EUA)

Meu caro Paul: enquanto ***gay*** é a forma internacional (acho melhor, porque é instantaneamente reconhecida), **guei** é uma forma que acrescenta ao significado já tradicional um nítido posicionamento nacionalista, como você bem percebeu. Cada um se alinha entre as hostes que prefere, e a escolha das palavras ou da forma de grafá-las expressa também uma tomada de posição. Intitular-se ***gay*** é aderir a uma comunidade sem fronteiras; intitular-se **guei** é, além disso, reforçar uma identidade nacional e, o que pode ser o caso, assumir uma postura politizada.

Quanto à escolha entre ***gay*** (ou **guei**) e **homossexual**, não há dúvida de que são conotativamente diferentes (embora denotativamente idênticas); a segunda é a única forma aceitável, a meu ver, em textos filosóficos ou psicanalíticos, enquanto a primeira, além de ser a única cabível no discurso do quotidiano, é mais coloquial e descontraída. Nos guias de viagens vais encontrar a rubrica "hotel *gay*", "boate *gay*", mas seria impensável "hotel homossexual", "boate homossexual". Quanto ao léxico do Português, parece que realmente ainda não temos nenhuma designação para ***gay*** que não tenha coloração pejorativa – nem mesmo no vocabulário da comunidade GLS. Você sabe muito bem, Paul, que a linguagem apenas espelha a cultura que lhe corresponde; se um dia ela mudar, o vocábulo aparecerá.

herbicidar?

Podemos dizer que **suicídio** está para **suicidar** assim como **herbicida** está para **herbicidar**? O Doutor mostra que não é bem assim que funciona a nossa língua.

Olá, Professor: minha dúvida nasceu de uma conversa com um colega agrônomo que crê ser ***herbicidar*** *um verbo que pode ser conjugado normalmente, descrevendo a ação de "matar ervas". Eu lhe disse que nem todo substantivo pode se tornar verbo e que correria menos risco se falasse apenas "aplicar herbicida". No entanto, precisamos de seu voto credenciado e decisivo à questão.*

Fábio M. – Santa Maria (RS)

Prezado Fábio: obrigado pelo cumprimento; posso dar a vocês um voto **credenciado**, mas não **decisivo**, pois o saber humano é infinito em seu progresso. Como agrônomos, vocês dois devem se sentir em casa com a ideia de que a língua é um organismo vivo e, como tal, tende para a economia de energia e de recursos. Se fizesse sentido criarmos um **herbicidar** (do ponto de vista morfológico, até que é um verbo viável), por que não teríamos **homicidar**, **genocidar**, **infanticidar**, **pesticidar**, **parricidar**, etc.? Comparando custo e benefício, vocês verão que não vale o esforço – e o sistema linguístico parece ter chegado à mesma conclusão. É significativo que o único verbo a surgir autonomamente foi **suicidar-se**, certamente por todas as implicações trágicas e excepcionais que cercam o ato. **Embarcar** veio de **barco**, mas hoje podemos **embarcar** em trem, avião, carruagem, ônibus espacial e até numa fria. No tempo da Semana de Arte Moderna, os poetas (que não passavam, em sua maioria, de piadistas) usavam alegremente **avionar**, **trenzar**, etc. – mas nada disso vingou. Continuem a "aplicar o herbicida", que é melhor. Aliás, notem que há uma disputa de significado aí nesse hipotético **herbicidar**: ele significaria "aplicar herbicida", ou "matar ervas"? São coisas bem diferentes, como vocês, mais do que ninguém, devem saber.

hétero, héteros

Se **motocicleta** gerou a forma reduzida **moto**, **heterossexual** produziu a forma **hétero**.

Como estou diariamente envolvido com dezenas de textos sobre gays *e lésbicas, tendo em vista que realizo um trabalho específico nesta área, às vezes preciso referir-me às pessoas que não são* **gays** *e tenho que deixar isso claro no texto. Nestes casos, uso a palavra* ***heterossexuais****, mas todos temos de convir que é muito grande, principalmente se comparada com* **gay***, e fica pedante e cansativa se for repetida duas ou três vezes num trecho pequeno de texto. Assim, é muito comum as pessoas se referirem aos* **não-gays** *simplesmente como* ***héteros****. Minha dúvida é sobre a existência desta palavra e sobre a grafia correta, pois não sei se deve levar acento e se posso flexioná-la em gênero e número como um adjetivo ou substantivo normal. Por exemplo: "Compareceram à Parada* **Gay** *milhares de* **gays** *e* ***héteros****, inclusive suas famílias"; "Eu achava que sua irmã fosse* ***hétera****, mas ela mesma me confirmou que é* **gay** *(lésbica)". Pergunto: a palavra* ***hétero*** *existe?*

Marcelo A. – Rio de Janeiro

Meu caro Marcelo: um dos mais recentes processos de formação de palavras no Português é o que chamamos de **redução**: no momento em que algum vocábulo complexo, geralmente composto de elementos eruditos e científicos, passa a fazer parte do vocabulário quotidiano, há uma forte tendência a reduzi-lo para um padrão prosódico mais confortável. Assim, a **fotografia** virou **foto**, o **telefone** virou **fone**, a **motocicleta**, depois de passar por **motociclo**, virou **moto**. Observe como o mesmo não ocorreu com a **caligrafia** ou a **filmografia**, com o **interfone** ou o **xilofone**, exatamente pela pequena ocorrência desses vocábulos na linguagem usual (ao menos até agora). A meu ver, este processo de redução, extremamente produtivo no Francês, será cada vez mais frequente em nosso idioma.

O vocábulo **heterossexual** era perfeitamente manejável na linguagem técnica, na qual vivia recluso. No momento em que o termo entrou na língua do dia-a-dia, no entanto, passou a ser um trambolho prosódico, sofrendo a redução para **hétero**, proparoxítono, como você observou. A acentuação destes vocábulos encurtados segue a regra oficial; por isso, **bíci** (de **bicicleta**), ou **deprê** (de **depressão**). Não importa que a parte remanescente fosse, no vocábulo original, uma forma presa (geralmente elementos de origem grega ou latina) – ela agora passa a ser autônoma e independente. Já estamos acostumados a **pornô**, **máxi**, **míni**, **múlti**; o **supermercado** virou, em algumas regiões, o **súper**; a **poliomielite** já tornou-se **pólio**, e assim por diante – tudo isso no Português usual (mais ainda na linguagem específica de várias profissões; basta ouvir médicos conversando entre si para avaliar como o processo está mais adiantado).

Plural ele vai ter, naturalmente: **héteros**, como **fotos**, **motos**, **máxis**, **pólios**. Quanto à flexão dele no feminino, acho que ainda preferimos o seu uso invariável (uma militante **hétero**). No entanto, não me surpreenderia se fosse crescendo a tendência a transformá-lo em biforme (**hétero**, **hétera**), principalmente porque esse final em **O** inexiste em vocábulos femininos, com exceção apenas de **libido** e de **tribo**. O tempo dirá.

litigância ou **litigação**

Nem todo mundo sabe que nosso generoso idioma pode oferecer mais de uma forma para o mesmo vocábulo.

*Prezado Professor, trabalho na área jurídica e tenho uma dúvida cuja resposta não encontrei em dicionários ou gramáticas; qual destas formações é a correta para o verbo **litigar**: **litigação** de má-fé ou **litigância** de má-fé? Ficaria muito grato pela resposta.*

Roney S. – Uberaba (MG)

Meu caro Roney: nosso idioma dispõe de vários sufixos para obter o mesmo resultado. Como vimos anteriormente, para a formação de substantivos **abstratos de ação** (aqueles que derivam de verbos), o Português, entre outros, pode escolher entre os sufixos **-mento**, **-dura**, **-ção** ou **-ância**. Não raro, coexistem formas concorrentes para o mesmo abstrato; por exemplo, para **dobrar** o ***Aurélio*** registra **dobradura**, **dobramento** e **dobração**. Os sufixos **-ção** e **-ância** concorrem em vários vocábulos: numa rápida examinada no dicionário, encontrei **alternação** e **alternância**, **aspiração** e **aspirância**, **claudicação** e **claudicância, culminação** e **culminância**. O uso vai preferir uma ou outra forma, por caminhos imponderáveis.

Em alguns casos – **concordância** e **preponderância** são bons exemplos –, nem conseguimos imaginar uma variante terminada em **-ção**. No caso específico de **litigar**, eu sempre vi empregado o substantivo **litigância**, embora, pelo que acabo de expor, a forma **litigação** não seria impossível, já que esta hipótese também está prevista em nosso sistema morfológico. Parece, contudo, que o plebiscito de séculos de uso consagrou apenas a forma em **-ância**. É melhor respeitá-lo.

maniático

O Professor explica que nem todo **maniático** é um **maníaco**.

*Olá, Professor! Acabaram de me falar que a palavra **maniático** não existe. Fui conferir em alguns dicionários e realmente não a encontrei. Neles constava apenas o termo **maníaco**. Considerando também o uso corriqueiro da palavra **maniático**, pergunto se é errado usá-la, pois – ao menos para mim – ela parece ter um sentido mais específico, enquanto **maníaco** parece se estender a vários outros casos. Obrigada pela atenção.*

Uda S. – Brasília (DF)

Minha cara Uda: realmente, o vocábulo **maniático**, que é largamente empregado no Espanhol, parece estar fazendo falta por aqui, pois serve para designar a pessoa que tem lá as suas manias, seus hábitos idiossincráticos, mas inofensivos, distinguindo-se, dessa forma, do **maníaco**, usado em sentido técnico pelos profissionais da área Psi.

O problema desses dois vocábulos começa com a mãe deles, a palavra ***mania*** – literalmente, "loucura", no Grego. Esse significado continua vivo na Medicina e na Psicologia; é por isso que se fala de uma psicose **maníaco-depressiva** e que se internam psicopatas no **manicômio** (foi pelas **manias** que o imorredouro Simão Bacamarte, de Machado de Assis, acabou enchendo a Casa Verde com seus parentes e vizinhos). Com o tempo, porém (**o Tempo é o senhor da Linguagem** – é bom não esquecer!), **mania** saiu do vocabulário exclusivamente científico e vulgarizou-se na linguagem corrente, passando a denominar apenas aqueles hábitos, esquisitos ou não, que fogem um pouco do usual: (1) Nada de mais em tomarmos café numa xícara; Fulano, contudo, tem a **mania** de só usar um copinho das Geléias Tabajara. (2) Ela tem a **mania** de folhear o jornal do fim para o começo. (3) Ele tem a **mania** de tirar o som da TV e ouvir a transmissão do jogo pelo rádio.

Mesmo na linguagem usual há novas distinções a caminho. **Maníaco** é a forma preferida para "gostar de alguma coisa, ser louco por ela": eu sou **maníaco** por doce de leite. **Maniático** vai entrando no Português para designar "aquele que é cheio de manias, cheio de nove horas": ela desistiu do namoro porque ele era muito **maniático**. Se o vocábulo não está ainda em nossos dicionários, isso não quer dizer que ele não exista, Uda. Centenas de palavras que empregamos não estão lá também (o ***Houaiss*** tem um pouco mais de 220 mil registros, enquanto se estima o léxico do Português em quase 600 mil itens). A vantagem de "**estar no dicionário**" é que isso elimina qualquer necessidade de justificar o emprego de um vocábulo, ao passo que o uso dos que "**ainda não estão**" pode ser contestado por algum boi-corneta. Avalie bem a situação em que você vai empregar o termo, e mande bala.

música, **musicista**

Três diferentes leitores comparecem com a mesma dúvida: a mulher que faz **música** é uma **música**? A que nasce na **Indonésia** é uma **indonésia**?

*Caro Professor Moreno, minha dúvida é a seguinte: posso chamar uma médica especializada em clínica geral de "**clínica geral** fulana de tal"? Qual é a maneira certa? Obrigado e um abraço.*

Sérgio A.

*Professor Moreno, posso dizer que uma senhora é **uma grande música**? Note que me refiro a sua profissão.*

Francisco Galvão

*Professor: moro no Japão há muitos anos e casei com uma mulher nascida na Indonésia. Se a minha esposa é nascida na **Indonésia**, a sua nacionalidade é **indonésia** ou **indonesiana**? Não acho tão estranho chamar um homem de **indonésio**, mas sinto um certo incômodo em chamar minha mulher de **indonésia**, por coincidir com o nome do país. Gostaria de obter uma resposta pelas dificuldades que tenho em consultar livros especializados, estando aqui no Japão.*

Reginaldo – Togane (Japão)

Prezados amigos: noto que todos ficaram em dúvida ao se depararem com estes femininos (**clínica**, **música**, **indonésia**, **matemática**, **estatística**, etc.) que coincidem com o próprio nome da profissão, da instituição ou do lugar de origem. É verdade que, às vezes, o efeito é tão desagradável que nos faz hesitar. No caso da **música**, temos a feliz possibilidade de utilizar o sinônimo **musicista**, comum de dois gêneros, evitando assim frases esquisitas ou ambíguas como "esqueci aquela **música"**, "a **música** me deixou emocionado", etc.

No caso da **clínica**, não há substituto; o máximo que podemos fazer é inverter a ordem dos elementos, usando "Fulana de Tal, **Clínica Geral"**. Vejam a confusão que se estabelece entre a "**Clínica Geral** Mariazinha dos Anzóis" – nome que foi dado a uma instituição – com "a pneumologista Teresinha de Jesus e a **clínica geral** Mariazinha dos Anzóis" – o nome de duas profissionais da Medicina. Em situações como essa, o melhor é contornar.

Quanto ao feminino **indonésia**, a dificuldade é a mesma que enfrentamos com o feminino **armênia** ou **argentina**. Meu caro Reginaldo, se você não quer dizer que sua esposa é **indonésia** (o que estaria correto), pode muito bem empregar **indonesiana**, já que o termo é bastante empregado e esta formação sufixal também é frequente na formação dos adjetivos gentílicos de nosso idioma. Lembro que o Brasil chama de **canadense** o que Portugal chama de **canadiano**; temos tanto argelino quanto **argeliano**, **alasquense** ou **alasquiano**, **baiense** e **baiano**, **bósnio** e **bosniano**, **salvadorenho** e **salvatoriano**.

plúmbeo

Veja o que **plúmbeo**, **chumbo** e **prumo** têm em comum.

Dizemos que a água da ***chuva*** *escoa pelo esgoto* ***pluvial****. Caro professor, este* ***pluvial*** *não viria de* ***plúmbeo*** *(de chumbo, da cor de chumbo, etc.)? Um abraço.*

Antônio A. – Palmas (TO)

Meu caro Antônio: a sua sugestão, se não está correta – **plúmbeo** nada tem a ver com a ***pluvia*** do Latim, que significa "chuva" –, se não está correta, repito, acertou em cheio noutro par de dublês: ***plumbum*** evoluiu no Português para **chumbo**; quando foi reconstituída, deu o adjetivo ***plúmbeo***, que significa "cor de chumbo", e mais uma dúzia de derivados de uso científico (**plumbagina**, **plumbago**, etc.) Lembro que, no Inglês, o vocábulo para "encanamento hidráulico" é ***plumbing***, e o sujeito que faz consertos até hoje se chama ***plumber***, reminiscência do tempo em que os canos de água eram de ferro galvanizado, e as juntas tinham de ser soldadas com chumbo derretido.

A única semelhança que existe entre **plúmbeo** e **pluvial** é a presença da conversão regular do grupo **PL** latino para o nosso **CH**: ***pluvia*** deu **chuva**; ***plaga*** deu **chaga**; ***plumbum*** deu **chumbo**; e assim por diante.

dolorido e **doloroso**

Nem tudo o que é **dolorido** é **doloroso**, nem tudo o que é **doloroso** é **dolorido**.

*Professor, cresci ouvindo uma canção muito popular aqui no Rio Grande do Sul em que o autor diz que sua mãe teve uma morte "triste e **dolorida**". Não deveria ser **dolorosa**?*

V. Fagundes – Uruguaiana (RS)

Você tem razão: a morte dessa pobre senhora, meu caro Fagundes, só poderia ter sido **dolorosa**. Como esses dois vocábulos só se distinguem pelo sufixo, já que foram criados a partir do mesmo radical primitivo (***dolor*** é "dor" em Latim), é natural que a linha que delimita o uso de um e de outro não seja bem precisa. Contudo, apesar dessa faixa gris de indefinição, podemos estabelecer significativas distinções, mais ou menos correspondentes à oposição entre **causar** e **sofrer**. **Doloroso**, de uso mais amplo, é qualquer coisa que possa **causar** dor: a notícia foi **dolorosa**; teve uma morte **dolorosa** (por oposição a uma morte sem dor, **indolor**); no mesmo sentido, o tratamento pode ser **doloroso** ou **indolor**. Enumerando os mistérios do Rosário, o Padre Vieira diz que há uns gozosos, outros **dolorosos**, outros gloriosos, e em cada uma destas distinções outros cinco mistérios também distintos – uns trazem o gozo, outros, a dor, outros, a glória. Machado de Assis, voltado agora para os mistérios deste mundo, descobre na alma humana um "doloroso gosto de falar da mulher amada".

Já **dolorido**, com sua terminação de particípio, liga-se mais ao polo passivo: é o que sofre, é o que sente dor, é aquilo que está doendo. Tem o sentido de magoado, machucado, lastimoso: a alma ficou **dolorida**; arrastava os pés **doloridos**; o local da pancada ficou **dolorido**. Não haveria o que confundir: levou uma pancada **dolorosa**, ficou com a perna **dolorida**. No entanto, ouço, com frequência, falarem em "injeção dolorida". Ora, o que as injeções podem ser é **dolorosas**; o local da "injeção" é que fica dolorido. Esta curiosa expressão nasce, com certeza, do costume familiar de chamar também de **injeção** o local onde o medicamento foi injetado. Afinal, quem já não ouviu – ou disse – "ele bateu bem na minha injeção"; "cuidado com a minha injeção, que está doendo"?

Em geral, é observada a distinção entre os dois vocábulos. Não por acaso, na gíria dos velhos frequentadores de botequim, a conta, ou despesa, pode ser chamada de "**a dolorosa**", mas jamais de "**a dolorida**" .

Na luta para evitar que nossa língua se empobreça, devemos tentar manter vivas as distinções entre palavras parecidas. Quando escrevo "ouvimos em silêncio aquelas palavras **dolorosas**", espero que meu leitor entenda que as palavras ouvidas nos causaram sofrimento, bem diferente do que Machado pretendia, ao dizer "estas palavras arrancadas da alma, tão **doloridas** – ia dizer tão lacrimosas".

importância dos afixos

Veja como o conhecimento dos **afixos** é importante para o domínio de um idioma.

*Sou professor de Inglês Instrumental, e uma das minhas técnicas de trabalho é exatamente levar o aluno a conhecer os diferentes afixos daquele idioma. Pois bem, ao ler um artigo seu sobre **paranoia**, fiquei meio decepcionado ao ver que o Sr. não considera profícuo, para o exame daquele vocábulo, um estudo deste tipo. No entanto, quando escreve sobre **dolorido** e **doloroso**, o Sr. diz que aqui há uma clara diferença estabelecida pelos sufixos, o que me fez pensar em **interesting** e **interested** (com a mesma distinção entre "passivo e ativo"). Afinal, em que momento eu devo entender que o estudo dos afixos é significativo?*

Juvenal A.

Meu caro Juvenal: eu jamais disse que não vale a pena estudar os afixos. Pelo contrário: eles são partes importantes do verdadeiro jogo de armar que é o léxico de uma língua. O que eu frisei, no artigo **sobre as lições da paranoia**, é que não podemos definir **o que seja** algo a partir do simples exame etimológico do seu nome. Isso seria confundir as **palavras** com as **coisas** que elas denominam.

Além disso, ressaltei a arbitrariedade da seleção de alguns afixos. Por exemplo, entre os sufixos formadores de abstratos (**-mento**, **-ção**, **-dura**, **-eza**), a seleção, para cada radical, é feita por critérios misteriosos do idioma. Ninguém consegue explicar por que **belo** deu **beleza** e **amargo** deu **amargura**, já que ambos os sufixos (**-eza** e **-ura**) têm o mesmo valor. Casos como **dolorido** e **doloroso**, contudo, são bem distintos, uma vez que os sufixos aqui existem para marcar diferentes significados e finalidades.

Uma língua é formada de **peças** (afixos e radicais) e de **regras** para combiná-las; quem conhece os prefixos e os sufixos (que são poucos) do Português, mais algumas centenas de radicais, tem todas as condições de operar, mentalmente, milhares de palavras – como você já deve ter percebido no seu trabalho de professor.

emboramente, **apenasmente**

Veja como se processa a formação dos advérbios em **-mente** em nossa língua e entenda por que esses dois vocábulos não passam de dinheiro falso.

Caro Professor Moreno, nosso colega de trabalho insiste em dizer ***emboramente*** *em suas frases. "****Emboramente*** *eu tenha feito aquilo...". Essa palavra pode ser utilizada de tal maneira?*

Max

Meu caro Max: isso é coisa do **Odorico Paraguaçu**, aquele inesquecível prefeito palavroso criado por Dias Gomes. É conhecido o processo pelo qual nosso idioma passou a formar advérbios em **-mente** (processo esse, aliás, presente também nas outras línguas românicas): o substantivo **mente** (o mesmo de "**mente** humana", de "poder da **mente**") e o adjetivo que o antecedia (**clara mente**, **serena mente**), que vinham separados por um espaço em branco, terminaram formando um único vocábulo composto (como **passatempo**, **girassol**, etc.). Nesse composto, **mente** perdeu o seu significado originário e passou a indicar "maneira, modo". Se um de nossos longínquos antepassados românicos entendia que "ele dispôs de seus bens **serena mente**" significava "com a **mente** serena", nós já entendemos como "de **maneira** serena" – o que permitiu o acréscimo de **mente** a todo e qualquer adjetivo. Os falantes não têm mais consciência dessa composição, tomando os advérbios em **-mente** por vocábulos simples. Mesmo assim, é emocionante observar como levamos, de forma automática, o adjetivo para o feminino (quando ele tiver os dois gêneros), reencenando, sem perceber, um antiquíssimo ritual de concordância nominal: puro, **puramente**; glorioso, **gloriosamente**;

Como você pode ver, todos os advérbios em **-mente** que existem (e também os que virão a existir) começam por um **adjetivo**. Essa é uma regra morfológica de nossa língua (não é uma regra dos gramáticos; é uma das leis internas do idioma). Formações como ***emboramente**, ***apenasmente**, etc. são de brincadeirinha.

bonitíssimo

Um cidadão alemão que está aprendendo nossa língua saiu-se com um **bonitíssimo**. Esta forma existe? É correto usar uma palavra que não está relacionada nos dicionários?

*Professor Moreno: tenho um primo na Alemanha tentando aprender a nossa língua portuguesa. Ele vem fazendo seu trabalho muito bem, mas outro dia, num museu, apontou para um quadro e disse: "Olhe! É **bonitíssimo**!". Não soube explicar por que não era assim que se falava, mas a situação acabou me deixando na dúvida. Essa forma está muito errada mesmo? Todos os adjetivos têm um superlativo? Entendo que existe uma forma erudita para os superlativos e também a forma vernácula, mas os dicionários comuns (como o famoso* **Aurélio***) só apresentam alguns superlativos menos óbvios como o **boníssimo**, mas não contêm o **belíssimo** (muito óbvio). Desta forma, como sei se o superlativo que estou propondo existe? **Bonitíssimo** não está lá. O que concluo? **Bonitíssimo** não existe, ou existe e é tão básico que nem se dão ao trabalho de publicar umas letrinhas a mais no dicionário só pra tranquilizar os menos informados?! Obrigada por sua atenção!*

Aline R. – Campinas (SP)

Minha cara Aline: é claro que existe **bonitíssimo**. Os dicionários (de qualquer língua, por sinal) costumam deixar fora de suas listas todas aquelas formações que, de tão produtivas, são facilmente deduzidas pelo falante. Assim, em Português, quase não se registram (1) os diminutivos em **-inho** e **-zinho**, (2) os superlativos em **-íssimo** e (3) os advérbios em **-mente**. Por exemplo, não há necessidade de incluir **pobrezinho**, **pobríssimo** e **pobremente**, três formações automáticas a partir de pobre. É uma economia considerável de três entradas no dicionário – e não apenas de algumas letrinhas! Multiplique isso pelas dezenas de milhares de substantivos e adjetivos, e vai ver que vale a pena!

Agora, uma coisa é certa: há padrões morfológicos que se aplicam a todos os vocábulos que existem e a todos os que virão a existir em nossa língua. Se um dia, hipoteticamente, for criado um adjetivo "**calurdo**", no mesmo instante teremos a possibilidade de formar "**calurdozinho**", "**calurdíssimo**" e "**calurdamente**" – porque essa é uma potencialidade de todo e qualquer adjetivo. O seu primo alemão apenas aplicou uma regra poderosíssima de formação de superlativo; se nós não gostamos de usar **bonitíssimo**, haverá muita gente que goste; esta forma está lá, sempre latente, esperando apenas que alguém precise dela para vir à tona, como foi o caso. Eu diria que ele está realmente começando a dominar o nosso idioma.

malformação

Veja por que **malformação** não é um vocábulo **malformado**.

*Caro Professor: sou médico e há muito tempo questiono a forma como uma palavra bastante usada no nosso meio para designar falhas no desenvolvimento de certos órgãos ou estruturas é grafada: é **malformação** (sem hífen e com **L**, como no inglês **malformation**), **mau-formação** (já que não é uma boa formação) ou **má-formação** (uma vez que o substantivo é feminino)? Procurei no meu dicionário (Celso Pedro Luft) e não encontrei a solução.*

Ricardo C. – Brasília (DF)

Meu caro Ricardo, muita gente compartilha esta mesma dúvida. **Malformação** realmente parece uma estrutura inadequada, estranha aos padrões do nosso léxico, já que estaria unindo um advérbio (**mal**) a um substantivo (**formação**); muito mais aceitável, dizem eles, seria **má-formação**, à semelhança d e **má-vontade**, **má-fé**, **mau-humor**; **malformação** não passaria de uma adaptação desajeitada do Inglês ***malformation*** (ou do Francês, que também o usa).

Quem matou a charada foi nosso saudoso professor Luft, meu mestre e patrono desta página. O equívoco, ensinava ele, é tentar interpretar os elementos constitutivos de **malformação** em termos de classes de palavras; o **mal-** que temos aqui é um simples elemento formador, que atua num nível em que ainda não se distingue o **adjetivo** do **advérbio**. No Inglês, que não tem o vocábulo **mal**, este elemento é uma forma presa, um **prefixo**, presente também em ***malocclusion***, ***malfunction***, ***malnutrition***, e foi assim que entrou no Português.

Como em nosso idioma existe a oposição **adjetivo/advérbio** entre **mau**, **má**/**mal**, alguns falantes reanalisam o vocábulo e pretendem nele enxergar, como elemento inicial, o adjetivo **mau**, na forma feminina (**má**), concordando com **formação**. Do mesmo modo, nos ensina Luft, um francês também pode estranhar, no **malformation** do Francês, o fato de não estar ali o adjetivo **mauvaise**.

Acontece – e aqui bate o ponto! – que **malformation**, no Francês, não é um composto [mal + formation], mas um substantivo derivado de um particípio:

malformé + **ation**. É o mesmo que ocorre com **malcriação**, que não é um composto do advérbio **mal** mais o substantivo **criação**, mas sim um substantivo derivado do adjetivo **malcriado**, com o acréscimo do sufixo **-ção**. Diz Luft: "Vê-se que não tem cabimento a reformulação purista má-criação: evidentemente não se trata de **criação** que seja **má**, e sim de ação/qualidade (**-ção**) de **malcriado**".

Parece uma explicação ***ad hoc***? Pois não é; são muito frequentes os exemplos desses substantivos formados pelo acréscimo de um sufixo a estruturas do tipo [advérbio+verbo]: **malversação**, **maledicência**, **malevolência** (e **benevolência**), **malfeitoria** (e **benfeitoria**), **maleficência** (e **beneficência**).

P.S.: ***Houaiss*** e ***Aurélio-Vivo*** (2a ed.) preferem **malformação**; o ***Aurélio-XXI***, coerente na sua ruindade, volta atrás e prefere **má-formação**.

vaga-lume

Veja como um nome inocente (e incompreensível) pode esconder um nome bem compreensível, mas não tão inocente!

*Olá, Professor: para minha surpresa, ao pesquisar em vários dicionários e gramáticas, encontrei ora **vagalume**, ora **vaga-lume**. Há mais de trinta anos tenho a sensação de sempre ter visto e escrito **vagalume**; quando vi esta questão em uma prova de Concurso Público, confesso que fiquei espantado com minha ignorância.*

Ricardo G. – Joinville (SC)

Meu caro Ricardo: **vaga-lume** é um composto formado no molde mais comum do Português, que é [verbo transitivo direto + objeto direto]: **porta-bandeira**, **saca-rolha**, **bate-estaca**. Na verdade, temos aqui a lexicalização de **estruturas sintáticas**, pois estamos falando de [alguém que **porta** a **bandeira**], [algo que **saca** a **rolha**], [algo que **bate** a **estaca**]. Nesses vocábulos, que são muito numerosos, usamos o hífen entre o verbo e o substantivo que lhe serve de complemento. “É justo”, pensará meu leitor, “mas o que tem a ver **vaga-lume** com esse tipo de composto? Não vá o professor dizer agora que se trata de alguém que anda **vagando** o **lume** por aí!” – a resposta, prezado Ricardo, é simples e surpreendente.

Trata-se, mais uma vez, de um simples **eufemismo** (do Grego ***eu***, bem, mais ***femi***, dizer), ou seja, uma forma socialmente mais aceitável de dizer coisas não muito publicáveis. Aqui, a forma originária é simplesmente **caga-lume**, ou seja, um animalzinho que pareceu, aos nossos antepassados portugueses, estar descomendo **lume** (forma pouco usada, hoje, no Brasil, para **fogo** ou **luz**; é um avô de **iluminar**). Não sem razão, o verbo **cagar** (que eu escrevo aqui com todas as letras só porque estas páginas têm um compromisso científico a manter; caso contrário, usaria aquele elegante (?) recurso do asterisco: “**c*g*r**”), o verbo **cagar**, repito, adquiriu forte conotação pejorativa, e o Português moderno, num processo que Freud explica muito bem, substituiu a primeira consoante por **V**, deixando o vocábulo absolutamente inocente, mas totalmente incompreensível para o falante. Esse recurso de alterar um fonema na palavra condenada, a fim de mascará-la, também está presente no ridículo **ourinol** (a forma correta, **urinol**, seria evidente demais; assim modificada, quem sabe até não a associássemos a algo mais nobre como o **ouro**?) ou no conhecidíssimo **pucha**, que nasceu da palatalização do **T** que ficava entre o **U** e o **A** (preciso dizer mais?). No teatro de Gil Vicente, no século XV, já encontramos **hidepucha**, nosso atual "**f. d. p.**".

inversível ou **invertível**?

Nem sempre os dicionários podem decidir o que é certo ou errado.

*Prezado Professor Moreno: sou, há muitos anos, professor universitário de Matemática, e sempre zelei pela nossa língua. Em verdade, esse zelo foi-me inspirado pelo meu professor Celso Luft. Hoje há entre nós, professores de Matemática, uma dúvida sobre se o correto é dizer **inversível** ou **invertível**. Esse adjetivo é importante em nosso meio, pois há necessidade de usá-lo a todo momento. Nos anos idos, dizia-se, sem a consciência reclamar, **inversível**. Nos anos recentes, um matemático influente propalou que o uso correto é **invertível**, daí a polêmica. Qual a sua opinião? Um grande abraço.*

Oclide D. – Porto Alegre (RS)

Meu caro professor: seguindo os ensinamentos de nosso mestre comum, o saudoso Celso Pedro Luft – a quem dedico este livro, aliás –, já posso afirmar que considero suspeitas, de antemão, tais descobertas adventícias, feitas por essas autoridades que aparecem para me anunciar, com cara de quem está descendo do Monte Sinai, que eu estive cego e surdo todo esse tempo. Infelizmente, essa é uma postura muito comum em nosso país; volta e meia, aparece um maluco, com o olhar esgazeado, a reinventar a roda: um quer que não seja **risco de vida**, como dizia a avó da minha bisavó, mas **risco de morte**; outro clama que a entrega **a domicílio** deve ser **em domicílio**, ao contrário do que sempre foi usado por todos – incultos, cultos ou cultíssimos. O que esses fanáticos não sabem (até porque, em sua grande maioria, pouco estudo têm de Linguística e de Gramática) é que, mesmo que a forma que eles defendem seja aceitável, a outra, que eles condenam, já existia muito antes do dia em que eles próprios vieram a este mundo.

Se nos tempos idos, como você diz, era usual o emprego de **inversível** no meio especializado dos professores de Matemática, então este vocábulo, empregado até hoje em centenas, em milhares de textos técnicos, jamais deixará de existir. O que podemos assuntar é a sua vitalidade, em confronto com a de sua irmã, **invertível**. Vejamos a tabela:

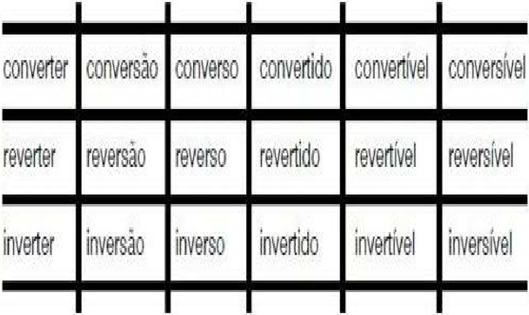

converter	conversão	converso	convertido	convertível	conversível
reverter	reversão	reverso	revertido	revertível	reversível
inverter	inversão	inverso	invertido	invertível	inversível

Note como nesta família, derivada de verbos que se formaram a partir de **verter**, aparecem alternadamente os alomorfes /vert/ e /vers/ – aliás, como já ocorria no Latim. Os dicionários atuais registram **conversível** e **convertível**, **reversível** e **revertível**, no que fazem muito bem, porque não lhes cabe decidir, apenas opinar; no entanto, só trazem **invertível**, apoiando-se na existência de um ***invertibilis*** latino e esquecendo, estranhamente, a mesma possibilidade de alomorfia naquele idioma, como se vê na convivência de ***conversibilis*** e ***convertibilis***. A ocorrência dessa dupla nas demais línguas românicas também é significativa: no Francês, usa-se apenas ***inversible***; no Espanhol, temos uma preferência de ***invertible*** sobre ***inversible*** na razão de 2 por 1; no Italiano, quase só se emprega o ***invertibile***. Aqui no Brasil, uma rápida passada pelo Google mostra uma divisão entre as duas formas, com razoável preferência por **inversível**. Assim é a linguagem humana, em toda sua fluidez e dinamicidade, meu caro professor. Qual das duas vai prevalecer? O uso dos técnicos e especialistas é que poderá responder a esta pergunta. No seu caso, trate de defender o **inversível**, que é boa moeda, contra a opinião de outros, que vão defender **invertível**; é desnecessário lembrar que esta polêmica só vai discutir **preferências**, pois nenhum dos lados poderá alegar que a sua é a forma **correta**. Abraço, e saudações acadêmicas. Prof. Moreno

sorvetaria

Temos **sorveteria** e **sorvetaria**, **joalheria** e **joalharia**. Por que não teríamos também **doceria**, **doçaria**?

*Caro Professor Moreno, aprendi que o sufixo **-aria** designa lugar, como em **padaria, drogaria** e **doçaria**. Então, por que falamos **sorveteria** e não **sorvetaria**? Seria errado ou pedante falar desse modo? Grata.*

Maíra F. – São Paulo (SP)

Minha cara Maíra: estranho raciocínio esse seu: o fato do sufixo **-aria** designar lugar não impede que **-eria** (aliás, uma variante deste sufixo) faça o mesmo! Essas duas formas aparecem como opções em dezenas de palavras de nosso idioma: **leiteria**, **leitaria**; **lavanderia**, **lavandaria**; **joalheria**, **joalharia**; etc. A escolha é pessoal (geralmente, determinada também pelos hábitos da região onde vive o falante); no entanto, nota-se, no Brasil, uma acentuada preferência por **-eria** quando o sufixo se ligar a um substantivo que tem **E** como vogal temática: **leiteria**, **sorveteria**, **uisqueria**, **joalheria**, **engraxateria**. Se você disser **sorvetaria** – mesmo sendo uma forma lícita, registrada nos dicionários –, vai soar como o ET de Varginha. É a velha distinção entre o certo e o adequado.

soteropolitano

Quem nasce em Salvador, na Bahia, é **salvadorense** ou **soteropolitano**; **salvadorenho** é vinho de outra pipa.

*Prezado Professor: numa prova do colégio, perguntaram como se chama o brasileiro que nasce na capital da Bahia. Minha filha respondeu **salvadorenho**, mas a professora marcou errado, dizendo que é **soteropolitano**. Eu nunca ouvi falar nisso e acho que a menina está certa, mas não tenho instrução suficiente para discutir com a professora. O senhor concorda comigo?*

M. P. Camargo – São Carlos (SP)

Meu prezado Camargo: a professora fez bem em recusar o **salvadorenho**, mas exagerou um pouco ao indicar a resposta apenas como **soteropolitano** (é esquisitíssimo, eu sei, mas existe).

Algumas cidades têm dois gentílicos diferentes: o usual, formado pelos processos naturais de nosso idioma, e outro mais erudito, formado artificialmente com radicais do grego ou do latim. Assim, para São Luís, no Maranhão, temos **são-luisense** e **ludovicense** (de ***Ludovicus***, nome do latim tardio que deu origem ao nosso Luís); para Salvador, na Bahia, temos **salvadorense** e **soteropolitano** (do grego ***soteros***, "salvador", mais ***polis***, "cidade"; "**Soterópolis**", portanto, seria **Salvador** com anel de doutor e diploma na parede). Em alguns casos, só existe a forma erudita: para o estado do Rio de Janeiro, usamos **fluminense** (do Latim ***flumen***, "rio", pois inicialmente se pensava que a Baía da Guanabara fosse um grande rio); para Três Corações, em Minas Gerais, usamos **tricordiano** (do Latim ***tri***, "três", mais ***cordis***, "coração").

Como você pode ver, sua menina errou a resposta; ou melhor, errou de Salvador: **salvadorenho** é quem nasce na república de El Salvador, não na cidade da Bahia. Aliás, a maioria dos vocábulos que usam o sufixo **-enho** são gentílicos de origem espanhola: **caraquenho** (Caracas), **caribenho** (Caribe), **cusquenho** (Cusco), **limenho** (Lima), **hondurenho** (Honduras), **panamenho** (Panamá), etc. Agora, a professora, ao meu ver, ao lado de **soteropolitano** deveria ter indicado também a variante **salvadorense**, a única que eu uso. Abraço. Prof. Moreno

cecê

O Doutor explica de onde veio o vocábulo **cecê** para designar o cheiro típico de quem não toma banho.

*Caro Professor, tenho uma dúvida quanto à sigla **CC**, usada para designar o mau cheiro proveniente das axilas. Gostaria de saber a origem desta sigla e o seu significado*

Marcelo B. – Campo Grande (MS)

Meu caro Marcelo: não sei qual a sua idade, mas acredito que você não tenha convivido com o famoso sabonete Lifebuoy da minha infância. Esse sabonete, que entrou no Brasil após o fim da Segunda Guerra Mundial, foi, por uma década, o campeão de vendas nos EUA, apoiado por uma agressiva campanha publicitária que exaltava a sua capacidade insuperável de combater o grande inimigo do sucesso pessoal: o mau cheiro do corpo. Com base em "820 testes científicos" (nem um a mais, nem um a menos), a publicidade do sabonete dizia que ele era capaz de eliminar o **B.O.** (sigla para ***body odor***, "cheiro do corpo") dos treze pontos mais perigosos da nossa pele (já tentei imaginar quais eram, mas nunca cheguei a completar os treze – a não ser que contasse duas axilas e dois pés...).

A propaganda nas revistas era sempre em forma de uma pequena história contada em quadros: aparecia, por exemplo, uma moça solitária, cercada por pares que dançavam elegantemente, e um balão reproduzia o seu pensamento: "Por que será que eu sou a única garota que não tiram para dançar?". Nos quadros seguintes, uma amiga se apiedava dela e tinha uma conversa "de mulher para mulher": o seu problema era o cheiro desagradável do seu corpo. "Mas eu tomo um banho diário", respondia a pobre mocinha, chocada com o rumo da conversa. "Sim, mas com um sabonete comum. Só Lifebuoy garante eliminar completamente o **B.O.**, sua tolinha!". No quadro final, é claro, a mocinha sorria, confiante, enquanto contava à amiga, por telefone, o sucesso que tinha feito entre os rapazes depois que trocara para Lifebuoy...

O produto foi lançado no Brasil com a mesma estratégia publicitária; os tradutores, então, passaram **B.O.** para **C.C.** (com o mesmo sentido de "cheiro do corpo"). A sigla se popularizou de tal maneira que, nos anos 80 (segundo a datação de Houaiss), transformou-se no vocábulo **cecê**, exatamente pelo mesmo processo de lexicalização que transformou **LP** em **elepê**.

cabeçada e **cabeceada**

A diferença entre “dar uma **cabeçada** na trave” e “dar uma **cabeceada** na trave” é a dor que isso traz.

*Prezado Professor Moreno: eu gostaria de saber se existem os vocábulos **cabeçada** e **cabeceada**. Quando alguém bate com a cabeça acidentalmente em alguma coisa, dizemos “ele deu uma **cabeçada** na porta”; entretanto, no futebol, comumente ouvimos, e inclusive falamos, “Pelé **cabeceou** a bola”; eu já ouvi inclusive narradores dizerem “Oséas **cabeceou** a trave”. Ambas as formas estão corretas? Cada uma tem uma função específica?*

Marcos I. – Porto Alegre (RS)

Meu caro Marcos: embora venha tudo de **cabeça**, são duas coisas diferentes. Em **cabeçada** (cabeça + ada), atua o sufixo **-ada**, que tem, neste caso, o sentido de “golpe dado com” – **pernada**, **patada**, **joelhada**: “Ele vinha distraído e deu uma **joelhada**/**cabeçada** na porta”.

Em **cabeceada**, temos o particípio do verbo **cabecear**, que, no caso do futebol, significa “impulsionar com a cabeça”; é formado da mesma maneira que **passeada** (de **passear**), **bloqueada** (de **bloquear**), **freada** (de **frear**). Essa transformação do particípio/adjetivo em substantivo é um dos processos mais usados atualmente para formar abstratos deverbais (chamam-se assim os substantivos que provêm dos verbos): “Vou dar uma **olhada**”, “Dá uma **lida** nisso”, “Vou fazer a **chamada** dos candidatos”.

Ora, se o jogador **cabeceou** a bola, ele deu uma **cabeceada**... Se eu ouvir que ele “deu uma **cabeceada** na trave”, vou entender que ele aparou a bola com a cabeça e a enviou contra a trave; no entanto, se ele “deu uma **cabeçada** na trave”, houve o choque de algo duro com algo mais duro ainda.

trissesquicentenário

O Professor se une às comemorações dos 450 anos de São Paulo e explica por que não temos uma palavra específica para a data.

Prezado professor: precisamos de um vocábulo adequado para designar o 450º aniversário da cidade de São Paulo. Outro professor que consultamos disse que é ***trissesquicentenário****, mas continuamos em dúvida e resolvemos consultar o senhor, que ainda parece ser de confiança.*

Jornal do Estudante – Redação – São Paulo

Prezados amigos do ***Jornal do Estudante***: fico satisfeito por gozar, entre vocês, de uma boa reputação; agrada-me essa aparência de ser confiável (embora aquele "ainda" esteja a me avisar que não deverá ser por muito tempo...). Entendo o problema de vocês: como ninguém quer andar falando por aí no **quadringentésimo quinquagésimo aniversário** da cidade, seria bom se tivéssemos um vocábulo para substituir toda essa traquitanda. No entanto, já vou avisando: percam as esperanças.

O elemento **sesqui** (literalmente, "e meio" – do Latim *semis*, "meio", mais *que*, "e") costuma indicar **uma vez e meia** a medida especificada em **X** na fórmula [sesqui + x]. No Latim, *sesquilibra* era uma libra e meia; *sesquimensis* era um mês e meio; *sesquiuncia* era uma onça e meia. Por analogia, criou-se **sesquicentenário**, um centenário e meio.

Ora, para indicar os 450 anos, criou-se artificialmente o mostrengo **trissesquicentenário**, que deveria ser decomposto, no cérebro do falante, como [três vezes um centenário e meio] – numa ingênua tentativa de transpor mecanismos da Matemática para o mundo infinitamente mais complexo que é a linguagem humana. Não é assim (graças aos deuses!) que as palavras funcionam. Os poucos lunáticos que tentaram defender essa palavra tiveram a felicidade de estar diante de uma conta redonda (450 = 150 x 3). E como ficam os 250, os 350, os 550, que não são múltiplos de 150? Nos EUA (sim, lá também há birutas de todo gênero), tentaram emplacar um *demisesquicentennial* ("meio sesquicentenário") para designar os 75 anos! Felizmente, é sempre assim que acontece quando são propostas essas palavras inviáveis: a língua vem, cheira, não gosta e aí enterra.

desinquieto

Se **desleal** é antônimo de **leal**, como é que **desinquieto** é sinônimo de **inquieto**?

Sempre me interessei pela formação das palavras e em uma delas não consegui chegar a conclusão alguma, apesar do dicionário **Aurélio** *aceitá-la. Em Minas, costuma-se falar muito que uma criança está **desinquieta**, ou seja, **agitada**. O prefixo **des-**, sendo de negação, não indicaria que ela é uma criança **não-inquieta**, ou seja, **quieta**?*

Nilza F. – Araxá (MG)

Prezada Nilza, nem sempre o **des-** vai ser prefixo de negação. Mesmo os gramáticos mais antigos, como Said Ali, já observavam que ele pode ser usado com sentido positivo – uma espécie de intensificador –, sem que o vocábulo mude o seu significado. Essas formas prefixadas são empregadas como meras variantes das formas simples: **desinquieta** (inquieta), **desinfeliz** (infeliz), **desapartar** (apartar), **desabalar** (abalar), **desafastar** (afastar). Sugiro-lhe uma olhadela, tanto no ***Houaiss*** quanto no ***Aurélio***, no verbete **des-**; ambos registram e exemplificam o fenômeno.

Isso não ocorre apenas com o "**des-**"; compare as dobradinhas **soprar** e **assoprar**, **levantar** e **alevantar** (bem no início de ***Os Lusíadas***), **mostrar** e **amostrar**, **baralhar** e **embaralhar**, **soalho** e **assoalho**, **renegar** e **arrenegar**, **esposar** e **desposar**. Há uma teoria de que esses seriam "falsos prefixos", já que são vazios de sentido (embora se perceba, em alguns casos, o efeito de reforço) e não chegam a formar um vocábulo novo. Se você prestar atenção, vai encontrar muitos outros exemplos.

o -ipe de **Sergipe**

Uma leitora quer saber o que significa o **-ipe** de Sergipe.

Caro Professor: sou estudante de Letras; numa pesquisa que fizemos, fiquei intrigada com a quantidade de nomes de lugar que terminam em ***-ipe****, como* ***Cotejipe****,* ***Sergipe****,* ***Mutuípe****, entre outros. Qual o significado deste morfema? Se possível, gostaria que o senhor me informasse o significado de* ***Cotejipe****, por exemplo.*

Renata M. – Salvador (BA)

Prezada Renata: confesso que o Tupi é uma das lacunas da minha formação; minha faculdade de Letras jamais ofereceu esta língua como disciplina regular, e o pouco que conheço fui colhendo aqui e ali, ao longo de minhas leituras sobre o Português do Brasil Colonial. No entanto, os deuses me sorriram e acabei encontrando na internet o curso breve do Tupi do professor Eduardo de Almeida Navarro, da USP (http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno03-02.html), “com base nos nomes de origem tupi da geografia e do Português do Brasil”. As lições são interessantíssimas; você não pode deixar de visitá-las. No que se refere à sua pergunta, nosso tupinólogo explica o seguinte: assim como nossas **preposições** vêm **antes** do nome regido (como o prefixo **pre-** já indica), o Tupi usa **posposições**, que vêm **depois**. ***Pe*** é uma dessas posposições, indicando “lugar onde ou para onde”. Além disso, as relações que o Português exprime com a preposição **de** (**posse**: o livro **de** Pedro; **matéria**: casa **de** tijolo) são indicadas, no idioma Tupi, com a simples inversão da ordem dos componentes, mais ou menos como faz o Inglês (Pedro livro, tijolo casa – como *Peter’s book, brick house*).

Por isso, enquanto a estrutura do sintagma, em nosso idioma, é [no+rio+dos+siris], em Tupi fica [siris+rio+em] – o que, traduzido na língua lá deles, fica **siri ‘y-pe** (onde ***siri*** é o próprio, e ***‘y*** é rio) = **Sergipe** (no rio dos **siris**). Adivinhe então, Renata, o que seria **Tatuípe**? Claro que é no “rio dos **tatus**”. E **Cotejipe**, que você perguntou especificamente? Nada menos que “no rio das **cutias**”. E **Coruripe**? Se pensarmos no sapo **cururu**, do poema de Manuel Bandeira, vamos nos dar conta de que é “no rio dos sapos”. **Jaguaripe** só pode ser “no rio das onças”, **Jacuípe**, “no rio dos jacus”, e assim por diante. Vale a pena passear pelas dez lições do professor; você vai ver como muitos nomes corriqueiros têm etimologias surpreendentes. Desta vez, sua consulta serviu para que nós dois – eu e você – aprendêssemos.

Curtas

lacração ou **lacreação**

> Fabiano, que trabalha com impressoras fiscais, máquinas que emitem cupons fiscais nos estabelecimentos comerciais, quer saber: quando esse equipamento recebe o **lacre** que autoriza o seu uso, ele sofre o processo de **lacreação** ou de **lacração**?

Meu caro Fabiano: colocar o **lacre** é **lacrar**. Os substantivos em **-ção** derivam de verbos: **remover**, **remoção**; **absolver**, **absolvição**; **lacrar**, **lacração**. Para existir ***lacreação**, deveria existir, antes, o verbo ***lacrear** (o * indica uma forma agramatical).

anatomia

Bruna, de 13 anos, gostaria de saber qual a origem da palavra **anatomia**.

Minha cara Bruna: **anatomia** é uma palavra que já nos veio prontinha do Grego, através do Latim, significando "dissecação". Nela você vai encontrar o radical **tomo**, que significa **corte**, **divisão** – presente em **tomografia**, **átomo** (que não pode ser dividido) e no próprio **tomo** (divisão de uma obra para fins de edição). Abraço. Prof. Moreno

descriminar

> Deborah, de São Paulo, gostaria de saber se é correto dizer **descriminar** e em que situações este verbo pode ser utilizado.

Minha cara Deborah: **descriminar** significa “legalizar, retirar da classificação de crime”. Fala-se agora em **descriminar** a maconha, i. é, retirar a maconha da relação de substâncias cuja posse, venda, etc. é crime arrolado no Código Penal. Uns falam, nesse mesmo sentido, em **descriminalizar**, mas prefiro a forma mais curta, mesmo.

perviedade

> Iseu C., de Curitiba (PR), precisa escrever, em um texto médico, um termo que exprima a qualidade de “estar **pérvio**”. O que seria preferível: **perviedade** ou **perviabilidade**?

Meu caro Iseu: os substantivos terminados em **-bilidade** provêm de adjetivos em **-vel**: **legível**, **legibilidade**; **permeável**, **permeabilidade**; **solúvel**, **solubilidade**. Logo, **pérvio** não poderia formar um **perviabilidade**. Se **óbvio** dá **obviedade**, **pérvio** deve produzir **perviedade**.

amêndoa e **amendoim**

> Bruno S., de Belo Horizonte (MG), quer saber se **amêndoa** e **amendoim** têm alguma relação. Será que uma palavra surgiu da outra?

Meu caro Bruno: sim, **amêndoa** e **amendoim** têm relação entre si – mas dada pelos humanos. O amendoim é nativo da América, e os portugueses o conheceram através do nome indígena **mandubi**, **mendubi** ou **mendubim**. Por analogia com **amêndoa**, palavra europeia, formou-se o **amendoim** ou **amendoí**.

morador de ilha

> Adroaldo, de Florianópolis (SC), quer saber como se chama aquele que habita uma ilha. “Pode ser chamado de **ilhéu** (pequena ilha)? Não seria o caso de ser chamado de **insulano**?”

Meu caro Adroaldo: quanto ao habitante da ilha, pode ser **insulano**, **ilhéu** ou **islenho**; no Brasil, parece haver preferência por **ilhéu** (que também significa **ilhota**).

imbricamento

Flávia, de Recife, está revisando uma dissertação de mestrado e precisa escolher entre **imbricamento** e **imbricação**.

Minha cara Flávia: ambos os sufixos (**-mento** e **-ção**) servem para formar substantivos abstratos a partir de verbos: **surgimento**, **planejamento**; **revelação**, **destruição**. Os radicais selecionam esses sufixos de uma forma que desafia uma padronização; por isso mesmo, em muitos casos, é indiferente formarmos um derivado com um ou com outro sufixo. Na Medicina, coexistem **monitoramento** e **monitoração**. Nós falamos, no Brasil, em **congelamento** de comida; em Portugal, falam de **congelação**. No seu caso, valeriam os dois – **imbricamento** e **imbricação**. Contudo, como o segundo está expressamente registrado no ***Houaiss*** e no ***Aurélio***, fique com essa forma, que não tem quem ouse contestá-la.

guarda-noturno não é derivado

> Geraldo, professor de Português, pergunta se **guarda-noturno** é um vocábulo derivado. “Vi essa classificação numa gramática, mas compartilhei esta dúvida com outros três colegas – e nenhum de nós achou que essa era uma classificação correta.”

Meu caro Geraldo: os vocábulos novos nascem, no Português, de duas maneiras básicas: (1) ou partimos de um radical e acrescentamos afixos (prefixos ou sufixos) – é a **derivação**; (2) ou juntamos dois vocábulos, cada um com seu radical próprio – é a **composição**. **Guarda-noturno** é formado por composição, unindo dois vocábulos completamente independentes (um deles, aliás – **noturno** – formado por derivação de **noite**). Não há como confundir os dois processos.

viçosidade

Vânia, de Ourinhos (MG), gostaria de saber se é correto usar a expressão **viçosidade** para a qualidade da pele viçosa.

Prezada Vânia: a língua não precisou formar **viçosidade** porque já dispõe de um termo para designar a qualidade do que é viçoso: **viço**. Fala-se do "viço da pele", como se fala do **"viço** das plantas". É bem antiga e dispensa similares.

continuação, **continuidade**

> Judival, de Brasília, quer saber se a frase correta é "...optamos pela **continuação** da greve" ou "...optamos pela **continuidade** da greve".

Meu caro Judival: a gente opta pela **continuação** da greve. Ela vai continuar; é isso. Não estamos falando de **continuidade** ou **descontinuidade** (se sofre ou não sofre interrupções, se é **contínua** ou **descontínua**).

profissão: **boquista**

> Vanessa P., de São Paulo, recebeu, na empresa em que trabalha, o currículo de uma candidata que, no campo "Experiências Anteriores", indicou ter sido **boquista** durante vários anos. "Por favor, não consegui localizar em dicionário algum essa palavra."

Minha cara Vanessa: nossa, que palavrinha mais feia! Se você for ao sítio do **Casseta e Planeta**, certamente vão te dar uma resposta daquelas! Olhe, já ouvi o termo em referência a uma especialidade da profissão de soprador de vidro, não lembro bem se de vidraria para laboratório – mas é uma vaga lembrança. Bem mais comuns são os **boquistas**, como chamam os vendedores de automóveis que trabalham na famosa Boca, em São Paulo.

vocábulo inexistente

Lioncio C., de Brasília, quer saber se há algum nome específico para designar uma pessoa que é **compradora compulsiva de livros**.

Meu caro Lioncio: olha, se nem temos um bom vocábulo para **comprador compulsivo**, muito menos teríamos para **comprador compulsivo de livros**. Pode ser até que algum artista da palavra (no mau sentido...) venha a montar um daqueles compostos eruditos, cheios de Grego e de Latim (os jornais ingleses, por exemplo, adoram essas invenções esquisitas), mas jamais virá a ser um vocábulo da língua, principalmente por nomear um tipo humano que, no Brasil, é tão raro que chega a ser exótico ("alguém que compra livros compulsivamente!" Numa terra em que comprar livros já não é comum...).

atingimento?

> Romy B., Técnica em Planejamento, escreve: “Trabalho com acompanhamento de projetos, verificando se as metas estão sendo atingidas. Posso dizer que acompanho o **atingimento** das metas? Está correto este termo?”.

Prezada Romy: não vejo por que não existiria **atingimento**. Se de **fingir** e **tingir** nominalizamos para **fingimento** e **tingimento**, respectivamente, não há razão para bloquear o mesmo processo para o verbo **atingir**. Nunca esqueça que o léxico de uma língua é composto de todas as palavras que já foram formadas e registradas, mais todas aquelas que ele, potencialmente, virá a formar – respeitadas as regras da fonologia e da morfologia daquela língua. Uma pesquisa no Google revelou mais de 5.300 ocorrências para esta palavra – inclusive no texto de leis e outros documentos jurídicos; os dicionários atuais é que ainda não a registraram, como também não registraram centenas de vocábulos usuais. Pode usar sem risco.

diminutivo de **texto**

> A leitora Adriana achava que o diminutivo de texto era **textinho**, mas disseram-lhe que seria **testículo**. Pergunta: “Isso é verdade ou um absurdo?”.

Prezada Adriana: isso é uma velha piada do meu tempo de ginásio; o diminutivo de **texto** é **textinho** ou **textozinho**, como quiser, mas nunca testículo. Diminutivo de **texto**, aumentativo de **tese** – eu e meus colegas nos divertíamos com bobagens assim, mas tínhamos apenas doze anos.

overdose, superdose

Guillermo C., de São Carlos (SP), quer saber por que usam a palavra **overdose** em lugar de **sobredose** ou **superdose**. ***Over*** não seria uma palavra em Inglês que significa "sobre"?

Caro Guillermo: sim, ***overdose*** vem do Inglês (na gíria dos viciados americanos, ***OD*** – lê-se /oudi/). Em Português seria **superdose**. Por que usam essa palavra aqui, em vez da nacional? Acho que não é por esnobismo ou por vontade de imitar o estrangeiro, dessa vez: é que **superdose** tem um sentido genérico demais para ser útil. Eu posso tomar uma **superdose** de vitamina C quando me sinto gripado, ou posso pedir ao homem do bar para servir uma **superdose** de uísque – mas não se trataria de uma **overdose**. Este vocábulo, sim, está indissociavelmente ligado às drogas pesadas. Além disso, **overdose**, ao contrário da outra, sempre sugere graves consequências médicas. Abraço. Prof. Moreno

disponibilizar

> Nilton P. registra, com desagrado, o hábito de muita gente empregar **disponibilizar** e **disponibilização**. Não encontrou essas palavras nos dicionários que consultou. "Além disso, o ***Manual de Redação e Estilo do Estadão*** diz que **disponibilizar** não existe. Como se poderiam substituir essas expressões de maneira correta?"

Meu caro Nilton: você precisa entender que jornalista não é autoridade em Língua Portuguesa, mas apenas um usuário mais atento, com grande experiência. Esses manuais de estilo para jornal obedecem a uma utilidade bem específica: fixar o uso dentro de uma determinada empresa. Não servem como referência para ninguém. O simples fato de dizer que um verbo tão usado "não existe" já revela, para quem é do ramo, que o autor não fez o seu curso de Linguística. Se olharmos no ***Houaiss***, que é o melhor dicionário de Português até agora publicado, vamos encontrar, serenamente disposto entre os demais vocábulos, o verbo **disponibilizar** (com a consequente possibilidade de derivar o substantivo abstrato **disponibilização**).

antônimo de **inadimplente**

Vilma C., do Rio de Janeiro (RJ), procura um antônimo para **inadimplente** que não seja **quite** ou **sem débito**. Ele existe?

Prezada Vilma: você deve ter notado que **inadimplente** é formado pelo prefixo de negação **IN**, que foi acrescentado a **adimplente**. Esse é o antônimo que você procura, e é bastante usado em Direito (os candidatos adimplentes, etc.).

leitão é aumentativo?

> Roberto L., de Barreiras (BA), quer saber qual o motivo para chamar o filhote do porco de **leitão**. “Conforme o ***Aurélio***, vem de **leite** + **ão**; ora, sendo o filhote, qual o motivo para usarmos o sufixo **-ão**, que é aumentativo, e não **-inho**?”

Prezado Roberto: o final **-ão** de **leitão** não é o nosso tradicional indicador de aumentativo; neste caso, ele traz uma ideia intensificada de hábito, de ação frequente (como **chorão**, **fujão**). Pois você não estranhou que o filhote de um porco use o radical de **leite**? Evidentemente, o nome designa o animal que ainda está sendo amamentado – algo assim como o **mamão** (“que ainda mama”) que empregamos para os cordeiros.

aumentativo de **pão**

> Arnaldo C., de São Paulo (SP), diz que há tempos procura o aumentativo de **pão**, mas não o encontra em lugar algum.

Meu caro Arnaldo: é um aumentativo regular, em **-[z]ão**: **pãozão**, com dois tis (oposto ao **pãozinho**).

colherinha ou **colherzinha**?

Maria Eduarda, de São Paulo, ficou intrigada com o que ouviu em um programa de culinária na televisão: “O diminutivo de **colher** é **colherinha** ou **colherzinha**?”

Prezada Maria Eduarda: como no caso de muitos substantivos, você pode tanto formar o diminutivo em **-inho** como em **-zinho**: **colherzinha**, **colherinha**; **livrinho**, **livrozinho**; **menininho**, **meninozinho**; **papelzinho**, **papelinho** (Portugal); **mulherzinha**, **mulherinha** (Portugal); **nuazinha**, **nuinha** – e assim por diante.

trailer, trêiler

Dea M., de Brasília (DF), quer saber tudo sobre a palavra ***trailer***. "O certo é ***treiler***, ***trailler*** ou ***trailer***? Trata-se de galicismo? E como fica no plural?"

Prezada Dea: se você escrever em Inglês, é ***trailer***, plural ***trailers***; a forma aportuguesada, que muitos já estão usando, é **trêiler**; o plural é **trêileres** (como **hambúrguer**, **hambúrgueres**). Se vem do Inglês, não pode ser **galicismo**; esses vêm exclusivamente do Francês (os gauleses, lembra?).

portfolio, portifólio

> Paulo Ricardo, de Porto Alegre (RS), andou pesquisando nos dicionários a grafia de **portfolio** e continuou com dúvida, porque encontrou também a forma acentuada **portfólio**.

Meu caro Paulo Ricardo: a forma correta é ***portfolio*** – em itálico e sem acento, porque ainda é vocábulo do Inglês (assim registra o mais novo e melhor dicionário que temos em nosso idioma, o ***Houaiss***). Se vier a ser aportuguesada (o que acredito que vai acontecer em breve, tamanho é o uso que se faz desse vocábulo na publicidade e nas artes gráficas), vai dar algo como **portifólio**, forma que, aliás, eu já uso há alguns anos. Note que, neste caso, a palavra passa a ter acento e um I para desmanchar aquele encontro consonantal /RTF/, inexistente nos nossos padrões fonológicos. ***Aurélio-vivo***, o da 2ª edição, registra **porta-fólio**, que tem lógica, mas é muito estranha. A forma esquisita **portfólio** (com acento, mas sem o **I**) veio registrada no confuso ***Aurélio-XXI***, que introduziu várias novidades discutíveis depois que faleceu o mestre Aurélio Buarque de Holanda.

onzentésimo?

> Khristofferson, de Macaé (RJ), pergunta sobre o numeral ordinal correspondente a 111. “Lendo a magnífica obra ***O Senhor dos Anéis***, há alguns anos, me deparei com a expressão **onzentésimo aniversário** para representar o aniversário em que o personagem comemorava seus 111 anos. Esta expressão é válida?”

Meu caro Khristofferson: isso é uma brincadeira da turma do Tolkien, e não deve ser levada a sério fora do mundo tolkieniano – tanto quanto elfos e duendes. Aqui fora, é um burocrático **centésimo décimo primeiro**. É mais ou menos como dizia o ascensorista de uma grande loja, de brincadeira, falando do 11º andar: **Ônzimo**: brinquedos, roupas infantis!

formação de adjetivo

> Arlan S., do Rio de Janeiro, quer saber como adjetivar uma composição química destinada a revestir uma superfície: “Sugeriram-me **composição revestível**, mas não me satisfiz. No meu entender, a construção é dúbia, pois tanto pode se referir a uma composição que reveste algo como também a uma composição que aceita revestimento”.

Meu caro Arlan: sua estranheza quanto a **revestível** é justificada. O sufixo **-vel** tem sentido passivo e geralmente indica “aquele que pode ser”: **descartável**, **inteligível**, **dobrável**. No seu caso, deveria ser usado um sufixo **agentivo** (“aquele que faz”); a forma que me parece mais viável seria **composição revestidora** (assim como **verniz selador**, **película protetora**).

aumentativo de **rio**

> A leitora Solange M. percebeu que um assunto simples como os aumentativos e diminutivos também pode esconder armadilhas: “Pelo que entendi, consultando os dicionários, não há aumentativo para a palavra **rio**; estou certa?”.

Prezada Solange: fazemos aumentativos ou diminutivos de qualquer substantivo; basta querer ou sentir necessidade. Já usei, e já vi várias vezes usado, o aumentativo **riozão**, assim como **friozão**, **marzão**, etc. Não se iluda com os dicionários: por razões de economia, deixam de registrar a maior parte dos aumentativos e dos diminutivos, já que eles obedecem a processos quase automáticos de formação e podem ser intuídos pelo falante.

2. Como se usa: morfologia e flexões

O sistema de flexão do Português é muito simples, se o compararmos com o da nossa língua-mãe, o Latim. Nossos substantivos, em sua grande maioria, pertencem a um único gênero, distribuindo-se pacificamente entre **femininos** (**parede**, **agulha**, **colher**, **aguardente**) e **masculinos** (**muro**, **alfinete**, **mar**, **nariz**). Os que têm os dois gêneros (geralmente os que se referem a seres vivos e sexuados) seguem um padrão básico que pouco varia, como demonstrou o brilhante Mattoso Câmara Jr., o pai da Linguística no Brasil: o feminino é assinalado pela terminação **A**, enquanto o masculino se caracteriza pela ausência desse mesmo **A**, como podemos ver em **mestrA**, **professorA e alunA**, em oposição a **mestre**, **professor** e **aluno**. Poucos são os casos que ficam fora deste sistema geral: exemplos como **avô-avó**, **réu-ré** ou **ator-atriz** não são numerosos e não oferecem maiores dificuldades para o falante.

É evidente que a progressiva ascensão social da mulher, com sua entrada definitiva na vida pública e no mercado de trabalho, criou novas situações que passaram a exigir o feminino de vocábulos que antes não eram flexionados. Isso não trouxe problema algum para o Português: como em qualquer outra língua humana, os mecanismos que funcionam em sua estrutura estão capacitados a absorver o antigo e o novo, o previsto e o imprevisto. Se as funções de **sargento**, **deputado** e **árbitro**, na vida real, podem ser desempenhadas por mulheres, nossa língua docilmente produz as formas correspondentes de **sargenta**, **deputada** e **árbitra**. Há quem as veja com estranheza, assim como há quem veja com estranheza as mulheres se dedicarem a ocupações que antes eram exclusivamente masculinas; no entanto, tanto uns quanto outros vão ter de se curvar diante da inexorável força da realidade.

Na nossa flexão nominal, o ponto mais escorregadio para o falante será, sem dúvida, aquele pequeno grupo de substantivos cujo gênero não está bem sedimentado, isto é, aqueles substantivos em que todos hesitamos na hora de classificar como masculinos ou femininos. É **um** ou **uma** avestruz? E **omelete**? E **chaminé**? E **vernissagem**? Como vamos ver, em todos esses casos precisamos optar por um ou por outro gênero, examinando a opinião dos gramáticos e dos dicionaristas, ouvindo a lição dos escritores e – não menos importante! – prestando atenção ao tratamento que as pessoas cultas de nosso século dão a esses vocábulos.

A flexão de número é ainda mais simples: forma-se o plural acrescentando **S** ao singular. Nas palavras terminadas em vogal, isso se faz sem sobressaltos; nas que terminam em consoante, haverá a necessidade de alguns ajustes fonológicos, os quais, felizmente, vão-se repetir sempre que nos defrontarmos com palavras semelhantes. Se **pastel** faz **pastéis**, isso também valerá para **papel**, **quartel**, **carrossel e gel**; se **barril** faz **barris**, assim também acontecerá com **funil**, **canil**, **sutil** e **refil**. É com base nessas regularidades que podemos determinar a flexão de palavras novas, mesmo as recém-chegadas do estrangeiro: sabemos que o plural de **hambúrguer** e **pôster** é **hambúrgueres** e **pôsteres** porque já conhecemos **revólveres**, **repórteres**, **cânceres** e **fêmures**.

Uma dificuldade adicional aparece no caso dos **vocábulos compostos**, pois abre-se a possibilidade de flexionar ambos os elementos ou apenas um deles, dependendo do caso. Não é de estranhar, portanto, que vários dos artigos que apresento a seguir tratem de problemas referentes à flexão desse tipo de palavra.

gênero dos países

Como saber se um país é masculino ou feminino?

*Prezado Professor: quando vamos usar o artigo definido antes do nome de um país, precisamos saber se ele é masculino ou feminino, para fazer a concordância: **O** Paraguai, mas **A** Venezuela. Onde posso pesquisar sobre o gênero dos países?*

Marta G. (11 anos) – Juiz de Fora (MG)

Minha prezada Marta: na gramática, o gênero dos seres sexuados é sempre idêntico ao da biologia: a **vaca**, a **cabra** e a **mulher** são femininos, enquanto o **boi**, o **bode** e o **homem** são masculinos. A língua, no entanto, atribui aos demais substantivos um gênero que é totalmente arbitrário; eles vão ser considerados masculinos ou femininos por várias razões, entre as quais predomina o padrão fonológico – ou seja, há terminações associadas ao masculino e outras associadas ao feminino. Não há nada que torne o **Uruguai** masculino e a **Venezuela** feminina além da terminação: nosso idioma trata os nomes de países, regiões, estados como **femininos** quando terminam em **"A" átono**, e como **masculinos** em todos os demais casos:

Femininos: China, Sibéria, Patagônia, Austrália, Alemanha, Paraíba, Europa, Ásia, Noruega, Groenlândia, Andaluzia, Bélgica, Croácia, Malásia, Índia, Austrália, etc.

Masculinos: Peru, Japão, Chile, Brasil, Goiás, Ceará, Sergipe, México, Panamá, Haiti, Marrocos, Egito, Irã, Portugal, Canadá, Panamá (o **"A"** é tônico), Uruguai, Israel, etc.

Que eu me lembre, só dois países rompem esse princípio: trata-se do **Quênia** e do **Camboja**, que terminam em **"A"**, mas são considerados masculinos. Como você pode ver, há um padrão por trás de tudo isso, e nosso idioma é mais organizado do que geralmente se pensa.

a cal

*Prezado Professor: quer dizer que **cal, febre** e **moral**, que eu tratava com uma certa distância, por pensar que fossem **masculinos**, de acordo com o dicionário são femininos? Posso então tratá-los com mais delicadeza, já que são, na verdade, elementos do sexo frágil? E agora, acredito nisso? Agradeço; um abraço.*

Jorge Augusto

Meu caro Jorge Augusto: sua estranheza com relação ao vocábulo **cal** é compartilhada pela maioria dos brasileiros, que veem nele um masculino como **sal** ou **mal**; a tradição erudita, contudo, conserva o gênero no feminino, como era tradicionalmente. Ora, sabemos que o gênero dos substantivos que não estão ligados a seres vivos pode muitas vezes alterar-se ao longo da evolução do idioma; **planeta** e **cometa** eram femininos para Camões, mas hoje são masculinos. Em outros casos – como **hélice**, **sucuri** ou **avestruz** –, o gênero é **flutuante**, cabendo ao falante escolher. Acho que **cal** vai fazer parte deste último grupo.

Com relação a **moral**, você estava perdendo metade do filme: existe **A moral**, conjunto de princípios éticos que rege uma comunidade ("O filme atenta contra a **moral estabelecida**"), e existe **O moral**, ânimo, estado de espírito ("**O moral** da seleção está cada vez mais **baixo**") – nesse último caso, corresponde ao popular **astral**.

Agora, **febre**? Ô, Jorge Augusto, é a primeira vez que vejo alguém tentar usar este vocábulo no masculino! Por acaso você nunca ouviu falar de **febre terçã**, de **febre amarela**, de **febre aftosa** – sempre com o adjetivo concordando no **feminino**?

nenhuns

Uma leitora brasileira que mora em Portugal estranha o emprego dos plurais **bastantes** e **nenhuns**.

Prezado Professor: sou paulistana, mas moro em Portugal há dois anos. Estranho muito quando as pessoas falam "Há ***bastantes*** *carros nas ruas?"; "Não, não há* ***nenhuns*** *carros nas ruas". Como pode existir plural neste tipo de advérbio? O meu chefe, que é português, já teimou comigo que sou eu quem fala errado! Ora, que eu saiba é redundante colocar plural nessas palavras que expressam quantidade, mas que não servem para quantificar em números alguma coisa. Ficaria melhor dizer* ***muitos*** *ou* ***nenhum****. Estou certa?*

Patrícia C. – Porto (Portugal)

Minha cara Patrícia: sinto dizer, mas seus colegas estão corretos. **Bastante**, na frase que você menciona, não é advérbio (se fosse, realmente seria invariável), mas um **pronome indefinido**. Nós também o usamos assim, com uma única diferença: no Brasil, ele adquire o sentido de "suficiente": "Tenho razões **bastantes** para concluir que...".

Lembro que aqui se costuma usar, na linguagem coloquial, um **bastante** invariável que substituiria "muito, muitos, muita, muitas": "coma bastante fruta", "tenho bastante livros", "comprei bastante revistas". Nossa gramática formal, no entanto, condena essa esquisita substituição de um pronome indefinido variável (**muito**) por um advérbio.

O **nenhuns** que você estranha é o polo oposto de **alguns**; mais uma vez, não se trata de um advérbio, e sim de outro pronome indefinido. Confesso que soa muito mal, mas não há nada de errado aqui; ocorre apenas que os brasileiros não empregam este pronome no plural. "Conheço **alguns** restaurantes" é normal, mas uma frase como "não conheço **nenhuns** restaurantes" soa esquisito para nós, que preferimos (como você mesma o faz) utilizar simplesmente o singular ("não conheço **nenhum** restaurante"). Posso mencionar vários escritores que usaram esse plural: Alexandre Herculano, Capistrano de Abreu, José Veríssimo, Júlio Dinis, Rui Barbosa, Euclides da Cunha ("O coronel Carlos Teles, em carta dirigida à imprensa, afirmou de maneira clara o número reduzido de jagunços – duzentos homens válidos, talvez sem recursos **nenhuns**" – *Os Sertões*), Eça de

Queirós ("Ega afirmou logo que em poemas **nenhuns** corria, como nos do Alencar, uma tão bela veia lírica" – *Os Maias*), o grande Machado de Assis ("Simples era a mobília, **nenhuns** adornos, uma estante de jacarandá, com livros grossos in-quarto e in-fólio; uma secretária, duas cadeiras de repouso e pouco mais" – *Helena*). Hoje, no entanto, **nenhuns** deixou de fazer parte da língua literária do Brasil; ao que parece, contudo, continua vivo aí em Portugal. Ambas as formas estão corretas; é apenas questão de uso e de preferência.

ela foi o **segundo juiz**

Ao contrário do que muita gente pensa, o Português sempre privilegiou o gênero feminino.

Prezado Professor: um jornal de destaque em nossa capital estampou a seguinte manchete: “Denise Carvalho foi o ***segundo juiz*** *afastado do cargo pelo TJ em razão de investigação envolvendo decisão contra a Petrobras”. O substantivo juiz, no masculino, está empregado corretamente para se referir à juíza?*

Marcela A. – Goiânia (GO)

Minha cara Marcela: o jornal está corretíssimo. Como o gênero feminino sempre exclui o masculino, se escrevessem que ela foi **a segunda juíza** afastada do cargo, estariam afirmando que duas juízas tinham sido afastadas. Como, ao que parece, não foi o caso, **o segundo juiz** engloba o masculino e o feminino.

Esta é uma das características do nosso idioma que vem sendo desconsiderada por muitas feministas: ele é muito menos machista do que se pensa. Enquanto, para a Psicologia, a mulher pertence ao gênero não-marcado, ocorre exatamente o inverso no Português. Mattoso Câmara Jr. há muito matou a charada: a marca do plural é o **-S**, enquanto o singular se assinala pela ausência desse **-S**; a marca do feminino é o **-A**, enquanto o masculino se assinala pela ausência desse **-A**. Ninguém duvida que **aluna**, **mestra** e **cantora** sejam femininos, porque ali está a marca; ninguém duvida que **aluno**, **mestre** e **cantor** sejam masculinos, porque ali NÃO está a marca. Por isso, sempre que queremos ser **genéricos**, podemos usar o **singular**, **masculino** (número e gênero não-marcados): “O **brasileiro** trabalha mais do que se pensa” (entenda-se: **todos**). Exatamente por perceber essa indefinição do gênero masculino das palavras é que as pessoas sentem a necessidade de especificar quando mais de um sexo estiver envolvido: “Tenho três **filhos** homens”, “Tenho três **filhos**: um homem e duas mulheres” – o que não acontece com “Tenho três **filhas**”.

Essa inconfundível marca feminina exclui automaticamente todos os homens. Se um jornal publicar que “Maria foi **a vereadora mais votada** na cidade”, ele estará dizendo que, entre as vereadoras eleitas, Maria foi a mais votada. Agora, se estampar que “Maria foi **o vereador mais votado** na cidade”, estará dizendo que Maria obteve a maior votação entre todos os vereadores (homens e mulheres).

árbitra

Mulher que apita jogo de futebol é **árbitro** ou **árbitra**?

Prezado Doutor: num dos últimos jogos pelo campeonato brasileiro de futebol, o destaque ficou por conta da (e aí é que está a dúvida!) ***árbitra*** *Sílvia Regina de Oliveira. No dia seguinte ao jogo, mais do que as estripulias da senhora Sílvia, discutia-se sobre o* ***gênero*** *desse substantivo. Por favor, nos socorra, porque a discussão está muito forte aqui na turma. Um abraço.*

Eusébio

Meu caro Eusébio: não vejo nada de novo aqui. Sempre se usou **árbitra**. Pode ser novidade no futebol, mas em outros esportes já é coisa velha. Os que se negam a usar esse feminino deveriam pensar então no seu sinônimo, **juiz** (aliás, muito mais usado, principalmente na garganta das torcidas); por acaso eles também não querem aceitar **juíza**? Ora, isso é apenas falta de hábito; quando apareceu a primeira senadora, a primeira governadora, a primeira primeira-ministra, houve também alguma reação, mas a sólida realidade, que é o que manda no nosso idioma, tratou de acalmar os ânimos.

Outro problema, bem mais sutil, surge quando falamos no cargo **genericamente**, pois aí podemos empregar (eu até prefiro!) o masculino, que serve para todo mundo: "**O árbitro** da partida foi a senhora Sílvia Regina", assim como "**O relator** da matéria foi a desembargadora Ana dos Anzóis". Não se esqueça de que o feminino, por ser marcado, exclui o masculino, mas o inverso não é verdadeiro. Retomo o que eu explicava no artigo anterior: se digo "**o vereador** mais votado foi Maria da Silva", estou dizendo que, **entre os vereadores** (homens e mulheres), Maria da Silva foi quem mais votos conquistou. Agora, se digo que "**a vereadora** mais votada foi Maria da Silva", estou dizendo que, **entre as vereadoras** (só as mulheres, homens fora), Maria da Silva saiu ganhando. Se escolherem a Sílvia como "**o pior árbitro** do campeonato", ela levou a palma de todo o mundo; no entanto, se a escolherem como "**a pior árbitra** do campeonato", ela estará sendo comparada apenas às demais mulheres (que ainda não atuam, mas, como qualquer homem sabe e teme, vão terminar atuando). Portanto, vocês devem ir se acostumando com frases como "**a árbitra**, em sua entrevista, declarou", "**as árbitras** costumam distribuir cartões com uma espantosa facilidade", e coisas assim.

aluguéis ou **alugueres**?

Um leitor de Curitiba quer saber se o plural de **aluguel** pode ser **alugueres**. Só quando o plural de **pastel** for **pasteres**!

Professor: qual é o plural correto de ***aluguel****?* ***Aluguéis*** *ou* ***alugueres****?*

Rafael S. – Curitiba (PR)

Prezado Rafael: o substantivo **aluguel** forma o plural esperado para os vocábulos que têm essa terminação: **pastel**, **pastéis**; **papel**, **papéis**; **aluguel**, **aluguéis**. Acontece que podemos (eu acho horrível!) usar também a forma clássica **aluguer**, que é a preferida no Português Europeu; aqui no Brasil, muitos advogados o fazem, ou porque são lusófilos, ou porque isso lhes dá a esperança de aparentar a erudição que não têm. Nesse caso, o plural é obviamente **alugueres** (como **mulher**, **mulheres**; **clister**, **clisteres**). A escolha é livre; o importante é não misturar uma forma com a outra: ou **aluguel**, **aluguéis**, ou **aluguer**, **alugueres**.

softwares

O Professor adverte: as palavras estrangeiras que ingressam em nosso idioma devem receber tratamento idêntico às nacionais.

Olá, Professor! Trabalho em uma agência de publicidade, e um cliente de tecnologia disse que não existe o plural da palavra **software**. *Consultei o* **Houaiss** *e ele não diz nada sobre isso. O cliente está correto? Obrigada.*

Carolina G. – São Paulo (SP)

Prezada Carolina: no Inglês culto formal, ***hardware*** e ***software*** ainda são considerados substantivos não-contáveis (***mass nouns***), o que faz com que o emprego do plural seja desaconselhado pela maioria dos gramáticos daquele idioma. Para o resto das línguas do planeta, contudo, a opinião dos gramáticos do Inglês vale menos que um tostão furado, e os dois vocábulos, que entraram no vocabulário tecnológico de dezenas de países, passaram por uma evidente evolução. Inicialmente, quando ***software*** designava a parte não-física da máquina (como na velha piada: "***Software*** é o que a gente xinga, ***hardware*** é o que a gente chuta"), era comum usar-se este vocábulo apenas no singular; no entanto, no momento em que ele passou também a significar "programa de computador", o plural passou a ser empregado largamente. Só para você ter uma ideia, a forma pluralizada ***softwares*** – abra bem os olhos! – bateu 2.140.000 ocorrências no Google; quase todas essas páginas são escritas em países cuja língua nativa usa o **S** como marca do plural (Português, Francês, Espanhol, por exemplo) ou em países cuja língua, apesar de marcar seus plurais de outra forma, usa o **S** para os plurais estrangeiros (como o Alemão e o Italiano). É natural que assim aconteça, porque os falantes de todos esses idiomas tratam ***software*** como um substantivo normal, desconhecendo a classificação de "não-contáveis" que a gramática do Inglês atribui a ele.

Quando os vocábulos migram, eles acabam, assim como as pessoas, submetendo-se às leis do seu novo país. Não importa que gramáticos ingleses considerem ***e-mail*** como um não-contável, porque o mundo inteiro envia e recebe ***e-mails*** (no plural); não importa que, em Inglês, o plural de ***mouse*** seja

mice; para nós, é **mouses** mesmo. E tem mais: como a internet é uma estrada que vai e vem, os próprios falantes do Inglês começam a aceitar esses plurais – a julgar pelo considerável número de artigos americanos, ingleses e canadenses que condenam a sua adoção (e que não seriam escritos se não houvesse simpatia pelas novas formas). A forma **mouses**, aliás, vem recebendo a preferência dos usuários técnicos e já está registrada num dicionário importante como é o ***American Heritage***.

Prezada Carolina: o cliente disse que esse plural "não existe"? Ele não entende nada de linguagem. Ele poderia alegar, isso sim, que o singular é a forma recomendada no Inglês culto, ou também no uso técnico, quando estiver em jogo a oposição conceptual "***hardware*** x ***software***". Aqui, no entanto, é diferente.

cenoura ou **cenoira**

Uma leitora pergunta o que é **cenoira**; ora, diz o Professor, é aquilo que os coelhos comem em Portugal.

Prezado Professor, gostaria que o senhor me ajudasse, respondendo o que significa a palavra ***cenoira****.*

Lydianne – João Pessoa (PB)

Minha cara Lydianne: a **cenoira** é a comida preferida dos coelhos em algumas regiões de Portugal. Em muitos vocábulos de nosso idioma, o ditongo **OU** alterna (ou alternou) com **OI**; o ***Formulário Ortográfico de 1943*** considera esse um fato normal e cita, como exemplos, **balouçar** e **baloiçar**, **calouro** e **caloiro**, **dourar** e **doirar**. Embora essa alternância ocorra principalmente antes de **R** (**touro**, **toiro**; **tesoura**, **tesoira**; **ceroula**, **ceroila**), ela já se manifestou em pares como **dois**, **dous**; **noite**, **noute**; **biscoito**, **biscouto**; **coisa**, **cousa**; **ouço**, **oiço**. Em todos os pares que mencionei, há uma tendência geral do Português Brasileiro em escolher a primeira variante, enquanto a segunda ainda aparece, com alguma frequência, no Português Europeu (chamamos assim o Português falado em Portugal).

Em certos casos, a hesitação ainda vive entre nós: podemos ouvir, aqui mesmo no Brasil, **toucinho** e **toicinho**, **louro** e **loiro**. Isso é normal; as duas variantes convivem por algum tempo, até que uma delas tenha a preferência estabilizada pelo uso. O tempo vai alterando algumas formas e fixando outras; Castro Alves, na 1ª edição de ***O Navio Negreiro***, em 1868, assim escreveu:

'Stamos em pleno mar... **Doudo** no espaço
Brinca o luar – **doirada** borboleta
E as vagas após ele correm... cansam
Como turba de infantes inquieta.

Se trocássemos, numa edição moderna, **doudo** por **doido** e **doirada** por **dourada**, a alteração passaria despercebida pela quase totalidade dos leitores. Aliás, muitas editoras têm feito isso, considerando que essa atualização não desfigura a sonoridade dos versos originais, mas isso é discussão fora da minha horta; deixo-a para os doutores em Literatura.

degrais?

Uma jovem baianinha estranha o cartaz de sua escola que proíbe os alunos de sentar nos ***degrais**.

*Prezado Professor: há um cartaz em nossa escola que diz "Não sente nos **degrais**". Não deveria ser **degraus**? Obrigada por responder.*

Paula (10 anos) – Salvador (BA)

Minha prezada Paula, tão jovem e já tão atenta para os problemas de nosso idioma: você tem toda a razão. O plural de **degrau** é **degraus**, como o de todos os vocábulos terminados no ditongo **AU** – **mingau**, **mingaus**; **luau**, **luaus**. O que deve ter atrapalhado a pessoa que escreveu essa preciosidade de cartaz é a semelhança fonética com os vocábulos terminados em **AL**, que fazem o plural em **AIS**: **jornal**, **jornais**; **quintal**, **quintais**. A mesma confusão às vezes se manifesta entre os terminados em **ÉU** e os terminados em **EL**: **chapéu**, **chapéus**; **escarcéu**, **escarcéus**; **ilhéu**, **ilhéus**; mas **papel**, **papéis**; **tonel**, **tonéis**.

Na cidade em que nasci, corria uma anedota sobre um famoso prefeito que, apesar de honesto e competente, tinha pouco ou quase nenhum estudo e vivia tropeçando da Língua Portuguesa. Certa feita, ao discursar de improviso na recepção de três atletas locais que tinham sido premiados em diferentes modalidades olímpicas, percebeu que não sabia se o plural de **troféu** era **troféus** ou **troféis** (note, Paulinha, que ele já estava ficando mais sabido, pois ao menos deu-se conta da dificuldade). Fez então o que fazemos muitas vezes quando encontramos um desses "**recifes**" gramaticais – desviou e passou pelo lado: "Eu ia saudar esses atletas pelo **troféu** conquistado, mas agora me dou conta que não foi só um, foram três!". Seria mais ou menos como o cartaz do colégio dizer: "Não sente no **degrau** – em nenhum deles!".

plural de **sim** e de **não**

*Ó dúvida atroz ! Por favor, o **sim** e o **não** podem ser flexionados, isto é, usados no plural?*

Bayard – Belo Horizonte (MG)

Prezado Bayard: esta é uma dúvida razoável, mas chamá-la de **atroz** já é exagero (por que será que você e muitos outros leitores ficam melodramáticos quando vêm fazer perguntas? Sossegue, que a banca aqui é risonha e franca). Quanto à sua dúvida, a resposta é **sim**, eles podem ser usados no plural. Esse é um dos traços característicos de nosso idioma: qualquer vocábulo, de qualquer classe, pode vir a ser (dependendo da estrutura sintática em que está inserido) **substantivado**, isto é, pode vir a ocupar a posição nuclear de um sintagma nominal, transformando-se num **substantivo.**

Quando isso ocorre, o vocábulo passa a ter a mesma flexão que os substantivos têm. Vou dar alguns exemplos: (1) **numeral** substantivado: "Estão faltando dois **oitos** neste baralho"; "vamos fazer a prova dos **noves**"; (2) **verbo** substantivado: "Os **comes** e **bebes**", "os **pores**-do-sol"; (3) **interjeição** substantivada: "Ela não ouve os meus **ais**". E assim por diante. No seu caso específico, é muito comum ouvirmos, depois da apuração de votações, frases como "tivemos 23 **sins** e 32 **nãos**".

hambúrgueres

Uma jovem leitora não concorda com o plural ***hambúrguers**; você vai ver por que ela tem toda a razão.

*Querido Professor Moreno, tenho 16 anos e faço o segundo ano do ensino médio. Língua mesmo eu só aprendo nos livros e na internet. Ando com uma dúvida antiga: se o plural de **mulher** é **mulheres**, por que o plural de **hambúrguer** é **hambúrguers** e de **trailer** é **trailers**? Justifica-se por serem palavras estrangeiras? Aguardo sua resposta; grande abraço de uma admiradora.*

Marcela A. – Goiânia (GO)

Minha cara Marcela: a sua intuição está correta: o plural de **hambúrguer** é **hambúrgueres**, e o de **trêiler** é **trêileres** — da mesma forma que **revólver**, **revólveres**; **dólar**, **dólares**; **destróier**, **destróieres**; **líder**, **líderes** (todos provenientes do Inglês). As leis da morfologia de uma língua se aplicam a qualquer vocábulo que nela exista ou venha a existir; palavras estrangeiras que entram aqui vão dançar conforme a nossa música. Formas como ***revolvers** ou ***hamburguers** são plurais do Inglês, não do Português. Continue atenta, esperta e admiradora.

masculino de **formiga**

Cada **formiga** tem seu **formigo**? Drummond diz que a **foca** tem o seu **foco**, e a **tamanduá** tem o seu **tamanduó**.

*Prezado Professor, gostaria de saber qual é o masculino de **formiga**, se é **formigão** ou **formigo**, ou se esta palavra possui gênero comum-de-dois.*

Juni C. – Uberaba (MG)

Meu caro Juni: **formiga** é como **girafa**, **onça**, **pantera** – só tem um gênero (feminino), embora possa designar animais de ambos os sexos; é o que a Gramática chama de **epicenos**. Se for preciso distinguir entre os sexos biológicos, usamos **macho** e **fêmea**. Olhe, quanto aos mamíferos, tenho certeza de que existem os dois sexos; no caso da **formiga**, não estou tão certo, porque, entre os insetos, as coisas nem sempre são tão bipolares assim. Tomemos a **abelha** como exemplo: o macho da espécie é raro e tem outra palavra para designá-lo, o **zangão**. Portanto, **abelha** só tem masculino do ponto de vista biológico, mas não do ponto de vista gramatical. Com a formiga ocorre o mesmo: não tem masculino (a palavra); quanto à Biologia, temos de consultar um especialista.

P.S.: Assaz interessante: o Português não formou o masculino de **formiga** porque esse não é um traço que interesse à nossa cultura. Ou melhor: não interessava; começa a haver sinais do contrário. Falando no filme ***AntZ*** – aqui traduzido para ***FormiguinhaZ*** –, um crítico de jornal diz que "o filme conta a história de uma formiga, na verdade um **formigo** operário neurótico, chamado Z-4195, que tenta se libertar da sociedade totalitária". Outro crítico, falando da personagem, diz que "ela, ou melhor, ele, visto que se trata de um senhor **formigo**, anseia por se libertar das suas obrigações como trabalhador". Mais adiante: "No bar da colônia AntZ ouve, da boca de um **velho formigo**, uma história incrível". Acho que você vai concordar que o masculino, nesses exemplos, apareceu com aquela naturalidade típica do que é necessário. Despeço-me com um precioso fragmento do Carlos Drummond, extraído da crônica *A Solidão do Girafo*:

"Quando já não se sabe ao certo quem é **varão**, quem é **varoa**, pelo menos se saiba distinguir o **pavão** da **pavoa** ou **pavona**, o **elefanto** da **elefanta**, o **sabiau** da **sabiá**, o **cisno** da **cisna**, o **tigro** da **tigra**, em vez de nos socorrermos do aditamento **macho** e **fêmea**. Se distinguimos **gato** e **gata**, por que não **foco** e **foca**, **tamanduó** e **tamanduá**, **tatu** e **tatua**?”

A língua agradece aos poetas; ninguém a entende como eles. A nós, só cabe admirá-los e morrer de inveja.

membra

> Na nossa tradição, membro sempre foi exclusivamente masculino; com a virada do século, contudo, começa a aparecer a sua versão feminina (ô frasezinha que ficou ambígua!).

Caro Professor: na contracapa da obra **A Prova por Indícios no Processo Penal***, da Editora Saraiva, está consignado que a sua autora é* ***membra*** *do Instituto Brasileiro de Ciências Criminais. Pergunto: o feminino de* ***membro*** *é mesmo* ***membra****?*

Luiz Carlos – São José dos Campos (SP)

Meu caro Luiz Carlos: se eu seguisse o meu primeiro impulso e baseasse minha resposta no que eu sempre encontrei na bibliografia tradicional, eu diria que essa foi uma escorregada que deu a Saraiva, geralmente tão rigorosa na sua editoração. Sempre dissemos que **membro**, **ídolo**, **vítima**, **carrasco**, **monstro**, etc. são vocábulos que, embora se apliquem a indivíduos de ambos (só dois?) sexos, **não** têm flexão de gênero e nem ao menos aceitam que essa flexão seja assinalada pela troca do artigo que os antecede (com fazemos, por exemplo, com **o/a estudante**, **o/a contratante**, os famosos substantivos **comuns-de-dois**). "Ele é **uma vítima** da sociedade", "Michelle Pfeifer é **meu ídolo**", "a mulher dele é **um monstro**", "ela é **um membro destacado** no Parlamento". Portanto, "ela é ***uma membro**" ou, pior "***uma membra**", como você encontrou no livro, seria classificado por mim como um erro de fazer chorar bacalhau em porta de venda.

No entanto, o exemplo que você mandou fez com que eu desconfiasse de que algo estava mudando. Dei então uma percorrida na internet e encontrei mais de duzentos exemplos do emprego de **membra**. É verdade que nenhum deles vem de autor respeitado, mas isso me obriga a repensar o problema. Parece que o vocábulo está começando a ser flexionado normalmente por uma faixa razoável de falantes, assim como já começa a aparecer, aqui e ali, uma **monstra** eventual.

Um desses implacáveis "juízes do idioma" que andam por aí poderia dizer que é por pura ignorância; quem conhece um pouco de Linguística, contudo, não pode dizer um absurdo desses. Quando milhares de falantes começam a usar uma forma que nos parece desviante, basta procurar um pouquinho e vamos encontrar suas motivações, não para concordar com elas e segui-las, mas para entender o que realmente está acontecendo. Pensando sobre o assunto, confesso que a tendência a dar um feminino para **membro** facilita – e muito – a sua inserção sintática. Permite a confortável concordância no feminino de frases do tipo "**ela** é **a** mais **idosa membra** de nossa comunidade", "**Fulana** é **uma antiga membra** – e bem **ativa** – do Grupo de Apoio do Paciente". Eu não gosto disso nem um pouquinho, mas não posso culpar quem prefira escrever desse modo, pois entendo que para eles soa melhor assim do que "**ela** é **o mais idoso membro** de nossa comunidade" ou "**Fulana** é **um antigo membro** – e bem **ativo** – do Grupo de Apoio".

Já conhecemos o desfecho: pode demorar dez anos, pode demorar cinquenta anos, mas o vocábulo se encaminha para se tornar **biforme** (**membro**, **membra**). As pessoas com mais formação e mais leitura vão continuar estranhando esse feminino, mas ele vai ter de ser aceito como alternativa. A mim, particularmente, ele sempre soou e sempre soará muito mal; ele me lembra um pequeno cineclube de que participei, na universidade, que era formado de onze homens e uma só mulher – à qual nos referíamos, com um misto de ironia e admiração, como "**a membra**". O que era piada, hoje está deixando de ser.

memorando

Uma leitora relata que, em seu trabalho, chamam agora de **memoranda** o que antes chamavam de **memorandos**. O que está acontecendo?

*No meu trabalho, estamos usando o termo **memoranda** para as comunicações internas que antes eram chamadas de **memorandos**. Qual é a maneira certa?*

Ludmilla

Minha cara Ludmilla: por acaso você está trabalhando num mosteiro medieval? Fiquei curiosíssimo com essa volta ao Latim, muitos séculos depois do vocábulo ter assumido a sua forma portuguesa. Usamos um **memorando**, dois **memorandos**. Em Latim, teríamos um ***memorandum***, dois ***memoranda*** (o plural do neutro era em **-a**, assim como ***curriculum*** faz ***curricula***). O Inglês ainda conserva esses plurais latinos (onde temos **estrato**, **estratos**, eles usam ***stratum***, ***strata***; onde temos **dado**, **dados**, eles usam ***datum***, ***data***; onde temos **bactéria**, **bactérias**, eles usam ***bacterium***, ***bacteria***; e assim por diante). Ora, como esse plural exótico perturba o quadro flexional do Inglês, seus dicionários já registram ***memorandum***, plural ***memoranda*** ou ***memorandums***.

A tendência é nosso sistema absorver esses vocábulos latinos e dar-lhes forma e funcionamento similares aos vocábulos de nosso léxico. Assim aconteceu com os que entraram primitivamente na Lusitânia, junto com os soldados romanos; assim deve acontecer com os que entrarem hoje, tardiamente, no Português. Há palavras em nítida transição, como ***campus***, ***campi***, que, a meu ver, está celeremente evoluindo para **câmpus** (singular ou plural, como **ônibus**, **bônus**, **tônus**, etc.). **Memorando**(**s**), no entanto, já é forma velha, há muito tempo dicionarizada. Não vejo aqui nenhuma razão para voltar; ou essa orientação saiu de um manual em Inglês, ou alguém aí no escritório está tentando demonstrar uma cultura clássica que não tem.

o Recife?

De pontos opostos do país, duas leitoras perguntam a mesma coisa: afinal, o frevo vem **de** Recife ou **do** Recife?

A leitora Iara V., de Recife (PE), pergunta se está correta a tese de que "devemos nos referir à capital de Pernambuco antepondo o artigo definido O (o Recife), uma vez que o nome da cidade é também a designação de um acidente geográfico (à semelhança do que acontece com o Rio de Janeiro, por exemplo)". A leitora Karina, de Porto Alegre (RS), traz a mesma dúvida: "Por que a maioria do povo brasileiro, excluindo a região sul, fala ***do Recife****?".*

Minhas prezadas leitoras: o princípio geral, no Português, é o de que **não se usa artigo antes de nome de cidade**: as ruas **de** São Paulo, as praças **de** Belo Horizonte, as ladeiras **de** Salvador. No entanto, às vezes o nome de um **acidente geográfico** pode interferir na construção sintática com o topônimo. Em alguns casos, isso já ficou cristalizado na Língua, enquanto em outros a decisão vai ser tomada por cada falante individual. Eu, por exemplo, sempre falo **do Rio** de Janeiro, **do Porto** (Portugal), como, penso eu, a totalidade dos brasileiros; contudo, prefiro usar **de Recife**, **de Rio Grande** (cidade em que nasci), embora perceba que muitos preferem **do Recife** e **do Rio Grande**. Esta decisão de usar ou não o artigo é apenas uma das **centenas** de situações em que o falante vai **optar** entre **duas formas corretas**; a soma de suas escolhas pessoais é o seu estilo pessoal de usar o Português. Quem quiser ficar dentro do princípio genérico, deixa **sem** artigo; quem preferir acompanhar os hábitos locais, correndo o risco de causar estranheza nos leitores não-locais, usa o artigo. Um excelente exemplo se encontra nas duas perguntas que foram feitas: a moradora de Recife prefere usar o artigo, enquanto a gaúcha acha tudo isso esquisito.

plural de **papai noel**

Veja a diferença entre o Papai Noel verdadeiro e os papais-noéis que andam por aí.

Professor Moreno, Papai Noel tem plural?

Nara D. – Goiânia (GO)

Minha prezada Nara: olha, vamos simplificar: o plural é **papais-noéis**; o uso do hífen fica à escolha do freguês, já que não existe regra para casos como este.

Agora, distingo: temos um personagem mágico, que mora em algum lugar do Ártico, que cruza o céu com seu trenó e deveria trazer presentes para as crianças boazinhas: este é o **Papai Noel**, primeiro e único (ou isso só se diz para o Rei Momo?). No mundo mitológico, ele tem domicílio, tem ocupação, tem empregados (os gnomos), dirige um veículo de tração animal e não me espantaria se tivesse CPF. É, em suma, um cidadão, e as maiúsculas do seu nome são as mesmas do meu ou do nosso nome; **Noel** aqui funciona como um sobrenome de origem francesa.

Por outro lado, temos milhares de mortais que usam – por prazer, por masoquismo ou por necessidade de ganhar a vida – as roupas e as barbas tradicionais que atribuímos ao chamado "bom velhinho". São os **papais-noéis.** É mais ou menos como, ***mutatis mutandis***, o **Diabo** (outro cidadão do mundo dos mitos) e os **diabos**, o **Saci** e os **sacis**, o **Bicho Papão** e os **bichos-papões**.

perca?

Ficar fazendo algo inútil é uma **perca** ou uma **perda** de tempo? Não perca esta explicação.

Caro Professor, dias atrás um colega de trabalho me corrigiu por eu ter falado "Isto é uma perda de tempo!", dizendo ele que o correto é "Isto é uma perca de tempo!". Afinal, o que está correto?

Márcia – Curitiba (PR)

Minha cara Márcia: ser corrigido quando a gente fala já é ruim, mas ser corrigido por um boi-corneta, que não sabe o que diz, ainda é bem pior! Claro que é **perda** de tempo! Esses substantivos deverbais (nascidos a partir de um verbo) são formados pelo acréscimo de um elemento terminal (as vogais **A**, **E** ou **O**) ao **radical** do verbo: **comprar**, **compra**; **vender**, **venda**; **trocar**, **troca**; **resgatar**, **resgate**; **estudar**, **estudo**. E, como não poderia deixar de ser, **perder**, **perda**. A forma **perca** existe, sim, mas é o presente do subjuntivo de **perder**: "Ele não quer que eu **perca** o prazo". Mostre esta frase ao seu colega para que ele aprenda: "O chefe não quer que eu **perca** horas preciosas arrumando os arquivos; ele disse que isso é pura **perda** de tempo".

afegão, afegãos

Um leitor manda bombásticas saudações e pergunta qual o plural de **afegão**.

*Caro Professor: após acompanhar atentamente os últimos acontecimentos, e profundamente sensibilizado com o povo afegão, gostaria de saber qual é o plural correto de **afegão**. E o plural de **talibã**? Obrigado, e lembranças bombásticas.*

Pedro F. – Rio de Janeiro

Meu caro Pedro: o plural dos nomes terminados em **-ão** não é coisa muito simples, como você bem sabe. Hoje temos uma só forma no singular (le**ÃO**, irm**ÃO**, alem**ÃO**) e três formas no plural (le**ÕES**, irm**ÃOS**, alem**ÃES**). Sua pergunta (e a de muitos outros leitores) pode ser traduzida do seguinte modo: qual dessas três terminações (**-ões**, **-ãos** ou **-ães**) vai ser usada no plural de **afegão**?

Como é que se escolhe entre elas? Quando as gramáticas registram a tripla possibilidade para o plural de **vilão** (**vilões**, **vilães** e **vilãos**) ou para **aldeão** (**aldeões**, **aldeães** e **aldeãos**), estão apenas refletindo o estado de hesitação de nossa língua, que teve paralisado, pela difusão do texto escrito, um movimento em direção a uma forma única de plural (**-ões**, sem dúvida alguma). Essa seria a situação ideal: ou teríamos três singulares, correspondendo aos três plurais diferentes, ou apenas um singular e apenas um plural. No entanto, ficamos assim suspensos no meio da evolução, com um único singular e três plurais diferentes, e temos de conviver com isso. Todos os aumentativos e todos os novos vocábulos em **-ão** que ingressam no Português fazem o plural em **-ões**, o que o credencia, estatisticamente, como o plural canônico para os vocábulos com essa terminação. Os outros (poucos) que escolhem **-ãos** e **-ães** são memorizados pelos falantes (**mão**, **mãos**; **irmão**, **irmãos**; **pão**, **pães**), isso quando não terminam também aderindo ao genérico **-ões**: é o caso de **corrimão**, cujo plural original é **corrimãos** (já que vem de **mão**), mas que aparece também, em todos os dicionários, com a possibilidade de um **corrimões**.

Nesses casos, o que nos ajuda mesmo, meu caro Pedro, é olhar por cima do muro e ver o que nosso vizinho de sempre, o Espanhol, anda fazendo, pois lá existem **três singulares** para **três plurais**: *herm**ano***, *herm**anos***; *le**on***, *le**ones***;

*alem**án***, *alem**anes***! A boa notícia é que podemos aproveitar isso para nossa língua (há estudos sérios sobre o assunto, mas vou simplificar): ***-ano***, ***-anos*** do Espanhol correspondem aos nossos **-ão**, **-ãos** (*herm**ano***, *herm**anos***: irm**ão**, irm**ãos**) ; **-on**, **-ones**, aos nossos **-ão**, **-ões** (*le**on***, *le**ones***: le**ão**, le**ões**); e **-án**, **-anes**, aos nossos **-ão**, **-ães** (*alem**án***, *alem**anes***: alem**ão**, alem**ães**). Pode haver um ou outro vocábulo desviante, mas em geral o sistema funciona direitinho.

Vamos ao plural de **afegão**: a maioria dos falantes do Português prefere **afegãos**; uma pequena minoria opta pela variante **afegães**, que não pode ser condenada, mas que vai certamente desaparecer com o passar do tempo. Se visitarmos o Espanhol, encontramos *afg**ano***, *afg**anos***, uma agradável confirmação de que a intuição majoritária de nossos falantes coincide com a estrutura que descrevemos no parágrafo acima. Quanto aos **talibãs**, escrevi sobre isso um artigo específico, que está no volume 1 deste mesmo livro.

plural de **Molotov**

De Berlim, chega uma consulta sobre material bélico: qual o plural de **Molotov** e de **Kalashnikov**?

Prezado Professor: trabalho em legendagem de filmes e surgiu uma dúvida em relação ao plural de Molotov e Kalashnikov. O senhor poderia esclarecer-me? Atenciosamente.

Germinal R. F. – Berlim (Alemanha)

Geralmente deixamos o nome próprio invariável quando ele é o **aposto** de um substantivo (é o famoso **aposto restritivo**, sem vírgulas, que a maioria dos manuais desconhece): "os carros **Ford**", "as câmeras **Leica**". Da mesma forma, "Os rebeldes lançaram várias bombas **Molotov**"; "Foram feitos vários disparos com aquele som característico dos fuzis **Kalashnikov**" (para quem não sabe, o popular **AK-47**); "As pistolas **Colt** são insuperáveis quanto à confiabilidade". Quando, no entanto, o nome próprio é usado como núcleo do sintagma, ele vai ser pluralizado normalmente: "O general Patton usava dois **Colts** niquelados"; "Várias **Molotovs** foram arremessadas do telhado", "As autoridades aduaneiras apreenderam uma partida de **Kalashnikovs** novinhos em folha". Espero que isso possa ajudar.

plural de real

Qual é o plural de nossa moeda? É vinte **reais**, vinte **réis** ou vamos de vinte **real** mesmo?

Caro Professor: estive estudando gramática no livro do professor Hildebrando, e ele diz que o plural de ***real*** *(moeda) é* ***réis****. Achei muito estranho. Será que todos escrevemos errado quando escrevemos* ***dois reais*** *num cheque de R$ 2 ou deveríamos escrever* ***dois réis****? Obrigado.*

Walter L. – Biguaçu (SC)

Meu caro Walter, não li tudo o que o professor Hildebrando André escreveu, mas tenho certeza de que ele não deve ter dito exatamente isso. Embora eu discorde de muitas de suas posições teóricas, ele é um gramático escolar sensato e estudioso. Quando a nossa atual moeda foi instituída, em 1994, houve uma breve discussão sobre qual seria o seu plural; os mais afobadinhos encontraram "**real** – plural **réis**" nos dicionários e vieram, triunfantes, corrigir os que começavam a dizer **reais**. Em pouco tempo, contudo, esclarecia-se o equívoco: **réis** era o plural de um **real** virtual ("moeda ideal", diz o dicionário do Morais), valor apenas de referência; o verdadeiro **real**, antiga moeda portuguesa, fazia mesmo o plural **reais** (como, aliás, qualquer substantivo terminado em **-al**).

O velho Morais (minha edição é de 1813) é bem rico em detalhes: explica-nos que havia os "**reais brancos** del-Rei D. Duarte; eram de cobre com estanho, vinte deles faziam uma libra e valiam 36 réis"; "os **reais pretos**, de cobre sem liga"; e "os **reais de prata**". Diga-se de passagem que o verbete "**real**" é bem extenso, mostrando o esforço do dicionarista em explicar, com os conceitos econômicos da época, os valores relativos entre as diferentes moedas cunhadas pelos sucessivos reis de Portugal.

Portanto, caro Walter, continue tranquilamente a usar **reais** para o plural de nossa moeda – como vimos fazendo desde 1994. **Réis** é outra coisa muito diferente. Curioso é observar dois usos populares: (1) **Mil-réis** passou a designar qualquer unidade do inconstante dinheirinho brasileiro; eu já usei **mil-réis** (o nosso simpático **merréis**, avô da **merreca**) para falar do **cruzeiro**, do **cruzado**, do **cruzado-novo**, do **cruzeiro-novo** e agora do **real**. Se um dia – que os deuses não permitam! – surgir o **real-novo**, com certeza lá estarei dizendo "Custa dois **mil-réis**". (2) Tem gente que simplesmente não usa o plural da moeda e prefere dizer, sem enrubescer, "**vinte real**", assim como os camelôs falam de "**dez dólar**". Aí já é demais!

pluralia tantum

Caro Professor, gostaria de saber se existe a grafia no singular das palavras ***parabéns, condolências, núpcias, pêsames****, etc. – ou estas palavras são grafadas somente no plural?*

Marli Z. – Criciúma (SC)

Minha cara Marli: existem, em nosso idioma, muitos vocábulos que são usados exclusivamente no plural, conhecidos como ***pluralia tantum*** – expressão tradicional da gramática latina que significa “apenas plurais”. Não são tão poucos quanto se pensa; entre os mais conhecidos, lembro **afazeres**, **anais**, **arredores**, **bodas**, **condolências**, **confins**, **esponsais**, **fezes**, **exéquias**, **núpcias**, **parabéns**, **pêsames**, **primícias**, **trevas**, **víveres**. Como o **S** que marca o plural é sempre acrescentado a uma forma anterior, não-marcada, não há dúvida de que todos eles têm (ou tiveram) uma forma singular, que, por razões semânticas, simplesmente deixou de ser empregada. Em textos mais antigos vamos encontrar, aqui e ali, alguma ocorrência de **pêsame**, **fez**, **boda**, etc., uso logo abandonado. Vieira, em seus ***Sermões*** (séc. XVII), usa **parabém** por toda parte, inclusive fazendo um jogo de palavras tão ao gosto do nosso gênio da língua: “Alcançaram o que pediram, aceitaram muito contentes o **parabém** do despacho, mas o despacho não era **para bem**”. Certamente vamos encontrar outros exemplos em escritores da mesma época, mas isso não deve obscurecer o fato, hoje incontestável, de que esses vocábulos devem ficar mesmo é no plural. Para fins práticos, devem ser considerados como aquelas cadeias de montanhas, que também sugerem a existência de um singular primitivo, hoje desconhecido: os **Alpes**, os **Andes** e os **Pireneus**.

poeta ou **poetisa**

Cecília Meireles e Adélia Prado são duas **poetisas** brasileiras, ou posso dizer que são duas **poetas**?

*Caro Professor: sempre ouvi falar em **poetisa**, mas acredito que o certo seria a **poeta**.*

Estou certo?

Gilson S.

Caro Gilson: o feminino de **poeta** sempre tinha sido **poetisa**; contudo, essa forma adquiriu uma conotação pejorativa, por lembrar aquele tipo de senhora que se veste espalhafatosamente e participa das reuniões dessas dezenas de "academias femininas de letras" que brotaram como flores silvestres por todo o território nacional na primeira metade do século XX. Na sua santa ingenuidade, ao criarem essas instituições **femininas** paralelas, estavam simplesmente reforçando a crença chauvinista de que as "verdadeiras" academias eram privilégio dos homens.

Por causa disso, alguns críticos e intelectuais, ao falar de alguém do quilate de uma Cecília Meirelles, por exemplo, começaram a dizer: "É uma grande **poeta**!". A moda pegou no meio literário e acadêmico: o vocábulo passou a ser usado por muitos como se fosse um **comum-de-dois** (aqueles substantivos como **atleta**, **artista**, **estudante**, **jovem**, etc., que têm uma só forma para os dois gêneros, mas se distinguem pelo artigo). Hoje, portanto, podemos escolher entre as duas formas de feminino: ou usamos **poetisa**, ou simplesmente **poeta**.

coletivo de **leão** e de **rato**

*Professor Moreno: Olá! Tenho curiosidade em saber o coletivo de **leões** (o animal, rei da floresta). Pesquisei algumas gramáticas e não encontrei o coletivo específico para eles. Vi que **matilha** pode ser usado para animais ferozes e **cambada** para gatos (leão = felino), mas não sei se são os indicados para leões.*

Tânia G. – Crato (CE)

Minha cara Tânia: os coletivos específicos são tão poucos que há muito se deixou de levar tão a sério o estudo desta espécie de substantivo. As cabras têm um coletivo determinado (**fato**), e assim também os camelos (**cáfila**); os porcos não deixam por menos (**vara**), e os peixes vivem em **cardumes**. E a tartaruga? A cotia? O jacaré? O tatu? A lesma? O tamanduá? O bicho-preguiça? O canguru? Esses não têm coletivos específicos, principalmente por não terem o costume de aparecer em grandes grupos. Se fizermos questão de empregar um coletivo para estes animais, devemos usar os chamados **coletivos genéricos** (que, na verdade, terminam sendo usados para tudo, até mesmo para o porco, o camelo e a cabra, que tinham os seus coletivos específicos): **bando**, **grupo**, **manada**, **rebanho**, etc. É o caso dos leões; basta escolher um desses genéricos que não esteja diretamente relacionado com alguma espécie (**cardume** de leão não dá, nem **vara**; **cáfila** muito menos, é óbvio).

Há poucos dias, minha cara Tânia, outra leitora escreveu perguntando o coletivo de **rato**: "Seria **ninhada** (por causa da criação), ou **bando**, ou nenhum deles?". **Ninhada** serve tanto para os ratinhos quanto para os filhotes de qualquer ave ou mamífero (de pinto, de cachorro, de gato, de leitão, etc.) nascidos de uma só vez; com certeza nossa leitora teve a atenção atraída pela expressão **ninho de rato**, usada para cabelo emaranhado, cama com as cobertas desfeitas ou gaveta desorganizada. O equívoco é normal; nossa memória vocabular vive nos pregando peças desse tipo.

Nesse caso – da mesma forma que com os leões –, voltamos aos coletivos genéricos. Como **grupo** e **manada** (é ruim!) de ratos não dá, usamos **bando** ou coisa semelhante. Esses coletivos estão ficando tão polivalentes que encontrei uma definição de **cambada** que poderia figurar naquela famosa enciclopédia chinesa citada por J.L. Borges: “**cambada** – coletivo de caranguejos, chaves reunidas, gente ordinária, malfeitores, objetos enfiados em cordão, peixes, vadios e vagabundos”.

Não podemos esquecer que o Português usa, para expressar a ideia coletiva, **sufixos** extremamente produtivos, o que, aliás, explica por que temos tão poucos coletivos específicos: **-ada**, **-eiro**, **-ria**, **-edo**: **boiada**, **formigueiro**, **cavalaria**, **pulguedo**, etc. Para **rato**, o ***Houaiss*** e o ***Aurélio*** registram **ratada** e **rataria**. Para **leão**, certamente o Português poderá produzir algo como **leãozada**, se for necessário – o que nunca é impossível: no momento em que se começou a chamar de **perua** aquele tipo de mulher espalhafatosa e cheia de joias, ao lado de **bando de peruas**, passei a ouvir também formações derivadas como “Naquele bar tem uma **peruada** (ou **peruagem**, ou **peruama**) infernal”. Insondáveis são os caminhos de um idioma.

obrigado

O emprego de **obrigado**, a nossa mais tradicional fórmula de agradecimento, é o campeão entre as perguntas formuladas pelos leitores. Uns querem saber se o vocábulo tem masculino e feminino, ou se é uma forma cristalizada, invariável; outros não sabem se ele concorda em gênero com a pessoa que está falando, ou com a pessoa a quem está sendo dirigido o agradecimento; outros, ainda, perguntam qual a fórmula para responder a quem nos disse "**obrigado**". Este artigo esclarece todos esses pontos, e outros mais.

Do ponto de vista de quem agradece

A palavra **obrigado** é, na verdade, a parte que aparece de uma frase bem maior, que geralmente fica subentendida quando agradecemos a quem nos atendeu ou nos fez um favor. Quando eu agradeço dizendo **obrigado** a alguém, estou dizendo, na verdade, que eu me sinto **obrigado** para com ele, isto é, que passei a ter uma **obrigação** de gratidão para com o outro. Como vemos, o simples obrigado implica um "**fico-lhe muito obrigado**", "**tenho uma obrigação para com você**". Os ingleses fazem algo parecido, quando dizem "I am **obliged** to you for...". Nosso povo, muito acertadamente, às vezes diz a mesma coisa com o expressivo "Te devo uma".

Obrigado funciona, pois, como um **adjetivo**, flexionando em gênero e número: **obrigado**, **obrigada**, **obrigados**, **obrigadas**. Assim sendo, um homem fica **obrigado**, uma mulher fica **obrigada**. Isso fica bem claro quando usamos outras fórmulas de agradecimento que também deixam subentendida parte da frase. Homem falando: [fico-lhe] **grato**, [fico-lhe] **agradecido**; mulher falando: [fico-lhe] **grata**, [fico-lhe] **agradecida**. Quanto a concordar com quem fala ou com quem se fala, o folclórico Napoleão Mendes de Almeida, no seu ***Dicionário de Questões Vernáculas***, diz de maneira irretocável: "Não importa que o agradecimento seja formulado a homem ou a mulher; o que importa é quem expressa a gratidão, se mulher ou homem". E está falado.

Há claros sinais, entretanto, de que o sistema que acabo de descrever está sendo abandonado pela língua falada. A grande quantidade de perguntas dos leitores sobre o emprego de **obrigado** revela uma fortíssima tendência de ir, aos poucos, imobilizando a expressão, tornando-a invariável, fixada na forma neutra **obrigado** (masculino, singular). O uso do feminino vai ficando raro, e muito mais rara ficou a ocorrência das formas **obrigados**, **obrigadas**, que deveriam, teoricamente, ser utilizadas no agradecimento feito em nome de várias pessoas. Uma boa solução é **substantivar** a expressão, que vai ficar sempre na forma **neutra** (masculino, singular), típica de todas as subtantivações (**o nove**, **o amanhecer**, **o talvez**, **o ai**, **o não**). “Quero apresentar-lhe **meu muito obrigado**” serve para homem ou mulher; “queremos apresentar-lhe **nosso muito obrigado**” serve para homens ou mulheres.

Do ponto de vista de quem responde ao agradecimento

Quando respondo, posso dizer: “**por nada**” , “**de nada**” , “**não há de quê**” – que são, na verdade, respostas à frase completa, pois estou afirmando que o outro não me deve nada pelo que fiz, ou seja, ele não tem por que se sentir obrigado a mim.

Outros preferem acrescentar que eles próprios é que têm de agradecer – como os garçons britânicos, que dizem ***thank you*** quando **eles** nos trazem o cardápio, o talher extra ou o sal que **nós** acabamos de pedir. Parece um pouco sem lógica, mas esse costume, que certamente torna o convívio social mais agradável, já chegou em nosso país tropical. Nesse caso, diremos “**obrigado a você**” (subentenda-se: “eu é que fico obrigado **a** você”), ou ainda “**obrigado, eu**” (subentenda-se: “obrigado fico eu”). Acho que não preciso lembrar que **obrigado** sempre vai concordar com o sexo de quem está falando; portanto, uma mulher diria “**obrigada a você**” ou “**obrigada, eu**”.

generala: o feminino de postos e cargos

Saiu na **Folha de São Paulo** *a manchete "EUA admitem que* ***uma general*** *sofreu assédio". Não seria melhor dizer logo* ***generala****?*

Luís Paulo – Presidente Prudente (MG)

Há uma forte resistência em usar a flexão feminina nos cargos e nos postos que, durante séculos, foram ocupados exclusivamente por homens. Quem acompanhou a ascensão da mulher no mundo político, nos últimos trinta anos, viu a lentidão com que a mídia foi adotando formas femininas que hoje já não causam estranheza: **primeira-ministra**, **senadora**, **deputada**, **prefeita**, **vereadora**, etc. Os que defendiam o estranho uso "a **primeiro-ministro** Indira Gandhi" argumentavam que se tratava do cargo, e o cargo era de "primeiro-ministro" – argumento de jerico, pois, se o levássemos a sério, teríamos "a **diretor** Fulana", "a **vereador** Beltrana". Pode ser que a causa fosse, em parte, um preconceito sexista; meu palpite, contudo, é que o principal responsável sempre foi a **leitura errada dos dicionários**. Brasileiro não sabe ler dicionário; é capaz de ir ao ***Aurélio*** e, ao ver ali registrado "**menino** – s. m.", concluir que não existe a forma **menina**! É de amargar!

Coisa semelhante vem ocorrendo com os postos militares. O ingresso de mulheres nas Forças Armadas e nas Polícias Militares é fato recente; ao que parece, esses organismos preferiram manter inflexionados os tradicionais **soldado**, **sargento**, **capitão**, **coronel**, **general** – daí a forma utilizada pela ***Folha de São Paulo***. É apenas uma questão de tempo, Luís Paulo, e estaremos usando **soldada**, **sargenta**, **capitã**, **coronela**, **generala**. Na verdade, essas formas já vêm sendo usadas há muito no Português, como se pode ver nos bons dicionários do passado: no Morais (1813) aparece **capitoa** como uma mulher que lidera outras ("Por capitoa, Isabel Madeira"). "**Capitoa** Úrsula os vai guiando", registra Domingos Vieira. Caldas Aulete (na 1ª edição, a confiável), diz: "**capitoa** – mulher que dirige outras em alguma ação heróica. Fem. de **capitão**". Essa forma em **-oa** deu lugar a **capitã** (mais ou menos como o **alemoa** cedeu o passo a **alemã**), termo que sempre utilizamos para designar a atleta que comanda uma equipe. **Generala** e **coronela** serviam para designar a mulher do general ou do coronel; não esqueça, entretanto, que esses também podiam ser títulos meramente honoríficos e, como tais, sempre foram usados no feminino. “A princesa é a **coronela** honorária do regimento” (Aulete). Há um clássico da literatura erótica intitulado ***As Primas da Coronela***.

Como se tudo isso não bastasse, existe, há décadas, a figura ingênua e dedicada do Exército da Salvação, com seus músicos tocando (ainda tocam? nunca mais vi) pelas esquinas deste mundo – todo ele organizado com uma hierarquia pseudomilitar, com suas **soldadas**, **sargentas**, **capitãs**, **coronelas** e **generalas**. Em suma: as formas existem; se as Forças Armadas querem adotá-las, é outra história. A ***Folha*** é que me parece atrasada.

o ou **a personagem**?

Aqui vai um estudo definitivo para terminar com a discussão sobre o gênero da palavra **personagem**.

*Prezado Doutor: eu estava lendo uma resenha literária e estranhei quando o autor falou sobre o personagem Capitu. Eu sempre aprendi que era **a personagem**, mas meu amigo me fez ver que também soa meio esquisito dizer a personagem Bentinho. Afinal, como é que ficamos?*

Sérgio G. – Taquara (RS)

Meu caro Sérgio: para que você e os demais leitores possam entender a minha posição quanto ao gênero do vocábulo **personagem**, devo começar relembrando alguns pontos de nossa velha gramática descritiva. Os substantivos do Português que se referem a seres humanos apresentam, na sua maior parte, uma forma para cada gênero: **professor**, **professora**; **mestre**, **mestra**; **padeiro**, **padeira**; etc. Há, no entanto, um pequeno grupo que tem uma única forma, que vamos usar tanto para homens quanto para mulheres. É muito importante lembrar que esse grupo de substantivos uniformes divide-se, por sua vez, em três subgrupos:

1 – **comum-de-dois** – é aquele substantivo que, apesar de invariável, permite que nós distingamos o feminino e o masculino com base no artigo, numeral ou pronome que o antecede: o/a **agente**, este/esta **colega**, aquele/aquela **intérprete**, meu/minha **cliente**.

2 – **sobrecomum** – é o substantivo que tem um gênero gramatical determinado (ele é **ou** masculino, **ou** feminino), mas que serve para designar pessoas de ambos os sexos. Um bom exemplo é **cônjuge**; este é um vocábulo exclusivamente masculino (**o** cônjuge, **meu** cônjuge); se eu precisar distinguir entre o homem e a mulher, no entanto, vou ter de lançar mão de recursos linguísticos adicionais: o cônjuge **feminino**, o cônjuge **varão**, etc. Esse tipo de substantivo pode (e deve), por sua vez, ser dividido em dois subgrupos:

2.1 – **sobrecomum masculino** – serve para ambos os sexos, mas só tem a forma **masculina**, com a qual vão concordar todos os seus determinativos: **o indivíduo**, **os dois cônjuges**, **o algoz**.

2.2 – **sobrecomum feminino** – serve para ambos os sexos, mas só tem a forma **feminina**: **a testemunha**, **a vítima**, **a criança**.

O problema com **personagem** pode ser traduzido numa simples pergunta: **em qual dos três grupos acima ele deve ser enquadrado**? Da resposta que escolhermos, caro leitor, dependerá o tratamento que vamos dar a esse vocábulo:

2.1 – **sobrecomum masculino** – se nossa opção foi por esse grupo, vamos usar sempre **o personagem**, não importando se é homem ou mulher. "Capitu é talvez o melhor personagem de Machado de Assis", "Ceci e Isabel são os dois personagens femininos mais importantes de ***O Guarani***", etc. Este é o gênero do vocábulo em Francês (***personnage***), de onde proveio a nossa palavra **personagem**; talvez por isso mesmo essa opção pelo masculino seja muito atacada pelos puristas, que veem aqui o espectro do galicismo (ainda haverá quem fale nisso?).

2.2 – **sobrecomum feminino** – quem prefere esta, usa sempre o feminino: "A personagem Bentinho", "D. Quixote e Sancho Pança são as duas personagens imorredouras de Cervantes". Muitos autores defendem esta forma, baseados num princípio bastante sólido: quase todos os vocábulos em **-agem** são femininos em nosso idioma. Um exemplo famoso é a obra ***A Personagem de Ficção***, organizada por Antônio Cândido, nossa grande autoridade em literatura.

1 – **comum-de-dois** – esta é a posição defendida por Celso Luft e Houaiss; esta também é a posição que prefiro. Da mesma maneira que usamos **o** e **a selvagem**, vamos usar **a personagem** para os indivíduos femininos ("a personagem Capitu"; "as personagens Cecília e Isabel") e **o personagem** para o sentido abstrato (agenérico) ou para o exclusivamente masculino: "o personagem de teatro é mais denso que o personagem do cinema"; "o personagem Bentinho"; "Bentinho e Capitu são os dois melhores personagens de Machado"; e assim por diante.

Todos nós sabemos que não adianta tentar forçar uma dessas escolhas; o máximo que podemos fazer é usá-la e, assim fazendo, contribuir para sua difusão, talvez até influenciar as outras pessoas para que também a usem. E não adianta ficar torcendo para que a nossa seja considerada a vencedora, porque jamais veremos isso acontecer – as três vão permanecer vivas por muito tempo, sobrevivendo a qualquer um de nós que esteja lendo estas linhas. Cada uma delas tem as suas razões, o que faz de **personagem** um belo exemplo de tolerância linguística: usem a forma que preferirem, mas me deem o direito de defender a minha escolha.

plural dos compostos

Para entender o plural de **vale-transporte**, precisamos ingressar no perigoso território dos vocábulos compostos.

*Ilustre professor, venho indagar-lhe sobre o plural de certas palavras compostas, cujo primeiro termo são verbos, como **bate-bola, come-quieto, vale-transporte,** esta última especialmente.*

Mário V. – Rio de Janeiro (RJ)

Meu caro Mário: infelizmente, as coisas não são tão simples assim. Aliás, quando se trata de compostos, **nunca** são simples. Os compostos do Português são **sintáticos**, isto é, mantêm entre seus componentes as mesmas relações que os sintagmas da frase mantêm entre si. Uma das formas mais comuns de composição é [verbo transitivo + objeto direto] : **porta-bandeira**, **guarda-roupa**, **saca-rolha** (**porta**, **guarda** e **saca** são os verbos; **bandeira**, **roupa** e **rolha** são os objetos diretos). A leitura que deles se faz é a de "alguém ou alguma coisa que porta a bandeira, que guarda a roupa, que saca a rolha". Este tipo de composto só flexiona no segundo elemento: **porta-bandeiras**, **guarda-roupas**, **saca-rolhas**.

Acontece que em **vale-transporte** não há verbo: **vale** aqui é um substantivo, que também pode ser usado independentemente ("Preciso de um **vale**", "Já tirei dois **vales** este mês"). Pertence a outra estrutura de composição, já menos frequente, [substantivo + substantivo], presente também em **hora-aula**, **salário-família**, **operário-padrão**. A leitura desses compostos seria, a rigor, "hora **de aula**", "salário **para a família**", "operário **que serve como padrão**", "vale **para o transporte**". O plural, portanto, sintaticamente condicionado, é **horas-aula** (*horas* de aula), **salários-família** (*salários* para a família), **vales-transporte** (*vales* para o transporte). Assim se escreve na norma culta – **hoje**. No entanto, como a língua é **História**, a percepção que os falantes têm dos vocábulos muda com o passar do tempo: à medida que o vocábulo composto vai deixando de ser percebido como estrutura sintática e começa a ser considerado **um vocábulo uno**, sente-se uma fortíssima pressão estrutural da língua no sentido de colocar também uma marca de plural no **final** do composto. Daí o uso cada vez mais generalizado de

horas-aulas, **salários-famílias**, **vales-transportes**, variantes que eu jamais usaria, mas que despontam como a interpretação mais moderna desse tipo de composto.

No mesmo caso estão **vale-brinde**, **vale-refeição**, **vale-pedágio**. Bem diferente (o que ajuda a entender o que estou dizendo) é **vale-tudo;** aqui sim temos o verbo **valer** ("luta onde **vale tudo**"). A formação é análoga à de **porta-bandeira**; deveria flexionar apenas o segundo elemento. Neste caso específico, todavia, como **tudo** é uma palavra invariável, o composto fica sem flexão: os **vale-tudo**. Consegui ser claro?

vocábulos compostos: interpretação

*Professor Moreno: li sua explicação sobre o plural dos compostos. Concordo que, em **vale-compras**, a palavra **vale** seja substantivo. Mas acho que ela também pode ser interpretada como verbo (isso vale uma compra). Desse modo, as duas formas (**vales-compra** e **vale-compras**) não deveriam estar corretas?*

Ademar J. Q. – Goiânia (GO)

Meu caro Ademar, a sua pergunta bate exatamente no prego: é tão fluida a natureza de nossos vocábulos **compostos** que são poucas as afirmações definitivas que podemos fazer sobre eles – ao contrário dos vocábulos **simples**, muito mais fáceis de sistematizar, cujo comportamento segue princípios que o falante termina "adivinhando". Nos **substantivos** do Português, por exemplo, é bem definida a oposição entre o **plural**, marcado pelo **S**, e o singular, reconhecido exatamente pela ausência dele. Não nos incomodamos com os raríssimos substantivos que têm o **S** mesmo no singular (como **pires** ou **lápis**), embora falantes mais simples, sem instrução, muitas vezes interpretem essas formas como pertencentes ao plural e criem aqueles ingênuos singulares que nos fazem sorrir: "*quebrei um **pir**", "*perdi meu **lápi**" (análogo a **faquir**, **faquires** e **táxi**, **táxis**). Convém perceber que esses erros não se devem ao **desconhecimento** da regra do plural, mas sim à **interpretação** errônea dos fatos linguísticos.

A importância dessa interpretação, por parte do falante, é decuplicada no caso dos compostos. Como eu fiz questão de frisar no artigo que você menciona, os compostos não são carne, nem peixe: eles ficam num limbo intermediário entre um vocábulo simples e unitário, de um lado (como **cadeira**, **palha**), e um elemento da estrutura sintática, formado por vários vocábulos, do outro (como "**cadeira de palha**"). Graficamente, um composto atua como um vocábulo uno, pois fica isolado entre dois espaços em branco; ora, por que não acrescentamos, simplesmente, um **S** no final de **guarda-noturno**, **pé-de-moleque**, **hora-aula**, formando ***guarda-noturnos**, ***pé-de-moleques** e ***hora-aulas**? Exatamente porque sentimos a presença da estrutura sintática que lhe deu origem. Fazemos **guardas-noturnos** porque temos aí uma banal sequência de um substantivo acompanhado de seu adjetivo modificador; fazemos **pés-de-moleque** porque estamos flexionando o **núcleo** de um antigo sintagma nominal (como **cartas de baralho**, **flores de papel**, etc.); fazemos **horas-aula** pela mesma razão, já que a presença do substantivo à direita, agindo como especificador (**aula**), é explicada pela estrutura subjacente "horas de aula".

Quando vamos operar com um vocábulo composto, essa "desmontagem" mental pode variar de um falante para o outro, criando-se assim diferentes consequências flexionais. Se eu decompuser **vale-refeição** como [**vale** uma refeição], terei enxergado aqui uma estrutura [**verbo** + **substantivo**] (análoga a **tira-gosto**, **quebra-pedra**, **porta-estandarte**), que só poderá ser flexionada no substantivo: **vale-refeições**. Se, no entanto, eu interpretá-lo como [**vale** destinado à refeição], terá a estrutura [**substantivo** + **especificador**] (análogo a **operário-padrão**, **hora-aula**), que só deve ser flexionada no primeiro elemento: **vales-refeição**.

Sempre que encontrarmos dúvida ou hesitação na flexão de um composto, podemos ter certeza de que isso foi motivado pela possibilidade, naquele determinado caso, de uma dupla interpretação sintática de seus elementos constituintes.

P.S.: No caso particular de **vale-compra**, **vale-refeição**, etc., repito que opto sempre pela interpretação [substantivo + especificador], com o consequente plural **vales-compra**, **vales-refeição**. A meu ver, este **vale** que aqui é uma substantivação formada a partir do verbo **valer**: o papel onde se escrevia (e ainda se escreve) "vale um refrigerante", "vale cem reais", "vale uma entrada para o domingo", etc. passou a ter esse nome, assim como aconteceu com o **habite-se** ou o **atenda-se**.

Além disso, quando um composto é formado de [verbo + substantivo], sempre pressupomos um **sujeito** que complete essa estrutura: **porta-estandarte** é, no fundo, "**alguém** que porta o estandarte"; **bate-estaca** é "um aparelho que bate a estaca". Isso impede que façamos uma referência abreviada ao composto, usando apenas o seu primeiro elemento ("*lá vem o **porta**", "*ouça o **bate**"), o que pode, no entanto, ocorrer em compostos cujo núcleo é um **substantivo**: o guarda-civil, o **guarda**; o mestre-escola, o **mestre**; o vale-transporte, o **vale**; e assim por diante.

os sem-terra

Na redação de um jornal, a turma diverge sobre o plural de **sem-terra**.

*Prezado Professor: o plural de **sem-termo** (s.m.) é **sem-termos**, de **sem-razão** (s.f.) é **sem-razões**, de **sem-vergonheza** (s.f.) é sem-vergonhezas. No entanto, o senhor respondeu a um leitor aconselhando-o a usar **os sem-terra**, do mesmo modo que **os sem-vergonha**, os **fora-da-lei**. E aí, como fica? Aqui no jornal é uma discussão só. Pode nos esclarecer melhor?*

Carlos – Vitória (ES)

Meu prezado Carlos (e colegas de redação): **sem-terra** fica mesmo invariável; o plural é "os **sem-terra**". Vocês não podem fazer uma analogia com **sem-razão** ou **sem-vergonheza**, porque estes dois funcionam como **substantivos**. Já **sem-terra** tem a posição e a função de um verdadeiro **adjetivo**, pois sempre tem um referente externo a ele (expresso ou elíptico); em outras palavras, este composto sempre estará numa posição sintática que pode ser descrita como [**alguém sem terra**]: [o camponês **sem-terra]**, [os camponeses **sem-terra]**. Algo idêntico acontece com o homem **fora-da-lei**, os homens **fora-da-lei**; o **fora-da-lei**, os **fora-da-lei**. Aliás, tem um filme por aí, nas locadoras, que tem o vistoso título de *Os **foras**-da-lei* (eta, ferro! Conseguiram pôr o plural na preposição!). Você também pode comparar com **sem-sal**: [mulher **sem-sal]**, [mulheres **sem-sal]**. Acho que o pessoal aí do seu jornal não ia aceitar um "**mulheres sem-sais**" – ou ia? Abraço. Prof. Moreno

P.S.: O mesmo vale para os **sem-teto**, os **sem-dinheiro**, os **sem-família**, os **sem-pão**, os **sem-vergonha**, etc.

plural dos compostos:

Estados-Nação

Estado-Nação, **hora-aula**, **folha-padrão**, **palavra-chave** – como se forma o plural desses compostos?

*Caro Professor Moreno, eu tenho dúvidas sobre a expressão **Estado-nação**. A primeira é a própria grafia – se **Estado-nação, Estado-Nação** ou qualquer uma destas duas formas, sem o hífen. A segunda diz respeito ao uso do plural. Eu estive lendo a sua esclarecedora explicação do plural de compostos e percebo que a expressão estaria entre as que são formadas por [substantivo+substantivo]; parece-me, além disso, que o sentido é "Estado que é nação" (mas isso é um pouco complicado; afinal, a expressão foi cunhada pela História para se referir à unificação da Itália e da Alemanha, pelo que sei). O plural então ficaria **Estados-nação**? Sempre grata pela sua atenção.*

Dea F. L.

Minha cara Dea: que palavrinha feia, essa! Olha, eu não sei exatamente tudo o que está por trás do conceito de **Estado-Nação** (já que **Estado** vai com maiúsculas, é melhor fazer o mesmo com **Nação**), mas eu flexionaria como **Estados-Nação**. Acontece que nem sempre a minha intuição concorda com a dos especialistas que usam o vocábulo. Para mim, por exemplo, um **decreto-lei** seria "um **decreto** que tem a força de **lei**, que a ela se equipara"; nada mais justo do que fazer o plural **decretos-lei** – no que eu sou literalmente atropelado pela grande nação dos juristas, que usam exclusivamente **decretos-leis**.

Isso se entende facilmente: há uma forte tendência a tratar como **formas variáveis** ambos os elementos dos compostos do tipo [**subtantivo** + **substantivo**]: em vez de **horas-aula**, **palavras-chave**, **folhas-padrão**, que é a flexão canônica, cada vez mais aparecem formas como **horas-aulas**, **palavras-chaves**, **folhas-padrões**. É tal a incidência dessas últimas (e desengonçadas) flexões que já dá para perceber em que direção o quadro está avançando. Contudo, se mais uma vez temos aquela oportunidade de escolher entre duas formas, continua valendo o princípio fundamental: **o estilo é a soma de nossas opções**. Quem usa **Estados-**

Nação, **horas-aula**, **palavras-chave** revela bom gosto e sensibilidade linguística; os outros, não.

surdo-mudo

De uma vez por todas: o composto **surdo-mudo** NÃO é uma exceção e flexiona como todos os outros.

Prezado Professor: há um vocábulo composto que é apontado como exceção por um grande número de gramáticas. Refiro-me a ***surdo-mudo****, que pode flexionar-se ora como* ***surdo-mudos****, ora como* ***surdos-mudos****; ora como* ***surdo-muda****, ora como* ***surda-muda****. Lembro de ter visto, em algum lugar, o senhor dizer que não há exceções em nossa língua. Afinal,* ***surdo-mudo*** *é ou não é exceção?*

A. Paula – Anta Gorda (RS)

Minha cara Ana Paula: apesar de muitos gramáticos tratarem este vocábulo como exceção, ele é um composto como qualquer outro. Sua flexão é absolutamente regular e previsível, como você vai ver em seguida; o problema da maioria desses gramáticos é a falta de uma formação científica adequada. Alguns têm sensibilidade aguçada para os fatos da língua, mas não conseguem enquadrar os fatos que observam na moldura da teoria. Vejamos.

Como você já deve ter percebido, os compostos do Português podem ser **substantivos** ou **adjetivos**. Na flexão dos **substantivos compostos**, aplica-se, basicamente, o princípio de flexionar todos os componentes flexionáveis do vocábulo. Observe **couve-flor**, **couves-flores**; **obra-prima**, **obras-primas**; **onça-pintada**, **onças-pintadas**; **segunda-feira**, **segundas-feiras** – todos os componentes (os substantivos **couve**, **flor**, **obra** e **feira**; os adjetivos **prima** e **pintada**; o numeral **segunda**) fizeram o que habitualmente fazem quando são vocábulos isolados: formaram alegremente o seu plural. Compare com **guarda-chuva**, **guarda-chuvas**; **abaixo-assinado**, **abaixo-assinados**; o **vale-tudo**, os **vale-tudo** – os componentes com flexão nominal flexionaram-se (o substantivo **chuva** e o particípio **assinado**), enquanto os demais fizeram o que costumam fazer: ficaram invariáveis (os verbos **guarda** e **vale**; o advérbio **abaixo**; o indefinido **tudo**). Na frase "o **surdo-mudo** voltou", interpretamos o composto como formado de um substantivo (**surdo**) mais um adjetivo (**mudo**); consequentemente, vamos variar os dois componentes do vocábulo: o **surdo-mudo**, a **surda-muda**, os **surdos-**

mudos, as **surdas-mudas.**

Diferente, contudo, é a formação dos **adjetivos compostos**: ou eles estão constituídos de [adjetivo+adjetivo] ou de [substantivo+adjetivo]. No primeiro caso (que é o que nos interessa aqui), só flexionamos o **segundo** componente: parecer **técnico-científico**, pareceres **técnico-científicos**, assessoria **técnico-científica**, assessorias **técnico-científicas**. Note como só sofreu variação de gênero e número o adjetivo **científico**. Ora, na frase "o menino **surdo-mudo** voltou", o composto é agora interpretado como um adjetivo do primeiro tipo; sua flexão, portanto, será "o menino **surdo-mudo**", "os meninos **surdo-mudos**", "a menina **surdo-muda**", "as meninas **surdo-mudas**". Podemos até fazer uma frasezinha mnemônica (boa para lembrar): "No ensino dos **surdos-mudos** [substantivo] é importante que haja professores **surdo-mudos**" [adjetivo]. Você quer mais? "A **surda-muda** [substantivo] tinha receio de gerar uma filha **surdo-muda** [adjetivo]." Percebe a confusão daqueles gramáticos? Não se deram conta de que o vocábulo, ao mudar de classe, ficou submetido a outro sistema de regras. Espero ter sido claro, que o assunto é meio enroscado.

superlativos eruditos

Um dia muito frio é **friíssimo** ou **figidíssimo**? Uma pessoa muito magra é **magríssima**, **macérrima** ou **magérrima**?

Uma leitora que atende pelo sugestivo pseudônimo de **lovebygirls** pergunta: “Qual o **superlativo erudito** das seguintes palavras (segue-se a lista abaixo). Há alguma regra para descobrir o superlativo erudito de palavras terminada em **L** e **ÃO**?”. Minha resposta foi a que segue:

Para começar, aqui vão os superlativos que você pediu:

amargo	**amaríssimo**
áspero	aspérrimo
cristão	cristianíssimo
doce	dulcíssimo
frio	frigidíssimo
geral	generalíssimo
humilde	humílimo

livre	libérrimo
magro	macérrimo
miúdo	minutíssimo
nobre	nobilíssimo
pessoal	personalíssimo
sábio	sapientíssimo
sagrado	sacratíssimo
sensível	sensibilíssimo
terrível	terribilíssimo
veloz	velocíssimo
vulnerável	vunerabilíssimo

Friso que essas são as **formas eruditas**; é evidente que todos eles admitem uma forma vernácula, formada simplesmente pelo acréscimo de **-íssimo** ao radical atual. Quanto à existência de uma regra para descobrir o superlativo erudito (não só de adjetivos terminados em **L** ou **ÃO**, mas de qualquer um deles), é muito simples: é só voltar ao Latim. Ali é que os eruditos se formam. **Sábio** é ***sapiens***; **livre** é *liber*; **frio** é ***frigidus***; **doce** é *dulcis*; **magro** é *macer*; e assim por diante – isso explica **sapientíssimo**, **libérrimo**, **frigidíssimo**, **dulcíssimo** e **macérrimo** (as colunas sociais criaram um **magérrimo**, cruza de jacaré com cobra-d'água, que já ganhou a preferência popular...). Os que terminam em **-vel**, hoje, mesmo não sendo de origem erudita, voltam a assumir o **B** da forma latina do sufixo (**agradável** – **agradabilíssimo**); os que terminam em **ÃO** geralmente assumem a outra forma da nasal que tinham no Latim (o **N**), como em **cristão**>**cristianíssimo**, **pagão**>**paganíssimo**. Isso, contudo, não tem nada a ver com regras de formação de superlativos; trata-se simplesmente de mudanças fonológicas bem mais amplas, ocorridas na passagem do Latim ao Português. Além disso, os adjetivos que possuem, em nosso idioma, este superlativo especial, erudito, são em muito pequeno número: não chegam a duas centenas, o que é quase nada, comparado aos 100 mil adjetivos que temos hoje – numa estimativa muito moderada.

o gênero de **champanha**

*Caro Professor: li um artigo de sua autoria sobre **o champanha**, com o qual, data **maxima venia**, não concordo, se é que me cabe não concordar! A vida inteira os meus professores de Português me ensinaram a dizer **o champanha** (masculino). Não sei, para mim, soa difícil **a champanha**. Na França lhe perguntarão num restaurante "Voulez-vous **du** champagne, Monsieur?". Jamais diriam "de **la** champagne"...*

Eduardo

Prezado Eduardo: é claro que todos os meus leitores têm o direito de concordar ou não com o que eu digo; eu apenas tento persuadir vocês a pensarem como eu, mas nem sempre tenho sucesso. Você diz que seus professores de Português passaram a vida inteira a dizer que **champanha** é masculino? Pois temos algo em comum: os meus também. No entanto, ao longo da minha carreira, fui ficando cada vez mais convencido de que o gênero deste vocábulo, no Brasil, passou a ser feminino. Não posso precisar quando isso aconteceu, mas **sei** que aconteceu. Como você sabe, atribuímos um **gênero** a todos os nossos substantivos. Os que correspondem a **seres sexuados** (**macaco**, **cantor**, **mestre**, **leão**) geralmente apresentam uma forma masculina e uma feminina; nesses casos, o gênero combina biologicamente com o sexo. O gênero dos demais substantivos, contudo, é **arbitrário**: eles se distribuem entre **masculinos** e **femininos** segundo critérios imponderáveis. Se compararmos os pares **teste** e **tosse**, **dia** e **pia**, **pau** e **nau**, **lápis** e **cútis**, **nariz** e **cicatriz**, **talismã** e **avelã**, podemos ver que nada existe nesses vocábulos que justifique sua diferença de gênero. Uns são femininos e outros são masculinos simplesmente porque assim se fixaram no nosso léxico. Estudos modernos mostram que os falantes, ao atribuir o gênero aos vocábulos, sofrem uma razoável influência do perfil fonológico – mas isso é especializado demais para estas páginas.

É claro que há hesitações; **hélice**, por exemplo, é feminino para uns e masculino para outros. Em muitos casos, essas hesitações já se resolveram: no século XVI, na obra de Camões, ainda se lê **a planeta**, **a cometa**, hoje definitivamente masculinos; até bem pouco tempo era comum ouvir-se **a**

telefonema ou **a pijama**. Quando **a soja** foi introduzida no Brasil, defendia-se o gênero masculino, já que seria **o** [feijão] **soja**; com o tempo, os dicionários passaram a admitir os dois gêneros, e hoje, finalmente, registram apenas "s.f." ("substantivo feminino"). Acho que vai acontecer exatamente o mesmo com **champanha**. Como vocábulos com este perfil são basicamente femininos (**aranha**, **barganha**, **cabanha**, **castanha**, **entranha**, **façanha**, **montanha**, **picanha**), o gênero fixou-se no feminino, apesar do esforço das gramáticas escolares em mantê-lo no masculino. É apenas questão de tempo, e os dicionários estarão consagrando o feminino. Espere e verá.

Outra coisa: não me venha, meu caro Eduardo, com essa de invocar o Francês. Nos vocábulos importados, em nada interessa o gênero que eles têm no seu idioma de origem; seu gênero **no Português** só vai ser definido no momento em que ele entrar **no Português**. Um bom exemplo são os numerosos substantivos franceses terminados em ***-age***: ***sabotage***, ***mirage***, ***chantage***, ***garage***, ***camouflage*** – todos masculinos. Ao ingressarem em nosso léxico, sofrem duas adaptações indispensáveis: primeiro, recebem um **M** final, passando a fazer parte da numerosa classe de nossos substantivos terminados em **-agem**. Escrevemos **sabotagem**, **miragem**, **chantagem**, **garagem** e **camuflagem** do mesmo modo que escrevemos **abordagem**, **bobagem**, **calibragem**, **ferragem**. Além disso, assim como seus confrades brasileiros, esses vocábulos vindos do Francês recebem o gênero **feminino**. Quer outros exemplos? ***la cocarde*** virou **o cocar** (sim, é palavra de origem francesa, e não indígena!); ***la purée*** virou **o purê**; ***la enveloppe*** virou **o envelope**. E você quer negar que ***la fondue*** (***fonduta***, feminino no Italiano) já é, para nós, **o fondue**? Respeito a opinião dos professores que defendem **o champanha** (aliás, compartilhada pela maioria dos gramáticos escolares); apenas discordo dela, pelos argumentos que apresentei. Escolha a que mais lhe aprouver, porque em qualquer uma delas você vai andar em boa companhia.

P.S.: Como no caso de **vitrina**, **vitrine**, começa a ganhar corpo a variante **champanhe**.

mais bom ou **melhor**?

O juiz Túlio M., do Rio Grande do Sul, assíduo leitor e importante colaborador desta página, provoca o tema: "Existe outro contexto – além de superlativo de ***bom*** *– em que pode ser utilizada a palavra* ***melhor****?". E acrescenta: "A forma* ***melhor*** *pode sempre substituir* ***mais bem****, ou há casos em que não são intercambiáveis?". Minha resposta é a presente lição.*

Melhor, além de ser a forma comparativa de superioridade do adjetivo bom (mais bom = melhor), serve também como comparativo de superioridade do advérbio **bem** ("ele escreve melhor que o irmão, ele está passando melhor, ele corre melhor quando está descalço"). Em frases como essas, seria inaceitável usar a forma analítica **mais bem**; a substituição por **melhor** é obrigatória.

Antes de particípios, contudo, é a forma analítica a preferível: "casa **mais bem** construída, prédio **mais bem** desenhado". Esse é o uso culto, tradicional, de nossa língua. Pode ser substituído pela forma sintética: "casa **melhor** construída, prédio **melhor** desenhado" – embora os ouvidos educados registrem aqui uma nota de estranheza.

O problema é que, se às vezes é indiferente (a não ser pela elegância) optarmos por uma ou outra forma, outras vezes o emprego de **melhor** fica bloqueado. Quem conseguiu deslindar bem o problema foi, como sempre, Celso Pedro Luft, que distingue duas estruturas diferentes:

(1) mais bem [particípio]
(2) mais [bem + particípio]

Em (1), **mais** modifica **bem**, e os dois juntos vão modificar o particípio. Neste caso, podem-se usar ambas as formas:

Esta casa está mais bem [construída]
Esta casa está melhor [construída]

Em (2), **mais** modifica o conjunto [bem + particípio]; são vocábulos em que **bem** parece estar formando uma verdadeira unidade com o particípio, funcionando como uma espécie de prefixo. Aqui NÃO poderíamos usar **melhor**.

A Alemanha ficou [bem colocada] na disputa, mas a França ficou ainda mais [bem colocada].

Isso fica ainda mais evidente nos casos grafados com hífen: se estou escrevendo, a presença do hífen em **bem-aventurado**, **bem-educado**, **bem-intencionado**, **bem-nascido***,* **bem-vindo**, **bem-sucedido**, etc. me avisa que este bem não pode combinar com o **mais** para fazer **melhor**. Infelizmente o uso do hífen não é consistente e regular o bastante para nos trazer tranquilidade. Além disso, quando eu falo, desaparece esse recurso visual, e a instantaneidade da fala não me permite examinar cuidadosamente cada estrutura. Por essa razão, uma vez que **melhor** é, das duas formas, a que sofre restrições a seu uso, a solução é usar sempre **mais bem** antes de particípios. Assim estarei sempre certo.

plural das siglas

*Prezado Professor Moreno: em um artigo seu, percebi que o senhor defende a pluralização das siglas, como **PCs**, **ORTNs**, **CPIs**. Achei estranho tal assunto, haja vista nunca ter lido nada a respeito, quer do ponto de vista gramatical, quer sob outra ótica. Assim, estou tomando a liberdade de perguntar-lhe: onde está determinado ou definido que siglas possuem plural? Que convenção, acordo, tratado, etc. estabeleceu tal assertiva?*

Jorge S. – Salvador (BA)

Prezado Jorge: você ficaria surpreso ao saber o quão pouco, em nossa língua, está regulamentado por "convenção, acordo, tratado, etc.", como você mesmo diz. Na verdade, **apenas a ortografia** (emprego das letras e acentuação, mais uma partezinha do hífen) recebeu uma regulamentação. Todo o resto (quando eu digo **todo**, é **todo**) é objeto apenas de estudos, discussões, opiniões, posições divergentes, etc. **Nada** – mas nada mesmo, nem a crase, nem a pontuação, nem a colocação dos pronomes, nem a flexão das palavras, nem mesmo a conjugação dos verbos! –, nada mais tem lei, acordo, convenção, tratado, portaria ou aperto de mão. **Temos de ler os estudiosos, distinguir o que um ou outro tem de melhor e ir formando uma convicção sobre as infinitas escolhas que um idioma coloca para seu usuário, trabalho que leva a vida toda.**

Isso, Jorge, vale para qualquer língua do mundo que eu conheça; expressar-se bem é uma luta constante, e ninguém pode dizer que está pronto. No caso do Brasil, ainda temos de soltar foguetes, porque o Inglês e o Francês, por exemplo, nem mesmo lei ortográfica possuem!

Por que levar as siglas para o plural? Olhe, a julgar pela internet, os portugueses não costumam fazê-lo. Não existe ninguém (não há um **deus da gramática**, Jorge) que possa dizer se eles estão certos ou errados; podemos apenas comparar duas hipóteses e optar pela que parece ser mais lógica e consistente. Eu, por exemplo, sigo a lição do meu grande mestre Celso Pedro Luft, que ensinava que as siglas, no momento em que são substantivos (mesmo criados artificialmente, são substantivos, exercendo todas as funções sintáticas reservadas a essa classe de palavras), passam a ter plural, que é assinalado, no Português, pelo acréscimo do **S**: "a convenção anual das **APAEs**", "o valor estava expresso nas antigas **ORTNs**"; "as **CPIs** estão paralisando o governo"; "o local parecia ser o preferido pelos **ETs**"; e assim por diante (como, aliás, é feito com as **abreviaturas**, das quais as siglas são irmãs: **drs**., **srs**., etc.).

Temos de perder essa ilusão legalista (de que existe uma "**lei**" do Português); se você ler o que escrevi sobre **tele-entrega**, no volume 1 deste mesmo livro, vai entender a necessidade de tomarmos decisões (individuais) na hora de escrever. O melhor que podemos fazer é cercar essas decisões de todo o apoio de autoridades e especialistas – mas não podemos esquecer que, na maioria dos casos, estaremos apenas embasando nossa **opinião** na **opinião** de outros. Se até em Direito é assim, apesar da Constituição, dos Códigos, das Leis, etc., por que seria diferente em linguagem, material muito mais amplo e movediço?

Curtas

plural de **porta-voz**

> A gentil Carla quer saber o **plural** de **porta-voz**; **porta-bandeira**, diz ela, faz o plural **porta-bandeiras**, mas isso não seria válido apenas para objetos? Como em **porta-voz** são várias pessoas que respondem por outras, o plural não poderia ser **portas-vozes**?

Minha prezada Carla: o problema nada tem a ver com objetos ou pessoas, mas sim com a formação do vocábulo composto. Qualquer combinação do tipo [**verbo** + **substantivo**] só pode flexionar, por motivos óbvios, no **substantivo**. Por isso, saca-**rolhas**, porta-**bandeiras**, porta-**vozes**, guarda-**chuvas**, etc. Sinto muito, mas ***portas-vozes** é completamente impossível.

plural de **garçom**

> Thiago Bahia quer saber qual é o plural de **garçom**; segundo o leitor, nos dicionários pesquisados na internet, a forma **garçons** é desconhecida, aparecendo **garção** e **garções**.

Meu caro Thiago: é porque os dicionários atualmente disponíveis na internet (de uso livre) são todos de **Portugal**, onde eles, apesar de chamarem o garçom de **moço**, registram sempre **garção**. No Brasil (basta ver no ***Aurélio*** e no ***Houaiss***), usamos **garçom, garçons**.

pastelzinho, **pasteizinhos**

> Alexandre, de Limeira (SP), trabalha com propaganda e quer saber qual a forma correta para o plural de **pastelzinho**: **pastéiszinhos** (SZ), **pastéizinhos** (IZ) ou **pastelzinhos** (LZ).

Meu caro Alexandre, você conseguiu dar três na tábua e nenhuma no prego! O plural de **pastelzinho** é feito em duas etapas: (1) levamos para o plural ambos os elementos que o compõem: **pastéis** + **zinhos**; (2) unimos agora tudo de novo – ocasião em que **o acento** e o **S** vão desaparecer: **pasteizinhos**.

coletivo de **urso**

O leitor Alexandre Lazarini pergunta qual seria o coletivo de **urso**.

Meu caro Alexandre: e **urso** tem lá coletivo? A língua só produziu coletivos específicos para os animais gregários, que vivem em **rebanhos** ou **cardumes** (que já são coletivos). Para o resto, usamos vocábulos genéricos, como **bando**, **grupo**, **monte**, **turma**, etc. Escolha um para urso, e bom proveito.

elefanta, **elefoa**

Janaína, de Belo Horizonte (MG), quer saber se o feminino de elefante é **elefanta** ou **elefoa**. Diz que já assistiu a vários programas de televisão que consideram **elefoa**, mas nas gramáticas que consultou ela encontrou **elefanta**.

Minha cara Janaína: as duas formas têm muitos registros nos textos clássicos; contudo, como sempre acontece quando duas formas disputam entre si, uma delas foi pouco a pouco sendo abandonada, ficando, soberana, a forma **elefanta**.

coletivo de **borboleta**

Luiz Garfield traz sua dúvida: o coletivo de **borboleta** seria **panapaná** ou **panapanã**?

Meu caro Luiz: o ***Aurélio*** registra tanto **panapaná** quanto **panapanã**, embora prefira a primeira forma. Agora, um aviso: isso **não** é o coletivo de borboleta, mas um termo de origem indígena que designa um fenômeno específico, em que uma grande quantidade de borboletas – um **bando** – aparece em determinadas épocas do ano. Abraço. Prof. Moreno

gentílico de **Groenlândia**

A leitora Edna quer saber qual é o adjetivo pátrio de quem nasce na **Groenlândia**.

Minha cara Edna: o homem é o **groenlandês**; a mulher, a **groenlandesa** – da mesma forma que, para a Tailândia, temos **tailandês** e **tailandesa**.

macaco tem aumentativo?

> O leitor Hélio tem uma estranha dúvida: quer saber se a palavra **macaco** tem aumentativo e, se tiver, se é como o aumentativo de outras palavras similares.

Meu caro Hélio: não entendi a sua dúvida. É claro que o aumentativo de **macaco** é **macacão**. Não importa que este termo também sirva para designar um tipo de traje inteiriço; afinal, a forma normal, **macaco**, também designa, além do símio, a ferramenta de levantar o carro. A formação é canônica, em nossa língua: **cavalo**, **cavalão**; **cachorro**, **cachorrão**; **touro**, **tourão**; e por aí vai a valsa.

plural de **médico-hospitalar**

> Luís Henrique quer saber duas coisas: qual é o plural de serviço **médico-hospitalar**? Esse hífen é realmente necessário?

Meu caro Luís Henrique: serviços **médico-hospitalares** – só o segundo elemento do adjetivo composto vai variar. Se você não quiser usar o hífen, vai ter de decompor o adjetivo em dois elementos autônomos, unidos por conjunção – aí sim com flexão dupla: serviços **médicos** e **hospitalares**.

plural de **refil**

Danilo C., de São Paulo (SP), precisa saber o plural de **refil**.

Meu caro Danilo: apesar de refil ter vindo diretamente do Inglês (***refill***), ao entrar em nosso idioma passará a ter o plural dos vocábulos com o mesmo perfil fonológico: **barril**, **barris**; **funil**, **funis**; **refil**, **refis**.

plural de **beija-flor**

A leitora Mitiko gostaria de saber qual o plural de **beija-flor**.

Minha cara Mitiko: **beija-flor** faz o plural **beija-flores**, assim como **porta-estandarte** e **guarda-chuva,** também formados por [verbo + substantivo], fazem **porta-estandartes** e **guarda-chuvas**.

plural de **gado**

> Um leitor anônimo pergunta se a palavra **gado** pode ser usada no plural, em frase do tipo “Trezentos e vinte e três **gados** foram comprados”.

Meu caro anônimo: é claro que **gado** tem plural, como qualquer substantivo, mas seu uso é muito raro (a doença atinge **os gados** vacum e ovelhum, por exemplo). Não é o caso, no entanto, da frase que você apresentou como exemplo. Ali não se trata de **gado**, mas de **reses**. Use, portanto, 323 **reses** ou 323 **cabeças de gado**.

diminutivo de **álbum**

A leitora Elaine gostaria de saber o diminutivo da palavra **álbum**.

Minha cara Elaine: o diminutivo de **álbum** é **albunzinho**, embora se ouça muito a forma popular (geralmente na linguagem infantil) **albinho**, que não deve ser usada em textos cuidados.

coletivo de **cobra**

> O leitor Nilson Rossano vem com mais uma pergunta sobre os inúteis coletivos: qual seria o coletivo de **cobra**?

Meu caro Nilson: só têm coletivos próprios aqueles animais que nós, humanos, sempre tratamos como **grupos**: reses, lobos, elefantes, ovelhas, pássaros, cabras, porcos, camelos. Para os demais – tartaruga, jacaré, anta, preá, canguru, etc. – usamos os coletivos genéricos (**bando**, **grupo**, etc.). Para cobras, já vi **serpentário**, mas isso não é exatamente um substantivo coletivo.

feminino de **réu**

> Fábio Rodrigues ouviu de uma colega que a mãe dela poderia tornar-se **ré** num processo judicial e quer saber se isso está correto – ou seria **réu**, ainda que fosse ela?

Meu caro Fábio: claro que existe o feminino! “Esta companhia é **ré** em doze processos trabalhistas”, “O juiz condenou a **ré** a dois anos de detenção”. Isso você encontra em qualquer dicionário! Agora, em termos genéricos (os dois polos do processo), a mãe de sua amiga poderá figurar como **réu**: Quem é o **autor**? Quem é o **réu**?

anfitriã ou **anfitrioa**

> O leitor Ubiratan diz que sempre tem ouvido **anfitriã**, mas que a forma **anfitrioa** lhe parece mais correta. E eu, o que penso?

Meu caro Ubiratan: pode ser tanto **anfitrioa** quanto **anfitriã**. Essa indefinição é uma das características dos nomes em **ÃO**, que apresentam flexões variadas, ora em gênero, ora em número. Só para exemplificar, dei uma recorrida no ***Aurélio*** e catei alguns vocábulos em **OA** que admitem a variante em **Ã**, além de anfitrioa: **alemoa**, **ermitoa**, **faisoa**, **tabelioa**, **teceloa** e **viloa**. Minha intuição linguística me diz, entretanto, que as formas em **Ã** são consideradas hoje mais cultas que as outras: **anfitriã**, **alemã**, **ermitã**, **vilã**.

plural de **vice**

> Taíse, de Nova Prata (RS), comenta uma manchete de jornal de sua cidade: “Vices-prefeitos governam municípios da região”. O plural da palavra **vice-prefeito** está correto?

Não, minha cara Taíse. O plural é **vice-prefeitos**. **Vice** é um prefixo invariável; só o veremos no plural quando estiver substantivado: “Na reunião, estavam presentes todos os diretores e os **cinco vices”**.

plural de **segunda-feira**

O leitor Moacir quer saber como se escreve **segunda-feira** no plural.

Meu prezado Moacir: todas as **segundas-feiras**, todas as **quartas-feiras**, etc. É muito simples.

feminino de **reitor**

> Acir C., do Paraná, pergunta: “Em nossa universidade, surgiram algumas polêmicas e ninguém chegou a conclusão alguma. Nosso reitor é um homem. A vice dele é uma mulher. Como ela deve ser chamada? **Vice-reitor** ou **vice-reitora**? As mulheres são **pró-reitores** ou **pró-reitoras**?”

Prezado Acir: nas universidades modernas pode haver **reitores** ou **reitoras**, **pró-reitores** e **pró-reitoras**. Com a inevitável ascensão da mulher, todos os cargos estão sendo flexionados no feminino: temos **desembargadoras**, **senadoras**, **prefeitas**, **reitoras**, **juízas**, **promotoras** (veja, anteriormente, o que escrevi sobre **generala**). O que as mulheres daí dizem dessa polêmica?

diminutivo de **vizinho**

> Rosângela, professora de Língua Portuguesa em Sorocaba (SP), quer saber qual é o diminutivo de **vizinho**. Acrescenta que procurou no ***Aurélio***, que não traz nada sobre o assunto.

Minha cara Rosângela: a formação do diminutivo de **vizinho** é automática (e por isso o Aurélio não registra): **vizinho** + **zinho** = **vizinhozinho**. Como o de **vinho** (**vinhozinho**) , **pinho** (**pinhozinho**), etc. E não se esqueça de Guimarães Rosa: “Bala é um **pedacinhozinho** de metal”.

plural de **guarda-sol**

> João Vicente quer saber o plural de **guarda-sol**; segundo ele, há autores que indicam **guardas-sol**, alegando que, por existir apenas um sol, esta palavra não se flexiona.

Meu caro João: para começar, o elemento "guarda" de **guarda-sol** é o verbo **guardar** e, portanto, fica invariável (como **guarda**-chuva, **guarda**-chuvas); nunca poderia flexionar em **guardas**. E que história é essa de só termos um sol? Não estamos falando do astro, o **Sol** (notou a maiúscula?), mas do **sol**, a luz deste astro.(Não devem ficar muito tempo no **sol**, meninos!) **Guarda-sol**, **guarda-sóis** – o plural é normal. Aliás, só na nossa galáxia há milhares de sóis...

plural de **quebra-sol**

> Ivan está em dúvida sobre o plural dos compostos. Sabendo-se que **guarda-roupa** no plural fica **guarda-roupas**, como ficaria **quebra-sol** no plural? **Quebras-sol** ou **quebra-sóis**?

Meu caro Ivan, sua resposta já está na sua pergunta. **Guarda-sol** e **quebra-sol** são compostos análogos, com a mesma estrutura [verbo + substantivo]. Se **guarda-sol** faz **guarda-sóis** (o verbo fica invariável; só o substantivo flexiona), então **quebra-sol** faz **quebra-sóis**. É exatamente a mesma coisa.

plural de **curriculum vitae**

> Giane gostaria de saber qual é o plural da palavra ***currículo vitae***.

Prezada Giane: não existe ***currículo vitae***. Ou você usa em Latim – ***curriculum vitae*** – ou em Português – apenas **currículo**. Se usar no Latim, o plural é ***curricula vitae***; no Português, é claro que é **currículos**.

feminino de **boi**

> Vi numa gramática que **vaca** não é feminino de **boi**. Então, como se chama a esposa dele?

Prezada Paula: acho que você fez uma pequena confusão com o que leu: **vaca** não é o feminino de **boi** no sentido morfológico, como **aluna** o é de **aluno** e **gata** de **gato** – mas continua a ser o feminino biológico! Não podemos misturar uma coisa com a outra. O feminino morfológico é formado pelo acréscimo de A ao masculino (**pato**, **pata**; **rato**, **rata**; **cantor**, **cantora**). Há femininos, contudo, que são indicados por uma palavra completamente diferente: **homem**, **mulher**; **boi**, **vaca**; **bode**, **cabra**.

plural de **pôr-do-sol**

Adrieli P. quer saber se a palavra **pôr-do-sol** tem plural.

Claro, Adriele: é **pores-do-sol**. O verbo substantivado vai se pluralizar normalmente, como acontece com os **haveres**, os **afazeres**, os **ires** e **vires**, etc.

curriculuns?

Carmem V. pergunta se está certo escrever **currículuns**.

Prezada Carmem: ou você usa a forma latina ***curriculum vitae***, cujo plural é ***curricula vitae*** (***curriculum*** é um neutro da 2ª declinação e faz o plural em A), ou opta pela forma simplificada (e mais moderna) **currículo**, cujo plural vai ser, naturalmente, **currículos** (Ontem examinei mais de dez **currículos**). A escolha é sua; agora, ******curriculuns*** é bicho bravio, que não existe.

plural de **curta-metragem**

Bel e Sandro querem saber qual é o plural de **curta-metragem**.

Prezados amigos: **curta-metragem** tem o plural **curtas-metragens**, assim como **longa-metragem** faz **longas-metragens**. Ambos os elementos do composto (adjetivo e substantivo) são normalmente flexionados.

coletivo de **corvo**

Adriano D. quer saber onde pode estudar os coletivos e qual seria o coletivo de **corvo**.

Meu caro Adriano: o estudo dos coletivos é extremamente limitado. São poucos os coletivos específicos que existem no Português; a maioria dos pássaros, por exemplo, vivem em **bandos** – e isso vale para corvo, pombo ou pardal. Não perca seu tempo com isso; quem valorizava isso eram os gramáticos do século passado, que faziam listas e listas, a maioria delas absolutamente fantasiosas e artificiais. Não admira que não se encontre quase nada na bibliografia moderna. O dicionário ***Houaiss*** (versão eletrônica) tem uma função específica que se ocupa disso.

coletivo de **mosquito**

Roberto, de Niterói (RJ), gostaria de saber qual é o coletivo de **mosquito**.

Meu caro Roberto: mas que pergunta! Uns usam **bando**, outros usam **nuvem**, outros usam **enxame** – não existem coletivos oficiais, como você bem sabe. Agora, um comentário: ninguém mais leva a sério os substantivos coletivos, exatamente porque eles estão ficando genéricos demais! Espero que não haja nenhum professor por aí perdendo tempo com essas chinesices.

segundas-vias

> Walda M. quer saber qual a forma correta – eu solicitei a **segunda via** ou as **segundas vias** das contas?

Minha cara Walda: você pode escolher a que mais lhe agradar. “Mandei **as cópias** das onze faturas” ou “mandei **a cópia** das onze faturas”; “arquivei **os canhotos** de todos os recibos” ou “arquivei **o canhoto** de todos os recibos”. Nesses exemplos, eu prefiro o singular – **segunda-via**, **cópia**, **canhoto** –, mas o plural também está correto.

tigresa

> Flávio S., de Vitória (ES), está num impasse: o Aurélio diz que o feminino de **tigre** é **tigresa**, mas seu professor discorda, afirmando que é **tigre fêmea**. Qual é o correto?

Meu caro Eduardo: tanto o ***Aurélio*** quanto o ***Houaiss*** registram **tigresa** como um feminino possível para **tigre**. Talvez essa forma tenha vindo do Espanhol, onde ela é comum, mas isso não importa. Tradicionalmente, aparece muito o "tigre fêmea", mas o século XX viu também o incremento do uso do feminino sufixado. Você pode escolher o que mais lhe aprouver.

autoelétrica

Adalberto, de São Paulo (SP), gostaria também de saber qual é o correto, se é **autoelétrico** ou **autoelétrica**.

Meu caro Adalberto: **autoelétrico** é um adjetivo composto, do mesmo tipo que **médico-cirúrgico**. Como tal, ele vai concordar com o substantivo a que estiver ligado, flexionando sempre o segundo elemento do composto: tratamento médico-**cirúrgico**, clínica médico-**cirúrgica**, plantões médico-**cirúrgicos**. Da mesma forma, serviços auto**elétricos**, oficinas auto**elétricas**. Na rua, geralmente vemos **autoelétrica**, porque aqui se pressupõe claramente o vocábulo “**oficina”** (o mesmo substantivo feminino que está por trás da concordância de “**retificadora** de motores”, “**vulcanizadora** de pneus”, etc.).

federal, **federais**

> A leitora Ana Rosa L. estranha quando os noticiários dizem "As rodovias **federais**, as faculdades **federais**, os policiais **federais**...". Pergunta: "Isso está correto? Pois que eu saiba, referindo-se ao Brasil, é tudo uma federação só. O certo não seria os policiais **federal**?".

Minha cara Ana Rosa: **federal**, aqui, é um **adjetivo**; deve, portanto, concordar com o substantivo a que se refere: os **policiais federais**, as **faculdades federais** – do mesmo modo como temos **leis municipais**, **impostos estaduais**, etc. O fato de sermos uma só federação não vai influir na concordância nominal.

plural de **fax**

A leitora Fabiana precisa saber como se escreve a palavra **fax** no plural.

Prezada Fabiana: é igual ao singular: eu prefiro um **fax**, dois **fax**, do mesmo modo que um **sax**, dois **sax**. No entanto, o ***Houaiss*** também admite as formas **faxes** e **saxes**, que o ***Aurélio***, por sua vez, recomenda como único plural.

gênero de **omelete**

É **um** ou **uma** omelete? – pergunta Valquíria C., de São Bernardo do Campo (SP).

Minha cara Valquíria: embora o ***Houaiss*** dê **omelete** como sendo indiferentemente masculino ou feminino, prefiro seguir aqui a lição do mestre ***Aurélio*** e considerar o vocábulo como **feminino**; não foi por acaso que a variante que se formou (e que ambos os dicionários registram) é **omeleta**. Portanto, diga vou comer **uma** omelete, e bom proveito.

tunelão?

> João F. C. conta que esteve em visita a uma empresa ferroviária em Minas e lá estava escrito **tunelão**, referindo-se a um túnel grande. Está correto?

Meu caro João, eu preferiria **tunelzão**, formado no mesmo padrão que **facilzão**; no entanto, ao que parece, optaram por **tunelão**, seguindo o modelo de **papelão**. Quer minha opinião? Ambas as formas são horríveis.

os guarani?

José Ricardo A., de São Paulo, diz ter lido num livro escolar uma frase que começava assim: “Os **Guarani”**. Isto está certo?

Não, meu caro José. Isso aí foi uma moda inventada pelos antropólogos: há uma convenção de uso, entre eles, de sempre deixar o nome das tribos indígenas no singular: os **bororo**, os **guarani**. Isso não vale, no entanto, para a linguagem das pessoas normais (como, aliás, convenções específicas usadas entre matemáticos ou químicos também não valem). Vamos escrever os **guaranis**, os **tupis**, os **tupinambás**, como sempre escreveram os nossos melhores autores (basta ler Vieira, Alencar e Gonçalves Dias, por exemplo).

plural de ***curriculum vitae***

> Ney C., professor de Português, pergunta se o plural de ***curriculum vitae*** não seria ***curricula vitarum*** (genitivo plural, 2ª declinação). "Afinal, temos de passar os dois termos para o plural, não?"

Meu caro Ney: não, não temos. Lembre que não precisamos (ou devemos) levar os adjuntos adnominais para o plural, automaticamente, quando flexionamos o núcleo do sintagma – e isso vale tanto para o Latim quanto para o Português. "Carreira de vida", "carreiras de vida". O plural de *curriculum vitae* é *curricula vitae*; ***vitae*** continua no genitivo singular – como, aliás, você pode ver no ***Aurélio***.

gênero de **marmitex**

> As professoras Lena e Nilma perguntam se **marmitex** é palavra masculina ou feminina, formada por derivação de **marmita**.

Minhas caras: **Marmitex**, que eu saiba, não é palavra, mas uma marca comercial de papel aluminizado e afins (certamente derivada de **marmita**). Qual é o gênero? Não sei, porque a concordância, em casos como esse, é feita com relação ao objeto designado. Se for uma dessas quentinhas de alumínio, seria então **uma marmitex** – do mesmo modo que **uma gilete** (lâmina), **um modess** (absorvente), **uma havaiana** (sandália) – todas elas tradicionais marcas da indústria.

felicidade tem plural?

> Walkyria G. pergunta se **felicidade** tem plural. Muito prática, quer saber como fica a letra do ***Parabéns a Você***: "**muita felicidade** ou **muitas felicidades**, muitos anos de vida?".

Prezada Walkyria, é claro que esse vocábulo flexiona em número. O dicionário ***Houaiss*** registra o plural exatamente com o sentido de **congratulações**: felicidades – votos de feliz êxito. Agora, quanto à letra da canção, acho que a escolha é livre, já que eu posso também desejar ao aniversariante **muita felicidade**.

plural de **troféu**

Paulo B., de Goiânia (GO), pergunta se o plural da palavra **troféu** é feito com alterações no vocábulo.

Caro Paulo: o plural dos nomes terminados em -**éu** é diferente do plural dos terminados em **-el**. Estes fazem o plural em **-is** (**papéis**, **pastéis**), enquanto aqueles simplesmente recebem o S (**chapéus**, **ilhéus**). Portanto, o plural é **troféus**.

plural de **arroz**

A leitora Luma R. gostaria de saber qual é o plural de **arroz**.

Minha prezada Luma, é **arrozes**. Embora pareçam estranhos esses plurais de nomes **não-contáveis**, eles são usados em contextos especiais. Existem **açúcares**, **feijões**, **arrozes**, **milhos**, **álcoois**, etc.

plural de **histórico-literário**

O leitor Ed S., de Porto Alegre (RS), precisa saber o plural de **histórico-literário**.

Meu caro Ed: panorama **histórico-literário**, revisão **histórico-literária**, panoramas **histórico-literários**, revisões **histórico-literárias**. Como você pode ver, os adjetivos compostos só flexionam o segundo elemento, seja em **gênero**, seja em **número**.

real tem plural?

> O leitor Bruno, de Viçosa (MG), confessa que esteve debatendo com seus colegas de trabalho sobre o plural do **real** moeda: “Eu teimei que era 10 **real** e não 10 **reais**!”.

Meu caro Bruno: você teimou de cabeçudo que é. Dizemos **dez reais** da mesma forma que vamos dizer **dez dólares**, **dez euros**, **dez marcos**, **dez pesos**. As moedas têm plural!

feminino de **beija-flor**

> Renata M. escreve da Virgínia, nos EUA, perguntando se a palavra **beija-flor** possui feminino, e por quê.

Minha cara Renata: não, **beija-flor** não tem feminino. As pessoas (e, consequentemente, o idioma) não distinguem os sexos das aves, exceto aquelas que, pela importância econômica (produção de ovos, por exemplo), precisam ser separadas em machos e fêmeas: **pato**, **pata**; **galo**, **galinha**; **peru**, **perua**; **marreco**, **marreca**. Os demais – **sabiá**, **pardal**, **tico-tico**, **bem-te-vi**, **currupião**, **pintassilgo**, etc. – são tratados como sendo de um só gênero. Às vezes há hesitação sobre o gênero de um deles, mas isso é outra coisa: uns dizem **um**, outros **uma sabiá**, mas vão usar consistentemente a sua opção tanto para machos quanto para fêmeas.

malas-diretas

Rosangela e Silmeire, de São Paulo, precisam saber qual é o plural correto: as **mala-diretas** ou as **malas-direta**?

Prezadas leitoras: quando um composto contiver um **substantivo** e um **adjetivo**, na ordem normal do sintagma (que é S+A), ambos os elementos vão ser flexionados, assim como seriam flexionados se fossem apenas dois elementos independentes: **casa amarela**, **casas amarelas**; **obra-prima**, **obras-primas**; **onça-pintada**, **onças-pintadas**; **mala-direta**, **malas-diretas**.

búfala

> Cleide A., de Diadema (SP), relata uma discussão com os amigos numa pizzaria: “O correto é pedir pizza de mozarela de **búfala**, como está no cardápio, ou mozarela de **búfalo**? Pois surgiu a dúvida de que **búfalo** não tem feminino...”.

Prezada Cleide: como não tem feminino? Claro que tem! É **búfala** mesmo. Tome cuidado quando olhar no dicionário: quando ali diz “s.m.”, isso não significa que não tenha feminino. Basta procurar **aluno**, ou **menino**, e você verá que o dicionário apenas diz qual é o gênero desta forma que está ali registrada – mas nada sobre a existência ou não da forma feminina. O ***Houaiss*** registra, com todas as letras, no verbete **búfalo**: “Fem.: búfala”.

churros

> Antônio C., do Rio de Janeiro, não se conformou quando um amigo lhe disse que não se pede um **churros**, mas sim um **churro**. O leitor alega que (1) nem sempre o **S** indica o plural (como **ônibus**); (2) a palavra é de língua estrangeira, não sabendo como ela funciona no original; (3) o Português é uma língua viva, sempre se adaptando ao falar das pessoas. Conclui: “Sendo assim, dizer que **um churros** custa 50 centavos está errado?”.

Meu caro Antônio, está completamente errado. É um **churro**, dois **churros**. Seu argumento de que o **S** não indica necessariamente o plural é irrelevante: você não conseguirá reunir dez substantivos assim (**ônibus**, **pênis**, **tênis**, **lápis**, **pires**), contra mais de duzentos mil que marcam o plural com esta terminação. Quanto ao Português mudar, lembre-se de uma coisa: ele muda nos detalhes, jamais no essencial; a flexão do plural é um dos fundamentos de qualquer idioma e não vai mudar enquanto nosso idioma for uma língua viva. Por último, em Espanhol, de onde veio o vocábulo, também é **churro**, **churros**. Dizer um **churros** é como pedir **um chopes**: as pessoas entendem, mas estranham.

muito dó

> A leitora Tânia C., gaúcha, mantém uma discussão cordial com alguns amigos mineiros, que juram que a palavra **dó** (“pena”) é do gênero feminino, empregando expressões como “tenho **uma dó** de fulano” ou “me dá **uma dó daquelas**”. Qual é a forma correta?

Minha cara Tânia: **dó**, no sentido de pena, piedade, é um substantivo **masculino** – tanto na opinião de ***Houaiss*** como na de ***Aurélio***, nossos dois dicionaristas mais abalizados. Aliás, a quase totalidade dos oxítonos em **Ó** são masculinos, como **xodó**, **cipó**, **pó**, etc., o que me faz estranhar muito essa tendência de certos estados do país usarem **dó** como feminino. A única explicação seria uma confusão semântica com “pena”, a partir de analogias do tipo “estou com muita pena” = “estou com *muita dó”.

gênero de **paradigma**

> Rita, de Belo Horizonte (MG), que trabalha em um escritório de advocacia, escreve para dizer que o seu chefe, ao falar de um acusado, costuma dizer que ele é **um** paradigma; se for uma acusada, diz que ela é **uma** paradigma. Afinal, **paradigma** é um substantivo de dois gêneros?

Prezada Rita: se entendi bem, o problema é saber se **paradigma** se comporta como **analista**: **um** analista, **uma** analista. Ora, é claro que não; **paradigma** é similar a **testemunha**: ele é **uma** testemunha, ela é **uma** testemunha; ele é **um** paradigma, ela é **um** paradigma.

formanda

> Ronaldo S. gostaria de saber se é correto o uso da palavra **formanda**. Acrescenta:” Já procurei no dicionário, e aparece apenas ‘formando, s.m.’”.

Meu caro Ronaldo: você também só vai encontrar **aluno**, **porco**, **professor**, **candidato**, etc., porque os femininos **aluna**, **porca**, **professora** e **candidata** estão implícitos. A meu ver, é uma falha técnica em nossos dicionários, que deveriam diferençar substantivos que só têm um gênero, como **alfinete**, em que caberia a indicação “s.m.”, de substantivos que têm flexão, como **lobo**, que deveria trazer a indicação “s. 2 gên.”.

situação-problema

> De Maria Laís P., tradicional leitora de São Paulo: “Recorro mais uma vez aos seus vastos conhecimentos para perguntar qual o plural de **situação-problema**”.

Prezada Maria Laís, é o mesmo de **aluno-problema**. Como o segundo substantivo está na função de adjetivo, ele fica invariável: **horas-aula**, **alunos-problema, folhas-padrão**, **situações-problema**.

normas-padrão

> Marlon P., de Vila Velha (ES), quer saber se o plural de **norma-padrão** é **normas-padrões** ou **normas-padrão**. Acrescenta: "Não seria o mesmo caso de **palavras-chave**, que tanta gente anda escrevendo **palavras-chaves**?".

Meu caro Marlon: quando o segundo substantivo de um composto serve para restringir o primeiro, ele fica invariável: operários-**padrão**, palavras-**chave**, horas-**aula**. Essa é a forma preferível; é claro que, no uso, muita gente está flexionando também o segundo (palavras-**chaves**, funcionários-**fantasmas**, horas-**aulas**), mas isso é ainda visto com muito maus olhos por quem escreve bem. Eu usaria, sem hesitar, **normas-padrão**.

gênero de **mascote**

> Vera H. vem gentilmente perguntar se **mascote** é masculino ou feminino.

Minha cara Vera: **mascote** é um substantivo **feminino**; “aquele carneiro é a **mascote** do regimento”, “o papagaio era **a mascote** preferida dos indígenas”, e assim por diante. Assim vem no ***Houaiss*** e no ***Aurélio***; acho que há, contudo, uma forte tendência a considerar este substantivo como um comum-de-dois, como **estudante** (**O** mascote, **A** mascote), dependendo do gênero do animal a que se refere. Em breve os dicionários vão ter de registrar essa dupla possibildade.

masculinos terminados em A

> Kleber S. escreve de Hannover (Alemanha), indagando sobre substantivos masculinos que terminam em A. Diz ele: "Conheço uma exceção clássica como **planeta** e sei que existem aqueles que admitem os dois gêneros, como **pateta**. Existe algum outro substantivo masculino terminado em **A** ou feminino com final **O**?".

Meu caro Kleber: existem vários substantivos masculinos terminados em A: **planeta**, **cometa**, **mapa**, **tapa**, **tema**, **diadema**, **sofisma**, **diagrama**, **telefonema**, **aneurisma**, etc. – muitos deles, não por acaso, considerados **femininos** até o século XVI (Camões usava **A** cometa, **A** planeta). Agora, femininos em **O** são raríssimos; temos **tribo**, **libido** e reduções de vocábulos maiores, como **foto** e moto.

3. Como se conjuga

A flexão do nosso verbo é bem mais complexa que a dos substantivos e adjetivos, pois sua terminação vai refletir o **tempo**, o **modo**, a **pessoa** e o **número**. Uma forma como **estávamos**, por exemplo, nos fornece várias informações simultâneas: trata-se do verbo estar, na 1ª pessoa do plural do pretérito imperfeito do indicativo. Como temos **nove** tempos verbais, e cada tempo geralmente é conjugado nas **seis** pessoas gramaticais (eu, tu, ele/você, nós, vós, eles/vocês), a quantidade de formas que precisamos dominar para conjugar nossos verbos corretamente é realmente muito maior do que a exigida para a correta flexão nominal. No entanto, conjugar não é difícil como parece, e milhões de brasileiros aprenderam a fazê-lo com um pouco de estudo e de esforço – auxiliados, mais uma vez, pela extraordinária regularidade que existe em todo o sistema. As antigas professoras da escola primária sabiam disso muito bem: ao mandar que seus aluninhos decorassem um verbo terminado em **-AR** (geralmente era **cantar**, evitando assim o embaraço inevitável que traria o verbo **amar**), estavam fornecendo àquelas cabecinhas o domínio sobre 70% dos verbos de nosso idioma. Acrescentem a isso um verbo em **-ER** e um verbo em **-IR**, e terão quase a totalidade de nossos verbos na ponta da língua. Depois, era estudar as irregularidades (que não são muitas) e trazer debaixo do olho o verbo **ser** e o verbo **ir**, completamente especiais, fora de qualquer modelo conhecido (como, aliás, também o são no Inglês, no Francês ou no Espanhol).

É evidente que as páginas que se seguem vão tratar das dificuldades mais importantes e discutir os casos mais frequentes de dúvida, mostrando, como sempre tem sido a minha preocupação, o padrão que se esconde por trás da aparente irregularidade das formas flexionadas.

pego e **chego**

> O ladrão foi **pego** ou **pegado** em flagrante? Eu tinha **chego** ou **chegado** tarde em casa? **Pegar** e **chegar** têm duas formas para o particípio, ou apenas uma?

Dois leitores perguntam sobre facetas diferentes do mesmo item:

*Doutor: o particípio passado do verbo **chegar** é **chegado**, mas eu gostaria de saber se **chego** também pode ser usado como forma do particípio.*

Fabiana L. C., Londres (Inglaterra)

*Tenho visto com muita frequência em nossos jornais e na televisão usarem a forma reduzida **pego**, que encontrei até mesmo no* **Aurélio**. *Outro dia, assistia a um programa da TVE, no qual um professor de Português classificava **pego** como uma forma popular do particípio, mas não disse que seu uso era incorreto. Continuo firme usando **pegado**, apesar das acirradas discussões que travo com colegas e amigos. Estou errado, Professor?*

Paulo D. – advogado

Meus caros: alguns (poucos) verbos de nossa língua têm um particípio curto, irregular, ao lado do particípio normal que todo verbo tem (com a terminação **-ado** ou **-ido**). Por ter essas duas formas, esses verbos são chamados **abundantes**: **pagar**, pagado e pago; **acender**, acendido e aceso; **imprimir**, imprimido e impresso; e assim por diante. Qualquer gramática razoável tem uma lista desses verbos. Cuidado, contudo, com o poderoso efeito da analogia, que pode criar (ou tentar criar) novos verbos abundantes. Isso já aconteceu com **pegar**. Para a língua culta formal, só existe **pegado**; o povo, por analogia com **pagar** (**pagar** está para **pagado** e **pago** assim como **pegar** está para **pegado** e...), criou **pego**, que ainda é visto com desconfiança pelos acadêmicos (eu, particularmente, nem uso; aliás, nem sei qual é a pronúncia do **E** da primeira sílaba – já ouvi aberto, como em **prego**, e fechado, como em **preto**).

Na esteira dessa analogia proporcional (**X** está para **Y**, assim como **A** está para **B**), já me perguntaram se **trazer**, além de **trazido**, tem a forma **trago** (!); se **cegar**, além de **cegado**, tem a forma **cego**; se **pregar**, além de **pregado**, tem a forma **prego**; se **chegar**, além de **chegado**, tem a forma **chego**. A resposta é NÃO para todos eles. Ou melhor: não que eu saiba; afinal, a Linguística me ensinou que nada impede que venham a existir essas formas algum dia – quando espero estar debaixo de sete palmos de terra. O que diria um estudioso do século passado se lhe perguntassem se **pegar** tinha dois particípios? É claro que responderia que não, mal sabendo ele que o controvertido **pego** vinha vindo a galope...

No momento, Fabiana – ao menos pelos próximos trinta anos –, você não vai encontrar pessoas articuladas utilizando o particípio **chego** (?). O que eu conheci, no meu tempo de faculdade, foi o **substantivo** coloquial criado pela nominalização do verbo: vou dar um **chego** ali na praça – mas isso era malandragem dos ingênuos anos 60, tempo em que se usava **do balacobaco** sem ruborizar.

Quanto a você, Paulo, pode continuar firme no **pegado**; por enquanto, essa é a forma abonada e justificada em todos os bons autores. No entanto, ninguém pode negar que **pego** já existe, uma vez que milhões de brasileiros o utilizam alegremente. A maioria dos gramáticos concorda que esta forma mais curta ainda não tem o **status** da forma mais longa; basta ver que a pronúncia do **E** ainda não foi fixada pelos usuários. A língua que a gente usa é como nossa vestimenta: bermuda também é roupa e atende às necessidades básicas do decoro; numa recepção, contudo, o paletó e a gravata sempre serão a opção de quem quer se vestir bem.

particípios abundantes

Quando um verbo tem dois particípios, como **ganho** e **ganhado**, **pago** e **pagado**, você sabe qual das duas formas deve ser usada?

*Professor: minha dúvida é com o uso dos verbos **ter/haver** e **ser/estar** como auxiliares do particípio. Sei que os primeiros exigem os particípios **regulares** (Tinha **matado**, havia **gastado**), enquanto os últimos exigem os particípios **irregulares** (Foi **morto**, estava **gasto**). Porém, encontro frequentemente nos jornais (e na fala coloquial) frases como, por exemplo, "o time **tinha ganho** o primeiro tempo da partida". Gostaria de esclarecer se a regra que citei permite exceções.*

Nivaldo N. – São Paulo (SP)

Meu caro Nivaldo: os verbos que têm particípios duplos são poucos (não chegam a **cem** – perto dos 50 ou 60 mil verbos de nossa língua). Os gramáticos tentam fazer listas completas; contudo, se cotejarmos duas ou três listas, veremos que há uma razoável discrepância entre elas. De qualquer forma, **quando houver dois particípios**, funciona um princípio geral de uso: a forma longa, **regular** (em **-ado** ou **-ido**) é usada nas locuções verbais na **voz ativa**, com os auxiliares **ter** ou **haver**, enquanto a forma mais curta, **irregular**, é usada com **ser** ou **estar**: "Eu **tinha acendido** o fogo", mas "o fogo já **estava aceso**"; "a gráfica **havia imprimido** as cédulas falsas", mas "as cédulas **foram impressas** no exterior".

Note que esse é um princípio geral. Em primeiro lugar, muitos verbos abundantes estão perdendo a forma regular, em virtude da preferência do falante pela forma mais curta em qualquer situação: "a conta já **foi paga**/ela **tinha pago** a conta", "este dinheiro **foi ganho** com meu trabalho/eu **tinha ganho** este dinheiro com meu trabalho". Eu ainda uso **pagado** e **ganhado** com os auxiliares **ter** e **haver**, mas percebo que meus ouvintes estranham; isso significa que, em breve, esses verbos deixarão de ser abundantes e ficarão, como **dizer** e **fazer**, apenas com o particípio curto (**dito**, **feito**).

Em segundo lugar, a língua, em seus caminhos misteriosos, se encarrega de anular, às vezes, o princípio geral: é o caso de **imprimir**, que, se é abundante em seu sentido normal (dei exemplos acima), no sentido de "introduzir, incutir" só vai ter o particípio regular, mesmo em locução com o verbo **ser**: "A entrada do atacante **tinha imprimido** maior velocidade ao ataque/Um novo ritmo **foi imprimido** ao trabalho da equipe" (e não ***impresso**). E assim por diante; continuamos a usar aquele princípio geral porque ele é didático, sabendo, no entanto, que não é absoluto.

eu tinha “**compro**”?

> Não vou fazer de novo, porque eu já tinha **feito**; não vou dizer de novo, porque eu já tinha **dito**. E aí? Não vou comprar de novo porque eu já tinha **compro**? Ou é **comprado** mesmo?

*Professor Moreno: tenho ouvido com muita frequência expressões do tipo “eu tinha **compro** uma caneta”, “nós deveríamos ter **compro** aquele carro”. Qual o motivo dessas expressões se tornarem tão usadas? Do jeito como as coisas estão indo, daqui a pouco passaremos a ouvir “Nós perdemos a oportunidade de ter **fecho** o negócio”. Explique-nos onde está o erro, se é que está errado. Já estou começando a ter dúvidas. Um abraço.*

Bruna – Goiânia (GO)

Minha cara Bruna: não sei onde você tem ouvido essa barbaridade, mas aconselho-a a evitar as pessoas que falam desse jeito. Imagine se os verbos regulares começassem a formar esse particípio mais curto, ao lado da tradicional forma terminada em **-ado** ou **-ido**! Íamos ouvir “eu tinha **lavo**”, “eu tinha **vendo**”, “eu tinha **falo**” – ou, como você tão bem notou, “eu tinha **fecho**”. Alguns verbos (poucos, na verdade) têm dois particípios, mas eles não passam de uma centena, perto dos 50 mil verbos que o Português tem hoje. Dê uma lida no que escrevi sobre **pego** e **chego** e escolha melhor as suas companhias.

soer

“No tempo que de Amor viver soía”, diz o belo soneto de Camões, escrito no século XVI. E hoje? Como se conjuga o verbo **soer**? Ele ainda é usado?

Caro Doutor: Saúde e Paz! Como conjugar e usar com propriedade o verbo ***soer****, tão pouco conhecido da nossa gente?*

Revdo. Clayton – Botucatu (SP)

Meu caro Clayton: o verbo **soer** é conjugado exatamente pelo modelo do verbo **roer**. A única – e importante – diferença é que **soer** é considerado um verbo **defectivo** no presente do indicativo; falta-lhe a **primeira pessoa do singular**: **eu** [...], **tu sóis**, **ele sói**, **nós soemos**, **vós soeis**, **eles soem**. Como a pessoa que falta é exatamente a formadora do **presente do subjuntivo**, este tempo inexiste, na sua totalidade. Enquanto temos, para **roer**, “que eu **roa**, que tu **roas**, que ele **roa**, que nós **roamos**, etc.”, o verbo **soer** não possui pessoa alguma.

Soer já foi um verbo de largo emprego no Português do século XVI (Camões usava muito), com o sentido de nosso **costumar**: “No tempo em que os homens **soíam** respeitar sua palavra”. No entanto, hoje seu emprego ficou praticamente restrito aos textos e discursos eruditos, em expressões mais ou menos pré-fabricadas do tipo “**como sói acontecer**”, “**como soía ocorrer**”. Sempre que você tiver dúvidas sobre a conjugação de algum verbo, Clayton, eu lhe recomendo consultar o ***Aurélio*** ou o ***Houaiss*** na edição eletrônica (para computador), que dá a conjugação de todos os verbos de nosso idioma.

abram alas

Veja como um erro de Português na letra do samba-enredo impediu que uma escola saísse vitoriosa no desfile de carnaval.

*Prezado Professor: infelizmente passamos por uma situação inusitada na Quarta-Feira de Cinzas, quando da apuração do carnaval de rua de nossa cidade. Minha escola teria ganho o título, não fosse por um jurado ter aplicado uma penalidade de dois pontos na letra do samba. Em determinado momento, há a seguinte frase: "…Ô **abram-alas**, que a Vila vai passar...", fazendo uma alusão às pessoas (**imperativo** – plural) para que abram caminho que a escola vai passar. Nem mesmo o jurado soube explicar o motivo da penalidade; ele escreveu "...acho que ficaria melhor **abre-alas**...", o que mudaria completamente o sentido da frase. Minha dúvida é a seguinte: o verbo contido na expressão **abre-alas** não pode ser conjugado?*

Luciana – Campinas (SP)

Minha cara Luciana: não, os verbos que estão dentro de um substantivo composto jamais são conjugados. Eles ficam ali como cristalizados: o **saca**-rolha, os **saca**-rolhas (e não ***sacam**-rolhas); o **porta**-bandeira, os **porta**-bandeiras (e não ***portam**-bandeiras). Infelizmente, a letra da sua escola contém um pequeno equívoco, que terminou comprometendo sua classificação: ela confunde o **abre-alas** ("tabuleta, dístico, ou carro alegórico, que abre o desfile duma entidade carnavalesca", diz ***Aurélio***) com **abram alas**, aí sim o imperativo plural, avisando às pessoas que a Vila vai passar. "**Ô, abram alas**, que a Vila vai passar" – essa seria a forma correta (sem hífen, porque não é um composto). Sinto muito.

adequo rima com **continuo**?

Como se conjuga o verbo **adequar** no presente do indicativo? É um verbo **defectivo** (daqueles que não podem ser conjugados em todas as pessoas) ou tem conjugação completa?

*Prezado Professor, ajude-me numa dúvida que tenho: o verbo **adequar** – muito usado por autoridades em cerimônias de inaugurações – ficaria, na terceira pessoa do singular, **adéqua** (com a tônica no **E**) ou **adequa** (com a tônica no **U**)? Penso que a última forma seria a mais correta, dada a situação anômala do verbo, mas gostaria de uma confirmação.*

Olga T. – Professora – Itajaí (SC)

Minha cara Olga: quanto ao **adequar**, temos um problema: os gramáticos o classificam como um daqueles verbos defectivos que só podem ser conjugados nas **formas arrizotônicas**. Não para você, que é professora, mas para os outros leitores, explico que assim se chamam as formas cuja vogal tônica fica **fora** do radical (le**VA**mos, le**VA**is), ao contrário das **rizotônicas** (**LE**vo, **LE**vas, **LE**va, **LE**vam). Isso nos deixaria, no presente do indicativo, apenas com o **nós adequamos**, **vós adequais**. Para que os alunos entendam rapidamente, basta assinalar que esse verbo, segundo a opinião dos gramáticos (é bom deixar isso bem claro: **opinião**), não poderia apresentar nenhuma das formas em que a tônica seria o **U** (o que condenaria **adequo**, **adequas**, etc.).

Ora, como bem sabemos, esse negócio de **verbo defectivo** é muito mais uma questão de uso e de época; gramáticos tradicionais implicavam com a forma **compito**, do **competir**, que hoje é aceita pela maioria dos autores. Acho que o mesmo está acontecendo com o **adequar**; vai terminar sendo aceito por todos como um verbo completo. Talvez esse consenso demore um pouco, mas a resposta sobre a prosódia correta deste verbo já foi dada de antemão, pela própria restrição que hoje ainda (?) se aplica a ele: não deve ser usado nas formas em que o **U** for tônico! Está dito com todas as letras: o **U** é **tônico**; ele vai ter (ou já tem?) a mesma conjugação do **obliquar**, que é **obliquo**, **obliquas**, **obliqua**. Eu, pessoalmente, evito conjugá-lo porque, como você sabe, os olhos e ouvidos estão sempre focados na linguagem do professor de Português; sinto, contudo, que formas como **adequo**, **adequas**, **adequam** são extremamente necessárias, e aposto que a pressão do uso vai dar-lhes, logo, logo, o direito à cidadania gramatical.

eu compito

Cresci ouvindo dizer que não se devia dizer **eu compito**; os "sabidos" ridicularizavam esta forma com um miserável trocadilho: "Eu **com pito** e tu **sem pito**". Quanta asneira, meu Deus!

*Caro Professor, tenho dúvida quanto à conjugação daqueles verbos considerados anômalos. Apostei com um amigo meu que existe sim a conjugação do verbo **competir** na 1ª do singular (eu **compito**). Já busquei a resposta em várias gramáticas, mas até agora não consegui nada. O senhor poderia me ajudar nesta questão?*

Antonio M. S. – Cuiabá (MT)

Prezado Antônio: em primeiro lugar, você deve estar falando em verbos **defectivos** – aqueles que normalmente não são usados em todas as suas formas. **Anômalos** são apenas dois – **ser** e **ir** –, que foram compostos pelos radicais de três verbos diferentes (compara **sou**, **és** e **fui**, por exemplo).

Quem decide se um verbo é normal, com a conjugação completa, ou **defectivo?** É aqui, Antônio, com o perdão da expressão grosseira, que a porca torce o rabo: o critério é a sensibilidade do gramático que elabora a lista. Uns acham que **emerjo** é horrível e põem **emergir** na sua lista; outros aceitam essa forma. A maioria dos gramáticos diz que **adequar** só deveria ser conjugado, no presente, nas formas arrizotônicas (**adequamos** e **adequais**); no entanto, a forte pressão do uso está tornando comum eu **adequo**, tu **adequas** (com o **U** tônico). Ora, todos percebemos que esse critério estético é absolutamente subjetivo; se fosse por feiura, eu votaria na inexistência de **cri** (de **crer**), **freges** (de **frigir**), de **remedeio** (**remediar**), entre outros. Além disso, o que alguns acham inaceitável para **colorir** (eu **coloro**, por exemplo, é condenado), aceitam para **colorar** (verbo, aliás, que eu nunca tive a oportunidade de usar). Compare a lista de dois gramáticos quaisquer e verá grandes divergências entre elas.

Quanto ao seu **competir**, com certeza é conjugado em todas as suas formas, exatamente como **repetir**: **repito**, **repetes**, **repete**; **compito**, **competes**, **compete** (segundo o dicionário ***Houaiss*** e a ***Moderna Gramática*** de Evanildo Bechara, nosso melhor gramático vivo). Quando eu era criança, ouvia muito aqueles “ensinamentos” totalmente furados, vindos de professores sem qualquer formação linguística, que viviam dando palpites sobre nossa língua; alguns ridicularizavam **compito** com um trocadilho infame, “eu **com pito** e tu **sem pito**” – e você pode ver que a pouca ciência deles estava aliada a um humor de terceira... Fique em paz, Antônio: você ganhou a aposta.

presente histórico

Para narrar coisas passadas, que já aconteceram, estamos limitados a usar o **pretérito do indicativo**, ou podemos fazer isso também com o **presente** dos verbos?

Prezado Professor: na minha tese, na seção em que faço a revisão de literatura especializada, utilizo sempre o ***presente do indicativo****, independentemente da época da publicação. Ex.: "Borges (1988) estuda os implantes ósseo-integrados e verifica que os mesmos são uma alternativa viável...". Fui informado que isto se chama* ***presente histórico*** *e é utilizado em trabalhos acadêmicos. Há outras justificativas?*

André – Dentista

Meu caro André: o tempo que você empregou está mais do adequado. Alguns diriam que esse é o famoso **presente histórico**, ou **presente narrativo**, que pode ser usado no lugar do pretérito ("Em 58 a.C. César **invade** a Gália e **inicia** uma das mais famosas campanhas da história militar"). Pode ser; é defensável, e você pode ficar tranquilo quanto a qualquer investida da banca contra este emprego. Acho que aqui, no entanto, poder-se-ia traçar uma sutil diferença. Podemos entender que, no caso, você não está dizendo que, em 1988, alguém chamado **Borges** estudou o problema: está falando do texto, e não propriamente de seu autor.

Em outras palavras: quando você diz "Borges (1988) estuda", não está se referindo ao fático, ao pesquisador e à sua ação de estudar (que pode, inclusive, ter ocorrido em 1987), mas sim ao **texto** identificado na bibliografia médica como "**Borges (1988)**" – e este estuda, e vai continuar assim, para todo o sempre. Note que essa personificação de um determinado trabalho acadêmico é o que justifica a concordância com o masculino, mesmo quando se trata de uma autora: "Neste particular, Mary Kato (1983) é muito mais **completo** e **exemplificativo**". ***Mutatis mutandis***, é a concordância que fazemos com os títulos das obras: "Falando de Machado, o crítico dizia que ***Helena*** era **romântico**, enquanto ***Iaiá Garcia*** era **melancólico**". De qualquer forma, você está amparado para o que der e vier.

quer que eu vou?

Nem todo o mundo usa o subjuntivo quando deveria.

Prezado Professor: tenho escutado muitas vezes perguntas feitas deste modo: "Você quer ***que eu vou****?" ou "Você quer* ***que eu faço****?". Eu sempre disse: "Você quer* ***que eu vá****?", "Você quer* ***que eu faça****?", mas são tantas as pessoas que falam do outro modo que já começo a achar que a errada sou eu.*

Regina B. – Cuiabá (MT)

Minha cara Regina: o uso do subjuntivo nessas construções de oração subordinada é obrigatório. Está corretíssima a maneira como você fala ("você quer **que eu vá**?"). Não sei de onde saíram esses, aí em Cuiabá, que deixam de usá-lo, mas aqui no Sul eu já percebi que o pessoal que fala outra língua em casa (alemão, polonês, etc.) comete o mesmo equívoco: "*Se vocês querem **que eu ajudo**, eu ajudo"; "*Ele não se importa **que eu vendo** meu carro"; "*É melhor **que vocês ficam** calados". Esses exemplos parecem-me soar tão mal que só posso atribuí-los a ouvidos estrangeiros, acostumados às sequências temporais próprias de seus idiomas de origem.

P.S.: É interessante acrescentar que não é só aqui que existe essa dificuldade em empregar o subjuntivo. O grande humorista francês da *Belle Époque*, Allan Allais, intitulava-se um dos fundadores da **Liga para a Propagação do Subjuntivo entre as Classes Trabalhadoras...** Puro veneno!

suicidar-se

Se **suicídio** já quer dizer matar a si mesmo, não é uma redundância dizer que ele se suicidou?

Dois leitores me escrevem sobre o verbo ***suicidar-se****. Paulo, de Salvador, pergunta: "Sabemos que* ***suicídio*** *é o ato de matar-se;* ***suicidar-se*** *é acabar com a própria vida. Para se evitar uma redundância, qual das expressões deveríamos usar: 'o homem* ***se suicidou****', 'o homem* ***suicidou-se****' ou 'o homem* ***cometeu suicídio****'? Todas estariam corretas"? Já Hilda, de Brasília, quer saber: "Por que eu preciso dizer* ***suicidar-me****, se eu não posso* ***suicidar-te****?".*

Em primeiro lugar, Paulo, todas estão corretas. "O homem **suicidou-se**" e o "homem **se suicidou**" diferem apenas na preferência por usar o pronome antes ou depois do verbo, mas, no fundo, tanto faz dar na cabeça como na cabeça dar. "Ele **cometeu suicídio**" também é bom Português. Note que o elemento ***sui-***, que em Latim quer dizer "a si mesmo", não mais é reconhecido como tal, o que permite que se diga **eu me suicido**, **nós nos suicidamos**; é por isso que **ele se suicidou** não apresenta redundância alguma. O ato de tirar a própria vida, no entanto, é tão chocante que o povo cerca este verbo, às vezes, com tudo o que consegue enfiar na frase, a fim de frisar que a pessoa não foi morta, mas se matou. Não se surpreenda se ouvir, alguma vez, no calor do relato, um exagero do tipo "Ele se suicidou-se a si mesmo" – isso se aquele que conta o fato ainda não acrescentar: "Tirando a vida com as próprias mãos". É pleonasmo? É redundância? No uso consciente, caprichado do Português, claro que é. Na força da expressão, contudo, eu garanto que essa repetição deve ter lá as suas razões.

Agora, quanto à sua pergunta, Hilda: no Português, temos um grupo de verbos que sempre são conjugados com o pronome ligado a eles; são, por esse motivo, denominados de **verbos pronominais**. Este pronome é quase vazio semanticamente (não tem o seu significado usual), mas aparece em todas as pessoas. Um bom exemplo é **orgulhar-se** (eu me orgulho, tu te orgulhas, ele/você se orgulha, nós nos orgulhamos, vós vos orgulhais, eles/vocês se orgulham). Você jamais aceitaria **eu orgulho**, até mesmo porque este verbo nunca será transitivo (eu não posso orgulhar alguém; só posso me orgulhar **de** alguém). É exatamente o caso do **suicidar-se**.

vimos ou **viemos**?

Se o presente do verbo **vir** é eu **venho**, tu **vens**, ele **vem**, nós **vimos**, como é que se explica que a famosa frase do baixinho da cerveja – “Nós **viemos** aqui para beber ou para conversar?” – esteja correta?

*Eu tenho uma dúvida: qual é a forma correta? “Nós **viemos** aqui para beber ou para conversar?” ou “Nós **vimos** aqui para beber ou para conversar?”. Por gentileza, explique os motivos fundamentados da resposta.*

Cristina – Santos (SP)

Minha cara Cristina: ambas podem estar corretas. Depende do tempo verbal que resolvermos usar. Para ficar mais claro, vou traçar uma analogia com a 1ª pessoa do singular (EU): (1) “Nós **viemos** aqui para beber ou para conversar?” corresponde a “Eu **vim** aqui para beber ou para conversar?”; (2) “Nós **vimos** aqui para beber ou para conversar?” corresponde a “Eu **venho** aqui para beber ou para conversar?”.

É evidente que estamos (em ambos os casos) diante de uma pergunta que não está perguntando; isto é, a pessoa que profere qualquer uma dessas frases não está indagando o que ela **veio** (ou **vem**, se for habitual) fazer ali, mas sim lembrar ao interlocutor que ele está ali para beber. É uma pergunta retórica: ela, na verdade, usa a interrogação para afirmar, com ênfase, alguma coisa. Se alguém me perguntar “Você veio aqui para dançar ou para ficar sentado?”, é claro que vou entender que ela não quer uma resposta minha; na verdade, está afirmando que eu estou ali para dançar, não para ficar sentado. Não é assim?

Na forma (1), estamos usando o **pretérito perfeito** de **vir** (vim, vieste, veio, **viemos**, viestes, vieram); na forma (2), o **presente do indicativo** (venho, vens, vem, **vimos**, vindes, vêm). Geralmente usamos o presente quando se trata de um fato habitual, costumeiro (compare, por exemplo, “visitei sua página” com “visito sua página”; “vim a este bar no verão” com “venho a este bar no verão”). Espero ter solucionado sua dúvida.

lê ou **leia**

O Professor alerta para a dificuldade de usar corretamente o **tu** e mostra uma escorregadela no CD de Mílton Nascimento e Gilberto Gil.

Professor, responda-me, por favor, qual a forma correta: ***ouve*** *o que eu falo ou* ***ouça*** *o que eu falo;* ***olhe*** *esta flor ou* ***olha*** *esta flor;* ***cheire*** *este perfume ou* ***cheira*** *este perfume? Abraço.*

Lucília L. – São Paulo (SP)

Minha cara Lucília: todo brasileiro tem o direito de escolher entre **tu** ou **você** para tratar seu interlocutor. Geralmente, a turma aqui do Sul prefere **tu**, enquanto o pessoal de Santa Catarina para cima prefere **você**. De qualquer forma, a escolha é livre. Acontece que, feita a escolha, as consequências gramaticais (verbos, pronomes, etc.) devem estar de acordo com a opção, já que **tu** é um pronome de 2a pessoa, enquanto **você** é de 3a. Por isso, eu, que sempre uso **tu**, vou dizer: "**lê** isto aqui, **ouve** bem o que te digo, **fica** quieta, **presta** atenção". Alguém que use **você** vai dizer: "**leia** isto aqui, **ouça** bem, **fique** quieta, **preste** atenção".

Um aviso, no entanto, minha cara leitora: o uso do **tu** é para quem está acostumado. Essa forma, que está progressivamente sendo abandonada pelo Português do Brasil, pode tornar-se uma armadilha fatal para recém-chegados. Quem ouvir o CD do Milton Nascimento e do Gilberto Gil vai entender o que digo. Na faixa *Dinamarca*, os dois (que usam **você** desde pequeninos) resolveram dirigir-se a um homem do mar tratando-o por **tu** – e não deu outra: escorregaram duas vezes na flexão verbal. A primeira, no imperativo: "Capitão do mar... **lembres** que o mar também tem coração" – deveriam ter usado ou **lembra** (tu), ou **lembre** (você). A segunda, no pretérito perfeito: "Depois do dia em que tu **partistes**". Aqui houve uma confusão entre **tu** e **vós**; a segunda pessoa do singular é **partiste**. Para um especialista, esses são claros sinais de que **tu** está desaparecendo como pessoa gramatical, sendo preservado apenas como uma forma de tratamento. É uma questão de tempo, apenas.

Chico também escorrega no imperativo

Um leitor de Fortaleza, fã de Chico Buarque, sente-se no dever de apontar um deslize de seu ídolo no emprego do imperativo.

Prezado Professor: minha dúvida se encontra na letra de uma música de Chico Buarque, compositor pelo qual tenho uma grande admiração. A referida música intitula-se **Fado Tropical**. *Sua primeira estrofe nos diz:*

Ó, musa do meu fado

Ó, minha mãe gentil,

Te deixo, consternado,

No primeiro abril.

Mas não sê tão ingrata,

Não esquece quem te amou

E em tua densa mata

Se perdeu e se encontrou.

Não deveria o ilustre compositor ter utilizado o imperativo negativo na forma "não ***sejas*** *tão ingrata"? Ou será que a língua escrita em Portugal, notoriamente presente na letra da música, permite aquela outra construção? Agradeço sua atenção.*

João Marcelo S. – Fortaleza (CE)

Meu caro João Marcelo: o Chico – quem diria! – também tropeçou no imperativo, como seus colegas Gil e Mílton Nascimento, como vimos no artigo anterior. Na verdade, errou duas vezes: deveria ter escrito "não **sejas**" (como você bem percebeu) e "não **esqueças**". Para sua informação, o imperativo em Portugal é igualzinho ao nosso, e os dois versos do Chico estão errados deste e daquele lado do Atlântico. Agora, esse equívoco, vindo de quem vem, o melhor letrista de nosso cancioneiro popular, serve para confirmar duas teses com que concordo: (1) o imperativo na 2ª pessoa está morto para a maioria dos falantes; (2) não é qualquer um que pode arriscar o emprego do **tu** e sair sem arranhões. Veja só: nesse redemoinho, caíram três dos nossos maiores compositores da MPB! O que sobra, então, para os falantes comuns?

vem pra Caixa você também

Veja como, às vezes, a forma culta não é a maneira mais adequada de passar uma mensagem ao leitor.

*Professor, há cerca de dez anos foram lançadas duas propagandas em veiculação nacional, mas que parecem estar com problemas de concordância. A primeira é "**Vem** pra Caixa **você** também"; a segunda, "Se **você** não se cuidar, a AIDS vai **te** pegar". A primeira, propaganda da Caixa Federal, não teria de ser "**Venha** pra caixa **você** também"? A segunda, lema da campanha contra a AIDS, não teria de ser "Se **você** não se cuidar, a AIDS vai **lhe** pegar"?*

Norma C. A. – Rio Preto (MG)

Minha cara Norma: sua pergunta mexe em dois abelheiros – o uso do imperativo e o emprego dos pronomes pessoais –, dois pontos em que o uso vem deixando para trás aqueles padrões que a Gramática Tradicional teima em defender. Já tive oportunidade de comentar o problema do imperativo em **lê** ou **leia**; há muito tempo o modelo que os manuais recomendam deixou de ser usado na fala, ficando restrito à língua escrita culta formal. Além disso, nas duas frases aparece a tendência atual de mesclar formas da 2a e da 3a pessoas gramaticais para a pessoa a quem nos dirigimos.

Você já deve ter percebido que a linguagem da publicidade – mesmo quando se trata de mensagens escritas – procura ficar o mais próximo possível da língua falada. No caso da Caixa, os redatores perceberam que as duas opções formais da língua culta não atendiam suas necessidades: "Venha pra Caixa você também" mandaria a rima às urtigas, e "Vem pra Caixa tu também" só seria bem aceita no Rio Grande do Sul. Por isso, além de usarem o "**pra**", informal, optaram por aquela mistura do **tu** e do **você**, atualíssima: "**Vem** (tu) pra Caixa **você** também. **Vem**!".

Os criadores da campanha contra a AIDS esbarraram no mesmo rochedo: as duas formas corretas não são aceitáveis numa campanha que precisa, pela própria natureza, alcançar todos os estratos da população. "Se **você** não se cuidar, a AIDS vai pegá-**lo**" ficaria horrível, porque perderia a rima, o paralelismo e – pior ainda! – usaria o pronome oblíquo **O**, que a maioria dos falantes já não sabe usar. “Se tu não te **cuidares**, a AIDS vai **te** pegar” perderia a rima e teria um áspero sotaque gaúcho. A frase que produziram segue a tendência, consagrada no Português atual, para o tratamento da 2a pessoa do discurso (lembra? aquela com quem se fala...): usamos o verbo na 3a do singular e o pronome oblíquo da 2a (“te”): “Se **você** não se **cuidar**, a AIDS vai **te** pegar”.

As duas frases são aceitáveis no Português culto formal escrito? É claro que não; a flexão incorreta do imperativo e a mistura de tratamento devem ser evitadas por todos os que tentam escrever com rigor. Deveriam ter sido, então, corrigidas? É claro que não. Para o fim que pretendiam, estão na forma mais adequada possível. Acredite, Norma: isso é saber escrever.

irregular defectivo

Um verbo pode ser **regular** e **defectivo** ao mesmo tempo? É claro que sim; o Professor explica como.

*Caro Professor, tenho dúvida sobre os verbos defectivos, pois um amigo meu, estudante igual a mim, disse que o verbo **polir** é **irregular,** e eu disse que achava que era **defectivo**, por não possuir a 1ª pessoa do singular. Apostei com ele que este verbo é **defectivo**. O senhor poderia me ajudar?*

Vilma S. L. – São Paulo (SP)

Minha cara Vilma: não é bem assim. Para começar, os verbos dividem-se, quanto à sua conjugação, em **regulares** (a maioria) – os que não mudam o radical em toda a sua conjugação – e **irregulares** (os que sofrem alterações no radical). Há outra divisão, que nada tem a ver com essa, em verbos **completos** e verbos **defectivos**. Estes seriam aqueles que não podem ser conjugados em todas as formas, por motivos (absolutamente discutíveis) de eufonia. Portanto, admitindo-se que haja verbos defectivos (repito: não se conjugam em todas as suas formas; têm lacunas no quadro da conjugação), eles ainda podem ser **regulares** ou **irregulares**.

Posso exemplificar com os verbos **precaver** e **reaver**. O primeiro é **defectivo** e **regular** (não possui todas as formas, mas, nas que existem, conjuga-se como o modelo da 2ª conjugação); o segundo é **defectivo** e **irregular** (nas formas que existem, segue o verbo **haver**, completamete irregular). Aqui você percebe que uma coisa não exclui a outra. Agora, especificamente quanto ao verbo **polir**, (1) ele é um verbo **completo** (não é defectivo), (2) mas **irregular**; conjuga-se, no presente, **pulo**, **pules**, **pule**, **polimos**, **polis**, **pulem**. Consegui ser claro? Desta vez, é o amigo que está com a razão.

por que o **O** vira **LO**?

Uma leitora de Paris quer saber por que o pronome **O** às vezes vira **LO**; vamos acompanhá-la numa interessante visita pelos bastidores de nossa língua.

*Caro Professor Moreno: escrevo-lhe para que o senhor me esclareça uma questão em que eu jamais teria pensado, se não fosse uma estrangeira me ter perguntado. Nas frases, "Eu gostaria de vê-**lo**", "Deixem-**no** em paz", eu não sei explicar por que se usa o **N** e o **L** para ligar o verbo com o pronome. Obrigada.*

Aida S. – Paris (França)

Minha cara Aida: nada como o olhar de estrangeiros para nos fazer estranhar o que sempre nos pareceu óbvio! Essas consoantes adicionais a que você se refere aparecem para permitir a harmonização da forma verbal com o pronome a ela ligado. Explico: dentre os pronomes átonos do Português, o pronome **O** (e suas flexões **A**, **OS** e **AS**), por ser vocálico, precisa sofrer pequenas alterações fonológicas para que possamos ligá-lo com naturalidade à forma verbal; em outras palavras, o conjunto [**verbo + pronome**] deve ser bem ajustado para que não se torne um estorvo para a nossa pronúncia.

Tenho certeza de que você (e a maioria dos meus leitores) ficaria espantada com a quantidade de teses que já foram escritas sobre o tema dos **clíticos** (assim são chamadas essas pequenas partículas átonas, como os artigos e os pronomes oblíquos átonos, que vivem na periferia dos vocábulos tônicos); posso assegurar que no ar mais rarefeito do Everest acadêmico as pesquisas continuam – e devem continuar. Minha missão, contudo, é traduzir, na linguagem usual da planície em que todos vivemos, um pouco do que já se descobriu, a fim de ajudar falantes interessados como você a perceber que existe um padrão coerente por trás de todos os fatos de nossa língua. No fundo, não há acasos, nem exceções; o que às vezes parece um simples capricho termina se revelando uma necessidade interna do organismo do Português.

É fácil visualizar o que acontece no caso dos pronomes: uma forma verbal qualquer é formada por uma sequência de sons (que chamamos de **fonemas**). O pronome, por sua vez, também é um fonema (ou dois, quando está no plural). Quando o último fonema do verbo se encontra com o fonema do pronome, acontece o mesmo que no encontro entre duas pessoas: ou há empatia entre os dois e as coisas vão bem, ou alguma coisa desagradável termina transformando o encontro num verdadeiro choque. Em termos objetivos, todas as formas verbais do Português podem ser classificadas em três grupos distintos quanto à sua terminação: (1) as terminadas em **vogais** (**vendi**, **comprou**, **devolva**, **procuro**); (2) as terminadas em **nasal** (**fazem**, **vão**, **estudam**, **põe**); e (3) as terminadas em **R**, **S** ou **Z** (essas duas letras representam o mesmo fonema, /s/). O pronome **O**, imitando o genial personagem **Zelig**, do Woody Allen, vai alterar sua forma para **NO** ou **LO** de acordo com a circunstância, conseguindo assim adaptar-se perfeitamente ao "ambiente" fonológico:

Hipótese 1 – A forma verbal termina em VOGAL – Como o pronome também é uma vogal, não há necessidade de adaptação alguma, uma vez que o Português lida muito bem com encontros vocálicos: **vendo-o**, **devolvo-as**, **encontrei-os**, **perdeu-a**.

Hipótese 2 – A forma verbal termina em NASAL – Agora o pronome vai aparecer na sua forma nasalizada, permitindo uma conexão suave com o verbo: **fazem-na**, **dão-nas**, **estudaram-no**. Quem quiser fazer um teste doméstico, experimente pronunciar esses exemplos aí de cima usando o pronome **sem** a nasal – *fazem-a, *estudaram-o – e vai ver o que é bom!

Hipótese 3 – A forma verbal termina em R, S ou Z – Este é o caso mais drástico: o fonema final do verbo terminaria formando sílaba com a vogal do pronome, criando pérolas do tipo *estudar-o (/estudaro/) ou *fiz-o (/fizo/). Por isso, uma regra interna suprime aquela consoante final e o pronome aparece encabeçado pela consoante L: **comprá-lo**, **fi-lo**, **encontramo-lo**. Não se esqueça de reexaminar a forma verbal quanto às regras de acentuação, já que seu perfil vai ser alterado quando a consoante for suprimida; escrevi sobre isso em **acento em verbo com pronome**, no primeiro volume deste ***Guia***.

Quando eu prestei meu exame vestibular para o curso de Letras, uma das questões era (ô, tempinho difícil aquele!) "conjugue o verbo **pôr**, no presente do indicativo, com o pronome **O** enclítico". Hoje eu sei a resposta:

eu ponho [+ O] = PONHO-O
tu pões [-S + LO] = PÕE-LO
ele põe [+ NO] = PÕE-NO
nós pomos [-S + LO] = POMO-LO
vós pondes [-S + LO] = PONDE-LO
eles põem [+ NO] = PÕEM-NO

Deu para enxergar a sutil diferença entre o **põe-lo** (2ª pessoa) e o **põe-no** (3ª)? Outra coisa que você deve ter percebido é a esquisitice de algumas dessas formas. Na verdade, elas raramente são vistas em uso, porque preferimos, no Brasil, a **próclise** (o pronome antes do verbo) na maioria dos casos (a correta colocação do pronome em relação ao verbo é outro assunto; um dia vou escrever a respeito). Continuam vivas, mas lá no zoológico; de vez em quando levo as crianças para olhar um **fá-lo** (faz+o), um **di-lo** (diz+o), um **qué-lo** (quer+o). Elas acham muito divertido.

cumprimentamo-lo

Veja como se junta o pronome **O** à forma verbal **cumprimentamos**.

*Prezado Professor: nunca sei se devo escrever **cumprimentamos-o** ou **cumprimentamos-no**? Poderia tirar-me essa dúvida?*

Susana Soares

Minha cara Susana: prepare-se, que o resultado é um verdadeiro monstrengo: **cumprimentamo-lo**. As formas verbais terminadas em **R**, **S** ou **Z** perdem sua letra final antes do pronome **O**, que assume a forma **LO**: **comprar** + **o** = **comprá-lo**; **conduz + o** = **condu-lo**; **encontramos + o** = **encontramo-lo**. Por isso mesmo, recomendo que você avalie a conveniência de utilizar uma forma tão desagradável aos ouvidos normais. Talvez fosse melhor evitar o uso do pronome nessa posição e partir (1) ou para uma forma de tratamento (cumprimentamos **o senhor**, cumprimentamos **V. Sa.**), (2) ou para uma outra volta na frase, que evite esse encontro indesejável (temos o prazer de cumprimentá-lo, queremos cumprimentá-lo, aproveitamos para cumprimentá-lo, etc.). Escrever bem, Susana, não é escolher entre uma forma certa e uma errada, mas escolher, entre formas certas, as que soam melhor. Pense nisso.

presente indicando futuro

Podemos usar o **presente** para indicar algo que vai acontecer no **futuro**, assim como podemos usar o futuro para indicar algo presente.

*Meu caro Professor: o noticiário de rádio e televisão não emprega o tempo do verbo corretamente quando se refere a uma situação futura. Por exemplo: "**Acontece** amanhã o lançamento do novo livro de Lya Luft....". Isso é correto? Existe uma outra gramática que só os jornalistas de rádio e televisão conhecem?*

Edgar Barros

*Caro Professor, li sua resposta acerca do **presente histórico** e fiquei curioso. Posso me referir a um acontecimento **futuro** usando o verbo no **presente**? Por exemplo, "O Desembargador **toma** posse mês que vem"? Ou o certo mesmo seria **tomará**, sem exceção?*

David Azevedo

Meus caros Edgar e David: as dúvidas de vocês só poderão ser esclarecidas quando desfizermos a tradicional confusão entre o **nome do tempo verbal** e a **situação temporal** que ele indica (ou seja, se algo já aconteceu, acontece ou vai acontecer). Nada nos impede de usar um verbo conjugado no **presente do indicativo** para designar também uma ação situada no passado ou no futuro:

(1) Em 1845, quando termina a Revolução Farroupilha, Garibaldi **retira-se** para Montevidéu. (passado)

(2) Alguém **duvida** de mim? (presente – agora)

(3) Cão que **ladra** não **morde**. (presente constante, permanente)

(4) Amanhã a gente se **reúne** de novo. (futuro)

O **futuro do indicativo**, apesar do seu nome, hoje raramente é usado para expressar ações futuras. Estaria totalmente fora do Português moderno culto quem dissesse "Em 2002, juro que não **cometerei** os erros do ano passado"; a forma mais recomendável (e, portanto, a mais adequada para quem procura a "correção") é "Em 2002, juro que não **vou cometer** os erros do ano passado", ou mesmo, em segundo lugar, "Em 2002, juro que não **cometo** os erros do passado". O **futuro do indicativo** (tempo verbal) é mais usado, na verdade, com outras intenções semânticas que não o **tempo** futuro. Em frases como "Onde **andará** Maria?" e "Não **será** ele o culpado?", exprime dúvida ou possibilidade (jamais a ideia de "ação futura"); em frases como "Não **matarás**" (lembrem-se dos dez mandamentos), é um substituto do modo imperativo.

No entanto, Edgar, sua intuição é válida quando você se impacienta um pouco com o estilo dos jornalistas; é que a mídia impressa – principalmente nas manchetes – está elegendo o presente do indicativo como pau para toda obra, exatamente por essa polivalência que ele apresenta e por outras razõe específicas, que agora estão sendo pesquisadas. Ou usam o presente para indicar passado ("Avião **cai** na Guatemala", "Maníaco **atira** contra multidão e se suicida"), ou para indicar futuro ("Chile **entra** no Mercosul até 2010", "Fulano só **sai** da cadeia depois do carnaval"), ou para nos deixar confusos mesmo, forçando-nos a ler a matéria toda: em frases como "Brasil **toma** medidas contra a tatuagem de menores" ou "**Muda** o vestibular das Federais", só o texto vai nos dizer se **tomou** ou **vai tomar**, se **mudou** ou **vai mudar**. Notem que não estou condenando essa opção dos jornais (a não ser nos casos ambíguos, que são imperdoáveis); é evidente que não se trata de uma escolha motivada por preguiça ou comodismo, mas sim ditada por características intrínsecas do discurso jornalístico, que agora estão sendo estudadas seriamente pela Linguística; registro apenas o que está acontecendo.

vou ir

O Professor explica como se forma o futuro no Português e por que a chamada **mesóclise** não passa de uma ilusão de óptica.

*Caro Professor: a minha dúvida é quanto ao uso da expressão **vou ir**, que é condenada por muitos gramáticos tradicionais. Gostaria de compreender melhor a razão para tal condenação. Há quem tenha tentado dar uma explicação dizendo que não se pode usar o mesmo verbo como auxiliar e principal. Contudo, sempre achei que a locução **tenho tido**, por exemplo, não ferisse as regras da gramática. Obrigada.*

Andrea L. – Rio de Janeiro (RJ)

*Prezado Professor Moreno, estamos com uma dúvida, eu e um amigo: afinal de contas, a expressão **vou ir** – muito utilizada no Rio Grande do Sul – está correta ou não? Eu penso que não; ele acha que sim. Podemos dizer **vou fazer**, **vou trabalhar**, etc., dando ideia de futuro, mas **vou ir**?*

Rodrigo

Minha cara Andrea, você tem toda a razão: há vários exemplos de locução verbal, em nossa língua, em que aparece o mesmo verbo, tanto na posição de auxiliar quanto na de principal; os mesmos fariseus que condenam **vou ir** aceitam **há de haver**, **vinha vindo**, **tinha tido**. É evidente que o verbo só tem o seu significado pleno, originário, quando está na casa da direita, na posição de **principal**; em "**há de haver** uma solução para este problema", o auxiliar (**há**) exprime a ideia de "desejo" (leia-se: eu gostaria que houvesse) ou de "obrigatoriedade" (leia-se: deve haver), enquanto o principal é que tem o sentido usual de "existir". Já falei sobre isso quando analisei a locução **vinha vindo**.

No caso de **vou ir**, Rodrigo, vem agregar-se um outro fato linguístico muito importante: a forma preferida de expressar o futuro, no Português moderno, é uma locução verbal com a estrutura [**ir** no pres. do indicativo + qualquer verbo no infinitivo]. Essa estrutura (**vou sair**, **vou poder**, **vou ficar**, **vou ser**) concorre com outras possibilidades, também usadas, mas em menor escala: (1) o próprio presente do indicativo ("Amanhã eu **posso**", "No ano que vem eu **saio**"); (2) o futuro do presente (**sairei**, **poderei**, **ficarei**, **serei**); (3) a locução [**haver** + infinitivo]: **hei de sair**, **tu hás de entender**.

Estudos atualizados mostram que as hipóteses (2) e (3) são, no fundo, no fundo, a mesmíssima coisa. Como herança do Latim tardio, que substituiu a forma única do futuro por uma locução (***amare habeo***), nosso futuro, que parece ser uma forma una, na verdade é uma locução invertida, com o auxiliar **haver** à direita. Exemplifico: se pegarmos "eu **hei de comprar**, tu **hás de comprar**, ele **há de comprar**" e invertermos a ordem dos verbos (**comprar hei**, **comprar hás**, **comprar há**), uma pequena adaptação ortográfica, com a óbvia queda do **H**, vai nos dar **comprarEI**, **comprarÁS**, **comprarÁ**! Portanto, o que parece ser uma forma verbal simples é, na verdade, uma forma composta (**comprar+ei**, **comprar+ás**, etc.).

Não é por acaso que esse futuro não admite **ênclise**, segundo as gramáticas tradicionais (que não entenderam ovo do problema, como sempre), mas exigiria (segundo essas mesmas gramáticas...) uma coisa chamada de **mesóclise**, definida sinistramente como "o pronome no meio do verbo". Na verdade, só existem duas posições para o pronome – **próclise** ou **ênclise** –, mesmo para verbos no futuro: ou usamos o pronome **antes** do verbo, como em "Eu TE PAGARei", ou usamos o pronome **depois** do verbo, como em "PAGAR-TE-[ei]" (quando digo **antes** ou **depois**, estou falando em relação apenas ao verbo **pagar**). O **EI**, que alguns confundem com uma terminação verbal, é só o nosso velho amigo, o verbo **haver**, desfigurado pela ausência do **H**, e a chamada **mesóclise** é apenas a colocação do pronome **entre** o verbo principal e o verbo auxiliar.

O que está acontecendo no Português moderno, ao que parece, é uma **troca de auxiliar**: em vez de usar o auxiliar **haver**, como nas hipóteses (2) e (3) acima, estamos utilizando cada vez mais o auxiliar **ir**. Isto é: quando queremos expressar a ideia de futuro, ou empregamos o presente do indicativo (menos usado) ou empregamos a locução [**vou + infinitivo**]. Como todo e qualquer verbo pode, em tese, ocupar a casa da direita, vão formar-se locuções do tipo **vou vir**, **vou ir**. Erradas elas não são; podem soar ainda um pouco estranho para muitos ouvidos, mas muitos outros já se acostumaram a elas, inclusive escritores e compositores de renome. Só para adoçar toda essa explicação, dou um exemplo saudoso, de um escritor de respeito: Vinícius de Moraes, na música ***Você e Eu***, feita em parceria com Carlos Lyra, usou muito simplesmente (e em dose dupla):

Podem preparar

Milhões de festas ao luar
Que eu não **vou ir**
Melhor nem pedir
Que eu não **vou ir**, não quero ir.

vinha vindo

Veja como construções do tipo **vinha vindo**, **tinha tido**, **ia indo** não têm nada de errado.

*Caro Professor: lendo sua resposta sobre **pego e chego**, pude observar uma expressão que muitas vezes reluto em usar por julgá-la incorreta: **vinha vindo** não seria uma forma redundante de dizer que alguma coisa vinha? Eis a frase usada em sua resposta: "Claro que responderia que não, mal sabendo ele que o controvertido **pego vinha vindo** a galope...*

Sônia – São Vicente (SP)

Minha prezada Sônia: o verbo **vir**, quando for usado como auxiliar em locuções, introduz um aspecto **continuativo**. Com certeza, você percebe que **eu fazia** ou **eu lia** não é a mesma coisa que **vinha** fazendo, **vinha** lendo. Por isso, nada contra o **vinha vindo**. O que a intrigou foi o uso do mesmo verbo duas vezes? Pois não se preocupe; eles não estão sendo usados com o mesmo valor. O **principal** (que é sempre o verbo da direita em qualquer locução) é que significa "aproximar-se"; o outro é apenas **auxiliar**. Compare com **ia indo**, **tinha tido**, **há de haver**: você também acha estranho?

Para tranquilizá-la (e para alegria e deleite de nossos leitores), acrescento três bons exemplos do emprego de **vinha vindo**. Um, maroto, é da ***Capoeira do Arnaldo***, do Paulo Vanzolini, um dos maiores letristas de nossa música popular:

> Quando eu vim da minha terra,
> vim fazendo tropelia;
> nos lugá onde eu passava,
> a estrada ficava vazia;
> **quem vinha vindo, vortava**
> quem ia indo, não ia;
> o padre largava da missa,
> a onça largava da cria...

Depois, Augusto dos Anjos, no seu famoso ***Poema Negro***:

E quando vi que aquilo **vinha vindo**
Eu fui caindo como um sol caindo
De declínio em declínio...

Para rematar, ninguém menos que o mestre Drummond, na ***Balada do Amor Através das Idades*** (quem não conhece?):

Virei soldado romano,
perseguidor de cristãos.
Na porta da catacumba
encontrei-te novamente.
Mas quando vi você nua
caída na areia do circo
e o leão que **vinha vindo**
dei um pulo desesperado
e o leão comeu nós dois.

explodo?

O verbo **explodir** é defectivo ou tem conjugação completa? O Professor ajuda um tradutor a sair deste dilema.

*Prezado Professor: faço traduções de filmes, na área de legendação, e preciso traduzir a seguinte frase: "Find something for this kid to do before he blows up", ou seja "Ache algo para esse garoto fazer antes que ele **exploda**". Sei que o verbo **explodir** é defectivo. O **Aurélio** diz que essa conjugação não existe. O **Manual do Estadão** também a proíbe. Só que o dicionário **Houaiss** conjuga o verbo em todos os tempos e explica que, embora seja considerado defectivo, tem sido usado com conjugação completa, incluindo-se aí o **expludo**, da 1ª pessoa do singular. O que faço?*

Arnaldo P. – Miami Beach – Flórida (EUA)

Meu caro Arnaldo: quem tem o ***Houaiss*** do seu lado, o que poderá temer? Como já tive a oportunidade de ressaltar várias vezes, os verbos defectivos sempre o são apenas temporariamente, isto é, até as formas consideradas "inexistentes" passarem a ser usadas pelas novas gerações de falantes, que teimam em continuar nascendo. Na ordem (temporal), primeiro veio o ***Aurélio***, mas depois veio o ***Houaiss***, sem dúvida o melhor dicionário jamais publicado sobre nosso idioma (incluindo os portugueses). Eu não hesitaria duas vezes: fique com **explodo**, **exploda** – e trate de desconfiar sistematicamente do manual do Estadão. Esses manuais são feitos por jornalistas de pouca ciência e muita opinião; são úteis para padronizar o jornal lá deles, mas quase nada valem no mundo aqui fora e não servem como fonte a ser citada em caso de polêmica.

Outra coisa: eu ainda não tive a oportunidade de empregar esse verbo e confesso que não sei se gostaria de conjugá-lo; talvez, se tivesse de traduzir a frase daquele filme, eu optasse por um rodeio do tipo "ache algo para esse garoto fazer antes que ele possa explodir", ou "se você não encontrar algo para esse garoto fazer, ele vai explodir", e coisas do gênero. No entanto, se eu decidisse usá-lo, minha preferência recairia em **explodo**, no presente do indicativo, com o consequente **exploda** do presente do subjuntivo. Embora Houaiss registre ambas as formas (**explodo** e **expludo**), uma passada pelo Google nos aponta 95 ocorrências de **expludo** e 230 de **expluda**, contra 1.210 de **explodo** e 8.690 de **exploda**. Note que não se trata de decidir entre o certo e o errado por meio de um plebiscito (que, para cada voto que desse para a peça ***Édipo Rei***, de Sófocles, daria um milhão para qualquer novela de televisão); trata-se apenas de verificar, já que a forma existe, qual é a direção de tendência.

Curtas

comunicamos-lhes

Paulo P., de Porto Alegre pergunta qual é a forma correta? "**Entregamo-lhes** ou **entregamos-lhes**? **Conhecemo-nos** ou **conhecemos-nos**?".

Prezado Paulo: além dos pronomes **O**, **OS**, **A** e **AS** (cujo comportamento você deve conhecer), o único pronome que ocasiona alguma alteração no verbo a que se liga é o **NOS**, quando vier depois da forma correspondente à 1a do plural: **encontramos** + **nos** = **encontramo-nos**; **conhecemos** + **nos** = **conhecemo-nos** (com o **VOS** também acontece isso, mas ninguém vai usá-lo mesmo). O pronome **LHE(s)** é acrescido ao verbo sem que ocorra mudança alguma: **informamos-lhe**, **comunicamos-lhes**, e assim por diante.

tu foste, **tu foi**

> Álvaro, de São Carlos (SP), envia um SOS, perguntando se o certo é “**tu foste** a pessoa que me levou à loucura” ou “**tu foi** a pessoa que me levou à loucura”? Ou seria **foste tu**? Ou quem sabe **foi tu**?

Meu caro Álvaro: você pretende escrever algum cartão inflamado para ela? Então é bom mesmo escrever certo: “**Tu foste** a pessoa que me levou à loucura”. Se quiser inverter a ordem (tanto faz), fica “**Foste tu** a pessoa que me levou à loucura”. ***Tu foi** ou ***foi tu** é erro brabo.

se eu vir você

> José Aranha Pacheco, de Gaspar (SC), precisa saber qual é a forma correta: “Se você vier para cá e não nos **VER/VIR**, certamente ficará aborrecido”.

Meu caro José: vou trocar o verbo **ver** por **fazer** para facilitar a explicação: “Se você **vier** e não nos **FIZER** uma visita...”. Como você pode perceber, nessa frase o verbo **fazer** está no futuro do subjuntivo. Se colocar, em seu lugar, o verbo **ver**, a conjugação correta é “se você **vier** e não nos **VIR**”... (que é o fut. subj. de **ver:** quando eu **vir**, quando tu **vires**, quando você **vir**).

trazido, **trago**

> Antônio Calvosa diz que aprendeu, nos seus áureos tempos de estudante, que o verbo **trazer** seria verbo **abundante**, com os particípios **trazido e trago;** desconfiado, quer saber: “Isso procede, ou estaria cometendo uma grande gafe?”.

Meu caro Antônio: como você já desconfiava, está cometendo mesmo uma grande gafe. O verbo **trazer** jamais figurou nas listas dos verbos abundantes. A forma **trago**, do presente do indicativo, é às vezes confundida com um particípio irregular por sua semelhança com o **pago**, mas este verbo só tem a forma **trazido**. Dê uma olhada no que escrevi sobre **pego** e **chego**: lá você vai encontrar mais sobre o assunto.

possuir e **concluir**

> Liz F. escreve de Nova Iorque porque tem dúvida quanto à conjugação da 3a do singular do presente dos verbos **concluir**, **existir** e **possuir**: é **conclui** ou **conclue**? **Possui** ou **possue**? **Existe** ou **existi**?

Minha cara Liz: todos os verbos em **-UIR** (**possuir**, **concluir**, **retribuir**, etc.) mantêm o **I** em sua conjugação: ele **influi**, **possui**, **conclui**. A sequência **-UE** só vai aparecer no subjuntivo dos verbos terminados em **-UAR**: continuar, **continue**; habituar, **habitue**; e assim por diante. Quanto a **existir**, é **existe**. Liz, se você se interessa pelo Português, recomendo que compre o ***Aurélio*** ou o ***Houaiss*** em CD-ROM e o deixe residente no seu PC. Além de ser um excelente dicionário, ele dá a conjugação completa de qualquer verbo em que clicarmos com o mouse.

se eu vir

> A pequena leitora Lívia C., de 11 anos, escreve de São José do Rio Preto perguntando se o correto é “se eu o **ver**” ou “se eu o **vir**”, “quando eu o **ver**” ou “quando eu o **vir**”.

Minha cara Lívia: o futuro do subjuntivo de um verbo sempre usa o mesmo radical do imperfeito do subjuntivo: se eu **fosse**, quando eu **for**; se eu **trouxesse**, quando eu **trouxer**; se eu **pusesse**, quando eu **puser**; se eu **visse**, quando eu **vir**. “Você já viu o filme?”. “Não, mas quando eu **vir**...”.

intermediar

> Renata diz que está encontrando problemas com a conjugação do verbo **intermediar**, que ela acha estranha.

Minha cara Renata: segundo a gramática tradicional, **intermediar** é conjugado da mesma forma que **odiar**: **odeio**, **odeias**, **odeia**; **intermedeio**, **intermedeias**, **intermedeia**. É horrível demais! Os autores mais modernos – entre eles, Houaiss – já registram a tendência de conjugá-lo como **assobiar**, ficando **intermedio**, **intermedias**, **intermedia**, seguindo o padrão regular dos verbos terminados em **-iar**. Acho que esta última vai suplantar a primeira.

deparar é pronominal?

> Karina G., do Rio de Janeiro, estranhou, em artigo que escrevi, a frase: "...e **me deparo** com um verdadeiro..."; ela quer saber se é correta essa regência, pois aprendeu que é errado o emprego do pronome **me** quando este verbo é usado no sentido de **afrontar**.

Minha prezada Karina: não, não é errado; na verdade, é a regência atual desse verbo. Já se encontra isso em Machado; veja a Clarice Lispector, em exemplo do verbete "deparar", do ***Aurélio***: "E **deparou-se** com um jovem forte, alto, de grande beleza" (Clarice Lispector, *A Via-Crúcis do Corpo*, p. 95.). A regência originária desse verbo (deparar alguma coisa a alguém) já não é mais usada; as duas vigentes são **deparar com** ou **deparar-se com** alguma coisa – sempre transitivo indireto, seja pronominal, seja simples.

ungir

Levi S., de Vitória da Conquista (BA), quer saber como se conjuga o verbo **ungir** no presente do indicativo.

Meu caro Levi: este verbo é considerado **defectivo** no presente do indicativo – isto é, não é conjugado em todas as formas, como seria **fugir**, que é um verbo normal. **Ungir** tem todas as pessoas, **exceto** a 1a do singular: eu (...), tu **unges**, ele **unge**, nós **ungimos**, vós **ungis**, eles **ungem**. Como diziam os antigos, ele terá todas as formas que apresentarem **E** ou **I** depois do **G**.

falir no presente

Natália R., de São Paulo, que saber como se conjuga o verbo **falir** no presente do indicativo.

Minha cara Natália: o verbo **falir**, no presente do indicativo, é considerado **defectivo**, isto é, tem várias lacunas na sua conjugação. Neste tempo, ele só apresenta as duas formas **arrizotônicas** (as que têm a tônica fora do radical): **nós falimos** e **vós falis**. **Eu**, **tu**, **ele** e **eles** simplesmente **não existem**.

conjugação de **rir**

> A leitora Lilian, de Içara (SC), não sente firmeza ao conjugar **rir** na 1a pessoa do singular, pois, cada vez que diz **rio**, ouve piadas do tipo “tu **rio** e eu **lagoa**”, ou “tu **rio** e eu **praia**”

Minha cara Lilian: eu **rio**, tu **ris**, ele **ri**, do mesmo modo que eu **sorrio**, tu **sorris**, ele **sorri**. Parece com o rio que corre para o mar? Bom, tanta coisa parece com tanta coisa... Leia o que eu escrevi a respeito do **compito** e não faça caso dessas piadinhas ditadas pela ignorância.

eleito e **elegido**

> A leitora Ives Machado pergunta qual seria a forma adequada: “Ele foi **eleito**” ou “Ele foi **elegido**”?

Minha cara Ives: em princípio, usamos o particípio irregular (o mais curto) com o verbo **ser**; portanto, “ele **foi** eleito”. A forma regular (em **-ado** e **-ido**) é usada com os auxiliares **ter** ou **haver**: “O PT só tinha **elegido** doze representantes”. Há, contudo, algumas peculiaridades, como você pode ler em **particípios abundantes**.

o presente como futuro

Maris gostaria de saber se pode considerar correta a frase “Um dia ainda **vou** ao cinema com você”.

Sim, minha cara Maris, a frase está correta. Agora, não percebo muito bem qual o motivo para a dúvida. Seria o emprego do presente (**vou**) com valor de futuro? Essa é a forma atual utilizada pelo nosso idioma: “No ano que vem, **consigo** um emprego e **junto** dinheiro para viajar”; “Não **vou** à festa no sábado”; e assim por diante. Era isso?

perda e **perca**

Robson P., de São Caetano do Sul (SP), pergunta como deve escrever: (1) Não **perda** tempo ou (2) Não **perca** tempo.

Meu caro Robson: o presente do subjuntivo de todos os verbos do Português é formado a partir da 1a pessoa do singular (eu) do presente do indicativo. Eu **caibo** = que eu **caiba**; eu **peço** = que eu **peça**; logo, eu **perco** = que eu **perca**, que tu **percas**, que você **perca**, etc. Você não deve confundir este caso com o substantivo **perda**: “Não **perca** tempo com isso; sua **perda** vai ser indenizada”.

mais-que-perfeito

> Apesar de estar estudando frequentemente, Manoel A., de Cuiabá (MT), diz que ainda tem dificuldade em usar as formas **foi** e **fora** (m.-q.-perfeito de **ser**). “Quando me refiro, por exemplo, a uma pessoa querida e que não vive mais, uso ‘ele **fora** um homem de bem’ou ‘ele **foi** um homem de bem’ ”?

Meu caro Manoel: **fora** é o mais-que-perfeito **simples**; se você quer ter uma ideia de como ele pode ser usado, experimente colocá-lo nas mesmas frases em que se pode empregar **tinha sido** (mais-que-perfeito **composto**). “O rei **tinha sido** avisado na véspera do ataque” é igual a “O rei **fora** avisado na véspera do ataque”. Isso é o básico; há outras sutilezas, mas você vai apanhá-las mais tarde. Na frase que você enviou, só pode ser usado **foi**.

premia ou **premeia**?

> Marcelo F., de Londrina (PR), estranha ter visto a conjugação do verbo **premiar** na 3a pessoa do singular como **premia** – e não **premeia**. O que tenho eu a dizer?

Meu caro Marcelo: digo apenas que você tem visto a forma correta. **Premiar** é conjugado como **negociar** (**premio**, **premias**, **premia**, **premiamos**, **premiais**, **premiam**), e não como **odiar**.

interveio

> Ricardo Thompson gostaria de saber como deve usar o verbo **intervir**: “Eles **interviram** em assuntos” ou “Eles **intervieram** em assuntos”?

Meu caro Ricardo: o verbo é **interVIR** (é o verbo **vir** com o prefixo **inter-** na frente). Portanto, se temos eu **vim**, tu **vieste**, ele **veio**, nós **viemos**, vós **viestes**, eles **vieram**, vamos ter **intervim**, **intervieste**, **interveio**, **interviemos**, **interviestes**, **intervieram**.

mais-que-perfeito simples e composto

> Fabrício T., de Sorocaba (SP), gostaria de saber a diferença entre dizer “Ele **havia encontrado** a mulher no local” e “Ele **encontrara** a mulher no local”, e aproveita para declarar que, na sua opinião, a segunda opção é mais bonita.

Meu caro Fabrício: ambos estão no **mais-que-perfeito** do indicativo; um é a forma **composta**, o outro é a forma **simples**; ambas estão corretas. Eu concordo com você: a forma simples, que pouco se usa no Português falado, é um dos tempos mais bonitos no Português escrito. Acho-o extremamente elegante e refinado e uso-o sempre que tenho a oportunidade. “Quando o Rei se apercebeu, seu conselheiro já **fizera** todo o mal que podia” – isso é Português de lei, dos bons!

imperativo do verbo **ser**

> Micheli Bock pretende tatuar uma frase no corpo e quer saber se está corretamente escrito o seguinte provérbio: “**Sê** como o sândalo, que perfuma o machado que o fere”.

Prezada Micheli: a frase está certa; embora pareça um tanto estranho, **sê** é o imperativo afirmativo de **ser**, na 2a pessoa do singular. Agora, não tatue uma frase tão extensa assim no seu corpo; quando você quiser removê-la (e um dia isso vai acontecer, acredite), vai dar muito trabalho e custar muito caro. Escolha uma coisinha menor. Além disso, você vai ter de viver explicando o que é esse **sê**, que a maioria das pessoas não reconhece.

o imperativo no **pai-nosso**

> César, de Curitiba (PR), escreve: “Desde que eu era coroinha e o padre nos mandava rezar o pai-nosso, aprendi a frase “Não nos **deixeis** cair em tentação”. Agora estou em dúvida: não deveria ser **deixai**?”.

Meu caro César: e eu, que ainda aprendi como **padre-nosso**... O texto que você traz na memória está correto: “Não nos **deixeis**” é o imperativo **negativo** do **vós**; “**livrai**-nos”, que aparece na mesma oração, é o **afirmativo**. Não tem lógica nenhuma, mas, nas segundas pessoas (tu e vós), o imperativo negativo é sempre **diferente** do afirmativo (**compra**, não **compres**; **escreve**, não **escrevas**; **comprai**, não **compreis**). É por isso que essas duas pessoas verbais são cada vez menos usadas no Português.

temos de fazermos?

> Luiz Barros pergunta se o correto é “Nós temos que nos **conscientizarmos**” ou “Nós temos que nos **conscientizar**”.

Prezado Luiz: “eu tenho de **fazer**”, “tu tens de **fazer**”, “nós temos de **fazer**”, “eles têm de **fazer**” – note que o verbo **fazer** não se flexionou; isso sempre acontece com o último verbo à direita de qualquer locução verbal. A mesma coisa vai ocorrer na frase que você enviou: “Temos de nos **conscientizar**”.

vigendo

> Maria do Carmo, de Belo Horizonte (MG), estranha a frase “Vale a lei que estiver **vigendo**”. Pergunta ela: “O correto não seria **vigindo**?”

Prezada Maria do Carmo: o verbo **viger**, nas formas que possui, segue o modelo normal da 2a conjugação: **escrevendo**, **comendo**, **vigendo**. ***Vigindo** é erro de advogado de pouco estudo.

foi e **fora**

> Roberto, de Cuiabá (MT), gostaria de saber quando se usa o mais-que-perfeito **fora**, pois sempre entende que o correto seria **foi**.

Prezado Roberto: jamais **fora** terá o mesmo sentido que **foi**; na verdade, ele é sinônimo de **tinha sido**, que é o mais-que-perfeito **composto**. “Quando fiz o convite, já era tarde: ela **fora** convidada por outro” (entenda-se: **tinha sido**). Não poderíamos usar **foi** em seu lugar, pois se trata de uma ação anterior àquela expressa pelo pretérito perfeito.

adivinha quem vem para jantar

Hélia D., de Goiânia (GO), quer saber qual a forma correta: "**Adivinha** quem vem para o jantar" ou "**Adivinhe** quem vem para o jantar"?

Prezada Hélia: se você chamar seu interlocutor de **você**, deve dizer "**Adivinhe** quem vem para jantar"; se o tratar por **tu**, dirá "**Adivinha** quem vem para jantar". Escolha.

flexão do infinitivo

> O leitor Pedro Z., de Barra do Ouro (TO) quer saber qual é a forma correta: “As bolsas são capazes de **ter**/**terem** eficiência nominal”.

Meu caro Pedro: as bolsas **são** capazes **de ter**, nós **somos** capazes **de ter**, tu **és** capaz **de ter** – note como só o primeiro verbo varia. Se o segundo também flexionasse, teríamos horrores como “*nós somos capazes de termos”, “*tu és capaz de teres”.

casar, **casar-se**

> A leitora Natália S., de Aracruz (ES), quer saber se a forma correta é “Ela **casou** com o homem” ou “Ela **se casou** com o homem”. Acrescenta: “Procurei e encontrei as duas formas. É isso mesmo?”.

Sim, Natália, é do mesmo tipo de “ele **sentou** na cadeira” e “ele **se sentou** na cadeira”. São verbos que podem (ou não) ser usados pronominalmente, sem que esse pronome tenha função sintática (ele é chamado, por isso, de “partícula expletiva”).

prouve

> A leitora Cecília K. estranhou muito a frase "**Prouvera** a Deus que ele voltasse". Pergunta ela, curiosa: "Mas que verbo é esse??!!".

Minha cara Cecília: trata-se do verbo **prazer**, forma variante de **aprazer** que, além de ser defectivo (só é conjugado na 3a pessoa), é irregular nos tempos derivados do pretérito perfeito. Confesso que é esquisito mesmo, mas você já deve ter ouvido frases como "Faça como lhe **aprouver**".

baixai a gasolina

> Luiz A. Rech pergunta: “Aprendi uma oração que diz ‘Oh! **Meu** Jesus, **perdoai**-nos, **livrai**-nos...’. Está certo empregar a 2a pessoa do plural?”.

Meu caro Luiz: nessa oração, Jesus está sendo tratado como **vós**, como era o costume dos textos religiosos tradicionais (hoje a maior parte emprega a 3ª pessoa). Como no texto do pai-nosso que aprendíamos na escola: “Pai Nosso, que **estais** no céu”... No exemplo mencionado, estamos usando o imperativo: **perdoai**, **fazei**, **livrai-nos**. Não sei por que você grifou o **Meu** – esse pronome possessivo não tem a menor influência no tratamento que está sendo usado. Se ainda houvesse rei no Brasil, eu poderia dizer: “Meu Rei, **concedei**-me um aumento”, ou “Meu Senhor, **baixai** o preço da gasolina” – sem a menor incompatibilidade.

emprego do futuro do pretérito

> Marco Antônio, de Belo Horizonte (MG), estranhou a frase "**Gostaria** de ser excluído desta lista". Diz ele: "Acredito que o tempo futuro do pretérito representa uma ação que não irá ocorrer. Se eu estou correto, a frase acima está errada".

Ora, Marco, como você está errado, a frase é que está correta. O Português sempre usou o futuro do pretérito como modalizador de **gentileza**, i. é, como uma forma quase obrigatória de atenuar um pedido que, feito de outra maneira, seria considerado impolido pela sociedade. Se prestarmos atenção em nossas leituras, veremos que Machado, Alencar, Macedo, Eça, Drummond, Guimarães Rosa – todos eles! – usam, por polidez, esse futuro do pretérito. "Eu **gostaria** de ser excluído dessa lista" é uma forma aceitável de dizer o que, em versão ***hard***, seria "**quero** ser excluído dessa lista". É por isso que dizemos "o senhor **poderia** alcançar o sal?", "eu não **saberia** responder neste momento", "eu não **diria** isso", e assim por diante. Examine, numa boa gramática, o capítulo sobre "Emprego de tempos e modos"; vai encontrar isso bem explicadinho ali.

redescubramos

> Carlos Pinto gostaria de saber se a frase “É preciso que **redescobrimos** a Páscoa” está correta.

Prezado Carlos: “É preciso que **redescubramos** a Páscoa”. O fato de ser uma oração subordinada exige o verbo no **subjuntivo**: “É preciso que nós **façamos**” (e não ***fazemos**), “É preciso que nós **viajemos**” (e não ***viajamos**). O presente do subjuntivo de **redescobrir** é que eu **redescubra**, que tu **redescubras**, que nós **redescubramos**.

indicativo *versus* subjuntivo

Ana Paula C. gostaria de saber se as frases “A firma gera produtos que **produzem** lucros” e “A firma tem o objetivo de gerar produtos que **produzam** lucros” estão corretas; elas aparecem em páginas diferentes no seu livro de Economia, o que gerou sua dúvida.

Prezada Ana Paula: a diferença entre elas é que a primeira está no **indicativo**, e a segunda está (como deveria estar) no **subjuntivo**: “Os alunos que **leem** jornal” está para “Quero alunos que **leiam** jornal” assim como “A firma gera produtos que **produzem** lucros” (indicativo – fato real) está para “A firma tem por objetivo gerar produtos que **produzam** lucros” (subjuntivo – fato hipotético). Seu livro está correto, não se preocupe.

Cláudio Moreno nasceu na cidade de Rio Grande (RS). No final dos anos 60, concluiu o curso de Letras da UFRGS, com habilitação em Português e Grego. Em 1972 ingressou como docente no Instituto de Letras da mesma universidade, tendo sido responsável por várias disciplinas nos cursos de Letras e de Jornalismo, assim como pela disciplina de Redação para os cursos de Pós-Graduação de Medicina. Em 1977, concluiu o mestrado em Língua Portuguesa com a dissertação *Os diminutivos em -inho e -zinho e a delimitação do vocábulo nominal no Português*; em 1997, obteve o título de Doutor em Letras com a tese *Morfologia nominal do Português*. Do jardim-de-infância à universidade, estudou toda sua vida em escolas públicas e gratuitas, razão pela qual, sentindo-se em dívida para com aqueles que indiretamente custearam sua educação, resolveu criar e manter o sítio www.sualingua.com.br como uma pequena retribuição por aquilo que recebeu.

Coordena, atualmente, a área de Língua Portuguesa dos colégios Leonardo da Vinci Alfa e Beta, de Porto Alegre, do Sistema Unificado de Ensino. É professor regular das Teleaulas de Língua Portuguesa da Universidade Estácio de Sá, do Rio de Janeiro. Na imprensa, assinou uma coluna mensal sobre etimologia na revista *Mundo Estranho*, da Abril, e escreve regularmente no jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, onde mantém uma seção sobre Mitologia Clássica e outra sobre questões de nosso idioma.

Publicou, em coautoria, livros sobre a área da redação – *Redação técnica* (Formação), *Curso básico de redação* (Ática) e *Português para convencer* (Ática). Sobre gramática, publicou o *Guia prático do Português correto* pela L&PM Editores, em quatro volumes: *Ortografia* (2003), *Morfologia* (2004), *Sintaxe* (2005) e *Pontuação* (2010). Pela mesma editora, lançou *O prazer das palavras* – v.1 (2007) e v.2 (2008), com artigos sobre etimologia e curiosidades de nosso idioma. Além disso, é o autor do romance *Troia* (2004) e de dois livros de crônicas sobre Mitologia Clássica, *Um rio que vem da Grécia* (2004) e *100 lições para viver melhor* (2008), todos pela L&PM Editores.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Projeto gráfico e capa: Ana Cláudia Gruszynski
Revisão: Jó Saldanha, Renato Deitos e Elisângela Rosa dos Santos
Revisão final: Cláudio Moreno

M843g

Moreno, Cláudio
Guia prático do português correto: morfologia / CláudioMoreno. – Porto Alegre: L&PM, 2011.
(Coleção L&PM POCKET; v.391)

ISBN 978.85.254.2330-6

1.Português-morfologia. I.Título. II.Série.
CDU 801.3=690(035)

Catalogação elaborada por Izabel A. Merlo, CRB 10/329.

© Cláudio Moreno, 2004
e-mail do autor: hapax@terra.com.br

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores
Rua Comendador Coruja 314, loja 9 – Floresta – 90.220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-5380
Pedidos & Depto. Comercial: vendas@lpm.com.br
Fale conosco: info@lpm.com.br
www.lpm.com.br

Sumário

Apresentação
1. Essa palavra existe?
  - Assessoramento
  - Nomes comerciais em X
  - Motinho
  - Guarda-chuvinha
  - absenteísmo
  - adjetivos gentílicos
  - aidético
  - Alcorão ou Corão?
  - datiloscopista
  - Deletar
  - elegantíssimo ou elegantérrimo?
  - eletrocussão
  - esterçar
  - existe excepcionação?
  - gay ou guei?
  - herbicidar?
  - hétero, héteros
  - litigância ou litigação
  - maniático
  - música, musicista
  - plúmbeo
  - dolorido e doloroso
  - importância dos afixos
  - emboramente, apenasmente
  - bonitíssimo
  - malformação
  - vaga-lume
  - inversível ou invertível?
  - sorvetaria
  - soteropolitano
  - cecê
  - cabeçada e cabeceada
  - trissesquicentenário
  - desinquieto
  - O -ipe de Sergipe
  - Curtas - lacração ou lacreação
  - anatomia
  - descriminar
  - perviedade
  - amêndoa e amendoim
  - morador de ilha
  - imbricamento

- guarda-noturno não é derivado
- viçosidade
- continuação, continuidade
- profissão: boquista
- vocábulo inexistente
- atingimento?
- diminutivo de texto
- overdose, superdose
- disponibilizar
- antônimo de inadimplente
- leitão é aumentativo?
- aumentativo de pão
- colherinha ou colherzinha?
- trailer, trêiler
- portfolio, portifólio
- onzentésimo?
- formação de adjetivo
- aumentativo de rio

2. Como se usa: morfologia e flexões gênero dos países

- gênero dos países
- a cal
- nenhuns
- ela foi o segundo juiz
- árbitra
- aluguéis ou alugueres?
- softwares
- cenoura ou cenoira
- degrais?
- plural de sim e de não
- hambúrgueres
- masculino de formiga
- membra
- memorando
- o Recife?
- plural de papai noel
- perca?
- afegão, afegãos
- plural de Molotov
- plural de real
- pluralia tantum
- poeta ou poetisa
- coletivo de leão e de rato
- obrigado
- generala: o feminino de postos e cargos
- o ou a personagem?
- plural dos compostos

vocábulos compostos: interpretação
os sem-terra
plural dos compostos: Estados-Nação
surdo-mudo
superlativos eruditos
o gênero de champanha
mais bom ou melhor?
plural das siglas
Curtas - plural de porta-voz
plural de garçom
pastelzinho, pasteizinhos
coletivo de urso
elefanta, elefoa
coletivo de borboleta
gentílico de Groenlândia
macaco tem aumentativo?
plural de médico-hospitalar
plural de refil
plural de beija-flor
plural de gado
diminutivo de álbum
coletivo de cobra
feminino de réu
anfitriã ou anfitrioa
plural de vice
plural de segunda-feira
feminino de reitor
diminutivo de vizinho
plural de guarda-sol
plural de quebra-sol
plural de curriculum vitae
feminino de boi
plural de pôr-do-sol
curriculuns?
plural de curta-metragem
coletivo de corvo
coletivo de mosquito
segundas-vias
tigresa
autoelétrica
federal, federais
plural de fax
gênero de omelete
tunelão?
os guarani?
plural de curriculum vitae

- gênero de marmitex
- felicidade tem plural?
- plural de troféu
- plural de arroz
- plural de histórico-literário
- real tem plural?
- feminino de beija-flor
- malas-diretas
- búfala
- churros
- muito dó
- gênero de paradigma
- formanda
- situação-problema
- normas-padrão
- gênero de mascote
- masculinos terminados em A

3. Como se conjuga
- pego e chego
- particípios abundantes
- eu tinha “compro”?
- soer
- abram alas
- adequo rima com continuo?
- eu compito
- presente histórico
- quer que eu vou?
- suicidar-se
- vimos ou viemos?
- lê ou leia
- Chico também escorrega no imperativo
- vem pra Caixa você também
- irregular defectivo
- por que o O vira LO?
- cumprimentamo-lo
- presente indicando futuro
- vou ir
- vinha vindo
- explodo?
- Curtas - Comunicamos-lhes
- tu foste, tu foi
- se eu vir você
- trazido, trago
- possuir e concluir
- se eu vir
- intermediar

  - deparar é pronominal?
  - ungir
  - falir no presente
  - conjugação de rir
  - eleito e elegido
  - o presente como futuro
  - perda e perca
  - mais-que-perfeito
  - premia ou premeia?
  - interveio
  - mais-que-perfeito simples e composto
  - imperativo do verbo ser
  - o imperativo no pai-nosso
  - temos de fazermos?
  - vigendo
  - foi e fora
  - adivinha quem vem para jantar
  - flexão do infinitivo
  - casar, casar-se
  - prouve
  - baixai a gasolina
  - emprego do futuro do pretérito
  - redescubramos
  - indicativo versus subjuntivo
- Sobre o Autor

Português

Sintaxe - Estilística - Recursos Semânticos - [Médio]

01 - (FEPAR PR)

"Frederico Paciência vinha me trazer até casa. Sofríamos tanto que parece impossível sofrer com tamanha felicidade. E toda noite era aquilo: a boca rindo, os olhos cheios de lágrimas."

(Contos Novos, Mário de Andrade)

Assinale a alternativa que NÃO pode significar uma das figuras de linguagem presentes no trecho acima.

a) Antítese.

b) Eufemismo.

c) Metáfora.

d) Paradoxo.

e) Contraste.

02 - (FATEC SP)

A relação de sentido que há entre as orações grifadas em

"Lá a existência é uma aventura / De tal modo inconseqüente / Que Joana a Louca de Espanha / [...] vem a ser contraparente da nora que nunca tive"

manifesta-se em

a) Eu jogava longe canudo e caneca. Para recomeçar no dia seguinte, sim, as bolhas de sabão.

b) Sua voz era grave: metia medo.

c) Durante o dia, seu perfume ainda pairou pelo quarto. Ao anoitecer, Dionísia abriu as janelas.

d) Esforçou-se muito, mas não alcançou o que procurava.

e) Ele não era advogado; mesmo assim quis defender o pai.

03 - (FUVEST SP)

Olhava mais era para Mãe. Drelina era bonita, a Chica, Tomezinho. Sorriu para Tio Terêz: - “Tio Terêz, o senhor parece com Pai...” Todos choravam. O doutor limpou a goela, disse: - “Não sei, quando eu tiro esses óculos, tão fortes, até meus olhos se enchem d’água...” Miguilim entregou a ele os óculos outra vez. Um soluçozinho veio. Dito e a Cuca Pingo-de-Ouro. E o Pai. Sempre alegre, Miguilim... Sempre alegre, Miguilim... Nem sabia o que era alegria e tristeza. Mãe o beijava. A Rosa punha-lhe doces-de-leite nas algibeiras, para a viagem. Papaco-o-Paco falava, alto, falava.

Do ponto de vista do estilo e da relação deste com o sentido, esse trecho caracteriza-se:

a) pela sucessão de frases curtas e entrecortadas, que mimetizam o ritmo da emoção implicada na cena.

b) pela conjunção de narrador em primeira pessoa e em terceira pessoa, interligando solidamente emissor e receptor.

c) pelo recurso intensivo às figuras de linguagem, com predomínio das metáforas sobre as metonímias - o que potencia o teor simbólico do texto.

d) pelo predomínio da função emotiva sobre as funções poética e conativa, o que gera a força encantatória própria do texto.

e) pela dominância da adjetivação afetiva, que traz à tona e potencia a emoção própria da cena.

04 - (Mackenzie SP)

Texto I

Quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis.

Ítalo Calvino

Texto II

Não há a possibilidade de existir um homem livre de todas as coerções sociais. Isso não ocorre nem mesmo no interior do ser humano. Sabemos que as normas sociais impõem até que desejos são admissíveis e que desejos são inadmissíveis.

José Luiz Fiorin

Texto III

O inferno são os outros.

Jean Paul Sartre

Sobre o texto I é correto afirmar:

a) o segundo período estabelece com o primeiro uma relação de finalidade.

b) o segmento destacado equivale a: “cada um de nós é apenas uma combinatória”.

c) o emprego do pronome nós indica distanciamento do falante em relação ao enunciado.

d) os complementos de combinatória constituem aspectos que contrariam o sentido abrangente de enciclopédia.

e) a interrogação introduz dúvida para a qual o falante não propõe resposta.

05 - (Mackenzie SP)

É verdade que podemos votar, é verdade que podemos, como cidadãos eleitores e normalmente por via partidária, escolher os nossos representantes no parlamento. Mas é igualmente verdade que a possibilidade de ação democrática começa e acaba aí. O eleitor poderá tirar do poder um governo que não lhe agrade e pôr outro no seu lugar, mas o seu voto não teve, não tem, nem nunca terá qualquer efeito visível sobre a única e real força que governa o mundo, e portanto o seu país e a sua pessoa: refiro-me, obviamente, ao poder econômico, em particular à parte dele, sempre em aumento, gerida pelas empresas multinacionais de acordo com estratégias de domínio que nada têm que ver com aquele bem comum a que, por definição, a democracia aspira.

Todos sabemos que é assim, e contudo, por uma espécie de automatismo verbal e mental que não nos deixa ver a nudez crua dos fatos, continuamos a falar de democracia como se se tratasse de algo vivo e atuante, quando dela pouco mais nos resta que um conjunto de formas ritualizadas, os inócuos passes e os gestos de uma espécie de missa laica.

José Saramago

Assinale a alternativa que identifica corretamente o termo a que se refere a palavra destacada.

a) acaba aí (linha 2) – a possibilidade de escolha do representante

b) não lhe agrade (linha 3) – o governo

c) pôr outro no seu lugar (linha 3) – o eleitor

d) aquele bem comum (linha 5) – o poder econômico

e) quando dela pouco mais nos resta (linha 8) – a nudez crua dos fatos

06 - (Mackenzie SP)

Mote

Perdigão perdeu a pena,

Não há mal que lhe não venha.

Volta

Perdigão que o pensamento

Subiu a um alto lugar,

Perde a pena do voar,

Ganha a pena do tormento.

Não tem no ar nem no vento

Asas com que se sustenha:

Não há mal que lhe não venha.

Camões

Considerando o sentido **conotativo** do texto, é correto afirmar que:

a) Camões defende os ideais mercantilistas do século XVI, exaltando o poder ilimitado dos portugueses, aqui representado pela metáfora da ave que *Subiu a um alto lugar*.

b) Camões, ao contrário do que fez em Os lusíadas, enaltece a busca de fama e glória, prevendo um futuro glorioso para a pátria, o que se comprova pelo sentido do último verso.

c) o poeta relativiza o valor da ambição desmesurada, representada pelo ato do *Perdigão*, e confirma, assim, o ponto de vista crítico expresso na obra épica Os lusíadas.

d) a visão de mundo renascentista tem como base ideológica os princípios religiosos que condenam a busca de prazeres mundanos, por isso a ave *Ganha a pena do tormento*.

e) Camões endossa o ideal da propagação da fé católica e do expansionismo português, representados, no poema, pelo vôo heróico do *Perdigão*.

07 - (Mackenzie SP)

Portal do Assinante Estadão. Aqui não há visitantes, só gente de casa.

O Portal do Assinante Estadão é um lugar dedicado especialmente a você, 24 horas por dia, feito para as pessoas se sentirem em casa. Veja alguns privilégios: entrega em dois endereços, transferência temporária, interrupção de entrega, promoções exclusivas do Clube do Assinante, informações sobre o jornal. Entre sem bater, fique à vontade e acesse. Afinal, a casa é sua.

No texto,

a) a expressão gente de casa poderia ser substituída, sem prejuízo do sentido original, pela expressão “donos da casa”.

b) Afinal pode ser substituído, sem que haja alteração do sentido original, por “finalmente”.

c) expressões utilizadas comumente para visitantes bem-vindos são empregadas para transmitir os conteúdos de “aproximação”, “familiaridade”.

d) Afinal pode ser substituído, sem que haja alteração do sentido original, por “portanto”.

e) em feito para as pessoas se sentirem em casa, o termo as pessoas tem como referência visitantes e assinantes, que, por sua vez, têm sentidos opostos.

08 - (Mackenzie SP)

Pela manhã Madalena trabalhava no escritório, mas à tarde saía a passear, percorria as casas dos moradores. Garotos empalamados e beiçudos agarravam-se à saia dela.

Foi à escola, criticou o método de ensino do Padilha e entrou a amolar-me reclamando um globo, mapas, outros arreios que não menciono porque não quero tomar o incômodo de examinar ali o arquivo.Um dia, distraidamente, ordenei a encomenda. Quando a fatura chegou, tremi. Um buraco: seis contos de réis. Calculem. Contive-me porque tinha feito tenção de evitar dissidências com minha mulher e porque imaginei mostrar aquelas complicações ao governador quando ele aparecesse aqui. Em todo o caso era despesa supérflua.

Graciliano Ramos, São Bernardo

Pela manhã Madalena trabalhava no escritório, mas à tarde saía a passear …

Uma nova redação para a frase acima, que comece com “*À tarde Madalena saía a passear,* ” e não prejudique nem o sentido original nem a correção, deverá ter a seguinte continuidade:

a) se bem que pela manhã tinha trabalhado no escritório.

b) porém pela manhã trabalhou no escritório.

c) todavia pela manhã iria trabalhar no escritório.

d) embora pela manhã trabalhasse no escritório.

e) quando pela manhã costumava trabalhar no escritório.

09 - (Mackenzie SP)

O major era pecador antigo, e no seu tempo fora daqueles de que se diz que não deram o seu quinhão ao vigário: restava-lhe ainda hoje alguma cousa *que às vezes lhe recordava o passado: essa* alguma cousa *era a Maria-Regalada que morava na prainha. Maria-Regalada fora no seu tempo uma mocetona de truz, como vulgarmente se diz: era de um gênio sobremaneira folgazão, vivia em contínua alegria, ria-se de tudo, e de cada vez que se ria fazia-o por muito tempo e com muito gosto; daí é que vinha o apelido* – regalada – *que haviam ajuntado a seu nome.*

Isto de apelidos, era no tempo destas histórias uma cousa muito comum; não estranhem pois os leitores que muitas das personagens que aqui figuram tenham esse apêndice ao seu nome.

Obs.*: de truz* – de primeira ordem, magnífica

Manuel Antônio de Almeida, Memórias de um sargento de milícias

A frase que, no contexto, pode ser corretamente entendida como uma conseqüência é:

a) (linha 02) *essa* alguma cousa *era a Maria-Regalada*.

b) (linha 02 e 03) *Maria-Regalada fora no seu tempo uma mocetona de truz*.

c) (linha 03) *era de um gênio sobremaneira folgazão*.

d) (linha 04) *fazia-o por muito tempo e com muito gosto*.

e) (linha 06) *não estranhem pois os leitores*.

10 - (PUC PR)

Observe as frases que seguem:

1. Ela **também** sofrera muito com a morte do pai.
2. Os suspeitos do crime eram três, **aliás**, quatro.
3. Era eu **mesmo** que queria deixar o cargo que ocupava.
4. Assistiram ao espetáculo **cerca de** 50 mil espectadores.

Os termos assinalados em negrito denotam, respectivamente:

a) inclusão, retificação, reforço, avaliação;

b) reforço, inclusão, avaliação, retificação;

c) inclusão, avaliação, retificação, reforço;

d) avaliação, reforço, retificação, inclusão;

e) retificação, avaliação, inclusão, reforço.

11 - (EsPCEX)

Leia o fragmento a seguir.

“Quando saí do tribunal, vim pensando na frase do Lopes, e pareceu-me entendê-la. ‘Suje-se gordo!’ era como se dissesse que o condenado era mais que ladrão, era um ladrão reles, um ladrão de nada.”

ASSIS, Machado. *Relíquias de Casa Velha*.

Em “...*vim pensando*...”, quanto ao aspecto verbal, a expressão é uma perífrase

a) incoativa.

b) durativa.

c) pontual.

d) descontínua.

e) conclusiva.

12 - (UFPR)

Considerando os pares de frases a seguir, avalie em que casos a informação em (a) permite afirmar (b).

1. a) Em 01 de setembro de 2012, a cidade de São Paulo registrou a tarde mais quente do inverno.

   b) A tarde de 01 de setembro foi a mais quente do ano na cidade de São Paulo.

2. a) A música dita "sertanejo universitário" visa às classes A e B, enquanto as demais variedades sertanejas visam às camadas mais populares.

   b) A música conhecida como "sertanejo universitário", ao contrário das demais variedades sertanejas, não visa às camadas populares.

3. a) Apesar de trabalharem juntos, a relação entre o técnico e o goleiro foi pautada por uma desconfiança recíproca.

   b) Tanto o técnico quanto o goleiro tinham restrições mútuas.

Atende(m) à condição acima estabelecida o(s) item(ns):

a) 1 apenas.

b) 2 apenas.

c) 3 apenas.

d) 1 e 3 apenas.

e) 2 e 3 apenas.

13 - (IBMEC SP)

Aquela olhadinha despretensiosa no Facebook pode consumir horas de trabalho. Segundo uma pesquisa divulgada recentemente, 62% das pessoas admitem que navegar na internet faz com que elas procrastinem (...).

Na pesquisa, 71% dos entrevistados disseram deixar tudo para a última hora. "Eles reclamam de falta de tempo, mas perdem tempo em redes sociais", diz Barbosa.

A internet não é a única culpada, mas é como se ela juntasse a fome com a vontade de comer: a preguiça com a oferta de algo divertido que exige pouco esforço. "Procrastinação sempre existiu, mas antigamente não tinha Skype e Facebook. Hoje a luta é mais severa, há mais coisas para nos sabotar", afirma Barbosa.

(http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/1124603-internet-e-a-maior-causa-de-procrastinacao-diz-estudo.shtml)

O termo “procrastinem”, empregado no primeiro parágrafo, tem significado novamente explorado no texto em

a) “navegar na internet”.

b) “deixar tudo para a última hora”.

c) “juntasse a fome com a vontade de comer”.

d) “a luta é mais severa”.

e) “coisas para nos sabotar”.

14 - (UEMA)

Observe com atenção a comunicação entre os dois falantes na tirinha abaixo.

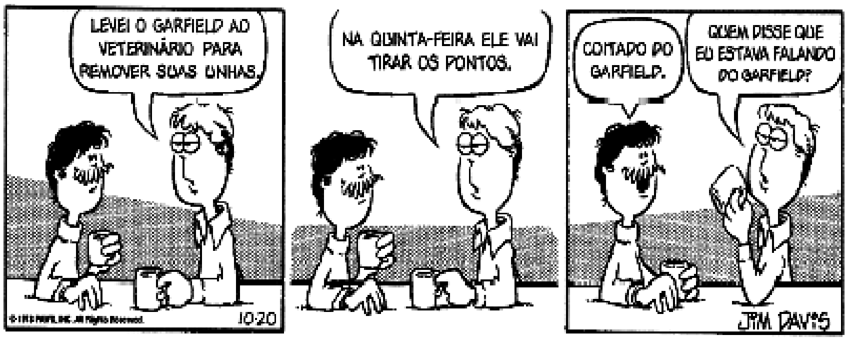
LEVEI O GARFIELD AO VETERINÁRIO PARA REMOVER SUAS UNHAS.
10·20
NA QUINTA-FEIRA ELE VAI TIRAR OS PONTOS.
COITADO DO GARFIELD.
QUEM DISSE QUE EU ESTAVA FALANDO DO GARFIELD?
JIM DAVIS

DAVIS, Jim. *Garfield em grande forma*. Porto Alegre: L&PM, 2011.

Na tirinha, o efeito de humor é gerado pela não convergência semântica conferida ao significante ele pelos dois falantes, uma vez que

a) o segundo interlocutor não estava atento à situação comunicativa, o que gerou a falha na comunicação.

b) ele, por ser uma palavra polissêmica, sempre necessitará do sujeito explicitado no texto.

c) há no texto uma indeterminação do sujeito, o que gera ambiguidade.

d) se trata de uma palavra homônima, gerando ambiguidade sintática.

e) em 3ª pessoa, o vocábulo ele, no contexto dessa frase, provoca ambiguidade.

15 - (IFSP)

"Antigamente, as moças chamavam-se mademoiselles e eram todas mimosas e muito prendadas. Não faziam anos: completavam primaveras, em geral dezoito. Os janotas, mesmo sendo rapagões, faziam-lhes pé-de-alferes, arrastando a asa, mas ficavam longos meses debaixo do balaio."

Carlos Drummond de Andrade

Sobre as relações semânticas estabelecidas entre alguns segmentos do texto, analise as assertivas abaixo.

I. Em "Antigamente, as moças chamavam-se mademoiselles **e** eram todas mimosas e muito prendadas", a conjunção "**e**" apresenta a causa e a consequência de um fenômeno.

II. Embora o conectivo "**mas**" funcione, na maioria das vezes, para adicionar uma relação de oposição, nesse caso, traduz em "mas ficavam longos meses debaixo do balaio.", – esse conectivo pode ser substituído por "uma vez que".

III. O trecho "Os janotas, mesmo sendo rapagões" traduz uma referência de concessão.

É correto o que se afirma em

a) I, II e III.

b) II e III, apenas.

c) II, apenas.

d) III, apenas.

e) I, apenas.

16 - (ENEM)

Labaredas nas trevas

Fragmentos do diário secreto de

Teodor Konrad Nalecz Korzeniowski

20 DE JULHO [1912]

Peter Sumerville pede-me que escreva um artigo sobre Crane. Envio-lhe uma carta: “Acredite-me, prezado senhor, nenhum jornal ou revista se interessaria por qualquer coisa que eu, ou outra pessoa, escrevesse sobre Stephen Crane. Ririam da sugestão. […] Dificilmente encontro alguém, agora, que saiba que é Stephen Crane ou lembre-se de algo dele. Para os jovens escritores que estão surgindo ele simplesmente não existe.”

20 DE DEZEMBRO [1919]

Muito peixe foi embrulhado pelas folhas de jornal. Sou reconhecido como o maior escritor vivo da língua inglesa. Já se passaram dezenove anos desde que Crane morreu, mas eu não o esqueço. E parece que outros também não. *The London Mercury* resolveu celebrar os vinte e cinco anos de publicação de um livro que, segundo eles, foi “um fenômeno hoje esquecido” e me pediram um artigo.

FONSECA, R. **Romance negro e outras histórias.**
São Paulo: Companhia das Letras, 1992 (fragmento).

Na construção de textos literários, os autores recorrem com frequência a expressões metafóricas. Ao empregar o enunciado metafórico “Muito peixe foi embrulhado pelas folhas de jornal”, pretendeu-se estabelecer, entre os dois fragmentos do texto em questão, uma relação semântica de

a) causalidade, segundo a qual se relacionam as partes de um texto, em que uma contém a causa e a outra, a consequência

b) temporalidade, segundo a qual se articulam as partes de um texto, situando no tempo o que é relatado nas partes em questão.

c) condicionalidade, segundo a qual se combinam duas partes de um texto, em que uma resulta ou depende de circunstâncias apresentadas na outra.

d) adversidade, segundo a qual se articulam duas partes de um texto em que uma apresenta uma orientação argumentativa distinta e oposta à outra.

e) finalidade, segundo a qual se articulam duas partes de um texto em que uma apresenta o meio, por exemplo, para uma ação e a outra, o desfecho da mesma.

TEXTO: 1 - Comum à questão: 17

Declaração

Devia começar, como o sabe de cor e salteado a maioria dos leitores, que é sem dúvida nenhuma muito entendida na matéria, por uma declaração em forma.

Mas em amor, assim como em tudo, a primeira saída é o mais difícil. Todas as vezes que esta idéia vinha à cabeça do pobre rapaz, passava-lhe uma nuvem escura por diante dos olhos e banhava-se-lhe o corpo em suor. Muitas semanas levou a compor, a estudar o que havia de dizer a Luizinha quando aparecesse o momento decisivo. Achava com facilidade milhares de idéias brilhantes: porém, mal tinha assentado em que diria isto ou aquilo, já isto ou aquilo lhe não parecia bom. Por várias vezes, tivera ocasião favorável para desempenhar a sua tarefa, pois estivera a sós com Luizinha; porém, nessas ocasiões, nada havia que pudesse vencer um tremor nas pernas que se apoderava dele, e que não lhe permitia levantar-se do lugar onde estava, e um engasgo que lhe sobrevinha, e que o impedia de articular uma só palavra. Enfim, depois de muitas lutas consigo mesmo para vencer o acanhamento, tomou um dia a resolução de acabar com o medo, dizer-lhe a primeira coisa que lhe viesse à boca.

Luizinha estava no vão de uma janela a espiar para a rua pela rótula: Leonardo aproximou-se tremendo, pé ante pé, parou e ficou imóvel como uma estátua atrás dela que, entretida para fora, de nada tinha dado fé. Esteve assim por longo tempo calculando se devia falar em pé ou se devia ajoelhar-se. Depois fez um movimento como se quisesse tocar no ombro de Luizinha, mas retirou depressa a mão. Pareceu-lhe que por aí não ia bem; quis antes puxar-lhe pelo vestido, e ia já levantando a mão quando também se arrependeu. Durante todos esses movimentos o pobre rapaz suava a não poder mais. Enfim, um incidente veio tirá-lo da dificuldade.

Ouvindo passos no corredor, entendeu que alguém se aproximava, e tomado de terror por se ver apanhado naquela posição, deu repentinamente dois passos para trás, e soltou um – ah! – muito engasgado. Luizinha, voltando-se, deu com ele diante de si, e recuando espremeu-se de costas contra a rótula: veio-lhe também outro - ah! – porém não lhe passou da garganta e conseguiu apenas fazer uma careta.

A bulha dos passos cessou sem que ninguém chegasse à sala; os dois levaram algum tempo naquela mesma posição, até que Leonardo, por um supremo esforço, rompeu o silêncio, e com voz trêmula e em tom o mais sem graça que se possa imaginar perguntou desenxabidamente:

- A senhora... sabe...uma coisa?

E riu-se com uma risada forçada, pálida e tola.

Luizinha não respondeu. Ele repetiu no mesmo tom:

- Então... a senhora... sabe ou... não sabe?

E tornou a rir-se do mesmo modo. Luizinha conservou-se muda.

- A senhora bem sabe...é porque não quer dizer...

Nada de resposta.

- Se a senhora não ficasse zangada ... eu dizia ...

Silêncio.

- Está bom ... Eu digo sempre... mas a senhora fica ou não fica zangada?

Luizinha fez um gesto de quem estava impacientada.

- Pois então eu digo ... a senhora não sabe ... eu...eu lhe quero ... muito bem...

Luizinha fez-se cor de uma cereja; e fazendo meia volta à direita, foi dando as costas ao Leonardo e caminhando pelo corredor. Era tempo, pois alguém se aproximava.

Leonardo viu-a ir-se, um pouco estupefato pela resposta que ela lhe dera, porém, não de todo descontente: seu olhar de amante percebera que o que se acabava de passar não tinha sido totalmente desagradável a Luizinha.

Quando ela desapareceu, soltou o rapaz um suspiro de desabafo e assentou-se, pois se achava tão fatigado como se tivesse acabado de lutar braço a braço com um gigante.

Manuel Antônio de Almeida. *Memórias de um Sargento de Milícias*

17 - (UNIRIO RJ)

O vocábulo “Enfim”, utilizado na última frase do segundo parágrafo, apresenta valor semântico:

a) conclusivo.

b) explicativo.

c) concessivo.

d) contrastivo .

e) comparativo.

TEXTO: 2 - Comum à questão: 18

TEXTO I

"Escrever, para mim, é um ato que preenche várias finalidades. Em primeiro lugar, é uma forma de organizar o mundo, de dar sentido às coisas, através daquela progressão lógica: princípio, meio, fim. Em segundo lugar, é um grande meio de comunicação com nossos semelhantes: a palavra escrita é um território que partilhamos em silêncio, em amável cumplicidade. Escrever é contar histórias. Cheguei à literatura por causa disto. Gostava de ouvir as histórias que meus pais, imigrantes, contavam e queria fazer como eles, contar também as minhas histórias, mas contar como os escritores que li desde pequeno (Monteiro Lobato, Érico Veríssimo, Jorge Amado) e que eu admirava. Por último, quero dizer que há, no escrever, um componente lúdico. Colocar as palavras uma ao lado da outra é um jeito de organizar o pensamento, mas é sobretudo um jogo, como aqueles jogos de armar. Tudo isso para dizer que escrever tem de ser sinônimo de prazer e emoção. Dar prazer e emoção ao leitor é a primeira tarefa do escritor."

(Moacyr Scliar, http://www.klickescritores.com.br)

TEXTO II - Escrever é Triste

Escrever é triste. Impede a conjugação de tantos outros verbos. Os dedos sobre o teclado, as letras se reunindo com maior ou menor velocidade, mas com igual indiferença pelo que vão dizendo, enquanto lá fora a vida estoura não só em bombas como também em dádivas de toda natureza, inclusive a simples claridade da hora, vedada a você, que está de olho na maquininha. O mundo deixa de ser realidade quente para se reduzir a marginália, puré de palavras, reflexos no espelho (infiel) do dicionário. O que você perde em viver, escrevinhando sobre a vida. Não apenas o sol, mas tudo que ele ilumina. Tudo que se faz sem você, porque com você não é possível contar. Você esperando que os outros vivam, para depois comentá-los com a maior cara-de-pau ("com isenção de largo espectro", como diria a bula, se seus escritos fossem produtos medicinais). Selecionando os retalhos de vida dos outros, para objeto de sua divagação descompromissada. Sereno. Superior. Divino. Sim, como se fosse deus, rei proprietário do universo, que escolhe para o seu jantar de notícias um terremoto, uma revolução, um adultério grego — às vezes nem isso, porque no painel imenso você escolhe só um besouro em campanha para verrumar a madeira. Sim, senhor, que importância a sua: sentado aí, camisa aberta, sandálias, ar condicionado, cafezinho, dando sua opinião sobre a angústia, a revolta, o ridículo, a maluquice dos homens. Esquecido de que é um deles. Ah, você participa com palavras? Sua escrita — por hipótese — transforma a cara das coisas, há capítulos da História devidos à sua maneira de ajuntar substantivos, adjetivos, verbos? Mas foram os outros, crédulos, sugestionáveis, que fizeram o acontecimento. Isso de escrever «O Capital» é uma coisa, derrubar as estruturas, na raça, é outra. E nem sequer você escreveu «O Capital». Não é todos os dias que se mete uma ideia na cabeça do próximo, por via gramatical. E a regra situa no mesmo saco escrever e abster-se. Vazio, antes e depois da operação. Claro, você aprovou as valentes ações dos outros, sem se dar ao incômodo de praticá-las. Desaprovou as ações nefandas, e dispensou-se de corrigirlhes os efeitos. Assim é fácil manter a consciência limpa. Eu queria ver sua consciência faiscando de limpeza é na ação, que costuma sujar os dedos e mais alguma coisa. Ao passo que, em sua protegida pessoa, eles apenas se tisnam quando é hora de mudar a fita no carretel.(...)

(Drummond de Andrade, Carlos. *O Poder Ultrajovem*, 1972.)

18 - (IBMEC SP)

É possível afirmar que:

a) no texto II, o afastamento de uma vida atuante por parte do escritor fica patente na passagem “Selecionando os retalhos de vida dos outros...”.

b) no texto I, o isolamento em que vive o escritor é expresso em “...em amável cumplicidade.”

c) no texto II, a produção escrita como uma atividade concernente à utilização do vernáculo demonstra-se nas expressões “puré de palavras” e “espelho (infiel) do dicionário”.

d) no texto II, com “...que costuma sujar os dedos e mais alguma coisa.”, o autor faz menção à complexidade da atividade literária que requer exercício corporal intenso e integral.

e) no texto I, a expressão “como aqueles jogos de armar” apresenta a atividade literária como um quebra-cabeças em que as palavras preenchem lacunas de acordo com as necessidades estilísticas do texto.

TEXTO: 3 - Comum à questão: 19

Apólogo brasileiro sem véu de alegoria

[1]O trenzinho recebeu em Magoari o [2]pessoal do matadouro e tocou para Belém. [3]Já era noite. Só se sentia o cheiro doce do [4]sangue. As manchas na roupa dos [5]passageiros ninguém via porque não havia [6]luz. De vez em quando passava uma fagulha [7]que a chaminé da locomotiva botava.

[8]Trem misterioso. Noite fora noite [9]dentro. O chefe vinha recolher os bilhetes de [10]cigarro na boca. Chegava a passagem bem [11]perto da ponta acesa e dava uma chupada [12]para fazer mais luz.

[13]Noite sem lua nem nada. Os fósforos é [14]que alumiavam um instante as caras [15]cansadas e a pretidão feia caía de novo. [16]Ninguém estranhava. Era assim mesmo [17]todos os dias. O pessoal do matadouro já [18]estava acostumado. Parecia trem de carga o [19]trem de Magoari.

[20]Porém aconteceu que no dia 6 de maio [21]viajava no penúltimo banco do lado direito [22]do segundo vagão um cego de óculos azuis. [23]Cego baiano das margens do Verde de [24]Baixo. Flautista de profissão dera um [25]concerto em Bragança. O taioca guia dele só [26]dava uma folga no bocejo para cuspir.

[27]Baiano velho estava contente. Primeiro [28]deu uma cotovelada no secretário e puxou [29]conversa. Puxou à toa porque não veio [30]nada. Então principiou a assobiar. Assobiou [31]uma valsa (dessas que vão subindo, vão [32]subindo e depois descendo, vêm descendo). [33]De repente deu uma cousa nele. Perguntou [34]para o rapaz:

[35]- O jornal não dá nada sobre a [36]sucessão presidencial?

[37]O rapaz respondeu:

[38]- Não sei: nós estamos no escuro.

[39]- No escuro?

[40]- É.

[41]Ficou matutando calado. Claríssimo que [42]não compreendia bem. Perguntou de novo:

[43]- Não tem luz?

[44]Bocejo.

[45]- Não tem.

[46]Cuspada.

[47]Matutou mais um pouco. Perguntou de [48]novo:

[49]- O vagão está no escuro?

[50]- Está.

[51]De tanta indignação bateu com o [52]porrete no soalho. E principiou a grita dele [53]assim:

[54]- Não pode ser! Estrada relaxada! Que [55]é que faz que não acende? Não se pode [56]viver sem luz! A luz é necessária! A luz é o [57]maior dom da natureza! Luz! Luz! Luz!

[58]E a luz não foi feita. Continuou [59]berrando:

[60]- Luz! Luz! Luz!

[61]Só a escuridão respondia.

[62]Baiano velho estava fulo. Urrava. Vozes [63]perguntaram dentro da noite.

[64]- Que é que há?

[65]Baiano velho trovejou:

[66]- Não tem luz!

[67]Vozes concordaram:

[68]- Pois não tem mesmo.

[69]Foi preciso explicar que era um [70]desaforo. Homem não é bicho. Viver nas [71]trevas é cuspir no progresso da [72]humanidade. Depois a gente tem a [73]obrigação de reagir contra os exploradores [74]do povo. No preço da passagem está [75]incluída a luz. O governo não toma [76]providências? Não toma? A turba ignara fará [77]valer seus direitos sem ele.

[78]- Que é que se vai fazer então? [79]Ninguém sabia. Isto é: João Virgulino sabia. [80]Magarefe chefe do matadouro de Magoari, [81]tirou a faca da cinta e começou a [82]esquartejar o banco de palhinha.

[83]Todos os passageiros magarefes e [84]auxiliares imitaram o chefe. Os instintos [85]carniceiros se satisfizeram plenamente. A [86]indignação virou alegria. Era cortar e jogar [87]pelas janelas.

[88]O chefe do trem foi para o cubículo [89]dele e se fechou por dentro rezando. Belém [90]já estava perto. Dos bancos só restava a [91]armação de ferro. Os passageiros de pé [92]contavam façanhas. Baiano velho tocava a [93]marcha de sua lavra Às armas cidadãos! O [94]taioquinha embrulhava no jornal a faca [95]surrupiada na confusão.

[96]Belém vibrou com a história. Os jornais [97]afixaram cartazes. Era assim o título de um: [98]Os passageiros no trem de Magoari [99]amotinaram-se jogando os assentos ao leito [100]da estrada. Mas foi substituído porque se [101]prestava a interpretações que feriam de [102]frente o decoro das famílias. Diante do [103]Teatro da Paz houve um conflito sangrento [104]entre populares.

[105]Dada a queixa à polícia foi iniciado o [106]inquérito para apurar as responsabilidades. [107]O delegado perguntou a um passageiro que [108]se declarou protestante e trazia um [109]exemplar da Bíblia no bolso:

[110]- Qual a causa verdadeira do motim?

[111]O homem respondeu:

[112]- A causa verdadeira do motim foi a [113]falta de luz nos vagões.

[114]O delegado olhou firme nos olhos do [115]passageiro e continuou:

[116]- Quem encabeçou o movimento?

[117]Em meio da ansiosa expectativa dos [118]presentes o homem revelou:

[119]- Quem encabeçou o movimento foi um [120]cego!

[121]Quis jurar sobre a Bíblia mas foi [122]imediatamente recolhido ao xadrez porque [123]com a autoridade não se brinca.

(Antônio de Alcântara Machado. Coleção Nossos

Clássicos. v. 57. p. 38-43. Adaptação.)

19 - (UECE)

A escritura literária de Alcântara Machado é marcada por elementos que provocam mais o riso do que a gargalhada. Ele consegue esse efeito, com muita freqüência, por meio de recursos lingüísticos, mas também por meio de situações inusitadas. Nas colunas abaixo, vêm os recursos empregados no conto em estudo (coluna 1) e as respectivas explicações (coluna 2). Numere, então, a coluna 2 de acordo com a coluna 1.

Coluna 1

1. Assobiou uma valsa (dessas que vão subindo, vão subindo e depois descendo, vêm descendo). (refs. 30-32)
2. Claríssimo que não compreendia bem. (refs. 41-42)
3. E a luz não foi feita. (ref. 58)
4. A turba ignara fará valer seus direitos sem ele. (refs. 76-77)
5. Quem encabeçou o movimento foi um cego! (refs. 119-120)

Coluna 2

( ) O emprego de expressões de significações opostas em uma mesma construção, sugerindo um contra-senso ou absurdo.

( ) A introdução de um termo erudito em um discurso que vinha mantendo o estilo popular.

( ) A explicação de uma teoria de caráter científico por meio de um discurso próprio do senso comum.

( ) A intertextualidade entre uma escritura de estilo e temática populares e uma escritura de estilo e temática nobres.

( ) Uma personagem que apresenta uma contradição do tipo pensamento vs. ação; essência vs. aparência, ou qualquer outra do gênero.

Assinale a opção que apresenta a seqüência correta, de cima para baixo.

a) 5, 3, 1, 2, 4

b) 2, 4, 1, 3, 5

c) 1, 3, 5, 2, 4

d) 2, 4, 5, 3, 1

TEXTO: 4 - Comum à questão: 20

Considere o poema de Luís Delfino (1834-1910) e a reprodução de um mosaico da Catedral de Monreale.

Jesus Pantocrátor [1]

Há na Itália, em Palermo, ou pouco ao pé, na igreja

De Monreale, feita em mosaico, a divina

Figura de Jesus Pantocrátor: domina

Aquela face austera, aquele olhar troveja.

Não: aquela cabeça é de um Deus, não se inclina.

À árida pupila a doce, a benfazeja

Lágrima falta, e o peito enorme não arqueja

À dor. Fê-lo tremendo a ficção bizantina[2].

Este criou o inferno, e o espetáculo hediondo

Que há nos frescos[3] *de Santo Stefano Rotondo*[4];

Este do mundo antigo espedaçado assoma...

Este não redimiu; não foi à Cruz: olhai-o:

Tem o anátema[5] *à boca, às duas mãos o raio,*

E em vez do espinho à fronte as três coroas de Roma.

(Luís Delfino. *Rosas negras*, 1938.)

(1) *Pantocrátor*: que tudo rege, que governa tudo.

(2) *Bizantina*: referente ao Império Romano do Oriente (330-1453 d.C.) e às manifestações culturais desse império.

(3) *Fresco*: o mesmo que *afresco,* pintura mural que resulta da aplicação de cores diluídas em água sobre um revestimento ainda fresco de argamassa, para facilitar a absorção da tinta.

(4) *Santo Stefano Rotondo*: igreja erigida por volta de 460 d.C., em Roma, em homenagem a Santo Estêvão (*Stefano*, em italiano), mártir do cristianismo.

(5) *Anátema*: reprovação enérgica, sentença de maldição que expulsa da Igreja, excomunhão.

Figura de Cristo Pantocrátor

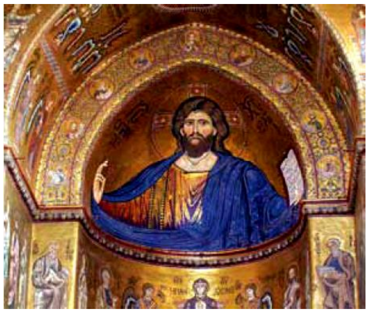

(Catedral de Monreale, Itália.)

20 - (UNESP SP)

À árida pupila a doce, a benfazeja / lágrima falta.

A inversão das posições usuais dos termos da oração, provocada pela necessidade de completar o número de sílabas e obedecer às posições dos acentos tônicos nos versos, por vezes dificulta a percepção das relações sintáticas entre esses termos. É o caso da oração destacada, que ocupa o sexto e parte do sétimo versos. Em discurso não versificado, essa oração apresentaria usualmente a seguinte disposição de termos:

a) A doce, a benfazeja lágrima falta à árida pupila.

b) A doce, a benfazeja pupila falta à árida lágrima.

c) Falta a lágrima a doce, a benfazeja à árida pupila.

d) Falta à pupila a árida, a doce, a benfazeja lágrima.

e) À pupila doce a lágrima, a árida, a benfazeja falta.

TEXTO: 5 - Comum à questão: 21

[1] Uma pesquisa feita sobre a escolha do curso de Medicina indica que são muitos os fatores conscientes determinantes de **tal** decisão, **como** a influência familiar, o desejo **de independência financeira**, a identificação [5] pessoal com o curso, além do *status* profissional e da vontade de ajudar as pessoas. Aliados a esses aspectos estão os fatores de natureza inconsciente.

Alguns autores enfatizam que o indivíduo escolhe ser médico pelo desejo de ajudar ou por vocação [10] profissional, já que o ideal médico deve constituir-se na vontade de socorrer, no amor ao próximo e no espírito de sacrifício.

Após o sucesso no concorrido processo seletivo, o estudante chega à faculdade com a expectativa de [15] que não **haverá mais** angústias ou exigências e de que, pelo contrário, a faculdade será o lugar adequado ao desenvolvimento das habilidades necessárias à prática profissional. Essa expectativa é corroborada pela recepção dada pelos veteranos, além do entusiasmo da [20] família, **que se** orgulha por ter um de seus membros **como** estudante de Medicina.

Depois da fase de euforia, o estudante passa a vivenciar o curso de Medicina por meio de aulas, disciplinas e professores. O contato com o paciente traz [25] para o estudante uma série de temores, **que** são justificáveis pela falta de experiência e pela insegurança na prática médica. A superação dessas dificuldades depende, em grande parte, da relação estabelecida entre professor e aluno, pois é durante a formação acadêmica [30] que **se** deve procurar desenvolver nos alunos os recursos necessários para **lidar** com a dimensão humana da relação terapêutica.

Às vezes, **surge** o desencanto pelo curso e uma infinidade de queixas – volume excessivo de provas, aulas [35] monótonas e professores desatualizados, contato desgastante com pacientes terminais e com a morte. Além disso, observa-se que, durante a formação médica, os momentos angustiantes são vividos, muitas vezes, de modo solitário.

[40] Diante de tal situação, cada vez **mais**, as escolas médicas reconhecem a necessidade de **oferecer** assistência psicológica a estudantes de Medicina, destacando a importância de existir um ambiente acolhedor para auxiliar os jovens **a superar suas angústias**.

MOREIRA, Simone da Nóbrega Tomaz *et al*. Revista Brasileira de Educação Médica. Disponível em:<http://www.scielo.br/cielo. php?pid=s0100-55022006000200003&script=sci_arttext>. Acesso em: 29 jun. 2012. Adaptado.

21 - (Unifacs BA)

"Alguns autores enfatizam que o indivíduo escolhe ser médico pelo desejo de ajudar ou por vocação profissional, já que o ideal médico deve constituir-se na vontade de socorrer, no amor ao próximo e no espírito de sacrifício." (*ref*. 5-10)

A reestruturação do período que mantém o seu sentido original é o indicado na alternativa

01. *Ainda que o ideal médico deva constituir-se na vontade de socorrer, no amor ao próximo e no espírito de sacrifício, alguns autores enfatizam que o indivíduo escolhe ser médico pelo desejo de ajudar ou por vocação profissional.*

02. *Alguns autores enfatizam que, quando o ideal médico se constituir na vontade de socorrer, no amor ao próximo e no espírito de sacrifício, o indivíduo deve escolher ser médico pelo desejo de ajudar ou por vocação profissional.*

03. *Como o ideal médico deve constituir-se na vontade de socorrer, no amor ao próximo e no espírito de sacrifício, alguns autores enfatizam que o indivíduo escolhe ser médico pelo desejo de ajudar ou por vocação profissional.*

04. *À proporção que o ideal médico se constitua na vontade de socorrer, no amor ao próximo e no espírito de sacrifício, alguns autores enfatizam que o indivíduo deve escolher ser médico pelo desejo de ajudar ou por vocação profissional.*

05. *Alguns autores, para que o ideal médico deva constituir-se na vontade de socorrer, no amor ao próximo e no espírito de sacrifício, enfatizam que o indivíduo escolhe ser médico pelo desejo de ajudar ou por vocação profissional.*

TEXTO: 6 - Comum à questão: 22

[1] Sabe-se que dietas com alta densidade [2] energética, ricas em gorduras (particularmente as [3] de origem animal) e pobres em fibras alimentares, [4] associadas à redução da atividade física, ao [5] tabagismo e ao consumo excessivo de álcool [6] podem explicar parte substancial dos casos de [7] algumas doenças crônicas como, por exemplo, a [8] obesidade, as doenças cardiovasculares, o [9] diabetes mellitus e a síndrome metabólica, tanto [10] em países desenvolvidos como em [11] desenvolvimento.

[12] Neumann et al., em estudo transversal realizado [13] no Município de São Paulo, Brasil, encontraram [14] associações positivas e estatisticamente [15] significantes entre maior risco cardiovascular e [16] padrões de consumo de alimentos caracterizados, [17] entre outros, pela maior ingestão habitual de [18] açúcares, gorduras saturadas, sal de adição e [19] álcool.

[20] Como apontaram Alves et al., Lenz et al. e Hu, [21] em estudos epidemiológicos em que se pretende [22] investigar o papel da dieta no desenvolvimento de [23] doenças crônicas, a avaliação dos padrões de [24] consumo de alimentos apresenta vantagens em [25] relação ao procedimento tradicional que considera [26] apenas a ingestão dos nutrientes, isoladamente. [27] Tal abordagem permite, com maior facilidade, [28] estabelecer estratégias factíveis para a prevenção [29] ou tratamento das doenças.

[30] Diversos fatores interferem nas opções [31] alimentares de indivíduos ou populações, entre [32] eles, os biológicos (sexo, idade, etnia), [33] socioeconômicos (renda e escolaridade) e de [34] estilo de vida (tabagismo, atividade física). Além [35] disso, como mostraram Levy-Costa et al. e Sichieri [36] et al., a disponibilidade local/regional de alimentos [37] tem papel importante na definição de tais padrões, [38] indicando que variáveis relacionadas [39] exclusivamente ao indivíduo não são suficientes [40] para explicá-los.

[41] Assim, dentro desse contexto, o presente [42] estudo teve como objetivos descrever os padrões [43] de consumo de alimentos mais frequentemente [44] encontrados entre residentes no Município de [45] Ribeirão Preto, São Paulo, e identificar quais [46] fatores se associam a eles (sociodemográficos, de [47] estilo de vida e de saúde).

Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 27(3):533-545, mar, 2011. Adaptado.

22 - (USP Faculdade de Saúde Pública SP)

No segundo parágrafo do excerto, do ponto de vista da inteligibilidade e do conteúdo informativo do texto, seria dispensável o emprego das seguintes palavras:

a) “em (...) transversal”. (Ref. 12)

b) “positivas e”. (Ref. 14)

c) “e estatisticamente”. (Ref. 14)

d) “de alimentos”. (Ref. 16)

e) “de adição”. (Ref. 18)

TEXTO: 7 - Comum à questão: 23

Nós, escravocratas

[1] Há exatos cem anos, saía da vida para a história um dos maiores brasileiros de todos os tempos: [2] o pernambucano Joaquim Nabuco. Político que ousou pensar, intelectual que não se omitiu em [3] agir, pensador e ativista com causa, principal artífice da abolição do regime escravocrata no [4] Brasil.

[5] Apesar da vitória conquistada, Joaquim Nabuco reconhecia: “Acabar com a escravidão não basta. [6] É preciso acabar com a obra da escravidão”, como lembrou na semana passada Marcos Vinicios [7] Vilaça, em solenidade na Academia Brasileira de Letras. Mas a obra da escravidão continua viva, [8] sob a forma da exclusão social: pobres, especialmente negros, sem terra, sem emprego, sem [9] casa, sem água, sem esgoto, muitos ainda sem comida; sobretudo sem acesso à educação de [10] qualidade.

[11] Cem anos depois da morte de Joaquim Nabuco, a obra da escravidão se mantém e continuamos [12] escravocratas.

[13] Somos escravocratas ao deixarmos que a escola seja tão diferenciada, conforme a renda da [14] família de uma criança, quanto eram diferenciadas as vidas na Casa Grande ou na Senzala. [15] Somos escravocratas porque, até hoje, não fizemos a distribuição do conhecimento: instrumento [16] decisivo para a liberdade nos dias atuais. Somos escravocratas porque todos nós, que estudamos, [17] escrevemos, lemos e obtemos empregos graças aos diplomas, beneficiamo-nos da exclusão dos [18] que não estudaram. Como antes, os brasileiros livres se beneficiavam do trabalho dos escravos.

[19] Somos escravocratas ao jogarmos, sobre os analfabetos, a culpa por não saberem ler, em vez [20] de assumirmos nossa própria culpa pelas decisões tomadas ao longo de décadas. Privilegiamos [21] investimentos econômicos no lugar de escolas e professores. Somos escravocratas, porque [22] construímos universidades para nossos filhos, mas negamos a mesma chance aos jovens que [23] foram deserdados do Ensino Médio completo com qualidade. Somos escravocratas de um novo [24] tipo: a negação da educação é parte da obra deixada pelos séculos de escravidão.

A exclusão da educação substituiu o sequestro na África, o transporte até o Brasil, a prisão e o trabalho forçado. Somos escravocratas que não pagamos para ter escravos: nossa escravidão ficou mais barata, e o dinheiro para comprar os escravos pode ser usado em benefício dos novos escravocratas. Como na escravidão, o trabalho braçal fica reservado para os novos escravos: os sem educação.

Negamo-nos a eliminar a obra da escravidão.

Somos escravocratas porque ainda achamos naturais as novas formas de escravidão; e nossos intelectuais e economistas comemoram minúscula distribuição de renda, como antes os senhores se vangloriavam da melhoria na alimentação de seus escravos, nos anos de alta no preço do açúcar. Continuamos escravocratas, comemorando gestos parciais. Antes, com a proibição do tráfico, a lei do ventre livre, a alforria dos sexagenários. Agora, com o bolsa família, o voto do analfabeto ou a aposentadoria rural. Medidas generosas, para inglês ver e sem a ousadia da abolição plena.

Somos escravocratas porque, como no século XIX, não percebemos a estupidez de não abolirmos a escravidão. Ficamos na mesquinhez dos nossos interesses imediatos negando fazer a revolução educacional que poderia completar a quase-abolição de 1888. Não ousamos romper as amarras que envergonham e impedem nosso salto para uma sociedade civilizada, como, por 350 anos, a escravidão nos envergonhava e amarrava nosso avanço.

Cem anos depois da morte de Joaquim Nabuco, a obra criada pela escravidão continua, porque continuamos escravocratas. E, ao continuarmos escravocratas, não libertamos os escravos condenados à falta de educação.

CRISTOVAM BUARQUE

Adaptado de http://oglobo.globo.com, 30/01/2000.

23 - (UERJ)

No desenvolvimento da argumentação, o autor enumera razões específicas, facilmente constatadas no cotidiano, para sustentar sua opinião, anunciada no título, de que todos nós seríamos ainda escravocratas.

Esse método argumentativo, que apresenta elementos específicos da experiência social cotidiana, para deles extrair uma conclusão geral, é conhecido como:

a) direto

b) dialético

c) dedutivo

d) indutivo

TEXTO: 8 - Comum à questão: 24

Feito em casa

Na era digital, as empresas de tecnologia costumam desbravar novos territórios. No entanto, há duas semanas, uma decisão do Yahoo! causou polêmica: a empresa de tecnologia decidiu banir o home office de todas as suas filiais. A justificativa enviada aos funcionários foi a de que "a velocidade e a qualidade são muitas vezes sacrificadas quando se trabalha em casa".

No Brasil, continua-se a defender a prática, mas com ressalvas: há vários cuidados necessários para torná-la realmente eficiente.

Diego Gomes, paulistano, funcionário de uma instituição bancária, trabalha dois dias por semana em casa. Ele optou pelo trabalho remoto no dia do rodízio de seu carro e na sexta-feira, quando o trânsito é pior.

Apesar de reconhecer os benefícios, ele afirma que precisou tomar precauções para sua produtividade não ser afetada, como criar um ambiente de escritório em casa e conversar com sua família. "[Com a família] precisa ser duro: das 9 h às 18 h, estou trabalhando: não vou ao mercado e não vou consertar chuveiro. Tem que deixar claro."

No banco onde Diego atua, os funcionários que se interessam pelo teletrabalho têm de participar de um workshop e precisam fazer uma autoavaliação. Eles precisam verificar, por exemplo, se trabalham com independência e se sabem cumprir metas diárias ou se sua performance precisa de acompanhamento constante.

As empresas também procuram descartar certos funcionários na hora de escolher quem fará home office. A diretora de RH Edna Bedani afirma que estagiários não devem atuar em casa. “São pessoas em formação, que precisam de orientação”, afirma.

Especialistas também destacam a necessidade de disciplina do profissional que fica em casa. “É preciso manter a rotina como se você fosse para o escritório: acordar, tomar banho, tomar café, vestir-se etc., afirma Jorge Matos, presidente de uma agência especializada em gestão de pessoas e carreiras.

(Felipe Maia com a colaboração de Reinaldo Chaves,
Folha de S. Paulo, 10.03.2013. Adaptado)

24 - (FATEC SP)

Releia o segundo parágrafo do texto.

No Brasil, continua-se a defender a prática, **mas com ressalvas: há** vários cuidados necessários para torná-la realmente eficiente.

O trecho em destaque pode ser substituído, corretamente e sem alteração do sentido do texto, por

a) e com indagações: existe...

b) ou com condições: existem...

c) porém com vantagens: existem...

d) todavia com restrições: existem...

e) embora com exceções: existe...

TEXTO: 9 - Comum à questão: 25

A última lição de Chico Anysio

A última entrevista de Chico Anysio, falecido em março, foi feita em sua casa e não foi para nenhum jornal, rádio ou TV. Com cerca de 40 minutos de duração, foi concedida ao psiquiatra Antônio Geraldo da Silva, presidente da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP).

Chico havia sido convidado para ser padrinho da campanha "A sociedade contra o preconceito", 5 da ABP, lançada no Congresso Brasileiro de Psiquiatria, ano passado. Devido ao seu estado de saúde e com medo de não comparecer ao evento, fez questão de deixar algumas palavras aos médicos na abertura do congresso, onde seu depoimento foi exibido.

Como sua fala é de grande valia, divido com os leitores algumas de suas últimas palavras. [9] Paciente orgulhoso do psiquiatra Marcos Gebara por quase 25 anos, fez questão de explicitar a importância do tratamento psiquiátrico na sua vida. "Sem os remédios da psiquiatria, eu não teria feito 20% do que fiz."

O grande Chico Anysio, que divertiu a vida de gerações de brasileiros, sofreu de depressão por anos a fio.

[14] "Depressão é um quadro que só se controla com remédio. O antidepressivo acertou a minha vida. 15 A psiquiatria é fundamental como o ar que eu respiro." A depressão era "um demônio, um gás letal, ela entra e a pessoa não sente que está deprimida. Os outros é que descobrem".

[17] Chico definiu como "criminoso" o preconceito contra as doenças mentais, traduzido pela palavra psicofobia. "Achar que ir ao psiquiatra ainda é coisa de maluco é retrato do preconceito. Depressão é uma coisa, maluquice é outra", comparou.

[20] Chico se revoltou com o descaso com que governos e autoridades lidam com os transtornos mentais e o fornecimento de medicamentos.

"Se é possível ajudar e curar pessoas e isso não é feito, é crime. O governo tem esse dever. Não é favor colocar os remédios psiquiátricos ao alcance dos pobres, é obrigação. É dever do governo.

Remédios psiquiátricos precisam ser gratuitos para quem precisa, assim como já acontece com os soropositivos", propôs.

Ele afirmava que seu grande mal não era a depressão, mas o cigarro. "Meu pulmão foi meu grande adversário. O grande criminoso da minha vida foi o cigarro. Eu venci a depressão porque pude pagar remédios e psiquiatra. A depressão é vencível, é controlável. É só ir ao psiquiatra e tomar os remédios. O cigarro não."

Ele era categórico em afirmar que seu único arrependimento em quase 80 anos de vida era o vício [31] no cigarro. "Sou do tempo em que fumar era coisa de macho. Cary Grant fumava, Humphrey Bogart fumava... Conseguir que uma pessoa pare de fumar significa que ela volte a viver", afirmou emocionado.

Ele foi capaz de um feito raro: parar de fumar sozinho. Mas, infelizmente, já era tarde demais. Os danos ao pulmão e coração eram de tal ordem que muito pouco poderia ser revertido. Antes de falecer, Chico andava com a ideia de criar uma fundação com seu nome para apoiar os estudos de combate ao tabagismo. Infelizmente, não teve tempo.

Ele tinha a dimensão do poder que suas palavras poderiam ter para as vítimas de depressão e tabagismo.

"O humor só existe em países com problemas. Não existe humorista sueco ou finlandês. Do problema nasce o humor. Como humorista, não tenho nenhum poder de consertar uma coisa, mas tenho o dever de denunciá-la. É o que estou fazendo aqui: denunciando a falta de socorro aos doentes mentais no Brasil".

Que o seu contundente relato alcance aqueles que ainda fumam ou questionam os danos que os transtornos mentais não tratados podem causar na vida de quem os sofre, seus familiares e amigos. [46] Se Chico conseguiu diminuir a tristeza de milhões de brasileiros com o sorriso, que ele possa agora diminuir o preconceito contra as doenças psiquiátricas por meio de suas palavras.

(GIGLIOTTI, A. *Folha de São Paulo*, 14/08/2012, 1º caderno, p.3.)

* Analice Gigliotti,48, mestre em psiquiatria pela Unifesp, é médica e sobrinha de Chico Anysio

25 - (FCM MG)

Releia o trecho: “Paciente orgulhoso do psiquiatra Marcos Gebara por quase 25 anos, fez questão de explicitar a importância do tratamento psiquiátrico na sua vida.” Os trechos abaixo sofreram deslocamento de palavras. O único cuja alteração compromete o sentido do texto é:

a) Orgulhoso paciente do psiquiatra Marcos Gebara por quase 25 anos, fez questão de explicitar a importância do tratamento psiquiátrico na sua vida.

b) Por quase 25 anos paciente orgulhoso do psiquiatra Marcos Gebara, fez questão de explicitar a importância do tratamento psiquiátrico na sua vida.

c) Orgulhoso do psiquiatra Marcos Gebara por quase 25 anos, paciente, fez questão de explicitar a importância do tratamento psiquiátrico na sua vida.

d) Fez questão de explicitar a importância do tratamento psiquiátrico na sua vida, paciente orgulhoso do psiquiatra Marcos Gebara por quase 25 anos.

TEXTO: 10 - Comum à questão: 26

A sorte do mendigo branco num país que vira a cara para os mendigos negros

Robson Fernando de Souza

No Brasil, a raça ainda é um determinante se a pessoa vai ou não se dar bem na vida. O caso do mendigo branco de olhos azuis de Curitiba é um exemplo emblemático disso.

Uma história em que pobreza, padrão eurocêntrico de beleza e cultura racista se chocam vem movimentando a internet. Um mendigo fotografado em Curitiba está sendo assunto em todo o Brasil, por ser um branco de olhos azuis, “mas” ter sido castigado pela pobreza mendicante. Quando sabemos dessa novidade e a comparamos com a vida de milhares de outros mendigos pelo Brasil, percebemos o quanto a cultura brasileira ainda é muito impregnada de racismo.

O mendigo branco, cujo nome ainda não foi revelado, vive nas ruas de Curitiba e posou para a foto desejando “ser colocado no rádio” para ficar famoso. A fotografia foi posta no Facebook e agora campeia pelo Brasil inteiro, chamando atenção de mulheres e homens. Ora é considerado “lindo de morrer”, com muitas mulheres querendo namorá-lo e abrigá-lo, encantadas com a beleza dele; ora vem sendo candidato às passarelas da moda, como o modelo “dos sonhos” das grifes; ora tem sua mendicância posta em dúvida, principalmente, por ser um branco de olhos azuis, parecido demais com um europeu para ter sua pobreza reconhecida. As opiniões convergem em sua maioria a um ponto: ele é “lindo” demais para continuar mendigo.

E enquanto isso, no mesmo Brasil, inclusive na mesma Curitiba, milhares de negros e pardos padecem de miséria igual ou pior, mas, por sua vez, permanecem tratados como rejeitos da sociedade, como seres dignos de nada mais do que pena ou virada de rostos. Muitos ainda clamam pela mídia, por um pouco de atenção e humanitarismo, e tudo o que conseguem são poucos minutos na TV ou no rádio, algumas doações e, com sorte, uma ajuda de alguma ONG de assistência social ou do órgão oficial de serviço social da prefeitura. Mas praticamente nunca são abraçados pelo padrão cultural de beleza dominante no país, tornados celebridades instantâneas em função de sua aparência física e alçados a modelos “sarados” e adorados.

É aí que começamos a pensar: se fosse um negro de fortes traços africanos ou um mulato, seria prontamente rejeitado em sua demanda de “ser colocado no rádio” ou receber ajuda humanitária, empregatícia e/ou habitacional de algum político ou empresa. Não chamaria a atenção de quase ninguém na internet, exceto de algumas meias-dúzias de moças ou rapazes que gostam da beleza negra. Seria apenas mais um entre milhares de mendigos que vagam pelos centros das cidades do Brasil. Sua foto seria recebida com desdém pela sociedade, e ele voltaria, logo após a fotografia, às ruas, para ali viver por tempo indeterminado, senão para sempre.

Em outras palavras, para nossa sociedade, não é normal ver em mendicância e miséria um branco de aparência europeia. Para ela, brancos merecem muito mais do que isso. Mas, por outro lado, negros nas ruas pedindo esmolas e implorando por dignidade é considerado algo mais que normal. É tradição já.Por que eles merecem ser alçados a modelos a serviço da alta costura? Que se virem, vão trabalhar, procurar um emprego, correr atrás da escola aonde não foram na infância – assim pensa grande parte da sociedade que está agora se compadecendo com o pedinte eurodescendente.

Observando a história e seu contexto, percebemos que a grande sorte do mendigo ainda anônimo foi ser branco de olhos azuis, ter um forte fenótipo eurodescendente – e talvez ser até mesmo um imigrante europeu desabrigado. Sua beleza caiu nas graças do povo, seu nome será revelado a qualquer momento, e agora ele está tendo seu momento de fama e poderá virar um modelo a encantar as grifes e as pessoas que apreciam a beleza masculina. Se fosse negro, sendo ou não um imigrante, seria considerado “feio”, rebaixado a apenas “mais um” e continuaria visto como um mero rejeito a ser tratado como lixo pela sociedade, pelo Estado e por seu braço violento, a polícia.

A verdade é que o sujeito está prestes a subir na vida não tanto por acaso, talento ou esforço. Mas sim porque nossa sociedade é racista e eurocêntrica e, ao mesmo tempo que vira a cara para negros em situação de miséria, se compadece de brancos que estão no mesmo estado. Afinal, ver afrodescendentes pedindo esmola e padecendo nas ruas é “normal”, mas brancos de olhos azuis considerados “bonitões” não.

Se os brasileiros parassem de achar normal haver negros em miséria nas ruas e começassem a apreciar o padrão de beleza deles, passaríamos a ver as passarelas lotadas de exmendigos, fazendo companhia, profissionalmente, ao curitibano.

Este sequer se tornaria a celebridade instantânea que se tornou. Mas se isso não acontece – e, ao invés, a miséria negra é tratada com banalidade –, é porque o racismo, destacadamente em suas vertentes social e estética, continua imperando fortemente e fazendo os brasileiros de todas as cores acharem brancos melhores que negros apenas por terem pele, cabelo e olhos claros.

Disponível em: <http://consciencia.blog.br/2012/10>.
Acesso em: 18 out. 2012. [Adaptado]

26 - (IFGO)

Compare o funcionamento discursivo do elemento de coesão sublinhado nos dois fragmentos a seguir e assinale a alternativa que expressa, respectivamente, o efeito semântico de cada uma das duas ocorrências dessa palavra nesses trechos.

Fragmento 1:

“Se os brasileiros parassem de achar normal haver negros em miséria nas ruas e começassem a apreciar o padrão de beleza deles...” (penúltimo parágrafo)

Fragmento 2:

“Mas se isso não acontece (...) é porque o racismo (...) continua imperando fortemente...” (último parágrafo)

a) Justificação / negação.

b) Injunção / contestação.

c) Previsão / condição.

d) Aconselhamento / confirmação.

e) Negação / previsão.

TEXTO: 11 - Comum às questões: 27, 28

Adesivos de família

Conversando no sofá

A representação das recentes mudanças na família brasileira pode ser vista em lugares distintos, como nas novelas, na literatura moderna e, em um fenômeno recente, nos adesivos colados nos veículos. Uma pesquisa identificou a prática de colar adesivos como uma sensação de pertencimento, uma necessidade de mostrar que não se está sozinho no mundo, ou que, mesmo sozinho, vive-se bem desta maneira. Segundo a pesquisa, cada vez mais os espaços público e privado estão se entrelaçando, **gerando** novas formas de discursividades – sendo os adesivos de família um exemplo disso. Segundo a pesquisa, um aspecto importante é que **há** o estereótipo da família (da 'família feliz'), que **teria** uma constituição pré-determinada (pai-mãe-filho(s)-cachorro) e também o estereótipo de cada um dentro dessa família.

De acordo com a pesquisa, porém, em um curto período de tempo, os adesivos **ganharam** uma complexidade que está além dos estereótipos clássicos. **Foi** o início do processo de customização. Começaram a aparecer famílias com dois homens, duas mulheres, cinco gatos, sete filhos, uma mãe e uma filha, apenas uma pessoa e seus animais de estimação, dentre outros, como forma de enunciar sua família para a sociedade.

Fonte: Romulo Orlandini, Adesivos de família são tendência de formas de enunciação pública. ComCiência: revista eletrônica de

Jornalismo Científico, 21/03/2012. Disponível em: http://www.comciencia.br/comciencia/?section=3&noticia=736. Acesso em: 12 set. 2012. Adaptado.

27 - (IFSC)

Do texto foi alterada a estrutura sintática e morfológica de alguns fragmentos (a ordem dos termos).

Assinale a alternativa que indica **CORRETAMENTE** em que o sentido se mantém inalterado, isto é, o sentido é o mesmo do texto.

a) Mudanças nas recentes representações podem ser vistas em lugares distintos na família brasileira.

b) Ganharam os adesivos uma complexidade que está além dos estereótipos clássicos, em um curto período de tempo.

c) Colar adesivos, na prática, identificou uma pesquisa como uma sensação de pertencimento.

d) Novas formas de discursividades estão se entrelaçando, gerando espaços público e privado.

e) Há um aspecto pré-determinado que o estereótipo da família (da 'família feliz') é que teria uma constituição importante.

28 - (IFSC)

Considerando as palavras fenômeno, privado, discursividades, estereótipo e customização, assinale a alternativa **CORRETA** em que a palavra em destaque mantém o mesmo significado usado no texto.

a) Os brasileiros lamentam a ausência do **Fenômeno** na próxima Copa do Mundo.

b) Ando percebendo que o **estereótipo** do jovem hoje é de alguém imaturo, alienado e pouco pensante.

c) Ninguém mais aguenta as **discursividades** dos políticos quando sobem nos palanques, nos comícios, para falar aos seus eleitores.

d) A natureza agradecerá no dia em que todos tiverem a **customização** de produzir menos lixo ou reciclá-lo adequadamente.

e) Muitos brasileiros são **privados** de seus direitos mais elementares.

TEXTO: 12 - Comum à questão: 29

A Leste do Sol, Oeste da Lua

Aos trancos e barrancos, remendos e cacos
Chegamos às praias do terceiro milênio.
Com os pés feridos e sujos tocando de leve
o límpido oceano de Aquarius.
Com o enorme peso, o custoso fardo
da técnica sem ética da civilização
Num Mundo tão chato e moderno
atado por invisíveis teias e milhões de cabos.
Na mesma imagem, no mesmo som.
Na mesma moda, na mesma cor.
Na mesma tristeza, no mesmo sonho.
Na mesma burrice, no mesmo riso a mesma dor!
Perdemos todas as lições da História.
Em resumo: são vinte mil anos de guerras.
E em nome da tal liberdade
só fogueiras, cadeias, misérias.

E como é curta a nossa memória,

o que sabemos de lemúria[1] e Atlantis?

E assim como os Impérios passaram

Passarão as nossas cidades.

E sobre a noite dos tempos,

a luz vigilante da estrela nos diz:

Se quem tem boca vai à Roma,

quem tem coração irá à Andromêda[2]!

Eu sei de um lugar ao Norte do Cruzeiro do Sul

Do lado direito daquela estrela azul.

A Leste do Sol, Oeste da Lua

Guitarras e violinos cantam

Sai de casa vem brincar na rua

nas ruas deste grande País

O nome desse País reluz

O nome desse País: Amor

Quem pode dizer o nome desse grande País?

Marcos Viana. Disco Sagrado Coração da Terra

VOCABULÁRIO

1. Lemúria: é um dos continentes extintos, considerados por muitos como o paraíso perdido, igualmente existe Atlântida, outro continente perdido. Assim, Lemúria virou muito mais que um mito, uma possibilidade teórica sobre hipóteses do segredo da formação das civilizações no mundo.

2. Andrômeda ou Andrómeda: é a princesa mitológica Andrômeda, é uma constelação do hemisfério celestial norte.

29 - (UEPA)

O trecho “quem tem coração irá à Andrômeda!” poderia ser substituído, respeitado o mesmo significado, pelo dito popular:

a) quem tudo quer, tudo perde.

b) água mole em pedra dura, tanto bate até que fura.

c) casa de ferreiro, espeto de pau.

d) quem quer, faz; quem não quer, manda.

e) ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão.

TEXTO: 13 - Comum à questão: 30

Texto I

Ninguém mora onde não mora ninguém

[1] Nas grandes cidades, pessoas que não têm onde [2] morar são contraditoriamente chamadas de “moradores” de rua. [3] É um eufemismo que acoberta o quadro da injustiça social típica [4] das sociedades em fase de capitalismo selvagem, aquele no qual [5] a eliminação do outro é a regra. Que tantos e cada vez mais [6] vivam nas ruas é uma prova de que o famoso instinto gregário do [7] ser humano se esfacela, ou assume formas cada vez mais [8] enganadoras, porquanto mais voláteis em uma sociedade que é,[9] ao mesmo tempo, de massas e de indivíduos que não têm a[10] menor noção do que significa o outro.

[11] O aumento das relações virtuais em detrimento das [12] relações “atuais” é a própria perversão das massas marcadas [13] pela anulação física individual em nome de um eu abstrato, [14] sustentado

apenas como imagem, como avatar, e que tem como [15] correspondente um outro reduzido à sua mera abstração. Há, [16] certamente, exceções para a regra da distância com que o eu [17] mede o outro

[18] Dizem as pesquisas que o número de pessoas vivendo [19] sem teto cresceu nos últimos anos por causa do desemprego. E [20] são milhares. Motivos além do desemprego podem confundir[21] quanto ao sentido (e o sem sentido) da complexa experiência [22] vivida por essas pessoas. Afinal, pode-se encontrar entre os que [23] vivem nas ruas até mesmo quem não se sente em situação de [24] injustiça social..

[25] A população das ruas das grandes cidades é composta [26] de habitantes (ou desabitantes) provisórios ou não, que estão ali [27] por motivos diversos. Muitas vezes são afetivos. Não é raro [28] encontrar ricas histórias de vida entre as pessoas sem morada, [29] desde aquele que renunciou à vida burguesa por considerá-la [30] insuportável, até quem, por meio de inesperadas leituras [31] filosóficas, criou um significado para o ato de "habitar" a [32] transitoriedade, ou seja, "desabitar" instransitivamente e estar [33] assim, na mera existência.

[34] Que não habitar uma casa possa significar uma [35] experiência existencial é, no entanto, apenas a exceção que [36] confirma a regra da contemporânea injustiça social a cuja base [37] racional e afetiva tantos entregam as forças. Renunciar, desistir, [38] jogar a toalha, permitir-se a impotência como o Bartleby, de [39] Melville, ou o fracasso, como um dia afirmou J. L. Borges, pode [40] ser o único modo de viver em um mundo marcado pela [41] melancolia e pelo sem sentido em termos políticos, estéticos e [42] metafísicos.

[43] O cenário social contemporâneo é o espaço e o tempo [44] dessa possibilidade de fracasso que diz respeito à potencialidade [45] mais profunda de nossos tempos. É a forma mais terrível do mal, [46] a da banalização que se estabelece na vida humana como força [47] lógica. Como um "deixar acontecer", ao qual damos o nome de [48] "abandono", esse ato de exílio, de ostracismo, de curiosa rejeição [49] sem ação. A mendicância das pessoas é apenas a verdade [50] íntima do capitalismo como mendicância da própria política [51] deixada a esmo em nome de antipolíticos interesses pessoais. A [52] mendicância é a imagem social das escolas, dos hospitais [53] públicos, do salário mínimo.

[54] "Moradores de rua" são a figura mais perfeita do [55] abandono que está no imo da devoração capitalista. Convive-se [56] com eles nos bairros elegantes das cidades grandes como se [57] fossem um

estorvo ou, para quem pensa de um modo mais 58 humanitário, como um problema social a ser resolvido 59 filantropicamente. Alguns moram em lugares específicos, têm sua 60 "própria" esquina, carregam objetos de uso aonde quer que vão; 61 outros perambulam a esmo, desaparecendo da vista de quem 62 tem onde morar. São meras fantasmagorias aos olhos de quem 63 não é capaz de supor sua alteridade. Esmagados pela 64 contradição de morar onde não mora ninguém, não têm o direito 65 de ser alguém. Partilham o deslugar. E, no entanto, praticam o 66 mesmo que os outros dentro de suas casas: dormem, comem, 67 fazem sexo. A condição humana é o que se divide por paredes 68 ou na ausência delas. A democracia torna-se uma questão de 69 nudez e exposição da vida íntima.

70 Ninguém "mora na rua"; antes, quem está na rua não 71 mora. Quem está fora dos básicos direitos constitucionais está 72 excluído da sociedade. E, muito mais além da Constituição, está 73 excluído pelo próprio *status* com que é medido. O *status* de 74 "morador de rua" é apenas um modo de incluir os excluídos na 75 ordem do discurso acobertadora do fascismo prático de cada dia, 76 oculto sob o véu da autista sensibilidade burguesa. Se o princípio 77 de autoconservação a qualquer custo é a base da ação de 78 indivíduos unidos na massa, está imediatamente perdida a 79 dimensão do outro sem a qual não podemos dizer que haja ética 80 ou política. Mesmo sob o *status* de morador de rua, o mendigo da 81 nossa esquina é a prova do fracasso de todos os sistemas. Se as 82 estatísticas não mudarem comprovando que a tendência da 83 exceção pode ser a regra, talvez a democracia de teto e paredes 84 não sirva mais a ninguém em breve. Só que às avessas.

TIBURI, Márcia. Ninguém mora onde não mora ninguém. **Cult**, São Paulo, n. 155, mar. 2011. Disponível em: <revistacult.uol.com.br/home/2011/03/ninguem-mora-onde-não-moraninguem/>. Acesso em: 06 fev. 2012. (Adaptado)

Texto II

Moradores de rua têm cercado para o Galo da Madrugada

Postado às 21:37, em 7 de fevereiro de 2013.

Foto: Alexandre Lopes/Especial para o Blog

Um cercado foi "montado" por moradores de rua para o desfile do Galo da Madrugada, neste sábado (9). A família, que tem uma "casa" em frente ao antigo edifício Trianon, na Boa Vista, área central do Recife, fez (ou fizeram para ela) uma área isolada por fita para se proteger da multidão. [...]

Disponível em:
<http://jc3.uol.com.br/blogs/blogjamildo/canais/noticias/2013/02/07/moradores_de_rua_tem_cer
ca do_para_o_galo_da_madrugada_145763.php>. Acesso em: 10 fev. 2013. (Adaptado.)

Texto III

Viaduto proibido

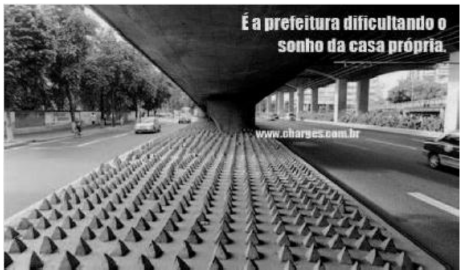
É a prefeitura dificultando o sonho da casa própria.
www.charges.com.br

Disponível em: <http://charges.uol.com.br/upload/bobagens/viadutoproibido.jpg>. Acesso em: 10 fev. 2013.

Texto IV

Morador de rua

Disponível em: <http://i1.wp.com/quemtemmedodademocracia.com/wpcontent/uploads/2011/10/morador-de-rua1.jpg>. Acesso em: 10 fev. 2013.

“[...] Que não habitar uma casa possa significar uma experiência existencial é, no entanto, apenas a exceção que confirma a regra da contemporânea injustiça social a cuja base racional e afetiva tantos entregam as forças. [...]” (Refs. 34 a 37), “[...]o fracasso, como um dia afirmou J. L. Borges, pode ser o único modo de viver em um mundo marcado pela melancolia e pelo sem sentido em termos políticos, estéticos e metafísicos. O cenário social contemporâneo é o espaço e o tempo dessa possibilidade de fracasso que diz respeito à potencialidade mais profunda de nossos tempos.[...]” (Refs. 39 a 45) e “[...] Mesmo sob o *status* de morador de rua, o mendigo da nossa esquina é a prova do fracasso de todos os sistemas. [...]” (Refs. 80 a 81).

(Fragmentos retirados do texto I).

30 - (UFT TO)

Assinale a opção CORRETA a respeito dos sentidos que as palavras assumem no texto I:

a) O vocábulo “gregário” (Ref. 6) remete à “segregação”, ou seja, ao instinto do homem de separar, de marginalizar as minorias sociais.

b) “Eufemismo” (Ref. 3) significa contraditório e, sem prejuízo do sentido, poderia ser substituído pelo termo “incoerência”, pois os moradores de rua são o retrato da injustiça social.

c) O vocábulo “mendicância” (Ref. 52), associado a escolas, hospitais e salário mínimo, diz respeito ao fato de haver muitos pedintes em frente a instituições de ensino, de saúde e bancárias.

d) A expressão “em detrimento” (Ref. 11) demarca a igualdade e concomitância entre relações virtuais _ hoje tão comuns, mediadas pela tecnologia da informação _ e relações “atuais” (Ref. 12).

e) O termo “filantropicamente” (l. 59) foi usado com certo teor irônico, tendo em vista que, nesse contexto, a filantropia não é algo bom, pois significa resolver o problema por caridade, por mero humanitarismo.

TEXTO: 14 - Comum à questão: 31

Para alguém conhecido, no início da carreira, como “o peru que fala”, graças à vermelhidão causada pela timidez diante do auditório, Silvio Santos passou por uma notável transformação nos 50 anos à frente do programa que leva seu nome. Hoje, está totalmente sem vergonha.

Só nos últimos meses, perdeu as calças no ar (e deixou a cena ser exibida), constrangeu convidados com comentários irônicos e maldosos e vem falando palavrões e piadas sexuais em seu programa. Está, como se diz na gíria, “soltinho” aos 81 anos.

(Marco Aurélio Canônico. O rei está nu. *Folha de S.Paulo*, 19.08.2012.)

31 - (Unicastelo SP)

Ambiguidade é o duplo sentido causado pela má construção da frase. Entretanto, em alguns casos, a ambiguidade pode ser construída pelo autor, de forma proposital, com a intenção clara de chamar a atenção para uma dupla possibilidade interpretativa.

Essas observações permitem afirmar que, no texto acima, ocorre ambiguidade na expressão:

a) “*piadas sexuais*”, consequência de desvios involuntários do autor quanto à coerência.

b) “*soltinho*”, na qual as aspas foram usadas para permitir que ela seja lida em sentido próprio e figurado.

c) “*perdeu as calças*”, que não é compreendida pelo leitor, devido ao uso inadequado do verbo.

d) “*o peru que fala*”, como resultado da má construção da frase, do ponto de vista sintático.

e) “*sem vergonha*”, empregada com a intenção estilística de sugerir dupla interpretação.

TEXTO: 15 - Comum à questão: 32

Leia trechos da entrevista do médico Raul Cutait à revista *Veja*.

Só não errou o cirurgião que nunca operou. Errar é parte de qualquer atividade humana, em especial quando em fases iniciais de aprendizado. O que todo médico deve ter em mente é que cada resultado indesejado precisa motivar uma intensa reflexão, começando pela pergunta mais crua: será que errei? Eu poderia ter tomado alguma decisão diferente? O que será preciso fazer para evitar que esse evento indesejado ocorra no futuro em uma situação semelhante? Essas perguntas refletem humildade, virtude que tanto se ensina cultivar nas escolas de medicina, mas que raramente se vê sendo praticada no cotidiano dos médicos. A humildade é o instrumento mais eficaz na escolha da conduta médica mais adequada, porque ela coíbe a onipotência.

Estamos vivendo um momento especialmente perigoso. O Brasil tem 185 faculdades de medicina em funcionamento. Boa parte delas não tem condições básicas de oferecer cursos de medicina de qualidade. O governo falhou clamorosamente ao permitir que esses cursos fossem abertos e falha ao permitir que eles continuem em funcionamento. São escolas sem corpo docente qualificado e sem estrutura hospitalar adequada ao ensino. Por isso, é insuficiente o número de vagas para a residência, etapa fundamental na qualificação do médico. Apenas 60% dos médicos formados hoje tiveram acesso à residência médica. É justamente na residência médica, sob a coordenação de um profissional experimentado, que se tem contato com as melhores práticas. A partir dessa etapa, cada um voará de acordo com sua competência, interesse e dedicação.

(*Veja*, 25.01.2012. Adaptado.)

32 - (Unifev SP)

Assinale a alternativa cuja frase contém termo empregado com sentido figurado.

a) *São escolas sem corpo docente qualificado e sem estrutura hospitalar adequada ao ensino.*

b) *É justamente na residência médica, sob a coordenação de um profissional experimentado, que se tem contato com as melhores práticas.*

c) *Por isso, é insuficiente o número de vagas para a residência, etapa fundamental na qualificação do médico.*

d) *Boa parte delas* [faculdades de medicina] *não tem condições básicas de oferecer cursos de medicina de qualidade.*

e) *A partir dessa etapa, cada um voará de acordo com sua competência, interesse e dedicação.*

TEXTO: 16 - Comum à questão: 33

[1] Fui criado com princípios morais comuns. Quando [2] eu era pequeno, mães, pais, professores, avós, tios, [3] vizinhos eram autoridades dignas de respeito e [4] consideração. Quanto mais próximos ou mais velhos, [5] mais afeto. Inimaginável responder de forma mal educada [6] aos mais velhos, professores ou autoridades... [7] Confiávamos nos adultos, porque todos eram pais, mães [8] ou familiares das crianças da nossa rua, do bairro, ou [9] da cidade... Tínhamos medo apenas do escuro, dos [10] sapos, dos filmes de terror...

[11] Hoje me deu uma tristeza infinita por tudo aquilo [12] que perdemos. Por tudo o que meus netos, um dia, [13] ,enfrentarão. Pelo medo no olhar das crianças, dos [14] jovens, dos velhos e dos adultos. Direitos humanos para [15] criminosos, deveres ilimitados para cidadãos honestos. [16] Não levar vantagem em tudo significa ser idiota. Pagar [17] dívidas em dia é ser tonto... Anistia para corruptos e [18] sonegadores... O que aconteceu conosco? Professores [19] maltratados nas salas de aula, comerciantes ameaçados [20] por traficantes, grades em nossas janelas e portas. Que [21] valores são esses? Automóveis que valem mais que [22] abraços, filhas querendo uma cirurgia como presente [23] por passar de ano. Celulares nas mochilas de crianças. [24] O que vais querer em troca de um abraço? A diversão [25] vale mais que um diploma. Uma tela gigante vale mais [26] que uma boa conversa. Mais vale uma maquiagem que [27] um sorvete. Mais vale parecer do que ser... Quando foi [28] que tudo desapareceu ou se tornou ridículo?

[29] Quero arrancar as grades da minha janela para [30] poder tocar as flores! Quero me sentar na varanda e [31] dormir com a porta aberta nas noites de verão! Quero a [32] honestidade como motivo de orgulho. Quero a vergonha [33] na cara e a solidariedade. Quero a retidão de caráter, a [34] cara limpa e o olhar olho no olho. Quero a esperança, a [35] alegria, a confiança! Quero calar a boca de quem diz: [36] "temos que estar ao nível de...", ao falar de uma pessoa. [37] Abaixo o "TER", viva o "SER". E viva o retorno da [38] verdadeira vida, simples como a chuva, limpa como um [39] céu de primavera, leve como a brisa da manhã! E [40] definitivamente bela, como cada amanhecer. Quero ter [41] de volta o meu mundo simples e comum, onde existam [42] amor, solidariedade e fraternidade como bases. Vamos [43] voltar a ser "gente". Construir um mundo melhor, mais [44] justo, mais humano, onde as pessoas respeitem as [45] pessoas. Utopia? Quem sabe?... Precisamos tentar... [46] Quem sabe comecemos a caminhar transmitindo essa [47] mensagem... Nossos filhos merecem, e nossos netos 48 certamente nos agradecerão!

JABOR, Arnaldo. Fui criado com princípios morais comuns. Disponível em:
< http://pensador.uol.com.br/autor/arnaldo_jabor/3/>. Acesso em: 18 set. 2012

33 - (Unifacs BA)

Do ponto de vista semântico, a informação **sem suporte no texto** é a que diz respeito ao termo transcrito na alternativa

01. "tristeza" (*Ref*. 11) se contrapõe a "alegria" (*Ref*. 35).
02. "grades em nossas janelas e portas" (*Ref*. 20) reflete a sensação de "medo" (*Ref*. 9).
03. "retidão de caráter" (*Ref*. 33) mantém relação de sentido com "honestidade" (*Ref*. 32) e "vergonha na cara" (*Ref*. 32-33).
04. "cara limpa" (*Ref*. 34), nesse caso, traduz as ideias expressas por "simples" (*Ref*. 38), "leve" (*Ref*. 39) e "bela" (*Ref*. 40).
05. "olhar olho no olho" (*Ref*. 34) pressupõe uma atitude de destemor, em face da "confiança" (*Ref*. 35).

TEXTO: 17 - Comum à questão: 34

Querendo que dê certo

[1] Querer que dê certo a gente sempre quer: a nova [2] turma na escola, o novo amigo, o vestibular, o primeiro [3] emprego, o casamento, o filho, a decisão inescapável, [4] o necessário e o fútil, a segurança e a aventura. Os [5] planos do novo ano. Os desejos bons e também os [6] menos nobres, de que alguém se ferre, que para ele dê [7] errado — porque não somos santos. A construção da [8] vida, tanta coisa. As pessoas queridas. O livro, o carro, [9] o amor ou até a separação. A sobrevivência depois da [10] morte de alguém especial. Que dê certo também o que [11] nem é pessoal, mas a todos atinge: o país, a [12] democracia, a qualidade de vida, a dignidade de todos, [13] a redução da desigualdade, o nível do ensino, da saúde, [14] os cuidados com a seca, com a enchente, com os [15] deslizamentos, com os horrores da saúde pública, com [16] o excesso de faculdades pelo país, a insensatez das [17] cotas que promovem a discriminação e o preconceito, [18] e marcam como incompetentes os que se beneficiam [19] delas. Que, às vezes, nem têm outro jeito, pois [20] nivelamos por baixo: facilitamos as coisas em lugar de [21] dar aos que precisam melhores condições, condições [22] ótimas: isso seria o sensato. Mas somos insensatos; [23] então, torcemos para que, apesar de tudo, dê certo.

[24] Agora nos oferecem mais planos, projetos, pacotes, [25] para que, finalmente, o país deslanche do seu marasmo, [26] que pacotes anteriores não sacudiram direito. Eu quero [27] muito que deem certo esses novos projetos. Estradas [28] e ferrovias, para começar, pois o nosso transporte é [29] mais um inqualificável fator do nosso inqualificável [30] atraso. Portos e aeroportos. Espero que se incluam [31] também saúde, ensino, segurança, que andamos cada [32] vez mais violentos e todas as notícias negativas, que [33] são muitas, saem mundo afora preparando os espíritos [34] para 2016. Que sejam projetos inteligentes e possíveis; [35] que tenham à frente gente supercompetente, embora [36] competência seja mercadoria rara por aqui. Há gente [37] demais improvisando; viramos o país do improviso, do [38] puxadinho, do jeitinho, do palpite? Os muito competentes [39] podem nem querer certos cargos e encargos. Sobretudo [40] se ligados à política: aí tudo se complica, os jogos de [41] poder, os postos dados por interesse, não por preparo e [42] capacidade, tanta trama que nem conhecemos direito, [43] mas de que sabemos o suficiente para ficar de cabelos [44] em pé. O melhor seria não saber, assim a gente se [45] salvaria? Seja como for, eu, mesmo assim, me interesso [46] extraordinariamente por este país.

[47] Resta saber o que é “dar certo”. Um plano com [48] bons projetos é um comecinho. Predominarem boas [49] intenções será dar um pouquinho certo (tudo em [50] diminutivos por enquanto). Ficar em mãos experientes [51] e competentes, sem amadorismo, será dar bastante [52] certo. Passar da utopia para entrar na realidade, com [53] seriedade, seria ou será dar supercerto. Se tudo sair [54] medianinho, já vai ser um avanço. Chegar a termo será [55] quase um milagre: a gente não vê muito disso por aqui. [56] Não acredito cegamente, pelo que temos experimentado [57] de grandes palavras, grandes planos — e grande [58] esquecimento. Mas eu quero, eu torço, eu apoio, eu [59] espero, eu observo… e,

quando puder, eu comento. Que [60] eu possa comentar só coisas boas, coisas positivas e [61] concretas, e dizer: “Finalmente está dando certo, viva a [62] gente brasileira”.

LUFT, Lya. Querendo que dê certo. **Veja**, São Paulo: Abril, ed. 2284, ano 45, n. 35, p. 24, 29 ago. 2012. Adaptado.

34 - (Unifacs BA)

Quanto ao processo de composição do texto, é correto afirmar que ele apresenta

01. o predomínio de uma linguagem metafórica, ao fazer referência a fatos políticos de que a autora afirma ter o mais amplo conhecimento possível.
02. a adoção de uma forma de argumentação baseada na desconstrução de utopias, tentando levar o leitor a uma reflexão mais criteriosa sobre a realidade brasileira.
03. um discurso voltado para a necessidade da manutenção de pensamentos positivos em torno do sucesso dos novos planos socioeconômicos criados para o Brasil.
04. uma abordagem temática apoiada em frases desiderativas, visando explicitar a opinião da articulista sobre o assunto enfocado e suas dúvidas sobre a efetiva realização das novas metas voltadas para o desenvolvimento brasileiro.
05. uma estrutura fundamentada em princípios éticos e morais, procurando deixar evidente para o público leitor a importância da seriedade e do respeito ao outro por parte do agente social a fim de que a cidadania no país se fortaleça cada vez mais.

TEXTO: 18 - Comum à questão: 35

Leia o poema de Manuel Maria Barbosa du Bocage.

Importuna Razão, não me persigas

Importuna Razão, não me persigas;

Cesse a ríspida voz que em vão murmura,

Se a lei de Amor, se a força da ternura,

Nem domas, nem contrastas, nem mitigas.

Se acusas os mortais, e os não obrigas,

Se, conhecendo o mal, não dás a cura,

Deixa-me apreciar minha loucura;

Importuna Razão, não me persigas.

É teu fim, teu projeto encher de pejo

Esta alma, frágil vítima daquela

Que, injusta e vária, noutros laços vejo.

Queres que fuja de Marília bela,

Que a maldiga, a desdenhe; e o meu desejo

É carpir, delirar, morrer por ela.

(Poesia Arcádica, 1985.)

35 - (UNIVAG MT)

Assinale a alternativa em que os termos em destaque no verso do poema pertencem a diferentes classes de palavras.

a) Se, conhecendo o **mal**, não dás a **cura**,

b) Se acusas **os** mortais, e **os** não obrigas,

c) Deixa-**me** apreciar **minha** loucura;

d) Esta **alma**, frágil **vítima** daquela

e) **Cesse** a ríspida voz que em vão **murmura**,

TEXTO: 19 - Comum às questões: 36, 37

A máquina extraviada

[1] Você sempre pergunta pelas novidades daqui [2] deste sertão, e finalmente posso lhe contar uma [3] importante. Fique o compadre sabendo que agora [4] temos aqui uma máquina imponente, que está entusiasmando [5] todo o mundo. Desde que ela chegou [6] – não me lembro quando, não sou muito bom em lembrar [7] datas – quase não temos falado em outra coisa; [8] e da maneira como o povo aqui se apaixona até pelos [9] assuntos mais infantis, é de admirar que ninguém [10] tenha brigado por causa dela, a não ser os políticos.

[11] A máquina chegou uma tarde, quando as famílias [12] estavam jantando ou acabando de jantar, e foi [13] descarregada na frente da Prefeitura. Com os gritos [14] dos choferes e seus ajudantes (a máquina veio em [15] dois ou três caminhões) muita gente cancelou a sobremesa [16] ou o café e foi ver que algazarra era aquela. [17] Como geralmente acontece nessas ocasiões, os homens [18] estavam mal-humorados e não quiseram dar [19] explicações, esbarravam propositalmente nos curiosos, [20] pisavam-lhes os pés e não pediam desculpa, jogavam [21] as pontas de cordas sujas de graxa por cima [22] deles, quem não quisesse se sujar ou se machucar [23] que saísse do caminho.

[24] Descarregadas as várias partes da máquina, foram [25] elas cobertas com encerados e os homens entraram [26] num botequim do largo para comer e beber. [27] Muita gente se amontoou na porta mas ninguém teve [28] coragem de se aproximar dos estranhos porque um [29] deles, percebendo essa intenção nos curiosos, de [30] vez em quando enchia a boca de cerveja e esguichava [31] na direção da porta. Atribuímos essa esquiva [32] ao cansaço e à fome deles e deixamos as tentativas [33] de aproximação para o dia seguinte; mas quando os [34] procuramos de manhã cedo na pensão, soubemos [35] que eles tinham montado mais ou menos a máquina [36] durante a noite e viajado de madrugada.

[37] A máquina ficou ao relento, sem que ninguém [38] soubesse quem a encomendou nem para que servia. [39] É claro que cada qual dava o seu palpite, e cada palpite [40] era tão bom quanto outro.

[41] As crianças, que não são de respeitar mistério, [42] como você sabe, trataram de aproveitar a novidade. [43] Sem pedir licença a ninguém (e a quem iam pedir?), [44] retiraram a lona e foram subindo em bando pela máquina [45] acima – até hoje ainda sobem, brincam de esconder [46] entre os cilindros e colunas, embaraçam-se [47] nos dentes das engrenagens e fazem um berreiro [48] dos diabos até que apareça alguém para soltá-las; [49] não adiantam ralhos, castigos, pancadas; as crianças [50] simplesmente se apaixonaram pela tal máquina.

[51] Contrariando a opinião de certas pessoas que [52] não quiseram se entusiasmar, e garantiram que em [53] poucos dias a novidade passaria e a ferrugem tomaria [54] conta do metal, o interesse do povo ainda não diminuiu. [55] Ninguém passa pelo largo sem ainda parar [56] diante da máquina, e de cada vez há um detalhe novo [57] a notar. [...]

[58] Ninguém sabe mesmo quem encomendou a [59] máquina. O prefeito jura que não foi ele, e diz que [60] consultou o arquivo e nele não encontrou nenhum [61] documento autorizando a transação. Mesmo assim [62] não quis lavar as mãos, e de certa forma encampou [63] a compra quando designou um funcionário para zelar [64] pela máquina. [...]

VEIGA, J. J. A máquina extraviada. In: MORICONI, I.
Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. p. 229-232.

36 - (FM Petrópolis RJ)

Podem-se reescrever as sentenças abaixo num único período.

Ainda não sabemos para que serve a máquina.

Isso não tem importância.

Ela é o nosso orgulho.

O período que junta as três, mantendo as relações lógicas, é:

a) Contanto que não saibamos para que serve a máquina, isso não tem importância, tanto quanto ela é o nosso orgulho.

b) Já que ainda não sabemos para que serve a máquina, isso não tem importância, quando ela for o nosso orgulho.

c) À medida que ainda não sabemos para que serve a máquina, isso não tem importância, mas ela é o nosso orgulho.

d) Embora ainda não saibamos para que serve a máquina, isso não tem importância, uma vez que ela é o nosso orgulho.

e) Se ainda não soubermos para que serve a máquina, isso não tem importância, apesar de que ela é o nosso orgulho.

37 - (FM Petrópolis RJ)

Em que sentença o uso da palavra **até** é feito como em "... o povo aqui se apaixona até pelos assuntos mais infantis," (Refs. 8-9)

a) Há visitação no local para apreciarem a geringonça até o cair da noite.

b) A máquina levou a população toda até a casa do prefeito.

c) A seca foi tão forte que até fez os cactos secarem.

d) Fabiano não é de falar muito até que quis conversar com sinha Vitória.

e) O cachorro correu até a porta, mas desistiu de sair.

TEXTO: 20 - Comum à questão: 38

PORTÃO

46 O portão fica bocejando, aberto
47 para os alunos retardatários.
48 Não há pressa em viver
49 nem nas ladeiras duras de subir,
50 quanto mais para estudar a insípida cartilha.
51 Mas se o pai do menino é da oposição,
52 à ilustríssima autoridade municipal,
53 prima por sua vez da sacratíssima
54 autoridade nacional,
55 ah, isso não: o vagabundo
56 ficará mofando lá fora
57 e leva no boletim uma galáxia de zeros.

58 A gente aprende muito no portão
59 fechado.

ANDRADE, Carlos Drummond de. In:
Carlos Drummond de Andrade: Poesia e Prosa.
Editora Nova Aguilar:1988. p. 506-507.

38 - (UECE)

Atente ao que é dito sobre o vocábulo “insípida” (Ref. 50).

I. Foi empregado na acepção de sem graça, desinteressante, monótono.
II. Foi empregado no seu sentido literal, não figurado.
III. A mudança da posição desse adjetivo para depois do substantivo não alteraria o significado do substantivo.

Está correto o que se afirma somente em

a) I e II.

b) III.

c) I e III.

d) II.

TEXTO: 21 - Comum à questão: 39

DIÁLOGO DA RELATIVA GRANDEZA

Sentado no monte de lenha, as pernas abertas, os cotovelos nos joelhos, Doril examinava um louva-deus pousado nas costas da mão. Ele queria que o bichinho voasse, ou pulasse, mas o bichinho estava muito à vontade, vai ver que dormindo – ou pensando? Doril tocava-o com a unha do dedo menor e ele nem nada, não dava confiança, parece que nem sentia; se Doril não visse o leve pulsar de fole do pescoço – e só olhando bem é que se via – era capaz de dizer que o pobrezinho estava morto, ou então que era um grilo de brinquedo, desses que as moças pregam no vestido para enfeitar.

Entretido com o louva-deus Doril não viu Diana chegar comendo um marmelo, fruta azeda e enjoada que só serve para ranger os dentes. Ela parou perto do monte de lenha e ficou descascando o marmelo com os dentes mas sem jogar a casca fora, não queria perder nada. Quando ela já tinha comido um bom pedaço da parte de cima e nada de Doril ligar, ela cuspiu fora um pedaço de miolo com semente e falou:

– Está direitinho um macaco em galho de pau.

Doril olhou só com os olhos e revidou:

– Macaco é quem fala. Está até comendo banana.

– Marmelo é banana, besta?

– Não é mais serve.

Ficaram calados, cada um pensando por seu lado. Diana cuspiu mais um caroço.

– Sabe aquele livro de história que o Mirto ganhou?

– Que Mirto, seu. É Milllton. Mania!

– Mas sabe? Eu vou ganhar um igual. Tia Jura vai mindar.

– Não é mindar. É me-dar. Mas não é vantagem.

– Não é vantagem? É muita vantagem.

– Você já não leu o de Milton?

– Li mas quero ter. Pra guardar e ler de novo.

– Vantagem é ganhar outro. Diferente.

– Deferente eu não quero. Pode não ser bom.

– Como foi que você disse? Diz de novo?

– Já disse uma vez, chega.

– Você disse deferente.

– Foi não.

– Foi. Eu ouvi.

– Foi não.

– Foi.

– Foi não.

– Foooi.

Continuariam até um se cansar e tapar os ouvidos para ficar com a última palavra se Diana não tivesse a habilidade de se retirar logo que percebeu a dízima. Com pedacinho final do marmelo entre os dedos, ela chegou-se mais perto do irmão e disse:

– Gi! Matando louva-deus! Olhe o castigo!

– Eu estou matando, estou?

– Está judiando. Ele morre.

– Eu estou judiando?

– Amolar um bicho tão pequenininho é o mesmo que judiar.

Doril não disse mais nada, qualquer coisa que ele dissesse ela aproveitaria para outra acusação. Era difícil tapar a boca de Diana, ô menina renitente. Ele preferiu continuar olhando o louva-deus. Soprou-o de leve, ele encolheu-se e vergou o corpo para o lado do sopro, corno faz uma pessoa na ventania. O louva-deus estava no meio de uma tempestade de vento, dessas que derrubam árvores e arrancam telhados e podem até levantar urna pessoa do chão. Doril era a força que mandava a tempestade e que podia pará-la quando quisesse. Então ele era Deus? Será que as nossas tempestades também são brincadeira? Será que quem manda elas olha para nós como Doril estava olhando para o louva-deus? Será que somos pequenos para ele como um gafanhoto é pequeno para nós, ou menores ainda? De que tamanho, comparando – do de formiga? De piolho de galinha? Qual será o nosso tamanho mesmo, verdadeiro?

Doril pensou, comparando as coisas em volta. Seria engraçado se as pessoas fossem criaturinhas miudinhas, vivendo num mundo miudinho, alumiado por um sol do tamanho de uma rodela de confete.

Diana lambendo os dedos e enxugando no vestido. Qual seria o tamanho certo dela? Um palmo de cabeça, um palmo de peito, palmo e meio de barriga, palmo e meio até o joelho, palmo e meio até o pé... uns seis palmos e meio. Palmo de quem? Gafanhoto pode ter seis palmos e meio também – mas de gafanhoto. Formiga pode ter seis palmos e meio – de formiga. E os bichinhos que existem mas a gente não vê, de tão pequenos? Se tem bichos que a gente não vê, não pode ter bichos que esses que a gente não vê não veem? Onde é que o tamanho dos bichos começa, e onde acaba? Qual é o maior, e qual o menor? Bonito se nós também somos invisíveis para outros bichos muito grandes, tão grandes que os nossos olhos não abarcam? E se a Terra é um bicho grandegrandegrandegrande e nós somos pulgas dele? Mas não pode! Como é que vamos ser invisíveis, se qualquer pessoa tem mais de um metro de tamanho?

Doril olhou o muro, os cafezeiros, as bananeiras, tudo bem maior do que ele, uma bananeira deve ter mais de dois metros...

Aí ele notou que o louva-deus não estava mais na mão. Procurou por perto e achou-o pousado num pau de lenha, numa ponta coberta de musgo. Doril levantou o pau devagarinho, olhou-o de perto e achou que a camada de musgo lembrava um matinho fechado, com certeza cheio de

– Quando é que você vai deixar esse bichinho sossegado? Tamanho homem!

Doril largou o pau devagarinho no monte, limpou as mãos na roupa

– Você não sabe qual é o meu tamanho.

Ela olhou-o desconfiada, com medo de dizer uma coisa e cair em alguma armadilha. Doril estava sempre arranjando novidades para atrapalhá-la.

– Você nem sabe qual é o seu tamanho – insistiu ele.

– Então não sei? Já medi e marquei com um carvão atrás da porta da sala. Pode olhar lá, se quiser.

Ele sorriu da esperada ingenuidade.

– Isso não quer dizer nada. Você não sabe o tamanho da marca.

– Sei. Mamãe mediu com a fita de costura. Diz que tem um metro e vinte e tantos.

– Em metro de anão. Ou metro invisível.

Ela olhou-o assustada, desconfiada; e não achando o que responder, desconversou:

– Ih, Doril! Você está bobo hoje!

– Boba é você, que não sabe de nada.

Ela esperou, ele explicou:

– Você não sabe que nós somos invisíveis, de tão pequenos?

– Sei disso não. Invisível é micuim, que a gente sente mas não vê.

– Pois é. Nós somos como micuins.

Diana olhou depressa para ela mesma, depois para Doril.

– Como é que eu vejo eu, vejo você, vejo minha mãe?

– E você pensa que micuim não vê micuim?

Diana franziu a testa, pensando. Doril tinha cada ideia.

[...]

– Não pode, Doril. A gente é grande. Olha aí, você é quase da altura desse monte de lenha.

– Está vendo como você não sabe nada? Isso não é um monte de lenha. É um monte de pauzinhos menores do que pau de fósforo.

– Ora sebo, Doril. Pau de fósforo é deste tamanho – ela mostrou dois dedinhos separados, dando tamanho que ela imaginava.

– Isso que você está mostrando não é tamanho de pau de fósforo. Pau de fósforo é quase do seu tamanho.

Diana ficou pensativa, triste por ter diminuído de tamanho de repente. Doril aproveitou para ensinar mais.

– Como você é tapada, Diana. Tudo no mundo é muito pequeno. O mundo é muito pequeno. – Olhou em volta procurando uma ilustração. – Está vendo aquela jaca? Sabe o tamanho dela?

– Sei sim. Regula com uma melancia.

– Pronto. Não sabe. É do tamanho de cajá.

Diana olhou a jaca já madura em ponto de cair, qualquer dia caía.

– Ah, não pode, Doril. Comparar jaca com cajá?

– Mas é porque você não sabe que cajá não é cajá.

– O que é então?

– É bago de arroz.

Diana olhou em volta aflita, procurando uma prova de que Doril estava errado.

– E coqueiro o que é?

– Coqueiro é pé de salsa.

– E eu?

– Você é formiga de dois pés.

– Se eu sou formiga como é que eu pulo rego d´água?

– Que rego d´água?

– Esse nosso aí.

Doril sacudiu a cabeça, sorrindo.

– Aquilo não é rego d´água. É risquinho no chão, da grossura de um fio de linha.

– E... E aquele morro lá longe?

– Não é morro. Você pensa que é morro porque você é formiga. Aquilo é um montinho de terra que cabe num carrinho de mão.

Diana olhou-se de alto a baixo, achou-se grande para ser formiga.

– Onde você aprendeu isso?

Ela precisava da garantia de uma autoridade para aceitar a nova ideia.

– Em parte nenhuma. Eu descobri.

Diana deu um riso de zombaria, como quem começa a entender. Tudo aquilo era invenção dele, coisa sem pé nem cabeça. Como a história de recado por pensamento.

A mãe chamou da janela. Doril desceu do monte de lenha, um pau resvalou e feriu-o no tornozelo. Ele ia xingar mas lembrou que pau de fósforo não machuca. A mãe chamou de novo, ele saiu correndo e gritou para trás:

– Quem chegar por último é filho de lesma.

Diana correu também, mais para não ficar sozinha do que para competir. Pularam uma bacia velha, simples tampa de cerveja emborcada no chão. Pularam o fio de linha que Diana tinha pensado que era um rego d´água. Doril tropeçou num balde furado (isto é, um dedal com alça), subiu de um fôlego os dentes do pente que servia de escada para a varanda, e entrou no caixotinho de giz onde eles moravam. A mãe uma formiguinha severa de pano amarrado na cabeça estava esperando na porta com uma colher e um vidro de xarope nas mãos, a colher uma simples casquinha de arroz. Doril abriu a boca, fechou os olhos e engoliu, o borrifo de xarope desceu queimando a garganta de formiga.

VEIGA, J. J. *Melhores contos J. J. Veiga.* Seleção de J. Aderaldo
Castello. 4. ed. São Paulo: Global, 2000. p. 97-102.

39 - (UFG GO)

Com a palavra *dízima*, o narrador avalia a situação vivida pelas personagens, apropriando-se de um termo relacionado à

a) teologia, aludindo à contribuição paga pelos fiéis como obrigação religiosa.

b) economia, evocando o imposto correspondente à décima parte do rendimento de uma pessoa.

c) matemática, fazendo referência à representação decimal de um número que se repete indefinidamente.

d) sociologia, descrevendo o episódio da morte violenta de uma etnia.

e) geografia, conotando uma leitura estatística de dados apresentados.

TEXTO: 22 - Comum à questão: 40

O xadrez de Marina

SÃO PAULO — Eduardo Campos não é um "zero", como Ciro Gomes o chamou na sua tola e habitual verborragia, tampouco é o estrategista político formidável, tal qual passou a ser pintado em Brasília após a surpreendente filiação da ex-senadora Marina Silva ao seu PSB.

O governador de Pernambuco é um construtor de pontes, paciente e habilidoso, que consegue se manter como interlocutor de quase todo o mundo, de Lula a Serra, de Bornhausen e Ronaldo Caiado a Marina. É um conciliador que parece mais mineiro do que o próprio Aécio Neves.

É evidente que esses traços o ajudaram a se posicionar no momento em que Marina precisava achar uma saída para o imbróglio em que se meteu ao não conseguir oficializar a tal Rede Sustentabilidade -- não se filiar a um partido significaria abdicar totalmente da eleição presidencial; entrar numa sigla qualquer apenas para ser candidata seria um gesto personalista que poderia arranhar a imagem da nova política, que Marina tanto cultiva.

Mas, na prática, o governador pernambucano foi um agente passivo nessa história toda. Se alguém anteviu alguma coisa, foi Marina. A ex-senadora criou o principal fato político desde a eleição de Dilma e ainda jogou sobre Campos a responsabilidade de crescer nas pesquisas em pouco tempo, ao deixar claro que, se o governador não se viabilizar, ela pode concorrer.

No cenário anterior, Campos seria um vitorioso se terminasse a eleição presidencial do ano que vem com cerca de 15% dos votos. Atingiria seu objetivo de tornar-se um nome nacionalmente conhecido a fim de, quatro anos depois, disputar a sucessão para valer.

Agora, após o empurrão da ex-senadora, se Campos não atingir esse patamar nos próximos meses, antes mesmo de a campanha eleitoral começar, poderá ser forçado a abdicar da candidatura em favor de Marina.

Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/colunas/
rogeriogentile/2013/10/1354262-o-xadrez-de-marina.shtml.
Acesso em: 10 out. 2013.

40 - (PUC MG)

Leia o trecho a seguir, retirado do texto:

O governador de Pernambuco é um construtor de pontes, paciente e habilidoso, que consegue se manter comointerlocutor de quase todo o mundo, de Lula a Serra, de Bornhausen e Ronaldo Caiado a Marina.

A metáfora “construtor de pontes” é iluminada e explicada:

a) pelo uso do termo “interlocutor”.

b) pelo uso dos termos “paciente” e “habilidoso”.

c) pelo modo como se constrói a apresentação de seus interlocutores.

d) pelo fato de o governador ser, na verdade, um político, e não um engenheiro.

TEXTO: 23 - Comum à questão: 41

Álbum de colégio

[1] Um antigo colega criou e organizou um site sobre [2] nossos anos de colégio, que já vão longe. Visitei ontem [3] as páginas virtuais de uma experiência real, vivida [4] longamente numa velha escola, sólida tanto na construção [5] como no ensino. A pesquisa do meu colega é [6] bastante rica: documenta com detalhes pessoas e espaços [7] que nos foram muito familiares. Detive-me logo [8] na sequência dos professores, como se de novo estivesse [9] a ouvir suas vozes e a ver seus gestos, projetados [10] do tablado em que ficava a mesa, junto ao [11] quadro-negro.

[12] Dona Alzira, de matemática. Óculos grossos, de [13] aro escuro, contrastando com a pele clara. Paciente, [14] repetia o que fosse necessário de uma lição de álgebra [15] ou geometria. Eu me divertia

com as palavras novas, [16] que logo transformava em apelidos dos colegas: [17] Maria Clara ficou sendo a Hipotenusa, por ser comprida [18] e magra, e o Zé Roberto passou a ser Cateto, por [19] conta do nariz comprido. As palavras prestam-se a associações [20] estranhas, talvez arbitrárias. O frequente [21] vestido de folhas vermelhas de Dona Alzira me parecia [22] bandeira vistosa das minhas dificuldades com as [23] equações e os teoremas.

[24] Dava-me melhor em Português. Não tanto com a [25] Gramática das regras severas e nomenclatura difícil, [26] mas com os textos bonitos que nos levavam para fora [27] da escola, na viagem da imaginação. Descobri com [28] seu Alex, professor grandalhão de voz grave e dicção [29] perfeita, o encantamento de versos ou frases em [30] prosa ditos com muita expressão, valorizados em cada [31] sílaba. E me iniciei em alguns autores que acabaram [32] ficando, como Fernando Pessoa.

[33] A História, ao que me lembro, dividia-se em Geral, [34] da América e do Brasil. Tive mais de um professor, o [35] mais entusiasmado e entusiasmante era o seu Euclides, [36] quase nunca imparcial, admirador dos gregos, não tanto [37] dos romanos, capaz de descrever as viagens marítimas [38] dos portugueses e espanhóis como se fosse um tripulante. [39] Não deixava de admirar Napoleão, acentuando [40] a incomensurável diferença entre o tio e o sobrinho. Na [41] História do Brasil, enfatizava as insurreições populares [42] e censurava o Estado Novo.

[43] Clicando aqui e ali (quem diria que havíamos de [44] conhecer e usar esse tal de computador?) chego a outros [45] mestres, a outras aulas inesquecíveis. As meninas [46] torciam o nariz nas de Química: o professor fazianos [47] usar o laboratório e praticar reações (com sulfato? [48] com sulfeto?) que não cheiravam nada bem. As mais [49] frágeis simulavam desmaios... Havia as salas-ambiente, [50] destinadas e aparelhadas para disciplinas específicas. [51] Na de Geografia, grandes mapas, projetor [52] de slides, maquetes e figuras em alto relevo; na de [53] Biologia, acreditem: um esqueleto completo, de verdade, [54] apelidado de Toninho (dizia-se que de um indigente, [55] morto há várias décadas); na de Física, armários [56] com instrumentos que lembravam ilustrações de [57] Da Vinci. O professor Geraldo não era exatamente [58] uma grande vocação de pedagogo: com ele a Física ficava [59] mais difícil do que já é. Dividia o curso em três [60] partes: Cinemática, Estática e Dinâmica, mas não sobrava [61] quase nada de nenhuma. Como ficava ao lado [62] da sala de Música, distraía-nos o piano de Dona [63] Mariinha, que punha seus alunos para cantar peças do [64] folclore nacional, das cirandas e emboladas do nordeste [65] às danças gauchescas.

[66] E havia, é claro, os pátios de recreio, movimentados [67] nos intervalos. A moralidade da época recomendava [68] dois pátios: um para os meninos, outro para as [69] meninas. As turmas eram mistas, mas o convívio evitado [70] tanto quanto possível. Regulava-se o comprimento [71] das saias, que

algumas colegas enrolavam sorrateiramente [72] *na cintura. Afinal, a moda era a míni...* [73] *Discos recém-lançados de Roberto Carlos e dos* [74] *Beatles animavam o intervalo maior, colocados na vitrola* [75] *reivindicada e conseguida pelo centro estudantil.76* [77] *Volta e meia aparecia um jornalzinho dos estudantes,* [78] *de corpo editorial instável e de vida curta.*

[79] *Como esquecer, ainda, as figuras dos nossos inspetores* [80] *de alunos? Seu Alípio, baixinho e bravo, vociferando* [81] *por nada; dona Gladyr, apelidada de Arco-íris* [82] *por conta das roupas multicoloridas; dona Gervásia, a* [83] *mais velha funcionária da escola, contadora de* [84] *"causos"; Albertina, moça vigilante e de poucas palavras,* [85] *encarregada do portão de entrada das meninas.* [86] *Na cantina, os três irmãos proprietários ("os três mosqueteiros* [87] *ou os três patetas?", brincávamos) atendiam* [88] *a todos com desenvoltura e bom humor. E, por todo* [89] *lado, as criaturas mais antigas e veneráveis: os* [90] flamboyants *copados, os plátanos, as duas figueiras.* [91] *Provavelmente ainda todas vivas, florescendo.*

[92] *De clique em clique armou-se na tela do monitor,* [93] *em grande angular, a imagem da preciosa e velha* [94] *biblioteca da escola. Sim, tinha bibliotecária: uma* [95] *senhora idosa e prestativa, sempre perfumada, rigorosa* [96] *na disciplina: dona Augusta, de hábitos e gosto* [97] *conservadores. Na "sua" biblioteca não entrava "esse* [98] *tal de Sartre, francês ateu e comunista que desencaminha* [99] *a juventude". Recomendava-nos Coelho* [100] *Netto e Olavo Bilac, Machado de Assis e Euclides da* [101] *Cunha, e parava por aí: nenhum entusiasmo pelos* [102] *modernos. Mas lá estavam Bandeira, Drummond,* [103] *Clarice, Graciliano, Guimarães Rosa, que íamos descobrindo* [104] *aos poucos. A biblioteca tinha algumas preciosidades* [105] *do século XIX, encadernadas e dispostas* [106] *nas prateleiras mais altas.*

[107] *Ah, a educação física... Luxos dos luxos: um ginásio* [108] *de esportes, com boa quadra e pequena arquibancada,* [109] *e um campo gramado de futebol, com traves* [110] *oficiais e rede, instalada apenas nos jogos importantes.* [111] *Lembro-me quando a seleção da escola recebeu* [112] *o time do Seminário Presbiteriano, uns jovens educadíssimos,* [113] *diante dos quais parecíamos uns trogloditas.* [114] *Pois nos deram uma goleada, com todo o respeito.* [115] *Nosso comentário ressentido: − Mas também esses* [116] *caras vivem concentrados...*

[117] *Velha escola. Por ironia, a tecnologia moderna* [118] *me leva ao passado e materializa reminiscências que* [119] *pareciam condenadas à pura e desmaiada memória.* [120] *Ao som das músicas daquela época, as jovens colegas* [121] *continuam moças e bonitas, e os rapazes ensaiam* [122] *seus flertes... Palavras antigas. Mas está tudo* [123] *lá: no* site *do colégio, aberto à participação de moços* [124] *e velhos, história organizada de uma década perdida* [125] *no século XX. Lembrei-me agora de uma*

cena do filme [126] ***Sociedade dos poetas mortos***. *O professor leva* [127] *seus corados alunos a um saguão da escola, onde* [128] *estão fotos amareladas de alunos de outrora, que já* [129] *nem estão neste mundo. Aos moços atentos àquelas* [130] *imagens pergunta o professor: − Sabe o que dizem* [131] *esses jovens das fotos? Dizem:* ***carpe diem****, em latim.* [132] *Ou: aproveita bem o dia que passa.*

(Rinaldo Antero da Cruz, *inédito*)

41 - (PUCCamp SP)

O texto apresenta passagens em que arranjos singulares de linguagem ampliam as possibilidades de sentido da expressão. A alternativa em que se reconhece corretamente um desses arranjos, no 5º parágrafo, é:

a) *chego a outros mestres, a outras aulas inesquecíveis*/ pleonasmo.

b) *As meninas torciam o nariz nas de Química* / anacoluto.

c) *o professor fazia-nos* [...] *praticar reações* [...] *que não cheiravam nada bem* / paradoxo.

d) *O professor Geraldo não era exatamente uma grande vocação de pedagogo* / eufemismo.

e) *distraía-nos o piano de Dona Mariinha* / hipérbole.

TEXTO: 24 - Comum à questão: 42

O mundo que venci deu-me amor

O mundo que venci deu-me um amor,

Um troféu perigoso, este cavalo

Carregado de infantes couraçados.

O mundo que venci deu-me um amor

Alado galoupando em céus irados,

Por cima de qualquer muro de credo,

Por cima de qualquer fosso de sexo.

O mundo que venci deu-me um amor

Amor feito de insulto e pranto e riso,

Amor que força as portas dos infernos,

Amor que galga o cume ao paraíso.

Amor que dorme e treme. Que desperta

E torna contra mim, e me devora

E me rumina em cantos de vitória.

(Faustino, Mário. Poesia completa. Poesia traduzida.
São Paulo: Max Limonad, 1985.)

42 - (UERN)

Considerando as relações semânticas e lexicais nas quais o texto se ampara, assinale a alternativa cujo trecho NÃO exibe ideias contrastantes.

a) “O mundo que venci deu-me um amor,

Um troféu perigoso, este cavalo

Carregado de infantes couraçados.”

b) “Amor que dorme e treme. Que desperta

E torna contra mim, e me devora

E me rumina em cantos de vitória.”

c) “O mundo que venci deu-me um amor

Alado galoupando em céus irados,

Por cima de qualquer muro de credo,

Por cima de qualquer fosso de sexo.”

d) “O mundo que venci deu-me um amor
Amor feito de insulto e pranto e riso,
Amor que força as portas dos infernos,
Amor que galga o cume ao paraíso.”

TEXTO: 25 - Comum à questão: 43

Soneto
Álvares de Azevedo

Pálida a luz da lâmpada sombria,
Sobre o leito de flores reclinada,
Como a lua por noite embalsamada,
Entre as nuvens do amor ela dormia!

Era a virgem do mar, na escuma fria
Pela maré das águas embalada!
Era um anjo entre nuvens d’alvorada
Que em sonhos se banhava e esquecia!

Era mais bela! o seio palpitando...
Negros olhos as pálpebras abrindo...
Formas nuas no leito resvalando...

Não te rias de mim, meu anjo lindo!

Por ti – as noites eu velei chorando,

Por ti – nos sonhos morrerei sorrindo!

LIRA DOS VINTE ANOS.
São Paulo: Martin Claret, 2006.p.49-50.

43 - (UFG GO)

A comparação entre os elementos lexicais das duas primeiras estrofes revela uma oposição entre noite e amanhecer que indica, respectivamente, a

a) precisão do tempo cronológico e a delimitação do cenário.
b) melancolia do amor inacessível e a ilusão dos sonhos projetados.
c) certeza da felicidade da mulher e a desconfiança de uma traição.
d) solidão da virgem e a presença do enunciador.
e) quietude do silêncio e a agitação da natureza.

GABARITO:

1) Gab: B

2) Gab: E

3) Gab: A

4) Gab: B

5) Gab: A

6) Gab: C

7) Gab: C

8) Gab: D

9) Gab: E

10) Gab: A

11) Gab: B

12) Gab: E

13) Gab: B

14) Gab: E

15) Gab: D

16) Gab: B

17) Gab: A

18) Gab: C

19) Gab: B

20) Gab: A

21) Gab: 03

22) Gab: B

23) Gab: D

24) Gab: D

25) Gab: C

26) Gab: D

27) Gab: B

28) Gab: B

29) Gab: B

30) Gab: E

31) Gab: E

32) Gab: E

33) Gab: 04

34) Gab: 04

35) Gab: B

36) Gab: D

37) Gab: C

38) Gab: C

39) Gab: C

40) Gab: C

41) Gab: D

42) Gab: A

43)Gab:B

SÉRIE Rumo ao ITA – Nº 02
PROFESSOR(A) LOBÃO
SEDE
ALUNO(A)
Nº
TURMA
TURNO
DATA ____/____/____

ENSINO PRÉ-UNIVERSITÁRIO

TC

PORTUGUÊS

Signo, Significante e Significado

- Observe as gravuras.

FAZER JORNALISMO
DE QUALIDADE DÁ
O MAIOR IBOPE

77%

O mais lido pelas mulheres

84%

O mais lido pelas classes de maior poder aquisitivo

82%

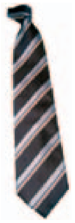

O mais lido pelos homens

83,5%

O mais lido pelos jovens

79%

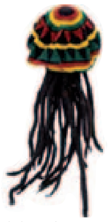

O mais lido pela nossa gente

Jornal Brasileiro

O nosso jornal

O Estado do Maranhão: São Luís-MA – Telefone: (098) 3235-8441.
Representante Nacional: F & FT Work Ltda – Rio de Janeiro – Telefone:
(021) 225-3057 – 246-2309 São Paulo: Telefone (011)5084-1820 / Fax e Fone:
(011)573-7116 – Brasília – Telefone: (085)223-2745

- Signo é sinal, símbolo. Portanto, deve fazer referência a alguma coisa.
- Quando falamos em signo linguístico, estamos nos referindo a uma representação da realidade por meio da palavra.

Observe as imagens do texto publicitário.

- batom → signo de "mulher".
- gravata → signo de "homem".
- a nota de cem reais → signo de "classe de maior poder aquisitivo".

- O signo é algo que guarda uma dupla ideia.
  – significado → o conceito do objeto.
  – significante → os sinais gráficos ou sonoros que representam o objeto.

- As palavras (escritas ou orais), por exemplo, são significantes, e as ideias ou conceito a elas associados são os significados.

  Observe a consideração.

$$\text{A palavra ``}\underset{\substack{\downarrow\\ \text{significante}}}{\underline{\text{cadeira}}}\text{''} \rightarrow \underset{\substack{\downarrow\\ \text{significado}}}{\underline{\text{objeto onde se senta}}}$$

Texto e Gramática

- Leia o poema que se segue.

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro

Oswald de Andrade. In: *Literatura Comentada*.
São Paulo: Nova Cultural, 1988.

- Compare o primeiro e o último versos do texto.

"Dê-me um cigarro" → forma exigida pela "gramática escolar" (ou seja, a gramática "do professor e do aluno / E do mulato sabido").

"Me dá um cigarro" → forma usualmente empregada pelos falantes ("o bom negro e o bom branco / Da Nação Brasileira").

A gramática referida no segundo verso é a que normalmente se ensina nas escolas e que se denomina **gramática normativa**.

No texto, a comparação entre o primeiro e o último versos exemplifica uma das muitas diferenças existentes entre a língua que a gramática "do professor e do aluno / E do mulato sabido" considera "correta" e a língua efetivamente falada pela maioria das pessoas.

> "**Gramática natural** porque é da natureza da língua, como é da natureza humana, aprender sistemas de regras para sistematizar comportamentos; aprendizado que independe de ensino; a vida o propicia 'ao natural'."

Para se comunicar, o falante não precisa, necessariamente, dominar as regras da "gramática escolar". No entanto, ele utiliza (mesmo sem ter consciência disso) uma "gramática natural", que admite a construção **me dá um cigarro**, mas não admite, por exemplo, a construção **me cigarro um dá**. Ou seja, essa "gramática natural" possui um "sistema de regras que formam a estrutura da língua, e que os falantes interiorizam falando".

Celso Luft, in: *Língua e Liberdade*.

Polissemia

Vamos, carioca
sai do teu sono devagar
o dia já vem vindo
aí o sol já vai raiar
São Jorge, teu padrinho
te dê cana pra tomar
Xangô, teu pai
te dê muitas mulheres para amar
ê, vida tão boa
só coisa boa pra pensar
sem **ter** que pagar nada
céu e terra, sol e mar
e ainda **ter** mulher
e **ter** o samba pra cantar
o samba que é o balanço
da mulher que sabe amar.

Carlos Lira e Vinicius de Moraes

- Observe os sentidos do verbo **ter** destacados no texto anterior.

Dizemos, pois, que neste contexto, o verbo ter é polissêmico, ou seja, apresenta vários sentidos. Mas observe também que cada sentido ocorre em contextos distintos.

Em sua gramática, Perini atribui à polissemia um papel essencial no processo de renovação do vocabulário de uma língua – ela garante a necessária economia e a flexibilidade para expressar a multiplicidade de significados necessários à comunicação humana. Podemos até mesmo ampliar seu comentário, lembrando que, também na linguagem científica, inúmeros termos têm origem em extensões metafóricas de expressões do uso comum, como **buraco negro** (na física), **paciente** (na medicina) etc.

Exercícios

- Leia o texto e responda às questões de **01** a **04**.

DESENVOLVIMENTO E DIVERSIDADE SOCIAL

A diversidade social baseia-se em três realidades humanas. Primeiramente, a de que cada indivíduo é único. Em segundo lugar, a de que os indivíduos e suas sociedades estão inter-relacionados e interdependentes. Por último, a de que as sociedades e culturas são dinâmicas: as mudanças podem ser rápidas ou graduais mas irão sempre afetar diferentes membros da sociedade de modo a refletir as diferenças em termos de poder e *status*. Essa coletânea reúne artigos que exploram uma variedade de demandas que as pessoas reivindicam quanto à questão do desenvolvimento, dependendo de se elas são jovens ou idosas, mulheres ou homens, de uma cultura dominante ou de um grupo social oprimido. Naila Kabeer examina o significado das relações de gênero no contexto da prática de desenvolvimento e das instituições de desenvolvimento, um tema também analisado por Lewis B. Dzimbiri em relação aos programas de refugiados e por Yezichalem Kassa e Feleke Tadele ao diagnosticarem as necessidades das comunidades rurais. Mark Gorman concentra-se na velhice e nas necessidades dos idosos, enquanto que Tom Scanlon, Francesca Scanlon e Maria Luiza Nobre Lamarao descrevem os desafios do trabalho com crianças de rua e adolescentes. Shubi L. Ishemo argumenta a favor da centralidade da cultura nos processos de mudanças sociais e econômicas e contra as abordagens do desenvolvimento e ajuda humanitária que não são culturalmente familiares às pessoas afetadas.

Introdução de Mary B. Anderson, editado por Deborah Eade.
http://www.developmentinpractice.org/pt/apc_bpcv2n-x-q.html?index=yes

01. Em relação à resenha acima, pode-se inferir que:
( ) situa o tema da obra resenhada de forma clara e objetiva e resume os conteúdos abordados pelos autores que compõem a coletânea.
( ) desenvolve o tema da diversidade social e articula as ideias de forma resumida, fazendo apreciações e imprimindo juízo de valor sobre a obra.
( ) apresenta breve comentário que incentiva a leitura do livro resenhado com a finalidade de transmitir uma ideia geral sobre o sentido nele contido.
( ) sintetiza uma obra e expõe críticas em relação à temática, justificando o posicionamento dos autores.

Analise as proposições anteriores, e assinale (**V**) para as verdadeiras e (**F**) para as falsas.
Marque a alternativa **correta**.
A) V – F – V – F
B) V – V – F – V
C) F – F – V – F
D) V – F – F – F
E) F – V – F – V

02. As expressões **primeiramente** (linha 2), **Em segundo lugar** (linha 3) e **Por último** (linha 5) asseguram:
I. a compatibilidade entre os enunciados, estabelecem relação de progressividade e funcionam como operadores de sequenciação no texto;
II. o encadeamento linear de elos coesivos, reiteram a coerência textual e especificam a sucessão de ideias no texto;
III. a retomada de termos e funcionam como pistas linguísticas que propiciam sentidos ao texto.

Marque a alternativa abaixo, que indica a(s) proposição(ões) **verdadeira(s)**.
A) I, apenas.
B) I e III.
C) I e II.
D) II, apenas.
E) III, apenas.

03. Em "[...] as sociedades e culturas são dinâmicas: [...]", (linha 5) os dois pontos foram usados com a função de:
A) estabelecer a direção que é dada ao encadeamento do texto, com ênfase apenas na coesão.
B) marcar graficamente uma citação sobre sociedades e culturas.
C) estabelecer uma relação de sentido, explicitando a dinamicidade entre sociedades e culturas.
D) codificar o início de um discurso direto do autor sobre a diversidade social.
E) anteceder o discurso de outro sobre o tema abordado.

04. Nos enunciados a seguir:
I. "A diversidade social baseia-**se** [...]" (linha 1);
II. "[...] dependendo de **se** elas [...]" (linha 11);
III. "[...] Mark Gorman concentra-**se** na velhice [...]" (linhas 19 e 20).

O(s) termo(s) destacado(s) no(s) enunciado(s):

( ) "I, II e III" exercem função morfossintática semelhante, pois fazem referência a aspectos humanos e sociais.
( ) "I" funciona indicando a reciprocidade da ação com ênfase na diversidade social.
( ) "II" apresenta noção de condicionalidade em relação à dependência de grupos diversificados.
( ) "III" é uma forma oblíqua reflexiva, fazendo parte integrante do verbo com relação à velhice.

Analise as proposições acima e assinale (**V**) para as verdadeiras e (**F**) para as falsas.

Marque a alternativa **correta**.
A) V – F – V – V
B) F – F – V – F
C) F – V – F – F
D) V – F – F – F
E) F – V – V – F

Gabarito – Signo, Significante e Significado			
01	**02**	**03**	**04**
A	C	C	B

EXEMPLO DE PAI.
EXEMPLO DE FILHA.

Jorge e Gizelle são exemplos de pai e filha que se dedicaram e aprenderam o mais importante: lições que valem para toda a vida.

O PAI

Jorge Cruz iniciou a sua história no Farias Brito como datilógrafo e auxiliar de coordenação, em 1990. Talento e competência foram determinantes para suas maiores conquistas. Em 2006, assumiu a Diretoria do Pré-Vestibular Central, com a certeza de que fez o melhor. Hoje é um dos diretores da Escola que é a 1ª do Brasil no ITA e no IME (os vestibulares mais difíceis do País). A superação fez Jorge ir além. E ele ensinou o caminho do sucesso para sua filha.

A FILHA

Gizelle Helene iniciou sua vida escolar na Educação Infantil do Farias Brito, onde fez suas maiores descobertas no mundo do saber. No Farias Brito, aprendeu a ler, a escrever e a ser cidadã. Aluna exemplar, sempre participou dos principais eventos escolares e conquistou a admiração dos professores e de seus amigos. Ainda no 2º Ano do Ensino Médio, conquistou o 1º lugar em Letras – Português na UECE.

GIZELLE HELENE,
1º lugar em Letras na UECE, ainda no 2º Ano do Ensino Médio.

JORGE CRUZ,
um dos diretores da Escola que é a 1ª do Brasil.

FARIAS BRITO
1º DO BRASIL NO ITA (ENTRE AS CAPITAIS).
1º LUGAR GERAL DO BRASIL NO IME.

ESCOLAS CONVENIADAS

ORGANIZAÇÃO EDUCACIONAL FARIAS BRITO
Lições para toda a vida.
www.fariasbrito.com.br

QUESTÃO 1

1. Complete as frases a seguir com **MAL ou MAU:**

1) Ele é um ______ profissional.
2) Ele está trabalhando ______.
3) O chefe está de ______ humor.
4) O chefe está sempre ______ -humorado.
5) O empregado foi ______ treinado.
6) ______ chegou ao escritório, teve o desprazer de encontrar a ex-esposa.
7) ______ saiu de casa, foi assaltado.
8) ______ foi contratado, já demonstrou suas qualidades.
9) Houve um terrível ______-estar.
10) Ele é um grande ______-caráter.
11) Comportou-se muito ______ durante a reunião.
12) Sempre foi um ______ aluno.
13) O seu ______ é não ouvir os mais velhos.
14) Você não sabe o ______ que ela me faz.
15) Ela está com um ______ incurável.
16) Sofreu um ______ súbito.
17) Ele ______ adivinha o que pode lhe acontecer.
18) A velhinha ______ saía de casa.
19) Um falava bem; o outro, muito ______.
20) Um era bom; o outro, muito ______.

QUESTÃO 2

Em cada questão, assinale a única opção que apresenta **ERRO** de grafia:

1.

a. Isso aconteceu agora há pouco;
b. Ela chegará daqui há pouco;
c. O hotel fica a poucos quilômetros do aeroporto;
d. Há muita gente que não acredita no projeto;
e. Há muitos anos que não nos vemos.

2.

a. Há cerca de dez mil manifestantes na Cinelândia;
b. Não nos vemos há cerca de dez anos;
c. Só nos veremos daqui a cerca de dois meses;
d. O hotel fica a cerca de 20 quilômetros do aeroporto;
e. Os diretores discutiam a cerca do novo projeto.

3.

a. Ele mora no andar de cima;
b. Ela mora no andar de baixo;
c. O cheque está debaixo da agenda;
d. Ele se escondeu embaixo da mesa.
e. O contrato ficou encima da sua mesa.

4.

a. Ele ocupa um cargo abaixo do meu;
b. Ela me olhava de alto a baixo;
c. Ela me olhava de baixo para cima;
d. A temperatura estava abaixo de zero;
e. A modelo não usava nada de baixo da saia.

5.

a. Vieram mais convidados que o esperado;
b. Não eram más ideias;
c. O projeto era muito interessante, mais a verba é insuficiente;
d. E agora, diretamente de Congonhas, mais notícias;
e. E agora más notícias, diretamente de Congonhas.

QUESTÃO 3

1. Complete adequadamente as lacunas abaixo com uma das palavras entre parênteses.

1) Ela se houve _____ na prova. (mal / mau)
2) _____ entrou, os portões foram fechados. (Mal / Mau)
3) Apesar do _____ tempo, foi à praia. (mal / mau)
4) Estudem , _____ ficarão reprovados. (senão / se não)
5) Não fazia coisa alguma, _____ criticar. (senão / se não)
6) Essa pessoa só tem um _____. (senão / se não)
7) _____ houver dedicação, ficarão reprovados. (senão / se não)
8) Estudei _____. (demais / de mais)
9) Eu estudo muito; os _____ alunos, pouco. (demais / de mais)
10) Surgiram candidatos ____. (demais / de mais)
11) _____ você vai? (Aonde / Onde)
12) _____ estão os livros? (Aonde / Onde)
13) Ela estudou muito, _____ não passou. (mais / mas)
14) Ela era a aluna _____ simpática da turma. (mais / mas)
15) Menos ódio e _____ amor. (mais / mas)
16) Ele chegou da Europa _____ dois dias. (há / a)
17) Ela voltará daqui _____ um ano. (há / a)

QUESTÃO 4

1. Estão corretamente empregadas as palavras na frase:

a. Receba meus cumprimentos pelo seu aniversário.
b. Ele agiu com muita descrição.
c. O pião conseguiu o primeiro lugar na competição.
d. Ele cantou uma área belíssima.
e. Utilizamos as salas com exatidão.

2. Todas as alternativas são verdadeiras quanto ao emprego da inicial maiúscula, exceto:

a. Nos nomes dos meses quando estiverem nas datas.
b. No começo de período, verso ou alguma citação direta.
c. Nos substantivos próprios de qualquer espécie
d. Nos nomes de fatos históricos dos povos em geral.
e. Nos nomes de escolas de qualquer natureza.

3. Indique a única seqüência em que todas as palavras estão grafadas corretamente:

a. fanatizar - analizar - frizar.
b. fanatisar - paralizar - frisar.
c. banalizar - analisar - paralisar.
d. realisar - analisar - paralizar.
e. utilizar - canalisar - vasamento.

4. A forma dual que apresenta o verbo grafado incorretamente é:
- a. hidrólise - hidrolisar.
- b. comércio - comercializar.
- c. ironia - ironizar.
- d. catequese - catequisar.
- e. análise - analisar.

5. Quanto ao emprego de iniciais maiúsculas, assinale a alternativa em que não há erro de grafia:
- a. A Baía de Guanabara é uma grande obra de arte da Natureza.
- b. Na idade média, os povos da América do Sul não tinham laços de amizade com a Europa.
- c. Diz um provérbio árabe: "a agulha veste os outros e vive nua."
- d. "Chegam os magos do Oriente, com suas dádivas: ouro, incensos e mirra " (Manuel Bandeira).
- e. A Avenida Afonso Pena, em Belo Horizonte, foi ornamentada na época de natal.

6. Marque a opção cm que todas as palavras estão grafadas corretamente:
- a. enxotar - trouxa - chícara.
- b. berinjela - jiló - gipe.
- c. passos - discussão - arremesso.
- d. certeza - empresa - defeza.
- e. nervoso - desafio - atravez.

7. A alternativa que apresenta erro(s) de ortografia é:
- a. O experto disse que fora óleo em excesso.
- b. O assessor chegou à exaustão.
- c. A fartura e a escassez são problemáticas.
- d. Assintosamente apareceu enxarcado na sala.
- e. Aceso o fogo, uma labareda ascendeu ao céu.

8. Assinale a opção cm que a palavra está incorretamente grafada:
- a. duquesa.
- b. magestade.
- c. gorjeta.
- d. francês.
- e. estupidez.

9. Dos pares de palavras abaixo, aquele em que a segunda não se escreve com a mesma letra sublinhada na primeira é:
- a. vez / reve___ar.
- b. propôs / pu__ eram.
- c. atrás / retra __ ado.
- d. cafezinho/ blu __ inha.
- e. esvaziar / e___ tender.

10. Indique o item em que todas as palavras devem ser preenchidas com x:
- a. pran__a / en__er / __adrez.
- b. fei__e / pi__ar / bre__a.
- c. __utar / frou__o / mo__ila.
- d. fle__a / en__arcar / li__ar.
- e. me__erico / en__ame / bru__a.

11. Todas as palavras estão com a grafia correta, exceto:
- a. dejeto.
- b. ogeriza.
- c. vadear.
- d. iminente.
- e. vadiar.

12. A alternativa que apresenta palavra grafada incorretamente é:
- a. fixação - rendição - paralisação.
- b. exceção - discussão - concessão.
- c. seção - admissão - distensão.
- d. presunção - compreensão - submissão.
- e. cessão - cassação - excurção.

13. Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas corretamente:
- a. analizar - economizar - civilizar.
- b. receoso - prazeirosamente - silvícola.
- c. tábua - previlégio - marquês.
- d. pretencioso - hérnia - majestade.
- e. flecha - jeito - ojeriza.

14. Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas corretamente:
- a. atrasado - princesa - paralisia.
- b. poleiro - pagem - descrição.
- c. criação - disenteria - impecilho.
- d. enxergar - passeiar - pesquisar.
- e. batizar - sintetizar - sintonisar.

15. Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas corretamente:
- a. tijela - oscilação - ascenção.
- b. richa - bruxa - bucha.
- c. berinjela - lage - majestade.
- d. enxada - mixto - bexiga.
- e. gasolina - vaso - esplêndido.

16. Marque a única palavra que se escreve sem o h:
- a. omeopatia.
- b. umidade.
- c. umor.
- d. erdeiro.
- e. iena.

17. (CFS/95) Assinalar o par de palavras parônimas:
- a. céu - seu
- b. paço - passo
- c. eminente - evidente
- d. descrição – discrição

18. (CFS/95) Assinalar a alternativa em que todas as palavras devem ser escritas com "j".
- a. __irau, __ibóia, __egue
- b. gor__eio, privilé__io, pa__em
- c. ma__estoso, __esto, __enipapo
- d. here__e, tre__eito, berin__ela

19. (CFC/95) Assinalar a alternativa que preenche corretamente as lacunas do seguinte período: "Em _____ plenária, estudou-se a _____ de terras a _____ japoneses."

a. seção - cessão - emigrantes
b. cessão - sessão - imigrantes
c. sessão - secção - emigrantes
d. sessão - cessão – imigrantes

20. (CFC/95) Assinalar a alternativa que apresenta um erro de ortografia:

a. enxofre, exceção, ascensão
b. abóbada, asterisco, assunção
c. despender, previlégio, economizar
d. adivinhar, prazerosamente, beneficente

21. (CFC/95) Assinalar a alternativa que contém um erro de ortografia:

a. beleza, duquesa, francesa
b. estrupar, pretensioso, deslizar
c. esplêndido, meteorologia, hesitar
d. cabeleireiro, consciencioso, manteigueira

22. (CFC/96) Assinalar a alternativa correta quanto à grafia das palavras:

a. atraz - ele trás
b. atrás - ele traz
c. atrás - ele trás
d. atraz - ele traz

23. (CFS/96) Assinalar a palavra graficamente correta:

a. bandeija
b. mendingo
c. irrequieto
d. carangueijo

24. (CESD/97) Assinalar a alternativa que completa as lacunas da frase abaixo, na ordem em que aparecem. "O Brasil de hoje é diferente, _____ os ideais de uma sociedade _____ justa ainda permanecem".

a. mas - mas
b. mais - mas
c. mas - mais
d. mais – mais

25. (CESD/98) Cauda/rabo, calda/açúcar derretido para doce. São, portanto, palavras homônimas. Associe as duas colunas e assinale a alternativa com a seqüência correta.

1) conserto ( ) valor pago
2) concerto ( ) juízo claro
3) censo ( ) reparo
4) senso ( ) estatística
5) taxa ( ) pequeno prego
6) tacha ( ) apresentação musical

a. 5-4-1-3-6-2
b. 5-3-2-1-6-4
c. 4-2-6-1-3-5
d. 1-4-6-5-2-3

26. (CFC/98) Assinalar o par de palavras antônimas:

a. pavor - pânico
b. pânico - susto
c. dignidade - indecoro
d. dignidade - integridade

27. (CFS/97) O antônimo para a expressão "época de estiagem" é:

a. tempo quente
b. tempo de ventania
c. estação chuvosa
d. estação florida

GABARITO

QUESTÃO 1

1. Mal
2. Mal
3. Mau
4. Mal
5. Mal
6. Mal
7. Mal
8. Mal
9. Mal
10. Mau
11. Mal
12. Mau
13. Mal
14. Mal
15. Mal
16. Mal
17. Mal
18. Mal
19. Mal
20. Mau

QUESTÃO 2

1. b
2. e
3. e
4. e
5. c

QUESTÃO 3

1. mal
2. Mal
3. Mau
4. Senão
5. Senão.
6. senão
7. Se não.
8. demais
9. Demais
10. de mais
11. Aonde
12. onde
13. mas
14. mais
15. mais
16. há
17. a

QUESTÃO 4

1. a
2. a
3. c
4. d
5. d
6. d
7. c
8. d
9. b
10. d
11. e
12. b
13. e
14. e
15. a
16. e
17. b
18. d
19. a
20. d
21. c
22. b
23. b
24. c
25. c
26. a
27. c
28. c

CLÁUDIO MORENO

NOVA ORTOGRAFIA

guia prático do português correto

vol. 4

para gostar de aprender

PONTUAÇÃO

PRINCÍPIOS GERAIS

PONTUAÇÃO INTERNA

PONTUAÇÃO FINAL

para gostar de aprender

L&PM POCKET

para gostar de aprender

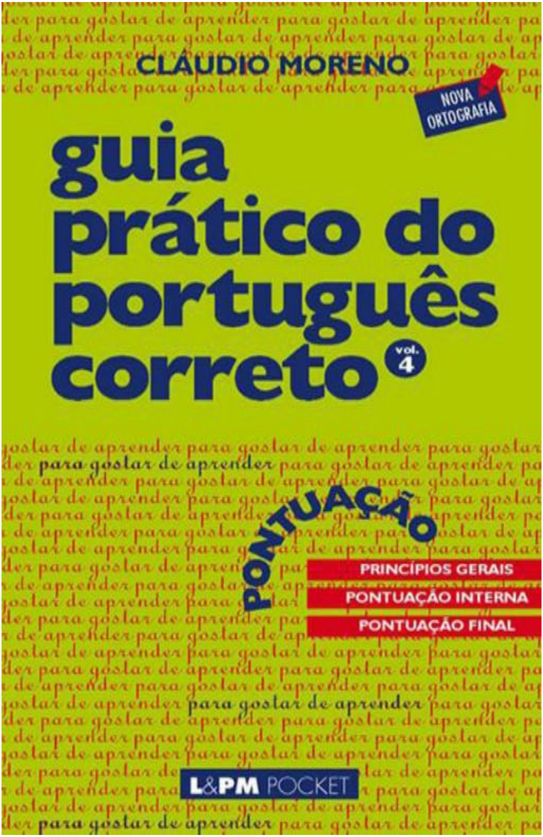

CLÁUDIO MORENO

NOVA ORTOGRAFIA

guia prático do português correto

vol. 4

para gostar de aprender

PONTUAÇÃO

PRINCÍPIOS GERAIS

PONTUAÇÃO INTERNA

PONTUAÇÃO FINAL

para gostar de aprender

L&PM POCKET

para gostar de aprender

CLÁUDIO MORENO

guia prático do português correto

vol. 4

para gostar de aprender

PONTUAÇÃO

PRINCÍPIOS GERAIS
PONTUAÇÃO INTERNA
PONTUAÇÃO FINAL

www.lpm.com.br
L&PM POCKET

À memória de Joaquim Moreno, meu pai,
e de Celso Pedro Luft, mestre e amigo.

Pontuação são uns risquinhos, ou pontos, com que se apartam entre si as palavras,
e mostram que casta de sentido fazem.
Jerônimo Contador de Argote
Regras da língua portuguesa, espelho da língua latina (1725)

Apresentação

Este livro é a narrativa de minha volta para casa – ou, ao menos, para essa casa especial que é a língua que falamos. Assim como, muito tempo depois, voltamos a visitar o lar em que passamos nossos primeiros anos – agora mais velhos e mais sábios –, trato de revisitar aquelas regras que aprendi quando pequeno, na escola, com todos aqueles detalhes que nem eu nem meus professores entendíamos muito bem.

Quando, há quase dez anos, criei minha página sobre o Português (www.sualingua.com.br), percebi, com surpresa, que os leitores que me escrevem continuam a ter as mesmas dúvidas e hesitações que eu tinha quando saí do colégio nos turbulentos anos 60. As perguntas que me fazem são as mesmas que eu fazia, quando ainda não tinha toda esta experiência e formação que acumulei ao longo de trinta anos, que me permitem enxergar bem mais claro o desenho da delicada tapeçaria que é a Língua Portuguesa. Por isso, quando respondo a um leitor, faço-o com prazer e entusiasmo, pois sinto que, no fundo, estou respondendo a mim mesmo, àquele jovem idealista e cheio de interrogações que resolveu dedicar sua vida ao estudo do idioma.

Por essa mesma razão, este livro, da primeira à última linha, foi escrito no tom de quem conversa com alguém que gosta de sua língua e está interessado em entendê-la. Este interlocutor é você, meu caro leitor, e também todos aqueles que enviaram as perguntas que compõem este volume, reproduzidas na íntegra para dar mais sentido às respostas. Cada unidade está dividida em três níveis: primeiro, vem uma explicação dos princípios mais gerais que você deve conhecer para aproveitar melhor a leitura; em seguida, as perguntas mais significativas, com discussão detalhada; finalmente, uma série de perguntas curtas, pontuais, acompanhadas da respectiva resposta.

Devido à extensão do material, decidimos dividi-lo em quatro volumes. O primeiro reúne questões sobre **Ortografia** (emprego das letras, acentuação, emprego do hífen e pronúncia correta). O segundo, questões sobre **Morfologia** (flexão dos substantivos e adjetivos, conjugação verbal, formação de novas palavras). O terceiro, questões sobre **Sintaxe** (regência, concordância, crase, etc.). O quarto, finalmente, é totalmente dedicado à **Pontuação**.

Sempre que, para fins de análise ou de comparação, foi preciso escrever uma forma **errada**, ela foi antecedida de um **asterisco**, segundo a praxe de todos os modernos trabalhos em Linguística (por exemplo, "o dicionário registra **obcecado**, e não ***obscecado** ou ***obsecado**"). O que vier indicado entre duas barras inclinadas refere-se exclusivamente à pronúncia e não pode ser considerado como uma indicação da forma correta de grafia (por exemplo: **afta**

vira, na fala, **/á-fi-ta/**).

Cláudio Moreno, 2010

Falar e escrever

A escrita é muito mais pobre que a fala

A relação entre quem fala e quem ouve é muito mais simples que a relação entre quem escreve e quem lê. Quando falamos, somos mais facilmente entendidos do que quando escrevemos, porque, junto com as palavras pronunciadas, fornecemos também a nosso ouvinte várias indicações de como ele deve processar o que estamos dizendo. A entonação, o ritmo, as pausas que fazemos, além de nossos gestos e de nossas expressões faciais, servem, na verdade, como uma espécie de manual de instruções sobre como esperamos ser compreendidos.

Além disso, a presença do ouvinte também contribui em muito para o sucesso de nossa comunicação, pois ele emite sinais de que está acompanhando nosso discurso ou de que algo não está lhe parecendo muito claro, dando-nos, assim, a oportunidade de refazer ou reforçar o que estávamos dizendo.

Na escrita, nada disso existe. O leitor está sozinho diante daquilo que escrevemos. Nosso texto, ao contrário de nossa voz, não vem carregado das ênfases ou das sutilezas de tom que fazem parte da fala. Ele se materializa apenas como letras e sinais que distribuímos organizadamente no branco do papel, na esperança de que o leitor possa compreender o que pensamos ter escrito.

1 – O leitor colabora

É por isso que a leitura jamais será uma atividade passiva, pois precisamos colaborar no esforço de extrair o significado do texto. Para compreender uma frase, colocamos em ação o nosso mecanismo de processamento de linguagem; em geral, escolhemos um dos caminhos a que estamos habituados e vamos percorrê-lo até perceber que não há saída – isto é, até perceber que nossa escolha foi equivocada. Quando (e se) isso chegar a ocorrer, nós – que, como todo leitor, somos solidários com o autor – trataremos de refazer o caminho do ponto em que tinha começado o equívoco. Veja a frase abaixo:

> (1) **Enquanto ele fotografava o macaco derrubou o tripé com a cauda**.

Nossa primeira tendência é considerar "**enquanto ele fotografava o macaco"** como um segmento unitário:

> (2) **[Enquanto ele fotografava o macaco]** derrubou o tripé com a cauda.

No entanto, ao prosseguir na leitura, percebemos que **macaco** não é o complemento de **fotografar**, mas sim o sujeito de **derrubou**; voltamos atrás e

refazemos, então, a leitura, desta vez na forma correta:

> (3) **[Enquanto ele fotografava]** o macaco derrubou o tripé com a cauda.

Todo esse trabalho seria evitado se o autor já tivesse usado uma vírgula para sinalizar a segmentação correta:

> (4) Enquanto ele fotografava, o macaco derrubou o tripé com a cauda.

Precisamos admitir que a presença de elementos como **macaco** e **cauda** nos permitiria entender a frase mesmo que ela estivesse sem pontuação – ou, o que é ainda pior, mesmo que estivesse com pontuação errada –, mas fica claro que a presença da vírgula no local adequado tornou a leitura muito mais **rápida** e mais **fluida**, exigindo menos esforço de processamento. Esta é, como veremos, a única (e preciosa) função dos sinais de pontuação: **orientar o leitor para a melhor maneira de percorrer os textos que escrevemos**.

Embora sejam poucos os brasileiros que estão preocupados com a pontuação – como você, que lê este livro –, ela exerce uma inegável influência no momento da leitura. As pessoas podem não saber muito bem onde ou por que empregar as vírgulas, mas vão perceber a diferença se o texto estiver (ou não) bem pontuado.

2 – O texto é uma estrada a percorrer

Nada é mais parecido com a pontuação do que o sistema de sinalização de uma estrada. Imagine, caro leitor, que deram a você a incumbência de sinalizar uma estrada novinha em folha, ainda sem uso. Por enquanto, ela é apenas uma extensa faixa de asfalto liso, sem manchas ou buracos, que vai de um ponto a outro do estado; quando for inaugurada, no entanto, deverá estar completa, com as faixas pintadas no seu leito e com todos os sinais e placas necessários espalhados ao longo da via. Então você a percorre várias vezes, nos dois sentidos, estudando-a com cuidado, assinalando em sua planilha todos os pontos que lhe parecem significativos. Você sabe que a tarefa que lhe deram é vital para o motorista que vai passar por ali, pois é através da sinalização que a estrada fala com ele, avisando-o de tudo aquilo que ele precisa saber para fazer uma viagem segura (aliás, este é o principal motivo pelo qual as autoridades de trânsito exigem que o condutor seja alfabetizado: ele precisa **ler** o que a estrada tem a dizer).

Vamos supor – já que estamos fazendo um exercício de imaginação – que você então apresente a seu supervisor a planilha em que marcou os pontos em que pretende colocar cada sinal de trânsito. “Por que estas quatro placas tão próximas?”, pergunta ele, apontando para determinado trecho. Como você fez um exame minucioso da estrada, pode justificar sua decisão: “Aqui há uma forte curva para a direita, mas eu não notei que o ângulo era tão acentuado até entrar

nela; se eu não estivesse rodando devagar, não teria conseguido controlar o carro! Acho que o motorista deve ser avisado bem antes, com tempo suficiente para diminuir a velocidade e se preparar para a manobra. É muito perigosa, e por isso vamos colocar quatro placas indicativas, de 100 em 100 metros, antes daquela que assinala ponto exato em que a curva inicia". "E uma só não basta?". Você é taxativo na resposta: "Não; não podemos correr o risco de que um motorista distraído deixe de receber esta mensagem ou não lhe dê a atenção que ela merece; quem entrar naquela curva na velocidade normal da estrada vai fatalmente rolar barranco abaixo".

Se você for justificando, uma a uma, as placas que pretende colocar, vai perceber que elas obedecem a uma lógica muito simples: **tudo o que não for previsível para o motorista deverá ser assinalado ao longo do trajeto**. Você vai avisá-lo que existe, à frente, um estreitamento na faixa da direita, ou uma escola rural (com a natural movimentação de crianças na hora da entrada e da saída), ou um desnível entre a pista e o acostamento, ou um trecho que não oferece visibilidade suficiente para ultrapassagem, etc. Se você for um bom engenheiro de trânsito, vai, inclusive, **prever** possíveis reações dos condutores. É por isso que extensos trechos em linha reta, com ampla visibilidade, embora favoreçam uma rodagem extremamente segura, geralmente recebem dois tipos de placas: por um lado, as que lembram a velocidade máxima permitida; por outro, as que aconselham o condutor a descansar no acostamento em caso de sonolência.

Antes de liberar a estrada para o público, você pode pedir a dois ou três técnicos amigos que testem a sinalização que você concebeu; é possível que ainda seja necessário acrescentar mais alguma coisa. Por exemplo, você não tinha notado que determinado trecho fica escorregadio em dias de chuva, ou que, durante a semana, há trânsito intenso de caminhões no entroncamento da via principal com um desvio que leva a uma pedreira – e assim por diante. Quanto mais bem sinalizada a estrada, mais segura será a viagem.

Pois o texto, exatamente como a estrada, é uma linha que deve ser percorrida de um ponto a outro. Entre o leitor e o autor existe a mesma combinação tácita que existe entre o motorista e o construtor da estrada: "Vou ler o seu texto, mas, em troca, você não deixará de me avisar de tudo aquilo que eu preciso saber para ter sucesso nesta leitura". Quanto mais bem pontuada uma frase ou um texto, maiores as chances de que a mensagem seja entendida pelo leitor tal como o autor a idealizou. Aqui entram os sinais de pontuação, os quais, como você já terá percebido, equivalem às placas e aos sinais da rodovia e, como estes, devem ser usados também para assinalar tudo o que for inesperado ou imprevisível na estrutura normal de nossa língua. O princípio básico é cristalino:

Frase normal não tem vírgula;
frase que tem vírgula não é frase normal.

A pontuação assinala modificações introduzidas nos padrões normais da frase; por causa disso, jamais um sinal de pontuação poderá interromper um vínculo sintático essencial – ou seja, como explicava Celso Pedro Luft, jamais haverá pontuação separando o sujeito do verbo, o verbo de seus complementos, o termo regente do termo regido, o termo modificado do seu modificador.

3 – Como é a frase normal?

A frase normal da língua portuguesa segue preferencialmente o padrão S–V–O (Sujeito–Verbo–Objeto). Esta é a ordem presente na maior parte das frases que lemos ou ouvimos: primeiro o sujeito, depois o verbo e, por fim, o complemento. Estamos tão habituados a essa ordem que temos a tendência inconsciente a aplicá-la sempre que vamos ler uma frase escrita por outra pessoa.

Se atribuirmos números às posições sintáticas da frase normal, diríamos que o **sujeito** ocupa a casa 1, o **verbo** ocupa a casa 2, e a casa **3** é ocupada pelos **complementos** (objeto direto ou indireto) ou pelo **predicativo**. A partir dessas casas, podemos fazer uma classificação básica dos verbos de nosso idioma (note que os verbos intransitivos têm a casa 3 desocupada):

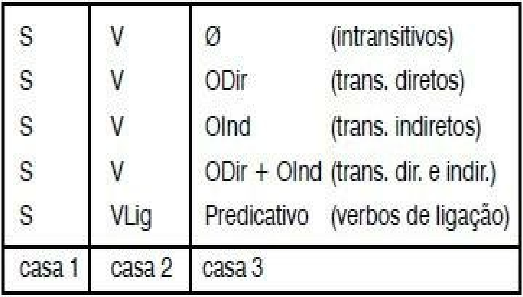

S	V	Ø	(intransitivos)
S	V	ODir	(trans. diretos)
S	V	OInd	(trans. indiretos)
S	V	ODir + OInd	(trans. dir. e indir.)
S	VLig	Predicativo	(verbos de ligação)
casa 1	casa 2	casa 3	

Além disso, qualquer uma dessas frases pode trazer no final – naquela que seria, portanto, a casa **4** – um ou vários **adjuntos adverbiais**, elementos que especificam as circunstâncias em que se dá a ação descrita na frase – geralmente o **tempo**, o **lugar** ou o **modo**:

> O menino esqueceu o casaco [no banco da praça].
>
> Todas as anotações desapareceram [misteriosamente].
>
> Você vai devolver a minha chave [agora mesmo].

Essa é a ordem canônica do Português escrito. Nós nos habituamos com essa ordem de tal maneira – seja escrevendo, seja lendo – que já nem mesmo temos consciência dela, assim como o peixe não percebe a água que o sustenta. Quando lemos o texto de outra pessoa, a tendência natural é aplicar o padrão sujeito–verbo–complemento nas frases que temos diante dos olhos – e esperamos que nos avisem, por meio da pontuação, cada vez que houver um desvio dessa ordem básica.

Examinemos uma frase normal, com verbo transitivo direto e indireto:

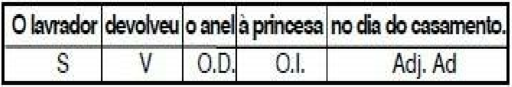

O lavrador	devolveu	o anel	à princesa	no dia do casamento.
S	V	O.D.	O.I.	Adj. Ad

Como o padrão frasal não sofreu alteração alguma, qualquer vírgula que pusermos nessa frase estará ERRADA. Pior ainda: este sinal inadequado vai perturbar a concentração do leitor, pois ele – como todos nós, aliás – está condicionado a levar a sério, em princípio, todos os sinais que o autor coloca no texto. O uso incorreto dos sinais de pontuação confunde o leitor e aos poucos o irrita; ninguém gosta de parar uma leitura e retroceder no texto para retomar o fio do raciocínio – especialmente se esta interrupção for causada por falta de cuidado do autor.

Agora, se intercalarmos qualquer elemento **entre** o sujeito e o verbo, ou **entre** o verbo e os seus complementos, as vírgulas começam a aparecer naturalmente:

> O lavrador, **meus amigos**, devolveu o anel mágico à princesa no dia do casamento.
>
> O lavrador devolveu, **você sabe**, o anel mágico à princesa no dia do

casamento.

Além da **intercalação**, outra anormalidade frequente em nossas frases é o simples **deslocamento**. No exemplo acima, o **adjunto adverbial** poderia ser deslocado, fazendo as vírgulas surgirem automaticamente:

> **No dia do casamento**, o lavrador devolveu o anel mágico à princesa.

4 – O leitor é que importa

Da Grécia antiga até hoje, numa jornada de dois mil e quinhentos anos, o Ocidente veio amadurecendo o sistema de pontuação que utilizamos. Para quê? Para fornecer ao leitor uma orientação segura de como pretendemos que ele interprete o que escrevemos e, ao mesmo tempo, deixar o texto balizado de tal modo que essa leitura seja feita com o menor esforço possível.

Jamais devemos esquecer, portanto, que os sinais que colocamos em nossos textos estão ali **para ser vistos pelos olhos do leitor**, para avisá-lo de alguma coisa. Se os colocarmos nos lugares adequados, vamos ajudar o destinatário a processar confortavelmente nossa mensagem e a extrair dela o significado que tínhamos em mente ao escrevê-la. É por isso que só pontuam bem aqueles que conseguem se colocar na mente de quem vai lê-los, isto é, aqueles que conseguem ler seu próprio texto com os olhos de outrem para se antecipar a suas possíveis dificuldades e hesitações. Esta é uma habilidade que se adquire com tempo e treinamento; se você ainda não a domina, use o antiquíssimo expediente de recorrer a um amigo, colega ou parente – em suma, um leitor real – que seja paciente e solidário o bastante para examinar o seu texto, mas sincero o suficiente para assinalar os pontos em que encontrou dificuldade.

Princípios gerais

A pontuação nos dicionários

Professor, o senhor afirmou, num artigo, que a função dos sinais de pontuação não é marcar as pausas da leitura. Como é que se explica que tanto o dicionário Aurélio quanto o Houaiss definam vírgula como um sinal que "marca pausas"? E aí? Por acaso o senhor sabe mais do que eles?

Aphonse G. – São Luís (MA)

Meu caro Aphonse, o fato de defender uma posição diferente da posição deles não significa qualquer pretensão de minha parte. Os dois dicionários que você menciona, especialmente o segundo, são exatamente as fontes em que todos os dias vou beber; estou tão acostumado a conviver com eles que não sei como poderia trabalhar se, para meu desamparo, algum feitiço maligno os fizesse desaparecer subitamente.

Isso não quer dizer, no entanto, que eu não discorde, aqui e ali, de certas opiniões que esses autores manifestam em seus dicionários quanto à grafia, à morfologia e à origem de algumas palavras. Nos três volumes anteriores do **Guia Prático**, você vai encontrar diversos exemplos dessas divergências, sempre fundamentadas, é claro, na prática dos bons escritores e na teoria defendida por outros grandes mestres do idioma.

A meu ver, o calcanhar de Aquiles desses dois excelentes dicionários é a **teoria gramatical** em que eles se baseiam, nem sempre em sintonia com os avanços já consolidados pelo mundo acadêmico. Dito sem maiores rodeios, Aurélio e Houaiss, embora brilhantes lexicólogos, não eram lá muito atualizados em Linguística, e somos obrigados a reconhecer que muitos de seus conceitos são antiquados. Em regência, ainda utilizam a classificação de verbo **bitransitivo**, abandonada desde 1958; na composição de palavras, não distinguem os compostos por formas **presas** (**telegrafia**, **sociologia**) dos compostos por formas **livres** (**tele-conferência**, **sócio-cultural**); na pontuação, como você percebeu, preferem alinhar-se com a antiga concepção que ligava os sinais a pausas, deixando de lado a teoria moderna de que esses sinais, na verdade, existem para

auxiliar o leitor a enxergar a articulação sintática do texto.

A vírgula não existe para marcar pausas

Professor, faz mais de quarenta anos que deixei a escola, mas sou agradecido aos padres que me ensinaram Português. Uso até hoje, com sucesso, os ensinamentos que me deram, mas na pontuação sempre dá alguma coisa errada. Sempre que escrevo, ainda tenho o hábito de ler a frase em voz alta mental e colocar vírgula onde faço as pausas, mas minha filha, que revisa todas as minhas cartas, diz que eu pontuo muito mal. Mudaram as regras que aprendi?

Agenor R. – Juiz de Fora (MG)

Meu caro Agenor, houve mais que uma simples mudança na regra; o que ocorreu foi uma mudança radical na concepção dos motivos para pontuar. A pontuação baseada nas pausas vem do tempo da Idade Média, quando o Ocidente ainda não havia introjetado o hábito da leitura silenciosa. Todos liam em **voz alta**, e os sinais de pontuação serviam, portanto, para marcar as pausas e as entonações. Para você ter uma ideia, em 1737, o tratado *Bibliotheca Technologica*, do erudito inglês Benjamin Martin, tenta ingenuamente fixar a duração dessas pausas: "A pausa da vírgula dura o tempo que você leva para dizer **um**. A do ponto-e-vírgula dura o tempo de contar até **dois**. A do dois-pontos, o tempo de contar até **três**; e a do ponto final, o tempo que você leva para contar até **quatro**". À medida que a leitura passou a ser silenciosa (e, por esse motivo, muito mais rápida), deixou de ser necessário fazer a marcação das pausas, liberando a pontuação para outra finalidade muito mais importante: facilitar ao leitor o reconhecimento instantâneo da estrutura sintática das frases. Ao pontuarmos um texto, estamos fornecendo indicações que vão permitir a nossos diferentes leitores percorrê-lo sem hesitações ou embaraços.

Se tomarmos um parágrafo pontuado de acordo com o antigo critério das pausas e o pontuarmos pelo critério moderno, vários sinais que estavam na versão antiga vão aparecer na nova versão – **mas não todos**. A pontuação antiga sempre vai ter algumas vírgulas **a mais**, o que é natural, já que nem todas as pausas que fazemos ao falar, a fim de separar os segmentos naturais da frase, serão assinaladas na escrita. Aposto que você terá de fazer no mínimo **duas pausas** para ler em voz alta a frase abaixo:

> O vizinho da casa defronte à minha ensaia intermináveis solos de saxofone no meio da madrugada.

No entanto, como você já deve ter pressentido, aqui não cabe vírgula alguma, já que ela tem a configuração típica da maioria das frases do Português: um sujeito ("O vizinho da casa defronte à minha"), um verbo ("ensaia") seguido de seu complemento ("solos de saxofone") e de um adjunto adverbial ("no meio da madrugada"). Se você recebeu uma boa base no colégio, como acredito, certamente lhe ensinaram análise sintática, o que vai facilitar muito sua passagem para o novo sistema.

Para que serve a pontuação?

> No começo, os sinais de pontuação tinham a função básica de assinalar as **pausas** recomendadas pelo autor. Nada mais lógico, se lembrarmos que, da Antiguidade Clássica até o fim da Idade Média, praticamente só se lia em voz alta; a leitura silenciosa era quase desconhecida e, como se vê em comédias gregas e romanas, considerada um hábito de malucos e excêntricos. A partir do Renascimento, contudo, com a invenção e a popularização da imprensa, os hábitos do leitor mudaram radicalmente: ele passou a ler apenas com os olhos e com o cérebro, aumentando espantosamente a velocidade com que podia percorrer as linhas e as páginas. O treinamento escolar passou a dar ênfase absoluta para essa leitura internalizada, tornando a leitura em voz alta uma habilidade especializada, dominada por poucos. Nesse novo cenário, era natural que também a pontuação recebesse uma nova função: a de assinalar, para o leitor, **os momentos em que a estrutura da frase se afasta da ordem a que todos nós estamos habituados**.
>
> Hoje ainda persiste a ideia – totalmente equivocada – de que as pausas da fala são assinaladas, na escrita, pelos sinais de pontuação. Basta ver a descrição que nossos melhores dicionários fazem dos sinais de pontuação (o *Houaiss*, por exemplo, define o ponto-e-vírgula como "sinal de pontuação que indica pausa mais forte que a da vírgula e menos que a do ponto"!).
>
> É verdade que, ao lermos um texto em voz alta, teremos de fazer pausas ao encontrarmos os sinais de pontuação; contudo, o **inverso não é verdadeiro**: nem todas as pausas que fizermos na leitura terão, na escrita, seus sinais correspondentes. Colocado em termos formais, podemos afirmar que não há correspondência exata entre os sinais de

pontuação e as pausas da leitura, porque **todo sinal implica uma pausa, mas nem toda pausa tem o seu sinal correspondente.**

[Extraído de Português para Convencer, de Cláudio Moreno e Túlio Martins. São Paulo, Ática, 2006.]

Vírgula com sujeito posposto

Prezado professor: em frases como "informa aquela seção que" e "deixa claro tal dispositivo legal que", é desnecessário, opcional ou obrigatório destacar o sujeito por vírgulas, já que está posposto ao verbo?

Gustavo E. – Maceió

Meu caro Gustavo: na pontuação moderna, usada em quase todos os países do Ocidente, não se assinala com vírgula a posposição do sujeito ao verbo, já que essa é a segunda posição natural que ele costuma ocupar na frase. A pontuação só vai ser necessária quando houver deslocamentos e intercalações mais radicais (adjuntos adverbiais deslocados, vocativos, etc.). Nos exemplos enviados por você, essa vírgula não é **desnecessária**, nem **opcional**, nem **obrigatória**: ela é totalmente **desaconselhável**.

Vírgula com sujeito posposto – o retorno

Olá, professor Moreno! Na resposta a um leitor de nome Gustavo [ver pergunta anterior], o senhor observou que não é necessário assinalar com vírgula a posposição do sujeito ao verbo, já que essa é a segunda posição natural desse termo, e que só precisamos pontuar quando houver deslocamentos e intercalações mais radicais, como é o caso de um vocativo ou de um adjunto

adverbial deslocado. Minha pergunta é a seguinte: por que o sujeito colocado à direita do verbo (fora, portanto, de sua posição habitual, que seria no início do período) não é isolado por vírgula em construções em que a frase se torna ambígua? Para ver a diferença, basta comparar "Por que atacam os iraquianos?" e "Por que atacam, os iraquianos?". O que o senhor tem a dizer?

Denis R. – Pelotas (RS)

Meu caro Denis, sua pergunta revela que você ainda está no grupo (numerosíssimo, aliás) dos que pensam que as regras de **pontuação** têm o mesmo caráter das regras de **acentuação**, por exemplo. Pois, acredite, são coisas muito diferentes. Como já expliquei no *Guia Prático 1*, a **acentuação** é pão, pão; queijo, queijo: o sistema define, de forma clara, as condições para que determinados tipos de vocábulos recebam acento gráfico, e essas regras valem para os vocábulos que já existem e para os que ainda não foram criados, sem choro e sem exceção. A **pontuação** é diferente: em vez de **regras**, ela tem um **princípio** fundamental – ajudar o leitor a processar rápida e corretamente o que está escrito –, e dele decorre uma série de procedimentos que a prática (não uma comissão de acadêmicos ou de gramáticos) veio refinando ao longo dos séculos.

Como os **sinais** existem para **assinalar** alguma coisa (não pode haver etimologia mais transparente!), só devemos usá-los nos locais em que o leitor precisa ser avisado de que algo diferente está acontecendo. Com isso, evitamos que ele perca o fio da meada e asseguramos que ele faça uma viagem confortável ao longo de nosso texto – o que só virá em nosso benefício, já que é para isso que escrevemos. Quanto mais segura for a nossa pontuação, mais aumentará a confiança que o leitor deposita em nós, e mais fluente e prazerosa será sua leitura. Por outro lado, se começarmos a assinalar o que não é necessário, deixaremos o leitor inseguro, levando-o a desconfiar de todos as nossas vírgulas, mesmo as que estão corretas.

É por causa disso que não separamos por vírgula os elementos que estão vinculados sintaticamente. Uma vírgula entre o **sujeito** e o seu **verbo**, ou entre o **verbo** e o seu **complemento**, é considerada **errada** porque essas são sequências naturais de nossa língua que não devem ser interrompidas por pontuação alguma. Um sinal colocado nesses lugares é semelhante a um rebate falso, que só serve para atrapalhar o leitor e desviar sua atenção, fazendo-o perder tempo em analisar a frase para ver se descobre o que a vírgula estaria sugerindo.

Como você já deve ter percebido, todos esses cuidados fazem parte de um verdadeiro jogo de sedução que se estabelece entre aquele que deseja ser lido e o seu possível leitor. No entanto, devemos estar prontos a abandonar tudo isso quando pressentirmos que o **sentido** do texto, que é sua única razão de existir, está sendo ameaçado. Nada é mais importante do que ele; é um valor que deve ser

preservado acima de qualquer outro. Este é um daqueles casos em que, como diz Camões, "outro valor mais alto se alevanta" – ou seja, deixamos de lado o princípio geral da pontuação e vamos atender a emergência. A vírgula colocada em "Por que atacam, os iraquianos?" é a única garantia de que não vamos tomar **iraquianos** por um objeto direto, e deve ficar onde está, mesmo que esteja separando o sujeito posposto. Os que não gostarem do efeito devem, então, mudar a ordem da frase para "Por que os iraquianos atacam?" – como, aliás, eu faria e recomendaria que todos fizessem o mesmo.

A pontuação nos escritores

Professor, estou lendo o livro Ensaio Sobre a Lucidez, de José Saramago. É o quinto livro que leio do autor e penso que sua maneira de escrever é no mínimo curiosa. Não imagino que ele escreva de modo "errado"; jamais poderia afirmar isso e penso que, mesmo não utilizando os pontos de exclamação, interrogação, travessões, e pouco utilizando o ponto final, seus textos são completamente compreensíveis e o estilo certamente me causa extremo prazer. Apenas gostaria de saber as suas considerações sobre o texto dele, mais especificamente sobre a pontuação.

Luiz Henrique T. – Canoas (RS)

Meu caro Luiz, Jorge Luis Borges já expressou, há muito tempo, o que penso sobre isso: o Ocidente precisou de mais de dois mil anos para chegar a um sistema de pontuação coerente e universal; contrariá-lo, como faz Saramago, representa uma involução desnecessária e sem sentido. É claro que os poetas muitas vezes subvertem a pontuação e a estrutura para obter alguma vantagem expressiva com isso – no que estão cobertos de razão. Agora, o que a prosa de Saramago ganha com essa pretensa "inovação"? Nada que a justifique. Eu me arrisco a dizer, inclusive, que podemos apreciá-lo **apesar** (e não "por causa") da pontuação que emprega.

A bem da justiça, friso que ele não foi o primeiro (nem será, infelizmente, o último) a se afastar da pontuação tradicional. Alguns escritores acreditam, ao que parece, que essa atitude de "rebeldia pontuacional" vai acrescentar uma força maior à linguagem com que se exprimem. Esquecem que a pontuação atualmente consagrada é um sistema muito útil e eficiente, que foi aperfeiçoado

e polido pela interação dos escritores e dos leitores de todos os pontos do Ocidente, ao longo de muitos séculos – e que na base de toda essa construção está o pressuposto essencial de que os sinais só têm utilidade quando os dois lados envolvidos no processo (quem escreve e quem lê) atribuem a eles o mesmo valor.

Compreendo que você não queira imaginar que ele escreva “errado”, mas espero que isso não o leve a pensar que ele sempre escreve “certo”. Ele não é um mestre do idioma, como Camilo, Fernando Pessoa, Manuel Bandeira ou Drummond; na verdade, a cultura linguística do nosso prêmio Nobel nunca teve nada de excepcional, se você quer saber. De vez em quando, para me certificar de que não estou cego para as qualidades da obra de um autor aplaudido por tantos, leio uma página do Eça e depois leio uma página dele (ou ao contrário, tanto faz): a comparação, até agora, sempre foi constrangedora.

Como posso indicar uma pausa na fala?

Qual o sinal gráfico que devemos utilizar para indicar que existe uma pausa na conversa de alguém? Por exemplo, como indicar que uma pessoa começou a falar de um assunto, fez uma pausa e, em seguida, voltou a falar de novo, possivelmente em outro tema? Posso usar (...), isto é, reticências entre parênteses?

André Vieira – Juazeiro (CE)

Prezado André: já não se defende, tecnicamente, a ideia de que os sinais de pontuação existem para indicar pausas. Hoje eles são vistos como poderosos auxiliares sintáticos; sua função é assegurar que meu leitor vá reconhecer, sem sobressaltos, a sintaxe da frase que escrevi. Para indicar pausas em diálogos, os escritores fazem de tudo um pouco, já que a linguagem escrita é paupérrima – quase impotente, dizem alguns – para reproduzir as pausas, entonações, hesitações, mudanças de tom, de timbre, etc., que a fala usa com tanta riqueza. Alguns simplesmente incluem a pausa na própria narração:

> “Blá, blá, blá.” **Pausa**. “Blé, blé, blé.”
>
> “Blá, blá, blá.” **Fulano fez uma pausa, enquanto olhava pela janela.** Continuou: “Blé, blé, blé.”

Alguns autores usam **reticências** para esse fim, mas sempre há o risco de que o leitor as tome como indicadores de ironia, hesitação ou embaraço. No exemplo abaixo, de Machado de Assis, não há dúvida de que as reticências no final da primeira frase assinalam a interrupção da fala do personagem; na segunda, contudo, a interpretação fica em aberto:

> – Abandoná-lo ao desprezo, porque o senhor é um...
>
> – Um... quê?

Outros preferem intercalar detalhes que dão ao leitor a sensação de que a pausa ocorreu:

> “Blá, blá, blá.” **Fulano parou, nervoso, procurando as palavras mais adequadas. Já fazia muito tempo que eles não se viam**. “Blé, blé, blé.”
>
> “Blá, blá, blá.” “Blé, blé, blé.” **Seu interlocutor olhava-o, incrédulo. O que significaria aquela pausa entre o último “blá”, tão sofrido, e o primeiro** “**blé**”**?**

Em situações especiais, como depoimentos, registros de experiências, entrevistas psicológicas, etc. – textos em que é fundamental a descrição detalhada tanto do QUE foi dito quanto de COMO foi dito –, parte-se então para o explícito, sem maiores escrúpulos:

> “Blá, blá, blá.” [**o paciente para de falar por alguns segundos e olha a parede; em seguida, recomeça, no mesmo tom, embora mude radicalmente o assunto**] “Blé, blé, blé.”

Como você pode ver, André, cada um se defende como pode. A tarefa é inglória, dada a descomunal diferença que existe entre a riqueza da fala e a relativa pobreza da escrita. Quanto às reticências entre parênteses, reserve-as para indicar, numa citação, que houve o corte de alguma parte do texto original.

Vírgula depois de sujeito oracional

Existe algum caso na língua portuguesa em que se separa o SUJEITO do PREDICADO por vírgula? Vejo esse erro com frequência, até

mesmo em veículos da grande imprensa; sempre achei que se tratava de um equívoco, mas fiquei em dúvida quando li a seguinte frase em um artigo escrito pelo senhor sobre os nomes dos países latino-americanos: "Só sei que naquela época esta era a regra do jogo – quem domina e coloniza, dá o nome". "Quem domina e coloniza" e "dá o nome" não são, respectivamente, SUJEITO e PREDICADO da frase?

Guilherme Netto – Paris (França)

Sim, Guilherme, está correta sua análise da frase que escrevi, assim como também é verdade que não se deve colocar, na pontuação moderna, uma vírgula entre o sujeito e o predicado. No entanto, como já frisei várias vezes, esta regra de pontuação é mais um **conselho** do que uma **regra** propriamente dita. Ela não tem, como as regras de **acentuação**, aquela obrigatoriedade que não admite divergências, e haverá casos, como este, em que é necessário (ou aconselhável) contrariá-la deliberadamente a fim de tornar a leitura mais fluente.

O princípio geral é muito simples: como devemos reservar a vírgula para assinalar tudo aquilo que foge à normalidade sintática, é evidente que não há razão para separar o sujeito do verbo, nem o verbo de seu complemento, já que esta é a ordem canônica da frase no Português. Todavia, quando o sujeito for **oracional** (representado por uma oração subordinada **substantiva**), os bons escritores empregam, muitas vezes, uma vírgula para assinalar com maior clareza o fim do bloco do sujeito. Em Machado encontramos tanto exemplos **sem** vírgula ("**Quem não viu aquilo** não viu nada"; "**Quem for mãe** que lhe atire a primeira pedra") quanto **com** vírgula ("**Quem perde uma das metades**, perde naturalmente metade da existência"; "**Quem viesse pelo lado do mar**, veria as costas do palácio, os jardins e os lagos..."; "**Quem morreu**, morreu"). Um excelente exemplo pode ser encontrado em Vieira: "...ninguém se atreva a negar que **tudo quanto houve**, passou, e **tudo quanto é**, passa". Não podemos negar que a vírgula que foi empregada nos exemplos acima apenas veio **facilitar** o trabalho de processamento da frase; se ela fosse inadequada, ocorreria o efeito oposto. Foi certamente por isso que os nossos literatos sempre consideraram **facultativa** a vírgula nesta posição.

Num breve passeio pelo mundo dos provérbios portugueses, há muitos exemplos em que esta vírgula, embora possível, pode ser dispensada: "Quem avisa amigo é"; "Quem bate no cão bate no dono"; "Quem dá o mal dá o remédio"; "Quem quer o fim quer os meios", "Quem não deve não teme". Ela passa a ser muito **útil**, no entanto, nos casos de construção paralela, em que o verbo da oração substantiva é seguido imediatamente pelo verbo da oração principal: "Quem quer, faz; quem não quer, manda". "Quem sabe, faz; quem não sabe, ensina". "Quem procura, acha; quem guarda, sempre tem". "Quem não faz, leva".

Agora, se o verbo for **idêntico** nas duas orações, esta vírgula passa a ser **indispensável**: "Quem deu, dará; quem pediu, pedirá". "Quem vai, vai; quem fica, fica". "Quem sabe, sabe". "Quem pode, pode" – isso sem falar naqueles casos em que a forma verbal pode se confundir com um **substantivo** homógrafo, criando-se uma ambiguidade que a vírgula desfaz imediatamente: "Quem quiser, **peça**"; "Quem ama, **cobra**"; "Quem teme, **ameaça**"; "Quem deseja, **casa**" (não se trata de alguém que "quer peça", ou "ama cobra", ou "teme ameaça", ou "deseja casa").

Aqueles que protestam contra essa flexibilidade demonstram que não compreenderam que a razão de ser da pontuação é o **leitor**. Não se trata, aqui, de voltar àquela antiga visão de pontuação subjetiva, submetida ao simples capricho de quem escreve; bem pelo contrário: a finalidade exclusiva dos sinais de pontuação é **orientar o leitor no trabalho de decodificar as frases que escrevemos**. Tudo que contribuir para isso será bem-vindo (e vice-versa).

Separar o sujeito do predicado?

Caro prof. Cláudio Moreno, a regra que proíbe a vírgula entre sujeito e predicado não tem exceção? Por exemplo, em A vida é sonho, de Calderón de la Barca, lemos, no original: "La vida es sueño, e sueños, sueños son" (em Português, "e sonhos, sonhos são"). Aquela vírgula depois de sonhos não teria aí a função de uma pausa estilística, de realce? Ou aquela regra não admite nunca exceção? Desde já agradecido!

Bruno C. – São Paulo

Caro Bruno, não existe uma regra que **proíba** a vírgula entre o sujeito e o predicado, mas sim uma **recomendação** veemente por parte dos professores e gramáticos de todo o país. Como a escola, por sua participação fundamental na engenharia da sociedade, precisa atingir o maior número de corações e mentes, sempre procurou inculcar em seus alunos os princípios que são aplicáveis à maioria das situações. As regras que nossas professoras nos ensinaram para escrever bem e corretamente não resistem a um exame mais aprofundado sob a luz da moderna teoria linguística; na verdade, não passam de **conselhos** práticos que devem ter sido úteis a milhões de estudantes brasileiros, mas que não podem

ser tomados ao pé da letra, com o rigor que alguns pretendem atribuir a eles.

Por exemplo, naquelas redações brevíssimas (quinze, vinte linhas) que fazíamos na escola primária, a **repetição** de um vocábulo era considerada inaceitável por meus mestres – no que estavam certos, se levarmos em consideração a exiguidade dos nossos textos de então. Isso, no entanto, não justifica que, trinta ou quarenta anos depois, um marmanjo ainda considere a repetição um pecado mortal, obrigando-se a fazer mil rodeios para não usar várias vezes um mesmo vocábulo num artigo científico ou numa bula de remédio. Hoje eu sei que a qualidade mais valiosa de qualquer texto é a sua **clareza** e não hesito em repetir um vocábulo tantas vezes quanto julgar necessário para alcançar esse objetivo – mesmo que me lembre, cada vez que faço isso, da voz da minha professora, que já deve estar há muito tempo ao lado direito do Senhor, corrigindo a gramática dos anjos.

Assim também é essa pregação incessante contra pôr uma vírgula entre o sujeito e o predicado. **Não é uma regra**, como já disse, **nem tem valor absoluto**, como você mesmo percebeu no belíssimo exemplo do Calderón. Basta comparar a versão com vírgula – "**E sonhos, sonhos são**" – com a versão que seria, segundo alguns, a "correta" – "**E sonhos sonhos são**" – para ver que aquela vírgula é **decisiva** para a imediata compreensão do verso por parte do leitor.

Vírgula entre o sujeito e o verbo?

Professor Claúdio, nunca tive maiores problemas com a pontuação; no entanto, em uma reunião de professores na minha escola surgiu uma grande discussão quanto aos dizeres de um projeto de valorização da leitura que vamos desenvolver e divulgar. O texto diz assim: "A pessoa que não lê mal ouve, mal fala, mal vê". No meu entender, ficou faltando uma vírgula depois entre lê e mal, porém outros professores discordaram, alegando que não se separa o sujeito do predicado com vírgula. Assim, gostaria imensamente de saber sua opinião a respeito para que possamos divulgar o texto corretamente. Grata.

Liliane C.

Prezada Liliane, aqui é exatamente onde bate o ponto: as regras de pontuação não passam de convenções (ou, quem sabe, meros conselhos?) que foram estabelecidas pelo consenso invisível de todos aqueles que escrevem. Os sinais de

pontuação estão ali para que o **leitor** os veja; esta é, na verdade, a única razão para que eu os utilize: orientar o leitor, sinalizando para ele a interpretação que eu gostaria que ele extraísse do meu texto.

Quem escreve quer ser compreendido por quem vai lê-lo – e foi essa preocupação que nos levou a desenvolver, ao longo de dois mil anos, esse sistema de sinais que todo o Ocidente utiliza. Se para isso tivermos de contrariar uma dessas "regras", devemos fazê-lo sem medo e sem remorso, porque muito pior seria deixar o texto ambíguo ou confuso para o leitor.

Todos conhecemos o princípio de que não se deve usar vírgula entre os elementos **inseparáveis** da frase – entre o sujeito e o verbo, entre o verbo e seu objeto, entre o núcleo do sintagma e seus elementos periféricos. Isso **não é uma proibição**, mas sim uma decorrência óbvia do princípio geral de que uma frase só vai receber vírgula quando algo de diferente ocorrer em sua estrutura. Como vimos, **as frases normais não têm vírgula; as frases que têm vírgula não são normais.**

Os colegas que discordaram de você certamente estavam fazendo valer o princípio geral de não separar o **sujeito** ("a pessoa que não lê") do resto da frase. Ora, este é um excelente exemplo do que afirmei acima: ou seguimos a "regra", e deixamos na frase uma mancha de óleo que fará muitos leitores escorregarem – entendendo "a pessoa que não LÊ MAL" –, ou colocamos ali uma vírgula redentora, que termina com qualquer risco e permite que todos os leitores, já na primeira leitura, extraiam da frase exatamente o que vocês pretendiam dizer: "A pessoa que não lê, MAL OUVE, mal fala, mal lê".

Por que cometem esse erro?

Professor, vou morrer sem entender por que tanta gente ainda insiste em colocar vírgula entre o SUJEITO e o VERBO! Parece ironia: a regra mais óbvia é exatamente a que é mais desrespeitada! Não ensinam mais essas coisas na escola?

Leocádio J. – Uberlândia (MG)

Meu caro Leocádio, posso assegurar que a escola não tem culpa nenhuma. Não é por falta de aviso que os brasileiros cometem esse erro, pois todo professor de Português que conheço vive combatendo essa vírgula com a pouca energia que

lhe resta. O segredo está, na verdade, na primeira parte da pergunta: por que alguém teria vontade de pôr uma vírgula bem naquele lugar?

A resposta é muito simples: o responsável por essa estranha mania foi o ensino da pontuação baseado nas **pausas**, que vigorou por muitos séculos e chegou, ao menos no Brasil, até a alegre década de 60, ainda no século XX. Já foi comprovada a espantosa influência que nossas primeiras professoras exercem sobre as crenças que teremos sobre a linguagem ao longo de nosso percurso para a Vida Eterna. Aquilo que ouvimos nas primeiras letras vai nos acompanhar pela vida afora – para o bem e para o mal –, e poucos são os que conseguem questionar os ensinamentos recebidos naquela tenra e feliz idade.

Ora, se perguntarmos a qualquer brasileiro onde fica a pausa mais acentuada da frase, ele vai apontar exatamente para aquele espaço privilegiado que separa o final do **bloco do sujeito** do início do **bloco do predicado**. Se você quiser testar, convença duas ou três pessoas a ler as frases abaixo em voz alta e preste atenção no local em que elas vão fazer uma pausa mais marcada:

> Os quatro jogadores da Seleção # chegaram ontem a Barcelona.
>
> O rato, o burro e o leão # resolveram firmar um pacto de amizade.

Posso apostar que todos os leitores farão a maior pausa bem onde eu pus o #. É evidente que não podemos pôr uma vírgula aí – mas são tantos os brasileiros que sucumbem a essa perigosa tentação que este é, sem dúvida, o nosso erro mais comum de pontuação. A culpa não é deles: formados que foram pela teoria que associava as **pausas** com os sinais de pontuação, acham muito natural pespegar ali aquela vírgula que todos condenamos – o que obriga os professores a lutar quotidianamente contra ela. Em outras palavras, é como se distribuíssemos caixas de fósforos a todos os macacos da floresta e passássemos o resto da vida a apagar os incêndios que nós mesmos provocamos.

Vírgula antes de "é"

Dileto professor, em um texto referente a uma promoção, escrevi "Para que possamos enviar seus prêmios, é necessário que você...". Um colega me corrigiu, alegando que (nas palavras dele) "exceto por algumas exceções, não utilizamos vírgula antes do verbo SER". Como a frase começa por uma oração adverbial deslocada, achei o uso da vírgula necessário ou, ao menos, facultativo.

Eu estou certo, ou existe aquela famigerada regra citada pelo colega? Muito obrigado.

Matheus M. – Porto Alegre

Meu caro Matheus, você não deve dar ouvido a esse intrometido; quem diz "**exceto** algumas **exceções**" (!) não está na posição de dar conselhos... Em pontuação não existem, em princípio, **regras negativas**, como essa que ele foi buscar no reino da carochinha. Dito de outra forma, não há palavras específicas que possam "repelir" ou "atrair" os sinais. Pode haver vírgula antes do verbo **ser**, depois do verbo **ser** e até mesmo **antes** e **depois** do verbo **ser** – tudo vai depender da estrutura da frase. Por exemplo:

(1) Para o público em geral, **É** importante... (antes)

(2) O culpado **É**, como sempre, o mordomo. (depois)

(3) O pior cenário, a meu ver, **É**, sem dúvida, a guerra civil. (antes e depois)

Note que, nos três exemplos, o verbo SER não é responsável pelos sinais de pontuação, que estão onde estão por razões estruturais. No terceiro, você pode perceber que a frase básica é "O pior cenário é a guerra civil"; as vírgulas estão ali por causa das duas intercalações que fizemos, "a meu ver" e "sem dúvida".

Curtas

Nem tudo a pontuação pode representar

Professor, tenho dificuldade de colocar no texto certos sentimentos que eu gostaria de expressar. Por exemplo, ao escrever um e-mail, gostaria que a destinatária percebesse que uma determinada frase que escrevi sobre ela está sendo "pronunciada" com um suspiro profundo. Posso indicar isso com colchetes ou parênteses?

Leonardo D.

Suspiro profundo? Não existe pontuação para representar isso, Leonardo. Não se esqueça jamais de que os sinais precisam ser decodificados pelo leitor, o que

restringe o seu uso a pouquíssimas situações consagradas. Nossa intenção não conta se o leitor não puder identificá-la. Portanto, você vai ter, neste caso, de expressar com palavras, não com pontuação, o que pretende transmitir.

Vírgula entre o sujeito e o verbo

> Flodoaldo Jr. gostaria de saber se está correta a pontuação da frase "O suor derramado em treinamento, poupará o sangue derramado em combate".

É uma frase normal, sem inversões ou intercalações. Portanto, para que a pontuação fique correta, basta tirar aquela vírgula que está separando o **sujeito** do **verbo**: "O suor derramado em treinamento poupará o sangue derramado em combate".

Vírgulas de um convite

> No rascunho do convite redigido por Maria constam os seguintes dizeres: "É com gratidão a Deus e alegria no coração que os filhos Ana, Denise e Cláudio convidam para a cerimônia de Bodas de Ouro de seus pais". Ela quer saber se há *vírgula* antes do *que* e antes de *convidam*.

Deixe exatamente assim como está, Maria; a única vírgula admissível é exatamente a que você pôs entre "Ana" e "Denise". Agora, se aceita uma sugestão, eu eliminaria "filhos", vocábulo que ficou redundante (o texto já especifica que se trata das bodas "de seus pais"...): "É com gratidão a Deus e alegria no coração que Ana, Denise e Cláudio convidam para a cerimônia de Bodas de Ouro de seus pais".

Vírgulas e pausas não coincidem

Professor, sempre tive dificuldade em entender o uso da vírgula. Faço pelo "achismo" mesmo, pois a única coisa que sei é que usamos a vírgula quando queremos dar uma pausa na fala – e isso nem sempre funciona.

Vânia C.

Minha cara Vânia, aviso-a, desde já, de algo muito importante: a vírgula e os demais sinais **nada têm a ver com as pausas da fala**. Essa teoria está ultrapassada e, como você mesma verificou, não produz bons efeitos. Releia o que escrevi acima na página 25, procure uma gramática que explique a pontuação baseada na **sintaxe**, e nunca mais terá problemas de "achismo".

Vírgula depois do nome de autores

Olá, Prof. Moreno! Em trabalhos científicos, costuma aparecer uma vírgula após o nome do autor nas referências feitas no próprio texto: "Vergara & Cardoso36, relatam que a retinite é a doença mais comum causada pelo CMV, sendo responsável por 85% dos casos". Por que muitos orientadores fazem questão que se use essa vírgula, se ela está nitidamente separando o sujeito do verbo?

Myuki H. – Guarulhos (SP)

Prezada Myuki, confesso que não consigo acompanhar o raciocínio desses orientadores. Por que cargas d'água alguém exigiria uma vírgula tão claramente supérflua? Sabemos que ali onde ela está – bem no lugar em que passa a linha que separa o bloco do sujeito do bloco do predicado –, costumamos fazer uma pausa bem marcada na fala, mas também sabemos que essa pausa não pode ser assinalada por vírgula, sob pena de interrompermos a ligação entre o sujeito e o seu verbo. Examinei com cuidado o exemplo, virei-o do avesso, raspei o texto com um canivetinho, para ver se não havia nada escondido, e nada! Por mais

que me esforce, não consigo encontrar uma razão para essa exigência descabida – descabida e perigosa, porque, dependendo da sequência da frase, pode sugerir ao leitor uma estrutura sintática diferente daquela que o autor tinha em mente. Se eu encontrasse, por exemplo, "Vergara & Cardoso, mostram os resultados da pesquisa...", aquela vírgula me faria supor, inicialmente, que seria dita alguma coisa sobre esses autores com base nos resultados de uma determinada pesquisa (algo como "Vergara & Cardoso, mostram os resultados da pesquisa, deixaram de registrar..."). Como não é disso que o texto trata, entro num beco sem saída e sou obrigado a voltar sobre meus passos. Por causa de uma vírgula infeliz como esta, tenho de refazer a leitura a fim de recuperar a verdadeira hierarquia sintática (**eles** é que são o sujeito do verbo **mostrar**); imagine o desastre que representa um erro desses repetido várias vezes ao longo do mesmo trabalho.

Água também é vida!

> Prof. Moreno, tenho uma dúvida urgente. Minha mãe quer dar o seguinte título a seu trabalho: "Água! Também é vida!" Este título está correto? Não ficaria melhor "Água, também é vida!"? Desde já, obrigado por sua atenção e disponibilidade!
>
> Leandro T.

Olhe, meu caro Leandro, se fosse eu o autor do trabalho, poria "Água também é vida" – sem aquela vírgula separando o **sujeito** do **verbo**. Além disso, é bom evitar pontos de exclamação em títulos, pois ele têm um efeito mais ou menos semelhante ao das maiúsculas usadas no e-mail: dão a impressão de que estamos gritando com o leitor.

A frase de Saramago

> Caro professor Moreno, acompanhei na imprensa portuguesa a discussão sobre a polêmica frase de Saramago: "Uma

> língua que não se defende, morre". Longe de mim corrigir a frase do célebre escritor português, mas aquele vírgula não está separando o sujeito do verbo? Não é semelhante a uma frase do tipo "Quem viver verá"?
>
> Maria L.P., professora – São Paulo

Prezada Maria, é irônico que alguém levante polêmica sobre uma frase de Saramago – logo ele, um autor que conscientemente trata de transgredir as regras tradicionais de pontuação e ninguém reclama! Embora eu não veja o menor sentido nessa "inovação" que ele tenta introduzir no uso dos sinais, sou obrigado a defender aquela vírgula: quando o núcleo do SUJEITO ("uma língua") é seguido de uma ORAÇÃO ADJETIVA ("que não se defende"), são muitos os autores que recomendam que se ponha uma vírgula antes de iniciar o predicado (baseados, diga-se de passagem, no farto exemplo de bons escritores). Não podemos esquecer que o bem mais importante para a pontuação é a clareza. Compare "Uma língua que não se defende morre" com "Uma língua que não se defende, morre", e você verá que a segunda opção é processada mais rapidamente e com maior clareza que a primeira.

Quem ama, educa

> Um professor muito conceituado declarou que essa vírgula estaria *errada*, pois "*quem ama*" é o sujeito oracional da frase, e, segundo a regra de pontuação, não se pode separar o sujeito do seu predicado. No entanto, como se trata do título de um livro de grande vendagem, escrito por um autor de respeito, continuo em dúvida até hoje. O autor, a editora e seus revisores teriam deixado passar um erro tão evidente assim?
>
> Kátia B. – Recife

Prezada Kátia, há um pouco de verdade no que disse esse seu "professor conceituado": primeiro, o sujeito de "educa" é realmente a oração subjetiva "quem ama"; segundo, não se coloca vírgula entre o sujeito e o seu verbo. Ocorre – e é aqui que bate o ponto! – que essa regra não pode contrariar o motivo essencial de existir a pontuação, que é **orientar o leitor na interpretação**

do que está escrito. É muito comum, em nossos maiores escritores, o emprego dessa vírgula depois de sujeito oracional iniciado por **quem**. O autor e seu editor optaram por usá-la pela mesma razão que Machado a empregou várias vezes: tornar instantânea, para o leitor, a compreensão da estrutura da frase. "Quem ama educa" e "Quem ama, educa" são duas formas possíveis de pontuar esse título, mas confesso que eu também acho melhor a segunda.

Pontuação interna

I. A vírgula

1 – Separando os itens de uma enumeração

Temos uma enumeração sempre que juntamos, numa frase, vários elementos com a mesma função sintática (sujeitos, objetos, adjuntos adverbiais, etc.):

1 – A, B, C e D fundaram um clube.

2 – José encontrou A, B, C e D na biblioteca.

3 – Todos concordaram que a peça era A, B, C e D.

Como você pode perceber, sempre há um separador físico entre os itens que compõem a lista; a prática é usar uma **vírgula** entre eles, exceto o **último**, antecedido por uma **conjunção** (geralmente "E" ou "OU"). Nas enumerações, a vírgula e a conjunção são consideradas mutuamente exclusivas: em princípio, onde aparece uma, a outra não deve aparecer. Note que eu disse "em princípio"...

Aqui nasceu um dos mitos mais persistentes de nosso folclore gramatical: juntar a conjunção aditiva "E" com uma vírgula seria tão nefasto quanto misturar manga com leite – duas ingênuas superstições que não encontram apoio na realidade. Fora do território restrito das enumerações, encontraremos várias situações em que a vírgula não só **pode**, como **deve** aparecer antes do "E". Até mesmo numa enumeração pode ser necessário, para eliminar a ambiguidade, usar uma vírgula antes da conjunção.

Enumerações abertas

Prezado professor: recortei um artigo em que o senhor manda separar os itens da enumeração por vírgula, menos o último, que é separado pelo "E". Posso estar enganada, mas costumo ler muito e tenho certeza de já ter visto bons escritores usarem uma vírgula também antes do último, no lugar da conjunção, ficando assim, por exemplo: "cocos, bananas, laranjas, cajus". É um daqueles casos opcionais?

Valdelice W. – Sobral (CE)

Minha cara Valdelice, ambas as formas estão corretas – tanto “cocos, bananas, laranjas **E** cajus” quanto “cocos, bananas, laranjas, cajus” –, mas **não são opcionais**. Você não pode usar livremente uma pela outra, pois as duas estruturas **não** dizem a mesma coisa. Ao colocar o “E” antes de **cajus**, estamos avisando o leitor de que este é o **último** item da relação; é o que chamamos de enumeração **fechada** (ou **exaustiva**). Por outro lado, se usamos uma **vírgula** em lugar da **conjunção**, estamos deixando implícito que a relação inclui itens que não estão sendo citados; é o que chamamos de enumeração **aberta** (ou **exemplificativa**).

Na fala, são duas estruturas inconfundíveis. Imagine-se ao telefone, ouvindo o relato de uma amiga que participou de um importante acontecimento social da cidade. Se, ao enumerar as pessoas presentes à festa, ela fizer uma lista completa, vai usar o “E”, dando à frase uma linha melódica descendente (“Havia muita gente conhecida! Encontrei A, B, C **e** D”); se, no entanto, ela resolver mencionar apenas algumas, vai omitir o “E” e dar à frase uma linha melódica estável, inconclusiva (“Encontrei A, B, C, D”) – o que lhe dará o direito, prezada Valdelice, de perguntar: “E quem mais?”.

Na escrita, contudo, temos de tomar algumas precauções na hora de sinalizar que estamos usando uma **enumeração aberta**. Teoricamente, bastaria omitir a conjunção antes do último elemento, e pronto! Na prática, porém, isso não basta, porque esta omissão do “E” pode passar despercebida ao leitor desatento (ou que não domina as sutilezas da pontuação); criaram-se, assim, várias formas de reforçar o caráter exemplificativo da enumeração:

A, B, C, D, **por exemplo**.

A, B, C, D, **entre outros**.

A, B, C, D, **entre os mais importantes**.

A, B, C, D, **etc**.

A, B, C, D**...**

Não tenho a menor dúvida de que você, no fio de suas leituras, deve ter encontrado inúmeros exemplos desses dois tipos de enumeração. A diferença estava lá, mas você ainda não tinha olhos treinados para percebê-la – ou, como dizia o bom Padre Vieira, você via, mas não enxergava. Agora, no entanto, tenho certeza de que vai distingui-las com facilidade.

A pontuação do etc.

*Prezado Professor, quero parabenizá-lo pela sua página e dizer que a visito quase todos os dias. Gostaria saber duas coisas sobre o etc. – se ele deve ser acompanhado de ponto ou de reticências e se pode realmente vir precedido de vírgula. Aprendi que etc***.** *é uma abreviação que significa "e outras coisas mais" e que o "E" com ideia de adição não pode ser precedido de vírgula, mas minha revisora – trabalho com textos publicitários – diz que a vírgula é necessária. O que devo fazer?*

Márcia S. – Vitória (ES)

*Caro Professor: gostaria de saber qual é a forma correta de usar o termo etc. em uma frase. Ele é antecedido ou não de vírgula? Escrevo "Compramos tudo: arroz, feijão etc." ou "Compramos tudo: arroz, feijão***,** *etc."? Observei que, nas suas respostas, o mestre sempre utiliza a vírgula antes, que me parece a forma mais usual. Entretanto, alguns professores sustentam que o termo pode ser utilizado sem essa vírgula.*

Jorge Braga – Rio de Janeiro

Desde há muito aprendi que o etc. é usado acompanhado por ponto final (pois indica a abreviação de etcétera) e não é antecedido por vírgula (suponho que por já conter o elemento de ligação "et" na própria palavra). Mas o senhor sempre usa o etc. antecedido de vírgula em seus artigos. Qual o emprego correto?

Igor F. – Porto Alegre

Meus caros amigos: **etc.** é a abreviatura internacionalmente utilizada para a expressão latina *et cetera* (ou *et cætera*, ou ainda *et coetera*), que significa "e outras coisas da mesma espécie"; "e o resto (tratando-se de uma relação de itens)"; "e assim por diante". No Latim, é formada pela conjunção *et* (que

corresponde ao nosso "**e**"), mais *cetera* (o plural neutro de *ceterus*, "o resto"). Alegando o significado literal dos elementos latinos, não faltaram autores (ingleses, franceses, brasileiros, etc.) que condenassem o emprego desta expressão para **pessoas**, caindo no velho equívoco daquela etimologia fundamentalista que tenta paralisar os vocábulos naquele tempo remoto em que foram criados...

Nosso mestre Celso Pedro Luft, com sua erudita ironia, ressalta que, a seguirmos esse raciocínio estreito, "nem rol de substantivos masculinos ou femininos se pode encurtar com **etc**., já que *cetera*, neutro plural, só se pode aplicar a **neutros**... Como sempre, meia erudição, historicismo de manga curta...". Os dicionários do Inglês e do Francês fazem questão de frisar o fato de que **etc**. se aplica tanto a coisas quanto a pessoas; no Português, o *Aurélio* registra, em todas as edições, que a expressão, "embora normalmente se devesse usar apenas com referência a coisas, como se vê do seu sentido etimológico, aparece frequentes vezes, inclusive nos melhores autores, aplicada a pessoas". O mesmo fenômeno ocorreu com aquele *et* primitivo, que não pode ser invocado ainda hoje, em questões de pontuação, como se valesse o mesmo que o nosso "**E**" atual, como vou demonstrar mais abaixo.

À direita do **etc**. usamos um ponto para indicar que não se trata de uma **palavra**, mas sim de uma **abreviação** – ou seja, para nos avisar que essas três letras não são lidas como tais (/etecê/), mas como uma representação condensada de **etcétera**, da mesma forma que **cia**. e **dr**. são lidos como "companhia" e "doutor". Já deparei muitas vezes com o ingênuo costume de colocar **reticências** após o **etc**., o que parece um excesso injustificável, uma vez que ambos são recursos **utilizados para o mesmo fim**: sinalizar a nosso leitor que a enumeração que estamos apresentando não é exaustiva, apenas **exemplificativa**. Dentre tantas outras, mostro algumas opções:

> atlas, livros didáticos, gramáticas, dicionários, **etc**.
>
> atlas, livros didáticos, gramáticas, dicionários, **entre outros**.
>
> atlas, livros didáticos, gramáticas, dicionários**...**
>
> atlas, livros didáticos, gramáticas, dicionários, **por exemplo.**

Basta que eu use **uma** delas, à minha escolha, para que o leitor receba a mensagem. Combiná-las (experimentem juntá-las ao acaso, duas a duas!), como toda e qualquer acumulação desnecessária de recursos linguísticos, vai certamente desagradar a quem estiver lendo o meu texto, além de insinuar que eu o considero meio retardado.

E a pontuação **antes** do **etc.**? A tendência é pontuá-lo como os **demais itens da**

enumeração que ele estiver encerrando:

(1) com VÍRGULA: **a, b, c, etc.**

(2) com PONTO-E-VÍRGULA: **a; b; c; etc.**

(3) com PONTO: **A. B. C. Etc.**

Os exemplos abaixo são do *Grande Manual de Ortografia Globo*, de Celso Pedro Luft:

> (1) "Comprou livros, revistas, cadernos, etc."
>
> (2) "Palavras que se escrevem com **rr** e **ss**: carro, narrar; excesso, remessa; etc."
>
> (3) "Levantar cedo. Respirar o ar puro da manhã. Fazer ginástica. Etc.".

Assim vem o **etc.** pontuado, sistematicamente, no **Acordo Ortográfico** de 1943 e no **Vocabulário Ortográfico** de 1981. Assim está na maioria das gramáticas, assim é a prática da maioria dos escritores **modernos**. De onde tirei isso? Meu patrono, Celso Pedro Luft, escolheu aleatoriamente 100 páginas de escritores e gramáticos como Gilberto Freire, Pedro Nava, Darcy Ribeiro, Autran Dourado, Graciliano Ramos, Antônio Cândido, Paulo Rónai, José Guilherme Merquior, Antenor Nascentes, Antônio Soares Amora, Massaud Moisés, Rocha Lima, Evanildo Bechara, Celso Cunha e Gladstone Chaves de Melo, entre outros, e encontrou **115** ocorrências **com** vírgula, contra **14** apenas **sem** vírgula (*A Vírgula*. Editora Ática, 1996). Bota **tendência majoritária** nisso! Como na vestimenta, a linguagem que usamos é a soma de nossas decisões individuais; podemos até optar por escrever o **etc**. a la antiga, sem pontuação alguma, mas essa esmagadora preferência pelo **etc**. pontuado parece indicar que os autores intuíram aqui alguma vantagem na organização do texto que a outra forma não tem.

Enumeração com vírgula antes do "E"

Prezado Professor, eu pensava que as regras de pontuação do

Inglês eram similares às nossas, mas começo a mudar de ideia. Meu orientador na Universidade de Chicago corrigiu a pontuação de todas as enumerações que escrevi na minha tese, acrescentando uma vírgula antes do "E" que precede o último elemento. Diante da minha surpresa, ele me mostrou que o Manual de Estilo da universidade é taxativo nestes casos: "Quando os dois últimos elementos de uma série estão ligados por conjunção, deve ser usada uma vírgula antes desta conjunção". Por que não é assim no Português?

Raul P.W. – Chicago (EUA)

Meu caro Raul, parece que o destino o levou a esbarrar numa das raríssimas diferenças entre a pontuação do Inglês e a nossa. Essa curiosa vírgula, conhecida como "*Oxford comma*" ("vírgula de Oxford", porque se tornou uma exigência tradicional dos editores e revisores da famosa Oxford University Press), tem uma certa razão de existir para os falantes do Inglês. Como você deve saber muito bem, naquela língua os adjetivos ficam à esquerda do substantivo que modificam, o que acaba criando um problema que o Português desconhece. Numa frase como "Ele recortava todas as matérias que saíam no jornal sobre cinema, política **internacional** e negócios", a posição do adjetivo **internacional** (e o fato de estar no **singular**) não deixa dúvida de que ele se refere a **política**, não a **negócios**. Em Inglês, no entanto, como o adjetivo fica do lado esquerdo e simplesmente nunca se flexiona, cria-se uma estrutura ambígua, "*international politics and business*", que também poderia ser lida como "política e negócios internacionais". É onde entra em ação a vírgula de Oxford, desfazendo a má leitura: "*international politics, and business*".

Embora algumas instituições (a Universidade de Chicago é justamente uma delas) recomendem o uso automático desta vírgula, muitas outras preferem aplicá-la apenas aos casos em que realmente existe o perigo de ambiguidade. Esta postura, que me parece muito mais sensata, não é nada diferente do que fazemos aqui, quando surge o mesmo problema:

> Os convidados eram João e Maria, Paulo e Virgínia, e eu.
>
> As almofadas podem ser feitas em branco e preto, vermelho e branco, e azul.

O bem-humorado Quinion, no seu incomparável **www.worldwidewords.org**, brinca com a hipótese de alguém dedicar seu livro "*To my parents, Mary and God*" ("Para meus pais, Maria e Deus"). Tanto lá quanto aqui devemos usar uma vírgula antes do "**E**" para evitar que os leitores tomem **Maria** e **Deus** como aposto de **meus pais** e nos mandem internar no hospício por absoluto delírio de grandeza: "Para meus pais, Maria, e Deus".

Enumeração de adjuntos adverbiais

Professor Moreno, gostaria que senhor me esclarecesse a respeito da colocação de vírgula antes de adjuntos adverbiais não deslocados. Pelo que sei, a vírgula é somente utilizada quando ele está fora de seu lugar. Por exemplo: "Em Brasília, a cerimônia começou por volta das 14h" – mas "A cerimônia começou por volta das 14h em Brasília" já deve vir sem a vírgula. O motivo de minha dúvida é o de encontrar constantemente esse tipo de pontuação em livros, jornais e revistas.

Ana P. – Brasília

Ana, você fez uma pequena mistura de regras. No seu exemplo – "**Em Brasília**, a cerimônia começou..." –, a vírgula está ali realmente por causa do deslocamento do adjunto adverbial. No entanto, mesmo que este adjunto retorne para o final da frase (que é, aliás, o seu lugar), vai continuar a ser separado por vírgula – "A cerimônia começou por volta das 14h, em Brasília". A regra agora é outra e nada tem a ver com o deslocamento do adjunto adverbial; estamos, isso sim, diante de uma **enumeração** de elementos com a mesma função sintática. Olhe como funciona: "Eu encontro você **no estádio**" (o adjunto não leva vírgula por estar no seu lugar habitual); "eu encontro você **no estádio**, **às dez horas**" (começamos uma enumeração); "eu encontro você **no estádio**, **às dez horas**, **junto ao primeiro portão**" (acrescentamos mais um elemento à enumeração) – e assim por diante. Note como a vírgula é obrigatória, embora nenhum deles esteja deslocado.

Curtas

Vírgula em nome próprio

Prezado Professor, vi no outro dia uma loja maçônica com o nome "Luz, Amor e Vida". É correto o uso da vírgula separando "Luz" e "Amor", já que fazem parte de um mesmo nome próprio?

Sílvia A.

Prezada Sílvia, esta é uma vírgula **obrigatória**. Quando separamos os elementos

que compõem uma enumeração (A, B, C e D), somos obrigados a colocar entre eles (1) uma vírgula depois de todos, exceto no último, e (2) uma conjunção ("E" ou "OU") antes do último. Exatamente como você viu no nome da loja maçônica: "Luz, Amor e Vida" (A, B e C). O fato de ser nome próprio não altera a maneira de pontuá-lo.

Ponto depois do etc.

> Professor, tenho algumas dúvidas e torço para que o senhor possa me responder. Observei que ninguém coloca *ponto final* em frases terminadas com *etc*., isto é, quando *etc*. vem no final da frase, fica valendo o ponto da abreviatura. Isto está certo? Pela lógica, eu acho que não! Fico rezando para receber sua resposta e por isso agradeço antecipadamente.
>
> Lígia J. – Salvador

Lígia, há duas teorias quanto ao ponto final depois de etc., ambas igualmente respeitáveis. A primeira diz que ponto sobre ponto é ponto – ou seja, o ponto da abreviação serve também como ponto final da frase, e a maiúscula que vem a seguir ajuda a marcar o início do novo período. A segunda, que eu prefiro, diz que o ponto que encerra a abreviação nada tem a ver com a pontuação da frase, seja ela qual for; se depois do **etc**. vier ponto final, teremos "... etc. ." (um ponto final separado do ponto da abreviatura por um espaço); se vier um ponto de interrogação, teremos "... etc.?"; se de exclamação, "... etc.!"; se ponto-e-vírgula, "... etc.;" – e assim por diante. Outra coisa: quem encerra uma frase com "etc." não está cometendo um erro, mas, como dizia minha avó, está procurando sarna para se coçar. Por que ficar limitado a esta abreviação, quando ela pode, com muito mais vantagem, ser substituída por seus sinônimos mais civilizados – **entre outros, por exemplo, para mencionar apenas os de maior destaque**, entre muitas outras opções que nossa língua oferece?

2 – Separando orações coordenadas

Esta é uma das regras mais automáticas da pontuação: a prática é colocar uma vírgula sempre que a oração coordenada for introduzida pelas conjunções **MAS, OU, NEM, POIS e E**:

> Ele estava cansado, MAS aguentou o espetáculo até o fim.

> Não sei onde ela mora, NEM lembrei de anotar seu telefone. Vocês vão ao teatro hoje à noite, OU preferem deixar para o sábado?
>
> Acho que ele não vem mais, POIS já passa das oito horas. Saímos muito cedo de casa, E ela não pôde nos alcançar.

Quando usadas apenas para ligar **palavras** ou **expressões**, essas mesmas conjunções normalmente vêm sem pontuação:

> Você quer água OU vinho?
>
> Não tenho tempo NEM dinheiro.
>
> Pobre MAS orgulhoso.

No caso do E, a vírgula é de praxe apenas quando as duas orações tiverem sujeitos **diferentes**. Compare as frases (1) e (2) com a frase (3):

> (1) O juiz anulou o gol E mostrou o cartão para o atacante.
>
> (2) O juiz anulou o gol E correu para o meio do campo.
>
> (3) **O juiz** anulou o gol, E **todos os jogadores** o cercaram.

A função desta vírgula é nos avisar de que, ao contrário do que normalmente a frase deixaria supor, a próxima ação não vai ser atribuída ao sujeito da coordenada inicial.

Orações com sujeitos diferentes

Professor Moreno, eu gostaria que o senhor examinasse a pontuação da seguinte frase: "O Supremo Tribunal Federal – a mais alta corte país – tem por dever o exercício da função de guardião da Carta CONSTITUCIONAL, E o desempenho dessa nobre função é assegurado por suas manifestações e decisões sábias". Aquela vírgula que está logo após Constitucional está realmente correta? Eu pesquisei sobre o emprego da vírgula antes de conjunções e não encontrei nenhuma regra que justifique o seu uso.

Silvio G.

Meu caro Sílvio: confesso que eu próprio não encontraria um exemplo melhor do que este para demonstrar o valor que tem aquela vírgula colocada antes do "E"

(e a falta que ela faria, se nós a suprimíssemos). Acho que você atirou no que viu e acabou acertando no que não viu, mas isso não importa: a caça já está na panela, para proveito de todos nós. Aqui aparece, em todo o seu esplendor, a finalidade essencial da pontuação, que é, como vimos, facilitar a vida do leitor, ajudando-o a percorrer o texto de maneira segura e confortável, sem o cansaço e a irritação dos desvios inúteis.

A frase seria incompreensível se a vírgula não estivesse ali? É claro que não; o contato com centenas de redações escolares me ensinou que tudo aquilo que um ser humano escreve poderá um dia ser decifrado por outro – mesmo que a pontuação esteja ausente ou, o que é pior, esteja presente nos lugares errados. O problema é que um texto assim, além de correr o risco de ser mal entendido, acarreta um imenso dispêndio do tempo e da energia do leitor, que só persistirá em sua leitura se tiver um forte motivo para fazê-lo. Aliás, foi exatamente para evitar isso, para eliminar essas hesitações e assegurar a fluência da leitura, que o Ocidente desenvolveu o sistema de pontuação que hoje utilizamos.

Neste caso particular, acredito que a ausência da vírgula levaria o leitor comum a tentar, instintivamente, estabelecer uma relação de paralelismo entre dois segmentos:

> [o exercício da função de guardião da Carta Constitucional] E [o desempenho dessa nobre função]

– ou seja, o Supremo teria por dever [o **exercício** disso] + [o **desempenho** daquilo]. Na sequência, contudo, ao deparar com “é assegurado”, nosso leitor se daria conta imediatamente do equívoco que cometeu lá atrás e retornaria sobre seus passos para refazer a leitura, segmentando a frase do modo correto:

> [o STF tem por dever o exercício da função de guardião da Carta...], E [o desempenho dessa nobre função é assegurado por suas manifestações...]

Você está reconhecendo a situação sintática? Duas orações ligadas por “E”, com sujeitos diferentes... Não quero dizer, com isso, que a presença da vírgula seja o suficiente para afastar todo o perigo de uma leitura equivocada dessa frase (tão mal redigidinha, coitada!), mas tenho certeza de que vai ajudar muita gente. Por isso está lá.

O “E” com valor adversativo

Professor Moreno, vi numa gramática que a conjunção E pode ter, às vezes, o valor adversativo, tornando-se uma espécie de sinônimo do MAS. O exemplo dado era "Estudei muito E fui reprovado". O senhor não acha que deveria haver uma vírgula antes deste "E", já que ele tem valor adversativo? Na leitura, a vírgula não deixaria mais claro esse sentido especial?

Camila S.

Prezada Camila: embora nem todas as conjunções adversativas sejam pontuadas da mesma maneira (veja, na página 134, o uso do ponto-e-vírgula com **porém**, **contudo**, **todavia**, etc.), este "E" com valor de MAS realmente está a pedir uma vírgula. Essa é a recomendação de um autor respeitado como Domingos Cegalla, que exemplifica com duas frases muito parecidas com a que você encontrou em sua pesquisa:

O capitão estava ferido, e continuou lutando.

São uns incompetentes, e ocupam altos cargos.

Aqui se entende bem a valiosíssima observação que faz Celso Pedro Luft, no seu *A Vírgula* (Ed. Ática), ao afirmar que a principal influência que o uso da vírgula pode sofrer da fala não diz respeito, como muitos pensam, às pausas: "Mais importante que a pausa é a mudança de tom. **A vírgula corresponde muito mais a uma mudança de tom do que a uma pausa**"[grifo do autor]. Se você comparar as duas frases abaixo, perceberá que em (A) os dois segmentos são lidos no mesmo tom, o que não acontece em (B):

A – São uns incompetentes **E prejudicam nosso trabalho**.

B – São uns incompetentes, **E ocupam altos cargos**. (= mas)

Antes que você conclua que a gramática consultada não vale o preço que foi pago por ela, quero lembrar-lhe que não existe (e seria impossível existir) um conjunto "oficial" de regras de pontuação; há, isso sim, autores antiquados, dogmáticos, que procuram impor a nós todos o seu modo particular de empregar os sinais, e autores modernos, que descrevem a prática dos bons escritores e tentam chegar a um razoável consenso sobre o assunto. Felizmente, estes últimos constituem hoje a maioria ativa em nosso país, o que nos permite esperar que um mesmo texto, pontuado por cinco gramáticos distintos, apresente divergências pouco significativas – como é exatamente o caso desta vírgula antes do "E" adversativo.

Pontuação do POIS

Professor, eu e um colega divergimos quanto à forma correta de pontuar uma frase. Eu digo que é "Não se pode mudar o horário, POIS o empregado não teria o intervalo mínimo legal de onze horas de descanso"; ele afirma que é "Não se pode mudar o horário, pois, o empregado não teria o intervalo mínimo legal de onze horas de descanso". Eu uso uma vírgula antes, ele coloca o POIS entre vírgulas. Quem está com a razão?

Ariane Pereira

Minha cara Ariane: só entende a pontuação do POIS quem se der conta de que existem, aqui, duas conjunções bem distintas, que compartilham a mesma forma. Temos um POIS **explicativo** (sinônimo de **porque**) e um POIS **conclusivo** (sinônimo de **portanto**). O primeiro, que sempre fica no início da oração coordenada, recebe **vírgula antes** (já vimos isso acima):

> Ela deve estar doente, pois não vem à aula há duas semana. (= porque)
>
> Ele deve ter desistido do emprego, pois nunca mais nos procurou. (= porque)

O segundo POIS, por sua vez, pode ocupar qualquer lugar da oração coordenada, **exceto o início**, ficando **entre vírgulas**, como qualquer outro elemento intercalado. Dessa forma, uma conjunção jamais poderá ser confundida com a outra, já que a **explicativa** ocupa um território em que a **conclusiva** jamais poderá aparecer (e vice-versa):

> O rádio anuncia chuva; deixaremos, POIS, toda a casa fechada. (= portanto)
>
> Esta gripe mata; devemos redobrar, POIS, o cuidado com a higiene. (= portanto)

Você é que está com a razão: na frase que serviu de pomo da discórdia entre vocês dois, a conjunção é claramente **explicativa**: "Não se pode mudar o horário, POIS (porque) o empregado não teria o intervalo mínimo legal de onze horas de descanso". Uma vírgula, apenas.

A frase pode começar com E ou MAS?

No colégio dos padres em que estudei, tive um excelente professor de Português, muito rigoroso, que não nos deixava empregar E ou MAS no início de uma frase. Ele não dizia isso diretamente, mas sempre nos proibia escrever E ou MAS com maiúscula – o que, na prática, vem a dar no mesmo. Há trinta anos, professor, eu tenho observado religiosamente esse princípio, mas venho notando que agora essas conjunções aparecem no início de novos períodos em muitos livros – até na Bíblia! O que houve? Aquela regra que aprendemos era artificial?

Eliezer M. – Vitória da Conquista (BA)

Meu caro Eliezer, não existe – e jamais existiu – regra alguma que proíba começar uma frase nova com E ou com MAS (aliás, não existem, em pontuação, regras que **proíbam** alguma coisa, mas apenas conselhos, princípios práticos, costumes consagrados). Não é difícil encontrar bons escritores que colocam essas duas conjunções na abertura da frase – muito pelo contrário. Para dar uma ideia de quão corriqueiro é este uso, fiz um levantamento em um simples conto dentre as duas centenas que Machado escreveu – o incomparável "**Missa do Galo"** – e ali encontrei vários exemplos:

> "Que paciência a sua de esperar acordado, enquanto o vizinho dorme! **E** esperar sozinho!"
>
> "**E** não saía daquela posição, que me enchia de gosto, tão perto ficavam as nossas caras."
>
> "Eu, não; perdendo uma noite, no outro dia estou que não posso, e, meia hora que seja, hei de passar pelo sono. **Mas** também estou ficando velha."
>
> "**Mas** a hora já há de estar próxima, disse eu."

Se um clássico como Machado escrevia assim, por que razão aquele (bom) professor do colégio dos padres dizia aquilo? Eu o compreendo perfeitamente: era um recurso muito eficiente (usado até hoje, aliás) para obrigar o aluno a aumentar seu vocabulário ativo, recorrendo a outros nexos oracionais. Por que usar apenas o MAS como adversativa, se existe **contudo**, **entretanto**, **no entanto**, **não obstante** – todos eles muito mais adequados para a posição inicial? Em vez do E, por que não experimentar **por outro lado**, **além disso**, **do mesmo modo**? Era, portanto, um princípio estratégico adequado àquele momento, não uma regra definitiva.

Como você pode ver, aquela proibição não passava de uma “mentira piedosa”, justificada por sua influência benéfica no enriquecimento vocabular dos jovens inexperientes. Com o tempo, o aluno tomaria contato com os bons autores e veria que aquele princípio que parecia tão taxativo era muito mais flexível do que ele pensava inicialmente – mas, aí, o objetivo do professor já teria sido atingido. O mesmo acontecia com o combate ferrenho que os professores travavam contra as **repetições**. Na verdade, não há nada de errado em repetir; a linguagem técnica e científica, que vê na clareza o seu valor máximo, não tem o menor pudor de usar um mesmo termo repetidas vezes, se assim a mensagem ficar clara para o leitor. No meu tempo de escola, contudo, considerando que nossos textos ficavam entre vinte e trinta linhas apenas, a proibição de usar a mesma palavra obrigava-nos a procurar sinônimos e a empregar as substituições pronominais adequadas (o que era muito bom). Hoje eu sei que esses princípios não têm o valor que eu lhes atribuía, mas entendo o motivo que levou meus professores a defendê-los com tanta veemência naqueles anos dourados.

Curtas

“E” com valor adversativo

> Professor Moreno: em um de seus artigos, o senhor escreveu que a conjunção *E* não tem só valor *aditivo*, mas pode ser também um nexo *adversativo*. No entanto, não seria somente *após vírgula* que o *E* exerce o valor adversativo?

Carlos P. – Cuiabá (MT)

Prezado Carlos, você está confundindo **causa** e **consequência**. Não é a presença da vírgula que dá ao “E” o valor ADVERSATIVO, bem pelo contrário. Primeiro determinamos a relação sintática entre as duas orações e só então decidimos se é necessário alertar o leitor por meio da pontuação. Quando a oração iniciada por “E” for **adversativa**, isto é, indicar uma ideia que se opõe à ideia apresentada na coordenada inicial – “Ele é riquíssimo, E não paga suas contas” –, vamos pôr uma vírgula antes da conjunção. Como você pode ver, a vírgula é uma mera **decorrência** da realidade sintática. Lembro que o “E” também pode ter valor CONSECUTIVO, ficando igualmente separado por vírgula:

> Segue meu conselho, E não te arrependerás.Descubram o motivo, E terão descoberto o criminoso.

E sim

> Prezado Professor: recebi a incumbência de escrever um cartaz para nossa escola, mas não tenho certeza quanto à pontuação. A frase é “Não devemos desanimar e, sim, persistir na luta”. Aquele *sim* fica mesmo entre vírgulas?
>
> Clotilde W. – Pomerode (SC)

Não, prezada Clotilde: o **sim** só deveria ficar entre vírgulas se fosse uma INTERCALAÇÃO. Como ensinava Celso Pedro Luft, a melhor maneira de reconhecer as intercalações é eliminá-las e ver se o significado se mantém. Compare as diferentes versões das frases que seguem:

> Acho que podemos, **sim**, aceitá-la de volta.
>
> **Sim**, acho que podemos aceitá-la de volta.
>
> Acho que podemos aceitá-la de volta.
>
> A fronteira não é uma separação, **e sim** um ponto de encontro.
>
> *__E sim__, a fronteira não é uma separação, um ponto de encontro.
>
> *A fronteira não é uma separação, um ponto de encontro.

Na primeira frase, o **sim** deve ficar entre vírgulas por ser uma legítima intercalação; como tal, pode ser **deslocado** ou, se quisermos, simplesmente **eliminado**. Na segunda, fica claro que **e sim** deve ficar obrigatoriamente onde foi colocado, funcionando como uma conjunção adversativa, numa situação análoga à que encontramos na frase que você enviou – “Não devemos desanimar, **e sim** persistir na luta”. Ele também não pode ser deslocado, muito menos eliminado, pois a frase ficaria sem pé nem cabeça: *”Não devemos desanimar, persistir na luta”.

Vírgula estranha antes do “E”

Professor Moreno, acho muito estranha a vírgula antes do E na frase “Nesta data, recebemos o depósito de R$ 1.000,00, relativo ao pedido nº 256, E expedimos o volume por SEDEX”.

Paula S.

Essa vírgula está correta, Paula; ela está antes do “E” por um simples acaso, mas nada tem a ver com a conjunbção. Na verdade, é a segunda das duas vírgulas que separam a intercalação “relativo ao pedido nº 256” (no caso, um aposto). Eliminado este, fica fácil ver que a frase original é “Nesta data, recebemos o depósito de R$ 1.000,00 E expedimos o volume por SEDEX”.

Quando “E” não for conjunção aditiva

Prezado professor, é uma honra poder receber sua orientação. Minha dúvida é simples: pode-se dizer que o “E” só é antecedido de vírgula nos casos em que *não* é conjunção *aditiva*?

Josué P. – Corumbá (MS)

Não, meu caro Josué: o “E” pode ser conjunção aditiva e mesmo assim – por ligar **orações com sujeitos diferentes** – a vírgula pode ser necessária: “Eles prepararam tudo para a festa, E nós só tivemos o trabalho de comparecer”.

3 – Separando o adjunto adverbial deslocado

Como vimos acima, os **adjuntos** e as **orações adverbiais** são elementos que colocamos na última posição sintática à direita – ou seja, no FINAL da frase – para indicar circunstâncias fundamentais como **tempo**, **lugar**, **modo** ou **intensidade**. De todos os elementos que compõem a frase básica, estes são os que mais comumente aparecem fora do lugar esperado. Como devemos avisar o leitor de todas essas alterações ocorridas na ordem habitual, é natural que esses deslocamentos sejam assinalados por vírgulas. Compare (1) com (2) e (3):

> (1) Espero que vocês não se voltem contra mim DEPOIS QUE TUDO TERMINAR.
>
> (2) Espero que vocês, DEPOIS QUE TUDO TERMINAR, não se voltem contra mim.
>
> (3) DEPOIS QUE TUDO TERMINAR, espero que vocês não se voltem contra mim.

A regra de ouro da pontuação – frase normal não tem vírgula, frase que tem vírgula não é normal – aparece aqui com uma clareza indiscutível; o que poderíamos questionar, no entanto, é se deslocamentos desse tipo são realmente necessários. Por que simplesmente não deixamos o adjunto adverbial em paz? Ora, nós só mudamos sua posição na frase porque vamos ganhar alguma coisa com isso. Se o levarmos para o **início da frase**, por exemplo, as circunstâncias definidas por ele (tempo, lugar, etc.) passam a servir como um **pano de fundo** para a ideia principal do período. Ninguém é obrigado a utilizar esse recurso, mas é inegável que a frase (2) tem muito mais efeito que a frase (1):

> (1) Ela revelou ao marido que o filho era de outro NA VÉSPERA DO BATIZADO.
>
> (2) NA VÉSPERA DO BATIZADO, ela revelou ao marido que o filho era de outro.

Esse deslocamento vai passar de **opcional** a **obrigatório** sempre que o adjunto adverbial deixa a frase **ambígua** quando é usado em sua posição habitual:

> (1) O jogador decidiu assinar o contrato com o Barcelona NO ÚLTIMO DOMINGO.
>
> (2) NO ÚLTIMO DOMINGO, o jogador decidiu assinar o contrato com o Barcelona.
>
> (3) O jogador, NO ÚLTIMO DOMINGO, decidiu assinar o contrato com o Barcelona.
>
> (4) O jogador decidiu assinar, NO ÚLTIMO DOMINGO, o contrato com o Barcelona.

A frase (1) é inaceitável porque admite duas leituras (no domingo ele **decidiu**, ou no domingo ele vai **assinar** o contrato?); nas demais, porém, a ambiguidade foi eliminada pelo deslocamento do adjunto. Nas frases (2) e (3), que são sinônimas, **no último domingo** refere-se ao verbo **decidir**. Na frase (4), ao verbo **assinar**.

Adjunto adverbial curto

Quando o adjunto adverbial for de **pequena extensão**, temos a opção de **não** usar a vírgula, se assim nos parecer melhor:

> NO NATAL a gente sempre visitava todos os primos.
>
> HOJE eu não tenho tempo.
>
> NAQUELA ÉPOCA tudo parecia mais simples.
>
> TODOS OS DIAS eu aprendo alguma coisa nova.

A decisão é pessoal; muitos se sentem mais seguros mantendo sistematicamente esta vírgula no lugar, outros preferem eliminá-la por princípio e outros, ainda, definem o que vão fazer caso a caso. Quando exercemos esta liberdade de optar entre duas formas corretas, estamos acrescentando mais um traço ao nosso **estilo**, que nada mais é do que a soma das decisões que tomamos ao escrever.

Todas as gramáticas e manuais se referem a este caso de vírgula **opcional**, mas nenhum deles, por razões óbvias, se arrisca a definir o que se poderia considerar como "curto", pois este é outro detalhe que cai na estreita faixa de subjetividade que a pontuação admite. Não podemos esquecer que os sinais de pontuação funcionam mais ou menos como as marcas que um compositor faz em sua partitura com o objetivo de orientar a execução da melodia; neste caso, portanto, o conceito de "curto" é naturalmente elástico, dependendo do ritmo em que eu imagino que a leitura do meu texto deveria ser feita.

Vírgula a ser evitada

Professor, sempre me ensinaram que eu podia escolher entre usar ou não a vírgula no deslocamento dos adjuntos adverbiais curtos. Agora, porém, como estagiária num grande jornal da região, me senti humilhada quando o editor-chefe cortou a vírgula que pus na frase "Em maio, começa a temporada da tainha". Argumentei que a pontuação aqui é opcional, mas ele me assegurou que nesta frase não cabe vírgula – embora não saiba dizer exatamente por quê. Eu pensei que fosse uma regra oficial.

Mariana K. – Florianópolis

Prezada Mariana, desta vez é o editor que está com a razão. Mesmo sem saber

explicar o motivo, ele percebeu, pela experiência que deve ter, que aquela vírgula parece destoar como uma guitarra em velório. O que ele captou intuitivamente já foi formalizado por vários especialistas atentos: a prática é **não** pontuar o adjunto deslocado quando ele vier **antes de um verbo com sujeito posposto**:

EM MAIO começa a temporada da tainha.

ONTEM não ocorreu acidente algum.

NA FRENTE DO CAIXA ficavam os bebedouros.

NO PONTO MAIS FUNDO DO OCEANO vivia uma pequena sereia.

Celso Pedro Luft chama a atenção para outro caso similar: os bons escritores também não separam por vírgula **o advérbio** situado **entre o verbo e o seu complemento**:

Chegará ESTA TARDE a Curitiba...

Não recuperaram AINDA o dinheiro roubado.

Comprou AGORA dois terrenos junto ao mar.

Ele dispensou TAMBÉM três assessores.

E outra coisa: esqueça essa história de "regra oficial". Regras oficiais só existem para a **ortografia** – emprego das letras, acentuação e hífen –, e nem mesmo elas são tão firmes assim, a julgar pelas contradições presentes no texto do Novo Acordo Ortográfico. O resto – flexão dos vocábulos, concordância, regência, pontuação, crase – segue um sistema de convenções estabelecidas mais ou menos pelo consenso das pessoas que utilizam a língua escrita culta.

Advérbios em -MENTE

Caro professor, leciono Língua Portuguesa em duas turmas da 7ª série e já aproveitei vários ensinamentos seus para preparar minhas aulas. Como vamos entrar agora em pontuação, gostaria que o senhor fosse franco comigo: posso dizer, como regra prática, que a vírgula é sempre opcional com os advérbios terminados em -mente?

Hildete S. – Barreiras (BA)

Sinto muito, Hildete, mas vou ser franco como você mesma pediu: não apresente essa regra a seus alunos, pois ela não tem o menor fundamento. Não se esqueça de que os advérbios em **-mente** podem aparecer na frase com duas funções diferentes, acarretando, como seria de esperar, duas formas também diversas de pontuá-los. Primeiro, existe o advérbio que se refere à **oração inteira**. Ele é **deslocável** e pode vir separado por vírgulas, se quisermos:

> NORMALMENTE as crianças ficam em casa com os avós.
>
> NORMALMENTE, as crianças ficam em casa com os avós.
>
> As crianças NORMALMENTE ficam em casa com os avós.
>
> As crianças, NORMALMENTE, ficam em casa com os avós.

Ele não pode ser confundido com aqueles advérbios que se referem apenas ao **verbo** ou a um outro **termo isolado**. Estes NÃO são deslocáveis e NÃO podem ser separados por vírgula:

> Você deve agir NORMALMENTE quando o chefe chegar.
>
> Ele ficou TERRIVELMENTE preocupado.

A diferença entre as duas situações descritas fica bem evidente se compararmos "Tudo terminou **tragicamente**" com "Tudo terminou, **tragicamente**". Na primeira, o advérbio nos diz **como** tudo terminou; liga-se especificamente ao **verbo** e não pode levar vírgula. Na segunda, ele se refere à **oração inteira**; é deslocável e exprime uma avaliação sobre um fato ("É uma tragédia que tudo tenha terminado"). Como você pode ver, é impossível falarmos, aqui, de vírgulas opcionais.

Adjunto adverbial no convite de casamento

Prezado professor, ajude-me, por favor, a não cometer erro algum no meu convite de casamento. Já redigi a frase que vou imprimir – "Após a cerimônia os noivos receberão os convidados para um coquetel no Salão de Festas da Igreja" –, mas não sei se fica bem assim, sem pontuação. Também não sei se a expressão "os convidados" precisa aparecer no texto. Existe uma melhor

forma de escrever esta frase? Como todos serão convidados para o coquetel, esta frase estará escrita no próprio convite, abaixo do endereço da igreja.

Carolina A.S.

Prezada Carolina, a frase estaria certa assim como você redigiu. No entanto, como ela inicia por um adjunto adverbial curto (vírgulas opcionais, lembra?), você poderia escrever, também (eu acho melhor; no entanto, é apenas questão de preferência):

> APÓS A CERIMÔNIA, os noivos receberão os convidados para um coquetel no Salão de Festas da Igreja.

Como todos os que receberão o convite estarão automaticamente convidados, você poderia, se quisesse, adotar o tratamento mais informal que algumas noivinhas modernas começam a empregar, escrevendo, muito simplesmente,

> Após a cerimônia, todos vocês estão convidados a brindar aos noivos no Salão de Festas da Igreja.

Escolha uma das versões acima e deixe de se preocupar com isso, que tudo vai correr muito bem. E lembre-se: como podemos planejar e controlar todos os detalhes na cerimônia do nosso casamento, ela parece ser fundamental; no entanto, acredite, é a coisa menos importante de um matrimônio. Ele começa mesmo é no dia seguinte. Relaxe e seja feliz.

Desta feita

Prezado Doutor, trabalho num órgão público, e meu ofício é elaborar pareceres de auditoria. Há poucos dias, porém, surgiu uma dúvida entre os colegas. O problema é com o "desta feita", que era (muito) usado, como no exemplo seguinte: "Retornam os autos que cuidam disso e daquilo, desta feita para analisar...". Um colega levou nossa dúvida à professora de Português do curso que frequenta, e ela respondeu que desta feita, bem como nesta oportunidade, quando usado no meio da frase, sempre fica entre vírgulas. Se fizermos como ela recomenda – "Retornam os autos que cuidam disso e daquilo, desta feita, para analisar..." –, o texto não fica truncado e estranho, professor?

Ricardo P. – São Paulo

Meu caro Ricardo, não quero duvidar de seu colega, mas prefiro acreditar que tenha havido aqui um problema de comunicação entre ele e a professora. Com a

experiência que tenho, seria capaz de apostar que ele perguntou como deveria pontuar a expressão "desta feita", ao que a professora respondeu, naturalmente, que esta e outras expressões similares, quando usadas no meio da frase, devem ficar entre vírgulas – uma resposta genérica para uma pergunta que, suponho, também tenha sido genérica. Se ele tivesse mostrado o exemplo específico, a professora não deixaria de notar que aqui se trata de uma estrutura diferente, como vou demonstrar.

Na verdade, estamos diante da famosa oposição entre um **adjunto adverbial frasal** e um **adjunto adverbial específico**. O primeiro é **deslocável** e se refere **à frase toda**; a praxe é assinalá-lo com vírgula:

> Os dois vigários, DESTA FEITA, conseguiram arrecadar o dinheiro necessário.
>
> DESTA FEITA, os dois vigários conseguiram arrecadar o dinheiro necessário.
>
> Os dois vigários conseguiram, DESTA FEITA, arrecadar o dinheiro necessário.
>
> Os dois vigários conseguiram arrecadar, DESTA FEITA, o dinheiro necessário.

O segundo, ao contrário, modifica apenas um vocábulo ou um segmento específico da frase. Sua deslocabilidade é limitada e, como mostram os exemplos abaixo, não vem separado por vírgula:

> Em 1658, a cidade foi atacada por um novo exército espanhol, DESTA FEITA sob o comando de D. Luís de Haro.
>
> Dias depois foi preso de novo, DESTA FEITA com um mandado de captura assinado em branco pelas autoridades.
>
> Nas eleições de outubro de outubro de 2006, o partido voltou a ter êxito, DESTA FEITA em três capitais.

A frase que vocês discutiam enquadra-se nesse segundo modelo: *"Retornam os autos que cuidam disso e daquilo, desta feita para analisar..."*.

Curtas

Ontem à noite

Caro Professor Moreno, é necessário colocar alguma vírgula na frase "Ontem à noite um negro foi vítima de racismo naquele restaurante"? Se eu escrevesse "Ontem, à noite, um negro..." ficaria muito errado? Ou seria melhor "Ontem à noite, um negro..."?

Lalor C. – Fortaleza

Prezado Lalor: considerando que se trata de um adjunto adverbial curto, podemos deixar a frase **sem vírgula** alguma – "Ontem à noite um negro foi vítima..." –, ou separar o **adjunto** com uma vírgula – "Ontem à noite, um negro foi vítima...". Eu prefiro a primeira versão.

Adjunto adverbial deslocado

Prezado professor, tenho de fazer um cartaz mas fiquei em dúvida quanto à pontuação da frase "Para sua segurança você está sendo filmado". Vai vírgula antes do *você*?

Cinara R.

"Para sua segurança" é um adjunto adverbial deslocado, Cinara, e bem crescidinho; deve, portanto, ser separado da frase básica por uma vírgula.

Ad referendum: adjunto adverbial deslocado

Caro Professor, sou secretário de uma instituição de ensino e gostaria de saber se devemos deixar entre vírgulas a expressão *ad referendum* em frases como "O Presidente do Conselho, no uso de suas atribuições legais, resolve *ad referendum* conceder". Eu não uso,

> mas isso tem gerado polêmica com meus colegas.
>
> Erotilde – Campo Grande (MS)

Erotilde: já que você veio pedir o meu conselho, é melhor aderir ao partido dos colegas. A razão está com eles; independentemente de ser uma expressão latina, *ad referendum*, aqui, é um **adjunto adverbial** intercalado entre o verbo **auxiliar** ("resolve") e o verbo **principal** ("conceder") de uma locução verbal, e deve vir entre vírgulas. É diferente de "resolução *ad referendum*", em que a expressão está funcionando como mero adjunto adnominal.

Vírgula com data

> Caro professor, gostaria, se possível, que o senhor me esclarecesse se é correta a colocação da vírgula na frase "Em 1967, foi presidente da Caixa". Ou ficaria melhor "Em 1967 foi presidente da Caixa"?
>
> Tânia Cristina V.

A vírgula com o adjunto adverbial deslocado ("Em 1967") é opcional, Tânia, porque ele é curto. Usá-la ou não é uma questão de preferência pessoal. As escolhas que fazemos vão compondo, aos poucos, o nosso estilo individual.

4 – Separando o aposto

O **aposto explicativo** é um elemento acessório que acrescentamos à frase para explicar qualquer um dos elementos que a compõem, EXCETO o verbo – o que significa que podemos colocar um aposto depois do **sujeito**, do **objeto direto**, do **objeto indireto**, do **predicativo**, do **adjunto adverbial** ou até mesmo do próprio **aposto**. Como sua presença não está prevista na estrutura da frase básica, é natural que sempre venha separado por vírgula. Pela função esclarecedora que o caracteriza, deve aparecer **assim que for mencionado** o sintagma nominal a que se refere:

> Ela acabou casando com Antero, O DONO DO CIRCO TUPI.
>
> Meu sonho era pescar um tucunaré, SABOROSO PEIXE DA BACIA AMAZÔNICA.
>
> O castelo de Windsor, RESIDÊNCIA OFICIAL DA RAINHA, está à

venda.

Também convidei Júlia, IRMÃ DE PEDRO, MEU COLEGA DE AULA.

Nesta última frase há dois **apostos** (na pronúncia, rima com **impostos** ou **compostos**): “irmã de Pedro”, que se refere ao objeto direto “Júlia”, e “meu colega de aula”, que se refere a “Pedro”. É a mesma estrutura que encontramos no conhecido soneto de Camões: “Sete anos de pastor Jacó servia Labão, **pai de Raquel**, **serrana bela**”. “Pai de Raquel” explica quem era Labão; “serrana bela”, quem era Raquel.

Embora seja ACESSÓRIO, não é SUPÉRFLUO nem DISPENSÁVEL, porque está na frase justamente por acrescentar dados que o leitor precisa conhecer.

Aposto ou vocativo?

Caro Prof. Moreno: na frase “A partir de janeiro deste ano, os sensores de movimento, fundamentais para sua segurança, passarão por reajustes técnicos”, o elemento fundamentais para sua segurança assume, por acaso, a característica sintática de vocativo? Se não, qual a função dele? As vírgulas estão corretas, não é?

Danieli A. – Linhares (ES)

É um **aposto**, Danieli. Se fosse desenvolvido em forma de oração, ficaria “os sensores de movimento, **que são fundamentais para sua segurança**, passarão por reajustes técnicos”. Essa é a típica oração adjetiva **explicativa**, o que vem a ser, como sabemos, exatamente a versão expandida de um **aposto**. Não pode ser **vocativo** porque a frase, embora se dirija ao provável leitor (podemos perceber isso, por exemplo, em “sua segurança”), não o nomeia diretamente.

Além disso, devido à natureza específica de cada um, apostos e vocativos diferem num ponto fundamental: o aposto sempre se refere ao elemento que vem à sua esquerda e é, por isso, **indeslocável**, contrastando com o vocativo, que não tem posição fixa. Neste exemplo, **fundamentais para sua segurança** se refere a **sensores de movimento**, e a nada mais. Se fosse um vocativo, poderia ser **deslocado** livremente para o início ou o final da frase, como acontece com todo e qualquer vocativo – o que não é possível neste caso.

Quanto à pontuação, a frase estaria correta de qualquer forma – fosse aposto ou vocativo –, já que ambos, considerados intrusos na estrutura frasal, são igualmente separados por vírgulas.

Alexandre, o Grande

Prezado Professor, quanto mais estudo, mais dúvida eu tenho quanto à pontuação de casos como estes:

Alexandre, o Grande, realizou muitas proezas.

Dona Maria, a Louca, foi rainha de Portugal.

Devo ou não colocar aquela segunda vírgula? Parece-me que há autores que não consideram haver aí aposto, sendo a vírgula parte do nome. Os nomes seriam "Alexandre, o Grande" e "Dona Maria, a Louca", o que não justificaria o uso da outra vírgula:

Alexandre, o Grande realizou muitas proezas. Dona Maria, a Louca foi rainha de Portugal.

O que fazer? Virgular ou não virgular? Eu queria conhecer a posição que o senhor adota. Parece-me até que essa foi a razão que levou o cantor Gabriel o Pensador a deliberadamente não adotar vírgula em seu nome artístico.

Olavo P.

Meu caro Olavo, mas que tipo de obra você anda consultando? É evidente que eu defendo a primeira versão, com o aposto **entre vírgulas**! Aliás, é muito simples: se colocou a PRIMEIRA, tem de colocar a SEGUNDA. Quem escreve "Dona Maria, a Louca foi rainha de Portugal" está informando à Dona Maria que a Louca foi rainha de Portugal! O aposto, o vocativo, o adjunto adverbial deslocado, entre outros, são considerados elementos intercalados e devem vir assinalados na escrita por pontuação parentética: vírgulas duplas (o mais comum), travessões duplos ou parênteses.

Este também é o caso de "Gabriel o Pensador" – acho que é assim que ele escreve, sem sinal de pontuação algum. Aqui está em jogo o uso (ou não) da vírgula com os **epítetos** ou **cognomes** atribuídos às grandes personalidades políticas e às celebridades. Há quem defenda, com efeito, a ideia de que eles passariam a integrar o **nome** da pessoa e que, por isso, deveriam ser escritos **sem**

vírgula, à moda inglesa (*Jack the Ripper*). A meu ver, estão misturando semântica com sintaxe, pois, no fundo, todos esses cognomes compartilham a estrutura mais comum de nosso idioma: todos têm **artigo**; todos têm um **núcleo nominal**, representado por um substantivo ou por um adjetivo substantivado, o que vem dar na mesma; alguns, além disso, ainda apresentam um **adjunto adnominal** preposicionado, como "O Rei DO CANGAÇO" (atribuído ao famigerado Lampião). Em suma, todos são **sintagmas nominais** típicos, colocados como **aposto** ao lado de outro sintagma nominal, e, como tal, devem ser separados por vírgulas: Alexandre, O GRANDE; Ivan, O TERRÍVEL; Pedro, O GRANDE; Jack, O ESTRIPADOR; Átila, O FLAGELO DE DEUS; Dom Manuel, O VENTUROSO; Rui, A ÁGUIA DE HAIA; Gabriel, O PENSADOR.

Outra possibilidade seria usar o epíteto diretamente ligado ao nome, como **Pedro pedreiro**, **Gabriel pensador**, **Seu Libório cantador** (Graciliano Ramos) – mas aí já estaríamos fora do âmbito do aposto.

Aposto entre travessões

Professor, gostaria que me dissesse se posso manter em meu trabalho o trecho que está em negrito, ou se eu deveria encerrar o período logo após o aposto (em destaque): "Eles destacam dois tipos de pesquisa qualitativa: A ETNOGRÁFICA E O ESTUDO DE CASO, ***em razão de sua aceitação na área educacional, e mencionam alguns autores para compor e elucidar a discussão****".*

Márcia Elisa R.

Prezada Márcia: a pontuação só existe para nos ajudar a escrever textos que o leitor possa entender sem dificuldade (e, se possível, com prazer). Isso significa que ela deve estar a serviço daquilo que pretendemos expressar – a nossa "mensagem", como costumávamos dizer nos ingênuos anos 60. Ora, considerando o significado das linhas que você escreveu, acho que uma pequena reacomodação sintática – com as competentes alterações na pontuação – vai favorecer o trabalho do leitor:

> Eles **destacam**, em razão de sua aceitação na área educacional, dois tipos de pesquisa qualitativa – A ETNOGRÁFICA E O ESTUDO DE CASO – e **mencionam** alguns autores para compor e elucidar a discussão.

Dessa forma, fica assegurado o paralelismo que você mesma estabelece entre "**destacam** dois tipos de pesquisa qualitativa" e "**mencionam** alguns autores para compor e elucidar a discussão", que é o eixo principal de sua frase. Como o adjunto adverbial "em razão de sua aceitação na área educacional" indica a causa de terem destacado esses dois tipos de pesquisa, é melhor deslocá-lo para junto do verbo a que se refere ("destacam"). Os **travessões duplos** poderiam ser substituídos por **vírgulas duplas**, é verdade, mas assim o aposto fica muito mais claro; afinal, seja com vírgulas, travessões ou parênteses, o importante é nunca deixar de assinalar esse tipo de intercalação.

Tive de eliminar o **dois-pontos** que você usou, pois ele só teria sentido se não houvesse a segunda oração coordenada ("e mencionam..."):

> Eles destacam, em razão de sua aceitação na área educacional, dois tipos de pesquisa qualitativa: A ETNOGRÁFICA E O ESTUDO DE CASO.

Curtas

Diretor em exercício

> Prezado Professor Moreno, escrevo-lhe para tirar uma dúvida a respeito do uso de *vírgula:* o ocupante interino de um cargo assina a correspondência como "Fulano de Tal, Diretor, *em Exercício*". Está correta esta vírgula separando "em exercício"?

Maria Madalena B.

Prezada Maria Madalena: como você desconfiava, essa vírgula não tem cabimento. "Fulano, Diretor **em Exercício**"; "Beltrano, Reitor *pro tempore*"; "Sicrano, Presidente **Interino**"; "Zutano, Coordenador **Substituto**".

5 – Separando o vocativo

O vocativo é um elemento novo que acrescentamos à frase para **chamar** ou **interpelar** nosso leitor. Como está desvinculado de qualquer parte do padrão frasal (não se encaixa nem no **sujeito**, nem no **predicado**), tem a liberdade de se deslocar para qualquer posição na frase:

QUERIDO PRIMO, você provará a boa comida da Emília.

Você, QUERIDO PRIMO, provará a boa comida de Emília.

Você provará, QUERIDO PRIMO, a boa comida de Emília.

Você provará a boa comida de Emília, QUERIDO PRIMO.

Esta mobilidade característica é o traço que aproveitamos para distingui-lo do APOSTO: enquanto este fica fixo, à direita do termo que explica, o VOCATIVO move-se livremente pela frase, podendo ficar, inclusive, em duas posições que o aposto nunca poderá ocupar – no início da frase (antes do sujeito) ou na casa à direita do verbo.

Vocativo não é sujeito

Em "Vai, minha tristeza, e diz a ela que sem ela não pode ser", de Vinícius de Morais, posso dizer que minha tristeza é o sujeito de vai, e que a vírgula estaria sendo usada para separar a segunda oração coordenada, "diz a ela"? Estou de todo errada?

Calina – Lima (PE)

Prezada Calina: **minha tristeza** é um **vocativo**, e por isso vem entre vírgulas. Sinto, mas a análise que você fez está completamente equivocada. Se suprimirmos **minha tristeza** da frase (afinal, os vocativos sempre são meros intrusos), fica mais fácil enxergar a estrutura real do período:

VAI e DIZ a ela que sem ela não pode ser.

Para comprovar que as duas vírgulas entraram na frase acompanhando o **vocativo**, basta deslocá-lo:

MINHA TRISTEZA, vai e diz a ela que sem ela não pode ser.

Vai e diz a ela, MINHA TRISTEZA, que sem ela não pode ser.

Ora, se MINHA TRISTEZA é o vocativo, qual é o sujeito de "vai e diz"? Muito simples: o sujeito é "tu", elíptico (aquilo que chamávamos, há mais de um século, de sujeito OCULTO ou SUBENTENDIDO). Se Vinícius tivesse preferido usar "você" no lugar de "tu", os verbos ficariam "vá e diga".

Bom dia, Vietnã!

Caro Professor, mantemos um boletim diário em nossa instituição com o título Bom Dia Congresso. Alguns leitores têm sugerido que deveríamos colocar uma vírgula, ficando Bom Dia, Congresso. Como o senhor vê esta questão? Quando o nome foi criado, confesso que não o encaramos como um vocativo.

(Anônimo – por solicitação do autor)

Prezado amigo: é uma péssima notícia, mas infelizmente a vírgula aí é **indispensável**. Ao lado do sintagma "bom dia", está o sintagma "Congresso". Ora, quando dois sintagmas ficam lado a lado (sem pontuação entre eles), o que está à direita assume a função de **modificador** do primeiro (**funcionário** + **fantasma**, por exemplo). Haveria um **bom dia *congresso*** ao lado de um **bom dia *senado***, um **bom dia *câmara***, etc. – vários tipos de "bom dia", assim como um "bom dia sertanejo", um "bom dia esportivo", um "bom dia urbano"? Claro que não. Nesta frase, "Congresso" é **vocativo**, sem dúvida; o título do boletim é, inequivocamente, uma saudação ao Congresso; na hora de batizá-lo, inclusive, o nome vencedor poderia ter sido "Congresso, Bom Dia!". A estrutura é a mesma do nome daquele programa de rádio que o Robin Williams levava ao ar, todos os dias, no filme do mesmo nome: *Bom dia, Vietnã!*. Ponham a vírgula no lugar, meu caro anônimo; é muito mais fácil admitir o erro e corrigi-lo do que passar a vida defendendo o indefensável – isso se não vier alguém dizer que também sentiu falta do **ponto de exclamação**.

Suje-se gordo!

Professor, aprendi que vocativos como "Fica quieto, menino" ou "Volta logo, meu filho" sempre devem vir separados com vírgula. Por que, então, o nome do conto "Suje-se gordo!", de Machado de Assis, não é pontuado? Não se põe vírgula em títulos?

Rosa Maria J.P. – Campos (RJ)

Prezada Rosa Maria, não se trata de um cochilo de Machado de Assis, nem existe qualquer regra contra o uso de pontuação nos títulos. Um romance de José Cândido de Carvalho se intitula *Olha para o céu, Frederico*; Camilo Castelo Branco escreveu *Coração, cabeça e estômago*; o próprio Machado nos deu os contos "Vênus! Divina Vênus!", "Vinte anos! Vinte anos!", "O Cônego, ou Metafísica do estilo" e "Casa, não casa". Acho que você não leu o conto inteiro, e daí sua pergunta. Não há um vocativo aqui; "Suje-se gordo!" não é uma ordem para que um gordinho se suje (aí seria "Suje-se, gordo!" – o que corresponderia a "Gordo, suje-se!"), mas um estranho princípio moral defendido pelo personagem, que acha que não vale a pena transgredir a lei por ninharias:

> Vi que não era um ladrão reles, um ladrão de nada, sim de grande valor. O verbo é que definia duramente a ação. "Suje-se **gordo**!". Queria dizer que o homem não se devia levar a um ato daquela espécie sem a grossura da soma. A ninguém cabia sujar-se por quatro patacas. Quer sujar-se? Suje-se **gordo**!

Aqui você tem um bom exemplo desses **adjetivos** transformados em **advérbio** de modo, fenômeno tão comum no Português Brasileiro: "Eles comiam RÁPIDO", "Ela falava BAIXO", "A cerveja desce REDONDO". "Suje-se GORDO", portanto, aqui significa "Suje-se PARA VALER". Machado deve ter previsto a possível confusão de **gordo** com um vocativo, pois fez questão de incluir a expressão numa sequência definitiva: "Suje-se GORDO! Suje-se MAGRO! Suje-se COMO LHE PARECER!". Se serve como consolo, fique sabendo que você não é a única a ter esta dúvida; o sempre útil *Portal do Domínio Público*, por exemplo (http://www.dominiopublico.gov.br), continua a grafar este título com aquela vírgula equivocada.

Curtas

O vocativo

> Professor, tanta gente começa seus e-mails escrevendo algo como "Oi fulano!" ou "Fala fulano!" que eu começo a desconfiar que aprendi errado na escola. Eu achava que o correto seria escrever "Oi, Fulano!" e "Fala, Fulano", pois, para mim *fulano* é um vocativo, mas já não tenho certeza de mais nada.

Antonio A. – Rio de Janeiro

Meu caro Antônio, você está coberto de razão. São realmente vocativos, e devem vir separados por vírgula: “Salve, imperador!”; “Adeus, Mariana!”; “Ai, Tia Chica”; “Oi, Laurinha!”; “Ave, César” – e por aí vai a valsa. Compare “Como vai, Antônio?” com “Como vai Antônio?”, “Pare, Antônio” com “Pare Antônio” – são diferentes como a água e o vinho.

Cuidado frágil

Preciso escrever “Cuidado, frágil” numa etiqueta para pacotes postais. O senhor concorda com o emprego desta vírgula?

Vinícius A.

Caro Vinícius: se eu fosse o responsável pelas etiquetas, escreveria “Cuidado! Frágil!” ou “Cuidado: frágil!”; aqui não é um caso para vírgula, que – o que é pior – poderia induzir a uma leitura ridícula de **frágil** como VOCATIVO (semelhante a “Cuidado, palerma!”, “Cuidado, molenga!”, “Cuidado, fracote!” e outras mimosuras do gênero).

Vocativo x sujeito

Prezado professor, eu e um colega não chegamos a um acordo sobre a pontuação da frase “Vagabundo, vai estudar!”. A vírgula não está separando o sujeito do verbo?

Rebeca S. – Santa Bárbara (SP)

Minha cara Rebeca: nesta frase, **vagabundo** não é o SUJEITO, mas o VOCATIVO. É exatamente por isso que ele pode se deslocar livremente (levando sempre consigo, é claro, as vírgulas indispensáveis):

VAGABUNDO, vai estudar!

Vai, VAGABUNDO, estudar!

Vai estudar, VAGABUNDO!

Pontuação com interjeição

Professor Moreno: na expressão “Valeu! Mestre!”, temos uma interjeição de agradecimento e um vocativo? Eu poderia pôr uma vírgula após o primeiro ponto de exclamação?

Josevaldo L. – Fortaleza

Meu caro Josevaldo, digamos que seja uma interjeição (não é bem isso, mas funciona como se fosse), seguida de um vocativo – mas a pontuação habitual, nesses casos, é separar o vocativo com uma vírgula e deixar o ponto de exclamação para o fim da frase: “Valeu, **mestre**!”; “Cuidado, **Corisco**!”; “Epa, **camarada**!”; “Vade-retro, **Satanás**” – e assim por diante. É bom lembrar que, por princípio geral, a vírgula **jamais** poderá aparecer ao lado do **ponto** – o que inclui o ponto de **exclamação** e o de **interrogação**.

Quantas vírgulas?

Professor, sou estudante de Letras e tenho uma dúvida de pontuação. No exemplo “Ninguém meus amigos poderá ajudá-los mais do que eu”, quantas vírgulas devo usar?

Cristiane R.O. – São Paulo

É um caso elementar, Cristiane! A frase tem um **vocativo** – “meus amigos” – e deverá ser pontuada assim: “Ninguém, **meus amigos**, poderá ajudá-los mais do que eu”. Mesmo que o vocativo não fosse identificado (o que acho difícil), bastaria ver que entre o sujeito (“Ninguém”) e o verbo (“poderá”) apareceu uma intercalação, o que já justificaria, por si só, as vírgulas duplas. Além disso, como o vocativo é sempre um elemento **deslocável**, a frase poderia ser reescrita como “**Meus amigos**, ninguém poderá ajudá-los mais do que eu”, ou “Ninguém

poderá ajudá-los mais do que eu, **meus amigos**” – e assim por diante, sempre deixando o vocativo separado por vírgula(s).

Muda o sentido

> Professor, o senhor pode me ajudar?
> Existe diferença de sentido entre “Homem trabalha” e “Homem, trabalha”? E entre “Você entende Joaquim” e “Você entende, Joaquim”?
>
> Jéssica T. – 10 anos

Prezada Jéssica, é claro que existe. Em “**Homem**, trabalha”, a vírgula assinala a presença de um VOCATIVO – isto é, estamos falando com alguém diretamente, chamando-o de “homem”. O mesmo acontece com “Você entende, **Joaquim**”, em que estamos nos dirigindo a alguém chamado “Joaquim”. A versão SEM vírgula diz outra coisa; em “**Homem** trabalha”, “homem” é o sujeito da frase, semelhante a “**Pedro** trabalha”, “**Ele** trabalha”, “**Todo o mundo** trabalha”. Em “Você entende **Joaquim**”, estamos dizendo a alguém que ele entende **Joaquim** (como em “Você entende **Inglês**”, “Você entende **toda a matéria**”, “Você entende **minha ansiedade**”).

6 – Separando outros elementos intercalados

Além desses casos mais comuns – adjuntos adverbiais deslocados, apostos e vocativos –, separe por **vírgulas** QUALQUER OUTRO elemento que apareça intercalado entre os elementos básicos do padrão frasal, **mesmo que você desconheça sua classificação sintática**:

> A menina, ACREDITEM, foi a culpada de tudo.
>
> Eles aceitariam, ACHO EU, esta nova proposta.
>
> A notícia, É VERDADE, deixou-nos estupefatos.
>
> Eu aceitei, OU MELHOR, tolerei sua presença.

Para que essas inserções fiquem bem assinaladas para nosso leitor, também podemos separá-las do corpo da frase usando **travessões** ou **parênteses**, sinais

que, embora sirvam para a mesma finalidade, apresentam sobre a vírgula algumas vantagens preciosas em duas situações bem concretas. A primeira é típica: ao acrescentarmos uma intercalação a uma frase que já contém outras vírgulas indispensáveis, é melhor recorrer aos travessões ou aos parênteses, evitando assim que o acúmulo de vírgulas torne a pontuação complexa demais para permitir uma leitura fluente. Compare a primeira versão abaixo com as outras duas:

> Concluída a pesquisa, verificou-se que os três estados da Região Sul, PARANÁ, SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL, apresentam o melhor índice de qualidade de vida.
>
> Concluída a pesquisa, verificou-se que os três estados da Região Sul – PARANÁ, SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL – apresentam o melhor índice de qualidade de vida.
>
> Concluída a pesquisa, verificou-se que os três estados da Região Sul (PARANÁ, SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL) apresentam o melhor índice de qualidade de vida.

Na primeira versão, as vírgulas da **enumeração** se confundem com as vírgulas do **aposto** e tornam a pontuação presente demais para o leitor, obrigando-o a um esforço adicional para decifrá-la. As outras duas, ao contrário, tornam a leitura muito mais fácil, deixando bem evidente a organização sintática da frase. Embora ambas sejam muito mais "confortáveis" para o leitor, a primeira escolha seria a versão que emprega o **travessão**, reservando-se o **parêntese** para as intercalações de dados numéricos ou indicações bibliográficas.

A segunda vantagem de utilizar o travessão ou o parêntese é a possibilidade de usar **pontuação expressiva** na intercalação; se optássemos pelas vírgulas duplas, seria impossível empregar um ponto de interrogação ou de exclamação:

> A rainha da Suécia – **quantos aqui sabem disso?** – viveu dez anos no Brasil.
>
> Um candidato que roubou – **e que admite isso com a maior naturalidade!** – não pode ser reeleito.

Vírgula depois de parênteses

Professor, escrevi um texto que começava da seguinte forma: "No Dia Mundial sem Tabaco (31 de março), nossa Escola vai realizar atividades...". Um certo professor afirmou que está errada aquela vírgula após o parêntese, porque os parênteses SEMPRE substituem as vírgulas. Confesso que achei absurdo, mas não tinha argumento para responder. O que o senhor acha? Cometi mesmo um erro gravíssimo, como ele disse?

Érika R.M. – Rio de Janeiro

Prezada Érika, acho estranho que você leve a sério a opinião de uma pessoa que você mesma classifica, pouco elogiosamente, de "um certo professor". Ele deve ter ouvido que podemos deixar uma expressão intercalada entre **vírgulas**, ou **travessões**, ou **parênteses** – o que é correto. Numa frase como "A diretoria, **eleita no mês passado**, assume amanhã", "eleita no mês passado" pode vir também separado por travessões ou por parênteses. Neste caso, como é óbvio, ou aparece um, ou aparece outro sinal.

Na frase que você escreveu também podemos optar por qualquer um desses três sinais, mas o caso é um pouco mais complexo. Se retirarmos da frase a expressão parentética ("31 de março" – que é, aqui, um simples **aposto**), a vírgula continuará lá, o que nos traz a certeza de que ela está sendo empregada por suas próprias razões: "No Dia Mundial sem Tabaco, nossa Escola...". Vamos agora acrescentar a expressão que tínhamos retirado e separá-la do corpo da frase ora com vírgulas, ora com travessões, ora com parênteses. Dou, abaixo, as três versões possíveis:

(1) No Dia Mundial sem Tabaco**, 31 de março,** nossa Escola...

(2) No Dia Mundial sem Tabaco – **31 de março –,** nossa Escola...

(3) No Dia Mundial sem Tabaco **(31 de março),** nossa Escola...

Note que, em (1), aquela vírgula depois de **março** é **dupla**, isto é, há uma vírgula em cima da outra (a da **intercalação** e a que assinala o **deslocamento do adjunto adverbial**). Em (2), aparece o famoso travessão seguido de vírgula, que alguns revisores infelizmente ainda não entenderam. Em (3), temos a frase da maneira como você escreveu – e que foi injustamente criticada pelo referido professor, o qual, espero, não leciona Língua Portuguesa.

Travessão seguido de vírgula

Prezado professor, gostaria de saber se está correta a pontuação da frase "No caso da Transpetro – subsidiária da Petrobrás para transporte em dutos –, foi registrado um aumento de 17,2%". É certo colocar aquela vírgula logo após o hífen? Eu nunca tinha visto isso antes.

José R.M. – Recife

Meu caro José: quando usarmos **travessões** (não são hifens, aqui) para pontuar expressões intercaladas, eles funcionam exatamente como os parênteses duplos. Olhe como seria a pontuação desta frase **antes** de receber o aposto "subsidiária da Petrobrás para transporte em dutos":

> No caso da Transpetro, foi registrado um aumento de 17,2%.

Quando acrescentarmos a expressão intercalada, ela vai trazer consigo sua própria pontuação (**parênteses** ou **travessões**), independentemente da pontuação da frase-mãe:

> No caso da Transpetro (subsidiária da Petrobrás para transporte em dutos), foi registrado um aumento de 17,2%.
>
> No caso da Transpetro – subsidiária da Petrobrás para transporte em dutos –, foi registrado um aumento de 17,2%.

É indispensável, portanto, que apareça aquela vírgula depois do parêntese ou do travessão de fechar, pois pertence à pontuação da frase original. A combinação [travessão+vírgula] só lhe parece estranha porque, como você mesmo afirma, ainda não tinha reparado nesta prática; aposto, no entanto, que vai encontrar muito mais casos, agora que falamos disso.

Interrogação dentro da intercalação

Olá, professor! O jornal de ontem trazia uma frase muito esquisita: "O prestígio mundial dos jogadores sul-americanos e a ganância dos empresários europeus já ameaçam o futuro da seleção Argentina e, por que não?, o próprio

futebol brasileiro". Está correta esta pergunta entre vírgulas? Minha professora disse que nunca tinha visto uma dessas antes.

Alcides B. – 13 anos – Piracicaba (SP)

Em primeiro lugar, meu caro Alcides, jamais podemos esquecer a grande diferença que existe entre as **regras de pontuação** e as **regras de acentuação**, por exemplo. Estas últimas são meras **convenções** – podem ser criadas, eliminadas ou alteradas à vontade pelos especialistas que estiverem no comando. Em 1943 a Academia concebeu um sistema de acentuação que já foi modificado duas vezes, uma em 1971 e outra agora há pouco, com o Novo Acordo. Nada impede que, no futuro, uma nova reforma ortográfica venha a eliminar totalmente os acentos de nosso idioma – decisão que, por sua vez, poderá ser revogada algumas décadas depois. Pode ser que o Português venha um dia a ser escrito como o Inglês, que não usa acentos, ou como o Francês, que coloca dois (e às vezes três) acentos numa mesma palavra. Mas, seja qual for o sistema adotado, sempre vai conter regras rígidas, sem flexibilidade alguma, que garantam uma grafia uniforme em todos os rincões do Brasil.

Essa padronização coercitiva é possível no emprego das letras e dos acentos, mas não no emprego das vírgulas. Em primeiro lugar, porque a pontuação é **pessoal** – não no sentido de que eu possa usar os sinais como me der na veneta, mas sim porque eu os emprego para dizer ao leitor como é que espero que ele leia meu texto, o que naturalmente vai gerar várias diferenças de estilo individual, todas toleráveis dentro do sistema. O que eu considero uma intercalação curta – e, portanto, deixo sem vírgulas – pode não o ser para meu vizinho; onde eu uso travessões duplos, ele pode preferir vírgulas duplas; onde eu uso ponto-e-vírgula, ele pode preferir empregar um simples ponto.

Além disso, as regras que exponho neste livro são de natureza muito diferente das regras ortográficas. Não foram elaboradas todas ao mesmo tempo, por uma comissão específica, numa data determinada, mas sim desenvolvidas, por tentativa e erro, pela soma das pessoas que escreveram e escrevem no Ocidente. São antes **conselhos** do que propriamente regras; como as leis de trânsito, obedecem a um bom senso determinado historicamente: devemos sinalizar quando vamos mudar de pista ou quando vamos parar, não devemos ultrapassar em curvas, etc., ou seja, princípios gerais indiscutíveis que aumentam a segurança de qualquer motorista do planeta.

Vimos, na página 96, que as expressões intercaladas podem ser pontuadas de várias maneiras. Ora, como normalmente evitamos que a vírgula entre em contato com o ponto (de qualquer tipo), uma intercalação interrogativa, como o exemplo que você enviou, ficaria muito melhor se viesse entre **travessões** ou **parênteses**:

O prestígio mundial dos jogadores sul-americanos e a ganância dos

> empresários europeus já ameaçam o futuro da seleção Argentina e – **por que não?** – o próprio futebol brasileiro.
>
> O prestígio mundial dos jogadores sul-americanos e a ganância dos empresários europeus já ameaçam o futuro da seleção Argentina e (**por que não?**) o próprio futebol brasileiro.

Assim fazendo, estaríamos aproveitando a maior vantagem que os travessões ou os parênteses apresentam sobre as vírgulas duplas, que é a possibilidade de usar expressões intercaladas com **pontuação expressiva** (exclamação ou interrogação). Não é que esteja errado se o fizermos com a vírgula, mas certamente vamos causar no leitor a mesma estranheza que você e sua professora experimentaram, o que não é desejável para nós, cidadãos comuns, nas inúmeras situações em que temos de nos comunicar por escrito.

É importante que você saiba, no entanto, que essas precauções nem sempre são observadas pelos textos literários, que exploram os recursos da língua escrita até o limite da inteligibilidade. Reproduzo abaixo um texto do genial Millôr Fernandes, que coloca uma exclamação e uma interrogação entre vírgulas. Millôr pode fazer isso, sem problemas, pois os leitores jamais vão se aproximar de um texto escrito por ele com o mesmo automatismo com que leem as notícias do dia – em suma, estão com os sentidos aguçados, prontos para perceber qualquer sutileza do famoso guru do Meier:

> "Vocês ainda se lembram daquela história, edificante!, do garoto holandês que botou o dedo na rachadura do dique pra salvar sua cidade, e toda a Holanda, por que não?, de ser inundada pelas águas?"

Olhe, admire e aprecie – mas não imite. Como você não é Millôr ou outro escritor famoso, as pessoas esperam que você se mantenha nos caminhos bem-trilhados da pontuação padrão. É com essa expectativa que lerão qualquer coisa que você escrever.

Curtas

Além disso

> Professor Moreno: no fôlder de lançamento de um novo carro, fiquei cismado com a seguinte construção: "Você gasta muito menos e pode contar, *além disso*, com a segurança de usar dois tipos de

> combustível". Gostaria de saber se "além disso" precisa mesmo daquelas duas vírgulas.
>
> Jaison – Goiânia

Meu caro Jaison, há uma série de elementos que precisamos acrescentar à frase para indicar que vamos continuar nosso argumento (**por outro lado**, **aliás**, **inclusive**, **deste modo**, **ora**, **aí**, **assim**), ou atenuar afirmações polêmicas (**ao que parece**, **salvo melhor juízo**), ou retificar alguma coisa dita antes (**isto é**, **ou melhor**, **quer dizer**, **na verdade**). **Além disso** é um desses organizadores textuais e, como tal, sempre virá separado do corpo da frase por vírgula.

Conjunção seguida de expressão intercalada

> Prezado mestre, sou síndica do prédio em que moro e tenho de redigir um breve relatório sobre a última reunião do condomínio. Este verdadeiro abacaxi está me dando dor de cabeça, pois não quero errar perante os meus vizinhos e estou com uma dúvida de pontuação. Na frase "Mas por não ter havido quórum, a votação foi transferida para a próxima reunião", aquela *vírgula* está correta? E *quórum* é assim mesmo, com acento?
>
> Esther D.J. – Birigui (SP)

Prezada Esther: o problema desta frase é a ausência da **primeira** vírgula da intercalação. A conjunção **mas** não pode ser tratada como se fosse parte da oração **por não ter havido quórum**, que se desloca livremente:

(1) Mas a votação foi transferida POR NÃO TER HAVIDO QUÓRUM

(2) Mas a votação, POR NÃO TER HAVIDO QUÓRUM, foi transferida.

(3) Mas, POR NÃO TER HAVIDO QUÓRUM, a votação foi transferida

Como podemos ver claramente nas frases (1) e (2), "mas" e "por não ter havido quórum" **não** constituem uma unidade; na frase (3), portanto, é indispensável aquela vírgula antes de "por". Quanto ao **quórum**, esta é a forma modernizada do vocábulo latino *quorum*; é uma questão de escolha do falante. Ou usamos a forma tradicional, sem acento e grafada em itálico, ou usamos a forma mais atual, com acento – da mesma forma que *habeas* ou **hábeas**, *curriculum* ou **currículo**.

7 – Indicando a elipse do verbo

Em construções em que o verbo aparece repetido, é possível, se quisermos, mencioná-lo apenas **na primeira vez**, sem prejuízo da compreensão. Neste caso, assinalamos a elipse do verbo com uma vírgula:

(1) Eu TENHO dois irmãos; você TEM três; Carla TEM quatro.

Eu TENHO dois irmãos; você, três; Carla, quatro.

(2) Ele FALAVA inglês e francês. Ela FALAVA alemão.

Ele FALAVA inglês e francês. Ela, alemão.

(3) Eu PREFIRO a serra, e tu PREFERES o mar.

Eu PREFIRO a serra, e tu, o mar.

Friso que todas as frases acima estão corretas; usar ou não a elipse é uma escolha pessoal e, portanto, de estilo. Note que a frase (3) apresenta também a vírgula antes daquele **E** que liga orações com sujeitos diferentes.

Supressão do verbo ser

Caro Professor, estou com dúvida quanto à pontuação – mormente quanto ao emprego da ÚLTIMA vírgula – na seguinte frase: "São circunstâncias individualizadas e distintas; uma delas é legal, considerada agravante obrigatória, e a outra, judicial".

Maurício J. – Belo Horizonte

Meu caro Maurício, acho que aqui se aplica, como uma luva, o título daquela comédia de Shakespeare: "Muito barulho por nada". Que vantagem você pensa obter, nesta frase, com a supressão do "é", monossílabo tão nanico e discreto? Embora a pontuação que você propõe esteja teoricamente correta, na prática ela não funciona muito bem (aliás, posso apostar que essa foi a causa de sua consulta). Se o objetivo é estilístico, então eu sugiro um pequeno retoque na pontuação, mas em outro lugar:

> São circunstâncias individualizadas e distintas; enquanto uma delas, considerada agravante obrigatória, é **legal**, a outra é **judicial**.
>
> São circunstâncias individualizadas e distintas. Uma delas, considerada agravante obrigatória, é **legal**; a outra é **judicial**.
>
> São circunstâncias individualizadas e distintas; uma delas, considerada agravante obrigatória, é **legal**. A outra é **judicial**.

Acredite: qualquer uma dessas versões seria superior à inicial.

Vírgula obrigatória?

Professor, é obrigatório indicar a supressão do verbo com uma vírgula? Às vezes eu tenho a impressão de que isso não seria necessário, mas não sei quando posso deixar de aplicar a regra.

Bia W.T. – Petrópolis (RJ)

Prezada Bia, em primeiro lugar é preciso deixar bem claro que só vamos suprimir o verbo da segunda oração se assim o desejarmos. Não há problema algum em repeti-lo; pelo contrário, em certas construções a presença do verbo em ambas as orações melhora o ritmo e reforça o paralelismo:

> Agamênon COMANDAVA os gregos, Heitor COMANDAVA os troianos.
>
> Eu FICO com as brancas, tu FICAS com as pretas.

Todavia, nas construções em que a repetição do verbo não parece trazer vantagem alguma, é costume mencioná-lo apenas na primeira oração, deixando-o **elíptico** na segunda. Neste caso, o sistema dominante de pontuação (no Inglês, no Francês, no Espanhol e no Português) recomenda assinalar esta supressão por uma vírgula. Note que eu disse "recomenda", já que, como faço questão de

frisar em várias passagens deste livro, as regras de pontuação não têm (e nunca terão) o caráter obrigatório das regras de acentuação. Abaixo você verá três versões diferentes para cada exemplo; embora todas estejam corretas, asseguro-lhe que a maior parte dos leitores vai considerar (c) como a versão menos boa:

> (a) No Natal, o menino sempre ganhava carrinho; sua irmã ganhava boneca.
> (b) No Natal, o menino sempre ganhava carrinho; sua irmã, boneca.
> (c) No Natal, o menino sempre ganhava carrinho; sua irmã boneca.
>
> (a) Eu cuido da porta; tu cuidas da janela. (b) Eu cuido da porta; tu, da janela. (c) Eu cuido da porta; tu da janela.
>
> (a) Desta vez o governo estava certo. A oposição estava errada.
> (b) Desta vez o governo estava certo. A oposição, errada.
>
> (c) Desta vez o governo estava certo. A oposição errada.

Curtas

Vírgula estranha

> Prezado professor: num breve mas brilhante artigo de sua autoria a respeito das especificidades do sistema prosódico do Brasil, em relação ao sistema de Portugal, o senhor comenta: "A água que escoa no ralo da banheira, em Portugal, gira para a esquerda; a nossa, gira no sentido do relógio". Estimado e sempre consultado professor, a vírgula depois do pronome "nossa" foi utilizada para marcar a elipse do substantivo "água", ou o buraco é mais embaixo? Um abraço amigo.
>
> Orlando N. – Fortaleza

Não, Orlando, não foi – e não se faça de sonso, que você percebeu muito bem que a vírgula está onde não deveria estar. Na primeira redação – "A água que escoa no ralo da banheira, em Portugal, gira para a esquerda; a nossa, no sentido do relógio" –, eu tinha suprimido o verbo "girar", e a vírgula indicava a **elipse do verbo**. Relendo o texto, achei que ficaria mais claro se repetisse o "gira" – e esqueci de apagar a vírgula. Foi apenas isso. Você, com razão, estranhou a pontuação e fez questão de me alertar, usando essa aproximação oblíqua e

dissimulada – mas gentil. Obrigado.

Falso caso de elipse

Caro professor, peço esclarecimento sobre o uso ou não da vírgula em destaque no período abaixo. A vírgula deve existir? A razão da vírgula seria pela elipse verbal?

> *"Na audiência, não houve acordo, mas foi deferida medida liminar que atribuiu 75% ao homem e, 25% à mulher da parcela de financiamento do imóvel."*

Henrique – Campo Grande (MS)

Meu caro Henrique, essa vírgula não tem cabimento. Só usamos vírgula para indicar a elipse verbal quando se tratar de **sujeitos diferentes**, com **verbo idêntico** ("Eu comprei um dicionário. Ela, uma gramática"). Se o sujeito for **um só**, não há elipse, mas um complemento composto: "Nós gostamos [de casa limpa] e [de mesa posta]"; "O vento derrubou [o telhado da escola] e [o campanário da igreja]. Na frase que você mandou temos um verbo transitivo **direto** e **indireto** ("atribuir") seguido de dois conjuntos [O. Direto + O. Indireto] coordenados por um E: "atribuiu [75% ao homem] E [25% à mulher]".

8 – Separando as adjetivas explicativas

Este é o caso mais complexo de toda a pontuação, pois envolve a sutil diferença entre a oração adjetiva EXPLICATIVA (separada **obrigatoriamente** por vírgulas) e a adjetiva RESTRITIVA, muito parecida, que NÃO leva vírgula. Ambas têm a mesma configuração e ocupam posição idêntica na frase, mas têm SIGNIFICADO diferente. Como o gelo aqui é mais fino, prefiro avançar com cautela.

Semelhanças entre elas – Estas orações receberam o nome de ADJETIVAS porque sempre vêm **à direita de um substantivo** (ou **pronome substantivo**), ocupando exatamente a posição preferida pelo **adjetivo** em nosso idioma. Este é um traço compartilhado por ambos os tipos:

Sublinhou em vermelho todos os **erros** QUE ENCONTROU.

As **pessoas** QUE ESTAVAM LÁ ficaram aterrorizadas.

Eu, QUE TUDO VI, posso testemunhar em juízo.

Ele pretende visitar a **cidade** ONDE NASCEU.

O **pai** de Jorge, COM CUJA AJUDA CONTÁVAMOS, acabou desistindo.

Outra característica comum a ambas é o fato de iniciarem sempre por um PRONOME RELATIVO (**que**, **quem**, **qual**, **cujo**, **onde**). Isso é que explica por que ela era chamada, até os anos 50, de oração subordinada ADJETIVA RELATIVA, como veremos adiante em resposta a uma leitora.

Diferenças – Para que possamos enxergar com clareza a principal diferença entre as duas, é necessário lembrar que o substantivo é uma palavra que designa determinado CONJUNTO de seres (**pneu**, **peixe**, **sofá**, **suspiro**, **lágrima**). Quando houver uma oração adjetiva ligada a ele, você vai decidir se ela é RESTRITIVA ou EXPLICATIVA pelo **efeito que ela tem sobre esse conjunto**:

(1) Se ela se aplicar a apenas uma PARTE do conjunto, ela é RESTRITIVA – ou **determinativa**, **limitativa**, **especificativa**, "porque restringe, determina, limita ou especifica um nome vago, indeterminado ou inespecífico" (Luft). Uma solução bem singela, mas esclarecedora, seria denominá-la de oração adjetiva PARCIAL.

(2) Se ela se referir a TODOS os elementos do conjunto, ela é EXPLICATIVA.

Restritiva

Explicativa

(1) As baleias QUE FORAM MORTAS tinham marcas de vários arpões. (as outras não)

(2) As gaivotas QUE SEGUIAM NOSSO NAVIO tinham as penas manchadas de óleo. (as outras não)

(3) As gaivotas, QUE VIVEM JUNTO AO MAR, são minhas companheiras matinais. (todas)

(4) As baleias, QUE TÊM SANGUE QUENTE, precisam subir periodicamente à superfície para respirar. (todas)

Os exemplos acima se referem a dados objetivos, que podem ser facilmente verificados. Por isso, se escrevêssemos a frase (4) SEM vírgulas – "As baleias QUE TÊM SANGUE QUENTE precisam..."–, estaríamos confessando nossa ignorância biológica (haveria também baleias que NÃO têm sangue quente...). Há muitas situações, contudo, em que a relação entre a oração adjetiva e o substantivo a que está ligada não pode ser definida fora do contexto. Veja a diferença que existe em cada par:

> (5) As mulheres QUE DIRIGEM MUITO MAL precisam praticar mais.
>
> (6) As mulheres, QUE DIRIGEM MUITO MAL, precisam praticar mais.
>
> (7) Os políticos QUE SÃO CORRUPTOS deveriam perder seus mandatos.
>
> (8) Os políticos, QUE SÃO CORRUPTOS, deveriam perder seus mandatos.
>
> (9) Os jovens QUE FAZEM MUITO BARULHO não respeitam os outros.
>
> (10) Os jovens, QUE FAZEM MUITO BARULHO, não respeitam os outros.

Nas versões em que a adjetiva ficou **entre vírgulas**, são feitas afirmações de valor genérico (toda mulher dirige muito mal, todo político é corrupto, todo jovem é barulhento).
ALÉM DISSO:
(1) Se o conjunto for UNITÁRIO (o caso de um **substantivo próprio**, por exemplo), ou se o conjunto já tiver sido previamente delimitado ou especificado, é natural que a oração seja EXPLICATIVA:

> Este aqui é Antônio Carlos, QUE VAI NOS GUIAR ATÉ A MINA.
>
> Eu, QUE NÃO DESCONFIAVA DE NADA, aceitei as explicações.
>
> Encontramos um casal de índios adolescentes. A mocinha, QUE USAVA TANGA, falava muito bem o Português.

(2) Só as RESTRITIVAS podem ter o verbo no SUBJUNTIVO:

> Os candidatos QUE QUISEREM CONCORRER devem comparecer amanhã.
>
> Procurava um motor QUE NÃO FIZESSE BARULHO.
>
> Os jogadores QUE FICAREM NO BANCO também vão receber o prêmio.
>
> As ruas QUE ESTIVEREM MUITO SUJAS serão lavadas com detergente.

Por isso, a necessidade de distinguir se a oração é RESTRITIVA ou EXPLICATIVA só existe quando o verbo estiver no modo INDICATIVO. Quem

fala em público deve sempre ter cuidado com essa armadilha, pois aquilo que ele está dizendo com uma intenção pode ser transcrito de outra maneira na imprensa. Embora o ritmo e a cadência de quem fala sejam suficientes para evitar ambiguidades junto aos ouvintes, uma frase como "Os membros deste partido QUE SÃO CORRUPTOS não deveriam votar na escolha do representante" pode desencadear um verdadeiro desastre ao ser publicada no jornal do dia seguinte, onde ela poderia aparecer, por equívoco do repórter, colocada entre vírgulas. O orador tinha falado de ALGUNS, e sua frase transcrita agora parece se referir a TODOS. Para evitar mal-entendidos, bastaria substituir o indicativo "são" pelo subjuntivo "forem". Mudando a frase para "Os membros deste partido QUE FOREM CORRUPTOS não deveriam votar na escolha do representante", estamos nos assegurando de que todos os ouvintes (até mesmo os de má-fé) vão entender como RESTRITIVA esta oração.

O interessante é que o Inglês, idioma que se caracteriza por um quadro de conjugação verbal muito mais simples (e pobre) do que o nosso, teve de recorrer a **pronomes relativos diferentes** para poder fazer esta distinção; lá, o *that* é um pronome de emprego exclusivo nas **restritivas**, o que explica a instrução onipresente nos manuais daquele idioma de não usar vírgula antes do *that*.

(3) Só nas EXPLICATIVAS o QUE pode ser substituído pelo QUAL. Muitos professores, infelizmente, recorrem ao discutível expediente didático de inculcar em seus alunos a ideia de que os pronomes QUE e QUAL são livremente intercambiáveis; no entanto, a rigor, "na oração adjetiva restritiva o QUE nunca é substituível por O QUAL – a não ser em má técnica escolar de análise sintática, aliás bastante difundida" (Luft). Essa é a prática de todos os bons escritores – entre eles Bernardes, Vieira, Garrett, Alencar, Eça, Euclides e Machado. Apenas como amostra, vejamos alguns exemplos do incomparável Machado de Assis:

> Esteve algum tempo com o relógio na mão e os olhos na mulher, A QUAL tinha os seus olhos no livro. O silêncio era profundo. ("O relógio de ouro")
>
> O retrato foi passar às mãos de terceira pessoa, A QUAL afirma que fui eu que lho levei alta noite. ("Casa, não casa")
>
> (...) mas não deixava de ter certa correção nas linhas do rosto, O QUAL se cobria de um véu de serenidade que lhe ficava a matar. (*As bodas de Luís Duarte*)
>
> Não o encobria da amiga, que teve o cuidado de escrever ao primo, O QUAL respondeu com esta frase (...) ("O caso da viúva")
>
> E aí, como um escárnio, vi o olhar de Marcela, aquele olhar que pouco antes me dera uma sombra de desconfiança, O QUAL chispava de

> cima de um nariz (...) (*Memórias Póstumas de Brás Cubas*)

(4) Na FALA, os dois tipos de adjetivas são inconfundíveis! Enquanto as RESTRITIVAS são ditas SEM pausa e com entonação ascendente no fim, as EXPLICATIVAS são precedidas de pausa e têm entonação mais baixa no seu início.

Aposto e oração explicativa

Prezado mestre Moreno, no período "A Infraero, RESPONSÁVEL PELA ADMINISTRAÇÃO AEROPORTUÁRIA NO PAÍS, tenta atrair fábricas para áreas próximas aos aeroportos", a expressão entre vírgulas é um aposto explicativo ou uma oração adjetiva explicativa que foi reduzida por braquilogia, em que falta o verbo "ser" e o pronome relativo?

Marcos Antônio H.

Meu caro Marcos, no fundo você está perguntando se **seis** é diferente de **meia dúzia**. Toda oração adjetiva EXPLICATIVA é um APOSTO em forma oracional; a diferença é que o aposto, um simples sintagma nominal, não tem a estrutura de oração (sujeito+verbo), nem é introduzido pelo pronome relativo. A comissão que elaborou a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) não se deu conta disso, mas estas orações é que mereceriam a denominação de APOSITIVAS.

Esqueça essa "braquilogia", que é conceito da História da Língua. Aqui simplesmente temos dois elementos diferentes na **superfície**, mas idênticos na **estrutura profunda** – e não é por acaso que ambos devem vir separados por pontuação de intercalação. Os chamados **apostos**, portanto, não passam de orações **adjetivas explicativas** que sofreram esta redução:

> Gonçalves Dias, **que escreveu** *I-Juca-Pirama*, morreu num naufrágio. (adjetiva explicativa)
>
> Gonçalves Dias, **autor de** *I-Juca-Pirama*, morreu num naufrágio. (aposto)

A propósito disso, Celso Pedro Luft fazia uma observação interessantíssima: depois que a adjetiva explicativa é abreviada (pela supressão da sequência

pronome relativo+verbo de ligação), ela pode ser ANTEPOSTA ao substantivo a que se refere:

> Roberto, QUE ESTEVE PRESENTE À CENA, protestou.
>
> Roberto, PRESENTE À CENA, protestou.
>
> PRESENTE À CENA, Roberto protestou.
>
> A Infraero, RESPONSÁVEL PELA ADMINISTRAÇÃO AEROPORTUÁRIA NO PAÍS, tenta atrair fábricas para áreas próximas aos aeroportos.
>
> RESPONSÁVEL PELA ADMINISTRAÇÃO AEROPORTUÁRIA NO PAÍS, a Infraero tenta atrair fábricas para áreas próximas aos aeroportos.

Certamente um especialista em sintaxe terá muito mais a acrescentar sobre esta estrutura, mas nada do que ele possa nos dizer vai mudar a forma de pontuá-la. De qualquer forma, sua pergunta revela que você tem uma boa intuição linguística, pois se deu conta de uma semelhança que geralmente passa despercebida – até mesmo por pessoas que se intitulam professores de Português.

Aposto restritivo

Numa aula do Curso de Jornalismo, na semana passada, surgiu a dúvida sobre o modo correto de pontuar casos em que um cargo é comum a várias pessoas e casos em que há apenas um indivíduo para um cargo: "A deputada do PT LUCIANA GENRO disse que não comparecerá ao plenário para a votação da reforma da Previdência". Para mim, é assim que está correto, mas alguns colegas insistem em deixar o nome da deputada entre vírgulas.

Cláudia V. – jornalista

Prezada Cláudia, vocês esbarraram no aposto RESTRITIVO, o qual, além de ser pouco conhecido, ostenta o escandaloso hábito de nunca vir separado por vírgula. Ora, diriam os meus professores da infância, onde já se viu um aposto sem vírgula? Se eles pudessem retornar a este mundo, eu lhes mostraria, com prazer e gratidão, alguns exemplos que, tenho certeza, os deixaria convencidos:

> O ministro da Justiça, TARSO GENRO, veio especialmente para a

> cerimônia.
>
> O ministro TARSO GENRO veio especialmente para a cerimônia.

Agora, um pouquinho de análise sintática básica. Na primeira frase, o **sujeito** recebe um **aposto** ("Tarso Genro") que se refere à totalidade do conjunto "ministro da Justiça". Já vimos que esses apostos não passam de orações adjetivas EXPLICATIVAS que foram reduzidas por uma transformação corriqueira. A pontuação, para ambos, é idêntica.

Na segunda frase, no entanto, a relação semântica foi alterada: ao se retirar a expressão especificadora "da Justiça", o substantivo **ministro** passou a designar um conjunto de **vários** elementos (alguém sabe ao certo quantos são?), que agora recebe um aposto ESPECIFICATIVO, que produz o mesmo efeito de uma oração adjetiva RESTRITIVA.

Esta relação seria diferente (e, da mesma forma, a pontuação) se já tivesse havido, no contexto, referências que especificassem e individualizassem um ministro dentre todos os outros. Nesse caso, o aposto, agora ligado a um conjunto unitário, passaria naturalmente a ser EXPLICATIVO:

> A posse do diretor foi prestigiada por dois governadores e um ministro de Estado. O ministro, TARSO GENRO, veio especialmente para a cerimônia.

Ensinando as adjetivas

Professor, sou formado em Letras e estou ministrando um curso de revisão gramatical para os funcionários de uma grande indústria. Como explicar para um engenheiro mecânico que algumas orações subordinadas adjetivas não são separadas por vírgulas? Vou ter de explicar sintaxe para eles? Professor, caso tenha algum atalho, algum esquema infalível, me ajude, por favor. Quero que eles se lembrem para sempre das minhas aulas.

Daniel A. – Marília (SP)

Meu caro Daniel: se houvesse uma maneira rápida e urgente de ensinar a pontuação das adjetivas, eu já a teria publicado há muito. NÃO EXISTE esse esquema mágico, só conhecido por mim, e que eu estaria poupando para divulgar numa ocasião oportuna, tipo o quarto segredo de Fátima. Aqui só funciona uma explicação cuidadosa do que são as orações adjetivas em geral

(ligadas sempre a um **substantivo**, ocupam o lugar do **adjetivo**) e a distinção entre as RESTRITIVAS e as EXPLICATIVAS (que, como você deve ter aprendido no curso de Letras, depende exclusivamente de Lógica Formal, não de diferençazinhas gramaticais). Como você tem formação superior, entende perfeitamente algo que o leigo não consegue conceber: há assuntos que são difíceis só porque até agora foram mal abordados; uma explicação engenhosa pode torná-los milagrosamente fáceis. Outros, no entanto, são difíceis pela própria natureza, e não por falha das explicações tradicionais. Este é um deles.

A explicação deve começar obrigatoriamente pela sintaxe. Não há como estudar pontuação sem primeiro repassar toda a estrutura da frase do Português. **Pontuação é sintaxe pura**; quem não entendeu isso, não vai entender jamais o emprego dos sinais.

O caso específico das orações adjetivas é pior ainda, porque saímos da sintaxe para entrar no pouco trilhado caminho da SEMÂNTICA, já que estas são as únicas vírgulas que alteram, por sua presença ou por sua ausência, o sentido da frase. Portanto, se aceita uma sugestão, trate de explicar direitinho as orações adjetivas do ponto de vista sintático, para depois então entrar na diferença entre as que se referem à totalidade do conjunto expresso pelo substantivo a que se ligam (as EXPLICATIVAS) e as que se referem apenas a uma parte dele (as RESTRITIVAS). Pode ser que assim suas aulas se tornem inesquecíveis, como você deseja.

Orações adjetivas no subjuntivo

O senhor poderia analisar estes períodos quanto à pontuação das orações introduzidas pelo pronome relativo QUE? No segundo período, segundo o que entendi, temos uma adjetiva RESTRITIVA e, por isso, ficou sem vírgulas. Estou certo?

1 – ...os consumidores, QUE EXERÇAM atividades de fabricação de equipamentos... 2 – ...os consumidores QUE EXERÇAM atividades de petroquímica e outros químicos...

Roberto B. – Brasília

Meu caro Roberto: estas duas orações subordinadas adjetivas devem ficar **sem vírgulas**, porque ambas são adjetivas RESTRITIVAS. A distinção entre uma **restritiva** e uma **explicativa** é o problema mais sutil da pontuação do Português

e de todas as línguas ocidentais modernas; trata-se, no fundo, de um problema de Lógica. Todavia, por uma dessas coincidências, os dois períodos numerados da resolução são exemplos idênticos de um dos casos mais simples de identificar: quando o verbo da oração adjetiva estiver no SUBJUNTIVO, ela será necessariamente **restritiva** (e, portanto, **sem** as vírgulas).

Na verdade, só podemos ter dúvida quanto à classificação das adjetivas quando o verbo estiver em algum tempo do modo INDICATIVO. Por exemplo: na frase "os soldados QUE NECESSITAM DE ATENDIMENTO MÉDICO devem...", há duas formas diferentes de entender e pontuar a oração sublinhada: ou deixamos **sem** vírgulas, por considerá-la RESTRITIVA (estamos falando apenas de **uma parte** dos soldados); ou a colocamos entre vírgulas – "os soldados, QUE NECESSITAM DE ATENDIMENTO MÉDICO, devem..." –, sinalizando-a como EXPLICATIVA (estamos falando de **todos** os soldados).

No entanto, se o verbo estivesse no SUBJUNTIVO, só haveria **uma** maneira correta de pontuar (e de entender) o período: "os soldados QUE NECESSITAREM de atendimento médico devem...": ela seria indiscutivelmente **restritiva**. Nos exemplos que você enviou, a CGCE refere-se, todo o tempo, aos "consumidores que **exerçam**", afirmando, implicitamente, que há consumidores que "não exercem". Essa é a típica atuação das adjetivas RESTRITIVAS; nenhum desses períodos pode receber vírgula antes do "que".

Aposto circunstancial

Professor, solicito o obséquio de informar-me se há vírgula na frase "As alunas NERVOSAS não saíram bem na prova". Caso haja, o que justifica a colocação uma vírgula na oração como esta? Seria "nervosas" um adjetivo com função de advérbio?

Raimundo Nonato F.

Meu caro Raimundo, depende do que está sendo dito. Compare as duas versões abaixo (ambas estão corretas, mas dizem coisas diferentes):

> As alunas NERVOSAS não foram bem na prova.
>
> As alunas, NERVOSAS, não foram bem na prova.

Deixar "nervosas" entre vírgulas indica que TODAS as alunas estavam nervosas

e, por isso, não tiveram um bom resultado na prova. Por outro lado, se não usarmos pontuação alguma, o significado da frase é diferente: dentre as alunas, as que estavam nervosas não tiveram bom resultado. Em qualquer das duas versões, este "nervosas" é um ADJETIVO, flexionado no plural feminino para concordar com "alunas" – o que descarta totalmente a possibilidade de ser um ADVÉRBIO, palavra invariável por excelência.

A nuança adverbial que você captou, entretanto, está realmente presente – neste caso, a circunstância de CAUSA: "As alunas, **nervosas**, não fizeram boa prova" pode ser lida como "As alunas não fizeram boa prova porque estavam nervosas". Não raro, as adjetivas EXPLICATIVAS (estamos na sintaxe) podem expressar circunstâncias adverbiais (estamos na semântica); os antigos, exatamente por isso, falavam aqui de **aposto circunstancial**.

Elementos não restritivos

Professor, preciso solucionar uma dúvida atroz antes de enviar a mala-direta de nosso hospital. Na frase "A troca será feita na segunda-feira, quando os residentes voltarem às atividades", aquela vírgula está correta? Eu sinto que fica bem, mas aprendi que a oração adverbial só recebe vírgula quando estiver fora de seu lugar habitual. O que o senhor nos diz?

Maurílio V. – Salvador

Meu caro Maurílio, eu concordo em gênero, número e caso com aquela vírgula. Você não vai encontrar sua justificativa, porém, na regra dos adjuntos e orações adverbiais deslocadas, pois, como você mesmo aponta, ela está no final da frase, exatamente onde deveria estar. Se eu tivesse de enquadrá-la em uma das regras conhecidas, certamente escolheria a das orações adjetivas EXPLICATIVAS – embora, repito, trate-se de uma oração adverbial.

Ocorre que o conhecido contraste entre RESTRITIVAS e EXPLICATIVAS parece estar presente em outros cenários além das orações adjetivas; Celso Pedro Luft, a quem dedico a série de que faz parte este volume, estava convencido de que tal oposição faz parte de "um processo mais geral de marcar a maior ou menor importância frasal das estruturas secundárias ou anexas". Veja os exemplos abaixo: na segunda frase de cada par, o acréscimo de uma informação mais específica na oração principal faz com que a oração em destaque deixe de ser essencial:

> O telegrama chegou depois que você tinha saído da reunião.
>
> O telegrama chegou às 16h, DEPOIS QUE VOCÊ TINHA SAÍDO DA REUNIÃO.
>
> O resultado dos testes foi como você predisse que seria.
>
> O resultado dos testes foi negativo, COMO VOCÊ PREDISSE QUE SERIA.
>
> Você vai receber o laudo assim que chegarem os resultados.
>
> Você vai receber o laudo amanhã, ASSIM QUE CHEGAREM OS RESULTADOS.

Como você já terá percebido, esse é exatamente o caso da frase de sua mala-direta. Você poderá escolher, portanto, entre uma das duas versões abaixo:

> A troca será feita QUANDO OS RESIDENTES VOLTAREM ÀS ATIVIDADES.
>
> A troca será feita na segunda-feira, QUANDO OS RESIDENTES VOLTAREM ÀS ATIVIDADES.

Curtas

Adjetiva explicativa reduzida

> Professor, tenho de enviar um convite com os seguintes dizeres: "Convidamos Vossa Excelência para participar do lançamento da *Revista Ilustrada*, a realizar-se em 29 de setembro, às 18 horas, no Mercado Público". Pergunto: aquela vírgula após a palavra "Ilustrada" é necessária?

Paula T. – Porto Alegre

Sim, Paula, você deve colocar uma vírgula ali porque A REALIZAR-SE EM 29 DE SETEMBRO é uma oração adjetiva EXPLICATIVA, **reduzida** de infinitivo. Na forma **desenvolvida** ficaria "Convidamos Vossa Excelência para participar do lançamento da **Revista Ilustrada**, QUE SERÁ REALIZADO EM 29 DE SETEMBRO" – pontuada da mesma maneira.

Classificação das orações

> Prof. Moreno, na frase "Esse é o livro QUE QUERO COMPRAR", classifiquei a oração em destaque como *subordinada adjetiva,* mas meu professor disse que a resposta estava incompleta.
>
> Felipe S. – João Pessoa

Prezado Felipe: a oração "que quero comprar" realmente é uma subordinada adjetiva, ligada ao substantivo **livro**. Faltou, no entanto, defini-la como RESTRITIVA; ela não é, portanto, EXPLICATIVA, que deveria obrigatoriamente ser separada do antecedente por uma vírgula. Certamente foi a isso que o professor se referiu.

Adjetiva com pronome pessoal

> Por favor, professor, qual a forma correta? "Você QUE ESTÁ EM NATAL precisa conferir a beleza dessa praia" ou "Você, QUE ESTÁ EM NATAL, precisa...". É restritiva ou explicativa?
>
> Maria Odete B. – São Paulo

Maria Odete, eu pontuaria da segunda maneira, pois ela é uma **adjetiva explicativa**. Não esqueça que uma adjetiva RESTRITIVA sempre divide um conjunto em dois subconjuntos; em "Os peixes **que comem grãos** têm a carne delicada", a oração adjetiva está dividindo o conjunto geral dos **peixes** em duas partes, os que comem grãos e os que não comem. A adjetiva EXPLICATIVA, por sua vez, sempre se refere ao **conjunto todo**; em "Os tubarões, **que são carnívoros**, não têm predadores naturais", a oração adjetiva exprime uma verdade que se aplica a todos os indivíduos do conjunto dos tubarões.

Exatamente por causa disso, toda oração adjetiva que estiver ligada a um conjunto que está bem definido e limitado (e que, por isso mesmo, não pode ser dividido em dois subconjuntos) vai ser EXPLICATIVA. Isso ocorre com os

pronomes pessoais – "**Eu**, que estou em Porto Alegre, deveria..."; "**Tu**, que moras em São Paulo, não foste à Bienal"; "**Vocês**, que estão na Inglaterra, não podem avaliar", etc. Não importa que em determinadas situações eu possa me dirigir a vários "vocês" diferentes – "**Você**, que mora em Brasília, tem mais oportunidades que **você**, que mora em Tiririca da Serra" –, porque presume-se que eu esteja falando primeiro com um interlocutor e depois com o outro, tornando-os, desta forma, conjuntos unitários.

Restritivas x explicativas: diferença de significado

> Há alguns dias participei de um concurso público em que perguntavam que modificação de sentido ocorreria se fosse suprimida a vírgula do período "Umberto Eco homenageia os cientistas, que combatem o obscurantismo científico". O senhor poderia explicar?
>
> Flávia R.

Prezada Flávia, que bela pergunta! Parece que ainda se encontram bancas de concurso que conseguem fazer uma prova acima da mediocridade que impera no ramo! Além de mencionar Umberto Eco – o que, por si só, já é elogiável –, a questão exige que o candidato saiba avaliar a importante diferença que existe entre uma RESTRITIVA e uma EXPLICATIVA. Assim como está, com vírgulas, a oração é EXPLICATIVA, ou seja, refere-se aos cientistas em geral, significando que Umberto Eco homenageou todos os cientistas e que estes, como classe, sempre combatem o obscurantismo. Já sem as vírgulas a frase passaria a dizer que Umberto Eco só homenageou os cientistas que combatem o obscurantismo, implicando, com isso, que há cientistas que não o fazem.

Aposto restritivo

> Professor, na frase "O escultor italiano Brecheret participou do Modernismo brasileiro" devo colocar o nome do autor entre vírgulas? Trata-se de um aposto explicativo?

Mercedes G. – Guarulhos (SP)

Aqui vale o mesmo princípio das orações adjetivas: quando vêm sem vírgulas, são RESTRITIVAS, isto é, referem-se apenas a **uma parte** do conjunto; quando vêm com vírgulas, são EXPLICATIVAS, o que significa que se aplicam a **todos** os elementos do conjunto representado pelo substantivo. Se você pusesse o nome de Brecheret entre vírgulas, minha amiga, estaria afirmando, implicitamente, que você acha que a Itália até hoje só produziu um único escultor, que se chamava Brecheret e participou de nosso Modernismo. É por isso que você deve deixar a frase sem vírgulas, porque existem dezenas de escultores italianos. Temos aqui um aposto restritivo, e **Brecheret** é devidamente apresentado como um dos vários escultores que a Itália produziu (ao lado do "escultor italiano Giacometti", do "escultor italiano Manzù", etc.).

Subjuntivo nas restritivas

> Professor, li um artigo seu em que dizia que toda oração com verbo no *subjuntivo* é RESTRITIVA. Seria o caso da frase abaixo? "Se viver em área espaçosa *em que possa correr e brincar por conta própria*, este cão não precisa necessariamente de atividade complementar."

Heitor C. – São Paulo

Sim, Heitor, será **restritiva** toda oração adjetiva que vier com o verbo no modo SUBJUNTIVO (o que não impede, é claro, que haja outros tipos de orações substantivas e adverbiais que também admitem esse modo verbal). A eterna dúvida entre **restritivas** e **explicativas** só poderá aparecer quando a oração adjetiva trouxer o verbo no INDICATIVO. Na frase "Os alunos QUE FIZEREM EXAME MÉDICO", a oração adjetiva obrigatoriamente divide o conjunto dos alunos em dois subconjuntos – os que fizerem o exame e os outros.

Explicativa após pronome pessoal

> Caro Professor: na frase “não faça como eu QUE NÃO APRENDI”, há uma oração subordinada adjetiva *restritiva* ou *explicativa*? Em suma: há ou não *vírgula* nesta frase? Se houver, está errado o comercial de uma escola de idiomas que está sendo veiculada na mídia atualmente, onde um atleta diz, de boca cheia, “não faça como eu que não aprendeu!”. Embora a rima seja bonitinha, ela foge completamente da regra, não é?
>
> Rosi G. – São Paulo

Você tem razão, Rosi; a forma correta seria “Não faça como eu, que não aprendi”. Deve ser separada com vírgula, pois é uma oração adjetiva EXPLICATIVA (ela se refere ao conjunto unitário “eu”). Além disso, a frase tem um erro feroz de concordância: o pronome **que** representa o **eu** da oração anterior, o que obriga o verbo **aprender** a ficar na 1ª pessoa: não faça como EU, que não APRENDI; não faça como ELE, que não APRENDEU; não faça como NÓS, que não APRENDEMOS. Considerando que se trata de campanha publicitária de uma escola...

II. O ponto-e-vírgula

Você costuma empregar o ponto-e-vírgula, caro leitor? A maior parte dos brasileiros (e americanos, e franceses, e espanhóis, e ...) responderia que NÃO, especialmente porque não enxergam nele nenhuma vantagem sobre os outros sinais, nenhuma característica especial que justifique o trabalho de usá-lo.

Como quase tudo o que se refere à pontuação depende de nossas preferências pessoais (em outras palavras, de nosso **estilo**), não podemos condenar quem atirou o ponto-e-vírgula para um canto, junto com outros trastes supostamente sem a mínima serventia – mas, pela mesma atitude democrática, também não se pode criticar aqueles que sabem apreciar o seu valor e explorar os seus recursos.

O ponto-e-vírgula passou por uma verdadeira crise de identidade no tempo em que a pontuação era vista apenas como uma forma de assinalar pausas. Na divisão das competências, restava-lhe uma função indefinida e subalterna, algo como “marcar uma pausa de duração pouco definida, no meio do caminho entre a vírgula e o ponto”. Com um valor tão impreciso assim, não espanta que seu emprego tenha se tornado cada vez mais raro.

Na teoria atual da pontuação, contudo, o ponto-e-vírgula – assim como aconteceu com a vírgula – passou a ter grande utilidade para orientar a leitura de estruturas

sintáticas mais extensas. Sem mencionar seu emprego habitual para encerrar **alíneas**, ele nos pode ser útil em três situações bem definidas.

1 – Organizando enumerações complexas

Este sinal é praticamente indispensável quando precisamos pontuar uma enumeração cujos elementos já contenham vírgulas (geralmente apostos). Se usarmos apenas vírgulas para separar esses itens – como fazemos com as enumerações simples –, a pontuação ficará tão confusa que deixaria de orientar o leitor, perdendo assim sua única razão de existir. Compare os dois exemplos abaixo:

> No mesmo vagão vinham Antero, meu tio; Artur, meu primo; Aninha e Adinha, minhas primas; Adalgisa, minha tia e mãe de Artur; e Arlindo, seu marido.
>
> No mesmo vagão vinham Antero, meu tio, Artur, meu primo, Aninha e Adinha, minhas primas, Adalgisa, minha tia e mãe de Artur, e Arlindo, seu marido.

Enquanto na primeira versão a presença do ponto-e-vírgula deixa claro o limite entre um item e outro, a leitura da segunda versão fica praticamente impossível. Com ele, o primeiro texto permite que todos os leitores recebam a mesmíssima informação; sem ele, o segundo se abre a uma dúzia de interpretações. Veja outro exemplo:

> O rei, isolado e autoritário, vinha na frente; o clero e a nobreza, na direita; os indecisos, alguns burgueses e alguns mercadores, no centro; os camponeses, trabalhadores e pobres, na esquerda.

Dizia um gramático com veia cômica que este tipo de ponto-e-vírgula, no fundo, não passa de uma vírgula que recebeu uma promoção inesperada – ou seja, é um ponto-e-vírgula que seria apenas uma vírgula se os elementos da enumeração não contivessem suas próprias vírgulas internas.

2 – Separando orações coordenadas assindéticas

Formamos um período composto por coordenação quando ligamos duas orações por meio de uma **conjunção coordenativa**. A primeira oração é conhecida como COORDENADA INICIAL; a segunda é classificada de acordo com sua relação com a primeira. Se ela exprimir um conteúdo que se opõe ao da inicial, ela será ADVERSATIVA; se ela contiver a conclusão do que foi enunciado na inicial, será CONCLUSIVA – e assim por diante. Muitas vezes, porém, podemos

suprimir a conjunção da segunda oração, que passa a ser classificada simplesmente de ASSINDÉTICA (nome de origem grega que significa, literalmente, "sem conjunção"). As duas orações continuam coordenadas por justaposição, separadas apenas pela pontuação:

> (1) Vamos chamar a segunda colocada, pois a primeira não entregou a documentação.
>
> (2) *Vamos chamar a segunda colocada, a primeira não entregou a documentação.
>
> (3) Vamos chamar a segunda colocada. A primeira não entregou a documentação.
>
> (4) Vamos chamar a segunda colocada; a primeira não entregou a documentação.

Das três versões **assindéticas** (sem o "pois"), a no 2, apenas com vírgula, só é aceitável na língua escrita culta quando se reproduz, nos diálogos literários, a fala dos personagens. Embora as outras duas estejam corretas – com ponto ou com ponto-e-vírgula –, você não deve esquecer, ao optar entre elas, que a no 4 é mais vantajosa em termos de **coesão**, pois obriga todos os leitores, mesmo os desatentos, a perceber o vínculo semântico que as duas orações mantêm entre si – ou seja, a perceber que o pensamento iniciado na maiúscula prolongou-se até o momento em que você o declarou encerrado com o ponto final. O ponto-e-vírgula, nestes casos, cria uma expectativa pela parte da frase que ainda falta ler.

3 – Separando orações introduzidas por conjunções pospositivas

Esta regra abrange todas as conjunções ADVERSATIVAS (exceto **mas**) – **porém**, **todavia**, **contudo**, **entretanto**, **no entanto**, **não obstante** – e todas as conjunções CONCLUSIVAS, sem exceção – **logo**, **portanto**, **pois**, **por conseguinte**, **consequentemente**. Todas elas se comportam como se fossem verdadeiros ADVÉRBIOS, pois, ao contrário das demais conjunções, **elas podem se deslocar ao longo da oração em que se encontram**. É dessa curiosa propriedade que vem o nome de POSPOSITIVAS, isto é, as "que podem ser pospostas" (e é daí, também, que vem o costume da gramática do Inglês de classificá-las entre os ADVÉRBIOS, não entre as CONJUNÇÕES). Quando você tiver duas orações ligadas por um desses conectores, poderá encerrar a coordenada inicial usando um **ponto** ou um **ponto-e-vírgula**:

> Ele nadava muito bem; CONTUDO, não conseguiu vencer a correnteza.
>
> O voo sai às nove. PORTANTO, espero vocês às oito em ponto.

As conjunções pospositivas, honrando seu nome, podem deslocar-se para o interior da segunda oração:

> Ele nadava muito bem; não conseguiu, CONTUDO, vencer a correnteza.
>
> Ele nadava muito bem; não conseguiu vencer a correnteza, CONTUDO.
>
> O voo sai às nove; espero vocês, PORTANTO, às oito em ponto.
>
> O voo sai às nove; espero vocês às oito em ponto, PORTANTO.

Existem alguns pontos que devem ser destacados:
(1) Note que o ponto-e-vírgula não sai de sua posição; ele está ali para assinalar o fim da primeira parte do período.
(2) No seu lugar, seria também correta a utilização de um simples **ponto**, mas haveria, é claro, a perda do efeito coesivo que vimos acima.
(3) A conjunção, uma vez deslocada, passa a ser tratada como uma intercalação comum, ficando obrigatoriamente separada por vírgulas.
Quando o **porém** e seus sinônimos se encontram **no início** da segunda oração, há autores que recomendam a mesma pontuação que utilizamos com o **mas** (enquanto a conjunção **mas** sempre vai ficar no início da oração que introduz, seus sinônimos – que são, na verdade, **advérbios** – podem deslocar-se livremente):

> Ele está atrasado, PORÉM vai fazer a prova.

Embora não possamos condenar esta prática (já que, como vimos, as "regras" de pontuação têm quase a natureza de "recomendações"), achamos mais coerente usar a mesma pontuação para todos os casos, independentemente da posição em que se encontra a conjunção:

> Ele chegou atrasado; PORÉM, vai fazer a prova.
>
> Ele chegou atrasado; vai, PORÉM, fazer a prova.
>
> Ele chegou atrasado; vai fazer a prova, PORÉM.

Os dois tipos de POIS

Professor, tenho dificuldade em saber quando deixo o POIS entre vírgulas ou simplesmente ponho uma vírgula antes. Já vi dos dois jeitos, mas não sei se podemos escolher livremente entre eles. É um caso facultativo?

Ariane J. – Bragança Paulista (SP)

Não, prezada Ariane, não se trata de um caso facultativo. Se você conhece algum par de gêmeos idênticos, vai compreender facilmente o que está ocorrendo: existem **dois tipos** de pois, com pontuações diferentes. O primeiro **pois** é EXPLICATIVO, sinônimo de **porque**; o segundo é CONCLUSIVO, sinônimo de **portanto**:

POIS**1** = **porque** (explicativo):

Ela deve estar doente, POIS não vem à aula há duas semanas.

POIS**2** = **portanto** (conclusivo):

O rádio anuncia chuva; devemos, POIS, deixar toda a casa fechada.

A diferença entre eles fica marcada exatamente pela **posição** que ocupam na frase. O território da **segunda** oração é dividido em duas seções estanques; onde um pisa, o outro não põe o pé:

POIS1
POIS2

O primeiro POIS tem lugar fixo: sempre virá no **início** da segunda oração, antecedido de vírgula. O segundo, para distinguir-se dele, sempre será **pospositivo**, isto é, sempre virá deslocado, podendo ocupar qualquer lugar na segunda oração, **exceto o início**:

O rádio anuncia chuva; devemos deixar, POIS, toda a casa fechada.

O rádio anuncia chuva; devemos deixar toda a casa fechada, POIS.

Pontuação das adversativas

É correto empregar ponto final em vez de vírgula antes da conjunção coordenativa? Para facilitar o entendimento, vou usar um período de um de seus artigos: "A etimologia – sozinha – tem suas limitações: ela não explica a origem de todas as palavras. No entanto, sempre pode trazer novas ideias e agitar o pensamento".

Cláudio L.S. – Tapes (RS)

Meu caro xará, posso deduzir, pela pergunta, que você deve ter aprendido, em algum lugar, que **sempre** se deve empregar **vírgula** antes das **coordenadas sindéticas**. Sinto dizer-lhe que não é assim que funciona a pontuação, especialmente no caso das ADVERSATIVAS. Neste grupo, vamos separar com **vírgula** as orações introduzidas por **mas**, e com **ponto** ou **ponto-e-vírgula** as introduzidas por seus sinônimos (**porém**, **todavia**, **contudo**, **no entanto**, **entretanto**, etc.). Observe as três versões da mesma frase, **todas corretas**:

> Ele está cansado, MAS vai entregar o trabalho na data marcada.
>
> Ele está cansado; CONTUDO, vai entregar o trabalho na data marcada.
>
> Ele está cansado. CONTUDO, vai entregar o trabalho na data marcada.

Essa diferença de pontuação entre o **mas** e seus sinônimos é clássica e se deve ao caráter claramente **adverbial** destes últimos. A nossa nomenclatura é que os chama, equivocadamente, de **conjunções**, sem levar em conta o fato fundamental de que todos eles são **pospositivos** (isto é, deslocáveis para a direita, na oração a que pertencem), característica inadmissível nas verdadeiras conjunções:

> Ele está cansado; vai entregar, CONTUDO, o trabalho na data marcada.
>
> Ele está cansado; vai entregar o trabalho na data marcada, CONTUDO.

É por isso que a gramática do Inglês, mais acertadamente, chama o *but* (o nosso "mas") de **conjunção**, mas classifica todos os demais (*however, nevertheless*, etc.) de *conjunctional* (ou *conjunctive*) *adverbs* (algo como "advérbios conjuncionais"; o Francês, que, como nós, também é filho do Latim, denomina-os de *adverbes conjonctifs)*. Esses advérbios conjuncionais são advérbios na forma, mas podem funcionar semanticamente como conjunções, servindo também para ligar duas orações. O professor Kip Wheeler, do Carson-Newman

College, tem uma maneira jocosa de explicar o problema (a tradução é minha):

> "Às vezes os advérbios conjuncionais pensam que são conjunções completas e tentam ligar duas orações independentes. Triste pretensão! Eles NÃO são conjunções e NÃO podem fazer esta tarefa sozinhos. Como sempre, nestes casos, protegem-se atrás de um **ponto-e-vírgula**, e é este sinal que vai realmente juntar as duas orações. Estes advérbios conjuncionais sempre deverão ser seguidos de uma vírgula:
>
> O assaltante esquivou-se da bala; CONTUDO, Joey foi atingido várias vezes.
>
> Susan gostou muito das flores; TODAVIA, um carro novo teria sido um presente melhor.
>
> Dr. Wheeler é um tirano gramatical; POR CONSEGUINTE, não admite erros de pontuação.
>
> Os advérbios conjuncionais pensam que são conjunções; ENTRETANTO, é o ponto-e-vírgula que faz o trabalho de unir as orações.
>
> Nessas frases, quem usar uma vírgula em vez do ponto-e-vírgula terá cometido um erro de pontuação conhecido como **frases siamesas** ou **frases xifópagas** ["*comma splice*", em Inglês]. Construções como estas exigem que o advérbio conjuncional seja precedido de um ponto-e-vírgula."
>
> (http://web.cn.edu/kwheeler/gram_conj_adv.html)

Para aproveitar integralmente a explicação do professor, basta substituir "advérbios conjuncionais" pelas nossas "conjunções" pospositivas (denominação, como podemos ver, completamente inadequada). Este tipo de conector, como exemplifiquei acima, só pode ficar entre vírgulas quando estiver **deslocado**. A frase do meu artigo ficaria **errada** se colocássemos vírgula antes de **no entanto**, como você parece sugerir:

> *A etimologia – sozinha – tem suas limitações: ela não explica a origem de todas as palavras, no entanto, sempre pode trazer novas ideias e agitar o pensamento.

Outra coisa: exatamente por esse caráter especial desses conetivos, são eles que vamos usar preferencialmente quando queremos ligar **dois parágrafos** entre si e indicar, ao mesmo tempo, que o conteúdo do segundo se opõe ao conteúdo do primeiro.

Pontuação da segunda coordenada

*Prezado professor: uma frase que o senhor escreveu gerou uma grande discussão entre mim e meus colegas, todos professores também. Ninguém, é claro, estava pondo em dúvida a sua competência, que aprendemos a respeitar. O problema é de análise sintática – mais precisamente, da classificação de orações. Numa consulta sobre "em mão" ou "em mãos", o senhor escreveu: "A tradição manda empregarmos em mão, por ser o início da expressão em mão própria, usada no sobrescrito de uma correspondência entregue por mensageiro ou por pessoa de confiança. É assim que eu uso, e assim eu recomendaria que todos fizessem. Modernamente, contudo, a forma em mãos já é considerada aceitável pela maior parte dos gramáticos." A questão é o último período – "Modernamente, CONTUDO, a forma em mãos...". Se considerarmos a conjunção empregada, teríamos de classificar a oração de **coordenada sindética adversativa,** mas isso não parece possível, já que ela, como está isolada, não participa de um período composto por coordenação. O que está acontecendo aqui?*

Daniela V. – Anápolis (GO)

Prezada Daniela, professores como vocês não travariam uma discussão se o ponto realmente não fosse controvertido. Neste caso, o responsável pelo imbróglio é o costume que nossas gramáticas escolares têm de ignorar a diferença entre CONJUNÇÕES, de um lado, e ADVÉRBIOS CONJUNCIONAIS, de outro. O que têm em comum os conectores **mas**, **porém**, **todavia**, **contudo**, **entretanto**, **no entanto**, **não obstante**? Todos, **semanticamente**, exprimem a mesma ideia de **oposição** – mas não se comportam da mesma maneira do ponto de vista **sintático**. Conforme já vimos, enquanto a conjunção **mas** sempre vai ficar no início da oração que introduz, seus sinônimos – que são, na verdade, **advérbios** – podem deslocar-se livremente:

> Façam o que quiserem, MAS não contem comigo.
>
> Façam o que quiserem; CONTUDO, não contem comigo.
>
> Façam o que quiserem; não contem, CONTUDO, comigo.
>
> Façam o que quiserem; não contem comigo, CONTUDO.

Essa diferença de comportamento tem reflexos na pontuação: os ADVÉRBIOS CONJUNCIONAIS vêm sempre antecedidos por um ponto-e-vírgula (ou por um ponto) e seguidos de uma vírgula; quando deslocados, ficam entre vírgulas como

qualquer outro elemento intercalado. Ora, esses advérbios que, à semelhança das conjunções, servem para coordenar duas **orações**, também podem relacionar dois **períodos** ou até mesmo dois **parágrafos**. A estrutura, embora estejamos combinando unidades maiores, é semelhante; a única diferença é que aqui o **ponto** aparece no lugar do **ponto-e-vírgula**:

> **Marinho** é o que nasce no mar, que é natural do mar, que pertence ao ecossistema do mar; **marítimo** é o que está junto ao mar, o que foi posto no mar pelo homem, o que o homem realiza no mar. Dessa forma, temos **aves marinhas**, **monstros marinhos**, **brisa marinha** e **sal marinho**, de um lado, e **cidades marítimas**, **viagens marítimas**, **plataforma marítima** e **navegação marítima**, do outro.
>
> CONTUDO, esta distinção não foi observada no caso das correntes, pois os falantes preferem, na proporção de dois para um, chamá-las de **correntes marítimas.** Um gramaticão intolerante já começaria a dizer que está errado e que o certo deveria ser **corrente marinha**, mas os bons dicionários tratam de registrar as duas formas, pois sabem que não cabe a eles decidir.

Como você pode ver pelo exemplo acima, ou pela frase que gerou toda a discussão – "Modernamente, CONTUDO, a forma **em mãos** já é considerada aceitável pela maior parte dos gramáticos"–, a presença desse nexo adversativo não significa necessariamente que estamos lidando com um "período composto por coordenação", já que passamos para o âmbito dos parágrafos, unidades muito maiores que o período. Certamente era por isso que os meus professores, todos à moda antiga, proibiam o emprego do **mas** no início da frase. Para eles, esta conjunção deveria sempre aparecer ligando uma coordenada adversativa à coordenada inicial, reservando-se para o **porém**, o **todavia**, o **contudo**, etc., a função de relacionar as unidades maiores.

Maiúsculas depois do ponto-e-vírgula

Prezado Professor, minha orientadora não aceita que eu empregue letras maiúsculas depois do ponto-e-vírgula, dando continuidade à frase. Preciso imensamente de sua resposta, pois ela disse que não vai admitir esse procedimento

enquanto eu não levar uma gramática que o autorize.

Graziela B. – Passo Fundo (RS)

Minha prezada Graziela: como era de esperar, a razão está com sua orientadora (não é por acaso que ela está onde está) – a **vírgula**, o **ponto-e-vírgula** e o **dois-pontos** fazem parte da pontuação INTERNA da frase; o ponto **simples**, o ponto de **exclamação**, o ponto de **interrogação** e o ponto repetido (**reticências**) constituem a pontuação EXTERNA. Ora, como as maiúsculas indicam o início de uma nova frase, elas só podem aparecer, evidentemente, após as marcas de pontuação **externa**. Como se considera que depois vírgula, do ponto-e-vírgula e do dois-pontos a frase ainda continua, a norma (e o costume de todos os que escrevem bem) é usar **minúscula**. Nos autores que falam sobre a pontuação no Inglês, vamos encontrar alguns que recomendam o emprego da maiúscula depois do **dois-pontos**, mas nem mesmo estes ousam defender tal prática para o ponto-e-vírgula.

Ponto ou ponto-e-vírgula?

Professor, eu me acostumei a usar o ponto nos lugares em que o senhor recomenda o ponto-e-vírgula. Isso pode me prejudicar a avaliação de meus textos? Estou perdendo alguma coisa ao não empregar este sinal?

Danilo B. – Uberlândia (MG)

Olha, Danilo, eu sou um pouco suspeito para falar, porque defendo (e uso) entusiasticamente o ponto-e-vírgula. Para mim, o emprego deste sinal é uma forma de combater a praga moderna que faz os adultos escreverem como se fossem crianças. A escola tem uma boa culpa disso; nos anos 70 e 80, a moda era ensinar a escrever com base no modelo do jornal diário, pois, como se alegava naqueles anos loucos, uma prova indiscutível da eficiência deste estilo era o fato de que milhões de leitores compreendiam os textos assim escritos. Como se vê, aquela que era (e sempre será) uma qualidade intrínseca da linguagem jornalística foi elevada à categoria de virtude suprema de qualquer texto, e várias gerações foram educadas sob o princípio equivocado de que o ideal seria expressar-se em períodos simples, geralmente curtos, formados de uma única oração.

Ainda hoje, diga-se de passagem, encontramos adeptos dessa receita

ultrapassada. Não esqueço o olhar atônito que me lançaram os professores de uma escola em que fui dar uma palestra sobre redação. Um deles, sinceramente preocupado, confessou que ainda aconselhava a frase curta a seus alunos e pediu desculpas por não estar a par da nova teoria em que eu me baseava. Nova! Fiquei constrangido, de minha parte, por ter de explicar àqueles colegas que o período composto – seja por coordenação, por subordinação ou simplesmente por intercalação – é o mais poderoso instrumento que o Ocidente desenvolveu em dois mil anos de tradição escrita, já que, ao reunir várias orações em um todo articulado, permite que o leitor perceba imediatamente a conexão entre as ideias e sua hierarquia. Não se tratava, expliquei, de combater a frase curta em si mesma; quando bem usada, no momento oportuno, ela também tem seu lugar no desenvolvimento de um texto. Contudo, o seu uso constante gera aquele estilo fragmentado e tatibitate que os americanos chamam de "*primer style*" – o estilo da cartilha. Eu estudei, por exemplo, na famosa cartilha *O livro de Lili*; um de seus textos – "Olhem para mim. Eu me chamo Lili. Eu como muito doce. Vocês gostam de doce? Eu gosto tanto de doce!" –, poderia ser assinado por muita gente que anda publicando por aí...

Ora, empregar o ponto-e-vírgula em vez do ponto, quando temos duas orações coordenadas assindéticas, não vai fazer reverter essa melancólica tendência a frases nanicas, mas certamente vai ajudar. Se opto pelo **ponto**, como faz a maioria, divido a frase original em dois segmentos, na esperança de que a atenção e a perspicácia do leitor o farão perceber que se trata de duas partes de um mesmo todo; se, no entanto, opto pelo **ponto-e-vírgula**, deixo evidente que meu pensamento começou na maiúscula e só foi concluir quando encontrou o ponto final:

> Preciso falar com você. Muitas coisas precisam ser esclarecidas.
>
> Preciso falar com você; muitas coisas precisam ser esclarecidas.

A diferença pode parecer pequena, mas é inegável que – ao contrário do papel-moeda, em que não ganhamos nada em trocar duas notas de dez por uma de vinte –, ganhamos bastante ao trocar duas frases curtas por uma frase mais longa, pois o ponto-e-vírgula, ao avisar o leitor de que a sequência vai continuar, ressalta a ligação entre as duas partes e reforça a relação semântica entre as duas orações. Não é por acaso que, na França, teve ampla repercussão, em 2008, o anúncio de que a administração Sarkozy teria instituído uma comissão para regulamentar o emprego da pontuação nos documentos administrativos e – expressamente! – promover a reabilitação do ponto-e-vírgula. É claro que tudo não passava de uma brincadeira de 1o de abril – mas a seriedade com que foi recebida a ideia dá uma medida de quanto os franceses estão preocupados com o empobrecimento do estilo escrito em seu país.

III. O dois-pontos

Na Idade Média, quando a pontuação ainda tinha a função de orientar a leitura em voz alta, o dois-pontos correspondia a uma pausa moderada, com uma elevação da voz que informava aos ouvintes que a frase ainda não tinha terminado, pois o que viria em seguida era a metade que estava faltando para que a ideia ficasse completa.

Embora tenha ocorrido uma mudança radical no objetivo da pontuação – que passou, como vimos, a desempenhar uma função exclusivamente sintática –, o dois-pontos continua a avisar o leitor de que existe uma ligação lógica entre o que acabamos de dizer e a **informação suplementar** que vamos fornecer em seguida. Essa informação adicional contida na segunda parte da frase pode ser uma **causa**, uma **consequência**, uma **análise**, uma **síntese** ou uma **exemplificação** da primeira.

Por causa da representação gráfica deste sinal, houve quem o comparasse a um portal que convida o leitor a continuar – ou, numa metáfora mais comercial, a um aviso de que ainda falta entregar uma parte da mercadoria. O fato é que o seu emprego dá ênfase especial a tudo o que vier DEPOIS dele, pois deliberadamente chama a atenção do leitor para aquilo que vai ser mostrado. Ele pode introduzir praticamente qualquer coisa: uma palavra, uma oração, uma citação ou uma lista (como acabamos de fazer).

1 – Introduzindo uma enumeração

Neste caso, o dois-pontos introduz a relação dos itens que compõem um determinado conjunto já mencionado na primeira parte da frase:

> Apesar de sua fama, o cantor fez exigências muito singelas à produção do espetáculo: **água mineral, frutas frescas, pizza de queijo e toalhas secas**.

É importante lembrar que a frase que vem ANTES deste sinal deve ser **independente** – ou seja, os itens que vêm à direita do dois-pontos não podem ser **partes integrantes da sua estrutura sintática**. Na frase abaixo, por exemplo, a enumeração não pode ser separada por dois-pontos porque a frase não ficaria completa sem ela:

> Os três países mencionados no relatório eram **o Brasil, a Venezuela e a Argentina**.

Aqui reencontramos um velho conhecido nosso: o princípio de **nunca separar o que é inseparável** (o sujeito do verbo, o verbo do complemento, etc.). Desmontando esta frase, temos o **sujeito** ("os três países mencionados no

relatório”), um **verbo de ligação** (“eram”) e um **predicativo** (“o Brasil, a Venezuela e a Argentina”). Portanto, se colocássemos (como muitos costumam fazer, na imprensa brasileira) um dois-pontos após o verbo, estaríamos seccionando uma ligação que jamais deve ser rompida. O mesmo ocorre nestes outros exemplos:

> Sua receita secreta de molho, herdada da avó, incluía **manjericão, noz moscada, azeitonas e uma pitada de açúcar**.
>
> Depois da última rodada, continuam com chance de classificação **o Palmeiras, o Internacional, o São Paulo, o Flamengo e o Cruzeiro**.

Se fizermos questão de empregar o dois-pontos, basta reformular a frase para que a enumeração deixe de fazer parte de sua estrutura:

> Sua receita secreta de molho, herdada da avó materna, incluía **vários ingredientes esquisitos**: cerveja preta, noz moscada, azeitonas e uma pitada de bicarbonato.
>
> Depois da última rodada, continuam com chance de classificação **as seguintes equipes**: o Palmeiras, o Internacional, o São Paulo, o Flamengo e o Cruzeiro.

Na primeira frase, o **objeto direto**, que era representado pela enumeração, agora é “vários ingredientes esquisitos”; na segunda, o **sujeito**, que era representado pela lista de times, agora é “as seguintes equipes”. As duas enumerações deixaram de fazer parte do corpo da frase e podem vir antecedidas de dois-pontos, tornando-se, ambas, simples **apostos** (mais precisamente, **apostos enumerativos**).

2 – Introduzindo uma citação

O dois-pontos costuma ser usado para introduzir uma CITAÇÃO FORMAL – quando reproduzimos textualmente as palavras de seu autor, que é distinta da CITAÇÃO CONCEPTUAL – quando reproduzimos, **com nossas próprias palavras**, as ideias de outrem. Nas citações formais, o dois-pontos costuma vir seguido de **aspas** de abrir e **maiúscula**:

> Quando não gostava do que lia, lá vinha ele com a genial frase do Millôr: “Houve um tempo em que os animais falavam; hoje eles escrevem”.

Nas citações – embora continue valendo o princípio de não separar com pontuação os elementos necessários para completar a estrutura da frase, como mostra o primeiro exemplo, abaixo –, abre-se uma exceção para os *verba*

dicendi (em Latim, "verbos de dizer"): **afirmar**, **responder**, **alegar**, **dizer**, **comentar**, **declarar**, etc.:

> Lembro muito bem que seu conselho favorito **era** "Colhe os frutos que a vida te oferece".
>
> Falando da obra *As 1001 Noites*, Jorge Luiz Borges **disse**: "Minha ignorância do árabe permitiu-me lê-las em muitas traduções".
>
> Quando perguntaram o que ele achava de alguns autores da moda, André Maurois **respondeu**: "Em literatura, como no amor, ficamos espantados com o que os outros escolhem".

No primeiro exemplo, a citação é o **predicativo** da frase e, portanto, não pode ser separada do verbo **ser**. Nos dois outros exemplos, contudo, embora as duas citações sejam **objetos diretos** dos verbos **dizer** e **responder**, respectivamente, a tradição ocidental consagrou o emprego do dois-pontos com esse tipo de verbo.

O que vale para as **citações** pode ser estendido aos **diálogos**: o DISCURSO INDIRETO – isto é, quando nos limitamos a relatar com nossas próprias palavras o que foi dito pelo personagem – corresponde à citação CONCEPTUAL, recebendo pontuação idêntica:

> O porteiro disse que a polícia tinha estado duas vezes no prédio.
>
> A diretora respondeu que não pretendia atender nosso pedido.

Por sua vez, o DISCURSO DIRETO – isto é, quando reproduzimos textualmente as palavras do personagem – corresponde à citação FORMAL, admitindo, por isso, o dois-pontos depois do verbo *dicendi*:

> O porteiro disse: "A polícia esteve duas vezes aqui no prédio".
>
> A diretora respondeu: "Não pretendo atender o pedido de vocês".

3 – Assinalando uma relação de causa ou consequência

Também podemos usar o dois-pontos para introduzir uma oração que tem uma relação de **causa** ou de **consequência** com a anterior. Neste caso, o sinal funciona como se fosse uma verdadeira conjunção, isto é, indica que a oração que está à direita é uma **justificativa** ou uma **decorrência** do que afirmamos na primeira oração:

> Depois de seis horas, o júri chegou a uma decisão surpreendente: o réu foi absolvido.
>
> Ele não gostou da cerimônia da premiação: seu rival conquistou vários troféus.

> Desta vez ela jura que vai se abster de votar: os dois candidatos são seus amigos de infância.
>
> Hoje compreendi por que Páris estava indeciso ao decidir entre Atena, Hera e Afrodite: qualquer que fosse sua escolha, ele conquistaria duas terríveis inimigas.
>
> Saí decepcionado com o filme: nunca vi nada tão medíocre.

Dois-pontos e aposto enumerativo

Professor, minha orientadora mandou que eu reformulasse a seguinte passagem do meu trabalho: "Os autores destacam dois tipos de pesquisa qualitativa: a etnográfica e o estudo de caso, e mencionam várias autoridades para compor e elucidar a discussão." É o dois-pontos que está errado? O senhor acha que minha frase tem remédio?

Márcia R.

Prezada Márcia, a orientadora tem razão: assim como está não pode ficar. Há muitas maneiras de reescrever este texto, mas, se fosse meu, eu o pontuaria desta forma (os dois exemplos abaixo são válidos):

> Os autores **destacam** dois tipos de pesquisa qualitativa, a etnográfica e o estudo de caso, e **mencionam** várias autoridades cujo trabalho ajudaria a compor e elucidar a discussão.
>
> Os autores **destacam** dois tipos de pesquisa qualitativa – a etnográfica e o estudo de caso – e **mencionam** várias autoridades cujo trabalho ajudaria a compor e elucidar a discussão.

Só assim fica assegurado o paralelismo estrutural entre DESTACAM e MENCIONAM, que é o eixo principal desta frase. As duas versões acima estão corretas, mas o **aposto** ("a etnográfica e o estudo de caso") fica muito mais claro na segunda, por causa dos **travessões** (lembro, mais uma vez, que o aposto sempre deve ser assinalado por **pontuação de intercalação**, o que pode ser feito tanto com vírgulas quanto com travessões ou parênteses). O emprego do **dois-pontos** só teria sentido se dividíssemos a frase original em duas, deslocando para o período seguinte a ideia contida na oração coordenada aditiva:

> Os autores destacam dois tipos de pesquisa qualitativa: a etnográfica e o estudo de caso. Além disso, mencionam várias autoridades cujo trabalho ajudaria a compor e elucidar a questão.

Dois-pontos com enumeração

Prof. Moreno, está adequado o emprego do dois-pontos na frase abaixo?

Entre as medidas que podem reduzir acidentes, os pesquisadores sugerem, além da desobstrução de corredores: a pavimentação, a sinalização e a iluminação de rotas preferenciais para quem anda a pé.

Alguma coisa me diz que estamos mutilando a estrutura sintática, deixando separado, assim, o verbo do seu objeto direto – ou eu estaria vendo fantasmas?

Josué A. – Brasília

Prezado Josué: este dois-pontos realmente está errado; no seu lugar deveria figurar uma **vírgula**:

> Entre as medidas que podem reduzir acidentes, os pesquisadores sugerem, além da desobstrução de corredores, a pavimentação, a sinalização e a iluminação de rotas preferenciais para quem anda a pé.

Por que não cabe aqui um dois-pontos? Por causa de um princípio básico, tantas vezes destacado neste livro: nenhum sinal de pontuação pode interromper a ligação do verbo com seu complemento ou predicativo, como foi feito, equivocadamente, no exemplo abaixo:

> *As três cidades mais importantes da Antiguidade eram: Tebas, Alexandria e Atenas.

Em casos como esse, ou tiramos o **dois-pontos**, ou acrescentamos um predicativo **"postiço"** que deixe o padrão frasal completo:

> As três cidades mais importantes da Antiguidade eram Tebas, Alexandria e Atenas.
>
> As três cidades mais importantes da Antiguidade eram as seguintes: Tebas, Alexandria e Atenas.

Em suma, só podemos usar dois-pontos antes de uma enumeração quando a frase à sua esquerda estiver com seu padrão sintático completo. O único caso em que esse princípio pode ser ignorado é com os verbos *dicendi*, porque o texto que vem à direita do dois-pontos, embora seja, de certa maneira, complemento desses verbos, foi escrito por outro autor:

> Vieira disse: "Que importa que não adoreis o bezerro de ouro, se adorais o ouro do bezerro?".

Se você julgar que a enumeração ficaria mais clara se viesse introduzida pelo dois-pontos, basta reescrever o exemplo enviado:

> Os pesquisadores sugerem várias medidas para reduzir acidentes: a desobstrução de corredores, a pavimentação, a sinalização e a iluminação de rotas preferenciais para quem anda a pé.

Minúscula depois de dois-pontos

Caro professor, gostaria de saber se a palavra que vem após o sinal de dois-pontos deve ser escrita com a inicial maiúscula ou minúscula.

Rodrigo V. – São Paulo (SP)

Meu caro Rodrigo: no Português, o dois-pontos é considerado um sinal de pontuação INTERNA, assim como o travessão, o ponto-e-vírgula e a vírgula. Por isso, depois dele a frase continua em **minúsculas**, exceto no caso de citação formal, como no seguinte exemplo:

> Apontado como homem violento, o deputado não se intimidou: "Os bons, Deus leva; os ruins têm de ser mandados".

Podemos dizer que aqui está uma das raras diferenças entre o nosso sistema de pontuação e o do Inglês, pois lá muitos autores defendem o emprego da **maiúscula** após o dois-pontos mesmo que não se trate de uma citação. Essa, porém, ainda é uma questão controvertida, como se pode ver nos manuais de estilo da imprensa inglesa e americana.

IV. O travessão

O travessão é um sinal que, apesar de não ser invenção moderna, só agora

realmente começa a ser explorado. Embora já existam situações em que sua utilidade é indiscutível, pode-se perceber que ele ainda encerra outras possibilidades que o uso deverá (ou não) consagrar. Assim como a vírgula, ele pode vir sozinho ou aos pares, como veremos a seguir.

Travessão simples

Por representar uma interrupção parcial da linha escrita, o travessão nos força a prestar particular atenção ao que virá depois dele, sendo muito útil para introduzir um segmento que detalhe ou explique melhor a ideia que acaba de ser apresentada. É um sinal que dá grande agilidade ao texto, pois permite (ao contrário da vírgula) que esses acréscimos sejam feitos mesmo **com uma quebra evidente na estrutura sintática**:

> Agora o inspetor sabia muito bem quem tinha cometido o crime – O PROFESSOR!
>
> O furacão destelhou casas, rompeu linhas de transmissão, represou a água do rio e encheu a rua de árvores derrubadas – NUNCA SE VIU COISA IGUAL.

Note-se que muitos prefeririam usar o dois-pontos nestas frases; quanto a isso, os usuários individuais se dividem, refletindo velhas divergências que até hoje distinguem a escola tipográfica inglesa da francesa, da italiana, etc.

Travessão duplo x parênteses

Como vimos no item 6 – VÍRGULA SEPARANDO OUTROS ELEMENTOS INTERCALADOS (p. 96), os travessões duplos desempenham papel semelhante ao dos parênteses, afastando o leitor momentaneamente da linha natural do discurso para introduzir uma informação adicional. Existe, contudo, uma importante diferença entre eles: enquanto os parênteses costumam encerrar algo que é considerado **acessório** ao conteúdo principal, os travessões são usados para intercalar um **elemento novo**, que vem se acrescentar ao que está sendo dito na frase. Em outras palavras, os parênteses **minimizam** a importância da intercalação; os travessões, bem ao contrário, **valorizam** o elemento enquadrado entre eles.

Os travessões duplos são particularmente úteis para quem – como eu, por exemplo – gosta de intervir no próprio texto, introduzindo comentários, avaliações, reflexões pessoais, interpelações ao leitor, etc. São como se fizesse

ouvir uma voz diferente da voz principal – o que fica bem evidente, aliás, pois o trecho entre travessões muda radicalmente de tom quando lemos a frase em voz alta (mesmo que seja a famosa "voz alta mental"):

> Minha melhor amiga – BEM, AO MENOS EU JURAVA QUE ELA FOSSE – tentou seduzir meu namorado.
>
> Os defensores do tabaco – MAS AINDA EXISTE GENTE ASSIM? – protestam contra a discriminação na nova lei.
>
> Assinado o Acordo Ortográfico, ainda teremos um ou dois anos de carência, durante os quais – O QUE EU GOSTARIA QUE OCORRESSE, ALIÁS – a sociedade civil do Brasil e de Portugal pode voltar atrás e anular essas alterações insensatas.

O amigo leitor vai me perdoar a obviedade, mas fica o registro: nos travessões duplos, o primeiro corresponde ao parêntese de abrir, o segundo ao de fechar. Se o acréscimo for no fim da frase, é claro que a pontuação final (ponto, ponto de exclamação ou ponto de interrogação) vai anular o segundo travessão:

> Eles passaram meses planejando o ataque de janeiro – UM ATAQUE DEFINITIVO, DIZIAM, QUE PORIA FIM A TODAS AS HOSTILIDADES.
>
> O presidente americano só vai se reeleger se der uma solução satisfatória para esses problemas – A MEU VER, ESPECIALMENTE PARA O DESEMPREGO.

Travessão duplo x vírgula dupla

São duas as vantagens que os travessões levam sobre as vírgulas duplas. Em primeiro lugar, eles permitem (e elas não) que a intercalação seja um período completo. É uma forma muito econômica e ágil de reunir duas ideias, fora dos usuais sistemas de coordenação e subordinação:

> Ele admite que a atual **confusão** na economia dos Estados Unidos – O ENTREVISTADO NÃO CONCORDA COM O TERMO **CRISE** – está deixando os investidores mais ariscos.
>
> O jovem jogador brasileiro foi escolhido – VOTARAM TODAS AS GRANDES FIGURAS DO JORNALISMO ESPORTIVO – como o melhor atacante do campeonato europeu.

Em segundo lugar, a intercalação entre vírgulas **não** pode, como vimos na página 101, receber pontuação expressiva, como aqui:

> Vamos fazer um sorteio – TODOS OS PRESENTES CONCORDAM? – para decidir quem vai ficar com a última vaga na excursão.

O hífen não é travessão

Prezado professor, não consigo perceber diferenças entre o hífen e o travessão, fora o fato do segundo ter mais ou menos o dobro do tamanho do primeiro. O seu emprego não é o mesmo?

Homero Z. – Goiânia

Meu caro Homero: embora muita gente misture os dois sinais sob a denominação genérica de "tracinho", o HÍFEN e o TRAVESSÃO são caracteres bem diferentes tanto na **forma** quanto no **emprego**. Eu sempre os distingo, quando escrevo. A diferença fundamental entre eles é o ÂMBITO em que aparecem. O HÍFEN, presente em todos os teclados do Ocidente, atua no âmbito da **Morfologia**, pois é um sinal que fica restrito ao **interior do vocábulo**. É por isso que usamos o hífen apenas em três situações: (1) para indicar que dois vocábulos formam um novo vocábulo composto (**couve-flor, decreto-lei)**; (2) para ligar o pronome enclítico ao verbo (**fazê-lo, vendeu-o**); e (3) para separar as sílabas numa eventual translineação. Como se vê, ele serve para **unir** os elementos que formam um vocábulo composto ou **unir** as duas partes da palavra que ficaram separadas pela mudança de linha – e não é por outro motivo que ele também é conhecido, tanto no Português como em outras línguas, como **traço-de-união**.

É exatamente por isso – por esse uso exclusivamente morfológico, e não sintático – que o hífen **não** é considerado um **sinal de pontuação**, mas um simples **sinal ortográfico**, como os acentos, o til ou o trema.

Já o TRAVESSÃO é vinho de outra pipa. Para começar, é um sinal um tanto aristocrático, pois não está acessível no teclado e só pode ser usado pelos poucos que conhecem a misteriosa combinação que abre suas portas. Além disso – e aqui está a diferença decisiva –, ele atua no âmbito da **Sintaxe**; pertence à **pontuação interna**, assinalando intercalações e comentários, ou indicando uma ruptura na continuidade da frase para explicar ou detalhar algum elemento mencionado. Talvez isso explique o hábito consagrado, em nosso país, de inserir um espaço antes e depois do travessão, o que é considerado totalmente inadequado no caso do hífen.

Como digitar um travessão

Caro Prof. Moreno: peço desculpas pela minha pergunta, mas não vi em seu saite o travessão empregado na forma gráfica que lhe é própria, ou seja, um traço horizontal três vezes mais longo que o hífen. O senhor não o emprega (a) por achar pouco prático construir esse sinal no teclado do computador; (b) porque o senhor simplesmente não vê razão para fazer a distinção gráfica entre o travessão e o hífen; ou (c) por desconhecer o modo de obtê-lo com o teclado?

Se a alternativa acima for a (c), tomo a liberdade de lhe informar que este sinal é obtido digitando-se 0151 no teclado numérico com a tecla Alt pressionada. O meio-travessão – pouco menor que o travessão, porém, maior que o hífen – obtém-se teclando 0150 no teclado numérico com a tecla Alt pressionada. Muito obrigado pela sua atenção e um abraço.

Edgar N. – Blumenau (SC)

Meu caro Edgar, vamos por partes:

1 – Eu sou um usuário fanático do travessão e sempre digito o símbolo correto nos meus textos, mas ele geralmente é trocado automaticamente por um hífen quando colo o texto numa página da internet ou num e-mail. Este, aliás, é o grande problema dos sinais que não são tão comuns quanto a vírgula ou o ponto-e-vírgula: na informática, os vários sistemas de codificação que coexistem, aliados às diferenças temperamentais de cada *browser*, jamais nos dão certeza de que todos os leitores vão receber nosso texto na mesma formatação em que ele foi escrito. Por causa disso, aquelas sutis distinções de tamanho e de formato que a tipografia clássica mantinha entre o **hífen**, o **sinal de menos**, o **travessão curto** e o **travessão longo** (ver quadro) vão terminar desaparecendo, ficando todos esses sinais reduzidos a um só, sem personalidade, designado pelo humilhante nome de "**tracinho**".

Travessão = —
Travessão curto = –
Hífen = -

2 – Quanto ao real tamanho do travessão, entraríamos aqui numa discussão muito complexa para mim; você afirma que o travessão tem o tamanho de **três** hifens. Há controvérsias. No mundo editorial de língua inglesa, por exemplo, eles distinguem o *hyphen*, o *en-dash*, o *em-dash*, o *2em-dash*, e por aí vai a valsa (respectivamente, o hífen, o travessão do tamanho de um **N**, o travessão do tamanho de um **M**, o travessão do tamanho de dois **Ms**, e assim por diante). Ao

que parece, o nosso travessão usual (Unicode **0151**) corresponde ao *em-dash*, e o menorzito (Unicode **0150**) seria o *en-dash*. A tipografia lusitana chama o primeiro de "risca de quadratim", e o segundo de "risca de meio-quadratim", ou "meia-risca".

Ora, a tipografia anglo-saxônica especifica, para certos casos, o emprego de um *3em-dash*, que tem o tamanho equivalente a **seis** hifens numa linha sólida; usando aritmética simples, isso daria ao *em-dash* – o nosso travessão, portanto – o tamanho equivalente a **dois**, não a **três** hifens. Mas este, Edgar, é um dos terrenos muito misterioso para que eu me aventure por ele; basta dar uma olhadinha no livro *Elementos de Bibliologia*, de Antônio Houaiss (o mesmo do dicionário), para ver como esses nomes e essas correspondências dos sinais tipográficos entre si ainda são objeto de discussões seculares e intermináveis. O antisséptico mundo da informática tenta sair desse cipoal padronizando a nomenclatura e a configuração dos caracteres, mas mesmo ali, como você sabe, há sistemas conflitantes. De qualquer forma, obrigado pela gentileza.

Travessão com vírgula?

Professor Moreno: sei que dois travessões podem ser usados no lugar de duas vírgulas, e por isso mesmo não aceito essa moda de usar um travessão juntamente com uma vírgula, como fez o jornalista Reinaldo Azevedo: É tal a avalanche de informações, é tal o consenso que se formou – especialmente entre os leigos, que entendem de aquecimento global o que eu entendo: NADA!!! –, que as vozes científicas que negam a teoria são logo lançadas ao ridículo.

Aquela vírgula depois do segundo travessão não é supérflua? Por favor, explique por quê.

Velhinho de Taubaté

Prezado Velhinho: travessões duplos funcionam exatamente como parênteses duplos. Devemos pontuar a frase como se a intercalação ainda não tivesse ocorrido. A frase de Reinaldo Azevedo, no seu estado "puro", seria:

> É tal a avalanche de informações, é tal o consenso que se formou, que as vozes científicas que negam a teoria são logo lançadas ao ridículo.

O trecho que vai ser inserido traz consigo um travessão de abrir e um de fechar, o que explica aquela sequência [travessão+vírgula] que deixou você intrigado:

> É tal a avalanche de informações, é tal o consenso que se formou – *especialmente entre os leigos, que entendem de aquecimento global o que eu entendo: NADA!!!* –, que as vozes científicas que negam a teoria são logo lançadas ao ridículo.

Se você substituir os travessões por **parênteses**, tenho certeza de que a combinação resultante – [parêntese+vírgula] – já não vai lhe parecer tão estranha:

> É tal a avalanche de informações, é tal o consenso que se formou *(especialmente entre os leigos, que entendem de aquecimento global o que eu entendo: NADA!!!)*, que as vozes científicas que negam a teoria são logo lançadas ao ridículo.

O princípio é simples: a frase-mãe deve ficar com sua pontuação integral, mesmo que se retire a expressão intercalada (entre travessões ou parênteses, não importa). Além disso, o exemplo que você escolheu ilustra muito bem as outras vantagens que nos fazem preferir, em casos como este, os travessões às vírgulas. Com eles, o jornalista pôde usar o valioso recurso de marcar o trecho intercalado com pontuação expressiva (ponto de interrogação ou de exclamação); depois – e talvez mais importante –, pôde, com grande agilidade sintática, encaixar um comentário pessoal, de forte caráter argumentativo, àquilo que vinha dizendo. E pode ter certeza de que nada disso foi por acaso, pois Reinaldo Azevedo é um mestre no manejo do travessão e de todos os outros sinais; se você não sabia, ele é um jornalista que se preparou com uma sólida formação no curso de Letras – e isso, pode ter certeza, faz toda a diferença do mundo.

A ponte Rio–Niterói

Caro mestre, a minha dúvida é a respeito das diferenças entre o hífen e o travessão, mais especificamente quanto à ponte Rio–Niterói. Eu enxergo ali um hífen; várias colegas minhas dizem que é um travessão, mas não explicam o porquê. Gostaria que o senhor tirasse essa dúvida.

Marcia B. – Rio de Janeiro

Prezada Marcia: em princípio, o **hífen** é um elemento **interno** dos vocábulos compostos. O hífen que usamos em **porta-bandeira**, por exemplo, indica que um verbo na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo (“porta”) e um

substantivo feminino (“bandeira”) se juntaram para formar um novo substantivo de nossa língua, o **porta-bandeira**, pessoa que leva a bandeira de um regimento ou de uma escola de samba.

O **travessão** é diferente, pois atua ao longo da frase – **fora**, portanto, do âmbito restrito do vocábulo. É um sinal de **pontuação** importante, do mesmo quilate do ponto-e-vírgula, do dois-pontos e dos parênteses, sendo muito útil para indicar intercalações ou introduzir, no final da frase, expressões que sintetizam o que acaba de ser dito.

Na verdade, o sinal que a tradição tipográfica consagrou para indicar o ponto inicial e final de um percurso ou de um espaço de tempo era o **travessão breve** (ou **meia-risca**), maior que o hífen, mas menor que o travessão propriamente dito. Houaiss, que era um especialista em Bibliologia, chama a atenção para sua grande utilidade para unir termos **que não chegam a formar uma expressão composta**. Deveríamos escrever ponte **Rio–Niterói** da mesma forma que rodovia **Belém–Brasília**, o triênio **1971–1974**, Tobias Barreto (**1839–1869**), um classificador **A–Z** Digo “deveríamos” porque a meia-risca hoje é praticamente obsoleta, e por razões óbvias: primeiro, as antigas máquinas de escrever não tinham tecla para inserir este símbolo; depois veio o computador e tornou possível o seu emprego – mas só à custa de uma trabalhosa combinação de teclas (mantendo-se a tecla **Ctrl** pressionada, digita-se o sinal de menos no teclado numérico), desconhecida da maioria dos brasileiros. Por afinidade de desenho – afinal, tudo é “tracinho” mesmo –, a maioria o substituiu alegremente pelo **hífen**; eu, no entanto, gosto do travessão e sempre o utilizo nesses casos (embora reconheça que é difícil, para o usuário comum, inserir este sinal no texto).

O Novo Acordo Ortográfico, naquele tom autoritário que denuncia o subalterno que não aprendeu a mandar, resolveu encerrar a discussão numa penada: nada de travessão ou meio travessão; aqui só se usa o **hífen**, e estamos conversados! Ora, não vejo nada de mal em consagrarem, os autores da Reforma, o que todo o mundo já vinha fazendo; se o hífen é mais prático, viva o hífen! – mas não aceito a injustificável exclusão do travessão médio ou do travessão pleno, muito mais adequados para desempenhar essa tarefa de indicar os pontos extremos de uma sequência. Que deixassem ao gosto do autor, ora bolas! Confesso que, tirante o aspecto estético, escrever **Rio-Niterói**, **Rio--Niterói** ou **Rio–Niterói** não faz, no fundo, muita diferença – mas as coisas nem sempre são assim tão inocentes. Se empregarmos apenas o **hífen**, pode haver a natural confusão entre o que constitui e o que não constitui um **vocábulo composto**, o que, em ambientes mais rigorosos, pode criar embaraços. Assisti a uma defesa de tese em que o futuro doutor se viu numa camisa de onze varas quando um examinador perguntou por que ele usava, ao longo do trabalho, construções como “modelagem FÍSICO-MATEMÁTICA”, “simulação FÍSICO-MATEMÁTICA”,

etc., mas lá pelas tantas tinha se saído com uma “interface FÍSICA-MATEMÁTICA”. Nervoso, não atinou com a explicação e pediu desculpas pelo deslize; só mais tarde, durante o churrasco de comemoração, foi que se deu conta de que não tinha cometido erro algum: tinha escrito “modelagem FÍSICO-MATEMÁTICA” porque se tratava de um adjetivo composto (que, como todos sabem, só flexiona no **segundo** elemento: clínica MÉDICO-cirúrgica, amizade LUSO-brasileira). Em “interface FÍSICA-MATEMÁTICA”, no entanto, estava se referindo à interface “entre a FÍSICA e a MATEMÁTICA”; não se tratava, é claro, de um adjetivo composto, mas de dois elementos que deveriam estar ligados por um TRAVESSÃO (interface FÍSICA–MATEMÁTICA, relação PROFESSOR–ALUNO, relacionamento CLIENTE–EMPRESA) ou, para alguns, por uma BARRA INCLINADA (relação PROFESSOR/ALUNO, relacionamento CLIENTE/EMPRESA).

Pontuação final

O final da frase sempre será indicado por um ponto – seja um ponto simples (.), um ponto acrescido de sinais especiais (! ou ?), ou, ainda, por três pontos em sequência (...). Já foram (e ainda são) propostas várias inovações, como o ponto duplo (..), o ponto de ironia ( ) ou o *interrobang* (), mas tentativas como essas sempre vão fracassar, assim como fracassam irremediavelmente todas aquelas pontuações “originais” que, vez por outra, algum escritor teima em experimentar: nada pode ser feito em pontuação se não houver um contrato prévio entre aquele que escreve e aquele que vai ler.

Após um ponto desses – qualquer que seja –, espera-se letra maiúscula no início do próximo segmento. É claro que esse princípio pode ser transgredido em linguagem expressiva ou literária, mas não se espera que isso aconteça nos textos que habitualmente escrevemos. Leia o exemplo abaixo, admire o efeito que o autor obteve empregando o ponto de interrogação e do ponto de exclamação no meio da frase – mas não o imite, porque você não se chama Millôr Fernandes:

> “Vocês ainda se lembram daquela história, edificante!, do garoto holandês que botou o dedo na rachadura do dique pra salvar sua cidade, e toda a Holanda, por que não?, de ser inundada pelas águas? Pois é. O Brasil está precisando de pelo menos um milhão desses garotos pra tapar com o dedo todas as rachaduras que estão aparecendo em nossos cofres morais. E, olha aqui – não seria também uma forma de resolver o problema dos menores abandonados? Nosso maior pobrema?”

I. O ponto

Ponto final e ponto da abreviatura

Professor, sei que não é uma situação comum, mas já aconteceu comigo: no caso de terminarmos uma frase com etc., como fica a pontuação? O ponto que já vem com a abreviatura faz o serviço todo, ou tenho de usar um ponto final além dele?

Sheila W. – Jaboatão (PE)

Prezada Sheila, o ponto que colocamos em **etc.**, ou **ltda.**, ou **sr.** tem a importantíssima função de assinalar que estamos diante de uma palavra maior, que deve ser lida, em voz alta, na sua forma original. Escrevemos **cia.** mas lemos "companhia"; escrevemos **ltda.** mas lemos "limitada". Este ponto, portanto, avisa que temos diante dos olhos apenas algumas letras de uma palavra maior.

Ora, sempre que o ponto da abreviatura coincidir com o ponto final da frase, temos duas opções: ou empregamos apenas um ponto solitário, dentro do princípio de que ponto sobre ponto é ponto, ou colocamos um ponto extra, separado do ponto da abreviatura por um espaço:

> (1) A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda**.**
>
> (2) A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda**. .**

A meu ver, as duas soluções, embora **corretas**, são desajeitadas. A primeira era recomendada expressamente no Formulário Ortográfico de 1943:

> "Quando o período, oração ou frase termina por abreviatura, não se coloca o ponto-final adiante do ponto abreviativo, pois este, quando coincide com aquele, tem dupla serventia".

Esse procedimento, embora seja adotado por muitos, sempre me desagradou, principalmente por contrariar o princípio de que toda frase deve ter sua pontuação final própria e independente – como fica claro, por exemplo, no caso do ponto de interrogação, do ponto de exclamação ou do ponto-e-vírgula, que vão aparecer muito à vontade ao lado do ponto da abreviatura:

> A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda.**!**
>
> A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda.**?**
>
> A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda.; espera-se, por causa disso, uma reação enérgica do sindicato.

A segunda (ponto+espaço+ponto) é muito mais lógica, mas tem grande

probabilidade de dar ao leitor a impressão de que está diante de tentativa frustrada de digitar reticências. A solução que adotei há muitos anos é muito simples: por princípio, NUNCA termino uma frase com qualquer espécie de abreviação. Quando vejo que isso vai acontecer, ou dou um jeito de colocar alguma palavra depois da abreviatura, ou substituo-a pelo **extenso**, já que usar ou não formas abreviadas é uma questão de preferência (posso escolher livremente entre **sr.** ou **senhor**, **cia.** ou **companhia**, e assim por diante):

> A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda., empresa de capital nacional.

> A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Limitada.

Título deve ser pontuado?

Professor, sou estudante de Comunicação e aprendi, na faculdade, que não se devia colocar pontuação no final de títulos de livros ou de artigos. No entanto, ao me preparar para um concurso que pretendo fazer, encontrei um manual de redação oficial que mandar pontuar tudo, até manchete de jornal!

Alzira S. – Juiz de Fora (MG)

Minha cara, preciso lembrar uma vez mais que o sistema de pontuação é uma convenção que só se sustenta se os dois lados envolvidos – aquele que escreve e aquele que lê – estiverem de acordo. Essa recomendação de pontuar todos os títulos vai frontalmente contra o costume de todas as pessoas cultas que escrevem e publicam neste país. Em 1943, o **PVOLP –** *Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (o avô do **VOLP**, nosso atual *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*) trazia todos os títulos com ponto – "Formulário ortográfico."; "Letras dobradas."; "Acentuação gráfica." –, mas seu exemplo sempre foi visto como uma verdadeira excentricidade.

A prática dos últimos cinquenta anos é deixar o título sem ponto. Alguns manuais sugerem uma interessante distinção: o ponto só deveria ser usado quando o título fosse um período completo, com sujeito, verbo e tudo mais:

A estrela sobe.

Perdoa-me por me traíres.

Olhai os lírios do campo.

A Lua vem da Ásia.

Esse poderia ser um conselho prudente para **redações escolares** – é impressionante a importância que os estudantes dão para o “dilema” de pontuar ou não o título da redação no vestibular! –, mas não faz o menor sentido no jornalismo ou na literatura, onde fica bem delimitado pela posição de destaque que ocupa, aliada a seu grafismo especial. Os quatro exemplos acima são de obras escritas por autores contemporâneos (Marques Rebelo, Nelson Rodrigues, Érico Veríssimo e Campos de Carvalho, respectivamente) – e todos esses títulos vêm sem pontuação no original.

É claro, prezada Alzira, que estamos falando do **ponto final**, já que os pontos **expressivos** (interrogação e exclamação) definem a natureza do título e devem, portanto, ser preservados. Embora raros, você vai encontrá-los, por exemplo, nas seguintes obras:

Mas não se matam cavalos? (Horace McCoy)

Quem tem medo de Virginia Woolf? (Edward Albee)

O que fazer? (Lenine)

Olha para o céu, Frederico! (José Cândido de Carvalho)

Quem tem farelos? (Gil Vicente)

Quem casa quer casa? (Tatiana Belinky)

Quem matou Palomino Molero? (Vargas Llosa)

Que país é este? (Millôr)

Eu acuso! (Zola)

Como você pôde ver, tudo que se pode dizer sobre pontuação fica na esfera da **sugestão** e do **conselho** – e, como em tudo nesta vida, a virtude está no equilíbrio e no bom senso. Não se pode afirmar, como fizeram na faculdade, que NUNCA haverá título pontuado – mas também não vamos dar ouvidos a manuais que querem pespegar ponto final em todos os títulos.

II. O ponto de interrogação

As perguntas **diretas** são assinaladas com um ponto de interrogação. No Inglês, a frase interrogativa tem uma estrutura própria, o que a torna facilmente reconhecível; na maior parte das frases do Português, no entanto, este sinal é o único indício de que estamos fazendo uma pergunta:

Se formos por aqui, vamos chegar mais cedo.

Se formos por aqui, vamos chegar mais cedo?

Isso também vale para aquelas perguntas curtas que usamos no final de uma frase declarativa para confirmar ou reforçar o que afirmamos:

– Você não vai comer isso, vai?

– Foi você que mandou, não foi?

– Esta é a chave do armário, não é?

Interrogação indireta

Caro Professor, tenho uma dúvida com relação à pontuação da seguinte frase: "Gostaria de saber se os colegas concordam comigo". Existe alguma regra gramatical que proíba o uso do ponto de interrogação em frases assim?

Eliana M. – São Paulo

Nesta frase não cabe um ponto de interrogação, Eliana, por ser uma pergunta **indireta**, isto é, uma frase **declarativa** que contém uma pergunta. Na verdade, trata-se de uma interrogação **direta** que foi reelaborada: "Os colegas concordam comigo?" passou a "Gostaria de saber se os colegas concordam comigo". Na pergunta direta, aquilo que queremos saber está na **oração principal**; na indireta, passa a ser apresentado sob a forma de uma **oração subordinada**, geralmente iniciada por **quem**, **qual**, **que**, **quanto**, **como**, **por que**, **onde**, **quando** e **se**:

EU GOSTARIA DE SABER

se os colegas concordam comigo.

como se liga o forno.

por que todos desistiram.

quanto vale o diamante.

por **quem** os sinos dobram.

Como você pode ver, enquanto a primeira frase FAZ a pergunta ao provável interlocutor – "Os colegas concordam comigo?" –, a segunda apenas INFORMA que eu tenho uma dúvida – "Gostaria de saber se os colegas concordam comigo". É exatamente por isso que apenas a primeira é dita com uma entonação característica (que corresponde, na escrita, ao ponto de interrogação). Na segunda, a modalidade interrogativa é marcada não pela forma da frase, mas pelo significado do verbo da oração principal, que sempre vai exprimir dúvida ou vontade de saber: **perguntar**, **indagar**, **querer saber**, **questionar**, etc.

Se você colocar um ponto de interrogação numa pergunta indireta, vai mudar completamente o que está sendo dito. Compare

(1) Ela perguntou se Pelé era jogador de basquete.

(2) Ela perguntou se Pelé era jogador de basquete?

Na primeira versão, estou **informando** que ela fez tal pergunta. Na segunda, incrédulo, estou querendo saber se realmente foi essa a pergunta que ela fez.

Pergunta retórica

Professor, o que vem a ser uma "pergunta retórica"? Seria uma pergunta boba, tão óbvia que nem deveria ter sido feita?

Sarah S. – Ribeirão Preto (SP)

Não, prezada Sarah, as perguntas retóricas raramente são bobas – bem pelo contrário, aliás. Numa pergunta "verdadeira", pedimos que nosso interlocutor forneça uma informação que nós não possuímos; em outras palavras, aquele que não sabe vai consultar aquele que sabe. Por exemplo, você só enviou sua pergunta ao meu saite porque tem a expectativa de que eu possa fornecer a resposta. Portanto, "O que é uma pergunta retórica?" é uma pergunta **verdadeira**, assim como "A que horas começa o filme?", "Quem vai no carro conosco?" e "Onde puseram a conta da luz?".

Uma **pergunta retórica**, no entanto, é um tipo esquisito de pergunta, já que, ao fazê-la, já sabemos a resposta e sabemos que nosso interlocutor também sabe. Se

dizemos “Até quando vamos ter de aguentar essa corrupção?”, estamos, na verdade, declarando a nossa indignação com um determinado estado de coisas, e ficaríamos muito surpresos se alguém resolvesse nos dar uma resposta (quem costuma fazer isso são as crianças pequenas, que não dominam ainda as maldades e as sutilezas do discurso).

Como você pode ver, usamos a pergunta retórica não para **interrogar**, mas para **afirmar** ou **insinuar**. Quem pergunta algo como “Você pensa que eu sou bobo?”, ou “Quantas vezes eu tenho de dizer que a porta deve ficar fechada à noite?”, ou “Você não tem vergonha?”, ou “Quem o Evo Morales pensa que é para saquear o patrimônio da Petrobrás?”, ou “Quer dizer que o senhor é o mandachuva por aqui?” – quem faz essas perguntas, repito, não tem intenção alguma de receber **uma resposta**. Ah, antes que eu esqueça: apesar de suas peculiaridades, a pergunta retórica é assinalada obrigatoriamente com o ponto de interrogação.

III. O ponto de exclamação

Enquanto o ponto de **interrogação** assinala inequivocamente uma **pergunta**, o ponto de **exclamação** não tem um valor bem definido. O uso deste sinal, ao contrário dos demais, não está associado à estrutura da frase; ele faz parte da vã e eterna tentativa de dar à linguagem escrita um pouco da grande expressividade que tem a língua falada, com sua riqueza incomparável de entonações. Isso fica bem claro nas definições que tradicionalmente vêm sendo dadas a ele, atribuindo-lhe magicamente a capacidade de transmitir sentimentos tão diversos quanto **alegria**, **surpresa**, **indignação**, **espanto**, **ironia**, **entusiasmo** e alguns outros mais (como se a cada um desses sentimentos não correspondesse, na fala, uma combinação diferente de expressão facial, de tom de voz, de ritmo, de intensidade).

Seja como for, é indiscutível que ele se destina a assinalar algum tipo de emoção, o que naturalmente tornou raríssimo o seu emprego em textos acadêmicos ou técnicos, que buscam aparentar ao máximo aquela neutralidade impassível que costumamos associar à voz da Ciência com “C” maiúsculo. Na literatura e na comunicação interpessoal, porém, onde se admite – e se espera – uma linguagem pessoal e expressiva, é usado em várias situações já consagradas.

Para distinguir uma frase declarativa de uma exclamação

(a) Ela pintou dois quadros em setembro.

(b) Ela pintou dois quadros em setembro!

Embora a simples presença do ponto exclamativo não seja suficiente para que nosso leitor descubra se concebemos a segunda frase para ser pronunciada com em tom preocupado, alegre, histérico ou entusiasmado, serve ao menos para deixar muito claro que o tom **não** é neutro como na primeira. Com **ponto final**, informamos que ela pintou dois quadros em setembro; com **ponto de exclamação**, temos um *plus*: há algo de excepcional no fato dela ter pintado dois quadros em setembro. O leitor, sensível à nossa sinalização, fica na expectativa de que a explicação venha a seguir.

Foi exatamente para isso que o ponto de exclamação veio ao mundo: para fazer uma espécie de **promessa** a quem nos lê. O que ele diz, no fundo, é muito simples: "Atenção, leitor: fique atento, porque aqui há mais do que o olho vê". Não admira, portanto, que seu emprego tenha sido adotado por muitos escritores medíocres, que enchiam seus textos de pontos de exclamação para sugerir uma riqueza de conteúdo que suas frases, na verdade, não tinham. Esse mau uso – ou abuso – do ponto de exclamação ficou tão disseminado que ele passou praticamente a ser evitado, à semelhança do que aconteceria, como vamos ver, com as reticências.

Se for usado com moderação, como certos medicamentos e bebidas alcoólicas, podemos aproveitar esse valor adicional que ele imprime à frase. Aqueles que simplesmente recomendam que se evite o seu emprego não podem deixar de perceber as diferenças que o seu uso introduz nos pares abaixo:

(a) Meu tio leu *Dom Casmurro*.
(b) Meu tio leu *Dom Casmurro*!

(a) Ela disse "eu te amo!".
(b) Ela disse "eu te amo"!

No primeiro par, "Meu tio leu *Dom Casmurro*!" deixa evidente que esse fato, corriqueiro para muitos, deve ser especialmente significativo para a pessoa de meu tio. No segundo par, a diferença é maior ainda; na versão (a), ela deve ter declarado seu amor em tom enfático, raivoso, veemente, etc., etc. (lembro que os atores podem dizer a expressão mais banal, o cumprimento mais corriqueiro com dezenas de nuanças emocionais diferentes); na versão (b), o ponto de exclamação encerrando a frase sugere que EU é que estou estou surpreso (emocionado, entusiasmado, aterrorizado, etc. – a escolher) por ela ter dito aquilo.

Há um pequeno número de construções sintáticas cuja presença torna a frase obrigatoriamente exclamativa; nelas não existe, portanto, a liberdade de usar apenas o ponto, como vimos nos exemplos acima. Aqui o ponto de exclamação é de praxe (algumas delas também admitem reticências):

Quem diria! Isso é que é mulher! Eu tenho tanto medo! Como detesto

aquele pilantra! Só faltava essa! Que beleza! Mas que sujeito mais pão-duro! Quanto tempo perdido!

Depois de uma interjeição

As interjeições são usadas para expressar algumas emoções básicas do ser humano, o que nos permite supor que constituíssem a forma preferida de comunicação entre os nossos antepassados da caverna. Sejam elas palavras reais de nosso idioma – **bravo**, **credo**, **viva** – ou meros sons expressivos que a escrita foi buscar na língua falada – como **ah**, **oh**, **ui**, **xi** ou **bah** –, o certo é que as interjeições são vistas como corpos estranhos no vocabulário do Português. Essa carga afetiva que elas transmitem faz com sejam seguidas naturalmente de um ponto de exclamação:

> Oxalá! Epa! Boa! Socorro! Bravo! Olé! Oh!

Said Ali, um dos mais argutos gramáticos tradicionais, faz uma observação sobre o valor da interjeição "oh" que poderia, *mutatis mutandis*, servir para o ponto de exclamação, com suas infinitas possibilidades de leitura: "Basta modificar o tom de voz para cada caso particular e ela denotará alegria, tristeza, pavor, nojo, espanto, admiração, dor, piedade, etc.".

Para caracterizar chamado ou interpelação

Quando nos dirigimos diretamente a alguém, podemos usar o seu nome ou um apelativo qualquer. Esta interpelação, facilmente reconhecida na fala pelo tom e pela altura da voz, é assinalada pelo ponto de exclamação:

> Você aí!
>
> Antônio! Júlio! Onde estão vocês?
>
> Ó de casa!

Aqui vemos um dos raros momentos em que a pontuação refere-se à elocução recomendada para a frase. O uso do ponto exclamativo sugere, em certos casos, que tivemos de elevar a voz porque nosso interlocutor não está perto de onde nos encontramos. Em outros – o que não acontece quando separamos o vocativo por uma simples vírgula –, que resolvemos adotamos um tom mais incisivo:

> Filho, desce daí.
>
> Filho! Desce daí!

Em frases imperativas

O ponto de exclamação pode reforçar a natureza das frases imperativas, outro tipo de frase que só aparece na ficção, na poesia ou na correspondência pessoal:

> Peguem suas malas. Venham cá. Sentem.
>
> Peguem suas malas! Venham cá! Sentem!

Muitos evitam usá-lo porque veem nele o mesmo caráter autoritário que assumiram, na internet, as letras **maiúsculas** – o leitor tem a impressão de que o autor está gritando.

Pontuação com interjeição

Professor, na frase “Valeu! mestre.” temos uma interjeição de agradecimento, seguida de um vocativo, não é? Sendo assim, não ficaria faltando uma vírgula após o ponto de exclamação?

Josevaldo L. – Fortaleza

Meu caro Josevaldo, a análise está corretíssima: temos realmente uma interjeição (**valeu**, aqui, funciona como tal) seguida de um vocativo (**mestre**). As interjeições costumam vir acompanhadas de ponto de exclamação; os vocativos vêm precedidos de uma vírgula. A proposta que você faz – colocar uma vírgula após o ponto de exclamação –, no entanto, está equivocada. Nesses casos, separamos o vocativo com uma vírgula e deixamos o ponto de exclamação para **o fim da frase**: “Valeu, mestre!”, “Cuidado, Corisco!”, “Epa, camarada!” – e assim por diante.

Usar ou não usar o ponto de exclamação

Prof. Moreno, não sei se uso ou não o ponto de exclamação no slogan que desenvolvi para nossa companhia. Não sei qual das duas formas – "PRAZER EM SERVIR!" ou "PRAZER EM SERVIR." – é a mais adequada, pois andei lendo artigos dizendo que só se usa esse sinal quando se transcreve a fala de alguém, principalmente em jornais.

Anselmo T. – Aparecida (SP)

Prezado Anselmo, eu usaria o ponto de exclamação se fosse uma frase dirigida a meus clientes, estampada em algum *banner* ou *folder* (para usar dois vocábulos bem nossos, portugueses da gema...):

BEM-VINDO!

BOM DIA!

VOLTE SEMPRE!

[temos] PRAZER EM SERVI-LO!

Diferente seria a pontuação se eu estivesse me referindo a uma característica da minha empresa:

Banco Caxangá – CONFIANÇA NO FUTURO

Banco Caxangá – SEGURANÇA ACIMA DE TUDO

Banco Caxangá – PRAZER EM SERVIR

No entanto, você deve saber que a pontuação não obedece a um sistema de regras fechado, como aquele que regula o emprego dos acentos; conciliando-se o bom senso e as preferências pessoais, a mesma frase pode ser pontuada de várias maneiras, todas elas corretas. Esses três últimos exemplos poderiam perfeitamente receber um ponto de exclamação:

Banco Caxangá – CONFIANÇA NO FUTURO!

Banco Caxangá – SEGURANÇA ACIMA DE TUDO!

Banco Caxangá – PRAZER EM SERVIR!

Eu não gosto, porque (veja como isso é pessoal!) sinto um certo tom de bravata no ar – mas nada impediria que alguém assim escrevesse.

Pontuação mista

Caro professor Moreno, pode-se usar interrogação seguido de exclamação (?!) ou vice-versa (!?) nos textos? O que o professor pode me dizer em relação a essa pontuação?

Viviane – Contagem (MG)

Prezada Viviane, já vi muitas combinações como essas, assim como também vi usarem pontos de exclamação ou de interrogação enfiados como salsicha no palito – !!!!!! ou ?????. Quem usa essas esquisitas configurações tem a esperança ingênua de expressar, por escrito, aquilo que só a fala consegue. Ledo engano! A escrita não pode fazer isso – não pode, com meros sinais convencionais, reproduzir a infinidade de sutilezas que o falante traz para qualquer ato de comunicação, com o seu tom de voz, a expressão do rosto, o movimento das sobrancelhas, os movimentos da cabeça, o ritmo de sua fala, a entonação, o olhar, os gestos de mão, sei lá que mais.

Os sinais de pontuação que utilizamos foram selecionados dentre centenas de outros (basta ver os manuscritos medievais, com sua riquíssima experimentação), numa escolha sedimentada ao longo de mais de um milênio. Seu emprego também foi se estabelecendo aos poucos, historicamente, até que o valor de cada sinal ficou definitivamente claro para todos os que escrevem e todos os que leem. O princípio, altamente democrático, é muito simples: é indispensável que qualquer sinal de pontuação colocado na frase signifique para o leitor o mesmo que significa para o autor.

É por esse motivo que fracassaram inovações como o *interrobang* (um sinal que une o ponto de interrogação e o de exclamação num só grafismo), que seria usado para indicar **ironia** ou **incredulidade** numa pergunta (você pode ver esse verdadeiro ornitorrinco gráfico na página 167 deste livro) – mais ou menos a mesma coisa que alguns pretendem com o “!?”. Para mim, já nasceu morto, da mesma forma que esses “?!?!”, “??!!” ou “????” que andam por aí: se sou o autor, ninguém me assegura que meus leitores vão entender o que pretendo; se sou um leitor, ninguém me assegura que o autor interpreta o sinal que empregou da mesma maneira que eu.

IV. As reticências

As **reticências**, também conhecidas como **pontos suspensivos** – e familiarmente chamadas de **três-pontinhos** –, são usadas no fim de um enunciado para indicar que, na verdade, a frase não terminou, deixando ao leitor a tarefa de imaginar sua continuação (os exemplos entre aspas são de Machado):

> O fato de mulheres falarem hoje na "sua tesão" mostra como, curiosamente, foi perdida a ligação deste vocábulo com o radical **teso**. Imagino que não seja necessário explicar a relação primitiva...
>
> No meu tempo de ginásio, desatávamos a rir maldosamente só porque mencionavam a **Cornualha**, na Inglaterra, ou as famosas joias de **Cornélia**...
>
> E cá para nós: esse é um tipo de palavra que não faz a menor falta em nosso idioma. Um casaco de pelo de alpaca é... um casaco de pelo de alpaca.
>
> "Não é minha intenção ofendê-la; ao contrário..."
>
> "Queira vosmecê perdoar, mas o diabo do bicho está a olhar para a gente com tanta graça..."
>
> "Não quis, não levantou a cabeça, e ficamos assim a olhar um para o outro, até que ela abrochou os lábios, eu desci os meus, e..."
>
> "Sei que você fez promessa... mas uma promessa assim... não sei... Creio que, bem pensado... Você que acha, prima Justina?"
>
> "De todas porém a que me cativou logo foi uma... uma... não sei se diga; este livro é casto, ao menos na intenção; na intenção é castíssimo."
>
> "Vem comigo, disse eu, arranjei recursos... temos muito dinheiro, terás tudo o que quiseres... Olha, toma."
>
> "Ninguém nos vê. Morrer, meu anjo? Que ideias são essas! Você sabe que eu morrerei também... que digo?... morro todos os dias de paixão, de saudades..."

Podemos ver que, ao usá-las, o autor sugere que teria algo a acrescentar, mas está deixando deliberadamente de fazê-lo por alguma razão estratégica – por pudor, por malícia, por conveniência, por discrição – ou está indicando pausas, hesitações, interrupções, autocríticas ou mesmo silêncios significativos. A polivalência das reticências desafia qualquer esforço para classificá-las. Como observa muito bem Rostislav Kocourek, pesquisador tcheco que escreve sobre o tema, a única coisa que podemos afirmar com precisão é que elas assinalam

uma **ruptura**, uma **suspensão**, uma **interrupção** da cadeia escrita do texto. Por causa disso, sempre representam um apelo para que o leitor adivinhe a razão que levou o autor a cortar o enunciado naquele ponto – e, por consequência, forçam-no a interpretar, uma a uma, cada ocorrência deste sinal.

Nas enumerações exemplificativas

Como indicam uma **interrupção**, são usadas também como reforço para as enumerações **exemplificativas** (ou enumerações **abertas**, que vimos nas páginas 51 e 52). Neste caso, substituem perfeitamente um **etc.** – e "substituem" quer dizer "podem ser usados no lugar do **etc.**", mas não **acompanhá-lo**. O brasileiro tem uma estranha compulsão a colocar reticências APÓS o **etc.**, o que deve ser evitado:

> A coleção vai incluir um CD específico para cada um dos grandes mestres do Jazz: Miles Davis, Coltrane, Oscar Peterson, Louis Armstrong, Charlie Parker...
>
> Fica isenta de tributos a importação de qualquer material impresso de cunho educativo ou cultural: atlas, partituras, livros didáticos, gramáticas, dicionários...

Para indicar cortes em citações

Quando citamos o texto de outrem, é indispensável que seja assinalada qualquer supressão que porventura venhamos a fazer. Para isso, o mais recomendável é usar reticências **entre parênteses** ou **entre colchetes** a fim de que não se confundam com as reticências que o próprio autor possa ter usado no texto original:

> *"Três décadas atrás [...] eu ostentava ideias claras sobre o Vietnã (os dois), o peronismo, Lumumba, a Albânia, os bororós e a chegada do homem à Lua. Conflitos entre árabes e judeus em territórios bíblicos não encerravam para mim nenhum segredo [...] Agora mal me atrevo a opinar sobre aquilo que vivo e sofro diretamente. Por isso tenho um pouco de inveja e muita desconfiança de meus colegas intelectuais europeus e suas claras certezas [...]"*
>
> *Fernando Savater*

Espaço antes ou depois das reticências

Professor Moreno, tenho uma dúvida e agradecia se o senhor me pudesse esclarecê-la: vai um espaço antes das reticências? Ou elas vêm diretamente seguindo a palavra, como o ponto? O correto seria "Hum ... Que bonito!" ou "Hum... Que bonito!"?

Nair S. – Stuttgart (Alemanha)

Prezada Nair, não há nenhuma regra ortográfica a respeito disso. Os tipógrafos e compositores certamente têm regras sobre o tema: os americanos deixam um espaço antes e um espaço depois; os franceses se dividem quanto a isso; os ingleses advertem que as reticências, ao contrário do que o resto do mundo pensa, não são três pontos digitados no teclado, mas um sinal especial em que os pontinhos vêm menos espaçados. Ora, falando francamente, essas minúcias devem ter lá sua importância no mundo das indústrias gráficas, mas perdem qualquer sentido para nós, simples mortais – principalmente no século dos processadores de texto, que aumentam ou reduzem os espaços entre as letras e os sinais a fim de justificar a linha impressa.

O que temos é uma prática quase universal: todos os sinais de pontuação ficam colados na palavra que fica à sua esquerda. Veja, por exemplo, a vírgula, o ponto, o ponto-e-vírgula nestes exemplos: "Naquele dia, quando..."; "Estava escuro. As últimas estrelas..."; "Ele pediu uma salada; ela, no entanto, escolheu...". Por isso, recomendo que você se junte prudentemente à multidão e faça o mesmo com as reticências: "Hum... Que bonito!".

O professor que odiava reticências

Prezado professor Moreno: anos atrás (na verdade, décadas atrás) tive um excelente professor de Português que, como era de praxe naquela época, era mais duro do que cerne de angico. Era carrancudo, seco e exigente, mas devo a ele tudo o que aprendi sobre nosso idioma. O curioso é que ele nos proibia o emprego de reticências – e "proibir", para ele, significava dar nota "zero" para a redação inteira. Era uma simples ojeriza pessoal, ou havia alguma razão oculta que eu nunca pude entender?

Afonso L.C. – Recife

Meu caro Afonso: conheci também alguns desses professores da velha guarda, feitos de uma argila que não se encontra mais. Eram intransigentes com nossos erros, mas justos, abnegados e, acima de tudo, orgulhosos do papel que exerciam na escola e na comunidade. Tive um professor de Português parecido com o seu, e acho que posso resolver o seu enigma. As reticências, exatamente por sugerirem que existe algo por trás da frase interrompida, ganharam uma popularidade imediata entre os que não sabiam escrever. A frase saiu chocha? Basta pregar-lhe reticências, e pronto! Ela adquire uma aura de mistério que desafia o leitor – ou, como bem disse um autor, “o ideal fácil do **não dito** substituía o esforço para dominar o **dito**”. Em outras palavras, as reticências se prestam como uma luva para a mistificação...

Não recordo exatamente o texto que ele dava de exemplo, mas posso reconstruir algo semelhante. Se você comparar a primeira versão (retirada de um daqueles almanaques que a farmácia dava de brinde) com a segunda, semeada com reticências, vai perceber, mesmo sabendo tratar-se das mesmas palavras e das mesmas frases prosaicas, como o texto parece ter adquirido significados misteriosos:

> O cafeeiro é originário da distante Etiópia. Lá ele é silvestre e pode chegar à altura de uma árvore; aqui, cultivado em cafezais, podam-no para não ficar muito mais alto que um homem.
>
> A florescência do café depende da chegada da chuva. Os arbustos têm folhas lustrosas verdes-escuras, mas as folhas são brancas e possuem o cheiro de jasmim. A flor leva nove meses para se transformar em fruto maduro.

> O cafeeiro é originário da distante Etiópia...
>
> Lá ele é silvestre e pode chegar à altura de uma árvore...
>
> Aqui, cultivado em cafezais, podam-no

> para não ficar muito mais alto que um homem...
> A florescência do café depende da chegada da chuva...
> Os arbustos têm folhas lustrosas verdes-escuras, mas as folhas são brancas e possuem o cheiro de jasmim...
> A flor leva nove meses para se transformar em fruto maduro!

Que tal? Se você mostrar a segunda versão a um amigo e perguntar que leitura ele faz do texto, estou certo de que vai ouvir grandes interpretações.

Diversos

O ponto fica antes ou depois das aspas?

Olá, Professor! Preciso justificar para um cliente que as aspas vão antes do ponto final, e não depois dele. Mas não encontro tal explicação nos livros que tenho. O senhor poderia me ajudar na argumentação?

Flávia G.S.

Minha prezada Flávia: há frases em que as aspas vêm ANTES do ponto final, como você sugere, mas há outras em que elas devem vir DEPOIS. Para decidir entre as duas hipóteses, é indispensável lembrar que todo período começa por uma letra maiúscula e se encerra por um ponto; essas são as marcas visíveis que assinalam o limite inicial e o limite final da frase. Ora, se a expressão entre aspas estiver DENTRO do período, necessariamente ela deverá ficar antes do ponto final – incluindo, é claro, as aspas:

> O deputado foi lacônico: “Não tenho relacionamento algum com este senhor”.

Note que o ponto final põe um fim ao período que foi iniciado pelo artigo “O” em maiúscula; as aspas estão contidas dentro do espaço demarcado por essas duas balizas. Se, no entanto, as aspas englobarem o período **inteiro**, entre elas também vão ficar os dois pontos extremos – a maiúscula e o ponto final –, como nesta citação de Ambrose Bierce:

> “Cínico é um patife cuja visão defeituosa o obriga a ver as coisas como elas são, e não como deveriam ser.”

Todas as citações do *Dicionário Universal de Citações*, do Paulo Rónai (Ed. Nova Fronteira), aliás, vêm pontuadas desta última forma. Para fins de argumentação com seu cliente, você pode usar o exemplo que o manual de estilo da *American Psychological Association* dá para a utilização dos parênteses em idêntica situação:

> (Quando uma frase completa está encerrada entre parênteses, coloque a pontuação final da frase dentro dos parênteses, como neste caso.) Se apenas parte da frase está entre parênteses (como neste caso), coloque

> a pontuação fora dos parênteses (como estamos fazendo agora).

Como não conheço a frase que está em discussão entre vocês dois, Flávia, não posso dizer mais nada. Veja em qual dos dois casos acima ela se enquadra, e pronto.

Ponto dentro e fora das aspas?

Prezado Professor: quando uma interrogação entre aspas coincidir com o final da frase, é necessário também colocar um ponto DEPOIS das aspas? Ontem, pela primeira vez, esbarrei neste problema ao escrever uma matéria para meu jornal. A frase – Ele ouviu uma voz feminina que gritava, em desespero: "Onde está meu filho?" – fica assim mesmo, ou eu deveria acrescentar o ponto final? Confesso que nenhuma das duas hipóteses me agrada.

Juscelino V. – São Luís

Meu caro Juscelino, tenho visto usarem tanto uma quanto a outra solução, mas como você veio perguntar qual é minha preferência, já vou esclarecendo que sou partidário da segunda. Eu pontuaria a frase assim:

> O porteiro ouviu uma voz feminina que gritava, em desespero: "Onde está meu filho?".

Acrescento que faria o mesmo se a frase entre aspas terminasse por um ponto de **exclamação**. A meu ver, estou apenas tentando ser coerente com o princípio fundamental da pontuação no final da frase: **o ponto encerra a unidade iniciada pela letra maiúscula que abre o período**. Essa é a regra suprema.

Neste caso, portanto, o período deve ser pontuado independentemente da expressão entre aspas. Aquele ponto final me parece indispensável por um simples e poderoso motivo: o período AFIRMA que o porteiro ouviu alguém que gritava, ou seja, o leitor está sendo informado de algo que o porteiro FEZ. Se, por outro lado, o último sinal que o leitor encontrasse à direita fosse o ponto de interrogação, não só o trecho entre aspas seria interrogativo, mas sim o período todo – como se estivéssemos perguntando se o porteiro tinha ouvido uma mulher gritando pelo paradeiro do filho (o porteiro ouviu isso?).

Quem prefere não usar este ponto depois das aspas sempre poderá alegar que o leitor, apoiado nas pistas que o contexto oferece, não terá muita dificuldade em entender que se trata de uma frase afirmativa que encerra, dentro dela, a citação

de uma pergunta. É verdade – mas se ele pode chegar a esse resultado sem a presença do ponto, com mais certeza e rapidez ele chegará se o ponto estiver no lugar.

e /OU – valor da barra inclinada

Prezado professor: assim como no futebol todos se consideram técnicos, muitos se consideram especialistas no nosso idioma, principalmente no ambiente acadêmico. A discussão comeu solta em nossa universidade a respeito do seguinte artigo do regulamento:

> *Serão considerados docentes permanentes os professores que desenvolvam atividades de ensino na graduação E/OU pós-graduação.*

Por causa deste E/OU, um grupo defende que o professor, para ser considerado docente permanente, terá de estar obrigatoriamente ligado à graduação, sendo opcional seu vínculo com a pós-graduação. Outro grupo, no entanto, entende que o artigo acima permite que um professor seja classificado como docente permanente mesmo que esteja ligado apenas à pós-graduação. Sem entrar no mérito da questão, mas exclusivamente dentro da visão linguística, qual dos dois grupos faz a interpretação correta?

Jacob W. – Campinas (SP)

Meu caro Jacob, o emprego do E/OU sempre traz esse perigo; apesar de ser um operador muito útil, acho que ainda não está suficientemente difundido para ser usado sem causar discórdia. Há, inclusive, quem o considere uma invenção pedante e desnecessária, mas me atrevo a dizer, com base na experiência que acumulei na minha página da internet, que a maior parte dos que se opõem a ele mudariam de ideia se soubessem exatamente para que ele foi criado.

Sua origem se explica por uma daquelas diferenças bem marcantes que existem entre a linguagem da Lógica Formal e a linguagem humana, principalmente no valor de conectores como E, OU e MAS. Onde usamos nosso OU, o Latim usava duas palavras diferentes, *vel e aut*. O primeiro era um OU fraco, **inclusivo** – significando “**um ou outro, possivelmente ambos”; o segundo era um** OU forte, **exclusivo**, significando “**ou será um, ou será outro”**.

1 – OU **inclusivo** (qualquer um dos dois):

> É uma flor delicada; o frio OU o calor excessivos podem fazê-la

morrer.

Ele aceita trocar o carro por ações OU por mercadorias.

2 – OU **exclusivo** (ou um, ou outro):

O cargo de presidente, que está vago, será ocupado por João ou Pedro.

Esta chave deve pertencer a Pedro OU àquele professor visitante.

A Lógica Formal resolveu o problema criando dois símbolos diferentes, um para cada tipo de OU. Uma língua natural como o Português, porém, não pode "criar" conjunções ou preposições; por causa disso surgiu a prática (adotada por alguns, mas não por todos os usuários) de usar uma barra entre o E e o OU para indicar que se trata do OU **fraco** (o *vel* do Latim), isto é, o OU **inclusivo**. A frase abaixo é um bom exemplo:

O calor acima dos 50 graus **E/OU** a umidade acima de 70% podem alterar esta substância.

Esta frase contém três afirmações diretas:

(1) o calor acima dos 50 graus pode alterar a substância,

(2) a umidade acima dos 70% pode alterar a substância,

(3) o calor e a umidade juntos podem alterar a substância.

A frase que vocês discutiram – "serão considerados docentes permanentes os professores que desenvolvam atividades de ensino na graduação **E/OU** pós-graduação" – afirma, claramente, que será classificável como docente permanente

(1) o professor que só atua na graduação,

(2) o professor que só atua na pós-graduação e

(3) o professor que atua em ambas.

Como acontece em qualquer **disjunção inclusiva** (este é o nome técnico empregado pela Lógica), só ficará excluído o professor que não se enquadrar em **nenhuma** dessas três hipóteses.

Se o burocrata que escreveu esse texto sabe usar o E/OU, foi isso o que ele disse. Se tivesse escrito "na graduação **E** na pós-graduação", teria dado margem à interpretação, por parte de alguns leitores, de que só seria enquadrado aquele que atuasse **nas duas áreas**, excluindo-se aqueles que atuassem em apenas uma delas. Por outro lado, se tivesse escrito "na graduação **OU** na pós-graduação", teria dado margem à interpretação, por parte de outros, de que só se enquadraria

nesta classificação aquele que lecionasse **ou** na graduação, **ou** na pós-graduação – excluindo-se o que lecionasse em **ambas**. Ao usar o E/OU, matou a questão: só fica excluído aquele que não leciona em nenhuma das duas.

Barra inclinada ou travessão?

Caro Professor Moreno, uma questão tem gerado muita controvérsia em nosso escritório: como devemos expressar por escrito a relação entre o custo e o benefício? Seria "relação custo-benefício", com hífen? Ou "relação custo–benefício", com travessão? Ou ainda "relação custo/benefício", com barra, como se fosse uma relação matemática? Penso, sem nenhuma segurança, que não deva ser com hífen, pois não é palavra composta, ou estou equivocado? Se for com hífen, formaria um terceiro significado, não é? Com ***travessão****, parece ter o sentido de "uma ponta a outra", o que não é o caso. Portanto, não seria, então, com barra (/), visto que denotaria uma relação de dois elementos, como, por exemplo, km/h, tarefas/hora, etc.?*

Ubirajara C. – Vila Mariana (SP)

Meu caro Ubirajara, seu raciocínio acertou na mosca. Não pode ser **hífen**, porque não é um substantivo composto; não pode ser **travessão**, porque este é usado para indicar o início e o fim de um percurso ou de uma época (a ponte Rio–Niterói, a inflação no período 1960–2002). Por causa de seu uso na matemática, vai ficando cada vez mais frequente empregar a **barra inclinada** para assinalar relações do tipo **custo/benefício**, **corpo/espírito**, **tempo/espaço**, além do recente e fertilíssimo campo das interfaces (palavra com que antipatizo, mas que veio para ficar): interface **serviço/paciente**, **hardware/software**, **cérebro/máquina**, **ciência/educação**, e tudo mais que veremos nestes próximos anos. Como pode ver, só tive o trabalho de confirmar o que você já tinha pensado.

Sem espaço antes da vírgula

Professor Moreno, gostaria saber se existe alguma regra formal que obrigue a pontuação a ficar "encostada" na palavra da esquerda. Um colega de trabalho costuma colocar um espaço entre a última palavra escrita (ou digitada) e o sinal de pontuação, seja vírgula, ponto final, ponto de interrogação ou de exclamação. Argumentei que esse não era o costume, mas me desafiou a apresentar a norma que proíbe que isso seja feito. Pesquisei exaustivamente e consultei alguns professores, mas não achei o que procurava, pois a maioria das pessoas acha que é só um costume estético. Há algum fundamento gramatical?

José Francisco C. – Sorocaba (SP)

Prezado José, este é um daqueles casos em que o costume acaba se tornando lei. As vírgulas, os pontos, etc., realmente costumam ficar encostados na palavra anterior, não por força de alguma regra gramatical, mas sim por herança da forte tradição tipográfica que antecedeu o nosso mundo de textos digitais. Eu pensava que, com o tempo, este detalhe acabaria se tornando irrelevante, já que um processador de texto como o Word, ao justificar as linhas, às vezes introduz, por conta própria um espaço considerável entre as palavras, ou entre um sinal de pontuação e a palavra que vem depois dele.

Acontece que eu não estava enxergando o óbvio, e foi necessário que um leitor de Porto Alegre, Alfredo Kauer, me chamasse a atenção para um princípio fundamental de digitação que, embora não seja uma regra gramatical, encerra definitivamente a questão: ao teclarmos um texto no computador, o processador de texto interpreta cada espaço como o aviso de que uma palavra terminou e que vai começar outra; por isso, nunca devemos inserir um espaço **antes** do sinal (seja vírgula, ponto, ponto-e-vírgula, parênteses, aspas, etc.), mas sim **depois**, para que o sinal se torne, aos olhos do processador, parte integrante da palavra anterior. Como a mudança automática de linhas sempre se dá depois de uma palavra completa, a vírgula, estando "encostada", não vai passar para a linha seguinte.

Aposto que os textos digitados por aquele seu colega de trabalho apresentam, às vezes, algum sinal de pontuação isolado no início de certas linhas – o que, além de esquisito, torna muito penoso o trabalho do leitor, obrigando-o a voltar à linha que já tinha lido. Se essa observação é notícia antiga para os usuários mais experientes dos processadores de texto, muito poderá esclarecer os novatos, que às vezes ficam olhando intrigados para aquele sinal solitário no começo da linha, atribuindo-o a alguma daquelas entidades misteriosas que volta e meia se manifestam no nosso monitor, como a desanimadora tela azul ou aquela mensagem apocalítica de que cometemos um "erro fatal".

O uso de colchetes

Professor, em quais situações exatamente empregamos os colchetes ao redigir um texto? O senhor já disse em uma coluna que eles devem ser usados sempre que há interferência nossa no que está sendo dito. Estariam corretos, portanto, no exemplo abaixo, trecho de uma carta que mandei para meus amigos? "A confusão está armada. Isso não dá. Que solução há? A perspectiva é má. [a rima não é de propósito; escrevi sem pensar]*"*

Silvana F.P. – Sombrio (SC)

Minha prezada Silvana, aqui caberiam os velhos **parênteses**, que são os sinais adequados para indicar que estamos incluindo um comentário dentro de um texto que **nós mesmos escrevemos**. Reservamos os **colchetes** para assinalar uma intervenção nossa na citação de **texto alheio**:

> "O colchete é usado para indicar a inserção de palavras nossas no texto escrito por outrem. Podem ser simples observações de caráter bibliográfico ([*está assim no original*], [*o grifo é do autor*], [*segue-se uma linha ilegível*]), mas também podem ser comentários que introduzimos na citação para condicionar a interpretação do leitor ([*como se fosse verdade*], [*eu que o diga!*], [*de novo!*]). Como essas intromissões no texto alheio constituem a mais radical de todas as intercalações, devemos dar a elas uma sinalização reforçada, para evitar que o leitor incorpore nossas palavras ao texto original que estamos citando. Normalmente, como reforço visual, as palavras que ficam entre colchetes vêm grafadas em outro tipo de fonte."
>
> [Extraído de *Português para Convencer*, de Cláudio Moreno e Túlio Martins. São Paulo: Ática, 2006.]

Vamos a um exemplo bem prático: suponhamos que eu esteja citando – a fim de polemizar – uma correspondência desaforada que um colega me enviou. Começo assim:

> Acabo de receber um e-mail do professor XXX, onde ele sugere, de forma não muito delicada, que há lacunas na minha formação acadêmica:
>
> "Professor Moreno, o senhor parece ignorar a lição dos gramáticos

> antigos! O que V.S. necessita [*agradeço a deferência, professor, mas não sou o Papa – ele é o único que merece ser chamado de Vossa Santidade!*] é de alguém que o ensine a usar a Língua Portuguesa de Camões e de Vieira".

Como fui eu que inseri a frase em itálico no meio das palavras do meu correspondente, eu não poderia simplesmente utilizar os **parênteses**, pois isso, à primeira vista, sugeriria que essa intercalação já estava no texto original do e-mail; ao usar **colchetes**, porém, assinalo definitivamente o fato de que a frase em itálico **não** pertence ao texto que estou reproduzindo.

Este é um bom princípio a seguir, cara Silvana: se toda e qualquer intervenção que eu fizer em textos alheios (sublinhas, grifos, destaques, supressões, comentários, etc.) vier entre colchetes, estabeleço com meu leitor a convenção tácita de que todos os demais sinais de pontuação que aparecerem no texto citado (incluindo aí os parênteses) foram colocados lá pelo autor, e não por mim.

P.S.: Meu exemplo ficou claro? O hostil professor, querendo abreviar **Vossa Senhoria** (**V.Sa**.), usou erroneamente **V.S.**, que é a abreviatura de **Vossa Santidade**. Para quem está destratando um professor de Português, foi um erro fatal: ele deitou no trilho, e eu só tive de acelerar a locomotiva.

Pontuação no cabeçalho de correspondência

Professor, ao escrever uma carta ou um e-mail, escrevo "Prezado Senhor" (ou, se for o caso, o nome do destinatário) e abro o parágrafo logo abaixo, sem pontuação alguma. Um colega me corrigiu e disse que o correto seria pôr vírgula após o nome da pessoa. Qual a forma correta?

Joamir S. – Parnamirim (RN)

Prezado Joamir, este é um daqueles casos que fica, como se dizia na minha infância, "ao gosto do freguês". Como não há regra específica, as pessoas se dividem aqui em várias tribos. Estão certos os que usam **vírgula**, os que usam **dois-pontos**, os que usam **ponto** simples – estão certos até mesmo os que preferem deixar **sem pontuação alguma**. Tudo é possível, exceto, é claro, um **ponto-e-vírgula**.

Eu, por exemplo, alterno entre a vírgula e o dois-pontos. Já Celso Pedro Luft, meu mestre, tem uma opinião bem diversa da minha. Não gosta da **vírgula**

porque ela dá a impressão de que o tradicional "Prezado Senhor" é um **vocativo** que faz parte da primeira frase do texto; o **ponto** sozinho não lhe agrada porque o considera simplesmente "antiestético"; o **dois-pontos**, embora muito usado na correspondência oficial, parece-lhe um sinal "burocrático, técnico, comercial – pontuação fria!". Segundo ele, o ideal – "para ênfase, sentimento, calor no papel" – seria o **ponto de exclamação**, mas não o recomenda porque, reconhece, seria interpretado pela maioria dos leitores como sinal de uma entonação agressiva. Em vista de tudo isso, declara que, neste caso, "a melhor pontuação é nenhuma". Quem conhece sua obra sabe que este é mais um exemplo daquele que considera ser o "conselho áureo" para quem escreve:

> "Em caso de DÚVIDA, o melhor é sempre NÃO (**não** acentuar, **não** usar a crase, **não** flexionar o infinitivo, **não** pontuar)".

Pontuação: charadas

Professor Moreno, aí vai uma charada para o senhor decifrar! Pontue a seguinte frase de modo que faça sentido: "João toma banho quente e sua mãe diz ele quero banho frio"**.** *Pode colocar em sua página na internet para ver se o pessoal consegue resolver.*

Alexandre D. – 17 anos – Brasília

Meu caro Alexandre: você é jovem, mas a frase é velha; não quero ser desmancha-prazeres para os meus leitores, mas vou resolver o enigma de uma vez:

João toma banho quente e sua. "Mãe", diz ele, "quero banho frio".

A chave é o vocábulo "**sua**", aqui a 3ª pessoa do presente do verbo SUAR (e não o pronome possessivo). Esta é uma antiga charada de pontuação, irmã destas outras, também clássicas:

(1) Um navio holandês entrava no porto um navio inglês.

(2) Voar da Europa à América uma andorinha só não faz verão.

(3) Um fazendeiro tinha um bezerro e a mãe do fazendeiro era também o pai do bezerro.

No meu tempo de estudante circulava um poema que fala de três atraentes irmãs; dependendo da pontuação empregada, o poeta declara seu amor por Soledade, por Lia ou por Iria, ou ainda confessa estar indeciso entre as três. Vou reproduzir o poema; a pontuação, nas suas quatro versões, vem a seguir:

> Três belas que belas são
> Querem que por minha fé
> Eu diga qual delas é
> Que adora o meu coração
> Se consultar a razão
> Digo que amo Soledade
> Não Lia cuja bondade
> Ser humano não teria
> Não aspiro à mão de Iria
> Que não tem pouca beldade.

Essas charadas, ou enigmas, muito populares há uns cinquenta anos, espelham muito bem o saudável espírito de brincar com a linguagem, tão comum naquela época. Fico entusiasmado ao ver que jovens como você estão descobrindo o que chamo de "o prazer da palavra", para mim a verdadeira pedra de toque das pessoas que têm espírito.

SOLUÇÕES:

> (1) Um navio holandês entrava no porto um navio inglês.

Essa frase não deve ser pontuada; **entrava** não é do verbo ENTRAR, mas sim o presente do indicativo de ENTRAVAR. Seria algo assim como "Um navio holandês atrapalha no porto um navio inglês". Se você quiser, pode colocar "no porto" entre vírgulas, por se tratar de um adjunto adverbial deslocado, ou deixá-lo assim mesmo, devido à sua pequena extensão.

> (2) Voar da Europa à América uma andorinha só não faz, verão.

Novamente uma charada que se baseia no equívoco entre duas formas homógrafas: **verão** é a 3ª pessoa do plural do Presente do Indicativo de VER; nosso ouvido, no entanto, é sugestionado pelo velho provérbio "Uma andorinha só não faz verão".

> (3) Um fazendeiro tinha um bezerro e a mãe; do fazendeiro era também o pai do bezerro.

Essa é velha como a pomada Minâncora! O fazendeiro tinha um bezerro e a mãe (do bezerro, é claro; estamos falando, portanto, de Dona Vaca); o pai do bezerro (o touro) era também do fazendeiro. A construção é caprichosa, mas vale a intenção.

Veja agora como o namorado indeciso entre as três belas irmãs pontua seu poema de quatro maneiras diferentes.

1 – O poeta confessa seu amor por SOLEDADE:

> Se consultar a razão,
> digo que amo SOLEDADE.
> Não Lia, cuja bondade
> ser humano não teria.
> Não aspiro à mão de Iria,
> que não tem pouca beldade.

2 – O poeta confessa seu amor por IRIA:

> Se consultar a razão,
> digo que amo Soledade?
> Não! Lia, cuja bondade
> ser humano não teria?
> Não! Aspiro à mão de IRIA,
> que não tem pouca beldade.

3 – O poeta confessa seu amor por LIA:

> Se consultar a razão,
> digo que amo Soledade?
> Não! LIA, cuja bondade
> ser humano não teria!
> Não aspiro à mão de Iria,
> que não tem pouca beldade.

4 – O poeta está hesitante entre as três:

> Se consultar a razão,
> digo que amo Soledade?
> Não Lia, cuja bondade
> ser humano não teria?
> Não aspiro à mão de Iria,
> que não tem pouca beldade?

Não sei quem é o autor da charada. Eu a encontrei num precioso livrinho intitulado *Exercícios de Português*, de M. Cavalcanti Proença, escritos no fim da década de 50 para os cursos de oratória e redação da Academia Militar das Agulhas Negras, famosa pela qualidade e pelo rigor de seu ensino de Português. Quando me falam na necessidade de preparar quadros para o Serviço Público, cito sempre esse exemplo da AMAN – e aí ficam brabos comigo! O que queriam? Qualidade sem esforço?

Cláudio Moreno nasceu na cidade de Rio Grande (RS). No final dos anos 60, concluiu o curso de Letras da UFRGS, com habilitação em Português e Grego. Em 1972 ingressou como docente no Instituto de Letras da mesma universidade, tendo sido responsável por várias disciplinas nos cursos de Letras e de Jornalismo, assim como pela disciplina de Redação para os cursos de pós-graduação de Medicina. Em 1977, concluiu o mestrado em Língua Portuguesa com a dissertação *Os diminutivos em -inho e -zinho e a delimitação do vocábulo nominal no Português*; em 1997, obteve o título de Doutor em Letras com a tese *Morfologia nominal do Português*. Do jardim-de-infância à universidade, estudou toda sua vida em escolas públicas e gratuitas, razão pela qual, sentindo-se em dívida para com aqueles que indiretamente custearam sua educação, resolveu criar e manter o sítio www.sualingua.com.br como uma pequena retribuição por aquilo que recebeu.

Coordena, atualmente, a área de Língua Portuguesa dos colégios Leonardo da Vinci Alfa e Beta, de Porto Alegre, do Sistema Unificado de Ensino. É professor regular das Teleaulas de Língua Portuguesa da Universidade Estácio de Sá, do Rio de Janeiro. Na imprensa, assinou uma coluna mensal sobre etimologia na revista *Mundo Estranho*, da Abril, e escreve regularmente no jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, onde mantém uma seção sobre Mitologia Clássica e outra sobre questões de nosso idioma.

Publicou, em coautoria, livros sobre a área da redação — *Redação técnica* (Formação), *Curso básico de redação* (Ática) e *Português para convencer* (Ática). Sobre gramática, publicou o *Guia prático do Português correto* pela L&PM Editores, em três volumes: Ortografia (2003), Morfologia (2004) e Sintaxe (2005). Pela mesma editora, lançou *O prazer das palavras* – v.1 (2007) e v.2 (2008), com artigos sobre etimologia e curiosidades de nosso idioma. Além disso, é o autor do romance *Troia* (2004) e de dois livros de crônicas sobre Mitologia Clássica, *Um rio que vem da Grécia* (2004) e *100 lições para viver melhor* (2008), todos pela L&PM Editores.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Projeto gráfico e capa: Ana Cláudia Gruszynski
Revisão: Elisângela Rosa dos Santos e Patrícia Yurgel
Revisão final: Cláudio Moreno

Cip-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, Rj

M846g

Moreno, Cláudio, 1946-
Guia prático do português correto: para gostar de aprender, volume 4: pontuação / Cláudio Moreno. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.
(Coleção L&PM POCKET; v. 875)
Conteúdo: Princípios gerais - Pontuação interna - Pontuação final

ISBN 978.85.254.2332-0

1. Língua portuguesa - Pontuação. I. Título. II. Série.
10-2145. CDD: 469.1
CDU: 811.134.3’35

© Cláudio Moreno, 2010.

e-mail do autor: **hapax@terra.com.br**
Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90.220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-5380
Pedidos & Depto. Comercial: vendas@lpm.com.br
Fale conosco: info@lpm.com.br

Pedidos & Depto. Comercial: **vendas@lpm.com.br**
Fale conosco: **info@lpm.com.br**
www.lpm.com.br

Table of Contents

- Apresentação
- Falar e escrever
- Princípios gerais - A pontuação nos dicionários
  - A vírgula não existe para marcar pausas
  - vírgula com sujeito posposto
  - como posso indicar uma pausa na fala?
  - vírgula depois de sujeito oracional
  - separar o sujeito do predicado?
  - vírgula entre o sujeito e o verbo?
  - por que cometem esse erro?
  - vírgula antes de "é"
  - Curtas - Nem tudo a pontuação pode representar
  - Vírgula entre o sujeito e o verbo
  - Vírgulas de um convite
  - Vírgulas e pausas não coincidem
  - Vírgula depois do nome de autores
  - Água também é vida!
  - A frase de Saramago
  - Quem ama, educa
- Pontuação interna
  - I. A vírgula - Separando os itens de uma enumeração
  - Enumerações abertas
  - A pontuação do etc.
  - Enumeração com vírgula antes do "E"
  - Enumeração de adjuntos adverbiais
  - Curtas - Vírgula em nome próprio
  - Ponto depois do etc
  - 2 – Separando orações coordenadas
  - Orações com sujeitos diferentes
  - O "E" com valor adversativo
  - Pontuação do POIS
  - A frase pode começar com E ou MAS?
  - Curtas - "E" com valor adversativo
  - E sim
  - Vírgula estranha antes do "E"
  - Quando "E" não for conjunção aditiva
  - 3 – Separando o adjunto adverbial deslocado
  - Adjunto adverbial curto
  - Vírgula a ser evitada

Advérbios em -MENTE
Adjunto adverbial no convite de casamento
Desta feita
Curtas - Ontem à noite
Adjunto adverbial deslocado
Ad referendum: adjunto adverbial deslocado
Vírgula com data
4 – Separando o aposto
Aposto ou vocativo?
Alexandre, o Grande
Aposto entre travessões
Curtas - Diretor em exercício
5 – Separando o vocativo
Vocativo não é sujeito
Bom dia, Vietnã!
Suje-se gordo!
Curtas - O vocativo
Cuidado frágil
Vocativo x sujeito
Pontuação com interjeição
Quantas vírgulas?
Muda o sentido
6 – Separando outros elementos intercalados
Vírgula depois de parênteses
Travessão seguido de vírgula
Interrogação dentro da intercalação
Curtas - Além disso
Conjunção seguida de expressão intercalada
7 – Indicando a elipse do verbo
Supressão do verbo ser
Vírgula obrigatória?
Curtas - Vírgula estranha
Falso caso de elipse
8 – Separando as adjetivas explicativas
Aposto e oração explicativa
Aposto restritivo
Ensinando as adjetivas
Orações adjetivas no subjuntivo
Aposto circunstancial
Elementos não restritivos
Curtas - Adjetiva explicativa reduzida

  - Classificação das orações
  - Adjetiva com pronome pessoal
  - Restritivas x explicativas: diferença de significado
  - Aposto restritivo
  - Subjuntivo nas restritivas
  - Explicativa após pronome pessoal
  - II. O ponto-e-vírgula
  - 2 – Separando orações coordenadas assindéticas
  - 3 – Separando orações introduzidas por conjunções pospositivas
  - Pontuação da segunda coordenada
  - Maiúsculas depois do ponto-e-vírgula
  - Ponto ou ponto-e-vírgula?
  - 1 – Introduzindo uma enumeração
  - 2 – Introduzindo uma citação
  - 3 – Assinalando uma relação de causa ou consequência
  - Dois-pontos e aposto enumerativo
  - Dois-pontos com enumeração
  - Minúscula depois de dois-pontos
  - Travessão simples
  - Travessão duplo x parênteses
  - Travessão duplo x vírgula dupla
  - O hífen não é travessão
  - Como digitar um travessão
  - Travessão com vírgula?
  - A ponte Rio–Niterói
- Pontuação final
  - I. O ponto - Ponto final e ponto da abreviatura
  - Título deve ser pontuado?
  - II. O ponto de interrogação
  - Interrogação indireta
  - Pergunta retórica
  - III. O ponto de exclamação
  - Para distinguir uma frase declarativa de uma exclamação
  - Depois de uma interjeição
  - Para caracterizar chamado ou interpelação
  - Em frases imperativas
  - Pontuação com interjeição
  - Usar ou não usar o ponto de exclamação
  - Nas enumerações exemplificativas
  - Para indicar cortes em citações
  - Espaço antes ou depois das reticências

O professor que odiava reticências
Diversos - O ponto fica antes ou depois das aspas?
Sobre o Autor

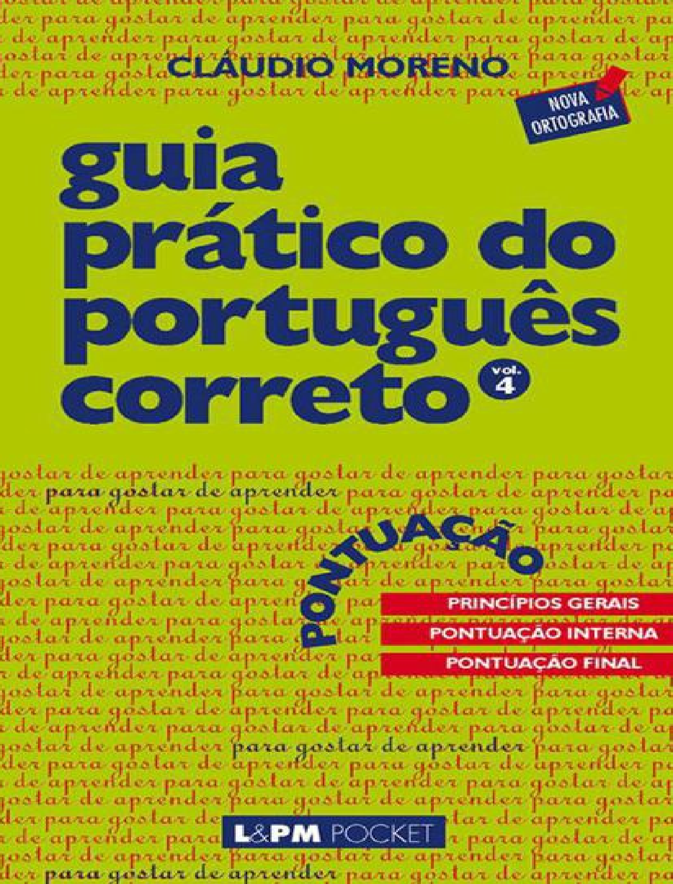

CLÁUDIO MORENO

NOVA ORTOGRAFIA

guia prático do português correto

vol. 4

para gostar de aprender

PONTUAÇÃO

PRINCÍPIOS GERAIS
PONTUAÇÃO INTERNA
PONTUAÇÃO FINAL

para gostar de aprender

L&PM POCKET

para gostar de aprender

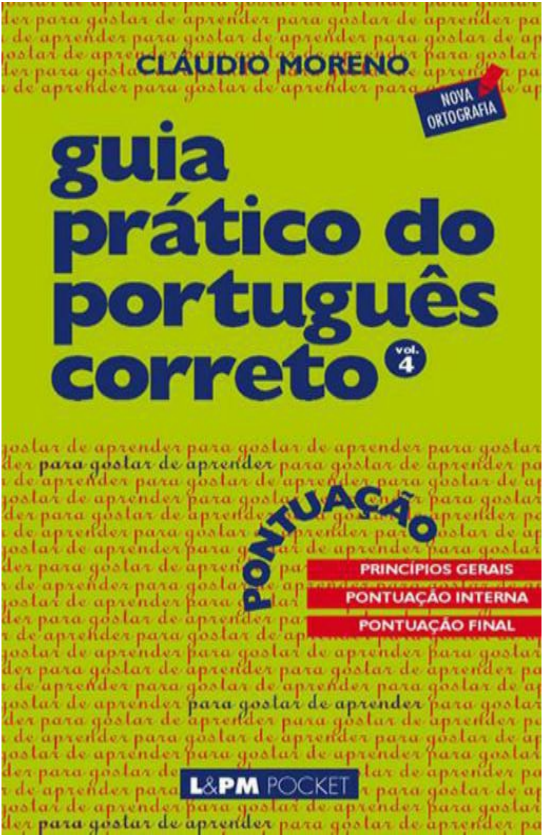

CLÁUDIO MORENO

NOVA ORTOGRAFIA

guia prático do português correto

vol. 4

PONTUAÇÃO

- PRINCÍPIOS GERAIS
- PONTUAÇÃO INTERNA
- PONTUAÇÃO FINAL

para gostar de aprender

L&PM POCKET

CLÁUDIO MORENO

guia prático do português correto

vol. 4

para gostar de aprender

PONTUAÇÃO

PRINCÍPIOS GERAIS

PONTUAÇÃO INTERNA

PONTUAÇÃO FINAL

www.lpm.com.br
L&PM POCKET

À memória de Joaquim Moreno, meu pai,
e de Celso Pedro Luft, mestre e amigo.

Pontuação são uns risquinhos, ou pontos, com que se apartam entre si as palavras,
e mostram que casta de sentido fazem.
Jerônimo Contador de Argote
Regras da língua portuguesa, espelho da língua latina (1725)

Apresentação

Este livro é a narrativa de minha volta para casa – ou, ao menos, para essa casa especial que é a língua que falamos. Assim como, muito tempo depois, voltamos a visitar o lar em que passamos nossos primeiros anos – agora mais velhos e mais sábios –, trato de revisitar aquelas regras que aprendi quando pequeno, na escola, com todos aqueles detalhes que nem eu nem meus professores entendíamos muito bem.

Quando, há quase dez anos, criei minha página sobre o Português (www.sualingua.com.br), percebi, com surpresa, que os leitores que me escrevem continuam a ter as mesmas dúvidas e hesitações que eu tinha quando saí do colégio nos turbulentos anos 60. As perguntas que me fazem são as mesmas que eu fazia, quando ainda não tinha toda esta experiência e formação que acumulei ao longo de trinta anos, que me permitem enxergar bem mais claro o desenho da delicada tapeçaria que é a Língua Portuguesa. Por isso, quando respondo a um leitor, faço-o com prazer e entusiasmo, pois sinto que, no fundo, estou respondendo a mim mesmo, àquele jovem idealista e cheio de interrogações que resolveu dedicar sua vida ao estudo do idioma.

Por essa mesma razão, este livro, da primeira à última linha, foi escrito no tom de quem conversa com alguém que gosta de sua língua e está interessado em entendê-la. Este interlocutor é você, meu caro leitor, e também todos aqueles que enviaram as perguntas que compõem este volume, reproduzidas na íntegra para dar mais sentido às respostas. Cada unidade está dividida em três níveis: primeiro, vem uma explicação dos princípios mais gerais que você deve conhecer para aproveitar melhor a leitura; em seguida, as perguntas mais significativas, com discussão detalhada; finalmente, uma série de perguntas curtas, pontuais, acompanhadas da respectiva resposta.

Devido à extensão do material, decidimos dividi-lo em quatro volumes. O primeiro reúne questões sobre **Ortografia** (emprego das letras, acentuação, emprego do hífen e pronúncia correta). O segundo, questões sobre **Morfologia** (flexão dos substantivos e adjetivos, conjugação verbal, formação de novas palavras). O terceiro, questões sobre **Sintaxe** (regência, concordância, crase, etc.). O quarto, finalmente, é totalmente dedicado à **Pontuação**.

Sempre que, para fins de análise ou de comparação, foi preciso escrever uma forma **errada**, ela foi antecedida de um **asterisco**, segundo a praxe de todos os modernos trabalhos em Linguística (por exemplo, “o dicionário registra **obcecado**, e não *__obscecado__ ou *__obsecado__”). O que vier indicado entre duas barras inclinadas refere-se exclusivamente à pronúncia e não pode ser considerado como uma indicação da forma correta de grafia (por exemplo: **afta**

vira, na fala, **/á-fi-ta/**).

Cláudio Moreno, 2010

Falar e escrever

A escrita é muito mais pobre que a fala

A relação entre quem fala e quem ouve é muito mais simples que a relação entre quem escreve e quem lê. Quando falamos, somos mais facilmente entendidos do que quando escrevemos, porque, junto com as palavras pronunciadas, fornecemos também a nosso ouvinte várias indicações de como ele deve processar o que estamos dizendo. A entonação, o ritmo, as pausas que fazemos, além de nossos gestos e de nossas expressões faciais, servem, na verdade, como uma espécie de manual de instruções sobre como esperamos ser compreendidos.

Além disso, a presença do ouvinte também contribui em muito para o sucesso de nossa comunicação, pois ele emite sinais de que está acompanhando nosso discurso ou de que algo não está lhe parecendo muito claro, dando-nos, assim, a oportunidade de refazer ou reforçar o que estávamos dizendo.

Na escrita, nada disso existe. O leitor está sozinho diante daquilo que escrevemos. Nosso texto, ao contrário de nossa voz, não vem carregado das ênfases ou das sutilezas de tom que fazem parte da fala. Ele se materializa apenas como letras e sinais que distribuímos organizadamente no branco do papel, na esperança de que o leitor possa compreender o que pensamos ter escrito.

1 – O leitor colabora

É por isso que a leitura jamais será uma atividade passiva, pois precisamos colaborar no esforço de extrair o significado do texto. Para compreender uma frase, colocamos em ação o nosso mecanismo de processamento de linguagem; em geral, escolhemos um dos caminhos a que estamos habituados e vamos percorrê-lo até perceber que não há saída – isto é, até perceber que nossa escolha foi equivocada. Quando (e se) isso chegar a ocorrer, nós – que, como todo leitor, somos solidários com o autor – trataremos de refazer o caminho do ponto em que tinha começado o equívoco. Veja a frase abaixo:

> (1) **Enquanto ele fotografava o macaco derrubou o tripé com a cauda**.

Nossa primeira tendência é considerar "**enquanto ele fotografava o macaco"** como um segmento unitário:

> (2) **[Enquanto ele fotografava o macaco]** derrubou o tripé com a cauda.

No entanto, ao prosseguir na leitura, percebemos que **macaco** não é o complemento de **fotografar**, mas sim o sujeito de **derrubou**; voltamos atrás e

refazemos, então, a leitura, desta vez na forma correta:

> (3) **[Enquanto ele fotografava]** o macaco derrubou o tripé com a cauda.

Todo esse trabalho seria evitado se o autor já tivesse usado uma vírgula para sinalizar a segmentação correta:

> (4) Enquanto ele fotografava, o macaco derrubou o tripé com a cauda.

Precisamos admitir que a presença de elementos como **macaco** e **cauda** nos permitiria entender a frase mesmo que ela estivesse sem pontuação – ou, o que é ainda pior, mesmo que estivesse com pontuação errada –, mas fica claro que a presença da vírgula no local adequado tornou a leitura muito mais **rápida** e mais **fluida**, exigindo menos esforço de processamento. Esta é, como veremos, a única (e preciosa) função dos sinais de pontuação: **orientar o leitor para a melhor maneira de percorrer os textos que escrevemos**.

Embora sejam poucos os brasileiros que estão preocupados com a pontuação – como você, que lê este livro –, ela exerce uma inegável influência no momento da leitura. As pessoas podem não saber muito bem onde ou por que empregar as vírgulas, mas vão perceber a diferença se o texto estiver (ou não) bem pontuado.

2 – O texto é uma estrada a percorrer

Nada é mais parecido com a pontuação do que o sistema de sinalização de uma estrada. Imagine, caro leitor, que deram a você a incumbência de sinalizar uma estrada novinha em folha, ainda sem uso. Por enquanto, ela é apenas uma extensa faixa de asfalto liso, sem manchas ou buracos, que vai de um ponto a outro do estado; quando for inaugurada, no entanto, deverá estar completa, com as faixas pintadas no seu leito e com todos os sinais e placas necessários espalhados ao longo da via. Então você a percorre várias vezes, nos dois sentidos, estudando-a com cuidado, assinalando em sua planilha todos os pontos que lhe parecem significativos. Você sabe que a tarefa que lhe deram é vital para o motorista que vai passar por ali, pois é através da sinalização que a estrada fala com ele, avisando-o de tudo aquilo que ele precisa saber para fazer uma viagem segura (aliás, este é o principal motivo pelo qual as autoridades de trânsito exigem que o condutor seja alfabetizado: ele precisa **ler** o que a estrada tem a dizer).

Vamos supor – já que estamos fazendo um exercício de imaginação – que você então apresente a seu supervisor a planilha em que marcou os pontos em que pretende colocar cada sinal de trânsito. “Por que estas quatro placas tão próximas?”, pergunta ele, apontando para determinado trecho. Como você fez um exame minucioso da estrada, pode justificar sua decisão: “Aqui há uma forte curva para a direita, mas eu não notei que o ângulo era tão acentuado até entrar

nela; se eu não estivesse rodando devagar, não teria conseguido controlar o carro! Acho que o motorista deve ser avisado bem antes, com tempo suficiente para diminuir a velocidade e se preparar para a manobra. É muito perigosa, e por isso vamos colocar quatro placas indicativas, de 100 em 100 metros, antes daquela que assinala ponto exato em que a curva inicia". "E uma só não basta?". Você é taxativo na resposta: "Não; não podemos correr o risco de que um motorista distraído deixe de receber esta mensagem ou não lhe dê a atenção que ela merece; quem entrar naquela curva na velocidade normal da estrada vai fatalmente rolar barranco abaixo".

Se você for justificando, uma a uma, as placas que pretende colocar, vai perceber que elas obedecem a uma lógica muito simples: **tudo o que não for previsível para o motorista deverá ser assinalado ao longo do trajeto**. Você vai avisá-lo que existe, à frente, um estreitamento na faixa da direita, ou uma escola rural (com a natural movimentação de crianças na hora da entrada e da saída), ou um desnível entre a pista e o acostamento, ou um trecho que não oferece visibilidade suficiente para ultrapassagem, etc. Se você for um bom engenheiro de trânsito, vai, inclusive, **prever** possíveis reações dos condutores. É por isso que extensos trechos em linha reta, com ampla visibilidade, embora favoreçam uma rodagem extremamente segura, geralmente recebem dois tipos de placas: por um lado, as que lembram a velocidade máxima permitida; por outro, as que aconselham o condutor a descansar no acostamento em caso de sonolência.

Antes de liberar a estrada para o público, você pode pedir a dois ou três técnicos amigos que testem a sinalização que você concebeu; é possível que ainda seja necessário acrescentar mais alguma coisa. Por exemplo, você não tinha notado que determinado trecho fica escorregadio em dias de chuva, ou que, durante a semana, há trânsito intenso de caminhões no entroncamento da via principal com um desvio que leva a uma pedreira – e assim por diante. Quanto mais bem sinalizada a estrada, mais segura será a viagem.

Pois o texto, exatamente como a estrada, é uma linha que deve ser percorrida de um ponto a outro. Entre o leitor e o autor existe a mesma combinação tácita que existe entre o motorista e o construtor da estrada: "Vou ler o seu texto, mas, em troca, você não deixará de me avisar de tudo aquilo que eu preciso saber para ter sucesso nesta leitura". Quanto mais bem pontuada uma frase ou um texto, maiores as chances de que a mensagem seja entendida pelo leitor tal como o autor a idealizou. Aqui entram os sinais de pontuação, os quais, como você já terá percebido, equivalem às placas e aos sinais da rodovia e, como estes, devem ser usados também para assinalar tudo o que for inesperado ou imprevisível na estrutura normal de nossa língua. O princípio básico é cristalino:

Frase normal não tem vírgula;
frase que tem vírgula não é frase normal.

A pontuação assinala modificações introduzidas nos padrões normais da frase; por causa disso, jamais um sinal de pontuação poderá interromper um vínculo sintático essencial – ou seja, como explicava Celso Pedro Luft, jamais haverá pontuação separando o sujeito do verbo, o verbo de seus complementos, o termo regente do termo regido, o termo modificado do seu modificador.

3 – Como é a frase normal?

A frase normal da língua portuguesa segue preferencialmente o padrão S–V–O (Sujeito–Verbo–Objeto). Esta é a ordem presente na maior parte das frases que lemos ou ouvimos: primeiro o sujeito, depois o verbo e, por fim, o complemento. Estamos tão habituados a essa ordem que temos a tendência inconsciente a aplicá-la sempre que vamos ler uma frase escrita por outra pessoa.

Se atribuirmos números às posições sintáticas da frase normal, diríamos que o **sujeito** ocupa a casa 1, o **verbo** ocupa a casa 2, e a casa **3** é ocupada pelos **complementos** (objeto direto ou indireto) ou pelo **predicativo**. A partir dessas casas, podemos fazer uma classificação básica dos verbos de nosso idioma (note que os verbos intransitivos têm a casa 3 desocupada):

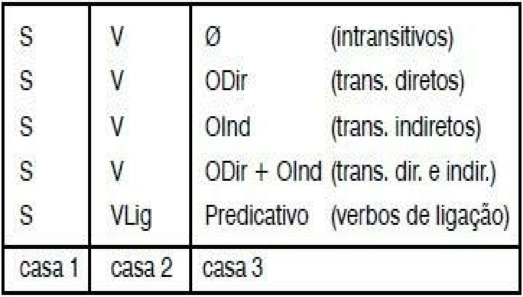

S	V	Ø	(intransitivos)
S	V	ODir	(trans. diretos)
S	V	OInd	(trans. indiretos)
S	V	ODir + OInd	(trans. dir. e indir.)
S	VLig	Predicativo	(verbos de ligação)
casa 1	casa 2	casa 3	

Além disso, qualquer uma dessas frases pode trazer no final – naquela que seria, portanto, a casa **4** – um ou vários **adjuntos adverbiais**, elementos que especificam as circunstâncias em que se dá a ação descrita na frase – geralmente o **tempo**, o **lugar** ou o **modo**:

> O menino esqueceu o casaco [no banco da praça].
>
> Todas as anotações desapareceram [misteriosamente].
>
> Você vai devolver a minha chave [agora mesmo].

Essa é a ordem canônica do Português escrito. Nós nos habituamos com essa ordem de tal maneira – seja escrevendo, seja lendo – que já nem mesmo temos consciência dela, assim como o peixe não percebe a água que o sustenta. Quando lemos o texto de outra pessoa, a tendência natural é aplicar o padrão sujeito–verbo–complemento nas frases que temos diante dos olhos – e esperamos que nos avisem, por meio da pontuação, cada vez que houver um desvio dessa ordem básica.

Examinemos uma frase normal, com verbo transitivo direto e indireto:

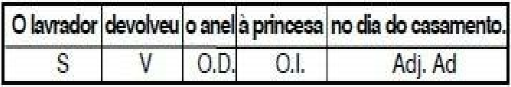

O lavrador	devolveu	o anel	à princesa	no dia do casamento.
S	V	O.D.	O.I.	Adj. Ad

Como o padrão frasal não sofreu alteração alguma, qualquer vírgula que pusermos nessa frase estará ERRADA. Pior ainda: este sinal inadequado vai perturbar a concentração do leitor, pois ele – como todos nós, aliás – está condicionado a levar a sério, em princípio, todos os sinais que o autor coloca no texto. O uso incorreto dos sinais de pontuação confunde o leitor e aos poucos o irrita; ninguém gosta de parar uma leitura e retroceder no texto para retomar o fio do raciocínio – especialmente se esta interrupção for causada por falta de cuidado do autor.

Agora, se intercalarmos qualquer elemento **entre** o sujeito e o verbo, ou **entre** o verbo e os seus complementos, as vírgulas começam a aparecer naturalmente:

> O lavrador, **meus amigos**, devolveu o anel mágico à princesa no dia do casamento.
>
> O lavrador devolveu, **você sabe**, o anel mágico à princesa no dia do

casamento.

Além da **intercalação**, outra anormalidade frequente em nossas frases é o simples **deslocamento**. No exemplo acima, o **adjunto adverbial** poderia ser deslocado, fazendo as vírgulas surgirem automaticamente:

> **No dia do casamento**, o lavrador devolveu o anel mágico à princesa.

4 – O leitor é que importa

Da Grécia antiga até hoje, numa jornada de dois mil e quinhentos anos, o Ocidente veio amadurecendo o sistema de pontuação que utilizamos. Para quê? Para fornecer ao leitor uma orientação segura de como pretendemos que ele interprete o que escrevemos e, ao mesmo tempo, deixar o texto balizado de tal modo que essa leitura seja feita com o menor esforço possível.

Jamais devemos esquecer, portanto, que os sinais que colocamos em nossos textos estão ali **para ser vistos pelos olhos do leitor**, para avisá-lo de alguma coisa. Se os colocarmos nos lugares adequados, vamos ajudar o destinatário a processar confortavelmente nossa mensagem e a extrair dela o significado que tínhamos em mente ao escrevê-la. É por isso que só pontuam bem aqueles que conseguem se colocar na mente de quem vai lê-los, isto é, aqueles que conseguem ler seu próprio texto com os olhos de outrem para se antecipar a suas possíveis dificuldades e hesitações. Esta é uma habilidade que se adquire com tempo e treinamento; se você ainda não a domina, use o antiquíssimo expediente de recorrer a um amigo, colega ou parente – em suma, um leitor real – que seja paciente e solidário o bastante para examinar o seu texto, mas sincero o suficiente para assinalar os pontos em que encontrou dificuldade.

Princípios gerais

Apontuação nos dicionários

Professor, o senhor afirmou, num artigo, que a função dos sinais de pontuação não é marcar as pausas da leitura. Como é que se explica que tanto o dicionário Aurélio quanto o Houaiss definam vírgula como um sinal que "marca pausas"? E aí? Por acaso o senhor sabe mais do que eles?

Aphonse G. – São Luís (MA)

Meu caro Aphonse, o fato de defender uma posição diferente da posição deles não significa qualquer pretensão de minha parte. Os dois dicionários que você menciona, especialmente o segundo, são exatamente as fontes em que todos os dias vou beber; estou tão acostumado a conviver com eles que não sei como poderia trabalhar se, para meu desamparo, algum feitiço maligno os fizesse desaparecer subitamente.

Isso não quer dizer, no entanto, que eu não discorde, aqui e ali, de certas opiniões que esses autores manifestam em seus dicionários quanto à grafia, à morfologia e à origem de algumas palavras. Nos três volumes anteriores do **Guia Prático**, você vai encontrar diversos exemplos dessas divergências, sempre fundamentadas, é claro, na prática dos bons escritores e na teoria defendida por outros grandes mestres do idioma.

A meu ver, o calcanhar de Aquiles desses dois excelentes dicionários é a **teoria gramatical** em que eles se baseiam, nem sempre em sintonia com os avanços já consolidados pelo mundo acadêmico. Dito sem maiores rodeios, Aurélio e Houaiss, embora brilhantes lexicólogos, não eram lá muito atualizados em Linguística, e somos obrigados a reconhecer que muitos de seus conceitos são antiquados. Em regência, ainda utilizam a classificação de verbo **bitransitivo**, abandonada desde 1958; na composição de palavras, não distinguem os compostos por formas **presas** (**telegrafia**, **sociologia**) dos compostos por formas **livres** (**tele-conferência**, **sócio-cultural**); na pontuação, como você percebeu, preferem alinhar-se com a antiga concepção que ligava os sinais a pausas, deixando de lado a teoria moderna de que esses sinais, na verdade, existem para

auxiliar o leitor a enxergar a articulação sintática do texto.

A vírgula não existe para marcar pausas

Professor, faz mais de quarenta anos que deixei a escola, mas sou agradecido aos padres que me ensinaram Português. Uso até hoje, com sucesso, os ensinamentos que me deram, mas na pontuação sempre dá alguma coisa errada. Sempre que escrevo, ainda tenho o hábito de ler a frase em voz alta mental e colocar vírgula onde faço as pausas, mas minha filha, que revisa todas as minhas cartas, diz que eu pontuo muito mal. Mudaram as regras que aprendi?

Agenor R. – Juiz de Fora (MG)

Meu caro Agenor, houve mais que uma simples mudança na regra; o que ocorreu foi uma mudança radical na concepção dos motivos para pontuar. A pontuação baseada nas pausas vem do tempo da Idade Média, quando o Ocidente ainda não havia introjetado o hábito da leitura silenciosa. Todos liam em **voz alta**, e os sinais de pontuação serviam, portanto, para marcar as pausas e as entonações. Para você ter uma ideia, em 1737, o tratado *Bibliotheca Technologica*, do erudito inglês Benjamin Martin, tenta ingenuamente fixar a duração dessas pausas: "A pausa da vírgula dura o tempo que você leva para dizer **um**. A do ponto-e-vírgula dura o tempo de contar até **dois**. A do dois-pontos, o tempo de contar até **três**; e a do ponto final, o tempo que você leva para contar até **quatro**". À medida que a leitura passou a ser silenciosa (e, por esse motivo, muito mais rápida), deixou de ser necessário fazer a marcação das pausas, liberando a pontuação para outra finalidade muito mais importante: facilitar ao leitor o reconhecimento instantâneo da estrutura sintática das frases. Ao pontuarmos um texto, estamos fornecendo indicações que vão permitir a nossos diferentes leitores percorrê-lo sem hesitações ou embaraços.

Se tomarmos um parágrafo pontuado de acordo com o antigo critério das pausas e o pontuarmos pelo critério moderno, vários sinais que estavam na versão antiga vão aparecer na nova versão – **mas não todos**. A pontuação antiga sempre vai ter algumas vírgulas **a mais**, o que é natural, já que nem todas as pausas que fazemos ao falar, a fim de separar os segmentos naturais da frase, serão assinaladas na escrita. Aposto que você terá de fazer no mínimo **duas pausas** para ler em voz alta a frase abaixo:

> O vizinho da casa defronte à minha ensaia intermináveis solos de saxofone no meio da madrugada.

No entanto, como você já deve ter pressentido, aqui não cabe vírgula alguma, já que ela tem a configuração típica da maioria das frases do Português: um sujeito ("O vizinho da casa defronte à minha"), um verbo ("ensaia") seguido de seu complemento ("solos de saxofone") e de um adjunto adverbial ("no meio da madrugada"). Se você recebeu uma boa base no colégio, como acredito, certamente lhe ensinaram análise sintática, o que vai facilitar muito sua passagem para o novo sistema.

Para que serve a pontuação?

> No começo, os sinais de pontuação tinham a função básica de assinalar as **pausas** recomendadas pelo autor. Nada mais lógico, se lembrarmos que, da Antiguidade Clássica até o fim da Idade Média, praticamente só se lia em voz alta; a leitura silenciosa era quase desconhecida e, como se vê em comédias gregas e romanas, considerada um hábito de malucos e excêntricos. A partir do Renascimento, contudo, com a invenção e a popularização da imprensa, os hábitos do leitor mudaram radicalmente: ele passou a ler apenas com os olhos e com o cérebro, aumentando espantosamente a velocidade com que podia percorrer as linhas e as páginas. O treinamento escolar passou a dar ênfase absoluta para essa leitura internalizada, tornando a leitura em voz alta uma habilidade especializada, dominada por poucos. Nesse novo cenário, era natural que também a pontuação recebesse uma nova função: a de assinalar, para o leitor, **os momentos em que a estrutura da frase se afasta da ordem a que todos nós estamos habituados**.
>
> Hoje ainda persiste a ideia – totalmente equivocada – de que as pausas da fala são assinaladas, na escrita, pelos sinais de pontuação. Basta ver a descrição que nossos melhores dicionários fazem dos sinais de pontuação (o *Houaiss*, por exemplo, define o ponto-e-vírgula como "sinal de pontuação que indica pausa mais forte que a da vírgula e menos que a do ponto"!).
>
> É verdade que, ao lermos um texto em voz alta, teremos de fazer pausas ao encontrarmos os sinais de pontuação; contudo, o **inverso não é verdadeiro**: nem todas as pausas que fizermos na leitura terão, na escrita, seus sinais correspondentes. Colocado em termos formais, podemos afirmar que não há correspondência exata entre os sinais de

pontuação e as pausas da leitura, porque **todo sinal implica uma pausa, mas nem toda pausa tem o seu sinal correspondente.**

[Extraído de Português para Convencer, de Cláudio Moreno e Túlio Martins. São Paulo, Ática, 2006.]

Vírgula com sujeito posposto

Prezado professor: em frases como "informa aquela seção que" e "deixa claro tal dispositivo legal que", é desnecessário, opcional ou obrigatório destacar o sujeito por vírgulas, já que está posposto ao verbo?

Gustavo E. – Maceió

Meu caro Gustavo: na pontuação moderna, usada em quase todos os países do Ocidente, não se assinala com vírgula a posposição do sujeito ao verbo, já que essa é a segunda posição natural que ele costuma ocupar na frase. A pontuação só vai ser necessária quando houver deslocamentos e intercalações mais radicais (adjuntos adverbiais deslocados, vocativos, etc.). Nos exemplos enviados por você, essa vírgula não é **desnecessária**, nem **opcional**, nem **obrigatória**: ela é totalmente **desaconselhável**.

Vírgula com sujeito posposto – o retorno

Olá, professor Moreno! Na resposta a um leitor de nome Gustavo [ver pergunta anterior], o senhor observou que não é necessário assinalar com vírgula a posposição do sujeito ao verbo, já que essa é a segunda posição natural desse termo, e que só precisamos pontuar quando houver deslocamentos e intercalações mais radicais, como é o caso de um vocativo ou de um adjunto

adverbial deslocado. Minha pergunta é a seguinte: por que o sujeito colocado à direita do verbo (fora, portanto, de sua posição habitual, que seria no início do período) não é isolado por vírgula em construções em que a frase se torna ambígua? Para ver a diferença, basta comparar "Por que atacam os iraquianos?" e "Por que atacam, os iraquianos?". O que o senhor tem a dizer?

Denis R. – Pelotas (RS)

Meu caro Denis, sua pergunta revela que você ainda está no grupo (numerosíssimo, aliás) dos que pensam que as regras de **pontuação** têm o mesmo caráter das regras de **acentuação**, por exemplo. Pois, acredite, são coisas muito diferentes. Como já expliquei no *Guia Prático 1*, a **acentuação** é pão, pão; queijo, queijo: o sistema define, de forma clara, as condições para que determinados tipos de vocábulos recebam acento gráfico, e essas regras valem para os vocábulos que já existem e para os que ainda não foram criados, sem choro e sem exceção. A **pontuação** é diferente: em vez de **regras**, ela tem um **princípio** fundamental – ajudar o leitor a processar rápida e corretamente o que está escrito –, e dele decorre uma série de procedimentos que a prática (não uma comissão de acadêmicos ou de gramáticos) veio refinando ao longo dos séculos.

Como os **sinais** existem para **assinalar** alguma coisa (não pode haver etimologia mais transparente!), só devemos usá-los nos locais em que o leitor precisa ser avisado de que algo diferente está acontecendo. Com isso, evitamos que ele perca o fio da meada e asseguramos que ele faça uma viagem confortável ao longo de nosso texto – o que só virá em nosso benefício, já que é para isso que escrevemos. Quanto mais segura for a nossa pontuação, mais aumentará a confiança que o leitor deposita em nós, e mais fluente e prazerosa será sua leitura. Por outro lado, se começarmos a assinalar o que não é necessário, deixaremos o leitor inseguro, levando-o a desconfiar de todos as nossas vírgulas, mesmo as que estão corretas.

É por causa disso que não separamos por vírgula os elementos que estão vinculados sintaticamente. Uma vírgula entre o **sujeito** e o seu **verbo**, ou entre o **verbo** e o seu **complemento**, é considerada **errada** porque essas são sequências naturais de nossa língua que não devem ser interrompidas por pontuação alguma. Um sinal colocado nesses lugares é semelhante a um rebate falso, que só serve para atrapalhar o leitor e desviar sua atenção, fazendo-o perder tempo em analisar a frase para ver se descobre o que a vírgula estaria sugerindo.

Como você já deve ter percebido, todos esses cuidados fazem parte de um verdadeiro jogo de sedução que se estabelece entre aquele que deseja ser lido e o seu possível leitor. No entanto, devemos estar prontos a abandonar tudo isso quando pressentirmos que o **sentido** do texto, que é sua única razão de existir, está sendo ameaçado. Nada é mais importante do que ele; é um valor que deve ser

preservado acima de qualquer outro. Este é um daqueles casos em que, como diz Camões, "outro valor mais alto se alevanta" – ou seja, deixamos de lado o princípio geral da pontuação e vamos atender a emergência. A vírgula colocada em "Por que atacam, os iraquianos?" é a única garantia de que não vamos tomar **iraquianos** por um objeto direto, e deve ficar onde está, mesmo que esteja separando o sujeito posposto. Os que não gostarem do efeito devem, então, mudar a ordem da frase para "Por que os iraquianos atacam?" – como, aliás, eu faria e recomendaria que todos fizessem o mesmo.

A pontuação nos escritores

Professor, estou lendo o livro Ensaio Sobre a Lucidez, de José Saramago. É o quinto livro que leio do autor e penso que sua maneira de escrever é no mínimo curiosa. Não imagino que ele escreva de modo "errado"; jamais poderia afirmar isso e penso que, mesmo não utilizando os pontos de exclamação, interrogação, travessões, e pouco utilizando o ponto final, seus textos são completamente compreensíveis e o estilo certamente me causa extremo prazer. Apenas gostaria de saber as suas considerações sobre o texto dele, mais especificamente sobre a pontuação.

Luiz Henrique T. – Canoas (RS)

Meu caro Luiz, Jorge Luis Borges já expressou, há muito tempo, o que penso sobre isso: o Ocidente precisou de mais de dois mil anos para chegar a um sistema de pontuação coerente e universal; contrariá-lo, como faz Saramago, representa uma involução desnecessária e sem sentido. É claro que os poetas muitas vezes subvertem a pontuação e a estrutura para obter alguma vantagem expressiva com isso – no que estão cobertos de razão. Agora, o que a prosa de Saramago ganha com essa pretensa "inovação"? Nada que a justifique. Eu me arrisco a dizer, inclusive, que podemos apreciá-lo **apesar** (e não "por causa") da pontuação que emprega.

A bem da justiça, friso que ele não foi o primeiro (nem será, infelizmente, o último) a se afastar da pontuação tradicional. Alguns escritores acreditam, ao que parece, que essa atitude de "rebeldia pontuacional" vai acrescentar uma força maior à linguagem com que se exprimem. Esquecem que a pontuação atualmente consagrada é um sistema muito útil e eficiente, que foi aperfeiçoado

e polido pela interação dos escritores e dos leitores de todos os pontos do Ocidente, ao longo de muitos séculos – e que na base de toda essa construção está o pressuposto essencial de que os sinais só têm utilidade quando os dois lados envolvidos no processo (quem escreve e quem lê) atribuem a eles o mesmo valor.

Compreendo que você não queira imaginar que ele escreva “errado”, mas espero que isso não o leve a pensar que ele sempre escreve “certo”. Ele não é um mestre do idioma, como Camilo, Fernando Pessoa, Manuel Bandeira ou Drummond; na verdade, a cultura linguística do nosso prêmio Nobel nunca teve nada de excepcional, se você quer saber. De vez em quando, para me certificar de que não estou cego para as qualidades da obra de um autor aplaudido por tantos, leio uma página do Eça e depois leio uma página dele (ou ao contrário, tanto faz): a comparação, até agora, sempre foi constrangedora.

Como posso indicar uma pausa na fala?

Qual o sinal gráfico que devemos utilizar para indicar que existe uma pausa na conversa de alguém? Por exemplo, como indicar que uma pessoa começou a falar de um assunto, fez uma pausa e, em seguida, voltou a falar de novo, possivelmente em outro tema? Posso usar (...), isto é, reticências entre parênteses?

André Vieira – Juazeiro (CE)

Prezado André: já não se defende, tecnicamente, a ideia de que os sinais de pontuação existem para indicar pausas. Hoje eles são vistos como poderosos auxiliares sintáticos; sua função é assegurar que meu leitor vá reconhecer, sem sobressaltos, a sintaxe da frase que escrevi. Para indicar pausas em diálogos, os escritores fazem de tudo um pouco, já que a linguagem escrita é paupérrima – quase impotente, dizem alguns – para reproduzir as pausas, entonações, hesitações, mudanças de tom, de timbre, etc., que a fala usa com tanta riqueza. Alguns simplesmente incluem a pausa na própria narração:

> “Blá, blá, blá.” **Pausa**. “Blé, blé, blé.”
>
> “Blá, blá, blá.” **Fulano fez uma pausa, enquanto olhava pela janela.** Continuou: “Blé, blé, blé.”

Alguns autores usam **reticências** para esse fim, mas sempre há o risco de que o leitor as tome como indicadores de ironia, hesitação ou embaraço. No exemplo abaixo, de Machado de Assis, não há dúvida de que as reticências no final da primeira frase assinalam a interrupção da fala do personagem; na segunda, contudo, a interpretação fica em aberto:

> – Abandoná-lo ao desprezo, porque o senhor é um...
>
> – Um... quê?

Outros preferem intercalar detalhes que dão ao leitor a sensação de que a pausa ocorreu:

> "Blá, blá, blá." **Fulano parou, nervoso, procurando as palavras mais adequadas. Já fazia muito tempo que eles não se viam**. "Blé, blé, blé."
>
> "Blá, blá, blá." "Blé, blé, blé." **Seu interlocutor olhava-o, incrédulo. O que significaria aquela pausa entre o último "blá", tão sofrido, e o primeiro "blé"?**

Em situações especiais, como depoimentos, registros de experiências, entrevistas psicológicas, etc. – textos em que é fundamental a descrição detalhada tanto do QUE foi dito quanto de COMO foi dito –, parte-se então para o explícito, sem maiores escrúpulos:

> "Blá, blá, blá." [**o paciente para de falar por alguns segundos e olha a parede; em seguida, recomeça, no mesmo tom, embora mude radicalmente o assunto**] "Blé, blé, blé."

Como você pode ver, André, cada um se defende como pode. A tarefa é inglória, dada a descomunal diferença que existe entre a riqueza da fala e a relativa pobreza da escrita. Quanto às reticências entre parênteses, reserve-as para indicar, numa citação, que houve o corte de alguma parte do texto original.

Vírgula depois de sujeito oracional

Existe algum caso na língua portuguesa em que se separa o SUJEITO do PREDICADO por vírgula? Vejo esse erro com frequência, até

mesmo em veículos da grande imprensa; sempre achei que se tratava de um equívoco, mas fiquei em dúvida quando li a seguinte frase em um artigo escrito pelo senhor sobre os nomes dos países latino-americanos: "Só sei que naquela época esta era a regra do jogo – quem domina e coloniza, dá o nome". "Quem domina e coloniza" e "dá o nome" não são, respectivamente, SUJEITO e PREDICADO da frase?

Guilherme Netto – Paris (França)

Sim, Guilherme, está correta sua análise da frase que escrevi, assim como também é verdade que não se deve colocar, na pontuação moderna, uma vírgula entre o sujeito e o predicado. No entanto, como já frisei várias vezes, esta regra de pontuação é mais um **conselho** do que uma **regra** propriamente dita. Ela não tem, como as regras de **acentuação**, aquela obrigatoriedade que não admite divergências, e haverá casos, como este, em que é necessário (ou aconselhável) contrariá-la deliberadamente a fim de tornar a leitura mais fluente.

O princípio geral é muito simples: como devemos reservar a vírgula para assinalar tudo aquilo que foge à normalidade sintática, é evidente que não há razão para separar o sujeito do verbo, nem o verbo de seu complemento, já que esta é a ordem canônica da frase no Português. Todavia, quando o sujeito for **oracional** (representado por uma oração subordinada **substantiva**), os bons escritores empregam, muitas vezes, uma vírgula para assinalar com maior clareza o fim do bloco do sujeito. Em Machado encontramos tanto exemplos **sem** vírgula ("**Quem não viu aquilo** não viu nada"; "**Quem for mãe** que lhe atire a primeira pedra") quanto **com** vírgula ("**Quem perde uma das metades**, perde naturalmente metade da existência"; "**Quem viesse pelo lado do mar**, veria as costas do palácio, os jardins e os lagos..."; "**Quem morreu**, morreu"). Um excelente exemplo pode ser encontrado em Vieira: "...ninguém se atreva a negar que **tudo quanto houve**, passou, e **tudo quanto é**, passa". Não podemos negar que a vírgula que foi empregada nos exemplos acima apenas veio **facilitar** o trabalho de processamento da frase; se ela fosse inadequada, ocorreria o efeito oposto. Foi certamente por isso que os nossos literatos sempre consideraram **facultativa** a vírgula nesta posição.

Num breve passeio pelo mundo dos provérbios portugueses, há muitos exemplos em que esta vírgula, embora possível, pode ser dispensada: "Quem avisa amigo é"; "Quem bate no cão bate no dono"; "Quem dá o mal dá o remédio"; "Quem quer o fim quer os meios", "Quem não deve não teme". Ela passa a ser muito **útil**, no entanto, nos casos de construção paralela, em que o verbo da oração substantiva é seguido imediatamente pelo verbo da oração principal: "Quem quer, faz; quem não quer, manda". "Quem sabe, faz; quem não sabe, ensina". "Quem procura, acha; quem guarda, sempre tem". "Quem não faz, leva".

Agora, se o verbo for **idêntico** nas duas orações, esta vírgula passa a ser **indispensável**: “Quem deu, dará; quem pediu, pedirá”. “Quem vai, vai; quem fica, fica”. “Quem sabe, sabe”. “Quem pode, pode” – isso sem falar naqueles casos em que a forma verbal pode se confundir com um **substantivo** homógrafo, criando-se uma ambiguidade que a vírgula desfaz imediatamente: “Quem quiser, **peça**”; “Quem ama, **cobra**”; “Quem teme, **ameaça**”; “Quem deseja, **casa**” (não se trata de alguém que “quer peça”, ou “ama cobra”, ou “teme ameaça”, ou “deseja casa”).

Aqueles que protestam contra essa flexibilidade demonstram que não compreenderam que a razão de ser da pontuação é o **leitor**. Não se trata, aqui, de voltar àquela antiga visão de pontuação subjetiva, submetida ao simples capricho de quem escreve; bem pelo contrário: a finalidade exclusiva dos sinais de pontuação é **orientar o leitor no trabalho de decodificar as frases que escrevemos**. Tudo que contribuir para isso será bem-vindo (e vice-versa).

Separar o sujeito do predicado?

Caro prof. Cláudio Moreno, a regra que proíbe a vírgula entre sujeito e predicado não tem exceção? Por exemplo, em A vida é sonho, de Calderón de la Barca, lemos, no original: “La vida es sueño, e sueños, sueños son” (em Português, “e sonhos, sonhos são”). Aquela vírgula depois de sonhos não teria aí a função de uma pausa estilística, de realce? Ou aquela regra não admite nunca exceção? Desde já agradecido!

Bruno C. – São Paulo

Caro Bruno, não existe uma regra que **proíba** a vírgula entre o sujeito e o predicado, mas sim uma **recomendação** veemente por parte dos professores e gramáticos de todo o país. Como a escola, por sua participação fundamental na engenharia da sociedade, precisa atingir o maior número de corações e mentes, sempre procurou inculcar em seus alunos os princípios que são aplicáveis à maioria das situações. As regras que nossas professoras nos ensinaram para escrever bem e corretamente não resistem a um exame mais aprofundado sob a luz da moderna teoria linguística; na verdade, não passam de **conselhos** práticos que devem ter sido úteis a milhões de estudantes brasileiros, mas que não podem

ser tomados ao pé da letra, com o rigor que alguns pretendem atribuir a eles.

Por exemplo, naquelas redações brevíssimas (quinze, vinte linhas) que fazíamos na escola primária, a **repetição** de um vocábulo era considerada inaceitável por meus mestres – no que estavam certos, se levarmos em consideração a exiguidade dos nossos textos de então. Isso, no entanto, não justifica que, trinta ou quarenta anos depois, um marmanjo ainda considere a repetição um pecado mortal, obrigando-se a fazer mil rodeios para não usar várias vezes um mesmo vocábulo num artigo científico ou numa bula de remédio. Hoje eu sei que a qualidade mais valiosa de qualquer texto é a sua **clareza** e não hesito em repetir um vocábulo tantas vezes quanto julgar necessário para alcançar esse objetivo – mesmo que me lembre, cada vez que faço isso, da voz da minha professora, que já deve estar há muito tempo ao lado direito do Senhor, corrigindo a gramática dos anjos.

Assim também é essa pregação incessante contra pôr uma vírgula entre o sujeito e o predicado. **Não é uma regra**, como já disse, **nem tem valor absoluto**, como você mesmo percebeu no belíssimo exemplo do Calderón. Basta comparar a versão com vírgula – "**E sonhos, sonhos são**" – com a versão que seria, segundo alguns, a "correta" – "**E sonhos sonhos são**" – para ver que aquela vírgula é **decisiva** para a imediata compreensão do verso por parte do leitor.

Vírgula entre o sujeito e o verbo?

Professor Claúdio, nunca tive maiores problemas com a pontuação; no entanto, em uma reunião de professores na minha escola surgiu uma grande discussão quanto aos dizeres de um projeto de valorização da leitura que vamos desenvolver e divulgar. O texto diz assim: "A pessoa que não lê mal ouve, mal fala, mal vê". No meu entender, ficou faltando uma vírgula depois entre lê e mal, porém outros professores discordaram, alegando que não se separa o sujeito do predicado com vírgula. Assim, gostaria imensamente de saber sua opinião a respeito para que possamos divulgar o texto corretamente. Grata.

Liliane C.

Prezada Liliane, aqui é exatamente onde bate o ponto: as regras de pontuação não passam de convenções (ou, quem sabe, meros conselhos?) que foram estabelecidas pelo consenso invisível de todos aqueles que escrevem. Os sinais de

pontuação estão ali para que o **leitor** os veja; esta é, na verdade, a única razão para que eu os utilize: orientar o leitor, sinalizando para ele a interpretação que eu gostaria que ele extraísse do meu texto.

Quem escreve quer ser compreendido por quem vai lê-lo – e foi essa preocupação que nos levou a desenvolver, ao longo de dois mil anos, esse sistema de sinais que todo o Ocidente utiliza. Se para isso tivermos de contrariar uma dessas “regras”, devemos fazê-lo sem medo e sem remorso, porque muito pior seria deixar o texto ambíguo ou confuso para o leitor.

Todos conhecemos o princípio de que não se deve usar vírgula entre os elementos **inseparáveis** da frase – entre o sujeito e o verbo, entre o verbo e seu objeto, entre o núcleo do sintagma e seus elementos periféricos. Isso **não é uma proibição**, mas sim uma decorrência óbvia do princípio geral de que uma frase só vai receber vírgula quando algo de diferente ocorrer em sua estrutura. Como vimos, **as frases normais não têm vírgula; as frases que têm vírgula não são normais.**

Os colegas que discordaram de você certamente estavam fazendo valer o princípio geral de não separar o **sujeito** (“a pessoa que não lê”) do resto da frase. Ora, este é um excelente exemplo do que afirmei acima: ou seguimos a “regra”, e deixamos na frase uma mancha de óleo que fará muitos leitores escorregarem – entendendo “a pessoa que não LÊ MAL” –, ou colocamos ali uma vírgula redentora, que termina com qualquer risco e permite que todos os leitores, já na primeira leitura, extraiam da frase exatamente o que vocês pretendiam dizer: “A pessoa que não lê, MAL OUVE, mal fala, mal lê”.

Por que cometem esse erro?

Professor, vou morrer sem entender por que tanta gente ainda insiste em colocar vírgula entre o SUJEITO e o VERBO! Parece ironia: a regra mais óbvia é exatamente a que é mais desrespeitada! Não ensinam mais essas coisas na escola?

Leocádio J. – Uberlândia (MG)

Meu caro Leocádio, posso assegurar que a escola não tem culpa nenhuma. Não é por falta de aviso que os brasileiros cometem esse erro, pois todo professor de Português que conheço vive combatendo essa vírgula com a pouca energia que

lhe resta. O segredo está, na verdade, na primeira parte da pergunta: por que alguém teria vontade de pôr uma vírgula bem naquele lugar?

A resposta é muito simples: o responsável por essa estranha mania foi o ensino da pontuação baseado nas **pausas**, que vigorou por muitos séculos e chegou, ao menos no Brasil, até a alegre década de 60, ainda no século XX. Já foi comprovada a espantosa influência que nossas primeiras professoras exercem sobre as crenças que teremos sobre a linguagem ao longo de nosso percurso para a Vida Eterna. Aquilo que ouvimos nas primeiras letras vai nos acompanhar pela vida afora – para o bem e para o mal –, e poucos são os que conseguem questionar os ensinamentos recebidos naquela tenra e feliz idade.

Ora, se perguntarmos a qualquer brasileiro onde fica a pausa mais acentuada da frase, ele vai apontar exatamente para aquele espaço privilegiado que separa o final do **bloco do sujeito** do início do **bloco do predicado**. Se você quiser testar, convença duas ou três pessoas a ler as frases abaixo em voz alta e preste atenção no local em que elas vão fazer uma pausa mais marcada:

> Os quatro jogadores da Seleção # chegaram ontem a Barcelona.
>
> O rato, o burro e o leão # resolveram firmar um pacto de amizade.

Posso apostar que todos os leitores farão a maior pausa bem onde eu pus o #. É evidente que não podemos pôr uma vírgula aí – mas são tantos os brasileiros que sucumbem a essa perigosa tentação que este é, sem dúvida, o nosso erro mais comum de pontuação. A culpa não é deles: formados que foram pela teoria que associava as **pausas** com os sinais de pontuação, acham muito natural pespegar ali aquela vírgula que todos condenamos – o que obriga os professores a lutar quotidianamente contra ela. Em outras palavras, é como se distribuíssemos caixas de fósforos a todos os macacos da floresta e passássemos o resto da vida a apagar os incêndios que nós mesmos provocamos.

Vírgula antes de “é”

Dileto professor, em um texto referente a uma promoção, escrevi “Para que possamos enviar seus prêmios, é necessário que você...”. Um colega me corrigiu, alegando que (nas palavras dele) “exceto por algumas exceções, não utilizamos vírgula antes do verbo SER”. Como a frase começa por uma oração adverbial deslocada, achei o uso da vírgula necessário ou, ao menos, facultativo.

Eu estou certo, ou existe aquela famigerada regra citada pelo colega? Muito obrigado.

Matheus M. – Porto Alegre

Meu caro Matheus, você não deve dar ouvido a esse intrometido; quem diz "**exceto** algumas **exceções**" (!) não está na posição de dar conselhos... Em pontuação não existem, em princípio, **regras negativas**, como essa que ele foi buscar no reino da carochinha. Dito de outra forma, não há palavras específicas que possam "repelir" ou "atrair" os sinais. Pode haver vírgula antes do verbo **ser**, depois do verbo **ser** e até mesmo **antes** e **depois** do verbo **ser** – tudo vai depender da estrutura da frase. Por exemplo:

(1) Para o público em geral, **É** importante... (antes)

(2) O culpado **É**, como sempre, o mordomo. (depois)

(3) O pior cenário, a meu ver, **É**, sem dúvida, a guerra civil. (antes e depois)

Note que, nos três exemplos, o verbo SER não é responsável pelos sinais de pontuação, que estão onde estão por razões estruturais. No terceiro, você pode perceber que a frase básica é "O pior cenário é a guerra civil"; as vírgulas estão ali por causa das duas intercalações que fizemos, "a meu ver" e "sem dúvida".

Curtas

Nem tudo a pontuação pode representar

Professor, tenho dificuldade de colocar no texto certos sentimentos que eu gostaria de expressar. Por exemplo, ao escrever um e-mail, gostaria que a destinatária percebesse que uma determinada frase que escrevi sobre ela está sendo "pronunciada" com um suspiro profundo. Posso indicar isso com colchetes ou parênteses?

Leonardo D.

Suspiro profundo? Não existe pontuação para representar isso, Leonardo. Não se esqueça jamais de que os sinais precisam ser decodificados pelo leitor, o que

restringe o seu uso a pouquíssimas situações consagradas. Nossa intenção não conta se o leitor não puder identificá-la. Portanto, você vai ter, neste caso, de expressar com palavras, não com pontuação, o que pretende transmitir.

Vírgula entre o sujeito e o verbo

> Flodoaldo Jr. gostaria de saber se está correta a pontuação da frase “O suor derramado em treinamento, poupará o sangue derramado em combate”.

É uma frase normal, sem inversões ou intercalações. Portanto, para que a pontuação fique correta, basta tirar aquela vírgula que está separando o **sujeito** do **verbo**: “O suor derramado em treinamento poupará o sangue derramado em combate”.

Vírgulas de um convite

> No rascunho do convite redigido por Maria constam os seguintes dizeres: “É com gratidão a Deus e alegria no coração que os filhos Ana, Denise e Cláudio convidam para a cerimônia de Bodas de Ouro de seus pais”. Ela quer saber se há *vírgula* antes do *que* e antes de *convidam*.

Deixe exatamente assim como está, Maria; a única vírgula admissível é exatamente a que você pôs entre “Ana” e “Denise”. Agora, se aceita uma sugestão, eu eliminaria “filhos”, vocábulo que ficou redundante (o texto já especifica que se trata das bodas “de seus pais”...): “É com gratidão a Deus e alegria no coração que Ana, Denise e Cláudio convidam para a cerimônia de Bodas de Ouro de seus pais”.

Vírgulas e pausas não coincidem

> Professor, sempre tive dificuldade em entender o uso da vírgula. Faço pelo "achismo" mesmo, pois a única coisa que sei é que usamos a vírgula quando queremos dar uma pausa na fala – e isso nem sempre funciona.
>
> Vânia C.

Minha cara Vânia, aviso-a, desde já, de algo muito importante: a vírgula e os demais sinais **nada têm a ver com as pausas da fala**. Essa teoria está ultrapassada e, como você mesma verificou, não produz bons efeitos. Releia o que escrevi acima na página 25, procure uma gramática que explique a pontuação baseada na **sintaxe**, e nunca mais terá problemas de "achismo".

Vírgula depois do nome de autores

> Olá, Prof. Moreno! Em trabalhos científicos, costuma aparecer uma vírgula após o nome do autor nas referências feitas no próprio texto: "Vergara & Cardoso36, relatam que a retinite é a doença mais comum causada pelo CMV, sendo responsável por 85% dos casos". Por que muitos orientadores fazem questão que se use essa vírgula, se ela está nitidamente separando o sujeito do verbo?
>
> Myuki H. – Guarulhos (SP)

Prezada Myuki, confesso que não consigo acompanhar o raciocínio desses orientadores. Por que cargas d'água alguém exigiria uma vírgula tão claramente supérflua? Sabemos que ali onde ela está – bem no lugar em que passa a linha que separa o bloco do sujeito do bloco do predicado –, costumamos fazer uma pausa bem marcada na fala, mas também sabemos que essa pausa não pode ser assinalada por vírgula, sob pena de interrompermos a ligação entre o sujeito e o seu verbo. Examinei com cuidado o exemplo, virei-o do avesso, raspei o texto com um canivetinho, para ver se não havia nada escondido, e nada! Por mais

que me esforce, não consigo encontrar uma razão para essa exigência descabida – descabida e perigosa, porque, dependendo da sequência da frase, pode sugerir ao leitor uma estrutura sintática diferente daquela que o autor tinha em mente. Se eu encontrasse, por exemplo, "Vergara & Cardoso, mostram os resultados da pesquisa...", aquela vírgula me faria supor, inicialmente, que seria dita alguma coisa sobre esses autores com base nos resultados de uma determinada pesquisa (algo como "Vergara & Cardoso, mostram os resultados da pesquisa, deixaram de registrar..."). Como não é disso que o texto trata, entro num beco sem saída e sou obrigado a voltar sobre meus passos. Por causa de uma vírgula infeliz como esta, tenho de refazer a leitura a fim de recuperar a verdadeira hierarquia sintática (**eles** é que são o sujeito do verbo **mostrar**); imagine o desastre que representa um erro desses repetido várias vezes ao longo do mesmo trabalho.

Água também é vida!

> Prof. Moreno, tenho uma dúvida urgente. Minha mãe quer dar o seguinte título a seu trabalho: "Água! Também é vida!" Este título está correto? Não ficaria melhor "Água, também é vida!"? Desde já, obrigado por sua atenção e disponibilidade!
>
> Leandro T.

Olhe, meu caro Leandro, se fosse eu o autor do trabalho, poria "Água também é vida" – sem aquela vírgula separando o **sujeito** do **verbo**. Além disso, é bom evitar pontos de exclamação em títulos, pois ele têm um efeito mais ou menos semelhante ao das maiúsculas usadas no e-mail: dão a impressão de que estamos gritando com o leitor.

A frase de Saramago

> Caro professor Moreno, acompanhei na imprensa portuguesa a discussão sobre a polêmica frase de Saramago: "Uma

> língua que não se defende, morre". Longe de mim corrigir a frase do célebre escritor português, mas aquele vírgula não está separando o sujeito do verbo? Não é semelhante a uma frase do tipo "Quem viver verá"?
>
> Maria L.P., professora – São Paulo

Prezada Maria, é irônico que alguém levante polêmica sobre uma frase de Saramago – logo ele, um autor que conscientemente trata de transgredir as regras tradicionais de pontuação e ninguém reclama! Embora eu não veja o menor sentido nessa "inovação" que ele tenta introduzir no uso dos sinais, sou obrigado a defender aquela vírgula: quando o núcleo do SUJEITO ("uma língua") é seguido de uma ORAÇÃO ADJETIVA ("que não se defende"), são muitos os autores que recomendam que se ponha uma vírgula antes de iniciar o predicado (baseados, diga-se de passagem, no farto exemplo de bons escritores). Não podemos esquecer que o bem mais importante para a pontuação é a clareza. Compare "Uma língua que não se defende morre" com "Uma língua que não se defende, morre", e você verá que a segunda opção é processada mais rapidamente e com maior clareza que a primeira.

Quem ama, educa

> Um professor muito conceituado declarou que essa vírgula estaria *errada*, pois "*quem ama*" é o sujeito oracional da frase, e, segundo a regra de pontuação, não se pode separar o sujeito do seu predicado. No entanto, como se trata do título de um livro de grande vendagem, escrito por um autor de respeito, continuo em dúvida até hoje. O autor, a editora e seus revisores teriam deixado passar um erro tão evidente assim?
>
> Kátia B. – Recife

Prezada Kátia, há um pouco de verdade no que disse esse seu "professor conceituado": primeiro, o sujeito de "educa" é realmente a oração subjetiva "quem ama"; segundo, não se coloca vírgula entre o sujeito e o seu verbo. Ocorre – e é aqui que bate o ponto! – que essa regra não pode contrariar o motivo essencial de existir a pontuação, que é **orientar o leitor na interpretação**

do que está escrito. É muito comum, em nossos maiores escritores, o emprego dessa vírgula depois de sujeito oracional iniciado por **quem**. O autor e seu editor optaram por usá-la pela mesma razão que Machado a empregou várias vezes: tornar instantânea, para o leitor, a compreensão da estrutura da frase. “Quem ama educa” e “Quem ama, educa” são duas formas possíveis de pontuar esse título, mas confesso que eu também acho melhor a segunda.

Pontuação interna

I. A vírgula

1 – Separando os itens de uma enumeração

Temos uma enumeração sempre que juntamos, numa frase, vários elementos com a mesma função sintática (sujeitos, objetos, adjuntos adverbiais, etc.):

1 – A, B, C e D fundaram um clube.

2 – José encontrou A, B, C e D na biblioteca.

3 – Todos concordaram que a peça era A, B, C e D.

Como você pode perceber, sempre há um separador físico entre os itens que compõem a lista; a prática é usar uma **vírgula** entre eles, exceto o **último**, antecedido por uma **conjunção** (geralmente "E" ou "OU"). Nas enumerações, a vírgula e a conjunção são consideradas mutuamente exclusivas: em princípio, onde aparece uma, a outra não deve aparecer. Note que eu disse "em princípio"...

Aqui nasceu um dos mitos mais persistentes de nosso folclore gramatical: juntar a conjunção aditiva "E" com uma vírgula seria tão nefasto quanto misturar manga com leite – duas ingênuas superstições que não encontram apoio na realidade. Fora do território restrito das enumerações, encontraremos várias situações em que a vírgula não só **pode**, como **deve** aparecer antes do "E". Até mesmo numa enumeração pode ser necessário, para eliminar a ambiguidade, usar uma vírgula antes da conjunção.

Enumerações abertas

Prezado professor: recortei um artigo em que o senhor manda separar os itens da enumeração por vírgula, menos o último, que é separado pelo "E". Posso estar enganada, mas costumo ler muito e tenho certeza de já ter visto bons escritores usarem uma vírgula também antes do último, no lugar da conjunção, ficando assim, por exemplo: "cocos, bananas, laranjas, cajus". É um daqueles casos opcionais?

Valdelice W. – Sobral (CE)

Minha cara Valdelice, ambas as formas estão corretas – tanto "cocos, bananas, laranjas **E** cajus" quanto "cocos, bananas, laranjas, cajus" –, mas **não são opcionais**. Você não pode usar livremente uma pela outra, pois as duas estruturas **não** dizem a mesma coisa. Ao colocar o "E" antes de **cajus**, estamos avisando o leitor de que este é o **último** item da relação; é o que chamamos de enumeração **fechada** (ou **exaustiva**). Por outro lado, se usamos uma **vírgula** em lugar da **conjunção**, estamos deixando implícito que a relação inclui itens que não estão sendo citados; é o que chamamos de enumeração **aberta** (ou **exemplificativa**).

Na fala, são duas estruturas inconfundíveis. Imagine-se ao telefone, ouvindo o relato de uma amiga que participou de um importante acontecimento social da cidade. Se, ao enumerar as pessoas presentes à festa, ela fizer uma lista completa, vai usar o "E", dando à frase uma linha melódica descendente ("Havia muita gente conhecida! Encontrei A, B, C **e** D"); se, no entanto, ela resolver mencionar apenas algumas, vai omitir o "E" e dar à frase uma linha melódica estável, inconclusiva ("Encontrei A, B, C, D") – o que lhe dará o direito, prezada Valdelice, de perguntar: "E quem mais?".

Na escrita, contudo, temos de tomar algumas precauções na hora de sinalizar que estamos usando uma **enumeração aberta**. Teoricamente, bastaria omitir a conjunção antes do último elemento, e pronto! Na prática, porém, isso não basta, porque esta omissão do "E" pode passar despercebida ao leitor desatento (ou que não domina as sutilezas da pontuação); criaram-se, assim, várias formas de reforçar o caráter exemplificativo da enumeração:

A, B, C, D, **por exemplo**.

A, B, C, D, **entre outros**.

A, B, C, D, **entre os mais importantes**.

A, B, C, D, **etc**.

A, B, C, D**...**

Não tenho a menor dúvida de que você, no fio de suas leituras, deve ter encontrado inúmeros exemplos desses dois tipos de enumeração. A diferença estava lá, mas você ainda não tinha olhos treinados para percebê-la – ou, como dizia o bom Padre Vieira, você via, mas não enxergava. Agora, no entanto, tenho certeza de que vai distingui-las com facilidade.

A pontuação do etc.

*Prezado Professor, quero parabenizá-lo pela sua página e dizer que a visito quase todos os dias. Gostaria saber duas coisas sobre o etc. – se ele deve ser acompanhado de ponto ou de reticências e se pode realmente vir precedido de vírgula. Aprendi que etc***.** *é uma abreviação que significa "e outras coisas mais" e que o "E" com ideia de adição não pode ser precedido de vírgula, mas minha revisora – trabalho com textos publicitários – diz que a vírgula é necessária. O que devo fazer?*

Márcia S. – Vitória (ES)

*Caro Professor: gostaria de saber qual é a forma correta de usar o termo etc. em uma frase. Ele é antecedido ou não de vírgula? Escrevo "Compramos tudo: arroz, feijão etc." ou "Compramos tudo: arroz, feijão***,** *etc."? Observei que, nas suas respostas, o mestre sempre utiliza a vírgula antes, que me parece a forma mais usual. Entretanto, alguns professores sustentam que o termo pode ser utilizado sem essa vírgula.*

Jorge Braga – Rio de Janeiro

Desde há muito aprendi que o etc. é usado acompanhado por ponto final (pois indica a abreviação de etcétera) e não é antecedido por vírgula (suponho que por já conter o elemento de ligação "et" na própria palavra). Mas o senhor sempre usa o etc. antecedido de vírgula em seus artigos. Qual o emprego correto?

Igor F. – Porto Alegre

Meus caros amigos: **etc.** é a abreviatura internacionalmente utilizada para a expressão latina *et cetera* (ou *et cætera*, ou ainda *et coetera*), que significa "e outras coisas da mesma espécie"; "e o resto (tratando-se de uma relação de itens)"; "e assim por diante". No Latim, é formada pela conjunção *et* (que

corresponde ao nosso "**e**"), mais *cetera* (o plural neutro de *ceterus*, "o resto"). Alegando o significado literal dos elementos latinos, não faltaram autores (ingleses, franceses, brasileiros, etc.) que condenassem o emprego desta expressão para **pessoas**, caindo no velho equívoco daquela etimologia fundamentalista que tenta paralisar os vocábulos naquele tempo remoto em que foram criados...

Nosso mestre Celso Pedro Luft, com sua erudita ironia, ressalta que, a seguirmos esse raciocínio estreito, "nem rol de substantivos masculinos ou femininos se pode encurtar com **etc**., já que *cetera*, neutro plural, só se pode aplicar a **neutros**... Como sempre, meia erudição, historicismo de manga curta...". Os dicionários do Inglês e do Francês fazem questão de frisar o fato de que **etc**. se aplica tanto a coisas quanto a pessoas; no Português, o *Aurélio* registra, em todas as edições, que a expressão, "embora normalmente se devesse usar apenas com referência a coisas, como se vê do seu sentido etimológico, aparece frequentes vezes, inclusive nos melhores autores, aplicada a pessoas". O mesmo fenômeno ocorreu com aquele *et* primitivo, que não pode ser invocado ainda hoje, em questões de pontuação, como se valesse o mesmo que o nosso "**E**" atual, como vou demonstrar mais abaixo.

À direita do **etc**. usamos um ponto para indicar que não se trata de uma **palavra**, mas sim de uma **abreviação** – ou seja, para nos avisar que essas três letras não são lidas como tais (/etecê/), mas como uma representação condensada de **etcétera**, da mesma forma que **cia**. e **dr**. são lidos como "companhia" e "doutor". Já deparei muitas vezes com o ingênuo costume de colocar **reticências** após o **etc**., o que parece um excesso injustificável, uma vez que ambos são recursos **utilizados para o mesmo fim**: sinalizar a nosso leitor que a enumeração que estamos apresentando não é exaustiva, apenas **exemplificativa**. Dentre tantas outras, mostro algumas opções:

atlas, livros didáticos, gramáticas, dicionários, **etc**.

atlas, livros didáticos, gramáticas, dicionários, **entre outros**.

atlas, livros didáticos, gramáticas, dicionários**...**

atlas, livros didáticos, gramáticas, dicionários, **por exemplo.**

Basta que eu use **uma** delas, à minha escolha, para que o leitor receba a mensagem. Combiná-las (experimentem juntá-las ao acaso, duas a duas!), como toda e qualquer acumulação desnecessária de recursos linguísticos, vai certamente desagradar a quem estiver lendo o meu texto, além de insinuar que eu o considero meio retardado.

E a pontuação **antes** do **etc.**? A tendência é pontuá-lo como os **demais itens da**

enumeração que ele estiver encerrando:

(1) com VÍRGULA: **a, b, c, etc.**

(2) com PONTO-E-VÍRGULA: **a; b; c; etc.**

(3) com PONTO: **A. B. C. Etc.**

Os exemplos abaixo são do *Grande Manual de Ortografia Globo*, de Celso Pedro Luft:

(1) "Comprou livros, revistas, cadernos, etc."

(2) "Palavras que se escrevem com **rr** e **ss**: carro, narrar; excesso, remessa; etc."

(3) "Levantar cedo. Respirar o ar puro da manhã. Fazer ginástica. Etc.".

Assim vem o **etc.** pontuado, sistematicamente, no **Acordo Ortográfico** de 1943 e no **Vocabulário Ortográfico** de 1981. Assim está na maioria das gramáticas, assim é a prática da maioria dos escritores **modernos**. De onde tirei isso? Meu patrono, Celso Pedro Luft, escolheu aleatoriamente 100 páginas de escritores e gramáticos como Gilberto Freire, Pedro Nava, Darcy Ribeiro, Autran Dourado, Graciliano Ramos, Antônio Cândido, Paulo Rónai, José Guilherme Merquior, Antenor Nascentes, Antônio Soares Amora, Massaud Moisés, Rocha Lima, Evanildo Bechara, Celso Cunha e Gladstone Chaves de Melo, entre outros, e encontrou **115** ocorrências **com** vírgula, contra **14** apenas **sem** vírgula (*A Vírgula*. Editora Ática, 1996). Bota **tendência majoritária** nisso! Como na vestimenta, a linguagem que usamos é a soma de nossas decisões individuais; podemos até optar por escrever o **etc**. a la antiga, sem pontuação alguma, mas essa esmagadora preferência pelo **etc**. pontuado parece indicar que os autores intuíram aqui alguma vantagem na organização do texto que a outra forma não tem.

Enumeração com vírgula antes do "E"

Prezado Professor, eu pensava que as regras de pontuação do

Inglês eram similares às nossas, mas começo a mudar de ideia. Meu orientador na Universidade de Chicago corrigiu a pontuação de todas as enumerações que escrevi na minha tese, acrescentando uma vírgula antes do "E" que precede o último elemento. Diante da minha surpresa, ele me mostrou que o Manual de Estilo da universidade é taxativo nestes casos: "Quando os dois últimos elementos de uma série estão ligados por conjunção, deve ser usada uma vírgula antes desta conjunção". Por que não é assim no Português?

Raul P.W. – Chicago (EUA)

Meu caro Raul, parece que o destino o levou a esbarrar numa das raríssimas diferenças entre a pontuação do Inglês e a nossa. Essa curiosa vírgula, conhecida como "*Oxford comma*" ("vírgula de Oxford", porque se tornou uma exigência tradicional dos editores e revisores da famosa Oxford University Press), tem uma certa razão de existir para os falantes do Inglês. Como você deve saber muito bem, naquela língua os adjetivos ficam à esquerda do substantivo que modificam, o que acaba criando um problema que o Português desconhece. Numa frase como "Ele recortava todas as matérias que saíam no jornal sobre cinema, política **internacional** e negócios", a posição do adjetivo **internacional** (e o fato de estar no **singular**) não deixa dúvida de que ele se refere a **política**, não a **negócios**. Em Inglês, no entanto, como o adjetivo fica do lado esquerdo e simplesmente nunca se flexiona, cria-se uma estrutura ambígua, "*international politics and business*", que também poderia ser lida como "política e negócios internacionais". É onde entra em ação a vírgula de Oxford, desfazendo a má leitura: "*international politics, and business*".

Embora algumas instituições (a Universidade de Chicago é justamente uma delas) recomendem o uso automático desta vírgula, muitas outras preferem aplicá-la apenas aos casos em que realmente existe o perigo de ambiguidade. Esta postura, que me parece muito mais sensata, não é nada diferente do que fazemos aqui, quando surge o mesmo problema:

> Os convidados eram João e Maria, Paulo e Virgínia, e eu.
>
> As almofadas podem ser feitas em branco e preto, vermelho e branco, e azul.

O bem-humorado Quinion, no seu incomparável **www.worldwidewords.org**, brinca com a hipótese de alguém dedicar seu livro "*To my parents, Mary and God*" ("Para meus pais, Maria e Deus"). Tanto lá quanto aqui devemos usar uma vírgula antes do "**E**" para evitar que os leitores tomem **Maria** e **Deus** como aposto de **meus pais** e nos mandem internar no hospício por absoluto delírio de grandeza: "Para meus pais, Maria, e Deus".

Enumeração de adjuntos adverbiais

Professor Moreno, gostaria que senhor me esclarecesse a respeito da colocação de vírgula antes de adjuntos adverbiais não deslocados. Pelo que sei, a vírgula é somente utilizada quando ele está fora de seu lugar. Por exemplo: "Em Brasília, a cerimônia começou por volta das 14h" – mas "A cerimônia começou por volta das 14h em Brasília" já deve vir sem a vírgula. O motivo de minha dúvida é o de encontrar constantemente esse tipo de pontuação em livros, jornais e revistas.

Ana P. – Brasília

Ana, você fez uma pequena mistura de regras. No seu exemplo – "**Em Brasília**, a cerimônia começou..." –, a vírgula está ali realmente por causa do deslocamento do adjunto adverbial. No entanto, mesmo que este adjunto retorne para o final da frase (que é, aliás, o seu lugar), vai continuar a ser separado por vírgula – "A cerimônia começou por volta das 14h, em Brasília". A regra agora é outra e nada tem a ver com o deslocamento do adjunto adverbial; estamos, isso sim, diante de uma **enumeração** de elementos com a mesma função sintática. Olhe como funciona: "Eu encontro você **no estádio**" (o adjunto não leva vírgula por estar no seu lugar habitual); "eu encontro você **no estádio**, **às dez horas**" (começamos uma enumeração); "eu encontro você **no estádio**, **às dez horas**, **junto ao primeiro portão**" (acrescentamos mais um elemento à enumeração) – e assim por diante. Note como a vírgula é obrigatória, embora nenhum deles esteja deslocado.

Curtas

Vírgula em nome próprio

Prezado Professor, vi no outro dia uma loja maçônica com o nome "Luz, Amor e Vida". É correto o uso da vírgula separando "Luz" e "Amor", já que fazem parte de um mesmo nome próprio?

Sílvia A.

Prezada Sílvia, esta é uma vírgula **obrigatória**. Quando separamos os elementos

que compõem uma enumeração (A, B, C e D), somos obrigados a colocar entre eles (1) uma vírgula depois de todos, exceto no último, e (2) uma conjunção ("E" ou "OU") antes do último. Exatamente como você viu no nome da loja maçônica: "Luz, Amor e Vida" (A, B e C). O fato de ser nome próprio não altera a maneira de pontuá-lo.

Ponto depois do etc.

> Professor, tenho algumas dúvidas e torço para que o senhor possa me responder. Observei que ninguém coloca *ponto final* em frases terminadas com *etc*., isto é, quando *etc*. vem no final da frase, fica valendo o ponto da abreviatura. Isto está certo? Pela lógica, eu acho que não! Fico rezando para receber sua resposta e por isso agradeço antecipadamente.
>
> Lígia J. – Salvador

Lígia, há duas teorias quanto ao ponto final depois de etc., ambas igualmente respeitáveis. A primeira diz que ponto sobre ponto é ponto – ou seja, o ponto da abreviação serve também como ponto final da frase, e a maiúscula que vem a seguir ajuda a marcar o início do novo período. A segunda, que eu prefiro, diz que o ponto que encerra a abreviação nada tem a ver com a pontuação da frase, seja ela qual for; se depois do **etc**. vier ponto final, teremos "... etc. ." (um ponto final separado do ponto da abreviatura por um espaço); se vier um ponto de interrogação, teremos "... etc.?"; se de exclamação, "... etc.!"; se ponto-e-vírgula, "... etc.;" – e assim por diante. Outra coisa: quem encerra uma frase com "etc." não está cometendo um erro, mas, como dizia minha avó, está procurando sarna para se coçar. Por que ficar limitado a esta abreviação, quando ela pode, com muito mais vantagem, ser substituída por seus sinônimos mais civilizados – **entre outros, por exemplo, para mencionar apenas os de maior destaque**, entre muitas outras opções que nossa língua oferece?

2 – Separando orações coordenadas

Esta é uma das regras mais automáticas da pontuação: a prática é colocar uma vírgula sempre que a oração coordenada for introduzida pelas conjunções **MAS, OU, NEM, POIS e E**:

> Ele estava cansado, MAS aguentou o espetáculo até o fim.

Não sei onde ela mora, NEM lembrei de anotar seu telefone. Vocês vão ao teatro hoje à noite, OU preferem deixar para o sábado?

Acho que ele não vem mais, POIS já passa das oito horas. Saímos muito cedo de casa, E ela não pôde nos alcançar.

Quando usadas apenas para ligar **palavras** ou **expressões**, essas mesmas conjunções normalmente vêm sem pontuação:

Você quer água OU vinho?

Não tenho tempo NEM dinheiro.

Pobre MAS orgulhoso.

No caso do E, a vírgula é de praxe apenas quando as duas orações tiverem sujeitos **diferentes**. Compare as frases (1) e (2) com a frase (3):

(1) O juiz anulou o gol E mostrou o cartão para o atacante.

(2) O juiz anulou o gol E correu para o meio do campo.

(3) **O juiz** anulou o gol, E **todos os jogadores** o cercaram.

A função desta vírgula é nos avisar de que, ao contrário do que normalmente a frase deixaria supor, a próxima ação não vai ser atribuída ao sujeito da coordenada inicial.

Orações com sujeitos diferentes

Professor Moreno, eu gostaria que o senhor examinasse a pontuação da seguinte frase: "O Supremo Tribunal Federal – a mais alta corte país – tem por dever o exercício da função de guardião da Carta CONSTITUCIONAL, E o desempenho dessa nobre função é assegurado por suas manifestações e decisões sábias". Aquela vírgula que está logo após Constitucional está realmente correta? Eu pesquisei sobre o emprego da vírgula antes de conjunções e não encontrei nenhuma regra que justifique o seu uso.

Silvio G.

Meu caro Sílvio: confesso que eu próprio não encontraria um exemplo melhor do que este para demonstrar o valor que tem aquela vírgula colocada antes do "E"

(e a falta que ela faria, se nós a suprimíssemos). Acho que você atirou no que viu e acabou acertando no que não viu, mas isso não importa: a caça já está na panela, para proveito de todos nós. Aqui aparece, em todo o seu esplendor, a finalidade essencial da pontuação, que é, como vimos, facilitar a vida do leitor, ajudando-o a percorrer o texto de maneira segura e confortável, sem o cansaço e a irritação dos desvios inúteis.

A frase seria incompreensível se a vírgula não estivesse ali? É claro que não; o contato com centenas de redações escolares me ensinou que tudo aquilo que um ser humano escreve poderá um dia ser decifrado por outro – mesmo que a pontuação esteja ausente ou, o que é pior, esteja presente nos lugares errados. O problema é que um texto assim, além de correr o risco de ser mal entendido, acarreta um imenso dispêndio do tempo e da energia do leitor, que só persistirá em sua leitura se tiver um forte motivo para fazê-lo. Aliás, foi exatamente para evitar isso, para eliminar essas hesitações e assegurar a fluência da leitura, que o Ocidente desenvolveu o sistema de pontuação que hoje utilizamos.

Neste caso particular, acredito que a ausência da vírgula levaria o leitor comum a tentar, instintivamente, estabelecer uma relação de paralelismo entre dois segmentos:

> [o exercício da função de guardião da Carta Constitucional] E [o desempenho dessa nobre função]

– ou seja, o Supremo teria por dever [o **exercício** disso] + [o **desempenho** daquilo]. Na sequência, contudo, ao deparar com “é assegurado”, nosso leitor se daria conta imediatamente do equívoco que cometeu lá atrás e retornaria sobre seus passos para refazer a leitura, segmentando a frase do modo correto:

> [o STF tem por dever o exercício da função de guardião da Carta...], E [o desempenho dessa nobre função é assegurado por suas manifestações...]

Você está reconhecendo a situação sintática? Duas orações ligadas por “E”, com sujeitos diferentes... Não quero dizer, com isso, que a presença da vírgula seja o suficiente para afastar todo o perigo de uma leitura equivocada dessa frase (tão mal redigidinha, coitada!), mas tenho certeza de que vai ajudar muita gente. Por isso está lá.

O “E” com valor adversativo

Professor Moreno, vi numa gramática que a conjunção E pode ter, às vezes, o valor adversativo, tornando-se uma espécie de sinônimo do MAS. O exemplo dado era "Estudei muito E fui reprovado". O senhor não acha que deveria haver uma vírgula antes deste "E", já que ele tem valor adversativo? Na leitura, a vírgula não deixaria mais claro esse sentido especial?

Camila S.

Prezada Camila: embora nem todas as conjunções adversativas sejam pontuadas da mesma maneira (veja, na página 134, o uso do ponto-e-vírgula com **porém**, **contudo**, **todavia**, etc.), este "E" com valor de MAS realmente está a pedir uma vírgula. Essa é a recomendação de um autor respeitado como Domingos Cegalla, que exemplifica com duas frases muito parecidas com a que você encontrou em sua pesquisa:

> O capitão estava ferido, e continuou lutando.
>
> São uns incompetentes, e ocupam altos cargos.

Aqui se entende bem a valiosíssima observação que faz Celso Pedro Luft, no seu *A Vírgula* (Ed. Ática), ao afirmar que a principal influência que o uso da vírgula pode sofrer da fala não diz respeito, como muitos pensam, às pausas: "Mais importante que a pausa é a mudança de tom. **A vírgula corresponde muito mais a uma mudança de tom do que a uma pausa**"[grifo do autor]. Se você comparar as duas frases abaixo, perceberá que em (A) os dois segmentos são lidos no mesmo tom, o que não acontece em (B):

> A – São uns incompetentes **E prejudicam nosso trabalho**.
>
> B – São uns incompetentes, **E ocupam altos cargos**. (= mas)

Antes que você conclua que a gramática consultada não vale o preço que foi pago por ela, quero lembrar-lhe que não existe (e seria impossível existir) um conjunto "oficial" de regras de pontuação; há, isso sim, autores antiquados, dogmáticos, que procuram impor a nós todos o seu modo particular de empregar os sinais, e autores modernos, que descrevem a prática dos bons escritores e tentam chegar a um razoável consenso sobre o assunto. Felizmente, estes últimos constituem hoje a maioria ativa em nosso país, o que nos permite esperar que um mesmo texto, pontuado por cinco gramáticos distintos, apresente divergências pouco significativas – como é exatamente o caso desta vírgula antes do "E" adversativo.

Pontuação do POIS

Professor, eu e um colega divergimos quanto à forma correta de pontuar uma frase. Eu digo que é "Não se pode mudar o horário, POIS o empregado não teria o intervalo mínimo legal de onze horas de descanso"; ele afirma que é "Não se pode mudar o horário, pois, o empregado não teria o intervalo mínimo legal de onze horas de descanso". Eu uso uma vírgula antes, ele coloca o POIS entre vírgulas. Quem está com a razão?

Ariane Pereira

Minha cara Ariane: só entende a pontuação do POIS quem se der conta de que existem, aqui, duas conjunções bem distintas, que compartilham a mesma forma. Temos um POIS **explicativo** (sinônimo de **porque**) e um POIS **conclusivo** (sinônimo de **portanto**). O primeiro, que sempre fica no início da oração coordenada, recebe **vírgula antes** (já vimos isso acima):

> Ela deve estar doente, pois não vem à aula há duas semana. (= porque)
>
> Ele deve ter desistido do emprego, pois nunca mais nos procurou. (= porque)

O segundo POIS, por sua vez, pode ocupar qualquer lugar da oração coordenada, **exceto o início**, ficando **entre vírgulas**, como qualquer outro elemento intercalado. Dessa forma, uma conjunção jamais poderá ser confundida com a outra, já que a **explicativa** ocupa um território em que a **conclusiva** jamais poderá aparecer (e vice-versa):

> O rádio anuncia chuva; deixaremos, POIS, toda a casa fechada. (= portanto)
>
> Esta gripe mata; devemos redobrar, POIS, o cuidado com a higiene. (= portanto)

Você é que está com a razão: na frase que serviu de pomo da discórdia entre vocês dois, a conjunção é claramente **explicativa**: "Não se pode mudar o horário, POIS (porque) o empregado não teria o intervalo mínimo legal de onze horas de descanso". Uma vírgula, apenas.

A frase pode começar com E ou MAS?

No colégio dos padres em que estudei, tive um excelente professor de Português, muito rigoroso, que não nos deixava empregar E ou MAS no início de uma frase. Ele não dizia isso diretamente, mas sempre nos proibia escrever E ou MAS com maiúscula – o que, na prática, vem a dar no mesmo. Há trinta anos, professor, eu tenho observado religiosamente esse princípio, mas venho notando que agora essas conjunções aparecem no início de novos períodos em muitos livros – até na Bíblia! O que houve? Aquela regra que aprendemos era artificial?

Eliezer M. – Vitória da Conquista (BA)

Meu caro Eliezer, não existe – e jamais existiu – regra alguma que proíba começar uma frase nova com E ou com MAS (aliás, não existem, em pontuação, regras que **proíbam** alguma coisa, mas apenas conselhos, princípios práticos, costumes consagrados). Não é difícil encontrar bons escritores que colocam essas duas conjunções na abertura da frase – muito pelo contrário. Para dar uma ideia de quão corriqueiro é este uso, fiz um levantamento em um simples conto dentre as duas centenas que Machado escreveu – o incomparável "**Missa do Galo"** – e ali encontrei vários exemplos:

> "Que paciência a sua de esperar acordado, enquanto o vizinho dorme! **E** esperar sozinho!"
>
> "**E** não saía daquela posição, que me enchia de gosto, tão perto ficavam as nossas caras."
>
> "Eu, não; perdendo uma noite, no outro dia estou que não posso, e, meia hora que seja, hei de passar pelo sono. **Mas** também estou ficando velha."
>
> "**Mas** a hora já há de estar próxima, disse eu."

Se um clássico como Machado escrevia assim, por que razão aquele (bom) professor do colégio dos padres dizia aquilo? Eu o compreendo perfeitamente: era um recurso muito eficiente (usado até hoje, aliás) para obrigar o aluno a aumentar seu vocabulário ativo, recorrendo a outros nexos oracionais. Por que usar apenas o MAS como adversativa, se existe **contudo**, **entretanto**, **no entanto**, **não obstante** – todos eles muito mais adequados para a posição inicial? Em vez do E, por que não experimentar **por outro lado**, **além disso**, **do mesmo modo**? Era, portanto, um princípio estratégico adequado àquele momento, não uma regra definitiva.

Como você pode ver, aquela proibição não passava de uma “mentira piedosa”, justificada por sua influência benéfica no enriquecimento vocabular dos jovens inexperientes. Com o tempo, o aluno tomaria contato com os bons autores e veria que aquele princípio que parecia tão taxativo era muito mais flexível do que ele pensava inicialmente – mas, aí, o objetivo do professor já teria sido atingido. O mesmo acontecia com o combate ferrenho que os professores travavam contra as **repetições**. Na verdade, não há nada de errado em repetir; a linguagem técnica e científica, que vê na clareza o seu valor máximo, não tem o menor pudor de usar um mesmo termo repetidas vezes, se assim a mensagem ficar clara para o leitor. No meu tempo de escola, contudo, considerando que nossos textos ficavam entre vinte e trinta linhas apenas, a proibição de usar a mesma palavra obrigava-nos a procurar sinônimos e a empregar as substituições pronominais adequadas (o que era muito bom). Hoje eu sei que esses princípios não têm o valor que eu lhes atribuía, mas entendo o motivo que levou meus professores a defendê-los com tanta veemência naqueles anos dourados.

Curtas

“E” com valor adversativo

> Professor Moreno: em um de seus artigos, o senhor escreveu que a conjunção *E* não tem só valor *aditivo*, mas pode ser também um nexo *adversativo*. No entanto, não seria somente *após vírgula* que o *E* exerce o valor adversativo?

Carlos P. – Cuiabá (MT)

Prezado Carlos, você está confundindo **causa** e **consequência**. Não é a presença da vírgula que dá ao “E” o valor ADVERSATIVO, bem pelo contrário. Primeiro determinamos a relação sintática entre as duas orações e só então decidimos se é necessário alertar o leitor por meio da pontuação. Quando a oração iniciada por “E” for **adversativa**, isto é, indicar uma ideia que se opõe à ideia apresentada na coordenada inicial – “Ele é riquíssimo, E não paga suas contas” –, vamos pôr uma vírgula antes da conjunção. Como você pode ver, a vírgula é uma mera **decorrência** da realidade sintática. Lembro que o “E” também pode ter valor CONSECUTIVO, ficando igualmente separado por vírgula:

Segue meu conselho, E não te arrependerás.Descubram o motivo, E terão descoberto o criminoso.

E sim

Prezado Professor: recebi a incumbência de escrever um cartaz para nossa escola, mas não tenho certeza quanto à pontuação. A frase é “Não devemos desanimar e, sim, persistir na luta”. Aquele *sim* fica mesmo entre vírgulas?

Clotilde W. – Pomerode (SC)

Não, prezada Clotilde: o **sim** só deveria ficar entre vírgulas se fosse uma INTERCALAÇÃO. Como ensinava Celso Pedro Luft, a melhor maneira de reconhecer as intercalações é eliminá-las e ver se o significado se mantém. Compare as diferentes versões das frases que seguem:

Acho que podemos, **sim**, aceitá-la de volta.

Sim, acho que podemos aceitá-la de volta.

Acho que podemos aceitá-la de volta.

A fronteira não é uma separação, **e sim** um ponto de encontro.

***E sim**, a fronteira não é uma separação, um ponto de encontro.

*A fronteira não é uma separação, um ponto de encontro.

Na primeira frase, o **sim** deve ficar entre vírgulas por ser uma legítima intercalação; como tal, pode ser **deslocado** ou, se quisermos, simplesmente **eliminado**. Na segunda, fica claro que **e sim** deve ficar obrigatoriamente onde foi colocado, funcionando como uma conjunção adversativa, numa situação análoga à que encontramos na frase que você enviou – “Não devemos desanimar, **e sim** persistir na luta”. Ele também não pode ser deslocado, muito menos eliminado, pois a frase ficaria sem pé nem cabeça: *”Não devemos desanimar, persistir na luta”.

Vírgula estranha antes do “E”

Professor Moreno, acho muito estranha a vírgula antes do E na frase “Nesta data, recebemos o depósito de R$ 1.000,00, relativo ao pedido nº 256, E expedimos o volume por SEDEX”.

Paula S.

Essa vírgula está correta, Paula; ela está antes do “E” por um simples acaso, mas nada tem a ver com a conjunbção. Na verdade, é a segunda das duas vírgulas que separam a intercalação “relativo ao pedido nº 256” (no caso, um aposto). Eliminado este, fica fácil ver que a frase original é “Nesta data, recebemos o depósito de R$ 1.000,00 E expedimos o volume por SEDEX”.

Quando “E” não for conjunção aditiva

Prezado professor, é uma honra poder receber sua orientação. Minha dúvida é simples: pode-se dizer que o “E” só é antecedido de vírgula nos casos em que *não* é conjunção *aditiva*?

Josué P. – Corumbá (MS)

Não, meu caro Josué: o “E” pode ser conjunção aditiva e mesmo assim – por ligar **orações com sujeitos diferentes** – a vírgula pode ser necessária: “Eles prepararam tudo para a festa, E nós só tivemos o trabalho de comparecer”.

3 – Separando o adjunto adverbial deslocado

Como vimos acima, os **adjuntos** e as **orações adverbiais** são elementos que colocamos na última posição sintática à direita – ou seja, no FINAL da frase – para indicar circunstâncias fundamentais como **tempo**, **lugar**, **modo** ou **intensidade**. De todos os elementos que compõem a frase básica, estes são os que mais comumente aparecem fora do lugar esperado. Como devemos avisar o leitor de todas essas alterações ocorridas na ordem habitual, é natural que esses deslocamentos sejam assinalados por vírgulas. Compare (1) com (2) e (3):

> (1) Espero que vocês não se voltem contra mim DEPOIS QUE TUDO TERMINAR.
>
> (2) Espero que vocês, DEPOIS QUE TUDO TERMINAR, não se voltem contra mim.
>
> (3) DEPOIS QUE TUDO TERMINAR, espero que vocês não se voltem contra mim.

A regra de ouro da pontuação – frase normal não tem vírgula, frase que tem vírgula não é normal – aparece aqui com uma clareza indiscutível; o que poderíamos questionar, no entanto, é se deslocamentos desse tipo são realmente necessários. Por que simplesmente não deixamos o adjunto adverbial em paz? Ora, nós só mudamos sua posição na frase porque vamos ganhar alguma coisa com isso. Se o levarmos para o **início da frase**, por exemplo, as circunstâncias definidas por ele (tempo, lugar, etc.) passam a servir como um **pano de fundo** para a ideia principal do período. Ninguém é obrigado a utilizar esse recurso, mas é inegável que a frase (2) tem muito mais efeito que a frase (1):

> (1) Ela revelou ao marido que o filho era de outro NA VÉSPERA DO BATIZADO.
>
> (2) NA VÉSPERA DO BATIZADO, ela revelou ao marido que o filho era de outro.

Esse deslocamento vai passar de **opcional** a **obrigatório** sempre que o adjunto adverbial deixa a frase **ambígua** quando é usado em sua posição habitual:

> (1) O jogador decidiu assinar o contrato com o Barcelona NO ÚLTIMO DOMINGO.
>
> (2) NO ÚLTIMO DOMINGO, o jogador decidiu assinar o contrato com o Barcelona.
>
> (3) O jogador, NO ÚLTIMO DOMINGO, decidiu assinar o contrato com o Barcelona.
>
> (4) O jogador decidiu assinar, NO ÚLTIMO DOMINGO, o contrato com o Barcelona.

A frase (1) é inaceitável porque admite duas leituras (no domingo ele **decidiu**, ou no domingo ele vai **assinar** o contrato?); nas demais, porém, a ambiguidade foi eliminada pelo deslocamento do adjunto. Nas frases (2) e (3), que são sinônimas, **no último domingo** refere-se ao verbo **decidir**. Na frase (4), ao verbo **assinar**.

Adjunto adverbial curto

Quando o adjunto adverbial for de **pequena extensão**, temos a opção de **não** usar a vírgula, se assim nos parecer melhor:

> NO NATAL a gente sempre visitava todos os primos.
>
> HOJE eu não tenho tempo.
>
> NAQUELA ÉPOCA tudo parecia mais simples.
>
> TODOS OS DIAS eu aprendo alguma coisa nova.

A decisão é pessoal; muitos se sentem mais seguros mantendo sistematicamente esta vírgula no lugar, outros preferem eliminá-la por princípio e outros, ainda, definem o que vão fazer caso a caso. Quando exercemos esta liberdade de optar entre duas formas corretas, estamos acrescentando mais um traço ao nosso **estilo**, que nada mais é do que a soma das decisões que tomamos ao escrever.

Todas as gramáticas e manuais se referem a este caso de vírgula **opcional**, mas nenhum deles, por razões óbvias, se arrisca a definir o que se poderia considerar como "curto", pois este é outro detalhe que cai na estreita faixa de subjetividade que a pontuação admite. Não podemos esquecer que os sinais de pontuação funcionam mais ou menos como as marcas que um compositor faz em sua partitura com o objetivo de orientar a execução da melodia; neste caso, portanto, o conceito de "curto" é naturalmente elástico, dependendo do ritmo em que eu imagino que a leitura do meu texto deveria ser feita.

Vírgula a ser evitada

Professor, sempre me ensinaram que eu podia escolher entre usar ou não a vírgula no deslocamento dos adjuntos adverbiais curtos. Agora, porém, como estagiária num grande jornal da região, me senti humilhada quando o editor-chefe cortou a vírgula que pus na frase "Em maio, começa a temporada da tainha". Argumentei que a pontuação aqui é opcional, mas ele me assegurou que nesta frase não cabe vírgula – embora não saiba dizer exatamente por quê. Eu pensei que fosse uma regra oficial.

Mariana K. – Florianópolis

Prezada Mariana, desta vez é o editor que está com a razão. Mesmo sem saber

explicar o motivo, ele percebeu, pela experiência que deve ter, que aquela vírgula parece destoar como uma guitarra em velório. O que ele captou intuitivamente já foi formalizado por vários especialistas atentos: a prática é **não** pontuar o adjunto deslocado quando ele vier **antes de um verbo com sujeito posposto**:

EM MAIO começa a temporada da tainha.

ONTEM não ocorreu acidente algum.

NA FRENTE DO CAIXA ficavam os bebedouros.

NO PONTO MAIS FUNDO DO OCEANO vivia uma pequena sereia.

Celso Pedro Luft chama a atenção para outro caso similar: os bons escritores também não separam por vírgula **o advérbio** situado **entre o verbo e o seu complemento**:

Chegará ESTA TARDE a Curitiba...

Não recuperaram AINDA o dinheiro roubado.

Comprou AGORA dois terrenos junto ao mar.

Ele dispensou TAMBÉM três assessores.

E outra coisa: esqueça essa história de "regra oficial". Regras oficiais só existem para a **ortografia** – emprego das letras, acentuação e hífen –, e nem mesmo elas são tão firmes assim, a julgar pelas contradições presentes no texto do Novo Acordo Ortográfico. O resto – flexão dos vocábulos, concordância, regência, pontuação, crase – segue um sistema de convenções estabelecidas mais ou menos pelo consenso das pessoas que utilizam a língua escrita culta.

Advérbios em -MENTE

Caro professor, leciono Língua Portuguesa em duas turmas da 7ª série e já aproveitei vários ensinamentos seus para preparar minhas aulas. Como vamos entrar agora em pontuação, gostaria que o senhor fosse franco comigo: posso dizer, como regra prática, que a vírgula é sempre opcional com os advérbios terminados em -mente?

Hildete S. – Barreiras (BA)

Sinto muito, Hildete, mas vou ser franco como você mesma pediu: não apresente essa regra a seus alunos, pois ela não tem o menor fundamento. Não se esqueça de que os advérbios em **-mente** podem aparecer na frase com duas funções diferentes, acarretando, como seria de esperar, duas formas também diversas de pontuá-los. Primeiro, existe o advérbio que se refere à **oração inteira**. Ele é **deslocável** e pode vir separado por vírgulas, se quisermos:

NORMALMENTE as crianças ficam em casa com os avós.

NORMALMENTE, as crianças ficam em casa com os avós.

As crianças NORMALMENTE ficam em casa com os avós.

As crianças, NORMALMENTE, ficam em casa com os avós.

Ele não pode ser confundido com aqueles advérbios que se referem apenas ao **verbo** ou a um outro **termo isolado**. Estes NÃO são deslocáveis e NÃO podem ser separados por vírgula:

Você deve agir NORMALMENTE quando o chefe chegar.

Ele ficou TERRIVELMENTE preocupado.

A diferença entre as duas situações descritas fica bem evidente se compararmos "Tudo terminou **tragicamente**" com "Tudo terminou, **tragicamente**". Na primeira, o advérbio nos diz **como** tudo terminou; liga-se especificamente ao **verbo** e não pode levar vírgula. Na segunda, ele se refere à **oração inteira**; é deslocável e exprime uma avaliação sobre um fato ("É uma tragédia que tudo tenha terminado"). Como você pode ver, é impossível falarmos, aqui, de vírgulas opcionais.

Adjunto adverbial no convite de casamento

Prezado professor, ajude-me, por favor, a não cometer erro algum no meu convite de casamento. Já redigi a frase que vou imprimir – "Após a cerimônia os noivos receberão os convidados para um coquetel no Salão de Festas da Igreja" –, mas não sei se fica bem assim, sem pontuação. Também não sei se a expressão "os convidados" precisa aparecer no texto. Existe uma melhor

forma de escrever esta frase? Como todos serão convidados para o coquetel, esta frase estará escrita no próprio convite, abaixo do endereço da igreja.

Carolina A.S.

Prezada Carolina, a frase estaria certa assim como você redigiu. No entanto, como ela inicia por um adjunto adverbial curto (vírgulas opcionais, lembra?), você poderia escrever, também (eu acho melhor; no entanto, é apenas questão de preferência):

> APÓS A CERIMÔNIA, os noivos receberão os convidados para um coquetel no Salão de Festas da Igreja.

Como todos os que receberão o convite estarão automaticamente convidados, você poderia, se quisesse, adotar o tratamento mais informal que algumas noivinhas modernas começam a empregar, escrevendo, muito simplesmente,

> Após a cerimônia, todos vocês estão convidados a brindar aos noivos no Salão de Festas da Igreja.

Escolha uma das versões acima e deixe de se preocupar com isso, que tudo vai correr muito bem. E lembre-se: como podemos planejar e controlar todos os detalhes na cerimônia do nosso casamento, ela parece ser fundamental; no entanto, acredite, é a coisa menos importante de um matrimônio. Ele começa mesmo é no dia seguinte. Relaxe e seja feliz.

Desta feita

Prezado Doutor, trabalho num órgão público, e meu ofício é elaborar pareceres de auditoria. Há poucos dias, porém, surgiu uma dúvida entre os colegas. O problema é com o "desta feita", que era (muito) usado, como no exemplo seguinte: "Retornam os autos que cuidam disso e daquilo, desta feita para analisar...". Um colega levou nossa dúvida à professora de Português do curso que frequenta, e ela respondeu que desta feita, bem como nesta oportunidade, quando usado no meio da frase, sempre fica entre vírgulas. Se fizermos como ela recomenda – "Retornam os autos que cuidam disso e daquilo, desta feita, para analisar..." –, o texto não fica truncado e estranho, professor?

Ricardo P. – São Paulo

Meu caro Ricardo, não quero duvidar de seu colega, mas prefiro acreditar que tenha havido aqui um problema de comunicação entre ele e a professora. Com a

experiência que tenho, seria capaz de apostar que ele perguntou como deveria pontuar a expressão “desta feita”, ao que a professora respondeu, naturalmente, que esta e outras expressões similares, quando usadas no meio da frase, devem ficar entre vírgulas – uma resposta genérica para uma pergunta que, suponho, também tenha sido genérica. Se ele tivesse mostrado o exemplo específico, a professora não deixaria de notar que aqui se trata de uma estrutura diferente, como vou demonstrar.

Na verdade, estamos diante da famosa oposição entre um **adjunto adverbial frasal** e um **adjunto adverbial específico**. O primeiro é **deslocável** e se refere **à frase toda**; a praxe é assinalá-lo com vírgula:

> Os dois vigários, DESTA FEITA, conseguiram arrecadar o dinheiro necessário.
>
> DESTA FEITA, os dois vigários conseguiram arrecadar o dinheiro necessário.
>
> Os dois vigários conseguiram, DESTA FEITA, arrecadar o dinheiro necessário.
>
> Os dois vigários conseguiram arrecadar, DESTA FEITA, o dinheiro necessário.

O segundo, ao contrário, modifica apenas um vocábulo ou um segmento específico da frase. Sua deslocabilidade é limitada e, como mostram os exemplos abaixo, não vem separado por vírgula:

> Em 1658, a cidade foi atacada por um novo exército espanhol, DESTA FEITA sob o comando de D. Luís de Haro.
>
> Dias depois foi preso de novo, DESTA FEITA com um mandado de captura assinado em branco pelas autoridades.
>
> Nas eleições de outubro de outubro de 2006, o partido voltou a ter êxito, DESTA FEITA em três capitais.

A frase que vocês discutiam enquadra-se nesse segundo modelo: *“Retornam os autos que cuidam disso e daquilo, desta feita para analisar...”*.

Curtas

Ontem à noite

Caro Professor Moreno, é necessário colocar alguma vírgula na frase "Ontem à noite um negro foi vítima de racismo naquele restaurante"? Se eu escrevesse "Ontem, à noite, um negro..." ficaria muito errado? Ou seria melhor "Ontem à noite, um negro..."?

Lalor C. – Fortaleza

Prezado Lalor: considerando que se trata de um adjunto adverbial curto, podemos deixar a frase **sem vírgula** alguma – "Ontem à noite um negro foi vítima..." –, ou separar o **adjunto** com uma vírgula – "Ontem à noite, um negro foi vítima...". Eu prefiro a primeira versão.

Adjunto adverbial deslocado

Prezado professor, tenho de fazer um cartaz mas fiquei em dúvida quanto à pontuação da frase "Para sua segurança você está sendo filmado". Vai vírgula antes do *você*?

Cinara R.

"Para sua segurança" é um adjunto adverbial deslocado, Cinara, e bem crescidinho; deve, portanto, ser separado da frase básica por uma vírgula.

Ad referendum: adjunto adverbial deslocado

Caro Professor, sou secretário de uma instituição de ensino e gostaria de saber se devemos deixar entre vírgulas a expressão *ad referendum* em frases como "O Presidente do Conselho, no uso de suas atribuições legais, resolve *ad referendum* conceder". Eu não uso,

> mas isso tem gerado polêmica com meus colegas.

Erotilde – Campo Grande (MS)

Erotilde: já que você veio pedir o meu conselho, é melhor aderir ao partido dos colegas. A razão está com eles; independentemente de ser uma expressão latina, *ad referendum*, aqui, é um **adjunto adverbial** intercalado entre o verbo **auxiliar** ("resolve") e o verbo **principal** ("conceder") de uma locução verbal, e deve vir entre vírgulas. É diferente de "resolução *ad referendum*", em que a expressão está funcionando como mero adjunto adnominal.

Vírgula com data

> Caro professor, gostaria, se possível, que o senhor me esclarecesse se é correta a colocação da vírgula na frase "Em 1967, foi presidente da Caixa". Ou ficaria melhor "Em 1967 foi presidente da Caixa"?

Tânia Cristina V.

A vírgula com o adjunto adverbial deslocado ("Em 1967") é opcional, Tânia, porque ele é curto. Usá-la ou não é uma questão de preferência pessoal. As escolhas que fazemos vão compondo, aos poucos, o nosso estilo individual.

4 – Separando o aposto

O **aposto explicativo** é um elemento acessório que acrescentamos à frase para explicar qualquer um dos elementos que a compõem, EXCETO o verbo – o que significa que podemos colocar um aposto depois do **sujeito**, do **objeto direto**, do **objeto indireto**, do **predicativo**, do **adjunto adverbial** ou até mesmo do próprio **aposto**. Como sua presença não está prevista na estrutura da frase básica, é natural que sempre venha separado por vírgula. Pela função esclarecedora que o caracteriza, deve aparecer **assim que for mencionado** o sintagma nominal a que se refere:

> Ela acabou casando com Antero, O DONO DO CIRCO TUPI.
>
> Meu sonho era pescar um tucunaré, SABOROSO PEIXE DA BACIA AMAZÔNICA.
>
> O castelo de Windsor, RESIDÊNCIA OFICIAL DA RAINHA, está à

> venda.
>
> Também convidei Júlia, IRMÃ DE PEDRO, MEU COLEGA DE AULA.

Nesta última frase há dois **apostos** (na pronúncia, rima com **impostos** ou **compostos**): “irmã de Pedro”, que se refere ao objeto direto “Júlia”, e “meu colega de aula”, que se refere a “Pedro”. É a mesma estrutura que encontramos no conhecido soneto de Camões: “Sete anos de pastor Jacó servia Labão, **pai de Raquel**, **serrana bela**”. “Pai de Raquel” explica quem era Labão; “serrana bela”, quem era Raquel.

Embora seja ACESSÓRIO, não é SUPÉRFLUO nem DISPENSÁVEL, porque está na frase justamente por acrescentar dados que o leitor precisa conhecer.

Aposto ou vocativo?

Caro Prof. Moreno: na frase “A partir de janeiro deste ano, os sensores de movimento, fundamentais para sua segurança, passarão por reajustes técnicos”, o elemento fundamentais para sua segurança assume, por acaso, a característica sintática de vocativo? Se não, qual a função dele? As vírgulas estão corretas, não é?

Danieli A. – Linhares (ES)

É um **aposto**, Danieli. Se fosse desenvolvido em forma de oração, ficaria “os sensores de movimento, **que são fundamentais para sua segurança**, passarão por reajustes técnicos”. Essa é a típica oração adjetiva **explicativa**, o que vem a ser, como sabemos, exatamente a versão expandida de um **aposto**. Não pode ser **vocativo** porque a frase, embora se dirija ao provável leitor (podemos perceber isso, por exemplo, em “sua segurança”), não o nomeia diretamente.

Além disso, devido à natureza específica de cada um, apostos e vocativos diferem num ponto fundamental: o aposto sempre se refere ao elemento que vem à sua esquerda e é, por isso, **indeslocável**, contrastando com o vocativo, que não tem posição fixa. Neste exemplo, **fundamentais para sua segurança** se refere a **sensores de movimento**, e a nada mais. Se fosse um vocativo, poderia ser **deslocado** livremente para o início ou o final da frase, como acontece com todo e qualquer vocativo – o que não é possível neste caso.

Quanto à pontuação, a frase estaria correta de qualquer forma – fosse aposto ou vocativo –, já que ambos, considerados intrusos na estrutura frasal, são igualmente separados por vírgulas.

Alexandre, o Grande

Prezado Professor, quanto mais estudo, mais dúvida eu tenho quanto à pontuação de casos como estes:

Alexandre, o Grande, realizou muitas proezas.

Dona Maria, a Louca, foi rainha de Portugal.

Devo ou não colocar aquela segunda vírgula? Parece-me que há autores que não consideram haver aí aposto, sendo a vírgula parte do nome. Os nomes seriam "Alexandre, o Grande" e "Dona Maria, a Louca", o que não justificaria o uso da outra vírgula:

Alexandre, o Grande realizou muitas proezas. Dona Maria, a Louca foi rainha de Portugal.

O que fazer? Virgular ou não virgular? Eu queria conhecer a posição que o senhor adota. Parece-me até que essa foi a razão que levou o cantor Gabriel o Pensador a deliberadamente não adotar vírgula em seu nome artístico.

Olavo P.

Meu caro Olavo, mas que tipo de obra você anda consultando? É evidente que eu defendo a primeira versão, com o aposto **entre vírgulas**! Aliás, é muito simples: se colocou a PRIMEIRA, tem de colocar a SEGUNDA. Quem escreve "Dona Maria, a Louca foi rainha de Portugal" está informando à Dona Maria que a Louca foi rainha de Portugal! O aposto, o vocativo, o adjunto adverbial deslocado, entre outros, são considerados elementos intercalados e devem vir assinalados na escrita por pontuação parentética: vírgulas duplas (o mais comum), travessões duplos ou parênteses.

Este também é o caso de "Gabriel o Pensador" – acho que é assim que ele escreve, sem sinal de pontuação algum. Aqui está em jogo o uso (ou não) da vírgula com os **epítetos** ou **cognomes** atribuídos às grandes personalidades políticas e às celebridades. Há quem defenda, com efeito, a ideia de que eles passariam a integrar o **nome** da pessoa e que, por isso, deveriam ser escritos **sem**

vírgula, à moda inglesa (*Jack the Ripper*). A meu ver, estão misturando semântica com sintaxe, pois, no fundo, todos esses cognomes compartilham a estrutura mais comum de nosso idioma: todos têm **artigo**; todos têm um **núcleo nominal**, representado por um substantivo ou por um adjetivo substantivado, o que vem dar na mesma; alguns, além disso, ainda apresentam um **adjunto adnominal** preposicionado, como "O Rei DO CANGAÇO" (atribuído ao famigerado Lampião). Em suma, todos são **sintagmas nominais** típicos, colocados como **aposto** ao lado de outro sintagma nominal, e, como tal, devem ser separados por vírgulas: Alexandre, O GRANDE; Ivan, O TERRÍVEL; Pedro, O GRANDE; Jack, O ESTRIPADOR; Átila, O FLAGELO DE DEUS; Dom Manuel, O VENTUROSO; Rui, A ÁGUIA DE HAIA; Gabriel, O PENSADOR.

Outra possibilidade seria usar o epíteto diretamente ligado ao nome, como **Pedro pedreiro**, **Gabriel pensador**, **Seu Libório cantador** (Graciliano Ramos) – mas aí já estaríamos fora do âmbito do aposto.

Aposto entre travessões

Professor, gostaria que me dissesse se posso manter em meu trabalho o trecho que está em negrito, ou se eu deveria encerrar o período logo após o aposto (em destaque): "Eles destacam dois tipos de pesquisa qualitativa: A ETNOGRÁFICA E O ESTUDO DE CASO, ***em razão de sua aceitação na área educacional, e mencionam alguns autores para compor e elucidar a discussão****".*

Márcia Elisa R.

Prezada Márcia: a pontuação só existe para nos ajudar a escrever textos que o leitor possa entender sem dificuldade (e, se possível, com prazer). Isso significa que ela deve estar a serviço daquilo que pretendemos expressar – a nossa "mensagem", como costumávamos dizer nos ingênuos anos 60. Ora, considerando o significado das linhas que você escreveu, acho que uma pequena reacomodação sintática – com as competentes alterações na pontuação – vai favorecer o trabalho do leitor:

> Eles **destacam**, em razão de sua aceitação na área educacional, dois tipos de pesquisa qualitativa – A ETNOGRÁFICA E O ESTUDO DE CASO – e **mencionam** alguns autores para compor e elucidar a discussão.

Dessa forma, fica assegurado o paralelismo que você mesma estabelece entre "**destacam** dois tipos de pesquisa qualitativa" e "**mencionam** alguns autores para compor e elucidar a discussão", que é o eixo principal de sua frase. Como o adjunto adverbial "em razão de sua aceitação na área educacional" indica a causa de terem destacado esses dois tipos de pesquisa, é melhor deslocá-lo para junto do verbo a que se refere ("destacam"). Os **travessões duplos** poderiam ser substituídos por **vírgulas duplas**, é verdade, mas assim o aposto fica muito mais claro; afinal, seja com vírgulas, travessões ou parênteses, o importante é nunca deixar de assinalar esse tipo de intercalação.

Tive de eliminar o **dois-pontos** que você usou, pois ele só teria sentido se não houvesse a segunda oração coordenada ("e mencionam..."):

> Eles destacam, em razão de sua aceitação na área educacional, dois tipos de pesquisa qualitativa: A ETNOGRÁFICA E O ESTUDO DE CASO.

Curtas

Diretor em exercício

> Prezado Professor Moreno, escrevo-lhe para tirar uma dúvida a respeito do uso de *vírgula:* o ocupante interino de um cargo assina a correspondência como "Fulano de Tal, Diretor, *em Exercício*". Está correta esta vírgula separando "em exercício"?

Maria Madalena B.

Prezada Maria Madalena: como você desconfiava, essa vírgula não tem cabimento. "Fulano, Diretor **em Exercício**"; "Beltrano, Reitor *pro tempore*"; "Sicrano, Presidente **Interino**"; "Zutano, Coordenador **Substituto**".

5 – Separando o vocativo

O vocativo é um elemento novo que acrescentamos à frase para **chamar** ou **interpelar** nosso leitor. Como está desvinculado de qualquer parte do padrão frasal (não se encaixa nem no **sujeito**, nem no **predicado**), tem a liberdade de se deslocar para qualquer posição na frase:

QUERIDO PRIMO, você provará a boa comida da Emília.

Você, QUERIDO PRIMO, provará a boa comida de Emília.

Você provará, QUERIDO PRIMO, a boa comida de Emília.

Você provará a boa comida de Emília, QUERIDO PRIMO.

Esta mobilidade característica é o traço que aproveitamos para distingui-lo do APOSTO: enquanto este fica fixo, à direita do termo que explica, o VOCATIVO move-se livremente pela frase, podendo ficar, inclusive, em duas posições que o aposto nunca poderá ocupar – no início da frase (antes do sujeito) ou na casa à direita do verbo.

Vocativo não é sujeito

Em "Vai, minha tristeza, e diz a ela que sem ela não pode ser", de Vinícius de Morais, posso dizer que minha tristeza é o sujeito de vai, e que a vírgula estaria sendo usada para separar a segunda oração coordenada, "diz a ela"? Estou de todo errada?

Calina – Lima (PE)

Prezada Calina: **minha tristeza** é um **vocativo**, e por isso vem entre vírgulas. Sinto, mas a análise que você fez está completamente equivocada. Se suprimirmos **minha tristeza** da frase (afinal, os vocativos sempre são meros intrusos), fica mais fácil enxergar a estrutura real do período:

VAI e DIZ a ela que sem ela não pode ser.

Para comprovar que as duas vírgulas entraram na frase acompanhando o **vocativo**, basta deslocá-lo:

MINHA TRISTEZA, vai e diz a ela que sem ela não pode ser.

Vai e diz a ela, MINHA TRISTEZA, que sem ela não pode ser.

Ora, se MINHA TRISTEZA é o vocativo, qual é o sujeito de "vai e diz"? Muito simples: o sujeito é "tu", elíptico (aquilo que chamávamos, há mais de um século, de sujeito OCULTO ou SUBENTENDIDO). Se Vinícius tivesse preferido usar "você" no lugar de "tu", os verbos ficariam "vá e diga".

Bom dia, Vietnã!

Caro Professor, mantemos um boletim diário em nossa instituição com o título Bom Dia Congresso. Alguns leitores têm sugerido que deveríamos colocar uma vírgula, ficando Bom Dia, Congresso. Como o senhor vê esta questão? Quando o nome foi criado, confesso que não o encaramos como um vocativo.

(Anônimo – por solicitação do autor)

Prezado amigo: é uma péssima notícia, mas infelizmente a vírgula aí é **indispensável**. Ao lado do sintagma "bom dia", está o sintagma "Congresso". Ora, quando dois sintagmas ficam lado a lado (sem pontuação entre eles), o que está à direita assume a função de **modificador** do primeiro (**funcionário** + **fantasma**, por exemplo). Haveria um **bom dia *congresso*** ao lado de um **bom dia *senado***, um **bom dia *câmara***, etc. – vários tipos de "bom dia", assim como um "bom dia sertanejo", um "bom dia esportivo", um "bom dia urbano"? Claro que não. Nesta frase, "Congresso" é **vocativo**, sem dúvida; o título do boletim é, inequivocamente, uma saudação ao Congresso; na hora de batizá-lo, inclusive, o nome vencedor poderia ter sido "Congresso, Bom Dia!". A estrutura é a mesma do nome daquele programa de rádio que o Robin Williams levava ao ar, todos os dias, no filme do mesmo nome: *Bom dia, Vietnã!*. Ponham a vírgula no lugar, meu caro anônimo; é muito mais fácil admitir o erro e corrigi-lo do que passar a vida defendendo o indefensável – isso se não vier alguém dizer que também sentiu falta do **ponto de exclamação**.

Suje-se gordo!

Professor, aprendi que vocativos como "Fica quieto, menino" ou "Volta logo, meu filho" sempre devem vir separados com vírgula. Por que, então, o nome do conto "Suje-se gordo!", de Machado de Assis, não é pontuado? Não se põe vírgula em títulos?

Rosa Maria J.P. – Campos (RJ)

Prezada Rosa Maria, não se trata de um cochilo de Machado de Assis, nem existe qualquer regra contra o uso de pontuação nos títulos. Um romance de José Cândido de Carvalho se intitula *Olha para o céu, Frederico*; Camilo Castelo Branco escreveu *Coração, cabeça e estômago*; o próprio Machado nos deu os contos "Vênus! Divina Vênus!", "Vinte anos! Vinte anos!", "O Cônego, ou Metafísica do estilo" e "Casa, não casa". Acho que você não leu o conto inteiro, e daí sua pergunta. Não há um vocativo aqui; "Suje-se gordo!" não é uma ordem para que um gordinho se suje (aí seria "Suje-se, gordo!" – o que corresponderia a "Gordo, suje-se!"), mas um estranho princípio moral defendido pelo personagem, que acha que não vale a pena transgredir a lei por ninharias:

> Vi que não era um ladrão reles, um ladrão de nada, sim de grande valor. O verbo é que definia duramente a ação. "Suje-se **gordo**!". Queria dizer que o homem não se devia levar a um ato daquela espécie sem a grossura da soma. A ninguém cabia sujar-se por quatro patacas. Quer sujar-se? Suje-se **gordo**!

Aqui você tem um bom exemplo desses **adjetivos** transformados em **advérbio** de modo, fenômeno tão comum no Português Brasileiro: "Eles comiam RÁPIDO", "Ela falava BAIXO", "A cerveja desce REDONDO". "Suje-se GORDO", portanto, aqui significa "Suje-se PARA VALER". Machado deve ter previsto a possível confusão de **gordo** com um vocativo, pois fez questão de incluir a expressão numa sequência definitiva: "Suje-se GORDO! Suje-se MAGRO! Suje-se COMO LHE PARECER!". Se serve como consolo, fique sabendo que você não é a única a ter esta dúvida; o sempre útil *Portal do Domínio Público*, por exemplo (http://www.dominiopublico.gov.br), continua a grafar este título com aquela vírgula equivocada.

Curtas

O vocativo

Professor, tanta gente começa seus e-mails escrevendo algo como "Oi fulano!" ou "Fala fulano!" que eu começo a desconfiar que aprendi errado na escola. Eu achava que o correto seria escrever "Oi, Fulano!" e "Fala, Fulano", pois, para mim *fulano* é um vocativo, mas já não tenho certeza de mais nada.

Antonio A. – Rio de Janeiro

Meu caro Antônio, você está coberto de razão. São realmente vocativos, e devem vir separados por vírgula: “Salve, imperador!”; “Adeus, Mariana!”; “Ai, Tia Chica”; “Oi, Laurinha!”; “Ave, César” – e por aí vai a valsa. Compare “Como vai, Antônio?” com “Como vai Antônio?”, “Pare, Antônio” com “Pare Antônio” – são diferentes como a água e o vinho.

Cuidado frágil

> Preciso escrever “Cuidado, frágil” numa etiqueta para pacotes postais. O senhor concorda com o emprego desta vírgula?

Vinícius A.

Caro Vinícius: se eu fosse o responsável pelas etiquetas, escreveria “Cuidado! Frágil!” ou “Cuidado: frágil!”; aqui não é um caso para vírgula, que – o que é pior – poderia induzir a uma leitura ridícula de **frágil** como VOCATIVO (semelhante a “Cuidado, palerma!”, “Cuidado, molenga!”, “Cuidado, fracote!” e outras mimosuras do gênero).

Vocativo x sujeito

> Prezado professor, eu e um colega não chegamos a um acordo sobre a pontuação da frase “Vagabundo, vai estudar!”. A vírgula não está separando o sujeito do verbo?

Rebeca S. – Santa Bárbara (SP)

Minha cara Rebeca: nesta frase, **vagabundo** não é o SUJEITO, mas o VOCATIVO. É exatamente por isso que ele pode se deslocar livremente (levando sempre consigo, é claro, as vírgulas indispensáveis):

> VAGABUNDO, vai estudar!
>
> Vai, VAGABUNDO, estudar!

> Vai estudar, VAGABUNDO!

Pontuação com interjeição

> Professor Moreno: na expressão “Valeu! Mestre!”, temos uma interjeição de agradecimento e um vocativo? Eu poderia pôr uma vírgula após o primeiro ponto de exclamação?

Josevaldo L. – Fortaleza

Meu caro Josevaldo, digamos que seja uma interjeição (não é bem isso, mas funciona como se fosse), seguida de um vocativo – mas a pontuação habitual, nesses casos, é separar o vocativo com uma vírgula e deixar o ponto de exclamação para o fim da frase: “Valeu, **mestre**!”; “Cuidado, **Corisco**!”; “Epa, **camarada**!”; “Vade-retro, **Satanás**” – e assim por diante. É bom lembrar que, por princípio geral, a vírgula **jamais** poderá aparecer ao lado do **ponto** – o que inclui o ponto de **exclamação** e o de **interrogação**.

Quantas vírgulas?

> Professor, sou estudante de Letras e tenho uma dúvida de pontuação. No exemplo “Ninguém meus amigos poderá ajudá-los mais do que eu”, quantas vírgulas devo usar?

Cristiane R.O. – São Paulo

É um caso elementar, Cristiane! A frase tem um **vocativo** – “meus amigos” – e deverá ser pontuada assim: “Ninguém, **meus amigos**, poderá ajudá-los mais do que eu”. Mesmo que o vocativo não fosse identificado (o que acho difícil), bastaria ver que entre o sujeito (“Ninguém”) e o verbo (“poderá”) apareceu uma intercalação, o que já justificaria, por si só, as vírgulas duplas. Além disso, como o vocativo é sempre um elemento **deslocável**, a frase poderia ser reescrita como “**Meus amigos**, ninguém poderá ajudá-los mais do que eu”, ou “Ninguém

poderá ajudá-los mais do que eu, **meus amigos**” – e assim por diante, sempre deixando o vocativo separado por vírgula(s).

Muda o sentido

> Professor, o senhor pode me ajudar?
> Existe diferença de sentido entre “Homem trabalha” e “Homem, trabalha”? E entre “Você entende Joaquim” e “Você entende, Joaquim”?
>
> Jéssica T. – 10 anos

Prezada Jéssica, é claro que existe. Em “**Homem**, trabalha”, a vírgula assinala a presença de um VOCATIVO – isto é, estamos falando com alguém diretamente, chamando-o de “homem”. O mesmo acontece com “Você entende, **Joaquim**”, em que estamos nos dirigindo a alguém chamado “Joaquim”. A versão SEM vírgula diz outra coisa; em “**Homem** trabalha”, “homem” é o sujeito da frase, semelhante a “**Pedro** trabalha”, “**Ele** trabalha”, “**Todo o mundo** trabalha”. Em “Você entende **Joaquim**”, estamos dizendo a alguém que ele entende **Joaquim** (como em “Você entende **Inglês**”, “Você entende **toda a matéria**”, “Você entende **minha ansiedade**”).

6 – Separando outros
elementos intercalados

Além desses casos mais comuns – adjuntos adverbiais deslocados, apostos e vocativos –, separe por **vírgulas** QUALQUER OUTRO elemento que apareça intercalado entre os elementos básicos do padrão frasal, **mesmo que você desconheça sua classificação sintática**:

> A menina, ACREDITEM, foi a culpada de tudo.
>
> Eles aceitariam, ACHO EU, esta nova proposta.
>
> A notícia, É VERDADE, deixou-nos estupefatos.
>
> Eu aceitei, OU MELHOR, tolerei sua presença.

Para que essas inserções fiquem bem assinaladas para nosso leitor, também podemos separá-las do corpo da frase usando **travessões** ou **parênteses**, sinais

que, embora sirvam para a mesma finalidade, apresentam sobre a vírgula algumas vantagens preciosas em duas situações bem concretas. A primeira é típica: ao acrescentarmos uma intercalação a uma frase que já contém outras vírgulas indispensáveis, é melhor recorrer aos travessões ou aos parênteses, evitando assim que o acúmulo de vírgulas torne a pontuação complexa demais para permitir uma leitura fluente. Compare a primeira versão abaixo com as outras duas:

> Concluída a pesquisa, verificou-se que os três estados da Região Sul, PARANÁ, SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL, apresentam o melhor índice de qualidade de vida.
>
> Concluída a pesquisa, verificou-se que os três estados da Região Sul – PARANÁ, SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL – apresentam o melhor índice de qualidade de vida.
>
> Concluída a pesquisa, verificou-se que os três estados da Região Sul (PARANÁ, SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL) apresentam o melhor índice de qualidade de vida.

Na primeira versão, as vírgulas da **enumeração** se confundem com as vírgulas do **aposto** e tornam a pontuação presente demais para o leitor, obrigando-o a um esforço adicional para decifrá-la. As outras duas, ao contrário, tornam a leitura muito mais fácil, deixando bem evidente a organização sintática da frase. Embora ambas sejam muito mais "confortáveis" para o leitor, a primeira escolha seria a versão que emprega o **travessão**, reservando-se o **parêntese** para as intercalações de dados numéricos ou indicações bibliográficas.

A segunda vantagem de utilizar o travessão ou o parêntese é a possibilidade de usar **pontuação expressiva** na intercalação; se optássemos pelas vírgulas duplas, seria impossível empregar um ponto de interrogação ou de exclamação:

> A rainha da Suécia – **quantos aqui sabem disso?** – viveu dez anos no Brasil.
>
> Um candidato que roubou – **e que admite isso com a maior naturalidade!** – não pode ser reeleito.

Vírgula depois de parênteses

Professor, escrevi um texto que começava da seguinte forma: “No Dia Mundial sem Tabaco (31 de março), nossa Escola vai realizar atividades...”. Um certo professor afirmou que está errada aquela vírgula após o parêntese, porque os parênteses SEMPRE substituem as vírgulas. Confesso que achei absurdo, mas não tinha argumento para responder. O que o senhor acha? Cometi mesmo um erro gravíssimo, como ele disse?

Érika R.M. – Rio de Janeiro

Prezada Érika, acho estranho que você leve a sério a opinião de uma pessoa que você mesma classifica, pouco elogiosamente, de “um certo professor”. Ele deve ter ouvido que podemos deixar uma expressão intercalada entre **vírgulas**, ou **travessões**, ou **parênteses** – o que é correto. Numa frase como “A diretoria, **eleita no mês passado**, assume amanhã”, “eleita no mês passado” pode vir também separado por travessões ou por parênteses. Neste caso, como é óbvio, ou aparece um, ou aparece outro sinal.

Na frase que você escreveu também podemos optar por qualquer um desses três sinais, mas o caso é um pouco mais complexo. Se retirarmos da frase a expressão parentética (“31 de março” – que é, aqui, um simples **aposto**), a vírgula continuará lá, o que nos traz a certeza de que ela está sendo empregada por suas próprias razões: “No Dia Mundial sem Tabaco, nossa Escola...”. Vamos agora acrescentar a expressão que tínhamos retirado e separá-la do corpo da frase ora com vírgulas, ora com travessões, ora com parênteses. Dou, abaixo, as três versões possíveis:

(1) No Dia Mundial sem Tabaco**, 31 de março,** nossa Escola...

(2) No Dia Mundial sem Tabaco – **31 de março –,** nossa Escola...

(3) No Dia Mundial sem Tabaco **(31 de março),** nossa Escola...

Note que, em (1), aquela vírgula depois de **março** é **dupla**, isto é, há uma vírgula em cima da outra (a da **intercalação** e a que assinala o **deslocamento do adjunto adverbial**). Em (2), aparece o famoso travessão seguido de vírgula, que alguns revisores infelizmente ainda não entenderam. Em (3), temos a frase da maneira como você escreveu – e que foi injustamente criticada pelo referido professor, o qual, espero, não leciona Língua Portuguesa.

Travessão seguido de vírgula

Prezado professor, gostaria de saber se está correta a pontuação da frase "No caso da Transpetro – subsidiária da Petrobrás para transporte em dutos –, foi registrado um aumento de 17,2%". É certo colocar aquela vírgula logo após o hífen? Eu nunca tinha visto isso antes.

José R.M. – Recife

Meu caro José: quando usarmos **travessões** (não são hifens, aqui) para pontuar expressões intercaladas, eles funcionam exatamente como os parênteses duplos. Olhe como seria a pontuação desta frase **antes** de receber o aposto "subsidiária da Petrobrás para transporte em dutos":

> No caso da Transpetro, foi registrado um aumento de 17,2%.

Quando acrescentarmos a expressão intercalada, ela vai trazer consigo sua própria pontuação (**parênteses** ou **travessões**), independentemente da pontuação da frase-mãe:

> No caso da Transpetro (subsidiária da Petrobrás para transporte em dutos), foi registrado um aumento de 17,2%.
>
> No caso da Transpetro – subsidiária da Petrobrás para transporte em dutos –, foi registrado um aumento de 17,2%.

É indispensável, portanto, que apareça aquela vírgula depois do parêntese ou do travessão de fechar, pois pertence à pontuação da frase original. A combinação [travessão+vírgula] só lhe parece estranha porque, como você mesmo afirma, ainda não tinha reparado nesta prática; aposto, no entanto, que vai encontrar muito mais casos, agora que falamos disso.

Interrogação dentro da intercalação

Olá, professor! O jornal de ontem trazia uma frase muito esquisita: "O prestígio mundial dos jogadores sul-americanos e a ganância dos empresários europeus já ameaçam o futuro da seleção Argentina e, por que não?, o próprio

futebol brasileiro". Está correta esta pergunta entre vírgulas? Minha professora disse que nunca tinha visto uma dessas antes.

Alcides B. – 13 anos – Piracicaba (SP)

Em primeiro lugar, meu caro Alcides, jamais podemos esquecer a grande diferença que existe entre as **regras de pontuação** e as **regras de acentuação**, por exemplo. Estas últimas são meras **convenções** – podem ser criadas, eliminadas ou alteradas à vontade pelos especialistas que estiverem no comando. Em 1943 a Academia concebeu um sistema de acentuação que já foi modificado duas vezes, uma em 1971 e outra agora há pouco, com o Novo Acordo. Nada impede que, no futuro, uma nova reforma ortográfica venha a eliminar totalmente os acentos de nosso idioma – decisão que, por sua vez, poderá ser revogada algumas décadas depois. Pode ser que o Português venha um dia a ser escrito como o Inglês, que não usa acentos, ou como o Francês, que coloca dois (e às vezes três) acentos numa mesma palavra. Mas, seja qual for o sistema adotado, sempre vai conter regras rígidas, sem flexibilidade alguma, que garantam uma grafia uniforme em todos os rincões do Brasil.

Essa padronização coercitiva é possível no emprego das letras e dos acentos, mas não no emprego das vírgulas. Em primeiro lugar, porque a pontuação é **pessoal** – não no sentido de que eu possa usar os sinais como me der na veneta, mas sim porque eu os emprego para dizer ao leitor como é que espero que ele leia meu texto, o que naturalmente vai gerar várias diferenças de estilo individual, todas toleráveis dentro do sistema. O que eu considero uma intercalação curta – e, portanto, deixo sem vírgulas – pode não o ser para meu vizinho; onde eu uso travessões duplos, ele pode preferir vírgulas duplas; onde eu uso ponto-e-vírgula, ele pode preferir empregar um simples ponto.

Além disso, as regras que exponho neste livro são de natureza muito diferente das regras ortográficas. Não foram elaboradas todas ao mesmo tempo, por uma comissão específica, numa data determinada, mas sim desenvolvidas, por tentativa e erro, pela soma das pessoas que escreveram e escrevem no Ocidente. São antes **conselhos** do que propriamente regras; como as leis de trânsito, obedecem a um bom senso determinado historicamente: devemos sinalizar quando vamos mudar de pista ou quando vamos parar, não devemos ultrapassar em curvas, etc., ou seja, princípios gerais indiscutíveis que aumentam a segurança de qualquer motorista do planeta.

Vimos, na página 96, que as expressões intercaladas podem ser pontuadas de várias maneiras. Ora, como normalmente evitamos que a vírgula entre em contato com o ponto (de qualquer tipo), uma intercalação interrogativa, como o exemplo que você enviou, ficaria muito melhor se viesse entre **travessões** ou **parênteses**:

O prestígio mundial dos jogadores sul-americanos e a ganância dos

> empresários europeus já ameaçam o futuro da seleção Argentina e – **por que não?** – o próprio futebol brasileiro.
>
> O prestígio mundial dos jogadores sul-americanos e a ganância dos empresários europeus já ameaçam o futuro da seleção Argentina e (**por que não?**) o próprio futebol brasileiro.

Assim fazendo, estaríamos aproveitando a maior vantagem que os travessões ou os parênteses apresentam sobre as vírgulas duplas, que é a possibilidade de usar expressões intercaladas com **pontuação expressiva** (exclamação ou interrogação). Não é que esteja errado se o fizermos com a vírgula, mas certamente vamos causar no leitor a mesma estranheza que você e sua professora experimentaram, o que não é desejável para nós, cidadãos comuns, nas inúmeras situações em que temos de nos comunicar por escrito.

É importante que você saiba, no entanto, que essas precauções nem sempre são observadas pelos textos literários, que exploram os recursos da língua escrita até o limite da inteligibilidade. Reproduzo abaixo um texto do genial Millôr Fernandes, que coloca uma exclamação e uma interrogação entre vírgulas. Millôr pode fazer isso, sem problemas, pois os leitores jamais vão se aproximar de um texto escrito por ele com o mesmo automatismo com que leem as notícias do dia – em suma, estão com os sentidos aguçados, prontos para perceber qualquer sutileza do famoso guru do Meier:

> "Vocês ainda se lembram daquela história, edificante!, do garoto holandês que botou o dedo na rachadura do dique pra salvar sua cidade, e toda a Holanda, por que não?, de ser inundada pelas águas?"

Olhe, admire e aprecie – mas não imite. Como você não é Millôr ou outro escritor famoso, as pessoas esperam que você se mantenha nos caminhos bem-trilhados da pontuação padrão. É com essa expectativa que lerão qualquer coisa que você escrever.

Curtas

Além disso

> Professor Moreno: no fôlder de lançamento de um novo carro, fiquei cismado com a seguinte construção: "Você gasta muito menos e pode contar, *além disso*, com a segurança de usar dois tipos de

> combustível". Gostaria de saber se "além disso" precisa mesmo daquelas duas vírgulas.
>
> Jaison – Goiânia

Meu caro Jaison, há uma série de elementos que precisamos acrescentar à frase para indicar que vamos continuar nosso argumento (**por outro lado**, **aliás**, **inclusive**, **deste modo**, **ora**, **aí**, **assim**), ou atenuar afirmações polêmicas (**ao que parece**, **salvo melhor juízo**), ou retificar alguma coisa dita antes (**isto é**, **ou melhor**, **quer dizer**, **na verdade**). **Além disso** é um desses organizadores textuais e, como tal, sempre virá separado do corpo da frase por vírgula.

Conjunção seguida de expressão intercalada

> Prezado mestre, sou síndica do prédio em que moro e tenho de redigir um breve relatório sobre a última reunião do condomínio. Este verdadeiro abacaxi está me dando dor de cabeça, pois não quero errar perante os meus vizinhos e estou com uma dúvida de pontuação. Na frase "Mas por não ter havido quórum, a votação foi transferida para a próxima reunião", aquela *vírgula* está correta? E *quórum* é assim mesmo, com acento?
>
> Esther D.J. – Birigui (SP)

Prezada Esther: o problema desta frase é a ausência da **primeira** vírgula da intercalação. A conjunção **mas** não pode ser tratada como se fosse parte da oração **por não ter havido quórum**, que se desloca livremente:

> (1) Mas a votação foi transferida POR NÃO TER HAVIDO QUÓRUM
>
> (2) Mas a votação, POR NÃO TER HAVIDO QUÓRUM, foi transferida.
>
> (3) Mas, POR NÃO TER HAVIDO QUÓRUM, a votação foi transferida

Como podemos ver claramente nas frases (1) e (2), "mas" e "por não ter havido quórum" **não** constituem uma unidade; na frase (3), portanto, é indispensável aquela vírgula antes de "por". Quanto ao **quórum**, esta é a forma modernizada do vocábulo latino *quorum*; é uma questão de escolha do falante. Ou usamos a forma tradicional, sem acento e grafada em itálico, ou usamos a forma mais atual, com acento – da mesma forma que *habeas* ou **hábeas**, *curriculum* ou **currículo**.

7 – Indicando a elipse do verbo

Em construções em que o verbo aparece repetido, é possível, se quisermos, mencioná-lo apenas **na primeira vez**, sem prejuízo da compreensão. Neste caso, assinalamos a elipse do verbo com uma vírgula:

(1) Eu TENHO dois irmãos; você TEM três; Carla TEM quatro.

Eu TENHO dois irmãos; você, três; Carla, quatro.

(2) Ele FALAVA inglês e francês. Ela FALAVA alemão.

Ele FALAVA inglês e francês. Ela, alemão.

(3) Eu PREFIRO a serra, e tu PREFERES o mar.

Eu PREFIRO a serra, e tu, o mar.

Friso que todas as frases acima estão corretas; usar ou não a elipse é uma escolha pessoal e, portanto, de estilo. Note que a frase (3) apresenta também a vírgula antes daquele **E** que liga orações com sujeitos diferentes.

Supressão do verbo ser

Caro Professor, estou com dúvida quanto à pontuação – mormente quanto ao emprego da ÚLTIMA vírgula – na seguinte frase: "São circunstâncias individualizadas e distintas; uma delas é legal, considerada agravante obrigatória, e a outra, judicial".

Maurício J. – Belo Horizonte

Meu caro Maurício, acho que aqui se aplica, como uma luva, o título daquela comédia de Shakespeare: "Muito barulho por nada". Que vantagem você pensa obter, nesta frase, com a supressão do “é”, monossílabo tão nanico e discreto? Embora a pontuação que você propõe esteja teoricamente correta, na prática ela não funciona muito bem (aliás, posso apostar que essa foi a causa de sua consulta). Se o objetivo é estilístico, então eu sugiro um pequeno retoque na pontuação, mas em outro lugar:

> São circunstâncias individualizadas e distintas; enquanto uma delas, considerada agravante obrigatória, é **legal**, a outra é **judicial**.
>
> São circunstâncias individualizadas e distintas. Uma delas, considerada agravante obrigatória, é **legal**; a outra é **judicial**.
>
> São circunstâncias individualizadas e distintas; uma delas, considerada agravante obrigatória, é **legal**. A outra é **judicial**.

Acredite: qualquer uma dessas versões seria superior à inicial.

Vírgula obrigatória?

Professor, é obrigatório indicar a supressão do verbo com uma vírgula? Às vezes eu tenho a impressão de que isso não seria necessário, mas não sei quando posso deixar de aplicar a regra.

Bia W.T. – Petrópolis (RJ)

Prezada Bia, em primeiro lugar é preciso deixar bem claro que só vamos suprimir o verbo da segunda oração se assim o desejarmos. Não há problema algum em repeti-lo; pelo contrário, em certas construções a presença do verbo em ambas as orações melhora o ritmo e reforça o paralelismo:

> Agamênon COMANDAVA os gregos, Heitor COMANDAVA os troianos.
>
> Eu FICO com as brancas, tu FICAS com as pretas.

Todavia, nas construções em que a repetição do verbo não parece trazer vantagem alguma, é costume mencioná-lo apenas na primeira oração, deixando-o **elíptico** na segunda. Neste caso, o sistema dominante de pontuação (no Inglês, no Francês, no Espanhol e no Português) recomenda assinalar esta supressão por uma vírgula. Note que eu disse “recomenda”, já que, como faço questão de

frisar em várias passagens deste livro, as regras de pontuação não têm (e nunca terão) o caráter obrigatório das regras de acentuação. Abaixo você verá três versões diferentes para cada exemplo; embora todas estejam corretas, asseguro-lhe que a maior parte dos leitores vai considerar (c) como a versão menos boa:

(a) No Natal, o menino sempre ganhava carrinho; sua irmã ganhava boneca.
(b) No Natal, o menino sempre ganhava carrinho; sua irmã, boneca.
(c) No Natal, o menino sempre ganhava carrinho; sua irmã boneca.

(a) Eu cuido da porta; tu cuidas da janela. (b) Eu cuido da porta; tu, da janela. (c) Eu cuido da porta; tu da janela.

(a) Desta vez o governo estava certo. A oposição estava errada.
(b) Desta vez o governo estava certo. A oposição, errada.

(c) Desta vez o governo estava certo. A oposição errada.

Curtas

Vírgula estranha

Prezado professor: num breve mas brilhante artigo de sua autoria a respeito das especificidades do sistema prosódico do Brasil, em relação ao sistema de Portugal, o senhor comenta: "A água que escoa no ralo da banheira, em Portugal, gira para a esquerda; a nossa, gira no sentido do relógio". Estimado e sempre consultado professor, a vírgula depois do pronome "nossa" foi utilizada para marcar a elipse do substantivo "água", ou o buraco é mais embaixo? Um abraço amigo.

Orlando N. – Fortaleza

Não, Orlando, não foi – e não se faça de sonso, que você percebeu muito bem que a vírgula está onde não deveria estar. Na primeira redação – "A água que escoa no ralo da banheira, em Portugal, gira para a esquerda; a nossa, no sentido do relógio" –, eu tinha suprimido o verbo "girar", e a vírgula indicava a **elipse do verbo**. Relendo o texto, achei que ficaria mais claro se repetisse o "gira" – e esqueci de apagar a vírgula. Foi apenas isso. Você, com razão, estranhou a pontuação e fez questão de me alertar, usando essa aproximação oblíqua e

dissimulada – mas gentil. Obrigado.

Falso caso de elipse

Caro professor, peço esclarecimento sobre o uso ou não da vírgula em destaque no período abaixo. A vírgula deve existir? A razão da vírgula seria pela elipse verbal?

> *"Na audiência, não houve acordo, mas foi deferida medida liminar que atribuiu 75% ao homem e, 25% à mulher da parcela de financiamento do imóvel."*

Henrique – Campo Grande (MS)

Meu caro Henrique, essa vírgula não tem cabimento. Só usamos vírgula para indicar a elipse verbal quando se tratar de **sujeitos diferentes**, com **verbo idêntico** ("Eu comprei um dicionário. Ela, uma gramática"). Se o sujeito for **um só**, não há elipse, mas um complemento composto: "Nós gostamos [de casa limpa] e [de mesa posta]"; "O vento derrubou [o telhado da escola] e [o campanário da igreja]. Na frase que você mandou temos um verbo transitivo **direto** e **indireto** ("atribuir") seguido de dois conjuntos [O. Direto + O. Indireto] coordenados por um E: "atribuiu [75% ao homem] E [25% à mulher]".

8 – Separando as adjetivas explicativas

Este é o caso mais complexo de toda a pontuação, pois envolve a sutil diferença entre a oração adjetiva EXPLICATIVA (separada **obrigatoriamente** por vírgulas) e a adjetiva RESTRITIVA, muito parecida, que NÃO leva vírgula. Ambas têm a mesma configuração e ocupam posição idêntica na frase, mas têm SIGNIFICADO diferente. Como o gelo aqui é mais fino, prefiro avançar com cautela.

Semelhanças entre elas – Estas orações receberam o nome de ADJETIVAS porque sempre vêm **à direita de um substantivo** (ou **pronome substantivo**), ocupando exatamente a posição preferida pelo **adjetivo** em nosso idioma. Este é um traço compartilhado por ambos os tipos:

Sublinhou em vermelho todos os **erros** QUE ENCONTROU.

As **pessoas** QUE ESTAVAM LÁ ficaram aterrorizadas.

> **Eu**, QUE TUDO VI, posso testemunhar em juízo.
>
> Ele pretende visitar a **cidade** ONDE NASCEU.
>
> O **pai** de Jorge, COM CUJA AJUDA CONTÁVAMOS, acabou desistindo.

Outra característica comum a ambas é o fato de iniciarem sempre por um PRONOME RELATIVO (**que**, **quem**, **qual**, **cujo**, **onde**). Isso é que explica por que ela era chamada, até os anos 50, de oração subordinada ADJETIVA RELATIVA, como veremos adiante em resposta a uma leitora.

Diferenças – Para que possamos enxergar com clareza a principal diferença entre as duas, é necessário lembrar que o substantivo é uma palavra que designa determinado CONJUNTO de seres (**pneu**, **peixe**, **sofá**, **suspiro**, **lágrima**). Quando houver uma oração adjetiva ligada a ele, você vai decidir se ela é RESTRITIVA ou EXPLICATIVA pelo **efeito que ela tem sobre esse conjunto**:

(1) Se ela se aplicar a apenas uma PARTE do conjunto, ela é RESTRITIVA – ou **determinativa**, **limitativa**, **especificativa**, "porque restringe, determina, limita ou especifica um nome vago, indeterminado ou inespecífico" (Luft). Uma solução bem singela, mas esclarecedora, seria denominá-la de oração adjetiva PARCIAL.

(2) Se ela se referir a TODOS os elementos do conjunto, ela é EXPLICATIVA.

Restritiva

Explicativa

> (1) As baleias QUE FORAM MORTAS tinham marcas de vários arpões. (as outras não)
>
> (2) As gaivotas QUE SEGUIAM NOSSO NAVIO tinham as penas manchadas de óleo. (as outras não)
>
> (3) As gaivotas, QUE VIVEM JUNTO AO MAR, são minhas companheiras matinais. (todas)
>
> (4) As baleias, QUE TÊM SANGUE QUENTE, precisam subir periodicamente à superfície para respirar. (todas)

Os exemplos acima se referem a dados objetivos, que podem ser facilmente verificados. Por isso, se escrevêssemos a frase (4) SEM vírgulas – "As baleias QUE TÊM SANGUE QUENTE precisam..."–, estaríamos confessando nossa ignorância biológica (haveria também baleias que NÃO têm sangue quente...). Há muitas situações, contudo, em que a relação entre a oração adjetiva e o substantivo a que está ligada não pode ser definida fora do contexto. Veja a diferença que existe em cada par:

> (5) As mulheres QUE DIRIGEM MUITO MAL precisam praticar mais.
>
> (6) As mulheres, QUE DIRIGEM MUITO MAL, precisam praticar mais.
>
> (7) Os políticos QUE SÃO CORRUPTOS deveriam perder seus mandatos.
>
> (8) Os políticos, QUE SÃO CORRUPTOS, deveriam perder seus mandatos.
>
> (9) Os jovens QUE FAZEM MUITO BARULHO não respeitam os outros.
>
> (10) Os jovens, QUE FAZEM MUITO BARULHO, não respeitam os outros.

Nas versões em que a adjetiva ficou **entre vírgulas**, são feitas afirmações de valor genérico (toda mulher dirige muito mal, todo político é corrupto, todo jovem é barulhento).

ALÉM DISSO:

(1) Se o conjunto for UNITÁRIO (o caso de um **substantivo próprio**, por exemplo), ou se o conjunto já tiver sido previamente delimitado ou especificado, é natural que a oração seja EXPLICATIVA:

> Este aqui é Antônio Carlos, QUE VAI NOS GUIAR ATÉ A MINA.
>
> Eu, QUE NÃO DESCONFIAVA DE NADA, aceitei as explicações.
>
> Encontramos um casal de índios adolescentes. A mocinha, QUE USAVA TANGA, falava muito bem o Português.

(2) Só as RESTRITIVAS podem ter o verbo no SUBJUNTIVO:

> Os candidatos QUE QUISEREM CONCORRER devem comparecer amanhã.
>
> Procurava um motor QUE NÃO FIZESSE BARULHO.
>
> Os jogadores QUE FICAREM NO BANCO também vão receber o prêmio.
>
> As ruas QUE ESTIVEREM MUITO SUJAS serão lavadas com detergente.

Por isso, a necessidade de distinguir se a oração é RESTRITIVA ou EXPLICATIVA só existe quando o verbo estiver no modo INDICATIVO. Quem

fala em público deve sempre ter cuidado com essa armadilha, pois aquilo que ele está dizendo com uma intenção pode ser transcrito de outra maneira na imprensa. Embora o ritmo e a cadência de quem fala sejam suficientes para evitar ambiguidades junto aos ouvintes, uma frase como "Os membros deste partido QUE SÃO CORRUPTOS não deveriam votar na escolha do representante" pode desencadear um verdadeiro desastre ao ser publicada no jornal do dia seguinte, onde ela poderia aparecer, por equívoco do repórter, colocada entre vírgulas. O orador tinha falado de ALGUNS, e sua frase transcrita agora parece se referir a TODOS. Para evitar mal-entendidos, bastaria substituir o indicativo "são" pelo subjuntivo "forem". Mudando a frase para "Os membros deste partido QUE FOREM CORRUPTOS não deveriam votar na escolha do representante", estamos nos assegurando de que todos os ouvintes (até mesmo os de má-fé) vão entender como RESTRITIVA esta oração.

O interessante é que o Inglês, idioma que se caracteriza por um quadro de conjugação verbal muito mais simples (e pobre) do que o nosso, teve de recorrer a **pronomes relativos diferentes** para poder fazer esta distinção; lá, o *that* é um pronome de emprego exclusivo nas **restritivas**, o que explica a instrução onipresente nos manuais daquele idioma de não usar vírgula antes do *that*.

(3) Só nas EXPLICATIVAS o QUE pode ser substituído pelo QUAL. Muitos professores, infelizmente, recorrem ao discutível expediente didático de inculcar em seus alunos a ideia de que os pronomes QUE e QUAL são livremente intercambiáveis; no entanto, a rigor, "na oração adjetiva restritiva o QUE nunca é substituível por O QUAL – a não ser em má técnica escolar de análise sintática, aliás bastante difundida" (Luft). Essa é a prática de todos os bons escritores – entre eles Bernardes, Vieira, Garrett, Alencar, Eça, Euclides e Machado. Apenas como amostra, vejamos alguns exemplos do incomparável Machado de Assis:

> Esteve algum tempo com o relógio na mão e os olhos na mulher, A QUAL tinha os seus olhos no livro. O silêncio era profundo. ("O relógio de ouro")
>
> O retrato foi passar às mãos de terceira pessoa, A QUAL afirma que fui eu que lho levei alta noite. ("Casa, não casa")
>
> (...) mas não deixava de ter certa correção nas linhas do rosto, O QUAL se cobria de um véu de serenidade que lhe ficava a matar. (*As bodas de Luís Duarte*)
>
> Não o encobria da amiga, que teve o cuidado de escrever ao primo, O QUAL respondeu com esta frase (...) ("O caso da viúva")
>
> E aí, como um escárnio, vi o olhar de Marcela, aquele olhar que pouco antes me dera uma sombra de desconfiança, O QUAL chispava de

> cima de um nariz (...) (*Memórias Póstumas de Brás Cubas*)

(4) Na FALA, os dois tipos de adjetivas são inconfundíveis! Enquanto as RESTRITIVAS são ditas SEM pausa e com entonação ascendente no fim, as EXPLICATIVAS são precedidas de pausa e têm entonação mais baixa no seu início.

Aposto e oração explicativa

Prezado mestre Moreno, no período "A Infraero, RESPONSÁVEL PELA ADMINISTRAÇÃO AEROPORTUÁRIA NO PAÍS, tenta atrair fábricas para áreas próximas aos aeroportos", a expressão entre vírgulas é um aposto explicativo ou uma oração adjetiva explicativa que foi reduzida por braquilogia, em que falta o verbo "ser" e o pronome relativo?

Marcos Antônio H.

Meu caro Marcos, no fundo você está perguntando se **seis** é diferente de **meia dúzia**. Toda oração adjetiva EXPLICATIVA é um APOSTO em forma oracional; a diferença é que o aposto, um simples sintagma nominal, não tem a estrutura de oração (sujeito+verbo), nem é introduzido pelo pronome relativo. A comissão que elaborou a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) não se deu conta disso, mas estas orações é que mereceriam a denominação de APOSITIVAS.

Esqueça essa "braquilogia", que é conceito da História da Língua. Aqui simplesmente temos dois elementos diferentes na **superfície**, mas idênticos na **estrutura profunda** – e não é por acaso que ambos devem vir separados por pontuação de intercalação. Os chamados **apostos**, portanto, não passam de orações **adjetivas explicativas** que sofreram esta redução:

> Gonçalves Dias, **que escreveu** *I-Juca-Pirama*, morreu num naufrágio. (adjetiva explicativa)
>
> Gonçalves Dias, **autor de** *I-Juca-Pirama*, morreu num naufrágio. (aposto)

A propósito disso, Celso Pedro Luft fazia uma observação interessantíssima: depois que a adjetiva explicativa é abreviada (pela supressão da sequência

pronome relativo+verbo de ligação), ela pode ser ANTEPOSTA ao substantivo a que se refere:

> Roberto, QUE ESTEVE PRESENTE À CENA, protestou.
>
> Roberto, PRESENTE À CENA, protestou.
>
> PRESENTE À CENA, Roberto protestou.
>
> A Infraero, RESPONSÁVEL PELA ADMINISTRAÇÃO AEROPORTUÁRIA NO PAÍS, tenta atrair fábricas para áreas próximas aos aeroportos.
>
> RESPONSÁVEL PELA ADMINISTRAÇÃO AEROPORTUÁRIA NO PAÍS, a Infraero tenta atrair fábricas para áreas próximas aos aeroportos.

Certamente um especialista em sintaxe terá muito mais a acrescentar sobre esta estrutura, mas nada do que ele possa nos dizer vai mudar a forma de pontuá-la. De qualquer forma, sua pergunta revela que você tem uma boa intuição linguística, pois se deu conta de uma semelhança que geralmente passa despercebida – até mesmo por pessoas que se intitulam professores de Português.

Aposto restritivo

Numa aula do Curso de Jornalismo, na semana passada, surgiu a dúvida sobre o modo correto de pontuar casos em que um cargo é comum a várias pessoas e casos em que há apenas um indivíduo para um cargo: "A deputada do PT LUCIANA GENRO disse que não comparecerá ao plenário para a votação da reforma da Previdência". Para mim, é assim que está correto, mas alguns colegas insistem em deixar o nome da deputada entre vírgulas.

Cláudia V. – jornalista

Prezada Cláudia, vocês esbarraram no aposto RESTRITIVO, o qual, além de ser pouco conhecido, ostenta o escandaloso hábito de nunca vir separado por vírgula. Ora, diriam os meus professores da infância, onde já se viu um aposto sem vírgula? Se eles pudessem retornar a este mundo, eu lhes mostraria, com prazer e gratidão, alguns exemplos que, tenho certeza, os deixaria convencidos:

> O ministro da Justiça, TARSO GENRO, veio especialmente para a

> cerimônia.
>
> O ministro TARSO GENRO veio especialmente para a cerimônia.

Agora, um pouquinho de análise sintática básica. Na primeira frase, o **sujeito** recebe um **aposto** ("Tarso Genro") que se refere à totalidade do conjunto "ministro da Justiça". Já vimos que esses apostos não passam de orações adjetivas EXPLICATIVAS que foram reduzidas por uma transformação corriqueira. A pontuação, para ambos, é idêntica.

Na segunda frase, no entanto, a relação semântica foi alterada: ao se retirar a expressão especificadora "da Justiça", o substantivo **ministro** passou a designar um conjunto de **vários** elementos (alguém sabe ao certo quantos são?), que agora recebe um aposto ESPECIFICATIVO, que produz o mesmo efeito de uma oração adjetiva RESTRITIVA.

Esta relação seria diferente (e, da mesma forma, a pontuação) se já tivesse havido, no contexto, referências que especificassem e individualizassem um ministro dentre todos os outros. Nesse caso, o aposto, agora ligado a um conjunto unitário, passaria naturalmente a ser EXPLICATIVO:

> A posse do diretor foi prestigiada por dois governadores e um ministro de Estado. O ministro, TARSO GENRO, veio especialmente para a cerimônia.

Ensinando as adjetivas

Professor, sou formado em Letras e estou ministrando um curso de revisão gramatical para os funcionários de uma grande indústria. Como explicar para um engenheiro mecânico que algumas orações subordinadas adjetivas não são separadas por vírgulas? Vou ter de explicar sintaxe para eles? Professor, caso tenha algum atalho, algum esquema infalível, me ajude, por favor. Quero que eles se lembrem para sempre das minhas aulas.

Daniel A. – Marília (SP)

Meu caro Daniel: se houvesse uma maneira rápida e urgente de ensinar a pontuação das adjetivas, eu já a teria publicado há muito. NÃO EXISTE esse esquema mágico, só conhecido por mim, e que eu estaria poupando para divulgar numa ocasião oportuna, tipo o quarto segredo de Fátima. Aqui só funciona uma explicação cuidadosa do que são as orações adjetivas em geral

(ligadas sempre a um **substantivo**, ocupam o lugar do **adjetivo**) e a distinção entre as RESTRITIVAS e as EXPLICATIVAS (que, como você deve ter aprendido no curso de Letras, depende exclusivamente de Lógica Formal, não de diferençazinhas gramaticais). Como você tem formação superior, entende perfeitamente algo que o leigo não consegue conceber: há assuntos que são difíceis só porque até agora foram mal abordados; uma explicação engenhosa pode torná-los milagrosamente fáceis. Outros, no entanto, são difíceis pela própria natureza, e não por falha das explicações tradicionais. Este é um deles.

A explicação deve começar obrigatoriamente pela sintaxe. Não há como estudar pontuação sem primeiro repassar toda a estrutura da frase do Português. **Pontuação é sintaxe pura**; quem não entendeu isso, não vai entender jamais o emprego dos sinais.

O caso específico das orações adjetivas é pior ainda, porque saímos da sintaxe para entrar no pouco trilhado caminho da SEMÂNTICA, já que estas são as únicas vírgulas que alteram, por sua presença ou por sua ausência, o sentido da frase. Portanto, se aceita uma sugestão, trate de explicar direitinho as orações adjetivas do ponto de vista sintático, para depois então entrar na diferença entre as que se referem à totalidade do conjunto expresso pelo substantivo a que se ligam (as EXPLICATIVAS) e as que se referem apenas a uma parte dele (as RESTRITIVAS). Pode ser que assim suas aulas se tornem inesquecíveis, como você deseja.

Orações adjetivas no subjuntivo

O senhor poderia analisar estes períodos quanto à pontuação das orações introduzidas pelo pronome relativo QUE? No segundo período, segundo o que entendi, temos uma adjetiva RESTRITIVA e, por isso, ficou sem vírgulas. Estou certo?

1 – ...os consumidores, QUE EXERÇAM atividades de fabricação de equipamentos... 2 – ...os consumidores QUE EXERÇAM atividades de petroquímica e outros químicos...

Roberto B. – Brasília

Meu caro Roberto: estas duas orações subordinadas adjetivas devem ficar **sem vírgulas**, porque ambas são adjetivas RESTRITIVAS. A distinção entre uma **restritiva** e uma **explicativa** é o problema mais sutil da pontuação do Português

e de todas as línguas ocidentais modernas; trata-se, no fundo, de um problema de Lógica. Todavia, por uma dessas coincidências, os dois períodos numerados da resolução são exemplos idênticos de um dos casos mais simples de identificar: quando o verbo da oração adjetiva estiver no SUBJUNTIVO, ela será necessariamente **restritiva** (e, portanto, **sem** as vírgulas).

Na verdade, só podemos ter dúvida quanto à classificação das adjetivas quando o verbo estiver em algum tempo do modo INDICATIVO. Por exemplo: na frase "os soldados QUE NECESSITAM DE ATENDIMENTO MÉDICO devem...", há duas formas diferentes de entender e pontuar a oração sublinhada: ou deixamos **sem** vírgulas, por considerá-la RESTRITIVA (estamos falando apenas de **uma parte** dos soldados); ou a colocamos entre vírgulas – "os soldados, QUE NECESSITAM DE ATENDIMENTO MÉDICO, devem..." –, sinalizando-a como EXPLICATIVA (estamos falando de **todos** os soldados).

No entanto, se o verbo estivesse no SUBJUNTIVO, só haveria **uma** maneira correta de pontuar (e de entender) o período: "os soldados QUE NECESSITAREM de atendimento médico devem...": ela seria indiscutivelmente **restritiva**. Nos exemplos que você enviou, a CGCE refere-se, todo o tempo, aos "consumidores que **exerçam**", afirmando, implicitamente, que há consumidores que "não exercem". Essa é a típica atuação das adjetivas RESTRITIVAS; nenhum desses períodos pode receber vírgula antes do "que".

Aposto circunstancial

Professor, solicito o obséquio de informar-me se há vírgula na frase "As alunas NERVOSAS não saíram bem na prova". Caso haja, o que justifica a colocação uma vírgula na oração como esta? Seria "nervosas" um adjetivo com função de advérbio?

Raimundo Nonato F.

Meu caro Raimundo, depende do que está sendo dito. Compare as duas versões abaixo (ambas estão corretas, mas dizem coisas diferentes):

> As alunas NERVOSAS não foram bem na prova.
>
> As alunas, NERVOSAS, não foram bem na prova.

Deixar "nervosas" entre vírgulas indica que TODAS as alunas estavam nervosas

e, por isso, não tiveram um bom resultado na prova. Por outro lado, se não usarmos pontuação alguma, o significado da frase é diferente: dentre as alunas, as que estavam nervosas não tiveram bom resultado. Em qualquer das duas versões, este "nervosas" é um ADJETIVO, flexionado no plural feminino para concordar com "alunas" – o que descarta totalmente a possibilidade de ser um ADVÉRBIO, palavra invariável por excelência.

A nuança adverbial que você captou, entretanto, está realmente presente – neste caso, a circunstância de CAUSA: "As alunas, **nervosas**, não fizeram boa prova" pode ser lida como "As alunas não fizeram boa prova porque estavam nervosas". Não raro, as adjetivas EXPLICATIVAS (estamos na sintaxe) podem expressar circunstâncias adverbiais (estamos na semântica); os antigos, exatamente por isso, falavam aqui de **aposto circunstancial**.

Elementos não restritivos

Professor, preciso solucionar uma dúvida atroz antes de enviar a mala-direta de nosso hospital. Na frase "A troca será feita na segunda-feira, quando os residentes voltarem às atividades", aquela vírgula está correta? Eu sinto que fica bem, mas aprendi que a oração adverbial só recebe vírgula quando estiver fora de seu lugar habitual. O que o senhor nos diz?

Maurílio V. – Salvador

Meu caro Maurílio, eu concordo em gênero, número e caso com aquela vírgula. Você não vai encontrar sua justificativa, porém, na regra dos adjuntos e orações adverbiais deslocadas, pois, como você mesmo aponta, ela está no final da frase, exatamente onde deveria estar. Se eu tivesse de enquadrá-la em uma das regras conhecidas, certamente escolheria a das orações adjetivas EXPLICATIVAS – embora, repito, trate-se de uma oração adverbial.

Ocorre que o conhecido contraste entre RESTRITIVAS e EXPLICATIVAS parece estar presente em outros cenários além das orações adjetivas; Celso Pedro Luft, a quem dedico a série de que faz parte este volume, estava convencido de que tal oposição faz parte de "um processo mais geral de marcar a maior ou menor importância frasal das estruturas secundárias ou anexas". Veja os exemplos abaixo: na segunda frase de cada par, o acréscimo de uma informação mais específica na oração principal faz com que a oração em destaque deixe de ser essencial:

> O telegrama chegou depois que você tinha saído da reunião.
>
> O telegrama chegou às 16h, DEPOIS QUE VOCÊ TINHA SAÍDO DA REUNIÃO.
>
> O resultado dos testes foi como você predisse que seria.
>
> O resultado dos testes foi negativo, COMO VOCÊ PREDISSE QUE SERIA.
>
> Você vai receber o laudo assim que chegarem os resultados.
>
> Você vai receber o laudo amanhã, ASSIM QUE CHEGAREM OS RESULTADOS.

Como você já terá percebido, esse é exatamente o caso da frase de sua mala-direta. Você poderá escolher, portanto, entre uma das duas versões abaixo:

> A troca será feita QUANDO OS RESIDENTES VOLTAREM ÀS ATIVIDADES.
>
> A troca será feita na segunda-feira, QUANDO OS RESIDENTES VOLTAREM ÀS ATIVIDADES.

Curtas

Adjetiva explicativa reduzida

> Professor, tenho de enviar um convite com os seguintes dizeres: “Convidamos Vossa Excelência para participar do lançamento da *Revista Ilustrada*, a realizar-se em 29 de setembro, às 18 horas, no Mercado Público”. Pergunto: aquela vírgula após a palavra “Ilustrada” é necessária?
>
> Paula T. – Porto Alegre

Sim, Paula, você deve colocar uma vírgula ali porque A REALIZAR-SE EM 29 DE SETEMBRO é uma oração adjetiva EXPLICATIVA, **reduzida** de infinitivo. Na forma **desenvolvida** ficaria “Convidamos Vossa Excelência para participar do lançamento da **Revista Ilustrada**, QUE SERÁ REALIZADO EM 29 DE SETEMBRO” – pontuada da mesma maneira.

Classificação das orações

> Prof. Moreno, na frase “Esse é o livro QUE QUERO COMPRAR”, classifiquei a oração em destaque como *subordinada adjetiva,* mas meu professor disse que a resposta estava incompleta.

Felipe S. – João Pessoa

Prezado Felipe: a oração “que quero comprar” realmente é uma subordinada adjetiva, ligada ao substantivo **livro**. Faltou, no entanto, defini-la como RESTRITIVA; ela não é, portanto, EXPLICATIVA, que deveria obrigatoriamente ser separada do antecedente por uma vírgula. Certamente foi a isso que o professor se referiu.

Adjetiva com pronome pessoal

> Por favor, professor, qual a forma correta? “Você QUE ESTÁ EM NATAL precisa conferir a beleza dessa praia” ou “Você, QUE ESTÁ EM NATAL, precisa...”. É restritiva ou explicativa?

Maria Odete B. – São Paulo

Maria Odete, eu pontuaria da segunda maneira, pois ela é uma **adjetiva explicativa**. Não esqueça que uma adjetiva RESTRITIVA sempre divide um conjunto em dois subconjuntos; em “Os peixes **que comem grãos** têm a carne delicada”, a oração adjetiva está dividindo o conjunto geral dos **peixes** em duas partes, os que comem grãos e os que não comem. A adjetiva EXPLICATIVA, por sua vez, sempre se refere ao **conjunto todo**; em “Os tubarões, **que são carnívoros**, não têm predadores naturais”, a oração adjetiva exprime uma verdade que se aplica a todos os indivíduos do conjunto dos tubarões.

Exatamente por causa disso, toda oração adjetiva que estiver ligada a um conjunto que está bem definido e limitado (e que, por isso mesmo, não pode ser dividido em dois subconjuntos) vai ser EXPLICATIVA. Isso ocorre com os

pronomes pessoais – “**Eu**, que estou em Porto Alegre, deveria...”; “**Tu**, que moras em São Paulo, não foste à Bienal”; “**Vocês**, que estão na Inglaterra, não podem avaliar”, etc. Não importa que em determinadas situações eu possa me dirigir a vários “vocês” diferentes – “**Você**, que mora em Brasília, tem mais oportunidades que **você**, que mora em Tiririca da Serra” –, porque presume-se que eu esteja falando primeiro com um interlocutor e depois com o outro, tornando-os, desta forma, conjuntos unitários.

Restritivas x explicativas: diferença de significado

> Há alguns dias participei de um concurso público em que perguntavam que modificação de sentido ocorreria se fosse suprimida a vírgula do período “Umberto Eco homenageia os cientistas, que combatem o obscurantismo científico”. O senhor poderia explicar?
>
> Flávia R.

Prezada Flávia, que bela pergunta! Parece que ainda se encontram bancas de concurso que conseguem fazer uma prova acima da mediocridade que impera no ramo! Além de mencionar Umberto Eco – o que, por si só, já é elogiável –, a questão exige que o candidato saiba avaliar a importante diferença que existe entre uma RESTRITIVA e uma EXPLICATIVA. Assim como está, com vírgulas, a oração é EXPLICATIVA, ou seja, refere-se aos cientistas em geral, significando que Umberto Eco homenageou todos os cientistas e que estes, como classe, sempre combatem o obscurantismo. Já sem as vírgulas a frase passaria a dizer que Umberto Eco só homenageou os cientistas que combatem o obscurantismo, implicando, com isso, que há cientistas que não o fazem.

Aposto restritivo

> Professor, na frase “O escultor italiano Brecheret participou do Modernismo brasileiro” devo colocar o nome do autor entre vírgulas? Trata-se de um aposto explicativo?

Mercedes G. – Guarulhos (SP)

Aqui vale o mesmo princípio das orações adjetivas: quando vêm sem vírgulas, são RESTRITIVAS, isto é, referem-se apenas a **uma parte** do conjunto; quando vêm com vírgulas, são EXPLICATIVAS, o que significa que se aplicam a **todos** os elementos do conjunto representado pelo substantivo. Se você pusesse o nome de Brecheret entre vírgulas, minha amiga, estaria afirmando, implicitamente, que você acha que a Itália até hoje só produziu um único escultor, que se chamava Brecheret e participou de nosso Modernismo. É por isso que você deve deixar a frase sem vírgulas, porque existem dezenas de escultores italianos. Temos aqui um aposto restritivo, e **Brecheret** é devidamente apresentado como um dos vários escultores que a Itália produziu (ao lado do "escultor italiano Giacometti", do "escultor italiano Manzù", etc.).

Subjuntivo nas restritivas

> Professor, li um artigo seu em que dizia que toda oração com verbo no *subjuntivo* é RESTRITIVA. Seria o caso da frase abaixo? "Se viver em área espaçosa *em que possa correr e brincar por conta própria*, este cão não precisa necessariamente de atividade complementar."

Heitor C. – São Paulo

Sim, Heitor, será **restritiva** toda oração adjetiva que vier com o verbo no modo SUBJUNTIVO (o que não impede, é claro, que haja outros tipos de orações substantivas e adverbiais que também admitem esse modo verbal). A eterna dúvida entre **restritivas** e **explicativas** só poderá aparecer quando a oração adjetiva trouxer o verbo no INDICATIVO. Na frase "Os alunos QUE FIZEREM EXAME MÉDICO", a oração adjetiva obrigatoriamente divide o conjunto dos alunos em dois subconjuntos – os que fizerem o exame e os outros.

Explicativa após pronome pessoal

> Caro Professor: na frase "não faça como eu QUE NÃO APRENDI", há uma oração subordinada adjetiva *restritiva* ou *explicativa*? Em suma: há ou não *vírgula* nesta frase? Se houver, está errado o comercial de uma escola de idiomas que está sendo veiculada na mídia atualmente, onde um atleta diz, de boca cheia, "não faça como eu que não aprendeu!". Embora a rima seja bonitinha, ela foge completamente da regra, não é?
>
> Rosi G. – São Paulo

Você tem razão, Rosi; a forma correta seria "Não faça como eu, que não aprendi". Deve ser separada com vírgula, pois é uma oração adjetiva EXPLICATIVA (ela se refere ao conjunto unitário "eu"). Além disso, a frase tem um erro feroz de concordância: o pronome **que** representa o **eu** da oração anterior, o que obriga o verbo **aprender** a ficar na 1ª pessoa: não faça como EU, que não APRENDI; não faça como ELE, que não APRENDEU; não faça como NÓS, que não APRENDEMOS. Considerando que se trata de campanha publicitária de uma escola...

II. O ponto-e-vírgula

Você costuma empregar o ponto-e-vírgula, caro leitor? A maior parte dos brasileiros (e americanos, e franceses, e espanhóis, e ...) responderia que NÃO, especialmente porque não enxergam nele nenhuma vantagem sobre os outros sinais, nenhuma característica especial que justifique o trabalho de usá-lo.

Como quase tudo o que se refere à pontuação depende de nossas preferências pessoais (em outras palavras, de nosso **estilo**), não podemos condenar quem atirou o ponto-e-vírgula para um canto, junto com outros trastes supostamente sem a mínima serventia – mas, pela mesma atitude democrática, também não se pode criticar aqueles que sabem apreciar o seu valor e explorar os seus recursos.

O ponto-e-vírgula passou por uma verdadeira crise de identidade no tempo em que a pontuação era vista apenas como uma forma de assinalar pausas. Na divisão das competências, restava-lhe uma função indefinida e subalterna, algo como "marcar uma pausa de duração pouco definida, no meio do caminho entre a vírgula e o ponto". Com um valor tão impreciso assim, não espanta que seu emprego tenha se tornado cada vez mais raro.

Na teoria atual da pontuação, contudo, o ponto-e-vírgula – assim como aconteceu com a vírgula – passou a ter grande utilidade para orientar a leitura de estruturas

sintáticas mais extensas. Sem mencionar seu emprego habitual para encerrar **alíneas**, ele nos pode ser útil em três situações bem definidas.

1 – Organizando enumerações complexas

Este sinal é praticamente indispensável quando precisamos pontuar uma enumeração cujos elementos já contenham vírgulas (geralmente apostos). Se usarmos apenas vírgulas para separar esses itens – como fazemos com as enumerações simples –, a pontuação ficará tão confusa que deixaria de orientar o leitor, perdendo assim sua única razão de existir. Compare os dois exemplos abaixo:

> No mesmo vagão vinham Antero, meu tio; Artur, meu primo; Aninha e Adinha, minhas primas; Adalgisa, minha tia e mãe de Artur; e Arlindo, seu marido.
>
> No mesmo vagão vinham Antero, meu tio, Artur, meu primo, Aninha e Adinha, minhas primas, Adalgisa, minha tia e mãe de Artur, e Arlindo, seu marido.

Enquanto na primeira versão a presença do ponto-e-vírgula deixa claro o limite entre um item e outro, a leitura da segunda versão fica praticamente impossível. Com ele, o primeiro texto permite que todos os leitores recebam a mesmíssima informação; sem ele, o segundo se abre a uma dúzia de interpretações. Veja outro exemplo:

> O rei, isolado e autoritário, vinha na frente; o clero e a nobreza, na direita; os indecisos, alguns burgueses e alguns mercadores, no centro; os camponeses, trabalhadores e pobres, na esquerda.

Dizia um gramático com veia cômica que este tipo de ponto-e-vírgula, no fundo, não passa de uma vírgula que recebeu uma promoção inesperada – ou seja, é um ponto-e-vírgula que seria apenas uma vírgula se os elementos da enumeração não contivessem suas próprias vírgulas internas.

2 – Separando orações coordenadas assindéticas

Formamos um período composto por coordenação quando ligamos duas orações por meio de uma **conjunção coordenativa**. A primeira oração é conhecida como COORDENADA INICIAL; a segunda é classificada de acordo com sua relação com a primeira. Se ela exprimir um conteúdo que se opõe ao da inicial, ela será ADVERSATIVA; se ela contiver a conclusão do que foi enunciado na inicial, será CONCLUSIVA – e assim por diante. Muitas vezes, porém, podemos

suprimir a conjunção da segunda oração, que passa a ser classificada simplesmente de ASSINDÉTICA (nome de origem grega que significa, literalmente, “sem conjunção”). As duas orações continuam coordenadas por justaposição, separadas apenas pela pontuação:

> (1) Vamos chamar a segunda colocada, pois a primeira não entregou a documentação.
>
> (2) *Vamos chamar a segunda colocada, a primeira não entregou a documentação.
>
> (3) Vamos chamar a segunda colocada. A primeira não entregou a documentação.
>
> (4) Vamos chamar a segunda colocada; a primeira não entregou a documentação.

Das três versões **assindéticas** (sem o “pois”), a no 2, apenas com vírgula, só é aceitável na língua escrita culta quando se reproduz, nos diálogos literários, a fala dos personagens. Embora as outras duas estejam corretas – com ponto ou com ponto-e-vírgula –, você não deve esquecer, ao optar entre elas, que a no 4 é mais vantajosa em termos de **coesão**, pois obriga todos os leitores, mesmo os desatentos, a perceber o vínculo semântico que as duas orações mantêm entre si – ou seja, a perceber que o pensamento iniciado na maiúscula prolongou-se até o momento em que você o declarou encerrado com o ponto final. O ponto-e-vírgula, nestes casos, cria uma expectativa pela parte da frase que ainda falta ler.

3 – Separando orações introduzidas por conjunções pospositivas

Esta regra abrange todas as conjunções ADVERSATIVAS (exceto **mas**) – **porém**, **todavia**, **contudo**, **entretanto**, **no entanto**, **não obstante** – e todas as conjunções CONCLUSIVAS, sem exceção – **logo**, **portanto**, **pois**, **por conseguinte**, **consequentemente**. Todas elas se comportam como se fossem verdadeiros ADVÉRBIOS, pois, ao contrário das demais conjunções, **elas podem se deslocar ao longo da oração em que se encontram**. É dessa curiosa propriedade que vem o nome de POSPOSITIVAS, isto é, as “que podem ser pospostas” (e é daí, também, que vem o costume da gramática do Inglês de classificá-las entre os ADVÉRBIOS, não entre as CONJUNÇÕES). Quando você tiver duas orações ligadas por um desses conectores, poderá encerrar a coordenada inicial usando um **ponto** ou um **ponto-e-vírgula**:

> Ele nadava muito bem; CONTUDO, não conseguiu vencer a correnteza.
>
> O voo sai às nove. PORTANTO, espero vocês às oito em ponto.

As conjunções pospositivas, honrando seu nome, podem deslocar-se para o interior da segunda oração:

> Ele nadava muito bem; não conseguiu, CONTUDO, vencer a correnteza.
>
> Ele nadava muito bem; não conseguiu vencer a correnteza, CONTUDO.
>
> O voo sai às nove; espero vocês, PORTANTO, às oito em ponto.
>
> O voo sai às nove; espero vocês às oito em ponto, PORTANTO.

Existem alguns pontos que devem ser destacados:
(1) Note que o ponto-e-vírgula não sai de sua posição; ele está ali para assinalar o fim da primeira parte do período.
(2) No seu lugar, seria também correta a utilização de um simples **ponto**, mas haveria, é claro, a perda do efeito coesivo que vimos acima.
(3) A conjunção, uma vez deslocada, passa a ser tratada como uma intercalação comum, ficando obrigatoriamente separada por vírgulas.
Quando o **porém** e seus sinônimos se encontram **no início** da segunda oração, há autores que recomendam a mesma pontuação que utilizamos com o **mas** (enquanto a conjunção **mas** sempre vai ficar no início da oração que introduz, seus sinônimos – que são, na verdade, **advérbios** – podem deslocar-se livremente):

> Ele está atrasado, PORÉM vai fazer a prova.

Embora não possamos condenar esta prática (já que, como vimos, as “regras” de pontuação têm quase a natureza de “recomendações”), achamos mais coerente usar a mesma pontuação para todos os casos, independentemente da posição em que se encontra a conjunção:

> Ele chegou atrasado; PORÉM, vai fazer a prova.
>
> Ele chegou atrasado; vai, PORÉM, fazer a prova.
>
> Ele chegou atrasado; vai fazer a prova, PORÉM.

Os dois tipos de POIS

Professor, tenho dificuldade em saber quando deixo o POIS entre vírgulas ou simplesmente ponho uma vírgula antes. Já vi dos dois jeitos, mas não sei se podemos escolher livremente entre eles. É um caso facultativo?

Ariane J. – Bragança Paulista (SP)

Não, prezada Ariane, não se trata de um caso facultativo. Se você conhece algum par de gêmeos idênticos, vai compreender facilmente o que está ocorrendo: existem **dois tipos** de pois, com pontuações diferentes. O primeiro **pois** é EXPLICATIVO, sinônimo de **porque**; o segundo é CONCLUSIVO, sinônimo de **portanto**:

POIS**1** = **porque** (explicativo):

Ela deve estar doente, POIS não vem à aula há duas semanas.

POIS**2** = **portanto** (conclusivo):

O rádio anuncia chuva; devemos, POIS, deixar toda a casa fechada.

A diferença entre eles fica marcada exatamente pela **posição** que ocupam na frase. O território da **segunda** oração é dividido em duas seções estanques; onde um pisa, o outro não põe o pé:

POIS1
POIS2

O primeiro POIS tem lugar fixo: sempre virá no **início** da segunda oração, antecedido de vírgula. O segundo, para distinguir-se dele, sempre será **pospositivo**, isto é, sempre virá deslocado, podendo ocupar qualquer lugar na segunda oração, **exceto o início**:

O rádio anuncia chuva; devemos deixar, POIS, toda a casa fechada.

O rádio anuncia chuva; devemos deixar toda a casa fechada, POIS.

Pontuação das adversativas

É correto empregar ponto final em vez de vírgula antes da conjunção coordenativa? Para facilitar o entendimento, vou usar um período de um de seus artigos: “A etimologia – sozinha – tem suas limitações: ela não explica a origem de todas as palavras. No entanto, sempre pode trazer novas ideias e agitar o pensamento”.

Cláudio L.S. – Tapes (RS)

Meu caro xará, posso deduzir, pela pergunta, que você deve ter aprendido, em algum lugar, que **sempre** se deve empregar **vírgula** antes das **coordenadas sindéticas**. Sinto dizer-lhe que não é assim que funciona a pontuação, especialmente no caso das ADVERSATIVAS. Neste grupo, vamos separar com **vírgula** as orações introduzidas por **mas**, e com **ponto** ou **ponto-e-vírgula** as introduzidas por seus sinônimos (**porém**, **todavia**, **contudo**, **no entanto**, **entretanto**, etc.). Observe as três versões da mesma frase, **todas corretas**:

> Ele está cansado, MAS vai entregar o trabalho na data marcada.
>
> Ele está cansado; CONTUDO, vai entregar o trabalho na data marcada.
>
> Ele está cansado. CONTUDO, vai entregar o trabalho na data marcada.

Essa diferença de pontuação entre o **mas** e seus sinônimos é clássica e se deve ao caráter claramente **adverbial** destes últimos. A nossa nomenclatura é que os chama, equivocadamente, de **conjunções**, sem levar em conta o fato fundamental de que todos eles são **pospositivos** (isto é, deslocáveis para a direita, na oração a que pertencem), característica inadmissível nas verdadeiras conjunções:

> Ele está cansado; vai entregar, CONTUDO, o trabalho na data marcada.
>
> Ele está cansado; vai entregar o trabalho na data marcada, CONTUDO.

É por isso que a gramática do Inglês, mais acertadamente, chama o *but* (o nosso “mas”) de **conjunção**, mas classifica todos os demais (*however, nevertheless*, etc.) de *conjunctional* (ou *conjunctive*) *adverbs* (algo como “advérbios conjuncionais”; o Francês, que, como nós, também é filho do Latim, denomina-os de *adverbes conjonctifs)*. Esses advérbios conjuncionais são advérbios na forma, mas podem funcionar semanticamente como conjunções, servindo também para ligar duas orações. O professor Kip Wheeler, do Carson-Newman

College, tem uma maneira jocosa de explicar o problema (a tradução é minha):

> "Às vezes os advérbios conjuncionais pensam que são conjunções completas e tentam ligar duas orações independentes. Triste pretensão! Eles NÃO são conjunções e NÃO podem fazer esta tarefa sozinhos. Como sempre, nestes casos, protegem-se atrás de um **ponto-e-vírgula**, e é este sinal que vai realmente juntar as duas orações. Estes advérbios conjuncionais sempre deverão ser seguidos de uma vírgula:
>
> O assaltante esquivou-se da bala; CONTUDO, Joey foi atingido várias vezes.
>
> Susan gostou muito das flores; TODAVIA, um carro novo teria sido um presente melhor.
>
> Dr. Wheeler é um tirano gramatical; POR CONSEGUINTE, não admite erros de pontuação.
>
> Os advérbios conjuncionais pensam que são conjunções; ENTRETANTO, é o ponto-e-vírgula que faz o trabalho de unir as orações.
>
> Nessas frases, quem usar uma vírgula em vez do ponto-e-vírgula terá cometido um erro de pontuação conhecido como **frases siamesas** ou **frases xifópagas** ["*comma splice*", em Inglês]. Construções como estas exigem que o advérbio conjuncional seja precedido de um ponto-e-vírgula."
>
> (http://web.cn.edu/kwheeler/gram_conj_adv.html)

Para aproveitar integralmente a explicação do professor, basta substituir "advérbios conjuncionais" pelas nossas "conjunções" pospositivas (denominação, como podemos ver, completamente inadequada). Este tipo de conector, como exemplifiquei acima, só pode ficar entre vírgulas quando estiver **deslocado**. A frase do meu artigo ficaria **errada** se colocássemos vírgula antes de **no entanto**, como você parece sugerir:

> *A etimologia – sozinha – tem suas limitações: ela não explica a origem de todas as palavras, no entanto, sempre pode trazer novas ideias e agitar o pensamento.

Outra coisa: exatamente por esse caráter especial desses conetivos, são eles que vamos usar preferencialmente quando queremos ligar **dois parágrafos** entre si e indicar, ao mesmo tempo, que o conteúdo do segundo se opõe ao conteúdo do primeiro.

Pontuação da segunda coordenada

Prezado professor: uma frase que o senhor escreveu gerou uma grande discussão entre mim e meus colegas, todos professores também. Ninguém, é claro, estava pondo em dúvida a sua competência, que aprendemos a respeitar. O problema é de análise sintática – mais precisamente, da classificação de orações. Numa consulta sobre "em mão" ou "em mãos", o senhor escreveu: "A tradição manda empregarmos em mão, por ser o início da expressão em mão própria, usada no sobrescrito de uma correspondência entregue por mensageiro ou por pessoa de confiança. É assim que eu uso, e assim eu recomendaria que todos fizessem. Modernamente, contudo, a forma em mãos já é considerada aceitável pela maior parte dos gramáticos." A questão é o último período – "Modernamente, CONTUDO, a forma em mãos...". Se considerarmos a conjunção empregada, teríamos de classificar a oração de ***coordenada sindética adversativa,*** *mas isso não parece possível, já que ela, como está isolada, não participa de um período composto por coordenação. O que está acontecendo aqui?*

Daniela V. – Anápolis (GO)

Prezada Daniela, professores como vocês não travariam uma discussão se o ponto realmente não fosse controvertido. Neste caso, o responsável pelo imbróglio é o costume que nossas gramáticas escolares têm de ignorar a diferença entre CONJUNÇÕES, de um lado, e ADVÉRBIOS CONJUNCIONAIS, de outro. O que têm em comum os conectores **mas**, **porém**, **todavia**, **contudo**, **entretanto**, **no entanto**, **não obstante**? Todos, **semanticamente**, exprimem a mesma ideia de **oposição** – mas não se comportam da mesma maneira do ponto de vista **sintático**. Conforme já vimos, enquanto a conjunção **mas** sempre vai ficar no início da oração que introduz, seus sinônimos – que são, na verdade, **advérbios** – podem deslocar-se livremente:

> Façam o que quiserem, MAS não contem comigo.
>
> Façam o que quiserem; CONTUDO, não contem comigo.
>
> Façam o que quiserem; não contem, CONTUDO, comigo.
>
> Façam o que quiserem; não contem comigo, CONTUDO.

Essa diferença de comportamento tem reflexos na pontuação: os ADVÉRBIOS CONJUNCIONAIS vêm sempre antecedidos por um ponto-e-vírgula (ou por um ponto) e seguidos de uma vírgula; quando deslocados, ficam entre vírgulas como

qualquer outro elemento intercalado. Ora, esses advérbios que, à semelhança das conjunções, servem para coordenar duas **orações**, também podem relacionar dois **períodos** ou até mesmo dois **parágrafos**. A estrutura, embora estejamos combinando unidades maiores, é semelhante; a única diferença é que aqui o **ponto** aparece no lugar do **ponto-e-vírgula**:

> **Marinho** é o que nasce no mar, que é natural do mar, que pertence ao ecossistema do mar; **marítimo** é o que está junto ao mar, o que foi posto no mar pelo homem, o que o homem realiza no mar. Dessa forma, temos **aves marinhas**, **monstros marinhos**, **brisa marinha** e **sal marinho**, de um lado, e **cidades marítimas**, **viagens marítimas**, **plataforma marítima** e **navegação marítima**, do outro.
>
> CONTUDO, esta distinção não foi observada no caso das correntes, pois os falantes preferem, na proporção de dois para um, chamá-las de **correntes marítimas.** Um gramaticão intolerante já começaria a dizer que está errado e que o certo deveria ser **corrente marinha**, mas os bons dicionários tratam de registrar as duas formas, pois sabem que não cabe a eles decidir.

Como você pode ver pelo exemplo acima, ou pela frase que gerou toda a discussão – “Modernamente, CONTUDO, a forma **em mãos** já é considerada aceitável pela maior parte dos gramáticos”–, a presença desse nexo adversativo não significa necessariamente que estamos lidando com um “período composto por coordenação”, já que passamos para o âmbito dos parágrafos, unidades muito maiores que o período. Certamente era por isso que os meus professores, todos à moda antiga, proibiam o emprego do **mas** no início da frase. Para eles, esta conjunção deveria sempre aparecer ligando uma coordenada adversativa à coordenada inicial, reservando-se para o **porém**, o **todavia**, o **contudo**, etc., a função de relacionar as unidades maiores.

Maiúsculas depois do ponto-e-vírgula

Prezado Professor, minha orientadora não aceita que eu empregue letras maiúsculas depois do ponto-e-vírgula, dando continuidade à frase. Preciso imensamente de sua resposta, pois ela disse que não vai admitir esse procedimento

enquanto eu não levar uma gramática que o autorize.

Graziela B. – Passo Fundo (RS)

Minha prezada Graziela: como era de esperar, a razão está com sua orientadora (não é por acaso que ela está onde está) – a **vírgula**, o **ponto-e-vírgula** e o **dois-pontos** fazem parte da pontuação INTERNA da frase; o ponto **simples**, o ponto de **exclamação**, o ponto de **interrogação** e o ponto repetido (**reticências**) constituem a pontuação EXTERNA. Ora, como as maiúsculas indicam o início de uma nova frase, elas só podem aparecer, evidentemente, após as marcas de pontuação **externa**. Como se considera que depois vírgula, do ponto-e-vírgula e do dois-pontos a frase ainda continua, a norma (e o costume de todos os que escrevem bem) é usar **minúscula**. Nos autores que falam sobre a pontuação no Inglês, vamos encontrar alguns que recomendam o emprego da maiúscula depois do **dois-pontos**, mas nem mesmo estes ousam defender tal prática para o ponto-e-vírgula.

Ponto ou ponto-e-vírgula?

Professor, eu me acostumei a usar o ponto nos lugares em que o senhor recomenda o ponto-e-vírgula. Isso pode me prejudicar a avaliação de meus textos? Estou perdendo alguma coisa ao não empregar este sinal?

Danilo B. – Uberlândia (MG)

Olha, Danilo, eu sou um pouco suspeito para falar, porque defendo (e uso) entusiasticamente o ponto-e-vírgula. Para mim, o emprego deste sinal é uma forma de combater a praga moderna que faz os adultos escreverem como se fossem crianças. A escola tem uma boa culpa disso; nos anos 70 e 80, a moda era ensinar a escrever com base no modelo do jornal diário, pois, como se alegava naqueles anos loucos, uma prova indiscutível da eficiência deste estilo era o fato de que milhões de leitores compreendiam os textos assim escritos. Como se vê, aquela que era (e sempre será) uma qualidade intrínseca da linguagem jornalística foi elevada à categoria de virtude suprema de qualquer texto, e várias gerações foram educadas sob o princípio equivocado de que o ideal seria expressar-se em períodos simples, geralmente curtos, formados de uma única oração.

Ainda hoje, diga-se de passagem, encontramos adeptos dessa receita

ultrapassada. Não esqueço o olhar atônito que me lançaram os professores de uma escola em que fui dar uma palestra sobre redação. Um deles, sinceramente preocupado, confessou que ainda aconselhava a frase curta a seus alunos e pediu desculpas por não estar a par da nova teoria em que eu me baseava. Nova! Fiquei constrangido, de minha parte, por ter de explicar àqueles colegas que o período composto – seja por coordenação, por subordinação ou simplesmente por intercalação – é o mais poderoso instrumento que o Ocidente desenvolveu em dois mil anos de tradição escrita, já que, ao reunir várias orações em um todo articulado, permite que o leitor perceba imediatamente a conexão entre as ideias e sua hierarquia. Não se tratava, expliquei, de combater a frase curta em si mesma; quando bem usada, no momento oportuno, ela também tem seu lugar no desenvolvimento de um texto. Contudo, o seu uso constante gera aquele estilo fragmentado e tatibitate que os americanos chamam de "*primer style*" – o estilo da cartilha. Eu estudei, por exemplo, na famosa cartilha *O livro de Lili*; um de seus textos – "Olhem para mim. Eu me chamo Lili. Eu como muito doce. Vocês gostam de doce? Eu gosto tanto de doce!" –, poderia ser assinado por muita gente que anda publicando por aí...

Ora, empregar o ponto-e-vírgula em vez do ponto, quando temos duas orações coordenadas assindéticas, não vai fazer reverter essa melancólica tendência a frases nanicas, mas certamente vai ajudar. Se opto pelo **ponto**, como faz a maioria, divido a frase original em dois segmentos, na esperança de que a atenção e a perspicácia do leitor o farão perceber que se trata de duas partes de um mesmo todo; se, no entanto, opto pelo **ponto-e-vírgula**, deixo evidente que meu pensamento começou na maiúscula e só foi concluir quando encontrou o ponto final:

> Preciso falar com você. Muitas coisas precisam ser esclarecidas.
>
> Preciso falar com você; muitas coisas precisam ser esclarecidas.

A diferença pode parecer pequena, mas é inegável que – ao contrário do papel-moeda, em que não ganhamos nada em trocar duas notas de dez por uma de vinte –, ganhamos bastante ao trocar duas frases curtas por uma frase mais longa, pois o ponto-e-vírgula, ao avisar o leitor de que a sequência vai continuar, ressalta a ligação entre as duas partes e reforça a relação semântica entre as duas orações. Não é por acaso que, na França, teve ampla repercussão, em 2008, o anúncio de que a administração Sarkozy teria instituído uma comissão para regulamentar o emprego da pontuação nos documentos administrativos e – expressamente! – promover a reabilitação do ponto-e-vírgula. É claro que tudo não passava de uma brincadeira de 1o de abril – mas a seriedade com que foi recebida a ideia dá uma medida de quanto os franceses estão preocupados com o empobrecimento do estilo escrito em seu país.

III. O dois-pontos

Na Idade Média, quando a pontuação ainda tinha a função de orientar a leitura em voz alta, o dois-pontos correspondia a uma pausa moderada, com uma elevação da voz que informava aos ouvintes que a frase ainda não tinha terminado, pois o que viria em seguida era a metade que estava faltando para que a ideia ficasse completa.

Embora tenha ocorrido uma mudança radical no objetivo da pontuação – que passou, como vimos, a desempenhar uma função exclusivamente sintática –, o dois-pontos continua a avisar o leitor de que existe uma ligação lógica entre o que acabamos de dizer e a **informação suplementar** que vamos fornecer em seguida. Essa informação adicional contida na segunda parte da frase pode ser uma **causa**, uma **consequência**, uma **análise**, uma **síntese** ou uma **exemplificação** da primeira.

Por causa da representação gráfica deste sinal, houve quem o comparasse a um portal que convida o leitor a continuar – ou, numa metáfora mais comercial, a um aviso de que ainda falta entregar uma parte da mercadoria. O fato é que o seu emprego dá ênfase especial a tudo o que vier DEPOIS dele, pois deliberadamente chama a atenção do leitor para aquilo que vai ser mostrado. Ele pode introduzir praticamente qualquer coisa: uma palavra, uma oração, uma citação ou uma lista (como acabamos de fazer).

1 – Introduzindo uma enumeração

Neste caso, o dois-pontos introduz a relação dos itens que compõem um determinado conjunto já mencionado na primeira parte da frase:

> Apesar de sua fama, o cantor fez exigências muito singelas à produção do espetáculo: **água mineral, frutas frescas, pizza de queijo e toalhas secas**.

É importante lembrar que a frase que vem ANTES deste sinal deve ser **independente** – ou seja, os itens que vêm à direita do dois-pontos não podem ser **partes integrantes da sua estrutura sintática**. Na frase abaixo, por exemplo, a enumeração não pode ser separada por dois-pontos porque a frase não ficaria completa sem ela:

> Os três países mencionados no relatório eram **o Brasil, a Venezuela e a Argentina**.

Aqui reencontramos um velho conhecido nosso: o princípio de **nunca separar o que é inseparável** (o sujeito do verbo, o verbo do complemento, etc.). Desmontando esta frase, temos o **sujeito** (“os três países mencionados no

relatório”), um **verbo de ligação** (“eram”) e um **predicativo** (“o Brasil, a Venezuela e a Argentina”). Portanto, se colocássemos (como muitos costumam fazer, na imprensa brasileira) um dois-pontos após o verbo, estaríamos seccionando uma ligação que jamais deve ser rompida. O mesmo ocorre nestes outros exemplos:

> Sua receita secreta de molho, herdada da avó, incluía **manjericão, noz moscada, azeitonas e uma pitada de açúcar**.
>
> Depois da última rodada, continuam com chance de classificação **o Palmeiras, o Internacional, o São Paulo, o Flamengo e o Cruzeiro**.

Se fizermos questão de empregar o dois-pontos, basta reformular a frase para que a enumeração deixe de fazer parte de sua estrutura:

> Sua receita secreta de molho, herdada da avó materna, incluía **vários ingredientes esquisitos**: cerveja preta, noz moscada, azeitonas e uma pitada de bicarbonato.
>
> Depois da última rodada, continuam com chance de classificação **as seguintes equipes**: o Palmeiras, o Internacional, o São Paulo, o Flamengo e o Cruzeiro.

Na primeira frase, o **objeto direto**, que era representado pela enumeração, agora é “vários ingredientes esquisitos”; na segunda, o **sujeito**, que era representado pela lista de times, agora é “as seguintes equipes”. As duas enumerações deixaram de fazer parte do corpo da frase e podem vir antecedidas de dois-pontos, tornando-se, ambas, simples **apostos** (mais precisamente, **apostos enumerativos**).

2 – Introduzindo uma citação

O dois-pontos costuma ser usado para introduzir uma CITAÇÃO FORMAL – quando reproduzimos textualmente as palavras de seu autor, que é distinta da CITAÇÃO CONCEPTUAL – quando reproduzimos, **com nossas próprias palavras**, as ideias de outrem. Nas citações formais, o dois-pontos costuma vir seguido de **aspas** de abrir e **maiúscula**:

> Quando não gostava do que lia, lá vinha ele com a genial frase do Millôr: “Houve um tempo em que os animais falavam; hoje eles escrevem”.

Nas citações – embora continue valendo o princípio de não separar com pontuação os elementos necessários para completar a estrutura da frase, como mostra o primeiro exemplo, abaixo –, abre-se uma exceção para os *verba*

dicendi (em Latim, "verbos de dizer"): **afirmar**, **responder**, **alegar**, **dizer**, **comentar**, **declarar**, etc.:

> Lembro muito bem que seu conselho favorito **era** "Colhe os frutos que a vida te oferece".
>
> Falando da obra *As 1001 Noites*, Jorge Luiz Borges **disse**: "Minha ignorância do árabe permitiu-me lê-las em muitas traduções".
>
> Quando perguntaram o que ele achava de alguns autores da moda, André Maurois **respondeu**: "Em literatura, como no amor, ficamos espantados com o que os outros escolhem".

No primeiro exemplo, a citação é o **predicativo** da frase e, portanto, não pode ser separada do verbo **ser**. Nos dois outros exemplos, contudo, embora as duas citações sejam **objetos diretos** dos verbos **dizer** e **responder**, respectivamente, a tradição ocidental consagrou o emprego do dois-pontos com esse tipo de verbo.

O que vale para as **citações** pode ser estendido aos **diálogos**: o DISCURSO INDIRETO – isto é, quando nos limitamos a relatar com nossas próprias palavras o que foi dito pelo personagem – corresponde à citação CONCEPTUAL, recebendo pontuação idêntica:

> O porteiro disse que a polícia tinha estado duas vezes no prédio.
>
> A diretora respondeu que não pretendia atender nosso pedido.

Por sua vez, o DISCURSO DIRETO – isto é, quando reproduzimos textualmente as palavras do personagem – corresponde à citação FORMAL, admitindo, por isso, o dois-pontos depois do verbo *dicendi*:

> O porteiro disse: "A polícia esteve duas vezes aqui no prédio".
>
> A diretora respondeu: "Não pretendo atender o pedido de vocês".

3 – Assinalando uma relação de causa ou consequência

Também podemos usar o dois-pontos para introduzir uma oração que tem uma relação de **causa** ou de **consequência** com a anterior. Neste caso, o sinal funciona como se fosse uma verdadeira conjunção, isto é, indica que a oração que está à direita é uma **justificativa** ou uma **decorrência** do que afirmamos na primeira oração:

> Depois de seis horas, o júri chegou a uma decisão surpreendente: o réu foi absolvido.
>
> Ele não gostou da cerimônia da premiação: seu rival conquistou vários troféus.

> Desta vez ela jura que vai se abster de votar: os dois candidatos são seus amigos de infância.
>
> Hoje compreendi por que Páris estava indeciso ao decidir entre Atena, Hera e Afrodite: qualquer que fosse sua escolha, ele conquistaria duas terríveis inimigas.
>
> Saí decepcionado com o filme: nunca vi nada tão medíocre.

Dois-pontos e aposto enumerativo

Professor, minha orientadora mandou que eu reformulasse a seguinte passagem do meu trabalho: "Os autores destacam dois tipos de pesquisa qualitativa: a etnográfica e o estudo de caso, e mencionam várias autoridades para compor e elucidar a discussão." É o dois-pontos que está errado? O senhor acha que minha frase tem remédio?

Márcia R.

Prezada Márcia, a orientadora tem razão: assim como está não pode ficar. Há muitas maneiras de reescrever este texto, mas, se fosse meu, eu o pontuaria desta forma (os dois exemplos abaixo são válidos):

> Os autores **destacam** dois tipos de pesquisa qualitativa, a etnográfica e o estudo de caso, e **mencionam** várias autoridades cujo trabalho ajudaria a compor e elucidar a discussão.
>
> Os autores **destacam** dois tipos de pesquisa qualitativa – a etnográfica e o estudo de caso – e **mencionam** várias autoridades cujo trabalho ajudaria a compor e elucidar a discussão.

Só assim fica assegurado o paralelismo estrutural entre DESTACAM e MENCIONAM, que é o eixo principal desta frase. As duas versões acima estão corretas, mas o **aposto** ("a etnográfica e o estudo de caso") fica muito mais claro na segunda, por causa dos **travessões** (lembro, mais uma vez, que o aposto sempre deve ser assinalado por **pontuação de intercalação**, o que pode ser feito tanto com vírgulas quanto com travessões ou parênteses). O emprego do **dois-pontos** só teria sentido se dividíssemos a frase original em duas, deslocando para o período seguinte a ideia contida na oração coordenada aditiva:

> Os autores destacam dois tipos de pesquisa qualitativa: a etnográfica e o estudo de caso. Além disso, mencionam várias autoridades cujo trabalho ajudaria a compor e elucidar a questão.

Dois-pontos com enumeração

Prof. Moreno, está adequado o emprego do dois-pontos na frase abaixo?

Entre as medidas que podem reduzir acidentes, os pesquisadores sugerem, além da desobstrução de corredores: a pavimentação, a sinalização e a iluminação de rotas preferenciais para quem anda a pé.

Alguma coisa me diz que estamos mutilando a estrutura sintática, deixando separado, assim, o verbo do seu objeto direto – ou eu estaria vendo fantasmas?

Josué A. – Brasília

Prezado Josué: este dois-pontos realmente está errado; no seu lugar deveria figurar uma **vírgula**:

> Entre as medidas que podem reduzir acidentes, os pesquisadores sugerem, além da desobstrução de corredores, a pavimentação, a sinalização e a iluminação de rotas preferenciais para quem anda a pé.

Por que não cabe aqui um dois-pontos? Por causa de um princípio básico, tantas vezes destacado neste livro: nenhum sinal de pontuação pode interromper a ligação do verbo com seu complemento ou predicativo, como foi feito, equivocadamente, no exemplo abaixo:

> *As três cidades mais importantes da Antiguidade eram: Tebas, Alexandria e Atenas.

Em casos como esse, ou tiramos o **dois-pontos**, ou acrescentamos um predicativo **"postiço"** que deixe o padrão frasal completo:

> As três cidades mais importantes da Antiguidade eram Tebas, Alexandria e Atenas.
>
> As três cidades mais importantes da Antiguidade eram as seguintes: Tebas, Alexandria e Atenas.

Em suma, só podemos usar dois-pontos antes de uma enumeração quando a frase à sua esquerda estiver com seu padrão sintático completo. O único caso em que esse princípio pode ser ignorado é com os verbos *dicendi*, porque o texto que vem à direita do dois-pontos, embora seja, de certa maneira, complemento desses verbos, foi escrito por outro autor:

> Vieira disse: "Que importa que não adoreis o bezerro de ouro, se adorais o ouro do bezerro?".

Se você julgar que a enumeração ficaria mais clara se viesse introduzida pelo dois-pontos, basta reescrever o exemplo enviado:

> Os pesquisadores sugerem várias medidas para reduzir acidentes: a desobstrução de corredores, a pavimentação, a sinalização e a iluminação de rotas preferenciais para quem anda a pé.

Minúscula depois de dois-pontos

Caro professor, gostaria de saber se a palavra que vem após o sinal de dois-pontos deve ser escrita com a inicial maiúscula ou minúscula.

Rodrigo V. – São Paulo (SP)

Meu caro Rodrigo: no Português, o dois-pontos é considerado um sinal de pontuação INTERNA, assim como o travessão, o ponto-e-vírgula e a vírgula. Por isso, depois dele a frase continua em **minúsculas**, exceto no caso de citação formal, como no seguinte exemplo:

> Apontado como homem violento, o deputado não se intimidou: "Os bons, Deus leva; os ruins têm de ser mandados".

Podemos dizer que aqui está uma das raras diferenças entre o nosso sistema de pontuação e o do Inglês, pois lá muitos autores defendem o emprego da **maiúscula** após o dois-pontos mesmo que não se trate de uma citação. Essa, porém, ainda é uma questão controvertida, como se pode ver nos manuais de estilo da imprensa inglesa e americana.

IV. O travessão

O travessão é um sinal que, apesar de não ser invenção moderna, só agora

realmente começa a ser explorado. Embora já existam situações em que sua utilidade é indiscutível, pode-se perceber que ele ainda encerra outras possibilidades que o uso deverá (ou não) consagrar. Assim como a vírgula, ele pode vir sozinho ou aos pares, como veremos a seguir.

Travessão simples

Por representar uma interrupção parcial da linha escrita, o travessão nos força a prestar particular atenção ao que virá depois dele, sendo muito útil para introduzir um segmento que detalhe ou explique melhor a ideia que acaba de ser apresentada. É um sinal que dá grande agilidade ao texto, pois permite (ao contrário da vírgula) que esses acréscimos sejam feitos mesmo **com uma quebra evidente na estrutura sintática**:

> Agora o inspetor sabia muito bem quem tinha cometido o crime – O PROFESSOR!
>
> O furacão destelhou casas, rompeu linhas de transmissão, represou a água do rio e encheu a rua de árvores derrubadas – NUNCA SE VIU COISA IGUAL.

Note-se que muitos prefeririam usar o dois-pontos nestas frases; quanto a isso, os usuários individuais se dividem, refletindo velhas divergências que até hoje distinguem a escola tipográfica inglesa da francesa, da italiana, etc.

Travessão duplo x parênteses

Como vimos no item 6 – VÍRGULA SEPARANDO OUTROS ELEMENTOS INTERCALADOS (p. 96), os travessões duplos desempenham papel semelhante ao dos parênteses, afastando o leitor momentaneamente da linha natural do discurso para introduzir uma informação adicional. Existe, contudo, uma importante diferença entre eles: enquanto os parênteses costumam encerrar algo que é considerado **acessório** ao conteúdo principal, os travessões são usados para intercalar um **elemento novo**, que vem se acrescentar ao que está sendo dito na frase. Em outras palavras, os parênteses **minimizam** a importância da intercalação; os travessões, bem ao contrário, **valorizam** o elemento enquadrado entre eles.

Os travessões duplos são particularmente úteis para quem – como eu, por exemplo – gosta de intervir no próprio texto, introduzindo comentários, avaliações, reflexões pessoais, interpelações ao leitor, etc. São como se fizesse

ouvir uma voz diferente da voz principal – o que fica bem evidente, aliás, pois o trecho entre travessões muda radicalmente de tom quando lemos a frase em voz alta (mesmo que seja a famosa “voz alta mental”):

> Minha melhor amiga – BEM, AO MENOS EU JURAVA QUE ELA FOSSE – tentou seduzir meu namorado.
>
> Os defensores do tabaco – MAS AINDA EXISTE GENTE ASSIM? – protestam contra a discriminação na nova lei.
>
> Assinado o Acordo Ortográfico, ainda teremos um ou dois anos de carência, durante os quais – O QUE EU GOSTARIA QUE OCORRESSE, ALIÁS – a sociedade civil do Brasil e de Portugal pode voltar atrás e anular essas alterações insensatas.

O amigo leitor vai me perdoar a obviedade, mas fica o registro: nos travessões duplos, o primeiro corresponde ao parêntese de abrir, o segundo ao de fechar. Se o acréscimo for no fim da frase, é claro que a pontuação final (ponto, ponto de exclamação ou ponto de interrogação) vai anular o segundo travessão:

> Eles passaram meses planejando o ataque de janeiro – UM ATAQUE DEFINITIVO, DIZIAM, QUE PORIA FIM A TODAS AS HOSTILIDADES.
>
> O presidente americano só vai se reeleger se der uma solução satisfatória para esses problemas – A MEU VER, ESPECIALMENTE PARA O DESEMPREGO.

Travessão duplo x vírgula dupla

São duas as vantagens que os travessões levam sobre as vírgulas duplas. Em primeiro lugar, eles permitem (e elas não) que a intercalação seja um período completo. É uma forma muito econômica e ágil de reunir duas ideias, fora dos usuais sistemas de coordenação e subordinação:

> Ele admite que a atual **confusão** na economia dos Estados Unidos – O ENTREVISTADO NÃO CONCORDA COM O TERMO **CRISE** – está deixando os investidores mais ariscos.
>
> O jovem jogador brasileiro foi escolhido – VOTARAM TODAS AS GRANDES FIGURAS DO JORNALISMO ESPORTIVO – como o melhor atacante do campeonato europeu.

Em segundo lugar, a intercalação entre vírgulas **não** pode, como vimos na página 101, receber pontuação expressiva, como aqui:

> Vamos fazer um sorteio – TODOS OS PRESENTES CONCORDAM? – para decidir quem vai ficar com a última vaga na excursão.

O hífen não é travessão

Prezado professor, não consigo perceber diferenças entre o hífen e o travessão, fora o fato do segundo ter mais ou menos o dobro do tamanho do primeiro. O seu emprego não é o mesmo?

Homero Z. – Goiânia

Meu caro Homero: embora muita gente misture os dois sinais sob a denominação genérica de "tracinho", o HÍFEN e o TRAVESSÃO são caracteres bem diferentes tanto na **forma** quanto no **emprego**. Eu sempre os distingo, quando escrevo. A diferença fundamental entre eles é o ÂMBITO em que aparecem. O HÍFEN, presente em todos os teclados do Ocidente, atua no âmbito da **Morfologia**, pois é um sinal que fica restrito ao **interior do vocábulo**. É por isso que usamos o hífen apenas em três situações: (1) para indicar que dois vocábulos formam um novo vocábulo composto (**couve-flor, decreto-lei)**; (2) para ligar o pronome enclítico ao verbo (**fazê-lo, vendeu-o**); e (3) para separar as sílabas numa eventual translineação. Como se vê, ele serve para **unir** os elementos que formam um vocábulo composto ou **unir** as duas partes da palavra que ficaram separadas pela mudança de linha – e não é por outro motivo que ele também é conhecido, tanto no Português como em outras línguas, como **traço-de-união**.

É exatamente por isso – por esse uso exclusivamente morfológico, e não sintático – que o hífen **não** é considerado um **sinal de pontuação**, mas um simples **sinal ortográfico**, como os acentos, o til ou o trema.

Já o TRAVESSÃO é vinho de outra pipa. Para começar, é um sinal um tanto aristocrático, pois não está acessível no teclado e só pode ser usado pelos poucos que conhecem a misteriosa combinação que abre suas portas. Além disso – e aqui está a diferença decisiva –, ele atua no âmbito da **Sintaxe**; pertence à **pontuação interna**, assinalando intercalações e comentários, ou indicando uma ruptura na continuidade da frase para explicar ou detalhar algum elemento mencionado. Talvez isso explique o hábito consagrado, em nosso país, de inserir um espaço antes e depois do travessão, o que é considerado totalmente inadequado no caso do hífen.

Como digitar um travessão

Caro Prof. Moreno: peço desculpas pela minha pergunta, mas não vi em seu saite o travessão empregado na forma gráfica que lhe é própria, ou seja, um traço horizontal três vezes mais longo que o hífen. O senhor não o emprega (a) por achar pouco prático construir esse sinal no teclado do computador; (b) porque o senhor simplesmente não vê razão para fazer a distinção gráfica entre o travessão e o hífen; ou (c) por desconhecer o modo de obtê-lo com o teclado?

Se a alternativa acima for a (c), tomo a liberdade de lhe informar que este sinal é obtido digitando-se 0151 no teclado numérico com a tecla Alt pressionada. O meio-travessão – pouco menor que o travessão, porém, maior que o hífen – obtém-se teclando 0150 no teclado numérico com a tecla Alt pressionada. Muito obrigado pela sua atenção e um abraço.

Edgar N. – Blumenau (SC)

Meu caro Edgar, vamos por partes:

1 – Eu sou um usuário fanático do travessão e sempre digito o símbolo correto nos meus textos, mas ele geralmente é trocado automaticamente por um hífen quando colo o texto numa página da internet ou num e-mail. Este, aliás, é o grande problema dos sinais que não são tão comuns quanto a vírgula ou o ponto-e-vírgula: na informática, os vários sistemas de codificação que coexistem, aliados às diferenças temperamentais de cada *browser*, jamais nos dão certeza de que todos os leitores vão receber nosso texto na mesma formatação em que ele foi escrito. Por causa disso, aquelas sutis distinções de tamanho e de formato que a tipografia clássica mantinha entre o **hífen**, o **sinal de menos**, o **travessão curto** e o **travessão longo** (ver quadro) vão terminar desaparecendo, ficando todos esses sinais reduzidos a um só, sem personalidade, designado pelo humilhante nome de "**tracinho**".

Travessão = —
Travessão curto = –
Hífen = -

2 – Quanto ao real tamanho do travessão, entraríamos aqui numa discussão muito complexa para mim; você afirma que o travessão tem o tamanho de **três** hifens. Há controvérsias. No mundo editorial de língua inglesa, por exemplo, eles distinguem o *hyphen*, o *en-dash*, o *em-dash*, o *2em-dash*, e por aí vai a valsa (respectivamente, o hífen, o travessão do tamanho de um **N**, o travessão do tamanho de um **M**, o travessão do tamanho de dois **Ms**, e assim por diante). Ao

que parece, o nosso travessão usual (Unicode **0151**) corresponde ao *em-dash*, e o menorzito (Unicode **0150**) seria o *en-dash*. A tipografia lusitana chama o primeiro de “risca de quadratim”, e o segundo de “risca de meio-quadratim”, ou “meia-risca”.

Ora, a tipografia anglo-saxônica especifica, para certos casos, o emprego de um *3em-dash*, que tem o tamanho equivalente a **seis** hifens numa linha sólida; usando aritmética simples, isso daria ao *em-dash* – o nosso travessão, portanto – o tamanho equivalente a **dois**, não a **três** hifens. Mas este, Edgar, é um dos terrenos muito misterioso para que eu me aventure por ele; basta dar uma olhadinha no livro *Elementos de Bibliologia*, de Antônio Houaiss (o mesmo do dicionário), para ver como esses nomes e essas correspondências dos sinais tipográficos entre si ainda são objeto de discussões seculares e intermináveis. O antisséptico mundo da informática tenta sair desse cipoal padronizando a nomenclatura e a configuração dos caracteres, mas mesmo ali, como você sabe, há sistemas conflitantes. De qualquer forma, obrigado pela gentileza.

Travessão com vírgula?

Professor Moreno: sei que dois travessões podem ser usados no lugar de duas vírgulas, e por isso mesmo não aceito essa moda de usar um travessão juntamente com uma vírgula, como fez o jornalista Reinaldo Azevedo: É tal a avalanche de informações, é tal o consenso que se formou – especialmente entre os leigos, que entendem de aquecimento global o que eu entendo: NADA!!! –, que as vozes científicas que negam a teoria são logo lançadas ao ridículo.

Aquela vírgula depois do segundo travessão não é supérflua? Por favor, explique por quê.

Velhinho de Taubaté

Prezado Velhinho: travessões duplos funcionam exatamente como parênteses duplos. Devemos pontuar a frase como se a intercalação ainda não tivesse ocorrido. A frase de Reinaldo Azevedo, no seu estado “puro”, seria:

> É tal a avalanche de informações, é tal o consenso que se formou, que as vozes científicas que negam a teoria são logo lançadas ao ridículo.

O trecho que vai ser inserido traz consigo um travessão de abrir e um de fechar, o que explica aquela sequência [travessão+vírgula] que deixou você intrigado:

> É tal a avalanche de informações, é tal o consenso que se formou – *especialmente entre os leigos, que entendem de aquecimento global o que eu entendo: NADA!!!* –, que as vozes científicas que negam a teoria são logo lançadas ao ridículo.

Se você substituir os travessões por **parênteses**, tenho certeza de que a combinação resultante – [parêntese+vírgula] – já não vai lhe parecer tão estranha:

> É tal a avalanche de informações, é tal o consenso que se formou *(especialmente entre os leigos, que entendem de aquecimento global o que eu entendo: NADA!!!)*, que as vozes científicas que negam a teoria são logo lançadas ao ridículo.

O princípio é simples: a frase-mãe deve ficar com sua pontuação integral, mesmo que se retire a expressão intercalada (entre travessões ou parênteses, não importa). Além disso, o exemplo que você escolheu ilustra muito bem as outras vantagens que nos fazem preferir, em casos como este, os travessões às vírgulas. Com eles, o jornalista pôde usar o valioso recurso de marcar o trecho intercalado com pontuação expressiva (ponto de interrogação ou de exclamação); depois – e talvez mais importante –, pôde, com grande agilidade sintática, encaixar um comentário pessoal, de forte caráter argumentativo, àquilo que vinha dizendo. E pode ter certeza de que nada disso foi por acaso, pois Reinaldo Azevedo é um mestre no manejo do travessão e de todos os outros sinais; se você não sabia, ele é um jornalista que se preparou com uma sólida formação no curso de Letras – e isso, pode ter certeza, faz toda a diferença do mundo.

A ponte Rio–Niterói

Caro mestre, a minha dúvida é a respeito das diferenças entre o hífen e o travessão, mais especificamente quanto à ponte Rio–Niterói. Eu enxergo ali um hífen; várias colegas minhas dizem que é um travessão, mas não explicam o porquê. Gostaria que o senhor tirasse essa dúvida.

Marcia B. – Rio de Janeiro

Prezada Marcia: em princípio, o **hífen** é um elemento **interno** dos vocábulos compostos. O hífen que usamos em **porta-bandeira**, por exemplo, indica que um verbo na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo ("porta") e um

substantivo feminino (“bandeira”) se juntaram para formar um novo substantivo de nossa língua, o **porta-bandeira**, pessoa que leva a bandeira de um regimento ou de uma escola de samba.

O **travessão** é diferente, pois atua ao longo da frase – **fora**, portanto, do âmbito restrito do vocábulo. É um sinal de **pontuação** importante, do mesmo quilate do ponto-e-vírgula, do dois-pontos e dos parênteses, sendo muito útil para indicar intercalações ou introduzir, no final da frase, expressões que sintetizam o que acaba de ser dito.

Na verdade, o sinal que a tradição tipográfica consagrou para indicar o ponto inicial e final de um percurso ou de um espaço de tempo era o **travessão breve** (ou **meia-risca**), maior que o hífen, mas menor que o travessão propriamente dito. Houaiss, que era um especialista em Bibliologia, chama a atenção para sua grande utilidade para unir termos **que não chegam a formar uma expressão composta**. Deveríamos escrever ponte **Rio–Niterói** da mesma forma que rodovia **Belém–Brasília**, o triênio **1971–1974**, Tobias Barreto (**1839–1869**), um classificador **A–Z** Digo “deveríamos” porque a meia-risca hoje é praticamente obsoleta, e por razões óbvias: primeiro, as antigas máquinas de escrever não tinham tecla para inserir este símbolo; depois veio o computador e tornou possível o seu emprego – mas só à custa de uma trabalhosa combinação de teclas (mantendo-se a tecla **Ctrl** pressionada, digita-se o sinal de menos no teclado numérico), desconhecida da maioria dos brasileiros. Por afinidade de desenho – afinal, tudo é “tracinho” mesmo –, a maioria o substituiu alegremente pelo **hífen**; eu, no entanto, gosto do travessão e sempre o utilizo nesses casos (embora reconheça que é difícil, para o usuário comum, inserir este sinal no texto).

O Novo Acordo Ortográfico, naquele tom autoritário que denuncia o subalterno que não aprendeu a mandar, resolveu encerrar a discussão numa penada: nada de travessão ou meio travessão; aqui só se usa o **hífen**, e estamos conversados! Ora, não vejo nada de mal em consagrarem, os autores da Reforma, o que todo o mundo já vinha fazendo; se o hífen é mais prático, viva o hífen! – mas não aceito a injustificável exclusão do travessão médio ou do travessão pleno, muito mais adequados para desempenhar essa tarefa de indicar os pontos extremos de uma sequência. Que deixassem ao gosto do autor, ora bolas! Confesso que, tirante o aspecto estético, escrever **Rio-Niterói**, **Rio--Niterói** ou **Rio–Niterói** não faz, no fundo, muita diferença – mas as coisas nem sempre são assim tão inocentes. Se empregarmos apenas o **hífen**, pode haver a natural confusão entre o que constitui e o que não constitui um **vocábulo composto**, o que, em ambientes mais rigorosos, pode criar embaraços. Assisti a uma defesa de tese em que o futuro doutor se viu numa camisa de onze varas quando um examinador perguntou por que ele usava, ao longo do trabalho, construções como “modelagem FÍSICO-MATEMÁTICA”, “simulação FÍSICO-MATEMÁTICA”,

etc., mas lá pelas tantas tinha se saído com uma "interface FÍSICA-MATEMÁTICA". Nervoso, não atinou com a explicação e pediu desculpas pelo deslize; só mais tarde, durante o churrasco de comemoração, foi que se deu conta de que não tinha cometido erro algum: tinha escrito "modelagem FÍSICO-MATEMÁTICA" porque se tratava de um adjetivo composto (que, como todos sabem, só flexiona no **segundo** elemento: clínica MÉDICO-cirúrgica, amizade LUSO-brasileira). Em "interface FÍSICA-MATEMÁTICA", no entanto, estava se referindo à interface "entre a FÍSICA e a MATEMÁTICA"; não se tratava, é claro, de um adjetivo composto, mas de dois elementos que deveriam estar ligados por um TRAVESSÃO (interface FÍSICA–MATEMÁTICA, relação PROFESSOR–ALUNO, relacionamento CLIENTE–EMPRESA) ou, para alguns, por uma BARRA INCLINADA (relação PROFESSOR/ALUNO, relacionamento CLIENTE/EMPRESA).

Pontuação final

O final da frase sempre será indicado por um ponto – seja um ponto simples (.), um ponto acrescido de sinais especiais (! ou ?), ou, ainda, por três pontos em sequência (...). Já foram (e ainda são) propostas várias inovações, como o ponto duplo (..), o ponto de ironia ( ) ou o *interrobang* (), mas tentativas como essas sempre vão fracassar, assim como fracassam irremediavelmente todas aquelas pontuações "originais" que, vez por outra, algum escritor teima em experimentar: nada pode ser feito em pontuação se não houver um contrato prévio entre aquele que escreve e aquele que vai ler.

Após um ponto desses – qualquer que seja –, espera-se letra maiúscula no início do próximo segmento. É claro que esse princípio pode ser transgredido em linguagem expressiva ou literária, mas não se espera que isso aconteça nos textos que habitualmente escrevemos. Leia o exemplo abaixo, admire o efeito que o autor obteve empregando o ponto de interrogação e do ponto de exclamação no meio da frase – mas não o imite, porque você não se chama Millôr Fernandes:

> "Vocês ainda se lembram daquela história, edificante!, do garoto holandês que botou o dedo na rachadura do dique pra salvar sua cidade, e toda a Holanda, por que não?, de ser inundada pelas águas? Pois é. O Brasil está precisando de pelo menos um milhão desses garotos pra tapar com o dedo todas as rachaduras que estão aparecendo em nossos cofres morais. E, olha aqui – não seria também uma forma de resolver o problema dos menores abandonados? Nosso maior pobrema?"

I. O ponto

Ponto final e ponto da abreviatura

Professor, sei que não é uma situação comum, mas já aconteceu comigo: no caso de terminarmos uma frase com etc., como fica a pontuação? O ponto que já vem com a abreviatura faz o serviço todo, ou tenho de usar um ponto final além dele?

Sheila W. – Jaboatão (PE)

Prezada Sheila, o ponto que colocamos em **etc.**, ou **ltda.**, ou **sr.** tem a importantíssima função de assinalar que estamos diante de uma palavra maior, que deve ser lida, em voz alta, na sua forma original. Escrevemos **cia.** mas lemos "companhia"; escrevemos **ltda.** mas lemos "limitada". Este ponto, portanto, avisa que temos diante dos olhos apenas algumas letras de uma palavra maior.

Ora, sempre que o ponto da abreviatura coincidir com o ponto final da frase, temos duas opções: ou empregamos apenas um ponto solitário, dentro do princípio de que ponto sobre ponto é ponto, ou colocamos um ponto extra, separado do ponto da abreviatura por um espaço:

> (1) A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda**.**

> (2) A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda**. .**

A meu ver, as duas soluções, embora **corretas**, são desajeitadas. A primeira era recomendada expressamente no Formulário Ortográfico de 1943:

> "Quando o período, oração ou frase termina por abreviatura, não se coloca o ponto-final adiante do ponto abreviativo, pois este, quando coincide com aquele, tem dupla serventia".

Esse procedimento, embora seja adotado por muitos, sempre me desagradou, principalmente por contrariar o princípio de que toda frase deve ter sua pontuação final própria e independente – como fica claro, por exemplo, no caso do ponto de interrogação, do ponto de exclamação ou do ponto-e-vírgula, que vão aparecer muito à vontade ao lado do ponto da abreviatura:

> A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda.**!**

> A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda.**?**

> A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda.; espera-se, por causa disso, uma reação enérgica do sindicato.

A segunda (ponto+espaço+ponto) é muito mais lógica, mas tem grande

probabilidade de dar ao leitor a impressão de que está diante de tentativa frustrada de digitar reticências. A solução que adotei há muitos anos é muito simples: por princípio, NUNCA termino uma frase com qualquer espécie de abreviação. Quando vejo que isso vai acontecer, ou dou um jeito de colocar alguma palavra depois da abreviatura, ou substituo-a pelo **extenso**, já que usar ou não formas abreviadas é uma questão de preferência (posso escolher livremente entre **sr.** ou **senhor**, **cia.** ou **companhia**, e assim por diante):

> A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda., empresa de capital nacional.

> A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Limitada.

Título deve ser pontuado?

Professor, sou estudante de Comunicação e aprendi, na faculdade, que não se devia colocar pontuação no final de títulos de livros ou de artigos. No entanto, ao me preparar para um concurso que pretendo fazer, encontrei um manual de redação oficial que mandar pontuar tudo, até manchete de jornal!

Alzira S. – Juiz de Fora (MG)

Minha cara, preciso lembrar uma vez mais que o sistema de pontuação é uma convenção que só se sustenta se os dois lados envolvidos – aquele que escreve e aquele que lê – estiverem de acordo. Essa recomendação de pontuar todos os títulos vai frontalmente contra o costume de todas as pessoas cultas que escrevem e publicam neste país. Em 1943, o **PVOLP –** *Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (o avô do **VOLP**, nosso atual *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*) trazia todos os títulos com ponto – "Formulário ortográfico."; "Letras dobradas."; "Acentuação gráfica." –, mas seu exemplo sempre foi visto como uma verdadeira excentricidade.

A prática dos últimos cinquenta anos é deixar o título sem ponto. Alguns manuais sugerem uma interessante distinção: o ponto só deveria ser usado quando o título fosse um período completo, com sujeito, verbo e tudo mais:

A estrela sobe.

Perdoa-me por me traíres.

Olhai os lírios do campo.

A Lua vem da Ásia.

Esse poderia ser um conselho prudente para **redações escolares** – é impressionante a importância que os estudantes dão para o "dilema" de pontuar ou não o título da redação no vestibular! –, mas não faz o menor sentido no jornalismo ou na literatura, onde fica bem delimitado pela posição de destaque que ocupa, aliada a seu grafismo especial. Os quatro exemplos acima são de obras escritas por autores contemporâneos (Marques Rebelo, Nelson Rodrigues, Érico Veríssimo e Campos de Carvalho, respectivamente) – e todos esses títulos vêm sem pontuação no original.

É claro, prezada Alzira, que estamos falando do **ponto final**, já que os pontos **expressivos** (interrogação e exclamação) definem a natureza do título e devem, portanto, ser preservados. Embora raros, você vai encontrá-los, por exemplo, nas seguintes obras:

Mas não se matam cavalos? (Horace McCoy)

Quem tem medo de Virginia Woolf? (Edward Albee)

O que fazer? (Lenine)

Olha para o céu, Frederico! (José Cândido de Carvalho)

Quem tem farelos? (Gil Vicente)

Quem casa quer casa? (Tatiana Belinky)

Quem matou Palomino Molero? (Vargas Llosa)

Que país é este? (Millôr)

Eu acuso! (Zola)

Como você pôde ver, tudo que se pode dizer sobre pontuação fica na esfera da **sugestão** e do **conselho** – e, como em tudo nesta vida, a virtude está no equilíbrio e no bom senso. Não se pode afirmar, como fizeram na faculdade, que NUNCA haverá título pontuado – mas também não vamos dar ouvidos a manuais que querem pespegar ponto final em todos os títulos.

II. O ponto de interrogação

As perguntas **diretas** são assinaladas com um ponto de interrogação. No Inglês, a frase interrogativa tem uma estrutura própria, o que a torna facilmente reconhecível; na maior parte das frases do Português, no entanto, este sinal é o único indício de que estamos fazendo uma pergunta:

Se formos por aqui, vamos chegar mais cedo.

Se formos por aqui, vamos chegar mais cedo?

Isso também vale para aquelas perguntas curtas que usamos no final de uma frase declarativa para confirmar ou reforçar o que afirmamos:

– Você não vai comer isso, vai?

– Foi você que mandou, não foi?

– Esta é a chave do armário, não é?

Interrogação indireta

Caro Professor, tenho uma dúvida com relação à pontuação da seguinte frase: "Gostaria de saber se os colegas concordam comigo". Existe alguma regra gramatical que proíba o uso do ponto de interrogação em frases assim?

Eliana M. – São Paulo

Nesta frase não cabe um ponto de interrogação, Eliana, por ser uma pergunta **indireta**, isto é, uma frase **declarativa** que contém uma pergunta. Na verdade, trata-se de uma interrogação **direta** que foi reelaborada: "Os colegas concordam comigo?" passou a "Gostaria de saber se os colegas concordam comigo". Na pergunta direta, aquilo que queremos saber está na **oração principal**; na indireta, passa a ser apresentado sob a forma de uma **oração subordinada**, geralmente iniciada por **quem**, **qual**, **que**, **quanto**, **como**, **por que**, **onde**, **quando** e **se**:

EU GOSTARIA DE SABER

se os colegas concordam comigo.

como se liga o forno.

por que todos desistiram.

quanto vale o diamante.

por **quem** os sinos dobram.

Como você pode ver, enquanto a primeira frase FAZ a pergunta ao provável interlocutor – “Os colegas concordam comigo?” –, a segunda apenas INFORMA que eu tenho uma dúvida – “Gostaria de saber se os colegas concordam comigo”. É exatamente por isso que apenas a primeira é dita com uma entonação característica (que corresponde, na escrita, ao ponto de interrogação). Na segunda, a modalidade interrogativa é marcada não pela forma da frase, mas pelo significado do verbo da oração principal, que sempre vai exprimir dúvida ou vontade de saber: **perguntar**, **indagar**, **querer saber**, **questionar**, etc.

Se você colocar um ponto de interrogação numa pergunta indireta, vai mudar completamente o que está sendo dito. Compare

(1) Ela perguntou se Pelé era jogador de basquete.

(2) Ela perguntou se Pelé era jogador de basquete?

Na primeira versão, estou **informando** que ela fez tal pergunta. Na segunda, incrédulo, estou querendo saber se realmente foi essa a pergunta que ela fez.

Pergunta retórica

Professor, o que vem a ser uma “pergunta retórica”? Seria uma pergunta boba, tão óbvia que nem deveria ter sido feita?

Sarah S. – Ribeirão Preto (SP)

Não, prezada Sarah, as perguntas retóricas raramente são bobas – bem pelo contrário, aliás. Numa pergunta “verdadeira”, pedimos que nosso interlocutor forneça uma informação que nós não possuímos; em outras palavras, aquele que não sabe vai consultar aquele que sabe. Por exemplo, você só enviou sua pergunta ao meu saite porque tem a expectativa de que eu possa fornecer a resposta. Portanto, “O que é uma pergunta retórica?” é uma pergunta **verdadeira**, assim como “A que horas começa o filme?”, “Quem vai no carro conosco?” e “Onde puseram a conta da luz?”.

Uma **pergunta retórica**, no entanto, é um tipo esquisito de pergunta, já que, ao fazê-la, já sabemos a resposta e sabemos que nosso interlocutor também sabe. Se

dizemos “Até quando vamos ter de aguentar essa corrupção?”, estamos, na verdade, declarando a nossa indignação com um determinado estado de coisas, e ficaríamos muito surpresos se alguém resolvesse nos dar uma resposta (quem costuma fazer isso são as crianças pequenas, que não dominam ainda as maldades e as sutilezas do discurso).

Como você pode ver, usamos a pergunta retórica não para **interrogar**, mas para **afirmar** ou **insinuar**. Quem pergunta algo como “Você pensa que eu sou bobo?”, ou “Quantas vezes eu tenho de dizer que a porta deve ficar fechada à noite?”, ou “Você não tem vergonha?”, ou “Quem o Evo Morales pensa que é para saquear o patrimônio da Petrobrás?”, ou “Quer dizer que o senhor é o mandachuva por aqui?” – quem faz essas perguntas, repito, não tem intenção alguma de receber **uma resposta**. Ah, antes que eu esqueça: apesar de suas peculiaridades, a pergunta retórica é assinalada obrigatoriamente com o ponto de interrogação.

III. O ponto de exclamação

Enquanto o ponto de **interrogação** assinala inequivocamente uma **pergunta**, o ponto de **exclamação** não tem um valor bem definido. O uso deste sinal, ao contrário dos demais, não está associado à estrutura da frase; ele faz parte da vã e eterna tentativa de dar à linguagem escrita um pouco da grande expressividade que tem a língua falada, com sua riqueza incomparável de entonações. Isso fica bem claro nas definições que tradicionalmente vêm sendo dadas a ele, atribuindo-lhe magicamente a capacidade de transmitir sentimentos tão diversos quanto **alegria**, **surpresa**, **indignação**, **espanto**, **ironia**, **entusiasmo** e alguns outros mais (como se a cada um desses sentimentos não correspondesse, na fala, uma combinação diferente de expressão facial, de tom de voz, de ritmo, de intensidade).

Seja como for, é indiscutível que ele se destina a assinalar algum tipo de emoção, o que naturalmente tornou raríssimo o seu emprego em textos acadêmicos ou técnicos, que buscam aparentar ao máximo aquela neutralidade impassível que costumamos associar à voz da Ciência com “C” maiúsculo. Na literatura e na comunicação interpessoal, porém, onde se admite – e se espera – uma linguagem pessoal e expressiva, é usado em várias situações já consagradas.

Para distinguir uma frase declarativa de uma exclamação

(a) Ela pintou dois quadros em setembro.

(b) Ela pintou dois quadros em setembro!

Embora a simples presença do ponto exclamativo não seja suficiente para que nosso leitor descubra se concebemos a segunda frase para ser pronunciada com em tom preocupado, alegre, histérico ou entusiasmado, serve ao menos para deixar muito claro que o tom **não** é neutro como na primeira. Com **ponto final**, informamos que ela pintou dois quadros em setembro; com **ponto de exclamação**, temos um *plus*: há algo de excepcional no fato dela ter pintado dois quadros em setembro. O leitor, sensível à nossa sinalização, fica na expectativa de que a explicação venha a seguir.

Foi exatamente para isso que o ponto de exclamação veio ao mundo: para fazer uma espécie de **promessa** a quem nos lê. O que ele diz, no fundo, é muito simples: "Atenção, leitor: fique atento, porque aqui há mais do que o olho vê". Não admira, portanto, que seu emprego tenha sido adotado por muitos escritores medíocres, que enchiam seus textos de pontos de exclamação para sugerir uma riqueza de conteúdo que suas frases, na verdade, não tinham. Esse mau uso – ou abuso – do ponto de exclamação ficou tão disseminado que ele passou praticamente a ser evitado, à semelhança do que aconteceria, como vamos ver, com as reticências.

Se for usado com moderação, como certos medicamentos e bebidas alcoólicas, podemos aproveitar esse valor adicional que ele imprime à frase. Aqueles que simplesmente recomendam que se evite o seu emprego não podem deixar de perceber as diferenças que o seu uso introduz nos pares abaixo:

(a) Meu tio leu *Dom Casmurro*.
(b) Meu tio leu *Dom Casmurro*!

(a) Ela disse "eu te amo!".
(b) Ela disse "eu te amo"!

No primeiro par, "Meu tio leu *Dom Casmurro*!" deixa evidente que esse fato, corriqueiro para muitos, deve ser especialmente significativo para a pessoa de meu tio. No segundo par, a diferença é maior ainda; na versão (a), ela deve ter declarado seu amor em tom enfático, raivoso, veemente, etc., etc. (lembro que os atores podem dizer a expressão mais banal, o cumprimento mais corriqueiro com dezenas de nuanças emocionais diferentes); na versão (b), o ponto de exclamação encerrando a frase sugere que EU é que estou estou surpreso (emocionado, entusiasmado, aterrorizado, etc. – a escolher) por ela ter dito aquilo.

Há um pequeno número de construções sintáticas cuja presença torna a frase obrigatoriamente exclamativa; nelas não existe, portanto, a liberdade de usar apenas o ponto, como vimos nos exemplos acima. Aqui o ponto de exclamação é de praxe (algumas delas também admitem reticências):

Quem diria! Isso é que é mulher! Eu tenho tanto medo! Como detesto

> aquele pilantra! Só faltava essa! Que beleza! Mas que sujeito mais pão-duro! Quanto tempo perdido!

Depois de uma interjeição

As interjeições são usadas para expressar algumas emoções básicas do ser humano, o que nos permite supor que constituíssem a forma preferida de comunicação entre os nossos antepassados da caverna. Sejam elas palavras reais de nosso idioma – **bravo**, **credo**, **viva** – ou meros sons expressivos que a escrita foi buscar na língua falada – como **ah**, **oh**, **ui**, **xi** ou **bah** –, o certo é que as interjeições são vistas como corpos estranhos no vocabulário do Português. Essa carga afetiva que elas transmitem faz com sejam seguidas naturalmente de um ponto de exclamação:

> Oxalá! Epa! Boa! Socorro! Bravo! Olé! Oh!

Said Ali, um dos mais argutos gramáticos tradicionais, faz uma observação sobre o valor da interjeição "oh" que poderia, *mutatis mutandis*, servir para o ponto de exclamação, com suas infinitas possibilidades de leitura: "Basta modificar o tom de voz para cada caso particular e ela denotará alegria, tristeza, pavor, nojo, espanto, admiração, dor, piedade, etc.".

Para caracterizar chamado ou interpelação

Quando nos dirigimos diretamente a alguém, podemos usar o seu nome ou um apelativo qualquer. Esta interpelação, facilmente reconhecida na fala pelo tom e pela altura da voz, é assinalada pelo ponto de exclamação:

> Você aí!
>
> Antônio! Júlio! Onde estão vocês?
>
> Ó de casa!

Aqui vemos um dos raros momentos em que a pontuação refere-se à elocução recomendada para a frase. O uso do ponto exclamativo sugere, em certos casos, que tivemos de elevar a voz porque nosso interlocutor não está perto de onde nos encontramos. Em outros – o que não acontece quando separamos o vocativo por uma simples vírgula –, que resolvemos adotamos um tom mais incisivo:

> Filho, desce daí.
>
> Filho! Desce daí!

Em frases imperativas

O ponto de exclamação pode reforçar a natureza das frases imperativas, outro tipo de frase que só aparece na ficção, na poesia ou na correspondência pessoal:

> Peguem suas malas. Venham cá. Sentem.
>
> Peguem suas malas! Venham cá! Sentem!

Muitos evitam usá-lo porque veem nele o mesmo caráter autoritário que assumiram, na internet, as letras **maiúsculas** – o leitor tem a impressão de que o autor está gritando.

Pontuação com interjeição

Professor, na frase "Valeu! mestre." temos uma interjeição de agradecimento, seguida de um vocativo, não é? Sendo assim, não ficaria faltando uma vírgula após o ponto de exclamação?

Josevaldo L. – Fortaleza

Meu caro Josevaldo, a análise está corretíssima: temos realmente uma interjeição (**valeu**, aqui, funciona como tal) seguida de um vocativo (**mestre**). As interjeições costumam vir acompanhadas de ponto de exclamação; os vocativos vêm precedidos de uma vírgula. A proposta que você faz – colocar uma vírgula após o ponto de exclamação –, no entanto, está equivocada. Nesses casos, separamos o vocativo com uma vírgula e deixamos o ponto de exclamação para **o fim da frase**: "Valeu, mestre!", "Cuidado, Corisco!", "Epa, camarada!" – e assim por diante.

Usar ou não usar o ponto de exclamação

Prof. Moreno, não sei se uso ou não o ponto de exclamação no slogan que desenvolvi para nossa companhia. Não sei qual das duas formas – "PRAZER EM SERVIR!" ou "PRAZER EM SERVIR." – é a mais adequada, pois andei lendo artigos dizendo que só se usa esse sinal quando se transcreve a fala de alguém, principalmente em jornais.

Anselmo T. – Aparecida (SP)

Prezado Anselmo, eu usaria o ponto de exclamação se fosse uma frase dirigida a meus clientes, estampada em algum *banner* ou *folder* (para usar dois vocábulos bem nossos, portugueses da gema...):

BEM-VINDO!

BOM DIA!

VOLTE SEMPRE!

[temos] PRAZER EM SERVI-LO!

Diferente seria a pontuação se eu estivesse me referindo a uma característica da minha empresa:

Banco Caxangá – CONFIANÇA NO FUTURO

Banco Caxangá – SEGURANÇA ACIMA DE TUDO

Banco Caxangá – PRAZER EM SERVIR

No entanto, você deve saber que a pontuação não obedece a um sistema de regras fechado, como aquele que regula o emprego dos acentos; conciliando-se o bom senso e as preferências pessoais, a mesma frase pode ser pontuada de várias maneiras, todas elas corretas. Esses três últimos exemplos poderiam perfeitamente receber um ponto de exclamação:

Banco Caxangá – CONFIANÇA NO FUTURO!

Banco Caxangá – SEGURANÇA ACIMA DE TUDO!

Banco Caxangá – PRAZER EM SERVIR!

Eu não gosto, porque (veja como isso é pessoal!) sinto um certo tom de bravata no ar – mas nada impediria que alguém assim escrevesse.

Pontuação mista

Caro professor Moreno, pode-se usar interrogação seguido de exclamação (?!) ou vice-versa (!?) nos textos? O que o professor pode me dizer em relação a essa pontuação?

Viviane – Contagem (MG)

Prezada Viviane, já vi muitas combinações como essas, assim como também vi usarem pontos de exclamação ou de interrogação enfiados como salsicha no palito – !!!!!! ou ?????. Quem usa essas esquisitas configurações tem a esperança ingênua de expressar, por escrito, aquilo que só a fala consegue. Ledo engano! A escrita não pode fazer isso – não pode, com meros sinais convencionais, reproduzir a infinidade de sutilezas que o falante traz para qualquer ato de comunicação, com o seu tom de voz, a expressão do rosto, o movimento das sobrancelhas, os movimentos da cabeça, o ritmo de sua fala, a entonação, o olhar, os gestos de mão, sei lá que mais.

Os sinais de pontuação que utilizamos foram selecionados dentre centenas de outros (basta ver os manuscritos medievais, com sua riquíssima experimentação), numa escolha sedimentada ao longo de mais de um milênio. Seu emprego também foi se estabelecendo aos poucos, historicamente, até que o valor de cada sinal ficou definitivamente claro para todos os que escrevem e todos os que leem. O princípio, altamente democrático, é muito simples: é indispensável que qualquer sinal de pontuação colocado na frase signifique para o leitor o mesmo que significa para o autor.

É por esse motivo que fracassaram inovações como o *interrobang* (um sinal que une o ponto de interrogação e o de exclamação num só grafismo), que seria usado para indicar **ironia** ou **incredulidade** numa pergunta (você pode ver esse verdadeiro ornitorrinco gráfico na página 167 deste livro) – mais ou menos a mesma coisa que alguns pretendem com o "!?". Para mim, já nasceu morto, da mesma forma que esses "?!?!", "??!!" ou "????" que andam por aí: se sou o autor, ninguém me assegura que meus leitores vão entender o que pretendo; se sou um leitor, ninguém me assegura que o autor interpreta o sinal que empregou da mesma maneira que eu.

IV. As reticências

As **reticências**, também conhecidas como **pontos suspensivos** – e familiarmente chamadas de **três-pontinhos** –, são usadas no fim de um enunciado para indicar que, na verdade, a frase não terminou, deixando ao leitor a tarefa de imaginar sua continuação (os exemplos entre aspas são de Machado):

> O fato de mulheres falarem hoje na "sua tesão" mostra como, curiosamente, foi perdida a ligação deste vocábulo com o radical **teso**. Imagino que não seja necessário explicar a relação primitiva...
>
> No meu tempo de ginásio, desatávamos a rir maldosamente só porque mencionavam a **Cornualha**, na Inglaterra, ou as famosas joias de **Cornélia**...
>
> E cá para nós: esse é um tipo de palavra que não faz a menor falta em nosso idioma. Um casaco de pelo de alpaca é... um casaco de pelo de alpaca.
>
> "Não é minha intenção ofendê-la; ao contrário..."
>
> "Queira vosmecê perdoar, mas o diabo do bicho está a olhar para a gente com tanta graça..."
>
> "Não quis, não levantou a cabeça, e ficamos assim a olhar um para o outro, até que ela abrochou os lábios, eu desci os meus, e..."
>
> "Sei que você fez promessa... mas uma promessa assim... não sei... Creio que, bem pensado... Você que acha, prima Justina?"
>
> "De todas porém a que me cativou logo foi uma... uma... não sei se diga; este livro é casto, ao menos na intenção; na intenção é castíssimo."
>
> "Vem comigo, disse eu, arranjei recursos... temos muito dinheiro, terás tudo o que quiseres... Olha, toma."
>
> "Ninguém nos vê. Morrer, meu anjo? Que ideias são essas! Você sabe que eu morrerei também... que digo?... morro todos os dias de paixão, de saudades..."

Podemos ver que, ao usá-las, o autor sugere que teria algo a acrescentar, mas está deixando deliberadamente de fazê-lo por alguma razão estratégica – por pudor, por malícia, por conveniência, por discrição – ou está indicando pausas, hesitações, interrupções, autocríticas ou mesmo silêncios significativos. A polivalência das reticências desafia qualquer esforço para classificá-las. Como observa muito bem Rostislav Kocourek, pesquisador tcheco que escreve sobre o tema, a única coisa que podemos afirmar com precisão é que elas assinalam

uma **ruptura**, uma **suspensão**, uma **interrupção** da cadeia escrita do texto. Por causa disso, sempre representam um apelo para que o leitor adivinhe a razão que levou o autor a cortar o enunciado naquele ponto – e, por consequência, forçam-no a interpretar, uma a uma, cada ocorrência deste sinal.

Nas enumerações exemplificativas

Como indicam uma **interrupção**, são usadas também como reforço para as enumerações **exemplificativas** (ou enumerações **abertas**, que vimos nas páginas 51 e 52). Neste caso, substituem perfeitamente um **etc.** – e "substituem" quer dizer "podem ser usados no lugar do **etc.**", mas não **acompanhá-lo**. O brasileiro tem uma estranha compulsão a colocar reticências APÓS o **etc.**, o que deve ser evitado:

> A coleção vai incluir um CD específico para cada um dos grandes mestres do Jazz: Miles Davis, Coltrane, Oscar Peterson, Louis Armstrong, Charlie Parker...
>
> Fica isenta de tributos a importação de qualquer material impresso de cunho educativo ou cultural: atlas, partituras, livros didáticos, gramáticas, dicionários...

Para indicar cortes em citações

Quando citamos o texto de outrem, é indispensável que seja assinalada qualquer supressão que porventura venhamos a fazer. Para isso, o mais recomendável é usar reticências **entre parênteses** ou **entre colchetes** a fim de que não se confundam com as reticências que o próprio autor possa ter usado no texto original:

> *"Três décadas atrás [...] eu ostentava ideias claras sobre o Vietnã (os dois), o peronismo, Lumumba, a Albânia, os bororós e a chegada do homem à Lua. Conflitos entre árabes e judeus em territórios bíblicos não encerravam para mim nenhum segredo [...] Agora mal me atrevo a opinar sobre aquilo que vivo e sofro diretamente. Por isso tenho um pouco de inveja e muita desconfiança de meus colegas intelectuais europeus e suas claras certezas [...]"*
>
> *Fernando Savater*

Espaço antes ou depois das reticências

Professor Moreno, tenho uma dúvida e agradecia se o senhor me pudesse esclarecê-la: vai um espaço antes das reticências? Ou elas vêm diretamente seguindo a palavra, como o ponto? O correto seria “Hum ... Que bonito!” ou “Hum... Que bonito!”?

Nair S. – Stuttgart (Alemanha)

Prezada Nair, não há nenhuma regra ortográfica a respeito disso. Os tipógrafos e compositores certamente têm regras sobre o tema: os americanos deixam um espaço antes e um espaço depois; os franceses se dividem quanto a isso; os ingleses advertem que as reticências, ao contrário do que o resto do mundo pensa, não são três pontos digitados no teclado, mas um sinal especial em que os pontinhos vêm menos espaçados. Ora, falando francamente, essas minúcias devem ter lá sua importância no mundo das indústrias gráficas, mas perdem qualquer sentido para nós, simples mortais – principalmente no século dos processadores de texto, que aumentam ou reduzem os espaços entre as letras e os sinais a fim de justificar a linha impressa.

O que temos é uma prática quase universal: todos os sinais de pontuação ficam colados na palavra que fica à sua esquerda. Veja, por exemplo, a vírgula, o ponto, o ponto-e-vírgula nestes exemplos: “Naquele dia, quando...”; “Estava escuro. As últimas estrelas...”; “Ele pediu uma salada; ela, no entanto, escolheu...”. Por isso, recomendo que você se junte prudentemente à multidão e faça o mesmo com as reticências: “Hum... Que bonito!”.

O professor que odiava reticências

Prezado professor Moreno: anos atrás (na verdade, décadas atrás) tive um excelente professor de Português que, como era de praxe naquela época, era mais duro do que cerne de angico. Era carrancudo, seco e exigente, mas devo a ele tudo o que aprendi sobre nosso idioma. O curioso é que ele nos proibia o emprego de reticências – e “proibir”, para ele, significava dar nota “zero” para a redação inteira. Era uma simples ojeriza pessoal, ou havia alguma razão oculta que eu nunca pude entender?

Afonso L.C. – Recife

Meu caro Afonso: conheci também alguns desses professores da velha guarda, feitos de uma argila que não se encontra mais. Eram intransigentes com nossos erros, mas justos, abnegados e, acima de tudo, orgulhosos do papel que exerciam na escola e na comunidade. Tive um professor de Português parecido com o seu, e acho que posso resolver o seu enigma. As reticências, exatamente por sugerirem que existe algo por trás da frase interrompida, ganharam uma popularidade imediata entre os que não sabiam escrever. A frase saiu chocha? Basta pregar-lhe reticências, e pronto! Ela adquire uma aura de mistério que desafia o leitor – ou, como bem disse um autor, “o ideal fácil do **não dito** substituía o esforço para dominar o **dito**”. Em outras palavras, as reticências se prestam como uma luva para a mistificação...

Não recordo exatamente o texto que ele dava de exemplo, mas posso reconstruir algo semelhante. Se você comparar a primeira versão (retirada de um daqueles almanaques que a farmácia dava de brinde) com a segunda, semeada com reticências, vai perceber, mesmo sabendo tratar-se das mesmas palavras e das mesmas frases prosaicas, como o texto parece ter adquirido significados misteriosos:

> O cafeeiro é originário da distante Etiópia. Lá ele é silvestre e pode chegar à altura de uma árvore; aqui, cultivado em cafezais, podam-no para não ficar muito mais alto que um homem.
>
> A florescência do café depende da chegada da chuva. Os arbustos têm folhas lustrosas verdes-escuras, mas as folhas são brancas e possuem o cheiro de jasmim. A flor leva nove meses para se transformar em fruto maduro.

> O cafeeiro é originário da distante Etiópia...
>
> Lá ele é silvestre e pode chegar à altura de uma árvore...
>
> Aqui, cultivado em cafezais, podam-no

> para não ficar muito mais alto que um homem...
> A florescência do café depende da chegada da chuva...
> Os arbustos têm folhas lustrosas verdes-escuras, mas as folhas são brancas e possuem o cheiro de jasmim...
> A flor leva nove meses para se transformar em fruto maduro!

Que tal? Se você mostrar a segunda versão a um amigo e perguntar que leitura ele faz do texto, estou certo de que vai ouvir grandes interpretações.

Diversos

O ponto fica antes ou depois das aspas?

Olá, Professor! Preciso justificar para um cliente que as aspas vão antes do ponto final, e não depois dele. Mas não encontro tal explicação nos livros que tenho. O senhor poderia me ajudar na argumentação?

Flávia G.S.

Minha prezada Flávia: há frases em que as aspas vêm ANTES do ponto final, como você sugere, mas há outras em que elas devem vir DEPOIS. Para decidir entre as duas hipóteses, é indispensável lembrar que todo período começa por uma letra maiúscula e se encerra por um ponto; essas são as marcas visíveis que assinalam o limite inicial e o limite final da frase. Ora, se a expressão entre aspas estiver DENTRO do período, necessariamente ela deverá ficar antes do ponto final – incluindo, é claro, as aspas:

> O deputado foi lacônico: “Não tenho relacionamento algum com este senhor”.

Note que o ponto final põe um fim ao período que foi iniciado pelo artigo “O” em maiúscula; as aspas estão contidas dentro do espaço demarcado por essas duas balizas. Se, no entanto, as aspas englobarem o período **inteiro**, entre elas também vão ficar os dois pontos extremos – a maiúscula e o ponto final –, como nesta citação de Ambrose Bierce:

> “Cínico é um patife cuja visão defeituosa o obriga a ver as coisas como elas são, e não como deveriam ser.”

Todas as citações do *Dicionário Universal de Citações*, do Paulo Rónai (Ed. Nova Fronteira), aliás, vêm pontuadas desta última forma. Para fins de argumentação com seu cliente, você pode usar o exemplo que o manual de estilo da *American Psychological Association* dá para a utilização dos parênteses em idêntica situação:

> (Quando uma frase completa está encerrada entre parênteses, coloque a pontuação final da frase dentro dos parênteses, como neste caso.) Se apenas parte da frase está entre parênteses (como neste caso), coloque

> a pontuação fora dos parênteses (como estamos fazendo agora).

Como não conheço a frase que está em discussão entre vocês dois, Flávia, não posso dizer mais nada. Veja em qual dos dois casos acima ela se enquadra, e pronto.

Ponto dentro e fora das aspas?

Prezado Professor: quando uma interrogação entre aspas coincidir com o final da frase, é necessário também colocar um ponto DEPOIS das aspas? Ontem, pela primeira vez, esbarrei neste problema ao escrever uma matéria para meu jornal. A frase – Ele ouviu uma voz feminina que gritava, em desespero: "Onde está meu filho?" – fica assim mesmo, ou eu deveria acrescentar o ponto final? Confesso que nenhuma das duas hipóteses me agrada.

Juscelino V. – São Luís

Meu caro Juscelino, tenho visto usarem tanto uma quanto a outra solução, mas como você veio perguntar qual é minha preferência, já vou esclarecendo que sou partidário da segunda. Eu pontuaria a frase assim:

> O porteiro ouviu uma voz feminina que gritava, em desespero: "Onde está meu filho?".

Acrescento que faria o mesmo se a frase entre aspas terminasse por um ponto de **exclamação**. A meu ver, estou apenas tentando ser coerente com o princípio fundamental da pontuação no final da frase: **o ponto encerra a unidade iniciada pela letra maiúscula que abre o período**. Essa é a regra suprema.

Neste caso, portanto, o período deve ser pontuado independentemente da expressão entre aspas. Aquele ponto final me parece indispensável por um simples e poderoso motivo: o período AFIRMA que o porteiro ouviu alguém que gritava, ou seja, o leitor está sendo informado de algo que o porteiro FEZ. Se, por outro lado, o último sinal que o leitor encontrasse à direita fosse o ponto de interrogação, não só o trecho entre aspas seria interrogativo, mas sim o período todo – como se estivéssemos perguntando se o porteiro tinha ouvido uma mulher gritando pelo paradeiro do filho (o porteiro ouviu isso?).

Quem prefere não usar este ponto depois das aspas sempre poderá alegar que o leitor, apoiado nas pistas que o contexto oferece, não terá muita dificuldade em entender que se trata de uma frase afirmativa que encerra, dentro dela, a citação

de uma pergunta. É verdade – mas se ele pode chegar a esse resultado sem a presença do ponto, com mais certeza e rapidez ele chegará se o ponto estiver no lugar.

e /OU – valor da barra inclinada

Prezado professor: assim como no futebol todos se consideram técnicos, muitos se consideram especialistas no nosso idioma, principalmente no ambiente acadêmico. A discussão comeu solta em nossa universidade a respeito do seguinte artigo do regulamento:

> *Serão considerados docentes permanentes os professores que desenvolvam atividades de ensino na graduação E/OU pós-graduação.*

Por causa deste E/OU, um grupo defende que o professor, para ser considerado docente permanente, terá de estar obrigatoriamente ligado à graduação, sendo opcional seu vínculo com a pós-graduação. Outro grupo, no entanto, entende que o artigo acima permite que um professor seja classificado como docente permanente mesmo que esteja ligado apenas à pós-graduação. Sem entrar no mérito da questão, mas exclusivamente dentro da visão linguística, qual dos dois grupos faz a interpretação correta?

Jacob W. – Campinas (SP)

Meu caro Jacob, o emprego do E/OU sempre traz esse perigo; apesar de ser um operador muito útil, acho que ainda não está suficientemente difundido para ser usado sem causar discórdia. Há, inclusive, quem o considere uma invenção pedante e desnecessária, mas me atrevo a dizer, com base na experiência que acumulei na minha página da internet, que a maior parte dos que se opõem a ele mudariam de ideia se soubessem exatamente para que ele foi criado.

Sua origem se explica por uma daquelas diferenças bem marcantes que existem entre a linguagem da Lógica Formal e a linguagem humana, principalmente no valor de conectores como E, OU e MAS. Onde usamos nosso OU, o Latim usava duas palavras diferentes, *vel e aut*. O primeiro era um OU fraco, **inclusivo** – significando "**um ou outro, possivelmente ambos"; o segundo era um** OU forte, **exclusivo**, significando "**ou será um, ou será outro"**.

1 – OU **inclusivo** (qualquer um dos dois):

> É uma flor delicada; o frio OU o calor excessivos podem fazê-la

morrer.

Ele aceita trocar o carro por ações OU por mercadorias.

2 – OU **exclusivo** (ou um, ou outro):

O cargo de presidente, que está vago, será ocupado por João ou Pedro.

Esta chave deve pertencer a Pedro OU àquele professor visitante.

A Lógica Formal resolveu o problema criando dois símbolos diferentes, um para cada tipo de OU. Uma língua natural como o Português, porém, não pode "criar" conjunções ou preposições; por causa disso surgiu a prática (adotada por alguns, mas não por todos os usuários) de usar uma barra entre o E e o OU para indicar que se trata do OU **fraco** (o *vel* do Latim), isto é, o OU **inclusivo**. A frase abaixo é um bom exemplo:

> O calor acima dos 50 graus **E/OU** a umidade acima de 70% podem alterar esta substância.

Esta frase contém três afirmações diretas:

(1) o calor acima dos 50 graus pode alterar a substância,

(2) a umidade acima dos 70% pode alterar a substância,

(3) o calor e a umidade juntos podem alterar a substância.

A frase que vocês discutiram – "serão considerados docentes permanentes os professores que desenvolvam atividades de ensino na graduação **E/OU** pós-graduação" – afirma, claramente, que será classificável como docente permanente

(1) o professor que só atua na graduação,

(2) o professor que só atua na pós-graduação e

(3) o professor que atua em ambas.

Como acontece em qualquer **disjunção inclusiva** (este é o nome técnico empregado pela Lógica), só ficará excluído o professor que não se enquadrar em **nenhuma** dessas três hipóteses.

Se o burocrata que escreveu esse texto sabe usar o E/OU, foi isso o que ele disse. Se tivesse escrito "na graduação **E** na pós-graduação", teria dado margem à interpretação, por parte de alguns leitores, de que só seria enquadrado aquele que atuasse **nas duas áreas**, excluindo-se aqueles que atuassem em apenas uma delas. Por outro lado, se tivesse escrito "na graduação **OU** na pós-graduação", teria dado margem à interpretação, por parte de outros, de que só se enquadraria

nesta classificação aquele que lecionasse **ou** na graduação, **ou** na pós-graduação – excluindo-se o que lecionasse em **ambas**. Ao usar o E/OU, matou a questão: só fica excluído aquele que não leciona em nenhuma das duas.

Barra inclinada ou travessão?

Caro Professor Moreno, uma questão tem gerado muita controvérsia em nosso escritório: como devemos expressar por escrito a relação entre o custo e o benefício? Seria "relação custo-benefício", com hífen? Ou "relação custo–benefício", com travessão? Ou ainda "relação custo/benefício", com barra, como se fosse uma relação matemática? Penso, sem nenhuma segurança, que não deva ser com hífen, pois não é palavra composta, ou estou equivocado? Se for com hífen, formaria um terceiro significado, não é? Com ***travessão****, parece ter o sentido de "uma ponta a outra", o que não é o caso. Portanto, não seria, então, com barra (/), visto que denotaria uma relação de dois elementos, como, por exemplo, km/h, tarefas/hora, etc.?*

Ubirajara C. – Vila Mariana (SP)

Meu caro Ubirajara, seu raciocínio acertou na mosca. Não pode ser **hífen**, porque não é um substantivo composto; não pode ser **travessão**, porque este é usado para indicar o início e o fim de um percurso ou de uma época (a ponte Rio–Niterói, a inflação no período 1960–2002). Por causa de seu uso na matemática, vai ficando cada vez mais frequente empregar a **barra inclinada** para assinalar relações do tipo **custo/benefício**, **corpo/espírito**, **tempo/espaço**, além do recente e fertilíssimo campo das interfaces (palavra com que antipatizo, mas que veio para ficar): interface **serviço/paciente**, **hardware/software**, **cérebro/máquina**, **ciência/educação**, e tudo mais que veremos nestes próximos anos. Como pode ver, só tive o trabalho de confirmar o que você já tinha pensado.

Sem espaço antes da vírgula

Professor Moreno, gostaria saber se existe alguma regra formal que obrigue a pontuação a ficar "encostada" na palavra da esquerda. Um colega de trabalho costuma colocar um espaço entre a última palavra escrita (ou digitada) e o sinal de pontuação, seja vírgula, ponto final, ponto de interrogação ou de exclamação. Argumentei que esse não era o costume, mas me desafiou a apresentar a norma que proíbe que isso seja feito. Pesquisei exaustivamente e consultei alguns professores, mas não achei o que procurava, pois a maioria das pessoas acha que é só um costume estético. Há algum fundamento gramatical?

José Francisco C. – Sorocaba (SP)

Prezado José, este é um daqueles casos em que o costume acaba se tornando lei. As vírgulas, os pontos, etc., realmente costumam ficar encostados na palavra anterior, não por força de alguma regra gramatical, mas sim por herança da forte tradição tipográfica que antecedeu o nosso mundo de textos digitais. Eu pensava que, com o tempo, este detalhe acabaria se tornando irrelevante, já que um processador de texto como o Word, ao justificar as linhas, às vezes introduz, por conta própria um espaço considerável entre as palavras, ou entre um sinal de pontuação e a palavra que vem depois dele.

Acontece que eu não estava enxergando o óbvio, e foi necessário que um leitor de Porto Alegre, Alfredo Kauer, me chamasse a atenção para um princípio fundamental de digitação que, embora não seja uma regra gramatical, encerra definitivamente a questão: ao teclarmos um texto no computador, o processador de texto interpreta cada espaço como o aviso de que uma palavra terminou e que vai começar outra; por isso, nunca devemos inserir um espaço **antes** do sinal (seja vírgula, ponto, ponto-e-vírgula, parênteses, aspas, etc.), mas sim **depois**, para que o sinal se torne, aos olhos do processador, parte integrante da palavra anterior. Como a mudança automática de linhas sempre se dá depois de uma palavra completa, a vírgula, estando "encostada", não vai passar para a linha seguinte.

Aposto que os textos digitados por aquele seu colega de trabalho apresentam, às vezes, algum sinal de pontuação isolado no início de certas linhas – o que, além de esquisito, torna muito penoso o trabalho do leitor, obrigando-o a voltar à linha que já tinha lido. Se essa observação é notícia antiga para os usuários mais experientes dos processadores de texto, muito poderá esclarecer os novatos, que às vezes ficam olhando intrigados para aquele sinal solitário no começo da linha, atribuindo-o a alguma daquelas entidades misteriosas que volta e meia se manifestam no nosso monitor, como a desanimadora tela azul ou aquela mensagem apocalítica de que cometemos um "erro fatal".

O uso de colchetes

Professor, em quais situações exatamente empregamos os colchetes ao redigir um texto? O senhor já disse em uma coluna que eles devem ser usados sempre que há interferência nossa no que está sendo dito. Estariam corretos, portanto, no exemplo abaixo, trecho de uma carta que mandei para meus amigos? "A confusão está armada. Isso não dá. Que solução há? A perspectiva é má. [a rima não é de propósito; escrevi sem pensar]"

Silvana F.P. – Sombrio (SC)

Minha prezada Silvana, aqui caberiam os velhos **parênteses**, que são os sinais adequados para indicar que estamos incluindo um comentário dentro de um texto que **nós mesmos escrevemos**. Reservamos os **colchetes** para assinalar uma intervenção nossa na citação de **texto alheio**:

> "O colchete é usado para indicar a inserção de palavras nossas no texto escrito por outrem. Podem ser simples observações de caráter bibliográfico ([*está assim no original*], [*o grifo é do autor*], [*segue-se uma linha ilegível*]), mas também podem ser comentários que introduzimos na citação para condicionar a interpretação do leitor ([*como se fosse verdade*], [*eu que o diga!*], [*de novo!*]). Como essas intromissões no texto alheio constituem a mais radical de todas as intercalações, devemos dar a elas uma sinalização reforçada, para evitar que o leitor incorpore nossas palavras ao texto original que estamos citando. Normalmente, como reforço visual, as palavras que ficam entre colchetes vêm grafadas em outro tipo de fonte."
>
> [Extraído de *Português para Convencer*, de Cláudio Moreno e Túlio Martins. São Paulo: Ática, 2006.]

Vamos a um exemplo bem prático: suponhamos que eu esteja citando – a fim de polemizar – uma correspondência desaforada que um colega me enviou. Começo assim:

> Acabo de receber um e-mail do professor XXX, onde ele sugere, de forma não muito delicada, que há lacunas na minha formação acadêmica:
>
> "Professor Moreno, o senhor parece ignorar a lição dos gramáticos

> antigos! O que V.S. necessita [*agradeço a deferência, professor, mas não sou o Papa – ele é o único que merece ser chamado de Vossa Santidade!*] é de alguém que o ensine a usar a Língua Portuguesa de Camões e de Vieira”.

Como fui eu que inseri a frase em itálico no meio das palavras do meu correspondente, eu não poderia simplesmente utilizar os **parênteses**, pois isso, à primeira vista, sugeriria que essa intercalação já estava no texto original do e-mail; ao usar **colchetes**, porém, assinalo definitivamente o fato de que a frase em itálico **não** pertence ao texto que estou reproduzindo.

Este é um bom princípio a seguir, cara Silvana: se toda e qualquer intervenção que eu fizer em textos alheios (sublinhas, grifos, destaques, supressões, comentários, etc.) vier entre colchetes, estabeleço com meu leitor a convenção tácita de que todos os demais sinais de pontuação que aparecerem no texto citado (incluindo aí os parênteses) foram colocados lá pelo autor, e não por mim.

P.S.: Meu exemplo ficou claro? O hostil professor, querendo abreviar **Vossa Senhoria** (**V.Sa**.), usou erroneamente **V.S.**, que é a abreviatura de **Vossa Santidade**. Para quem está destratando um professor de Português, foi um erro fatal: ele deitou no trilho, e eu só tive de acelerar a locomotiva.

Pontuação no cabeçalho de correspondência

Professor, ao escrever uma carta ou um e-mail, escrevo “Prezado Senhor” (ou, se for o caso, o nome do destinatário) e abro o parágrafo logo abaixo, sem pontuação alguma. Um colega me corrigiu e disse que o correto seria pôr vírgula após o nome da pessoa. Qual a forma correta?

Joamir S. – Parnamirim (RN)

Prezado Joamir, este é um daqueles casos que fica, como se dizia na minha infância, “ao gosto do freguês”. Como não há regra específica, as pessoas se dividem aqui em várias tribos. Estão certos os que usam **vírgula**, os que usam **dois-pontos**, os que usam **ponto** simples – estão certos até mesmo os que preferem deixar **sem pontuação alguma**. Tudo é possível, exceto, é claro, um **ponto-e-vírgula**.

Eu, por exemplo, alterno entre a vírgula e o dois-pontos. Já Celso Pedro Luft, meu mestre, tem uma opinião bem diversa da minha. Não gosta da **vírgula**

porque ela dá a impressão de que o tradicional “Prezado Senhor” é um **vocativo** que faz parte da primeira frase do texto; o **ponto** sozinho não lhe agrada porque o considera simplesmente “antiestético”; o **dois-pontos**, embora muito usado na correspondência oficial, parece-lhe um sinal “burocrático, técnico, comercial – pontuação fria!”. Segundo ele, o ideal – “para ênfase, sentimento, calor no papel” – seria o **ponto de exclamação**, mas não o recomenda porque, reconhece, seria interpretado pela maioria dos leitores como sinal de uma entonação agressiva. Em vista de tudo isso, declara que, neste caso, “a melhor pontuação é nenhuma”. Quem conhece sua obra sabe que este é mais um exemplo daquele que considera ser o “conselho áureo” para quem escreve:

> “Em caso de DÚVIDA, o melhor é sempre NÃO (**não** acentuar, **não** usar a crase, **não** flexionar o infinitivo, **não** pontuar)”.

Pontuação: charadas

Professor Moreno, aí vai uma charada para o senhor decifrar! Pontue a seguinte frase de modo que faça sentido: “João toma banho quente e sua mãe diz ele quero banho frio”. *Pode colocar em sua página na internet para ver se o pessoal consegue resolver.*

Alexandre D. – 17 anos – Brasília

Meu caro Alexandre: você é jovem, mas a frase é velha; não quero ser desmancha-prazeres para os meus leitores, mas vou resolver o enigma de uma vez:

> João toma banho quente e sua. “Mãe”, diz ele, “quero banho frio”.

A chave é o vocábulo “**sua**”, aqui a 3ª pessoa do presente do verbo SUAR (e não o pronome possessivo). Esta é uma antiga charada de pontuação, irmã destas outras, também clássicas:

> (1) Um navio holandês entrava no porto um navio inglês.
>
> (2) Voar da Europa à América uma andorinha só não faz verão.
>
> (3) Um fazendeiro tinha um bezerro e a mãe do fazendeiro era também o pai do bezerro.

No meu tempo de estudante circulava um poema que fala de três atraentes irmãs; dependendo da pontuação empregada, o poeta declara seu amor por Soledade, por Lia ou por Iria, ou ainda confessa estar indeciso entre as três. Vou reproduzir o poema; a pontuação, nas suas quatro versões, vem a seguir:

Três belas que belas são
Querem que por minha fé
Eu diga qual delas é
Que adora o meu coração
Se consultar a razão
Digo que amo Soledade
Não Lia cuja bondade
Ser humano não teria
Não aspiro à mão de Iria
Que não tem pouca beldade.

Essas charadas, ou enigmas, muito populares há uns cinquenta anos, espelham muito bem o saudável espírito de brincar com a linguagem, tão comum naquela época. Fico entusiasmado ao ver que jovens como você estão descobrindo o que chamo de "o prazer da palavra", para mim a verdadeira pedra de toque das pessoas que têm espírito.

SOLUÇÕES:

(1) Um navio holandês entrava no porto um navio inglês.

Essa frase não deve ser pontuada; **entrava** não é do verbo ENTRAR, mas sim o presente do indicativo de ENTRAVAR. Seria algo assim como "Um navio holandês atrapalha no porto um navio inglês". Se você quiser, pode colocar "no porto" entre vírgulas, por se tratar de um adjunto adverbial deslocado, ou deixá-lo assim mesmo, devido à sua pequena extensão.

(2) Voar da Europa à América uma andorinha só não faz, verão.

Novamente uma charada que se baseia no equívoco entre duas formas homógrafas: **verão** é a 3ª pessoa do plural do Presente do Indicativo de VER; nosso ouvido, no entanto, é sugestionado pelo velho provérbio "Uma andorinha só não faz verão".

(3) Um fazendeiro tinha um bezerro e a mãe; do fazendeiro era também o pai do bezerro.

Essa é velha como a pomada Minâncora! O fazendeiro tinha um bezerro e a mãe (do bezerro, é claro; estamos falando, portanto, de Dona Vaca); o pai do bezerro (o touro) era também do fazendeiro. A construção é caprichosa, mas vale a intenção.

Veja agora como o namorado indeciso entre as três belas irmãs pontua seu poema de quatro maneiras diferentes.

1 – O poeta confessa seu amor por SOLEDADE:

Se consultar a razão,
digo que amo SOLEDADE.
Não Lia, cuja bondade
ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
que não tem pouca beldade.

2 – O poeta confessa seu amor por IRIA:

Se consultar a razão,
digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
ser humano não teria?
Não! Aspiro à mão de IRIA,
que não tem pouca beldade.

3 – O poeta confessa seu amor por LIA:

Se consultar a razão,
digo que amo Soledade?
Não! LIA, cuja bondade
ser humano não teria!
Não aspiro à mão de Iria,
que não tem pouca beldade.

4 – O poeta está hesitante entre as três:

Se consultar a razão,
digo que amo Soledade?
Não Lia, cuja bondade
ser humano não teria?
Não aspiro à mão de Iria,
que não tem pouca beldade?

Não sei quem é o autor da charada. Eu a encontrei num precioso livrinho intitulado *Exercícios de Português*, de M. Cavalcanti Proença, escritos no fim da década de 50 para os cursos de oratória e redação da Academia Militar das Agulhas Negras, famosa pela qualidade e pelo rigor de seu ensino de Português. Quando me falam na necessidade de preparar quadros para o Serviço Público, cito sempre esse exemplo da AMAN – e aí ficam brabos comigo! O que queriam? Qualidade sem esforço?

Cláudio Moreno nasceu na cidade de Rio Grande (RS). No final dos anos 60, concluiu o curso de Letras da UFRGS, com habilitação em Português e Grego. Em 1972 ingressou como docente no Instituto de Letras da mesma universidade, tendo sido responsável por várias disciplinas nos cursos de Letras e de Jornalismo, assim como pela disciplina de Redação para os cursos de pós-graduação de Medicina. Em 1977, concluiu o mestrado em Língua Portuguesa com a dissertação *Os diminutivos em -inho e -zinho e a delimitação do vocábulo nominal no Português*; em 1997, obteve o título de Doutor em Letras com a tese *Morfologia nominal do Português*. Do jardim-de-infância à universidade, estudou toda sua vida em escolas públicas e gratuitas, razão pela qual, sentindo-se em dívida para com aqueles que indiretamente custearam sua educação, resolveu criar e manter o sítio www.sualingua.com.br como uma pequena retribuição por aquilo que recebeu.

Coordena, atualmente, a área de Língua Portuguesa dos colégios Leonardo da Vinci Alfa e Beta, de Porto Alegre, do Sistema Unificado de Ensino. É professor regular das Teleaulas de Língua Portuguesa da Universidade Estácio de Sá, do Rio de Janeiro. Na imprensa, assinou uma coluna mensal sobre etimologia na revista *Mundo Estranho*, da Abril, e escreve regularmente no jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, onde mantém uma seção sobre Mitologia Clássica e outra sobre questões de nosso idioma.

Publicou, em coautoria, livros sobre a área da redação — *Redação técnica* (Formação), *Curso básico de redação* (Ática) e *Português para convencer* (Ática). Sobre gramática, publicou o *Guia prático do Português correto* pela L&PM Editores, em três volumes: Ortografia (2003), Morfologia (2004) e Sintaxe (2005). Pela mesma editora, lançou *O prazer das palavras* – v.1 (2007) e v.2 (2008), com artigos sobre etimologia e curiosidades de nosso idioma. Além disso, é o autor do romance *Troia* (2004) e de dois livros de crônicas sobre Mitologia Clássica, *Um rio que vem da Grécia* (2004) e *100 lições para viver melhor* (2008), todos pela L&PM Editores.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Projeto gráfico e capa: Ana Cláudia Gruszynski
Revisão: Elisângela Rosa dos Santos e Patrícia Yurgel
Revisão final: Cláudio Moreno

Cip-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, Rj

M846g

Moreno, Cláudio, 1946-
Guia prático do português correto: para gostar de aprender, volume 4: pontuação / Cláudio Moreno. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.
(Coleção L&PM POCKET; v. 875)
Conteúdo: Princípios gerais - Pontuação interna - Pontuação final

ISBN 978.85.254.2332-0

1. Língua portuguesa - Pontuação. I. Título. II. Série.
10-2145. CDD: 469.1
CDU: 811.134.3’35

© Cláudio Moreno, 2010.

e-mail do autor: **hapax@terra.com.br**
Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90.220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-5380
Pedidos & Depto. Comercial: vendas@lpm.com.br
Fale conosco: info@lpm.com.br

Pedidos & Depto. Comercial: **vendas@lpm.com.br**
Fale conosco: **info@lpm.com.br**
www.lpm.com.br

Table of Contents

- Apresentação
- Falar e escrever
- Princípios gerais - A pontuação nos dicionários
    - A vírgula não existe para marcar pausas
    - vírgula com sujeito posposto
    - como posso indicar uma pausa na fala?
    - vírgula depois de sujeito oracional
    - separar o sujeito do predicado?
    - vírgula entre o sujeito e o verbo?
    - por que cometem esse erro?
    - vírgula antes de “é”
    - Curtas - Nem tudo a pontuação pode representar
    - Vírgula entre o sujeito e o verbo
    - Vírgulas de um convite
    - Vírgulas e pausas não coincidem
    - Vírgula depois do nome de autores
    - Água também é vida!
    - A frase de Saramago
    - Quem ama, educa
- Pontuação interna
    - I. A vírgula - Separando os itens de uma enumeração
    - Enumerações abertas
    - A pontuação do etc.
    - Enumeração com vírgula antes do “E”
    - Enumeração de adjuntos adverbiais
    - Curtas - Vírgula em nome próprio
    - Ponto depois do etc
    - 2 – Separando orações coordenadas
    - Orações com sujeitos diferentes
    - O “E” com valor adversativo
    - Pontuação do POIS
    - A frase pode começar com E ou MAS?
    - Curtas - “E” com valor adversativo
    - E sim
    - Vírgula estranha antes do “E”
    - Quando “E” não for conjunção aditiva
    - 3 – Separando o adjunto adverbial deslocado
    - Adjunto adverbial curto
    - Vírgula a ser evitada

Advérbios em -MENTE
Adjunto adverbial no convite de casamento
Desta feita
Curtas - Ontem à noite
Adjunto adverbial deslocado
Ad referendum: adjunto adverbial deslocado
Vírgula com data
4 – Separando o aposto
Aposto ou vocativo?
Alexandre, o Grande
Aposto entre travessões
Curtas - Diretor em exercício
5 – Separando o vocativo
Vocativo não é sujeito
Bom dia, Vietnã!
Suje-se gordo!
Curtas - O vocativo
Cuidado frágil
Vocativo x sujeito
Pontuação com interjeição
Quantas vírgulas?
Muda o sentido
6 – Separando outros elementos intercalados
Vírgula depois de parênteses
Travessão seguido de vírgula
Interrogação dentro da intercalação
Curtas - Além disso
Conjunção seguida de expressão intercalada
7 – Indicando a elipse do verbo
Supressão do verbo ser
Vírgula obrigatória?
Curtas - Vírgula estranha
Falso caso de elipse
8 – Separando as adjetivas explicativas
Aposto e oração explicativa
Aposto restritivo
Ensinando as adjetivas
Orações adjetivas no subjuntivo
Aposto circunstancial
Elementos não restritivos
Curtas - Adjetiva explicativa reduzida

  - Classificação das orações
  - Adjetiva com pronome pessoal
  - Restritivas x explicativas: diferença de significado
  - Aposto restritivo
  - Subjuntivo nas restritivas
  - Explicativa após pronome pessoal
  - II. O ponto-e-vírgula
  - 2 – Separando orações coordenadas assindéticas
  - 3 – Separando orações introduzidas por conjunções pospositivas
  - Pontuação da segunda coordenada
  - Maiúsculas depois do ponto-e-vírgula
  - Ponto ou ponto-e-vírgula?
  - 1 – Introduzindo uma enumeração
  - 2 – Introduzindo uma citação
  - 3 – Assinalando uma relação de causa ou consequência
  - Dois-pontos e aposto enumerativo
  - Dois-pontos com enumeração
  - Minúscula depois de dois-pontos
  - Travessão simples
  - Travessão duplo x parênteses
  - Travessão duplo x vírgula dupla
  - O hífen não é travessão
  - Como digitar um travessão
  - Travessão com vírgula?
  - A ponte Rio–Niterói
- Pontuação final
  - I. O ponto - Ponto final e ponto da abreviatura
  - Título deve ser pontuado?
  - II. O ponto de interrogação
  - Interrogação indireta
  - Pergunta retórica
  - III. O ponto de exclamação
  - Para distinguir uma frase declarativa de uma exclamação
  - Depois de uma interjeição
  - Para caracterizar chamado ou interpelação
  - Em frases imperativas
  - Pontuação com interjeição
  - Usar ou não usar o ponto de exclamação
  - Nas enumerações exemplificativas
  - Para indicar cortes em citações
  - Espaço antes ou depois das reticências

O professor que odiava reticências
Diversos - O ponto fica antes ou depois das aspas?
Sobre o Autor

CLÁUDIO MORENO

NOVA ORTOGRAFIA

guia prático do português correto

vol. 4

para gostar de aprender

PONTUAÇÃO

PRINCÍPIOS GERAIS

PONTUAÇÃO INTERNA

PONTUAÇÃO FINAL

para gostar de aprender

L&PM POCKET

para gostar de aprender

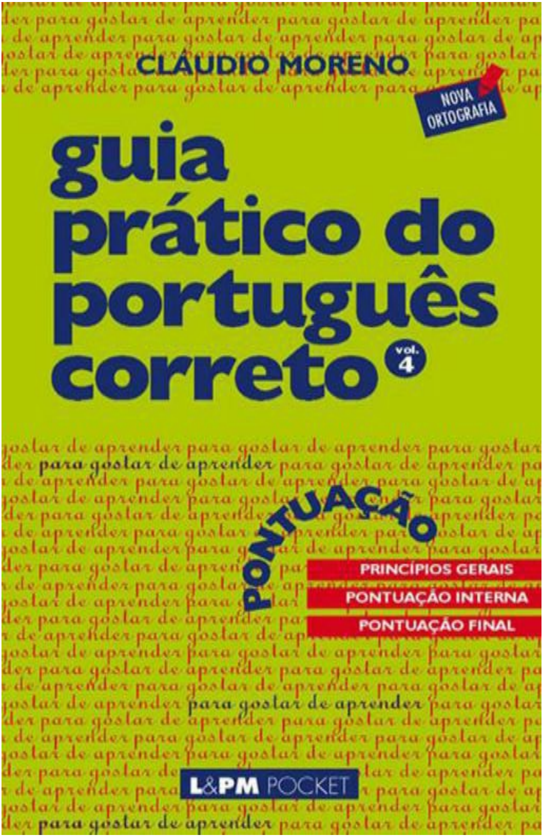

CLÁUDIO MORENO

NOVA ORTOGRAFIA

guia prático do português correto

vol. 4

PONTUAÇÃO

PRINCÍPIOS GERAIS
PONTUAÇÃO INTERNA
PONTUAÇÃO FINAL

para gostar de aprender

L&PM POCKET

CLÁUDIO MORENO

guia prático do português correto

vol. 4

para gostar de aprender

PONTUAÇÃO

PRINCÍPIOS GERAIS
PONTUAÇÃO INTERNA
PONTUAÇÃO FINAL

www.lpm.com.br
L&PM POCKET

À memória de Joaquim Moreno, meu pai,
e de Celso Pedro Luft, mestre e amigo.

Pontuação são uns risquinhos, ou pontos, com que se apartam entre si as palavras,
e mostram que casta de sentido fazem.
Jerônimo Contador de Argote
Regras da língua portuguesa, espelho da língua latina (1725)

Apresentação

Este livro é a narrativa de minha volta para casa – ou, ao menos, para essa casa especial que é a língua que falamos. Assim como, muito tempo depois, voltamos a visitar o lar em que passamos nossos primeiros anos – agora mais velhos e mais sábios –, trato de revisitar aquelas regras que aprendi quando pequeno, na escola, com todos aqueles detalhes que nem eu nem meus professores entendíamos muito bem.

Quando, há quase dez anos, criei minha página sobre o Português (www.sualingua.com.br), percebi, com surpresa, que os leitores que me escrevem continuam a ter as mesmas dúvidas e hesitações que eu tinha quando saí do colégio nos turbulentos anos 60. As perguntas que me fazem são as mesmas que eu fazia, quando ainda não tinha toda esta experiência e formação que acumulei ao longo de trinta anos, que me permitem enxergar bem mais claro o desenho da delicada tapeçaria que é a Língua Portuguesa. Por isso, quando respondo a um leitor, faço-o com prazer e entusiasmo, pois sinto que, no fundo, estou respondendo a mim mesmo, àquele jovem idealista e cheio de interrogações que resolveu dedicar sua vida ao estudo do idioma.

Por essa mesma razão, este livro, da primeira à última linha, foi escrito no tom de quem conversa com alguém que gosta de sua língua e está interessado em entendê-la. Este interlocutor é você, meu caro leitor, e também todos aqueles que enviaram as perguntas que compõem este volume, reproduzidas na íntegra para dar mais sentido às respostas. Cada unidade está dividida em três níveis: primeiro, vem uma explicação dos princípios mais gerais que você deve conhecer para aproveitar melhor a leitura; em seguida, as perguntas mais significativas, com discussão detalhada; finalmente, uma série de perguntas curtas, pontuais, acompanhadas da respectiva resposta.

Devido à extensão do material, decidimos dividi-lo em quatro volumes. O primeiro reúne questões sobre **Ortografia** (emprego das letras, acentuação, emprego do hífen e pronúncia correta). O segundo, questões sobre **Morfologia** (flexão dos substantivos e adjetivos, conjugação verbal, formação de novas palavras). O terceiro, questões sobre **Sintaxe** (regência, concordância, crase, etc.). O quarto, finalmente, é totalmente dedicado à **Pontuação**.

Sempre que, para fins de análise ou de comparação, foi preciso escrever uma forma **errada**, ela foi antecedida de um **asterisco**, segundo a praxe de todos os modernos trabalhos em Linguística (por exemplo, “o dicionário registra **obcecado**, e não *__obscecado__ ou *__obsecado__”). O que vier indicado entre duas barras inclinadas refere-se exclusivamente à pronúncia e não pode ser considerado como uma indicação da forma correta de grafia (por exemplo: **afta**

vira, na fala, **/á-fi-ta/**).

Cláudio Moreno, 2010

Falar e escrever

A escrita é muito mais pobre que a fala

A relação entre quem fala e quem ouve é muito mais simples que a relação entre quem escreve e quem lê. Quando falamos, somos mais facilmente entendidos do que quando escrevemos, porque, junto com as palavras pronunciadas, fornecemos também a nosso ouvinte várias indicações de como ele deve processar o que estamos dizendo. A entonação, o ritmo, as pausas que fazemos, além de nossos gestos e de nossas expressões faciais, servem, na verdade, como uma espécie de manual de instruções sobre como esperamos ser compreendidos.

Além disso, a presença do ouvinte também contribui em muito para o sucesso de nossa comunicação, pois ele emite sinais de que está acompanhando nosso discurso ou de que algo não está lhe parecendo muito claro, dando-nos, assim, a oportunidade de refazer ou reforçar o que estávamos dizendo.

Na escrita, nada disso existe. O leitor está sozinho diante daquilo que escrevemos. Nosso texto, ao contrário de nossa voz, não vem carregado das ênfases ou das sutilezas de tom que fazem parte da fala. Ele se materializa apenas como letras e sinais que distribuímos organizadamente no branco do papel, na esperança de que o leitor possa compreender o que pensamos ter escrito.

1 – O leitor colabora

É por isso que a leitura jamais será uma atividade passiva, pois precisamos colaborar no esforço de extrair o significado do texto. Para compreender uma frase, colocamos em ação o nosso mecanismo de processamento de linguagem; em geral, escolhemos um dos caminhos a que estamos habituados e vamos percorrê-lo até perceber que não há saída – isto é, até perceber que nossa escolha foi equivocada. Quando (e se) isso chegar a ocorrer, nós – que, como todo leitor, somos solidários com o autor – trataremos de refazer o caminho do ponto em que tinha começado o equívoco. Veja a frase abaixo:

> (1) **Enquanto ele fotografava o macaco derrubou o tripé com a cauda**.

Nossa primeira tendência é considerar "**enquanto ele fotografava o macaco"** como um segmento unitário:

> (2) **[Enquanto ele fotografava o macaco]** derrubou o tripé com a cauda.

No entanto, ao prosseguir na leitura, percebemos que **macaco** não é o complemento de **fotografar**, mas sim o sujeito de **derrubou**; voltamos atrás e

refazemos, então, a leitura, desta vez na forma correta:

> (3) **[Enquanto ele fotografava]** o macaco derrubou o tripé com a cauda.

Todo esse trabalho seria evitado se o autor já tivesse usado uma vírgula para sinalizar a segmentação correta:

> (4) Enquanto ele fotografava, o macaco derrubou o tripé com a cauda.

Precisamos admitir que a presença de elementos como **macaco** e **cauda** nos permitiria entender a frase mesmo que ela estivesse sem pontuação – ou, o que é ainda pior, mesmo que estivesse com pontuação errada –, mas fica claro que a presença da vírgula no local adequado tornou a leitura muito mais **rápida** e mais **fluida**, exigindo menos esforço de processamento. Esta é, como veremos, a única (e preciosa) função dos sinais de pontuação: **orientar o leitor para a melhor maneira de percorrer os textos que escrevemos**.

Embora sejam poucos os brasileiros que estão preocupados com a pontuação – como você, que lê este livro –, ela exerce uma inegável influência no momento da leitura. As pessoas podem não saber muito bem onde ou por que empregar as vírgulas, mas vão perceber a diferença se o texto estiver (ou não) bem pontuado.

2 – O texto é uma estrada a percorrer

Nada é mais parecido com a pontuação do que o sistema de sinalização de uma estrada. Imagine, caro leitor, que deram a você a incumbência de sinalizar uma estrada novinha em folha, ainda sem uso. Por enquanto, ela é apenas uma extensa faixa de asfalto liso, sem manchas ou buracos, que vai de um ponto a outro do estado; quando for inaugurada, no entanto, deverá estar completa, com as faixas pintadas no seu leito e com todos os sinais e placas necessários espalhados ao longo da via. Então você a percorre várias vezes, nos dois sentidos, estudando-a com cuidado, assinalando em sua planilha todos os pontos que lhe parecem significativos. Você sabe que a tarefa que lhe deram é vital para o motorista que vai passar por ali, pois é através da sinalização que a estrada fala com ele, avisando-o de tudo aquilo que ele precisa saber para fazer uma viagem segura (aliás, este é o principal motivo pelo qual as autoridades de trânsito exigem que o condutor seja alfabetizado: ele precisa **ler** o que a estrada tem a dizer).

Vamos supor – já que estamos fazendo um exercício de imaginação – que você então apresente a seu supervisor a planilha em que marcou os pontos em que pretende colocar cada sinal de trânsito. “Por que estas quatro placas tão próximas?”, pergunta ele, apontando para determinado trecho. Como você fez um exame minucioso da estrada, pode justificar sua decisão: “Aqui há uma forte curva para a direita, mas eu não notei que o ângulo era tão acentuado até entrar

nela; se eu não estivesse rodando devagar, não teria conseguido controlar o carro! Acho que o motorista deve ser avisado bem antes, com tempo suficiente para diminuir a velocidade e se preparar para a manobra. É muito perigosa, e por isso vamos colocar quatro placas indicativas, de 100 em 100 metros, antes daquela que assinala ponto exato em que a curva inicia". "E uma só não basta?". Você é taxativo na resposta: "Não; não podemos correr o risco de que um motorista distraído deixe de receber esta mensagem ou não lhe dê a atenção que ela merece; quem entrar naquela curva na velocidade normal da estrada vai fatalmente rolar barranco abaixo".

Se você for justificando, uma a uma, as placas que pretende colocar, vai perceber que elas obedecem a uma lógica muito simples: **tudo o que não for previsível para o motorista deverá ser assinalado ao longo do trajeto**. Você vai avisá-lo que existe, à frente, um estreitamento na faixa da direita, ou uma escola rural (com a natural movimentação de crianças na hora da entrada e da saída), ou um desnível entre a pista e o acostamento, ou um trecho que não oferece visibilidade suficiente para ultrapassagem, etc. Se você for um bom engenheiro de trânsito, vai, inclusive, **prever** possíveis reações dos condutores. É por isso que extensos trechos em linha reta, com ampla visibilidade, embora favoreçam uma rodagem extremamente segura, geralmente recebem dois tipos de placas: por um lado, as que lembram a velocidade máxima permitida; por outro, as que aconselham o condutor a descansar no acostamento em caso de sonolência.

Antes de liberar a estrada para o público, você pode pedir a dois ou três técnicos amigos que testem a sinalização que você concebeu; é possível que ainda seja necessário acrescentar mais alguma coisa. Por exemplo, você não tinha notado que determinado trecho fica escorregadio em dias de chuva, ou que, durante a semana, há trânsito intenso de caminhões no entroncamento da via principal com um desvio que leva a uma pedreira – e assim por diante. Quanto mais bem sinalizada a estrada, mais segura será a viagem.

Pois o texto, exatamente como a estrada, é uma linha que deve ser percorrida de um ponto a outro. Entre o leitor e o autor existe a mesma combinação tácita que existe entre o motorista e o construtor da estrada: "Vou ler o seu texto, mas, em troca, você não deixará de me avisar de tudo aquilo que eu preciso saber para ter sucesso nesta leitura". Quanto mais bem pontuada uma frase ou um texto, maiores as chances de que a mensagem seja entendida pelo leitor tal como o autor a idealizou. Aqui entram os sinais de pontuação, os quais, como você já terá percebido, equivalem às placas e aos sinais da rodovia e, como estes, devem ser usados também para assinalar tudo o que for inesperado ou imprevisível na estrutura normal de nossa língua. O princípio básico é cristalino:

Frase normal não tem vírgula;
frase que tem vírgula não é frase normal.

A pontuação assinala modificações introduzidas nos padrões normais da frase; por causa disso, jamais um sinal de pontuação poderá interromper um vínculo sintático essencial – ou seja, como explicava Celso Pedro Luft, jamais haverá pontuação separando o sujeito do verbo, o verbo de seus complementos, o termo regente do termo regido, o termo modificado do seu modificador.

3 – Como é a frase normal?

A frase normal da língua portuguesa segue preferencialmente o padrão S–V–O (Sujeito–Verbo–Objeto). Esta é a ordem presente na maior parte das frases que lemos ou ouvimos: primeiro o sujeito, depois o verbo e, por fim, o complemento. Estamos tão habituados a essa ordem que temos a tendência inconsciente a aplicá-la sempre que vamos ler uma frase escrita por outra pessoa.

Se atribuirmos números às posições sintáticas da frase normal, diríamos que o **sujeito** ocupa a casa 1, o **verbo** ocupa a casa 2, e a casa **3** é ocupada pelos **complementos** (objeto direto ou indireto) ou pelo **predicativo**. A partir dessas casas, podemos fazer uma classificação básica dos verbos de nosso idioma (note que os verbos intransitivos têm a casa 3 desocupada):

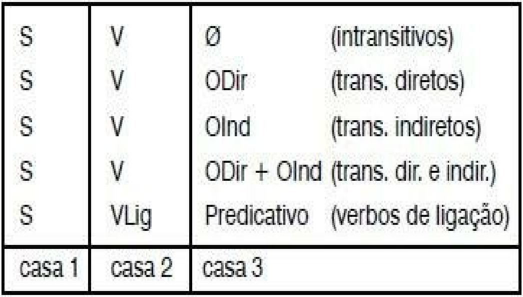

S	V	Ø	(intransitivos)
S	V	ODir	(trans. diretos)
S	V	OInd	(trans. indiretos)
S	V	ODir + OInd	(trans. dir. e indir.)
S	VLig	Predicativo	(verbos de ligação)
casa 1	casa 2	casa 3	

Além disso, qualquer uma dessas frases pode trazer no final – naquela que seria, portanto, a casa **4** – um ou vários **adjuntos adverbiais**, elementos que especificam as circunstâncias em que se dá a ação descrita na frase – geralmente o **tempo**, o **lugar** ou o **modo**:

> O menino esqueceu o casaco [no banco da praça].
>
> Todas as anotações desapareceram [misteriosamente].
>
> Você vai devolver a minha chave [agora mesmo].

Essa é a ordem canônica do Português escrito. Nós nos habituamos com essa ordem de tal maneira – seja escrevendo, seja lendo – que já nem mesmo temos consciência dela, assim como o peixe não percebe a água que o sustenta. Quando lemos o texto de outra pessoa, a tendência natural é aplicar o padrão sujeito–verbo–complemento nas frases que temos diante dos olhos – e esperamos que nos avisem, por meio da pontuação, cada vez que houver um desvio dessa ordem básica.

Examinemos uma frase normal, com verbo transitivo direto e indireto:

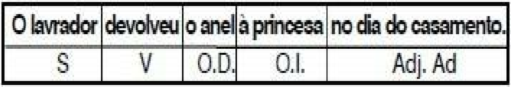

O lavrador	devolveu	o anel	à princesa	no dia do casamento.
S	V	O.D.	O.I.	Adj. Ad

Como o padrão frasal não sofreu alteração alguma, qualquer vírgula que pusermos nessa frase estará ERRADA. Pior ainda: este sinal inadequado vai perturbar a concentração do leitor, pois ele – como todos nós, aliás – está condicionado a levar a sério, em princípio, todos os sinais que o autor coloca no texto. O uso incorreto dos sinais de pontuação confunde o leitor e aos poucos o irrita; ninguém gosta de parar uma leitura e retroceder no texto para retomar o fio do raciocínio – especialmente se esta interrupção for causada por falta de cuidado do autor.

Agora, se intercalarmos qualquer elemento **entre** o sujeito e o verbo, ou **entre** o verbo e os seus complementos, as vírgulas começam a aparecer naturalmente:

> O lavrador, **meus amigos**, devolveu o anel mágico à princesa no dia do casamento.
>
> O lavrador devolveu, **você sabe**, o anel mágico à princesa no dia do

casamento.

Além da **intercalação**, outra anormalidade frequente em nossas frases é o simples **deslocamento**. No exemplo acima, o **adjunto adverbial** poderia ser deslocado, fazendo as vírgulas surgirem automaticamente:

> **No dia do casamento**, o lavrador devolveu o anel mágico à princesa.

4 – O leitor é que importa

Da Grécia antiga até hoje, numa jornada de dois mil e quinhentos anos, o Ocidente veio amadurecendo o sistema de pontuação que utilizamos. Para quê? Para fornecer ao leitor uma orientação segura de como pretendemos que ele interprete o que escrevemos e, ao mesmo tempo, deixar o texto balizado de tal modo que essa leitura seja feita com o menor esforço possível.

Jamais devemos esquecer, portanto, que os sinais que colocamos em nossos textos estão ali **para ser vistos pelos olhos do leitor**, para avisá-lo de alguma coisa. Se os colocarmos nos lugares adequados, vamos ajudar o destinatário a processar confortavelmente nossa mensagem e a extrair dela o significado que tínhamos em mente ao escrevê-la. É por isso que só pontuam bem aqueles que conseguem se colocar na mente de quem vai lê-los, isto é, aqueles que conseguem ler seu próprio texto com os olhos de outrem para se antecipar a suas possíveis dificuldades e hesitações. Esta é uma habilidade que se adquire com tempo e treinamento; se você ainda não a domina, use o antiquíssimo expediente de recorrer a um amigo, colega ou parente – em suma, um leitor real – que seja paciente e solidário o bastante para examinar o seu texto, mas sincero o suficiente para assinalar os pontos em que encontrou dificuldade.

Princípios gerais

Apontuação nos dicionários

Professor, o senhor afirmou, num artigo, que a função dos sinais de pontuação não é marcar as pausas da leitura. Como é que se explica que tanto o dicionário Aurélio quanto o Houaiss definam vírgula como um sinal que "marca pausas"? E aí? Por acaso o senhor sabe mais do que eles?

Aphonse G. – São Luís (MA)

Meu caro Aphonse, o fato de defender uma posição diferente da posição deles não significa qualquer pretensão de minha parte. Os dois dicionários que você menciona, especialmente o segundo, são exatamente as fontes em que todos os dias vou beber; estou tão acostumado a conviver com eles que não sei como poderia trabalhar se, para meu desamparo, algum feitiço maligno os fizesse desaparecer subitamente.

Isso não quer dizer, no entanto, que eu não discorde, aqui e ali, de certas opiniões que esses autores manifestam em seus dicionários quanto à grafia, à morfologia e à origem de algumas palavras. Nos três volumes anteriores do **Guia Prático**, você vai encontrar diversos exemplos dessas divergências, sempre fundamentadas, é claro, na prática dos bons escritores e na teoria defendida por outros grandes mestres do idioma.

A meu ver, o calcanhar de Aquiles desses dois excelentes dicionários é a **teoria gramatical** em que eles se baseiam, nem sempre em sintonia com os avanços já consolidados pelo mundo acadêmico. Dito sem maiores rodeios, Aurélio e Houaiss, embora brilhantes lexicólogos, não eram lá muito atualizados em Linguística, e somos obrigados a reconhecer que muitos de seus conceitos são antiquados. Em regência, ainda utilizam a classificação de verbo **bitransitivo**, abandonada desde 1958; na composição de palavras, não distinguem os compostos por formas **presas** (**telegrafia**, **sociologia**) dos compostos por formas **livres** (**tele-conferência**, **sócio-cultural**); na pontuação, como você percebeu, preferem alinhar-se com a antiga concepção que ligava os sinais a pausas, deixando de lado a teoria moderna de que esses sinais, na verdade, existem para

auxiliar o leitor a enxergar a articulação sintática do texto.

A vírgula não existe para marcar pausas

Professor, faz mais de quarenta anos que deixei a escola, mas sou agradecido aos padres que me ensinaram Português. Uso até hoje, com sucesso, os ensinamentos que me deram, mas na pontuação sempre dá alguma coisa errada. Sempre que escrevo, ainda tenho o hábito de ler a frase em voz alta mental e colocar vírgula onde faço as pausas, mas minha filha, que revisa todas as minhas cartas, diz que eu pontuo muito mal. Mudaram as regras que aprendi?

Agenor R. – Juiz de Fora (MG)

Meu caro Agenor, houve mais que uma simples mudança na regra; o que ocorreu foi uma mudança radical na concepção dos motivos para pontuar. A pontuação baseada nas pausas vem do tempo da Idade Média, quando o Ocidente ainda não havia introjetado o hábito da leitura silenciosa. Todos liam em **voz alta**, e os sinais de pontuação serviam, portanto, para marcar as pausas e as entonações. Para você ter uma ideia, em 1737, o tratado *Bibliotheca Technologica*, do erudito inglês Benjamin Martin, tenta ingenuamente fixar a duração dessas pausas: "A pausa da vírgula dura o tempo que você leva para dizer **um**. A do ponto-e-vírgula dura o tempo de contar até **dois**. A do dois-pontos, o tempo de contar até **três**; e a do ponto final, o tempo que você leva para contar até **quatro**". À medida que a leitura passou a ser silenciosa (e, por esse motivo, muito mais rápida), deixou de ser necessário fazer a marcação das pausas, liberando a pontuação para outra finalidade muito mais importante: facilitar ao leitor o reconhecimento instantâneo da estrutura sintática das frases. Ao pontuarmos um texto, estamos fornecendo indicações que vão permitir a nossos diferentes leitores percorrê-lo sem hesitações ou embaraços.

Se tomarmos um parágrafo pontuado de acordo com o antigo critério das pausas e o pontuarmos pelo critério moderno, vários sinais que estavam na versão antiga vão aparecer na nova versão – **mas não todos**. A pontuação antiga sempre vai ter algumas vírgulas **a mais**, o que é natural, já que nem todas as pausas que fazemos ao falar, a fim de separar os segmentos naturais da frase, serão assinaladas na escrita. Aposto que você terá de fazer no mínimo **duas pausas** para ler em voz alta a frase abaixo:

> O vizinho da casa defronte à minha ensaia intermináveis solos de saxofone no meio da madrugada.

No entanto, como você já deve ter pressentido, aqui não cabe vírgula alguma, já que ela tem a configuração típica da maioria das frases do Português: um sujeito ("O vizinho da casa defronte à minha"), um verbo ("ensaia") seguido de seu complemento ("solos de saxofone") e de um adjunto adverbial ("no meio da madrugada"). Se você recebeu uma boa base no colégio, como acredito, certamente lhe ensinaram análise sintática, o que vai facilitar muito sua passagem para o novo sistema.

Para que serve a pontuação?

> No começo, os sinais de pontuação tinham a função básica de assinalar as **pausas** recomendadas pelo autor. Nada mais lógico, se lembrarmos que, da Antiguidade Clássica até o fim da Idade Média, praticamente só se lia em voz alta; a leitura silenciosa era quase desconhecida e, como se vê em comédias gregas e romanas, considerada um hábito de malucos e excêntricos. A partir do Renascimento, contudo, com a invenção e a popularização da imprensa, os hábitos do leitor mudaram radicalmente: ele passou a ler apenas com os olhos e com o cérebro, aumentando espantosamente a velocidade com que podia percorrer as linhas e as páginas. O treinamento escolar passou a dar ênfase absoluta para essa leitura internalizada, tornando a leitura em voz alta uma habilidade especializada, dominada por poucos. Nesse novo cenário, era natural que também a pontuação recebesse uma nova função: a de assinalar, para o leitor, **os momentos em que a estrutura da frase se afasta da ordem a que todos nós estamos habituados**.
>
> Hoje ainda persiste a ideia – totalmente equivocada – de que as pausas da fala são assinaladas, na escrita, pelos sinais de pontuação. Basta ver a descrição que nossos melhores dicionários fazem dos sinais de pontuação (o *Houaiss*, por exemplo, define o ponto-e-vírgula como "sinal de pontuação que indica pausa mais forte que a da vírgula e menos que a do ponto"!).
>
> É verdade que, ao lermos um texto em voz alta, teremos de fazer pausas ao encontrarmos os sinais de pontuação; contudo, o **inverso não é verdadeiro**: nem todas as pausas que fizermos na leitura terão, na escrita, seus sinais correspondentes. Colocado em termos formais, podemos afirmar que não há correspondência exata entre os sinais de

> pontuação e as pausas da leitura, porque **todo sinal implica uma pausa, mas nem toda pausa tem o seu sinal correspondente.**
>
> [Extraído de Português para Convencer, de Cláudio Moreno e Túlio Martins. São Paulo, Ática, 2006.]

Vírgula com sujeito posposto

Prezado professor: em frases como "informa aquela seção que" e "deixa claro tal dispositivo legal que", é desnecessário, opcional ou obrigatório destacar o sujeito por vírgulas, já que está posposto ao verbo?

Gustavo E. – Maceió

Meu caro Gustavo: na pontuação moderna, usada em quase todos os países do Ocidente, não se assinala com vírgula a posposição do sujeito ao verbo, já que essa é a segunda posição natural que ele costuma ocupar na frase. A pontuação só vai ser necessária quando houver deslocamentos e intercalações mais radicais (adjuntos adverbiais deslocados, vocativos, etc.). Nos exemplos enviados por você, essa vírgula não é **desnecessária**, nem **opcional**, nem **obrigatória**: ela é totalmente **desaconselhável**.

Vírgula com sujeito posposto – o retorno

Olá, professor Moreno! Na resposta a um leitor de nome Gustavo [ver pergunta anterior], o senhor observou que não é necessário assinalar com vírgula a posposição do sujeito ao verbo, já que essa é a segunda posição natural desse termo, e que só precisamos pontuar quando houver deslocamentos e intercalações mais radicais, como é o caso de um vocativo ou de um adjunto

adverbial deslocado. Minha pergunta é a seguinte: por que o sujeito colocado à direita do verbo (fora, portanto, de sua posição habitual, que seria no início do período) não é isolado por vírgula em construções em que a frase se torna ambígua? Para ver a diferença, basta comparar "Por que atacam os iraquianos?" e "Por que atacam, os iraquianos?". O que o senhor tem a dizer?

Denis R. – Pelotas (RS)

Meu caro Denis, sua pergunta revela que você ainda está no grupo (numerosíssimo, aliás) dos que pensam que as regras de **pontuação** têm o mesmo caráter das regras de **acentuação**, por exemplo. Pois, acredite, são coisas muito diferentes. Como já expliquei no *Guia Prático 1*, a **acentuação** é pão, pão; queijo, queijo: o sistema define, de forma clara, as condições para que determinados tipos de vocábulos recebam acento gráfico, e essas regras valem para os vocábulos que já existem e para os que ainda não foram criados, sem choro e sem exceção. A **pontuação** é diferente: em vez de **regras**, ela tem um **princípio** fundamental – ajudar o leitor a processar rápida e corretamente o que está escrito –, e dele decorre uma série de procedimentos que a prática (não uma comissão de acadêmicos ou de gramáticos) veio refinando ao longo dos séculos.

Como os **sinais** existem para **assinalar** alguma coisa (não pode haver etimologia mais transparente!), só devemos usá-los nos locais em que o leitor precisa ser avisado de que algo diferente está acontecendo. Com isso, evitamos que ele perca o fio da meada e asseguramos que ele faça uma viagem confortável ao longo de nosso texto – o que só virá em nosso benefício, já que é para isso que escrevemos. Quanto mais segura for a nossa pontuação, mais aumentará a confiança que o leitor deposita em nós, e mais fluente e prazerosa será sua leitura. Por outro lado, se começarmos a assinalar o que não é necessário, deixaremos o leitor inseguro, levando-o a desconfiar de todos as nossas vírgulas, mesmo as que estão corretas.

É por causa disso que não separamos por vírgula os elementos que estão vinculados sintaticamente. Uma vírgula entre o **sujeito** e o seu **verbo**, ou entre o **verbo** e o seu **complemento**, é considerada **errada** porque essas são sequências naturais de nossa língua que não devem ser interrompidas por pontuação alguma. Um sinal colocado nesses lugares é semelhante a um rebate falso, que só serve para atrapalhar o leitor e desviar sua atenção, fazendo-o perder tempo em analisar a frase para ver se descobre o que a vírgula estaria sugerindo.

Como você já deve ter percebido, todos esses cuidados fazem parte de um verdadeiro jogo de sedução que se estabelece entre aquele que deseja ser lido e o seu possível leitor. No entanto, devemos estar prontos a abandonar tudo isso quando pressentirmos que o **sentido** do texto, que é sua única razão de existir, está sendo ameaçado. Nada é mais importante do que ele; é um valor que deve ser

preservado acima de qualquer outro. Este é um daqueles casos em que, como diz Camões, "outro valor mais alto se alevanta" – ou seja, deixamos de lado o princípio geral da pontuação e vamos atender a emergência. A vírgula colocada em "Por que atacam, os iraquianos?" é a única garantia de que não vamos tomar **iraquianos** por um objeto direto, e deve ficar onde está, mesmo que esteja separando o sujeito posposto. Os que não gostarem do efeito devem, então, mudar a ordem da frase para "Por que os iraquianos atacam?" – como, aliás, eu faria e recomendaria que todos fizessem o mesmo.

A pontuação nos escritores

Professor, estou lendo o livro Ensaio Sobre a Lucidez, de José Saramago. É o quinto livro que leio do autor e penso que sua maneira de escrever é no mínimo curiosa. Não imagino que ele escreva de modo "errado"; jamais poderia afirmar isso e penso que, mesmo não utilizando os pontos de exclamação, interrogação, travessões, e pouco utilizando o ponto final, seus textos são completamente compreensíveis e o estilo certamente me causa extremo prazer. Apenas gostaria de saber as suas considerações sobre o texto dele, mais especificamente sobre a pontuação.

Luiz Henrique T. – Canoas (RS)

Meu caro Luiz, Jorge Luis Borges já expressou, há muito tempo, o que penso sobre isso: o Ocidente precisou de mais de dois mil anos para chegar a um sistema de pontuação coerente e universal; contrariá-lo, como faz Saramago, representa uma involução desnecessária e sem sentido. É claro que os poetas muitas vezes subvertem a pontuação e a estrutura para obter alguma vantagem expressiva com isso – no que estão cobertos de razão. Agora, o que a prosa de Saramago ganha com essa pretensa "inovação"? Nada que a justifique. Eu me arrisco a dizer, inclusive, que podemos apreciá-lo **apesar** (e não "por causa") da pontuação que emprega.

A bem da justiça, friso que ele não foi o primeiro (nem será, infelizmente, o último) a se afastar da pontuação tradicional. Alguns escritores acreditam, ao que parece, que essa atitude de "rebeldia pontuacional" vai acrescentar uma força maior à linguagem com que se exprimem. Esquecem que a pontuação atualmente consagrada é um sistema muito útil e eficiente, que foi aperfeiçoado

e polido pela interação dos escritores e dos leitores de todos os pontos do Ocidente, ao longo de muitos séculos – e que na base de toda essa construção está o pressuposto essencial de que os sinais só têm utilidade quando os dois lados envolvidos no processo (quem escreve e quem lê) atribuem a eles o mesmo valor.

Compreendo que você não queira imaginar que ele escreva “errado”, mas espero que isso não o leve a pensar que ele sempre escreve “certo”. Ele não é um mestre do idioma, como Camilo, Fernando Pessoa, Manuel Bandeira ou Drummond; na verdade, a cultura linguística do nosso prêmio Nobel nunca teve nada de excepcional, se você quer saber. De vez em quando, para me certificar de que não estou cego para as qualidades da obra de um autor aplaudido por tantos, leio uma página do Eça e depois leio uma página dele (ou ao contrário, tanto faz): a comparação, até agora, sempre foi constrangedora.

Como posso indicar uma pausa na fala?

Qual o sinal gráfico que devemos utilizar para indicar que existe uma pausa na conversa de alguém? Por exemplo, como indicar que uma pessoa começou a falar de um assunto, fez uma pausa e, em seguida, voltou a falar de novo, possivelmente em outro tema? Posso usar (...), isto é, reticências entre parênteses?

André Vieira – Juazeiro (CE)

Prezado André: já não se defende, tecnicamente, a ideia de que os sinais de pontuação existem para indicar pausas. Hoje eles são vistos como poderosos auxiliares sintáticos; sua função é assegurar que meu leitor vá reconhecer, sem sobressaltos, a sintaxe da frase que escrevi. Para indicar pausas em diálogos, os escritores fazem de tudo um pouco, já que a linguagem escrita é paupérrima – quase impotente, dizem alguns – para reproduzir as pausas, entonações, hesitações, mudanças de tom, de timbre, etc., que a fala usa com tanta riqueza. Alguns simplesmente incluem a pausa na própria narração:

> “Blá, blá, blá.” **Pausa**. “Blé, blé, blé.”
>
> “Blá, blá, blá.” **Fulano fez uma pausa, enquanto olhava pela janela.** Continuou: “Blé, blé, blé.”

Alguns autores usam **reticências** para esse fim, mas sempre há o risco de que o leitor as tome como indicadores de ironia, hesitação ou embaraço. No exemplo abaixo, de Machado de Assis, não há dúvida de que as reticências no final da primeira frase assinalam a interrupção da fala do personagem; na segunda, contudo, a interpretação fica em aberto:

> – Abandoná-lo ao desprezo, porque o senhor é um...
>
> – Um... quê?

Outros preferem intercalar detalhes que dão ao leitor a sensação de que a pausa ocorreu:

> “Blá, blá, blá.” **Fulano parou, nervoso, procurando as palavras mais adequadas. Já fazia muito tempo que eles não se viam**. “Blé, blé, blé.”
>
> “Blá, blá, blá.” “Blé, blé, blé.” **Seu interlocutor olhava-o, incrédulo. O que significaria aquela pausa entre o último “blá”, tão sofrido, e o primeiro “blé”?**

Em situações especiais, como depoimentos, registros de experiências, entrevistas psicológicas, etc. – textos em que é fundamental a descrição detalhada tanto do QUE foi dito quanto de COMO foi dito –, parte-se então para o explícito, sem maiores escrúpulos:

> “Blá, blá, blá.” [**o paciente para de falar por alguns segundos e olha a parede; em seguida, recomeça, no mesmo tom, embora mude radicalmente o assunto**] “Blé, blé, blé.”

Como você pode ver, André, cada um se defende como pode. A tarefa é inglória, dada a descomunal diferença que existe entre a riqueza da fala e a relativa pobreza da escrita. Quanto às reticências entre parênteses, reserve-as para indicar, numa citação, que houve o corte de alguma parte do texto original.

Vírgula depois de sujeito oracional

Existe algum caso na língua portuguesa em que se separa o SUJEITO do PREDICADO por vírgula? Vejo esse erro com frequência, até

mesmo em veículos da grande imprensa; sempre achei que se tratava de um equívoco, mas fiquei em dúvida quando li a seguinte frase em um artigo escrito pelo senhor sobre os nomes dos países latino-americanos: "Só sei que naquela época esta era a regra do jogo – quem domina e coloniza, dá o nome". "Quem domina e coloniza" e "dá o nome" não são, respectivamente, SUJEITO e PREDICADO da frase?

Guilherme Netto – Paris (França)

Sim, Guilherme, está correta sua análise da frase que escrevi, assim como também é verdade que não se deve colocar, na pontuação moderna, uma vírgula entre o sujeito e o predicado. No entanto, como já frisei várias vezes, esta regra de pontuação é mais um **conselho** do que uma **regra** propriamente dita. Ela não tem, como as regras de **acentuação**, aquela obrigatoriedade que não admite divergências, e haverá casos, como este, em que é necessário (ou aconselhável) contrariá-la deliberadamente a fim de tornar a leitura mais fluente.

O princípio geral é muito simples: como devemos reservar a vírgula para assinalar tudo aquilo que foge à normalidade sintática, é evidente que não há razão para separar o sujeito do verbo, nem o verbo de seu complemento, já que esta é a ordem canônica da frase no Português. Todavia, quando o sujeito for **oracional** (representado por uma oração subordinada **substantiva**), os bons escritores empregam, muitas vezes, uma vírgula para assinalar com maior clareza o fim do bloco do sujeito. Em Machado encontramos tanto exemplos **sem** vírgula ("**Quem não viu aquilo** não viu nada"; "**Quem for mãe** que lhe atire a primeira pedra") quanto **com** vírgula ("**Quem perde uma das metades**, perde naturalmente metade da existência"; "**Quem viesse pelo lado do mar**, veria as costas do palácio, os jardins e os lagos..."; "**Quem morreu**, morreu"). Um excelente exemplo pode ser encontrado em Vieira: "...ninguém se atreva a negar que **tudo quanto houve**, passou, e **tudo quanto é**, passa". Não podemos negar que a vírgula que foi empregada nos exemplos acima apenas veio **facilitar** o trabalho de processamento da frase; se ela fosse inadequada, ocorreria o efeito oposto. Foi certamente por isso que os nossos literatos sempre consideraram **facultativa** a vírgula nesta posição.

Num breve passeio pelo mundo dos provérbios portugueses, há muitos exemplos em que esta vírgula, embora possível, pode ser dispensada: "Quem avisa amigo é"; "Quem bate no cão bate no dono"; "Quem dá o mal dá o remédio"; "Quem quer o fim quer os meios", "Quem não deve não teme". Ela passa a ser muito **útil**, no entanto, nos casos de construção paralela, em que o verbo da oração substantiva é seguido imediatamente pelo verbo da oração principal: "Quem quer, faz; quem não quer, manda". "Quem sabe, faz; quem não sabe, ensina". "Quem procura, acha; quem guarda, sempre tem". "Quem não faz, leva".

Agora, se o verbo for **idêntico** nas duas orações, esta vírgula passa a ser **indispensável**: "Quem deu, dará; quem pediu, pedirá". "Quem vai, vai; quem fica, fica". "Quem sabe, sabe". "Quem pode, pode" – isso sem falar naqueles casos em que a forma verbal pode se confundir com um **substantivo** homógrafo, criando-se uma ambiguidade que a vírgula desfaz imediatamente: "Quem quiser, **peça**"; "Quem ama, **cobra**"; "Quem teme, **ameaça**"; "Quem deseja, **casa**" (não se trata de alguém que "quer peça", ou "ama cobra", ou "teme ameaça", ou "deseja casa").

Aqueles que protestam contra essa flexibilidade demonstram que não compreenderam que a razão de ser da pontuação é o **leitor**. Não se trata, aqui, de voltar àquela antiga visão de pontuação subjetiva, submetida ao simples capricho de quem escreve; bem pelo contrário: a finalidade exclusiva dos sinais de pontuação é **orientar o leitor no trabalho de decodificar as frases que escrevemos**. Tudo que contribuir para isso será bem-vindo (e vice-versa).

Separar o sujeito do predicado?

Caro prof. Cláudio Moreno, a regra que proíbe a vírgula entre sujeito e predicado não tem exceção? Por exemplo, em A vida é sonho, de Calderón de la Barca, lemos, no original: "La vida es sueño, e sueños, sueños son" (em Português, "e sonhos, sonhos são"). Aquela vírgula depois de sonhos não teria aí a função de uma pausa estilística, de realce? Ou aquela regra não admite nunca exceção? Desde já agradecido!

Bruno C. – São Paulo

Caro Bruno, não existe uma regra que **proíba** a vírgula entre o sujeito e o predicado, mas sim uma **recomendação** veemente por parte dos professores e gramáticos de todo o país. Como a escola, por sua participação fundamental na engenharia da sociedade, precisa atingir o maior número de corações e mentes, sempre procurou inculcar em seus alunos os princípios que são aplicáveis à maioria das situações. As regras que nossas professoras nos ensinaram para escrever bem e corretamente não resistem a um exame mais aprofundado sob a luz da moderna teoria linguística; na verdade, não passam de **conselhos** práticos que devem ter sido úteis a milhões de estudantes brasileiros, mas que não podem

ser tomados ao pé da letra, com o rigor que alguns pretendem atribuir a eles.

Por exemplo, naquelas redações brevíssimas (quinze, vinte linhas) que fazíamos na escola primária, a **repetição** de um vocábulo era considerada inaceitável por meus mestres – no que estavam certos, se levarmos em consideração a exiguidade dos nossos textos de então. Isso, no entanto, não justifica que, trinta ou quarenta anos depois, um marmanjo ainda considere a repetição um pecado mortal, obrigando-se a fazer mil rodeios para não usar várias vezes um mesmo vocábulo num artigo científico ou numa bula de remédio. Hoje eu sei que a qualidade mais valiosa de qualquer texto é a sua **clareza** e não hesito em repetir um vocábulo tantas vezes quanto julgar necessário para alcançar esse objetivo – mesmo que me lembre, cada vez que faço isso, da voz da minha professora, que já deve estar há muito tempo ao lado direito do Senhor, corrigindo a gramática dos anjos.

Assim também é essa pregação incessante contra pôr uma vírgula entre o sujeito e o predicado. **Não é uma regra**, como já disse, **nem tem valor absoluto**, como você mesmo percebeu no belíssimo exemplo do Calderón. Basta comparar a versão com vírgula – "**E sonhos, sonhos são**" – com a versão que seria, segundo alguns, a "correta" – "**E sonhos sonhos são**" – para ver que aquela vírgula é **decisiva** para a imediata compreensão do verso por parte do leitor.

Vírgula entre o sujeito e o verbo?

Professor Claúdio, nunca tive maiores problemas com a pontuação; no entanto, em uma reunião de professores na minha escola surgiu uma grande discussão quanto aos dizeres de um projeto de valorização da leitura que vamos desenvolver e divulgar. O texto diz assim: "A pessoa que não lê mal ouve, mal fala, mal vê". No meu entender, ficou faltando uma vírgula depois entre lê e mal, porém outros professores discordaram, alegando que não se separa o sujeito do predicado com vírgula. Assim, gostaria imensamente de saber sua opinião a respeito para que possamos divulgar o texto corretamente. Grata.

Liliane C.

Prezada Liliane, aqui é exatamente onde bate o ponto: as regras de pontuação não passam de convenções (ou, quem sabe, meros conselhos?) que foram estabelecidas pelo consenso invisível de todos aqueles que escrevem. Os sinais de

pontuação estão ali para que o **leitor** os veja; esta é, na verdade, a única razão para que eu os utilize: orientar o leitor, sinalizando para ele a interpretação que eu gostaria que ele extraísse do meu texto.

Quem escreve quer ser compreendido por quem vai lê-lo – e foi essa preocupação que nos levou a desenvolver, ao longo de dois mil anos, esse sistema de sinais que todo o Ocidente utiliza. Se para isso tivermos de contrariar uma dessas “regras”, devemos fazê-lo sem medo e sem remorso, porque muito pior seria deixar o texto ambíguo ou confuso para o leitor.

Todos conhecemos o princípio de que não se deve usar vírgula entre os elementos **inseparáveis** da frase – entre o sujeito e o verbo, entre o verbo e seu objeto, entre o núcleo do sintagma e seus elementos periféricos. Isso **não é uma proibição**, mas sim uma decorrência óbvia do princípio geral de que uma frase só vai receber vírgula quando algo de diferente ocorrer em sua estrutura. Como vimos, **as frases normais não têm vírgula; as frases que têm vírgula não são normais.**

Os colegas que discordaram de você certamente estavam fazendo valer o princípio geral de não separar o **sujeito** (“a pessoa que não lê”) do resto da frase. Ora, este é um excelente exemplo do que afirmei acima: ou seguimos a “regra”, e deixamos na frase uma mancha de óleo que fará muitos leitores escorregarem – entendendo “a pessoa que não LÊ MAL” –, ou colocamos ali uma vírgula redentora, que termina com qualquer risco e permite que todos os leitores, já na primeira leitura, extraiam da frase exatamente o que vocês pretendiam dizer: “A pessoa que não lê, MAL OUVE, mal fala, mal lê”.

Por que cometem esse erro?

Professor, vou morrer sem entender por que tanta gente ainda insiste em colocar vírgula entre o SUJEITO e o VERBO! Parece ironia: a regra mais óbvia é exatamente a que é mais desrespeitada! Não ensinam mais essas coisas na escola?

Leocádio J. – Uberlândia (MG)

Meu caro Leocádio, posso assegurar que a escola não tem culpa nenhuma. Não é por falta de aviso que os brasileiros cometem esse erro, pois todo professor de Português que conheço vive combatendo essa vírgula com a pouca energia que

lhe resta. O segredo está, na verdade, na primeira parte da pergunta: por que alguém teria vontade de pôr uma vírgula bem naquele lugar?

A resposta é muito simples: o responsável por essa estranha mania foi o ensino da pontuação baseado nas **pausas**, que vigorou por muitos séculos e chegou, ao menos no Brasil, até a alegre década de 60, ainda no século XX. Já foi comprovada a espantosa influência que nossas primeiras professoras exercem sobre as crenças que teremos sobre a linguagem ao longo de nosso percurso para a Vida Eterna. Aquilo que ouvimos nas primeiras letras vai nos acompanhar pela vida afora – para o bem e para o mal –, e poucos são os que conseguem questionar os ensinamentos recebidos naquela tenra e feliz idade.

Ora, se perguntarmos a qualquer brasileiro onde fica a pausa mais acentuada da frase, ele vai apontar exatamente para aquele espaço privilegiado que separa o final do **bloco do sujeito** do início do **bloco do predicado**. Se você quiser testar, convença duas ou três pessoas a ler as frases abaixo em voz alta e preste atenção no local em que elas vão fazer uma pausa mais marcada:

> Os quatro jogadores da Seleção # chegaram ontem a Barcelona.
>
> O rato, o burro e o leão # resolveram firmar um pacto de amizade.

Posso apostar que todos os leitores farão a maior pausa bem onde eu pus o #. É evidente que não podemos pôr uma vírgula aí – mas são tantos os brasileiros que sucumbem a essa perigosa tentação que este é, sem dúvida, o nosso erro mais comum de pontuação. A culpa não é deles: formados que foram pela teoria que associava as **pausas** com os sinais de pontuação, acham muito natural pespegar ali aquela vírgula que todos condenamos – o que obriga os professores a lutar quotidianamente contra ela. Em outras palavras, é como se distribuíssemos caixas de fósforos a todos os macacos da floresta e passássemos o resto da vida a apagar os incêndios que nós mesmos provocamos.

Vírgula antes de “é”

Dileto professor, em um texto referente a uma promoção, escrevi “Para que possamos enviar seus prêmios, é necessário que você...”. Um colega me corrigiu, alegando que (nas palavras dele) “exceto por algumas exceções, não utilizamos vírgula antes do verbo SER”. Como a frase começa por uma oração adverbial deslocada, achei o uso da vírgula necessário ou, ao menos, facultativo.

Eu estou certo, ou existe aquela famigerada regra citada pelo colega? Muito obrigado.

Matheus M. – Porto Alegre

Meu caro Matheus, você não deve dar ouvido a esse intrometido; quem diz "**exceto** algumas **exceções**" (!) não está na posição de dar conselhos... Em pontuação não existem, em princípio, **regras negativas**, como essa que ele foi buscar no reino da carochinha. Dito de outra forma, não há palavras específicas que possam "repelir" ou "atrair" os sinais. Pode haver vírgula antes do verbo **ser**, depois do verbo **ser** e até mesmo **antes** e **depois** do verbo **ser** – tudo vai depender da estrutura da frase. Por exemplo:

(1) Para o público em geral, **É** importante... (antes)

(2) O culpado **É**, como sempre, o mordomo. (depois)

(3) O pior cenário, a meu ver, **É**, sem dúvida, a guerra civil. (antes e depois)

Note que, nos três exemplos, o verbo SER não é responsável pelos sinais de pontuação, que estão onde estão por razões estruturais. No terceiro, você pode perceber que a frase básica é "O pior cenário é a guerra civil"; as vírgulas estão ali por causa das duas intercalações que fizemos, "a meu ver" e "sem dúvida".

Curtas

Nem tudo a pontuação pode representar

Professor, tenho dificuldade de colocar no texto certos sentimentos que eu gostaria de expressar. Por exemplo, ao escrever um e-mail, gostaria que a destinatária percebesse que uma determinada frase que escrevi sobre ela está sendo "pronunciada" com um suspiro profundo. Posso indicar isso com colchetes ou parênteses?

Leonardo D.

Suspiro profundo? Não existe pontuação para representar isso, Leonardo. Não se esqueça jamais de que os sinais precisam ser decodificados pelo leitor, o que

restringe o seu uso a pouquíssimas situações consagradas. Nossa intenção não conta se o leitor não puder identificá-la. Portanto, você vai ter, neste caso, de expressar com palavras, não com pontuação, o que pretende transmitir.

Vírgula entre o sujeito e o verbo

> Flodoaldo Jr. gostaria de saber se está correta a pontuação da frase "O suor derramado em treinamento, poupará o sangue derramado em combate".

É uma frase normal, sem inversões ou intercalações. Portanto, para que a pontuação fique correta, basta tirar aquela vírgula que está separando o **sujeito** do **verbo**: "O suor derramado em treinamento poupará o sangue derramado em combate".

Vírgulas de um convite

> No rascunho do convite redigido por Maria constam os seguintes dizeres: "É com gratidão a Deus e alegria no coração que os filhos Ana, Denise e Cláudio convidam para a cerimônia de Bodas de Ouro de seus pais". Ela quer saber se há *vírgula* antes do *que* e antes de *convidam*.

Deixe exatamente assim como está, Maria; a única vírgula admissível é exatamente a que você pôs entre "Ana" e "Denise". Agora, se aceita uma sugestão, eu eliminaria "filhos", vocábulo que ficou redundante (o texto já especifica que se trata das bodas "de seus pais"...): "É com gratidão a Deus e alegria no coração que Ana, Denise e Cláudio convidam para a cerimônia de Bodas de Ouro de seus pais".

Vírgulas e pausas não coincidem

Professor, sempre tive dificuldade em entender o uso da vírgula. Faço pelo "achismo" mesmo, pois a única coisa que sei é que usamos a vírgula quando queremos dar uma pausa na fala – e isso nem sempre funciona.

Vânia C.

Minha cara Vânia, aviso-a, desde já, de algo muito importante: a vírgula e os demais sinais **nada têm a ver com as pausas da fala**. Essa teoria está ultrapassada e, como você mesma verificou, não produz bons efeitos. Releia o que escrevi acima na página 25, procure uma gramática que explique a pontuação baseada na **sintaxe**, e nunca mais terá problemas de "achismo".

Vírgula depois do nome de autores

Olá, Prof. Moreno! Em trabalhos científicos, costuma aparecer uma vírgula após o nome do autor nas referências feitas no próprio texto: "Vergara & Cardoso36, relatam que a retinite é a doença mais comum causada pelo CMV, sendo responsável por 85% dos casos". Por que muitos orientadores fazem questão que se use essa vírgula, se ela está nitidamente separando o sujeito do verbo?

Myuki H. – Guarulhos (SP)

Prezada Myuki, confesso que não consigo acompanhar o raciocínio desses orientadores. Por que cargas d'água alguém exigiria uma vírgula tão claramente supérflua? Sabemos que ali onde ela está – bem no lugar em que passa a linha que separa o bloco do sujeito do bloco do predicado –, costumamos fazer uma pausa bem marcada na fala, mas também sabemos que essa pausa não pode ser assinalada por vírgula, sob pena de interrompermos a ligação entre o sujeito e o seu verbo. Examinei com cuidado o exemplo, virei-o do avesso, raspei o texto com um canivetinho, para ver se não havia nada escondido, e nada! Por mais

que me esforce, não consigo encontrar uma razão para essa exigência descabida – descabida e perigosa, porque, dependendo da sequência da frase, pode sugerir ao leitor uma estrutura sintática diferente daquela que o autor tinha em mente. Se eu encontrasse, por exemplo, "Vergara & Cardoso, mostram os resultados da pesquisa...", aquela vírgula me faria supor, inicialmente, que seria dita alguma coisa sobre esses autores com base nos resultados de uma determinada pesquisa (algo como "Vergara & Cardoso, mostram os resultados da pesquisa, deixaram de registrar..."). Como não é disso que o texto trata, entro num beco sem saída e sou obrigado a voltar sobre meus passos. Por causa de uma vírgula infeliz como esta, tenho de refazer a leitura a fim de recuperar a verdadeira hierarquia sintática (**eles** é que são o sujeito do verbo **mostrar**); imagine o desastre que representa um erro desses repetido várias vezes ao longo do mesmo trabalho.

Água também é vida!

> Prof. Moreno, tenho uma dúvida urgente. Minha mãe quer dar o seguinte título a seu trabalho: "Água! Também é vida!" Este título está correto? Não ficaria melhor "Água, também é vida!"? Desde já, obrigado por sua atenção e disponibilidade!
>
> Leandro T.

Olhe, meu caro Leandro, se fosse eu o autor do trabalho, poria "Água também é vida" – sem aquela vírgula separando o **sujeito** do **verbo**. Além disso, é bom evitar pontos de exclamação em títulos, pois ele têm um efeito mais ou menos semelhante ao das maiúsculas usadas no e-mail: dão a impressão de que estamos gritando com o leitor.

A frase de Saramago

> Caro professor Moreno, acompanhei na imprensa portuguesa a discussão sobre a polêmica frase de Saramago: "Uma

> língua que não se defende, morre". Longe de mim corrigir a frase do célebre escritor português, mas aquele vírgula não está separando o sujeito do verbo? Não é semelhante a uma frase do tipo "Quem viver verá"?
>
> Maria L.P., professora – São Paulo

Prezada Maria, é irônico que alguém levante polêmica sobre uma frase de Saramago – logo ele, um autor que conscientemente trata de transgredir as regras tradicionais de pontuação e ninguém reclama! Embora eu não veja o menor sentido nessa "inovação" que ele tenta introduzir no uso dos sinais, sou obrigado a defender aquela vírgula: quando o núcleo do SUJEITO ("uma língua") é seguido de uma ORAÇÃO ADJETIVA ("que não se defende"), são muitos os autores que recomendam que se ponha uma vírgula antes de iniciar o predicado (baseados, diga-se de passagem, no farto exemplo de bons escritores). Não podemos esquecer que o bem mais importante para a pontuação é a clareza. Compare "Uma língua que não se defende morre" com "Uma língua que não se defende, morre", e você verá que a segunda opção é processada mais rapidamente e com maior clareza que a primeira.

Quem ama, educa

> Um professor muito conceituado declarou que essa vírgula estaria *errada*, pois "*quem ama*" é o sujeito oracional da frase, e, segundo a regra de pontuação, não se pode separar o sujeito do seu predicado. No entanto, como se trata do título de um livro de grande vendagem, escrito por um autor de respeito, continuo em dúvida até hoje. O autor, a editora e seus revisores teriam deixado passar um erro tão evidente assim?
>
> Kátia B. – Recife

Prezada Kátia, há um pouco de verdade no que disse esse seu "professor conceituado": primeiro, o sujeito de "educa" é realmente a oração subjetiva "quem ama"; segundo, não se coloca vírgula entre o sujeito e o seu verbo. Ocorre – e é aqui que bate o ponto! – que essa regra não pode contrariar o motivo essencial de existir a pontuação, que é **orientar o leitor na interpretação**

do que está escrito. É muito comum, em nossos maiores escritores, o emprego dessa vírgula depois de sujeito oracional iniciado por **quem**. O autor e seu editor optaram por usá-la pela mesma razão que Machado a empregou várias vezes: tornar instantânea, para o leitor, a compreensão da estrutura da frase. “Quem ama educa” e “Quem ama, educa” são duas formas possíveis de pontuar esse título, mas confesso que eu também acho melhor a segunda.

Pontuação interna

I. A vírgula

1 – Separando os itens de uma enumeração

Temos uma enumeração sempre que juntamos, numa frase, vários elementos com a mesma função sintática (sujeitos, objetos, adjuntos adverbiais, etc.):

1 – A, B, C e D fundaram um clube.

2 – José encontrou A, B, C e D na biblioteca.

3 – Todos concordaram que a peça era A, B, C e D.

Como você pode perceber, sempre há um separador físico entre os itens que compõem a lista; a prática é usar uma **vírgula** entre eles, exceto o **último**, antecedido por uma **conjunção** (geralmente "E" ou "OU"). Nas enumerações, a vírgula e a conjunção são consideradas mutuamente exclusivas: em princípio, onde aparece uma, a outra não deve aparecer. Note que eu disse "em princípio"...

Aqui nasceu um dos mitos mais persistentes de nosso folclore gramatical: juntar a conjunção aditiva "E" com uma vírgula seria tão nefasto quanto misturar manga com leite – duas ingênuas superstições que não encontram apoio na realidade. Fora do território restrito das enumerações, encontraremos várias situações em que a vírgula não só **pode**, como **deve** aparecer antes do "E". Até mesmo numa enumeração pode ser necessário, para eliminar a ambiguidade, usar uma vírgula antes da conjunção.

Enumerações abertas

Prezado professor: recortei um artigo em que o senhor manda separar os itens da enumeração por vírgula, menos o último, que é separado pelo "E". Posso estar enganada, mas costumo ler muito e tenho certeza de já ter visto bons escritores usarem uma vírgula também antes do último, no lugar da conjunção, ficando assim, por exemplo: "cocos, bananas, laranjas, cajus". É um daqueles casos opcionais?

Valdelice W. – Sobral (CE)

Minha cara Valdelice, ambas as formas estão corretas – tanto "cocos, bananas, laranjas **E** cajus" quanto "cocos, bananas, laranjas, cajus" –, mas **não são opcionais**. Você não pode usar livremente uma pela outra, pois as duas estruturas **não** dizem a mesma coisa. Ao colocar o "E" antes de **cajus**, estamos avisando o leitor de que este é o **último** item da relação; é o que chamamos de enumeração **fechada** (ou **exaustiva**). Por outro lado, se usamos uma **vírgula** em lugar da **conjunção**, estamos deixando implícito que a relação inclui itens que não estão sendo citados; é o que chamamos de enumeração **aberta** (ou **exemplificativa**).

Na fala, são duas estruturas inconfundíveis. Imagine-se ao telefone, ouvindo o relato de uma amiga que participou de um importante acontecimento social da cidade. Se, ao enumerar as pessoas presentes à festa, ela fizer uma lista completa, vai usar o "E", dando à frase uma linha melódica descendente ("Havia muita gente conhecida! Encontrei A, B, C **e** D"); se, no entanto, ela resolver mencionar apenas algumas, vai omitir o "E" e dar à frase uma linha melódica estável, inconclusiva ("Encontrei A, B, C, D") – o que lhe dará o direito, prezada Valdelice, de perguntar: "E quem mais?".

Na escrita, contudo, temos de tomar algumas precauções na hora de sinalizar que estamos usando uma **enumeração aberta**. Teoricamente, bastaria omitir a conjunção antes do último elemento, e pronto! Na prática, porém, isso não basta, porque esta omissão do "E" pode passar despercebida ao leitor desatento (ou que não domina as sutilezas da pontuação); criaram-se, assim, várias formas de reforçar o caráter exemplificativo da enumeração:

A, B, C, D, **por exemplo**.

A, B, C, D, **entre outros**.

A, B, C, D, **entre os mais importantes**.

A, B, C, D, **etc**.

A, B, C, D**...**

Não tenho a menor dúvida de que você, no fio de suas leituras, deve ter encontrado inúmeros exemplos desses dois tipos de enumeração. A diferença estava lá, mas você ainda não tinha olhos treinados para percebê-la – ou, como dizia o bom Padre Vieira, você via, mas não enxergava. Agora, no entanto, tenho certeza de que vai distingui-las com facilidade.

A pontuação do etc.

*Prezado Professor, quero parabenizá-lo pela sua página e dizer que a visito quase todos os dias. Gostaria saber duas coisas sobre o etc. – se ele deve ser acompanhado de ponto ou de reticências e se pode realmente vir precedido de vírgula. Aprendi que etc***.** *é uma abreviação que significa "e outras coisas mais" e que o "E" com ideia de adição não pode ser precedido de vírgula, mas minha revisora – trabalho com textos publicitários – diz que a vírgula é necessária. O que devo fazer?*

Márcia S. – Vitória (ES)

*Caro Professor: gostaria de saber qual é a forma correta de usar o termo etc. em uma frase. Ele é antecedido ou não de vírgula? Escrevo "Compramos tudo: arroz, feijão etc." ou "Compramos tudo: arroz, feijão***,** *etc."? Observei que, nas suas respostas, o mestre sempre utiliza a vírgula antes, que me parece a forma mais usual. Entretanto, alguns professores sustentam que o termo pode ser utilizado sem essa vírgula.*

Jorge Braga – Rio de Janeiro

Desde há muito aprendi que o etc. é usado acompanhado por ponto final (pois indica a abreviação de etcétera) e não é antecedido por vírgula (suponho que por já conter o elemento de ligação "et" na própria palavra). Mas o senhor sempre usa o etc. antecedido de vírgula em seus artigos. Qual o emprego correto?

Igor F. – Porto Alegre

Meus caros amigos: **etc.** é a abreviatura internacionalmente utilizada para a expressão latina *et cetera* (ou *et cætera*, ou ainda *et coetera*), que significa "e outras coisas da mesma espécie"; "e o resto (tratando-se de uma relação de itens)"; "e assim por diante". No Latim, é formada pela conjunção *et* (que

corresponde ao nosso "**e**"), mais *cetera* (o plural neutro de *ceterus*, "o resto"). Alegando o significado literal dos elementos latinos, não faltaram autores (ingleses, franceses, brasileiros, etc.) que condenassem o emprego desta expressão para **pessoas**, caindo no velho equívoco daquela etimologia fundamentalista que tenta paralisar os vocábulos naquele tempo remoto em que foram criados...

Nosso mestre Celso Pedro Luft, com sua erudita ironia, ressalta que, a seguirmos esse raciocínio estreito, "nem rol de substantivos masculinos ou femininos se pode encurtar com **etc**., já que *cetera*, neutro plural, só se pode aplicar a **neutros**... Como sempre, meia erudição, historicismo de manga curta...". Os dicionários do Inglês e do Francês fazem questão de frisar o fato de que **etc**. se aplica tanto a coisas quanto a pessoas; no Português, o *Aurélio* registra, em todas as edições, que a expressão, "embora normalmente se devesse usar apenas com referência a coisas, como se vê do seu sentido etimológico, aparece frequentes vezes, inclusive nos melhores autores, aplicada a pessoas". O mesmo fenômeno ocorreu com aquele *et* primitivo, que não pode ser invocado ainda hoje, em questões de pontuação, como se valesse o mesmo que o nosso "**E**" atual, como vou demonstrar mais abaixo.

À direita do **etc**. usamos um ponto para indicar que não se trata de uma **palavra**, mas sim de uma **abreviação** – ou seja, para nos avisar que essas três letras não são lidas como tais (/etecê/), mas como uma representação condensada de **etcétera**, da mesma forma que **cia**. e **dr**. são lidos como "companhia" e "doutor". Já deparei muitas vezes com o ingênuo costume de colocar **reticências** após o **etc**., o que parece um excesso injustificável, uma vez que ambos são recursos **utilizados para o mesmo fim**: sinalizar a nosso leitor que a enumeração que estamos apresentando não é exaustiva, apenas **exemplificativa**. Dentre tantas outras, mostro algumas opções:

atlas, livros didáticos, gramáticas, dicionários, **etc**.

atlas, livros didáticos, gramáticas, dicionários, **entre outros**.

atlas, livros didáticos, gramáticas, dicionários**...**

atlas, livros didáticos, gramáticas, dicionários, **por exemplo.**

Basta que eu use **uma** delas, à minha escolha, para que o leitor receba a mensagem. Combiná-las (experimentem juntá-las ao acaso, duas a duas!), como toda e qualquer acumulação desnecessária de recursos linguísticos, vai certamente desagradar a quem estiver lendo o meu texto, além de insinuar que eu o considero meio retardado.

E a pontuação **antes** do **etc.**? A tendência é pontuá-lo como os **demais itens da**

enumeração que ele estiver encerrando:

(1) com VÍRGULA: **a, b, c, etc.**

(2) com PONTO-E-VÍRGULA: **a; b; c; etc.**

(3) com PONTO: **A. B. C. Etc.**

Os exemplos abaixo são do *Grande Manual de Ortografia Globo*, de Celso Pedro Luft:

(1) "Comprou livros, revistas, cadernos, etc."

(2) "Palavras que se escrevem com **rr** e **ss**: carro, narrar; excesso, remessa; etc."

(3) "Levantar cedo. Respirar o ar puro da manhã. Fazer ginástica. Etc.".

Assim vem o **etc.** pontuado, sistematicamente, no **Acordo Ortográfico** de 1943 e no **Vocabulário Ortográfico** de 1981. Assim está na maioria das gramáticas, assim é a prática da maioria dos escritores **modernos**. De onde tirei isso? Meu patrono, Celso Pedro Luft, escolheu aleatoriamente 100 páginas de escritores e gramáticos como Gilberto Freire, Pedro Nava, Darcy Ribeiro, Autran Dourado, Graciliano Ramos, Antônio Cândido, Paulo Rónai, José Guilherme Merquior, Antenor Nascentes, Antônio Soares Amora, Massaud Moisés, Rocha Lima, Evanildo Bechara, Celso Cunha e Gladstone Chaves de Melo, entre outros, e encontrou **115** ocorrências **com** vírgula, contra **14** apenas **sem** vírgula (*A Vírgula*. Editora Ática, 1996). Bota **tendência majoritária** nisso! Como na vestimenta, a linguagem que usamos é a soma de nossas decisões individuais; podemos até optar por escrever o **etc**. a la antiga, sem pontuação alguma, mas essa esmagadora preferência pelo **etc**. pontuado parece indicar que os autores intuíram aqui alguma vantagem na organização do texto que a outra forma não tem.

Enumeração com vírgula antes do "E"

Prezado Professor, eu pensava que as regras de pontuação do

Inglês eram similares às nossas, mas começo a mudar de ideia. Meu orientador na Universidade de Chicago corrigiu a pontuação de todas as enumerações que escrevi na minha tese, acrescentando uma vírgula antes do "E" que precede o último elemento. Diante da minha surpresa, ele me mostrou que o Manual de Estilo da universidade é taxativo nestes casos: "Quando os dois últimos elementos de uma série estão ligados por conjunção, deve ser usada uma vírgula antes desta conjunção". Por que não é assim no Português?

Raul P.W. – Chicago (EUA)

Meu caro Raul, parece que o destino o levou a esbarrar numa das raríssimas diferenças entre a pontuação do Inglês e a nossa. Essa curiosa vírgula, conhecida como "*Oxford comma*" ("vírgula de Oxford", porque se tornou uma exigência tradicional dos editores e revisores da famosa Oxford University Press), tem uma certa razão de existir para os falantes do Inglês. Como você deve saber muito bem, naquela língua os adjetivos ficam à esquerda do substantivo que modificam, o que acaba criando um problema que o Português desconhece. Numa frase como "Ele recortava todas as matérias que saíam no jornal sobre cinema, política **internacional** e negócios", a posição do adjetivo **internacional** (e o fato de estar no **singular**) não deixa dúvida de que ele se refere a **política**, não a **negócios**. Em Inglês, no entanto, como o adjetivo fica do lado esquerdo e simplesmente nunca se flexiona, cria-se uma estrutura ambígua, "*international politics and business*", que também poderia ser lida como "política e negócios internacionais". É onde entra em ação a vírgula de Oxford, desfazendo a má leitura: "*international politics, and business*".

Embora algumas instituições (a Universidade de Chicago é justamente uma delas) recomendem o uso automático desta vírgula, muitas outras preferem aplicá-la apenas aos casos em que realmente existe o perigo de ambiguidade. Esta postura, que me parece muito mais sensata, não é nada diferente do que fazemos aqui, quando surge o mesmo problema:

> Os convidados eram João e Maria, Paulo e Virgínia, e eu.
>
> As almofadas podem ser feitas em branco e preto, vermelho e branco, e azul.

O bem-humorado Quinion, no seu incomparável **www.worldwidewords.org**, brinca com a hipótese de alguém dedicar seu livro "*To my parents, Mary and God*" ("Para meus pais, Maria e Deus"). Tanto lá quanto aqui devemos usar uma vírgula antes do "**E**" para evitar que os leitores tomem **Maria** e **Deus** como aposto de **meus pais** e nos mandem internar no hospício por absoluto delírio de grandeza: "Para meus pais, Maria, e Deus".

Enumeração de adjuntos adverbiais

Professor Moreno, gostaria que senhor me esclarecesse a respeito da colocação de vírgula antes de adjuntos adverbiais não deslocados. Pelo que sei, a vírgula é somente utilizada quando ele está fora de seu lugar. Por exemplo: "Em Brasília, a cerimônia começou por volta das 14h" – mas "A cerimônia começou por volta das 14h em Brasília" já deve vir sem a vírgula. O motivo de minha dúvida é o de encontrar constantemente esse tipo de pontuação em livros, jornais e revistas.

Ana P. – Brasília

Ana, você fez uma pequena mistura de regras. No seu exemplo – "**Em Brasília**, a cerimônia começou..." –, a vírgula está ali realmente por causa do deslocamento do adjunto adverbial. No entanto, mesmo que este adjunto retorne para o final da frase (que é, aliás, o seu lugar), vai continuar a ser separado por vírgula – "A cerimônia começou por volta das 14h, em Brasília". A regra agora é outra e nada tem a ver com o deslocamento do adjunto adverbial; estamos, isso sim, diante de uma **enumeração** de elementos com a mesma função sintática. Olhe como funciona: "Eu encontro você **no estádio**" (o adjunto não leva vírgula por estar no seu lugar habitual); "eu encontro você **no estádio**, **às dez horas**" (começamos uma enumeração); "eu encontro você **no estádio**, **às dez horas**, **junto ao primeiro portão**" (acrescentamos mais um elemento à enumeração) – e assim por diante. Note como a vírgula é obrigatória, embora nenhum deles esteja deslocado.

Curtas

Vírgula em nome próprio

Prezado Professor, vi no outro dia uma loja maçônica com o nome "Luz, Amor e Vida". É correto o uso da vírgula separando "Luz" e "Amor", já que fazem parte de um mesmo nome próprio?

Sílvia A.

Prezada Sílvia, esta é uma vírgula **obrigatória**. Quando separamos os elementos

que compõem uma enumeração (A, B, C e D), somos obrigados a colocar entre eles (1) uma vírgula depois de todos, exceto no último, e (2) uma conjunção ("E" ou "OU") antes do último. Exatamente como você viu no nome da loja maçônica: "Luz, Amor e Vida" (A, B e C). O fato de ser nome próprio não altera a maneira de pontuá-lo.

Ponto depois do etc.

> Professor, tenho algumas dúvidas e torço para que o senhor possa me responder. Observei que ninguém coloca *ponto final* em frases terminadas com *etc*., isto é, quando *etc*. vem no final da frase, fica valendo o ponto da abreviatura. Isto está certo? Pela lógica, eu acho que não! Fico rezando para receber sua resposta e por isso agradeço antecipadamente.
>
> Lígia J. – Salvador

Lígia, há duas teorias quanto ao ponto final depois de etc., ambas igualmente respeitáveis. A primeira diz que ponto sobre ponto é ponto – ou seja, o ponto da abreviação serve também como ponto final da frase, e a maiúscula que vem a seguir ajuda a marcar o início do novo período. A segunda, que eu prefiro, diz que o ponto que encerra a abreviação nada tem a ver com a pontuação da frase, seja ela qual for; se depois do **etc**. vier ponto final, teremos "... etc. ." (um ponto final separado do ponto da abreviatura por um espaço); se vier um ponto de interrogação, teremos "... etc.?"; se de exclamação, "... etc.!"; se ponto-e-vírgula, "... etc.;" – e assim por diante. Outra coisa: quem encerra uma frase com "etc." não está cometendo um erro, mas, como dizia minha avó, está procurando sarna para se coçar. Por que ficar limitado a esta abreviação, quando ela pode, com muito mais vantagem, ser substituída por seus sinônimos mais civilizados – **entre outros, por exemplo, para mencionar apenas os de maior destaque**, entre muitas outras opções que nossa língua oferece?

2 – Separando orações coordenadas

Esta é uma das regras mais automáticas da pontuação: a prática é colocar uma vírgula sempre que a oração coordenada for introduzida pelas conjunções **MAS, OU, NEM, POIS e E**:

> Ele estava cansado, MAS aguentou o espetáculo até o fim.

Não sei onde ela mora, NEM lembrei de anotar seu telefone. Vocês vão ao teatro hoje à noite, OU preferem deixar para o sábado?

Acho que ele não vem mais, POIS já passa das oito horas. Saímos muito cedo de casa, E ela não pôde nos alcançar.

Quando usadas apenas para ligar **palavras** ou **expressões**, essas mesmas conjunções normalmente vêm sem pontuação:

Você quer água OU vinho?

Não tenho tempo NEM dinheiro.

Pobre MAS orgulhoso.

No caso do E, a vírgula é de praxe apenas quando as duas orações tiverem sujeitos **diferentes**. Compare as frases (1) e (2) com a frase (3):

(1) O juiz anulou o gol E mostrou o cartão para o atacante.

(2) O juiz anulou o gol E correu para o meio do campo.

(3) **O juiz** anulou o gol, E **todos os jogadores** o cercaram.

A função desta vírgula é nos avisar de que, ao contrário do que normalmente a frase deixaria supor, a próxima ação não vai ser atribuída ao sujeito da coordenada inicial.

Orações com sujeitos diferentes

Professor Moreno, eu gostaria que o senhor examinasse a pontuação da seguinte frase: "O Supremo Tribunal Federal – a mais alta corte país – tem por dever o exercício da função de guardião da Carta CONSTITUCIONAL, E o desempenho dessa nobre função é assegurado por suas manifestações e decisões sábias". Aquela vírgula que está logo após Constitucional está realmente correta? Eu pesquisei sobre o emprego da vírgula antes de conjunções e não encontrei nenhuma regra que justifique o seu uso.

Silvio G.

Meu caro Sílvio: confesso que eu próprio não encontraria um exemplo melhor do que este para demonstrar o valor que tem aquela vírgula colocada antes do "E"

(e a falta que ela faria, se nós a suprimíssemos). Acho que você atirou no que viu e acabou acertando no que não viu, mas isso não importa: a caça já está na panela, para proveito de todos nós. Aqui aparece, em todo o seu esplendor, a finalidade essencial da pontuação, que é, como vimos, facilitar a vida do leitor, ajudando-o a percorrer o texto de maneira segura e confortável, sem o cansaço e a irritação dos desvios inúteis.

A frase seria incompreensível se a vírgula não estivesse ali? É claro que não; o contato com centenas de redações escolares me ensinou que tudo aquilo que um ser humano escreve poderá um dia ser decifrado por outro – mesmo que a pontuação esteja ausente ou, o que é pior, esteja presente nos lugares errados. O problema é que um texto assim, além de correr o risco de ser mal entendido, acarreta um imenso dispêndio do tempo e da energia do leitor, que só persistirá em sua leitura se tiver um forte motivo para fazê-lo. Aliás, foi exatamente para evitar isso, para eliminar essas hesitações e assegurar a fluência da leitura, que o Ocidente desenvolveu o sistema de pontuação que hoje utilizamos.

Neste caso particular, acredito que a ausência da vírgula levaria o leitor comum a tentar, instintivamente, estabelecer uma relação de paralelismo entre dois segmentos:

> [o exercício da função de guardião da Carta Constitucional] E [o desempenho dessa nobre função]

– ou seja, o Supremo teria por dever [o **exercício** disso] + [o **desempenho** daquilo]. Na sequência, contudo, ao deparar com “é assegurado”, nosso leitor se daria conta imediatamente do equívoco que cometeu lá atrás e retornaria sobre seus passos para refazer a leitura, segmentando a frase do modo correto:

> [o STF tem por dever o exercício da função de guardião da Carta...], E [o desempenho dessa nobre função é assegurado por suas manifestações...]

Você está reconhecendo a situação sintática? Duas orações ligadas por “E”, com sujeitos diferentes... Não quero dizer, com isso, que a presença da vírgula seja o suficiente para afastar todo o perigo de uma leitura equivocada dessa frase (tão mal redigidinha, coitada!), mas tenho certeza de que vai ajudar muita gente. Por isso está lá.

O “E” com valor adversativo

Professor Moreno, vi numa gramática que a conjunção E pode ter, às vezes, o valor adversativo, tornando-se uma espécie de sinônimo do MAS. O exemplo dado era "Estudei muito E fui reprovado". O senhor não acha que deveria haver uma vírgula antes deste "E", já que ele tem valor adversativo? Na leitura, a vírgula não deixaria mais claro esse sentido especial?

Camila S.

Prezada Camila: embora nem todas as conjunções adversativas sejam pontuadas da mesma maneira (veja, na página 134, o uso do ponto-e-vírgula com **porém**, **contudo**, **todavia**, etc.), este "E" com valor de MAS realmente está a pedir uma vírgula. Essa é a recomendação de um autor respeitado como Domingos Cegalla, que exemplifica com duas frases muito parecidas com a que você encontrou em sua pesquisa:

O capitão estava ferido, e continuou lutando.

São uns incompetentes, e ocupam altos cargos.

Aqui se entende bem a valiosíssima observação que faz Celso Pedro Luft, no seu *A Vírgula* (Ed. Ática), ao afirmar que a principal influência que o uso da vírgula pode sofrer da fala não diz respeito, como muitos pensam, às pausas: "Mais importante que a pausa é a mudança de tom. **A vírgula corresponde muito mais a uma mudança de tom do que a uma pausa**"[grifo do autor]. Se você comparar as duas frases abaixo, perceberá que em (A) os dois segmentos são lidos no mesmo tom, o que não acontece em (B):

A – São uns incompetentes **E prejudicam nosso trabalho**.

B – São uns incompetentes, **E ocupam altos cargos**. (= mas)

Antes que você conclua que a gramática consultada não vale o preço que foi pago por ela, quero lembrar-lhe que não existe (e seria impossível existir) um conjunto "oficial" de regras de pontuação; há, isso sim, autores antiquados, dogmáticos, que procuram impor a nós todos o seu modo particular de empregar os sinais, e autores modernos, que descrevem a prática dos bons escritores e tentam chegar a um razoável consenso sobre o assunto. Felizmente, estes últimos constituem hoje a maioria ativa em nosso país, o que nos permite esperar que um mesmo texto, pontuado por cinco gramáticos distintos, apresente divergências pouco significativas – como é exatamente o caso desta vírgula antes do "E" adversativo.

Pontuação do POIS

Professor, eu e um colega divergimos quanto à forma correta de pontuar uma frase. Eu digo que é "Não se pode mudar o horário, POIS o empregado não teria o intervalo mínimo legal de onze horas de descanso"; ele afirma que é "Não se pode mudar o horário, pois, o empregado não teria o intervalo mínimo legal de onze horas de descanso". Eu uso uma vírgula antes, ele coloca o POIS entre vírgulas. Quem está com a razão?

Ariane Pereira

Minha cara Ariane: só entende a pontuação do POIS quem se der conta de que existem, aqui, duas conjunções bem distintas, que compartilham a mesma forma. Temos um POIS **explicativo** (sinônimo de **porque**) e um POIS **conclusivo** (sinônimo de **portanto**). O primeiro, que sempre fica no início da oração coordenada, recebe **vírgula antes** (já vimos isso acima):

> Ela deve estar doente, pois não vem à aula há duas semana. (= porque)
>
> Ele deve ter desistido do emprego, pois nunca mais nos procurou. (= porque)

O segundo POIS, por sua vez, pode ocupar qualquer lugar da oração coordenada, **exceto o início**, ficando **entre vírgulas**, como qualquer outro elemento intercalado. Dessa forma, uma conjunção jamais poderá ser confundida com a outra, já que a **explicativa** ocupa um território em que a **conclusiva** jamais poderá aparecer (e vice-versa):

> O rádio anuncia chuva; deixaremos, POIS, toda a casa fechada. (= portanto)
>
> Esta gripe mata; devemos redobrar, POIS, o cuidado com a higiene. (= portanto)

Você é que está com a razão: na frase que serviu de pomo da discórdia entre vocês dois, a conjunção é claramente **explicativa**: "Não se pode mudar o horário, POIS (porque) o empregado não teria o intervalo mínimo legal de onze horas de descanso". Uma vírgula, apenas.

A frase pode começar com E ou MAS?

No colégio dos padres em que estudei, tive um excelente professor de Português, muito rigoroso, que não nos deixava empregar E ou MAS no início de uma frase. Ele não dizia isso diretamente, mas sempre nos proibia escrever E ou MAS com maiúscula – o que, na prática, vem a dar no mesmo. Há trinta anos, professor, eu tenho observado religiosamente esse princípio, mas venho notando que agora essas conjunções aparecem no início de novos períodos em muitos livros – até na Bíblia! O que houve? Aquela regra que aprendemos era artificial?

Eliezer M. – Vitória da Conquista (BA)

Meu caro Eliezer, não existe – e jamais existiu – regra alguma que proíba começar uma frase nova com E ou com MAS (aliás, não existem, em pontuação, regras que **proíbam** alguma coisa, mas apenas conselhos, princípios práticos, costumes consagrados). Não é difícil encontrar bons escritores que colocam essas duas conjunções na abertura da frase – muito pelo contrário. Para dar uma ideia de quão corriqueiro é este uso, fiz um levantamento em um simples conto dentre as duas centenas que Machado escreveu – o incomparável "**Missa do Galo"** – e ali encontrei vários exemplos:

> "Que paciência a sua de esperar acordado, enquanto o vizinho dorme! **E** esperar sozinho!"
>
> "**E** não saía daquela posição, que me enchia de gosto, tão perto ficavam as nossas caras."
>
> "Eu, não; perdendo uma noite, no outro dia estou que não posso, e, meia hora que seja, hei de passar pelo sono. **Mas** também estou ficando velha."
>
> "**Mas** a hora já há de estar próxima, disse eu."

Se um clássico como Machado escrevia assim, por que razão aquele (bom) professor do colégio dos padres dizia aquilo? Eu o compreendo perfeitamente: era um recurso muito eficiente (usado até hoje, aliás) para obrigar o aluno a aumentar seu vocabulário ativo, recorrendo a outros nexos oracionais. Por que usar apenas o MAS como adversativa, se existe **contudo**, **entretanto**, **no entanto**, **não obstante** – todos eles muito mais adequados para a posição inicial? Em vez do E, por que não experimentar **por outro lado**, **além disso**, **do mesmo modo**? Era, portanto, um princípio estratégico adequado àquele momento, não uma regra definitiva.

Como você pode ver, aquela proibição não passava de uma “mentira piedosa”, justificada por sua influência benéfica no enriquecimento vocabular dos jovens inexperientes. Com o tempo, o aluno tomaria contato com os bons autores e veria que aquele princípio que parecia tão taxativo era muito mais flexível do que ele pensava inicialmente – mas, aí, o objetivo do professor já teria sido atingido. O mesmo acontecia com o combate ferrenho que os professores travavam contra as **repetições**. Na verdade, não há nada de errado em repetir; a linguagem técnica e científica, que vê na clareza o seu valor máximo, não tem o menor pudor de usar um mesmo termo repetidas vezes, se assim a mensagem ficar clara para o leitor. No meu tempo de escola, contudo, considerando que nossos textos ficavam entre vinte e trinta linhas apenas, a proibição de usar a mesma palavra obrigava-nos a procurar sinônimos e a empregar as substituições pronominais adequadas (o que era muito bom). Hoje eu sei que esses princípios não têm o valor que eu lhes atribuía, mas entendo o motivo que levou meus professores a defendê-los com tanta veemência naqueles anos dourados.

Curtas

“E” com valor adversativo

> Professor Moreno: em um de seus artigos, o senhor escreveu que a conjunção *E* não tem só valor *aditivo*, mas pode ser também um nexo *adversativo*. No entanto, não seria somente *após vírgula* que o *E* exerce o valor adversativo?

Carlos P. – Cuiabá (MT)

Prezado Carlos, você está confundindo **causa** e **consequência**. Não é a presença da vírgula que dá ao “E” o valor ADVERSATIVO, bem pelo contrário. Primeiro determinamos a relação sintática entre as duas orações e só então decidimos se é necessário alertar o leitor por meio da pontuação. Quando a oração iniciada por “E” for **adversativa**, isto é, indicar uma ideia que se opõe à ideia apresentada na coordenada inicial – “Ele é riquíssimo, E não paga suas contas” –, vamos pôr uma vírgula antes da conjunção. Como você pode ver, a vírgula é uma mera **decorrência** da realidade sintática. Lembro que o “E” também pode ter valor CONSECUTIVO, ficando igualmente separado por vírgula:

> Segue meu conselho, E não te arrependerás.Descubram o motivo, E terão descoberto o criminoso.

E sim

> Prezado Professor: recebi a incumbência de escrever um cartaz para nossa escola, mas não tenho certeza quanto à pontuação. A frase é "Não devemos desanimar e, sim, persistir na luta". Aquele *sim* fica mesmo entre vírgulas?
>
> Clotilde W. – Pomerode (SC)

Não, prezada Clotilde: o **sim** só deveria ficar entre vírgulas se fosse uma INTERCALAÇÃO. Como ensinava Celso Pedro Luft, a melhor maneira de reconhecer as intercalações é eliminá-las e ver se o significado se mantém. Compare as diferentes versões das frases que seguem:

> Acho que podemos, **sim**, aceitá-la de volta.
>
> **Sim**, acho que podemos aceitá-la de volta.
>
> Acho que podemos aceitá-la de volta.
>
> A fronteira não é uma separação, **e sim** um ponto de encontro.
>
> *__E sim__, a fronteira não é uma separação, um ponto de encontro.
>
> *A fronteira não é uma separação, um ponto de encontro.

Na primeira frase, o **sim** deve ficar entre vírgulas por ser uma legítima intercalação; como tal, pode ser **deslocado** ou, se quisermos, simplesmente **eliminado**. Na segunda, fica claro que **e sim** deve ficar obrigatoriamente onde foi colocado, funcionando como uma conjunção adversativa, numa situação análoga à que encontramos na frase que você enviou – "Não devemos desanimar, **e sim** persistir na luta". Ele também não pode ser deslocado, muito menos eliminado, pois a frase ficaria sem pé nem cabeça: *"Não devemos desanimar, persistir na luta".

Vírgula estranha antes do "E"

Professor Moreno, acho muito estranha a vírgula antes do E na frase “Nesta data, recebemos o depósito de R$ 1.000,00, relativo ao pedido nº 256, E expedimos o volume por SEDEX”.

Paula S.

Essa vírgula está correta, Paula; ela está antes do “E” por um simples acaso, mas nada tem a ver com a conjunbção. Na verdade, é a segunda das duas vírgulas que separam a intercalação “relativo ao pedido nº 256” (no caso, um aposto). Eliminado este, fica fácil ver que a frase original é “Nesta data, recebemos o depósito de R$ 1.000,00 E expedimos o volume por SEDEX”.

Quando “E” não for conjunção aditiva

Prezado professor, é uma honra poder receber sua orientação. Minha dúvida é simples: pode-se dizer que o “E” só é antecedido de vírgula nos casos em que *não* é conjunção *aditiva*?

Josué P. – Corumbá (MS)

Não, meu caro Josué: o “E” pode ser conjunção aditiva e mesmo assim – por ligar **orações com sujeitos diferentes** – a vírgula pode ser necessária: “Eles prepararam tudo para a festa, E nós só tivemos o trabalho de comparecer”.

3 – Separando o adjunto adverbial deslocado

Como vimos acima, os **adjuntos** e as **orações adverbiais** são elementos que colocamos na última posição sintática à direita – ou seja, no FINAL da frase – para indicar circunstâncias fundamentais como **tempo**, **lugar**, **modo** ou **intensidade**. De todos os elementos que compõem a frase básica, estes são os que mais comumente aparecem fora do lugar esperado. Como devemos avisar o leitor de todas essas alterações ocorridas na ordem habitual, é natural que esses deslocamentos sejam assinalados por vírgulas. Compare (1) com (2) e (3):

> (1) Espero que vocês não se voltem contra mim DEPOIS QUE TUDO TERMINAR.
>
> (2) Espero que vocês, DEPOIS QUE TUDO TERMINAR, não se voltem contra mim.
>
> (3) DEPOIS QUE TUDO TERMINAR, espero que vocês não se voltem contra mim.

A regra de ouro da pontuação – frase normal não tem vírgula, frase que tem vírgula não é normal – aparece aqui com uma clareza indiscutível; o que poderíamos questionar, no entanto, é se deslocamentos desse tipo são realmente necessários. Por que simplesmente não deixamos o adjunto adverbial em paz? Ora, nós só mudamos sua posição na frase porque vamos ganhar alguma coisa com isso. Se o levarmos para o **início da frase**, por exemplo, as circunstâncias definidas por ele (tempo, lugar, etc.) passam a servir como um **pano de fundo** para a ideia principal do período. Ninguém é obrigado a utilizar esse recurso, mas é inegável que a frase (2) tem muito mais efeito que a frase (1):

> (1) Ela revelou ao marido que o filho era de outro NA VÉSPERA DO BATIZADO.
>
> (2) NA VÉSPERA DO BATIZADO, ela revelou ao marido que o filho era de outro.

Esse deslocamento vai passar de **opcional** a **obrigatório** sempre que o adjunto adverbial deixa a frase **ambígua** quando é usado em sua posição habitual:

> (1) O jogador decidiu assinar o contrato com o Barcelona NO ÚLTIMO DOMINGO.
>
> (2) NO ÚLTIMO DOMINGO, o jogador decidiu assinar o contrato com o Barcelona.
>
> (3) O jogador, NO ÚLTIMO DOMINGO, decidiu assinar o contrato com o Barcelona.
>
> (4) O jogador decidiu assinar, NO ÚLTIMO DOMINGO, o contrato com o Barcelona.

A frase (1) é inaceitável porque admite duas leituras (no domingo ele **decidiu**, ou no domingo ele vai **assinar** o contrato?); nas demais, porém, a ambiguidade foi eliminada pelo deslocamento do adjunto. Nas frases (2) e (3), que são sinônimas, **no último domingo** refere-se ao verbo **decidir**. Na frase (4), ao verbo **assinar**.

Adjunto adverbial curto

Quando o adjunto adverbial for de **pequena extensão**, temos a opção de **não** usar a vírgula, se assim nos parecer melhor:

NO NATAL a gente sempre visitava todos os primos.

HOJE eu não tenho tempo.

NAQUELA ÉPOCA tudo parecia mais simples.

TODOS OS DIAS eu aprendo alguma coisa nova.

A decisão é pessoal; muitos se sentem mais seguros mantendo sistematicamente esta vírgula no lugar, outros preferem eliminá-la por princípio e outros, ainda, definem o que vão fazer caso a caso. Quando exercemos esta liberdade de optar entre duas formas corretas, estamos acrescentando mais um traço ao nosso **estilo**, que nada mais é do que a soma das decisões que tomamos ao escrever.

Todas as gramáticas e manuais se referem a este caso de vírgula **opcional**, mas nenhum deles, por razões óbvias, se arrisca a definir o que se poderia considerar como "curto", pois este é outro detalhe que cai na estreita faixa de subjetividade que a pontuação admite. Não podemos esquecer que os sinais de pontuação funcionam mais ou menos como as marcas que um compositor faz em sua partitura com o objetivo de orientar a execução da melodia; neste caso, portanto, o conceito de "curto" é naturalmente elástico, dependendo do ritmo em que eu imagino que a leitura do meu texto deveria ser feita.

Vírgula a ser evitada

Professor, sempre me ensinaram que eu podia escolher entre usar ou não a vírgula no deslocamento dos adjuntos adverbiais curtos. Agora, porém, como estagiária num grande jornal da região, me senti humilhada quando o editor-chefe cortou a vírgula que pus na frase "Em maio, começa a temporada da tainha". Argumentei que a pontuação aqui é opcional, mas ele me assegurou que nesta frase não cabe vírgula – embora não saiba dizer exatamente por quê. Eu pensei que fosse uma regra oficial.

Mariana K. – Florianópolis

Prezada Mariana, desta vez é o editor que está com a razão. Mesmo sem saber

explicar o motivo, ele percebeu, pela experiência que deve ter, que aquela vírgula parece destoar como uma guitarra em velório. O que ele captou intuitivamente já foi formalizado por vários especialistas atentos: a prática é **não** pontuar o adjunto deslocado quando ele vier **antes de um verbo com sujeito posposto**:

EM MAIO começa a temporada da tainha.

ONTEM não ocorreu acidente algum.

NA FRENTE DO CAIXA ficavam os bebedouros.

NO PONTO MAIS FUNDO DO OCEANO vivia uma pequena sereia.

Celso Pedro Luft chama a atenção para outro caso similar: os bons escritores também não separam por vírgula **o advérbio** situado **entre o verbo e o seu complemento**:

Chegará ESTA TARDE a Curitiba...

Não recuperaram AINDA o dinheiro roubado.

Comprou AGORA dois terrenos junto ao mar.

Ele dispensou TAMBÉM três assessores.

E outra coisa: esqueça essa história de "regra oficial". Regras oficiais só existem para a **ortografia** – emprego das letras, acentuação e hífen –, e nem mesmo elas são tão firmes assim, a julgar pelas contradições presentes no texto do Novo Acordo Ortográfico. O resto – flexão dos vocábulos, concordância, regência, pontuação, crase – segue um sistema de convenções estabelecidas mais ou menos pelo consenso das pessoas que utilizam a língua escrita culta.

Advérbios em -MENTE

Caro professor, leciono Língua Portuguesa em duas turmas da 7ª série e já aproveitei vários ensinamentos seus para preparar minhas aulas. Como vamos entrar agora em pontuação, gostaria que o senhor fosse franco comigo: posso dizer, como regra prática, que a vírgula é sempre opcional com os advérbios terminados em -mente?

Hildete S. – Barreiras (BA)

Sinto muito, Hildete, mas vou ser franco como você mesma pediu: não apresente essa regra a seus alunos, pois ela não tem o menor fundamento. Não se esqueça de que os advérbios em **-mente** podem aparecer na frase com duas funções diferentes, acarretando, como seria de esperar, duas formas também diversas de pontuá-los. Primeiro, existe o advérbio que se refere à **oração inteira**. Ele é **deslocável** e pode vir separado por vírgulas, se quisermos:

> NORMALMENTE as crianças ficam em casa com os avós.
>
> NORMALMENTE, as crianças ficam em casa com os avós.
>
> As crianças NORMALMENTE ficam em casa com os avós.
>
> As crianças, NORMALMENTE, ficam em casa com os avós.

Ele não pode ser confundido com aqueles advérbios que se referem apenas ao **verbo** ou a um outro **termo isolado**. Estes NÃO são deslocáveis e NÃO podem ser separados por vírgula:

> Você deve agir NORMALMENTE quando o chefe chegar.
>
> Ele ficou TERRIVELMENTE preocupado.

A diferença entre as duas situações descritas fica bem evidente se compararmos “Tudo terminou **tragicamente**” com “Tudo terminou, **tragicamente**”. Na primeira, o advérbio nos diz **como** tudo terminou; liga-se especificamente ao **verbo** e não pode levar vírgula. Na segunda, ele se refere à **oração inteira**; é deslocável e exprime uma avaliação sobre um fato (“É uma tragédia que tudo tenha terminado”). Como você pode ver, é impossível falarmos, aqui, de vírgulas opcionais.

Adjunto adverbial no convite de casamento

Prezado professor, ajude-me, por favor, a não cometer erro algum no meu convite de casamento. Já redigi a frase que vou imprimir – “Após a cerimônia os noivos receberão os convidados para um coquetel no Salão de Festas da Igreja” –, mas não sei se fica bem assim, sem pontuação. Também não sei se a expressão “os convidados” precisa aparecer no texto. Existe uma melhor

forma de escrever esta frase? Como todos serão convidados para o coquetel, esta frase estará escrita no próprio convite, abaixo do endereço da igreja.

Carolina A.S.

Prezada Carolina, a frase estaria certa assim como você redigiu. No entanto, como ela inicia por um adjunto adverbial curto (vírgulas opcionais, lembra?), você poderia escrever, também (eu acho melhor; no entanto, é apenas questão de preferência):

> APÓS A CERIMÔNIA, os noivos receberão os convidados para um coquetel no Salão de Festas da Igreja.

Como todos os que receberão o convite estarão automaticamente convidados, você poderia, se quisesse, adotar o tratamento mais informal que algumas noivinhas modernas começam a empregar, escrevendo, muito simplesmente,

> Após a cerimônia, todos vocês estão convidados a brindar aos noivos no Salão de Festas da Igreja.

Escolha uma das versões acima e deixe de se preocupar com isso, que tudo vai correr muito bem. E lembre-se: como podemos planejar e controlar todos os detalhes na cerimônia do nosso casamento, ela parece ser fundamental; no entanto, acredite, é a coisa menos importante de um matrimônio. Ele começa mesmo é no dia seguinte. Relaxe e seja feliz.

Desta feita

Prezado Doutor, trabalho num órgão público, e meu ofício é elaborar pareceres de auditoria. Há poucos dias, porém, surgiu uma dúvida entre os colegas. O problema é com o "desta feita", que era (muito) usado, como no exemplo seguinte: "Retornam os autos que cuidam disso e daquilo, desta feita para analisar...". Um colega levou nossa dúvida à professora de Português do curso que frequenta, e ela respondeu que desta feita, bem como nesta oportunidade, quando usado no meio da frase, sempre fica entre vírgulas. Se fizermos como ela recomenda – "Retornam os autos que cuidam disso e daquilo, desta feita, para analisar..." –, o texto não fica truncado e estranho, professor?

Ricardo P. – São Paulo

Meu caro Ricardo, não quero duvidar de seu colega, mas prefiro acreditar que tenha havido aqui um problema de comunicação entre ele e a professora. Com a

experiência que tenho, seria capaz de apostar que ele perguntou como deveria pontuar a expressão “desta feita”, ao que a professora respondeu, naturalmente, que esta e outras expressões similares, quando usadas no meio da frase, devem ficar entre vírgulas – uma resposta genérica para uma pergunta que, suponho, também tenha sido genérica. Se ele tivesse mostrado o exemplo específico, a professora não deixaria de notar que aqui se trata de uma estrutura diferente, como vou demonstrar.

Na verdade, estamos diante da famosa oposição entre um **adjunto adverbial frasal** e um **adjunto adverbial específico**. O primeiro é **deslocável** e se refere **à frase toda**; a praxe é assinalá-lo com vírgula:

> Os dois vigários, DESTA FEITA, conseguiram arrecadar o dinheiro necessário.
>
> DESTA FEITA, os dois vigários conseguiram arrecadar o dinheiro necessário.
>
> Os dois vigários conseguiram, DESTA FEITA, arrecadar o dinheiro necessário.
>
> Os dois vigários conseguiram arrecadar, DESTA FEITA, o dinheiro necessário.

O segundo, ao contrário, modifica apenas um vocábulo ou um segmento específico da frase. Sua deslocabilidade é limitada e, como mostram os exemplos abaixo, não vem separado por vírgula:

> Em 1658, a cidade foi atacada por um novo exército espanhol, DESTA FEITA sob o comando de D. Luís de Haro.
>
> Dias depois foi preso de novo, DESTA FEITA com um mandado de captura assinado em branco pelas autoridades.
>
> Nas eleições de outubro de outubro de 2006, o partido voltou a ter êxito, DESTA FEITA em três capitais.

A frase que vocês discutiam enquadra-se nesse segundo modelo: *“Retornam os autos que cuidam disso e daquilo, desta feita para analisar...”*.

Curtas

Ontem à noite

Caro Professor Moreno, é necessário colocar alguma vírgula na frase “Ontem à noite um negro foi vítima de racismo naquele restaurante”? Se eu escrevesse “Ontem, à noite, um negro...” ficaria muito errado? Ou seria melhor “Ontem à noite, um negro...”?

Lalor C. – Fortaleza

Prezado Lalor: considerando que se trata de um adjunto adverbial curto, podemos deixar a frase **sem vírgula** alguma – “Ontem à noite um negro foi vítima...” –, ou separar o **adjunto** com uma vírgula – “Ontem à noite, um negro foi vítima...”. Eu prefiro a primeira versão.

Adjunto adverbial deslocado

Prezado professor, tenho de fazer um cartaz mas fiquei em dúvida quanto à pontuação da frase “Para sua segurança você está sendo filmado”. Vai vírgula antes do *você*?

Cinara R.

“Para sua segurança” é um adjunto adverbial deslocado, Cinara, e bem crescidinho; deve, portanto, ser separado da frase básica por uma vírgula.

Ad referendum: adjunto adverbial deslocado

Caro Professor, sou secretário de uma instituição de ensino e gostaria de saber se devemos deixar entre vírgulas a expressão *ad referendum* em frases como “O Presidente do Conselho, no uso de suas atribuições legais, resolve *ad referendum* conceder”. Eu não uso,

> mas isso tem gerado polêmica com meus colegas.

Erotilde – Campo Grande (MS)

Erotilde: já que você veio pedir o meu conselho, é melhor aderir ao partido dos colegas. A razão está com eles; independentemente de ser uma expressão latina, *ad referendum*, aqui, é um **adjunto adverbial** intercalado entre o verbo **auxiliar** ("resolve") e o verbo **principal** ("conceder") de uma locução verbal, e deve vir entre vírgulas. É diferente de "resolução *ad referendum*", em que a expressão está funcionando como mero adjunto adnominal.

Vírgula com data

> Caro professor, gostaria, se possível, que o senhor me esclarecesse se é correta a colocação da vírgula na frase "Em 1967, foi presidente da Caixa". Ou ficaria melhor "Em 1967 foi presidente da Caixa"?

Tânia Cristina V.

A vírgula com o adjunto adverbial deslocado ("Em 1967") é opcional, Tânia, porque ele é curto. Usá-la ou não é uma questão de preferência pessoal. As escolhas que fazemos vão compondo, aos poucos, o nosso estilo individual.

4 – Separando o aposto

O **aposto explicativo** é um elemento acessório que acrescentamos à frase para explicar qualquer um dos elementos que a compõem, EXCETO o verbo – o que significa que podemos colocar um aposto depois do **sujeito**, do **objeto direto**, do **objeto indireto**, do **predicativo**, do **adjunto adverbial** ou até mesmo do próprio **aposto**. Como sua presença não está prevista na estrutura da frase básica, é natural que sempre venha separado por vírgula. Pela função esclarecedora que o caracteriza, deve aparecer **assim que for mencionado** o sintagma nominal a que se refere:

> Ela acabou casando com Antero, O DONO DO CIRCO TUPI.
>
> Meu sonho era pescar um tucunaré, SABOROSO PEIXE DA BACIA AMAZÔNICA.
>
> O castelo de Windsor, RESIDÊNCIA OFICIAL DA RAINHA, está à

> venda.
>
> Também convidei Júlia, IRMÃ DE PEDRO, MEU COLEGA DE AULA.

Nesta última frase há dois **apostos** (na pronúncia, rima com **impostos** ou **compostos**): "irmã de Pedro", que se refere ao objeto direto "Júlia", e "meu colega de aula", que se refere a "Pedro". É a mesma estrutura que encontramos no conhecido soneto de Camões: "Sete anos de pastor Jacó servia Labão, **pai de Raquel**, **serrana bela**". "Pai de Raquel" explica quem era Labão; "serrana bela", quem era Raquel.

Embora seja ACESSÓRIO, não é SUPÉRFLUO nem DISPENSÁVEL, porque está na frase justamente por acrescentar dados que o leitor precisa conhecer.

Aposto ou vocativo?

Caro Prof. Moreno: na frase "A partir de janeiro deste ano, os sensores de movimento, fundamentais para sua segurança, passarão por reajustes técnicos", o elemento fundamentais para sua segurança assume, por acaso, a característica sintática de vocativo? Se não, qual a função dele? As vírgulas estão corretas, não é?

Danieli A. – Linhares (ES)

É um **aposto**, Danieli. Se fosse desenvolvido em forma de oração, ficaria "os sensores de movimento, **que são fundamentais para sua segurança**, passarão por reajustes técnicos". Essa é a típica oração adjetiva **explicativa**, o que vem a ser, como sabemos, exatamente a versão expandida de um **aposto**. Não pode ser **vocativo** porque a frase, embora se dirija ao provável leitor (podemos perceber isso, por exemplo, em "sua segurança"), não o nomeia diretamente.

Além disso, devido à natureza específica de cada um, apostos e vocativos diferem num ponto fundamental: o aposto sempre se refere ao elemento que vem à sua esquerda e é, por isso, **indeslocável**, contrastando com o vocativo, que não tem posição fixa. Neste exemplo, **fundamentais para sua segurança** se refere a **sensores de movimento**, e a nada mais. Se fosse um vocativo, poderia ser **deslocado** livremente para o início ou o final da frase, como acontece com todo e qualquer vocativo – o que não é possível neste caso.

Quanto à pontuação, a frase estaria correta de qualquer forma – fosse aposto ou vocativo –, já que ambos, considerados intrusos na estrutura frasal, são igualmente separados por vírgulas.

Alexandre, o Grande

Prezado Professor, quanto mais estudo, mais dúvida eu tenho quanto à pontuação de casos como estes:

Alexandre, o Grande, realizou muitas proezas.

Dona Maria, a Louca, foi rainha de Portugal.

Devo ou não colocar aquela segunda vírgula? Parece-me que há autores que não consideram haver aí aposto, sendo a vírgula parte do nome. Os nomes seriam "Alexandre, o Grande" e "Dona Maria, a Louca", o que não justificaria o uso da outra vírgula:

Alexandre, o Grande realizou muitas proezas. Dona Maria, a Louca foi rainha de Portugal.

O que fazer? Virgular ou não virgular? Eu queria conhecer a posição que o senhor adota. Parece-me até que essa foi a razão que levou o cantor Gabriel o Pensador a deliberadamente não adotar vírgula em seu nome artístico.

Olavo P.

Meu caro Olavo, mas que tipo de obra você anda consultando? É evidente que eu defendo a primeira versão, com o aposto **entre vírgulas**! Aliás, é muito simples: se colocou a PRIMEIRA, tem de colocar a SEGUNDA. Quem escreve "Dona Maria, a Louca foi rainha de Portugal" está informando à Dona Maria que a Louca foi rainha de Portugal! O aposto, o vocativo, o adjunto adverbial deslocado, entre outros, são considerados elementos intercalados e devem vir assinalados na escrita por pontuação parentética: vírgulas duplas (o mais comum), travessões duplos ou parênteses.

Este também é o caso de "Gabriel o Pensador" – acho que é assim que ele escreve, sem sinal de pontuação algum. Aqui está em jogo o uso (ou não) da vírgula com os **epítetos** ou **cognomes** atribuídos às grandes personalidades políticas e às celebridades. Há quem defenda, com efeito, a ideia de que eles passariam a integrar o **nome** da pessoa e que, por isso, deveriam ser escritos **sem**

vírgula, à moda inglesa (*Jack the Ripper*). A meu ver, estão misturando semântica com sintaxe, pois, no fundo, todos esses cognomes compartilham a estrutura mais comum de nosso idioma: todos têm **artigo**; todos têm um **núcleo nominal**, representado por um substantivo ou por um adjetivo substantivado, o que vem dar na mesma; alguns, além disso, ainda apresentam um **adjunto adnominal** preposicionado, como "O Rei DO CANGAÇO" (atribuído ao famigerado Lampião). Em suma, todos são **sintagmas nominais** típicos, colocados como **aposto** ao lado de outro sintagma nominal, e, como tal, devem ser separados por vírgulas: Alexandre, O GRANDE; Ivan, O TERRÍVEL; Pedro, O GRANDE; Jack, O ESTRIPADOR; Átila, O FLAGELO DE DEUS; Dom Manuel, O VENTUROSO; Rui, A ÁGUIA DE HAIA; Gabriel, O PENSADOR.

Outra possibilidade seria usar o epíteto diretamente ligado ao nome, como **Pedro pedreiro**, **Gabriel pensador**, **Seu Libório cantador** (Graciliano Ramos) – mas aí já estaríamos fora do âmbito do aposto.

Aposto entre travessões

*Professor, gostaria que me dissesse se posso manter em meu trabalho o trecho que está em negrito, ou se eu deveria encerrar o período logo após o aposto (em destaque): "Eles destacam dois tipos de pesquisa qualitativa: A ETNOGRÁFICA E O ESTUDO DE CASO, **em razão de sua aceitação na área educacional, e mencionam alguns autores para compor e elucidar a discussão**".*

Márcia Elisa R.

Prezada Márcia: a pontuação só existe para nos ajudar a escrever textos que o leitor possa entender sem dificuldade (e, se possível, com prazer). Isso significa que ela deve estar a serviço daquilo que pretendemos expressar – a nossa "mensagem", como costumávamos dizer nos ingênuos anos 60. Ora, considerando o significado das linhas que você escreveu, acho que uma pequena reacomodação sintática – com as competentes alterações na pontuação – vai favorecer o trabalho do leitor:

> Eles **destacam**, em razão de sua aceitação na área educacional, dois tipos de pesquisa qualitativa – A ETNOGRÁFICA E O ESTUDO DE CASO – e **mencionam** alguns autores para compor e elucidar a discussão.

Dessa forma, fica assegurado o paralelismo que você mesma estabelece entre "**destacam** dois tipos de pesquisa qualitativa" e "**mencionam** alguns autores para compor e elucidar a discussão", que é o eixo principal de sua frase. Como o adjunto adverbial "em razão de sua aceitação na área educacional" indica a causa de terem destacado esses dois tipos de pesquisa, é melhor deslocá-lo para junto do verbo a que se refere ("destacam"). Os **travessões duplos** poderiam ser substituídos por **vírgulas duplas**, é verdade, mas assim o aposto fica muito mais claro; afinal, seja com vírgulas, travessões ou parênteses, o importante é nunca deixar de assinalar esse tipo de intercalação.

Tive de eliminar o **dois-pontos** que você usou, pois ele só teria sentido se não houvesse a segunda oração coordenada ("e mencionam..."):

> Eles destacam, em razão de sua aceitação na área educacional, dois tipos de pesquisa qualitativa: A ETNOGRÁFICA E O ESTUDO DE CASO.

Curtas

Diretor em exercício

> Prezado Professor Moreno, escrevo-lhe para tirar uma dúvida a respeito do uso de *vírgula:* o ocupante interino de um cargo assina a correspondência como "Fulano de Tal, Diretor, *em Exercício*". Está correta esta vírgula separando "em exercício"?

Maria Madalena B.

Prezada Maria Madalena: como você desconfiava, essa vírgula não tem cabimento. "Fulano, Diretor **em Exercício**"; "Beltrano, Reitor *pro tempore*"; "Sicrano, Presidente **Interino**"; "Zutano, Coordenador **Substituto**".

5 – Separando o vocativo

O vocativo é um elemento novo que acrescentamos à frase para **chamar** ou **interpelar** nosso leitor. Como está desvinculado de qualquer parte do padrão frasal (não se encaixa nem no **sujeito**, nem no **predicado**), tem a liberdade de se deslocar para qualquer posição na frase:

QUERIDO PRIMO, você provará a boa comida da Emília.

Você, QUERIDO PRIMO, provará a boa comida de Emília.

Você provará, QUERIDO PRIMO, a boa comida de Emília.

Você provará a boa comida de Emília, QUERIDO PRIMO.

Esta mobilidade característica é o traço que aproveitamos para distingui-lo do APOSTO: enquanto este fica fixo, à direita do termo que explica, o VOCATIVO move-se livremente pela frase, podendo ficar, inclusive, em duas posições que o aposto nunca poderá ocupar – no início da frase (antes do sujeito) ou na casa à direita do verbo.

Vocativo não é sujeito

Em "Vai, minha tristeza, e diz a ela que sem ela não pode ser", de Vinícius de Morais, posso dizer que minha tristeza é o sujeito de vai, e que a vírgula estaria sendo usada para separar a segunda oração coordenada, "diz a ela"? Estou de todo errada?

Calina – Lima (PE)

Prezada Calina: **minha tristeza** é um **vocativo**, e por isso vem entre vírgulas. Sinto, mas a análise que você fez está completamente equivocada. Se suprimirmos **minha tristeza** da frase (afinal, os vocativos sempre são meros intrusos), fica mais fácil enxergar a estrutura real do período:

VAI e DIZ a ela que sem ela não pode ser.

Para comprovar que as duas vírgulas entraram na frase acompanhando o **vocativo**, basta deslocá-lo:

MINHA TRISTEZA, vai e diz a ela que sem ela não pode ser.

Vai e diz a ela, MINHA TRISTEZA, que sem ela não pode ser.

Ora, se MINHA TRISTEZA é o vocativo, qual é o sujeito de "vai e diz"? Muito simples: o sujeito é "tu", elíptico (aquilo que chamávamos, há mais de um século, de sujeito OCULTO ou SUBENTENDIDO). Se Vinícius tivesse preferido usar "você" no lugar de "tu", os verbos ficariam "vá e diga".

Bom dia, Vietnã!

Caro Professor, mantemos um boletim diário em nossa instituição com o título Bom Dia Congresso. Alguns leitores têm sugerido que deveríamos colocar uma vírgula, ficando Bom Dia, Congresso. Como o senhor vê esta questão? Quando o nome foi criado, confesso que não o encaramos como um vocativo.

(Anônimo – por solicitação do autor)

Prezado amigo: é uma péssima notícia, mas infelizmente a vírgula aí é **indispensável**. Ao lado do sintagma "bom dia", está o sintagma "Congresso". Ora, quando dois sintagmas ficam lado a lado (sem pontuação entre eles), o que está à direita assume a função de **modificador** do primeiro (**funcionário** + **fantasma**, por exemplo). Haveria um **bom dia *congresso*** ao lado de um **bom dia *senado***, um **bom dia *câmara***, etc. – vários tipos de "bom dia", assim como um "bom dia sertanejo", um "bom dia esportivo", um "bom dia urbano"? Claro que não. Nesta frase, "Congresso" é **vocativo**, sem dúvida; o título do boletim é, inequivocamente, uma saudação ao Congresso; na hora de batizá-lo, inclusive, o nome vencedor poderia ter sido "Congresso, Bom Dia!". A estrutura é a mesma do nome daquele programa de rádio que o Robin Williams levava ao ar, todos os dias, no filme do mesmo nome: *Bom dia, Vietnã!*. Ponham a vírgula no lugar, meu caro anônimo; é muito mais fácil admitir o erro e corrigi-lo do que passar a vida defendendo o indefensável – isso se não vier alguém dizer que também sentiu falta do **ponto de exclamação**.

Suje-se gordo!

Professor, aprendi que vocativos como "Fica quieto, menino" ou "Volta logo, meu filho" sempre devem vir separados com vírgula. Por que, então, o nome do conto "Suje-se gordo!", de Machado de Assis, não é pontuado? Não se põe vírgula em títulos?

Rosa Maria J.P. – Campos (RJ)

Prezada Rosa Maria, não se trata de um cochilo de Machado de Assis, nem existe qualquer regra contra o uso de pontuação nos títulos. Um romance de José Cândido de Carvalho se intitula *Olha para o céu, Frederico*; Camilo Castelo Branco escreveu *Coração, cabeça e estômago*; o próprio Machado nos deu os contos “Vênus! Divina Vênus!”, “Vinte anos! Vinte anos!”, “O Cônego, ou Metafísica do estilo” e “Casa, não casa”. Acho que você não leu o conto inteiro, e daí sua pergunta. Não há um vocativo aqui; “Suje-se gordo!” não é uma ordem para que um gordinho se suje (aí seria “Suje-se, gordo!” – o que corresponderia a “Gordo, suje-se!”), mas um estranho princípio moral defendido pelo personagem, que acha que não vale a pena transgredir a lei por ninharias:

> Vi que não era um ladrão reles, um ladrão de nada, sim de grande valor. O verbo é que definia duramente a ação. “Suje-se **gordo**!”. Queria dizer que o homem não se devia levar a um ato daquela espécie sem a grossura da soma. A ninguém cabia sujar-se por quatro patacas. Quer sujar-se? Suje-se **gordo**!

Aqui você tem um bom exemplo desses **adjetivos** transformados em **advérbio** de modo, fenômeno tão comum no Português Brasileiro: “Eles comiam RÁPIDO”, “Ela falava BAIXO”, “A cerveja desce REDONDO”. “Suje-se GORDO”, portanto, aqui significa “Suje-se PARA VALER”. Machado deve ter previsto a possível confusão de **gordo** com um vocativo, pois fez questão de incluir a expressão numa sequência definitiva: “Suje-se GORDO! Suje-se MAGRO! Suje-se COMO LHE PARECER!”. Se serve como consolo, fique sabendo que você não é a única a ter esta dúvida; o sempre útil *Portal do Domínio Público*, por exemplo (http://www.dominiopublico.gov.br), continua a grafar este título com aquela vírgula equivocada.

Curtas

O vocativo

> Professor, tanta gente começa seus e-mails escrevendo algo como “Oi fulano!” ou “Fala fulano!” que eu começo a desconfiar que aprendi errado na escola. Eu achava que o correto seria escrever “Oi, Fulano!” e “Fala, Fulano”, pois, para mim *fulano* é um vocativo, mas já não tenho certeza de mais nada.

Antonio A. – Rio de Janeiro

Meu caro Antônio, você está coberto de razão. São realmente vocativos, e devem vir separados por vírgula: “Salve, imperador!”; “Adeus, Mariana!”; “Ai, Tia Chica”; “Oi, Laurinha!”; “Ave, César” – e por aí vai a valsa. Compare “Como vai, Antônio?” com “Como vai Antônio?”, “Pare, Antônio” com “Pare Antônio” – são diferentes como a água e o vinho.

Cuidado frágil

> Preciso escrever “Cuidado, frágil” numa etiqueta para pacotes postais. O senhor concorda com o emprego desta vírgula?

Vinícius A.

Caro Vinícius: se eu fosse o responsável pelas etiquetas, escreveria “Cuidado! Frágil!” ou “Cuidado: frágil!”; aqui não é um caso para vírgula, que – o que é pior – poderia induzir a uma leitura ridícula de **frágil** como VOCATIVO (semelhante a “Cuidado, palerma!”, “Cuidado, molenga!”, “Cuidado, fracote!” e outras mimosuras do gênero).

Vocativo x sujeito

> Prezado professor, eu e um colega não chegamos a um acordo sobre a pontuação da frase “Vagabundo, vai estudar!”. A vírgula não está separando o sujeito do verbo?

Rebeca S. – Santa Bárbara (SP)

Minha cara Rebeca: nesta frase, **vagabundo** não é o SUJEITO, mas o VOCATIVO. É exatamente por isso que ele pode se deslocar livremente (levando sempre consigo, é claro, as vírgulas indispensáveis):

> VAGABUNDO, vai estudar!
>
> Vai, VAGABUNDO, estudar!

> Vai estudar, VAGABUNDO!

Pontuação com interjeição

> Professor Moreno: na expressão “Valeu! Mestre!”, temos uma interjeição de agradecimento e um vocativo? Eu poderia pôr uma vírgula após o primeiro ponto de exclamação?

Josevaldo L. – Fortaleza

Meu caro Josevaldo, digamos que seja uma interjeição (não é bem isso, mas funciona como se fosse), seguida de um vocativo – mas a pontuação habitual, nesses casos, é separar o vocativo com uma vírgula e deixar o ponto de exclamação para o fim da frase: “Valeu, **mestre**!”; “Cuidado, **Corisco**!”; “Epa, **camarada**!”; “Vade-retro, **Satanás**” – e assim por diante. É bom lembrar que, por princípio geral, a vírgula **jamais** poderá aparecer ao lado do **ponto** – o que inclui o ponto de **exclamação** e o de **interrogação**.

Quantas vírgulas?

> Professor, sou estudante de Letras e tenho uma dúvida de pontuação. No exemplo “Ninguém meus amigos poderá ajudá-los mais do que eu”, quantas vírgulas devo usar?

Cristiane R.O. – São Paulo

É um caso elementar, Cristiane! A frase tem um **vocativo** – “meus amigos” – e deverá ser pontuada assim: “Ninguém, **meus amigos**, poderá ajudá-los mais do que eu”. Mesmo que o vocativo não fosse identificado (o que acho difícil), bastaria ver que entre o sujeito (“Ninguém”) e o verbo (“poderá”) apareceu uma intercalação, o que já justificaria, por si só, as vírgulas duplas. Além disso, como o vocativo é sempre um elemento **deslocável**, a frase poderia ser reescrita como “**Meus amigos**, ninguém poderá ajudá-los mais do que eu”, ou “Ninguém

poderá ajudá-los mais do que eu, **meus amigos**" – e assim por diante, sempre deixando o vocativo separado por vírgula(s).

Muda o sentido

> Professor, o senhor pode me ajudar?
> Existe diferença de sentido entre "Homem trabalha" e "Homem, trabalha"? E entre "Você entende Joaquim" e "Você entende, Joaquim"?
>
> Jéssica T. – 10 anos

Prezada Jéssica, é claro que existe. Em "**Homem**, trabalha", a vírgula assinala a presença de um VOCATIVO – isto é, estamos falando com alguém diretamente, chamando-o de "homem". O mesmo acontece com "Você entende, **Joaquim**", em que estamos nos dirigindo a alguém chamado "Joaquim". A versão SEM vírgula diz outra coisa; em "**Homem** trabalha", "homem" é o sujeito da frase, semelhante a "**Pedro** trabalha", "**Ele** trabalha", "**Todo o mundo** trabalha". Em "Você entende **Joaquim**", estamos dizendo a alguém que ele entende **Joaquim** (como em "Você entende **Inglês**", "Você entende **toda a matéria**", "Você entende **minha ansiedade**").

6 – Separando outros elementos intercalados

Além desses casos mais comuns – adjuntos adverbiais deslocados, apostos e vocativos –, separe por **vírgulas** QUALQUER OUTRO elemento que apareça intercalado entre os elementos básicos do padrão frasal, **mesmo que você desconheça sua classificação sintática**:

> A menina, ACREDITEM, foi a culpada de tudo.
>
> Eles aceitariam, ACHO EU, esta nova proposta.
>
> A notícia, É VERDADE, deixou-nos estupefatos.
>
> Eu aceitei, OU MELHOR, tolerei sua presença.

Para que essas inserções fiquem bem assinaladas para nosso leitor, também podemos separá-las do corpo da frase usando **travessões** ou **parênteses**, sinais

que, embora sirvam para a mesma finalidade, apresentam sobre a vírgula algumas vantagens preciosas em duas situações bem concretas. A primeira é típica: ao acrescentarmos uma intercalação a uma frase que já contém outras vírgulas indispensáveis, é melhor recorrer aos travessões ou aos parênteses, evitando assim que o acúmulo de vírgulas torne a pontuação complexa demais para permitir uma leitura fluente. Compare a primeira versão abaixo com as outras duas:

> Concluída a pesquisa, verificou-se que os três estados da Região Sul, PARANÁ, SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL, apresentam o melhor índice de qualidade de vida.
>
> Concluída a pesquisa, verificou-se que os três estados da Região Sul – PARANÁ, SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL – apresentam o melhor índice de qualidade de vida.
>
> Concluída a pesquisa, verificou-se que os três estados da Região Sul (PARANÁ, SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL) apresentam o melhor índice de qualidade de vida.

Na primeira versão, as vírgulas da **enumeração** se confundem com as vírgulas do **aposto** e tornam a pontuação presente demais para o leitor, obrigando-o a um esforço adicional para decifrá-la. As outras duas, ao contrário, tornam a leitura muito mais fácil, deixando bem evidente a organização sintática da frase. Embora ambas sejam muito mais "confortáveis" para o leitor, a primeira escolha seria a versão que emprega o **travessão**, reservando-se o **parêntese** para as intercalações de dados numéricos ou indicações bibliográficas.

A segunda vantagem de utilizar o travessão ou o parêntese é a possibilidade de usar **pontuação expressiva** na intercalação; se optássemos pelas vírgulas duplas, seria impossível empregar um ponto de interrogação ou de exclamação:

> A rainha da Suécia – **quantos aqui sabem disso?** – viveu dez anos no Brasil.
>
> Um candidato que roubou – **e que admite isso com a maior naturalidade!** – não pode ser reeleito.

Vírgula depois de parênteses

Professor, escrevi um texto que começava da seguinte forma: "No Dia Mundial sem Tabaco (31 de março), nossa Escola vai realizar atividades...". Um certo professor afirmou que está errada aquela vírgula após o parêntese, porque os parênteses SEMPRE substituem as vírgulas. Confesso que achei absurdo, mas não tinha argumento para responder. O que o senhor acha? Cometi mesmo um erro gravíssimo, como ele disse?

Érika R.M. – Rio de Janeiro

Prezada Érika, acho estranho que você leve a sério a opinião de uma pessoa que você mesma classifica, pouco elogiosamente, de "um certo professor". Ele deve ter ouvido que podemos deixar uma expressão intercalada entre **vírgulas**, ou **travessões**, ou **parênteses** – o que é correto. Numa frase como "A diretoria, **eleita no mês passado**, assume amanhã", "eleita no mês passado" pode vir também separado por travessões ou por parênteses. Neste caso, como é óbvio, ou aparece um, ou aparece outro sinal.

Na frase que você escreveu também podemos optar por qualquer um desses três sinais, mas o caso é um pouco mais complexo. Se retirarmos da frase a expressão parentética ("31 de março" – que é, aqui, um simples **aposto**), a vírgula continuará lá, o que nos traz a certeza de que ela está sendo empregada por suas próprias razões: "No Dia Mundial sem Tabaco, nossa Escola...". Vamos agora acrescentar a expressão que tínhamos retirado e separá-la do corpo da frase ora com vírgulas, ora com travessões, ora com parênteses. Dou, abaixo, as três versões possíveis:

(1) No Dia Mundial sem Tabaco**, 31 de março,** nossa Escola...

(2) No Dia Mundial sem Tabaco – **31 de março –,** nossa Escola...

(3) No Dia Mundial sem Tabaco **(31 de março),** nossa Escola...

Note que, em (1), aquela vírgula depois de **março** é **dupla**, isto é, há uma vírgula em cima da outra (a da **intercalação** e a que assinala o **deslocamento do adjunto adverbial**). Em (2), aparece o famoso travessão seguido de vírgula, que alguns revisores infelizmente ainda não entenderam. Em (3), temos a frase da maneira como você escreveu – e que foi injustamente criticada pelo referido professor, o qual, espero, não leciona Língua Portuguesa.

Travessão seguido de vírgula

Prezado professor, gostaria de saber se está correta a pontuação da frase "No caso da Transpetro – subsidiária da Petrobrás para transporte em dutos –, foi registrado um aumento de 17,2%". É certo colocar aquela vírgula logo após o hífen? Eu nunca tinha visto isso antes.

José R.M. – Recife

Meu caro José: quando usarmos **travessões** (não são hifens, aqui) para pontuar expressões intercaladas, eles funcionam exatamente como os parênteses duplos. Olhe como seria a pontuação desta frase **antes** de receber o aposto "subsidiária da Petrobrás para transporte em dutos":

> No caso da Transpetro, foi registrado um aumento de 17,2%.

Quando acrescentarmos a expressão intercalada, ela vai trazer consigo sua própria pontuação (**parênteses** ou **travessões**), independentemente da pontuação da frase-mãe:

> No caso da Transpetro (subsidiária da Petrobrás para transporte em dutos), foi registrado um aumento de 17,2%.
>
> No caso da Transpetro – subsidiária da Petrobrás para transporte em dutos –, foi registrado um aumento de 17,2%.

É indispensável, portanto, que apareça aquela vírgula depois do parêntese ou do travessão de fechar, pois pertence à pontuação da frase original. A combinação [travessão+vírgula] só lhe parece estranha porque, como você mesmo afirma, ainda não tinha reparado nesta prática; aposto, no entanto, que vai encontrar muito mais casos, agora que falamos disso.

Interrogação dentro da intercalação

Olá, professor! O jornal de ontem trazia uma frase muito esquisita: "O prestígio mundial dos jogadores sul-americanos e a ganância dos empresários europeus já ameaçam o futuro da seleção Argentina e, por que não?, o próprio

futebol brasileiro". Está correta esta pergunta entre vírgulas? Minha professora disse que nunca tinha visto uma dessas antes.

Alcides B. – 13 anos – Piracicaba (SP)

Em primeiro lugar, meu caro Alcides, jamais podemos esquecer a grande diferença que existe entre as **regras de pontuação** e as **regras de acentuação**, por exemplo. Estas últimas são meras **convenções** – podem ser criadas, eliminadas ou alteradas à vontade pelos especialistas que estiverem no comando. Em 1943 a Academia concebeu um sistema de acentuação que já foi modificado duas vezes, uma em 1971 e outra agora há pouco, com o Novo Acordo. Nada impede que, no futuro, uma nova reforma ortográfica venha a eliminar totalmente os acentos de nosso idioma – decisão que, por sua vez, poderá ser revogada algumas décadas depois. Pode ser que o Português venha um dia a ser escrito como o Inglês, que não usa acentos, ou como o Francês, que coloca dois (e às vezes três) acentos numa mesma palavra. Mas, seja qual for o sistema adotado, sempre vai conter regras rígidas, sem flexibilidade alguma, que garantam uma grafia uniforme em todos os rincões do Brasil.

Essa padronização coercitiva é possível no emprego das letras e dos acentos, mas não no emprego das vírgulas. Em primeiro lugar, porque a pontuação é **pessoal** – não no sentido de que eu possa usar os sinais como me der na veneta, mas sim porque eu os emprego para dizer ao leitor como é que espero que ele leia meu texto, o que naturalmente vai gerar várias diferenças de estilo individual, todas toleráveis dentro do sistema. O que eu considero uma intercalação curta – e, portanto, deixo sem vírgulas – pode não o ser para meu vizinho; onde eu uso travessões duplos, ele pode preferir vírgulas duplas; onde eu uso ponto-e-vírgula, ele pode preferir empregar um simples ponto.

Além disso, as regras que exponho neste livro são de natureza muito diferente das regras ortográficas. Não foram elaboradas todas ao mesmo tempo, por uma comissão específica, numa data determinada, mas sim desenvolvidas, por tentativa e erro, pela soma das pessoas que escreveram e escrevem no Ocidente. São antes **conselhos** do que propriamente regras; como as leis de trânsito, obedecem a um bom senso determinado historicamente: devemos sinalizar quando vamos mudar de pista ou quando vamos parar, não devemos ultrapassar em curvas, etc., ou seja, princípios gerais indiscutíveis que aumentam a segurança de qualquer motorista do planeta.

Vimos, na página 96, que as expressões intercaladas podem ser pontuadas de várias maneiras. Ora, como normalmente evitamos que a vírgula entre em contato com o ponto (de qualquer tipo), uma intercalação interrogativa, como o exemplo que você enviou, ficaria muito melhor se viesse entre **travessões** ou **parênteses**:

O prestígio mundial dos jogadores sul-americanos e a ganância dos

> empresários europeus já ameaçam o futuro da seleção Argentina e – **por que não?** – o próprio futebol brasileiro.
>
> O prestígio mundial dos jogadores sul-americanos e a ganância dos empresários europeus já ameaçam o futuro da seleção Argentina e (**por que não?**) o próprio futebol brasileiro.

Assim fazendo, estaríamos aproveitando a maior vantagem que os travessões ou os parênteses apresentam sobre as vírgulas duplas, que é a possibilidade de usar expressões intercaladas com **pontuação expressiva** (exclamação ou interrogação). Não é que esteja errado se o fizermos com a vírgula, mas certamente vamos causar no leitor a mesma estranheza que você e sua professora experimentaram, o que não é desejável para nós, cidadãos comuns, nas inúmeras situações em que temos de nos comunicar por escrito.

É importante que você saiba, no entanto, que essas precauções nem sempre são observadas pelos textos literários, que exploram os recursos da língua escrita até o limite da inteligibilidade. Reproduzo abaixo um texto do genial Millôr Fernandes, que coloca uma exclamação e uma interrogação entre vírgulas. Millôr pode fazer isso, sem problemas, pois os leitores jamais vão se aproximar de um texto escrito por ele com o mesmo automatismo com que leem as notícias do dia – em suma, estão com os sentidos aguçados, prontos para perceber qualquer sutileza do famoso guru do Meier:

> “Vocês ainda se lembram daquela história, edificante!, do garoto holandês que botou o dedo na rachadura do dique pra salvar sua cidade, e toda a Holanda, por que não?, de ser inundada pelas águas?”

Olhe, admire e aprecie – mas não imite. Como você não é Millôr ou outro escritor famoso, as pessoas esperam que você se mantenha nos caminhos bem-trilhados da pontuação padrão. É com essa expectativa que lerão qualquer coisa que você escrever.

Curtas

Além disso

> Professor Moreno: no fôlder de lançamento de um novo carro, fiquei cismado com a seguinte construção: “Você gasta muito menos e pode contar, *além disso*, com a segurança de usar dois tipos de

> combustível". Gostaria de saber se "além disso" precisa mesmo daquelas duas vírgulas.
>
> Jaison – Goiânia

Meu caro Jaison, há uma série de elementos que precisamos acrescentar à frase para indicar que vamos continuar nosso argumento (**por outro lado**, **aliás**, **inclusive**, **deste modo**, **ora**, **aí**, **assim**), ou atenuar afirmações polêmicas (**ao que parece**, **salvo melhor juízo**), ou retificar alguma coisa dita antes (**isto é**, **ou melhor**, **quer dizer**, **na verdade**). **Além disso** é um desses organizadores textuais e, como tal, sempre virá separado do corpo da frase por vírgula.

Conjunção seguida de expressão intercalada

> Prezado mestre, sou síndica do prédio em que moro e tenho de redigir um breve relatório sobre a última reunião do condomínio. Este verdadeiro abacaxi está me dando dor de cabeça, pois não quero errar perante os meus vizinhos e estou com uma dúvida de pontuação. Na frase "Mas por não ter havido quórum, a votação foi transferida para a próxima reunião", aquela *vírgula* está correta? E *quórum* é assim mesmo, com acento?
>
> Esther D.J. – Birigui (SP)

Prezada Esther: o problema desta frase é a ausência da **primeira** vírgula da intercalação. A conjunção **mas** não pode ser tratada como se fosse parte da oração **por não ter havido quórum**, que se desloca livremente:

(1) Mas a votação foi transferida POR NÃO TER HAVIDO QUÓRUM

(2) Mas a votação, POR NÃO TER HAVIDO QUÓRUM, foi transferida.

(3) Mas, POR NÃO TER HAVIDO QUÓRUM, a votação foi transferida

Como podemos ver claramente nas frases (1) e (2), “mas” e “por não ter havido quórum” **não** constituem uma unidade; na frase (3), portanto, é indispensável aquela vírgula antes de “por”. Quanto ao **quórum**, esta é a forma modernizada do vocábulo latino *quorum*; é uma questão de escolha do falante. Ou usamos a forma tradicional, sem acento e grafada em itálico, ou usamos a forma mais atual, com acento – da mesma forma que *habeas* ou **hábeas**, *curriculum* ou **currículo**.

7 – Indicando a elipse do verbo

Em construções em que o verbo aparece repetido, é possível, se quisermos, mencioná-lo apenas **na primeira vez**, sem prejuízo da compreensão. Neste caso, assinalamos a elipse do verbo com uma vírgula:

(1) Eu TENHO dois irmãos; você TEM três; Carla TEM quatro.

Eu TENHO dois irmãos; você, três; Carla, quatro.

(2) Ele FALAVA inglês e francês. Ela FALAVA alemão.

Ele FALAVA inglês e francês. Ela, alemão.

(3) Eu PREFIRO a serra, e tu PREFERES o mar.

Eu PREFIRO a serra, e tu, o mar.

Friso que todas as frases acima estão corretas; usar ou não a elipse é uma escolha pessoal e, portanto, de estilo. Note que a frase (3) apresenta também a vírgula antes daquele **E** que liga orações com sujeitos diferentes.

Supressão do verbo ser

Caro Professor, estou com dúvida quanto à pontuação – mormente quanto ao emprego da ÚLTIMA vírgula – na seguinte frase: “São circunstâncias individualizadas e distintas; uma delas é legal, considerada agravante obrigatória, e a outra, judicial”.

Maurício J. – Belo Horizonte

Meu caro Maurício, acho que aqui se aplica, como uma luva, o título daquela comédia de Shakespeare: “Muito barulho por nada”. Que vantagem você pensa obter, nesta frase, com a supressão do "é", monossílabo tão nanico e discreto? Embora a pontuação que você propõe esteja teoricamente correta, na prática ela não funciona muito bem (aliás, posso apostar que essa foi a causa de sua consulta). Se o objetivo é estilístico, então eu sugiro um pequeno retoque na pontuação, mas em outro lugar:

> São circunstâncias individualizadas e distintas; enquanto uma delas, considerada agravante obrigatória, é **legal**, a outra é **judicial**.
>
> São circunstâncias individualizadas e distintas. Uma delas, considerada agravante obrigatória, é **legal**; a outra é **judicial**.
>
> São circunstâncias individualizadas e distintas; uma delas, considerada agravante obrigatória, é **legal**. A outra é **judicial**.

Acredite: qualquer uma dessas versões seria superior à inicial.

Vírgula obrigatória?

Professor, é obrigatório indicar a supressão do verbo com uma vírgula? Às vezes eu tenho a impressão de que isso não seria necessário, mas não sei quando posso deixar de aplicar a regra.

Bia W.T. – Petrópolis (RJ)

Prezada Bia, em primeiro lugar é preciso deixar bem claro que só vamos suprimir o verbo da segunda oração se assim o desejarmos. Não há problema algum em repeti-lo; pelo contrário, em certas construções a presença do verbo em ambas as orações melhora o ritmo e reforça o paralelismo:

> Agamênon COMANDAVA os gregos, Heitor COMANDAVA os troianos.
>
> Eu FICO com as brancas, tu FICAS com as pretas.

Todavia, nas construções em que a repetição do verbo não parece trazer vantagem alguma, é costume mencioná-lo apenas na primeira oração, deixando-o **elíptico** na segunda. Neste caso, o sistema dominante de pontuação (no Inglês, no Francês, no Espanhol e no Português) recomenda assinalar esta supressão por uma vírgula. Note que eu disse "recomenda", já que, como faço questão de

frisar em várias passagens deste livro, as regras de pontuação não têm (e nunca terão) o caráter obrigatório das regras de acentuação. Abaixo você verá três versões diferentes para cada exemplo; embora todas estejam corretas, asseguro-lhe que a maior parte dos leitores vai considerar (c) como a versão menos boa:

> (a) No Natal, o menino sempre ganhava carrinho; sua irmã ganhava boneca.
> (b) No Natal, o menino sempre ganhava carrinho; sua irmã, boneca.
> (c) No Natal, o menino sempre ganhava carrinho; sua irmã boneca.
>
> (a) Eu cuido da porta; tu cuidas da janela. (b) Eu cuido da porta; tu, da janela. (c) Eu cuido da porta; tu da janela.
>
> (a) Desta vez o governo estava certo. A oposição estava errada.
> (b) Desta vez o governo estava certo. A oposição, errada.
>
> (c) Desta vez o governo estava certo. A oposição errada.

Curtas

Vírgula estranha

> Prezado professor: num breve mas brilhante artigo de sua autoria a respeito das especificidades do sistema prosódico do Brasil, em relação ao sistema de Portugal, o senhor comenta: “A água que escoa no ralo da banheira, em Portugal, gira para a esquerda; a nossa, gira no sentido do relógio”. Estimado e sempre consultado professor, a vírgula depois do pronome “nossa” foi utilizada para marcar a elipse do substantivo “água”, ou o buraco é mais embaixo? Um abraço amigo.
>
> Orlando N. – Fortaleza

Não, Orlando, não foi – e não se faça de sonso, que você percebeu muito bem que a vírgula está onde não deveria estar. Na primeira redação – “A água que escoa no ralo da banheira, em Portugal, gira para a esquerda; a nossa, no sentido do relógio” –, eu tinha suprimido o verbo “girar”, e a vírgula indicava a **elipse do verbo**. Relendo o texto, achei que ficaria mais claro se repetisse o “gira” – e esqueci de apagar a vírgula. Foi apenas isso. Você, com razão, estranhou a pontuação e fez questão de me alertar, usando essa aproximação oblíqua e

dissimulada – mas gentil. Obrigado.

Falso caso de elipse

Caro professor, peço esclarecimento sobre o uso ou não da vírgula em destaque no período abaixo. A vírgula deve existir? A razão da vírgula seria pela elipse verbal?

> *“Na audiência, não houve acordo, mas foi deferida medida liminar que atribuiu 75% ao homem e, 25% à mulher da parcela de financiamento do imóvel.”*

Henrique – Campo Grande (MS)

Meu caro Henrique, essa vírgula não tem cabimento. Só usamos vírgula para indicar a elipse verbal quando se tratar de **sujeitos diferentes**, com **verbo idêntico** (“Eu comprei um dicionário. Ela, uma gramática”). Se o sujeito for **um só**, não há elipse, mas um complemento composto: “Nós gostamos [de casa limpa] e [de mesa posta]”; “O vento derrubou [o telhado da escola] e [o campanário da igreja]. Na frase que você mandou temos um verbo transitivo **direto** e **indireto** (“atribuir”) seguido de dois conjuntos [O. Direto + O. Indireto] coordenados por um E: “atribuiu [75% ao homem] E [25% à mulher]”.

8 – Separando as adjetivas explicativas

Este é o caso mais complexo de toda a pontuação, pois envolve a sutil diferença entre a oração adjetiva EXPLICATIVA (separada **obrigatoriamente** por vírgulas) e a adjetiva RESTRITIVA, muito parecida, que NÃO leva vírgula. Ambas têm a mesma configuração e ocupam posição idêntica na frase, mas têm SIGNIFICADO diferente. Como o gelo aqui é mais fino, prefiro avançar com cautela.

Semelhanças entre elas – Estas orações receberam o nome de ADJETIVAS porque sempre vêm **à direita de um substantivo** (ou **pronome substantivo**), ocupando exatamente a posição preferida pelo **adjetivo** em nosso idioma. Este é um traço compartilhado por ambos os tipos:

Sublinhou em vermelho todos os **erros** QUE ENCONTROU.

As **pessoas** QUE ESTAVAM LÁ ficaram aterrorizadas.

> **Eu**, QUE TUDO VI, posso testemunhar em juízo.
>
> Ele pretende visitar a **cidade** ONDE NASCEU.
>
> O **pai** de Jorge, COM CUJA AJUDA CONTÁVAMOS, acabou desistindo.

Outra característica comum a ambas é o fato de iniciarem sempre por um PRONOME RELATIVO (**que**, **quem**, **qual**, **cujo**, **onde**). Isso é que explica por que ela era chamada, até os anos 50, de oração subordinada ADJETIVA RELATIVA, como veremos adiante em resposta a uma leitora.

Diferenças – Para que possamos enxergar com clareza a principal diferença entre as duas, é necessário lembrar que o substantivo é uma palavra que designa determinado CONJUNTO de seres (**pneu**, **peixe**, **sofá**, **suspiro**, **lágrima**). Quando houver uma oração adjetiva ligada a ele, você vai decidir se ela é RESTRITIVA ou EXPLICATIVA pelo **efeito que ela tem sobre esse conjunto**:

(1) Se ela se aplicar a apenas uma PARTE do conjunto, ela é RESTRITIVA – ou **determinativa**, **limitativa**, **especificativa**, "porque restringe, determina, limita ou especifica um nome vago, indeterminado ou inespecífico" (Luft). Uma solução bem singela, mas esclarecedora, seria denominá-la de oração adjetiva PARCIAL.

(2) Se ela se referir a TODOS os elementos do conjunto, ela é EXPLICATIVA.

Restritiva

Explicativa

> (1) As baleias QUE FORAM MORTAS tinham marcas de vários arpões. (as outras não)
>
> (2) As gaivotas QUE SEGUIAM NOSSO NAVIO tinham as penas manchadas de óleo. (as outras não)
>
> (3) As gaivotas, QUE VIVEM JUNTO AO MAR, são minhas companheiras matinais. (todas)
>
> (4) As baleias, QUE TÊM SANGUE QUENTE, precisam subir periodicamente à superfície para respirar. (todas)

Os exemplos acima se referem a dados objetivos, que podem ser facilmente verificados. Por isso, se escrevêssemos a frase (4) SEM vírgulas – "As baleias QUE TÊM SANGUE QUENTE precisam..."–, estaríamos confessando nossa ignorância biológica (haveria também baleias que NÃO têm sangue quente...). Há muitas situações, contudo, em que a relação entre a oração adjetiva e o substantivo a que está ligada não pode ser definida fora do contexto. Veja a diferença que existe em cada par:

> (5) As mulheres QUE DIRIGEM MUITO MAL precisam praticar mais.
>
> (6) As mulheres, QUE DIRIGEM MUITO MAL, precisam praticar mais.
>
> (7) Os políticos QUE SÃO CORRUPTOS deveriam perder seus mandatos.
>
> (8) Os políticos, QUE SÃO CORRUPTOS, deveriam perder seus mandatos.
>
> (9) Os jovens QUE FAZEM MUITO BARULHO não respeitam os outros.
>
> (10) Os jovens, QUE FAZEM MUITO BARULHO, não respeitam os outros.

Nas versões em que a adjetiva ficou **entre vírgulas**, são feitas afirmações de valor genérico (toda mulher dirige muito mal, todo político é corrupto, todo jovem é barulhento).

ALÉM DISSO:

(1) Se o conjunto for UNITÁRIO (o caso de um **substantivo próprio**, por exemplo), ou se o conjunto já tiver sido previamente delimitado ou especificado, é natural que a oração seja EXPLICATIVA:

> Este aqui é Antônio Carlos, QUE VAI NOS GUIAR ATÉ A MINA.
>
> Eu, QUE NÃO DESCONFIAVA DE NADA, aceitei as explicações.
>
> Encontramos um casal de índios adolescentes. A mocinha, QUE USAVA TANGA, falava muito bem o Português.

(2) Só as RESTRITIVAS podem ter o verbo no SUBJUNTIVO:

> Os candidatos QUE QUISEREM CONCORRER devem comparecer amanhã.
>
> Procurava um motor QUE NÃO FIZESSE BARULHO.
>
> Os jogadores QUE FICAREM NO BANCO também vão receber o prêmio.
>
> As ruas QUE ESTIVEREM MUITO SUJAS serão lavadas com detergente.

Por isso, a necessidade de distinguir se a oração é RESTRITIVA ou EXPLICATIVA só existe quando o verbo estiver no modo INDICATIVO. Quem

fala em público deve sempre ter cuidado com essa armadilha, pois aquilo que ele está dizendo com uma intenção pode ser transcrito de outra maneira na imprensa. Embora o ritmo e a cadência de quem fala sejam suficientes para evitar ambiguidades junto aos ouvintes, uma frase como “Os membros deste partido QUE SÃO CORRUPTOS não deveriam votar na escolha do representante” pode desencadear um verdadeiro desastre ao ser publicada no jornal do dia seguinte, onde ela poderia aparecer, por equívoco do repórter, colocada entre vírgulas. O orador tinha falado de ALGUNS, e sua frase transcrita agora parece se referir a TODOS. Para evitar mal-entendidos, bastaria substituir o indicativo “são” pelo subjuntivo “forem”. Mudando a frase para “Os membros deste partido QUE FOREM CORRUPTOS não deveriam votar na escolha do representante”, estamos nos assegurando de que todos os ouvintes (até mesmo os de má-fé) vão entender como RESTRITIVA esta oração.

O interessante é que o Inglês, idioma que se caracteriza por um quadro de conjugação verbal muito mais simples (e pobre) do que o nosso, teve de recorrer a **pronomes relativos diferentes** para poder fazer esta distinção; lá, o *that* é um pronome de emprego exclusivo nas **restritivas**, o que explica a instrução onipresente nos manuais daquele idioma de não usar vírgula antes do *that*.

(3) Só nas EXPLICATIVAS o QUE pode ser substituído pelo QUAL. Muitos professores, infelizmente, recorrem ao discutível expediente didático de inculcar em seus alunos a ideia de que os pronomes QUE e QUAL são livremente intercambiáveis; no entanto, a rigor, “na oração adjetiva restritiva o QUE nunca é substituível por O QUAL – a não ser em má técnica escolar de análise sintática, aliás bastante difundida” (Luft). Essa é a prática de todos os bons escritores – entre eles Bernardes, Vieira, Garrett, Alencar, Eça, Euclides e Machado. Apenas como amostra, vejamos alguns exemplos do incomparável Machado de Assis:

> Esteve algum tempo com o relógio na mão e os olhos na mulher, A QUAL tinha os seus olhos no livro. O silêncio era profundo. (“O relógio de ouro”)
>
> O retrato foi passar às mãos de terceira pessoa, A QUAL afirma que fui eu que lho levei alta noite. (“Casa, não casa”)
>
> (...) mas não deixava de ter certa correção nas linhas do rosto, O QUAL se cobria de um véu de serenidade que lhe ficava a matar. (*As bodas de Luís Duarte*)
>
> Não o encobria da amiga, que teve o cuidado de escrever ao primo, O QUAL respondeu com esta frase (...) (“O caso da viúva”)
>
> E aí, como um escárnio, vi o olhar de Marcela, aquele olhar que pouco antes me dera uma sombra de desconfiança, O QUAL chispava de

> cima de um nariz (...) (*Memórias Póstumas de Brás Cubas*)

(4) Na FALA, os dois tipos de adjetivas são inconfundíveis! Enquanto as RESTRITIVAS são ditas SEM pausa e com entonação ascendente no fim, as EXPLICATIVAS são precedidas de pausa e têm entonação mais baixa no seu início.

Aposto e oração explicativa

Prezado mestre Moreno, no período "A Infraero, RESPONSÁVEL PELA ADMINISTRAÇÃO AEROPORTUÁRIA NO PAÍS, tenta atrair fábricas para áreas próximas aos aeroportos", a expressão entre vírgulas é um aposto explicativo ou uma oração adjetiva explicativa que foi reduzida por braquilogia, em que falta o verbo "ser" e o pronome relativo?

Marcos Antônio H.

Meu caro Marcos, no fundo você está perguntando se **seis** é diferente de **meia dúzia**. Toda oração adjetiva EXPLICATIVA é um APOSTO em forma oracional; a diferença é que o aposto, um simples sintagma nominal, não tem a estrutura de oração (sujeito+verbo), nem é introduzido pelo pronome relativo. A comissão que elaborou a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) não se deu conta disso, mas estas orações é que mereceriam a denominação de APOSITIVAS.

Esqueça essa "braquilogia", que é conceito da História da Língua. Aqui simplesmente temos dois elementos diferentes na **superfície**, mas idênticos na **estrutura profunda** – e não é por acaso que ambos devem vir separados por pontuação de intercalação. Os chamados **apostos**, portanto, não passam de orações **adjetivas explicativas** que sofreram esta redução:

> Gonçalves Dias, **que escreveu** *I-Juca-Pirama*, morreu num naufrágio. (adjetiva explicativa)
>
> Gonçalves Dias, **autor de** *I-Juca-Pirama*, morreu num naufrágio. (aposto)

A propósito disso, Celso Pedro Luft fazia uma observação interessantíssima: depois que a adjetiva explicativa é abreviada (pela supressão da sequência

pronome relativo+verbo de ligação), ela pode ser ANTEPOSTA ao substantivo a que se refere:

> Roberto, QUE ESTEVE PRESENTE À CENA, protestou.
>
> Roberto, PRESENTE À CENA, protestou.
>
> PRESENTE À CENA, Roberto protestou.
>
> A Infraero, RESPONSÁVEL PELA ADMINISTRAÇÃO AEROPORTUÁRIA NO PAÍS, tenta atrair fábricas para áreas próximas aos aeroportos.
>
> RESPONSÁVEL PELA ADMINISTRAÇÃO AEROPORTUÁRIA NO PAÍS, a Infraero tenta atrair fábricas para áreas próximas aos aeroportos.

Certamente um especialista em sintaxe terá muito mais a acrescentar sobre esta estrutura, mas nada do que ele possa nos dizer vai mudar a forma de pontuá-la. De qualquer forma, sua pergunta revela que você tem uma boa intuição linguística, pois se deu conta de uma semelhança que geralmente passa despercebida – até mesmo por pessoas que se intitulam professores de Português.

Aposto restritivo

Numa aula do Curso de Jornalismo, na semana passada, surgiu a dúvida sobre o modo correto de pontuar casos em que um cargo é comum a várias pessoas e casos em que há apenas um indivíduo para um cargo: "A deputada do PT LUCIANA GENRO disse que não comparecerá ao plenário para a votação da reforma da Previdência". Para mim, é assim que está correto, mas alguns colegas insistem em deixar o nome da deputada entre vírgulas.

Cláudia V. – jornalista

Prezada Cláudia, vocês esbarraram no aposto RESTRITIVO, o qual, além de ser pouco conhecido, ostenta o escandaloso hábito de nunca vir separado por vírgula. Ora, diriam os meus professores da infância, onde já se viu um aposto sem vírgula? Se eles pudessem retornar a este mundo, eu lhes mostraria, com prazer e gratidão, alguns exemplos que, tenho certeza, os deixaria convencidos:

> O ministro da Justiça, TARSO GENRO, veio especialmente para a

> cerimônia.
>
> O ministro TARSO GENRO veio especialmente para a cerimônia.

Agora, um pouquinho de análise sintática básica. Na primeira frase, o **sujeito** recebe um **aposto** ("Tarso Genro") que se refere à totalidade do conjunto "ministro da Justiça". Já vimos que esses apostos não passam de orações adjetivas EXPLICATIVAS que foram reduzidas por uma transformação corriqueira. A pontuação, para ambos, é idêntica.

Na segunda frase, no entanto, a relação semântica foi alterada: ao se retirar a expressão especificadora "da Justiça", o substantivo **ministro** passou a designar um conjunto de **vários** elementos (alguém sabe ao certo quantos são?), que agora recebe um aposto ESPECIFICATIVO, que produz o mesmo efeito de uma oração adjetiva RESTRITIVA.

Esta relação seria diferente (e, da mesma forma, a pontuação) se já tivesse havido, no contexto, referências que especificassem e individualizassem um ministro dentre todos os outros. Nesse caso, o aposto, agora ligado a um conjunto unitário, passaria naturalmente a ser EXPLICATIVO:

> A posse do diretor foi prestigiada por dois governadores e um ministro de Estado. O ministro, TARSO GENRO, veio especialmente para a cerimônia.

Ensinando as adjetivas

Professor, sou formado em Letras e estou ministrando um curso de revisão gramatical para os funcionários de uma grande indústria. Como explicar para um engenheiro mecânico que algumas orações subordinadas adjetivas não são separadas por vírgulas? Vou ter de explicar sintaxe para eles? Professor, caso tenha algum atalho, algum esquema infalível, me ajude, por favor. Quero que eles se lembrem para sempre das minhas aulas.

Daniel A. – Marília (SP)

Meu caro Daniel: se houvesse uma maneira rápida e urgente de ensinar a pontuação das adjetivas, eu já a teria publicado há muito. NÃO EXISTE esse esquema mágico, só conhecido por mim, e que eu estaria poupando para divulgar numa ocasião oportuna, tipo o quarto segredo de Fátima. Aqui só funciona uma explicação cuidadosa do que são as orações adjetivas em geral

(ligadas sempre a um **substantivo**, ocupam o lugar do **adjetivo**) e a distinção entre as RESTRITIVAS e as EXPLICATIVAS (que, como você deve ter aprendido no curso de Letras, depende exclusivamente de Lógica Formal, não de diferençazinhas gramaticais). Como você tem formação superior, entende perfeitamente algo que o leigo não consegue conceber: há assuntos que são difíceis só porque até agora foram mal abordados; uma explicação engenhosa pode torná-los milagrosamente fáceis. Outros, no entanto, são difíceis pela própria natureza, e não por falha das explicações tradicionais. Este é um deles.

A explicação deve começar obrigatoriamente pela sintaxe. Não há como estudar pontuação sem primeiro repassar toda a estrutura da frase do Português. **Pontuação é sintaxe pura**; quem não entendeu isso, não vai entender jamais o emprego dos sinais.

O caso específico das orações adjetivas é pior ainda, porque saímos da sintaxe para entrar no pouco trilhado caminho da SEMÂNTICA, já que estas são as únicas vírgulas que alteram, por sua presença ou por sua ausência, o sentido da frase. Portanto, se aceita uma sugestão, trate de explicar direitinho as orações adjetivas do ponto de vista sintático, para depois então entrar na diferença entre as que se referem à totalidade do conjunto expresso pelo substantivo a que se ligam (as EXPLICATIVAS) e as que se referem apenas a uma parte dele (as RESTRITIVAS). Pode ser que assim suas aulas se tornem inesquecíveis, como você deseja.

Orações adjetivas no subjuntivo

O senhor poderia analisar estes períodos quanto à pontuação das orações introduzidas pelo pronome relativo QUE? No segundo período, segundo o que entendi, temos uma adjetiva RESTRITIVA e, por isso, ficou sem vírgulas. Estou certo?

1 – ...os consumidores, QUE EXERÇAM atividades de fabricação de equipamentos... 2 – ...os consumidores QUE EXERÇAM atividades de petroquímica e outros químicos...

Roberto B. – Brasília

Meu caro Roberto: estas duas orações subordinadas adjetivas devem ficar **sem vírgulas**, porque ambas são adjetivas RESTRITIVAS. A distinção entre uma **restritiva** e uma **explicativa** é o problema mais sutil da pontuação do Português

e de todas as línguas ocidentais modernas; trata-se, no fundo, de um problema de Lógica. Todavia, por uma dessas coincidências, os dois períodos numerados da resolução são exemplos idênticos de um dos casos mais simples de identificar: quando o verbo da oração adjetiva estiver no SUBJUNTIVO, ela será necessariamente **restritiva** (e, portanto, **sem** as vírgulas).

Na verdade, só podemos ter dúvida quanto à classificação das adjetivas quando o verbo estiver em algum tempo do modo INDICATIVO. Por exemplo: na frase "os soldados QUE NECESSITAM DE ATENDIMENTO MÉDICO devem...", há duas formas diferentes de entender e pontuar a oração sublinhada: ou deixamos **sem** vírgulas, por considerá-la RESTRITIVA (estamos falando apenas de **uma parte** dos soldados); ou a colocamos entre vírgulas – "os soldados, QUE NECESSITAM DE ATENDIMENTO MÉDICO, devem..." –, sinalizando-a como EXPLICATIVA (estamos falando de **todos** os soldados).

No entanto, se o verbo estivesse no SUBJUNTIVO, só haveria **uma** maneira correta de pontuar (e de entender) o período: "os soldados QUE NECESSITAREM de atendimento médico devem...": ela seria indiscutivelmente **restritiva**. Nos exemplos que você enviou, a CGCE refere-se, todo o tempo, aos "consumidores que **exerçam**", afirmando, implicitamente, que há consumidores que "não exercem". Essa é a típica atuação das adjetivas RESTRITIVAS; nenhum desses períodos pode receber vírgula antes do "que".

Aposto circunstancial

Professor, solicito o obséquio de informar-me se há vírgula na frase "As alunas NERVOSAS não saíram bem na prova". Caso haja, o que justifica a colocação uma vírgula na oração como esta? Seria "nervosas" um adjetivo com função de advérbio?

Raimundo Nonato F.

Meu caro Raimundo, depende do que está sendo dito. Compare as duas versões abaixo (ambas estão corretas, mas dizem coisas diferentes):

> As alunas NERVOSAS não foram bem na prova.
>
> As alunas, NERVOSAS, não foram bem na prova.

Deixar "nervosas" entre vírgulas indica que TODAS as alunas estavam nervosas

e, por isso, não tiveram um bom resultado na prova. Por outro lado, se não usarmos pontuação alguma, o significado da frase é diferente: dentre as alunas, as que estavam nervosas não tiveram bom resultado. Em qualquer das duas versões, este "nervosas" é um ADJETIVO, flexionado no plural feminino para concordar com "alunas" – o que descarta totalmente a possibilidade de ser um ADVÉRBIO, palavra invariável por excelência.

A nuança adverbial que você captou, entretanto, está realmente presente – neste caso, a circunstância de CAUSA: "As alunas, **nervosas**, não fizeram boa prova" pode ser lida como "As alunas não fizeram boa prova porque estavam nervosas". Não raro, as adjetivas EXPLICATIVAS (estamos na sintaxe) podem expressar circunstâncias adverbiais (estamos na semântica); os antigos, exatamente por isso, falavam aqui de **aposto circunstancial**.

Elementos não restritivos

Professor, preciso solucionar uma dúvida atroz antes de enviar a mala-direta de nosso hospital. Na frase "A troca será feita na segunda-feira, quando os residentes voltarem às atividades", aquela vírgula está correta? Eu sinto que fica bem, mas aprendi que a oração adverbial só recebe vírgula quando estiver fora de seu lugar habitual. O que o senhor nos diz?

Maurílio V. – Salvador

Meu caro Maurílio, eu concordo em gênero, número e caso com aquela vírgula. Você não vai encontrar sua justificativa, porém, na regra dos adjuntos e orações adverbiais deslocadas, pois, como você mesmo aponta, ela está no final da frase, exatamente onde deveria estar. Se eu tivesse de enquadrá-la em uma das regras conhecidas, certamente escolheria a das orações adjetivas EXPLICATIVAS – embora, repito, trate-se de uma oração adverbial.

Ocorre que o conhecido contraste entre RESTRITIVAS e EXPLICATIVAS parece estar presente em outros cenários além das orações adjetivas; Celso Pedro Luft, a quem dedico a série de que faz parte este volume, estava convencido de que tal oposição faz parte de "um processo mais geral de marcar a maior ou menor importância frasal das estruturas secundárias ou anexas". Veja os exemplos abaixo: na segunda frase de cada par, o acréscimo de uma informação mais específica na oração principal faz com que a oração em destaque deixe de ser essencial:

> O telegrama chegou depois que você tinha saído da reunião.
>
> O telegrama chegou às 16h, DEPOIS QUE VOCÊ TINHA SAÍDO DA REUNIÃO.
>
> O resultado dos testes foi como você predisse que seria.
>
> O resultado dos testes foi negativo, COMO VOCÊ PREDISSE QUE SERIA.
>
> Você vai receber o laudo assim que chegarem os resultados.
>
> Você vai receber o laudo amanhã, ASSIM QUE CHEGAREM OS RESULTADOS.

Como você já terá percebido, esse é exatamente o caso da frase de sua mala-direta. Você poderá escolher, portanto, entre uma das duas versões abaixo:

> A troca será feita QUANDO OS RESIDENTES VOLTAREM ÀS ATIVIDADES.
>
> A troca será feita na segunda-feira, QUANDO OS RESIDENTES VOLTAREM ÀS ATIVIDADES.

Curtas

Adjetiva explicativa reduzida

> Professor, tenho de enviar um convite com os seguintes dizeres: "Convidamos Vossa Excelência para participar do lançamento da *Revista Ilustrada*, a realizar-se em 29 de setembro, às 18 horas, no Mercado Público". Pergunto: aquela vírgula após a palavra "Ilustrada" é necessária?

Paula T. – Porto Alegre

Sim, Paula, você deve colocar uma vírgula ali porque A REALIZAR-SE EM 29 DE SETEMBRO é uma oração adjetiva EXPLICATIVA, **reduzida** de infinitivo. Na forma **desenvolvida** ficaria "Convidamos Vossa Excelência para participar do lançamento da **Revista Ilustrada**, QUE SERÁ REALIZADO EM 29 DE SETEMBRO" – pontuada da mesma maneira.

Classificação das orações

> Prof. Moreno, na frase “Esse é o livro QUE QUERO COMPRAR”, classifiquei a oração em destaque como *subordinada adjetiva,* mas meu professor disse que a resposta estava incompleta.
>
> Felipe S. – João Pessoa

Prezado Felipe: a oração “que quero comprar” realmente é uma subordinada adjetiva, ligada ao substantivo **livro**. Faltou, no entanto, defini-la como RESTRITIVA; ela não é, portanto, EXPLICATIVA, que deveria obrigatoriamente ser separada do antecedente por uma vírgula. Certamente foi a isso que o professor se referiu.

Adjetiva com pronome pessoal

> Por favor, professor, qual a forma correta? “Você QUE ESTÁ EM NATAL precisa conferir a beleza dessa praia” ou “Você, QUE ESTÁ EM NATAL, precisa...”. É restritiva ou explicativa?
>
> Maria Odete B. – São Paulo

Maria Odete, eu pontuaria da segunda maneira, pois ela é uma **adjetiva explicativa**. Não esqueça que uma adjetiva RESTRITIVA sempre divide um conjunto em dois subconjuntos; em “Os peixes **que comem grãos** têm a carne delicada”, a oração adjetiva está dividindo o conjunto geral dos **peixes** em duas partes, os que comem grãos e os que não comem. A adjetiva EXPLICATIVA, por sua vez, sempre se refere ao **conjunto todo**; em “Os tubarões, **que são carnívoros**, não têm predadores naturais”, a oração adjetiva exprime uma verdade que se aplica a todos os indivíduos do conjunto dos tubarões.

Exatamente por causa disso, toda oração adjetiva que estiver ligada a um conjunto que está bem definido e limitado (e que, por isso mesmo, não pode ser dividido em dois subconjuntos) vai ser EXPLICATIVA. Isso ocorre com os

pronomes pessoais – "**Eu**, que estou em Porto Alegre, deveria..."; "**Tu**, que moras em São Paulo, não foste à Bienal"; "**Vocês**, que estão na Inglaterra, não podem avaliar", etc. Não importa que em determinadas situações eu possa me dirigir a vários "vocês" diferentes – "**Você**, que mora em Brasília, tem mais oportunidades que **você**, que mora em Tiririca da Serra" –, porque presume-se que eu esteja falando primeiro com um interlocutor e depois com o outro, tornando-os, desta forma, conjuntos unitários.

Restritivas x explicativas: diferença de significado

> Há alguns dias participei de um concurso público em que perguntavam que modificação de sentido ocorreria se fosse suprimida a vírgula do período "Umberto Eco homenageia os cientistas, que combatem o obscurantismo científico". O senhor poderia explicar?
>
> Flávia R.

Prezada Flávia, que bela pergunta! Parece que ainda se encontram bancas de concurso que conseguem fazer uma prova acima da mediocridade que impera no ramo! Além de mencionar Umberto Eco – o que, por si só, já é elogiável –, a questão exige que o candidato saiba avaliar a importante diferença que existe entre uma RESTRITIVA e uma EXPLICATIVA. Assim como está, com vírgulas, a oração é EXPLICATIVA, ou seja, refere-se aos cientistas em geral, significando que Umberto Eco homenageou todos os cientistas e que estes, como classe, sempre combatem o obscurantismo. Já sem as vírgulas a frase passaria a dizer que Umberto Eco só homenageou os cientistas que combatem o obscurantismo, implicando, com isso, que há cientistas que não o fazem.

Aposto restritivo

> Professor, na frase "O escultor italiano Brecheret participou do Modernismo brasileiro" devo colocar o nome do autor entre vírgulas? Trata-se de um aposto explicativo?

Mercedes G. – Guarulhos (SP)

Aqui vale o mesmo princípio das orações adjetivas: quando vêm sem vírgulas, são RESTRITIVAS, isto é, referem-se apenas a **uma parte** do conjunto; quando vêm com vírgulas, são EXPLICATIVAS, o que significa que se aplicam a **todos** os elementos do conjunto representado pelo substantivo. Se você pusesse o nome de Brecheret entre vírgulas, minha amiga, estaria afirmando, implicitamente, que você acha que a Itália até hoje só produziu um único escultor, que se chamava Brecheret e participou de nosso Modernismo. É por isso que você deve deixar a frase sem vírgulas, porque existem dezenas de escultores italianos. Temos aqui um aposto restritivo, e **Brecheret** é devidamente apresentado como um dos vários escultores que a Itália produziu (ao lado do "escultor italiano Giacometti", do "escultor italiano Manzù", etc.).

Subjuntivo nas restritivas

> Professor, li um artigo seu em que dizia que toda oração com verbo no *subjuntivo* é RESTRITIVA. Seria o caso da frase abaixo? "Se viver em área espaçosa *em que possa correr e brincar por conta própria*, este cão não precisa necessariamente de atividade complementar."

Heitor C. – São Paulo

Sim, Heitor, será **restritiva** toda oração adjetiva que vier com o verbo no modo SUBJUNTIVO (o que não impede, é claro, que haja outros tipos de orações substantivas e adverbiais que também admitem esse modo verbal). A eterna dúvida entre **restritivas** e **explicativas** só poderá aparecer quando a oração adjetiva trouxer o verbo no INDICATIVO. Na frase "Os alunos QUE FIZEREM EXAME MÉDICO", a oração adjetiva obrigatoriamente divide o conjunto dos alunos em dois subconjuntos – os que fizerem o exame e os outros.

Explicativa após pronome pessoal

> Caro Professor: na frase “não faça como eu QUE NÃO APRENDI”, há uma oração subordinada adjetiva *restritiva* ou *explicativa*? Em suma: há ou não *vírgula* nesta frase? Se houver, está errado o comercial de uma escola de idiomas que está sendo veiculada na mídia atualmente, onde um atleta diz, de boca cheia, “não faça como eu que não aprendeu!”. Embora a rima seja bonitinha, ela foge completamente da regra, não é?
>
> Rosi G. – São Paulo

Você tem razão, Rosi; a forma correta seria “Não faça como eu, que não aprendi”. Deve ser separada com vírgula, pois é uma oração adjetiva EXPLICATIVA (ela se refere ao conjunto unitário “eu”). Além disso, a frase tem um erro feroz de concordância: o pronome **que** representa o **eu** da oração anterior, o que obriga o verbo **aprender** a ficar na 1ª pessoa: não faça como EU, que não APRENDI; não faça como ELE, que não APRENDEU; não faça como NÓS, que não APRENDEMOS. Considerando que se trata de campanha publicitária de uma escola...

II. O ponto-e-vírgula

Você costuma empregar o ponto-e-vírgula, caro leitor? A maior parte dos brasileiros (e americanos, e franceses, e espanhóis, e ...) responderia que NÃO, especialmente porque não enxergam nele nenhuma vantagem sobre os outros sinais, nenhuma característica especial que justifique o trabalho de usá-lo.

Como quase tudo o que se refere à pontuação depende de nossas preferências pessoais (em outras palavras, de nosso **estilo**), não podemos condenar quem atirou o ponto-e-vírgula para um canto, junto com outros trastes supostamente sem a mínima serventia – mas, pela mesma atitude democrática, também não se pode criticar aqueles que sabem apreciar o seu valor e explorar os seus recursos.

O ponto-e-vírgula passou por uma verdadeira crise de identidade no tempo em que a pontuação era vista apenas como uma forma de assinalar pausas. Na divisão das competências, restava-lhe uma função indefinida e subalterna, algo como “marcar uma pausa de duração pouco definida, no meio do caminho entre a vírgula e o ponto”. Com um valor tão impreciso assim, não espanta que seu emprego tenha se tornado cada vez mais raro.

Na teoria atual da pontuação, contudo, o ponto-e-vírgula – assim como aconteceu com a vírgula – passou a ter grande utilidade para orientar a leitura de estruturas

sintáticas mais extensas. Sem mencionar seu emprego habitual para encerrar **alíneas**, ele nos pode ser útil em três situações bem definidas.

1 – Organizando enumerações complexas

Este sinal é praticamente indispensável quando precisamos pontuar uma enumeração cujos elementos já contenham vírgulas (geralmente apostos). Se usarmos apenas vírgulas para separar esses itens – como fazemos com as enumerações simples –, a pontuação ficará tão confusa que deixaria de orientar o leitor, perdendo assim sua única razão de existir. Compare os dois exemplos abaixo:

> No mesmo vagão vinham Antero, meu tio; Artur, meu primo; Aninha e Adinha, minhas primas; Adalgisa, minha tia e mãe de Artur; e Arlindo, seu marido.
>
> No mesmo vagão vinham Antero, meu tio, Artur, meu primo, Aninha e Adinha, minhas primas, Adalgisa, minha tia e mãe de Artur, e Arlindo, seu marido.

Enquanto na primeira versão a presença do ponto-e-vírgula deixa claro o limite entre um item e outro, a leitura da segunda versão fica praticamente impossível. Com ele, o primeiro texto permite que todos os leitores recebam a mesmíssima informação; sem ele, o segundo se abre a uma dúzia de interpretações. Veja outro exemplo:

> O rei, isolado e autoritário, vinha na frente; o clero e a nobreza, na direita; os indecisos, alguns burgueses e alguns mercadores, no centro; os camponeses, trabalhadores e pobres, na esquerda.

Dizia um gramático com veia cômica que este tipo de ponto-e-vírgula, no fundo, não passa de uma vírgula que recebeu uma promoção inesperada – ou seja, é um ponto-e-vírgula que seria apenas uma vírgula se os elementos da enumeração não contivessem suas próprias vírgulas internas.

2 – Separando orações coordenadas assindéticas

Formamos um período composto por coordenação quando ligamos duas orações por meio de uma **conjunção coordenativa**. A primeira oração é conhecida como COORDENADA INICIAL; a segunda é classificada de acordo com sua relação com a primeira. Se ela exprimir um conteúdo que se opõe ao da inicial, ela será ADVERSATIVA; se ela contiver a conclusão do que foi enunciado na inicial, será CONCLUSIVA – e assim por diante. Muitas vezes, porém, podemos

suprimir a conjunção da segunda oração, que passa a ser classificada simplesmente de ASSINDÉTICA (nome de origem grega que significa, literalmente, “sem conjunção”). As duas orações continuam coordenadas por justaposição, separadas apenas pela pontuação:

> (1) Vamos chamar a segunda colocada, pois a primeira não entregou a documentação.
>
> (2) *Vamos chamar a segunda colocada, a primeira não entregou a documentação.
>
> (3) Vamos chamar a segunda colocada. A primeira não entregou a documentação.
>
> (4) Vamos chamar a segunda colocada; a primeira não entregou a documentação.

Das três versões **assindéticas** (sem o “pois”), a no 2, apenas com vírgula, só é aceitável na língua escrita culta quando se reproduz, nos diálogos literários, a fala dos personagens. Embora as outras duas estejam corretas – com ponto ou com ponto-e-vírgula –, você não deve esquecer, ao optar entre elas, que a no 4 é mais vantajosa em termos de **coesão**, pois obriga todos os leitores, mesmo os desatentos, a perceber o vínculo semântico que as duas orações mantêm entre si – ou seja, a perceber que o pensamento iniciado na maiúscula prolongou-se até o momento em que você o declarou encerrado com o ponto final. O ponto-e-vírgula, nestes casos, cria uma expectativa pela parte da frase que ainda falta ler.

3 – Separando orações introduzidas por conjunções pospositivas

Esta regra abrange todas as conjunções ADVERSATIVAS (exceto **mas**) – **porém**, **todavia**, **contudo**, **entretanto**, **no entanto**, **não obstante** – e todas as conjunções CONCLUSIVAS, sem exceção – **logo**, **portanto**, **pois**, **por conseguinte**, **consequentemente**. Todas elas se comportam como se fossem verdadeiros ADVÉRBIOS, pois, ao contrário das demais conjunções, **elas podem se deslocar ao longo da oração em que se encontram**. É dessa curiosa propriedade que vem o nome de POSPOSITIVAS, isto é, as “que podem ser pospostas” (e é daí, também, que vem o costume da gramática do Inglês de classificá-las entre os ADVÉRBIOS, não entre as CONJUNÇÕES). Quando você tiver duas orações ligadas por um desses conectores, poderá encerrar a coordenada inicial usando um **ponto** ou um **ponto-e-vírgula**:

> Ele nadava muito bem; CONTUDO, não conseguiu vencer a correnteza.
>
> O voo sai às nove. PORTANTO, espero vocês às oito em ponto.

As conjunções pospositivas, honrando seu nome, podem deslocar-se para o interior da segunda oração:

> Ele nadava muito bem; não conseguiu, CONTUDO, vencer a correnteza.
>
> Ele nadava muito bem; não conseguiu vencer a correnteza, CONTUDO.
>
> O voo sai às nove; espero vocês, PORTANTO, às oito em ponto.
>
> O voo sai às nove; espero vocês às oito em ponto, PORTANTO.

Existem alguns pontos que devem ser destacados:

(1) Note que o ponto-e-vírgula não sai de sua posição; ele está ali para assinalar o fim da primeira parte do período.

(2) No seu lugar, seria também correta a utilização de um simples **ponto**, mas haveria, é claro, a perda do efeito coesivo que vimos acima.

(3) A conjunção, uma vez deslocada, passa a ser tratada como uma intercalação comum, ficando obrigatoriamente separada por vírgulas.

Quando o **porém** e seus sinônimos se encontram **no início** da segunda oração, há autores que recomendam a mesma pontuação que utilizamos com o **mas** (enquanto a conjunção **mas** sempre vai ficar no início da oração que introduz, seus sinônimos – que são, na verdade, **advérbios** – podem deslocar-se livremente):

> Ele está atrasado, PORÉM vai fazer a prova.

Embora não possamos condenar esta prática (já que, como vimos, as "regras" de pontuação têm quase a natureza de "recomendações"), achamos mais coerente usar a mesma pontuação para todos os casos, independentemente da posição em que se encontra a conjunção:

> Ele chegou atrasado; PORÉM, vai fazer a prova.
>
> Ele chegou atrasado; vai, PORÉM, fazer a prova.
>
> Ele chegou atrasado; vai fazer a prova, PORÉM.

Os dois tipos de POIS

Professor, tenho dificuldade em saber quando deixo o POIS entre vírgulas ou simplesmente ponho uma vírgula antes. Já vi dos dois jeitos, mas não sei se podemos escolher livremente entre eles. É um caso facultativo?

Ariane J. – Bragança Paulista (SP)

Não, prezada Ariane, não se trata de um caso facultativo. Se você conhece algum par de gêmeos idênticos, vai compreender facilmente o que está ocorrendo: existem **dois tipos** de pois, com pontuações diferentes. O primeiro **pois** é EXPLICATIVO, sinônimo de **porque**; o segundo é CONCLUSIVO, sinônimo de **portanto**:

POIS**1** = **porque** (explicativo):

Ela deve estar doente, POIS não vem à aula há duas semanas.

POIS**2** = **portanto** (conclusivo):

O rádio anuncia chuva; devemos, POIS, deixar toda a casa fechada.

A diferença entre eles fica marcada exatamente pela **posição** que ocupam na frase. O território da **segunda** oração é dividido em duas seções estanques; onde um pisa, o outro não põe o pé:

POIS1
POIS2

O primeiro POIS tem lugar fixo: sempre virá no **início** da segunda oração, antecedido de vírgula. O segundo, para distinguir-se dele, sempre será **pospositivo**, isto é, sempre virá deslocado, podendo ocupar qualquer lugar na segunda oração, **exceto o início**:

O rádio anuncia chuva; devemos deixar, POIS, toda a casa fechada.

O rádio anuncia chuva; devemos deixar toda a casa fechada, POIS.

Pontuação das adversativas

É correto empregar ponto final em vez de vírgula antes da conjunção coordenativa? Para facilitar o entendimento, vou usar um período de um de seus artigos: “A etimologia – sozinha – tem suas limitações: ela não explica a origem de todas as palavras. No entanto, sempre pode trazer novas ideias e agitar o pensamento”.

Cláudio L.S. – Tapes (RS)

Meu caro xará, posso deduzir, pela pergunta, que você deve ter aprendido, em algum lugar, que **sempre** se deve empregar **vírgula** antes das **coordenadas sindéticas**. Sinto dizer-lhe que não é assim que funciona a pontuação, especialmente no caso das ADVERSATIVAS. Neste grupo, vamos separar com **vírgula** as orações introduzidas por **mas**, e com **ponto** ou **ponto-e-vírgula** as introduzidas por seus sinônimos (**porém**, **todavia**, **contudo**, **no entanto**, **entretanto**, etc.). Observe as três versões da mesma frase, **todas corretas**:

> Ele está cansado, MAS vai entregar o trabalho na data marcada.
>
> Ele está cansado; CONTUDO, vai entregar o trabalho na data marcada.
>
> Ele está cansado. CONTUDO, vai entregar o trabalho na data marcada.

Essa diferença de pontuação entre o **mas** e seus sinônimos é clássica e se deve ao caráter claramente **adverbial** destes últimos. A nossa nomenclatura é que os chama, equivocadamente, de **conjunções**, sem levar em conta o fato fundamental de que todos eles são **pospositivos** (isto é, deslocáveis para a direita, na oração a que pertencem), característica inadmissível nas verdadeiras conjunções:

> Ele está cansado; vai entregar, CONTUDO, o trabalho na data marcada.
>
> Ele está cansado; vai entregar o trabalho na data marcada, CONTUDO.

É por isso que a gramática do Inglês, mais acertadamente, chama o *but* (o nosso “mas”) de **conjunção**, mas classifica todos os demais (*however, nevertheless*, etc.) de *conjunctional* (ou *conjunctive*) *adverbs* (algo como “advérbios conjuncionais”; o Francês, que, como nós, também é filho do Latim, denomina-os de *adverbes conjonctifs)*. Esses advérbios conjuncionais são advérbios na forma, mas podem funcionar semanticamente como conjunções, servindo também para ligar duas orações. O professor Kip Wheeler, do Carson-Newman

College, tem uma maneira jocosa de explicar o problema (a tradução é minha):

> "Às vezes os advérbios conjuncionais pensam que são conjunções completas e tentam ligar duas orações independentes. Triste pretensão! Eles NÃO são conjunções e NÃO podem fazer esta tarefa sozinhos. Como sempre, nestes casos, protegem-se atrás de um **ponto-e-vírgula**, e é este sinal que vai realmente juntar as duas orações. Estes advérbios conjuncionais sempre deverão ser seguidos de uma vírgula:
>
> O assaltante esquivou-se da bala; CONTUDO, Joey foi atingido várias vezes.
>
> Susan gostou muito das flores; TODAVIA, um carro novo teria sido um presente melhor.
>
> Dr. Wheeler é um tirano gramatical; POR CONSEGUINTE, não admite erros de pontuação.
>
> Os advérbios conjuncionais pensam que são conjunções; ENTRETANTO, é o ponto-e-vírgula que faz o trabalho de unir as orações.
>
> Nessas frases, quem usar uma vírgula em vez do ponto-e-vírgula terá cometido um erro de pontuação conhecido como **frases siamesas** ou **frases xifópagas** ["*comma splice*", em Inglês]. Construções como estas exigem que o advérbio conjuncional seja precedido de um ponto-e-vírgula."
>
> (http://web.cn.edu/kwheeler/gram_conj_adv.html)

Para aproveitar integralmente a explicação do professor, basta substituir "advérbios conjuncionais" pelas nossas "conjunções" pospositivas (denominação, como podemos ver, completamente inadequada). Este tipo de conector, como exemplifiquei acima, só pode ficar entre vírgulas quando estiver **deslocado**. A frase do meu artigo ficaria **errada** se colocássemos vírgula antes de **no entanto**, como você parece sugerir:

> *A etimologia – sozinha – tem suas limitações: ela não explica a origem de todas as palavras, no entanto, sempre pode trazer novas ideias e agitar o pensamento.

Outra coisa: exatamente por esse caráter especial desses conetivos, são eles que vamos usar preferencialmente quando queremos ligar **dois parágrafos** entre si e indicar, ao mesmo tempo, que o conteúdo do segundo se opõe ao conteúdo do primeiro.

Pontuação da segunda coordenada

*Prezado professor: uma frase que o senhor escreveu gerou uma grande discussão entre mim e meus colegas, todos professores também. Ninguém, é claro, estava pondo em dúvida a sua competência, que aprendemos a respeitar. O problema é de análise sintática – mais precisamente, da classificação de orações. Numa consulta sobre "em mão" ou "em mãos", o senhor escreveu: "A tradição manda empregarmos em mão, por ser o início da expressão em mão própria, usada no sobrescrito de uma correspondência entregue por mensageiro ou por pessoa de confiança. É assim que eu uso, e assim eu recomendaria que todos fizessem. Modernamente, contudo, a forma em mãos já é considerada aceitável pela maior parte dos gramáticos." A questão é o último período – "Modernamente, CONTUDO, a forma em mãos...". Se considerarmos a conjunção empregada, teríamos de classificar a oração de **coordenada sindética adversativa,** mas isso não parece possível, já que ela, como está isolada, não participa de um período composto por coordenação. O que está acontecendo aqui?*

Daniela V. – Anápolis (GO)

Prezada Daniela, professores como vocês não travariam uma discussão se o ponto realmente não fosse controvertido. Neste caso, o responsável pelo imbróglio é o costume que nossas gramáticas escolares têm de ignorar a diferença entre CONJUNÇÕES, de um lado, e ADVÉRBIOS CONJUNCIONAIS, de outro. O que têm em comum os conectores **mas**, **porém**, **todavia**, **contudo**, **entretanto**, **no entanto**, **não obstante**? Todos, **semanticamente**, exprimem a mesma ideia de **oposição** – mas não se comportam da mesma maneira do ponto de vista **sintático**. Conforme já vimos, enquanto a conjunção **mas** sempre vai ficar no início da oração que introduz, seus sinônimos – que são, na verdade, **advérbios** – podem deslocar-se livremente:

> Façam o que quiserem, MAS não contem comigo.
>
> Façam o que quiserem; CONTUDO, não contem comigo.
>
> Façam o que quiserem; não contem, CONTUDO, comigo.
>
> Façam o que quiserem; não contem comigo, CONTUDO.

Essa diferença de comportamento tem reflexos na pontuação: os ADVÉRBIOS CONJUNCIONAIS vêm sempre antecedidos por um ponto-e-vírgula (ou por um ponto) e seguidos de uma vírgula; quando deslocados, ficam entre vírgulas como

qualquer outro elemento intercalado. Ora, esses advérbios que, à semelhança das conjunções, servem para coordenar duas **orações**, também podem relacionar dois **períodos** ou até mesmo dois **parágrafos**. A estrutura, embora estejamos combinando unidades maiores, é semelhante; a única diferença é que aqui o **ponto** aparece no lugar do **ponto-e-vírgula**:

> **Marinho** é o que nasce no mar, que é natural do mar, que pertence ao ecossistema do mar; **marítimo** é o que está junto ao mar, o que foi posto no mar pelo homem, o que o homem realiza no mar. Dessa forma, temos **aves marinhas**, **monstros marinhos**, **brisa marinha** e **sal marinho**, de um lado, e **cidades marítimas**, **viagens marítimas**, **plataforma marítima** e **navegação marítima**, do outro.
>
> CONTUDO, esta distinção não foi observada no caso das correntes, pois os falantes preferem, na proporção de dois para um, chamá-las de **correntes marítimas.** Um gramaticão intolerante já começaria a dizer que está errado e que o certo deveria ser **corrente marinha**, mas os bons dicionários tratam de registrar as duas formas, pois sabem que não cabe a eles decidir.

Como você pode ver pelo exemplo acima, ou pela frase que gerou toda a discussão – "Modernamente, CONTUDO, a forma **em mãos** já é considerada aceitável pela maior parte dos gramáticos"–, a presença desse nexo adversativo não significa necessariamente que estamos lidando com um "período composto por coordenação", já que passamos para o âmbito dos parágrafos, unidades muito maiores que o período. Certamente era por isso que os meus professores, todos à moda antiga, proibiam o emprego do **mas** no início da frase. Para eles, esta conjunção deveria sempre aparecer ligando uma coordenada adversativa à coordenada inicial, reservando-se para o **porém**, o **todavia**, o **contudo**, etc., a função de relacionar as unidades maiores.

Maiúsculas depois do ponto-e-vírgula

Prezado Professor, minha orientadora não aceita que eu empregue letras maiúsculas depois do ponto-e-vírgula, dando continuidade à frase. Preciso imensamente de sua resposta, pois ela disse que não vai admitir esse procedimento

enquanto eu não levar uma gramática que o autorize.

Graziela B. – Passo Fundo (RS)

Minha prezada Graziela: como era de esperar, a razão está com sua orientadora (não é por acaso que ela está onde está) – a **vírgula**, o **ponto-e-vírgula** e o **dois-pontos** fazem parte da pontuação INTERNA da frase; o ponto **simples**, o ponto de **exclamação**, o ponto de **interrogação** e o ponto repetido (**reticências**) constituem a pontuação EXTERNA. Ora, como as maiúsculas indicam o início de uma nova frase, elas só podem aparecer, evidentemente, após as marcas de pontuação **externa**. Como se considera que depois vírgula, do ponto-e-vírgula e do dois-pontos a frase ainda continua, a norma (e o costume de todos os que escrevem bem) é usar **minúscula**. Nos autores que falam sobre a pontuação no Inglês, vamos encontrar alguns que recomendam o emprego da maiúscula depois do **dois-pontos**, mas nem mesmo estes ousam defender tal prática para o ponto-e-vírgula.

Ponto ou ponto-e-vírgula?

Professor, eu me acostumei a usar o ponto nos lugares em que o senhor recomenda o ponto-e-vírgula. Isso pode me prejudicar a avaliação de meus textos? Estou perdendo alguma coisa ao não empregar este sinal?

Danilo B. – Uberlândia (MG)

Olha, Danilo, eu sou um pouco suspeito para falar, porque defendo (e uso) entusiasticamente o ponto-e-vírgula. Para mim, o emprego deste sinal é uma forma de combater a praga moderna que faz os adultos escreverem como se fossem crianças. A escola tem uma boa culpa disso; nos anos 70 e 80, a moda era ensinar a escrever com base no modelo do jornal diário, pois, como se alegava naqueles anos loucos, uma prova indiscutível da eficiência deste estilo era o fato de que milhões de leitores compreendiam os textos assim escritos. Como se vê, aquela que era (e sempre será) uma qualidade intrínseca da linguagem jornalística foi elevada à categoria de virtude suprema de qualquer texto, e várias gerações foram educadas sob o princípio equivocado de que o ideal seria expressar-se em períodos simples, geralmente curtos, formados de uma única oração.

Ainda hoje, diga-se de passagem, encontramos adeptos dessa receita

ultrapassada. Não esqueço o olhar atônito que me lançaram os professores de uma escola em que fui dar uma palestra sobre redação. Um deles, sinceramente preocupado, confessou que ainda aconselhava a frase curta a seus alunos e pediu desculpas por não estar a par da nova teoria em que eu me baseava. Nova! Fiquei constrangido, de minha parte, por ter de explicar àqueles colegas que o período composto – seja por coordenação, por subordinação ou simplesmente por intercalação – é o mais poderoso instrumento que o Ocidente desenvolveu em dois mil anos de tradição escrita, já que, ao reunir várias orações em um todo articulado, permite que o leitor perceba imediatamente a conexão entre as ideias e sua hierarquia. Não se tratava, expliquei, de combater a frase curta em si mesma; quando bem usada, no momento oportuno, ela também tem seu lugar no desenvolvimento de um texto. Contudo, o seu uso constante gera aquele estilo fragmentado e tatibitate que os americanos chamam de "*primer style*" – o estilo da cartilha. Eu estudei, por exemplo, na famosa cartilha *O livro de Lili*; um de seus textos – "Olhem para mim. Eu me chamo Lili. Eu como muito doce. Vocês gostam de doce? Eu gosto tanto de doce!" –, poderia ser assinado por muita gente que anda publicando por aí...

Ora, empregar o ponto-e-vírgula em vez do ponto, quando temos duas orações coordenadas assindéticas, não vai fazer reverter essa melancólica tendência a frases nanicas, mas certamente vai ajudar. Se opto pelo **ponto**, como faz a maioria, divido a frase original em dois segmentos, na esperança de que a atenção e a perspicácia do leitor o farão perceber que se trata de duas partes de um mesmo todo; se, no entanto, opto pelo **ponto-e-vírgula**, deixo evidente que meu pensamento começou na maiúscula e só foi concluir quando encontrou o ponto final:

> Preciso falar com você. Muitas coisas precisam ser esclarecidas.
>
> Preciso falar com você; muitas coisas precisam ser esclarecidas.

A diferença pode parecer pequena, mas é inegável que – ao contrário do papel-moeda, em que não ganhamos nada em trocar duas notas de dez por uma de vinte –, ganhamos bastante ao trocar duas frases curtas por uma frase mais longa, pois o ponto-e-vírgula, ao avisar o leitor de que a sequência vai continuar, ressalta a ligação entre as duas partes e reforça a relação semântica entre as duas orações. Não é por acaso que, na França, teve ampla repercussão, em 2008, o anúncio de que a administração Sarkozy teria instituído uma comissão para regulamentar o emprego da pontuação nos documentos administrativos e – expressamente! – promover a reabilitação do ponto-e-vírgula. É claro que tudo não passava de uma brincadeira de 1o de abril – mas a seriedade com que foi recebida a ideia dá uma medida de quanto os franceses estão preocupados com o empobrecimento do estilo escrito em seu país.

III. O dois-pontos

Na Idade Média, quando a pontuação ainda tinha a função de orientar a leitura em voz alta, o dois-pontos correspondia a uma pausa moderada, com uma elevação da voz que informava aos ouvintes que a frase ainda não tinha terminado, pois o que viria em seguida era a metade que estava faltando para que a ideia ficasse completa.

Embora tenha ocorrido uma mudança radical no objetivo da pontuação – que passou, como vimos, a desempenhar uma função exclusivamente sintática –, o dois-pontos continua a avisar o leitor de que existe uma ligação lógica entre o que acabamos de dizer e a **informação suplementar** que vamos fornecer em seguida. Essa informação adicional contida na segunda parte da frase pode ser uma **causa**, uma **consequência**, uma **análise**, uma **síntese** ou uma **exemplificação** da primeira.

Por causa da representação gráfica deste sinal, houve quem o comparasse a um portal que convida o leitor a continuar – ou, numa metáfora mais comercial, a um aviso de que ainda falta entregar uma parte da mercadoria. O fato é que o seu emprego dá ênfase especial a tudo o que vier DEPOIS dele, pois deliberadamente chama a atenção do leitor para aquilo que vai ser mostrado. Ele pode introduzir praticamente qualquer coisa: uma palavra, uma oração, uma citação ou uma lista (como acabamos de fazer).

1 – Introduzindo uma enumeração

Neste caso, o dois-pontos introduz a relação dos itens que compõem um determinado conjunto já mencionado na primeira parte da frase:

> Apesar de sua fama, o cantor fez exigências muito singelas à produção do espetáculo: **água mineral, frutas frescas, pizza de queijo e toalhas secas**.

É importante lembrar que a frase que vem ANTES deste sinal deve ser **independente** – ou seja, os itens que vêm à direita do dois-pontos não podem ser **partes integrantes da sua estrutura sintática**. Na frase abaixo, por exemplo, a enumeração não pode ser separada por dois-pontos porque a frase não ficaria completa sem ela:

> Os três países mencionados no relatório eram **o Brasil, a Venezuela e a Argentina**.

Aqui reencontramos um velho conhecido nosso: o princípio de **nunca separar o que é inseparável** (o sujeito do verbo, o verbo do complemento, etc.). Desmontando esta frase, temos o **sujeito** (“os três países mencionados no

relatório”), um **verbo de ligação** (“eram”) e um **predicativo** (“o Brasil, a Venezuela e a Argentina”). Portanto, se colocássemos (como muitos costumam fazer, na imprensa brasileira) um dois-pontos após o verbo, estaríamos seccionando uma ligação que jamais deve ser rompida. O mesmo ocorre nestes outros exemplos:

> Sua receita secreta de molho, herdada da avó, incluía **manjericão, noz moscada, azeitonas e uma pitada de açúcar**.
>
> Depois da última rodada, continuam com chance de classificação **o Palmeiras, o Internacional, o São Paulo, o Flamengo e o Cruzeiro**.

Se fizermos questão de empregar o dois-pontos, basta reformular a frase para que a enumeração deixe de fazer parte de sua estrutura:

> Sua receita secreta de molho, herdada da avó materna, incluía **vários ingredientes esquisitos**: cerveja preta, noz moscada, azeitonas e uma pitada de bicarbonato.
>
> Depois da última rodada, continuam com chance de classificação **as seguintes equipes**: o Palmeiras, o Internacional, o São Paulo, o Flamengo e o Cruzeiro.

Na primeira frase, o **objeto direto**, que era representado pela enumeração, agora é “vários ingredientes esquisitos”; na segunda, o **sujeito**, que era representado pela lista de times, agora é “as seguintes equipes”. As duas enumerações deixaram de fazer parte do corpo da frase e podem vir antecedidas de dois-pontos, tornando-se, ambas, simples **apostos** (mais precisamente, **apostos enumerativos**).

2 – Introduzindo uma citação

O dois-pontos costuma ser usado para introduzir uma CITAÇÃO FORMAL – quando reproduzimos textualmente as palavras de seu autor, que é distinta da CITAÇÃO CONCEPTUAL – quando reproduzimos, **com nossas próprias palavras**, as ideias de outrem. Nas citações formais, o dois-pontos costuma vir seguido de **aspas** de abrir e **maiúscula**:

> Quando não gostava do que lia, lá vinha ele com a genial frase do Millôr: “Houve um tempo em que os animais falavam; hoje eles escrevem”.

Nas citações – embora continue valendo o princípio de não separar com pontuação os elementos necessários para completar a estrutura da frase, como mostra o primeiro exemplo, abaixo –, abre-se uma exceção para os *verba*

dicendi (em Latim, "verbos de dizer"): **afirmar**, **responder**, **alegar**, **dizer**, **comentar**, **declarar**, etc.:

> Lembro muito bem que seu conselho favorito **era** "Colhe os frutos que a vida te oferece".
>
> Falando da obra *As 1001 Noites*, Jorge Luiz Borges **disse**: "Minha ignorância do árabe permitiu-me lê-las em muitas traduções".
>
> Quando perguntaram o que ele achava de alguns autores da moda, André Maurois **respondeu**: "Em literatura, como no amor, ficamos espantados com o que os outros escolhem".

No primeiro exemplo, a citação é o **predicativo** da frase e, portanto, não pode ser separada do verbo **ser**. Nos dois outros exemplos, contudo, embora as duas citações sejam **objetos diretos** dos verbos **dizer** e **responder**, respectivamente, a tradição ocidental consagrou o emprego do dois-pontos com esse tipo de verbo.

O que vale para as **citações** pode ser estendido aos **diálogos**: o DISCURSO INDIRETO – isto é, quando nos limitamos a relatar com nossas próprias palavras o que foi dito pelo personagem – corresponde à citação CONCEPTUAL, recebendo pontuação idêntica:

> O porteiro disse que a polícia tinha estado duas vezes no prédio.
>
> A diretora respondeu que não pretendia atender nosso pedido.

Por sua vez, o DISCURSO DIRETO – isto é, quando reproduzimos textualmente as palavras do personagem – corresponde à citação FORMAL, admitindo, por isso, o dois-pontos depois do verbo *dicendi*:

> O porteiro disse: "A polícia esteve duas vezes aqui no prédio".
>
> A diretora respondeu: "Não pretendo atender o pedido de vocês".

3 – Assinalando uma relação de causa ou consequência

Também podemos usar o dois-pontos para introduzir uma oração que tem uma relação de **causa** ou de **consequência** com a anterior. Neste caso, o sinal funciona como se fosse uma verdadeira conjunção, isto é, indica que a oração que está à direita é uma **justificativa** ou uma **decorrência** do que afirmamos na primeira oração:

> Depois de seis horas, o júri chegou a uma decisão surpreendente: o réu foi absolvido.
>
> Ele não gostou da cerimônia da premiação: seu rival conquistou vários troféus.

> Desta vez ela jura que vai se abster de votar: os dois candidatos são seus amigos de infância.
>
> Hoje compreendi por que Páris estava indeciso ao decidir entre Atena, Hera e Afrodite: qualquer que fosse sua escolha, ele conquistaria duas terríveis inimigas.
>
> Saí decepcionado com o filme: nunca vi nada tão medíocre.

Dois-pontos e aposto enumerativo

Professor, minha orientadora mandou que eu reformulasse a seguinte passagem do meu trabalho: “Os autores destacam dois tipos de pesquisa qualitativa: a etnográfica e o estudo de caso, e mencionam várias autoridades para compor e elucidar a discussão.” É o dois-pontos que está errado? O senhor acha que minha frase tem remédio?

Márcia R.

Prezada Márcia, a orientadora tem razão: assim como está não pode ficar. Há muitas maneiras de reescrever este texto, mas, se fosse meu, eu o pontuaria desta forma (os dois exemplos abaixo são válidos):

> Os autores **destacam** dois tipos de pesquisa qualitativa, a etnográfica e o estudo de caso, e **mencionam** várias autoridades cujo trabalho ajudaria a compor e elucidar a discussão.
>
> Os autores **destacam** dois tipos de pesquisa qualitativa – a etnográfica e o estudo de caso – e **mencionam** várias autoridades cujo trabalho ajudaria a compor e elucidar a discussão.

Só assim fica assegurado o paralelismo estrutural entre DESTACAM e MENCIONAM, que é o eixo principal desta frase. As duas versões acima estão corretas, mas o **aposto** (“a etnográfica e o estudo de caso”) fica muito mais claro na segunda, por causa dos **travessões** (lembro, mais uma vez, que o aposto sempre deve ser assinalado por **pontuação de intercalação**, o que pode ser feito tanto com vírgulas quanto com travessões ou parênteses). O emprego do **dois-pontos** só teria sentido se dividíssemos a frase original em duas, deslocando para o período seguinte a ideia contida na oração coordenada aditiva:

> Os autores destacam dois tipos de pesquisa qualitativa: a etnográfica e o estudo de caso. Além disso, mencionam várias autoridades cujo trabalho ajudaria a compor e elucidar a questão.

Dois-pontos com enumeração

Prof. Moreno, está adequado o emprego do dois-pontos na frase abaixo?

Entre as medidas que podem reduzir acidentes, os pesquisadores sugerem, além da desobstrução de corredores: a pavimentação, a sinalização e a iluminação de rotas preferenciais para quem anda a pé.

Alguma coisa me diz que estamos mutilando a estrutura sintática, deixando separado, assim, o verbo do seu objeto direto – ou eu estaria vendo fantasmas?

Josué A. – Brasília

Prezado Josué: este dois-pontos realmente está errado; no seu lugar deveria figurar uma **vírgula**:

> Entre as medidas que podem reduzir acidentes, os pesquisadores sugerem, além da desobstrução de corredores, a pavimentação, a sinalização e a iluminação de rotas preferenciais para quem anda a pé.

Por que não cabe aqui um dois-pontos? Por causa de um princípio básico, tantas vezes destacado neste livro: nenhum sinal de pontuação pode interromper a ligação do verbo com seu complemento ou predicativo, como foi feito, equivocadamente, no exemplo abaixo:

> *As três cidades mais importantes da Antiguidade eram: Tebas, Alexandria e Atenas.

Em casos como esse, ou tiramos o **dois-pontos**, ou acrescentamos um predicativo **"postiço"** que deixe o padrão frasal completo:

> As três cidades mais importantes da Antiguidade eram Tebas, Alexandria e Atenas.
>
> As três cidades mais importantes da Antiguidade eram as seguintes: Tebas, Alexandria e Atenas.

Em suma, só podemos usar dois-pontos antes de uma enumeração quando a frase à sua esquerda estiver com seu padrão sintático completo. O único caso em que esse princípio pode ser ignorado é com os verbos *dicendi*, porque o texto que vem à direita do dois-pontos, embora seja, de certa maneira, complemento desses verbos, foi escrito por outro autor:

> Vieira disse: "Que importa que não adoreis o bezerro de ouro, se adorais o ouro do bezerro?".

Se você julgar que a enumeração ficaria mais clara se viesse introduzida pelo dois-pontos, basta reescrever o exemplo enviado:

> Os pesquisadores sugerem várias medidas para reduzir acidentes: a desobstrução de corredores, a pavimentação, a sinalização e a iluminação de rotas preferenciais para quem anda a pé.

Minúscula depois de dois-pontos

Caro professor, gostaria de saber se a palavra que vem após o sinal de dois-pontos deve ser escrita com a inicial maiúscula ou minúscula.

Rodrigo V. – São Paulo (SP)

Meu caro Rodrigo: no Português, o dois-pontos é considerado um sinal de pontuação INTERNA, assim como o travessão, o ponto-e-vírgula e a vírgula. Por isso, depois dele a frase continua em **minúsculas**, exceto no caso de citação formal, como no seguinte exemplo:

> Apontado como homem violento, o deputado não se intimidou: "Os bons, Deus leva; os ruins têm de ser mandados".

Podemos dizer que aqui está uma das raras diferenças entre o nosso sistema de pontuação e o do Inglês, pois lá muitos autores defendem o emprego da **maiúscula** após o dois-pontos mesmo que não se trate de uma citação. Essa, porém, ainda é uma questão controvertida, como se pode ver nos manuais de estilo da imprensa inglesa e americana.

IV. O travessão

O travessão é um sinal que, apesar de não ser invenção moderna, só agora

realmente começa a ser explorado. Embora já existam situações em que sua utilidade é indiscutível, pode-se perceber que ele ainda encerra outras possibilidades que o uso deverá (ou não) consagrar. Assim como a vírgula, ele pode vir sozinho ou aos pares, como veremos a seguir.

Travessão simples

Por representar uma interrupção parcial da linha escrita, o travessão nos força a prestar particular atenção ao que virá depois dele, sendo muito útil para introduzir um segmento que detalhe ou explique melhor a ideia que acaba de ser apresentada. É um sinal que dá grande agilidade ao texto, pois permite (ao contrário da vírgula) que esses acréscimos sejam feitos mesmo **com uma quebra evidente na estrutura sintática**:

> Agora o inspetor sabia muito bem quem tinha cometido o crime – O PROFESSOR!
>
> O furacão destelhou casas, rompeu linhas de transmissão, represou a água do rio e encheu a rua de árvores derrubadas – NUNCA SE VIU COISA IGUAL.

Note-se que muitos prefeririam usar o dois-pontos nestas frases; quanto a isso, os usuários individuais se dividem, refletindo velhas divergências que até hoje distinguem a escola tipográfica inglesa da francesa, da italiana, etc.

Travessão duplo x parênteses

Como vimos no item 6 – VÍRGULA SEPARANDO OUTROS ELEMENTOS INTERCALADOS (p. 96), os travessões duplos desempenham papel semelhante ao dos parênteses, afastando o leitor momentaneamente da linha natural do discurso para introduzir uma informação adicional. Existe, contudo, uma importante diferença entre eles: enquanto os parênteses costumam encerrar algo que é considerado **acessório** ao conteúdo principal, os travessões são usados para intercalar um **elemento novo**, que vem se acrescentar ao que está sendo dito na frase. Em outras palavras, os parênteses **minimizam** a importância da intercalação; os travessões, bem ao contrário, **valorizam** o elemento enquadrado entre eles.

Os travessões duplos são particularmente úteis para quem – como eu, por exemplo – gosta de intervir no próprio texto, introduzindo comentários, avaliações, reflexões pessoais, interpelações ao leitor, etc. São como se fizesse

ouvir uma voz diferente da voz principal – o que fica bem evidente, aliás, pois o trecho entre travessões muda radicalmente de tom quando lemos a frase em voz alta (mesmo que seja a famosa "voz alta mental"):

> Minha melhor amiga – BEM, AO MENOS EU JURAVA QUE ELA FOSSE – tentou seduzir meu namorado.
>
> Os defensores do tabaco – MAS AINDA EXISTE GENTE ASSIM? – protestam contra a discriminação na nova lei.
>
> Assinado o Acordo Ortográfico, ainda teremos um ou dois anos de carência, durante os quais – O QUE EU GOSTARIA QUE OCORRESSE, ALIÁS – a sociedade civil do Brasil e de Portugal pode voltar atrás e anular essas alterações insensatas.

O amigo leitor vai me perdoar a obviedade, mas fica o registro: nos travessões duplos, o primeiro corresponde ao parêntese de abrir, o segundo ao de fechar. Se o acréscimo for no fim da frase, é claro que a pontuação final (ponto, ponto de exclamação ou ponto de interrogação) vai anular o segundo travessão:

> Eles passaram meses planejando o ataque de janeiro – UM ATAQUE DEFINITIVO, DIZIAM, QUE PORIA FIM A TODAS AS HOSTILIDADES.
>
> O presidente americano só vai se reeleger se der uma solução satisfatória para esses problemas – A MEU VER, ESPECIALMENTE PARA O DESEMPREGO.

Travessão duplo x vírgula dupla

São duas as vantagens que os travessões levam sobre as vírgulas duplas. Em primeiro lugar, eles permitem (e elas não) que a intercalação seja um período completo. É uma forma muito econômica e ágil de reunir duas ideias, fora dos usuais sistemas de coordenação e subordinação:

> Ele admite que a atual **confusão** na economia dos Estados Unidos – O ENTREVISTADO NÃO CONCORDA COM O TERMO **CRISE** – está deixando os investidores mais ariscos.
>
> O jovem jogador brasileiro foi escolhido – VOTARAM TODAS AS GRANDES FIGURAS DO JORNALISMO ESPORTIVO – como o melhor atacante do campeonato europeu.

Em segundo lugar, a intercalação entre vírgulas **não** pode, como vimos na página 101, receber pontuação expressiva, como aqui:

> Vamos fazer um sorteio – TODOS OS PRESENTES CONCORDAM? – para decidir quem vai ficar com a última vaga na excursão.

O hífen não é travessão

Prezado professor, não consigo perceber diferenças entre o hífen e o travessão, fora o fato do segundo ter mais ou menos o dobro do tamanho do primeiro. O seu emprego não é o mesmo?

Homero Z. – Goiânia

Meu caro Homero: embora muita gente misture os dois sinais sob a denominação genérica de "tracinho", o HÍFEN e o TRAVESSÃO são caracteres bem diferentes tanto na **forma** quanto no **emprego**. Eu sempre os distingo, quando escrevo. A diferença fundamental entre eles é o ÂMBITO em que aparecem. O HÍFEN, presente em todos os teclados do Ocidente, atua no âmbito da **Morfologia**, pois é um sinal que fica restrito ao **interior do vocábulo**. É por isso que usamos o hífen apenas em três situações: (1) para indicar que dois vocábulos formam um novo vocábulo composto (**couve-flor, decreto-lei)**; (2) para ligar o pronome enclítico ao verbo (**fazê-lo, vendeu-o**); e (3) para separar as sílabas numa eventual translineação. Como se vê, ele serve para **unir** os elementos que formam um vocábulo composto ou **unir** as duas partes da palavra que ficaram separadas pela mudança de linha – e não é por outro motivo que ele também é conhecido, tanto no Português como em outras línguas, como **traço-de-união**.

É exatamente por isso – por esse uso exclusivamente morfológico, e não sintático – que o hífen **não** é considerado um **sinal de pontuação**, mas um simples **sinal ortográfico**, como os acentos, o til ou o trema.

Já o TRAVESSÃO é vinho de outra pipa. Para começar, é um sinal um tanto aristocrático, pois não está acessível no teclado e só pode ser usado pelos poucos que conhecem a misteriosa combinação que abre suas portas. Além disso – e aqui está a diferença decisiva –, ele atua no âmbito da **Sintaxe**; pertence à **pontuação interna**, assinalando intercalações e comentários, ou indicando uma ruptura na continuidade da frase para explicar ou detalhar algum elemento mencionado. Talvez isso explique o hábito consagrado, em nosso país, de inserir um espaço antes e depois do travessão, o que é considerado totalmente inadequado no caso do hífen.

Como digitar um travessão

Caro Prof. Moreno: peço desculpas pela minha pergunta, mas não vi em seu saite o travessão empregado na forma gráfica que lhe é própria, ou seja, um traço horizontal três vezes mais longo que o hífen. O senhor não o emprega (a) por achar pouco prático construir esse sinal no teclado do computador; (b) porque o senhor simplesmente não vê razão para fazer a distinção gráfica entre o travessão e o hífen; ou (c) por desconhecer o modo de obtê-lo com o teclado?

Se a alternativa acima for a (c), tomo a liberdade de lhe informar que este sinal é obtido digitando-se 0151 no teclado numérico com a tecla Alt pressionada. O meio-travessão – pouco menor que o travessão, porém, maior que o hífen – obtém-se teclando 0150 no teclado numérico com a tecla Alt pressionada. Muito obrigado pela sua atenção e um abraço.

Edgar N. – Blumenau (SC)

Meu caro Edgar, vamos por partes:

1 – Eu sou um usuário fanático do travessão e sempre digito o símbolo correto nos meus textos, mas ele geralmente é trocado automaticamente por um hífen quando colo o texto numa página da internet ou num e-mail. Este, aliás, é o grande problema dos sinais que não são tão comuns quanto a vírgula ou o ponto-e-vírgula: na informática, os vários sistemas de codificação que coexistem, aliados às diferenças temperamentais de cada *browser*, jamais nos dão certeza de que todos os leitores vão receber nosso texto na mesma formatação em que ele foi escrito. Por causa disso, aquelas sutis distinções de tamanho e de formato que a tipografia clássica mantinha entre o **hífen**, o **sinal de menos**, o **travessão curto** e o **travessão longo** (ver quadro) vão terminar desaparecendo, ficando todos esses sinais reduzidos a um só, sem personalidade, designado pelo humilhante nome de "**tracinho**".

Travessão = —
Travessão curto = –
Hífen = -

2 – Quanto ao real tamanho do travessão, entraríamos aqui numa discussão muito complexa para mim; você afirma que o travessão tem o tamanho de **três** hifens. Há controvérsias. No mundo editorial de língua inglesa, por exemplo, eles distinguem o *hyphen*, o *en-dash*, o *em-dash*, o *2em-dash*, e por aí vai a valsa (respectivamente, o hífen, o travessão do tamanho de um **N**, o travessão do tamanho de um **M**, o travessão do tamanho de dois **Ms**, e assim por diante). Ao

que parece, o nosso travessão usual (Unicode **0151**) corresponde ao *em-dash*, e o menorzito (Unicode **0150**) seria o *en-dash*. A tipografia lusitana chama o primeiro de "risca de quadratim", e o segundo de "risca de meio-quadratim", ou "meia-risca".

Ora, a tipografia anglo-saxônica especifica, para certos casos, o emprego de um *3em-dash*, que tem o tamanho equivalente a **seis** hifens numa linha sólida; usando aritmética simples, isso daria ao *em-dash* – o nosso travessão, portanto – o tamanho equivalente a **dois**, não a **três** hifens. Mas este, Edgar, é um dos terrenos muito misterioso para que eu me aventure por ele; basta dar uma olhadinha no livro *Elementos de Bibliologia*, de Antônio Houaiss (o mesmo do dicionário), para ver como esses nomes e essas correspondências dos sinais tipográficos entre si ainda são objeto de discussões seculares e intermináveis. O antisséptico mundo da informática tenta sair desse cipoal padronizando a nomenclatura e a configuração dos caracteres, mas mesmo ali, como você sabe, há sistemas conflitantes. De qualquer forma, obrigado pela gentileza.

Travessão com vírgula?

Professor Moreno: sei que dois travessões podem ser usados no lugar de duas vírgulas, e por isso mesmo não aceito essa moda de usar um travessão juntamente com uma vírgula, como fez o jornalista Reinaldo Azevedo: É tal a avalanche de informações, é tal o consenso que se formou – especialmente entre os leigos, que entendem de aquecimento global o que eu entendo: NADA!!! –, que as vozes científicas que negam a teoria são logo lançadas ao ridículo.

Aquela vírgula depois do segundo travessão não é supérflua? Por favor, explique por quê.

Velhinho de Taubaté

Prezado Velhinho: travessões duplos funcionam exatamente como parênteses duplos. Devemos pontuar a frase como se a intercalação ainda não tivesse ocorrido. A frase de Reinaldo Azevedo, no seu estado "puro", seria:

> É tal a avalanche de informações, é tal o consenso que se formou, que as vozes científicas que negam a teoria são logo lançadas ao ridículo.

O trecho que vai ser inserido traz consigo um travessão de abrir e um de fechar, o que explica aquela sequência [travessão+vírgula] que deixou você intrigado:

> É tal a avalanche de informações, é tal o consenso que se formou – *especialmente entre os leigos, que entendem de aquecimento global o que eu entendo: NADA!!!* –, que as vozes científicas que negam a teoria são logo lançadas ao ridículo.

Se você substituir os travessões por **parênteses**, tenho certeza de que a combinação resultante – [parêntese+vírgula] – já não vai lhe parecer tão estranha:

> É tal a avalanche de informações, é tal o consenso que se formou *(especialmente entre os leigos, que entendem de aquecimento global o que eu entendo: NADA!!!)*, que as vozes científicas que negam a teoria são logo lançadas ao ridículo.

O princípio é simples: a frase-mãe deve ficar com sua pontuação integral, mesmo que se retire a expressão intercalada (entre travessões ou parênteses, não importa). Além disso, o exemplo que você escolheu ilustra muito bem as outras vantagens que nos fazem preferir, em casos como este, os travessões às vírgulas. Com eles, o jornalista pôde usar o valioso recurso de marcar o trecho intercalado com pontuação expressiva (ponto de interrogação ou de exclamação); depois – e talvez mais importante –, pôde, com grande agilidade sintática, encaixar um comentário pessoal, de forte caráter argumentativo, àquilo que vinha dizendo. E pode ter certeza de que nada disso foi por acaso, pois Reinaldo Azevedo é um mestre no manejo do travessão e de todos os outros sinais; se você não sabia, ele é um jornalista que se preparou com uma sólida formação no curso de Letras – e isso, pode ter certeza, faz toda a diferença do mundo.

A ponte Rio–Niterói

Caro mestre, a minha dúvida é a respeito das diferenças entre o hífen e o travessão, mais especificamente quanto à ponte Rio–Niterói. Eu enxergo ali um hífen; várias colegas minhas dizem que é um travessão, mas não explicam o porquê. Gostaria que o senhor tirasse essa dúvida.

Marcia B. – Rio de Janeiro

Prezada Marcia: em princípio, o **hífen** é um elemento **interno** dos vocábulos compostos. O hífen que usamos em **porta-bandeira**, por exemplo, indica que um verbo na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo (“porta”) e um

substantivo feminino (“bandeira”) se juntaram para formar um novo substantivo de nossa língua, o **porta-bandeira**, pessoa que leva a bandeira de um regimento ou de uma escola de samba.

O **travessão** é diferente, pois atua ao longo da frase – **fora**, portanto, do âmbito restrito do vocábulo. É um sinal de **pontuação** importante, do mesmo quilate do ponto-e-vírgula, do dois-pontos e dos parênteses, sendo muito útil para indicar intercalações ou introduzir, no final da frase, expressões que sintetizam o que acaba de ser dito.

Na verdade, o sinal que a tradição tipográfica consagrou para indicar o ponto inicial e final de um percurso ou de um espaço de tempo era o **travessão breve** (ou **meia-risca**), maior que o hífen, mas menor que o travessão propriamente dito. Houaiss, que era um especialista em Bibliologia, chama a atenção para sua grande utilidade para unir termos **que não chegam a formar uma expressão composta**. Deveríamos escrever ponte **Rio–Niterói** da mesma forma que rodovia **Belém–Brasília**, o triênio **1971–1974**, Tobias Barreto (**1839–1869**), um classificador **A–Z** Digo “deveríamos” porque a meia-risca hoje é praticamente obsoleta, e por razões óbvias: primeiro, as antigas máquinas de escrever não tinham tecla para inserir este símbolo; depois veio o computador e tornou possível o seu emprego – mas só à custa de uma trabalhosa combinação de teclas (mantendo-se a tecla **Ctrl** pressionada, digita-se o sinal de menos no teclado numérico), desconhecida da maioria dos brasileiros. Por afinidade de desenho – afinal, tudo é “tracinho” mesmo –, a maioria o substituiu alegremente pelo **hífen**; eu, no entanto, gosto do travessão e sempre o utilizo nesses casos (embora reconheça que é difícil, para o usuário comum, inserir este sinal no texto).

O Novo Acordo Ortográfico, naquele tom autoritário que denuncia o subalterno que não aprendeu a mandar, resolveu encerrar a discussão numa penada: nada de travessão ou meio travessão; aqui só se usa o **hífen**, e estamos conversados! Ora, não vejo nada de mal em consagrarem, os autores da Reforma, o que todo o mundo já vinha fazendo; se o hífen é mais prático, viva o hífen! – mas não aceito a injustificável exclusão do travessão médio ou do travessão pleno, muito mais adequados para desempenhar essa tarefa de indicar os pontos extremos de uma sequência. Que deixassem ao gosto do autor, ora bolas! Confesso que, tirante o aspecto estético, escrever **Rio-Niterói**, **Rio--Niterói** ou **Rio–Niterói** não faz, no fundo, muita diferença – mas as coisas nem sempre são assim tão inocentes. Se empregarmos apenas o **hífen**, pode haver a natural confusão entre o que constitui e o que não constitui um **vocábulo composto**, o que, em ambientes mais rigorosos, pode criar embaraços. Assisti a uma defesa de tese em que o futuro doutor se viu numa camisa de onze varas quando um examinador perguntou por que ele usava, ao longo do trabalho, construções como “modelagem FÍSICO-MATEMÁTICA”, “simulação FÍSICO-MATEMÁTICA”,

etc., mas lá pelas tantas tinha se saído com uma "interface FÍSICA-MATEMÁTICA". Nervoso, não atinou com a explicação e pediu desculpas pelo deslize; só mais tarde, durante o churrasco de comemoração, foi que se deu conta de que não tinha cometido erro algum: tinha escrito "modelagem FÍSICO-MATEMÁTICA" porque se tratava de um adjetivo composto (que, como todos sabem, só flexiona no **segundo** elemento: clínica MÉDICO-cirúrgica, amizade LUSO-brasileira). Em "interface FÍSICA-MATEMÁTICA", no entanto, estava se referindo à interface "entre a FÍSICA e a MATEMÁTICA"; não se tratava, é claro, de um adjetivo composto, mas de dois elementos que deveriam estar ligados por um TRAVESSÃO (interface FÍSICA–MATEMÁTICA, relação PROFESSOR–ALUNO, relacionamento CLIENTE–EMPRESA) ou, para alguns, por uma BARRA INCLINADA (relação PROFESSOR/ALUNO, relacionamento CLIENTE/EMPRESA).

Pontuação final

O final da frase sempre será indicado por um ponto – seja um ponto simples (.), um ponto acrescido de sinais especiais (! ou ?), ou, ainda, por três pontos em sequência (...). Já foram (e ainda são) propostas várias inovações, como o ponto duplo (..), o ponto de ironia ( ) ou o *interrobang* (), mas tentativas como essas sempre vão fracassar, assim como fracassam irremediavelmente todas aquelas pontuações “originais” que, vez por outra, algum escritor teima em experimentar: nada pode ser feito em pontuação se não houver um contrato prévio entre aquele que escreve e aquele que vai ler.

Após um ponto desses – qualquer que seja –, espera-se letra maiúscula no início do próximo segmento. É claro que esse princípio pode ser transgredido em linguagem expressiva ou literária, mas não se espera que isso aconteça nos textos que habitualmente escrevemos. Leia o exemplo abaixo, admire o efeito que o autor obteve empregando o ponto de interrogação e do ponto de exclamação no meio da frase – mas não o imite, porque você não se chama Millôr Fernandes:

> “Vocês ainda se lembram daquela história, edificante!, do garoto holandês que botou o dedo na rachadura do dique pra salvar sua cidade, e toda a Holanda, por que não?, de ser inundada pelas águas? Pois é. O Brasil está precisando de pelo menos um milhão desses garotos pra tapar com o dedo todas as rachaduras que estão aparecendo em nossos cofres morais. E, olha aqui – não seria também uma forma de resolver o problema dos menores abandonados? Nosso maior pobrema?”

I. O ponto

Ponto final e ponto da abreviatura

Professor, sei que não é uma situação comum, mas já aconteceu comigo: no caso de terminarmos uma frase com etc., como fica a pontuação? O ponto que já vem com a abreviatura faz o serviço todo, ou tenho de usar um ponto final além dele?

Sheila W. – Jaboatão (PE)

Prezada Sheila, o ponto que colocamos em **etc.**, ou **ltda.**, ou **sr.** tem a importantíssima função de assinalar que estamos diante de uma palavra maior, que deve ser lida, em voz alta, na sua forma original. Escrevemos **cia.** mas lemos "companhia"; escrevemos **ltda.** mas lemos "limitada". Este ponto, portanto, avisa que temos diante dos olhos apenas algumas letras de uma palavra maior.

Ora, sempre que o ponto da abreviatura coincidir com o ponto final da frase, temos duas opções: ou empregamos apenas um ponto solitário, dentro do princípio de que ponto sobre ponto é ponto, ou colocamos um ponto extra, separado do ponto da abreviatura por um espaço:

> (1) A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda**.**
>
> (2) A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda**. .**

A meu ver, as duas soluções, embora **corretas**, são desajeitadas. A primeira era recomendada expressamente no Formulário Ortográfico de 1943:

> "Quando o período, oração ou frase termina por abreviatura, não se coloca o ponto-final adiante do ponto abreviativo, pois este, quando coincide com aquele, tem dupla serventia".

Esse procedimento, embora seja adotado por muitos, sempre me desagradou, principalmente por contrariar o princípio de que toda frase deve ter sua pontuação final própria e independente – como fica claro, por exemplo, no caso do ponto de interrogação, do ponto de exclamação ou do ponto-e-vírgula, que vão aparecer muito à vontade ao lado do ponto da abreviatura:

> A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda.**!**
>
> A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda.**?**
>
> A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda.; espera-se, por causa disso, uma reação enérgica do sindicato.

A segunda (ponto+espaço+ponto) é muito mais lógica, mas tem grande

probabilidade de dar ao leitor a impressão de que está diante de tentativa frustrada de digitar reticências. A solução que adotei há muitos anos é muito simples: por princípio, NUNCA termino uma frase com qualquer espécie de abreviação. Quando vejo que isso vai acontecer, ou dou um jeito de colocar alguma palavra depois da abreviatura, ou substituo-a pelo **extenso**, já que usar ou não formas abreviadas é uma questão de preferência (posso escolher livremente entre **sr.** ou **senhor**, **cia.** ou **companhia**, e assim por diante):

> A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda., empresa de capital nacional.

> A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Limitada.

Título deve ser pontuado?

Professor, sou estudante de Comunicação e aprendi, na faculdade, que não se devia colocar pontuação no final de títulos de livros ou de artigos. No entanto, ao me preparar para um concurso que pretendo fazer, encontrei um manual de redação oficial que mandar pontuar tudo, até manchete de jornal!

Alzira S. – Juiz de Fora (MG)

Minha cara, preciso lembrar uma vez mais que o sistema de pontuação é uma convenção que só se sustenta se os dois lados envolvidos – aquele que escreve e aquele que lê – estiverem de acordo. Essa recomendação de pontuar todos os títulos vai frontalmente contra o costume de todas as pessoas cultas que escrevem e publicam neste país. Em 1943, o **PVOLP –** *Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (o avô do **VOLP**, nosso atual *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*) trazia todos os títulos com ponto – “Formulário ortográfico.”; “Letras dobradas.”; “Acentuação gráfica.” –, mas seu exemplo sempre foi visto como uma verdadeira excentricidade.

A prática dos últimos cinquenta anos é deixar o título sem ponto. Alguns manuais sugerem uma interessante distinção: o ponto só deveria ser usado quando o título fosse um período completo, com sujeito, verbo e tudo mais:

A estrela sobe.

Perdoa-me por me traíres.

Olhai os lírios do campo.

A Lua vem da Ásia.

Esse poderia ser um conselho prudente para **redações escolares** – é impressionante a importância que os estudantes dão para o "dilema" de pontuar ou não o título da redação no vestibular! –, mas não faz o menor sentido no jornalismo ou na literatura, onde fica bem delimitado pela posição de destaque que ocupa, aliada a seu grafismo especial. Os quatro exemplos acima são de obras escritas por autores contemporâneos (Marques Rebelo, Nelson Rodrigues, Érico Veríssimo e Campos de Carvalho, respectivamente) – e todos esses títulos vêm sem pontuação no original.

É claro, prezada Alzira, que estamos falando do **ponto final**, já que os pontos **expressivos** (interrogação e exclamação) definem a natureza do título e devem, portanto, ser preservados. Embora raros, você vai encontrá-los, por exemplo, nas seguintes obras:

Mas não se matam cavalos? (Horace McCoy)

Quem tem medo de Virginia Woolf? (Edward Albee)

O que fazer? (Lenine)

Olha para o céu, Frederico! (José Cândido de Carvalho)

Quem tem farelos? (Gil Vicente)

Quem casa quer casa? (Tatiana Belinky)

Quem matou Palomino Molero? (Vargas Llosa)

Que país é este? (Millôr)

Eu acuso! (Zola)

Como você pôde ver, tudo que se pode dizer sobre pontuação fica na esfera da **sugestão** e do **conselho** – e, como em tudo nesta vida, a virtude está no equilíbrio e no bom senso. Não se pode afirmar, como fizeram na faculdade, que NUNCA haverá título pontuado – mas também não vamos dar ouvidos a manuais que querem pespegar ponto final em todos os títulos.

II. O ponto de interrogação

As perguntas **diretas** são assinaladas com um ponto de interrogação. No Inglês, a frase interrogativa tem uma estrutura própria, o que a torna facilmente reconhecível; na maior parte das frases do Português, no entanto, este sinal é o único indício de que estamos fazendo uma pergunta:

Se formos por aqui, vamos chegar mais cedo.

Se formos por aqui, vamos chegar mais cedo?

Isso também vale para aquelas perguntas curtas que usamos no final de uma frase declarativa para confirmar ou reforçar o que afirmamos:

– Você não vai comer isso, vai?

– Foi você que mandou, não foi?

– Esta é a chave do armário, não é?

Interrogação indireta

Caro Professor, tenho uma dúvida com relação à pontuação da seguinte frase: "Gostaria de saber se os colegas concordam comigo". Existe alguma regra gramatical que proíba o uso do ponto de interrogação em frases assim?

Eliana M. – São Paulo

Nesta frase não cabe um ponto de interrogação, Eliana, por ser uma pergunta **indireta**, isto é, uma frase **declarativa** que contém uma pergunta. Na verdade, trata-se de uma interrogação **direta** que foi reelaborada: "Os colegas concordam comigo?" passou a "Gostaria de saber se os colegas concordam comigo". Na pergunta direta, aquilo que queremos saber está na **oração principal**; na indireta, passa a ser apresentado sob a forma de uma **oração subordinada**, geralmente iniciada por **quem**, **qual**, **que**, **quanto**, **como**, **por que**, **onde**, **quando** e **se**:

EU GOSTARIA DE SABER

se os colegas concordam comigo.

como se liga o forno.

por que todos desistiram.

quanto vale o diamante.

por **quem** os sinos dobram.

Como você pode ver, enquanto a primeira frase FAZ a pergunta ao provável interlocutor – “Os colegas concordam comigo?” –, a segunda apenas INFORMA que eu tenho uma dúvida – “Gostaria de saber se os colegas concordam comigo”. É exatamente por isso que apenas a primeira é dita com uma entonação característica (que corresponde, na escrita, ao ponto de interrogação). Na segunda, a modalidade interrogativa é marcada não pela forma da frase, mas pelo significado do verbo da oração principal, que sempre vai exprimir dúvida ou vontade de saber: **perguntar**, **indagar**, **querer saber**, **questionar**, etc.

Se você colocar um ponto de interrogação numa pergunta indireta, vai mudar completamente o que está sendo dito. Compare

(1) Ela perguntou se Pelé era jogador de basquete.

(2) Ela perguntou se Pelé era jogador de basquete?

Na primeira versão, estou **informando** que ela fez tal pergunta. Na segunda, incrédulo, estou querendo saber se realmente foi essa a pergunta que ela fez.

Pergunta retórica

Professor, o que vem a ser uma “pergunta retórica”? Seria uma pergunta boba, tão óbvia que nem deveria ter sido feita?

Sarah S. – Ribeirão Preto (SP)

Não, prezada Sarah, as perguntas retóricas raramente são bobas – bem pelo contrário, aliás. Numa pergunta “verdadeira”, pedimos que nosso interlocutor forneça uma informação que nós não possuímos; em outras palavras, aquele que não sabe vai consultar aquele que sabe. Por exemplo, você só enviou sua pergunta ao meu saite porque tem a expectativa de que eu possa fornecer a resposta. Portanto, “O que é uma pergunta retórica?” é uma pergunta **verdadeira**, assim como “A que horas começa o filme?”, “Quem vai no carro conosco?” e “Onde puseram a conta da luz?”.

Uma **pergunta retórica**, no entanto, é um tipo esquisito de pergunta, já que, ao fazê-la, já sabemos a resposta e sabemos que nosso interlocutor também sabe. Se

dizemos “Até quando vamos ter de aguentar essa corrupção?”, estamos, na verdade, declarando a nossa indignação com um determinado estado de coisas, e ficaríamos muito surpresos se alguém resolvesse nos dar uma resposta (quem costuma fazer isso são as crianças pequenas, que não dominam ainda as maldades e as sutilezas do discurso).

Como você pode ver, usamos a pergunta retórica não para **interrogar**, mas para **afirmar** ou **insinuar**. Quem pergunta algo como “Você pensa que eu sou bobo?”, ou “Quantas vezes eu tenho de dizer que a porta deve ficar fechada à noite?”, ou “Você não tem vergonha?”, ou “Quem o Evo Morales pensa que é para saquear o patrimônio da Petrobrás?”, ou “Quer dizer que o senhor é o mandachuva por aqui?” – quem faz essas perguntas, repito, não tem intenção alguma de receber **uma resposta**. Ah, antes que eu esqueça: apesar de suas peculiaridades, a pergunta retórica é assinalada obrigatoriamente com o ponto de interrogação.

III. O ponto de exclamação

Enquanto o ponto de **interrogação** assinala inequivocamente uma **pergunta**, o ponto de **exclamação** não tem um valor bem definido. O uso deste sinal, ao contrário dos demais, não está associado à estrutura da frase; ele faz parte da vã e eterna tentativa de dar à linguagem escrita um pouco da grande expressividade que tem a língua falada, com sua riqueza incomparável de entonações. Isso fica bem claro nas definições que tradicionalmente vêm sendo dadas a ele, atribuindo-lhe magicamente a capacidade de transmitir sentimentos tão diversos quanto **alegria**, **surpresa**, **indignação**, **espanto**, **ironia**, **entusiasmo** e alguns outros mais (como se a cada um desses sentimentos não correspondesse, na fala, uma combinação diferente de expressão facial, de tom de voz, de ritmo, de intensidade).

Seja como for, é indiscutível que ele se destina a assinalar algum tipo de emoção, o que naturalmente tornou raríssimo o seu emprego em textos acadêmicos ou técnicos, que buscam aparentar ao máximo aquela neutralidade impassível que costumamos associar à voz da Ciência com “C” maiúsculo. Na literatura e na comunicação interpessoal, porém, onde se admite – e se espera – uma linguagem pessoal e expressiva, é usado em várias situações já consagradas.

Para distinguir uma frase declarativa de uma exclamação

(a) Ela pintou dois quadros em setembro.

(b) Ela pintou dois quadros em setembro!

Embora a simples presença do ponto exclamativo não seja suficiente para que nosso leitor descubra se concebemos a segunda frase para ser pronunciada com em tom preocupado, alegre, histérico ou entusiasmado, serve ao menos para deixar muito claro que o tom **não** é neutro como na primeira. Com **ponto final**, informamos que ela pintou dois quadros em setembro; com **ponto de exclamação**, temos um *plus*: há algo de excepcional no fato dela ter pintado dois quadros em setembro. O leitor, sensível à nossa sinalização, fica na expectativa de que a explicação venha a seguir.

Foi exatamente para isso que o ponto de exclamação veio ao mundo: para fazer uma espécie de **promessa** a quem nos lê. O que ele diz, no fundo, é muito simples: "Atenção, leitor: fique atento, porque aqui há mais do que o olho vê". Não admira, portanto, que seu emprego tenha sido adotado por muitos escritores medíocres, que enchiam seus textos de pontos de exclamação para sugerir uma riqueza de conteúdo que suas frases, na verdade, não tinham. Esse mau uso – ou abuso – do ponto de exclamação ficou tão disseminado que ele passou praticamente a ser evitado, à semelhança do que aconteceria, como vamos ver, com as reticências.

Se for usado com moderação, como certos medicamentos e bebidas alcoólicas, podemos aproveitar esse valor adicional que ele imprime à frase. Aqueles que simplesmente recomendam que se evite o seu emprego não podem deixar de perceber as diferenças que o seu uso introduz nos pares abaixo:

(a) Meu tio leu *Dom Casmurro*.
(b) Meu tio leu *Dom Casmurro*!

(a) Ela disse "eu te amo!".
(b) Ela disse "eu te amo"!

No primeiro par, "Meu tio leu *Dom Casmurro*!" deixa evidente que esse fato, corriqueiro para muitos, deve ser especialmente significativo para a pessoa de meu tio. No segundo par, a diferença é maior ainda; na versão (a), ela deve ter declarado seu amor em tom enfático, raivoso, veemente, etc., etc. (lembro que os atores podem dizer a expressão mais banal, o cumprimento mais corriqueiro com dezenas de nuanças emocionais diferentes); na versão (b), o ponto de exclamação encerrando a frase sugere que EU é que estou estou surpreso (emocionado, entusiasmado, aterrorizado, etc. – a escolher) por ela ter dito aquilo.

Há um pequeno número de construções sintáticas cuja presença torna a frase obrigatoriamente exclamativa; nelas não existe, portanto, a liberdade de usar apenas o ponto, como vimos nos exemplos acima. Aqui o ponto de exclamação é de praxe (algumas delas também admitem reticências):

Quem diria! Isso é que é mulher! Eu tenho tanto medo! Como detesto

> aquele pilantra! Só faltava essa! Que beleza! Mas que sujeito mais pão-duro! Quanto tempo perdido!

Depois de uma interjeição

As interjeições são usadas para expressar algumas emoções básicas do ser humano, o que nos permite supor que constituíssem a forma preferida de comunicação entre os nossos antepassados da caverna. Sejam elas palavras reais de nosso idioma – **bravo**, **credo**, **viva** – ou meros sons expressivos que a escrita foi buscar na língua falada – como **ah**, **oh**, **ui**, **xi** ou **bah** –, o certo é que as interjeições são vistas como corpos estranhos no vocabulário do Português. Essa carga afetiva que elas transmitem faz com sejam seguidas naturalmente de um ponto de exclamação:

> Oxalá! Epa! Boa! Socorro! Bravo! Olé! Oh!

Said Ali, um dos mais argutos gramáticos tradicionais, faz uma observação sobre o valor da interjeição "oh" que poderia, *mutatis mutandis*, servir para o ponto de exclamação, com suas infinitas possibilidades de leitura: "Basta modificar o tom de voz para cada caso particular e ela denotará alegria, tristeza, pavor, nojo, espanto, admiração, dor, piedade, etc.".

Para caracterizar chamado ou interpelação

Quando nos dirigimos diretamente a alguém, podemos usar o seu nome ou um apelativo qualquer. Esta interpelação, facilmente reconhecida na fala pelo tom e pela altura da voz, é assinalada pelo ponto de exclamação:

> Você aí!
>
> Antônio! Júlio! Onde estão vocês?
>
> Ó de casa!

Aqui vemos um dos raros momentos em que a pontuação refere-se à elocução recomendada para a frase. O uso do ponto exclamativo sugere, em certos casos, que tivemos de elevar a voz porque nosso interlocutor não está perto de onde nos encontramos. Em outros – o que não acontece quando separamos o vocativo por uma simples vírgula –, que resolvemos adotamos um tom mais incisivo:

> Filho, desce daí.
>
> Filho! Desce daí!

Em frases imperativas

O ponto de exclamação pode reforçar a natureza das frases imperativas, outro tipo de frase que só aparece na ficção, na poesia ou na correspondência pessoal:

> Peguem suas malas. Venham cá. Sentem.
>
> Peguem suas malas! Venham cá! Sentem!

Muitos evitam usá-lo porque veem nele o mesmo caráter autoritário que assumiram, na internet, as letras **maiúsculas** – o leitor tem a impressão de que o autor está gritando.

Pontuação com interjeição

Professor, na frase “Valeu! mestre.” temos uma interjeição de agradecimento, seguida de um vocativo, não é? Sendo assim, não ficaria faltando uma vírgula após o ponto de exclamação?

Josevaldo L. – Fortaleza

Meu caro Josevaldo, a análise está corretíssima: temos realmente uma interjeição (**valeu**, aqui, funciona como tal) seguida de um vocativo (**mestre**). As interjeições costumam vir acompanhadas de ponto de exclamação; os vocativos vêm precedidos de uma vírgula. A proposta que você faz – colocar uma vírgula após o ponto de exclamação –, no entanto, está equivocada. Nesses casos, separamos o vocativo com uma vírgula e deixamos o ponto de exclamação para **o fim da frase**: “Valeu, mestre!”, “Cuidado, Corisco!”, “Epa, camarada!” – e assim por diante.

Usar ou não usar o ponto de exclamação

Prof. Moreno, não sei se uso ou não o ponto de exclamação no slogan que desenvolvi para nossa companhia. Não sei qual das duas formas – "PRAZER EM SERVIR!" ou "PRAZER EM SERVIR." – é a mais adequada, pois andei lendo artigos dizendo que só se usa esse sinal quando se transcreve a fala de alguém, principalmente em jornais.

Anselmo T. – Aparecida (SP)

Prezado Anselmo, eu usaria o ponto de exclamação se fosse uma frase dirigida a meus clientes, estampada em algum *banner* ou *folder* (para usar dois vocábulos bem nossos, portugueses da gema...):

BEM-VINDO!

BOM DIA!

VOLTE SEMPRE!

[temos] PRAZER EM SERVI-LO!

Diferente seria a pontuação se eu estivesse me referindo a uma característica da minha empresa:

Banco Caxangá – CONFIANÇA NO FUTURO

Banco Caxangá – SEGURANÇA ACIMA DE TUDO

Banco Caxangá – PRAZER EM SERVIR

No entanto, você deve saber que a pontuação não obedece a um sistema de regras fechado, como aquele que regula o emprego dos acentos; conciliando-se o bom senso e as preferências pessoais, a mesma frase pode ser pontuada de várias maneiras, todas elas corretas. Esses três últimos exemplos poderiam perfeitamente receber um ponto de exclamação:

Banco Caxangá – CONFIANÇA NO FUTURO!

Banco Caxangá – SEGURANÇA ACIMA DE TUDO!

Banco Caxangá – PRAZER EM SERVIR!

Eu não gosto, porque (veja como isso é pessoal!) sinto um certo tom de bravata no ar – mas nada impediria que alguém assim escrevesse.

Pontuação mista

Caro professor Moreno, pode-se usar interrogação seguido de exclamação (?!) ou vice-versa (!?) nos textos? O que o professor pode me dizer em relação a essa pontuação?

Viviane – Contagem (MG)

Prezada Viviane, já vi muitas combinações como essas, assim como também vi usarem pontos de exclamação ou de interrogação enfiados como salsicha no palito – !!!!!! ou ?????. Quem usa essas esquisitas configurações tem a esperança ingênua de expressar, por escrito, aquilo que só a fala consegue. Ledo engano! A escrita não pode fazer isso – não pode, com meros sinais convencionais, reproduzir a infinidade de sutilezas que o falante traz para qualquer ato de comunicação, com o seu tom de voz, a expressão do rosto, o movimento das sobrancelhas, os movimentos da cabeça, o ritmo de sua fala, a entonação, o olhar, os gestos de mão, sei lá que mais.

Os sinais de pontuação que utilizamos foram selecionados dentre centenas de outros (basta ver os manuscritos medievais, com sua riquíssima experimentação), numa escolha sedimentada ao longo de mais de um milênio. Seu emprego também foi se estabelecendo aos poucos, historicamente, até que o valor de cada sinal ficou definitivamente claro para todos os que escrevem e todos os que leem. O princípio, altamente democrático, é muito simples: é indispensável que qualquer sinal de pontuação colocado na frase signifique para o leitor o mesmo que significa para o autor.

É por esse motivo que fracassaram inovações como o *interrobang* (um sinal que une o ponto de interrogação e o de exclamação num só grafismo), que seria usado para indicar **ironia** ou **incredulidade** numa pergunta (você pode ver esse verdadeiro ornitorrinco gráfico na página 167 deste livro) – mais ou menos a mesma coisa que alguns pretendem com o “!?”. Para mim, já nasceu morto, da mesma forma que esses “?!?!”, “??!!” ou “????” que andam por aí: se sou o autor, ninguém me assegura que meus leitores vão entender o que pretendo; se sou um leitor, ninguém me assegura que o autor interpreta o sinal que empregou da mesma maneira que eu.

IV. As reticências

As **reticências**, também conhecidas como **pontos suspensivos** – e familiarmente chamadas de **três-pontinhos** –, são usadas no fim de um enunciado para indicar que, na verdade, a frase não terminou, deixando ao leitor a tarefa de imaginar sua continuação (os exemplos entre aspas são de Machado):

> O fato de mulheres falarem hoje na "sua tesão" mostra como, curiosamente, foi perdida a ligação deste vocábulo com o radical **teso**. Imagino que não seja necessário explicar a relação primitiva...
>
> No meu tempo de ginásio, desatávamos a rir maldosamente só porque mencionavam a **Cornualha**, na Inglaterra, ou as famosas joias de **Cornélia**...
>
> E cá para nós: esse é um tipo de palavra que não faz a menor falta em nosso idioma. Um casaco de pelo de alpaca é... um casaco de pelo de alpaca.
>
> "Não é minha intenção ofendê-la; ao contrário..."
>
> "Queira vosmecê perdoar, mas o diabo do bicho está a olhar para a gente com tanta graça..."
>
> "Não quis, não levantou a cabeça, e ficamos assim a olhar um para o outro, até que ela abrochou os lábios, eu desci os meus, e..."
>
> "Sei que você fez promessa... mas uma promessa assim... não sei... Creio que, bem pensado... Você que acha, prima Justina?"
>
> "De todas porém a que me cativou logo foi uma... uma... não sei se diga; este livro é casto, ao menos na intenção; na intenção é castíssimo."
>
> "Vem comigo, disse eu, arranjei recursos... temos muito dinheiro, terás tudo o que quiseres... Olha, toma."
>
> "Ninguém nos vê. Morrer, meu anjo? Que ideias são essas! Você sabe que eu morrerei também... que digo?... morro todos os dias de paixão, de saudades..."

Podemos ver que, ao usá-las, o autor sugere que teria algo a acrescentar, mas está deixando deliberadamente de fazê-lo por alguma razão estratégica – por pudor, por malícia, por conveniência, por discrição – ou está indicando pausas, hesitações, interrupções, autocríticas ou mesmo silêncios significativos. A polivalência das reticências desafia qualquer esforço para classificá-las. Como observa muito bem Rostislav Kocourek, pesquisador tcheco que escreve sobre o tema, a única coisa que podemos afirmar com precisão é que elas assinalam

uma **ruptura**, uma **suspensão**, uma **interrupção** da cadeia escrita do texto. Por causa disso, sempre representam um apelo para que o leitor adivinhe a razão que levou o autor a cortar o enunciado naquele ponto – e, por consequência, forçam-no a interpretar, uma a uma, cada ocorrência deste sinal.

Nas enumerações exemplificativas

Como indicam uma **interrupção**, são usadas também como reforço para as enumerações **exemplificativas** (ou enumerações **abertas**, que vimos nas páginas 51 e 52). Neste caso, substituem perfeitamente um **etc.** – e "substituem" quer dizer "podem ser usados no lugar do **etc.**", mas não **acompanhá-lo**. O brasileiro tem uma estranha compulsão a colocar reticências APÓS o **etc.**, o que deve ser evitado:

> A coleção vai incluir um CD específico para cada um dos grandes mestres do Jazz: Miles Davis, Coltrane, Oscar Peterson, Louis Armstrong, Charlie Parker...
>
> Fica isenta de tributos a importação de qualquer material impresso de cunho educativo ou cultural: atlas, partituras, livros didáticos, gramáticas, dicionários...

Para indicar cortes em citações

Quando citamos o texto de outrem, é indispensável que seja assinalada qualquer supressão que porventura venhamos a fazer. Para isso, o mais recomendável é usar reticências **entre parênteses** ou **entre colchetes** a fim de que não se confundam com as reticências que o próprio autor possa ter usado no texto original:

> *"Três décadas atrás [...] eu ostentava ideias claras sobre o Vietnã (os dois), o peronismo, Lumumba, a Albânia, os bororós e a chegada do homem à Lua. Conflitos entre árabes e judeus em territórios bíblicos não encerravam para mim nenhum segredo [...] Agora mal me atrevo a opinar sobre aquilo que vivo e sofro diretamente. Por isso tenho um pouco de inveja e muita desconfiança de meus colegas intelectuais europeus e suas claras certezas [...]"*
>
> *Fernando Savater*

Espaço antes ou depois das reticências

Professor Moreno, tenho uma dúvida e agradecia se o senhor me pudesse esclarecê-la: vai um espaço antes das reticências? Ou elas vêm diretamente seguindo a palavra, como o ponto? O correto seria "Hum ... Que bonito!" ou "Hum... Que bonito!"?

Nair S. – Stuttgart (Alemanha)

Prezada Nair, não há nenhuma regra ortográfica a respeito disso. Os tipógrafos e compositores certamente têm regras sobre o tema: os americanos deixam um espaço antes e um espaço depois; os franceses se dividem quanto a isso; os ingleses advertem que as reticências, ao contrário do que o resto do mundo pensa, não são três pontos digitados no teclado, mas um sinal especial em que os pontinhos vêm menos espaçados. Ora, falando francamente, essas minúcias devem ter lá sua importância no mundo das indústrias gráficas, mas perdem qualquer sentido para nós, simples mortais – principalmente no século dos processadores de texto, que aumentam ou reduzem os espaços entre as letras e os sinais a fim de justificar a linha impressa.

O que temos é uma prática quase universal: todos os sinais de pontuação ficam colados na palavra que fica à sua esquerda. Veja, por exemplo, a vírgula, o ponto, o ponto-e-vírgula nestes exemplos: "Naquele dia, quando..."; "Estava escuro. As últimas estrelas..."; "Ele pediu uma salada; ela, no entanto, escolheu...". Por isso, recomendo que você se junte prudentemente à multidão e faça o mesmo com as reticências: "Hum... Que bonito!".

O professor que odiava reticências

Prezado professor Moreno: anos atrás (na verdade, décadas atrás) tive um excelente professor de Português que, como era de praxe naquela época, era mais duro do que cerne de angico. Era carrancudo, seco e exigente, mas devo a ele tudo o que aprendi sobre nosso idioma. O curioso é que ele nos proibia o emprego de reticências – e "proibir", para ele, significava dar nota "zero" para a redação inteira. Era uma simples ojeriza pessoal, ou havia alguma razão oculta que eu nunca pude entender?

Afonso L.C. – Recife

Meu caro Afonso: conheci também alguns desses professores da velha guarda, feitos de uma argila que não se encontra mais. Eram intransigentes com nossos erros, mas justos, abnegados e, acima de tudo, orgulhosos do papel que exerciam na escola e na comunidade. Tive um professor de Português parecido com o seu, e acho que posso resolver o seu enigma. As reticências, exatamente por sugerirem que existe algo por trás da frase interrompida, ganharam uma popularidade imediata entre os que não sabiam escrever. A frase saiu chocha? Basta pregar-lhe reticências, e pronto! Ela adquire uma aura de mistério que desafia o leitor – ou, como bem disse um autor, "o ideal fácil do **não dito** substituía o esforço para dominar o **dito**". Em outras palavras, as reticências se prestam como uma luva para a mistificação...

Não recordo exatamente o texto que ele dava de exemplo, mas posso reconstruir algo semelhante. Se você comparar a primeira versão (retirada de um daqueles almanaques que a farmácia dava de brinde) com a segunda, semeada com reticências, vai perceber, mesmo sabendo tratar-se das mesmas palavras e das mesmas frases prosaicas, como o texto parece ter adquirido significados misteriosos:

> O cafeeiro é originário da distante Etiópia. Lá ele é silvestre e pode chegar à altura de uma árvore; aqui, cultivado em cafezais, podam-no para não ficar muito mais alto que um homem.
> A florescência do café depende da chegada da chuva. Os arbustos têm folhas lustrosas verdes-escuras, mas as folhas são brancas e possuem o cheiro de jasmim. A flor leva nove meses para se transformar em fruto maduro.

> O cafeeiro é originário da distante Etiópia...
> Lá ele é silvestre e pode chegar à altura de uma árvore...
> Aqui, cultivado em cafezais, podam-no

> para não ficar muito mais alto que um homem...
> A florescência do café depende da chegada da chuva...
> Os arbustos têm folhas lustrosas verdes-escuras, mas as folhas são brancas e possuem o cheiro de jasmim...
> A flor leva nove meses para se transformar em fruto maduro!

Que tal? Se você mostrar a segunda versão a um amigo e perguntar que leitura ele faz do texto, estou certo de que vai ouvir grandes interpretações.

Diversos

O ponto fica antes ou depois das aspas?

Olá, Professor! Preciso justificar para um cliente que as aspas vão antes do ponto final, e não depois dele. Mas não encontro tal explicação nos livros que tenho. O senhor poderia me ajudar na argumentação?

Flávia G.S.

Minha prezada Flávia: há frases em que as aspas vêm ANTES do ponto final, como você sugere, mas há outras em que elas devem vir DEPOIS. Para decidir entre as duas hipóteses, é indispensável lembrar que todo período começa por uma letra maiúscula e se encerra por um ponto; essas são as marcas visíveis que assinalam o limite inicial e o limite final da frase. Ora, se a expressão entre aspas estiver DENTRO do período, necessariamente ela deverá ficar antes do ponto final – incluindo, é claro, as aspas:

> O deputado foi lacônico: “Não tenho relacionamento algum com este senhor”.

Note que o ponto final põe um fim ao período que foi iniciado pelo artigo “O” em maiúscula; as aspas estão contidas dentro do espaço demarcado por essas duas balizas. Se, no entanto, as aspas englobarem o período **inteiro**, entre elas também vão ficar os dois pontos extremos – a maiúscula e o ponto final –, como nesta citação de Ambrose Bierce:

> “Cínico é um patife cuja visão defeituosa o obriga a ver as coisas como elas são, e não como deveriam ser.”

Todas as citações do *Dicionário Universal de Citações*, do Paulo Rónai (Ed. Nova Fronteira), aliás, vêm pontuadas desta última forma. Para fins de argumentação com seu cliente, você pode usar o exemplo que o manual de estilo da *American Psychological Association* dá para a utilização dos parênteses em idêntica situação:

> (Quando uma frase completa está encerrada entre parênteses, coloque a pontuação final da frase dentro dos parênteses, como neste caso.) Se apenas parte da frase está entre parênteses (como neste caso), coloque

> a pontuação fora dos parênteses (como estamos fazendo agora).

Como não conheço a frase que está em discussão entre vocês dois, Flávia, não posso dizer mais nada. Veja em qual dos dois casos acima ela se enquadra, e pronto.

Ponto dentro e fora das aspas?

Prezado Professor: quando uma interrogação entre aspas coincidir com o final da frase, é necessário também colocar um ponto DEPOIS das aspas? Ontem, pela primeira vez, esbarrei neste problema ao escrever uma matéria para meu jornal. A frase – Ele ouviu uma voz feminina que gritava, em desespero: “Onde está meu filho?” – fica assim mesmo, ou eu deveria acrescentar o ponto final? Confesso que nenhuma das duas hipóteses me agrada.

Juscelino V. – São Luís

Meu caro Juscelino, tenho visto usarem tanto uma quanto a outra solução, mas como você veio perguntar qual é minha preferência, já vou esclarecendo que sou partidário da segunda. Eu pontuaria a frase assim:

> O porteiro ouviu uma voz feminina que gritava, em desespero: “Onde está meu filho?”.

Acrescento que faria o mesmo se a frase entre aspas terminasse por um ponto de **exclamação**. A meu ver, estou apenas tentando ser coerente com o princípio fundamental da pontuação no final da frase: **o ponto encerra a unidade iniciada pela letra maiúscula que abre o período**. Essa é a regra suprema.

Neste caso, portanto, o período deve ser pontuado independentemente da expressão entre aspas. Aquele ponto final me parece indispensável por um simples e poderoso motivo: o período AFIRMA que o porteiro ouviu alguém que gritava, ou seja, o leitor está sendo informado de algo que o porteiro FEZ. Se, por outro lado, o último sinal que o leitor encontrasse à direita fosse o ponto de interrogação, não só o trecho entre aspas seria interrogativo, mas sim o período todo – como se estivéssemos perguntando se o porteiro tinha ouvido uma mulher gritando pelo paradeiro do filho (o porteiro ouviu isso?).

Quem prefere não usar este ponto depois das aspas sempre poderá alegar que o leitor, apoiado nas pistas que o contexto oferece, não terá muita dificuldade em entender que se trata de uma frase afirmativa que encerra, dentro dela, a citação

de uma pergunta. É verdade – mas se ele pode chegar a esse resultado sem a presença do ponto, com mais certeza e rapidez ele chegará se o ponto estiver no lugar.

e /OU – valor da barra inclinada

Prezado professor: assim como no futebol todos se consideram técnicos, muitos se consideram especialistas no nosso idioma, principalmente no ambiente acadêmico. A discussão comeu solta em nossa universidade a respeito do seguinte artigo do regulamento:

> *Serão considerados docentes permanentes os professores que desenvolvam atividades de ensino na graduação E/OU pós-graduação.*

Por causa deste E/OU, um grupo defende que o professor, para ser considerado docente permanente, terá de estar obrigatoriamente ligado à graduação, sendo opcional seu vínculo com a pós-graduação. Outro grupo, no entanto, entende que o artigo acima permite que um professor seja classificado como docente permanente mesmo que esteja ligado apenas à pós-graduação. Sem entrar no mérito da questão, mas exclusivamente dentro da visão linguística, qual dos dois grupos faz a interpretação correta?

Jacob W. – Campinas (SP)

Meu caro Jacob, o emprego do E/OU sempre traz esse perigo; apesar de ser um operador muito útil, acho que ainda não está suficientemente difundido para ser usado sem causar discórdia. Há, inclusive, quem o considere uma invenção pedante e desnecessária, mas me atrevo a dizer, com base na experiência que acumulei na minha página da internet, que a maior parte dos que se opõem a ele mudariam de ideia se soubessem exatamente para que ele foi criado.

Sua origem se explica por uma daquelas diferenças bem marcantes que existem entre a linguagem da Lógica Formal e a linguagem humana, principalmente no valor de conectores como E, OU e MAS. Onde usamos nosso OU, o Latim usava duas palavras diferentes, *vel e aut*. O primeiro era um OU fraco, **inclusivo** – significando “**um ou outro, possivelmente ambos”; o segundo era um** OU forte, **exclusivo**, significando “**ou será um, ou será outro”**.

1 – OU **inclusivo** (qualquer um dos dois):

> É uma flor delicada; o frio OU o calor excessivos podem fazê-la

morrer.

Ele aceita trocar o carro por ações OU por mercadorias.

2 – OU **exclusivo** (ou um, ou outro):

O cargo de presidente, que está vago, será ocupado por João ou Pedro.

Esta chave deve pertencer a Pedro OU àquele professor visitante.

A Lógica Formal resolveu o problema criando dois símbolos diferentes, um para cada tipo de OU. Uma língua natural como o Português, porém, não pode "criar" conjunções ou preposições; por causa disso surgiu a prática (adotada por alguns, mas não por todos os usuários) de usar uma barra entre o E e o OU para indicar que se trata do OU **fraco** (o *vel* do Latim), isto é, o OU **inclusivo**. A frase abaixo é um bom exemplo:

> O calor acima dos 50 graus **E/OU** a umidade acima de 70% podem alterar esta substância.

Esta frase contém três afirmações diretas:

(1) o calor acima dos 50 graus pode alterar a substância,

(2) a umidade acima dos 70% pode alterar a substância,

(3) o calor e a umidade juntos podem alterar a substância.

A frase que vocês discutiram – "serão considerados docentes permanentes os professores que desenvolvam atividades de ensino na graduação **E/OU** pós-graduação" – afirma, claramente, que será classificável como docente permanente

(1) o professor que só atua na graduação,

(2) o professor que só atua na pós-graduação e

(3) o professor que atua em ambas.

Como acontece em qualquer **disjunção inclusiva** (este é o nome técnico empregado pela Lógica), só ficará excluído o professor que não se enquadrar em **nenhuma** dessas três hipóteses.

Se o burocrata que escreveu esse texto sabe usar o E/OU, foi isso o que ele disse. Se tivesse escrito "na graduação **E** na pós-graduação", teria dado margem à interpretação, por parte de alguns leitores, de que só seria enquadrado aquele que atuasse **nas duas áreas**, excluindo-se aqueles que atuassem em apenas uma delas. Por outro lado, se tivesse escrito "na graduação **OU** na pós-graduação", teria dado margem à interpretação, por parte de outros, de que só se enquadraria

nesta classificação aquele que lecionasse **ou** na graduação, **ou** na pós-graduação – excluindo-se o que lecionasse em **ambas**. Ao usar o E/OU, matou a questão: só fica excluído aquele que não leciona em nenhuma das duas.

Barra inclinada ou travessão?

Caro Professor Moreno, uma questão tem gerado muita controvérsia em nosso escritório: como devemos expressar por escrito a relação entre o custo e o benefício? Seria "relação custo-benefício", com hífen? Ou "relação custo–benefício", com travessão? Ou ainda "relação custo/benefício", com barra, como se fosse uma relação matemática? Penso, sem nenhuma segurança, que não deva ser com hífen, pois não é palavra composta, ou estou equivocado? Se for com hífen, formaria um terceiro significado, não é? Com ***travessão****, parece ter o sentido de "uma ponta a outra", o que não é o caso. Portanto, não seria, então, com barra (/), visto que denotaria uma relação de dois elementos, como, por exemplo, km/h, tarefas/hora, etc.?*

Ubirajara C. – Vila Mariana (SP)

Meu caro Ubirajara, seu raciocínio acertou na mosca. Não pode ser **hífen**, porque não é um substantivo composto; não pode ser **travessão**, porque este é usado para indicar o início e o fim de um percurso ou de uma época (a ponte Rio–Niterói, a inflação no período 1960–2002). Por causa de seu uso na matemática, vai ficando cada vez mais frequente empregar a **barra inclinada** para assinalar relações do tipo **custo/benefício**, **corpo/espírito**, **tempo/espaço**, além do recente e fertilíssimo campo das interfaces (palavra com que antipatizo, mas que veio para ficar): interface **serviço/paciente**, **hardware/software**, **cérebro/máquina**, **ciência/educação**, e tudo mais que veremos nestes próximos anos. Como pode ver, só tive o trabalho de confirmar o que você já tinha pensado.

Sem espaço antes da vírgula

Professor Moreno, gostaria saber se existe alguma regra formal que obrigue a pontuação a ficar "encostada" na palavra da esquerda. Um colega de trabalho costuma colocar um espaço entre a última palavra escrita (ou digitada) e o sinal de pontuação, seja vírgula, ponto final, ponto de interrogação ou de exclamação. Argumentei que esse não era o costume, mas me desafiou a apresentar a norma que proíbe que isso seja feito. Pesquisei exaustivamente e consultei alguns professores, mas não achei o que procurava, pois a maioria das pessoas acha que é só um costume estético. Há algum fundamento gramatical?

José Francisco C. – Sorocaba (SP)

Prezado José, este é um daqueles casos em que o costume acaba se tornando lei. As vírgulas, os pontos, etc., realmente costumam ficar encostados na palavra anterior, não por força de alguma regra gramatical, mas sim por herança da forte tradição tipográfica que antecedeu o nosso mundo de textos digitais. Eu pensava que, com o tempo, este detalhe acabaria se tornando irrelevante, já que um processador de texto como o Word, ao justificar as linhas, às vezes introduz, por conta própria um espaço considerável entre as palavras, ou entre um sinal de pontuação e a palavra que vem depois dele.

Acontece que eu não estava enxergando o óbvio, e foi necessário que um leitor de Porto Alegre, Alfredo Kauer, me chamasse a atenção para um princípio fundamental de digitação que, embora não seja uma regra gramatical, encerra definitivamente a questão: ao teclarmos um texto no computador, o processador de texto interpreta cada espaço como o aviso de que uma palavra terminou e que vai começar outra; por isso, nunca devemos inserir um espaço **antes** do sinal (seja vírgula, ponto, ponto-e-vírgula, parênteses, aspas, etc.), mas sim **depois**, para que o sinal se torne, aos olhos do processador, parte integrante da palavra anterior. Como a mudança automática de linhas sempre se dá depois de uma palavra completa, a vírgula, estando "encostada", não vai passar para a linha seguinte.

Aposto que os textos digitados por aquele seu colega de trabalho apresentam, às vezes, algum sinal de pontuação isolado no início de certas linhas – o que, além de esquisito, torna muito penoso o trabalho do leitor, obrigando-o a voltar à linha que já tinha lido. Se essa observação é notícia antiga para os usuários mais experientes dos processadores de texto, muito poderá esclarecer os novatos, que às vezes ficam olhando intrigados para aquele sinal solitário no começo da linha, atribuindo-o a alguma daquelas entidades misteriosas que volta e meia se manifestam no nosso monitor, como a desanimadora tela azul ou aquela mensagem apocalítica de que cometemos um "erro fatal".

O uso de colchetes

Professor, em quais situações exatamente empregamos os colchetes ao redigir um texto? O senhor já disse em uma coluna que eles devem ser usados sempre que há interferência nossa no que está sendo dito. Estariam corretos, portanto, no exemplo abaixo, trecho de uma carta que mandei para meus amigos? “A confusão está armada. Isso não dá. Que solução há? A perspectiva é má. [a rima não é de propósito; escrevi sem pensar]*”*

Silvana F.P. – Sombrio (SC)

Minha prezada Silvana, aqui caberiam os velhos **parênteses**, que são os sinais adequados para indicar que estamos incluindo um comentário dentro de um texto que **nós mesmos escrevemos**. Reservamos os **colchetes** para assinalar uma intervenção nossa na citação de **texto alheio**:

> “O colchete é usado para indicar a inserção de palavras nossas no texto escrito por outrem. Podem ser simples observações de caráter bibliográfico ([*está assim no original*], [*o grifo é do autor*], [*segue-se uma linha ilegível*]), mas também podem ser comentários que introduzimos na citação para condicionar a interpretação do leitor ([*como se fosse verdade*], [*eu que o diga!*], [*de novo!*]). Como essas intromissões no texto alheio constituem a mais radical de todas as intercalações, devemos dar a elas uma sinalização reforçada, para evitar que o leitor incorpore nossas palavras ao texto original que estamos citando. Normalmente, como reforço visual, as palavras que ficam entre colchetes vêm grafadas em outro tipo de fonte.”
>
> [Extraído de *Português para Convencer*, de Cláudio Moreno e Túlio Martins. São Paulo: Ática, 2006.]

Vamos a um exemplo bem prático: suponhamos que eu esteja citando – a fim de polemizar – uma correspondência desaforada que um colega me enviou. Começo assim:

> Acabo de receber um e-mail do professor XXX, onde ele sugere, de forma não muito delicada, que há lacunas na minha formação acadêmica:
>
> “Professor Moreno, o senhor parece ignorar a lição dos gramáticos

> antigos! O que V.S. necessita [*agradeço a deferência, professor, mas não sou o Papa – ele é o único que merece ser chamado de Vossa Santidade!*] é de alguém que o ensine a usar a Língua Portuguesa de Camões e de Vieira".

Como fui eu que inseri a frase em itálico no meio das palavras do meu correspondente, eu não poderia simplesmente utilizar os **parênteses**, pois isso, à primeira vista, sugeriria que essa intercalação já estava no texto original do e-mail; ao usar **colchetes**, porém, assinalo definitivamente o fato de que a frase em itálico **não** pertence ao texto que estou reproduzindo.

Este é um bom princípio a seguir, cara Silvana: se toda e qualquer intervenção que eu fizer em textos alheios (sublinhas, grifos, destaques, supressões, comentários, etc.) vier entre colchetes, estabeleço com meu leitor a convenção tácita de que todos os demais sinais de pontuação que aparecerem no texto citado (incluindo aí os parênteses) foram colocados lá pelo autor, e não por mim.

P.S.: Meu exemplo ficou claro? O hostil professor, querendo abreviar **Vossa Senhoria** (**V.Sa**.), usou erroneamente **V.S.**, que é a abreviatura de **Vossa Santidade**. Para quem está destratando um professor de Português, foi um erro fatal: ele deitou no trilho, e eu só tive de acelerar a locomotiva.

Pontuação no cabeçalho de correspondência

Professor, ao escrever uma carta ou um e-mail, escrevo "Prezado Senhor" (ou, se for o caso, o nome do destinatário) e abro o parágrafo logo abaixo, sem pontuação alguma. Um colega me corrigiu e disse que o correto seria pôr vírgula após o nome da pessoa. Qual a forma correta?

Joamir S. – Parnamirim (RN)

Prezado Joamir, este é um daqueles casos que fica, como se dizia na minha infância, "ao gosto do freguês". Como não há regra específica, as pessoas se dividem aqui em várias tribos. Estão certos os que usam **vírgula**, os que usam **dois-pontos**, os que usam **ponto** simples – estão certos até mesmo os que preferem deixar **sem pontuação alguma**. Tudo é possível, exceto, é claro, um **ponto-e-vírgula**.

Eu, por exemplo, alterno entre a vírgula e o dois-pontos. Já Celso Pedro Luft, meu mestre, tem uma opinião bem diversa da minha. Não gosta da **vírgula**

porque ela dá a impressão de que o tradicional “Prezado Senhor” é um **vocativo** que faz parte da primeira frase do texto; o **ponto** sozinho não lhe agrada porque o considera simplesmente “antiestético”; o **dois-pontos**, embora muito usado na correspondência oficial, parece-lhe um sinal “burocrático, técnico, comercial – pontuação fria!”. Segundo ele, o ideal – “para ênfase, sentimento, calor no papel” – seria o **ponto de exclamação**, mas não o recomenda porque, reconhece, seria interpretado pela maioria dos leitores como sinal de uma entonação agressiva. Em vista de tudo isso, declara que, neste caso, “a melhor pontuação é nenhuma”. Quem conhece sua obra sabe que este é mais um exemplo daquele que considera ser o “conselho áureo” para quem escreve:

> “Em caso de DÚVIDA, o melhor é sempre NÃO (**não** acentuar, **não** usar a crase, **não** flexionar o infinitivo, **não** pontuar)”.

Pontuação: charadas

Professor Moreno, aí vai uma charada para o senhor decifrar! Pontue a seguinte frase de modo que faça sentido: “João toma banho quente e sua mãe diz ele quero banho frio”. *Pode colocar em sua página na internet para ver se o pessoal consegue resolver.*

Alexandre D. – 17 anos – Brasília

Meu caro Alexandre: você é jovem, mas a frase é velha; não quero ser desmancha-prazeres para os meus leitores, mas vou resolver o enigma de uma vez:

> João toma banho quente e sua. “Mãe”, diz ele, “quero banho frio”.

A chave é o vocábulo “**sua**”, aqui a 3ª pessoa do presente do verbo SUAR (e não o pronome possessivo). Esta é uma antiga charada de pontuação, irmã destas outras, também clássicas:

(1) Um navio holandês entrava no porto um navio inglês.

(2) Voar da Europa à América uma andorinha só não faz verão.

(3) Um fazendeiro tinha um bezerro e a mãe do fazendeiro era também o pai do bezerro.

No meu tempo de estudante circulava um poema que fala de três atraentes irmãs; dependendo da pontuação empregada, o poeta declara seu amor por Soledade, por Lia ou por Iria, ou ainda confessa estar indeciso entre as três. Vou reproduzir o poema; a pontuação, nas suas quatro versões, vem a seguir:

Três belas que belas são
Querem que por minha fé
Eu diga qual delas é
Que adora o meu coração
Se consultar a razão
Digo que amo Soledade
Não Lia cuja bondade
Ser humano não teria
Não aspiro à mão de Iria
Que não tem pouca beldade.

Essas charadas, ou enigmas, muito populares há uns cinquenta anos, espelham muito bem o saudável espírito de brincar com a linguagem, tão comum naquela época. Fico entusiasmado ao ver que jovens como você estão descobrindo o que chamo de "o prazer da palavra", para mim a verdadeira pedra de toque das pessoas que têm espírito.

SOLUÇÕES:

(1) Um navio holandês entrava no porto um navio inglês.

Essa frase não deve ser pontuada; **entrava** não é do verbo ENTRAR, mas sim o presente do indicativo de ENTRAVAR. Seria algo assim como "Um navio holandês atrapalha no porto um navio inglês". Se você quiser, pode colocar "no porto" entre vírgulas, por se tratar de um adjunto adverbial deslocado, ou deixá-lo assim mesmo, devido à sua pequena extensão.

(2) Voar da Europa à América uma andorinha só não faz, verão.

Novamente uma charada que se baseia no equívoco entre duas formas homógrafas: **verão** é a 3ª pessoa do plural do Presente do Indicativo de VER; nosso ouvido, no entanto, é sugestionado pelo velho provérbio "Uma andorinha só não faz verão".

(3) Um fazendeiro tinha um bezerro e a mãe; do fazendeiro era também o pai do bezerro.

Essa é velha como a pomada Minâncora! O fazendeiro tinha um bezerro e a mãe (do bezerro, é claro; estamos falando, portanto, de Dona Vaca); o pai do bezerro (o touro) era também do fazendeiro. A construção é caprichosa, mas vale a intenção.

Veja agora como o namorado indeciso entre as três belas irmãs pontua seu poema de quatro maneiras diferentes.
1 – O poeta confessa seu amor por SOLEDADE:

> Se consultar a razão,
> digo que amo SOLEDADE.
> Não Lia, cuja bondade
> ser humano não teria.
> Não aspiro à mão de Iria,
> que não tem pouca beldade.

2 – O poeta confessa seu amor por IRIA:

> Se consultar a razão,
> digo que amo Soledade?
> Não! Lia, cuja bondade
> ser humano não teria?
> Não! Aspiro à mão de IRIA,
> que não tem pouca beldade.

3 – O poeta confessa seu amor por LIA:

> Se consultar a razão,
> digo que amo Soledade?
> Não! LIA, cuja bondade
> ser humano não teria!
> Não aspiro à mão de Iria,
> que não tem pouca beldade.

4 – O poeta está hesitante entre as três:

> Se consultar a razão,
> digo que amo Soledade?
> Não Lia, cuja bondade
> ser humano não teria?
> Não aspiro à mão de Iria,
> que não tem pouca beldade?

Não sei quem é o autor da charada. Eu a encontrei num precioso livrinho intitulado *Exercícios de Português*, de M. Cavalcanti Proença, escritos no fim da década de 50 para os cursos de oratória e redação da Academia Militar das Agulhas Negras, famosa pela qualidade e pelo rigor de seu ensino de Português. Quando me falam na necessidade de preparar quadros para o Serviço Público, cito sempre esse exemplo da AMAN – e aí ficam brabos comigo! O que queriam? Qualidade sem esforço?

Cláudio Moreno nasceu na cidade de Rio Grande (RS). No final dos anos 60, concluiu o curso de Letras da UFRGS, com habilitação em Português e Grego. Em 1972 ingressou como docente no Instituto de Letras da mesma universidade, tendo sido responsável por várias disciplinas nos cursos de Letras e de Jornalismo, assim como pela disciplina de Redação para os cursos de pós-graduação de Medicina. Em 1977, concluiu o mestrado em Língua Portuguesa com a dissertação *Os diminutivos em -inho e -zinho e a delimitação do vocábulo nominal no Português*; em 1997, obteve o título de Doutor em Letras com a tese *Morfologia nominal do Português*. Do jardim-de-infância à universidade, estudou toda sua vida em escolas públicas e gratuitas, razão pela qual, sentindo-se em dívida para com aqueles que indiretamente custearam sua educação, resolveu criar e manter o sítio www.sualingua.com.br como uma pequena retribuição por aquilo que recebeu.

Coordena, atualmente, a área de Língua Portuguesa dos colégios Leonardo da Vinci Alfa e Beta, de Porto Alegre, do Sistema Unificado de Ensino. É professor regular das Teleaulas de Língua Portuguesa da Universidade Estácio de Sá, do Rio de Janeiro. Na imprensa, assinou uma coluna mensal sobre etimologia na revista *Mundo Estranho*, da Abril, e escreve regularmente no jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, onde mantém uma seção sobre Mitologia Clássica e outra sobre questões de nosso idioma.

Publicou, em coautoria, livros sobre a área da redação — *Redação técnica* (Formação), *Curso básico de redação* (Ática) e *Português para convencer* (Ática). Sobre gramática, publicou o *Guia prático do Português correto* pela L&PM Editores, em três volumes: Ortografia (2003), Morfologia (2004) e Sintaxe (2005). Pela mesma editora, lançou *O prazer das palavras* – v.1 (2007) e v.2 (2008), com artigos sobre etimologia e curiosidades de nosso idioma. Além disso, é o autor do romance *Troia* (2004) e de dois livros de crônicas sobre Mitologia Clássica, *Um rio que vem da Grécia* (2004) e *100 lições para viver melhor* (2008), todos pela L&PM Editores.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Projeto gráfico e capa: Ana Cláudia Gruszynski
Revisão: Elisângela Rosa dos Santos e Patrícia Yurgel
Revisão final: Cláudio Moreno

Cip-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, Rj

M846g

Moreno, Cláudio, 1946-
Guia prático do português correto: para gostar de aprender, volume 4: pontuação / Cláudio Moreno. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.
(Coleção L&PM POCKET; v. 875)
Conteúdo: Princípios gerais - Pontuação interna - Pontuação final

ISBN 978.85.254.2332-0

1. Língua portuguesa - Pontuação. I. Título. II. Série.
10-2145. CDD: 469.1
CDU: 811.134.3’35

© Cláudio Moreno, 2010.

e-mail do autor: **hapax@terra.com.br**
Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90.220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-5380
Pedidos & Depto. Comercial: vendas@lpm.com.br
Fale conosco: info@lpm.com.br

Pedidos & Depto. Comercial: **vendas@lpm.com.br**
Fale conosco: **info@lpm.com.br**
www.lpm.com.br

Table of Contents

- Apresentação
- Falar e escrever
- Princípios gerais - A pontuação nos dicionários
  - A vírgula não existe para marcar pausas
  - vírgula com sujeito posposto
  - como posso indicar uma pausa na fala?
  - vírgula depois de sujeito oracional
  - separar o sujeito do predicado?
  - vírgula entre o sujeito e o verbo?
  - por que cometem esse erro?
  - vírgula antes de “é”
  - Curtas - Nem tudo a pontuação pode representar
  - Vírgula entre o sujeito e o verbo
  - Vírgulas de um convite
  - Vírgulas e pausas não coincidem
  - Vírgula depois do nome de autores
  - Água também é vida!
  - A frase de Saramago
  - Quem ama, educa
- Pontuação interna
  - I. A vírgula - Separando os itens de uma enumeração
  - Enumerações abertas
  - A pontuação do etc.
  - Enumeração com vírgula antes do “E”
  - Enumeração de adjuntos adverbiais
  - Curtas - Vírgula em nome próprio
  - Ponto depois do etc
  - 2 – Separando orações coordenadas
  - Orações com sujeitos diferentes
  - O “E” com valor adversativo
  - Pontuação do POIS
  - A frase pode começar com E ou MAS?
  - Curtas - “E” com valor adversativo
  - E sim
  - Vírgula estranha antes do “E”
  - Quando “E” não for conjunção aditiva
  - 3 – Separando o adjunto adverbial deslocado
  - Adjunto adverbial curto
  - Vírgula a ser evitada

Advérbios em -MENTE
Adjunto adverbial no convite de casamento
Desta feita
Curtas - Ontem à noite
Adjunto adverbial deslocado
Ad referendum: adjunto adverbial deslocado
Vírgula com data
4 – Separando o aposto
Aposto ou vocativo?
Alexandre, o Grande
Aposto entre travessões
Curtas - Diretor em exercício
5 – Separando o vocativo
Vocativo não é sujeito
Bom dia, Vietnã!
Suje-se gordo!
Curtas - O vocativo
Cuidado frágil
Vocativo x sujeito
Pontuação com interjeição
Quantas vírgulas?
Muda o sentido
6 – Separando outros elementos intercalados
Vírgula depois de parênteses
Travessão seguido de vírgula
Interrogação dentro da intercalação
Curtas - Além disso
Conjunção seguida de expressão intercalada
7 – Indicando a elipse do verbo
Supressão do verbo ser
Vírgula obrigatória?
Curtas - Vírgula estranha
Falso caso de elipse
8 – Separando as adjetivas explicativas
Aposto e oração explicativa
Aposto restritivo
Ensinando as adjetivas
Orações adjetivas no subjuntivo
Aposto circunstancial
Elementos não restritivos
Curtas - Adjetiva explicativa reduzida

- Classificação das orações
- Adjetiva com pronome pessoal
- Restritivas x explicativas: diferença de significado
- Aposto restritivo
- Subjuntivo nas restritivas
- Explicativa após pronome pessoal
- II. O ponto-e-vírgula
- 2 – Separando orações coordenadas assindéticas
- 3 – Separando orações introduzidas por conjunções pospositivas
- Pontuação da segunda coordenada
- Maiúsculas depois do ponto-e-vírgula
- Ponto ou ponto-e-vírgula?
- 1 – Introduzindo uma enumeração
- 2 – Introduzindo uma citação
- 3 – Assinalando uma relação de causa ou consequência
- Dois-pontos e aposto enumerativo
- Dois-pontos com enumeração
- Minúscula depois de dois-pontos
- Travessão simples
- Travessão duplo x parênteses
- Travessão duplo x vírgula dupla
- O hífen não é travessão
- Como digitar um travessão
- Travessão com vírgula?
- A ponte Rio–Niterói

Pontuação final

- I. O ponto - Ponto final e ponto da abreviatura
- Título deve ser pontuado?
- II. O ponto de interrogação
- Interrogação indireta
- Pergunta retórica
- III. O ponto de exclamação
- Para distinguir uma frase declarativa de uma exclamação
- Depois de uma interjeição
- Para caracterizar chamado ou interpelação
- Em frases imperativas
- Pontuação com interjeição
- Usar ou não usar o ponto de exclamação
- Nas enumerações exemplificativas
- Para indicar cortes em citações
- Espaço antes ou depois das reticências

  - O professor que odiava reticências
- Diversos - O ponto fica antes ou depois das aspas?
- Sobre o Autor

PORTUGUÊS

Morfologia – Pronomes

Colocação pronominal – parte I

Prof.ª Isabel Vega

Colocação pronominal – parte I

► O pronome oblíquo átono pode ocupar três posições em relação ao verbo com o qual se relaciona: a ênclise (depois do verbo); a próclise (antes do verbo); e a mesóclise (dentro do verbo). Por ser uma partícula átona, não inicia oração e, entre os verbos de uma locução, liga-se a um deles por hífen.

I) Ênclise → é o lugar natural do pronome átono, visto que ele é o complemento do verbo.

Ex.: * Os meninos **me** disseram adeus.

Os meninos	disseram-**me**	adeus.
(sujeito)	(verbo) (OI)	(OD)

OBS.1: Impedimentos da ênclise

a) Depois de verbo no particípio → nas locuções verbais, portanto, haverá próclise ou ênclise no verbo auxiliar.

Ex.: *Tenho trazido-**o** sempre comigo.

Tenho-**o** trazido sempre comigo.

*Que teria passado-**se**?

Que **se** teria passado?

b) Depois de verbos no futuro do presente ou no futuro do pretérito → restando como alternativa apenas a próclise ou a mesóclise no verbo auxiliar.

Ex.: * Eu teria calado-me.

* Eu teria-me calado.

* Eu teria me calado.

Eu **me** teria calado se soubesse aquilo.

Ter-**me**-ia calado se soubesse aquilo.

II) Próclise → situações em que é obrigatória:

a) as palavras negativas → *não, nunca, jamais, ninguém, nada,* etc.

Ex.: **Nunca** o vi tão sereno.

b) os pronomes e advérbios interrogativos → *que, quem, quando, onde, como, por que,* etc.

Ex.: **Quem** me buscará? / **Por que** te assustas?

c) as palavras exclamativas ou as orações optativas (aquelas que exprimem desejo).

Ex.: **Que** Deus o abençoe! / **Bons olhos o vejam**!

d) as orações subordinadas desenvolvidas, mesmo com a conjunção oculta.

Ex.: Quero [**(que)** me traga de presente um relógio].

[**Quando** te viu], saiu correndo.

O menino [**que** me chamou] é muito educado.

e) Gerúndio precedido da preposição "em".

Ex.: **Em se tratando** de compromisso sério, aceitou o convite.

f) com advérbios ou locuções adverbiais, sem pausa. → *já, bem, mal, ainda, sempre, só, aqui, lá, talvez*, etc.

Ex.: **Aqui** se aceitam encomendas de bolo.

Aqui, aceitam-se encomendas de bolo.

g) com os pronomes indefinidos. → *todo, tudo, qualquer, alguém, outro, muito, vários*, etc.

Ex.: **Alguém** lhe bate nas costas.

Todas as pessoas nos deram parabéns.

Qconcursos.com

Colocação pronominal – parte I

III – Mesóclise → usa-se no impedimento da ênclise e na falta do fator de próclise; normalmente ocorre quando o verbo está no futuro do indicativo e em início de oração.

Ex.: *Prepararei-me para o concurso com afinco.

*Me prepararei para o concurso com afinco.

Preparar–me–ei para o concurso com afinco.

Far-me-ia bem descansar a cabeça um pouco.

APOSTILA DE PORTUGUÊS PARA CONCURSOS

SUMÁRIO

Interpretação de Textos ------------------------------------ 04
Fonética -- 09
- Encontros Vocálicos -- 10
- Encontros Consonantais -------------------------------------- 11
- Dígrafos -- 11

Separação Silábica -- 15
- Translineação -- 16

Acentuação -- 18
- Regras de Acentuação -- 18
- Acentos Diferenciais -- 20

Ortografia --- 24
Significação das palavras ------------------------------------ 30
Hífen -- 33
Usos do porquê -- 36
Estrutura das Palavras --------------------------------------- 38
Formação das palavras --------------------------------------- 40
Substantivo -- 43
- Classificação e Formação -------------------------------------- 44
- Substantivo Coletivo -- 44
- Gêneros uniforme e biforme --------------------------------- 48
- Gênero vacilante --- 49
- Plural dos substantivos simples ------------------------------ 50
- Plural do substantivos compostos --------------------------- 53

Numeral --- 58
Adjetivo --- 61
- Adjetivo Pátrio --- 63
- Locução Adjetiva -- 64
- Flexões do Adjetivo --- 65

Concordância Nominal -- 70
Pronome -- 76
- Pronomes Pessoais -- 76
- Pronomes Relativos --- 78
- Pronomes de Tratamento ------------------------------------ 83
- Pronomes Possessivos --- 84
- Pronomes Demonstrativos ----------------------------------- 84
- Pronomes Indefinidos --- 85
- Pronomes Interrogativos -------------------------------------- 86

Colocação Pronominal --- 91
- Próclise --- 91
- Mesóclise --- 91
- Ênclise -- 92

Artigo -- 97
Preposição --- 98
Verbo -- 101
- Estrutura e Flexão -- 102
- O modo indicativo -- 102
- Os modos subjuntivo e imperativo -------------------------- 103
- As formas nominais --- 103
- Tempos Compostos --- 103
- Classificação dos verbos --------------------------------------- 105
- Formação dos tempos simples -------------------------------- 105
- Verbos notáveis --- 107
- Verbos defectivos --- 112

Vozes Verbais --- 118
Predicação Verbal -- 121
Regência Verbal -- 124
- Verbos Transitivos Diretos ----------------------------------- 124
- Verbos Transitivos Indiretos --------------------------------- 125
- Verbos Transitivos Diretos e Indiretos ----------------------- 126
- Verbos Intransitivos --- 127
- Verbos de regência oscilante --------------------------------- 128

Tipos de Sujeito -- 133
Concordância Verbal -- 139
- Coletivo --- 139
- Mais de, menos de, cerca de... ------------------------------ 140
- Nomes próprios no plural ------------------------------------ 140
- Qual de nós / Quais de nós ---------------------------------- 141
- Sujeito sendo pronome relativo ------------------------------ 141
- Um dos ... que --- 141
- Nenhum dos ... Que -- 142
- Porcentagem + Substantivo --------------------------------- 142
- Pronomes de Tratamento ------------------------------------ 142
- Silepse de Pessoa -- 142
- Núcleos ligados pela conjunção "e" -------------------------- 142
- Sujeito composto por pessoas diferentes -------------------- 143
- Núcleos ligados pela conjunção ou -------------------------- 143
- Núcleos ligados pela preposição "com" ---------------------- 143
- Aposto resumidor / conectivos correlatos -------------------- 144
- Um e outro / um ou outro / nem um nem outro ------------ 144
- Verbos Especiais --- 144

Complementos Verbais -------------------------------------- 147
Aposto e Vocativo -- 150
Advérbio -- 151
Adjunto Adverbial -- 156
Adjunto Adnominal x Complemento Nominal ------------ 161
A palavra Que -- 163
A Palavra Se -- 166
Crase --- 172
Problemas Gerais da Língua Culta ------------------------- 179
Período Composto -- 182
Pontuação --- 186
Estilística --- 191
- Figuras de sintaxe -- 192
- Figuras de palavras -- 193

Figuras de pensamentos ------------------------------------ 196
Dicas de Gramática -- 197
Resumo de Fixação -- 201
Exercícios -- 217
Bibliografia -- 240

Interpretação de Textos

Texto

Os concursos apresentam questões interpretativas que têm por finalidade a identificação de um leitor autônomo. Portanto, o candidato deve compreender os níveis estruturais da língua por meio da lógica, além de necessitar de um bom léxico internalizado.

As frases produzem significados diferentes de acordo com o contexto em que estão inseridas. Torna-se, assim, necessário sempre fazer um confronto entre todas as partes que compõem o texto.

Além disso, é fundamental apreender as informações apresentadas por trás do texto e as inferências a que ele remete. Este procedimento justifica-se por um texto ser sempre produto de uma postura ideológica do autor diante de uma temática qualquer.

Denotação e Conotação

Sabe-se que não há associação necessária entre significante (expressão gráfica, palavra) e significado, por esta ligação representar uma convenção. É baseado neste conceito de signo lingüístico (significante + significado) que se constroem as noções de denotação e conotação.

O sentido denotativo das palavras é aquele encontrado nos dicionários, o chamado sentido verdadeiro, real. Já o uso conotativo das palavras é a atribuição de um sentido figurado, fantasioso e que, para sua compreensão, depende do contexto. Sendo assim, estabelece-se, numa determinada construção frasal, uma nova relação entre significante e significado.

Os textos literários exploram bastante as construções de base conotativa, numa tentativa de extrapolar o espaço do texto e provocar reações diferenciadas em seus leitores.

Ainda com base no signo lingüístico, encontra-se o conceito de polissemia (que tem muitas significações). Algumas palavras, dependendo do contexto, assumem múltiplos significados, como, por exemplo, a palavra ponto: ponto de ônibus, ponto de vista, ponto final, ponto de cruz ... Neste caso, não se está atribuindo um sentido fantasioso à palavra ponto, e sim ampliando sua significação através de expressões que lhe completem e esclareçam o sentido.

Como Ler e Entender Bem um Texto

Basicamente, deve-se alcançar a dois níveis de leitura: a informativa e de reconhecimento e a interpretativa. A primeira deve ser feita de maneira cautelosa por ser o primeiro contato com o novo texto. Desta leitura, extraem-se informações sobre o conteúdo abordado e prepara-se o próximo nível de leitura. Durante a interpretação propriamente dita, cabe destacar palavras-chave, passagens importantes, bem como usar uma palavra para resumir a idéia central de cada parágrafo. Este tipo de procedimento aguça a memória visual, favorecendo o entendimento.

Não se pode desconsiderar que, embora a interpretação seja subjetiva, há limites. A preocupação deve ser a captação da essência do texto, a fim de responder às interpretações que a banca considerou como pertinentes.

No caso de textos literários, é preciso conhecer a ligação daquele texto com outras formas de cultura, outros textos e manifestações de arte da época em que o autor viveu. Se não houver esta visão global dos momentos literários e dos escritores, a interpretação pode ficar comprometida. Aqui não se podem dispensar as dicas que aparecem na referência bibliográfica da fonte e na identificação do autor.

A última fase da interpretação concentra-se nas perguntas e opções de resposta. Aqui são fundamentais marcações de palavras como **não**, **exceto**, **errada**, **respectivamente** etc. que fazem diferença na escolha adequada. Muitas vezes, em interpretação, trabalha-se com o conceito do "mais adequado", isto é, o que responde melhor ao questionamento proposto. Por isso, uma resposta pode estar certa para responder à pergunta, mas não ser a adotada como gabarito pela banca examinadora por haver uma outra alternativa mais completa.

Ainda cabe ressaltar que algumas questões apresentam um fragmento do texto transcrito para ser a base de análise. Nunca deixe de retornar ao texto, mesmo que aparentemente pareça ser perda de tempo. A descontextualização de palavras ou frases, certas vezes, são também um recurso para instaurar a dúvida no candidato. Leia a frase anterior e a posterior para ter idéia do sentido global proposto pelo autor, desta maneira a resposta será mais consciente e segura.

EXERCÍCIOS

Responda as questões de 1 a 10 de acordo com o texto abaixo:

O primeiro dever passado pelo novo professor de português foi uma descrição tendo o mar como tema. A classe inspirou-se, toda ela, nos encapelados mares de Camões, aqueles nunca dantes navegados; o episódio do Adamastor foi reescrito pela meninada.

Prisioneiro no internato, eu vivia na saudade das praias do Pontal onde conhecera a liberdade e o sonho. O mar de Ilhéus foi o tema de minha descrição.

Padre Cabral levara os deveres para corrigir em sua cela. Na aula seguinte, entre risonho e solene, anunciou a existência de uma vocação autêntica de escritor naquela sala de aula. Pediu que escutassem com atenção o dever que ia ler. Tinha certeza, afirmou, que o autor daquela página seria no futuro um escritor conhecido. Não regateou elogios. Eu acabara de completar onze anos.

Passei a ser uma personalidade, segundo os cânones do colégio, ao lado dos futebolistas, dos campeões de matemática e de religião, dos que obtinham medalhas. Fui admitido numa espécie de Círculo Literário onde brilhavam alunos mais velhos. Nem assim deixei de me sentir prisioneiro, sensação permanente durante os dois anos em que estudei no colégio dos jesuítas.

Houve, porém, sensível mudança na limitada vida do aluno interno: o padre Cabral tomou-me sob sua proteção e colocou em minhas mãos livros de sua estante. Primeiro "As Viagens de Gulliver", depois clássicos portugueses, traduções de ficcionistas ingleses e franceses. Data dessa época minha paixão por Charles Dickens. Demoraria ainda a conhecer Mark Twain, o norte-americano não figurava entre os prediletos do padre Cabral.

Recordo com carinho a figura do jesuíta português erudito e amável. Menos por me haver anunciado escritor, sobretudo por me haver dado o amor aos livros, por me haver revelado o mundo da criação literária. Ajudou-me a suportar aqueles dois anos de internato, a fazer mais leve a minha prisão, minha primeira prisão.

Jorge Amado

1. Padre Cabral, numa determinada passagem do texto, ordena que os alunos:
a)façam uma descrição sobre o mar;
b)descrevam os mares encapelados de Camões;
c)reescrevam o episódio do Gigante Adamastor;.
d)façam uma descrição dos mares nunca dantes navegados;
e)retirem de Camões inspiração para descrever o mar.

2. Segundo o texto, para executar o dever imposto por Padre Cabral, a classe toda usou de um certo:
a)conhecimento extraído de "As viagens de Gulliver";
b)assunto extraído de traduções de ficcionistas ingleses e franceses;
c)amor por Charles Dickens;
d)mar descrito por Mark Twain;
e)saber já feito, já explorado por célebre autor.

3.Apenas o narrador foi diferente, porque:
a)lia Camões;
b)se baseou na própria vivência;
c)conhecia os ficcionistas ingleses e franceses;
d)tinha conhecimento das obras de Mark Twain;
e)sua descrição não foi corrigida na cela de Padre Cabral.

4.O narrador confessa que no internato lhe faltava:
a)a leitura de Os Lusíadas;
b)o episódio do Adamastor;
c)liberdade e sonho;
d)vocação autêntica de escritor;
e)respeitável personalidade.

5.Todos os alunos apresentaram seus trabalhos, mas só foi um elogiado, porque revelava:
a)liberdade;
b)sonho;
c)imparcialidade;
d)originalidade;
e)resignação.

6.Por ter executado um trabalho de qualidade literária superior, o narrador adquiriu um direito que lhe agradou muito:
a)ler livros da estante de Padre Cabral;
b)rever as praias do Pontal;
c)ler sonetos camonianos;
d)conhecer mares nunca dantes navegados;
e)conhecer a cela de Padre Cabral.

7.Contudo, a felicidade alcançada pelo narrador não era plena. Havia uma pedra em seu caminho:
a)os colegas do internato;
b)a cela do Padre Cabral;
c)a prisão do internato;
d)o mar de Ilhéus;
e)as praias do Pontal.

8.Conclui-se, da leitura do texto, que:
a)o professor valorizou o trabalho dos alunos pelo esforço com que o realizaram;
b)o professor mostrou-se satisfeito porque um aluno escreveu sobre o mar de Ilhéus;
c)o professor ficou satisfeito ao ver que um de seus alunos demonstrava gosto pela leitura dos clássicos portugueses;
d)a competência de saber escrever conferia, no colégio, tanto destaque quanto a competência de ser bom atleta ou bom em matemática;
e)graças à amizade que passou a ter com Padre Cabral, o narrador do texto passou a ser uma personalidade no colégio dos jesuítas.

9.O primeiro dever... foi uma descrição... Contudo nesse texto predomina a:
a)narração;
b)dissertação;
c)descrição;
d)linguagem poética;
e)linguagem epistolar.

10.Por isso a maioria dos verbos do texto encontra-se no:
a)presente do indicativo;
b)pretérito imperfeito do indicativo;
c)pretérito perfeito do indicativo;
d)pretérito mais que perfeito do indicativo;
e)futuro do indicativo.

Releia a primeira estrofe e responda as questões de 11 a 13
Cheguei, Chegaste, Vinhas fatigada
E triste, e triste e fatigado eu vinha.
Tinhas a alma de sonhos povoada.
E a alma de sonhos povoada eu tinha.

11.À ordem alterada, que o autor elabora no texto, em busca da eufonia e ritmo, dá-se o nome de:
a)antítese;
b)metáfora;
c)hipérbato;
d)pleonasmo;
e)assíndeto.

12.E a alma de sonhos povoada eu tinha. Na ordem direta fica:
a)E a alma povoada de sonhos eu tinha.
b)E povoada de sonhos a alma eu tinha.
c)E eu tinha povoada de sonhos a alma.
d)E eu tinha a alma povoada de sonhos.
e)E eu tinha a alma de sonhos povoados.

13.Predominam na primeira estrofe as orações:
a)substantivas;
b)adverbiais;
c)coordenadas;
d)adjetivas;
e)subjetivas.

Releia a segunda estrofe para responder as questões de 14 a 17:
E paramos de súbito na estrada
Da vida: longos anos, presa à minha
A tua mão, a vista deslumbrada
Tive da luz que teu olhar continha

14.O objetivo preso (presa) refere-se a:
a)estrada;
b)vida;

c)minha mão;
d)tua mão;
e)vista.

15.Coloque nos espaços em branco os verbos ao lado corretamente flexionados no imperativo afirmativo, segunda pessoa do singular.
................................(parar) na estrada da vida; ....(manter) a luz de teu olhar
a)pára – mantém
b)paras – manténs
c)pare – mantenha
d)pares – mantenhas
e)parai – mantende

16.Tive da luz que teu olhar continha. Com luz no plural teríamos que escrever assim:
a)Tive das luzes que teu olhar continha.
b)Tive das luzes que teus olhares continha.
c)Tive das luzes que teu olhar continham.
d)Tive das luzes que teus olhares continham.
e)Tiveram das luzes que teus olhares continham.

17.Tive da luz que teu olhar continha.
A oração destacada, em relação ao substantivo luz, guarda um valor de:
a)substantivo;
b)adjetivo;
c)pronome;
d)advérbio;
e)aposto.
Releia as duas últimas estrofes para responder as questões de 18 a 20:
Hoje, segues de novo... Na partida
Nem o pranto os teus olhos umedece,
Nem te comove a dor da despedida.
E eu, solitário, volto a face, e tremo,
vendo o teu vulto que desaparece
Na extrema curva do caminho extremo.

18.Sujeito do verbo umedecer (umedece):
a)a partida;
b)os teus olhos;
c)tu;
d)ela;
e)o pranto.

19. O verbo comover (comove) refere-se no texto (e por isso concorda com ela) à palavra:
a)o pranto;
b)a dor;
c)teus olhos;
d)te;
e)partida.

20. Assinale a alternativa onde aparece um verbo intransitivo.
a)Hoje seques de novo.
b)Nem o pranto os teus olhos umedece.
c)Nem te comove a dor de despedida.
d)E eu, solitário, volto a face.
e)Vendo o teu vulto.

GABARITO
01. A
02. E
03. B
04. C
05. D
06. A
07. C
08. D
09. A
10. C
11. C
12. D
13. C
14. D
15. A
16. A
17. B
18. E
19. B
20.A

Leia o texto I para responder às questões de 1 a 3.

Texto I

O tempo não é experiência. Pode ser esclerose. Numa visão ligeira, envelhecer seria um caminhar no sentido do futuro - o que não corresponde à verdade. Caminhar em direção ao futuro é a característica do jovem, ocorrendo envelhecimento quando se inicia o processo inverso: a volta ao passado, sua preservação, dele se fazendo sempre mais dependente. No que envelhece, o risco é o hábito - a infindável repetição daquilo que foi antes uma resposta criadora.

O perigo é a tensão inerente ao passado em buscar perpetuar-se, oferecendo as mesmas respostas a questões que agora são outras.

Esta, a ameaça do passado. Mas há outro ângulo.

O passado não se acumula somente sob a forma de hábito, mas, virtualmente, introduz a possibilidade da memória. E se o hábito faz com que se repitam mecanicamente respostas caducas, a memória é o potencial criador sempre disponível com o qual a história pode contar.

O jovem está, num certo limite, livre de um passado que ameace escravizá-lo - simplesmente por não existir ou por não ter atingido a intensidade necessária. Na aparência - como se isso não dependesse de uma posição do espírito - sendo o Brasil um país jovem, estaríamos menos próximos dos perigos da esclerose. Mas com o que podemos contar? Já foi dito, de resto, ser o Brasil um país sem memória.

Nosso ceticismo destruiria esta consideração - no sentido de levar em conta - com relação ao passado. Parece que estamos condenados a sempre partir do zero.

(GOMES, Roberto. Crítica da Razão Tupiniquim.
Porto Alegre, RS: Mercado Aberto, 7ª ed. 1984)

1. Após uma leitura atenta do fragmento, julgue os itens a seguir, quanto aos aspectos da compreensão e interpretação.
a) O autor estabelece uma visão antitética em relação ao conceito usual de tempo.
b) Envelhecimento é a dependência em relação ao passado.
c) Pode-se inferir que o jovem, para manter-se fiel a suas características, preserva incólumes os valores herdados dos antepassados.
d) Hábito e memória excluem-se, na medida em que o hábito é pura repetição, enquanto a memória abre possibilidades criadoras.

2. Julgue os itens em relação à teoria lingüística e normas gramaticais.
a) Na linha 8, a próclise do pronome em não se acumula é facultativa.
b) As duas ocorrências da partícula se, no segundo parágrafo, linhas 8 e 9, equivalem-se no plano morfossintático.
c) Num certo limite, linha 12, está entre vírgulas por ser expressão internalizada em uma oração.
d) O agente da ação verbal no último período do texto, linha 17, é indeterminado.

3. Julgue os itens a seguir, em relação aos aspectos semânticos e estilísticos.
a) Experiência, esclerose, passado, futuro e envelhecer, no texto, pertencem ao mesmo campo semântico.
b) Virtualmente, na linha 9, poderia ser substituído por potencialmente ou factivelmente, sem alterar substancialmente o sentido do texto.
c) "Sendo o Brasil um país jovem", linha 14, instaura uma condição concessiva em relação à oração seguinte.
d) Ceticismo, linha 16, liga-se semanticamente a sem memória, na linha 16.

Leia o texto II para responder às questões 4 e 5.

Texto II

Periodização da Filosofia

Não se pode afirmar que a história do pensamento filosófico obedeça a uma evolução linear, de tal modo que cada posição atingida pelos grandes pensadores no plano epistemológico, ético, metafísico, estético, etc., condicione o desenvolvimento sucessivo.

Em primeiro lugar, há uma multiplicidade de áreas diversas de indagação e, a não ser em casos bem raros, raramente surgem pensadores geniais capazes de abrangê-las de maneira sincrônica ou unitária, marcando pontos cardeais da história das idéias. O que prevalece, em geral, são contribuições especializadas que cuidam de determinado campo de pesquisa, não se devendo esquecer que essas indagações setoriais podem, às vezes, repercutir sobre o curso do pensamento geral, inspirando novos paradigmas, ou seja, pressupostos fundamentais que passam a condicionar as meditações subseqüentes.

Como se vê, as linhas de indagações filosóficas resultam de preferências individuais dos pensadores assim como de fatores das mais diversificadas configurações, não sendo possível, pois, afirmar que as várias correntes de pensamento se entrelacem ou atuem umas sobre as outras. Há até

mesmo hipóteses em que determinadas escolas ou círculos de pensamento são tão ciosos de suas convicções que chegam a olhar com desprezo as demais perquirições, como se deu, por exemplo, em certos momentos do escolasticismo medieval; no apogeu do
15 naturalismo positivista da passada centúria; no predomínio ideológico do marxismo que, no dizer de Raymond Aron, foi "o ópio dos intelectuais"; ou, em tempos mais recentes, a corrente do positivismo lógico, alguns de cujos mentores chegaram a considerar meaningless, isto é, desprovido de sentido tudo que não se ajustasse a seus parâmetros.
(Miguel Reale Jr. - O Estado de São Paulo - Jun/98)

4. A primeira instância da interpretação textual situa-se na esfera da compreensão dos significados vocabulares e organizacionais. Atentando para esta afirmação, julgue os itens a seguir segundo os critérios semânticos e estilísticos.
a) "Multiplicidade de áreas diversas de indagação", linha 6, trata do caráter unívoco do conhecimento e, por conseguinte, do objeto da filosofia.
b) "abrangê-las de maneira sincrônica", linha 5, é o mesmo que visão superficial sobre o objeto do conhecimento.
c) A partícula pois, linha 11, instaura uma circunstância explicativa entre duas afirmações que a circundam.
d) O autor utiliza-se de um registro predominantemente metafórico, dificultando a apreensão das idéias que veicula.

5. Considerando que paráfrase é o desenvolvimento de um texto conservando-se suas idéias originais, expressas por palavras diferentes, julgue os itens a seguir, caso sejam ou não paráfrases de segmentos do texto II.
a) A progressão do pensamento filosófico não se sujeita a parâmetros evolutivos lineares.
b) Raros filósofos conseguem abarcar simultaneamente diferentes campos da perquirição filosófica.
c) O pensamento geral é modificado por paradigmas fundamentais.
d) A crença de que as várias correntes de pensamento se excluem é confirmada pela individualidade do pensamento filosófico ocidental.

GABARITO

01. VVFV
02. FFVF
03. FVFF
04. FFFF
05. VVVV

Fonética

A Fonética, ou Fonologia, estuda os **sons emitidos pelo ser humano**, para efetivar a comunicação. Diferentemente da escrita, que conta com vogais e consoantes, a Fonética se ocupa dos **fonemas** (= sons); são eles as vogais, as consoantes e as semivogais.

Vogal = São as cinco já conhecidas **- a, e, i, o, u -** quando funcionam como base de uma sílaba. Em cada sílaba há apenas uma vogal. **NUNCA HAVERÁ MAIS DO QUE UMA VOGAL EM UMA MESMA SÍLABA**.

Consoante = Qualquer letra - ou conjunto de letras representando um som só - que só possa ser soada com o auxílio de uma vogal (com + soante = soa com...). Na fonética são consoantes **b**, **d**, **f**, **g** (ga, go, gu), **j** (ge, gi, j) **k** (c ou qu), **l**, **m** (antes de vogal), **n** (antes de vogal), **p**, **r**, **s** (s, c, ç, ss, sc, sç, xc), **t**, **v**, **x** (inclusive ch), **z** (s, z), **nh**, **lh**, **rr**.

Semivogal = São as letras **e**, **i**, **o** e **u** quando formarem sílaba com uma vogal, antes ou depois dela, e as letras **m** e **n**, nos grupos **AM**, **EM** e **EN**, em final de palavra - **somente em final de palavra**.

Quando a semivogal possuir som de **i**, será representada foneticamente pela letra **Y**; com som de **u**, pela letra **W**.

Então teremos, por exemplo, na palavra *caixeiro*, que se separa silabicamente *cai-xei-ro*, o seguinte: 3 vogais = a, e, o; 3 consoantes = k (c), x, r; 2 semivogais = y (i, i). Representando a palavra foneticamente, ficaremos com **kayxeyro**.

Na palavra *artilheiro*, *ar-ti-lhei-ro*, o seguinte: 4 vogais = a, i, e, o; 4 consoantes = r, t, lh, r; 1

semivogal = y (i). Foneticamente = **artiĹeyro**.

Na palavra *viagem*, *vi-a-gem*, 3 vogais = i, a, e; 2 consoantes = v, g; 1 semivogal = y (m). **viajẽy**.

M / N
As letras M e N devem ser analisadas com muito cuidado. Elas podem ser:

Consoantes = Quando estiverem no início da sílaba.

Semivogais = Quando formarem os grupos **AM**, **EM** e **EN**, em final de palavra - somente em final de palavra - sendo representadas foneticamente por **Y** ou **W**.

Ressôo Nasal = Quando estiverem após vogal, na mesma sílaba que ela, excetuando os três grupos acima. Indica que o M e o N não são pronunciados, apenas tornam a vogal nasal, portanto haverá duas letras (a vogal + M ou N) com um fonema só (a vogal nasal).

Por exemplo, na palavra *manchem*, terceira pessoa do plural do presente do subjuntivo do verbo manchar, teremos o seguinte: *man-chem*, 2 vogais = a, e; 2 consoantes = o 1º m, x(ch); 1 semivogal = y (o 2º m); 1 ressôo nasal = an (ã). **mãxẽy**.

Encontros Vocálicos

É o agrupamento de vogais e semivogais. Há três tipos de encontros vocálicos:

Hiato = É o agrupamento de duas vogais, cada uma em uma sílaba diferente.

L**u-a**-na, a-f**i-a**-do, p**i-a**-da

Ditongo = É o agrupamento de uma vogal e uma semivogal, em uma mesma sílaba. Quando a vogal estiver antes da semivogal, chamaremos de **Ditongo Decrescente**, e, quando a vogal estiver depois da semivogal, de **Ditongo Crescente**. Chamaremos ainda de oral e nasal, conforme ocorrer a saída do ar pelas narinas ou pela boca.

C**ai**-xa = Ditongo decrescente oral.

Cin-q**üen**-ta = Ditongo crescente nasal, com a ocorrência do Ressôo Nasal.

Tritongo = É o agrupamento de uma vogal e duas semivogais. Também pode ser oral ou nasal.

A-g**üei** = Tritongo oral.

Á-g**üem** = Tritongo nasal, com a ocorrência da semivogal m.

Além desse três, há dois outros encontros vocálicos importantes:

Iode = É o agrupamento de uma semivogal entre duas vogais. São **aia**, **eia**, **oia**, **uia**, **aie**, **eie**, **oie**, **uie**, **aio**, **eio**, **oio**, **uio**, **uiu**, em qualquer lugar da palavra - começo, meio ou fim. Foneticamente, ocorre duplo ditongo ou tritongo + ditongo, conforme o número de semivogais. A Iode será representada com duplo **Y**: **ay-ya**, **ey-ya**, representando o "y" um fonema apenas, e não dois como possa parecer. A palavra **vaia**, então, tem quatro letras (v - a - i - a) e quatro fonemas (v - a - y - a), sendo que o "y" pertence a duas sílabas, não havendo, no entanto, "silêncio" entre as duas no momento de pronunciar a palavra.

Vau = O mesmo que a Iode, porém com a semivogal W.

Pi-au-í = Vau, com a representação fonética **Pi-aw-wi**. Com o "w" ocorre o mesmo que ocorreu com o "y", ou seja, representa um fonema apenas.

Ocorrem, também, na Língua Portuguesa, encontros vocálicos que ora são pronunciados como ditongo, ora como hiato. São eles:

Sinérese = São os agrupamentos **ae**, **ao**, **ea**, **ee**, **eo**, **ia**, **ie**, **io**, **oa**, **oe**, **ua**, **ue**, **uo**, **uu**.

Ca-e-ta-no, Cae-ta-no; ge-a-da, gea-da; com-pre-en-der, com-preen-der; Na-tá-li-a, Na-tá-lia; du-e-lo, due-lo; du-un-vi-ra-to, duun-vi-ra-to.

Diérese = São os agrupamentos **ai**, **au**, **ei**, **eu**, **iu**, **oi**, **ui**.

re-in-te-grar, rein-te-grar; re-u-nir, reu-nir; di-u-tur-no, diu-tur-no.

Obs.: Há palavras que, mesmo contendo esses agrupamentos não sofrem sinérese ou diérese. Há que se ter bom senso, no momento de se separarem as sílabas. Nas palavras *rua*, *tia*, *magoa*, por exemplo, é claro que só há hiato.

Encontros Consonantais

É o agrupamento de consoantes. Há três tipos de encontros consonantais:

Encontro Consonantal Puro = É o agrupamento de consoantes, lado a lado, na mesma sílaba.

Bra-sil, **pl**a-ne-ta, a-**dr**e-na-li-na

Encontro Consonantal Disjunto = É o agrupamento de consoantes, lado a lado, em sílabas diferentes.

a**p-t**o, ca**c-t**o, a**s-p**e**c-t**o

Encontro Consonantal Fonético = É a letra x com som de ks.

Maxi, nexo, axila = **maksi**, **nekso**, **aksila**.

Não se esqueça de que as letras **M** e **N** pós-vocálicas não são consoantes, e sim semivogais ou simples sinais de nasalização (ressôo nasal).

Dígrafos

Dígrafo é o agrupamento de duas letras com apenas um fonema. Os principais dígrafos são **rr**, **ss**, **sc**, **sç**, **xc**, **xs**, **lh**, **nh**, **ch**, **qu**, **gu**. Representam-se os dígrafos por letras maiores que as demais, exatamente para estabelecer a diferença entre uma letra e um dígrafo. **Qu** e **gu** só serão dígrafos, quando estiverem seguidos de **e** ou **i**, sem trema. Os dígrafos **rr**, **ss**, **sc**, **sç**, **xc** e **xs** têm suas letras separadas silabicamente; **lh**, **nh**, **ch**, **qu**, **gu**, não.

a**rr**oz = ar-roz - **aRos**;

a**ss**ar = as-sar - **aSar**;

na**sc**er = nas-cer - **naSer**;

de**sç**o = des-ço - **deSo**;

e**xc**eção = ex-ce-ção - **eSesãw**;

e**xs**udar = ex-su-dar - **eSudar**;

a**lh**o = a-lho - **aĹo**;

ba**nh**o = ba-nho - **baÑo**;

ca**ch**o = ca-cho - **kaXo**;

querida = que-ri-da - **Kerida**;

san**gu**e = san-gue - **sãGe**.

Dígrafo Vocálico = É o outro nome que se dá ao Ressôo Nasal, pelo fato de serem duas letras com um fonema vocálico.

s**an**gue = san-gue - **sãGe**

Não confunda dígrafo com encontro consonantal, que é o encontro de consoantes, cada uma representando um fonema.

EXERCÍCIOS

Testes: fonemas, sílabas, encontros vocálicos e consonantais, acentuação e ortografia

1- Assinale a seqüência em que todas as palavras estão partidas corretamente:
a) trans-a-tlân-ti-co, fi-el, sub-ro-gar
b) bis-a-vô, du-e-lo, fo-ga-réu
c) sub-lin-gual, bis-ne-to, de-ses-pe-rar
d) des-li-gar, sub-ju-gar, sub-scre-ver
e) cis-an-di-no, es-pé-cie, a-teu

2- Assinalar a alternativa em que todos os ditongos são decrescentes.
a) mais, espontâneo, saiu
b) beiço, mágoa, maneira
c) põe, irmão, possui
d) áurea, nódoa, tênue

3- No trecho "Quanto ao morro do Curvelo, o meu apartamento, o andar mais alto de um velho casarão em ruína..." temos:
a) 4 ditongos decrescentes, 2 ditongos crescentes, 1 hiato.
b) 6 ditongos decrescentes, 2 ditongos crescentes, 2 hiatos.
c) 6 ditongos decrescentes, 1 ditongo crescente, 1 hiato.
d) 6 ditongos decrescentes, 2 ditongos crescentes, 1 hiato.
e) 5 ditongos decrescentes, 2 ditongos crescentes, 1 hiato.

4- Assinale a opção em que a divisão de sílaba não está corretamente feita:
a) a-bai-xa-do c) es-fi-a-pa-da e) ca-a-tin-ga
b) si-me-tria d) ba-i-nhas

5- As palavras seguintes apresentam-se sem o acento gráfico, seja ele necessário ou não. Aponte a alternativa em que todas sejam paroxítonas:
a) textil - condor - mister - zenite - crisantemo
b) luzidio - latex - inaudito - primata - libido
c) exodo - fagocito - bramane - obus - refem
d) novel - sutil - inclito - improbo - interim
e) tulipa - refrega - filantropo - especime - noctivago

6- Assinale a única afirmativa incorreta. No vocábulo:
a) Insônia há um ditongo oral crescente.
b) Quando há um ditongo nasal crescente.
c) Raios há um tritongo.
d) Também há um ditongo nasal decrescente.
e) Pior há um hiato.

7- Em que conjunto a letra x representa o mesmo fonema?
a) tóxico - taxativo d) enxame - inexaurível
b) Defluxado - taxar e) intoxicado - exceto
c) Têxtil - êxtase

8- Não são paroxítonas as palavras:
a) salada - varanda - tarde d) amanhã - última - perdão
b) leite - escada - senhora e) verdade - presença - janela
c) violetas - brigas - mesa

9- Aponte o único conjunto onde há erro de divisão silábica:
a) flui-do, sa-guão, dig-no
b) cir-cuns-cre-ver, trans-cen-den-tal, tran-sal-pi-no
c) con-vic-ção, tung-stê-nio, rit-mo
d) ins-tru-ir, an-te-pas-sa-do, se-cre-ta-ri-a
e) co-o-pe-rar, dis-tân-cia, bi-sa-vô

10- Assinalar a alternativa em que todas as palavras estão separadas corretamente:
a) Mas-si-nis-sa, i-gu-al, miú-da
b) Cons-truir, igual, cri-ei
c) Cri-ei, as-pec-to, mi-ú-da
d) Me-da-lhões, pás-sa-ros, es-ta-çõ-es

11- De acordo com a separação silábica, qual o grupo de palavras abaixo que está totalmente correto?
a) as-as-ssi-na-da, chei-ro, ma-de-i-ra
b) pers-pi-caz, felds-pa-to, des-cer
c) avi-so, mi-nha, in-fân-cia
d) per-spi-caz, em-pa-pa-da, pa-i-nei-ra
e) extra-or-di-ná-rio, ve-lha, fel-ds-pa-to

12- Classificou-se, corretamente, o grupo vocálico da palavra dada em:
a) caótico - ditongo decrescente
b) cardeal - ditongo crescente
c) estóico - ditongo crescente
d) filosofia - hiato
e) pequei - tritongo

13- Devem ser acentuadas todas as palavras da opção:
a) taxi - hifen - gas
b) ritmo - amor - lapis
c) chines - ruim - jovem
d) juriti - gratis - traz
e) açucar - abacaxi - molestia

14- A única alternativa em que nenhuma palavra deve ser acentuada graficamente é:
a) preto - orgão - seres
b) atras - medo - garoa
c) item - nuvem - erro
d) juri - governo -odio
e) tatu - cores - carater

15- Em que conjunto a letra x apresenta o mesmo valor fonético?
a) exame- exíguo- xale- exceção
b) exilar- exorbitar- próximo- excêntrico
c) sexo- tóxico- axilas- nexo
d) exalar- exonerar- queixa- hexacampeão
e) trouxe- texto- sintaxe- léxico

16- Assinale a alternativa em que há erro de acentuação gráfica:
a) apóiam - obliqúe - averigúe
b) inexcedível - influí - enjôo
c) cauím - egoísta - contêm
d) órgão - estréiam - saúva
e) concluí - além-túmulo - médium

17- Assinale a alternativa que completa corretamente as frases:
1. Cada qual faz como melhor lhe ....
2. O que .... estes frascos?
3. Neste momento os teóricos .... os conceitos.
4. Eles .... a casa do necessário.
a) convém - contêm - revêem - provêem
b) convém - contém - revêem - provém
c) convém - contém - revêm - provém
d) convêm - contém - revêem - provêem
e) convêm - contêm - revêem - provêem

18- Assinale a opção cujas palavras seguem a mesma regra de acentuação:
a) atrás - haverá - também - após
b) insônia - nível - pólen - película
c) pés - lá - já - troféu
d) centímetros - escrúpulos - fósseis
e) pára - táxi - fácil - tirá-lo

19- As palavras após e órgãos são acentuadas por serem, respectivamente:
a) Paroxítona terminada em s e proparoxítona.
b) Oxítona terminada em o e paroxítona terminada em ditongo.
c) Proparoxítona e paroxítona terminada em s.
d) Monossílabo tônico e oxítona terminada em o seguido de s.
e) Proparoxítona e proparoxítona.

20- Assinale a alternativa em que todos os vocábulos são acentuados por serem oxítonos:
a) paletó - avô - pajé - café - jiló
b) parabéns - vêm - hífen - saí - oásis
c) vovô - capilé - Paraná - lápis - régua
d) amém - amável - filó - porém - além
e) caí - aí - ímã - ipê - abricó

21- Todos os vocábulos devem ser acentuados graficamente em:
a) benção, recem, juriti
b) boemia, rubrica, maquinaria
c) especime, retem, crisantemo
d) erudito, atribuia, consul
e) gratuito, interim, textil

22- A única série de palavras corretamente acentuadas é:
a) hieróglifo - javanês - lingüística - urutú
b) sósia - dá-lo - órgão - vêzes
c) gás - pôde - fusível - retrós
d) jibóia - viés - fa-lo-á - construí-lo
e) cajá - hás - vácuo - púdico

23- Aponte a única série em que pelo menos um vocábulo apresenta erro no que diz respeito à acentuação gráfica:
a) pegada - sinoníma
b) êxodo - aperfeiçoe
c) álbuns - atraí-lo
d) ritmo - itens
e) redimí-la - grátis

24- A frase em que todas as palavras estão corretas quanto à acentuação gráfica é:
a) Apaziguemos os ânimos intranqüilos.
b) A freqüência dos alunos em sala de aula é indispensável a uma boa avaliação.
c) A contigüidade de suas atitudes retilíneas conduzí-lo-á ao objetivo proposto.
d) Cinqüenta delinquentes destruíram o armazém.

25- Assinale o vocábulo que perde o acento gráfico no plural:
a) próton c) fóssil e) caráter
b) móvel d) cônsul

26- Indique a única alternativa em que nenhuma palavra deve ser acentuada graficamente:
a) lapis - canoa - abacaxi - jovens
b) ruim - sozinho - aquele - traiu
c) saudade - onix - grau - orquidea
d) voo - legua - assim - tenis

27- Dadas as palavras:
1) apóiam
2) baínha
3) abençoo
constatamos que está (estão) corretamente grafadas (s):
a) apenas a palavra nº. 1. d) todas as palavras.
b) Apenas a palavra nº. 2. e) N.D.A.
c) Apenas a palavra nº. 3.

28- As silabadas, ou erros de prósódia, são freqüentes no uso da língua. Indique a alternativa onde não ocorre nenhuma silabada:
a) Eis aí um prototipo de rúbricas de um homem vaidoso.
b) Para mim a humanidade está dividida em duas metades: a dos filântropos e a dos misantropos.
c) Os arquétipos de iberos são mais pudicos que se pensa.
d) Nesse interim chegou o médico com a contagem de leucócitos e o resultado da cultura de lêvedos.
e) Ávaro de informações, segui todas as pegadas do éfebo.

29- Assinale o item cujas palavras são acentuadas em função das regras que justificam os acentos das palavras miúdos e vários:
a) ínterim - mártir d) crônico - três

b) egoísmo - freqüência e) ninguém - vôo
c) saudável - tórax

30- Assinale o grupo de vocábulos em que todos são acentuados por causa do hiato:
a) Escocia - Suiça - Haiti - Suecia
b) Itauna - Grajau - Ilheus - Guaiba
c) Desagua - influiram - traiste - traimos
d) Saudo - distraiste - proibira - cairam
e) Uisque - cafeina - saude - balaustre

31- O x foi empregado incorretamente em :
a) enxada, feixe, ameixa
b)enxame, enxugar, lixa
c)xale, bruxa, mexerica
d)xampu, xícara, graxa
e) xaranga, xuxu, xarque

32- Todas as palavras estão grafadas corretamente em:
a) rabujice, espontâneo, frieza
b) refúgio, obsessão, vazilha
c)ultraje, revés, cortezia
d) trajetória, esvaziar, análise
e) gorjeta, pesquisa, franqueza

33- Ambas as palavras estão grafadas incorretamente em:
a) capitalizar, catalizar
b) agonisar, batisar
c) improvisar, anarquisar
d) modernizar, concretizar
e) oficializar, repizar

34- Assinale a opção em que ocorra palavra grafada incorretamente:
a) Ao improvisar o discurso, ressurgiram as ameaças.
b) Sua estupidez foi tanta que esvaziou a sala.
c) Nossa abstenção propiciou a legalização do jogo.
d) Não houve concessão. Exigiram a rescisão do contrato.
e) Verdadeiramente não analizei as pesquisas recebidas.

Respostas

1- C
2- C
3- C
4- B
5- B
6- C
7- C
8- D
9- D
10-C
11-C
12-B
13-A
14-C
15-C
16-C
17-A
18-A
19-B
20-A
21-C
22-C
23-E
24-B
25-E
26-B
27-A
28-C
29-B
30-E
31-E
32-E
33-B
34-E

Separação Silábica

A divisão silábica deve ser feita a partir da soletração, ou seja, dando o som total das letras que formam cada sílaba, cada uma de uma vez.

Usa-se o hífen para marcar a separação silábica.

Normas para a divisão silábica:

Não se separam os ditongos e tritongos: Como ditongo é o encontro de uma vogal com uma semivogal na mesma sílaba, e tritongo, o encontro de uma vogal com duas semivogais também na mesma sílaba, é evidente que eles não se separam silabicamente. Por exemplo:

Ex. Au-las / au = ditongo decrescente oral.
Guar-da / ua = ditongo crescente oral.
A-güei / uei = tritongo oral.

Separam-se as vogais dos hiatos: Como hiato é o encontro de duas vogais em sílabas diferentes, obviamente as vogais se separam silabicamente. Cuidado, porém, com a **sinérese ee** e **uu**, conforme estudamos em **encontros vocálicos**. Por exemplo:

Ex. Pi-a-da / ia = hiato
Ca-ir / ai = hiato
Ci-ú-me / iú = hiato
Com-pre-en-der ou com-preen-der **(sinérese)**

Não se separam os dígrafos ch, lh, nh, qu, gu:

Ex. Cho-ca-lho / ch, lh = dígrafos inseparáveis.
Qui-nhão / qu, nh = dígrafos inseparáveis.
Gui-sa-do / gu = dígrafo inseparável.

Separam-se os dígrafos rr, ss, sc, sç, xc e xs:

Ex. Ex-ces-so / xc, ss = dígrafos separáveis.
Flo-res-cer / sc = dígrafo separável.
Car-ro-ça / rr = dígrafo separável.
Des-ço / sç = dígrafo separável.

Separam-se os encontros consonantais impuros: Encontros consonantais impuros, ou disjuntos, são consoantes em sílabas diferentes.

Ex. Es-co-la
E-ner-gi-a
Res-to

Separam-se as vogais idênticas e os grupos consonantais cc e cç: Lembre-se de que há autores que classificam ee e uu como sinérese, ou seja, aceitam como hiato ou como ditongo essas vogais idênticas.

Ex. Ca-a-tin-ga
Re-es-tru-tu-rar
Ni-i-lis-mo
Vô-o
Du-un-vi-ra-to

Prefixos terminados em consoante:
Ligados a palavras iniciadas por consoante: Cada consoante fica em uma sílaba, pois haverá a formação de encontro consonantal impuro.

Ex. Des-te-mi-do
Trans-pa-ren-te
Hi-per-mer-ca-do
Sub-ter-râ-neo

Ligados a palavras iniciadas por vogal: A consoante do prefixo ligar-se-á à vogal da palavra.

Ex. Su-ben-ten-di-do
Tran-sal-pi-no
Hi-pe-ra-mi-go
Su-bal-ter-no

Translineação

Translineação é a mudança, na escrita, de uma linha para outra, ficando parte da palavra no final da linha superior e parte no início da linha inferior.

Regras para a translineação:

a) Não se deve deixar apenas uma letra pertencente a uma palavra no início ou no final de linha. Por exemplo: em translineações são inadequadas as separações: "pesso-**a**", "**a-í**", samambai-**a**", "**a**-meixa", "**e**-tíope", "ortografi-**a**".

b) Não se deve, em final ou início de linha, quando a separação for efetuada, deixar formar-se palavra estranha ao contexto. Por exemplo: em translineações são inadequadas as separações: "presi-**dente**", "samam-**baia**", "**quero**-sene", "fa-**lavam**", "**para**-guaia".

c) Na translineação de palavras com hífen, se a partição coincide com o fim de um dos elementos, não se deve repetir o hífen na linha seguinte. Por exemplo:
pombo-
correio
e não
pombo-
-correio.

EXERCÍCIOS

1) Dadas as palavras:
1) Dis-en-te-ri-a
2) Trans-por-te
3) Sub-es-ti-mar
constatamos que a separação silábica está certa:
a) apenas em 1.
b) apenas em 2.
c) apenas em 3.
d) em todas as palavras.
e) em duas palavras.

2) Assinale a alternativa em que a palavra não tem suas sílabas separadas corretamente:
a) ni-i-lis-mo
b) oc-ci-pi-tal
c) in-te-lec-ção
d) se-cre-ta-ria
e) côns-cio

3) A letra em que todas as palavras apresentam separação silábica correta é:
a) ex-ci-tar, me-ia, trans-por-te
b) rit-mo, am-bí-guo, ex-ce-len-te
c) pro-fes-sor, ins-tru-ção, a-vi-ã-o
d) dig-no, cre-sci-men-to, eu-ro-pe-u
e) ab-rup-to, sub-li-nhar, sub-li-me

4) Aponte o único conjunto onde há erro de divisão silábica:
a) cir-cui-to, sa-guão, dig-ni-da-de.
b) cir-cuns-pec-to, trans-cen-der, dis-tan-ci-ar.
c) con-vic-to, tungs-tê-nio, rit-mo
d) ins-tru-í-do, pas-sa-ri-nho, ar-ma-ri-a.
e) co-o-pe-ra-ti-va, , trans-al-pi-no, bi-sa-vô.

5) Levando-se em conta a partição de palavras em final de linha, assinale a letra que não contenha erro:
a) Foi um jogo com muito equilí-brio.
b) Sua cadu-cidade levou-o à miséria.
c) O carrasco esperava o réu no cada-falso.
d) O bandido embrenhou-se no cafe-zal.
e) Espero que ele se sai-a bem.

6) Assinale a seqüência em que todas as palavras estão partidas corretamente:
a) trans-a-tlân-ti-co, fi-el, sub-ro-gar
b) bis-a-vô, du-e-lo, fo-ga-réu
c) sub-lin-gual, bis-ne-to, de-ses-pe-rar
d) des-li-gar, sub-ju-gar, sub-scre-ver
e) cis-an-di-no, es-pé-cie, a-teu.

7) Assinale a letra certa, quanto à divisão silábica:
a) assa-ssi-na-do

b) a-brup-to
c) caó-ti-co
d) fi-lo-so-fi-a
e) si-gno

8) Aponte o erro, quanto ao número de sílabas e de fonemas:
a) conseguiu = 3 sílabas, 7 fonemas.
b) lentilha = 3 sílabas, 6 fonemas.
c) cheirinho = 3 sílabas, 7 fonemas.
d) construir = 2 sílabas, 9 fonemas.
e) sintaxe = 3 sílabas, 6 fonemas.

Respostas

1) a 2) d 3) b 4) e 5) e 6) c 7) d 8) d

Acentuação

Na Língua Portuguesa, todas as palavras possuem uma sílaba tônica - a que recebe a maior inflexão de voz. Nem todas, porém, são marcadas pelo acento gráfico. O nosso estudo é exatamente este: em que palavras usar o acento agudo ou o acento circunflexo? Ainda existe o trema? Vamos às respostas.

As sílabas são subdivididas em tônicas, subtônicas e átonas.

A sílaba tônica é a mais forte da palavra. Só existe uma sílaba tônica em cada palavra.

Ex. Guara**ná** - A sílaba tônica é a última.
Táxi - A sílaba tônica é a penúltima.
Própolis - A sílaba tônica é a antepenúltima.

A sílaba tônica sempre se encontra em uma destas três sílabas: última, penúltima e antepenúltima.

A sílaba **subtônica** só existe em palavras derivadas. Coincide com a tônica da palavra primitiva.
Ex. Guaranazinho - A sílaba tônica é zi, e a subtônica, na
Taxímetro - A sílaba tônica é xí, e a subtônica, ta
Propolina - A sílaba tônica é li, e a subtônica, pro
Todas as outras são denominadas átonas.

Quando a palavra possuir uma sílaba só, será denominada monossílaba.

Os **monossílabos** podem ser **átonos e tônicos**. Os tônicos são aqueles que têm força para serem usados sozinhos em uma sílaba; os átonos, não. Portanto serão monossílabos tônicos os substantivos, os adjetivos, os advérbios, os numerais e os verbos.

Regras de Acentuação

Monossílabos Tônicos: Os monossílabos tônicos serão acentuados, quando terminarem em **A**, **E**, **O**, seguidos ou não de **s**.

Ex. pá, pás, má, más, vá, lá, já.
pé, pés, mês, rês, Zé, né?
pó, pós, dó, cós, pô!

Oxítonas: São as que têm a maior inflexão de voz na última sílaba. São acentuadas, quando terminarem em **A**, **E**, **O**, seguidos ou não de **s**, e em **EM**, **ENS**.

Ex. Corumbá, maracujás, maná, Maringá.
rapé, massapê, filé, sapé.
filó, rondó, mocotó, jiló.
amém, armazém, também, Belém.
parabéns, armazéns, nenéns.

Paroxítonas: São as que têm a maior inflexão de voz na penúltima sílaba. São acentuadas, quando terminarem em **UM**, **UNS**, **L**, **ÊEM**, **PS**, **X**, **EI** (s), **ÃO** (s), **U** (s), **ditongo crescente** (s), **N**, **ÔO**, **I** (s),

R, **Ã** (s).

Ex. álbum, factótum, médiuns.
ágil, flexível, volátil.
crêem, dêem, lêem, vêem.
fórceps, bíceps, tríceps.
tórax, xérox (também pode ser **xerox**), fênix.
pônei, vôlei, jóquei.
órgão, órfãos, sótão.
ônus, bônus.
Mário, secretária.
hífen, pólen, gérmen.
vôo, côo, entôo.
táxi, júris.
fêmur, âmbar, revólver.
ímã, órfãs.

Proparoxítonas: São as que têm a maior inflexão de voz na antepenúltima sílaba. Todas as proparoxítonas são acentuadas, salvo a expressão **per capita**, por não pertencer à Língua Portuguesa.

Ex. síndrome, ínterim, lêvedo, lâmpada, sândalo.

Os ditongos eu, ei, oi / éu, éi, ói somente receberão acento, quando forem abertos, seguidos ou não de **s**.

Ex. meu, chapéu, deus, troféus.
peixe, anéis, rei, réis.
doido, estóico, foice, destrói.

As letras i e u serão acentuadas, independente da posição na palavra, quando surgirem:

Formando hiato tônico com a vogal anterior.
Sem consoante na mesma sílaba, exceto o **s**.
Sem nasalização (**til, NH e ressôo nasal**).

Ex. saída, ataúde, miúdo.
sairmos, balaústre, juiz.
rainha, ruim, juízes.

Os grupos que, qui, gue, gui devem ser analisados com muito cuidado, pois podem surgir com trema, com acento agudo ou sem sinal gráfico algum. Vejamos então:

01) Quando o **u** for pronunciado atonamente, ou seja, quando as três letras participarem da mesma sílaba, sendo o **u** pronunciado, deveremos colocar trema sobre ele.

Ex. se-qüên-cia, cin-qüen-ta.
tran-qüi-lo, qüin-qüê-nio.
a-güen-tar, en-xá-güem.
ar-güi-ção, lin-güi-ça.

02) Quando o **u** for pronunciado tonicamente, ou seja, quando o **e** ou o **i** formarem hiato com o **u**, deveremos colocar acento agudo sobre o **u**. Isso ocorre somente com alguns verbos da Língua Portuguesa. Vejamo-los:

Averiguar, apaziguar e obliquar: As pessoas **eu**, **tu**, **ele** e **eles** do Presente do Subjuntivo são as únicas a receberem o acento agudo.

Ex. Que eu averigúe, tu averigúes, ele averigúe, eles averigúem.
Que eu apazigúe, tu apazigúes, ele apazigúe, eles apazigúem.
Que eu obliqúe, tu obliqúes, ele obliqúe, eles obliqúem.

Significado dos verbos:
Averiguar = examinar com cuidado; verificar.
Apaziguar = pacificar, acalmar.
Obliquar = Proceder maliciosamente; caminhar obliquamente.

Argüir e redargüir: As pessoas **tu**, **ele** e **eles** do Presente do Indicativo são as únicas a receberem o acento agudo.

Ex. Tu argúis, ele argúi, eles argúem.
Tu redargúis, ele redargúi, eles redargúem.

Significado dos verbos:
Arqüir = acusar; censurar; argumentar; examinar, questionando ou interrogando.
Redargüir = Replicar, responder argumentando; acusar, recriminar.

Acentos Diferenciais

As únicas palavras que recebem acento para serem diferenciadas de outras são as seguintes:

ás = carta de baralho, piloto de avião.
Ex.: **O ás é a carta mais valiosa no pôquer**.

às = contração da preposição **a** com o artigo ou pronome **a**.
Ex.: **Obedeço às regras**.

as = artigo, pronome oblíquo átono ou pronome demonstrativo.
Ex.: **As garotas aprovadas são as que estão na sala ao lado. Chame-as.**

côas, côa = 2ª e 3ª pessoas do singular do presente do indicativo do verbo **coar**.
Eu côo, **tu côas**, **ele côa**.

coas, coa = contração da preposição **com** com o artigo **a** ou **as**.
Ex.: **Ele não se encontrou coas garotas**.

pára = verbo parar na terceira pessoa do singular do Presente do Indicativo.
Ex.: **Ele não pára de conversar**
Ou na segunda pessoa do singular do Imperativo Afirmativo.
Ex.: **Pára com isso!**

para = preposição.
Ex.: **Estude, para seu próprio bem.**

péla, pélas = bola de borracha, jogo da péla; verbo pelar (tirar a pele) na segunda e na terceira pessoas do singular do Presente do Indicativo.
Eu pélo, **tu pélas**, **ele péla.**

pela, pelas = preposição antiga **per** mais artigo ou pronome.
Ex.: **Ele fugiu pela porta da diretoria.**

pélo = verbo pelar.
Ex.: **Eu pélo**, **tu pélas**, **ele péla.**

pêlo, pêlos = cabelo, penugem.
Ex.: **Arrancou-lhe os pêlos do braço.**

pelo, pelos = preposição **per** mais artigo ou pronome.
Ex.: **Ele fugiu pelos fundos.**

pera = preposição antiga (o mesmo que para).

pêra = fruto da pereira.
Ex.: **Comi uma pêra no almoço**.

Observe que pêra só tem acento no singular.
Ex.: **Comi umas peras no almoço**.

pode = terceira pessoa do singular do Presente do Indicativo do verbo poder.
Hoje ele pode.

pôde = terceira pessoa do singular do Pretérito Perfeito do Indicativo do verbo poder.

Ontem ele pôde.

pólo, pólos = as extremidades de um eixo; espécie de jogo.
Ex.: **Foi campeão de pólo aquático.**

pôlo, pôlos = espécie de ave.
Ex.: **Matei dois pôlos ontem.**

por = preposição.

pôr = verbo.
Ex.: **Menino, vá *pôr* uma blusa, antes de sair *por* aí.**

EXERCÍCIOS

Assinale, em cada questão, a única palavra que deve ser acentuada, Para as perguntas de 01 a 30:

01)
a) ananas
b) sutil
c) siri

02)
a) vez
b) trem
c) res

03)
a) nobel
b) transistor
c) necropsia

04)
a) polens
b) latex
c) maquinaria

05)
a) cagado
b) hieroglifo
c) arquetipo

06)
a) trofeus
b) apoio
c) heroizinho

07)
a) faisca
b) xiita
c) distribuindo

08)
a) zoo
b) contem
c) peras

09)
a) para
b) pode
c) veem

10)
a) arguo
b) arguis
c) arguem

11) - Assinale a alternativa em que todos os vocábulos foram acentuados pelo mesmo motivo:
a) atrás, haverá, também ,após
b) insônia, nível, pólem, película
c) pés, lá, já, troféu
d) pára, táxi, fácil, tirá-lo

12) - Série corretamente acentuada:
a) heroglifo, javanês, urutú
b) gás pôde, fusível, retrós
c) gibóia, vácuo, púdico, vêzes
d) rítimo, sinonímia, conteúdo

13) - Assinale a alternativa em que nenhuma palavra deve ser acentuada:
a) lapis, canoa, abacaxi, jovens
b) ruim, sozinho, aquele, traiu
c) saudade, onix, grau, orquidea
d) voo, legua, assim, tenis

14) - Assinale a alternativa com erro:
a) Um pensamento que nos ilumine a existência, eis o melhor presente que os céus podem dar
b) No esquema cósmico, tudo têm um propósito a preencher.
c) "Acaso é, talvez, o pseudônimo que Deus usa, quando não quer assinar suas obras
d) A pessoa que não lê, mal fala, mal ouve, mal vê

15) - Erro de acentuação:
a) destituído, diluído, conteúdo
b) anágua, árduo, bênção
c) francês, camponês, pequenêz
d) benefício, benemérito, bíblico

16) - Nenhuma palavra deve ser acentuada graficamente:
a) preto, orgão, seres
b) atras, medo, garoa
c) item, nuvem, erro
d) juri, biquini, himens

17) - Indique a alternativa com erro de acentuação gráfica:
a) Quem conhece seus defeitos está muito próximo de corrigí- los
b) A virtude é comunicável, porém o vício é contagioso
c) Saúde e inteligência, eis duas recompensas da vida
d) A História glorifica os heróis, a vida santifica os mártires

18) - Assinale a alternativa com apenas um erro de acentuação:
a) tênis, núcleo, lápis, perua
b) éter, fôlego, côres, álbum
c) vírgula, tôda, tonico, capítulo
d) fêmea, íbero, faróis, anéizinhos

19) - Assinale a alternativa em que os vocábulos estão errados, quanto à acentuação gráfica:
a) saída, tórax, avô, vezes
b) filatélia, ventoínha, lagôa
c) carência, amigável, única, super
d) abençôo, austero, ímã, abdômem

20) - Assinale onde houver erro:
a) Este plano de pagamento não nos convêm
b) Poucas pessoas, nesta cidade, detêm o poder
c) Esta caixa contém alguns doces
d) Os professores revêem as provas

21) - Assinale a única alternativa em que o verbo está acentuado corretamente:
a) Ela vém à reunião
b) Eles releêm a obra
c) Seu depoimento convém a todos
d) Esta festa provêm do folclore

22) - Em qual das alternativas todas as palavras devem ser acentuadas:
a) hifen, cafezinho, acrobata, siri
b) voo, corvo, America, chapeu
c) mantem, compos, caiste, reporter
d) torax, bufalo, portuguesa, moça

23) - Assinale a alternativa em que todos os vocábulos são acentuados por serem oxítonos:
a) paletó, avô, pajé, café, jiló
b) parabéns, vêm, hífen, saí, oásis
c) vovô, capilé, Paraná, lápis, caí
d) amém, amável, filó, porém, além

24) - Assinale a alternativa que preenche corretamente os espaços:
1) Nem todos ____ isto com bondade
2) Prêmios para os que ____ bem
3) Os que ____ na justiça
4) quero que me _____ motivos claros

a)vêem, lêem, crêem dêem
b)vêm, lêem, creem, dêem
c)vêem, lêem, crêm, dem
d) vêm, lêm, crêem, dêem

25) - Acentuadas por serem paroxítonas:
a) psicólogo, indício, ingênuo, ímã
b) espécie, básico, Esaú, equilíbrio
c) variável, otário, órgão, ímã
d) sótão, ímpar, adotável, período

26) - Acentuação incorreta:
a) pára
b) pêlo
c) ítem
d) pôr

27) - Nenhuma oxítona deve ser acentuada:
a) Bauru, juriti, tatu Jundiai
b) aqui, chuchu, Embu, Jau
c) caju, Iguaçu,, caqui, saci
d) Itu, Tramandai, colibri, angu

28) - Todas corretamente acentuada:
a) máximo, álbum, vôlei, enjôo
b) niquel, revólver elétron, vírus
c) vintém, cipó freguês, biquini
d) água, ingênuo, medium, hífems

29) - Erro de acentuação gráfica:
a) O delegado mantém o preso incomunicável
b) Eles mantêm os reféns amarrados
c) Os que detém o poder, responderão por seus atos
d) Os reféns, transidos de medo, vêem os soldados como verdugos

30) - Acentuados pela mesma regra:
a) eqüino, álbum, idéia, glória
b) também, chaminé, temíveis, rádio
c) uísque, cafeína, saúde, balaústre
d) lágrima, remói, inajá, faróis

Respostas Sobre Acentuação Gráfica

01. A
02. C
03. B
04. B
05. C
06. A
07. A
08. A
09. C
10. C
11. A
12. B
13. B
14. B
15. C
16. C
17. A
18. B
19. B
20. A
21. C
22. C
23. A
24. A

25. C
26. C
27. C
28. A
29. C
30. C

Ortografia

Ao escrever uma palavra com som de **s**, de **z**, de **x** ou de **j**, deve-se procurar a origem dela, pois, na Língua Portuguesa, a palavra primitiva, em muitos casos, indica como deveremos escrever a palavra derivada.

Ç

01) Escreveremos com **-ção** as palavras derivadas de vocábulos terminados em **-to**, **-tor**, **-tivo** e os substantivos formados pela posposição do **-ção** ao **tema** de um verbo (Tema é o que sobra, quando se retira a desinência de infinitivo **- r -** do verbo).

Portanto deve-se procurar a origem da palavra terminada em **-ção**. Por exemplo: Donde provém a palavra **conjunção**? Resposta: provém de **conjunto**. Por isso, escrevemo-la com **ç**.
Exemplos:

- erudito = erudição
- exceto = exceção
- setor = seção
- intuitivo = intuição
- redator = redação
- ereto = ereção
- educar - **r** + **ção** = educação
- exportar - **r** + **ção** = exportação
- repartir - **r** + **ção** = repartição
-

02) Escreveremos com **-tenção** os substantivos correspondentes aos verbos derivados do verbo **ter**.
Exemplos:

- manter = manutenção
- reter = retenção
- deter = detenção
- conter = contenção

03) Escreveremos com **-çar** os verbos derivados de substantivos terminados em **-ce**.
Exemplos:

- alcance = alcançar
- lance = lançar

S

01) Escreveremos com **-s-** as palavras derivadas de verbos terminados em **-nder** e **-ndir**
Exemplos:

- pretender = pretensão
- defender = defesa, defensivo
- despender = despesa
- compreender = compreensão
- fundir = fusão
- expandir = expansão

02) Escreveremos com **-s-** as palavras derivadas de verbos terminados em **-erter**, **-ertir** e **-ergir**.
Exemplos:

- perverter = perversão
- converter = conversão
- reverter = reversão
- divertir = diversão
- aspergir = aspersão
- imergir = imersão

03) Escreveremos **-puls-** nas palavras derivadas de verbos terminados em **-pelir** e **-curs-**, nas palavras derivadas de verbos terminados em **-correr**.
Exemplos:

- expelir = expulsão
- impelir = impulso

- compelir = compulsório
- concorrer = concurso
- discorrer = discurso
- percorrer = percurso

04) Escreveremos com **-s-** todas as palavras terminadas em **-oso** e **-osa**, com exceção de **gozo**.
Exemplos:

- gostosa
- glamorosa
- saboroso
- horroroso

05) Escreveremos com **-s-** todas as palavras terminadas em **-ase**, **-ese**, **-ise** e **-ose**, com exceção de **gaze** e **deslize**.
Exemplos:

- fase
- crase
- tese
- osmose

06) Escreveremos com **-s-** as palavras femininas terminadas em **-isa**.
Exemplos:

- poetisa
- profetisa
- Heloísa
- Marisa

07) Escreveremos com **-s-** toda a conjugação dos verbos **pôr**, **querer** e **usar**.
Exemplos:

- Eu pus
- Ele quis
- Nós usamos
- Eles quiseram
- Quando nós quisermos
- Se eles usassem

Ç ou S?

Após ditongo, escreveremos com **-ç-**, quando houver som de **s**, e escreveremos com **-s-**, quando houver som de **z**.
Exemplos:

- eleição
- traição
- Neusa
- coisa

S ou Z?

01 a) Escreveremos com **-s-** as palavras terminadas em **-ês** e **-esa** que indicarem **nacionalidades**, **títulos** ou **nomes próprios**.
Exemplos:

- português
- norueguesa
- marquês
- duquesa
- Inês
- Teresa

b) Escreveremos com **-z-** as palavras terminadas em **-ez** e **-eza**, **substantivos abstratos que provêm de adjetivos**, ou seja, palavras que indicam a **existência de uma qualidade**.
Exemplos:

- embriaguez
- limpeza
- lucidez
- nobreza
- acidez
- pobreza

02 a) Escreveremos com **-s-** os verbos terminados em **-isar**, quando a palavra primitiva já possuir o **-s-**.

Exemplos:

- análise = analisar
- pesquisa = pesquisar
- paralisia = paralisar

b) Escreveremos com **-z-** os verbos terminados em **-izar**, quando a palavra primitiva não possuir **-s-**.

Exemplos:

- economia = economizar
- terror = aterrorizar
- frágil = fragilizar

Cuidado:

- catequese = catequizar
- síntese = sintetizar
- hipnose = hipnotizar
- batismo = batizar

03 a) Escreveremos com **-s-** os diminutivos terminados em **-sinho** e **-sito**, quando a palavra primitiva já possuir o **-s-** no final do radical.

Exemplos:

- casinha
- asinha
- portuguesinho
- camponesinha
- Teresinha
- Inesita

b) Escreveremos com **-z-** os diminutivos terminados em **-zinho** e **-zito**, quando a palavra primitiva não possuir **-s-** no final do radical.

Exemplos:

- mulherzinha
- arvorezinha
- alemãozinho
- aviãozinho
- pincelzinho
- corzinha

SS

01) Escreveremos com **-cess-** as palavras derivadas de verbos terminados em **-ceder**.

Exemplos:

- anteceder = antecessor
- exceder = excesso
- conceder = concessão

02) Escreveremos com **-press-** as palavras derivadas de verbos terminados em **-primir**.

Exemplos:

- imprimir = impressão
- comprimir = compressa
- deprimir = depressivo

03) Escreveremos com **-gress-** as palavras derivadas de verbos terminados em **-gredir**.

Exemplos:

- agredir = agressão
- progredir = progresso
- transgredir = transgressor

04) Escreveremos com **-miss-** ou **-mess-** as palavras derivadas de verbos terminados em **-meter**.

Exemplos:

- comprometer = compromisso
- intrometer = intromissão
- prometer = promessa
- remeter = remessa

ÇS ou SS

Em relação ao verbos terminados em **-tir**, teremos:

01) Escreveremos com **-ção**, se apenas retirarmos a desinência de infinitivo **-r**, dos verbos terminados em -tir.
Exemplo:

- curtir - **r** + **ção** = curtição

02) Escreveremos com **-são**, quando, ao retirarmos toda a terminação **-tir**, a última letra for consoante.
Exemplo:

- divertir - **tir** + **são** = diversão

03) Escreveremos com **-ssão**, quando, ao retirarmos toda a terminação **-tir**, a última letra for vogal.
Exemplo:

- discutir - tir + ssão = discussão

J

01) Escreveremos com **-j-** as palavras derivadas dos verbos terminados em **-jar**.
Exemplos:

- trajar = traje, eu trajei.
- encorajar = que eles encorajem
- viajar = que eles viajem

02) Escreveremos com **-j-** as palavras derivadas de vocábulos terminados em **-ja**.
Exemplos:

- loja = lojista
- gorja = gorjeta
- canja = canjica

03) Escreveremos com **-j-** as palavras de origem **tupi**, **africana** ou **popular**.
Exemplos:

- jeca
- jibóia
- jiló
- pajé

G

01) Escreveremos com **-g-** todas as palavras terminadas em **-ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio**.
Exemplos:

- pedágio
- colégio
- sacrilégio
- prestígio
- relógio
- refúgio

02) Escreveremos com **-g-** todas as palavras terminadas em **-gem**, com exceção de **pajem**, **lambujem** e a **conjugação dos verbos terminados em -jar**.
Exemplos:

- a viagem
- a coragem
- a personagem
- a vernissagem
- a ferrugem
- a penugem

X

01) Escreveremos com **-x-** as palavras iniciadas por **mex-**, com exceção de **mecha**.
Exemplos:

- mexilhão
- mexer
- mexerica
- México
- mexerico
- mexido

02) Escreveremos com **-x-** as palavras iniciadas por **enx-**, com exceção das derivadas de vocábulos iniciados por ch- e da palavra enchova.
Exemplos:

- enxada
- enxerto
- enxerido
- enxurrada

mas:

- cheio = encher, enchente
- charco = encharcar
- chiqueiro = enchiqueirar

03) Escreveremos **-x-** após ditongo, com exceção de **recauchutar** e **guache**.
Exemplos:

- ameixa
- deixar
- queixa
- feixe
- peixe
- gueixa

UIR e OER

Os verbos terminados em **-uir** e **-oer** terão as 2ª e 3ª pessoas do singular do Presente do Indicativo escritas com **-i-**.
Exemplos:

- tu possuis
- ele possui
- tu constróis
- ele constrói
- tu móis
- ele mói
- tu róis
- ele rói

UAR e OAR

Os verbos terminados em **-uar** e **-oar** terão todas as pessoas do Presente do Subjuntivo escritas com **-e-**.
Exemplos:

- Que eu efetue
- Que tu efetues
- Que ele atenue
- Que nós atenuemos
- Que vós entoeis
- Que eles entoem

EXERCÍCIOS

Para as perguntas de 01 a 17:
Assinale a alternativa em que todos os vocábulos estejam grafados corretamente:

01) X ou CH:
a) xingar, xisto, enxaqueca
b) mochila, flexa, mexilhão
c) cachumba, mecha, enchurrada
d) encharcado, echertado, enxotado

02) E ou I:
a) femenino, sequer, periquito
b) impecilho, mimeógrafo, digladiar
c) intimorato, discrição privilégio
d) penico, despêndio , selvícola

03) S ou Z:
a) ananás, logaz, vorás, lilaz
b) maciez, altivez, pequenez, tez
c) clareza, duqueza, princesa, rez
d) guizo, granizo siso, rizo

04) G ou J:
a) sarjeta, argila
b) pajem, monje
c) tigela lage
d) gesto, geito

05) SS, C, Ç:
a) massiço, sucinto
b) à beça, craço
c) procissão, pretencioso
d) assessoria, possessão

06) O ou U:
a) muela, bulir, taboada
b) borbulhar, mágoa, regurgitar
c) cortume, goela, tabuleta
d) entupir, tussir, polir

07) S ou Z:
a) rês, extaziar
b) ourivez, cutizar
c) bazar, azia
d) induzir, tranzir

08) X ou CH:
a) michórdia, ancho
b) archote, faxada
c) tocha, coxilo
d) xenofobia, chilique

9) SS ou Ç:
a) endosso, alvíssaras, grassar
b) lassidão, palissada, massapê
c) chalassa, escasso, massarico
d) arruassa, obsessão, sossobrar

10) X ou CH:
a) chafariz, pixe pecha
b) xeque, salsixa, esquixo
c) xuxu, puxar, coxixar
d) muxoxo, chispa, xangô

11) G ou J:
a) agiota, beringela, canjica
b) jeito, algibeira, tigela
c) estranjeiro, gorjeito, jibóia
d) enjeitar, magestade, gíria

12) X ou CH:

a) flexa, bexiga, enxarcar
b) mexerico, bruxelear, chilique
c) faixa, xalé, chaminé
d) charque, chachim, caximbo

13) S ou Z:
a) aridez, pesquizar, catalizar
b) abalizado, escassez, clareza
c) esperteza, hipnotisar, deslise
d) atroz, obuz, paralização

14) G ou J:
a) monje tijela lojista ultraje
b) anjinho, rijidez, angina jia
c) herege, frege, pajé, jerimum
d) rabujento, rigeza, goló, jesto

15) Ortografia:
a) ascensão, expontâneo, privilégio
b) encher, enxame, froucho richa
c) berinjela, traje, vagem, azia
d) cincoenta, catorze, aziago, asa

16) S, SS, Ç, C, SC:
a) assédio, discente, suscinto
b) oscilar, mesce, néscio, lascivo
c) víscera, fascinar, discernir
d) ascenção, ressuscitar, suscitar

17) S ou Z:
a) atrazo, paralizar, reprezália
b) balisa, bazar, aprazível, frizo
c) apoteoze, briza, gaze, griz
d) espezinhar, cerzir, proeza, paz

Respostas Sobre Ortografia:

01. A
02. C
03. B
04. A
05. D
06. B
07. C
08. D
09. A
10. D
11. B
12. B
13. B
14. C
15. C
16. C
17. D

Significação das palavras

SINÔNIMOS

São palavras que apresentam, entre si, o mesmo significado.
triste = melancólico.
resgatar = recuperar
maciço = compacto
ratificar = confirmar
digno = decente, honesto
reminiscências = lembranças
insipiente = ignorante.

ANTÔNIMOS

São palavras que apresentam, entre si, sentidos opostos, contrários.
bom x mau
bem x mal
condenar x absolver
simplificar x complicar

HOMÔNIMOS

São palavras iguais na forma e diferentes na significação. Há três tipos de homônimos:

HOMÔNIMOS PERFEITOS

Têm a mesma grafia e o mesmo som.
cedo (advérbio) e **cedo** (verbo ceder);
meio (numeral), **meio** (adjetivo) e **meio** (substantivo).

HOMÔNIMOS HOMÓFONOS

Têm o mesmo som e grafias diferentes.
sessão (reunião), **seção** (repartição) e **cessão** (ato de ceder);
concerto (harmonia) e **conserto** (remendo).

HOMÔNIMOS HOMÓGRAFOS

Têm a mesma grafia e sons diferentes.
almoço (refeição) e **almoço** (verbo almoçar);
sede (vontade de beber) e **sede** (residência).

PARÔNIMOS

São palavras de significação diferente, mas de forma parecida, semelhante.
retificar e **ratificar**;
emergir e **imergir**.

Eis uma lista com alguns homônimos e parônimos:

acender = atear fogo
ascender = subir
acerca de = a respeito de, sobre
cerca de = aproximadamente
há cerca de = faz aproximadamente, existe aproximadamente, acontece aproximadamente
afim = semelhante, com afinidade
a fim de = com a finalidade de
amoral = indiferente à moral
imoral = contra a moral, libertino, devasso
apreçar = marcar o preço
apressar = acelerar
arrear = pôr arreios
arriar = abaixar
bucho = estômago de ruminantes
buxo = arbusto ornamental
caçar = abater a caça
cassar = anular
cela = aposento
sela = arreio
censo = recenseamento
senso = juízo
cessão = ato de doar
seção ou secção = corte, divisão
sessão = reunião
chá = bebida
xá = título de soberano no Oriente
chalé = casa campestre
xale = cobertura para os ombros
cheque = ordem de pagamento
xeque = lance do jogo de xadrez, contratempo
comprimento = extensão
cumprimento = saudação
concertar = harmonizar, combinar
consertar = remendar, reparar
conjetura = suposição, hipótese
conjuntura = situação, circunstância
coser = costurar
cozer = cozinhar
deferir = conceder
diferir = adiar
descrição = representação
discrição = ato de ser discreto
descriminar = inocentar
discriminar = diferençar, distinguir
despensa = compartimento
dispensa = desobrigação
despercebido = sem atenção, desatento
desapercebido = desprevenido
discente = relativo a alunos
docente = relativo a professores
emergir = vir à tona
imergir = mergulhar
emigrante = o que sai
imigrante = o que entra
eminente = nobre, alto, excelente
iminente = prestes a acontecer
esperto = ativo, inteligente, vivo
experto = perito, entendido
espiar = olhar sorrateiramente
expiar = sofrer pena ou castigo
estada = permanência de pessoa
estadia = permanência de veículo
flagrante = evidente
fragrante = aromático
fúsil = que se pode fundir
fuzil = carabina
fusível = resistência de fusibilidade calibrada
incerto = duvidoso
inserto = inserido, incluso
incipiente = iniciante
insipiente = ignorante
indefesso = incansável
indefeso = sem defesa

infligir = aplicar pena ou castigo
infringir = transgredir, violar, desrespeitar
intemerato = puro, íntegro, incorrupto
intimorato = destemido, valente, corajoso
intercessão = súplica, rogo
interse(c)ção = ponto de encontro de duas linhas
laço = laçada
lasso = cansado, frouxo
ratificar = confirmar
retificar = corrigir
soar = produzir som
suar = transpirar
sortir = abastecer
surtir = originar
sustar = suspender
suster = sustentar
tacha = brocha, pequeno prego
taxa = tributo
tachar = censurar, notar defeito em
taxar = estabelecer o preço
vultoso = volumoso
vultuoso = atacado de vultuosidade (congestão na face)

EXERCÍCIOS

1) Assinale a alternativa cujas palavras substituem adequadamente as palavras e expressões destacadas abaixo:
Passou-me **sem atenção** que a sua intenção era **estabelecer uma diferença** entre os **ignorantes** e os **valentes, corajosos**.
a) desapercebido - descriminar - incipientes - intemeratos.
b) despercebido - discriminar - insipientes - intimoratos.
c) despercebido - discriminar - insipientes - intemeratos.
D) desapercebido - descriminar - insipientes - intemeratos.
e) despercebido - discriminar - incipientes - intimoratos.

2) O apaixonado rapaz ficou **extático** diante da beleza da noiva.
A palavra destacada é sinônima de:
a) imóvel
b) admirado
c) firme
d) sem respirar
e) indiferente

3) Indique a alternativa errada:
a) As pessoas mal-educadas, sempre se dão mal com os outros.
b) Os meus ensinamentos foram mal interpretados.
c) Vivi maus momentos, naquela época.
d) Temos que esclarecer os mau-entendidos.
e) Os homens maus sempre prejudicam os bons.

4) os sinônimos de exilado, assustado, sustentar e expulsão são, respectivamente:
a) degredado, espavorido, suster e proscrição.
b) degradado, esbaforido, sustar e prescrição.
c) degredado, espavorido, sustar e proscrição.
d) degradado, esbaforido, sustar e proscrição.
e) degradado, espavorido, suster e prescrição.

5) Trate de **arrumar** o aparelho que você quebrou e **costurar** a roupa que você rasgou, **do contrário** não saíra de casa nesse final de semana.
As palavras destacadas podem ser substituídas por:
a) concertar, coser e se não.
b) consertar, coser e senão.
c) consertar, cozer e senão.
d) concertar, cozer e senão.
e) consertar, coser e se não.

6) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase abaixo:
Da mesma forma que os italianos e japoneses __________ para o Brasil no século passado, hoje os brasileiros __________ para a Europa e para o Japão, à busca de uma vida melhor; internamente, os nordestinos _________ para o Sul, pelo mesmo motivo.
a) imigraram - emigram - migram
b) migraram - imigram - emigram
c) emigraram - migram - imigram.
d) emigraram - imigram - migram.
e) imigraram - migram - emigram.

7) Há erro de grafia em:
a) Eucláudia trabalha na seção de roupas.
b) Hoje haverá uma sessão extraordinária na Câmara de Vereadores.
c) O prefeito da cidade resolveu fazer a cessão de seus rendimentos à creche municipal.
d) Voto 48ª sessão, da 191ª zona eleitoral.
e) Ontem, fui ao cinema na sessão das dez.

8) Assinale a letra que preenche corretamente as lacunas das frases apresentadas.
A ____________ da greve era _________, mas o líder dos trabalhadores iria ____________ o aumento mais uma vez.
a) deflagração - eminente - reivindicar.
b) defragração - iminente - reinvidicar.
c) deflagração - iminente - reivindicar.
d) defragração - eminente - reinvindicar.
e) defragração - eminente - reivindicar

9) Assinale a letra que preenche corretamente as lacunas das frases apresentadas.
Apesar de ________ em mecânica de automóveis, ele foi ________ de ___________, pois não conseguiu diagnosticar o problema no motor do carro do diretor.
a) esperto - tachado - incipiente.
b) experto - tachado - insipiente.
c) experto - taxado - insipiente.
d) esperto - taxado - incipiente.
e) esperto - taxado - incipiente.

10) Assinale a letra que preenche corretamente as lacunas das frases apresentadas.
O ladrão foi pego em __________, quando tentava levar ________ quantia, devido a uma ________ de caminhões bem em frente ao banco.
a) flagrante - vultosa - coalizão.
b) fragrante - vultuosa - colisão.
c) flagrante - vultosa - colisão.
d) fragrante - vultuosa - coalizão.
e) flagrante - vultuosa - coalizão.

11) Assinale a letra que preenche corretamente as lacunas das frases apresentadas.
O rapaz que se sentiu _____________ pela diretora do colégio fez uma ________ até Brasília para tentar __________ uma pena a ela.
a) descriminado - viajem - inflingir.
b) discriminado - viagem - infligir.
c) discriminado - viajem - infringir.
d) descriminado - viagem - infligir.
e) discrimando - viagem - infringir.

12) Assinale a letra que preenche corretamente as lacunas das frases apresentadas.
___________, a verdade ________, e, apesar de todos os protestos dos deputados, o _________ governador _______ os direitos do secretário.
a) De repente - emergiu - iminente - cassou.
b) Derrepente - imergiu - iminente - caçou.
c) De repente - emergiu - eminente - cassou.
d) De repente - imergiu - eminente - caçou.
e) Derrepente - emergiu - iminente - cassou.

Respostas
1) B 2) B 3) D 4) A 5) B 6) A 7) D 8) C 9) D 10) C 11) B 12) C

Hífen

Observe o quadro abaixo, quanto aos usos do hífen:

Prefixos e Radicais	**Com hífen**	**Exemplos**
Proto - Auto Semi - Supra	Antes de	**proto-histórico, protogaláxia, auto-retrato, autocolante, semi-reta, semibárbaro, supra-hepático, supracitado, extra-**

Extra - Pseudo Infra - Neo Intra - Contra Ultra	**H - R - S e Vogal**	**oficial, extracelular, pseudo-sábio, pseudocaule, infra-escrito, infracitado, neo-humanismo, neobarroco, intra-ocular, intracardíaco, contra-senso, contradeclarar, ultra-realismo, ultrabásico**
Ante - Anti Sobre - Arqui	Antes de **H - R e S**	**ante-sala, antebraço, anti-reumático, antiabortivo, sobre-humano, sobreexcelente, arqui-rival, arquiavô.**
Super - Hiper - Inter	Antes de **H e R**	**super-homem, superabundante, hiper-hidrose, hiperacidez, inter-regional, interacadêmico.**
Pan - Mal	Antes de **H e Vogal**	**super-homem, superabundante, hiper-hidrose, hiperacidez, inter-regional, interacadêmico.**
Circum	Antes de **Vogal**	**Circum-adjacente, circumpolar.**
sem, pré, pára, co, grão, bem, além.	**sempre**	**sem-vergonha, sem-cerimônia, pré-vestibular, pré-adolescente, pára-choque, pára-quedista, co-autor, co-editor, grão-mestre,grão-duque, bem-ajambrado, bem-vindo, além-túmulo, além-país.**
ad - ab - ob - sob	Antes de **R**	**ad-rogar, adjunto, ab-rogar, ablocar, ob-repção, sob-roda, sobpor.**
sub	Antes de **R e B** **Obs: Antes de H é facultativo**	**sub- reitor,** **sub-reitor, subchefe, sub-bibliotecário.** **sub-humano ou subumano.**
aquém, ex, pós, pró, grã, recém.	**sempre**	**aquém- fronteiras, ex-namorado, pós-graduação, pró-paz, grã-duquesa,** **recém-casado.**

Exceções

extraordinário, sobressair, sobressalente, sobressaltar,
predefinir, predeterminado, predispor, predizer, preexistir.

EXERCÍCIOS

01) Assinale a alternativa contendo todos os vocábulos grafados corretamente:
a) amor-perfeito, porto-alegrense, cupu-açu
b) ultra-leve, infra-estrutura, anti-ácido
c) inter-social, pan-americano, ad-renal
d) sub-raça, sub-base, pára-raios
e) bem-vindo, inter-regno, retro-atividade

02) Assinale a alternativa correta:
a) ab-rogar, bi-campeão, cis-platino, dermatomicose
b) extra-oficial, hiper-rigoroso, infra-vermelho, macro-fotografia
c) neo-asiático, neo-simbolista, bi-focal, sub-diretor
d) pan-americano, pára-brisa, pós-escrito, pré-universitário

03) Dadas as palavras:
1) pão duro
2) copo de leite
3) Sub raça

Constatamos que o hífen é obrigatório**:**

a) apenas da palavra do nº 1
b) apenas na palavra do nº 2
c) apenas na palavra do nº 3
d) em todas as palavras

04) Assinale o correto:
a) autocrítica, contramestre, extra-oficial
b) infra-assinado, infravermelho, proto-mártir
c) semi-círculo, semi-internato, super-visão
d) superelegante, ante-datar, anti-alérgico

05) Em qual das alternativas todos os vocábulos estão grafados corretamente:
a) vitória-régia, proto-mártir, buscapé
b) recém-nascido, grã-fino, neo-latino
c) extra-terrestre, anti-tóxico, sub-solo
d) benvindo, contrasenso, anti-aéreo
d) teleobjetiva, tetracampeão, multissecular

06) Assinale o item em que o hífen foi empregado de acordo com as normas vigentes:
a) pré-universitário, psico-biologia, radio-foto
b) semi-breve, socio-psicologia, ultra-violeta
c) auto-crítica, anti-higiênico, proto-histórico
d) super-potência, semi-analfabeto, extra-ordinário

07) Assinale a única forma correta:
a) sub-chefe
b) sub-entendido
c) sub-desenvolvido
d) sub-reptício
e) sub-limiar

08) Marque a alternativa em que todos os vocábulos foram grafados incorretamente:
a) geo-física, áudio-visual, pseudo-artista
b) vagalume, estrada-de-ferrro, buscapé
c) micro-organismo, supersônico, turbo-hélice
d) jacaré-açu, panamericano, subchefe
e) sub-delegado, conta-dança, anti-rábica

09) Assinale a alternativa com um único erro:
a) pára-quedismo, antiácido, para-militar
b) passatempo, sobremesa, vaivém
c) super-sensível, suprarrenal, benvindo
d) bem-amado, sanguessuga, ziguezague
e) minissaia, socioeconômico, gastrenterologia

10) Assinale a alternativa errada:
a) Pelo inter-fone ele me comunicou bem-humorado que estava Fazendo uma super-alimentação
b) Nas circunvizinhanças há uma casa mal-assombrada
c) Depois de comer a sobrecoxa, tomou um atiácido
d) Nossos antepassados realizaram vários enteprojetos
e) O autodidata fez uma auto-análise

11) Assinale a única alternativa sem incorreções:
a) alça-pão, água-rás, mal-me-quer
b) mal-humorado, circum-lóquio, auto-retrato
c) bem-me-quer, mandachuva, louvadeus
d) intermural, infravermelho, antiinflamatório
e) intrauterino auto-biografia, contra-senso

Respostas Sobre o Emprego do Hífen

01. D
02. D
03. C
04. A
05. E
06. B
07. D
08. B
09. A
10. A
11. D

Usos do porquê

Há quatro maneiras de se escrever o porquê: porquê, porque, por que e por quê. Vejamo-las:

Porquê

É um **substantivo**, por isso somente poderá ser utilizado, quando for precedido de artigo (o, os), pronome adjetivo **(meu(s), este(s), esse(s), aquele(s), quantos(s)...)** ou numeral (um, dois, três, quatro)
Ex.

- Ninguém entende o porquê de tanta confusão.
- Este porquê é um substantivo.
- Quantos porquês existem na Língua Portuguesa?
- Existem quatro porquês.

Por quê

Sempre que a palavra **que** estiver em final de frase, deverá receber acento, não importando qual seja o elemento que surja antes dela.
Ex.

- Ela não me ligou e nem disse por quê.
- Você está rindo de quê?
- Você veio aqui para quê?

Por que

Usa-se **por que**, quando houver a junção da preposição **por** com o pronome interrogativo **que** ou com o pronome relativo que. Para facilitar, dizemos que se pode substituí- lo por **por qual razão, pelo qual, pela qual, pelos quais, pelas quais, por qual**.
Ex.

- Por que não me disse a verdade? = por qual razão
- Gostaria de saber por que não me disse a verdade. = por qual razão
- As causas por que discuti com ele são particulares. = pelas quais
- Ester é a mulher por que vivo. = pela qual

Porque

É uma **conjunção subordinativa causal** ou **conjunção subordinativa final** ou **conjunção coordenativa explicativa**, portanto estará ligando duas orações, indicando causa, explicação ou finalidade. Para facilitar, dizemos que se pode substituí-lo por **já que, pois** ou **a fim de que**.
Ex.

- Não saí de casa, porque estava doente. = já que
- É uma conjunção, porque liga duas orações. = pois
- Estudem, porque aprendam. = a fim de que

EXERCÍCIOS

Preencha as lacunas, usando o seguinte código:

a) por que
b) por quê
c) porquê
d) porque

01) (   ) Quer dizer que você não vai mesmo conosco, ___________?
02) (   ) Não entendo o ____________ de suas atitudes.
03) (   ) Você sabe ___________ ela não passou no concurso.
04) (   ) Não fuja, ___________ toda fuga é fraqueza.
05) (   ) Os maus momentos _________ passaste serão inesquecíveis

06) (   ) Os amigos, não sei _________, foram sumindo um a um.
07) (   ) Agora entendo ______votaste no "homem"...
08) (   ) Menina apaixonada chora sem saber ___________
09) (   ) _______não tinha sono, fiquei na sala assistindo ao jogo
10) (   ) Qual seria a razão _______ concordaram tão facilmente?

11) Assinale a alternativa incorreta:
a) Não quero mais saber por que motivo não me amas
b) Se não me amas, quero saber porquê
c) Se não me amas, quero saber o porquê
d) Não me amas porque não te amo?

12) Qual é a incorreta?
a) Quero saber o porquê desta briga.
b) Ainda saberás porque saí do país
c) Estudamos sem saber por quê
d) Rápida foi a crise por que passou

13) Assinale a alternativa correta:
a) A criança sempre indaga o porquê das coisas
b) Conheço o livro porque te orientaste
c) Sei porquê você faltou às aulas
d) Chegaste só agora, por que?

14) Há uma alternativa incorreta, assinale-a:
a) Aquela foi a razão por que tive o pesadelo
b) Faça os exercícios, porque só assim se aprende
c) Não sei porque não ficas mais um pouquinho.
d) Porque você fez tudo errado, não o considero eficiente

15) Escolha a alternativa que complete corretamente as lacunas:
Descobri o motivo ________ ele não veio. Não veio ______teve problemas lá.
a) porquê – por quê
b) porque - porque
c) por que – por quê
d) por que - porque

16) Idem ao anterior:
Se você me disser o __________ disso, entenderei,_________ não sou tolo.
a) porquê- porque
b) por que - porque
c) por quê – por quê
d) porque – por que

17) Indique a alternativa correta:
a) Vim por que quero lutar
b) Diga-me o por que da sua luta
c) Afinal, por que você luta?
d) Eu sei porque você quer lutar

18) Assinale o incorreto:
a) Trabalho muito porque preciso
b) Trabalhas tanto, por quê?
c) Você precisa saber o porque disso
d) Falei dele porque o conheço

19) Assinale a alternativa correta:
a) Os caminhos por que vim são estes
b) O estudo é o caminho porque se deve trilhar
c) Alguns vencem por que lutam mais
d) Não sei porque você está nervoso

20) Incorreta:
a) Nunca lhes revelarei as razões por que tudo começou
b) Diga-me: por que você faltou?
c) Alguns chateiam por que gostam
d) Porque é estudioso e dedicado, o menino se destaca no colégio

21) Assinale a alternativa incorreta:
a) Ela ri e sabe por quê
b) Cada um ri porque gosta de rir
c) Você sabe por que ela ri?
d) Os motivos porque ela ri são mesmo estranhos

22) Assinale a alternativa correta:
a) Essas são as dificuldades porque passei
b) No momento, porque assuntos você se interessa?
c) Estava preocupado com o porquê da questão
d) Todos reclamam sem saber porquê

23) Assinale a alternativa que apresenta erro:
a) Leio revistas e jornais, porque desejo estar sempre informado
b) Gostaria de rever os lugares por que andei ultimamente
c) Não sei por que desistes com tanta facilidade
d) você não apresentou o resultado, por que?

24) Assinale a alternativa onde a palavra "QUE" está grafada incorretamente:
a) Quê! Você ainda não tomou banho?
b) Depois do banho ficou com um quê irresistível
c) Quê beleza! Acertei tudo
d) Você vive de quê? De brisa?

25) Preenchendo as lacunas com "QUE", em qual alternativa esse "QUE" levaria acento circunflexo por ser monossílabo tônico?
a) Mas ___________ lindo carro você comprou!
b) O novo diretor tem um ________ estranho.
c) Eis a aula de __________ mais gosto.
d) Por _____ você saiu?

Respostas Sobre a Palavra "Porquê"

01. B
02. C
03. A
04. D
05. A
06. B
07. A
08. B
09. D
10. A
11. B
12. B
13. A
14. C
15. D
16. A
17. C
18. C
19. A
20. C
21. D
22. C
23. D
24. C
25. B

Estrutura das Palavras

Estudar a estrutura das palavras é estudar os elementos que formam a palavra, denominados de morfemas. São os seguintes os **morfemas** da Língua Portuguesa.

Radical

O que contém o sentido básico do vocábulo. Aquilo que permanecer intacto, quando a palavra for modificada.

Ex. **fal**ar, **com**er, **dorm**ir, **cas**a, **carr**o.

Obs: Em se tratando de verbos, descobre-se o radical, retirando-se a terminação **AR, ER** ou **IR**.

Vogal Temática

Nos verbos, são as vogais **A, E** e **I**, presentes à terminação verbal. Elas indicam a que conjugação o verbo pertence:

- 1ª conjugação = Verbos terminados em **AR**.
- 2ª conjugação = Verbos terminados em **ER**.
- 3ª conjugação = Verbos terminados em **IR**.

Obs.: O verbo **pôr** pertence à 2ª conjugação, já que proveio do antigo verbo **poer**.

Nos substantivos e adjetivos, são as vogais **A, E, I, O** e **U**, no final da palavra, evitando que ela termine em consoante. Por exemplo, nas palavras **meia, pente, táxi, couro, urubu**.

* Cuidado para não confundir vogal temática de substantivo e adjetivo com desinência nominal de gênero, que estudaremos mais à frente.

Tema

É a junção do **radical** com a **vogal temática**. Se não existir a vogal temática, o tema e o radical serão o mesmo elemento; o mesmo acontecerá, quando o radical for terminado em vogal. Por exemplo, em se tratando de verbo, o tema sempre será a soma do radical com a vogal temática **- estuda, come, parti**; em se tratando de substantivos e adjetivos, nem sempre isso acontecerá. Vejamos alguns exemplos: No substantivo **pasta, past** é o radical, **a**, a vogal temática, e **pasta** o tema; já na palavra **leal**, o radical e o tema são o mesmo elemento - **leal**, pois não há vogal temática; e na palavra **tatu** também, mas agora, porque o radical é terminado pela vogal temática.

Desinências

É a terminação das palavras, flexionadas ou variáveis, posposta ao radical, com o intuito de modificá-las. Modificamos os verbos, conjugando-os; modificamos os substantivos e os adjetivos em gênero e número. Existem dois tipos de desinências:

Desinências verbais

Modo-temporais = indicam o tempo e o modo. São quatro as desinências modo-temporais:

-va- e **-ia-**, para o Pretérito Imperfeito do Indicativo = **estudava, vendia, partia**.

-ra-, para o Pretérito Mais-que-perfeito do Indicativo = **estudara, vendera, partira**.

-ria-, para o Futuro do Pretérito do Indicativo = **estudaria, venderia, partiria**.

-sse-, para o Pretérito Imperfeito do Subjuntivo = **estudasse, vendesse, partisse**.

Número-pessoais = indicam a pessoa e o número. São três os grupos das desinências número-pessoais.

Grupo I: **i, ste, u, mos, stes, ram**, para o Pretérito Perfeito do Indicativo = **eu cantei, tu cantaste, ele cantou, nós cantamos, vós cantastes, eles cantaram**.

Grupo II: **-, es, -, mos, des, em**, para o Infinitivo Pessoal e para o Futuro do Subjuntivo = Era para **eu cantar, tu cantares, ele cantar, nós cantarmos, vós cantardes, eles cantarem**. Quando **eu puser, tu puseres, ele puser, nós pusermos, vós puserdes, eles puserem**.

Grupo III: **-, s, -, mos, is, m**, para todos os outros tempos = **eu canto, tu cantas, ele canta, nós cantamos, vós cantais, eles cantam**.

Desinências nominais

de gênero = indica o gênero da palavra. A palavra terá desinência nominal de gênero, quando houver a oposição masculino - feminino. Por exemplo: **cabeleireiro - cabeleireira**. A vogal **a** será desinência nominal de gênero sempre que indicar o feminino de uma palavra, mesmo que o masculino não seja terminado em **o**. Por exemplo: **crua, ela, traidora**.

de número = indica o plural da palavra. É a letra **s**, somente quando indicar o plural da palavra. Por exemplo: **cadeiras, pedras, águas**.

Afixos: São elementos que se juntam a radicais para formar novas palavras. São eles:

Prefixo: É o afixo que aparece antes do radical. Por exemplo **des**tampar, **in**capaz, **a**moral.

Sufixo: É o afixo que aparece depois do radical, do tema ou do infinitivo. Por exemplo pensa**mento**, acusa**ção**, feliz**mente**.

Vogais e consoantes de ligação: São vogais e consoantes que surgem entre dois morfemas, para

tornar mais fácil e agradável a pronúncia de certas palavras. Por exemplo flor**e**s, bambu**z**al, gas**ô**metro, cana**i**s.

Formação das palavras

Para analisar a formação de uma palavra, deve-se procurar a origem dela. Caso seja formada por apenas um radical, diremos que foi formada por **derivação**; por dois ou mais radicais, **composição**. São os seguintes os processos de formação de palavras: **Derivação:** Formação de novas palavras a partir de apenas um radical.

Derivação Prefixal

Acréscimo de um prefixo à palavra primitiva; também chamado de **prefixação**. Por exemplo: **ant**epasto, **re**escrever, **in**feliz.

Derivação Sufixal

Acréscimo de um sufixo à palavra primitiva; também chamado de **sufixação**. Por exemplo: feliz**mente**, igual**dade**, flor**escer**.

Derivação Prefixal e Sufixal

Acréscimo de um prefixo e de um sufixo, em tempos diferentes; também chamado de **prefixação** e **sufixação**. Por exemplo: **in**feliz**mente**, **des**igual**dade**, **re**flor**escer**.

Derivação Parassintética

Acréscimo de um prefixo e de um sufixo, simultaneamente; também chamado de **parassíntese**. Por exemplo: **en**verniz**ar**, **e**nrij**ecer**, **a**noit**ecer**.

Obs.: A maneira mais fácil de se estabelecer a diferença entre Derivação Prefixal e Sufixal e Derivação Parassintética é a seguinte: retira-se o prefixo; se a palavra que sobrou existir, será Der. Pref. e Suf.; caso contrário, retira-se, agora, o sufixo; se a palavra que sobrou existir, será Der. Pref. e Suf.; caso contrário, será Der. Parassintética. Por exemplo, retire o prefixo de envernizar: não existe a palavra vernizar; agora, retire o sufixo: também não existe a palavra enverniz. Portanto, a palavra foi formada por Parassíntese.

Derivação Regressiva

É a retirada da parte final da palavra primitiva, obtendo, por essa redução, a palavra derivada. Por exemplo: do verbo **debater**, retira-se a desinência de infinitivo -r: formou-se o substantivo **debate**.

Derivação Imprópria

É a formação de uma nova palavra pela mudança de classe gramatical. Por exemplo: a palavra **gelo** é um substantivo, mas pode ser transformada em um adjetivo: **camisa gelo**.

Composição

Formação de novas palavras a partir de dois ou mais radicais.

Composição por justaposição

Na união, os radicais não sofrem qualquer alteração em sua estrutura. Por exemplo: ao se unirem os radicais **ponta** e **pé**, obtém-se a palavra **pontapé**. O mesmo ocorre com **mandachuva, passatempo, guarda-pó**.

Composição por aglutinação

Na união, pelo menos um dos radicais sofre alteração em sua estrutura. Por exemplo: ao se unirem os radicais **água** e **ardente**, obtém-se a palavra aguardente, com o desaparecimento do **a**. O mesmo acontece com **embora** (em boa hora), **planalto** (plano alto).

Hibridismo

É a formação de novas palavras a partir da união de radicais de idiomas diferentes. Por exemplo: **automóvel, sociologia, sambódromo, burocracia**.

Onomatopéia

Consiste em criar palavras, tentando imitar sons da natureza. Por exemplo: **zunzum, cricri, tique-taque, pingue-pongue**.

Abreviação Vocabular

Consiste na eliminação de um segmento da palavra, a fim de se obter uma forma mais curta. Por exemplo: de **extraordinário** forma-se **extra**; de **telefone**, **fone**; de **fotografia**, **foto**; de **cinematografia**, **cinema ou cine**.

Siglas

As siglas são formadas pela combinação das letras iniciais de uma seqüência de palavras que constitui um nome: Por exemplo: **IBGE** (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística); **IPTU** (Imposto Predial, Territorial e Urbano).

Neologismo semântico

Forma-se uma palavra por neologismo semântico, quando se dá um novo significado, somado ao que já existe. Por exemplo, a palavra **legal** significa **dentro da lei**; a esse significado somamos outro: **pessoa boa, pessoa legal**.

Empréstimo lingüístico

É o aportuguesamento de palavras estrangeiras; se a grafia da palavra não se modifica, ela deve ser escrita entre aspas. Por exemplo: **estresse, estande, futebol, bife, "show", xampu, "shopping center"**.

EXERCÍCIOS

Estrutura e Formação de Palavras

1- Os elementos mórficos sublinhados estão corretamente classificados nos parênteses, exceto em:
a) aluna (desinência de gênero);
b) estudássemos (desinência modo-temporal);
c) reanimava (desinência número-pessoal);
d) deslealdade (sufixo);
e) agitar (vogal temática).

2- Tendo em vista o processo de formação de palavras, não é exemplo de hibridismo:
a) automóvel;
b) sociologia;
c) alcoômetro;
d) burocracia;
e) biblioteca.

3-(AL) Tendo em vista a estrutura das palavras, o elemento sublinhado está incorretamente classificado nos parênteses em:
a) velha (desinência de gênero);
b) legalidade (vogal de ligação);
c) perdeu (tema);
d) organizara (desinência modo-temporal);
e) testemunhei (desinência número-pessoal).

4- O processo de formação da palavra sublinhada está incorretamente indicado nos parênteses em:
a) Só não foi necessário o ataque porque a vitória estava garantida. (derivação parassintética);
b) O castigo veio tão logo se receberam as notícias. (derivação regressiva);
c) Foram muito infelizes as observações feitas durante o comício. (derivação prefixal);
d) Diziam que o vendedor seria capaz de fugir. (derivação sufixal);
e) O homem ficou boquiaberto com as nossas respostas. (composição por aglutinação).

5- Tendo em vista o processo de formação de palavra, todos os vocábulos abaixo são parassintéticos, exceto:
a) entardecer;
b) despedaçar;
c) emudecer;
d) esfarelar;
e) negociar.

6- É exemplo de palavra formada por derivação parassintética:
a) pernalta;
b) passatempo;
c) pontiagudo;
d) vidraceiro;
e) anoitecer.

7- Todas as palavras abaixo são formadas por derivação, exceto:
a) esburacar;
b) pontiagudo;
c) rouparia;
d) ilegível;
e) dissílabo.

8- "Achava natural que as gentilezas da esposa chegassem a cativar um homem". Os elementos constitutivos da forma verbal grifada estão analisados corretamente, exceto:
a) CHEG - radical;
b) A - vogal temática;
c) CHEGA - tema;
d) SSE - sufixo formador de verbo;
e) M - desinência número-pessoal.

9- O elemento mórfico sublinhado não é desinência de gênero, que marca o feminino, em:
a) tristonha;
b) mestra;
c) telefonema;
d) perdedoras;
e) loba.

10- A afirmativa a respeito do processo de formação de palavras não está correta em:
a) Choro e castigo originaram-se de chorar e castigar, através de derivação regressiva;
b) Esvoaçar é formada por derivação sufixal com sufixo verbal freqüentativo;
c) O amanhã não pode ver ninguém bem. - a palavra sublinhada surgiu por derivação imprópria;
d) Petróleo e hidrelétrico são formadas através de composição por aglutinação;
e) Pólio, extra e moto são obtidas por redução.

11- O processo de formação de palavras é o mesmo em:
a) desfazer, remexer, a desocupação;
b) dureza, carpinteiro, o trabalho;
c) enterrado, desalmado, entortada;
d) machado, arredondado, estragado;
e) estragar, o olho, o sustento.

12- O processo de formação da palavra amaciar está corretamente indicado em:
a) parassíntese;
b) sufixação;
c) prefixação;
d) aglutinação;
e) justaposição.

13- O processo de formação das palavras grifadas não está corretamente indicado em:
a) As grandes decisões saem do Planalto. (composição por justaposição);
b) Sinto saudades do meu bisavô. (derivação prefixal);
c) A pesca da baleia deveria ser proibida. (derivação regressiva);
d) Procuremos regularmente o dentista. (derivação sufixal);
e) As dificuldades de hoje tornam o homem desalmado. (derivação parassintética).

14- O processo de formação de palavras está indicado corretamente em:
a) Barbeado: derivação prefixal e sufixal;

b) Desconexo: derivação prefixal;
c) Enrijecer: derivação sufixal;
d) Passatempo: composição por aglutinação;
e) Pernilongo: composição por justaposição.

15- Apenas um dos itens abaixo contém palavra que não é formada por prefixação. Assinale-o:
a) anômalo e analfabeto;
b) átono e acéfalo;
c) ateu e anarquia;
d) anônimo e anêmico;
e) anidro e alma.

16- Em que alternativa a palavra grifada resulta em derivação imprópria?
a) "De repente, do riso fez-se o pranto / Silencioso e branco como a bruma / E das bocas fez-se a espuma / E das mãos espalmadas fez-se o espanto." (Vinícius de Moraes);
b) "Agora, o cheiro áspero das flores / leva-me os olhos por dentro de suas pétalas."(Cecília Meireles);
c) "Um gosto de amora / Comida com sal. A vida / Chamava-se "Agora"." (Guilherme de Almeida);
d) "A saudade abraçou-me, tão sincera, / soluçando no adeus de nunca mais. / A ambição de olhar verde, junto ao cais, / me disse: vai que eu fico à tua espera." (Cassiano Ricardo).

17- Marque a opção em que todas as palavras possuem um mesmo radical:
a) batista - batismo - batistério - batisfera - batiscafo;
b) triforme - triângulo - tricologia - tricípite - triglota;
c) poligamia - poliglota - polígono - política - polinésio;
d) operário - opereta - opúsculo - obra - operação;
e) gineceu - ginecologia - ginecofobia - ginostênio - gimnosperma.

18- Com relação ao seguinte poema, é CORRETO afirmar que:
Neologismo
"Beijo pouco, falo menos ainda. / Mas invento palavras / Que traduzem a ternura mais funda / E mais cotidiana. / Inventei, por exemplo, o verbo teadorar. / Intransitivo: / Teadoro, Teodora." (Manuel Bandeira)

a) o verbo "teadorar" e o substantivo próprio "Teodora" são palavras cognatas, pois possuem o mesmo radical;
b) as classes das palavras que compõem a estrutura do vocábulo "teadorar" são pronome e verbo;
c) o verbo "teadorar", por se tratar de um neologismo, não possui morfemas;
d) a vogal temática dos verbos "beijo", "falo", "invento" e "teadoro" é a mesma, ou seja, "o".

19- Está INCORRETO afirmar que:
a) malcheiroso é formada por prefixação e sufixação;
b) televisão é formada por prefixação que significa ao longe;
c) folhagem é formada por derivação sufixal que significa noção coletiva;
d) em amado e malcheiroso, ambos os sufixos significam provido ou cheio de.

20- Farejando apresenta em sua estrutura:
a) radical farej - vogal temática a - tema fareja - desinência ndo;
b) radical far - tema farej - vogal temática e - desinência ndo;
c) radical fareja - vogal temática a - sufixo ndo;
d) tema farej - radical fareja - sufixo ndo.

Respostas

1- C	**6- E**	**11-C**	**16-D**
2- E	**7- B**	**12-A**	**17-D**
3- C	**8- D**	**13-A**	**18-B**
4- A	**9- C**	**14-B**	**19-B**
5- E	**10-B**	**15-E**	**20-A**

Substantivo

Substantivo é tudo o que nomeia as "coisas" em geral.

Substantivo é tudo o que pode ser visto, pego ou sentido.

Substantivo é tudo o que pode ser precedido de artigo .

Classificação e Formação

Substantivo Comum

Substantivo comum é aquele que designa os seres de uma espécie de forma genérica. Por exemplo **pedra, computador, cachorro, homem, caderno**.

Substantivo Próprio

Substantivo próprio é aquele que designa um ser específico, determinado, individualizando-o. Por exemplo **Maxi, Londrina, Dílson, Ester**. O substantivo próprio sempre deve ser escrito com letra maiúscula.

Substantivo Concreto

Substantivo concreto é aquele que designa seres que existem por si só ou apresentam-se em nossa imaginação como se existissem por si. Por exemplo **ar, som, Deus, computador, pedra, Ester**.

Substantivo Abstrato

Substantivo abstrato é aquele que designa **prática de ações verbais, existência de qualidades ou sentimentos humanos**. Por exemplo **saída** (prática de sair), **beleza** (existência do belo), **saudade**.

Formação dos substantivos

Os substantivos, quanto à sua formação, podem ser:

Substantivo Primitivo

É primitivo o substantivo que não se origina de outra palavra existente na língua portuguesa. Por exemplo **pedra, jornal, gato, homem**.

Substantivo Derivado

É derivado o substantivo que provém de outra palavra da língua portuguesa. Por exemplo **pedreiro, jornalista, gatarrão, homúnculo**.

Substantivo Simples

É simples o substantivo formado por um único radical. Por exemplo **pedra, pedreiro, jornal, jornalista**.

Substantivo Composto

É composto o substantivo formado por dois ou mais radicais. Por exemplo **pedra-sabão, homem-rã, passatempo**.

Substantivo Coletivo

Substantivo Coletivo

É coletivo o substantivo no singular que indica diversos elementos de uma mesma espécie.

- **abelha** - enxame, cortiço, colméia
- **acompanhante** - comitiva, cortejo, séqüito
- **alho** - (quando entrelaçados) réstia, enfiada, cambada
- **aluno** - classe
- **amigo** - (quando em assembléia) tertúlia
- **animal** - em geral = piara, pandilha, todos de uma região = fauna; manada de cavalgaduras = récua, récova; de carga = tropa; de carga, menos de 10 = lote; de raça, para reprodução = plantel; ferozes ou selvagens = alcatéia
- **anjo** - chusma, coro, falange, legião, teoria
- **apetrecho** - (quando de profissionais) ferramenta, instrumental
- **aplaudidor** - (quando pagos) claque

- **argumento** - carrada, monte, montão, multidão
- **arma** - (quando tomadas dos inimigos) troféu
- **arroz** - batelada
- **artigo** - (quando heterogêneo) mixórdia
- **artista** - (quando trabalham juntos) companhia, elenco
- **árvore** - quando em linha = alameda, carreira, rua, souto; quando constituem maciço = arvoredo, bosque; quando altas, de troncos retos a aparentar parque artificial = malhada
- **asneira** - acervo, chorrilho, enfiada, monte
- **asno** - manada, récova, récua
- **assassino** - choldra, choldraboldra
- **assistente** - assistência
- **astro** - (quando reunidos a outros do mesmo grupo) constelação
- **ator** - elenco
- **autógrafo** - (quando em lista especial de coleção) álbum
- **ave** - (quando em grande quantidade) bando, nuvem
- **aviã**o - esquadrão, esquadria, flotilha
- **bala** - saraiva, saraivada
- **bandoleiro** - caterva, corja, horda, malta, súcia, turba
- **bêbado** - corja, súcia, farândola
- **boi** - boiada, abesana, armento, cingel, jugada, jugo, junta, manada, rebanho, tropa
- **bomba** - bateria
- **borboleta** - boana, panapaná
- **botã**o - de qualquer peça de vestuário = abotoadura; quando em fileira = carreira
- **burro** - em geral = lote, manada, récua, tropa; quando carregado = comboio
- **cabelo** - em geral = chumaço, guedelha, madeixa; conforme a separação = marrafa, trança
- **cabo** - cordame, cordoalha, enxárcia
- **cabra** - fato, malhada, rebanho
- **cadeira** - (quando dispostas em linha) carreira, fileira, linha, renque
- **cálice** - baixela
- **camelo** - (quando em comboio) cáfila
- **caminhão** - frota
- **canção** - quando reunidas em livro = cancioneiro; quando populares de uma região = folclore
- **canhão** - bateria
- **cantilena** - salsada
- **cão** - adua, cainçalha, canzoada, chusma, matilha
- **capim** - feixe, braçada, paveia
- **cardea**l - (em geral) sacro colégio, (quando reunidos para a eleição do papa) conclave, (quando reunidos sob a direção do papa) consistório
- **carneiro** - chafardel, grei, malhada, oviário, rebanho
- **carro** - quando unidos para o mesmo destino = comboio, composição; quando em desfile = corso
- **carta** - em geral = correspondência; quando manuscritas em forma de livro = cartapácio; quando geográficas = atlas
- **casa** - (quando unidas em forma de quadrados) quarteirão, quadra.
- **cavaleiro** - cavalgada, cavalhada, tropel
- **cavalgadura** - cáfila, manada, piara, récova, récua, tropa, tropilha
- **cavalo** - manada, tropa
- **cebola** - (quando entrelaçadas pelas hastes) cambada, enfiada, réstia
- **chave** - (quando num cordel ou argola) molho (mó), penca
- **célula** - (quando diferenciadas igualmente) tecido
- **cereal** - em geral = fartadela, fartão, fartura; quando em feixes = meda, moréia
- **cigano** - bando, cabilda, pandilha
- **cliente** - clientela, freguesia
- **coisa** - em geral = coisada, coisarada, ajuntamento, chusma, coleção, cópia, enfiada; quando antigas e em coleção ordenada = museu; quando em lista de anotação = rol, relação; em quantidade que se pode abranger com os braços = braçada; quando em série = seqüência, série, seqüela, coleção; quando reunidas e sobrepostas = monte, montão, cúmulo
- **copo** - baixela
- **corda** - (em geral) cordoalha, (quando no mesmo liame) maço, (de navio) enxárcia, cordame, massame, cordagem
- **correia** - (em geral) correame, (de montaria) apeiragem
- **credor** - junta, assembléia
- **crença** - (quando populares) folclore
- **crente** - grei, rebanho
- **depredador** - horda
- **deputado** - (quando oficialmente reunidos) câmara, assembléia
- **desordeiro** - caterva, corja, malta, pandilha, súcia, troça, turba
- **diabo** - legião

- **dinheiro** - bolada, bolaço, disparate
- **disco** - discoteca
- **disparate** - apontoado
- **doze** - (coisas ou animais) dúzia
- **elefante** - manada
- **empregado** - (quando de firma ou repartição) pessoal
- **escola** - (quando de curso superior) universidade
- **escravo** - (quando da mesma morada) senzala, (quando para o mesmo destino) comboio, (quando aglomerados) bando
- **escrito** - (quando em homenagem a homem ilustre) poliantéia, (quando literários) analectos, antologia, coletânea, crestomatia, espicilégio, florilégio, seleta
- **espectador** - (em geral) assistência, auditório, concorrência, (quando contratados para aplaudir) claque
- **espiga** - (quando atadas) amarrilho, arregaçada, atado, atilho, braçada, fascal, feixe, gavela, lio, molho, paveia
- **estaca** - (quando fincadas em forma de cerca) paliçada
- **estado** - (quando unidos em nação) federação, confederação, república
- **estampa** - (quando selecionadas) iconoteca, (quando explicativas) atlas
- **estrela** - (quando cientificamente agrupadas) constelação, (quando em quantidade) acervo, (quando em grande quantidade) miríade
- **estudante** - (quando da mesma escola) classe, turma, (quando em grupo cantam ou tocam) estudantina, (quando em excursão dão concertos) tuna, (quando vivem na mesma casa) república
- **facínora** - caterva, horda, leva, súcia
- **feijão** - (quando comerciáveis) batelada, partida
- **feiticeiro** - (quando em assembléia secreta) conciliábulo
- **feno** - braçada, braçado
- **filhote** - (quando nascidos de uma só vez) ninhada
- **filme** - filmoteca, cinemoteca
- **fio** - (quando dobrado) meada, mecha, (quando metálicos e reunidos em feixe) cabo
- **flecha** - (quando caem do ar, em porção) saraiva, saraivada
- **flor** - (quando atadas) antologia, arregaçada, braçada, fascículo, feixe, festão, capela, grinalda, ramalhete, buquê, (quando no mesmo pedúnculo) cacho
- **foguete** - (quando agrupados em roda ou num travessão) girândola
- **força naval** - armada
- **força terrestre** - exército
- **formiga** - cordão, correição, formigueiro
- **frade** - (quando ao local em que moram) comunidade, convento, (quanto ao fundador ou quanto às regras que obedecem) ordem
- **frase** - (quando desconexas) apontoado
- **freguês** - clientela, freguesia
- **fruta** - (quando ligadas ao mesmo pedúnculo) cacho, (quanto à totalidade das colhidas num ano) colheita, safra
- **fumo** - malhada
- **gafanhoto** - nuvem, praga
- **garoto** - cambada, bando, chusma
- **gato** - cambada, gatarrada, gataria
- **gente** - (em geral) chusma, grupo, multidão, (quando indivíduos reles) magote, patuléia, poviléu
- **grão** - manípulo, manelo, manhuço, manojo, manolho, maunça, mão, punhado
- **graveto** - (quando amarrados) feixe
- **gravura** - (quando selecionadas) iconoteca
- **habitante** - (em geral) povo, população, (quando de aldeia, de lugarejo) povoação
- **herói** - falange
- **hiena** - alcatéia
- **hino** - hinário
- **ilha** - arquipélago
- **imigrante** - (quando em trânsito) leva, (quando radicados) colônia
- **índio** - (quando formam bando) maloca, (quando em nação) tribo
- **instrumento** - (quando em coleção ou série) jogo, (quando cirúrgicos) aparelho, (quando de artes e ofícios) ferramenta, (quando de trabalho grosseiro, modesto) tralha
- **inseto** - (quando nocivos) praga, (quando em grande quantidade) miríade, nuvem, (quando se deslocam em sucessão) correição
- **javali** - alcatéia, malhada, vara
- **jornal** - hemeroteca
- **jumento** - récova, récua
- **jurado** - júri, conselho de sentença, corpo de jurados
- **ladrão** - bando, cáfila, malta, quadrilha, tropa, pandilha
- **lâmpada** - (quando em fileira) carreira, (quando dispostas numa espécie de lustre) lampadário

- **leão** - alcatéia
- **lei** - (quando reunidas cientificamente) código, consolidação, corpo, (quando colhidas aqui e ali) compilação
- **leitão** - (quando nascidos de um só parto) leitegada
- **livro** - (quando amontoados) chusma, pilha, ruma, (quando heterogêneos) choldraboldra, salgalhada, (quando reunidos para consulta) biblioteca, (quando reunidos para venda) livraria, (quando em lista metódica) catálogo
- **lobo** - alcatéia, caterva
- **macaco** - bando, capela
- **malfeitor** - (em geral) bando, canalha, choldra, corja, hoste, joldra, malta, matilha, matula, pandilha, (quando organizados) quadrilha, seqüela, súcia, tropa
- **maltrapilho** - farândola, grupo
- **mantimento** - (em geral) sortimento, provisão, (quando em saco, em alforge) matula, farnel, (quando em cômodo especial) despensa
- **mapa** - (quando ordenados num volume) atlas, (quando selecionados) mapoteca
- **máquina** - maquinaria, maquinismo
- **marinheiro** - maruja, marinhagem, companha, equipagem, tripulação, chusma
- **médico** - (quando em conferência sobre o estado de um enfermo) junta
- **menino** - (em geral) grupo, bando, (depreciativamente) chusma, cambada
- **mentira** - (quando em seqüência) enfiada
- **mercadoria** - sortimento, provisão
- **mercenário** - mesnada
- **metal** - (quando entra na construção de uma obra ou artefato) ferragem
- **ministro** - (quando de um mesmo governo) ministério, (quando reunidos oficialmente) conselho
- **montanha** - cordilheira, serra, serrania
- **mosca** - moscaria, mosquedo
- **móvel** - mobília, aparelho, trem
- **música** - (quanto a quem a conhece) repertório
- **músico** - (quando com instrumento) banda, charanga, filarmônica, orquestra
- **nação** - (quando unidas para o mesmo fim) aliança, coligação, confederação, federação, liga, união
- **navio** - (em geral) frota, (quando de guerra) frota, flotilha, esquadra, armada, marinha, (quando reunidos para o mesmo destino) comboio
- **nome** - lista, rol
- **nota** - (na acepção de dinheiro) bolada, bolaço, maço, pacote, (na acepção de produção literária, científica) comentário
- **objeto** - V coisa
- **onda** - (quando grandes e encapeladas) marouço
- **órgão** - (quando concorrem para uma mesma função) aparelho, sistema
- **orquídea** - (quando em viveiro) orquidário
- **osso** - (em geral) ossada, ossaria, ossama, (quando de um cadáver) esqueleto
- **ouvinte** - auditório
- **ovelha** - (em geral) rebanho, grei, chafardel, malhada, oviário, (quando ainda não deram cria e nem estão prenhes) alfeire
- **ovo** - (os postos por uma ave durante certo tempo) postura, (quando no ninho) ninhada
- **padre** - clero, clerezia
- **palavra** - (em geral) vocabulário, (quando em ordem alfabética e seguida de significação) dicionário, léxico, (quando proferidas sem nexo) palavrório
- **pancada** - data
- **pantera** - alcatéia
- **papel** - (quando no mesmo liame) bloco, maço, (em sentido lato, de folhas ligadas e em sentido estrito, de 5 folhas) caderno, (5 cadernos) mão, (20 mãos) resma, (10 resmas) bala
- **parente** - (em geral) família, (em reunião) tertúlia
- **partidário** - facção, partido, torcida
- **partido** (político) - (quando unidos para um mesmo fim) coligação, aliança, coalização, liga
- **pássaro** - passaredo, passarada
- **passarinho** - nuvem, bando
- **pau** - (quando amarrados) feixe, (quando amontoados) pilha, (quando fincados ou unidos em cerca) bastida, paliçada
- **peça** - (quando devem aparecer juntas na mesa) baixela, serviço, (quando artigos comerciáveis, em volume para transporte) fardo, (em grande quantidade) magote, (quando pertencentes à artilharia) bateria, (de roupas, quando enroladas) trouxa, (quando pequenas e cosidas umas às outras para não se extraviarem na lavagem) apontoado, (quando literárias) antologia, florilégio, seleta, silva, crestomatia, coletânea, miscelânea.
- **peixe** - (em geral e quando na água) cardume, (quando miúdos) boana, (quando em viveiro) aquário, (quando em fileira) cambada, espicha, enfiada, (quando à tona) banco, manta
- **pena** - (quando de ave) plumagem
- **peregrino** - caravana, romaria, romagem

- **pérola** - (quando enfiadas em série) colar, ramal
- **pessoa** - (em geral) aglomeração, banda, bando, chusma, colméia, gente, legião, leva, maré, massa, mó, mole, multidão, pessoal, roda, rolo, troço, tropel, turba, turma, (quando reles) corja, caterva, choldra, farândola, récua, súcia, (quando em serviço, em navio ou avião) tripulação, (quando em acompanhamento solene) comitiva, cortejo, préstito, procissão, séqüito, teoria, (quando ilustres) plêiade, pugilo, punhado, (quando em promiscuidade) cortiço, (quando em passeio) caravana, (quando em assembléia popular) comício, (quando reunidas para tratar de um assunto) comissão, conselho, congresso, conclave, convênio, corporação, seminário, (quando sujeitas ao mesmo estatuto) agremiação, associação, centro, clube, grêmio, liga, sindicato, sociedade
- **pilha** - (quando elétricas) bateria
- **pinto** - (quando nascidos de uma só vez) ninhada
- **planta** - (quando frutíferas) pomar, (quando hortaliças, legumes) horta, (quando novas, para replanta) viveiro, alfobre, tabuleiro, (quando de uma região) flora, (quando secas, para classificação) herbário.
- **ponto** - (de costura) apontoado
- **porco** - (em geral) manada, persigal, piara, vara, (quando do pasto) vezeira
- **povo** - (nação) aliança, coligação, confederação, liga
- **prato** - baixela, serviço, prataria
- **prelado** - (quando em reunião oficial) sínodo
- **prisioneiro** - (quando em conjunto) leva, (quando a caminho para o mesmo destino) comboio
- **professo**r - (quando de estabelecimento primário ou secundário) corpo docente, (quando de faculdade) congregação
- **quadro** - (quando em exposição) pinacoteca, galeria
- **querubim** - coro, falange, legião
- **recipiente** - vasilhame
- **recruta** - leva, magote
- **religioso**- clero regular
- **roupa** - (quando de cama, mesa e uso pessoal) enxoval, (quando envoltas para lavagem) trouxa
- **salteador** - caterva, corja, horda, quadrilha
- **saudade** - arregaçada
- **selo** - coleção
- **serra** - (acidente geográfico) cordilheira
- **servical** - queira
- **soldado** - tropa, legião
- **trabalhador** - (quando reunidos para um trabalho braçal) rancho, (quando em trânsito) leva
- **tripulante** - equipagem, guarnição, tripulação
- **utensílio** - (quando de cozinha) bateria, trem, (quando de mesa) aparelho, baixela
- **vadio** - cambada, caterva, corja, mamparra, matula, súcia
- **vara** - (quando amarradas) feixe, ruma
- **velhaco** - súcia, velhacada

Gêneros uniforme e biforme

Os substantivos, quanto ao gênero, são **masculinos** ou **femininos**. Quanto às formas, eles podem ser:

01) Substantivos Biformes: Substantivos biformes são os que apresentam duas formas, uma para o masculino, outra para o feminino, com apenas um radical.
Ex.

- menino - menina.
- traidor - traidora.
- aluno - aluna

02) Substantivos Heterônimos: Substantivos heterônimos são os que apresentam duas formas, uma para o masculino, outra para o feminino, com dois radicais diferentes.
Ex.

- homem - mulher.
- bode - cabra.
- boi - vaca.

Substantivos Uniformes

Substantivos uniformes são os que apresentam apenas um forma, para ambos os gêneros. Os substantivos uniformes recebem nomes especiais, que são os seguintes:

Comum-de-dois

Os comuns-de-dois são os que têm uma só forma para ambos os gêneros, com artigos distintos: Eis

alguns exemplos:

- o / a estudante
- o / a imigrante
- o / a acrobata
- o / a agente
- o / a intérprete
- o / a lojista
- o / a patriota
- o / a mártir
- o / a viajante
- o / a artista
- o / a aspirante
- o / a atleta
- o / a camelô
- o / a chofer
- o / a fã
- o / a gerente
- o / a médium
- o / a porta-voz
- o / a protagonista
- o / a puxa-saco
- o / a sem-terra
- o / a sem-vergonha
- o / a xereta
- o / a xerife

Sobrecomum

Os sobrecomuns são os que têm uma só forma e um só artigo para ambos os gêneros: Eis alguns exemplos:

- o cônjuge
- a criança
- o carrasco
- o indivíduo
- o apóstolo
- o monstro
- a pessoa
- a testemunha
- o algoz
- o verdugo
- a vítima
- o tipo
- o animal
- o bóia-fria
- o cadáver
- a criatura
- o dedo-duro
- o defunto
- o gênio
- o ídolo
- o líder
- o membro
- o nó-cego
- o pão-duro
- o pé-frio
- o pé-quente
- a personagem
- o pivô
- a sentinela
- o sósia
- o sujeito
- o tira

Epiceno

Os epicenos são os que têm uma só forma e um só artigo para ambos os gêneros de certos animais, acrescentando as palavras macho e fêmea, para se distinguir o sexo do animal. Eis alguns exemplos:

- a girafa
- a andorinha
- a águia
- a barata
- a cobra
- o jacaré
- a onça
- o sabiá
-
- o tatu
- a anta
- a arara
- a borboleta
- o canguru
- o caranguejo
- a coruja
- o crocodilo
- o escorpião
- a formiga
- a girafa
- a mosca
- a onça
- a pantera
- o pernilongo
- o piolho
- a piranha
- a rã
- a raposa
- a tartaruga
- o tatu
- o urubu
- a zebra

Gênero vacilante

Existem alguns substantivos que trazem dificuldades, quanto ao gênero. Estude, então, com muita atenção estas listas:

São Masculinos

- o açúcar
- o afã
- o ágape
- o alvará
- o amálgama
- o anátema
- o aneurisma
- o antílope
- o apêndice
- o apetite
- o algoz
- o bóia-fria
- o caudal
- o cataclismo
-
- o cônjuge
- o champanha
- o clã
- o cola-tudo
- o cós
- o coma
- o derma
- o diagrama
- o dó
- o diadema
- o decalque
- o epigrama
- o eclipse
- o estigma
- o estratagema
- o eczema
- o formicida
- o guaraná
- o gengibre
- o herpes
- o lança-perfume
- o haras
- o lotação
- o magma
- o matiz
- o magazine
- o milhar
- o nó-cego
- o pijama
- o pé-frio
- o plasma
- o pão-duro
- o sósia
- o suéter
- o talismã
- o toalete
- o tapa
- o telefonema
- o tira-teimas
- o xérox

São Femininos

- a abusão
- a acne
- a agravante
- a aguarrás
- a alface
- a apendicite
- a aguardente
- a alcunha

- a aluvião
- a bacanal
- a benesse
- a bólide
- a couve
- a couve-flor
- a cal
- a cataplasma
- a comichão
- a derme
- a dinamite
- a debênture
- a elipse
- a ênfase
- a echarpe
- a entorse
- a enzima
- a faringe
- a ferrugem
- a fênix
- a gênese
- a grafite
- a ioga
- a libido
- a matinê
- a marmitex
- a mascote
- a mídia
- a nuança
- a omoplata
- a ordenança
- a omelete
- a própolis
- a patinete
- a quitinete
- a sentinela
- a soja
- a usucapião
- a vernissagem

Mudança de gênero com mudança de significado

Alguns substantivos, quando mudam de gênero, mudam também de significado. Eis alguns deles:

- o caixa = o funcionário
- a caixa = o objeto
- o capital = dinheiro
- a capital = sede de governo
- o coma = sono mórbido
- a coma = cabeleira, juba
- o grama = medida de massa
- a grama = a relva, o capim
- o guarda = o soldado
- a guarda = vigilância, corporação
- o guia = aquele que serve de guia, cicerone
- a guia = documento, formulário; meio-fio
- o moral = estado de espírito
- a moral = ética, conclusão
- o banana = o molenga.
- a banana = a fruta

Plural dos substantivos simples

Na pluralização de um substantivo simples, há de se analisar a terminação dele, a fim de acrescentar a desinência nominal de número. Vejamos, então, as possíveis terminações de um substantivo na Língua Portuguesa e sua respectiva pluralização:

Substantivos terminados em Vogal

Acrescenta-se a desinência nominal de número S.
Ex.

- saci = sacis
- chapéu = chapéus
- troféu = troféus
- degrau = degraus.
-

Substativos terminados em ão

Fazem o plural em **ões**:
Ex.

- gavião = gaviões
- formão = formões
- folião = foliões
- questão = questões

Fazem o plural em **ães**:
Ex.

- escrivão = escrivães
- tabelião = tabeliães
- capelão = capelães
- sacristão = sacristães

Fazem o plural em **ãos**:
Ex.

- artesão = artesãos

- cidadão = cidadãos
- cristão = cristãos
- pagão = pagãos
- todas as paroxítonas terminadas em **ão**. Por exemplo bênçãos, sótãos, órgãos.

Admitem mais de uma forma para o plural:

- aldeão = aldeões, aldeães, aldeãos
- ancião = anciões, anciães, anciãos
- ermitão = ermitões, ermitães, ermitãos
- pião = piões, piães, piãos
- vilão = vilões, vilães, vilãos
- alcorão = alcorões, alcorães
- charlatão = charlatões, charlatães
- cirurgião = cirurgiões, cirurgiães
- faisão = faisões, faisães
- guardião = guardiões, guardiães
- peão = peões, peães
- anão = anões, anãos
- corrimão = corrimões, corrimãos
- verão = verões, verãos
- vulcão = vulcões, vulcãos

Substantivos terminados em L

Terminados em -al, -el, -ol ou -ul:

Troca-se o L por IS:
Ex.

- vogal = vogais
- animal = animais
- papel = papéis
- anel = anéis
- paiol = paióis
- álcool = álcoois
- paul = pauis

Cuidado:

- mal = males
- cal = cais ou cales
- aval = avais ou avales
- mel = méis ou meles
- cônsul = cônsules
- real (moeda antiga) = réis

Terminados em -il

Palavras oxítonas

Troca-se a terminação **L por S**

Ex.

- cantil = cantis
- canil = canis
- barril = barris

Palavras paroxítonas ou proparoxítonas

Troca-se a terminação **IL por EIS**
Ex.

- fóssil = fósseis

Cuidado:

- projetil (oxítona) = projetis
- projétil (paroxítona) = projéteis
- reptil (oxítona) = reptis
- réptil (paroxítona) = répteis

Substantivos terminados em M

Troca-se o M por NS:
Ex.

- item = itens
- nuvem = nuvens
- álbum = álbuns

Substantivos terminados em N

Soma-se S ou ES:
Ex.

- hífen = hifens ou hífenes
- pólen = polens ou pólenes
- espécimen = espécimens ou especímenes

Substantivos terminados em R ou Z

Acrescenta-se ES:
Ex.

- carácter ou caráter = caracteres
- sênior = seniores
- júnior = juniores

Substantivos terminados em X

Ficam invariáveis.
Ex.

- o tórax = os tórax
- a fênix = as fênix

Substantivos terminados em S

Palavras monossílabas ou oxítonas
Acrescenta-se ES.
Ex.

- ás = ases
- deus = deuses
- ananás = ananases

Palavras paroxítonas ou proparoxítonas
Ficam invariáveis.
Ex.

- os lápis.
- os tênis
- os atlas

Cuidado: Cais é invariável.

Substantivos só usados no plural

- as calças
- as costas
- os óculos
- os parabéns
- as férias
- as olheiras
- as hemorróidas
- as núpcias
- as trevas
- os arredores

Substantivos terminados em ZINHO

Ignora-se a terminação **-zinho**, coloca-se no plural o substantivo no grau normal, ignora-se o **s** do plural, devolve-se o **-zinho** ao local original e, finalmente, acrescenta-se o **s** no final.
Por exemplo **pãozinho**: ignora-se o -zinho (**pão**); coloca-se no plural o substantivo no grau normal

(**pães**); ignora-se o s (**pãe**); devolve-se o -zinho (**pãezinho**); acrescenta-se o s (**pãezinhos**).

Ex.

- **mulherzinha** = mulher - mulheres - mulhere - mulherezinha - **mulherezinhas**.
- **alemãozinho** = alemão - alemães - alemãe - alemãezinho - **alemãezinhos**.
- **barzinho** = bar - bares - bare - barezinho - **barezinhos**.

Substantivos terminados em INHO, sem Z

Acrescenta-se S.
Ex.

- lapisinho = lapisinhos
- patinho = patinhos
- chinesinho = chinesinhos

Plural com deslocamento da sílaba tônica

- carácter = caracteres
- espécimen = especímenes
- júnior = juniores
- sênior = seniores

Plural do substantivos compostos

Para se pluralizar um **substantivo composto**, os elementos que o formam devem ser analisados individualmente. Por exemplo, o substantivo composto **couve-flor** é composto por dois substantivos pluralizáveis, portanto seu plural será **couves-flores**; já o substantivo composto **beija-flor** é composto por um verbo, que é invariável, quanto à pluralização, e um substantivo pluralizável, portanto seu plural será **beija-flores**. Estudemos, então, os elementos que formam um substantivo composto e sua respectiva pluralização.

Substantivo / Adjetivo / Numeral

São elementos pluralizáveis, portanto, quando formarem um substativo composto, normalmente irão para o plural.
Ex.

- aluno-mestre = alunos-mestres
- erva-doce = ervas-doces
- alto-relevo = altos-relevos
- gentil-homem = gentis-homens
- segunda-feira = segundas-feiras
- cachorro-quente = cachorros-quentes

Pronome

Alguns pronomes admitem plural; outros, não. Por exemplo, os pronomes possessivos são pluralizáveis (meu - meus; nosso - nossos), mas os pronomes indefinidos, não (ninguém, tudo). Na formação de um substantivo composto o mesmo ocorre.
Ex.

- padre-nosso = padres-nossos
- Zé-ninguém = Zés-ninguém

Verbo / Advérbio / Interjeição

São elementos invariáveis, em relação à pluralização, portanto, quando formarem um substantivo composto, ficarão invariáveis.
Ex.

- pica-pau = pica-paus
- beija-flor = beija-flores
- alto-falante = alto-falantes
- abaixo-assinado = abaixo-assinados
- salve-rainha = salve-rainhas
- ave-maria = ave-marias

Casos especiais

Substantivo + Substantivo

Como vimos anteriormente, ambos irão para o plural, porém, quando o último elemento estiver indicando tipo ou finalidade do primeiro, somente este irá para o plural.
Ex.

- banana-maçã = bananas-maçã
- navio-escola = navios-escola
- salário-desemprego = salários-desemprego

Cuidado: laranjas-baianas e **salários-mínimos**, pois é a soma de substantivo com adjetivo.

Três ou mais palavras

A) Se o segundo elemento for uma preposição, só o primeiro irá para o plural.
Ex.

- pé-de-moleque = pés-de-moleque
- pimenta-do-reino = pimentas-do-reino
- mula-sem-cabeça = mulas-sem-cabeça

Cuidado: Se o primeiro elemento for invariável, o substantivo todo ficará invariável. P. ex. **fora-da-lei, fora-de-série**.

B) Se o segundo elemento não for uma preposição, só o último irá para o plural.
Ex.

- bem-te-vi = bem-te-vis
- bem-me-quer = bem-me-queres

Verbo + Verbo

A) Se os verbos forem iguais, alguns gramáticos admitem ambos no plural, outros, somente o último.
Ex.

- corre-corre = corres-corres ou corre-corres.
- pisca-pisca = piscas-piscas ou pisca-piscas
- lambe-lambe = lambes-lambes ou lambe-lambes

B) Se os verbos possuírem significação oposta, ficam invariáveis.
Ex.

- o leva-e-traz = os leva-e-traz
- o ganha-perde = os ganha-perde

Palavras Repetidas ou Onomatopéia

Quando o substantivo for formado por palavras repetidas ou for uma onomatopéia, somente o último irá para o plural.
Ex.

- tico-tico = tico-ticos
- tique-taque = tique-taques
- lero-lero = lero-leros
- pingue-pongue = pingue-pongues

Substantivo composto iniciado por Guarda

A) Formando uma pessoa:
Ambos irão para o plural.
Ex.

- guarda-urbano = guardas-urbanos
- guarda-noturno = guardas-noturnos
- guarda-florestal = guardas-florestais
- guarda-mirim = guardas-mirins

B) Formando um objeto:
Somente o último irá para o plural.
Ex.

- guarda-pó = guarda-pós
- guarda-chuva = guarda-chuvas
- guarda-roupa = guarda-roupas
- guarda-sol = guarda-sóis

C) Sendo o segundo elemento invariável ou já surgindo no plural:
Ficam invariáveis.
O mesmo acontece com os substantivos iniciados por porta.
Ex.

- o guarda-costas = os guarda-costas
- o guarda-volumes = os guarda-volumes
- o porta-jóias = os porta-jóias
- o porta-malas = os porta-malas

Substantivos que admitem mais de um plural

- **fruta-pão** = frutas-pães, fruta-pães, frutas-pão,
- **guarda-marinha** = guardas-marinhas, guarda-marinhas
- **padre-nosso** = padres-nossos, padre-nossos
- **terra-nova** = terras-novas, terra-novas
- **salvo-conduto** = salvos-condutos, salvo-condutos
- **xeque-mate** = xeques-mates, xeque-mates.
- **chá-mate** = chás-mates, chás-mate

EXERCÍCIOS

1- Dentre as frases abaixo, escolha aquela em que há, de fato, flexão de grau para o substantivo.
a) O advogado deu-me seu cartão.
b) Deparei-me com um portão, imenso e Suntuoso.
C) Moravam num casebre, à beira do rio.
d) A abelha, ao picar a vítima, perde seu ferrão.
e) A professora distribuiu as cartilhas a todos os alunos.

2- Indique a alternativa correta no que se refere ao plural dos substantivos compostos casa-grande, flor-de-cuba, arco-íris e beija-flor.
a) casa-grandes, flor-de-cubas, os arco-íris, beijas-flor
b) casas-grandes, flores-de-cuba, arcos-íris, beijas-flores
c) casas-grande, as flor-de-cubas, arcos-íris, os beija-flor
d) casas-grande, flores-de-cuba, arcos-íris, beijas-flores
e) casas-grandes, flores-de-cuba, os arco-íris, beija-fiores

3- Assinale a alternativa em que há gênero aparente na relação masculino/feminino dos pares.
a) boi - vaca
b) homem - mulher
c) cobra macho - cobra fêmea
d)o capital - a capital
e)o cônjuge (homem)- o cônjuge (mulher)

4- Assinale a alternativa em que a palavra tem o gênero indicado incorretamente.
a) a tapa
b) a grama
c) o hélice
d) o crisma
e) o ágape

5- Das opções a seguir, assinale a que apresenta um substantivo que só tem uma forma no plural.
a) guardião
b) espião
c) peão
d)vulcão
e) cirurgião

6- O plural de fogãozinho e cidadão é:
a) fogãozinhos e cidadãos.
b) fogãosinhos e cidadãos.
C) fogõezinhos e cidadãos.
d) fogõezinhos e cidadões.
e) fogõesinhos e cidadões.
7- Viam-se (*) junto aos (*) do jardim.
a) papelsinhos, meios-fio

b) papeizinhos, meios-fios
c) papeisinhos, meio-fios
d) papelzinhos, meio-fios
e) papeizinhos, meio-fios

8- Assinale a alternativa incorreta.
a) Borboleta é substantivo epiceno.
b) Rival é comum de dois gêneros.
c) Omoplata é substantivo masculino.
d) Vítima é substantivo sobrecomum.
e) n.d.a.

9- Indique a alternativa em que só aparecem substantivos abstratos.
a) tempo, angústia, saudade, ausência, esperança, imagem
b)angústia, sorriso, luz, ausência, esperança, inimizade
c) inimigo, luto, luz, esperança, espaço, tempo
d) angústia, saudade, ausência, esperança, inimizade
e) espaço, olhos, luz, lábios, ausência, esperança, angústia

10- Numere a segunda coluna de acordo com o significado das expressões da primeira coluna e assinale a alternativa que contém as algarismos na seqüência correta.
(1) o 61eo santci ( ) amoral
(2) a relva ( ) acrIsma
(3) um sacramento ( ) omoral
(4) a ética ( ) ocrisma
(5) a unidade de massa ( ) agrama
(6) o ânimo ( ) ograma
a) 6, 1,4, 3, 5, 2
b) 6, 3, 4, 1,2, 5
c) 4, 1,6, 3, 5, 2
d) 4, 3, 6, 1,2, 5
e) 6, 1,4, 3, 2, 5

11- Indique o período que não contém um substantivo no grau diminutivo.
a) Todas as moléculas foram conservadas com as propriedades particulares, independentemente da atuação do cientista.
b)O ar senhoril daquele homúnculo transformou-o no centro de atenções na tumultuada assembléia.
c) Através da vitrina da loia, a pequena observava curiosamente os objetos decorados expostos à venda, por preço bem baratinho.
d) De momento a momento, surgiam curiosas sombras e vultos apressados na silenciosa viela.
e) Enquanto distraía as crianças, a professora tocava flautim, improvisando cantigas
alegrece suaves.

12- Assinale a alternativa em que a flexão do substantivo composto está errada.
a) os pés-de-chumbo
b) os corre-corre
C) as públicas-formas
d) os cavalos-vapor
e) os vaivéns

13- Dadas as palavras:
1. esforços
2. portos
3. impostos
Verificamos que o timbre da vogal tônica é aberto:
a) apenas na palavra 1.
b) apenas na palavra 2.
C) apenas na palavra 3.
d) apenas nas palavras 1 e 3.
e) em todas as palavras.

14- Assinale a alternativa em que aparecem substantivos simples, respectivamente, concreto e abstrato.
a) água, vinho
b) Pedro, Jesus
C) Pilatos, verdade
d) Jesus, abaixo-assinado
e) Nova Iorque, Deus

15- Dadas as sentenças:
1. Ele não chegou a falar com a Presidenta.
2. Ele sofreu um entorse grave.
3. A tracoma é uma doença contagiosa.
Deduzimos que:

a) apenas a sentença 1 está correta.
b) apenas a sentença 2 está correta.
c) apenas a sentença 3 está correta.
d) todas estão corretas.
e) n.d.a.

16-Assinale a única frase em que há erro no que diz respeito ao gênero das palavras.
a)O gerente de será depor como testemunha única do crime.
b) A personagem principal do conto é o Seu Rodrigues.
c) Ele foi apontado como a cabeça do motim.
d) O telefonema deixou a anfitriã perplexa.
e) A parte superior da traquéia é o laringe.

17- Assinale a alternativa em que há um substantivo cuia mudança de gênero não altera o significado.
a) cabeça, cisma, capital
b) águia, rádio, crisma
c) cura, grama, cisma
d) lama, coral, moral
e) agente, praça, lama

18- Numa das frases seguintes, há uma flexão de plural totalmente errada. Assinale-a.
a) Os escrivães serão beneficiados por essa lei.
b) O número mais importante é o dos anõezinhos.
c) Faltam os hífens nesta relação de palavras.
d) Fulano e Beltrano são dois grandes caráteres.
e) Os reptis são animais ovíparos.

19- Relacione as duas colunas, de acordo com a classificação dos substantivos, e assinale a alternativa correta.
(1) padre ( ) próprio
(2) seminário ( ) coletivo
(3) dias ( ) derivado
(4) ano ( ) comum
a) 3, 4, 2, 1
b) 1,2, 4, 3
c) 1, 3, 4, 2
d) 3, 2, 1,4
e) 2, 4, 3, 1

20- Dentre os plurais de nomes compostos aqui relacionados, há um que está errado. Qual!
a) escolas-modelo
b) quebra-nozes
c) chefes-de-sessões
d) guardas-noturnos
e) redatores-chefes

21- Numa das opções, uma das palavras apresenta erro de flexão. Indique-a.
a) mãos-de-obra, obras-primas
b) guardas-civis, afro-brasileiros
c) salvos-condutos, papéis-moeda
d) portas-bandeira, mapas-múndi
e) salários-família, vice-diretores

22- Classificam-se como substantivos as palavras destacadas, exceto em:
a) "... o **idiota** com quem os moleques mexem...”
b) "... visava a me acostumar à morna **tirania**...".
c) "**Adeus**, volto para meus caminhos...”.
d) "... conheço até alguns **automóveis**...".
e) "... todas essas **coisas** se apagarão em lembranças...".

23- A alternativa em que o plural dos nomes compostos está empregado corretamente é:
a) pé-de-moleques, beija-flores, obras-primas, navios-escolas.

b) pés-de-moleques, beija-flores, obras-primas, navios-escolas.
c) pés-de-moleque, beija-flores, obras-primas, navios-escola.
d) pé-de-moleques, beija-flores, obras-primas, navios-escola.
e) pés-de-moleques, beija-flores, obras-prima, navios-escolas.

24- Assinale a alternativa em que há erro na flexão de número.
a) as águas-marinhas, as públicas-formas, os acórdãos
b) abajures, caracteres, os ônus
c) auto-serviços, alto-falantes, lilases
d) capitães-mor, sabiás-pirangas, autos-de-fé
e) guardas-florestais, malmequeres, Ave-Marias

RESPOSTAS

1) c
2) e
3) d
4) c
5) b
6) c
7) b
8) c
9) d
10) d
11) c
12) b
13) e
14) c
15) a
16) c
17) e
18) d
19) a
20) c
21) d
22) c
23) c
24) d

Numeral

É a palavra que indica a quantidade de elementos ou sua ordem de sucessão. Dependendo do que o numeral indica, ele pode ser:

Cardinal: É o numeral que indica a quantidade de seres.

Ordinal: É o numeral que indica a ordem de sucessão, a posição ocupada por um ser numa determinada série.

Multiplicativo: É o numeral que indica a multiplicação de seres.

Fracionário: É o numeral que indica divisão, fração.

Cardinais e Ordinais

Algarismos Romanos	Algarismos Arábicos	Numerais Cardinais	Numerais Ordinais
I	1	UM	PRIMEIRO
II	2	DOIS	SEGUNDO
III	3	TRÊS	TERCEIRO
IV	4	QUATRO	QUARTO
V	5	CINCO	QUINTO
VI	6	SEIS	SEXTO
VII	7	SETE	SÉTIMO
VIII	8	OITO	OITAVO
IX	9	NOVE	NONO
X	10	DEZ	DÉCIMO
XI	11	ONZE	DÉCIMO PRIMEIRO
XII	12	DOZE	DÉCIMO SEGUNDO
XIII	13	TREZE	DÉCIMO TERCEIRO
XIV	14	CATORZE / QUATORZE	DÉCIMO QUARTO
XV	15	QUINZE	DÉCIMO QUINTO
XVI	16	DEZESSEIS	DÉCIMO SEXTO
XVII	17	DEZESSETE	DÉCIMO SÉTIMO
XVIII	18	DEZOITO	DÉCIMO OITAVO
XIX	19	DEZENOVE	DÉCIMO NONO
XX	20	VINTE	VIGÉSIMO
XXI	21	VINTE E UM	VIGÉSIMO PRIMEIRO
XXX	30	TRINTA	TRIGÉSIMO

XL	40	QUARENTA	QUADRAGÉSIMO
L	50	CINQÜENTA	QÜINQUAGÉSIMO
LX	60	SESSENTA	SEXAGÉSIMO
LXX	70	SETENTA	SEPTUAGÉSIMO / SETUAGÉSIMO
LXXX	80	OITENTA	OCTOGÉSIMO
XC	90	NOVENTA	NONAGÉSIMO
C	100	CEM	CENTÉSIMO
CC	200	DUZENTOS	DUCENTÉSIMO
CCC	300	TREZENTOS	TRECENTÉSIMO
CD	400	QUATROCENTOS	QUADRINGENTÉSIMO
D	500	QUINHENTOS	QÜINGENTÉSIMO
DC	600	SEISCENTOS	SEISCENTÉSIMO / SEXCENTÉSIMO
DCC	700	SETECENTOS	SEPTINGENTÉSIMO
DCCC	800	OITOCENTOS	OCTINGENTÉSIMO
CM	900	NOVECENTOS	NONGENTÉSIMO / NONINGENTÉSIMO
M	1.000	MIL	MILÉSIMO
	10.000	DEZ MIL	DEZ MILÉSIMOS
	100.000	CEM MIL	CEM MILÉSIMOS
	1.000.000	UM MILHÃO	MILIONÉSIMO
	1.000.000.000	UM BILHÃO	BILIONÉSIMO

Ex:

869º = Octingentésimo sexagésimo nono.
582º = Qüingentésimo octogésimo segundo.
916º = Noningentésimo décimo sexto.
759º = Septingentésimo qüinquagésimo nono.

Numerais Multiplicativos

2	dobro, duplo, dúplice
3	triplo, tríplice
4	quádruplo
5	quíntuplo
6	sêxtuplo
7	séptuplo
8	óctuplo
9	nônuplo
10	décuplo
11	undéclupo
12	duodécuplo
13 em diante	cardinal + vezes
100	cêntuplo

Numerais Fracionários

2	meio / metade
3	terço
4	quarto
5	quinto
6	sexto
7	sétimo
8	oitavo
9	nono
10	décimo
11	onze avos
12	doze avos
100	centésimo

Emprego dos Numerais

01) Intercala-se a conjunção e entre as centenas e as dezenas e entre as dezenas e as unidades, mas entre os números que formam centena-dezena-unidade, nada se coloca; nem vírgula, nem e, a não ser

que seja centena ou dezena inteira..

Ex: **562.983.665 = Quinhentos e sessenta e dois milhões novecentos e oitenta e três mil seiscentos e sessenta e cinco**

42.002 = Quarenta e dois mil e dois.
42.020 = Quarenta e dois mil e vinte.
42.200 = Quarenta e dois mil e duzentos.
42.220 = Quarenta e dois mil duzentos e vinte.

02) Na designação de **séculos, reis, papas, príncipes, imperadores. capítulos, festas, feiras,** etc., utilizam-se **algarismos romanos**. A leitura será por **ordinal até X**; a partir daí (**XI, XII** ...), por cardinal. Se o numeral preceder o substantivo, sempre será lido como ordinal.

Ex:**XXXVIII Feira Agropecuária. = Trigésima oitava Feira Agropecuária.**
II Bienal Cultural = Segunda Bienal Cultural.
Papa João Paulo II = Papa João Paulo segundo.
Papa João XXIII = Papa João vinte e três.

03) Os numerais ordinais acima de 1.999º têm duas leituras possíveis:

2.000º = O dois milésimo ou O segundo milésimo.
89.428 = O oitenta e nove milésimo quadringentésimo vigésimo oitavo ou O octogésimo nono milésimo quadringentésimo vigésimo oitavo

04) **Zero, ambos e ambas** também são numerais.

EXERCÍCIOS

1- Assinale a alternativa em que meio funciona como advérbio.
a) Só quero meio quilo.
b) Achei-o meio triste.
c) Descobri o meio de acertar!
d) Parou no meio da rua.
e) Comprou um metro e meio.

2- Assinale o que estiver correto.
a) Seiscentismo se refere ao século XVI.
b) O algarismo romano da frase anterior se lê "décimo sexto".
c) Duodécuplo significa duas vezes; dodecuplo, doze vezes.
d) Ambos os dois e forma e~lca correta.
e) Quadragésimo, quarentena, quadragésima, quaresma só aparentemente se referem a quarenta.

3- Assinale a alternativa incorreta.
a) 874º - octingentésimo septuagésimo quarto
b) 398º - trecentésimo nonagésimo oitavo
c) 486º - quadringentésimo octogésimo sexto
d) n.d.a.

4- Ele obteve o ... (123º) lugar.
a) centésimo vigésimo terceiro
b) centésimo trigésimo terceiro
c) cento e vinte trigésimo
d) cento e vigésimo terceiro

5- Assinale o caso em que não haja expressão numérica de sentido indefinido.
a) Ele é o duodécimo colocado.
b) Quer que veja este filme pela milésima vez?
c) "Na guerra os meus dedos disparam mil mortes."
d) "A vida tem uma só entrada; a saída é por cem portas."
e) n.d.a.

6- Associe o sentido ao respectivo numeral coletivo.
(1)período de seis anos
(2) período de cinco anos
(3) estrofe de dois versos

(4) período de cem anos
(5) agrupamento de dez coisas
(   ) dístico
(   ) decúria
(   ) sexênio
(   ) centúria
(   ) lustro

7- **Triplo** e **tríplice** são numerais:
a) ordinal o primeiro e multiplicativo o segundo.
b) ambos ordinais.
c) ambos cardinais.
d) ambos multiplicativos.
e) multiplicativo o primeiro e ordinal o segundo

8- Sabendo-se que os numerais podem ser cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários, podemos dar os seguintes exemplos:
a) uma (cardinal), primeiro (ordinal), leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário).
b) um (cardinal), milésimo (ordinal), undécuplo (multiplicativo) e meio (fracionário).
c) um (ordinal), primeiro (cardinal), leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário).
d) um (ordinal), primeiro (cardinal), cêntuplo (multiplicativo) e centésimo (fracionário),
e) um (cardinal), primeiro (ordinal), duplo (multiplicativo), não existindo numeral denominado fracionário.

9- Assinale a alternativa **correta**.
a) 0s substantivos são, tabelião, pão, alemão e cidadão fazem o plural mudando **-ão** em **-ães**.
b) A torre e **altíssima**. A palavra destacada é adjetivo e está no grau superlativo absoluto analítico.
c) Vendi todos **os** livros a **uns** alunos. As palavras destacadas são pronomes definidos.
d)O **dobro** do meu dinheiro é igual à **metade** do teu. As palavras destacadas são numerais multiplicadores.
e) Levaram-**me** o caderno. A palavra desta cada é pronome pessoal oblíquo.

RESPOSTAS

1- b
2- d
3- d
4- a
5- a
6- 3, 5, 1, 4, 2
7- d
8- b

Adjetivo

Adjetivo é a classe gramatical que modifica um substantivo, atribuindo-lhe **qualidade, estado ou modo de ser.**

Um adjetivo normalmente exerce uma dentre três funções sintáticas na oração: **Aposto explicativo, adjunto adnominal ou predicativo.**

Os adjetivos podem ser

Adjetivo explicativo

É o adjetivo que denota **qualidade essencial** do ser, qualidade inerente, ou seja, qualidade que não **pode ser retirada do substantivo**. Por exemplo, todo homem é mortal, todo fogo é quente, todo leite é branco, então **mortal, quente** e **branco** são **adjetivos explicativos**, em relação a **homem, fogo e leite**.

Adjetivo restritivo

É o adjetivo que denota **qualidade adicionada** ao ser, ou seja, qualidade que **pode ser retirada do substantivo**. Por exemplo, nem todo homem é inteligente, nem todo fogo é alto, nem todo leite é enriquecido, então **inteligente, alto** e **enriquecido** são **adjetivos restritivos**, em **relação a homem,**

fogo e leite.

Obs.: Sempre que o **adjetivo** estiver **imediatamente após o substantivo** qualificado por ele, teremos o seguinte: Se ele for **adjetivo explicativo**, deverá estar entre vírgulas e funcionará sintaticamente como **aposto explicativo**; se for **adjetivo restritivo**, não poderá estar entre vírgulas e funcionará como **adjunto adnominal**.

Por exemplo: **O homem**, mortal, **age como um ser imortal**. Nessa frase, mortal é **adjetivo explicativo**, pois indica uma qualidade essencial do substantivo, por isso está entre vírgulas e sua função sintática é a de aposto explicativo.

Já na frase **O homem** inteligente **lê mais**. inteligente é **adjetivo restritivo**, pois indica uma qualidade adicionada ao substantivo, por isso não está entre vírgulas e sua função sintática é a de **adjunto adnominal**.

Perceba que inteligente, apesar de não ser essencial a todos os homens, é especificamente ao universo de homens dos quais estamos falando. Caso o **adjetivo restritivo** esteja entre vírgulas, funcionará como **predicativo**. Por exemplo: **O diretor**, preocupado, **atendeu ao telefone**.

Perceba que preocupado não é uma qualidade essencial a todos os homens nem o é ao diretor de quem estamos falando; o diretor possui a qualidade de preocupado apenas em um determinado momento - essa é a diferença entre o **adjunto adnominal** e o predicativo.

Orações Subordinadas Adjetivas

As **orações subordinadas adjetivas** são aquelas que funcionam como um **adjetivo**, modificando o substantivo. Sempre **são iniciadas por um pronome relativo** e podem ser denominadas de **explicativas** e de **restritivas**, tais quais os adjetivos.

Oração Subordinada Adjetiva Explicativa

É a oração que funciona como o **adjetivo explicativo**, ou seja, denota uma **qualidade essencial** do substantivo, deve estar entre vírgulas e funciona como **aposto explicativo**. Por exemplo: **O homem**, **que é mortal**, **age como um ser imortal**.

Há outra oração que funciona como ap**osto explicativo**: **a oração subordinada substantiva apositiva** . A diferença é que esta não explica o significado do substantivo anterior, mas sim o contexto da frase anterior. Por exemplo, a frase **Todos temos conhecimento de uma verdade**: **que o Brasil é o maior país da América do Sul**. possui uma oração subordinada substantiva apositiva (que o Brasil é o maior país da América do Sul), que explica o contexto da frase anterior, e não o significado da palavra verdade.

Oração Subordinada Adjetiva Restritiva

É a oração que funciona como o **adjetivo restritivo**, ou seja, denota uma **qualidade adicionada** ao substantivo, não pode estar entre vírgulas e funciona como **adjunto adnominal**. Por exemplo: **O homem que é inteligente lê mais**. O nome restritivo se deve ao fato de que a oração restringe o significado do substantivo anterior, ou seja, a oração apresentada significa que **apenas os homens que são inteligentes lêem mais, os outros não**. É assim que se comprova a existência de uma oração subordinada adjetiva restritiva: usando a expressão **somente... ,os outros não**.

Adjetivo Pátrio

É o adjetivo que Indica a nacionalidade ou o lugar de origem do ser. Observe alguns deles:

Estados e cidades brasileiros:

Acre = **acreano**
Alagoas = **alagoano**
Amapá = **amapaense**
Aracaju = **aracajuano ou aracajuense**
Amazonas = **amazonense ou baré**
Belém (PA) = **belenense**
Belo Horizonte = **belo-horizontino**
Boa Vista = **boa-vistense**

Brasília = **brasiliense**
Cabo Frio = **cabo-friense**
Campinas = **campineiro ou campinense**
Curitiba = **curitibano**
Espírito Santo = **espírito-santense ou capixaba**
Fernando de Noronha = noronhense
Florianópolis = **florianopolitano**
Fortaleza = **fortalense**
Goiânia = **goianiense**
João Pessoa = **pessoense**
Macapá = **macapaense**
Maceió = **maceioense**
Manaus = **manauense**
Maranhão = **maranhense**
Marajó = **marajoara**
Natal = **natalense ou papa-jerimum**
Porto Alegre = **porto-alegrense**
Porto Velho = **porto-velhense**
Ribeirão Preto = **ribeiropretense**
Rio de Janeiro (estado) = **fluminense**
Rio de Janeiro (cidade) = **carioca**
Rio Branco = **rio-branquense**
Rio Grande do Norte = **rio-grandense-do-norte, norte-rio-grandense ou potiguar**
Rio Grande do Sul = **rio-grandense-do-sul, sul-rio-grandense ou gaúcho**.
Rondônia = **rondoniano**
Roraima = **roraimense**
Salvador (BA) = **salvadorense ou soteropolitano**
Santa Catarina = **catarinense, catarineta ou barriga-verde**
Santarém = **santarense**
São Paulo (estado) = **paulista**
São Paulo (cidade) = **paulistano**
Sergipe = **sergipano**
Teresina = **teresinense**
Tocantins = **tocantinense**

Países

Croácia = **croata**
Costa Rica= **costa-riquense**
Curdistão = **curdo**
Estados Unidos = **estadunidense, norte-americano ou ianque**.
El Salvador = **salvadorenho**
Guatemala = **guatemalteco**
Índia = **indiano ou hindu** (os que professam o hinduísmo)
Irã = **iraniano**
Israel = **israelense ou israelita**
Moçambique = **moçambicano**
Mongólia = **mongol ou mongólico**
Panamá = **panamenho**
Porto Rico = **porto-riquenho**
Somália = **somali**

Adjetivos pátrios compostos

Na formação de adjetivos pátrios compostos, o primeiro elemento aparece na forma reduzida e, normalmente, erudita. Observe alguns exemplos:

África = **afro**- / Cultura afro-americana
Alemanha = **germano**- ou **teuto**- / Competições teuto-inglesas
América = **américo**- / Companhia américo-africana
Ásia = **ásio**- / Encontros ásio-europeus
Áustria = **austro**- / Peças austro-búlgaras
Bélgica = **belgo**- / Acampamentos belgo-franceses
China = **sino**- / Acordos sino-japoneses
Espanha = **hispano**- / Mercado hispano-português
Europa = **euro**- / Negociações euro-americanas
França = **franco**- ou **galo**- / Reuniões franco-italianas

Grécia = **greco**- / Filmes greco-romanos
Índia = **indo**- / Guerras indo-paquistanesas
Inglaterra = **anglo**- / Letras anglo-portuguesas
Itália = **ítalo**- / Sociedade ítalo-portuguesa
Japão = **nipo**- / Associações nipo-brasileiras
Portugal = **luso**- / Acordos luso-brasileiros

Locução Adjetiva

Em muitos casos, prefere-se usar, no lugar de um adjetivo, uma expressão formada por mais de uma palavra para caracterizar o substantivo. Essa expressão, que tem o mesmo valor e o mesmo sentido de um adjetivo, recebe o nome de locução adjetiva. Observe alguns exemplos:

de águia = aquilino
de aluno = discente
de anjo = angelical
de ano = anual
de aranha = aracnídeo
de asno = asinino
de baço = esplênico
de bispo = episcopal
de bode = hircino
de boi = bovino
de bronze = brônzeo ou êneo
de cabelo = capilar
de cabra = caprino
de campo = campestre ou rural
de cão = canino
de carneiro = arietino
de cavalo = cavalar, eqüino, eqüídio ou hípico
de chumbo = plúmbeo
de chuva = pluvial
de cinza = cinéreo
de coelho = cunicular
de cobre = cúprico
de couro = coriáceo
de criança = pueril
de dedo = digital
de diamante = diamantino ou adamantino
de elefante = elefantino
de enxofre = sulfúrico
de esmeralda = esmeraldino
de estômago = estomacal ou gástrico
de falcão = falconídeo
de farinha = farináceo
de fera = ferino
de ferro = férreo
de fígado = figadal ou hepático
de fogo = ígneo
de gafanhoto = acrídeo
de garganta = gutural
de gelo = glacial
de gesso = gípseo
de guerra = bélico
de homem = viril ou humano
de ilha = insular
de intestino = celíaco ou entérico
de inverno = hibernal ou invernal
de lago = lacustre
de laringe = laríngeo
de leão = leonino
de lebre = leporino
de lobo = lupino
de lua = lunar ou selênico
de macaco = simiesco, símio ou macacal
de madeira = lígneo
de marfim = ebúrneo ou ebóreo
de mestre = magistral
de monge = monacal
de neve = níveo ou nival
de nuca = occipital
de orelha = auricular
de ouro = áureo
de ovelha = ovino
de paixão = passional
de pâncreas = pancreático
de pato = anserino
de peixe = písceo ou ictíaco
de pombo = columbino
de porco = suíno ou porcino
de prata = argênteo ou argírico
dos quadris = ciático
de raposa = vulpino
de rio = fluvial
de serpente = viperino
de sonho = onírico
de terra = telúrico, terrestre ou terreno
de trigo = tritício
de urso = ursino
de vaca = vacum
de velho = senil
de vento = eólico
de verão = estival
de vidro = vítreo ou hialino
de virilha = inguinal
de visão = óptico ou ótico

Flexões do Adjetivo

Gênero e Número

O **adjetivo** concorda com o substantivo a que se refere em **gênero e número (masculino e feminino; singular e plural)**. Caso o **adjetivo** seja **representado por um substantivo**, ficará **invariável**, ou seja, se a palavra que estiver qualificando um elemento for, originalmente, um substantivo, ela manterá sua forma primitiva e passará a ser denominado de **substantivo adjetivado**. Por exemplo, a palavra **cinza** é originalmente um substantivo, porém, se estiver qualificando um elemento, funcionará como adjetivo. Ficará, então invariável. **Camisas cinza, ternos cinza**.

Ex.
Carros amarelos e motos vinho.
Telhados marrons e paredes musgo.
Espetáculos gigantescos e comícios monstro.

Adjetivo composto

Com raras exceções, o adjetivo composto tem seus elementos ligados por hífen. Apenas **o último elemento concorda com o substantivo** a que se refere; os demais ficam na forma masculina, singular. Caso um dos elementos que formam o adjetivo composto seja um **substantivo adjetivado**, todo o adjetivo composto ficará invariável. Por exemplo, a palavra **rosa** é originalmente um substantivo, porém, se estiver qualificando um elemento, funcionará como adjetivo. Caso se ligue a outra palavra por hífen, formará um adjetivo composto; como é um substantivo adjetivado, o adjetivo composto inteiro ficará invariável. **Camisas rosa-claro. Ternos rosa-claro**.

Ex.
Olhos verde-claros.
Calças azul-escuras e camisas verde-mar.
Telhados marrom-café e paredes verde-claras.

Azul-marinho, azul-celeste, ultravioleta e qualquer adjetivo composto iniciado por **cor-de**-... são sempre **invariáveis**.

Os adjetivos compostos **surdo-mudo** e **pele-vermelha** têm os dois elementos flexionados.

Graus do Adjetivo

Comparativo

compara uma qualidade entre dois elementos ou duas qualidade de um mesmo elemento.
São três os comparativos:
de superioridade: Para alguns alunos, Português é mais fácil que Química.
de igualdade: Para alguns alunos, Português é tão fácil quanto Química.
de inferioridade: Para alguns alunos, Português é menos fácil que Química.
Bom, mau, grande e **pequeno** têm formas sintéticas (**melhor, pior, maior** e **menor**), porém, em comparações feitas **entre duas qualidades** de um mesmo elemento, devem-se usar as formas analíticas **mais bom, mais mau, mais grande e mais pequeno**. Por exemplo, **Pedro é maior do que Paulo**, pois está-se fazendo a comparação de dois elementos, mas **Pedro é mais grande que pequeno**, pois está-se fazendo a comparação de duas qualidades de um mesmo elemento.
Ex. **Edmundo foi condenado, mas tenho certeza de que ele é mais bom do que mau**.
Joaquim é mais bom do que esperto.

Superlativo

Engrandece a qualidade de um elemento. São dois os superlativos de um adjetivo:

Superlativo absoluto

analítico = o adjetivo é modificado por um advérbio:
Ex. Carla é muito inteligente.
sintético = quando há o acréscimo de um sufixo (-íssimo, -érrimo, -ílimo)
Ex. Carla é inteligentíssima.

Superlativos absolutos sintéticos eruditos

Alguns adjetivos no grau superlativo absoluto sintético apresentam a primitiva forma latina, daí serem chamados de **eruditos**. Por exemplo, o adjetivo **magro** possui dois superlativos absolutos sintéticos: o normal, **magríssimo**, e o erudito**, macérrimo**.

Eis uma pequena lista de superlativos absolutos sintéticos:

benéfico = **beneficentíssimo**
bom = **boníssimo ou ótimo**
célebre = **celebérrimo**
comum = **comuníssimo**
cruel = **crudelíssimo**
difícil = **dificílimo**
doce = **dulcíssimo**
fácil = **facílimo**
fiel = **fidelíssimo**
frágil = **fragílimo**
frio = **friíssimo ou frigidíssimo**
humilde = **humílimo**
jovem = **juveníssimo**
livre = **libérrimo**
magnífico = **magnificentíssimo**
magro = **macérrimo ou magríssimo**
manso = **mansuetíssimo**
mau = **péssimo**
nobre = **nobilíssimo**
pequeno = **mínimo**
pobre = **paupérrimo ou pobríssimo**
preguiçoso = **pigérrimo**
próspero = **prospérrimo**
sábio = **sapientíssimos**
agrado = **sacratíssimo**

Superlativo relativo

de superioridade = Enaltece a qualidade do substantivo como "o mais" dentre todos os outros.
Ex. Carla é a mais inteligente.
sintético = Enaltece a qualidade do substantivo como "o menos" dentre todos os outros.
Ex. Carla é a menos inteligente.

Exercícios

1- "(...) No fundo o imponente castelo. No primeiro plano a íngreme ladeira que conduz ao castelo. Descendo a ladeira numa disparada louca o fogoso ginete.
Montado no ginete o apaixonado caçula do castelão inimigo de capacete prateado com plumas brancas. E atravessada no ginete a formosa donzela desmaiada entregando ao vento os cabelos cor de carambola." (A. de Alcântara Machado, Carmela).
"(...) íamos, se não me engano, pela rua das Mangueiras, quando voltando-nos, vimos um carro elegante que levavam a trote largo dois fogosos cavalos. Uma encantadora menina, sentada ao lado de uma senhora idosa, se recostava preguiçosamente sobre o macio estofo e deixava pender pela cobertura derreada do carro a mão pequena que brincava com um leque de penas escarlates." José de Alencar, Lucíola).

Nesses excertos, observa-se que a maioria dos substantivos são modificados por adjetivos ou expressões equivalentes.
Comparando os dois textos:
a) aponte em cada um deles o efeito produzido por tal recurso lingüístico
b) justifique sua resposta.

2- "Os homens são **os melhores fregueses**" - **os melhores** encontra-se no grau:
a) comparativo de superioridade.
b) superlativo relativo de superioridade.
c) superlativo absoluto sintético.
d) superlativo absoluto analítico de superioridade.

3- O **desagradável** da questão era vê-lo de **mau** humor depois da **troca** de turno.
Na frase acima, as palavras destacadas comportam-se, respectivamente, como:

a) substantivo, adjetivo, substantivo.
b) adjetivo, advérbio, verbo.
c) substantivo, adjetivo, verbo.
d) substantivo, advérbio, substantivo.
e) adjetivo, adjetivo, verbo.

4- Em algumas gramáticas, o adjetivo vem definido como sendo "a palavra que modifica o substantivo". Assinale a alternativa em que o adjetivo destacado contraria a definição.
a) Li um livro **lindo**.
b) Beber água é **saudável**.
c) Cerveja **gelada** faz mal.
d) Gente **fina** é outra coisa!
e) Ele parece uma pessoa **simpática**.

5- Indique a alternativa em que não é atribuída a idéia de superlativo ao adjetivo.
a) É uma idéia agradabilíssima.
b) Era um rapaz alto, alto, alto.
c) Saí de Iá hipersatisfeito.
d) Almocei tremendamente bem.
e) É uma moça assustadoramente alta.

6- Siga o modelo: *modificação **da paisagem** – modificação **paisagística***
a) água **da chuva**
b) exageros **da paixão**
c) atitudes de **criança**
d) soro **contra veneno de serpente**

7- Dê o superlativo absoluto sintético de:
a) feliz
b) livre

8- Faça conforme o modelo: *alma **de fora** – alma **exterior***
a) imagem **do espelho**
b) parede **de vidro**
c) imposição **da lei**
d) comprimento **da linha**

9- Dê os adjetivos equivalentes às expressões em destaque.
a) programa da tarde
b) ciclo da vida
c) representante dos alunos

10- Passe para o plural.
a) borboleta azul-clara
b) borboleta cor-de-laranja

11- Dadas as afirmações de que os adjetivos correspondentes aos substantivos:
1. enxofre
2. chumbo
3. prata
São, respectivamente,
1. sulfúreo 2. plúmbeo 3. argênteo
Verificamos que está (estão) correta(s):
a) apenas a afirmação 1 .
b) apenas a afirmação 2.
c) apenas a afirmação 3.
d) apenas as afirmações 1 e 2.
e) todas as afirmações.

12- Relacione a primeira coluna à segunda.
(1) água
(2) chuva
(3) gato
(4) marfim
(5) prata
(6) rio
(7) não consta da lista

( ) pluvial
( ) ebúrneo
( ) felino
( ) aquilino
( ) argênteo

A seqüência correta é:
a) 7, 7, 3, 1,;7.

b) 6, 3, 7, 1,4.
c) 2, 4, 3, 7, 5.
d) 2, 4, 7, 1, 7.

13- Os superlativos absolutos sintéticos de comum, soberbo, fiel, miúdo são, respectivamente:
a) comuníssimo, super, fielísimo, minúsculo.
b)comuníssimo, sobérrimo, fidelíssimo, minúsculo.
c) comuníssimo, superbíssimo, fidelíssimo, minutíssimo.
d) comunérrimo, sobérrimo, fidelíssimo, miudérrimo.
e) comunérrimo, sobérrimo, fielíssimo, minutissimo.

14- Os adjetivos **Iígneo**, **gípseo**, **níveo**, **braquial** significam, respectivamente:
a) lenhoso, feito de gesso, alvo, relativo ao braço.
b) lenhoso, feito de gesso, nivelado, relativo ao crânio.
c) lenhoso, rotativo, abalizado, relativo ao crânio.
d) associado, rotativo, nivelado, relativo ao braço.
e) associado, feito de gesso, abalizado, relativo ao crânio.

15- Aponte a alternativa incorreta quanto à correspondência entre a locução e o adjetivo.
a) glacial (de gelo); ósseo (de osso)
b) fraternal (de irmão); argênteo (de prata)
c) farináceo (de farinha); pétreo (de pedra)
d) viperino (de vespa); ocular (de olho)
e) ebúrneo (de marfim); insípida (sem sabor)

16- O plural de terno **azul-claro**, terno **verde-mar** é, respectivamente:
a) ternos azuis-claros, ternos verdes-mares.
b) ternos azuis-claros, ternos verde-mares.
c) ternos azul-claro, ternos verde-mar.
d) ternos azul-claros, ternos verde-mar.
e) ternos azuis-claro, ternos verde-mar.

17- Marque:
a) se I e II forem verdadeiras
b) se I e III forem verdadeiras
c) se II e III forem verdadeiras
d) se todas forem verdadeiras
e) se todas forem falsas
"... eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor..."
I. No primeiro caso, **autor** é substantivo; **defunto** é adjetivo.
II. No segundo caso, **defunto** é substantivo; **autor** é adjetivo.
III. Em ambos os casos, tem-se um substantivo composto.

18- Assinale a alternativa em que o termo **cego(s)** é um adjetivo.
a) "Os cegos, habitantes de um mundo esquemático, sabem aonde ir..."
b) "O cego de Ipanema representava naquele momento todas as alegorias da noite escura da alma..."
c) "Todos os cálculos do cego se desfaziam na turbulência do álcool."
d) "Naquele instante era só um pobre cego."
e) "... da Terra que é um globo cego girando no caos."

19- Observe as proposições abaixo:
O1.Poucos autores escrevem poemas herói-cômicos.
02. Os cabelos castanhos-escuros emolduravam-lhe o semblante juvenil.
04. Vestidos vermelhos e amarelo-laranja foram os mais vendidos na exposição.
08. As crianças surdo-mudas foram encaminhadas à clinica para tratamento.
16. Discutiu-se muito a respeito de ciências político-sociais na última assembléia dos professores.
32. As sociedades luso-brasileira adquiriram novos livros de autores portugueses.
Marque as frases corretas e some os valores que lhes são atribuídos.

20- O adjetivo está mal flexionado em grau em:
a) livre: libérrimo
b) magro: macérrimo
c) doce: docílimo
d) triste: tristíssimo
e) fácil: facílimo

21- Sigao exemplo:
Não chame a torre de alta, mas de altíssima.
Não considero sua atitude nobre, mas (*).

22- No trecho "... o homem não fala simplesmente uma língua, não a usa, como **mero** instrumento de comunicação...", o termo sublinhado é um:
a) substantivo e significa "simples".
b) advérbio e significa "genuíno".
c) adjetivo e significa "quase".
d) advérbio e significa ''estreme".
e) adjetivo e significa "puro".

23- Assinale a alternativa em que ambos os adjetivos não se flexionam em gênero.
a) elemento motor, tratamento médico-dentário
b) esforço vão, pasçeio matinal
c) juiz arrogante, sentimento fraterno
d) cientista hindu, homem célebre
e) costume andaluz, manual Iúdico-instrutivo

24- Das frases abaixo, apenas uma apresenta adjetivo no comparativo de superioridade, assinale-a.
a) A palmeira é a mais alta árvore deste lugar.
b) Guardei as melhores recordações daquele dia,
c) A Lua é menor do que a Terra.
d) Ele é o maior aluno de sua turma.
e) O mais alegre dentre os colegas era Ricardo.

25- Dê o grau normal dos superlativos:
a) macérrimo
b) tetérrimo
c) minutíssimo
d) personalíssimo
e) feracíssimo

26- Relativamente à concordância dos adjetivos compostos indicativos de cor, uma, dentre as seguintes alternativas, está errada. Qual?
a) saia amarelo-ouro
b) papel amarelo-ouro
c) caixa vermelho-sangue
d) caixa vermelha-sangue
e) caixas vermelho-sangue

RESPOSTAS

1. a) Por se tratar de textos narrativos, a adjetivação tem caráter descritivo e não argumentativo. E ambos os textos, nota-se uma caracterização enaltecedora, que desenha um quadro idealizado cujos elementos se aproximam da perfeição. No segundo texto, essa construção é o objetivo do escritor; no primeiro, o escritor faz referência a certo tipo de escrito em que os elementos apresentados são sempre os mesmos – sempre idealizados, sempre caracterizado pelos mesmos adjetivos.
   b) Deve-se notar o uso dos artigos definidos no primeiro texto que substantivam as expressões a que se referem – não é um castelo, é o "imponente castelo" das típicas histórias românticas. Esse tratamento permite perceber que o primeiro texto é metalinguístico.

2. b
3. a
4. b
5. d
6. a) pluvial
   b)passionais
   c) infantis, pueris
   d) antiofídico
7. a) felicíssimo
   b) libérrimo
8. a) especular
   b) vítrea
   c) legal
   d) linear
9. a) vespertino
   b) vital
   c) discente
10. a) borboletas azul-claras
    b) Borboletas cor-de-laranja
11. e
12. c
13. c
14. a
15. d
16. d
17. a
18. e
19. 01+04+16=21
20. c
21. nobilíssima
22. e
23. d
24. c
25. a) magro
    b) tetro (tétrico)
    c) miúdo
    d) pessoal
    e) feraz (fértil, fecundo)
26. d

Concordância Nominal

Os adjetivos e as palavras adjetivadas concordam em gênero e número com os elementos a que se referem. Por exemplo: gatas malhadas e cachorros brancos. Quando o adjetivo surgir junto de mais de um substantivo, teremos regras especiais, que veremos agora:

01) Adjetivo posposto a dois ou mais substantivos

Adjunto adnominal

Quando o adjetivo posposto a dois ou mais substantivos funcionar como adjunto adnominal e estiver qualificando todos os substantivos apresentados, poderá concordar com o elemento mais próximo ou com a soma deles.
Ex.

- O Estado compra carros e maçãs argentinas.
- O Estado compra carros e maçãs argentinos.

Há três casos em que o adjunto adnominal concordará apenas com o elemento mais próximo:
01) Se qualificar apenas o elemento mais próximo:
Ex.

- Comprei óculos e frutas frescas.

02) Se os substantivos forem sinônimos:
Ex.

- Desrespeitaram o povo e a gente brasileira.

03) Se os substantivos formarem gradação:
Ex.

- Foi um olhar, uma piscadela, um gesto estranho.

Predicativo do sujeito

Quando o adjetivo imediatamente posposto a dois ou mais substantivos funcionar como predicativo do sujeito, deverá concordar com a soma dos elementos, apesar de existirem gramáticos que admitam a concordância também com o elemento mais próximo.
Ex.

- O operário e a esposa, preocupados, saíram para o trabalho.

Predicativo do objeto

Quando o adjetivo imediatamente posposto a dois ou mais substantivos funcionar como predicativo do objeto, deverá concordar com a soma dos elementos, apesar de existirem gramáticos que admitam a concordância também com o elemento mais próximo.
Ex.

- Encontrei o operário e a esposa preocupados com a situação da empresa.

Obs.: Uma maneira fácil de se estabelecer a diferença entre o adjunto adnominal e o predicativo é quando substituímos o substantivo por um pronome: todos os adjuntos adnominais que gravitam ao redor do substantivo têm de acompanhá-lo nessa substituição, ou seja, os adjuntos adnominais desaparecem. Portanto, se o adjetivo não desaparecer na substituição, será predicativo.

02) Adjetivo anteposto a dois ou mais substantivos

Adjunto adnominal

Quando o adjetivo anteposto a dois ou mais substantivos funcionar como adjunto adnominal e estiver qualificando todos os substantivos apresentados, deverá concordar apenas com o elemento mais próximo.
Ex.

- Trouxe belas rosas e cravos.

Predicativo do sujeito

Quando o adjetivo imediatamente anteposto a dois ou mais substantivos funcionar como predicativo do sujeito, deverá concordar com a soma dos elementos, apesar de existirem gramáticos que admitam a concordância também com o elemento mais próximo.
Ex.

- Preocupados, o operário e a esposa saíram para o trabalho.

Predicativo do objeto

Quando o adjetivo imediatamente anteposto a dois ou mais substantivos funcionar como predicativo do objeto, deverá concordar com a soma dos elementos, apesar de existirem gramáticos que admitam a concordância também com o elemento mais próximo.
Ex.

- Encontrei preocupados com a situação da empresa o operário e a esposa.

03) Dois ou mais adjetivos, modificando um só substantivo

Quando houver apenas um substantivo qualificado por dois ou mais adjetivos, há duas maneiras de se construir a frase:

A) Coloca-se o substantivo no plural, e enumeram-se os adjetivos.
Ex.

- Ele estuda as línguas inglesa e francesa.

B) Coloca-se o substantivo no singular, e, ao se enumerarem os adjetivos, acrescenta-se artigo a cada um deles.
Ex.

- Ele estuda a língua inglesa e a francesa.

Casos Especiais

Obrigado / Mesmo / Próprio

Esses três elementos concordam com o substantivo ou com o pronome a que se referem, ou seja, se o substantivo for feminino plural, usam-se mesmas, próprias e obrigadas. Caso a palavra mesmo significar realmente, ficará invariável.
Ex.

- Elas mesmas disseram, em coro: Muito obrigadas, professor.
- Os próprios jogadores reconheceram o erro.
- As meninas trouxeram mesmo o radialista.

Só / Sós

Essa palavra concordará com o elemento a que se refere, quando significar sozinhos, sozinhos, sozinha, sozinhas; ficará invariável, quando significar apenas, somente. A locução a sós é sempre invariável.
Ex.

- Só as garotas queriam andar sós; os meninos queriam a companhia delas.
- Gosto de estar a sós.

Quite / Anexo / Incluso

Esses três elementos concordam com o substantivo a que se referem.
Ex.

- Deixarei as promissórias quites, para não ter problemas.
- Anexas, seguem as fotocópias dos documentos solicitados.
- Estão inclusos o café da manhã e o almoço.

Meio

Concordará com o elemento a que se referir, quando significar metade; ficará invariável, quando significar um pouco, mais ou menos. Quando formar substantivo composto, ambos os elementos variarão.
Ex.

- Era meio-dia e meia. Ela estava meio nervosa.
- Os meios-fios foram construídos em lugar errado.

Verbo de ligação + Predicativo do sujeito

Quando o sujeito for tomado em sua generalidade, sem qualquer determinante, o verbo ser - ou qualquer outro verbo de ligação - ficará no singular e o predicativo do sujeito no masculino, singular.Se o sujeito vier determinado por qualquer palavra, a concordância do verbo e do predicativo será regular, ou seja, concordarão com o sujeito em número e pessoa.
Ex.

- Caminhada é bom para a saúde.
- Esta caminhada está muito boa.
- É proibido entrada

- Está proibida a entrada.

Menos / Pseudo

Essas duas palavras são sempre invariáveis.
Ex.

- Houve menos reclamações dessa vez.
- As pseudo-escritoras foram desmascaradas.

Muito / Bastante

Quando modificarem substantivo, concordarão com ele, por serem pronomes indefinidos adjetivos; quando modificarem verbo, adjetivo, ou outro advérbio, ficarão invariáveis, por serem advérbios. Bastante também será adjetivo, quando significar que basta, que satisfaz.
Ex.

- Bastantes funcionários ficaram bastante revoltados com a empresa.
- Há provas bastantes de sua culpa.

Grama

Quando a palavra grama representar unidade de massa, será masculina.
Ex.

- Comprei duzentos gramas de queijo.

Silepse

Concordância irregular, também chamada concordância figurada; é a que se opera não com o termo expresso, mas com outro termo latente, isto é, oculto, mentalmente subentendido, ou seja concorda-se, não com a palavra que esteja escrita, mas sim com o que ela significa.

Silepse de gênero

São Paulo é linda, pois trata-se da cidade de São Paulo.

Silepse de número
Estaremos aberto nesse final de semana, porque o que estará aberto será o estabelecimento. Há também a silepse de pessoa, já estudada por nós na Concordância verbal.

Possível

Em frases enfáticas, como o mais, o menos, o melhor, o pior, as mais, os menos, os piores, as melhores, a palavra possível concordará com o artigo.
Ex.

- Visitei cidades o mais interessantes possível.
- Visitei cidades as mais interessantes possíveis.

EXERCÍCIOS

Para as questões de 01 a 20 segue o código abaixo: assinale com "C " as alternativas corretas e com "I " as incorretas:

01) (   ) Percorria bosques e montanhas nevados.
02) (   ) Nas noites frias, usávamos meias e casacos grossos.
03) (   ) Víamos, ao longe, os carneiros e o roseiral floridos
04) (   ) O juiz declarou inocente o réu e a sua cúmplice.
05) (   ) Que assim mereça eterno nome e glória
06) (   ) Ofereci-lhe perfumados rosas e lírios
07) (   ) Os alunos mesmo pediram repetição da aula
08) (   ) Foi necessário termos bastante cuidados na viagem
09) (   ) Os crimes de lesos-patriotismos não são definidos em lei
10) (   ) Aos vinte anos, já estava quite de suas obrigações militares
11) (   ) Admiro-os: são rapazes que se fizeram por si só.
12) (   ) Anexas à carta, seguirão as listas de preço
13) (   ) Conheci escritores o mais brilhantes possíveis
14) (   ) Não será vedado pesca em todo o litoral brasileiro
15) (   ) Nem um nem outro político demagogo votou a emenda
16) (   ) Todos ficarão alertas, embora haja menos greves
17) (   ) Fiquem calamos, amigos, iremos diretos ao assunto

18) (   ) Os torcedores do Flamengo são tais qual o próprio time.
19) (   ) Nossos políticos não são nenhuns ignorantes
20) (   ) Hastearam, na fronteira, a bandeira brasileira e uruguaia

Preencha as lacunas corretamente assinalando o que se pede, marcando a letra:

21) Seguem _______várias propostas. Ouvi histórias as mais mirabolantes _________. A criança estava ______ sonolenta.
a) anexas, possíveis, meio
b) anexas, possível, meio
c) anexo, possíveis, meia
d) anexo, possíveis, meia

22) Concordância errada:
a) Tinha belos olhos e boca
b) Todos se moviam cautelosamente, alertas ao perigo.
c) Os braços e as mãos trêmulas erguiam-se para o céu.
d) A terceira e a quarta séries tiveram bom índice de aprovação.

23) Assinale o erro:
a) Compramos dois mil e quarenta folhas de papel especial.
b) Comprei oitocentos gramas de pão.
c) Fizemos uma observação na página trezentos e dois
d) Você ainda reside na casa dois?

24) Segue a documentação ___________. Pedro está __________com a tesouraria. Os vigias estão sempre _________. Maria estava _________ encabulada.
a) anexo, quites, alerta, meio
b) anexo, quites, alertas, meia
c) anexa, quite, alerta, meio
d) anexa, quite, alertas, meio

Preencha as lacunas assinalando a alternativa

25) Achei o chefe e sua filha muito _______. Vão _______as listas do material. Suas Excelências estavam _______ de suas esposas.
a) simpáticos, anexas, acompanhadas
b) simpática, anexo, acompanhada
c) simpáticos, anexas, acompanhados
d) simpáticas, anexo, acompanhados

26) Concordância incorreta:
a) A nau ia afundando a olhos vistos
b) Os tratados luso-brasileiros foram revogados
c) Comprei dois vestidos verde-limão
d) Pintou paisagens as mais belas possível

27) Erro na utilização da palavra destacada.
a) Estavam meio atônito com a nota
b) Faltava meio capítulo para o fim
c) Ela ficou meia aborrecida contigo
d) Já passava de meio-dia e meia

28) Concordância injustificável:
a) Foi necessária toda a documentação pedida para a matrícula
b) É bom ter muita cautela nesse caso
c) É necessário habilidade para resolver este problema
d) Na presente situação, é valido a justificativa trazida por ele

29) Erro de concordância:
a) Os fatos falam por si só
b) Ele estuda História e Mitologia Grega
c) Estes produtos custam cada vez mais caro
d) Ela mesma nos agradeceu

30) Assinale a frase que contém erro:

a) Os jogadores estavam meio fracos
b) A moça estava toda de preto

c) Era um crime de leso-patriotismo
d) Rui conhece as línguas alemãs e japonesas

31) Assinale a frase que contém erro:

a) A certidão e o recibo seguem hoje anexos
b) Anexo vai a certidão e o recibo
c) Anexo vai o recibo.
d) Anexo vai o recibo e a certidão

32) Assinale a frase incorreta:

a) Tinha as mãos e o rosto ensangüentados
b) Os tropeiros deixaram espalhados os arreios e as bagagens
c) Conserve sempre limpos os pés e as mãos
d) Acho plausível os seus argumentos

33) Assinale a frase que contém erro:

a) Um e outro assunto selecionado
b) Escolhestes má hora e local
c) Veja como são belos as rosas e os lírios!
d) O pai e a mãe estrangeiros

34) Assinale a frase que contém erro:

a) Dei aulas extras ao aluno
b) Eles andam por longes terras
c) Não a vejo há bastantes anos
d) Notícia nenhuma da família

Para as questões de 35 a 40 assinale a concordância como se pede:

35) Incorreta:

a) Aqueles fatos eram necessários.
b) Escolheu péssima ocasião e dia.
c) Escolheu bons momentos e hora para solicitar o aumento salarial.
d) Aguardou o momento e a hora oportuna para falar.

36) Incorreta:

a) Entrada é proibida.
b) Cerveja é bom no verão.
c) É permitido entrada de turistas.
d) É proibida a saída de alunos.

37) Incorreta:

a) A carta segue anexa ao processo.
b) O ofício e o requerimento seguem em anexo.
c) Remeti anexa a carta e o requerimento.
d) Remeti anexo a carta e o requerimento.

38) Incorreto:

a) Ela mesma fez o pedido.
b) Ela fez mesmo o pedido.
c) Ela fez o pedido mesmo.
d) Ela mesmo fez o pedido.

39) Incorreta:

a) Muito obrigada, disse a professora ao aluno.
b) Os alunos ficaram quites com a tesouraria do curso.
c) Os bombeiros, durante a seca, ficam alertas aos perigos.
d) Houve bastante razões para faltarmos ontem.

40) Incorreta:

a) Estive meio preocupada com o resultado
b) São alunas bastantes estudiosas
c) Estudava os idiomas francês e japonês
d) Aqueles dias foram bastantes para descansarmos

41) Assinale a alternativa correta:
"Faz muitos anos que compramos uma caneta e um gramática ___________ para estudar a língua e a literatura ___________.

a) volumosa, lusas- brasileiras
b) volumosas, portuguesa
c) volumosos, portuguesas
d) volumosa, portuguesa

42) Marque a alternativa cuja seqüência preencha adequadamente as lacunas do seguinte período:
"Nós ___________socorremos o rapaz e a moça ___________.

a) mesmas, bastante machucados
b) mesmo, bastantes machucados
c) mesmos, bastantes machucados
d) mesmo, bastante machucada

43) Todas as concordâncias nominais estão corretas, exceto:

a) Seguem anexas as promissórias
b) Escolhemos má hora e lugar para a festa
c) A justiça declarou culpados o réu e sua cúmplice
d) A moça usava vestidos azul-marinhos.

44) "Os seus projetos são os __________elaborados, por isso garantem as verbas __________ para sua execução e evitam ______ - entendidos."

a) melhor, suficientes, mau
b) mais bem, suficientes, mal
c) mais bem, suficiente, mal
d) melhor, suficientes, mau

45) "Ainda ______ furiosa, mas com _________ violência, proferia injúrias ____________ para escandalizar todos. "

a) meia, menos, bastante
b) meio, menos, bastante
c) meio, menos, bastantes
d) meia, menas, bastantes

Respostas Sobre Concordância Nominal

01) C
02) C
03) I
04) C
05) C
06) I
07) I
08) I
09) C
10) C
11) I
12) C
13) I
14) C
15) I
16) I
17) I
18) C
19) C
20) I
21) A
22) B
23) A
24) C
25) C
26) D
27) C
28) D
29) A
30) D
31) B
32) D
33) A
34) D
35) C
36) A
37) D
38) D
39) D
40) B
41) B
42) A
43) D
44) B
45) C

Pronomes

Pronome é a palavra variável em gênero, número e pessoa que substitui ou acompanha o nome, indicando-o como pessoa do discurso. Quando o pronome **substituir um substantivo**, será denominado

pronome substantivo; quando acompanhar um substantivo, será denominado pronome adjetivo. Por exemplo, na frase Aqueles garotos estudam bastante; **eles** serão aprovados com louvor. Aqueles é um pronome adjetivo, pois acompanha o substantivo garotos e eles é um **pronome substantivo**, pois substitui o mesmo **substantivo**.

Pronomes Pessoais

Os pronomes pessoais são aqueles que indicam uma das três pessoas do discurso: a que fala, a com quem se fala e a de quem se fala.

Pronomes pessoais do caso reto

Pronomes pessoais do caso reto são os que desempenham a função sintática de sujeito da oração. São os pronomes **eu, tu, ele, ela, nós, vós eles, elas**.

Pronomes pessoais do caso oblíquo

São os que desempenham a função sintática de complemento verbal (objeto direto ou indireto), complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial, adjunto adnominal ou sujeito acusativo (sujeito de oração reduzida).

Os pronomes pessoais do caso oblíquo se subdividem em dois tipos: os **átonos**, que não são antecedidos por preposição, e os **tônicos**, precedidos por preposição.

Pronomes oblíquos átonos

Os pronomes oblíquos átonos são os seguintes: **me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, os, as, lhes**.

Pronomes oblíquos tônicos

Os pronomes oblíquos tônicos são os seguintes: **mim, comigo, ti, contigo, ele, ela, si, consigo, nós, conosco, vós, convosco, eles, elas**.

Usos dos Pronomes Pessoais

Eu, tu / Mim, ti

Eu e **tu** exercem a função sintática de sujeito. **Mim** e **ti** exercem a função sintática de complemento verbal ou nominal, agente da passiva ou adjunto adverbial e sempre são precedidos de preposição.
Ex.

- Trouxeram aquela encomenda para mim.
- Era para eu conversar com o diretor, mas não houve condições.

Agora, observe a oração **Sei que não será fácil para mim conseguir o empréstimo**. O pronome **mim** NÃO é sujeito do verbo conseguir, como à primeira vista possa parecer. Analisando mais detalhadamente, teremos o seguinte:
O sujeito do verbo ser é a oração **conseguir o empréstimo**, pois **que não será fácil?** resposta: conseguir o empréstimo, portanto há uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo, que é a oração que funciona como sujeito, tendo o verbo no infinitivo.
O verbo **ser** é verbo de ligação, portanto **fácil** é predicativo do sujeito.
O adjetivo fácil exige um complemento, pois **conseguir o empréstimo não será fácil para quem?** resposta: **para mim**, que funciona como complemento nominal. Ademais a ordem direta da oração é esta: **Conseguir o empréstimo não será fácil para mim**.

Se, si, consigo

Se, si, consigo são pronomes reflexivos ou recíprocos, portanto só poderão ser usados na voz reflexiva ou na voz reflexiva recíproca.
Ex.

- Quem não se cuida, acaba ficando doente.
- Quem só pensa em si, acaba ficando sozinho.
- Gilberto trouxe consigo os três irmãos.

Com nós, com vós / Conosco, convosco

Usa-se **com nós** ou **com vós**, quando, à frente, surgir qualquer palavra que indique quem "somos nós" ou quem "sois vós".
Ex.

- Ele conversou com nós todos a respeito de seus problemas.
- Ele disse que sairia com nós dois.

Dele, do + subst. / De ele, de o + subst.

Quando os pronomes pessoais **ele(s)**, **ela(s)**, ou qualquer substantivo, funcionarem como sujeito, não devem ser aglutinados com a preposição **de**.
Ex.

- É chegada a hora de ele assumir a responsabilidade.
- No momento de o orador discursar, faltou-lhe a palavra.

Pronomes Oblíquos Átonos

Os pronomes oblíquos átonos são **me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, os as, lhes**. Eles podem exercer diversas funções sintáticas nas orações. São elas:

A) Objeto Direto

Os pronomes que funcionam como objeto direto são **me, te, se, o, a, nos, vos, os, as**.
Ex.

- Quando encontrar seu material, traga-o até mim.
- Respeite-me, garoto.
- Levar-te-ei a São Paulo amanhã.

Notas:

01) Se o verbo for terminado em **M, ÃO** ou **ÕE**, os pronomes **o, a, os, as** se transformarão em **no, na, nos, nas**.
Ex.

- Quando encontrarem o material, tragam-no até mim.
- Os sapatos, põe-nos fora, para aliviar a dor.

02) Se o verbo terminar em **R, S** ou **Z**, essas terminações serão retiradas, e os pronomes **o, a, os, as** mudarão para **lo, la, los, las**.
Ex.

- Quando encontrarem as apostilas, deverão trazê-las até mim.
- As apostilas, tu perde-las toda semana. (Pronuncia-se pérde-las)
- As garotas ingênuas, o conquistador sedu-las com facilidade.

03) Independentemente da predicação verbal, se o verbo terminar em **mos**, seguido de **nos** ou de **vos**, retira-se a terminação **-s**.
Ex.

- Encontramo-nos ontem à noite.
- Recolhemo-nos cedo todos os dias.

04) Se o verbo for transitivo indireto terminado em **s**, seguido de **lhe, lhes**, não se retira a terminação **s**.
Ex.

- Obedecemos-lhe cegamente.
- Tu obedeces-lhe?

B) Objeto Indireto

Os pronomes que funcionam como objeto indireto são **me, te, se, lhe, nos, vos, lhes**.
Ex.

- Traga-me as apostilas, quando as encontrar.
- Obedecemos-lhe cegamente.

C) Adjunto adnominal

Os pronomes que funcionam como adjunto adnominal são **me, te, lhe, nos, vos, lhes**, quando indicarem posse (algo de alguém).
Ex.

- Quando Clodoaldo morreu, Soraia recebeu-lhe a herança. (a herança dele)
- Roubaram-me os documentos. (os documentos de alguém - meus)

D) Complemento nominal

Os pronomes que funcionam como complemento nominal são **me, te, lhe, nos, vos, lhes**, quando complementarem o sentido de adjetivos, advérbios ou substantivos abstratos. (algo a alguém, não provindo a preposição **a** de um verbo).
Ex.

- Tenha-me respeito. (respeito a alguém)
- É-me difícil suportar tanta dor. (difícil a alguém)

D) Sujeito acusativo

Os pronomes que funcionam como sujeito acusativo são **me, te, se, o, a, nos, vos, os, as**, quando estiverem em um período composto formado pelos verbos **fazer, mandar, ver, deixar, sentir** ou **ouvir**, e um verbo no **infinitivo** ou no **gerúndio**.
Ex.

- Deixei-a entrar atrasada.
- Mandaram-me conversar com o diretor.

Pronomes Relativos

O Pronome Relativo Que

Este pronome deve ser utilizado com o intuito de substituir um substantivo (pessoa ou "coisa"), evitando sua repetição. Na montagem do período, deve-se colocá-lo imediatamente após o substantivo repetido, que passará a ser chamado de **elemento antecedente**.

Por exemplo, nas orações **Roubaram a peça. A peça era rara no Brasil** há o substantivo **peça** repetido. Pode-se usar o pronome relativo **que** e, assim, evitar a repetição de **peça**. O pronome será colocado após o substantivo. Então teremos **Roubaram a peça que...** . Este **que** está no lugar da palavra **peça** da outra oração. Deve-se, agora, terminar a outra oração: **...era rara no Brasil**, ficando

Roubaram a peça que era rara no Brasil.

Pode-se, também, iniciar o período pela outra oração, colocando o pronome após o substantivo. Então, tem-se **A peça que...** Este **que** está no lugar da palavra **peça** da outra oração. Deve-se, agora, terminar a outra oração: **...roubaram**, ficando **A peça que roubaram...** . Finalmente, conclui-se a oração que se havia iniciado: **...era rara no Brasil**, ficando

A peça que roubaram era rara no Brasil.

Outros exemplos:

01) Encontrei o garoto. Você estava procurando o garoto.

- Substantivo repetido = garoto
- Colocação do pronome após o substantivo = Encontrei o garoto que ...
- Restante da outra oração = ... você estava procurando.
- Junção de tudo = Encontrei o garoto que você estava procurando.

Começando pela outra oração:

- Colocação do pronome após o substantivo = Você estava procurando o garoto que ...
- Restante da outra oração = ... encontrei
- Junção de tudo = Você estava procurando o garoto que encontrei.

02) Eu vi o rapaz. O rapaz era seu amigo.

- Substantivo repetido = rapaz
- Colocação do pronome após o substantivo = Eu vi o rapaz que ...
- Restante da outra oração = ... era seu amigo.
- Junção de tudo = Eu vi o rapaz que era seu amigo.

Começando pela outra oração:

- Colocação do pronome após o substantivo = O rapaz que ...
- Restante da outra oração = ... eu vi ...
- Finalização da oração que se havia iniciado = ... era seu amigo
- Junção de tudo = O rapaz que eu vi era seu amigo.

03) Nós assistimos ao filme. Vocês perderam o filme.

- Substantivo repetido = filme
- Colocação do pronome após o substantivo = Nós assistimos ao filme que ...
- Restante da outra oração = ... vocês perderam.
- Junção de tudo = Nós assistimos ao filme que vocês perderam.

Começando pela outra oração:

- Colocação do pronome após o substantivo = Vocês perderam o filme que ...
- Restante da outra oração = ... nós assistimos
- Junção de tudo = Vocês perderam o filme que nós assistimos.

Observe que, nesse último exemplo, a **junção de tudo** ficou incompleta, pois a primeira oração é **Nós assistimos ao filme**, porém, na junção, a prep. **a** desapareceu. Portanto o período está inadequado gramaticalmente. A explicação é a seguinte: Quando o verbo do restante da outra oração exigir preposição, deve-se colocá-la antes do pronome relativo. Então teremos: **Vocês perderam o filme a que nós assistimos.**

04) O gerente precisa dos documentos. O assessor encontrou os documentos

- Substantivo repetido = documentos
- Colocação do pronome após o substantivo = O gerente precisa dos documentos que
- Restante da outra oração = ... o assessor encontrou
- Junção de tudo = O gerente precisa dos documentos que o assessor encontrou.

Começando pela outra oração:

- Colocação do pronome após o substantivo = O assessor encontrou os documentos que ...
- Restante da outra oração = ... o gerente precisa.
- O verbo **precisar** está usado com a prep. **de**, portanto ela será colocada antes do pronome relativo.
- Junção de tudo = O assessor encontrou os documentos de que o gerente precisa.

Obs: O pronome **que** pode ser substituído por **o qual, a qual, os quais e as quais** sempre. O gênero e o número são de acordo com o substantivo substituído.

Os exemplos apresentados ficarão, então, assim, com o **que** substituído por **qual**:

- Encontrei o livro o qual você estava procurando. Você estava procurando o livro o qual encontrei.
- Eu vi o rapaz o qual é seu amigo. O rapaz o qual vi é seu amigo.
- Nós assistimos ao filme o qual vocês perderam. Vocês perderam o filme ao qual nós assistimos.
- O gerente precisa dos documentos os quais o assessor encontrou. O assessor encontrou os documentos dos quais o gerente precisa.

Obs: Todos os pronomes relativos iniciam **Oração Subordinada Adjetiva**, portanto todos os períodos apresentados contêm oração subordinada adjetiva.

O Pronome Relativo Cujo

Este pronome indica posse (algo de alguém).
Na montagem do período, deve-se colocá-lo entre o possuidor e o possuído (alguém cujo algo)

Por exemplo nas orações **Antipatizei com o rapaz. Você conhece a namorada do rapaz**. o substantivo repetido **rapaz** possui **namorada**. Deveremos, então usar o pronome relativo **cujo**, que será colocado entre o possuidor e o possuído: **Algo de alguém = Alguém cujo algo**. Então, tem-se **a namorada do rapaz** = **o rapaz cujo a namorada**. Não se pode, porém, usar artigo (o, a, os, as) depois de **cujo**. Ele deverá contrair-se com o pronome, ficando: **cujo + o = cujo; cujo + a = cuja; cujo + os = cujos; cujo + as = cujas**. Então a frase ficará **o rapaz cuja namorada**. Somando as duas orações, tem-se

Antipatizei com o rapaz cuja namorada você conhece.

Outros exemplos:

01) A árvore foi derrubada. Os frutos da árvore são venenosos.

- Substantivo repetido = árvore - o substantivo repetido possui algo.
- Algo de alguém = Alguém cujo algo: os frutos da árvore = a árvore cujos frutos. Somando as duas orações, tem-se
- A árvore cujos frutos são venenosos foi derrubada.

Começando pela outra oração:

- Colocação do pronome **que** após o substantivo = Os frutos da árvore que ...
- Restante da outra oração = ... foi derrubada ...
- Finalização da oração que se havia iniciado = ... são venenosos
- Junção de tudo = Os frutos da árvore que foi derrubada são venenosos.

02) O artista morreu ontem. Eu falara da obra do artista.

- Substantivo repetido = artista - o substantivo repetido possui algo.
- Algo de alguém = Alguém cujo algo: a obra do artista = o artista cuja obra. Somando as duas orações, tem-se

O artista cuja obra eu falara morreu ontem.

Observe que, nesse último exemplo, a **junção de tudo** ficou incompleta, pois a segunda oração é **Eu falara da obra do artista**, porém, na junção, a prep. **de** desapareceu. Portanto o período está inadequado gramaticalmente. A explicação é a seguinte: Quando o verbo da oração subordinada adjetiva exigir preposição, deve-se colocá-la antes do pronome relativo. Então, tem-se: **O artista de cuja obra eu falara morreu ontem**.

03) As pessoas estão presas. Eu acreditei nas palavras das pessoas.

- Substantivo repetido = pessoas - o substantivo repetido possui algo.
- Algo de alguém = Alguém cujo algo: as palavras das pessoas = as pessoas cujas palavras. Somando as duas orações, tem-se

As pessoas cujas palavras acreditei estão presas.

O verbo **acreditar** está usado com a prep. **em**, portanto ela será colocada antes do pronome relativo. **As pessoas em cujas palavras acreditei estão presas**.

Começando pela outra oração:

- Colocação do pronome **que** após o substantivo = Eu acreditei nas palavras das pessoas que ...
- Restante da outra oração = ... estão presas
- Junção de tudo = Eu acreditei nas palavras das pessoas que estão presas.

Obs: Todos os pronomes relativos iniciam Oração Subordinada Adjetiva, portanto todos os períodos apresentados contêm oração subordinada adjetiva.

O Pronome Relativo Quem

Este pronome substitui um substantivo que representa uma pessoa, evitando sua repetição. Somente deve ser utilizado antecedido de preposição, inclusive quando funcionar como objeto direto, Nesse caso, haverá a anteposição obrigatória da prep. **a**, e o pronome passará a exercer a função sintática de **objeto direto preposicionado**. Por exemplo na oração **A garota que conheci está em minha sala**, o pronome **que** funciona como objeto direto. Substituindo pelo pronome **quem**, tem-se

A garota a quem conheci ontem está em minha sala.

Há apenas uma possibilidade de o pronome **quem** não ser precedido de preposição: quando funcionar como sujeito. Isso só ocorrerá, quando possuir o mesmo valor de **o que, a que, os que, as que, aquele que, aquela que, aqueles que, aquelas que**, ou seja, quando puder ser substituído por pronome demonstrativo (**o, a, os, as, aquele, aquela, aqueles, aquelas**) mais o pronome relativo **que**. Por exemplo: **Foi ele quem me disse a verdade = Foi ele o que me disse a verdade**. Nesses casos o pronome **quem** será denominado de **Pronome Relativo Indefinido**.

Na montagem do período, deve-se colocar o pronome relatico **quem** imediatamente após o substantivo repetido, que passará a ser chamado de elemento antecedente.

Por exemplo nas orações **Este é o artista. Eu me referi ao artista ontem**. há o substantivo **artista** repetido. Pode-se usar o pronome relativo **quem** e, assim, evitar a repetição de **artista**. O pronome será colocado após o substantivo. Então, tem-se **Este é o artista quem...** Este **quem** está no lugar da palavra **artista** da outra oração. Deve-se, agora, terminar a outra oração: **...eu me referi ontem**, ficando **Este é o artista quem me referi ontem**. Como o verbo **referir-se** exige a preposição **a**, ela será colocada antes do pronome relativo. Então tem-se

Este é o artista a quem me referi ontem.

Não se pode iniciar o período pela outra oração, pois o pronome relativo **quem** só funciona como sujeito, quando puder ser substituído por **o que, a que, os que, as que, aquele que, aqueles que, aquela que, aquelas que**.

Outros exemplos:
01) Encontrei o garoto. Você estava procurando o garoto.

- Substantivo repetido = garoto
- Colocação do pronome após o substantivo = Encontrei o garoto que ...
- Restante da outra oração = ... você estava procurando.
- Junção de tudo = Encontrei o garoto quem você estava procurando. Como **procurar** é verbo transitivo direto, o pronome **quem** funciona como objeto direto. Então, deve-se antepor a prep. **a** ao pronome relativo, funcionando como objeto direto preposicionado.

Encontrei o garoto a quem você estava procurando.

Começando pela outra oração:

- Colocação do pronome após o substantivo = Você estava procurando o garoto quem
- Restante da outra oração = ... encontrei
- Junção de tudo = Você estava procurando o garoto quem encontrei. Novamente objeto direto preposicionado:

Você estava procurando o garoto a quem encontrei.

02) Aquele é o homem. Eu lhe falei do homem.

- Substantivo repetido = homem
- Colocação do pronome após o substantivo = Aquele é o homem quem ...
- Restante da outra oração = ... lhe falei.
- Junção de tudo = Aquele é o homem quem lhe falei. Como **falar** está usado com a prep. **de**, deve-se antepô-la ao pronome relativo, ficando

Aquele é o homem de quem lhe falei.

Não se esqueça disto:

O pronome relativo **quem** somente deve ser utilizado antecedido de preposição;
Quando for objeto direto, será antecedido da prep. **a**, transformando-se em objeto direto preposicionado;

Somente funciona como sujeito, quando puder ser substituído por **o que, os que, a que, as que, aquele que, aqueles que, aquela que aquelas que**.

O Pronome Relativo Qual

Este pronome tem o mesmo valor de **que** e de **quem**.

É sempre antecedido de artigo, que concorda com o elemento antecedente, ficando **o qual, a qual, os quais, as quais**.

Se a preposição que anteceder o pronome relativo possuir duas ou mais sílabas, só poderemos usar o pronome **qual**, e não **que** ou **quem**. Então só se pode dizer **O juiz perante o qual testemunhei. Os assuntos sobre os quais conversamos**, e não O juiz perante quem testemunhei nem Os assuntos sobre que conversamos.

Outro exemplo:

Meu irmão comprou o restaurante. Eu falei a você sobre o restaurante.

- Substantivo repetido = restaurante
- Colocação do pronome após o substantivo = Meu irmão comprou o restaurante que ...
- Restante da outra oração = ... eu falei a você.
- Junção de tudo = Meu irmão comprou o restaurante que eu falei a você. Observe que o verbo **falar**, na oração apresentada, foi usado com a preposição **sobre**, que deverá ser anteposta ao pronome relativo: **Meu irmão comprou o restaurante sobre que eu falei a você**. Como a preposição **sobre** possui duas sílabas, não se pode usar o pronome **que**, e sim **o qual**, ficando, então,

  Meu irmão comprou o restaurante sobre o qual eu falei a você.

O Pronome Relativo Onde

Este pronome tem o mesmo valor de **em que**.

Sempre indica **lugar**, por isso funciona sintaticamente como **Adjunto Adverbial de Lugar**.

Se a preposição **em** for substituída pela prep. **a** ou pela prep. **de**, substituiremos **onde** por **aonde** e **donde**, respectivamente. Por exemplo: **O sítio aonde fui é aprazível. A cidade donde vim fica longe.**

Será Pronome Relativo Indefinido, quando puder ser subtituído por **O lugar em que**. Por exemplo na frase **Eu nasci onde você nasceu. = Eu nasci no lugar em que você nasceu**.

Outro exemplo:
Eu conheço a cidade. Sua sobrinha mora na cidade.

- Substantivo repetido = cidade
- Colocação do pronome após o substantivo = Eu conheço a cidade que...
- Restante da outra oração = ... sua sobrinha mora.
- Junção de tudo = Eu conheço a cidade que sua sobrinha mora. O verbo **morar** exige a prep. **em**, pois **quem mora, mora em algum lugar**. Então

Eu conheço a cidade em que sua sobrinha mora.
Eu conheço a cidade na qual sua sobrinha mora.
Eu conheço a cidade onde sua sobrinha mora.

O Pronome Relativo Quanto

Este pronome é sempre antecedido de **tudo, todos** ou **todas**, concordando com esses elementos (**quanto, quantos, quantas**).

Exemplo:
Fale tudo quanto quiser falar.
Traga todos quantos quiser trazer.
Beba todas quantas quiser beber.

Pronomes de Tratamento

São pronomes empregados no trato com as pessoas, familiarmente ou respeitosamente. Embora o **pronome de tratamento** se dirija à segunda pessoa, toda a concordância deve ser feita com a **terceira pessoa**. Usa-se **Vossa**, quando **conversamos com a pessoa**, e **Sua**, quando **falamos da pessoa**.
Ex.

- Vossa Senhoria deveria preocupar-se com suas responsabilidades e não com as de
- Sua Excelência, o Prefeito, que se encontra ausente.

Eis uma pequena lista de pronomes de tratamento:

AUTORIDADES DE ESTADO

Civis

Pronome de tratamento	Abreviatura	Usado para
Vossa Excelência	V. Ex.ª	Presidente da República, Senadores da República, Ministro de Estado, Governadores, Deputados Federais e Estaduais, Prefeitos, Embaixadores, Vereadores, Cônsules, Chefes das Casas Civis e Casas Militares
Vossa Magnificência	V. M.	Reitores de Universidade
Vossa Senhoria	V. S.^{a}	Diretores de Autarquias Federais, Estaduais e Municipais

Judiciárias

Pronome de tratamento	Abreviatura	Usado para
Vossa Excelência	V. Ex.ª	Desembargador da Justiça, curador, promotor
Meritíssimo Juiz	M.	Juiz Juízes de Direito
Vossa Senhoria	V. S.^{a}	Diretores de Autarquias Federais, Estaduais e Municipais

Militares

Pronome de tratamento	Abreviatura	Usado para
Vossa Excelência	V. Ex.ª	Oficiais generais (até coronéis)
Vossa Senhoria	V. S.ª	Outras patentes militares
Vossa Senhoria	V. S.ª	Diretores de Autarquias Federais, Estaduais e Municipais

AUTORIDADES ECLESIÁSTICAS

Pronome de tratamento	Abreviatura	Usado para
Vossa Santidade	V. S.	Papa
Vossa Eminência Reverendíssima	V. Em.ª Revm.ª	Cardeais, arcebispos e bispos
Vossa Reverendíssima	V. Revmª	Abades, superiores de conventos, outras autoridades eclesiásticas e sacerdotes em geral

AUTORIDADES MONÁRQUICAS

Pronome de tratamento	Abreviatura	Usado para
Vossa Majestade	V. M.	Reis e Imperadores
Vossa Alteza	V. A.	Príncipe, Arquiduques e Duques
Vossa Reverendíssima	V. Revmª	Abades, superiores de conventos, outras autoridades eclesiásticas e sacerdotes em geral

OUTRAS AUTORIDADES

Pronome de tratamento	Abreviatura	Usado para
Vossa Senhoria	V. S.ª	Dom
Doutor	Dr.	Doutor
Comendador	Com.	Comendador
Professor	Prof.	Professor

Pronomes Possessivos

São aqueles que indicam **posse**, em relação às três pessoas do discurso. São eles: **meu(s), minha(s), teu(s), tua(s), seu(s), sua(s), nosso(s), nossa(s), vosso(s), vossa(s).**

Empregos dos pronomes possessivos

01) O emprego dos possessivos de terceira pessoa **seu, sua, seus, suas** pode dar duplo sentido à frase (ambigüidade). Para evitar isso, coloca-se à frente do substantivo dele, dela, deles, delas, ou troca-se o possessivo por esses elementos.
Ex.

- Joaquim contou-me que Sandra desaparecera com seus documentos.

De quem eram os documentos? Não há como saber. Então a frase está ambígua. Para tirar a ambigüidade, coloca-se, após o substantivo, o elemento referente ao dono dos documentos: se for Joaquim: Joaquim contou-me que Sandra desaparecera com seus documentos dele; se for Sandra: Joaquim contou-me que Sandra desaparecera com seus documentos dela. Pode-se, ainda, eliminar o pronome possessivo: Joaquim contou-me que Sandra desaparecera com os documentos dele (ou dela).

02) É facultativo o uso de artigo diante dos possessivos.
Ex.

- Trate bem seus amigos. ou Trate bem os seus amigos.

03) Não se devem usar pronomes possessivos diante de partes do próprio corpo.
Ex.

- Amanhã, irei cortar os cabelos.
- Vou lavar as mãos.
- Menino! Cuidado para não machucar os pés!

04) Não se devem usar pronomes possessivos diante da palavra casa, quando for a residência da pessoa que estiver falando.
Ex.

- Acabei de chegar de casa.
- Estou em casa, tranqüilo.

Pronomes Demonstrativos

Pronomes demonstrativos são aqueles que situam os seres no tempo e no espaço, em relação às pessoas do discurso. São os seguintes:

01) Este, esta, isto:

São usados para o que está próximo da pessoa que fala e para o tempo presente.
Ex.

- Este chapéu que estou usando é de couro.
- Este ano está sendo cheio de surpresas.

02) Esse, essa, isso:

São usados para o que está próximo da pessoa com quem se fala, para o tempo passado recente e para o futuro.
Ex.

- Esse chapéu que você está usando é de couro?
- 2003. Esse ano será envolto em mistérios.
- Em novembro de 2001, inauguramos a loja. Até esse mês, nada sabíamos sobre comércio.

03) Aquele, aquela, aquilo:

São usados para o que está distante da pessoa que fala e da pessoa com quem se fala e para o tempo passado remoto.
Ex.

- Aquele chapéu que ele está usando é de couro?
- Em 1974, eu tinha 15 anos. Naquela época, Londrina era uma cidade pequena.

Outros usos dos demonstrativos

01) Em uma citação oral ou escrita, usa-se este, esta, isto para o que ainda vai ser dito ou escrito, e esse, essa, isso para o que já foi dito ou escrito.
Ex.

- Esta é a verdade: existe a violência, porque a sociedade a permitiu.
- Existe a violência, porque a sociedade a permitiu. A verdade é essa.

02) Usa-se este, esta, isto em referência a um termo imediatamente anterior. Ex.

- O fumo é prejudicial à saúde, e esta deve ser preservada.
- Quando interpelei Roberval, este assustou-se inexplicavelmente.

03) Para estabelecer-se a distinção entre dois elementos anteriormente citados, usa-se este, esta, isto em relação ao que foi mencionado por último e aquele, aquela, aquilo, em relação ao que foi nomeado em primeiro lugar.
Ex.

- Sabemos que a relação entre o Brasil e os Estados Unidos é de domínio destes sobre aquele.
- Os filmes brasileiros não são tão respeitados quanto as novelas, mas eu prefiro aqueles a estas.

04) O, a, os, as são pronomes demonstrativos, quando equivalem a isto, isso, aquilo ou aquele(s), aquela(s).
Ex.

- Não concordo com o que ele falou. (aquilo que ele falou)
- Tudo o que aconteceu foi um equívoco. (aquilo que aconteceu)

Pronomes Indefinidos

Os pronomes indefinidos referem-se à terceira pessoa do discurso de uma maneira vaga, imprecisa, genérica.

São eles: **alguém, ninguém, tudo, nada, algo, cada, outrem, mais, menos, demais, algum, alguns, alguma, algumas, nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhumas, todo, todos, toda, todas, muito, muitos, muita, muitas, bastante, bastantes, pouco, poucos, pouca, poucas, certo, certos, certa, certas, tanto, tantos, tanta, tantas, quanto, quantos, quanta, quantas, um, uns,**

uma, umas, qualquer, quaisquer além das locuções pronominais indefinidas cada um, cada qual, quem quer que, todo aquele que, tudo o mais...

Usos de alguns pronomes indefinidos

Todo

O pronome indefinido todo deve ser usado com artigo, se significar inteiro e o substantivo à sua frente o exigir; caso signifique cada ou todos não terá artigo, mesmo que o substantivo exija.
Ex.

- Todo dia telefono a ela. (Todos os dias)
- Fiquei todo o dia em casa. (O dia inteiro)
- Todo ele ficou machucado. (Ele inteiro, mas a palavra ele não admite artigo)

Todos, todas

Os pronomes indefinidos todos e todas devem ser usados com artigo, se o substantivo à sua frente o exigir.
Ex.

- Todos os colegas o desprezam.
- Todas as meninas foram à festa.
- Todos vocês merecem respeito.

Algum

O pronome indefinido algum tem sentido afirmativo, quando usado antes do substantivo; passa a ter sentido negativo, quando estiver depois do substantivo.
Ex.

- Amigo algum o ajudou. (Nenhum amigo)
- Algum amigo o ajudará. (Alguém)

Certo

A palavra certo será pronome indefinido, quando anteceder substantivo e será adjetivo, quando estiver posposto a substantivo.

Ex.

- Certas pessoas não se preocupam com os demais.
- As pessoas certas sempre nos ajudam.

Qualquer

O pronome indefinido qualquer não deve ser usado em sentido negativo. Em seu lugar, deve-se usar **algum**, posteriormente ao substantivo, ou **nenhum**
Ex.

- Ele entrou na festa sem qualquer problema. Essa frase está inadequada gramaticalmente. O adequado seria
- Ele entrou na festa sem problema algum.
- Ele entrou na festa sem nenhum problema

Pronomes Interrogativos

São os pronomes **que, quem, qual** e **quanto** usados em frases interrogativas diretas ou indiretas.
Ex.

- Que farei agora? - Interrogativa direta.
- Quanto te devo, meu amigo? - Interrogativa direta.
- Qual é o seu nome? - Interrogativa direta.
- Não sei quanto devo cobrar por esse trabalho. - Interrogativa indireta.

Notas:
01) Na expressão interrogativa **Que é de?** subentende-se a palavra **feito**: Que é do sorriso? (= Que é feito do sorriso?), Que é dele? (= Que é feito dele?). Nunca se deve usar **quédê, quedê** ou **cadê**, pois essas palavras oficialmente não existem, apesar de, no Brasil, o uso de **cadê** ser cada dia mais constante.

02) Não se deve usar a forma **o que** como pronome interrogativo; usa-se apenas **que**, a não ser que o

pronome seja colocado depois do verbo.
Ex.

- Que você fará hoje à noite? e não O que você fará hoje à noite?
- Que queres de mim? e não O que queres de mim?
- Você fará o quê?

Exercícios

01) Assinale a alternativa incorreta:

a) Seria mais econômico para mim vender o carro
b) Pesam sérias acusações sobre mim e ti
c) Depois do espetáculo, todos queriam falar consigo
d) Tenho certeza, porque ela falou com nós mesmos
e) Ainda cantas aquelas músicas? Canta-as para nós.

02) Complete as lacunas abaixo (veja o quadro a seguir):
01.________________carro que dirijo não é meu
02.________________teu fascínio é que me apaixona
03. _______cadeiras que usamos são confortáveis, mas __________do Teatro Nacional são bem melhores
04. ______de vês lá em alto-mar é a tempestade, o ciclone
05. De todos os livros que li _____aqui foi o mais complicado
06. Paula, de quem é _____ moto que o teu irmão dirige?
07. Os tipos de predicado são _______: nominal, verbal e verbo-nominal
08. Você, que está no Chile, poderia me dizer quantos brasileiros vivem ______ país
09. Sei que vou alcançar meus objetivos e __está bem próximo
10. O que você quis dizer com ______?
11. _________ que eles estão fazendo é crime de lesa-pátria
12. Ao observar o juiz e o bandeirinha, percebi que ______ confirmou o sinal que _____lhe fizera, e anulo o nosso gol

03) Assinale a alternativa que não apresenta pronome indefinido ou locução:
a) Jamais houve qualquer manifestação de apreço ou de desdém
b) Não faças a outrem o que não queres par ti
c) Racionamento é sinal de menos progresso
d) É mister que se façam bastantes exercícios
e) Não moro na fazenda porque lá a vida é muito monótona

04) Assinale a alternativa em que não ocorre pronome interrogativo:
a) Ainda não sei quem escreveu aquele bilhetinho
b) Aonde você quer chegar com tanta pressa?
c) Poderias me dizer qual será o teu próximo passo
d) Que lhe parece esta programa? Fácil? Difícil?
e) Que é que o senhor está fazendo?

05) Assinale a alternativa que contenha, respectivamente, um pronome pessoal do caso reto (sujeito) e um do caso oblíquo (objeto direto):
a) Eu comecei a reformar a natureza por esta passarinho
b) E mais uma vez me convencia da “tortura” destas coisas
c) Todos a ensinavam a respeitar a natureza
d) Ela os ensina a fazer ninhos nas árvores

06) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase:
As crianças, _________ enorme capacidade de criar devem ser continuamente exercitada, encontram variados meios de escapar do mundo _____imperam as leis de objetos industrializados.
a) cuja, em que
b) cujas, onde
c) a cuja, para que
d) cuja a, em que

07) A carta vinha endereçada para ______e para _____: _____é que abri.
a) mim, tu, porisso
b) mim, ti, porisso
c) mim, ti, por isso
d) eu, ti, por isso

08) Assinale o período com erro relacionado ao emprego dos pronomes relativos:

a) O livro a que me referi é este
b) Ele é uma pessoa de cuja honestidade ninguém duvida
c) O livro em cujos os dados nos baseamos é aquele
d) A pessoa perante a qual compareci foi muito agradável

09) São excelentes técnicos, _______ colaboração não podemos prescindir.
a) cuja
b) de cuja
c) que a
d) dos quais a

10) Em Ajeito-lhe as cobertas, o pronome lhe exerce a mesma função em que:
a) Luz sempre lhe afugenta o sono
b) O irmão dizia-lhe para ser sério
c) Vinha-lhe, então, a raiva
d) Sempre lhe negavam uma resposta

11) Por favor, passe _______caneta que está aí perto de você; ________ aqui não serve para __________ desenhar.
a) essa, esta, eu
b) esta, esta, mim
c) essa, essa, eu
d) essa, esta, mim

12) Indique a alternativa que completa corretamente as lacunas abaixo:
1. Não foi essa a pessoa ___aludi
2. Há fatos ________nunca nos esquecemos
3 Itaipu foi uma das obras _______construção mais comprometeu o orçamento nacional
4. A conclusão ____chegou não tem o menor fundamento
5. O conferencista, _______ conhecimentos desconfiávamos, foi infeliz em suas colocações
a) à qual, de que, em cuja, a que, de cujos
b) a que, de que, cuja, a que, de cujos
c) a qual, dos quais, com cuja, a qual, dos quais
d) a quem, que, em cuja, à qual, em cujos

13) Assinale o item em que não ocorre pronome pessoal reflexivo:
a) Os amigos olharam-se emocionados
b) A criança feriu-se com o lápis
c) Ofereceu-se um prêmio ao atleta
d) Olhou-se no espelho e assustou-se com seu ar doentio

14) Assinale o único item correto:
a) Vou consigo ao teatro hoje.
b) Esta pesquisa é para mim fazer?
c) Nada de sério houve entre eu e tu
d) O diretor conversou com nós dois

15) Em "V.M. é esperado no salão nobre", o pronome refere-se a um:
a) Duque
b) Príncipe
c) Imperador
d) Arquiduque

16) Assinale o item que apresenta um erro:
a) Esta carta, desejo mantê-la em segredo
b) V.Exª quer que mande subir vossa bagagem
c) Eu sei que há muitas pessoas que não concordam conosco
d) Prometeu que falará com nós todos

17) Assinale as frases abaixo:
1. Não houve desentendimentos entre mim e ti
2. Deixem-me explicar o que houve
3. Para mim, aceitar essa condição é humilhante
a) Todas estão corretas
b) 1 e2 estão corretas
c) 2 e 3 estão corretas
d) 1 e 3 estão corretas

18) Assinale a alternativa incorreta:

a) Percebi que o plano era para eu desistir do jogo
b) Não vá sem mim ao cinema
c) Já houve discussões entre eu e você em outras ocasiões?
d) Pesam suspeitas sobre você e mim.

19) Assinale a frase em que há pronome possessivo substantivo:
a) Você já preparou sua mochila
b) Ele aparenta ter seus trinta anos
c) Lembre-se de responder à minha carta
d) Este é o meu carro, onde está o seu

20) Assinale o item que apresenta algum erro:
a) Remeti ao nosso representante os documentos e promissórias
b) Vossa Senhoria examinou nosso pedido de exoneração?
c) Vossa Excelência provocou polêmicas com vosso discurso ontem
d) Seus amigos e amigas me convidaram para a recepção

Nas questões de nº 21 a 30 classifique as palavras O, A, OS, AS de acordo com o seguinte código:
a - pronome pessoal oblíquo
b - pronome demonstrativo
c - artigo definido

21) (   ) Você conhece a menina que acaba de chegar?
22) (   ) Não a vejo há muitos anos
23) (   ) Seu belo sorriso, eu ainda o guardo na lembrança
24) (   ) Não sei o que lhe aconteceu
25) (   ) Não use esta toalha; que a que está no armário
26) (   ) Neste horário o diretor costuma sair
27) (   ) Não há o que temer neste caso
28) (   ) Os que quiserem participar do jogo, levantem a mão
29) (   ) O momento da desforra não deve demorar
30) (   ) Peque este pacote e leve-o ao ministro

31) Em todas as frase há um pronome demonstrativo, exceto em:
a) Eu não posso fazer esse trabalho
b) Todos a acharam simpática
c) Não esperava encontrar tal pessoa
d) Meus amigos prepararam esta bela surpresa

32) Assinale a única frase em que há um pronome demonstrativo combinado com preposição:
a) Eles foram à igreja acompanhar os noivos
b) Ninguém conhecia os candidatos: votaram no que pareciam mais simpático.
c) O prejuízo da companhia é o que me preocupa agora
d) Qualquer um dos alunos é capaz de resolver esta questão

33) Assinale a alternativa sem pronome indefinido:
a) Fui à livraria e comprei vários livros técnicos
b) Espero que isto não aconteça mais a ninguém
c) Quaisquer dúvidas serão esclarecidas pelo professor
d) Estava me pareceu a pessoa certa para o serviço

34) Assinale o item em que o pronome foi corretamente analisado:
a) Ela esta conversando com alguns colegas. (pronome indefinido Substantivo)
b) Ele foi ver o que estava acontecendo (pronome. Pessoal)
c) As notícias deixaram-na feliz. (pronome demonstrativo adjetivo)
d) Todos são responsáveis pelo sucesso (pronome indefinido substantivo)

35) O pronome não foi corretamente analisado. Assinale:
a) Qualquer problema o abala. (pronome indefinido)
b) É claro que eu os conheço. (pronome demonstrativo)
c) Explique-me o que houve (pronome demonstrativo)
d) Não lhe diga nada (pronome pessoal)

36) Em todos os itens foram destacados pronomes, exceto em:
a) Certas notícias nos deixam vagamente preocupados
b) Alguma coisa aconteceu na cidade
c) Todo mundo sabe que isso é boato
d) Veja se o cálculo está certo

37) Em “Nem tudo que reluz é ouro”, a palavra destacada é:
a) pronome adjetivo demonstrativo
b) pronome adjetivo indefinido
c) pronome substantivo indefinido
d) pronome relativo

38) “Contaram-me casos que nunca mais esquecerei”, a palavra destacada é:
a) pronome adjetivo indefinido
b) pronome relativo
c) pronome substantivo demonstrativo
d) pronome substantivo possessivo

39) “Desejo uma fotografia como esta, o senhor vê? - como esta: em que sempre me via com um vestidos de eterna festa”
(C. Meireles)
- O pronome “esta”, que ocorre repetido no texto, indica:
a) algo próximo à pessoa de fala
b) algo próximo a pessoa de quem se fala.
c) algo próximo à pessoa com quem se fala
d) algo próximo ao leitor

40) “Sabino teve medo do que o homem ia dizer”, o temo destacado é:
a) preposição
b) preposição de + artigo o
c) preposição de + pronome o
d) pronome demonstrativo (daquilo)

41) Assinale o emprego incorreto do pronome demonstrativo:
a) A mulher é mais tolhida socialmente que o homem. A este se permitem direitos que se negam àquela
b) Em 1944 ainda havia guerra. Esta época traumatizou a humanidade.
c) O que dizer dessas opiniões que acabaste de expor
d) Estes documentos que tenho aqui comigo, não os revelarei tão cedo

42) Assinale a alternativa em que o emprego dos demonstrativos não esteja de acordo com a norma culta:
a) Não consegue entender-se consigo mesma.
b) Vocês são os mesmo de sempre
c) Vossa Excelência mesma garantiu o contrato
d) Vós próprias recomendastes o moço para o cargo

43) Assinale o item em que o pronome relativo destacado não poderia ser substituído pelo pronome que:
a) Nasceu uma nova teoria da qual temos pouco conhecimento
b) Fui visitar o lugar no qual nasci
c) Divulgaram os critérios segundo os quais seriam julgados
d) Discutiam-se as razões pelas quais se demitiu o ministro.

44) “E cada qual que se retraísse: todos tinham a impressão do perigo; ninguém queria expor-se a queimar a roupa. “No período há:
a) três pronome substantivo demonstrativos
b) três pronome substantivo indefinidos
c) dois pronome substantivo e um pronome adjetivo indefinido
d) três pronome adjetivos indefinidos

45) Assinale a frase sem pronome interrogativo:
a) Tem certeza de que ela chora, em vez de rir?
b) Meu relógio parou. Pergunto-lhe quantas horas são?
c) Que é que manda mais, Constituição ou Declaração?
d) Quem importa a paisagem, a glória, a baía, a linha do horizonte?

46) Assinale o item com erro no emprego do pronome demonstrativo:
a) Maria, quem é esse jovem que está com você?
b) “Amai-vos uns aos outros”! são estas as verdadeira palavras.
c) 1977, como foi bom aquele ano!
d) Não concordo com aquelas palavras que José pronunciou.

47) Assinale a alternativa que contém a abreviatura da “ expressão de tratamento ”correspondente ao título enumerado:
a) Papa .... V. S.ª.
b) Juiz .... V. Em ª

c) Reitor ....V. Magª
d) Coronel ....V. Exª

48) Aponte a letra em que o "se" dá apenas a idéia de reflexibilidade:
a) Não se dorme naquela lugar
b) Falam-se verdades, brincando
c) Fique, não se vá
d) Você se alegra com minha chegada?

49) V. Exª ________ que posso __________ ?
a) julgais – auxiliá-lo
b) julga – auxiliar-vos
c) julga – auxiliá-lo
d) julgais – auxiliar-vos

Respostas Sobre Pronomes

01. C
02. 1. Este
2. Esse
3. Estas - aquelas
4. Aquilo
5. Este
6. Aquela
7. Estes
8. Nesse
9. Isso
10. Isso
11. Aquilo
12. Aquele - este
03. E
04. B
05. D
06. A
07. C
08. C
09. B
10. A
11. A
12. B
13. C
14. D
15. C
16. B
17. A
18. C
19. D
20. C
21. C
22. A
23. A
24. B
25. B
26. C
27. B
28. B
29. C
30. A
31. B
32. B
33. D
34. D
35. B
36. D
37. C
38. B
39. A
40. C
41. B
42. B
43. C
44. B
45. A
46. B
47. C
48. D
49. C

Colocação Pronominal

Este é o estudo da colocação dos pronomes **oblíquos átonos** (**me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, os, as, lhes**) em relação ao verbo. Eles podem ser colocados de três maneiras diferentes, de acordo com as seguintes regras:

Próclise

Próclise é a colocação dos pronomes oblíquos átonos antes do verbo. Usa-se a próclise, obrigatoriamente, quando houver palavras atrativas. São elas:

• **Palavras de sentido negativo.**	**Ela nem se incomodou com meus problemas.**
• **Advérbios.**	**Aqui se tem sossego, para trabalhar.**
• **Pronomes Indefinidos.**	**Alguém me telefonou?**
• **Pronomes Interrogativos.**	**Que me acontecerá agora?**
• **Pronomes Relativos**	**A pessoa que me telefonou não se identificou.**
• **Pronomes Demonstrativos Neutros.**	**Isso me comoveu deveras.**
• **Conjunções Subordinativas.**	**Escrevia os nomes, conforme me lembrava deles.**

Outros usos da próclise:

01) **Em frases exclamativas e/ou optativas (que exprimem desejo):**
Ex. **Quantas injúrias se cometeram naquele caso!**
Deus te abençoe, meu amigo!

02) **Em frases com preposição em + verbo no gerúndio**:
Ex. **Em se tratando de gastronomia, a Itália é ótima.**

Em se estudando Literatura, não se esqueça de Carlos Drummond de Andrade.

03) **Em frases com preposição + infinitivo flexionado**:
Ex. **Ao nos posicionarmos a favor dela, ganhamos alguns inimigos.**
Ao se referirem a mim, fizeram-no com respeito.

04) **Havendo duas palavras atrativas**, **tanto o pronome poderá ficar após as duas palavras, quanto entre elas**.
Ex. **Se me não ama mais, diga-me.**
Se não me ama mais, diga-me.

Mesóclise

Mesóclise é a colocação dos **pronomes oblíquos átonos** no meio do verbo. Usa-se a mesóclise, quando houver verbo no **Futuro do Presente** ou no **Futuro do Pretérito**, sem que haja palavra atrativa alguma, apesar de, mesmo sem palavra atrativa, a próclise ser aceitável. O pronome oblíquo átono será colocado entre o **infinitivo** e as terminações **ei, ás, á, emos, eis, ão**, para o **Futuro do Presente**, e as terminações **ia, ias, ia, íamos, íeis, iam**, para o **Futuro do Pretérito**. Por exemplo, o verbo **queixar-se** ficará conjugado da seguinte maneira:

Futuro do Presente	Futuro do Pretérito
queixar-me-ei	queixar-me-ia
queixar-te-ás	queixar-te-ias
queixar-se-á	queixar-se-ia
queixar-nos-emos	queixar-nos-íamos
queixar-vos-eis	queixar-vos-íeis
queixar-se-ão	queixar-se-iam

Para se conjugar qualquer outro verbo pronominal, basta-lhe trocar o infinitivo. Por exemplo, retira-se **queixar** e coloca-se **zangar, arrepender, suicidar**, mantendo os mesmos pronomes e desinências: **zangar**-**me**-**ei**, **zangar**-**te**-**ás**...

Lembre-se de que, quando o **verbo** for **transitivo direto** terminado em **R, S** ou **Z** e à frente surgir o pronome **O** ou **A, OS, AS**, as terminações desaparecerão. Por exemplo **Vou cantar a música = Vou cantá-la**. O mesmo ocorrerá, na formação da mesóclise: **Cantarei a música = Cantá-la-ei**.

Os verbos **dizer, trazer e fazer** são conjugados no Futuro do Presente e no Futuro do Pretérito, perdendo as letras ze, ficando, por exemplo, **direi, dirás, traria, faríamos**. Na formação da mesóclise, ocorre o mesmo: **Direi a verdade = Di-la-ei; Farão o trabalho = Fá-lo-ão; Traríamos as apostilas = Trá-las-íamos**.

Obs.: Se o verbo não estiver no início da frase e estiver conjugado no Futuro do Presente ou no Futuro do Pretérito, no Brasil, tanto poderemos usar Próclise, quanto Mesóclise. Por exemplo: **Eu me queixarei de você** ou **Eu queixar-me-ei de você**. **Os alunos se esforçarão** ou **Os alunos esforçar-se-ão**.

Ênclise

Ênclise é a colocação dos pronomes oblíquos átonos depois do verbo. Usa-se a ênclise, principalmente nos seguintes casos:

01) **Quando o verbo iniciar a oração.**
Ex. **Trouxe-me as propostas já assinadas.**
Arrependi-me do que fiz a ela.

02) **Com o verbo no imperativo afirmativo**.
Ex. **Por favor, traga-me as propostas já assinadas.**
Arrependa-se, pecador!!

Obs.: Se o verbo não estiver no início da frase e não estiver conjugado no Futuro do Presente ou no Futuro do Pretérito, no Brasil, tanto poderemos usar Próclise, quanto Ênclise. Por exemplo: **Eu me queixei de você** ou **Eu queixei-me de você**. **Os alunos se esforçaram** ou **Os alunos esforçaram-se.**

Colocação pronominal nas locuções verbais

As locuções verbais são formadas por **verbo auxiliar + infinitivo, particípio ou gerúndio**.

01) **Auxiliar + Infinitivo ou Gerúndio**:

Quando o verbo principal da locução verbal estiver no infinitivo ou no gerúndio, há, no mínimo, duas colocações pronominais possíveis:
Em relação ao verbo auxiliar, seguem-se as mesmas regras de
em tempos simples, ou seja, próclise, em qualquer circunstância (menos em início de frase), mesóclise, com verbo no futuro e ênclise, sem atração, nem futuro.
Em relação ao principal, deve-se colocar o pronome depois do verbo (ênclise).

Veja os exemplos:

Eles se vão esforçar mais.	**Eles não se vão esforçar mais.**	**Eles se irão esforçar mais.**
Eles vão-se esforçar mais.	**-o-**	**Eles ir-se-ão esforçar mais.**
Eles vão esforçar-se mais.	**Eles não vão esforçar-se mais.**	**Eles irão esforçar-se mais.**

01) **Auxiliar + Particípio**: Quando o verbo principal da locução verbal estiver no particípio, o pronome oblíquo átono só poderá ser colocado junto do verbo auxiliar, nunca após o verbo principal.

Veja os exemplos:

Eles se têm esforçado.	**Eles não se têm esforçado.**	**Eles se terão esforçado.**
Eles têm-se esforçado.	**-o-**	**Eles ter-se-ão esforçado.**
-o-	**-o-**	**-o-**

Nota: Quando o pronome for colocado entre os dois verbos (ênclise no auxiliar), teremos de usar hífen. Por exemplo: **Eles vão-se esforçar mais**. Há gramáticos que julgam esse hífen desnecessário.

Exercícios Sobre Colocação Pronominal

Para as perguntas de 1 a 28 você deverá assinalar com "C " o que estiver correto e com "I" os incorretos:

1. ( ) O presente é a bigorna onde se forja o futuro (próclise)
2. ( ) Nossa vocação molda-se às necessidades (ênclise)
3. ( ) Se não fosse a chuva, acompanhar-te-ia (mesóclise)
4. ( ) Macacos me mordam!
5. ( ) Caro amigo, muito lhe agradeço o favor...
6. ( ) Ninguém socorreu-nos naqueles momentos difíceis
7. ( ) As informações que se obtiveram, chocavam-se entre si
8. ( ) Quem te falou a respeito do caso?
9. ( ) Não foi trabalhar porque machucara- se na véspera
10. ( ) Não só me trouxe o livro, mas também me deu presente
11. ( ) Ele chegou e perguntou-me pelo filho
12. ( ) Em se tratando de esporte, prefere futebol
13. ( ) Vamos, amigos, cheguem-se aos bons
14. ( ) O torneio iniciar-se-á no próximo Domingo
15. ( ) Amanhã dizer-te-ei todas as novidades
16. ( ) Os alunos nos surpreendem com suas tiradas espirituosas
17. ( ) Os amigos chegaram e me esperam lá fora
18. ( ) O torneio iniciará-se no próximo Domingo
19. ( ) oferecida-lhes as explicações, saíram felizes
20. ( ) Convido-te a fazeres-lhes, essa gentileza
21. ( ) Para não falar- lhe, resolveu sair cedo
22. ( ) É possível que o leitor nos não creia
23. ( ) A turma quer-lhe, fazer uma surpresa
24. ( ) A turma havia convidado-o para sair
25. ( ) Ninguém podia ajudar-nos naquela hora
26. ( ) Algumas haviam-nos contado a verdade
27. ( ) Todos se estão entendendo bem
28. ( ) As meninas não tinham nos convidado para sair

29. Assinale a frase com erro de colocação pronominal:
a) Tudo se acaba com a morte, menos a saudade
b) Com muito prazer, se soubesse, explicaria-lhe tudo
c) João tem-se interessado por suas novas atividades
d) Ele estava preparando-se para o vestibular de Direito

30. Assinale a frase com erro de colocação pronominal:
a) Tudo me era completamente indiferente
b) Ela não me deixou concluir a frase
c) Este casamento não deve realizar-se
d) Ninguém havia lembrado-me de fazer as reservas

31. Assinale a frase incorreta:
a) Nunca mais encontrei o colega que me emprestou o livro
b) Retiramo-nos do salão, deixando-os sós
c) Faça boa viagem! Deus proteja-o
d) Não quero magoar-te, porém não posso deixar de te dizer a verdade

32. "O funcionário que se inscreve, fará prova amanhã:
1. Ocorre próclise em função do pronome relativo
2. Deveria ocorrer ênclise
3. A mesóclise é impraticável
4. Tanto a ênclise quanto a próclise são aceitáveis
a) Correta apenas a 1ª afirmativa
b) Apenas a 2ª é correta
c) São corretas a 1ª e a 3ª
d) A 4ª é a única correta

33. Assinale a colocação inaceitável:
a) Maria Oliva convidou-o
b) Se abre a porta da caleça por dentro
c) Situar-se-ia Orfeu numa gafieira?
d) D. Pedro II o convidou

34. O pronome pessoal oblíquo átono está bem colocado em um só dos períodos. Qual?
a) Isto me não diz respeito! Respondeu-me ele, afetadamente
b) Segundo deliberou-se na sessão, espero que todos apresentem-se na hora conveniente
c) Os conselhos que dão-nos os pais, levamo-los em conta mais tarde
d) Amanhã contar-lhe-ei por que peripécias consegui não envolver-me

35) Estas conservas são para nós __________ durante o inverno.
Assinale a alternativa que completa corretamente a lacuna:
a) alimentarmos- nos
b) alimentar- mo- nos
c) nos alimentarmos
d) nos alimentarmo- nos

36) Caso _______ lá, _______, para que não _______
Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas:
a) se demoram – avisem-nos – nos preocupemos
b) se demorem – avisem-nos – preocupemo-nos
c) demorem-se – nos avisem – preocupemo-nos
d) demorem-se – nos avisem – nos preocupemos

37) Do lugar onde _______, ______um belo panorama, em que o céu ________com a terra
a) se encontrava – se divisava – ligava-se
b) se encontravam – se divisava – ligava-se
c) se encontravam – divisava-se – se ligava
d) encontravam-se – divisava-se – se ligava

38) O pronome está mal colocado em apenas um dos períodos. Identifique-o:
a) Finalmente entendemos que aquela não era a estante onde deveriam-se colocar cristais
b) Ninguém nos falou, outrora, com tanta sinceridade
c) Não se vá, custa-lhe ficar um pouco mais?
d) A mão que te estendemos é amiga

Para as questões que seguem de 39 a 58, marcará com a letra "C" aquelas com o pronome oblíquo bem colocado, obedecendo as normas da Língua Culta e com "I" assinalará as incorretas:
39) ( ) Quando se estudaram minuciosamente as propostas, descobriram- se todas as falhas
40) ( ) Segundo informaram- me na seção, já se encontram prontos os contracheques desta mês
41) ( ) Os papéis que remeteram-me estão em ordem, ainda hoje devolvê-los-ei como havia prometido-lhes
42) ( ) Os professores haviam-nos instruído para as provas
43) ( ) Nada chegava a impressioná-la em sua passividade
44) ( ) Que Deus te acompanhe por toda a vida

45) ( ) Quando lhes entregariam as provas, era um mistério que não lhes era possível desvendar
46) ( ) A respeito daquelas fraudes, os auditores já haviam prevenido-os há muito tempo
47) ( ) Os amigos entreolharam- se emocionados, mas não lhes deram mais nenhuma informação
48) ( ) Aquele foi o livro que lhe eu dei como prova de admiração
49) ( ) Admirou-me a despesa porque não havias-me dito que o presente iria custar-te tão caro
50) ( ) Ainda não me havias falado essas injúrias
51) ( ) Já de pé, banhando-me, ouço-lhe os passos no corredor
52) ( ) Dir-se-ia que todos preferem-lhe ocultar os fatos
53) ( ) Os alunos não têm preocupado-se com as provas
54) ( ) Peça a dar- se- lhe- à o perdão
55) ( ) Causava-me admiração ver aqueles jovens dedicando-se aos estudos, enquanto outros não se esforçavam nem um pouco
56) ( ) Nada se faria, se ficassem de braços cruzados
57) ( ) No caso de não cumprirem o horário das aulas, romperão-se as cláusulas contratuais
58) ( ) Assim que sentiu-se prejudicado, reclamou seus direitos

Respostas Sobre Colocação Pronominal

1. C
2. C
3. C
4. C
5. C
6. I
7. C
8. C
9. I
10. C
11. C
12. C
13. C
14. C
15. I
16. C
17. C
18. I
19. I
20. I
21. C
22. C
23. C
24. I
25. C
26. I
27. I
28. I
29. B
30. D
31. C
32. C
33. B
34. A
35. C
36. A
37. C
38. A
39. C
40. I
41. I
42. C
43. C
44. C
45. C
46. I
47. C
48. C
49. I
50. C
51. C
52. I
53. C
54. I
55. C
56. C
57. I
58. I

Artigo

É a palavra variável em gênero e número que precede um substantivo, determinando-o de modo preciso (artigo definido) ou vago (artigo indefinido).

Os artigos classificam-se em:

01) Artigos Definidos: o, a, os, as.

02) Artigos Indefinidos: um, uma, uns, umas.
Ex.

- O garoto pediu dinheiro. (Antecipadamente, sabe-se quem é o garoto.)
- Um garoto pediu dinheiro. (Refere-se a um garoto qualquer, de forma genérica.)

Emprego dos artigos

Ambos

Usa-se o artigo entre o numeral **ambos** e o elemento posterior, caso este exija o seu uso.
Ex.

- Ambos os atletas foram declarados vencedores. (Atletas é substantivo que exige artigo.)
- Ambas as leis estão obsoletas. (Leis é substantivo que exige artigo.)
- Ambos vocês estão suspensos. (Vocês é pronome de tratamento que não admite artigo.)

Todos

Usa-se o artigo entre o pronome indefinido **todos** e o elemento posterior, caso este exija o seu uso.
Ex.

- Todos os atletas foram declarados vencedores.
- Todas as leis devem ser cumpridas.
- Todos vocês estão suspensos.

Todo

Diante do pronome indefinido **todo**, usa-se o artigo, para indicar totalidade; não se usa, para indicar generalização.
Ex.

- Todo o país participou da greve. (O país todo, inteiro.)
- Todo país sofre por algum motivo. (Qualquer país, todos os países.)

Cujo

Não se usa artigo após o pronome relativo **cujo**.
Ex.

- As mulheres, cujas bolsas desapareceram, ficaram revoltadas. (e não cujo as bolsas.)

Pronomes Possessivos

Diante de pronomes possessivos, o uso do artigo é facultativo.
Ex.

- Encontrei seus amigos no Shopping.
- Ensontrei os seus amigos no Shopping.

Nomes de pessoas

Diante de nome de pessoas, só se usa artigo, para indicar afetividade ou familiaridade.
Ex.

- O Pedrinho mandou uma carta a Fernando Henrique Cardoso.

Casa

Só se usa artigo diante da palavra **casa (lar, moradia)**, se a palavra estiver especificada.
Ex.

- Saí de casa há pouco.
- Saí da casa do Gilberto há pouco.

Terra

Se a palavra **terra** significar "chão firme", só haverá artigo, quando estiver especificada. Se significar **planeta**, usa-se com artigo.
Ex.

- Os marinheiros voltaram de terra, pois irão à terra do comandante.
- Os astronautas voltaram da Terra.

Nomes de lugar

Só se usa artigo diante da maioria dos nomes de lugar, quando estiver qualificado.
Ex.

- Estive em São Paulo, ou melhor, estive na São Paulo de Mário de Andrade.

Nota: Alguns nomes de lugar vêm acompanhados de artigo: a Bahia / o Rio de Janeiro / o Cairo; outros têm o uso do artigo facultativo. São eles: África, Ásia, Europa, Espanha, França, Holanda e Inglaterra.

Nomes de jornais, revistas...:

Não se deve combinar com preposição o artigo que faz parte do nome de jornais, revistas, obras literárias.
Ex.

- Li a notícia em O Estado de São Paulo.

Exercícios

1- "Ele é o **homem**, eu sou apenas uma **mulher**."
Nesses versos, reforçava-se a oposição entre os termos homem e mulher.
a) Identifique os recursos lingüísticos utilizados para provocar esse reforço.
b) Explique por que esses recursos causam tal efeito.

2- A palavra **homem** aparece duas vezes na frase que segue, com significados diferentes. Explique essa diferença.
"Suponho que nunca teria visto um homem e não sabia, portanto, o que era o homem." (Machado de

Assis)

3- Indique o erro quanto ao emprego do artigo.
a) Em certos momentos, as pessoas as mais corajosas se acovardam.
b) Em certos momentos, as pessoas mais corajosas se acovardam.
c) Em certos momentos, pessoas as mais corajosas se acovardam.
d) Em certos momentos, as mais corajosas pessoas se acovardam.

4- Assinale a alternativa em que há erro.
a) Li a noticia no Estado de S. Paulo.
b) li a noticia em O Estado de S. Paulo.
c) Essa notícia, eu a vi em A Gazeta.
d) Vi essa notícia em A Gazeta.
e) Foi em O Estado de S. Paulo que li a notícia.

5- Em qual das alternativas o artigo definido feminino corresponderia a todos os substantivos?
a) sósia, doente, lança-perfume
b) dó, telefonema, diabete
c) CIã, eclipse, pijama
d) cal, elipse, dinamite
e) champanha, criança, estudante

RESPOSTAS

1. a) O contraste entre o artigo definido ("o homem") e o artigo indefinido ("uma mulher").
   b) O artigo definido alça o substantivo **homem** a uma posição de superioridade: é um ser determinado, específico, único. O indefinido transforma a **mulher** em num ser subalterno, igual a todos os outros da mesma espécie. É interessante comentar o machismo vem expresso por uma voz feminina, ou seja, é um elemento ideológico arraigado também na visão de mundo da mulher. Os autores estão apresentando com mestria uma situação da realidade, e não, como muitos julgam, expondo as próprias idéias sobre a relação entre o homem e a mulher.
2. Nunca havia visto um indivíduo da espécie humana (um homem); por isso não sabia identificar esse tipo de ser (o homem).
3. a
4. a
5. d

Preposição

Preposição é uma palavra invariável que liga dois elementos da oração, subordinando-os. Isso significa que a preposição é o termo que liga substantivo a substantivo, verbo a substantivo, substantivo a verbo, adjetivo a substantivo, advérbio a substantivo, etc.

Por exemplo, na frase **Os alunos do colégio assistiram ao filme de Walter Salles comovidos**, teremos como elementos da oração **os alunos, o colégio**, o verbo **assistir, o filme, Walter Salles** e a qualidade dos alunos **comovidos**. O restante é preposição. Observe: **de** liga alunos a colégio, **a** liga assistir a filme, de liga filme a Walter Salles. Portanto são preposições. O termo que antecede a preposição é denominado **regente**, e o termo que a sucede, **regido**. Portanto em "Os alunos do colégio..." teremos: os alunos = elemento regente; o colégio = elemento regido.

Tipos de preposição

Essenciais: por, para, perante, a, ante, até, após, de, desde, em, entre, com, contra, sem, sob, sobre, trás.

As essenciais são as que só desempenham a função de preposição.

Acidentais: afora, fora, exceto, salvo, malgrado, durante, mediante, segundo, menos.

As acidentais são palavras de outras classes gramaticais que eventualmente são empregadas como preposições. São, também, invariáveis.

Locução Prepositiva: São duas ou mais palavras, exercendo a função de uma preposição: acerca de, a fim de, apesar de, através de, de acordo com, em vez de, junto de, para com, à procura de, à busca de, à distância de, além de, antes de, depois de, à maneira de, junto de, junto a, a par de...

As locuções prepositivas têm sempre como último componente uma preposição.

Combinação: Junção de algumas preposições com outras palavras, quando não há alteração fonética.
Ex. ao (a + o); aonde (a + onde)

Contração: Junção de algumas preposições com outras palavras, quando a preposição sofre redução.
Ex. do (de + o); neste (em + este); à (a + a)

Obs: Não se deve contrair a preposição **de** com o artigo que inicia o sujeito de um verbo, nem com o pronome **ele(s), ela(s)**, quando estes funcionarem como sujeito de um verbo.

Por exemplo a frase **"Isso não depende do professor querer"** está errada, pois **professor** funciona como sujeito do verbo **querer**.

Portanto a frase deve ser **"Isso não depende de o professor querer"** ou **"Isso não depende de ele querer".**

Circunstâncias: As preposições podem indicar diversas circunstâncias:

- Lugar = Estivemos em São Paulo.
- Origem = Essas maçãs vieram da Argentina.
- Causa = Ele morreu, por cair de um andaime.
- Assunto = Conversamos bastante sobre você.
- Meio = Passeei de bicicleta ontem.
- Posse = Recebeu a herança do avô.
- Matéria = Comprei roupas de lã.

Exercícios

1- Ao ligar dois termos de uma oração, a preposição pode expressar, entre outros aspectos uma relação temporal, espacial ou nocional. Nos versos:
"Amor total e falho... Puro e impuro...Amor de velho adolescente..."

A preposição **de** estabelece uma relação nocional. Essa mesma relação ocorre em:

a) "Este fundo **de** hotel é um fim de mundo."
b) "A quem sonha **de** dia e sonha **de** noite sabendo, todo sonho vão."
c) "Depois fui pirata mouro, flagelo **da** Tripolitânia."
d) "Chegarei **de** madrugada, quando cantar a seriema."
e) "Só os roçados da morte compensam aqui cultivar."

2- "No final da Guerra Civil americana, o ex-coronel ianque (...) sai à caça do soldado desertor que realizou assalto a trem com confederados." (O Estado de S. Paulo, 15 set. 1995.)

O uso da preposição **com** permite diferentes interpretações da frase acima.
a) Reescreva-a de duas maneiras diversas, de modo que haja um sentido diferente em cada uma.
b) Indique, para cada uma das redações, a noção expressa pela preposição com.

3- Assinale a opção em que a preposição **com** traduz uma relação de instrumento.
a) "Teria sorte nos outros lugares, com gente estranha."
b) "Com o meu avo cada vez mais perto do fim, o Santa Rosa seria um inferno."
c) "Não fumava, e nenhum livro com força de me prender."
d) "Trancava-me no quarto fugindo do aperreio, matando-as com jornais."
e) "Andavam por cima do papel estendido com outras já pregadas no breu."

4- "Depois **a** mãe recolhe as velas, torna **a** guardá-l**as** na bolsa.", os vocábulos destacados são, respectivamente:
a) pronome pessoal oblíquo, preposição, artigo.
b)artigo, preposição, pronome pessoal oblíquo.
c) artigo, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.
d) artigo, preposição, pronome demonstrativo.
e) preposição, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.

5- Na frase "Estamos a bordo." A preposição indica relação de lugar. Escreva duas frases em que o emprego desça preposição indique, respectivamente:
a) relação de tempo habitual;
b) relação de instrumento.

6- Em "óculos sem aro", a preposição sem indica ausência, falta. Explique o sentido expresso pelas preposições destacadas em:
a) "Cale-se ou expulso a senhora da sala."
b) "Interrompia a lição com piadinhas."

7- Assinale a opção cuja lacuna não pode ser preenchida peia preposição entre parênteses.
a) Uma companheira desta,... cuja figura os mais velhos se comoviam. (com)
b) uma companheira desta,... cuja figura já nos referimos anteriormente. (a)
c) Uma companheira desta,... cuia figura havia um ar de grande dama decadente. (em)
d) Uma companheira desta,... cuja figura andara todo o regimento apaixonado. (por)
e) Uma companheira desta,... cuja figura as crianças se assustavam. (de)

8- "...foram intimados **a** comparecer...", "... não **a** fizeram...", "... **a** sua oração...". As três ocorrências de **a** são, respectivamente:
a) preposição, pronome, preposição.
b) artigo, artigo, prepoçiLão.
c) pronome, artigo, preposição.
d) prepoçição, pronome, artigo.
e) artigo, pronome, pronome.

9- "... a folha de um livro retoma.", "como sob o vento a árvore que o doa.", "e nada finge vento em folha de árvore."
As expressões destacadas são introduzidas por preposições. Tais preposições são usadas, nesses versos, com a idéia de:

a) origem, lugar, especificação.
b) especificação, agente causador, lugar.
c) instrumento, especificação, lugar.
d) agente causador, especificação, lugar.
e) lugar, instrumento, origem.

10- Indique a oração que apresenta locução prepositiva.
a) Havia objetos valiosos sobre a pequena mesa de mármore.
b) À medida que os inimigos se aproximavam, as tropas inglesas recuavam.
c) Seguiu a carreira militar devido à influência do pai.
d) Agiu de caço pensado, quando se afastou de você.
e) De repente, riscou e reescreveu o texto.

11- Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase:
"O controle biológico de pragas,... o texto faz referência, é certamente o mais eficiente e adequado recurso ... os lavradores dispõem para proteger a lavoura sem prejudicar o solo."
a) do qual, com que
b) de que, que
c) que, o qual
d) ao qual, cujos
e) a que, de que

12- Assinale a opção cuja seqüência completa corretamente as frases abaixo.
A lei ... se referiu já foi revogada.
Os problemas ... se lembraram eram muito grandes.
O cargo ... aspiras é muito importante.
O filme ... gostou foi premiado.
O jogo ... assistimos foi movimentado.

a) que, que, que, que, que
b) a que, de que, que, que, a que
c) que, de que, que, de que, que
d) a que, de que, a que, de que, a que
e) a que, que, que, que, a que

13- Assinale a frase que não está correta.
a) Entre mim e ti tudo acabou.
b) Já Ihe disse que entre nós nada é bom.
c) Entre ela e nós existe de tudo.
d) Entre eu e você deve haver respeito.
e) Não é possível haver dúvidas entre eles.

14- Considerando que o pronome relativo deve ser examinado em relação ao verbo que Ihe vem imediatamente depois, quais frases abaixo estão corretas!

1. Apresento as provas do concurso de que fui por vós designado a elaborar.
2. Apresento as provas do concurso a que fui por vós designado a fiscalizá-lo.
3. Apresento as provas do concurso de cuja organização me destes a honra.
4. Apresento as provas do concurso para cuja fiscalização fui por vós designado.

a) Todas.
b) Apenas a 1 e a 3.
c) Apenas a 2 e a 4.
d) Apenas a 3 e a 4.
e) Apenas a 1 e a 2.

15- O projeto,... realização sempre duvidara, exigiria toda a dedicação ... fosse capaz.
a) do qual, a que
b) cuja a, da qual
C) de cuia, de que
d) que sua, de cuja
e) cuja, a qual

16- Os folhetos ⋯ não temos cópia são exatamente aqueles ... conteúdo ele se fixou.
a) que, cujo
b) de que, cujo o
c) de cujos, no qual
d) dos quais, em cujo
e) os quais, ao qual

17- "De todas as garçotas da classe, Paula foi a que mais me impressionou. Gostaria de ter ido a sua festa com ela. Eu a convidei, mas ela não aceitou."
As palavras destacadas são, respectivamente:
a) pronome obli4uo, artigo, preposição,
b) pronome demonstrativo, preposição, pronome oblíquo.
c) pronome oblíquo, preposição, pronome oblíquo.
d) pronome demonstrativo, preposição, artigo.
e) preposição, artigo, pronome demonstrativo.

18- "...dois meses que não vejo Paulo. Soube que ele esteve ... beira de uma crise nervosa ... menos de cinco dias do vestibular." A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:
a) Há, a, a
b) Há, à, a
c) Há, à, à
d) A, a, à
e) A, à, a

19- No trecho abaixo, extraído de uma entrevista transcrita literalmente, há uma passagem que precisaria ser modificada para adequar-se ao português **escrito** culto. Identifique essa passagem e reescreva-a na forma que Ihe parecer mais adequada.
"A Universidade é muito mais eficiente do que a indústria porque ela é o único organismo da sociedade que pode especular sem grande ônus. A Universidade é o único organismo que você pode abandonar uma pesquisa sem nenhum trauma (...)".

20- Todos os trechos citados abaixo apresentam um problema semelhante. Diga que problema é esse e reescreva um dos trechos de modo a adequá-lo à modalidade escrita da língua portuguesa.

- Se a gente ler esta reportagem daqui a um ano a gente vai perceber as marcas que esta reportagem não é moderna (...).(amostra de escrita de aluno do 1º grau)
- Futebol, aquele esporte que faz o povo vibrar ao ver a vitória do time a qual se propõe a torcer. (amostra de escrita de aluno do 2" grau)
- Existem escolas que as aulas da noite são iluminadas à luz de velas... (boletim de greve da Associação dos Professores do Estado de São Paulo)

RESPOSTAS

1) a
2) a) ... acompanhado de confederados ou ... em que viajavam confederados.
   b) No primeiro caso, indica-se a noção de companhia; no segundo, de conteúdo.
3) d
4) b
5) a) sugestão: a determinados intervalos, a cada duas horas;
   b) sugestão: à mão, à faca, à máquina
6) a) lugar
   b) modo, instrumento
7) e

8) d
9) b
10) c
11) e
12) d
13) d
14) d
15) c
16) d
17) b
18) b
19) “... organismo em que se pode abandonar...” ou “...organismo no qual se pode abandonar...”
20) Em todos casos, o pronome relativo não foi precedido pela preposição adequada. Sugestões de correção:

Se lermos esta reportagem daqui a um ano, vamos perceber que ela não é moderna.
Futebol, aquele esporte que faz o povo vibrar ao ver a vitória do time que se propõe torcer.
Existem escolas em que as aulas da noite são iluminadas pela luz de velas.

Verbo

Verbo é a palavra que indica **ação**, praticada ou sofrida pelo sujeito, **fato**, de que o sujeito participa ativamente, **estado** ou **qualidade** do sujeito, ou **fenômeno da natureza**.

Estrutura e Flexão

Conjugação verbal:

Há três conjugações para os verbos da língua portuguesa:
1ª conjugação: verbos terminados em **-ar** .
2ª conjugação: verbos terminados em **-er** .
3ª conjugação: verbos terminados em **-ir** .

Obs.: O verbo **pôr** e seus derivados pertencem à 2ª conjugação, por se originarem do antigo verbo **poer**.

Pessoas verbais:

1ª pes. do sing.:	**eu**		**1ª pes. do pl.:**	**nós**
2ª pes. do sing.:	**tu**		**2ª pes. do pl.:**	**vós**
3ª pes. do sing.:	**ele**		**3ª pes. do pl.:**	**eles**

Modos verbais:

São três os modos verbais na língua portuguesa: **Indicativo**, que expresa atitudes de certeza,

Subjuntivo, que expressa atitudes de dúvida, hipótese, desejo, e **Imperativo**, que expressa atitude de ordem, pedido, conselho.

O modo indicativo

Tempos verbais do Indicativo

01) Presente

Indica fato que ocorre no dia-a-dia, corriqueiramente.
Ex. **Todos os dias, caminho no Zerão. Estudo no Maxi.**
Confio em meus amigos.

02) Pretérito

Indica fatos que já ocorreram.

A) Pretérito Perfeito:

Indica fato que ocorreu no passado em determinado momento, observado depois de concluído.
Ex. **Ontem caminhei no Zerão.**
Estudei no Maxi no ano passado.
Confiei em pseudo-amigos.

B) Pretérito Imperfeito:

Indica fato que ocorria com freqüência no passado, ou fato que não havia chegado ao final no momento em que estava sendo observado.
Ex. **Naquela época, todos os dias, eu caminhava no Zerão.**
Eu estudava no Maxi, quando conheci Magali.
Eu confiava naqueles amigos.

C) Pretérito Mais-que-perfeito:

Indica fato ocorrido antes de outro no Pretérito Perfeito do Indicativo.
Ex. **Ontem, quando você foi ao Zerão, eu já caminhara 6 Km.**
Eu já estudara no Maxi, quando conheci Magali.
Eu confiara naquele amigo que mentiu a mim.

03) Futuro

Indica fatos que ocorrem depois do momento da fala.

A) Futuro do Presente:

Indica fato que, com certeza, ocorrerá.
Ex. **Amanhã caminharei no Zerão pela manhã.**
Estudarei no Maxi, no ano que vem.
Eu confiarei mais uma vez naquele amigo que mentiu a mim.

B) Futuro do Pretérito:

Indica fato futuro, dependente de outro anterior a ele.
Ex. **Eu caminharia todos os dias, se não trabalhasse tanto.**
Estudaria no Maxi, se morasse em Londrina.
Eu confiaria mais uma vez naquele amigo, se ele me prometesse não mais me trair.

Os modos subjuntivo e imperativo

Tempos verbais do Subjuntivo

01) Presente

Indica desejo atual, dúvida que ocorre no momento da fala.
Ex. **Espero que eu caminhe bastante no ano que vem.**
O meu desejo é que eu estude no Maxi ainda.
Duvido de que eu confie nele novamente.

02) Pretérito Imperfeito

Indica condição, hipótese; normalmente é usado com o Futuro do Pretérito do Indicativo.
Ex. **Eu caminharia todos os dias, se não trabalhasse tanto.**
Estudaria no Maxi, se morasse em Londrina.
Eu confiaria mais uma vez naquele amigo, se ele me prometesse não mais me trair.

03) Futuro

Indica hipótese futura.
Ex. **Quando eu começar a caminhar todos os dias, sentir-me-ei melhor.**
Quando eu estudar no Maxi, aprenderei mais coisas.
Quando ele me prometer que não me trairá mais, voltarei a confiar nele.

O modo Imperativo

O modo Imperativo expressa ordem, pedido ou conselho
Ex. **Caminhe todos os dias, para a saúde melhorar.**

Estude no Maxi! Confie em mim!

As formas nominais

São três as chamadas formas nominais do verbo:

01) Infinitivo
São as formas terminadas em **ar, er** ou **ir**.

02) Gerúndio
São as formas terminadas em **ndo**.

03) Particípio
São as formas terminadas em **ado** ou **ido**.

Tempos Compostos

Os **tempos verbais compostos** são formados por locuções verbais que têm como auxiliares os verbos **ter** e **haver** e como principal, qualquer verbo no **particípio**. São eles:

01) Pretérito Perfeito Composto do Indicativo

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **Presente do Indicativo** e o principal no particípio, indicando fato que tem ocorrido com freqüência ultimamente.
Ex. **Eu tenho estudado demais ultimamente.**
Todos nós nos temos esforçado, para a empresa crescer.
Será que tu tens tentado melhorar?

02) Pretérito Perfeito Composto do Subjuntivo

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **Presente do Subjuntivo** e o principal no particípio, indicando desejo de que algo já tenha ocorrido.
Ex. **Espero que você tenha estudado o suficiente, para conseguir a aprovação.**
O meu desejo é que todos nós nos tenhamos esforçado, para a empresa crescer.
Duvido de que tu tenhas tentado melhorar.

03) Pretérito Mais-que-perfeito Composto do Indicativo

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **Pretérito Imperfeito do Indicativo** e o principal no particípio, tendo o mesmo valor que o Pretérito Mais-que-perfeito do Indicativo simples.
Ex. **Ontem, quando você foi ao Zerão, eu já tinha caminhado 6 Km.**
Eu já tinha estudado no Maxi, quando conheci Magali.
Eu tinha confiado naquele amigo que mentiu a mim.

04) Pretérito Mais-que-perfeito Composto do Subjuntivo

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **Pretérito Imperfeito do Subjuntivo** e o principal no particípio, tendo o mesmo valor que o Pretérito Imperfeito do Subjuntivo simples.

Ex. **Eu teria caminhado todos os dias desse ano, se não estivesse trabalhando tanto.**
Eu teria estudado no Maxi, se não me tivesse mudado de cidade.
Eu teria confiado mais uma vez naquele amigo, se ele me tivesse prometido não mais me trair.

Obs.: Perceba que todas as frases remetem a ação obrigatoriamente para o passado. A frase **Se eu estudasse, aprenderia** é completamente diferente de **Se eu tivesse estudado, teria aprendido.**

05) Futuro do Presente Composto do Indicativo

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **Futuro do Presente simples do Indicativo** e o principal no particípio, tendo o mesmo valor que o Futuro do Presente simples do Indicativo.

Ex. **Quando você chegar ao Zerão, eu já terei caminhado 6 Km.**
Amanhã, quando o dia amanhecer, eu já terei partido.

06) Futuro do Pretérito Composto do Indicativo

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **Futuro do Pretérito simples do Indicativo** e o principal no particípio, tendo o mesmo valor que o Futuro do Pretérito simples do Indicativo.
Ex. Eu teria caminhado todos os dias desse ano, se não estivesse trabalhando tanto.
Eu teria estudado no Maxi, se não me tivesse mudado de cidade.
Eu teria confiado mais uma vez naquele amigo, se ele me tivesse prometido não mais me trair.

07) Futuro Composto do Subjuntivo

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **Futuro do Subjuntivo simples** e o principal no particípio, tendo o mesmo valor que o Futuro do Subjuntivo simples.

Ex. **Quando você tiver terminado sua série de exercícios, eu caminharei 6 Km.**

Observe algumas frases:
Quando você chegar à minha casa, telefonarei a Osbirvânio.
Quando você chegar à minha casa, já terei telefonado a Osbirvânio.
Perceba que o significado é totalmente diferente em ambas as frases apresentadas. No primeiro caso, esperarei "você" praticar a sua ação para, depois, praticar a minha; no segundo, primeiro praticarei a minha. Por isso o uso do advébio "já".

Agora observe estas:
Quando você tiver terminado o trabalho, telefonarei a Osbirvânio.
Quando você tiver terminado o trabalho, já terei telefonado a Osbirvânio.
Perceba que novamente o significado é totalmente diferente em ambas as frases apresentadas. No primeiro caso, esperarei "você" praticar a sua ação para, depois, praticar a minha; no segundo, primeiro praticarei a minha. Por isso o uso do advébio "já".

08) Infinitivo Pessoal Composto

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **Infinitivo Pessoal simples** e o principal no particípio, indicando ação passada em relação ao momento da fala.
Ex. **Para você ter comprado esse carro, necessitou de muito dinheiro.**

Classificação dos verbos

Os verbos classificam-se em:

01) Verbos Regulares

Verbos regulares são aqueles que não sofrem alterações no radical.
Ex. **cantar, vender, partir.**

02) Verbos Irregulares

Verbos irregulares são aqueles que sofrem pequenas alterações no radical.
Ex. **fazer = faço, fazes; fiz, fizeste**

03) Verbos Anômalos

Verbos anômalos são aqueles que sofrem grandes alterações no radical.
Ex. **ser = sou, é, fui, era, serei.**

04) Verbos Defectivos

Verbos defectivos são aqueles que não possuem conjugação completa.
Ex. **falir, reaver, precaver** = não possuem as 1ª, 2ª e 3ª pes. do presente do indicativo e o presente do subjuntivo inteiro).

05) Verbos Abundantes

Verbos abundantes são aqueles que apresentam duas formas de mesmo valor. Geralmente ocorrem no particípio, que chamaremos de **particípio regular**, terminado em **-ado**, **-ido**, usado na voz ativa, com o auxiliar **ter** ou **haver**, e **particípio irregular**, com outra terminação diferente, usado na voz passiva, com o auxiliar **ser** ou **estar**.

Exemplos de verbos abundantes

Infinitivo	Part.Regular	Part.Irregular
aceitar	aceitado	aceito
acender	acendido	aceso
contundir	contundido	contuso
eleger	elegido	eleito
entregar	entregado	entregue
enxugar	enxugado	enxuto
expulsar	expulsado	expulso
imprimir	imprimido	impresso
limpar	limpado	limpo
murchar	murchado	murcho
suspender	suspendido	suspenso
tingir	tingido	tinto

Obs.: Os verbos **abrir, cobrir, dizer, escrever, fazer, pôr, ver** e **vir** só possuem o particípio irregular **aberto, coberto, dito, escrito, feito, posto, visto** e **vindo**. Os particípios regulares **gastado, ganhado e pagado** estão caindo ao desuso, sendo substituídos pelos irregulares g**asto, ganho e pago**.

Formação dos tempos simples

Tempos derivados do Presente do Indicativo
O Presente do Indicativo forma o Presente do Subjuntivo e o modo Imperativo.

01) Presente do Subjuntivo

O **Presente do Subjuntivo** é obtido pela eliminação da desinência **-o** da **primeira pessoa do singular do presente do indicativo (eu**). Aos verbos de 1ª conjugação, acrescenta-se **-e**; aos de 2ª e 3ª, **-a**, acrescentando-se, ainda, as mesmas desinências do Presente do Subjuntivo para os verbos regulares (**- / s / - / mos / is / m**). Por exemplo, veja a conjugação dos verbos cantar, vender e sorrir.
Eu cant**o** (**- o + e**) = que eu cant**e**, tu cant**es**, ele cant**e**, nós cant**emos**, vós cant**eis**, eles cant**em**
Eu vend**o** (**- o + a**) = que eu vend**a**, tu vend**as**, ele vend**a**, nós vend**amos**, vós vend**ais**, eles vend**am**
Eu sorri**o** (**-o + a**) = que eu sorri**a**, tu sorri**as**, ele sorri**a**, nós sorri**amos**, vós sorri**ais**, eles sorri**am**
Exceções:
querer = Eu quero / queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram.
ir = Eu vou / vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
saber = Eu sei / saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam.
ser = Eu sou / seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam.
haver = Eu hei / haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam.

02) Imperativo Afirmativo

O **Imperativo Afirmativo** provém tanto do Presente do Indicativo, quando do Presente do Subjuntivo. **Tu** e **vós** provêm do Presente do Indicativo, sem a desinência **-s**; **você, nós** e **vocês** provêm do Presente do Subjuntivo. Por exemplo, veja a conjugação do verbo cantar. Presente do indicativo: Eu canto, **tu cantas**, ele canta, nós cantamos, **vós cantais**, eles cantam.
Presente do Subjuntivo: Que eu cante, tu cantes, **ele cante, nós cantemos**, vós canteis, **eles cantem**.
Imperativo Afirmativo: **Canta tu**, **cante você, cantemos nós**, **cantai vós**, **cantem vocês**.
Exceção:
Ser = **sê tu**, **seja você, sejamos nós**, **sede vós**, **sejam vocês**.

03) Imperativo Negativo

O **Imperativo Negativo** provém do Presente do Subjuntivo.
Por exemplo, veja a conjugação do verbo cantar:
Não cantes tu, não cante você, não cantemos nós, não canteis vós, não cantem vocês.

Tempos derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo

O Pretérito Perfeito do Indicativo forma o Pretérito Mais-que-perfeito do Indicativo, o Futuro do Subjuntivo e o Pretérito Imperfeito do Subjuntivo.

01) Pretérito Mais-que-perfeito do Indicativo

O **Pretérito Mais-que-perfeito do Indicativo** é obtido pela eliminação da desinência **-m** da **terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo (eles)**, acrescentando-se as mesmas desinências número-pessoais para os verbos regulares (**- / s / - / mos / is / m**).

Na segunda pessoa do plural (vós), troca-se o **-a** por **-e**. Por exemplo, veja a conjugação dos verbos cantar, vender e sorrir.
Eles cantaram - m = eu **cantara**, tu **cantaras**, ele **cantara**, nós **cantáramos**, vós **cantareis**, eles **cantaram**
Eles venderam - m = eu **vendera**, tu **venderas**, ele **vendera**, nós **vendêramos**, vós **vendêreis**, eles **venderam**
Eles sorriram - m = eu **sorrira**, tu **sorriras**, ele **sorrira**, nós **sorríramos**, vós **sorríreis**, eles **sorriram**

02) Futuro do Subjuntivo

O **Futuro do Subjuntivo** é obtido pela eliminação da desinência **-am** da **terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo (eles)**, acrescentando-se as mesmas desinências número-pessoais para os verbos regulares (**- / es / - / mos / des / em**).
O Futuro do Subjuntivo sempre é iniciado pelas conjunções **quando** ou **se**. Por exemplo, veja a conjugação dos verbos cantar, vender e sorrir.
Eles cantaram - am = quando eu **cantar**, tu **cantares**, ele **cantar**, nós **cantarmos**, vós **cantardes**, eles **cantarem**.
Eles venderam - am = quando eu **vender**, tu **venderes**, ele **vender**, nós **vendermos**, vós **venderdes**, eles **venderem**.
Eles sorriram - am = quando eu **sorrir**, tu **sorrires**, ele **sorrir**, nós **sorrirmos**, vós **sorrirdes**, eles **sorrirem**.

03) Pretérito Imperfeito do Subjuntivo

O **Pretérito Imperfeito do Subjuntivo** é obtido pela eliminação da desinência **-ram** da **terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo (eles)**, acrescentando-se a desinência do Pretérito Imperfeito do Subjuntivo -sse e as mesmas desinências número-pessoais para os verbos regulares (**- / s / - / mos / is / m**).
O Pretérito Imperfeito do Subjuntivo sempre é iniciado pelas conjunções **caso** ou **se**. Por exemplo, veja a conjugação dos verbos cantar, vender e sorrir.
Eles cantaram - ram + sse = se eu **cantasse**, tu **cantasses**, ele **cantasse**, nós **cantássemos**, vós **cantásseis**, eles **cantassem**.
Eles venderam - ram + sse = se eu **vendesse**, se tu **vendesses**, se ele **vendesse**, se nós **vendêssemos**, se vós **vendêsseis**, se eles **vendessem**.
Eles sorriram - ram + sse = se eu **sorrisse**, se tu **sorrisses**, se ele **sorrisse**, se nós **sorrissemos**, se vós **sorrisseis**, se eles **sorrissem**.

Tempos derivados do Infinitivo Impessoal

O Infinitivo Impessoal forma o Futuro do Presente do Indicativo, o Futuro do Pretérito do Indicativo e o Pretérito Imperfeito do Indicativo.

01) Futuro do Presente do Indicativo

O Futuro do Presente do Indicativo é obtido pelo acréscimo ao infinitivo das desinências -ei / ás / á / emos / eis / ão.
Por exemplo, veja a conjugação dos verbos cantar, vender e sorrir.
cantar = eu cantarei, tu cantarás, ele cantará, nós cantaremos, vós cantareis, eles cantarão.
vender = eu venderei, tu venderás, ele venderá, nós venderemos, vós vendereis, eles venderão.
sorrir = eu sorrirei, tu sorrirás, ele sorrirá, nós sorriremos, vós sorrireis, eles sorrirão.

02) Futuro do Pretérito do Indicativo

O Futuro do Pretérito do Indicativo é obtido pelo acréscimo ao infinitivo das desinências -ia / ias / ia / íamos / íeis / iam.
Por exemplo, veja a conjugação dos verbos cantar, vender e sorrir.
cantar = eu cantaria, tu cantarias, ele cantaria, nós cantaríamos, vós cantaríeis, eles cantariam.
vender = eu venderia, tu venderias, ele venderia, nós venderíamos, vós venderíeis, eles venderiam.
sorrir = eu sorriria, tu sorririas, ele sorriria, nós sorriríamos, vós sorriríeis, eles sorriram.

Exceções: Os verbos fazer, dizer e trazer são conjugados no Futuro do Presente e no Futuro do Pretérito, seguindo-se as mesmas regras acima, porém sem as letras ze, sendo estruturados, então, assim: far, dir, trar.
fazer = eu farei, tu farás, ele fará, nós faremos, vós fareis, eles farão.
dizer = eu diria, tu dirias, ele diria, nós diríamos, vós diríeis, eles diriam.
trazer = eu trarei, tu trarás, ele trará, nós traremos, vós trareis, eles trarão.

03) Infinitivo Pessoal

O Infinitivo Pessoal é obtido pelo acréscimo ao infinitivo das desinências / - / es / - / mos / des / em.

Por exemplo, veja a conjugação dos verbos cantar, vender e sorrir.
cantar = era para eu cantar, tu cantares, ele cantar, nós cantarmos, vós cantardes, eles cantarem.
vender = era para eu vender, tu venderes, ele vender, nós vendermos, vós venderdes, eles venderem.
sorrir = eu sorrir, tu sorrires, ele sorrir, nós sorrirmos, vós sorrirdes, eles sorrirem.

04) Pretérito Imperfeito do Indicativo

O Pretérito Imperfeito do Indicativo é obtido pela eliminação da terminação verbal -ar, -er, -ir do Infinito Impessoal, acrescentando-se a desinência -ava- para os verbos terminados em -ar e a desinência -ia- para os verbos terminados em -er e -ir e, depois, as mesmas desinências número-pessoais para os verbos regulares (- / s / - / mos / is / m). Na segunda pessoa do plural (vós), troca-se o -a por -e.
cantar - ar + ava = eu cantava, tu cantavas, ele cantava, nós cantávamos, vós cantáveis, eles cantavam.
vender - er + ia = eu vendia, tu vendias, ele vendia, nós vendíamos, vós vendíeis, eles vendiam.
sorrir - ir + ia = eu sorria, tu sorrias, ele sorria, nós sorríamosmos, vós sorríeis, eles sorriam.
Os verbos que não seguem as regras acima são ter, pôr, vir e ser.
Ter = tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham.
Pôr = punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham.
Vir = vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.
Ser = era, eras, era, éramos, éreis, eram.

Verbos notáveis

Antes de estudar alguns verbos notáveis da língua portuguesa, é importante que o estudante saiba da existência de dois nomes, em relação aos verbos: Formas rizotônica e arrizotônica.

Formas Rizotônicas

São as estruturas verbais com a sílaba tônica dentro do radical.
São elas: eu, tu, ele e eles do presente do indicativo, eu, tu, ele e eles do presente do subjuntivo, tu, você e vocês do imperativo afirmativo e tu, você e vocês do imperativo negativo.

Formas Arrizotônicas

São as estruturas verbais com a sílaba tônica fora do radical.
São todas as outras estruturas verbais, com exceção das rizotônicas.

01) Aguar

Verbo regular da 1ª conjugação. Como ele, conjugam-se enxaguar e desaguar. Recebem acento agudo no primeiro a das formas rizotônicas e trema em todas as estruturas que tenham a desinência e.

Presente do Indicativo	águo, águas, água, aguamos, aguais, águam.
Presente do Subjuntivo	ágüe, ágües, ágüe, agüemos, agüeis, ágüem.
Imperativo Afirmativo	água, ágüe, agüemos, aguai, ágüem.
Imperativo Negativo	não ágües, não ágüe, não agüemos, não agüeis, não ágüem.
Pretérito Perfeito do Ind.	agüei, aguaste, aguou, aguamos, aguastes, aguaram.
Pretérito Mais-que-perfeito do Ind.	aguara, aguaras, aguara, aguáramos, aguáreis, aguaram.
Futuro do Subj.	aguar, aguares, aguar, aguarmos, aguardes, aguarem.
Pretérito Imperfeito do Subj.	aguasse, aguasses, aguasse, aguássemos, aguásseis, aguassem.
Futuro do Presente	aguarei, aguarás, aguará, aguaremos, aguareis, aguarão.
Futuro do Pretérito	aguaria, aguarias, aguaria, aguaríamos, aguaríeis, aguariam.
Infinitivo Pessoal	aguar, aguares, aguar, aguarmos, aguardes, aguarem.
Pretérito Imperfeito do Ind.	aguava, aguavas, aguava, aguávamos, aguáveis, aguavam.
Formas Nominais	aguar, aguando, aguado.

02) Apaziguar

Verbo regular da 1ª conjugação. Como ele, conjugam-se averiguar e obliquar (caminhar obliquamente, de través; proceder com dissimulação; tergiversar. Recebem acento agudo no u das formas rizotônicas que tenham a desinência e e trema no u das formas arrizotônicas que também tenham a desinência e. As formas rizotônicas são pronunciadas apazigu-o, apazigu-as...

Presente do Indicativo	apaziguo, apaziguas, apazigua, apaziguamos, apaziguais, apaziguam.
Presente do Subjuntivo	apazigúe, apazigúes, apazigúe, apazigüemos, apazigüeis, apazigúem.
Imperativo Afirmativo	apazigua, apazigúe, apazigüemos, apaziguai, apazigúem.

Imperativo Negativo	não apazigúes, não apazigúe, não apazigüemos, não apazigüeis, não apazigúem.
Pretérito Perfeito do Ind.	apazigüei, apaziguaste, apaziguou, apaziguamos, apaziguastes, apaziguaram.
Pretérito Mais-que-perfeito do Ind.	apaziguara, apaziguaras, apaziguara, apaziguáramos, apaziguáreis, apaziguaram.
Futuro do Subj.	apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Pretérito Imperfeito do Subj.	apaziguasse, apaziguasses, apaziguasse, apaziguássemos, apaziguásseis, apaziguassem.
Futuro do Presente	apaziguarei, apaziguarás, apaziguará, apaziguaremos, apaziguareis, apaziguarão.
Futuro do Pretérito	apaziguaria, apaziguarias, apaziguaria, apaziguaríamos, apaziguaríeis, apaziguariam.
Infinitivo Pessoal	apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Pretérito Imperfeito do Ind.	apaziguava, apaziguavas, apaziguava, apaziguávamos, apaziguáveis, apaziguavam.
Formas Nominais	apaziguar, apaziguando, apaziguado.

03) Argüir

Verbo irregular da 3ª conjugação que significa repreender, censurar, criminar, verberar, condenar com argumentos ou razões; revelar, inculcar, demonstrar; examinar questionando ou interrogando. Como ele, conjuga-se redargüir. Recebem acento agudo no u das formas rizotônicas que tenham a desinência e ou i e trema no u das formas arrizotônicas que também tenham a desinência e ou i. As formas rizotônicas são pronunciadas argu-o, argú-is...

Presente do Indicativo	arguo, argúis, argúi, argüimos, argüis, argúem.
Presente do Subjuntivo	argua, arguas, argua, arguamos, arguais, arguam.
Imperativo Afirmativo	argúi, argua, arguamos, argüi, arguam.
Imperativo Negativo	não arguas, não argua, não arguamos, não arguais, não arguam.
Pretérito Perfeito do Ind.	argüi, argüiste, argüiu, argüimos, argüistes, argüiram.
Pretérito Mais-que-perfeito do Ind.	argüira, argüiras, argüira, argüíramos, argüíreis, argüiram.
Futuro do Subj.	argüir, argüires, argüir, argüirmos, argüirdes, argüirem.
Pretérito Imperfeito do Subj.	argüisse, argüisses, argüisse, argüíssemos, argüísseis, argüissem.
Futuro do Presente	argüirei, argüirás, argüirá, argüiremos, argüireis, argüirão.
Futuro do Pretérito	argüiria, argüirias, argüiria, argüiríamos, argüiríeis, argüiriam.
Infinitivo Pessoal	argüir, argüires, argüir, argüirmos, argüirdes, argüirem.
Pretérito Imperfeito do Ind.	argüia, argüias, argüia, argüíamos, argüíeis, argüiam.
Formas Nominais	argüir, argüindo, argüido.

04) Arrear

Verbo irregular da 1ª conjugação. Significa pôr arreio. Como ele, conjugam-se todos os verbos terminados em -ear. Variam no radical, que recebe um i nas formas rizotônicas.

Presente do Indicativo	arreio, arreias, arreia, arreamos, arreais, arreiam.
Presente do Subjuntivo	arreie, arreies, arreie, arreemos, arreeis, arreiem.
Imperativo Afirmativo	arreia, arreie, arreemos, arreai, arreiem.
Imperativo Negativo	não arreies, não arreie, não arreemos, não arreeis, não arreiem.
Pretérito Perfeito do Ind.	arreei, arreaste, arreou, arreamos, arreastes, arrearam.
Pretérito Mais-que-perfeito do Ind.	arreara, arrearas, arreara, arreáramos, arreáreis, arrearam.
Futuro do Subj.	arrear, arreares, arrear, arrearmos, arreardes, arrearem.
Pretérito Imperfeito do Subj.	arreasse, arreasses, arreasse, arreássemos, arreásseis, arreassem.
Futuro do Presente	arrearei, arrearás, arreará, arrearemos, arreareis, arrearão.
Futuro do Pretérito	arrearia, arrearias, arrearia, arrearíamos, arrearíeis, arreariam.
Infinitivo Pessoal	arrear, arreares, arrear, arrearmos, arreardes, arrearem.
Pretérito Imperfeito do Ind.	arreava, arreavas, arreava, arreávamos, arreáveis, arreavam.
Formas Nominais	arrear, arreando, arreado.

05) Arriar

Verbo regular da 1ª conjugação. Significa fazer descer. Como ele, conjugam-se todos os verbos

terminados em -iar, menos mediar, ansiar, remediar, incendiar e odiar.

Presente do Indicativo	arrio, arrias, arria, arriamos, arriais, arriam.
Presente do Subjuntivo	arrie, arries, arrie, arriemos, arrieis, arriem.
Imperativo Afirmativo	arria, arrie, arriemos, arriai, arriem.
Imperativo Negativo	não arries, não arrie, não arriemos, não arrieis, não arriem.
Pretérito Perfeito do Ind.	arriei, arriaste, arriou, arriamos, arriastes, arriaram.
Pretérito Mais-que-perfeito do Ind.	arriara, arriaras, arriara, arriáramos, arriáreis, arriaram.
Futuro do Subj.	arriar, arriares, arriar, arriarmos, arriardes, arriarem.
Pretérito Imperfeito do Subj.	arriasse, arriasses, arriasse, arriássemos, arriásseis, arriassem.
Futuro do Presente	arriarei, arriarás, arriará, arriaremos, arriareis, arriarão.
Futuro do Pretérito	arriaria, arriarias, arriaria, arriaríamos, arriaríeis, arriariam.
Infinitivo Pessoal	arriar, arriares, arriar, arriarmos, arriardes, arriarem.
Pretérito Imperfeito do Ind.	arriava, arriavas, arriava, arriávamos, arriáveis, arriavam.
Formas Nominais	arriar, arriando, arriado.

06) Ansiar

Verbo irregular da 1ª conjugação. Como ele, conjugam-se mediar, remediar, incendiar e odiar. Variam no radical, que recebe um e nas formas rizotônicas.

Presente do Indicativo	anseio, anseias, anseia, ansiamos, ansiais, anseiam.
Presente do Subjuntivo	anseie, anseies, anseie, ansiemos, ansieis, anseiem.
Imperativo Afirmativo	anseia, anseie, ansiemos, ansiai, anseiem.
Imperativo Negativo	não anseies, não anseie, não ansiemos, não ansieis, não anseiem.
Pretérito Perfeito do Ind.	ansiei, ansiaste, ansiou, ansiamos, ansiastes, ansiaram.
Pretérito Mais-que-perfeito do Ind.	ansiara, ansiaras, ansiara, ansiáramos, ansiáreis, ansiaram.
Futuro do Subj.	ansiar, ansiares, ansiar, ansiarmos, ansiardes, ansiarem.
Pretérito Imperfeito do Subj.	ansiasse, ansiasses, ansiasse, ansiássemos, ansiásseis, ansiassem.
Futuro do Presente	ansiarei, ansiarás, ansiará, ansiaremos, ansiareis, ansiarão.
Futuro do Pretérito	ansiaria, ansiarias, ansiaria, ansiaríamos, ansiaríeis, ansiariam.
Infinitivo Pessoal	ansiar, ansiares, ansiar, ansiarmos, ansiardes, ansiarem.
Pretérito Imperfeito do Ind.	ansiava, ansiavas, ansiava, ansiávamos, ansiáveis, ansiavam.
Formas Nominais	ansiar, ansiando, ansiado.

07) Haver

Verbo irregular da 2ª conjugação. Varia no radical e nas desinências.

Presente do Indicativo	hei, hás, há, havemos, haveis, hão.
Presente do Subjuntivo	haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam.
Imperativo Afirmativo	há, haja, hajamos, havei, hajam.
Imperativo Negativo	não hajas, não haja, não hajamos, não hajais, não hajam.
Pretérito Perfeito do Ind.	houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram.
Pretérito Mais-que-perfeito do Ind.	houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram.
Futuro do Subj.	houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.
Pretérito Imperfeito do Subj.	houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem.
Futuro do Presente	haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão.
Futuro do Pretérito	haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam.
Infinitivo Pessoal	haver, haveres, haver, havermos, haverdes, haverem.
Pretérito Imperfeito do Ind.	havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam.
Formas Nominais	haver, havendo, havido.

08) Reaver

Verbo defectivo da 2ª conjugação. Faltam-lhe as formas rizotônicas e derivadas. As formas não existentes devem ser substituídas pelas do verbo recuperar.

Presente do Indicativo	///, ///, ///, reavemos, reaveis, ///.
Presente do Subjuntivo	///, ///, ///, ///, ///, ///.
Imperativo Afirmativo	///, ///, ///, reavei vós, ///.
Imperativo Negativo	///, ///, ///, ///, ///.

Pretérito Perfeito do Ind.	reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.
Pretérito Mais-que-perfeito do Ind.	reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram.
Futuro do Subj.	reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.
Pretérito Imperfeito do Subj.	reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem.
Futuro do Presente	reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão.
Futuro do Pretérito	reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam.
Infinitivo Pessoal	reaver, reaveres, reaver, reavermos, reaverdes, reaverem.
Pretérito Imperfeito do Ind.	reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam.
Formas Nominais	reaver, reavendo, reavido.

09) Precaver

Verbo defectivo da 2ª conjugação, quase sempre usado pronominalmente (precaver-se). Faltam-lhe as formas rizotônicas e derivadas. As formas não existentes devem ser substituídas pelas dos verbos acautelar-se, prevenir-se. As formas existentes são conjugadas regularmente, ou seja, seguem a conjugação de qualquer verbo regular terminado em -er, como escrever.

Presente do Indicativo	///, ///, ///, precavemos, precaveis, ///.
Presente do Subjuntivo	///, ///, ///, ///, ///, ///.
Imperativo Afirmativo	///, ///, ///, prevavei vós, ///.
Imperativo Negativo	///, ///, ///, ///, ///.
Pretérito Perfeito do Ind.	precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram.
Pretérito Mais-que-perfeito do Ind.	precavera, precavera, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram.
Futuro do Subj.	precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Pretérito Imperfeito do Subj.	precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem.
Futuro do Presente	precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão.
Futuro do Pretérito	precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam.
Infinitivo Pessoal	precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Pretérito Imperfeito do Ind.	precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam.
Formas Nominais	precaver, precavendo, precavido.

10) Prover

Verbo irregular da 2ª conjugação que significa abastecer. Varia nas desinências. No presente do indicativo, no presente do subjuntivo, no imperativo afirmativo e no imperativo negativo tem conjugação idêntica à do verbo ver; no restante dos tempos, tem conjugação regular, ou seja, segue a conjugação de qualquer verbo regular terminado em -er, como escrever.

Presente do Indicativo	provejo, provês, provê, provemos, provedes, provêem.
Presente do Subjuntivo	proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.
Imperativo Afirmativo	provê, proveja, provejamos, provede, provejam.
Imperativo Negativo	não provejas, não proveja, não provejamos, não provejais, não provejam.
Pretérito Perfeito do Ind.	provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.
Pretérito Mais-que-perfeito do Ind.	provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram.
Futuro do Subj.	prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Pretérito Imperfeito do Subj.	provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem.
Futuro do Presente	proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão.
Futuro do Pretérito	proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam.
Infinitivo Pessoal	prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Pretérito Imperfeito do Ind.	provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam.
Formas Nominais	prover, provendo, provido.

11) Requerer

Verbo irregular da 2ª conjugação que significa pedir, solicitar, por meio de requerimento. Varia no radical. No presente do indicativo, no presente do subjuntivo, no imperativo afirmativo e no imperativo negativo tem conjugação idêntica à do verbo querer, com exceção da 1ª pessoa do singular do presente do indicativo (eu requeiro); no restante dos tempos, tem conjugação regular, ou seja, segue a conjugação de qualquer verbo regular terminado em -er, como escrever.

Presente do Indicativo	requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem.
Presente do Subjuntivo	requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.
Imperativo Afirmativo	requere, requeira, requeiramos, requerei, requeiram.
Imperativo Negativo	não requeiras, não requeira, não requeiramos, não requeirais, não requeiram.
Pretérito Perfeito do Ind.	requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
Pretérito Mais-que-perfeito do Ind.	requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.
Futuro do Subj.	requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Pretérito Imperfeito do Subj.	requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.
Futuro do Presente	requererei, requererás, requererá, requereremos, requerereis, requererão.
Futuro do Pretérito	requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.
Infinitivo Pessoal	requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Pretérito Imperfeito do Ind.	requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam.
Formas Nominais	requerer, requerendo, requerido.

Verbos defectivos

1) Colorir

Verbo defectivo, da 3ª conjugação. Faltam-lhe a 1ª pessoa do singular do Presente do Indicativo e as formas derivadas dela. Como ele, conjugam-se os verbos **abolir, aturdir (atordoar), brandir (acenar, agitar a mão), banir, carpir, delir (apagar), demolir, exaurir (esgotar, ressecar), explodir, fremir (gemer), haurir (beber, sorver), delinqüir, extorquir, puir (desgastar, polir), ruir, retorquir (replicar, contrapor), latir, urgir (ser urgente), tinir (soar), pascer (pastar)**.

Presente do Indicativo	///, colores, colore, colorimos, coloris, colorem.
Presente do Subjuntivo	///, ///, ///, ///, ///, ///.
Imperativo Afirmativo	colore, ///, ///, colori, ///.
Imperativo Negativo	///, ///, ///, ///, ///, ///.
Pretérito Perfeito do Ind.	colori, coloriste, coloriu, colorimos, coloris, coloriram.
Pretérito Mais-que-perfeito do Ind.	colorira, coloriras, colorira, coloríramos, coloríreis, coloriram.
Futuro do Subj.	colorir, colorires, colorir, colorirmos, colorirdes, colorirem.
Pretérito Imperfeito do Subj.	colorisse, colorisses, colorisse, coloríssemos, colorísseis, colorissem.
Futuro do Presente	colorirei, colorirás, colorirá, coloriremos, colorireis, colorirão.
Futuro do Pretérito	coloriria, coloririas, coloriria, coloriríamos, coloriríeis, coloririam.
Infinitivo Pessoal	colorir, colorires, colorir, colorirmos, colorirdes, colorirem.
Pretérito Imperfeito do Ind.	coloria, colorias, coloria, coloríamos, coloríeis, coloriam.
Formas Nominais	colorir, colorindo, colorido.

2) Falir

Verbo defectivo, da 3ª conjugação. Faltam-lhe as formas rizotônicas do Presente do Indicativo e as formas delas derivadas. Como ele, conjugam-se **aguerrir (tornar valoroso), adequar, combalir (tornar debilitado), embair (enganar), empedernir (petrificar, endurecer), esbaforir-se, espavorir, foragir-se, remir (adquirir de novo, salvar, reparar, indenizar, recuperar-se de uma falha), renhir (disputar), transir (trespassar, penetrar)**.

Presente do Indicativo	///, ///, ///, falimos, falis, ///.
Presente do Subjuntivo	///, ///, ///, ///, ///, ///.
Imperativo Afirmativo	///, ///, ///, fali, ///.

Imperativo Negativo	///, ///, ///, ///, ///, ///.
Pretérito Perfeito do Ind.	fali, faliste, faliu, falimos, falistes, faliram.
Pretérito Mais-que-perfeito do Ind.	falira, faliras, falira, falíramos, falíreis, faliram.
Futuro do Subj.	falir, falires, falir, falirmos, falirdes, falirem.
Pretérito Imperfeito do Subj.	falisse, falisses, falisse, falíssemos, falísseis, falissem.
Futuro do Presente	falirei, falirás, falirá, faliremos, falireis, falirão.
Futuro do Pretérito	faliria, falirias, faliria, faliríamos, faliríeis, faliriam.
Infinitivo Pessoal	falir, falires, falir, falirmos, falirdes, falirem.
Pretérito Imperfeito do Ind.	falia, falias, falia, falíamos, falíeis, faliam.
Formas Nominais	falir, falindo, falido.

Nota: o verbo **adequar**, diferentemente de todos os outros defectivos nas formas rizotônicas, é conjugado no Presente do Subjuntivo nas duas primeiras pessoas do plural, ou seja: **que nós adeqüemos, que vós adeqüeis**, conseqüentemente o Imperativo Afirmativo também é conjugado de modo diferente: **adeqüemos nós, adequai vós**.

Exercícios

Para as questões de 01 a 22 segue o código: Assine com "C" as alternativas corretas e com"I "as incorretas, considerando a flexão e o tempo verbal.

01) ( ) Sempre digo a verdade (presente indicativo)
02) ( ) Espero que você também diga (presente do subjuntivo)
03) ( ) Vá embora daqui (imp. afirm. – 2ª pessoa singular)
04) ( ) Não fique onde não és querido (imp. negativo)
05) ( ) Quando cheguei ao cinema (pret. imperfeito indicativo)
06) ( ) O filme já começara (pret. Mais que perfeito-indicativo)
07) ( ) Quando você vier a Brasília e ver suas avenidas (futuro do subjuntivo)
08) ( ) verá aonde foi o dinheiro do contribuinte (fut. Pres.)
09) ( ) Se viéssemos de ônibus para a escola (Pretérito Imperfeito do subjuntivo)
10) ( ) Chegaríamos sempre atrasados (futuro do presente)
11) ( ) Enquanto você se arrumava para sair (infinitivo)
12) ( ) Eu estudava e aprendia verbos (pretérito perfeito do indicativo)
13) ( ) Continuarei nessa luta (futuro do presente)
14) ( ) e se pudesse, aprenderia todos os verbos (futuro do pretérito)
15) ( ) Tenho estudado muito (presente indicativo composto)
16) ( ) Embora tenham suspenso as aulas (pretérito imperfeito Composto)
17) ( ) Os recursos foram imprimidos a tempo (voz passiva analítica)
18) ( ) Todos têm pagado seus impostos (particípio correto)
19) ( ) O ladrão foi pegado na própria cilada (particípio correto)
20) ( ) O fogo destruía o prédio (voz ativa)
21) ( ) O prédio foi destruído pelo fogo (voz passiva do anterior)
22) ( ) Nesta casa, põe-se cartas e joga-se búzios (voz passiva sintética)

Para as questões de 23 a 33 assinale a alternativa completando corretamente as lacunas abaixo:

23) ________, agora, avisá-lo de que se ela ______o conteúdo da mensagem, todos verão quais são nossos planos:
a) Vimos - ver
b) Viemos - ver
c) Vimos – vir
d) Viemos - vir

24) Vi, mas não _____, o guarda também não ______; dois policiais também não ____. Se tivéssemos ______ talvez tivéssemos evitado tantas mortes:
a) intervi – interviu – interviram – intervido
b) intervim – interveio – intervieram – intervido
c) intervim – interveio – intervieram - intervindo
d) intervir – interveio – interviram - intervindo

25) Ela sempre _______ o carro antes da faixa de pedestres, mas ontem não ____: mesmo que _______ não evitaria o acidente:
a) frea – freiou - freiasse
b) freia – freiou - freiasse
c) frea – freou - freasse
d) freia – freou - freasse

26) Ela _____ por dias melhores, mas não há bem que sempre dure, nem mal que não se _______:
a) ansia - remedie
b) ansia - remedeie
c) anseia - remedie
d) anseia - remedeie

27) Se ainda hoje ela _____ tuas rotas meias e, mesmo assim, _______ seu passado: gratidão há, mas não tua.
a) cerze - denegres
b) cerze - denigres
c) cirze - denigres
d) cirze - denegres

28) Quando ela ____________ o carro, ele parece novo, uma jóia. Queres que ela ________ também o seu:
a) pole - pule
b) pole - pula
c) pule - pule
d) pule - pula

29) No ano passado, os alunos _______ aumento do efetivo de servidores: imediatamente o diretor ____todos os cargos vagos:
a) requiseram - proviu
b) requiseram - proveu
c) requereram - proveu
d) requereram - proviu

30) Desejo que você ______ seus documentos e que doravante se _____- contra novas e eventuais perda.
a) reavenha - precavenha
b) reaveja - precaveja
c) recupere - previna
d) reaja - precava

31) Todos trabalhando: Ana _______ as flores, Andrea _____a sala e eu _____- quem irá pagar as contas:
a) água – mobília - aveiguo
b) agua – mobila - averíguo
c) água – mobilia - averiguo
d) agua – mobilia - averíguo

32) Neste momento, ela _________ um ovo para o lanche. Não queres que ela _______ um para ti?
a) frije - freje
b) frege - frija
c) frige - frege
d) frije - frija

33) Querem que você ___- todas as instalações da loja e, com isso, ______: o que a concorrência não sabe é que a lei que ____ em 1980, já não _______ mais:
a) destrua – fale – vigia - vije
b) demola – fale – vigia - vige
c) demula – vá à falência – vigorava - vija
d) derrube – quebre – era vigente - vige

Para as questões de 34 a 39 assinale a alternativa, completando corretamente a frase:

34) É preciso que as autoridades _____energicamente _________ que não _______novas desordens:
a) hajam, a fim de, haja
b) ajam, a fim de, haja
c) ajam, a fim de, hajam
d) ajam, a fim de, haja

35) ______ cinco anos amanhã que tu te _________- com tua família pois hoje ____ -17 de dezembro de 1999:
a) Vão fazer, desavieste, são
b) Vai fazer, desaviste, é
c) Vai fazer, desouveste, são
d) Vai fazer, desavieste são

36) ________as casas onde ____mais operários:
a) construíram-se, houvesse
b) construir-se-iam, houvessem
c) construir-se-iam, houvesse
d) construiriam-se, houvessem

37) Tu não _______, mas não _________que nós _________:
a) progrides, impeças, progridamos
b) progride, impeças, progredimos
c) progrides, impeça, progridamos
d) progride, impede, progridamos

38) Quando _____de Caixas e _____Paulo, ____ que desejo falar-lhe:
a) vires, veres, diga-lhe
b) vieres, vires, dizer-lhe
c) vieres, veres, dizer-lhe
d) vieres, vires, diga-lhe

39) _________que não __________o patrimônio da empresa:
a) Receamos, reajam delapidado
b) Receiamos, reavenham delapidado
c) Receiamos, consigam reaver dilapidado
d) Receamos, consigam reaver dilapidado

40) Assinale a alternativa correta:
a) Não te atrases, vai logo que puderes
b) Não te atrasa, vai logo que puderes
c) Não se atrase, vai logo que puderes
d) Não te atrase, vai logo que puder

41) Assinale a opção em que o imperativo está empregado corretamente:

a) Não ide lá, eu vo-lo proíbo
b) Não vades lá, eu vo-lo proíbo
c) Não vão lá, eu vo-lo proíbo
d) Não ides lá, eu vo-lo proíbo

42) O item em que o imperativo está mal empregado

a) Não intervenhais naquilo que não é de vossa alçada
b) Ride com os que se alegram, mas não vos exalteis
c) Quando você for ao centro, põe a carta no correio
d) Mantende-vos firmes e não arrefeçais quando as circunstâncias da vida vos quiserem abalar

43) O acordo não _______ as reivindicações, a não ser que ______ os nossos direitos e ________ da luta:
a) substitue, abdicamos, desistimos
b) substitui, abdiquemos, desistamos
c) substitui, abdiquemos, desistimos
d) substitue, abdiquemos, desistamos

44) As linhas ______ para um ponto e depois se ______ no infinito.
a) convergem, esvão;
b) convirgem, esvaem;
c) convergem, esvaiem;
d) convergem, esvaem

45) Não ______.Você não acha preferível que ele se ______ sem que você o _________?
a) interfira, desdiga, obrigue
b) interfere, desdiz, obriga
c) interfira, desdisser, obrigue
d) interfira, desdissesse, obriga

46) Sempre que há vagas, _________alunos que _____________de todos os lugares:
a) afluem provém
b) aflue, provém
c) afluem, provêm
d) afluem, provêem

47) O diretor examinará o processo ainda hoje:
Passando para a voz passiva, obtém-se a forma verbal:
a) foi examinado
b) é examinado
c) terá sido examinado
d) será examinado

48) O menino ia assinalando as resposta numa folha.
Passando para a voz passiva, obtém-se a forma verbal:
a) foram assinaladas
b) tinham sido assinaladas
c) iam sendo assinaladas
d) eram assinaladas

49) Os campos foram invadidos pelas águas dos rios que, naquele ano, destruíram toda a plantação:
Passando para a voz ativa e para a passiva, respectivamente, obtêm-se as formas verbais:
a) invadirão – era destruída
b) invadiram – foi destruída
c) tinham invadido – é destruída
d) foi invadido – foi destruído

50) Passando para a voz passiva a frase "Os guardas mantiveram o povo a distância." Teremos:
a) Manter-se-ão os guardas a distância
b) Manter-se-ia o povo a distância
c) Manteve-se o povo a distância
d) Mantêm-se os guardas a distância

51) Assinale o item com verbo defectivo:
a) Demoliram vários prédios naquele local
b) Elas se correspondem freqüentemente
c) Coube ao juiz julgar o réu
d) Compramos muitas mercadorias remarcadas

52) Aponte a alternativa, se houver, em que o verbo reaver está correto:
a) É necessário que você reavenha o dinheiro
b) É necessário que você reaja o dinheiro
c) É necessário que você reaja o dinheiro
d) N.D.A.

53) É possível que ______ novidades interessantes, que ______ e _______ ao mesmo tempo:
a) surjam, divertem, instruam
b) surjam, divirtam, instruam
c) surgem, divertem, instruem
d) surgem, divirtam, instruam

54) Assinala a única alternativa correta:
a) Tu dissestes a verdade
b) Se eu quisesse, eu farei
c) Não tenhais medo da vida
d) Ouve, crê e cale!

55) "Quando eu cheguei, o avião havia partido " a frase correspondente é:
a) ... o avião partiu
b) ... o avião partia
c) ... o avião tinha partido
d) ... o avião teria partido

56) "Quando eu cheguei, ela já ______ embora". (verbo ir):
a) tivera ido
b) fosse
c) fora
d) foi

57) "Você queria que eu ________? . Não ____fazê-lo, pois só _______dos motivos da briga, depois que o atingiram:

a) intervisse, pôde, soube
b) intervisse, pude, soube

c) interviesse, pude, soube
d) interviesse, pude, sube

58) Que fizeste com os papéis que te dei? _______ que só havias ______a metade deles. Já _____os demais:
a) Disseste, revisto, reouveste
b) Dissestes, revido, reavestes
c) Dissestes, revisto, reaveste
d) Disseste, revido, reaveste

59) Nós _____agora de São Paulo.
Ontem nós ________de Minas Gerais
Nós ________o filme há um ano
Neste instante __________você

a) viemos, vemos, vimos, vemos
b) vimos, viemos, vimos, vemos
c) viemos, vimos, viemos, vimos
d) viemos, vimos, vimos, vemos

60) Marque a frase de sintaxe incorreta:
a) Devem existir livros sobre esse assunto
b) Não deveria haver desavenças entre irmãos
c) Se não houvesse ingratidões, não haveria fineza
d) Hão de haver meios de salvar os meninos da rua

61) Assinale o item em que a norma culta repudia o uso do verbo ter:

a) Cada onde não há pão, todos gritam e ninguém tem razão
b) Eles, quando não têm aula, passam o dia lendo
c) Tinham ocasiões em que todos gritavam ao mesmo tempo
d) Havia professores que o tinham em boa conta

62) Assinala a frase correta:
a) Se você requisesse e seu advogado intervisse, talvez reavesse todos os seus bens
b) Se você requeresse e seu advogado intervisse, talvez reouvesse todo os seus bens
c) Se você requisesse e seu advogado interviesse, talvez reaveria todos os seus bens
d) Se você requeresse e seu advogado, intervisse talvez reaveria todos os seus bens

63) Marque o item com erro:
a) Viemos ontem pelo trem
b) Vimos o seu amigo quando chegou
c) Se nos convir, falaremos com ela
d) Não vos convençais tanto

64) A única forma verbal aceitável:
a) se eles manterem a palavra
b) Ele reteu as crianças em casa
c) Quando eu dispor de tempo
d) Se tu sustiveres a palavra

65) O verbo não está bem flexionado:
a) É necessário que a gente se precavenha
b) É necessário que ela se previna
c) É necessário que te precates
d) É necessário que nos acutelemos

66) A única forma verbal aceitável:
a) É preciso que reconquistemos o lugar perdido
b) É preciso que reajamos o lugar perdido
c) É preciso que reavamos o lugar perdido
d) É preciso que reavemos o lugar perdido

67) A forma verbal correta é:
a) Que eu me precavenha
b) Que eu me precaveja
c) Ele interviu
d) Se eu me precavesse

68) Forma verbal errada:
a) Não ponde o dedo em ferida alheia
b) Não odieis o vosso próximo
c) Não odeies o teu próximo
d) Não intervenhais neste assunto

69) Em apenas uma das frases a forma verbal está errada:
a) Sustende a corda com firmeza
b) Ontem ceiamos a casa de amigos
c) Quero que delineeis este esquema
d) Não receies as más línguas

70) Em uma das frases a forma verbal é inaceitável:
a) Eu intervi na hora
b) Quando enraivece, ele demole tudo
c) Enquanto enxáguo a louça, quero que ágües as plantas
d) É bom que delineemos rapidamente o esquema

71)Elas _______a casa arrumada
Eles se ________ na praia
Eles __________ grande sucesso
Quando ______ as chuvas, tudo fica muito verde
a) Mantem, entretem, obtem, sobrevem
b) mantêm, entretêm, obtêm, sobrevêm
c) mantêem, entretêem, sobrevêem
d) n.d.a

Respostas Sobre Verbos

01. C
02. C
03. I
04. I
05. I
06. C
07. I
08. C
09. C
10. I
11. C
12. I
13. C
14. C
15. I
16. I
17. I
18. C
19. C
20. C
21. I
22. I
23. C
24. C
25. D
26. D
27. C
28. D
29. C
30. C
31. A
32. B
33. D
34. D
35. D
36. C
37. A
38. B
39. D
40. A
41. B
42. C
43. B
44. D
45. A
46. C
47. D
48. C
49. B
50. C
51. A
52. D
53. B
54. C
55. C
56. C
57. B
58. A
59. B
60. D
61. C
62. B
63. C
64. D
65. A
66. A
67. D
68. A
69. B
70. A
71. B

Vozes Verbais

Voz verbal é a flexão do verbo que indica se o sujeito pratica, ou recebe, ou pratica e recebe a ação verbal.

01) Voz Ativa

Quando o sujeito é agente, ou seja, pratica a ação verbal ou participa ativamente de um fato.
Ex.

- As meninas exigiram a presença da diretora.
- A torcida aplaudiu os jogadores.
- O médico cometeu um erro terrível.

02) Voz Passiva

Quando o sujeito é paciente, ou seja, sofre a ação verbal.

A) Voz Passiva Sintética

A voz passiva sintética é formada por verbo transitivo direto, pronome se (partícula apassivadora) e sujeito paciente.
Ex.

- Entregam-se encomendas.
- Alugam-se casas.
- Compram-se roupas usadas.

B) Voz Passiva Analítica

A voz passiva analítica é formada por sujeito paciente, verbo auxiliar ser ou estar, verbo principal indicador de ação no particípio - ambos formam locução verbal passiva - e agente da passiva. Veja mais detalhes aqui.
Ex.

- As encomendas foram entregues pelo próprio diretor.
- As casas foram alugadas pela imobiliária.
- As roupas foram compradas por uma elegante senhora.

03) Voz Reflexiva

Há dois tipos de voz reflexiva:

A) Reflexiva
Será chamada simplesmente de reflexiva, quando o sujeito praticar a ação sobre si mesmo.
Ex.

- Carla machucou-se.
- Osbirvânio cortou-se com a faca.
- Roberto matou-se.

B) Reflexiva recíproca

Será chamada de reflexiva recíproca, quando houver dois elementos como sujeito: um pratica a ação sobre o outro, que pratica a ação sobre o primeiro.
Ex.

- Paula e Renato amam-se.
- Os jovens agrediram-se durante a festa.
- Os ônibus chocaram-se violentamente.

Passagem da ativa para a passiva e vice-versa

Para efetivar a transformação da ativa para a passiva e vice-versa, procede-se da seguinte maneira:

1 - O sujeito da voz ativa passará a ser o agente da passiva.
2 - O objeto direto da voz ativa passará a ser o sujeito da voz passiva.
3 - Na passiva, o verbo ser estará no mesmo tempo e modo do verbo transitivo direto da ativa.
4 - Na voz passiva, o verbo transitivo direto ficará no particípio.

Voz ativa

A torcida aplaudiu os jogadores.

- Sujeito = a torcida.
- Verbo transitivo direto = aplaudiu.
- Objeto direto = os jogadores.

Voz passiva

Os jogadores foram aplaudidos pela torcida.

- Sujeito = os jogadores.
- Locução verbal passiva = foram aplaudidos.
- Agente da passiva = pela torcida.

Exercícios

1- Em algumas das frases abaixo, ocorre o agente da passiva. Aponte-o.
a) Prometeu lutar pelas camadas mais pobres da população.
b) Faz muito tempo que esses animais vem sendo caçados por gente inescrupulosa.
c) As melhores teses foram apresentadas pelos representantes dos países latino-americanos.
d) O Corinthians foi inapelavelmente derrotado pelo Juventus na última rodada.
e) Deveria ser veiculada pelos meios de comunicação uma campanha que tornasse mais civilizado o selvagem trânsito brasileiro.

2- Fornecemos, a seguir, duas redações para uma mesma manchete de jornal. Compare-as e indique as diferenças de sentido que transmitem .
'"O técnico da Seleção não convocará jogadores dos times paulistas"
"Jogadores dos times paulistas não serão convocados pelo técnico da Seleção"

3- Passe cada uma das orações seguintes para a voz passiva. A seguir, responda: a forma ativa e a forma passiva das orações são exatamente equivalentes? Comente.
a) Secretaria da Saúde vai divulgar novos dados sobre a dengue no interior de São Paulo.
b) Pelé, Tostão e Gérson comandaram o filme brasileiro na Copa de :O no México.
c) Várias emissoras de televisão haviam convidado os candidatos a prefeito para um debate.
d) Algumas decisões do governo têm levado os agricultores ao desespero.
e) O principal sindicato da categoria havia convocado uma greve para a semana seguinte.
i) O movimento dos aposentados acaba de obter várias conquistas na]justiça.

4- Cada uma das orações seguintes deve ser passada para a voz passiva. Lembre-se de que, neste caço, há duas formas possíveis de voz passiva para cada oração.
a) Enviaram as cartas ontem à tarde.
b) Publicaram vários livros premiados.
c) Nomearam o novo diretor do colégio.
d) Adotaram um novo critério de seleção dos candidatos.
e) Salvaram uma criança durante o temporal.
f) Fizeram ameaças a testemunha de acusação.
g) Transformaram a cidade num caos.

5- Reescreva cada uma das orações seguintes passando para o plural o termo destacado e fazendo as demais modificações necessárias.
a) Elaborou-se **um projeto** para resolver a questão .
b) Estipulou-se **um novo prazo para a entrega da declaração**.
c) Aspira-se a uma vida mais digna.
d) Localizou-se **o principal foco de disseminação da doença**.
e) Não se conhece **a real causa do acidente**.
f) Não se dispõe de **um meio eficiente** para combater o mal.
g) É possível que se **descubra a origem de tudo isso**.
h) É recomendável que se parta de **um dado comprovável** para dar início aos trabalhos de manutenção.
i) É evidente que se trata de **um caso de superfaturamento**.

6- Forme orações com os elementos disponíveis em cada um dos itens seguintes empregando o pronome se. Esteja atento à concordância verbal apropriada a cada caso.
a) Procurar / alternativas para geração de energia.
b) Precisar / novas fontes de energia.
c) Liberar / as importações de produtos de informática / finalmente.
d) Ultrapassar / últimas barreiras ao livre comércio.
e) Pensar / soluções para a crise.
f) Encontrar / cura para várias doenças.
g) Atentar / índices de pobreza no país.

7- Explique as possíveis interpretações das orações abaixo e proponha formas de eliminar a ambigüidade.
a) Incentivam-se os alunos.
b) Desmascaram-se os culpados.
d) Acusam-se os responsáveis.

RESPOSTAS

1.
a) não há
b) por gente inescrupulosa
c) pelos representantes dos países latino-americanos
d) pelo juventus

e) pelos meios de comunicação

2. A primeira forma enfatiza o agente do processo verbal e o próprio processo verbal; a segunda forma enfatiza o paciente do processo verbal. A construção na voz ativa dá destaque ao técnico e à sua ação; a construção na voz passiva dá destaque ao que está sendo anunciado.

3.
a) Novos dados sobre a dengue no interior de São Paulo vão ser divulgados pela Secretaria da Saúde.
b) time brasileiro na Copa de 70 no México foi comandado por Pelé, Tostão e Gérson.
c) Os candidatos a prefeito haviam sido convidados para um debate por várias emissoras de televisão.
d) Os agricultores têm sido levados ao desespero por algumas decisões do governo.
e) Uma greve havia sido convocada para a semana seguinte pelo principal sindicato da categoria.
f) Várias conquistas acabam de ser obtidas na justiça pelo movimento dos aposentados.

O aluno deve perceber que as diferenças apontadas na questão 2 são válidas para as frases da questão 3.

4.
a) As cartas foram enviadas ontem à tarde. / Enviaram-se as cartas...
b) Vários livros premiados foram publicados. / Publicaram-se vários livros...
c) novo diretor do colégio foi nomeado. / Nomeou-se o novo diretor...
d) Um novo critério de seleção dos candidatos foi adotado. / Adotou-se um novo critério...
e) Uma criança foi salva durante o temporal. / Salvou-se uma criança...
f) Ameaças à testemunha de acusação foram feitas. / Fizeram-se ameaças à testemunha...
g) A cidade foi transformada num caos. / Transformou-se a cidade...

5.
a) Elaboraram-se projetos...
b) Estipularam-se novos prazos...
c) Aspira-se a vidas mais dignas.
d) Localizaram-se os principais focos de...
e) Não se conhecem as reais causas...
f) Não se dispõe de meios eficientes...
g) É possível que se descubram as origens de tudo isso.
h) É recomendável que se parta de dados comprováveis...
i) É evidente que se trata de casos de...

6.
a) Procuram-se alternativas...
b) Precisa-se de novas...
c) Finalmente, liberaram-se as importações de...
d) Ultrapassaram-se as últimas barreiras...
e) Pensa-se em soluções...
f) Encontrou-se a cura...
g) Atente-se para os índices...

7. Essas frases podem ser interpretadas como casos da voz passiva sintética ou da voz reflexiva. Por isso, devem ser evitadas. Quando se pretende fazer a construção passiva com sujeito humano, é melhor optar pela forma analítica: Os alunos são incentivados. Os culpados são desmascarados., Os responsáveis são acusados. Para a voz reflexiva, recomenda-se a anteposição do sujeito: Os alunos incentivam-se., Os culpados desmascaram-se. Os responsáveis acusam-se. Nesse último caso, recomenda-se ainda o uso de expressões como "mutuamente", "um ao outro", "reciprocamente".

Predicação Verbal

É o estudo do comportamento do verbo na oração. É a partir da predicação verbal que analisamos se ocorre ação ou fato, se existe qualidade ou estado ou modo de ser de sujeito.

Quanto à predicação verbal, os verbos podem ser:

- Intransitivos
- Transitivos
- De Ligação

Os transitivos e os intransitivos são também denominados verbos significativos.

Verbos Intrasintivos

São verbos intransitivos os que não necessitam de complementação, pois já possuem sentido completo. Observe estas frases, retiradas de manchetes de jornais:

Rei Hussein, da Jordânia, morre aos 63.

24 mil casam-se ao mesmo tempo.

2ª parcela do IPVA vence a partir de hoje.

Perceba que esses verbos não necessitam de qualquer elemento para complementar seu sentido, pois **quem morre, morre, quem se casa, casa-se e aquilo que vence, vence**.

Há verbos intransitivos, porém, que vêm acompanhados de um termo acessório, exprimindo alguma circunstância - lugar, tempo, modo, causa, etc. O estudante não deve confundir esse elemento acessório com complemento de verbo. Observe esse exemplo:

Garotinho diz que irá a Brasília para reunião.

Aparentemente, o verbo **ir** apresenta complementação, pois **quem vai, vai a algum lugar**, porém "lugar" é uma circunstância e não complementação, como à primeira vista possa parecer.

Todos os verbos que indicam destino ou procedência são verbos intransitivos, normalmente acompanhados de circunstância de lugar - Adjunto Adverbial de Lugar. São eles **ir, vir, voltar, chegar, cair, comparecer, dirigir-se...**. Esses verbos admitem as preposições **a** e **de**; esta para indicação de procedência, aquela para a indicação de destino.

Outros exemplos:

- O avião caiu ao mar.
- Cheguei a casa antes da meia-noite. Nessa frase não ocorre o acento indicativo de crase, pois a palavra **casa** só admite o artigo quando estiver especificada: Cheguei à casa de Joana.

Verbos Transitivos

São verbos que necessitam de complementação. pois têm sentido incompleto. Observe as orações:

Vasco venceu Corinthians com 2 gols de Romário.

Cliente reclama de promoção da BCP.

Medida em estudo dá alívio para os Estados.

Perceba que os três verbos utilizados nos exemplos necessitam de complementação, pois **quem vence, vence alguém, quem reclama, reclama de algo** e **quem dá, dá algo a alguém**. A complementação, porém, dá-se de três maneiras diferentes: na primeira, o verbo não exige preposição, mas na segunda, sim, e, na terceira, há dois complementos, um com preposição, outro,sem. Quanto a isso, os verbos são:

Transitivos diretos: exigem complemento sem preposição obrigatória. O complemento é denominado **objeto direto**.

- Presidente receberá governadores.
- Falta de verbas causa problemas.

Transitivos indiretos: exigem complemento com preposição obrigatória. O complemento é denominado **objeto indireto**.

- Eleitor não obedece à convocação do TRE.
- População ainda acredita nos políticos.

Transitivos diretos e indiretos: possuem dois complementos; o **objeto direto** e o **objeto indireto**.
- Governador perdoa a Deputado traição do passado.
- Empresário doa rendimentos do mês à UNICEF.

Junto de verbo significativo pode surgir uma qualidade do sujeito ou uma qualidade do objeto. Esta denomina-se predicativo do objeto; aquela, predicativo do sujeito. Veja estes exemplos:

O professor entrou revoltado naquela tarde.
Maria morreu feliz.

Verbos de Ligação

São verbos que servem como elementos de ligação entre o sujeito e uma qualidade ou estado ou modo de ser, denominado **Predicativo do Sujeito**. Os principais verbos de ligação são **ser, estar, parecer, permanecer, ficar, continuar**. Não decore quais são os verbos de ligação, e sim memorize o significado dele:

Verbo de ligação é aquele que indica a existência de uma qualidade do sujeito, sem que ele pratique uma ação.

Investimento direto será menor em 2003. Matéria-prima fica mais cara.

Quando o verbo indica ação, além de qualidade do sujeito, é denominado transitivo ou intransitivo, mesmo que haja predicativo do sujeito.

Seleção volta abatida da Ásia.

Nesse exemplo o verbo não é de ligação, pois está indicando uma ação - **quem volta, volta de algum lugar**, mesmo que haja o predicativo do sujeito "abatida". É, então, um verbo intransitivo, já que "da Ásia" é Adjunto Adverbial de Lugar. Conclui-se que pode haver predicativo do sujeito sem que haja verbo de ligação.

Exercícios

1) É errada a análise da predicação verbal na letra:
a) Isso não me convém. (transitivo indireto)
b) Não lhe telefonarei amanhã. (transitivo indireto)
c) Saudaram-nos pela vitória. (transitivo indireto)
d) A verdade me constrangeu. (transitivo direto)
e) A inocente menina é bela como um anjo. (de ligação)

2) O termo em destaque é adjunto adnominal na letra:
a) O político conseguiu um emprego **ao filho**.
b) O Banco emprestou dinheiro **àquela empresa**:.
c) Eleonora, toda apaixonada, ajeitou os cabelos **do noivo**.
d) Paguei todas as minhas dívidas **aos credores**.
e) Deus perdoa todos os pecados **ao mortais**.

3) Assinale a frase em que o verbo **estar** não é verbo de ligação:

a) Estávamos totalmente desligados a esse tipo de problema.
b) Os alpinistas estavam esgotados ao chegarem ao chalé.
c) Tenho estado otimista, quanto à minha aprovação.
d) Estivemos conversando tranqüilos acerca de política.
e) Relativamente a esse assunto, estou muito preocupado com as conseqüências.

4) Assinale a letra que contenha predicativo do sujeito sem que haja verbo de ligação:
a) Cumprimentaram-se friamente.
b) Ser livre é não ser escravo.
c) A leitura é muito útil.
d) A menina sorria-se feliz.
e) O mentiroso precisa ter boa memória.

5) Assinale a letra em que há exemplo de verbo transitivo direto e indireto:
a) Fugiu com quantas pernas tinha.
b) Disparou com um raio para a toca.
c) Lá contou à mamãe as aventuras do passeio.
d) Observei muita coisa interessante.
e) Encontrei o irmão de Carolina.

6) Assinale a letra que não contenha predicativo do sujeito:
a) Tenho grande simpatia pelos homens abnegados.
b) Os homens são atormentados pelas doenças.
c) Sua dedicação ao trabalho é mesmo exagerada.

d) A atenção dos alunos às aulas é elogiável.
e) Durante o dia, a praça fica cheia de aposentados.

7) Assinale a oração que contenha objeto direto:
a) Precisamos de mais informações.
b) A resposta ao aluno não foi convincente.
c) O professor não quis responder ao aluno.
d) Muitos caminhos foram abertos pelos bandeirantes.
e) A enchente alagou a cidade.

8) O herdeiro, longe de **compadecer-se**, **sorriu** e, por esmola, **atirou**-lhe três grãos de milho. Os verbos grifados são, respectivamente:
a) transitivo indireto, intransitivo, transitivo indireto.
b) intransitivo, intransitivo, transitivo direto e indireto.
c) transitivo direto, intransitivo, transitivo direto e indireto.
d) intransitivo, intransitivo, transitivo direto.
e) intransitivo, transitivo indireto, transitivo direto.

9) Assinale a letra que contenha verbo de ligação:
a) Os viajantes chegaram cedo ao destino.
b) Demitiram o secretário da instituição.
c) Nomearam as novas ruas da cidade.
d) Compareceram todos atrasados à reunião.
e) Estava irritado com as brincadeiras

10) Assinale a letra que contenha verbo transitivo direto:
a) Já passa da hora do recreio.
b) Há importantes monumentos em Minas Gerais.
c) Devia existir um motivo sério, muito sério.
d) Nas discussões choveram desaforos.
e) propusemos reformas aos dirigentes.

RESPOSTAS

1) C 2) C 3) D 4)D 5) C 6) A 7) E 8) B 9) E 10) B

Regência Verbal

A regência estuda a relação existente entre os termos de uma oração ou entre as orações de um período.

A regência verbal estuda a relação de dependência que se estabelece entre os verbos e seus complementos. Na realidade o que estudamos na regência verbal é se o verbo é transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto e indireto ou intransitivo e qual a preposição relacionada com ele.

Verbos Transitivos Diretos

São verbos que indicam que o sujeito pratica a ação, sofrida por outro elemento, denominado objeto direto.

Por essa razão, uma das maneiras mais fáceis de se analisar se um verbo é transitivo direto é passar a oração para a voz passiva, pois somente verbo transitivo direto admite tal transformação, além de obedecer, pagar e perdoar, que, mesmo não sendo VTD, admitem a passiva.

O objeto direto pode ser representado por um substantivo ou palavra substantivada, uma oração (oração subordinada substantiva objetiva direta) ou por um pronome oblíquo.

Os pronomes oblíquos átonos que funcionam como objeto direto são os seguintes: **me, te, se, o, a, nos, vos, os, as.**

Os pronomes oblíquos tônicos que funcionam como objeto direto são os seguintes: **mim, ti, si, ele, ela, nós, vós, eles, elas**.

Como são pronomes oblíquos tônicos, só são usados com preposição, por isso se classificam como

objeto direto preposicionado.

Vamos à lista, então, dos mais importantes verbos transitivos diretos: Há verbos que surgirão em mais de uma lista, pois têm mais de um significado e mais de uma regência.

Aspirar será VTD, quando significar **sorver, absorver**.

- Como é bom aspirar a brisa da tarde.

Visar será VTD, quando significar **mirar** ou **dar visto**.

- O atirador visou o alvo, mas errou o tiro.
- O gerente visou o cheque do cliente.

Agradar será VTD, quando significar **acariciar** ou **contentar**.

- A garotinha ficou agradando o cachorrinho por horas.
- Para agradar o pai, ficou em casa naquele dia.

Querer será VTD, quando significar **desejar, ter a intenção ou vontade de, tencionar**.

- Sempre quis seu bem.
- Quero que me digam quem é o culpado.

Chamar será VTD, quando significar **convocar**.

- Chamei todos os sócios, para participarem da reunião.

Implicar será VTD, quando significar **fazer supor, dar a entender; produzir como conseqüência, acarretar**.

- Os precedentes daquele juiz implicam grande honestidade.
- Suas palavras implicam denúncia contra o deputado.

Desfrutar e **Usufruir** são VTD sempre.

- Desfrutei os bens deixados por meu pai.
- Pagam o preço do progresso aqueles que menos o desfrutam. (e não desfrutam dele, como foi escrito no tema da redação da UEL em julho de 1996)

Namorar é sempre VTD. Só se usa a preposição **com**, para iniciar Adjunto **Adverbial de Companhia**. Esse verbo possui os significados de **inspirar amor a, galantear, cortejar, apaixonar, seduzir, atrair, olhar com insistência e cobiça, cobiçar**.

- Joanilda namorava o filho do delegado.
- O mendigo namorava a torta que estava sobre a mesa.
- Eu estava namorando este cargo há anos.

Compartilhar é sempre VTD.

- Berenice compartilhou o meu sofrimento.

Esquecer e **Lembrar** serão VTD, quando não forem pronominais, ou seja, caso não sejam usados com pronome, não serão usados também com preposição.

- Esqueci que havíamos combinado sair.
- Ela não lembrou o meu nome.

Verbos Transitivos Indiretos

São verbos que se ligam ao complemento por meio de uma preposição. O complemento é denominado objeto indireto.

O objeto indireto pode ser representado por um substantivo, ou palavra substantivada, uma oração (oração subordinada substantiva objetiva indireta) ou por um pronome oblíquo.

Os pronomes oblíquos átonos que funcionam como objeto indireto são os seguintes: **me, te, se, lhe, nos, vos, lhes**.

Os pronomes oblíquos tônicos que funcionam como objeto indireto são os seguintes: **mim, ti, si, ele, ela, nós, vós, eles, elas**.

Vamos à lista, então, dos mais importantes verbos transitivos indiretos: Há verbos que surgirão em mais de uma lista, pois têm mais de um significado e mais de uma regência.

Verbos Transitivos Indiretos, com a prep. a

Aspirar será VTI, com a prep. a, quando significar **almejar, objetivar**.

- Aspiramos a uma vaga naquela universidade.

Visar será VTI, com a prep. a, quando significar **almejar, objetivar**.

- Sempre visei a uma vida melhor.

Agradar será VTI, com a prep. a, quando significar **ser agradável; satisfazer**.

- Para agradar ao pai, estudou com afinco o ano todo.

Querer será VTI, com a prep. a, quando significar **estimar**.

- Quero aos meus amigos, como aos meus irmãos.

Assistir será VTI, com a prep. a, quando significar **ver** ou **ter direito**.

- Gosto de assistir aos jogos do Santos.
- Assiste ao trabalhador o descanso semanal remunerado.

Custar será VTI, com a prep. a, quando significar ser difícil. Nesse caso o verbo custar terá como sujeito aquilo que é difícil, nunca a pessoa, que será **objeto indireto**.

- Custou-me acreditar em Hipocárpio. e não Eu custei a acreditar...

Proceder será VTI, com a prep. a, quando significar **dar início**.

- Os fiscais procederam à prova com atraso.

Obedecer e **desobedecer** são sempre VTI, com a prep. a.

- Obedeço a todas as regras da empresa.

Revidar é sempre VTI, com a prep. a.

- Ele revidou ao ataque instintivamente.

Responder será VTI, com a prep. a, quando possuir apenas um complemento.

- Respondi ao bilhete imediatamente.
- Respondeu ao professor com desdém.

Caso tenha dois complementos, será VTDI, com a prep. a.

Alguns verbos transitivos indiretos, com a prep. **a**, não admitem a utilização do complemento **lhe**. No lugar, deveremos colocar **a ele, a ela, a eles, a elas**. Dentre eles, destacam-se os seguintes:

Aspirar, visar, assistir(ver), aludir, referir-se, anuir.

Quando houver, na oração, um verbo transitivo indireto, com a prep. a, seguido de um substantivo feminino, que exija o artigo a, ocorrerá o fenômeno denominado crase, que deve ser caracterizado pelo acento grave (à ou às).

- Assisti à peça das meninas do terceiro colegial.

Verbos Transitivos Indiretos, com a prep. com

Simpatizar e **Antipatizar** sempre são VTI, com a prep. com. Não são verbos pronominais, portanto não existe o verbo **simpatizar-se**, nem **antipatizar-se**.

- Sempre simpatizei com Eleodora, mas antipatizo com o irmão dela.

Implicar será VTI, com a prep. com, quando significar **antipatizar**.

- Não sei por que o professor implica comigo.

Verbos Transitivos Indiretos, com a prep. de

Esquecer-se e **lembrar-se** serão VTI, com a prep. **de**, quando forem pronominais, ou seja, somente quando forem usados com pronome, poderão ser usados com a prep. **de**.

- Esqueci-me de que havíamos combinado sair.
- Ela não se lembrou do meu nome.

Proceder será VTI, com a prep. de, quando significar **derivar-se, originar-se**.

- Esse mau-humor de Pedro procede da educação que recebeu.

Verbos Transitivos Indiretos, com a prep. em

Consistir é sempre VTI, com a prep. em. Esse verbo significa **cifrar-se, resumir-se ou estar firmado, ter por base, ser constituído por**.

- O plano consiste em criar uma secretaria especial.

Sobressair é sempre VTI, com a prep. em. Não é verbo pronominal, portanto não existe o verbo **sobressair-se**.

- Quando estava no colegial, sobressaía em todas as matérias.

Verbos Transitivos Indiretos, com a prep. por

Torcer é VTI, com a prep. por. Pode ser também verbo intransitivo. Somente neste caso, usa-se com a prep. para, que dará início a **Oração Subordinada Adverbial de Finalidade**. Para ficar mais fácil, memorize assim: Torcer por + substantivo ou pronome. Torcer para + oração (com verbo).

- Estamos torcendo por você.
- Estamos torcendo para você conseguir seu intento.

Chamar será VTI, com a prep. por, quando significar **invocar**.

- Chamei por você insistentemente, mas não me ouviu.

Verbos Transitivos Diretos e Indiretos

São os verbos que possuem os dois complementos - **objeto direto** e **objeto indireto**.

Chamar será VTDI, com a prep. a, quando significar **repreender**.

- Chamei o menino à atenção, pois estava conversando durante a aula.
- Chamei-o à atenção.

Obs.: A expressão Chamar a atenção de alguém não significa repreender, e sim fazer se notado. Por exemplo: O cartaz chamava a atenção de todos que por ali passavam.

Implicar será VTDI, com a prep. em, quando significar **envolver alguém**.

- Implicaram o advogado em negócios ilícitos.

Custar será VTDI, com a prep. a, quando significar **causar trabalho, transtorno**.

- Sua irresponsabilidade custou sofrimento a toda a família.

Agradecer, Pagar e Perdoar são VTDI, com a prep. a. O **objeto direto** sempre será a coisa, e o **objeto indireto**, a pessoa.

- Agradeci a ela o convite.
- Paguei a conta ao Banco.
- Perdôo os erros ao amigo.

Pedir é VTDI, com a prep. a. Sempre deve ser construído com a expressão Quem pede, pede algo a alguém. Portanto é errado dizer **Pedir** para que alguém faça algo.

- Pedimos a todos que tragam os livros.

Preferir é sempre VTDI, com a prep. a. Com esse verbo, não se deve usar **mais, muito mais, mil vezes, nem que** ou **do que**.

- Prefiro estar só a ficar mal-acompanhado.

Avisar, advertir, certificar, cientificar, comunicar, informar, lembrar, noticiar, notificar, prevenir são VTDI, admitindo duas construções: **Quem informa, informa algo a alguém ou Quem informa, informa alguém de algo**.

- Advertimos aos usuários que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos.

- Advertimos os usuários de que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos.

Quando houver, na oração, um verbo transitivo direto e indireto, com a prep. a, seguido de um substantivo feminino, que exija o artigo a, ocorrerá o fenômeno denominado crase, que deve ser caracterizado pelo acento grave (à ou às).

Advertimos às alunas que não poderiam usar a sala fora do horário de aula.

Verbos Intransitivos

São os verbos que não necessitam de complementação. Sozinhos, indicam a ação ou o fato.

Assistir será intransitivo, quando significar **morar**.
- Assisto em Londrina desde que nasci.

Custar será intransitivo, quando significar **ter preço**.
- Estes sapatos custaram R$50,00.

Proceder será intransitivo, quando significar **ter fundamento**.
- Suas palavras não procedem!

Morar, residir e situar-se sempre são intransitivos.
- Moro em Londrina; resido no Jardim Petrópolis; minha casa situa-se na rua Cassiano Ricardo.

Deitar-se e levantar-se são sempre intransitivos.
- Deito-me às 22h e levanto-me às 6h.

Ir, vir, voltar, chegar, cair, comparecer e dirigir-se são intransitivos. Aparentemente eles têm complemento, pois Quem vai, vai a algum lugar. Porém a indicação de lugar é circunstância, e não complementação. Classificamos como Adjunto Adverbial de Lugar. Alguns gramáticos classificam como Complemento Circunstancial de Lugar.

Esses verbos exigem a prep. **a**, na indicação de **destino**, e **de**, na indicação de **procedência**.

Só se usa a prep. **em**, na indicação de meio, **instrumento**.

- Cheguei de Curitiba há meia hora.
- Vou a São Paulo no avião das 8h.

Quando houver, na oração, um verbo intransitivo, com a prep. a, seguido de um substantivo feminino, que exija o artigo a, ocorrerá o fenômeno denominado crase, que deve ser caracterizado pelo acento grave (à ou às).

- Vou à Bahia.

Verbos de regência oscilante

VTD ou VTI, com a prep. a

Assistir pode ser VTD ou VTI, com a prep. a, quando significar **ajudar, prestar assistência**.
- Minha família sempre assistiu o Lar dos Velhinhos.
- Minha família sempre assistiu ao Lar dos Velhinhos.

Chamar pode ser VTD ou VTI, com a prep. a, quando significar **dar qualidade**. A qualidade pode vir precedida da prep. de, ou não.
- Chamaram-no irresponsável.
- Chamaram-no de irresponsável.
- Chamaram-lhe irresponsável.
- Chamaram-lhe de irresponsável.

Atender pode ser VTD ou VTI, com a prep. a.
- Atenderam o meu pedido prontamente.
- Atenderam ao meu pedido prontamente.

Anteceder pode ser VTD ou VTI, com a prep. a.
- A velhice antecede a morte.
- A velhice antecede à morte.

Presidir pode ser VTD ou VTI, com a prep. a.
- Presidir o país.
- Presidir ao país.

Renunciar pode ser VTD ou VTI, com a prep. a.
- Nunca renuncie seus sonhos.
- Nunca renuncie a seus sonhos.

Satisfazer pode ser VTD ou VTI, com a prep. a.

- Não satisfaça todos os seus desejos.
- Não satisfaça a todos os seus desejos.

VTD ou VTI, com a prep. de

Precisar e **necessitar** podem ser VTD ou VTI, com a prep. de.

- Precisamos pessoas honestas.
- Precisamos de pessoas honestas.

Abdicar pode ser VTD ou VTI, com a prep. de, e também VI.

- O Imperador abdicou o trono.
- O Imperador abdicou do trono.
- O Imperador abdicou.

Gozar pode ser VTD ou VTI, com a prep. de.

- Ele não goza sua melhor forma física.
- Ele não goza de sua melhor forma física.

VTD ou VTI, com a prep. em

Acreditar e **crer** podem ser VTD ou VTI, com a prep. em.

- Nunca cri pessoas que falam muito de si próprias.
- Nunca cri em pessoas que falam muito de si próprias.

Atentar pode ser VTD ou VTI, com a prep. em, ou com as prep. para e por.

- Em suas redações atente a ortografia.
- Deram-se bem os que atentaram nisso.
- Não atentes para os elementos supérfluos.
- Atente por si, enquanto é tempo.

Cogitar pode ser VTD ou VTI, com a prep. em, ou com a prep. de.

- Começou a cogitar uma viagem pelo litoral brasileiro.
- Hei de cogitar no caso.
- O diretor cogitou de demitir-se.

Consentir pode se VTD ou VTI, com a prep. em.

- Como o pai desse garoto consente tantos agravos?
- Consentimos em que saíssem mais cedo.

VTD ou VTI, com a prep. por

Ansiar pode ser VTD ou VTI, com a prep. por.

- Ansiamos dias melhores.
- Ansiamos por dias melhores.

Almejar pode ser VTD ou VTI, com a prep. por, ou VTDI, com a prep. a.

- Almejamos dias melhores.
- Almejamos por dias melhores.
- Almejamos dias melhores ao nosso país.

VI ou VTI, com a prep. a

Faltar, Bastar e Restar podem ser VI ou VTI, com a prep. a.

- Muitos alunos faltaram hoje.
- Três homens faltaram ao trabalho hoje.
- Resta aos vestibulandos estudar bastante.

Na última frase apresentada não há erro algum, como à primeira vista possa parecer. A tendência é de o aluno concordar o verbo estudar com a palavra vestibulando, construindo a oração assim: Resta os vestibulandos estudarem.
Porém essa construção está totalmente errada, pois o verbo é transitivo indireto, portanto resta a alguém. Então vestibulandos funciona como objeto indireto e não como sujeito. Nenhum verbo concorda com o objeto indireto.

Quando houver, na oração, um verbo transitivo indireto, com a prep. a, seguido de um substantivo feminino, que exija o artigo a, ocorrerá o fenômeno denominado crase, que deve ser caracterizado pelo acento grave (à ou às).

Assisti à peça das meninas do terceiro colegial.

VI ou VTD

Pisar pode ser VI ou VTD. Quando for VI, admitirá a prep. em, iniciando **Adjunto Adverbial de Lugar**.

- Pisei a grama para poder entrar em casa.
- Não pise no tapete, menino!

Exercícios Sobre Regências Verbal e Nominal

Para o exercícios de 01 a 19, marcará com "C" as alternativas corretas e com "I " as incorretas:
01) ( ) A greve geral não agradou os diretores.
02) ( ) Você aspirava ao cargo? Sim, aspirava-lhe.
03) ( ) O residente assiste o cirurgião na operação
04) ( ) Não atenderam seu pedido por falta de amparo legal
05) ( ) Quero-a para esposa e companheira
06) ( ) Vamos proceder uma investigação minuciosa
07) ( ) Devemos visar, acima de tudo ao bem da família
08) ( ) Às vezes, chamavam- o tolo e arrogante
09) ( ) O pai custava sentir a revolta do filho
10) ( ) Já respondi todos os cartões
11) ( ) Supressão da liberdade implica, não raro, em violência
12) ( ) Lembrei-me que era tarde e corri
13) ( ) Avisei-o que os fiscais chegaram
14) ( ) Obedecia-lhe porque o respeitava
15) ( ) Aos amigos, perdoa-lhes todas as ofensas
16) ( ) Os guias ainda não foram pagos
17) ( ) À vida prefere a honra
18) ( ) Afinal, simpatizei-me com a proposta...
19) ( ) Lemos e gostamos muito de seus poemas

Para as questões de 20 a 22, assinale a alternativa, preenchendo as lacunas corretamente:

20) Obedeça- ___, estime-___ e ___ sempre que precisar
a) os – os- recorra a eles
b) lhes – os – recorra a eles
c) os – lhes – recorra-lhes
d) lhes – lhes – recorra-lhes

21) Os encargos ______nos obrigaram são aqueles _____o diretor se referiu
a) de que, que
b) a que, a que
c) a cujos, cujo
d) de que, de que

22) Alguns demonstram verdadeira aversão _______ exames, porque nunca se empenharam o suficiente _____ utilização do tempo ______ dispunham para o estudo
a) por, com, que
b) a, na, que
c) a, na, de que
d) com, na, que

23) Assinale a incorreta:
a) O trabalho ansiava o rapaz
b) O rapaz ansiava por trabalho
c) Você anseia uma vaga
d) Aquele espetáculo ansiava-o

24) Ansiava ____ encontrá-lo, a fim de ____ pelo sucesso:
a) por, cumprimentá-lo
b) por cumprimentar-lhe
c) em, cumprimentar-lhe
d) para cumprimentar-lhe

25) Assinale a substituição errada:
a) Aspiro o pó – Aspiro-o
b) Aspiro ao sucesso – Aspiro-lhe
c) Aspiro ao sucesso – Aspiro a ele
d) Aspiramos o ar – Aspiramo-lo

26) Assinale a substituição incorreta:
a) O médico assiste o doente – O médico assiste-o
b) O médico assiste ao doente – O médico assiste-lhe
c) O doente assiste ao programa – O doente assiste-lhe
d) O doente assiste ao programa – O doente assiste a ele

27) Assinale a opção em que o verbo ASSISTIR é empregado com o mesmo sentido que apresenta em : "Não direi que assisti às alvoradas do Romantismo":
a) Não se pode assistir indiferente a um ato de injustiça
b) Não assiste a você o direito de me julgar
c) É dever do médico assistir a todos os enfermos
d) Em sua administração, sempre foi assistido por bons conselheiros

28) Leia os períodos e selecione, depois, a opção correta:
1. O povo assistiu ao jogo? Sim, o povo assistiu a ele
2. O professor aspirava o cargo de diretor da escola
3. A enfermeira não assistiu o jogo porque assistia a um doente
4. Os que vestem roupas delicadas e finas são os que assistem nos palácios dos reis
a) Apenas os períodos 1 e 4 são corretos
b) Todos estão corretos
c) Apenas os períodos 2 e 3 são corretos
d) Apenas o 1º período é correto

29) Assinale a correta:
a) Custa-me descobrir qual a correta
b) Custei a resolver os problemas
c) Custei rever a matéria
d) Custou-me para explicar a ele

30) Assinale a incorreta:
a) Esqueceu-me a carteira
b) Eu me esqueci da carteira
c) Eu esqueci da carteira
d) Esqueceu-se a carteira

31) A menina ______olhos eu não esqueço, não me sai do pensamento:
a) de cujos os
b) cujos
c) cujos os
d) de cujos

32) Correlacione as orações:
1. Era uma grande data...
2. Leu o livro...
3. Ouviu o tiro...
(   ) cujas páginas o encantaram
(   ) de que nunca me esqueço
(   ) sobre cujas páginas dormiu
(   ) que nunca esqueço
(   ) a que escapou
a) 2-1-2-1-3
b) 3-1-2-1-2
c) 2-1-2-2-3
d) 1-1-2-1-3

33) Preencha as lacunas:
1. A posição ____ visamos é nobre
2. Foram muitos os documentos _____visamos
3. Ninguém pode prescindir ______ ajuda de outrem
4. Sempre quis muito ____- seus filhos e estes também _____ querem muito
5.Seus modos nos se coadunam _____ os princípios de boa educação

A seqüência correta será:
a) que – a que – da – a – o - sob
b) a que – que – da – a – lhe - com
c) que – que – a - os – lhe - com
d) por que - de que - a - os – o - contra

34) Considere os períodos abaixo:
1. Fabiano preferiu ficar escondido do que renunciar à sua liberdade
2. Custou-lhe muito falar com Sinhá Vitória a respeito dos meninos
3. Agora os meninos tinham obrigação de obedecê-los
4. Sempre se lembraria que a seca a tudo esturricava
5. Jamais lhe perdoaria as humilhações recebidas
a) Corretos 1 e 4
b) Corretos 2 e 5
c) Corretos 2 e 3
d) Corretos 1 e 2

35) Assinale a incorreta:
a) Prefiro ficar aqui do que sair
b) Eles aspiram o ar puro do mar
c) Estas calças lhe servem bem
d) Todos querem bem a seus pais

36) Onde há erro de regência?
a) Esqueceram-lhe os compromissos
b) Nós lhe lembramos o compromisso
c) Eu esqueci dos compromissos
d) Não me lembram tais palavras

37) Que homem você viu? Este é o homem que eu vi.
1. Este é o menino ______ eu chamei
2. Este é o menino ______ eu vim
3. Este é o menino ______ eu assisti
4. Este é o menino ______ eu me esqueci
5. Este é o menino ______ eu esqueci

a) quem, com que, a que, de que, que
b) que, com que, que, quem de, que
c) que, com quem, a quem, de quem, que
d) que, que, a que, que, de que

38) Indique a frase correta:

a) Cheguei tarde a casa ontem
b) Resido à rua da Independência
c) Viso uma vida e um emprego melhor
d) Trouxe o livro que você se refere

39) Assinale a frase correta:

a) Devo interromper-lhe para fazer-lhe algumas perguntas
b) Não posso atendê-lo agora, mas agradeço-lhe a visita
c) Autorizei-lhe a sair agora mesmo
d) Se nossa conversa não lhe atrapalha, sua irritação é porque lhe impediram de entrar na sala

40) Assinale a frase incorreta:

a) Abraçou os amigos com carinho
b) Deus assiste os infelizes
c) Chamam ao diabo de cão
d) Esta é a primeira vez que o desobedeço, pois sempre lhe quis bem

41) Assinale a alternativa com erro, se houver:

a) Sabemos que o impediram de entrar na sala, mas informo-lhe que sua inscrição foi aceita
b) Só não o chamaram de santo e ainda lhe dizem que o amam
c) Avise o aluno de que a prova versará sobre todo o conteúdo
d) Todas estão corretas

42) Incorreta:
a) Informei-o de nossos planos
b) Informei-lhe nossos planos
c) Informei-lhe de nossos planos
d) Todas estão corretas

43) Incorreta:

a) Incumbiram-lhe das compras
b) Cientifiquei os candidatos das deliberações tomada
c) Não vou comparecer à reunião de hoje
d) Todas estão corretas

44) Incorreta:
a) O fiscal mora na Rua Santos Paiva
b) Jamais perdoou aos que fugiram
c) Sua falta implica rescisão de contrato
d) Todas estão corretas

45) Incorreta:
a) Ela presidiu aos exames finais
b) A secretária acedeu o convite
c) Queremos muito aos nossos mestres
d) Todas estão corretas

46) Incorreta:
a) Devemos, acima de tudo, visar ao bem do próximo
b) Não respondi, ainda, ao telegrama
c) Não lhe assiste tal direito
d) Todas estão corretas

47) Incorreta:
a) É dela a casa em que sempre vou
b) O resultado a que se chegou foi surpreendente
c) Esta é a chave com que abrirei o cofre
d) Todas estão corretas

48) Incorreta:
a) Abraçou-o
b) Encontrou-o
d) Obedeço-o
d) Respeito-o

49) Assinale a alternativa com erro de regência:
a) Alguns políticos têm hábitos com que não simpatizamos
b) Analise o fato a que o povo se insurgiu
c) Este é o líder por cuja causa lutaste?
d) Um novo Plano Econômico implicará reações imprevisíveis

Respostas Sobre Regências Verbal e Nominal:

01) I
02) I
03) C
04) C
05) C
06) I
07) C
08) I
09) I
10) I
11) I
12) I
13) I
14) I
15) C
16) C
17) C
18) C
19) I
20) I
21) B
22) B
23) C
24) C
25) A
26) B
27) C
28) A
29) A
30) A
31) C
32) B
33) A
34) B
35) B
36) A
37) C
38) C
39) A
40) B
41) D
42) D
43) C
44) A
45) D
46) B
47) D
48) A
49) C
50) **B**

Tipos de Sujeito

Para se analisar sintaticamente qualquer oração, deve-se começar, perguntando ao verbo **Quem pratica a ação?** ou **Quem sofre a ação?** ou **Quem possui a qualidade?** A resposta a essas perguntas denominamos de sujeito.

São os seguintes os tipos de sujeito:

01) Sujeito Simples

É aquele que possui apenas um núcleo. O núcleo do sujeito será representado por um substantivo, por um pronome substantivo ou por qualquer palavra substantivada. **Núcleo** é a palavra que, dentre todas as que surgem na função sintática, realmente exerce a função.

Exemplo: **Os homens destroem a natureza.**

Quem destrói a natureza? Resp.: **Os homens.** Núcleo = **homens. Sujeito Simples.**

Obs: Todas as palavras que surgirem antes do núcleo de qualquer função sintática chamam-se **Adjunto Adnominal** (aa). Portanto, no exemplo citado, o artigo **os** funciona como **adjunto adnominal**.

02) Sujeito Composto

É aquele que possui dois ou mais núcleos. Os núcleos do sujeito composto são, quase sempre, ligados pela conjunção **e**, pela conjunção **ou**, pela preposição **com** ou pelos conectivos correlatos **assim ... como, não só ... mas também, tanto ... como, tanto ... quanto, nem ... nem**.

Exemplo: **Tanto os cientistas quanto os religiosos estão temerosos.**

Quem está temeroso? Resp.: Tanto os cientistas quanto os religiosos. Núcleos = cientistas e religiosos. **Sujeito Composto**. Os artigos **os** e **os** são adjuntos adnominais.

03) Sujeito Oculto

Teremos sujeito oculto, em três circunstâncias:

A) Quando perguntarmos ao verbo quem é o sujeito e obtivermos como resposta os pronomes **eu, tu, ele, ela, você, nós ou vós,** sem surgirem escritos na oração. O sujeito oculto também pode ser chamado de sujeito elíptico, sujeito desinencial ou sujeito subentendido.

Exemplo: **Estudaremos a matéria toda.**

Quem estudará? Resp.: Nós. Como o pronome não surge na oração temos **sujeito oculto**.

B) Quando o verbo estiver no **Imperativo**, ou seja, quando o verbo indicar ordem, pedido ou conselho, com exceção de **Chega de** e **Basta de**. Esses dois verbos participam de orações **sem sujeito**.

Exemplo: **Estudem, meninos!**

O verbo está no Imperativo, pois indica conselho. Portanto o sujeito é **oculto**.

Outro Exemplo: **Basta de baderna, meninos!**

Nesse caso, há **sujeito inexistente**.

C) Quando não surgir o sujeito escrito na oração, porém estiver claro em orações anteriores.

Exemplo: **Os governadores chegaram a Brasília ontem à noite. Terão um encontro com o presidente.**

Quem chegou a Brasília? Resp.: Os governadores. Núcleo = governadores. **Sujeito Simples**.

Quem terá um encontro? Resp.: Não surge o sujeito escrito na oração, porém na oração anterior aparece, com clareza, quem é o **sujeito = os governadores**. Portanto, **sujeito oculto**.

04) Sujeito Indeterminado

Teremos sujeito indeterminado, quando perguntarmos ao verbo quem é o sujeito e obtivermos como resposta os pronomes **eles**, sem surgir escrito na oração, nem aparecer claramente quem são eles anteriormente.

Exemplo: **Deixaram um bomba na casa do deputado.**

Quem deixou uma bomba? Resp.: Eles. Não surge o sujeito escrito na oração, nem aparece, com clareza, anteriormente, quem é o sujeito. Portanto, **sujeito indeterminado**.

05) Oração Subordinada Substantiva Subjetiva

É o sujeito com verbo, ou seja, uma oração que exerce a função de sujeito.

Exemplo: **É necessário que todos estudem.**

Que é necessário? Resp.: Que todos estudem. **Sujeito com verbo**. Or. Sub. Subst. Subjetiva.

Quando a oração subordinada substantiva subjetiva não se iniciar pela conjunção integrante **que**, nem pela conjunção integrante **se**, o verbo deverá ser conjugado no infinitivo, no gerúndio ou no particípio, e a oração se denominará oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo, de gerúndio ou de particípio.
Exemplo: **É preciso estudar mais.**

Que é preciso? Resp.: Estudar mais = oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo.

06) Sujeito Acusativo

Será sujeito acusativo o sujeito de um verbo no infinitivo ou no gerúndio de uma oração que funcione como objeto direto, quando o verbo da oração principal for **fazer, mandar, ver, deixar, sentir** ou **ouvir**.

Exemplo: **Fizeram a garota se retirar.**

Quem fez? Resp.: Eles. Não surge o sujeito escrito na oração, nem aparece, com clareza, anteriormente, quem é o sujeito. Portanto, **sujeito indeterminado**.

O verbo fazer é verbo transitivo direto, que tem como objeto direto toda a oração a garota se retirar, pois isso é que foi feito, e não a garota foi feita, como pode parecer. A oração que funciona como objeto direto chama-se **oração subordinada substantiva objetiva direta**.

O verbo da oração subordinada substantiva objetiva direta está no infinitivo (retirar-se) e tem como sujeito a palavra garota. Portanto, garota é **sujeito acusativo**.

O sujeito acusativo poderá ser representado por um substantivo ou por um pronome oblíquo átono **(me, te, se, o, a, nos, vos, os, as)**

Quando o sujeito acusativo for um substantivo plural, o verbo no infinitivo tanto poderá ficar no singular, quanto no plural. Em todos os outros casos, o verbo ficará no singular.

Exemplos:
- Vi as garotas cantar/cantarem. As garotas = sujeito acusativo.
- Vi-as cantar. as = sujeito acusativo.
- Deixei-os entrar atrasado

07)Orações sem sujeito

Haverá oração sem sujeito, ou seja, o verbo será impessoal nos seguintes casos:

Obs.: Os verbos impessoais ficam, obrigatoriamente, na terceira pessoa do singular, com exceção do verbo ser.

a) Verbos que indiquem **fenômeno da natureza**:
Exemplo: Choveu ontem.
Ventou demasiadamente.

Quando surgir o fenômeno da natureza escrito na oração ou quando a frase possuir sentido figurado, haverá sujeito:
Exemplo: Choveram pedras sobre Londrina.
Choveram papeizinhos coloridos sobre os soldados que desfilavam.

b) Ser, estar, parecer, ficar, indicando fenômeno da natureza.
Exemplo: É primavera, mas parece verão.

Está frio hoje.

c) Fazer, indicando **fenômeno da natureza** ou **tempo decorrido**.
Exemplo: Faz dias friíssimos no inverno.
Faz três dias que aqui cheguei.

d) Haver, significando **existir** ou **acontecer**, ou indicando **tempo decorrido**.
Exemplo: Houve muitos problemas naquela noite.
Haverá várias festas em Curitiba.
Há dois anos ele esteve aqui em casa.

e) Passar de, indicando horas.
Exemplo: Já passa das 15h.

f) Chegar de e **bastar de**, no imperativo.
Exemplo: Chega de matéria.

g) Ser, indicando **horas**, **datas** e **distância**. O verbo **ser** é o único verbo impessoal que não fica obrigatoriamente na terceira pessoa do singular.

Horas: O verbo **ser**, ao indicar horas, concorda com o numeral a que se refere.
Exemplo: É uma hora.
São duas horas.

Distância: O verbo **ser**, ao indicar distância, concorda com o numral a que se refere.
Exemplo: É um quilômetro daqui até lá.
São dois quilômetros daqui até lá.

Datas: O verbo **ser**, ao indicar datas, tanto poderá ficar no singular quanto no plural.
Exemplo: É dois de maio = É dia dois de maio.
São dois de maio = São dois dias de maio.

Claro está que, se for o primeiro dia do mês, o verbo **ser** ficará no singular.

Exercícios

1. Transforme cada uma das orações seguintes de acordo com o modelo proposto:
Nunca levanto cedo.
Nunca levantas cedo.
Nunca levantamos cedo.
Nunca levantais cedo.
a) Cumpri a palavra dada.
b) Fui surpreendido pela notícia.

2. Passe para o plural cada uma das orações seguintes. Depois indique o sujeito e o predicado de cada uma delas.
a) Ocorreu um fato surpreendente.
b) Sobrou muito pão na festa.
c) Basta-me uma frase de incentivo.
d) Faltou um Bom quadro naquela exposição.
e) Dói-me a perna.
f) Caiu um raio sobre aquela árvore.
g) Desabou um temporal muito forte ontem à noite.
h) Existe uma cultura muito rica no interior deste país.
i) Teu trabalho foi elogiado por todos.
j) Cometeu-se grande injustiça com aquele jogador.

3. Passe para o plural cada uma das orações seguintes. Depois, indique o sujeito e o predicado de cada uma delas.
a) Deve ter acontecido algum fato surpreendente.
b) Deve ocorrer um forte temporal esta tarde.
c) Poderia bastar-me uma frase de incentivo.
d) Poderá faltar justamente o melhor quadro naquela exposição.
e) Poderia estar doendo-me a perna.
f) Parece ter caído um raio sobre aquela árvore.
g) Deve ter desabado um temporal muito forte ontem à noite.
h) Parece ter existido uma cultura muito rica no interior deste país.

i) Teu trabalho deve ter sido elogiado por todos.
j) Deve-se ter cometido grande injustiça com aquele jogador.

4. Classifique os verbos das orações seguintes em nocionais e não-nocionais:
a) Estou preocupado.
b) Estou em Roma.
c) Permaneceram calados durante o almoço.
d) Permaneceram exatamente no mesmo lugar.
e) O gato virou gata.
f) O furacão virou alguns carros.
g) Ficaria meses em Praga.
h) Ficaria extasiado se fosse a Praga.
i) Ela passou a chefe do departamento.
j) O pior já passou.
I) Persistimos em ser atendidos.
m)A desigualdade social persiste imutável.
n) Achei o livro.
o) Acho-me acamado.

5. Aponte e classifique o sujeito das orações abaixo.
a) Naquela hora, tocou o sino.
b) Veio-me à lembrança uma imagem poética.
c) Passou-me pela memória uma velha lembrança.
d) Explodiu nova crise no Oriente Médio.
e) Surgiu um novo medicamento contra a doença.
f) Teria ele condição de enfrentar a crise econômica?
g) São cada vez mais freqüentes as denúncias de abuso de autoridade contra a polícia.
h) Industriais e industriários não se entenderam sobre salários e condições de trabalho.

6. Reescreva cada uma das orações abaixo de acordo com o modelo proposto.

Alguém precisa de ajuda.

Precisa-se de ajuda.

a) Alguém acredita em dias mais felizes.
b) Alguém crê em tempos menos bicudos.
c) Alguém necessita de auxílio.
d) Alguém apelou para os mais poderosos.
e) Alguém assistiu a filmes de terror.
f) Alguém aspira ao bem-estar social.
g) Alguém obedece aos impulsos mais nobres.
h) Alguém tratou de assuntos sérios naquele debate.

7. Complete cada um dos pequenos diálogos seguintes com uma frase em que surja o sujeito indeterminado, com o verbo na terceira pessoa do plural.
a) - Existe alguma mensagem para mim?
b) - De onde vieram estes pacotes?
c) - Quem trouxe este recado?
d) - Onde você achou esse livro?
e) - Como você soube disso?
f) - Essa história é verdadeira?

8. Reescreva cada uma das frases seguintes de acordo com o modelo proposto.
Faz dois anos que não a encontro.
Deve fazer dois anos que não a encontro.
a) Fazia cinco anos que não nos encontrávamos.
b) Faz algumas semanas que não chove nessa cidade.
c) Faz três anos que não a procuro.

9. Reescreva cada uma das frases seguintes de acordo com o modelo proposto.
Há muitos livros sobre o assunto.
Havia muitos livros sobre assunto.
Houve muitos livros sobre o assunto.

a) Há várias propostas em discussão.
b) Há vários cargos em disputa.
c) Há muitas maneiras de ajudar.
d) Há infindáveis modos de colaborar.

e) Há discussões intermináveis.

10. Reescreva cada uma das frases seguintes de acordo com o modelo proposto.
Deve haver várias razões para o cancelamento.
Deve ter havido várias razões para o cancelamento.
Pode ter havido várias razões para o cancelamento.

a) Deve haver provas mais contundentes contra ele.
b) Deve haver graves conseqüências.
c) Deve haver questões mais sérias.
d) Deve haver situações menos preocupantes.
e) Deve haver leis mais duras.

11. Monte orações a partir dos elementos oferecidos em cada um dos itens seguintes. Faça as necessárias relações de concordância verbal em cada caso.
a) Bater / os sinos da igreja / de trinta em trinta minutos.
b) Surgir / várias idéias revolucionárias / durante a noite.
c) Faltar / vários alunos/ na semana passada.
d) Ocorrer / faltas violentas / durante o jogo.
e) Desabar / dois prédios / no ano passado.

RESPOSTAS

1- a) Cumpriste a palavra dada. (tu) / Cumprimos a palavra dada. (nós) / Cumpristes a palavra dada. (vós)
b) Foste surpreendido pela notícia. (tu) / Fomos surpreendidos pela notícia. (nós) / Fostes surpreendidos pela notícia. (vós)

2- a) Ocorreram fatos surpreendentes. (**sujeito**: fatos surpreendentes **predicado**: ocorreram)
b) Sobraram muitos pães na festa. (**sujeito**: muitos pães **predicado**: o restante)
c) Bastam-me algumas frases de incentivo. (**sujeito**: algumas frases de incentivo **predicado**: Bastam-me)
d) Faltaram alguns bons quadros naquela exposição. (**sujeito**: alguns bons quadros **predicado**: o restante)
e) Doem-me as pernas. (**sujeito**: as pernas **predicado:** Doem-me)
f) Caíram raios sobre aquela velha árvore. (**sujeito:** raios **predicado:** o restante)
g) Desabaram temporais muito fortes...(**sujeito:** temporais muito fortes **predicado:** o restante)
h) Existem culturas muito ricas no interior do país. (**sujeito:** culturas muito ricas **predicado:** o restante)
i) Teus trabalhos foram elogiados por todos. (**sujeito:** Teus trabalhos **predicado:** o restante)
j) Cometeram-se grandes injustiças com aquele jogador. (**sujeito:** grandes injustiças **predicado:** o restante)

3- a) Devem ter acontecido alguns fatos surpreendentes. (**sujeito:** alguns fatos surpreendentes **predicado:** o restante)
b) Devem ocorrer alguns fortes temporais... (**sujeito:** alguns fortes temporais **predicado:** o restante)
c) Poderiam bastar-me algumas frases de incentivo. (**sujeito:** algumas frases de incentivo **predicado:** o restante)
d) Poderão faltar justamente os melhores quadros naquela exposição. (**sujeito:** os melhores quadros **predicado:** o restante)
e) Poderiam estar doendo-me as pernas. (**sujeito**: as pernas; **predicado**: o restante)
f) Parecem ter caído alguns raios sobre... (**sujeito**: alguns raios; predicado: o restante)
g) Devem ter desabado temporais muito fortes...(**sujeito**: temporais muito fortes **predicado**: o restante)
h) Parecem ter existido culturas muito ricas...(**sujeito**: culturas muito ricas **predicado**: o restante)
i) Teus trabalhos devem ter sido elogiados por todos. (**sujeito**: teus trabalhos; **predicado predicado**: o restante)
j) Devem-se ter cometido grandes injustiias...(**sujeito**: grandes injustiças; **predicado**: o restante)

4.
a) não-nocional
b) nocional
c) não-nocional
d) nocional
e) não-nocional
f) nocional
g) nocional
h) não-nocional

i) não-nocional
j) nocional
k) nocional
l) não-nocional
m) nocional
n) não-nocional

5.
a) sino: determinado simples
b) uma imagem poética: determinado simples
c) uma velha lembrança: determinado simples
d) nova crise: determinado simples
e) um novo medicamento contra a doença: determinado simples
f) ele: determinado simples
g) as denúncias de abuso de autoridade contra a polícia: determinação simples
h) Industriais e industriários: determinado composto

6.
a) acredita-se em dias mais felizes.
b) crê-se em tempos menos bicudos.
c) necessita-se de ausíiio.
d) apelou-se para os mais poderosos.
e) assistiu-se a íilmes de terror.
f) aspira-se ao bem-estar social.
g) obedece-se aos impulsos mais nobres.
h) tratou-se de assuntos sérios naquele debate.

7. O aluno deve perceber que o sujeito indeterminado pela terceira pessoa do plural surge quase que espontaneamente nessas situações. As respostas são sugestões.

a) Pediram que você passasse amanhã em...
b) Mandaram de...
c) Deixaram na porta...
d) Deixaram-no num banco da praça.
e) Disseram-me na escola.
f) Juraram que era.

8.
a) Devia fazer cinco anos que não nos encontrávamos.
b) Deve fazer algumas semanas que não chove nesta cidade.
c) Deve Fazer três anos que no a procuro.

9.
a) Havia várias propostas... / Houve várias propostas...
b) Havia vários cargos... / Houve vários cargos...
c) Havia muitas maneiras... / Houve muitas maneiras...
d) Havia intermináveis modos... / Houve intermináveis modos...
e) Havia discussões intermináveis. / Houve discussões intermináveis.

10.
a) Deve ter havido provas... / Pode ter havido provas...
b) Deve ter havido graves... / Pode ter havido graves ...
c) Deve ter havido questões... / Pode ter havido questões...
d) Deve ter havido situações... / Pode ter havido situações...
e) Deve ter havido leis... / Pode ter havido leis...

11.
a) Os sinos da igreja batem de trinta em trinta minutos
b)Surgem-me várias idéias revolucionárias durante a noite.
c) Faltaram vários alunos na semana passada.
d) Ocorreram faltas violentas durante o jogo.
e) Desabaram dois prédios no ano passado.

Concordância Verbal

Estudar a concordância verbal é, basicamente, estudar o sujeito, pois é com este que o verbo concorda. Se o sujeito estiver no singular, o verbo também o estará; se o sujeito estiver no plural, o mesmo acontece com o verbo. Então, para saber se o verbo deve ficar no singular ou no plural, deve-se procurar o sujeito, perguntando ao verbo **Que(m) é que pratica ou sofre a ação? ou Que(m) é que possui a qualidade?** A resposta indicará como o verbo deverá ficar.

Por exemplo, a frase

As instalações da empresa são precárias tem como sujeito **As instalações da empresa**, cujo núcleo é a palavra **instalações**, pois elas é que são precárias, e não a empresa; por isso o verbo fica no plural.

Até aí tudo bem. O problema surge, quando o sujeito é uma expressão complexa, ou uma palavra que suscite dúvidas.

Coletivo

Quando o sujeito for um substantivo coletivo, como, por exemplo, **bando, multidão, matilha, arquipélago, trança, cacho, etc.,** ou uma palavra no singular que indique diversos elementos, como, por exemplo, **maioria, minoria, pequena parte, grande parte, metade, porção, etc.**, poderão ocorrer três circunstâncias:

A) O coletivo funciona como sujeito, sem acompanhamento de qualquer restritivo:

Nesse caso, o verbo ficará no singular, concordando com o coletivo, que é singular.

Ex.

- A multidão invadiu o campo após o jogo.
- O bando sobrevoou a cidade.
- A maioria está contra as medidas do governo.

B) O coletivo funciona como sujeito, acompanhado de restritivo no plural:

Nesse caso, o verbo tanto poderá ficar no singular, quanto no plural.

Ex.

- A multidão de torcedores invadiu / invadiram o campo após o jogo.
- O bando de pássaros sobrevoou / sobrevoaram a cidade.
- A maioria dos cidadãos está / estão contra as medidas do governo.

C) O coletivo funciona como sujeito, sem acompanhamento de restritivo, e se encontra distante do verbo:

Nesse caso, o verbo tanto poderá ficar no singular, quanto no plural.

Ex.

- A multidão, após o jogo, invadiu / invadiram o campo.
- O bando, ontem à noite, sobrevoou / sobrevoaram a cidade.
- a maioria, hoje em dia, está / estão contra as medidas do governo.

Um milhão, um bilhão, um trilhão:

Com **um milhão, um bilhão, um trilhão**, o verbo deverá ficar no singular. Caso surja a conjunção e, o verbo ficará no plural.

Ex.

- Um milhão de pessoas assistiu ao comício
- Um milhão e cem mil pessoas assistiram ao comício.

Mais de, menos de, cerca de...

Quando o sujeito for iniciado por uma dessas expressões, o verbo concordará com o numeral que vier imediatamente à frente.

Ex.

- Mais de uma criança se machucou no brinquedo.
- Menos de dez pessoas chegaram na hora marcada.
- Cerca de duzentos mil reais foram surripiados.

Quando **Mais de um** estiver indicando **reciprocidade** ou com a **expressão repetida**, o verbo ficará no **plural**.

Ex.

- Mais de uma pessoa agrediram-se.
- Mais de um carro se entrechocaram.
- Mais de um deputado se xingaram durante a sessão.

Nomes próprios no plural

Quando houver um nome próprio usado apenas no plural, deve-se analisar o elemento a que ele se refere:

A) Se for **nome de obra**, o verbo tanto poderá ficar no **singular**, quanto no **plural**.
Ex.

- Os Lusíadas imortalizou / imortalizaram Camões.
- Os Sertões marca / marcam uma época da Literatura Brasileira.

B) Se for **nome de lugar** - cidade, estado, país... - o verbo **concordará com o artigo**; caso não haja artigo, o verbo ficará no **singular**.
Ex.

- Os Estados Unidos comandam o mundo.
- Campinas fica em São Paulo.
- Os Andes cortam a América do Sul.

Obs.: Se o nome de lugar possuir artigo, mas este, por alguma razão, não for utilizado, a concordância com o artigo permanecerá sendo a regra, ou seja, o verbo continuará concordando com o artigo.
Ex.

- EUA vencem o México na oitavas de final da Copa do Mundo.

Qual de nós / Quais de nós

Quando o sujeito contiver as expressões ...**de nós, ...de vós** ou ...**de vocês**, deve-se analisar o elemento que surgir antes dessas expressões:

A) Se o elemento que surgir antes das expressões estiver no singular **(qual, quem, cada um, alguém, algum...)**, o verbo deverá ficar no **singular**.
Ex.

- Quem de nós irá conseguir o intento?
- Quem de vós trará o que pedi?
- Cada um de vocês deve ser responsável por seu material.

B) Se o elemento que surgir antes das expressões estiver no plural **(quais, alguns, muitos...)**, o verbo tanto poderá ficar na **terceira pessoa do plural**, quanto concordar com o pronome **nós** ou **vós**.
Ex.

- Quantos de nós irão / iremos conseguir o intento?
- Quais de vós trarão / trareis o que pedi?
- Muitos de vocês não se responsabilizam por seu material.

Sujeito sendo pronome relativo

Quando o pronome relativo exercer a função de sujeito, deveremos analisar o seguinte:

A) Pronome Relativo que:

O verbo concordará com o elemento antecedente.
Ex.

- Fui eu que quebrei a vidraça. (Eu quebrei a vidraça)
- Fomos nós que telefonamos a você. (Nós telefonamos a você)
- Estes são os garotos que foram expulsos da escola. (Os garotos foram expulsos)

B) Pronome Demonstrativo o, a, os, as + Pronome Relativo que:

O verbo concordará com o pronome demonstrativo, ficando, então, na terceira pessoa do singular, ou na terceira pessoa do plural.
Ex.

- Fui eu o que quebrou a vidraça. (O que quebrou a vidraça fui eu)

- Foste tu a que me enganou. (A que me enganou foste tu)
- Fomos nós os que telefonaram a você. (Os que telefonaram a você fomos nós)
- Fostes vós os que me engaram. (Os que me engaram fostes vós)

C) Pronome Relativo quem: O verbo ficará na terceira pessoa do singular.
Ex.

- Fui eu quem quebrou a vidraça. (Quem quebrou a vidraça fui eu)
- Foste tu quem quebrou a vidraça. (Quem quebrou a vidraça foste tu)
- Foi ele quem quebrou a vidraça. (Quem quebrou a vidraça foi ele)
- Fomos nós quem quebrou a vidraça. (Quem quebrou a vidraça fomos nós)
- Fostes vós quem quebrou a vidraça. (Quem quebrou a vidraça fostes vós)
- Foram eles quem quebrou a vidraça. (Quem quebrou a vidraça foram eles)

Um dos ... que

Quando o sujeito for iniciado pela expressão **Um dos que**, deveremos analisar o seguinte:

A) É certo que o elemento é o único a praticar a ação:

O verbo ficará no singular. Por exemplo, a frase **O Corinthians é um dos times paulistas que mais vezes foi campeão estadual** tem o verbo no singular, pois é certo que, dos times de São Paulo, o Corinthians foi mais vezes campeão - 24 vezes.

B) É certo que o elemento não é o único a praticar a ação:

O verbo ficará no plural. Por exemplo, a frase **Casagrande é um dos ex-jogadores de futebol que trabalham como comentarista esportivo** tem o verbo no plural, pois é certo que, além de Casagrande, há outros ex-jogadores de futebol, trabalhando como comentarista esportivo - Falcão, Júnior, Tostão, Rivelino...

C) Não se sabe se o elemento é o único a praticar a ação ou não: O verbo tanto poderá ficar no plural, quanto no singular. Por exemplo, a frase **São Paulo é uma das cidades que mais sofre** / **sofrem com a poluição é facultativo**, pois não há como medir se São Paulo é a que mais sofre, ou se, além dela, há outras que sofrem tanto. Outra explicação também é a questão de se querer dar ênfase ao elemento: se se quiser enfatizar o problema em São Paulo, coloca-se o verbo no singular.

Nenhum dos ... Que

Quando o sujeito for iniciado pela expressão **Nenhum dos que**, o primeiro verbo ficará no plural, e o segundo, no singular.
Ex.

- Nenhum dos alunos que me procuraram trouxe o material.
- Nenhuma das pessoas que chegaram atrasadas tem justificativa.

Porcentagem + Substantivo

Quando o sujeito for formado por porcentagem e substantivo, existirão três regras:

A) Porcentagem + Substantivo, sem modificador da porcentagem:

Facultativamente o verbo poderá concordar com a porcentagem ou com o substantivo.
Ex.

- 1% da turma estuda muito.
- 1% dos alunos estuda / estudam muito.
- 10% da turma estuda / estudam muito.
- 10% dos alunos estudam muito.

B) Porcentagem + Substantivo, com modificador da porcentagem:

O verbo concordará com o modificador, que pode ser pronome demonstrativo, pronome possessivo, artigo...
Ex.

- Os 10% da turma estudam muito.
- Este 1% dos alunos estuda mais.

C) Mais de, menos de, cerca de, perto de, antes da porcentagem:

O verbo concordará apenas com a porcentagem.
Ex.

- Mais de 1% dos alunos estuda muito.
- Menos de 10% da turma estudam muito.

Pronomes de Tratamento

Os pronomes de tratamento são pronomes de terceira pessoa, portanto tudo que se referir a eles deverá estar na terceira pessoa.
Ex.

- Vossa Senhoria deve trazer seus documentos consigo.
- Vossa Excelência tem que se contentar com seus assessores.

Silepse de Pessoa

Também chamada de concordância ideológica, a silepse de pessoa é a concordância, não com a palavra escrita, mas sim com o que ela significa. Por exemplo, **nós somos brasileiros**, portanto, ao utilizarmos a palavra **brasileiros**, poderemos concordar o verbo com a idéia que essa palavra nos evoca - **nós** - e dizer **Os brasileiros estamos torcendo pelo sucesso do Presidente**.
Ex.

- Os professores nos reciclamos anualmente. (Nós nos reciclamos)
- Os alunos deveis estudar mais. (Vós deveis)

Núcleos ligados pela conjunção "e"

01) Verbo após os núcleos:

Ficará no plural o verbo que estiver após o sujeito composto cujos núcleos sejam ligados pela conjunção e:
Ex.

- O hotel e a cidade são maravilhosos.
- Machado de Assis e Guimarães Rosa estão entre os melhores escritores do mundo.

Obs.: Quando os núcleos forem sinônimos ou estiverem formando gradação, o verbo deverá ficar no singular.
Ex.

- "A lisura e a sinceridade freqüenta pouco o Congresso Nacional." lisura = sinceridade.
- "Cada rosto, cada voz, cada corpo lhe lembrava a amada."
- "Um olhar, um arquejar de sobrancelhas, um aceno com a cabeça bastava para a paquera ser bem sucedida."

02) Verbo antes dos núcleos:

Facultativamente ficará no plural ou concordará com o núcleo mais próximo o verbo que estiver antes do sujeito composto cujos núcleos sejam ligados pela conjunção e:
Ex.

- É maravilhoso o hotel e a cidade.
- São maravilhosos o hotel e a cidade.
- É maravilhosa a cidade e o hotel.

Sujeito composto por pessoas diferentes

Se o sujeito for formado por pessoas diferentes (**eu, tu, ele, ela ou você**), o **verbo** ficará no **plural**, concordando com a pessoa de número mais baixo na seqüência (**1ª**, **2ª** ou **3ª**).

Não havendo a 1ª pessoa (**eu** ou), e havendo a 2ª pessoa (**tu** ou **vós**), o **verbo** tanto poderá ficar na **2ª pessoa do plural**, quanto na **3ª pessoa do plural**.

Continuam valendo as regras anteriores, ou seja, se o verbo vier depois do sujeito composto, ficará no plural; se vier antes, concordará com o mais próximo ou ficará no plural.
Ex.

- Teté e eu passamos as férias em Águas de Santa Bárbara.
- Passei as férias em Águas de Santa Bárbara eu e Teté.
- Passamos as férias em Águas de Santa Bárbara eu e Teté.
- Tu e Walmor estais equivocados.
- Tu e Walmor estão equivocados.
- Estás equivocado tu e Walmor.

- Estais equivocados tu e Walmor.
- Estão equivocados tu e Walmor.

Núcleos ligados pela conjunção ou

Quando os núcleos do sujeito composto forem ligados pela conjunção **ou**, deve-se analisar se há ou não **exclusão**, ou seja, analisar se um elemento, ao praticar a ação, impede que o outro também a pratique.

01) Havendo idéia de exclusão:

Quando houver um elemento praticando a ação e, com isso, impedindo que o outro também a pratique, o verbo ficará no singular.
Ex.

- Dida ou Marcos será o goleiro titular da seleção.
- O Presidente ou o Governador fará o discurso de abertura do Congresso.

02) Não havendo idéia de exclusão:

Quando não houver um elemento praticando a ação e, com isso, impedindo que o outro também a pratique, o verbo ficará no plural.
Ex.

- Dida ou Marcos poderão ser convocados para a Copa de 2002.
- O Presidente ou o Governador estarão presentes na abertura do Congresso.

Núcleos ligados pela preposição "com"

01) Verbo após os núcleos:

Facultativamete ficará no plural ou concordará com o primeiro núcleo o verbo que estiver após o sujeito composto cujos núcleos sejam ligados pela preposição com.
Ex.

- O gerente com os funcionários dará início à promoção de descontos.
- O gerente com os funcionários darão início à promoção de descontos.

02) Verbo antes dos núcleos:

Concordará com o núcleo mais próximo o verbo que estiver antes do sujeito composto cujos núcleos sejam ligados pela preposição com.
Ex.

- Dará início à promoção de descontos o gerente com os funcionários.

Aposto resumidor / conectivos correlatos

O **Aposto resumidor** é normalmente representado por **pronome indefinido** (**tudo, nada, ninguém, alguém, todos...**) ou por **pronome demonstrativo** (**isto, isso, aquilo...**), resumindo o sujeito composto. O verbo, excepcionalmente, concordará com o aposto resumidor.
Ex.

- Brinquedos, roupas, jogos, nada tirava a angústia daquele jovem.
- Amigos, parentes, companheiros de trabalho, ninguém se incomodou com sua ausência.

Quando o sujeito composto tem os elementos ligados por conectivos correlatos: **assim ... como, não só ... mas também, tanto ... como, nem ... nem**, o verbo ficará no plural. O singular é raro.
Ex.

- Tanto o irmão como a esposa ignoraram seu pedido de ajuda.
- Não só Pedro mas também Eduardo estão à sua procura.

Um e outro / um ou outro / nem um nem outro

Um e outro

Quando o sujeito for a expressão um e outro, o substantivo correspondente a ela ficará no singular, o adjetivo no plural e o verbo facultativamente no singular ou no plural.

Ex.

- Um e outro aluno indisciplinados será punido.
- Um e outro aluno indisciplinados serão punidos.

Um ou outro Quando o sujeito for a expressão um ou outro, o verbo ficará no singular.
Ex.

- Um ou outro esteve à sua procura.

Nem um nem outro Quando o sujeito for a expressão nem um nem outro, o verbo ficará no singular, porém há gramáticos que o admitem no plural.
Ex.

- Nem um nem outro terá coragem de se revelar.
- "Nem um nem outro compareceram."(Carlos Góis)

Verbos Especiais

01) O verbo Ser:

A) Quando o verbo ser e o predicativo do sujeito forem numericamente diferentes (um no singular, outro no plural), o verbo deverá ficar no plural.
Ex.

- O vestibular são as esperanças dos estudantes.
- Tudo são flores, quando se é criança.

B) Se o sujeito representar uma pessoa ou se for pronome pessoal, o verbo concordará com ele.
Ex.

- Aline é as alegrias do namorado.
- O Presidente é as esperanças do povo brasileiro.

C) Se o sujeito for uma quantidade no plural, e o predicativo do sujeito, palavra ou expressão como muito, pouco, o bastante, o suficiente, uma fortuna, uma miséria, o verbo ficará no singular.
Ex.

- Cem reais é muito, por esse produto.
- Duzentos gramas de carne é pouco.

D) Na indicação de horas ou distâncias, o verbo concordará com o numeral.
Ex.

- Era meio-dia, quando ele chegou.
- São duas horas.
- É 1h58min.

E) Na indicação de datas, o verbo poderá ficar no singular, concordando com a palavra dia, ou no plural, concordando com a palavra dias.
Ex.

- É 1º de outubro. = É dia 1º de outubro ou É o primeiro dia de outubro.
- É 15 de setembro = É dia quinze de setembro.
- São 15 de setembro = São quinze dias de setembro.

02) O verbo Haver:

O verbo haver é impessoal, no sentido de existir, de acontecer ou indicando tempo decorrido; por isso fica na 3ª pessoa do singular - caso esteja acompanhado de um verbo auxiliar, formando uma locução verbal, ambos ficarão no singular. Nos outros sentidos, concorda com o sujeito.
Ex.

- Havia um mês, nós estávamos à sua procura.
- Poderá haver confrontos entre os policiais e os grevistas.
- Os alunos haviam ficado revoltados.

Haja vista:

A) Com a prep. a: haver no singular; vista invariável;
Ex.

- Haja vista ao exemplo dado.
- Haja vista aos exemplos dados.

B) Sem a prep. a: haver no singular ou concorda com o substantivo; vista invariável.
Ex.

- Haja vista o exemplo dado.
- Haja vista os exemplos dados.
- Hajam vista os exemplos dados.

03) O verbo Fazer:

O verbo fazer é impessoal, indicando tempo decorrido e fenômeno natural; por isso fica na 3ª pessoa do singular - caso esteja acompanhado de um verbo auxiliar, formando uma locução verbal, ambos ficarão no singular. Nos outros sentidos, concorda com o sujeito.
Ex.

- Faz três meses que não o vejo.
- Faz 35º no verão, em Londrina.
- Deve fazer cinco anos que ele morreu.

04) Outros verbos impessoais:

Os outros verbos impessoais, que também ficam na terceira pessoa do singular, são os seguintes:
Fenômenos da natureza:

- Chove há três dias sem parar.
- Choveram pedras. Nesse caso, o verbo não é impessoal, pois o sujeito está claro.

Passar de, indicando horas:

- Já passa das 11h30.
- Já passava das oito horas, quando ela chegou.

Chegar de e bastar de, no imperativo:

- Chega de firulas! Vamos ao assunto.
- Basta de conversas, meninos!

05) Os verbos Dar, Bater e Soar:

Concordam com o sujeito, que pode ser:

A) o relógio, a torre, o sino...
Ex.

- O relógio deu quatro horas.
- O sino soou cinco horas.

B) as horas.

O numeral que marca as horas funcionará como sujeito, quando o relógio, a torre, o sino funcionarem como adjunto adverbial de lugar - com a prep. em, ou quando eles não aparecerem na oração.
Ex.

- No relógio, deram quatro horas.
- No sino, soaram cinco horas.
- Bateram sete horas.

06) O verbo Parecer + infinitivo:

Quando o verbo parecer surgir antes de outro verbo no infinitivo, duas ocorrências podem acontecer:

A) Pode ocorrer a formação de uma locução verbal. Nesse caso, o verbo parecer concordará com o sujeito, e o verbo no infinitivo ficará invariável.
Ex.

- As meninas parecem estar nervosas.
- Os alunos parecem estudar deveras.

B) Pode ocorrer a formação de um período composto, com o verbo parecer na oração principal, invariável, e o verbo no infinitivo, formando oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo, concordando com o sujeito.
Ex.

- As meninas parece estarem nervosas.
- Os alunos parece estudarem deveras.
- Nesses dois casos, se desenvolvermos as orações, teremos:
- Parece as meninas estarem nervosas. Proveio de Parece que as meninas estão nervosas.
- Parece os alunos estudarem deveras. Proveio de Parece que os alunos estudam deveras.

07) A Partícula Apassivadora:

O verbo na voz passiva sintética, construída com o pronome se, concorda normalmente com o sujeito. A maneira mais fácil de se comprovar que a oração está na voz passiva sintética é passando-a para a voz passiva analítica: Alugam-se casas muda para Casas são alugadas. Sempre que for possível essa

transformação, o se será chamado de Partícula Apassivadora. Para relembrar esse estudo clique aqui.
Ex.

- Entregam-se encomendas. = Encomendas são entregues por alguém.
- Ouviram-se muitas histórias. = Muitas histórias foram ouvidas.
- Sabe-se que ele não virá. = Que ele não virá é sabido.

08) O Índice de Indeterminação do Sujeito:

O pronome se, sendo índice de indeterminação do sujeito, deixa o verbo na terceira pessoa do singular; haverá I.I.S. quando surgir na oração VI, sem sujeito claro; VTI, com OI; VL, com PS e VTD, com ODPrep. Para relembrar esse estudo clique aqui.
Ex.

- Morre-se de fome no Brasil.
- Assiste-se a filmes interessantes.
- Aqui se está satisfeito.
- Respeita-se a Robertoldo.

Exercícios

Para as questões de 01 a 32 seque o código abaixo. Assinale com "C" as alternativas corretas e com "I " as incorretas:

01) ( ) À autora e à leitora do romance só interessam a verdade
02) ( ) Tu e teu colega devereis comparecer ao tribunal
03) ( ) Juro que tu e tua mulher me pagam
04) ( ) Não quero que fique contra ela o pai e os amigos
05) ( ) Casarás com a prima e sereis felizes para sempre
06) ( ) Aflição, dores, tristezas, nada o fazia abandonar a luta
07) ( ) A tranqüilidade e a calma transmite segurança ao público.
08) ( ) Um grito, um gemido, um sussurro acordava a pobre mãe.
09) ( ) A viúva com o resto da família mudaram-se para Santiago
10) ( ) A riqueza ou o poder o livrou do processo
11) ( ) Alunos ou aluno farão a homenagem
12) ( ) Ler e escrever provocam entusiasmo na juventude
13) ( ) O jovem como o adulto têm os mesmos conflitos
14) ( ) Um e outro vício nega os foros da natureza
15) ( ) Mais de um atleta completaram o percurso da maratona
16) ( ) Não serei eu um dos alunos que cruzaremos os braços
17) ( ) O bando assaltou a joalheira e, depois, fugiram pelas ruas
18) ( ) Um grande número de pessoas observavam os atores
19) ( ) Os dez por cento da comissão desapareceu
20) ( ) Quantos de nós será aprovado neste concurso?
21) ( ) Os Lusíadas imortalizaram Camões
22) ( ) Não mais viajaremos, haja visto os problemas
23) ( ) Já não se fazem planos mirabolantes
24) ( ) Fala-se de festas em que se assistem a filmes instrutivos
25) ( ) A partir de agora, sou eu quem passa a transmitir o jogo
26) ( ) Com certeza ainda faltam discutir todas as questões
27) ( ) Faz muitos anos que não chovem flores em minha vida, mas houve casos de chover tomates. Basta apenas de problemas
28) ( ) Tudo são apenas sonhos, pois o homem é suas cinzas
29) ( ) São seis e meia da tarde e hoje é seis de março de 1999
30) ( ) Cem mil reais é menos do que preciso
31) ( ) O herói és tu, embora a maioria sejam homens valorosos
32) ( ) Mentiras era o que me pediam, sempre mentiras.

Respostas sobre Concordância Verbal:

01) I
02) C
03) C
04) C
05) C
06) C
07) C
08) C
09) C
10) I
11) I
12) I
13) C
14) C
15) I
16) I
17) C
18) C
19) I
20) I
21) C
22) I
23) C
24) I
25) C
26) I
27) I
28) C
29) C
30) C
31) C
32) C

Complementos Verbais

Basicamente, são dois os complementos verbais: o **objeto direto** e o **objeto indireto**:

01) Objeto Direto
Complementa um verbo transitivo direto, sem auxílio da preposição.

Ex. As professoras ajeitaram **as crianças** carinhosamente.
O diretor demitiu **os funcionários** corruptos.
Leio, em média, **quarenta livros** por ano.

02) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta
Haverá oração subordinada substativa objetiva direta, quando o objeto direto for representado por uma oração, ou seja, quando houver objeto direto com verbo.

Ex. Os atletas disseram **que não se doparam**.
"Eu sei **que vou te amar...**"
Constatamos **que o pagamenteo não fora efetuado**.

03) Pronomes Oblíquos Átonos
Os pronomes oblíquos átonos que funcionam como objeto direto são **ME, TE, O, A, SE, NOS, VOS, OS, AS**.

Ex. Encontrei-**os** ontem à noite.
Meu irmão quer levar-**me** à sua cidade.
As provas, revisei-**as** há pouco.
Obs: **VTD, seguido de o, a, os, as**:
Verbo terminado em **vogal**: Os pronomes não se modificam.
Verbo terminado em **M, ÃO** ou **ÕE**: Os pronomes se modificam para **no, na, nos, nas**.
Verbo terminado em **R, S** ou **Z**: Os pronomes se modificam para **lo, la, los, las,** e as terminações desaparecem.

Ex. Revisei as provas. = Revisei-**as**.
Eles revisaram as provas. = Eles revisaram-**nas**.
Eles irão revisar as provas. = Eles irão revisá-**las**.

04) Objeto Indireto
Complementa um **verbo transitivo indireto**, por meio de uma preposição.

Ex. **Assisto** a todos os filmes de Almodovar.
Creia em mim, pois sou fiel.
Obedeça aos regulamentos da empresa.

05) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Indireta
Haverá oração subordinada substativa objetiva indireta, quando o objeto indireto for representado por uma oração, ou seja, quando houver **objeto indireto com verbo**.

Ex. Os professores precisam **de que os alunos estejam atentos**.
Acredito **em que conseguiremos nosso intento**.

06) Pronomes Oblíquos Átonos
Os pronomes oblíquos átonos que funcionam como objeto indireto são **ME, TE, LHE, SE, NOS, VOS, LHES**.

Ex. Não **lhe** paguei a dívida, por falta de dinheiro.
Eles não **me** obedecem.
Falta-**me** seu carinho.

07) Objeto Direto Preposicionado
Complementa um verbo transitivo direto, com auxílio da preposição.
Casos obrigatórios:
a) **Pronomes Oblíquos Tônicos**: **mim, ti, si, ele, ela, nós, vós, eles, elas**.
b) **O Pronome Relativo Quem**.
c) **A palavra Deus**.

d) **Evitando ambigüidade**.

Ex. **A mim** você conhece há anos.
A garota **a quem** ele ama traiu-o.
"Amar **a Deus** sobre todas as coisas."
Vencerá o Santos **ao Palmeiras**.

Casos facultativos:
a) **Pronomes Indefinidos**.
b) **O numeral Ambos**.
c) **Nomes Próprios**.
d) **Verbos puxar, sacar, pegar, cumprir**.

Ex. Conheci todos. ou Conheci a todos.
Vi ambos. ou Vi a ambos.
Encontrei Etevaldo. ou Encontrei a Etevaldo.
Puxou o revólver. ou Puxou do revólver.

Verbos comer e beber.
O objeto direto desses verbos indicam totalidade; o direto preposicionado, partes.

Ex. **Bebi** aquela garrafa de refrigerante. Indica que bebi a garrafa toda.
Bebi daquela garrafa de refrigerante. Indica que bebi apenas parte dela.

08) Objetos Pleonásticos
Haverá objeto pleonástico, quando houver duas palavras funcionando como **objeto direto**, ou como **objeto indireto**, representando um elemento só.

Ex. **Minhas metas**, **respeito-as sempre**.
Aos amigos, **quero dedicar**-lhes **esta canção**.

Qualquer dos dois pode ser chamado de objeto pleonástico. O importante é saber quando ocorre o pleonasmo.

Exercícios

1- Em cada grupo de frases, um mesmo verbo é utilizado com transitividade diferente.
Indique a transitividade verbal em cada oração.
a) Quem deve falar agora?
Não me falaste a verdade.
Sempre fala asneiras.
b) Só dois alunos faltaram ontem.
Faltou-me coragem naquele instante.
c) Alguns insetos transmitem doenças.
Transmita meus cumprimentos a seu irmão.
d) Ela vive a cantar.
É um poema que canta as glórias passadas do povo português.
Cantou suas mágoas a todos que o ouviam.

2- Classifique o termo destacado em cada uma das frases seguintes. Depois, substitua por um pronome oblíquo átono.
a) Falta seriedade a muitos homens públicos.
b) Diante da inevitável constatação, outra forma de entender a vida ocorreu ao respeitável poeta.
c) Muitos eleitores queriam demonstrar sua indignação.
d) Ouço música popular brasileira.
e) Comunico a todos meu pedido de demissão.
f) Comunico a todos meu pedido de demissão.
g) Paguei todos os meus débitos.
h) Paguei a todos os meus credores.
i) Apresentei nossas reivindicações ao presidente da comissão.
j) Apresentei nossas reivindicações ao presidente da comissão.

3. Compare cada par de frases e comente as diferenças de sentido existentes.
a) Comemos o pão.
Comemos do pão.
b) Como beber dessa bebida amarga?

Como beber essa bebida amarga?
c) Sacou a arma.
Sacou da arma.

4. Forme orações a partir dos elementos fornecidos em cada um dos itens seguintes. Estabeleça as relações necessárias à obtenção de orações bem estruturadas.
a) Acontecer / fatos surpreendentes / Ihe / durante a viagem à Europa.
b) Haver / poucos problemas / no seminário de ontem.
c) Comunicar / a imprensa / novo preço dos combustíveis / ontem à noite.
d) Favorecer / as novas regras de exploração do solo / apenas alguns grupos empresariais.
e) Necessitar / investimento em educação pública / o país
f) Apresentar / propostas de alteração constitucional / vários deputados/ na sessão de ontem / aos colegas.

RESPOSTAS

1.
a) intransitivo / transitivo direto e indireto / transitivo direto
b) intransitivo / transitivo indireto
c) transitivo direto / transitivo direto e indireto
d) intransitivo / transitivo direto / transitivo direto e indireto

2.
a) falta-lhes (objeto indireto)
b) ... ocorreu-lhe (objeto indireto)
c) ... demonstra-la (objeto direto)
d) ouço-a (objeto direto)
e) comunico-lhes (objeto indireto)
f) comunico-o (objeto direto)
g) paguei-os (objeto direto)
h) paguei-lhes (objeto indireto)
i) apresentei-as (objeto direto)
j) apresentei-lhe (objeto indireto)

3.
a) A primeira frase pode significar que se comeu todo o pão; a segunda significa que se comeu apenas parte dele.
b) A primeira frase significa que se deve beber apenas parte da bebida amarga; a segunda, que se pode bebê-la toda.
c) A segunda frase é mais enérgica que a primeira.

4.
a) Aconteceram-lhe fatos surpreendentes durante a \viagem à Europa.
b) Houve poucos problemas no seminário de ontem .
c) A imprensa comunicou o novo preço dos combustíveis ontem à noite.
d) As novas regras de exploração do solo favorecem apenas alguns grupos empresariais.
e) país necessita de investimentos cm educação pública.
f) Vários parlamentares apresentaram propostas de alteração constitucional aos colegas na sessão de ontem.

Aposto e Vocativo

Aposto

É o termo que explica, desenvolve, identifica ou resume um outro termo da oração, independente da função sintática que este exerça. Há quatro tipos de aposto:

Aposto Explicativo

O aposto explicativo identifica ou explica o termo anterior; é separado do termo que identifica por vírgulas, dois pontos, parênteses ou travessões.
Ex.

- Terra Vermelha, romance de Domingos Pellegrini, conta a história da colonização de Londrina.

Oração Subordinada Adjetiva Explicativa

É a oração que funciona como aposto explicativo. É sempre iniciada por um pronome relativo e, da mesma maneira que o aposto explicativo, é separada por vírgulas, dois pontos, parênteses ou travessões.
Ex.

- Terra Vermelha, que é um romance de Domingos Pellegrini, conta a história da colonização de Londrina.

Oração Subordinada Substantiva Apositiva

Oração Subordinada Substantiva Apositiva é outra oração que funciona como aposto. A função dela é complementar o sentido de uma frase anterior que esteja completa sintaticamente.
Por exemplo, quando se diz **Ela só quer uma coisa** a frase está completa sintaticamente, pois tem **sujeito-verbo-objeto**, porém incompleta quanto ao sentido. Portanto deveremos colocar algo que complete o sentido dessa frase. Por exemplo **Ela só quer uma coisa: que sua presença seja notada**. Eis aí a Oração Subordinada Substantiva Apositiva.
Não confunda com a Oração Subordinada Adjetiva Explicativa, que também funciona como aposto, mas que tem como função complementar o sentido de um substantivo anterior, e não uma frase. Por exemplo:
A vaca, que para os hindus é um animal sagrado, para nós é sinônimo de churrasco. Eis aí a Oração Subordinada Adjetiva Explicativa.

Aposto Especificador

O aposto especificador Individualiza ou especifica um substantivo de sentido genérico, sem pausa. Geralmente é um substantivo próprio que individualiza um substantivo comum.
Ex.

- O professor José mora na rua Santarém, na cidade de Londrina.

Aposto Enumerador

O aposto enumerador é uma seqüência de elementos usada para desenvolver uma idéia anterior.
Ex.

- O pai sempre lhe dava três conselhos: nunca empreste dinheiro a ninguém, nunca peça dinheiro emprestado a ninguém e nunca fique devendo dinheiro a ninguém.
- O Escoteiro deve carregar consigo seu material: mochila, saco de dormir e barraca.

Aposto Resumidor

O aposto resumidor é usado para resumir termos anteriores. É representado, geralmente, por um pronome indefinido.
Ex.

- Alunos, professores, funcionários, ninguém deixou de lhe dar os parabéns.

Vocativo

O vocativo é um termo independente que serve para chamar por alguém, para interpelar ou para invocar um ouvinte real ou imaginário.
Ex.

- Teté, dê-me um beijo!

Exercícios

1- Nas fases seguintes aponte os apostos e os vocativos:
a) Meu velho amigo, não há mais nada em que se possa dizer.
b) Você, meu velho amigo, não tem nada para me dizer?
c) Ó meus sonhos, aonde fostes ?
d) Uma casa na encosta da montanha, meu maior sonho, evaporou-se com o confisco da poupança.
e) Não há mais nada há fazer, minha querida.
f) Tu, que não sabes o que fazes, diz: há lei nesta terra?
g) Um dia, meu bem, não haverá miséria.

h) Ele não deseja muita coisa: um emprego, uma casinha, uns trocados para viagem de vez em quando.

RESPOSTAS

1-
vocativo: meu velho amigo
vocativo: você aposto do vocativo: meu velho amigo
vocativo: ó meus sonhos
aposto do vocativo: meu maior sonho
vocativo: minha querida
vocativo: tu
vocativo: meu bem
aposto do vocativo: um emprego, uma casinha, uns trocados para uma viagem de vez em quando.

Advérbio

O **advérbio** é uma categoria gramatical invariável que modifica **verbo, adjetivo** ou outro **advérbio**, atribuindo-lhes uma circunstância de **tempo, modo, lugar, afirmação, negação, dúvida ou intensidade**. Por exemplo, a frase Ontem, ela não agiu muito bem. tem quatro advérbios: ontem, de tempo; não, de negação; muito, de intensidade; bem, de modo.

As circunstância podem também ser expressas por uma locução adverbial - duas ou mais palavras exercendo a função de um advérbio. Por exemplo, a frase Ele, **às vezes**, age **às escondidas**. Tem duas locuções adverbiais: **às vezes**, de tempo; **às escondidas**, de modo.

Classificação dos Advérbios

01) Advérbios de Modo

Assim, bem, mal, acinte (de propósito, deliberadamente), adrede (de caso pensado, de propósito, para esse fim), debalde (inutilmente), depressa, devagar, melhor, pior, bondosamente, generosamente e muitos outros terminados em mente.

Locuções Adverbiais de Modo:

às pressas, às claras, às cegas, à toa, à vontade, às escondidas, aos poucos, desse jeito, desse modo, dessa maneira, em geral, frente a frente, lado a lado, a pé, de cor, em vão.

02) Advérbios de Lugar

abaixo, acima, adentro, adiante, afora, aí, além, algures (em algum lugar), alhures (em outro lugar), nenhures (em nenhum lugar), ali, aquém, atrás, cá, dentro, embaixo, externamente, lá, longe, perto.

Locuções Adverbiais de Lugar:

a distância, à distância de, de longe, de perto, em cima, à direita, à esquerda, ao lado, em volta.

03) Advérbios de Tempo

afinal, agora, amanhã, amiúde (de vez em quando), ontem, breve, cedo, constantemente, depois, enfim, entrementes (enquanto isso), hoje, imediatamente, jamais, nunca, outrora, primeiramente, tarde, provisoriamente, sempre, sucessivamente, já.

Locuções Adverbiais de Tempo:

às vezes, à tarde, à noite, de manhã, de repente, de vez em quando, de quando em quando, a qualquer momento, de tempos em tempos, em breve, hoje em dia.

04) Advérbios de Negação

não, tampouco (também não).

Locuções Adverbiais de Negação:

de modo algum, de jeito nenhum, de forma nenhuma.

05) Advérbios de Dúvida

acaso, casualmente, porventura, possivelmente, provavelmente, talvez, quiçá.

Locuções Adverbiais de Dúvida:

por certo, quem sabe.

06) Advérbios de Intensidade

assaz (bastante, suficientemente), bastante, demais, mais, menos, muito, quanto, quão, quase, tanto, pouco.

Locuções Adverbiais de Intensidade:

em excesso, de todo, de muito, por completo.

07) Advérbios de Afirmação

certamente, certo, decididamente, efetivamente, realmente, deveras (realmente), decerto, indubitavelmente.

Locuções Adverbiais de Afirmação:

sem dúvida, de fato, por certo, com certeza.

08) Advérbios Interrogativos

onde (lugar), quando (tempo), como (modo), por que (causa).

Flexão do advérbio

O advérbio pode flexionar-se nos graus comparativo e superlativo absoluto.

Comparativo de Superioridade

O advérbio flexiona-se no grau comparativo de superioridade por meio de mais ... (do) que. Ex.

- Ele agiu mais generosamente que você.

Comparativo de Igualdade

O advérbio flexiona-se no grau comparativo de igualdade por meio de tão ... como, tanto ... quanto. Ex.

- Ele agiu tão generosamente quanto você.

Comparativo de Inferioridade

O advérbio flexiona-se no grau comparativo de inferioridade por meio de menos ... (do) que. Ex.

- Ele agiu menos generosamente que você.

Superlativo Absoluto Sintético

O advérbio flexiona-se no grau superlativo absoluto sintético por meio dos sufixos -issimamente, -íssimo ou -inho.
Ex.

- Ela agiu educadissimamente.
- Ele é muitíssimo educado.
- Acordo cedinho.

Superlativo Absoluto Analítico

O advérbio flexiona-se no grau superlativo absoluto analítico por meio de um advérbio de intensidade

como muito, pouco, demais, assaz, tão, tanto...
Ex.

- Ela agiu muito educadamente.
- Acordo bastante cedo.

Melhor e **pior** são formas irregulares do grau comparativo dos advérbios **bem** e **mal**; no entanto, junto a adjetivos ou particípios, usam-se as formas **mais bem** e **mais mal**. Ex.

- Estes alunos estão mais bem preparados que aqueles.

Havendo dois ou mais advérbios terminados em **-mente**, numa mesma frase, somente se coloca o sufixo no último deles.
Ex.

- Ele agiu rápida, porém acertadamente.

Exercícios sobre Advérbios

1- As expressões destacadas correspondem a um adjetivo, exceto em:
a) João Fanhoso anda amanhecendo sem entusiasmo.
b) Demorava-se de propósito naquele complicado banho.
c) Os bichos da terra fugiam em desabalada carreira.
d) Noite fechada sobre aqueles ermos perdidos da caatinga sem fim.
e) E ainda me vem com essa conversa de homem da roça.

2- Em todas as alternativas há dois advérbios, exceto em:
a) Ele permaneceu muito calado.
b) Amanhã, não iremos ao cinema.
c)O menino, ontem, cantou desafinadamente.
d) Tranqüilamente, realizou-se, hoje, o jogo.
e) Ela falou calma e sabiamente.

3- A opção em que há um advérbio exprimindo circunstância de tempo é:
a) Possivelmente viajarei para São Paulo.
b) Maria teria aproximadamente 15 anos.
c) As tarefas foram executadas concomitantemente.
d) Os resultados chegaram demasiadamente atrasados.

4- Substitua a expressão destacada por
um advérbio de significação equivalente.
a) Recebeu a repreensão sem dizer palavras.
b) Falava sempre no mesmo tom.
c) Aceitou tudo sem se revoltar.
d) Trataram-me como irmão.

5- Reescreva a passagem "Humildemente pensando na vida... " substituindo o advérbio por uma locução adverbial equivalente.

6- Leia atentamente o seguinte trecho de uma entrevista:
Pergunta: O Sr. fala em respeito à Constituição. Não é contraditório, então, colocar a não-posse do vice Itamar em caso de impeachment?
Resposta: Você não acha que um impeachment imposto não é rasgar a Constituição?
(Entrevista com o governador Antônio Carlos Magalhães. Isto *É,* 24 jun. 1992.)
Se tomada literalmente, a fala de A.C.M. tem um sentido que é o oposto do pretendido.
a) Qual o sentido literal da fala de A. ***C.*** M.?
b) Reescreva a fala de A. C. M. de forma a eliminar o eventual mal-entendido.
c) A forma da pergunta pode ter influenciado a forma da resposta. Qual a característica formal que torna a resposta de A.C.M. semelhante à pergunta do repórter?

7- Em "... um **aborrecimento** quando **os** vejo e gostaria de não vê-los mais" as palavras destacadas ção, reçpectivamente:
a) adjetivo, artigo, advérbio.
b) adjetivo, pronome, pronome.
c) substantivo, pronome, advérbio.
d) substantivo, artigo, pronome.
e) verbo, pronome, preposição.

8- Assinale a alternativa em que a preposição com traduz uma relação de instrumento.

a) "Teria sorte nos outros lugares, com gente estranha."
b) "Com o meu avo cada vez mais perto do fim, o Santa Rosa seria um inferno."
c) "Não fumava, e nenhum livro com força de me prender."
d) "Trancava-me no quarto fugindo do aperreio, matando-as com jornais."
e) "Andavam por cima do papel estendido com outras já pregadas no breu."

9- Lista dos advérbios:
bisonhamente
ironicamente
quixotescamente
desassombradamente
laconicamente
radicalmente
estoicamente
perfunctoriamente
sibilinamente
frugalmente
prolixamente
sofregamente
inexoravelmente
puerilmente
sutilmente
tacitamente

Escolha, na lista acima, o advérbio mais adequado a cada uma das ações abaixo enunciadas, de acordo com o modelo.
Falar com orgulho e arrogância – Falar **arrogantemente**

a) Dizer com palavras enigmáticas e difíceis de compreender.
b) Falar de maneira franca e corajosa.
c) Exprimir-se com palavras excessivas.
d) Concordar sem dizer palavras.
e) Agir com a inexperiência de um principiante.
f) Agir com impaciência e ambição.
g) Agir como criança.
h) Insinuar com perspicácia e delicadeza.
i) Eliminar pela base.
j) Eliminar sem se render a rogos.

10- No trecho:
"0s trens de cana apitavam de quando em vez, mas não davam vencimento à fome das moendas",
As palavras destacadas correspondem, morfologicamente, pela ordem, a:
a) preposição, advérbio, verbo, substantivo.
b) conjunção, advérbio, substantivo, adjetivo.
c) preposição, advérbio, adjetivo, adjetivo.
d) preposição, advérbio, verbo, advérbio.
e) preposição, advérbio, substantivo, substantivo.

11- Os seus projetos são os .... elaborados, por isso garantem verbas .... para sua execução e evitam ....-entendidos.
a) melhor - suficientes- mal
b) mais bem - suficientes - mal
c) mais bem - suficiente - mal
d) melhor - suficientes - mau
e) melhor - suficiente – mau

12- Observe os seguintes fragmentos:
"viver em voz **alta**." e "... que ligasse o rádio um pouco **alto**..."
Indique a classe gramatical das palavras destacadas e o processo de derivação que ocorre no segundo fragmento.

13- Em: "uma cerca **de pedra-seca**, do tempo dos escravos" e "Tudo é mato, crescendo **sem regra**.", as locuções destacadas são, respectivamente:

a) adjetiva e adjunto adnominal; adverbial e adjunto adverbial.
b) adverbial e objeto indireto; adjetiva e predicativo.
c) adjetiva e adiunto adverbial; adverbial e adjunto adnominal.

d) adjetiva e complemento nominal; adverbial e adjunto adnominal.
e) adverbial e adjunto adnominal; adjetiva e complemento nominal.

14- Assinale a alternativa em que a locução destacada tem valor adjetivo.

a) "Comprei móveis e objetos diversos que entrei a utilizar **com receio**."
b) "Azevedo Gondim compôs **sobre ela** dois artigos."
c) "Pediu-me **com voz baixa** cinqüenta mil reais.
d) "Expliquei em **resumo** a prensa, o dínamo, as serras..."
e) "Resolvi abrir o olho para que vizinhos sem **escrúpulos** não se apoderassem do que era delas."

Respostas

1) b
2) a
3) c
4) a) caladamente, mudamente
    b) monotonamente
    c) resignadamente
    d) fraternalmente
5) com humildade, pensando na vida...
6) a) A frase significa que um *impeachment* imposto não rasga a Constituição, ou seja, não desrespeita as leis.
    b) Você não acha que um *impeachment* imposto é rasgar a Constituição?
    c) A ocorrência da dupla (...não é contraditório...a não posse / não acha não é rasgar).
7) c
8) d
9) a) sibilinamente
    b) desassombradamente
    c) prolixamente
    d) tacitamente
    e) bisonhamente
    f) sofregamente
    g) puerilmente
    h) sutilmente
    i) radicalmente
    j) inexoravelmente
10) e
11) b
12) adjetivo se transforma em advérbio por meio do processo de derivação imprópria.
13) a
14) e

Adjunto Adverbial

É a função sintática da palavra ou da expressão que servem para modificar ou intensificar o sentido do verbo, do predicativo ou de outro adjunto adverbial, atribuindo-lhes uma circunstância.

Não se deve confundir adjunto adverbial com advérbio: advérbio é a classe gramatical; adjunto adverbial é a função sintática. Em outras palavras: advérbio é o nome da palavra; adjunto adverbial é a função que a palavra exerce na oração.

Classificação dos Adjuntos Adverbiais

01) Adjunto Adverbial de Tempo

Ex.

- O avião chegará a qualquer momento.
- De vez em quando, vou ao cinema.
- Ninguém confia nos políticos hoje em dia, no Brasil.

Observe que, quando o adjunto adverbial estiver no final da oração, não será separado por vírgula, a não ser que haja dois ou mais adjuntos adverbiais coordenados. Se o adjunto adverbial estiver no início da oração ou entre os elementos formadores da oração, deverá estar separado por vírgula.

02) Adjunto Adverbial de Lugar

Ex.

- O policial observava o bandido a distância.
- O documento está em cima da escrivaninha.
- De vez em quando, vou ao cinema.

A locução adverbial **a distância** só receberá o acento grave indicativo de crase, se possuir a preposição de, formando a locução prepositiva **à distância de**. Por exemplo:

- O policial observava o bandido à distância de cem metros.

03) Adjunto Adverbial de Modo

Ex.

- Os namorados caminhavam lado a lado.
- Caminhei à toa pela cidade.
- O acontecimento espalhou-se boca a boca.

À toa, adjunto adverbial, não tem hífen. Quando for locução adjetiva, ou seja, quando estiver qualificando um substantivo, terá hífen. Por exemplo Aquele homem à-toa só anda à toa.

04) Adjunto Adverbial de Negação

Ex.

- Não o procurarei mais.
- De modo algum, você usará esse objeto.

Observe que o adjunto adverbial não, apesar de estar no início da oração, não está separado por vírgula. Isso porque é representado por apenas uma palavra. Portanto só será separado por vírgula o adjunto adverbial que for representado por mais de uma palavra.

05) Adjunto Adverbial de Afirmação

Ex.

- Decididamente estou disposto a ajudá-lo.
- Sem dúvida alguma, iremos até aí amanhã.

06) Adjunto Adverbial de Dúvida

Ex.

- Quem sabe, conseguiremos a vaga.
- Talvez encontremos a solução.

07) Adjunto Adverbial de Intensidade

Ex.

- Ele bebeu em excesso.
- Ela estava meio nervosa.

08) Adjunto Adverbial de Meio

Ex.

- Gosto de viajar de avião.
- Fiz o trabalho a máquina.
- Atacou os desordeiros a pedras.

Nas expressões adverbiais femininas, muitas vezes ocorre o acento grave sem que haja a crase, isto é, a fusão de dois aa. Verifique: Comprei o carro à vista. Se trocarmos por um masculino correspondente, teremos: Comprei o carro a prazo. Evidência clara de que na expressão à vista não houve a fusão de dois aa. Nesses casos, o uso do acento grave é justificado por alguns gramáticos por uma questão de tradição da língua, ou para tornar o contexto mais claro, evitando-se ambigüidades.

Não confunda adjunto adverbial de meio com adjunto adverbial de modo. Este indica a maneira como a ação é praticada; aquele, o instrumento usado para a ação ser praticada. Por exemplo: Andei de bicicleta, vagarosamente. de bicicleta é o meio; vagarosamente, o modo.

09) Adjunto Adverbial de Causa

Ex.

- Frank Zappa morreu devido a um câncer na próstata.
- O poço secou com o calor.

10) Adjunto Adverbial de Companhia

Ex.

- Passeei a tarde toda com Ester.
- Andarei junto de você.

11) Adjunto Adverbial de Finalidade

Ex.

- Eles vieram aqui para um estudo aprofundado de Português.

- Convidei meus amigos para um passeio.

12) Adjunto Adverbial de Oposição
Ex.
- O Santos jogará com o Palmeiras.
- Ela agiu contra a família.

13) Adjunto Adverbial de Argumento

Ocorrerá o adjunto adverbial de argumento com as expressões chegar de e bastar de, no Imperativo.
Ex.
- Chega de brigas.
- Basta de incompetência.

14) Adjunto Adverbial de Assunto

Ocorrerá o adjunto adverbial de assunto, quando houver verbo, indicando comunicação entre as pessoas (falar, conversar, discutir...) com a prep. de, a prep. sobre, a locução prepositiva acerca de, a loc. prep. a respeito de...
Ex.
- Conversamos sobre você ontem.
- Discutiremos acerca de seu problema.
- O palestrante falará a respeito dos problemas educacionais brasileiros.

15) Adjunto Adverbial de Preço
Ex.
- Esse relógio custa muito caro.
- Paguei R$ 600,00 ao dentista.

As palavras **caro** e **barato** só serão adjunto adverbial de preço, junto do verbo custar. Caso surjam com verbo de ligação, funcionarão como predicativo do sujeito, concordando com este elemento. Por exemplo As calças custaram caro. mas As calças estão caras.

16) Adjunto Adverbial de Matéria
Ex.
- Fiz de ouro o meu relógio.

17) Adjunto Adverbial de Acréscimo
Ex.
- Além da tristeza, sentia um profundo mal-estar.

18) Adjunto Adverbial de Concessão

Ocorrerá adjunto adverbial de concessão na indicação de fatores contrários iniciados por apesar de, embora, inobstante...
Ex.
- Apesar de você, sou feliz.
- Inobstante sua má vontade, consegui meu intento.

19) Adjunto Adverbial de Condição
Ex.
- Sem disciplina, não há educação.

20) Adjunto Adverbial de Conformidade
Ex.
- Faça tudo conforme os regulamentos da empresa.

21) Adjunto Adverbial de Substituição
Ex.
- Abandonou suas convicções por privilégios.

Orações Subordinadas Adverbiais

Orações subordinadas adverbiais são adjuntos adverbiais com verbo.

São nove as orações subordinadas adverbiais, que são iniciadas por uma conjunção subordinativa.

01) Causal

Funciona como adjunto adverbial de causa. É iniciada por conjunção subordinativa causal ou por locução conjuntiva subordinativa causal. As principais são porque, porquanto, visto que, já que, uma vez que, como, por + infinitivo.
Ex.

- Por ter caído do sétimo andar, ele morreu.
- Como estivesse chovendo, fechei as janelas.
- Saímos daquele local, uma vez que havia risco de desabamento.
- Houve muitas queimadas, visto que não choveu por 63 dias.

02) Comparativa

É iniciada pelos elementos comparativos mais ... que, menos ... do que, tanto... quanto, tão ... como. Em quase todas as orações subordinadas adverbiais comparativas ocorre zeugma, que é a omissão do verbo já escrito anteriormente.
Ex.

- Ele é tão inteligente quanto o irmão.
- Cornélio Procópio fica tão longe de Londrina quanto Apucarana.
- Campinas é maior que Ribeirão Preto.

03) Concessiva

Funciona como adjunto adverbial de concessão. É iniciada por conjunção subordinativa concessiva ou por locução conjuntiva subordinativa concessiva. As principais são embora, conquanto, inobstante, não obstante, apesar de que, se bem que, mesmo que, posto que, ainda que, em que pese.
Ex.

- Embora o técnico não revele, o principal jogador do time não participará do jogo.
- Mesmo que você não queira, irei até aí.
- Apesar de estarmos passando por uma crise, ele compou um carro novo.

04) Condicional

Funciona como adjunto adverbial de condição. É iniciada por conjunção subordinativa condicional ou por locução conjuntiva subordinativa condicional. As principais são se, a menos que, desde que, caso, contanto que.
Ex.

- A continuar como está, ele irá à falência
- Desde que se esforce, conseguirá seu intento.
- Caso precise de ajuda, telefone-me.
- Se todos trabalharem com afinco, terminaremos o serviço na hora marcada.

05) Conformativa

Funciona como adjunto adverbial de conformidade. É iniciada por conjunção subordinativa conformativa ou por locução conjuntiva subordinativa conformativa. As principais são como, conforme, segundo.
Ex.

- As questões serão formuladas, conforme o pedido da diretoria.
- Elaboramos nossos pedidos, segundo as normas da empresa.

06) Consecutiva

É iniciada pela conjunção subordinativa consecutiva que. Na oração principal, geralmente, há um advérbio de intensidade - tão, tal, tanto, tamanho.
Ex.

- Eles brigavam tanto, que resolveram separar-se.
- Há tantos problemas nesta cidade, que o prefeito sozinho não consegue resolvê-los.

07) Temporal

Funciona como adjunto adverbial de tempo. É iniciada por conjunção subordinativa temporal ou por locução conjuntiva subordinativa temporal. As principais são quando, enquanto, sempre que, assim que, desde que, logo que, mal, ao + infinitivo.
Ex.

- Ao perceber o problema, retirou-se da sala.
- Sinto-me melhor, desde que comecei a exercitar-me.
- Logo que me viu, começou a chorar.

08) __Final__

Funciona como adjunto adverbial de finalidade. É iniciada por conjunção subordinativa final ou por locução conjuntiva subordinativa final. As principais são a fim de que, para que, porque.
Ex.

- Para adquirir cultura, leia bastante.
- Gritou com o filho, a fim de que o entendesse melhor.

09) __Proporcional__

Indica proporção. É iniciada pelas locuções conjuntivas subordinativas proporcionais à proporção que, à medida que, tanto mais.
Ex.

- À medida que o tempo vai passando, ele vai irritando-se mais.
- Mais experientes ficamos, à proporção que o tempo passa.

__Orações Reduzidas__

Quando uma oração subordinada se apresenta sem conjunção e com o verbo no infinitivo, no particípio ou no gerúndio, dizemos que ela é uma oração reduzida, acrescentando-lhe o nome de infinitivo, de particípio ou de gerúndio.
Ex.

- **Ele morreu, __por ter caído do sétimo andar__**. Oração subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo.
- **__Ao perceber o problema__, retirou-se da sala**. Oração subordinada adverbial temporal reduzida de infinitivo

---

Exercícios

1. Nas frases seguintes, aponte os adjuntos adverbiais e as circunstâncias que exprimem.
a) "De repente, do riso fez-se o pranto."
b) Entrou em casa em plena madrugada, silenciosamente.
c) À noite é possível perceber com muita clareza os efeitos benéficos do silêncio.
d) A rodovia foi entregue ao público sem plenas condições de tráfego.
e) Viajei de trem por toda a Europa.
f) Felizmente, todos se arrependeram.
g) Meus sobrinhos moram muito longe daqui, no norte da Itália.
h) Na próxima Semana, não haverá expediente das sete às dez da manhã.
i) O menino quase morreu de vergonha.
j) Sem as chaves, ninguém poderá entrar.
I) "Apesar de você amanhã há de ser outro dia."
m) Passei a vida à toa.
n) Tenho o péssimo hábito de cortar barbantes e linhas com os dentes.

2. Complete as frases Seguintes com adjuntos adverbiais que exprimam as circunstâncias solicitadas entre parênteses.
a) (*) não seja possível consertar o carro. (dúvida)
b) Não irei ao cinema (*). (causa)
c) (*), foram feitos vários discursos contra o proieto (tempo/lugar)
d) O novo diretor executou (*) todas as suas obrigações. (modo)
e) Ensinei muito (*). (fim)
f) Trabalhava (*) para as crianças carentes de sua cidade. (intensidade)
g) Os retirantes não conseguem emprego (*). (lugar)
h) Nada será feito (*). (condição)
i) (*), as obras prosseguem. (concessão)
j) Moldamos vários objetos de argila (*). (instrumento)
I) Fui ao cinema (*) (*). (tempo/companhia)
m)Julgo sua postura (*) radical. (intensidade)
n) (*), conseguiremos chegar (*) (*) (modo/lugar/tempo)

3. Passe para o plural cada uma das frases seguintes.
a) Ele pensou rápido.
b) Ele pensou rapidamente.
c) Ele foi rápido.

d) Uma voz de protesto levantou-se inesperadamente.
e) Uma voz de protesto levantou-se inesperada.
f) O rapaz falava muito baixo.
g) O rapaz era muito baixo.
h) Fiquei calmo durante a discussão.
i) Agi calmamente durante a discussão.
j) Sua atitude ponderada súbito se converteu em gesto irritado.
I) Sua atitude ponderada subitamente se converteu em gesto irritado.
m)Seu gesto de irritação foi súbito e veemente.

RESPOSTAS

1-
a) de repente: tempo
b) em casa: lugar; em plena madrugada: tempo; silenciosamente: modo
c) à noite: tempo; com muita clareza: modo
d) sem plenas condições de tráfego: modo
e) de trem: meio (modo); por toda a Europa: lugar
f) felizmente: modo
g) muito: intensidade; longe daqui: lugar; no norte da Itália: lugar (no texto exerce função de aposto) na próxima semana: tempo; das sete às dez da manhã: tempo
h) quase: intensidade; de vergonha: causa
i) sem as chaves: modo
j) apesar de você: concessão; amanhã: tempo
k) à toa: modo
l) com os dentes: instrumento (modo)

2. Reflexão pessoal do aluno. As respostas dadas individualmente devem ser apresentadas à classe para análise.

3.
a) Eles pensaram rápido.
b) Eles pensaram rapidamente.
c) Eles foram rápidos.
d) Vozes de protesto levantaram-se inesperadamente.
e) Vozes de protesto levantaram-se inesperadas.
f) Os rapazes falavam muito baixo.
g) Os rapazes eram muito baixos.
h) Ficamos calmos durante a discussão.
i) Agimos calmamente durante a discussão.
j) Suas atitudes ponderadas súbito converteram-se em gestos irritado
l) Só as atitudes ponderadas subitamente se converteram em gestos irritados.
m) Seus gestos de irritação foram súbitos, e veementes.

Adjunto Adnominal x Complemento Nominal

Adjunto Adnominal

É o termo acessório que explica, determina ou especifica um núcleo de função sintática. Os adjuntos adnominais prendem-se diretamente ao substantivo a que se referem, sem qualquer participação do verbo. Isso é facilmente percebido, quando substituímos um substantivo por um pronome: todos os adjuntos adnominais que gravitam ao redor do substantivo têm de acompanhá-lo nessa substituição, ou seja, os adjuntos adnominais desaparecem..

Ex.
As esplendorosas paisagens do litoral brasileiro deixam os turistas estrangeiros extasiados.
Analisando sintaticamente a oração, teremos:
Verbo deixar: Verbo Transitivo direto, pois quem deixa, deixa alguém.
Sujeito: quem é que deixa os turistas extasiados?
Resposta: As esplendorosas paisagens do litoral brasileiro;
núcleo do sujeito: paisagens. Então o sujeito é simples.

Se substituirmos o núcleo do sujeito por um pronome, teremos:
Elas deixam os turistas estrangeiros extasiados.
Portanto as, esplendorosas e do litoral brasileiro funcionam como adjunto adnominal.
Objeto Direto: As paisagens deixam quem?
Resposta: os turistas estrangeiros;
núcleo do objeto direto: turistas.

Se substituirmos o núcleo do objeto direto por um pronome, teremos:
As esplendorosas paisagens do litoral brasileiro deixam-nos extasiados.
Portanto os e estrangeiros funcionam como **adjunto adnominal**.
Perceba que a palavra extasiados não desapareceu na substituição do substantivo por um pronome. Então ela não é adjunto adnominal, e sim predicativo do objeto, pois qualifica o núcleo do objeto direto turistas.

Outras maneiras de se comprovar a existência do adjunto adnominal:

01) Todas as palavras que surgirem antes do núcleo, dentro da função sintática, funcionam como adjunto adnominal.
Por exemplo: Quase todos os brasileiros já se decepcionaram com o governo. Quase todos os funcionam como aa, pois surgem antes do núcleo brasileiros.

02) Todas as palavras sem preposição que surgirem após o núcleo, dentro da função sintática, funcionam como adjunto adnominal.
Por exemplo: Os cidadãos londrinenses revoltaram-se contra o prefeito. Londrinenses funciona como aa, pois não há preposição e surge após o núcleo cidadãos.

03) Todas as palavras com ou sem preposição que surgirem após o núcleo, dentro da função sintática, funcionam como adjunto adnominal, desde que o núcleo seja um substantivo concreto.
Por exemplo: Os anéis de ouro foram roubados. de ouro funciona como aa, pois anéis é substantivo concreto.

04) Todas as palavras com a preposição de que indicarem posse (algo de alguém), dentro da função sintática, funcionam como adjunto adnominal.
Por exemplo: Os anéis do rei foram roubados. do rei funciona como aa, pois indica posse: Algo de alguém = Os anéis do rei.

05) Todas as palavras com preposição, dentro da função sintática, que praticarem a ação contida no núcleo, funcionam como adjunto adnominal.
Por exemplo: A resposta do aluno foi considerada certa. do aluno funciona como aa, pois o aluno praticou a ação de responder.

06) O pronome relativo cujo sempre funciona como adjunto adnominal.

07) Os pronomes oblíquos átonos me, te, lhe, nos, vos e lhes funcionarão como adjunto adnominal, quando tiverem valor possessivo, ou seja, quando puderem ser substituídos por meu(s), teu(s), seu(s), nosso(s), vosso(s), minha(s), tua(s), sua(s), nossa(s), vossa(s).
Por exemplo: A mãe ajeitou-lhe o vestido = A mãe ajeitou o seu vestido ou A mãe ajeitou a vestido dela.

08) Quando o adjunto adnominal for representado por uma oração, receberá o nome de Oração Subordinada Adjetiva Restritiva.
Por exemplo: Os alunos que não estudam têm dificuldades no futuro. Sujeito: Quem tem dificuldades? Resposta: Os alunos que não estudam. Que não estudam é oração que funciona como aa.

Complemento Nominal

É o termo da oração que completa a significação de um nome (adjetivo, advérbio ou substantivo abstrato), por intermédio de uma preposição.
Funcionarão como complemento nominal:

01) Todas as palavras com preposição, dentro da função sintática, que forem pacientes ou destinatários da ação contida no núcleo.

Por exemplo: A construção do prédio foi considerada um erro. do prédio funciona como CN, pois o prédio é elemento paciente em relação à ação de construir (Alguém construiu o prédio). Temos confiança em nossos amigos. em nossos amigos funciona como CN, pois é elemento destinatário em relação à ação de confiar (Nós confiamos em nossos amigos).

02) Os pronomes oblíquos átonos me, te, lhe, nos, vos e lhes funcionarão como complemento nominal, quando possuírem valor de "a alguém", não provindo a preposição de verbo.

Por exemplo: Tenho-lhe respeito. lhe funciona como CN, pois poderemos substituir por Tenho respeito a alguém, sendo que a prep. a não provém do verbo ter.

03) Quando o complemento nominal for representado por uma oração, daremos o nome de Oração Subordinada Substantiva Completiva Nominal.

Por exemplo: Temos confiança em que conseguiremos nosso intento. Em que conseguiremos nosso intento é oração subordinada substantiva completiva nominal.

Exercícios

1. Faça a análise sintática das frases seguintes. Indique quais são os núcleos das diferentes funções sintáticas e os adjuntos adnominais que se subordinam a ele.

a) Um novo comportamento empresarial deve ser incentivado.
b) Muitos candidatos despreparados pedem votos pouco críticos a eleitores desinteressados.
c) Os garimpeiros têm transmitido doenças graves aos índios da Amazônia.
d) Um redator eficiente deve comunicar informações claras e realmente importantes ao público interessado.

2. Explique por meio de seu conhecimento das funções sintáticas a ambigüidade da seguinte frase: "Não posso julgar aquela atitude inusitada".

3. Explique por meio de seu conhecimento das funções sintáticas a ambigüidade das seguintes frases:
a) Não serei mais um pichador nesta cidade!
b) É um absurdo que tenhamos medo de criança!

RESPOSTAS

1-
a) **sujeito determinado simples:** um ovo comportamento empresarial; **núcleo:** comportamento; **adjuntos adnominais:** um, novo, empresarial; **predicado verbal:** deve ser incentivado (voz passiva analítica)
b) **sujeito determinado simples:** muitos candidatos despreparados; **núcleo:** candidatos; **adjuntos adnominais:** muitos, despreparados; **predicado verbal:** pedem votos pouco críticos a eleitores desinteressados; **verbo transitivo direto e indireto:** pedem; **objeto direto:** votos pouco críticos; **núcleo:** votos; **adjunto adnominal:** pouco críticos; **objeto indireto:** a eleitores desinteressados; **núcleo:** eleitores; **adjunto adnominal:** desinteressados.
c) **sujeito determinado simples:** Os garimpeiros; **núcleo:** garimpeiros; **adjunto adnominal:** os; **predicado verbal:** têm transmitido doenças graves aos índios da Amazônia; **verbo transitivo direto e indireto:** têm transmitido; **objeto direto:** doenças graves; **núcleo:** doenças; **adjunto adnominal:** graves; **objeto indireto:** aos índios da Amazônia; **núcleo:** índios; **adjuntos adnominais:** os, da Amazônia.
d) **sujeito determinado simples:** Um redator eficiente **núcleo:** redator **adjuntos adnominais:** um, eficiente **predicado verbal:** deve comunicar informações claras e realmente importantes ao público interessado **verbo transitivo direto e indireto:** deve comunicar **objeto direto:** informações claras e realmente importantes **núcleo:** informações **adjunto adnominal:** claras e realmente importantes **objeto indireto:** ao público interessado **núcleo:** público **adjunto adnominal:** o, interessado.

2- O aluno deve perceber que **inusitada** pode ser classificado como adjunto adnominal ou como predicativo do objeto – em ambos os casos, o termo caracterizado é "aquela atitude". Na primeira interpretação, quem fala se nega a julgar uma inusitada atitude inusitada por alguém; na segunda interpretação, quem fala se nega a considerar inusitada uma determinada atitude.

3- O aluno deve perceber que em ambas as frases ocorre um mesmo problema sintático; a possibilidade de se analisar um termo como adjunto adnominal ou como complemento nominal. Os termos envolvidos são "desta cidade" e "de criança". Se "desta cidade" for adjunto adnominal, a frase signfica "não serei mais um pichador nesta cidade". Se "de criança" for adjunto adnominal, a frase significa "é absurdo que tenhamos um medo infantil"; se "de criança" for complemento nominal, a frase significa "é absurdo que as crinças causem medo".

A palavra Que

Aqui estudaremos todas as classes gramaticais a que a palavra **que** pertence. Ela pode ser **substantivo, advérbio, preposição, interjeição, pronome, conjunção**, além de **partícula expletiva**.

Vamos aos estudos:

01) Substantivo

A palavra **que** será substantivo, quando tiver o sentido de qualquer coisa ou alguma coisa, é sempre antecedida por artigo, pronome adjetivo ou numeral e é sempre acentuada (**quê**).

Ex. A decisão do tribunal teve um quê de corrupção.

02) Advérbio

A palavra **que** será advérbio, quando intensificar adjetivos e advérbios. Nesse caso, pode ser substituída por **quão** ou **muito**; em geral, é usada em frases exclamativas.

Ex. Que linda é essa garota!
Que mal você fez a ela!

03) Preposição

A palavra **que** será preposição, quando equivaler à preposição **de** em locuções verbais que tenham, como auxiliares, **ter** ou **haver**.
Ex. Temos que estudar bastante.
Tive que trazer todo o material.

04) Interjeição

A palavra **que** será interjeição, quando exprimir uma emoção, um estado de espírito; é sempre exclamativa e acentuada (**quê**).
Ex. Quê?! Você não dormiu em casa hoje??

05) Partícula Expletiva ou de Realce

A palavra **que** será partícula expletiva ou de realce, quando for empregada para realce ou ênfase; sua retirada não altera o sentido da frase. Pode também ser usada com o verbo ser, na locução **é que**.
Ex. Nós é que precisamos de sua ajuda.
Eles que o procuraram ontem.

06) Pronome Interrogativo

A palavra **que** será pronome interrrogativo, quando for empregada em frases interrogativas. Quando for antecedida da preposição **por**, esses dois elementos ficarão separados (**por que**) Quando estiver iniciando a frase, não se deve usar a palavra **o**, anteriormente ao pronome. Quando estiver em final de frase, será acentuada.
Ex. Que vocês farão hoje à noite?
Vocês farão o quê?
Por que você não vieram aqui ontem à noite?
Vocês não vieram aqui ontem à noite por quê?

07) Pronome Indefinido

A palavra **que** será pronome indefinido, quando aparecer antes de substantivos em frases geralmente exclamativas. Pode ser substituída por **quanto(s), quanta(s**).
Ex. Que sujeira!!
Que bagunça em seu quarto!

08) Pronome Adjetivo

A palavra **que** será pronome adjetivo, quando aparecer antes de substantivos, apenas modificando-o
Ex. Que mulher linda!!

09) Pronome Relativo

A palavra **que** será pronome relativo, quando aparecer após substantivos, podendo ser substituída por **o qual, a qual, os quais, as quais**.
Ex. Julguei belíssima a garota que (= a qual) você me apresentou.
Os problemas por que (= pelos quais) passamos foram terríveis.

10) Conjunção Coordenativa Aditiva

A palavra **que** será conjunção coordenativa aditiva, quando iniciar oração coordenada sindética aditiva; aparece sempre entre duas formas verbais iguais; tem valor bastante próximo da conjunção **e**.
Ex. Estudava que estudava, mas não conseguia assimilar a matéria.

11) Conjunção Coordenativa Explicativa

A palavra **que** será conjunção coordenativa explicativa, quando iniciar oração coordenada sindética explicativa. Pode ser substituída por **pois** ou **porque**.
Ex. Venha até aqui, que precisamos conversar.

12) Conjunção Coordenativa Adversativa

A palavra **que** será conjunção coordenativa adversativa, quando iniciar oração coordenada sindética adversativa. Indica oposição, ressalva, apresentando valor equivalente a **mas**.
Ex. Outra pessoa, que não eu, deveria cumprir essa tarefa.

13) Conjunção Subordinativa Integrante

A palavra **que** será conjunção subordinativa integrante, quando iniciar oração subordinada substantiva, ou seja, quando iniciar oração que exerça a função sintática de sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo do sujeito e aposto.
Ex. Julgo que sua ascensão na empresa deu-se muito rapidamente. Oração que funciona como objeto direto (oração subordinada substantiva objetiva direta)

14) Conjunção Subordinativa Consecutiva

A palavra **que** será conjunção subordinativa consecutiva, quando iniciar oração subordinada adverbial consecutiva; aparece, em geral, nas expressões **tão... que, tanto... que, tamanho... que e tal... que**.
Ex. Ele se esforçou tanto, que acabou desmaiando.

15) Conjunção subordinativa Comparativa

A palavra **que** será conjunção subordinativa comparativa, quando iniciar oração subordinada adverbial comparativa; aparece, em geral, nas expressões **mais... que, menos... que**.
Ex. Ele é mais estudioso que os amigos. .

Exercícios

Para as perguntas de 01 a 12 A palavra "Que" é pronome relativo nas frases que se seguem. Dê a sua função sintática:

01) Esta é a casa em que nasci.
Que é ________________________________

02) A informação de que mais gostei foi aquela:
Que é ________________________________

03) Há sempre solidão em torno dos que caem:
Que é ________________________________

04) Tudo o que vem do acaso carece de firmeza:
Que é ________________________________

05) Ninguém pode ter tudo aquilo que deseja:
Que é ________________________________

06) Eu fui o que tu és, tu serás o que eu sou:

Que é ________________________________

07) "É teu amigo aquele que na ocasião do perigo te ajuda":
Que é ______________________________

08) A demora excita sempre os que amam:
Que é ______________________________

09) O conto a que fases referências não é tão importante assim:
Que é ______________________________

10) Ela me fez uma pergunta a que- não poderia responder:
Que é ______________________________

11) O animal de que mais tenho medo é o urso:
Que é ______________________________

12) De que conversaremos hoje?
Que é ______________________________

Respostas dos Exercícios Sobre a Palavra "QUE"

01. adj. Adv. de lugar
02. obj. indireto
03. sujeito
04. sujeito
05. obj. direto
06. predicativo/ predicativo
07. sujeito
08. sujeito
09. complemento nominal
10. obj. indireto
11. complemento nominal
12. adj. Adv. de assunto

A Palavra Se

Aqui estudaremos todas as funções da palavra **se**. Vamos aos estudos:

01) Pronome Reflexivo

A palavra **se** será pronome reflexivo quando indicar que o sujeito pratica a ação sobre si mesmo. Nesse caso, o verbo concordará com o sujeito.

Ex. A menina machucou-se ao cair do brinquedo.
As meninas machucaram-se.

02) Pronome Recíproco

A palavra **se** será pronome recíproco quando indicar ação trocada entre os elementos que compõem o sujeito. Nesse caso, o verbo concordará com o sujeito.

Ex. Sandro e Carla adoram-se.

03) Pronome Integrante do Verbo

A palavra **se** será pronome integrante do verbo quando aparecer junto de verbos pronominais, que são os que não se conjugam sem pronome. Por exemplo: **suicidar-se, arrepender-se, queixar-se, zangar-se, ater-se, abster-se ...**
Nesse caso, o verbo concordará com o sujeito.
Ex. Genofretildo suicidou-**se** depois que seus sócios **se** queixaram dele para o advogado.

04) Pronome Expletivo ou Pronome de Realce

A palavra **se** será pronome expletivo, quando for usado apenas para reforçar a idéia contida no verbo, sendo, por isso, dispensável na frase. Ocorrerá o pronome expletivo com **verbo intransitivo** que tenha sujeito claro. Aparece, em geral, junto aos verbos **ir, partir, chegar, passar, rir, sorrir, morrer**. Novamente o verbo concordará com o sujeito.

Ex. As nossas esperanças foram-se para sempre.
As meninas sorriram-se agradecidas.
"Vai-se a primeira pomba despertada". (Raimundo Correia)

05) Pronome Apassivador

A palavra **se** será pronome apassivador, quando formar, junto de um **verbo transitivo direto**, a voz passiva sintética, que pode ser transformada em passiva analítica; indica que o sujeito é paciente e com ele concorda.

Ex. Compram-se carros usados. = Carros usados são comprados.
Esperou-se o tempo necessário. = O tempo necessário foi esperado.
Alugam-se casas na praia. = Casas na praia são alugadas.

06) Pronome de Indeterminação do Sujeito

A palavra **se** será pronome de indeterminação do sujeito, quando surgir junto a **verbo transitivo indireto** acompanhado de **objeto indireto**, a **verbo transitivo direto** acompanhado de **objeto direto preposicionado**, a **verbo de ligação** acompanhado de **predicativo do sujeito** e a **verbo intransitivo** sem sujeito claro. Nesse caso, o verbo deverá ficar, obrigatoriamente, na **terceira pessoa do singular**.

Ex. Necessita-se de pessoas qualificadas. (VTI com OI)
Estima-se a Jorge Amado. (VTD com OD Prep.)
Aqui se está satisfeito com o governo. (VL com PS)
Ainda se morre de tuberculose no Brasil. (VI sem sujeito claro)

07) Sujeito Acusativo

A palavra **se** será sujeito acusativo quando aparecer em estruturas formadas pelos auxiliares causativos **fazer, mandar** e **deixar** e pelos auxiliares sensitivos **ver, ouvir, sentir**..., seguidos de **objeto direto** na forma de **oração reduzida** (verbo no infinitivo ou no gerúndio).

Ex. Ela deixou-se levar pelo namorado.
Nós a vimos virando a esquina.
O gerente mandou o garoto buscar os documentos.

Quando o sujeito acusativo for representado por um substantivo plural, o verbo no infinitivo tanto poderá ficar no singular quanto no plural.
Ex. Mandar as garotas fazer o trabalho.
Mandaram as garotas fazerem o trabalho.

08) Conjunção Subordinativa Integrante

A palavra **se** será conjunção subordinativa integrante, quando iniciar oração subordinada substantiva, ou seja, oração que funcione como **sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo do sujeito, complemento nominal** ou **aposto**.

Ex. Não sei se todos terão condições de acompanhar a matéria. (Oração que funciona como OD)
Sentiremos se vocês não comparecerem à solenidade. (Oração que funciona como OD)

08) Conjunção Subordinativa Condicional

A palavra **se** será conjunção subordinativa condicional, quando iniciar oração subordinada adverbial condicional, ou seja, quando iniciar oração que funcione como adjunto adverbial de condição.

Ex. Tudo estaria resolvido, se ele tivesse devolvido o dinheiro.

08) Conjunção Subordinativa Causal

A palavra **se** será conjunção subordinativa causal, quando iniciar oração subordinada adverbial causal, ou seja, quando iniciar oração que funcione como adjunto adverbial de causa.

Ex. Se você sabia que eu não conseguiria, por que me deixou sozinho?

Exercícios

01) Não há conjunção subordinativa integrante:
a) " Se subiu, ninguém sabe, ninguém viu"
b) Falam que ela se feria de propósito
c) Se vai ou fica, todos querem saber
d) Saberia me dizer se ela já se foi
e) Perguntaram-me se sabíamos ler

02) "Bem desventurado seria ele, se tivesse que ganhar o pão com o que aprendera nos cursinhos":
a) pronome pessoal oblíquo
b) conjunção condicional
c) pronome relativo
d) objeto direto
e) objeto indireto

03) Assinale a frase na qual o se não é pronome apassivador nem índice de indeterminação do sujeito:
a) Estudou-se o assunto
b) Ela se suicidou ontem
c) Falou-se muito sobre aquela festa
d) Aos inimigos não se perdoa
e) Fizeram-se as reformas da casa

04) Aponte a alternativa na qual o "se" é índice de indeterminação do sujeito.
a) Trabalha-se dia e noite
b) Pedro atirou-se no trabalho
c) Maria se faz de boba
d) Todos se julgam espertos
e) Consertam-se relógios digitais

05) "O herdeiro, longe de compadecer-se, sorriu e, por esmola, atirou-lhe três grãos de milho. O se no trecho anterior é:
a) índice de indeterminação do sujeito
b) pronome apassivador
c) pronome reflexivo
d) partícula expletiva
e) parte integrante do verbo

Para os exercícios de 507 a 511, assinale com "C "as classificações corretas e com "I" as incorretas.

06) (   ) Tempo não se mede pelos ponteiros do relógio (pronome apassivador)
07) (   ) Foram-se embora os mais belos sonhos (índice de indeterminação do sujeito)
08) (   ) Não sei se o vinho está bom (conjugação subordinativa condicional)
09) (   ) A federação arroga-se o direito de cancelar o jogo (pronome reflexivo na função de objeto indireto)
10) (   ) Sofia deixou-se estar à janela (pronome reflexivo na função de sujeito)

11) Assinale a alternativa com erro:
a) Já se ouviam os primeiros cantos dos pássaros
b) Na torre da igreja, bateram, agora mesmo, duas horas
c) No meu registro, ainda faltam algumas notas
d) Não se vê mais pessoas como aquelas por aqui

12) Assinale a alternativa com erro:
a) Ele disse que deve haver muitos alunos neste colégio
b) Hoje faz exatamente dois anos que tudo aconteceu
c) Durante a tarde, ainda se ouviu, ao longe, alguns tiros
d) As lutas que houve naquele tempo mataram muita gente

13) O verbo haver foi incorretamente empregado na alternativa:
a) Não havia dúvidas de que ele era o culpado
b) Ainda hão de existir pessoas que se lembrem do caso
c) Creio que não haverão mais problemas nesta escola
d) O policial informou que houve acidentes naquela região

14) "Assim que _______dez horas no relógio da torre, dois velhos __________fechar a porta do casarão".
a) soa, vêm
b) soam, vem
c) soam, vêm
d) soa, vêem

15) Assinale o item que completa corretamente as lacunas da frase:
I – Os mais preocupados com a situação _____realmente nós dois.
II – Daqui a Jundiaí _________ apenas 60 quilômetros.
III – Os estudos ________ sua maior lida.
a) eram, é, era
b) era, são eram
c) éramos, são, são
d) era, é, era

Para as questões de 16 a 22, assinale a alternativa incorreta, ou seja, com incorreção:

16)
a) Realizam-se várias inspeções naquela área
b) Pode haver, no máximo, dez pessoas no auditório
c) Vai fazer dois dias que está chovendo em Brasília
d) O regulamento diz que não podem haver rasuras no documento

17)
a) Vêem-se, ao longe, inúmeros alunos
b) Ocorreram, simultaneamente, várias explosões
c) Só veio eu e meus irmãos
d) Ainda não se fizeram os preparativos da festa

18)
a) Organizem-se em turmas de socorro! – ordenou o comandante
b) Espero que haja aqui pessoas honestas
c) Os jogadores se houveram bem durante a partida
d) Localizaram-se, em pouco tempo, o defeito das máquinas

19)
a) Já faz vinte dias que ele partiu para a América
b) Ele é um dos que veio confortar-se na desgraça
c) Quando bate 5 horas na torre, já não se ouve mais as preces das beatas
d) Deve haver poucos alunos bons

20)
a) Mais de um jornal revelou a verdade sobre o crime
b) Haja vista os fatos, comprova-se a teoria
c) Qual dentre vós será capaz de tal gesto!
d) Não deve haver vagas para todos os inscritos

21)
a) Deve fazer dois dias que a estrada está interditada
b) Sem educação não pode haver cidadãos conscientes
c) Há de existir profissionais capazes para o trabalho
d) Não deve haver vagas para todos os inscritos

22)
a) Dizem que não há provas de sua inocência
b) Naquela casa, tudo era tristeza
c) Talvez haja algumas pessoas direitas na política...
d) Tem dias tristes em nossa vida

23) Assinale a concordância incorreta:
a) Ontem faltou perto de dez mesas
b) Os professores ainda não chegaram
c) Um enxame atacou o caçador
d) Divulgou-se, a pedido de todos os interessados, o resultado

24) Cometeu-se erro de concordância:
a) Vossa Eminência ansiais pelo fim da guerra?
b) Quantos de vós falareis com o ministro?
c) Hão de existir dias melhores...
d) Hoje é dia 17 de dezembro de 1999.

25) A única alternativa incorreta:
a) Cinco mil reais é muito
b) Todos tem problemas, eu também
c) Não me interessam tuas mágoas
d) Algum de nós ficou triste?

26) Assinale a alternativa que permite outra forma de concordância:
a) Cerca de dez carros derraparam
b) Mais de um carro derrapou
c) Nem um nem outro usava sapatos novos
d) O técnico, com seus atletas, está viajando

27) Assinale o item incorreto:
a) Vai parar de existir problemas
b) Hoje é dia vinte de maio de 1999
c) No início tudo é flores
d) Na juventude tudo são flores

28) Assinale o único item correto:
a) Ainda resta poucas vagas na sala
b) Falta cinco dias para as férias
c) Uma parte dos alunos saiu cedo
d) Os Estados Unidos fabrica muitos carros

29) Assinale o item que permite outra forma de concordância:
a) Fui eu que compliquei o jogo
b) Éramos quem ajudava os alunos
c) Juca ou Joca vencerá a corrida
d) Nove horas, bateu, agora, o relógio da torre

30) Assinale a alternativa correta:
a) Hão de existir motivos sérios
b) Eu, tu e ela brigava muito
c) Livros, lápis, borrachas, tudo se acaba rapidamente
d) Nem um nem outro deputados veio votar o projeto

31) Assinale a alternativa que não pode ter outra forma de concordância verbal:
a) Carlos é um dos empregados que não sabe ler
b) Um e outro aluno respondeu ao quesito corretamente
c) Eu, tu e ela, iremos, amanhã ao teatro
d) Um enorme bando de pássaros selvagens pousou ali no varal

32) Assinale a alternativa incorreta:
a) Respondeu-se a todas as questões
b) Um terço dos operários faltaram ao serviço
c) Paulo foi um dos que mais faltaram ao trabalho
d) Perto de dez pessoas foi ao diretor reclamar seus direitos

33) Assinale o item incorreto:
a) Alagoas mostrou muita gente feia
b) Fui eu quem explodiu a dinamite
c) Qual de nós, saberá a resposta
d) No despertador, soou dez e meia

34) Qual é a única incorreta:

a) Acredita-se em fantasmas...
b) Anotaram-se em vários cadernos os nomes dos interessados
c) Havia mais de cem pessoas na sala
d) Chegou eu, Maria e Joana à casa de espetáculos

35) Só uma das alternativas está correta, assinale-a:
a) Dez por cento das provas já foram corrigidas
b) Provêm daí nossas dificuldades
c) Ferro ou pedra machuca nosso pé
d) Os Sertões imortalizou seu autor

36) Indique a alternativa incorreta:
a) Costuram-se camisas
b) Aluga-se um carro para turismo
c) Obedecem-se os mais velhos
d) Aspira-se os grandes momentos

37) __________ resolvidos, na assembléia, os aumentos, _________as constantes altas das tarifas de eletricidade:
a) Ficou, dado
b) Focaram dadas
c) Ficaram dado
d) Ficou, dadas

38) Perguntaram-me que horas _______ - e eu respondi que _______ estar faltando uns cinco minutos para as duas...
a) eram, deviam
b) eram, devia
c) era, devia
d) era, deviam

39) _______progresso quando eles _______a Brasília.
a) Vêm-se, vêem
b) Vêm-se, vêm
c) Vêem-se, vêm
d) Vê-se, vem

40) Não me ________ pareceres nos casos que ________ havido no passado:
a) competem, tenha
b) compete, tenha
c) compete, tenham
d) competem, tenham

41) Alternativa incorreta:
a) Faltam ver de perto aqueles cinco problemas
b) Existem fortes indícios de melhoria geral
c) Não provêm daí os males sofridos
d) Os fatos que o perturbam são bem conhecidos

42) Há uma concordância incorreta:
a) V. Exª, eles e aqueles garotos seguireis depois
b) Eu, tu e nossos amigos iremos no mesmo avião
c) Tu e meus amigos ireis no trem
d) Tu e meus amigos irão no trem

43) Alternativa incorreta:
a) Tratavam-se de questões sérias
b) Comprou-se terreno no subúrbio
c) Precisa-se de datilógrafas
d) Reformaram-se carro e moto

44) Em uma das frases é correta outra forma de concordância. Assinale:
a) A presença dos professores causou o reboliço na sala
b) Bastavam-lhe a paz e a promessa
c) De nada valeram as lágrimas de Mariana e os gritos da mãe
d) As coisa eram tristes, frias e silenciosas, opacas e duras

45) Num dos provérbios abaixo não se observa a concordância prescrita pela gramática. Assinale:
a) Não se apanham moscas com vinagre
b) Casamento e mortalha no céu se talha
c) Quem ama o feio, bonito lhe parece
d) De boas ceias, as sepulturas estão cheias

46) Indique a alternativa gramaticamente incorreta:
a) Deram duas horas
b) O relógio deu duas horas
c) Tinha soado seis horas no relógio
d) O sino bateu duas horas

47) Assinale a opção em que a lacuna pode ser preenchida por qualquer uma das formas verbais entre parênteses:
a) Um de seus sonhos ________ morrer na terra natal (era, eram)
b) Uma porção de sabiás ___________na laranjeira (cantava, cantavam)
c) Sou eu que _______ morrer ouvindo o canto de sabiás (quero, quer)
d) Hoje _____ 1º de maio de 1999 (são, é)

48) A concordância incorreta é:
a) Os Lusíadas imortalizaram Camões
b) Quais de vós ireis à escola?
c) Outrora poderia existir opiniões diferentes sobre a matéria
d) Quem dentre nós fará o discurso?

49) Assinale a concordância errada:
a) Nem um nem outro renegaram a fé
b) Nem um nem outro apareceu ainda
c) Mais de um constituinte votou a favor do projeto
d) Mais de um constituinte cumprimentou-se com efusão

50) Não _________ meios de avisá-los de que já _______ fazer anos que ________ livros em nosso estoque:
a) houveram, devem faltam
b) houvera, devem faltam
c) houve, devem falta
d) houve, deve, faltam

51) _______ dez horas que se ______ iniciado os trabalhos de apuração de votos sem que se ________ quais seriam os candidatos vitoriosos:
a) Fazia, haviam, previsse
b) Faziam, haviam, prevesse
c) Fazia, havia, previsse
d) Fazia, haviam, prevessem

52) Indique a alternativa correta:
a) Filmes, novelas boas conversa, nada os tiravam da apatia
b) A pátria não é ninguém: somos todos
c) Se não vier as chuvas, como faremos para colher?
d) Vossa Senhoria vos preocupais demasiadamente com vossa imagem

53) Complete as lacunas:
1. Hoje _______ 24 de janeiro de 2000
2. Trinta quilômetros _______ pouco
3. Já ________ uma e vinte
4. _______ ser duas horas

a) é – são – era - Deve
b) é – é – eram - Devem
c) são – é – era - Devem
d) são – é – eram- Deve

54) Assinale a frase incorreta:
a) Faz dois meses que não chove
b) Vai fazer dez dias que não saio de casa
c) Não pode existir rasuras neste documento
d) Da minha casa até a do Ricardão são só cinco quadras e meia

Respostas Exercícios Sobre a Palavra "SE"

01) B
02) B
03) B
04) A
05) E
06) C
07) I
08) I
09) C
10) C
11) D
12) C
13) C
14) C
15) C
16) D
17) C
18) D
19) C
20) D
21) C
22) D
23) A
24) A
25) B
26) C
27) A
28) C
29) B
30) A
31) C
32) D
33) D
34) D
35) B
36) C
37) B
38) A
39) C
40) A
41) A
42) A
43) A
44) B
45) B
46) C
47) B
48) C
49) D
50) D
51) A
52) B
53) C
54) C

Crase

A palavra **crase** provém do grego (krâsis) e significa **mistura**. Na língua portuguesa, **crase é a fusão de duas vogais idênticas**, mas essa denominação visa a especificar principalmente a contração ou fusão da **preposição a** com os artigos **definidos femininos** (**a, as**) ou com os **pronomes demonstrativos a, as, aquele, aquela, aquilo, aquiloutro, aqueloutro** .

Para saber se ocorre ou não a crase, basta seguir três regras básicas:

01) Só ocorre crase diante de palavras femininas, portanto nunca use o acento grave indicativo de crase diante de palavras que não sejam femininas.

Ex. O sol estava a pino. Sem crase, pois pino não é palavra feminina.
Ela recorreu a mim. Sem crase, pois mim não é palavra feminina.
Estou disposto a ajudar você. Sem crase, pois ajudar não é palavra feminina.

02) Se a preposição a vier de um verbo que indica destino (ir, vir, voltar, chegar, cair, comparecer, dirigir-se...), troque este verbo por outro que indique procedência (vir, voltar, chegar...); se, diante do que indicar procedência, surgir da, diante do que indicar destino, ocorrerá crase; caso contrário, não ocorrerá crase.

Ex. Vou a Porto Alegre. Sem crase, pois Venho de Porto Alegre.
Vou à Bahia. Com crase, pois Venho da Bahia.

Obs.: Não se esqueça do que foi estudado em Artigo.

03) Se não houver verbo indicando movimento, troca-se a palavra feminina por outra masculina; se, diante da masculina, surgir ao, diante da feminina, ocorrerá crase; caso contrário, não ocorrerá crase.

Ex. Assisti à peça. Com crase, pois Assisti ao filme.
Paguei à cabeleireira. Com crase, pois Paguei ao cabeleireiro.
Respeito as regras. Sem crase, pois Respeito os regulamentos.

Casos especiais

01) Diante das palavras moda e maneira, das expressões adverbiais à moda de e à maneira de, mesmo que as palavras moda e maneira fiquem subentendidas, ocorre crase.

Ex. Fizemos um churrasco à gaúcha.
Comemos bife à milanesa, frango à passarinho e espaguete à bolonhesa.
Joãozinho usa cabelos à Príncipe Valente.

02) Nos adjuntos adverbiais de modo, de lugar e de tempo femininos, ocorre crase.

Ex. à tarde, à noite, às pressas, às escondidas, às escuras, às tontas, à direita, à esquerda, à vontade, à

revelia ...

03) Nas locuções prepositivas e conjuntivas femininas ocorre crase.

Ex. à maneira de, à moda de, às custas de, à procura de, à espera de, à medida que, à proporção que...

04) Diante da palavra distância, só ocorrerá crase, se houver a formação de locução prepositiva, ou seja, se não houver a preposição de, não ocorrerá crase.

Ex. Reconheci-o a distância.
Reconheci-o à distância de duzentos metros.

05) Diante do pronome relativo que ou da preposição de, quando for fusão da preposição a com o pronome demonstrativo a, as (= aquela, aquelas).

Ex. Essa roupa é igual à que comprei ontem.
Sua voz é igual à de um primo meu.

06) Diante dos pronomes relativos a qual, as quais, quando o verbo da oração subordinada adjetiva exigir a preposição a, ocorre crase.

Ex. A cena à qual assisti foi chocante. (quem assiste assiste a algo)

07) Quando o a estiver no singular, diante de uma palavra no plural, não ocorre crase.

Ex. Referi-me a todas as alunas, sem exceção.
Não gosto de ir a festas desacompanhado.

08) Nos adjuntos adverbiais de meio ou instrumento, a não ser que cause ambigüidade.

Ex. Preencheu o formulário a caneta.
Paguei a vista minhas compras.

Nota: Modernamente, alguns gramáticos estão admitindo crase diante de adjuntos adverbias de meio, mesmo não ocorrendo ambigüidade.

09) Diante de pronomes possessivos femininos, é facultativo o uso do artigo, então, quando houver a preposição a, será facultativa a ocorrência de crase.

Ex. Referi-me a sua professora.
Referi-me à sua professora.

10) Após a preposição até, é facultativo o uso da preposição a, portanto, caso haja substantivo feminino à frente, a ocorrência de crase será facultativa.

Ex. Fui até a secretaria.
Fui até à secretaria.

11) A palavra **CASA**:
A palavra casa só terá artigo, se estiver especificada, portanto só ocorrerá crase diante da palavra casa nesse caso.

Ex. Cheguei a casa antes de todos.
Cheguei à casa de Ronaldo antes de todos.

12) A palavra **TERRA**:
Significando planeta, é substantivo próprio e tem artigo, conseqüentemente, quando houver a preposição a, ocorrerá a crase; significando chão firme, solo, só tem artigo, quando estiver especificada, portanto só nesse caso poderá ocorrer a crase.

Ex. Os astronautas voltaram à Terra.
Os marinheiros voltaram a terra.
Irei à terra de meus avós.

Exercícios

Para as questões de 01 a 34, assinale com ”C” as frases corretas e com “I “as Incorretas:

01) ( ) A assistência às aulas é indispensável
02) ( ) É expressamente proibida a entrada de pessoas estranhas
03) ( ) Nunca te dirijas à pessoas despreparadas
04) ( ) Não vai a festa nem a igreja: não vai a parte alguma
05) ( ) Usarias um bigode à Salvador Dali?
06) ( ) Notícias ruins vêm à jato, as boas à cavalo
07) ( ) Esta novela nem se compara a que assistimos
08) ( ) Não me referi a essas caixas, mas as que estão na sala
09) ( ) Florianópolis possui muitas praias, as quais visitaremos
10) ( ) Prefiro esta matéria a aquela que estudávamos
11) ( ) Obedecerei àquilo que for determinado em lei
12) ( ) O deputado foi a Grécia comprar vinho
13) ( ) O professor foi a Taguatinga comprar pinga
14) ( ) Vocês, caros alunos, ainda visitarão a Europa
15) ( ) Gostaria de ir a Curitiba dos pinheirais
16) ( ) Chegou a casa e logo se jogou na cama
17) ( ) Jamais voltou à casa paterna
18) ( ) Irei a cada de meus pais
19) ( ) Os turistas foram à terra comprar flores
20) ( ) Os marujos desconheciam à terra do capitão
21) ( ) Acabarão chegando à terra dos piratas
22) ( ) Será que aqueles astronautas voltarão a Terra?
23) ( ) A polícia observava os manifestantes a distância
24) ( ) Via-se, a distância de cem metros, uma pequena rocha
25) ( ) Diga a Adriana que a estamos esperando
26) ( ) Avisa a Adriana, minha filha, que amanhã teremos prova
27) ( ) O diretor fez alusões a sua classe e não a minha
28) ( ) O cônsul enviou vária cartas as suas filhas
29) ( ) O conselheiro jamais perdoou a Dona Margarida
30) ( ) Esta alameda frondosa vai até à chácara de meu pai
31) ( ) Os meninos cheiravam a cola
32) ( ) Eles viviam à toa, mas sempre à procura de dinheiro
33) ( ) Enriqueciam a medida que os vizinhos se empobreciam
34) ( ) Estamos esperando desde às oito horas da manhã

35) Nas manchetes a seguir, assinale a alternativa em que não ocorre crase:
a) Cárter acusa Israel de criar obstáculos a paz
b) Presidente sírio pede a ajuda do Parlamento par vencer a corrupção
c) Itália pede a Alemanha extradição de nazistas
d) Poço na bacia de Campos leva Petrobrás a maior jazida já descoberta

36) Assinale a alternativa com erro:
a) Você já esteve em Roma? Eu irei logo a Roma
b) Refiro-me à Roma antiga, na qual viveu César
c) Fui a Lisboa de meus avós, pois lá todas as coisas têm gosto da minha infância
d) Já não agrada ir a Brasília. A gasolina está muito cara

37) Marque a alternativa em que a crase é facultativa:
a) Contei o caso à Maria
b) Paguei o que devia à dona da loja
c) Saiu às quinze horas
d) Por desobedecer às regras do jogo, fui expulso

38) A crase está errada na alternativa:
a) Fiz alusão à Roma antiga
b) Fazes referências à criaturas estranhas
c) Saíram às pressas
d) Obedecendo à ordem geral, compareceu ao desfile

39) Não ocorre crase:
a) Pediu desculpas a S. Exª
b) Assistiremos a missa
c) não o levaremos aqueles sombrios lugares
d) Lá estaremos as dezessete horas

40) ____noite, todos os operários voltaram ____ fábrica e só deixaram o serviço _____ uma hora da manhã:
a) Há – à - à
b) A – a - a
c) À – à - à
d) À – a - há

41) Assinale a alternativa em que a lacuna da primeira frase deve ser preenchida com a e a da Segunda com à:
a)
I. As moças não gostam de andar ___ cavalo.
II. Ele percorreu o Brasil de ponta ___ ponta
b)
I. Essa é a tua caneta, eu me refiro ____ minha
II. Ele quer as coisa ___ ferro e fogo
c)
I. Regresso ___ casa paterna tal qual filho pródigo
II. Quem tem boca vai ___ Roma
d)
I. Apresento minhas desculpas ___ Vossa Excelência
II O menino voltou ___ escola com novo ânimo

42) Preencha corretamente as lacunas:

1. Apesar da insistência, não compareci ___ jantar
2. Ganhou uma jóia semelhante ___ que lhe haviam roubado
3. Naquele dia, não atendeu ___ nenhuma chamada
4. Aludiu ___ outras obras do autor
a) aquele – à – a - à
b) aquele – a – à - a
c) àquele – à – à - a
d) àquele – à – a – a

43) Preencha corretamente as lacunas:
1. Dirigiu-se ___ cada um em particular
2. Encostou a cabeça ___ parede
3. Todos vão ___ festa
4. Voltou apressado ___ casa do pai
5. O carro estava ___ uma distância de 50 passos
a) a – a – à – a – a
b) a – à – a – a- à
c) a – à – a – à - a
d) à – a – a – à - a

44) "Ele foi ___ cidade; dirigiu-se ___ referida pensão e aí, pondo-se ___ vontade, pediu ___ criada um cozido ___ portuguesa":
a) à – à – a – a – à
b) à – a – a – a – à
c) a – a – a – à – à
d) à – à – à – à - à

45) "Agradeço ___ Vossa Senhoria ___ oportunidade para manifestar minha opinião ___ respeito."
a) à – a – à
b) à – a – a
c) a – a – à
d) a – a – a

46) Muita atenção, observe os períodos abaixo:
I. Sempre que ia à Rio Pardo, Maneco Terra costumava apresentar os seus cumprimentos à velha mãe
II. Graças à sua formação, ele está sempre mais predisposto ao perdão do que à justiça
III. Dedica-se com carinho à família, ao amanho da terra e às suas lavouras e plantações
IV. Solicito a V. Exº que dê permissão a esta funcionária para apresentar-se a nova repartição
V. Aspira, há muito, à nomeação para ao cargo a que tem direito adquirido e indiscutível
VI. A Aeronáutica colocou vários helicópteros à disposição, à fim de socorrer a todos os atingidos pelo terremoto
A alternativa em que todos acentos indicadores da crase estão corretos é:
a) II, II, V, VI

b) II, III, V,
c) II, IV.
d) I, III

47) "____ esperança jamais _____ de acabar enquanto você tiver forças para vencer _____ decepções, energia para superar ____ dificuldades ____ que todos estamos sujeitos:
a) A – há – as – as – a
b) À – há – às – as – a
c) A – a – as – as – a
d) A – há – às – as – à

48) Assinale o período em que há 2 casos de crase:
a) Chegando a casa, achou abertas as janelas
b) Agradecia as colegas os elogios feitos a pesquisa que apresenta
c) Referindo-se a poesia romântica, fez comentários a respeito de Castro Alves
d) Indiferentes as queixas, ia respondendo a pergunta

49) Examinando as sentenças:
- Refiro-me àquilo que discutimos
- Chegamos à Argentina de madrugada
- Ele era insensível à dor
- Dedico minhas poesia à Rita Mara
a) apenas uma está correta
b) apenas duas estão corretas
c) apenas três estão corretas
d) todas estão corretas

50) É preciso completar com à:

1. O deputado usou uma tática idêntica ___ que a oposição utilizara
2. A máquina de votar reduz ___ zero o número de seções eleitorais
3. Outros ataques se dirigem ___ técnica utilizada no filme
4. O filme passa abruptamente de cenas na alta sociedade ___ execução de prisioneiros
a) sim, não, sim, sim
b) não, não, não, não
c) sim, sim, não, sim
d) não , sim, sim não

51) Qual a alternativa conveniente?
1. Aquela é a moça ___ que aludi
2. Visei a alcançar ___ função
3. Os livros pertencem ao irmão e ___ irmã
4. Chegando ___ estação, João levantou-se

a) a – aquela – à - à
b) a – àquela – à - a
c) à – aquela – à - à
d) à – àquela – à – à

52) Em que frase o "A" não recebeu o acento grave corretamente:
a) O poeta chama ira à brutalidade, à violência da luta
b) Quanto às iras impotentes, são as mesmas sempre desprezíveis
c) À cólera se segue a aflição, que nos traz o arrependimento
d) Acredito que à ira nada se atreve, sem que a alma o consinta

53) Em que frase o "A" deve receber o acento indicador da crase?
a) Não me refiro aqui senão a catástrofes individuais
b) Assistiu a cena, sem que suas feições denotassem ressentimento
c) A que levam essas questões? A conhecer a ira, a conhecê-la bem
d) Não se atente a um mal menor quando um maior nos ameaça

54) Complete as lacunas:
1. Os convidados sentaram-se ___ mesa de jantar
2. Compareci ___ cerimônia de posse do novo governador
3. Não tendo podido ir ___ faculdade hoje, prometo assistir ____ todas as aulas amanhã

a) à – a – a - à

b) na – na – à - a
c) à – à – à - a
d) há – na – à – à

55) Não devemos atribuir ___ ciência ___ responsabilidade pelas páginas ruins que a humanidade venha ___ escrever:
a) à – a - a
b) a – à – à
c) à – à - a
d) a – à - a

56) A vida comunitária impõe ___ todas as pessoas certas restrições e obriga-nos a submeter ___ nossa vontade pessoal ___ vontade da maioria:
a) a – a - à
b) a – à – à
c) à – à - a
d) à – à - à

57) Preencha s lacunas:
1. Daqui ___ duas hora, dou-lhe isto pronto
2. Isto aconteceu ___ muitos anos
3. Daí ___ dias encontrei-o solto
a) a – há - a
b) à – a – à
c) às – a - há
d) a – a - a

58) Todas ___ Sexta-feira vamos ___ faculdade ___ pé, percorrendo a rua XV de ponta ___ponta:
a) às – à – a - a
b) às – à – à - a
c) às – à – à - à
d) as – à – a - a

59) Em que lacuna empregaríamos crase?
a) Joana esteve, ___ noite, em minha casa
b) Voltei ___ casa muito tarde
c) O tribuno referia-se ___ quaisquer pessoa
d) Estamos na vila ___ vinte anos

60) "Estou ___ seu dispor ___ qualquer hora da tarde, ___ menos que surja algum imprevisto:
a) a – à – à
b) à – à – a
c) à – à – à
d) a – a – a

61) "Estava ___ voltas com um problema, mas planejava, daí ___ pouco, ir ___ casa do comendador:
a) às – à - à
b) às – à - a
c) as - a - à
d) às – a – à

62) "As questões apresentadas ___ alunas do terceiro ano eram semelhantes ___ que enviamos ___ se
a) às – às - a
b) às – às - à
c) às – as - à
d) as – as – à

63) "Resistirei ___ pressão, pois estou prestes ___ transferir-me e devo evitar aborrecimentos ___ que confiaram em mim:
a) à – a – às
b) a – à - às
c) à – à - às
d) a – a- às

64) Foi ___ conselho de amigos que se dirigiu ___ esse médico de quem ___ muito ouvira falar:
a) à – à - há
b) a – a - à

c) a – à – à
d) a – a - há

Respostas Sobre Crase

01) C
02) C
03) I
04) C
05) C
06) I
07) I
08) I
09) C
10) I
11) C
12) I
13) C
14) C
15) I
16) C
17) C
18) C
19) I
20) I
21) C
22) I
23) C
24) I
25) C
26) I
27) I
28) I
29) C
30) C
31) C
32) C
33) I
34) I
35) B
36) C
37) A
38) B
39) A
40) C
41) D
42) D
43) C
44) D
45) D
46) B
47) A
48) B
49) D
50) A
51) A
52) D
53) B
54) C
55) A
56) A
57) A
58) D
59) A
60) D
61) D
62) B
63) A
64) D

Problemas Gerais da Língua Culta

A intenção desta parte é fixar a forma certa de algumas palavras e expressões que sempre trazem dificuldades para o brasileiro em geral.

Emprego de algumas palavras e expressões semelhantes:

1. Que e Quê

***Que** é pronome, conjunção, advérbio ou partícula expletiva.
***Quê** é um substantivo (com o sentido de "alguma coisa"), interjeição (indicando surpresa, espanto) ou pronome em final de frase (imediatamente antes de ponto final, de interrogação ou de exclamação)

Ex. ***Que*** você pretende, tratando-me dessa maneira?
Você pretende o ***quê***?
Quê!? Quase me esqueço do nosso encontro.

2. Mas e Mais

* **Mas** é uma conjunção adversativa, de mesmo valor que "porém, contudo, todavia, no entanto, entretanto".
* **Mais** é um advérbio de intensidade, mas também pode dar idéia de adição, acréscimo; tem sentido oposto a ***menos***.

Ex. Eu iria ao cinema, ***mas(porém)*** não tenho dinheiro.
Ela é a ***mais*** (menos) bonita da escola.

3. Onde, Aonde e Donde

* **Onde** significa "em que lugar".
* **Aonde** significa "a que lugar".
* **Donde** significa "de que lugar".

Ex. ***Onde*** (em que lugar) você colocou minha carteira?

Aonde (a que lugar) você vai, menina?
Donde (de que lugar) tu vieste?

4. Mal e Mau

* **Mal** é advérbio, antônimo de "bem".
* **Mau** é adjetivo, antônimo de "bom"

Ex. Ele é um homem ***mau*** (não é bom); só pratica o ***mal*** (e não o bem).
* **Mal** também é substantivo, podendo significar "doença, moléstia, aquilo que é prejudicial ou nocivo"

Ex. O ***mal*** da sociedade moderna é a violência urbana.

5. A par e Ao par

* **A par** é usado, no sentido de "estar bem informado", ter conhecimento".
* **Ao par** só é usado para indicar equivalência entre valores cambiais.

Ex. Estou ***a par*** de todos os acontecimentos.
O real está ***ao par*** do dólar.

6. Ao encontro de e De encontro a

* **Ao encontro de** indica "ser favorável a", "ter posição convergente" ou "aproximar-se de".
* **De encontro a** indica oposição, choque, colisão.

Ex. Suas idéias vêm ***ao encontro d***as minhas, mas suas ações vão ***de encontro a***o nosso acordo. (Suas idéias são tais quais as minhas, mas suas ações são contrárias ao nosso acordo)

7. Há e A na expressão de tempo

* **Há** é usado para indicar tempo decorrido.
* **A** é usado para indicar tempo futuro.

Ex. Ele partiu ***há*** duas semanas.
Estamos ***a*** dois dias das eleições.

8. Acerca de, A cerca de e Há cerca de

* **Acerca de** é locução prepositiva equivalente a "sobre, a respeito de".
* **A cerca de** indica aproximação.
* **Há cerca de** indica tempo decorrido.

Ex. Estávamos falando ***acerca de*** política.
Moro ***a cerca de*** 2 Km daqui.
Estamos rompidos ***há cerca de*** dois meses.

9. Afim e A fim de

* **Afim** é adjetivo equivalente a "igual, semelhante".
* **A fim de** é locução prepositiva que indica finalidade.

Ex. Nós temos vontades ***afins***.
Ela veio ***a fim de*** estudar seriamente.

10. Senão e Se não

* **Senão** significa "caso contrário, a não ser".
* **Se não** ocorre em orações subordinadas adverbiais condicionais; equivale a "caso não".

Ex. Nada fazia ***senão*** reclamar.
Estude bastante, ***senão*** não sairá sábado à noite.
Se não estudar, não sairá sábado à noite.

11. Nós viemos e Nós vimos

* **Nós viemos** é o verbo ***vir*** no pretérito perfeito do indicativo, ou seja, no passado.

*** Nós vimos** é o verbo ***vir*** no presente do indicativo.

Ex. Ontem, nós ***viemos*** procurá-lo, mas você não estava.
Nós ***vimos*** aqui, agora, para conversar sobre nossos problemas.

12. Torcer por e Torcer para

*** Torcer por**, pois o verbo torcer exige esta preposição.
*** Torcer para** é usado, quando houver indicação de finalidade, equivalente a "para que", "a fim de que".

Ex. ***Torço pelo*** Santos.
Torço para que o Santos seja o campeão.

13. Desencargo e Descargo

*** Desencargo** significa "desobrigação de um encargo, de um trabalho, de uma responsabilidade".
*** Descargo** significa "alívio".

Ex. Filho que se forma é mais um ***desencargo*** de família para o pai.
Devolvi o dinheiro por ***descargo*** de consciência.

14. Sentar-se na mesa e Sentar-se à mesa

*** Sentar-se na mesa** significa sentar-se sobre a mesa.
*** Sentar-se à mesa** significa sentar-se defronte à mesa. O mesmo ocorre com "**estar ao computador, ao telefone, ao portão, à janela ...**

Ex. ***Sentei-me a***o computador para trabalhar.
Sentei-me na mesa, pois não encontrei cadeira alguma.

15. Tilintar e tiritar

*** Tilintar** significa "soar".
*** Tiritar** significa "tremer de frio ou de medo".

Ex. A campainha ***tilintava*** sem parar.
O rapaz ***tiritava*** de frio.

16. Ao invés de e Em vez de

*** Ao invés de** indica "oposição, situação contrária".
*** Em vez de** indica "substituição, simples troca".

Ex. ***Em vez de*** ir ao cinema, fui ao teatro.
Descemos, ***ao invés de*** subir.

17. Estadia e Estada

*** Estadia** é usado para veículos em geral.
*** Estada** é usado para pessoas.

Ex. Foi curta minha ***estada*** na cidade.
Paguei a ***estadia*** de meu automóvel.

18. A domicílio e Em domicílio

*** A domicílio** só se usa quando dá idéia de movimento.
*** Em domicílio** se usa sem idéia de movimento.

Ex. Enviarei ***a domicílio*** seus documentos.
Fazemos entregas ***em domicílio***
Levaram ***a domicílio*** as compras.
Damos aulas particulares ***em domicílio***.

19. Estágio e Estádio

*** Estágio** é preparação (profissional, escolar ..).

*** Estádio** significa "época, fase, período".

Ex. Estou no primeiro ano de ***estágio*** na empresa.
Naquela época o país passava por um ***estádio*** de euforia.

20. Perca e Perda

*** Perca** é verbo.
*** Perda** é substantivo.

Ex. _ Não ***perca*** a paciência, pois essa ***perda*** de gols não se repetirá, disse o jogador ao técnico.

21. Despercebido e Desapercebido

*** Despercebido** significa "sem atenção".
*** Desapercebido** significa "desprovido, desprevenido".

Ex. O fato passou-me totalmente ***despercebido***.
Ele estava ***desapercebido*** de dinheiro.

22. Escutar e Ouvir

*** Escutar** significa "estar atento para ouvir".
*** Ouvir** significa "perceber pelo sentido da audição".

Ex. ***Escutou***, a tarde toda, as reclamações da esposa.
Ao ***ouvir*** aquele som estranho, saiu em disparada.

23. Olhar e Ver

*** Olhar** significa "estar atento para ver".
*** Ver** significa "perceber pela visão".

Ex. Quando ***olhou*** para o lado, nada ***viu***, pois ele saíra de lá.

24. Haja vista e Hajam vista

*** Haja vista** pode-se usar, havendo ou não a preposição ***a*** à frente, estando o substantivo posterior no singular ou no plural.
*** Hajam vista** pode-se usar, quando não houver a preposição ***a*** à frente e quando o substantivo posterior estiver no plural.

Ex. Haja vista aos problemas.
Haja vista os problemas.
Hajam vista os problemas.

Período Composto

Período composto é aquele formado por duas ou mais orações. Há dois tipos de períodos compostos:

1) Período composto por coordenação

Quando as orações não mantêm relação sintática entre si, ou seja, quando o período é formado por orações sintaticamente independentes entre si.
Ex. Estive à sua procura, mas não o encontrei.

2) Período composto por subordinação

Quando uma oração, chamada subordinada, mantém relação sintática com outra, chamada principal.
Ex. Sabemos ***que eles estudam muito.*** (oração que funciona como objeto direto)

Período Composto por Subordinação

A uma oração principal podem relacionar-se sintaticamente três tipos de orações subordinadas: **substantivas, adjetivas** e **adverbiais.**

I. Orações Subordinadas Substantivas

São seis as orações subordinadas substantivas, que são iniciadas por uma conjunção subordinativa integrante (que, se)

A) Subjetiva: funciona como sujeito da oração principal.
Existem três estruturas de oração principal que se usam com subordinada substantiva subjetiva:
verbo de ligação + predicativo + oração subordinada substantiva subjetiva.

Ex. É necessário ***que façamos nossos deveres***.
verbo unipessoal + oração subordinada substantiva subjetiva.
Verbo unipessoal só é usado na 3ª pessoa do singular; os mais comuns são ***convir, constar, parecer, importar, interessar, suceder, acontecer***.
Ex. Convém ***que façamos nossos deveres***.
verbo na voz passiva + oração subordinada substantiva subjetiva.
Ex. Foi afirmado ***que você subornou o guarda***.

B) Objetiva Direta: funciona como objeto direto da oração principal.
(sujeito) + VTD + oração subordinada substantiva objetiva direta.
Ex. Todos desejamos ***que seu futuro seja brilhante***.

C) Objetiva Indireta: funciona como objeto indireto da oração principal.
(sujeito) + VTI + prep. + oração subordinada substantiva objetiva indireta.
Ex. Lembro-me de ***que tu me amavas***.

D) Completiva Nominal: funciona como complemento nominal de um termo da oração principal.
(sujeito) + verbo + termo intransitivo + prep. + oração subordinada substantiva completiva nominal.

Ex. Tenho necessidade de ***que me elogiem***.

E) Apositiva: funciona como aposto da oração principal; em geral, a oração subordinada substantiva apositiva vem após dois pontos, ou mais raramente, entre vírgulas.
oração principal + **:** + oração subordinada substantiva apositiva.

Ex. Todos querem o mesmo destino: ***que atinjamos a felicidade***.

F) Predicativa: funciona como predicativo do sujeito do verbo de ligação da oração principal.
(sujeito) + VL + oração subordinada substantiva predicativa.

Ex. A verdade é ***que nunca nos satisfazemos com nossas posses***.
Nota: As subordinadas substantivas podem vir introduzidas por outras palavras:
Pronomes interrogativos (quem, que, qual...)
Advérbios interrogativos (onde, como, quando...)
Perguntou-se ***quando ele chegaria***.
Não sei ***onde coloquei minha carteira***.

II. Orações Subordinadas Adjetivas

As orações subordinadas adjetivas são sempre iniciadas por um pronome relativo. São duas as orações subordinadas adjetivas:
A) Restritiva: é aquela que limita, restringe o sentido do substantivo ou pronome a que se refere. A restritiva funciona como adjunto adnominal de um termo da oração principal e não pode ser isolada por vírgulas.

Ex. A garota com ***quem simpatizei*** está à sua procura.
Os alunos ***cujas redações foram escolhidas*** receberão um prêmio.

B) Explicativa: serve para esclarecer melhor o sentido de um substantivo, explicando mais detalhadamente uma característica geral e própria desse nome. A explicativa funciona como aposto explicativo e é sempre isolada por vírgulas.

Ex. Londrina, ***que é a terceira cidade do região Sul do país***, está muito bem cuidada.

III. Orações Subordinadas Adverbiais

São nove as orações subordinadas adverbiais, que são iniciadas por uma conjunção subordinativa

A) Causal: funciona como adjunto adverbial de causa.
Conjunções: porque, porquanto, visto que, já que, uma vez que, como, que.

Ex. Saímos rapidamente, ***visto que estava armando um tremendo temporal***.

B) Comparativa: funciona como adjunto adverbial de comparação. Geralmente, o verbo fica subentendido
Conjunções: (mais) ... que, (menos)... que, (tão)... quanto, como.

Ex. Diocresildo era mais esforçado ***que o irmão***(era).

C) Concessiva: funciona como adjunto adverbial de concessão.
Conjunções: embora, conquanto, inobstante, não obstante, apesar de que, se bem que, mesmo que, posto que, ainda que, em que pese.

Ex. Todos se retiraram, ***apesar de não terem terminado a prova***.

D) Condicional: funciona como adjunto adverbial de condição.
Conjunções: se, a menos que, desde que, caso, contanto que.

Ex. Você terá um futuro brilhante, ***desde que se esforce***.

E) Conformativa: funciona como adjunto adverbial de conformidade.
Conjunções: como, conforme, segundo.

Ex. Construímos nossa casa, ***conforme as especificações dadas pela Prefeitura***.

F) Consecutiva: funciona como adjunto adverbial de conseqüência.
Conjunções: (tão)... que, (tanto)... que, (tamanho)... que.

Ex. Ele fala tão alto, ***que não precisa do microfone***.

G) Temporal: funciona como adjunto adverbial de tempo.
Conjunções: quando, enquanto, sempre que, assim que, desde que, logo que, mal.

Ex. Fico triste, ***sempre que vou à casa de Juvenildo***.

H) Final: funciona como adjunto adverbial de finalidade.
Conjunções: a fim de que, para que, porque.

Ex. Ele não precisa do microfone, ***para que todos o ouçam***.

I) Proporcional: funciona como adjunto adverbial de proporção.
Conjunções: à proporção que, à medida que, tanto mais.
À medida que o tempo passa, mais experientes ficamos.

IV. Orações Reduzidas

Quando uma oração subordinada se apresenta **sem conjunção ou pronome relativo** e com o **verbo no infinitivo**, **no particípio** ou **no gerúndio**, dizemos que ela é uma **oração reduzida**, acrescentando-lhe o nome **de infinitivo**, **de particípio** ou **de gerúndio**.

Ex. Ele não precisa de microfone, ***para o ouvirem***.

Período Composto por Coordenação

Um período composto por coordenação é formado por orações coordenadas, que são orações independentes sintaticamente, ou seja, não há qualquer relação sintática entre as orações do período.
Há dois tipos de orações coordenadas:

1. Orações Coordenadas Assindéticas

São as orações não iniciadas por conjunção coordenativa.

Ex. Chegamos a casa, tiramos a roupa, banhamo-nos, fomos deitar.

2. Orações Coordenadas Sindéticas

São cinco as orações coordenadas, que são iniciadas por uma conjunção coordenativa.

A) Aditiva: Exprime uma relação de soma, de adição.
Conjunções: e, nem, mas também, mas ainda.

Ex. Não só reclamava da escola, ***mas também atenazava os colegas***.

B) Adversativa: exprime uma idéia contrária à da outra oração, uma oposição.
Conjunções: mas, porém, todavia, no entanto, entretanto, contudo.

Ex. Sempre foi muito estudioso, ***no entanto não se adaptava à nova escola***.

C) Alternativa: Exprime idéia de opção, de escolha, de alternância.
Conjunções: ou, ou...ou, ora... ora, quer... quer.
Estude, ***ou não sairá nesse sábado***.

D) Conclusiva: Exprime uma conclusão da idéia contida na outra oração.
Conjunções: logo, portanto, por isso, por conseguinte, pois - após o verbo ou entre vírgulas.

Ex. Estudou como nunca fizera antes, ***por isso conseguiu a aprovação***.

E) Explicativa: Exprime uma explicação.
Conjunções: porque, que, pois - antes do verbo.

Ex. Conseguiu a aprovação, ***pois estudou como nunca fizera antes***.

EXERCÍCIOS

1- Na frase " Maria do Carmo tinha certeza de que estava para ser mãe" a oração em destaque é :
a) Subordinada substantiva objetiva indireta
b) Subordinada substantiva completiva nominal.
c) Subordinada substantiva predicativa.
d) Coordenada sindética conclusiva
e) Coordenada sindética explicativa

2- Qual o período em que há oração subordinada substantiva predicativa ?
a) Meu desejo é que você passe nos exames vestibulares.
b) Sou favorável a que o aprovem.
c) Desejo-te isto que sejas feliz.
d) O aluno que estuda consegue superar as dificuldades do vestibular.
e) Lembre-se de que tudo passa neste mundo.

3- Marque a opção que contém oração subordinada substantiva completiva nominal:
a) "Tanto eu como Pascoal tínhamos preço de que o patrão topasse Pedro Barqueiro nas ruas da cidade"
b) " Era preciso que ninguém desconfiasse do nosso conluio para prendermos o Pedro Barqueiro."
c) "Para encurtar a história patrãozinho achamos Pedro Barqueiro no rancho que só tinha três divisões a sala, o quarto dele e a cozinha."
d) " Quando chegamos, Pedro estava no terreiro debulhando milho que havia colhido em sua rocinha ali perto "
e) "Pascoal me fez um sinalzinho, eu dei a volta e entrei pela porta do fundo para agarrar o Barqueiro pelas costas"

4- As orações subordinadas substantivas que aparecem nos períodos abaixo são todas subjetivas exceto:
a) Decidiu-se que o período subiria de preço.
b) É muito bom que o homem vez por outra reflita sobre sua vida.
c) Ignoras quanto custou meu relógio?
d) Perguntou-se ao diretor quando seríamos recebidos.
e) Convinha-nos que você estivesse presente à reunião.

5- Na frase " Argumentei que não é justo que o padeiro ganhe festas" as orações introduzidas pela conjunção que são respectivamente :
a) Ambas subordinadas substantivas objetivas diretas
b) Ambas subordinadas subjetivas
c) Subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva subjetiva.
d) Subordinada objetiva direta e coordenada assindética .
e) Subordinada substantiva objetiva e subordinada substantiva predicativa.

6- Em " É possível que comunicassem sobre política" a segunda oração é :
a) Subordinada substantiva subjetiva.
b) Subordinada adverbial predicativa.
c) Subordinada substantiva predicativa
d) Principal
e) Subordinada substantiva objetiva direta.

7- A palavra se é conjunção subordinativa integrante (introduzindo oração subordinada substantiva objetiva direta) em qual das orações seguintes?
a) Ele se morria de ciúmes pelo patrão.
b) A Federação arroga-se o direito de cancelar o jogo.
c) O aluno fez-se passar por doutor.
d) Precisa-se de pedreiros.
e) Não sei se o vinho está bom.

8- " As cunnãs tinham ensinado para ele que o sagüi-açu não era sagüim não, chamava elevador e era uma máquina ."
Em relação à oração não destacada as orações em destaque são respectivamente :
a) Subordinada substantiva objetiva direta coordenada assindética coordenada sindética aditiva.
b) Subordinada adjetiva restritiva coordenada assindética -coordenada sindética aditiva.
c) Subordinada substantiva objetiva direta subordinada substantiva objetiva direta coordenada sindética aditiva.
d) Subordinada substantiva objetiva direta subordinada substantiva objetiva direta
e) Subordinada substantiva subjetiva coordenada assindética coordenada sindética aditiva.

9- " Se ele confessou , não sei." A oração destacada é:
a) Subordinada adverbial temporal
b) Subordinada substantiva objetiva direta
c) Subordinada substantiva objetiva indireta
d) Subordinada substantiva supletiva
e) Subordinada substantiva predicativa

10- " A verdade é que a gente não sabia nada"
Classifica -se a segunda oração como:
a) Subordinada substantiva objetiva direta
b) Subordinada adverbial conformativa
c) Subordinada substantiva objetiva indireta
d) Subordinada substantiva predicativa
e) Subordinada substantiva apositiva.

11- Leia atentamente a frase:
" O presidente comunicou ao Ministro do Planejamento e ao Ministro da Indústria e Comércio, que não haverá expediente na Segunda-feira próxima." Nesta frase a vírgula está separando erroneamente a oração principal e a oração:
a) Subordinada substantiva objetiva indireta
b) Subordinada adverbial temporal
c) Coordenada Sindética adversativa
d) Subordinada substantiva objetiva direta
e) Subordinada substantiva assindética modal.

12- Em " Queria que me ajudasses. "
O trecho destacado pode ser substituído por:
a) a sua ajuda
b) a vossa ajuda
c) a ajuda de você
d) a ajuda deles
e) a tua ajuda.

13- " Lembro-me de que ele só usava camisas brancas."
A oração destacada é:
a) Subordinada substantiva completiva nominal
b) Subordinada substantiva objetiva indireta
c) Subordinada substantiva predicativa
d) Subordina substantiva subjetiva.
e) Subordinada substantiva objetiva direta

Respostas

1- B
2- A
3- A
4- C
5- C
6- A
7- E
8- A
9- B
10-D
11-A
12-E
13- **C**

Pontuação

Vírgula (,)

Emprego da vírgula no período simples

quando se trata de separar termos de uma mesma oração, deve-se usar a vírgula nos seguintes casos:

1. **Para isolar adjuntos adverbiais deslocados**:
Ex. A maioria dos alunos, ***durante as férias***, viajam.

2. **Para isolar os objetos pleonásticos**:
Ex. ***Os meus amigos***, sempre os respeito.

3. **Para isolar o aposto explicativo:**
Ex. Londrina, ***a terceira cidade do Sul do Brasil***, é aprazibilíssima.

4. **Para isolar o vocativo:**
Ex. ***Alberto***! Traga minhas calças até aqui!

5. **para separar elementos coordenados:**
Ex. ***As crianças, os pais, os professores*** e os diretores irão ao convescote.

6. **Para indicar a elipse do verbo:**
Ex. Ela prefere filmes românticos; o namorado, de aventura. (o namorado prefere filmes de aventura)

7. **Para separar, nas datas, o lugar:**
Ex. Londrina, 20 de novembro de 1996.

8. **Para isolar conjunção coordenativa intercalada:**
Ex. Os candidatos***, porém,*** não respeitaram a lei.

9. **Para isolar as expressões explicativas *isto é, a saber, melhor dizendo, quer dizer...***
Ex. Irei para Águas de Santa Brárbara***, melhor dizendo,*** Bárbara.

Emprego da vírgula no período composto

Período composto por coordenação: as orações coordenadas devem sempre ser separadas por vírgula.
Ex. Todos gostamos de seus projetos, no entanto não há verbas para viabilizá-los
Nota: as orações coordenadas aditivas iniciadas pela conjunção **e** só terão vírgula, quando os sujeitos forem diferentes e quando o **e** aparecer repetido.
Ex. Ela irá no primeiro avião, e seus filhos no próximo.
Ele gritava, e pulava, e gesticulava como um louco.

Período composto por subordinação

Orações subordinadas substantivas: não se separam por vírgula.
Ex. É evidente que o culpado é o mordomo.

Orações subordinadas adjetivas: só a explicativa é separada por vírgula.
Ex. Londrina, que é a terceira cidade do Sul do Brasil, é aprazibilíssima.

Orações subordinadas adverbiais: sempre se separam por vírgula.
Ex. Assim que chegarem as encomendas, começaremos a trabalhar.

Ponto-e-vírgula (;)

O ponto-e-vírgula indica uma pausa um pouco mais longa que a vírgula e um pouco mais breve que o ponto.

O emprego do ponto-e-vírgula depende muito do contexto em que ele aparece.
Podem-se seguir as seguintes orientações para empregar o ponto-e-vírgula:

Para separar duas orações coordenadas que já contenham vírgulas:

Ex. Estive a pensar, durante toda a noite, em Diana, minha antiga namorada; no entanto, desde o último verão, estamos sem nos ver.

Para separar duas orações coordenadas, quando elas são longas:
Ex. O diretor e a coordenadora já avisaram a todos os alunos que não serão permitidas brincadeiras durante o intervalo nos corredores; porém alguns alunos ignoram essa ordem.

Para separar enumeração após dois pontos:
Ex. Os alunos devem respeitar as seguintes regras:
- não fumar dentro do colégio;
- não fazer algazarras na hora do intervalo;
- respeitar os funcionários e os colegas;
- trazer sempre o material escolar.

Dois-pontos (:)

Deve-se empregar esse sinal:

Para iniciar uma enumeração:
Ex. Compramos para a casa o seguinte: mesa, cadeiras, tapetes e sofás.

Para introduzir a fala de uma personagem:
Ex. Sempre que o professor Luís entra em sala-de-aula diz:
__ Essa moleza vai acabar!

Para esclarecer ou concluir algo que já foi dito:
Ex. Essa moleza vai acabar!: essas são as palavras do professor Luís.

Reticências (...)

As reticências são empregadas:

Para indicar uma certa indecisão, surpresa ou dúvida na fala da personagem:
Ex. João Antônio! Diga-me... você... me traiu?

Para indicar que, num diálogo, a fala de uma personagem foi interrompida pela fala da outra:
Ex. __ Como todos já deram sua opinião...
__ Um momento, presidente, ainda tenho um assunto a tratar.

Para sugerir ao leitor que complete o raciocínio contido na frase:
Ex. Durante o ano ficou claro que o aluno que não atingisse 150 pontos seria reprovado; você atingiu 145, portanto...

Para indicar, numa citação, que certos trechos do texto foram exclusos:
Ex. "No momento em que a tia foi pagar a conta, Joana pegou o livro..." (Clarice Lispector)

Exercícios

Código:

01) palavra repetida
02) termos antepostos (quando repetidos pleonasticamente)
03) adjunto adverbial deslocado
04) oração coordenada assindética
05) orações coord. sind. aditivas com sujeitos diferentes;
06) oração interferente
07) vocativo
08) conjunção deslocada
09) oração subordinada adjetiva explicativa
10) zeugma
11) aposto
12) predicativo
13) expressão explicativa, conclusiva, retificativa, enfática...
14) termo coordenados
15) data
16) oração coordenada sindética

17) polissíndeto
18) oração subordinada adverbial deslocada
19) idéias paralelas dos provérbios

01) ( ) Possuía lavouras de trigo linho arroz e soja
02) ( ) Roda meu carro que é curto o caminho
03) ( ) Bem-vindo sejas aos campos do tabajaras senhores da aldeia
04) ( ) O aluno enlouquecido queria decorar toda as regras
05) ( ) Em suma o concurso foi fraco e as vagas poucas
06) ( ) O coitadinho era feio feio...
07) ( ) Vitória 10 de março de 1999
08) ( ) Ganhamos pouco; devemos portanto economizar
09) ( ) O dinheiro nós o trazíamos preso ao corpo
10) ( ) Amanhã de manhã o Presidente viajará para a Bósnia
11) ( ) Ele fez o mar e o céu e a terra e tudo quanto há neles
12) ( ) Casa de ferreiro espeto de pau
13) ( ) A mocinha olhou sorriu e piscou os olhinhos e entrou
14) ( ) A noite não acabava e a insônia a encompridou mais ainda
15) ( ) O sinal estava fechado porém os carros não pararam
16) ( ) Quanto mais se agitava mais preso à rede ficava
17) ( ) A riqueza que é flor belíssima causa luto e tristeza
18) ( ) Venham gritavam as crianças ver nossos brinquedos
19) ( ) Uns diziam que se matou; outros que fora para Goiás

20) Assinale a letra que corresponde ao único período de pontuação correta
a) Pouco depois, quando chegaram, outras pessoas a reunião ficou mais animada
b) Pouco depois quando chagaram outras pessoas a reunião ficou mais animada
c) Pouco depois, quando chegaram outras pessoa, a reunião ficou mais animada
d) Pouco depois quando chegaram outras pessoas, a reunião ficou mais animada

21) Idem ao anterior:
a) Precisando de mim, procure-me; ou melhor, telefone, que eu venho
b) Precisando de mim procure-me; ou melhor telefone, que eu venho
c) Precisando de mim procure-me, ou, telefone, melhor que eu venho
d) Precisando, de mim, telefone-me, ou melhor, procure-me que eu venho

22) Assinale a pontuação errada:
a) Falei com ele com tanta segurança, que nem discordou de mim.
b) Porque falei com ela, para mim não há mais dúvidas
c) Falei com ela que eu, estaria aqui cedo hoje se tudo corresse bem
d) Falei ao chefe que, se o plano corresse bem, estaríamos salvos

23) Dadas as sentenças:
1. Quase todos os habitantes daquela região pantanosa e afastada da civilização morrem de malária
2. Pedra, que rola, não cria limo
3. Muitas pessoas observavam com interesse, o eclipse solar
- Deduzimos que:

a) apenas a nº 1 está correta
b) apenas a nº 2 está correta
c) apenas a nº 3 está correta
d) todas estão corretas

Para as questões de 24 a 36, assinale o único item correto em relação à pontuação:

24) Correto:
a) Não nego que, ao avistar, a cidade natal tive uma boa sensação
b) Não nego, que ao avistar a cidade natal tive, uma boa sensação
c) Não nego; que ao avistar a cidade natal, tive uma boa sensação
d) Todos estão incorretos

25) Correto:
a) Os rapazes continuaram a bradar e a rir, e, Rubião foi andando, com o mesmo coro atrás de si
b) Os rapazes continuaram a bradar, e a rir, e Rubião foi andando, com o mesmo coro, atrás de si
c) Os rapazes continuaram a bradar e a rir, e Rubião foi andando com o mesmo coro atrás de si
d) Todos estão incorretos

26) Correto:
a) A dor suspendeu por um pouco, as tenazes; um sorriso alumiou o rosto da enferma, sobre o qual, a morte batia a asa eterna
b) A dor suspendeu por um pouco as tenazes; um sorriso alumiou o rosto da enferma, sobre o qual a morte batia a asa eterna
c) A dor suspendeu por um pouco, as tenazes, um sorriso alumiou o rosto da enferma; sobre o qual a morte batia a asa eterna
d) Todos estão corretos

27) Correto:
a) Longa, foi a agonia longa e cruel, de uma crueldade minuciosa, fria, repisada; que me encheu de dor e estupefação. Era a primeira vez, que eu via morrer alguém
b) Longa foi a agonia, longa e cruel, de uma crueldade minuciosa; fria; repisada; que me encheu de dor e estupefação. Era a primeira vez que eu via morrer alguém
c) Longa foi a agonia, longa e cruel, de uma crueldade minuciosa, fria, repisada, que me encheu de dor e estupefação. Era a primeira vez que eu via morrer alguém
d) Todas estão incorretas

28) Correto:
a) Chegando à vila, tive a má notícia do coronel. Era homem insuportável, estúrdio, exigente, ninguém o aturava, nem os próprios amigos
b) Chegando à vila tive más notícias do coronel,. Era homem insuportável, estúrdio, exigente, ninguém o aturava, nem os próprios amigos
c) Chegando à vila, tive más notícias do coronel. Era homem insuportável; estúrdio; exigente; ninguém o aturava; nem os próprios amigos
d) Todos estão corretos

29) Assinale o item correto:
a) Ouvimos passos no corredor, era D. Fortunata. Capitu compôs-se depressa; tão depressa que, quando a mãe apontou à porta, ela abanava a cabeça e ria
b) Ouvimos passos no corredor; era D. Fortunata. Capitu, compôs-se depressa, tão depressa, que quando a mãe apontou à porta, ela abanava a cabeça e ria
c) Ouvimos passos no corredor; era D. Fortunata. Capitu compôs-se depressa, tão depressa que: quando a mãe apontou à porta, ela abanava a cabeça e ria
d) Todos estão corretos.

30) Assinale o item correto:
a) Começou porém, um resumo. No fim de dez minutos, a comadre não entendia nada, tão desconcertados eram os fatos e os conceitos; mais cinco minutos; entrou a sentir medo
b) Começou, porém, um resumo. No fim de dez minutos, a comadre não entendia nada, tão desconcertados eram os fatos e os conceitos; mais cinco minutos, entrou a sentir medo
c) Começou, porém, um resumo. No fim, de dez minutos, a comadre não entendia nada; tão desconcertados eram os fatos e os conceitos, mais cinco minutos, entrou, a sentir medo
d) Todos estão incorretos

31) Assinale o item correto:
a) A cara, ficou séria porque a morte é séria,; dois minutos de agonia, um trejeito horrível, e estava assinada a abdicação
b) A cara ficou séria: porque a morte é séria; dois minutos de agonia, um trejeito horrível, e estava assinada a abdicação
c) A cara ficou séria, porque a morte é séria; dois minutos de agonia, um trejeito horrível, e estava assinada a abdicação
d) Todos estão corretos

32) Assinale o item incorreto:
a) Tudo era matéria às curiosidades de Capitu. Caso houve, porém, no qual não sei se aprendeu ou ensinou, ou se fez ambas as coisas, como eu.
b) Tudo era matéria às curiosidades de Capitu. Caso houve, porém, no qual não sei se aprendeu, ou ensinou, ou se fez ambas as coisas como eu.
c) Tudo era matéria às curiosidades de Capitu. Caso houve porém, no qual não sei, se aprendeu ou ensinou, ou se fez ambas as coisas como eu.
d) Todos estão incorretos

33) Assinale o item correto:
a) A primeira idéia foi retirar-me logo cedo, a pretexto de ter meu irmão doente; e, na verdade, recebera carta dele, alguns dias antes, dizendo-me que se sentia mal.

b) A primeira idéia foi retirar-me, logo cedo, a pretexto de ter meu irmão doente; e na verdade recebera carta dele, alguns dias antes, dizendo-me, que se sentia mal.
c) A primeira idéia, foi retirar-me logo cedo, a pretexto de ter meu irmão doente, e, na verdade recebera carta dele, alguns dias antes, dizendo-me que se sentia mal.
d) Todos estão incorretos

Para as questões de 983 a 985, assinale o item correto em relação ao emprego dos sinais de pontuação.

34) Correto:
a) Um jornal, é lido por muita gente, em muitos lugares; o que ele diz precisa interessar, se não a todos, pelo menos a certo número de pessoas.
b) Um jornal é lido por muita gente em muitos lugares, o que ele diz, precisa interessar se não a todos pelo menos a certo número de pessoas.
c) Um jornal é lido por muita gente, em muitos lugares; o que ele diz precisa interessar, se não a todos, pelo menos a certo número de pessoas.
d) Todos estão incorretos

35) Está correto:
a) Salta o primeiro espirro mais outro; outro mais, com a picada leve na garganta, e corre à farmácia, para tomar a injeção antigripal; que o mantenha de pé, pois você, como São Paulo, não pode parar
b) Salta o primeiro espirro, mais outro; outro mais, com a picada leve na garganta, e corre à farmácia para tomar a injeção antigripal que o mantenha de pé, pois você, como São Paulo, não pode parar
c) Salta o primeiro espirro, mais outro; outro mais; com a picada leve na garganta e você corre à farmácia, para tomar a injeção antigripal, que o mantenha de pé, pois você, como São Paulo, não pode parar
d) Todos estão incorretos

36) Assinale o item correto:
a) As mães ensinam que é feio escutar conversa dos outros; mas, com os coletivos entupidos de gente, somos forçados a isso; e acabamos nos interessando, pelo que não é de nossa conta
b) As mães ensinam, que é feio escutar conversa de outros; mas com os coletivos entupidos de gente, somos forçados a isso, e acabamos nos interessando pelo que não é de nossa conta
c) As mães ensinam que é feio escutar conversa de outros; mas, com os coletivos entupidos de gente, somos forçados a isso, e acabamos nos interessando pelo que não é de nossa conta
d) Todos estão corretos

37) Em um dos períodos abaixo, há uma vírgula usada erradamente no lugar do ponto-e-vírgula. Assinale-o:
a) Avançamos pela praia, que já não era como a outra. Os pés afundavam na arei fofa, canavial não se via, só coqueiro
b) As crianças estavam alvoraçadas e correram para o jardim, o palhaço já tinha chegado e, alegremente, pusera-se a cantar.
c) Às vezes, eu quero chamar sua atenção para esse problema, ele, porém, não permite que se toque no assunto
d) Sempre fiel a seus princípios, o velho indígena recusou a ajuda dos missionários, convocou os guerreiros e decidiram partir dali.

38) Assinale a alternativa em que a Segunda frase não corrige adequadamente a primeira:
a) 1.A Volkswgen do Brasil está concedendo férias coletivas, de vinte dias a funcionários de suas fábricas.
2. A Volkswgen do Brasil está concedendo férias coletivas de vinte dias a funcionários de suas fábricas.
b) 1. A Academia de Artes e Ciências Cinematográfica de Hollywood adiou para hoje à noite, a cerimônia de entrega dos prêmios Oscar
2.A Academia de Artes e Ciências Cinematográfica de Hollywood, adiou para hoje à noite, a cerimônia de entrega dos prêmios Oscar
c) 1. A entidade internacional promove a cada dois anos, um congresso
2.A entidade internacional promove, a cada dois anos, um congresso
d) 1. Os soldados da Polícia Militar da Bahia, voltam hoje aos quartéis.
2.Os soldados da Polícia Militar da Bahia voltam hoje aos quartéis

39) Assinale a alternativa em que a Segunda alternativa esteja corretamente pontuada:
a) 1. Samuel beija a mão da dama com uma elegância perfeita
2. Com uma elegância perfeita, Samuel, beija a mão da dama.
b) 1. Um verdadeiro tesouro foi encontrado no cofre de um banco em Paris.
2. No cofre de um banco em Paris foi encontrado um verdadeiro tesouro
c) 1. O Brasil conseguiu uma Segunda vitória nos bastidores do Mundial
2. O Brasil conseguiu, nos bastidores do Mundial uma Segunda vitória

d) 1. Os estudantes explicaram o motivo do protesto durante a reunião.
2. Durante a reunião, os estudantes explicaram o motivo do protesto

Respostas Sobre Pontuação

01) (14)
02) (07)
03) (11)
04) (12)
05) (13)
06) (01)
07) (15)
08) (08)
09) (02)
10) (03)
11) (17)
12) (19)
13) (04)
14) (05)
15) (16)
16) (18)
17) (09)
18) (06)
19) (10)
20) C
21) A
22) C
23) A
24) D
25) C
26) B
27) C
28) A
29) A
30) B
31) B
32) C
33) A
34) C
35) D
36) C
37) C
38) B
39) D

Estilística

São os recursos utilizados nos textos (principalmente literários) para conferir à mensagem mais impacto, estilo, beleza ou qualquer outro recurso expressivo. Essas figuras são objeto do estudo da Estilística, que é uma subdivisão da Gramática.

São três as figuras de linguagem:
1) **figuras de sintaxe (ou construção);**
2) **figuras de palavras e**
3) **figuras de pensamentos.**

Figuras de sintaxe

a) Elipse

Significa, em gramática, omissão. Essa é a palavra-chave. Quando se omite algum termo ou palavra de um enunciado, tem-se a elipse. Vale lembrar que essa omissão deve ser captada pelo leitor, que pode deduzi-la a partir do contexto, da situação comunicativa.

Exemplos:
Eu vi coisas lindas, realmente emocionantes; ela, coisas abomináveis, terríveis aos seus olhos. [omitiu-se o verbo ver em ela (viu) coisas abomináveis...];

Rico, podia fazer o que quisesse [omitiu-se a oração inteira: (Porque era) rico, podia fazer o que quisesse];

Empreste-me essa folha [omitiu-se de papel: folha (de papel)];

Todos esperamos se faça justiça [omitiu-se a conjunção que: esperamos (que) se faça justiça]

b) Zeugma

É um tipo de elipse. Ocorre zeugma quando duas orações compartilham o termo omitido. Isto é, quando o termo omitido é o mesmo que aparece na oração anterior.

Exemplos:
Na terra dele só havia mato; na minha, só prédios. [...na minha, só (havia) prédios]

Meus primos conheciam todos. Eu, poucos. [Eu (conhecia) poucos]

Observação: quando a flexão do verbo omitido é exatamente a mesma do verbo da oração anterior, tem se a zeugma simples. Quando a flexão é diferente, tem-se a zeugma complexa.

c) Pleonasmo

É a reiteração, a repetição, o reforço de uma idéia já expressa por alguma palavra, termo ou expressão. É reconhecido como figura de sintaxe quando utilizado com fins estilísticos, como a ênfase intencional a

uma idéia; sendo resultado da ignorância ou do descuido do usuário da língua, é considerado como um vício de linguagem (pleonasmo vicioso).

Exemplos:
Vamos sair fora! (se é sair, obviamente é para fora)

Que tal subir lá em cima e tomar um bom vinho? (se é subir, obviamente é para cima)

"Eu nasci há dez mil anos atrás" (se é há, só pode ser atrás)

Essa empresa tem o monopólio exclusivo da banana (se é monopólio, obviamente é exclusivo)

A mim, você não me engana (o verbo enganar tem dois complementos - a mim e me; eis um caso de objeto pleonástico)

Observação: um recurso literário bastante difundido é o epíteto de natureza, que não deve ser considerado como um pleonasmo vicioso. Serve, por fins estilísticos, para reforçar uma característica que já é natural ao ser. Exemplos: céu azul, pedra dura, chuva molhada.

d) Inversão

É, como o próprio nome diz, qualquer inversão da ordem natural de termos num enunciado, a fim de conferir-lhe especiais efeitos e reforços de sentido. Podem-se considerar como tipos de inversão o hipérbato, a anástrofe a prolepse e a sínquise.

Exemplo:
Sua mãe eu nunca conheci (a ordem natural seria Eu nunca conheci sua mãe).

e) Hipérbato

Tipo de inversão que consiste, geralmente, na separação de termos que normalmente apareceriam unidos, por meio da interposição de um elemento interferente, isto é, algo que interfere. Hoje em dia, porém, costuma-se tomar o hipérbato como sinônimo de qualquer tipo de inversão.

Exemplos:
A roupa, você verá, preta que comprei é linda [aqui o núcleo do sujeito (roupa) foi separado de seu adjunto adnominal (preta) por meio de uma oração interferente].

Compraram as mulheres vários presentes para os maridos (aqui houve a simples inversão entre o verbo e o sujeito).

f) Anástrofe

É a inversão entre termo determinante (aquele que determina, constituído de preposição + substantivo) e o determinado, que passa a vir depois do determinante.

Exemplos:
Da igreja estava ela na frente [a ordem natural seria Ela estava na frente da igreja; Da igreja é o termo determinante, que, na anástrofe, veio antes do determinado (frente)]

Aqueles rapazes, sim, por dinheiro são muito ávidos [a ordem natural seria Aqueles rapazes, sim, são muito ávidos por dinheiro; Por dinheiro é o termo determinante, que, na anástrofe, veio antes do determinado (ávido)]

g) Sínquise

Essa palavra vem do grego (sýgchysis) e significa confusão. É a inversão muito violenta na ordem natural dos termos, de modo que a sua compreensão seja seriamente prejudicada. Consiste, segundo alguns autores, em um vício de linguagem, e não em uma figura de sintaxe com fins estilísticos.

Exemplos:
"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas de um povo heróico o brado retumbante" (ordem natural: As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heróico)

Da verdade aquelas pessoas todas muito honestas você pode acreditar que sabiam (ordem natural: Você pode acreditar que todas aquelas pessoas, muito honestas, sabiam da verdade).

h) Prolepse (ou antecipação)

Deslocamento do termo de uma oração para a oração anterior.

Exemplos:
O Ministro do Planejamento dizem que vai pedir demissão [o sujeito da oração vai pedir demissão (o Ministro do Planejamento) foi deslocado para antes da oração principal (dizem)]

Essas frutas parece que não prestam [o sujeito da oração não prestam (Essas frutas) foi deslocado para antes da oração principal (parece)]

i) Assíndeto

Vem do grego, syndeton, que significa conjunção. É a ausência de conjunções coordenativas (aquelas que ligam orações ou termos coordenados, independentes) no encadeamento dos enunciados.

Exemplos:
Ela me olhava, lavava, olhava novamente, espirrava, voltava a trabalhar (não apareceu conjunção alguma para ligar as orações).

Eu nunca tive glória, amores, dinheiro, perdão (não apareceu conjunção alguma para ligar os termos que complementam o verbo ter).

j) Polissíndeto

É o contrário do assíndeto. É a repetição das conjunções coordenativas (principalmente as aditivas e e nem), com o fim de incutir no discurso a noção de movimento, rapidez e ritmo.

Ela me olhava, e lavava, e olhava novamente, e espirrava, e voltava a trabalhar (foi repetida a conjunção coordenativa aditiva e).

Eu nunca tive glória, nem amores, nem dinheiro, nem perdão (foi repetida a conjunção coordenativa aditiva nem).

l) Anacoluto

É a quebra da seqüência sintática de uma frase. É como se o escritor de repente decidisse mudar de idéia, alterando a estrutura e o nexo sintáticos da oração.

Exemplos:
O José, sinceramente parece que ele está ficando louco (perceba que O José deveria ser sujeito de uma oração, mas ficou sem predicado, solto na frase; houve a quebra da seqüência sintática esperada).

Cantar, sei que todos devem cantar (viu como o verbo cantar está sobrando? Parece que o autor decidiu mudar a ordem da oração, sem nos avisar)

Observação: o anacoluto deve ser usado cuidadosamente na linguagem escrita. Exige experiência, estilo e intencionalidade por parte de quem escreve, para que não se confunda com uma confusão mental ou deficiências de estruturação do texto.

m) Silepse

É a concordância que se faz com a idéia, e não com a palavra expressa. É também chamada de concordância ideológica. Há três tipos de silepse: de gênero (a concordância se faz com a idéia feminina ou masculina); de número (a concordância se faz com a idéia singular ou plural); e de pessoa (a concordância se faz com uma pessoa gramatical diferente da expressa pela palavra)

Exemplos:
São Paulo realmente é linda [silepse de gênero - o adjetivo linda ficou no feminino porque concorda com a idéia (a cidade de) São Paulo]

Vossa Excelência pode ficar tranqüilo e calmo [silepse de gênero - os adjetivos tranqüilo e calmo ficaram no masculino porque concordam com a idéia: a pessoa a quem se dirige o pronome de tratamento Vossa excelência é homem]

Os paulistas somos bem tratados no Paraná [silepse de pessoa - o verbo ser concorda com a primeira pessoa do plural (nós), apesar de o sujeito expresso ser Os paulistas (terceira pessoa do plural). Com esse recurso, o emissor da mensagem quis passar a idéia de que ele também é paulista; de que ele se inclui entre os paulistas]

A gente não quer só alimento. Queremos amor e paz [silepse de número - o verbo querer ficou no plural, e seu sujeito oculto (A gente) é singular]

Observação: a principal diferença entre silepse de pessoa e de número é que na de pessoa o emissor da mensagem se inclui no sujeito de terceira pessoa do plural.

n) Repetição

É a repetição de palavras que tem por finalidade exprimir a idéia de insistência, progressão e intensificação. Quando se repetem adjetivos ou advérbios, é uma maneira de se fazer o grau superlativo.

Exemplos:
Aquela moça era linda, linda, linda.

E, enquanto tudo isso acontecia, a garota crescia, crescia.

O sol estava claro, claro; eu mal podia enxergar.

o) Onomatopéia

Consiste na criação de palavras com o intuito de imitar sons ou vozes naturais dos seres. É, na verdade, um dos processos de formação das palavras, que cabe à Morfologia.

Exemplos:
Ouviu o tilintar das moedas (o verbo tilintar imita o som de moedas se entrechocando).

Quando a insultei, slapt! (a palavra slapt imita o ruído provocado por um tapa).

Figuras de palavras

a) Comparação

É a comparação direta de qualificações entre seres, com o uso do conectivo comparativo (como, assim como, bem como, tal qual, etc.).

Exemplos:
Minha irmã é bondosa como um anjo (existe uma relação de qualificações entre a irmã e o anjo; houve, pois, uma comparação, que se estabeleceu por meio do conectivo como)
Age o neto tal quais os avós (existe uma semelhança de ações entre o neto e os avós; houve, pois, uma comparação, que se estabeleceu por meio do conectivo tal quais)

b) Metáfora

Assim como a comparação, consiste numa relação de semelhança de qualificações.
É, porém, mais sutil e exige muita atenção do leitor para ser captada, porque dispensa os conectivos que aparecem na comparação.
É o mecanismo pelo qual se toma "emprestada" a característica de um ser utilizando esse próprio ser como característica.
Cabe ao receptor da mensagem saber qual é a característica em comum dos dois seres. Constitui uma das mais importantes e freqüentes figuras de linguagem, sendo muito utilizada tanto na poesia quanto na prosa.

Exemplos:
Minha irmã é um anjo (existe uma relação de qualificações entre a irmã e o anjo; como não houve um conectivo que estabelecesse a relação comparativa, chama-se a essa comparação mental de metáfora.
A palavra anjo não está sendo utilizada em seu sentido original; foi tomada como uma qualificação.
Cabe ao receptor saber que a característica em comum entre os dois seres é a bondade)
Tenho que viajar muito. São os ossos do ofício (que características em comum têm o ato de viajar muito e os ossos?
É simples: viajar muito é uma das exigências, uma das partes que compõem o trabalho do emissor dessa mensagem; os ossos são algumas das partes que compõem os corpos de alguns seres vivos.
Houve a transferência do sentido de componente, algo necessário, da palavra ossos para o ato de viajar.
Cabe ao receptor decodificar essa transferência)

c) Metonímia

É a utilização de uma palavra por outra.

Essas palavras mantêm-se relacionadas de várias formas:

- O autor pela obra: Você já leu Camões (algum livro de Camões)?

- O efeito pela causa: O rapaz encomendou a própria morte (algo que causaria a sua própria morte)

- O instrumento pela pessoa que dele se utiliza: Júlio sem dúvida é um excelente garfo (Júlio come muito; o garfo é um dos instrumentos utilizados para comer)

- O recipiente (continente) pelo conteúdo: Jonas já bebeu duas garrafas de uísque (ele bebeu, na verdade, o conteúdo de duas garrafas de uísque); Os Estados Unidos assistem ao espetáculo das eleições (as pessoas que moram nos Estados Unidos assistem...)

- O símbolo pela coisa significada: O povo aplaudiu as medidas tomadas pela Coroa (a coroa, nessa acepção, é símbolo da monarquia, do rei).

- O lugar pelo produto: Todos gostam de um bom madeira (o vinho produzido na Ilha de Madeira).

- A parte pelo todo: Havia várias pernas se entreolhando no ônibus (na verdade, eram as pessoas, que têm as pernas, que se entreolhavam).

- O abstrato pelo concreto: A juventude de ontem não pensa como a de antigamente (Os jovens de hoje...)

- O singular pelo plural: O paulista adora trabalhar (Os paulistas...)

- A espécie ou classe pelo indivíduo: "Andai como filhos da luz", recomenda-nos o Apóstolo [referindo-se a São Paulo, que foi um dos apóstolos (espécie, classe)]

- O indivíduo pela espécie ou classe: Camila é, como diz sua tia, uma judas [judas (indivíduo) foi o mais conhecido traidor (espécie, classe) da história]

- A qualidade pela espécie: Os acadêmicos estão reunidos (em vez de os membros da academia...)

- A matéria pelo objeto: Você tem fogo (isqueiro)?

d) Sinestesia

É a figura que proporciona a ilusão de mistura de percepções, mistura de sentidos.

Exemplos:
Você gosta de cheiro-verde [como um cheiro (olfato) pode ser verde (visão)]
Que voz aveludada Renata tem [como um som (audição) pode ser aveludado (tato)].

e) Perífrase (ou antonomásia)

É uma espécie de apelido que se confere aos seres, valorizando algum de seus feitos ou atributos. Ressalte-se que se consideram perífrases somente os "apelidos" de valor expressivo, nacionalmente relevantes e conhecidos.

Exemplos:
Gosto muito da obra do Poeta dos Escravos (antonomásia para Castro Alves).
O Rei do Futebol já fez mais de mil golos (antonomásia para Edson Arantes do Nascimento).
Tu gostas da Terra da Garoa (antonomásia para cidade de São Paulo)?
Eis a terra do ouro verde (antonomásia para café)
Observação: note que somente as antonomásias referentes a nomes próprios têm iniciais maiúsculas.

Figuras de pensamentos

a) Antítese

É a aproximação de palavras ou expressões que exprimem idéias contrárias, adversas.

Exemplos:
E Carlos, jovem de idade e velho de espírito, aproximou-se.
O que sempre foi simples tornou-se complexo.

b) Apóstrofe

É a interpelação inesperada de um ente real ou imaginário que se faz com a interrupção da seqüência do pensamento.

Exemplo:
Sei de minhas condição vil e efêmera.
Sei também de minhas fraquezas. Tu, que queres aqui? (note que a seqüência foi interrompida bruscamente com a evocação de alguém).

Observação: não confundir apóstrofe com apóstrofo, que é o sinal gráfico que indica a supressão de um fonema. Exemplo: Tomei dois copos d'água (o apóstrofo indica que o fonema e foi supresso)

c) Eufemismo

É uma maneira de, por meio de palavras mais polidas, tornar mais suave e sutil uma informação de cunho desagradável e chocante.

Exemplos:
Infelizmente ele se foi (em vez de ele morreu).
A criança nasceu com problemas mentais (em vez de A criança nasceu retardada)

d) Gradação: é a maneira ascendente ou descendente como as idéias podem ser organizadas na frase.

Exemplos:
Jonas, inesperadamente, assustou-se. Depois, gritou, aterrorizou-se e morreu (gradação ascendente, do menor para o maior).
Ela é uma bandida, uma enganadora, uma sem-vergonha (gradação descendente, do maior para o menor).

e) Ironia

Figura que consiste em dizer, com intenções sarcásticas e zombadoras, exatamente o contrário do que se pensa, do que realmente se quer afirmar. Exige, em alguns casos, bastante perícia por parte do receptor (leitor ou ouvinte).

Exemplos:
Olá! Júlio. Como você está em forma (considere-se que Júlio seja um rapaz com mais de 130 quilos)!
Meus parabéns pelo seu serviço (considere-se que o vigia tenha dormido e a empresa tenha sido completamente esvaziada durante um assalto)...

f) Hipérbole

Modo exagerado de exprimir uma idéia.

Exemplos:
Estou morrendo de sede.
Você é a garota mais linda do mundo.

g) Prosopopéia (ou personificação)

É a atribuição de características humanas a seres não-humanos.

Exemplos:
O prédio sorria perante os trabalhadores (sorrir é uma atitude humana atribuída a um imóvel, uma edificação).
Depois que o sol me cumprimentou, dirigi-me à cozinha (cumprimentar é uma atitude humana atribuída a um astro).

h) Reticência

É a suspensão de uma idéia ou de um pensamento, deixando a cargo do leitor ou ouvinte a interpretação/inferência do que deveria ou poderia ser mencionado.

Exemplos:
Eu fiz toda a minha tarefa. Carla... bem... ela... (podemos deduzir que Carla não fez a tarefa).

Hoje eu tenho meu arroz e o meu feijão. Amanhã... (podemos deduzir que o emissor da mensagem não tenha certeza de que terá algo para comer amanhã; ou de que será feijão com arroz. A correta inferência dependerá do contexto em que a reticência estiver inserta).

i) Retificação

Consiste em consertar uma afirmação anterior.

Exemplos:
Todos os deputados se reuniram para trabalhar. Ou melhor, para fazer-nos pensar que iriam trabalhar.
Ele, aliás, todos eles me traíram.

Dicas de Gramática

Dicas importantes

1 - POR QUE/PORQUE/POR QUÊ/PORQUÊ

PARA VOCÊ NÃO ERRAR MAIS.

PORQUE = pois ou pelo fato de que

- Eu gosto de você, porque sou louco.

POR QUE = por que motivo, razão (inclusive em títulos)

- Por que tornei-me padre.

POR QUÊ - em final de frase

- Parou, por quê?

PORQUÊ = o porquê, um porquê, os porquês

- Ninguém entendeu o porquê da sua decisão.

Agora, com mais detalhes:

POR QUE - preposição por + que (classe variável)

a) equivalente a pelo qual, ou suas variações (com ou sem antecedente)

- Esta é a razão por que não compareci. (Esta é a razão pela qual... - razão é antecedente)
- Eis por que não compareci. (Eis a razão, a causa pela qual não compareci. Neste caso, não há antecedente)

b) equivalente a por que motivo ou por que razão (Preposição + pronome), em interrogações diretas ou indiretas

- Por que você não compareceu?
- Não sei por que você não compareceu. (Não sei isto: por que voc6e não compareceu?)

c) em títulos (pronome interrogativo ou pronome relativo)

- Juscelino escreveu “Por que construí Brasília”.

Significa: por que é que eu construí Brasília.
Ou: as causas/razões por que (pelas quais) construí Brasília.

d) quando significa por qual (e variantes)

- O candidato optou por que carreira? (Optou por qual carreira?)
- Não sei por que caminhos seguir. (por quais caminhos)

e) Usamos por que, também, quando o por é um complemento de algum nome.

- Estou ansioso por que você retorne das férias. (ansioso por)
- O presidente demonstrou simpatia por que nós apresentássemos o projeto. (simpatia por)

PORQUE

a) equivalente a pois (conjunção coordenativa explicativa).

- O professor deve ter faltado, porque os alunos estão no corredor.

b) equivalente a pela causa/razão de que, pelo fato/motivo de que (conjunção subordinativa causal)

- Faltei ao trabalho, porque estava doente.

c) expressão de realce

- Se todos concordam, é porque gostaram da resposta.

d) em interrogações

- Porque estava doente? Ora, isso não é motivo para faltar.

A situação seria a seguinte:

João: Por que você faltou?
José: Eu faltei porque estava doente.
João: Porque estava doente? Ora, isso não é motivo para faltar.
(A pergunta repete a resposta de José)

POR QUÊ

equivalente a por que motivo, por que razão, utilizado em final de frase ou em pausas.

- Você faltou por quê?
- Meu coração está triste não sei por quê.

PORQUÊ

sinônimo de motivo, razão (pode vir até no plural)

- Ninguém sabe o porquê dessa decisão.
- Todos nós queremos saber os porquês de sua decisão.

2 - Onde/aonde

Onde

Quando significa em que lugar, no lugar em que, em que, na qual, etc. Sempre em situações que não indiquem movimento.

- Moro onde o vento faz a curva. (moro em algum lugar)
- Arte Etc e Tal: a Arte onde quer que você esteja. (você está em algum lugar)

Aonde

Com verbos que têm a idéia de movimento ou com nomes que exijam a preposição a.
Aonde é combinação da preposição a + onde.

- Aonde eu for, venha também. (Quem vai, vai a algum lugar)
- Sua chegada foi aonde? (chegada a algum lugar)

FUNDO DO BAÚ

- Sobre onde e aonde

Nem sempre houve esse rigor quanto ao uso das formas onde e aonde. Vejamos os seguintes exemplos:

"Morrem dele nas florestas
Aonde habita o jaguar,..."
(Machado de Assis, Obra Completa, Aguilar, III, página 107, 1979)

"Mas aonde te vais agora,
Onde vais, esposo meu?"
(Machado de Assis, Obra Completa, Aguilar, III, página 109, 1979)

Vela ao entrares no porto
Aonde o gigante está!

(Fagundes Varela, Vozes de América, 2ª ed. Porto, Typ. de Antonio José da Silva Teixeira, 1876))

3 - Há/a

Há

Indica sempre tempo passado

- Há tempo não ouço Roberto Carlos.
- Esta carta foi enviada há 30 dias.

A

Em situações que indicam futuro, distância ou espaço temporal.

- Daqui a pouco ele chegará.
- Foi atingido a trinta metros do local do acidente.
- O candidato chegou a 2 minutos do encerramento do prazo.

4 - Se não/senão

Se não

Equivalente a ou, caso não ou quando não.

- Deu dois socos no amigo, se não mais. (dois socos ou mais)
- Se não chover, muitos morrerão. (caso não chova...)
- Se está satisfeito, é educado; se não, é grosseiro. (quando não está satisfeito...)

O se pode ser também uma conjunção integrante, introduzindo uma oração que funciona como objeto direto.

- O repórter perguntou se não vai haver a premiação. (O repórter perguntou isto, objeto direto. A oração se não vai haver a premiação é objeto direto de perguntou. O não deve vir separado, é claro.

Senão

Pode ser substituído por:

- do contrário, de outra forma
- Corra, senão perderemos a prova.
- a não ser, mais do que, menos, com exceção de
- Não fazia outra coisa senão reclamar
- mas, mas sim, mas também
- Não quis te magoar, senão ajudar.
- de repente, de súbito (= senão quando)
- E foi senão quando um tiro foi ouvido.
- mas antes, mas sim (= senão que)
- Não queria ajudar, senão que perturbar.
- falha, defeito, obstáculo (como substantivo, podendo ser escrito no plural)
- Havia muitos senões no livro.

Antes de pronomes, devemos usar senão a.

- não tinha outros amigos, senão a nós.

5 - A fim de/afim/afim de

A fim de

equivalente a para.

- Chegou cedo, a fim de fazer o trabalho. (com o objetivo de fazer o trabalho)

Afim corresponde a semelhante ou parente por afinidade

- Os dois têm pensamentos afins. (=semelhantes, que têm afinidades)
- O sogro é afim da nora. (isto é, tem parentesco sem laço sanguíneo)
- Pelo amor de Deus, não confundir com um uso coloquial

do a fim de com o sentido de estar interessado. Este uso torna-se a cada dia mais comum.

- Ele está a fim de você.

6 - Mas/mais

Mas
É conjunção adversativa, com o sentido de idéia contrária.
Dessa forma, pode ser substituída, na frase, por porém, todavia.

- Chegou cedo, mas não conseguiu ser atendido. (Chegou cedo, porém...)

A vírgula deve ser usada antes de mas.

FUNDO DO BAÚ

- Sobre mas/mais

Mas provém do latim magis, da mesma forma que mais.
No português arcaico, encontramos mes.

"A suidade non descende de cada ua destas partes, mes é uu sentido do coraçom..."
(D. Duarte, "O Leal Conselheiro")

7 - Abaixo/a baixo

abaixo = na parte inferior (advérbio)

- Abaixo, você encontra os jardins; acima, as garagens.

a baixo - preposição + adjetivo

- Na feira estava tudo a baixo preço.

8 - Demais/de mais

Demais = outros (pronome indefinido)

- Os cinco primeiros podem entrar. Os demais vão aguardar.

Demais = em excesso (advérbio)

- Ele bebe demais.

De mais - contrário de de menos (locução adverbial)

- Ela é lindíssima, toda certinha: nem centímetros de mais, nem de menos.

9 - Portanto/por tanto

Portanto - conjunção conclusiva

- Estou duro, portanto não me peça um centavo.

Por tanto - preposição + pronome

- Por tanto amor a vida me fez lutar.

10 - Mal/mau

Mal = moléstia, epidemia, tormento, etc. (substantivo)

- O seu mal era incurável.

Mal = contrário de bem (advérbio)

- Fez o trabalho mal e porcamente. (Não fez bem)

Mal = logo que, apenas (conjunção)

- Mal chegou, foi recebido a tapas.

Mau = contrário de bom (adjetivo)

- Passou por maus momentos (Contrário: passou por bons momentos)

11 - Acerca de/ há cerca de

Acerca de = a respeito de

- O ministro falou acerca de muitos temas econômicos.
- Normalmente se usa sobre: O ministro falou sobre muitos temas econômicos.

12 - Tampouco/tão pouco

Tampouco = também não (advérbio)

- Não compareceu, tampouco mandou avisar.

Tão pouco - tão (advérbio) + pouco (pronome)

- Foi tão pouco o que recebi, que nem valia ir receber.

Agora, vamos tratar de outras dificuldades.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Em português, toda palavra possui uma sílaba tônica, à exceção de alguns monossílabos e de raros dissílabos átonos. Quando a palavra termina em A, E, O (acrescida ou não de S), EM, ENS ou AM, a tonicidade recai naturalmente sobre a penúltima sílaba da palavra. Todas as demais terminações tendem a fixar a tonicidade na última sílaba. Dessa forma, a acentuação gráfica só será necessária quando for preciso desviar a tonicidade natural da palavra. Veja:

TERMINAÇÕES	TONICIDADE NATURAL	DESVIO DA TONICIDADE
A	**es**ta fa**bri**ca	es**tá** **fá**brica
E	**bre**ve ana**li**se	bre**vê** a**ná**lise
O	ca**me**lo nego**ci**o	came**lô** ne**gó**cio
EM	**Con**tem	con**tém**
OUTRAS TERMINAÇÕES	Ca**qui**	**cá**qui
	Carac**ter**	ca**rá**ter
	Xe**rox**	**xé**rox

FORMAS VERBAIS

Acentuam-se ainda:

- **PÁRA** (mas não é acentuada a preposição *para*)
- **PÔR** (mas não é acentuada a preposição *por*)
- (ELE) **PÔDE** - passado (mas não é acentuada a forma presente *pode*)
- (ELES) **VÊM** (porém: ELE VEM)
- (ELES) **TÊM** (porém: ELE TEM)
- (ELE) **MANTÉM** (ELES) **MANTÊM** (e outros derivados de ter : deter, conter, etc.)
- (ELE) **VÊ** (ELES) **VÊEM** (o mesmo ocorre com LER/DAR/CRER e derivados)

O HIATO

Acentuam-se as vogais I e U, quando formam sílaba sozinhas (ou acompanhada de *S*) no interior das palavras e são tônicas. Assim:, acentua- se:

dis - tri - bu – **í**	pronunciado separadamente, tônico, sozinho na sílaba.

Mas não se acentuam:

dis - tri – **bui**	não é pronunciado separadamente
dis - tri - bu – **ir**	pronunciado separadamente, mas não está sozinho na sílaba
ba - **i** – nha	atende a todas as exigências mas vem antes de sílaba iniciada por NH. Essa é uma exceção.

Acentuam-se ainda:

- os monossílabos terminados em A, AS, E, ES, O OU OS, como PÁ, PÉ, PÓ.
- os ditongos abertos ÉI, ÓI, ÉU. Assim: A-PÓI-O é acentuado mas A-POI-O não
- algumas palavras que precisam ser diferenciadas. São elas:

PÁRA (verbo) de **PARA** (preposição)
PÔDE (pretérito) de **PODE** (presente)
PÊLO (substantivo) e **PÉLO** (verbo) de pelo (preposição)
PÓLO (extremidade, jogo) de **POLO** (gaviãozinho)
PÊRA (fruta) de **PÉRA** (pedra antigamente) e **PERA** (preposição per+a)

O TREMA

Ainda existe trema?

Sim, existe e deve ser usado sempre que a letra U for pronunciada e vier depois das letras G e Q e antes de E ou I. Assim:

G ________ **Ü** ________ **E**
Q **I**

Observação: Se a letra U , além de pronunciada, for tônica, receberá acento agudo. Veja:
averigúe, apazigúe.

CRASE

A crase é o encontro de dois fonemas idênticos (a+a) representado na escrita pelo acento grave (`). Veja:

Quem obedece, obedece a **alguém**.
Se esse alguém for **a autoridade**.
Teremos: Obedeça a **a autoridade**.
Ou seja: Obedeça **à autoridade**.

Observe que o verbo *obedecer* exige a preposição *a* e o substantivo *autoridade* aceita o artigo *a*. Temos aí, portanto, um encontro de dois *as*. Para ter certeza da ocorrência da crase, podemos nos valer de alguns artifícios. Veja:

REGRAS PRÁTICAS

Ocorre crase:

1. Se for possível substituir **"À"** por **"PARA A"**:
Veja:
Comunicaremos os resultados da auditoria **à** empresa.
Comunicaremos os resultados da auditoria **para a** empresa.
Entretanto:
Concedeu-se **a** todos os funcionários adiantamento salarial.
Concedeu-se **para** todos os funcionários adiantamento salarial.

2. Se, ao trocar a palavra posterior por uma masculina, resultar **AO**.
Veja:
Recorreremos **à** enfermeira de plantão.
Recorreremos **ao** enfermeiro de plantão.
Entretanto:
Chamaremos **a** enfermeira.
Chamaremos **o** enfermeiro.

3. Se, ao trocarmos "**aquele, aquilo ou aquela**" por "**este, isto ou esta**", resultar **A ESTE, A ISTO ou A ESTA**.
Veja:
Referiu-se **àquele** procedimento.
Referiu-se **a este** procedimento
Entretanto:
Você seguiu **aquele** procedimento?
Você seguiu **este** procedimento?

4. Se, ao trocarmos a palavra feminina que antecede os relativos **"que, qual ou quais"** por uma masculina, resultar **"ao que, ao qual, aos quais"**.
Veja:
A médica **à qual** nos referimos está na empresa há alguns anos.
O médico **ao qual** nos referimos está na empresa há alguns anos.

Entretanto:
A médica **a qual** nos atendeu está na empresa há alguns anos.
O médico **o qual** nos atendeu está na empresa há alguns anos.

OUTRAS REGRAS

Além dessas regras práticas — que podem ajudar muito — vamos rever outras:

CASOS PROIBIDOS

REGRAS	EXEMPLOS
• Antes de palavra masculina;	Ele está no Rio a **serviço**.
• Antes de verbo;	Começaram a **discutir** o novo plano de metas.
• Antes de pronomes **Pessoais;** **Demonstrativo esta e essa;** **De tratamento.**	Dirigi-me a **ela** apenas uma vez na reunião. O empregado aspira a **essa** posição há muito tempo. Informaremos isto a **Sua Excelência**.[1]
• Nas expressões formadas por palavras repetidas;	Os dois candidatos ficaram **frente a frente** durante a discussão.
• Diante de palavra no plural, se o **"A"** estiver no singular.	Chegamos a **conclusões** importantes neste encontro.

CASOS OBRIGATÓRIOS

Ocorre crase:	Exemplo:
• Na indicação de horas;	A visita à fabrica deverá iniciar à **uma hora**. A visita à fabrica deverá iniciar às **duas horas**.
• Quando se subentende à moda, à maneira;	O restaurante da empresa servirá bife à milanesa (à moda milanesa) hoje.
• Em expressões adverbiais femininas.	**Às vezes**, o relatório informal não passa de uma página, mas não deve nunca passar de três.

CASOS FACULTATIVOS

Pode ocorrer crase:	Exemplo:
• Diante de pronomes possessivos:	Entregaram a encomenda a (ou à) **sua** secretária.
• Diante de nomes de pessoas.	Fizeram a mesma pergunta a (ou à) **Patrícia**.

CONCORDÂNCIA NOMINAL

REGRA GERAL: O artigo, o numeral, o adjetivo e o pronome adjetivo concordam com o substantivo a que se referem em gênero, número e grau.

Ex.: Estamos satisfeitos com **os bons** resultados **obtidos** por nossa equipe.

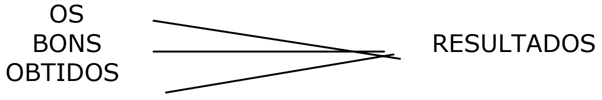

Vejamos, agora, algumas regras especiais que costumam trazer dúvidas:

Se houver:	Regra:	Exemplo:
MENOS	**Não varia**	Houve **menos** candidatas neste concurso.
"É BOM", "É NECESSÁRIO, "É PROIBIDO"	**Não variam, se não há artigo**	É proibid**o** entrada de estranhos
"É BOM", "É NECESSÁRIO, "É PROIBIDO"	**Variam, se há artigo**	É proibid**a** **a** entrada de estranhos.
ANEXO	**Varia**	Enviaremos **anexos** os documentos.

---

[1] Os pronomes de tratamento **senhora** e **senhorita** admitem crase.

PRÓPRIO	**Varia**	Ela **própria** entregou o cargo.
INCLUSO	**Varia**	A hospedagem também está inclusa.
OBRIGADO	**Varia**	Ela disse **obrigada** e saiu.
QUITE	**Varia**	Ela está quite com o FGTS.
MEIO	**Varia quando se refere a substantivo**	Usei **meia** lata de tinta em uma demão. Terminei meu trabalho ao meio-dia e **meia** (hora)
MEIO	**Não varia quando se refere a adjetivo ou advérbio**	A promotora do evento estava **meio** aborrecida.

CONCORDÂNCIA VERBAL

REGRA GERAL: O verbo concorda com o sujeito em número e pessoa. Veja:

sujeito **verbo** **verbo** **sujeito**

Os procedimentos e instruções **retratam** a forma como **são desenvolvidos** os produtos e a atividade da empresa.

Observe que os verbos *retratar* e *ser* estão no plural; concordando com os sujeitos.

Quando a frase está na ordem indireta, é comum cometer-se o erro de não concordar o sujeito com o verbo. Isso ocorre porque, em tal circunstância, o sujeito é confundido com complemento verbal. Veja:

Errado: Chegou os documentos que esperávamos.
Correto: Chegaram os documentos que esperávamos. (= Os documentos chegaram...)

ALGUNS CASOS ESPECIAIS

EXEMPLOS	REGRA
Cem Reais **é pouco**. Duzentos quilos **é suficiente**.	O verbo SER fica no singular se vier antecedido de expressões que indicam quantidade, preço ou medida.
Assistiu-se a apresentações inovadoras. **Chega**-se cedo ao trabalho.	Verbo transitivo indireto ou intransitivo acompanhado de "SE" mantém-se no singular.
Entregam-se ***encomendas*** em domicílio. (=*Encomendas* são entregues em domicílio)	Verbo transitivo direto antecedido de pronome apassivador "se" concorda normalmente com o sujeito.
Havia produtos que estavam fora das especificações. PORÉM: **Existiam** produtos que estavam fora das especificações.	Verbo *haver* significando *existir* é impessoal. Já, o verbo existir é pessoal.
FAZ quatro anos que ele foi admitido	O verbo *fazer* indicando tempo decorrido fica sempre no singular.
Costuma haver alguns empecilhos. **Vai fazer** quatro anos de sua admissão.	Locuções verbais com verbos *haver* e *fazer*, impessoais, mantêm-se no singular.
VOSSA EXCELÊNCIA **comparecerá** à entrevista? Ou VOSSAS EXCELÊNCIAS **comparecerão** à entrevista?	O verbo concorda com a terceira pessoa se o sujeito for pronome de tratamento.
Alguns de nós **terminarão** o estágio. Qual de vocês **chegou** primeiro?	O verbo concorda com o pronome indefinido ou interrogativo.
A multidão **reivindicava** seus direitos.	O verbo fica no singular se o sujeito for coletivo não especificado.
***As férias* fazem** muito bem sempre. ***Férias* faz** muito bem sempre**..**	Nomes que só se usam no plural precedidos de artigo o verbo vai para o plural; caso contrário, fica no singular.
Mais de *sessenta* candidatos **concorreram**	O verbo concorda com o numeral nos sujeitos

àquela vaga.	compostos pelas expressões MAIS DE, MENOS DE, PERTO DE, CERCA DE + numerais acima de um.
Fui ***eu*** que **resolvi** a questão.	Se houver pronome relativo que, o verbo concorda com o seu antecedente.
Fui ***eu*** quem **resolvi** a questão. Fui ***eu*** quem **resolveu** a questão.	Se houver pronome relativo quem, o verbo concorda com o seu antecedente ou com a 3ª pessoa do singular (ele).
São *duas* horas. **São *dez*** quilômetros.	Com o verbo ser indicando hora ou distância, a concordância é feita com o numeral.

ORTOGRAFIA

Ortografia é o nome dado à parte da gramática que trata da escrita correta das palavras. Embora a melhor maneira de aprender ortografia seja o exercício e a leitura constantes, algumas regras podem ser úteis. Consideraremos neste trabalho algumas questões — dentre as muitas — que costumam trazer dúvidas.

Algumas regras práticas

EMPREGA-SE "Z":

REGRA	EXEMPLO
1) No sufixo **"IZAR "** formador de verbo.	HUMANO → HUMAN**IZAR** porém: pesquisa + ar = pesquisar
2) Nos sufixos *-ez* e *-eza* acrescentados a adjetivos.	FRANCO → FRANQU**EZA**
3) Nas terminações "**ZINHO"** dos diminutivos:	TONEL → TONEL**ZINHO** Porém, acrescenta-se inho quando este já ocorre anteriormente. Veja: (parafuso → parafusinho)
4) Nos verbos em *-zer* e *-zir*.	TRA**ZER** - PRODU**ZIR**
5) Nos derivados, mantém-se o *z* da palavra-base	BALI**Z**A ABALI**Z**ADO

EMPREGA-SE "S":

REGRA	EXEMPLO
1) Nas formas verbais de **"PÔR"** e **"QUERER**" e seus derivados[2]:	PUS → PUSEMOS QUIS → QUISEMOS
2) Nos adjetivos com sufixo **"OSO"** - **"OSA"**.	BRILHO → BRILH**OSO**
3) Nas palavras derivadas de verbos que possuem **D** ou **ND** no final.	SUSPE**ND**ER → SUSPEN**S**ÃO
4) Nas palavras derivadas de verbos que Possuem terminação **TIR** ou **RT**.	DEMI**TIR** → DEMI**SS**ÃO INVE**RT**ER → INVER**S**ÃO

IMPORTANTE: Emprego de R ou S com som forte

REGRA	EXEMPLO
S ou R são usados entre vogal e consoante	su**b**s**e**ção e**n**s**a**io
SS ou RR são usados somente entre duas vogais	**a**ss**e**gurar - **a**ss**o**ciada oc**o**rr**ê**ncia - ho**n**r**a**

E OU I?

REGRA	EXEMPLO
Verbos terminados em -***oar*** ou ***-uar*** recebem ***e*** no final das formas verbais.	Contin***uar*:** É necessário que a empresa **continue** o processo seletivo.
Verbos terminados em -***uir*** recebem ***i*** no final	Contribuir: Todos sabemos que você contribui

---

das formas verbais.	muito com a equipe.

HOMÔNIMOS E PARÔNIMOS

HOMÔNIMOS são palavras que possuem a mesma pronúncia ou a mesma grafia, mas sentido diferente. Veja:

sessão (reunião)
seção (divisão) → pronúncia igual
cessão (ato de ceder

sede (é)
sede (ê) → grafia igual

PARÔNIMOS são palavras parecidas na pronúncia ou na grafia mas com significados diferentes. Veja:

despercebido	(não notado)
desapercebido	(desprovido)

Freqüentemente, essas palavras oferecem dificuldade àquele que escreve. Por isso, separamos uma lista de homônimos e parônimos. Vejamos:

acerca de = sobre, a respeito de cerca de = aproximadamente há cerca de = faz	acender = pôr fogo ascender = subir, elevar-se
acento = a maior intensidade com que se emite uma síllaba assento = lugar em que se senta	caçar = ir atrás da caça cassar = anular
Cerrar = fechar Serrar = cortar	comprimento = extensão cumprimento = saudação
Conserto = reparo Concerto = sessão musical	deferimento = concessão, permissão diferimento = adiamento
Demais = equivale a "muito" de mais = substituível por "a mais"	delatar = denunciar dilatar = ampliar
Descrição = ato de descrever Discrição = qualidade de quem é discreto	espiar = olhar expiar = sofrer castigo
Emergir = vir à tona Imergir = mergulhar	emigrar = deixar um país imigrar = entrar num país migrar = mudar de região
Eminente = célebre Iminente = prestes a acontecer	espectador = o que assiste expectador = o que tem esperança
Estada = permanência de pessoas Estadia = permanência de veículos	infligir = aplicar pena infringir = desrespeitar
Insert = incluído Incerto = que não é certo	mandado = ordem judicial mandato = período de missão, procuração
Mais = é antônimo de *menos* Más = é sinônimo de maldosas Mas = equivalente a porém	pleito = eleição preito = homenagem
Precedente = antecedente procedente = proveniente, oriundo	preeminente = nobre, distinto proeminente = saliente
previdência = qualidade daquele que prevê providência = suprema sabedoria, medida prévia para alcançar um fim	ratificar = confirmar retificar = corrigir
soar = emitir som suar = transpirar	sobrescrever = endereçar subscrever = assinar
tacha = preguinho taxa = imposto, percentagem	tampouco = também não tão pouco = muito pouco
tráfego = movimento, trânsito tráfico = comércio ilegal	vultoso = de grande vulto, volumoso vultuoso = inchado

OBS.: Existem palavras que possuem diferentes significados, são chamadas de polissêmicas.. Veja o caso da palavra *sanção*, que pode significar aprovação ou punição:

O projeto obteve a *sanção* do presidente. (aprovação)
A *sanção* contra o grevista foi muito pesada. (pena)

OUTRAS DIFICULDADES COMUNS

PORQUE, POR QUE , PORQUÊ OU POR QUÊ?

REGRA	EXEMPLO
PORQUE é usado quando for possível substituí-lo por *pois*	Não compareceu à reunião quadrimestral **porque** estava viajando a serviço. (= **pois**)
POR QUE é usado se não der para trocar por *pois*	Precisamos saber **por que** não foi enviada uma cópia do formulário ao cliente.
POR QUÊ é usado antes de pontuação	Não foram enviadas as cópias ao cliente. **Por quê**?
PORQUÊ é usado sempre que vier precedido de determinante (o, um)	Descobriram o **porquê** da não-conformidade?

MAL OU MAU?

MAU = ADJETIVO

REGRA	EXEMPLO
1. seu antônimo é **"BOM"**. 2. É variável: possui a forma feminina **"MÁ"** e o plural **"MAUS"**.	Ele é **mau** redator. (Ele é **bom** redator.) (Ela é **má** redatora.) (Eles são **maus** redatores.)

MAL = SUBSTANTIVO

REGRA	EXEMPLO
1. seu antônimo é "**BEM** ". 2. É variável. Possui o plural "**MALES**".	Esse é um **mal** pelo qual não esperávamos. (Esse é um **bem** pelo qual não esperávamos.) (Esses são **males** pelos quais não esperávamos.)

MAL = ADVÉRBIO

REGRA	EXEMPLO
1. Seu antônimo é **BEM**. 2. É invariável. Não possui plural nem feminino.	O objetivo está **mal** redigido. (O objetivo está **bem** redigido.) (Os objetivos estão **mal** redigidos.)

MAL = CONJUNÇÃO

REGRA	EXEMPLO
1. É sinônimo de **"LOGO QUE"**. 2. É invariável, não possui **PLURAL** nem **FEMININO;**	**Mal** começou a falar, foi interrompido. **(Logo que** começou a falar, foi interrompido.) Mal começaram a falar**...**

HÁ OU A?

HÁ = VERBO

REGRA PRÁTICA	EXEMPLO
1. Pode ser substituído por **"FAZ"**. É Usado sempre para tempo passado;	**Há** (**faz**) seis meses, o setor de Treinamento recebeu uma nova estagiária.
2. Pode ser substituído por **"EXISTE OU EXISTEM"**.	Na organização, **há** (=**existem**) procedimentos para identificar o potencial e atender a acidentes e situações de emergência.

"A" = ARTIGO FEMININO/ PREPOSIÇÃO/PRONOME OBLÍQUO

REGRA	EXEMPLO
1. Acompanha nomes femininos	**A** alta administração deve analisar o sistema de gestão ambiental. (Artigo)
2. Estabelece relação entre dois termos na frase.	O acidente ocorreu **a** dois quilômetros da base. (Preposição = relação de distância) O avião deixará o aeroporto daqui **a** dez minutos. (Preposição = tempo futuro)
3. Equivale ao pronome **ela**.	O pessoal responsável pela implementação da política ambiental **a** orientou adequadamente.

ONDE OU AONDE?

SIGNIFICADO	EXEMPLO
1. **AONDE** equivale a *para onde* e é usado com verbos de movimento.	Aonde **levaram** o equipamento? (Para onde levaram o equipamento?)
2. **ONDE** é usado com verbos que não indicam movimento.	Onde **está** o grupo de trabalho?

OBS.: Somente use o pronome relativo *onde* (sinônimo de no qual, em que) depois de palavras que indicam lugar. Veja:

- Certo: Esta é a sala **onde** realizamos nossas reuniões de departamento. (= na qual, em que)
- Certo: Esse é o momento **em que** todos se dirigem para o restaurante.
- Errado: Esse é o momento **onde** todos se dirigem para o restaurante.

SENÃO OU SE NÃO?

SIGNIFICADO	EXEMPLO
1. **SENÃO** = caso contrário	Venha logo **senão** iniciaremos os trabalhos sem você.
2. **SENÃO** = defeito	Não havia um **senão** no Manual?
3. **SE NÃO** = Caso não	**Se não** chegar em cinco minutos, cancelaremos a reunião. (Caso não chegue...

AO INVÉS DE OU EM VEZ DE?

SIGNIFICADO	EXEMPLO
1. **Em vez de =** no lugar de	Em vez de *terminar* o trabalho, ficou *conversando* na internet.
2. **Ao invés de =** ao contrário de (é necessário que haja idéia de contrariedade)	Ao invés de *subir*, como todos esperavam, o dólar *caiu*.

IR AO ENCONTRO DE OU IR DE ENCONTRO A?

SIGNIFICADO	EXEMPLO
1. **IR AO ENCONTRO DE** = estar a favor	Felizmente, esses são valores que vão ao encontro da filosofia da empresa.
2. **IR DE ENCONTRO A =** ir contra	Suas atitudes iam de encontro à filosofia da empresa: foi demitido.

DIA-A-DIA OU DIA A DIA?

SIGNIFICADO	EXEMPLO
1. **DIA-A-DIA =** cotidiano	O dia-a-dia em nosso departamento sempre foi muito calmo
2. **DIA A DIA =** dia após dia	Dia a dia, aumentavam nossas responsabilidades.

AGENTE, A GENTE OU HÁ GENTE?

SIGNIFICADO	EXEMPLO
1. **AGENTE =** aquele que age	O agente secreto foi preso.

2. **A GENTE =** nós (no coloquial)	Dia a dia, a gente recebia nossas responsabilidades.
3. **HÁ GENTE** = existem pessoas	Há gente com vida sob os escombros.

PONTUAÇÃO

A VÍRGULA ENTRE OS TERMOS DA ORAÇÃO

O uso da vírgula é geralmente desnecessário se a oração está na ORDEM DIRETA. Veja:

Todas as Normas	terão	a designação do ano com quatro algarismos	a partir do ano 2000.
sujeito	**verbo**	**complemento verbal**	**adjunto adverbial**

PORÉM:
Quando essa ordem é quebrada por inversões ou intercalações, a vírgula marcará essa quebra. Veja :

A partir do ano 2000**,**	todas as Normas	terão	a designação do ano com quatro algarismos.
adjunto adverbial	**sujeito**	**verbo**	**complemento verbal**

Todas as Normas	terão,	a partir do ano 2000**,**	a designação do ano com quatro algarismos
sujeito	**verbo**	**adjunto adverbial**	**complemento verbal**

Observe-se que a vírgula foi usada para marcar a inversão ou a intercalação do adjunto adverbial.

PORTANTO, NUNCA USE VÍRGULA QUE SEPARE O SUJEITO DO VERBO OU O VERBO DO SEU COMPLEMENTO.

Veja:

sujeito verbo

Os verbos empregados ao longo do texto de uma norma devem estar no presente do indicativo ou no infinitivo, no caso da descrição de etapas de um ensaio.

USE VÍRGULA PARA SEPARAR ELEMENTOS "INTRUSOS" COLOCADOS ENTRE O SUJEITO E O VERBO OU O VERBO E SEU COMPLEMENTO.

Veja:

Todas as normas , **desde a fase de projeto**, devem ser identificadas pela letra N.

sujeito verbo

OUTRAS REGRAS...

Empregue vírgula para:

- isolar o vocativo (chamamento);
  Ex. **Senhor**, não há realmente quaisquer empecilhos para a realização da reunião.
- separar o aposto — termo que explica o anterior;
  Ex.: A ISO, **International Standard Organization**, é uma organização internacional de padronização com sede em Genebra na Suíça.

- destacar expressões explicativas, retificativas ou continuativas, tais como: ou melhor, por exemplo, isto é, aliás, então, quer dizer, etc.

Ex.: Dentro da alínea só podem ser usadas vírgulas, **isto é**, a alínea só pode ter uma frase.

- Separar elementos dispostos em enumeração;

Ex.: Relatório é a exposição objetiva de **atividades**, **fatos**, **pesquisas científicas**, **inquéritos** e **sindicâncias**.

- Após as conjunções *entretanto, todavia, no entanto, porém*, *portanto, além disso* iniciando frase.

Ex.: **No entanto**, para que todo esse potencial possa ser bem aproveitado, empresas e pessoas precisam ser treinadas e desenvolvidas. (Cleide Costa)

A VÍRGULA ENTRE AS ORAÇÕES

Usa-se vírgula para:

- separar as orações subordinadas adverbiais, sobretudo quando vêm antes da principal.

Ex.: A NBR ISO 14001 estabelece procedimentos para planejar e executar uma auditoria em SGA, **a fim de determinar sua conformidade com os critérios de auditoria do SGA.** O. Subord. Adverbial

O. Subord. Adverbial

A fim de determinar sua conformidade com os critérios de auditoria do SGA, a NBR ISO 14001 estabelece procedimentos para planejar e executar uma auditoria em SGA**.**

- separar orações reduzidas.

Or. reduzida

Ex.: **Dado o sinal**, todos deixaram seus locais de trabalho. (= Quando deu o sinal)

A auditoria verifica e registra se os processos estão de acordo com os procedimentos pré-estabelecidos, **apontando os erros**, quando necessário.

Or. reduzida

- separar as orações intercaladas:

Ex.: Outra medida importante para se obter homogeneidade na descrição de processos, **afirmou o especialista**, é estabelecer um consenso na equipe.

- Isolar as orações adjetivas explicativas:

Ex.: As reivindicações, **que são justas**, serão atendidas. (todas são justas)

Observe porém que, se a oração for restritiva as vírgulas não serão usadas.

As reivindicações **que são justas** serão atendidas.

(Só as que são justas)

OBSERVE O USO DOS DOIS PONTOS EM ENUMERAÇÕES:

Para o êxito de um programa de qualidade, são essenciais três elementos**:**

- um sistema de instruções escritas que definam como cada atividade na organização deve ser realizada;
- a integridade pessoal dos elementos responsáveis pela tarefa de fazer o sistema funcionar;
- uma equipe de gerência que acredite que o zero defeitos constitui o único padrão viável de desempenho.

(Turnball, D.M. adaptado)

A tecnologia é dominada por dois tipos de pessoas:

- as que entendem o que não fazem;
- as que fazem o que não entendem .

SOBRE O PONTO ...

USE:	**EXEMPLO**
1. Como sinal divisório em números.	temperatura de 18.6 graus...
2.Em indicativos na numeração de partes de um documentos e em codificações em geral.	4.1 5.2.1
NÃO USE:	**EXEMPLO**
1. na escrita indicativa de ano.	Ex.: 1998 e não 1.998
2. em datas abreviadas. Prefira o hífen.	Ex.: São José dos Campos, 13-9-1998.

Atenção: Se o ponto final coincidir com com o ponto abreviativo, apenas um deles é usado. Após *etc.*, não se usam reticências (etc...)

PRONOMES

Pronomes demonstrativos

Isto, Esta, Este - emissor = perto de quem fala
(**me, mim, comigo** - expressões que revelam proximidade ou tempo presente)

Isso, Essa, Esse - receptor = perto de quem ouve
(**te, ti, contigo, você, vocês** - revelam tempo passado ou proximidade com o receptor).

Aquilo/a, Aquele/a - longe do emissor e do receptor. (devem ser usados com expressões ou palavras que indiquem lugar).

Isto aqui é a última novidade em propaganda. (emissor)

Esse é o resultado do seu teste. (para o receptor)

Aquela sala lá é a de reuniões? (longe do emissor e receptor)

Pronomes de tratamento

- precedidos de vossa quando nos dirigimos diretamente à pessoa representada pelo pronome.
– precedidos de sua quando falamos dessa pessoa.
Ao encontrar o governador, perguntou-lhe:
- Vossa Excelência já aprovou os projetos?
Sua Excelência, o governador, disse que já aprovou os projetos.

Veja a seguir alguns desses pronomes:

PRONOME	ABREVIATURA	EMPREGO
Vossa Eminência	V.Em^{a}.	Cardeais
Vossa Excelência	V.Exª.	altas autoridades em geral
Vossa Magnificência	V.Mag^{a}.	reitores de universidades
vossa Reverendíssima	V.Rev^{ma}.	sacerdotes em geral
Vossa Santidade	V.S.	Papa
Vossa Senhoria	V.S^{a}.	funcionários graduados

são também pronomes de tratamento: o **senhor, a senhora, você, vocês**.

CONOSCO, CONVOSCO - Essas formas oblíquas podem ser substituídas, respectivamente, por "**com nós" e "com vós**", quando seguidas de palavras que reforcem como: próprios, mesmos, todos, outros, ambos, ou qualquer numeral.

Ex.: O diretor falará conosco.
O diretor falará com nós dois.

Observe o quadro:

FORMAS VERBAIS TERMINADAS EM:	VARIANTES DOS PRONOMES O/A/OS/AS	EXEMPLOS
R S Z	lo, la los, las	fazê(r)-la qui(s)-lo fi(z)-lo
M ÃO ÕE	no, na nos, nas	Fazem-nas Dão-nas põe-nas

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Coloque o pronome depois do verbo se:

1. o verbo iniciar a frase;	Ex.: Dão-**se** aulas particulares aqui.
2. a frase for imperativa afirmativa;	Ex.: Desejem-**me** boas férias.
3. o verbo estiver no gerúndio;	Ex.: Saiu, deixando-**nos** por instantes.
4. o verbo estiver no infinitivo impessoal.	Ex.: Era necessário ajudar-**te**.

Coloque o pronome no meio do verbo se esse verbo estiver:

1. no futuro do presente;	Ex.: Expedir-**se**-ão os mandados de segurança.
2. no futuro do pretérito.	Ex.: Expedir-se-iam os mandados de segurança.

Coloque o pronome antes do verbo se houver palavras atrativas, tais como:

1. palavra negativa;	Ex.: Não **nos** habitaremos a isso.
2. advérbios;	Ex.: Sempre **o** prevenimos dos privilégios de lá.
3. pronomes demonstrativos;	Ex.: Isto **me** pertence.
4. pronomes indefinidos;	Ex.: Alguém **me** informou os verdadeiros motivos.
5. pronomes relativos;	Ex.: O lugar onde **nos** encontraremos é este.
6. conjunções subordinativas;	Ex.: Ele interveio quando **lhe** pedimos ajuda.
7. gerúndio precedido de preposição.	Ex.: Em **se** tratando desse prefeito, tudo é possível.

REGÊNCIA VERBAL

A regência verbal estuda a relação que se estabelece entre o verbo e seu complemento. Veja:

A Norma contém conceitos básicos sobre Sistema de Gestão (**sem** preposição)
verbo complemento

O desempenho agradou **a**o cliente interno. (**com** preposição)
verbo complemento

Algumas vezes, usar uma preposição em lugar de outra ou não usá-la pode resultar em mudança no sentido do verbo. Veja a diferença entre:

- agradar o cliente (sem preposição) = fazer agrado
- agradar **a**o cliente (com preposição *a*) = satisfazer, aprazer

(Agradar o chefe é diferente de agradar ao chefe, não?)

- lavar a máquina (sem preposição) = o que foi lavado
- lavar **à** máquina (com preposição *a*) = como foi lavado

- Tomar parte **n**a reunião (com preposição *em*) = participar dela
- tomar parte **d**a reunião (com preposição *de*) = usar um tempo dela

- sentar **à** mesa (com preposição *a*) = próximo a ela
- sentar **n**a mesa (com preposição *em*) = sobre ela

- bater a máquina (sem preposição) = dar pancada
- bater **n**a máquina (com preposição *em*) = ir de encontro a
- bater **à** maquina (com preposição *a*) = datilografar

A) Outros verbos que apresentam mais de uma regência com mudança de sentido:

VERBO / SENTIDO	REGÊNCIA	EXEMPLO
ASPIRAR 1. inspirar 2. almejar	1. sem preposição 2. com **A**	1. Todos **aspiram** o ar poluído. 2. Ele **aspira** a um cargo mais elevado.
ASSISTIR 1. prestar assistência 2. presenciar, ver 3. caber, pertencer 4. morar	1. sem preposição 2. com **A** 3. com **A** 4. com **EM**	1. O Setor Médico **assiste** os funcionários. 2. **Assistiram** a um bom filme no Centro de Treinamento. 3. É um direito que **assiste** a todos. 4. **Assistiam** em Campos do Jordão.

PROCEDER 1. ter fundamento 2. vir de 3. executar 4. agir	1. sem complemento 2. com **DE** 3. com **A** 4. sem preposição	1. Essa regra não **procede**. 2. Estes resultados **procedem** de seu departamento. 3. **Procederão** às investigações. 4. **Procederam** bem durante a auditoria.
VISAR 1. dar visto 2. ter em vista	1. sem preposição 2. com **A**	1. O funcionário **visou** o cheque. 2. **Visamos** a um só bem: a felicidade do nosso povo.
PRECISAR 1. indicar com precisão 2. ter necessidade	1. sem preposição 2. com **DE**	1. Não souberam **precisar** a hora do acidente. 2. **Precisaremos** de sua colaboração.
DISPOR 1. colocar em ordem 2. ter à disposição	1. sem preposição 2. com **DE**	1. **Dispuseram** os livros na estante. 2. **Dispunham** de vultosa quantia para a realização do evento.
CUSTAR 1. ser difícil 2. acarretar	1. com **A** 2. um sem, outro com preposição **A**	1. **Custou** ao operário entender o problema. 2. A falta de emprego **custa** sacrifício ao povo.

Outras vezes, a mudança de regência diferencia a forma culta de se expressar da coloquial. Veja estes casos:

- **Coloquial**: Encomendaram o equipamento que tanto precisavam. (sem preposição)
- **Culto**: Encomendaram o equipamento **de** que tanto precisavam. (com preposição)

B. Outros verbos que apresentam desacordo de regência entre o registro culto e o coloquial:

VERBO	PREPOSIÇÃO	EXEMPLO
CHEGAR	1. Culto 2. Coloquial	1. A ambulância **chegou ao** local. 2. A ambulância **chegou no** local.
RESIDIR (E MORAR)	**C.** Culto 2. Coloquial	**C.** O assessor **reside** na Rua das Flores. 2. O assessor **reside** à Rua das Flores.
IMPLICAR	**C.** Culto 2. Coloquial	1. Criatividade **implica** mudança. 2. Criatividade **implica** em mudança.
OBEDECER	**C.** Culto 2. Coloquial	1. **Obedeça** aos sinais de trânsito. 2. **Obedeça** os sinais de trânsito.
PREFERIR	**C.** Culto 2. Coloquial	1. **Preferiu** trabalhar a estudar. 2. **Preferiu** trabalhar do que estudar.
IR	**C.** Culto 2. Coloquial	1. O presidente **irá** ao sindicato hoje. 2. O presidente **irá** no sindicato hoje.
SER	1. Culto 2. Coloquial	1. **Somos** trinta nesta equipe. 2. **Somos** em trinta nesta equipe.
ARRASAR	**C.** Culto 2. Coloquial	1. A bomba **arrasou** o edifício. 2. A bomba **arrasou** com o edifício.
HABITUAR-SE	**C.** Culto 2. Coloquial	1. Ele **se habituou** à nova rotina. 2. Ele **se habituou** com a nova rotina.
AGRADECER	1. Culto 2. Coloquial	**C.** Agradeceu ao colega pela colaboração. 2. Agradeceu ao colega a colaboração.

Há ainda um terceiro grupo de verbos que admitem mais de uma regência, sem que, entretanto, haja mudança de sentido. Veja:

- responder o questionário (algo)
- responder **a**o telegrama (a algo)
- responder-lhe que não tinha certeza (algo a alguém)
  (= a ele)

C) Outros verbos que admitem mais de uma regência sem mudança de sentido:

VERBOS	COMPLEMENTOS	EXEMPLOS
AVISAR (CERTIFICAR E CIENTIFICAR)	1. algo a alguém 2. alguém de algo	1. **Avise**-lhe que chegamos 2. **Avise**-o de que chegamos.

INFORMAR	1. algo a alguém 2. alguém de algo	1. O jornal **informava** as fraudes ao povo **O jornal informava**-lhe as fraudes. 3. **Informava** o povo das fraudes. **Informava**-o das fraudes.
ESQUECER	1. se de algo 2. algo	1. **Esqueci**-me dos documentos 2. **Esqueci** os documentos.
LEMBRAR	1. se de algo 2. algo	1. Ele **lembrou**-se de tudo. 2. Ele **lembrou** tudo.
ATENDER	1. a algo 2. alguém 3. a alguém	1. **Atendi** ao telefone 2. **Atendi** o cliente. 3. **Atendi** ao cliente.
DIGNAR-SE	1. de algo 2. algo	1. **Dignou**-se de expedir as ordens. 2. **Dignou**-se expedir as ordens.
PAGAR	1. algo 2. a alguém 3. Algo a alguém.	1. **Pagou** a conta da luz. 2. **Pagou** ao cobrador. 3. **Pagou** a conta ao cobrador.
PERDOAR	1. algo 2. alguém 3. algo a alguém	1. A prefeitura **perdoou** a dívida dos inadimplentes. 2. A prefeitura **perdoou** os inadimplentes. 3. A prefeitura **perdoou** a dívida aos inadimplentes.
CUMPRIR	1. Algo 2. Com algo	1. **Cumpriremos** nossa palavra. 2. **Cumpriremos** com nossa palavra.
PRESIDIR	1. algo 2. a algo	1. O analista **presidirá** o Congresso. 2. O analista **presidirá** ao Congresso.
PROCURAR	1. Algo 2. Por algo	1. **Procuraram** uma Instrução de Trabalho. 2. **Procuraram** por uma Instrução de trabalho.

Observação

É conveniente usar o pronome *lhe* como complemento de verbos que exigem complemento com preposição. Assim teremos:

Enviou **para o chefe do departamento** o relatório
= Enviou-**lhe** o relatório.
Porém:
Encontrou **o chefe do departamento** no restaurante.
= Encontrou-**o** no restaurante.

2. Deve-se evitar unir dois verbos de regências diferentes com um mesmo complemento. Assim, temos:

Correto: A auditoria **verificou** e **informou** a não-conformidade.
verificou a não-conformidade.
e **informou** a não-conformidade.
Incorreto: Verifica e se certifica de que o padrão de Qualidade foi alcançado.
Verifica de que o padrão de Qualidade foi alcançado (?)
e **certifica-se** de que o padrão de Qualidade foi alcançado.

AUXÍLIO À MEMORIZAÇÃO

ORTOGRAFIA OFICIAL	
S	pátrios, isar, por/querer/usar, oso, erter (exceção: catequizar)
ÊS	adj. deriv. subst.
ESA	ender, nobiliárquicos, adj. Femininos
SS	Tir
SC	Latinas
Ç	árabes/indígenas/africanos
ÇÃO	subst. Deriv. Verbo
G	agem/igem/ugem, gio

Z	zal/Zinho/zito, z, izar, triz
EZ	Abstratos
J	já, jar, indígenas/africanos/populares, aje
X	ditongo, en, indígenas/africanos/ingleses, me (exceção: mecha)

ACENTUAÇÃO	
Monossílabos tônicos	a(s), e(s), o(s)
Oxítonas	a(s), e(s), o(s), em(ns)
Paroxítonas	ditongo crescente, r, l, n, x, ps, ã(s), ão(s), i(s), us, um(ns)
Proparoxítonas	
Ditongos abertos	éu, éi, oi
Hiato decrescente	i(s), u(s) (exceção : seguidos de l, n, r, z, m)

FLEXÃO DOS SUBSTANTIVOS COMPOSTOS			
OS DOIS	**SÓ O PRIMEIRO**	**SÓ O SEGUNDO**	**NENHUM**
subst + subst subst + adj adj + subst numeral + subst.	preposição segundo finalidade ou semelhança	verbo + subst invariável/prefixo + variável repetidos (exceção: corres-corres)	verbo + advérbio verbo + subst plural

FLEXÃO DOS ADJETIVOS COMPOSTOS	
SÓ O ÚLTIMO	**NENHUM**
adj + adj (exceção: surdos-mudos) invariável + adj	adj + subst cor + de + subst azul-celeste, azul-marinho

FLEXÃO DOS SUBSTANTIVOS			
VARIAM EM NÚMERO	**VARIAM GÊNERO**	**VARIAM EM NÚMERO E GÊNERO**	**NENHUM**
numerais	cardinais: um, dois e > Duzentos “Ambos” substituindo “os dois”	ordinais	multilicativos

CONCORDÂNCIA NOMINAL							
SINGULAR OU PLURAL	**MASCULINO PLURAL OU MAIS PRÓXIMO**	**MAIS PRÓXIMO OU PLURAL**	**VARIAM EM GÊNERO E NÚMERO**	**MAIS PRÓXIMO**	**VÁRIAS FORMAS**	**VARIAM**	**INVARIÁVEIS**
mesmo gênero, sing. e posposto	gen.dif.,sing. e pos. gen.dif.,plu. e pos. gen/num.dif. e pos.	ou ordinais	mesmo próprio só anexo incluso junto nenhum dado visto	sinônimos	artigo	o mais... possível só obrigado	adv.de modo alerta menos (qtd) outro a sós em mão

CONCORDÂNCIA VERBAL					
SINGULAR	**3ª DO SINGULAR**	**MAIS PRÓXIMO OU PLURAL**	**ANTECEDENTE DO SUJEITO**	**PLURAL**	**SINGULAR OU PLURAL**
nem um nem outro um ou outro é muito é pouco é mais de é menos de é tanto (quantidade) mais de um um dos que algum de uma parte de coletivo com (companhia) ou (exc/sinomia)	quem/qual verbo + se verbos imp. (haver/fazer - tempo/existir)	posposto não só... mas também não só... como bem como tanto... como tanto...quanto	que	anteposto pron.pessoais dif. como quantos de com (cooperação) ou (inc., antomímia, retificação)	um e outro a maioria a maior parte de grande parte de alguns de um grande número de muitos de um dos que cerca de mais de porcentagem, fração tudo, isso, aquilo, o que +

					ser + plural

CRASE		
NÃO	**NÃO**	**OPCIONAL**
pronomes relativos verbos artigo indefinido pronome pessoal pronome indefinido pronome interrogativo locuções repetidas preposição terra # bordo casa = residência	locuções adverbiais femininas locuções conjuntivas femininas locuções prepositivas femininas pronomes demonstrativos conjunção proporcional horas à moda nome de lugar	pronomes possessivos substantivos próprios

COLOCAÇÃO PRONOMINAL			
PRÓCLISE	**MESÓCLISE**	**ÊNCLISE**	**LOCUÇÕES**
conj. subord. pron. relativos pron. interrog. orações opt. orações exclam. adv. preverbiais negação particípio pron.. indef. “em” + gerún. Advérbios (exceção: aqui se arruma / aqui, arruma-se)	futuro do pres. futuro do pret.	início de oração imperativas afirm. gerúndio inf. prec. de “a” orações coord. sind.	verbo principal no infinitivo ou gerúndio - com palavra atrativa = “nas extremidades” - sem palavra atrativa = após o princ. ou após o auxiliar verbo principal no particípio - com palavra atrativa = antes do auxiliar - sem palavra atrativa = após auxiliar verbo principal no fut. presente ou fut. do pretérito - mesóclise

USO DO PORQUE			
POR QUE	**POR QUÊ**	**PORQUE**	**PORQUÊ**
perguntas finalidade/motivo	final de frase antes de pontuação	resposta	“o porquê”

EXERCÍCIOS

01 Dê o plural de: o pé-de-moleque ; a couve-flor ; o curto-circuito ; o guarda-civil
A) os pés-de-moleque; as couves-flores; os curtos-circuitos; os guardas-civis
B) os pés-de-moleques; as couves-flor; os curtos-circuitos; os guardas-civis
C) os pés-de-moleque; as couve-flores; os curto-circuitos; os guarda-civis
D) os pés-de-moleque; as couve-flor; os curto-circuitos; os guardas-civil
E) os pés-de-moleques; as couve-flores; os curtos-circuito; os guarda-civis

02 Identifique a alternativa cujos substantivos flexionam o gênero de uma mesma maneira:
A) pianista ; testemunha ; dentista
B) pessoa ; artista ; jacaré
C) mártir ; criança ; cientista
D) cobra ; peixe ; onça
E) cônjuge ; vítima ; cliente

03 Que frase não apresenta concordância nominal?
A) Escolheram má hora e lugar para a manifestação.
B) A criança vestia uma blusa verde-clara.
C) Estou quites com meus compromissos.
D) Seguem anexos os bilhetes aéreos.
E) A justiça declarou culpados o réu e a ré.

04 Qual a alternativa cuja concordância nominal está correta?
A) Nem uma nem outra maneiras me agradam.
B) Há uma e outra frutas podres.
C) Guardou bastante moedas de prata.
D) Cerveja é boa para a saúde.

E) Não apareceu no terceiro e no quarto dia.

05 Encontre a alternativa que apresenta erro de concordância do verbo SER:
A) Da cidade à ilha é uma hora e quarenta minutos.
B) Amanhã devem ser dez de maio.
C) Isso são águas passadas.
D) Dois mais dois é quatro.
E) Era uma vez oito princesas.

06 Ache a alternativa que se completa corretamente com apenas uma das formas verbais entre parênteses:

A) Uma porção de folhas (sumiu / sumiram).
B) A maior parte dos carros (eram brancos / era branca).
C) Mais de um carro (enguiçou / enguiçaram).
D) 50% da turma (é incapaz / são incapazes) de pensar.
E) Quando apareceu, (era / eram) perto de sete horas.

07 Marque onde há erro na regência do verbo:
A) Ele chegou na cidade ontem à noite.
B) Eu o vi ontem, no cinema.
C) Obedeça às minhas ordens.
D) Informei os amigos sobre a carta.
E) Paga o que deve aos teus funcionários.

08 Que frase apresenta erro na regência nominal?
A) Ninguém está imune a influências.
B) Ela já está apta para dirigir.
C) Tinha muita consideração por seus pais.
D) Ele revela muita inclinação com as artes.
E) Era suspeito de ter assaltado a loja.

09 Indique a frase que não se completa corretamente com a:
A) Fique atento __ essas explicações.
B) Vizinho __ nós moravam portugueses.
C) Resido __ Rua do Ouro.
D) Ela tem horror __certos animais.
E) Ele ficou insensível __ nossos apelos.

10 Ache a frase onde o sinal indicador da crase foi usado inadequadamente:
A) Ela acedeu à reclamação da mãe.
B) Todos aspiram às delícias do paraíso.
C) Eles chegaram à cidade de Olinda.
D) Quero muito à crianças e velhos.
E) Respondam às cartas que chagaram.

R: GABARITO
01-A | 02-D | 03-C | 04-E | 05-D
06-C | 07-A | 08-D | 09-C | 10-D

01 Assinale a alternativa onde ocorre erro de pontuação.
A) ( )Os pássaros, sempre, voltam para os ninhos.
B) Na semana passada, os meninos deixaram seus brinquedos no parque.
C) Se não estivesse chovendo, teria ido ao cinema.
D) Manoel, o padeiro, quebrou a perna e não veio hoje.
E) São Paulo, 20 de novembro de 1999.

02 Na frase Quem deseja sua ajuda em semelhante situação ?, as palavras destacadas são, respectivamente, pronomes:
A) interrogativo - possessivo - demonstrativo
B) indefinido - possessivo - demonstrativo
C) indefinido - relativo - oblíquo
D) indefinido - possessivo - relativo
E) interrogativo - possessivo - indefinido

03 Indique a única alternativa que apresenta erro na acentuação gráfica em uma das palavras.
A) mártir - freguês - pólen
B) calvície - têxteis - ânsia

C) incrível - tênue - cárie
D) sêmen - armazém - ítem
E) vírus - órfão - vácuo

04 Assinale a alternativa onde o verbo pôr está conjugado na 1ª pessoa do plural do pretérito imperfeito do modo indicativo.
A) pomos.
B) púnhamos
C) pusemos
D) ponhamos
E) pusermos

05 Na frase Este é o perfume de que mais gosto, a palavra que é classificada morfologicamente como:
A) substantivo
B) advérbio
C) pronome relativo
D) preposição
E) conjunção subordinada

06 O plural do substantivo composto está incorreto na alternativa:
A) o leva-e-traz - os leva-e-traz
B) a manga-rosa - as mangas-rosa
C) o beija-flor - os beija-flores
D) o guarda florestal - os guarda-florestais
E) o primeiro-ministro - os primeiros-ministros

07 Ocorre erro de concordância nominal na alternativa:
A) No livro de registros faltava a folha duzentos.
B) É necessária segurança para se viver bem.
C) A janela estava meio aberta.
D) Eu e você estamos quites.
E) Os policiais estavam alerta.

08 Assinale a frase que apresenta erro de ortografia.
A) A feijoada foi preparada na tigela de barro.
B) O cliente deu uma boa gorjeta ao garçom.
C) Laura não gosta de licor de jenipapo.
D) Fizeram uma delicioso prato com beringela.
E) Aceitamos sua sugestão.

09 Na frase A loja ficou repleta de clientes, o termo destacado é:
A) objeto direto
B) agente da passiva
C) complemento nominal
D) objeto indireto
E) complemento verbal

10 Em qual das alternativas abaixo ambas as palavras apresentam 8 letras e 6 fonemas ?
A) gasolina - cochicho
B) passarela - passeata
C) assessor - guitarra
D) salsicha - caridade
E) bochecha - oclusiva

R: GABARITO
01-A | 02-A | 03-D | 04-B | 05-C
06-D | 07-B | 08-D | 09-C | 10-C

01 Assinale onde não ocorre a concordância nominal:
A) As salas ficarão tão cheias quanto possível.
B) Tenho bastante dúvidas.
C) Eles leram o primeiro e segundo volumes.
D) Um e outro candidato virá.
E) Não leu nem um nem outro livro policiais.

02 Marque onde o termo em destaque está erradamente empregado:
A) Elas ficaram todas machucadas.
B) Fiquei quite com a mensalidade.

C) Os policiais estão alerta.
D) As cartas foram entregues em mãos.
E) Neste ano, não terei férias nenhumas.

03 Analise sintaticamente o termo em destaque: A marcha alegre se espalhou na avenida...
A) predicado
B) agente da passiva
C) objeto direto
D) adjunto adverbial
E) adjunto adnominal

04 Marque onde o termo em destaque não representa a função sintática ao lado:
A) João acordou doente. (predicado verbo-nominal)
B) Mataram os meus dois gatos. (adjuntos adnominais)
C) Eis a encomenda que Maria enviou. (adjunto adverbial)
D) Vendem-se livros velhos. (sujeito)
E) A idéia de José foi exposta por mim a Rosa. (objeto indireto)

05 Ache a afirmativa falsa:
A) usam-se os parênteses nas indicações bibliográficas;
B) usam-se as reticências para marcar, nos diálogos, a mudança de interlocutor;
C) usa-se o ponto-e-vírgula para separar orações coordenadas assindéticas de maior extensão;
D) usa-se a vírgula para separar uma conjunção colocada no meio da oração;
E) usa-se o travessão para isolar palavras ou frases, destacando-as.

06 Identifique o termo acessório da oração:
A) adjunto adverbial
B) objeto indireto
C) sujeito
D) predicado
E) agente da passiva

07 Qual a afirmativa falsa sobre orações coordenadas?
A) as coordenadas quando separadas por vírgula, se ligam pelo sentido geral do período;
B) uma oração coordenada muitas vezes é sujeito ou complemento de outra;
C) as coordenadas sindéticas subdividem-se de acordo com o sentido e com as conjunções que as ligam;
D) as coordenadas conclusivas encerram a dedução ou conclusão de um raciocínio;
E) no período composto por coordenação, as orações são independentes entre si quanto ao relacionamento sintático.

08 Identifique a afirmativa verdadeira:
A) as orações subordinadas ou são adjetivas ou adverbiais;
B) a preposição que introduz uma oração subordinada nunca pode ser omitida;
C) duas orações subordinadas podem estar coordenadas entre si;
D) uma oração se denomina principal porque vem primeiro que as outras;
E) o período composto por subordinação só pode ter duas orações.

09 Enumere a segunda coluna de acordo com a abreviatura da forma de tratamento adequada:
(1) V.Ex.ª Rev.ma reitor de universidade ( )
(2) V.Mag.ª papa ( )
(3) V.Em.ª bispo e arcebispo ( )
(4) V.S. cardeal ( )

A) 1 ; 4 ; 3 ; 2
B) 2 ; 4 ; 1 ; 3
C) 3 ; 4 ; 2 ; 1
D) 4 ; 2 ; 3 ; 1
E) 2 ; 4 ; 3 ; 1

10 Onde o pronome está erradamente empregado?
A) fez + o = fê - lo
B) diríamos = di - lo - íamos
C) pondes + o = ponde - lo
D) tem + o = tem - no
E) diríeis + o = diríei - lo

R: GABARITO
01-B | 02-D | 03-D | 04-C | 05-B
06-A | 07-B | 08-C | 09-B | 10-E

01 A frase inteiramente correta quanto à concordância verbal é:
A) Será que ainda é possível prever as manobras do governo, neste cenário econômico que se caracteriza por tantas
incógnitas?
B) Por que se permite as cenas de violência, de que estão recheadas a televisão brasileira?
C) As pessoas que se vem mostrando satisfeitas com o país são as beneficiárias das medidas que se veio implantando.
D) Se qualquer um de nós lhes emprestássemos apoio, mereceriam o repúdio de toda a população.
E) Por mais que os espantem a surpresa dos novos fatos, ainda não lhes falta a capacidade das iniciativas.

02 Todas as palavras estão corretamente grafadas na frase:
A) As pessoas impúdicas vêem como natural a exposição das crianças às torpesas dos famigerados programas populares.
B) Orçados os custos gerais da campanha, impuzeram-se ríjidas restrições às despesas atinentes à publicidade.
C) A obtenção de recursos extras constitui a meta prioritá-ria, no momento; não há outro jeito de implementar este plano.
D) Seu modo de agir lembra-me os tregeitos dos ilusionis-tas: os movimentos dispersivos discimulam o gesto essencial.
E) O Ivo, sempre incalto, serviu à causa do adversário; faltou-lhe a acessoria de um correlegionário mais experi-ente.

03 A contemporaneidade das idéias não implica rejeição sumária do que já foi ajuisado no passado, pelo contrário: requer a izenção de julgamento que coíbe os preconceitos e permite analisar com descortínio as teorias de nossos antecessores.
É preciso corrigir a grafia de TODAS as palavras, destacadas do período acima, que constam em
A) contemporaneidade-izenção-analisar
B) rejeição-ajuisado-analisar
C) contemporaneidade-coíbe-descortínio
D) ajuisado-izenção-descortínio
E) rejeição-coíbe-antecessores

04 A flexão de todos os verbos está correta na frase:
A) Os policiais que os deteram, na manhã de ontem, há muito vêm agindo de modo arbitrário.
B) Caso não ajam a tempo, pediremos que seja estendido o prazo de apresentação de seus documentos.
C) Assim que reavermos nossas malas, remarcaremos as passagens.
D) Os portões que se vêm nos casarões antigos detêm nosso olhar, tantos são os detalhes que neles surpreendemos.
E) Quando eles reverem o caso, haverão de chegar a novas conclusões.

05 A impropriedade no emprego do léxico torna absurdo o sentido da frase:
A) Tanto subestimaram a força do adversário que acabaram por lhe infligir retumbante derrota.
B) Ele costuma agir com cautela, não obstante haver demonstrado alguma afoiteza na última medida que tomou.
C) Ao contrário de seu irmão, um notório delinqüente, ele jamais deixou de agir com a mais absoluta retidão.
D) Alcoólatra redimido, José faz questão de se pôr à prova, não fugindo às reuniões em que a bebida é farta.
E) Dado que não pude ratificar o meu voto no segundo escrutínio, meu representante legal encarregou-se de confirmá-lo.

06 -Bastam de provocações! -Foi o grito que puderam ouvir os que se achavam próximos do presidente da Assembléia,
quando já fazia dez minutos que nenhum dos parlamentares da oposição conseguia ir além da primeira frase, no momento de
se encaminhar as votações.
Em respeito às normas de concordância verbal, é preciso corrigir as seguintes formas do texto acima:
A) fazia e encaminhar.
B) bastam e fazia.
C) bastam e encaminhar.
D) conseguia e encaminhar.
E) fazia e conseguia.

07 Há ERRO de construção no segmento sublinhado da frase:
A) Agi de modo a demonstrar uma estrita observância com as leis.
B) A defesa dos réus está estribada em forte argumentação.
C) Nosso gesto é ilustrativo do desânimo que tomou conta de nós.

D) Ela usou expressões que não são cabíveis numa ata oficial.
E) Consternado com o fato, pediu demissão.

08 Está correto o emprego da expressão sublinhada na frase:
A) O cargo em cujo ele seria empossado continuará vago.
B) É um velho experiente, a cuja memória todos recorrem.
C) São grosseiros os erros aos quais ele vem incorrendo.
D) Eis as terras a cujas o rio vem poluindo.
E) Desconfio dos dados de que foram coligidos nesta pesquisa.

09 Ele sempre demonstrou animosidade para com os mais jovens, sobretudo quando estes, inadvertidamente, dispõem-se a falar sobre temas tidos como polêmicos.
Os termos sublinhados poderiam ser substituídos, sem prejuízo para o sentido da frase, por, respectivamente,
A) impaciência, descuidadamente e improcedentes.
B) intolerância, apressadamente e incontroversos.
C) boa vontade, pressurosamente e delicados.
D) tolerância, inocentemente e indevassáveis.
E) má vontade, irrefletidamente e controversos.

10 Indique o período cuja redação está inteiramente clara e correta.
A) É uma ilusão imaginarmos que se pode estar atualizados com os equipamentos de informática, cuja novidade é tão grande que não se imagina podermos acompanhá-los.
B) Resultou frustrada a nossa expectativa de adquirir bons livros, já que, na tão decantada liqüidação daquela grande livraria, só havia títulos inexpressivos.
C) Os incentivos fiscais constituem uma questão complicada, pois segundo alguns, a iniciativa privada recebe benefícios onde a contrapartida em criação de empregos é insuficiente.
D) Naquele editorial da revista não ficou claro a posição do mesmo, seja porque o editorialista de fato não o desejasse, ou então porque a redação dele não o permitiu.
E) Com o fim do rodízio no trânsito, espera-se que ele aumente, voltando a terem problemas de congestionamento justamente quando todos saem ou voltam para casa.

R: GABARITO
01-B | 02-C | 03-A | 04-E | 05-B
06-E | 07-A | 08-D | 09-E | 10-C

01 Dadas as palavras:

1)des-a-ten-to
2)sub-es-ti-mar
3) trans-tor-no
Constatamos que a separação silábica está correta:
A) apenas em 3
B) apenas em 2
C) apenas em 1
D) em todas as palavras
E) n.d.a.

02 Assinale a alternativa em que a palavra não tem suas sílabas corretamente separadas:

A) in-te-lec-ção
B) cre-sci-men-to
C) oc-ci-pi-tal
D) ca-a-tin-ga
E) n.d.a.

03 Registra o Dicionário Aurélio, que a palavra memorando é uma adaptação do latim, onde memorandum significa que deve ser lembrado, explicando que se trata de:

A) participação ou aviso por escrito usado, apenas, entre chefias;
B) impresso comercial, de formato menor que o da carta, usado somente em comunicações breves;
C) comunicação entre funcionários;
D) participação ou aviso por escrito usado em comunicações breves;
E) n.d.a.

04 Assinalar a alternativa incorreta quanto a utilização de memorando, em se tratando de medidas internas:

A) convocar pessoal para prestação de serviços extraordinários;
B) comunicar antecipação ou prorrogação de horário de serviços em casos de comprovada necessidade;
C) solicitar outras medidas de ordem estritamente interna e, que atinjam funcionários a serviço da respectiva repartição;
D) convocar chefe ou funcionário, em caráter urgente, para comparecimento à Diretoria;
E) n.d.a.

05 Quanto a classificação dos memorandos podemos afirmar que são:
A) internos, externos e pessoais;
B) superiores, inferiores e administrativos;
C) administrativos, superiores e pessoais;
D) pessoais, administrativos, internos, externos, superiores, inferiores e iguais;
E) n.d.a.

06 Assinale alternativa correta:
A) ofícios são comunicações escritas que as autoridades recebem;
B) ofício quer dizer comunicação formal por escrito, dentro da mesma repartição ou destinada a outra repartição ou a
particular;
C) ofícios são comunicações escritas, apenas, entre a Administração e particulares, em caráter oficial;
D) ofícios são comunicações informais entre repartições particulares;
E) n.d.a.

07 Os pronomes: meu, nosso, seu, são classificados como:
A) pessoal
B) possessivo
C) interrogativo
D) indefinido
E) n.d.a.

08 Assinale o vocábulo incorreto quanto à acentuação das oxítonas:
A) pitú
B) baú
C) Piauí
D) caju
E) n.d.a.

09 Assinale a alternativa de vocábulo corretamente acentuado:
A) ítens
B) ítem
C) hífen
D) rítmo
E) n.d.a.

10 Assinale o uso correto da crase:
A) Tomou remédio gota à gota;
B) Gosto muito de andar à pé;
C) Vou à praia aos domingos;
D) O livro foi dado à João;
E) n.d.a.

R: GABARITO
01-A | 02-B | 03-D | 04-E | 05-D
06-B | 07-B | 08-A | 09-C | 10-C

01 Encontre o termo em destaque que está erradamente empregado:
A) Senão chover, irei às compras.
B) Olharam-se de alto a baixo.
C) Saiu a fim de divertir-se
D) Não suportava o dia-a-dia no convento.
E) Quando está cansado, briga à toa.

02 Ache a palavra com erro de grafia:
A) cabeleireiro ; manteigueira
B) caranguejo ; beneficência
C) prazeirosamente ; adivinhar

D) perturbar ; concupiscência
E) berinjela ; meritíssimo

03 Identifique o termo que está inadequadamente empregado:
A) O juiz infligiu-lhe dura punição.
B) Assustou-se ao receber o mandato de prisão.
C) Rui Barbosa foi escritor preeminente de nossas letras.
D) Com ela, pude fruir os melhores momentos de minha vida.
E) A polícia pegou o ladrão em flagrante.

04 Marque onde há um vocábulo que não se completa corretamente com a(s) letra(s) ao lado:
A) __ibóia ; ultra__e ; pa__em ; lambu__em (j)
B) efetu__ ; camp__ão ; p__nico ; arr__piar (e)
C) adole__ente ; di__iplina ; re__isão ; ob__eno (sc)
D) e__tender ; e__plêndido ; arreve__ar ; vi__ar (s)
E) e__pender ; ri__a ; e__pontâneo ; prete__to (x)

05 Qual a afirmativa falsa?
A) a vírgula é obrigatória antes do e quando o termo seguinte é pleonástico;
B) as conjunções coordenativas devem ser colocadas entre vírgulas, quando intercaladas;
C) não é obrigatório o uso da inicial maiúscula após o ponto de exclamação;
D) o ponto é usado exclusivamente no final dos períodos;
E) entre parênteses devem ser postos os nomes de autores relativos a citações feitas.

06 Assinale a frase em que não há erro na forma verbal:
A) Não semeiemos a discórdia.
B) Ainda bem que freiamos a tempo.
C) Discirno muito bem uma jóia verdadeira.
D) Eles se desaviram por um motivo tolo.
E) Não demula esta parede.

07 Marque onde o verbo está erradamente empregado:
A) Se pudesse, eu teria salvo a vítima.
B) O assassino está preso há anos.
C) O fogo foi extinto pelos bombeiros.
D) Ele havia segurado o meu braço.
E) Não haviam limpado todos os vidros.

08 Indique onde há erro na conjugação do verbo com o pronome:
A) Apresentou-se-me uma boa ocasião.
B) Convidar-te-ia se possível.
C) Vemos-nos menos do que desejamos.
D) Comemorar-se-á a vitória.
E) Atribui-se-lhes pesada tarefa.

09 Qual a alternativa que apresenta erro no plural dos vocábulos?
A) problemas luso-brasileiros ; saias azul-pavão
B) luvas pérola ; blusas azul-celeste
C) bananas-maçã ; meios-fios
D) pés-de-moleques ; altares-mor
E) guarda-comidas ; águas-fortes

10 Ache a frase que apresenta superlativo absoluto analítico:
A) Estas peças são antiqüíssimas.
B) O aço é mais resistente que o ferro.
C) As mães são excessivamente cautelosas.
D) Pedro é o mais baixo de todos.
E) Esta fruta é a melhor.

R: GABARITO
01-A | 02-C | 03-B | 04-E | 05-D
06-C | 07-A | 08-C | 09-D | 10-C

01 Que construção não é aceita na norma culta?
A) Este automóvel é mais moderno que aquele.
B) A Lua é mais pequena que a Terra.
C) Este chocolate é mais ruim que o outro.
D) Publicaram uma obra mais perfeita que a anterior.
E) Seu irmão já está mais grande que você.

02 Assinale a frase em que há erro de concordância:
A) Esta verdade, só a conhece minha irmã e eu.
B) Nossos empregados e teus assessores farão o trabalho.
C) Ele ou eu ficarei em primeiro lugar.
D) A mãe ou o pai receberão a primeira fatia do bolo.
E) Já era decorrido um ano e seis meses.

03 Que frase não apresenta concordância nominal?
A) Produz textos o mais sintéticos possível.
B) Não apresentou nenhumas condolências.
C) Os gestos falam por si só.
D) Os trabalhadores permaneciam alerta.
E) Entregue estes convites em mão.

04 Marque a única frase correta quanto ao emprego do pronome:
A) Fiz ele devolver todas as mercadorias.
B) Perante mim, juraste inocência.
C) Marido e mulher tinham sérias desavenças entre eles.
D) Posso deixar o embrulho consigo?
E) Paulo é descortês, mas Tânia prefere ele a mim.

05 Assinale a frase em que há erro no emprego do pronome de tratamento:
A) Vossa Alteza ainda quer falar com Sua Majestade?
B) Estes envelopes são para a Vossa Excelência.
C) Encaminhamos a V.S.ª os quadros de pessoal.
D) Acusamos o recebimento da carta de V. Ex.ª, ontem.
E) Espero que você não esqueça seu discurso!

06 Mostre onde o sinal indicador da crase foi usado indevidamente:
A) Ela nunca foi à gafieiras mas adora dançar.
B) O líder assistia a tudo à distância de cem metros.
C) Retornou à casa paterna.
D) Encontrei-o à beira da falência.
E) Fomos até à rua.

07 Que frase não apresenta erro de regência verbal:
A) Avisei-lhe da hora da reunião.
B) Quando iremos na empresa?
C) Reclamava muito, mas ninguém o ajudava.
D) Proíbo-lhe de sair sem autorização.
E) Lembrei de suas palavras.

08 Analise sintaticamente a oração em destaque:
Bem-aventurados os que ficam, porque eles serão recompensados.
(Machado de Assis)
A) oração subordinada substantiva completiva nominal
B) oração subordinada adverbial causal
C) oração subordinada adverbial temporal desenvolvida
D) oração coordenada sindética conclusiva
E) oração coordenada sindética explicativa

09 Ache a única oração subordinada:
A) Ora a nuvem escondia a lua, ora a lua escondia a nuvem.
B) O jogador prometeu um jogo à torcida, mas não conseguiu marcá-lo.
C) Não saia sem o agasalho, pois há umidade no ar.
D) Você verá que a emoção começa agora.
E) Há neblina na estrada; logo, há umidade no ar.

10 Dê a função sintática do termo destacado: Ao pobre não lhe devo.
A) objeto indireto
B) objeto indireto pleonástico
C) núcleo do objeto direto preposicionado
D) adjunto adverbial
E) adjunto adnominal

R: GABARITO
01-E | 02-D | 03-C | 04-B | 05-B
06-A | 07-E | 08-E | 09-D | 10-B

01 Identifique a única frase que não passa idéia de superlativo:

A) Ele é valente como quê!
B) Ela não é apenas uma boa diretora, ela é a diretora.
C) Maria é mais bonita que simpática.
D) Romário é um senhor jogador!
E) Aquele filho é o menos carinhoso de todos.

02 Aponte a alternativa onde a pontuação está adequada ao período:
A) A morte, não extingue: transforma, não aniquila, renova, não divorcia, aproxima.
B) A morte, não extingue - transforma - não aniquila - renova - não divorcia - aproxima.
C) A morte; não: extingue (transforma); não: aniquila (renova); não: divorcia (aproxima).
D) A morte não extingue: transforma; não aniquila: renova; não divorcia: aproxima.
E) A morte, não extingue, transforma; não aniquila, renova; não divorcia, aproxima.

03 Descubra o vocábulo que não se completa com a letra ao lado:
A) mi__to ; despre__o ; ob__équio ; empre__a (s)
B) e__pelir ; e__pender ; e__tremoso ; te__to (x)
C) __ibóia ; ultra__e ; can__ica ; ma__estoso (j)
D) Man__el ; b__eiro ; b__lir ; íng__a (u)
E) pát__o ; __mpigem ; discr__ção ; tereb__ntina (i)

04 Qual o período cujo termo em destaque está inadequadamente empregado?
A) O Juiz empossou os seus pares.
B) Cuidemos da horta que os celeiros estão vazios.
C) Acenderam os círios sob o altar.
D) Ao luchar a perna, o atleta gritou de dor.
E) Só sai besteira desta sua cachola.

05 Complete as frases corretamente:
O objeto que estava no fundo do lago _____.
Como aluno, sou do corpo _____ da escola.
Por favor, _____ aquela porta. Faz frio aqui.
Rendamos _____ aos que tombaram na guerra.

A) imergiu ; docente ; serre ; pleito
B) imergiu ; discente ; cerre ; preito
C) emergiu ; discente ; cerre ; preito
D) emergiu ; docente ; serre ; pleito
E) imergiu ; discente ; serre ; preito

06 Ache a dupla onde há erro de ortografia:
A) aterrissar ; asar
B) beneficência ; hilariedade
C) prazerosamente ; meteorologia
D) imprescindível ; manteigueira
E) hidravião ; candeeiro

07 Que verbo não se apresenta corretamente conjugado no presente do indicativo?
A) precavemos ; precaveis (precaver)
B) dói ; doem (doer)
C) adiro ; aderes ; adere ; aderimos ; aderis ; aderem (aderir)
D) frejo ; freges ; frege ; frigimos ; frigis ; fregem (frigir)
E) arguo ; argúis ; argúi ; argüimos ; argüis ; argúem (argüir)

08 Indique onde não se fez a correta concordância nominal:
A) Cerveja é bom para saúde.
B) Guardou bastantes moedas de prata.
C) É necessária coragem.
D) Foi ela mesma que escreveu a carta.
E) Entregue estes convites em mão.

09 Qual a função sintática do termo em destaque ?
O velho autêntico tinha sido substituído pelo velho fingido
A) complemento nominal
B) objeto indireto
C) objeto direto preposicionado
D) agente da passiva

E) adjunto adverbial

10 Marque a alternativa cuja oração apresenta em destaque um termo sem vínculo sintático com a mesma:
A) A moça caminhava apressadamente.
B) Mataram os meus gatinhos.
C) Estou no meio da praça.
D) Ele gostou da sugestão.
E) João, onde está Maria?

R: GABARITO
01-C | 02-D | 03-A | 04-D | 05-C
06-B | 07-D | 08-C | 09-D | 10-E

01 Marque a afirmativa falsa:
A) a oração é principal, quando não exerce nenhuma função sintática em outra oração do período composto por
subordinação;
B) o período é simples, se constituído de uma só oração, chamada absoluta;
C) a oração coordenada que se prende à anterior por meio de conectivo denomina-se sindética;
D) a oração subordinada adjetiva não depende de nenhum termo da oração cujo núcleo seja um substantivo;
E) as orações subordinadas adjetivas classificam-se em restritivas e explicativas.

02 Identifique onde está a oração subordinada substantiva cujo valor sintático é de aposto:
A) De uma coisa sei: que é preciso morrer para viver.
B) Ele disse que não se lembrava do nome.
C) Confesso que me bambeou a perna.
D) O triste é que não era uma planta qualquer.
E) Meu Deus, só agora me lembrei que a gente morre.

03 Encontre a alternativa que expõe uma oração coordenada sindética explicativa:
A) Não fui à escola porque fiquei doente.
B) Não falte à reunião pois quero falar com você.
C) Como estava muito resfriado, não foi à recepção.
D) Não posso inscrevê-lo uma vez que não há mais vagas.
E) Fomos bem recebidos porque trazíamos boas notícias.

04 Qual dos períodos abaixo apresenta oração subordinada adverbial concessiva?
A) O caminho é tão comprido que não tem fim.
B) Aqui vai o livro para que o leias.
C) Obedeciam aos pais sem grandes esforços, posto fossem teimosos.
D) À medida que descia tranqüilizava-se.
E) Não os vi quando desapareceram.

05 Assinale a frase em que não há erro no emprego do pronome de tratamento:
A) Espero que você não esqueça teus amigos.
B) Estas flores são para a Vossa Alteza.
C) Ela encaminhou os presentes à V.S.ª.
D) Vossa Majestade ainda quer falar com S.Excia?
E) Reiteramos a V.Rev.ma nossa estima e apreço.

06 Indique a frase que apresenta erro na concordância do verbo com o sujeito:
A) Esta verdade, só a conhece minha irmã e eu.
B) Nem um nem outro candidato acertaram a questão.
C) O chefe ou o pai receberão a primeira fatia do bolo.
D) Para ele não existe azar e sorte.
E) Tanto eu quanto você sabíamos o resultado.

07 Qual a alternativa que não apresenta concordância correta do verbo ser?
A) Ontem foi vinte e dois de maio.
B) Dez anos é muito tempo.
C) Isso é águas passadas.
D) Quando veio, era perto de cinco horas.
E) As visitas éramos nós.

08 Ache a alternativa que apresenta erro:
A) tabeliães magnificentíssimos
B) cidadões magérrimos

C) anciãos integérrimos
D) corrimões antiqüíssimos
E) charlatães crudelíssimos

09 Indique onde há erro na flexão dos adjetivos compostos:
A) roupas azul-celeste
B) raios ultravioleta
C) meninas surdas-mudas
D) poemas épico-líricos
E) camisas verde-claros

10 Marque a única construção que não é aceita como correta na língua culta:
A) Raquel é mais pequena que sua irmã.
B) Seu quadro foi o mais grande da exposição.
C) Este vinho é mais excelente que aquele.
D) Josias é mais bom do que trabalhador.
E) Este automóvel é mais moderno que o de cor vermelha.

R: GABARITO
01-D | 02-A | 03-B | 04-C | 05-E
06-C | 07-A | 08-B | 09-E | 10-B

01 Na frase: Paulo comprou um livro, a função sintática da palavra livro é:
A) objeto direto
B) predicado
C) objeto indireto
D) sujeito
E) n.d.a.

02 Assinale a alternativa em que o elemento mórfico em destaque está corretamente analisado:
A) menina (-a): desinência nominal de gênero;
B) gasômetro (-ô-): vogal temática de 2a conjugação;
C) amassem (-sse-): desinência de 2a pessoa do plural;
D) cantaríeis (-is-): desinência do imperfeito do subjuntivo;
E) n.d.a.

03 Na Frase: Precisa-se de trabalhadores, a Voz do Verbo é:
A) Reflexiva
B) Passiva
C) Ativa
D) Recíproca
E) n.d.a.

04 Assinale a alternativa correta quanto à Concordância Verbal:
A) Sou eu que primeiro saio.
B) É cinco horas da tarde.
C) Da cidade à praia é dois quilômetros.
D) Dois metros de tecido são pouco.
E) n.d.a.

05 Assinale a frase em que há erro de concordância:
A) Os sertões possuem um sopro épico.
B) Promove-se festas beneficentes na minha comunidade.
C) Há dois anos, os Estados Unidos invadiram a Líbia.
D) Fui eu quem resolveu a adoção de tal medida.
E) n.d.a.

06 Assinale a alternativa incorreta:
A) O atirador visa o alvo.
B) O fiscal visou os documentos.
C) Visamos a um futuro mais feliz.
D) Os pais visam à formação dos filhos.
E) n.d.a.

07 Em relação ao período: Quando terminar a prova, espere-me no portão. A oração sublinhada é:
A) principal
B) coordenada assindética
C) subordinada adverbial temporal
D) subordinada adjetiva restritiva

E) n.d.a.

08 As palavras: tardar e entardecer foram formadas a partir da palavra tarde por meio do processo de derivação. Quais foram, respectivamente, os tipos de derivação usados?
A) sufixal e prefixal;
B) regressiva e parassintética;
C) regressiva e prefixal;
D) sufixal e parassintética;
E) n.d.a.

09 Há sujeito indeterminado em:
A) Ali, rouba-se no atacado e no varejo.
B) O pássaro voou assustado.
C) Surgiram reclamações contra o rei.
D) Aluga-se quarto.
E) n.d.a.

10 Assinale a opção que apresenta erro quanto ao pronome de tratamento empregado:
A) Vossa Eminência - cardeais
B) Vossa Santidade - papa
C) Vossa Magnificência - reis
D) Vossa Alteza - príncipes e duques
E) n.d.a.

R: GABARITO
01-A | 02-A | 03-B | 04-A | 05-B
06-D | 07-C | 08-D | 09-A | 10-C

01 Assinale onde a função sintática do que não corresponde ao termo entre parênteses:
A) A pessoa com que foi visto é má. (adjunto adverbial)
B) Alguns temem o ladrão que ele é. (predicativo do sujeito)
C) O homem que sorriu era seu amigo. (objeto direto)
D) São essas as flores de que gostas? (objeto indireto)
E) O animal por que fomos perseguidos era feroz. (agente da passiva)

02 Analise sintaticamente o pronome reflexivo em destaque:
O caçador medicou-se.
A) sujeito
B) objeto direto
C) objeto indireto
D) complemento nominal
E) predicativo

03 Ache a alternativa falsa na análise do período abaixo:
O homem que trabalha quis que calassem enquanto discursava.
A) O homem = oração principal
B) que trabalha = oração subordinada adjetiva
C) quis = oração subordinada subjetiva reduzida
D) que calassem = oração subordinada substantiva objetiva direta
E) enquanto discursava = oração subordinada adverbial temporal

04 Encontre a oração subordinada adjetiva restritiva:
A) O negro que discursava, sorri.
B) O triste é que não era uma planta qualquer.
C) Só imponho uma condição: que não chegues tarde.
D) Meu irmão saiu ontem.
E) Sabe-se que o resultado foi positivo.

05 Ache a única frase onde o termo em destaque está corretamente grafado:
A) Deu apenas cinco reais ao cabelereiro.
B) Era imprecindível a presença do pai.
C) Mais uma vez queimou o fuzível.
D) É necessário discriminar melhor as despesas.
E) A criança sorria prazeirosamente para todos.

06 Marque onde todas as palavras se completam corretamente com a letra ao lado:
A) mon__e ; ar__ila ; bre__eiro ; cônju__e (g)
B) e__traviar ; e__pansão ; __ucro ; fu__ico (x)
C) d__gladiar ; côd__a ; efetu__ ; quas__ (e)

D) tereb__ntina ; __figênia ; pát__o ; cum__eira (i)
E) e__pontâneo ; mi__to ; va__ar ; gro__a (s)

07 Indique a frase que apresenta erro na forma verbal:
A) Ele averigua todas as portas antes de dormir.
B) Acabou a ocupação com que ele se entretivera durante o dia.
C) Se eu rever o texto, encontrarei mais erros.
D) Se sobrevier um acidente, o culpado será você.
E) Não premio pessoas incompetentes.

08 Identifique a única frase cujo verbo acompanha a norma culta:
A) Suas idéias não se adéquam à filosofia da escola.
B) O decreto, embora antigo, ainda está vigendo.
C) Funda os metais lentamente.
D) Esperamos que o governo abula todas as mordomias.
E) Não há despesa de que ele não se ressarça.

09 Qual a alternativa que contém o superlativo absoluto sintético dos adjetivos abaixo:
nobre ; são ; frio ; dócil
A) nobríssimo ; saníssimo ; frigidíssimo ; docíssimo
B) nobílimo ; sanérrimo ; friíssimo ; docílimo
C) nobrérrimo ; saníssimo ; frigidíssimo ; docilíssimo
D) nobilíssimo ; saníssimo ; frigidíssimo ; docílimo
E) nobrérrimo ; sãosíssimo ; friíssimo ; docilíssimo

10 Em todos os itens abaixo há um adjetivo no grau comparativo, exceto em:
A) Os filhos já estavam maiores que o pai.
B) As modelos de ontem eram mais bonitas que as de hoje.
C) Ele parecia o mais tímido de todos.
D) Dizem que o marinheiro é forte como um touro.
E) Este filme pareceu-me mais longo que o anterior.

R: GABARITO
01-C | 02-B | 03-C | 04-A | 05-D
06-B | 07-C | 08-B | 09-D | 10-C

01 Que alternativa apresenta conjunção subordinativa integrante:
A) Caso precise sair, deixe o recado na porta.
B) Tudo aconteceu como havíamos previsto.
C) Não sei se devo dizer-lhe toda a verdade.
D) Como ele insistisse, resolvi aceitar o convite.
E) O julgamento, como se vê, era muito parcial.

02 Os superlativos absolutos sintéticos de doce, miúdo, amável e fiel são respectivamente:
A) docíssimo ; minúsculo ; amabilíssimo ; fidelíssimo
B) docérrimo ; minutísssimo ; amavelíssimo ; fielíssimo
C) dulcíssimo ; minúsculo ; amábil ; fiélimo
D) dulcíssimo ; minutíssimo ; amabilíssimo ; fidelíssimo
E) docíssimo ; miudérrimo ; amabílimo ; fidelíssimo

03 Complete corretamente:
Quando os pais ______ aos filhos que se ______ das bebidas
alcoólicas e que ______ seus passeios, muitos deles não se ______ e saíram.
A) proporam ; abstessem ; revessem ; conteram
B) propuseram ; abstivessem ; revissem ; contiveram
C) proporam ; abstenham ; revejam ; contêm
D) propuseram ; abstessem ; revessem ; contêm
E) proporam ; abstivessem ; revissem ; conteram

04 Analise sintaticamente a oração em destaque abaixo:
As mãos que apertei eram grosseiras e férteis.
A) oração subordinada adverbial consecutiva
B) oração subordinada adjetiva restritiva
C) oração principal
D) oração absoluta
E) oração coordenada assindética

05 Assinale a alternativa que contêm os sinais de pontuação adequados:
A) João, todo sábado; segue a mesma rotina: praia; futebol; jantar em família.

B) João, todo sábado, segue a mesma rotina, praia, futebol, jantar em família.
C) João, todo sábado; segue a mesma rotina, praia, futebol, jantar em família.
D) João, todo sábado, segue a mesma rotina: praia, futebol, jantar em família.
E) João, todo sábado, segue a mesma rotina; praia, futebol, jantar em família.

06 Em qual das alternativas todas as palavras são substantivos?
A) Carlos ; ramalhete ; alma ; depois
B) nuvem ; beleza ; prazer ; bando
C) pelo ; gíria ; perigo ; Deus
D) célebre ; maturidade ; Paulo ; líquido
E) crime; consigo ; março ; Cairo

07 A classe dos termos sublinhados foi indicada corretamente em todas as alternativas, exceto na:
A) Um professor italiano visitou a escola. (adjetivo)
B) Chegou meu irmão, mas não o teu. (artigo)
C) Ele ainda não me devolveu o livro. (pronome oblíquo)
D) Ele escreve muito bem. (substantivo)
E) A sua pesquisa é clara e objetiva. (conjunção)

08 Marque a alternativa onde o destaque não é adjunto adnominal:
A) Voltaremos cedo para casa.
B) Ele é um moço de bom coração.
C) O sol da manhã iluminava a montanha.
D) Cuidado com esse prato de vidro.
E) Algumas pessoas andavam pelas ruas.

09 Assinale onde a oração em destaque é subordinada substantiva subjetiva:
A) O certo é não insistir nessa idéia.
B) É possível terminar o trabalho mais cedo?
C) Ele se destacou lutando pelo direito dos pobres.
D) Cumprida a missão, volte ao acampamento.
E) A felicidade consiste em não sofrer.

10 Onde está o vocábulo erradamente grafado?
A) anti-séptico ; concelho ; bicarbonato
B) digladiar ; desmazelo ; excremento
C) mexerica ; fascínora ; herbívoro
D) retenção ; pegajento ; verossimilhança
E) xifópagos ; sucinto ; sósia

R: GABARITO
01-C | 02-D | 03-B | 04-C | 05-D
06-B | 07-D | 08-A | 09-B | 10-C

01 Ache a palavra que recebeu o acento gráfico indevidamente:
A) apazigúem ; pôr ; pólo ; platéia
B) bílis ; mausoléus ; complô ; reféns
C) dêem ; côo ; único ; baínha
D) argúi ; ímã ; mártir ; faísca
E) fórum ; juíza ; averigúes

02 Que par de palavras abaixo perde o acento gráfico na formação do plural?
A) caráter ; pêra
B) hífen ; repórter
C) vintém ; egípcio
D) mútuo ; tríceps
E) gás ; álbum

03 Indique a alternativa em que o exemplo dado não corresponde à figura de sintaxe ao lado:
A) O sacrifício, faremos: a vitória, alcançaremos. (anástrofe)
B) Suspira, e chora, e geme, e sofre, e sua... (polissíndeto)
C) O prêmio foi conseguido e o prisioneiro, solto. (silepse de pessoa)
D) Os três reis orientais, ... é tradição da igreja que um era preto.(anacoluto)
E) Vi claramente visto o lume vivo. (pleonasmo)

04 Classifique a figura presente no texto abaixo:
Foi por ti que num sonho de ventura / A flor da mocidade consumi. (Álvares de Azevedo)
A) hipérbato
B) anástrofe

C) sínquise
D) aliteração
E) zeugma

05 Ache a frase que se completa corretamente com eu:
A) Não há desentendimento entre __ e ti.
B) Deixem __ explicar-lhes o que aconteceu.
C) Isto é para __ fazer.
D) Ela encontrou __ na praça.
E) Irás até __.

06. Indique o uso inadequado do pronome demonstrativo:
A) A menina era tal qual os avós.
B) Vencer depende destes fatores: rapidez e segurança.
C) Valentino foi o maior ator daquela época.
D) Foi preso em 1955 e já saiu nesse ano
E) Escrevo esta carta para vires.

07 Identifique o item que se completa adequadamente com à:
A) Não __ nada que possa me prejudicar.
B) As lágrimas caíam uma __ uma de seu rosto cansado.
C) __ momentos em que nos faltam palavras.
D) Ele fez uma descrição __ Guimarães Rosa.
E) Estamos __ dois dias do início dos exames.

08 Mostre onde há erro de concordância nominal:
A) É permitida a permanência de alunos.
B) A lista de ofertas vai anexa ao pacote.
C) Os gêneros alimentícios estão caros no Brasil.
D) Estou quite com todos vocês.
E) A porta está meia aberta.

09 Encontre a única alternativa sem erro de concordância verbal:
A) Precisam-se de cartas de apresentação.
B) Exigia-se fotos coloridas e pagamento de taxa.
C) Na festinha, bebeu-se dúzias de refrigerantes.
D) Fazem oito anos que nos vimos pela última vez.
E) Os assuntos que importava discutir não foram mencionados.

10 Dê o significado da frase abaixo:
Embora fosse um professor incipiente, falava um inglês estreme.
A) Embora fosse um professor principiante, falava um inglês genuíno.
B) Embora fosse um professor ignorante, falava um inglês puro.
C) Embora fosse um professor relapso, falava um inglês fluente.
D) Embora fosse um professor provisório, falava um inglês excelente.
E) Embora fosse um professor substituto, falava um inglês de nativo.

R: GABARITO
01-C | 02-A | 03-C | 04-B | 05-C
06-A | 07-D | 08-E | 09-E | 10-A

01 Assinale a alternativa onde ocorre erro de pontuação.
A) Os pássaros, sempre, voltam para os ninhos.
B) Na semana passada, os meninos deixaram seus brinquedos no parque.
C) Se não estivesse chovendo, teria ido ao cinema.
D) Manoel, o padeiro, quebrou a perna e não veio hoje.
E) São Paulo, 20 de novembro de 1999.

02 Na frase Quem deseja sua ajuda em semelhante situação ?, as palavras destacadas são, respectivamente, pronomes:
A) interrogativo - possessivo - demonstrativo
B) indefinido - possessivo - demonstrativo
C) indefinido - relativo - oblíquo
D) indefinido - possessivo - relativo
E) interrogativo - possessivo - indefinido

03 Indique a única alternativa que apresenta erro na acentuação gráfica em uma das palavras.
A) mártir - freguês - pólen
B) calvície - têxteis - ânsia

C) incrível - tênue - cárie
D) sêmen - armazém - ítem
E) vírus - órfão - vácuo

04 Assinale a alternativa onde o verbo pôr está conjugado na 1ª pessoa do plural do pretérito imperfeito do modo indicativo.
A) pomos.
B) púnhamos
C) pusemos
D) ponhamos
E) pusermos

05 Na frase Este é o perfume de que mais gosto, a palavra que é classificada morfologicamente como:
A) substantivo
B) advérbio
C) pronome relativo
D) preposição
E) conjunção subordinada

06 O plural do substantivo composto está incorreto na alternativa:
A) o leva-e-traz - os leva-e-traz
B) a manga-rosa - as mangas-rosa
C) o beija-flor - os beija-flores
D) o guarda florestal - os guarda-florestais
E) o primeiro-ministro - os primeiros-ministros

07 Ocorre erro de concordância nominal na alternativa:
A) No livro de registros faltava a folha duzentos.
B) É necessária segurança para se viver bem.
C) A janela estava meio aberta.
D) Eu e você estamos quites.
E) Os policiais estavam alerta.

08 Assinale a frase que apresenta erro de ortografia.
A) A feijoada foi preparada na tigela de barro.
B) O cliente deu uma boa gorjeta ao garçom.
C) Laura não gosta de licor de jenipapo.
D) Fizeram uma delicioso prato com beringela.
E) Aceitamos sua sugestão.

09 Na frase A loja ficou repleta de clientes, o termo destacado é:
A) objeto direto
B) agente da passiva
C) complemento nominal
D) objeto indireto
E) complemento verbal

10 Em qual das alternativas abaixo ambas as palavras apresentam 8 letras e 6 fonemas ?
A) gasolina - cochicho
B) passarela - passeata
C) assessor - guitarra
D) salsicha - caridade
E) bochecha - oclusiva

R: GABARITO
01-A | 02-A | 03-D | 04-B | 05-C
06-D | 07-B | 08-D | 09-C | 10-C

01 A frase inteiramente correta quanto à ortografia é:
A) A ata da sessão extraordinária apresenta deslises, poucos, é certo, mas que exigem pronta retificação.
B) Sempre obsequioso, o assessor incumbiu-se de externar ao Governador nossa dissenção quanto à política energética.
C) Os expedientes utilizados pela oposição deixaram exasperados os ânimos, em vista de seu caráter tão-somente protelatório.
D) Tais despesas talvez sejam excessivamente onerosas a um orçamento já expoliado pela má fé dos antecessores.
E) É sempre penoso discriminar a minoria, mas a falta de concenso implica, é claro, óbices à plena satisfação.

02 Ocorrem DOIS erros de ortografia em
A) desfaçatez, prazeiroso, incólume, desairoso.
B) concisão, suscinto, retaliação, obcecado.
C) complementariedade, suspeição, obsessão, vigente.
D) privilégio, maugrado, repto, contumaz.
E) remanecente, benfazejo, izenção, frouxidão.

03 É o RADICAL que irmana as palavras da mesma família e lhes dá uma base comum de significação (Celso Cunha, Gramática do Português Contemporâneo).
Com base na citação acima, é correto afirmar que se irmanam pelo mesmo radical as palavras:
A) júri, perjúrio e ajuizar.
B) consideração, constelação e conspiração.
C) solitário, dissolução e insólito.
D) vidente, revisor e convincente.
E) condução, condizente e irredutível.

04 Está inteiramente correta quanto à flexão verbal a frase:
A) Os parlamentares divergiram nos detalhes, mas conviram nos pontos essenciais.
B) Se eles requisessem revisão do processo, tê-la-iam conseguido.
C) Coalizaram-se as oposições, mas o Presidente interveio e obteve uma trégua.
D) Pediu-nos que lhe expedíssemos os documentos antes que o superintendente os revesse.
E) Desde que se manteram todos calados, o orador houve por bem iniciar sua fala.

05 A frase inteiramente correta quanto à concordância verbal é:
A) Vê-se por toda parte, a todo momento, indícios dos seus descalabros administrativos.
B) Não nos ocorreram quantos prejuízos acabaríamos por lhes trazer com nossa decisão.
C) Como não se contrapõe o seu ponto de vista e o meu juízo, não haverá razões para polêmica.
D) As medidas que nos parece conveniente tomar soarão antipáticas aos ouvidos do povo.
E) Caso algum dos presentes pretendam pronunciar-se, é preciso que o façam agora.

06 No caso de ...... a faltar recursos para as medidas que se ...... implementar, ... as responsabilidades, determinou o chefe do Tribunal. As formas verbais que preenchem corretamente as lacunas da frase acima são:
A) virem - devem - apurem-se
B) virem - devem - apure-se
C) vir - deve - apurem-se
D) vir - devem - apure-se
E) vir - deve - apure-se

07...... ela aparente ser uma pessoa dócil, não a provoque, ... a ovelhinha não se transforme numa tigresa. A frase acima ganha sentido completo e lógico preenchendo-se suas lacunas, respectivamente, com as expressões:
A) Desde que - a fim de que
B) Muito embora - desde que
C) Dado que - muito embora
D) Ainda que - para que
E) Mesmo que - em vista do que

08 A frase construída de forma inteiramente correta é:
A) Não apreciei o filme que tantos dizem ter gostado.
B) A exposição a que resolvi prestigiar era um desastre.
C) A peça cuja execução ele mais se esmerou foi a de Mozart.
D) Ainda que comigo venham a discordar, editarei o livro.
E) Não é um romance por cujo estilo me sinta atraído.

09 Parece-nos plausível que venha a ocorrer exacerbação dos ânimos, pois a decisão foi tomada arbitrariamente.Têm significação oposta à dos termos sublinhados na frase acima, respectivamente:
A) inverossímil, pacificação, pressurosamente.
B) inadmissível, apaziguamento, criteriosamente.
C) inaceitável, apaziguamento, gratuitamente.
D) inadmissível, arrefecimento, injustificadamente.
E) reprovável, tensionamento, sensatamente.

10 A impropriedade no emprego do léxico torna absurdo o sentido da seguinte frase:
A) Sempre subserviente, o Raul nunca se furta a cumprir quaisquer determinações, mesmo as que não provenham de seu chefe imediato.
B) O esmaecimento das cores, no outono, imprime excessiva melancolia em seu espírito, tornando-o infenso às depressões.

C) Aproveitam-se de sua versatilidade para atribuir-lhe funções que normalmente requereriam as qualidades de um especialista.
D) Os políticos carismáticos podem descuidar um pouco da retórica, tal o prestígio já capitalizado pela força da sua personalidade.
E) Não vejo em seu relatório senão alguns lapsos de pouca monta, que você mesmo poderá retificar com presteza.

R: GABARITO
01-C | 02-E | 03-A | 04-C | 05-D
06-A | 07-D | 08-E | 09-B | 10-B

01 Assinale a alternativa em que os sentidos foram trocados:
A) a coma: juba; o coma: estado mórbido.
B) a gênese: geração; o gênese: 1o livro do Pentateuco.
C) a crisma: óleo usado em alguns sacramentos; o crisma: sacramento.
D) a guia: documento; o guia: aquele que conduz.
E) n.d.a.

02 Quando me procurar o desencanto, eu direi, sereno e confiante, que a vida não foi de todo inútil. O sujeito de procurar é:
A) indeterminado
B) eu (elíptico)
C) o desencanto
D) inexistente
E) n.d.a.

03 Assinale a alternativa correta quanto à concordância:
A) Bateu duas horas no relógio da torre.
B) É proibida entrada de pessoas estranhas.
C) Conserta-se aparelhos de som.
D) Lêem-se muitas placas erradas.
E) n.d.a.

04Assinale a alternativa correta quanto à Concordância Verbal:
A) Sou eu quem primeiro sai.
B) Dois metros de tecido são pouco.
C) É cinco horas da tarde.
D) Da cidade à praia é dois quilômetros.
E) n.d.a.

05 Assinale a alternativa que contém a quantidade de todos os fonemas das palavras:
satisfeitos - leituras - aquelas
A) vinte e cinco
B) vinte e dois
C) vinte e três
D) dez
E) n.d.a.

06 Identifique a alternativa correta:
A) Linguagem conotativa permite apenas um entendimento por parte do leitor ou do ouvinte.
B) Linguagem conotativa é aquela que tem sentido figurado, sugerindo a idéia de forma indireta.
C) A linguagem conotativa é muito usada na vida diária das pessoas para a comunicação necessária.
D) Linguagem conotativa é aquela que só pode ser entendida de um modo.
E) n.d.a.

07 A frase que mantém o padrão culto é:
A) O rapaz cujo eu encontrei na sala do diretor, disse-me para voltar mais tarde.
B) O desembargador cujo despacho está em debate deferiu o pedido dos réus.
C) Ele era ainda muito jovem quando o caso aconteceu, onde lhe dou razão para não querer depor.
D) Essa é a questão, onde tem duas facetas: a que envolve compras e a que envolve treinamento.
E) n.d.a.

08 Assinale a única alternativa que não apresenta erro na conjugação do verbo:
A) Quando meu advogado soube que o guarda me detera no trânsito, tomou todas as providências.
B) As provas que contessem menos erros seriam premiadas.
C) Quando você vir a São Paulo, traga-me as fotos.
D) Se você vir meu amigo, entregue-lhe esta carta.
E) n.d.a.

09 Assinale a alternativa em que a pontuação esteja correta:
A) Quero que, assine o contrato.
B) O reitor daquela famosa universidade italiana, chegará aqui amanhã.
C) São José dos Campos 15 de março de 1999.
D) Ele não virá hoje, não contem, portanto, com ele.
E) n.d.a.

10 Indique, entre as alternativas abaixo, a que poderia substituir a palavra destacada, sem alteração do sentido da frase: Não há crime onde não houve aquiescência.
A) arrependimento
B) conhecimento
C) consentimento
D) intenção
E) n.d.a.

R: GABARITO
01-C | 02-C | 03-D | 04-A | 05-A
06-B | 07-B | 08-D | 09-D | 10-C

01 Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas corretamente.
A) torácico - privilégio - lagartixa
B) toráxico - privilégio - lagartixa
C) torácico - previlégio - largatixa
D) toráxico - previlégio - largatixa
E)

02 Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas corretamente.
A) cabeçário - empecilho - irrequieto
B) cabeçalho - empecilho - irrequieto
C) cabeçalho - impecilho - irriquieto
D) cabeçário - impecilho - irriquieto

03 O sentido do prefixo está corretamente explicado no parênteses em:
A) prever (antigüidade)
B) adnominal (longe de)
C) pospor (posterioridade)
D) circunscrever (movimento interno)

04 Os prefixos indicativos de duplicidade, afastamento e movimento em torno estão, nessa ordem em:
A) ambidestro - deslocar - circunvagar
B) bisavô - abuso - percorrer
C) biênio - propor - retornar
D) dissimulado - distanciar - sobrevoar

05 O sufixo exprime a idéia de agente em:
A) gloriosa
B) vendedor
C) abdicação
D) horrível

06 A divisão silábica está correta em:
A) gno-mo, a-bs-cis-sa, egip-cio
B) g-no-mo, abs-cis-sa, egip-ci-o
C) gno-mo, a-bs-cis-as, e-gip-cio
D) gno-mo, abs-cis-sas, e-gip-cio

07 A divisão silábica está correta em:
A) pe-rs-pec-ti-va, a-rac-ni-deo, Pa-ra-gu-ai
B) per-spec-ti-va, a-rac-ní-de-o, Pa-ra-guai
C) pe-rs-pec-ti-va, arac-ni-deo, Pa-ra-gu-ai
D) pers-pec-ti-va, a-rac-ni-deo, Pa-ra-guai

08 O emissor enuncia o fato de maneira duvidosa com o modo:
A) subjuntivo
B) indicativo
C) imperativo
D) infinitivo

09 O plural do adjetivo composto está correto em:

A) Houve intervenções médicos-cirúrgicas.
B) As moças usavam blusas azul-marinho.
C) As meninas usavam saias azuis-pavão.
D) Os caminhos recens-abertos são íngremes.

10 Os superlativos absolutos sintéticos de célebre, amargo e cruel são, respectivamente:
A) celebríssimo - amarguíssimo - crudelíssimo
B) celebérrimo - amarguíssimo - cruelíssimo
C) celebérrimo - amaríssimo - crudelíssimo
D) celebrissimo - amarissimo - cruelíssimo

R: GABARITO
01-A | 02-B | 03-C | 04-A | 05-B
06-D | 07-D | 08-A | 09-B | 10-C

01 Todas as palavras estão corretamente grafadas na frase:
A) Orçados os custos gerais da campanha, impuzeram-se ríjidas restrições às despesas atinentes à publicidade.
B) A obtenção de recursos extras constitui a meta prioritária, no momento; não há outro jeito de implementar este plano.
C) Seu modo de agir lembra-me os tregeitos dos ilusionistas: os movimentos dispersivos discimulam o gesto essencial.
D) O Ivo, sempre incalto, serviu à causa do adversário; faltou-lhe a acessoria de um correlegionário mais experiente.
E) As pessoas impúdicas vêem como natural a exposição das crianças às torpesas dos famigerados programas populares.

02 A flexão de todos os verbos está correta na frase:
A) Caso não ajam a tempo, pediremos que seja estendido o prazo de apresentação de seus documentos.
B) Assim que reavermos nossas malas, remarcaremos as passagens.
C) Os portões que se vêm nos casarões antigos detêm nosso olhar, tantos são os detalhes que neles surpreendemos.
D) Quando eles reverem o caso, haverão de chegar a novas conclusões.
E) Os policiais que os deteram, na manhã de ontem, há muito vêm agindo de modo arbitrário.

03 A frase inteiramente correta quanto à concordância verbal é:
A) Por que se permite as cenas de violência, de que estão recheadas a televisão brasileira?
B) As pessoas que se vem mostrando satisfeitas com o país são as beneficiárias das medidas que se veio implantando.
C) Se qualquer um de nós lhes emprestássemos apoio, mereceriam o repúdio de toda a população.
D) Por mais que os espantem a surpresa dos novos fatos, ainda não lhes falta a capacidade das iniciativas.
E) Será que ainda é possível prever as manobras do governo, neste cenário econômico que se caracteriza por tantas incógnitas?

04 - Bastam de provocações! - foi o grito que puderam ouvir os que se achavam próximos do presidente da Assembléia, quando já fazia dez minutos que nenhum dos parlamentares da oposição conseguia ir além da primeira frase, no momento de se encaminhar as votações.
Em respeito às normas de concordância verbal, é preciso corrigir as seguintes formas do texto acima:
A) bastam e fazia.
B) bastam e encaminhar.
C) conseguia e encaminhar.
D) fazia e conseguia.
E) fazia e encaminhar.

05 Há ERRO de construção no segmento sublinhado da frase:
A) A defesa dos réus está estribada em forte argumentação.
B) Nosso gesto é ilustrativo do desânimo que tomou conta de nós.
C) Ela usou expressões que não são cabíveis numa ata oficial.
D) Consternado com o fato, pediu demissão.
E) Agi de modo a demonstrar uma estrita observância com as leis.

06 Está correto o emprego da expressão sublinhada na frase:
A) É um velho experiente, a cuja memória todos recorrem.
B) São grosseiros os erros aos quais ele vem incorrendo.
C) Eis as terras a cujas o rio vem poluindo.
D) Desconfio dos dados de que foram coligidos nesta pesquisa.
E) O cargo em cujo ele seria empossado continuará vago.

07 A impropriedade no emprego do léxico torna absurdo o sentido da frase:
A) Ele costuma agir com cautela, não obstante haver demonstrado alguma afoiteza na última medida que tomou.
B) Ao contrário de seu irmão, um notório delinqüente, ele jamais deixou de agir com a mais absoluta retidão.
C) Alcoólatra redimido, José faz questão de se pôr à prova, não fugindo às reuniões em que a bebida é farta.
D) Dado que não pude ratificar o meu voto no segundo escrutínio, meu representante legal encarregou-se de confirmá-lo.
E) Tanto subestimaram a força do adversário que acabaram por lhe infligir retumbante derrota.
08 ...... seja promovida, ela dará uma festa, ... ninguém ponha em dúvida seu sincero e imediato reconhecimento.
A frase acima ganha sentido lógico e completo preenchendo-se as lacunas, respectivamente, com as expressões:

A) Mesmo que - para que
B) Embora - a fim de que
C) Tão logo - mesmo que
D) Ainda que não - tão logo
E) Não obstante - a menos que

09 Indique o período inteiramente correto quanto à pontuação.
A) Passados os primeiros dias de recuperação o médico, buscando animar o doente disse-lhe que talvez, em mais uma semana, viesse a lhe dar alta.
B) Fosse pelo cansaço, fosse pelo desânimo, o fato é que: não pude ler toda a bibliografia da prova, que deveria fazer, dali a três dias.
C) Diante do juiz o advogado reiterou, que seu cliente ainda não reunia as mínimas condições para depor, em tão complicado processo.
D) É possível que, contrariando todas as expectativas, o candidato venha a renunciar, em benefício, segundo dizem, da maior união no partido.
E) Tirei o passaporte, compareci à agência de turismo, e para minha surpresa me disseram que, as passagens para a Espanha, já haviam sido vendidas.

10 Indique o período cuja redação está inteiramente clara e correta.
A) Resultou frustrada a nossa expectativa de adquirir bons livros, já que, na tão decantada liqüidação daquela grande livraria, só havia títulos inexpressivos.
B) Os incentivos fiscais constituem uma questão complicada, pois segundo alguns, a iniciativa privada recebe benefícios onde a contrapartida em criação de empregos é insuficiente.
C) Naquele editorial da revista não ficou claro a posição do mesmo, seja porque o editorialista de fato não o desejasse, ou então porque a redação dele não o permitiu.
D) Com o fim do rodízio no trânsito, espera-se que ele aumente, voltando a terem problemas de congestionamento justamente quando todos saem ou voltam para casa.
E) É uma ilusão imaginarmos que se pode estar atualizados com os equipamentos de informática, cuja novidade é tão grande que não se imagina podermos acompanhá-los.

R: GABARITO
01-B | 02-A | 03-E | 04-B | 05-E
06-A | 07-E | 08-C | 09-D | 10-A

01 Ache o verbo que está erradamente conjugado no presente do subjuntivo:
A) requera ; requeras ; requera ; requeiramos ; requeirais ; requeram
B) saúde ; saúdes ; saúde ; saudemos ; saudeis ; saúdem
C) dê ; dês ; dê ; demos ; deis ; dêem
D) pula ; pulas ; pula ; pulamos ; pulais ; pulam
E) frija ; frijas ; frija ; frijamos ; frijais ; frijam

02 Assinale a alternativa falsa:
A) o presente do subjuntivo, o imperativo afirmativo e o imperativo negativo são tempos derivados do presente do indicativo;
B) os verbos progredir e regredir são conjugados pelo modelo agredir;
C) o verbo prover segue ver em todos os tempos;
D) a 3.ª pessoa do singular do verbo aguar, no presente do subjuntivo é : ágüe ou agúe;
E) os verbos prever e rever seguem o modelo ver.

03 Marque o verbo que na 2ª pessoa do singular, do presente do indicativo, muda para e o i que apresenta na penúltima sílaba?
A) imprimir
B) exprimir
C) tingir

D) frigir
E) erigir

04 Indique onde há erro:
A) os puros-sangues simílimos
B) os navios-escola utílimos
C) os guardas-mores agílimos
D) as águas-vivas aspérrimas
E) as oitavas-de-final antiqüíssimas

05 Marque a alternativa verdadeira:
A) o plural de mau-caráter é maus-caráteres;
B) chamam-se epicenos os substantivos que têm um só gênero gramatical para designar pessoas de ambos os sexos;
C) todos os substantivos terminados em -ão formam o feminino mudando o final em –ã ou -ona;
D) os substantivos terminados em -a sempre são femininos;
E) são comuns de dois gêneros todos os substantivos ou adjetivos substantivados terminados em -ista.

06 Identifique onde há erro de regência verbal:
A) Largue essas bobagens, menino!
B) O funcionário abdicou todos os seus direitos.
C) Atentem no que acaba de dizer o Presidente!
D) O filho queria poupar o pai de mais um desgosto.
E) A inabilidade do motorista redundou em grave acidente.

07 Abaixo, há uma frase onde a regência nominal não foi obedecida. Ache-a:
A) Éramos assíduos às festas da escola.
B) Os diretores estavam ausentes à reunião.
C) O jogador deu um empurrão ao árbitro.
D) Nossa casa ficava rente do rio.
E) A entrega é feita no domicílio.

08 Marque a afirmativa incorreta sobre o uso da vírgula:
A) usa-se a vírgula para separar o adjunto adverbial anteposto;
B) a vírgula muitas vezes pode substituir a conjunção e;
C) a vírgula é obrigatória quando o objeto pleonástico for representado por pronome oblíquo tônico;
D) a presença da vírgula não implica pausa na fala;
E) nunca se deve usar a vírgula entre o sujeito e o verbo.

09 Marque onde há apenas um vocábulo erradamente escrito:
A) abóboda ; idôneo ; mantegueira ; eu quiz
B) viço ; sócio-econômico ; pexote ; hidravião
C) hilariedade ; caçoar ; alforje ; apasiguar
D) alizar ; aterrizar ; óbulo ; teribintina
E) chale ; umedescer ; páteo ; obceno

10 Identifique onde não ocorre a crase:
A) Não agrade às girafas com comida, diz o cartaz.
B) Isso não atende às exigências da firma.
C) Sempre obedeço à sinalização.
D) Só visamos à alegria.
E) Comuniquei à diretoria a minha decisão.

R: GABARITO
01-A | 02-C | 03-D | 04-B | 05-E
06-D | 07-A | 08-C | 09-B | 10-A
01 Dadas as palavras:

1) des-a-ten-to 2) sub-es-ti-mar 3) trans-tor-no
constatamos que a separação silábica está correta:
A) apenas em 3
B) apenas em 2
C) apenas em 1
D) em todas as palavras
E) n.d.a.

02 Assinale a alternativa em que a palavra não tem suas sílabas corretamente separadas:
A) in-te-lec-ção
B) cre-sci-men-to

C) oc-ci-pi-tal
D) ca-a-tin-ga
E) n.d.a.

03 Assinale a alternativa em que o elemento mórfico em destaque está corretamente analisado:
A) menina (-a): desinência nominal de gênero;
B) gasômetro (-ô-): vogal temática de 2a conjugação;
C) amassem (-sse-): desinência de 2a pessoa do plural;
D) cantaríeis (-is-): desinência do imperfeito do subjuntivo;
E) n.d.a.

04 Na Frase: Precisa-se de trabalhadores, a Voz do Verbo é:
A) Reflexiva
B) Passiva
C) Ativa
D) Recíproca
E) n.d.a.

05 Assinale a alternativa correta quanto à Concordância Verbal:
A) Sou eu que primeiro saio.
B) É cinco horas da tarde.
C) Da cidade à praia é dois quilômetros.
D) Dois metros de tecido são pouco.
E) n.d.a.

06 Assinale a frase em que há erro de concordância:
A) Os sertões possuem um sopro épico.
B) Promove-se festas beneficentes na minha comunidade.
C) Há dois anos, os Estados Unidos invadiram a Líbia.
D) Fui eu quem resolveu a adoção de tal medida.
E) n.d.a.

07 Os pronomes: meu, nosso, seu, são classificados como:
A) pessoal
B) possessivo
C) interrogativo
D) indefinido
E) n.d.a.

08 Assinale o vocábulo incorreto quanto à acentuação das oxítonas:
A) pitú
B) baú
C) Piauí
D) caju
E) n.d.a.

09 Assinale a alternativa de vocábulo corretamente acentuado:
A) ítens
B) ítem
C) hífen
D) rítmo
E) n.d.a.

10 Assinale o uso correto da crase:
A) Tomou remédio gota à gota;
B) Gosto muito de andar à pé;
C) Vou à praia aos domingos;
D) O livro foi dado à João;
E) n.d.a.

R: GABARITO
01-A | 02-B | 03-A | 04-B | 05-A
06-B | 07-B | 08-A | 09-C | 10-C

Bibliografia

Cipro Neto, Pasquale - Gramática da Língua Portuguesa - Editora Scipione
Terra, Ernani - Curso Prático de Gramática - Editora Scipione
André, Hildebrando A. de - Gramática Ilustrada - Editora Moderna

USO DOS PORQUES

1. CESPE – HEMOBRÁS – Analista de Gestão Corporativa – Administrador – _____ você não resolveu todas as questões da prova? Creio que é _____ você não sabe o _____ das regras.

a. Porque-porque-porquê
b. Por que-porque-porquê
c. Por que-por que-porquê
d. Porquê-por que-por quê
e. Por quê-porquê-por que

Por que
porque
porquê

2. Assinale a sequência que preenche corretamente as lacunas. “Todos os cidadãos devem saber ___________ o Poder Legislativo está assim. Estamos instalando novos computadores, é um momento de transição, eis o _____________”

a. por que – porquê;
b. porque – por quê;
c. porquê – por que;
d. por que – porque.

Por que
porquê

3. CETRO – TRANSPORTADORA BRASILEIRA GASODUTO BOLÍVIA-BRASIL

Assinale a alternativa incorreta em relação ao uso do “porque”.

a. Todos sabem o porquê da confusão, mas preferem ficar calados.
b. Não sabemos por que a nova contratação ainda não foi feita.
c. Foram tiradas todas as novas publicações. Por quê?
d. Não querem que falem sobre o assunto por que ainda é doloroso para todos.
e. Por que há um certo mistério em relação à contratação de novos funcionários?

4. Assinale a opção em que o vocábulo entre parênteses preenche corretamente a lacuna correspondente.

a. Não se punem os malfeitores **porque** não se dispõe de um Código Penal atualizado? É nada! (porque)
b. Essa questão requer indagar-se preliminarmente **por que** não se derrubou ainda a inflação, no Brasil. (porque)
c. Pergunta-se, para começar, o **porquê** de tanto barulho. (por quê)
d. Não se fará mudança **porque** não foi votada uma nova Constituição? O que se quer é empurrar com a barriga. (por que)
e. Todos sabem, aqui no Brasil, **por que** não se punem os bandidos graúdos. (porque)

5. Assinale a frase gramaticalmente correta.

a. Não sei por que discutimos.
b. Ele não veio por que estava doente.
c. Mas porque não veio ontem?
d. Não respondi porquê não sabia.
e. Eis o porque da minha viagem.

6. Complete, usando por que / por quê / porque / porquê.

1) Pense nos ideais **por que** batalhamos há tanto tempo.
2) Eles não vieram à reunião, **por quê** ?
3) Não sei **por que** faltaram, mas sei o **por quê** da minha raiva.
4) Ainda vou descobrir o **por quê** dessa polêmica.

a. por que – por quê – por que – porquê – porquê
b. porque – porquê – porque – por quê – por quê
c. por que – por quê – porque – porquê – porquê
d. porque – porque – por que – porquê – por quê
e. porque – porque – porque – porque – porque

7. (Prova: FUNRIO – MPOG – Agente Administrativo) “- Lembra por que o senhor me contratou? Porque eu era o servidor publico perfeito.” Marque a opção em que se deve usar, à semelhança do fragmento acima, “por que” e “porque”:

a. Andar isso tudo **por que**? / Não se sabe o **por quê** daquela atitude.
b. Não veio **porque** não quis? / Sei muito bem **por que** ele se foi.
c. Não sei **por que** ele não quer sair. / Não fui **porque** tenho que estudar.
d. Diga-me um **porquê** para continuar aqui. / Vou de metrô **porque** demora menos.
e. Queria saber **por que** ele saiu. / Qual é o **porquê** agora?

8. Qual é a frase que está escrita incorretamente?

a. Por que você não me ajudou ontem? **C**
b. Diga-me o porquê de você não ter me ajudado ontem. **C**
c. Nunca saberei porquê você não me deu aquele jogo. **E - POR QUE**
d. Ele era gordo porque só comia doce. **C**
e. Porque era gordo, ninguém acreditava que emagreceria. **C**

9. Marque a alternativa que corresponde às lacunas da frase: “Me diz, ___ você não tira férias? Me dê um ___! É que toda vez que pergunto recebo a mesma resposta, mas ainda continuo sem entender ___.”

a. porque – porque – porquê
b. por que – por que – por que
c. por quê – por quê – porquê
d. por que – porquê – por quê

Por que
porquê
por quê

10. As frases abaixo possuem algumas palavras em destaque. Se substituirmos estas palavras por alguns dos “porquês”, qual das frases terá o mesmo sentido desta: “Amanhã nós vamos ao médico porque você está muito doente.”?

a. A festa não aconteceu “já que” tínhamos prova no dia seguinte.
b. Acho que não entendo o “motivo” de ter que ir ao médico.
c. “Por qual motivo” você não veio ontem?
d. Não sei “por qual motivo” você está preocupada.

11. Assinale a alternativa que preenche a lacuna desta frase: “Cancelamos o churrasco ___ estava chovendo muito”.
a. porquê
b. por quê
c. porque
d. por que

12. Assinale a alternativa em que o “porque” (junto, sem acento) vem para indicar causa:
a. Fiquei feliz, porque estou melhor.
b. Não corra muito rápido, porque você pode cair.
c. Foi correndo para a escola porque tinha prova.
d. Ligue daqui cinco minutos, porque depois disso vou sair.

13. Sobre a forma “por que” (separado, sem acento), é correto afirmar que:
a. É inserida apenas no inicio da frase, sendo substituída pelas expressões “por qual razão”/“por qual motivo” (e variantes).
b. É inserida apenas no inicio da frase, podendo ser substituída tanto pelas expressões “por qual razão”/ “por qual motivo” (e variantes), quanto pelas expressões “pelo qual”/ “por qual” (e variantes).
c. Pode ser inserida no início ou no meio da frase, sendo substituída pelas expressões “por qual razão”/ “por qual motivo” (e variantes).
d. Pode ser inserida no inicio ou no meio da frase, podendo ser substituída tanto pelas expressões “por qual razão”/ “por qual motivo” (e variantes), quanto pelas expressões “pelo qual”/ “por qual” (e variantes).

14. Assinale a alternativa onde a forma “por que” (separado, sem acento) foi empregada corretamente:
a. Estava vendendo aquele casaco por que o odiava.
b. Você está aqui por que?
c. Queríamos saber se a prova por que passou era difícil.
d. Não tinha mais aquele objeto por que perdi.

15. Qual é a frase que está escrita corretamente?
a. Amanhã vamos ao parque porquê fará sol.
b. Ontem passei no banco, por que recebi.
c. Hoje vou descansar porque é feriado.
d. Mudei de canal por quê quis.

16. Não fui ao baile __porque__ não sabia. Se soubesse teria ido __porque__ gosto de festa. Como não me avisaram fui ao cinema, e todos sabem que fui __porque__ gosto
a. porquê – por quê – porquê
b. porque – por que – porquê
c. porque – por quê – porquê
d. porquê – por que – porquê
e. porque – porque – porque

17. Ninguém conseguiu explicar o __porquê__ do seu sumiço, no entanto, se estavam juntos com ele, não sabiam __por quê__ ?
a. porquê – por quê
b. porque – por que
c. por que – porque
d. por quê – por quê
e. porque – porque

18. __Por que__ ninguém compareceu? Ninguém sabe o motivo __por que__ ele não compareceu.
a. Porquê – por quê
b. Por que – por que
c. Por que – porque
d. Por quê – por quê
e. Porque – porque

19. Ainda não sei __por que__ gosto de música. Compro CD e gostaria de saber __por que__ compro sempre.
a. porquê – por quê
b. por que – por que
c. porque – porque
d. por quê – por quê
e. por que – por que

GABARITO

1. b
2. a
3. d
4. a
5. a
6. a
7. c
8. c
9. d
10. a
11. c
12. c
13. a
14. d
15. c
16. e
17. a
18. a
19. b

Empregue um dos porquês:

1. Eis a razão ....por que........ o progresso é lento.
2. Não há ....por que b........ pensarmos nesse assunto agora.

3. A obra foi interrompida..?
4. Não importa saber ....brigaram as duas famílias.
5. Indaga-se, em vão, o ....de tantas experiências.
6. Estranhamos todos; ....não vieste?
7. Vá cedo ao teatro,...................................há poucos lugares.
8. Estranhei a maneira ....ele reagiu.
9. Lutamos e trabalhamos sem método. Eis ....não progredimos.
10. Pode sair briga ....os ânimos estão exaltados.
11. Se não fui, não é ....me tenha esquecido.
12. ....eles estão voltando? Será ....os professores entraram em greve?
13. Pergunte-lhe ....não há expediente hoje.
14. São nobres as causas .... lutamos.
15. Os jovens leem pouco: daí .... cometem tantos erros de grafia.
16. Todos nos empenhamos.. haja maior justiça social.
17. Ele, ultimamente, anda muito triste, mas ninguém sabe...................................
18. Ansiávamos ....tudo se esclarecesse o mais breve possível.
19. Ninguém atinava o ....daquela decisão.
20. O espetáculo foi cancelado; ninguém, todavia, me soube informar o ....
21. A situação haveria de mudar....................................? Há razões ....isso ocorra?
22. Talvez estejam faltando recursos,...a obra foi interrompida.
23. São grandes as transformações ....está passando a sociedade.
24. Se escrever é difícil, tentemos descobrir os ....da dificuldade.
25. O partido, ...lhe convinha, mudou a sua estratégia.
26. – Muito obrigado, meu amigo! – não há .... agradecer.
27. Estou aflito, ...ela disse que voltaria logo.
28. Se sabem tanto,..não obtêm notas melhores?
29. Procure saber ....há tanto movimento nos bancos.
30. Nota-se que ela está nervosa, mas ninguém sabe ....
31. Já descobri as razões .... me ocultaram o fato.
32. Querem saber, certamente, o .... da minha atitude?
33. E....................................você mesma não falou com ele?
34. Pensem bem, ...é fácil enganar-se.
35. A crise ....estamos passando há de logo acabar.
36. Não me manifestei antes .... tinha algumas dúvidas.
37. Pergunte-lhe ....está tão agitado hoje.
38. Eles vivem brigando ....?
39. Não há ....se lastimar.
40. Acho que o Rui está doente .... está magro e pálido.
41. Você não foi ....estava chovendo, ou ....não se lembrou da data?
42. Vocês brigaram, meu Deus, ...?
43. Veja ....seu dinheiro vale cada dia menos.
44. O ministro explicou ....concordava com a medida.
45. Não vejo ....sacrificar o consumidor com mais esse imposto.
46. A maioria das dificuldades humanas surge ....não nos entendemos.
47. ....desistir agora de um projeto ....me bato há tanto tempo?
48. ....águas estamos navegando, ninguém sabe.
49. Afinal, não se sabe bem o ....das coisas.
50. ....no Brasil, se aduba a desgraça e se minimiza a miséria?
51. Não declares que as estrelas estão mortas somente ....o céu está nublado.
52. ....você não foi à festa? Será ....não queria rever sua ex-namorada?
53. .... você não quer ir ao parque?
54. Ninguém sabe ....ele deixou a cidade.
55. Você fez isso ....?
56. Não quero sair desta escola .... gosto daqui.
57. Não sabemos o .... de tantas dificuldades.
58. Ficamos sabendo .... as pessoas se interessam por nós.
59. ....ele deixou a escola?
60. Ele entende muito do assunto ....é sociólogo.
61. Não chore ....você terá outras oportunidades.
62. É difícil entender o ....de tanta pobreza no país.
63. Não queres viajar agora ....?
64. O professor sempre quer saber o .... de tudo.
65. Hoje prestei atenção às palavras do professor, ...era novidade.

66. ....você saiu mais cedo ontem?
67. Lúcia chegou atrasada.............................?
68. O diretor quis saber o ....de tanta agitação na sala.
69. Não vou jogar bola....................................não estou com vontade.
70. ....cargas d'água havia de assobiar?
71. ....você está tão contente?
72. Cheguei atrasado ....o ônibus quebrou.
73. Não sabes...................................?
74. Não sabes o ....da dúvida.
75. Foi tragado pelas águas ....não sabia nadar.
76. Sabes ....caminhos deves andar.
77. Foste com eles..?
78. ....viajaste?
79. ....choras sem razão?
80. É nobre a causa ....lutava.
81. Ignoro a razão ....saíste cedo.
82. Quem poderá conhecer o ....das coisas?
83. Descobri .... motivo vieste tarde.
84. Pergunto ....razão vieste tarde.
85. O professor perguntou ....motivo eu não viera ontem.
86. A diretora quis saber ....meu irmão se atrasara.
87. O futuro ....anseias está próximo.
88. Seremos punidos ....transgredimos a lei.
89. Eu, ...tive medo, não participei.
90. Ninguém o atendia ....exigia soluções impossíveis.
91. ....não me visitaste mais?

GABARITO

1. Por que
2. Por que
3. Por quê?
4. Por que
5. Porquê
6. Por que
7. Porque
8. Por que
9. Por que
10. Porque
11. Por que
12. Por que / por que
13. Por que
14. Por que
15. Por que
16. Porque
17. Por quê
18. Porque
19. Porquê
20. Porquê
21. Por quê / por que
22. Porque
23. Por que
24. Porquês
25. Porque
26. Por que
27. Porque
28. Por que
29. Por que
30. Por quê
31. Por que
32. Porquê
33. Por que
34. Porque
35. Por que
36. Porque
37. Por que
38. Por quê
39. Por que
40. Porque
41. Por que / por que
42. Por quê
43. Por que
44. Por que
45. Por que
46. Porque
47. Por que/ por que
48. Por que
49. Porquê
50. Por que
51. Por que
52. Por que / por que
53. Por que
54. Por que
55. Por quê
56. Porque
57. Porquê
58. Por que
59. Por que
60. Porque
61. Porque
62. Porquê
63. Por quê
64. Porquê
65. Porque
66. Por que
67. Por quê
68. Porquê
69. Porque
70. Por que
71. Por que
72. Porque
73. Por quê
74. Porquê
75. Porque
76. Por que
77. Por quê
78. Por que
79. Por que
80. Por que
81. Por que

82. Porquê
83. Por que
84. Por que
85. Por que
86. Por que
87. Por que
88. Porque
89. Porque
90. Porque
91. Por que

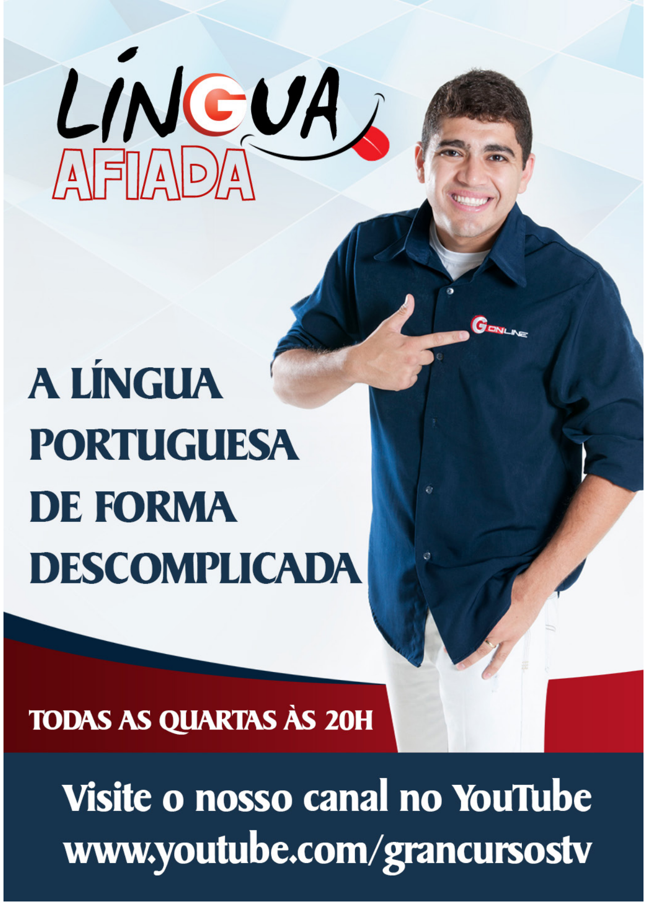

LÍNGUA AFIADA
A LÍNGUA PORTUGUESA DE FORMA DESCOMPLICADA
TODAS AS QUARTAS ÀS 20H
Visite o nosso canal no YouTube
www.youtube.com/grancursostv

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA
APRENDA A DISCIPLINA QUE MAIS REPROVA EM CONCURSOS COM OS MAIORES MESTRES
GRAN CURSOS ESCOLA PARA CONCURSOS PÚBLICOS
24 ANOS DE TRADIÇÃO
GRAN CURSOS ONLINE
O *CLICK* QUE PODE MUDAR O SEU FUTURO
Acesse www.grancursos.com.br e SAIBA +

ORTOGRAFIA

ENEM E PROVA PARANÁ

Org. Neusa Moro

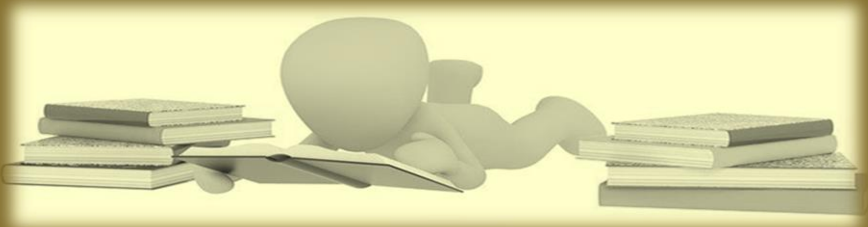

- A ortografia é a parte da língua responsável pela grafia correta das palavras. Essa grafia baseia-se na variante padrão da língua portuguesa. As palavras podem apresentar igualdade total ou parcial no que se refere a sua grafia e pronúncia, mesmo tendo significados diferentes.

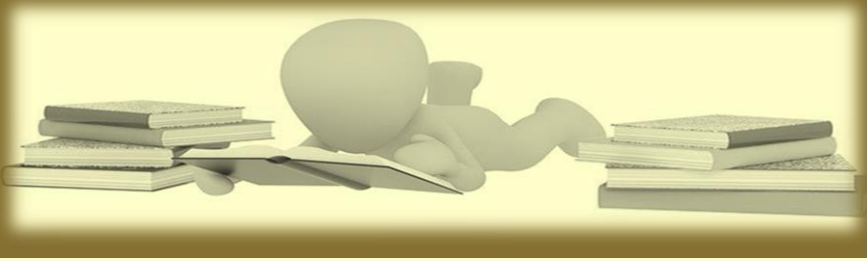

- Somos eternos alunos de língua portuguesa, a adequada comunicação escrita constitui condição indispensável ao êxito de qualquer estudante ou profissional.
- A palavra **Ortografia** é formada por "orto", elemento de origem grega, usado como prefixo, com o significado de **direito, reto, exato** e "grafia", elemento de composição de origem grega com o significado de **ação de escrever**; ortografia, então, significa **ação de escrever direito**. É fácil escrever direito? Não!! É, de fato, muito difícil conhecer todas as regras de ortografia a fim de escrever com o mínimo de erros ortográficos.

- 01.Usa-se ç em palavras derivadas de vocábulos terminados em -**TO**:

intento = intenção
canto = canção
exceto = exceção
junto = junção

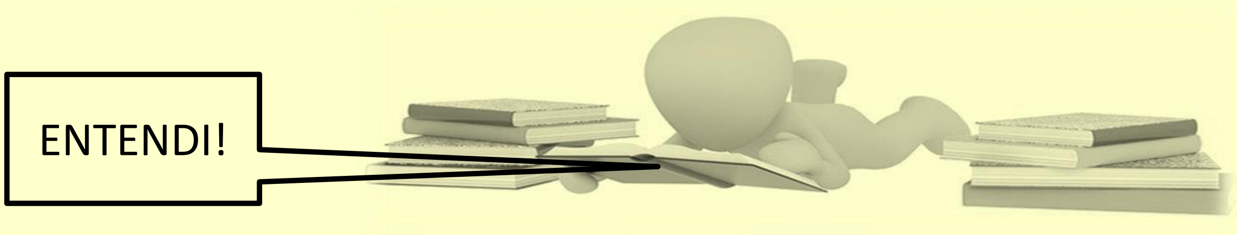

02.Usa-se ç em palavras terminadas em -**TENÇÃO** referentes a verbos derivados de -**TER:**

deter = detenção
reter = retenção
conter = contenção
manter = manutenção

- tenção? Sei...

- 03.Usa-se ç em palavras derivadas de vocábulos terminados em -**TOR:**

infrator = infração
trator = tração
redator = redação
setor = seção

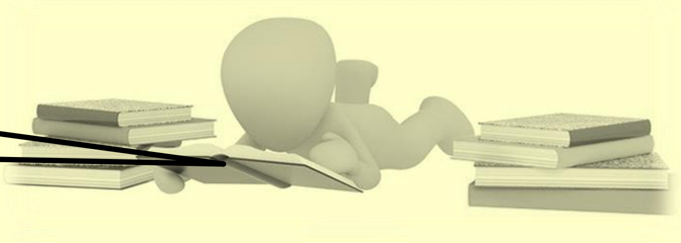

- Tor ?
Fácil!!!

- 04. Usa-se ç em palavras derivadas de vocábulos terminados em -**TIVO:**

- introspectivo = introspecção
- relativo = relação
- ativo = ativação
- intuitivo – intuição

- 05.Usa-se ç em palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **R:**

reeducar = reeducação
importar = importação
repartir = repartição
fundir = fundição

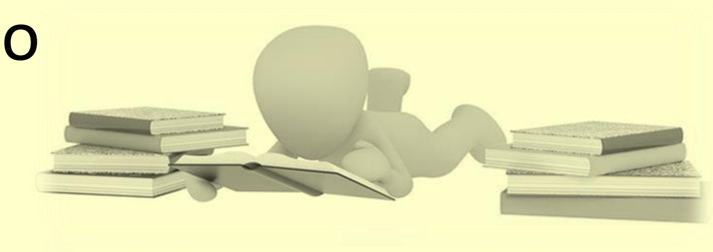

- 06. Usa-se ç após ditongo quando houver som de s:
  eleição traição

- 07.Usa-se s em palavras derivadas de verbos terminados em -**NDER** ou -**NDIR**: pretender = pretensão, pretensa, pretensioso

defender = defesa, defensivo
compreender = compreensão, compreensivo
repreender = repreensão
expandir = expansão
fundir = fusão
confundir = confusão

- 08. Usa-se s em palavras derivadas de verbos terminados em -**ERTER** ou -**ERTIR**:

inverter = inversão
converter = conversão
perverter = perversão
divertir = diversão

- 09. Usa-se s após ditongo quando houver som de z:

Creusa coisa maisena

- 10.Usa-se **S** em palavras terminadas em **ISA**, substantivos femininos:

Luísa Heloísa Poetisa Profetisa

Obs.: Juíza escreve-se com z, por ser o feminino de juiz, que também se escreve com z.

- 11.Usa-se s em palavras derivadas de verbos terminados em -**CORRER** ou -**PELIR**:

  concorrer = concurso
  discorrer = discurso
  expelir = expulso, expulsão
  compelir = compulsório

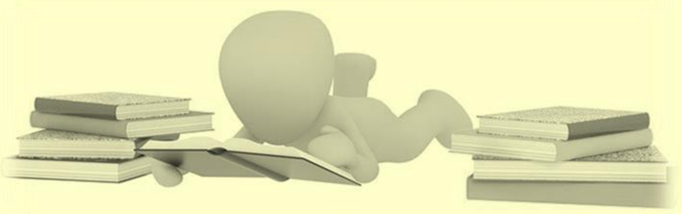

12.Usa-se s na conjugação dos verbos **PÔR, QUERER, USAR**:

- ele pôs
- ele quis
- ele usou

13.Usa-se s em palavras terminadas em **ASE, ESE, ISE, OSE**:

- frase
- tese
- crise
- osmose
- **Exceções: deslize e gaze.**

14.Usa-se s em palavras terminadas em **OSO, OSA**:

- horrorosa
- gostoso
- **Exceção: gozo**

- 15. Usa-se o sufixo indicador de diminutivo -**INHO** com **S** quando esta letra fizer parte do radical da palavra de origem; com **Z** quando a palavra de origem não tiver o radical terminado em **S**:

Teresa = Teresinha

Casa = casinha

Mulher = mulherzinha

Pão = pãozinho

- 16.Os verbos terminados em -**ISAR** serão escritos com **S** quando esta letra fizer parte do radical da palavra de origem; os terminados em -**IZAR** serão escritos com **Z** quando a palavra de origem não tiver o radical terminado em s:

- improviso = improvisar
- análise = analisar
- pesquisa = pesquisar
- terror = aterrorizar
- útil = utilizar
- economia = economizar

- 17.As palavras terminadas em **ÊS** e **ESA** serão escritas com **S** quando indicarem **nacionalidade, títulos** ou **nomes próprios**; as terminadas em **EZ e EZA** serão escritas com **Z** quando forem substantivos abstratos provindos de adjetivos, ou seja, quando indicarem qualidade:
- Teresa
- Camponês
- Inglês
- Embriaguez
- Limpeza
- Nobreza

- 18.Os verbos terminados em **CEDER** terão palavras derivadas escritas com **CESS**:

- exceder = excesso, excessivo
- conceder = concessão
- proceder = processo

- 19.Os verbos terminados em –**PRIMIR** terão palavras derivadas escritas com -**PRESS**:

- imprimir = impressão
- deprimir = depressão
- comprimir = compressa

- 20. Os verbos terminados em –**GREDIR** terão palavras derivadas escritas com -**GRESS**:

progredir = progresso
agredir = agressor, agressão, agressivo
transgredir = transgressão, transgressor

- 21. Os verbos terminados em -**METER** terão palavras derivadas escritas com –**MISS** ou -**MESS**:

comprometer = compromisso
prometer = promessa
intrometer = intromissão
remeter = remessa

- 22.Escreve-se com j a conjugação dos verbos terminados em **JAR**:

Viajar = espero que eles viajem
Encorajar = para que eles se se encorajem
Enferrujar = que não se enferrujem as portas

- 23.Escrevem-se com j as palavras derivadas de vocábulos terminados em **JA**:

loja = lojista
canja = canjica
sarja = sarjeta
gorja = gorjeta

- 24. Escrevem-se com g as palavras terminadas em **ÁGIO, ÉGIO, ÍGIO, ÓGIO, ÚGIO:**

pedágio
sacrilégio
prestígio
relógio
refúgio

- 25.Escrevem-se com g os substantivos terminados em **GEM**:
a viagem
a coragem
a ferrugem
- **Exceções: pajem, lambujem**

- 26.Palavras iniciadas por **ME** serão escritas com x:
  Mexerica
  México
  Mexilhão
  Mexer
- **Exceção: mecha de cabelos**
- 27.As palavras iniciadas por **EN** serão escritas com x, a não ser que provenham de vocábulos iniciados por ch:
  Enxada
  Enxerto
  Enxurrada
  Encher – provém de cheio
  Enchumaçar – provém de chumaço

  e) Usa-s x após ditongo:
  ameixa caixa peixe
- **Exceções: recauchutar, guache**

- É correto usar artigo antes do nome de cidades? Será que a expressão "no Recife", por exemplo, está correta? É bom lembrar que em português, normalmente, os nomes de cidade são usados **sem** artigos, sobretudo no português do Brasil. As pessoas dizem que moram:
- **em** São Paulo
  em Campinas
  em Santos
  em Juiz de Fora
  em Governador Valadares
  em Manaus

Estou com uma caixa de dúvidas! Vou perguntar!!!

- No entanto há algumas poucas exceções em que se pede o artigo, e "Recife" é um deles. Outros nomes que são antecedidos por artigo são "Rio de Janeiro", "Cairo", "Porto" - cidade do Norte de Portugal.
- Ele mora **no** Rio de Janeiro.
  Ele mora **no** Cairo.
  Ele mora **no** Porto.

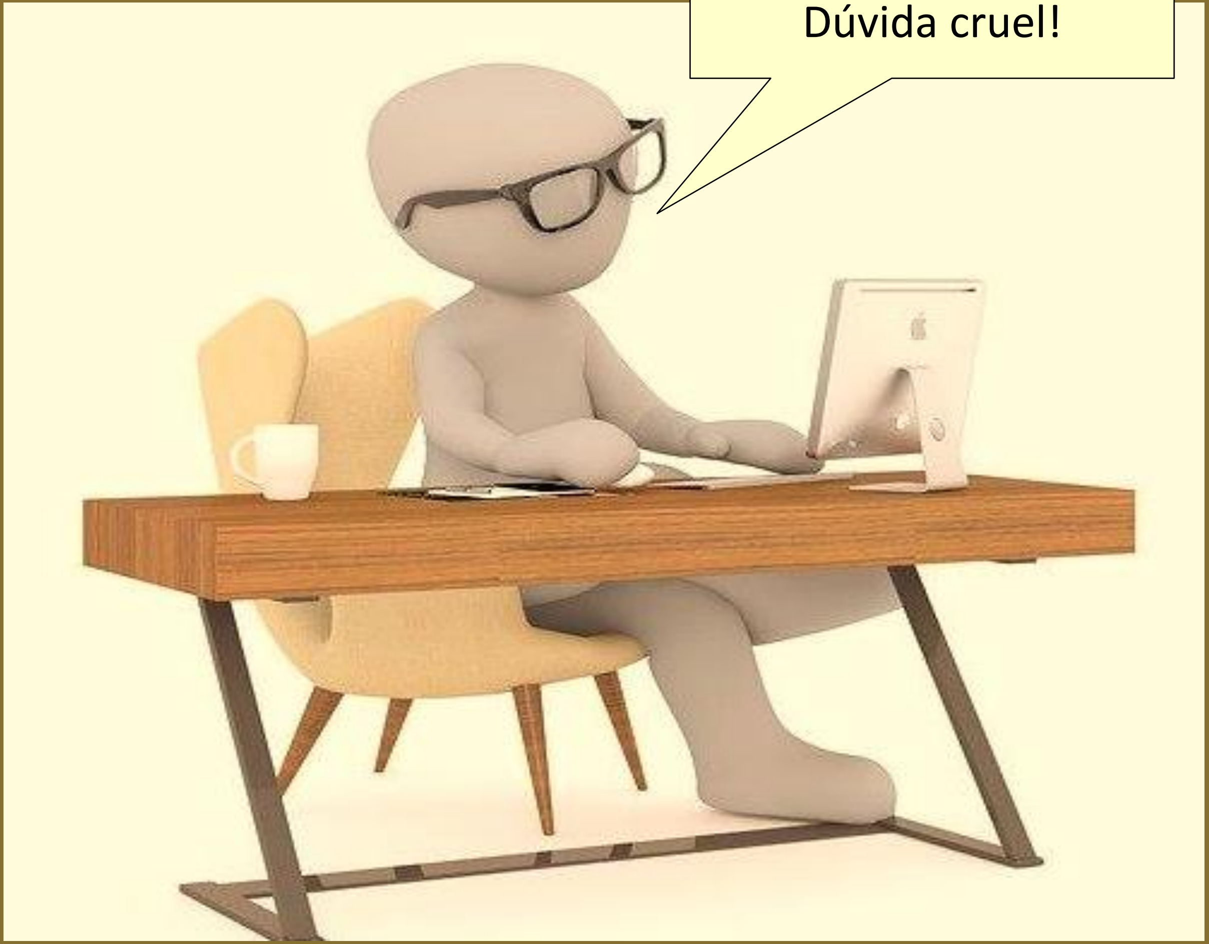

Nossa, vou começar tudo de novo!
Denovo ou de novo?
Dúvida cruel!

LÍNGUA PORTUGUESA

MÓDULO
01

FRENTE
C

Acentuação e ortografia

A principal e mais original forma de manifestação de uma língua é a oralidade. A escrita, que surgiu apenas no século IV a.C., é uma forma de representar graficamente diversas sequências de sons, que falantes reconhecem como significantes, ou seja, a parte material, sonora de um signo linguístico. Segundo o linguista Ferdinand de Saussure, um **signo linguístico** é formado pela associação que se faz entre um **significante** e um **significado**, ou seja, um conceito que pode aludir a coisas, ações, qualidades, circunstâncias, etc. Observe:

$$\text{Signo linguístico} = \frac{\text{Significante}}{\text{Significado}} = \frac{\text{/ `ahvorI /}}{}$$

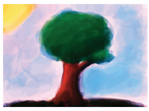

No esquema, usa-se a transcrição fonética / `ahvorI /, e não a sua forma escrita "árvore", porque um significante deve ser entendido como uma sequência de sons; a forma escrita "árvore", por sua vez, é a representação gráfica dessa sequência sonora, feita segundo as normas de ortografia da língua portuguesa.

É preciso observar, também, que a relação entre significante e significado em um signo linguístico não é motivada, e sim convencionada. Tanto é assim que um mesmo significado – como o conceito de "árvore" identificado no esquema – é associado a diferentes significantes, dependendo do idioma em que é expresso. Esses diferentes significantes serão representados na escrita também de modos distintos. Além disso, na grafia das palavras, ainda incidem outras variantes, como o tipo de alfabeto utilizado, certas regras fonológicas e normas de ortografia. Observe o quadro a seguir, que mostra como as palavras "árvore", "casa" e "galinha" são representadas de modos distintos em diferentes idiomas.

Significados	**Representação gráfica dos significantes em diferentes línguas**							
	Português	**Inglês**	**Espanhol**	**Francês**	**Alemão**	**Russo**	**Árabe**	**Chinês**
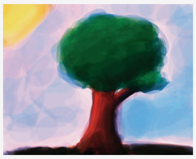	árvore	tree	árbol	arbre	Baum	дерево	شجرة	樹
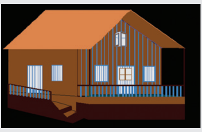	casa	house	casa	maison	Haus	дом	بيت	房子
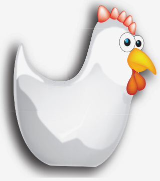	galinha	chicken	gallina	poulet	Huhn	цыпленок	دجاجة	小雞

As traduções do russo, do árabe e do chinês foram feitas a partir do Google Tradutor e são apenas ilustrativas.

A escrita é uma forma de representação gráfica dos significantes e, tal como outras formas de representação, é não mais que uma convenção. Essa convenção é determinada por uma série de regras ortográficas – as quais se encontram listadas em gramáticas normativas.

Neste módulo, serão relembradas algumas das regras para se representarem palavras na língua portuguesa. Não todas, porque isso seria exaustivo e pouco prático. Na verdade, serão retomadas as regras de acentuação e, no que diz respeito à ortografia, serão focadas algumas especificidades do português, como o uso do hífen e de algumas expressões.

A ortografia de cada idioma possui suas especificidades e dificuldades. A partir do momento em que o falante aprende a ler e a escrever, vai se familiarizando cada vez mais com a forma como a língua oral é representada na escrita. Para que você domine cada vez melhor a ortografia, procure ler bastante e escrever também; sempre que errar, reveja seu erro, memorize a ortografia correta.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Classificação das palavras quanto à posição da sílaba tônica

Na língua portuguesa, a sílaba tônica pode aparecer em três posições diferentes; consequentemente, as palavras podem receber três classificações quanto a esse aspecto:

- **Oxítonas:** são aquelas cuja sílaba tônica é a última: *você, café, jiló, alguém, ninguém, ruim, carcará, vatapá, anzol, condor.*
- **Paroxítonas:** são aquelas cuja sílaba tônica é a penúltima: *gente, planeta, homem, alto, âmbar, éter, dólar, pedra, caminho, amável, táxi, álbum.*
- **Proparoxítonas:** são aquelas cuja sílaba tônica é a antepenúltima: *lágrima, trânsito, xícara, úmido, mágico, lâmpada, ótimo, médico, fanático.*

> Nossa língua não contém palavras com acento na pré-antepenúltima sílaba, isto é, palavras bisesdrúxulas. Somente algumas formas verbais seguidas de pronome oblíquo são bisesdrúxulas: **fazíamo-lo**, **amávamo-la**, etc.

Você observou que, nos exemplos dados para os três casos, só há palavras com mais de uma sílaba. As palavras de apenas uma sílaba são chamadas **monossílabos**.

Quando tais palavras apresentam tonicidade, como nos casos de **má**, **pó** e **fé**, são consideradas **monossílabos tônicos**. Quando não apresentam tonicidade, como **de**, **por**, **mas**, são denominadas **monossílabos átonos**.

As regras básicas

Na língua portuguesa, temos as vogais **a**, **e**, **i**, **o**, **u**. Entre essas vogais, o **i** e o **u** são vogais tônicas, fortes, ou seja, tendem a tornar tônica a sílaba em que aparecem.

Por exemplo, na palavra **caqui**, a simples presença do **i** na última sílaba torna a palavra uma oxítona, não sendo necessário o uso de um acento agudo para indicar a tonicidade. Por outro lado, em **táxi**, é necessária a utilização de um acento agudo na penúltima sílaba para que a palavra seja lida como paroxítona. Se não houvesse esse acento, os falantes tenderiam a ler a palavra como oxítona, tal como ocorre em **caqui**.

Se se analisarem as palavras **tatu** e **vírus**, será possível observar que ocorre o mesmo em relação ao **u**.

Saber disso é muito útil, pois ajuda a entender algumas regras básicas de acentuação das palavras oxítonas, paroxítonas e dos monossílabos. Observe, a seguir, como as regras são coerentes com o que foi descrito:

A) **Monossílabos tônicos:** são acentuados os terminados em:

- **a**, **as**: *pá, vá, gás, Brás;*
- **e**, **es**: *pé, fé, mês, três;*
- **o**, **os**: *só, xô, nós, pós.*

> Os monossílabos que contêm **i** ou **u**, como **ti** e **tu**, não precisam receber acento, pois já são tônicos.

B) **Oxítonas:** são acentuadas as que terminam em:

- **a**, **as**: *Pará, vatapá, estás, irás;*
- **e**, **es**: *você, café, Urupês, jacarés;*
- **o**, **os**: *jiló, avô, retrós, supôs;*
- **em**, **ens**: *alguém, armazéns, parabéns.*

> As oxítonas terminadas em **i** e **u**, como **tatu**, **aqui**, **Aracaju**, **Araguari**, não precisam ser acentuadas, pois a presença dessas vogais na última sílaba de cada uma delas já torna a palavra uma oxítona.

C) **Paroxítonas:** são acentuadas as que terminam em:

- **i**, **is**: *táxi, beribéri, lápis, grátis*;
- **us**, **um**, **uns**: *vírus, bônus, álbum, parabélum* (arma de fogo), *álbuns, parabéluns.*

> Caso essas palavras não recebessem acento, seriam lidas como oxítonas, dada a presença do **i** e do **u** na última sílaba.

Acentuam-se, ainda, as paroxítonas terminadas em:

- **l**, **n**, **r**, **x**: *incrível*, *útil*, *próton*, *elétron*, *éter*, *mártir*, *tórax*, *ônix*; para guardar melhor essa regra, observe que **l**, **n**, **r** e **x** são as consoantes da palavra **rouxinol**.
- **ps**: *bíceps*, *fórceps.*
- **ã**, **ãs**, **ão**, **ãos**: *ímã*, *órfã*, *ímãs*, *bênção*, *órgão*, *órfãos*, *sótãos*.
- **ditongo oral, crescente ou decrescente, seguido ou não de "s":** *água*, *árduo*, *pônei*, *vôlei*, *cáries*, *mágoas*, *pôneis*, *jóqueis*.

Para simplificar, pode-se dizer: "Acentuam-se todas as paroxítonas, exceto as terminadas em **a**, **e**, **o**, **am** e **em**, seguidos ou não de s": *palha*, *deixa*, *peixe*, *entre*, *caldo*, *desenvolvimento*, *falaram*, *vieram*, *vertigem*, *voltagem*, etc.

D) **Proparoxítonas:** são todas acentuadas: *lâmpada, Júpiter, ótimo, flácido, relâmpago, trôpego, lúcido, etc.*

As regras especiais

A) **Hiatos:** eis a regra de acentuação para os hiatos:

- Quando a segunda vogal do hiato for **i** ou **u**, tônicos, acompanhados ou não de **s**, haverá acento: *saída*, *proíbo*, *faísca*, *caíste*, *carnaúba*, *viúva*, *balaústre*, *país*, *aí*, *baú*, *Jaú*.

Se depois do "i" ou do "u" vier "nh", o acento não ocorrerá. É o caso de *rainha*, *moinho*, *unha*, *tainha*, *campainha*. Também não haverá acento se a vogal "i" ou a vogal "u" se repetirem, o que ocorre em poucas palavras: *vadiice*, *sucuuba*, *mandriice*, *xiita*.

B) **Ditongos:** a regra de acentuação para os ditongos é:

- Ocorre acento na vogal tônica dos ditongos **éu**, **éi** e **ói** desde que sejam **abertos** e que se encontrem na **última sílaba** da palavra ou em **monossílabos**: *céu*, *chapéu*, *réu*, *véu*, *troféu*, *anéis*, *aluguéis*, *coronéis*, *dói*, *constrói*, *destrói*.

C) **Acento diferencial:**

- **pôr** (verbo) e **por** (preposição);
- **pôde** (pretérito perfeito) e **pode** (presente do indicativo);
- **que** (conjunção, pronome) e **quê** (substantivo ou pronome em fim de frase);
- **porque** (conjunção) e **porquê** (substantivo).

A Reforma Ortográfica e as mudanças nas regras de acentuação

As regras apresentadas anteriormente já estão de acordo com a Reforma Ortográfica que entrou em vigor no ano de 2009. O que se percebe é que, embora os que já estão acostumados à língua possam estranhar as mudanças, a Reforma simplificou bastante a acentuação, extinguindo uma série de regras especiais.

A primeira delas é a que obrigava o uso do acento circunflexo na primeira vogal dos grupos **ee** e **oo**. Dessa forma, em vez de se escrever **crêem**, **dêem**, **lêem**, **vêem**, **descrêem**, **relêem**, **prevêem**, **revêem**, **côo**, **vôo**, **enjôo**, **magôo**, **abotôo**, deve-se escrever: **creem**, **deem**, **leem**, **veem**, **descreem**, **releem**, **preveem**, **reveem**, **coo**, **voo**, **enjoo**, **magoo**, **abotoo**.

Com a Reforma, também deixam de ser acentuados os ditongos **ei** e **oi** que estiverem na penúltima sílaba de palavras paroxítonas. A nova regra passa a ser coerente com a que vale para o ditongo **eu**, que, quando aparece nessa sílaba, como em **feudo**, **terapeuta**, **hermeneuta**, não é acentuado, apesar de ser tônico. A diferença, no caso do **eu**, é que, na penúltima sílaba, ele é sempre fechado, ao contrário de **ei** e **oi**, que podem ser abertos. Assim, palavras paroxítonas com esses dois ditongos na penúltima sílaba que, até 2008, eram obrigatoriamente acentuadas segundo a velha regra, como **idéia**, **assembléia**, **paranóico**, **heróico**, **esferóide**, passam a ser grafadas da seguinte forma: **ideia**, **assembleia**, **paranoico**, **heroico**, **esferoide**. Vale lembrar que, embora não sejam mais acentuados, os ditongos continuam tônicos, e as palavras, paroxítonas, ou seja, a pronúncia não é alterada.

A Reforma também extingue regras especiais de acentuação para o **u** dos grupos **gue**, **gui**, **que**, **qui**, o qual, antes, dependendo do fato de ser ou não pronunciado e de sua tonicidade, era diferenciado, levando trema ou acento agudo. O trema deixa de existir e, junto com ele, o acento agudo que marcava a tonicidade do **u**. Assim, palavras em que o **u** é pronunciado e não é tônico e que, antes, levavam trema, como **lingüiça**, **seqüestro**, **eqüino**, **agüentar**, **ungüento**, **tranqüilo**, **conseqüência**, **argüir**, passam a ser grafadas da seguinte forma: **linguiça**, **sequestro**, **equino**, **aguentar**, **unguento**, **tranquilo**, **consequência**, **arguir**. Do mesmo modo, palavras em que o **u** é pronunciado e tônico e que, antes, eram acentuadas, como as raríssimas **apazigúe**, **obliqúe, argúi**, **argúem**, **averigúe**, **averigúem**, **obliqúem** (formas verbais apenas), passam a ser grafadas como a seguir: **apazigue**, **oblique**, **argui**, **arguem**, **averigue**, **averiguem**, **obliquem**.

Novamente, a pronúncia e a tonicidade das palavras não foram modificadas. Se um dia vão ser, o tempo e a vontade dos falantes de nossa língua decidirão.

A Reforma Ortográfica extingue, ainda, uma regra especial de acentuação de hiatos: a que obrigava o uso de um acento agudo sobre o **i** e o **u** tônicos de hiatos antecedidos de ditongos. Portanto, palavras que contêm hiatos em **i** e **u** antecedidos de ditongos e que eram acentuadas, como **baiúca**, **boiúna**, **cheiínho**, **saiínha**, **feiúra**, **feiúme**, perdem o acento e passam a ser escritas assim: **baiuca**, **boiuna**, **cheiinho**, **saiinha**, **feiura**, **feiume**.

A última mudança da Reforma nas regras de acentuação extingue o acento diferencial em palavras homógrafas, ou seja, aquelas que são grafadas da mesma forma. Por exemplo, não se distingue mais **para** (preposição) de **para** (forma verbal da 3.ª pessoa do presente do indicativo de "parar"); ou **pelo** (substantivo) de **pelo** (contração da preposição **por** com o artigo **o**). As únicas exceções são os pares **por** (preposição) / **pôr** (verbo) e **pode** (forma verbal da 3.ª pessoa do presente do indicativo de "poder") / **pôde** (forma verbal da 3.ª pessoa do pretérito perfeito do indicativo de "poder"). Os acentos diferenciais que marcam as classes das palavras **que**, **quê**, **porque** e **porquê** também permanecem.

ORTOGRAFIA

Ortografia é o sistema correto de representar, na escrita, os fonemas e as formas da língua. Ele trata da representação escrita dos sons que formam os vocábulos, por meio dos símbolos denominados letras.

Com a Reforma Ortográfica, foram incorporadas as letras "k", "w" e "y" ao nosso alfabeto, que passa a ter 26 letras: a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y e z.

Uso de K, W e Y

Essas letras são usadas em siglas, símbolos, nomes próprios, palavras estrangeiras e seus derivados.

Exemplos: **km** (quilômetro), **K** (potássio), **Kr** (criptônio), **kg** (quilograma), **kw** (quilowatt), **kwh** (quilowatt-hora), **watt**, **kantismo**, **kepleriano**, **byroniano**, **taylorista**, etc.

RELAÇÕES ENTRE FORMA E SIGNIFICADO

Há palavras cuja pronúncia e / ou grafia são idênticas, mas que possuem diferentes significados; do mesmo modo, em alguns casos, atribuímos um mesmo significado a termos distintos. Tendo isso em vista, as palavras podem ser:

Sinônimas

São palavras de sentido igual ou aproximado.

Exemplos:

- *solilóquio* e *monólogo*;
- *suposição* e *hipótese*;
- *modelo* e *protótipo*.

Antônimas

São palavras de significação oposta.

Exemplos:

- *calmo* e *agitado*;
- *extrovertido* e *introvertido*;
- *defender* e *atacar*.

Homônimas

São palavras que têm, às vezes, a mesma pronúncia e, às vezes, a mesma grafia, mas significação diferente. Nesse caso, é o contexto que determina a significação dos homônimos. Palavras homônimas podem ser:

Homógrafas heterofônicas

Iguais na escrita, mas diferentes na pronúncia.

Exemplos:

- *colher* (forma verbal) e *colher* (substantivo);
- *jogo* (forma verbal) e *jogo* (substantivo).

Homófonas heterográficas

Iguais na pronúncia e diferentes na escrita.

Exemplos:

- *ascender* (subir) e *acender* (pôr fogo);
- *cela* (prisão), *sela* (forma verbal).

Homófonas homográficas

Iguais na escrita e na pronúncia.

Exemplos:

- *cedo* (forma verbal) e *cedo* (advérbio);
- *manga* (fruta) e *manga* (parte de uma blusa, paletó ou vestido).

Parônimas

Semelhantes na escrita e na pronúncia.

Exemplos:

- *degredado* (exilado) e *degradado* (estragado);
- *infligir* (aplicar castigo) e *infringir* (transgredir).

As principais palavras parônimas e homônimas são estas:

Palavras homônimas e parônimas	Significado	Palavras homônimas e parônimas	Significado	Palavras homônimas e parônimas	Significado
absolver **absorver**	inocentar, perdoar sorver, consumir	**chá** **xá**	bebida título do ex-soberano do Irã	**estático** **extático**	firme, imóvel admirado, pasmado
acender **ascender**	pôr fogo, alumiar subir	**cheque** **xeque**	ordem de pagamento lance no xadrez, perigo	**estrato** **extrato**	tipo de nuvem, camada, resumo, essência
acento **assento**	tom de voz, sinal gráfico lugar de sentar-se	**cidra** **sidra**	fruto vinho de maçã	**flagrante** **fragrante**	evidente perfumado
acerca de **cerca de** **há cerca de**	sobre, a respeito de aproximadamente faz aproximadamente	**comprimento** **cumprimento**	extensão saudação, execução	**fluir** **fruir**	correr gozar, desfrutar
acostumar **costumar**	contrair hábito ter por hábito	**concerto** **conserto**	sessão musical, acordo reparo	**fuzil** **fusível**	carabina, espingarda interruptor de circuito
acurado **apurado**	feito cuidadosamente seleto, fino, refinado	**conjetura** **conjuntura**	suposição, hipótese situação, circunstância	**genitor** **progenitor**	pai avô
aferir **auferir**	conferir, comparar colher, obter	**coser** **cozer**	costurar cozinhar	**história** **estória**	narrativa de fatos reais narrativa de ficção
afim de **a fim de**	semelhante a (parente de) para, com a finalidade de	**deferir** **diferir**	atender, conceder distinguir-se, adiar	**incidente** **acidente**	episódio acontecimento grave
amoral **imoral**	indiferente à moral contra a moral, devasso	**degredado** **degradado**	desterrado, exilado estragado	**incipiente** **insipiente**	principiante ignorante, ignaro
aprender **apreender**	instruir-se assimilar	**delatar** **dilatar**	denunciar alargar, ampliar	**inflação** **infração**	alta dos preços, expansão violação, transgressão
arrear **arriar**	pôr arreios abaixar, descer	**descargo** **desencargo**	alívio desobrigar de um encargo	**infligir** **infringir**	aplicar pena ou castigo transgredir, violar
assoar **assuar**	limpar o nariz vaiar, apupar	**descriminar** **discriminar**	inocentar distinguir	**intemerato** **intimorato**	puro, íntegro destemido, corajoso
bucho **buxo**	estômago arbusto	**despercebido** **desapercebido**	não notado desprovido	**intercessão** **interseção**	ato de interceder ato de cortar
caçar **cassar**	perseguir animais anular	**édito** **edito**	ordem judicial decreto, lei	**laço** **lasso**	nó frouxo, gasto, cansado
calção **caução**	calças curtas fiança, garantia	**emergir** **imergir**	vir à tona mergulhar	**lista** **listra**	relação, rol linha, risco
calda **cauda**	xarope rabo	**emigrar** **imigrar**	sair da pátria entrar num país	**locador** **locatário**	proprietário inquilino
cavaleiro **cavalheiro**	que sabe andar a cavalo homem educado	**eminente** **iminente**	notável, célebre, elevado prestes a acontecer	**lustre** **lustro**	candelabro, brilho período de cinco anos
cela **sela**	pequeno cômodo arreio	**entender** **intender**	compreender superintender	**mal** **mau**	antônimo de bem antônimo de bom
censo **senso**	recenseamento raciocínio, juízo, tino	**esbaforido** **espavorido**	ofegante, cansado apavorado, assustado	**mandado** **mandato**	ordem judicial período de missão política
cerração **serração**	nevoeiro denso ato de serrar, cortar	**esperto** **experto**	ativo, inteligente, vivo perito, entendido	**moradia**[1] **morada**	ato de morar lugar onde se mora, lar
cerrar **serrar**	fechar cortar	**espiar** **expiar**	observar, espionar sofrer castigo	**ótico** **óptico**	relativo à orelha ou visão relativo à visão
cessão **seção ou secção** **sessão**	ato de ceder corte, divisão reunião	**estada** **estadia**	permanência da pessoa permanência de veículo	**paço** **passo**	palácio passada
cesto **sexto**	balaio ordinal de seis	**estádio** **estágio**	fase, período preparação, etapa	**peão** **pião**	aquele que anda a pé brinquedo

---

[1] Atualmente, "moradia" e "morada" são consideradas sinônimas por alguns dicionaristas. Deve-se observar, entretanto, que há contextos em que essa sinonímia não procede. Por exemplo, na frase "Qual é o tempo de moradia nesta residência?", não seria possível substituir "moradia" por "morada".

HÍFEN

Uso de hífen em geral

1. Na divisão silábica e para separar palavras no fim da linha: *es-tre-la*, *ca-sa-co*, *ma-re-mo-to*, *a-ces-so*.
2. Nos nomes dos dias da semana: *segunda-feira*, *terça-feira*, *quarta-feira*.
3. Na separação verbo-pronome: *pô-lo*, *vendê-lo-ias*, *comprá-lo*, *ir-se, far-lhe-ei*.
4. Com as palavras *eis-me*, *ei-lo*, *ei-vos*, *ei-la*.

Uso de hífen com prefixos

1. Em palavras formadas por prefixos terminados em "r" + palavra iniciada por "r".

Exemplos:

hiper-	hiper-real, hiper-raro, hiper-requintado
inter-	inter-racial, inter-regional, inter-relacional
super-	super-racional, super-realista, super-resistente

2. Em palavras formadas por prefixos "ex", "vice", "soto".

Exemplos:

ex-	ex-marido, ex-presidente, ex-namorada
vice-	vice-presidente, vice-reitor, vice-prefeito
soto-	soto-mestre

3. Em palavras formadas por prefixos "circum" e "pan" + palavras iniciadas com vogal, com "m" ou com "n".

Exemplos:

pan-	pan-americano
circum-	circum-navegação, circum-ambiente

4. Em palavras formadas por prefixos "pré", "pró" e "pós" + palavras que têm significado próprio.

Exemplos:

pré-	pré-natal
pró-	pró-desarmamento
pós-	pós-graduação

5. Em palavras formadas por prefixos terminados em vogais + palavra iniciada pela mesma vogal.

Exemplos:

anti-	anti-ibérico, anti-inflamatório, anti-imperialista
arqui-	arqui-inimigo, arqui-irmandade
micro-	micro-ondas, micro-ônibus, micro-orgânico
ultra-	ultra-atualizado
contra-	contra-americanização

Uma exceção a essa regra é o prefixo **co-**. Com esse prefixo, não se usa hífen, ainda que a palavra seguinte se inicie com a vogal **o** ⇒ **coo**peração, **coo**rdenação.

6. Em palavras formadas por prefixos terminados em vogais + palavra iniciada por "h".

Exemplos:

auto-	auto-hemoterapia
contra-	contra-harmonia
extra-	extra-humano
infra-	infra-hepático
intra-	intra-histórico
neo-	neo-hegelianista
pseudo-	pseudo-herói
semi-	semi-humano
supra-	supra-hepático
ultra-	ultra-humano

Não se deve usar o hífen quando ocorrer um prefixo terminado em vogal + palavras iniciadas por "r" ou "s". Nesse caso, o "r" ou o "s" devem ser dobrados.

Exemplos:

ante-	antessala, antessacristia
auto-	autorretrato, autossugestão
anti-	antirrugas, antissocial
arqui-	arquirromântico, arquirrivalidade
contra-	contrassenso, contrarregra
extra-	extrarregimento, extrasseco
infra-	infrassom, infrasseção
semi-	semirreal, semissintético
supra-	suprarrenal, suprassensível

Da mesma forma, não se deve usar o hífen quando ocorrer um prefixo terminado em vogal + palavras iniciadas por uma vogal distinta.

Exemplos:

auto-	autoajuda, autoestrada, autoinstrução
anti-	antiamericano, antiaéreo
contra-	contraindicação, contraordem
extra-	extraescolar, extraoficial
infra-	infraestrutura
intra-	intraocular, intrauterino
neo-	neoexpressionista, neoimperialista
semi-	semiaberto, semiautomático, semiárido
sócio-	socioeconômico
supra-	supraocular
ultra-	ultraelevado

Uso de hífen com sufixos

Deve-se usar o hífen em palavras terminadas pelos sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, como **-açu**, **-guaçu** e **-mirim**, quando o primeiro elemento acaba em vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica entre ambos.

Exemplos:

-guaçu	amoré-guaçu, Embu-Guaçu
-açu	manacá-açu, jacaré-açu, tamanduá-açu
-mirim	Ceará-Mirim, guarda-mirim, paraná-mirim

Uso de hífen em substantivos compostos

1. Em palavras formadas pelos elementos "além", "aquém", "recém", "sem".

Exemplos:

além	além-mar, além-vida, além-morte
aquém	aquém-oceano, aquém-terra
recém	recém-nascidos, recém-casados
sem	sem-número, sem-teto

2. Em topônimos iniciados pelos adjetivos "grão" e "grã" ou por forma verbal ou por elementos que incluam um artigo.

Exemplos:

- *Grã-Bretanha*
- *Santa Rita do Passa-Quatro*
- *Baía de Todos-os-Santos*

3. Em compostos que constituem uma unidade sintagmática e semântica e são formados pelos advérbios "mal" ou "bem" + palavra iniciada por vogal ou "h".

Exemplos:

bem	bem-aventurado, bem-estar, bem-humorado
mal	mal-estar, mal-humorado

> Compostos formados com o advérbio "bem" devem ter os dois elementos separados por hífen, quando o segundo iniciar-se por uma consoante.
>
> **Exemplos**: bem-nascido, bem-criado, bem-visto.
>
> Com o advérbio "mal" isso não ocorre. Ainda que o segundo elemento se inicie por uma consoante, não se deve usar o hífen.
>
> **Exemplos**: malnascido, malcriado, malvisto.

4. Em compostos que não contêm elemento de ligação e constituem unidade sintagmática e semântica. Nesse caso, mantêm-se os acentos gráficos próprios de cada um dos elementos que compõem o termo. **Exemplos**:

ano-luz
conta-gotas
médico-cirurgião
azul-escuro
guarda-chuva
tenente-coronel

5. Em compostos que designam espécies botânicas e zoológicas.

Exemplos:

beija-flor
couve-flor
mal-me-quer
bem-te-vi
erva-doce
sabiá-laranjeira

Locuções

A Reforma Ortográfica alterou também o uso de hífen em locuções de qualquer natureza (substantivas, adjetivas, pronominais, verbais, adverbiais, prepositivas ou conjuntivas). **Não** se deve, pois, usar o hífen em nenhuma dessas locuções.

Exemplos:

Antes da reforma	**Depois da reforma**
à-vontade	à vontade
à-toa	à toa
café-com-leite	café com leite
cão-de-guarda	cão de guarda
cartão-de-visita	cartão de visita
cor-de-vinho	cor de vinho
fim-de-semana	fim de semana
pão-de-mel	pão de mel
ponto-de-vista	ponto de vista
sala-de-jantar	sala de jantar

> Há algumas exceções a essa regra: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao-deus-dará.
>
> Essas exceções se justificam pelo fato de serem termos já consagrados pelo uso.

OS PORQUÊS

Por que (separado e sem acento)

É usado em quatro casos:

1. Em interrogações diretas, nas quais o **que** equivale a **qual motivo**.

- **Por que** *regressamos*? (Por qual motivo regressamos?)
- **Por que** *não vieram os computadores*? (Por qual motivo não vieram?)

2. Em interrogações indiretas, nas quais o **que** equivale a **qual razão** ou **qual motivo**.

- *Perguntei-lhe* **por que** *faltara à aula*. (por qual motivo)
- *Não sabemos* **por que** *ele faleceu*. (por qual razão)

3. Quando for equivalente a **pelo qual**, **pela qual**, **pelos quais** e **pelas quais**.

- *Ignoro o motivo* **por que** *ele se demitiu*. (pelo qual)
- *Eis as causas* **por que** *não venceremos*. (pelas quais)
- *Estranhei a forma* **por que** *o estudante reagiu*. (pela qual)

4. Quando for equivalente a **motivo pelo qual** *ou* **razão pela qual**.

- *Não há* **por que** *chorar*. (motivo pelo qual)
- *Viajamos sem roteiro: eis* **por que** *nos atrasamos*. (a razão pela qual)

Por quê (separado e com acento)

É usado em dois casos:

1. Como pronome interrogativo, quando colocado no fim de oração.

- *Não gostaste do almoço* **por quê**?
- *O arquiteto não concordou, e nós perguntamos* **por quê**.
- *Não sei* **por quê**, *mas ela estava sorrindo feito uma boba.*

2. Quando isolado, numa frase interrogativa.

- **Por quê**?

Porque (em uma só palavra, sem acento)

É usado nos seguintes casos:

1. Como conjunção coordenativa explicativa, quando equivale a **pois**, **porquanto**, **uma vez que.**

- *Compre agora*, **porque** *há poucas peças*.
- *Não chore*, **porque** *os olhos ficam vermelhos*.
- *Convém agir com inteligência e discrição*, **porque** *as pessoas envolvidas são muito desconfiadas.*

2. Como conjunção subordinativa causal, substituível por **pela causa**, **razão de que** ou **pelo fato**, **motivo de que**.

- *Não fui a Santos* **porque** *estava acamado*.
- *Você não ganhou* **porque** *se antecipou*.
- *O governador vetou* **porque** *tinha razões políticas*.

3. Como conjunção subordinativa final, em orações com verbo no subjuntivo, equivalente a **para que**.

- *Virá ali o Samorim*, **porque** *em pessoa veja a batalha.*
- *Mas não julgamos*, **porque** *não venhamos a ser julgados.*

Porquê (em uma só palavra, com acento)

É usado no seguinte caso:

1. Como substantivo, com o sentido de **causa**, **razão** ou **motivo**, admitindo pluralização (porquês).

- *Ninguém atinava com o* **porquê** *daquela afirmação*.
- *Os jovens querem saber o* **porquê** *de tudo*.
- *Procuremos respostas aos nossos* **porquês**.
- *É uma criança cheia de* **porquês**.

CASOS ORTOGRÁFICOS ESPECIAIS

Uso de "HÁ" (verbo) e "A" (preposição) na indicação de tempo

Usa-se **há** quando é possível fazer a substituição por **faz**.

- **Há** *tempos não vejo Cristina*. (**Há** = faz)
- *Cobramos a nota promissória* **há** *30 dias*. (**há** = faz)
- **Há** *muito não viajo*. (**Há** = faz)
- **Há** *muito venho insistindo nisso*. (**Há** = faz)

Nos dois últimos exemplos, como se percebe, a palavra "tempo" vem subentendida.

Usa-se **a** em todos os demais casos, ou seja, quando a referida substituição não é possível.

- *Daqui* **a** *pouco serão dez horas*.
- *O meu marido chegará daqui* **a** *três dias.*
- *O Cruzeiro marcou o seu gol* **a** *dois minutos do final do jogo*.
- *Cobramos a nota promissória* **a** *30 dias do seu vencimento*.

Uso de "se não" (em duas palavras) e "senão" (em uma só palavra)

Se não (em duas palavras) é uma conjunção subordinativa condicional, seguida por um advérbio de negação. Nesse caso, é possível substituir a expressão por **caso não** ou, então, por **ou**.

- **Se não** *vierem todos, como será*? (**Se não** = Caso não venham)
- *Todo artigo precede o substantivo*. **Se não**, *vejamos*: *a xérox, o guaraná, etc.* (**Se não** = Caso não seja assim)
- *Marcos é rico*, **se não** *riquíssimo*. (**se não** = ou)
- *Deu dois milhões a cada filho,* **se não** *mais*. (**se não** = ou)

Nos dois últimos exemplos, o verbo da segunda oração fica subentendido. Podemos dizer que ainda, nesse caso, **se não** equivale a **caso não**.

Senão (em uma só palavra) pode ser uma conjunção – caso em que equivale a "de outro modo", "do contrário", "mas sim", "mas", "porém"; uma preposição – caso em que significa "exceto", "salvo", "a não ser"; ou um substantivo – caso em que tem como sinônimos "defeito", "erro", "mácula". Sendo assim, deve-se usar **senão** (em uma só palavra) em todos esses casos.

- *Tomara que chova*, **senão** *estaremos arruinados*. (**senão** = do contrário)
- *Não grite*, **senão** *você apanha*! (**senão** = do contrário)
- *Não fiz isso com a intenção de magoá-lo*, **senão** *de adverti-lo*. (**senão** = mas sim)
- *Elisa não diz duas palavras* **senão** *cometa dois erros*. (**senão** = sem que)
- *Marisa jamais amou outra pessoa*, **senão** *a mim*. (**senão** = exceto)
- *De minha parte, não há nenhum* **senão**. (**senão** = defeito)

Uso de "onde" e "aonde"

Onde se usa com qualquer tipo de verbo, menos com os dinâmicos, isto é, os que indicam movimento, deslocamento físico de um lugar para outro. Só pode ser usado como relativo a lugar físico (quando não for relativo a lugar, deve-se usar **em que**).

- *Você está* **onde**?
- **Onde** *você mora*?
- **Onde** *vocês me viram ontem*?
- *Ninguém quer estar* **onde** *você sempre está*.

Aonde é combinação da preposição a + onde e tem classificação diversa, conforme sua utilização na frase. Usa-se com verbos dinâmicos e com nomes derivados desses verbos.

- Você vai **aonde**?
- *Os seguranças acompanharam sua ida* **aonde**?
- *Ninguém quer voltar* **aonde** *eles estão*.
- *Chegamos* **aonde** *eles estavam*.

- Os verbos **entrar** e **buscar**, embora deem ideia de movimento, não se usam com a preposição **a**: daí o fato de rejeitarem a combinação **aonde**.
- O uso de **aonde** implica a não existência de qualquer outra preposição antes de tal combinação. Assim, usamos, ainda que o verbo seja dinâmico: **Para onde** *você vai*?, **Por onde** *vocês vieram*?, **De onde** *chegou ela*?
- Usa-se corretamente **até onde** ou **até aonde**, com verbos dinâmicos: **Até onde** *foram vocês*?, **Até aonde** *foram vocês*?

Uso de "mau" e "mal"

Mau é um adjetivo, antônimo de **bom**. Usa-se como uma qualificação.

- *O* **mau** *tempo acabou com a temporada*.
- *Vivia* **maus** *momentos, por isso andava irritada*.

Mal pode ser usado:

1. Como conjunção temporal, equivalente a *assim que*, *logo que, quando*.
   - **Mal** *começou a andar, já brincava pela casa inteira*.
   - **Mal** *foi eleito, começou a adotar medidas impopulares*.
2. Como advérbio de modo, antônimo de **bem**.
   - *Os atores atuaram muito* **mal** *no espetáculo*.
   - *Cuidado com ela: sempre está* **mal**-*humorada*.
3. Como substantivo, podendo estar precedido de artigo ou pronome e ser usado no plural.
   - *Um* **mal** *terrível abateu-se sobre este país*!
   - *Há* **males** *que vêm para bem*.

Uso de "cessão", "sessão", "secção" e "seção"

Cessão significa "ceder", "conceder", "oferecer", "dar".

- *Fizeram a* **cessão** *de todos os bens ao chefe da casa*.
- *Finalmente o governo resolveu fazer a* **cessão** *dos prédios aos menores*.

Sessão significa "intervalo de duração".

- *A Câmara dos Deputados reuniu-se em* **sessão** *extraordinária.*
- *Última* **sessão** *de cinema*.

Secção ou **seção** significa "parte", "segmento", "subdivisão".

- *Você já leu a* **seção** *de economia*?
- *Dirija-se à* **seção** *de cobrança*.
- *Ninguém atende na* **seção** *de informações*.

Uso de "mas" e "mais"

Mas é uma conjunção coordenativa adversativa, equivale a **entretanto**, **porém**, **contudo** (dá ideia de oposição).

- *Sabíamos de tudo*, **mas** *não queríamos falar*.
- *Todos nós queríamos muito viajar*, **mas** *não tínhamos dinheiro*.

Mais é advérbio de intensidade (é o oposto de **menos**).

- *A moça de branco foi quem* **mais** *perguntou*.
- *Estava* **mais** *cansado ainda do que ontem*.

Uso de "a par" e "ao par"

A par tem o sentido de "bem informado", "ciente".

- *Mantenha-me* **a par** *de tudo o que acontecer*.
- *É muito importante manter-se* **a par** *das decisões parlamentares*.

Ao par é uma expressão usada para indicar relação de equivalência ou igualdade entre valores financeiros (geralmente em operações cambiais).

- *As moedas fortes mantêm o câmbio praticamente* **ao par**.

Uso de "ao encontro de" e "de encontro a"

Ao encontro de significa "ser favorável a", "aproximar-se".

Observe os exemplos:

- *Ainda bem que sua opinião veio* **ao encontro** *da minha. Podemos, assim, unir nossas reivindicações*.
- *Quando a viu, foi rapidamente* **ao seu encontro** *e a abraçou afetuosamente.*

De encontro a significa "oposição", "choque", "colisão". Veja:

- *Como você queria que o ajudasse se as suas opiniões sempre vieram* **de encontro às** *minhas*?
- *O caminhão foi* **de encontro ao** *muro. Ninguém se machucou, mas os prejuízos foram grandes.*

Uso de "na medida em que" e "à medida que"

Na medida em que exprime relação de causa e equivale a "porque", "já que", "uma vez que", "tendo em vista que".

- **Na medida em que** *não há como provar sua inocência, é melhor fazer um acordo com a vítima.*
- *Esses procedimentos são válidos,* **na medida em que** *atendem a todas as recomendações da banca.*

À medida que indica proporção, desenvolvimento simultâneo e gradual. Equivale a **à proporção que**.

- *Os verdadeiros motivos da renúncia foram ficando claros* **à medida que** *as investigações iam obtendo resultados.*
- *A ansiedade aumentava* **à medida que** *o prazo fixado ia chegando ao fim.*

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

01. (UNIFENAS-MG) Assinale a alternativa em que todas as palavras prescindem de acentuação gráfica, se forem seguidas as regras de acentuação.

A) até, réu, êle

B) réu, pôde, já

C) prêto, aquêle, capêta

D) até, já, dôido

E) êle, só, ninguém

02. (ITA-SP) Os sinônimos de "ignorante", "iniciante", "sensatez", "confirmar" são, respectivamente,

A) incipiente, insipiente, descrição, retificar.

B) incipiente, insipiente, discrição, ratificar.

C) insipiente, incipiente, descrição, ratificar.

D) insipiente, incipiente, discrição, ratificar.

E) incipiente, insipiente, descrição, ratificar.

03. (Unipar-PR–2007) Assinale a alternativa **CORRETA**, considerando que à direita de cada palavra há um sinônimo.

A) emigrar = entrar (no país); imigrar = sair (do país)

B) delatar = expandir; dilatar = denunciar

C) deferir = diferenciar; diferir = conceder

D) dispensa = cômodo; despensa = desobrigação

E) emergir = vir à tona; imergir = mergulhar

04. (UNIFOA-RJ) Assinale a alternativa em que uma das palavras **NÃO** foi grafada de acordo com o sistema ortográfico vigente.

A) transmissor – assessor – professor

B) tachado – rachado – enfaixado

C) impugnar – advertir – advinhar

D) terrível – maleável – incansável

E) cafezinho – chazinho – lapisinho

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

(UNIFOA-RJ–2008 / Adaptado) Leia os dois textos para responder às questões de **01** a **07**.

Texto I

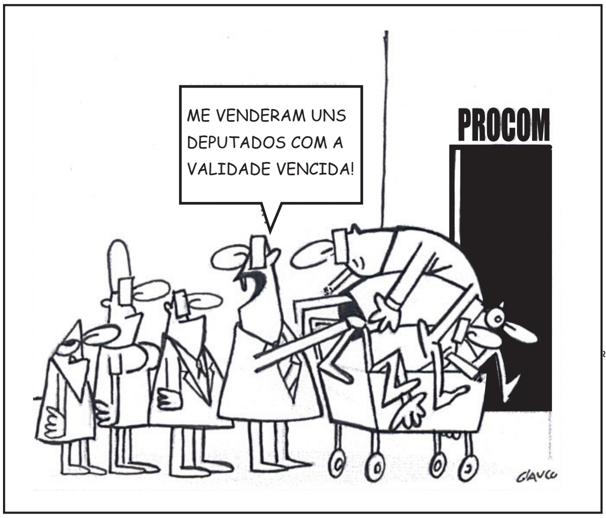
ME VENDERAM UNS DEPUTADOS COM A VALIDADE VENCIDA!
PROCOM
GLAUCO

Glauco. REPRODUÇÃO.

Texto II

Tempo dos infiéis

RIO DE JANEIRO – O editor Ênio Silveira estava engraxando os sapatos numa dessas cadeiras altas que mal comparando parecem o trono de um soba nos confins da África. Ele gostava de conversar com gente do povo e perguntou se o engraxate temia o comunismo, fantasma que o governo de então considerava na iminência de tomar conta do Brasil. Lustrando o bico do sapato com aquele pano molhado e na cadência do "Tico-Tico no Fubá", o engraxate tranqüilizou o editor: "Pode deixar, doutor, se o comunismo vier, nós avacalhamos ele".

Desconfio que já fizemos o mesmo com a democracia. Nem o STF com sua decisão de instaurar a fidelidade partidária conseguirá elevar nossas práticas políticas a um patamar lógico e decente. Impossível cobrar fidelidade a tantos partidos pulverizados em lugares comuns ideológicos, criados e mantidos por interesses exclusivamente eleitorais.

No Brasil, deve ser mínima a faixa dos que votam num determinado partido. Alguma coisa na base do 0,2% do eleitorado. O resto vota em candidatos. São eles que empolgam o cidadão que se identifica com um Clodovil, um Gabeira, um Pedro Simon ou Jader Barbalho. De um partido inexistente, o finado Enéas teve mais votos do que Leonel Brizola, político histórico, numa disputa presidencial.

Collor se elegeu na soma de pequenos partidos, Ulysses Guimarães, patriarca do maior partido nacional, o PMDB, ficou entre os últimos. Para eleger Senado e Câmara, nenhum eleitor pensa nos programas partidários, que uns pelos outros pregam a mesma coisa.

Com dois partidos apenas, um conservador, outro liberal, acredito que os candidatos melhor se arrumariam no tabuleiro e, aí sim, a fidelidade partidária seria indispensável ao funcionamento da democracia.

CONY, Carlos Heitor. *Folha de S. Paulo*, 09 out. 2007.

01. A leitura da charge (texto I) contém uma crítica à (ao)

A) tempo de filiação partidária.
B) Câmara dos Deputados.
C) Senado.
D) negociação partidária.
E) governo.

02. A leitura da charge (texto I) e da crônica (texto II) tem em comum a crítica

A) à democracia.
B) à fidelidade partidária.
C) aos lugares comuns ideológicos.
D) ao comunismo.
E) à eleição.

03. O cronista Carlos Heitor Cony inicia seu texto com uma pequena história que serve para defender a ideia de que o povo brasileiro é

A) irreverente e desorganizado.
B) gentil e aplicado.
C) alegre e baderneiro.
D) espirituoso e pudico.
E) irreverente e baderneiro.

04. Ao dizer "**Nem** o STF com sua decisão [...]", a conjunção **nem** estabelece uma relação, com a ideia anterior, de

A) alternância.
B) explicação.
C) conclusão.
D) adição.
E) oposição.

05. Que tipo de argumento é utilizado pelo autor em: "De um partido inexistente, o finado Enéas teve mais votos do que Leonel Brizola, político histórico, numa disputa presidencial."?

A) Argumento de princípio
B) Argumento de exemplificação
C) Argumento de causa e consequência
D) Argumento de autoridade
E) Argumento de dedução

06. O anafórico, genericamente, pode ser definido como uma palavra ou expressão que serve para retomar um termo já expresso no texto. Que termo é retomado pelo anafórico **mesmo** em "Desconfio que já fizemos o mesmo com a democracia"?

A) Tranquilizar
B) Vir
C) Avacalhar
D) Deixar
E) Poder

07. (UNESP-SP–2010 / Adaptado) Há numerosos contextos em que as palavras "razão" e "motivo" podem ser indiferentemente utilizadas, sem alteração relevante do significado das frases. Baseado nesse comentário, assinale a única alternativa em que a palavra "motivo" não pode substituir a palavra "razão", já que nesse caso haveria uma grande mudança do sentido.

A) Qual a razão de tamanha mudança?
B) Ele perdeu a razão ao sentir aquele amor tão forte.
C) A razão de sua renúncia foi a chegada de seu irmão.
D) Ninguém descobriu a razão de sua morte.
E) Que razões alegou para o pedido de divórcio?

08. (FGV-SP–2007) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão escritas de acordo com a ortografia oficial do Brasil.

A) A Volks ainda está em acensão no país, apesar do excesso de concorrentes.
B) A obsessão pelo contexto faz do problema, quase sempre, uma solução privilegiada.
C) O viez do mercado é importante, porque qualidade é percepção de mercado.
D) As montadoras não conseguem esvasiar os páteos, por maiores descontos que deem.
E) Super homem nasceu digitalizado, mas vêm sendo projetado em modo analógico.

09. (UFRGS / Adaptado) Assinale a alternativa em que todas as palavras estejam **CORRETAS** quanto à grafia.

A) repercução – fragrantes – recluzão
B) repercussão – flagrantes – reclusão
C) repercussão – flagrantes – recluzão
D) repercução – flagrantes – recluzão

(UEPB–2011)

Instrução: Leia a peleja de Pinto do Monteiro e Louro do Pajeú sobre "Esse negócio de errar" e responda à questão **10**.

Lourival Batista, falando sobre plantas, usou o termo "carola" em vez de "corola". Pinto bateu forte.

Um rapaz que teve escola
E ainda canta errado
Fala em flor e diz "carola"
Muito tem se confessado
Parte de flor é "corola"
Precisa tomar "coidado"

O cochilo de linguagem de Pinto, falando "coidado", em vez de "cuidado", deu a Lourival a oportunidade de poder "vingar-se" do colega. E fulminou.

Pra não ter um só errado
Errei eu, erraste tu,
Errou Pinto do Monteiro
E Louro do Pajeú
Nesta palavra "coidado"
Tire o "o" e bote o "u"

10. Do texto, pode-se considerar:

I - Ambiguidade, tendo em vista o uso de duplo sentido das palavras "carola" e "corola".

II - Que no verso cinco as palavras "corola" e "flor" são consideradas cognatas.

III - Paralelismo sintático, no verso oito, em razão da reiteração das estruturas lexicais em ritmo cadenciado.

IV - Que nos versos onze e doze, não se leva em conta o fenômeno da variação linguística e suas implicações no uso da língua.

Analise as proposições e marque a alternativa que apresenta a(s) **CORRETA(S)**.

A) II, III e IV apenas
B) I, II e III
C) III e IV apenas
D) III apenas
E) IV apenas

SEÇÃO ENEM

01. (Enem–1999) Diante da visão de um prédio com uma placa indicando SAPATARIA PAPALIA, um jovem deparou com a dúvida: como pronunciar a palavra PAPALIA?

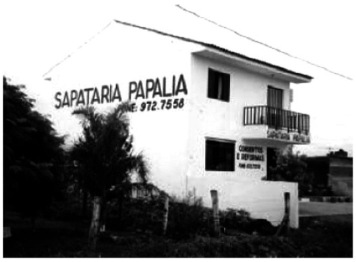

Levado o problema à sala de aula, a discussão girou em torno da utilidade de conhecer as regras de acentuação e, especialmente, do auxílio que elas podem dar à correta pronúncia de palavras.

Após discutirem pronúncia, regras de acentuação e escrita, três alunos apresentaram as seguintes conclusões a respeito da palavra PAPALIA:

I. Se a sílaba tônica for o segundo PA, a escrita deveria ser PAPÁLIA, pois a palavra seria paroxítona terminada em ditongo crescente.

II. Se a sílaba tônica for LI, a escrita deveria ser PAPALÍA, pois "i" e "a" estariam formando hiato.

III. Se a sílaba tônica for LI, a escrita deveria ser PAPALIA, pois não haveria razão para o uso de acento gráfico.

A conclusão está correta apenas em

A) I. B) II. C) III. D) I e II. E) I e III.

02. (Enem–2005) Leia com atenção o texto:

[Em Portugal], você poderá ter alguns probleminhas se entrar numa loja de roupas desconhecendo certas sutilezas da língua. Por exemplo, não adianta pedir para ver os ternos — peça para ver os fatos. Paletó é casaco. Meias são peúgas. Suéter é camisola — mas não se assuste, porque calcinhas femininas são cuecas. (Não é uma delícia?)

CASTRO, Ruy. *Viaje Bem*. Ano VIII, n.º 3, 78.

O texto destaca a diferença entre o português do Brasil e o de Portugal quanto

A) ao vocabulário.
B) à derivação.
C) à pronúncia.
D) ao gênero.
E) à sintaxe.

03. (Enem–2007)

Antigamente

Acontecia o indivíduo apanhar constipação; ficando perrengue, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à botica para aviar a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a phtísica, feia era o gálico. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos, lombrigas [...]

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa e prosa*.
Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar, p. 1.184.

O texto anterior está escrito em linguagem de uma época passada. Observe uma outra versão, em linguagem atual.

Antigamente

Acontecia o indivíduo apanhar um resfriado; ficando mal, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à farmácia para aviar a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a tuberculose, feia era a sífilis. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos, vermes [...]

Comparando-se esses dois textos, verifica-se que, na segunda versão, houve mudanças relativas a

A) vocabulário.
B) construções sintáticas.
C) pontuação.
D) fonética.
E) regência verbal.

04. (Enem–2008) A linguagem utilizada pelos chineses há milhares de anos é repleta de símbolos, os ideogramas, que revelam parte da história desse povo. Os ideogramas primitivos são quase um desenho dos objetos representados. Naturalmente, esses desenhos alteraram-se com o tempo, como ilustra a seguinte evolução do ideograma 馬, que significa **cavalo** e em que estão representados cabeça, cascos e cauda do animal.

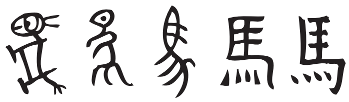

Considerando o processo mencionado no texto, escolha a sequência que poderia representar a evolução do ideograma chinês para a palavra **luta**.

A) 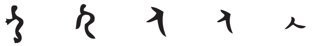

B) 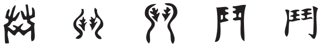

C) 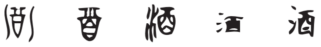

D) 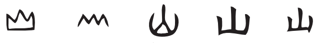

E) 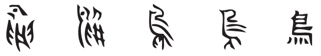

GABARITO

Fixação

01. C 02. D 03. E 04. C

Propostos

01. D 03. A 05. B 07. B 09. B
02. B 04. D 06. C 08. B 10. C

Seção Enem

01. E 02. A 03. A 04. B

APOSTILA DE PORTUGUÊS PARA CONCURSOS

SUMÁRIO

Interpretação de Textos ------------------------------------ 04
Fonética -- 09
- Encontros Vocálicos --- 10
- Encontros Consonantais -- 11
- Dígrafos --- 11

Separação Silábica --- 15
- Translineação --- 16

Acentuação -- 18
- Regras de Acentuação -- 18
- Acentos Diferenciais -- 20

Ortografia -- 24
Significação das palavras ------------------------------------ 30
Hífen --- 33
Usos do porquê --- 36
Estrutura das Palavras --------------------------------------- 38
Formação das palavras -- 40
Substantivo --- 43
- Classificação e Formação -------------------------------------- 44
- Substantivo Coletivo -- 44
- Gêneros uniforme e biforme ------------------------------------ 48
- Gênero vacilante -- 49
- Plural dos substantivos simples ------------------------------- 50
- Plural do substantivos compostos ------------------------------ 53

Numeral --- 58
Adjetivo -- 61
- Adjetivo Pátrio --- 63
- Locução Adjetiva -- 64
- Flexões do Adjetivo --- 65

Concordância Nominal --- 70
Pronome --- 76
- Pronomes Pessoais --- 76
- Pronomes Relativos -- 78
- Pronomes de Tratamento -- 83
- Pronomes Possessivos -- 84
- Pronomes Demonstrativos --------------------------------------- 84
- Pronomes Indefinidos -- 85
- Pronomes Interrogativos --------------------------------------- 86

Colocação Pronominal --- 91
- Próclise -- 91
- Mesóclise --- 91
- Ênclise --- 92

Artigo -- 97
Preposição -- 98
Verbo --- 101
- Estrutura e Flexão -- 102
- O modo indicativo --- 102
- Os modos subjuntivo e imperativo ------------------------------ 103
- As formas nominais -- 103
- Tempos Compostos -- 103
- Classificação dos verbos -------------------------------------- 105
- Formação dos tempos simples ----------------------------------- 105
- Verbos notáveis --- 107
- Verbos defectivos --- 112

Vozes Verbais --- 118
Predicação Verbal --- 121
Regência Verbal --- 124
- Verbos Transitivos Diretos ------------------------------------ 124
- Verbos Transitivos Indiretos ---------------------------------- 125
- Verbos Transitivos Diretos e Indiretos ------------------------ 126
- Verbos Intransitivos -- 127
- Verbos de regência oscilante ---------------------------------- 128

Tipos de Sujeito -- 133
Concordância Verbal -- 139
- Coletivo -- 139
- Mais de, menos de, cerca de... ------------------------------ 140
- Nomes próprios no plural ------------------------------------ 140
- Qual de nós / Quais de nós ---------------------------------- 141
- Sujeito sendo pronome relativo ------------------------------ 141
- Um dos ... que --- 141
- Nenhum dos ... Que -- 142
- Porcentagem + Substantivo ---------------------------------- 142
- Pronomes de Tratamento ------------------------------------ 142
- Silepse de Pessoa -- 142
- Núcleos ligados pela conjunção "e" -------------------------- 142
- Sujeito composto por pessoas diferentes -------------------- 143
- Núcleos ligados pela conjunção ou -------------------------- 143
- Núcleos ligados pela preposição "com" ---------------------- 143
- Aposto resumidor / conectivos correlatos -------------------- 144
- Um e outro / um ou outro / nem um nem outro ------------ 144
- Verbos Especiais --- 144

Complementos Verbais --------------------------------------- 147
Aposto e Vocativo --- 150
Advérbio --- 151
Adjunto Adverbial -- 156
Adjunto Adnominal x Complemento Nominal ------------ 161
A palavra Que --- 163
A Palavra Se -- 166
Crase -- 172
Problemas Gerais da Língua Culta ------------------------- 179
Período Composto --- 182
Pontuação --- 186
Estilística -- 191
- Figuras de sintaxe --- 192
- Figuras de palavras -- 193

Figuras de pensamentos ------------------------------------ 196
Dicas de Gramática -- 197
Resumo de Fixação -- 201
Exercícios --- 217
Bibliografia --- 240

Interpretação de Textos

Texto

Os concursos apresentam questões interpretativas que têm por finalidade a identificação de um leitor autônomo. Portanto, o candidato deve compreender os níveis estruturais da língua por meio da lógica, além de necessitar de um bom léxico internalizado.

As frases produzem significados diferentes de acordo com o contexto em que estão inseridas. Torna-se, assim, necessário sempre fazer um confronto entre todas as partes que compõem o texto.

Além disso, é fundamental apreender as informações apresentadas por trás do texto e as inferências a que ele remete. Este procedimento justifica-se por um texto ser sempre produto de uma postura ideológica do autor diante de uma temática qualquer.

Denotação e Conotação

Sabe-se que não há associação necessária entre significante (expressão gráfica, palavra) e significado, por esta ligação representar uma convenção. É baseado neste conceito de signo lingüístico (significante + significado) que se constroem as noções de denotação e conotação.

O sentido denotativo das palavras é aquele encontrado nos dicionários, o chamado sentido verdadeiro, real. Já o uso conotativo das palavras é a atribuição de um sentido figurado, fantasioso e que, para sua compreensão, depende do contexto. Sendo assim, estabelece-se, numa determinada construção frasal, uma nova relação entre significante e significado.

Os textos literários exploram bastante as construções de base conotativa, numa tentativa de extrapolar o espaço do texto e provocar reações diferenciadas em seus leitores.

Ainda com base no signo lingüístico, encontra-se o conceito de polissemia (que tem muitas significações). Algumas palavras, dependendo do contexto, assumem múltiplos significados, como, por exemplo, a palavra ponto: ponto de ônibus, ponto de vista, ponto final, ponto de cruz ... Neste caso, não se está atribuindo um sentido fantasioso à palavra ponto, e sim ampliando sua significação através de expressões que lhe completem e esclareçam o sentido.

Como Ler e Entender Bem um Texto

Basicamente, deve-se alcançar a dois níveis de leitura: a informativa e de reconhecimento e a interpretativa. A primeira deve ser feita de maneira cautelosa por ser o primeiro contato com o novo texto. Desta leitura, extraem-se informações sobre o conteúdo abordado e prepara-se o próximo nível de leitura. Durante a interpretação propriamente dita, cabe destacar palavras-chave, passagens importantes, bem como usar uma palavra para resumir a idéia central de cada parágrafo. Este tipo de procedimento aguça a memória visual, favorecendo o entendimento.

Não se pode desconsiderar que, embora a interpretação seja subjetiva, há limites. A preocupação deve ser a captação da essência do texto, a fim de responder às interpretações que a banca considerou como pertinentes.

No caso de textos literários, é preciso conhecer a ligação daquele texto com outras formas de cultura, outros textos e manifestações de arte da época em que o autor viveu. Se não houver esta visão global dos momentos literários e dos escritores, a interpretação pode ficar comprometida. Aqui não se podem dispensar as dicas que aparecem na referência bibliográfica da fonte e na identificação do autor.

A última fase da interpretação concentra-se nas perguntas e opções de resposta. Aqui são fundamentais marcações de palavras como **não**, **exceto**, **errada**, **respectivamente** etc. que fazem diferença na escolha adequada. Muitas vezes, em interpretação, trabalha-se com o conceito do "mais adequado", isto é, o que responde melhor ao questionamento proposto. Por isso, uma resposta pode estar certa para responder à pergunta, mas não ser a adotada como gabarito pela banca examinadora por haver uma outra alternativa mais completa.

Ainda cabe ressaltar que algumas questões apresentam um fragmento do texto transcrito para ser a base de análise. Nunca deixe de retornar ao texto, mesmo que aparentemente pareça ser perda de tempo. A descontextualização de palavras ou frases, certas vezes, são também um recurso para instaurar a dúvida no candidato. Leia a frase anterior e a posterior para ter idéia do sentido global proposto pelo autor, desta maneira a resposta será mais consciente e segura.

EXERCÍCIOS

Responda as questões de 1 a 10 de acordo com o texto abaixo:

O primeiro dever passado pelo novo professor de português foi uma descrição tendo o mar como tema. A classe inspirou-se, toda ela, nos encapelados mares de Camões, aqueles nunca dantes navegados; o episódio do Adamastor foi reescrito pela meninada.

Prisioneiro no internato, eu vivia na saudade das praias do Pontal onde conhecera a liberdade e o sonho. O mar de Ilhéus foi o tema de minha descrição.

Padre Cabral levara os deveres para corrigir em sua cela. Na aula seguinte, entre risonho e solene, anunciou a existência de uma vocação autêntica de escritor naquela sala de aula. Pediu que escutassem com atenção o dever que ia ler. Tinha certeza, afirmou, que o autor daquela página seria no futuro um escritor conhecido. Não regateou elogios. Eu acabara de completar onze anos.

Passei a ser uma personalidade, segundo os cânones do colégio, ao lado dos futebolistas, dos campeões de matemática e de religião, dos que obtinham medalhas. Fui admitido numa espécie de Círculo Literário onde brilhavam alunos mais velhos. Nem assim deixei de me sentir prisioneiro, sensação permanente durante os dois anos em que estudei no colégio dos jesuítas.

Houve, porém, sensível mudança na limitada vida do aluno interno: o padre Cabral tomou-me sob sua proteção e colocou em minhas mãos livros de sua estante. Primeiro "As Viagens de Gulliver", depois clássicos portugueses, traduções de ficcionistas ingleses e franceses. Data dessa época minha paixão por Charles Dickens. Demoraria ainda a conhecer Mark Twain, o norte-americano não figurava entre os prediletos do padre Cabral.

Recordo com carinho a figura do jesuíta português erudito e amável. Menos por me haver anunciado escritor, sobretudo por me haver dado o amor aos livros, por me haver revelado o mundo da criação literária. Ajudou-me a suportar aqueles dois anos de internato, a fazer mais leve a minha prisão, minha primeira prisão.

Jorge Amado

1. Padre Cabral, numa determinada passagem do texto, ordena que os alunos:
a)façam uma descrição sobre o mar;
b)descrevam os mares encapelados de Camões;
c)reescrevam o episódio do Gigante Adamastor;.
d)façam uma descrição dos mares nunca dantes navegados;
e)retirem de Camões inspiração para descrever o mar.

2. Segundo o texto, para executar o dever imposto por Padre Cabral, a classe toda usou de um certo:
a)conhecimento extraído de "As viagens de Gulliver";
b)assunto extraído de traduções de ficcionistas ingleses e franceses;
c)amor por Charles Dickens;
d)mar descrito por Mark Twain;
e)saber já feito, já explorado por célebre autor.

3.Apenas o narrador foi diferente, porque:
a)lia Camões;
b)se baseou na própria vivência;
c)conhecia os ficcionistas ingleses e franceses;
d)tinha conhecimento das obras de Mark Twain;
e)sua descrição não foi corrigida na cela de Padre Cabral.

4.O narrador confessa que no internato lhe faltava:
a)a leitura de Os Lusíadas;
b)o episódio do Adamastor;
c)liberdade e sonho;
d)vocação autêntica de escritor;
e)respeitável personalidade.

5.Todos os alunos apresentaram seus trabalhos, mas só foi um elogiado, porque revelava:
a)liberdade;
b)sonho;
c)imparcialidade;
d)originalidade;
e)resignação.

6.Por ter executado um trabalho de qualidade literária superior, o narrador adquiriu um direito que lhe agradou muito:
a)ler livros da estante de Padre Cabral;
b)rever as praias do Pontal;
c)ler sonetos camonianos;
d)conhecer mares nunca dantes navegados;
e)conhecer a cela de Padre Cabral.

7.Contudo, a felicidade alcançada pelo narrador não era plena. Havia uma pedra em seu caminho:
a)os colegas do internato;
b)a cela do Padre Cabral;
c)a prisão do internato;
d)o mar de Ilhéus;
e)as praias do Pontal.

8.Conclui-se, da leitura do texto, que:
a)o professor valorizou o trabalho dos alunos pelo esforço com que o realizaram;
b)o professor mostrou-se satisfeito porque um aluno escreveu sobre o mar de Ilhéus;
c)o professor ficou satisfeito ao ver que um de seus alunos demonstrava gosto pela leitura dos clássicos portugueses;
d)a competência de saber escrever conferia, no colégio, tanto destaque quanto a competência de ser bom atleta ou bom em matemática;
e)graças à amizade que passou a ter com Padre Cabral, o narrador do texto passou a ser uma personalidade no colégio dos jesuítas.

9.O primeiro dever... foi uma descrição... Contudo nesse texto predomina a:
a)narração;
b)dissertação;
c)descrição;
d)linguagem poética;
e)linguagem epistolar.

10.Por isso a maioria dos verbos do texto encontra-se no:
a)presente do indicativo;
b)pretérito imperfeito do indicativo;
c)pretérito perfeito do indicativo;
d)pretérito mais que perfeito do indicativo;
e)futuro do indicativo.

Releia a primeira estrofe e responda as questões de 11 a 13
Cheguei, Chegaste, Vinhas fatigada
E triste, e triste e fatigado eu vinha.
Tinhas a alma de sonhos povoada.
E a alma de sonhos povoada eu tinha.

11.À ordem alterada, que o autor elabora no texto, em busca da eufonia e ritmo, dá-se o nome de:
a)antítese;
b)metáfora;
c)hipérbato;
d)pleonasmo;
e)assíndeto.

12.E a alma de sonhos povoada eu tinha. Na ordem direta fica:
a)E a alma povoada de sonhos eu tinha.
b)E povoada de sonhos a alma eu tinha.
c)E eu tinha povoada de sonhos a alma.
d)E eu tinha a alma povoada de sonhos.
e)E eu tinha a alma de sonhos povoados.

13.Predominam na primeira estrofe as orações:
a)substantivas;
b)adverbiais;
c)coordenadas;
d)adjetivas;
e)subjetivas.

Releia a segunda estrofe para responder as questões de 14 a 17:
E paramos de súbito na estrada
Da vida: longos anos, presa à minha
A tua mão, a vista deslumbrada
Tive da luz que teu olhar continha

14.O objetivo preso (presa) refere-se a:
a)estrada;
b)vida;

c)minha mão;
d)tua mão;
e)vista.

15.Coloque nos espaços em branco os verbos ao lado corretamente flexionados no imperativo afirmativo, segunda pessoa do singular.
................................(parar) na estrada da vida; ....(manter) a luz de teu olhar
a)pára – mantém
b)paras – manténs
c)pare – mantenha
d)pares – mantenhas
e)parai – mantende

16.Tive da luz que teu olhar continha. Com luz no plural teríamos que escrever assim:
a)Tive das luzes que teu olhar continha.
b)Tive das luzes que teus olhares continha.
c)Tive das luzes que teu olhar continham.
d)Tive das luzes que teus olhares continham.
e)Tiveram das luzes que teus olhares continham.

17.Tive da luz que teu olhar continha.
A oração destacada, em relação ao substantivo luz, guarda um valor de:
a)substantivo;
b)adjetivo;
c)pronome;
d)advérbio;
e)aposto.
Releia as duas últimas estrofes para responder as questões de 18 a 20:
Hoje, segues de novo... Na partida
Nem o pranto os teus olhos umedece,
Nem te comove a dor da despedida.
E eu, solitário, volto a face, e tremo,
vendo o teu vulto que desaparece
Na extrema curva do caminho extremo.

18.Sujeito do verbo umedecer (umedece):
a)a partida;
b)os teus olhos;
c)tu;
d)ela;
e)o pranto.

19. O verbo comover (comove) refere-se no texto (e por isso concorda com ela) à palavra:
a)o pranto;
b)a dor;
c)teus olhos;
d)te;
e)partida.

20. Assinale a alternativa onde aparece um verbo intransitivo.
a)Hoje seques de novo.
b)Nem o pranto os teus olhos umedece.
c)Nem te comove a dor de despedida.
d)E eu, solitário, volto a face.
e)Vendo o teu vulto.

GABARITO
01. A
02. E
03. B
04. C
05. D
06. A
07. C
08. D
09. A
10. C
11. C
12. D
13. C
14. D
15. A
16. A
17. B
18. E
19. B
20.A

Leia o texto I para responder às questões de 1 a 3.

Texto I

O tempo não é experiência. Pode ser esclerose. Numa visão ligeira, envelhecer seria um caminhar no sentido do futuro - o que não corresponde à verdade. Caminhar em direção ao futuro é a característica do jovem, ocorrendo envelhecimento quando se inicia o processo inverso: a volta ao passado, sua preservação, dele se fazendo sempre mais dependente. No que envelhece, o risco é o 5 hábito - a infindável repetição daquilo que foi antes uma resposta criadora.

O perigo é a tensão inerente ao passado em buscar perpetuar-se, oferecendo as mesmas respostas a questões que agora são outras.

Esta, a ameaça do passado. Mas há outro ângulo.

O passado não se acumula somente sob a forma de hábito, mas, virtualmente, introduz a possibilidade da memória. E se o hábito faz com que se 10 repitam mecanicamente respostas caducas, a memória é o potencial criador sempre disponível com o qual a história pode contar.

O jovem está, num certo limite, livre de um passado que ameace escravizá-lo - simplesmente por não existir ou por não ter atingido a intensidade necessária. Na aparência - como se isso não dependesse de uma posição do espírito - sendo o Brasil um país jovem, estaríamos menos próximos 15 dos perigos da esclerose. Mas com o que podemos contar? Já foi dito, de resto, ser o Brasil um país sem memória.

Nosso ceticismo destruiria esta consideração - no sentido de levar em conta - com relação ao passado. Parece que estamos condenados a sempre partir do zero.

(GOMES, Roberto. Crítica da Razão Tupiniquim.
Porto Alegre, RS: Mercado Aberto, 7ª ed. 1984)

1. Após uma leitura atenta do fragmento, julgue os itens a seguir, quanto aos aspectos da compreensão e interpretação.
a) O autor estabelece uma visão antitética em relação ao conceito usual de tempo.
b) Envelhecimento é a dependência em relação ao passado.
c) Pode-se inferir que o jovem, para manter-se fiel a suas características, preserva incólumes os valores herdados dos antepassados.
d) Hábito e memória excluem-se, na medida em que o hábito é pura repetição, enquanto a memória abre possibilidades criadoras.

2. Julgue os itens em relação à teoria lingüística e normas gramaticais.
a) Na linha 8, a próclise do pronome em não se acumula é facultativa.
b) As duas ocorrências da partícula se, no segundo parágrafo, linhas 8 e 9, equivalem-se no plano morfossintático.
c) Num certo limite, linha 12, está entre vírgulas por ser expressão internalizada em uma oração.
d) O agente da ação verbal no último período do texto, linha 17, é indeterminado.

3. Julgue os itens a seguir, em relação aos aspectos semânticos e estilísticos.
a) Experiência, esclerose, passado, futuro e envelhecer, no texto, pertencem ao mesmo campo semântico.
b) Virtualmente, na linha 9, poderia ser substituído por potencialmente ou factivelmente, sem alterar substancialmente o sentido do texto.
c) "Sendo o Brasil um país jovem", linha 14, instaura uma condição concessiva em relação à oração seguinte.
d) Ceticismo, linha 16, liga-se semanticamente a sem memória, na linha 16.

Leia o texto II para responder às questões 4 e 5.

Texto II

Periodização da Filosofia

Não se pode afirmar que a história do pensamento filosófico obedeça a uma evolução linear, de tal modo que cada posição atingida pelos grandes pensadores no plano epistemológico, ético, metafísico, estético, etc., condicione o desenvolvimento sucessivo.

Em primeiro lugar, há uma multiplicidade de áreas diversas de indagação e, a não ser em casos bem raros, raramente surgem pensadores geniais capazes de abrangê-las de maneira sincrônica ou unitária, marcando pontos cardeais da história das idéias. O que prevalece, em geral, são contribuições especializadas que cuidam de determinado campo de pesquisa, não se devendo esquecer que essas indagações setoriais podem, às vezes, repercutir sobre o curso do pensamento geral, inspirando novos paradigmas, ou seja, pressupostos fundamentais que passam a condicionar as meditações subseqüentes.

Como se vê, as linhas de indagações filosóficas resultam de preferências individuais dos pensadores assim como de fatores das mais diversificadas configurações, não sendo possível, pois, afirmar que as várias correntes de pensamento se entrelacem ou atuem umas sobre as outras. Há até

mesmo hipóteses em que determinadas escolas ou círculos de pensamento são tão ciosos de suas convicções que chegam a olhar com desprezo as demais perquirições, como se deu, por exemplo, em certos momentos do escolasticismo medieval; no apogeu do
15 naturalismo positivista da passada centúria; no predomínio ideológico do marxismo que, no dizer de Raymond Aron, foi "o ópio dos intelectuais"; ou, em tempos mais recentes, a corrente do positivismo lógico, alguns de cujos mentores chegaram a considerar meaningless, isto é, desprovido de sentido tudo que não se ajustasse a seus parâmetros.
(Miguel Reale Jr. - O Estado de São Paulo - Jun/98)

4. A primeira instância da interpretação textual situa-se na esfera da compreensão dos significados vocabulares e organizacionais. Atentando para esta afirmação, julgue os itens a seguir segundo os critérios semânticos e estilísticos.
a) "Multiplicidade de áreas diversas de indagação", linha 6, trata do caráter unívoco do conhecimento e, por conseguinte, do objeto da filosofia.
b) "abrangê-las de maneira sincrônica", linha 5, é o mesmo que visão superficial sobre o objeto do conhecimento.
c) A partícula pois, linha 11, instaura uma circunstância explicativa entre duas afirmações que a circundam.
d) O autor utiliza-se de um registro predominantemente metafórico, dificultando a apreensão das idéias que veicula.

5. Considerando que paráfrase é o desenvolvimento de um texto conservando-se suas idéias originais, expressas por palavras diferentes, julgue os itens a seguir, caso sejam ou não paráfrases de segmentos do texto II.
a) A progressão do pensamento filosófico não se sujeita a parâmetros evolutivos lineares.
b) Raros filósofos conseguem abarcar simultaneamente diferentes campos da perquirição filosófica.
c) O pensamento geral é modificado por paradigmas fundamentais.
d) A crença de que as várias correntes de pensamento se excluem é confirmada pela individualidade do pensamento filosófico ocidental.

GABARITO

01. VVFV
02. FFVF
03. FVFF
04. FFFF
05. VVVV

Fonética

A Fonética, ou Fonologia, estuda os **sons emitidos pelo ser humano**, para efetivar a comunicação. Diferentemente da escrita, que conta com vogais e consoantes, a Fonética se ocupa dos **fonemas** (= sons); são eles as vogais, as consoantes e as semivogais.

Vogal = São as cinco já conhecidas **- a, e, i, o, u -** quando funcionam como base de uma sílaba. Em cada sílaba há apenas uma vogal. **NUNCA HAVERÁ MAIS DO QUE UMA VOGAL EM UMA MESMA SÍLABA**.

Consoante = Qualquer letra - ou conjunto de letras representando um som só - que só possa ser soada com o auxílio de uma vogal (com + soante = soa com...). Na fonética são consoantes **b**, **d**, **f**, **g** (ga, go, gu), **j** (ge, gi, j) **k** (c ou qu), **l**, **m** (antes de vogal), **n** (antes de vogal), **p**, **r**, **s** (s, c, ç, ss, sc, sç, xc), **t**, **v**, **x** (inclusive ch), **z** (s, z), **nh**, **lh**, **rr**.

Semivogal = São as letras **e**, **i**, **o** e **u** quando formarem sílaba com uma vogal, antes ou depois dela, e as letras **m** e **n**, nos grupos **AM**, **EM** e **EN**, em final de palavra - **somente em final de palavra**.

Quando a semivogal possuir som de **i**, será representada foneticamente pela letra **Y**; com som de **u**, pela letra **W**.

Então teremos, por exemplo, na palavra *caixeiro*, que se separa silabicamente *cai-xei-ro*, o seguinte: 3 vogais = a, e, o; 3 consoantes = k (c), x, r; 2 semivogais = y (i, i). Representando a palavra foneticamente, ficaremos com **kayxeyro**.

Na palavra *artilheiro*, *ar-ti-lhei-ro*, o seguinte: 4 vogais = a, i, e, o; 4 consoantes = r, t, lh, r; 1

semivogal = y (i). Foneticamente = **artiĹeyro**.

Na palavra *viagem*, *vi-a-gem*, 3 vogais = i, a, e; 2 consoantes = v, g; 1 semivogal = y (m). **viajẽy**.

M / N
As letras M e N devem ser analisadas com muito cuidado. Elas podem ser:

Consoantes = Quando estiverem no início da sílaba.

Semivogais = Quando formarem os grupos **AM**, **EM** e **EN**, em final de palavra - somente em final de palavra - sendo representadas foneticamente por **Y** ou **W**.

Ressôo Nasal = Quando estiverem após vogal, na mesma sílaba que ela, excetuando os três grupos acima. Indica que o M e o N não são pronunciados, apenas tornam a vogal nasal, portanto haverá duas letras (a vogal + M ou N) com um fonema só (a vogal nasal).

Por exemplo, na palavra *manchem*, terceira pessoa do plural do presente do subjuntivo do verbo manchar, teremos o seguinte: *man-chem*, 2 vogais = a, e; 2 consoantes = o 1º m, x(ch); 1 semivogal = y (o 2º m); 1 ressôo nasal = an (ã). **mãxẽy**.

Encontros Vocálicos

É o agrupamento de vogais e semivogais. Há três tipos de encontros vocálicos:

Hiato = É o agrupamento de duas vogais, cada uma em uma sílaba diferente.

L**u-a**-na, a-f**i-a**-do, p**i-a**-da

Ditongo = É o agrupamento de uma vogal e uma semivogal, em uma mesma sílaba. Quando a vogal estiver antes da semivogal, chamaremos de **Ditongo Decrescente**, e, quando a vogal estiver depois da semivogal, de **Ditongo Crescente**. Chamaremos ainda de oral e nasal, conforme ocorrer a saída do ar pelas narinas ou pela boca.

C**ai**-xa = Ditongo decrescente oral.

Cin-q**üen**-ta = Ditongo crescente nasal, com a ocorrência do Ressôo Nasal.

Tritongo = É o agrupamento de uma vogal e duas semivogais. Também pode ser oral ou nasal.

A-g**üei** = Tritongo oral.

Á-g**üem** = Tritongo nasal, com a ocorrência da semivogal m.

Além desse três, há dois outros encontros vocálicos importantes:

Iode = É o agrupamento de uma semivogal entre duas vogais. São **aia**, **eia**, **oia**, **uia**, **aie**, **eie**, **oie**, **uie**, **aio**, **eio**, **oio**, **uio**, **uiu**, em qualquer lugar da palavra - começo, meio ou fim. Foneticamente, ocorre duplo ditongo ou tritongo + ditongo, conforme o número de semivogais. A Iode será representada com duplo **Y**: **ay-ya**, **ey-ya**, representando o "y" um fonema apenas, e não dois como possa parecer. A palavra **vaia**, então, tem quatro letras (v - a - i - a) e quatro fonemas (v - a - y - a), sendo que o "y" pertence a duas sílabas, não havendo, no entanto, "silêncio" entre as duas no momento de pronunciar a palavra.

Vau = O mesmo que a Iode, porém com a semivogal W.

Pi-au-í = Vau, com a representação fonética **Pi-aw-wi**. Com o "w" ocorre o mesmo que ocorreu com o "y", ou seja, representa um fonema apenas.

Ocorrem, também, na Língua Portuguesa, encontros vocálicos que ora são pronunciados como ditongo, ora como hiato. São eles:

Sinérese = São os agrupamentos **ae**, **ao**, **ea**, **ee**, **eo**, **ia**, **ie**, **io**, **oa**, **oe**, **ua**, **ue**, **uo**, **uu**.

Ca-e-ta-no, Cae-ta-no; ge-a-da, gea-da; com-pre-en-der, com-preen-der; Na-tá-li-a, Na-tá-lia; du-e-lo, due-lo; du-un-vi-ra-to, duun-vi-ra-to.

Diérese = São os agrupamentos **ai**, **au**, **ei**, **eu**, **iu**, **oi**, **ui**.

re-in-te-grar, rein-te-grar; re-u-nir, reu-nir; di-u-tur-no, diu-tur-no.

Obs.: Há palavras que, mesmo contendo esses agrupamentos não sofrem sinérese ou diérese. Há que se ter bom senso, no momento de se separarem as sílabas. Nas palavras *rua*, *tia*, *magoa*, por exemplo, é claro que só há hiato.

Encontros Consonantais

É o agrupamento de consoantes. Há três tipos de encontros consonantais:

Encontro Consonantal Puro = É o agrupamento de consoantes, lado a lado, na mesma sílaba.

Bra-sil, **pl**a-ne-ta, a-**dr**e-na-li-na

Encontro Consonantal Disjunto = É o agrupamento de consoantes, lado a lado, em sílabas diferentes.

a**p-t**o, ca**c-t**o, a**s-p**e**c-t**o

Encontro Consonantal Fonético = É a letra x com som de ks.

Maxi, nexo, axila = **maksi**, **nekso**, **aksila**.

Não se esqueça de que as letras **M** e **N** pós-vocálicas não são consoantes, e sim semivogais ou simples sinais de nasalização (ressôo nasal).

Dígrafos

Dígrafo é o agrupamento de duas letras com apenas um fonema. Os principais dígrafos são **rr**, **ss**, **sc**, **sç**, **xc**, **xs**, **lh**, **nh**, **ch**, **qu**, **gu**. Representam-se os dígrafos por letras maiores que as demais, exatamente para estabelecer a diferença entre uma letra e um dígrafo. **Qu** e **gu** só serão dígrafos, quando estiverem seguidos de **e** ou **i**, sem trema. Os dígrafos **rr**, **ss**, **sc**, **sç**, **xc** e **xs** têm suas letras separadas silabicamente; **lh**, **nh**, **ch**, **qu**, **gu**, não.

a**rr**oz = ar-roz - **aRos**;

a**ss**ar = as-sar - **aSar**;

na**sc**er = nas-cer - **naSer**;

de**sç**o = des-ço - **deSo**;

e**xc**eção = ex-ce-ção - **eSesãw**;

e**xs**udar = ex-su-dar - **eSudar**;

a**lh**o = a-lho - **aĹo**;

ba**nh**o = ba-nho - **baÑo**;

ca**ch**o = ca-cho - **kaXo**;

querida = que-ri-da - **Kerida**;

san**gu**e = san-gue - **sãGe**.

Dígrafo Vocálico = É o outro nome que se dá ao Ressôo Nasal, pelo fato de serem duas letras com um fonema vocálico.

s**an**gue = san-gue - **sãGe**

Não confunda dígrafo com encontro consonantal, que é o encontro de consoantes, cada uma representando um fonema.

EXERCÍCIOS

Testes: fonemas, sílabas, encontros vocálicos e consonantais, acentuação e ortografia

1- Assinale a seqüência em que todas as palavras estão partidas corretamente:
a) trans-a-tlân-ti-co, fi-el, sub-ro-gar
b) bis-a-vô, du-e-lo, fo-ga-réu
c) sub-lin-gual, bis-ne-to, de-ses-pe-rar
d) des-li-gar, sub-ju-gar, sub-scre-ver
e) cis-an-di-no, es-pé-cie, a-teu

2- Assinalar a alternativa em que todos os ditongos são decrescentes.
a) mais, espontâneo, saiu
b) beiço, mágoa, maneira
c) põe, irmão, possui
d) áurea, nódoa, tênue

3- No trecho "Quanto ao morro do Curvelo, o meu apartamento, o andar mais alto de um velho casarão em ruína..." temos:
a) 4 ditongos decrescentes, 2 ditongos crescentes, 1 hiato.
b) 6 ditongos decrescentes, 2 ditongos crescentes, 2 hiatos.
c) 6 ditongos decrescentes, 1 ditongo crescente, 1 hiato.
d) 6 ditongos decrescentes, 2 ditongos crescentes, 1 hiato.
e) 5 ditongos decrescentes, 2 ditongos crescentes, 1 hiato.

4- Assinale a opção em que a divisão de sílaba não está corretamente feita:
a) a-bai-xa-do c) es-fi-a-pa-da e) ca-a-tin-ga
b) si-me-tria d) ba-i-nhas

5- As palavras seguintes apresentam-se sem o acento gráfico, seja ele necessário ou não. Aponte a alternativa em que todas sejam paroxítonas:
a) textil - condor - mister - zenite - crisantemo
b) luzidio - latex - inaudito - primata - libido
c) exodo - fagocito - bramane - obus - refem
d) novel - sutil - inclito - improbo - interim
e) tulipa - refrega - filantropo - especime - noctivago

6- Assinale a única afirmativa incorreta. No vocábulo:
a) Insônia há um ditongo oral crescente.
b) Quando há um ditongo nasal crescente.
c) Raios há um tritongo.
d) Também há um ditongo nasal decrescente.
e) Pior há um hiato.

7- Em que conjunto a letra x representa o mesmo fonema?
a) tóxico - taxativo d) enxame - inexaurível
b) Defluxado - taxar e) intoxicado - exceto
c) Têxtil - êxtase

8- Não são paroxítonas as palavras:
a) salada - varanda - tarde d) amanhã - última - perdão
b) leite - escada - senhora e) verdade - presença - janela
c) violetas - brigas - mesa

9- Aponte o único conjunto onde há erro de divisão silábica:
a) flui-do, sa-guão, dig-no
b) cir-cuns-cre-ver, trans-cen-den-tal, tran-sal-pi-no
c) con-vic-ção, tung-stê-nio, rit-mo
d) ins-tru-ir, an-te-pas-sa-do, se-cre-ta-ri-a
e) co-o-pe-rar, dis-tân-cia, bi-sa-vô

10- Assinalar a alternativa em que todas as palavras estão separadas corretamente:
a) Mas-si-nis-sa, i-gu-al, miú-da
b) Cons-truir, igual, cri-ei
c) Cri-ei, as-pec-to, mi-ú-da
d) Me-da-lhões, pás-sa-ros, es-ta-çõ-es

11- De acordo com a separação silábica, qual o grupo de palavras abaixo que está totalmente correto?
a) as-as-ssi-na-da, chei-ro, ma-de-i-ra
b) pers-pi-caz, felds-pa-to, des-cer
c) avi-so, mi-nha, in-fân-cia
d) per-spi-caz, em-pa-pa-da, pa-i-nei-ra
e) extra-or-di-ná-rio, ve-lha, fel-ds-pa-to

12- Classificou-se, corretamente, o grupo vocálico da palavra dada em:
a) caótico - ditongo decrescente
b) cardeal - ditongo crescente
c) estóico - ditongo crescente
d) filosofia - hiato
e) pequei - tritongo

13- Devem ser acentuadas todas as palavras da opção:
a) taxi - hifen - gas
b) ritmo - amor - lapis
c) chines - ruim - jovem
d) juriti - gratis - traz
e) açucar - abacaxi - molestia

14- A única alternativa em que nenhuma palavra deve ser acentuada graficamente é:
a) preto - orgão - seres
b) atras - medo - garoa
c) item - nuvem - erro
d) juri - governo -odio
e) tatu - cores - carater

15- Em que conjunto a letra x apresenta o mesmo valor fonético?
a) exame- exíguo- xale- exceção
b) exilar- exorbitar- próximo- excêntrico
c) sexo- tóxico- axilas- nexo
d) exalar- exonerar- queixa- hexacampeão
e) trouxe- texto- sintaxe- léxico

16- Assinale a alternativa em que há erro de acentuação gráfica:
a) apóiam - obliqúe - averigúe
b) inexcedível - influí - enjôo
c) cauím - egoísta - contêm
d) órgão - estréiam - saúva
e) concluí - além-túmulo - médium

17- Assinale a alternativa que completa corretamente as frases:
1. Cada qual faz como melhor lhe ....
2. O que .... estes frascos?
3. Neste momento os teóricos .... os conceitos.
4. Eles .... a casa do necessário.
a) convém - contêm - revêem - provêem
b) convém - contém - revêem - provém
c) convém - contém - revêm - provém
d) convêm - contém - revêem - provêem
e) convêm - contêm - revêem - provêem

18- Assinale a opção cujas palavras seguem a mesma regra de acentuação:
a) atrás - haverá - também - após
b) insônia - nível - pólen - película
c) pés - lá - já - troféu
d) centímetros - escrúpulos - fósseis
e) pára - táxi - fácil - tirá-lo

19- As palavras após e órgãos são acentuadas por serem, respectivamente:
a) Paroxítona terminada em s e proparoxítona.
b) Oxítona terminada em o e paroxítona terminada em ditongo.
c) Proparoxítona e paroxítona terminada em s.
d) Monossílabo tônico e oxítona terminada em o seguido de s.
e) Proparoxítona e proparoxítona.

20- Assinale a alternativa em que todos os vocábulos são acentuados por serem oxítonos:
a) paletó - avô - pajé - café - jiló
b) parabéns - vêm - hífen - saí - oásis
c) vovô - capilé - Paraná - lápis - régua
d) amém - amável - filó - porém - além
e) caí - aí - ímã - ipê - abricó

21- Todos os vocábulos devem ser acentuados graficamente em:
a) benção, recem, juriti
b) boemia, rubrica, maquinaria
c) especime, retem, crisantemo
d) erudito, atribuia, consul
e) gratuito, interim, textil

22- A única série de palavras corretamente acentuadas é:
a) hieróglifo - javanês - lingüística - urutú
b) sósia - dá-lo - órgão - vêzes
c) gás - pôde - fusível - retrós
d) jibóia - viés - fa-lo-á - construí-lo
e) cajá - hás - vácuo - púdico

23- Aponte a única série em que pelo menos um vocábulo apresenta erro no que diz respeito à acentuação gráfica:
a) pegada - sinoníma
b) êxodo - aperfeiçoe
c) álbuns - atraí-lo
d) ritmo - itens
e) redimí-la - grátis

24- A frase em que todas as palavras estão corretas quanto à acentuação gráfica é:
a) Apaziguemos os ânimos intranqüilos.
b) A freqüência dos alunos em sala de aula é indispensável a uma boa avaliação.
c) A contigüidade de suas atitudes retilíneas conduzí-lo-á ao objetivo proposto.
d) Cinqüenta delinquentes destruíram o armazém.

25- Assinale o vocábulo que perde o acento gráfico no plural:
a) próton c) fóssil e) caráter
b) móvel d) cônsul

26- Indique a única alternativa em que nenhuma palavra deve ser acentuada graficamente:
a) lapis - canoa - abacaxi - jovens
b) ruim - sozinho - aquele - traiu
c) saudade - onix - grau - orquidea
d) voo - legua - assim - tenis

27- Dadas as palavras:
1) apóiam
2) baínha
3) abençoo
constatamos que está (estão) corretamente grafadas (s):
a) apenas a palavra nº. 1. d) todas as palavras.
b) Apenas a palavra nº. 2. e) N.D.A.
c) Apenas a palavra nº. 3.

28- As silabadas, ou erros de prósódia, são freqüentes no uso da língua. Indique a alternativa onde não ocorre nenhuma silabada:
a) Eis aí um prototipo de rúbricas de um homem vaidoso.
b) Para mim a humanidade está dividida em duas metades: a dos filântropos e a dos misantropos.
c) Os arquétipos de iberos são mais pudicos que se pensa.
d) Nesse interim chegou o médico com a contagem de leucócitos e o resultado da cultura de lêvedos.
e) Ávaro de informações, segui todas as pegadas do éfebo.

29- Assinale o item cujas palavras são acentuadas em função das regras que justificam os acentos das palavras miúdos e vários:
a) ínterim - mártir d) crônico - três

b) egoísmo - freqüência e) ninguém - vôo
c) saudável - tórax

30- Assinale o grupo de vocábulos em que todos são acentuados por causa do hiato:
a) Escocia - Suiça - Haiti - Suecia
b) Itauna - Grajau - Ilheus - Guaiba
c) Desagua - influiram - traiste - traimos
d) Saudo - distraiste - proibira - cairam
e) Uisque - cafeina - saude - balaustre

31- O x foi empregado incorretamente em :
a) enxada, feixe, ameixa
b)enxame, enxugar, lixa
c)xale, bruxa, mexerica
d)xampu, xícara, graxa
e) xaranga, xuxu, xarque

32- Todas as palavras estão grafadas corretamente em:
a) rabujice, espontâneo, frieza
b) refúgio, obsessão, vazilha
c)ultraje, revés, cortezia
d) trajetória, esvaziar, análise
e) gorjeta, pesquisa, franqueza

33- Ambas as palavras estão grafadas incorretamente em:
a) capitalizar, catalizar
b) agonisar, batisar
c) improvisar, anarquisar
d) modernizar, concretizar
e) oficializar, repizar

34- Assinale a opção em que ocorra palavra grafada incorretamente:
a) Ao improvisar o discurso, ressurgiram as ameaças.
b) Sua estupidez foi tanta que esvaziou a sala.
c) Nossa abstenção propiciou a legalização do jogo.
d) Não houve concessão. Exigiram a rescisão do contrato.
e) Verdadeiramente não analizei as pesquisas recebidas.

Respostas

1- C
2- C
3- C
4- B
5- B
6- C
7- C
8- D
9- D
10-C
11-C
12-B
13-A
14-C
15-C
16-C
17-A
18-A
19-B
20-A
21-C
22-C
23-E
24-B
25-E
26-B
27-A
28-C
29-B
30-E
31-E
32-E
33-B
34-E

Separação Silábica

A divisão silábica deve ser feita a partir da soletração, ou seja, dando o som total das letras que formam cada sílaba, cada uma de uma vez.

Usa-se o hífen para marcar a separação silábica.

Normas para a divisão silábica:

Não se separam os ditongos e tritongos: Como ditongo é o encontro de uma vogal com uma semivogal na mesma sílaba, e tritongo, o encontro de uma vogal com duas semivogais também na mesma sílaba, é evidente que eles não se separam silabicamente. Por exemplo:

Ex. Au-las / au = ditongo decrescente oral.
Guar-da / ua = ditongo crescente oral.
A-güei / uei = tritongo oral.

Separam-se as vogais dos hiatos: Como hiato é o encontro de duas vogais em sílabas diferentes, obviamente as vogais se separam silabicamente. Cuidado, porém, com a **sinérese ee** e **uu**, conforme estudamos em **encontros vocálicos**. Por exemplo:

Ex. Pi-a-da / ia = hiato
Ca-ir / ai = hiato
Ci-ú-me / iú = hiato
Com-pre-en-der ou com-preen-der **(sinérese)**

Não se separam os dígrafos ch, lh, nh, qu, gu:

Ex. Cho-ca-lho / ch, lh = dígrafos inseparáveis.
Qui-nhão / qu, nh = dígrafos inseparáveis.
Gui-sa-do / gu = dígrafo inseparável.

Separam-se os dígrafos rr, ss, sc, sç, xc e xs:

Ex. Ex-ces-so / xc, ss = dígrafos separáveis.
Flo-res-cer / sc = dígrafo separável.
Car-ro-ça / rr = dígrafo separável.
Des-ço / sç = dígrafo separável.

Separam-se os encontros consonantais impuros: Encontros consonantais impuros, ou disjuntos, são consoantes em sílabas diferentes.

Ex. Es-co-la
E-ner-gi-a
Res-to

Separam-se as vogais idênticas e os grupos consonantais cc e cç: Lembre-se de que há autores que classificam ee e uu como sinérese, ou seja, aceitam como hiato ou como ditongo essas vogais idênticas.

Ex. Ca-a-tin-ga
Re-es-tru-tu-rar
Ni-i-lis-mo
Vô-o
Du-un-vi-ra-to

Prefixos terminados em consoante:
Ligados a palavras iniciadas por consoante: Cada consoante fica em uma sílaba, pois haverá a formação de encontro consonantal impuro.

Ex. Des-te-mi-do
Trans-pa-ren-te
Hi-per-mer-ca-do
Sub-ter-râ-neo

Ligados a palavras iniciadas por vogal: A consoante do prefixo ligar-se-á à vogal da palavra.

Ex. Su-ben-ten-di-do
Tran-sal-pi-no
Hi-pe-ra-mi-go
Su-bal-ter-no

Translineação

Translineação é a mudança, na escrita, de uma linha para outra, ficando parte da palavra no final da linha superior e parte no início da linha inferior.

Regras para a translineação:

a) Não se deve deixar apenas uma letra pertencente a uma palavra no início ou no final de linha. Por exemplo: em translineações são inadequadas as separações: "pesso-**a**", "**a-í**", samambai-**a**", "**a**-meixa", "**e**-tíope", "ortografi-**a**".

b) Não se deve, em final ou início de linha, quando a separação for efetuada, deixar formar-se palavra estranha ao contexto. Por exemplo: em translineações são inadequadas as separações: "presi-**dente**", "samam-**baia**", "**quero**-sene", "fa-**lavam**", "**para**-guaia".

c) Na translineação de palavras com hífen, se a partição coincide com o fim de um dos elementos, não se deve repetir o hífen na linha seguinte. Por exemplo:
pombo-
correio
e não
pombo-
-correio.

EXERCÍCIOS

1) Dadas as palavras:
1) Dis-en-te-ri-a
2) Trans-por-te
3) Sub-es-ti-mar
constatamos que a separação silábica está certa:
a) apenas em 1.
b) apenas em 2.
c) apenas em 3.
d) em todas as palavras.
e) em duas palavras.

2) Assinale a alternativa em que a palavra não tem suas sílabas separadas corretamente:
a) ni-i-lis-mo
b) oc-ci-pi-tal
c) in-te-lec-ção
d) se-cre-ta-ria
e) côns-cio

3) A letra em que todas as palavras apresentam separação silábica correta é:
a) ex-ci-tar, me-ia, trans-por-te
b) rit-mo, am-bí-guo, ex-ce-len-te
c) pro-fes-sor, ins-tru-ção, a-vi-ã-o
d) dig-no, cre-sci-men-to, eu-ro-pe-u
e) ab-rup-to, sub-li-nhar, sub-li-me

4) Aponte o único conjunto onde há erro de divisão silábica:
a) cir-cui-to, sa-guão, dig-ni-da-de.
b) cir-cuns-pec-to, trans-cen-der, dis-tan-ci-ar.
c) con-vic-to, tungs-tê-nio, rit-mo
d) ins-tru-í-do, pas-sa-ri-nho, ar-ma-ri-a.
e) co-o-pe-ra-ti-va, , trans-al-pi-no, bi-sa-vô.

5) Levando-se em conta a partição de palavras em final de linha, assinale a letra que não contenha erro:
a) Foi um jogo com muito equilí-brio.
b) Sua cadu-cidade levou-o à miséria.
c) O carrasco esperava o réu no cada-falso.
d) O bandido embrenhou-se no cafe-zal.
e) Espero que ele se sai-a bem.

6) Assinale a seqüência em que todas as palavras estão partidas corretamente:
a) trans-a-tlân-ti-co, fi-el, sub-ro-gar
b) bis-a-vô, du-e-lo, fo-ga-réu
c) sub-lin-gual, bis-ne-to, de-ses-pe-rar
d) des-li-gar, sub-ju-gar, sub-scre-ver
e) cis-an-di-no, es-pé-cie, a-teu.

7) Assinale a letra certa, quanto à divisão silábica:
a) assa-ssi-na-do

b) a-brup-to
c) caó-ti-co
d) fi-lo-so-fi-a
e) si-gno

8) Aponte o erro, quanto ao número de sílabas e de fonemas:
a) conseguiu = 3 sílabas, 7 fonemas.
b) lentilha = 3 sílabas, 6 fonemas.
c) cheirinho = 3 sílabas, 7 fonemas.
d) construir = 2 sílabas, 9 fonemas.
e) sintaxe = 3 sílabas, 6 fonemas.

Respostas

1) a 2) d 3) b 4) e 5) e 6) c 7) d 8) d

Acentuação

Na Língua Portuguesa, todas as palavras possuem uma sílaba tônica - a que recebe a maior inflexão de voz. Nem todas, porém, são marcadas pelo acento gráfico. O nosso estudo é exatamente este: em que palavras usar o acento agudo ou o acento circunflexo? Ainda existe o trema? Vamos às respostas.

As sílabas são subdivididas em tônicas, subtônicas e átonas.

A sílaba tônica é a mais forte da palavra. Só existe uma sílaba tônica em cada palavra.

Ex. Guara**ná** - A sílaba tônica é a última.
Táxi - A sílaba tônica é a penúltima.
Própolis - A sílaba tônica é a antepenúltima.

A sílaba tônica sempre se encontra em uma destas três sílabas: última, penúltima e antepenúltima.

A sílaba **subtônica** só existe em palavras derivadas. Coincide com a tônica da palavra primitiva.
Ex. Guaranazinho - A sílaba tônica é zi, e a subtônica, na
Taxímetro - A sílaba tônica é xí, e a subtônica, ta
Propolina - A sílaba tônica é li, e a subtônica, pro
Todas as outras são denominadas átonas.

Quando a palavra possuir uma sílaba só, será denominada monossílaba.

Os **monossílabos** podem ser **átonos e tônicos**. Os tônicos são aqueles que têm força para serem usados sozinhos em uma sílaba; os átonos, não. Portanto serão monossílabos tônicos os substantivos, os adjetivos, os advérbios, os numerais e os verbos.

Regras de Acentuação

Monossílabos Tônicos: Os monossílabos tônicos serão acentuados, quando terminarem em **A**, **E**, **O**, seguidos ou não de **s**.

Ex. pá, pás, má, más, vá, lá, já.
pé, pés, mês, rês, Zé, né?
pó, pós, dó, cós, pô!

Oxítonas: São as que têm a maior inflexão de voz na última sílaba. São acentuadas, quando terminarem em **A**, **E**, **O**, seguidos ou não de **s**, e em **EM**, **ENS**.

Ex. Corumbá, maracujás, maná, Maringá.
rapé, massapê, filé, sapé.
filó, rondó, mocotó, jiló.
amém, armazém, também, Belém.
parabéns, armazéns, nenéns.

Paroxítonas: São as que têm a maior inflexão de voz na penúltima sílaba. São acentuadas, quando terminarem em **UM**, **UNS**, **L**, **ÊEM**, **PS**, **X**, **EI** (s), **ÃO** (s), **U** (s), **ditongo crescente** (s), **N**, **ÔO**, **I** (s),

R, **Ã** (s).

Ex. álbum, factótum, médiuns.
ágil, flexível, volátil.
crêem, dêem, lêem, vêem.
fórceps, bíceps, tríceps.
tórax, xérox (também pode ser **xerox**), fênix.
pônei, vôlei, jóquei.
órgão, órfãos, sótão.
ônus, bônus.
Mário, secretária.
hífen, pólen, gérmen.
vôo, côo, entôo.
táxi, júris.
fêmur, âmbar, revólver.
ímã, órfãs.

Proparoxítonas: São as que têm a maior inflexão de voz na antepenúltima sílaba. Todas as proparoxítonas são acentuadas, salvo a expressão **per capita**, por não pertencer à Língua Portuguesa.

Ex. síndrome, ínterim, lêvedo, lâmpada, sândalo.

Os ditongos eu, ei, oi / éu, éi, ói somente receberão acento, quando forem abertos, seguidos ou não de **s**.

Ex. meu, chapéu, deus, troféus.
peixe, anéis, rei, réis.
doido, estóico, foice, destrói.

As letras i e u serão acentuadas, independente da posição na palavra, quando surgirem:

Formando hiato tônico com a vogal anterior.
Sem consoante na mesma sílaba, exceto o **s**.
Sem nasalização (**til, NH e ressôo nasal**).

Ex. saída, ataúde, miúdo.
sairmos, balaústre, juiz.
rainha, ruim, juízes.

Os grupos que, qui, gue, gui devem ser analisados com muito cuidado, pois podem surgir com trema, com acento agudo ou sem sinal gráfico algum. Vejamos então:

01) Quando o **u** for pronunciado atonamente, ou seja, quando as três letras participarem da mesma sílaba, sendo o **u** pronunciado, deveremos colocar trema sobre ele.

Ex. se-qüên-cia, cin-qüen-ta.
tran-qüi-lo, qüin-qüê-nio.
a-güen-tar, en-xá-güem.
ar-güi-ção, lin-güi-ça.

02) Quando o **u** for pronunciado tonicamente, ou seja, quando o **e** ou o **i** formarem hiato com o **u**, deveremos colocar acento agudo sobre o **u**. Isso ocorre somente com alguns verbos da Língua Portuguesa. Vejamo-los:

Averiguar, apaziguar e obliquar: As pessoas **eu**, **tu**, **ele** e **eles** do Presente do Subjuntivo são as únicas a receberem o acento agudo.

Ex. Que eu averigúe, tu averigúes, ele averigúe, eles averigúem.
Que eu apazigúe, tu apazigúes, ele apazigúe, eles apazigúem.
Que eu obliqúe, tu obliqúes, ele obliqúe, eles obliqúem.

Significado dos verbos:
Averiguar = examinar com cuidado; verificar.
Apaziguar = pacificar, acalmar.
Obliquar = Proceder maliciosamente; caminhar obliquamente.

Argüir e redargüir: As pessoas **tu**, **ele** e **eles** do Presente do Indicativo são as únicas a receberem o acento agudo.

Ex. Tu argúis, ele argúi, eles argúem.
Tu redargúis, ele redargúi, eles redargúem.

Significado dos verbos:
Arqüir = acusar; censurar; argumentar; examinar, questionando ou interrogando.
Redargüir = Replicar, responder argumentando; acusar, recriminar.

Acentos Diferenciais

As únicas palavras que recebem acento para serem diferenciadas de outras são as seguintes:

ás = carta de baralho, piloto de avião.
Ex.: **O ás é a carta mais valiosa no pôquer**.

às = contração da preposição **a** com o artigo ou pronome **a**.
Ex.: **Obedeço às regras**.

as = artigo, pronome oblíquo átono ou pronome demonstrativo.
Ex.: **As garotas aprovadas são as que estão na sala ao lado. Chame-as.**

côas, côa = 2ª e 3ª pessoas do singular do presente do indicativo do verbo **coar**.
Eu côo, **tu côas**, **ele côa**.

coas, coa = contração da preposição **com** com o artigo **a** ou **as**.
Ex.: **Ele não se encontrou coas garotas**.

pára = verbo parar na terceira pessoa do singular do Presente do Indicativo.
Ex.: **Ele não pára de conversar**
Ou na segunda pessoa do singular do Imperativo Afirmativo.
Ex.: **Pára com isso!**

para = preposição.
Ex.: **Estude, para seu próprio bem.**

péla, pélas = bola de borracha, jogo da péla; verbo pelar (tirar a pele) na segunda e na terceira pessoas do singular do Presente do Indicativo.
Eu pélo, **tu pélas**, **ele péla.**

pela, pelas = preposição antiga **per** mais artigo ou pronome.
Ex.: **Ele fugiu pela porta da diretoria.**

pélo = verbo pelar.
Ex.: **Eu pélo**, **tu pélas**, **ele péla.**

pêlo, pêlos = cabelo, penugem.
Ex.: **Arrancou-lhe os pêlos do braço.**

pelo, pelos = preposição **per** mais artigo ou pronome.
Ex.: **Ele fugiu pelos fundos.**

pera = preposição antiga (o mesmo que para).

pêra = fruto da pereira.
Ex.: **Comi uma pêra no almoço**.

Observe que pêra só tem acento no singular.
Ex.: **Comi umas peras no almoço**.

pode = terceira pessoa do singular do Presente do Indicativo do verbo poder.
Hoje ele pode.

pôde = terceira pessoa do singular do Pretérito Perfeito do Indicativo do verbo poder.

Ontem ele pôde.

pólo, pólos = as extremidades de um eixo; espécie de jogo.
Ex.: **Foi campeão de pólo aquático.**

pôlo, pôlos = espécie de ave.
Ex.: **Matei dois pôlos ontem.**

por = preposição.

pôr = verbo.
Ex.: **Menino, vá *pôr* uma blusa, antes de sair *por* aí.**

EXERCÍCIOS

Assinale, em cada questão, a única palavra que deve ser acentuada, Para as perguntas de 01 a 30:

01)
a) ananas
b) sutil
c) siri

02)
a) vez
b) trem
c) res

03)
a) nobel
b) transistor
c) necropsia

04)
a) polens
b) latex
c) maquinaria

05)
a) cagado
b) hieroglifo
c) arquetipo

06)
a) trofeus
b) apoio
c) heroizinho

07)
a) faisca
b) xiita
c) distribuindo

08)
a) zoo
b) contem
c) peras

09)
a) para
b) pode
c) veem

10)
a) arguo
b) arguis
c) arguem

11) - Assinale a alternativa em que todos os vocábulos foram acentuados pelo mesmo motivo:
a) atrás, haverá, também ,após
b) insônia, nível, pólem, película
c) pés, lá, já, troféu
d) pára, táxi, fácil, tirá-lo

12) - Série corretamente acentuada:
a) heroglifo, javanês, urutú
b) gás pôde, fusível, retrós
c) gibóia, vácuo, púdico, vêzes
d) rítimo, sinonímia, conteúdo

13) - Assinale a alternativa em que nenhuma palavra deve ser acentuada:
a) lapis, canoa, abacaxi, jovens
b) ruim, sozinho, aquele, traiu
c) saudade, onix, grau, orquidea
d) voo, legua, assim, tenis

14) - Assinale a alternativa com erro:
a) Um pensamento que nos ilumine a existência, eis o melhor presente que os céus podem dar
b) No esquema cósmico, tudo têm um propósito a preencher.
c) "Acaso é, talvez, o pseudônimo que Deus usa, quando não quer assinar suas obras
d) A pessoa que não lê, mal fala, mal ouve, mal vê

15) - Erro de acentuação:
a) destituído, diluído, conteúdo
b) anágua, árduo, bênção
c) francês, camponês, pequenêz
d) benefício, benemérito, bíblico

16) - Nenhuma palavra deve ser acentuada graficamente:
a) preto, orgão, seres
b) atras, medo, garoa
c) item, nuvem, erro
d) juri, biquini, himens

17) - Indique a alternativa com erro de acentuação gráfica:
a) Quem conhece seus defeitos está muito próximo de corrigí- los
b) A virtude é comunicável, porém o vício é contagioso
c) Saúde e inteligência, eis duas recompensas da vida
d) A História glorifica os heróis, a vida santifica os mártires

18) - Assinale a alternativa com apenas um erro de acentuação:
a) tênis, núcleo, lápis, perua
b) éter, fôlego, côres, álbum
c) vírgula, tôda, tonico, capítulo
d) fêmea, íbero, faróis, anéizinhos

19) - Assinale a alternativa em que os vocábulos estão errados, quanto à acentuação gráfica:
a) saída, tórax, avô, vezes
b) filatélia, ventoínha, lagôa
c) carência, amigável, única, super
d) abençôo, austero, ímã, abdômem

20) - Assinale onde houver erro:
a) Este plano de pagamento não nos convêm
b) Poucas pessoas, nesta cidade, detêm o poder
c) Esta caixa contém alguns doces
d) Os professores revêem as provas

21) - Assinale a única alternativa em que o verbo está acentuado corretamente:
a) Ela vém à reunião
b) Eles releêm a obra
c) Seu depoimento convém a todos
d) Esta festa provêm do folclore

22) - Em qual das alternativas todas as palavras devem ser acentuadas:
a) hifen, cafezinho, acrobata, siri
b) voo, corvo, America, chapeu
c) mantem, compos, caiste, reporter
d) torax, bufalo, portuguesa, moça

23) - Assinale a alternativa em que todos os vocábulos são acentuados por serem oxítonos:
a) paletó, avô, pajé, café, jiló
b) parabéns, vêm, hífen, saí, oásis
c) vovô, capilé, Paraná, lápis, caí
d) amém, amável, filó, porém, além

24) - Assinale a alternativa que preenche corretamente os espaços:
1) Nem todos ____ isto com bondade
2) Prêmios para os que ____ bem
3) Os que ____ na justiça
4) quero que me _____ motivos claros

a)vêem, lêem, crêem dêem
b)vêm, lêem, creem, dêem
c)vêem, lêem, crêm, dem
d) vêm, lêm, crêem, dêem

25) - Acentuadas por serem paroxítonas:
a) psicólogo, indício, ingênuo, ímã
b) espécie, básico, Esaú, equilíbrio
c) variável, otário, órgão, ímã
d) sótão, ímpar, adotável, período

26) - Acentuação incorreta:
a) pára
b) pêlo
c) ítem
d) pôr

27) - Nenhuma oxítona deve ser acentuada:
a) Bauru, juriti, tatu Jundiai
b) aqui, chuchu, Embu, Jau
c) caju, Iguaçu,, caqui, saci
d) Itu, Tramandai, colibri, angu

28) - Todas corretamente acentuada:
a) máximo, álbum, vôlei, enjôo
b) niquel, revólver elétron, vírus
c) vintém, cipó freguês, biquini
d) água, ingênuo, medium, hífems

29) - Erro de acentuação gráfica:
a) O delegado mantém o preso incomunicável
b) Eles mantêm os reféns amarrados
c) Os que detém o poder, responderão por seus atos
d) Os reféns, transidos de medo, vêem os soldados como verdugos

30) - Acentuados pela mesma regra:
a) eqüino, álbum, idéia, glória
b) também, chaminé, temíveis, rádio
c) uísque, cafeína, saúde, balaústre
d) lágrima, remói, inajá, faróis

Respostas Sobre Acentuação Gráfica

01. A
02. C
03. B
04. B
05. C
06. A
07. A
08. A
09. C
10. C
11. A
12. B
13. B
14. B
15. C
16. C
17. A
18. B
19. B
20. A
21. C
22. C
23. A
24. A

25. C
26. C
27. C
28. A
29. C
30. C

Ortografia

Ao escrever uma palavra com som de **s**, de **z**, de **x** ou de **j**, deve-se procurar a origem dela, pois, na Língua Portuguesa, a palavra primitiva, em muitos casos, indica como deveremos escrever a palavra derivada.

Ç

01) Escreveremos com **-ção** as palavras derivadas de vocábulos terminados em **-to**, **-tor**, **-tivo** e os substantivos formados pela posposição do **-ção** ao **tema** de um verbo (Tema é o que sobra, quando se retira a desinência de infinitivo **- r -** do verbo).

Portanto deve-se procurar a origem da palavra terminada em **-ção**. Por exemplo: Donde provém a palavra **conjunção**? Resposta: provém de **conjunto**. Por isso, escrevemo-la com **ç**.
Exemplos:

- erudito = erudição
- exceto = exceção
- setor = seção
- intuitivo = intuição
- redator = redação
- ereto = ereção
- educar - **r** + **ção** = educação
- exportar - **r** + **ção** = exportação
- repartir - **r** + **ção** = repartição
-

02) Escreveremos com **-tenção** os substantivos correspondentes aos verbos derivados do verbo **ter**.
Exemplos:

- manter = manutenção
- reter = retenção
- deter = detenção
- conter = contenção

03) Escreveremos com **-çar** os verbos derivados de substantivos terminados em **-ce**.
Exemplos:

- alcance = alcançar
- lance = lançar

S

01) Escreveremos com **-s-** as palavras derivadas de verbos terminados em **-nder** e **-ndir**
Exemplos:

- pretender = pretensão
- defender = defesa, defensivo
- despender = despesa
- compreender = compreensão
- fundir = fusão
- expandir = expansão

02) Escreveremos com **-s-** as palavras derivadas de verbos terminados em **-erter**, **-ertir** e **-ergir**.
Exemplos:

- perverter = perversão
- converter = conversão
- reverter = reversão
- divertir = diversão
- aspergir = aspersão
- imergir = imersão

03) Escreveremos **-puls-** nas palavras derivadas de verbos terminados em **-pelir** e **-curs-**, nas palavras derivadas de verbos terminados em **-correr**.
Exemplos:

- expelir = expulsão
- impelir = impulso

- compelir = compulsório
- concorrer = concurso
- discorrer = discurso
- percorrer = percurso

04) Escreveremos com **-s-** todas as palavras terminadas em **-oso** e **-osa**, com exceção de **gozo**.
Exemplos:

- gostosa
- glamorosa
- saboroso
- horroroso

05) Escreveremos com **-s-** todas as palavras terminadas em **-ase**, **-ese**, **-ise** e **-ose**, com exceção de **gaze** e **deslize**.
Exemplos:

- fase
- crase
- tese
- osmose

06) Escreveremos com **-s-** as palavras femininas terminadas em **-isa**.
Exemplos:

- poetisa
- profetisa
- Heloísa
- Marisa

07) Escreveremos com **-s-** toda a conjugação dos verbos **pôr**, **querer** e **usar**.
Exemplos:

- Eu pus
- Ele quis
- Nós usamos
- Eles quiseram
- Quando nós quisermos
- Se eles usassem

Ç ou S?

Após ditongo, escreveremos com **-ç-**, quando houver som de **s**, e escreveremos com **-s-**, quando houver som de **z**.
Exemplos:

- eleição
- traição
- Neusa
- coisa

S ou Z?

01 a) Escreveremos com **-s-** as palavras terminadas em **-ês** e **-esa** que indicarem **nacionalidades**, **títulos** ou **nomes próprios**.
Exemplos:

- português
- norueguesa
- marquês
- duquesa
- Inês
- Teresa

b) Escreveremos com **-z-** as palavras terminadas em **-ez** e **-eza**, **substantivos abstratos que provêm de adjetivos**, ou seja, palavras que indicam a **existência de uma qualidade**.
Exemplos:

- embriaguez
- limpeza
- lucidez
- nobreza
- acidez
- pobreza

02 a) Escreveremos com **-s-** os verbos terminados em **-isar**, quando a palavra primitiva já possuir o **-s-**.
Exemplos:

- análise = analisar
- pesquisa = pesquisar
- paralisia = paralisar

b) Escreveremos com **-z-** os verbos terminados em **-izar**, quando a palavra primitiva não possuir **-s-**.
Exemplos:

- economia = economizar
- terror = aterrorizar
- frágil = fragilizar

Cuidado:

- catequese = catequizar
- síntese = sintetizar
- hipnose = hipnotizar
- batismo = batizar

03 a) Escreveremos com **-s-** os diminutivos terminados em **-sinho** e **-sito**, quando a palavra primitiva já possuir o **-s-** no final do radical.
Exemplos:

- casinha
- asinha
- portuguesinho
- camponesinha
- Teresinha
- Inesita

b) Escreveremos com **-z-** os diminutivos terminados em **-zinho** e **-zito**, quando a palavra primitiva não possuir **-s-** no final do radical.
Exemplos:

- mulherzinha
- arvorezinha
- alemãozinho
- aviãozinho
- pincelzinho
- corzinha

SS

01) Escreveremos com **-cess-** as palavras derivadas de verbos terminados em **-ceder**.
Exemplos:

- anteceder = antecessor
- exceder = excesso
- conceder = concessão

02) Escreveremos com **-press-** as palavras derivadas de verbos terminados em **-primir**.
Exemplos:

- imprimir = impressão
- comprimir = compressa
- deprimir = depressivo

03) Escreveremos com **-gress-** as palavras derivadas de verbos terminados em **-gredir**.
Exemplos:

- agredir = agressão
- progredir = progresso
- transgredir = transgressor

04) Escreveremos com **-miss-** ou **-mess-** as palavras derivadas de verbos terminados em **-meter**.
Exemplos:

- comprometer = compromisso
- intrometer = intromissão
- prometer = promessa
- remeter = remessa

ÇS ou SS

Em relação ao verbos terminados em **-tir**, teremos:

01) Escreveremos com **-ção**, se apenas retirarmos a desinência de infinitivo **-r**, dos verbos terminados em -tir.
Exemplo:

- curtir - **r** + **ção** = curtição

02) Escreveremos com **-são**, quando, ao retirarmos toda a terminação **-tir**, a última letra for consoante.
Exemplo:

- divertir - **tir** + **são** = diversão

03) Escreveremos com **-ssão**, quando, ao retirarmos toda a terminação **-tir**, a última letra for vogal.
Exemplo:

- discutir - tir + ssão = discussão

J

01) Escreveremos com **-j-** as palavras derivadas dos verbos terminados em **-jar**.
Exemplos:

- trajar = traje, eu trajei.
- encorajar = que eles encorajem
- viajar = que eles viajem

02) Escreveremos com **-j-** as palavras derivadas de vocábulos terminados em **-ja**.
Exemplos:

- loja = lojista
- gorja = gorjeta
- canja = canjica

03) Escreveremos com **-j-** as palavras de origem **tupi**, **africana** ou **popular**.
Exemplos:

- jeca
- jibóia
- jiló
- pajé

G

01) Escreveremos com **-g-** todas as palavras terminadas em **-ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio**.
Exemplos:

- pedágio
- colégio
- sacrilégio
- prestígio
- relógio
- refúgio

02) Escreveremos com **-g-** todas as palavras terminadas em **-gem**, com exceção de **pajem**, **lambujem** e a **conjugação dos verbos terminados em -jar**.
Exemplos:

- a viagem
- a coragem
- a personagem
- a vernissagem
- a ferrugem
- a penugem

X

01) Escreveremos com **-x-** as palavras iniciadas por **mex-**, com exceção de **mecha**.
Exemplos:

- mexilhão
- mexer
- mexerica
- México
- mexerico
- mexido

02) Escreveremos com **-x-** as palavras iniciadas por **enx-**, com exceção das derivadas de vocábulos iniciados por ch- e da palavra enchova.
Exemplos:

- enxada
- enxerto
- enxerido
- enxurrada

mas:

- cheio = encher, enchente
- charco = encharcar
- chiqueiro = enchiqueirar

03) Escreveremos **-x-** após ditongo, com exceção de **recauchutar** e **guache**.
Exemplos:

- ameixa
- deixar
- queixa
- feixe
- peixe
- gueixa

UIR e OER

Os verbos terminados em **-uir** e **-oer** terão as 2ª e 3ª pessoas do singular do Presente do Indicativo escritas com **-i-**.
Exemplos:

- tu possuis
- ele possui
- tu constróis
- ele constrói
- tu móis
- ele mói
- tu róis
- ele rói

UAR e OAR

Os verbos terminados em **-uar** e **-oar** terão todas as pessoas do Presente do Subjuntivo escritas com **-e-**.
Exemplos:

- Que eu efetue
- Que tu efetues
- Que ele atenue
- Que nós atenuemos
- Que vós entoeis
- Que eles entoem

EXERCÍCIOS

Para as perguntas de 01 a 17:
Assinale a alternativa em que todos os vocábulos estejam grafados corretamente:

01) X ou CH:
a) xingar, xisto, enxaqueca
b) mochila, flexa, mexilhão
c) cachumba, mecha, enchurrada
d) encharcado, echertado, enxotado

02) E ou I:
a) femenino, sequer, periquito
b) impecilho, mimeógrafo, digladiar
c) intimorato, discrição privilégio
d) penico, despêndio , selvícola

03) S ou Z:
a) ananás, logaz, vorás, lilaz
b) maciez, altivez, pequenez, tez
c) clareza, duqueza, princesa, rez
d) guizo, granizo siso, rizo

04) G ou J:
a) sarjeta, argila
b) pajem, monje
c) tigela lage
d) gesto, geito

05) SS, C, Ç:
a) massiço, sucinto
b) à beça, craço
c) procissão, pretencioso
d) assessoria, possessão

06) O ou U:
a) muela, bulir, taboada
b) borbulhar, mágoa, regurgitar
c) cortume, goela, tabuleta
d) entupir, tussir, polir

07) S ou Z:
a) rês, extaziar
b) ourivez, cutizar
c) bazar, azia
d) induzir, tranzir

08) X ou CH:
a) michórdia, ancho
b) archote, faxada
c) tocha, coxilo
d) xenofobia, chilique

9) SS ou Ç:
a) endosso, alvíssaras, grassar
b) lassidão, palissada, massapê
c) chalassa, escasso, massarico
d) arruassa, obsessão, sossobrar

10) X ou CH:
a) chafariz, pixe pecha
b) xeque, salsixa, esquixo
c) xuxu, puxar, coxixar
d) muxoxo, chispa, xangô

11) G ou J:
a) agiota, beringela, canjica
b) jeito, algibeira, tigela
c) estranjeiro, gorjeito, jibóia
d) enjeitar, magestade, gíria

12) X ou CH:

a) flexa, bexiga, enxarcar
b) mexerico, bruxelear, chilique
c) faixa, xalé, chaminé
d) charque, chachim, caximbo

13) S ou Z:
a) aridez, pesquizar, catalizar
b) abalizado, escassez, clareza
c) esperteza, hipnotisar, deslise
d) atroz, obuz, paralização

14) G ou J:
a) monje tijela lojista ultraje
b) anjinho, rijidez, angina jia
c) herege, frege, pajé, jerimum
d) rabujento, rigeza, goló, jesto

15) Ortografia:
a) ascensão, expontâneo, privilégio
b) encher, enxame, froucho richa
c) berinjela, traje, vagem, azia
d) cincoenta, catorze, aziago, asa

16) S, SS, Ç, C, SC:
a) assédio, discente, suscinto
b) oscilar, mesce, néscio, lascivo
c) víscera, fascinar, discernir
d) ascenção, ressuscitar, suscitar

17) S ou Z:
a) atrazo, paralizar, reprezália
b) balisa, bazar, aprazível, frizo
c) apoteoze, briza, gaze, griz
d) espezinhar, cerzir, proeza, paz

Respostas Sobre Ortografia:

01. A
02. C
03. B
04. A
05. D
06. B
07. C
08. D
09. A
10. D
11. B
12. B
13. B
14. C
15. C
16. C
17. D

Significação das palavras

SINÔNIMOS

São palavras que apresentam, entre si, o mesmo significado.
triste = melancólico.
resgatar = recuperar
maciço = compacto
ratificar = confirmar
digno = decente, honesto
reminiscências = lembranças
insipiente = ignorante.

ANTÔNIMOS

São palavras que apresentam, entre si, sentidos opostos, contrários.
bom x mau
bem x mal
condenar x absolver
simplificar x complicar

HOMÔNIMOS

São palavras iguais na forma e diferentes na significação. Há três tipos de homônimos:

HOMÔNIMOS PERFEITOS

Têm a mesma grafia e o mesmo som.
cedo (advérbio) e **cedo** (verbo ceder);
meio (numeral), **meio** (adjetivo) e **meio** (substantivo).

HOMÔNIMOS HOMÓFONOS

Têm o mesmo som e grafias diferentes.
sessão (reunião), **seção** (repartição) e **cessão** (ato de ceder);
concerto (harmonia) e **conserto** (remendo).

HOMÔNIMOS HOMÓGRAFOS

Têm a mesma grafia e sons diferentes.
almoço (refeição) e **almoço** (verbo almoçar);
sede (vontade de beber) e **sede** (residência).

PARÔNIMOS

São palavras de significação diferente, mas de forma parecida, semelhante.
retificar e **ratificar**;
emergir e **imergir**.

Eis uma lista com alguns homônimos e parônimos:

acender = atear fogo
ascender = subir
acerca de = a respeito de, sobre
cerca de = aproximadamente
há cerca de = faz aproximadamente, existe aproximadamente, acontece aproximadamente
afim = semelhante, com afinidade
a fim de = com a finalidade de
amoral = indiferente à moral
imoral = contra a moral, libertino, devasso
apreçar = marcar o preço
apressar = acelerar
arrear = pôr arreios
arriar = abaixar
bucho = estômago de ruminantes
buxo = arbusto ornamental
caçar = abater a caça
cassar = anular
cela = aposento
sela = arreio
censo = recenseamento
senso = juízo
cessão = ato de doar
seção ou secção = corte, divisão
sessão = reunião
chá = bebida
xá = título de soberano no Oriente
chalé = casa campestre
xale = cobertura para os ombros
cheque = ordem de pagamento
xeque = lance do jogo de xadrez, contratempo
comprimento = extensão
cumprimento = saudação
concertar = harmonizar, combinar
consertar = remendar, reparar
conjetura = suposição, hipótese
conjuntura = situação, circunstância
coser = costurar
cozer = cozinhar
deferir = conceder
diferir = adiar
descrição = representação
discrição = ato de ser discreto
descriminar = inocentar
discriminar = diferençar, distinguir
despensa = compartimento
dispensa = desobrigação
despercebido = sem atenção, desatento
desapercebido = desprevenido
discente = relativo a alunos
docente = relativo a professores
emergir = vir à tona
imergir = mergulhar
emigrante = o que sai
imigrante = o que entra
eminente = nobre, alto, excelente
iminente = prestes a acontecer
esperto = ativo, inteligente, vivo
experto = perito, entendido
espiar = olhar sorrateiramente
expiar = sofrer pena ou castigo
estada = permanência de pessoa
estadia = permanência de veículo
flagrante = evidente
fragrante = aromático
fúsil = que se pode fundir
fuzil = carabina
fusível = resistência de fusibilidade calibrada
incerto = duvidoso
inserto = inserido, incluso
incipiente = iniciante
insipiente = ignorante
indefesso = incansável
indefeso = sem defesa

infligir = aplicar pena ou castigo
infringir = transgredir, violar, desrespeitar
intemerato = puro, íntegro, incorrupto
intimorato = destemido, valente, corajoso
intercessão = súplica, rogo
interse(c)ção = ponto de encontro de duas linhas
laço = laçada
lasso = cansado, frouxo
ratificar = confirmar
retificar = corrigir
soar = produzir som
suar = transpirar
sortir = abastecer
surtir = originar
sustar = suspender
suster = sustentar
tacha = brocha, pequeno prego
taxa = tributo
tachar = censurar, notar defeito em
taxar = estabelecer o preço
vultoso = volumoso
vultuoso = atacado de vultuosidade (congestão na face)

EXERCÍCIOS

1) Assinale a alternativa cujas palavras substituem adequadamente as palavras e expressões destacadas abaixo:
Passou-me **sem atenção** que a sua intenção era **estabelecer uma diferença** entre os **ignorantes** e os **valentes, corajosos**.
a) desapercebido - descriminar - incipientes - intemeratos.
b) despercebido - discriminar - insipientes - intimoratos.
c) despercebido - discriminar - insipientes - intemeratos.
D) desapercebido - descriminar - insipientes - intemeratos.
e) despercebido - discriminar - incipientes - intimoratos.

2) O apaixonado rapaz ficou **extático** diante da beleza da noiva.
A palavra destacada é sinônima de:
a) imóvel
b) admirado
c) firme
d) sem respirar
e) indiferente

3) Indique a alternativa errada:
a) As pessoas mal-educadas, sempre se dão mal com os outros.
b) Os meus ensinamentos foram mal interpretados.
c) Vivi maus momentos, naquela época.
d) Temos que esclarecer os mau-entendidos.
e) Os homens maus sempre prejudicam os bons.

4) os sinônimos de exilado, assustado, sustentar e expulsão são, respectivamente:
a) degredado, espavorido, suster e proscrição.
b) degradado, esbaforido, sustar e prescrição.
c) degredado, espavorido, sustar e proscrição.
d) degradado, esbaforido, sustar e proscrição.
e) degradado, espavorido, suster e prescrição.

5) Trate de **arrumar** o aparelho que você quebrou e **costurar** a roupa que você rasgou, **do contrário** não saíra de casa nesse final de semana.
As palavras destacadas podem ser substituídas por:
a) concertar, coser e se não.
b) consertar, coser e senão.
c) consertar, cozer e senão.
d) concertar, cozer e senão.
e) consertar, coser e se não.

6) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase abaixo:
Da mesma forma que os italianos e japoneses __________ para o Brasil no século passado, hoje os brasileiros __________ para a Europa e para o Japão, à busca de uma vida melhor; internamente, os nordestinos _________ para o Sul, pelo mesmo motivo.
a) imigraram - emigram - migram
b) migraram - imigram - emigram
c) emigraram - migram - imigram.
d) emigraram - imigram - migram.
e) imigraram - migram - emigram.

7) Há erro de grafia em:
a) Eucláudia trabalha na seção de roupas.
b) Hoje haverá uma sessão extraordinária na Câmara de Vereadores.
c) O prefeito da cidade resolveu fazer a cessão de seus rendimentos à creche municipal.
d) Voto 48ª sessão, da 191ª zona eleitoral.
e) Ontem, fui ao cinema na sessão das dez.

8) Assinale a letra que preenche corretamente as lacunas das frases apresentadas.
A ____________ da greve era _________, mas o líder dos trabalhadores iria ____________ o aumento mais uma vez.
a) deflagração - eminente - reivindicar.
b) defragração - iminente - reinvidicar.
c) deflagração - iminente - reivindicar.
d) defragração - eminente - reinvindicar.
e) defragração - eminente - reivindicar

9) Assinale a letra que preenche corretamente as lacunas das frases apresentadas.
Apesar de ________ em mecânica de automóveis, ele foi ________ de ___________, pois não conseguiu diagnosticar o problema no motor do carro do diretor.
a) esperto - tachado - incipiente.
b) experto - tachado - insipiente.
c) experto - taxado - insipiente.
d) esperto - taxado - incipiente.
e) esperto - taxado - incipiente.

10) Assinale a letra que preenche corretamente as lacunas das frases apresentadas.
O ladrão foi pego em __________, quando tentava levar ________ quantia, devido a uma ________ de caminhões bem em frente ao banco.
a) flagrante - vultosa - coalizão.
b) fragrante - vultuosa - colisão.
c) flagrante - vultosa - colisão.
d) fragrante - vultuosa - coalizão.
e) flagrante - vultuosa - coalizão.

11) Assinale a letra que preenche corretamente as lacunas das frases apresentadas.
O rapaz que se sentiu _____________ pela diretora do colégio fez uma ________ até Brasília para tentar __________ uma pena a ela.
a) descriminado - viajem - inflingir.
b) discriminado - viagem - infligir.
c) discriminado - viajem - infringir.
d) descriminado - viagem - infligir.
e) discrimando - viagem - infringir.

12) Assinale a letra que preenche corretamente as lacunas das frases apresentadas.
___________, a verdade ________, e, apesar de todos os protestos dos deputados, o _________ governador _______ os direitos do secretário.
a) De repente - emergiu - iminente - cassou.
b) Derrepente - imergiu - iminente - caçou.
c) De repente - emergiu - eminente - cassou.
d) De repente - imergiu - eminente - caçou.
e) Derrepente - emergiu - iminente - cassou.

Respostas
1) B 2) B 3) D 4) A 5) B 6) A 7) D 8) C 9) D 10) C 11) B 12) C

Hífen

Observe o quadro abaixo, quanto aos usos do hífen:

Prefixos e Radicais	Com hífen	Exemplos
Proto - Auto Semi - Supra	Antes de	**proto-histórico, protogaláxia, auto-retrato, autocolante, semi-reta, semibárbaro, supra-hepático, supracitado, extra-**

Extra - Pseudo Infra - Neo Intra - Contra Ultra	**H - R - S e Vogal**	**oficial, extracelular, pseudo-sábio, pseudocaule, infra-escrito, infracitado, neo-humanismo, neobarroco, intra-ocular, intracardíaco, contra-senso, contradeclarar, ultra-realismo, ultrabásico**
Ante - Anti Sobre - Arqui	Antes de **H - R e S**	**ante-sala, antebraço, anti-reumático, antiabortivo, sobre-humano, sobreexcelente, arqui-rival, arquiavô.**
Super - Hiper - Inter	Antes de **H e R**	**super-homem, superabundante, hiper-hidrose, hiperacidez, inter-regional, interacadêmico.**
Pan - Mal	Antes de **H e Vogal**	**super-homem, superabundante, hiper-hidrose, hiperacidez, inter-regional, interacadêmico.**
Circum	Antes de **Vogal**	**Circum-adjacente, circumpolar.**
sem, pré, pára, co, grão, bem, além.	**sempre**	**sem-vergonha, sem-cerimônia, pré-vestibular, pré-adolescente, pára-choque, pára-quedista, co-autor, co-editor, grão-mestre,grão-duque, bem-ajambrado, bem-vindo, além-túmulo, além-país.**
ad - ab - ob - sob	Antes de **R**	**ad-rogar, adjunto, ab-rogar, ablocar, ob-repção, sob-roda, sobpor.**
sub	Antes de **R e B** **Obs: Antes de H é facultativo**	**sub- reitor,** **sub-reitor, subchefe, sub-bibliotecário.** **sub-humano ou subumano.**
aquém, ex, pós, pró, grã, recém.	**sempre**	**aquém- fronteiras, ex-namorado, pós-graduação, pró-paz, grã-duquesa,** **recém-casado.**

Exceções

extraordinário, sobressair, sobressalente, sobressaltar,
predefinir, predeterminado, predispor, predizer, preexistir.

EXERCÍCIOS

01) Assinale a alternativa contendo todos os vocábulos grafados corretamente:
a) amor-perfeito, porto-alegrense, cupu-açu
b) ultra-leve, infra-estrutura, anti-ácido
c) inter-social, pan-americano, ad-renal
d) sub-raça, sub-base, pára-raios
e) bem-vindo, inter-regno, retro-atividade

02) Assinale a alternativa correta:
a) ab-rogar, bi-campeão, cis-platino, dermatomicose
b) extra-oficial, hiper-rigoroso, infra-vermelho, macro-fotografia
c) neo-asiático, neo-simbolista, bi-focal, sub-diretor
d) pan-americano, pára-brisa, pós-escrito, pré-universitário

03) Dadas as palavras:
1) pão duro
2) copo de leite
3) Sub raça

Constatamos que o hífen é obrigatório**:**

a) apenas da palavra do nº 1
b) apenas na palavra do nº 2
c) apenas na palavra do nº 3
d) em todas as palavras

04) Assinale o correto:
a) autocrítica, contramestre, extra-oficial
b) infra-assinado, infravermelho, proto-mártir
c) semi-círculo, semi-internato, super-visão
d) superelegante, ante-datar, anti-alérgico

05) Em qual das alternativas todos os vocábulos estão grafados corretamente:
a) vitória-régia, proto-mártir, buscapé
b) recém-nascido, grã-fino, neo-latino
c) extra-terrestre, anti-tóxico, sub-solo
d) benvindo, contrasenso, anti-aéreo
d) teleobjetiva, tetracampeão, multissecular

06) Assinale o item em que o hífen foi empregado de acordo com as normas vigentes:
a) pré-universitário, psico-biologia, radio-foto
b) semi-breve, socio-psicologia, ultra-violeta
c) auto-crítica, anti-higiênico, proto-histórico
d) super-potência, semi-analfabeto, extra-ordinário

07) Assinale a única forma correta:
a) sub-chefe
b) sub-entendido
c) sub-desenvolvido
d) sub-reptício
e) sub-limiar

08) Marque a alternativa em que todos os vocábulos foram grafados incorretamente:
a) geo-física, áudio-visual, pseudo-artista
b) vagalume, estrada-de-ferrro, buscapé
c) micro-organismo, supersônico, turbo-hélice
d) jacaré-açu, panamericano, subchefe
e) sub-delegado, conta-dança, anti-rábica

09) Assinale a alternativa com um único erro:
a) pára-quedismo, antiácido, para-militar
b) passatempo, sobremesa, vaivém
c) super-sensível, suprarrenal, benvindo
d) bem-amado, sanguessuga, ziguezague
e) minissaia, socioeconômico, gastrenterologia

10) Assinale a alternativa errada:
a) Pelo inter-fone ele me comunicou bem-humorado que estava Fazendo uma super-alimentação
b) Nas circunvizinhanças há uma casa mal-assombrada
c) Depois de comer a sobrecoxa, tomou um atiácido
d) Nossos antepassados realizaram vários enteprojetos
e) O autodidata fez uma auto-análise

11) Assinale a única alternativa sem incorreções:
a) alça-pão, água-rás, mal-me-quer
b) mal-humorado, circum-lóquio, auto-retrato
c) bem-me-quer, mandachuva, louvadeus
d) intermural, infravermelho, antiinflamatório
e) intrauterino auto-biografia, contra-senso

Respostas Sobre o Emprego do Hífen

01. D
02. D
03. C
04. A
05. E
06. B
07. D
08. B
09. A
10. A
11. D

Usos do porquê

Há quatro maneiras de se escrever o porquê: porquê, porque, por que e por quê. Vejamo-las:

Porquê

É um **substantivo**, por isso somente poderá ser utilizado, quando for precedido de artigo (o, os), pronome adjetivo **(meu(s), este(s), esse(s), aquele(s), quantos(s)...)** ou numeral (um, dois, três, quatro)
Ex.

- Ninguém entende o porquê de tanta confusão.
- Este porquê é um substantivo.
- Quantos porquês existem na Língua Portuguesa?
- Existem quatro porquês.

Por quê

Sempre que a palavra **que** estiver em final de frase, deverá receber acento, não importando qual seja o elemento que surja antes dela.
Ex.

- Ela não me ligou e nem disse por quê.
- Você está rindo de quê?
- Você veio aqui para quê?

Por que

Usa-se **por que**, quando houver a junção da preposição **por** com o pronome interrogativo **que** ou com o pronome relativo que. Para facilitar, dizemos que se pode substituí- lo por **por qual razão, pelo qual, pela qual, pelos quais, pelas quais, por qual**.
Ex.

- Por que não me disse a verdade? = por qual razão
- Gostaria de saber por que não me disse a verdade. = por qual razão
- As causas por que discuti com ele são particulares. = pelas quais
- Ester é a mulher por que vivo. = pela qual

Porque

É uma **conjunção subordinativa causal** ou **conjunção subordinativa final** ou **conjunção coordenativa explicativa**, portanto estará ligando duas orações, indicando causa, explicação ou finalidade. Para facilitar, dizemos que se pode substituí-lo por **já que, pois** ou **a fim de que**.
Ex.

- Não saí de casa, porque estava doente. = já que
- É uma conjunção, porque liga duas orações. = pois
- Estudem, porque aprendam. = a fim de que

EXERCÍCIOS

Preencha as lacunas, usando o seguinte código:

a) por que
b) por quê
c) porquê
d) porque

01) (   ) Quer dizer que você não vai mesmo conosco, ____________?
02) (   ) Não entendo o _____________ de suas atitudes.
03) (   ) Você sabe ____________ ela não passou no concurso.
04) (   ) Não fuja, ____________ toda fuga é fraqueza.
05) (   ) Os maus momentos __________ passaste serão inesquecíveis

06) ( ) Os amigos, não sei _________, foram sumindo um a um.
07) ( ) Agora entendo ______votaste no "homem"...
08) ( ) Menina apaixonada chora sem saber ___________
09) ( ) _______não tinha sono, fiquei na sala assistindo ao jogo
10) ( ) Qual seria a razão _______ concordaram tão facilmente?

11) Assinale a alternativa incorreta:
a) Não quero mais saber por que motivo não me amas
b) Se não me amas, quero saber porquê
c) Se não me amas, quero saber o porquê
d) Não me amas porque não te amo?

12) Qual é a incorreta?
a) Quero saber o porquê desta briga.
b) Ainda saberás porque saí do país
c) Estudamos sem saber por quê
d) Rápida foi a crise por que passou

13) Assinale a alternativa correta:
a) A criança sempre indaga o porquê das coisas
b) Conheço o livro porque te orientaste
c) Sei porquê você faltou às aulas
d) Chegaste só agora, por que?

14) Há uma alternativa incorreta, assinale-a:
a) Aquela foi a razão por que tive o pesadelo
b) Faça os exercícios, porque só assim se aprende
c) Não sei porque não ficas mais um pouquinho.
d) Porque você fez tudo errado, não o considero eficiente

15) Escolha a alternativa que complete corretamente as lacunas:
Descobri o motivo ________ ele não veio. Não veio ______teve problemas lá.
a) porquê – por quê
b) porque - porque
c) por que – por quê
d) por que - porque

16) Idem ao anterior:
Se você me disser o __________ disso, entenderei,_________ não sou tolo.
a) porquê- porque
b) por que - porque
c) por quê – por quê
d) porque – por que

17) Indique a alternativa correta:
a) Vim por que quero lutar
b) Diga-me o por que da sua luta
c) Afinal, por que você luta?
d) Eu sei porque você quer lutar

18) Assinale o incorreto:
a) Trabalho muito porque preciso
b) Trabalhas tanto, por quê?
c) Você precisa saber o porque disso
d) Falei dele porque o conheço

19) Assinale a alternativa correta:
a) Os caminhos por que vim são estes
b) O estudo é o caminho porque se deve trilhar
c) Alguns vencem por que lutam mais
d) Não sei porque você está nervoso

20) Incorreta:
a) Nunca lhes revelarei as razões por que tudo começou
b) Diga-me: por que você faltou?
c) Alguns chateiam por que gostam
d) Porque é estudioso e dedicado, o menino se destaca no colégio

21) Assinale a alternativa incorreta:
a) Ela ri e sabe por quê
b) Cada um ri porque gosta de rir
c) Você sabe por que ela ri?
d) Os motivos porque ela ri são mesmo estranhos

22) Assinale a alternativa correta:
a) Essas são as dificuldades porque passei
b) No momento, porque assuntos você se interessa?
c) Estava preocupado com o porquê da questão
d) Todos reclamam sem saber porquê

23) Assinale a alternativa que apresenta erro:
a) Leio revistas e jornais, porque desejo estar sempre informado
b) Gostaria de rever os lugares por que andei ultimamente
c) Não sei por que desistes com tanta facilidade
d) você não apresentou o resultado, por que?

24) Assinale a alternativa onde a palavra "QUE" está grafada incorretamente:
a) Quê! Você ainda não tomou banho?
b) Depois do banho ficou com um quê irresistível
c) Quê beleza! Acertei tudo
d) Você vive de quê? De brisa?

25) Preenchendo as lacunas com "QUE", em qual alternativa esse "QUE" levaria acento circunflexo por ser monossílabo tônico?
a) Mas ___________ lindo carro você comprou!
b) O novo diretor tem um ________ estranho.
c) Eis a aula de __________ mais gosto.
d) Por _____ você saiu?

Respostas Sobre a Palavra "Porquê"

01. B
02. C
03. A
04. D
05. A
06. B
07. A
08. B
09. D
10. A
11. B
12. B
13. A
14. C
15. D
16. A
17. C
18. C
19. A
20. C
21. D
22. C
23. D
24. C
25. B

Estrutura das Palavras

Estudar a estrutura das palavras é estudar os elementos que formam a palavra, denominados de morfemas. São os seguintes os **morfemas** da Língua Portuguesa.

Radical

O que contém o sentido básico do vocábulo. Aquilo que permanecer intacto, quando a palavra for modificada.

Ex. **fal**ar, **com**er, **dorm**ir, **cas**a, **carr**o.

Obs: Em se tratando de verbos, descobre-se o radical, retirando-se a terminação **AR, ER** ou **IR**.

Vogal Temática

Nos verbos, são as vogais **A, E** e **I**, presentes à terminação verbal. Elas indicam a que conjugação o verbo pertence:

- 1ª conjugação = Verbos terminados em **AR**.
- 2ª conjugação = Verbos terminados em **ER**.
- 3ª conjugação = Verbos terminados em **IR**.

Obs.: O verbo **pôr** pertence à 2ª conjugação, já que proveio do antigo verbo **poer**.

Nos substantivos e adjetivos, são as vogais **A, E, I, O** e **U**, no final da palavra, evitando que ela termine em consoante. Por exemplo, nas palavras **meia, pente, táxi, couro, urubu**.

* Cuidado para não confundir vogal temática de substantivo e adjetivo com desinência nominal de gênero, que estudaremos mais à frente.

Tema

É a junção do **radical** com a **vogal temática**. Se não existir a vogal temática, o tema e o radical serão o mesmo elemento; o mesmo acontecerá, quando o radical for terminado em vogal. Por exemplo, em se tratando de verbo, o tema sempre será a soma do radical com a vogal temática **- estuda, come, parti**; em se tratando de substantivos e adjetivos, nem sempre isso acontecerá. Vejamos alguns exemplos: No substantivo **pasta, past** é o radical, **a**, a vogal temática, e **pasta** o tema; já na palavra **leal**, o radical e o tema são o mesmo elemento - **leal**, pois não há vogal temática; e na palavra **tatu** também, mas agora, porque o radical é terminado pela vogal temática.

Desinências

É a terminação das palavras, flexionadas ou variáveis, posposta ao radical, com o intuito de modificá-las. Modificamos os verbos, conjugando-os; modificamos os substantivos e os adjetivos em gênero e número. Existem dois tipos de desinências:

Desinências verbais

Modo-temporais = indicam o tempo e o modo. São quatro as desinências modo-temporais:

-va- e **-ia-**, para o Pretérito Imperfeito do Indicativo = **estudava, vendia, partia**.

-ra-, para o Pretérito Mais-que-perfeito do Indicativo = **estudara, vendera, partira**.

-ria-, para o Futuro do Pretérito do Indicativo = **estudaria, venderia, partiria**.

-sse-, para o Pretérito Imperfeito do Subjuntivo = **estudasse, vendesse, partisse**.

Número-pessoais = indicam a pessoa e o número. São três os grupos das desinências número-pessoais.

Grupo I: **i, ste, u, mos, stes, ram**, para o Pretérito Perfeito do Indicativo = **eu cantei, tu cantaste, ele cantou, nós cantamos, vós cantastes, eles cantaram**.

Grupo II: **-, es, -, mos, des, em**, para o Infinitivo Pessoal e para o Futuro do Subjuntivo = Era para **eu cantar, tu cantares, ele cantar, nós cantarmos, vós cantardes, eles cantarem**. Quando **eu puser, tu puseres, ele puser, nós pusermos, vós puserdes, eles puserem**.

Grupo III: **-, s, -, mos, is, m**, para todos os outros tempos = **eu canto, tu cantas, ele canta, nós cantamos, vós cantais, eles cantam**.

Desinências nominais

de gênero = indica o gênero da palavra. A palavra terá desinência nominal de gênero, quando houver a oposição masculino - feminino. Por exemplo: **cabeleireiro - cabeleireira**. A vogal **a** será desinência nominal de gênero sempre que indicar o feminino de uma palavra, mesmo que o masculino não seja terminado em **o**. Por exemplo: **crua, ela, traidora**.

de número = indica o plural da palavra. É a letra **s**, somente quando indicar o plural da palavra. Por exemplo: **cadeiras, pedras, águas**.

Afixos: São elementos que se juntam a radicais para formar novas palavras. São eles:

Prefixo: É o afixo que aparece antes do radical. Por exemplo **des**tampar, **in**capaz, **a**moral.

Sufixo: É o afixo que aparece depois do radical, do tema ou do infinitivo. Por exemplo pensa**mento**, acusa**ção**, feliz**mente**.

Vogais e consoantes de ligação: São vogais e consoantes que surgem entre dois morfemas, para

tornar mais fácil e agradável a pronúncia de certas palavras. Por exemplo flor**e**s, bambu**z**al, gas**ô**metro, cana**i**s.

Formação das palavras

Para analisar a formação de uma palavra, deve-se procurar a origem dela. Caso seja formada por apenas um radical, diremos que foi formada por **derivação**; por dois ou mais radicais, **composição**. São os seguintes os processos de formação de palavras: **Derivação:** Formação de novas palavras a partir de apenas um radical.

Derivação Prefixal

Acréscimo de um prefixo à palavra primitiva; também chamado de **prefixação**. Por exemplo: **ant**epasto, **re**escrever, **in**feliz.

Derivação Sufixal

Acréscimo de um sufixo à palavra primitiva; também chamado de **sufixação**. Por exemplo: feliz**mente**, igual**dade**, flor**escer**.

Derivação Prefixal e Sufixal

Acréscimo de um prefixo e de um sufixo, em tempos diferentes; também chamado de **prefixação** e **sufixação**. Por exemplo: **in**feliz**mente**, **des**igual**dade**, **re**flor**escer**.

Derivação Parassintética

Acréscimo de um prefixo e de um sufixo, simultaneamente; também chamado de **parassíntese**. Por exemplo: **en**verniz**ar**, **e**nrij**ecer**, **a**noit**ecer**.

Obs.: A maneira mais fácil de se estabelecer a diferença entre Derivação Prefixal e Sufixal e Derivação Parassintética é a seguinte: retira-se o prefixo; se a palavra que sobrou existir, será Der. Pref. e Suf.; caso contrário, retira-se, agora, o sufixo; se a palavra que sobrou existir, será Der. Pref. e Suf.; caso contrário, será Der. Parassintética. Por exemplo, retire o prefixo de envernizar: não existe a palavra vernizar; agora, retire o sufixo: também não existe a palavra enverniz. Portanto, a palavra foi formada por Parassíntese.

Derivação Regressiva

É a retirada da parte final da palavra primitiva, obtendo, por essa redução, a palavra derivada. Por exemplo: do verbo **debater**, retira-se a desinência de infinitivo -r: formou-se o substantivo **debate**.

Derivação Imprópria

É a formação de uma nova palavra pela mudança de classe gramatical. Por exemplo: a palavra **gelo** é um substantivo, mas pode ser transformada em um adjetivo: **camisa gelo**.

Composição

Formação de novas palavras a partir de dois ou mais radicais.

Composição por justaposição

Na união, os radicais não sofrem qualquer alteração em sua estrutura. Por exemplo: ao se unirem os radicais **ponta** e **pé**, obtém-se a palavra **pontapé**. O mesmo ocorre com **mandachuva, passatempo, guarda-pó**.

Composição por aglutinação

Na união, pelo menos um dos radicais sofre alteração em sua estrutura. Por exemplo: ao se unirem os radicais **água** e **ardente**, obtém-se a palavra aguardente, com o desaparecimento do **a**. O mesmo acontece com **embora** (em boa hora), **planalto** (plano alto).

Hibridismo

É a formação de novas palavras a partir da união de radicais de idiomas diferentes. Por exemplo: **automóvel, sociologia, sambódromo, burocracia**.

Onomatopéia

Consiste em criar palavras, tentando imitar sons da natureza. Por exemplo: **zunzum, cricri, tique-taque, pingue-pongue**.

Abreviação Vocabular

Consiste na eliminação de um segmento da palavra, a fim de se obter uma forma mais curta. Por exemplo: de **extraordinário** forma-se **extra**; de **telefone**, **fone**; de **fotografia**, **foto**; de **cinematografia**, **cinema ou cine**.

Siglas

As siglas são formadas pela combinação das letras iniciais de uma seqüência de palavras que constitui um nome: Por exemplo: **IBGE** (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística); **IPTU** (Imposto Predial, Territorial e Urbano).

Neologismo semântico

Forma-se uma palavra por neologismo semântico, quando se dá um novo significado, somado ao que já existe. Por exemplo, a palavra **legal** significa **dentro da lei**; a esse significado somamos outro: **pessoa boa, pessoa legal**.

Empréstimo lingüístico

É o aportuguesamento de palavras estrangeiras; se a grafia da palavra não se modifica, ela deve ser escrita entre aspas. Por exemplo: **estresse, estande, futebol, bife, "show", xampu, "shopping center"**.

EXERCÍCIOS

Estrutura e Formação de Palavras

1- Os elementos mórficos sublinhados estão corretamente classificados nos parênteses, exceto em:
a) aluna (desinência de gênero);
b) estudássemos (desinência modo-temporal);
c) reanimava (desinência número-pessoal);
d) deslealdade (sufixo);
e) agitar (vogal temática).

2- Tendo em vista o processo de formação de palavras, não é exemplo de hibridismo:
a) automóvel;
b) sociologia;
c) alcoômetro;
d) burocracia;
e) biblioteca.

3-(AL) Tendo em vista a estrutura das palavras, o elemento sublinhado está incorretamente classificado nos parênteses em:
a) velha (desinência de gênero);
b) legalidade (vogal de ligação);
c) perdeu (tema);
d) organizara (desinência modo-temporal);
e) testemunhei (desinência número-pessoal).

4- O processo de formação da palavra sublinhada está incorretamente indicado nos parênteses em:
a) Só não foi necessário o ataque porque a vitória estava garantida. (derivação parassintética);
b) O castigo veio tão logo se receberam as notícias. (derivação regressiva);
c) Foram muito infelizes as observações feitas durante o comício. (derivação prefixal);
d) Diziam que o vendedor seria capaz de fugir. (derivação sufixal);
e) O homem ficou boquiaberto com as nossas respostas. (composição por aglutinação).

5- Tendo em vista o processo de formação de palavra, todos os vocábulos abaixo são parassintéticos, exceto:
a) entardecer;
b) despedaçar;
c) emudecer;
d) esfarelar;
e) negociar.

6- É exemplo de palavra formada por derivação parassintética:
a) pernalta;
b) passatempo;
c) pontiagudo;
d) vidraceiro;
e) anoitecer.

7- Todas as palavras abaixo são formadas por derivação, exceto:
a) esburacar;
b) pontiagudo;
c) rouparia;
d) ilegível;
e) dissílabo.

8- "Achava natural que as gentilezas da esposa chegassem a cativar um homem". Os elementos constitutivos da forma verbal grifada estão analisados corretamente, exceto:
a) CHEG - radical;
b) A - vogal temática;
c) CHEGA - tema;
d) SSE - sufixo formador de verbo;
e) M - desinência número-pessoal.

9- O elemento mórfico sublinhado não é desinência de gênero, que marca o feminino, em:
a) tristonha;
b) mestra;
c) telefonema;
d) perdedoras;
e) loba.

10- A afirmativa a respeito do processo de formação de palavras não está correta em:
a) Choro e castigo originaram-se de chorar e castigar, através de derivação regressiva;
b) Esvoaçar é formada por derivação sufixal com sufixo verbal freqüentativo;
c) O amanhã não pode ver ninguém bem. - a palavra sublinhada surgiu por derivação imprópria;
d) Petróleo e hidrelétrico são formadas através de composição por aglutinação;
e) Pólio, extra e moto são obtidas por redução.

11- O processo de formação de palavras é o mesmo em:
a) desfazer, remexer, a desocupação;
b) dureza, carpinteiro, o trabalho;
c) enterrado, desalmado, entortada;
d) machado, arredondado, estragado;
e) estragar, o olho, o sustento.

12- O processo de formação da palavra amaciar está corretamente indicado em:
a) parassíntese;
b) sufixação;
c) prefixação;
d) aglutinação;
e) justaposição.

13- O processo de formação das palavras grifadas não está corretamente indicado em:
a) As grandes decisões saem do Planalto. (composição por justaposição);
b) Sinto saudades do meu bisavô. (derivação prefixal);
c) A pesca da baleia deveria ser proibida. (derivação regressiva);
d) Procuremos regularmente o dentista. (derivação sufixal);
e) As dificuldades de hoje tornam o homem desalmado. (derivação parassintética).

14- O processo de formação de palavras está indicado corretamente em:
a) Barbeado: derivação prefixal e sufixal;

b) Desconexo: derivação prefixal;
c) Enrijecer: derivação sufixal;
d) Passatempo: composição por aglutinação;
e) Pernilongo: composição por justaposição.

15- Apenas um dos itens abaixo contém palavra que não é formada por prefixação. Assinale-o:
a) anômalo e analfabeto;
b) átono e acéfalo;
c) ateu e anarquia;
d) anônimo e anêmico;
e) anidro e alma.

16- Em que alternativa a palavra grifada resulta em derivação imprópria?
a) "De repente, do riso fez-se o pranto / Silencioso e branco como a bruma / E das bocas fez-se a espuma / E das mãos espalmadas fez-se o espanto." (Vinícius de Moraes);
b) "Agora, o cheiro áspero das flores / leva-me os olhos por dentro de suas pétalas."(Cecília Meireles);
c) "Um gosto de amora / Comida com sal. A vida / Chamava-se "Agora"." (Guilherme de Almeida);
d) "A saudade abraçou-me, tão sincera, / soluçando no adeus de nunca mais. / A ambição de olhar verde, junto ao cais, / me disse: vai que eu fico à tua espera." (Cassiano Ricardo).

17- Marque a opção em que todas as palavras possuem um mesmo radical:
a) batista - batismo - batistério - batisfera - batiscafo;
b) triforme - triângulo - tricologia - tricípite - triglota;
c) poligamia - poliglota - polígono - política - polinésio;
d) operário - opereta - opúsculo - obra - operação;
e) gineceu - ginecologia - ginecofobia - ginostênio - gimnosperma.

18- Com relação ao seguinte poema, é CORRETO afirmar que:
Neologismo
"Beijo pouco, falo menos ainda. / Mas invento palavras / Que traduzem a ternura mais funda / E mais cotidiana. / Inventei, por exemplo, o verbo teadorar. / Intransitivo: / Teadoro, Teodora." (Manuel Bandeira)

a) o verbo "teadorar" e o substantivo próprio "Teodora" são palavras cognatas, pois possuem o mesmo radical;
b) as classes das palavras que compõem a estrutura do vocábulo "teadorar" são pronome e verbo;
c) o verbo "teadorar", por se tratar de um neologismo, não possui morfemas;
d) a vogal temática dos verbos "beijo", "falo", "invento" e "teadoro" é a mesma, ou seja, "o".

19- Está INCORRETO afirmar que:
a) malcheiroso é formada por prefixação e sufixação;
b) televisão é formada por prefixação que significa ao longe;
c) folhagem é formada por derivação sufixal que significa noção coletiva;
d) em amado e malcheiroso, ambos os sufixos significam provido ou cheio de.

20- Farejando apresenta em sua estrutura:
a) radical farej - vogal temática a - tema fareja - desinência ndo;
b) radical far - tema farej - vogal temática e - desinência ndo;
c) radical fareja - vogal temática a - sufixo ndo;
d) tema farej - radical fareja - sufixo ndo.

Respostas

1- C
2- E
3- C
4- A
5- E
6- E
7- B
8- D
9- C
10-B
11-C
12-A
13-A
14-B
15-E
16-D
17-D
18-B
19-B
20-A

Substantivo

Substantivo é tudo o que nomeia as "coisas" em geral.

Substantivo é tudo o que pode ser visto, pego ou sentido.

Substantivo é tudo o que pode ser precedido de artigo .

Classificação e Formação

Substantivo Comum

Substantivo comum é aquele que designa os seres de uma espécie de forma genérica. Por exemplo **pedra, computador, cachorro, homem, caderno**.

Substantivo Próprio

Substantivo próprio é aquele que designa um ser específico, determinado, individualizando-o. Por exemplo **Maxi, Londrina, Dílson, Ester**. O substantivo próprio sempre deve ser escrito com letra maiúscula.

Substantivo Concreto

Substantivo concreto é aquele que designa seres que existem por si só ou apresentam-se em nossa imaginação como se existissem por si. Por exemplo **ar, som, Deus, computador, pedra, Ester**.

Substantivo Abstrato

Substantivo abstrato é aquele que designa **prática de ações verbais, existência de qualidades ou sentimentos humanos**. Por exemplo **saída** (prática de sair), **beleza** (existência do belo), **saudade**.

Formação dos substantivos

Os substantivos, quanto à sua formação, podem ser:

Substantivo Primitivo

É primitivo o substantivo que não se origina de outra palavra existente na língua portuguesa. Por exemplo **pedra, jornal, gato, homem**.

Substantivo Derivado

É derivado o substantivo que provém de outra palavra da língua portuguesa. Por exemplo **pedreiro, jornalista, gatarrão, homúnculo**.

Substantivo Simples

É simples o substantivo formado por um único radical. Por exemplo **pedra, pedreiro, jornal, jornalista**.

Substantivo Composto

É composto o substantivo formado por dois ou mais radicais. Por exemplo **pedra-sabão, homem-rã, passatempo**.

Substantivo Coletivo

Substantivo Coletivo

É coletivo o substantivo no singular que indica diversos elementos de uma mesma espécie.

- **abelha** - enxame, cortiço, colméia
- **acompanhante** - comitiva, cortejo, séqüito
- **alho** - (quando entrelaçados) réstia, enfiada, cambada
- **aluno** - classe
- **amigo** - (quando em assembléia) tertúlia
- **animal** - em geral = piara, pandilha, todos de uma região = fauna; manada de cavalgaduras = récua, récova; de carga = tropa; de carga, menos de 10 = lote; de raça, para reprodução = plantel; ferozes ou selvagens = alcatéia
- **anjo** - chusma, coro, falange, legião, teoria
- **apetrecho** - (quando de profissionais) ferramenta, instrumental
- **aplaudidor** - (quando pagos) claque

- **argumento** - carrada, monte, montão, multidão
- **arma** - (quando tomadas dos inimigos) troféu
- **arroz** - batelada
- **artigo** - (quando heterogêneo) mixórdia
- **artista** - (quando trabalham juntos) companhia, elenco
- **árvore** - quando em linha = alameda, carreira, rua, souto; quando constituem maciço = arvoredo, bosque; quando altas, de troncos retos a aparentar parque artificial = malhada
- **asneira** - acervo, chorrilho, enfiada, monte
- **asno** - manada, récova, récua
- **assassino** - choldra, choldraboldra
- **assistente** - assistência
- **astro** - (quando reunidos a outros do mesmo grupo) constelação
- **ator** - elenco
- **autógrafo** - (quando em lista especial de coleção) álbum
- **ave** - (quando em grande quantidade) bando, nuvem
- **aviã**o - esquadrão, esquadria, flotilha
- **bala** - saraiva, saraivada
- **bandoleiro** - caterva, corja, horda, malta, súcia, turba
- **bêbado** - corja, súcia, farândola
- **boi** - boiada, abesana, armento, cingel, jugada, jugo, junta, manada, rebanho, tropa
- **bomba** - bateria
- **borboleta** - boana, panapaná
- **botã**o - de qualquer peça de vestuário = abotoadura; quando em fileira = carreira
- **burro** - em geral = lote, manada, récua, tropa; quando carregado = comboio
- **cabelo** - em geral = chumaço, guedelha, madeixa; conforme a separação = marrafa, trança
- **cabo** - cordame, cordoalha, enxárcia
- **cabra** - fato, malhada, rebanho
- **cadeira** - (quando dispostas em linha) carreira, fileira, linha, renque
- **cálice** - baixela
- **camelo** - (quando em comboio) cáfila
- **caminhão** - frota
- **canção** - quando reunidas em livro = cancioneiro; quando populares de uma região = folclore
- **canhão** - bateria
- **cantilena** - salsada
- **cão** - adua, cainçalha, canzoada, chusma, matilha
- **capim** - feixe, braçada, paveia
- **cardea**l - (em geral) sacro colégio, (quando reunidos para a eleição do papa) conclave, (quando reunidos sob a direção do papa) consistório
- **carneiro** - chafardel, grei, malhada, oviário, rebanho
- **carro** - quando unidos para o mesmo destino = comboio, composição; quando em desfile = corso
- **carta** - em geral = correspondência; quando manuscritas em forma de livro = cartapácio; quando geográficas = atlas
- **casa** - (quando unidas em forma de quadrados) quarteirão, quadra.
- **cavaleiro** - cavalgada, cavalhada, tropel
- **cavalgadura** - cáfila, manada, piara, récova, récua, tropa, tropilha
- **cavalo** - manada, tropa
- **cebola** - (quando entrelaçadas pelas hastes) cambada, enfiada, réstia
- **chave** - (quando num cordel ou argola) molho (mó), penca
- **célula** - (quando diferenciadas igualmente) tecido
- **cereal** - em geral = fartadela, fartão, fartura; quando em feixes = meda, moréia
- **cigano** - bando, cabilda, pandilha
- **cliente** - clientela, freguesia
- **coisa** - em geral = coisada, coisarada, ajuntamento, chusma, coleção, cópia, enfiada; quando antigas e em coleção ordenada = museu; quando em lista de anotação = rol, relação; em quantidade que se pode abranger com os braços = braçada; quando em série = seqüência, série, seqüela, coleção; quando reunidas e sobrepostas = monte, montão, cúmulo
- **copo** - baixela
- **corda** - (em geral) cordoalha, (quando no mesmo liame) maço, (de navio) enxárcia, cordame, massame, cordagem
- **correia** - (em geral) correame, (de montaria) apeiragem
- **credor** - junta, assembléia
- **crença** - (quando populares) folclore
- **crente** - grei, rebanho
- **depredador** - horda
- **deputado** - (quando oficialmente reunidos) câmara, assembléia
- **desordeiro** - caterva, corja, malta, pandilha, súcia, troça, turba
- **diabo** - legião

- **dinheiro** - bolada, bolaço, disparate
- **disco** - discoteca
- **disparate** - apontoado
- **doze** - (coisas ou animais) dúzia
- **elefante** - manada
- **empregado** - (quando de firma ou repartição) pessoal
- **escola** - (quando de curso superior) universidade
- **escravo** - (quando da mesma morada) senzala, (quando para o mesmo destino) comboio, (quando aglomerados) bando
- **escrito** - (quando em homenagem a homem ilustre) poliantéia, (quando literários) analectos, antologia, coletânea, crestomatia, espicilégio, florilégio, seleta
- **espectador** - (em geral) assistência, auditório, concorrência, (quando contratados para aplaudir) claque
- **espiga** - (quando atadas) amarrilho, arregaçada, atado, atilho, braçada, fascal, feixe, gavela, lio, molho, paveia
- **estaca** - (quando fincadas em forma de cerca) paliçada
- **estado** - (quando unidos em nação) federação, confederação, república
- **estampa** - (quando selecionadas) iconoteca, (quando explicativas) atlas
- **estrela** - (quando cientificamente agrupadas) constelação, (quando em quantidade) acervo, (quando em grande quantidade) miríade
- **estudante** - (quando da mesma escola) classe, turma, (quando em grupo cantam ou tocam) estudantina, (quando em excursão dão concertos) tuna, (quando vivem na mesma casa) república
- **facínora** - caterva, horda, leva, súcia
- **feijão** - (quando comerciáveis) batelada, partida
- **feiticeiro** - (quando em assembléia secreta) conciliábulo
- **feno** - braçada, braçado
- **filhote** - (quando nascidos de uma só vez) ninhada
- **film**e - filmoteca, cinemoteca
- **fio** - (quando dobrado) meada, mecha, (quando metálicos e reunidos em feixe) cabo
- **flecha** - (quando caem do ar, em porção) saraiva, saraivada
- **flor** - (quando atadas) antologia, arregaçada, braçada, fascículo, feixe, festão, capela, grinalda, ramalhete, buquê, (quando no mesmo pedúnculo) cacho
- **foguete** - (quando agrupados em roda ou num travessão) girândola
- **força naval** - armada
- **força terrestre** - exército
- **formiga** - cordão, correição, formigueiro
- **frade** - (quando ao local em que moram) comunidade, convento, (quanto ao fundador ou quanto às regras que obedecem) ordem
- **frase** - (quando desconexas) apontoado
- **freguês** - clientela, freguesia
- **fruta** - (quando ligadas ao mesmo pedúnculo) cacho, (quanto à totalidade das colhidas num ano) colheita, safra
- **fumo** - malhada
- **gafanhoto** - nuvem, praga
- **garoto** - cambada, bando, chusma
- **gato** - cambada, gatarrada, gataria
- **gente** - (em geral) chusma, grupo, multidão, (quando indivíduos reles) magote, patuléia, poviléu
- **grão** - manípulo, manelo, manhuço, manojo, manolho, maunça, mão, punhado
- **graveto** - (quando amarrados) feixe
- **gravura** - (quando selecionadas) iconoteca
- **habitant**e - (em geral) povo, população, (quando de aldeia, de lugarejo) povoação
- **herói** - falange
- **hiena** - alcatéia
- **hino** - hinário
- **ilha** - arquipélago
- **imigrante** - (quando em trânsito) leva, (quando radicados) colônia
- **índio** - (quando formam bando) maloca, (quando em nação) tribo
- **instrument**o - (quando em coleção ou série) jogo, (quando cirúrgicos) aparelho, (quando de artes e ofícios) ferramenta, (quando de trabalho grosseiro, modesto) tralha
- **inseto** - (quando nocivos) praga, (quando em grande quantidade) miríade, nuvem, (quando se deslocam em sucessão) correição
- **javali** - alcatéia, malhada, vara
- **jornal** - hemeroteca
- **jumento** - récova, récua
- **jurado** - júri, conselho de sentença, corpo de jurados
- **ladrão** - bando, cáfila, malta, quadrilha, tropa, pandilha
- **lâmpada** - (quando em fileira) carreira, (quando dispostas numa espécie de lustre) lampadário

- **leão** - alcatéia
- **lei** - (quando reunidas cientificamente) código, consolidação, corpo, (quando colhidas aqui e ali) compilação
- **leitão** - (quando nascidos de um só parto) leitegada
- **livro** - (quando amontoados) chusma, pilha, ruma, (quando heterogêneos) choldraboldra, salgalhada, (quando reunidos para consulta) biblioteca, (quando reunidos para venda) livraria, (quando em lista metódica) catálogo
- **lobo** - alcatéia, caterva
- **macaco** - bando, capela
- **malfeitor** - (em geral) bando, canalha, choldra, corja, hoste, joldra, malta, matilha, matula, pandilha, (quando organizados) quadrilha, seqüela, súcia, tropa
- **maltrapilho** - farândola, grupo
- **mantimento** - (em geral) sortimento, provisão, (quando em saco, em alforge) matula, farnel, (quando em cômodo especial) despensa
- **mapa** - (quando ordenados num volume) atlas, (quando selecionados) mapoteca
- **máquina** - maquinaria, maquinismo
- **marinheiro** - maruja, marinhagem, companha, equipagem, tripulação, chusma
- **médico** - (quando em conferência sobre o estado de um enfermo) junta
- **menino** - (em geral) grupo, bando, (depreciativamente) chusma, cambada
- **mentira** - (quando em seqüência) enfiada
- **mercadoria** - sortimento, provisão
- **mercenário** - mesnada
- **metal** - (quando entra na construção de uma obra ou artefato) ferragem
- **ministro** - (quando de um mesmo governo) ministério, (quando reunidos oficialmente) conselho
- **montanha** - cordilheira, serra, serrania
- **mosca** - moscaria, mosquedo
- **móvel** - mobília, aparelho, trem
- **música** - (quanto a quem a conhece) repertório
- **músico** - (quando com instrumento) banda, charanga, filarmônica, orquestra
- **nação** - (quando unidas para o mesmo fim) aliança, coligação, confederação, federação, liga, união
- **navio** - (em geral) frota, (quando de guerra) frota, flotilha, esquadra, armada, marinha, (quando reunidos para o mesmo destino) comboio
- **nome** - lista, rol
- **nota** - (na acepção de dinheiro) bolada, bolaço, maço, pacote, (na acepção de produção literária, científica) comentário
- **objeto** - V coisa
- **onda** - (quando grandes e encapeladas) marouço
- **órgão** - (quando concorrem para uma mesma função) aparelho, sistema
- **orquídea** - (quando em viveiro) orquidário
- **osso** - (em geral) ossada, ossaria, ossama, (quando de um cadáver) esqueleto
- **ouvinte** - auditório
- **ovelha** - (em geral) rebanho, grei, chafardel, malhada, oviário, (quando ainda não deram cria e nem estão prenhes) alfeire
- **ovo** - (os postos por uma ave durante certo tempo) postura, (quando no ninho) ninhada
- **padre** - clero, clerezia
- **palavra** - (em geral) vocabulário, (quando em ordem alfabética e seguida de significação) dicionário, léxico, (quando proferidas sem nexo) palavrório
- **pancada** - data
- **pantera** - alcatéia
- **papel** - (quando no mesmo liame) bloco, maço, (em sentido lato, de folhas ligadas e em sentido estrito, de 5 folhas) caderno, (5 cadernos) mão, (20 mãos) resma, (10 resmas) bala
- **parente** - (em geral) família, (em reunião) tertúlia
- **partidário** - facção, partido, torcida
- **partido** (político) - (quando unidos para um mesmo fim) coligação, aliança, coalização, liga
- **pássaro** - passaredo, passarada
- **passarinho** - nuvem, bando
- **pau** - (quando amarrados) feixe, (quando amontoados) pilha, (quando fincados ou unidos em cerca) bastida, paliçada
- **peça** - (quando devem aparecer juntas na mesa) baixela, serviço, (quando artigos comerciáveis, em volume para transporte) fardo, (em grande quantidade) magote, (quando pertencentes à artilharia) bateria, (de roupas, quando enroladas) trouxa, (quando pequenas e cosidas umas às outras para não se extraviarem na lavagem) apontoado, (quando literárias) antologia, florilégio, seleta, silva, crestomatia, coletânea, miscelânea.
- **peixe** - (em geral e quando na água) cardume, (quando miúdos) boana, (quando em viveiro) aquário, (quando em fileira) cambada, espicha, enfiada, (quando à tona) banco, manta
- **pena** - (quando de ave) plumagem
- **peregrino** - caravana, romaria, romagem

- **pérola** - (quando enfiadas em série) colar, ramal
- **pessoa** - (em geral) aglomeração, banda, bando, chusma, colméia, gente, legião, leva, maré, massa, mó, mole, multidão, pessoal, roda, rolo, troço, tropel, turba, turma, (quando reles) corja, caterva, choldra, farândola, récua, súcia, (quando em serviço, em navio ou avião) tripulação, (quando em acompanhamento solene) comitiva, cortejo, préstito, procissão, séqüito, teoria, (quando ilustres) plêiade, pugilo, punhado, (quando em promiscuidade) cortiço, (quando em passeio) caravana, (quando em assembléia popular) comício, (quando reunidas para tratar de um assunto) comissão, conselho, congresso, conclave, convênio, corporação, seminário, (quando sujeitas ao mesmo estatuto) agremiação, associação, centro, clube, grêmio, liga, sindicato, sociedade
- **pilha** - (quando elétricas) bateria
- **pinto** - (quando nascidos de uma só vez) ninhada
- **planta** - (quando frutíferas) pomar, (quando hortaliças, legumes) horta, (quando novas, para replanta) viveiro, alfobre, tabuleiro, (quando de uma região) flora, (quando secas, para classificação) herbário.
- **ponto** - (de costura) apontoado
- **porco** - (em geral) manada, persigal, piara, vara, (quando do pasto) vezeira
- **povo** - (nação) aliança, coligação, confederação, liga
- **prato** - baixela, serviço, prataria
- **prelado** - (quando em reunião oficial) sínodo
- **prisioneiro** - (quando em conjunto) leva, (quando a caminho para o mesmo destino) comboio
- **professo**r - (quando de estabelecimento primário ou secundário) corpo docente, (quando de faculdade) congregação
- **quadro** - (quando em exposição) pinacoteca, galeria
- **querubim** - coro, falange, legião
- **recipiente** - vasilhame
- **recruta** - leva, magote
- **religioso**- clero regular
- **roupa** - (quando de cama, mesa e uso pessoal) enxoval, (quando envoltas para lavagem) trouxa
- **salteador** - caterva, corja, horda, quadrilha
- **saudade** - arregaçada
- **selo** - coleção
- **serra** - (acidente geográfico) cordilheira
- **servical** - queira
- **soldado** - tropa, legião
- **trabalhador** - (quando reunidos para um trabalho braçal) rancho, (quando em trânsito) leva
- **tripulante** - equipagem, guarnição, tripulação
- **utensílio** - (quando de cozinha) bateria, trem, (quando de mesa) aparelho, baixela
- **vadio** - cambada, caterva, corja, mamparra, matula, súcia
- **vara** - (quando amarradas) feixe, ruma
- **velhaco** - súcia, velhacada

Gêneros uniforme e biforme

Os substantivos, quanto ao gênero, são **masculinos** ou **femininos**. Quanto às formas, eles podem ser:

01) Substantivos Biformes: Substantivos biformes são os que apresentam duas formas, uma para o masculino, outra para o feminino, com apenas um radical.
Ex.

- menino - menina.
- traidor - traidora.
- aluno - aluna

02) Substantivos Heterônimos: Substantivos heterônimos são os que apresentam duas formas, uma para o masculino, outra para o feminino, com dois radicais diferentes.
Ex.

- homem - mulher.
- bode - cabra.
- boi - vaca.

Substantivos Uniformes

Substantivos uniformes são os que apresentam apenas um forma, para ambos os gêneros. Os substantivos uniformes recebem nomes especiais, que são os seguintes:

Comum-de-dois

Os comuns-de-dois são os que têm uma só forma para ambos os gêneros, com artigos distintos: Eis

alguns exemplos:

- o / a estudante
- o / a imigrante
- o / a acrobata
- o / a agente
- o / a intérprete
- o / a lojista
- o / a patriota
- o / a mártir
- o / a viajante
- o / a artista
- o / a aspirante
- o / a atleta
- o / a camelô
- o / a chofer
- o / a fã
- o / a gerente
- o / a médium
- o / a porta-voz
- o / a protagonista
- o / a puxa-saco
- o / a sem-terra
- o / a sem-vergonha
- o / a xereta
- o / a xerife

Sobrecomum

Os sobrecomuns são os que têm uma só forma e um só artigo para ambos os gêneros: Eis alguns exemplos:

- o cônjuge
- a criança
- o carrasco
- o indivíduo
- o apóstolo
- o monstro
- a pessoa
- a testemunha
- o algoz
- o verdugo
- a vítima
- o tipo
- o animal
- o bóia-fria
- o cadáver
- a criatura
- o dedo-duro
- o defunto
- o gênio
- o ídolo
- o líder
- o membro
- o nó-cego
- o pão-duro
- o pé-frio
- o pé-quente
- a personagem
- o pivô
- a sentinela
- o sósia
- o sujeito
- o tira

Epiceno

Os epicenos são os que têm uma só forma e um só artigo para ambos os gêneros de certos animais, acrescentando as palavras macho e fêmea, para se distinguir o sexo do animal. Eis alguns exemplos:

- a girafa
- a andorinha
- a águia
- a barata
- a cobra
- o jacaré
- a onça
- o sabiá
-
- o tatu
- a anta
- a arara
- a borboleta
- o canguru
- o caranguejo
- a coruja
- o crocodilo
- o escorpião
- a formiga
- a girafa
- a mosca
- a onça
- a pantera
- o pernilongo
- o piolho
- a piranha
- a rã
- a raposa
- a tartaruga
- o tatu
- o urubu
- a zebra

Gênero vacilante

Existem alguns substantivos que trazem dificuldades, quanto ao gênero. Estude, então, com muita atenção estas listas:

São Masculinos

- o açúcar
- o afã
- o ágape
- o alvará
- o amálgama
- o anátema
- o aneurisma
- o antílope
- o apêndice
- o apetite
- o algoz
- o bóia-fria
- o caudal
- o cataclismo
-
- o cônjuge
- o champanha
- o clã
- o cola-tudo
- o cós
- o coma
- o derma
- o diagrama
- o dó
- o diadema
- o decalque
- o epigrama
- o eclipse
- o estigma
- o estratagema
- o eczema
- o formicida
- o guaraná
- o gengibre
- o herpes
- o lança-perfume
- o haras
- o lotação
- o magma
- o matiz
- o magazine
- o milhar
- o nó-cego
- o pijama
- o pé-frio
- o plasma
- o pão-duro
- o sósia
- o suéter
- o talismã
- o toalete
- o tapa
- o telefonema
- o tira-teimas
- o xérox

São Femininos

- a abusão
- a acne
- a agravante
- a aguarrás
- a alface
- a apendicite
- a aguardente
- a alcunha

- a aluvião
- a bacanal
- a benesse
- a bólide
- a couve
- a couve-flor
- a cal
- a cataplasma
- a comichão
- a derme
- a dinamite
- a debênture
- a elipse
- a ênfase
- a echarpe
- a entorse
- a enzima
- a faringe
- a ferrugem
- a fênix
- a gênese
- a grafite
- a ioga
- a libido
- a matinê
- a marmitex
- a mascote
- a mídia
- a nuança
- a omoplata
- a ordenança
- a omelete
- a própolis
- a patinete
- a quitinete
- a sentinela
- a soja
- a usucapião
- a vernissagem

Mudança de gênero com mudança de significado

Alguns substantivos, quando mudam de gênero, mudam também de significado. Eis alguns deles:

- o caixa = o funcionário
- a caixa = o objeto
- o capital = dinheiro
- a capital = sede de governo
- o coma = sono mórbido
- a coma = cabeleira, juba
- o grama = medida de massa
- a grama = a relva, o capim
- o guarda = o soldado
- a guarda = vigilância, corporação
- o guia = aquele que serve de guia, cicerone
- a guia = documento, formulário; meio-fio
- o moral = estado de espírito
- a moral = ética, conclusão
- o banana = o molenga.
- a banana = a fruta

Plural dos substantivos simples

Na pluralização de um substantivo simples, há de se analisar a terminação dele, a fim de acrescentar a desinência nominal de número. Vejamos, então, as possíveis terminações de um substantivo na Língua Portuguesa e sua respectiva pluralização:

Substantivos terminados em Vogal

Acrescenta-se a desinência nominal de número S.
Ex.

- saci = sacis
- chapéu = chapéus
- troféu = troféus
- degrau = degraus.
-

Substativos terminados em ão

Fazem o plural em **ões**:
Ex.

- gavião = gaviões
- formão = formões
- folião = foliões
- questão = questões

Fazem o plural em **ães**:
Ex.

- escrivão = escrivães
- tabelião = tabeliães
- capelão = capelães
- sacristão = sacristães

Fazem o plural em **ãos**:
Ex.

- artesão = artesãos

- cidadão = cidadãos
- cristão = cristãos
- pagão = pagãos
- todas as paroxítonas terminadas em **ão**. Por exemplo bênçãos, sótãos, órgãos.

Admitem mais de uma forma para o plural:

- aldeão = aldeões, aldeães, aldeãos
- ancião = anciões, anciães, anciãos
- ermitão = ermitões, ermitães, ermitãos
- pião = piões, piães, piãos
- vilão = vilões, vilães, vilãos
- alcorão = alcorões, alcorães
- charlatão = charlatões, charlatães
- cirurgião = cirurgiões, cirurgiães
- faisão = faisões, faisães
- guardião = guardiões, guardiães
- peão = peões, peães
- anão = anões, anãos
- corrimão = corrimões, corrimãos
- verão = verões, verãos
- vulcão = vulcões, vulcãos

Substantivos terminados em L

Terminados em -al, -el, -ol ou -ul:

Troca-se o L por IS:
Ex.

- vogal = vogais
- animal = animais
- papel = papéis
- anel = anéis
- paiol = paióis
- álcool = álcoois
- paul = pauis

Cuidado:

- mal = males
- cal = cais ou cales
- aval = avais ou avales
- mel = méis ou meles
- cônsul = cônsules
- real (moeda antiga) = réis

Terminados em -il

Palavras oxítonas

Troca-se a terminação **L por S**

Ex.

- cantil = cantis
- canil = canis
- barril = barris

Palavras paroxítonas ou proparoxítonas

Troca-se a terminação **IL por EIS**
Ex.

- fóssil = fósseis

Cuidado:

- projetil (oxítona) = projetis
- projétil (paroxítona) = projéteis
- reptil (oxítona) = reptis
- réptil (paroxítona) = répteis

Substantivos terminados em M

Troca-se o M por NS:
Ex.

- item = itens
- nuvem = nuvens
- álbum = álbuns

Substantivos terminados em N

Soma-se S ou ES:
Ex.

- hífen = hifens ou hífenes
- pólen = polens ou pólenes
- espécimen = espécimens ou especímenes

Substantivos terminados em R ou Z

Acrescenta-se ES:
Ex.

- carácter ou caráter = caracteres
- sênior = seniores
- júnior = juniores

Substantivos terminados em X

Ficam invariáveis.
Ex.

- o tórax = os tórax
- a fênix = as fênix

Substantivos terminados em S

Palavras monossílabas ou oxítonas

Acrescenta-se ES.
Ex.

- ás = ases
- deus = deuses
- ananás = ananases

Palavras paroxítonas ou proparoxítonas

Ficam invariáveis.
Ex.

- os lápis.
- os tênis
- os atlas

Cuidado: Cais é invariável.

Substantivos só usados no plural

- as calças
- as costas
- os óculos
- os parabéns
- as férias
- as olheiras
- as hemorróidas
- as núpcias
- as trevas
- os arredores

Substantivos terminados em ZINHO

Ignora-se a terminação **-zinho**, coloca-se no plural o substantivo no grau normal, ignora-se o **s** do plural, devolve-se o **-zinho** ao local original e, finalmente, acrescenta-se o **s** no final.
Por exemplo **pãozinho**: ignora-se o -zinho (**pão**); coloca-se no plural o substantivo no grau normal

(**pães**); ignora-se o s (**pãe**); devolve-se o -zinho (**pãezinho**); acrescenta-se o s (**pãezinhos**).

Ex.

- **mulherzinha** = mulher - mulheres - mulhere - mulherezinha - **mulherezinhas**.
- **alemãozinho** = alemão - alemães - alemãe - alemãezinho - **alemãezinhos**.
- **barzinho** = bar - bares - bare - barezinho - **barezinhos**.

Substantivos terminados em INHO, sem Z

Acrescenta-se S.
Ex.

- lapisinho = lapisinhos
- patinho = patinhos
- chinesinho = chinesinhos

Plural com deslocamento da sílaba tônica

- carácter = caracteres
- espécimen = especímenes
- júnior = juniores
- sênior = seniores

Plural do substantivos compostos

Para se pluralizar um **substantivo composto**, os elementos que o formam devem ser analisados individualmente. Por exemplo, o substantivo composto **couve-flor** é composto por dois substantivos pluralizáveis, portanto seu plural será **couves-flores**; já o substantivo composto **beija-flor** é composto por um verbo, que é invariável, quanto à pluralização, e um substantivo pluralizável, portanto seu plural será **beija-flores**. Estudemos, então, os elementos que formam um substantivo composto e sua respectiva pluralização.

Substantivo / Adjetivo / Numeral

São elementos pluralizáveis, portanto, quando formarem um substativo composto, normalmente irão para o plural.
Ex.

- aluno-mestre = alunos-mestres
- erva-doce = ervas-doces
- alto-relevo = altos-relevos
- gentil-homem = gentis-homens
- segunda-feira = segundas-feiras
- cachorro-quente = cachorros-quentes

Pronome

Alguns pronomes admitem plural; outros, não. Por exemplo, os pronomes possessivos são pluralizáveis (meu - meus; nosso - nossos), mas os pronomes indefinidos, não (ninguém, tudo). Na formação de um substantivo composto o mesmo ocorre.
Ex.

- padre-nosso = padres-nossos
- Zé-ninguém = Zés-ninguém

Verbo / Advérbio / Interjeição

São elementos invariáveis, em relação à pluralização, portanto, quando formarem um substantivo composto, ficarão invariáveis.
Ex.

- pica-pau = pica-paus
- beija-flor = beija-flores
- alto-falante = alto-falantes
- abaixo-assinado = abaixo-assinados
- salve-rainha = salve-rainhas
- ave-maria = ave-marias

Casos especiais

Substantivo + Substantivo

Como vimos anteriormente, ambos irão para o plural, porém, quando o último elemento estiver indicando tipo ou finalidade do primeiro, somente este irá para o plural.
Ex.

- banana-maçã = bananas-maçã
- navio-escola = navios-escola
- salário-desemprego = salários-desemprego

Cuidado: laranjas-baianas e **salários-mínimos**, pois é a soma de substantivo com adjetivo.

Três ou mais palavras

A) Se o segundo elemento for uma preposição, só o primeiro irá para o plural.
Ex.

- pé-de-moleque = pés-de-moleque
- pimenta-do-reino = pimentas-do-reino
- mula-sem-cabeça = mulas-sem-cabeça

Cuidado: Se o primeiro elemento for invariável, o substantivo todo ficará invariável. P. ex. **fora-da-lei, fora-de-série**.

B) Se o segundo elemento não for uma preposição, só o último irá para o plural.
Ex.

- bem-te-vi = bem-te-vis
- bem-me-quer = bem-me-queres

Verbo + Verbo

A) Se os verbos forem iguais, alguns gramáticos admitem ambos no plural, outros, somente o último.
Ex.

- corre-corre = corres-corres ou corre-corres.
- pisca-pisca = piscas-piscas ou pisca-piscas
- lambe-lambe = lambes-lambes ou lambe-lambes

B) Se os verbos possuírem significação oposta, ficam invariáveis.
Ex.

- o leva-e-traz = os leva-e-traz
- o ganha-perde = os ganha-perde

Palavras Repetidas ou Onomatopéia

Quando o substantivo for formado por palavras repetidas ou for uma onomatopéia, somente o último irá para o plural.
Ex.

- tico-tico = tico-ticos
- tique-taque = tique-taques
- lero-lero = lero-leros
- pingue-pongue = pingue-pongues

Substantivo composto iniciado por Guarda

A) Formando uma pessoa:
Ambos irão para o plural.
Ex.

- guarda-urbano = guardas-urbanos
- guarda-noturno = guardas-noturnos
- guarda-florestal = guardas-florestais
- guarda-mirim = guardas-mirins

B) Formando um objeto:
Somente o último irá para o plural.
Ex.

- guarda-pó = guarda-pós
- guarda-chuva = guarda-chuvas
- guarda-roupa = guarda-roupas
- guarda-sol = guarda-sóis

C) Sendo o segundo elemento invariável ou já surgindo no plural:
Ficam invariáveis.
O mesmo acontece com os substantivos iniciados por porta.
Ex.

- o guarda-costas = os guarda-costas
- o guarda-volumes = os guarda-volumes
- o porta-jóias = os porta-jóias
- o porta-malas = os porta-malas

Substantivos que admitem mais de um plural

- **fruta-pão** = frutas-pães, fruta-pães, frutas-pão,
- **guarda-marinha** = guardas-marinhas, guarda-marinhas
- **padre-nosso** = padres-nossos, padre-nossos
- **terra-nova** = terras-novas, terra-novas
- **salvo-conduto** = salvos-condutos, salvo-condutos
- **xeque-mate** = xeques-mates, xeque-mates.
- **chá-mate** = chás-mates, chás-mate

EXERCÍCIOS

1- Dentre as frases abaixo, escolha aquela em que há, de fato, flexão de grau para o substantivo.
a) O advogado deu-me seu cartão.
b) Deparei-me com um portão, imenso e Suntuoso.
C) Moravam num casebre, à beira do rio.
d) A abelha, ao picar a vítima, perde seu ferrão.
e) A professora distribuiu as cartilhas a todos os alunos.

2- Indique a alternativa correta no que se refere ao plural dos substantivos compostos casa-grande, flor-de-cuba, arco-íris e beija-flor.
a) casa-grandes, flor-de-cubas, os arco-íris, beijas-flor
b) casas-grandes, flores-de-cuba, arcos-íris, beijas-flores
c) casas-grande, as flor-de-cubas, arcos-íris, os beija-flor
d) casas-grande, flores-de-cuba, arcos-íris, beijas-flores
e) casas-grandes, flores-de-cuba, os arco-íris, beija-fiores

3- Assinale a alternativa em que há gênero aparente na relação masculino/feminino dos pares.
a) boi - vaca
b) homem - mulher
c) cobra macho - cobra fêmea
d)o capital - a capital
e)o cônjuge (homem)- o cônjuge (mulher)

4- Assinale a alternativa em que a palavra tem o gênero indicado incorretamente.
a) a tapa
b) a grama
c) o hélice
d) o crisma
e) o ágape

5- Das opções a seguir, assinale a que apresenta um substantivo que só tem uma forma no plural.
a) guardião
b) espião
c) peão
d)vulcão
e) cirurgião

6- O plural de fogãozinho e cidadão é:
a) fogãozinhos e cidadãos.
b) fogãosinhos e cidadãos.
C) fogõezinhos e cidadãos.
d) fogõezinhos e cidadões.
e) fogõesinhos e cidadões.
7- Viam-se (*) junto aos (*) do jardim.
a) papelsinhos, meios-fio

b) papeizinhos, meios-fios
c) papeisinhos, meio-fios
d) papelzinhos, meio-fios
e) papeizinhos, meio-fios

8- Assinale a alternativa incorreta.
a) Borboleta é substantivo epiceno.
b) Rival é comum de dois gêneros.
c) Omoplata é substantivo masculino.
d) Vítima é substantivo sobrecomum.
e) n.d.a.

9- Indique a alternativa em que só aparecem substantivos abstratos.
a) tempo, angústia, saudade, ausência, esperança, imagem
b)angústia, sorriso, luz, ausência, esperança, inimizade
c) inimigo, luto, luz, esperança, espaço, tempo
d) angústia, saudade, ausência, esperança, inimizade
e) espaço, olhos, luz, lábios, ausência, esperança, angústia

10- Numere a segunda coluna de acordo com o significado das expressões da primeira coluna e assinale a alternativa que contém as algarismos na seqüência correta.
(1) o 61eo santci ( ) amoral
(2) a relva ( ) acrIsma
(3) um sacramento ( ) omoral
(4) a ética ( ) ocrisma
(5) a unidade de massa ( ) agrama
(6) o ânimo ( ) ograma
a) 6, 1,4, 3, 5, 2
b) 6, 3, 4, 1,2, 5
c) 4, 1,6, 3, 5, 2
d) 4, 3, 6, 1,2, 5
e) 6, 1,4, 3, 2, 5

11- Indique o período que não contém um substantivo no grau diminutivo.
a) Todas as moléculas foram conservadas com as propriedades particulares, independentemente da atuação do cientista.
b)O ar senhoril daquele homúnculo transformou-o no centro de atenções na tumultuada assembléia.
c) Através da vitrina da loia, a pequena observava curiosamente os objetos decorados expostos à venda, por preço bem baratinho.
d) De momento a momento, surgiam curiosas sombras e vultos apressados na silenciosa viela.
e) Enquanto distraía as crianças, a professora tocava flautim, improvisando cantigas
alegrece suaves.

12- Assinale a alternativa em que a flexão do substantivo composto está errada.
a) os pés-de-chumbo
b) os corre-corre
C) as públicas-formas
d) os cavalos-vapor
e) os vaivéns

13- Dadas as palavras:
1. esforços
2. portos
3. impostos
Verificamos que o timbre da vogal tônica é aberto:
a) apenas na palavra 1.
b) apenas na palavra 2.
C) apenas na palavra 3.
d) apenas nas palavras 1 e 3.
e) em todas as palavras.

14- Assinale a alternativa em que aparecem substantivos simples, respectivamente, concreto e abstrato.
a) água, vinho
b) Pedro, Jesus
C) Pilatos, verdade
d) Jesus, abaixo-assinado
e) Nova Iorque, Deus

15- Dadas as sentenças:
1. Ele não chegou a falar com a Presidenta.
2. Ele sofreu um entorse grave.
3. A tracoma é uma doença contagiosa.
Deduzimos que:

a) apenas a sentença 1 está correta.
b) apenas a sentença 2 está correta.
c) apenas a sentença 3 está correta.
d) todas estão corretas.
e) n.d.a.

16-Assinale a única frase em que há erro no que diz respeito ao gênero das palavras.
a)O gerente de será depor como testemunha única do crime.
b) A personagem principal do conto é o Seu Rodrigues.
c) Ele foi apontado como a cabeça do motim.
d) O telefonema deixou a anfitriã perplexa.
e) A parte superior da traquéia é o laringe.

17- Assinale a alternativa em que há um substantivo cuia mudança de gênero não altera o significado.
a) cabeça, cisma, capital
b) águia, rádio, crisma
c) cura, grama, cisma
d) lama, coral, moral
e) agente, praça, lama

18- Numa das frases seguintes, há uma flexão de plural totalmente errada. Assinale-a.
a) Os escrivães serão beneficiados por essa lei.
b) O número mais importante é o dos anõezinhos.
c) Faltam os hífens nesta relação de palavras.
d) Fulano e Beltrano são dois grandes caráteres.
e) Os reptis são animais ovíparos.

19- Relacione as duas colunas, de acordo com a classificação dos substantivos, e assinale a alternativa correta.

(1) padre	( ) próprio
(2) seminário	( ) coletivo
(3) dias	( ) derivado
(4) ano	( ) comum

a) 3, 4, 2, 1
b) 1,2, 4, 3
c) 1, 3, 4, 2
d) 3, 2, 1,4
e) 2, 4, 3, 1

20- Dentre os plurais de nomes compostos aqui relacionados, há um que está errado. Qual!
a) escolas-modelo
b) quebra-nozes
c) chefes-de-sessões
d) guardas-noturnos
e) redatores-chefes

21- Numa das opções, uma das palavras apresenta erro de flexão. Indique-a.
a) mãos-de-obra, obras-primas
b) guardas-civis, afro-brasileiros
c) salvos-condutos, papéis-moeda
d) portas-bandeira, mapas-múndi
e) salários-família, vice-diretores

22- Classificam-se como substantivos as palavras destacadas, exceto em:
a) "... o **idiota** com quem os moleques mexem...”
b) "... visava a me acostumar à morna **tirania**...".
c) "**Adeus**, volto para meus caminhos...”.
d) "... conheço até alguns **automóveis**...".
e) "... todas essas **coisas** se apagarão em lembranças...".
23- A alternativa em que o plural dos nomes compostos está empregado corretamente é:
a) pé-de-moleques, beija-flores, obras-primas, navios-escolas.

b) pés-de-moleques, beija-flores, obras-primas, navios-escolas.
c) pés-de-moleque, beija-flores, obras-primas, navios-escola.
d) pé-de-moleques, beija-flores, obras-primas, navios-escola.
e) pés-de-moleques, beija-flores, obras-prima, navios-escolas.

24- Assinale a alternativa em que há erro na flexão de número.
a) as águas-marinhas, as públicas-formas, os acórdãos
b) abajures, caracteres, os ônus
c) auto-serviços, alto-falantes, lilases
d) capitães-mor, sabiás-pirangas, autos-de-fé
e) guardas-florestais, malmequeres, Ave-Marias

RESPOSTAS

1) c
2) e
3) d
4) c
5) b
6) c
7) b
8) c
9) d
10) d
11) c
12) b
13) e
14) c
15) a
16) c
17) e
18) d
19) a
20) c
21) d
22) c
23) c
24) d

Numeral

É a palavra que indica a quantidade de elementos ou sua ordem de sucessão. Dependendo do que o numeral indica, ele pode ser:

Cardinal: É o numeral que indica a quantidade de seres.

Ordinal: É o numeral que indica a ordem de sucessão, a posição ocupada por um ser numa determinada série.

Multiplicativo: É o numeral que indica a multiplicação de seres.

Fracionário: É o numeral que indica divisão, fração.

Cardinais e Ordinais

Algarismos Romanos	Algarismos Arábicos	Numerais Cardinais	Numerais Ordinais
I	1	UM	PRIMEIRO
II	2	DOIS	SEGUNDO
III	3	TRÊS	TERCEIRO
IV	4	QUATRO	QUARTO
V	5	CINCO	QUINTO
VI	6	SEIS	SEXTO
VII	7	SETE	SÉTIMO
VIII	8	OITO	OITAVO
IX	9	NOVE	NONO
X	10	DEZ	DÉCIMO
XI	11	ONZE	DÉCIMO PRIMEIRO
XII	12	DOZE	DÉCIMO SEGUNDO
XIII	13	TREZE	DÉCIMO TERCEIRO
XIV	14	CATORZE / QUATORZE	DÉCIMO QUARTO
XV	15	QUINZE	DÉCIMO QUINTO
XVI	16	DEZESSEIS	DÉCIMO SEXTO
XVII	17	DEZESSETE	DÉCIMO SÉTIMO
XVIII	18	DEZOITO	DÉCIMO OITAVO
XIX	19	DEZENOVE	DÉCIMO NONO
XX	20	VINTE	VIGÉSIMO
XXI	21	VINTE E UM	VIGÉSIMO PRIMEIRO
XXX	30	TRINTA	TRIGÉSIMO

XL	40	QUARENTA	QUADRAGÉSIMO
L	50	CINQÜENTA	QÜINQUAGÉSIMO
LX	60	SESSENTA	SEXAGÉSIMO
LXX	70	SETENTA	SEPTUAGÉSIMO / SETUAGÉSIMO
LXXX	80	OITENTA	OCTOGÉSIMO
XC	90	NOVENTA	NONAGÉSIMO
C	100	CEM	CENTÉSIMO
CC	200	DUZENTOS	DUCENTÉSIMO
CCC	300	TREZENTOS	TRECENTÉSIMO
CD	400	QUATROCENTOS	QUADRINGENTÉSIMO
D	500	QUINHENTOS	QÜINGENTÉSIMO
DC	600	SEISCENTOS	SEISCENTÉSIMO / SEXCENTÉSIMO
DCC	700	SETECENTOS	SEPTINGENTÉSIMO
DCCC	800	OITOCENTOS	OCTINGENTÉSIMO
CM	900	NOVECENTOS	NONGENTÉSIMO / NONINGENTÉSIMO
M	1.000	MIL	MILÉSIMO
	10.000	DEZ MIL	DEZ MILÉSIMOS
	100.000	CEM MIL	CEM MILÉSIMOS
	1.000.000	UM MILHÃO	MILIONÉSIMO
	1.000.000.000	UM BILHÃO	BILIONÉSIMO

Ex:

869º = Octingentésimo sexagésimo nono.
582º = Qüingentésimo octogésimo segundo.
916º = Noningentésimo décimo sexto.
759º = Septingentésimo qüinquagésimo nono.

Numerais Multiplicativos

2	dobro, duplo, dúplice
3	triplo, tríplice
4	quádruplo
5	quíntuplo
6	sêxtuplo
7	séptuplo
8	óctuplo
9	nônuplo
10	décuplo
11	undéclupo
12	duodécuplo
13 em diante	cardinal + vezes
100	cêntuplo

Numerais Fracionários

2	meio / metade
3	terço
4	quarto
5	quinto
6	sexto
7	sétimo
8	oitavo
9	nono
10	décimo
11	onze avos
12	doze avos
100	centésimo

Emprego dos Numerais

01) Intercala-se a conjunção e entre as centenas e as dezenas e entre as dezenas e as unidades, mas entre os números que formam centena-dezena-unidade, nada se coloca; nem vírgula, nem e, a não ser

que seja centena ou dezena inteira..

Ex: **562.983.665 = Quinhentos e sessenta e dois milhões novecentos e oitenta e três mil seiscentos e sessenta e cinco**

42.002 = Quarenta e dois mil e dois.
42.020 = Quarenta e dois mil e vinte.
42.200 = Quarenta e dois mil e duzentos.
42.220 = Quarenta e dois mil duzentos e vinte.

02) Na designação de **séculos, reis, papas, príncipes, imperadores. capítulos, festas, feiras,** etc., utilizam-se **algarismos romanos**. A leitura será por **ordinal até X**; a partir daí (**XI, XII** ...), por cardinal. Se o numeral preceder o substantivo, sempre será lido como ordinal.

Ex:**XXXVIII Feira Agropecuária. = Trigésima oitava Feira Agropecuária.**
II Bienal Cultural = Segunda Bienal Cultural.
Papa João Paulo II = Papa João Paulo segundo.
Papa João XXIII = Papa João vinte e três.

03) Os numerais ordinais acima de 1.999º têm duas leituras possíveis:

2.000º = O dois milésimo ou O segundo milésimo.
89.428 = O oitenta e nove milésimo quadringentésimo vigésimo oitavo ou O octogésimo nono milésimo quadringentésimo vigésimo oitavo

04) **Zero, ambos e ambas** também são numerais.

EXERCÍCIOS

1- Assinale a alternativa em que meio funciona como advérbio.
a) Só quero meio quilo.
b) Achei-o meio triste.
c) Descobri o meio de acertar!
d) Parou no meio da rua.
e) Comprou um metro e meio.

2- Assinale o que estiver correto.
a) Seiscentismo se refere ao século XVI.
b) O algarismo romano da frase anterior se lê "décimo sexto".
c) Duodécuplo significa duas vezes; dodecuplo, doze vezes.
d) Ambos os dois e forma e~lca correta.
e) Quadragésimo, quarentena, quadragésima, quaresma só aparentemente se referem a quarenta.

3- Assinale a alternativa incorreta.
a) 874º - octingentésimo septuagésimo quarto
b) 398º - trecentésimo nonagésimo oitavo
c) 486º - quadringentésimo octogésimo sexto
d) n.d.a.

4- Ele obteve o ... (123º) lugar.
a) centésimo vigésimo terceiro
b) centésimo trigésimo terceiro
c) cento e vinte trigésimo
d) cento e vigésimo terceiro

5- Assinale o caso em que não haja expressão numérica de sentido indefinido.
a) Ele é o duodécimo colocado.
b) Quer que veja este filme pela milésima vez?
c) "Na guerra os meus dedos disparam mil mortes."
d) "A vida tem uma só entrada; a saída é por cem portas."
e) n.d.a.

6- Associe o sentido ao respectivo numeral coletivo.
(1)período de seis anos
(2) período de cinco anos
(3) estrofe de dois versos

(4) período de cem anos
(5) agrupamento de dez coisas
( ) dístico
( ) decúria
( ) sexênio
( ) centúria
( ) lustro

7- **Triplo** e **tríplice** são numerais:
a) ordinal o primeiro e multiplicativo o segundo.
b) ambos ordinais.
c) ambos cardinais.
d) ambos multiplicativos.
e) multiplicativo o primeiro e ordinal o segundo

8- Sabendo-se que os numerais podem ser cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários, podemos dar os seguintes exemplos:
a) uma (cardinal), primeiro (ordinal), leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário).
b) um (cardinal), milésimo (ordinal), undécuplo (multiplicativo) e meio (fracionário).
c) um (ordinal), primeiro (cardinal), leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário).
d) um (ordinal), primeiro (cardinal), cêntuplo (multiplicativo) e centésimo (fracionário),
e) um (cardinal), primeiro (ordinal), duplo (multiplicativo), não existindo numeral denominado fracionário.

9- Assinale a alternativa **correta**.
a) 0s substantivos são, tabelião, pão, alemão e cidadão fazem o plural mudando **-ão** em **-ães**.
b) A torre e **altíssima**. A palavra destacada é adjetivo e está no grau superlativo absoluto analítico.
c) Vendi todos **os** livros a **uns** alunos. As palavras destacadas são pronomes definidos.
d)O **dobro** do meu dinheiro é igual à **metade** do teu. As palavras destacadas são numerais multiplicadores.
e) Levaram-**me** o caderno. A palavra desta cada é pronome pessoal oblíquo.

RESPOSTAS

1- b
2- d
3- d
4- a
5- a
6- 3, 5, 1, 4, 2
7- d
8- b

Adjetivo

Adjetivo é a classe gramatical que modifica um substantivo, atribuindo-lhe **qualidade, estado ou modo de ser.**

Um adjetivo normalmente exerce uma dentre três funções sintáticas na oração: **Aposto explicativo, adjunto adnominal ou predicativo.**

Os adjetivos podem ser

Adjetivo explicativo

É o adjetivo que denota **qualidade essencial** do ser, qualidade inerente, ou seja, qualidade que não **pode ser retirada do substantivo**. Por exemplo, todo homem é mortal, todo fogo é quente, todo leite é branco, então **mortal, quente** e **branco** são **adjetivos explicativos**, em relação a **homem, fogo e leite**.

Adjetivo restritivo

É o adjetivo que denota **qualidade adicionada** ao ser, ou seja, qualidade que **pode ser retirada do substantivo**. Por exemplo, nem todo homem é inteligente, nem todo fogo é alto, nem todo leite é enriquecido, então **inteligente, alto** e **enriquecido** são **adjetivos restritivos**, em **relação a homem,**

fogo e leite.

Obs.: Sempre que o **adjetivo** estiver **imediatamente após o substantivo** qualificado por ele, teremos o seguinte: Se ele for **adjetivo explicativo**, deverá estar entre vírgulas e funcionará sintaticamente como **aposto explicativo**; se for **adjetivo restritivo**, não poderá estar entre vírgulas e funcionará como **adjunto adnominal**.

Por exemplo: **O homem**, mortal, **age como um ser imortal**. Nessa frase, mortal é **adjetivo explicativo**, pois indica uma qualidade essencial do substantivo, por isso está entre vírgulas e sua função sintática é a de aposto explicativo.

Já na frase **O homem** inteligente **lê mais**. inteligente é **adjetivo restritivo**, pois indica uma qualidade adicionada ao substantivo, por isso não está entre vírgulas e sua função sintática é a de **adjunto adnominal**.

Perceba que inteligente, apesar de não ser essencial a todos os homens, é especificamente ao universo de homens dos quais estamos falando. Caso o **adjetivo restritivo** esteja entre vírgulas, funcionará como **predicativo**. Por exemplo: **O diretor**, preocupado, **atendeu ao telefone**.

Perceba que preocupado não é uma qualidade essencial a todos os homens nem o é ao diretor de quem estamos falando; o diretor possui a qualidade de preocupado apenas em um determinado momento - essa é a diferença entre o **adjunto adnominal** e o predicativo.

Orações Subordinadas Adjetivas

As **orações subordinadas adjetivas** são aquelas que funcionam como um **adjetivo**, modificando o substantivo. Sempre **são iniciadas por um pronome relativo** e podem ser denominadas de **explicativas** e de **restritivas**, tais quais os adjetivos.

Oração Subordinada Adjetiva Explicativa

É a oração que funciona como o **adjetivo explicativo**, ou seja, denota uma **qualidade essencial** do substantivo, deve estar entre vírgulas e funciona como **aposto explicativo**. Por exemplo: **O homem**, **que é mortal**, **age como um ser imortal**.

Há outra oração que funciona como ap**osto explicativo**: **a oração subordinada substantiva apositiva** . A diferença é que esta não explica o significado do substantivo anterior, mas sim o contexto da frase anterior. Por exemplo, a frase **Todos temos conhecimento de uma verdade**: **que o Brasil é o maior país da América do Sul**. possui uma oração subordinada substantiva apositiva (que o Brasil é o maior país da América do Sul), que explica o contexto da frase anterior, e não o significado da palavra verdade.

Oração Subordinada Adjetiva Restritiva

É a oração que funciona como o **adjetivo restritivo**, ou seja, denota uma **qualidade adicionada** ao substantivo, não pode estar entre vírgulas e funciona como **adjunto adnominal**. Por exemplo: **O homem que é inteligente lê mais**. O nome restritivo se deve ao fato de que a oração restringe o significado do substantivo anterior, ou seja, a oração apresentada significa que **apenas os homens que são inteligentes lêem mais, os outros não**. É assim que se comprova a existência de uma oração subordinada adjetiva restritiva: usando a expressão **somente... ,os outros não**.

Adjetivo Pátrio

É o adjetivo que Indica a nacionalidade ou o lugar de origem do ser. Observe alguns deles:

Estados e cidades brasileiros:

Acre = **acreano**
Alagoas = **alagoano**
Amapá = **amapaense**
Aracaju = **aracajuano ou aracajuense**
Amazonas = **amazonense ou baré**
Belém (PA) = **belenense**
Belo Horizonte = **belo-horizontino**
Boa Vista = **boa-vistense**

Brasília = **brasiliense**
Cabo Frio = **cabo-friense**
Campinas = **campineiro ou campinense**
Curitiba = **curitibano**
Espírito Santo = **espírito-santense ou capixaba**
Fernando de Noronha = noronhense
Florianópolis = **florianopolitano**
Fortaleza = **fortalense**
Goiânia = **goianiense**
João Pessoa = **pessoense**
Macapá = **macapaense**
Maceió = **maceioense**
Manaus = **manauense**
Maranhão = **maranhense**
Marajó = **marajoara**
Natal = **natalense ou papa-jerimum**
Porto Alegre = **porto-alegrense**
Porto Velho = **porto-velhense**
Ribeirão Preto = **ribeiropretense**
Rio de Janeiro (estado) = **fluminense**
Rio de Janeiro (cidade) = **carioca**
Rio Branco = **rio-branquense**
Rio Grande do Norte = **rio-grandense-do-norte, norte-rio-grandense ou potiguar**
Rio Grande do Sul = **rio-grandense-do-sul, sul-rio-grandense ou gaúcho**.
Rondônia = **rondoniano**
Roraima = **roraimense**
Salvador (BA) = **salvadorense ou soteropolitano**
Santa Catarina = **catarinense, catarineta ou barriga-verde**
Santarém = **santarense**
São Paulo (estado) = **paulista**
São Paulo (cidade) = **paulistano**
Sergipe = **sergipano**
Teresina = **teresinense**
Tocantins = **tocantinense**

Países

Croácia = **croata**
Costa Rica= **costa-riquense**
Curdistão = **curdo**
Estados Unidos = **estadunidense, norte-americano ou ianque**.
El Salvador = **salvadorenho**
Guatemala = **guatemalteco**
Índia = **indiano ou hindu** (os que professam o hinduísmo)
Irã = **iraniano**
Israel = **israelense ou israelita**
Moçambique = **moçambicano**
Mongólia = **mongol ou mongólico**
Panamá = **panamenho**
Porto Rico = **porto-riquenho**
Somália = **somali**

Adjetivos pátrios compostos

Na formação de adjetivos pátrios compostos, o primeiro elemento aparece na forma reduzida e, normalmente, erudita. Observe alguns exemplos:

África = **afro**- / Cultura afro-americana
Alemanha = **germano**- ou **teuto**- / Competições teuto-inglesas
América = **américo**- / Companhia américo-africana
Ásia = **ásio**- / Encontros ásio-europeus
Áustria = **austro**- / Peças austro-búlgaras
Bélgica = **belgo**- / Acampamentos belgo-franceses
China = **sino**- / Acordos sino-japoneses
Espanha = **hispano**- / Mercado hispano-português
Europa = **euro**- / Negociações euro-americanas
França = **franco**- ou **galo**- / Reuniões franco-italianas

Grécia = **greco**- / Filmes greco-romanos
Índia = **indo**- / Guerras indo-paquistanesas
Inglaterra = **anglo**- / Letras anglo-portuguesas
Itália = **ítalo**- / Sociedade ítalo-portuguesa
Japão = **nipo**- / Associações nipo-brasileiras
Portugal = **luso**- / Acordos luso-brasileiros

Locução Adjetiva

Em muitos casos, prefere-se usar, no lugar de um adjetivo, uma expressão formada por mais de uma palavra para caracterizar o substantivo. Essa expressão, que tem o mesmo valor e o mesmo sentido de um adjetivo, recebe o nome de locução adjetiva. Observe alguns exemplos:

de águia = aquilino
de aluno = discente
de anjo = angelical
de ano = anual
de aranha = aracnídeo
de asno = asinino
de baço = esplênico
de bispo = episcopal
de bode = hircino
de boi = bovino
de bronze = brônzeo ou êneo
de cabelo = capilar
de cabra = caprino
de campo = campestre ou rural
de cão = canino
de carneiro = arietino
de cavalo = cavalar, eqüino, eqüídio ou hípico
de chumbo = plúmbeo
de chuva = pluvial
de cinza = cinéreo
de coelho = cunicular
de cobre = cúprico
de couro = coriáceo
de criança = pueril
de dedo = digital
de diamante = diamantino ou adamantino
de elefante = elefantino
de enxofre = sulfúrico
de esmeralda = esmeraldino
de estômago = estomacal ou gástrico
de falcão = falconídeo
de farinha = farináceo
de fera = ferino
de ferro = férreo
de fígado = figadal ou hepático
de fogo = ígneo
de gafanhoto = acrídeo
de garganta = gutural
de gelo = glacial
de gesso = gípseo
de guerra = bélico
de homem = viril ou humano
de ilha = insular
de intestino = celíaco ou entérico
de inverno = hibernal ou invernal
de lago = lacustre
de laringe = laríngeo
de leão = leonino
de lebre = leporino
de lobo = lupino
de lua = lunar ou selênico
de macaco = simiesco, símio ou macacal
de madeira = lígneo
de marfim = ebúrneo ou ebóreo
de mestre = magistral
de monge = monacal
de neve = níveo ou nival
de nuca = occipital
de orelha = auricular
de ouro = áureo
de ovelha = ovino
de paixão = passional
de pâncreas = pancreático
de pato = anserino
de peixe = písceo ou ictíaco
de pombo = columbino
de porco = suíno ou porcino
de prata = argênteo ou argírico
dos quadris = ciático
de raposa = vulpino
de rio = fluvial
de serpente = viperino
de sonho = onírico
de terra = telúrico, terrestre ou terreno
de trigo = tritício
de urso = ursino
de vaca = vacum
de velho = senil
de vento = eólico
de verão = estival
de vidro = vítreo ou hialino
de virilha = inguinal
de visão = óptico ou ótico

Flexões do Adjetivo

Gênero e Número

O **adjetivo** concorda com o substantivo a que se refere em **gênero e número (masculino e feminino; singular e plural)**. Caso o **adjetivo** seja **representado por um substantivo**, ficará **invariável**, ou seja, se a palavra que estiver qualificando um elemento for, originalmente, um substantivo, ela manterá sua forma primitiva e passará a ser denominado de **substantivo adjetivado**. Por exemplo, a palavra **cinza** é originalmente um substantivo, porém, se estiver qualificando um elemento, funcionará como adjetivo. Ficará, então invariável. **Camisas cinza, ternos cinza**.

Ex.
Carros amarelos e motos vinho.
Telhados marrons e paredes musgo.
Espetáculos gigantescos e comícios monstro.

Adjetivo composto

Com raras exceções, o adjetivo composto tem seus elementos ligados por hífen. Apenas **o último elemento concorda com o substantivo** a que se refere; os demais ficam na forma masculina, singular. Caso um dos elementos que formam o adjetivo composto seja um **substantivo adjetivado**, todo o adjetivo composto ficará invariável. Por exemplo, a palavra **rosa** é originalmente um substantivo, porém, se estiver qualificando um elemento, funcionará como adjetivo. Caso se ligue a outra palavra por hífen, formará um adjetivo composto; como é um substantivo adjetivado, o adjetivo composto inteiro ficará invariável. **Camisas rosa-claro. Ternos rosa-claro**.

Ex.
Olhos verde-claros.
Calças azul-escuras e camisas verde-mar.
Telhados marrom-café e paredes verde-claras.

Azul-marinho, azul-celeste, ultravioleta e qualquer adjetivo composto iniciado por **cor-de**-... são sempre **invariáveis**.

Os adjetivos compostos **surdo-mudo** e **pele-vermelha** têm os dois elementos flexionados.

Graus do Adjetivo

Comparativo

compara uma qualidade entre dois elementos ou duas qualidade de um mesmo elemento.
São três os comparativos:
de superioridade: Para alguns alunos, Português é mais fácil que Química.
de igualdade: Para alguns alunos, Português é tão fácil quanto Química.
de inferioridade: Para alguns alunos, Português é menos fácil que Química.
Bom, mau, grande e **pequeno** têm formas sintéticas (**melhor, pior, maior** e **menor**), porém, em comparações feitas **entre duas qualidades** de um mesmo elemento, devem-se usar as formas analíticas **mais bom, mais mau, mais grande e mais pequeno**. Por exemplo, **Pedro é maior do que Paulo**, pois está-se fazendo a comparação de dois elementos, mas **Pedro é mais grande que pequeno**, pois está-se fazendo a comparação de duas qualidades de um mesmo elemento.
Ex. **Edmundo foi condenado, mas tenho certeza de que ele é mais bom do que mau**.
Joaquim é mais bom do que esperto.

Superlativo

Engrandece a qualidade de um elemento. São dois os superlativos de um adjetivo:

Superlativo absoluto

analítico = o adjetivo é modificado por um advérbio:
Ex. Carla é muito inteligente.
sintético = quando há o acréscimo de um sufixo (-íssimo, -érrimo, -ílimo)
Ex. Carla é inteligentíssima.

Superlativos absolutos sintéticos eruditos

Alguns adjetivos no grau superlativo absoluto sintético apresentam a primitiva forma latina, daí serem chamados de **eruditos**. Por exemplo, o adjetivo **magro** possui dois superlativos absolutos sintéticos: o normal, **magríssimo**, e o erudito**, macérrimo**.

Eis uma pequena lista de superlativos absolutos sintéticos:

benéfico = **beneficentíssimo**
bom = **boníssimo ou ótimo**
célebre = **celebérrimo**
comum = **comuníssimo**
cruel = **crudelíssimo**
difícil = **dificílimo**
doce = **dulcíssimo**
fácil = **facílimo**
fiel = **fidelíssimo**
frágil = **fragílimo**
frio = **friíssimo ou frigidíssimo**
humilde = **humílimo**
jovem = **juveníssimo**
livre = **libérrimo**
magnífico = **magnificentíssimo**
magro = **macérrimo ou magríssimo**
manso = **mansuetíssimo**
mau = **péssimo**
nobre = **nobilíssimo**
pequeno = **mínimo**
pobre = **paupérrimo ou pobríssimo**
preguiçoso = **pigérrimo**
próspero = **prospérrimo**
sábio = **sapientíssimos**
agrado = **sacratíssimo**

Superlativo relativo

de superioridade = Enaltece a qualidade do substantivo como "o mais" dentre todos os outros.
Ex. Carla é a mais inteligente.
sintético = Enaltece a qualidade do substantivo como "o menos" dentre todos os outros.
Ex. Carla é a menos inteligente.

Exercícios

1- "(...) No fundo o imponente castelo. No primeiro plano a íngreme ladeira que conduz ao castelo. Descendo a ladeira numa disparada louca o fogoso ginete.
Montado no ginete o apaixonado caçula do castelão inimigo de capacete prateado com plumas brancas. E atravessada no ginete a formosa donzela desmaiada entregando ao vento os cabelos cor de carambola." (A. de Alcântara Machado, Carmela).
"(...) íamos, se não me engano, pela rua das Mangueiras, quando voltando-nos, vimos um carro elegante que levavam a trote largo dois fogosos cavalos. Uma encantadora menina, sentada ao lado de uma senhora idosa, se recostava preguiçosamente sobre o macio estofo e deixava pender pela cobertura derreada do carro a mão pequena que brincava com um leque de penas escarlates." José de Alencar, Lucíola).

Nesses excertos, observa-se que a maioria dos substantivos são modificados por adjetivos ou expressões equivalentes.
Comparando os dois textos:
a) aponte em cada um deles o efeito produzido por tal recurso lingüístico
b) justifique sua resposta.

2- "Os homens são **os melhores fregueses**" - **os melhores** encontra-se no grau:
a) comparativo de superioridade.
b) superlativo relativo de superioridade.
c) superlativo absoluto sintético.
d) superlativo absoluto analítico de superioridade.

3- O **desagradável** da questão era vê-lo de **mau** humor depois da **troca** de turno.
Na frase acima, as palavras destacadas comportam-se, respectivamente, como:

a) substantivo, adjetivo, substantivo.
b) adjetivo, advérbio, verbo.
c) substantivo, adjetivo, verbo.
d) substantivo, advérbio, substantivo.
e) adjetivo, adjetivo, verbo.

4- Em algumas gramáticas, o adjetivo vem definido como sendo "a palavra que modifica o substantivo". Assinale a alternativa em que o adjetivo destacado contraria a definição.
a) Li um livro **lindo**.
b) Beber água é **saudável**.
c) Cerveja **gelada** faz mal.
d) Gente **fina** é outra coisa!
e) Ele parece uma pessoa **simpática**.

5- Indique a alternativa em que não é atribuída a idéia de superlativo ao adjetivo.
a) É uma idéia agradabilíssima.
b) Era um rapaz alto, alto, alto.
c) Saí de Iá hipersatisfeito.
d) Almocei tremendamente bem.
e) É uma moça assustadoramente alta.

6- Siga o modelo: *modificação* ***da paisagem –*** *modificação* ***paisagística***
a) água **da chuva**
b) exageros **da paixão**
c) atitudes de **criança**
d) soro **contra veneno de serpente**

7- Dê o superlativo absoluto sintético de:
a) feliz
b) livre

8- Faça conforme o modelo: *alma* ***de fora –*** *alma* ***exterior***
a) imagem **do espelho**
b) parede **de vidro**
c) imposição **da lei**
d) comprimento **da linha**

9- Dê os adjetivos equivalentes às expressões em destaque.
a) programa da tarde
b) ciclo da vida
c) representante dos alunos

10- Passe para o plural.
a) borboleta azul-clara
b) borboleta cor-de-laranja

11- Dadas as afirmações de que os adjetivos correspondentes aos substantivos:
1. enxofre
2. chumbo
3. prata
São, respectivamente,
1. sulfúreo 2. plúmbeo 3. argênteo
Verificamos que está (estão) correta(s):
a) apenas a afirmação 1 .
b) apenas a afirmação 2.
c) apenas a afirmação 3.
d) apenas as afirmações 1 e 2.
e) todas as afirmações.

12- Relacione a primeira coluna à segunda.

(1) água	( ) pluvial
(2) chuva	( ) ebúrneo
(3) gato	( ) felino
(4) marfim	( ) aquilino
(5) prata	( ) argênteo
(6) rio	
(7) não consta da lista	

A seqüência correta é:
a) 7, 7, 3, 1,;7.

b) 6, 3, 7, 1,4.
c) 2, 4, 3, 7, 5.
d) 2, 4, 7, 1, 7.

13- Os superlativos absolutos sintéticos de comum, soberbo, fiel, miúdo são, respectivamente:
a) comuníssimo, super, fielísimo, minúsculo.
b)comuníssimo, sobérrimo, fidelíssimo, minúsculo.
c) comuníssimo, superbíssimo, fidelíssimo, minutíssimo.
d) comunérrimo, sobérrimo, fidelíssimo, miudérrimo.
e) comunérrimo, sobérrimo, fielíssimo, minutissimo.

14- Os adjetivos **Iígneo**, **gípseo**, **níveo**, **braquial** significam, respectivamente:
a) lenhoso, feito de gesso, alvo, relativo ao braço.
b) lenhoso, feito de gesso, nivelado, relativo ao crânio.
c) lenhoso, rotativo, abalizado, relativo ao crânio.
d) associado, rotativo, nivelado, relativo ao braço.
e) associado, feito de gesso, abalizado, relativo ao crânio.

15- Aponte a alternativa incorreta quanto à correspondência entre a locução e o adjetivo.
a) glacial (de gelo); ósseo (de osso)
b) fraternal (de irmão); argênteo (de prata)
c) farináceo (de farinha); pétreo (de pedra)
d) viperino (de vespa); ocular (de olho)
e) ebúrneo (de marfim); insípida (sem sabor)

16- O plural de terno **azul-claro**, terno **verde-mar** é, respectivamente:
a) ternos azuis-claros, ternos verdes-mares.
b) ternos azuis-claros, ternos verde-mares.
c) ternos azul-claro, ternos verde-mar.
d) ternos azul-claros, ternos verde-mar.
e) ternos azuis-claro, ternos verde-mar.

17- Marque:
a) se I e II forem verdadeiras
b) se I e III forem verdadeiras
c) se II e III forem verdadeiras
d) se todas forem verdadeiras
e) se todas forem falsas
"... eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor..."
I. No primeiro caso, **autor** é substantivo; **defunto** é adjetivo.
II. No segundo caso, **defunto** é substantivo; **autor** é adjetivo.
III. Em ambos os casos, tem-se um substantivo composto.

18- Assinale a alternativa em que o termo **cego(s)** é um adjetivo.
a) "Os cegos, habitantes de um mundo esquemático, sabem aonde ir..."
b) "O cego de Ipanema representava naquele momento todas as alegorias da noite escura da alma..."
c) "Todos os cálculos do cego se desfaziam na turbulência do álcool."
d) "Naquele instante era só um pobre cego."
e) "... da Terra que é um globo cego girando no caos."

19- Observe as proposições abaixo:
O1.Poucos autores escrevem poemas herói-cômicos.
02. Os cabelos castanhos-escuros emolduravam-lhe o semblante juvenil.
04. Vestidos vermelhos e amarelo-laranja foram os mais vendidos na exposição.
08. As crianças surdo-mudas foram encaminhadas à clinica para tratamento.
16. Discutiu-se muito a respeito de ciências político-sociais na última assembléia dos professores.
32. As sociedades luso-brasileira adquiriram novos livros de autores portugueses.
Marque as frases corretas e some os valores que lhes são atribuídos.

20- O adjetivo está mal flexionado em grau em:
a) livre: libérrimo
b) magro: macérrimo
c) doce: docílimo
d) triste: tristíssimo
e) fácil: facílimo

21- Sigao exemplo:
Não chame a torre de alta, mas de altíssima.
Não considero sua atitude nobre, mas (*).

22- No trecho "... o homem não fala simplesmente uma língua, não a usa, como **mero** instrumento de comunicação...", o termo sublinhado é um:
a) substantivo e significa "simples".
b) advérbio e significa "genuíno".
c) adjetivo e significa "quase".
d) advérbio e significa ''estreme".
e) adjetivo e significa "puro".

23- Assinale a alternativa em que ambos os adjetivos não se flexionam em gênero.
a) elemento motor, tratamento médico-dentário
b) esforço vão, pasçeio matinal
c) juiz arrogante, sentimento fraterno
d) cientista hindu, homem célebre
e) costume andaluz, manual Iúdico-instrutivo

24- Das frases abaixo, apenas uma apresenta adjetivo no comparativo de superioridade, assinale-a.
a) A palmeira é a mais alta árvore deste lugar.
b) Guardei as melhores recordações daquele dia,
c) A Lua é menor do que a Terra.
d) Ele é o maior aluno de sua turma.
e) O mais alegre dentre os colegas era Ricardo.

25- Dê o grau normal dos superlativos:
a) macérrimo
b) tetérrimo
c) minutíssimo
d) personalíssimo
e) feracíssimo

26- Relativamente à concordância dos adjetivos compostos indicativos de cor, uma, dentre as seguintes alternativas, está errada. Qual?
a) saia amarelo-ouro
b) papel amarelo-ouro
c) caixa vermelho-sangue
d) caixa vermelha-sangue
e) caixas vermelho-sangue

RESPOSTAS

1. a) Por se tratar de textos narrativos, a adjetivação tem caráter descritivo e não argumentativo. E ambos os textos, nota-se uma caracterização enaltecedora, que desenha um quadro idealizado cujos elementos se aproximam da perfeição. No segundo texto, essa construção é o objetivo do escritor; no primeiro, o escritor faz referência a certo tipo de escrito em que os elementos apresentados são sempre os mesmos – sempre idealizados, sempre caracterizado pelos mesmos adjetivos.
   b) Deve-se notar o uso dos artigos definidos no primeiro texto que substantivam as expressões a que se referem – não é um castelo, é o "imponente castelo" das típicas histórias românticas. Esse tratamento permite perceber que o primeiro texto é metalinguístico.

2. b
3. a
4. b
5. d
6. a) pluvial
   b)passionais
   c) infantis, pueris
   d) antiofídico
7. a) felicíssimo
   b) libérrimo
8. a) especular
   b) vítrea
   c) legal
   d) linear
9. a) vespertino
   b) vital
   c) discente
10. a) borboletas azul-claras
    b) Borboletas cor-de-laranja
11. e
12. c
13. c
14. a
15. d
16. d
17. a
18. e
19. 01+04+16=21
20. c
21. nobilíssima
22. e
23. d
24. c
25. a) magro
    b) tetro (tétrico)
    c) miúdo
    d) pessoal
    e) feraz (fértil, fecundo)
26. d

Concordância Nominal

Os adjetivos e as palavras adjetivadas concordam em gênero e número com os elementos a que se referem. Por exemplo: gatas malhadas e cachorros brancos. Quando o adjetivo surgir junto de mais de um substantivo, teremos regras especiais, que veremos agora:

01) Adjetivo posposto a dois ou mais substantivos

Adjunto adnominal

Quando o adjetivo posposto a dois ou mais substantivos funcionar como adjunto adnominal e estiver qualificando todos os substantivos apresentados, poderá concordar com o elemento mais próximo ou com a soma deles.
Ex.
- O Estado compra carros e maçãs argentinas.
- O Estado compra carros e maçãs argentinos.

Há três casos em que o adjunto adnominal concordará apenas com o elemento mais próximo:
01) Se qualificar apenas o elemento mais próximo:
Ex.
- Comprei óculos e frutas frescas.

02) Se os substantivos forem sinônimos:
Ex.
- Desrespeitaram o povo e a gente brasileira.

03) Se os substantivos formarem gradação:
Ex.
- Foi um olhar, uma piscadela, um gesto estranho.

Predicativo do sujeito

Quando o adjetivo imediatamente posposto a dois ou mais substantivos funcionar como predicativo do sujeito, deverá concordar com a soma dos elementos, apesar de existirem gramáticos que admitam a concordância também com o elemento mais próximo.
Ex.
- O operário e a esposa, preocupados, saíram para o trabalho.

Predicativo do objeto

Quando o adjetivo imediatamente posposto a dois ou mais substantivos funcionar como predicativo do objeto, deverá concordar com a soma dos elementos, apesar de existirem gramáticos que admitam a concordância também com o elemento mais próximo.
Ex.
- Encontrei o operário e a esposa preocupados com a situação da empresa.

Obs.: Uma maneira fácil de se estabelecer a diferença entre o adjunto adnominal e o predicativo é quando substituímos o substantivo por um pronome: todos os adjuntos adnominais que gravitam ao redor do substantivo têm de acompanhá-lo nessa substituição, ou seja, os adjuntos adnominais desaparecem. Portanto, se o adjetivo não desaparecer na substituição, será predicativo.

02) Adjetivo anteposto a dois ou mais substantivos

Adjunto adnominal

Quando o adjetivo anteposto a dois ou mais substantivos funcionar como adjunto adnominal e estiver qualificando todos os substantivos apresentados, deverá concordar apenas com o elemento mais próximo.
Ex.
- Trouxe belas rosas e cravos.

Predicativo do sujeito

Quando o adjetivo imediatamente anteposto a dois ou mais substantivos funcionar como predicativo do sujeito, deverá concordar com a soma dos elementos, apesar de existirem gramáticos que admitam a concordância também com o elemento mais próximo.
Ex.
- Preocupados, o operário e a esposa saíram para o trabalho.

Predicativo do objeto

Quando o adjetivo imediatamente anteposto a dois ou mais substantivos funcionar como predicativo do objeto, deverá concordar com a soma dos elementos, apesar de existirem gramáticos que admitam a concordância também com o elemento mais próximo.
Ex.

- Encontrei preocupados com a situação da empresa o operário e a esposa.

03) Dois ou mais adjetivos, modificando um só substantivo

Quando houver apenas um substantivo qualificado por dois ou mais adjetivos, há duas maneiras de se construir a frase:

A) Coloca-se o substantivo no plural, e enumeram-se os adjetivos.
Ex.

- Ele estuda as línguas inglesa e francesa.

B) Coloca-se o substantivo no singular, e, ao se enumerarem os adjetivos, acrescenta-se artigo a cada um deles.
Ex.

- Ele estuda a língua inglesa e a francesa.

Casos Especiais

Obrigado / Mesmo / Próprio

Esses três elementos concordam com o substantivo ou com o pronome a que se referem, ou seja, se o substantivo for feminino plural, usam-se mesmas, próprias e obrigadas. Caso a palavra mesmo significar realmente, ficará invariável.
Ex.

- Elas mesmas disseram, em coro: Muito obrigadas, professor.
- Os próprios jogadores reconheceram o erro.
- As meninas trouxeram mesmo o radialista.

Só / Sós

Essa palavra concordará com o elemento a que se refere, quando significar sozinhos, sozinhos, sozinha, sozinhas; ficará invariável, quando significar apenas, somente. A locução a sós é sempre invariável.
Ex.

- Só as garotas queriam andar sós; os meninos queriam a companhia delas.
- Gosto de estar a sós.

Quite / Anexo / Incluso

Esses três elementos concordam com o substantivo a que se referem.
Ex.

- Deixarei as promissórias quites, para não ter problemas.
- Anexas, seguem as fotocópias dos documentos solicitados.
- Estão inclusos o café da manhã e o almoço.

Meio

Concordará com o elemento a que se referir, quando significar metade; ficará invariável, quando significar um pouco, mais ou menos. Quando formar substantivo composto, ambos os elementos variarão.
Ex.

- Era meio-dia e meia. Ela estava meio nervosa.
- Os meios-fios foram construídos em lugar errado.

Verbo de ligação + Predicativo do sujeito

Quando o sujeito for tomado em sua generalidade, sem qualquer determinante, o verbo ser - ou qualquer outro verbo de ligação - ficará no singular e o predicativo do sujeito no masculino, singular.Se o sujeito vier determinado por qualquer palavra, a concordância do verbo e do predicativo será regular, ou seja, concordarão com o sujeito em número e pessoa.
Ex.

- Caminhada é bom para a saúde.
- Esta caminhada está muito boa.
- É proibido entrada

- Está proibida a entrada.

Menos / Pseudo

Essas duas palavras são sempre invariáveis.
Ex.

- Houve menos reclamações dessa vez.
- As pseudo-escritoras foram desmascaradas.

Muito / Bastante

Quando modificarem substantivo, concordarão com ele, por serem pronomes indefinidos adjetivos; quando modificarem verbo, adjetivo, ou outro advérbio, ficarão invariáveis, por serem advérbios. Bastante também será adjetivo, quando significar que basta, que satisfaz.
Ex.

- Bastantes funcionários ficaram bastante revoltados com a empresa.
- Há provas bastantes de sua culpa.

Grama

Quando a palavra grama representar unidade de massa, será masculina.
Ex.

- Comprei duzentos gramas de queijo.

Silepse

Concordância irregular, também chamada concordância figurada; é a que se opera não com o termo expresso, mas com outro termo latente, isto é, oculto, mentalmente subentendido, ou seja concorda-se, não com a palavra que esteja escrita, mas sim com o que ela significa.

Silepse de gênero

São Paulo é linda, pois trata-se da cidade de São Paulo.

Silepse de número

Estaremos aberto nesse final de semana, porque o que estará aberto será o estabelecimento. Há também a silepse de pessoa, já estudada por nós na Concordância verbal.

Possível

Em frases enfáticas, como o mais, o menos, o melhor, o pior, as mais, os menos, os piores, as melhores, a palavra possível concordará com o artigo.
Ex.

- Visitei cidades o mais interessantes possível.
- Visitei cidades as mais interessantes possíveis.

EXERCÍCIOS

Para as questões de 01 a 20 segue o código abaixo: assinale com "C " as alternativas corretas e com "I " as incorretas:

01) ( ) Percorria bosques e montanhas nevados.
02) ( ) Nas noites frias, usávamos meias e casacos grossos.
03) ( ) Víamos, ao longe, os carneiros e o roseiral floridos
04) ( ) O juiz declarou inocente o réu e a sua cúmplice.
05) ( ) Que assim mereça eterno nome e glória
06) ( ) Ofereci-lhe perfumados rosas e lírios
07) ( ) Os alunos mesmo pediram repetição da aula
08) ( ) Foi necessário termos bastante cuidados na viagem
09) ( ) Os crimes de lesos-patriotismos não são definidos em lei
10) ( ) Aos vinte anos, já estava quite de suas obrigações militares
11) ( ) Admiro-os: são rapazes que se fizeram por si só.
12) ( ) Anexas à carta, seguirão as listas de preço
13) ( ) Conheci escritores o mais brilhantes possíveis
14) ( ) Não será vedado pesca em todo o litoral brasileiro
15) ( ) Nem um nem outro político demagogo votou a emenda
16) ( ) Todos ficarão alertas, embora haja menos greves
17) ( ) Fiquem calamos, amigos, iremos diretos ao assunto

18) (   ) Os torcedores do Flamengo são tais qual o próprio time.
19) (   ) Nossos políticos não são nenhuns ignorantes
20) (   ) Hastearam, na fronteira, a bandeira brasileira e uruguaia

Preencha as lacunas corretamente assinalando o que se pede, marcando a letra:

21) Seguem _______várias propostas. Ouvi histórias as mais mirabolantes _________. A criança estava ______ sonolenta.
a) anexas, possíveis, meio
b) anexas, possível, meio
c) anexo, possíveis, meia
d) anexo, possíveis, meia

22) Concordância errada:
a) Tinha belos olhos e boca
b) Todos se moviam cautelosamente, alertas ao perigo.
c) Os braços e as mãos trêmulas erguiam-se para o céu.
d) A terceira e a quarta séries tiveram bom índice de aprovação.

23) Assinale o erro:
a) Compramos dois mil e quarenta folhas de papel especial.
b) Comprei oitocentos gramas de pão.
c) Fizemos uma observação na página trezentos e dois
d) Você ainda reside na casa dois?

24) Segue a documentação ___________. Pedro está __________com a tesouraria. Os vigias estão sempre _________. Maria estava _________ encabulada.
a) anexo, quites, alerta, meio
b) anexo, quites, alertas, meia
c) anexa, quite, alerta, meio
d) anexa, quite, alertas, meio

Preencha as lacunas assinalando a alternativa

25) Achei o chefe e sua filha muito _______. Vão _______as listas do material. Suas Excelências estavam _______ de suas esposas.
a) simpáticos, anexas, acompanhadas
b) simpática, anexo, acompanhada
c) simpáticos, anexas, acompanhados
d) simpáticas, anexo, acompanhados

26) Concordância incorreta:
a) A nau ia afundando a olhos vistos
b) Os tratados luso-brasileiros foram revogados
c) Comprei dois vestidos verde-limão
d) Pintou paisagens as mais belas possível

27) Erro na utilização da palavra destacada.
a) Estavam meio atônito com a nota
b) Faltava meio capítulo para o fim
c) Ela ficou meia aborrecida contigo
d) Já passava de meio-dia e meia

28) Concordância injustificável:
a) Foi necessária toda a documentação pedida para a matrícula
b) É bom ter muita cautela nesse caso
c) É necessário habilidade para resolver este problema
d) Na presente situação, é valido a justificativa trazida por ele

29) Erro de concordância:
a) Os fatos falam por si só
b) Ele estuda História e Mitologia Grega
c) Estes produtos custam cada vez mais caro
d) Ela mesma nos agradeceu

30) Assinale a frase que contém erro:

a) Os jogadores estavam meio fracos
b) A moça estava toda de preto

c) Era um crime de leso-patriotismo
d) Rui conhece as línguas alemãs e japonesas

31) Assinale a frase que contém erro:

a) A certidão e o recibo seguem hoje anexos
b) Anexo vai a certidão e o recibo
c) Anexo vai o recibo.
d) Anexo vai o recibo e a certidão

32) Assinale a frase incorreta:

a) Tinha as mãos e o rosto ensangüentados
b) Os tropeiros deixaram espalhados os arreios e as bagagens
c) Conserve sempre limpos os pés e as mãos
d) Acho plausível os seus argumentos

33) Assinale a frase que contém erro:

a) Um e outro assunto selecionado
b) Escolhestes má hora e local
c) Veja como são belos as rosas e os lírios!
d) O pai e a mãe estrangeiros

34) Assinale a frase que contém erro:

a) Dei aulas extras ao aluno
b) Eles andam por longes terras
c) Não a vejo há bastantes anos
d) Notícia nenhuma da família

Para as questões de 35 a 40 assinale a concordância como se pede:

35) Incorreta:

a) Aqueles fatos eram necessários.
b) Escolheu péssima ocasião e dia.
c) Escolheu bons momentos e hora para solicitar o aumento salarial.
d) Aguardou o momento e a hora oportuna para falar.

36) Incorreta:

a) Entrada é proibida.
b) Cerveja é bom no verão.
c) É permitido entrada de turistas.
d) É proibida a saída de alunos.

37) Incorreta:

a) A carta segue anexa ao processo.
b) O ofício e o requerimento seguem em anexo.
c) Remeti anexa a carta e o requerimento.
d) Remeti anexo a carta e o requerimento.

38) Incorreto:

a) Ela mesma fez o pedido.
b) Ela fez mesmo o pedido.
c) Ela fez o pedido mesmo.
d) Ela mesmo fez o pedido.

39) Incorreta:

a) Muito obrigada, disse a professora ao aluno.
b) Os alunos ficaram quites com a tesouraria do curso.
c) Os bombeiros, durante a seca, ficam alertas aos perigos.
d) Houve bastante razões para faltarmos ontem.

40) Incorreta:

a) Estive meio preocupada com o resultado
b) São alunas bastantes estudiosas
c) Estudava os idiomas francês e japonês
d) Aqueles dias foram bastantes para descansarmos

41) Assinale a alternativa correta:
“Faz muitos anos que compramos uma caneta e um gramática __________ para estudar a língua e a literatura __________.

a) volumosa, lusas- brasileiras
b) volumosas, portuguesa
c) volumosos, portuguesas
d) volumosa, portuguesa

42) Marque a alternativa cuja seqüência preencha adequadamente as lacunas do seguinte período:
“Nós __________socorremos o rapaz e a moça __________.

a) mesmas, bastante machucados
b) mesmo, bastantes machucados
c) mesmos, bastantes machucados
d) mesmo, bastante machucada

43) Todas as concordâncias nominais estão corretas, exceto:

a) Seguem anexas as promissórias
b) Escolhemos má hora e lugar para a festa
c) A justiça declarou culpados o réu e sua cúmplice
d) A moça usava vestidos azul-marinhos.

44) ”Os seus projetos são os _________elaborados, por isso garantem as verbas _________ para sua execução e evitam ______ - entendidos.”

a) melhor, suficientes, mau
b) mais bem, suficientes, mal
c) mais bem, suficiente, mal
d) melhor, suficientes, mau

45) “Ainda ______ furiosa, mas com ________ violência, proferia injúrias ___________ para escandalizar todos. “

a) meia, menos, bastante
b) meio, menos, bastante
c) meio, menos, bastantes
d) meia, menas, bastantes

Respostas Sobre Concordância Nominal

01) C
02) C
03) I
04) C
05) C
06) I
07) I
08) I
09) C
10) C
11) I
12) C
13) I
14) C
15) I
16) I
17) I
18) C
19) C
20) I
21) A
22) B
23) A
24) C
25) C
26) D
27) C
28) D
29) A
30) D
31) B
32) D
33) A
34) D
35) C
36) A
37) D
38) D
39) D
40) B
41) B
42) A
43) D
44) B
45) C

Pronomes

Pronome é a palavra variável em gênero, número e pessoa que substitui ou acompanha o nome, indicando-o como pessoa do discurso. Quando o pronome **substituir um substantivo**, será denominado

pronome substantivo; quando acompanhar um substantivo, será denominado pronome adjetivo. Por exemplo, na frase Aqueles garotos estudam bastante; **eles** serão aprovados com louvor. Aqueles é um pronome adjetivo, pois acompanha o substantivo garotos e eles é um **pronome substantivo**, pois substitui o mesmo **substantivo**.

Pronomes Pessoais

Os pronomes pessoais são aqueles que indicam uma das três pessoas do discurso: a que fala, a com quem se fala e a de quem se fala.

Pronomes pessoais do caso reto

Pronomes pessoais do caso reto são os que desempenham a função sintática de sujeito da oração. São os pronomes **eu, tu, ele, ela, nós, vós eles, elas**.

Pronomes pessoais do caso oblíquo

São os que desempenham a função sintática de complemento verbal (objeto direto ou indireto), complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial, adjunto adnominal ou sujeito acusativo (sujeito de oração reduzida).

Os pronomes pessoais do caso oblíquo se subdividem em dois tipos: os **átonos**, que não são antecedidos por preposição, e os **tônicos**, precedidos por preposição.

Pronomes oblíquos átonos

Os pronomes oblíquos átonos são os seguintes: **me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, os, as, lhes**.

Pronomes oblíquos tônicos

Os pronomes oblíquos tônicos são os seguintes: **mim, comigo, ti, contigo, ele, ela, si, consigo, nós, conosco, vós, convosco, eles, elas**.

Usos dos Pronomes Pessoais

Eu, tu / Mim, ti

Eu e **tu** exercem a função sintática de sujeito. **Mim** e **ti** exercem a função sintática de complemento verbal ou nominal, agente da passiva ou adjunto adverbial e sempre são precedidos de preposição.
Ex.

- Trouxeram aquela encomenda para mim.
- Era para eu conversar com o diretor, mas não houve condições.

Agora, observe a oração **Sei que não será fácil para mim conseguir o empréstimo**. O pronome **mim** NÃO é sujeito do verbo conseguir, como à primeira vista possa parecer. Analisando mais detalhadamente, teremos o seguinte:
O sujeito do verbo ser é a oração **conseguir o empréstimo**, pois **que não será fácil?** resposta: conseguir o empréstimo, portanto há uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo, que é a oração que funciona como sujeito, tendo o verbo no infinitivo.
O verbo **ser** é verbo de ligação, portanto **fácil** é predicativo do sujeito.
O adjetivo fácil exige um complemento, pois **conseguir o empréstimo não será fácil para quem?** resposta: **para mim**, que funciona como complemento nominal. Ademais a ordem direta da oração é esta: **Conseguir o empréstimo não será fácil para mim**.

Se, si, consigo

Se, si, consigo são pronomes reflexivos ou recíprocos, portanto só poderão ser usados na voz reflexiva ou na voz reflexiva recíproca.
Ex.

- Quem não se cuida, acaba ficando doente.
- Quem só pensa em si, acaba ficando sozinho.
- Gilberto trouxe consigo os três irmãos.

Com nós, com vós / Conosco, convosco

Usa-se **com nós** ou **com vós**, quando, à frente, surgir qualquer palavra que indique quem "somos nós" ou quem "sois vós".
Ex.

- Ele conversou com nós todos a respeito de seus problemas.
- Ele disse que sairia com nós dois.

Dele, do + subst. / De ele, de o + subst.

Quando os pronomes pessoais **ele(s)**, **ela(s)**, ou qualquer substantivo, funcionarem como sujeito, não devem ser aglutinados com a preposição **de**.
Ex.

- É chegada a hora de ele assumir a responsabilidade.
- No momento de o orador discursar, faltou-lhe a palavra.

Pronomes Oblíquos Átonos

Os pronomes oblíquos átonos são **me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, os as, lhes**. Eles podem exercer diversas funções sintáticas nas orações. São elas:

A) Objeto Direto

Os pronomes que funcionam como objeto direto são **me, te, se, o, a, nos, vos, os, as**.
Ex.

- Quando encontrar seu material, traga-o até mim.
- Respeite-me, garoto.
- Levar-te-ei a São Paulo amanhã.

Notas:

01) Se o verbo for terminado em **M, ÃO** ou **ÕE**, os pronomes **o, a, os, as** se transformarão em **no, na, nos, nas**.
Ex.

- Quando encontrarem o material, tragam-no até mim.
- Os sapatos, põe-nos fora, para aliviar a dor.

02) Se o verbo terminar em **R, S** ou **Z**, essas terminações serão retiradas, e os pronomes **o, a, os, as** mudarão para **lo, la, los, las**.
Ex.

- Quando encontrarem as apostilas, deverão trazê-las até mim.
- As apostilas, tu perde-las toda semana. (Pronuncia-se pérde-las)
- As garotas ingênuas, o conquistador sedu-las com facilidade.

03) Independentemente da predicação verbal, se o verbo terminar em **mos**, seguido de **nos** ou de **vos**, retira-se a terminação **-s**.
Ex.

- Encontramo-nos ontem à noite.
- Recolhemo-nos cedo todos os dias.

04) Se o verbo for transitivo indireto terminado em **s**, seguido de **lhe, lhes**, não se retira a terminação **s**.
Ex.

- Obedecemos-lhe cegamente.
- Tu obedeces-lhe?

B) Objeto Indireto

Os pronomes que funcionam como objeto indireto são **me, te, se, lhe, nos, vos, lhes**.
Ex.

- Traga-me as apostilas, quando as encontrar.
- Obedecemos-lhe cegamente.

C) Adjunto adnominal

Os pronomes que funcionam como adjunto adnominal são **me, te, lhe, nos, vos, lhes**, quando indicarem posse (algo de alguém).
Ex.

- Quando Clodoaldo morreu, Soraia recebeu-lhe a herança. (a herança dele)
- Roubaram-me os documentos. (os documentos de alguém - meus)

D) Complemento nominal

Os pronomes que funcionam como complemento nominal são **me, te, lhe, nos, vos, lhes**, quando complementarem o sentido de adjetivos, advérbios ou substantivos abstratos. (algo a alguém, não provindo a preposição **a** de um verbo).
Ex.

- Tenha-me respeito. (respeito a alguém)
- É-me difícil suportar tanta dor. (difícil a alguém)

D) Sujeito acusativo

Os pronomes que funcionam como sujeito acusativo são **me, te, se, o, a, nos, vos, os, as**, quando estiverem em um período composto formado pelos verbos **fazer, mandar, ver, deixar, sentir** ou **ouvir**, e um verbo no **infinitivo** ou no **gerúndio**.
Ex.

- Deixei-a entrar atrasada.
- Mandaram-me conversar com o diretor.

Pronomes Relativos

O Pronome Relativo Que

Este pronome deve ser utilizado com o intuito de substituir um substantivo (pessoa ou "coisa"), evitando sua repetição. Na montagem do período, deve-se colocá-lo imediatamente após o substantivo repetido, que passará a ser chamado de **elemento antecedente**.

Por exemplo, nas orações **Roubaram a peça. A peça era rara no Brasil** há o substantivo **peça** repetido. Pode-se usar o pronome relativo **que** e, assim, evitar a repetição de **peça**. O pronome será colocado após o substantivo. Então teremos **Roubaram a peça que...** . Este **que** está no lugar da palavra **peça** da outra oração. Deve-se, agora, terminar a outra oração: **...era rara no Brasil**, ficando

Roubaram a peça que era rara no Brasil.

Pode-se, também, iniciar o período pela outra oração, colocando o pronome após o substantivo. Então, tem-se **A peça que...** Este **que** está no lugar da palavra **peça** da outra oração. Deve-se, agora, terminar a outra oração: **...roubaram**, ficando **A peça que roubaram...** . Finalmente, conclui-se a oração que se havia iniciado: **...era rara no Brasil**, ficando

A peça que roubaram era rara no Brasil.

Outros exemplos:

01) Encontrei o garoto. Você estava procurando o garoto.

- Substantivo repetido = garoto
- Colocação do pronome após o substantivo = Encontrei o garoto que ...
- Restante da outra oração = ... você estava procurando.
- Junção de tudo = Encontrei o garoto que você estava procurando.

Começando pela outra oração:

- Colocação do pronome após o substantivo = Você estava procurando o garoto que ...
- Restante da outra oração = ... encontrei
- Junção de tudo = Você estava procurando o garoto que encontrei.

02) Eu vi o rapaz. O rapaz era seu amigo.

- Substantivo repetido = rapaz
- Colocação do pronome após o substantivo = Eu vi o rapaz que ...
- Restante da outra oração = ... era seu amigo.
- Junção de tudo = Eu vi o rapaz que era seu amigo.

Começando pela outra oração:

- Colocação do pronome após o substantivo = O rapaz que ...
- Restante da outra oração = ... eu vi ...
- Finalização da oração que se havia iniciado = ... era seu amigo
- Junção de tudo = O rapaz que eu vi era seu amigo.

03) Nós assistimos ao filme. Vocês perderam o filme.

- Substantivo repetido = filme
- Colocação do pronome após o substantivo = Nós assistimos ao filme que ...
- Restante da outra oração = ... vocês perderam.
- Junção de tudo = Nós assistimos ao filme que vocês perderam.

Começando pela outra oração:

- Colocação do pronome após o substantivo = Vocês perderam o filme que ...
- Restante da outra oração = ... nós assistimos
- Junção de tudo = Vocês perderam o filme que nós assistimos.

Observe que, nesse último exemplo, a **junção de tudo** ficou incompleta, pois a primeira oração é **Nós assistimos ao filme**, porém, na junção, a prep. **a** desapareceu. Portanto o período está inadequado gramaticalmente. A explicação é a seguinte: Quando o verbo do restante da outra oração exigir preposição, deve-se colocá-la antes do pronome relativo. Então teremos: **Vocês perderam o filme a que nós assistimos.**

04) O gerente precisa dos documentos. O assessor encontrou os documentos

- Substantivo repetido = documentos
- Colocação do pronome após o substantivo = O gerente precisa dos documentos que
- Restante da outra oração = ... o assessor encontrou
- Junção de tudo = O gerente precisa dos documentos que o assessor encontrou.

Começando pela outra oração:

- Colocação do pronome após o substantivo = O assessor encontrou os documentos que ...
- Restante da outra oração = ... o gerente precisa.
- O verbo **precisar** está usado com a prep. **de**, portanto ela será colocada antes do pronome relativo.
- Junção de tudo = O assessor encontrou os documentos de que o gerente precisa.

Obs: O pronome **que** pode ser substituído por **o qual, a qual, os quais e as quais** sempre. O gênero e o número são de acordo com o substantivo substituído.

Os exemplos apresentados ficarão, então, assim, com o **que** substituído por **qual**:

- Encontrei o livro o qual você estava procurando. Você estava procurando o livro o qual encontrei.
- Eu vi o rapaz o qual é seu amigo. O rapaz o qual vi é seu amigo.
- Nós assistimos ao filme o qual vocês perderam. Vocês perderam o filme ao qual nós assistimos.
- O gerente precisa dos documentos os quais o assessor encontrou. O assessor encontrou os documentos dos quais o gerente precisa.

Obs: Todos os pronomes relativos iniciam **Oração Subordinada Adjetiva**, portanto todos os períodos apresentados contêm oração subordinada adjetiva.

O Pronome Relativo Cujo

Este pronome indica posse (algo de alguém).
Na montagem do período, deve-se colocá-lo entre o possuidor e o possuído (alguém cujo algo)

Por exemplo nas orações **Antipatizei com o rapaz. Você conhece a namorada do rapaz**. o substantivo repetido **rapaz** possui **namorada**. Deveremos, então usar o pronome relativo **cujo**, que será colocado entre o possuidor e o possuído: **Algo de alguém = Alguém cujo algo**. Então, tem-se **a namorada do rapaz** = **o rapaz cujo a namorada**. Não se pode, porém, usar artigo (o, a, os, as) depois de **cujo**. Ele deverá contrair-se com o pronome, ficando: **cujo + o = cujo; cujo + a = cuja; cujo + os = cujos; cujo + as = cujas**. Então a frase ficará **o rapaz cuja namorada**. Somando as duas orações, tem-se

Antipatizei com o rapaz cuja namorada você conhece.

Outros exemplos:

01) A árvore foi derrubada. Os frutos da árvore são venenosos.

- Substantivo repetido = árvore - o substantivo repetido possui algo.
- Algo de alguém = Alguém cujo algo: os frutos da árvore = a árvore cujos frutos. Somando as duas orações, tem-se
- A árvore cujos frutos são venenosos foi derrubada.

Começando pela outra oração:

- Colocação do pronome **que** após o substantivo = Os frutos da árvore que ...
- Restante da outra oração = ... foi derrubada ...
- Finalização da oração que se havia iniciado = ... são venenosos
- Junção de tudo = Os frutos da árvore que foi derrubada são venenosos.

02) O artista morreu ontem. Eu falara da obra do artista.

- Substantivo repetido = artista - o substantivo repetido possui algo.
- Algo de alguém = Alguém cujo algo: a obra do artista = o artista cuja obra. Somando as duas orações, tem-se

O artista cuja obra eu falara morreu ontem.

Observe que, nesse último exemplo, a **junção de tudo** ficou incompleta, pois a segunda oração é **Eu falara da obra do artista**, porém, na junção, a prep. **de** desapareceu. Portanto o período está inadequado gramaticalmente. A explicação é a seguinte: Quando o verbo da oração subordinada adjetiva exigir preposição, deve-se colocá-la antes do pronome relativo. Então, tem-se: **O artista de cuja obra eu falara morreu ontem**.

03) As pessoas estão presas. Eu acreditei nas palavras das pessoas.

- Substantivo repetido = pessoas - o substantivo repetido possui algo.
- Algo de alguém = Alguém cujo algo: as palavras das pessoas = as pessoas cujas palavras. Somando as duas orações, tem-se

As pessoas cujas palavras acreditei estão presas.

O verbo **acreditar** está usado com a prep. **em**, portanto ela será colocada antes do pronome relativo. **As pessoas em cujas palavras acreditei estão presas**.

Começando pela outra oração:

- Colocação do pronome **que** após o substantivo = Eu acreditei nas palavras das pessoas que ...
- Restante da outra oração = ... estão presas
- Junção de tudo = Eu acreditei nas palavras das pessoas que estão presas.

Obs: Todos os pronomes relativos iniciam Oração Subordinada Adjetiva, portanto todos os períodos apresentados contêm oração subordinada adjetiva.

O Pronome Relativo Quem

Este pronome substitui um substantivo que representa uma pessoa, evitando sua repetição. Somente deve ser utilizado antecedido de preposição, inclusive quando funcionar como objeto direto, Nesse caso, haverá a anteposição obrigatória da prep. **a**, e o pronome passará a exercer a função sintática de **objeto direto preposicionado**. Por exemplo na oração **A garota que conheci está em minha sala**, o pronome **que** funciona como objeto direto. Substituindo pelo pronome **quem**, tem-se

A garota a quem conheci ontem está em minha sala.

Há apenas uma possibilidade de o pronome **quem** não ser precedido de preposição: quando funcionar como sujeito. Isso só ocorrerá, quando possuir o mesmo valor de **o que, a que, os que, as que, aquele que, aquela que, aqueles que, aquelas que**, ou seja, quando puder ser substituído por pronome demonstrativo (**o, a, os, as, aquele, aquela, aqueles, aquelas**) mais o pronome relativo **que**. Por exemplo: **Foi ele quem me disse a verdade = Foi ele o que me disse a verdade**. Nesses casos o pronome **quem** será denominado de **Pronome Relativo Indefinido**.

Na montagem do período, deve-se colocar o pronome relatico **quem** imediatamente após o substantivo repetido, que passará a ser chamado de elemento antecedente.

Por exemplo nas orações **Este é o artista. Eu me referi ao artista ontem**. há o substantivo **artista** repetido. Pode-se usar o pronome relativo **quem** e, assim, evitar a repetição de **artista**. O pronome será colocado após o substantivo. Então, tem-se **Este é o artista quem...** Este **quem** está no lugar da palavra **artista** da outra oração. Deve-se, agora, terminar a outra oração: **...eu me referi ontem**, ficando **Este é o artista quem me referi ontem**. Como o verbo **referir-se** exige a preposição **a**, ela será colocada antes do pronome relativo. Então tem-se

Este é o artista a quem me referi ontem.

Não se pode iniciar o período pela outra oração, pois o pronome relativo **quem** só funciona como sujeito, quando puder ser substituído por **o que, a que, os que, as que, aquele que, aqueles que, aquela que, aquelas que**.

Outros exemplos:
01) Encontrei o garoto. Você estava procurando o garoto.

- Substantivo repetido = garoto
- Colocação do pronome após o substantivo = Encontrei o garoto que ...
- Restante da outra oração = ... você estava procurando.
- Junção de tudo = Encontrei o garoto quem você estava procurando. Como **procurar** é verbo transitivo direto, o pronome **quem** funciona como objeto direto. Então, deve-se antepor a prep. **a** ao pronome relativo, funcionando como objeto direto preposicionado.

Encontrei o garoto a quem você estava procurando.

Começando pela outra oração:

- Colocação do pronome após o substantivo = Você estava procurando o garoto quem
- Restante da outra oração = ... encontrei
- Junção de tudo = Você estava procurando o garoto quem encontrei. Novamente objeto direto preposicionado:

Você estava procurando o garoto a quem encontrei.

02) Aquele é o homem. Eu lhe falei do homem.

- Substantivo repetido = homem
- Colocação do pronome após o substantivo = Aquele é o homem quem ...
- Restante da outra oração = ... lhe falei.
- Junção de tudo = Aquele é o homem quem lhe falei. Como **falar** está usado com a prep. **de**, deve-se antepô-la ao pronome relativo, ficando

Aquele é o homem de quem lhe falei.

Não se esqueça disto:

O pronome relativo **quem** somente deve ser utilizado antecedido de preposição;
Quando for objeto direto, será antecedido da prep. **a**, transformando-se em objeto direto preposicionado;

Somente funciona como sujeito, quando puder ser substituído por **o que, os que, a que, as que, aquele que, aqueles que, aquela que aquelas que**.

O Pronome Relativo Qual

Este pronome tem o mesmo valor de **que** e de **quem**.

É sempre antecedido de artigo, que concorda com o elemento antecedente, ficando **o qual, a qual, os quais, as quais**.

Se a preposição que anteceder o pronome relativo possuir duas ou mais sílabas, só poderemos usar o pronome **qual**, e não **que** ou **quem**. Então só se pode dizer **O juiz perante o qual testemunhei. Os assuntos sobre os quais conversamos**, e não O juiz perante quem testemunhei nem Os assuntos sobre que conversamos.

Outro exemplo:

Meu irmão comprou o restaurante. Eu falei a você sobre o restaurante.

- Substantivo repetido = restaurante
- Colocação do pronome após o substantivo = Meu irmão comprou o restaurante que ...
- Restante da outra oração = ... eu falei a você.
- Junção de tudo = Meu irmão comprou o restaurante que eu falei a você. Observe que o verbo **falar**, na oração apresentada, foi usado com a preposição **sobre**, que deverá ser anteposta ao pronome relativo: **Meu irmão comprou o restaurante sobre que eu falei a você**. Como a preposição **sobre** possui duas sílabas, não se pode usar o pronome **que**, e sim **o qual**, ficando, então,

  Meu irmão comprou o restaurante sobre o qual eu falei a você.

O Pronome Relativo Onde

Este pronome tem o mesmo valor de **em que**.

Sempre indica **lugar**, por isso funciona sintaticamente como **Adjunto Adverbial de Lugar**.

Se a preposição **em** for substituída pela prep. **a** ou pela prep. **de**, substituiremos **onde** por **aonde** e **donde**, respectivamente. Por exemplo: **O sítio aonde fui é aprazível. A cidade donde vim fica longe.**

Será Pronome Relativo Indefinido, quando puder ser subtituído por **O lugar em que**. Por exemplo na frase **Eu nasci onde você nasceu. = Eu nasci no lugar em que você nasceu**.

Outro exemplo:
Eu conheço a cidade. Sua sobrinha mora na cidade.

- Substantivo repetido = cidade
- Colocação do pronome após o substantivo = Eu conheço a cidade que...
- Restante da outra oração = ... sua sobrinha mora.
- Junção de tudo = Eu conheço a cidade que sua sobrinha mora. O verbo **morar** exige a prep. **em**, pois **quem mora, mora em algum lugar**. Então

Eu conheço a cidade em que sua sobrinha mora.
Eu conheço a cidade na qual sua sobrinha mora.
Eu conheço a cidade onde sua sobrinha mora.

O Pronome Relativo Quanto

Este pronome é sempre antecedido de **tudo, todos** ou **todas**, concordando com esses elementos (**quanto, quantos, quantas**).

Exemplo:
Fale tudo quanto quiser falar.
Traga todos quantos quiser trazer.
Beba todas quantas quiser beber.

Pronomes de Tratamento

São pronomes empregados no trato com as pessoas, familiarmente ou respeitosamente. Embora o **pronome de tratamento** se dirija à segunda pessoa, toda a concordância deve ser feita com a **terceira pessoa**. Usa-se **Vossa**, quando **conversamos com a pessoa**, e **Sua**, quando **falamos da pessoa**.
Ex.

- Vossa Senhoria deveria preocupar-se com suas responsabilidades e não com as de
- Sua Excelência, o Prefeito, que se encontra ausente.

Eis uma pequena lista de pronomes de tratamento:

AUTORIDADES DE ESTADO

Civis

Pronome de tratamento	**Abreviatura**	**Usado para**
Vossa Excelência	V. Ex.ª	Presidente da República, Senadores da República, Ministro de Estado, Governadores, Deputados Federais e Estaduais, Prefeitos, Embaixadores, Vereadores, Cônsules, Chefes das Casas Civis e Casas Militares
Vossa Magnificência	V. M.	Reitores de Universidade
Vossa Senhoria	V. S.^{a}	Diretores de Autarquias Federais, Estaduais e Municipais

Judiciárias

Pronome de tratamento	**Abreviatura**	**Usado para**
Vossa Excelência	V. Ex.ª	Desembargador da Justiça, curador, promotor
Meritíssimo Juiz	M.	Juiz Juízes de Direito
Vossa Senhoria	V. S.^{a}	Diretores de Autarquias Federais, Estaduais e Municipais

Militares

Pronome de tratamento	Abreviatura	Usado para
Vossa Excelência	V. Ex.ª	Oficiais generais (até coronéis)
Vossa Senhoria	V. S.ª	Outras patentes militares
Vossa Senhoria	V. S.ª	Diretores de Autarquias Federais, Estaduais e Municipais

AUTORIDADES ECLESIÁSTICAS

Pronome de tratamento	Abreviatura	Usado para
Vossa Santidade	V. S.	Papa
Vossa Eminência Reverendíssima	V. Em.ª Revm.ª	Cardeais, arcebispos e bispos
Vossa Reverendíssima	V. Revmª	Abades, superiores de conventos, outras autoridades eclesiásticas e sacerdotes em geral

AUTORIDADES MONÁRQUICAS

Pronome de tratamento	Abreviatura	Usado para
Vossa Majestade	V. M.	Reis e Imperadores
Vossa Alteza	V. A.	Príncipe, Arquiduques e Duques
Vossa Reverendíssima	V. Revmª	Abades, superiores de conventos, outras autoridades eclesiásticas e sacerdotes em geral

OUTRAS AUTORIDADES

Pronome de tratamento	Abreviatura	Usado para
Vossa Senhoria	V. S.ª	Dom
Doutor	Dr.	Doutor
Comendador	Com.	Comendador
Professor	Prof.	Professor

Pronomes Possessivos

São aqueles que indicam **posse**, em relação às três pessoas do discurso. São eles: **meu(s), minha(s), teu(s), tua(s), seu(s), sua(s), nosso(s), nossa(s), vosso(s), vossa(s).**

Empregos dos pronomes possessivos

01) O emprego dos possessivos de terceira pessoa **seu, sua, seus, suas** pode dar duplo sentido à frase (ambigüidade). Para evitar isso, coloca-se à frente do substantivo dele, dela, deles, delas, ou troca-se o possessivo por esses elementos.
Ex.

- Joaquim contou-me que Sandra desaparecera com seus documentos.

De quem eram os documentos? Não há como saber. Então a frase está ambígua. Para tirar a ambigüidade, coloca-se, após o substantivo, o elemento referente ao dono dos documentos: se for Joaquim: Joaquim contou-me que Sandra desaparecera com seus documentos dele; se for Sandra: Joaquim contou-me que Sandra desaparecera com seus documentos dela. Pode-se, ainda, eliminar o pronome possessivo: Joaquim contou-me que Sandra desaparecera com os documentos dele (ou dela).

02) É facultativo o uso de artigo diante dos possessivos.
Ex.

- Trate bem seus amigos. ou Trate bem os seus amigos.

03) Não se devem usar pronomes possessivos diante de partes do próprio corpo.
Ex.

- Amanhã, irei cortar os cabelos.
- Vou lavar as mãos.
- Menino! Cuidado para não machucar os pés!

04) Não se devem usar pronomes possessivos diante da palavra casa, quando for a residência da pessoa que estiver falando.
Ex.

- Acabei de chegar de casa.
- Estou em casa, tranqüilo.

Pronomes Demonstrativos

Pronomes demonstrativos são aqueles que situam os seres no tempo e no espaço, em relação às pessoas do discurso. São os seguintes:

01) Este, esta, isto:

São usados para o que está próximo da pessoa que fala e para o tempo presente.
Ex.

- Este chapéu que estou usando é de couro.
- Este ano está sendo cheio de surpresas.

02) Esse, essa, isso:

São usados para o que está próximo da pessoa com quem se fala, para o tempo passado recente e para o futuro.
Ex.

- Esse chapéu que você está usando é de couro?
- 2003. Esse ano será envolto em mistérios.
- Em novembro de 2001, inauguramos a loja. Até esse mês, nada sabíamos sobre comércio.

03) Aquele, aquela, aquilo:

São usados para o que está distante da pessoa que fala e da pessoa com quem se fala e para o tempo passado remoto.
Ex.

- Aquele chapéu que ele está usando é de couro?
- Em 1974, eu tinha 15 anos. Naquela época, Londrina era uma cidade pequena.

Outros usos dos demonstrativos

01) Em uma citação oral ou escrita, usa-se este, esta, isto para o que ainda vai ser dito ou escrito, e esse, essa, isso para o que já foi dito ou escrito.
Ex.

- Esta é a verdade: existe a violência, porque a sociedade a permitiu.
- Existe a violência, porque a sociedade a permitiu. A verdade é essa.

02) Usa-se este, esta, isto em referência a um termo imediatamente anterior. Ex.

- O fumo é prejudicial à saúde, e esta deve ser preservada.
- Quando interpelei Roberval, este assustou-se inexplicavelmente.

03) Para estabelecer-se a distinção entre dois elementos anteriormente citados, usa-se este, esta, isto em relação ao que foi mencionado por último e aquele, aquela, aquilo, em relação ao que foi nomeado em primeiro lugar.
Ex.

- Sabemos que a relação entre o Brasil e os Estados Unidos é de domínio destes sobre aquele.
- Os filmes brasileiros não são tão respeitados quanto as novelas, mas eu prefiro aqueles a estas.

04) O, a, os, as são pronomes demonstrativos, quando equivalem a isto, isso, aquilo ou aquele(s), aquela(s).
Ex.

- Não concordo com o que ele falou. (aquilo que ele falou)
- Tudo o que aconteceu foi um equívoco. (aquilo que aconteceu)

Pronomes Indefinidos

Os pronomes indefinidos referem-se à terceira pessoa do discurso de uma maneira vaga, imprecisa, genérica.

São eles: **alguém, ninguém, tudo, nada, algo, cada, outrem, mais, menos, demais, algum, alguns, alguma, algumas, nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhumas, todo, todos, toda, todas, muito, muitos, muita, muitas, bastante, bastantes, pouco, poucos, pouca, poucas, certo, certos, certa, certas, tanto, tantos, tanta, tantas, quanto, quantos, quanta, quantas, um, uns,**

uma, umas, qualquer, quaisquer além das locuções pronominais indefinidas cada um, cada qual, quem quer que, todo aquele que, tudo o mais...

Usos de alguns pronomes indefinidos

Todo

O pronome indefinido todo deve ser usado com artigo, se significar inteiro e o substantivo à sua frente o exigir; caso signifique cada ou todos não terá artigo, mesmo que o substantivo exija.
Ex.

- Todo dia telefono a ela. (Todos os dias)
- Fiquei todo o dia em casa. (O dia inteiro)
- Todo ele ficou machucado. (Ele inteiro, mas a palavra ele não admite artigo)

Todos, todas

Os pronomes indefinidos todos e todas devem ser usados com artigo, se o substantivo à sua frente o exigir.
Ex.

- Todos os colegas o desprezam.
- Todas as meninas foram à festa.
- Todos vocês merecem respeito.

Algum

O pronome indefinido algum tem sentido afirmativo, quando usado antes do substantivo; passa a ter sentido negativo, quando estiver depois do substantivo.
Ex.

- Amigo algum o ajudou. (Nenhum amigo)
- Algum amigo o ajudará. (Alguém)

Certo

A palavra certo será pronome indefinido, quando anteceder substantivo e será adjetivo, quando estiver posposto a substantivo.

Ex.

- Certas pessoas não se preocupam com os demais.
- As pessoas certas sempre nos ajudam.

Qualquer

O pronome indefinido qualquer não deve ser usado em sentido negativo. Em seu lugar, deve-se usar **algum**, posteriormente ao substantivo, ou **nenhum**
Ex.

- Ele entrou na festa sem qualquer problema. Essa frase está inadequada gramaticalmente. O adequado seria
- Ele entrou na festa sem problema algum.
- Ele entrou na festa sem nenhum problema

Pronomes Interrogativos

São os pronomes **que, quem, qual** e **quanto** usados em frases interrogativas diretas ou indiretas.
Ex.

- Que farei agora? - Interrogativa direta.
- Quanto te devo, meu amigo? - Interrogativa direta.
- Qual é o seu nome? - Interrogativa direta.
- Não sei quanto devo cobrar por esse trabalho. - Interrogativa indireta.

Notas:
01) Na expressão interrogativa **Que é de?** subentende-se a palavra **feito**: Que é do sorriso? (= Que é feito do sorriso?), Que é dele? (= Que é feito dele?). Nunca se deve usar **quédê, quedê** ou **cadê**, pois essas palavras oficialmente não existem, apesar de, no Brasil, o uso de **cadê** ser cada dia mais constante.

02) Não se deve usar a forma **o que** como pronome interrogativo; usa-se apenas **que**, a não ser que o

pronome seja colocado depois do verbo.
Ex.

- Que você fará hoje à noite? e não O que você fará hoje à noite?
- Que queres de mim? e não O que queres de mim?
- Você fará o quê?

Exercícios

01) Assinale a alternativa incorreta:

a) Seria mais econômico para mim vender o carro
b) Pesam sérias acusações sobre mim e ti
c) Depois do espetáculo, todos queriam falar consigo
d) Tenho certeza, porque ela falou com nós mesmos
e) Ainda cantas aquelas músicas? Canta-as para nós.

02) Complete as lacunas abaixo (veja o quadro a seguir):
01.________________carro que dirijo não é meu
02.________________teu fascínio é que me apaixona
03. _______cadeiras que usamos são confortáveis, mas __________do Teatro Nacional são bem melhores
04. ______de vês lá em alto-mar é a tempestade, o ciclone
05. De todos os livros que li _____aqui foi o mais complicado
06. Paula, de quem é _____ moto que o teu irmão dirige?
07. Os tipos de predicado são _______: nominal, verbal e verbo-nominal
08. Você, que está no Chile, poderia me dizer quantos brasileiros vivem ______ país
09. Sei que vou alcançar meus objetivos e __está bem próximo
10. O que você quis dizer com ______?
11. _________ que eles estão fazendo é crime de lesa-pátria
12. Ao observar o juiz e o bandeirinha, percebi que ______ confirmou o sinal que _____lhe fizera, e anulo o nosso gol

03) Assinale a alternativa que não apresenta pronome indefinido ou locução:
a) Jamais houve qualquer manifestação de apreço ou de desdém
b) Não faças a outrem o que não queres par ti
c) Racionamento é sinal de menos progresso
d) É mister que se façam bastantes exercícios
e) Não moro na fazenda porque lá a vida é muito monótona

04) Assinale a alternativa em que não ocorre pronome interrogativo:
a) Ainda não sei quem escreveu aquele bilhetinho
b) Aonde você quer chegar com tanta pressa?
c) Poderias me dizer qual será o teu próximo passo
d) Que lhe parece esta programa? Fácil? Difícil?
e) Que é que o senhor está fazendo?

05) Assinale a alternativa que contenha, respectivamente, um pronome pessoal do caso reto (sujeito) e um do caso oblíquo (objeto direto):
a) Eu comecei a reformar a natureza por esta passarinho
b) E mais uma vez me convencia da "tortura" destas coisas
c) Todos a ensinavam a respeitar a natureza
d) Ela os ensina a fazer ninhos nas árvores

06) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase:
As crianças, _________ enorme capacidade de criar devem ser continuamente exercitada, encontram variados meios de escapar do mundo _____imperam as leis de objetos industrializados.
a) cuja, em que
b) cujas, onde
c) a cuja, para que
d) cuja a, em que

07) A carta vinha endereçada para ______e para _____: _____é que abri.
a) mim, tu, porisso
b) mim, ti, porisso
c) mim, ti, por isso
d) eu, ti, por isso

08) Assinale o período com erro relacionado ao emprego dos pronomes relativos:

a) O livro a que me referi é este
b) Ele é uma pessoa de cuja honestidade ninguém duvida
c) O livro em cujos os dados nos baseamos é aquele
d) A pessoa perante a qual compareci foi muito agradável

09) São excelentes técnicos, _______ colaboração não podemos prescindir.
a) cuja
b) de cuja
c) que a
d) dos quais a

10) Em Ajeito-lhe as cobertas, o pronome lhe exerce a mesma função em que:
a) Luz sempre lhe afugenta o sono
b) O irmão dizia-lhe para ser sério
c) Vinha-lhe, então, a raiva
d) Sempre lhe negavam uma resposta

11) Por favor, passe _______caneta que está aí perto de você; ________ aqui não serve para __________ desenhar.
a) essa, esta, eu
b) esta, esta, mim
c) essa, essa, eu
d) essa, esta, mim

12) Indique a alternativa que completa corretamente as lacunas abaixo:
1. Não foi essa a pessoa ___aludi
2. Há fatos ________nunca nos esquecemos
3 Itaipu foi uma das obras _______construção mais comprometeu o orçamento nacional
4. A conclusão ____chegou não tem o menor fundamento
5. O conferencista, _______ conhecimentos desconfiávamos, foi infeliz em suas colocações
a) à qual, de que, em cuja, a que, de cujos
b) a que, de que, cuja, a que, de cujos
c) a qual, dos quais, com cuja, a qual, dos quais
d) a quem, que, em cuja, à qual, em cujos

13) Assinale o item em que não ocorre pronome pessoal reflexivo:
a) Os amigos olharam-se emocionados
b) A criança feriu-se com o lápis
c) Ofereceu-se um prêmio ao atleta
d) Olhou-se no espelho e assustou-se com seu ar doentio

14) Assinale o único item correto:
a) Vou consigo ao teatro hoje.
b) Esta pesquisa é para mim fazer?
c) Nada de sério houve entre eu e tu
d) O diretor conversou com nós dois

15) Em "V.M. é esperado no salão nobre", o pronome refere-se a um:
a) Duque
b) Príncipe
c) Imperador
d) Arquiduque

16) Assinale o item que apresenta um erro:
a) Esta carta, desejo mantê-la em segredo
b) V.Exª quer que mande subir vossa bagagem
c) Eu sei que há muitas pessoas que não concordam conosco
d) Prometeu que falará com nós todos

17) Assinale as frases abaixo:
1. Não houve desentendimentos entre mim e ti
2. Deixem-me explicar o que houve
3. Para mim, aceitar essa condição é humilhante
a) Todas estão corretas
b) 1 e2 estão corretas
c) 2 e 3 estão corretas
d) 1 e 3 estão corretas

18) Assinale a alternativa incorreta:

a) Percebi que o plano era para eu desistir do jogo
b) Não vá sem mim ao cinema
c) Já houve discussões entre eu e você em outras ocasiões?
d) Pesam suspeitas sobre você e mim.

19) Assinale a frase em que há pronome possessivo substantivo:
a) Você já preparou sua mochila
b) Ele aparenta ter seus trinta anos
c) Lembre-se de responder à minha carta
d) Este é o meu carro, onde está o seu

20) Assinale o item que apresenta algum erro:
a) Remeti ao nosso representante os documentos e promissórias
b) Vossa Senhoria examinou nosso pedido de exoneração?
c) Vossa Excelência provocou polêmicas com vosso discurso ontem
d) Seus amigos e amigas me convidaram para a recepção

Nas questões de nº 21 a 30 classifique as palavras O, A, OS, AS de acordo com o seguinte código:
a - pronome pessoal oblíquo
b - pronome demonstrativo
c - artigo definido

21) ( ) Você conhece a menina que acaba de chegar?
22) ( ) Não a vejo há muitos anos
23) ( ) Seu belo sorriso, eu ainda o guardo na lembrança
24) ( ) Não sei o que lhe aconteceu
25) ( ) Não use esta toalha; que a que está no armário
26) ( ) Neste horário o diretor costuma sair
27) ( ) Não há o que temer neste caso
28) ( ) Os que quiserem participar do jogo, levantem a mão
29) ( ) O momento da desforra não deve demorar
30) ( ) Peque este pacote e leve-o ao ministro

31) Em todas as frase há um pronome demonstrativo, exceto em:
a) Eu não posso fazer esse trabalho
b) Todos a acharam simpática
c) Não esperava encontrar tal pessoa
d) Meus amigos prepararam esta bela surpresa

32) Assinale a única frase em que há um pronome demonstrativo combinado com preposição:
a) Eles foram à igreja acompanhar os noivos
b) Ninguém conhecia os candidatos: votaram no que pareciam mais simpático.
c) O prejuízo da companhia é o que me preocupa agora
d) Qualquer um dos alunos é capaz de resolver esta questão

33) Assinale a alternativa sem pronome indefinido:
a) Fui à livraria e comprei vários livros técnicos
b) Espero que isto não aconteça mais a ninguém
c) Quaisquer dúvidas serão esclarecidas pelo professor
d) Estava me pareceu a pessoa certa para o serviço

34) Assinale o item em que o pronome foi corretamente analisado:
a) Ela esta conversando com alguns colegas. (pronome indefinido Substantivo)
b) Ele foi ver o que estava acontecendo (pronome. Pessoal)
c) As notícias deixaram-na feliz. (pronome demonstrativo adjetivo)
d) Todos são responsáveis pelo sucesso (pronome indefinido substantivo)

35) O pronome não foi corretamente analisado. Assinale:
a) Qualquer problema o abala. (pronome indefinido)
b) É claro que eu os conheço. (pronome demonstrativo)
c) Explique-me o que houve (pronome demonstrativo)
d) Não lhe diga nada (pronome pessoal)

36) Em todos os itens foram destacados pronomes, exceto em:
a) Certas notícias nos deixam vagamente preocupados
b) Alguma coisa aconteceu na cidade
c) Todo mundo sabe que isso é boato
d) Veja se o cálculo está certo

37) Em “Nem tudo que reluz é ouro”, a palavra destacada é:
a) pronome adjetivo demonstrativo
b) pronome adjetivo indefinido
c) pronome substantivo indefinido
d) pronome relativo

38) “Contaram-me casos que nunca mais esquecerei”, a palavra destacada é:
a) pronome adjetivo indefinido
b) pronome relativo
c) pronome substantivo demonstrativo
d) pronome substantivo possessivo

39) “Desejo uma fotografia como esta, o senhor vê? - como esta: em que sempre me via com um vestidos de eterna festa”
(C. Meireles)
- O pronome “esta”, que ocorre repetido no texto, indica:
a) algo próximo à pessoa de fala
b) algo próximo a pessoa de quem se fala.
c) algo próximo à pessoa com quem se fala
d) algo próximo ao leitor

40) “Sabino teve medo do que o homem ia dizer”, o temo destacado é:
a) preposição
b) preposição de + artigo o
c) preposição de + pronome o
d) pronome demonstrativo (daquilo)

41) Assinale o emprego incorreto do pronome demonstrativo:
a) A mulher é mais tolhida socialmente que o homem. A este se permitem direitos que se negam àquela
b) Em 1944 ainda havia guerra. Esta época traumatizou a humanidade.
c) O que dizer dessas opiniões que acabaste de expor
d) Estes documentos que tenho aqui comigo, não os revelarei tão cedo

42) Assinale a alternativa em que o emprego dos demonstrativos não esteja de acordo com a norma culta:
a) Não consegue entender-se consigo mesma.
b) Vocês são os mesmo de sempre
c) Vossa Excelência mesma garantiu o contrato
d) Vós próprias recomendastes o moço para o cargo

43) Assinale o item em que o pronome relativo destacado não poderia ser substituído pelo pronome que:
a) Nasceu uma nova teoria da qual temos pouco conhecimento
b) Fui visitar o lugar no qual nasci
c) Divulgaram os critérios segundo os quais seriam julgados
d) Discutiam-se as razões pelas quais se demitiu o ministro.

44) “E cada qual que se retraísse: todos tinham a impressão do perigo; ninguém queria expor-se a queimar a roupa. “No período há:
a) três pronome substantivo demonstrativos
b) três pronome substantivo indefinidos
c) dois pronome substantivo e um pronome adjetivo indefinido
d) três pronome adjetivos indefinidos

45) Assinale a frase sem pronome interrogativo:
a) Tem certeza de que ela chora, em vez de rir?
b) Meu relógio parou. Pergunto-lhe quantas horas são?
c) Que é que manda mais, Constituição ou Declaração?
d) Quem importa a paisagem, a glória, a baía, a linha do horizonte?

46) Assinale o item com erro no emprego do pronome demonstrativo:
a) Maria, quem é esse jovem que está com você?
b) “Amai-vos uns aos outros”! são estas as verdadeira palavras.
c) 1977, como foi bom aquele ano!
d) Não concordo com aquelas palavras que José pronunciou.

47) Assinale a alternativa que contém a abreviatura da “ expressão de tratamento ”correspondente ao título enumerado:
a) Papa .... V. S.ª.
b) Juiz .... V. Em ª

c) Reitor ....V. Magª
d) Coronel ....V. Exª

48) Aponte a letra em que o "se" dá apenas a idéia de reflexibilidade:
a) Não se dorme naquela lugar
b) Falam-se verdades, brincando
c) Fique, não se vá
d) Você se alegra com minha chegada?

49) V. Exª ________ que posso __________ ?
a) julgais – auxiliá-lo
b) julga – auxiliar-vos
c) julga – auxiliá-lo
d) julgais – auxiliar-vos

Respostas Sobre Pronomes

01. C
02. 1. Este
2. Esse
3. Estas - aquelas
4. Aquilo
5. Este
6. Aquela
7. Estes
8. Nesse
9. Isso
10. Isso
11. Aquilo
12. Aquele - este
03. E
04. B
05. D
06. A
07. C
08. C
09. B
10. A
11. A
12. B
13. C
14. D
15. C
16. B
17. A
18. C
19. D
20. C
21. C
22. A
23. A
24. B
25. B
26. C
27. B
28. B
29. C
30. A
31. B
32. B
33. D
34. D
35. B
36. D
37. C
38. B
39. A
40. C
41. B
42. B
43. C
44. B
45. A
46. B
47. C
48. D
49. C

Colocação Pronominal

Este é o estudo da colocação dos pronomes **oblíquos átonos** (**me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, os, as, lhes**) em relação ao verbo. Eles podem ser colocados de três maneiras diferentes, de acordo com as seguintes regras:

Próclise

Próclise é a colocação dos pronomes oblíquos átonos antes do verbo. Usa-se a próclise, obrigatoriamente, quando houver palavras atrativas. São elas:

• **Palavras de sentido negativo.**	**Ela nem se incomodou com meus problemas.**
• **Advérbios.**	**Aqui se tem sossego, para trabalhar.**
• **Pronomes Indefinidos.**	**Alguém me telefonou?**
• **Pronomes Interrogativos.**	**Que me acontecerá agora?**
• **Pronomes Relativos**	**A pessoa que me telefonou não se identificou.**
• **Pronomes Demonstrativos Neutros.**	**Isso me comoveu deveras.**
• **Conjunções Subordinativas.**	**Escrevia os nomes, conforme me lembrava deles.**

Outros usos da próclise:

01) **Em frases exclamativas e/ou optativas (que exprimem desejo):**
Ex. **Quantas injúrias se cometeram naquele caso!**
Deus te abençoe, meu amigo!

02) **Em frases com preposição em + verbo no gerúndio**:
Ex. **Em se tratando de gastronomia, a Itália é ótima.**

Em se estudando Literatura, não se esqueça de Carlos Drummond de Andrade.

03) **Em frases com preposição + infinitivo flexionado**:
Ex. **Ao nos posicionarmos a favor dela, ganhamos alguns inimigos.**
Ao se referirem a mim, fizeram-no com respeito.

04) **Havendo duas palavras atrativas**, **tanto o pronome poderá ficar após as duas palavras, quanto entre elas**.
Ex. **Se me não ama mais, diga-me.**
Se não me ama mais, diga-me.

Mesóclise

Mesóclise é a colocação dos **pronomes oblíquos átonos** no meio do verbo. Usa-se a mesóclise, quando houver verbo no **Futuro do Presente** ou no **Futuro do Pretérito**, sem que haja palavra atrativa alguma, apesar de, mesmo sem palavra atrativa, a próclise ser aceitável. O pronome oblíquo átono será colocado entre o **infinitivo** e as terminações **ei, ás, á, emos, eis, ão**, para o **Futuro do Presente**, e as terminações **ia, ias, ia, íamos, íeis, iam**, para o **Futuro do Pretérito**. Por exemplo, o verbo **queixar-se** ficará conjugado da seguinte maneira:

Futuro do Presente	**Futuro do Pretérito**
queixar-me-ei	**queixar-me-ia**
queixar-te-ás	**queixar-te-ias**
queixar-se-á	**queixar-se-ia**
queixar-nos-emos	**queixar-nos-íamos**
queixar-vos-eis	**queixar-vos-íeis**
queixar-se-ão	**queixar-se-iam**

Para se conjugar qualquer outro verbo pronominal, basta-lhe trocar o infinitivo. Por exemplo, retira-se **queixar** e coloca-se **zangar, arrepender, suicidar**, mantendo os mesmos pronomes e desinências: **zangar**-**me**-**ei**, **zangar**-**te**-**ás**...

Lembre-se de que, quando o **verbo** for **transitivo direto** terminado em **R, S** ou **Z** e à frente surgir o pronome **O** ou **A, OS, AS**, as terminações desaparecerão. Por exemplo **Vou cantar a música = Vou cantá-la**. O mesmo ocorrerá, na formação da mesóclise: **Cantarei a música = Cantá-la-ei**.

Os verbos **dizer, trazer e fazer** são conjugados no Futuro do Presente e no Futuro do Pretérito, perdendo as letras ze, ficando, por exemplo, **direi, dirás, traria, faríamos**. Na formação da mesóclise, ocorre o mesmo: **Direi a verdade = Di-la-ei; Farão o trabalho = Fá-lo-ão; Traríamos as apostilas = Trá-las-íamos**.

Obs.: Se o verbo não estiver no início da frase e estiver conjugado no Futuro do Presente ou no Futuro do Pretérito, no Brasil, tanto poderemos usar Próclise, quanto Mesóclise. Por exemplo: **Eu me queixarei de você** ou **Eu queixar-me-ei de você**. **Os alunos se esforçarão** ou **Os alunos esforçar-se-ão**.

Ênclise

Ênclise é a colocação dos pronomes oblíquos átonos depois do verbo. Usa-se a ênclise, principalmente nos seguintes casos:

01) **Quando o verbo iniciar a oração.**
Ex. **Trouxe-me as propostas já assinadas.**
Arrependi-me do que fiz a ela.

02) **Com o verbo no imperativo afirmativo**.
Ex. **Por favor, traga-me as propostas já assinadas.**
Arrependa-se, pecador!!

Obs.: Se o verbo não estiver no início da frase e não estiver conjugado no Futuro do Presente ou no Futuro do Pretérito, no Brasil, tanto poderemos usar Próclise, quanto Ênclise. Por exemplo: **Eu me queixei de você** ou **Eu queixei-me de você**. **Os alunos se esforçaram** ou **Os alunos esforçaram-se.**

Colocação pronominal nas locuções verbais

As locuções verbais são formadas por **verbo auxiliar + infinitivo, particípio ou gerúndio**.

01) **Auxiliar + Infinitivo ou Gerúndio**:

Quando o verbo principal da locução verbal estiver no infinitivo ou no gerúndio, há, no mínimo, duas colocações pronominais possíveis:
Em relação ao verbo auxiliar, seguem-se as mesmas regras de
em tempos simples, ou seja, próclise, em qualquer circunstância (menos em início de frase), mesóclise, com verbo no futuro e ênclise, sem atração, nem futuro.
Em relação ao principal, deve-se colocar o pronome depois do verbo (ênclise).

Veja os exemplos:

Eles se vão esforçar mais.	**Eles não se vão esforçar mais.**	**Eles se irão esforçar mais.**
Eles vão-se esforçar mais.	**-o-**	**Eles ir-se-ão esforçar mais.**
Eles vão esforçar-se mais.	**Eles não vão esforçar-se mais.**	**Eles irão esforçar-se mais.**

01) **Auxiliar + Particípio**: Quando o verbo principal da locução verbal estiver no particípio, o pronome oblíquo átono só poderá ser colocado junto do verbo auxiliar, nunca após o verbo principal.

Veja os exemplos:

Eles se têm esforçado.	**Eles não se têm esforçado.**	**Eles se terão esforçado.**
Eles têm-se esforçado.	**-o-**	**Eles ter-se-ão esforçado.**
-o-	**-o-**	**-o-**

Nota: Quando o pronome for colocado entre os dois verbos (ênclise no auxiliar), teremos de usar hífen. Por exemplo: **Eles vão-se esforçar mais**. Há gramáticos que julgam esse hífen desnecessário.

Exercícios Sobre Colocação Pronominal

Para as perguntas de 1 a 28 você deverá assinalar com "C " o que estiver correto e com "I" os incorretos:

1. ( ) O presente é a bigorna onde se forja o futuro (próclise)
2. ( ) Nossa vocação molda-se às necessidades (ênclise)
3. ( ) Se não fosse a chuva, acompanhar-te-ia (mesóclise)
4. ( ) Macacos me mordam!
5. ( ) Caro amigo, muito lhe agradeço o favor...
6. ( ) Ninguém socorreu-nos naqueles momentos difíceis
7. ( ) As informações que se obtiveram, chocavam-se entre si
8. ( ) Quem te falou a respeito do caso?
9. ( ) Não foi trabalhar porque machucara- se na véspera
10. ( ) Não só me trouxe o livro, mas também me deu presente
11. ( ) Ele chegou e perguntou-me pelo filho
12. ( ) Em se tratando de esporte, prefere futebol
13. ( ) Vamos, amigos, cheguem-se aos bons
14. ( ) O torneio iniciar-se-á no próximo Domingo
15. ( ) Amanhã dizer-te-ei todas as novidades
16. ( ) Os alunos nos surpreendem com suas tiradas espirituosas
17. ( ) Os amigos chegaram e me esperam lá fora
18. ( ) O torneio iniciará-se no próximo Domingo
19. ( ) oferecida-lhes as explicações, saíram felizes
20. ( ) Convido-te a fazeres-lhes, essa gentileza
21. ( ) Para não falar- lhe, resolveu sair cedo
22. ( ) É possível que o leitor nos não creia
23. ( ) A turma quer-lhe, fazer uma surpresa
24. ( ) A turma havia convidado-o para sair
25. ( ) Ninguém podia ajudar-nos naquela hora
26. ( ) Algumas haviam-nos contado a verdade
27. ( ) Todos se estão entendendo bem
28. ( ) As meninas não tinham nos convidado para sair

29. Assinale a frase com erro de colocação pronominal:
a) Tudo se acaba com a morte, menos a saudade
b) Com muito prazer, se soubesse, explicaria-lhe tudo
c) João tem-se interessado por suas novas atividades
d) Ele estava preparando-se para o vestibular de Direito

30. Assinale a frase com erro de colocação pronominal:
a) Tudo me era completamente indiferente
b) Ela não me deixou concluir a frase
c) Este casamento não deve realizar-se
d) Ninguém havia lembrado-me de fazer as reservas

31. Assinale a frase incorreta:
a) Nunca mais encontrei o colega que me emprestou o livro
b) Retiramo-nos do salão, deixando-os sós
c) Faça boa viagem! Deus proteja-o
d) Não quero magoar-te, porém não posso deixar de te dizer a verdade

32. "O funcionário que se inscreve, fará prova amanhã:
1. Ocorre próclise em função do pronome relativo
2. Deveria ocorrer ênclise
3. A mesóclise é impraticável
4. Tanto a ênclise quanto a próclise são aceitáveis
a) Correta apenas a 1ª afirmativa
b) Apenas a 2ª é correta
c) São corretas a 1ª e a 3ª
d) A 4ª é a única correta

33. Assinale a colocação inaceitável:
a) Maria Oliva convidou-o
b) Se abre a porta da caleça por dentro
c) Situar-se-ia Orfeu numa gafieira?
d) D. Pedro II o convidou

34. O pronome pessoal oblíquo átono está bem colocado em um só dos períodos. Qual?
a) Isto me não diz respeito! Respondeu-me ele, afetadamente
b) Segundo deliberou-se na sessão, espero que todos apresentem-se na hora conveniente
c) Os conselhos que dão-nos os pais, levamo-los em conta mais tarde
d) Amanhã contar-lhe-ei por que peripécias consegui não envolver-me

35) Estas conservas são para nós __________ durante o inverno.
Assinale a alternativa que completa corretamente a lacuna:
a) alimentarmos- nos
b) alimentar- mo- nos
c) nos alimentarmos
d) nos alimentarmo- nos

36) Caso _______ lá, _______, para que não _______
Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas:
a) se demoram – avisem-nos – nos preocupemos
b) se demorem – avisem-nos – preocupemo-nos
c) demorem-se – nos avisem – preocupemo-nos
d) demorem-se – nos avisem – nos preocupemos

37) Do lugar onde _______, ______um belo panorama, em que o céu ________com a terra
a) se encontrava – se divisava – ligava-se
b) se encontravam – se divisava – ligava-se
c) se encontravam – divisava-se – se ligava
d) encontravam-se – divisava-se – se ligava

38) O pronome está mal colocado em apenas um dos períodos. Identifique-o:
a) Finalmente entendemos que aquela não era a estante onde deveriam-se colocar cristais
b) Ninguém nos falou, outrora, com tanta sinceridade
c) Não se vá, custa-lhe ficar um pouco mais?
d) A mão que te estendemos é amiga

Para as questões que seguem de 39 a 58, marcará com a letra "C" aquelas com o pronome oblíquo bem colocado, obedecendo as normas da Língua Culta e com "I" assinalará as incorretas:
39) ( ) Quando se estudaram minuciosamente as propostas, descobriram- se todas as falhas
40) ( ) Segundo informaram- me na seção, já se encontram prontos os contracheques desta mês
41) ( ) Os papéis que remeteram-me estão em ordem, ainda hoje devolvê-los-ei como havia prometido-lhes
42) ( ) Os professores haviam-nos instruído para as provas
43) ( ) Nada chegava a impressioná-la em sua passividade
44) ( ) Que Deus te acompanhe por toda a vida

45) ( ) Quando lhes entregariam as provas, era um mistério que não lhes era possível desvendar
46) ( ) A respeito daquelas fraudes, os auditores já haviam prevenido-os há muito tempo
47) ( ) Os amigos entreolharam- se emocionados, mas não lhes deram mais nenhuma informação
48) ( ) Aquele foi o livro que lhe eu dei como prova de admiração
49) ( ) Admirou-me a despesa porque não havias-me dito que o presente iria custar-te tão caro
50) ( ) Ainda não me havias falado essas injúrias
51) ( ) Já de pé, banhando-me, ouço-lhe os passos no corredor
52) ( ) Dir-se-ia que todos preferem-lhe ocultar os fatos
53) ( ) Os alunos não têm preocupado-se com as provas
54) ( ) Peça a dar- se- lhe- à o perdão
55) ( ) Causava-me admiração ver aqueles jovens dedicando-se aos estudos, enquanto outros não se esforçavam nem um pouco
56) ( ) Nada se faria, se ficassem de braços cruzados
57) ( ) No caso de não cumprirem o horário das aulas, romperão-se as cláusulas contratuais
58) ( ) Assim que sentiu-se prejudicado, reclamou seus direitos

Respostas Sobre Colocação Pronominal

1. C
2. C
3. C
4. C
5. C
6. I
7. C
8. C
9. I
10. C
11. C
12. C
13. C
14. C
15. I
16. C
17. C
18. I
19. I
20. I
21. C
22. C
23. C
24. I
25. C
26. I
27. I
28. I
29. B
30. D
31. C
32. C
33. B
34. A
35. C
36. A
37. C
38. A
39. C
40. I
41. I
42. C
43. C
44. C
45. C
46. I
47. C
48. C
49. I
50. C
51. C
52. I
53. C
54. I
55. C
56. C
57. I
58. I

Artigo

É a palavra variável em gênero e número que precede um substantivo, determinando-o de modo preciso (artigo definido) ou vago (artigo indefinido).

Os artigos classificam-se em:

01) Artigos Definidos: o, a, os, as.

02) Artigos Indefinidos: um, uma, uns, umas.
Ex.

- O garoto pediu dinheiro. (Antecipadamente, sabe-se quem é o garoto.)
- Um garoto pediu dinheiro. (Refere-se a um garoto qualquer, de forma genérica.)

Emprego dos artigos

Ambos

Usa-se o artigo entre o numeral **ambos** e o elemento posterior, caso este exija o seu uso.
Ex.

- Ambos os atletas foram declarados vencedores. (Atletas é substantivo que exige artigo.)
- Ambas as leis estão obsoletas. (Leis é substantivo que exige artigo.)
- Ambos vocês estão suspensos. (Vocês é pronome de tratamento que não admite artigo.)

Todos

Usa-se o artigo entre o pronome indefinido **todos** e o elemento posterior, caso este exija o seu uso.
Ex.

- Todos os atletas foram declarados vencedores.
- Todas as leis devem ser cumpridas.
- Todos vocês estão suspensos.

Todo

Diante do pronome indefinido **todo**, usa-se o artigo, para indicar totalidade; não se usa, para indicar generalização.
Ex.

- Todo o país participou da greve. (O país todo, inteiro.)
- Todo país sofre por algum motivo. (Qualquer país, todos os países.)

Cujo

Não se usa artigo após o pronome relativo **cujo**.
Ex.

- As mulheres, cujas bolsas desapareceram, ficaram revoltadas. (e não cujo as bolsas.)

Pronomes Possessivos

Diante de pronomes possessivos, o uso do artigo é facultativo.
Ex.

- Encontrei seus amigos no Shopping.
- Ensontrei os seus amigos no Shopping.

Nomes de pessoas

Diante de nome de pessoas, só se usa artigo, para indicar afetividade ou familiaridade.
Ex.

- O Pedrinho mandou uma carta a Fernando Henrique Cardoso.

Casa

Só se usa artigo diante da palavra **casa (lar, moradia)**, se a palavra estiver especificada.
Ex.

- Saí de casa há pouco.
- Saí da casa do Gilberto há pouco.

Terra

Se a palavra **terra** significar "chão firme", só haverá artigo, quando estiver especificada. Se significar **planeta**, usa-se com artigo.
Ex.

- Os marinheiros voltaram de terra, pois irão à terra do comandante.
- Os astronautas voltaram da Terra.

Nomes de lugar

Só se usa artigo diante da maioria dos nomes de lugar, quando estiver qualificado.
Ex.

- Estive em São Paulo, ou melhor, estive na São Paulo de Mário de Andrade.

Nota: Alguns nomes de lugar vêm acompanhados de artigo: a Bahia / o Rio de Janeiro / o Cairo; outros têm o uso do artigo facultativo. São eles: África, Ásia, Europa, Espanha, França, Holanda e Inglaterra.

Nomes de jornais, revistas...:

Não se deve combinar com preposição o artigo que faz parte do nome de jornais, revistas, obras literárias.
Ex.

- Li a notícia em O Estado de São Paulo.

Exercícios

1- "Ele é o **homem**, eu sou apenas uma **mulher**."
Nesses versos, reforçava-se a oposição entre os termos homem e mulher.
a) Identifique os recursos lingüísticos utilizados para provocar esse reforço.
b) Explique por que esses recursos causam tal efeito.

2- A palavra **homem** aparece duas vezes na frase que segue, com significados diferentes. Explique essa diferença.
"Suponho que nunca teria visto um homem e não sabia, portanto, o que era o homem." (Machado de

Assis)

3- Indique o erro quanto ao emprego do artigo.
a) Em certos momentos, as pessoas as mais corajosas se acovardam.
b) Em certos momentos, as pessoas mais corajosas se acovardam.
c) Em certos momentos, pessoas as mais corajosas se acovardam.
d) Em certos momentos, as mais corajosas pessoas se acovardam.

4- Assinale a alternativa em que há erro.
a) Li a noticia no Estado de S. Paulo.
b) li a noticia em O Estado de S. Paulo.
c) Essa notícia, eu a vi em A Gazeta.
d) Vi essa notícia em A Gazeta.
e) Foi em O Estado de S. Paulo que li a notícia.

5- Em qual das alternativas o artigo definido feminino corresponderia a todos os substantivos?
a) sósia, doente, lança-perfume
b) dó, telefonema, diabete
c) CIã, eclipse, pijama
d) cal, elipse, dinamite
e) champanha, criança, estudante

RESPOSTAS

1. a) O contraste entre o artigo definido ("o homem") e o artigo indefinido ("uma mulher").
   b) O artigo definido alça o substantivo **homem** a uma posição de superioridade: é um ser determinado, específico, único. O indefinido transforma a **mulher** em num ser subalterno, igual a todos os outros da mesma espécie. É interessante comentar o machismo vem expresso por uma voz feminina, ou seja, é um elemento ideológico arraigado também na visão de mundo da mulher. Os autores estão apresentando com mestria uma situação da realidade, e não, como muitos julgam, expondo as próprias idéias sobre a relação entre o homem e a mulher.
2. Nunca havia visto um indivíduo da espécie humana (um homem); por isso não sabia identificar esse tipo de ser (o homem).
3. a
4. a
5. d

Preposição

Preposição é uma palavra invariável que liga dois elementos da oração, subordinando-os. Isso significa que a preposição é o termo que liga substantivo a substantivo, verbo a substantivo, substantivo a verbo, adjetivo a substantivo, advérbio a substantivo, etc.

Por exemplo, na frase **Os alunos do colégio assistiram ao filme de Walter Salles comovidos**, teremos como elementos da oração **os alunos, o colégio**, o verbo **assistir, o filme, Walter Salles** e a qualidade dos alunos **comovidos**. O restante é preposição. Observe: **de** liga alunos a colégio, **a** liga assistir a filme, de liga filme a Walter Salles. Portanto são preposições. O termo que antecede a preposição é denominado **regente**, e o termo que a sucede, **regido**. Portanto em "Os alunos do colégio..." teremos: os alunos = elemento regente; o colégio = elemento regido.

Tipos de preposição

Essenciais: por, para, perante, a, ante, até, após, de, desde, em, entre, com, contra, sem, sob, sobre, trás.

As essenciais são as que só desempenham a função de preposição.

Acidentais: afora, fora, exceto, salvo, malgrado, durante, mediante, segundo, menos.

As acidentais são palavras de outras classes gramaticais que eventualmente são empregadas como preposições. São, também, invariáveis.

Locução Prepositiva: São duas ou mais palavras, exercendo a função de uma preposição: acerca de, a fim de, apesar de, através de, de acordo com, em vez de, junto de, para com, à procura de, à busca de, à distância de, além de, antes de, depois de, à maneira de, junto de, junto a, a par de...

As locuções prepositivas têm sempre como último componente uma preposição.

Combinação: Junção de algumas preposições com outras palavras, quando não há alteração fonética.
Ex. ao (a + o); aonde (a + onde)

Contração: Junção de algumas preposições com outras palavras, quando a preposição sofre redução.
Ex. do (de + o); neste (em + este); à (a + a)

Obs: Não se deve contrair a preposição **de** com o artigo que inicia o sujeito de um verbo, nem com o pronome **ele(s), ela(s)**, quando estes funcionarem como sujeito de um verbo.

Por exemplo a frase **"Isso não depende do professor querer"** está errada, pois **professor** funciona como sujeito do verbo **querer**.

Portanto a frase deve ser **"Isso não depende de o professor querer"** ou **"Isso não depende de ele querer".**

Circunstâncias: As preposições podem indicar diversas circunstâncias:

- Lugar = Estivemos em São Paulo.
- Origem = Essas maçãs vieram da Argentina.
- Causa = Ele morreu, por cair de um andaime.
- Assunto = Conversamos bastante sobre você.
- Meio = Passeei de bicicleta ontem.
- Posse = Recebeu a herança do avô.
- Matéria = Comprei roupas de lã.

Exercícios

1- Ao ligar dois termos de uma oração, a preposição pode expressar, entre outros aspectos uma relação temporal, espacial ou nocional. Nos versos:
"Amor total e falho... Puro e impuro...Amor de velho adolescente..."

A preposição **de** estabelece uma relação nocional. Essa mesma relação ocorre em:

a) "Este fundo **de** hotel é um fim de mundo."
b) "A quem sonha **de** dia e sonha **de** noite sabendo, todo sonho vão."
c) "Depois fui pirata mouro, flagelo **da** Tripolitânia."
d) "Chegarei **de** madrugada, quando cantar a seriema."
e) "Só os roçados da morte compensam aqui cultivar."

2- "No final da Guerra Civil americana, o ex-coronel ianque (...) sai à caça do soldado desertor que realizou assalto a trem com confederados." (O Estado de S. Paulo, 15 set. 1995.)

O uso da preposição **com** permite diferentes interpretações da frase acima.
a) Reescreva-a de duas maneiras diversas, de modo que haja um sentido diferente em cada uma.
b) Indique, para cada uma das redações, a noção expressa pela preposição com.

3- Assinale a opção em que a preposição **com** traduz uma relação de instrumento.
a) "Teria sorte nos outros lugares, com gente estranha."
b) "Com o meu avo cada vez mais perto do fim, o Santa Rosa seria um inferno."
c) "Não fumava, e nenhum livro com força de me prender."
d) "Trancava-me no quarto fugindo do aperreio, matando-as com jornais."
e) "Andavam por cima do papel estendido com outras já pregadas no breu."

4- "Depois **a** mãe recolhe as velas, torna **a** guardá-l**as** na bolsa.", os vocábulos destacados são, respectivamente:
a) pronome pessoal oblíquo, preposição, artigo.
b)artigo, preposição, pronome pessoal oblíquo.
c) artigo, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.
d) artigo, preposição, pronome demonstrativo.
e) preposição, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.

5- Na frase "Estamos a bordo." A preposição indica relação de lugar. Escreva duas frases em que o emprego desça preposição indique, respectivamente:
a) relação de tempo habitual;
b) relação de instrumento.

6- Em "óculos sem aro", a preposição sem indica ausência, falta. Explique o sentido expresso pelas preposições destacadas em:
a) "Cale-se ou expulso a senhora da sala."
b) "Interrompia a lição com piadinhas."

7- Assinale a opção cuja lacuna não pode ser preenchida peia preposição entre parênteses.
a) Uma companheira desta,... cuja figura os mais velhos se comoviam. (com)
b) uma companheira desta,... cuja figura já nos referimos anteriormente. (a)
c) Uma companheira desta,... cuia figura havia um ar de grande dama decadente. (em)
d) Uma companheira desta,... cuja figura andara todo o regimento apaixonado. (por)
e) Uma companheira desta,... cuja figura as crianças se assustavam. (de)

8- "...foram intimados **a** comparecer...", "... não **a** fizeram...", "... **a** sua oração...". As três ocorrências de **a** são, respectivamente:
a) preposição, pronome, preposição.
b) artigo, artigo, prepoçiLão.
c) pronome, artigo, preposição.
d) prepoçição, pronome, artigo.
e) artigo, pronome, pronome.

9- "... a folha de um livro retoma.", "como sob o vento a árvore que o doa.", "e nada finge vento em folha de árvore."
As expressões destacadas são introduzidas por preposições. Tais preposições são usadas, nesses versos, com a idéia de:

a) origem, lugar, especificação.
b) especificação, agente causador, lugar.
c) instrumento, especificação, lugar.
d) agente causador, especificação, lugar.
e) lugar, instrumento, origem.

10- Indique a oração que apresenta locução prepositiva.
a) Havia objetos valiosos sobre a pequena mesa de mármore.
b) À medida que os inimigos se aproximavam, as tropas inglesas recuavam.
c) Seguiu a carreira militar devido à influência do pai.
d) Agiu de caço pensado, quando se afastou de você.
e) De repente, riscou e reescreveu o texto.

11- Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase:
"O controle biológico de pragas,... o texto faz referência, é certamente o mais eficiente e adequado recurso ... os lavradores dispõem para proteger a lavoura sem prejudicar o solo."
a) do qual, com que
b) de que, que
c) que, o qual
d) ao qual, cujos
e) a que, de que

12- Assinale a opção cuja seqüência completa corretamente as frases abaixo.
A lei ... se referiu já foi revogada.
Os problemas ... se lembraram eram muito grandes.
O cargo ... aspiras é muito importante.
O filme ... gostou foi premiado.
O jogo ... assistimos foi movimentado.

a) que, que, que, que, que
b) a que, de que, que, que, a que
c) que, de que, que, de que, que
d) a que, de que, a que, de que, a que
e) a que, que, que, que, a que

13- Assinale a frase que não está correta.
a) Entre mim e ti tudo acabou.
b) Já lhe disse que entre nós nada é bom.
c) Entre ela e nós existe de tudo.
d) Entre eu e você deve haver respeito.
e) Não é possível haver dúvidas entre eles.

14- Considerando que o pronome relativo deve ser examinado em relação ao verbo que lhe vem imediatamente depois, quais frases abaixo estão corretas!

1. Apresento as provas do concurso de que fui por vós designado a elaborar.
2. Apresento as provas do concurso a que fui por vós designado a fiscalizá-lo.
3. Apresento as provas do concurso de cuja organização me destes a honra.
4. Apresento as provas do concurso para cuja fiscalização fui por vós designado.

a) Todas.
b) Apenas a 1 e a 3.
c) Apenas a 2 e a 4.
d) Apenas a 3 e a 4.
e) Apenas a 1 e a 2.

15- O projeto,... realização sempre duvidara, exigiria toda a dedicação ... fosse capaz.
a) do qual, a que
b) cuja a, da qual
C) de cuia, de que
d) que sua, de cuja
e) cuja, a qual

16- Os folhetos ··· não temos cópia são exatamente aqueles ... conteúdo ele se fixou.
a) que, cujo
b) de que, cujo o
c) de cujos, no qual
d) dos quais, em cujo
e) os quais, ao qual

17- "De todas as garçotas da classe, Paula foi a que mais me impressionou. Gostaria de ter ido a sua festa com ela. Eu a convidei, mas ela não aceitou."
As palavras destacadas são, respectivamente:
a) pronome obli4uo, artigo, preposição,
b) pronome demonstrativo, preposição, pronome oblíquo.
c) pronome oblíquo, preposição, pronome oblíquo.
d) pronome demonstrativo, preposição, artigo.
e) preposição, artigo, pronome demonstrativo.

18- “...dois meses que não vejo Paulo. Soube que ele esteve ... beira de uma crise nervosa ... menos de cinco dias do vestibular." A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:
a) Há, a, a
b) Há, à, a
c) Há, à, à
d) A, a, à
e) A, à, a

19- No trecho abaixo, extraído de uma entrevista transcrita literalmente, há uma passagem que precisaria ser modificada para adequar-se ao português **escrito** culto. Identifique essa passagem e reescreva-a na forma que Ihe parecer mais adequada.
"A Universidade é muito mais eficiente do que a indústria porque ela é o único organismo da sociedade que pode especular sem grande ônus. A Universidade é o único organismo que você pode abandonar uma pesquisa sem nenhum trauma (...)”.

20- Todos os trechos citados abaixo apresentam um problema semelhante. Diga que problema é esse e reescreva um dos trechos de modo a adequá-lo à modalidade escrita da língua portuguesa.

- Se a gente ler esta reportagem daqui a um ano a gente vai perceber as marcas que esta reportagem não é moderna (...).(amostra de escrita de aluno do 1º grau)
- Futebol, aquele esporte que faz o povo vibrar ao ver a vitória do time a qual se propõe a torcer. (amostra de escrita de aluno do 2" grau)
- Existem escolas que as aulas da noite são iluminadas à luz de velas... (boletim de greve da Associação dos Professores do Estado de São Paulo)

RESPOSTAS

1) a
2) a) ... acompanhado de confederados ou ... em que viajavam confederados.
   b) No primeiro caso, indica-se a noção de companhia; no segundo, de conteúdo.
3) d
4) b
5) a) sugestão: a determinados intervalos, a cada duas horas;
   b) sugestão: à mão, à faca, à máquina
6) a) lugar
   b) modo, instrumento
7) e

8) d
9) b
10) c
11) e
12) d
13) d
14) d
15) c
16) d
17) b
18) b
19) "... organismo em que se pode abandonar..." ou "...organismo no qual se pode abandonar..."
20) Em todos casos, o pronome relativo não foi precedido pela preposição adequada. Sugestões de correção:

Se lermos esta reportagem daqui a um ano, vamos perceber que ela não é moderna.
Futebol, aquele esporte que faz o povo vibrar ao ver a vitória do time que se propõe torcer.
Existem escolas em que as aulas da noite são iluminadas pela luz de velas.

Verbo

Verbo é a palavra que indica **ação**, praticada ou sofrida pelo sujeito, **fato**, de que o sujeito participa ativamente, **estado** ou **qualidade** do sujeito, ou **fenômeno da natureza**.

Estrutura e Flexão

Conjugação verbal:

Há três conjugações para os verbos da língua portuguesa:
1ª conjugação: verbos terminados em **-ar** .
2ª conjugação: verbos terminados em **-er** .
3ª conjugação: verbos terminados em **-ir** .

Obs.: O verbo **pôr** e seus derivados pertencem à 2ª conjugação, por se originarem do antigo verbo **poer**.

Pessoas verbais:

1ª pes. do sing.:	**eu**		**1ª pes. do pl.:**	**nós**
2ª pes. do sing.:	**tu**		**2ª pes. do pl.:**	**vós**
3ª pes. do sing.:	**ele**		**3ª pes. do pl.:**	**eles**

Modos verbais:

São três os modos verbais na língua portuguesa: **Indicativo**, que expresa atitudes de certeza,

Subjuntivo, que expressa atitudes de dúvida, hipótese, desejo, e **Imperativo**, que expressa atitude de ordem, pedido, conselho.

O modo indicativo

Tempos verbais do Indicativo

01) Presente

Indica fato que ocorre no dia-a-dia, corriqueiramente.
Ex. **Todos os dias, caminho no Zerão. Estudo no Maxi.**
Confio em meus amigos.

02) Pretérito

Indica fatos que já ocorreram.

A) Pretérito Perfeito:

Indica fato que ocorreu no passado em determinado momento, observado depois de concluído.
Ex. **Ontem caminhei no Zerão.**
Estudei no Maxi no ano passado.
Confiei em pseudo-amigos.

B) Pretérito Imperfeito:

Indica fato que ocorria com freqüência no passado, ou fato que não havia chegado ao final no momento em que estava sendo observado.
Ex. **Naquela época, todos os dias, eu caminhava no Zerão.**
Eu estudava no Maxi, quando conheci Magali.
Eu confiava naqueles amigos.

C) Pretérito Mais-que-perfeito:

Indica fato ocorrido antes de outro no Pretérito Perfeito do Indicativo.
Ex. **Ontem, quando você foi ao Zerão, eu já caminhara 6 Km.**
Eu já estudara no Maxi, quando conheci Magali.
Eu confiara naquele amigo que mentiu a mim.

03) Futuro

Indica fatos que ocorrem depois do momento da fala.

A) Futuro do Presente:

Indica fato que, com certeza, ocorrerá.
Ex. **Amanhã caminharei no Zerão pela manhã.**
Estudarei no Maxi, no ano que vem.
Eu confiarei mais uma vez naquele amigo que mentiu a mim.

B) Futuro do Pretérito:

Indica fato futuro, dependente de outro anterior a ele.
Ex. **Eu caminharia todos os dias, se não trabalhasse tanto.**
Estudaria no Maxi, se morasse em Londrina.
Eu confiaria mais uma vez naquele amigo, se ele me prometesse não mais me trair.

Os modos subjuntivo e imperativo

Tempos verbais do Subjuntivo

01) Presente

Indica desejo atual, dúvida que ocorre no momento da fala.
Ex. **Espero que eu caminhe bastante no ano que vem.**
O meu desejo é que eu estude no Maxi ainda.
Duvido de que eu confie nele novamente.

02) Pretérito Imperfeito

Indica condição, hipótese; normalmente é usado com o Futuro do Pretérito do Indicativo.
Ex. **Eu caminharia todos os dias, se não trabalhasse tanto.**
Estudaria no Maxi, se morasse em Londrina.
Eu confiaria mais uma vez naquele amigo, se ele me prometesse não mais me trair.

03) Futuro

Indica hipótese futura.
Ex. **Quando eu começar a caminhar todos os dias, sentir-me-ei melhor.**
Quando eu estudar no Maxi, aprenderei mais coisas.
Quando ele me prometer que não me trairá mais, voltarei a confiar nele.

O modo Imperativo

O modo Imperativo expressa ordem, pedido ou conselho
Ex. **Caminhe todos os dias, para a saúde melhorar.**

Estude no Maxi! Confie em mim!

As formas nominais

São três as chamadas formas nominais do verbo:

01) Infinitivo
São as formas terminadas em **ar, er** ou **ir**.

02) Gerúndio
São as formas terminadas em **ndo**.

03) Particípio
São as formas terminadas em **ado** ou **ido**.

Tempos Compostos

Os **tempos verbais compostos** são formados por locuções verbais que têm como auxiliares os verbos **ter** e **haver** e como principal, qualquer verbo no **particípio**. São eles:

01) Pretérito Perfeito Composto do Indicativo

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **Presente do Indicativo** e o principal no particípio, indicando fato que tem ocorrido com freqüência ultimamente.
Ex. **Eu tenho estudado demais ultimamente.**
Todos nós nos temos esforçado, para a empresa crescer.
Será que tu tens tentado melhorar?

02) Pretérito Perfeito Composto do Subjuntivo

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **Presente do Subjuntivo** e o principal no particípio, indicando desejo de que algo já tenha ocorrido.
Ex. **Espero que você tenha estudado o suficiente, para conseguir a aprovação.**
O meu desejo é que todos nós nos tenhamos esforçado, para a empresa crescer.
Duvido de que tu tenhas tentado melhorar.

03) Pretérito Mais-que-perfeito Composto do Indicativo

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **Pretérito Imperfeito do Indicativo** e o principal no particípio, tendo o mesmo valor que o Pretérito Mais-que-perfeito do Indicativo simples.
Ex. **Ontem, quando você foi ao Zerão, eu já tinha caminhado 6 Km.**
Eu já tinha estudado no Maxi, quando conheci Magali.
Eu tinha confiado naquele amigo que mentiu a mim.

04) Pretérito Mais-que-perfeito Composto do Subjuntivo

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **Pretérito Imperfeito do Subjuntivo** e o principal no particípio, tendo o mesmo valor que o Pretérito Imperfeito do Subjuntivo simples.

Ex. **Eu teria caminhado todos os dias desse ano, se não estivesse trabalhando tanto.**
Eu teria estudado no Maxi, se não me tivesse mudado de cidade.
Eu teria confiado mais uma vez naquele amigo, se ele me tivesse prometido não mais me trair.

Obs.: Perceba que todas as frases remetem a ação obrigatoriamente para o passado. A frase **Se eu estudasse, aprenderia** é completamente diferente de **Se eu tivesse estudado, teria aprendido.**

05) Futuro do Presente Composto do Indicativo

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **Futuro do Presente simples do Indicativo** e o principal no particípio, tendo o mesmo valor que o Futuro do Presente simples do Indicativo.

Ex. **Quando você chegar ao Zerão, eu já terei caminhado 6 Km.**
Amanhã, quando o dia amanhecer, eu já terei partido.

06) Futuro do Pretérito Composto do Indicativo

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **Futuro do Pretérito simples do Indicativo** e o principal no particípio, tendo o mesmo valor que o Futuro do Pretérito simples do Indicativo.
Ex. Eu teria caminhado todos os dias desse ano, se não estivesse trabalhando tanto.
Eu teria estudado no Maxi, se não me tivesse mudado de cidade.
Eu teria confiado mais uma vez naquele amigo, se ele me tivesse prometido não mais me trair.

07) Futuro Composto do Subjuntivo

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **Futuro do Subjuntivo simples** e o principal no particípio, tendo o mesmo valor que o Futuro do Subjuntivo simples.

Ex. **Quando você tiver terminado sua série de exercícios, eu caminharei 6 Km.**

Observe algumas frases:
Quando você chegar à minha casa, telefonarei a Osbirvânio.
Quando você chegar à minha casa, já terei telefonado a Osbirvânio.
Perceba que o significado é totalmente diferente em ambas as frases apresentadas. No primeiro caso, esperarei "você" praticar a sua ação para, depois, praticar a minha; no segundo, primeiro praticarei a minha. Por isso o uso do advébio "já".

Agora observe estas:
Quando você tiver terminado o trabalho, telefonarei a Osbirvânio.
Quando você tiver terminado o trabalho, já terei telefonado a Osbirvânio.
Perceba que novamente o significado é totalmente diferente em ambas as frases apresentadas. No primeiro caso, esperarei "você" praticar a sua ação para, depois, praticar a minha; no segundo, primeiro praticarei a minha. Por isso o uso do advébio "já".

08) Infinitivo Pessoal Composto

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **Infinitivo Pessoal simples** e o principal no particípio, indicando ação passada em relação ao momento da fala.
Ex. **Para você ter comprado esse carro, necessitou de muito dinheiro.**

Classificação dos verbos

Os verbos classificam-se em:

01) Verbos Regulares

Verbos regulares são aqueles que não sofrem alterações no radical.
Ex. **cantar, vender, partir.**

02) Verbos Irregulares

Verbos irregulares são aqueles que sofrem pequenas alterações no radical.
Ex. **fazer = faço, fazes; fiz, fizeste**

03) Verbos Anômalos

Verbos anômalos são aqueles que sofrem grandes alterações no radical.
Ex. **ser = sou, é, fui, era, serei.**

04) Verbos Defectivos

Verbos defectivos são aqueles que não possuem conjugação completa.
Ex. **falir, reaver, precaver** = não possuem as 1ª, 2ª e 3ª pes. do presente do indicativo e o presente do subjuntivo inteiro).

05) Verbos Abundantes

Verbos abundantes são aqueles que apresentam duas formas de mesmo valor. Geralmente ocorrem no particípio, que chamaremos de **particípio regular**, terminado em **-ado**, **-ido**, usado na voz ativa, com o auxiliar **ter** ou **haver**, e **particípio irregular**, com outra terminação diferente, usado na voz passiva, com o auxiliar **ser** ou **estar**.

Exemplos de verbos abundantes

Infinitivo	Part.Regular	Part.Irregular
aceitar	aceitado	aceito
acender	acendido	aceso
contundir	contundido	contuso
eleger	elegido	eleito
entregar	entregado	entregue
enxugar	enxugado	enxuto
expulsar	expulsado	expulso
imprimir	imprimido	impresso
limpar	limpado	limpo
murchar	murchado	murcho
suspender	suspendido	suspenso
tingir	tingido	tinto

Obs.: Os verbos **abrir, cobrir, dizer, escrever, fazer, pôr, ver** e **vir** só possuem o particípio irregular **aberto, coberto, dito, escrito, feito, posto, visto** e **vindo**. Os particípios regulares **gastado, ganhado e pagado** estão caindo ao desuso, sendo substituídos pelos irregulares g**asto, ganho e pago**.

Formação dos tempos simples

Tempos derivados do Presente do Indicativo
O Presente do Indicativo forma o Presente do Subjuntivo e o modo Imperativo.

01) Presente do Subjuntivo

O **Presente do Subjuntivo** é obtido pela eliminação da desinência **-o** da **primeira pessoa do singular do presente do indicativo (eu**). Aos verbos de 1ª conjugação, acrescenta-se **-e**; aos de 2ª e 3ª, **-a**, acrescentando-se, ainda, as mesmas desinências do Presente do Subjuntivo para os verbos regulares (**- / s / - / mos / is / m**). Por exemplo, veja a conjugação dos verbos cantar, vender e sorrir.
Eu cant**o** (**- o + e**) = que eu cant**e**, tu cant**es**, ele cant**e**, nós cant**emos**, vós cant**eis**, eles cant**em**
Eu vend**o** (**- o + a**) = que eu vend**a**, tu vend**as**, ele vend**a**, nós vend**amos**, vós vend**ais**, eles vend**am**
Eu sorri**o** (**-o + a**) = que eu sorri**a**, tu sorri**as**, ele sorri**a**, nós sorri**amos**, vós sorri**ais**, eles sorri**am**
Exceções:
querer = Eu quero / queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram.
ir = Eu vou / vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
saber = Eu sei / saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam.
ser = Eu sou / seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam.
haver = Eu hei / haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam.

02) Imperativo Afirmativo

O **Imperativo Afirmativo** provém tanto do Presente do Indicativo, quando do Presente do Subjuntivo. **Tu** e **vós** provêm do Presente do Indicativo, sem a desinência **-s**; **você, nós** e **vocês** provêm do Presente do Subjuntivo. Por exemplo, veja a conjugação do verbo cantar. Presente do indicativo: Eu canto, **tu cantas**, ele canta, nós cantamos, **vós cantais**, eles cantam.
Presente do Subjuntivo: Que eu cante, tu cantes, **ele cante, nós cantemos**, vós canteis, **eles cantem**.
Imperativo Afirmativo: **Canta tu**, **cante você, cantemos nós**, **cantai vós**, **cantem vocês**.
Exceção:
Ser = **sê tu**, **seja você, sejamos nós**, **sede vós**, **sejam vocês**.

03) Imperativo Negativo

O **Imperativo Negativo** provém do Presente do Subjuntivo.
Por exemplo, veja a conjugação do verbo cantar:
Não cantes tu, não cante você, não cantemos nós, não canteis vós, não cantem vocês.

Tempos derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo

O Pretérito Perfeito do Indicativo forma o Pretérito Mais-que-perfeito do Indicativo, o Futuro do Subjuntivo e o Pretérito Imperfeito do Subjuntivo.

01) Pretérito Mais-que-perfeito do Indicativo

O **Pretérito Mais-que-perfeito do Indicativo** é obtido pela eliminação da desinência **-m** da **terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo (eles)**, acrescentando-se as mesmas desinências número-pessoais para os verbos regulares (**- / s / - / mos / is / m**).

Na segunda pessoa do plural (vós), troca-se o **-a** por **-e**. Por exemplo, veja a conjugação dos verbos cantar, vender e sorrir.
Eles cantaram - m = eu **cantara**, tu **cantaras**, ele **cantara**, nós **cantáramos**, vós **cantareis**, eles **cantaram**
Eles venderam - m = eu **vendera**, tu **venderas**, ele **vendera**, nós **vendêramos**, vós **vendêreis**, eles **venderam**
Eles sorriram - m = eu **sorrira**, tu **sorriras**, ele **sorrira**, nós **sorríramos**, vós **sorríreis**, eles **sorriram**

02) Futuro do Subjuntivo

O **Futuro do Subjuntivo** é obtido pela eliminação da desinência **-am** da **terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo (eles)**, acrescentando-se as mesmas desinências número-pessoais para os verbos regulares (**- / es / - / mos / des / em**).
O Futuro do Subjuntivo sempre é iniciado pelas conjunções **quando** ou **se**. Por exemplo, veja a conjugação dos verbos cantar, vender e sorrir.
Eles cantaram - am = quando eu **cantar**, tu **cantares**, ele **cantar**, nós **cantarmos**, vós **cantardes**, eles **cantarem**.
Eles venderam - am = quando eu **vender**, tu **venderes**, ele **vender**, nós **vendermos**, vós **venderdes**, eles **venderem**.
Eles sorriram - am = quando eu **sorrir**, tu **sorrires**, ele **sorrir**, nós **sorrirmos**, vós **sorrirdes**, eles **sorrirem**.

03) Pretérito Imperfeito do Subjuntivo

O **Pretérito Imperfeito do Subjuntivo** é obtido pela eliminação da desinência **-ram** da **terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo (eles)**, acrescentando-se a desinência do Pretérito Imperfeito do Subjuntivo -sse e as mesmas desinências número-pessoais para os verbos regulares (**- / s / - / mos / is / m**).
O Pretérito Imperfeito do Subjuntivo sempre é iniciado pelas conjunções **caso** ou **se**. Por exemplo, veja a conjugação dos verbos cantar, vender e sorrir.
Eles cantaram - ram + sse = se eu **cantasse**, tu **cantasses**, ele **cantasse**, nós **cantássemos**, vós **cantásseis**, eles **cantassem**.
Eles venderam - ram + sse = se eu **vendesse**, se tu **vendesses**, se ele **vendesse**, se nós **vendêssemos**, se vós **vendêsseis**, se eles **vendessem**.
Eles sorriram - ram + sse = se eu **sorrisse**, se tu **sorrisses**, se ele **sorrisse**, se nós **sorrissemos**, se vós **sorrisseis**, se eles **sorrissem**.

Tempos derivados do Infinitivo Impessoal

O Infinitivo Impessoal forma o Futuro do Presente do Indicativo, o Futuro do Pretérito do Indicativo e o Pretérito Imperfeito do Indicativo.

01) Futuro do Presente do Indicativo

O Futuro do Presente do Indicativo é obtido pelo acréscimo ao infinitivo das desinências -ei / ás / á / emos / eis / ão.
Por exemplo, veja a conjugação dos verbos cantar, vender e sorrir.
cantar = eu cantarei, tu cantarás, ele cantará, nós cantaremos, vós cantareis, eles cantarão.
vender = eu venderei, tu venderás, ele venderá, nós venderemos, vós vendereis, eles venderão.
sorrir = eu sorrirei, tu sorrirás, ele sorrirá, nós sorriremos, vós sorrireis, eles sorrirão.

02) Futuro do Pretérito do Indicativo

O Futuro do Pretérito do Indicativo é obtido pelo acréscimo ao infinitivo das desinências -ia / ias / ia / íamos / íeis / iam.
Por exemplo, veja a conjugação dos verbos cantar, vender e sorrir.
cantar = eu cantaria, tu cantarias, ele cantaria, nós cantaríamos, vós cantaríeis, eles cantariam.
vender = eu venderia, tu venderias, ele venderia, nós venderíamos, vós venderíeis, eles venderiam.
sorrir = eu sorriria, tu sorririas, ele sorriria, nós sorriríamos, vós sorriríeis, eles sorriram.

Exceções: Os verbos fazer, dizer e trazer são conjugados no Futuro do Presente e no Futuro do Pretérito, seguindo-se as mesmas regras acima, porém sem as letras ze, sendo estruturados, então, assim: far, dir, trar.
fazer = eu farei, tu farás, ele fará, nós faremos, vós fareis, eles farão.
dizer = eu diria, tu dirias, ele diria, nós diríamos, vós diríeis, eles diriam.
trazer = eu trarei, tu trarás, ele trará, nós traremos, vós trareis, eles trarão.

03) Infinitivo Pessoal

O Infinitivo Pessoal é obtido pelo acréscimo ao infinitivo das desinências / - / es / - / mos / des / em.

Por exemplo, veja a conjugação dos verbos cantar, vender e sorrir.
cantar = era para eu cantar, tu cantares, ele cantar, nós cantarmos, vós cantardes, eles cantarem.
vender = era para eu vender, tu venderes, ele vender, nós vendermos, vós venderdes, eles venderem.
sorrir = eu sorrir, tu sorrires, ele sorrir, nós sorrirmos, vós sorrirdes, eles sorrirem.

04) Pretérito Imperfeito do Indicativo

O Pretérito Imperfeito do Indicativo é obtido pela eliminação da terminação verbal -ar, -er, -ir do Infinito Impessoal, acrescentando-se a desinência -ava- para os verbos terminados em -ar e a desinência -ia- para os verbos terminados em -er e -ir e, depois, as mesmas desinências número-pessoais para os verbos regulares (- / s / - / mos / is / m). Na segunda pessoa do plural (vós), troca-se o -a por -e.
cantar - ar + ava = eu cantava, tu cantavas, ele cantava, nós cantávamos, vós cantáveis, eles cantavam.
vender - er + ia = eu vendia, tu vendias, ele vendia, nós vendíamos, vós vendíeis, eles vendiam.
sorrir - ir + ia = eu sorria, tu sorrias, ele sorria, nós sorríamosmos, vós sorríeis, eles sorriam.
Os verbos que não seguem as regras acima são ter, pôr, vir e ser.
Ter = tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham.
Pôr = punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham.
Vir = vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.
Ser = era, eras, era, éramos, éreis, eram.

Verbos notáveis

Antes de estudar alguns verbos notáveis da língua portuguesa, é importante que o estudante saiba da existência de dois nomes, em relação aos verbos: Formas rizotônica e arrizotônica.

Formas Rizotônicas

São as estruturas verbais com a sílaba tônica dentro do radical.
São elas: eu, tu, ele e eles do presente do indicativo, eu, tu, ele e eles do presente do subjuntivo, tu, você e vocês do imperativo afirmativo e tu, você e vocês do imperativo negativo.

Formas Arrizotônicas

São as estruturas verbais com a sílaba tônica fora do radical.
São todas as outras estruturas verbais, com exceção das rizotônicas.

01) Aguar

Verbo regular da 1ª conjugação. Como ele, conjugam-se enxaguar e desaguar. Recebem acento agudo no primeiro a das formas rizotônicas e trema em todas as estruturas que tenham a desinência e.

Presente do Indicativo	águo, águas, água, aguamos, aguais, águam.
Presente do Subjuntivo	ágüe, ágües, ágüe, agüemos, agüeis, ágüem.
Imperativo Afirmativo	água, ágüe, agüemos, aguai, ágüem.
Imperativo Negativo	não ágües, não ágüe, não agüemos, não agüeis, não ágüem.
Pretérito Perfeito do Ind.	agüei, aguaste, aguou, aguamos, aguastes, aguaram.
Pretérito Mais-que-perfeito do Ind.	aguara, aguaras, aguara, aguáramos, aguáreis, aguaram.
Futuro do Subj.	aguar, aguares, aguar, aguarmos, aguardes, aguarem.
Pretérito Imperfeito do Subj.	aguasse, aguasses, aguasse, aguássemos, aguásseis, aguassem.
Futuro do Presente	aguarei, aguarás, aguará, aguaremos, aguareis, aguarão.
Futuro do Pretérito	aguaria, aguarias, aguaria, aguaríamos, aguaríeis, aguariam.
Infinitivo Pessoal	aguar, aguares, aguar, aguarmos, aguardes, aguarem.
Pretérito Imperfeito do Ind.	aguava, aguavas, aguava, aguávamos, aguáveis, aguavam.
Formas Nominais	aguar, aguando, aguado.

02) Apaziguar

Verbo regular da 1ª conjugação. Como ele, conjugam-se averiguar e obliquar (caminhar obliquamente, de través; proceder com dissimulação; tergiversar. Recebem acento agudo no u das formas rizotônicas que tenham a desinência e e trema no u das formas arrizotônicas que também tenham a desinência e. As formas rizotônicas são pronunciadas apazigu-o, apazigu-as...

Presente do Indicativo	apaziguo, apaziguas, apazigua, apaziguamos, apaziguais, apaziguam.
Presente do Subjuntivo	apazigúe, apazigúes, apazigúe, apazigüemos, apazigüeis, apazigúem.
Imperativo Afirmativo	apazigua, apazigúe, apazigüemos, apaziguai, apazigúem.

Imperativo Negativo	não apazigúes, não apazigúe, não apazigüemos, não apazigüeis, não apazigúem.
Pretérito Perfeito do Ind.	apazigüei, apaziguaste, apaziguou, apaziguamos, apaziguastes, apaziguaram.
Pretérito Mais-que-perfeito do Ind.	apaziguara, apaziguaras, apaziguara, apaziguáramos, apaziguáreis, apaziguaram.
Futuro do Subj.	apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Pretérito Imperfeito do Subj.	apaziguasse, apaziguasses, apaziguasse, apaziguássemos, apaziguásseis, apaziguassem.
Futuro do Presente	apaziguarei, apaziguarás, apaziguará, apaziguaremos, apaziguareis, apaziguarão.
Futuro do Pretérito	apaziguaria, apaziguarias, apaziguaria, apaziguaríamos, apaziguaríeis, apaziguariam.
Infinitivo Pessoal	apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Pretérito Imperfeito do Ind.	apaziguava, apaziguavas, apaziguava, apaziguávamos, apaziguáveis, apaziguavam.
Formas Nominais	apaziguar, apaziguando, apaziguado.

03) Argüir

Verbo irregular da 3ª conjugação que significa repreender, censurar, criminar, verberar, condenar com argumentos ou razões; revelar, inculcar, demonstrar; examinar questionando ou interrogando. Como ele, conjuga-se redargüir. Recebem acento agudo no u das formas rizotônicas que tenham a desinência e ou i e trema no u das formas arrizotônicas que também tenham a desinência e ou i. As formas rizotônicas são pronunciadas argu-o, argú-is...

Presente do Indicativo	arguo, argúis, argúi, argüimos, argüis, argúem.
Presente do Subjuntivo	argua, arguas, argua, arguamos, arguais, arguam.
Imperativo Afirmativo	argúi, argua, arguamos, argüi, arguam.
Imperativo Negativo	não arguas, não argua, não arguamos, não arguais, não arguam.
Pretérito Perfeito do Ind.	argüi, argüiste, argüiu, argüimos, argüistes, argüiram.
Pretérito Mais-que-perfeito do Ind.	argüira, argüiras, argüira, argüíramos, argüíreis, argüiram.
Futuro do Subj.	argüir, argüires, argüir, argüirmos, argüirdes, argüirem.
Pretérito Imperfeito do Subj.	argüisse, argüisses, argüisse, argüíssemos, argüísseis, argüissem.
Futuro do Presente	argüirei, argüirás, argüirá, argüiremos, argüireis, argüirão.
Futuro do Pretérito	argüiria, argüirias, argüiria, argüiríamos, argüiríeis, argüiriam.
Infinitivo Pessoal	argüir, argüires, argüir, argüirmos, argüirdes, argüirem.
Pretérito Imperfeito do Ind.	argüia, argüias, argüia, argüíamos, argüíeis, argüiam.
Formas Nominais	argüir, argüindo, argüido.

04) Arrear

Verbo irregular da 1ª conjugação. Significa pôr arreio. Como ele, conjugam-se todos os verbos terminados em -ear. Variam no radical, que recebe um i nas formas rizotônicas.

Presente do Indicativo	arreio, arreias, arreia, arreamos, arreais, arreiam.
Presente do Subjuntivo	arreie, arreies, arreie, arreemos, arreeis, arreiem.
Imperativo Afirmativo	arreia, arreie, arreemos, arreai, arreiem.
Imperativo Negativo	não arreies, não arreie, não arreemos, não arreeis, não arreiem.
Pretérito Perfeito do Ind.	arreei, arreaste, arreou, arreamos, arreastes, arrearam.
Pretérito Mais-que-perfeito do Ind.	arreara, arrearas, arreara, arreáramos, arreáreis, arrearam.
Futuro do Subj.	arrear, arreares, arrear, arrearmos, arreardes, arrearem.
Pretérito Imperfeito do Subj.	arreasse, arreasses, arreasse, arreássemos, arreásseis, arreassem.
Futuro do Presente	arrearei, arrearás, arreará, arrearemos, arreareis, arrearão.
Futuro do Pretérito	arrearia, arrearias, arrearia, arrearíamos, arrearíeis, arreariam.
Infinitivo Pessoal	arrear, arreares, arrear, arrearmos, arreardes, arrearem.
Pretérito Imperfeito do Ind.	arreava, arreavas, arreava, arreávamos, arreáveis, arreavam.
Formas Nominais	arrear, arreando, arreado.

05) Arriar

Verbo regular da 1ª conjugação. Significa fazer descer. Como ele, conjugam-se todos os verbos

terminados em -iar, menos mediar, ansiar, remediar, incendiar e odiar.

Presente do Indicativo	arrio, arrias, arria, arriamos, arriais, arriam.
Presente do Subjuntivo	arrie, arries, arrie, arriemos, arrieis, arriem.
Imperativo Afirmativo	arria, arrie, arriemos, arriai, arriem.
Imperativo Negativo	não arries, não arrie, não arriemos, não arrieis, não arriem.
Pretérito Perfeito do Ind.	arriei, arriaste, arriou, arriamos, arriastes, arriaram.
Pretérito Mais-que-perfeito do Ind.	arriara, arriaras, arriara, arriáramos, arriáreis, arriaram.
Futuro do Subj.	arriar, arriares, arriar, arriarmos, arriardes, arriarem.
Pretérito Imperfeito do Subj.	arriasse, arriasses, arriasse, arriássemos, arriásseis, arriassem.
Futuro do Presente	arriarei, arriarás, arriará, arriaremos, arriareis, arriarão.
Futuro do Pretérito	arriaria, arriarias, arriaria, arriaríamos, arriaríeis, arriariam.
Infinitivo Pessoal	arriar, arriares, arriar, arriarmos, arriardes, arriarem.
Pretérito Imperfeito do Ind.	arriava, arriavas, arriava, arriávamos, arriáveis, arriavam.
Formas Nominais	arriar, arriando, arriado.

06) Ansiar

Verbo irregular da 1ª conjugação. Como ele, conjugam-se mediar, remediar, incendiar e odiar. Variam no radical, que recebe um e nas formas rizotônicas.

Presente do Indicativo	anseio, anseias, anseia, ansiamos, ansiais, anseiam.
Presente do Subjuntivo	anseie, anseies, anseie, ansiemos, ansieis, anseiem.
Imperativo Afirmativo	anseia, anseie, ansiemos, ansiai, anseiem.
Imperativo Negativo	não anseies, não anseie, não ansiemos, não ansieis, não anseiem.
Pretérito Perfeito do Ind.	ansiei, ansiaste, ansiou, ansiamos, ansiastes, ansiaram.
Pretérito Mais-que-perfeito do Ind.	ansiara, ansiaras, ansiara, ansiáramos, ansiáreis, ansiaram.
Futuro do Subj.	ansiar, ansiares, ansiar, ansiarmos, ansiardes, ansiarem.
Pretérito Imperfeito do Subj.	ansiasse, ansiasses, ansiasse, ansiássemos, ansiásseis, ansiassem.
Futuro do Presente	ansiarei, ansiarás, ansiará, ansiaremos, ansiareis, ansiarão.
Futuro do Pretérito	ansiaria, ansiarias, ansiaria, ansiaríamos, ansiaríeis, ansiariam.
Infinitivo Pessoal	ansiar, ansiares, ansiar, ansiarmos, ansiardes, ansiarem.
Pretérito Imperfeito do Ind.	ansiava, ansiavas, ansiava, ansiávamos, ansiáveis, ansiavam.
Formas Nominais	ansiar, ansiando, ansiado.

07) Haver

Verbo irregular da 2ª conjugação. Varia no radical e nas desinências.

Presente do Indicativo	hei, hás, há, havemos, haveis, hão.
Presente do Subjuntivo	haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam.
Imperativo Afirmativo	há, haja, hajamos, havei, hajam.
Imperativo Negativo	não hajas, não haja, não hajamos, não hajais, não hajam.
Pretérito Perfeito do Ind.	houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram.
Pretérito Mais-que-perfeito do Ind.	houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram.
Futuro do Subj.	houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.
Pretérito Imperfeito do Subj.	houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem.
Futuro do Presente	haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão.
Futuro do Pretérito	haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam.
Infinitivo Pessoal	haver, haveres, haver, havermos, haverdes, haverem.
Pretérito Imperfeito do Ind.	havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam.
Formas Nominais	haver, havendo, havido.

08) Reaver

Verbo defectivo da 2ª conjugação. Faltam-lhe as formas rizotônicas e derivadas. As formas não existentes devem ser substituídas pelas do verbo recuperar.

Presente do Indicativo	///, ///, ///, reavemos, reaveis, ///.
Presente do Subjuntivo	///, ///, ///, ///, ///, ///.
Imperativo Afirmativo	///, ///, ///, reavei vós, ///.
Imperativo Negativo	///, ///, ///, ///, ///.

Pretérito Perfeito do Ind.	reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.
Pretérito Mais-que-perfeito do Ind.	reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram.
Futuro do Subj.	reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.
Pretérito Imperfeito do Subj.	reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem.
Futuro do Presente	reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão.
Futuro do Pretérito	reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam.
Infinitivo Pessoal	reaver, reaveres, reaver, reavermos, reaverdes, reaverem.
Pretérito Imperfeito do Ind.	reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam.
Formas Nominais	reaver, reavendo, reavido.

09) Precaver

Verbo defectivo da 2ª conjugação, quase sempre usado pronominalmente (precaver-se). Faltam-lhe as formas rizotônicas e derivadas. As formas não existentes devem ser substituídas pelas dos verbos acautelar-se, prevenir-se. As formas existentes são conjugadas regularmente, ou seja, seguem a conjugação de qualquer verbo regular terminado em -er, como escrever.

Presente do Indicativo	///, ///, ///, precavemos, precaveis, ///.
Presente do Subjuntivo	///, ///, ///, ///, ///, ///.
Imperativo Afirmativo	///, ///, ///, prevavei vós, ///.
Imperativo Negativo	///, ///, ///, ///, ///.
Pretérito Perfeito do Ind.	precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram.
Pretérito Mais-que-perfeito do Ind.	precavera, precavera, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram.
Futuro do Subj.	precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Pretérito Imperfeito do Subj.	precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem.
Futuro do Presente	precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão.
Futuro do Pretérito	precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam.
Infinitivo Pessoal	precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Pretérito Imperfeito do Ind.	precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam.
Formas Nominais	precaver, precavendo, precavido.

10) Prover

Verbo irregular da 2ª conjugação que significa abastecer. Varia nas desinências. No presente do indicativo, no presente do subjuntivo, no imperativo afirmativo e no imperativo negativo tem conjugação idêntica à do verbo ver; no restante dos tempos, tem conjugação regular, ou seja, segue a conjugação de qualquer verbo regular terminado em -er, como escrever.

Presente do Indicativo	provejo, provês, provê, provemos, provedes, provêem.
Presente do Subjuntivo	proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.
Imperativo Afirmativo	provê, proveja, provejamos, provede, provejam.
Imperativo Negativo	não provejas, não proveja, não provejamos, não provejais, não provejam.
Pretérito Perfeito do Ind.	provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.
Pretérito Mais-que-perfeito do Ind.	provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram.
Futuro do Subj.	prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Pretérito Imperfeito do Subj.	provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem.
Futuro do Presente	proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão.
Futuro do Pretérito	proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam.
Infinitivo Pessoal	prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Pretérito Imperfeito do Ind.	provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam.
Formas Nominais	prover, provendo, provido.

11) Requerer

Verbo irregular da 2ª conjugação que significa pedir, solicitar, por meio de requerimento. Varia no radical. No presente do indicativo, no presente do subjuntivo, no imperativo afirmativo e no imperativo negativo tem conjugação idêntica à do verbo querer, com exceção da 1ª pessoa do singular do presente do indicativo (eu requeiro); no restante dos tempos, tem conjugação regular, ou seja, segue a conjugação de qualquer verbo regular terminado em -er, como escrever.

Presente do Indicativo	requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem.
Presente do Subjuntivo	requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.
Imperativo Afirmativo	requere, requeira, requeiramos, requerei, requeiram.
Imperativo Negativo	não requeiras, não requeira, não requeiramos, não requeirais, não requeiram.
Pretérito Perfeito do Ind.	requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
Pretérito Mais-que-perfeito do Ind.	requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.
Futuro do Subj.	requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Pretérito Imperfeito do Subj.	requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.
Futuro do Presente	requererei, requererás, requererá, requereremos, requerereis, requererão.
Futuro do Pretérito	requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.
Infinitivo Pessoal	requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Pretérito Imperfeito do Ind.	requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam.
Formas Nominais	requerer, requerendo, requerido.

Verbos defectivos

1) Colorir

Verbo defectivo, da 3ª conjugação. Faltam-lhe a 1ª pessoa do singular do Presente do Indicativo e as formas derivadas dela. Como ele, conjugam-se os verbos **abolir, aturdir (atordoar), brandir (acenar, agitar a mão), banir, carpir, delir (apagar), demolir, exaurir (esgotar, ressecar), explodir, fremir (gemer), haurir (beber, sorver), delinqüir, extorquir, puir (desgastar, polir), ruir, retorquir (replicar, contrapor), latir, urgir (ser urgente), tinir (soar), pascer (pastar)**.

Presente do Indicativo	///, colores, colore, colorimos, coloris, colorem.
Presente do Subjuntivo	///, ///, ///, ///, ///, ///.
Imperativo Afirmativo	colore, ///, ///, colori, ///.
Imperativo Negativo	///, ///, ///, ///, ///, ///.
Pretérito Perfeito do Ind.	colori, coloriste, coloriu, colorimos, coloris, coloriram.
Pretérito Mais-que-perfeito do Ind.	colorira, coloriras, colorira, coloríramos, coloríreis, coloriram.
Futuro do Subj.	colorir, colorires, colorir, colorirmos, colorirdes, colorirem.
Pretérito Imperfeito do Subj.	colorisse, colorisses, colorisse, coloríssemos, colorísseis, colorissem.
Futuro do Presente	colorirei, colorirás, colorirá, coloriremos, colorireis, colorirão.
Futuro do Pretérito	coloriria, coloririas, coloriria, coloriríamos, coloriríeis, coloririam.
Infinitivo Pessoal	colorir, colorires, colorir, colorirmos, colorirdes, colorirem.
Pretérito Imperfeito do Ind.	coloria, colorias, coloria, coloríamos, coloríeis, coloriam.
Formas Nominais	colorir, colorindo, colorido.

2) Falir

Verbo defectivo, da 3ª conjugação. Faltam-lhe as formas rizotônicas do Presente do Indicativo e as formas delas derivadas. Como ele, conjugam-se **aguerrir (tornar valoroso), adequar, combalir (tornar debilitado), embair (enganar), empedernir (petrificar, endurecer), esbaforir-se, espavorir, foragir-se, remir (adquirir de novo, salvar, reparar, indenizar, recuperar-se de uma falha), renhir (disputar), transir (trespassar, penetrar)**.

Presente do Indicativo	///, ///, ///, falimos, falis, ///.
Presente do Subjuntivo	///, ///, ///, ///, ///, ///.
Imperativo Afirmativo	///, ///, ///, fali, ///.

Imperativo Negativo	///, ///, ///, ///, ///, ///.
Pretérito Perfeito do Ind.	fali, faliste, faliu, falimos, falistes, faliram.
Pretérito Mais-que-perfeito do Ind.	falira, faliras, falira, falíramos, falíreis, faliram.
Futuro do Subj.	falir, falires, falir, falirmos, falirdes, falirem.
Pretérito Imperfeito do Subj.	falisse, falisses, falisse, falíssemos, falísseis, falissem.
Futuro do Presente	falirei, falirás, falirá, faliremos, falireis, falirão.
Futuro do Pretérito	faliria, falirias, faliria, faliríamos, faliríeis, faliriam.
Infinitivo Pessoal	falir, falires, falir, falirmos, falirdes, falirem.
Pretérito Imperfeito do Ind.	falia, falias, falia, falíamos, falíeis, faliam.
Formas Nominais	falir, falindo, falido.

Nota: o verbo **adequar**, diferentemente de todos os outros defectivos nas formas rizotônicas, é conjugado no Presente do Subjuntivo nas duas primeiras pessoas do plural, ou seja: **que nós adeqüemos, que vós adeqüeis**, conseqüentemente o Imperativo Afirmativo também é conjugado de modo diferente: **adeqüemos nós, adequai vós**.

Exercícios

Para as questões de 01 a 22 segue o código: Assine com "C" as alternativas corretas e com"I "as incorretas, considerando a flexão e o tempo verbal.

01) (   ) Sempre digo a verdade (presente indicativo)
02) (   ) Espero que você também diga (presente do subjuntivo)
03) (   ) Vá embora daqui (imp. afirm. – 2ª pessoa singular)
04) (   ) Não fique onde não és querido (imp. negativo)
05) (   ) Quando cheguei ao cinema (pret. imperfeito indicativo)
06) (   ) O filme já começara (pret. Mais que perfeito-indicativo)
07) (   ) Quando você vier a Brasília e ver suas avenidas (futuro do subjuntivo)
08) (   ) verá aonde foi o dinheiro do contribuinte (fut. Pres.)
09) (   ) Se viéssemos de ônibus para a escola (Pretérito Imperfeito do subjuntivo)
10) (   ) Chegaríamos sempre atrasados (futuro do presente)
11) (   ) Enquanto você se arrumava para sair (infinitivo)
12) (   ) Eu estudava e aprendia verbos (pretérito perfeito do indicativo)
13) (   ) Continuarei nessa luta (futuro do presente)
14) (   ) e se pudesse, aprenderia todos os verbos (futuro do pretérito)
15) (   ) Tenho estudado muito (presente indicativo composto)
16) (   ) Embora tenham suspenso as aulas (pretérito imperfeito Composto)
17) (   ) Os recursos foram imprimidos a tempo (voz passiva analítica)
18) (   ) Todos têm pagado seus impostos (particípio correto)
19) (   ) O ladrão foi pegado na própria cilada (particípio correto)
20) (   ) O fogo destruía o prédio (voz ativa)
21) (   ) O prédio foi destruído pelo fogo (voz passiva do anterior)
22) (   ) Nesta casa, põe-se cartas e joga-se búzios (voz passiva sintética)

Para as questões de 23 a 33 assinale a alternativa completando corretamente as lacunas abaixo:

23) ________, agora, avisá-lo de que se ela ______o conteúdo da mensagem, todos verão quais são nossos planos:

a) Vimos - ver
b) Viemos - ver
c) Vimos – vir
d) Viemos - vir

24) Vi, mas não _____, o guarda também não ______; dois policiais também não ____. Se tivéssemos ______ talvez tivéssemos evitado tantas mortes:

a) intervi – interviu – interviram – intervido
b) intervim – interveio – intervieram – intervido
c) intervim – interveio – intervieram - intervindo
d) intervir – interveio – interviram - intervindo

25) Ela sempre _______ o carro antes da faixa de pedestres, mas ontem não ____: mesmo que _______ não evitaria o acidente:

a) frea – freiou - freiasse
b) freia – freiou - freiasse
c) frea – freou - freasse
d) freia – freou - freasse

26) Ela _____ por dias melhores, mas não há bem que sempre dure, nem mal que não se _______:
a) ansia - remedie
b) ansia - remedeie
c) anseia - remedie
d) anseia - remedeie

27) Se ainda hoje ela _____ tuas rotas meias e, mesmo assim, _______ seu passado: gratidão há, mas não tua.
a) cerze - denegres
b) cerze - denigres
c) cirze - denigres
d) cirze - denegres

28) Quando ela ____________ o carro, ele parece novo, uma jóia. Queres que ela ________ também o seu:
a) pole - pule
b) pole - pula
c) pule - pule
d) pule - pula

29) No ano passado, os alunos _______ aumento do efetivo de servidores: imediatamente o diretor ____todos os cargos vagos:
a) requiseram - proviu
b) requiseram - proveu
c) requereram - proveu
d) requereram - proviu

30) Desejo que você ______ seus documentos e que doravante se _____- contra novas e eventuais perda.
a) reavenha - precavenha
b) reaveja - precaveja
c) recupere - previna
d) reaja - precava

31) Todos trabalhando: Ana _______ as flores, Andrea _____a sala e eu _____- quem irá pagar as contas:
a) água – mobília - aveiguo
b) agua – mobila - averíguo
c) água – mobilia - averiguo
d) agua – mobilia - averíguo

32) Neste momento, ela _________ um ovo para o lanche. Não queres que ela _______ um para ti?
a) frije - freje
b) frege - frija
c) frige - frege
d) frije - frija

33) Querem que você ___- todas as instalações da loja e, com isso, ______: o que a concorrência não sabe é que a lei que ____ em 1980, já não _______ mais:
a) destrua – fale – vigia - vije
b) demola – fale – vigia - vige
c) demula – vá à falência – vigorava - vija
d) derrube – quebre – era vigente - vige

Para as questões de 34 a 39 assinale a alternativa, completando corretamente a frase:

34) É preciso que as autoridades _____energicamente _________ que não _______novas desordens:
a) hajam, a fim de, haja
b) ajam, a fim de, haja
c) ajam, a fim de, hajam
d) ajam, a fim de, haja

35) ______ cinco anos amanhã que tu te _________- com tua família pois hoje ____ -17 de dezembro de 1999:
a) Vão fazer, desavieste, são
b) Vai fazer, desaviste, é
c) Vai fazer, desouveste, são
d) Vai fazer, desavieste são

36) ________as casas onde ____mais operários:
a) construíram-se, houvesse
b) construir-se-iam, houvessem
c) construir-se-iam, houvesse
d) construiriam-se, houvessem

37) Tu não _______, mas não _________que nós _________:
a) progrides, impeças, progridamos
b) progride, impeças, progredimos
c) progrides, impeça, progridamos
d) progride, impede, progridamos

38) Quando _____de Caixas e _____Paulo, ____ que desejo falar-lhe:
a) vires, veres, diga-lhe
b) vieres, vires, dizer-lhe
c) vieres, veres, dizer-lhe
d) vieres, vires, diga-lhe

39) _________que não __________o patrimônio da empresa:
a) Receamos, reajam delapidado
b) Receiamos, reavenham delapidado
c) Receiamos, consigam reaver dilapidado
d) Receamos, consigam reaver dilapidado

40) Assinale a alternativa correta:
a) Não te atrases, vai logo que puderes
b) Não te atrasa, vai logo que puderes
c) Não se atrase, vai logo que puderes
d) Não te atrase, vai logo que puder

41) Assinale a opção em que o imperativo está empregado corretamente:

a) Não ide lá, eu vo-lo proíbo
b) Não vades lá, eu vo-lo proíbo
c) Não vão lá, eu vo-lo proíbo
d) Não ides lá, eu vo-lo proíbo

42) O item em que o imperativo está mal empregado

a) Não intervenhais naquilo que não é de vossa alçada
b) Ride com os que se alegram, mas não vos exalteis
c) Quando você for ao centro, põe a carta no correio
d) Mantende-vos firmes e não arrefeçais quando as circunstâncias da vida vos quiserem abalar

43) O acordo não _______ as reivindicações, a não ser que ______ os nossos direitos e ________ da luta:
a) substitue, abdicamos, desistimos
b) substitui, abdiquemos, desistamos
c) substitui, abdiquemos, desistimos
d) substitue, abdiquemos, desistamos

44) As linhas ______ para um ponto e depois se ______ no infinito.
a) convergem, esvão;
b) convirgem, esvaem;
c) convergem, esvaiem;
d) convergem, esvaem

45) Não ______.Você não acha preferível que ele se ______ sem que você o _________?
a) interfira, desdiga, obrigue
b) interfere, desdiz, obriga
c) interfira, desdisser, obrigue
d) interfira, desdissesse, obriga

46) Sempre que há vagas, _________alunos que _____________de todos os lugares:
a) afluem provém
b) aflue, provém
c) afluem, provêm
d) afluem, provêem

47) O diretor examinará o processo ainda hoje:
Passando para a voz passiva, obtém-se a forma verbal:
a) foi examinado
b) é examinado
c) terá sido examinado
d) será examinado

48) O menino ia assinalando as resposta numa folha.
Passando para a voz passiva, obtém-se a forma verbal:
a) foram assinaladas
b) tinham sido assinaladas
c) iam sendo assinaladas
d) eram assinaladas

49) Os campos foram invadidos pelas águas dos rios que, naquele ano, destruíram toda a plantação:
Passando para a voz ativa e para a passiva, respectivamente, obtêm-se as formas verbais:
a) invadirão – era destruída
b) invadiram – foi destruída
c) tinham invadido – é destruída
d) foi invadido – foi destruído

50) Passando para a voz passiva a frase "Os guardas mantiveram o povo a distância." Teremos:
a) Manter-se-ão os guardas a distância
b) Manter-se-ia o povo a distância
c) Manteve-se o povo a distância
d) Mantêm-se os guardas a distância

51) Assinale o item com verbo defectivo:
a) Demoliram vários prédios naquele local
b) Elas se correspondem freqüentemente
c) Coube ao juiz julgar o réu
d) Compramos muitas mercadorias remarcadas

52) Aponte a alternativa, se houver, em que o verbo reaver está correto:
a) É necessário que você reavenha o dinheiro
b) É necessário que você reaja o dinheiro
c) É necessário que você reaja o dinheiro
d) N.D.A.

53) É possível que ______ novidades interessantes, que ______ e _______ ao mesmo tempo:
a) surjam, divertem, instruam
b) surjam, divirtam, instruam
c) surgem, divertem, instruem
d) surgem, divirtam, instruam

54) Assinala a única alternativa correta:
a) Tu dissestes a verdade
b) Se eu quisesse, eu farei
c) Não tenhais medo da vida
d) Ouve, crê e cale!

55) "Quando eu cheguei, o avião havia partido " a frase correspondente é:
a) ... o avião partiu
b) ... o avião partia
c) ... o avião tinha partido
d) ... o avião teria partido

56) "Quando eu cheguei, ela já ______ embora". (verbo ir):
a) tivera ido
b) fosse
c) fora
d) foi

57) "Você queria que eu ________? . Não ____fazê-lo, pois só _______dos motivos da briga, depois que o atingiram:

a) intervisse, pôde, soube
b) intervisse, pude, soube

c) interviesse, pude, soube
d) interviesse, pude, sube

58) Que fizeste com os papéis que te dei? _______ que só havias ______a metade deles. Já _____os demais:
a) Disseste, revisto, reouveste
b) Dissestes, revido, reavestes
c) Dissestes, revisto, reaveste
d) Disseste, revido, reaveste

59) Nós _____agora de São Paulo.
Ontem nós ________de Minas Gerais
Nós ________o filme há um ano
Neste instante __________você

a) viemos, vemos, vimos, vemos
b) vimos, viemos, vimos, vemos
c) viemos, vimos, viemos, vimos
d) viemos, vimos, vimos, vemos

60) Marque a frase de sintaxe incorreta:
a) Devem existir livros sobre esse assunto
b) Não deveria haver desavenças entre irmãos
c) Se não houvesse ingratidões, não haveria fineza
d) Hão de haver meios de salvar os meninos da rua

61) Assinale o item em que a norma culta repudia o uso do verbo ter:

a) Cada onde não há pão, todos gritam e ninguém tem razão
b) Eles, quando não têm aula, passam o dia lendo
c) Tinham ocasiões em que todos gritavam ao mesmo tempo
d) Havia professores que o tinham em boa conta

62) Assinala a frase correta:
a) Se você requisesse e seu advogado intervisse, talvez reavesse todos os seus bens
b) Se você requeresse e seu advogado intervisse, talvez reouvesse todo os seus bens
c) Se você requisesse e seu advogado interviesse, talvez reaveria todos os seus bens
d) Se você requeresse e seu advogado, intervisse talvez reaveria todos os seus bens

63) Marque o item com erro:
a) Viemos ontem pelo trem
b) Vimos o seu amigo quando chegou
c) Se nos convir, falaremos com ela
d) Não vos convençais tanto

64) A única forma verbal aceitável:
a) se eles manterem a palavra
b) Ele reteu as crianças em casa
c) Quando eu dispor de tempo
d) Se tu sustiveres a palavra

65) O verbo não está bem flexionado:
a) É necessário que a gente se precavenha
b) É necessário que ela se previna
c) É necessário que te precates
d) É necessário que nos acutelemos

66) A única forma verbal aceitável:
a) É preciso que reconquistemos o lugar perdido
b) É preciso que reajamos o lugar perdido
c) É preciso que reavamos o lugar perdido
d) É preciso que reavemos o lugar perdido

67) A forma verbal correta é:
a) Que eu me precavenha
b) Que eu me precaveja
c) Ele interviu
d) Se eu me precavesse

68) Forma verbal errada:
a) Não ponde o dedo em ferida alheia
b) Não odieis o vosso próximo
c) Não odeies o teu próximo
d) Não intervenhais neste assunto

69) Em apenas uma das frases a forma verbal está errada:
a) Sustende a corda com firmeza
b) Ontem ceiamos a casa de amigos
c) Quero que delineeis este esquema
d) Não receies as más línguas

70) Em uma das frases a forma verbal é inaceitável:
a) Eu intervi na hora
b) Quando enraivece, ele demole tudo
c) Enquanto enxáguo a louça, quero que ágües as plantas
d) É bom que delineemos rapidamente o esquema

71)Elas _______a casa arrumada
Eles se ________ na praia
Eles __________ grande sucesso
Quando ______ as chuvas, tudo fica muito verde
a) Mantem, entretem, obtem, sobrevem
b) mantêm, entretêm, obtêm, sobrevêm
c) mantêem, entretêem, sobrevêem
d) n.d.a

Respostas Sobre Verbos

01. C
02. C
03. I
04. I
05. I
06. C
07. I
08. C
09. C
10. I
11. C
12. I
13. C
14. C
15. I
16. I
17. I
18. C
19. C
20. C
21. I
22. I
23. C
24. C
25. D
26. D
27. C
28. D
29. C
30. C
31. A
32. B
33. D
34. D
35. D
36. C
37. A
38. B
39. D
40. A
41. B
42. C
43. B
44. D
45. A
46. C
47. D
48. C
49. B
50. C
51. A
52. D
53. B
54. C
55. C
56. C
57. B
58. A
59. B
60. D
61. C
62. B
63. C
64. D
65. A
66. A
67. D
68. A
69. B
70. A
71. B

Vozes Verbais

Voz verbal é a flexão do verbo que indica se o sujeito pratica, ou recebe, ou pratica e recebe a ação verbal.

01) Voz Ativa

Quando o sujeito é agente, ou seja, pratica a ação verbal ou participa ativamente de um fato.
Ex.

- As meninas exigiram a presença da diretora.
- A torcida aplaudiu os jogadores.
- O médico cometeu um erro terrível.

02) Voz Passiva

Quando o sujeito é paciente, ou seja, sofre a ação verbal.

A) Voz Passiva Sintética

A voz passiva sintética é formada por verbo transitivo direto, pronome se (partícula apassivadora) e sujeito paciente.
Ex.

- Entregam-se encomendas.
- Alugam-se casas.
- Compram-se roupas usadas.

B) Voz Passiva Analítica

A voz passiva analítica é formada por sujeito paciente, verbo auxiliar ser ou estar, verbo principal indicador de ação no particípio - ambos formam locução verbal passiva - e agente da passiva. Veja mais detalhes aqui.
Ex.

- As encomendas foram entregues pelo próprio diretor.
- As casas foram alugadas pela imobiliária.
- As roupas foram compradas por uma elegante senhora.

03) Voz Reflexiva

Há dois tipos de voz reflexiva:

A) Reflexiva

Será chamada simplesmente de reflexiva, quando o sujeito praticar a ação sobre si mesmo.
Ex.

- Carla machucou-se.
- Osbirvânio cortou-se com a faca.
- Roberto matou-se.

B) Reflexiva recíproca

Será chamada de reflexiva recíproca, quando houver dois elementos como sujeito: um pratica a ação sobre o outro, que pratica a ação sobre o primeiro.
Ex.

- Paula e Renato amam-se.
- Os jovens agrediram-se durante a festa.
- Os ônibus chocaram-se violentamente.

Passagem da ativa para a passiva e vice-versa

Para efetivar a transformação da ativa para a passiva e vice-versa, procede-se da seguinte maneira:

1 - O sujeito da voz ativa passará a ser o agente da passiva.
2 - O objeto direto da voz ativa passará a ser o sujeito da voz passiva.
3 - Na passiva, o verbo ser estará no mesmo tempo e modo do verbo transitivo direto da ativa.
4 - Na voz passiva, o verbo transitivo direto ficará no particípio.

Voz ativa

A torcida aplaudiu os jogadores.

- Sujeito = a torcida.
- Verbo transitivo direto = aplaudiu.
- Objeto direto = os jogadores.

Voz passiva

Os jogadores foram aplaudidos pela torcida.

- Sujeito = os jogadores.
- Locução verbal passiva = foram aplaudidos.
- Agente da passiva = pela torcida.

Exercícios

1- Em algumas das frases abaixo, ocorre o agente da passiva. Aponte-o.
a) Prometeu lutar pelas camadas mais pobres da população.
b) Faz muito tempo que esses animais vem sendo caçados por gente inescrupulosa.
c) As melhores teses foram apresentadas pelos representantes dos países latino-americanos.
d) O Corinthians foi inapelavelmente derrotado pelo Juventus na última rodada.
e) Deveria ser veiculada pelos meios de comunicação uma campanha que tornasse mais civilizado o selvagem trânsito brasileiro.

2- Fornecemos, a seguir, duas redações para uma mesma manchete de jornal. Compare-as e indique as diferenças de sentido que transmitem .
'"O técnico da Seleção não convocará jogadores dos times paulistas"
"Jogadores dos times paulistas não serão convocados pelo técnico da Seleção"

3- Passe cada uma das orações seguintes para a voz passiva. A seguir, responda: a forma ativa e a forma passiva das orações são exatamente equivalentes? Comente.
a) Secretaria da Saúde vai divulgar novos dados sobre a dengue no interior de São Paulo.
b) Pelé, Tostão e Gérson comandaram o filme brasileiro na Copa de :O no México.
c) Várias emissoras de televisão haviam convidado os candidatos a prefeito para um debate.
d) Algumas decisões do governo têm levado os agricultores ao desespero.
e) O principal sindicato da categoria havia convocado uma greve para a semana seguinte.
i) O movimento dos aposentados acaba de obter várias conquistas na]justiça.

4- Cada uma das orações seguintes deve ser passada para a voz passiva. Lembre-se de que, neste caço, há duas formas possíveis de voz passiva para cada oração.
a) Enviaram as cartas ontem à tarde.
b) Publicaram vários livros premiados.
c) Nomearam o novo diretor do colégio.
d) Adotaram um novo critério de seleção dos candidatos.
e) Salvaram uma criança durante o temporal.
f) Fizeram ameaças a testemunha de acusação.
g) Transformaram a cidade num caos.

5- Reescreva cada uma das orações seguintes passando para o plural o termo destacado e fazendo as demais modificações necessárias.
a) Elaborou-se **um projeto** para resolver a questão .
b) Estipulou-se **um novo prazo para a entrega da declaração**.
c) Aspira-se a uma vida mais digna.
d) Localizou-se **o principal foco de disseminação da doença**.
e) Não se conhece **a real causa do acidente**.
f) Não se dispõe de **um meio eficiente** para combater o mal.
g) É possível que se **descubra a origem de tudo isso**.
h) É recomendável que se parta de **um dado comprovável** para dar início aos trabalhos de manutenção.
i) É evidente que se trata de **um caso de superfaturamento**.

6- Forme orações com os elementos disponíveis em cada um dos itens seguintes empregando o pronome se. Esteja atento à concordância verbal apropriada a cada caso.
a) Procurar / alternativas para geração de energia.
b) Precisar / novas fontes de energia.
c) Liberar / as importações de produtos de informática / finalmente.
d) Ultrapassar / últimas barreiras ao livre comércio.
e) Pensar / soluções para a crise.
f) Encontrar / cura para várias doenças.
g) Atentar / índices de pobreza no país.

7- Explique as possíveis interpretações das orações abaixo e proponha formas de eliminar a ambigüidade.
a) Incentivam-se os alunos.
b) Desmascaram-se os culpados.
d) Acusam-se os responsáveis.

RESPOSTAS

1.
a) não há
b) por gente inescrupulosa
c) pelos representantes dos países latino-americanos
d) pelo juventus

e) pelos meios de comunicação

2. A primeira forma enfatiza o agente do processo verbal e o próprio processo verbal; a segunda forma enfatiza o paciente do processo verbal. A construção na voz ativa dá destaque ao técnico e à sua ação; a construção na voz passiva dá destaque ao que está sendo anunciado.

3.
a) Novos dados sobre a dengue no interior de São Paulo vão ser divulgados pela Secretaria da Saúde.
b) time brasileiro na Copa de 70 no México foi comandado por Pelé, Tostão e Gérson.
c) Os candidatos a prefeito haviam sido convidados para um debate por várias emissoras de televisão.
d) Os agricultores têm sido levados ao desespero por algumas decisões do governo.
e) Uma greve havia sido convocada para a semana seguinte pelo principal sindicato da categoria.
f) Várias conquistas acabam de ser obtidas na justiça pelo movimento dos aposentados.

O aluno deve perceber que as diferenças apontadas na questão 2 são válidas para as frases da questão 3.

4.
a) As cartas foram enviadas ontem à tarde. / Enviaram-se as cartas...
b) Vários livros premiados foram publicados. / Publicaram-se vários livros...
c) novo diretor do colégio foi nomeado. / Nomeou-se o novo diretor...
d) Um novo critério de seleção dos candidatos foi adotado. / Adotou-se um novo critério...
e) Uma criança foi salva durante o temporal. / Salvou-se uma criança...
f) Ameaças à testemunha de acusação foram feitas. / Fizeram-se ameaças à testemunha...
g) A cidade foi transformada num caos. / Transformou-se a cidade...

5.
a) Elaboraram-se projetos...
b) Estipularam-se novos prazos...
c) Aspira-se a vidas mais dignas.
d) Localizaram-se os principais focos de...
e) Não se conhecem as reais causas...
f) Não se dispõe de meios eficientes...
g) É possível que se descubram as origens de tudo isso.
h) É recomendável que se parta de dados comprováveis...
i) É evidente que se trata de casos de...

6.
a) Procuram-se alternativas...
b) Precisa-se de novas...
c) Finalmente, liberaram-se as importações de...
d) Ultrapassaram-se as últimas barreiras...
e) Pensa-se em soluções...
f) Encontrou-se a cura...
g) Atente-se para os índices...

7. Essas frases podem ser interpretadas como casos da voz passiva sintética ou da voz reflexiva. Por isso, devem ser evitadas. Quando se pretende fazer a construção passiva com sujeito humano, é melhor optar pela forma analítica: Os alunos são incentivados. Os culpados são desmascarados., Os responsáveis são acusados. Para a voz reflexiva, recomenda-se a anteposição do sujeito: Os alunos incentivam-se., Os culpados desmascaram-se. Os responsáveis acusam-se. Nesse último caso, recomenda-se ainda o uso de expressões como "mutuamente", "um ao outro", "reciprocamente".

Predicação Verbal

É o estudo do comportamento do verbo na oração. É a partir da predicação verbal que analisamos se ocorre ação ou fato, se existe qualidade ou estado ou modo de ser de sujeito.

Quanto à predicação verbal, os verbos podem ser:

- Intransitivos
- Transitivos
- De Ligação

Os transitivos e os intransitivos são também denominados verbos significativos.

Verbos Intrasintivos

São verbos intransitivos os que não necessitam de complementação, pois já possuem sentido completo. Observe estas frases, retiradas de manchetes de jornais:

Rei Hussein, da Jordânia, morre aos 63.

24 mil casam-se ao mesmo tempo.

2ª parcela do IPVA vence a partir de hoje.

Perceba que esses verbos não necessitam de qualquer elemento para complementar seu sentido, pois **quem morre, morre, quem se casa, casa-se e aquilo que vence, vence**.

Há verbos intransitivos, porém, que vêm acompanhados de um termo acessório, exprimindo alguma circunstância - lugar, tempo, modo, causa, etc. O estudante não deve confundir esse elemento acessório com complemento de verbo. Observe esse exemplo:

Garotinho diz que irá a Brasília para reunião.

Aparentemente, o verbo **ir** apresenta complementação, pois **quem vai, vai a algum lugar**, porém "lugar" é uma circunstância e não complementação, como à primeira vista possa parecer.

Todos os verbos que indicam destino ou procedência são verbos intransitivos, normalmente acompanhados de circunstância de lugar - Adjunto Adverbial de Lugar. São eles **ir, vir, voltar, chegar, cair, comparecer, dirigir-se...**. Esses verbos admitem as preposições **a** e **de**; esta para indicação de procedência, aquela para a indicação de destino.

Outros exemplos:

- O avião caiu ao mar.
- Cheguei a casa antes da meia-noite. Nessa frase não ocorre o acento indicativo de crase, pois a palavra **casa** só admite o artigo quando estiver especificada: Cheguei à casa de Joana.

Verbos Transitivos

São verbos que necessitam de complementação. pois têm sentido incompleto. Observe as orações:

Vasco venceu Corinthians com 2 gols de Romário.

Cliente reclama de promoção da BCP.

Medida em estudo dá alívio para os Estados.

Perceba que os três verbos utilizados nos exemplos necessitam de complementação, pois **quem vence, vence alguém, quem reclama, reclama de algo** e **quem dá, dá algo a alguém**. A complementação, porém, dá-se de três maneiras diferentes: na primeira, o verbo não exige preposição, mas na segunda, sim, e, na terceira, há dois complementos, um com preposição, outro,sem. Quanto a isso, os verbos são:

Transitivos diretos: exigem complemento sem preposição obrigatória. O complemento é denominado **objeto direto**.

- Presidente receberá governadores.
- Falta de verbas causa problemas.

Transitivos indiretos: exigem complemento com preposição obrigatória. O complemento é denominado **objeto indireto**.

- Eleitor não obedece à convocação do TRE.
- População ainda acredita nos políticos.

Transitivos diretos e indiretos: possuem dois complementos; o **objeto direto** e o **objeto indireto**.

- Governador perdoa a Deputado traição do passado.
- Empresário doa rendimentos do mês à UNICEF.

Junto de verbo significativo pode surgir uma qualidade do sujeito ou uma qualidade do objeto. Esta denomina-se predicativo do objeto; aquela, predicativo do sujeito. Veja estes exemplos:

O professor entrou revoltado naquela tarde.
Maria morreu feliz.

Verbos de Ligação

São verbos que servem como elementos de ligação entre o sujeito e uma qualidade ou estado ou modo de ser, denominado **Predicativo do Sujeito**. Os principais verbos de ligação são **ser, estar, parecer, permanecer, ficar, continuar**. Não decore quais são os verbos de ligação, e sim memorize o significado dele:

Verbo de ligação é aquele que indica a existência de uma qualidade do sujeito, sem que ele pratique uma ação.

Investimento direto será menor em 2003. Matéria-prima fica mais cara.

Quando o verbo indica ação, além de qualidade do sujeito, é denominado transitivo ou intransitivo, mesmo que haja predicativo do sujeito.

Seleção volta abatida da Ásia.

Nesse exemplo o verbo não é de ligação, pois está indicando uma ação - **quem volta, volta de algum lugar**, mesmo que haja o predicativo do sujeito “abatida”. É, então, um verbo intransitivo, já que "da Ásia" é Adjunto Adverbial de Lugar. Conclui-se que pode haver predicativo do sujeito sem que haja verbo de ligação.

Exercícios

1) É errada a análise da predicação verbal na letra:
a) Isso não me convém. (transitivo indireto)
b) Não lhe telefonarei amanhã. (transitivo indireto)
c) Saudaram-nos pela vitória. (transitivo indireto)
d) A verdade me constrangeu. (transitivo direto)
e) A inocente menina é bela como um anjo. (de ligação)

2) O termo em destaque é adjunto adnominal na letra:
a) O político conseguiu um emprego **ao filho**.
b) O Banco emprestou dinheiro **àquela empresa**:.
c) Eleonora, toda apaixonada, ajeitou os cabelos **do noivo**.
d) Paguei todas as minhas dívidas **aos credores**.
e) Deus perdoa todos os pecados **ao mortais**.

3) Assinale a frase em que o verbo **estar** não é verbo de ligação:

a) Estávamos totalmente desligados a esse tipo de problema.
b) Os alpinistas estavam esgotados ao chegarem ao chalé.
c) Tenho estado otimista, quanto à minha aprovação.
d) Estivemos conversando tranqüilos acerca de política.
e) Relativamente a esse assunto, estou muito preocupado com as conseqüências.

4) Assinale a letra que contenha predicativo do sujeito sem que haja verbo de ligação:
a) Cumprimentaram-se friamente.
b) Ser livre é não ser escravo.
c) A leitura é muito útil.
d) A menina sorria-se feliz.
e) O mentiroso precisa ter boa memória.

5) Assinale a letra em que há exemplo de verbo transitivo direto e indireto:
a) Fugiu com quantas pernas tinha.
b) Disparou com um raio para a toca.
c) Lá contou à mamãe as aventuras do passeio.
d) Observei muita coisa interessante.
e) Encontrei o irmão de Carolina.

6) Assinale a letra que não contenha predicativo do sujeito:
a) Tenho grande simpatia pelos homens abnegados.
b) Os homens são atormentados pelas doenças.
c) Sua dedicação ao trabalho é mesmo exagerada.

d) A atenção dos alunos às aulas é elogiável.
e) Durante o dia, a praça fica cheia de aposentados.

7) Assinale a oração que contenha objeto direto:
a) Precisamos de mais informações.
b) A resposta ao aluno não foi convincente.
c) O professor não quis responder ao aluno.
d) Muitos caminhos foram abertos pelos bandeirantes.
e) A enchente alagou a cidade.

8) O herdeiro, longe de **compadecer-se**, **sorriu** e, por esmola, **atirou**-lhe três grãos de milho. Os verbos grifados são, respectivamente:
a) transitivo indireto, intransitivo, transitivo indireto.
b) intransitivo, intransitivo, transitivo direto e indireto.
c) transitivo direto, intransitivo, transitivo direto e indireto.
d) intransitivo, intransitivo, transitivo direto.
e) intransitivo, transitivo indireto, transitivo direto.

9) Assinale a letra que contenha verbo de ligação:
a) Os viajantes chegaram cedo ao destino.
b) Demitiram o secretário da instituição.
c) Nomearam as novas ruas da cidade.
d) Compareceram todos atrasados à reunião.
e) Estava irritado com as brincadeiras

10) Assinale a letra que contenha verbo transitivo direto:
a) Já passa da hora do recreio.
b) Há importantes monumentos em Minas Gerais.
c) Devia existir um motivo sério, muito sério.
d) Nas discussões choveram desaforos.
e) propusemos reformas aos dirigentes.

RESPOSTAS

1) C 2) C 3) D 4)D 5) C 6) A 7) E 8) B 9) E 10) B

Regência Verbal

A regência estuda a relação existente entre os termos de uma oração ou entre as orações de um período.

A regência verbal estuda a relação de dependência que se estabelece entre os verbos e seus complementos. Na realidade o que estudamos na regência verbal é se o verbo é transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto e indireto ou intransitivo e qual a preposição relacionada com ele.

Verbos Transitivos Diretos

São verbos que indicam que o sujeito pratica a ação, sofrida por outro elemento, denominado objeto direto.

Por essa razão, uma das maneiras mais fáceis de se analisar se um verbo é transitivo direto é passar a oração para a voz passiva, pois somente verbo transitivo direto admite tal transformação, além de obedecer, pagar e perdoar, que, mesmo não sendo VTD, admitem a passiva.

O objeto direto pode ser representado por um substantivo ou palavra substantivada, uma oração (oração subordinada substantiva objetiva direta) ou por um pronome oblíquo.

Os pronomes oblíquos átonos que funcionam como objeto direto são os seguintes: **me, te, se, o, a, nos, vos, os, as.**

Os pronomes oblíquos tônicos que funcionam como objeto direto são os seguintes: **mim, ti, si, ele, ela, nós, vós, eles, elas**.

Como são pronomes oblíquos tônicos, só são usados com preposição, por isso se classificam como

objeto direto preposicionado.

Vamos à lista, então, dos mais importantes verbos transitivos diretos: Há verbos que surgirão em mais de uma lista, pois têm mais de um significado e mais de uma regência.

Aspirar será VTD, quando significar **sorver, absorver**.

- Como é bom aspirar a brisa da tarde.

Visar será VTD, quando significar **mirar** ou **dar visto**.

- O atirador visou o alvo, mas errou o tiro.
- O gerente visou o cheque do cliente.

Agradar será VTD, quando significar **acariciar** ou **contentar**.

- A garotinha ficou agradando o cachorrinho por horas.
- Para agradar o pai, ficou em casa naquele dia.

Querer será VTD, quando significar **desejar, ter a intenção ou vontade de, tencionar**.

- Sempre quis seu bem.
- Quero que me digam quem é o culpado.

Chamar será VTD, quando significar **convocar**.

- Chamei todos os sócios, para participarem da reunião.

Implicar será VTD, quando significar **fazer supor, dar a entender; produzir como conseqüência, acarretar**.

- Os precedentes daquele juiz implicam grande honestidade.
- Suas palavras implicam denúncia contra o deputado.

Desfrutar e **Usufruir** são VTD sempre.

- Desfrutei os bens deixados por meu pai.
- Pagam o preço do progresso aqueles que menos o desfrutam. (e não desfrutam dele, como foi escrito no tema da redação da UEL em julho de 1996)

Namorar é sempre VTD. Só se usa a preposição **com**, para iniciar Adjunto **Adverbial de Companhia**. Esse verbo possui os significados de **inspirar amor a, galantear, cortejar, apaixonar, seduzir, atrair, olhar com insistência e cobiça, cobiçar**.

- Joanilda namorava o filho do delegado.
- O mendigo namorava a torta que estava sobre a mesa.
- Eu estava namorando este cargo há anos.

Compartilhar é sempre VTD.

- Berenice compartilhou o meu sofrimento.

Esquecer e **Lembrar** serão VTD, quando não forem pronominais, ou seja, caso não sejam usados com pronome, não serão usados também com preposição.

- Esqueci que havíamos combinado sair.
- Ela não lembrou o meu nome.

Verbos Transitivos Indiretos

São verbos que se ligam ao complemento por meio de uma preposição. O complemento é denominado objeto indireto.

O objeto indireto pode ser representado por um substantivo, ou palavra substantivada, uma oração (oração subordinada substantiva objetiva indireta) ou por um pronome oblíquo.

Os pronomes oblíquos átonos que funcionam como objeto indireto são os seguintes: **me, te, se, lhe, nos, vos, lhes**.

Os pronomes oblíquos tônicos que funcionam como objeto indireto são os seguintes: **mim, ti, si, ele, ela, nós, vós, eles, elas**.
Vamos à lista, então, dos mais importantes verbos transitivos indiretos: Há verbos que surgirão em mais de uma lista, pois têm mais de um significado e mais de uma regência.

Verbos Transitivos Indiretos, com a prep. a

Aspirar será VTI, com a prep. a, quando significar **almejar, objetivar**.

- Aspiramos a uma vaga naquela universidade.

Visar será VTI, com a prep. a, quando significar **almejar, objetivar**.

- Sempre visei a uma vida melhor.

Agradar será VTI, com a prep. a, quando significar **ser agradável; satisfazer**.

- Para agradar ao pai, estudou com afinco o ano todo.

Querer será VTI, com a prep. a, quando significar **estimar**.

- Quero aos meus amigos, como aos meus irmãos.

Assistir será VTI, com a prep. a, quando significar **ver** ou **ter direito**.

- Gosto de assistir aos jogos do Santos.
- Assiste ao trabalhador o descanso semanal remunerado.

Custar será VTI, com a prep. a, quando significar ser difícil. Nesse caso o verbo custar terá como sujeito aquilo que é difícil, nunca a pessoa, que será **objeto indireto**.

- Custou-me acreditar em Hipocárpio. e não Eu custei a acreditar...

Proceder será VTI, com a prep. a, quando significar **dar início**.

- Os fiscais procederam à prova com atraso.

Obedecer e **desobedecer** são sempre VTI, com a prep. a.

- Obedeço a todas as regras da empresa.

Revidar é sempre VTI, com a prep. a.

- Ele revidou ao ataque instintivamente.

Responder será VTI, com a prep. a, quando possuir apenas um complemento.

- Respondi ao bilhete imediatamente.
- Respondeu ao professor com desdém.

Caso tenha dois complementos, será VTDI, com a prep. a.

Alguns verbos transitivos indiretos, com a prep. **a**, não admitem a utilização do complemento **lhe**. No lugar, deveremos colocar **a ele, a ela, a eles, a elas**. Dentre eles, destacam-se os seguintes:

Aspirar, visar, assistir(ver), aludir, referir-se, anuir.

Quando houver, na oração, um verbo transitivo indireto, com a prep. a, seguido de um substantivo feminino, que exija o artigo a, ocorrerá o fenômeno denominado crase, que deve ser caracterizado pelo acento grave (à ou às).

- Assisti à peça das meninas do terceiro colegial.

Verbos Transitivos Indiretos, com a prep. com

Simpatizar e **Antipatizar** sempre são VTI, com a prep. com. Não são verbos pronominais, portanto não existe o verbo **simpatizar-se**, nem **antipatizar-se**.

- Sempre simpatizei com Eleodora, mas antipatizo com o irmão dela.

Implicar será VTI, com a prep. com, quando significar **antipatizar**.

- Não sei por que o professor implica comigo.

Verbos Transitivos Indiretos, com a prep. de

Esquecer-se e **lembrar-se** serão VTI, com a prep. **de**, quando forem pronominais, ou seja, somente quando forem usados com pronome, poderão ser usados com a prep. **de**.

- Esqueci-me de que havíamos combinado sair.
- Ela não se lembrou do meu nome.

Proceder será VTI, com a prep. de, quando significar **derivar-se, originar-se**.

- Esse mau-humor de Pedro procede da educação que recebeu.

Verbos Transitivos Indiretos, com a prep. em

Consistir é sempre VTI, com a prep. em. Esse verbo significa **cifrar-se, resumir-se ou estar firmado, ter por base, ser constituído por**.

- O plano consiste em criar uma secretaria especial.

Sobressair é sempre VTI, com a prep. em. Não é verbo pronominal, portanto não existe o verbo **sobressair-se**.

- Quando estava no colegial, sobressaía em todas as matérias.

Verbos Transitivos Indiretos, com a prep. por

Torcer é VTI, com a prep. por. Pode ser também verbo intransitivo. Somente neste caso, usa-se com a prep. para, que dará início a **Oração Subordinada Adverbial de Finalidade**. Para ficar mais fácil, memorize assim: Torcer por + substantivo ou pronome. Torcer para + oração (com verbo).

- Estamos torcendo por você.
- Estamos torcendo para você conseguir seu intento.

Chamar será VTI, com a prep. por, quando significar **invocar**.

- Chamei por você insistentemente, mas não me ouviu.

Verbos Transitivos Diretos e Indiretos

São os verbos que possuem os dois complementos - **objeto direto** e **objeto indireto**.

Chamar será VTDI, com a prep. a, quando significar **repreender**.

- Chamei o menino à atenção, pois estava conversando durante a aula.
- Chamei-o à atenção.

Obs.: A expressão Chamar a atenção de alguém não significa repreender, e sim fazer se notado. Por exemplo: O cartaz chamava a atenção de todos que por ali passavam.

Implicar será VTDI, com a prep. em, quando significar **envolver alguém**.

- Implicaram o advogado em negócios ilícitos.

Custar será VTDI, com a prep. a, quando significar **causar trabalho, transtorno**.

- Sua irresponsabilidade custou sofrimento a toda a família.

Agradecer, Pagar e Perdoar são VTDI, com a prep. a. O **objeto direto** sempre será a coisa, e o **objeto indireto**, a pessoa.

- Agradeci a ela o convite.
- Paguei a conta ao Banco.
- Perdôo os erros ao amigo.

Pedir é VTDI, com a prep. a. Sempre deve ser construído com a expressão Quem pede, pede algo a alguém. Portanto é errado dizer **Pedir** para que alguém faça algo.

- Pedimos a todos que tragam os livros.

Preferir é sempre VTDI, com a prep. a. Com esse verbo, não se deve usar **mais, muito mais, mil vezes, nem que** ou **do que**.

- Prefiro estar só a ficar mal-acompanhado.

Avisar, advertir, certificar, cientificar, comunicar, informar, lembrar, noticiar, notificar, prevenir são VTDI, admitindo duas construções: **Quem informa, informa algo a alguém ou Quem informa, informa alguém de algo**.

- Advertimos aos usuários que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos.

- Advertimos os usuários de que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos.

Quando houver, na oração, um verbo transitivo direto e indireto, com a prep. a, seguido de um substantivo feminino, que exija o artigo a, ocorrerá o fenômeno denominado crase, que deve ser caracterizado pelo acento grave (à ou às).

Advertimos às alunas que não poderiam usar a sala fora do horário de aula.

Verbos Intransitivos

São os verbos que não necessitam de complementação. Sozinhos, indicam a ação ou o fato.

Assistir será intransitivo, quando significar **morar**.
- Assisto em Londrina desde que nasci.

Custar será intransitivo, quando significar **ter preço**.
- Estes sapatos custaram R$50,00.

Proceder será intransitivo, quando significar **ter fundamento**.
- Suas palavras não procedem!

Morar, residir e situar-se sempre são intransitivos.
- Moro em Londrina; resido no Jardim Petrópolis; minha casa situa-se na rua Cassiano Ricardo.

Deitar-se e levantar-se são sempre intransitivos.
- Deito-me às 22h e levanto-me às 6h.

Ir, vir, voltar, chegar, cair, comparecer e dirigir-se são intransitivos. Aparentemente eles têm complemento, pois Quem vai, vai a algum lugar. Porém a indicação de lugar é circunstância, e não complementação. Classificamos como Adjunto Adverbial de Lugar. Alguns gramáticos classificam como Complemento Circunstancial de Lugar.

Esses verbos exigem a prep. **a**, na indicação de **destino**, e **de**, na indicação de **procedência**.

Só se usa a prep. **em**, na indicação de meio, **instrumento**.

- Cheguei de Curitiba há meia hora.
- Vou a São Paulo no avião das 8h.

Quando houver, na oração, um verbo intransitivo, com a prep. a, seguido de um substantivo feminino, que exija o artigo a, ocorrerá o fenômeno denominado crase, que deve ser caracterizado pelo acento grave (à ou às).

- Vou à Bahia.

Verbos de regência oscilante

VTD ou VTI, com a prep. a

Assistir pode ser VTD ou VTI, com a prep. a, quando significar **ajudar, prestar assistência**.
- Minha família sempre assistiu o Lar dos Velhinhos.
- Minha família sempre assistiu ao Lar dos Velhinhos.

Chamar pode ser VTD ou VTI, com a prep. a, quando significar **dar qualidade**. A qualidade pode vir precedida da prep. de, ou não.
- Chamaram-no irresponsável.
- Chamaram-no de irresponsável.
- Chamaram-lhe irresponsável.
- Chamaram-lhe de irresponsável.

Atender pode ser VTD ou VTI, com a prep. a.
- Atenderam o meu pedido prontamente.
- Atenderam ao meu pedido prontamente.

Anteceder pode ser VTD ou VTI, com a prep. a.
- A velhice antecede a morte.
- A velhice antecede à morte.

Presidir pode ser VTD ou VTI, com a prep. a.
- Presidir o país.
- Presidir ao país.

Renunciar pode ser VTD ou VTI, com a prep. a.
- Nunca renuncie seus sonhos.
- Nunca renuncie a seus sonhos.

Satisfazer pode ser VTD ou VTI, com a prep. a.

- Não satisfaça todos os seus desejos.
- Não satisfaça a todos os seus desejos.

VTD ou VTI, com a prep. de

Precisar e **necessitar** podem ser VTD ou VTI, com a prep. de.

- Precisamos pessoas honestas.
- Precisamos de pessoas honestas.

Abdicar pode ser VTD ou VTI, com a prep. de, e também VI.

- O Imperador abdicou o trono.
- O Imperador abdicou do trono.
- O Imperador abdicou.

Gozar pode ser VTD ou VTI, com a prep. de.

- Ele não goza sua melhor forma física.
- Ele não goza de sua melhor forma física.

VTD ou VTI, com a prep. em

Acreditar e **crer** podem ser VTD ou VTI, com a prep. em.

- Nunca cri pessoas que falam muito de si próprias.
- Nunca cri em pessoas que falam muito de si próprias.

Atentar pode ser VTD ou VTI, com a prep. em, ou com as prep. para e por.

- Em suas redações atente a ortografia.
- Deram-se bem os que atentaram nisso.
- Não atentes para os elementos supérfluos.
- Atente por si, enquanto é tempo.

Cogitar pode ser VTD ou VTI, com a prep. em, ou com a prep. de.

- Começou a cogitar uma viagem pelo litoral brasileiro.
- Hei de cogitar no caso.
- O diretor cogitou de demitir-se.

Consentir pode se VTD ou VTI, com a prep. em.

- Como o pai desse garoto consente tantos agravos?
- Consentimos em que saíssem mais cedo.

VTD ou VTI, com a prep. por

Ansiar pode ser VTD ou VTI, com a prep. por.

- Ansiamos dias melhores.
- Ansiamos por dias melhores.

Almejar pode ser VTD ou VTI, com a prep. por, ou VTDI, com a prep. a.

- Almejamos dias melhores.
- Almejamos por dias melhores.
- Almejamos dias melhores ao nosso país.

VI ou VTI, com a prep. a

Faltar, Bastar e Restar podem ser VI ou VTI, com a prep. a.

- Muitos alunos faltaram hoje.
- Três homens faltaram ao trabalho hoje.
- Resta aos vestibulandos estudar bastante.

Na última frase apresentada não há erro algum, como à primeira vista possa parecer. A tendência é de o aluno concordar o verbo estudar com a palavra vestibulando, construindo a oração assim: Resta os vestibulandos estudarem.
Porém essa construção está totalmente errada, pois o verbo é transitivo indireto, portanto resta a alguém. Então vestibulandos funciona como objeto indireto e não como sujeito. Nenhum verbo concorda com o objeto indireto.

Quando houver, na oração, um verbo transitivo indireto, com a prep. a, seguido de um substantivo feminino, que exija o artigo a, ocorrerá o fenômeno denominado crase, que deve ser caracterizado pelo acento grave (à ou às).

Assisti à peça das meninas do terceiro colegial.

VI ou VTD

Pisar pode ser VI ou VTD. Quando for VI, admitirá a prep. em, iniciando **Adjunto Adverbial de Lugar**.

- Pisei a grama para poder entrar em casa.
- Não pise no tapete, menino!

Exercícios Sobre Regências Verbal e Nominal

Para o exercícios de 01 a 19, marcará com "C" as alternativas corretas e com "I " as incorretas:
01) (   ) A greve geral não agradou os diretores.
02) (   ) Você aspirava ao cargo? Sim, aspirava-lhe.
03) (   ) O residente assiste o cirurgião na operação
04) (   ) Não atenderam seu pedido por falta de amparo legal
05) (   ) Quero-a para esposa e companheira
06) (   ) Vamos proceder uma investigação minuciosa
07) (   ) Devemos visar, acima de tudo ao bem da família
08) (   ) Às vezes, chamavam- o tolo e arrogante
09) (   ) O pai custava sentir a revolta do filho
10) (   ) Já respondi todos os cartões
11) (   ) Supressão da liberdade implica, não raro, em violência
12) (   ) Lembrei-me que era tarde e corri
13) (   ) Avisei-o que os fiscais chegaram
14) (   ) Obedecia-lhe porque o respeitava
15) (   ) Aos amigos, perdoa-lhes todas as ofensas
16) (   ) Os guias ainda não foram pagos
17) (   ) À vida prefere a honra
18) (   ) Afinal, simpatizei-me com a proposta...
19) (   ) Lemos e gostamos muito de seus poemas

Para as questões de 20 a 22, assinale a alternativa, preenchendo as lacunas corretamente:

20) Obedeça- ___, estime-___ e ___ sempre que precisar
a) os – os- recorra a eles
b) lhes – os – recorra a eles
c) os – lhes – recorra-lhes
d) lhes – lhes – recorra-lhes

21) Os encargos ______nos obrigaram são aqueles _____o diretor se referiu
a) de que, que
b) a que, a que
c) a cujos, cujo
d) de que, de que

22) Alguns demonstram verdadeira aversão _______ exames, porque nunca se empenharam o suficiente _____ utilização do tempo ______ dispunham para o estudo
a) por, com, que
b) a, na, que
c) a, na, de que
d) com, na, que

23) Assinale a incorreta:
a) O trabalho ansiava o rapaz
b) O rapaz ansiava por trabalho
c) Você anseia uma vaga
d) Aquele espetáculo ansiava-o

24) Ansiava ____ encontrá-lo, a fim de ____ pelo sucesso:
a) por, cumprimentá-lo
b) por cumprimentar-lhe
c) em, cumprimentar-lhe
d) para cumprimentar-lhe

25) Assinale a substituição errada:
a) Aspiro o pó – Aspiro-o
b) Aspiro ao sucesso – Aspiro-lhe
c) Aspiro ao sucesso – Aspiro a ele
d) Aspiramos o ar – Aspiramo-lo

26) Assinale a substituição incorreta:
a) O médico assiste o doente – O médico assiste-o
b) O médico assiste ao doente – O médico assiste-lhe
c) O doente assiste ao programa – O doente assiste-lhe
d) O doente assiste ao programa – O doente assiste a ele

27) Assinale a opção em que o verbo ASSISTIR é empregado com o mesmo sentido que apresenta em : "Não direi que assisti às alvoradas do Romantismo":
a) Não se pode assistir indiferente a um ato de injustiça
b) Não assiste a você o direito de me julgar
c) É dever do médico assistir a todos os enfermos
d) Em sua administração, sempre foi assistido por bons conselheiros

28) Leia os períodos e selecione, depois, a opção correta:
1. O povo assistiu ao jogo? Sim, o povo assistiu a ele
2. O professor aspirava o cargo de diretor da escola
3. A enfermeira não assistiu o jogo porque assistia a um doente
4. Os que vestem roupas delicadas e finas são os que assistem nos palácios dos reis
a) Apenas os períodos 1 e 4 são corretos
b) Todos estão corretos
c) Apenas os períodos 2 e 3 são corretos
d) Apenas o 1º período é correto

29) Assinale a correta:
a) Custa-me descobrir qual a correta
b) Custei a resolver os problemas
c) Custei rever a matéria
d) Custou-me para explicar a ele

30) Assinale a incorreta:
a) Esqueceu-me a carteira
b) Eu me esqueci da carteira
c) Eu esqueci da carteira
d) Esqueceu-se a carteira

31) A menina ______olhos eu não esqueço, não me sai do pensamento:
a) de cujos os
b) cujos
c) cujos os
d) de cujos

32) Correlacione as orações:
1. Era uma grande data...
2. Leu o livro...
3. Ouviu o tiro...
( ) cujas páginas o encantaram
( ) de que nunca me esqueço
( ) sobre cujas páginas dormiu
( ) que nunca esqueço
( ) a que escapou
a) 2-1-2-1-3
b) 3-1-2-1-2
c) 2-1-2-2-3
d) 1-1-2-1-3

33) Preencha as lacunas:
1. A posição ____ visamos é nobre
2. Foram muitos os documentos _____visamos
3. Ninguém pode prescindir ______ ajuda de outrem
4. Sempre quis muito ____- seus filhos e estes também _____ querem muito
5.Seus modos nos se coadunam _____ os princípios de boa educação

A seqüência correta será:
a) que – a que – da – a – o - sob
b) a que – que – da – a – lhe - com
c) que – que – a - os – lhe - com
d) por que - de que - a - os – o - contra

34) Considere os períodos abaixo:
1. Fabiano preferiu ficar escondido do que renunciar à sua liberdade
2. Custou-lhe muito falar com Sinhá Vitória a respeito dos meninos
3. Agora os meninos tinham obrigação de obedecê-los
4. Sempre se lembraria que a seca a tudo esturricava
5. Jamais lhe perdoaria as humilhações recebidas
a) Corretos 1 e 4
b) Corretos 2 e 5
c) Corretos 2 e 3
d) Corretos 1 e 2

35) Assinale a incorreta:
a) Prefiro ficar aqui do que sair
b) Eles aspiram o ar puro do mar
c) Estas calças lhe servem bem
d) Todos querem bem a seus pais

36) Onde há erro de regência?
a) Esqueceram-lhe os compromissos
b) Nós lhe lembramos o compromisso
c) Eu esqueci dos compromissos
d) Não me lembram tais palavras

37) Que homem você viu? Este é o homem que eu vi.
1. Este é o menino ______ eu chamei
2. Este é o menino ______ eu vim
3. Este é o menino ______ eu assisti
4. Este é o menino ______ eu me esqueci
5. Este é o menino ______ eu esqueci

a) quem, com que, a que, de que, que
b) que, com que, que, quem de, que
c) que, com quem, a quem, de quem, que
d) que, que, a que, que, de que

38) Indique a frase correta:

a) Cheguei tarde a casa ontem
b) Resido à rua da Independência
c) Viso uma vida e um emprego melhor
d) Trouxe o livro que você se refere

39) Assinale a frase correta:

a) Devo interromper-lhe para fazer-lhe algumas perguntas
b) Não posso atendê-lo agora, mas agradeço-lhe a visita
c) Autorizei-lhe a sair agora mesmo
d) Se nossa conversa não lhe atrapalha, sua irritação é porque lhe impediram de entrar na sala

40) Assinale a frase incorreta:

a) Abraçou os amigos com carinho
b) Deus assiste os infelizes
c) Chamam ao diabo de cão
d) Esta é a primeira vez que o desobedeço, pois sempre lhe quis bem

41) Assinale a alternativa com erro, se houver:

a) Sabemos que o impediram de entrar na sala, mas informo-lhe que sua inscrição foi aceita
b) Só não o chamaram de santo e ainda lhe dizem que o amam
c) Avise o aluno de que a prova versará sobre todo o conteúdo
d) Todas estão corretas

42) Incorreta:
a) Informei-o de nossos planos
b) Informei-lhe nossos planos
c) Informei-lhe de nossos planos
d) Todas estão corretas

43) Incorreta:

a) Incumbiram-lhe das compras
b) Cientifiquei os candidatos das deliberações tomada
c) Não vou comparecer à reunião de hoje
d) Todas estão corretas

44) Incorreta:
a) O fiscal mora na Rua Santos Paiva
b) Jamais perdoou aos que fugiram
c) Sua falta implica rescisão de contrato
d) Todas estão corretas

45) Incorreta:
a) Ela presidiu aos exames finais
b) A secretária acedeu o convite
c) Queremos muito aos nossos mestres
d) Todas estão corretas

46) Incorreta:
a) Devemos, acima de tudo, visar ao bem do próximo
b) Não respondi, ainda, ao telegrama
c) Não lhe assiste tal direito
d) Todas estão corretas

47) Incorreta:
a) É dela a casa em que sempre vou
b) O resultado a que se chegou foi surpreendente
c) Esta é a chave com que abrirei o cofre
d) Todas estão corretas

48) Incorreta:
a) Abraçou-o
b) Encontrou-o
d) Obedeço-o
d) Respeito-o

49) Assinale a alternativa com erro de regência:
a) Alguns políticos têm hábitos com que não simpatizamos
b) Analise o fato a que o povo se insurgiu
c) Este é o líder por cuja causa lutaste?
d) Um novo Plano Econômico implicará reações imprevisíveis

Respostas Sobre Regências Verbal e Nominal:

01) I
02) I
03) C
04) C
05) C
06) I
07) C
08) I
09) I
10) I
11) I
12) I
13) I
14) I
15) C
16) C
17) C
18) C
19) I
20) I
21) B
22) B
23) C
24) C
25) A
26) B
27) C
28) A
29) A
30) A
31) C
32) B
33) A
34) B
35) B
36) A
37) C
38) C
39) A
40) B
41) D
42) D
43) C
44) A
45) D
46) B
47) D
48) A
49) C
50) **B**

Tipos de Sujeito

Para se analisar sintaticamente qualquer oração, deve-se começar, perguntando ao verbo **Quem pratica a ação?** ou **Quem sofre a ação?** ou **Quem possui a qualidade?** A resposta a essas perguntas denominamos de sujeito.

São os seguintes os tipos de sujeito:

01) Sujeito Simples

É aquele que possui apenas um núcleo. O núcleo do sujeito será representado por um substantivo, por um pronome substantivo ou por qualquer palavra substantivada. **Núcleo** é a palavra que, dentre todas as que surgem na função sintática, realmente exerce a função.

Exemplo: **Os homens destroem a natureza.**

Quem destrói a natureza? Resp.: **Os homens.** Núcleo = **homens. Sujeito Simples.**

Obs: Todas as palavras que surgirem antes do núcleo de qualquer função sintática chamam-se **Adjunto Adnominal** (aa). Portanto, no exemplo citado, o artigo **os** funciona como **adjunto adnominal**.

02) Sujeito Composto

É aquele que possui dois ou mais núcleos. Os núcleos do sujeito composto são, quase sempre, ligados pela conjunção **e**, pela conjunção **ou**, pela preposição **com** ou pelos conectivos correlatos **assim ... como, não só ... mas também, tanto ... como, tanto ... quanto, nem ... nem**.

Exemplo: **Tanto os cientistas quanto os religiosos estão temerosos.**

Quem está temeroso? Resp.: Tanto os cientistas quanto os religiosos. Núcleos = cientistas e religiosos. **Sujeito Composto**. Os artigos **os** e **os** são adjuntos adnominais.

03) Sujeito Oculto

Teremos sujeito oculto, em três circunstâncias:

A) Quando perguntarmos ao verbo quem é o sujeito e obtivermos como resposta os pronomes **eu, tu, ele, ela, você, nós ou vós,** sem surgirem escritos na oração. O sujeito oculto também pode ser chamado de sujeito elíptico, sujeito desinencial ou sujeito subentendido.

Exemplo: **Estudaremos a matéria toda.**

Quem estudará? Resp.: Nós. Como o pronome não surge na oração temos **sujeito oculto**.

B) Quando o verbo estiver no **Imperativo**, ou seja, quando o verbo indicar ordem, pedido ou conselho, com exceção de **Chega de** e **Basta de**. Esses dois verbos participam de orações **sem sujeito**.

Exemplo: **Estudem, meninos!**

O verbo está no Imperativo, pois indica conselho. Portanto o sujeito é **oculto**.

Outro Exemplo: **Basta de baderna, meninos!**

Nesse caso, há **sujeito inexistente**.

C) Quando não surgir o sujeito escrito na oração, porém estiver claro em orações anteriores.

Exemplo: **Os governadores chegaram a Brasília ontem à noite. Terão um encontro com o presidente.**

Quem chegou a Brasília? Resp.: Os governadores. Núcleo = governadores. **Sujeito Simples**.

Quem terá um encontro? Resp.: Não surge o sujeito escrito na oração, porém na oração anterior aparece, com clareza, quem é o **sujeito = os governadores**. Portanto, **sujeito oculto**.

04) Sujeito Indeterminado

Teremos sujeito indeterminado, quando perguntarmos ao verbo quem é o sujeito e obtivermos como resposta os pronomes **eles**, sem surgir escrito na oração, nem aparecer claramente quem são eles anteriormente.

Exemplo: **Deixaram um bomba na casa do deputado.**

Quem deixou uma bomba? Resp.: Eles. Não surge o sujeito escrito na oração, nem aparece, com clareza, anteriormente, quem é o sujeito. Portanto, **sujeito indeterminado**.

05) Oração Subordinada Substantiva Subjetiva

É o sujeito com verbo, ou seja, uma oração que exerce a função de sujeito.

Exemplo: **É necessário que todos estudem.**

Que é necessário? Resp.: Que todos estudem. **Sujeito com verbo**. Or. Sub. Subst. Subjetiva.

Quando a oração subordinada substantiva subjetiva não se iniciar pela conjunção integrante **que**, nem pela conjunção integrante **se**, o verbo deverá ser conjugado no infinitivo, no gerúndio ou no particípio, e a oração se denominará oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo, de gerúndio ou de particípio.
Exemplo: **É preciso estudar mais.**

Que é preciso? Resp.: Estudar mais = oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo.

06) Sujeito Acusativo

Será sujeito acusativo o sujeito de um verbo no infinitivo ou no gerúndio de uma oração que funcione como objeto direto, quando o verbo da oração principal for **fazer, mandar, ver, deixar, sentir** ou **ouvir**.

Exemplo: **Fizeram a garota se retirar.**

Quem fez? Resp.: Eles. Não surge o sujeito escrito na oração, nem aparece, com clareza, anteriormente, quem é o sujeito. Portanto, **sujeito indeterminado**.

O verbo fazer é verbo transitivo direto, que tem como objeto direto toda a oração a garota se retirar, pois isso é que foi feito, e não a garota foi feita, como pode parecer. A oração que funciona como objeto direto chama-se **oração subordinada substantiva objetiva direta**.

O verbo da oração subordinada substantiva objetiva direta está no infinitivo (retirar-se) e tem como sujeito a palavra garota. Portanto, garota é **sujeito acusativo**.

O sujeito acusativo poderá ser representado por um substantivo ou por um pronome oblíquo átono **(me, te, se, o, a, nos, vos, os, as)**

Quando o sujeito acusativo for um substantivo plural, o verbo no infinitivo tanto poderá ficar no singular, quanto no plural. Em todos os outros casos, o verbo ficará no singular.

Exemplos:
- Vi as garotas cantar/cantarem. As garotas = sujeito acusativo.
- Vi-as cantar. as = sujeito acusativo.
- Deixei-os entrar atrasado

07)Orações sem sujeito

Haverá oração sem sujeito, ou seja, o verbo será impessoal nos seguintes casos:

Obs.: Os verbos impessoais ficam, obrigatoriamente, na terceira pessoa do singular, com exceção do verbo ser.

a) Verbos que indiquem **fenômeno da natureza**:
Exemplo: Choveu ontem.
Ventou demasiadamente.

Quando surgir o fenômeno da natureza escrito na oração ou quando a frase possuir sentido figurado, haverá sujeito:
Exemplo: Choveram pedras sobre Londrina.
Choveram papeizinhos coloridos sobre os soldados que desfilavam.

b) Ser, estar, parecer, ficar, indicando fenômeno da natureza.
Exemplo: É primavera, mas parece verão.

Está frio hoje.

c) Fazer, indicando **fenômeno da natureza** ou **tempo decorrido**.
Exemplo: Faz dias friíssimos no inverno.
Faz três dias que aqui cheguei.

d) Haver, significando **existir** ou **acontecer**, ou indicando **tempo decorrido**.
Exemplo: Houve muitos problemas naquela noite.
Haverá várias festas em Curitiba.
Há dois anos ele esteve aqui em casa.

e) Passar de, indicando horas.
Exemplo: Já passa das 15h.

f) Chegar de e **bastar de**, no imperativo.
Exemplo: Chega de matéria.

g) Ser, indicando **horas**, **datas** e **distância**. O verbo **ser** é o único verbo impessoal que não fica obrigatoriamente na terceira pessoa do singular.

Horas: O verbo **ser**, ao indicar horas, concorda com o numeral a que se refere.
Exemplo: É uma hora.
São duas horas.

Distância: O verbo **ser**, ao indicar distância, concorda com o numral a que se refere.
Exemplo: É um quilômetro daqui até lá.
São dois quilômetros daqui até lá.

Datas: O verbo **ser**, ao indicar datas, tanto poderá ficar no singular quanto no plural.
Exemplo: É dois de maio = É dia dois de maio.
São dois de maio = São dois dias de maio.

Claro está que, se for o primeiro dia do mês, o verbo **ser** ficará no singular.

Exercícios

1. Transforme cada uma das orações seguintes de acordo com o modelo proposto:
Nunca levanto cedo.
Nunca levantas cedo.
Nunca levantamos cedo.
Nunca levantais cedo.
a) Cumpri a palavra dada.
b) Fui surpreendido pela notícia.

2. Passe para o plural cada uma das orações seguintes. Depois indique o sujeito e o predicado de cada uma delas.
a) Ocorreu um fato surpreendente.
b) Sobrou muito pão na festa.
c) Basta-me uma frase de incentivo.
d) Faltou um Bom quadro naquela exposição.
e) Dói-me a perna.
f) Caiu um raio sobre aquela árvore.
g) Desabou um temporal muito forte ontem à noite.
h) Existe uma cultura muito rica no interior deste país.
i) Teu trabalho foi elogiado por todos.
j) Cometeu-se grande injustiça com aquele jogador.

3. Passe para o plural cada uma das orações seguintes. Depois, indique o sujeito e o predicado de cada uma delas.
a) Deve ter acontecido algum fato surpreendente.
b) Deve ocorrer um forte temporal esta tarde.
c) Poderia bastar-me uma frase de incentivo.
d) Poderá faltar justamente o melhor quadro naquela exposição.
e) Poderia estar doendo-me a perna.
f) Parece ter caído um raio sobre aquela árvore.
g) Deve ter desabado um temporal muito forte ontem à noite.
h) Parece ter existido uma cultura muito rica no interior deste país.

i) Teu trabalho deve ter sido elogiado por todos.
j) Deve-se ter cometido grande injustiça com aquele jogador.

4. Classifique os verbos das orações seguintes em nocionais e não-nocionais:
a) Estou preocupado.
b) Estou em Roma.
c) Permaneceram calados durante o almoço.
d) Permaneceram exatamente no mesmo lugar.
e) O gato virou gata.
f) O furacão virou alguns carros.
g) Ficaria meses em Praga.
h) Ficaria extasiado se fosse a Praga.
i) Ela passou a chefe do departamento.
j) O pior já passou.
I) Persistimos em ser atendidos.
m)A desigualdade social persiste imutável.
n) Achei o livro.
o) Acho-me acamado.

5. Aponte e classifique o sujeito das orações abaixo.
a) Naquela hora, tocou o sino.
b) Veio-me à lembrança uma imagem poética.
c) Passou-me pela memória uma velha lembrança.
d) Explodiu nova crise no Oriente Médio.
e) Surgiu um novo medicamento contra a doença.
f) Teria ele condição de enfrentar a crise econômica?
g) São cada vez mais freqüentes as denúncias de abuso de autoridade contra a polícia.
h) Industriais e industriários não se entenderam sobre salários e condições de trabalho.

6. Reescreva cada uma das orações abaixo de acordo com o modelo proposto.

Alguém precisa de ajuda.

Precisa-se de ajuda.

a) Alguém acredita em dias mais felizes.
b) Alguém crê em tempos menos bicudos.
c) Alguém necessita de auxílio.
d) Alguém apelou para os mais poderosos.
e) Alguém assistiu a filmes de terror.
f) Alguém aspira ao bem-estar social.
g) Alguém obedece aos impulsos mais nobres.
h) Alguém tratou de assuntos sérios naquele debate.

7. Complete cada um dos pequenos diálogos seguintes com uma frase em que surja o sujeito indeterminado, com o verbo na terceira pessoa do plural.
a) - Existe alguma mensagem para mim?
b) - De onde vieram estes pacotes?
c) - Quem trouxe este recado?
d) - Onde você achou esse livro?
e) - Como você soube disso?
f) - Essa história é verdadeira?

8. Reescreva cada uma das frases seguintes de acordo com o modelo proposto.
Faz dois anos que não a encontro.
Deve fazer dois anos que não a encontro.
a) Fazia cinco anos que não nos encontrávamos.
b) Faz algumas semanas que não chove nessa cidade.
c) Faz três anos que não a procuro.

9. Reescreva cada uma das frases seguintes de acordo com o modelo proposto.
Há muitos livros sobre o assunto.
Havia muitos livros sobre assunto.
Houve muitos livros sobre o assunto.

a) Há várias propostas em discussão.
b) Há vários cargos em disputa.
c) Há muitas maneiras de ajudar.
d) Há infindáveis modos de colaborar.

e) Há discussões intermináveis.

10. Reescreva cada uma das frases seguintes de acordo com o modelo proposto.
Deve haver várias razões para o cancelamento.
Deve ter havido várias razões para o cancelamento.
Pode ter havido várias razões para o cancelamento.

a) Deve haver provas mais contundentes contra ele.
b) Deve haver graves conseqüências.
c) Deve haver questões mais sérias.
d) Deve haver situações menos preocupantes.
e) Deve haver leis mais duras.

11. Monte orações a partir dos elementos oferecidos em cada um dos itens seguintes. Faça as necessárias relações de concordância verbal em cada caso.
a) Bater / os sinos da igreja / de trinta em trinta minutos.
b) Surgir / várias idéias revolucionárias / durante a noite.
c) Faltar / vários alunos/ na semana passada.
d) Ocorrer / faltas violentas / durante o jogo.
e) Desabar / dois prédios / no ano passado.

RESPOSTAS

1- a) Cumpriste a palavra dada. (tu) / Cumprimos a palavra dada. (nós) / Cumpristes a palavra dada. (vós)
b) Foste surpreendido pela notícia. (tu) / Fomos surpreendidos pela notícia. (nós) / Fostes surpreendidos pela notícia. (vós)

2- a) Ocorreram fatos surpreendentes. (**sujeito**: fatos surpreendentes **predicado**: ocorreram)
b) Sobraram muitos pães na festa. (**sujeito**: muitos pães **predicado**: o restante)
c) Bastam-me algumas frases de incentivo. (**sujeito**: algumas frases de incentivo **predicado**: Bastam-me)
d) Faltaram alguns bons quadros naquela exposição. (**sujeito**: alguns bons quadros **predicado**: o restante)
e) Doem-me as pernas. (**sujeito**: as pernas **predicado:** Doem-me)
f) Caíram raios sobre aquela velha árvore. (**sujeito:** raios **predicado:** o restante)
g) Desabaram temporais muito fortes...(**sujeito:** temporais muito fortes **predicado:** o restante)
h) Existem culturas muito ricas no interior do país. (**sujeito:** culturas muito ricas **predicado:** o restante)
i) Teus trabalhos foram elogiados por todos. (**sujeito:** Teus trabalhos **predicado:** o restante)
j) Cometeram-se grandes injustiças com aquele jogador. (**sujeito:** grandes injustiças **predicado:** o restante)

3- a) Devem ter acontecido alguns fatos surpreendentes. (**sujeito:** alguns fatos surpreendentes **predicado:** o restante)
b) Devem ocorrer alguns fortes temporais... (**sujeito:** alguns fortes temporais **predicado:** o restante)
c) Poderiam bastar-me algumas frases de incentivo. (**sujeito:** algumas frases de incentivo **predicado:** o restante)
d) Poderão faltar justamente os melhores quadros naquela exposição. (**sujeito:** os melhores quadros **predicado:** o restante)
e) Poderiam estar doendo-me as pernas. (**sujeito**: as pernas; **predicado**: o restante)
f) Parecem ter caído alguns raios sobre... (**sujeito**: alguns raios; predicado: o restante)
g) Devem ter desabado temporais muito fortes...(**sujeito**: temporais muito fortes **predicado**: o restante)
h) Parecem ter existido culturas muito ricas...(**sujeito**: culturas muito ricas **predicado**: o restante)
i) Teus trabalhos devem ter sido elogiados por todos. (**sujeito**: teus trabalhos; **predicado predicado**: o restante)
j) Devem-se ter cometido grandes injustiias...(**sujeito**: grandes injustiças; **predicado**: o restante)

4.
a) não-nocional
b) nocional
c) não-nocional
d) nocional
e) não-nocional
f) nocional
g) nocional
h) não-nocional

i) não-nocional
j) nocional
k) nocional
l) não-nocional
m) nocional
n) não-nocional

5.
a) sino: determinado simples
b) uma imagem poética: determinado simples
c) uma velha lembrança: determinado simples
d) nova crise: determinado simples
e) um novo medicamento contra a doença: determinado simples
f) ele: determinado simples
g) as denúncias de abuso de autoridade contra a polícia: determinação simples
h) Industriais e industriários: determinado composto

6.
a) acredita-se em dias mais felizes.
b) crê-se em tempos menos bicudos.
c) necessita-se de ausíiio.
d) apelou-se para os mais poderosos.
e) assistiu-se a íilmes de terror.
f) aspira-se ao bem-estar social.
g) obedece-se aos impulsos mais nobres.
h) tratou-se de assuntos sérios naquele debate.

7. O aluno deve perceber que o sujeito indeterminado pela terceira pessoa do plural surge quase que espontaneamente nessas situações. As respostas são sugestões.

a) Pediram que você passasse amanhã em...
b) Mandaram de...
c) Deixaram na porta...
d) Deixaram-no num banco da praça.
e) Disseram-me na escola.
f) Juraram que era.

8.
a) Devia fazer cinco anos que não nos encontrávamos.
b) Deve fazer algumas semanas que não chove nesta cidade.
c) Deve Fazer três anos que no a procuro.

9.
a) Havia várias propostas... / Houve várias propostas...
b) Havia vários cargos... / Houve vários cargos...
c) Havia muitas maneiras... / Houve muitas maneiras...
d) Havia intermináveis modos... / Houve intermináveis modos...
e) Havia discussões intermináveis. / Houve discussões intermináveis.

10.
a) Deve ter havido provas... / Pode ter havido provas...
b) Deve ter havido graves... / Pode ter havido graves ...
c) Deve ter havido questões... / Pode ter havido questões...
d) Deve ter havido situações... / Pode ter havido situações...
e) Deve ter havido leis... / Pode ter havido leis...

11.
a) Os sinos da igreja batem de trinta em trinta minutos
b)Surgem-me várias idéias revolucionárias durante a noite.
c) Faltaram vários alunos na semana passada.
d) Ocorreram faltas violentas durante o jogo.
e) Desabaram dois prédios no ano passado.

Concordância Verbal

Estudar a concordância verbal é, basicamente, estudar o sujeito, pois é com este que o verbo concorda. Se o sujeito estiver no singular, o verbo também o estará; se o sujeito estiver no plural, o mesmo acontece com o verbo. Então, para saber se o verbo deve ficar no singular ou no plural, deve-se procurar o sujeito, perguntando ao verbo **Que(m) é que pratica ou sofre a ação? ou Que(m) é que possui a qualidade?** A resposta indicará como o verbo deverá ficar.

Por exemplo, a frase

As instalações da empresa são precárias tem como sujeito **As instalações da empresa**, cujo núcleo é a palavra **instalações**, pois elas é que são precárias, e não a empresa; por isso o verbo fica no plural.

Até aí tudo bem. O problema surge, quando o sujeito é uma expressão complexa, ou uma palavra que suscite dúvidas.

Coletivo

Quando o sujeito for um substantivo coletivo, como, por exemplo, **bando, multidão, matilha, arquipélago, trança, cacho, etc.,** ou uma palavra no singular que indique diversos elementos, como, por exemplo, **maioria, minoria, pequena parte, grande parte, metade, porção, etc.**, poderão ocorrer três circunstâncias:

A) O coletivo funciona como sujeito, sem acompanhamento de qualquer restritivo:

Nesse caso, o verbo ficará no singular, concordando com o coletivo, que é singular.

Ex.

- A multidão invadiu o campo após o jogo.
- O bando sobrevoou a cidade.
- A maioria está contra as medidas do governo.

B) O coletivo funciona como sujeito, acompanhado de restritivo no plural:

Nesse caso, o verbo tanto poderá ficar no singular, quanto no plural.

Ex.

- A multidão de torcedores invadiu / invadiram o campo após o jogo.
- O bando de pássaros sobrevoou / sobrevoaram a cidade.
- A maioria dos cidadãos está / estão contra as medidas do governo.

C) O coletivo funciona como sujeito, sem acompanhamento de restritivo, e se encontra distante do verbo:

Nesse caso, o verbo tanto poderá ficar no singular, quanto no plural.

Ex.

- A multidão, após o jogo, invadiu / invadiram o campo.
- O bando, ontem à noite, sobrevoou / sobrevoaram a cidade.
- a maioria, hoje em dia, está / estão contra as medidas do governo.

Um milhão, um bilhão, um trilhão:

Com **um milhão, um bilhão, um trilhão**, o verbo deverá ficar no singular. Caso surja a conjunção e, o verbo ficará no plural.

Ex.

- Um milhão de pessoas assistiu ao comício
- Um milhão e cem mil pessoas assistiram ao comício.

Mais de, menos de, cerca de...

Quando o sujeito for iniciado por uma dessas expressões, o verbo concordará com o numeral que vier imediatamente à frente.

Ex.

- Mais de uma criança se machucou no brinquedo.
- Menos de dez pessoas chegaram na hora marcada.
- Cerca de duzentos mil reais foram surripiados.

Quando **Mais de um** estiver indicando **reciprocidade** ou com a **expressão repetida**, o verbo ficará no **plural**.

Ex.

- Mais de uma pessoa agrediram-se.
- Mais de um carro se entrechocaram.
- Mais de um deputado se xingaram durante a sessão.

Nomes próprios no plural

Quando houver um nome próprio usado apenas no plural, deve-se analisar o elemento a que ele se refere:

A) Se for **nome de obra**, o verbo tanto poderá ficar no **singular**, quanto no **plural**.
Ex.

- Os Lusíadas imortalizou / imortalizaram Camões.
- Os Sertões marca / marcam uma época da Literatura Brasileira.

B) Se for **nome de lugar** - cidade, estado, país... - o verbo **concordará com o artigo**; caso não haja artigo, o verbo ficará no **singular**.
Ex.

- Os Estados Unidos comandam o mundo.
- Campinas fica em São Paulo.
- Os Andes cortam a América do Sul.

Obs.: Se o nome de lugar possuir artigo, mas este, por alguma razão, não for utilizado, a concordância com o artigo permanecerá sendo a regra, ou seja, o verbo continuará concordando com o artigo.
Ex.

- EUA vencem o México na oitavas de final da Copa do Mundo.

Qual de nós / Quais de nós

Quando o sujeito contiver as expressões ...**de nós, ...de vós** ou ...**de vocês**, deve-se analisar o elemento que surgir antes dessas expressões:

A) Se o elemento que surgir antes das expressões estiver no singular **(qual, quem, cada um, alguém, algum...)**, o verbo deverá ficar no **singular**.
Ex.

- Quem de nós irá conseguir o intento?
- Quem de vós trará o que pedi?
- Cada um de vocês deve ser responsável por seu material.

B) Se o elemento que surgir antes das expressões estiver no plural **(quais, alguns, muitos...)**, o verbo tanto poderá ficar na **terceira pessoa do plural**, quanto concordar com o pronome **nós** ou **vós**.
Ex.

- Quantos de nós irão / iremos conseguir o intento?
- Quais de vós trarão / trareis o que pedi?
- Muitos de vocês não se responsabilizam por seu material.

Sujeito sendo pronome relativo

Quando o pronome relativo exercer a função de sujeito, deveremos analisar o seguinte:

A) Pronome Relativo que:

O verbo concordará com o elemento antecedente.
Ex.

- Fui eu que quebrei a vidraça. (Eu quebrei a vidraça)
- Fomos nós que telefonamos a você. (Nós telefonamos a você)
- Estes são os garotos que foram expulsos da escola. (Os garotos foram expulsos)

B) Pronome Demonstrativo o, a, os, as + Pronome Relativo que:

O verbo concordará com o pronome demonstrativo, ficando, então, na terceira pessoa do singular, ou na terceira pessoa do plural.
Ex.

- Fui eu o que quebrou a vidraça. (O que quebrou a vidraça fui eu)

- Foste tu a que me enganou. (A que me enganou foste tu)
- Fomos nós os que telefonaram a você. (Os que telefonaram a você fomos nós)
- Fostes vós os que me engaram. (Os que me engaram fostes vós)

C) Pronome Relativo quem: O verbo ficará na terceira pessoa do singular.
Ex.

- Fui eu quem quebrou a vidraça. (Quem quebrou a vidraça fui eu)
- Foste tu quem quebrou a vidraça. (Quem quebrou a vidraça foste tu)
- Foi ele quem quebrou a vidraça. (Quem quebrou a vidraça foi ele)
- Fomos nós quem quebrou a vidraça. (Quem quebrou a vidraça fomos nós)
- Fostes vós quem quebrou a vidraça. (Quem quebrou a vidraça fostes vós)
- Foram eles quem quebrou a vidraça. (Quem quebrou a vidraça foram eles)

Um dos ... que

Quando o sujeito for iniciado pela expressão **Um dos que**, deveremos analisar o seguinte:

A) É certo que o elemento é o único a praticar a ação:

O verbo ficará no singular. Por exemplo, a frase **O Corinthians é um dos times paulistas que mais vezes foi campeão estadual** tem o verbo no singular, pois é certo que, dos times de São Paulo, o Corinthians foi mais vezes campeão - 24 vezes.

B) É certo que o elemento não é o único a praticar a ação:

O verbo ficará no plural. Por exemplo, a frase **Casagrande é um dos ex-jogadores de futebol que trabalham como comentarista esportivo** tem o verbo no plural, pois é certo que, além de Casagrande, há outros ex-jogadores de futebol, trabalhando como comentarista esportivo - Falcão, Júnior, Tostão, Rivelino...

C) Não se sabe se o elemento é o único a praticar a ação ou não: O verbo tanto poderá ficar no plural, quanto no singular. Por exemplo, a frase **São Paulo é uma das cidades que mais sofre** / **sofrem com a poluição é facultativo**, pois não há como medir se São Paulo é a que mais sofre, ou se, além dela, há outras que sofrem tanto. Outra explicação também é a questão de se querer dar ênfase ao elemento: se se quiser enfatizar o problema em São Paulo, coloca-se o verbo no singular.

Nenhum dos ... Que

Quando o sujeito for iniciado pela expressão **Nenhum dos que**, o primeiro verbo ficará no plural, e o segundo, no singular.
Ex.

- Nenhum dos alunos que me procuraram trouxe o material.
- Nenhuma das pessoas que chegaram atrasadas tem justificativa.

Porcentagem + Substantivo

Quando o sujeito for formado por porcentagem e substantivo, existirão três regras:

A) Porcentagem + Substantivo, sem modificador da porcentagem:

Facultativamente o verbo poderá concordar com a porcentagem ou com o substantivo.
Ex.

- 1% da turma estuda muito.
- 1% dos alunos estuda / estudam muito.
- 10% da turma estuda / estudam muito.
- 10% dos alunos estudam muito.

B) Porcentagem + Substantivo, com modificador da porcentagem:

O verbo concordará com o modificador, que pode ser pronome demonstrativo, pronome possessivo, artigo...
Ex.

- Os 10% da turma estudam muito.
- Este 1% dos alunos estuda mais.

C) Mais de, menos de, cerca de, perto de, antes da porcentagem:

O verbo concordará apenas com a porcentagem.
Ex.

- Mais de 1% dos alunos estuda muito.
- Menos de 10% da turma estudam muito.

Pronomes de Tratamento

Os pronomes de tratamento são pronomes de terceira pessoa, portanto tudo que se referir a eles deverá estar na terceira pessoa.
Ex.

- Vossa Senhoria deve trazer seus documentos consigo.
- Vossa Excelência tem que se contentar com seus assessores.

Silepse de Pessoa

Também chamada de concordância ideológica, a silepse de pessoa é a concordância, não com a palavra escrita, mas sim com o que ela significa. Por exemplo, **nós somos brasileiros**, portanto, ao utilizarmos a palavra **brasileiros**, poderemos concordar o verbo com a idéia que essa palavra nos evoca - **nós** - e dizer **Os brasileiros estamos torcendo pelo sucesso do Presidente**.
Ex.

- Os professores nos reciclamos anualmente. (Nós nos reciclamos)
- Os alunos deveis estudar mais. (Vós deveis)

Núcleos ligados pela conjunção "e"

01) Verbo após os núcleos:

Ficará no plural o verbo que estiver após o sujeito composto cujos núcleos sejam ligados pela conjunção e:
Ex.

- O hotel e a cidade são maravilhosos.
- Machado de Assis e Guimarães Rosa estão entre os melhores escritores do mundo.

Obs.: Quando os núcleos forem sinônimos ou estiverem formando gradação, o verbo deverá ficar no singular.
Ex.

- "A lisura e a sinceridade freqüenta pouco o Congresso Nacional." lisura = sinceridade.
- "Cada rosto, cada voz, cada corpo lhe lembrava a amada."
- "Um olhar, um arquejar de sobrancelhas, um aceno com a cabeça bastava para a paquera ser bem sucedida."

02) Verbo antes dos núcleos:

Facultativamente ficará no plural ou concordará com o núcleo mais próximo o verbo que estiver antes do sujeito composto cujos núcleos sejam ligados pela conjunção e:
Ex.

- É maravilhoso o hotel e a cidade.
- São maravilhosos o hotel e a cidade.
- É maravilhosa a cidade e o hotel.

Sujeito composto por pessoas diferentes

Se o sujeito for formado por pessoas diferentes (**eu, tu, ele, ela ou você**), o **verbo** ficará no **plural**, concordando com a pessoa de número mais baixo na seqüência (**1ª**, **2ª** ou **3ª**).

Não havendo a 1ª pessoa (**eu** ou), e havendo a 2ª pessoa (**tu** ou **vós**), o **verbo** tanto poderá ficar na **2ª pessoa do plural**, quanto na **3ª pessoa do plural**.

Continuam valendo as regras anteriores, ou seja, se o verbo vier depois do sujeito composto, ficará no plural; se vier antes, concordará com o mais próximo ou ficará no plural.
Ex.

- Teté e eu passamos as férias em Águas de Santa Bárbara.
- Passei as férias em Águas de Santa Bárbara eu e Teté.
- Passamos as férias em Águas de Santa Bárbara eu e Teté.
- Tu e Walmor estais equivocados.
- Tu e Walmor estão equivocados.
- Estás equivocado tu e Walmor.

  - Estais equivocados tu e Walmor.
- Estão equivocados tu e Walmor.

Núcleos ligados pela conjunção ou

Quando os núcleos do sujeito composto forem ligados pela conjunção **ou**, deve-se analisar se há ou não **exclusão**, ou seja, analisar se um elemento, ao praticar a ação, impede que o outro também a pratique.

01) Havendo idéia de exclusão:

Quando houver um elemento praticando a ação e, com isso, impedindo que o outro também a pratique, o verbo ficará no singular.
Ex.

- Dida ou Marcos será o goleiro titular da seleção.
- O Presidente ou o Governador fará o discurso de abertura do Congresso.

02) Não havendo idéia de exclusão:

Quando não houver um elemento praticando a ação e, com isso, impedindo que o outro também a pratique, o verbo ficará no plural.
Ex.

- Dida ou Marcos poderão ser convocados para a Copa de 2002.
- O Presidente ou o Governador estarão presentes na abertura do Congresso.

Núcleos ligados pela preposição "com"

01) Verbo após os núcleos:

Facultativamete ficará no plural ou concordará com o primeiro núcleo o verbo que estiver após o sujeito composto cujos núcleos sejam ligados pela preposição com.
Ex.

- O gerente com os funcionários dará início à promoção de descontos.
- O gerente com os funcionários darão início à promoção de descontos.

02) Verbo antes dos núcleos:

Concordará com o núcleo mais próximo o verbo que estiver antes do sujeito composto cujos núcleos sejam ligados pela preposição com.
Ex.

- Dará início à promoção de descontos o gerente com os funcionários.

Aposto resumidor / conectivos correlatos

O **Aposto resumidor** é normalmente representado por **pronome indefinido** (**tudo, nada, ninguém, alguém, todos...**) ou por **pronome demonstrativo** (**isto, isso, aquilo...**), resumindo o sujeito composto. O verbo, excepcionalmente, concordará com o aposto resumidor.
Ex.

- Brinquedos, roupas, jogos, nada tirava a angústia daquele jovem.
- Amigos, parentes, companheiros de trabalho, ninguém se incomodou com sua ausência.

Quando o sujeito composto tem os elementos ligados por conectivos correlatos: **assim ... como, não só ... mas também, tanto ... como, nem ... nem**, o verbo ficará no plural. O singular é raro.
Ex.

- Tanto o irmão como a esposa ignoraram seu pedido de ajuda.
- Não só Pedro mas também Eduardo estão à sua procura.

Um e outro / um ou outro / nem um nem outro

Um e outro

Quando o sujeito for a expressão um e outro, o substantivo correspondente a ela ficará no singular, o adjetivo no plural e o verbo facultativamente no singular ou no plural.

Ex.

- Um e outro aluno indisciplinados será punido.
- Um e outro aluno indisciplinados serão punidos.

Um ou outro Quando o sujeito for a expressão um ou outro, o verbo ficará no singular.
Ex.

- Um ou outro esteve à sua procura.

Nem um nem outro Quando o sujeito for a expressão nem um nem outro, o verbo ficará no singular, porém há gramáticos que o admitem no plural.
Ex.

- Nem um nem outro terá coragem de se revelar.
- "Nem um nem outro compareceram."(Carlos Góis)

Verbos Especiais

01) O verbo Ser:

A) Quando o verbo ser e o predicativo do sujeito forem numericamente diferentes (um no singular, outro no plural), o verbo deverá ficar no plural.
Ex.

- O vestibular são as esperanças dos estudantes.
- Tudo são flores, quando se é criança.

B) Se o sujeito representar uma pessoa ou se for pronome pessoal, o verbo concordará com ele.
Ex.

- Aline é as alegrias do namorado.
- O Presidente é as esperanças do povo brasileiro.

C) Se o sujeito for uma quantidade no plural, e o predicativo do sujeito, palavra ou expressão como muito, pouco, o bastante, o suficiente, uma fortuna, uma miséria, o verbo ficará no singular.
Ex.

- Cem reais é muito, por esse produto.
- Duzentos gramas de carne é pouco.

D) Na indicação de horas ou distâncias, o verbo concordará com o numeral.
Ex.

- Era meio-dia, quando ele chegou.
- São duas horas.
- É 1h58min.

E) Na indicação de datas, o verbo poderá ficar no singular, concordando com a palavra dia, ou no plural, concordando com a palavra dias.
Ex.

- É 1º de outubro. = É dia 1º de outubro ou É o primeiro dia de outubro.
- É 15 de setembro = É dia quinze de setembro.
- São 15 de setembro = São quinze dias de setembro.

02) O verbo Haver:

O verbo haver é impessoal, no sentido de existir, de acontecer ou indicando tempo decorrido; por isso fica na 3ª pessoa do singular - caso esteja acompanhado de um verbo auxiliar, formando uma locução verbal, ambos ficarão no singular. Nos outros sentidos, concorda com o sujeito.
Ex.

- Havia um mês, nós estávamos à sua procura.
- Poderá haver confrontos entre os policiais e os grevistas.
- Os alunos haviam ficado revoltados.

Haja vista:

A) Com a prep. a: haver no singular; vista invariável;
Ex.

- Haja vista ao exemplo dado.
- Haja vista aos exemplos dados.

B) Sem a prep. a: haver no singular ou concorda com o substantivo; vista invariável.
Ex.

- Haja vista o exemplo dado.
- Haja vista os exemplos dados.
- Hajam vista os exemplos dados.

03) O verbo Fazer:

O verbo fazer é impessoal, indicando tempo decorrido e fenômeno natural; por isso fica na 3ª pessoa do singular - caso esteja acompanhado de um verbo auxiliar, formando uma locução verbal, ambos ficarão no singular. Nos outros sentidos, concorda com o sujeito.
Ex.

- Faz três meses que não o vejo.
- Faz 35º no verão, em Londrina.
- Deve fazer cinco anos que ele morreu.

04) Outros verbos impessoais:

Os outros verbos impessoais, que também ficam na terceira pessoa do singular, são os seguintes:
Fenômenos da natureza:

- Chove há três dias sem parar.
- Choveram pedras. Nesse caso, o verbo não é impessoal, pois o sujeito está claro.

Passar de, indicando horas:

- Já passa das 11h30.
- Já passava das oito horas, quando ela chegou.

Chegar de e bastar de, no imperativo:

- Chega de firulas! Vamos ao assunto.
- Basta de conversas, meninos!

05) Os verbos Dar, Bater e Soar:

Concordam com o sujeito, que pode ser:

A) o relógio, a torre, o sino...
Ex.

- O relógio deu quatro horas.
- O sino soou cinco horas.

B) as horas.

O numeral que marca as horas funcionará como sujeito, quando o relógio, a torre, o sino funcionarem como adjunto adverbial de lugar - com a prep. em, ou quando eles não aparecerem na oração.
Ex.

- No relógio, deram quatro horas.
- No sino, soaram cinco horas.
- Bateram sete horas.

06) O verbo Parecer + infinitivo:

Quando o verbo parecer surgir antes de outro verbo no infinitivo, duas ocorrências podem acontecer:

A) Pode ocorrer a formação de uma locução verbal. Nesse caso, o verbo parecer concordará com o sujeito, e o verbo no infinitivo ficará invariável.
Ex.

- As meninas parecem estar nervosas.
- Os alunos parecem estudar deveras.

B) Pode ocorrer a formação de um período composto, com o verbo parecer na oração principal, invariável, e o verbo no infinitivo, formando oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo, concordando com o sujeito.
Ex.

- As meninas parece estarem nervosas.
- Os alunos parece estudarem deveras.
- Nesses dois casos, se desenvolvermos as orações, teremos:
- Parece as meninas estarem nervosas. Proveio de Parece que as meninas estão nervosas.
- Parece os alunos estudarem deveras. Proveio de Parece que os alunos estudam deveras.

07) A Partícula Apassivadora:

O verbo na voz passiva sintética, construída com o pronome se, concorda normalmente com o sujeito. A maneira mais fácil de se comprovar que a oração está na voz passiva sintética é passando-a para a voz passiva analítica: Alugam-se casas muda para Casas são alugadas. Sempre que for possível essa

transformação, o se será chamado de Partícula Apassivadora. Para relembrar esse estudo clique aqui.
Ex.

- Entregam-se encomendas. = Encomendas são entregues por alguém.
- Ouviram-se muitas histórias. = Muitas histórias foram ouvidas.
- Sabe-se que ele não virá. = Que ele não virá é sabido.

08) O Índice de Indeterminação do Sujeito:

O pronome se, sendo índice de indeterminação do sujeito, deixa o verbo na terceira pessoa do singular; haverá I.I.S. quando surgir na oração VI, sem sujeito claro; VTI, com OI; VL, com PS e VTD, com ODPrep. Para relembrar esse estudo clique aqui.
Ex.

- Morre-se de fome no Brasil.
- Assiste-se a filmes interessantes.
- Aqui se está satisfeito.
- Respeita-se a Robertoldo.

Exercícios

Para as questões de 01 a 32 seque o código abaixo. Assinale com "C" as alternativas corretas e com "I " as incorretas:

01) (   ) À autora e à leitora do romance só interessam a verdade
02) (   ) Tu e teu colega devereis comparecer ao tribunal
03) (   ) Juro que tu e tua mulher me pagam
04) (   ) Não quero que fique contra ela o pai e os amigos
05) (   ) Casarás com a prima e sereis felizes para sempre
06) (   ) Aflição, dores, tristezas, nada o fazia abandonar a luta
07) (   ) A tranqüilidade e a calma transmite segurança ao público.
08) (   ) Um grito, um gemido, um sussurro acordava a pobre mãe.
09) (   ) A viúva com o resto da família mudaram-se para Santiago
10) (   ) A riqueza ou o poder o livrou do processo
11) (   ) Alunos ou aluno farão a homenagem
12) (   ) Ler e escrever provocam entusiasmo na juventude
13) (   ) O jovem como o adulto têm os mesmos conflitos
14) (   ) Um e outro vício nega os foros da natureza
15) (   ) Mais de um atleta completaram o percurso da maratona
16) (   ) Não serei eu um dos alunos que cruzaremos os braços
17) (   ) O bando assaltou a joalheira e, depois, fugiram pelas ruas
18) (   ) Um grande número de pessoas observavam os atores
19) (   ) Os dez por cento da comissão desapareceu
20) (   ) Quantos de nós será aprovado neste concurso?
21) (   ) Os Lusíadas imortalizaram Camões
22) (   ) Não mais viajaremos, haja visto os problemas
23) (   ) Já não se fazem planos mirabolantes
24) (   ) Fala-se de festas em que se assistem a filmes instrutivos
25) (   ) A partir de agora, sou eu quem passa a transmitir o jogo
26) (   ) Com certeza ainda faltam discutir todas as questões
27) (   ) Faz muitos anos que não chovem flores em minha vida, mas houve casos de chover tomates. Basta apenas de problemas
28) (   ) Tudo são apenas sonhos, pois o homem é suas cinzas
29) (   ) São seis e meia da tarde e hoje é seis de março de 1999
30) (   ) Cem mil reais é menos do que preciso
31) (   ) O herói és tu, embora a maioria sejam homens valorosos
32) (   ) Mentiras era o que me pediam, sempre mentiras.

Respostas sobre Concordância Verbal:

01) I
02) C
03) C
04) C
05) C
06) C
07) C
08) C
09) C
10) I
11) I
12) I
13) C
14) C
15) I
16) I
17) C
18) C
19) I
20) I
21) C
22) I
23) C
24) I
25) C
26) I
27) I
28) C
29) C
30) C
31) C
32) C

Complementos Verbais

Basicamente, são dois os complementos verbais: o **objeto direto** e o **objeto indireto**:

01) Objeto Direto
Complementa um verbo transitivo direto, sem auxílio da preposição.

Ex. As professoras ajeitaram **as crianças** carinhosamente.
O diretor demitiu **os funcionários** corruptos.
Leio, em média, **quarenta livros** por ano.

02) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta
Haverá oração subordinada substativa objetiva direta, quando o objeto direto for representado por uma oração, ou seja, quando houver objeto direto com verbo.

Ex. Os atletas disseram **que não se doparam**.
"Eu sei **que vou te amar...**"
Constatamos **que o pagamenteo não fora efetuado**.

03) Pronomes Oblíquos Átonos
Os pronomes oblíquos átonos que funcionam como objeto direto são **ME, TE, O, A, SE, NOS, VOS, OS, AS**.

Ex. Encontrei-**os** ontem à noite.
Meu irmão quer levar-**me** à sua cidade.
As provas, revisei-**as** há pouco.
Obs: **VTD, seguido de o, a, os, as**:
Verbo terminado em **vogal**: Os pronomes não se modificam.
Verbo terminado em **M, ÃO** ou **ÕE**: Os pronomes se modificam para **no, na, nos, nas**.
Verbo terminado em **R, S** ou **Z**: Os pronomes se modificam para **lo, la, los, las,** e as terminações desaparecem.

Ex. Revisei as provas. = Revisei-**as**.
Eles revisaram as provas. = Eles revisaram-**nas**.
Eles irão revisar as provas. = Eles irão revisá-**las**.

04) Objeto Indireto
Complementa um **verbo transitivo indireto**, por meio de uma preposição.

Ex. **Assisto** a todos os filmes de Almodovar.
Creia em mim, pois sou fiel.
Obedeça aos regulamentos da empresa.

05) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Indireta
Haverá oração subordinada substativa objetiva indireta, quando o objeto indireto for representado por uma oração, ou seja, quando houver **objeto indireto com verbo**.

Ex. Os professores precisam **de que os alunos estejam atentos**.
Acredito **em que conseguiremos nosso intento**.

06) Pronomes Oblíquos Átonos
Os pronomes oblíquos átonos que funcionam como objeto indireto são **ME, TE, LHE, SE, NOS, VOS, LHES**.

Ex. Não **lhe** paguei a dívida, por falta de dinheiro.
Eles não **me** obedecem.
Falta-**me** seu carinho.

07) Objeto Direto Preposicionado
Complementa um verbo transitivo direto, com auxílio da preposição.
Casos obrigatórios:
a) **Pronomes Oblíquos Tônicos**: **mim, ti, si, ele, ela, nós, vós, eles, elas**.
b) **O Pronome Relativo Quem**.
c) **A palavra Deus**.

d) **Evitando ambigüidade**.

Ex. **A mim** você conhece há anos.
A garota **a quem** ele ama traiu-o.
"Amar **a Deus** sobre todas as coisas."
Vencerá o Santos **ao Palmeiras**.

Casos facultativos:
a) **Pronomes Indefinidos**.
b) **O numeral Ambos**.
c) **Nomes Próprios**.
d) **Verbos puxar, sacar, pegar, cumprir**.

Ex. Conheci todos. ou Conheci a todos.
Vi ambos. ou Vi a ambos.
Encontrei Etevaldo. ou Encontrei a Etevaldo.
Puxou o revólver. ou Puxou do revólver.

Verbos comer e beber.
O objeto direto desses verbos indicam totalidade; o direto preposicionado, partes.

Ex. **Bebi** aquela garrafa de refrigerante. Indica que bebi a garrafa toda.
Bebi daquela garrafa de refrigerante. Indica que bebi apenas parte dela.

08) Objetos Pleonásticos
Haverá objeto pleonástico, quando houver duas palavras funcionando como **objeto direto**, ou como **objeto indireto**, representando um elemento só.

Ex. **Minhas metas**, **respeito-as sempre**.
Aos amigos, **quero dedicar**-lhes **esta canção**.

Qualquer dos dois pode ser chamado de objeto pleonástico. O importante é saber quando ocorre o pleonasmo.

Exercícios

1- Em cada grupo de frases, um mesmo verbo é utilizado com transitividade diferente.
Indique a transitividade verbal em cada oração.
a) Quem deve falar agora?
Não me falaste a verdade.
Sempre fala asneiras.
b) Só dois alunos faltaram ontem.
Faltou-me coragem naquele instante.
c) Alguns insetos transmitem doenças.
Transmita meus cumprimentos a seu irmão.
d) Ela vive a cantar.
É um poema que canta as glórias passadas do povo português.
Cantou suas mágoas a todos que o ouviam.

2- Classifique o termo destacado em cada uma das frases seguintes. Depois, substitua por um pronome oblíquo átono.
a) Falta seriedade a muitos homens públicos.
b) Diante da inevitável constatação, outra forma de entender a vida ocorreu ao respeitável poeta.
c) Muitos eleitores queriam demonstrar sua indignação.
d) Ouço música popular brasileira.
e) Comunico a todos meu pedido de demissão.
f) Comunico a todos meu pedido de demissão.
g) Paguei todos os meus débitos.
h) Paguei a todos os meus credores.
i) Apresentei nossas reivindicações ao presidente da comissão.
j) Apresentei nossas reivindicações ao presidente da comissão.

3. Compare cada par de frases e comente as diferenças de sentido existentes.
a) Comemos o pão.
Comemos do pão.
b) Como beber dessa bebida amarga?

Como beber essa bebida amarga?
c) Sacou a arma.
Sacou da arma.

4. Forme orações a partir dos elementos fornecidos em cada um dos itens seguintes. Estabeleça as relações necessárias à obtenção de orações bem estruturadas.
a) Acontecer / fatos surpreendentes / Ihe / durante a viagem à Europa.
b) Haver / poucos problemas / no seminário de ontem.
c) Comunicar / a imprensa / novo preço dos combustíveis / ontem à noite.
d) Favorecer / as novas regras de exploração do solo / apenas alguns grupos empresariais.
e) Necessitar / investimento em educação pública / o país
f) Apresentar / propostas de alteração constitucional / vários deputados/ na sessão de ontem / aos colegas.

RESPOSTAS

1.
a) intransitivo / transitivo direto e indireto / transitivo direto
b) intransitivo / transitivo indireto
c) transitivo direto / transitivo direto e indireto
d) intransitivo / transitivo direto / transitivo direto e indireto

2.
a) falta-lhes (objeto indireto)
b) ... ocorreu-lhe (objeto indireto)
c) ... demonstra-la (objeto direto)
d) ouço-a (objeto direto)
e) comunico-lhes (objeto indireto)
f) comunico-o (objeto direto)
g) paguei-os (objeto direto)
h) paguei-lhes (objeto indireto)
i) apresentei-as (objeto direto)
j) apresentei-lhe (objeto indireto)

3.
a) A primeira frase pode significar que se comeu todo o pão; a segunda significa que se comeu apenas parte dele.
b) A primeira frase significa que se deve beber apenas parte da bebida amarga; a segunda, que se pode bebê-la toda.
c) A segunda frase é mais enérgica que a primeira.

4.
a) Aconteceram-lhe fatos surpreendentes durante a \viagem à Europa.
b) Houve poucos problemas no seminário de ontem .
c) A imprensa comunicou o novo preço dos combustíveis ontem à noite.
d) As novas regras de exploração do solo favorecem apenas alguns grupos empresariais.
e) país necessita de investimentos cm educação pública.
f) Vários parlamentares apresentaram propostas de alteração constitucional aos colegas na sessão de ontem.

Aposto e Vocativo

Aposto

É o termo que explica, desenvolve, identifica ou resume um outro termo da oração, independente da função sintática que este exerça. Há quatro tipos de aposto:

Aposto Explicativo

O aposto explicativo identifica ou explica o termo anterior; é separado do termo que identifica por vírgulas, dois pontos, parênteses ou travessões.
Ex.

- Terra Vermelha, romance de Domingos Pellegrini, conta a história da colonização de Londrina.

Oração Subordinada Adjetiva Explicativa

É a oração que funciona como aposto explicativo. É sempre iniciada por um pronome relativo e, da mesma maneira que o aposto explicativo, é separada por vírgulas, dois pontos, parênteses ou travessões.
Ex.

- Terra Vermelha, que é um romance de Domingos Pellegrini, conta a história da colonização de Londrina.

Oração Subordinada Substantiva Apositiva

Oração Subordinada Substantiva Apositiva é outra oração que funciona como aposto. A função dela é complementar o sentido de uma frase anterior que esteja completa sintaticamente.
Por exemplo, quando se diz **Ela só quer uma coisa** a frase está completa sintaticamente, pois tem **sujeito-verbo-objeto**, porém incompleta quanto ao sentido. Portanto deveremos colocar algo que complete o sentido dessa frase. Por exemplo **Ela só quer uma coisa: que sua presença seja notada**. Eis aí a Oração Subordinada Substantiva Apositiva.
Não confunda com a Oração Subordinada Adjetiva Explicativa, que também funciona como aposto, mas que tem como função complementar o sentido de um substantivo anterior, e não uma frase. Por exemplo:
A vaca, que para os hindus é um animal sagrado, para nós é sinônimo de churrasco. Eis aí a Oração Subordinada Adjetiva Explicativa.

Aposto Especificador

O aposto especificador Individualiza ou especifica um substantivo de sentido genérico, sem pausa. Geralmente é um substantivo próprio que individualiza um substantivo comum.
Ex.

- O professor José mora na rua Santarém, na cidade de Londrina.

Aposto Enumerador

O aposto enumerador é uma seqüência de elementos usada para desenvolver uma idéia anterior.
Ex.

- O pai sempre lhe dava três conselhos: nunca empreste dinheiro a ninguém, nunca peça dinheiro emprestado a ninguém e nunca fique devendo dinheiro a ninguém.
- O Escoteiro deve carregar consigo seu material: mochila, saco de dormir e barraca.

Aposto Resumidor

O aposto resumidor é usado para resumir termos anteriores. É representado, geralmente, por um pronome indefinido.
Ex.

- Alunos, professores, funcionários, ninguém deixou de lhe dar os parabéns.

Vocativo

O vocativo é um termo independente que serve para chamar por alguém, para interpelar ou para invocar um ouvinte real ou imaginário.
Ex.

- Teté, dê-me um beijo!

Exercícios

1- Nas fases seguintes aponte os apostos e os vocativos:
a) Meu velho amigo, não há mais nada em que se possa dizer.
b) Você, meu velho amigo, não tem nada para me dizer?
c) Ó meus sonhos, aonde fostes ?
d) Uma casa na encosta da montanha, meu maior sonho, evaporou-se com o confisco da poupança.
e) Não há mais nada há fazer, minha querida.
f) Tu, que não sabes o que fazes, diz: há lei nesta terra?
g) Um dia, meu bem, não haverá miséria.

h) Ele não deseja muita coisa: um emprego, uma casinha, uns trocados para viagem de vez em quando.

RESPOSTAS

1-
vocativo: meu velho amigo
vocativo: você aposto do vocativo: meu velho amigo
vocativo: ó meus sonhos
aposto do vocativo: meu maior sonho
vocativo: minha querida
vocativo: tu
vocativo: meu bem
aposto do vocativo: um emprego, uma casinha, uns trocados para uma viagem de vez em quando.

Advérbio

O **advérbio** é uma categoria gramatical invariável que modifica **verbo, adjetivo** ou outro **advérbio**, atribuindo-lhes uma circunstância de **tempo, modo, lugar, afirmação, negação, dúvida ou intensidade**. Por exemplo, a frase Ontem, ela não agiu muito bem. tem quatro advérbios: ontem, de tempo; não, de negação; muito, de intensidade; bem, de modo.

As circunstância podem também ser expressas por uma locução adverbial - duas ou mais palavras exercendo a função de um advérbio. Por exemplo, a frase Ele, **às vezes**, age **às escondidas**. Tem duas locuções adverbiais: **às vezes**, de tempo; **às escondidas**, de modo.

Classificação dos Advérbios

01) Advérbios de Modo

Assim, bem, mal, acinte (de propósito, deliberadamente), adrede (de caso pensado, de propósito, para esse fim), debalde (inutilmente), depressa, devagar, melhor, pior, bondosamente, generosamente e muitos outros terminados em mente.

Locuções Adverbiais de Modo:

às pressas, às claras, às cegas, à toa, à vontade, às escondidas, aos poucos, desse jeito, desse modo, dessa maneira, em geral, frente a frente, lado a lado, a pé, de cor, em vão.

02) Advérbios de Lugar

abaixo, acima, adentro, adiante, afora, aí, além, algures (em algum lugar), alhures (em outro lugar), nenhures (em nenhum lugar), ali, aquém, atrás, cá, dentro, embaixo, externamente, lá, longe, perto.

Locuções Adverbiais de Lugar:

a distância, à distância de, de longe, de perto, em cima, à direita, à esquerda, ao lado, em volta.

03) Advérbios de Tempo

afinal, agora, amanhã, amiúde (de vez em quando), ontem, breve, cedo, constantemente, depois, enfim, entrementes (enquanto isso), hoje, imediatamente, jamais, nunca, outrora, primeiramente, tarde, provisoriamente, sempre, sucessivamente, já.

Locuções Adverbiais de Tempo:

às vezes, à tarde, à noite, de manhã, de repente, de vez em quando, de quando em quando, a qualquer momento, de tempos em tempos, em breve, hoje em dia.

04) Advérbios de Negação

não, tampouco (também não).

Locuções Adverbiais de Negação:

de modo algum, de jeito nenhum, de forma nenhuma.

05) Advérbios de Dúvida

acaso, casualmente, porventura, possivelmente, provavelmente, talvez, quiçá.

Locuções Adverbiais de Dúvida:

por certo, quem sabe.

06) Advérbios de Intensidade

assaz (bastante, suficientemente), bastante, demais, mais, menos, muito, quanto, quão, quase, tanto, pouco.

Locuções Adverbiais de Intensidade:

em excesso, de todo, de muito, por completo.

07) Advérbios de Afirmação

certamente, certo, decididamente, efetivamente, realmente, deveras (realmente), decerto, indubitavelmente.

Locuções Adverbiais de Afirmação:

sem dúvida, de fato, por certo, com certeza.

08) Advérbios Interrogativos

onde (lugar), quando (tempo), como (modo), por que (causa).

Flexão do advérbio

O advérbio pode flexionar-se nos graus comparativo e superlativo absoluto.

Comparativo de Superioridade

O advérbio flexiona-se no grau comparativo de superioridade por meio de mais ... (do) que. Ex.

- Ele agiu mais generosamente que você.

Comparativo de Igualdade

O advérbio flexiona-se no grau comparativo de igualdade por meio de tão ... como, tanto ... quanto. Ex.

- Ele agiu tão generosamente quanto você.

Comparativo de Inferioridade

O advérbio flexiona-se no grau comparativo de inferioridade por meio de menos ... (do) que. Ex.

- Ele agiu menos generosamente que você.

Superlativo Absoluto Sintético

O advérbio flexiona-se no grau superlativo absoluto sintético por meio dos sufixos -issimamente, -íssimo ou -inho.
Ex.

- Ela agiu educadissimamente.
- Ele é muitíssimo educado.
- Acordo cedinho.

Superlativo Absoluto Analítico

O advérbio flexiona-se no grau superlativo absoluto analítico por meio de um advérbio de intensidade

como muito, pouco, demais, assaz, tão, tanto...
Ex.

- Ela agiu muito educadamente.
- Acordo bastante cedo.

Melhor e **pior** são formas irregulares do grau comparativo dos advérbios **bem** e **mal**; no entanto, junto a adjetivos ou particípios, usam-se as formas **mais bem** e **mais mal**. Ex.

- Estes alunos estão mais bem preparados que aqueles.

Havendo dois ou mais advérbios terminados em **-mente**, numa mesma frase, somente se coloca o sufixo no último deles.
Ex.

- Ele agiu rápida, porém acertadamente.

Exercícios sobre Advérbios

1- As expressões destacadas correspondem a um adjetivo, exceto em:
a) João Fanhoso anda amanhecendo sem entusiasmo.
b) Demorava-se de propósito naquele complicado banho.
c) Os bichos da terra fugiam em desabalada carreira.
d) Noite fechada sobre aqueles ermos perdidos da caatinga sem fim.
e) E ainda me vem com essa conversa de homem da roça.

2- Em todas as alternativas há dois advérbios, exceto em:
a) Ele permaneceu muito calado.
b) Amanhã, não iremos ao cinema.
c)O menino, ontem, cantou desafinadamente.
d) Tranqüilamente, realizou-se, hoje, o jogo.
e) Ela falou calma e sabiamente.

3- A opção em que há um advérbio exprimindo circunstância de tempo é:
a) Possivelmente viajarei para São Paulo.
b) Maria teria aproximadamente 15 anos.
c) As tarefas foram executadas concomitantemente.
d) Os resultados chegaram demasiadamente atrasados.

4- Substitua a expressão destacada por
um advérbio de significação equivalente.
a) Recebeu a repreensão sem dizer palavras.
b) Falava sempre no mesmo tom.
c) Aceitou tudo sem se revoltar.
d) Trataram-me como irmão.

5- Reescreva a passagem "Humildemente pensando na vida... " substituindo o advérbio por uma locução adverbial equivalente.

6- Leia atentamente o seguinte trecho de uma entrevista:
Pergunta: O Sr. fala em respeito à Constituição. Não é contraditório, então, colocar a não-posse do vice Itamar em caso de impeachment?
Resposta: Você não acha que um impeachment imposto não é rasgar a Constituição?
(Entrevista com o governador Antônio Carlos Magalhães. Isto É***,*** 24 jun. 1992.)
Se tomada literalmente, a fala de A.C.M. tem um sentido que é o oposto do pretendido.
a) Qual o sentido literal da fala de A. ***C.*** M.?
b) Reescreva a fala de A. C. M. de forma a eliminar o eventual mal-entendido.
c) A forma da pergunta pode ter influenciado a forma da resposta. Qual a característica formal que torna a resposta de A.C.M. semelhante à pergunta do repórter?

7- Em "... um **aborrecimento** quando **os** vejo e gostaria de não vê-los mais" as palavras destacadas ção, reçpectivamente:
a) adjetivo, artigo, advérbio.
b) adjetivo, pronome, pronome.
c) substantivo, pronome, advérbio.
d) substantivo, artigo, pronome.
e) verbo, pronome, preposição.

8- Assinale a alternativa em que a preposição com traduz uma relação de instrumento.

a) "Teria sorte nos outros lugares, com gente estranha."
b) "Com o meu avo cada vez mais perto do fim, o Santa Rosa seria um inferno."
c) "Não fumava, e nenhum livro com força de me prender."
d) "Trancava-me no quarto fugindo do aperreio, matando-as com jornais."
e) "Andavam por cima do papel estendido com outras já pregadas no breu."

9- Lista dos advérbios:
bisonhamente
ironicamente
quixotescamente
desassombradamente
laconicamente
radicalmente
estoicamente
perfunctoriamente
sibilinamente
frugalmente
prolixamente
sofregamente
inexoravelmente
puerilmente
sutilmente
tacitamente

Escolha, na lista acima, o advérbio mais adequado a cada uma das ações abaixo enunciadas, de acordo com o modelo.
Falar com orgulho e arrogância – Falar **arrogantemente**

a) Dizer com palavras enigmáticas e difíceis de compreender.
b) Falar de maneira franca e corajosa.
c) Exprimir-se com palavras excessivas.
d) Concordar sem dizer palavras.
e) Agir com a inexperiência de um principiante.
f) Agir com impaciência e ambição.
g) Agir como criança.
h) Insinuar com perspicácia e delicadeza.
i) Eliminar pela base.
j) Eliminar sem se render a rogos.

10- No trecho:
"0s trens de cana apitavam de quando em vez, mas não davam vencimento à fome das moendas",
As palavras destacadas correspondem, morfologicamente, pela ordem, a:
a) preposição, advérbio, verbo, substantivo.
b) conjunção, advérbio, substantivo, adjetivo.
c) preposição, advérbio, adjetivo, adjetivo.
d) preposição, advérbio, verbo, advérbio.
e) preposição, advérbio, substantivo, substantivo.

11- Os seus projetos são os .... elaborados, por isso garantem verbas .... para sua execução e evitam ....-entendidos.
a) melhor - suficientes- mal
b) mais bem - suficientes - mal
c) mais bem - suficiente - mal
d) melhor - suficientes - mau
e) melhor - suficiente – mau

12- Observe os seguintes fragmentos:
"viver em voz **alta**." e "... que ligasse o rádio um pouco **alto**..."
Indique a classe gramatical das palavras destacadas e o processo de derivação que ocorre no segundo fragmento.

13- Em: "uma cerca **de pedra-seca**, do tempo dos escravos" e "Tudo é mato, crescendo **sem regra**.", as locuções destacadas são, respectivamente:

a) adjetiva e adjunto adnominal; adverbial e adjunto adverbial.
b) adverbial e objeto indireto; adjetiva e predicativo.
c) adjetiva e adiunto adverbial; adverbial e adjunto adnominal.

d) adjetiva e complemento nominal; adverbial e adjunto adnominal.
e) adverbial e adjunto adnominal; adjetiva e complemento nominal.

14- Assinale a alternativa em que a locução destacada tem valor adjetivo.

a) "Comprei móveis e objetos diversos que entrei a utilizar **com receio**."
b) "Azevedo Gondim compôs **sobre ela** dois artigos."
c) "Pediu-me **com voz baixa** cinqüenta mil reais.
d) "Expliquei em **resumo** a prensa, o dínamo, as serras..."
e) "Resolvi abrir o olho para que vizinhos sem **escrúpulos** não se apoderassem do que era delas."

Respostas

1) b
2) a
3) c
4) a) caladamente, mudamente
   b) monotonamente
   c) resignadamente
   d) fraternalmente
5) com humildade, pensando na vida...
6) a) A frase significa que um *impeachment* imposto não rasga a Constituição, ou seja, não desrespeita as leis.
   b) Você não acha que um *impeachment* imposto é rasgar a Constituição?
   c) A ocorrência da dupla (...não é contraditório...a não posse / não acha não é rasgar).
7) c
8) d
9) a) sibilinamente
   b) desassombradamente
   c) prolixamente
   d) tacitamente
   e) bisonhamente
   f) sofregamente
   g) puerilmente
   h) sutilmente
   i) radicalmente
   j) inexoravelmente
10) e
11) b
12) adjetivo se transforma em advérbio por meio do processo de derivação imprópria.
13) a
14) e

Adjunto Adverbial

É a função sintática da palavra ou da expressão que servem para modificar ou intensificar o sentido do verbo, do predicativo ou de outro adjunto adverbial, atribuindo-lhes uma circunstância.

Não se deve confundir adjunto adverbial com advérbio: advérbio é a classe gramatical; adjunto adverbial é a função sintática. Em outras palavras: advérbio é o nome da palavra; adjunto adverbial é a função que a palavra exerce na oração.

Classificação dos Adjuntos Adverbiais

01) Adjunto Adverbial de Tempo

Ex.

- O avião chegará a qualquer momento.
- De vez em quando, vou ao cinema.
- Ninguém confia nos políticos hoje em dia, no Brasil.

Observe que, quando o adjunto adverbial estiver no final da oração, não será separado por vírgula, a não ser que haja dois ou mais adjuntos adverbiais coordenados. Se o adjunto adverbial estiver no início da oração ou entre os elementos formadores da oração, deverá estar separado por vírgula.

02) Adjunto Adverbial de Lugar

Ex.

- O policial observava o bandido a distância.
- O documento está em cima da escrivaninha.
- De vez em quando, vou ao cinema.

A locução adverbial **a distância** só receberá o acento grave indicativo de crase, se possuir a preposição de, formando a locução prepositiva **à distância de**. Por exemplo:

- O policial observava o bandido à distância de cem metros.

03) Adjunto Adverbial de Modo

Ex.

- Os namorados caminhavam lado a lado.
- Caminhei à toa pela cidade.
- O acontecimento espalhou-se boca a boca.

À toa, adjunto adverbial, não tem hífen. Quando for locução adjetiva, ou seja, quando estiver qualificando um substantivo, terá hífen. Por exemplo Aquele homem à-toa só anda à toa.

04) Adjunto Adverbial de Negação

Ex.

- Não o procurarei mais.
- De modo algum, você usará esse objeto.

Observe que o adjunto adverbial não, apesar de estar no início da oração, não está separado por vírgula. Isso porque é representado por apenas uma palavra. Portanto só será separado por vírgula o adjunto adverbial que for representado por mais de uma palavra.

05) Adjunto Adverbial de Afirmação

Ex.

- Decididamente estou disposto a ajudá-lo.
- Sem dúvida alguma, iremos até aí amanhã.

06) Adjunto Adverbial de Dúvida

Ex.

- Quem sabe, conseguiremos a vaga.
- Talvez encontremos a solução.

07) Adjunto Adverbial de Intensidade

Ex.

- Ele bebeu em excesso.
- Ela estava meio nervosa.

08) Adjunto Adverbial de Meio

Ex.

- Gosto de viajar de avião.
- Fiz o trabalho a máquina.
- Atacou os desordeiros a pedras.

Nas expressões adverbiais femininas, muitas vezes ocorre o acento grave sem que haja a crase, isto é, a fusão de dois aa. Verifique: Comprei o carro à vista. Se trocarmos por um masculino correspondente, teremos: Comprei o carro a prazo. Evidência clara de que na expressão à vista não houve a fusão de dois aa. Nesses casos, o uso do acento grave é justificado por alguns gramáticos por uma questão de tradição da língua, ou para tornar o contexto mais claro, evitando-se ambigüidades.

Não confunda adjunto adverbial de meio com adjunto adverbial de modo. Este indica a maneira como a ação é praticada; aquele, o instrumento usado para a ação ser praticada. Por exemplo: Andei de bicicleta, vagarosamente. de bicicleta é o meio; vagarosamente, o modo.

09) Adjunto Adverbial de Causa

Ex.

- Frank Zappa morreu devido a um câncer na próstata.
- O poço secou com o calor.

10) Adjunto Adverbial de Companhia

Ex.

- Passeei a tarde toda com Ester.
- Andarei junto de você.

11) Adjunto Adverbial de Finalidade

Ex.

- Eles vieram aqui para um estudo aprofundado de Português.

- Convidei meus amigos para um passeio.

12) Adjunto Adverbial de Oposição

Ex.

- O Santos jogará com o Palmeiras.
- Ela agiu contra a família.

13) Adjunto Adverbial de Argumento

Ocorrerá o adjunto adverbial de argumento com as expressões chegar de e bastar de, no Imperativo.
Ex.

- Chega de brigas.
- Basta de incompetência.

14) Adjunto Adverbial de Assunto

Ocorrerá o adjunto adverbial de assunto, quando houver verbo, indicando comunicação entre as pessoas (falar, conversar, discutir...) com a prep. de, a prep. sobre, a locução prepositiva acerca de, a loc. prep. a respeito de...
Ex.

- Conversamos sobre você ontem.
- Discutiremos acerca de seu problema.
- O palestrante falará a respeito dos problemas educacionais brasileiros.

15) Adjunto Adverbial de Preço

Ex.

- Esse relógio custa muito caro.
- Paguei R$ 600,00 ao dentista.

As palavras **caro** e **barato** só serão adjunto adverbial de preço, junto do verbo custar. Caso surjam com verbo de ligação, funcionarão como predicativo do sujeito, concordando com este elemento. Por exemplo As calças custaram caro. mas As calças estão caras.

16) Adjunto Adverbial de Matéria

Ex.

- Fiz de ouro o meu relógio.

17) Adjunto Adverbial de Acréscimo

Ex.

- Além da tristeza, sentia um profundo mal-estar.

18) Adjunto Adverbial de Concessão

Ocorrerá adjunto adverbial de concessão na indicação de fatores contrários iniciados por apesar de, embora, inobstante...
Ex.

- Apesar de você, sou feliz.
- Inobstante sua má vontade, consegui meu intento.

19) Adjunto Adverbial de Condição

Ex.

- Sem disciplina, não há educação.

20) Adjunto Adverbial de Conformidade

Ex.

- Faça tudo conforme os regulamentos da empresa.

21) Adjunto Adverbial de Substituição

Ex.

- Abandonou suas convicções por privilégios.

Orações Subordinadas Adverbiais

Orações subordinadas adverbiais são adjuntos adverbiais com verbo.

São nove as orações subordinadas adverbiais, que são iniciadas por uma conjunção subordinativa.

01) Causal

Funciona como adjunto adverbial de causa. É iniciada por conjunção subordinativa causal ou por locução conjuntiva subordinativa causal. As principais são porque, porquanto, visto que, já que, uma vez que, como, por + infinitivo.
Ex.

- Por ter caído do sétimo andar, ele morreu.
- Como estivesse chovendo, fechei as janelas.
- Saímos daquele local, uma vez que havia risco de desabamento.
- Houve muitas queimadas, visto que não choveu por 63 dias.

02) Comparativa

É iniciada pelos elementos comparativos mais ... que, menos ... do que, tanto... quanto, tão ... como. Em quase todas as orações subordinadas adverbiais comparativas ocorre zeugma, que é a omissão do verbo já escrito anteriormente.
Ex.

- Ele é tão inteligente quanto o irmão.
- Cornélio Procópio fica tão longe de Londrina quanto Apucarana.
- Campinas é maior que Ribeirão Preto.

03) Concessiva

Funciona como adjunto adverbial de concessão. É iniciada por conjunção subordinativa concessiva ou por locução conjuntiva subordinativa concessiva. As principais são embora, conquanto, inobstante, não obstante, apesar de que, se bem que, mesmo que, posto que, ainda que, em que pese.
Ex.

- Embora o técnico não revele, o principal jogador do time não participará do jogo.
- Mesmo que você não queira, irei até aí.
- Apesar de estarmos passando por uma crise, ele compou um carro novo.

04) Condicional

Funciona como adjunto adverbial de condição. É iniciada por conjunção subordinativa condicional ou por locução conjuntiva subordinativa condicional. As principais são se, a menos que, desde que, caso, contanto que.
Ex.

- A continuar como está, ele irá à falência
- Desde que se esforce, conseguirá seu intento.
- Caso precise de ajuda, telefone-me.
- Se todos trabalharem com afinco, terminaremos o serviço na hora marcada.

05) Conformativa

Funciona como adjunto adverbial de conformidade. É iniciada por conjunção subordinativa conformativa ou por locução conjuntiva subordinativa conformativa. As principais são como, conforme, segundo.
Ex.

- As questões serão formuladas, conforme o pedido da diretoria.
- Elaboramos nossos pedidos, segundo as normas da empresa.

06) Consecutiva

É iniciada pela conjunção subordinativa consecutiva que. Na oração principal, geralmente, há um advérbio de intensidade - tão, tal, tanto, tamanho.
Ex.

- Eles brigavam tanto, que resolveram separar-se.
- Há tantos problemas nesta cidade, que o prefeito sozinho não consegue resolvê-los.

07) Temporal

Funciona como adjunto adverbial de tempo. É iniciada por conjunção subordinativa temporal ou por locução conjuntiva subordinativa temporal. As principais são quando, enquanto, sempre que, assim que, desde que, logo que, mal, ao + infinitivo.
Ex.

- Ao perceber o problema, retirou-se da sala.
- Sinto-me melhor, desde que comecei a exercitar-me.
- Logo que me viu, começou a chorar.

08) Final

Funciona como adjunto adverbial de finalidade. É iniciada por conjunção subordinativa final ou por locução conjuntiva subordinativa final. As principais são a fim de que, para que, porque.
Ex.

- Para adquirir cultura, leia bastante.
- Gritou com o filho, a fim de que o entendesse melhor.

09) Proporcional

Indica proporção. É iniciada pelas locuções conjuntivas subordinativas proporcionais à proporção que, à medida que, tanto mais.
Ex.

- À medida que o tempo vai passando, ele vai irritando-se mais.
- Mais experientes ficamos, à proporção que o tempo passa.

Orações Reduzidas

Quando uma oração subordinada se apresenta sem conjunção e com o verbo no infinitivo, no particípio ou no gerúndio, dizemos que ela é uma oração reduzida, acrescentando-lhe o nome de infinitivo, de particípio ou de gerúndio.
Ex.

- **Ele morreu, por ter caído do sétimo andar**. Oração subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo.
- **Ao perceber o problema, retirou-se da sala**. Oração subordinada adverbial temporal reduzida de infinitivo

---

Exercícios

1. Nas frases seguintes, aponte os adjuntos adverbiais e as circunstâncias que exprimem.
a) "De repente, do riso fez-se o pranto."
b) Entrou em casa em plena madrugada, silenciosamente.
c) À noite é possível perceber com muita clareza os efeitos benéficos do silêncio.
d) A rodovia foi entregue ao público sem plenas condições de tráfego.
e) Viajei de trem por toda a Europa.
f) Felizmente, todos se arrependeram.
g) Meus sobrinhos moram muito longe daqui, no norte da Itália.
h) Na próxima Semana, não haverá expediente das sete às dez da manhã.
i) O menino quase morreu de vergonha.
j) Sem as chaves, ninguém poderá entrar.
I) "Apesar de você amanhã há de ser outro dia."
m) Passei a vida à toa.
n) Tenho o péssimo hábito de cortar barbantes e linhas com os dentes.

2. Complete as frases Seguintes com adjuntos adverbiais que exprimam as circunstâncias solicitadas entre parênteses.
a) (*) não seja possível consertar o carro. (dúvida)
b) Não irei ao cinema (*). (causa)
c) (*), foram feitos vários discursos contra o proieto (tempo/lugar)
d) O novo diretor executou (*) todas as suas obrigações. (modo)
e) Ensinei muito (*). (fim)
f) Trabalhava (*) para as crianças carentes de sua cidade. (intensidade)
g) Os retirantes não conseguem emprego (*). (lugar)
h) Nada será feito (*). (condição)
i) (*), as obras prosseguem. (concessão)
j) Moldamos vários objetos de argila (*). (instrumento)
I) Fui ao cinema (*) (*). (tempo/companhia)
m)Julgo sua postura (*) radical. (intensidade)
n) (*), conseguiremos chegar (*) (*) (modo/lugar/tempo)

3. Passe para o plural cada uma das frases seguintes.
a) Ele pensou rápido.
b) Ele pensou rapidamente.
c) Ele foi rápido.

d) Uma voz de protesto levantou-se inesperadamente.
e) Uma voz de protesto levantou-se inesperada.
f) O rapaz falava muito baixo.
g) O rapaz era muito baixo.
h) Fiquei calmo durante a discussão.
i) Agi calmamente durante a discussão.
j) Sua atitude ponderada súbito se converteu em gesto irritado.
I) Sua atitude ponderada subitamente se converteu em gesto irritado.
m)Seu gesto de irritação foi súbito e veemente.

RESPOSTAS

1-
a) de repente: tempo
b) em casa: lugar; em plena madrugada: tempo; silenciosamente: modo
c) à noite: tempo; com muita clareza: modo
d) sem plenas condições de tráfego: modo
e) de trem: meio (modo); por toda a Europa: lugar
f) felizmente: modo
g) muito: intensidade; longe daqui: lugar; no norte da Itália: lugar (no texto exerce função de aposto) na próxima semana: tempo; das sete às dez da manhã: tempo
h) quase: intensidade; de vergonha: causa
i) sem as chaves: modo
j) apesar de você: concessão; amanhã: tempo
k) à toa: modo
l) com os dentes: instrumento (modo)

2. Reflexão pessoal do aluno. As respostas dadas individualmente devem ser apresentadas à classe para análise.

3.
a) Eles pensaram rápido.
b) Eles pensaram rapidamente.
c) Eles foram rápidos.
d) Vozes de protesto levantaram-se inesperadamente.
e) Vozes de protesto levantaram-se inesperadas.
f) Os rapazes falavam muito baixo.
g) Os rapazes eram muito baixos.
h) Ficamos calmos durante a discussão.
i) Agimos calmamente durante a discussão.
j) Suas atitudes ponderadas súbito converteram-se em gestos irritado
l) Só as atitudes ponderadas subitamente se converteram em gestos irritados.
m) Seus gestos de irritação foram súbitos, e veementes.

Adjunto Adnominal x Complemento Nominal

Adjunto Adnominal

É o termo acessório que explica, determina ou especifica um núcleo de função sintática. Os adjuntos adnominais prendem-se diretamente ao substantivo a que se referem, sem qualquer participação do verbo. Isso é facilmente percebido, quando substituímos um substantivo por um pronome: todos os adjuntos adnominais que gravitam ao redor do substantivo têm de acompanhá-lo nessa substituição, ou seja, os adjuntos adnominais desaparecem..

Ex.
As esplendorosas paisagens do litoral brasileiro deixam os turistas estrangeiros extasiados.
Analisando sintaticamente a oração, teremos:
Verbo deixar: Verbo Transitivo direto, pois quem deixa, deixa alguém.
Sujeito: quem é que deixa os turistas extasiados?
Resposta: As esplendorosas paisagens do litoral brasileiro;
núcleo do sujeito: paisagens. Então o sujeito é simples.

Se substituirmos o núcleo do sujeito por um pronome, teremos:
Elas deixam os turistas estrangeiros extasiados.
Portanto as, esplendorosas e do litoral brasileiro funcionam como adjunto adnominal.
Objeto Direto: As paisagens deixam quem?
Resposta: os turistas estrangeiros;
núcleo do objeto direto: turistas.

Se substituirmos o núcleo do objeto direto por um pronome, teremos:
As esplendorosas paisagens do litoral brasileiro deixam-nos extasiados.
Portanto os e estrangeiros funcionam como **adjunto adnominal**.
Perceba que a palavra extasiados não desapareceu na substituição do substantivo por um pronome. Então ela não é adjunto adnominal, e sim predicativo do objeto, pois qualifica o núcleo do objeto direto turistas.

Outras maneiras de se comprovar a existência do adjunto adnominal:

01) Todas as palavras que surgirem antes do núcleo, dentro da função sintática, funcionam como adjunto adnominal.
Por exemplo: Quase todos os brasileiros já se decepcionaram com o governo. Quase todos os funcionam como aa, pois surgem antes do núcleo brasileiros.

02) Todas as palavras sem preposição que surgirem após o núcleo, dentro da função sintática, funcionam como adjunto adnominal.
Por exemplo: Os cidadãos londrinenses revoltaram-se contra o prefeito. Londrinenses funciona como aa, pois não há preposição e surge após o núcleo cidadãos.

03) Todas as palavras com ou sem preposição que surgirem após o núcleo, dentro da função sintática, funcionam como adjunto adnominal, desde que o núcleo seja um substantivo concreto.
Por exemplo: Os anéis de ouro foram roubados. de ouro funciona como aa, pois anéis é substantivo concreto.

04) Todas as palavras com a preposição de que indicarem posse (algo de alguém), dentro da função sintática, funcionam como adjunto adnominal.
Por exemplo: Os anéis do rei foram roubados. do rei funciona como aa, pois indica posse: Algo de alguém = Os anéis do rei.

05) Todas as palavras com preposição, dentro da função sintática, que praticarem a ação contida no núcleo, funcionam como adjunto adnominal.
Por exemplo: A resposta do aluno foi considerada certa. do aluno funciona como aa, pois o aluno praticou a ação de responder.

06) O pronome relativo cujo sempre funciona como adjunto adnominal.

07) Os pronomes oblíquos átonos me, te, lhe, nos, vos e lhes funcionarão como adjunto adnominal, quando tiverem valor possessivo, ou seja, quando puderem ser substituídos por meu(s), teu(s), seu(s), nosso(s), vosso(s), minha(s), tua(s), sua(s), nossa(s), vossa(s).
Por exemplo: A mãe ajeitou-lhe o vestido = A mãe ajeitou o seu vestido ou A mãe ajeitou a vestido dela.

08) Quando o adjunto adnominal for representado por uma oração, receberá o nome de Oração Subordinada Adjetiva Restritiva.
Por exemplo: Os alunos que não estudam têm dificuldades no futuro. Sujeito: Quem tem dificuldades? Resposta: Os alunos que não estudam. Que não estudam é oração que funciona como aa.

Complemento Nominal

É o termo da oração que completa a significação de um nome (adjetivo, advérbio ou substantivo abstrato), por intermédio de uma preposição.
Funcionarão como complemento nominal:

01) Todas as palavras com preposição, dentro da função sintática, que forem pacientes ou destinatários da ação contida no núcleo.

Por exemplo: A construção do prédio foi considerada um erro. do prédio funciona como CN, pois o prédio é elemento paciente em relação à ação de construir (Alguém construiu o prédio). Temos confiança em nossos amigos. em nossos amigos funciona como CN, pois é elemento destinatário em relação à ação de confiar (Nós confiamos em nossos amigos).

02) Os pronomes oblíquos átonos me, te, lhe, nos, vos e lhes funcionarão como complemento nominal, quando possuírem valor de "a alguém", não provindo a preposição de verbo.

Por exemplo: Tenho-lhe respeito. lhe funciona como CN, pois poderemos substituir por Tenho respeito a alguém, sendo que a prep. a não provém do verbo ter.

03) Quando o complemento nominal for representado por uma oração, daremos o nome de Oração Subordinada Substantiva Completiva Nominal.

Por exemplo: Temos confiança em que conseguiremos nosso intento. Em que conseguiremos nosso intento é oração subordinada substantiva completiva nominal.

Exercícios

1. Faça a análise sintática das frases seguintes. Indique quais são os núcleos das diferentes funções sintáticas e os adjuntos adnominais que se subordinam a ele.

a) Um novo comportamento empresarial deve ser incentivado.
b) Muitos candidatos despreparados pedem votos pouco críticos a eleitores desinteressados.
c) Os garimpeiros têm transmitido doenças graves aos índios da Amazônia.
d) Um redator eficiente deve comunicar informações claras e realmente importantes ao público interessado.

2. Explique por meio de seu conhecimento das funções sintáticas a ambigüidade da seguinte frase: "Não posso julgar aquela atitude inusitada".

3. Explique por meio de seu conhecimento das funções sintáticas a ambigüidade das seguintes frases:
a) Não serei mais um pichador nesta cidade!
b) É um absurdo que tenhamos medo de criança!

RESPOSTAS

1-
a) **sujeito determinado simples:** um ovo comportamento empresarial; **núcleo:** comportamento; **adjuntos adnominais:** um, novo, empresarial; **predicado verbal:** deve ser incentivado (voz passiva analítica)
b) **sujeito determinado simples:** muitos candidatos despreparados; **núcleo:** candidatos; **adjuntos adnominais:** muitos, despreparados; **predicado verbal:** pedem votos pouco críticos a eleitores desinteressados; **verbo transitivo direto e indireto:** pedem; **objeto direto:** votos pouco críticos; **núcleo:** votos; **adjunto adnominal:** pouco críticos; **objeto indireto:** a eleitores desinteressados; **núcleo:** eleitores; **adjunto adnominal:** desinteressados.
c) **sujeito determinado simples:** Os garimpeiros; **núcleo:** garimpeiros; **adjunto adnominal:** os; **predicado verbal:** têm transmitido doenças graves aos índios da Amazônia; **verbo transitivo direto e indireto:** têm transmitido; **objeto direto:** doenças graves; **núcleo:** doenças; **adjunto adnominal:** graves; **objeto indireto:** aos índios da Amazônia; **núcleo:** índios; **adjuntos adnominais:** os, da Amazônia.
d) **sujeito determinado simples:** Um redator eficiente **núcleo:** redator **adjuntos adnominais:** um, eficiente **predicado verbal:** deve comunicar informações claras e realmente importantes ao público interessado **verbo transitivo direto e indireto:** deve comunicar **objeto direto:** informações claras e realmente importantes **núcleo:** informações **adjunto adnominal:** claras e realmente importantes **objeto indireto:** ao público interessado **núcleo:** público **adjunto adnominal:** o, interessado.

2- O aluno deve perceber que **inusitada** pode ser classificado como adjunto adnominal ou como predicativo do objeto – em ambos os casos, o termo caracterizado é "aquela atitude". Na primeira interpretação, quem fala se nega a julgar uma inusitada atitude inusitada por alguém; na segunda interpretação, quem fala se nega a considerar inusitada uma determinada atitude.

3- O aluno deve perceber que em ambas as frases ocorre um mesmo problema sintático; a possibilidade de se analisar um termo como adjunto adnominal ou como complemento nominal. Os termos envolvidos são "desta cidade" e "de criança". Se "desta cidade" for adjunto adnominal, a frase signfica "não serei mais um pichador nesta cidade". Se "de criança" for adjunto adnominal, a frase significa "é absurdo que tenhamos um medo infantil"; se "de criança" for complemento nominal, a frase significa "é absurdo que as crinças causem medo".

A palavra Que

Aqui estudaremos todas as classes gramaticais a que a palavra **que** pertence. Ela pode ser **substantivo, advérbio, preposição, interjeição, pronome, conjunção**, além de **partícula expletiva**.

Vamos aos estudos:

01) Substantivo

A palavra **que** será substantivo, quando tiver o sentido de qualquer coisa ou alguma coisa, é sempre antecedida por artigo, pronome adjetivo ou numeral e é sempre acentuada (**quê**).

Ex. A decisão do tribunal teve um quê de corrupção.

02) Advérbio

A palavra **que** será advérbio, quando intensificar adjetivos e advérbios. Nesse caso, pode ser substituída por **quão** ou **muito**; em geral, é usada em frases exclamativas.

Ex. Que linda é essa garota!
Que mal você fez a ela!

03) Preposição

A palavra **que** será preposição, quando equivaler à preposição **de** em locuções verbais que tenham, como auxiliares, **ter** ou **haver**.
Ex. Temos que estudar bastante.
Tive que trazer todo o material.

04) Interjeição

A palavra **que** será interjeição, quando exprimir uma emoção, um estado de espírito; é sempre exclamativa e acentuada (**quê**).
Ex. Quê?! Você não dormiu em casa hoje??

05) Partícula Expletiva ou de Realce

A palavra **que** será partícula expletiva ou de realce, quando for empregada para realce ou ênfase; sua retirada não altera o sentido da frase. Pode também ser usada com o verbo ser, na locução **é que**.
Ex. Nós é que precisamos de sua ajuda.
Eles que o procuraram ontem.

06) Pronome Interrogativo

A palavra **que** será pronome interrrogativo, quando for empregada em frases interrogativas. Quando for antecedida da preposição **por**, esses dois elementos ficarão separados (**por que**) Quando estiver iniciando a frase, não se deve usar a palavra **o**, anteriormente ao pronome. Quando estiver em final de frase, será acentuada.
Ex. Que vocês farão hoje à noite?
Vocês farão o quê?
Por que você não vieram aqui ontem à noite?
Vocês não vieram aqui ontem à noite por quê?

07) Pronome Indefinido

A palavra **que** será pronome indefinido, quando aparecer antes de substantivos em frases geralmente exclamativas. Pode ser substituída por **quanto(s), quanta(s**).
Ex. Que sujeira!!
Que bagunça em seu quarto!

08) Pronome Adjetivo

A palavra **que** será pronome adjetivo, quando aparecer antes de substantivos, apenas modificando-o
Ex. Que mulher linda!!

09) Pronome Relativo

A palavra **que** será pronome relativo, quando aparecer após substantivos, podendo ser substituída por **o qual, a qual, os quais, as quais**.
Ex. Julguei belíssima a garota que (= a qual) você me apresentou.
Os problemas por que (= pelos quais) passamos foram terríveis.

10) Conjunção Coordenativa Aditiva

A palavra **que** será conjunção coordenativa aditiva, quando iniciar oração coordenada sindética aditiva; aparece sempre entre duas formas verbais iguais; tem valor bastante próximo da conjunção **e**.
Ex. Estudava que estudava, mas não conseguia assimilar a matéria.

11) Conjunção Coordenativa Explicativa

A palavra **que** será conjunção coordenativa explicativa, quando iniciar oração coordenada sindética explicativa. Pode ser substituída por **pois** ou **porque**.
Ex. Venha até aqui, que precisamos conversar.

12) Conjunção Coordenativa Adversativa

A palavra **que** será conjunção coordenativa adversativa, quando iniciar oração coordenada sindética adversativa. Indica oposição, ressalva, apresentando valor equivalente a **mas**.
Ex. Outra pessoa, que não eu, deveria cumprir essa tarefa.

13) Conjunção Subordinativa Integrante

A palavra **que** será conjunção subordinativa integrante, quando iniciar oração subordinada substantiva, ou seja, quando iniciar oração que exerça a função sintática de sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo do sujeito e aposto.
Ex. Julgo que sua ascensão na empresa deu-se muito rapidamente. Oração que funciona como objeto direto (oração subordinada substantiva objetiva direta)

14) Conjunção Subordinativa Consecutiva

A palavra **que** será conjunção subordinativa consecutiva, quando iniciar oração subordinada adverbial consecutiva; aparece, em geral, nas expressões **tão... que, tanto... que, tamanho... que e tal... que**.
Ex. Ele se esforçou tanto, que acabou desmaiando.

15) Conjunção subordinativa Comparativa

A palavra **que** será conjunção subordinativa comparativa, quando iniciar oração subordinada adverbial comparativa; aparece, em geral, nas expressões **mais... que, menos... que**.
Ex. Ele é mais estudioso que os amigos. .

Exercícios

Para as perguntas de 01 a 12 A palavra "Que" é pronome relativo nas frases que se seguem. Dê a sua função sintática:

01) Esta é a casa em que nasci.
Que é ________________________________

02) A informação de que mais gostei foi aquela:
Que é ________________________________

03) Há sempre solidão em torno dos que caem:
Que é ________________________________

04) Tudo o que vem do acaso carece de firmeza:
Que é ________________________________

05) Ninguém pode ter tudo aquilo que deseja:
Que é ________________________________

06) Eu fui o que tu és, tu serás o que eu sou:

Que é _________________________________

07) "É teu amigo aquele que na ocasião do perigo te ajuda":
Que é _______________________________

08) A demora excita sempre os que amam:
Que é _______________________________

09) O conto a que fases referências não é tão importante assim:
Que é _______________________________

10) Ela me fez uma pergunta a que- não poderia responder:
Que é _______________________________

11) O animal de que mais tenho medo é o urso:
Que é _______________________________

12) De que conversaremos hoje?
Que é _______________________________

Respostas dos Exercícios Sobre a Palavra "QUE"

01. adj. Adv. de lugar
02. obj. indireto
03. sujeito
04. sujeito
05. obj. direto
06. predicativo/ predicativo
07. sujeito
08. sujeito
09. complemento nominal
10. obj. indireto
11. complemento nominal
12. adj. Adv. de assunto

A Palavra Se

Aqui estudaremos todas as funções da palavra **se**. Vamos aos estudos:

01) Pronome Reflexivo

A palavra **se** será pronome reflexivo quando indicar que o sujeito pratica a ação sobre si mesmo. Nesse caso, o verbo concordará com o sujeito.

Ex. A menina machucou-se ao cair do brinquedo.
As meninas machucaram-se.

02) Pronome Recíproco

A palavra **se** será pronome recíproco quando indicar ação trocada entre os elementos que compõem o sujeito. Nesse caso, o verbo concordará com o sujeito.

Ex. Sandro e Carla adoram-se.

03) Pronome Integrante do Verbo

A palavra **se** será pronome integrante do verbo quando aparecer junto de verbos pronominais, que são os que não se conjugam sem pronome. Por exemplo: **suicidar-se, arrepender-se, queixar-se, zangar-se, ater-se, abster-se ...**
Nesse caso, o verbo concordará com o sujeito.
Ex. Genofretildo suicidou-**se** depois que seus sócios **se** queixaram dele para o advogado.

04) Pronome Expletivo ou Pronome de Realce

A palavra **se** será pronome expletivo, quando for usado apenas para reforçar a idéia contida no verbo, sendo, por isso, dispensável na frase. Ocorrerá o pronome expletivo com **verbo intransitivo** que tenha sujeito claro. Aparece, em geral, junto aos verbos **ir, partir, chegar, passar, rir, sorrir, morrer**. Novamente o verbo concordará com o sujeito.

Ex. As nossas esperanças foram-se para sempre.
As meninas sorriram-se agradecidas.
"Vai-se a primeira pomba despertada". (Raimundo Correia)

05) Pronome Apassivador

A palavra **se** será pronome apassivador, quando formar, junto de um **verbo transitivo direto**, a voz passiva sintética, que pode ser transformada em passiva analítica; indica que o sujeito é paciente e com ele concorda.

Ex. Compram-se carros usados. = Carros usados são comprados.
Esperou-se o tempo necessário. = O tempo necessário foi esperado.
Alugam-se casas na praia. = Casas na praia são alugadas.

06) Pronome de Indeterminação do Sujeito

A palavra **se** será pronome de indeterminação do sujeito, quando surgir junto a **verbo transitivo indireto** acompanhado de **objeto indireto**, a **verbo transitivo direto** acompanhado de **objeto direto preposicionado**, a **verbo de ligação** acompanhado de **predicativo do sujeito** e a **verbo intransitivo** sem sujeito claro. Nesse caso, o verbo deverá ficar, obrigatoriamente, na **terceira pessoa do singular**.

Ex. Necessita-se de pessoas qualificadas. (VTI com OI)
Estima-se a Jorge Amado. (VTD com OD Prep.)
Aqui se está satisfeito com o governo. (VL com PS)
Ainda se morre de tuberculose no Brasil. (VI sem sujeito claro)

07) Sujeito Acusativo

A palavra **se** será sujeito acusativo quando aparecer em estruturas formadas pelos auxiliares causativos **fazer, mandar** e **deixar** e pelos auxiliares sensitivos **ver, ouvir, sentir**..., seguidos de **objeto direto** na forma de **oração reduzida** (verbo no infinitivo ou no gerúndio).

Ex. Ela deixou-se levar pelo namorado.
Nós a vimos virando a esquina.
O gerente mandou o garoto buscar os documentos.

Quando o sujeito acusativo for representado por um substantivo plural, o verbo no infinitivo tanto poderá ficar no singular quanto no plural.
Ex. Mandar as garotas fazer o trabalho.
Mandaram as garotas fazerem o trabalho.

08) Conjunção Subordinativa Integrante

A palavra **se** será conjunção subordinativa integrante, quando iniciar oração subordinada substantiva, ou seja, oração que funcione como **sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo do sujeito, complemento nominal** ou **aposto**.

Ex. Não sei se todos terão condições de acompanhar a matéria. (Oração que funciona como OD)
Sentiremos se vocês não comparecerem à solenidade. (Oração que funciona como OD)

08) Conjunção Subordinativa Condicional

A palavra **se** será conjunção subordinativa condicional, quando iniciar oração subordinada adverbial condicional, ou seja, quando iniciar oração que funcione como adjunto adverbial de condição.

Ex. Tudo estaria resolvido, se ele tivesse devolvido o dinheiro.

08) Conjunção Subordinativa Causal

A palavra **se** será conjunção subordinativa causal, quando iniciar oração subordinada adverbial causal, ou seja, quando iniciar oração que funcione como adjunto adverbial de causa.

Ex. Se você sabia que eu não conseguiria, por que me deixou sozinho?

Exercícios

01) Não há conjunção subordinativa integrante:
a) " Se subiu, ninguém sabe, ninguém viu"
b) Falam que ela se feria de propósito
c) Se vai ou fica, todos querem saber
d) Saberia me dizer se ela já se foi
e) Perguntaram-me se sabíamos ler

02) "Bem desventurado seria ele, se tivesse que ganhar o pão com o que aprendera nos cursinhos":
a) pronome pessoal oblíquo
b) conjunção condicional
c) pronome relativo
d) objeto direto
e) objeto indireto

03) Assinale a frase na qual o se não é pronome apassivador nem índice de indeterminação do sujeito:
a) Estudou-se o assunto
b) Ela se suicidou ontem
c) Falou-se muito sobre aquela festa
d) Aos inimigos não se perdoa
e) Fizeram-se as reformas da casa

04) Aponte a alternativa na qual o "se" é índice de indeterminação do sujeito.
a) Trabalha-se dia e noite
b) Pedro atirou-se no trabalho
c) Maria se faz de boba
d) Todos se julgam espertos
e) Consertam-se relógios digitais

05) "O herdeiro, longe de compadecer-se, sorriu e, por esmola, atirou-lhe três grãos de milho. O se no trecho anterior é:
a) índice de indeterminação do sujeito
b) pronome apassivador
c) pronome reflexivo
d) partícula expletiva
e) parte integrante do verbo

Para os exercícios de 507 a 511, assinale com "C "as classificações corretas e com "I" as incorretas.

06) ( ) Tempo não se mede pelos ponteiros do relógio (pronome apassivador)
07) ( ) Foram-se embora os mais belos sonhos (índice de indeterminação do sujeito)
08) ( ) Não sei se o vinho está bom (conjugação subordinativa condicional)
09) ( ) A federação arroga-se o direito de cancelar o jogo (pronome reflexivo na função de objeto indireto)
10) ( ) Sofia deixou-se estar à janela (pronome reflexivo na função de sujeito)

11) Assinale a alternativa com erro:
a) Já se ouviam os primeiros cantos dos pássaros
b) Na torre da igreja, bateram, agora mesmo, duas horas
c) No meu registro, ainda faltam algumas notas
d) Não se vê mais pessoas como aquelas por aqui

12) Assinale a alternativa com erro:
a) Ele disse que deve haver muitos alunos neste colégio
b) Hoje faz exatamente dois anos que tudo aconteceu
c) Durante a tarde, ainda se ouviu, ao longe, alguns tiros
d) As lutas que houve naquele tempo mataram muita gente

13) O verbo haver foi incorretamente empregado na alternativa:
a) Não havia dúvidas de que ele era o culpado
b) Ainda hão de existir pessoas que se lembrem do caso
c) Creio que não haverão mais problemas nesta escola
d) O policial informou que houve acidentes naquela região

14) "Assim que _______dez horas no relógio da torre, dois velhos __________fechar a porta do casarão".
a) soa, vêm
b) soam, vem
c) soam, vêm
d) soa, vêem

15) Assinale o item que completa corretamente as lacunas da frase:
I – Os mais preocupados com a situação _____realmente nós dois.
II – Daqui a Jundiaí _________ apenas 60 quilômetros.
III – Os estudos ________ sua maior lida.
a) eram, é, era
b) era, são eram
c) éramos, são, são
d) era, é, era

Para as questões de 16 a 22, assinale a alternativa incorreta, ou seja, com incorreção:

16)
a) Realizam-se várias inspeções naquela área
b) Pode haver, no máximo, dez pessoas no auditório
c) Vai fazer dois dias que está chovendo em Brasília
d) O regulamento diz que não podem haver rasuras no documento

17)
a) Vêem-se, ao longe, inúmeros alunos
b) Ocorreram, simultaneamente, várias explosões
c) Só veio eu e meus irmãos
d) Ainda não se fizeram os preparativos da festa

18)
a) Organizem-se em turmas de socorro! – ordenou o comandante
b) Espero que haja aqui pessoas honestas
c) Os jogadores se houveram bem durante a partida
d) Localizaram-se, em pouco tempo, o defeito das máquinas

19)
a) Já faz vinte dias que ele partiu para a América
b) Ele é um dos que veio confortar-se na desgraça
c) Quando bate 5 horas na torre, já não se ouve mais as preces das beatas
d) Deve haver poucos alunos bons

20)
a) Mais de um jornal revelou a verdade sobre o crime
b) Haja vista os fatos, comprova-se a teoria
c) Qual dentre vós será capaz de tal gesto!
d) Não deve haver vagas para todos os inscritos

21)
a) Deve fazer dois dias que a estrada está interditada
b) Sem educação não pode haver cidadãos conscientes
c) Há de existir profissionais capazes para o trabalho
d) Não deve haver vagas para todos os inscritos

22)
a) Dizem que não há provas de sua inocência
b) Naquela casa, tudo era tristeza
c) Talvez haja algumas pessoas direitas na política...
d) Tem dias tristes em nossa vida

23) Assinale a concordância incorreta:
a) Ontem faltou perto de dez mesas
b) Os professores ainda não chegaram
c) Um enxame atacou o caçador
d) Divulgou-se, a pedido de todos os interessados, o resultado

24) Cometeu-se erro de concordância:
a) Vossa Eminência ansiais pelo fim da guerra?
b) Quantos de vós falareis com o ministro?
c) Hão de existir dias melhores...
d) Hoje é dia 17 de dezembro de 1999.

25) A única alternativa incorreta:
a) Cinco mil reais é muito
b) Todos tem problemas, eu também
c) Não me interessam tuas mágoas
d) Algum de nós ficou triste?

26) Assinale a alternativa que permite outra forma de concordância:
a) Cerca de dez carros derraparam
b) Mais de um carro derrapou
c) Nem um nem outro usava sapatos novos
d) O técnico, com seus atletas, está viajando

27) Assinale o item incorreto:
a) Vai parar de existir problemas
b) Hoje é dia vinte de maio de 1999
c) No início tudo é flores
d) Na juventude tudo são flores

28) Assinale o único item correto:
a) Ainda resta poucas vagas na sala
b) Falta cinco dias para as férias
c) Uma parte dos alunos saiu cedo
d) Os Estados Unidos fabrica muitos carros

29) Assinale o item que permite outra forma de concordância:
a) Fui eu que compliquei o jogo
b) Éramos quem ajudava os alunos
c) Juca ou Joca vencerá a corrida
d) Nove horas, bateu, agora, o relógio da torre

30) Assinale a alternativa correta:
a) Hão de existir motivos sérios
b) Eu, tu e ela brigava muito
c) Livros, lápis, borrachas, tudo se acaba rapidamente
d) Nem um nem outro deputados veio votar o projeto

31) Assinale a alternativa que não pode ter outra forma de concordância verbal:
a) Carlos é um dos empregados que não sabe ler
b) Um e outro aluno respondeu ao quesito corretamente
c) Eu, tu e ela, iremos, amanhã ao teatro
d) Um enorme bando de pássaros selvagens pousou ali no varal

32) Assinale a alternativa incorreta:
a) Respondeu-se a todas as questões
b) Um terço dos operários faltaram ao serviço
c) Paulo foi um dos que mais faltaram ao trabalho
d) Perto de dez pessoas foi ao diretor reclamar seus direitos

33) Assinale o item incorreto:
a) Alagoas mostrou muita gente feia
b) Fui eu quem explodiu a dinamite
c) Qual de nós, saberá a resposta
d) No despertador, soou dez e meia

34) Qual é a única incorreta:

a) Acredita-se em fantasmas...
b) Anotaram-se em vários cadernos os nomes dos interessados
c) Havia mais de cem pessoas na sala
d) Chegou eu, Maria e Joana à casa de espetáculos

35) Só uma das alternativas está correta, assinale-a:
a) Dez por cento das provas já foram corrigidas
b) Provêm daí nossas dificuldades
c) Ferro ou pedra machuca nosso pé
d) Os Sertões imortalizou seu autor

36) Indique a alternativa incorreta:
a) Costuram-se camisas
b) Aluga-se um carro para turismo
c) Obedecem-se os mais velhos
d) Aspira-se os grandes momentos

37) __________ resolvidos, na assembléia, os aumentos, _________as constantes altas das tarifas de eletricidade:
a) Ficou, dado
b) Focaram dadas
c) Ficaram dado
d) Ficou, dadas

38) Perguntaram-me que horas _______ - e eu respondi que _______ estar faltando uns cinco minutos para as duas...
a) eram, deviam
b) eram, devia
c) era, devia
d) era, deviam

39) _______progresso quando eles _______a Brasília.
a) Vêm-se, vêem
b) Vêm-se, vêm
c) Vêem-se, vêm
d) Vê-se, vem

40) Não me ________ pareceres nos casos que ________ havido no passado:
a) competem, tenha
b) compete, tenha
c) compete, tenham
d) competem, tenham

41) Alternativa incorreta:
a) Faltam ver de perto aqueles cinco problemas
b) Existem fortes indícios de melhoria geral
c) Não provêm daí os males sofridos
d) Os fatos que o perturbam são bem conhecidos

42) Há uma concordância incorreta:
a) V. Exª, eles e aqueles garotos seguireis depois
b) Eu, tu e nossos amigos iremos no mesmo avião
c) Tu e meus amigos ireis no trem
d) Tu e meus amigos irão no trem

43) Alternativa incorreta:
a) Tratavam-se de questões sérias
b) Comprou-se terreno no subúrbio
c) Precisa-se de datilógrafas
d) Reformaram-se carro e moto

44) Em uma das frases é correta outra forma de concordância. Assinale:
a) A presença dos professores causou o reboliço na sala
b) Bastavam-lhe a paz e a promessa
c) De nada valeram as lágrimas de Mariana e os gritos da mãe
d) As coisa eram tristes, frias e silenciosas, opacas e duras

45) Num dos provérbios abaixo não se observa a concordância prescrita pela gramática. Assinale:
a) Não se apanham moscas com vinagre
b) Casamento e mortalha no céu se talha
c) Quem ama o feio, bonito lhe parece
d) De boas ceias, as sepulturas estão cheias

46) Indique a alternativa gramaticamente incorreta:
a) Deram duas horas
b) O relógio deu duas horas
c) Tinha soado seis horas no relógio
d) O sino bateu duas horas

47) Assinale a opção em que a lacuna pode ser preenchida por qualquer uma das formas verbais entre parênteses:
a) Um de seus sonhos ________ morrer na terra natal (era, eram)
b) Uma porção de sabiás ___________na laranjeira (cantava, cantavam)
c) Sou eu que _______ morrer ouvindo o canto de sabiás (quero, quer)
d) Hoje _____ 1º de maio de 1999 (são, é)

48) A concordância incorreta é:
a) Os Lusíadas imortalizaram Camões
b) Quais de vós ireis à escola?
c) Outrora poderia existir opiniões diferentes sobre a matéria
d) Quem dentre nós fará o discurso?

49) Assinale a concordância errada:
a) Nem um nem outro renegaram a fé
b) Nem um nem outro apareceu ainda
c) Mais de um constituinte votou a favor do projeto
d) Mais de um constituinte cumprimentou-se com efusão

50) Não _________ meios de avisá-los de que já _______ fazer anos que ________ livros em nosso estoque:
a) houveram, devem faltam
b) houvera, devem faltam
c) houve, devem falta
d) houve, deve, faltam

51) _______ dez horas que se ______ iniciado os trabalhos de apuração de votos sem que se ________ quais seriam os candidatos vitoriosos:
a) Fazia, haviam, previsse
b) Faziam, haviam, prevesse
c) Fazia, havia, previsse
d) Fazia, haviam, prevessem

52) Indique a alternativa correta:
a) Filmes, novelas boas conversa, nada os tiravam da apatia
b) A pátria não é ninguém: somos todos
c) Se não vier as chuvas, como faremos para colher?
d) Vossa Senhoria vos preocupais demasiadamente com vossa imagem

53) Complete as lacunas:
1. Hoje _______ 24 de janeiro de 2000
2. Trinta quilômetros _______ pouco
3. Já ________ uma e vinte
4. _______ ser duas horas

a) é – são – era - Deve
b) é – é – eram - Devem
c) são – é – era - Devem
d) são – é – eram- Deve

54) Assinale a frase incorreta:
a) Faz dois meses que não chove
b) Vai fazer dez dias que não saio de casa
c) Não pode existir rasuras neste documento
d) Da minha casa até a do Ricardão são só cinco quadras e meia

Respostas Exercícios Sobre a Palavra "SE"

01) B
02) B
03) B
04) A
05) E
06) C
07) I
08) I
09) C
10) C
11) D
12) C
13) C
14) C
15) C
16) D
17) C
18) D
19) C
20) D
21) C
22) D
23) A
24) A
25) B
26) C
27) A
28) C
29) B
30) A
31) C
32) D
33) D
34) D
35) B
36) C
37) B
38) A
39) C
40) A
41) A
42) A
43) A
44) B
45) B
46) C
47) B
48) C
49) D
50) D
51) A
52) B
53) C
54) C

Crase

A palavra **crase** provém do grego (krâsis) e significa **mistura**. Na língua portuguesa, **crase é a fusão de duas vogais idênticas**, mas essa denominação visa a especificar principalmente a contração ou fusão da **preposição a** com os artigos **definidos femininos** (**a, as**) ou com os **pronomes demonstrativos a, as, aquele, aquela, aquilo, aquiloutro, aqueloutro** .

Para saber se ocorre ou não a crase, basta seguir três regras básicas:

01) Só ocorre crase diante de palavras femininas, portanto nunca use o acento grave indicativo de crase diante de palavras que não sejam femininas.

Ex. O sol estava a pino. Sem crase, pois pino não é palavra feminina.
Ela recorreu a mim. Sem crase, pois mim não é palavra feminina.
Estou disposto a ajudar você. Sem crase, pois ajudar não é palavra feminina.

02) Se a preposição a vier de um verbo que indica destino (ir, vir, voltar, chegar, cair, comparecer, dirigir-se...), troque este verbo por outro que indique procedência (vir, voltar, chegar...); se, diante do que indicar procedência, surgir da, diante do que indicar destino, ocorrerá crase; caso contrário, não ocorrerá crase.

Ex. Vou a Porto Alegre. Sem crase, pois Venho de Porto Alegre.
Vou à Bahia. Com crase, pois Venho da Bahia.

Obs.: Não se esqueça do que foi estudado em Artigo.

03) Se não houver verbo indicando movimento, troca-se a palavra feminina por outra masculina; se, diante da masculina, surgir ao, diante da feminina, ocorrerá crase; caso contrário, não ocorrerá crase.

Ex. Assisti à peça. Com crase, pois Assisti ao filme.
Paguei à cabeleireira. Com crase, pois Paguei ao cabeleireiro.
Respeito as regras. Sem crase, pois Respeito os regulamentos.

Casos especiais

01) Diante das palavras moda e maneira, das expressões adverbiais à moda de e à maneira de, mesmo que as palavras moda e maneira fiquem subentendidas, ocorre crase.

Ex. Fizemos um churrasco à gaúcha.
Comemos bife à milanesa, frango à passarinho e espaguete à bolonhesa.
Joãozinho usa cabelos à Príncipe Valente.

02) Nos adjuntos adverbiais de modo, de lugar e de tempo femininos, ocorre crase.

Ex. à tarde, à noite, às pressas, às escondidas, às escuras, às tontas, à direita, à esquerda, à vontade, à

revelia ...

03) Nas locuções prepositivas e conjuntivas femininas ocorre crase.

Ex. à maneira de, à moda de, às custas de, à procura de, à espera de, à medida que, à proporção que...

04) Diante da palavra distância, só ocorrerá crase, se houver a formação de locução prepositiva, ou seja, se não houver a preposição de, não ocorrerá crase.

Ex. Reconheci-o a distância.
Reconheci-o à distância de duzentos metros.

05) Diante do pronome relativo que ou da preposição de, quando for fusão da preposição a com o pronome demonstrativo a, as (= aquela, aquelas).

Ex. Essa roupa é igual à que comprei ontem.
Sua voz é igual à de um primo meu.

06) Diante dos pronomes relativos a qual, as quais, quando o verbo da oração subordinada adjetiva exigir a preposição a, ocorre crase.

Ex. A cena à qual assisti foi chocante. (quem assiste assiste a algo)

07) Quando o a estiver no singular, diante de uma palavra no plural, não ocorre crase.

Ex. Referi-me a todas as alunas, sem exceção.
Não gosto de ir a festas desacompanhado.

08) Nos adjuntos adverbiais de meio ou instrumento, a não ser que cause ambigüidade.

Ex. Preencheu o formulário a caneta.
Paguei a vista minhas compras.

Nota: Modernamente, alguns gramáticos estão admitindo crase diante de adjuntos adverbias de meio, mesmo não ocorrendo ambigüidade.

09) Diante de pronomes possessivos femininos, é facultativo o uso do artigo, então, quando houver a preposição a, será facultativa a ocorrência de crase.

Ex. Referi-me a sua professora.
Referi-me à sua professora.

10) Após a preposição até, é facultativo o uso da preposição a, portanto, caso haja substantivo feminino à frente, a ocorrência de crase será facultativa.

Ex. Fui até a secretaria.
Fui até à secretaria.

11) A palavra **CASA**:
A palavra casa só terá artigo, se estiver especificada, portanto só ocorrerá crase diante da palavra casa nesse caso.

Ex. Cheguei a casa antes de todos.
Cheguei à casa de Ronaldo antes de todos.

12) A palavra **TERRA**:
Significando planeta, é substantivo próprio e tem artigo, conseqüentemente, quando houver a preposição a, ocorrerá a crase; significando chão firme, solo, só tem artigo, quando estiver especificada, portanto só nesse caso poderá ocorrer a crase.

Ex. Os astronautas voltaram à Terra.
Os marinheiros voltaram a terra.
Irei à terra de meus avós.

Exercícios

Para as questões de 01 a 34, assinale com ”C” as frases corretas e com “I “as Incorretas:

01) ( ) A assistência às aulas é indispensável
02) ( ) É expressamente proibida a entrada de pessoas estranhas
03) ( ) Nunca te dirijas à pessoas despreparadas
04) ( ) Não vai a festa nem a igreja: não vai a parte alguma
05) ( ) Usarias um bigode à Salvador Dali?
06) ( ) Notícias ruins vêm à jato, as boas à cavalo
07) ( ) Esta novela nem se compara a que assistimos
08) ( ) Não me referi a essas caixas, mas as que estão na sala
09) ( ) Florianópolis possui muitas praias, as quais visitaremos
10) ( ) Prefiro esta matéria a aquela que estudávamos
11) ( ) Obedecerei àquilo que for determinado em lei
12) ( ) O deputado foi a Grécia comprar vinho
13) ( ) O professor foi a Taguatinga comprar pinga
14) ( ) Vocês, caros alunos, ainda visitarão a Europa
15) ( ) Gostaria de ir a Curitiba dos pinheirais
16) ( ) Chegou a casa e logo se jogou na cama
17) ( ) Jamais voltou à casa paterna
18) ( ) Irei a cada de meus pais
19) ( ) Os turistas foram à terra comprar flores
20) ( ) Os marujos desconheciam à terra do capitão
21) ( ) Acabarão chegando à terra dos piratas
22) ( ) Será que aqueles astronautas voltarão a Terra?
23) ( ) A polícia observava os manifestantes a distância
24) ( ) Via-se, a distância de cem metros, uma pequena rocha
25) ( ) Diga a Adriana que a estamos esperando
26) ( ) Avisa a Adriana, minha filha, que amanhã teremos prova
27) ( ) O diretor fez alusões a sua classe e não a minha
28) ( ) O cônsul enviou vária cartas as suas filhas
29) ( ) O conselheiro jamais perdoou a Dona Margarida
30) ( ) Esta alameda frondosa vai até à chácara de meu pai
31) ( ) Os meninos cheiravam a cola
32) ( ) Eles viviam à toa, mas sempre à procura de dinheiro
33) ( ) Enriqueciam a medida que os vizinhos se empobreciam
34) ( ) Estamos esperando desde às oito horas da manhã

35) Nas manchetes a seguir, assinale a alternativa em que não ocorre crase:
a) Cárter acusa Israel de criar obstáculos a paz
b) Presidente sírio pede a ajuda do Parlamento par vencer a corrupção
c) Itália pede a Alemanha extradição de nazistas
d) Poço na bacia de Campos leva Petrobrás a maior jazida já descoberta

36) Assinale a alternativa com erro:
a) Você já esteve em Roma? Eu irei logo a Roma
b) Refiro-me à Roma antiga, na qual viveu César
c) Fui a Lisboa de meus avós, pois lá todas as coisas têm gosto da minha infância
d) Já não agrada ir a Brasília. A gasolina está muito cara

37) Marque a alternativa em que a crase é facultativa:
a) Contei o caso à Maria
b) Paguei o que devia à dona da loja
c) Saiu às quinze horas
d) Por desobedecer às regras do jogo, fui expulso

38) A crase está errada na alternativa:
a) Fiz alusão à Roma antiga
b) Fazes referências à criaturas estranhas
c) Saíram às pressas
d) Obedecendo à ordem geral, compareceu ao desfile

39) Não ocorre crase:
a) Pediu desculpas a S. Exª
b) Assistiremos a missa
c) não o levaremos aqueles sombrios lugares
d) Lá estaremos as dezessete horas

40) ____noite, todos os operários voltaram ____ fábrica e só deixaram o serviço _____ uma hora da manhã:
a) Há – à - à
b) A – a - a
c) À – à - à
d) À – a - há

41) Assinale a alternativa em que a lacuna da primeira frase deve ser preenchida com a e a da Segunda com à:
a)
I. As moças não gostam de andar ___ cavalo.
II. Ele percorreu o Brasil de ponta ___ ponta
b)
I. Essa é a tua caneta, eu me refiro ____ minha
II. Ele quer as coisa ___ ferro e fogo
c)
I. Regresso ___ casa paterna tal qual filho pródigo
II. Quem tem boca vai ___ Roma
d)
I. Apresento minhas desculpas ___ Vossa Excelência
II O menino voltou ___ escola com novo ânimo

42) Preencha corretamente as lacunas:

1. Apesar da insistência, não compareci ___ jantar
2. Ganhou uma jóia semelhante ___ que lhe haviam roubado
3. Naquele dia, não atendeu ___ nenhuma chamada
4. Aludiu ___ outras obras do autor
a) aquele – à – a - à
b) aquele – a – à - a
c) àquele – à – à - a
d) àquele – à – a – a

43) Preencha corretamente as lacunas:
1. Dirigiu-se ___ cada um em particular
2. Encostou a cabeça ___ parede
3. Todos vão ___ festa
4. Voltou apressado ___ casa do pai
5. O carro estava ___ uma distância de 50 passos
a) a – a – à – a – a
b) a – à – a – a- à
c) a – à – a – à - a
d) à – a – a – à - a

44) "Ele foi ___ cidade; dirigiu-se ___ referida pensão e aí, pondo-se ___ vontade, pediu ___ criada um cozido ___ portuguesa":
a) à – à – a – a – à
b) à – a – a – a – à
c) a – a – a – à – à
d) à – à – à – à - à

45) "Agradeço ___ Vossa Senhoria ___ oportunidade para manifestar minha opinião ___ respeito."
a) à – a – à
b) à – a – a
c) a – a – à
d) a – a – a

46) Muita atenção, observe os períodos abaixo:
I. Sempre que ia à Rio Pardo, Maneco Terra costumava apresentar os seus cumprimentos à velha mãe
II. Graças à sua formação, ele está sempre mais predisposto ao perdão do que à justiça
III. Dedica-se com carinho à família, ao amanho da terra e às suas lavouras e plantações
IV. Solicito a V. Exº que dê permissão a esta funcionária para apresentar-se a nova repartição
V. Aspira, há muito, à nomeação para ao cargo a que tem direito adquirido e indiscutível
VI. A Aeronáutica colocou vários helicópteros à disposição, à fim de socorrer a todos os atingidos pelo terremoto
A alternativa em que todos acentos indicadores da crase estão corretos é:
a) II, II, V, VI

b) II, III, V,
c) II, IV.
d) I, III

47) "____ esperança jamais _____ de acabar enquanto você tiver forças para vencer _____ decepções, energia para superar ____ dificuldades ____ que todos estamos sujeitos:
a) A – há – as – as – a
b) À – há – às – as – a
c) A – a – as – as – a
d) A – há – às – as – à

48) Assinale o período em que há 2 casos de crase:
a) Chegando a casa, achou abertas as janelas
b) Agradecia as colegas os elogios feitos a pesquisa que apresenta
c) Referindo-se a poesia romântica, fez comentários a respeito de Castro Alves
d) Indiferentes as queixas, ia respondendo a pergunta

49) Examinando as sentenças:
- Refiro-me àquilo que discutimos
- Chegamos à Argentina de madrugada
- Ele era insensível à dor
- Dedico minhas poesia à Rita Mara
a) apenas uma está correta
b) apenas duas estão corretas
c) apenas três estão corretas
d) todas estão corretas

50) É preciso completar com à:

1. O deputado usou uma tática idêntica ___ que a oposição utilizara
2. A máquina de votar reduz ___ zero o número de seções eleitorais
3. Outros ataques se dirigem ___ técnica utilizada no filme
4. O filme passa abruptamente de cenas na alta sociedade ___ execução de prisioneiros
a) sim, não, sim, sim
b) não, não, não, não
c) sim, sim, não, sim
d) não , sim, sim não

51) Qual a alternativa conveniente?
1. Aquela é a moça ___ que aludi
2. Visei a alcançar ___ função
3. Os livros pertencem ao irmão e ___ irmã
4. Chegando ___ estação, João levantou-se

a) a – aquela – à - à
b) a – àquela – à - a
c) à – aquela – à - à
d) à – àquela – à – à

52) Em que frase o "A" não recebeu o acento grave corretamente:
a) O poeta chama ira à brutalidade, à violência da luta
b) Quanto às iras impotentes, são as mesmas sempre desprezíveis
c) À cólera se segue a aflição, que nos traz o arrependimento
d) Acredito que à ira nada se atreve, sem que a alma o consinta

53) Em que frase o "A" deve receber o acento indicador da crase?
a) Não me refiro aqui senão a catástrofes individuais
b) Assistiu a cena, sem que suas feições denotassem ressentimento
c) A que levam essas questões? A conhecer a ira, a conhecê-la bem
d) Não se atente a um mal menor quando um maior nos ameaça

54) Complete as lacunas:
1. Os convidados sentaram-se ___ mesa de jantar
2. Compareci ___ cerimônia de posse do novo governador
3. Não tendo podido ir ___ faculdade hoje, prometo assistir ____ todas as aulas amanhã

a) à – a – a - à

b) na – na – à - a
c) à – à – à - a
d) há – na – à – à

55) Não devemos atribuir ___ ciência ___ responsabilidade pelas páginas ruins que a humanidade venha ___ escrever:
a) à – a - a
b) a – à – à
c) à – à - a
d) a – à - a

56) A vida comunitária impõe ___ todas as pessoas certas restrições e obriga-nos a submeter ___ nossa vontade pessoal ___ vontade da maioria:
a) a – a - à
b) a – à – à
c) à – à - a
d) à – à - à

57) Preencha s lacunas:
1. Daqui ___ duas hora, dou-lhe isto pronto
2. Isto aconteceu ___ muitos anos
3. Daí ___ dias encontrei-o solto
a) a – há - a
b) à – a – à
c) às – a - há
d) a – a - a

58) Todas ___ Sexta-feira vamos ___ faculdade ___ pé, percorrendo a rua XV de ponta ___ponta:
a) às – à – a - a
b) às – à – à - a
c) às – à – à - à
d) as – à – a - a

59) Em que lacuna empregaríamos crase?
a) Joana esteve, ___ noite, em minha casa
b) Voltei ___ casa muito tarde
c) O tribuno referia-se ___ quaisquer pessoa
d) Estamos na vila ___ vinte anos

60) "Estou ___ seu dispor ___ qualquer hora da tarde, ___ menos que surja algum imprevisto:
a) a – à – à
b) à – à – a
c) à – à – à
d) a – a – a

61) "Estava ___ voltas com um problema, mas planejava, daí ___ pouco, ir ___ casa do comendador:
a) às – à - à
b) às – à - a
c) as - a - à
d) às – a – à

62) "As questões apresentadas ___ alunas do terceiro ano eram semelhantes ___ que enviamos ___ se
a) às – às - a
b) às – às - à
c) às – as - à
d) as – as – à

63) "Resistirei ___ pressão, pois estou prestes ___ transferir-me e devo evitar aborrecimentos ___ que confiaram em mim:
a) à – a – às
b) a – à - às
c) à – à - às
d) a – a- às

64) Foi ___ conselho de amigos que se dirigiu ___ esse médico de quem ___ muito ouvira falar:
a) à – à - há
b) a – a - à

c) a – à – à
d) a – a - há

Respostas Sobre Crase

01) C
02) C
03) I
04) C
05) C
06) I
07) I
08) I
09) C
10) I
11) C
12) I
13) C
14) C
15) I
16) C
17) C
18) C
19) I
20) I
21) C
22) I
23) C
24) I
25) C
26) I
27) I
28) I
29) C
30) C
31) C
32) C
33) I
34) I
35) B
36) C
37) A
38) B
39) A
40) C
41) D
42) D
43) C
44) D
45) D
46) B
47) A
48) B
49) D
50) A
51) A
52) D
53) B
54) C
55) A
56) A
57) A
58) D
59) A
60) D
61) D
62) B
63) A
64) D

Problemas Gerais da Língua Culta

A intenção desta parte é fixar a forma certa de algumas palavras e expressões que sempre trazem dificuldades para o brasileiro em geral.

Emprego de algumas palavras e expressões semelhantes:

1. Que e Quê

***Que** é pronome, conjunção, advérbio ou partícula expletiva.
***Quê** é um substantivo (com o sentido de "alguma coisa"), interjeição (indicando surpresa, espanto) ou pronome em final de frase (imediatamente antes de ponto final, de interrogação ou de exclamação)

Ex. ***Que*** você pretende, tratando-me dessa maneira?
Você pretende o ***quê***?
Quê!? Quase me esqueço do nosso encontro.

2. Mas e Mais

*** Mas** é uma conjunção adversativa, de mesmo valor que "porém, contudo, todavia, no entanto, entretanto".
*** Mais** é um advérbio de intensidade, mas também pode dar idéia de adição, acréscimo; tem sentido oposto a ***menos***.

Ex. Eu iria ao cinema, ***mas(porém)*** não tenho dinheiro.
Ela é a ***mais*** (menos) bonita da escola.

3. Onde, Aonde e Donde

*** Onde** significa "em que lugar".
*** Aonde** significa "a que lugar".
*** Donde** significa "de que lugar".

Ex. ***Onde*** (em que lugar) você colocou minha carteira?

Aonde (a que lugar) você vai, menina?
Donde (de que lugar) tu vieste?

4. Mal e Mau

* **Mal** é advérbio, antônimo de "bem".
* **Mau** é adjetivo, antônimo de "bom"

Ex. Ele é um homem ***mau*** (não é bom); só pratica o ***mal*** (e não o bem).
* **Mal** também é substantivo, podendo significar "doença, moléstia, aquilo que é prejudicial ou nocivo"

Ex. O ***mal*** da sociedade moderna é a violência urbana.

5. A par e Ao par

* **A par** é usado, no sentido de "estar bem informado", ter conhecimento".
* **Ao par** só é usado para indicar equivalência entre valores cambiais.

Ex. Estou ***a par*** de todos os acontecimentos.
O real está ***ao par*** do dólar.

6. Ao encontro de e De encontro a

* **Ao encontro de** indica "ser favorável a", "ter posição convergente" ou "aproximar-se de".
* **De encontro a** indica oposição, choque, colisão.

Ex. Suas idéias vêm ***ao encontro d***as minhas, mas suas ações vão ***de encontro a***o nosso acordo. (Suas idéias são tais quais as minhas, mas suas ações são contrárias ao nosso acordo)

7. Há e A na expressão de tempo

* **Há** é usado para indicar tempo decorrido.
* **A** é usado para indicar tempo futuro.

Ex. Ele partiu ***há*** duas semanas.
Estamos ***a*** dois dias das eleições.

8. Acerca de, A cerca de e Há cerca de

* **Acerca de** é locução prepositiva equivalente a "sobre, a respeito de".
* **A cerca de** indica aproximação.
* **Há cerca de** indica tempo decorrido.

Ex. Estávamos falando ***acerca de*** política.
Moro ***a cerca de*** 2 Km daqui.
Estamos rompidos ***há cerca de*** dois meses.

9. Afim e A fim de

* **Afim** é adjetivo equivalente a "igual, semelhante".
* **A fim de** é locução prepositiva que indica finalidade.

Ex. Nós temos vontades ***afins***.
Ela veio ***a fim de*** estudar seriamente.

10. Senão e Se não

* **Senão** significa "caso contrário, a não ser".
* **Se não** ocorre em orações subordinadas adverbiais condicionais; equivale a "caso não".

Ex. Nada fazia ***senão*** reclamar.
Estude bastante, ***senão*** não sairá sábado à noite.
Se não estudar, não sairá sábado à noite.

11. Nós viemos e Nós vimos

* **Nós viemos** é o verbo ***vir*** no pretérito perfeito do indicativo, ou seja, no passado.

*** Nós vimos** é o verbo ***vir*** no presente do indicativo.

Ex. Ontem, nós ***viemos*** procurá-lo, mas você não estava.
Nós ***vimos*** aqui, agora, para conversar sobre nossos problemas.

12. Torcer por e Torcer para

*** Torcer por**, pois o verbo torcer exige esta preposição.
*** Torcer para** é usado, quando houver indicação de finalidade, equivalente a "para que", "a fim de que".

Ex. ***Torço pelo*** Santos.
Torço para que o Santos seja o campeão.

13. Desencargo e Descargo

*** Desencargo** significa "desobrigação de um encargo, de um trabalho, de uma responsabilidade".
*** Descargo** significa "alívio".

Ex. Filho que se forma é mais um ***desencargo*** de família para o pai.
Devolvi o dinheiro por ***descargo*** de consciência.

14. Sentar-se na mesa e Sentar-se à mesa

*** Sentar-se na mesa** significa sentar-se sobre a mesa.
*** Sentar-se à mesa** significa sentar-se defronte à mesa. O mesmo ocorre com "**estar ao computador, ao telefone, ao portão, à janela ...**

Ex. *Sentei-me a*o computador para trabalhar.
Sentei-me na mesa, pois não encontrei cadeira alguma.

15. Tilintar e tiritar

*** Tilintar** significa "soar".
*** Tiritar** significa "tremer de frio ou de medo".

Ex. A campainha ***tilintava*** sem parar.
O rapaz ***tiritava*** de frio.

16. Ao invés de e Em vez de

*** Ao invés de** indica "oposição, situação contrária".
*** Em vez de** indica "substituição, simples troca".

Ex. ***Em vez de*** ir ao cinema, fui ao teatro.
Descemos, ***ao invés de*** subir.

17. Estadia e Estada

*** Estadia** é usado para veículos em geral.
*** Estada** é usado para pessoas.

Ex. Foi curta minha ***estada*** na cidade.
Paguei a ***estadia*** de meu automóvel.

18. A domicílio e Em domicílio

*** A domicílio** só se usa quando dá idéia de movimento.
*** Em domicílio** se usa sem idéia de movimento.

Ex. Enviarei ***a domicílio*** seus documentos.
Fazemos entregas ***em domicílio***
Levaram ***a domicílio*** as compras.
Damos aulas particulares ***em domicílio***.

19. Estágio e Estádio

*** Estágio** é preparação (profissional, escolar ..).

* **Estádio** significa "época, fase, período".

Ex. Estou no primeiro ano de ***estágio*** na empresa.
Naquela época o país passava por um ***estádio*** de euforia.

20. Perca e Perda

* **Perca** é verbo.
* **Perda** é substantivo.

Ex. _ Não ***perca*** a paciência, pois essa ***perda*** de gols não se repetirá, disse o jogador ao técnico.

21. Despercebido e Desapercebido

* **Despercebido** significa "sem atenção".
* **Desapercebido** significa "desprovido, desprevenido".

Ex. O fato passou-me totalmente ***despercebido***.
Ele estava ***desapercebido*** de dinheiro.

22. Escutar e Ouvir

* **Escutar** significa "estar atento para ouvir".
* **Ouvir** significa "perceber pelo sentido da audição".

Ex. ***Escutou***, a tarde toda, as reclamações da esposa.
Ao ***ouvir*** aquele som estranho, saiu em disparada.

23. Olhar e Ver

* **Olhar** significa "estar atento para ver".
* **Ver** significa "perceber pela visão".

Ex. Quando ***olhou*** para o lado, nada ***viu***, pois ele saíra de lá.

24. Haja vista e Hajam vista

* **Haja vista** pode-se usar, havendo ou não a preposição ***a*** à frente, estando o substantivo posterior no singular ou no plural.
* **Hajam vista** pode-se usar, quando não houver a preposição ***a*** à frente e quando o substantivo posterior estiver no plural.

Ex. Haja vista aos problemas.
Haja vista os problemas.
Hajam vista os problemas.

Período Composto

Período composto é aquele formado por duas ou mais orações. Há dois tipos de períodos compostos:

1) Período composto por coordenação

Quando as orações não mantêm relação sintática entre si, ou seja, quando o período é formado por orações sintaticamente independentes entre si.
Ex. Estive à sua procura, mas não o encontrei.

2) Período composto por subordinação

Quando uma oração, chamada subordinada, mantém relação sintática com outra, chamada principal.
Ex. Sabemos ***que eles estudam muito.*** (oração que funciona como objeto direto)

Período Composto por Subordinação

A uma oração principal podem relacionar-se sintaticamente três tipos de orações subordinadas: **substantivas, adjetivas** e **adverbiais.**

I. Orações Subordinadas Substantivas

São seis as orações subordinadas substantivas, que são iniciadas por uma conjunção subordinativa integrante (que, se)

A) Subjetiva: funciona como sujeito da oração principal.
Existem três estruturas de oração principal que se usam com subordinada substantiva subjetiva:
verbo de ligação + predicativo + oração subordinada substantiva subjetiva.

Ex. É necessário ***que façamos nossos deveres***.
verbo unipessoal + oração subordinada substantiva subjetiva.
Verbo unipessoal só é usado na 3ª pessoa do singular; os mais comuns são ***convir, constar, parecer, importar, interessar, suceder, acontecer***.
Ex. Convém ***que façamos nossos deveres***.
verbo na voz passiva + oração subordinada substantiva subjetiva.
Ex. Foi afirmado ***que você subornou o guarda***.

B) Objetiva Direta: funciona como objeto direto da oração principal.
(sujeito) + VTD + oração subordinada substantiva objetiva direta.
Ex. Todos desejamos ***que seu futuro seja brilhante***.

C) Objetiva Indireta: funciona como objeto indireto da oração principal.
(sujeito) + VTI + prep. + oração subordinada substantiva objetiva indireta.
Ex. Lembro-me de ***que tu me amavas***.

D) Completiva Nominal: funciona como complemento nominal de um termo da oração principal.
(sujeito) + verbo + termo intransitivo + prep. + oração subordinada substantiva completiva nominal.

Ex. Tenho necessidade de ***que me elogiem***.

E) Apositiva: funciona como aposto da oração principal; em geral, a oração subordinada substantiva apositiva vem após dois pontos, ou mais raramente, entre vírgulas.
oração principal + **:** + oração subordinada substantiva apositiva.

Ex. Todos querem o mesmo destino: ***que atinjamos a felicidade***.

F) Predicativa: funciona como predicativo do sujeito do verbo de ligação da oração principal.
(sujeito) + VL + oração subordinada substantiva predicativa.

Ex. A verdade é ***que nunca nos satisfazemos com nossas posses***.
Nota: As subordinadas substantivas podem vir introduzidas por outras palavras:
Pronomes interrogativos (quem, que, qual...)
Advérbios interrogativos (onde, como, quando...)
Perguntou-se ***quando ele chegaria***.
Não sei ***onde coloquei minha carteira***.

II. Orações Subordinadas Adjetivas

As orações subordinadas adjetivas são sempre iniciadas por um pronome relativo. São duas as orações subordinadas adjetivas:
A) Restritiva: é aquela que limita, restringe o sentido do substantivo ou pronome a que se refere. A restritiva funciona como adjunto adnominal de um termo da oração principal e não pode ser isolada por vírgulas.

Ex. A garota com ***quem simpatizei*** está à sua procura.
Os alunos ***cujas redações foram escolhidas*** receberão um prêmio.

B) Explicativa: serve para esclarecer melhor o sentido de um substantivo, explicando mais detalhadamente uma característica geral e própria desse nome. A explicativa funciona como aposto explicativo e é sempre isolada por vírgulas.

Ex. Londrina, ***que é a terceira cidade do região Sul do país***, está muito bem cuidada.

III. Orações Subordinadas Adverbiais

São nove as orações subordinadas adverbiais, que são iniciadas por uma conjunção subordinativa

A) Causal: funciona como adjunto adverbial de causa.
Conjunções: porque, porquanto, visto que, já que, uma vez que, como, que.

Ex. Saímos rapidamente, ***visto que estava armando um tremendo temporal***.

B) Comparativa: funciona como adjunto adverbial de comparação. Geralmente, o verbo fica subentendido
Conjunções: (mais) ... que, (menos)... que, (tão)... quanto, como.

Ex. Diocresildo era mais esforçado ***que o irmão***(era).

C) Concessiva: funciona como adjunto adverbial de concessão.
Conjunções: embora, conquanto, inobstante, não obstante, apesar de que, se bem que, mesmo que, posto que, ainda que, em que pese.

Ex. Todos se retiraram, ***apesar de não terem terminado a prova***.

D) Condicional: funciona como adjunto adverbial de condição.
Conjunções: se, a menos que, desde que, caso, contanto que.

Ex. Você terá um futuro brilhante, ***desde que se esforce***.

E) Conformativa: funciona como adjunto adverbial de conformidade.
Conjunções: como, conforme, segundo.

Ex. Construímos nossa casa, ***conforme as especificações dadas pela Prefeitura***.

F) Consecutiva: funciona como adjunto adverbial de conseqüência.
Conjunções: (tão)... que, (tanto)... que, (tamanho)... que.

Ex. Ele fala tão alto, ***que não precisa do microfone***.

G) Temporal: funciona como adjunto adverbial de tempo.
Conjunções: quando, enquanto, sempre que, assim que, desde que, logo que, mal.

Ex. Fico triste, ***sempre que vou à casa de Juvenildo***.

H) Final: funciona como adjunto adverbial de finalidade.
Conjunções: a fim de que, para que, porque.

Ex. Ele não precisa do microfone, ***para que todos o ouçam***.

I) Proporcional: funciona como adjunto adverbial de proporção.
Conjunções: à proporção que, à medida que, tanto mais.
À medida que o tempo passa, mais experientes ficamos.

IV. Orações Reduzidas

Quando uma oração subordinada se apresenta **sem conjunção ou pronome relativo** e com o **verbo no infinitivo**, **no particípio** ou **no gerúndio**, dizemos que ela é uma **oração reduzida**, acrescentando-lhe o nome **de infinitivo**, **de particípio** ou **de gerúndio**.

Ex. Ele não precisa de microfone, ***para o ouvirem***.

Período Composto por Coordenação

Um período composto por coordenação é formado por orações coordenadas, que são orações independentes sintaticamente, ou seja, não há qualquer relação sintática entre as orações do período.
Há dois tipos de orações coordenadas:

1. Orações Coordenadas Assindéticas

São as orações não iniciadas por conjunção coordenativa.

Ex. Chegamos a casa, tiramos a roupa, banhamo-nos, fomos deitar.

2. Orações Coordenadas Sindéticas

São cinco as orações coordenadas, que são iniciadas por uma conjunção coordenativa.

A) Aditiva: Exprime uma relação de soma, de adição.
Conjunções: e, nem, mas também, mas ainda.

Ex. Não só reclamava da escola, ***mas também atenazava os colegas***.

B) Adversativa: exprime uma idéia contrária à da outra oração, uma oposição.
Conjunções: mas, porém, todavia, no entanto, entretanto, contudo.

Ex. Sempre foi muito estudioso, ***no entanto não se adaptava à nova escola***.

C) Alternativa: Exprime idéia de opção, de escolha, de alternância.
Conjunções: ou, ou...ou, ora... ora, quer... quer.
Estude, ***ou não sairá nesse sábado***.

D) Conclusiva: Exprime uma conclusão da idéia contida na outra oração.
Conjunções: logo, portanto, por isso, por conseguinte, pois - após o verbo ou entre vírgulas.

Ex. Estudou como nunca fizera antes, ***por isso conseguiu a aprovação***.

E) Explicativa: Exprime uma explicação.
Conjunções: porque, que, pois - antes do verbo.

Ex. Conseguiu a aprovação, ***pois estudou como nunca fizera antes***.

EXERCÍCIOS

1- Na frase " Maria do Carmo tinha certeza de que estava para ser mãe" a oração em destaque é :
a) Subordinada substantiva objetiva indireta
b) Subordinada substantiva completiva nominal.
c) Subordinada substantiva predicativa.
d) Coordenada sindética conclusiva
e) Coordenada sindética explicativa

2- Qual o período em que há oração subordinada substantiva predicativa ?
a) Meu desejo é que você passe nos exames vestibulares.
b) Sou favorável a que o aprovem.
c) Desejo-te isto que sejas feliz.
d) O aluno que estuda consegue superar as dificuldades do vestibular.
e) Lembre-se de que tudo passa neste mundo.

3- Marque a opção que contém oração subordinada substantiva completiva nominal:
a) "Tanto eu como Pascoal tínhamos preço de que o patrão topasse Pedro Barqueiro nas ruas da cidade"
b) " Era preciso que ninguém desconfiasse do nosso conluio para prendermos o Pedro Barqueiro."
c) "Para encurtar a história patrãozinho achamos Pedro Barqueiro no rancho que só tinha três divisões a sala, o quarto dele e a cozinha."
d) " Quando chegamos, Pedro estava no terreiro debulhando milho que havia colhido em sua rocinha ali perto "
e) "Pascoal me fez um sinalzinho, eu dei a volta e entrei pela porta do fundo para agarrar o Barqueiro pelas costas"

4- As orações subordinadas substantivas que aparecem nos períodos abaixo são todas subjetivas exceto:
a) Decidiu-se que o período subiria de preço.
b) É muito bom que o homem vez por outra reflita sobre sua vida.
c) Ignoras quanto custou meu relógio?
d) Perguntou-se ao diretor quando seríamos recebidos.
e) Convinha-nos que você estivesse presente à reunião.

5- Na frase " Argumentei que não é justo que o padeiro ganhe festas" as orações introduzidas pela conjunção que são respectivamente :
a) Ambas subordinadas substantivas objetivas diretas
b) Ambas subordinadas subjetivas
c) Subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva subjetiva.
d) Subordinada objetiva direta e coordenada assindética .
e) Subordinada substantiva objetiva e subordinada substantiva predicativa.

6- Em " É possível que comunicassem sobre política" a segunda oração é :
a) Subordinada substantiva subjetiva.
b) Subordinada adverbial predicativa.
c) Subordinada substantiva predicativa
d) Principal
e) Subordinada substantiva objetiva direta.

7- A palavra se é conjunção subordinativa integrante (introduzindo oração subordinada substantiva objetiva direta) em qual das orações seguintes?
a) Ele se morria de ciúmes pelo patrão.
b) A Federação arroga-se o direito de cancelar o jogo.
c) O aluno fez-se passar por doutor.
d) Precisa-se de pedreiros.
e) Não sei se o vinho está bom.

8- " As cunnãs tinham ensinado para ele que o sagüi-açu não era sagüim não, chamava elevador e era uma máquina ."
Em relação à oração não destacada as orações em destaque são respectivamente :
a) Subordinada substantiva objetiva direta coordenada assindética coordenada sindética aditiva.
b) Subordinada adjetiva restritiva coordenada assindética -coordenada sindética aditiva.
c) Subordinada substantiva objetiva direta subordinada substantiva objetiva direta coordenada sindética aditiva.
d) Subordinada substantiva objetiva direta subordinada substantiva objetiva direta
e) Subordinada substantiva subjetiva coordenada assindética coordenada sindética aditiva.

9- " Se ele confessou , não sei." A oração destacada é:
a) Subordinada adverbial temporal
b) Subordinada substantiva objetiva direta
c) Subordinada substantiva objetiva indireta
d) Subordinada substantiva supletiva
e) Subordinada substantiva predicativa

10- " A verdade é que a gente não sabia nada"
Classifica -se a segunda oração como:
a) Subordinada substantiva objetiva direta
b) Subordinada adverbial conformativa
c) Subordinada substantiva objetiva indireta
d) Subordinada substantiva predicativa
e) Subordinada substantiva apositiva.

11- Leia atentamente a frase:
" O presidente comunicou ao Ministro do Planejamento e ao Ministro da Indústria e Comércio, que não haverá expediente na Segunda-feira próxima." Nesta frase a vírgula está separando erroneamente a oração principal e a oração:
a) Subordinada substantiva objetiva indireta
b) Subordinada adverbial temporal
c) Coordenada Sindética adversativa
d) Subordinada substantiva objetiva direta
e) Subordinada substantiva assindética modal.

12- Em " Queria que me ajudasses. "
O trecho destacado pode ser substituído por:
a) a sua ajuda
b) a vossa ajuda
c) a ajuda de você
d) a ajuda deles
e) a tua ajuda.

13- " Lembro-me de que ele só usava camisas brancas."
A oração destacada é:
a) Subordinada substantiva completiva nominal
b) Subordinada substantiva objetiva indireta
c) Subordinada substantiva predicativa
d) Subordina substantiva subjetiva.
e) Subordinada substantiva objetiva direta

Respostas

1- B
2- A
3- A
4- C
5- C
6- A
7- E
8- A
9- B
10-D
11-A
12-E
13- **C**

Pontuação

Vírgula (,)

Emprego da vírgula no período simples

quando se trata de separar termos de uma mesma oração, deve-se usar a vírgula nos seguintes casos:

1. **Para isolar adjuntos adverbiais deslocados**:
Ex. A maioria dos alunos, ***durante as férias***, viajam.

2. **Para isolar os objetos pleonásticos**:
Ex. ***Os meus amigos***, sempre os respeito.

3. **Para isolar o aposto explicativo:**
Ex. Londrina, ***a terceira cidade do Sul do Brasil***, é aprazibilíssima.

4. **Para isolar o vocativo:**
Ex. ***Alberto***! Traga minhas calças até aqui!

5. **para separar elementos coordenados:**
Ex. ***As crianças, os pais, os professores*** e os diretores irão ao convescote.

6. **Para indicar a elipse do verbo:**
Ex. Ela prefere filmes românticos; o namorado, de aventura. (o namorado prefere filmes de aventura)

7. **Para separar, nas datas, o lugar:**
Ex. Londrina, 20 de novembro de 1996.

8. **Para isolar conjunção coordenativa intercalada:**
Ex. Os candidatos***, porém,*** não respeitaram a lei.

9. **Para isolar as expressões explicativas *isto é, a saber, melhor dizendo, quer dizer...***
Ex. Irei para Águas de Santa Brárbara***, melhor dizendo,*** Bárbara.

Emprego da vírgula no período composto

Período composto por coordenação: as orações coordenadas devem sempre ser separadas por vírgula.
Ex. Todos gostamos de seus projetos, no entanto não há verbas para viabilizá-los
Nota: as orações coordenadas aditivas iniciadas pela conjunção **e** só terão vírgula, quando os sujeitos forem diferentes e quando o **e** aparecer repetido.
Ex. Ela irá no primeiro avião, e seus filhos no próximo.
Ele gritava, e pulava, e gesticulava como um louco.

Período composto por subordinação

Orações subordinadas substantivas: não se separam por vírgula.
Ex. É evidente que o culpado é o mordomo.

Orações subordinadas adjetivas: só a explicativa é separada por vírgula.
Ex. Londrina, que é a terceira cidade do Sul do Brasil, é aprazibilíssima.

Orações subordinadas adverbiais: sempre se separam por vírgula.
Ex. Assim que chegarem as encomendas, começaremos a trabalhar.

Ponto-e-vírgula (;)

O ponto-e-vírgula indica uma pausa um pouco mais longa que a vírgula e um pouco mais breve que o ponto.

O emprego do ponto-e-vírgula depende muito do contexto em que ele aparece.
Podem-se seguir as seguintes orientações para empregar o ponto-e-vírgula:

Para separar duas orações coordenadas que já contenham vírgulas:

Ex. Estive a pensar, durante toda a noite, em Diana, minha antiga namorada; no entanto, desde o último verão, estamos sem nos ver.

Para separar duas orações coordenadas, quando elas são longas:
Ex. O diretor e a coordenadora já avisaram a todos os alunos que não serão permitidas brincadeiras durante o intervalo nos corredores; porém alguns alunos ignoram essa ordem.

Para separar enumeração após dois pontos:
Ex. Os alunos devem respeitar as seguintes regras:
- não fumar dentro do colégio;
- não fazer algazarras na hora do intervalo;
- respeitar os funcionários e os colegas;
- trazer sempre o material escolar.

Dois-pontos (:)

Deve-se empregar esse sinal:

Para iniciar uma enumeração:
Ex. Compramos para a casa o seguinte: mesa, cadeiras, tapetes e sofás.

Para introduzir a fala de uma personagem:
Ex. Sempre que o professor Luís entra em sala-de-aula diz:
__ Essa moleza vai acabar!

Para esclarecer ou concluir algo que já foi dito:
Ex. Essa moleza vai acabar!: essas são as palavras do professor Luís.

Reticências (...)

As reticências são empregadas:

Para indicar uma certa indecisão, surpresa ou dúvida na fala da personagem:
Ex. João Antônio! Diga-me... você... me traiu?

Para indicar que, num diálogo, a fala de uma personagem foi interrompida pela fala da outra:
Ex. __ Como todos já deram sua opinião...
__ Um momento, presidente, ainda tenho um assunto a tratar.

Para sugerir ao leitor que complete o raciocínio contido na frase:
Ex. Durante o ano ficou claro que o aluno que não atingisse 150 pontos seria reprovado; você atingiu 145, portanto...

Para indicar, numa citação, que certos trechos do texto foram exclusos:
Ex. "No momento em que a tia foi pagar a conta, Joana pegou o livro..." (Clarice Lispector)

Exercícios

Código:

01) palavra repetida
02) termos antepostos (quando repetidos pleonasticamente)
03) adjunto adverbial deslocado
04) oração coordenada assindética
05) orações coord. sind. aditivas com sujeitos diferentes;
06) oração interferente
07) vocativo
08) conjunção deslocada
09) oração subordinada adjetiva explicativa
10) zeugma
11) aposto
12) predicativo
13) expressão explicativa, conclusiva, retificativa, enfática...
14) termo coordenados
15) data
16) oração coordenada sindética

17) polissíndeto
18) oração subordinada adverbial deslocada
19) idéias paralelas dos provérbios

01) (   ) Possuía lavouras de trigo linho arroz e soja
02) (   ) Roda meu carro que é curto o caminho
03) (   ) Bem-vindo sejas aos campos do tabajaras senhores da aldeia
04) (   ) O aluno enlouquecido queria decorar toda as regras
05) (   ) Em suma o concurso foi fraco e as vagas poucas
06) (   ) O coitadinho era feio feio...
07) (   ) Vitória 10 de março de 1999
08) (   ) Ganhamos pouco; devemos portanto economizar
09) (   ) O dinheiro nós o trazíamos preso ao corpo
10) (   ) Amanhã de manhã o Presidente viajará para a Bósnia
11) (   ) Ele fez o mar e o céu e a terra e tudo quanto há neles
12) (   ) Casa de ferreiro espeto de pau
13) (   ) A mocinha olhou sorriu e piscou os olhinhos e entrou
14) (   ) A noite não acabava e a insônia a encompridou mais ainda
15) (   ) O sinal estava fechado porém os carros não pararam
16) (   ) Quanto mais se agitava mais preso à rede ficava
17) (   ) A riqueza que é flor belíssima causa luto e tristeza
18) (   ) Venham gritavam as crianças ver nossos brinquedos
19) (   ) Uns diziam que se matou; outros que fora para Goiás

20) Assinale a letra que corresponde ao único período de pontuação correta
a) Pouco depois, quando chegaram, outras pessoas a reunião ficou mais animada
b) Pouco depois quando chagaram outras pessoas a reunião ficou mais animada
c) Pouco depois, quando chegaram outras pessoa, a reunião ficou mais animada
d) Pouco depois quando chegaram outras pessoas, a reunião ficou mais animada

21) Idem ao anterior:
a) Precisando de mim, procure-me; ou melhor, telefone, que eu venho
b) Precisando de mim procure-me; ou melhor telefone, que eu venho
c) Precisando de mim procure-me, ou, telefone, melhor que eu venho
d) Precisando, de mim, telefone-me, ou melhor, procure-me que eu venho

22) Assinale a pontuação errada:
a) Falei com ele com tanta segurança, que nem discordou de mim.
b) Porque falei com ela, para mim não há mais dúvidas
c) Falei com ela que eu, estaria aqui cedo hoje se tudo corresse bem
d) Falei ao chefe que, se o plano corresse bem, estaríamos salvos

23) Dadas as sentenças:
1. Quase todos os habitantes daquela região pantanosa e afastada da civilização morrem de malária
2. Pedra, que rola, não cria limo
3. Muitas pessoas observavam com interesse, o eclipse solar
- Deduzimos que:

a) apenas a nº 1 está correta
b) apenas a nº 2 está correta
c) apenas a nº 3 está correta
d) todas estão corretas

Para as questões de 24 a 36, assinale o único item correto em relação à pontuação:

24) Correto:
a) Não nego que, ao avistar, a cidade natal tive uma boa sensação
b) Não nego, que ao avistar a cidade natal tive, uma boa sensação
c) Não nego; que ao avistar a cidade natal, tive uma boa sensação
d) Todos estão incorretos

25) Correto:
a) Os rapazes continuaram a bradar e a rir, e, Rubião foi andando, com o mesmo coro atrás de si
b) Os rapazes continuaram a bradar, e a rir, e Rubião foi andando, com o mesmo coro, atrás de si
c) Os rapazes continuaram a bradar e a rir, e Rubião foi andando com o mesmo coro atrás de si
d) Todos estão incorretos

26) Correto:
a) A dor suspendeu por um pouco, as tenazes; um sorriso alumiou o rosto da enferma, sobre o qual, a morte batia a asa eterna
b) A dor suspendeu por um pouco as tenazes; um sorriso alumiou o rosto da enferma, sobre o qual a morte batia a asa eterna
c) A dor suspendeu por um pouco, as tenazes, um sorriso alumiou o rosto da enferma; sobre o qual a morte batia a asa eterna
d) Todos estão corretos

27) Correto:
a) Longa, foi a agonia longa e cruel, de uma crueldade minuciosa, fria, repisada; que me encheu de dor e estupefação. Era a primeira vez, que eu via morrer alguém
b) Longa foi a agonia, longa e cruel, de uma crueldade minuciosa; fria; repisada; que me encheu de dor e estupefação. Era a primeira vez que eu via morrer alguém
c) Longa foi a agonia, longa e cruel, de uma crueldade minuciosa, fria, repisada, que me encheu de dor e estupefação. Era a primeira vez que eu via morrer alguém
d) Todas estão incorretas

28) Correto:
a) Chegando à vila, tive a má notícia do coronel. Era homem insuportável, estúrdio, exigente, ninguém o aturava, nem os próprios amigos
b) Chegando à vila tive más notícias do coronel,. Era homem insuportável, estúrdio, exigente, ninguém o aturava, nem os próprios amigos
c) Chegando à vila, tive más notícias do coronel. Era homem insuportável; estúrdio; exigente; ninguém o aturava; nem os próprios amigos
d) Todos estão corretos

29) Assinale o item correto:
a) Ouvimos passos no corredor, era D. Fortunata. Capitu compôs-se depressa; tão depressa que, quando a mãe apontou à porta, ela abanava a cabeça e ria
b) Ouvimos passos no corredor; era D. Fortunata. Capitu, compôs-se depressa, tão depressa, que quando a mãe apontou à porta, ela abanava a cabeça e ria
c) Ouvimos passos no corredor; era D. Fortunata. Capitu compôs-se depressa, tão depressa que: quando a mãe apontou à porta, ela abanava a cabeça e ria
d) Todos estão corretos.

30) Assinale o item correto:
a) Começou porém, um resumo. No fim de dez minutos, a comadre não entendia nada, tão desconcertados eram os fatos e os conceitos; mais cinco minutos; entrou a sentir medo
b) Começou, porém, um resumo. No fim de dez minutos, a comadre não entendia nada, tão desconcertados eram os fatos e os conceitos; mais cinco minutos, entrou a sentir medo
c) Começou, porém, um resumo. No fim, de dez minutos, a comadre não entendia nada; tão desconcertados eram os fatos e os conceitos, mais cinco minutos, entrou, a sentir medo
d) Todos estão incorretos

31) Assinale o item correto:
a) A cara, ficou séria porque a morte é séria,; dois minutos de agonia, um trejeito horrível, e estava assinada a abdicação
b) A cara ficou séria: porque a morte é séria; dois minutos de agonia, um trejeito horrível, e estava assinada a abdicação
c) A cara ficou séria, porque a morte é séria; dois minutos de agonia, um trejeito horrível, e estava assinada a abdicação
d) Todos estão corretos

32) Assinale o item incorreto:
a) Tudo era matéria às curiosidades de Capitu. Caso houve, porém, no qual não sei se aprendeu ou ensinou, ou se fez ambas as coisas, como eu.
b) Tudo era matéria às curiosidades de Capitu. Caso houve, porém, no qual não sei se aprendeu, ou ensinou, ou se fez ambas as coisas como eu.
c) Tudo era matéria às curiosidades de Capitu. Caso houve porém, no qual não sei, se aprendeu ou ensinou, ou se fez ambas as coisas como eu.
d) Todos estão incorretos

33) Assinale o item correto:
a) A primeira idéia foi retirar-me logo cedo, a pretexto de ter meu irmão doente; e, na verdade, recebera carta dele, alguns dias antes, dizendo-me que se sentia mal.

b) A primeira idéia foi retirar-me, logo cedo, a pretexto de ter meu irmão doente; e na verdade recebera carta dele, alguns dias antes, dizendo-me, que se sentia mal.
c) A primeira idéia, foi retirar-me logo cedo, a pretexto de ter meu irmão doente, e, na verdade recebera carta dele, alguns dias antes, dizendo-me que se sentia mal.
d) Todos estão incorretos

Para as questões de 983 a 985, assinale o item correto em relação ao emprego dos sinais de pontuação.

34) Correto:
a) Um jornal, é lido por muita gente, em muitos lugares; o que ele diz precisa interessar, se não a todos, pelo menos a certo número de pessoas.
b) Um jornal é lido por muita gente em muitos lugares, o que ele diz, precisa interessar se não a todos pelo menos a certo número de pessoas.
c) Um jornal é lido por muita gente, em muitos lugares; o que ele diz precisa interessar, se não a todos, pelo menos a certo número de pessoas.
d) Todos estão incorretos

35) Está correto:
a) Salta o primeiro espirro mais outro; outro mais, com a picada leve na garganta, e corre à farmácia, para tomar a injeção antigripal; que o mantenha de pé, pois você, como São Paulo, não pode parar
b) Salta o primeiro espirro, mais outro; outro mais, com a picada leve na garganta, e corre à farmácia para tomar a injeção antigripal que o mantenha de pé, pois você, como São Paulo, não pode parar
c) Salta o primeiro espirro, mais outro; outro mais; com a picada leve na garganta e você corre à farmácia, para tomar a injeção antigripal, que o mantenha de pé, pois você, como São Paulo, não pode parar
d) Todos estão incorretos

36) Assinale o item correto:
a) As mães ensinam que é feio escutar conversa dos outros; mas, com os coletivos entupidos de gente, somos forçados a isso; e acabamos nos interessando, pelo que não é de nossa conta
b) As mães ensinam, que é feio escutar conversa de outros; mas com os coletivos entupidos de gente, somos forçados a isso, e acabamos nos interessando pelo que não é de nossa conta
c) As mães ensinam que é feio escutar conversa de outros; mas, com os coletivos entupidos de gente, somos forçados a isso, e acabamos nos interessando pelo que não é de nossa conta
d) Todos estão corretos

37) Em um dos períodos abaixo, há uma vírgula usada erradamente no lugar do ponto-e-vírgula. Assinale-o:
a) Avançamos pela praia, que já não era como a outra. Os pés afundavam na arei fofa, canavial não se via, só coqueiro
b) As crianças estavam alvoraçadas e correram para o jardim, o palhaço já tinha chegado e, alegremente, pusera-se a cantar.
c) Às vezes, eu quero chamar sua atenção para esse problema, ele, porém, não permite que se toque no assunto
d) Sempre fiel a seus princípios, o velho indígena recusou a ajuda dos missionários, convocou os guerreiros e decidiram partir dali.

38) Assinale a alternativa em que a Segunda frase não corrige adequadamente a primeira:
a) 1.A Volkswgen do Brasil está concedendo férias coletivas, de vinte dias a funcionários de suas fábricas.
2. A Volkswgen do Brasil está concedendo férias coletivas de vinte dias a funcionários de suas fábricas.
b) 1. A Academia de Artes e Ciências Cinematográfica de Hollywood adiou para hoje à noite, a cerimônia de entrega dos prêmios Oscar
2.A Academia de Artes e Ciências Cinematográfica de Hollywood, adiou para hoje à noite, a cerimônia de entrega dos prêmios Oscar
c) 1. A entidade internacional promove a cada dois anos, um congresso
2.A entidade internacional promove, a cada dois anos, um congresso
d) 1. Os soldados da Polícia Militar da Bahia, voltam hoje aos quartéis.
2.Os soldados da Polícia Militar da Bahia voltam hoje aos quartéis

39) Assinale a alternativa em que a Segunda alternativa esteja corretamente pontuada:
a) 1. Samuel beija a mão da dama com uma elegância perfeita
2. Com uma elegância perfeita, Samuel, beija a mão da dama.
b) 1. Um verdadeiro tesouro foi encontrado no cofre de um banco em Paris.
2. No cofre de um banco em Paris foi encontrado um verdadeiro tesouro
c) 1. O Brasil conseguiu uma Segunda vitória nos bastidores do Mundial
2. O Brasil conseguiu, nos bastidores do Mundial uma Segunda vitória

d) 1. Os estudantes explicaram o motivo do protesto durante a reunião.
2. Durante a reunião, os estudantes explicaram o motivo do protesto

Respostas Sobre Pontuação

01) (14)
02) (07)
03) (11)
04) (12)
05) (13)
06) (01)
07) (15)
08) (08)
09) (02)
10) (03)
11) (17)
12) (19)
13) (04)
14) (05)
15) (16)
16) (18)
17) (09)
18) (06)
19) (10)
20) C
21) A
22) C
23) A
24) D
25) C
26) B
27) C
28) A
29) A
30) B
31) B
32) C
33) A
34) C
35) D
36) C
37) C
38) B
39) D

Estilística

São os recursos utilizados nos textos (principalmente literários) para conferir à mensagem mais impacto, estilo, beleza ou qualquer outro recurso expressivo. Essas figuras são objeto do estudo da Estilística, que é uma subdivisão da Gramática.

São três as figuras de linguagem:
1) **figuras de sintaxe (ou construção);**
2) **figuras de palavras e**
3) **figuras de pensamentos.**

Figuras de sintaxe

a) Elipse

Significa, em gramática, omissão. Essa é a palavra-chave. Quando se omite algum termo ou palavra de um enunciado, tem-se a elipse. Vale lembrar que essa omissão deve ser captada pelo leitor, que pode deduzi-la a partir do contexto, da situação comunicativa.

Exemplos:
Eu vi coisas lindas, realmente emocionantes; ela, coisas abomináveis, terríveis aos seus olhos. [omitiu-se o verbo ver em ela (viu) coisas abomináveis...];

Rico, podia fazer o que quisesse [omitiu-se a oração inteira: (Porque era) rico, podia fazer o que quisesse];

Empreste-me essa folha [omitiu-se de papel: folha (de papel)];

Todos esperamos se faça justiça [omitiu-se a conjunção que: esperamos (que) se faça justiça]

b) Zeugma

É um tipo de elipse. Ocorre zeugma quando duas orações compartilham o termo omitido. Isto é, quando o termo omitido é o mesmo que aparece na oração anterior.

Exemplos:
Na terra dele só havia mato; na minha, só prédios. [...na minha, só (havia) prédios]

Meus primos conheciam todos. Eu, poucos. [Eu (conhecia) poucos]

Observação: quando a flexão do verbo omitido é exatamente a mesma do verbo da oração anterior, tem se a zeugma simples. Quando a flexão é diferente, tem-se a zeugma complexa.

c) Pleonasmo

É a reiteração, a repetição, o reforço de uma idéia já expressa por alguma palavra, termo ou expressão. É reconhecido como figura de sintaxe quando utilizado com fins estilísticos, como a ênfase intencional a

uma idéia; sendo resultado da ignorância ou do descuido do usuário da língua, é considerado como um vício de linguagem (pleonasmo vicioso).

Exemplos:
Vamos sair fora! (se é sair, obviamente é para fora)

Que tal subir lá em cima e tomar um bom vinho? (se é subir, obviamente é para cima)

"Eu nasci há dez mil anos atrás" (se é há, só pode ser atrás)

Essa empresa tem o monopólio exclusivo da banana (se é monopólio, obviamente é exclusivo)

A mim, você não me engana (o verbo enganar tem dois complementos - a mim e me; eis um caso de objeto pleonástico)

Observação: um recurso literário bastante difundido é o epíteto de natureza, que não deve ser considerado como um pleonasmo vicioso. Serve, por fins estilísticos, para reforçar uma característica que já é natural ao ser. Exemplos: céu azul, pedra dura, chuva molhada.

d) Inversão

É, como o próprio nome diz, qualquer inversão da ordem natural de termos num enunciado, a fim de conferir-lhe especiais efeitos e reforços de sentido. Podem-se considerar como tipos de inversão o hipérbato, a anástrofe a prolepse e a sínquise.

Exemplo:
Sua mãe eu nunca conheci (a ordem natural seria Eu nunca conheci sua mãe).

e) Hipérbato

Tipo de inversão que consiste, geralmente, na separação de termos que normalmente apareceriam unidos, por meio da interposição de um elemento interferente, isto é, algo que interfere. Hoje em dia, porém, costuma-se tomar o hipérbato como sinônimo de qualquer tipo de inversão.

Exemplos:
A roupa, você verá, preta que comprei é linda [aqui o núcleo do sujeito (roupa) foi separado de seu adjunto adnominal (preta) por meio de uma oração interferente].

Compraram as mulheres vários presentes para os maridos (aqui houve a simples inversão entre o verbo e o sujeito).

f) Anástrofe

É a inversão entre termo determinante (aquele que determina, constituído de preposição + substantivo) e o determinado, que passa a vir depois do determinante.

Exemplos:
Da igreja estava ela na frente [a ordem natural seria Ela estava na frente da igreja; Da igreja é o termo determinante, que, na anástrofe, veio antes do determinado (frente)]

Aqueles rapazes, sim, por dinheiro são muito ávidos [a ordem natural seria Aqueles rapazes, sim, são muito ávidos por dinheiro; Por dinheiro é o termo determinante, que, na anástrofe, veio antes do determinado (ávido)]

g) Sínquise

Essa palavra vem do grego (sýgchysis) e significa confusão. É a inversão muito violenta na ordem natural dos termos, de modo que a sua compreensão seja seriamente prejudicada. Consiste, segundo alguns autores, em um vício de linguagem, e não em uma figura de sintaxe com fins estilísticos.

Exemplos:
"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas de um povo heróico o brado retumbante" (ordem natural: As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heróico)

Da verdade aquelas pessoas todas muito honestas você pode acreditar que sabiam (ordem natural: Você pode acreditar que todas aquelas pessoas, muito honestas, sabiam da verdade).

h) Prolepse (ou antecipação)

Deslocamento do termo de uma oração para a oração anterior.

Exemplos:
O Ministro do Planejamento dizem que vai pedir demissão [o sujeito da oração vai pedir demissão (o Ministro do Planejamento) foi deslocado para antes da oração principal (dizem)]

Essas frutas parece que não prestam [o sujeito da oração não prestam (Essas frutas) foi deslocado para antes da oração principal (parece)]

i) Assíndeto

Vem do grego, syndeton, que significa conjunção. É a ausência de conjunções coordenativas (aquelas que ligam orações ou termos coordenados, independentes) no encadeamento dos enunciados.

Exemplos:
Ela me olhava, lavava, olhava novamente, espirrava, voltava a trabalhar (não apareceu conjunção alguma para ligar as orações).

Eu nunca tive glória, amores, dinheiro, perdão (não apareceu conjunção alguma para ligar os termos que complementam o verbo ter).

j) Polissíndeto

É o contrário do assíndeto. É a repetição das conjunções coordenativas (principalmente as aditivas e e nem), com o fim de incutir no discurso a noção de movimento, rapidez e ritmo.

Ela me olhava, e lavava, e olhava novamente, e espirrava, e voltava a trabalhar (foi repetida a conjunção coordenativa aditiva e).

Eu nunca tive glória, nem amores, nem dinheiro, nem perdão (foi repetida a conjunção coordenativa aditiva nem).

l) Anacoluto

É a quebra da seqüência sintática de uma frase. É como se o escritor de repente decidisse mudar de idéia, alterando a estrutura e o nexo sintáticos da oração.

Exemplos:
O José, sinceramente parece que ele está ficando louco (perceba que O José deveria ser sujeito de uma oração, mas ficou sem predicado, solto na frase; houve a quebra da seqüência sintática esperada).

Cantar, sei que todos devem cantar (viu como o verbo cantar está sobrando? Parece que o autor decidiu mudar a ordem da oração, sem nos avisar)

Observação: o anacoluto deve ser usado cuidadosamente na linguagem escrita. Exige experiência, estilo e intencionalidade por parte de quem escreve, para que não se confunda com uma confusão mental ou deficiências de estruturação do texto.

m) Silepse

É a concordância que se faz com a idéia, e não com a palavra expressa. É também chamada de concordância ideológica. Há três tipos de silepse: de gênero (a concordância se faz com a idéia feminina ou masculina); de número (a concordância se faz com a idéia singular ou plural); e de pessoa (a concordância se faz com uma pessoa gramatical diferente da expressa pela palavra)

Exemplos:
São Paulo realmente é linda [silepse de gênero - o adjetivo linda ficou no feminino porque concorda com a idéia (a cidade de) São Paulo]

Vossa Excelência pode ficar tranqüilo e calmo [silepse de gênero - os adjetivos tranqüilo e calmo ficaram no masculino porque concordam com a idéia: a pessoa a quem se dirige o pronome de tratamento Vossa excelência é homem]

Os paulistas somos bem tratados no Paraná [silepse de pessoa - o verbo ser concorda com a primeira pessoa do plural (nós), apesar de o sujeito expresso ser Os paulistas (terceira pessoa do plural). Com esse recurso, o emissor da mensagem quis passar a idéia de que ele também é paulista; de que ele se inclui entre os paulistas]

A gente não quer só alimento. Queremos amor e paz [silepse de número - o verbo querer ficou no plural, e seu sujeito oculto (A gente) é singular]

Observação: a principal diferença entre silepse de pessoa e de número é que na de pessoa o emissor da mensagem se inclui no sujeito de terceira pessoa do plural.

n) Repetição

É a repetição de palavras que tem por finalidade exprimir a idéia de insistência, progressão e intensificação. Quando se repetem adjetivos ou advérbios, é uma maneira de se fazer o grau superlativo.

Exemplos:
Aquela moça era linda, linda, linda.

E, enquanto tudo isso acontecia, a garota crescia, crescia.

O sol estava claro, claro; eu mal podia enxergar.

o) Onomatopéia

Consiste na criação de palavras com o intuito de imitar sons ou vozes naturais dos seres. É, na verdade, um dos processos de formação das palavras, que cabe à Morfologia.

Exemplos:
Ouviu o tilintar das moedas (o verbo tilintar imita o som de moedas se entrechocando).

Quando a insultei, slapt! (a palavra slapt imita o ruído provocado por um tapa).

Figuras de palavras

a) Comparação

É a comparação direta de qualificações entre seres, com o uso do conectivo comparativo (como, assim como, bem como, tal qual, etc.).

Exemplos:
Minha irmã é bondosa como um anjo (existe uma relação de qualificações entre a irmã e o anjo; houve, pois, uma comparação, que se estabeleceu por meio do conectivo como)
Age o neto tal quais os avós (existe uma semelhança de ações entre o neto e os avós; houve, pois, uma comparação, que se estabeleceu por meio do conectivo tal quais)

b) Metáfora

Assim como a comparação, consiste numa relação de semelhança de qualificações.
É, porém, mais sutil e exige muita atenção do leitor para ser captada, porque dispensa os conectivos que aparecem na comparação.
É o mecanismo pelo qual se toma "emprestada" a característica de um ser utilizando esse próprio ser como característica.
Cabe ao receptor da mensagem saber qual é a característica em comum dos dois seres. Constitui uma das mais importantes e freqüentes figuras de linguagem, sendo muito utilizada tanto na poesia quanto na prosa.

Exemplos:
Minha irmã é um anjo (existe uma relação de qualificações entre a irmã e o anjo; como não houve um conectivo que estabelecesse a relação comparativa, chama-se a essa comparação mental de metáfora.
A palavra anjo não está sendo utilizada em seu sentido original; foi tomada como uma qualificação.
Cabe ao receptor saber que a característica em comum entre os dois seres é a bondade)
Tenho que viajar muito. São os ossos do ofício (que características em comum têm o ato de viajar muito e os ossos?
É simples: viajar muito é uma das exigências, uma das partes que compõem o trabalho do emissor dessa mensagem; os ossos são algumas das partes que compõem os corpos de alguns seres vivos.
Houve a transferência do sentido de componente, algo necessário, da palavra ossos para o ato de viajar.
Cabe ao receptor decodificar essa transferência)

c) Metonímia

É a utilização de uma palavra por outra.

Essas palavras mantêm-se relacionadas de várias formas:

- O autor pela obra: Você já leu Camões (algum livro de Camões)?

- O efeito pela causa: O rapaz encomendou a própria morte (algo que causaria a sua própria morte)

- O instrumento pela pessoa que dele se utiliza: Júlio sem dúvida é um excelente garfo (Júlio come muito; o garfo é um dos instrumentos utilizados para comer)

- O recipiente (continente) pelo conteúdo: Jonas já bebeu duas garrafas de uísque (ele bebeu, na verdade, o conteúdo de duas garrafas de uísque); Os Estados Unidos assistem ao espetáculo das eleições (as pessoas que moram nos Estados Unidos assistem...)

- O símbolo pela coisa significada: O povo aplaudiu as medidas tomadas pela Coroa (a coroa, nessa acepção, é símbolo da monarquia, do rei).

- O lugar pelo produto: Todos gostam de um bom madeira (o vinho produzido na Ilha de Madeira).

- A parte pelo todo: Havia várias pernas se entreolhando no ônibus (na verdade, eram as pessoas, que têm as pernas, que se entreolhavam).

- O abstrato pelo concreto: A juventude de ontem não pensa como a de antigamente (Os jovens de hoje...)

- O singular pelo plural: O paulista adora trabalhar (Os paulistas...)

- A espécie ou classe pelo indivíduo: "Andai como filhos da luz", recomenda-nos o Apóstolo [referindo-se a São Paulo, que foi um dos apóstolos (espécie, classe)]

- O indivíduo pela espécie ou classe: Camila é, como diz sua tia, uma judas [judas (indivíduo) foi o mais conhecido traidor (espécie, classe) da história]

- A qualidade pela espécie: Os acadêmicos estão reunidos (em vez de os membros da academia...)

- A matéria pelo objeto: Você tem fogo (isqueiro)?

d) Sinestesia

É a figura que proporciona a ilusão de mistura de percepções, mistura de sentidos.

Exemplos:
Você gosta de cheiro-verde [como um cheiro (olfato) pode ser verde (visão)]
Que voz aveludada Renata tem [como um som (audição) pode ser aveludado (tato)].

e) Perífrase (ou antonomásia)

É uma espécie de apelido que se confere aos seres, valorizando algum de seus feitos ou atributos. Ressalte-se que se consideram perífrases somente os "apelidos" de valor expressivo, nacionalmente relevantes e conhecidos.

Exemplos:
Gosto muito da obra do Poeta dos Escravos (antonomásia para Castro Alves).
O Rei do Futebol já fez mais de mil golos (antonomásia para Edson Arantes do Nascimento).
Tu gostas da Terra da Garoa (antonomásia para cidade de São Paulo)?
Eis a terra do ouro verde (antonomásia para café)
Observação: note que somente as antonomásias referentes a nomes próprios têm iniciais maiúsculas.

Figuras de pensamentos

a) Antítese

É a aproximação de palavras ou expressões que exprimem idéias contrárias, adversas.

Exemplos:
E Carlos, jovem de idade e velho de espírito, aproximou-se.
O que sempre foi simples tornou-se complexo.

b) Apóstrofe

É a interpelação inesperada de um ente real ou imaginário que se faz com a interrupção da seqüência do pensamento.

Exemplo:
Sei de minhas condição vil e efêmera.
Sei também de minhas fraquezas. Tu, que queres aqui? (note que a seqüência foi interrompida bruscamente com a evocação de alguém).

Observação: não confundir apóstrofe com apóstrofo, que é o sinal gráfico que indica a supressão de um fonema. Exemplo: Tomei dois copos d'água (o apóstrofo indica que o fonema e foi supresso)

c) Eufemismo

É uma maneira de, por meio de palavras mais polidas, tornar mais suave e sutil uma informação de cunho desagradável e chocante.

Exemplos:
Infelizmente ele se foi (em vez de ele morreu).
A criança nasceu com problemas mentais (em vez de A criança nasceu retardada)

d) Gradação: é a maneira ascendente ou descendente como as idéias podem ser organizadas na frase.

Exemplos:
Jonas, inesperadamente, assustou-se. Depois, gritou, aterrorizou-se e morreu (gradação ascendente, do menor para o maior).
Ela é uma bandida, uma enganadora, uma sem-vergonha (gradação descendente, do maior para o menor).

e) Ironia

Figura que consiste em dizer, com intenções sarcásticas e zombadoras, exatamente o contrário do que se pensa, do que realmente se quer afirmar. Exige, em alguns casos, bastante perícia por parte do receptor (leitor ou ouvinte).

Exemplos:
Olá! Júlio. Como você está em forma (considere-se que Júlio seja um rapaz com mais de 130 quilos)!
Meus parabéns pelo seu serviço (considere-se que o vigia tenha dormido e a empresa tenha sido completamente esvaziada durante um assalto)...

f) Hipérbole

Modo exagerado de exprimir uma idéia.

Exemplos:
Estou morrendo de sede.
Você é a garota mais linda do mundo.

g**) Prosopopéia (ou personificação)**

É a atribuição de características humanas a seres não-humanos.

Exemplos:
O prédio sorria perante os trabalhadores (sorrir é uma atitude humana atribuída a um imóvel, uma edificação).
Depois que o sol me cumprimentou, dirigi-me à cozinha (cumprimentar é uma atitude humana atribuída a um astro).

h) Reticência

É a suspensão de uma idéia ou de um pensamento, deixando a cargo do leitor ou ouvinte a interpretação/inferência do que deveria ou poderia ser mencionado.

Exemplos:
Eu fiz toda a minha tarefa. Carla... bem... ela... (podemos deduzir que Carla não fez a tarefa).

Hoje eu tenho meu arroz e o meu feijão. Amanhã... (podemos deduzir que o emissor da mensagem não tenha certeza de que terá algo para comer amanhã; ou de que será feijão com arroz. A correta inferência dependerá do contexto em que a reticência estiver inserta).

i) Retificação

Consiste em consertar uma afirmação anterior.

Exemplos:
Todos os deputados se reuniram para trabalhar. Ou melhor, para fazer-nos pensar que iriam trabalhar.
Ele, aliás, todos eles me traíram.

Dicas de Gramática

Dicas importantes

1 - POR QUE/PORQUE/POR QUÊ/PORQUÊ

PARA VOCÊ NÃO ERRAR MAIS.

PORQUE = pois ou pelo fato de que

- Eu gosto de você, porque sou louco.

POR QUE = por que motivo, razão (inclusive em títulos)

- Por que tornei-me padre.

POR QUÊ - em final de frase

- Parou, por quê?

PORQUÊ = o porquê, um porquê, os porquês

- Ninguém entendeu o porquê da sua decisão.

Agora, com mais detalhes:

POR QUE - preposição por + que (classe variável)

a) equivalente a pelo qual, ou suas variações (com ou sem antecedente)

- Esta é a razão por que não compareci. (Esta é a razão pela qual... - razão é antecedente)
- Eis por que não compareci. (Eis a razão, a causa pela qual não compareci. Neste caso, não há antecedente)

b) equivalente a por que motivo ou por que razão (Preposição + pronome), em interrogações diretas ou indiretas

- Por que você não compareceu?
- Não sei por que você não compareceu. (Não sei isto: por que voc6e não compareceu?)

c) em títulos (pronome interrogativo ou pronome relativo)

- Juscelino escreveu "Por que construí Brasília".

Significa: por que é que eu construí Brasília.
Ou: as causas/razões por que (pelas quais) construí Brasília.

d) quando significa por qual (e variantes)

- O candidato optou por que carreira? (Optou por qual carreira?)
- Não sei por que caminhos seguir. (por quais caminhos)

e) Usamos por que, também, quando o por é um complemento de algum nome.

- Estou ansioso por que você retorne das férias. (ansioso por)
- O presidente demonstrou simpatia por que nós apresentássemos o projeto. (simpatia por)

PORQUE

a) equivalente a pois (conjunção coordenativa explicativa).

- O professor deve ter faltado, porque os alunos estão no corredor.

b) equivalente a pela causa/razão de que, pelo fato/motivo de que (conjunção subordinativa causal)

- Faltei ao trabalho, porque estava doente.

c) expressão de realce

- Se todos concordam, é porque gostaram da resposta.

d) em interrogações

- Porque estava doente? Ora, isso não é motivo para faltar.

A situação seria a seguinte:

João: Por que você faltou?
José: Eu faltei porque estava doente.
João: Porque estava doente? Ora, isso não é motivo para faltar.
(A pergunta repete a resposta de José)

POR QUÊ
equivalente a por que motivo, por que razão, utilizado em final de frase ou em pausas.

- Você faltou por quê?
- Meu coração está triste não sei por quê.

PORQUÊ
sinônimo de motivo, razão (pode vir até no plural)

- Ninguém sabe o porquê dessa decisão.
- Todos nós queremos saber os porquês de sua decisão.

2 - Onde/aonde

Onde
Quando significa em que lugar, no lugar em que, em que, na qual, etc. Sempre em situações que não indiquem movimento.

- Moro onde o vento faz a curva. (moro em algum lugar)
- Arte Etc e Tal: a Arte onde quer que você esteja. (você está em algum lugar)

Aonde
Com verbos que têm a idéia de movimento ou com nomes que exijam a preposição a.
Aonde é combinação da preposição a + onde.

- Aonde eu for, venha também. (Quem vai, vai a algum lugar)
- Sua chegada foi aonde? (chegada a algum lugar)

FUNDO DO BAÚ

- Sobre onde e aonde

Nem sempre houve esse rigor quanto ao uso das formas onde e aonde. Vejamos os seguintes exemplos:

"Morrem dele nas florestas
Aonde habita o jaguar,..."
(Machado de Assis, Obra Completa, Aguilar, III, página 107, 1979)

"Mas aonde te vais agora,
Onde vais, esposo meu?"
(Machado de Assis, Obra Completa, Aguilar, III, página 109, 1979)

Vela ao entrares no porto
Aonde o gigante está!

(Fagundes Varela, Vozes de América, 2ª ed. Porto, Typ. de Antonio José da Silva Teixeira, 1876))

3 - Há/a

Há

Indica sempre tempo passado

- Há tempo não ouço Roberto Carlos.
- Esta carta foi enviada há 30 dias.

A

Em situações que indicam futuro, distância ou espaço temporal.

- Daqui a pouco ele chegará.
- Foi atingido a trinta metros do local do acidente.
- O candidato chegou a 2 minutos do encerramento do prazo.

4 - Se não/senão

Se não

Equivalente a ou, caso não ou quando não.

- Deu dois socos no amigo, se não mais. (dois socos ou mais)
- Se não chover, muitos morrerão. (caso não chova...)
- Se está satisfeito, é educado; se não, é grosseiro. (quando não está satisfeito...)

O se pode ser também uma conjunção integrante, introduzindo uma oração que funciona como objeto direto.

- O repórter perguntou se não vai haver a premiação. (O repórter perguntou isto, objeto direto. A oração se não vai haver a premiação é objeto direto de perguntou. O não deve vir separado, é claro.

Senão

Pode ser substituído por:

- do contrário, de outra forma
- Corra, senão perderemos a prova.
- a não ser, mais do que, menos, com exceção de
- Não fazia outra coisa senão reclamar
- mas, mas sim, mas também
- Não quis te magoar, senão ajudar.
- de repente, de súbito (= senão quando)
- E foi senão quando um tiro foi ouvido.
- mas antes, mas sim (= senão que)
- Não queria ajudar, senão que perturbar.
- falha, defeito, obstáculo (como substantivo, podendo ser escrito no plural)
- Havia muitos senões no livro.

Antes de pronomes, devemos usar senão a.

- não tinha outros amigos, senão a nós.

5 - A fim de/afim/afim de

A fim de

equivalente a para.

- Chegou cedo, a fim de fazer o trabalho. (com o objetivo de fazer o trabalho)

Afim corresponde a semelhante ou parente por afinidade

- Os dois têm pensamentos afins. (=semelhantes, que têm afinidades)
- O sogro é afim da nora. (isto é, tem parentesco sem laço sanguíneo)
- Pelo amor de Deus, não confundir com um uso coloquial

do a fim de com o sentido de estar interessado. Este uso torna-se a cada dia mais comum.

- Ele está a fim de você.

6 - Mas/mais

Mas
É conjunção adversativa, com o sentido de idéia contrária.
Dessa forma, pode ser substituída, na frase, por porém, todavia.

- Chegou cedo, mas não conseguiu ser atendido. (Chegou cedo, porém...)

A vírgula deve ser usada antes de mas.

FUNDO DO BAÚ

- Sobre mas/mais

Mas provém do latim magis, da mesma forma que mais.
No português arcaico, encontramos mes.

"A suidade non descende de cada ua destas partes, mes é uu sentido do coraçom..."
(D. Duarte, "O Leal Conselheiro")

7 - Abaixo/a baixo

abaixo = na parte inferior (advérbio)

- Abaixo, você encontra os jardins; acima, as garagens.

a baixo - preposição + adjetivo

- Na feira estava tudo a baixo preço.

8 - Demais/de mais

Demais = outros (pronome indefinido)

- Os cinco primeiros podem entrar. Os demais vão aguardar.

Demais = em excesso (advérbio)

- Ele bebe demais.

De mais - contrário de de menos (locução adverbial)

- Ela é lindíssima, toda certinha: nem centímetros de mais, nem de menos.

9 - Portanto/por tanto

Portanto - conjunção conclusiva

- Estou duro, portanto não me peça um centavo.

Por tanto - preposição + pronome

- Por tanto amor a vida me fez lutar.

10 - Mal/mau

Mal = moléstia, epidemia, tormento, etc. (substantivo)

- O seu mal era incurável.

Mal = contrário de bem (advérbio)

- Fez o trabalho mal e porcamente. (Não fez bem)

Mal = logo que, apenas (conjunção)

- Mal chegou, foi recebido a tapas.

Mau = contrário de bom (adjetivo)

- Passou por maus momentos (Contrário: passou por bons momentos)

11 - Acerca de/ há cerca de

Acerca de = a respeito de

- O ministro falou acerca de muitos temas econômicos.
- Normalmente se usa sobre: O ministro falou sobre muitos temas econômicos.

12 - Tampouco/tão pouco

Tampouco = também não (advérbio)

- Não compareceu, tampouco mandou avisar.

Tão pouco - tão (advérbio) + pouco (pronome)

- Foi tão pouco o que recebi, que nem valia ir receber.

Agora, vamos tratar de outras dificuldades.

Resumo de Fixação

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Em português, toda palavra possui uma sílaba tônica, à exceção de alguns monossílabos e de raros dissílabos átonos. Quando a palavra termina em A, E, O (acrescida ou não de S), EM, ENS ou AM, a tonicidade recai naturalmente sobre a penúltima sílaba da palavra. Todas as demais terminações tendem a fixar a tonicidade na última sílaba. Dessa forma, a acentuação gráfica só será necessária quando for preciso desviar a tonicidade natural da palavra. Veja:

TERMINAÇÕES	TONICIDADE NATURAL	DESVIO DA TONICIDADE
A	**es**ta fa**bri**ca	es**tá** **fá**brica
E	**bre**ve ana**li**se	bre**vê** a**ná**lise
O	ca**me**lo nego**ci**o	came**lô** ne**gó**cio
EM	**Con**tem	con**tém**
OUTRAS TERMINAÇÕES	Ca**qui**	**cá**qui
	Carac**ter**	ca**rá**ter
	Xe**rox**	**xé**rox

FORMAS VERBAIS

Acentuam-se ainda:

- **PÁRA** (mas não é acentuada a preposição *para*)
- **PÔR** (mas não é acentuada a preposição *por*)
- (ELE) **PÔDE** - passado (mas não é acentuada a forma presente *pode*)
- (ELES) **VÊM** (porém: ELE VEM)
- (ELES) **TÊM** (porém: ELE TEM)
- (ELE) **MANTÉM** (ELES) **MANTÊM** (e outros derivados de ter : deter, conter, etc.)
- (ELE) **VÊ** (ELES) **VÊEM** (o mesmo ocorre com LER/DAR/CRER e derivados)

O HIATO

Acentuam-se as vogais I e U, quando formam sílaba sozinhas (ou acompanhada de *S*) no interior das palavras e são tônicas. Assim:, acentua- se:

dis - tri - bu – **í**	pronunciado separadamente, tônico, sozinho na sílaba.

Mas não se acentuam:

dis - tri – **bui**	não é pronunciado separadamente
dis - tri - bu – **ir**	pronunciado separadamente, mas não está sozinho na sílaba
ba - **i** – nha	atende a todas as exigências mas vem antes de sílaba iniciada por NH. Essa é uma exceção.

Acentuam-se ainda:

- os monossílabos terminados em A, AS, E, ES, O OU OS, como PÁ, PÉ, PÓ.
- os ditongos abertos ÉI, ÓI, ÉU. Assim: A-PÓI-O é acentuado mas A-POI-O não
- algumas palavras que precisam ser diferenciadas. São elas:

PÁRA (verbo) de **PARA** (preposição)
PÔDE (pretérito) de **PODE** (presente)
PÊLO (substantivo) e **PÉLO** (verbo) de pelo (preposição)
PÓLO (extremidade, jogo) de **POLO** (gaviãozinho)
PÊRA (fruta) de **PÉRA** (pedra antigamente) e **PERA** (preposição per+a)

O TREMA

Ainda existe trema?

Sim, existe e deve ser usado sempre que a letra U for pronunciada e vier depois das letras G e Q e antes de E ou I. Assim:

G ________ **Ü** ________ **E**
Q **I**

Observação: Se a letra U , além de pronunciada, for tônica, receberá acento agudo. Veja:
averigúe, apazigúe.

CRASE

A crase é o encontro de dois fonemas idênticos (a+a) representado na escrita pelo acento grave (`). Veja:

Quem obedece, obedece a **alguém**.
Se esse alguém for **a autoridade**.
Teremos: Obedeça a **a autoridade**.
Ou seja: Obedeça **à autoridade**.

Observe que o verbo *obedecer* exige a preposição *a* e o substantivo *autoridade* aceita o artigo *a*. Temos aí, portanto, um encontro de dois *as*. Para ter certeza da ocorrência da crase, podemos nos valer de alguns artifícios. Veja:

REGRAS PRÁTICAS

Ocorre crase:

1. Se for possível substituir **"À"** por **"PARA A"**:
Veja:
Comunicaremos os resultados da auditoria **à** empresa.
Comunicaremos os resultados da auditoria **para a** empresa.
Entretanto:
Concedeu-se **a** todos os funcionários adiantamento salarial.
Concedeu-se **para** todos os funcionários adiantamento salarial.

2. Se, ao trocar a palavra posterior por uma masculina, resultar **AO**.
Veja:
Recorreremos **à** enfermeira de plantão.
Recorreremos **ao** enfermeiro de plantão.
Entretanto:
Chamaremos **a** enfermeira.
Chamaremos **o** enfermeiro.

3. Se, ao trocarmos "**aquele, aquilo ou aquela**" por "**este, isto ou esta**", resultar **A ESTE, A ISTO ou A ESTA**.
Veja:
Referiu-se **àquele** procedimento.
Referiu-se **a este** procedimento
Entretanto:
Você seguiu **aquele** procedimento?
Você seguiu **este** procedimento?

4. Se, ao trocarmos a palavra feminina que antecede os relativos **"que, qual ou quais"** por uma masculina, resultar **"ao que, ao qual, aos quais"**.
Veja:
A médica **à qual** nos referimos está na empresa há alguns anos.
O médico **ao qual** nos referimos está na empresa há alguns anos.

Entretanto:
A médica **a qual** nos atendeu está na empresa há alguns anos.
O médico **o qual** nos atendeu está na empresa há alguns anos.

OUTRAS REGRAS

Além dessas regras práticas — que podem ajudar muito — vamos rever outras:

CASOS PROIBIDOS

REGRAS	EXEMPLOS
• Antes de palavra masculina;	Ele está no Rio a **serviço**.
• Antes de verbo;	Começaram a **discutir** o novo plano de metas.
• Antes de pronomes **Pessoais;** **Demonstrativo esta e essa;** **De tratamento.**	Dirigi-me a **ela** apenas uma vez na reunião. O empregado aspira a **essa** posição há muito tempo. Informaremos isto a **Sua Excelência**.[1]
• Nas expressões formadas por palavras repetidas;	Os dois candidatos ficaram **frente a frente** durante a discussão.
• Diante de palavra no plural, se o **"A"** estiver no singular.	Chegamos a **conclusões** importantes neste encontro.

CASOS OBRIGATÓRIOS

Ocorre crase:	Exemplo:
• Na indicação de horas;	A visita à fabrica deverá iniciar à **uma hora**. A visita à fabrica deverá iniciar às **duas horas**.
• Quando se subentende à moda, à maneira;	O restaurante da empresa servirá bife à milanesa (à moda milanesa) hoje.
• Em expressões adverbiais femininas.	**Às vezes**, o relatório informal não passa de uma página, mas não deve nunca passar de três.

CASOS FACULTATIVOS

Pode ocorrer crase:	Exemplo:
• Diante de pronomes possessivos:	Entregaram a encomenda a (ou à) **sua** secretária.
• Diante de nomes de pessoas.	Fizeram a mesma pergunta a (ou à) **Patrícia**.

CONCORDÂNCIA NOMINAL

REGRA GERAL: O artigo, o numeral, o adjetivo e o pronome adjetivo concordam com o substantivo a que se referem em gênero, número e grau.

Ex.: Estamos satisfeitos com **os bons** resultados **obtidos** por nossa equipe.

OS
BONS RESULTADOS
OBTIDOS

Vejamos, agora, algumas regras especiais que costumam trazer dúvidas:

Se houver:	Regra:	Exemplo:
MENOS	**Não varia**	Houve **menos** candidatas neste concurso.
"É BOM", "É NECESSÁRIO", "É PROIBIDO"	**Não variam, se não há artigo**	É proibid**o** entrada de estranhos
"É BOM", "É NECESSÁRIO", "É PROIBIDO"	**Variam, se há artigo**	É proibid**a** **a** entrada de estranhos.
ANEXO	**Varia**	Enviaremos **anexos** os documentos.

---

[1] Os pronomes de tratamento **senhora** e **senhorita** admitem crase.

PRÓPRIO	**Varia**	Ela **própria** entregou o cargo.
INCLUSO	**Varia**	A hospedagem também está inclusa.
OBRIGADO	**Varia**	Ela disse **obrigada** e saiu.
QUITE	**Varia**	Ela está quite com o FGTS.
MEIO	**Varia quando se refere a substantivo**	Usei **meia** lata de tinta em uma demão. Terminei meu trabalho ao meio-dia e **meia** (hora)
MEIO	**Não varia quando se refere a adjetivo ou advérbio**	A promotora do evento estava **meio** aborrecida.

CONCORDÂNCIA VERBAL

REGRA GERAL: O verbo concorda com o sujeito em número e pessoa. Veja:

sujeito **verbo** **verbo** **sujeito**

Os procedimentos e instruções **retratam** a forma como **são desenvolvidos** os produtos e a atividade da empresa.

Observe que os verbos *retratar* e *ser* estão no plural; concordando com os sujeitos.

Quando a frase está na ordem indireta, é comum cometer-se o erro de não concordar o sujeito com o verbo. Isso ocorre porque, em tal circunstância, o sujeito é confundido com complemento verbal. Veja:

Errado: Chegou os documentos que esperávamos.
Correto: Chegaram os documentos que esperávamos. (= Os documentos chegaram...)

ALGUNS CASOS ESPECIAIS

EXEMPLOS	REGRA
Cem Reais **é pouco**. Duzentos quilos **é suficiente**.	O verbo SER fica no singular se vier antecedido de expressões que indicam quantidade, preço ou medida.
Assistiu-se a apresentações inovadoras. **Chega**-se cedo ao trabalho.	Verbo transitivo indireto ou intransitivo acompanhado de "SE" mantém-se no singular.
Entregam-se ***encomendas*** em domicílio. (=*Encomendas* são entregues em domicílio)	Verbo transitivo direto antecedido de pronome apassivador "se" concorda normalmente com o sujeito.
Havia produtos que estavam fora das especificações. PORÉM: **Existiam** produtos que estavam fora das especificações.	Verbo *haver* significando *existir* é impessoal. Já, o verbo existir é pessoal.
FAZ quatro anos que ele foi admitido	O verbo *fazer* indicando tempo decorrido fica sempre no singular.
Costuma haver alguns empecilhos. **Vai fazer** quatro anos de sua admissão.	Locuções verbais com verbos *haver* e *fazer*, impessoais, mantêm-se no singular.
VOSSA EXCELÊNCIA **comparecerá** à entrevista? Ou VOSSAS EXCELÊNCIAS **comparecerão** à entrevista?	O verbo concorda com a terceira pessoa se o sujeito for pronome de tratamento.
Alguns de nós **terminarão** o estágio. Qual de vocês **chegou** primeiro?	O verbo concorda com o pronome indefinido ou interrogativo.
A multidão **reivindicava** seus direitos.	O verbo fica no singular se o sujeito for coletivo não especificado.
As férias **fazem** muito bem sempre. ***Férias*** **faz** muito bem sempre**..**	Nomes que só se usam no plural precedidos de artigo o verbo vai para o plural; caso contrário, fica no singular.
Mais de *sessenta* candidatos **concorreram**	O verbo concorda com o numeral nos sujeitos

àquela vaga.	compostos pelas expressões MAIS DE, MENOS DE, PERTO DE, CERCA DE + numerais acima de um.
Fui ***eu*** que **resolvi** a questão.	Se houver pronome relativo que, o verbo concorda com o seu antecedente.
Fui ***eu*** quem **resolvi** a questão. Fui ***eu*** quem **resolveu** a questão.	Se houver pronome relativo quem, o verbo concorda com o seu antecedente ou com a 3ª pessoa do singular (ele).
São *duas* horas. **São *dez*** quilômetros.	Com o verbo ser indicando hora ou distância, a concordância é feita com o numeral.

ORTOGRAFIA

Ortografia é o nome dado à parte da gramática que trata da escrita correta das palavras. Embora a melhor maneira de aprender ortografia seja o exercício e a leitura constantes, algumas regras podem ser úteis. Consideraremos neste trabalho algumas questões — dentre as muitas — que costumam trazer dúvidas.

Algumas regras práticas

EMPREGA-SE "Z":

REGRA	**EXEMPLO**
1) No sufixo **"IZAR "** formador de verbo.	HUMANO → HUMAN**IZAR** porém: pesquisa + ar = pesquisar
2) Nos sufixos *-ez* e *-eza* acrescentados a adjetivos.	FRANCO → FRANQU**EZA**
3) Nas terminações "**ZINHO"** dos diminutivos:	TONEL → TONEL**ZINHO** Porém, acrescenta-se inho quando este já ocorre anteriormente. Veja: (parafuso → parafusinho)
4) Nos verbos em *-zer* e *-zir*.	TRA**ZER** - PRODU**ZIR**
5) Nos derivados, mantém-se o *z* da palavra-base	BALI**Z**A ABALI**Z**ADO

EMPREGA-SE "S":

REGRA	**EXEMPLO**
1) Nas formas verbais de **"PÔR"** e **"QUERER**" e seus derivados[2]:	PUS → PUSEMOS QUIS → QUISEMOS
2) Nos adjetivos com sufixo **"OSO"** - **"OSA"**.	BRILHO → BRILH**OSO**
3) Nas palavras derivadas de verbos que possuem **D** ou **ND** no final.	SUSPE**ND**ER → SUSPEN**S**ÃO
4) Nas palavras derivadas de verbos que Possuem terminação **TIR** ou **RT**.	DEMI**TIR** → DEMI**SS**ÃO INVE**RT**ER → INVER**S**ÃO

IMPORTANTE: Emprego de R ou S com som forte

REGRA	**EXEMPLO**
S ou R são usados entre vogal e consoante	su**b**s**e**ção e**n**s**a**io
SS ou RR são usados somente entre duas vogais	**a**ss**e**gurar - **a**ss**o**ciada oc**o**rr**ê**ncia - ho**n**r**a**

E OU I?

REGRA	**EXEMPLO**
Verbos terminados em -***oar*** ou ***-uar*** recebem ***e*** no final das formas verbais.	Contin***uar*:** É necessário que a empresa **continue** o processo seletivo.
Verbos terminados em -***uir*** recebem ***i*** no final	Contribuir: Todos sabemos que você contribui

das formas verbais.	muito com a equipe.

HOMÔNIMOS E PARÔNIMOS

HOMÔNIMOS são palavras que possuem a mesma pronúncia ou a mesma grafia, mas sentido diferente. Veja:

sessão (reunião)
seção (divisão) → pronúncia igual
cessão (ato de ceder

sede (é)
sede (ê) → grafia igual

PARÔNIMOS são palavras parecidas na pronúncia ou na grafia mas com significados diferentes. Veja:

despercebido	(não notado)
desapercebido	(desprovido)

Freqüentemente, essas palavras oferecem dificuldade àquele que escreve. Por isso, separamos uma lista de homônimos e parônimos. Vejamos:

acerca de = sobre, a respeito de cerca de = aproximadamente há cerca de = faz	acender = pôr fogo ascender = subir, elevar-se
acento = a maior intensidade com que se emite uma síllaba assento = lugar em que se senta	caçar = ir atrás da caça cassar = anular
Cerrar = fechar Serrar = cortar	comprimento = extensão cumprimento = saudação
Conserto = reparo Concerto = sessão musical	deferimento = concessão, permissão diferimento = adiamento
Demais = equivale a "muito" de mais = substituível por "a mais"	delatar = denunciar dilatar = ampliar
Descrição = ato de descrever Discrição = qualidade de quem é discreto	espiar = olhar expiar = sofrer castigo
Emergir = vir à tona Imergir = mergulhar	emigrar = deixar um país imigrar = entrar num país migrar = mudar de região
Eminente = célebre Iminente = prestes a acontecer	espectador = o que assiste expectador = o que tem esperança
Estada = permanência de pessoas Estadia = permanência de veículos	infligir = aplicar pena infringir = desrespeitar
Insert = incluído Incerto = que não é certo	mandado = ordem judicial mandato = período de missão, procuração
Mais = é antônimo de *menos* Más = é sinônimo de maldosas Mas = equivalente a porém	pleito = eleição preito = homenagem
Precedente = antecedente procedente = proveniente, oriundo	preeminente = nobre, distinto proeminente = saliente
previdência = qualidade daquele que prevê providência = suprema sabedoria, medida prévia para alcançar um fim	ratificar = confirmar retificar = corrigir
soar = emitir som suar = transpirar	sobrescrever = endereçar subscrever = assinar
tacha = preguinho taxa = imposto, percentagem	tampouco = também não tão pouco = muito pouco
tráfego = movimento, trânsito tráfico = comércio ilegal	vultoso = de grande vulto, volumoso vultuoso = inchado

OBS.: Existem palavras que possuem diferentes significados, são chamadas de polissêmicas.. Veja o caso da palavra *sanção*, que pode significar aprovação ou punição:

O projeto obteve a *sanção* do presidente. (aprovação)
A *sanção* contra o grevista foi muito pesada. (pena)

OUTRAS DIFICULDADES COMUNS

PORQUE, POR QUE , PORQUÊ OU POR QUÊ?

REGRA	EXEMPLO
PORQUE é usado quando for possível substituí-lo por *pois*	Não compareceu à reunião quadrimestral **porque** estava viajando a serviço. (= **pois**)
POR QUE é usado se não der para trocar por *pois*	Precisamos saber **por que** não foi enviada uma cópia do formulário ao cliente.
POR QUÊ é usado antes de pontuação	Não foram enviadas as cópias ao cliente. **Por quê**?
PORQUÊ é usado sempre que vier precedido de determinante (o, um)	Descobriram o **porquê** da não-conformidade?

MAL OU MAU?

MAU = ADJETIVO

REGRA	EXEMPLO
1. seu antônimo é **"BOM"**. 2. É variável: possui a forma feminina **"MÁ"** e o plural **"MAUS"**.	Ele é **mau** redator. (Ele é **bom** redator.) (Ela é **má** redatora.) (Eles são **maus** redatores.)

MAL = SUBSTANTIVO

REGRA	EXEMPLO
1. seu antônimo é "**BEM** ". 2. É variável. Possui o plural "**MALES**".	Esse é um **mal** pelo qual não esperávamos. (Esse é um **bem** pelo qual não esperávamos.) (Esses são **males** pelos quais não esperávamos.)

MAL = ADVÉRBIO

REGRA	EXEMPLO
1. Seu antônimo é **BEM**. 2. É invariável. Não possui plural nem feminino.	O objetivo está **mal** redigido. (O objetivo está **bem** redigido.) (Os objetivos estão **mal** redigidos.)

MAL = CONJUNÇÃO

REGRA	EXEMPLO
1. É sinônimo de **"LOGO QUE"**. 2. É invariável, não possui **PLURAL** nem **FEMININO;**	**Mal** começou a falar, foi interrompido. **(Logo que** começou a falar, foi interrompido.) Mal começaram a falar**...**

HÁ OU A?

HÁ = VERBO

REGRA PRÁTICA	EXEMPLO
1. Pode ser substituído por **"FAZ"**. É Usado sempre para tempo passado;	**Há** (**faz**) seis meses, o setor de Treinamento recebeu uma nova estagiária.
2. Pode ser substituído por **"EXISTE OU EXISTEM"**.	Na organização, **há** (=**existem**) procedimentos para identificar o potencial e atender a acidentes e situações de emergência.

"A" = ARTIGO FEMININO/ PREPOSIÇÃO/PRONOME OBLÍQUO

REGRA	EXEMPLO
1. Acompanha nomes femininos	**A** alta administração deve analisar o sistema de gestão ambiental. (Artigo)
2. Estabelece relação entre dois termos na frase.	O acidente ocorreu **a** dois quilômetros da base. (Preposição = relação de distância) O avião deixará o aeroporto daqui **a** dez minutos. (Preposição = tempo futuro)
3. Equivale ao pronome **ela**.	O pessoal responsável pela implementação da política ambiental **a** orientou adequadamente.

ONDE OU AONDE?

SIGNIFICADO	EXEMPLO
1. **AONDE** equivale a *para onde* e é usado com verbos de movimento.	Aonde **levaram** o equipamento? (Para onde levaram o equipamento?)
2. **ONDE** é usado com verbos que não indicam movimento.	Onde **está** o grupo de trabalho?

OBS.: Somente use o pronome relativo *onde* (sinônimo de no qual, em que) depois de palavras que indicam lugar. Veja:

- Certo: Esta é a sala **onde** realizamos nossas reuniões de departamento. (= na qual, em que)
- Certo: Esse é o momento **em que** todos se dirigem para o restaurante.
- Errado: Esse é o momento **onde** todos se dirigem para o restaurante.

SENÃO OU SE NÃO?

SIGNIFICADO	EXEMPLO
1. **SENÃO** = caso contrário	Venha logo **senão** iniciaremos os trabalhos sem você.
2. **SENÃO** = defeito	Não havia um **senão** no Manual?
3. **SE NÃO** = Caso não	**Se não** chegar em cinco minutos, cancelaremos a reunião. (Caso não chegue...

AO INVÉS DE OU EM VEZ DE?

SIGNIFICADO	EXEMPLO
1. **Em vez de =** no lugar de	Em vez de *terminar* o trabalho, ficou *conversando* na internet.
2. **Ao invés de =** ao contrário de (é necessário que haja idéia de contrariedade)	Ao invés de *subir*, como todos esperavam, o dólar *caiu*.

IR AO ENCONTRO DE OU IR DE ENCONTRO A?

SIGNIFICADO	EXEMPLO
1. **IR AO ENCONTRO DE** = estar a favor	Felizmente, esses são valores que vão ao encontro da filosofia da empresa.
2. **IR DE ENCONTRO A =** ir contra	Suas atitudes iam de encontro à filosofia da empresa: foi demitido.

DIA-A-DIA OU DIA A DIA?

SIGNIFICADO	EXEMPLO
1. **DIA-A-DIA =** cotidiano	O dia-a-dia em nosso departamento sempre foi muito calmo
2. **DIA A DIA =** dia após dia	Dia a dia, aumentavam nossas responsabilidades.

AGENTE, A GENTE OU HÁ GENTE?

SIGNIFICADO	EXEMPLO
1. **AGENTE =** aquele que age	O agente secreto foi preso.

2. **A GENTE =** nós (no coloquial)	Dia a dia, a gente recebia nossas responsabilidades.
3. **HÁ GENTE** = existem pessoas	Há gente com vida sob os escombros.

PONTUAÇÃO

A VÍRGULA ENTRE OS TERMOS DA ORAÇÃO

O uso da vírgula é geralmente desnecessário se a oração está na ORDEM DIRETA. Veja:

Todas as Normas **sujeito**	terão **verbo**	a designação do ano com quatro algarismos **complemento verbal**	a partir do ano 2000. **adjunto adverbial**

PORÉM:
Quando essa ordem é quebrada por inversões ou intercalações, a vírgula marcará essa quebra. Veja :

A partir do ano 2000**,** **adjunto adverbial**	todas as Normas **sujeito**	terão **verbo**	a designação do ano com quatro algarismos. **complemento verbal**

Todas as Normas **sujeito**	terão, **verbo**	a partir do ano 2000**,** **adjunto adverbial**	a designação do ano com quatro algarismos **complemento verbal**

Observe-se que a vírgula foi usada para marcar a inversão ou a intercalação do adjunto adverbial.

PORTANTO, NUNCA USE VÍRGULA QUE SEPARE O SUJEITO DO VERBO OU O VERBO DO SEU COMPLEMENTO.

Veja:

sujeito verbo

Os verbos empregados ao longo do texto de uma norma devem estar no presente do indicativo ou no infinitivo, no caso da descrição de etapas de um ensaio.

USE VÍRGULA PARA SEPARAR ELEMENTOS "INTRUSOS" COLOCADOS ENTRE O SUJEITO E O VERBO OU O VERBO E SEU COMPLEMENTO.

Veja:
Todas as normas , **desde a fase de projeto**, devem ser identificadas pela letra N.
sujeito verbo

OUTRAS REGRAS...

Empregue vírgula para:

- isolar o vocativo (chamamento);
  Ex. **Senhor**, não há realmente quaisquer empecilhos para a realização da reunião.
- separar o aposto — termo que explica o anterior;
  Ex.: A ISO, **International Standard Organization**, é uma organização internacional de padronização com sede em Genebra na Suíça.

- destacar expressões explicativas, retificativas ou continuativas, tais como: ou melhor, por exemplo, isto é, aliás, então, quer dizer, etc.

Ex.: Dentro da alínea só podem ser usadas vírgulas, **isto é**, a alínea só pode ter uma frase.

- Separar elementos dispostos em enumeração;

Ex.: Relatório é a exposição objetiva de **atividades**, **fatos**, **pesquisas científicas**, **inquéritos** e **sindicâncias**.

- Após as conjunções *entretanto, todavia, no entanto, porém*, *portanto, além disso* iniciando frase.

Ex.: **No entanto**, para que todo esse potencial possa ser bem aproveitado, empresas e pessoas precisam ser treinadas e desenvolvidas. (Cleide Costa)

A VÍRGULA ENTRE AS ORAÇÕES

Usa-se vírgula para:

- separar as orações subordinadas adverbiais, sobretudo quando vêm antes da principal.

Ex.: A NBR ISO 14001 estabelece procedimentos para planejar e executar uma auditoria em SGA, **a fim de determinar sua conformidade com os critérios de auditoria do SGA.** O. Subord. Adverbial

O. Subord. Adverbial

A fim de determinar sua conformidade com os critérios de auditoria do SGA, a NBR ISO 14001 estabelece procedimentos para planejar e executar uma auditoria em SGA**.**

- separar orações reduzidas.

Or. reduzida

Ex.: **Dado o sinal**, todos deixaram seus locais de trabalho. (= Quando deu o sinal)

A auditoria verifica e registra se os processos estão de acordo com os procedimentos pré-estabelecidos, **apontando os erros**, quando necessário.

Or. reduzida

- separar as orações intercaladas:

Ex.: Outra medida importante para se obter homogeneidade na descrição de processos, **afirmou o especialista**, é estabelecer um consenso na equipe.

- Isolar as orações adjetivas explicativas:

Ex.: As reivindicações, **que são justas**, serão atendidas. (todas são justas)

Observe porém que, se a oração for restritiva as vírgulas não serão usadas.

As reivindicações **que são justas** serão atendidas.

(Só as que são justas)

OBSERVE O USO DOS DOIS PONTOS EM ENUMERAÇÕES:

Para o êxito de um programa de qualidade, são essenciais três elementos**:**

- um sistema de instruções escritas que definam como cada atividade na organização deve ser realizada;
- a integridade pessoal dos elementos responsáveis pela tarefa de fazer o sistema funcionar;
- uma equipe de gerência que acredite que o zero defeitos constitui o único padrão viável de desempenho.

(Turnball, D.M. adaptado)

A tecnologia é dominada por dois tipos de pessoas:

- as que entendem o que não fazem;
- as que fazem o que não entendem .

SOBRE O PONTO ...

USE:	**EXEMPLO**
1. Como sinal divisório em números.	temperatura de 18.6 graus...
2.Em indicativos na numeração de partes de um documentos e em codificações em geral.	4.1 5.2.1
NÃO USE:	**EXEMPLO**
1. na escrita indicativa de ano.	Ex.: 1998 e não 1.998
2. em datas abreviadas. Prefira o hífen.	Ex.: São José dos Campos, 13-9-1998.

Atenção: Se o ponto final coincidir com com o ponto abreviativo, apenas um deles é usado. Após *etc.*, não se usam reticências (etc...)

PRONOMES

Pronomes demonstrativos

Isto, Esta, Este - emissor = perto de quem fala
(**me, mim, comigo** - expressões que revelam proximidade ou tempo presente)

Isso, Essa, Esse - receptor = perto de quem ouve
(**te, ti, contigo, você, vocês** - revelam tempo passado ou proximidade com o receptor).

Aquilo/a, Aquele/a - longe do emissor e do receptor. (devem ser usados com expressões ou palavras que indiquem lugar).

Isto aqui é a última novidade em propaganda. (emissor)

Esse é o resultado do seu teste. (para o receptor)

Aquela sala lá é a de reuniões? (longe do emissor e receptor)

Pronomes de tratamento

- precedidos de vossa quando nos dirigimos diretamente à pessoa representada pelo pronome.
– precedidos de sua quando falamos dessa pessoa.
Ao encontrar o governador, perguntou-lhe:
- Vossa Excelência já aprovou os projetos?
Sua Excelência, o governador, disse que já aprovou os projetos.

Veja a seguir alguns desses pronomes:

PRONOME	ABREVIATURA	EMPREGO
Vossa Eminência	V.Em^{a}.	Cardeais
Vossa Excelência	V.Exª.	altas autoridades em geral
Vossa Magnificência	V.Mag^{a}.	reitores de universidades
vossa Reverendíssima	V.Rev^{ma}.	sacerdotes em geral
Vossa Santidade	V.S.	Papa
Vossa Senhoria	V.S^{a}.	funcionários graduados

são também pronomes de tratamento: o **senhor, a senhora, você, vocês**.

CONOSCO, CONVOSCO - Essas formas oblíquas podem ser substituídas, respectivamente, por "**com nós" e "com vós**", quando seguidas de palavras que reforcem como: próprios, mesmos, todos, outros, ambos, ou qualquer numeral.

Ex.: O diretor falará conosco.
O diretor falará com nós dois.

Observe o quadro:

FORMAS VERBAIS TERMINADAS EM:	VARIANTES DOS PRONOMES O/A/OS/AS	EXEMPLOS
R S Z	lo, la los, las	fazê(r)-la qui(s)-lo fi(z)-lo
M ÃO ÕE	no, na nos, nas	Fazem-nas Dão-nas põe-nas

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Coloque o pronome depois do verbo se:

1. o verbo iniciar a frase;	Ex.: Dão-**se** aulas particulares aqui.
2. a frase for imperativa afirmativa;	Ex.: Desejem-**me** boas férias.
3. o verbo estiver no gerúndio;	Ex.: Saiu, deixando-**nos** por instantes.
4. o verbo estiver no infinitivo impessoal.	Ex.: Era necessário ajudar-**te**.

Coloque o pronome no meio do verbo se esse verbo estiver:

1. no futuro do presente;	Ex.: Expedir-**se**-ão os mandados de segurança.
2. no futuro do pretérito.	Ex.: Expedir-se-iam os mandados de segurança.

Coloque o pronome antes do verbo se houver palavras atrativas, tais como:

1. palavra negativa;	Ex.: Não **nos** habitaremos a isso.
2. advérbios;	Ex.: Sempre **o** prevenimos dos privilégios de lá.
3. pronomes demonstrativos;	Ex.: Isto **me** pertence.
4. pronomes indefinidos;	Ex.: Alguém **me** informou os verdadeiros motivos.
5. pronomes relativos;	Ex.: O lugar onde **nos** encontraremos é este.
6. conjunções subordinativas;	Ex.: Ele interveio quando **lhe** pedimos ajuda.
7. gerúndio precedido de preposição.	Ex.: Em **se** tratando desse prefeito, tudo é possível.

REGÊNCIA VERBAL

A regência verbal estuda a relação que se estabelece entre o verbo e seu complemento. Veja:

A Norma contém conceitos básicos sobre Sistema de Gestão (**sem** preposição)
verbo complemento

O desempenho agradou **a**o cliente interno. (**com** preposição)
verbo complemento

Algumas vezes, usar uma preposição em lugar de outra ou não usá-la pode resultar em mudança no sentido do verbo. Veja a diferença entre:

- agradar o cliente (sem preposição) = fazer agrado
- agradar **a**o cliente (com preposição *a*) = satisfazer, aprazer

(Agradar o chefe é diferente de agradar ao chefe, não?)

- lavar a máquina (sem preposição) = o que foi lavado
- lavar **à** máquina (com preposição *a*) = como foi lavado

- Tomar parte **n**a reunião (com preposição *em*) = participar dela
- tomar parte **d**a reunião (com preposição *de*) = usar um tempo dela

- sentar **à** mesa (com preposição *a*) = próximo a ela
- sentar **n**a mesa (com preposição *em*) = sobre ela

- bater a máquina (sem preposição) = dar pancada
- bater **n**a máquina (com preposição *em*) = ir de encontro a
- bater **à** maquina (com preposição *a*) = datilografar

A) Outros verbos que apresentam mais de uma regência com mudança de sentido:

VERBO / SENTIDO	REGÊNCIA	EXEMPLO
ASPIRAR 1. inspirar 2. almejar	1. sem preposição 2. com **A**	1. Todos **aspiram** o ar poluído. 2. Ele **aspira** a um cargo mais elevado.
ASSISTIR 1. prestar assistência 2. presenciar, ver 3. caber, pertencer 4. morar	1. sem preposição 2. com **A** 3. com **A** 4. com **EM**	1. O Setor Médico **assiste** os funcionários. 2. **Assistiram** a um bom filme no Centro de Treinamento. 3. É um direito que **assiste** a todos. 4. **Assistiam** em Campos do Jordão.

PROCEDER 1. ter fundamento 2. vir de 3. executar 4. agir	1. sem complemento 2. com **DE** 3. com **A** 4. sem preposição	1. Essa regra não **procede**. 2. Estes resultados **procedem** de seu departamento. 3. **Procederão** às investigações. 4. **Procederam** bem durante a auditoria.
VISAR 1. dar visto 2. ter em vista	1. sem preposição 2. com **A**	1. O funcionário **visou** o cheque. 2. **Visamos** a um só bem: a felicidade do nosso povo.
PRECISAR 1. indicar com precisão 2. ter necessidade	1. sem preposição 2. com **DE**	1. Não souberam **precisar** a hora do acidente. 2. **Precisaremos** de sua colaboração.
DISPOR 1. colocar em ordem 2. ter à disposição	1. sem preposição 2. com **DE**	1. **Dispuseram** os livros na estante. 2. **Dispunham** de vultosa quantia para a realização do evento.
CUSTAR 1. ser difícil 2. acarretar	1. com **A** 2. um sem, outro com preposição **A**	1. **Custou** ao operário entender o problema. 2. A falta de emprego **custa** sacrifício ao povo.

Outras vezes, a mudança de regência diferencia a forma culta de se expressar da coloquial. Veja estes casos:

- **Coloquial**: Encomendaram o equipamento que tanto precisavam. (sem preposição)
- **Culto**: Encomendaram o equipamento **de** que tanto precisavam. (com preposição)

B. Outros verbos que apresentam desacordo de regência entre o registro culto e o coloquial:

VERBO	PREPOSIÇÃO	EXEMPLO
CHEGAR	1. Culto 2. Coloquial	1. A ambulância **chegou** **a**o local. 2. A ambulância **chegou** **n**o local.
RESIDIR (E MORAR)	**C.** Culto 2. Coloquial	**C.** O assessor **reside** na Rua das Flores. 2. O assessor **reside** à Rua das Flores.
IMPLICAR	**C.** Culto 2. Coloquial	1. Criatividade **implica** mudança. 2. Criatividade **implica** em mudança.
OBEDECER	**C.** Culto 2. Coloquial	1. **Obedeça** aos sinais de trânsito. 2. **Obedeça** os sinais de trânsito.
PREFERIR	**C.** Culto 2. Coloquial	1. **Preferiu** trabalhar a estudar. 2. **Preferiu** trabalhar do que estudar.
IR	**C.** Culto 2. Coloquial	1. O presidente **irá** ao sindicato hoje. 2. O presidente **irá** no sindicato hoje.
SER	1. Culto 2. Coloquial	1. **Somos** trinta nesta equipe. 2. **Somos** em trinta nesta equipe.
ARRASAR	**C.** Culto 2. Coloquial	1. A bomba **arrasou** o edifício. 2. A bomba **arrasou** com o edifício.
HABITUAR-SE	**C.** Culto 2. Coloquial	1. Ele **se habituou** à nova rotina. 2. Ele **se habituou** com a nova rotina.
AGRADECER	1. Culto 2. Coloquial	**C.** Agradeceu ao colega pela colaboração. 2. Agradeceu ao colega a colaboração.

Há ainda um terceiro grupo de verbos que admitem mais de uma regência, sem que, entretanto, haja mudança de sentido. Veja:

- responder o questionário (algo)
- responder **a**o telegrama (a algo)
- responder-lhe que não tinha certeza (algo a alguém)
  (= a ele)

C) Outros verbos que admitem mais de uma regência sem mudança de sentido:

VERBOS	COMPLEMENTOS	EXEMPLOS
AVISAR (CERTIFICAR E CIENTIFICAR)	1. algo a alguém 2. alguém de algo	1. **Avise**-lhe que chegamos 2. **Avise**-o de que chegamos.

INFORMAR	1. algo a alguém 2. alguém de algo	1. O jornal **informava** as fraudes ao povo **O jornal informava**-lhe as fraudes. 3. **Informava** o povo das fraudes. **Informava**-o das fraudes.
ESQUECER	1. se de algo 2. algo	1. **Esqueci**-me dos documentos 2. **Esqueci** os documentos.
LEMBRAR	1. se de algo 2. algo	1. Ele **lembrou**-se de tudo. 2. Ele **lembrou** tudo.
ATENDER	1. a algo 2. alguém 3. a alguém	1. **Atendi** ao telefone 2. **Atendi** o cliente. 3. **Atendi** ao cliente.
DIGNAR-SE	1. de algo 2. algo	1. **Dignou**-se de expedir as ordens. 2. **Dignou**-se expedir as ordens.
PAGAR	1. algo 2. a alguém 3. Algo a alguém.	1. **Pagou** a conta da luz. 2. **Pagou** ao cobrador. 3. **Pagou** a conta ao cobrador.
PERDOAR	1. algo 2. alguém 3. algo a alguém	1. A prefeitura **perdoou** a dívida dos inadimplentes. 2. A prefeitura **perdoou** os inadimplentes. 3. A prefeitura **perdoou** a dívida aos inadimplentes.
CUMPRIR	1. Algo 2. Com algo	1. **Cumpriremos** nossa palavra. 2. **Cumpriremos** com nossa palavra.
PRESIDIR	1. algo 2. a algo	1. O analista **presidirá** o Congresso. 2. O analista **presidirá** ao Congresso.
PROCURAR	1. Algo 2. Por algo	1. **Procuraram** uma Instrução de Trabalho. 2. **Procuraram** por uma Instrução de trabalho.

Observação

É conveniente usar o pronome *lhe* como complemento de verbos que exigem complemento com preposição. Assim teremos:

Enviou **para o chefe do departamento** o relatório
= Enviou-**lhe** o relatório.
Porém:
Encontrou **o chefe do departamento** no restaurante.
= Encontrou-**o** no restaurante.

2. Deve-se evitar unir dois verbos de regências diferentes com um mesmo complemento. Assim, temos:

Correto: A auditoria **verificou** e **informou** a não-conformidade.
verificou a não-conformidade.
e **informou** a não-conformidade.
Incorreto: Verifica e se certifica de que o padrão de Qualidade foi alcançado.
Verifica de que o padrão de Qualidade foi alcançado (?)
e **certifica-se** de que o padrão de Qualidade foi alcançado.

AUXÍLIO À MEMORIZAÇÃO

ORTOGRAFIA OFICIAL	
S	pátrios, isar, por/querer/usar, oso, erter (exceção: catequizar)
ÊS	adj. deriv. subst.
ESA	ender, nobiliárquicos, adj. Femininos
SS	Tir
SC	Latinas
Ç	árabes/indígenas/africanos
ÇÃO	subst. Deriv. Verbo
G	agem/igem/ugem, gio

Z	zal/Zinho/zito, z, izar, triz
EZ	Abstratos
J	já, jar, indígenas/africanos/populares, aje
X	ditongo, en, indígenas/africanos/ingleses, me (exceção: mecha)

ACENTUAÇÃO	
Monossílabos tônicos	a(s), e(s), o(s)
Oxítonas	a(s), e(s), o(s), em(ns)
Paroxítonas	ditongo crescente, r, l, n, x, ps, ã(s), ão(s), i(s), us, um(ns)
Proparoxítonas	
Ditongos abertos	éu, éi, oi
Hiato decrescente	i(s), u(s) (exceção : seguidos de l, n, r, z, m)

FLEXÃO DOS SUBSTANTIVOS COMPOSTOS			
OS DOIS	**SÓ O PRIMEIRO**	**SÓ O SEGUNDO**	**NENHUM**
subst + subst subst + adj adj + subst numeral + subst.	preposição segundo finalidade ou semelhança	verbo + subst invariável/prefixo + variável repetidos (exceção: corres-corres)	verbo + advérbio verbo + subst plural

FLEXÃO DOS ADJETIVOS COMPOSTOS	
SÓ O ÚLTIMO	**NENHUM**
adj + adj (exceção: surdos-mudos) invariável + adj	adj + subst cor + de + subst azul-celeste, azul-marinho

FLEXÃO DOS SUBSTANTIVOS			
VARIAM EM NÚMERO	**VARIAM GÊNERO**	**VARIAM EM NÚMERO E GÊNERO**	**NENHUM**
numerais	cardinais: um, dois e > Duzentos "Ambos" substituindo "os dois"	ordinais	multilicativos

CONCORDÂNCIA NOMINAL							
SINGULAR OU PLURAL	**MASCULINO PLURAL OU MAIS PRÓXIMO**	**MAIS PRÓXIMO OU PLURAL**	**VARIAM EM GÊNERO E NÚMERO**	**MAIS PRÓXIMO**	**VÁRIAS FORMAS**	**VARIAM**	**INVARIÁVEIS**
mesmo gênero, sing. e posposto	gen.dif.,sing. e pos. gen.dif.,plu. e pos. gen/num.dif. e pos.	ou ordinais	mesmo próprio só anexo incluso junto nenhum dado visto	sinônimos	artigo	o mais... possível só obrigado	adv.de modo alerta menos (qtd) outro a sós em mão

CONCORDÂNCIA VERBAL					
SINGULAR	**3ª DO SINGULAR**	**MAIS PRÓXIMO OU PLURAL**	**ANTECEDENTE DO SUJEITO**	**PLURAL**	**SINGULAR OU PLURAL**
nem um nem outro um ou outro é muito é pouco é mais de é menos de é tanto (quantidade) mais de um um dos que algum de uma parte de coletivo com (companhia) ou (exc/sinomia)	quem/qual verbo + se verbos imp. (haver/fazer - tempo/existir)	posposto não só... mas também não só... como bem como tanto... como tanto...quanto	que	anteposto pron.pessoais dif. como quantos de com (cooperação) ou (inc., antomímia, retificação)	um e outro a maioria a maior parte de grande parte de alguns de um grande número de muitos de um dos que cerca de mais de porcentagem, fração tudo, isso, aquilo, o que +

					ser + plural

CRASE		
NÃO	**NÃO**	**OPCIONAL**
pronomes relativos verbos artigo indefinido pronome pessoal pronome indefinido pronome interrogativo locuções repetidas preposição terra # bordo casa = residência	locuções adverbiais femininas locuções conjuntivas femininas locuções prepositivas femininas pronomes demonstrativos conjunção proporcional horas à moda nome de lugar	pronomes possessivos substantivos próprios

COLOCAÇÃO PRONOMINAL			
PRÓCLISE	**MESÓCLISE**	**ÊNCLISE**	**LOCUÇÕES**
conj. subord. pron. relativos pron. interrog. orações opt. orações exclam. adv. preverbiais negação particípio pron.. indef. "em" + gerún. Advérbios (exceção: aqui se arruma / aqui, arruma-se)	futuro do pres. futuro do pret.	início de oração imperativas afirm. gerúndio inf. prec. de "a" orações coord. sind.	verbo principal no infinitivo ou gerúndio - com palavra atrativa = "nas extremidades" - sem palavra atrativa = após o princ. ou após o auxiliar verbo principal no particípio - com palavra atrativa = antes do auxiliar - sem palavra atrativa = após auxiliar verbo principal no fut. presente ou fut. do pretérito - mesóclise

USO DO PORQUE			
POR QUE	**POR QUÊ**	**PORQUE**	**PORQUÊ**
perguntas finalidade/motivo	final de frase antes de pontuação	resposta	"o porquê"

EXERCÍCIOS

01 Dê o plural de: o pé-de-moleque ; a couve-flor ; o curto-circuito ; o guarda-civil
A) os pés-de-moleque; as couves-flores; os curtos-circuitos; os guardas-civis
B) os pés-de-moleques; as couves-flor; os curtos-circuitos; os guardas-civis
C) os pés-de-moleque; as couve-flores; os curto-circuitos; os guarda-civis
D) os pés-de-moleque; as couve-flor; os curto-circuitos; os guardas-civil
E) os pés-de-moleques; as couve-flores; os curtos-circuito; os guarda-civis

02 Identifique a alternativa cujos substantivos flexionam o gênero de uma mesma maneira:
A) pianista ; testemunha ; dentista
B) pessoa ; artista ; jacaré
C) mártir ; criança ; cientista
D) cobra ; peixe ; onça
E) cônjuge ; vítima ; cliente

03 Que frase não apresenta concordância nominal?
A) Escolheram má hora e lugar para a manifestação.
B) A criança vestia uma blusa verde-clara.
C) Estou quites com meus compromissos.
D) Seguem anexos os bilhetes aéreos.
E) A justiça declarou culpados o réu e a ré.

04 Qual a alternativa cuja concordância nominal está correta?
A) Nem uma nem outra maneiras me agradam.
B) Há uma e outra frutas podres.
C) Guardou bastante moedas de prata.
D) Cerveja é boa para a saúde.

E) Não apareceu no terceiro e no quarto dia.

05 Encontre a alternativa que apresenta erro de concordância do verbo SER:
A) Da cidade à ilha é uma hora e quarenta minutos.
B) Amanhã devem ser dez de maio.
C) Isso são águas passadas.
D) Dois mais dois é quatro.
E) Era uma vez oito princesas.

06 Ache a alternativa que se completa corretamente com apenas uma das formas verbais entre parênteses:

A) Uma porção de folhas (sumiu / sumiram).
B) A maior parte dos carros (eram brancos / era branca).
C) Mais de um carro (enguiçou / enguiçaram).
D) 50% da turma (é incapaz / são incapazes) de pensar.
E) Quando apareceu, (era / eram) perto de sete horas.

07 Marque onde há erro na regência do verbo:
A) Ele chegou na cidade ontem à noite.
B) Eu o vi ontem, no cinema.
C) Obedeça às minhas ordens.
D) Informei os amigos sobre a carta.
E) Paga o que deve aos teus funcionários.

08 Que frase apresenta erro na regência nominal?
A) Ninguém está imune a influências.
B) Ela já está apta para dirigir.
C) Tinha muita consideração por seus pais.
D) Ele revela muita inclinação com as artes.
E) Era suspeito de ter assaltado a loja.

09 Indique a frase que não se completa corretamente com a:
A) Fique atento __ essas explicações.
B) Vizinho __ nós moravam portugueses.
C) Resido __ Rua do Ouro.
D) Ela tem horror __certos animais.
E) Ele ficou insensível __ nossos apelos.

10 Ache a frase onde o sinal indicador da crase foi usado inadequadamente:
A) Ela acedeu à reclamação da mãe.
B) Todos aspiram às delícias do paraíso.
C) Eles chegaram à cidade de Olinda.
D) Quero muito à crianças e velhos.
E) Respondam às cartas que chagaram.

R: GABARITO
01-A | 02-D | 03-C | 04-E | 05-D
06-C | 07-A | 08-D | 09-C | 10-D

01 Assinale a alternativa onde ocorre erro de pontuação.
A) ( )Os pássaros, sempre, voltam para os ninhos.
B) Na semana passada, os meninos deixaram seus brinquedos no parque.
C) Se não estivesse chovendo, teria ido ao cinema.
D) Manoel, o padeiro, quebrou a perna e não veio hoje.
E) São Paulo, 20 de novembro de 1999.

02 Na frase Quem deseja sua ajuda em semelhante situação ?, as palavras destacadas são, respectivamente, pronomes:
A) interrogativo - possessivo - demonstrativo
B) indefinido - possessivo - demonstrativo
C) indefinido - relativo - oblíquo
D) indefinido - possessivo - relativo
E) interrogativo - possessivo - indefinido

03 Indique a única alternativa que apresenta erro na acentuação gráfica em uma das palavras.
A) mártir - freguês - pólen
B) calvície - têxteis - ânsia

C) incrível - tênue - cárie
D) sêmen - armazém - ítem
E) vírus - órfão - vácuo

04 Assinale a alternativa onde o verbo pôr está conjugado na 1ª pessoa do plural do pretérito imperfeito do modo indicativo.
A) pomos.
B) púnhamos
C) pusemos
D) ponhamos
E) pusermos

05 Na frase Este é o perfume de que mais gosto, a palavra que é classificada morfologicamente como:
A) substantivo
B) advérbio
C) pronome relativo
D) preposição
E) conjunção subordinada

06 O plural do substantivo composto está incorreto na alternativa:
A) o leva-e-traz - os leva-e-traz
B) a manga-rosa - as mangas-rosa
C) o beija-flor - os beija-flores
D) o guarda florestal - os guarda-florestais
E) o primeiro-ministro - os primeiros-ministros

07 Ocorre erro de concordância nominal na alternativa:
A) No livro de registros faltava a folha duzentos.
B) É necessária segurança para se viver bem.
C) A janela estava meio aberta.
D) Eu e você estamos quites.
E) Os policiais estavam alerta.

08 Assinale a frase que apresenta erro de ortografia.
A) A feijoada foi preparada na tigela de barro.
B) O cliente deu uma boa gorjeta ao garçom.
C) Laura não gosta de licor de jenipapo.
D) Fizeram uma delicioso prato com beringela.
E) Aceitamos sua sugestão.

09 Na frase A loja ficou repleta de clientes, o termo destacado é:
A) objeto direto
B) agente da passiva
C) complemento nominal
D) objeto indireto
E) complemento verbal

10 Em qual das alternativas abaixo ambas as palavras apresentam 8 letras e 6 fonemas ?
A) gasolina - cochicho
B) passarela - passeata
C) assessor - guitarra
D) salsicha - caridade
E) bochecha - oclusiva

R: GABARITO
01-A | 02-A | 03-D | 04-B | 05-C
06-D | 07-B | 08-D | 09-C | 10-C

01 Assinale onde não ocorre a concordância nominal:
A) As salas ficarão tão cheias quanto possível.
B) Tenho bastante dúvidas.
C) Eles leram o primeiro e segundo volumes.
D) Um e outro candidato virá.
E) Não leu nem um nem outro livro policiais.

02 Marque onde o termo em destaque está erradamente empregado:
A) Elas ficaram todas machucadas.
B) Fiquei quite com a mensalidade.

C) Os policiais estão alerta.
D) As cartas foram entregues em mãos.
E) Neste ano, não terei férias nenhumas.

03 Analise sintaticamente o termo em destaque: A marcha alegre se espalhou na avenida...
A) predicado
B) agente da passiva
C) objeto direto
D) adjunto adverbial
E) adjunto adnominal

04 Marque onde o termo em destaque não representa a função sintática ao lado:
A) João acordou doente. (predicado verbo-nominal)
B) Mataram os meus dois gatos. (adjuntos adnominais)
C) Eis a encomenda que Maria enviou. (adjunto adverbial)
D) Vendem-se livros velhos. (sujeito)
E) A idéia de José foi exposta por mim a Rosa. (objeto indireto)

05 Ache a afirmativa falsa:
A) usam-se os parênteses nas indicações bibliográficas;
B) usam-se as reticências para marcar, nos diálogos, a mudança de interlocutor;
C) usa-se o ponto-e-vírgula para separar orações coordenadas assindéticas de maior extensão;
D) usa-se a vírgula para separar uma conjunção colocada no meio da oração;
E) usa-se o travessão para isolar palavras ou frases, destacando-as.

06 Identifique o termo acessório da oração:
A) adjunto adverbial
B) objeto indireto
C) sujeito
D) predicado
E) agente da passiva

07 Qual a afirmativa falsa sobre orações coordenadas?
A) as coordenadas quando separadas por vírgula, se ligam pelo sentido geral do período;
B) uma oração coordenada muitas vezes é sujeito ou complemento de outra;
C) as coordenadas sindéticas subdividem-se de acordo com o sentido e com as conjunções que as ligam;
D) as coordenadas conclusivas encerram a dedução ou conclusão de um raciocínio;
E) no período composto por coordenação, as orações são independentes entre si quanto ao relacionamento sintático.

08 Identifique a afirmativa verdadeira:
A) as orações subordinadas ou são adjetivas ou adverbiais;
B) a preposição que introduz uma oração subordinada nunca pode ser omitida;
C) duas orações subordinadas podem estar coordenadas entre si;
D) uma oração se denomina principal porque vem primeiro que as outras;
E) o período composto por subordinação só pode ter duas orações.

09 Enumere a segunda coluna de acordo com a abreviatura da forma de tratamento adequada:
(1) V.Ex.ª Rev.ma reitor de universidade ( )
(2) V.Mag.ª papa ( )
(3) V.Em.ª bispo e arcebispo ( )
(4) V.S. cardeal ( )

A) 1 ; 4 ; 3 ; 2
B) 2 ; 4 ; 1 ; 3
C) 3 ; 4 ; 2 ; 1
D) 4 ; 2 ; 3 ; 1
E) 2 ; 4 ; 3 ; 1

10 Onde o pronome está erradamente empregado?
A) fez + o = fê - lo
B) diríamos = di - lo - íamos
C) pondes + o = ponde - lo
D) tem + o = tem - no
E) diríeis + o = diríei - lo

R: GABARITO
01-B | 02-D | 03-D | 04-C | 05-B
06-A | 07-B | 08-C | 09-B | 10-E

01 A frase inteiramente correta quanto à concordância verbal é:
A) Será que ainda é possível prever as manobras do governo, neste cenário econômico que se caracteriza por tantas
incógnitas?
B) Por que se permite as cenas de violência, de que estão recheadas a televisão brasileira?
C) As pessoas que se vem mostrando satisfeitas com o país são as beneficiárias das medidas que se veio implantando.
D) Se qualquer um de nós lhes emprestássemos apoio, mereceriam o repúdio de toda a população.
E) Por mais que os espantem a surpresa dos novos fatos, ainda não lhes falta a capacidade das iniciativas.

02 Todas as palavras estão corretamente grafadas na frase:
A) As pessoas impúdicas vêem como natural a exposição das crianças às torpesas dos famigerados programas populares.
B) Orçados os custos gerais da campanha, impuzeram-se ríjidas restrições às despesas atinentes à publicidade.
C) A obtenção de recursos extras constitui a meta prioritá-ria, no momento; não há outro jeito de implementar este plano.
D) Seu modo de agir lembra-me os tregeitos dos ilusionis-tas: os movimentos dispersivos discimulam o gesto essencial.
E) O Ivo, sempre incalto, serviu à causa do adversário; faltou-lhe a acessoria de um correlegionário mais experi-ente.

03 A contemporaneidade das idéias não implica rejeição sumária do que já foi ajuisado no passado, pelo contrário: requer a izenção de julgamento que coíbe os preconceitos e permite analisar com descortínio as teorias de nossos antecessores.
É preciso corrigir a grafia de TODAS as palavras, destacadas do período acima, que constam em
A) contemporaneidade-izenção-analisar
B) rejeição-ajuisado-analisar
C) contemporaneidade-coíbe-descortínio
D) ajuisado-izenção-descortínio
E) rejeição-coíbe-antecessores

04 A flexão de todos os verbos está correta na frase:
A) Os policiais que os deteram, na manhã de ontem, há muito vêm agindo de modo arbitrário.
B) Caso não ajam a tempo, pediremos que seja estendido o prazo de apresentação de seus documentos.
C) Assim que reavermos nossas malas, remarcaremos as passagens.
D) Os portões que se vêm nos casarões antigos detêm nosso olhar, tantos são os detalhes que neles surpreendemos.
E) Quando eles reverem o caso, haverão de chegar a novas conclusões.

05 A impropriedade no emprego do léxico torna absurdo o sentido da frase:
A) Tanto subestimaram a força do adversário que acabaram por lhe infligir retumbante derrota.
B) Ele costuma agir com cautela, não obstante haver demonstrado alguma afoiteza na última medida que tomou.
C) Ao contrário de seu irmão, um notório delinqüente, ele jamais deixou de agir com a mais absoluta retidão.
D) Alcoólatra redimido, José faz questão de se pôr à prova, não fugindo às reuniões em que a bebida é farta.
E) Dado que não pude ratificar o meu voto no segundo escrutínio, meu representante legal encarregou-se de confirmá-lo.

06 -Bastam de provocações! -Foi o grito que puderam ouvir os que se achavam próximos do presidente da Assembléia,
quando já fazia dez minutos que nenhum dos parlamentares da oposição conseguia ir além da primeira frase, no momento de
se encaminhar as votações.
Em respeito às normas de concordância verbal, é preciso corrigir as seguintes formas do texto acima:
A) fazia e encaminhar.
B) bastam e fazia.
C) bastam e encaminhar.
D) conseguia e encaminhar.
E) fazia e conseguia.

07 Há ERRO de construção no segmento sublinhado da frase:
A) Agi de modo a demonstrar uma estrita observância com as leis.
B) A defesa dos réus está estribada em forte argumentação.
C) Nosso gesto é ilustrativo do desânimo que tomou conta de nós.

D) Ela usou expressões que não são cabíveis numa ata oficial.
E) Consternado com o fato, pediu demissão.

08 Está correto o emprego da expressão sublinhada na frase:
A) O cargo em cujo ele seria empossado continuará vago.
B) É um velho experiente, a cuja memória todos recorrem.
C) São grosseiros os erros aos quais ele vem incorrendo.
D) Eis as terras a cujas o rio vem poluindo.
E) Desconfio dos dados de que foram coligidos nesta pesquisa.

09 Ele sempre demonstrou animosidade para com os mais jovens, sobretudo quando estes, inadvertidamente, dispõem-se a
falar sobre temas tidos como polêmicos.
Os termos sublinhados poderiam ser substituídos, sem prejuízo para o sentido da frase, por, respectivamente,
A) impaciência, descuidadamente e improcedentes.
B) intolerância, apressadamente e incontroversos.
C) boa vontade, pressurosamente e delicados.
D) tolerância, inocentemente e indevassáveis.
E) má vontade, irrefletidamente e controversos.

10 Indique o período cuja redação está inteiramente clara e correta.
A) É uma ilusão imaginarmos que se pode estar atualizados com os equipamentos de informática, cuja novidade é tão
grande que não se imagina podermos acompanhá-los.
B) Resultou frustrada a nossa expectativa de adquirir bons livros, já que, na tão decantada liqüidação daquela grande livraria, só havia títulos inexpressivos.
C) Os incentivos fiscais constituem uma questão complicada, pois segundo alguns, a iniciativa privada recebe benefícios onde a contrapartida em criação de empregos é insuficiente.
D) Naquele editorial da revista não ficou claro a posição do mesmo, seja porque o editorialista de fato não o desejasse, ou então porque a redação dele não o permitiu.
E) Com o fim do rodízio no trânsito, espera-se que ele aumente, voltando a terem problemas de congestionamento
justamente quando todos saem ou voltam para casa.

R: GABARITO
01-B | 02-C | 03-A | 04-E | 05-B
06-E | 07-A | 08-D | 09-E | 10-C

01 Dadas as palavras:

1)des-a-ten-to
2)sub-es-ti-mar
3) trans-tor-no
Constatamos que a separação silábica está correta:
A) apenas em 3
B) apenas em 2
C) apenas em 1
D) em todas as palavras
E) n.d.a.

02 Assinale a alternativa em que a palavra não tem suas sílabas corretamente separadas:

A) in-te-lec-ção
B) cre-sci-men-to
C) oc-ci-pi-tal
D) ca-a-tin-ga
E) n.d.a.

03 Registra o Dicionário Aurélio, que a palavra memorando é uma adaptação do latim, onde memorandum significa que deve
ser lembrado, explicando que se trata de:

A) participação ou aviso por escrito usado, apenas, entre chefias;
B) impresso comercial, de formato menor que o da carta, usado somente em comunicações breves;
C) comunicação entre funcionários;
D) participação ou aviso por escrito usado em comunicações breves;
E) n.d.a.

04 Assinalar a alternativa incorreta quanto a utilização de memorando, em se tratando de medidas internas:

A) convocar pessoal para prestação de serviços extraordinários;
B) comunicar antecipação ou prorrogação de horário de serviços em casos de comprovada necessidade;
C) solicitar outras medidas de ordem estritamente interna e, que atinjam funcionários a serviço da respectiva repartição;
D) convocar chefe ou funcionário, em caráter urgente, para comparecimento à Diretoria;
E) n.d.a.

05 Quanto a classificação dos memorandos podemos afirmar que são:
A) internos, externos e pessoais;
B) superiores, inferiores e administrativos;
C) administrativos, superiores e pessoais;
D) pessoais, administrativos, internos, externos, superiores, inferiores e iguais;
E) n.d.a.

06 Assinale alternativa correta:
A) ofícios são comunicações escritas que as autoridades recebem;
B) ofício quer dizer comunicação formal por escrito, dentro da mesma repartição ou destinada a outra repartição ou a
particular;
C) ofícios são comunicações escritas, apenas, entre a Administração e particulares, em caráter oficial;
D) ofícios são comunicações informais entre repartições particulares;
E) n.d.a.

07 Os pronomes: meu, nosso, seu, são classificados como:
A) pessoal
B) possessivo
C) interrogativo
D) indefinido
E) n.d.a.

08 Assinale o vocábulo incorreto quanto à acentuação das oxítonas:
A) pitú
B) baú
C) Piauí
D) caju
E) n.d.a.

09 Assinale a alternativa de vocábulo corretamente acentuado:
A) ítens
B) ítem
C) hífen
D) rítmo
E) n.d.a.

10 Assinale o uso correto da crase:
A) Tomou remédio gota à gota;
B) Gosto muito de andar à pé;
C) Vou à praia aos domingos;
D) O livro foi dado à João;
E) n.d.a.

R: GABARITO
01-A | 02-B | 03-D | 04-E | 05-D
06-B | 07-B | 08-A | 09-C | 10-C

01 Encontre o termo em destaque que está erradamente empregado:
A) Senão chover, irei às compras.
B) Olharam-se de alto a baixo.
C) Saiu a fim de divertir-se
D) Não suportava o dia-a-dia no convento.
E) Quando está cansado, briga à toa.

02 Ache a palavra com erro de grafia:
A) cabeleireiro ; manteigueira
B) caranguejo ; beneficência
C) prazeirosamente ; adivinhar

D) perturbar ; concupiscência
E) berinjela ; meritíssimo

03 Identifique o termo que está inadequadamente empregado:
A) O juiz infligiu-lhe dura punição.
B) Assustou-se ao receber o mandato de prisão.
C) Rui Barbosa foi escritor preeminente de nossas letras.
D) Com ela, pude fruir os melhores momentos de minha vida.
E) A polícia pegou o ladrão em flagrante.

04 Marque onde há um vocábulo que não se completa corretamente com a(s) letra(s) ao lado:
A) __ibóia ; ultra__e ; pa__em ; lambu__em (j)
B) efetu__ ; camp__ão ; p__nico ; arr__piar (e)
C) adole__ente ; di__iplina ; re__isão ; ob__eno (sc)
D) e__tender ; e__plêndido ; arreve__ar ; vi__ar (s)
E) e__pender ; ri__a ; e__pontâneo ; prete__to (x)

05 Qual a afirmativa falsa?
A) a vírgula é obrigatória antes do e quando o termo seguinte é pleonástico;
B) as conjunções coordenativas devem ser colocadas entre vírgulas, quando intercaladas;
C) não é obrigatório o uso da inicial maiúscula após o ponto de exclamação;
D) o ponto é usado exclusivamente no final dos períodos;
E) entre parênteses devem ser postos os nomes de autores relativos a citações feitas.

06 Assinale a frase em que não há erro na forma verbal:
A) Não semeiemos a discórdia.
B) Ainda bem que freiamos a tempo.
C) Discirno muito bem uma jóia verdadeira.
D) Eles se desaviram por um motivo tolo.
E) Não demula esta parede.

07 Marque onde o verbo está erradamente empregado:
A) Se pudesse, eu teria salvo a vítima.
B) O assassino está preso há anos.
C) O fogo foi extinto pelos bombeiros.
D) Ele havia segurado o meu braço.
E) Não haviam limpado todos os vidros.

08 Indique onde há erro na conjugação do verbo com o pronome:
A) Apresentou-se-me uma boa ocasião.
B) Convidar-te-ia se possível.
C) Vemos-nos menos do que desejamos.
D) Comemorar-se-á a vitória.
E) Atribui-se-lhes pesada tarefa.

09 Qual a alternativa que apresenta erro no plural dos vocábulos?
A) problemas luso-brasileiros ; saias azul-pavão
B) luvas pérola ; blusas azul-celeste
C) bananas-maçã ; meios-fios
D) pés-de-moleques ; altares-mor
E) guarda-comidas ; águas-fortes

10 Ache a frase que apresenta superlativo absoluto analítico:
A) Estas peças são antiqüíssimas.
B) O aço é mais resistente que o ferro.
C) As mães são excessivamente cautelosas.
D) Pedro é o mais baixo de todos.
E) Esta fruta é a melhor.

R: GABARITO
01-A | 02-C | 03-B | 04-E | 05-D
06-C | 07-A | 08-C | 09-D | 10-C

01 Que construção não é aceita na norma culta?
A) Este automóvel é mais moderno que aquele.
B) A Lua é mais pequena que a Terra.
C) Este chocolate é mais ruim que o outro.
D) Publicaram uma obra mais perfeita que a anterior.
E) Seu irmão já está mais grande que você.

02 Assinale a frase em que há erro de concordância:
A) Esta verdade, só a conhece minha irmã e eu.
B) Nossos empregados e teus assessores farão o trabalho.
C) Ele ou eu ficarei em primeiro lugar.
D) A mãe ou o pai receberão a primeira fatia do bolo.
E) Já era decorrido um ano e seis meses.

03 Que frase não apresenta concordância nominal?
A) Produz textos o mais sintéticos possível.
B) Não apresentou nenhumas condolências.
C) Os gestos falam por si só.
D) Os trabalhadores permaneciam alerta.
E) Entregue estes convites em mão.

04 Marque a única frase correta quanto ao emprego do pronome:
A) Fiz ele devolver todas as mercadorias.
B) Perante mim, juraste inocência.
C) Marido e mulher tinham sérias desavenças entre eles.
D) Posso deixar o embrulho consigo?
E) Paulo é descortês, mas Tânia prefere ele a mim.

05 Assinale a frase em que há erro no emprego do pronome de tratamento:
A) Vossa Alteza ainda quer falar com Sua Majestade?
B) Estes envelopes são para a Vossa Excelência.
C) Encaminhamos a V.S.ª os quadros de pessoal.
D) Acusamos o recebimento da carta de V. Ex.ª, ontem.
E) Espero que você não esqueça seu discurso!

06 Mostre onde o sinal indicador da crase foi usado indevidamente:
A) Ela nunca foi à gafieiras mas adora dançar.
B) O líder assistia a tudo à distância de cem metros.
C) Retornou à casa paterna.
D) Encontrei-o à beira da falência.
E) Fomos até à rua.

07 Que frase não apresenta erro de regência verbal:
A) Avisei-lhe da hora da reunião.
B) Quando iremos na empresa?
C) Reclamava muito, mas ninguém o ajudava.
D) Proíbo-lhe de sair sem autorização.
E) Lembrei de suas palavras.

08 Analise sintaticamente a oração em destaque:
Bem-aventurados os que ficam, porque eles serão recompensados.
(Machado de Assis)
A) oração subordinada substantiva completiva nominal
B) oração subordinada adverbial causal
C) oração subordinada adverbial temporal desenvolvida
D) oração coordenada sindética conclusiva
E) oração coordenada sindética explicativa

09 Ache a única oração subordinada:
A) Ora a nuvem escondia a lua, ora a lua escondia a nuvem.
B) O jogador prometeu um jogo à torcida, mas não conseguiu marcá-lo.
C) Não saia sem o agasalho, pois há umidade no ar.
D) Você verá que a emoção começa agora.
E) Há neblina na estrada; logo, há umidade no ar.

10 Dê a função sintática do termo destacado: Ao pobre não lhe devo.
A) objeto indireto
B) objeto indireto pleonástico
C) núcleo do objeto direto preposicionado
D) adjunto adverbial
E) adjunto adnominal

R: GABARITO
01-E | 02-D | 03-C | 04-B | 05-B
06-A | 07-E | 08-E | 09-D | 10-B

01 Identifique a única frase que não passa idéia de superlativo:

A) Ele é valente como quê!
B) Ela não é apenas uma boa diretora, ela é a diretora.
C) Maria é mais bonita que simpática.
D) Romário é um senhor jogador!
E) Aquele filho é o menos carinhoso de todos.

02 Aponte a alternativa onde a pontuação está adequada ao período:
A) A morte, não extingue: transforma, não aniquila, renova, não divorcia, aproxima.
B) A morte, não extingue - transforma - não aniquila - renova - não divorcia - aproxima.
C) A morte; não: extingue (transforma); não: aniquila (renova); não: divorcia (aproxima).
D) A morte não extingue: transforma; não aniquila: renova; não divorcia: aproxima.
E) A morte, não extingue, transforma; não aniquila, renova; não divorcia, aproxima.

03 Descubra o vocábulo que não se completa com a letra ao lado:
A) mi__to ; despre__o ; ob__équio ; empre__a (s)
B) e__pelir ; e__pender ; e__tremoso ; te__to (x)
C) __ibóia ; ultra__e ; can__ica ; ma__estoso (j)
D) Man__el ; b__eiro ; b__lir ; íng__a (u)
E) pát__o ; __mpigem ; discr__ção ; tereb__ntina (i)

04 Qual o período cujo termo em destaque está inadequadamente empregado?
A) O Juiz empossou os seus pares.
B) Cuidemos da horta que os celeiros estão vazios.
C) Acenderam os círios sob o altar.
D) Ao luchar a perna, o atleta gritou de dor.
E) Só sai besteira desta sua cachola.

05 Complete as frases corretamente:
O objeto que estava no fundo do lago _____.
Como aluno, sou do corpo _____ da escola.
Por favor, _____ aquela porta. Faz frio aqui.
Rendamos _____ aos que tombaram na guerra.

A) imergiu ; docente ; serre ; pleito
B) imergiu ; discente ; cerre ; preito
C) emergiu ; discente ; cerre ; preito
D) emergiu ; docente ; serre ; pleito
E) imergiu ; discente ; serre ; preito

06 Ache a dupla onde há erro de ortografia:
A) aterrissar ; asar
B) beneficência ; hilariedade
C) prazerosamente ; meteorologia
D) imprescindível ; manteigueira
E) hidravião ; candeeiro

07 Que verbo não se apresenta corretamente conjugado no presente do indicativo?
A) precavemos ; precaveis (precaver)
B) dói ; doem (doer)
C) adiro ; aderes ; adere ; aderimos ; aderis ; aderem (aderir)
D) frejo ; freges ; frege ; frigimos ; frigis ; fregem (frigir)
E) arguo ; argúis ; argúi ; argüimos ; argüis ; argúem (argüir)

08 Indique onde não se fez a correta concordância nominal:
A) Cerveja é bom para saúde.
B) Guardou bastantes moedas de prata.
C) É necessária coragem.
D) Foi ela mesma que escreveu a carta.
E) Entregue estes convites em mão.

09 Qual a função sintática do termo em destaque ?
O velho autêntico tinha sido substituído pelo velho fingido
A) complemento nominal
B) objeto indireto
C) objeto direto preposicionado
D) agente da passiva

E) adjunto adverbial

10 Marque a alternativa cuja oração apresenta em destaque um termo sem vínculo sintático com a mesma:
A) A moça caminhava apressadamente.
B) Mataram os meus gatinhos.
C) Estou no meio da praça.
D) Ele gostou da sugestão.
E) João, onde está Maria?

R: GABARITO
01-C | 02-D | 03-A | 04-D | 05-C
06-B | 07-D | 08-C | 09-D | 10-E

01 Marque a afirmativa falsa:
A) a oração é principal, quando não exerce nenhuma função sintática em outra oração do período composto por
subordinação;
B) o período é simples, se constituído de uma só oração, chamada absoluta;
C) a oração coordenada que se prende à anterior por meio de conectivo denomina-se sindética;
D) a oração subordinada adjetiva não depende de nenhum termo da oração cujo núcleo seja um substantivo;
E) as orações subordinadas adjetivas classificam-se em restritivas e explicativas.

02 Identifique onde está a oração subordinada substantiva cujo valor sintático é de aposto:
A) De uma coisa sei: que é preciso morrer para viver.
B) Ele disse que não se lembrava do nome.
C) Confesso que me bambeou a perna.
D) O triste é que não era uma planta qualquer.
E) Meu Deus, só agora me lembrei que a gente morre.

03 Encontre a alternativa que expõe uma oração coordenada sindética explicativa:
A) Não fui à escola porque fiquei doente.
B) Não falte à reunião pois quero falar com você.
C) Como estava muito resfriado, não foi à recepção.
D) Não posso inscrevê-lo uma vez que não há mais vagas.
E) Fomos bem recebidos porque trazíamos boas notícias.

04 Qual dos períodos abaixo apresenta oração subordinada adverbial concessiva?
A) O caminho é tão comprido que não tem fim.
B) Aqui vai o livro para que o leias.
C) Obedeciam aos pais sem grandes esforços, posto fossem teimosos.
D) À medida que descia tranqüilizava-se.
E) Não os vi quando desapareceram.

05 Assinale a frase em que não há erro no emprego do pronome de tratamento:
A) Espero que você não esqueça teus amigos.
B) Estas flores são para a Vossa Alteza.
C) Ela encaminhou os presentes à V.S.ª.
D) Vossa Majestade ainda quer falar com S.Excia?
E) Reiteramos a V.Rev.ma nossa estima e apreço.

06 Indique a frase que apresenta erro na concordância do verbo com o sujeito:
A) Esta verdade, só a conhece minha irmã e eu.
B) Nem um nem outro candidato acertaram a questão.
C) O chefe ou o pai receberão a primeira fatia do bolo.
D) Para ele não existe azar e sorte.
E) Tanto eu quanto você sabíamos o resultado.

07 Qual a alternativa que não apresenta concordância correta do verbo ser?
A) Ontem foi vinte e dois de maio.
B) Dez anos é muito tempo.
C) Isso é águas passadas.
D) Quando veio, era perto de cinco horas.
E) As visitas éramos nós.

08 Ache a alternativa que apresenta erro:
A) tabeliães magnificentíssimos
B) cidadões magérrimos

C) anciãos integérrimos
D) corrimões antiqüíssimos
E) charlatães crudelíssimos

09 Indique onde há erro na flexão dos adjetivos compostos:
A) roupas azul-celeste
B) raios ultravioleta
C) meninas surdas-mudas
D) poemas épico-líricos
E) camisas verde-claros

10 Marque a única construção que não é aceita como correta na língua culta:
A) Raquel é mais pequena que sua irmã.
B) Seu quadro foi o mais grande da exposição.
C) Este vinho é mais excelente que aquele.
D) Josias é mais bom do que trabalhador.
E) Este automóvel é mais moderno que o de cor vermelha.

R: GABARITO
01-D | 02-A | 03-B | 04-C | 05-E
06-C | 07-A | 08-B | 09-E | 10-B

01 Na frase: Paulo comprou um livro, a função sintática da palavra livro é:
A) objeto direto
B) predicado
C) objeto indireto
D) sujeito
E) n.d.a.

02 Assinale a alternativa em que o elemento mórfico em destaque está corretamente analisado:
A) menina (-a): desinência nominal de gênero;
B) gasômetro (-ô-): vogal temática de 2a conjugação;
C) amassem (-sse-): desinência de 2a pessoa do plural;
D) cantaríeis (-is-): desinência do imperfeito do subjuntivo;
E) n.d.a.

03 Na Frase: Precisa-se de trabalhadores, a Voz do Verbo é:
A) Reflexiva
B) Passiva
C) Ativa
D) Recíproca
E) n.d.a.

04 Assinale a alternativa correta quanto à Concordância Verbal:
A) Sou eu que primeiro saio.
B) É cinco horas da tarde.
C) Da cidade à praia é dois quilômetros.
D) Dois metros de tecido são pouco.
E) n.d.a.

05 Assinale a frase em que há erro de concordância:
A) Os sertões possuem um sopro épico.
B) Promove-se festas beneficentes na minha comunidade.
C) Há dois anos, os Estados Unidos invadiram a Líbia.
D) Fui eu quem resolveu a adoção de tal medida.
E) n.d.a.

06 Assinale a alternativa incorreta:
A) O atirador visa o alvo.
B) O fiscal visou os documentos.
C) Visamos a um futuro mais feliz.
D) Os pais visam à formação dos filhos.
E) n.d.a.

07 Em relação ao período: Quando terminar a prova, espere-me no portão. A oração sublinhada é:
A) principal
B) coordenada assindética
C) subordinada adverbial temporal
D) subordinada adjetiva restritiva

E) n.d.a.

08 As palavras: tardar e entardecer foram formadas a partir da palavra tarde por meio do processo de derivação. Quais foram, respectivamente, os tipos de derivação usados?
A) sufixal e prefixal;
B) regressiva e parassintética;
C) regressiva e prefixal;
D) sufixal e parassintética;
E) n.d.a.

09 Há sujeito indeterminado em:
A) Ali, rouba-se no atacado e no varejo.
B) O pássaro voou assustado.
C) Surgiram reclamações contra o rei.
D) Aluga-se quarto.
E) n.d.a.

10 Assinale a opção que apresenta erro quanto ao pronome de tratamento empregado:
A) Vossa Eminência - cardeais
B) Vossa Santidade - papa
C) Vossa Magnificência - reis
D) Vossa Alteza - príncipes e duques
E) n.d.a.

R: GABARITO
01-A | 02-A | 03-B | 04-A | 05-B
06-D | 07-C | 08-D | 09-A | 10-C

01 Assinale onde a função sintática do que não corresponde ao termo entre parênteses:
A) A pessoa com que foi visto é má. (adjunto adverbial)
B) Alguns temem o ladrão que ele é. (predicativo do sujeito)
C) O homem que sorriu era seu amigo. (objeto direto)
D) São essas as flores de que gostas? (objeto indireto)
E) O animal por que fomos perseguidos era feroz. (agente da passiva)

02 Analise sintaticamente o pronome reflexivo em destaque:
O caçador medicou-se.
A) sujeito
B) objeto direto
C) objeto indireto
D) complemento nominal
E) predicativo

03 Ache a alternativa falsa na análise do período abaixo:
O homem que trabalha quis que calassem enquanto discursava.
A) O homem = oração principal
B) que trabalha = oração subordinada adjetiva
C) quis = oração subordinada subjetiva reduzida
D) que calassem = oração subordinada substantiva objetiva direta
E) enquanto discursava = oração subordinada adverbial temporal

04 Encontre a oração subordinada adjetiva restritiva:
A) O negro que discursava, sorri.
B) O triste é que não era uma planta qualquer.
C) Só imponho uma condição: que não chegues tarde.
D) Meu irmão saiu ontem.
E) Sabe-se que o resultado foi positivo.

05 Ache a única frase onde o termo em destaque está corretamente grafado:
A) Deu apenas cinco reais ao cabelereiro.
B) Era imprecindível a presença do pai.
C) Mais uma vez queimou o fuzível.
D) É necessário discriminar melhor as despesas.
E) A criança sorria prazeirosamente para todos.

06 Marque onde todas as palavras se completam corretamente com a letra ao lado:
A) mon__e ; ar__ila ; bre__eiro ; cônju__e (g)
B) e__traviar ; e__pansão ; __ucro ; fu__ico (x)
C) d__gladiar ; côd__a ; efetu__ ; quas__ (e)

D) tereb__ntina ; __figênia ; pát__o ; cum__eira (i)
E) e__pontâneo ; mi__to ; va__ar ; gro__a (s)

07 Indique a frase que apresenta erro na forma verbal:
A) Ele averigua todas as portas antes de dormir.
B) Acabou a ocupação com que ele se entretivera durante o dia.
C) Se eu rever o texto, encontrarei mais erros.
D) Se sobrevier um acidente, o culpado será você.
E) Não premio pessoas incompetentes.

08 Identifique a única frase cujo verbo acompanha a norma culta:
A) Suas idéias não se adéquam à filosofia da escola.
B) O decreto, embora antigo, ainda está vigendo.
C) Funda os metais lentamente.
D) Esperamos que o governo abula todas as mordomias.
E) Não há despesa de que ele não se ressarça.

09 Qual a alternativa que contém o superlativo absoluto sintético dos adjetivos abaixo:
nobre ; são ; frio ; dócil
A) nobríssimo ; saníssimo ; frigidíssimo ; docíssimo
B) nobílimo ; sanérrimo ; friíssimo ; docílimo
C) nobrérrimo ; saníssimo ; frigidíssimo ; docilíssimo
D) nobilíssimo ; saníssimo ; frigidíssimo ; docílimo
E) nobrérrimo ; sãosíssimo ; friíssimo ; docilíssimo

10 Em todos os itens abaixo há um adjetivo no grau comparativo, exceto em:
A) Os filhos já estavam maiores que o pai.
B) As modelos de ontem eram mais bonitas que as de hoje.
C) Ele parecia o mais tímido de todos.
D) Dizem que o marinheiro é forte como um touro.
E) Este filme pareceu-me mais longo que o anterior.

R: GABARITO
01-C | 02-B | 03-C | 04-A | 05-D
06-B | 07-C | 08-B | 09-D | 10-C

01 Que alternativa apresenta conjunção subordinativa integrante:
A) Caso precise sair, deixe o recado na porta.
B) Tudo aconteceu como havíamos previsto.
C) Não sei se devo dizer-lhe toda a verdade.
D) Como ele insistisse, resolvi aceitar o convite.
E) O julgamento, como se vê, era muito parcial.

02 Os superlativos absolutos sintéticos de doce, miúdo, amável e fiel são respectivamente:
A) docíssimo ; minúsculo ; amabilíssimo ; fidelíssimo
B) docérrimo ; minutísssimo ; amavelíssimo ; fielíssimo
C) dulcíssimo ; minúsculo ; amábil ; fiélimo
D) dulcíssimo ; minutíssimo ; amabilíssimo ; fidelíssimo
E) docíssimo ; miudérrimo ; amabílimo ; fidelíssimo

03 Complete corretamente:
Quando os pais ______ aos filhos que se ______ das bebidas
alcoólicas e que ______ seus passeios, muitos deles não se ______ e saíram.
A) proporam ; abstessem ; revessem ; conteram
B) propuseram ; abstivessem ; revissem ; contiveram
C) proporam ; abstenham ; revejam ; contêm
D) propuseram ; abstessem ; revessem ; contêm
E) proporam ; abstivessem ; revissem ; conteram

04 Analise sintaticamente a oração em destaque abaixo:
As mãos que apertei eram grosseiras e férteis.
A) oração subordinada adverbial consecutiva
B) oração subordinada adjetiva restritiva
C) oração principal
D) oração absoluta
E) oração coordenada assindética

05 Assinale a alternativa que contêm os sinais de pontuação adequados:
A) João, todo sábado; segue a mesma rotina: praia; futebol; jantar em família.

B) João, todo sábado, segue a mesma rotina, praia, futebol, jantar em família.
C) João, todo sábado; segue a mesma rotina, praia, futebol, jantar em família.
D) João, todo sábado, segue a mesma rotina: praia, futebol, jantar em família.
E) João, todo sábado, segue a mesma rotina; praia, futebol, jantar em família.

06 Em qual das alternativas todas as palavras são substantivos?
A) Carlos ; ramalhete ; alma ; depois
B) nuvem ; beleza ; prazer ; bando
C) pelo ; gíria ; perigo ; Deus
D) célebre ; maturidade ; Paulo ; líquido
E) crime; consigo ; março ; Cairo

07 A classe dos termos sublinhados foi indicada corretamente em todas as alternativas, exceto na:
A) Um professor italiano visitou a escola. (adjetivo)
B) Chegou meu irmão, mas não o teu. (artigo)
C) Ele ainda não me devolveu o livro. (pronome oblíquo)
D) Ele escreve muito bem. (substantivo)
E) A sua pesquisa é clara e objetiva. (conjunção)

08 Marque a alternativa onde o destaque não é adjunto adnominal:
A) Voltaremos cedo para casa.
B) Ele é um moço de bom coração.
C) O sol da manhã iluminava a montanha.
D) Cuidado com esse prato de vidro.
E) Algumas pessoas andavam pelas ruas.

09 Assinale onde a oração em destaque é subordinada substantiva subjetiva:
A) O certo é não insistir nessa idéia.
B) É possível terminar o trabalho mais cedo?
C) Ele se destacou lutando pelo direito dos pobres.
D) Cumprida a missão, volte ao acampamento.
E) A felicidade consiste em não sofrer.

10 Onde está o vocábulo erradamente grafado?
A) anti-séptico ; concelho ; bicarbonato
B) digladiar ; desmazelo ; excremento
C) mexerica ; fascínora ; herbívoro
D) retenção ; pegajento ; verossimilhança
E) xifópagos ; sucinto ; sósia

R: GABARITO
01-C | 02-D | 03-B | 04-C | 05-D
06-B | 07-D | 08-A | 09-B | 10-C

01 Ache a palavra que recebeu o acento gráfico indevidamente:
A) apazigúem ; pôr ; pólo ; platéia
B) bílis ; mausoléus ; complô ; reféns
C) dêem ; côo ; único ; baínha
D) argúi ; ímã ; mártir ; faísca
E) fórum ; juíza ; averigúes

02 Que par de palavras abaixo perde o acento gráfico na formação do plural?
A) caráter ; pêra
B) hífen ; repórter
C) vintém ; egípcio
D) mútuo ; tríceps
E) gás ; álbum

03 Indique a alternativa em que o exemplo dado não corresponde à figura de sintaxe ao lado:
A) O sacrifício, faremos: a vitória, alcançaremos. (anástrofe)
B) Suspira, e chora, e geme, e sofre, e sua... (polissíndeto)
C) O prêmio foi conseguido e o prisioneiro, solto. (silepse de pessoa)
D) Os três reis orientais, ... é tradição da igreja que um era preto.(anacoluto)
E) Vi claramente visto o lume vivo. (pleonasmo)

04 Classifique a figura presente no texto abaixo:
Foi por ti que num sonho de ventura / A flor da mocidade consumi. (Álvares de Azevedo)
A) hipérbato
B) anástrofe

C) sínquise
D) aliteração
E) zeugma

05 Ache a frase que se completa corretamente com eu:
A) Não há desentendimento entre __ e ti.
B) Deixem __ explicar-lhes o que aconteceu.
C) Isto é para __ fazer.
D) Ela encontrou __ na praça.
E) Irás até __.

06. Indique o uso inadequado do pronome demonstrativo:
A) A menina era tal qual os avós.
B) Vencer depende destes fatores: rapidez e segurança.
C) Valentino foi o maior ator daquela época.
D) Foi preso em 1955 e já saiu nesse ano
E) Escrevo esta carta para vires.

07 Identifique o item que se completa adequadamente com à:
A) Não __ nada que possa me prejudicar.
B) As lágrimas caíam uma __ uma de seu rosto cansado.
C) __ momentos em que nos faltam palavras.
D) Ele fez uma descrição __ Guimarães Rosa.
E) Estamos __ dois dias do início dos exames.

08 Mostre onde há erro de concordância nominal:
A) É permitida a permanência de alunos.
B) A lista de ofertas vai anexa ao pacote.
C) Os gêneros alimentícios estão caros no Brasil.
D) Estou quite com todos vocês.
E) A porta está meia aberta.

09 Encontre a única alternativa sem erro de concordância verbal:
A) Precisam-se de cartas de apresentação.
B) Exigia-se fotos coloridas e pagamento de taxa.
C) Na festinha, bebeu-se dúzias de refrigerantes.
D) Fazem oito anos que nos vimos pela última vez.
E) Os assuntos que importava discutir não foram mencionados.

10 Dê o significado da frase abaixo:
Embora fosse um professor incipiente, falava um inglês estreme.
A) Embora fosse um professor principiante, falava um inglês genuíno.
B) Embora fosse um professor ignorante, falava um inglês puro.
C) Embora fosse um professor relapso, falava um inglês fluente.
D) Embora fosse um professor provisório, falava um inglês excelente.
E) Embora fosse um professor substituto, falava um inglês de nativo.

R: GABARITO
01-C | 02-A | 03-C | 04-B | 05-C
06-A | 07-D | 08-E | 09-E | 10-A

01 Assinale a alternativa onde ocorre erro de pontuação.
A) Os pássaros, sempre, voltam para os ninhos.
B) Na semana passada, os meninos deixaram seus brinquedos no parque.
C) Se não estivesse chovendo, teria ido ao cinema.
D) Manoel, o padeiro, quebrou a perna e não veio hoje.
E) São Paulo, 20 de novembro de 1999.

02 Na frase Quem deseja sua ajuda em semelhante situação ?, as palavras destacadas são, respectivamente, pronomes:
A) interrogativo - possessivo - demonstrativo
B) indefinido - possessivo - demonstrativo
C) indefinido - relativo - oblíquo
D) indefinido - possessivo - relativo
E) interrogativo - possessivo - indefinido

03 Indique a única alternativa que apresenta erro na acentuação gráfica em uma das palavras.
A) mártir - freguês - pólen
B) calvície - têxteis - ânsia

C) incrível - tênue - cárie
D) sêmen - armazém - ítem
E) vírus - órfão - vácuo

04 Assinale a alternativa onde o verbo pôr está conjugado na 1ª pessoa do plural do pretérito imperfeito do modo indicativo.
A) pomos.
B) púnhamos
C) pusemos
D) ponhamos
E) pusermos

05 Na frase Este é o perfume de que mais gosto, a palavra que é classificada morfologicamente como:
A) substantivo
B) advérbio
C) pronome relativo
D) preposição
E) conjunção subordinada

06 O plural do substantivo composto está incorreto na alternativa:
A) o leva-e-traz - os leva-e-traz
B) a manga-rosa - as mangas-rosa
C) o beija-flor - os beija-flores
D) o guarda florestal - os guarda-florestais
E) o primeiro-ministro - os primeiros-ministros

07 Ocorre erro de concordância nominal na alternativa:
A) No livro de registros faltava a folha duzentos.
B) É necessária segurança para se viver bem.
C) A janela estava meio aberta.
D) Eu e você estamos quites.
E) Os policiais estavam alerta.

08 Assinale a frase que apresenta erro de ortografia.
A) A feijoada foi preparada na tigela de barro.
B) O cliente deu uma boa gorjeta ao garçom.
C) Laura não gosta de licor de jenipapo.
D) Fizeram uma delicioso prato com beringela.
E) Aceitamos sua sugestão.

09 Na frase A loja ficou repleta de clientes, o termo destacado é:
A) objeto direto
B) agente da passiva
C) complemento nominal
D) objeto indireto
E) complemento verbal

10 Em qual das alternativas abaixo ambas as palavras apresentam 8 letras e 6 fonemas ?
A) gasolina - cochicho
B) passarela - passeata
C) assessor - guitarra
D) salsicha - caridade
E) bochecha - oclusiva

R: GABARITO
01-A | 02-A | 03-D | 04-B | 05-C
06-D | 07-B | 08-D | 09-C | 10-C

01 A frase inteiramente correta quanto à ortografia é:
A) A ata da sessão extraordinária apresenta deslises, poucos, é certo, mas que exigem pronta retificação.
B) Sempre obsequioso, o assessor incumbiu-se de externar ao Governador nossa dissenção quanto à política energética.
C) Os expedientes utilizados pela oposição deixaram exasperados os ânimos, em vista de seu caráter tão-somente protelatório.
D) Tais despesas talvez sejam excessivamente onerosas a um orçamento já expoliado pela má fé dos antecessores.
E) É sempre penoso discriminar a minoria, mas a falta de concenso implica, é claro, óbices à plena satisfação.

02 Ocorrem DOIS erros de ortografia em
A) desfaçatez, prazeiroso, incólume, desairoso.
B) concisão, suscinto, retaliação, obcecado.
C) complementariedade, suspeição, obsessão, vigente.
D) privilégio, maugrado, repto, contumaz.
E) remanecente, benfazejo, izenção, frouxidão.

03 É o RADICAL que irmana as palavras da mesma família e lhes dá uma base comum de significação (Celso Cunha, Gramática do Português Contemporâneo).
Com base na citação acima, é correto afirmar que se irmanam pelo mesmo radical as palavras:
A) júri, perjúrio e ajuizar.
B) consideração, constelação e conspiração.
C) solitário, dissolução e insólito.
D) vidente, revisor e convincente.
E) condução, condizente e irredutível.

04 Está inteiramente correta quanto à flexão verbal a frase:
A) Os parlamentares divergiram nos detalhes, mas conviram nos pontos essenciais.
B) Se eles requisessem revisão do processo, tê-la-iam conseguido.
C) Coalizaram-se as oposições, mas o Presidente interveio e obteve uma trégua.
D) Pediu-nos que lhe expedíssemos os documentos antes que o superintendente os revesse.
E) Desde que se manteram todos calados, o orador houve por bem iniciar sua fala.

05 A frase inteiramente correta quanto à concordância verbal é:
A) Vê-se por toda parte, a todo momento, indícios dos seus descalabros administrativos.
B) Não nos ocorreram quantos prejuízos acabaríamos por lhes trazer com nossa decisão.
C) Como não se contrapõe o seu ponto de vista e o meu juízo, não haverá razões para polêmica.
D) As medidas que nos parece conveniente tomar soarão antipáticas aos ouvidos do povo.
E) Caso algum dos presentes pretendam pronunciar-se, é preciso que o façam agora.

06 No caso de ...... a faltar recursos para as medidas que se ...... implementar, ... as responsabilidades, determinou o chefe do Tribunal. As formas verbais que preenchem corretamente as lacunas da frase acima são:
A) virem - devem - apurem-se
B) virem - devem - apure-se
C) vir - deve - apurem-se
D) vir - devem - apure-se
E) vir - deve - apure-se

07...... ela aparente ser uma pessoa dócil, não a provoque, ... a ovelhinha não se transforme numa tigresa. A frase acima ganha sentido completo e lógico preenchendo-se suas lacunas, respectivamente, com as expressões:
A) Desde que - a fim de que
B) Muito embora - desde que
C) Dado que - muito embora
D) Ainda que - para que
E) Mesmo que - em vista do que

08 A frase construída de forma inteiramente correta é:
A) Não apreciei o filme que tantos dizem ter gostado.
B) A exposição a que resolvi prestigiar era um desastre.
C) A peça cuja execução ele mais se esmerou foi a de Mozart.
D) Ainda que comigo venham a discordar, editarei o livro.
E) Não é um romance por cujo estilo me sinta atraído.

09 Parece-nos plausível que venha a ocorrer exacerbação dos ânimos, pois a decisão foi tomada arbitrariamente.Têm significação oposta à dos termos sublinhados na frase acima, respectivamente:
A) inverossímil, pacificação, pressurosamente.
B) inadmissível, apaziguamento, criteriosamente.
C) inaceitável, apaziguamento, gratuitamente.
D) inadmissível, arrefecimento, injustificadamente.
E) reprovável, tensionamento, sensatamente.

10 A impropriedade no emprego do léxico torna absurdo o sentido da seguinte frase:
A) Sempre subserviente, o Raul nunca se furta a cumprir quaisquer determinações, mesmo as que não provenham de seu chefe imediato.
B) O esmaecimento das cores, no outono, imprime excessiva melancolia em seu espírito, tornando-o infenso às depressões.

C) Aproveitam-se de sua versatilidade para atribuir-lhe funções que normalmente requereriam as qualidades de um especialista.
D) Os políticos carismáticos podem descuidar um pouco da retórica, tal o prestígio já capitalizado pela força da sua personalidade.
E) Não vejo em seu relatório senão alguns lapsos de pouca monta, que você mesmo poderá retificar com presteza.

R: GABARITO
01-C | 02-E | 03-A | 04-C | 05-D
06-A | 07-D | 08-E | 09-B | 10-B

01 Assinale a alternativa em que os sentidos foram trocados:
A) a coma: juba; o coma: estado mórbido.
B) a gênese: geração; o gênese: 1o livro do Pentateuco.
C) a crisma: óleo usado em alguns sacramentos; o crisma: sacramento.
D) a guia: documento; o guia: aquele que conduz.
E) n.d.a.

02 Quando me procurar o desencanto, eu direi, sereno e confiante, que a vida não foi de todo inútil. O sujeito de procurar é:
A) indeterminado
B) eu (elíptico)
C) o desencanto
D) inexistente
E) n.d.a.

03 Assinale a alternativa correta quanto à concordância:
A) Bateu duas horas no relógio da torre.
B) É proibida entrada de pessoas estranhas.
C) Conserta-se aparelhos de som.
D) Lêem-se muitas placas erradas.
E) n.d.a.

04Assinale a alternativa correta quanto à Concordância Verbal:
A) Sou eu quem primeiro sai.
B) Dois metros de tecido são pouco.
C) É cinco horas da tarde.
D) Da cidade à praia é dois quilômetros.
E) n.d.a.

05 Assinale a alternativa que contém a quantidade de todos os fonemas das palavras:
satisfeitos - leituras - aquelas
A) vinte e cinco
B) vinte e dois
C) vinte e três
D) dez
E) n.d.a.

06 Identifique a alternativa correta:
A) Linguagem conotativa permite apenas um entendimento por parte do leitor ou do ouvinte.
B) Linguagem conotativa é aquela que tem sentido figurado, sugerindo a idéia de forma indireta.
C) A linguagem conotativa é muito usada na vida diária das pessoas para a comunicação necessária.
D) Linguagem conotativa é aquela que só pode ser entendida de um modo.
E) n.d.a.

07 A frase que mantém o padrão culto é:
A) O rapaz cujo eu encontrei na sala do diretor, disse-me para voltar mais tarde.
B) O desembargador cujo despacho está em debate deferiu o pedido dos réus.
C) Ele era ainda muito jovem quando o caso aconteceu, onde lhe dou razão para não querer depor.
D) Essa é a questão, onde tem duas facetas: a que envolve compras e a que envolve treinamento.
E) n.d.a.

08 Assinale a única alternativa que não apresenta erro na conjugação do verbo:
A) Quando meu advogado soube que o guarda me detera no trânsito, tomou todas as providências.
B) As provas que contessem menos erros seriam premiadas.
C) Quando você vir a São Paulo, traga-me as fotos.
D) Se você vir meu amigo, entregue-lhe esta carta.
E) n.d.a.

09 Assinale a alternativa em que a pontuação esteja correta:
A) Quero que, assine o contrato.
B) O reitor daquela famosa universidade italiana, chegará aqui amanhã.
C) São José dos Campos 15 de março de 1999.
D) Ele não virá hoje, não contem, portanto, com ele.
E) n.d.a.

10 Indique, entre as alternativas abaixo, a que poderia substituir a palavra destacada, sem alteração do sentido da frase: Não há crime onde não houve aquiescência.
A) arrependimento
B) conhecimento
C) consentimento
D) intenção
E) n.d.a.

R: GABARITO
01-C | 02-C | 03-D | 04-A | 05-A
06-B | 07-B | 08-D | 09-D | 10-C

01 Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas corretamente.
A) torácico - privilégio - lagartixa
B) toráxico - privilégio - lagartixa
C) torácico - previlégio - largatixa
D) toráxico - previlégio - largatixa
E)

02 Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas corretamente.
A) cabeçário - empecilho - irrequieto
B) cabeçalho - empecilho - irrequieto
C) cabeçalho - impecilho - irriquieto
D) cabeçário - impecilho - irriquieto

03 O sentido do prefixo está corretamente explicado no parênteses em:
A) prever (antigüidade)
B) adnominal (longe de)
C) pospor (posterioridade)
D) circunscrever (movimento interno)

04 Os prefixos indicativos de duplicidade, afastamento e movimento em torno estão, nessa ordem em:
A) ambidestro - deslocar - circunvagar
B) bisavô - abuso - percorrer
C) biênio - propor - retornar
D) dissimulado - distanciar - sobrevoar

05 O sufixo exprime a idéia de agente em:
A) gloriosa
B) vendedor
C) abdicação
D) horrível

06 A divisão silábica está correta em:
A) gno-mo, a-bs-cis-sa, egip-cio
B) g-no-mo, abs-cis-sa, egip-ci-o
C) gno-mo, a-bs-cis-as, e-gip-cio
D) gno-mo, abs-cis-sas, e-gip-cio

07 A divisão silábica está correta em:
A) pe-rs-pec-ti-va, a-rac-ni-deo, Pa-ra-gu-ai
B) per-spec-ti-va, a-rac-ní-de-o, Pa-ra-guai
C) pe-rs-pec-ti-va, arac-ni-deo, Pa-ra-gu-ai
D) pers-pec-ti-va, a-rac-ni-deo, Pa-ra-guai

08 O emissor enuncia o fato de maneira duvidosa com o modo:
A) subjuntivo
B) indicativo
C) imperativo
D) infinitivo

09 O plural do adjetivo composto está correto em:

A) Houve intervenções médicos-cirúrgicas.
B) As moças usavam blusas azul-marinho.
C) As meninas usavam saias azuis-pavão.
D) Os caminhos recens-abertos são íngremes.

10 Os superlativos absolutos sintéticos de célebre, amargo e cruel são, respectivamente:
A) celebríssimo - amarguíssimo - crudelíssimo
B) celebérrimo - amarguíssimo - cruelíssimo
C) celebérrimo - amaríssimo - crudelíssimo
D) celebrissimo - amarissimo - cruelíssimo

R: GABARITO
01-A | 02-B | 03-C | 04-A | 05-B
06-D | 07-D | 08-A | 09-B | 10-C

01 Todas as palavras estão corretamente grafadas na frase:
A) Orçados os custos gerais da campanha, impuzeram-se ríjidas restrições às despesas atinentes à publicidade.
B) A obtenção de recursos extras constitui a meta prioritária, no momento; não há outro jeito de implementar este plano.
C) Seu modo de agir lembra-me os tregeitos dos ilusionistas: os movimentos dispersivos discimulam o gesto essencial.
D) O Ivo, sempre incalto, serviu à causa do adversário; faltou-lhe a acessoria de um correlegionário mais experiente.
E) As pessoas impúdicas vêem como natural a exposição das crianças às torpesas dos famigerados programas populares.

02 A flexão de todos os verbos está correta na frase:
A) Caso não ajam a tempo, pediremos que seja estendido o prazo de apresentação de seus documentos.
B) Assim que reavermos nossas malas, remarcaremos as passagens.
C) Os portões que se vêm nos casarões antigos detêm nosso olhar, tantos são os detalhes que neles surpreendemos.
D) Quando eles reverem o caso, haverão de chegar a novas conclusões.
E) Os policiais que os deteram, na manhã de ontem, há muito vêm agindo de modo arbitrário.

03 A frase inteiramente correta quanto à concordância verbal é:
A) Por que se permite as cenas de violência, de que estão recheadas a televisão brasileira?
B) As pessoas que se vem mostrando satisfeitas com o país são as beneficiárias das medidas que se veio implantando.
C) Se qualquer um de nós lhes emprestássemos apoio, mereceriam o repúdio de toda a população.
D) Por mais que os espantem a surpresa dos novos fatos, ainda não lhes falta a capacidade das iniciativas.
E) Será que ainda é possível prever as manobras do governo, neste cenário econômico que se caracteriza por tantas incógnitas?

04 - Bastam de provocações! - foi o grito que puderam ouvir os que se achavam próximos do presidente da Assembléia, quando já fazia dez minutos que nenhum dos parlamentares da oposição conseguia ir além da primeira frase, no momento de se encaminhar as votações.
Em respeito às normas de concordância verbal, é preciso corrigir as seguintes formas do texto acima:
A) bastam e fazia.
B) bastam e encaminhar.
C) conseguia e encaminhar.
D) fazia e conseguia.
E) fazia e encaminhar.

05 Há ERRO de construção no segmento sublinhado da frase:
A) A defesa dos réus está estribada em forte argumentação.
B) Nosso gesto é ilustrativo do desânimo que tomou conta de nós.
C) Ela usou expressões que não são cabíveis numa ata oficial.
D) Consternado com o fato, pediu demissão.
E) Agi de modo a demonstrar uma estrita observância com as leis.

06 Está correto o emprego da expressão sublinhada na frase:
A) É um velho experiente, a cuja memória todos recorrem.
B) São grosseiros os erros aos quais ele vem incorrendo.
C) Eis as terras a cujas o rio vem poluindo.
D) Desconfio dos dados de que foram coligidos nesta pesquisa.
E) O cargo em cujo ele seria empossado continuará vago.

07 A impropriedade no emprego do léxico torna absurdo o sentido da frase:
A) Ele costuma agir com cautela, não obstante haver demonstrado alguma afoiteza na última medida que tomou.
B) Ao contrário de seu irmão, um notório delinqüente, ele jamais deixou de agir com a mais absoluta retidão.
C) Alcoólatra redimido, José faz questão de se pôr à prova, não fugindo às reuniões em que a bebida é farta.
D) Dado que não pude ratificar o meu voto no segundo escrutínio, meu representante legal encarregou-se de confirmá-lo.
E) Tanto subestimaram a força do adversário que acabaram por lhe infligir retumbante derrota.
08 ...... seja promovida, ela dará uma festa, ... ninguém ponha em dúvida seu sincero e imediato reconhecimento.
A frase acima ganha sentido lógico e completo preenchendo-se as lacunas, respectivamente, com as expressões:

A) Mesmo que - para que
B) Embora - a fim de que
C) Tão logo - mesmo que
D) Ainda que não - tão logo
E) Não obstante - a menos que

09 Indique o período inteiramente correto quanto à pontuação.
A) Passados os primeiros dias de recuperação o médico, buscando animar o doente disse-lhe que talvez, em mais uma semana, viesse a lhe dar alta.
B) Fosse pelo cansaço, fosse pelo desânimo, o fato é que: não pude ler toda a bibliografia da prova, que deveria fazer, dali a três dias.
C) Diante do juiz o advogado reiterou, que seu cliente ainda não reunia as mínimas condições para depor, em tão complicado processo.
D) É possível que, contrariando todas as expectativas, o candidato venha a renunciar, em benefício, segundo dizem, da maior união no partido.
E) Tirei o passaporte, compareci à agência de turismo, e para minha surpresa me disseram que, as passagens para a Espanha, já haviam sido vendidas.

10 Indique o período cuja redação está inteiramente clara e correta.
A) Resultou frustrada a nossa expectativa de adquirir bons livros, já que, na tão decantada liqüidação daquela grande livraria, só havia títulos inexpressivos.
B) Os incentivos fiscais constituem uma questão complicada, pois segundo alguns, a iniciativa privada recebe benefícios onde a contrapartida em criação de empregos é insuficiente.
C) Naquele editorial da revista não ficou claro a posição do mesmo, seja porque o editorialista de fato não o desejasse, ou então porque a redação dele não o permitiu.
D) Com o fim do rodízio no trânsito, espera-se que ele aumente, voltando a terem problemas de congestionamento justamente quando todos saem ou voltam para casa.
E) É uma ilusão imaginarmos que se pode estar atualizados com os equipamentos de informática, cuja novidade é tão grande que não se imagina podermos acompanhá-los.

R: GABARITO
01-B | 02-A | 03-E | 04-B | 05-E
06-A | 07-E | 08-C | 09-D | 10-A

01 Ache o verbo que está erradamente conjugado no presente do subjuntivo:
A) requera ; requeras ; requera ; requeiramos ; requeirais ; requeram
B) saúde ; saúdes ; saúde ; saudemos ; saudeis ; saúdem
C) dê ; dês ; dê ; demos ; deis ; dêem
D) pula ; pulas ; pula ; pulamos ; pulais ; pulam
E) frija ; frijas ; frija ; frijamos ; frijais ; frijam

02 Assinale a alternativa falsa:
A) o presente do subjuntivo, o imperativo afirmativo e o imperativo negativo são tempos derivados do presente do indicativo;
B) os verbos progredir e regredir são conjugados pelo modelo agredir;
C) o verbo prover segue ver em todos os tempos;
D) a 3.ª pessoa do singular do verbo aguar, no presente do subjuntivo é : ágüe ou agúe;
E) os verbos prever e rever seguem o modelo ver.

03 Marque o verbo que na 2ª pessoa do singular, do presente do indicativo, muda para e o i que apresenta na penúltima sílaba?
A) imprimir
B) exprimir
C) tingir

D) frigir
E) erigir

04 Indique onde há erro:
A) os puros-sangues simílimos
B) os navios-escola utílimos
C) os guardas-mores agílimos
D) as águas-vivas aspérrimas
E) as oitavas-de-final antiqüíssimas

05 Marque a alternativa verdadeira:
A) o plural de mau-caráter é maus-caráteres;
B) chamam-se epicenos os substantivos que têm um só gênero gramatical para designar pessoas de ambos os sexos;
C) todos os substantivos terminados em -ão formam o feminino mudando o final em –ã ou -ona;
D) os substantivos terminados em -a sempre são femininos;
E) são comuns de dois gêneros todos os substantivos ou adjetivos substantivados terminados em -ista.

06 Identifique onde há erro de regência verbal:
A) Largue essas bobagens, menino!
B) O funcionário abdicou todos os seus direitos.
C) Atentem no que acaba de dizer o Presidente!
D) O filho queria poupar o pai de mais um desgosto.
E) A inabilidade do motorista redundou em grave acidente.

07 Abaixo, há uma frase onde a regência nominal não foi obedecida. Ache-a:
A) Éramos assíduos às festas da escola.
B) Os diretores estavam ausentes à reunião.
C) O jogador deu um empurrão ao árbitro.
D) Nossa casa ficava rente do rio.
E) A entrega é feita no domicílio.

08 Marque a afirmativa incorreta sobre o uso da vírgula:
A) usa-se a vírgula para separar o adjunto adverbial anteposto;
B) a vírgula muitas vezes pode substituir a conjunção e;
C) a vírgula é obrigatória quando o objeto pleonástico for representado por pronome oblíquo tônico;
D) a presença da vírgula não implica pausa na fala;
E) nunca se deve usar a vírgula entre o sujeito e o verbo.

09 Marque onde há apenas um vocábulo erradamente escrito:
A) abóboda ; idôneo ; mantegueira ; eu quiz
B) viço ; sócio-econômico ; pexote ; hidravião
C) hilariedade ; caçoar ; alforje ; apasiguar
D) alizar ; aterrizar ; óbulo ; teribintina
E) chale ; umedescer ; páteo ; obceno

10 Identifique onde não ocorre a crase:
A) Não agrade às girafas com comida, diz o cartaz.
B) Isso não atende às exigências da firma.
C) Sempre obedeço à sinalização.
D) Só visamos à alegria.
E) Comuniquei à diretoria a minha decisão.

R: GABARITO
01-A | 02-C | 03-D | 04-B | 05-E
06-D | 07-A | 08-C | 09-B | 10-A
01 Dadas as palavras:

1) des-a-ten-to 2) sub-es-ti-mar 3) trans-tor-no
constatamos que a separação silábica está correta:
A) apenas em 3
B) apenas em 2
C) apenas em 1
D) em todas as palavras
E) n.d.a.

02 Assinale a alternativa em que a palavra não tem suas sílabas corretamente separadas:
A) in-te-lec-ção
B) cre-sci-men-to

C) oc-ci-pi-tal
D) ca-a-tin-ga
E) n.d.a.

03 Assinale a alternativa em que o elemento mórfico em destaque está corretamente analisado:
A) menina (-a): desinência nominal de gênero;
B) gasômetro (-ô-): vogal temática de 2a conjugação;
C) amassem (-sse-): desinência de 2a pessoa do plural;
D) cantaríeis (-is-): desinência do imperfeito do subjuntivo;
E) n.d.a.

04 Na Frase: Precisa-se de trabalhadores, a Voz do Verbo é:
A) Reflexiva
B) Passiva
C) Ativa
D) Recíproca
E) n.d.a.

05 Assinale a alternativa correta quanto à Concordância Verbal:
A) Sou eu que primeiro saio.
B) É cinco horas da tarde.
C) Da cidade à praia é dois quilômetros.
D) Dois metros de tecido são pouco.
E) n.d.a.

06 Assinale a frase em que há erro de concordância:
A) Os sertões possuem um sopro épico.
B) Promove-se festas beneficentes na minha comunidade.
C) Há dois anos, os Estados Unidos invadiram a Líbia.
D) Fui eu quem resolveu a adoção de tal medida.
E) n.d.a.

07 Os pronomes: meu, nosso, seu, são classificados como:
A) pessoal
B) possessivo
C) interrogativo
D) indefinido
E) n.d.a.

08 Assinale o vocábulo incorreto quanto à acentuação das oxítonas:
A) pitú
B) baú
C) Piauí
D) caju
E) n.d.a.

09 Assinale a alternativa de vocábulo corretamente acentuado:
A) ítens
B) ítem
C) hífen
D) rítmo
E) n.d.a.

10 Assinale o uso correto da crase:
A) Tomou remédio gota à gota;
B) Gosto muito de andar à pé;
C) Vou à praia aos domingos;
D) O livro foi dado à João;
E) n.d.a.

R: GABARITO
01-A | 02-B | 03-A | 04-B | 05-A
06-B | 07-B | 08-A | 09-C | 10-C

Apostila editada por: Flávio Nascimento , Graduado em Administração de Empresas pela Faculdade Toledo de Araçatuba e Graduando em Direito pela Faculdade Toledo de Araçatuba.

Bibliografia

Cipro Neto, Pasquale - Gramática da Língua Portuguesa - Editora Scipione
Terra, Ernani - Curso Prático de Gramática - Editora Scipione
André, Hildebrando A. de - Gramática Ilustrada - Editora Moderna

APOSTILA DE PORTUGUÊS PARA CONCURSOS

SUMÁRIO

Interpretação de Textos ------------------------------------ 04
Fonética -- 09
- Encontros Vocálicos --- 10
- Encontros Consonantais -------------------------------------- 11
- Dígrafos -- 11

Separação Silábica --- 15
- Translineação -- 16

Acentuação -- 18
- Regras de Acentuação --------------------------------------- 18
- Acentos Diferenciais --- 20

Ortografia --- 24
Significação das palavras ------------------------------------ 30
Hífen -- 33
Usos do porquê --- 36
Estrutura das Palavras --------------------------------------- 38
Formação das palavras --------------------------------------- 40
Substantivo -- 43
- Classificação e Formação ------------------------------------ 44
- Substantivo Coletivo --- 44
- Gêneros uniforme e biforme --------------------------------- 48
- Gênero vacilante --- 49
- Plural dos substantivos simples ------------------------------ 50
- Plural do substantivos compostos --------------------------- 53

Numeral -- 58
Adjetivo -- 61
- Adjetivo Pátrio -- 63
- Locução Adjetiva --- 64
- Flexões do Adjetivo -- 65

Concordância Nominal -- 70
Pronome -- 76
- Pronomes Pessoais --- 76
- Pronomes Relativos -- 78
- Pronomes de Tratamento ------------------------------------ 83
- Pronomes Possessivos --------------------------------------- 84
- Pronomes Demonstrativos ----------------------------------- 84
- Pronomes Indefinidos --------------------------------------- 85
- Pronomes Interrogativos ------------------------------------ 86

Colocação Pronominal --- 91
- Próclise -- 91
- Mesóclise -- 91
- Ênclise --- 92

Artigo --- 97
Preposição -- 98
Verbo -- 101
- Estrutura e Flexão --- 102
- O modo indicativo -- 102
- Os modos subjuntivo e imperativo ------------------------- 103
- As formas nominais -- 103
- Tempos Compostos --- 103
- Classificação dos verbos ------------------------------------- 105
- Formação dos tempos simples ------------------------------- 105
- Verbos notáveis -- 107
- Verbos defectivos -- 112

Vozes Verbais --- 118
Predicação Verbal --- 121
Regência Verbal --- 124
- Verbos Transitivos Diretos ----------------------------------- 124
- Verbos Transitivos Indiretos --------------------------------- 125
- Verbos Transitivos Diretos e Indiretos ---------------------- 126
- Verbos Intransitivos -- 127
- Verbos de regência oscilante -------------------------------- 128

Tipos de Sujeito -- 133
Concordância Verbal -- 139
- Coletivo --- 139
- Mais de, menos de, cerca de... ------------------------------ 140
- Nomes próprios no plural ------------------------------------ 140
- Qual de nós / Quais de nós ---------------------------------- 141
- Sujeito sendo pronome relativo ------------------------------ 141
- Um dos ... que --- 141
- Nenhum dos ... Que -- 142
- Porcentagem + Substantivo --------------------------------- 142
- Pronomes de Tratamento ------------------------------------ 142
- Silepse de Pessoa -- 142
- Núcleos ligados pela conjunção "e" -------------------------- 142
- Sujeito composto por pessoas diferentes -------------------- 143
- Núcleos ligados pela conjunção ou -------------------------- 143
- Núcleos ligados pela preposição "com" ---------------------- 143
- Aposto resumidor / conectivos correlatos -------------------- 144
- Um e outro / um ou outro / nem um nem outro ------------ 144
- Verbos Especiais --- 144

Complementos Verbais --------------------------------------- 147
Aposto e Vocativo -- 150
Advérbio -- 151
Adjunto Adverbial -- 156
Adjunto Adnominal x Complemento Nominal ------------ 161
A palavra Que -- 163
A Palavra Se -- 166
Crase -- 172
Problemas Gerais da Língua Culta ------------------------- 179
Período Composto -- 182
Pontuação --- 186
Estilística --- 191
- Figuras de sintaxe -- 192
- Figuras de palavras -- 193

Figuras de pensamentos ------------------------------------ 196
Dicas de Gramática -- 197
Resumo de Fixação -- 201
Exercícios --- 217
Bibliografia -- 240

Interpretação de Textos

Texto

Os concursos apresentam questões interpretativas que têm por finalidade a identificação de um leitor autônomo. Portanto, o candidato deve compreender os níveis estruturais da língua por meio da lógica, além de necessitar de um bom léxico internalizado.

As frases produzem significados diferentes de acordo com o contexto em que estão inseridas. Torna-se, assim, necessário sempre fazer um confronto entre todas as partes que compõem o texto.

Além disso, é fundamental apreender as informações apresentadas por trás do texto e as inferências a que ele remete. Este procedimento justifica-se por um texto ser sempre produto de uma postura ideológica do autor diante de uma temática qualquer.

Denotação e Conotação

Sabe-se que não há associação necessária entre significante (expressão gráfica, palavra) e significado, por esta ligação representar uma convenção. É baseado neste conceito de signo lingüístico (significante + significado) que se constroem as noções de denotação e conotação.

O sentido denotativo das palavras é aquele encontrado nos dicionários, o chamado sentido verdadeiro, real. Já o uso conotativo das palavras é a atribuição de um sentido figurado, fantasioso e que, para sua compreensão, depende do contexto. Sendo assim, estabelece-se, numa determinada construção frasal, uma nova relação entre significante e significado.

Os textos literários exploram bastante as construções de base conotativa, numa tentativa de extrapolar o espaço do texto e provocar reações diferenciadas em seus leitores.

Ainda com base no signo lingüístico, encontra-se o conceito de polissemia (que tem muitas significações). Algumas palavras, dependendo do contexto, assumem múltiplos significados, como, por exemplo, a palavra ponto: ponto de ônibus, ponto de vista, ponto final, ponto de cruz ... Neste caso, não se está atribuindo um sentido fantasioso à palavra ponto, e sim ampliando sua significação através de expressões que lhe completem e esclareçam o sentido.

Como Ler e Entender Bem um Texto

Basicamente, deve-se alcançar a dois níveis de leitura: a informativa e de reconhecimento e a interpretativa. A primeira deve ser feita de maneira cautelosa por ser o primeiro contato com o novo texto. Desta leitura, extraem-se informações sobre o conteúdo abordado e prepara-se o próximo nível de leitura. Durante a interpretação propriamente dita, cabe destacar palavras-chave, passagens importantes, bem como usar uma palavra para resumir a idéia central de cada parágrafo. Este tipo de procedimento aguça a memória visual, favorecendo o entendimento.

Não se pode desconsiderar que, embora a interpretação seja subjetiva, há limites. A preocupação deve ser a captação da essência do texto, a fim de responder às interpretações que a banca considerou como pertinentes.

No caso de textos literários, é preciso conhecer a ligação daquele texto com outras formas de cultura, outros textos e manifestações de arte da época em que o autor viveu. Se não houver esta visão global dos momentos literários e dos escritores, a interpretação pode ficar comprometida. Aqui não se podem dispensar as dicas que aparecem na referência bibliográfica da fonte e na identificação do autor.

A última fase da interpretação concentra-se nas perguntas e opções de resposta. Aqui são fundamentais marcações de palavras como **não**, **exceto**, **errada**, **respectivamente** etc. que fazem diferença na escolha adequada. Muitas vezes, em interpretação, trabalha-se com o conceito do "mais adequado", isto é, o que responde melhor ao questionamento proposto. Por isso, uma resposta pode estar certa para responder à pergunta, mas não ser a adotada como gabarito pela banca examinadora por haver uma outra alternativa mais completa.

Ainda cabe ressaltar que algumas questões apresentam um fragmento do texto transcrito para ser a base de análise. Nunca deixe de retornar ao texto, mesmo que aparentemente pareça ser perda de tempo. A descontextualização de palavras ou frases, certas vezes, são também um recurso para instaurar a dúvida no candidato. Leia a frase anterior e a posterior para ter idéia do sentido global proposto pelo autor, desta maneira a resposta será mais consciente e segura.

EXERCÍCIOS

Responda as questões de 1 a 10 de acordo com o texto abaixo:

O primeiro dever passado pelo novo professor de português foi uma descrição tendo o mar como tema. A classe inspirou-se, toda ela, nos encapelados mares de Camões, aqueles nunca dantes navegados; o episódio do Adamastor foi reescrito pela meninada.

Prisioneiro no internato, eu vivia na saudade das praias do Pontal onde conhecera a liberdade e o sonho. O mar de Ilhéus foi o tema de minha descrição.

Padre Cabral levara os deveres para corrigir em sua cela. Na aula seguinte, entre risonho e solene, anunciou a existência de uma vocação autêntica de escritor naquela sala de aula. Pediu que escutassem com atenção o dever que ia ler. Tinha certeza, afirmou, que o autor daquela página seria no futuro um escritor conhecido. Não regateou elogios. Eu acabara de completar onze anos.

Passei a ser uma personalidade, segundo os cânones do colégio, ao lado dos futebolistas, dos campeões de matemática e de religião, dos que obtinham medalhas. Fui admitido numa espécie de Círculo Literário onde brilhavam alunos mais velhos. Nem assim deixei de me sentir prisioneiro, sensação permanente durante os dois anos em que estudei no colégio dos jesuítas.

Houve, porém, sensível mudança na limitada vida do aluno interno: o padre Cabral tomou-me sob sua proteção e colocou em minhas mãos livros de sua estante. Primeiro "As Viagens de Gulliver", depois clássicos portugueses, traduções de ficcionistas ingleses e franceses. Data dessa época minha paixão por Charles Dickens. Demoraria ainda a conhecer Mark Twain, o norte-americano não figurava entre os prediletos do padre Cabral.

Recordo com carinho a figura do jesuíta português erudito e amável. Menos por me haver anunciado escritor, sobretudo por me haver dado o amor aos livros, por me haver revelado o mundo da criação literária. Ajudou-me a suportar aqueles dois anos de internato, a fazer mais leve a minha prisão, minha primeira prisão.

Jorge Amado

1. Padre Cabral, numa determinada passagem do texto, ordena que os alunos:
a)façam uma descrição sobre o mar;
b)descrevam os mares encapelados de Camões;
c)reescrevam o episódio do Gigante Adamastor;.
d)façam uma descrição dos mares nunca dantes navegados;
e)retirem de Camões inspiração para descrever o mar.

2. Segundo o texto, para executar o dever imposto por Padre Cabral, a classe toda usou de um certo:
a)conhecimento extraído de "As viagens de Gulliver";
b)assunto extraído de traduções de ficcionistas ingleses e franceses;
c)amor por Charles Dickens;
d)mar descrito por Mark Twain;
e)saber já feito, já explorado por célebre autor.

3.Apenas o narrador foi diferente, porque:
a)lia Camões;
b)se baseou na própria vivência;
c)conhecia os ficcionistas ingleses e franceses;
d)tinha conhecimento das obras de Mark Twain;
e)sua descrição não foi corrigida na cela de Padre Cabral.

4.O narrador confessa que no internato lhe faltava:
a)a leitura de Os Lusíadas;
b)o episódio do Adamastor;
c)liberdade e sonho;
d)vocação autêntica de escritor;
e)respeitável personalidade.

5.Todos os alunos apresentaram seus trabalhos, mas só foi um elogiado, porque revelava:
a)liberdade;
b)sonho;
c)imparcialidade;
d)originalidade;
e)resignação.

6.Por ter executado um trabalho de qualidade literária superior, o narrador adquiriu um direito que lhe agradou muito:
a)ler livros da estante de Padre Cabral;
b)rever as praias do Pontal;
c)ler sonetos camonianos;
d)conhecer mares nunca dantes navegados;
e)conhecer a cela de Padre Cabral.

7.Contudo, a felicidade alcançada pelo narrador não era plena. Havia uma pedra em seu caminho:
a)os colegas do internato;
b)a cela do Padre Cabral;
c)a prisão do internato;
d)o mar de Ilhéus;
e)as praias do Pontal.

8.Conclui-se, da leitura do texto, que:
a)o professor valorizou o trabalho dos alunos pelo esforço com que o realizaram;
b)o professor mostrou-se satisfeito porque um aluno escreveu sobre o mar de Ilhéus;
c)o professor ficou satisfeito ao ver que um de seus alunos demonstrava gosto pela leitura dos clássicos portugueses;
d)a competência de saber escrever conferia, no colégio, tanto destaque quanto a competência de ser bom atleta ou bom em matemática;
e)graças à amizade que passou a ter com Padre Cabral, o narrador do texto passou a ser uma personalidade no colégio dos jesuítas.

9.O primeiro dever... foi uma descrição... Contudo nesse texto predomina a:
a)narração;
b)dissertação;
c)descrição;
d)linguagem poética;
e)linguagem epistolar.

10.Por isso a maioria dos verbos do texto encontra-se no:
a)presente do indicativo;
b)pretérito imperfeito do indicativo;
c)pretérito perfeito do indicativo;
d)pretérito mais que perfeito do indicativo;
e)futuro do indicativo.

Releia a primeira estrofe e responda as questões de 11 a 13
Cheguei, Chegaste, Vinhas fatigada
E triste, e triste e fatigado eu vinha.
Tinhas a alma de sonhos povoada.
E a alma de sonhos povoada eu tinha.

11.À ordem alterada, que o autor elabora no texto, em busca da eufonia e ritmo, dá-se o nome de:
a)antítese;
b)metáfora;
c)hipérbato;
d)pleonasmo;
e)assíndeto.

12.E a alma de sonhos povoada eu tinha. Na ordem direta fica:
a)E a alma povoada de sonhos eu tinha.
b)E povoada de sonhos a alma eu tinha.
c)E eu tinha povoada de sonhos a alma.
d)E eu tinha a alma povoada de sonhos.
e)E eu tinha a alma de sonhos povoados.

13.Predominam na primeira estrofe as orações:
a)substantivas;
b)adverbiais;
c)coordenadas;
d)adjetivas;
e)subjetivas.

Releia a segunda estrofe para responder as questões de 14 a 17:
E paramos de súbito na estrada
Da vida: longos anos, presa à minha
A tua mão, a vista deslumbrada
Tive da luz que teu olhar continha

14.O objetivo preso (presa) refere-se a:
a)estrada;
b)vida;

c)minha mão;
d)tua mão;
e)vista.

15.Coloque nos espaços em branco os verbos ao lado corretamente flexionados no imperativo afirmativo, segunda pessoa do singular.
................................(parar) na estrada da vida; ....(manter) a luz de teu olhar
a)pára – mantém
b)paras – manténs
c)pare – mantenha
d)pares – mantenhas
e)parai – mantende

16.Tive da luz que teu olhar continha. Com luz no plural teríamos que escrever assim:
a)Tive das luzes que teu olhar continha.
b)Tive das luzes que teus olhares continha.
c)Tive das luzes que teu olhar continham.
d)Tive das luzes que teus olhares continham.
e)Tiveram das luzes que teus olhares continham.

17.Tive da luz que teu olhar continha.
A oração destacada, em relação ao substantivo luz, guarda um valor de:
a)substantivo;
b)adjetivo;
c)pronome;
d)advérbio;
e)aposto.
Releia as duas últimas estrofes para responder as questões de 18 a 20:
Hoje, segues de novo... Na partida
Nem o pranto os teus olhos umedece,
Nem te comove a dor da despedida.
E eu, solitário, volto a face, e tremo,
vendo o teu vulto que desaparece
Na extrema curva do caminho extremo.

18.Sujeito do verbo umedecer (umedece):
a)a partida;
b)os teus olhos;
c)tu;
d)ela;
e)o pranto.

19. O verbo comover (comove) refere-se no texto (e por isso concorda com ela) à palavra:
a)o pranto;
b)a dor;
c)teus olhos;
d)te;
e)partida.

20. Assinale a alternativa onde aparece um verbo intransitivo.
a)Hoje seques de novo.
b)Nem o pranto os teus olhos umedece.
c)Nem te comove a dor de despedida.
d)E eu, solitário, volto a face.
e)Vendo o teu vulto.

GABARITO
01. A
02. E
03. B
04. C
05. D
06. A
07. C
08. D
09. A
10. C
11. C
12. D
13. C
14. D
15. A
16. A
17. B
18. E
19. B
20.A

Leia o texto I para responder às questões de 1 a 3.

Texto I

O tempo não é experiência. Pode ser esclerose. Numa visão ligeira, envelhecer seria um caminhar no sentido do futuro - o que não corresponde à verdade. Caminhar em direção ao futuro é a característica do jovem, ocorrendo envelhecimento quando se inicia o processo inverso: a volta ao passado, sua preservação, dele se fazendo sempre mais dependente. No que envelhece, o risco é o hábito - a infindável repetição daquilo que foi antes uma resposta criadora.

O perigo é a tensão inerente ao passado em buscar perpetuar-se, oferecendo as mesmas respostas a questões que agora são outras.

Esta, a ameaça do passado. Mas há outro ângulo.

O passado não se acumula somente sob a forma de hábito, mas, virtualmente, introduz a possibilidade da memória. E se o hábito faz com que se repitam mecanicamente respostas caducas, a memória é o potencial criador sempre disponível com o qual a história pode contar.

O jovem está, num certo limite, livre de um passado que ameace escravizá-lo - simplesmente por não existir ou por não ter atingido a intensidade necessária. Na aparência - como se isso não dependesse de uma posição do espírito - sendo o Brasil um país jovem, estaríamos menos próximos dos perigos da esclerose. Mas com o que podemos contar? Já foi dito, de resto, ser o Brasil um país sem memória.

Nosso ceticismo destruiria esta consideração - no sentido de levar em conta - com relação ao passado. Parece que estamos condenados a sempre partir do zero.

(GOMES, Roberto. Crítica da Razão Tupiniquim.
Porto Alegre, RS: Mercado Aberto, 7ª ed. 1984)

1. Após uma leitura atenta do fragmento, julgue os itens a seguir, quanto aos aspectos da compreensão e interpretação.
a) O autor estabelece uma visão antitética em relação ao conceito usual de tempo.
b) Envelhecimento é a dependência em relação ao passado.
c) Pode-se inferir que o jovem, para manter-se fiel a suas características, preserva incólumes os valores herdados dos antepassados.
d) Hábito e memória excluem-se, na medida em que o hábito é pura repetição, enquanto a memória abre possibilidades criadoras.

2. Julgue os itens em relação à teoria lingüística e normas gramaticais.
a) Na linha 8, a próclise do pronome em não se acumula é facultativa.
b) As duas ocorrências da partícula se, no segundo parágrafo, linhas 8 e 9, equivalem-se no plano morfossintático.
c) Num certo limite, linha 12, está entre vírgulas por ser expressão internalizada em uma oração.
d) O agente da ação verbal no último período do texto, linha 17, é indeterminado.

3. Julgue os itens a seguir, em relação aos aspectos semânticos e estilísticos.
a) Experiência, esclerose, passado, futuro e envelhecer, no texto, pertencem ao mesmo campo semântico.
b) Virtualmente, na linha 9, poderia ser substituído por potencialmente ou factivelmente, sem alterar substancialmente o sentido do texto.
c) "Sendo o Brasil um país jovem", linha 14, instaura uma condição concessiva em relação à oração seguinte.
d) Ceticismo, linha 16, liga-se semanticamente a sem memória, na linha 16.

Leia o texto II para responder às questões 4 e 5.

Texto II

Periodização da Filosofia

Não se pode afirmar que a história do pensamento filosófico obedeça a uma evolução linear, de tal modo que cada posição atingida pelos grandes pensadores no plano epistemológico, ético, metafísico, estético, etc., condicione o desenvolvimento sucessivo.

Em primeiro lugar, há uma multiplicidade de áreas diversas de indagação e, a não ser em casos bem raros, raramente surgem pensadores geniais capazes de abrangê-las de maneira sincrônica ou unitária, marcando pontos cardeais da história das idéias. O que prevalece, em geral, são contribuições especializadas que cuidam de determinado campo de pesquisa, não se devendo esquecer que essas indagações setoriais podem, às vezes, repercutir sobre o curso do pensamento geral, inspirando novos paradigmas, ou seja, pressupostos fundamentais que passam a condicionar as meditações subseqüentes.

Como se vê, as linhas de indagações filosóficas resultam de preferências individuais dos pensadores assim como de fatores das mais diversificadas configurações, não sendo possível, pois, afirmar que as várias correntes de pensamento se entrelacem ou atuem umas sobre as outras. Há até

mesmo hipóteses em que determinadas escolas ou círculos de pensamento são tão ciosos de suas convicções que chegam a olhar com desprezo as demais perquirições, como se deu, por exemplo, em certos momentos do escolasticismo medieval; no apogeu do
15 naturalismo positivista da passada centúria; no predomínio ideológico do marxismo que, no dizer de Raymond Aron, foi "o ópio dos intelectuais"; ou, em tempos mais recentes, a corrente do positivismo lógico, alguns de cujos mentores chegaram a considerar meaningless, isto é, desprovido de sentido tudo que não se ajustasse a seus parâmetros.
(Miguel Reale Jr. - O Estado de São Paulo - Jun/98)

4. A primeira instância da interpretação textual situa-se na esfera da compreensão dos significados vocabulares e organizacionais. Atentando para esta afirmação, julgue os itens a seguir segundo os critérios semânticos e estilísticos.
a) "Multiplicidade de áreas diversas de indagação", linha 6, trata do caráter unívoco do conhecimento e, por conseguinte, do objeto da filosofia.
b) "abrangê-las de maneira sincrônica", linha 5, é o mesmo que visão superficial sobre o objeto do conhecimento.
c) A partícula pois, linha 11, instaura uma circunstância explicativa entre duas afirmações que a circundam.
d) O autor utiliza-se de um registro predominantemente metafórico, dificultando a apreensão das idéias que veicula.

5. Considerando que paráfrase é o desenvolvimento de um texto conservando-se suas idéias originais, expressas por palavras diferentes, julgue os itens a seguir, caso sejam ou não paráfrases de segmentos do texto II.
a) A progressão do pensamento filosófico não se sujeita a parâmetros evolutivos lineares.
b) Raros filósofos conseguem abarcar simultaneamente diferentes campos da perquirição filosófica.
c) O pensamento geral é modificado por paradigmas fundamentais.
d) A crença de que as várias correntes de pensamento se excluem é confirmada pela individualidade do pensamento filosófico ocidental.

GABARITO

01. VVFV
02. FFVF
03. FVFF
04. FFFF
05. VVVV

Fonética

A Fonética, ou Fonologia, estuda os **sons emitidos pelo ser humano**, para efetivar a comunicação. Diferentemente da escrita, que conta com vogais e consoantes, a Fonética se ocupa dos **fonemas** (= sons); são eles as vogais, as consoantes e as semivogais.

Vogal = São as cinco já conhecidas **- a, e, i, o, u -** quando funcionam como base de uma sílaba. Em cada sílaba há apenas uma vogal. **NUNCA HAVERÁ MAIS DO QUE UMA VOGAL EM UMA MESMA SÍLABA**.

Consoante = Qualquer letra - ou conjunto de letras representando um som só - que só possa ser soada com o auxílio de uma vogal (com + soante = soa com...). Na fonética são consoantes **b**, **d**, **f**, **g** (ga, go, gu), **j** (ge, gi, j) **k** (c ou qu), **l**, **m** (antes de vogal), **n** (antes de vogal), **p**, **r**, **s** (s, c, ç, ss, sc, sç, xc), **t**, **v**, **x** (inclusive ch), **z** (s, z), **nh**, **lh**, **rr**.

Semivogal = São as letras **e**, **i**, **o** e **u** quando formarem sílaba com uma vogal, antes ou depois dela, e as letras **m** e **n**, nos grupos **AM**, **EM** e **EN**, em final de palavra - **somente em final de palavra**.

Quando a semivogal possuir som de **i**, será representada foneticamente pela letra **Y**; com som de **u**, pela letra **W**.

Então teremos, por exemplo, na palavra *caixeiro*, que se separa silabicamente *cai-xei-ro*, o seguinte: 3 vogais = a, e, o; 3 consoantes = k (c), x, r; 2 semivogais = y (i, i). Representando a palavra foneticamente, ficaremos com **kayxeyro**.

Na palavra *artilheiro*, *ar-ti-lhei-ro*, o seguinte: 4 vogais = a, i, e, o; 4 consoantes = r, t, lh, r; 1

semivogal = y (i). Foneticamente = **artiĹeyro**.

Na palavra *viagem*, *vi-a-gem*, 3 vogais = i, a, e; 2 consoantes = v, g; 1 semivogal = y (m). **viajẽy**.

M / N
As letras M e N devem ser analisadas com muito cuidado. Elas podem ser:

Consoantes = Quando estiverem no início da sílaba.

Semivogais = Quando formarem os grupos **AM**, **EM** e **EN**, em final de palavra - somente em final de palavra - sendo representadas foneticamente por **Y** ou **W**.

Ressôo Nasal = Quando estiverem após vogal, na mesma sílaba que ela, excetuando os três grupos acima. Indica que o M e o N não são pronunciados, apenas tornam a vogal nasal, portanto haverá duas letras (a vogal + M ou N) com um fonema só (a vogal nasal).

Por exemplo, na palavra *manchem*, terceira pessoa do plural do presente do subjuntivo do verbo manchar, teremos o seguinte: *man-chem*, 2 vogais = a, e; 2 consoantes = o 1º m, x(ch); 1 semivogal = y (o 2º m); 1 ressôo nasal = an (ã). **mãxẽy**.

Encontros Vocálicos

É o agrupamento de vogais e semivogais. Há três tipos de encontros vocálicos:

Hiato = É o agrupamento de duas vogais, cada uma em uma sílaba diferente.

L**u-a**-na, a-f**i-a**-do, p**i-a**-da

Ditongo = É o agrupamento de uma vogal e uma semivogal, em uma mesma sílaba. Quando a vogal estiver antes da semivogal, chamaremos de **Ditongo Decrescente**, e, quando a vogal estiver depois da semivogal, de **Ditongo Crescente**. Chamaremos ainda de oral e nasal, conforme ocorrer a saída do ar pelas narinas ou pela boca.

C**ai**-xa = Ditongo decrescente oral.

Cin-q**üen**-ta = Ditongo crescente nasal, com a ocorrência do Ressôo Nasal.

Tritongo = É o agrupamento de uma vogal e duas semivogais. Também pode ser oral ou nasal.

A-g**üei** = Tritongo oral.

Á-g**üem** = Tritongo nasal, com a ocorrência da semivogal m.

Além desse três, há dois outros encontros vocálicos importantes:

Iode = É o agrupamento de uma semivogal entre duas vogais. São **aia**, **eia**, **oia**, **uia**, **aie**, **eie**, **oie**, **uie**, **aio**, **eio**, **oio**, **uio**, **uiu**, em qualquer lugar da palavra - começo, meio ou fim. Foneticamente, ocorre duplo ditongo ou tritongo + ditongo, conforme o número de semivogais. A Iode será representada com duplo **Y**: **ay-ya**, **ey-ya**, representando o "y" um fonema apenas, e não dois como possa parecer. A palavra **vaia**, então, tem quatro letras (v - a - i - a) e quatro fonemas (v - a - y - a), sendo que o "y" pertence a duas sílabas, não havendo, no entanto, "silêncio" entre as duas no momento de pronunciar a palavra.

Vau = O mesmo que a Iode, porém com a semivogal W.

Pi-au-í = Vau, com a representação fonética **Pi-aw-wi**. Com o "w" ocorre o mesmo que ocorreu com o "y", ou seja, representa um fonema apenas.

Ocorrem, também, na Língua Portuguesa, encontros vocálicos que ora são pronunciados como ditongo, ora como hiato. São eles:

Sinérese = São os agrupamentos **ae**, **ao**, **ea**, **ee**, **eo**, **ia**, **ie**, **io**, **oa**, **oe**, **ua**, **ue**, **uo**, **uu**.

Ca-e-ta-no, Cae-ta-no; ge-a-da, gea-da; com-pre-en-der, com-preen-der; Na-tá-li-a, Na-tá-lia; du-e-lo, due-lo; du-un-vi-ra-to, duun-vi-ra-to.

Diérese = São os agrupamentos **ai**, **au**, **ei**, **eu**, **iu**, **oi**, **ui**.

re-in-te-grar, rein-te-grar; re-u-nir, reu-nir; di-u-tur-no, diu-tur-no.

Obs.: Há palavras que, mesmo contendo esses agrupamentos não sofrem sinérese ou diérese. Há que se ter bom senso, no momento de se separarem as sílabas. Nas palavras *rua*, *tia*, *magoa*, por exemplo, é claro que só há hiato.

Encontros Consonantais

É o agrupamento de consoantes. Há três tipos de encontros consonantais:

Encontro Consonantal Puro = É o agrupamento de consoantes, lado a lado, na mesma sílaba.

Bra-sil, **pl**a-ne-ta, a-**dr**e-na-li-na

Encontro Consonantal Disjunto = É o agrupamento de consoantes, lado a lado, em sílabas diferentes.

a**p-t**o, ca**c-t**o, a**s-p**e**c-t**o

Encontro Consonantal Fonético = É a letra x com som de ks.

Maxi, nexo, axila = **maksi**, **nekso**, **aksila**.

Não se esqueça de que as letras **M** e **N** pós-vocálicas não são consoantes, e sim semivogais ou simples sinais de nasalização (ressôo nasal).

Dígrafos

Dígrafo é o agrupamento de duas letras com apenas um fonema. Os principais dígrafos são **rr**, **ss**, **sc**, **sç**, **xc**, **xs**, **lh**, **nh**, **ch**, **qu**, **gu**. Representam-se os dígrafos por letras maiores que as demais, exatamente para estabelecer a diferença entre uma letra e um dígrafo. **Qu** e **gu** só serão dígrafos, quando estiverem seguidos de **e** ou **i**, sem trema. Os dígrafos **rr**, **ss**, **sc**, **sç**, **xc** e **xs** têm suas letras separadas silabicamente; **lh**, **nh**, **ch**, **qu**, **gu**, não.

a**rr**oz = ar-roz - **aRos**;

a**ss**ar = as-sar - **aSar**;

na**sc**er = nas-cer - **naSer**;

de**sç**o = des-ço - **deSo**;

e**xc**eção = ex-ce-ção - **eSesãw**;

e**xs**udar = ex-su-dar - **eSudar**;

a**lh**o = a-lho - **aĹo**;

ba**nh**o = ba-nho - **baÑo**;

ca**ch**o = ca-cho - **kaXo**;

querida = que-ri-da - **Kerida**;

san**gu**e = san-gue - **sãGe**.

Dígrafo Vocálico = É o outro nome que se dá ao Ressôo Nasal, pelo fato de serem duas letras com um fonema vocálico.

s**an**gue = san-gue - **sãGe**

Não confunda dígrafo com encontro consonantal, que é o encontro de consoantes, cada uma representando um fonema.

EXERCÍCIOS

Testes: fonemas, sílabas, encontros vocálicos e consonantais, acentuação e ortografia

1- Assinale a seqüência em que todas as palavras estão partidas corretamente:
a) trans-a-tlân-ti-co, fi-el, sub-ro-gar
b) bis-a-vô, du-e-lo, fo-ga-réu
c) sub-lin-gual, bis-ne-to, de-ses-pe-rar
d) des-li-gar, sub-ju-gar, sub-scre-ver
e) cis-an-di-no, es-pé-cie, a-teu

2- Assinalar a alternativa em que todos os ditongos são decrescentes.
a) mais, espontâneo, saiu
b) beiço, mágoa, maneira
c) põe, irmão, possui
d) áurea, nódoa, tênue

3- No trecho "Quanto ao morro do Curvelo, o meu apartamento, o andar mais alto de um velho casarão em ruína..." temos:
a) 4 ditongos decrescentes, 2 ditongos crescentes, 1 hiato.
b) 6 ditongos decrescentes, 2 ditongos crescentes, 2 hiatos.
c) 6 ditongos decrescentes, 1 ditongo crescente, 1 hiato.
d) 6 ditongos decrescentes, 2 ditongos crescentes, 1 hiato.
e) 5 ditongos decrescentes, 2 ditongos crescentes, 1 hiato.

4- Assinale a opção em que a divisão de sílaba não está corretamente feita:
a) a-bai-xa-do c) es-fi-a-pa-da e) ca-a-tin-ga
b) si-me-tria d) ba-i-nhas

5- As palavras seguintes apresentam-se sem o acento gráfico, seja ele necessário ou não. Aponte a alternativa em que todas sejam paroxítonas:
a) textil - condor - mister - zenite - crisantemo
b) luzidio - latex - inaudito - primata - libido
c) exodo - fagocito - bramane - obus - refem
d) novel - sutil - inclito - improbo - interim
e) tulipa - refrega - filantropo - especime - noctivago

6- Assinale a única afirmativa incorreta. No vocábulo:
a) Insônia há um ditongo oral crescente.
b) Quando há um ditongo nasal crescente.
c) Raios há um tritongo.
d) Também há um ditongo nasal decrescente.
e) Pior há um hiato.

7- Em que conjunto a letra x representa o mesmo fonema?
a) tóxico - taxativo d) enxame - inexaurível
b) Defluxado - taxar e) intoxicado - exceto
c) Têxtil - êxtase

8- Não são paroxítonas as palavras:
a) salada - varanda - tarde d) amanhã - última - perdão
b) leite - escada - senhora e) verdade - presença - janela
c) violetas - brigas - mesa

9- Aponte o único conjunto onde há erro de divisão silábica:
a) flui-do, sa-guão, dig-no
b) cir-cuns-cre-ver, trans-cen-den-tal, tran-sal-pi-no
c) con-vic-ção, tung-stê-nio, rit-mo
d) ins-tru-ir, an-te-pas-sa-do, se-cre-ta-ri-a
e) co-o-pe-rar, dis-tân-cia, bi-sa-vô

10- Assinalar a alternativa em que todas as palavras estão separadas corretamente:
a) Mas-si-nis-sa, i-gu-al, miú-da
b) Cons-truir, igual, cri-ei
c) Cri-ei, as-pec-to, mi-ú-da
d) Me-da-lhões, pás-sa-ros, es-ta-çõ-es

11- De acordo com a separação silábica, qual o grupo de palavras abaixo que está totalmente correto?
a) as-as-ssi-na-da, chei-ro, ma-de-i-ra
b) pers-pi-caz, felds-pa-to, des-cer
c) avi-so, mi-nha, in-fân-cia
d) per-spi-caz, em-pa-pa-da, pa-i-nei-ra
e) extra-or-di-ná-rio, ve-lha, fel-ds-pa-to

12- Classificou-se, corretamente, o grupo vocálico da palavra dada em:
a) caótico - ditongo decrescente
b) cardeal - ditongo crescente
c) estóico - ditongo crescente
d) filosofia - hiato
e) pequei - tritongo

13- Devem ser acentuadas todas as palavras da opção:
a) taxi - hifen - gas
b) ritmo - amor - lapis
c) chines - ruim - jovem
d) juriti - gratis - traz
e) açucar - abacaxi - molestia

14- A única alternativa em que nenhuma palavra deve ser acentuada graficamente é:
a) preto - orgão - seres
b) atras - medo - garoa
c) item - nuvem - erro
d) juri - governo -odio
e) tatu - cores - carater

15- Em que conjunto a letra x apresenta o mesmo valor fonético?
a) exame- exíguo- xale- exceção
b) exilar- exorbitar- próximo- excêntrico
c) sexo- tóxico- axilas- nexo
d) exalar- exonerar- queixa- hexacampeão
e) trouxe- texto- sintaxe- léxico

16- Assinale a alternativa em que há erro de acentuação gráfica:
a) apóiam - obliqúe - averigúe
b) inexcedível - influí - enjôo
c) cauím - egoísta - contêm
d) órgão - estréiam - saúva
e) concluí - além-túmulo - médium

17- Assinale a alternativa que completa corretamente as frases:
1. Cada qual faz como melhor lhe ....
2. O que .... estes frascos?
3. Neste momento os teóricos .... os conceitos.
4. Eles .... a casa do necessário.
a) convém - contêm - revêem - provêem
b) convém - contém - revêem - provém
c) convém - contém - revêm - provém
d) convêm - contém - revêem - provêem
e) convêm - contêm - revêem - provêem

18- Assinale a opção cujas palavras seguem a mesma regra de acentuação:
a) atrás - haverá - também - após
b) insônia - nível - pólen - película
c) pés - lá - já - troféu
d) centímetros - escrúpulos - fósseis
e) pára - táxi - fácil - tirá-lo

19- As palavras após e órgãos são acentuadas por serem, respectivamente:
a) Paroxítona terminada em s e proparoxítona.
b) Oxítona terminada em o e paroxítona terminada em ditongo.
c) Proparoxítona e paroxítona terminada em s.
d) Monossílabo tônico e oxítona terminada em o seguido de s.
e) Proparoxítona e proparoxítona.

20- Assinale a alternativa em que todos os vocábulos são acentuados por serem oxítonos:
a) paletó - avô - pajé - café - jiló
b) parabéns - vêm - hífen - saí - oásis
c) vovô - capilé - Paraná - lápis - régua
d) amém - amável - filó - porém - além
e) caí - aí - ímã - ipê - abricó

21- Todos os vocábulos devem ser acentuados graficamente em:
a) benção, recem, juriti
b) boemia, rubrica, maquinaria
c) especime, retem, crisantemo
d) erudito, atribuia, consul
e) gratuito, interim, textil

22- A única série de palavras corretamente acentuadas é:
a) hieróglifo - javanês - lingüística - urutú
b) sósia - dá-lo - órgão - vêzes
c) gás - pôde - fusível - retrós
d) jibóia - viés - fa-lo-á - construí-lo
e) cajá - hás - vácuo - púdico

23- Aponte a única série em que pelo menos um vocábulo apresenta erro no que diz respeito à acentuação gráfica:
a) pegada - sinoníma
b) êxodo - aperfeiçoe
c) álbuns - atraí-lo
d) ritmo - itens
e) redimí-la - grátis

24- A frase em que todas as palavras estão corretas quanto à acentuação gráfica é:
a) Apaziguemos os ânimos intranqüilos.
b) A freqüência dos alunos em sala de aula é indispensável a uma boa avaliação.
c) A contigüidade de suas atitudes retilíneas conduzí-lo-á ao objetivo proposto.
d) Cinqüenta delinquentes destruíram o armazém.

25- Assinale o vocábulo que perde o acento gráfico no plural:
a) próton c) fóssil e) caráter
b) móvel d) cônsul

26- Indique a única alternativa em que nenhuma palavra deve ser acentuada graficamente:
a) lapis - canoa - abacaxi - jovens
b) ruim - sozinho - aquele - traiu
c) saudade - onix - grau - orquidea
d) voo - legua - assim - tenis

27- Dadas as palavras:
1) apóiam
2) baínha
3) abençoo
constatamos que está (estão) corretamente grafadas (s):
a) apenas a palavra nº. 1. d) todas as palavras.
b) Apenas a palavra nº. 2. e) N.D.A.
c) Apenas a palavra nº. 3.

28- As silabadas, ou erros de prósódia, são freqüentes no uso da língua. Indique a alternativa onde não ocorre nenhuma silabada:
a) Eis aí um prototipo de rúbricas de um homem vaidoso.
b) Para mim a humanidade está dividida em duas metades: a dos filântropos e a dos misantropos.
c) Os arquétipos de iberos são mais pudicos que se pensa.
d) Nesse interim chegou o médico com a contagem de leucócitos e o resultado da cultura de lêvedos.
e) Ávaro de informações, segui todas as pegadas do éfebo.

29- Assinale o item cujas palavras são acentuadas em função das regras que justificam os acentos das palavras miúdos e vários:
a) ínterim - mártir d) crônico - três

b) egoísmo - freqüência e) ninguém - vôo
c) saudável - tórax

30- Assinale o grupo de vocábulos em que todos são acentuados por causa do hiato:
a) Escocia - Suiça - Haiti - Suecia
b) Itauna - Grajau - Ilheus - Guaiba
c) Desagua - influiram - traiste - traimos
d) Saudo - distraiste - proibira - cairam
e) Uisque - cafeina - saude - balaustre

31- O x foi empregado incorretamente em :
a) enxada, feixe, ameixa
b)enxame, enxugar, lixa
c)xale, bruxa, mexerica
d)xampu, xícara, graxa
e) xaranga, xuxu, xarque

32- Todas as palavras estão grafadas corretamente em:
a) rabujice, espontâneo, frieza
b) refúgio, obsessão, vazilha
c)ultraje, revés, cortezia
d) trajetória, esvaziar, análise
e) gorjeta, pesquisa, franqueza

33- Ambas as palavras estão grafadas incorretamente em:
a) capitalizar, catalizar
b) agonisar, batisar
c) improvisar, anarquisar
d) modernizar, concretizar
e) oficializar, repizar

34- Assinale a opção em que ocorra palavra grafada incorretamente:
a) Ao improvisar o discurso, ressurgiram as ameaças.
b) Sua estupidez foi tanta que esvaziou a sala.
c) Nossa abstenção propiciou a legalização do jogo.
d) Não houve concessão. Exigiram a rescisão do contrato.
e) Verdadeiramente não analizei as pesquisas recebidas.

Respostas

1- C
2- C
3- C
4- B
5- B
6- C
7- C
8- D
9- D
10-C
11-C
12-B
13-A
14-C
15-C
16-C
17-A
18-A
19-B
20-A
21-C
22-C
23-E
24-B
25-E
26-B
27-A
28-C
29-B
30-E
31-E
32-E
33-B
34-E

Separação Silábica

A divisão silábica deve ser feita a partir da soletração, ou seja, dando o som total das letras que formam cada sílaba, cada uma de uma vez.

Usa-se o hífen para marcar a separação silábica.

Normas para a divisão silábica:

Não se separam os ditongos e tritongos: Como ditongo é o encontro de uma vogal com uma semivogal na mesma sílaba, e tritongo, o encontro de uma vogal com duas semivogais também na mesma sílaba, é evidente que eles não se separam silabicamente. Por exemplo:

Ex. Au-las / au = ditongo decrescente oral.
Guar-da / ua = ditongo crescente oral.
A-güei / uei = tritongo oral.

Separam-se as vogais dos hiatos: Como hiato é o encontro de duas vogais em sílabas diferentes, obviamente as vogais se separam silabicamente. Cuidado, porém, com a **sinérese ee** e **uu**, conforme estudamos em **encontros vocálicos**. Por exemplo:

Ex. Pi-a-da / ia = hiato
Ca-ir / ai = hiato
Ci-ú-me / iú = hiato
Com-pre-en-der ou com-preen-der **(sinérese)**

Não se separam os dígrafos ch, lh, nh, qu, gu:

Ex. Cho-ca-lho / ch, lh = dígrafos inseparáveis.
Qui-nhão / qu, nh = dígrafos inseparáveis.
Gui-sa-do / gu = dígrafo inseparável.

Separam-se os dígrafos rr, ss, sc, sç, xc e xs:

Ex. Ex-ces-so / xc, ss = dígrafos separáveis.
Flo-res-cer / sc = dígrafo separável.
Car-ro-ça / rr = dígrafo separável.
Des-ço / sç = dígrafo separável.

Separam-se os encontros consonantais impuros: Encontros consonantais impuros, ou disjuntos, são consoantes em sílabas diferentes.

Ex. Es-co-la
E-ner-gi-a
Res-to

Separam-se as vogais idênticas e os grupos consonantais cc e cç: Lembre-se de que há autores que classificam ee e uu como sinérese, ou seja, aceitam como hiato ou como ditongo essas vogais idênticas.

Ex. Ca-a-tin-ga
Re-es-tru-tu-rar
Ni-i-lis-mo
Vô-o
Du-un-vi-ra-to

Prefixos terminados em consoante:
Ligados a palavras iniciadas por consoante: Cada consoante fica em uma sílaba, pois haverá a formação de encontro consonantal impuro.

Ex. Des-te-mi-do
Trans-pa-ren-te
Hi-per-mer-ca-do
Sub-ter-râ-neo

Ligados a palavras iniciadas por vogal: A consoante do prefixo ligar-se-á à vogal da palavra.

Ex. Su-ben-ten-di-do
Tran-sal-pi-no
Hi-pe-ra-mi-go
Su-bal-ter-no

Translineação

Translineação é a mudança, na escrita, de uma linha para outra, ficando parte da palavra no final da linha superior e parte no início da linha inferior.

Regras para a translineação:

a) Não se deve deixar apenas uma letra pertencente a uma palavra no início ou no final de linha. Por exemplo: em translineações são inadequadas as separações: "pesso-**a**", "**a-í**", samambai-**a**", "**a**-meixa", "**e**-tíope", "ortografi-**a**".

b) Não se deve, em final ou início de linha, quando a separação for efetuada, deixar formar-se palavra estranha ao contexto. Por exemplo: em translineações são inadequadas as separações: "presi-**dente**", "samam-**baia**", "**quero**-sene", "fa-**lavam**", "**para**-guaia".

c) Na translineação de palavras com hífen, se a partição coincide com o fim de um dos elementos, não se deve repetir o hífen na linha seguinte. Por exemplo:
pombo-
correio
e não
pombo-
-correio.

EXERCÍCIOS

1) Dadas as palavras:
1) Dis-en-te-ri-a
2) Trans-por-te
3) Sub-es-ti-mar
constatamos que a separação silábica está certa:
a) apenas em 1.
b) apenas em 2.
c) apenas em 3.
d) em todas as palavras.
e) em duas palavras.

2) Assinale a alternativa em que a palavra não tem suas sílabas separadas corretamente:
a) ni-i-lis-mo
b) oc-ci-pi-tal
c) in-te-lec-ção
d) se-cre-ta-ria
e) côns-cio

3) A letra em que todas as palavras apresentam separação silábica correta é:
a) ex-ci-tar, me-ia, trans-por-te
b) rit-mo, am-bí-guo, ex-ce-len-te
c) pro-fes-sor, ins-tru-ção, a-vi-ã-o
d) dig-no, cre-sci-men-to, eu-ro-pe-u
e) ab-rup-to, sub-li-nhar, sub-li-me

4) Aponte o único conjunto onde há erro de divisão silábica:
a) cir-cui-to, sa-guão, dig-ni-da-de.
b) cir-cuns-pec-to, trans-cen-der, dis-tan-ci-ar.
c) con-vic-to, tungs-tê-nio, rit-mo
d) ins-tru-í-do, pas-sa-ri-nho, ar-ma-ri-a.
e) co-o-pe-ra-ti-va, , trans-al-pi-no, bi-sa-vô.

5) Levando-se em conta a partição de palavras em final de linha, assinale a letra que não contenha erro:
a) Foi um jogo com muito equilí-brio.
b) Sua cadu-cidade levou-o à miséria.
c) O carrasco esperava o réu no cada-falso.
d) O bandido embrenhou-se no cafe-zal.
e) Espero que ele se sai-a bem.

6) Assinale a seqüência em que todas as palavras estão partidas corretamente:
a) trans-a-tlân-ti-co, fi-el, sub-ro-gar
b) bis-a-vô, du-e-lo, fo-ga-réu
c) sub-lin-gual, bis-ne-to, de-ses-pe-rar
d) des-li-gar, sub-ju-gar, sub-scre-ver
e) cis-an-di-no, es-pé-cie, a-teu.

7) Assinale a letra certa, quanto à divisão silábica:
a) assa-ssi-na-do

b) a-brup-to
c) caó-ti-co
d) fi-lo-so-fi-a
e) si-gno

8) Aponte o erro, quanto ao número de sílabas e de fonemas:
a) conseguiu = 3 sílabas, 7 fonemas.
b) lentilha = 3 sílabas, 6 fonemas.
c) cheirinho = 3 sílabas, 7 fonemas.
d) construir = 2 sílabas, 9 fonemas.
e) sintaxe = 3 sílabas, 6 fonemas.

Respostas

1) a 2) d 3) b 4) e 5) e 6) c 7) d 8) d

Acentuação

Na Língua Portuguesa, todas as palavras possuem uma sílaba tônica - a que recebe a maior inflexão de voz. Nem todas, porém, são marcadas pelo acento gráfico. O nosso estudo é exatamente este: em que palavras usar o acento agudo ou o acento circunflexo? Ainda existe o trema? Vamos às respostas.

As sílabas são subdivididas em tônicas, subtônicas e átonas.

A sílaba tônica é a mais forte da palavra. Só existe uma sílaba tônica em cada palavra.

Ex. Guara**ná** - A sílaba tônica é a última.
Táxi - A sílaba tônica é a penúltima.
Própolis - A sílaba tônica é a antepenúltima.

A sílaba tônica sempre se encontra em uma destas três sílabas: última, penúltima e antepenúltima.

A sílaba **subtônica** só existe em palavras derivadas. Coincide com a tônica da palavra primitiva.
Ex. Guaranazinho - A sílaba tônica é zi, e a subtônica, na
Taxímetro - A sílaba tônica é xí, e a subtônica, ta
Propolina - A sílaba tônica é li, e a subtônica, pro
Todas as outras são denominadas átonas.

Quando a palavra possuir uma sílaba só, será denominada monossílaba.

Os **monossílabos** podem ser **átonos e tônicos**. Os tônicos são aqueles que têm força para serem usados sozinhos em uma sílaba; os átonos, não. Portanto serão monossílabos tônicos os substantivos, os adjetivos, os advérbios, os numerais e os verbos.

Regras de Acentuação

Monossílabos Tônicos: Os monossílabos tônicos serão acentuados, quando terminarem em **A**, **E**, **O**, seguidos ou não de **s**.

Ex. pá, pás, má, más, vá, lá, já.
pé, pés, mês, rês, Zé, né?
pó, pós, dó, cós, pô!

Oxítonas: São as que têm a maior inflexão de voz na última sílaba. São acentuadas, quando terminarem em **A**, **E**, **O**, seguidos ou não de **s**, e em **EM**, **ENS**.

Ex. Corumbá, maracujás, maná, Maringá.
rapé, massapê, filé, sapé.
filó, rondó, mocotó, jiló.
amém, armazém, também, Belém.
parabéns, armazéns, nenéns.

Paroxítonas: São as que têm a maior inflexão de voz na penúltima sílaba. São acentuadas, quando terminarem em **UM**, **UNS**, **L**, **ÊEM**, **PS**, **X**, **EI** (s), **ÃO** (s), **U** (s), **ditongo crescente** (s), **N**, **ÔO**, **I** (s),

R, **Ã** (s).

Ex. álbum, factótum, médiuns.
ágil, flexível, volátil.
crêem, dêem, lêem, vêem.
fórceps, bíceps, tríceps.
tórax, xérox (também pode ser **xerox**), fênix.
pônei, vôlei, jóquei.
órgão, órfãos, sótão.
ônus, bônus.
Mário, secretária.
hífen, pólen, gérmen.
vôo, côo, entôo.
táxi, júris.
fêmur, âmbar, revólver.
ímã, órfãs.

Proparoxítonas: São as que têm a maior inflexão de voz na antepenúltima sílaba. Todas as proparoxítonas são acentuadas, salvo a expressão **per capita**, por não pertencer à Língua Portuguesa.

Ex. síndrome, ínterim, lêvedo, lâmpada, sândalo.

Os ditongos eu, ei, oi / éu, éi, ói somente receberão acento, quando forem abertos, seguidos ou não de **s**.

Ex. meu, chapéu, deus, troféus.
peixe, anéis, rei, réis.
doido, estóico, foice, destrói.

As letras i e u serão acentuadas, independente da posição na palavra, quando surgirem:

Formando hiato tônico com a vogal anterior.
Sem consoante na mesma sílaba, exceto o **s**.
Sem nasalização (**til, NH e ressôo nasal**).

Ex. saída, ataúde, miúdo.
sairmos, balaústre, juiz.
rainha, ruim, juízes.

Os grupos que, qui, gue, gui devem ser analisados com muito cuidado, pois podem surgir com trema, com acento agudo ou sem sinal gráfico algum. Vejamos então:

01) Quando o **u** for pronunciado atonamente, ou seja, quando as três letras participarem da mesma sílaba, sendo o **u** pronunciado, deveremos colocar trema sobre ele.

Ex. se-qüên-cia, cin-qüen-ta.
tran-qüi-lo, qüin-qüê-nio.
a-güen-tar, en-xá-güem.
ar-güi-ção, lin-güi-ça.

02) Quando o **u** for pronunciado tonicamente, ou seja, quando o **e** ou o **i** formarem hiato com o **u**, deveremos colocar acento agudo sobre o **u**. Isso ocorre somente com alguns verbos da Língua Portuguesa. Vejamo-los:

Averiguar, apaziguar e obliquar: As pessoas **eu**, **tu**, **ele** e **eles** do Presente do Subjuntivo são as únicas a receberem o acento agudo.

Ex. Que eu averigúe, tu averigúes, ele averigúe, eles averigúem.
Que eu apazigúe, tu apazigúes, ele apazigúe, eles apazigúem.
Que eu obliqúe, tu obliqúes, ele obliqúe, eles obliqúem.

Significado dos verbos:
Averiguar = examinar com cuidado; verificar.
Apaziguar = pacificar, acalmar.
Obliquar = Proceder maliciosamente; caminhar obliquamente.

Argüir e redargüir: As pessoas **tu**, **ele** e **eles** do Presente do Indicativo são as únicas a receberem o acento agudo.

Ex. Tu argúis, ele argúi, eles argúem.
Tu redargúis, ele redargúi, eles redargúem.

Significado dos verbos:
Arqüir = acusar; censurar; argumentar; examinar, questionando ou interrogando.
Redargüir = Replicar, responder argumentando; acusar, recriminar.

Acentos Diferenciais

As únicas palavras que recebem acento para serem diferenciadas de outras são as seguintes:

ás = carta de baralho, piloto de avião.
Ex.: **O ás é a carta mais valiosa no pôquer**.

às = contração da preposição **a** com o artigo ou pronome **a**.
Ex.: **Obedeço às regras**.

as = artigo, pronome oblíquo átono ou pronome demonstrativo.
Ex.: **As garotas aprovadas são as que estão na sala ao lado. Chame-as.**

côas, côa = 2ª e 3ª pessoas do singular do presente do indicativo do verbo **coar**.
Eu côo, **tu côas**, **ele côa**.

coas, coa = contração da preposição **com** com o artigo **a** ou **as**.
Ex.: **Ele não se encontrou coas garotas**.

pára = verbo parar na terceira pessoa do singular do Presente do Indicativo.
Ex.: **Ele não pára de conversar**
Ou na segunda pessoa do singular do Imperativo Afirmativo.
Ex.: **Pára com isso!**

para = preposição.
Ex.: **Estude, para seu próprio bem.**

péla, pélas = bola de borracha, jogo da péla; verbo pelar (tirar a pele) na segunda e na terceira pessoas do singular do Presente do Indicativo.
Eu pélo, **tu pélas**, **ele péla.**

pela, pelas = preposição antiga **per** mais artigo ou pronome.
Ex.: **Ele fugiu pela porta da diretoria.**

pélo = verbo pelar.
Ex.: **Eu pélo**, **tu pélas**, **ele péla.**

pêlo, pêlos = cabelo, penugem.
Ex.: **Arrancou-lhe os pêlos do braço.**

pelo, pelos = preposição **per** mais artigo ou pronome.
Ex.: **Ele fugiu pelos fundos.**

pera = preposição antiga (o mesmo que para).

pêra = fruto da pereira.
Ex.: **Comi uma pêra no almoço**.

Observe que pêra só tem acento no singular.
Ex.: **Comi umas peras no almoço**.

pode = terceira pessoa do singular do Presente do Indicativo do verbo poder.
Hoje ele pode.

pôde = terceira pessoa do singular do Pretérito Perfeito do Indicativo do verbo poder.

Ontem ele pôde.

pólo, pólos = as extremidades de um eixo; espécie de jogo.
Ex.: **Foi campeão de pólo aquático.**

pôlo, pôlos = espécie de ave.
Ex.: **Matei dois pôlos ontem.**

por = preposição.

pôr = verbo.
Ex.: **Menino, vá *pôr* uma blusa, antes de sair *por* aí.**

EXERCÍCIOS

Assinale, em cada questão, a única palavra que deve ser acentuada, Para as perguntas de 01 a 30:

01)
a) ananas
b) sutil
c) siri

02)
a) vez
b) trem
c) res

03)
a) nobel
b) transistor
c) necropsia

04)
a) polens
b) latex
c) maquinaria

05)
a) cagado
b) hieroglifo
c) arquetipo

06)
a) trofeus
b) apoio
c) heroizinho

07)
a) faisca
b) xiita
c) distribuindo

08)
a) zoo
b) contem
c) peras

09)
a) para
b) pode
c) veem

10)
a) arguo
b) arguis
c) arguem

11) - Assinale a alternativa em que todos os vocábulos foram acentuados pelo mesmo motivo:
a) atrás, haverá, também ,após
b) insônia, nível, pólem, película
c) pés, lá, já, troféu
d) pára, táxi, fácil, tirá-lo

12) - Série corretamente acentuada:
a) heroglifo, javanês, urutú
b) gás pôde, fusível, retrós
c) gibóia, vácuo, púdico, vêzes
d) rítimo, sinonímia, conteúdo

13) - Assinale a alternativa em que nenhuma palavra deve ser acentuada:
a) lapis, canoa, abacaxi, jovens
b) ruim, sozinho, aquele, traiu
c) saudade, onix, grau, orquidea
d) voo, legua, assim, tenis

14) - Assinale a alternativa com erro:
a) Um pensamento que nos ilumine a existência, eis o melhor presente que os céus podem dar
b) No esquema cósmico, tudo têm um propósito a preencher.
c) "Acaso é, talvez, o pseudônimo que Deus usa, quando não quer assinar suas obras
d) A pessoa que não lê, mal fala, mal ouve, mal vê

15) - Erro de acentuação:
a) destituído, diluído, conteúdo
b) anágua, árduo, bênção
c) francês, camponês, pequenêz
d) benefício, benemérito, bíblico

16) - Nenhuma palavra deve ser acentuada graficamente:
a) preto, orgão, seres
b) atras, medo, garoa
c) item, nuvem, erro
d) juri, biquini, himens

17) - Indique a alternativa com erro de acentuação gráfica:
a) Quem conhece seus defeitos está muito próximo de corrigí- los
b) A virtude é comunicável, porém o vício é contagioso
c) Saúde e inteligência, eis duas recompensas da vida
d) A História glorifica os heróis, a vida santifica os mártires

18) - Assinale a alternativa com apenas um erro de acentuação:
a) tênis, núcleo, lápis, perua
b) éter, fôlego, côres, álbum
c) vírgula, tôda, tonico, capítulo
d) fêmea, íbero, faróis, anéizinhos

19) - Assinale a alternativa em que os vocábulos estão errados, quanto à acentuação gráfica:
a) saída, tórax, avô, vezes
b) filatélia, ventoínha, lagôa
c) carência, amigável, única, super
d) abençôo, austero, ímã, abdômem

20) - Assinale onde houver erro:
a) Este plano de pagamento não nos convêm
b) Poucas pessoas, nesta cidade, detêm o poder
c) Esta caixa contém alguns doces
d) Os professores revêem as provas

21) - Assinale a única alternativa em que o verbo está acentuado corretamente:
a) Ela vém à reunião
b) Eles releêm a obra
c) Seu depoimento convém a todos
d) Esta festa provêm do folclore

22) - Em qual das alternativas todas as palavras devem ser acentuadas:
a) hifen, cafezinho, acrobata, siri
b) voo, corvo, America, chapeu
c) mantem, compos, caiste, reporter
d) torax, bufalo, portuguesa, moça

23) - Assinale a alternativa em que todos os vocábulos são acentuados por serem oxítonos:
a) paletó, avô, pajé, café, jiló
b) parabéns, vêm, hífen, saí, oásis
c) vovô, capilé, Paraná, lápis, caí
d) amém, amável, filó, porém, além

24) - Assinale a alternativa que preenche corretamente os espaços:
1) Nem todos ____ isto com bondade
2) Prêmios para os que ____ bem
3) Os que ____ na justiça
4) quero que me _____ motivos claros

a)vêem, lêem, crêem dêem
b)vêm, lêem, creem, dêem
c)vêem, lêem, crêm, dem
d) vêm, lêm, crêem, dêem

25) - Acentuadas por serem paroxítonas:
a) psicólogo, indício, ingênuo, ímã
b) espécie, básico, Esaú, equilíbrio
c) variável, otário, órgão, ímã
d) sótão, ímpar, adotável, período

26) - Acentuação incorreta:
a) pára
b) pêlo
c) ítem
d) pôr

27) - Nenhuma oxítona deve ser acentuada:
a) Bauru, juriti, tatu Jundiai
b) aqui, chuchu, Embu, Jau
c) caju, Iguaçu,, caqui, saci
d) Itu, Tramandai, colibri, angu

28) - Todas corretamente acentuada:
a) máximo, álbum, vôlei, enjôo
b) niquel, revólver elétron, vírus
c) vintém, cipó freguês, biquini
d) água, ingênuo, medium, hífems

29) - Erro de acentuação gráfica:
a) O delegado mantém o preso incomunicável
b) Eles mantêm os reféns amarrados
c) Os que detém o poder, responderão por seus atos
d) Os reféns, transidos de medo, vêem os soldados como verdugos

30) - Acentuados pela mesma regra:
a) eqüino, álbum, idéia, glória
b) também, chaminé, temíveis, rádio
c) uísque, cafeína, saúde, balaústre
d) lágrima, remói, inajá, faróis

Respostas Sobre Acentuação Gráfica

01. A
02. C
03. B
04. B
05. C
06. A
07. A
08. A
09. C
10. C
11. A
12. B
13. B
14. B
15. C
16. C
17. A
18. B
19. B
20. A
21. C
22. C
23. A
24. A

25. C	**27. C**	**29. C**
26. C	**28. A**	**30. C**

Ortografia

Ao escrever uma palavra com som de **s**, de **z**, de **x** ou de **j**, deve-se procurar a origem dela, pois, na Língua Portuguesa, a palavra primitiva, em muitos casos, indica como deveremos escrever a palavra derivada.

Ç

01) Escreveremos com **-ção** as palavras derivadas de vocábulos terminados em **-to**, **-tor**, **-tivo** e os substantivos formados pela posposição do **-ção** ao **tema** de um verbo (Tema é o que sobra, quando se retira a desinência de infinitivo **- r -** do verbo).

Portanto deve-se procurar a origem da palavra terminada em **-ção**. Por exemplo: Donde provém a palavra **conjunção**? Resposta: provém de **conjunto**. Por isso, escrevemo-la com **ç**.
Exemplos:

- erudito = erudição
- exceto = exceção
- setor = seção
- intuitivo = intuição
- redator = redação
- ereto = ereção
- educar - **r** + **ção** = educação
- exportar - **r** + **ção** = exportação
- repartir - **r** + **ção** = repartição
-

02) Escreveremos com **-tenção** os substantivos correspondentes aos verbos derivados do verbo **ter**.
Exemplos:

- manter = manutenção
- reter = retenção
- deter = detenção
- conter = contenção

03) Escreveremos com **-çar** os verbos derivados de substantivos terminados em **-ce**.
Exemplos:

- alcance = alcançar
- lance = lançar

S

01) Escreveremos com **-s-** as palavras derivadas de verbos terminados em **-nder** e **-ndir**
Exemplos:

- pretender = pretensão
- defender = defesa, defensivo
- despender = despesa
- compreender = compreensão
- fundir = fusão
- expandir = expansão

02) Escreveremos com **-s-** as palavras derivadas de verbos terminados em **-erter**, **-ertir** e **-ergir**.
Exemplos:

- perverter = perversão
- converter = conversão
- reverter = reversão
- divertir = diversão
- aspergir = aspersão
- imergir = imersão

03) Escreveremos **-puls-** nas palavras derivadas de verbos terminados em **-pelir** e **-curs-**, nas palavras derivadas de verbos terminados em **-correr**.
Exemplos:

- expelir = expulsão
- impelir = impulso

- compelir = compulsório
- concorrer = concurso
- discorrer = discurso
- percorrer = percurso

04) Escreveremos com **-s-** todas as palavras terminadas em **-oso** e **-osa**, com exceção de **gozo**.
Exemplos:

- gostosa
- glamorosa
- saboroso
- horroroso

05) Escreveremos com **-s-** todas as palavras terminadas em **-ase**, **-ese**, **-ise** e **-ose**, com exceção de **gaze** e **deslize**.
Exemplos:

- fase
- crase
- tese
- osmose

06) Escreveremos com **-s-** as palavras femininas terminadas em **-isa**.
Exemplos:

- poetisa
- profetisa
- Heloísa
- Marisa

07) Escreveremos com **-s-** toda a conjugação dos verbos **pôr**, **querer** e **usar**.
Exemplos:

- Eu pus
- Ele quis
- Nós usamos
- Eles quiseram
- Quando nós quisermos
- Se eles usassem

Ç ou S?

Após ditongo, escreveremos com **-ç-**, quando houver som de **s**, e escreveremos com **-s-**, quando houver som de **z**.
Exemplos:

- eleição
- traição
- Neusa
- coisa

S ou Z?

01 a) Escreveremos com **-s-** as palavras terminadas em **-ês** e **-esa** que indicarem **nacionalidades**, **títulos** ou **nomes próprios**.
Exemplos:

- português
- norueguesa
- marquês
- duquesa
- Inês
- Teresa

b) Escreveremos com **-z-** as palavras terminadas em **-ez** e **-eza**, **substantivos abstratos que provêm de adjetivos**, ou seja, palavras que indicam a **existência de uma qualidade**.
Exemplos:

- embriaguez
- limpeza
- lucidez
- nobreza
- acidez
- pobreza

02 a) Escreveremos com **-s-** os verbos terminados em **-isar**, quando a palavra primitiva já possuir o **-s-**.

Exemplos:
- análise = analisar
- pesquisa = pesquisar
- paralisia = paralisar

b) Escreveremos com **-z-** os verbos terminados em **-izar**, quando a palavra primitiva não possuir **-s-**.

Exemplos:
- economia = economizar
- terror = aterrorizar
- frágil = fragilizar

Cuidado:
- catequese = catequizar
- síntese = sintetizar
- hipnose = hipnotizar
- batismo = batizar

03 a) Escreveremos com **-s-** os diminutivos terminados em **-sinho** e **-sito**, quando a palavra primitiva já possuir o **-s-** no final do radical.

Exemplos:
- casinha
- asinha
- portuguesinho
- camponesinha
- Teresinha
- Inesita

b) Escreveremos com **-z-** os diminutivos terminados em **-zinho** e **-zito**, quando a palavra primitiva não possuir **-s-** no final do radical.

Exemplos:
- mulherzinha
- arvorezinha
- alemãozinho
- aviãozinho
- pincelzinho
- corzinha

SS

01) Escreveremos com **-cess-** as palavras derivadas de verbos terminados em **-ceder**.

Exemplos:
- anteceder = antecessor
- exceder = excesso
- conceder = concessão

02) Escreveremos com **-press-** as palavras derivadas de verbos terminados em **-primir**.

Exemplos:
- imprimir = impressão
- comprimir = compressa
- deprimir = depressivo

03) Escreveremos com **-gress-** as palavras derivadas de verbos terminados em **-gredir**.

Exemplos:
- agredir = agressão
- progredir = progresso
- transgredir = transgressor

04) Escreveremos com **-miss-** ou **-mess-** as palavras derivadas de verbos terminados em **-meter**.

Exemplos:
- comprometer = compromisso
- intrometer = intromissão
- prometer = promessa
- remeter = remessa

ÇS ou SS

Em relação ao verbos terminados em **-tir**, teremos:

01) Escreveremos com **-ção**, se apenas retirarmos a desinência de infinitivo **-r**, dos verbos terminados em -tir.
Exemplo:

- curtir - **r** + **ção** = curtição

02) Escreveremos com **-são**, quando, ao retirarmos toda a terminação **-tir**, a última letra for consoante.
Exemplo:

- divertir - **tir** + **são** = diversão

03) Escreveremos com **-ssão**, quando, ao retirarmos toda a terminação **-tir**, a última letra for vogal.
Exemplo:

- discutir - tir + ssão = discussão

J

01) Escreveremos com **-j-** as palavras derivadas dos verbos terminados em **-jar**.
Exemplos:

- trajar = traje, eu trajei.
- encorajar = que eles encorajem
- viajar = que eles viajem

02) Escreveremos com **-j-** as palavras derivadas de vocábulos terminados em **-ja**.
Exemplos:

- loja = lojista
- gorja = gorjeta
- canja = canjica

03) Escreveremos com **-j-** as palavras de origem **tupi**, **africana** ou **popular**.
Exemplos:

- jeca
- jibóia
- jiló
- pajé

G

01) Escreveremos com **-g-** todas as palavras terminadas em **-ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio**.
Exemplos:

- pedágio
- colégio
- sacrilégio
- prestígio
- relógio
- refúgio

02) Escreveremos com **-g-** todas as palavras terminadas em **-gem**, com exceção de **pajem**, **lambujem** e a **conjugação dos verbos terminados em -jar**.
Exemplos:

- a viagem
- a coragem
- a personagem
- a vernissagem
- a ferrugem
- a penugem

X

01) Escreveremos com **-x-** as palavras iniciadas por **mex-**, com exceção de **mecha**.
Exemplos:

- mexilhão
- mexer
- mexerica
- México
- mexerico
- mexido

02) Escreveremos com **-x-** as palavras iniciadas por **enx-**, com exceção das derivadas de vocábulos iniciados por ch- e da palavra enchova.
Exemplos:

- enxada
- enxerto
- enxerido
- enxurrada

mas:

- cheio = encher, enchente
- charco = encharcar
- chiqueiro = enchiqueirar

03) Escreveremos **-x-** após ditongo, com exceção de **recauchutar** e **guache**.
Exemplos:

- ameixa
- deixar
- queixa
- feixe
- peixe
- gueixa

UIR e OER

Os verbos terminados em **-uir** e **-oer** terão as 2ª e 3ª pessoas do singular do Presente do Indicativo escritas com **-i-**.
Exemplos:

- tu possuis
- ele possui
- tu constróis
- ele constrói
- tu móis
- ele mói
- tu róis
- ele rói

UAR e OAR

Os verbos terminados em **-uar** e **-oar** terão todas as pessoas do Presente do Subjuntivo escritas com **-e-**.
Exemplos:

- Que eu efetue
- Que tu efetues
- Que ele atenue
- Que nós atenuemos
- Que vós entoeis
- Que eles entoem

EXERCÍCIOS

Para as perguntas de 01 a 17:
Assinale a alternativa em que todos os vocábulos estejam grafados corretamente:

01) X ou CH:
a) xingar, xisto, enxaqueca
b) mochila, flexa, mexilhão
c) cachumba, mecha, enchurrada
d) encharcado, echertado, enxotado

02) E ou I:
a) femenino, sequer, periquito
b) impecilho, mimeógrafo, digladiar
c) intimorato, discrição privilégio
d) penico, despêndio , selvícola

03) S ou Z:
a) ananás, logaz, vorás, lilaz
b) maciez, altivez, pequenez, tez
c) clareza, duqueza, princesa, rez
d) guizo, granizo siso, rizo

04) G ou J:
a) sarjeta, argila
b) pajem, monje
c) tigela lage
d) gesto, geito

05) SS, C, Ç:
a) massiço, sucinto
b) à beça, craço
c) procissão, pretencioso
d) assessoria, possessão

06) O ou U:
a) muela, bulir, taboada
b) borbulhar, mágoa, regurgitar
c) cortume, goela, tabuleta
d) entupir, tussir, polir

07) S ou Z:
a) rês, extaziar
b) ourivez, cutizar
c) bazar, azia
d) induzir, tranzir

08) X ou CH:
a) michórdia, ancho
b) archote, faxada
c) tocha, coxilo
d) xenofobia, chilique

9) SS ou Ç:
a) endosso, alvíssaras, grassar
b) lassidão, palissada, massapê
c) chalassa, escasso, massarico
d) arruassa, obsessão, sossobrar

10) X ou CH:
a) chafariz, pixe pecha
b) xeque, salsixa, esquixo
c) xuxu, puxar, coxixar
d) muxoxo, chispa, xangô

11) G ou J:
a) agiota, beringela, canjica
b) jeito, algibeira, tigela
c) estranjeiro, gorjeito, jibóia
d) enjeitar, magestade, gíria

12) X ou CH:

a) flexa, bexiga, enxarcar
b) mexerico, bruxelear, chilique
c) faixa, xalé, chaminé
d) charque, chachim, caximbo

13) S ou Z:
a) aridez, pesquizar, catalizar
b) abalizado, escassez, clareza
c) esperteza, hipnotisar, deslise
d) atroz, obuz, paralização

14) G ou J:
a) monje tijela lojista ultraje
b) anjinho, rijidez, angina jia
c) herege, frege, pajé, jerimum
d) rabujento, rigeza, goló, jesto

15) Ortografia:
a) ascensão, expontâneo, privilégio
b) encher, enxame, froucho richa
c) berinjela, traje, vagem, azia
d) cincoenta, catorze, aziago, asa

16) S, SS, Ç, C, SC:
a) assédio, discente, suscinto
b) oscilar, mesce, néscio, lascivo
c) víscera, fascinar, discernir
d) ascenção, ressuscitar, suscitar

17) S ou Z:
a) atrazo, paralizar, reprezália
b) balisa, bazar, aprazível, frizo
c) apoteoze, briza, gaze, griz
d) espezinhar, cerzir, proeza, paz

Respostas Sobre Ortografia:

01. A
02. C
03. B
04. A
05. D
06. B
07. C
08. D
09. A
10. D
11. B
12. B
13. B
14. C
15. C
16. C
17. D

Significação das palavras

SINÔNIMOS

São palavras que apresentam, entre si, o mesmo significado.
triste = melancólico.
resgatar = recuperar
maciço = compacto
ratificar = confirmar
digno = decente, honesto
reminiscências = lembranças
insipiente = ignorante.

ANTÔNIMOS

São palavras que apresentam, entre si, sentidos opostos, contrários.
bom x mau
bem x mal
condenar x absolver
simplificar x complicar

HOMÔNIMOS

São palavras iguais na forma e diferentes na significação. Há três tipos de homônimos:

HOMÔNIMOS PERFEITOS

Têm a mesma grafia e o mesmo som.
cedo (advérbio) e **cedo** (verbo ceder);
meio (numeral), **meio** (adjetivo) e **meio** (substantivo).

HOMÔNIMOS HOMÓFONOS

Têm o mesmo som e grafias diferentes.
sessão (reunião), **seção** (repartição) e **cessão** (ato de ceder);
concerto (harmonia) e **conserto** (remendo).

HOMÔNIMOS HOMÓGRAFOS

Têm a mesma grafia e sons diferentes.
almoço (refeição) e **almoço** (verbo almoçar);
sede (vontade de beber) e **sede** (residência).

PARÔNIMOS

São palavras de significação diferente, mas de forma parecida, semelhante.
retificar e **ratificar**;
emergir e **imergir**.

Eis uma lista com alguns homônimos e parônimos:

acender = atear fogo
ascender = subir
acerca de = a respeito de, sobre
cerca de = aproximadamente
há cerca de = faz aproximadamente, existe aproximadamente, acontece aproximadamente
afim = semelhante, com afinidade
a fim de = com a finalidade de
amoral = indiferente à moral
imoral = contra a moral, libertino, devasso
apreçar = marcar o preço
apressar = acelerar
arrear = pôr arreios
arriar = abaixar
bucho = estômago de ruminantes
buxo = arbusto ornamental
caçar = abater a caça
cassar = anular
cela = aposento
sela = arreio
censo = recenseamento
senso = juízo
cessão = ato de doar
seção ou secção = corte, divisão
sessão = reunião
chá = bebida
xá = título de soberano no Oriente
chalé = casa campestre
xale = cobertura para os ombros
cheque = ordem de pagamento
xeque = lance do jogo de xadrez, contratempo
comprimento = extensão
cumprimento = saudação
concertar = harmonizar, combinar
consertar = remendar, reparar
conjetura = suposição, hipótese
conjuntura = situação, circunstância
coser = costurar
cozer = cozinhar
deferir = conceder
diferir = adiar
descrição = representação
discrição = ato de ser discreto
descriminar = inocentar
discriminar = diferençar, distinguir
despensa = compartimento
dispensa = desobrigação
despercebido = sem atenção, desatento
desapercebido = desprevenido
discente = relativo a alunos
docente = relativo a professores
emergir = vir à tona
imergir = mergulhar
emigrante = o que sai
imigrante = o que entra
eminente = nobre, alto, excelente
iminente = prestes a acontecer
esperto = ativo, inteligente, vivo
experto = perito, entendido
espiar = olhar sorrateiramente
expiar = sofrer pena ou castigo
estada = permanência de pessoa
estadia = permanência de veículo
flagrante = evidente
fragrante = aromático
fúsil = que se pode fundir
fuzil = carabina
fusível = resistência de fusibilidade calibrada
incerto = duvidoso
inserto = inserido, incluso
incipiente = iniciante
insipiente = ignorante
indefesso = incansável
indefeso = sem defesa

infligir = aplicar pena ou castigo
infringir = transgredir, violar, desrespeitar
intemerato = puro, íntegro, incorrupto
intimorato = destemido, valente, corajoso
intercessão = súplica, rogo
interse(c)ção = ponto de encontro de duas linhas
laço = laçada
lasso = cansado, frouxo
ratificar = confirmar
retificar = corrigir
soar = produzir som
suar = transpirar
sortir = abastecer
surtir = originar
sustar = suspender
suster = sustentar
tacha = brocha, pequeno prego
taxa = tributo
tachar = censurar, notar defeito em
taxar = estabelecer o preço
vultoso = volumoso
vultuoso = atacado de vultuosidade (congestão na face)

EXERCÍCIOS

1) Assinale a alternativa cujas palavras substituem adequadamente as palavras e expressões destacadas abaixo:
Passou-me **sem atenção** que a sua intenção era **estabelecer uma diferença** entre os **ignorantes** e os **valentes, corajosos**.
a) desapercebido - descriminar - incipientes - intemeratos.
b) despercebido - discriminar - insipientes - intimoratos.
c) despercebido - discriminar - insipientes - intemeratos.
D) desapercebido - descriminar - insipientes - intemeratos.
e) despercebido - discriminar - incipientes - intimoratos.

2) O apaixonado rapaz ficou **extático** diante da beleza da noiva.
A palavra destacada é sinônima de:
a) imóvel
b) admirado
c) firme
d) sem respirar
e) indiferente

3) Indique a alternativa errada:
a) As pessoas mal-educadas, sempre se dão mal com os outros.
b) Os meus ensinamentos foram mal interpretados.
c) Vivi maus momentos, naquela época.
d) Temos que esclarecer os mau-entendidos.
e) Os homens maus sempre prejudicam os bons.

4) os sinônimos de exilado, assustado, sustentar e expulsão são, respectivamente:
a) degredado, espavorido, suster e proscrição.
b) degradado, esbaforido, sustar e prescrição.
c) degredado, espavorido, sustar e proscrição.
d) degradado, esbaforido, sustar e proscrição.
e) degradado, espavorido, suster e prescrição.

5) Trate de **arrumar** o aparelho que você quebrou e **costurar** a roupa que você rasgou, **do contrário** não saíra de casa nesse final de semana.
As palavras destacadas podem ser substituídas por:
a) concertar, coser e se não.
b) consertar, coser e senão.
c) consertar, cozer e senão.
d) concertar, cozer e senão.
e) consertar, coser e se não.

6) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase abaixo:
Da mesma forma que os italianos e japoneses __________ para o Brasil no século passado, hoje os brasileiros __________ para a Europa e para o Japão, à busca de uma vida melhor; internamente, os nordestinos _________ para o Sul, pelo mesmo motivo.
a) imigraram - emigram - migram
b) migraram - imigram - emigram
c) emigraram - migram - imigram.
d) emigraram - imigram - migram.
e) imigraram - migram - emigram.

7) Há erro de grafia em:
a) Eucláudia trabalha na seção de roupas.
b) Hoje haverá uma sessão extraordinária na Câmara de Vereadores.
c) O prefeito da cidade resolveu fazer a cessão de seus rendimentos à creche municipal.
d) Voto 48ª sessão, da 191ª zona eleitoral.
e) Ontem, fui ao cinema na sessão das dez.

8) Assinale a letra que preenche corretamente as lacunas das frases apresentadas.
A ____________ da greve era _________, mas o líder dos trabalhadores iria ____________ o aumento mais uma vez.
a) deflagração - eminente - reivindicar.
b) defragração - iminente - reinvidicar.
c) deflagração - iminente - reivindicar.
d) defragração - eminente - reinvindicar.
e) defragração - eminente - reivindicar

9) Assinale a letra que preenche corretamente as lacunas das frases apresentadas.
Apesar de ________ em mecânica de automóveis, ele foi ________ de ___________, pois não conseguiu diagnosticar o problema no motor do carro do diretor.
a) esperto - tachado - incipiente.
b) experto - tachado - insipiente.
c) experto - taxado - insipiente.
d) esperto - taxado - incipiente.
e) esperto - taxado - incipiente.

10) Assinale a letra que preenche corretamente as lacunas das frases apresentadas.
O ladrão foi pego em __________, quando tentava levar ________ quantia, devido a uma ________ de caminhões bem em frente ao banco.
a) flagrante - vultosa - coalizão.
b) fragrante - vultuosa - colisão.
c) flagrante - vultosa - colisão.
d) fragrante - vultuosa - coalizão.
e) flagrante - vultuosa - coalizão.

11) Assinale a letra que preenche corretamente as lacunas das frases apresentadas.
O rapaz que se sentiu _____________ pela diretora do colégio fez uma ________ até Brasília para tentar __________ uma pena a ela.
a) descriminado - viajem - inflingir.
b) discriminado - viagem - infligir.
c) discriminado - viajem - infringir.
d) descriminado - viagem - infligir.
e) discrimando - viagem - infringir.

12) Assinale a letra que preenche corretamente as lacunas das frases apresentadas.
___________, a verdade ________, e, apesar de todos os protestos dos deputados, o _________ governador _______ os direitos do secretário.
a) De repente - emergiu - iminente - cassou.
b) Derrepente - imergiu - iminente - caçou.
c) De repente - emergiu - eminente - cassou.
d) De repente - imergiu - eminente - caçou.
e) Derrepente - emergiu - iminente - cassou.

Respostas
1) B 2) B 3) D 4) A 5) B 6) A 7) D 8) C 9) D 10) C 11) B 12) C

Hífen

Observe o quadro abaixo, quanto aos usos do hífen:

Prefixos e Radicais	Com hífen	Exemplos
Proto - Auto Semi - Supra	Antes de	**proto-histórico, protogaláxia, auto-retrato, autocolante, semi-reta, semibárbaro, supra-hepático, supracitado, extra-**

Extra - Pseudo Infra - Neo Intra - Contra Ultra	**H - R - S e Vogal**	**oficial, extracelular, pseudo-sábio, pseudocaule, infra-escrito, infracitado, neo-humanismo, neobarroco, intra-ocular, intracardíaco, contra-senso, contradeclarar, ultra-realismo, ultrabásico**
Ante - Anti Sobre - Arqui	Antes de **H - R e S**	**ante-sala, antebraço, anti-reumático, antiabortivo, sobre-humano, sobreexcelente, arqui-rival, arquiavô.**
Super - Hiper - Inter	Antes de **H e R**	**super-homem, superabundante, hiper-hidrose, hiperacidez, inter-regional, interacadêmico.**
Pan - Mal	Antes de **H e Vogal**	**super-homem, superabundante, hiper-hidrose, hiperacidez, inter-regional, interacadêmico.**
Circum	Antes de **Vogal**	**Circum-adjacente, circumpolar.**
sem, pré, pára, co, grão, bem, além.	**sempre**	**sem-vergonha, sem-cerimônia, pré-vestibular, pré-adolescente, pára-choque, pára-quedista, co-autor, co-editor, grão-mestre,grão-duque, bem-ajambrado, bem-vindo, além-túmulo, além-país.**
ad - ab - ob - sob	Antes de **R**	**ad-rogar, adjunto, ab-rogar, ablocar, ob-repção, sob-roda, sobpor.**
sub	Antes de **R e B** **Obs: Antes de H é facultativo**	**sub- reitor,** **sub-reitor, subchefe, sub-bibliotecário.** **sub-humano ou subumano.**
aquém, ex, pós, pró, grã, recém.	**sempre**	**aquém- fronteiras, ex-namorado, pós-graduação, pró-paz, grã-duquesa,** **recém-casado.**

Exceções

extraordinário, sobressair, sobressalente, sobressaltar,
predefinir, predeterminado, predispor, predizer, preexistir.

EXERCÍCIOS

01) Assinale a alternativa contendo todos os vocábulos grafados corretamente:
a) amor-perfeito, porto-alegrense, cupu-açu
b) ultra-leve, infra-estrutura, anti-ácido
c) inter-social, pan-americano, ad-renal
d) sub-raça, sub-base, pára-raios
e) bem-vindo, inter-regno, retro-atividade

02) Assinale a alternativa correta:
a) ab-rogar, bi-campeão, cis-platino, dermatomicose
b) extra-oficial, hiper-rigoroso, infra-vermelho, macro-fotografia
c) neo-asiático, neo-simbolista, bi-focal, sub-diretor
d) pan-americano, pára-brisa, pós-escrito, pré-universitário

03) Dadas as palavras:
1) pão duro
2) copo de leite
3) Sub raça

Constatamos que o hífen é obrigatório**:**

a) apenas da palavra do nº 1
b) apenas na palavra do nº 2
c) apenas na palavra do nº 3
d) em todas as palavras

04) Assinale o correto:
a) autocrítica, contramestre, extra-oficial
b) infra-assinado, infravermelho, proto-mártir
c) semi-círculo, semi-internato, super-visão
d) superelegante, ante-datar, anti-alérgico

05) Em qual das alternativas todos os vocábulos estão grafados corretamente:
a) vitória-régia, proto-mártir, buscapé
b) recém-nascido, grã-fino, neo-latino
c) extra-terrestre, anti-tóxico, sub-solo
d) benvindo, contrasenso, anti-aéreo
d) teleobjetiva, tetracampeão, multissecular

06) Assinale o item em que o hífen foi empregado de acordo com as normas vigentes:
a) pré-universitário, psico-biologia, radio-foto
b) semi-breve, socio-psicologia, ultra-violeta
c) auto-crítica, anti-higiênico, proto-histórico
d) super-potência, semi-analfabeto, extra-ordinário

07) Assinale a única forma correta:
a) sub-chefe
b) sub-entendido
c) sub-desenvolvido
d) sub-reptício
e) sub-limiar

08) Marque a alternativa em que todos os vocábulos foram grafados incorretamente:
a) geo-física, áudio-visual, pseudo-artista
b) vagalume, estrada-de-ferrro, buscapé
c) micro-organismo, supersônico, turbo-hélice
d) jacaré-açu, panamericano, subchefe
e) sub-delegado, conta-dança, anti-rábica

09) Assinale a alternativa com um único erro:
a) pára-quedismo, antiácido, para-militar
b) passatempo, sobremesa, vaivém
c) super-sensível, suprarrenal, benvindo
d) bem-amado, sanguessuga, ziguezague
e) minissaia, socioeconômico, gastrenterologia

10) Assinale a alternativa errada:
a) Pelo inter-fone ele me comunicou bem-humorado que estava Fazendo uma super-alimentação
b) Nas circunvizinhanças há uma casa mal-assombrada
c) Depois de comer a sobrecoxa, tomou um atiácido
d) Nossos antepassados realizaram vários enteprojetos
e) O autodidata fez uma auto-análise

11) Assinale a única alternativa sem incorreções:
a) alça-pão, água-rás, mal-me-quer
b) mal-humorado, circum-lóquio, auto-retrato
c) bem-me-quer, mandachuva, louvadeus
d) intermural, infravermelho, antiinflamatório
e) intrauterino auto-biografia, contra-senso

Respostas Sobre o Emprego do Hífen

01. D
02. D
03. C
04. A
05. E
06. B
07. D
08. B
09. A
10. A
11. D

Usos do porquê

Há quatro maneiras de se escrever o porquê: porquê, porque, por que e por quê. Vejamo-las:

Porquê

É um **substantivo**, por isso somente poderá ser utilizado, quando for precedido de artigo (o, os), pronome adjetivo **(meu(s), este(s), esse(s), aquele(s), quantos(s)...)** ou numeral (um, dois, três, quatro)
Ex.

- Ninguém entende o porquê de tanta confusão.
- Este porquê é um substantivo.
- Quantos porquês existem na Língua Portuguesa?
- Existem quatro porquês.

Por quê

Sempre que a palavra **que** estiver em final de frase, deverá receber acento, não importando qual seja o elemento que surja antes dela.
Ex.

- Ela não me ligou e nem disse por quê.
- Você está rindo de quê?
- Você veio aqui para quê?

Por que

Usa-se **por que**, quando houver a junção da preposição **por** com o pronome interrogativo **que** ou com o pronome relativo que. Para facilitar, dizemos que se pode substituí- lo por **por qual razão, pelo qual, pela qual, pelos quais, pelas quais, por qual**.
Ex.

- Por que não me disse a verdade? = por qual razão
- Gostaria de saber por que não me disse a verdade. = por qual razão
- As causas por que discuti com ele são particulares. = pelas quais
- Ester é a mulher por que vivo. = pela qual

Porque

É uma **conjunção subordinativa causal** ou **conjunção subordinativa final** ou **conjunção coordenativa explicativa**, portanto estará ligando duas orações, indicando causa, explicação ou finalidade. Para facilitar, dizemos que se pode substituí-lo por **já que, pois** ou **a fim de que**.
Ex.

- Não saí de casa, porque estava doente. = já que
- É uma conjunção, porque liga duas orações. = pois
- Estudem, porque aprendam. = a fim de que

EXERCÍCIOS

Preencha as lacunas, usando o seguinte código:

a) por que
b) por quê
c) porquê
d) porque

01) ( ) Quer dizer que você não vai mesmo conosco, ____________?
02) ( ) Não entendo o _____________ de suas atitudes.
03) ( ) Você sabe ____________ ela não passou no concurso.
04) ( ) Não fuja, ____________ toda fuga é fraqueza.
05) ( ) Os maus momentos __________ passaste serão inesquecíveis

06) ( ) Os amigos, não sei _________, foram sumindo um a um.
07) ( ) Agora entendo ______votaste no "homem"...
08) ( ) Menina apaixonada chora sem saber ___________
09) ( ) _______não tinha sono, fiquei na sala assistindo ao jogo
10) ( ) Qual seria a razão _______ concordaram tão facilmente?

11) Assinale a alternativa incorreta:
a) Não quero mais saber por que motivo não me amas
b) Se não me amas, quero saber porquê
c) Se não me amas, quero saber o porquê
d) Não me amas porque não te amo?

12) Qual é a incorreta?
a) Quero saber o porquê desta briga.
b) Ainda saberás porque saí do país
c) Estudamos sem saber por quê
d) Rápida foi a crise por que passou

13) Assinale a alternativa correta:
a) A criança sempre indaga o porquê das coisas
b) Conheço o livro porque te orientaste
c) Sei porquê você faltou às aulas
d) Chegaste só agora, por que?

14) Há uma alternativa incorreta, assinale-a:
a) Aquela foi a razão por que tive o pesadelo
b) Faça os exercícios, porque só assim se aprende
c) Não sei porque não ficas mais um pouquinho.
d) Porque você fez tudo errado, não o considero eficiente

15) Escolha a alternativa que complete corretamente as lacunas:
Descobri o motivo ________ ele não veio. Não veio ______teve problemas lá.
a) porquê – por quê
b) porque - porque
c) por que – por quê
d) por que - porque

16) Idem ao anterior:
Se você me disser o __________ disso, entenderei,_________ não sou tolo.
a) porquê- porque
b) por que - porque
c) por quê – por quê
d) porque – por que

17) Indique a alternativa correta:
a) Vim por que quero lutar
b) Diga-me o por que da sua luta
c) Afinal, por que você luta?
d) Eu sei porque você quer lutar

18) Assinale o incorreto:
a) Trabalho muito porque preciso
b) Trabalhas tanto, por quê?
c) Você precisa saber o porque disso
d) Falei dele porque o conheço

19) Assinale a alternativa correta:
a) Os caminhos por que vim são estes
b) O estudo é o caminho porque se deve trilhar
c) Alguns vencem por que lutam mais
d) Não sei porque você está nervoso

20) Incorreta:
a) Nunca lhes revelarei as razões por que tudo começou
b) Diga-me: por que você faltou?
c) Alguns chateiam por que gostam
d) Porque é estudioso e dedicado, o menino se destaca no colégio

21) Assinale a alternativa incorreta:
a) Ela ri e sabe por quê
b) Cada um ri porque gosta de rir
c) Você sabe por que ela ri?
d) Os motivos porque ela ri são mesmo estranhos

22) Assinale a alternativa correta:
a) Essas são as dificuldades porque passei
b) No momento, porque assuntos você se interessa?
c) Estava preocupado com o porquê da questão
d) Todos reclamam sem saber porquê

23) Assinale a alternativa que apresenta erro:
a) Leio revistas e jornais, porque desejo estar sempre informado
b) Gostaria de rever os lugares por que andei ultimamente
c) Não sei por que desistes com tanta facilidade
d) você não apresentou o resultado, por que?

24) Assinale a alternativa onde a palavra "QUE" está grafada incorretamente:
a) Quê! Você ainda não tomou banho?
b) Depois do banho ficou com um quê irresistível
c) Quê beleza! Acertei tudo
d) Você vive de quê? De brisa?

25) Preenchendo as lacunas com "QUE", em qual alternativa esse "QUE" levaria acento circunflexo por ser monossílabo tônico?
a) Mas ___________ lindo carro você comprou!
b) O novo diretor tem um ________ estranho.
c) Eis a aula de __________ mais gosto.
d) Por ______ você saiu?

Respostas Sobre a Palavra "Porquê"

01. B
02. C
03. A
04. D
05. A
06. B
07. A
08. B
09. D
10. A
11. B
12. B
13. A
14. C
15. D
16. A
17. C
18. C
19. A
20. C
21. D
22. C
23. D
24. C
25. B

Estrutura das Palavras

Estudar a estrutura das palavras é estudar os elementos que formam a palavra, denominados de morfemas. São os seguintes os **morfemas** da Língua Portuguesa.

Radical

O que contém o sentido básico do vocábulo. Aquilo que permanecer intacto, quando a palavra for modificada.

Ex. **fal**ar, **com**er, **dorm**ir, **cas**a, **carr**o.

Obs: Em se tratando de verbos, descobre-se o radical, retirando-se a terminação **AR, ER** ou **IR**.

Vogal Temática

Nos verbos, são as vogais **A, E** e **I**, presentes à terminação verbal. Elas indicam a que conjugação o verbo pertence:

- 1ª conjugação = Verbos terminados em **AR**.
- 2ª conjugação = Verbos terminados em **ER**.
- 3ª conjugação = Verbos terminados em **IR**.

Obs.: O verbo **pôr** pertence à 2ª conjugação, já que proveio do antigo verbo **poer**.

Nos substantivos e adjetivos, são as vogais **A, E, I, O** e **U**, no final da palavra, evitando que ela termine em consoante. Por exemplo, nas palavras **meia, pente, táxi, couro, urubu**.

* Cuidado para não confundir vogal temática de substantivo e adjetivo com desinência nominal de gênero, que estudaremos mais à frente.

Tema

É a junção do **radical** com a **vogal temática**. Se não existir a vogal temática, o tema e o radical serão o mesmo elemento; o mesmo acontecerá, quando o radical for terminado em vogal. Por exemplo, em se tratando de verbo, o tema sempre será a soma do radical com a vogal temática **- estuda, come, parti**; em se tratando de substantivos e adjetivos, nem sempre isso acontecerá. Vejamos alguns exemplos: No substantivo **pasta, past** é o radical, **a**, a vogal temática, e **pasta** o tema; já na palavra **leal**, o radical e o tema são o mesmo elemento - **leal**, pois não há vogal temática; e na palavra **tatu** também, mas agora, porque o radical é terminado pela vogal temática.

Desinências

É a terminação das palavras, flexionadas ou variáveis, posposta ao radical, com o intuito de modificá-las. Modificamos os verbos, conjugando-os; modificamos os substantivos e os adjetivos em gênero e número. Existem dois tipos de desinências:

Desinências verbais

Modo-temporais = indicam o tempo e o modo. São quatro as desinências modo-temporais:

-va- e **-ia-**, para o Pretérito Imperfeito do Indicativo = **estudava, vendia, partia**.

-ra-, para o Pretérito Mais-que-perfeito do Indicativo = **estudara, vendera, partira**.

-ria-, para o Futuro do Pretérito do Indicativo = **estudaria, venderia, partiria**.

-sse-, para o Pretérito Imperfeito do Subjuntivo = **estudasse, vendesse, partisse**.

Número-pessoais = indicam a pessoa e o número. São três os grupos das desinências número-pessoais.

Grupo I: **i, ste, u, mos, stes, ram**, para o Pretérito Perfeito do Indicativo = **eu cantei, tu cantaste, ele cantou, nós cantamos, vós cantastes, eles cantaram**.

Grupo II: **-, es, -, mos, des, em**, para o Infinitivo Pessoal e para o Futuro do Subjuntivo = Era para **eu cantar, tu cantares, ele cantar, nós cantarmos, vós cantardes, eles cantarem**. Quando **eu puser, tu puseres, ele puser, nós pusermos, vós puserdes, eles puserem**.

Grupo III: **-, s, -, mos, is, m**, para todos os outros tempos = **eu canto, tu cantas, ele canta, nós cantamos, vós cantais, eles cantam**.

Desinências nominais

de gênero = indica o gênero da palavra. A palavra terá desinência nominal de gênero, quando houver a oposição masculino - feminino. Por exemplo: **cabeleireiro - cabeleireira**. A vogal **a** será desinência nominal de gênero sempre que indicar o feminino de uma palavra, mesmo que o masculino não seja terminado em **o**. Por exemplo: **crua, ela, traidora**.

de número = indica o plural da palavra. É a letra **s**, somente quando indicar o plural da palavra. Por exemplo: **cadeiras, pedras, águas**.

Afixos: São elementos que se juntam a radicais para formar novas palavras. São eles:

Prefixo: É o afixo que aparece antes do radical. Por exemplo **des**tampar, **in**capaz, **a**moral.

Sufixo: É o afixo que aparece depois do radical, do tema ou do infinitivo. Por exemplo pensa**mento**, acusa**ção**, feliz**mente**.

Vogais e consoantes de ligação: São vogais e consoantes que surgem entre dois morfemas, para

tornar mais fácil e agradável a pronúncia de certas palavras. Por exemplo flor**e**s, bambu**z**al, gas**ô**metro, cana**i**s.

Formação das palavras

Para analisar a formação de uma palavra, deve-se procurar a origem dela. Caso seja formada por apenas um radical, diremos que foi formada por **derivação**; por dois ou mais radicais, **composição**. São os seguintes os processos de formação de palavras: **Derivação:** Formação de novas palavras a partir de apenas um radical.

Derivação Prefixal

Acréscimo de um prefixo à palavra primitiva; também chamado de **prefixação**. Por exemplo: **ant**epasto, **re**escrever, **in**feliz.

Derivação Sufixal

Acréscimo de um sufixo à palavra primitiva; também chamado de **sufixação**. Por exemplo: feliz**mente**, igual**dade**, flor**escer**.

Derivação Prefixal e Sufixal

Acréscimo de um prefixo e de um sufixo, em tempos diferentes; também chamado de **prefixação** e **sufixação**. Por exemplo: **in**feliz**mente**, **des**igual**dade**, **re**flor**escer**.

Derivação Parassintética

Acréscimo de um prefixo e de um sufixo, simultaneamente; também chamado de **parassíntese**. Por exemplo: **en**verniz**ar**, **e**nrij**ecer**, **a**noit**ecer**.

Obs.: A maneira mais fácil de se estabelecer a diferença entre Derivação Prefixal e Sufixal e Derivação Parassintética é a seguinte: retira-se o prefixo; se a palavra que sobrou existir, será Der. Pref. e Suf.; caso contrário, retira-se, agora, o sufixo; se a palavra que sobrou existir, será Der. Pref. e Suf.; caso contrário, será Der. Parassintética. Por exemplo, retire o prefixo de envernizar: não existe a palavra vernizar; agora, retire o sufixo: também não existe a palavra enverniz. Portanto, a palavra foi formada por Parassíntese.

Derivação Regressiva

É a retirada da parte final da palavra primitiva, obtendo, por essa redução, a palavra derivada. Por exemplo: do verbo **debater**, retira-se a desinência de infinitivo -r: formou-se o substantivo **debate**.

Derivação Imprópria

É a formação de uma nova palavra pela mudança de classe gramatical. Por exemplo: a palavra **gelo** é um substantivo, mas pode ser transformada em um adjetivo: **camisa gelo**.

Composição

Formação de novas palavras a partir de dois ou mais radicais.

Composição por justaposição

Na união, os radicais não sofrem qualquer alteração em sua estrutura. Por exemplo: ao se unirem os radicais **ponta** e **pé**, obtém-se a palavra **pontapé**. O mesmo ocorre com **mandachuva, passatempo, guarda-pó**.

Composição por aglutinação

Na união, pelo menos um dos radicais sofre alteração em sua estrutura. Por exemplo: ao se unirem os radicais **água** e **ardente**, obtém-se a palavra aguardente, com o desaparecimento do **a**. O mesmo acontece com **embora** (em boa hora), **planalto** (plano alto).

Hibridismo

É a formação de novas palavras a partir da união de radicais de idiomas diferentes. Por exemplo: **automóvel, sociologia, sambódromo, burocracia**.

Onomatopéia

Consiste em criar palavras, tentando imitar sons da natureza. Por exemplo: **zunzum, cricri, tique-taque, pingue-pongue**.

Abreviação Vocabular

Consiste na eliminação de um segmento da palavra, a fim de se obter uma forma mais curta. Por exemplo: de **extraordinário** forma-se **extra**; de **telefone**, **fone**; de **fotografia**, **foto**; de **cinematografia**, **cinema ou cine**.

Siglas

As siglas são formadas pela combinação das letras iniciais de uma seqüência de palavras que constitui um nome: Por exemplo: **IBGE** (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística); **IPTU** (Imposto Predial, Territorial e Urbano).

Neologismo semântico

Forma-se uma palavra por neologismo semântico, quando se dá um novo significado, somado ao que já existe. Por exemplo, a palavra **legal** significa **dentro da lei**; a esse significado somamos outro: **pessoa boa, pessoa legal**.

Empréstimo lingüístico

É o aportuguesamento de palavras estrangeiras; se a grafia da palavra não se modifica, ela deve ser escrita entre aspas. Por exemplo: **estresse, estande, futebol, bife, "show", xampu, "shopping center"**.

EXERCÍCIOS

Estrutura e Formação de Palavras

1- Os elementos mórficos sublinhados estão corretamente classificados nos parênteses, exceto em:
a) aluna (desinência de gênero);
b) estudássemos (desinência modo-temporal);
c) reanimava (desinência número-pessoal);
d) deslealdade (sufixo);
e) agitar (vogal temática).

2- Tendo em vista o processo de formação de palavras, não é exemplo de hibridismo:
a) automóvel;
b) sociologia;
c) alcoômetro;
d) burocracia;
e) biblioteca.

3-(AL) Tendo em vista a estrutura das palavras, o elemento sublinhado está incorretamente classificado nos parênteses em:
a) velha (desinência de gênero);
b) legalidade (vogal de ligação);
c) perdeu (tema);
d) organizara (desinência modo-temporal);
e) testemunhei (desinência número-pessoal).

4- O processo de formação da palavra sublinhada está incorretamente indicado nos parênteses em:
a) Só não foi necessário o ataque porque a vitória estava garantida. (derivação parassintética);
b) O castigo veio tão logo se receberam as notícias. (derivação regressiva);
c) Foram muito infelizes as observações feitas durante o comício. (derivação prefixal);
d) Diziam que o vendedor seria capaz de fugir. (derivação sufixal);
e) O homem ficou boquiaberto com as nossas respostas. (composição por aglutinação).

5- Tendo em vista o processo de formação de palavra, todos os vocábulos abaixo são parassintéticos, exceto:
a) entardecer;
b) despedaçar;
c) emudecer;
d) esfarelar;
e) negociar.

6- É exemplo de palavra formada por derivação parassintética:
a) pernalta;
b) passatempo;
c) pontiagudo;
d) vidraceiro;
e) anoitecer.

7- Todas as palavras abaixo são formadas por derivação, exceto:
a) esburacar;
b) pontiagudo;
c) rouparia;
d) ilegível;
e) dissílabo.

8- "Achava natural que as gentilezas da esposa chegassem a cativar um homem". Os elementos constitutivos da forma verbal grifada estão analisados corretamente, exceto:
a) CHEG - radical;
b) A - vogal temática;
c) CHEGA - tema;
d) SSE - sufixo formador de verbo;
e) M - desinência número-pessoal.

9- O elemento mórfico sublinhado não é desinência de gênero, que marca o feminino, em:
a) tristonha;
b) mestra;
c) telefonema;
d) perdedoras;
e) loba.

10- A afirmativa a respeito do processo de formação de palavras não está correta em:
a) Choro e castigo originaram-se de chorar e castigar, através de derivação regressiva;
b) Esvoaçar é formada por derivação sufixal com sufixo verbal freqüentativo;
c) O amanhã não pode ver ninguém bem. - a palavra sublinhada surgiu por derivação imprópria;
d) Petróleo e hidrelétrico são formadas através de composição por aglutinação;
e) Pólio, extra e moto são obtidas por redução.

11- O processo de formação de palavras é o mesmo em:
a) desfazer, remexer, a desocupação;
b) dureza, carpinteiro, o trabalho;
c) enterrado, desalmado, entortada;
d) machado, arredondado, estragado;
e) estragar, o olho, o sustento.

12- O processo de formação da palavra amaciar está corretamente indicado em:
a) parassíntese;
b) sufixação;
c) prefixação;
d) aglutinação;
e) justaposição.

13- O processo de formação das palavras grifadas não está corretamente indicado em:
a) As grandes decisões saem do Planalto. (composição por justaposição);
b) Sinto saudades do meu bisavô. (derivação prefixal);
c) A pesca da baleia deveria ser proibida. (derivação regressiva);
d) Procuremos regularmente o dentista. (derivação sufixal);
e) As dificuldades de hoje tornam o homem desalmado. (derivação parassintética).

14- O processo de formação de palavras está indicado corretamente em:
a) Barbeado: derivação prefixal e sufixal;

b) Desconexo: derivação prefixal;
c) Enrijecer: derivação sufixal;
d) Passatempo: composição por aglutinação;
e) Pernilongo: composição por justaposição.

15- Apenas um dos itens abaixo contém palavra que não é formada por prefixação. Assinale-o:
a) anômalo e analfabeto;
b) átono e acéfalo;
c) ateu e anarquia;
d) anônimo e anêmico;
e) anidro e alma.

16- Em que alternativa a palavra grifada resulta em derivação imprópria?
a) "De repente, do riso fez-se o pranto / Silencioso e branco como a bruma / E das bocas fez-se a espuma / E das mãos espalmadas fez-se o espanto." (Vinícius de Moraes);
b) "Agora, o cheiro áspero das flores / leva-me os olhos por dentro de suas pétalas."(Cecília Meireles);
c) "Um gosto de amora / Comida com sal. A vida / Chamava-se "Agora"." (Guilherme de Almeida);
d) "A saudade abraçou-me, tão sincera, / soluçando no adeus de nunca mais. / A ambição de olhar verde, junto ao cais, / me disse: vai que eu fico à tua espera." (Cassiano Ricardo).

17- Marque a opção em que todas as palavras possuem um mesmo radical:
a) batista - batismo - batistério - batisfera - batiscafo;
b) triforme - triângulo - tricologia - tricípite - triglota;
c) poligamia - poliglota - polígono - política - polinésio;
d) operário - opereta - opúsculo - obra - operação;
e) gineceu - ginecologia - ginecofobia - ginostênio - gimnosperma.

18- Com relação ao seguinte poema, é CORRETO afirmar que:
Neologismo
"Beijo pouco, falo menos ainda. / Mas invento palavras / Que traduzem a ternura mais funda / E mais cotidiana. / Inventei, por exemplo, o verbo teadorar. / Intransitivo: / Teadoro, Teodora." (Manuel Bandeira)

a) o verbo "teadorar" e o substantivo próprio "Teodora" são palavras cognatas, pois possuem o mesmo radical;
b) as classes das palavras que compõem a estrutura do vocábulo "teadorar" são pronome e verbo;
c) o verbo "teadorar", por se tratar de um neologismo, não possui morfemas;
d) a vogal temática dos verbos "beijo", "falo", "invento" e "teadoro" é a mesma, ou seja, "o".

19- Está INCORRETO afirmar que:
a) malcheiroso é formada por prefixação e sufixação;
b) televisão é formada por prefixação que significa ao longe;
c) folhagem é formada por derivação sufixal que significa noção coletiva;
d) em amado e malcheiroso, ambos os sufixos significam provido ou cheio de.

20- Farejando apresenta em sua estrutura:
a) radical farej - vogal temática a - tema fareja - desinência ndo;
b) radical far - tema farej - vogal temática e - desinência ndo;
c) radical fareja - vogal temática a - sufixo ndo;
d) tema farej - radical fareja - sufixo ndo.

Respostas

1- C
2- E
3- C
4- A
5- E
6- E
7- B
8- D
9- C
10-B
11-C
12-A
13-A
14-B
15-E
16-D
17-D
18-B
19-B
20-A

Substantivo

Substantivo é tudo o que nomeia as "coisas" em geral.

Substantivo é tudo o que pode ser visto, pego ou sentido.

Substantivo é tudo o que pode ser precedido de artigo .

Classificação e Formação

Substantivo Comum

Substantivo comum é aquele que designa os seres de uma espécie de forma genérica. Por exemplo **pedra, computador, cachorro, homem, caderno**.

Substantivo Próprio

Substantivo próprio é aquele que designa um ser específico, determinado, individualizando-o. Por exemplo **Maxi, Londrina, Dílson, Ester**. O substantivo próprio sempre deve ser escrito com letra maiúscula.

Substantivo Concreto

Substantivo concreto é aquele que designa seres que existem por si só ou apresentam-se em nossa imaginação como se existissem por si. Por exemplo **ar, som, Deus, computador, pedra, Ester**.

Substantivo Abstrato

Substantivo abstrato é aquele que designa **prática de ações verbais, existência de qualidades ou sentimentos humanos**. Por exemplo **saída** (prática de sair), **beleza** (existência do belo), **saudade**.

Formação dos substantivos

Os substantivos, quanto à sua formação, podem ser:

Substantivo Primitivo

É primitivo o substantivo que não se origina de outra palavra existente na língua portuguesa. Por exemplo **pedra, jornal, gato, homem**.

Substantivo Derivado

É derivado o substantivo que provém de outra palavra da língua portuguesa. Por exemplo **pedreiro, jornalista, gatarrão, homúnculo**.

Substantivo Simples

É simples o substantivo formado por um único radical. Por exemplo **pedra, pedreiro, jornal, jornalista**.

Substantivo Composto

É composto o substantivo formado por dois ou mais radicais. Por exemplo **pedra-sabão, homem-rã, passatempo**.

Substantivo Coletivo

Substantivo Coletivo

É coletivo o substantivo no singular que indica diversos elementos de uma mesma espécie.

- **abelha** - enxame, cortiço, colméia
- **acompanhante** - comitiva, cortejo, séqüito
- **alho** - (quando entrelaçados) réstia, enfiada, cambada
- **aluno** - classe
- **amigo** - (quando em assembléia) tertúlia
- **animal** - em geral = piara, pandilha, todos de uma região = fauna; manada de cavalgaduras = récua, récova; de carga = tropa; de carga, menos de 10 = lote; de raça, para reprodução = plantel; ferozes ou selvagens = alcatéia
- **anjo** - chusma, coro, falange, legião, teoria
- **apetrecho** - (quando de profissionais) ferramenta, instrumental
- **aplaudidor** - (quando pagos) claque

- **argumento** - carrada, monte, montão, multidão
- **arma** - (quando tomadas dos inimigos) troféu
- **arroz** - batelada
- **artigo** - (quando heterogêneo) mixórdia
- **artista** - (quando trabalham juntos) companhia, elenco
- **árvore** - quando em linha = alameda, carreira, rua, souto; quando constituem maciço = arvoredo, bosque; quando altas, de troncos retos a aparentar parque artificial = malhada
- **asneira** - acervo, chorrilho, enfiada, monte
- **asno** - manada, récova, récua
- **assassino** - choldra, choldraboldra
- **assistente** - assistência
- **astro** - (quando reunidos a outros do mesmo grupo) constelação
- **ator** - elenco
- **autógrafo** - (quando em lista especial de coleção) álbum
- **ave** - (quando em grande quantidade) bando, nuvem
- **aviã**o - esquadrão, esquadria, flotilha
- **bala** - saraiva, saraivada
- **bandoleiro** - caterva, corja, horda, malta, súcia, turba
- **bêbado** - corja, súcia, farândola
- **boi** - boiada, abesana, armento, cingel, jugada, jugo, junta, manada, rebanho, tropa
- **bomba** - bateria
- **borboleta** - boana, panapaná
- **botã**o - de qualquer peça de vestuário = abotoadura; quando em fileira = carreira
- **burro** - em geral = lote, manada, récua, tropa; quando carregado = comboio
- **cabelo** - em geral = chumaço, guedelha, madeixa; conforme a separação = marrafa, trança
- **cabo** - cordame, cordoalha, enxárcia
- **cabra** - fato, malhada, rebanho
- **cadeira** - (quando dispostas em linha) carreira, fileira, linha, renque
- **cálice** - baixela
- **camelo** - (quando em comboio) cáfila
- **caminhão** - frota
- **canção** - quando reunidas em livro = cancioneiro; quando populares de uma região = folclore
- **canhão** - bateria
- **cantilena** - salsada
- **cão** - adua, cainçalha, canzoada, chusma, matilha
- **capim** - feixe, braçada, paveia
- **cardea**l - (em geral) sacro colégio, (quando reunidos para a eleição do papa) conclave, (quando reunidos sob a direção do papa) consistório
- **carneiro** - chafardel, grei, malhada, oviário, rebanho
- **carro** - quando unidos para o mesmo destino = comboio, composição; quando em desfile = corso
- **carta** - em geral = correspondência; quando manuscritas em forma de livro = cartapácio; quando geográficas = atlas
- **casa** - (quando unidas em forma de quadrados) quarteirão, quadra.
- **cavaleiro** - cavalgada, cavalhada, tropel
- **cavalgadura** - cáfila, manada, piara, récova, récua, tropa, tropilha
- **cavalo** - manada, tropa
- **cebola** - (quando entrelaçadas pelas hastes) cambada, enfiada, réstia
- **chave** - (quando num cordel ou argola) molho (mó), penca
- **célula** - (quando diferenciadas igualmente) tecido
- **cereal** - em geral = fartadela, fartão, fartura; quando em feixes = meda, moréia
- **cigano** - bando, cabilda, pandilha
- **cliente** - clientela, freguesia
- **coisa** - em geral = coisada, coisarada, ajuntamento, chusma, coleção, cópia, enfiada; quando antigas e em coleção ordenada = museu; quando em lista de anotação = rol, relação; em quantidade que se pode abranger com os braços = braçada; quando em série = seqüência, série, seqüela, coleção; quando reunidas e sobrepostas = monte, montão, cúmulo
- **copo** - baixela
- **corda** - (em geral) cordoalha, (quando no mesmo liame) maço, (de navio) enxárcia, cordame, massame, cordagem
- **correia** - (em geral) correame, (de montaria) apeiragem
- **credor** - junta, assembléia
- **crença** - (quando populares) folclore
- **crente** - grei, rebanho
- **depredador** - horda
- **deputado** - (quando oficialmente reunidos) câmara, assembléia
- **desordeiro** - caterva, corja, malta, pandilha, súcia, troça, turba
- **diabo** - legião

- **dinheiro** - bolada, bolaço, disparate
- **disco** - discoteca
- **disparate** - apontoado
- **doze** - (coisas ou animais) dúzia
- **elefante** - manada
- **empregado** - (quando de firma ou repartição) pessoal
- **escola** - (quando de curso superior) universidade
- **escravo** - (quando da mesma morada) senzala, (quando para o mesmo destino) comboio, (quando aglomerados) bando
- **escrito** - (quando em homenagem a homem ilustre) poliantéia, (quando literários) analectos, antologia, coletânea, crestomatia, espicilégio, florilégio, seleta
- **espectador** - (em geral) assistência, auditório, concorrência, (quando contratados para aplaudir) claque
- **espiga** - (quando atadas) amarrilho, arregaçada, atado, atilho, braçada, fascal, feixe, gavela, lio, molho, paveia
- **estaca** - (quando fincadas em forma de cerca) paliçada
- **estado** - (quando unidos em nação) federação, confederação, república
- **estampa** - (quando selecionadas) iconoteca, (quando explicativas) atlas
- **estrela** - (quando cientificamente agrupadas) constelação, (quando em quantidade) acervo, (quando em grande quantidade) miríade
- **estudante** - (quando da mesma escola) classe, turma, (quando em grupo cantam ou tocam) estudantina, (quando em excursão dão concertos) tuna, (quando vivem na mesma casa) república
- **facínora** - caterva, horda, leva, súcia
- **feijão** - (quando comerciáveis) batelada, partida
- **feiticeiro** - (quando em assembléia secreta) conciliábulo
- **feno** - braçada, braçado
- **filhote** - (quando nascidos de uma só vez) ninhada
- **film**e - filmoteca, cinemoteca
- **fio** - (quando dobrado) meada, mecha, (quando metálicos e reunidos em feixe) cabo
- **flecha** - (quando caem do ar, em porção) saraiva, saraivada
- **flor** - (quando atadas) antologia, arregaçada, braçada, fascículo, feixe, festão, capela, grinalda, ramalhete, buquê, (quando no mesmo pedúnculo) cacho
- **foguete** - (quando agrupados em roda ou num travessão) girândola
- **força naval** - armada
- **força terrestre** - exército
- **formiga** - cordão, correição, formigueiro
- **frade** - (quando ao local em que moram) comunidade, convento, (quanto ao fundador ou quanto às regras que obedecem) ordem
- **frase** - (quando desconexas) apontoado
- **freguês** - clientela, freguesia
- **fruta** - (quando ligadas ao mesmo pedúnculo) cacho, (quanto à totalidade das colhidas num ano) colheita, safra
- **fumo** - malhada
- **gafanhoto** - nuvem, praga
- **garoto** - cambada, bando, chusma
- **gato** - cambada, gatarrada, gataria
- **gente** - (em geral) chusma, grupo, multidão, (quando indivíduos reles) magote, patuléia, poviléu
- **grão** - manípulo, manelo, manhuço, manojo, manolho, maunça, mão, punhado
- **graveto** - (quando amarrados) feixe
- **gravura** - (quando selecionadas) iconoteca
- **habitant**e - (em geral) povo, população, (quando de aldeia, de lugarejo) povoação
- **herói** - falange
- **hiena** - alcatéia
- **hino** - hinário
- **ilha** - arquipélago
- **imigrante** - (quando em trânsito) leva, (quando radicados) colônia
- **índio** - (quando formam bando) maloca, (quando em nação) tribo
- **instrument**o - (quando em coleção ou série) jogo, (quando cirúrgicos) aparelho, (quando de artes e ofícios) ferramenta, (quando de trabalho grosseiro, modesto) tralha
- **inseto** - (quando nocivos) praga, (quando em grande quantidade) miríade, nuvem, (quando se deslocam em sucessão) correição
- **javali** - alcatéia, malhada, vara
- **jornal** - hemeroteca
- **jumento** - récova, récua
- **jurado** - júri, conselho de sentença, corpo de jurados
- **ladrão** - bando, cáfila, malta, quadrilha, tropa, pandilha
- **lâmpada** - (quando em fileira) carreira, (quando dispostas numa espécie de lustre) lampadário

- **leão** - alcatéia
- **lei** - (quando reunidas cientificamente) código, consolidação, corpo, (quando colhidas aqui e ali) compilação
- **leitão** - (quando nascidos de um só parto) leitegada
- **livro** - (quando amontoados) chusma, pilha, ruma, (quando heterogêneos) choldraboldra, salgalhada, (quando reunidos para consulta) biblioteca, (quando reunidos para venda) livraria, (quando em lista metódica) catálogo
- **lobo** - alcatéia, caterva
- **macaco** - bando, capela
- **malfeitor** - (em geral) bando, canalha, choldra, corja, hoste, joldra, malta, matilha, matula, pandilha, (quando organizados) quadrilha, seqüela, súcia, tropa
- **maltrapilho** - farândola, grupo
- **mantimento** - (em geral) sortimento, provisão, (quando em saco, em alforge) matula, farnel, (quando em cômodo especial) despensa
- **mapa** - (quando ordenados num volume) atlas, (quando selecionados) mapoteca
- **máquina** - maquinaria, maquinismo
- **marinheiro** - maruja, marinhagem, companha, equipagem, tripulação, chusma
- **médico** - (quando em conferência sobre o estado de um enfermo) junta
- **menino** - (em geral) grupo, bando, (depreciativamente) chusma, cambada
- **mentira** - (quando em seqüência) enfiada
- **mercadoria** - sortimento, provisão
- **mercenário** - mesnada
- **metal** - (quando entra na construção de uma obra ou artefato) ferragem
- **ministro** - (quando de um mesmo governo) ministério, (quando reunidos oficialmente) conselho
- **montanha** - cordilheira, serra, serrania
- **mosca** - moscaria, mosquedo
- **móvel** - mobília, aparelho, trem
- **música** - (quanto a quem a conhece) repertório
- **músico** - (quando com instrumento) banda, charanga, filarmônica, orquestra
- **nação** - (quando unidas para o mesmo fim) aliança, coligação, confederação, federação, liga, união
- **navio** - (em geral) frota, (quando de guerra) frota, flotilha, esquadra, armada, marinha, (quando reunidos para o mesmo destino) comboio
- **nome** - lista, rol
- **nota** - (na acepção de dinheiro) bolada, bolaço, maço, pacote, (na acepção de produção literária, científica) comentário
- **objeto** - V coisa
- **onda** - (quando grandes e encapeladas) marouço
- **órgão** - (quando concorrem para uma mesma função) aparelho, sistema
- **orquídea** - (quando em viveiro) orquidário
- **osso** - (em geral) ossada, ossaria, ossama, (quando de um cadáver) esqueleto
- **ouvinte** - auditório
- **ovelha** - (em geral) rebanho, grei, chafardel, malhada, oviário, (quando ainda não deram cria e nem estão prenhes) alfeire
- **ovo** - (os postos por uma ave durante certo tempo) postura, (quando no ninho) ninhada
- **padre** - clero, clerezia
- **palavra** - (em geral) vocabulário, (quando em ordem alfabética e seguida de significação) dicionário, léxico, (quando proferidas sem nexo) palavrório
- **pancada** - data
- **pantera** - alcatéia
- **papel** - (quando no mesmo liame) bloco, maço, (em sentido lato, de folhas ligadas e em sentido estrito, de 5 folhas) caderno, (5 cadernos) mão, (20 mãos) resma, (10 resmas) bala
- **parente** - (em geral) família, (em reunião) tertúlia
- **partidário** - facção, partido, torcida
- **partido** (político) - (quando unidos para um mesmo fim) coligação, aliança, coalização, liga
- **pássaro** - passaredo, passarada
- **passarinho** - nuvem, bando
- **pau** - (quando amarrados) feixe, (quando amontoados) pilha, (quando fincados ou unidos em cerca) bastida, paliçada
- **peça** - (quando devem aparecer juntas na mesa) baixela, serviço, (quando artigos comerciáveis, em volume para transporte) fardo, (em grande quantidade) magote, (quando pertencentes à artilharia) bateria, (de roupas, quando enroladas) trouxa, (quando pequenas e cosidas umas às outras para não se extraviarem na lavagem) apontoado, (quando literárias) antologia, florilégio, seleta, silva, crestomatia, coletânea, miscelânea.
- **peixe** - (em geral e quando na água) cardume, (quando miúdos) boana, (quando em viveiro) aquário, (quando em fileira) cambada, espicha, enfiada, (quando à tona) banco, manta
- **pena** - (quando de ave) plumagem
- **peregrino** - caravana, romaria, romagem

- **pérola** - (quando enfiadas em série) colar, ramal
- **pessoa** - (em geral) aglomeração, banda, bando, chusma, colméia, gente, legião, leva, maré, massa, mó, mole, multidão, pessoal, roda, rolo, troço, tropel, turba, turma, (quando reles) corja, caterva, choldra, farândola, récua, súcia, (quando em serviço, em navio ou avião) tripulação, (quando em acompanhamento solene) comitiva, cortejo, préstito, procissão, séqüito, teoria, (quando ilustres) plêiade, pugilo, punhado, (quando em promiscuidade) cortiço, (quando em passeio) caravana, (quando em assembléia popular) comício, (quando reunidas para tratar de um assunto) comissão, conselho, congresso, conclave, convênio, corporação, seminário, (quando sujeitas ao mesmo estatuto) agremiação, associação, centro, clube, grêmio, liga, sindicato, sociedade
- **pilha** - (quando elétricas) bateria
- **pinto** - (quando nascidos de uma só vez) ninhada
- **planta** - (quando frutíferas) pomar, (quando hortaliças, legumes) horta, (quando novas, para replanta) viveiro, alfobre, tabuleiro, (quando de uma região) flora, (quando secas, para classificação) herbário.
- **ponto** - (de costura) apontoado
- **porco** - (em geral) manada, persigal, piara, vara, (quando do pasto) vezeira
- **povo** - (nação) aliança, coligação, confederação, liga
- **prato** - baixela, serviço, prataria
- **prelado** - (quando em reunião oficial) sínodo
- **prisioneiro** - (quando em conjunto) leva, (quando a caminho para o mesmo destino) comboio
- **professo**r - (quando de estabelecimento primário ou secundário) corpo docente, (quando de faculdade) congregação
- **quadro** - (quando em exposição) pinacoteca, galeria
- **querubim** - coro, falange, legião
- **recipiente** - vasilhame
- **recruta** - leva, magote
- **religioso**- clero regular
- **roupa** - (quando de cama, mesa e uso pessoal) enxoval, (quando envoltas para lavagem) trouxa
- **salteador** - caterva, corja, horda, quadrilha
- **saudade** - arregaçada
- **selo** - coleção
- **serra** - (acidente geográfico) cordilheira
- **servical** - queira
- **soldado** - tropa, legião
- **trabalhador** - (quando reunidos para um trabalho braçal) rancho, (quando em trânsito) leva
- **tripulante** - equipagem, guarnição, tripulação
- **utensílio** - (quando de cozinha) bateria, trem, (quando de mesa) aparelho, baixela
- **vadio** - cambada, caterva, corja, mamparra, matula, súcia
- **vara** - (quando amarradas) feixe, ruma
- **velhaco** - súcia, velhacada

Gêneros uniforme e biforme

Os substantivos, quanto ao gênero, são **masculinos** ou **femininos**. Quanto às formas, eles podem ser:

01) Substantivos Biformes: Substantivos biformes são os que apresentam duas formas, uma para o masculino, outra para o feminino, com apenas um radical.
Ex.

- menino - menina.
- traidor - traidora.
- aluno - aluna

02) Substantivos Heterônimos: Substantivos heterônimos são os que apresentam duas formas, uma para o masculino, outra para o feminino, com dois radicais diferentes.
Ex.

- homem - mulher.
- bode - cabra.
- boi - vaca.

Substantivos Uniformes

Substantivos uniformes são os que apresentam apenas um forma, para ambos os gêneros. Os substantivos uniformes recebem nomes especiais, que são os seguintes:

Comum-de-dois

Os comuns-de-dois são os que têm uma só forma para ambos os gêneros, com artigos distintos: Eis

alguns exemplos:

- o / a estudante
- o / a imigrante
- o / a acrobata
- o / a agente
- o / a intérprete
- o / a lojista
- o / a patriota
- o / a mártir
- o / a viajante
- o / a artista
- o / a aspirante
- o / a atleta
- o / a camelô
- o / a chofer
- o / a fã
- o / a gerente
- o / a médium
- o / a porta-voz
- o / a protagonista
- o / a puxa-saco
- o / a sem-terra
- o / a sem-vergonha
- o / a xereta
- o / a xerife

Sobrecomum

Os sobrecomuns são os que têm uma só forma e um só artigo para ambos os gêneros: Eis alguns exemplos:

- o cônjuge
- a criança
- o carrasco
- o indivíduo
- o apóstolo
- o monstro
- a pessoa
- a testemunha
- o algoz
- o verdugo
- a vítima
- o tipo
- o animal
- o bóia-fria
- o cadáver
- a criatura
- o dedo-duro
- o defunto
- o gênio
- o ídolo
- o líder
- o membro
- o nó-cego
- o pão-duro
- o pé-frio
- o pé-quente
- a personagem
- o pivô
- a sentinela
- o sósia
- o sujeito
- o tira

Epiceno

Os epicenos são os que têm uma só forma e um só artigo para ambos os gêneros de certos animais, acrescentando as palavras macho e fêmea, para se distinguir o sexo do animal. Eis alguns exemplos:

- a girafa
- a andorinha
- a águia
- a barata
- a cobra
- o jacaré
- a onça
- o sabiá
-
- o tatu
- a anta
- a arara
- a borboleta
- o canguru
- o caranguejo
- a coruja
- o crocodilo
- o escorpião
- a formiga
- a girafa
- a mosca
- a onça
- a pantera
- o pernilongo
- o piolho
- a piranha
- a rã
- a raposa
- a tartaruga
- o tatu
- o urubu
- a zebra

Gênero vacilante

Existem alguns substantivos que trazem dificuldades, quanto ao gênero. Estude, então, com muita atenção estas listas:

São Masculinos

- o açúcar
- o afã
- o ágape
- o alvará
- o amálgama
- o anátema
- o aneurisma
- o antílope
- o apêndice
- o apetite
- o algoz
- o bóia-fria
- o caudal
- o cataclismo
-
- o cônjuge
- o champanha
- o clã
- o cola-tudo
- o cós
- o coma
- o derma
- o diagrama
- o dó
- o diadema
- o decalque
- o epigrama
- o eclipse
- o estigma
- o estratagema
- o eczema
- o formicida
- o guaraná
- o gengibre
- o herpes
- o lança-perfume
- o haras
- o lotação
- o magma
- o matiz
- o magazine
- o milhar
- o nó-cego
- o pijama
- o pé-frio
- o plasma
- o pão-duro
- o sósia
- o suéter
- o talismã
- o toalete
- o tapa
- o telefonema
- o tira-teimas
- o xérox

São Femininos

- a abusão
- a acne
- a agravante
- a aguarrás
- a alface
- a apendicite
- a aguardente
- a alcunha

- a aluvião
- a bacanal
- a benesse
- a bólide
- a couve
- a couve-flor
- a cal
- a cataplasma
- a comichão
- a derme
- a dinamite
- a debênture
- a elipse
- a ênfase
- a echarpe
- a entorse
- a enzima
- a faringe
- a ferrugem
- a fênix
- a gênese
- a grafite
- a ioga
- a libido
- a matinê
- a marmitex
- a mascote
- a mídia
- a nuança
- a omoplata
- a ordenança
- a omelete
- a própolis
- a patinete
- a quitinete
- a sentinela
- a soja
- a usucapião
- a vernissagem

Mudança de gênero com mudança de significado

Alguns substantivos, quando mudam de gênero, mudam também de significado. Eis alguns deles:

- o caixa = o funcionário
- a caixa = o objeto
- o capital = dinheiro
- a capital = sede de governo
- o coma = sono mórbido
- a coma = cabeleira, juba
- o grama = medida de massa
- a grama = a relva, o capim
- o guarda = o soldado
- a guarda = vigilância, corporação
- o guia = aquele que serve de guia, cicerone
- a guia = documento, formulário; meio-fio
- o moral = estado de espírito
- a moral = ética, conclusão
- o banana = o molenga.
- a banana = a fruta

Plural dos substantivos simples

Na pluralização de um substantivo simples, há de se analisar a terminação dele, a fim de acrescentar a desinência nominal de número. Vejamos, então, as possíveis terminações de um substantivo na Língua Portuguesa e sua respectiva pluralização:

Substantivos terminados em Vogal

Acrescenta-se a desinência nominal de número S.
Ex.

- saci = sacis
- chapéu = chapéus
- troféu = troféus
- degrau = degraus.
-

Substativos terminados em ão

Fazem o plural em **ões**:
Ex.

- gavião = gaviões
- formão = formões
- folião = foliões
- questão = questões

Fazem o plural em **ães**:
Ex.

- escrivão = escrivães
- tabelião = tabeliães
- capelão = capelães
- sacristão = sacristães

Fazem o plural em **ãos**:
Ex.

- artesão = artesãos

- cidadão = cidadãos
- cristão = cristãos
- pagão = pagãos
- todas as paroxítonas terminadas em **ão**. Por exemplo bênçãos, sótãos, órgãos.

Admitem mais de uma forma para o plural:

- aldeão = aldeões, aldeães, aldeãos
- ancião = anciões, anciães, anciãos
- ermitão = ermitões, ermitães, ermitãos
- pião = piões, piães, piãos
- vilão = vilões, vilães, vilãos
- alcorão = alcorões, alcorães
- charlatão = charlatões, charlatães
- cirurgião = cirurgiões, cirurgiães
- faisão = faisões, faisães
- guardião = guardiões, guardiães
- peão = peões, peães
- anão = anões, anãos
- corrimão = corrimões, corrimãos
- verão = verões, verãos
- vulcão = vulcões, vulcãos

Substantivos terminados em L

Terminados em -al, -el, -ol ou -ul:

Troca-se o L por IS:
Ex.

- vogal = vogais
- animal = animais
- papel = papéis
- anel = anéis
- paiol = paióis
- álcool = álcoois
- paul = pauis

Cuidado:

- mal = males
- cal = cais ou cales
- aval = avais ou avales
- mel = méis ou meles
- cônsul = cônsules
- real (moeda antiga) = réis

Terminados em -il

Palavras oxítonas

Troca-se a terminação **L por S**

Ex.

- cantil = cantis
- canil = canis
- barril = barris

Palavras paroxítonas ou proparoxítonas

Troca-se a terminação **IL por EIS**
Ex.

- fóssil = fósseis

Cuidado:

- projetil (oxítona) = projetis
- projétil (paroxítona) = projéteis
- reptil (oxítona) = reptis
- réptil (paroxítona) = répteis

Substantivos terminados em M

Troca-se o M por NS:
Ex.

- item = itens
- nuvem = nuvens
- álbum = álbuns

Substantivos terminados em N

Soma-se S ou ES:
Ex.

- hífen = hifens ou hífenes
- pólen = polens ou pólenes
- espécimen = espécimens ou especímenes

Substantivos terminados em R ou Z

Acrescenta-se ES:
Ex.

- carácter ou caráter = caracteres
- sênior = seniores
- júnior = juniores

Substantivos terminados em X

Ficam invariáveis.
Ex.

- o tórax = os tórax
- a fênix = as fênix

Substantivos terminados em S

Palavras monossílabas ou oxítonas
Acrescenta-se ES.
Ex.

- ás = ases
- deus = deuses
- ananás = ananases

Palavras paroxítonas ou proparoxítonas
Ficam invariáveis.
Ex.

- os lápis.
- os tênis
- os atlas

Cuidado: Cais é invariável.

Substantivos só usados no plural

- as calças
- as costas
- os óculos
- os parabéns
- as férias
- as olheiras
- as hemorróidas
- as núpcias
- as trevas
- os arredores

Substantivos terminados em ZINHO

Ignora-se a terminação **-zinho**, coloca-se no plural o substantivo no grau normal, ignora-se o **s** do plural, devolve-se o **-zinho** ao local original e, finalmente, acrescenta-se o **s** no final.
Por exemplo **pãozinho**: ignora-se o -zinho (**pão**); coloca-se no plural o substantivo no grau normal

(**pães**); ignora-se o s (**pãe**); devolve-se o -zinho (**pãezinho**); acrescenta-se o s (**pãezinhos**).

Ex.

- **mulherzinha** = mulher - mulheres - mulhere - mulherezinha - **mulherezinhas**.
- **alemãozinho** = alemão - alemães - alemãe - alemãezinho - **alemãezinhos**.
- **barzinho** = bar - bares - bare - barezinho - **barezinhos**.

Substantivos terminados em INHO, sem Z

Acrescenta-se S.
Ex.

- lapisinho = lapisinhos
- patinho = patinhos
- chinesinho = chinesinhos

Plural com deslocamento da sílaba tônica

- carácter = caracteres
- espécimen = especímenes
- júnior = juniores
- sênior = seniores

Plural do substantivos compostos

Para se pluralizar um **substantivo composto**, os elementos que o formam devem ser analisados individualmente. Por exemplo, o substantivo composto **couve-flor** é composto por dois substantivos pluralizáveis, portanto seu plural será **couves-flores**; já o substantivo composto **beija-flor** é composto por um verbo, que é invariável, quanto à pluralização, e um substantivo pluralizável, portanto seu plural será **beija-flores**. Estudemos, então, os elementos que formam um substantivo composto e sua respectiva pluralização.

Substantivo / Adjetivo / Numeral

São elementos pluralizáveis, portanto, quando formarem um substativo composto, normalmente irão para o plural.
Ex.

- aluno-mestre = alunos-mestres
- erva-doce = ervas-doces
- alto-relevo = altos-relevos
- gentil-homem = gentis-homens
- segunda-feira = segundas-feiras
- cachorro-quente = cachorros-quentes

Pronome

Alguns pronomes admitem plural; outros, não. Por exemplo, os pronomes possessivos são pluralizáveis (meu - meus; nosso - nossos), mas os pronomes indefinidos, não (ninguém, tudo). Na formação de um substantivo composto o mesmo ocorre.
Ex.

- padre-nosso = padres-nossos
- Zé-ninguém = Zés-ninguém

Verbo / Advérbio / Interjeição

São elementos invariáveis, em relação à pluralização, portanto, quando formarem um substantivo composto, ficarão invariáveis.
Ex.

- pica-pau = pica-paus
- beija-flor = beija-flores
- alto-falante = alto-falantes
- abaixo-assinado = abaixo-assinados
- salve-rainha = salve-rainhas
- ave-maria = ave-marias

Casos especiais

Substantivo + Substantivo

Como vimos anteriormente, ambos irão para o plural, porém, quando o último elemento estiver indicando tipo ou finalidade do primeiro, somente este irá para o plural.
Ex.

- banana-maçã = bananas-maçã
- navio-escola = navios-escola
- salário-desemprego = salários-desemprego

Cuidado: laranjas-baianas e **salários-mínimos**, pois é a soma de substantivo com adjetivo.

Três ou mais palavras

A) Se o segundo elemento for uma preposição, só o primeiro irá para o plural.
Ex.

- pé-de-moleque = pés-de-moleque
- pimenta-do-reino = pimentas-do-reino
- mula-sem-cabeça = mulas-sem-cabeça

Cuidado: Se o primeiro elemento for invariável, o substantivo todo ficará invariável. P. ex. **fora-da-lei, fora-de-série**.

B) Se o segundo elemento não for uma preposição, só o último irá para o plural.
Ex.

- bem-te-vi = bem-te-vis
- bem-me-quer = bem-me-queres

Verbo + Verbo

A) Se os verbos forem iguais, alguns gramáticos admitem ambos no plural, outros, somente o último.
Ex.

- corre-corre = corres-corres ou corre-corres.
- pisca-pisca = piscas-piscas ou pisca-piscas
- lambe-lambe = lambes-lambes ou lambe-lambes

B) Se os verbos possuírem significação oposta, ficam invariáveis.
Ex.

- o leva-e-traz = os leva-e-traz
- o ganha-perde = os ganha-perde

Palavras Repetidas ou Onomatopéia

Quando o substantivo for formado por palavras repetidas ou for uma onomatopéia, somente o último irá para o plural.
Ex.

- tico-tico = tico-ticos
- tique-taque = tique-taques
- lero-lero = lero-leros
- pingue-pongue = pingue-pongues

Substantivo composto iniciado por Guarda

A) Formando uma pessoa:
Ambos irão para o plural.
Ex.

- guarda-urbano = guardas-urbanos
- guarda-noturno = guardas-noturnos
- guarda-florestal = guardas-florestais
- guarda-mirim = guardas-mirins

B) Formando um objeto:
Somente o último irá para o plural.
Ex.

- guarda-pó = guarda-pós
- guarda-chuva = guarda-chuvas
- guarda-roupa = guarda-roupas
- guarda-sol = guarda-sóis

C) Sendo o segundo elemento invariável ou já surgindo no plural:
Ficam invariáveis.
O mesmo acontece com os substantivos iniciados por porta.
Ex.

- o guarda-costas = os guarda-costas
- o guarda-volumes = os guarda-volumes
- o porta-jóias = os porta-jóias
- o porta-malas = os porta-malas

Substantivos que admitem mais de um plural

- **fruta-pão** = frutas-pães, fruta-pães, frutas-pão,
- **guarda-marinha** = guardas-marinhas, guarda-marinhas
- **padre-nosso** = padres-nossos, padre-nossos
- **terra-nova** = terras-novas, terra-novas
- **salvo-conduto** = salvos-condutos, salvo-condutos
- **xeque-mate** = xeques-mates, xeque-mates.
- **chá-mate** = chás-mates, chás-mate

EXERCÍCIOS

1- Dentre as frases abaixo, escolha aquela em que há, de fato, flexão de grau para o substantivo.
a) O advogado deu-me seu cartão.
b) Deparei-me com um portão, imenso e Suntuoso.
C) Moravam num casebre, à beira do rio.
d) A abelha, ao picar a vítima, perde seu ferrão.
e) A professora distribuiu as cartilhas a todos os alunos.

2- Indique a alternativa correta no que se refere ao plural dos substantivos compostos casa-grande, flor-de-cuba, arco-íris e beija-flor.
a) casa-grandes, flor-de-cubas, os arco-íris, beijas-flor
b) casas-grandes, flores-de-cuba, arcos-íris, beijas-flores
c) casas-grande, as flor-de-cubas, arcos-íris, os beija-flor
d) casas-grande, flores-de-cuba, arcos-íris, beijas-flores
e) casas-grandes, flores-de-cuba, os arco-íris, beija-fiores

3- Assinale a alternativa em que há gênero aparente na relação masculino/feminino dos pares.
a) boi - vaca
b) homem - mulher
c) cobra macho - cobra fêmea
d)o capital - a capital
e)o cônjuge (homem)- o cônjuge (mulher)

4- Assinale a alternativa em que a palavra tem o gênero indicado incorretamente.
a) a tapa
b) a grama
c) o hélice
d) o crisma
e) o ágape

5- Das opções a seguir, assinale a que apresenta um substantivo que só tem uma forma no plural.
a) guardião
b) espião
c) peão
d)vulcão
e) cirurgião

6- O plural de fogãozinho e cidadão é:
a) fogãozinhos e cidadãos.
b) fogãosinhos e cidadãos.
C) fogõezinhos e cidadãos.
d) fogõezinhos e cidadões.
e) fogõesinhos e cidadões.
7- Viam-se (*) junto aos (*) do jardim.
a) papelsinhos, meios-fio

b) papeizinhos, meios-fios
c) papeisinhos, meio-fios
d) papelzinhos, meio-fios
e) papeizinhos, meio-fios

8- Assinale a alternativa incorreta.
a) Borboleta é substantivo epiceno.
b) Rival é comum de dois gêneros.
c) Omoplata é substantivo masculino.
d) Vítima é substantivo sobrecomum.
e) n.d.a.

9- Indique a alternativa em que só aparecem substantivos abstratos.
a) tempo, angústia, saudade, ausência, esperança, imagem
b)angústia, sorriso, luz, ausência, esperança, inimizade
c) inimigo, luto, luz, esperança, espaço, tempo
d) angústia, saudade, ausência, esperança, inimizade
e) espaço, olhos, luz, lábios, ausência, esperança, angústia

10- Numere a segunda coluna de acordo com o significado das expressões da primeira coluna e assinale a alternativa que contém as algarismos na seqüência correta.
(1) o 61eo santci ( ) amoral
(2) a relva ( ) acrIsma
(3) um sacramento ( ) omoral
(4) a ética ( ) ocrisma
(5) a unidade de massa ( ) agrama
(6) o ânimo ( ) ograma
a) 6, 1,4, 3, 5, 2
b) 6, 3, 4, 1,2, 5
c) 4, 1,6, 3, 5, 2
d) 4, 3, 6, 1,2, 5
e) 6, 1,4, 3, 2, 5

11- Indique o período que não contém um substantivo no grau diminutivo.
a) Todas as moléculas foram conservadas com as propriedades particulares, independentemente da atuação do cientista.
b)O ar senhoril daquele homúnculo transformou-o no centro de atenções na tumultuada assembléia.
c) Através da vitrina da loia, a pequena observava curiosamente os objetos decorados expostos à venda, por preço bem baratinho.
d) De momento a momento, surgiam curiosas sombras e vultos apressados na silenciosa viela.
e) Enquanto distraía as crianças, a professora tocava flautim, improvisando cantigas
alegrece suaves.

12- Assinale a alternativa em que a flexão do substantivo composto está errada.
a) os pés-de-chumbo
b) os corre-corre
C) as públicas-formas
d) os cavalos-vapor
e) os vaivéns

13- Dadas as palavras:
1. esforços
2. portos
3. impostos
Verificamos que o timbre da vogal tônica é aberto:
a) apenas na palavra 1.
b) apenas na palavra 2.
C) apenas na palavra 3.
d) apenas nas palavras 1 e 3.
e) em todas as palavras.

14- Assinale a alternativa em que aparecem substantivos simples, respectivamente, concreto e abstrato.
a) água, vinho
b) Pedro, Jesus
C) Pilatos, verdade
d) Jesus, abaixo-assinado
e) Nova Iorque, Deus

15- Dadas as sentenças:
1. Ele não chegou a falar com a Presidenta.
2. Ele sofreu um entorse grave.
3. A tracoma é uma doença contagiosa.
Deduzimos que:

a) apenas a sentença 1 está correta.
b) apenas a sentença 2 está correta.
c) apenas a sentença 3 está correta.
d) todas estão corretas.
e) n.d.a.

16-Assinale a única frase em que há erro no que diz respeito ao gênero das palavras.
a)O gerente de será depor como testemunha única do crime.
b) A personagem principal do conto é o Seu Rodrigues.
c) Ele foi apontado como a cabeça do motim.
d) O telefonema deixou a anfitriã perplexa.
e) A parte superior da traquéia é o laringe.

17- Assinale a alternativa em que há um substantivo cuia mudança de gênero não altera o significado.
a) cabeça, cisma, capital
b) águia, rádio, crisma
c) cura, grama, cisma
d) lama, coral, moral
e) agente, praça, lama

18- Numa das frases seguintes, há uma flexão de plural totalmente errada. Assinale-a.
a) Os escrivães serão beneficiados por essa lei.
b) O número mais importante é o dos anõezinhos.
c) Faltam os hífens nesta relação de palavras.
d) Fulano e Beltrano são dois grandes caráteres.
e) Os reptis são animais ovíparos.

19- Relacione as duas colunas, de acordo com a classificação dos substantivos, e assinale a alternativa correta.

(1) padre	( ) próprio
(2) seminário	( ) coletivo
(3) dias	( ) derivado
(4) ano	( ) comum

a) 3, 4, 2, 1
b) 1,2, 4, 3
c) 1, 3, 4, 2
d) 3, 2, 1,4
e) 2, 4, 3, 1

20- Dentre os plurais de nomes compostos aqui relacionados, há um que está errado. Qual!
a) escolas-modelo
b) quebra-nozes
c) chefes-de-sessões
d) guardas-noturnos
e) redatores-chefes

21- Numa das opções, uma das palavras apresenta erro de flexão. Indique-a.
a) mãos-de-obra, obras-primas
b) guardas-civis, afro-brasileiros
c) salvos-condutos, papéis-moeda
d) portas-bandeira, mapas-múndi
e) salários-família, vice-diretores

22- Classificam-se como substantivos as palavras destacadas, exceto em:
a) "... o **idiota** com quem os moleques mexem...”
b) "... visava a me acostumar à morna **tirania**...".
c) "**Adeus**, volto para meus caminhos...”.
d) "... conheço até alguns **automóveis**...".
e) "... todas essas **coisas** se apagarão em lembranças...".

23- A alternativa em que o plural dos nomes compostos está empregado corretamente é:
a) pé-de-moleques, beija-flores, obras-primas, navios-escolas.

b) pés-de-moleques, beija-flores, obras-primas, navios-escolas.
c) pés-de-moleque, beija-flores, obras-primas, navios-escola.
d) pé-de-moleques, beija-flores, obras-primas, navios-escola.
e) pés-de-moleques, beija-flores, obras-prima, navios-escolas.

24- Assinale a alternativa em que há erro na flexão de número.
a) as águas-marinhas, as públicas-formas, os acórdãos
b) abajures, caracteres, os ônus
c) auto-serviços, alto-falantes, lilases
d) capitães-mor, sabiás-pirangas, autos-de-fé
e) guardas-florestais, malmequeres, Ave-Marias

RESPOSTAS

1) c
2) e
3) d
4) c
5) b
6) c
7) b
8) c
9) d
10) d
11) c
12) b
13) e
14) c
15) a
16) c
17) e
18) d
19) a
20) c
21) d
22) c
23) c
24) d

Numeral

É a palavra que indica a quantidade de elementos ou sua ordem de sucessão. Dependendo do que o numeral indica, ele pode ser:

Cardinal: É o numeral que indica a quantidade de seres.

Ordinal: É o numeral que indica a ordem de sucessão, a posição ocupada por um ser numa determinada série.

Multiplicativo: É o numeral que indica a multiplicação de seres.

Fracionário: É o numeral que indica divisão, fração.

Cardinais e Ordinais

Algarismos Romanos	Algarismos Arábicos	Numerais Cardinais	Numerais Ordinais
I	1	UM	PRIMEIRO
II	2	DOIS	SEGUNDO
III	3	TRÊS	TERCEIRO
IV	4	QUATRO	QUARTO
V	5	CINCO	QUINTO
VI	6	SEIS	SEXTO
VII	7	SETE	SÉTIMO
VIII	8	OITO	OITAVO
IX	9	NOVE	NONO
X	10	DEZ	DÉCIMO
XI	11	ONZE	DÉCIMO PRIMEIRO
XII	12	DOZE	DÉCIMO SEGUNDO
XIII	13	TREZE	DÉCIMO TERCEIRO
XIV	14	CATORZE / QUATORZE	DÉCIMO QUARTO
XV	15	QUINZE	DÉCIMO QUINTO
XVI	16	DEZESSEIS	DÉCIMO SEXTO
XVII	17	DEZESSETE	DÉCIMO SÉTIMO
XVIII	18	DEZOITO	DÉCIMO OITAVO
XIX	19	DEZENOVE	DÉCIMO NONO
XX	20	VINTE	VIGÉSIMO
XXI	21	VINTE E UM	VIGÉSIMO PRIMEIRO
XXX	30	TRINTA	TRIGÉSIMO

XL	40	QUARENTA	QUADRAGÉSIMO
L	50	CINQÜENTA	QÜINQUAGÉSIMO
LX	60	SESSENTA	SEXAGÉSIMO
LXX	70	SETENTA	SEPTUAGÉSIMO / SETUAGÉSIMO
LXXX	80	OITENTA	OCTOGÉSIMO
XC	90	NOVENTA	NONAGÉSIMO
C	100	CEM	CENTÉSIMO
CC	200	DUZENTOS	DUCENTÉSIMO
CCC	300	TREZENTOS	TRECENTÉSIMO
CD	400	QUATROCENTOS	QUADRINGENTÉSIMO
D	500	QUINHENTOS	QÜINGENTÉSIMO
DC	600	SEISCENTOS	SEISCENTÉSIMO / SEXCENTÉSIMO
DCC	700	SETECENTOS	SEPTINGENTÉSIMO
DCCC	800	OITOCENTOS	OCTINGENTÉSIMO
CM	900	NOVECENTOS	NONGENTÉSIMO / NONINGENTÉSIMO
M	1.000	MIL	MILÉSIMO
	10.000	DEZ MIL	DEZ MILÉSIMOS
	100.000	CEM MIL	CEM MILÉSIMOS
	1.000.000	UM MILHÃO	MILIONÉSIMO
	1.000.000.000	UM BILHÃO	BILIONÉSIMO

Ex:

869º = Octingentésimo sexagésimo nono.
582º = Qüingentésimo octogésimo segundo.
916º = Noningentésimo décimo sexto.
759º = Septingentésimo qüinquagésimo nono.

Numerais Multiplicativos

2	dobro, duplo, dúplice
3	triplo, tríplice
4	quádruplo
5	quíntuplo
6	sêxtuplo
7	séptuplo
8	óctuplo
9	nônuplo
10	décuplo
11	undéclupo
12	duodécuplo
13 em diante	cardinal + vezes
100	cêntuplo

Numerais Fracionários

2	meio / metade
3	terço
4	quarto
5	quinto
6	sexto
7	sétimo
8	oitavo
9	nono
10	décimo
11	onze avos
12	doze avos
100	centésimo

Emprego dos Numerais

01) Intercala-se a conjunção e entre as centenas e as dezenas e entre as dezenas e as unidades, mas entre os números que formam centena-dezena-unidade, nada se coloca; nem vírgula, nem e, a não ser

que seja centena ou dezena inteira..

Ex: **562.983.665 = Quinhentos e sessenta e dois milhões novecentos e oitenta e três mil seiscentos e sessenta e cinco**

42.002 = Quarenta e dois mil e dois.
42.020 = Quarenta e dois mil e vinte.
42.200 = Quarenta e dois mil e duzentos.
42.220 = Quarenta e dois mil duzentos e vinte.

02) Na designação de **séculos, reis, papas, príncipes, imperadores. capítulos, festas, feiras,** etc., utilizam-se **algarismos romanos**. A leitura será por **ordinal até X**; a partir daí (**XI, XII** ...), por cardinal. Se o numeral preceder o substantivo, sempre será lido como ordinal.

Ex:**XXXVIII Feira Agropecuária. = Trigésima oitava Feira Agropecuária.**
II Bienal Cultural = Segunda Bienal Cultural.
Papa João Paulo II = Papa João Paulo segundo.
Papa João XXIII = Papa João vinte e três.

03) Os numerais ordinais acima de 1.999º têm duas leituras possíveis:

2.000º = O dois milésimo ou O segundo milésimo.
89.428 = O oitenta e nove milésimo quadringentésimo vigésimo oitavo ou O octogésimo nono milésimo quadringentésimo vigésimo oitavo

04) **Zero, ambos e ambas** também são numerais.

EXERCÍCIOS

1- Assinale a alternativa em que meio funciona como advérbio.
a) Só quero meio quilo.
b) Achei-o meio triste.
c) Descobri o meio de acertar!
d) Parou no meio da rua.
e) Comprou um metro e meio.

2- Assinale o que estiver correto.
a) Seiscentismo se refere ao século XVI.
b) O algarismo romano da frase anterior se lê "décimo sexto".
c) Duodécuplo significa duas vezes; dodecuplo, doze vezes.
d) Ambos os dois e forma e~lca correta.
e) Quadragésimo, quarentena, quadragésima, quaresma só aparentemente se referem a quarenta.

3- Assinale a alternativa incorreta.
a) 874º - octingentésimo septuagésimo quarto
b) 398º - trecentésimo nonagésimo oitavo
c) 486º - quadringentésimo octogésimo sexto
d) n.d.a.

4- Ele obteve o ... (123º) lugar.
a) centésimo vigésimo terceiro
b) centésimo trigésimo terceiro
c) cento e vinte trigésimo
d) cento e vigésimo terceiro

5- Assinale o caso em que não haja expressão numérica de sentido indefinido.
a) Ele é o duodécimo colocado.
b) Quer que veja este filme pela milésima vez?
c) "Na guerra os meus dedos disparam mil mortes."
d) "A vida tem uma só entrada; a saída é por cem portas."
e) n.d.a.

6- Associe o sentido ao respectivo numeral coletivo.
(1)período de seis anos
(2) período de cinco anos
(3) estrofe de dois versos

(4) período de cem anos
(5) agrupamento de dez coisas
(   ) dístico
(   ) decúria
(   ) sexênio
(   ) centúria
(   ) lustro

7- **Triplo** e **tríplice** são numerais:
a) ordinal o primeiro e multiplicativo o segundo.
b) ambos ordinais.
c) ambos cardinais.
d) ambos multiplicativos.
e) multiplicativo o primeiro e ordinal o segundo

8- Sabendo-se que os numerais podem ser cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários, podemos dar os seguintes exemplos:
a) uma (cardinal), primeiro (ordinal), leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário).
b) um (cardinal), milésimo (ordinal), undécuplo (multiplicativo) e meio (fracionário).
c) um (ordinal), primeiro (cardinal), leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário).
d) um (ordinal), primeiro (cardinal), cêntuplo (multiplicativo) e centésimo (fracionário),
e) um (cardinal), primeiro (ordinal), duplo (multiplicativo), não existindo numeral denominado fracionário.

9- Assinale a alternativa **correta**.
a) 0s substantivos são, tabelião, pão, alemão e cidadão fazem o plural mudando **-ão** em **-ães**.
b) A torre e **altíssima**. A palavra destacada é adjetivo e está no grau superlativo absoluto analítico.
c) Vendi todos **os** livros a **uns** alunos. As palavras destacadas são pronomes definidos.
d)O **dobro** do meu dinheiro é igual à **metade** do teu. As palavras destacadas são numerais multiplicadores.
e) Levaram-**me** o caderno. A palavra desta cada é pronome pessoal oblíquo.

RESPOSTAS

1- b
2- d
3- d
4- a
5- a
6- 3, 5, 1, 4, 2
7- d
8- b

Adjetivo

Adjetivo é a classe gramatical que modifica um substantivo, atribuindo-lhe **qualidade, estado ou modo de ser.**

Um adjetivo normalmente exerce uma dentre três funções sintáticas na oração: **Aposto explicativo, adjunto adnominal ou predicativo.**

Os adjetivos podem ser

Adjetivo explicativo

É o adjetivo que denota **qualidade essencial** do ser, qualidade inerente, ou seja, qualidade que não **pode ser retirada do substantivo**. Por exemplo, todo homem é mortal, todo fogo é quente, todo leite é branco, então **mortal, quente** e **branco** são **adjetivos explicativos**, em relação a **homem, fogo e leite**.

Adjetivo restritivo

É o adjetivo que denota **qualidade adicionada** ao ser, ou seja, qualidade que **pode ser retirada do substantivo**. Por exemplo, nem todo homem é inteligente, nem todo fogo é alto, nem todo leite é enriquecido, então **inteligente, alto** e **enriquecido** são **adjetivos restritivos**, em **relação a homem,**

fogo e leite.

Obs.: Sempre que o **adjetivo** estiver **imediatamente após o substantivo** qualificado por ele, teremos o seguinte: Se ele for **adjetivo explicativo**, deverá estar entre vírgulas e funcionará sintaticamente como **aposto explicativo**; se for **adjetivo restritivo**, não poderá estar entre vírgulas e funcionará como **adjunto adnominal**.

Por exemplo: **O homem**, mortal, **age como um ser imortal**. Nessa frase, mortal é **adjetivo explicativo**, pois indica uma qualidade essencial do substantivo, por isso está entre vírgulas e sua função sintática é a de aposto explicativo.

Já na frase **O homem** inteligente **lê mais**. inteligente é **adjetivo restritivo**, pois indica uma qualidade adicionada ao substantivo, por isso não está entre vírgulas e sua função sintática é a de **adjunto adnominal**.

Perceba que inteligente, apesar de não ser essencial a todos os homens, é especificamente ao universo de homens dos quais estamos falando. Caso o **adjetivo restritivo** esteja entre vírgulas, funcionará como **predicativo**. Por exemplo: **O diretor**, preocupado, **atendeu ao telefone**.

Perceba que preocupado não é uma qualidade essencial a todos os homens nem o é ao diretor de quem estamos falando; o diretor possui a qualidade de preocupado apenas em um determinado momento - essa é a diferença entre o **adjunto adnominal** e o predicativo.

Orações Subordinadas Adjetivas

As **orações subordinadas adjetivas** são aquelas que funcionam como um **adjetivo**, modificando o substantivo. Sempre **são iniciadas por um pronome relativo** e podem ser denominadas de **explicativas** e de **restritivas**, tais quais os adjetivos.

Oração Subordinada Adjetiva Explicativa

É a oração que funciona como o **adjetivo explicativo**, ou seja, denota uma **qualidade essencial** do substantivo, deve estar entre vírgulas e funciona como **aposto explicativo**. Por exemplo: **O homem**, **que é mortal**, **age como um ser imortal**.

Há outra oração que funciona como ap**osto explicativo**: **a oração subordinada substantiva apositiva** . A diferença é que esta não explica o significado do substantivo anterior, mas sim o contexto da frase anterior. Por exemplo, a frase **Todos temos conhecimento de uma verdade**: **que o Brasil é o maior país da América do Sul**. possui uma oração subordinada substantiva apositiva (que o Brasil é o maior país da América do Sul), que explica o contexto da frase anterior, e não o significado da palavra verdade.

Oração Subordinada Adjetiva Restritiva

É a oração que funciona como o **adjetivo restritivo**, ou seja, denota uma **qualidade adicionada** ao substantivo, não pode estar entre vírgulas e funciona como **adjunto adnominal**. Por exemplo: **O homem que é inteligente lê mais**. O nome restritivo se deve ao fato de que a oração restringe o significado do substantivo anterior, ou seja, a oração apresentada significa que **apenas os homens que são inteligentes lêem mais, os outros não**. É assim que se comprova a existência de uma oração subordinada adjetiva restritiva: usando a expressão **somente... ,os outros não**.

Adjetivo Pátrio

É o adjetivo que Indica a nacionalidade ou o lugar de origem do ser. Observe alguns deles:

Estados e cidades brasileiros:

Acre = **acreano**
Alagoas = **alagoano**
Amapá = **amapaense**
Aracaju = **aracajuano ou aracajuense**
Amazonas = **amazonense ou baré**
Belém (PA) = **belenense**
Belo Horizonte = **belo-horizontino**
Boa Vista = **boa-vistense**

Brasília = **brasiliense**
Cabo Frio = **cabo-friense**
Campinas = **campineiro ou campinense**
Curitiba = **curitibano**
Espírito Santo = **espírito-santense ou capixaba**
Fernando de Noronha = noronhense
Florianópolis = **florianopolitano**
Fortaleza = **fortalense**
Goiânia = **goianiense**
João Pessoa = **pessoense**
Macapá = **macapaense**
Maceió = **maceioense**
Manaus = **manauense**
Maranhão = **maranhense**
Marajó = **marajoara**
Natal = **natalense ou papa-jerimum**
Porto Alegre = **porto-alegrense**
Porto Velho = **porto-velhense**
Ribeirão Preto = **ribeiropretense**
Rio de Janeiro (estado) = **fluminense**
Rio de Janeiro (cidade) = **carioca**
Rio Branco = **rio-branquense**
Rio Grande do Norte = **rio-grandense-do-norte, norte-rio-grandense ou potiguar**
Rio Grande do Sul = **rio-grandense-do-sul, sul-rio-grandense ou gaúcho**.
Rondônia = **rondoniano**
Roraima = **roraimense**
Salvador (BA) = **salvadorense ou soteropolitano**
Santa Catarina = **catarinense, catarineta ou barriga-verde**
Santarém = **santarense**
São Paulo (estado) = **paulista**
São Paulo (cidade) = **paulistano**
Sergipe = **sergipano**
Teresina = **teresinense**
Tocantins = **tocantinense**

Países

Croácia = **croata**
Costa Rica= **costa-riquense**
Curdistão = **curdo**
Estados Unidos = **estadunidense, norte-americano ou ianque**.
El Salvador = **salvadorenho**
Guatemala = **guatemalteco**
Índia = **indiano ou hindu** (os que professam o hinduísmo)
Irã = **iraniano**
Israel = **israelense ou israelita**
Moçambique = **moçambicano**
Mongólia = **mongol ou mongólico**
Panamá = **panamenho**
Porto Rico = **porto-riquenho**
Somália = **somali**

Adjetivos pátrios compostos

Na formação de adjetivos pátrios compostos, o primeiro elemento aparece na forma reduzida e, normalmente, erudita. Observe alguns exemplos:

África = **afro**- / Cultura afro-americana
Alemanha = **germano**- ou **teuto**- / Competições teuto-inglesas
América = **américo**- / Companhia américo-africana
Ásia = **ásio**- / Encontros ásio-europeus
Áustria = **austro**- / Peças austro-búlgaras
Bélgica = **belgo**- / Acampamentos belgo-franceses
China = **sino**- / Acordos sino-japoneses
Espanha = **hispano**- / Mercado hispano-português
Europa = **euro**- / Negociações euro-americanas
França = **franco**- ou **galo**- / Reuniões franco-italianas

Grécia = **greco**- / Filmes greco-romanos
Índia = **indo**- / Guerras indo-paquistanesas
Inglaterra = **anglo**- / Letras anglo-portuguesas
Itália = **ítalo**- / Sociedade ítalo-portuguesa
Japão = **nipo**- / Associações nipo-brasileiras
Portugal = **luso**- / Acordos luso-brasileiros

Locução Adjetiva

Em muitos casos, prefere-se usar, no lugar de um adjetivo, uma expressão formada por mais de uma palavra para caracterizar o substantivo. Essa expressão, que tem o mesmo valor e o mesmo sentido de um adjetivo, recebe o nome de locução adjetiva. Observe alguns exemplos:

de águia = aquilino
de aluno = discente
de anjo = angelical
de ano = anual
de aranha = aracnídeo
de asno = asinino
de baço = esplênico
de bispo = episcopal
de bode = hircino
de boi = bovino
de bronze = brônzeo ou êneo
de cabelo = capilar
de cabra = caprino
de campo = campestre ou rural
de cão = canino
de carneiro = arietino
de cavalo = cavalar, eqüino, eqüídio ou hípico
de chumbo = plúmbeo
de chuva = pluvial
de cinza = cinéreo
de coelho = cunicular
de cobre = cúprico
de couro = coriáceo
de criança = pueril
de dedo = digital
de diamante = diamantino ou adamantino
de elefante = elefantino
de enxofre = sulfúrico
de esmeralda = esmeraldino
de estômago = estomacal ou gástrico
de falcão = falconídeo
de farinha = farináceo
de fera = ferino
de ferro = férreo
de fígado = figadal ou hepático
de fogo = ígneo
de gafanhoto = acrídeo
de garganta = gutural
de gelo = glacial
de gesso = gípseo
de guerra = bélico
de homem = viril ou humano
de ilha = insular
de intestino = celíaco ou entérico
de inverno = hibernal ou invernal
de lago = lacustre
de laringe = laríngeo
de leão = leonino
de lebre = leporino
de lobo = lupino
de lua = lunar ou selênico
de macaco = simiesco, símio ou macacal
de madeira = lígneo
de marfim = ebúrneo ou ebóreo
de mestre = magistral
de monge = monacal
de neve = níveo ou nival
de nuca = occipital
de orelha = auricular
de ouro = áureo
de ovelha = ovino
de paixão = passional
de pâncreas = pancreático
de pato = anserino
de peixe = písceo ou ictíaco
de pombo = columbino
de porco = suíno ou porcino
de prata = argênteo ou argírico
dos quadris = ciático
de raposa = vulpino
de rio = fluvial
de serpente = viperino
de sonho = onírico
de terra = telúrico, terrestre ou terreno
de trigo = tritício
de urso = ursino
de vaca = vacum
de velho = senil
de vento = eólico
de verão = estival
de vidro = vítreo ou hialino
de virilha = inguinal
de visão = óptico ou ótico

Flexões do Adjetivo

Gênero e Número

O **adjetivo** concorda com o substantivo a que se refere em **gênero e número (masculino e feminino; singular e plural)**. Caso o **adjetivo** seja **representado por um substantivo**, ficará **invariável**, ou seja, se a palavra que estiver qualificando um elemento for, originalmente, um substantivo, ela manterá sua forma primitiva e passará a ser denominado de **substantivo adjetivado**. Por exemplo, a palavra **cinza** é originalmente um substantivo, porém, se estiver qualificando um elemento, funcionará como adjetivo. Ficará, então invariável. **Camisas cinza, ternos cinza**.

Ex.

Carros amarelos e motos vinho.
Telhados marrons e paredes musgo.
Espetáculos gigantescos e comícios monstro.

Adjetivo composto

Com raras exceções, o adjetivo composto tem seus elementos ligados por hífen. Apenas **o último elemento concorda com o substantivo** a que se refere; os demais ficam na forma masculina, singular. Caso um dos elementos que formam o adjetivo composto seja um **substantivo adjetivado**, todo o adjetivo composto ficará invariável. Por exemplo, a palavra **rosa** é originalmente um substantivo, porém, se estiver qualificando um elemento, funcionará como adjetivo. Caso se ligue a outra palavra por hífen, formará um adjetivo composto; como é um substantivo adjetivado, o adjetivo composto inteiro ficará invariável. **Camisas rosa-claro. Ternos rosa-claro**.

Ex.

Olhos verde-claros.
Calças azul-escuras e camisas verde-mar.
Telhados marrom-café e paredes verde-claras.

Azul-marinho, azul-celeste, ultravioleta e qualquer adjetivo composto iniciado por **cor-de**-... são sempre **invariáveis**.

Os adjetivos compostos **surdo-mudo** e **pele-vermelha** têm os dois elementos flexionados.

Graus do Adjetivo

Comparativo

compara uma qualidade entre dois elementos ou duas qualidade de um mesmo elemento.
São três os comparativos:
de superioridade: Para alguns alunos, Português é mais fácil que Química.
de igualdade: Para alguns alunos, Português é tão fácil quanto Química.
de inferioridade: Para alguns alunos, Português é menos fácil que Química.
Bom, mau, grande e **pequeno** têm formas sintéticas (**melhor, pior, maior** e **menor**), porém, em comparações feitas **entre duas qualidades** de um mesmo elemento, devem-se usar as formas analíticas **mais bom, mais mau, mais grande e mais pequeno**. Por exemplo, **Pedro é maior do que Paulo**, pois está-se fazendo a comparação de dois elementos, mas **Pedro é mais grande que pequeno**, pois está-se fazendo a comparação de duas qualidades de um mesmo elemento.
Ex. **Edmundo foi condenado, mas tenho certeza de que ele é mais bom do que mau**.
Joaquim é mais bom do que esperto.

Superlativo

Engrandece a qualidade de um elemento. São dois os superlativos de um adjetivo:

Superlativo absoluto

analítico = o adjetivo é modificado por um advérbio:
Ex. Carla é muito inteligente.
sintético = quando há o acréscimo de um sufixo (-íssimo, -érrimo, -ílimo)
Ex. Carla é inteligentíssima.

Superlativos absolutos sintéticos eruditos

Alguns adjetivos no grau superlativo absoluto sintético apresentam a primitiva forma latina, daí serem chamados de **eruditos**. Por exemplo, o adjetivo **magro** possui dois superlativos absolutos sintéticos: o normal, **magríssimo**, e o erudito**, macérrimo**.

Eis uma pequena lista de superlativos absolutos sintéticos:

benéfico = **beneficentíssimo**
bom = **boníssimo ou ótimo**
célebre = **celebérrimo**
comum = **comuníssimo**
cruel = **crudelíssimo**
difícil = **dificílimo**
doce = **dulcíssimo**
fácil = **facílimo**
fiel = **fidelíssimo**
frágil = **fragílimo**
frio = **friíssimo ou frigidíssimo**
humilde = **humílimo**
jovem = **juveníssimo**
livre = **libérrimo**
magnífico = **magnificentíssimo**
magro = **macérrimo ou magríssimo**
manso = **mansuetíssimo**
mau = **péssimo**
nobre = **nobilíssimo**
pequeno = **mínimo**
pobre = **paupérrimo ou pobríssimo**
preguiçoso = **pigérrimo**
próspero = **prospérrimo**
sábio = **sapientíssimos**
agrado = **sacratíssimo**

Superlativo relativo

de superioridade = Enaltece a qualidade do substantivo como "o mais" dentre todos os outros.
Ex. Carla é a mais inteligente.
sintético = Enaltece a qualidade do substantivo como "o menos" dentre todos os outros.
Ex. Carla é a menos inteligente.

Exercícios

1- "(...) No fundo o imponente castelo. No primeiro plano a íngreme ladeira que conduz ao castelo. Descendo a ladeira numa disparada louca o fogoso ginete.
Montado no ginete o apaixonado caçula do castelão inimigo de capacete prateado com plumas brancas. E atravessada no ginete a formosa donzela desmaiada entregando ao vento os cabelos cor de carambola." (A. de Alcântara Machado, Carmela).
"(...) íamos, se não me engano, pela rua das Mangueiras, quando voltando-nos, vimos um carro elegante que levavam a trote largo dois fogosos cavalos. Uma encantadora menina, sentada ao lado de uma senhora idosa, se recostava preguiçosamente sobre o macio estofo e deixava pender pela cobertura derreada do carro a mão pequena que brincava com um leque de penas escarlates." José de Alencar, Lucíola).

Nesses excertos, observa-se que a maioria dos substantivos são modificados por adjetivos ou expressões equivalentes.
Comparando os dois textos:
a) aponte em cada um deles o efeito produzido por tal recurso lingüístico
b) justifique sua resposta.

2- "Os homens são **os melhores fregueses**" - **os melhores** encontra-se no grau:
a) comparativo de superioridade.
b) superlativo relativo de superioridade.
c) superlativo absoluto sintético.
d) superlativo absoluto analítico de superioridade.

3- O **desagradável** da questão era vê-lo de **mau** humor depois da **troca** de turno.
Na frase acima, as palavras destacadas comportam-se, respectivamente, como:

a) substantivo, adjetivo, substantivo.
b) adjetivo, advérbio, verbo.
c) substantivo, adjetivo, verbo.
d) substantivo, advérbio, substantivo.
e) adjetivo, adjetivo, verbo.

4- Em algumas gramáticas, o adjetivo vem definido como sendo "a palavra que modifica o substantivo". Assinale a alternativa em que o adjetivo destacado contraria a definição.
a) Li um livro **lindo**.
b) Beber água é **saudável**.
c) Cerveja **gelada** faz mal.
d) Gente **fina** é outra coisa!
e) Ele parece uma pessoa **simpática**.

5- Indique a alternativa em que não é atribuída a idéia de superlativo ao adjetivo.
a) É uma idéia agradabilíssima.
b) Era um rapaz alto, alto, alto.
c) Saí de Iá hipersatisfeito.
d) Almocei tremendamente bem.
e) É uma moça assustadoramente alta.

6- Siga o modelo: *modificação* ***da paisagem – modificação paisagística***
a) água **da chuva**
b) exageros **da paixão**
c) atitudes de **criança**
d) soro **contra veneno de serpente**

7- Dê o superlativo absoluto sintético de:
a) feliz
b) livre

8- Faça conforme o modelo: *alma* ***de fora – alma exterior***
a) imagem **do espelho**
b) parede **de vidro**
c) imposição **da lei**
d) comprimento **da linha**

9- Dê os adjetivos equivalentes às expressões em destaque.
a) programa da tarde
b) ciclo da vida
c) representante dos alunos

10- Passe para o plural.
a) borboleta azul-clara
b) borboleta cor-de-laranja

11- Dadas as afirmações de que os adjetivos correspondentes aos substantivos:
1. enxofre
2. chumbo
3. prata
São, respectivamente,
1. sulfúreo 2. plúmbeo 3. argênteo
Verificamos que está (estão) correta(s):
a) apenas a afirmação 1 .
b) apenas a afirmação 2.
c) apenas a afirmação 3.
d) apenas as afirmações 1 e 2.
e) todas as afirmações.

12- Relacione a primeira coluna à segunda.
(1) água
(2) chuva
(3) gato
(4) marfim
(5) prata
(6) rio
(7) não consta da lista

( ) pluvial
( ) ebúrneo
( ) felino
( ) aquilino
( ) argênteo

A seqüência correta é:
a) 7, 7, 3, 1,;7.

b) 6, 3, 7, 1,4.
c) 2, 4, 3, 7, 5.
d) 2, 4, 7, 1, 7.

13- Os superlativos absolutos sintéticos de comum, soberbo, fiel, miúdo são, respectivamente:
a) comuníssimo, super, fielísimo, minúsculo.
b)comuníssimo, sobérrimo, fidelíssimo, minúsculo.
c) comuníssimo, superbíssimo, fidelíssimo, minutíssimo.
d) comunérrimo, sobérrimo, fidelíssimo, miudérrimo.
e) comunérrimo, sobérrimo, fielíssimo, minutissimo.

14- Os adjetivos **Iígneo**, **gípseo**, **níveo**, **braquial** significam, respectivamente:
a) lenhoso, feito de gesso, alvo, relativo ao braço.
b) lenhoso, feito de gesso, nivelado, relativo ao crânio.
c) lenhoso, rotativo, abalizado, relativo ao crânio.
d) associado, rotativo, nivelado, relativo ao braço.
e) associado, feito de gesso, abalizado, relativo ao crânio.

15- Aponte a alternativa incorreta quanto à correspondência entre a locução e o adjetivo.
a) glacial (de gelo); ósseo (de osso)
b) fraternal (de irmão); argênteo (de prata)
c) farináceo (de farinha); pétreo (de pedra)
d) viperino (de vespa); ocular (de olho)
e) ebúrneo (de marfim); insípida (sem sabor)

16- O plural de terno **azul-claro**, terno **verde-mar** é, respectivamente:
a) ternos azuis-claros, ternos verdes-mares.
b) ternos azuis-claros, ternos verde-mares.
c) ternos azul-claro, ternos verde-mar.
d) ternos azul-claros, ternos verde-mar.
e) ternos azuis-claro, ternos verde-mar.

17- Marque:
a) se I e II forem verdadeiras
b) se I e III forem verdadeiras
c) se II e III forem verdadeiras
d) se todas forem verdadeiras
e) se todas forem falsas
"... eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor..."
I. No primeiro caso, **autor** é substantivo; **defunto** é adjetivo.
II. No segundo caso, **defunto** é substantivo; **autor** é adjetivo.
III. Em ambos os casos, tem-se um substantivo composto.

18- Assinale a alternativa em que o termo **cego(s)** é um adjetivo.
a) "Os cegos, habitantes de um mundo esquemático, sabem aonde ir..."
b) "O cego de Ipanema representava naquele momento todas as alegorias da noite escura da alma..."
c) "Todos os cálculos do cego se desfaziam na turbulência do álcool."
d) "Naquele instante era só um pobre cego."
e) "... da Terra que é um globo cego girando no caos."

19- Observe as proposições abaixo:
O1.Poucos autores escrevem poemas herói-cômicos.
02. Os cabelos castanhos-escuros emolduravam-lhe o semblante juvenil.
04. Vestidos vermelhos e amarelo-laranja foram os mais vendidos na exposição.
08. As crianças surdo-mudas foram encaminhadas à clinica para tratamento.
16. Discutiu-se muito a respeito de ciências político-sociais na última assembléia dos professores.
32. As sociedades luso-brasileira adquiriram novos livros de autores portugueses.
Marque as frases corretas e some os valores que lhes são atribuídos.

20- O adjetivo está mal flexionado em grau em:
a) livre: libérrimo
b) magro: macérrimo
c) doce: docílimo
d) triste: tristíssimo
e) fácil: facílimo

21- Sigao exemplo:
Não chame a torre de alta, mas de altíssima.
Não considero sua atitude nobre, mas (*).

22- No trecho "... o homem não fala simplesmente uma língua, não a usa, como **mero** instrumento de comunicação...", o termo sublinhado é um:
a) substantivo e significa "simples".
b) advérbio e significa "genuíno".
c) adjetivo e significa "quase".
d) advérbio e significa ''estreme".
e) adjetivo e significa "puro".

23- Assinale a alternativa em que ambos os adjetivos não se flexionam em gênero.
a) elemento motor, tratamento médico-dentário
b) esforço vão, pasçeio matinal
c) juiz arrogante, sentimento fraterno
d) cientista hindu, homem célebre
e) costume andaluz, manual Iúdico-instrutivo

24- Das frases abaixo, apenas uma apresenta adjetivo no comparativo de superioridade, assinale-a.
a) A palmeira é a mais alta árvore deste lugar.
b) Guardei as melhores recordações daquele dia,
c) A Lua é menor do que a Terra.
d) Ele é o maior aluno de sua turma.
e) O mais alegre dentre os colegas era Ricardo.

25- Dê o grau normal dos superlativos:
a) macérrimo
b) tetérrimo
c) minutíssimo
d) personalíssimo
e) feracíssimo

26- Relativamente à concordância dos adjetivos compostos indicativos de cor, uma, dentre as seguintes alternativas, está errada. Qual?
a) saia amarelo-ouro
b) papel amarelo-ouro
c) caixa vermelho-sangue
d) caixa vermelha-sangue
e) caixas vermelho-sangue

RESPOSTAS

1. a) Por se tratar de textos narrativos, a adjetivação tem caráter descritivo e não argumentativo. E ambos os textos, nota-se uma caracterização enaltecedora, que desenha um quadro idealizado cujos elementos se aproximam da perfeição. No segundo texto, essa construção é o objetivo do escritor; no primeiro, o escritor faz referência a certo tipo de escrito em que os elementos apresentados são sempre os mesmos – sempre idealizados, sempre caracterizado pelos mesmos adjetivos.
   b) Deve-se notar o uso dos artigos definidos no primeiro texto que substantivam as expressões a que se referem – não é um castelo, é o "imponente castelo" das típicas histórias românticas. Esse tratamento permite perceber que o primeiro texto é metalinguístico.

2. b
3. a
4. b
5. d
6. a) pluvial
   b)passionais
   c) infantis, pueris
   d) antiofídico
7. a) felicíssimo
   b) libérrimo
8. a) especular
   b) vítrea
   c) legal
   d) linear
9. a) vespertino
   b) vital
   c) discente
10. a) borboletas azul-claras
    b) Borboletas cor-de-laranja
11. e
12. c
13. c
14. a
15. d
16. d
17. a
18. e
19. 01+04+16=21
20. c
21. nobilíssima
22. e
23. d
24. c
25. a) magro
    b) tetro (tétrico)
    c) miúdo
    d) pessoal
    e) feraz (fértil, fecundo)
26. d

Concordância Nominal

Os adjetivos e as palavras adjetivadas concordam em gênero e número com os elementos a que se referem. Por exemplo: gatas malhadas e cachorros brancos. Quando o adjetivo surgir junto de mais de um substantivo, teremos regras especiais, que veremos agora:

01) Adjetivo posposto a dois ou mais substantivos

Adjunto adnominal

Quando o adjetivo posposto a dois ou mais substantivos funcionar como adjunto adnominal e estiver qualificando todos os substantivos apresentados, poderá concordar com o elemento mais próximo ou com a soma deles.
Ex.

- O Estado compra carros e maçãs argentinas.
- O Estado compra carros e maçãs argentinos.

Há três casos em que o adjunto adnominal concordará apenas com o elemento mais próximo:
01) Se qualificar apenas o elemento mais próximo:
Ex.

- Comprei óculos e frutas frescas.

02) Se os substantivos forem sinônimos:
Ex.

- Desrespeitaram o povo e a gente brasileira.

03) Se os substantivos formarem gradação:
Ex.

- Foi um olhar, uma piscadela, um gesto estranho.

Predicativo do sujeito

Quando o adjetivo imediatamente posposto a dois ou mais substantivos funcionar como predicativo do sujeito, deverá concordar com a soma dos elementos, apesar de existirem gramáticos que admitam a concordância também com o elemento mais próximo.
Ex.

- O operário e a esposa, preocupados, saíram para o trabalho.

Predicativo do objeto

Quando o adjetivo imediatamente posposto a dois ou mais substantivos funcionar como predicativo do objeto, deverá concordar com a soma dos elementos, apesar de existirem gramáticos que admitam a concordância também com o elemento mais próximo.
Ex.

- Encontrei o operário e a esposa preocupados com a situação da empresa.

Obs.: Uma maneira fácil de se estabelecer a diferença entre o adjunto adnominal e o predicativo é quando substituímos o substantivo por um pronome: todos os adjuntos adnominais que gravitam ao redor do substantivo têm de acompanhá-lo nessa substituição, ou seja, os adjuntos adnominais desaparecem. Portanto, se o adjetivo não desaparecer na substituição, será predicativo.

02) Adjetivo anteposto a dois ou mais substantivos

Adjunto adnominal

Quando o adjetivo anteposto a dois ou mais substantivos funcionar como adjunto adnominal e estiver qualificando todos os substantivos apresentados, deverá concordar apenas com o elemento mais próximo.
Ex.

- Trouxe belas rosas e cravos.

Predicativo do sujeito

Quando o adjetivo imediatamente anteposto a dois ou mais substantivos funcionar como predicativo do sujeito, deverá concordar com a soma dos elementos, apesar de existirem gramáticos que admitam a concordância também com o elemento mais próximo.
Ex.

- Preocupados, o operário e a esposa saíram para o trabalho.

Predicativo do objeto

Quando o adjetivo imediatamente anteposto a dois ou mais substantivos funcionar como predicativo do objeto, deverá concordar com a soma dos elementos, apesar de existirem gramáticos que admitam a concordância também com o elemento mais próximo.
Ex.

- Encontrei preocupados com a situação da empresa o operário e a esposa.

03) Dois ou mais adjetivos, modificando um só substantivo

Quando houver apenas um substantivo qualificado por dois ou mais adjetivos, há duas maneiras de se construir a frase:

A) Coloca-se o substantivo no plural, e enumeram-se os adjetivos.
Ex.

- Ele estuda as línguas inglesa e francesa.

B) Coloca-se o substantivo no singular, e, ao se enumerarem os adjetivos, acrescenta-se artigo a cada um deles.
Ex.

- Ele estuda a língua inglesa e a francesa.

Casos Especiais

Obrigado / Mesmo / Próprio

Esses três elementos concordam com o substantivo ou com o pronome a que se referem, ou seja, se o substantivo for feminino plural, usam-se mesmas, próprias e obrigadas. Caso a palavra mesmo significar realmente, ficará invariável.
Ex.

- Elas mesmas disseram, em coro: Muito obrigadas, professor.
- Os próprios jogadores reconheceram o erro.
- As meninas trouxeram mesmo o radialista.

Só / Sós

Essa palavra concordará com o elemento a que se refere, quando significar sozinhos, sozinhos, sozinha, sozinhas; ficará invariável, quando significar apenas, somente. A locução a sós é sempre invariável.
Ex.

- Só as garotas queriam andar sós; os meninos queriam a companhia delas.
- Gosto de estar a sós.

Quite / Anexo / Incluso

Esses três elementos concordam com o substantivo a que se referem.
Ex.

- Deixarei as promissórias quites, para não ter problemas.
- Anexas, seguem as fotocópias dos documentos solicitados.
- Estão inclusos o café da manhã e o almoço.

Meio

Concordará com o elemento a que se referir, quando significar metade; ficará invariável, quando significar um pouco, mais ou menos. Quando formar substantivo composto, ambos os elementos variarão.
Ex.

- Era meio-dia e meia. Ela estava meio nervosa.
- Os meios-fios foram construídos em lugar errado.

Verbo de ligação + Predicativo do sujeito

Quando o sujeito for tomado em sua generalidade, sem qualquer determinante, o verbo ser - ou qualquer outro verbo de ligação - ficará no singular e o predicativo do sujeito no masculino, singular.Se o sujeito vier determinado por qualquer palavra, a concordância do verbo e do predicativo será regular, ou seja, concordarão com o sujeito em número e pessoa.
Ex.

- Caminhada é bom para a saúde.
- Esta caminhada está muito boa.
- É proibido entrada

- Está proibida a entrada.

Menos / Pseudo

Essas duas palavras são sempre invariáveis.
Ex.

- Houve menos reclamações dessa vez.
- As pseudo-escritoras foram desmascaradas.

Muito / Bastante

Quando modificarem substantivo, concordarão com ele, por serem pronomes indefinidos adjetivos; quando modificarem verbo, adjetivo, ou outro advérbio, ficarão invariáveis, por serem advérbios. Bastante também será adjetivo, quando significar que basta, que satisfaz.
Ex.

- Bastantes funcionários ficaram bastante revoltados com a empresa.
- Há provas bastantes de sua culpa.

Grama

Quando a palavra grama representar unidade de massa, será masculina.
Ex.

- Comprei duzentos gramas de queijo.

Silepse

Concordância irregular, também chamada concordância figurada; é a que se opera não com o termo expresso, mas com outro termo latente, isto é, oculto, mentalmente subentendido, ou seja concorda-se, não com a palavra que esteja escrita, mas sim com o que ela significa.

Silepse de gênero

São Paulo é linda, pois trata-se da cidade de São Paulo.

Silepse de número
Estaremos aberto nesse final de semana, porque o que estará aberto será o estabelecimento. Há também a silepse de pessoa, já estudada por nós na Concordância verbal.

Possível

Em frases enfáticas, como o mais, o menos, o melhor, o pior, as mais, os menos, os piores, as melhores, a palavra possível concordará com o artigo.
Ex.

- Visitei cidades o mais interessantes possível.
- Visitei cidades as mais interessantes possíveis.

EXERCÍCIOS

Para as questões de 01 a 20 segue o código abaixo: assinale com "C " as alternativas corretas e com "I " as incorretas:

01) (   ) Percorria bosques e montanhas nevados.
02) (   ) Nas noites frias, usávamos meias e casacos grossos.
03) (   ) Víamos, ao longe, os carneiros e o roseiral floridos
04) (   ) O juiz declarou inocente o réu e a sua cúmplice.
05) (   ) Que assim mereça eterno nome e glória
06) (   ) Ofereci-lhe perfumados rosas e lírios
07) (   ) Os alunos mesmo pediram repetição da aula
08) (   ) Foi necessário termos bastante cuidados na viagem
09) (   ) Os crimes de lesos-patriotismos não são definidos em lei
10) (   ) Aos vinte anos, já estava quite de suas obrigações militares
11) (   ) Admiro-os: são rapazes que se fizeram por si só.
12) (   ) Anexas à carta, seguirão as listas de preço
13) (   ) Conheci escritores o mais brilhantes possíveis
14) (   ) Não será vedado pesca em todo o litoral brasileiro
15) (   ) Nem um nem outro político demagogo votou a emenda
16) (   ) Todos ficarão alertas, embora haja menos greves
17) (   ) Fiquem calamos, amigos, iremos diretos ao assunto

18) ( ) Os torcedores do Flamengo são tais qual o próprio time.
19) ( ) Nossos políticos não são nenhuns ignorantes
20) ( ) Hastearam, na fronteira, a bandeira brasileira e uruguaia

Preencha as lacunas corretamente assinalando o que se pede, marcando a letra:

21) Seguem _______várias propostas. Ouvi histórias as mais mirabolantes _________. A criança estava ______ sonolenta.
a) anexas, possíveis, meio
b) anexas, possível, meio
c) anexo, possíveis, meia
d) anexo, possíveis, meia

22) Concordância errada:
a) Tinha belos olhos e boca
b) Todos se moviam cautelosamente, alertas ao perigo.
c) Os braços e as mãos trêmulas erguiam-se para o céu.
d) A terceira e a quarta séries tiveram bom índice de aprovação.

23) Assinale o erro:
a) Compramos dois mil e quarenta folhas de papel especial.
b) Comprei oitocentos gramas de pão.
c) Fizemos uma observação na página trezentos e dois
d) Você ainda reside na casa dois?

24) Segue a documentação ___________. Pedro está __________com a tesouraria. Os vigias estão sempre _________. Maria estava _________ encabulada.
a) anexo, quites, alerta, meio
b) anexo, quites, alertas, meia
c) anexa, quite, alerta, meio
d) anexa, quite, alertas, meio

Preencha as lacunas assinalando a alternativa

25) Achei o chefe e sua filha muito _______. Vão _______as listas do material. Suas Excelências estavam _______ de suas esposas.
a) simpáticos, anexas, acompanhadas
b) simpática, anexo, acompanhada
c) simpáticos, anexas, acompanhados
d) simpáticas, anexo, acompanhados

26) Concordância incorreta:
a) A nau ia afundando a olhos vistos
b) Os tratados luso-brasileiros foram revogados
c) Comprei dois vestidos verde-limão
d) Pintou paisagens as mais belas possível

27) Erro na utilização da palavra destacada.
a) Estavam meio atônito com a nota
b) Faltava meio capítulo para o fim
c) Ela ficou meia aborrecida contigo
d) Já passava de meio-dia e meia

28) Concordância injustificável:
a) Foi necessária toda a documentação pedida para a matrícula
b) É bom ter muita cautela nesse caso
c) É necessário habilidade para resolver este problema
d) Na presente situação, é valido a justificativa trazida por ele

29) Erro de concordância:
a) Os fatos falam por si só
b) Ele estuda História e Mitologia Grega
c) Estes produtos custam cada vez mais caro
d) Ela mesma nos agradeceu

30) Assinale a frase que contém erro:

a) Os jogadores estavam meio fracos
b) A moça estava toda de preto

c) Era um crime de leso-patriotismo
d) Rui conhece as línguas alemãs e japonesas

31) Assinale a frase que contém erro:

a) A certidão e o recibo seguem hoje anexos
b) Anexo vai a certidão e o recibo
c) Anexo vai o recibo.
d) Anexo vai o recibo e a certidão

32) Assinale a frase incorreta:

a) Tinha as mãos e o rosto ensangüentados
b) Os tropeiros deixaram espalhados os arreios e as bagagens
c) Conserve sempre limpos os pés e as mãos
d) Acho plausível os seus argumentos

33) Assinale a frase que contém erro:

a) Um e outro assunto selecionado
b) Escolhestes má hora e local
c) Veja como são belos as rosas e os lírios!
d) O pai e a mãe estrangeiros

34) Assinale a frase que contém erro:

a) Dei aulas extras ao aluno
b) Eles andam por longes terras
c) Não a vejo há bastantes anos
d) Notícia nenhuma da família

Para as questões de 35 a 40 assinale a concordância como se pede:

35) Incorreta:

a) Aqueles fatos eram necessários.
b) Escolheu péssima ocasião e dia.
c) Escolheu bons momentos e hora para solicitar o aumento salarial.
d) Aguardou o momento e a hora oportuna para falar.

36) Incorreta:

a) Entrada é proibida.
b) Cerveja é bom no verão.
c) É permitido entrada de turistas.
d) É proibida a saída de alunos.

37) Incorreta:

a) A carta segue anexa ao processo.
b) O ofício e o requerimento seguem em anexo.
c) Remeti anexa a carta e o requerimento.
d) Remeti anexo a carta e o requerimento.

38) Incorreto:

a) Ela mesma fez o pedido.
b) Ela fez mesmo o pedido.
c) Ela fez o pedido mesmo.
d) Ela mesmo fez o pedido.

39) Incorreta:

a) Muito obrigada, disse a professora ao aluno.
b) Os alunos ficaram quites com a tesouraria do curso.
c) Os bombeiros, durante a seca, ficam alertas aos perigos.
d) Houve bastante razões para faltarmos ontem.

40) Incorreta:

a) Estive meio preocupada com o resultado
b) São alunas bastantes estudiosas
c) Estudava os idiomas francês e japonês
d) Aqueles dias foram bastantes para descansarmos

41) Assinale a alternativa correta:
“Faz muitos anos que compramos uma caneta e um gramática __________ para estudar a língua e a literatura __________.

a) volumosa, lusas- brasileiras
b) volumosas, portuguesa
c) volumosos, portuguesas
d) volumosa, portuguesa

42) Marque a alternativa cuja seqüência preencha adequadamente as lacunas do seguinte período:
“Nós __________socorremos o rapaz e a moça __________.

a) mesmas, bastante machucados
b) mesmo, bastantes machucados
c) mesmos, bastantes machucados
d) mesmo, bastante machucada

43) Todas as concordâncias nominais estão corretas, exceto:

a) Seguem anexas as promissórias
b) Escolhemos má hora e lugar para a festa
c) A justiça declarou culpados o réu e sua cúmplice
d) A moça usava vestidos azul-marinhos.

44) ”Os seus projetos são os _________elaborados, por isso garantem as verbas _________ para sua execução e evitam ______ - entendidos.”

a) melhor, suficientes, mau
b) mais bem, suficientes, mal
c) mais bem, suficiente, mal
d) melhor, suficientes, mau

45) “Ainda ______ furiosa, mas com ________ violência, proferia injúrias ___________ para escandalizar todos. “

a) meia, menos, bastante
b) meio, menos, bastante
c) meio, menos, bastantes
d) meia, menas, bastantes

Respostas Sobre Concordância Nominal

01) C
02) C
03) I
04) C
05) C
06) I
07) I
08) I
09) C
10) C
11) I
12) C
13) I
14) C
15) I
16) I
17) I
18) C
19) C
20) I
21) A
22) B
23) A
24) C
25) C
26) D
27) C
28) D
29) A
30) D
31) B
32) D
33) A
34) D
35) C
36) A
37) D
38) D
39) D
40) B
41) B
42) A
43) D
44) B
45) C

Pronomes

Pronome é a palavra variável em gênero, número e pessoa que substitui ou acompanha o nome, indicando-o como pessoa do discurso. Quando o pronome **substituir um substantivo**, será denominado

pronome substantivo; quando acompanhar um substantivo, será denominado pronome adjetivo. Por exemplo, na frase Aqueles garotos estudam bastante; **eles** serão aprovados com louvor. Aqueles é um pronome adjetivo, pois acompanha o substantivo garotos e eles é um **pronome substantivo**, pois substitui o mesmo **substantivo**.

Pronomes Pessoais

Os pronomes pessoais são aqueles que indicam uma das três pessoas do discurso: a que fala, a com quem se fala e a de quem se fala.

Pronomes pessoais do caso reto

Pronomes pessoais do caso reto são os que desempenham a função sintática de sujeito da oração. São os pronomes **eu, tu, ele, ela, nós, vós eles, elas**.

Pronomes pessoais do caso oblíquo

São os que desempenham a função sintática de complemento verbal (objeto direto ou indireto), complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial, adjunto adnominal ou sujeito acusativo (sujeito de oração reduzida).

Os pronomes pessoais do caso oblíquo se subdividem em dois tipos: os **átonos**, que não são antecedidos por preposição, e os **tônicos**, precedidos por preposição.

Pronomes oblíquos átonos

Os pronomes oblíquos átonos são os seguintes: **me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, os, as, lhes**.

Pronomes oblíquos tônicos

Os pronomes oblíquos tônicos são os seguintes: **mim, comigo, ti, contigo, ele, ela, si, consigo, nós, conosco, vós, convosco, eles, elas**.

Usos dos Pronomes Pessoais

Eu, tu / Mim, ti

Eu e **tu** exercem a função sintática de sujeito. **Mim** e **ti** exercem a função sintática de complemento verbal ou nominal, agente da passiva ou adjunto adverbial e sempre são precedidos de preposição.
Ex.

- Trouxeram aquela encomenda para mim.
- Era para eu conversar com o diretor, mas não houve condições.

Agora, observe a oração **Sei que não será fácil para mim conseguir o empréstimo**. O pronome **mim** NÃO é sujeito do verbo conseguir, como à primeira vista possa parecer. Analisando mais detalhadamente, teremos o seguinte:
O sujeito do verbo ser é a oração **conseguir o empréstimo**, pois **que não será fácil?** resposta: conseguir o empréstimo, portanto há uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo, que é a oração que funciona como sujeito, tendo o verbo no infinitivo.
O verbo **ser** é verbo de ligação, portanto **fácil** é predicativo do sujeito.
O adjetivo fácil exige um complemento, pois **conseguir o empréstimo não será fácil para quem?** resposta: **para mim**, que funciona como complemento nominal. Ademais a ordem direta da oração é esta: **Conseguir o empréstimo não será fácil para mim**.

Se, si, consigo

Se, si, consigo são pronomes reflexivos ou recíprocos, portanto só poderão ser usados na voz reflexiva ou na voz reflexiva recíproca.
Ex.

- Quem não se cuida, acaba ficando doente.
- Quem só pensa em si, acaba ficando sozinho.
- Gilberto trouxe consigo os três irmãos.

Com nós, com vós / Conosco, convosco

Usa-se **com nós** ou **com vós**, quando, à frente, surgir qualquer palavra que indique quem "somos nós" ou quem "sois vós".
Ex.

- Ele conversou com nós todos a respeito de seus problemas.
- Ele disse que sairia com nós dois.

Dele, do + subst. / De ele, de o + subst.

Quando os pronomes pessoais **ele(s)**, **ela(s)**, ou qualquer substantivo, funcionarem como sujeito, não devem ser aglutinados com a preposição **de**.
Ex.

- É chegada a hora de ele assumir a responsabilidade.
- No momento de o orador discursar, faltou-lhe a palavra.

Pronomes Oblíquos Átonos

Os pronomes oblíquos átonos são **me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, os as, lhes**. Eles podem exercer diversas funções sintáticas nas orações. São elas:

A) Objeto Direto

Os pronomes que funcionam como objeto direto são **me, te, se, o, a, nos, vos, os, as**.
Ex.

- Quando encontrar seu material, traga-o até mim.
- Respeite-me, garoto.
- Levar-te-ei a São Paulo amanhã.

Notas:

01) Se o verbo for terminado em **M, ÃO** ou **ÕE**, os pronomes **o, a, os, as** se transformarão em **no, na, nos, nas**.
Ex.

- Quando encontrarem o material, tragam-no até mim.
- Os sapatos, põe-nos fora, para aliviar a dor.

02) Se o verbo terminar em **R, S** ou **Z**, essas terminações serão retiradas, e os pronomes **o, a, os, as** mudarão para **lo, la, los, las**.
Ex.

- Quando encontrarem as apostilas, deverão trazê-las até mim.
- As apostilas, tu perde-las toda semana. (Pronuncia-se pérde-las)
- As garotas ingênuas, o conquistador sedu-las com facilidade.

03) Independentemente da predicação verbal, se o verbo terminar em **mos**, seguido de **nos** ou de **vos**, retira-se a terminação **-s**.
Ex.

- Encontramo-nos ontem à noite.
- Recolhemo-nos cedo todos os dias.

04) Se o verbo for transitivo indireto terminado em **s**, seguido de **lhe, lhes**, não se retira a terminação **s**.
Ex.

- Obedecemos-lhe cegamente.
- Tu obedeces-lhe?

B) Objeto Indireto

Os pronomes que funcionam como objeto indireto são **me, te, se, lhe, nos, vos, lhes**.
Ex.

- Traga-me as apostilas, quando as encontrar.
- Obedecemos-lhe cegamente.

C) Adjunto adnominal

Os pronomes que funcionam como adjunto adnominal são **me, te, lhe, nos, vos, lhes**, quando indicarem posse (algo de alguém).
Ex.

- Quando Clodoaldo morreu, Soraia recebeu-lhe a herança. (a herança dele)
- Roubaram-me os documentos. (os documentos de alguém - meus)

D) Complemento nominal

Os pronomes que funcionam como complemento nominal são **me, te, lhe, nos, vos, lhes**, quando complementarem o sentido de adjetivos, advérbios ou substantivos abstratos. (algo a alguém, não provindo a preposição **a** de um verbo).
Ex.

- Tenha-me respeito. (respeito a alguém)
- É-me difícil suportar tanta dor. (difícil a alguém)

D) Sujeito acusativo

Os pronomes que funcionam como sujeito acusativo são **me, te, se, o, a, nos, vos, os, as**, quando estiverem em um período composto formado pelos verbos **fazer, mandar, ver, deixar, sentir** ou **ouvir**, e um verbo no **infinitivo** ou no **gerúndio**.
Ex.

- Deixei-a entrar atrasada.
- Mandaram-me conversar com o diretor.

Pronomes Relativos

O Pronome Relativo Que

Este pronome deve ser utilizado com o intuito de substituir um substantivo (pessoa ou "coisa"), evitando sua repetição. Na montagem do período, deve-se colocá-lo imediatamente após o substantivo repetido, que passará a ser chamado de **elemento antecedente**.

Por exemplo, nas orações **Roubaram a peça. A peça era rara no Brasil** há o substantivo **peça** repetido. Pode-se usar o pronome relativo **que** e, assim, evitar a repetição de **peça**. O pronome será colocado após o substantivo. Então teremos **Roubaram a peça que...** . Este **que** está no lugar da palavra **peça** da outra oração. Deve-se, agora, terminar a outra oração: **...era rara no Brasil**, ficando

Roubaram a peça que era rara no Brasil.

Pode-se, também, iniciar o período pela outra oração, colocando o pronome após o substantivo. Então, tem-se **A peça que...** Este **que** está no lugar da palavra **peça** da outra oração. Deve-se, agora, terminar a outra oração: **...roubaram**, ficando **A peça que roubaram...** . Finalmente, conclui-se a oração que se havia iniciado: **...era rara no Brasil**, ficando

A peça que roubaram era rara no Brasil.

Outros exemplos:

01) Encontrei o garoto. Você estava procurando o garoto.

- Substantivo repetido = garoto
- Colocação do pronome após o substantivo = Encontrei o garoto que ...
- Restante da outra oração = ... você estava procurando.
- Junção de tudo = Encontrei o garoto que você estava procurando.

Começando pela outra oração:

- Colocação do pronome após o substantivo = Você estava procurando o garoto que ...
- Restante da outra oração = ... encontrei
- Junção de tudo = Você estava procurando o garoto que encontrei.

02) Eu vi o rapaz. O rapaz era seu amigo.

- Substantivo repetido = rapaz
- Colocação do pronome após o substantivo = Eu vi o rapaz que ...
- Restante da outra oração = ... era seu amigo.
- Junção de tudo = Eu vi o rapaz que era seu amigo.

Começando pela outra oração:

- Colocação do pronome após o substantivo = O rapaz que ...
- Restante da outra oração = ... eu vi ...
- Finalização da oração que se havia iniciado = ... era seu amigo
- Junção de tudo = O rapaz que eu vi era seu amigo.

03) Nós assistimos ao filme. Vocês perderam o filme.

- Substantivo repetido = filme
- Colocação do pronome após o substantivo = Nós assistimos ao filme que ...
- Restante da outra oração = ... vocês perderam.
- Junção de tudo = Nós assistimos ao filme que vocês perderam.

Começando pela outra oração:

- Colocação do pronome após o substantivo = Vocês perderam o filme que ...
- Restante da outra oração = ... nós assistimos
- Junção de tudo = Vocês perderam o filme que nós assistimos.

Observe que, nesse último exemplo, a **junção de tudo** ficou incompleta, pois a primeira oração é **Nós assistimos ao filme**, porém, na junção, a prep. **a** desapareceu. Portanto o período está inadequado gramaticalmente. A explicação é a seguinte: Quando o verbo do restante da outra oração exigir preposição, deve-se colocá-la antes do pronome relativo. Então teremos: **Vocês perderam o filme a que nós assistimos.**

04) O gerente precisa dos documentos. O assessor encontrou os documentos

- Substantivo repetido = documentos
- Colocação do pronome após o substantivo = O gerente precisa dos documentos que
- Restante da outra oração = ... o assessor encontrou
- Junção de tudo = O gerente precisa dos documentos que o assessor encontrou.

Começando pela outra oração:

- Colocação do pronome após o substantivo = O assessor encontrou os documentos que ...
- Restante da outra oração = ... o gerente precisa.
- O verbo **precisar** está usado com a prep. **de**, portanto ela será colocada antes do pronome relativo.
- Junção de tudo = O assessor encontrou os documentos de que o gerente precisa.

Obs: O pronome **que** pode ser substituído por **o qual, a qual, os quais e as quais** sempre. O gênero e o número são de acordo com o substantivo substituído.

Os exemplos apresentados ficarão, então, assim, com o **que** substituído por **qual**:

- Encontrei o livro o qual você estava procurando. Você estava procurando o livro o qual encontrei.
- Eu vi o rapaz o qual é seu amigo. O rapaz o qual vi é seu amigo.
- Nós assistimos ao filme o qual vocês perderam. Vocês perderam o filme ao qual nós assistimos.
- O gerente precisa dos documentos os quais o assessor encontrou. O assessor encontrou os documentos dos quais o gerente precisa.

Obs: Todos os pronomes relativos iniciam **Oração Subordinada Adjetiva**, portanto todos os períodos apresentados contêm oração subordinada adjetiva.

O Pronome Relativo Cujo

Este pronome indica posse (algo de alguém).
Na montagem do período, deve-se colocá-lo entre o possuidor e o possuído (alguém cujo algo)

Por exemplo nas orações **Antipatizei com o rapaz. Você conhece a namorada do rapaz**. o substantivo repetido **rapaz** possui **namorada**. Deveremos, então usar o pronome relativo **cujo**, que será colocado entre o possuidor e o possuído: **Algo de alguém = Alguém cujo algo**. Então, tem-se **a namorada do rapaz** = **o rapaz cujo a namorada**. Não se pode, porém, usar artigo (o, a, os, as) depois de **cujo**. Ele deverá contrair-se com o pronome, ficando: **cujo + o = cujo; cujo + a = cuja; cujo + os = cujos; cujo + as = cujas**. Então a frase ficará **o rapaz cuja namorada**. Somando as duas orações, tem-se

Antipatizei com o rapaz cuja namorada você conhece.

Outros exemplos:

01) A árvore foi derrubada. Os frutos da árvore são venenosos.

- Substantivo repetido = árvore - o substantivo repetido possui algo.
- Algo de alguém = Alguém cujo algo: os frutos da árvore = a árvore cujos frutos. Somando as duas orações, tem-se
- A árvore cujos frutos são venenosos foi derrubada.

Começando pela outra oração:

- Colocação do pronome **que** após o substantivo = Os frutos da árvore que ...
- Restante da outra oração = ... foi derrubada ...
- Finalização da oração que se havia iniciado = ... são venenosos
- Junção de tudo = Os frutos da árvore que foi derrubada são venenosos.

02) O artista morreu ontem. Eu falara da obra do artista.

- Substantivo repetido = artista - o substantivo repetido possui algo.
- Algo de alguém = Alguém cujo algo: a obra do artista = o artista cuja obra. Somando as duas orações, tem-se

O artista cuja obra eu falara morreu ontem.

Observe que, nesse último exemplo, a **junção de tudo** ficou incompleta, pois a segunda oração é **Eu falara da obra do artista**, porém, na junção, a prep. **de** desapareceu. Portanto o período está inadequado gramaticalmente. A explicação é a seguinte: Quando o verbo da oração subordinada adjetiva exigir preposição, deve-se colocá-la antes do pronome relativo. Então, tem-se: **O artista de cuja obra eu falara morreu ontem**.

03) As pessoas estão presas. Eu acreditei nas palavras das pessoas.

- Substantivo repetido = pessoas - o substantivo repetido possui algo.
- Algo de alguém = Alguém cujo algo: as palavras das pessoas = as pessoas cujas palavras. Somando as duas orações, tem-se

As pessoas cujas palavras acreditei estão presas.

O verbo **acreditar** está usado com a prep. **em**, portanto ela será colocada antes do pronome relativo. **As pessoas em cujas palavras acreditei estão presas**.

Começando pela outra oração:

- Colocação do pronome **que** após o substantivo = Eu acreditei nas palavras das pessoas que ...
- Restante da outra oração = ... estão presas
- Junção de tudo = Eu acreditei nas palavras das pessoas que estão presas.

Obs: Todos os pronomes relativos iniciam Oração Subordinada Adjetiva, portanto todos os períodos apresentados contêm oração subordinada adjetiva.

O Pronome Relativo Quem

Este pronome substitui um substantivo que representa uma pessoa, evitando sua repetição. Somente deve ser utilizado antecedido de preposição, inclusive quando funcionar como objeto direto, Nesse caso, haverá a anteposição obrigatória da prep. **a**, e o pronome passará a exercer a função sintática de **objeto direto preposicionado**. Por exemplo na oração **A garota que conheci está em minha sala**, o pronome **que** funciona como objeto direto. Substituindo pelo pronome **quem**, tem-se

A garota a quem conheci ontem está em minha sala.

Há apenas uma possibilidade de o pronome **quem** não ser precedido de preposição: quando funcionar como sujeito. Isso só ocorrerá, quando possuir o mesmo valor de **o que, a que, os que, as que, aquele que, aquela que, aqueles que, aquelas que**, ou seja, quando puder ser substituído por pronome demonstrativo (**o, a, os, as, aquele, aquela, aqueles, aquelas**) mais o pronome relativo **que**. Por exemplo: **Foi ele quem me disse a verdade = Foi ele o que me disse a verdade**. Nesses casos o pronome **quem** será denominado de **Pronome Relativo Indefinido**.

Na montagem do período, deve-se colocar o pronome relatico **quem** imediatamente após o substantivo repetido, que passará a ser chamado de elemento antecedente.

Por exemplo nas orações **Este é o artista. Eu me referi ao artista ontem**. há o substantivo **artista** repetido. Pode-se usar o pronome relativo **quem** e, assim, evitar a repetição de **artista**. O pronome será colocado após o substantivo. Então, tem-se **Este é o artista quem...** Este **quem** está no lugar da palavra **artista** da outra oração. Deve-se, agora, terminar a outra oração: **...eu me referi ontem**, ficando **Este é o artista quem me referi ontem**. Como o verbo **referir-se** exige a preposição **a**, ela será colocada antes do pronome relativo. Então tem-se

Este é o artista a quem me referi ontem.

Não se pode iniciar o período pela outra oração, pois o pronome relativo **quem** só funciona como sujeito, quando puder ser substituído por **o que, a que, os que, as que, aquele que, aqueles que, aquela que, aquelas que**.

Outros exemplos:
01) Encontrei o garoto. Você estava procurando o garoto.

- Substantivo repetido = garoto
- Colocação do pronome após o substantivo = Encontrei o garoto que ...
- Restante da outra oração = ... você estava procurando.
- Junção de tudo = Encontrei o garoto quem você estava procurando. Como **procurar** é verbo transitivo direto, o pronome **quem** funciona como objeto direto. Então, deve-se antepor a prep. **a** ao pronome relativo, funcionando como objeto direto preposicionado.

Encontrei o garoto a quem você estava procurando.

Começando pela outra oração:

- Colocação do pronome após o substantivo = Você estava procurando o garoto quem
- Restante da outra oração = ... encontrei
- Junção de tudo = Você estava procurando o garoto quem encontrei. Novamente objeto direto preposicionado:

Você estava procurando o garoto a quem encontrei.

02) Aquele é o homem. Eu lhe falei do homem.

- Substantivo repetido = homem
- Colocação do pronome após o substantivo = Aquele é o homem quem ...
- Restante da outra oração = ... lhe falei.
- Junção de tudo = Aquele é o homem quem lhe falei. Como **falar** está usado com a prep. **de**, deve-se antepô-la ao pronome relativo, ficando

Aquele é o homem de quem lhe falei.

Não se esqueça disto:

O pronome relativo **quem** somente deve ser utilizado antecedido de preposição;
Quando for objeto direto, será antecedido da prep. **a**, transformando-se em objeto direto preposicionado;

Somente funciona como sujeito, quando puder ser substituído por **o que, os que, a que, as que, aquele que, aqueles que, aquela que aquelas que**.

O Pronome Relativo Qual

Este pronome tem o mesmo valor de **que** e de **quem**.

É sempre antecedido de artigo, que concorda com o elemento antecedente, ficando **o qual, a qual, os quais, as quais**.

Se a preposição que anteceder o pronome relativo possuir duas ou mais sílabas, só poderemos usar o pronome **qual**, e não **que** ou **quem**. Então só se pode dizer **O juiz perante o qual testemunhei. Os assuntos sobre os quais conversamos**, e não O juiz perante quem testemunhei nem Os assuntos sobre que conversamos.

Outro exemplo:

Meu irmão comprou o restaurante. Eu falei a você sobre o restaurante.

- Substantivo repetido = restaurante
- Colocação do pronome após o substantivo = Meu irmão comprou o restaurante que ...
- Restante da outra oração = ... eu falei a você.
- Junção de tudo = Meu irmão comprou o restaurante que eu falei a você. Observe que o verbo **falar**, na oração apresentada, foi usado com a preposição **sobre**, que deverá ser anteposta ao pronome relativo: **Meu irmão comprou o restaurante sobre que eu falei a você**. Como a preposição **sobre** possui duas sílabas, não se pode usar o pronome **que**, e sim **o qual**, ficando, então,

  Meu irmão comprou o restaurante sobre o qual eu falei a você.

O Pronome Relativo Onde

Este pronome tem o mesmo valor de **em que**.

Sempre indica **lugar**, por isso funciona sintaticamente como **Adjunto Adverbial de Lugar**.

Se a preposição **em** for substituída pela prep. **a** ou pela prep. **de**, substituiremos **onde** por **aonde** e **donde**, respectivamente. Por exemplo: **O sítio aonde fui é aprazível. A cidade donde vim fica longe.**

Será Pronome Relativo Indefinido, quando puder ser subtituído por **O lugar em que**. Por exemplo na frase **Eu nasci onde você nasceu. = Eu nasci no lugar em que você nasceu**.

Outro exemplo:
Eu conheço a cidade. Sua sobrinha mora na cidade.

- Substantivo repetido = cidade
- Colocação do pronome após o substantivo = Eu conheço a cidade que...
- Restante da outra oração = ... sua sobrinha mora.
- Junção de tudo = Eu conheço a cidade que sua sobrinha mora. O verbo **morar** exige a prep. **em**, pois **quem mora, mora em algum lugar**. Então

Eu conheço a cidade em que sua sobrinha mora.
Eu conheço a cidade na qual sua sobrinha mora.
Eu conheço a cidade onde sua sobrinha mora.

O Pronome Relativo Quanto

Este pronome é sempre antecedido de **tudo, todos** ou **todas**, concordando com esses elementos (**quanto, quantos, quantas**).

Exemplo:
Fale tudo quanto quiser falar.
Traga todos quantos quiser trazer.
Beba todas quantas quiser beber.

Pronomes de Tratamento

São pronomes empregados no trato com as pessoas, familiarmente ou respeitosamente. Embora o **pronome de tratamento** se dirija à segunda pessoa, toda a concordância deve ser feita com a **terceira pessoa**. Usa-se **Vossa**, quando **conversamos com a pessoa**, e **Sua**, quando **falamos da pessoa**.
Ex.

- Vossa Senhoria deveria preocupar-se com suas responsabilidades e não com as de
- Sua Excelência, o Prefeito, que se encontra ausente.

Eis uma pequena lista de pronomes de tratamento:

AUTORIDADES DE ESTADO

Civis

Pronome de tratamento	Abreviatura	Usado para
Vossa Excelência	V. Ex.ª	Presidente da República, Senadores da República, Ministro de Estado, Governadores, Deputados Federais e Estaduais, Prefeitos, Embaixadores, Vereadores, Cônsules, Chefes das Casas Civis e Casas Militares
Vossa Magnificência	V. M.	Reitores de Universidade
Vossa Senhoria	V. S.ª	Diretores de Autarquias Federais, Estaduais e Municipais

Judiciárias

Pronome de tratamento	Abreviatura	Usado para
Vossa Excelência	V. Ex.ª	Desembargador da Justiça, curador, promotor
Meritíssimo Juiz	M.	Juiz Juízes de Direito
Vossa Senhoria	V. S.ª	Diretores de Autarquias Federais, Estaduais e Municipais

Militares

Pronome de tratamento	Abreviatura	Usado para
Vossa Excelência	V. Ex.ª	Oficiais generais (até coronéis)
Vossa Senhoria	V. S.ª	Outras patentes militares
Vossa Senhoria	V. S.ª	Diretores de Autarquias Federais, Estaduais e Municipais

AUTORIDADES ECLESIÁSTICAS

Pronome de tratamento	Abreviatura	Usado para
Vossa Santidade	V. S.	Papa
Vossa Eminência Reverendíssima	V. Em.ª Revm.ª	Cardeais, arcebispos e bispos
Vossa Reverendíssima	V. Revmª	Abades, superiores de conventos, outras autoridades eclesiásticas e sacerdotes em geral

AUTORIDADES MONÁRQUICAS

Pronome de tratamento	Abreviatura	Usado para
Vossa Majestade	V. M.	Reis e Imperadores
Vossa Alteza	V. A.	Príncipe, Arquiduques e Duques
Vossa Reverendíssima	V. Revmª	Abades, superiores de conventos, outras autoridades eclesiásticas e sacerdotes em geral

OUTRAS AUTORIDADES

Pronome de tratamento	Abreviatura	Usado para
Vossa Senhoria	V. S.ª	Dom
Doutor	Dr.	Doutor
Comendador	Com.	Comendador
Professor	Prof.	Professor

Pronomes Possessivos

São aqueles que indicam **posse**, em relação às três pessoas do discurso. São eles: **meu(s), minha(s), teu(s), tua(s), seu(s), sua(s), nosso(s), nossa(s), vosso(s), vossa(s).**

Empregos dos pronomes possessivos

01) O emprego dos possessivos de terceira pessoa **seu, sua, seus, suas** pode dar duplo sentido à frase (ambigüidade). Para evitar isso, coloca-se à frente do substantivo dele, dela, deles, delas, ou troca-se o possessivo por esses elementos.
Ex.

- Joaquim contou-me que Sandra desaparecera com seus documentos.

De quem eram os documentos? Não há como saber. Então a frase está ambígua. Para tirar a ambigüidade, coloca-se, após o substantivo, o elemento referente ao dono dos documentos: se for Joaquim: Joaquim contou-me que Sandra desaparecera com seus documentos dele; se for Sandra: Joaquim contou-me que Sandra desaparecera com seus documentos dela. Pode-se, ainda, eliminar o pronome possessivo: Joaquim contou-me que Sandra desaparecera com os documentos dele (ou dela).

02) É facultativo o uso de artigo diante dos possessivos.
Ex.

- Trate bem seus amigos. ou Trate bem os seus amigos.

03) Não se devem usar pronomes possessivos diante de partes do próprio corpo.
Ex.

- Amanhã, irei cortar os cabelos.
- Vou lavar as mãos.
- Menino! Cuidado para não machucar os pés!

04) Não se devem usar pronomes possessivos diante da palavra casa, quando for a residência da pessoa que estiver falando.
Ex.

- Acabei de chegar de casa.
- Estou em casa, tranqüilo.

Pronomes Demonstrativos

Pronomes demonstrativos são aqueles que situam os seres no tempo e no espaço, em relação às pessoas do discurso. São os seguintes:

01) Este, esta, isto:

São usados para o que está próximo da pessoa que fala e para o tempo presente.
Ex.

- Este chapéu que estou usando é de couro.
- Este ano está sendo cheio de surpresas.

02) Esse, essa, isso:

São usados para o que está próximo da pessoa com quem se fala, para o tempo passado recente e para o futuro.
Ex.

- Esse chapéu que você está usando é de couro?
- 2003. Esse ano será envolto em mistérios.
- Em novembro de 2001, inauguramos a loja. Até esse mês, nada sabíamos sobre comércio.

03) Aquele, aquela, aquilo:

São usados para o que está distante da pessoa que fala e da pessoa com quem se fala e para o tempo passado remoto.
Ex.

- Aquele chapéu que ele está usando é de couro?
- Em 1974, eu tinha 15 anos. Naquela época, Londrina era uma cidade pequena.

Outros usos dos demonstrativos

01) Em uma citação oral ou escrita, usa-se este, esta, isto para o que ainda vai ser dito ou escrito, e esse, essa, isso para o que já foi dito ou escrito.
Ex.

- Esta é a verdade: existe a violência, porque a sociedade a permitiu.
- Existe a violência, porque a sociedade a permitiu. A verdade é essa.

02) Usa-se este, esta, isto em referência a um termo imediatamente anterior. Ex.

- O fumo é prejudicial à saúde, e esta deve ser preservada.
- Quando interpelei Roberval, este assustou-se inexplicavelmente.

03) Para estabelecer-se a distinção entre dois elementos anteriormente citados, usa-se este, esta, isto em relação ao que foi mencionado por último e aquele, aquela, aquilo, em relação ao que foi nomeado em primeiro lugar.
Ex.

- Sabemos que a relação entre o Brasil e os Estados Unidos é de domínio destes sobre aquele.
- Os filmes brasileiros não são tão respeitados quanto as novelas, mas eu prefiro aqueles a estas.

04) O, a, os, as são pronomes demonstrativos, quando equivalem a isto, isso, aquilo ou aquele(s), aquela(s).
Ex.

- Não concordo com o que ele falou. (aquilo que ele falou)
- Tudo o que aconteceu foi um equívoco. (aquilo que aconteceu)

Pronomes Indefinidos

Os pronomes indefinidos referem-se à terceira pessoa do discurso de uma maneira vaga, imprecisa, genérica.

São eles: **alguém, ninguém, tudo, nada, algo, cada, outrem, mais, menos, demais, algum, alguns, alguma, algumas, nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhumas, todo, todos, toda, todas, muito, muitos, muita, muitas, bastante, bastantes, pouco, poucos, pouca, poucas, certo, certos, certa, certas, tanto, tantos, tanta, tantas, quanto, quantos, quanta, quantas, um, uns,**

uma, umas, qualquer, quaisquer além das locuções pronominais indefinidas cada um, cada qual, quem quer que, todo aquele que, tudo o mais...

Usos de alguns pronomes indefinidos

Todo

O pronome indefinido todo deve ser usado com artigo, se significar inteiro e o substantivo à sua frente o exigir; caso signifique cada ou todos não terá artigo, mesmo que o substantivo exija.
Ex.

- Todo dia telefono a ela. (Todos os dias)
- Fiquei todo o dia em casa. (O dia inteiro)
- Todo ele ficou machucado. (Ele inteiro, mas a palavra ele não admite artigo)

Todos, todas

Os pronomes indefinidos todos e todas devem ser usados com artigo, se o substantivo à sua frente o exigir.
Ex.

- Todos os colegas o desprezam.
- Todas as meninas foram à festa.
- Todos vocês merecem respeito.

Algum

O pronome indefinido algum tem sentido afirmativo, quando usado antes do substantivo; passa a ter sentido negativo, quando estiver depois do substantivo.
Ex.

- Amigo algum o ajudou. (Nenhum amigo)
- Algum amigo o ajudará. (Alguém)

Certo

A palavra certo será pronome indefinido, quando anteceder substantivo e será adjetivo, quando estiver posposto a substantivo.

Ex.

- Certas pessoas não se preocupam com os demais.
- As pessoas certas sempre nos ajudam.

Qualquer

O pronome indefinido qualquer não deve ser usado em sentido negativo. Em seu lugar, deve-se usar **algum**, posteriormente ao substantivo, ou **nenhum**
Ex.

- Ele entrou na festa sem qualquer problema. Essa frase está inadequada gramaticalmente. O adequado seria
- Ele entrou na festa sem problema algum.
- Ele entrou na festa sem nenhum problema

Pronomes Interrogativos

São os pronomes **que, quem, qual** e **quanto** usados em frases interrogativas diretas ou indiretas.
Ex.

- Que farei agora? - Interrogativa direta.
- Quanto te devo, meu amigo? - Interrogativa direta.
- Qual é o seu nome? - Interrogativa direta.
- Não sei quanto devo cobrar por esse trabalho. - Interrogativa indireta.

Notas:
01) Na expressão interrogativa **Que é de?** subentende-se a palavra **feito**: Que é do sorriso? (= Que é feito do sorriso?), Que é dele? (= Que é feito dele?). Nunca se deve usar **quédê, quedê** ou **cadê**, pois essas palavras oficialmente não existem, apesar de, no Brasil, o uso de **cadê** ser cada dia mais constante.

02) Não se deve usar a forma **o que** como pronome interrogativo; usa-se apenas **que**, a não ser que o

pronome seja colocado depois do verbo.
Ex.

- Que você fará hoje à noite? e não O que você fará hoje à noite?
- Que queres de mim? e não O que queres de mim?
- Você fará o quê?

Exercícios

01) Assinale a alternativa incorreta:

a) Seria mais econômico para mim vender o carro
b) Pesam sérias acusações sobre mim e ti
c) Depois do espetáculo, todos queriam falar consigo
d) Tenho certeza, porque ela falou com nós mesmos
e) Ainda cantas aquelas músicas? Canta-as para nós.

02) Complete as lacunas abaixo (veja o quadro a seguir):
01.________________carro que dirijo não é meu
02.________________teu fascínio é que me apaixona
03. _______cadeiras que usamos são confortáveis, mas __________do Teatro Nacional são bem melhores
04. ______de vês lá em alto-mar é a tempestade, o ciclone
05. De todos os livros que li _____aqui foi o mais complicado
06. Paula, de quem é _____ moto que o teu irmão dirige?
07. Os tipos de predicado são _______: nominal, verbal e verbo-nominal
08. Você, que está no Chile, poderia me dizer quantos brasileiros vivem ______ país
09. Sei que vou alcançar meus objetivos e __está bem próximo
10. O que você quis dizer com ______?
11. _________ que eles estão fazendo é crime de lesa-pátria
12. Ao observar o juiz e o bandeirinha, percebi que ______ confirmou o sinal que _____lhe fizera, e anulo o nosso gol

03) Assinale a alternativa que não apresenta pronome indefinido ou locução:
a) Jamais houve qualquer manifestação de apreço ou de desdém
b) Não faças a outrem o que não queres par ti
c) Racionamento é sinal de menos progresso
d) É mister que se façam bastantes exercícios
e) Não moro na fazenda porque lá a vida é muito monótona

04) Assinale a alternativa em que não ocorre pronome interrogativo:
a) Ainda não sei quem escreveu aquele bilhetinho
b) Aonde você quer chegar com tanta pressa?
c) Poderias me dizer qual será o teu próximo passo
d) Que lhe parece esta programa? Fácil? Difícil?
e) Que é que o senhor está fazendo?

05) Assinale a alternativa que contenha, respectivamente, um pronome pessoal do caso reto (sujeito) e um do caso oblíquo (objeto direto):
a) Eu comecei a reformar a natureza por esta passarinho
b) E mais uma vez me convencia da "tortura" destas coisas
c) Todos a ensinavam a respeitar a natureza
d) Ela os ensina a fazer ninhos nas árvores

06) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase:
As crianças, _________ enorme capacidade de criar devem ser continuamente exercitada, encontram variados meios de escapar do mundo _____imperam as leis de objetos industrializados.
a) cuja, em que
b) cujas, onde
c) a cuja, para que
d) cuja a, em que

07) A carta vinha endereçada para ______e para _____: _____é que abri.
a) mim, tu, porisso
b) mim, ti, porisso
c) mim, ti, por isso
d) eu, ti, por isso

08) Assinale o período com erro relacionado ao emprego dos pronomes relativos:

a) O livro a que me referi é este
b) Ele é uma pessoa de cuja honestidade ninguém duvida
c) O livro em cujos os dados nos baseamos é aquele
d) A pessoa perante a qual compareci foi muito agradável

09) São excelentes técnicos, _______ colaboração não podemos prescindir.
a) cuja
b) de cuja
c) que a
d) dos quais a

10) Em Ajeito-lhe as cobertas, o pronome lhe exerce a mesma função em que:
a) Luz sempre lhe afugenta o sono
b) O irmão dizia-lhe para ser sério
c) Vinha-lhe, então, a raiva
d) Sempre lhe negavam uma resposta

11) Por favor, passe _______caneta que está aí perto de você; ________ aqui não serve para __________ desenhar.
a) essa, esta, eu
b) esta, esta, mim
c) essa, essa, eu
d) essa, esta, mim

12) Indique a alternativa que completa corretamente as lacunas abaixo:
1. Não foi essa a pessoa ___aludi
2. Há fatos ________nunca nos esquecemos
3 Itaipu foi uma das obras _______construção mais comprometeu o orçamento nacional
4. A conclusão ____chegou não tem o menor fundamento
5. O conferencista, _______ conhecimentos desconfiávamos, foi infeliz em suas colocações
a) à qual, de que, em cuja, a que, de cujos
b) a que, de que, cuja, a que, de cujos
c) a qual, dos quais, com cuja, a qual, dos quais
d) a quem, que, em cuja, à qual, em cujos

13) Assinale o item em que não ocorre pronome pessoal reflexivo:
a) Os amigos olharam-se emocionados
b) A criança feriu-se com o lápis
c) Ofereceu-se um prêmio ao atleta
d) Olhou-se no espelho e assustou-se com seu ar doentio

14) Assinale o único item correto:
a) Vou consigo ao teatro hoje.
b) Esta pesquisa é para mim fazer?
c) Nada de sério houve entre eu e tu
d) O diretor conversou com nós dois

15) Em "V.M. é esperado no salão nobre", o pronome refere-se a um:
a) Duque
b) Príncipe
c) Imperador
d) Arquiduque

16) Assinale o item que apresenta um erro:
a) Esta carta, desejo mantê-la em segredo
b) V.Exª quer que mande subir vossa bagagem
c) Eu sei que há muitas pessoas que não concordam conosco
d) Prometeu que falará com nós todos

17) Assinale as frases abaixo:
1. Não houve desentendimentos entre mim e ti
2. Deixem-me explicar o que houve
3. Para mim, aceitar essa condição é humilhante
a) Todas estão corretas
b) 1 e2 estão corretas
c) 2 e 3 estão corretas
d) 1 e 3 estão corretas

18) Assinale a alternativa incorreta:

a) Percebi que o plano era para eu desistir do jogo
b) Não vá sem mim ao cinema
c) Já houve discussões entre eu e você em outras ocasiões?
d) Pesam suspeitas sobre você e mim.

19) Assinale a frase em que há pronome possessivo substantivo:
a) Você já preparou sua mochila
b) Ele aparenta ter seus trinta anos
c) Lembre-se de responder à minha carta
d) Este é o meu carro, onde está o seu

20) Assinale o item que apresenta algum erro:
a) Remeti ao nosso representante os documentos e promissórias
b) Vossa Senhoria examinou nosso pedido de exoneração?
c) Vossa Excelência provocou polêmicas com vosso discurso ontem
d) Seus amigos e amigas me convidaram para a recepção

Nas questões de nº 21 a 30 classifique as palavras O, A, OS, AS de acordo com o seguinte código:
a - pronome pessoal oblíquo
b - pronome demonstrativo
c - artigo definido

21) ( ) Você conhece a menina que acaba de chegar?
22) ( ) Não a vejo há muitos anos
23) ( ) Seu belo sorriso, eu ainda o guardo na lembrança
24) ( ) Não sei o que lhe aconteceu
25) ( ) Não use esta toalha; que a que está no armário
26) ( ) Neste horário o diretor costuma sair
27) ( ) Não há o que temer neste caso
28) ( ) Os que quiserem participar do jogo, levantem a mão
29) ( ) O momento da desforra não deve demorar
30) ( ) Peque este pacote e leve-o ao ministro

31) Em todas as frase há um pronome demonstrativo, exceto em:
a) Eu não posso fazer esse trabalho
b) Todos a acharam simpática
c) Não esperava encontrar tal pessoa
d) Meus amigos prepararam esta bela surpresa

32) Assinale a única frase em que há um pronome demonstrativo combinado com preposição:
a) Eles foram à igreja acompanhar os noivos
b) Ninguém conhecia os candidatos: votaram no que pareciam mais simpático.
c) O prejuízo da companhia é o que me preocupa agora
d) Qualquer um dos alunos é capaz de resolver esta questão

33) Assinale a alternativa sem pronome indefinido:
a) Fui à livraria e comprei vários livros técnicos
b) Espero que isto não aconteça mais a ninguém
c) Quaisquer dúvidas serão esclarecidas pelo professor
d) Estava me pareceu a pessoa certa para o serviço

34) Assinale o item em que o pronome foi corretamente analisado:
a) Ela esta conversando com alguns colegas. (pronome indefinido Substantivo)
b) Ele foi ver o que estava acontecendo (pronome. Pessoal)
c) As notícias deixaram-na feliz. (pronome demonstrativo adjetivo)
d) Todos são responsáveis pelo sucesso (pronome indefinido substantivo)

35) O pronome não foi corretamente analisado. Assinale:
a) Qualquer problema o abala. (pronome indefinido)
b) É claro que eu os conheço. (pronome demonstrativo)
c) Explique-me o que houve (pronome demonstrativo)
d) Não lhe diga nada (pronome pessoal)

36) Em todos os itens foram destacados pronomes, exceto em:
a) Certas notícias nos deixam vagamente preocupados
b) Alguma coisa aconteceu na cidade
c) Todo mundo sabe que isso é boato
d) Veja se o cálculo está certo

37) Em "Nem tudo que reluz é ouro", a palavra destacada é:
a) pronome adjetivo demonstrativo
b) pronome adjetivo indefinido
c) pronome substantivo indefinido
d) pronome relativo

38) "Contaram-me casos que nunca mais esquecerei", a palavra destacada é:
a) pronome adjetivo indefinido
b) pronome relativo
c) pronome substantivo demonstrativo
d) pronome substantivo possessivo

39) "Desejo uma fotografia como esta, o senhor vê? - como esta: em que sempre me via com um vestidos de eterna festa"
(C. Meireles)
- O pronome "esta", que ocorre repetido no texto, indica:
a) algo próximo à pessoa de fala
b) algo próximo a pessoa de quem se fala.
c) algo próximo à pessoa com quem se fala
d) algo próximo ao leitor

40) "Sabino teve medo do que o homem ia dizer", o temo destacado é:
a) preposição
b) preposição de + artigo o
c) preposição de + pronome o
d) pronome demonstrativo (daquilo)

41) Assinale o emprego incorreto do pronome demonstrativo:
a) A mulher é mais tolhida socialmente que o homem. A este se permitem direitos que se negam àquela
b) Em 1944 ainda havia guerra. Esta época traumatizou a humanidade.
c) O que dizer dessas opiniões que acabaste de expor
d) Estes documentos que tenho aqui comigo, não os revelarei tão cedo

42) Assinale a alternativa em que o emprego dos demonstrativos não esteja de acordo com a norma culta:
a) Não consegue entender-se consigo mesma.
b) Vocês são os mesmo de sempre
c) Vossa Excelência mesma garantiu o contrato
d) Vós próprias recomendastes o moço para o cargo

43) Assinale o item em que o pronome relativo destacado não poderia ser substituído pelo pronome que:
a) Nasceu uma nova teoria da qual temos pouco conhecimento
b) Fui visitar o lugar no qual nasci
c) Divulgaram os critérios segundo os quais seriam julgados
d) Discutiam-se as razões pelas quais se demitiu o ministro.

44) "E cada qual que se retraísse: todos tinham a impressão do perigo; ninguém queria expor-se a queimar a roupa. "No período há:
a) três pronome substantivo demonstrativos
b) três pronome substantivo indefinidos
c) dois pronome substantivo e um pronome adjetivo indefinido
d) três pronome adjetivos indefinidos

45) Assinale a frase sem pronome interrogativo:
a) Tem certeza de que ela chora, em vez de rir?
b) Meu relógio parou. Pergunto-lhe quantas horas são?
c) Que é que manda mais, Constituição ou Declaração?
d) Quem importa a paisagem, a glória, a baía, a linha do horizonte?

46) Assinale o item com erro no emprego do pronome demonstrativo:
a) Maria, quem é esse jovem que está com você?
b) "Amai-vos uns aos outros"! são estas as verdadeira palavras.
c) 1977, como foi bom aquele ano!
d) Não concordo com aquelas palavras que José pronunciou.

47) Assinale a alternativa que contém a abreviatura da " expressão de tratamento "correspondente ao título enumerado:
a) Papa .... V. S.ª.
b) Juiz .... V. Em ª

c) Reitor ....V. Magª
d) Coronel ....V. Exª

48) Aponte a letra em que o "se" dá apenas a idéia de reflexibilidade:
a) Não se dorme naquela lugar
b) Falam-se verdades, brincando
c) Fique, não se vá
d) Você se alegra com minha chegada?

49) V. Exª ________ que posso __________ ?
a) julgais – auxiliá-lo
b) julga – auxiliar-vos
c) julga – auxiliá-lo
d) julgais – auxiliar-vos

Respostas Sobre Pronomes

01. C
02. 1. Este
    2. Esse
3. Estas - aquelas
4. Aquilo
5. Este
6. Aquela
7. Estes
8. Nesse
9. Isso
10. Isso
11. Aquilo
12. Aquele - este
03. E
04. B

05. D
06. A
07. C
08. C
09. B
10. A
11. A
12. B
13. C
14. D
15. C
16. B
17. A
18. C
19. D

20. C
21. C
22. A
23. A
24. B
25. B
26. C
27. B
28. B
29. C
30. A
31. B
32. B
33. D
34. D

35. B
36. D
37. C
38. B
39. A
40. C
41. B
42. B
43. C
44. B
45. A
46. B
47. C
48. D
49. C

Colocação Pronominal

Este é o estudo da colocação dos pronomes **oblíquos átonos** (**me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, os, as, lhes**) em relação ao verbo. Eles podem ser colocados de três maneiras diferentes, de acordo com as seguintes regras:

Próclise

Próclise é a colocação dos pronomes oblíquos átonos antes do verbo. Usa-se a próclise, obrigatoriamente, quando houver palavras atrativas. São elas:

• **Palavras de sentido negativo.**	**Ela nem se incomodou com meus problemas.**
• **Advérbios.**	**Aqui se tem sossego, para trabalhar.**
• **Pronomes Indefinidos.**	**Alguém me telefonou?**
• **Pronomes Interrogativos.**	**Que me acontecerá agora?**
• **Pronomes Relativos**	**A pessoa que me telefonou não se identificou.**
• **Pronomes Demonstrativos Neutros.**	**Isso me comoveu deveras.**
• **Conjunções Subordinativas.**	**Escrevia os nomes, conforme me lembrava deles.**

Outros usos da próclise:

01) **Em frases exclamativas e/ou optativas (que exprimem desejo):**
Ex. **Quantas injúrias se cometeram naquele caso!**
Deus te abençoe, meu amigo!

02) **Em frases com preposição em + verbo no gerúndio**:
Ex. **Em se tratando de gastronomia, a Itália é ótima.**

Em se estudando Literatura, não se esqueça de Carlos Drummond de Andrade.

03) **Em frases com preposição + infinitivo flexionado**:
Ex. **Ao nos posicionarmos a favor dela, ganhamos alguns inimigos.**
Ao se referirem a mim, fizeram-no com respeito.

04) **Havendo duas palavras atrativas**, **tanto o pronome poderá ficar após as duas palavras, quanto entre elas**.
Ex. **Se me não ama mais, diga-me.**
Se não me ama mais, diga-me.

Mesóclise

Mesóclise é a colocação dos **pronomes oblíquos átonos** no meio do verbo. Usa-se a mesóclise, quando houver verbo no **Futuro do Presente** ou no **Futuro do Pretérito**, sem que haja palavra atrativa alguma, apesar de, mesmo sem palavra atrativa, a próclise ser aceitável. O pronome oblíquo átono será colocado entre o **infinitivo** e as terminações **ei, ás, á, emos, eis, ão**, para o **Futuro do Presente**, e as terminações **ia, ias, ia, íamos, íeis, iam**, para o **Futuro do Pretérito**. Por exemplo, o verbo **queixar-se** ficará conjugado da seguinte maneira:

Futuro do Presente	**Futuro do Pretérito**
queixar-me-ei	**queixar-me-ia**
queixar-te-ás	**queixar-te-ias**
queixar-se-á	**queixar-se-ia**
queixar-nos-emos	**queixar-nos-íamos**
queixar-vos-eis	**queixar-vos-íeis**
queixar-se-ão	**queixar-se-iam**

Para se conjugar qualquer outro verbo pronominal, basta-lhe trocar o infinitivo. Por exemplo, retira-se **queixar** e coloca-se **zangar, arrepender, suicidar**, mantendo os mesmos pronomes e desinências: **zangar**-**me**-**ei**, **zangar**-**te**-**ás**...

Lembre-se de que, quando o **verbo** for **transitivo direto** terminado em **R, S** ou **Z** e à frente surgir o pronome **O** ou **A, OS, AS**, as terminações desaparecerão. Por exemplo **Vou cantar a música = Vou cantá-la**. O mesmo ocorrerá, na formação da mesóclise: **Cantarei a música = Cantá-la-ei**.

Os verbos **dizer, trazer e fazer** são conjugados no Futuro do Presente e no Futuro do Pretérito, perdendo as letras ze, ficando, por exemplo, **direi, dirás, traria, faríamos**. Na formação da mesóclise, ocorre o mesmo: **Direi a verdade = Di-la-ei; Farão o trabalho = Fá-lo-ão; Traríamos as apostilas = Trá-las-íamos**.

Obs.: Se o verbo não estiver no início da frase e estiver conjugado no Futuro do Presente ou no Futuro do Pretérito, no Brasil, tanto poderemos usar Próclise, quanto Mesóclise. Por exemplo: **Eu me queixarei de você** ou **Eu queixar-me-ei de você**. **Os alunos se esforçarão** ou **Os alunos esforçar-se-ão**.

Ênclise

Ênclise é a colocação dos pronomes oblíquos átonos depois do verbo. Usa-se a ênclise, principalmente nos seguintes casos:

01) **Quando o verbo iniciar a oração.**
Ex. **Trouxe-me as propostas já assinadas.**
Arrependi-me do que fiz a ela.

02) **Com o verbo no imperativo afirmativo**.
Ex. **Por favor, traga-me as propostas já assinadas.**
Arrependa-se, pecador!!

Obs.: Se o verbo não estiver no início da frase e não estiver conjugado no Futuro do Presente ou no Futuro do Pretérito, no Brasil, tanto poderemos usar Próclise, quanto Ênclise. Por exemplo: **Eu me queixei de você** ou **Eu queixei-me de você**. **Os alunos se esforçaram** ou **Os alunos esforçaram-se.**

Colocação pronominal nas locuções verbais

As locuções verbais são formadas por **verbo auxiliar + infinitivo, particípio ou gerúndio**.

01) **Auxiliar + Infinitivo ou Gerúndio**:

Quando o verbo principal da locução verbal estiver no infinitivo ou no gerúndio, há, no mínimo, duas colocações pronominais possíveis:
Em relação ao verbo auxiliar, seguem-se as mesmas regras de
em tempos simples, ou seja, próclise, em qualquer circunstância (menos em início de frase), mesóclise, com verbo no futuro e ênclise, sem atração, nem futuro.
Em relação ao principal, deve-se colocar o pronome depois do verbo (ênclise).

Veja os exemplos:

Eles se vão esforçar mais.	**Eles não se vão esforçar mais.**	**Eles se irão esforçar mais.**
Eles vão-se esforçar mais.	**-o-**	**Eles ir-se-ão esforçar mais.**
Eles vão esforçar-se mais.	**Eles não vão esforçar-se mais.**	**Eles irão esforçar-se mais.**

01) **Auxiliar + Particípio**: Quando o verbo principal da locução verbal estiver no particípio, o pronome oblíquo átono só poderá ser colocado junto do verbo auxiliar, nunca após o verbo principal.

Veja os exemplos:

Eles se têm esforçado.	**Eles não se têm esforçado.**	**Eles se terão esforçado.**
Eles têm-se esforçado.	**-o-**	**Eles ter-se-ão esforçado.**
-o-	**-o-**	**-o-**

Nota: Quando o pronome for colocado entre os dois verbos (ênclise no auxiliar), teremos de usar hífen. Por exemplo: **Eles vão-se esforçar mais**. Há gramáticos que julgam esse hífen desnecessário.

Exercícios Sobre Colocação Pronominal

Para as perguntas de 1 a 28 você deverá assinalar com "C " o que estiver correto e com "I" os incorretos:

1. ( ) O presente é a bigorna onde se forja o futuro (próclise)
2. ( ) Nossa vocação molda-se às necessidades (ênclise)
3. ( ) Se não fosse a chuva, acompanhar-te-ia (mesóclise)
4. ( ) Macacos me mordam!
5. ( ) Caro amigo, muito lhe agradeço o favor...
6. ( ) Ninguém socorreu-nos naqueles momentos difíceis
7. ( ) As informações que se obtiveram, chocavam-se entre si
8. ( ) Quem te falou a respeito do caso?
9. ( ) Não foi trabalhar porque machucara- se na véspera
10. ( ) Não só me trouxe o livro, mas também me deu presente
11. ( ) Ele chegou e perguntou-me pelo filho
12. ( ) Em se tratando de esporte, prefere futebol
13. ( ) Vamos, amigos, cheguem-se aos bons
14. ( ) O torneio iniciar-se-á no próximo Domingo
15. ( ) Amanhã dizer-te-ei todas as novidades
16. ( ) Os alunos nos surpreendem com suas tiradas espirituosas
17. ( ) Os amigos chegaram e me esperam lá fora
18. ( ) O torneio iniciará-se no próximo Domingo
19. ( ) oferecida-lhes as explicações, saíram felizes
20. ( ) Convido-te a fazeres-lhes, essa gentileza
21. ( ) Para não falar- lhe, resolveu sair cedo
22. ( ) É possível que o leitor nos não creia
23. ( ) A turma quer-lhe, fazer uma surpresa
24. ( ) A turma havia convidado-o para sair
25. ( ) Ninguém podia ajudar-nos naquela hora
26. ( ) Algumas haviam-nos contado a verdade
27. ( ) Todos se estão entendendo bem
28. ( ) As meninas não tinham nos convidado para sair

29. Assinale a frase com erro de colocação pronominal:
a) Tudo se acaba com a morte, menos a saudade
b) Com muito prazer, se soubesse, explicaria-lhe tudo
c) João tem-se interessado por suas novas atividades
d) Ele estava preparando-se para o vestibular de Direito

30. Assinale a frase com erro de colocação pronominal:
a) Tudo me era completamente indiferente
b) Ela não me deixou concluir a frase
c) Este casamento não deve realizar-se
d) Ninguém havia lembrado-me de fazer as reservas

31. Assinale a frase incorreta:
a) Nunca mais encontrei o colega que me emprestou o livro
b) Retiramo-nos do salão, deixando-os sós
c) Faça boa viagem! Deus proteja-o
d) Não quero magoar-te, porém não posso deixar de te dizer a verdade

32. "O funcionário que se inscreve, fará prova amanhã:
1. Ocorre próclise em função do pronome relativo
2. Deveria ocorrer ênclise
3. A mesóclise é impraticável
4. Tanto a ênclise quanto a próclise são aceitáveis
a) Correta apenas a 1ª afirmativa
b) Apenas a 2ª é correta
c) São corretas a 1ª e a 3ª
d) A 4ª é a única correta

33. Assinale a colocação inaceitável:
a) Maria Oliva convidou-o
b) Se abre a porta da caleça por dentro
c) Situar-se-ia Orfeu numa gafieira?
d) D. Pedro II o convidou

34. O pronome pessoal oblíquo átono está bem colocado em um só dos períodos. Qual?
a) Isto me não diz respeito! Respondeu-me ele, afetadamente
b) Segundo deliberou-se na sessão, espero que todos apresentem-se na hora conveniente
c) Os conselhos que dão-nos os pais, levamo-los em conta mais tarde
d) Amanhã contar-lhe-ei por que peripécias consegui não envolver-me

35) Estas conservas são para nós __________ durante o inverno.
Assinale a alternativa que completa corretamente a lacuna:
a) alimentarmos- nos
b) alimentar- mo- nos
c) nos alimentarmos
d) nos alimentarmo- nos

36) Caso _______ lá, _______, para que não _______
Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas:
a) se demoram – avisem-nos – nos preocupemos
b) se demorem – avisem-nos – preocupemo-nos
c) demorem-se – nos avisem – preocupemo-nos
d) demorem-se – nos avisem – nos preocupemos

37) Do lugar onde _______, ______um belo panorama, em que o céu ________com a terra
a) se encontrava – se divisava – ligava-se
b) se encontravam – se divisava – ligava-se
c) se encontravam – divisava-se – se ligava
d) encontravam-se – divisava-se – se ligava

38) O pronome está mal colocado em apenas um dos períodos. Identifique-o:
a) Finalmente entendemos que aquela não era a estante onde deveriam-se colocar cristais
b) Ninguém nos falou, outrora, com tanta sinceridade
c) Não se vá, custa-lhe ficar um pouco mais?
d) A mão que te estendemos é amiga

Para as questões que seguem de 39 a 58, marcará com a letra "C" aquelas com o pronome oblíquo bem colocado, obedecendo as normas da Língua Culta e com "I" assinalará as incorretas:
39) ( ) Quando se estudaram minuciosamente as propostas, descobriram- se todas as falhas
40) ( ) Segundo informaram- me na seção, já se encontram prontos os contracheques desta mês
41) ( ) Os papéis que remeteram-me estão em ordem, ainda hoje devolvê-los-ei como havia prometido-lhes
42) ( ) Os professores haviam-nos instruído para as provas
43) ( ) Nada chegava a impressioná-la em sua passividade
44) ( ) Que Deus te acompanhe por toda a vida

45) ( ) Quando lhes entregariam as provas, era um mistério que não lhes era possível desvendar
46) ( ) A respeito daquelas fraudes, os auditores já haviam prevenido-os há muito tempo
47) ( ) Os amigos entreolharam- se emocionados, mas não lhes deram mais nenhuma informação
48) ( ) Aquele foi o livro que lhe eu dei como prova de admiração
49) ( ) Admirou-me a despesa porque não havias-me dito que o presente iria custar-te tão caro
50) ( ) Ainda não me havias falado essas injúrias
51) ( ) Já de pé, banhando-me, ouço-lhe os passos no corredor
52) ( ) Dir-se-ia que todos preferem-lhe ocultar os fatos
53) ( ) Os alunos não têm preocupado-se com as provas
54) ( ) Peça a dar- se- lhe- à o perdão
55) ( ) Causava-me admiração ver aqueles jovens dedicando-se aos estudos, enquanto outros não se esforçavam nem um pouco
56) ( ) Nada se faria, se ficassem de braços cruzados
57) ( ) No caso de não cumprirem o horário das aulas, romperão-se as cláusulas contratuais
58) ( ) Assim que sentiu-se prejudicado, reclamou seus direitos

Respostas Sobre Colocação Pronominal

1. C
2. C
3. C
4. C
5. C
6. I
7. C
8. C
9. I
10. C
11. C
12. C
13. C
14. C
15. I
16. C
17. C
18. I
19. I
20. I
21. C
22. C
23. C
24. I
25. C
26. I
27. I
28. I
29. B
30. D
31. C
32. C
33. B
34. A
35. C
36. A
37. C
38. A
39. C
40. I
41. I
42. C
43. C
44. C
45. C
46. I
47. C
48. C
49. I
50. C
51. C
52. I
53. C
54. I
55. C
56. C
57. I
58. I

Artigo

É a palavra variável em gênero e número que precede um substantivo, determinando-o de modo preciso (artigo definido) ou vago (artigo indefinido).

Os artigos classificam-se em:

01) Artigos Definidos: o, a, os, as.

02) Artigos Indefinidos: um, uma, uns, umas.
Ex.

- O garoto pediu dinheiro. (Antecipadamente, sabe-se quem é o garoto.)
- Um garoto pediu dinheiro. (Refere-se a um garoto qualquer, de forma genérica.)

Emprego dos artigos

Ambos

Usa-se o artigo entre o numeral **ambos** e o elemento posterior, caso este exija o seu uso.
Ex.

- Ambos os atletas foram declarados vencedores. (Atletas é substantivo que exige artigo.)
- Ambas as leis estão obsoletas. (Leis é substantivo que exige artigo.)
- Ambos vocês estão suspensos. (Vocês é pronome de tratamento que não admite artigo.)

Todos

Usa-se o artigo entre o pronome indefinido **todos** e o elemento posterior, caso este exija o seu uso.
Ex.

- Todos os atletas foram declarados vencedores.
- Todas as leis devem ser cumpridas.
- Todos vocês estão suspensos.

Todo

Diante do pronome indefinido **todo**, usa-se o artigo, para indicar totalidade; não se usa, para indicar generalização.
Ex.

- Todo o país participou da greve. (O país todo, inteiro.)
- Todo país sofre por algum motivo. (Qualquer país, todos os países.)

Cujo

Não se usa artigo após o pronome relativo **cujo**.
Ex.

- As mulheres, cujas bolsas desapareceram, ficaram revoltadas. (e não cujo as bolsas.)

Pronomes Possessivos

Diante de pronomes possessivos, o uso do artigo é facultativo.
Ex.

- Encontrei seus amigos no Shopping.
- Ensontrei os seus amigos no Shopping.

Nomes de pessoas

Diante de nome de pessoas, só se usa artigo, para indicar afetividade ou familiaridade.
Ex.

- O Pedrinho mandou uma carta a Fernando Henrique Cardoso.

Casa

Só se usa artigo diante da palavra **casa (lar, moradia)**, se a palavra estiver especificada.
Ex.

- Saí de casa há pouco.
- Saí da casa do Gilberto há pouco.

Terra

Se a palavra **terra** significar "chão firme", só haverá artigo, quando estiver especificada. Se significar **planeta**, usa-se com artigo.
Ex.

- Os marinheiros voltaram de terra, pois irão à terra do comandante.
- Os astronautas voltaram da Terra.

Nomes de lugar

Só se usa artigo diante da maioria dos nomes de lugar, quando estiver qualificado.
Ex.

- Estive em São Paulo, ou melhor, estive na São Paulo de Mário de Andrade.

Nota: Alguns nomes de lugar vêm acompanhados de artigo: a Bahia / o Rio de Janeiro / o Cairo; outros têm o uso do artigo facultativo. São eles: África, Ásia, Europa, Espanha, França, Holanda e Inglaterra.

Nomes de jornais, revistas...:

Não se deve combinar com preposição o artigo que faz parte do nome de jornais, revistas, obras literárias.
Ex.

- Li a notícia em O Estado de São Paulo.

Exercícios

1- "Ele é o **homem**, eu sou apenas uma **mulher**."
Nesses versos, reforçava-se a oposição entre os termos homem e mulher.
a) Identifique os recursos lingüísticos utilizados para provocar esse reforço.
b) Explique por que esses recursos causam tal efeito.

2- A palavra **homem** aparece duas vezes na frase que segue, com significados diferentes. Explique essa diferença.
"Suponho que nunca teria visto um homem e não sabia, portanto, o que era o homem." (Machado de

Assis)

3- Indique o erro quanto ao emprego do artigo.
a) Em certos momentos, as pessoas as mais corajosas se acovardam.
b) Em certos momentos, as pessoas mais corajosas se acovardam.
c) Em certos momentos, pessoas as mais corajosas se acovardam.
d) Em certos momentos, as mais corajosas pessoas se acovardam.

4- Assinale a alternativa em que há erro.
a) Li a noticia no Estado de S. Paulo.
b) li a noticia em O Estado de S. Paulo.
c) Essa notícia, eu a vi em A Gazeta.
d) Vi essa notícia em A Gazeta.
e) Foi em O Estado de S. Paulo que li a notícia.

5- Em qual das alternativas o artigo definido feminino corresponderia a todos os substantivos?
a) sósia, doente, lança-perfume
b) dó, telefonema, diabete
c) CIã, eclipse, pijama
d) cal, elipse, dinamite
e) champanha, criança, estudante

RESPOSTAS

1. a) O contraste entre o artigo definido ("o homem") e o artigo indefinido ("uma mulher").
   b) O artigo definido alça o substantivo **homem** a uma posição de superioridade: é um ser determinado, específico, único. O indefinido transforma a **mulher** em num ser subalterno, igual a todos os outros da mesma espécie. É interessante comentar o machismo vem expresso por uma voz feminina, ou seja, é um elemento ideológico arraigado também na visão de mundo da mulher. Os autores estão apresentando com mestria uma situação da realidade, e não, como muitos julgam, expondo as próprias idéias sobre a relação entre o homem e a mulher.
2. Nunca havia visto um indivíduo da espécie humana (um homem); por isso não sabia identificar esse tipo de ser (o homem).
3. a
4. a
5. d

Preposição

Preposição é uma palavra invariável que liga dois elementos da oração, subordinando-os. Isso significa que a preposição é o termo que liga substantivo a substantivo, verbo a substantivo, substantivo a verbo, adjetivo a substantivo, advérbio a substantivo, etc.

Por exemplo, na frase **Os alunos do colégio assistiram ao filme de Walter Salles comovidos**, teremos como elementos da oração **os alunos, o colégio**, o verbo **assistir, o filme, Walter Salles** e a qualidade dos alunos **comovidos**. O restante é preposição. Observe: **de** liga alunos a colégio, **a** liga assistir a filme, de liga filme a Walter Salles. Portanto são preposições. O termo que antecede a preposição é denominado **regente**, e o termo que a sucede, **regido**. Portanto em "Os alunos do colégio..." teremos: os alunos = elemento regente; o colégio = elemento regido.

Tipos de preposição

Essenciais: por, para, perante, a, ante, até, após, de, desde, em, entre, com, contra, sem, sob, sobre, trás.

As essenciais são as que só desempenham a função de preposição.

Acidentais: afora, fora, exceto, salvo, malgrado, durante, mediante, segundo, menos.

As acidentais são palavras de outras classes gramaticais que eventualmente são empregadas como preposições. São, também, invariáveis.

Locução Prepositiva: São duas ou mais palavras, exercendo a função de uma preposição: acerca de, a fim de, apesar de, através de, de acordo com, em vez de, junto de, para com, à procura de, à busca de, à distância de, além de, antes de, depois de, à maneira de, junto de, junto a, a par de...

As locuções prepositivas têm sempre como último componente uma preposição.

Combinação: Junção de algumas preposições com outras palavras, quando não há alteração fonética.
Ex. ao (a + o); aonde (a + onde)

Contração: Junção de algumas preposições com outras palavras, quando a preposição sofre redução.
Ex. do (de + o); neste (em + este); à (a + a)

Obs: Não se deve contrair a preposição **de** com o artigo que inicia o sujeito de um verbo, nem com o pronome **ele(s), ela(s)**, quando estes funcionarem como sujeito de um verbo.

Por exemplo a frase **"Isso não depende do professor querer"** está errada, pois **professor** funciona como sujeito do verbo **querer**.

Portanto a frase deve ser **"Isso não depende de o professor querer"** ou **"Isso não depende de ele querer".**

Circunstâncias: As preposições podem indicar diversas circunstâncias:

- Lugar = Estivemos em São Paulo.
- Origem = Essas maçãs vieram da Argentina.
- Causa = Ele morreu, por cair de um andaime.
- Assunto = Conversamos bastante sobre você.
- Meio = Passeei de bicicleta ontem.
- Posse = Recebeu a herança do avô.
- Matéria = Comprei roupas de lã.

Exercícios

1- Ao ligar dois termos de uma oração, a preposição pode expressar, entre outros aspectos uma relação temporal, espacial ou nocional. Nos versos:
"Amor total e falho... Puro e impuro...Amor de velho adolescente..."

A preposição **de** estabelece uma relação nocional. Essa mesma relação ocorre em:

a) "Este fundo **de** hotel é um fim de mundo."
b) "A quem sonha **de** dia e sonha **de** noite sabendo, todo sonho vão."
c) "Depois fui pirata mouro, flagelo **da** Tripolitânia."
d) "Chegarei **de** madrugada, quando cantar a seriema."
e) "Só os roçados da morte compensam aqui cultivar."

2- "No final da Guerra Civil americana, o ex-coronel ianque (...) sai à caça do soldado desertor que realizou assalto a trem com confederados." (O Estado de S. Paulo, 15 set. 1995.)

O uso da preposição **com** permite diferentes interpretações da frase acima.
a) Reescreva-a de duas maneiras diversas, de modo que haja um sentido diferente em cada uma.
b) Indique, para cada uma das redações, a noção expressa pela preposição com.

3- Assinale a opção em que a preposição **com** traduz uma relação de instrumento.
a) "Teria sorte nos outros lugares, com gente estranha."
b) "Com o meu avo cada vez mais perto do fim, o Santa Rosa seria um inferno."
c) "Não fumava, e nenhum livro com força de me prender."
d) "Trancava-me no quarto fugindo do aperreio, matando-as com jornais."
e) "Andavam por cima do papel estendido com outras já pregadas no breu."

4- "Depois **a** mãe recolhe as velas, torna **a** guardá-l**as** na bolsa.", os vocábulos destacados são, respectivamente:
a) pronome pessoal oblíquo, preposição, artigo.
b)artigo, preposição, pronome pessoal oblíquo.
c) artigo, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.
d) artigo, preposição, pronome demonstrativo.
e) preposição, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.

5- Na frase "Estamos a bordo." A preposição indica relação de lugar. Escreva duas frases em que o emprego desça preposição indique, respectivamente:
a) relação de tempo habitual;
b) relação de instrumento.

6- Em "óculos sem aro", a preposição sem indica ausência, falta. Explique o sentido expresso pelas preposições destacadas em:
a) "Cale-se ou expulso a senhora da sala."
b) "Interrompia a lição com piadinhas."

7- Assinale a opção cuja lacuna não pode ser preenchida peia preposição entre parênteses.
a) Uma companheira desta,... cuja figura os mais velhos se comoviam. (com)
b) uma companheira desta,... cuja figura já nos referimos anteriormente. (a)
c) Uma companheira desta,... cuia figura havia um ar de grande dama decadente. (em)
d) Uma companheira desta,... cuja figura andara todo o regimento apaixonado. (por)
e) Uma companheira desta,... cuja figura as crianças se assustavam. (de)

8- "...foram intimados **a** comparecer...", "... não **a** fizeram...", "... **a** sua oração...". As três ocorrências de **a** são, respectivamente:
a) preposição, pronome, preposição.
b) artigo, artigo, prepoçiLão.
c) pronome, artigo, preposição.
d) prepoçição, pronome, artigo.
e) artigo, pronome, pronome.

9- "... a folha de um livro retoma.", "como sob o vento a árvore que o doa.", "e nada finge vento em folha de árvore."
As expressões destacadas são introduzidas por preposições. Tais preposições são usadas, nesses versos, com a idéia de:

a) origem, lugar, especificação.
b) especificação, agente causador, lugar.
c) instrumento, especificação, lugar.
d) agente causador, especificação, lugar.
e) lugar, instrumento, origem.

10- Indique a oração que apresenta locução prepositiva.
a) Havia objetos valiosos sobre a pequena mesa de mármore.
b) À medida que os inimigos se aproximavam, as tropas inglesas recuavam.
c) Seguiu a carreira militar devido à influência do pai.
d) Agiu de caço pensado, quando se afastou de você.
e) De repente, riscou e reescreveu o texto.

11- Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase:
"O controle biológico de pragas,... o texto faz referência, é certamente o mais eficiente e adequado recurso ... os lavradores dispõem para proteger a lavoura sem prejudicar o solo."
a) do qual, com que
b) de que, que
c) que, o qual
d) ao qual, cujos
e) a que, de que

12- Assinale a opção cuja seqüência completa corretamente as frases abaixo.
A lei ... se referiu já foi revogada.
Os problemas ... se lembraram eram muito grandes.
O cargo ... aspiras é muito importante.
O filme ... gostou foi premiado.
O jogo ... assistimos foi movimentado.

a) que, que, que, que, que
b) a que, de que, que, que, a que
c) que, de que, que, de que, que
d) a que, de que, a que, de que, a que
e) a que, que, que, que, a que

13- Assinale a frase que não está correta.
a) Entre mim e ti tudo acabou.
b) Já Ihe disse que entre nós nada é bom.
c) Entre ela e nós existe de tudo.
d) Entre eu e você deve haver respeito.
e) Não é possível haver dúvidas entre eles.

14- Considerando que o pronome relativo deve ser examinado em relação ao verbo que Ihe vem imediatamente depois, quais frases abaixo estão corretas!

1. Apresento as provas do concurso de que fui por vós designado a elaborar.
2. Apresento as provas do concurso a que fui por vós designado a fiscalizá-lo.
3. Apresento as provas do concurso de cuja organização me destes a honra.
4. Apresento as provas do concurso para cuja fiscalização fui por vós designado.

a) Todas.
b) Apenas a 1 e a 3.
c) Apenas a 2 e a 4.
d) Apenas a 3 e a 4.
e) Apenas a 1 e a 2.

15- O projeto,... realização sempre duvidara, exigiria toda a dedicação ... fosse capaz.
a) do qual, a que
b) cuja a, da qual
C) de cuia, de que
d) que sua, de cuja
e) cuja, a qual

16- Os folhetos ··· não temos cópia são exatamente aqueles ... conteúdo ele se fixou.
a) que, cujo
b) de que, cujo o
c) de cujos, no qual
d) dos quais, em cujo
e) os quais, ao qual

17- "De todas as garçotas da classe, Paula foi a que mais me impressionou. Gostaria de ter ido a sua festa com ela. Eu a convidei, mas ela não aceitou."
As palavras destacadas são, respectivamente:
a) pronome obli4uo, artigo, preposição,
b) pronome demonstrativo, preposição, pronome oblíquo.
c) pronome oblíquo, preposição, pronome oblíquo.
d) pronome demonstrativo, preposição, artigo.
e) preposição, artigo, pronome demonstrativo.

18- "...dois meses que não vejo Paulo. Soube que ele esteve ... beira de uma crise nervosa ... menos de cinco dias do vestibular." A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:
a) Há, a, a
b) Há, à, a
c) Há, à, à
d) A, a, à
e) A, à, a

19- No trecho abaixo, extraído de uma entrevista transcrita literalmente, há uma passagem que precisaria ser modificada para adequar-se ao português **escrito** culto. Identifique essa passagem e reescreva-a na forma que Ihe parecer mais adequada.
"A Universidade é muito mais eficiente do que a indústria porque ela é o único organismo da sociedade que pode especular sem grande ônus. A Universidade é o único organismo que você pode abandonar uma pesquisa sem nenhum trauma (...)".

20- Todos os trechos citados abaixo apresentam um problema semelhante. Diga que problema é esse e reescreva um dos trechos de modo a adequá-lo à modalidade escrita da língua portuguesa.

- Se a gente ler esta reportagem daqui a um ano a gente vai perceber as marcas que esta reportagem não é moderna (...).(amostra de escrita de aluno do 1º grau)
- Futebol, aquele esporte que faz o povo vibrar ao ver a vitória do time a qual se propõe a torcer. (amostra de escrita de aluno do 2" grau)
- Existem escolas que as aulas da noite são iluminadas à luz de velas... (boletim de greve da Associação dos Professores do Estado de São Paulo)

RESPOSTAS

1) a
2) a) ... acompanhado de confederados ou ... em que viajavam confederados.
   b) No primeiro caso, indica-se a noção de companhia; no segundo, de conteúdo.
3) d
4) b
5) a) sugestão: a determinados intervalos, a cada duas horas;
   b) sugestão: à mão, à faca, à máquina
6) a) lugar
   b) modo, instrumento
7) e

8) d
9) b
10) c
11) e
12) d
13) d
14) d
15) c
16) d
17) b
18) b
19) “... organismo em que se pode abandonar...” ou “...organismo no qual se pode abandonar...”
20) Em todos casos, o pronome relativo não foi precedido pela preposição adequada. Sugestões de correção:

Se lermos esta reportagem daqui a um ano, vamos perceber que ela não é moderna.
Futebol, aquele esporte que faz o povo vibrar ao ver a vitória do time que se propõe torcer.
Existem escolas em que as aulas da noite são iluminadas pela luz de velas.

Verbo

Verbo é a palavra que indica **ação**, praticada ou sofrida pelo sujeito, **fato**, de que o sujeito participa ativamente, **estado** ou **qualidade** do sujeito, ou **fenômeno da natureza**.

Estrutura e Flexão

Conjugação verbal:

Há três conjugações para os verbos da língua portuguesa:
1ª conjugação: verbos terminados em **-ar** .
2ª conjugação: verbos terminados em **-er** .
3ª conjugação: verbos terminados em **-ir** .

Obs.: O verbo **pôr** e seus derivados pertencem à 2ª conjugação, por se originarem do antigo verbo **poer**.

Pessoas verbais:

1ª pes. do sing.:	**eu**		**1ª pes. do pl.:**	**nós**
2ª pes. do sing.:	**tu**		**2ª pes. do pl.:**	**vós**
3ª pes. do sing.:	**ele**		**3ª pes. do pl.:**	**eles**

Modos verbais:

São três os modos verbais na língua portuguesa: **Indicativo**, que expresa atitudes de certeza,

Subjuntivo, que expressa atitudes de dúvida, hipótese, desejo, e **Imperativo**, que expressa atitude de ordem, pedido, conselho.

O modo indicativo

Tempos verbais do Indicativo

01) Presente

Indica fato que ocorre no dia-a-dia, corriqueiramente.
Ex. **Todos os dias, caminho no Zerão. Estudo no Maxi.**
Confio em meus amigos.

02) Pretérito

Indica fatos que já ocorreram.

A) Pretérito Perfeito:

Indica fato que ocorreu no passado em determinado momento, observado depois de concluído.
Ex. **Ontem caminhei no Zerão.**
Estudei no Maxi no ano passado.
Confiei em pseudo-amigos.

B) Pretérito Imperfeito:

Indica fato que ocorria com freqüência no passado, ou fato que não havia chegado ao final no momento em que estava sendo observado.
Ex. **Naquela época, todos os dias, eu caminhava no Zerão.**
Eu estudava no Maxi, quando conheci Magali.
Eu confiava naqueles amigos.

C) Pretérito Mais-que-perfeito:

Indica fato ocorrido antes de outro no Pretérito Perfeito do Indicativo.
Ex. **Ontem, quando você foi ao Zerão, eu já caminhara 6 Km.**
Eu já estudara no Maxi, quando conheci Magali.
Eu confiara naquele amigo que mentiu a mim.

03) Futuro

Indica fatos que ocorrem depois do momento da fala.

A) Futuro do Presente:

Indica fato que, com certeza, ocorrerá.
Ex. **Amanhã caminharei no Zerão pela manhã.**
Estudarei no Maxi, no ano que vem.
Eu confiarei mais uma vez naquele amigo que mentiu a mim.

B) Futuro do Pretérito:

Indica fato futuro, dependente de outro anterior a ele.
Ex. **Eu caminharia todos os dias, se não trabalhasse tanto.**
Estudaria no Maxi, se morasse em Londrina.
Eu confiaria mais uma vez naquele amigo, se ele me prometesse não mais me trair.

Os modos subjuntivo e imperativo

Tempos verbais do Subjuntivo

01) Presente

Indica desejo atual, dúvida que ocorre no momento da fala.
Ex. **Espero que eu caminhe bastante no ano que vem.**
O meu desejo é que eu estude no Maxi ainda.
Duvido de que eu confie nele novamente.

02) Pretérito Imperfeito

Indica condição, hipótese; normalmente é usado com o Futuro do Pretérito do Indicativo.
Ex. **Eu caminharia todos os dias, se não trabalhasse tanto.**
Estudaria no Maxi, se morasse em Londrina.
Eu confiaria mais uma vez naquele amigo, se ele me prometesse não mais me trair.

03) Futuro

Indica hipótese futura.
Ex. **Quando eu começar a caminhar todos os dias, sentir-me-ei melhor.**
Quando eu estudar no Maxi, aprenderei mais coisas.
Quando ele me prometer que não me trairá mais, voltarei a confiar nele.

O modo Imperativo

O modo Imperativo expressa ordem, pedido ou conselho
Ex. **Caminhe todos os dias, para a saúde melhorar.**

Estude no Maxi! Confie em mim!

As formas nominais

São três as chamadas formas nominais do verbo:

01) Infinitivo
São as formas terminadas em **ar, er** ou **ir**.

02) Gerúndio
São as formas terminadas em **ndo**.

03) Particípio
São as formas terminadas em **ado** ou **ido**.

Tempos Compostos

Os **tempos verbais compostos** são formados por locuções verbais que têm como auxiliares os verbos **ter** e **haver** e como principal, qualquer verbo no **particípio**. São eles:

01) Pretérito Perfeito Composto do Indicativo

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **Presente do Indicativo** e o principal no particípio, indicando fato que tem ocorrido com freqüência ultimamente.
Ex. **Eu tenho estudado demais ultimamente.**
Todos nós nos temos esforçado, para a empresa crescer.
Será que tu tens tentado melhorar?

02) Pretérito Perfeito Composto do Subjuntivo

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **Presente do Subjuntivo** e o principal no particípio, indicando desejo de que algo já tenha ocorrido.
Ex. **Espero que você tenha estudado o suficiente, para conseguir a aprovação.**
O meu desejo é que todos nós nos tenhamos esforçado, para a empresa crescer.
Duvido de que tu tenhas tentado melhorar.

03) Pretérito Mais-que-perfeito Composto do Indicativo

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **Pretérito Imperfeito do Indicativo** e o principal no particípio, tendo o mesmo valor que o Pretérito Mais-que-perfeito do Indicativo simples.
Ex. **Ontem, quando você foi ao Zerão, eu já tinha caminhado 6 Km.**
Eu já tinha estudado no Maxi, quando conheci Magali.
Eu tinha confiado naquele amigo que mentiu a mim.

04) Pretérito Mais-que-perfeito Composto do Subjuntivo

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **Pretérito Imperfeito do Subjuntivo** e o principal no particípio, tendo o mesmo valor que o Pretérito Imperfeito do Subjuntivo simples.

Ex. **Eu teria caminhado todos os dias desse ano, se não estivesse trabalhando tanto.**
Eu teria estudado no Maxi, se não me tivesse mudado de cidade.
Eu teria confiado mais uma vez naquele amigo, se ele me tivesse prometido não mais me trair.

Obs.: Perceba que todas as frases remetem a ação obrigatoriamente para o passado. A frase **Se eu estudasse, aprenderia** é completamente diferente de **Se eu tivesse estudado, teria aprendido.**

05) Futuro do Presente Composto do Indicativo

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **Futuro do Presente simples do Indicativo** e o principal no particípio, tendo o mesmo valor que o Futuro do Presente simples do Indicativo.

Ex. **Quando você chegar ao Zerão, eu já terei caminhado 6 Km.**
Amanhã, quando o dia amanhecer, eu já terei partido.

06) Futuro do Pretérito Composto do Indicativo

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **Futuro do Pretérito simples do Indicativo** e o principal no particípio, tendo o mesmo valor que o Futuro do Pretérito simples do Indicativo.
Ex. Eu teria caminhado todos os dias desse ano, se não estivesse trabalhando tanto.
Eu teria estudado no Maxi, se não me tivesse mudado de cidade.
Eu teria confiado mais uma vez naquele amigo, se ele me tivesse prometido não mais me trair.

07) Futuro Composto do Subjuntivo

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **Futuro do Subjuntivo simples** e o principal no particípio, tendo o mesmo valor que o Futuro do Subjuntivo simples.

Ex. **Quando você tiver terminado sua série de exercícios, eu caminharei 6 Km.**

Observe algumas frases:
Quando você chegar à minha casa, telefonarei a Osbirvânio.
Quando você chegar à minha casa, já terei telefonado a Osbirvânio.
Perceba que o significado é totalmente diferente em ambas as frases apresentadas. No primeiro caso, esperarei "você" praticar a sua ação para, depois, praticar a minha; no segundo, primeiro praticarei a minha. Por isso o uso do advébio "já".

Agora observe estas:
Quando você tiver terminado o trabalho, telefonarei a Osbirvânio.
Quando você tiver terminado o trabalho, já terei telefonado a Osbirvânio.
Perceba que novamente o significado é totalmente diferente em ambas as frases apresentadas. No primeiro caso, esperarei "você" praticar a sua ação para, depois, praticar a minha; no segundo, primeiro praticarei a minha. Por isso o uso do advébio "já".

08) Infinitivo Pessoal Composto

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **Infinitivo Pessoal simples** e o principal no particípio, indicando ação passada em relação ao momento da fala.
Ex. **Para você ter comprado esse carro, necessitou de muito dinheiro.**

Classificação dos verbos

Os verbos classificam-se em:

01) Verbos Regulares

Verbos regulares são aqueles que não sofrem alterações no radical.
Ex. **cantar, vender, partir.**

02) Verbos Irregulares

Verbos irregulares são aqueles que sofrem pequenas alterações no radical.
Ex. **fazer = faço, fazes; fiz, fizeste**

03) Verbos Anômalos

Verbos anômalos são aqueles que sofrem grandes alterações no radical.
Ex. **ser = sou, é, fui, era, serei.**

04) Verbos Defectivos

Verbos defectivos são aqueles que não possuem conjugação completa.
Ex. **falir, reaver, precaver** = não possuem as 1ª, 2ª e 3ª pes. do presente do indicativo e o presente do subjuntivo inteiro).

05) Verbos Abundantes

Verbos abundantes são aqueles que apresentam duas formas de mesmo valor. Geralmente ocorrem no particípio, que chamaremos de **particípio regular**, terminado em **-ado**, **-ido**, usado na voz ativa, com o auxiliar **ter** ou **haver**, e **particípio irregular**, com outra terminação diferente, usado na voz passiva, com o auxiliar **ser** ou **estar**.

Exemplos de verbos abundantes

Infinitivo	Part.Regular	Part.Irregular
aceitar	aceitado	aceito
acender	acendido	aceso
contundir	contundido	contuso
eleger	elegido	eleito
entregar	entregado	entregue
enxugar	enxugado	enxuto
expulsar	expulsado	expulso
imprimir	imprimido	impresso
limpar	limpado	limpo
murchar	murchado	murcho
suspender	suspendido	suspenso
tingir	tingido	tinto

Obs.: Os verbos **abrir, cobrir, dizer, escrever, fazer, pôr, ver** e **vir** só possuem o particípio irregular **aberto, coberto, dito, escrito, feito, posto, visto** e **vindo**. Os particípios regulares **gastado, ganhado e pagado** estão caindo ao desuso, sendo substituídos pelos irregulares g**asto, ganho e pago**.

Formação dos tempos simples

Tempos derivados do Presente do Indicativo
O Presente do Indicativo forma o Presente do Subjuntivo e o modo Imperativo.

01) Presente do Subjuntivo

O **Presente do Subjuntivo** é obtido pela eliminação da desinência **-o** da **primeira pessoa do singular do presente do indicativo (eu**). Aos verbos de 1ª conjugação, acrescenta-se **-e**; aos de 2ª e 3ª, **-a**, acrescentando-se, ainda, as mesmas desinências do Presente do Subjuntivo para os verbos regulares (**- / s / - / mos / is / m**). Por exemplo, veja a conjugação dos verbos cantar, vender e sorrir.
Eu cant**o** (**- o + e**) = que eu cant**e**, tu cant**es**, ele cant**e**, nós cant**emos**, vós cant**eis**, eles cant**em**
Eu vend**o** (**- o + a**) = que eu vend**a**, tu vend**as**, ele vend**a**, nós vend**amos**, vós vend**ais**, eles vend**am**
Eu sorri**o** (**-o + a**) = que eu sorri**a**, tu sorri**as**, ele sorri**a**, nós sorri**amos**, vós sorri**ais**, eles sorri**am**
Exceções:
querer = Eu quero / queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram.
ir = Eu vou / vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
saber = Eu sei / saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam.
ser = Eu sou / seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam.
haver = Eu hei / haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam.

02) Imperativo Afirmativo

O **Imperativo Afirmativo** provém tanto do Presente do Indicativo, quando do Presente do Subjuntivo. **Tu** e **vós** provêm do Presente do Indicativo, sem a desinência **-s**; **você, nós** e **vocês** provêm do Presente do Subjuntivo. Por exemplo, veja a conjugação do verbo cantar. Presente do indicativo: Eu canto, **tu cantas**, ele canta, nós cantamos, **vós cantais**, eles cantam.
Presente do Subjuntivo: Que eu cante, tu cantes, **ele cante, nós cantemos**, vós canteis, **eles cantem**.
Imperativo Afirmativo: **Canta tu**, **cante você, cantemos nós**, **cantai vós**, **cantem vocês**.
Exceção:
Ser = **sê tu**, **seja você, sejamos nós**, **sede vós**, **sejam vocês**.

03) Imperativo Negativo

O **Imperativo Negativo** provém do Presente do Subjuntivo.
Por exemplo, veja a conjugação do verbo cantar:
Não cantes tu, não cante você, não cantemos nós, não canteis vós, não cantem vocês.

Tempos derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo

O Pretérito Perfeito do Indicativo forma o Pretérito Mais-que-perfeito do Indicativo, o Futuro do Subjuntivo e o Pretérito Imperfeito do Subjuntivo.

01) Pretérito Mais-que-perfeito do Indicativo

O **Pretérito Mais-que-perfeito do Indicativo** é obtido pela eliminação da desinência **-m** da **terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo (eles)**, acrescentando-se as mesmas desinências número-pessoais para os verbos regulares (**- / s / - / mos / is / m**).

Na segunda pessoa do plural (vós), troca-se o **-a** por **-e**. Por exemplo, veja a conjugação dos verbos cantar, vender e sorrir.
Eles cantaram - m = eu **cantara**, tu **cantaras**, ele **cantara**, nós **cantáramos**, vós **cantareis**, eles **cantaram**
Eles venderam - m = eu **vendera**, tu **venderas**, ele **vendera**, nós **vendêramos**, vós **vendêreis**, eles **venderam**
Eles sorriram - m = eu **sorrira**, tu **sorriras**, ele **sorrira**, nós **sorríramos**, vós **sorríreis**, eles **sorriram**

02) Futuro do Subjuntivo

O **Futuro do Subjuntivo** é obtido pela eliminação da desinência **-am** da **terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo (eles)**, acrescentando-se as mesmas desinências número-pessoais para os verbos regulares (**- / es / - / mos / des / em**).
O Futuro do Subjuntivo sempre é iniciado pelas conjunções **quando** ou **se**. Por exemplo, veja a conjugação dos verbos cantar, vender e sorrir.
Eles cantaram - am = quando eu **cantar**, tu **cantares**, ele **cantar**, nós **cantarmos**, vós **cantardes**, eles **cantarem**.
Eles venderam - am = quando eu **vender**, tu **venderes**, ele **vender**, nós **vendermos**, vós **venderdes**, eles **venderem**.
Eles sorriram - am = quando eu **sorrir**, tu **sorrires**, ele **sorrir**, nós **sorrirmos**, vós **sorrirdes**, eles **sorrirem**.

03) Pretérito Imperfeito do Subjuntivo

O **Pretérito Imperfeito do Subjuntivo** é obtido pela eliminação da desinência **-ram** da **terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo (eles)**, acrescentando-se a desinência do Pretérito Imperfeito do Subjuntivo -sse e as mesmas desinências número-pessoais para os verbos regulares (**- / s / - / mos / is / m**).
O Pretérito Imperfeito do Subjuntivo sempre é iniciado pelas conjunções **caso** ou **se**. Por exemplo, veja a conjugação dos verbos cantar, vender e sorrir.
Eles cantaram - ram + sse = se eu **cantasse**, tu **cantasses**, ele **cantasse**, nós **cantássemos**, vós **cantásseis**, eles **cantassem**.
Eles venderam - ram + sse = se eu **vendesse**, se tu **vendesses**, se ele **vendesse**, se nós **vendêssemos**, se vós **vendêsseis**, se eles **vendessem**.
Eles sorriram - ram + sse = se eu **sorrisse**, se tu **sorrisses**, se ele **sorrisse**, se nós **sorrissemos**, se vós **sorrisseis**, se eles **sorrissem**.

Tempos derivados do Infinitivo Impessoal

O Infinitivo Impessoal forma o Futuro do Presente do Indicativo, o Futuro do Pretérito do Indicativo e o Pretérito Imperfeito do Indicativo.

01) Futuro do Presente do Indicativo

O Futuro do Presente do Indicativo é obtido pelo acréscimo ao infinitivo das desinências -ei / ás / á / emos / eis / ão.
Por exemplo, veja a conjugação dos verbos cantar, vender e sorrir.
cantar = eu cantarei, tu cantarás, ele cantará, nós cantaremos, vós cantareis, eles cantarão.
vender = eu venderei, tu venderás, ele venderá, nós venderemos, vós vendereis, eles venderão.
sorrir = eu sorrirei, tu sorrirás, ele sorrirá, nós sorriremos, vós sorrireis, eles sorrirão.

02) Futuro do Pretérito do Indicativo

O Futuro do Pretérito do Indicativo é obtido pelo acréscimo ao infinitivo das desinências -ia / ias / ia / íamos / íeis / iam.
Por exemplo, veja a conjugação dos verbos cantar, vender e sorrir.
cantar = eu cantaria, tu cantarias, ele cantaria, nós cantaríamos, vós cantaríeis, eles cantariam.
vender = eu venderia, tu venderias, ele venderia, nós venderíamos, vós venderíeis, eles venderiam.
sorrir = eu sorriria, tu sorririas, ele sorriria, nós sorriríamos, vós sorriríeis, eles sorriram.

Exceções: Os verbos fazer, dizer e trazer são conjugados no Futuro do Presente e no Futuro do Pretérito, seguindo-se as mesmas regras acima, porém sem as letras ze, sendo estruturados, então, assim: far, dir, trar.
fazer = eu farei, tu farás, ele fará, nós faremos, vós fareis, eles farão.
dizer = eu diria, tu dirias, ele diria, nós diríamos, vós diríeis, eles diriam.
trazer = eu trarei, tu trarás, ele trará, nós traremos, vós trareis, eles trarão.

03) Infinitivo Pessoal

O Infinitivo Pessoal é obtido pelo acréscimo ao infinitivo das desinências / - / es / - / mos / des / em.

Por exemplo, veja a conjugação dos verbos cantar, vender e sorrir.
cantar = era para eu cantar, tu cantares, ele cantar, nós cantarmos, vós cantardes, eles cantarem.
vender = era para eu vender, tu venderes, ele vender, nós vendermos, vós venderdes, eles venderem.
sorrir = eu sorrir, tu sorrires, ele sorrir, nós sorrirmos, vós sorrirdes, eles sorrirem.

04) Pretérito Imperfeito do Indicativo

O Pretérito Imperfeito do Indicativo é obtido pela eliminação da terminação verbal -ar, -er, -ir do Infinito Impessoal, acrescentando-se a desinência -ava- para os verbos terminados em -ar e a desinência -ia- para os verbos terminados em -er e -ir e, depois, as mesmas desinências número-pessoais para os verbos regulares (- / s / - / mos / is / m). Na segunda pessoa do plural (vós), troca-se o -a por -e.
cantar - ar + ava = eu cantava, tu cantavas, ele cantava, nós cantávamos, vós cantáveis, eles cantavam.
vender - er + ia = eu vendia, tu vendias, ele vendia, nós vendíamos, vós vendíeis, eles vendiam.
sorrir - ir + ia = eu sorria, tu sorrias, ele sorria, nós sorríamosmos, vós sorríeis, eles sorriam.
Os verbos que não seguem as regras acima são ter, pôr, vir e ser.
Ter = tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham.
Pôr = punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham.
Vir = vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.
Ser = era, eras, era, éramos, éreis, eram.

Verbos notáveis

Antes de estudar alguns verbos notáveis da língua portuguesa, é importante que o estudante saiba da existência de dois nomes, em relação aos verbos: Formas rizotônica e arrizotônica.

Formas Rizotônicas

São as estruturas verbais com a sílaba tônica dentro do radical.
São elas: eu, tu, ele e eles do presente do indicativo, eu, tu, ele e eles do presente do subjuntivo, tu, você e vocês do imperativo afirmativo e tu, você e vocês do imperativo negativo.

Formas Arrizotônicas

São as estruturas verbais com a sílaba tônica fora do radical.
São todas as outras estruturas verbais, com exceção das rizotônicas.

01) Aguar

Verbo regular da 1ª conjugação. Como ele, conjugam-se enxaguar e desaguar. Recebem acento agudo no primeiro a das formas rizotônicas e trema em todas as estruturas que tenham a desinência e.

Presente do Indicativo	águo, águas, água, aguamos, aguais, águam.
Presente do Subjuntivo	ágüe, ágües, ágüe, agüemos, agüeis, ágüem.
Imperativo Afirmativo	água, ágüe, agüemos, aguai, ágüem.
Imperativo Negativo	não ágües, não ágüe, não agüemos, não agüeis, não ágüem.
Pretérito Perfeito do Ind.	agüei, aguaste, aguou, aguamos, aguastes, aguaram.
Pretérito Mais-que-perfeito do Ind.	aguara, aguaras, aguara, aguáramos, aguáreis, aguaram.
Futuro do Subj.	aguar, aguares, aguar, aguarmos, aguardes, aguarem.
Pretérito Imperfeito do Subj.	aguasse, aguasses, aguasse, aguássemos, aguásseis, aguassem.
Futuro do Presente	aguarei, aguarás, aguará, aguaremos, aguareis, aguarão.
Futuro do Pretérito	aguaria, aguarias, aguaria, aguaríamos, aguaríeis, aguariam.
Infinitivo Pessoal	aguar, aguares, aguar, aguarmos, aguardes, aguarem.
Pretérito Imperfeito do Ind.	aguava, aguavas, aguava, aguávamos, aguáveis, aguavam.
Formas Nominais	aguar, aguando, aguado.

02) Apaziguar

Verbo regular da 1ª conjugação. Como ele, conjugam-se averiguar e obliquar (caminhar obliquamente, de través; proceder com dissimulação; tergiversar. Recebem acento agudo no u das formas rizotônicas que tenham a desinência e e trema no u das formas arrizotônicas que também tenham a desinência e. As formas rizotônicas são pronunciadas apazigu-o, apazigu-as...

Presente do Indicativo	apaziguo, apaziguas, apazigua, apaziguamos, apaziguais, apaziguam.
Presente do Subjuntivo	apazigúe, apazigúes, apazigúe, apazigüemos, apazigüeis, apazigúem.
Imperativo Afirmativo	apazigua, apazigúe, apazigüemos, apaziguai, apazigúem.

Imperativo Negativo	não apazigúes, não apazigúe, não apazigüemos, não apazigüeis, não apazigúem.
Pretérito Perfeito do Ind.	apazigüei, apaziguaste, apaziguou, apaziguamos, apaziguastes, apaziguaram.
Pretérito Mais-que-perfeito do Ind.	apaziguara, apaziguaras, apaziguara, apaziguáramos, apaziguáreis, apaziguaram.
Futuro do Subj.	apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Pretérito Imperfeito do Subj.	apaziguasse, apaziguasses, apaziguasse, apaziguássemos, apaziguásseis, apaziguassem.
Futuro do Presente	apaziguarei, apaziguarás, apaziguará, apaziguaremos, apaziguareis, apaziguarão.
Futuro do Pretérito	apaziguaria, apaziguarias, apaziguaria, apaziguaríamos, apaziguaríeis, apaziguariam.
Infinitivo Pessoal	apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Pretérito Imperfeito do Ind.	apaziguava, apaziguavas, apaziguava, apaziguávamos, apaziguáveis, apaziguavam.
Formas Nominais	apaziguar, apaziguando, apaziguado.

03) Argüir

Verbo irregular da 3ª conjugação que significa repreender, censurar, criminar, verberar, condenar com argumentos ou razões; revelar, inculcar, demonstrar; examinar questionando ou interrogando. Como ele, conjuga-se redargüir. Recebem acento agudo no u das formas rizotônicas que tenham a desinência e ou i e trema no u das formas arrizotônicas que também tenham a desinência e ou i. As formas rizotônicas são pronunciadas argu-o, argú-is...

Presente do Indicativo	arguo, argúis, argúi, argüimos, argüis, argúem.
Presente do Subjuntivo	argua, arguas, argua, arguamos, arguais, arguam.
Imperativo Afirmativo	argúi, argua, arguamos, argüi, arguam.
Imperativo Negativo	não arguas, não argua, não arguamos, não arguais, não arguam.
Pretérito Perfeito do Ind.	argüi, argüiste, argüiu, argüimos, argüistes, argüiram.
Pretérito Mais-que-perfeito do Ind.	argüira, argüiras, argüira, argüíramos, argüíreis, argüiram.
Futuro do Subj.	argüir, argüires, argüir, argüirmos, argüirdes, argüirem.
Pretérito Imperfeito do Subj.	argüisse, argüisses, argüisse, argüíssemos, argüísseis, argüissem.
Futuro do Presente	argüirei, argüirás, argüirá, argüiremos, argüireis, argüirão.
Futuro do Pretérito	argüiria, argüirias, argüiria, argüiríamos, argüiríeis, argüiriam.
Infinitivo Pessoal	argüir, argüires, argüir, argüirmos, argüirdes, argüirem.
Pretérito Imperfeito do Ind.	argüia, argüias, argüia, argüíamos, argüíeis, argüiam.
Formas Nominais	argüir, argüindo, argüido.

04) Arrear

Verbo irregular da 1ª conjugação. Significa pôr arreio. Como ele, conjugam-se todos os verbos terminados em -ear. Variam no radical, que recebe um i nas formas rizotônicas.

Presente do Indicativo	arreio, arreias, arreia, arreamos, arreais, arreiam.
Presente do Subjuntivo	arreie, arreies, arreie, arreemos, arreeis, arreiem.
Imperativo Afirmativo	arreia, arreie, arreemos, arreai, arreiem.
Imperativo Negativo	não arreies, não arreie, não arreemos, não arreeis, não arreiem.
Pretérito Perfeito do Ind.	arreei, arreaste, arreou, arreamos, arreastes, arrearam.
Pretérito Mais-que-perfeito do Ind.	arreara, arrearas, arreara, arreáramos, arreáreis, arrearam.
Futuro do Subj.	arrear, arreares, arrear, arrearmos, arreardes, arrearem.
Pretérito Imperfeito do Subj.	arreasse, arreasses, arreasse, arreássemos, arreásseis, arreassem.
Futuro do Presente	arrearei, arrearás, arreará, arrearemos, arreareis, arrearão.
Futuro do Pretérito	arrearia, arrearias, arrearia, arrearíamos, arrearíeis, arreariam.
Infinitivo Pessoal	arrear, arreares, arrear, arrearmos, arreardes, arrearem.
Pretérito Imperfeito do Ind.	arreava, arreavas, arreava, arreávamos, arreáveis, arreavam.
Formas Nominais	arrear, arreando, arreado.

05) Arriar

Verbo regular da 1ª conjugação. Significa fazer descer. Como ele, conjugam-se todos os verbos

terminados em -iar, menos mediar, ansiar, remediar, incendiar e odiar.

Presente do Indicativo	arrio, arrias, arria, arriamos, arriais, arriam.
Presente do Subjuntivo	arrie, arries, arrie, arriemos, arrieis, arriem.
Imperativo Afirmativo	arria, arrie, arriemos, arriai, arriem.
Imperativo Negativo	não arries, não arrie, não arriemos, não arrieis, não arriem.
Pretérito Perfeito do Ind.	arriei, arriaste, arriou, arriamos, arriastes, arriaram.
Pretérito Mais-que-perfeito do Ind.	arriara, arriaras, arriara, arriáramos, arriáreis, arriaram.
Futuro do Subj.	arriar, arriares, arriar, arriarmos, arriardes, arriarem.
Pretérito Imperfeito do Subj.	arriasse, arriasses, arriasse, arriássemos, arriásseis, arriassem.
Futuro do Presente	arriarei, arriarás, arriará, arriaremos, arriareis, arriarão.
Futuro do Pretérito	arriaria, arriarias, arriaria, arriaríamos, arriaríeis, arriariam.
Infinitivo Pessoal	arriar, arriares, arriar, arriarmos, arriardes, arriarem.
Pretérito Imperfeito do Ind.	arriava, arriavas, arriava, arriávamos, arriáveis, arriavam.
Formas Nominais	arriar, arriando, arriado.

06) Ansiar

Verbo irregular da 1ª conjugação. Como ele, conjugam-se mediar, remediar, incendiar e odiar. Variam no radical, que recebe um e nas formas rizotônicas.

Presente do Indicativo	anseio, anseias, anseia, ansiamos, ansiais, anseiam.
Presente do Subjuntivo	anseie, anseies, anseie, ansiemos, ansieis, anseiem.
Imperativo Afirmativo	anseia, anseie, ansiemos, ansiai, anseiem.
Imperativo Negativo	não anseies, não anseie, não ansiemos, não ansieis, não anseiem.
Pretérito Perfeito do Ind.	ansiei, ansiaste, ansiou, ansiamos, ansiastes, ansiaram.
Pretérito Mais-que-perfeito do Ind.	ansiara, ansiaras, ansiara, ansiáramos, ansiáreis, ansiaram.
Futuro do Subj.	ansiar, ansiares, ansiar, ansiarmos, ansiardes, ansiarem.
Pretérito Imperfeito do Subj.	ansiasse, ansiasses, ansiasse, ansiássemos, ansiásseis, ansiassem.
Futuro do Presente	ansiarei, ansiarás, ansiará, ansiaremos, ansiareis, ansiarão.
Futuro do Pretérito	ansiaria, ansiarias, ansiaria, ansiaríamos, ansiaríeis, ansiariam.
Infinitivo Pessoal	ansiar, ansiares, ansiar, ansiarmos, ansiardes, ansiarem.
Pretérito Imperfeito do Ind.	ansiava, ansiavas, ansiava, ansiávamos, ansiáveis, ansiavam.
Formas Nominais	ansiar, ansiando, ansiado.

07) Haver

Verbo irregular da 2ª conjugação. Varia no radical e nas desinências.

Presente do Indicativo	hei, hás, há, havemos, haveis, hão.
Presente do Subjuntivo	haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam.
Imperativo Afirmativo	há, haja, hajamos, havei, hajam.
Imperativo Negativo	não hajas, não haja, não hajamos, não hajais, não hajam.
Pretérito Perfeito do Ind.	houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram.
Pretérito Mais-que-perfeito do Ind.	houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram.
Futuro do Subj.	houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.
Pretérito Imperfeito do Subj.	houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem.
Futuro do Presente	haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão.
Futuro do Pretérito	haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam.
Infinitivo Pessoal	haver, haveres, haver, havermos, haverdes, haverem.
Pretérito Imperfeito do Ind.	havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam.
Formas Nominais	haver, havendo, havido.

08) Reaver

Verbo defectivo da 2ª conjugação. Faltam-lhe as formas rizotônicas e derivadas. As formas não existentes devem ser substituídas pelas do verbo recuperar.

Presente do Indicativo	///, ///, ///, reavemos, reaveis, ///.
Presente do Subjuntivo	///, ///, ///, ///, ///, ///.
Imperativo Afirmativo	///, ///, ///, reavei vós, ///.
Imperativo Negativo	///, ///, ///, ///, ///.

Pretérito Perfeito do Ind.	reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.
Pretérito Mais-que-perfeito do Ind.	reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram.
Futuro do Subj.	reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.
Pretérito Imperfeito do Subj.	reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem.
Futuro do Presente	reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão.
Futuro do Pretérito	reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam.
Infinitivo Pessoal	reaver, reaveres, reaver, reavermos, reaverdes, reaverem.
Pretérito Imperfeito do Ind.	reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam.
Formas Nominais	reaver, reavendo, reavido.

09) Precaver

Verbo defectivo da 2ª conjugação, quase sempre usado pronominalmente (precaver-se). Faltam-lhe as formas rizotônicas e derivadas. As formas não existentes devem ser substituídas pelas dos verbos acautelar-se, prevenir-se. As formas existentes são conjugadas regularmente, ou seja, seguem a conjugação de qualquer verbo regular terminado em -er, como escrever.

Presente do Indicativo	///, ///, ///, precavemos, precaveis, ///.
Presente do Subjuntivo	///, ///, ///, ///, ///, ///.
Imperativo Afirmativo	///, ///, ///, prevavei vós, ///.
Imperativo Negativo	///, ///, ///, ///, ///.
Pretérito Perfeito do Ind.	precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram.
Pretérito Mais-que-perfeito do Ind.	precavera, precavera, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram.
Futuro do Subj.	precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Pretérito Imperfeito do Subj.	precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem.
Futuro do Presente	precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão.
Futuro do Pretérito	precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam.
Infinitivo Pessoal	precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Pretérito Imperfeito do Ind.	precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam.
Formas Nominais	precaver, precavendo, precavido.

10) Prover

Verbo irregular da 2ª conjugação que significa abastecer. Varia nas desinências. No presente do indicativo, no presente do subjuntivo, no imperativo afirmativo e no imperativo negativo tem conjugação idêntica à do verbo ver; no restante dos tempos, tem conjugação regular, ou seja, segue a conjugação de qualquer verbo regular terminado em -er, como escrever.

Presente do Indicativo	provejo, provês, provê, provemos, provedes, provêem.
Presente do Subjuntivo	proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.
Imperativo Afirmativo	provê, proveja, provejamos, provede, provejam.
Imperativo Negativo	não provejas, não proveja, não provejamos, não provejais, não provejam.
Pretérito Perfeito do Ind.	provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.
Pretérito Mais-que-perfeito do Ind.	provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram.
Futuro do Subj.	prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Pretérito Imperfeito do Subj.	provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem.
Futuro do Presente	proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão.
Futuro do Pretérito	proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam.
Infinitivo Pessoal	prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Pretérito Imperfeito do Ind.	provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam.
Formas Nominais	prover, provendo, provido.

11) Requerer

Verbo irregular da 2ª conjugação que significa pedir, solicitar, por meio de requerimento. Varia no radical. No presente do indicativo, no presente do subjuntivo, no imperativo afirmativo e no imperativo negativo tem conjugação idêntica à do verbo querer, com exceção da 1ª pessoa do singular do presente do indicativo (eu requeiro); no restante dos tempos, tem conjugação regular, ou seja, segue a conjugação de qualquer verbo regular terminado em -er, como escrever.

Presente do Indicativo	requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem.
Presente do Subjuntivo	requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.
Imperativo Afirmativo	requere, requeira, requeiramos, requerei, requeiram.
Imperativo Negativo	não requeiras, não requeira, não requeiramos, não requeirais, não requeiram.
Pretérito Perfeito do Ind.	requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
Pretérito Mais-que-perfeito do Ind.	requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.
Futuro do Subj.	requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Pretérito Imperfeito do Subj.	requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.
Futuro do Presente	requererei, requererás, requererá, requereremos, requerereis, requererão.
Futuro do Pretérito	requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.
Infinitivo Pessoal	requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Pretérito Imperfeito do Ind.	requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam.
Formas Nominais	requerer, requerendo, requerido.

Verbos defectivos

1) Colorir

Verbo defectivo, da 3ª conjugação. Faltam-lhe a 1ª pessoa do singular do Presente do Indicativo e as formas derivadas dela. Como ele, conjugam-se os verbos **abolir, aturdir (atordoar), brandir (acenar, agitar a mão), banir, carpir, delir (apagar), demolir, exaurir (esgotar, ressecar), explodir, fremir (gemer), haurir (beber, sorver), delinqüir, extorquir, puir (desgastar, polir), ruir, retorquir (replicar, contrapor), latir, urgir (ser urgente), tinir (soar), pascer (pastar)**.

Presente do Indicativo	///, colores, colore, colorimos, coloris, colorem.
Presente do Subjuntivo	///, ///, ///, ///, ///, ///.
Imperativo Afirmativo	colore, ///, ///, colori, ///.
Imperativo Negativo	///, ///, ///, ///, ///, ///.
Pretérito Perfeito do Ind.	colori, coloriste, coloriu, colorimos, coloris, coloriram.
Pretérito Mais-que-perfeito do Ind.	colorira, coloriras, colorira, coloríramos, coloríreis, coloriram.
Futuro do Subj.	colorir, colorires, colorir, colorirmos, colorirdes, colorirem.
Pretérito Imperfeito do Subj.	colorisse, colorisses, colorisse, coloríssemos, colorísseis, colorissem.
Futuro do Presente	colorirei, colorirás, colorirá, coloriremos, colorireis, colorirão.
Futuro do Pretérito	coloriria, coloririas, coloriria, coloriríamos, coloriríeis, coloririam.
Infinitivo Pessoal	colorir, colorires, colorir, colorirmos, colorirdes, colorirem.
Pretérito Imperfeito do Ind.	coloria, colorias, coloria, coloríamos, coloríeis, coloriam.
Formas Nominais	colorir, colorindo, colorido.

2) Falir

Verbo defectivo, da 3ª conjugação. Faltam-lhe as formas rizotônicas do Presente do Indicativo e as formas delas derivadas. Como ele, conjugam-se **aguerrir (tornar valoroso), adequar, combalir (tornar debilitado), embair (enganar), empedernir (petrificar, endurecer), esbaforir-se, espavorir, foragir-se, remir (adquirir de novo, salvar, reparar, indenizar, recuperar-se de uma falha), renhir (disputar), transir (trespassar, penetrar)**.

Presente do Indicativo	///, ///, ///, falimos, falis, ///.
Presente do Subjuntivo	///, ///, ///, ///, ///, ///.
Imperativo Afirmativo	///, ///, ///, fali, ///.

Imperativo Negativo	///, ///, ///, ///, ///, ///.
Pretérito Perfeito do Ind.	fali, faliste, faliu, falimos, falistes, faliram.
Pretérito Mais-que-perfeito do Ind.	falira, faliras, falira, falíramos, falíreis, faliram.
Futuro do Subj.	falir, falires, falir, falirmos, falirdes, falirem.
Pretérito Imperfeito do Subj.	falisse, falisses, falisse, falíssemos, falísseis, falissem.
Futuro do Presente	falirei, falirás, falirá, faliremos, falireis, falirão.
Futuro do Pretérito	faliria, falirias, faliria, faliríamos, faliríeis, faliriam.
Infinitivo Pessoal	falir, falires, falir, falirmos, falirdes, falirem.
Pretérito Imperfeito do Ind.	falia, falias, falia, falíamos, falíeis, faliam.
Formas Nominais	falir, falindo, falido.

Nota: o verbo **adequar**, diferentemente de todos os outros defectivos nas formas rizotônicas, é conjugado no Presente do Subjuntivo nas duas primeiras pessoas do plural, ou seja: **que nós adeqüemos, que vós adeqüeis**, conseqüentemente o Imperativo Afirmativo também é conjugado de modo diferente: **adeqüemos nós, adequai vós**.

Exercícios

Para as questões de 01 a 22 segue o código: Assine com "C" as alternativas corretas e com"I "as incorretas, considerando a flexão e o tempo verbal.

01) ( ) Sempre digo a verdade (presente indicativo)
02) ( ) Espero que você também diga (presente do subjuntivo)
03) ( ) Vá embora daqui (imp. afirm. – 2ª pessoa singular)
04) ( ) Não fique onde não és querido (imp. negativo)
05) ( ) Quando cheguei ao cinema (pret. imperfeito indicativo)
06) ( ) O filme já começara (pret. Mais que perfeito-indicativo)
07) ( ) Quando você vier a Brasília e ver suas avenidas (futuro do subjuntivo)
08) ( ) verá aonde foi o dinheiro do contribuinte (fut. Pres.)
09) ( ) Se viéssemos de ônibus para a escola (Pretérito Imperfeito do subjuntivo)
10) ( ) Chegaríamos sempre atrasados (futuro do presente)
11) ( ) Enquanto você se arrumava para sair (infinitivo)
12) ( ) Eu estudava e aprendia verbos (pretérito perfeito do indicativo)
13) ( ) Continuarei nessa luta (futuro do presente)
14) ( ) e se pudesse, aprenderia todos os verbos (futuro do pretérito)
15) ( ) Tenho estudado muito (presente indicativo composto)
16) ( ) Embora tenham suspenso as aulas (pretérito imperfeito Composto)
17) ( ) Os recursos foram imprimidos a tempo (voz passiva analítica)
18) ( ) Todos têm pagado seus impostos (particípio correto)
19) ( ) O ladrão foi pegado na própria cilada (particípio correto)
20) ( ) O fogo destruía o prédio (voz ativa)
21) ( ) O prédio foi destruído pelo fogo (voz passiva do anterior)
22) ( ) Nesta casa, põe-se cartas e joga-se búzios (voz passiva sintética)

Para as questões de 23 a 33 assinale a alternativa completando corretamente as lacunas abaixo:

23) ________, agora, avisá-lo de que se ela ______o conteúdo da mensagem, todos verão quais são nossos planos:
a) Vimos - ver
b) Viemos - ver
c) Vimos – vir
d) Viemos - vir

24) Vi, mas não _____, o guarda também não ______; dois policiais também não ____. Se tivéssemos ______ talvez tivéssemos evitado tantas mortes:
a) intervi – interviu – interviram – intervido
b) intervim – interveio – intervieram – intervido
c) intervim – interveio – intervieram - intervindo
d) intervir – interveio – interviram - intervindo

25) Ela sempre _______ o carro antes da faixa de pedestres, mas ontem não ____: mesmo que _______ não evitaria o acidente:
a) frea – freiou - freiasse
b) freia – freiou - freiasse
c) frea – freou - freasse
d) freia – freou - freasse

26) Ela _____ por dias melhores, mas não há bem que sempre dure, nem mal que não se _______:
a) ansia - remedie
b) ansia - remedeie
c) anseia - remedie
d) anseia - remedeie

27) Se ainda hoje ela _____ tuas rotas meias e, mesmo assim, _______ seu passado: gratidão há, mas não tua.
a) cerze - denegres
b) cerze - denigres
c) cirze - denigres
d) cirze - denegres

28) Quando ela ____________ o carro, ele parece novo, uma jóia. Queres que ela ________ também o seu:
a) pole - pule
b) pole - pula
c) pule - pule
d) pule - pula

29) No ano passado, os alunos _______ aumento do efetivo de servidores: imediatamente o diretor ____todos os cargos vagos:
a) requiseram - proviu
b) requiseram - proveu
c) requereram - proveu
d) requereram - proviu

30) Desejo que você ______ seus documentos e que doravante se _____- contra novas e eventuais perda.
a) reavenha - precavenha
b) reaveja - precaveja
c) recupere - previna
d) reaja - precava

31) Todos trabalhando: Ana _______ as flores, Andrea _____a sala e eu _____- quem irá pagar as contas:
a) água – mobília - aveiguo
b) agua – mobila - averíguo
c) água – mobilia - averiguo
d) agua – mobilia - averíguo

32) Neste momento, ela _________ um ovo para o lanche. Não queres que ela _______ um para ti?
a) frije - freje
b) frege - frija
c) frige - frege
d) frije - frija

33) Querem que você ___- todas as instalações da loja e, com isso, ______: o que a concorrência não sabe é que a lei que ____ em 1980, já não _______ mais:
a) destrua – fale – vigia - vije
b) demola – fale – vigia - vige
c) demula – vá à falência – vigorava - vija
d) derrube – quebre – era vigente - vige

Para as questões de 34 a 39 assinale a alternativa, completando corretamente a frase:

34) É preciso que as autoridades _____energicamente _________ que não _______novas desordens:
a) hajam, a fim de, haja
b) ajam, a fim de, haja
c) ajam, a fim de, hajam
d) ajam, a fim de, haja

35) ______ cinco anos amanhã que tu te _________- com tua família pois hoje ____ -17 de dezembro de 1999:
a) Vão fazer, desavieste, são
b) Vai fazer, desaviste, é
c) Vai fazer, desouveste, são
d) Vai fazer, desavieste são

36) ________as casas onde ____mais operários:
a) construíram-se, houvesse
b) construir-se-iam, houvessem
c) construir-se-iam, houvesse
d) construiriam-se, houvessem

37) Tu não _______, mas não _________que nós _________:
a) progrides, impeças, progridamos
b) progride, impeças, progredimos
c) progrides, impeça, progridamos
d) progride, impede, progridamos

38) Quando _____de Caixas e _____Paulo, ____ que desejo falar-lhe:
a) vires, veres, diga-lhe
b) vieres, vires, dizer-lhe
c) vieres, veres, dizer-lhe
d) vieres, vires, diga-lhe

39) _________que não __________o patrimônio da empresa:
a) Receamos, reajam delapidado
b) Receiamos, reavenham delapidado
c) Receiamos, consigam reaver dilapidado
d) Receamos, consigam reaver dilapidado

40) Assinale a alternativa correta:
a) Não te atrases, vai logo que puderes
b) Não te atrasa, vai logo que puderes
c) Não se atrase, vai logo que puderes
d) Não te atrase, vai logo que puder

41) Assinale a opção em que o imperativo está empregado corretamente:

a) Não ide lá, eu vo-lo proíbo
b) Não vades lá, eu vo-lo proíbo
c) Não vão lá, eu vo-lo proíbo
d) Não ides lá, eu vo-lo proíbo

42) O item em que o imperativo está mal empregado

a) Não intervenhais naquilo que não é de vossa alçada
b) Ride com os que se alegram, mas não vos exalteis
c) Quando você for ao centro, põe a carta no correio
d) Mantende-vos firmes e não arrefeçais quando as circunstâncias da vida vos quiserem abalar

43) O acordo não _______ as reivindicações, a não ser que ______ os nossos direitos e ________ da luta:
a) substitue, abdicamos, desistimos
b) substitui, abdiquemos, desistamos
c) substitui, abdiquemos, desistimos
d) substitue, abdiquemos, desistamos

44) As linhas ______ para um ponto e depois se ______ no infinito.
a) convergem, esvão;
b) convirgem, esvaem;
c) convergem, esvaiem;
d) convergem, esvaem

45) Não ______.Você não acha preferível que ele se ______ sem que você o _________?
a) interfira, desdiga, obrigue
b) interfere, desdiz, obriga
c) interfira, desdisser, obrigue
d) interfira, desdissesse, obriga

46) Sempre que há vagas, _________alunos que _____________de todos os lugares:
a) afluem provém
b) aflue, provém
c) afluem, provêm
d) afluem, provêem

47) O diretor examinará o processo ainda hoje:
Passando para a voz passiva, obtém-se a forma verbal:
a) foi examinado
b) é examinado
c) terá sido examinado
d) será examinado

48) O menino ia assinalando as resposta numa folha.
Passando para a voz passiva, obtém-se a forma verbal:
a) foram assinaladas
b) tinham sido assinaladas
c) iam sendo assinaladas
d) eram assinaladas

49) Os campos foram invadidos pelas águas dos rios que, naquele ano, destruíram toda a plantação:
Passando para a voz ativa e para a passiva, respectivamente, obtêm-se as formas verbais:
a) invadirão – era destruída
b) invadiram – foi destruída
c) tinham invadido – é destruída
d) foi invadido – foi destruído

50) Passando para a voz passiva a frase "Os guardas mantiveram o povo a distância." Teremos:
a) Manter-se-ão os guardas a distância
b) Manter-se-ia o povo a distância
c) Manteve-se o povo a distância
d) Mantêm-se os guardas a distância

51) Assinale o item com verbo defectivo:
a) Demoliram vários prédios naquele local
b) Elas se correspondem freqüentemente
c) Coube ao juiz julgar o réu
d) Compramos muitas mercadorias remarcadas

52) Aponte a alternativa, se houver, em que o verbo reaver está correto:
a) É necessário que você reavenha o dinheiro
b) É necessário que você reaja o dinheiro
c) É necessário que você reaja o dinheiro
d) N.D.A.

53) É possível que ______ novidades interessantes, que ______ e _______ ao mesmo tempo:
a) surjam, divertem, instruam
b) surjam, divirtam, instruam
c) surgem, divertem, instruem
d) surgem, divirtam, instruam

54) Assinala a única alternativa correta:
a) Tu dissestes a verdade
b) Se eu quisesse, eu farei
c) Não tenhais medo da vida
d) Ouve, crê e cale!

55) "Quando eu cheguei, o avião havia partido " a frase correspondente é:
a) ... o avião partiu
b) ... o avião partia
c) ... o avião tinha partido
d) ... o avião teria partido

56) "Quando eu cheguei, ela já ______ embora". (verbo ir):
a) tivera ido
b) fosse
c) fora
d) foi

57) "Você queria que eu ________? . Não ____fazê-lo, pois só _______dos motivos da briga, depois que o atingiram:

a) intervisse, pôde, soube
b) intervisse, pude, soube

c) interviesse, pude, soube
d) interviesse, pude, sube

58) Que fizeste com os papéis que te dei? _______ que só havias ______a metade deles. Já _____os demais:
a) Disseste, revisto, reouveste
b) Dissestes, revido, reavestes
c) Dissestes, revisto, reaveste
d) Disseste, revido, reaveste

59) Nós _____agora de São Paulo.
Ontem nós ________de Minas Gerais
Nós ________o filme há um ano
Neste instante __________você

a) viemos, vemos, vimos, vemos
b) vimos, viemos, vimos, vemos
c) viemos, vimos, viemos, vimos
d) viemos, vimos, vimos, vemos

60) Marque a frase de sintaxe incorreta:
a) Devem existir livros sobre esse assunto
b) Não deveria haver desavenças entre irmãos
c) Se não houvesse ingratidões, não haveria fineza
d) Hão de haver meios de salvar os meninos da rua

61) Assinale o item em que a norma culta repudia o uso do verbo ter:

a) Cada onde não há pão, todos gritam e ninguém tem razão
b) Eles, quando não têm aula, passam o dia lendo
c) Tinham ocasiões em que todos gritavam ao mesmo tempo
d) Havia professores que o tinham em boa conta

62) Assinala a frase correta:
a) Se você requisesse e seu advogado intervisse, talvez reavesse todos os seus bens
b) Se você requeresse e seu advogado intervisse, talvez reouvesse todo os seus bens
c) Se você requisesse e seu advogado interviesse, talvez reaveria todos os seus bens
d) Se você requeresse e seu advogado, intervisse talvez reaveria todos os seus bens

63) Marque o item com erro:
a) Viemos ontem pelo trem
b) Vimos o seu amigo quando chegou
c) Se nos convir, falaremos com ela
d) Não vos convençais tanto

64) A única forma verbal aceitável:
a) se eles manterem a palavra
b) Ele reteu as crianças em casa
c) Quando eu dispor de tempo
d) Se tu sustiveres a palavra

65) O verbo não está bem flexionado:
a) É necessário que a gente se precavenha
b) É necessário que ela se previna
c) É necessário que te precates
d) É necessário que nos acutelemos

66) A única forma verbal aceitável:
a) É preciso que reconquistemos o lugar perdido
b) É preciso que reajamos o lugar perdido
c) É preciso que reavamos o lugar perdido
d) É preciso que reavemos o lugar perdido

67) A forma verbal correta é:
a) Que eu me precavenha
b) Que eu me precaveja
c) Ele interviu
d) Se eu me precavesse

68) Forma verbal errada:
a) Não ponde o dedo em ferida alheia
b) Não odieis o vosso próximo
c) Não odeies o teu próximo
d) Não intervenhais neste assunto

69) Em apenas uma das frases a forma verbal está errada:
a) Sustende a corda com firmeza
b) Ontem ceiamos a casa de amigos
c) Quero que delineeis este esquema
d) Não receies as más línguas

70) Em uma das frases a forma verbal é inaceitável:
a) Eu intervi na hora
b) Quando enraivece, ele demole tudo
c) Enquanto enxáguo a louça, quero que ágües as plantas
d) É bom que delineemos rapidamente o esquema

71)Elas _______a casa arrumada
Eles se ________ na praia
Eles __________ grande sucesso
Quando ______ as chuvas, tudo fica muito verde
a) Mantem, entretem, obtem, sobrevem
b) mantêm, entretêm, obtêm, sobrevêm
c) mantêem, entretêem, sobrevêem
d) n.d.a

Respostas Sobre Verbos

01. C
02. C
03. I
04. I
05. I
06. C
07. I
08. C
09. C
10. I
11. C
12. I
13. C
14. C
15. I
16. I
17. I
18. C
19. C
20. C
21. I
22. I
23. C
24. C
25. D
26. D
27. C
28. D
29. C
30. C
31. A
32. B
33. D
34. D
35. D
36. C
37. A
38. B
39. D
40. A
41. B
42. C
43. B
44. D
45. A
46. C
47. D
48. C
49. B
50. C
51. A
52. D
53. B
54. C
55. C
56. C
57. B
58. A
59. B
60. D
61. C
62. B
63. C
64. D
65. A
66. A
67. D
68. A
69. B
70. A
71. B

Vozes Verbais

Voz verbal é a flexão do verbo que indica se o sujeito pratica, ou recebe, ou pratica e recebe a ação verbal.

01) Voz Ativa

Quando o sujeito é agente, ou seja, pratica a ação verbal ou participa ativamente de um fato.
Ex.

- As meninas exigiram a presença da diretora.
- A torcida aplaudiu os jogadores.
- O médico cometeu um erro terrível.

02) Voz Passiva

Quando o sujeito é paciente, ou seja, sofre a ação verbal.

A) Voz Passiva Sintética

A voz passiva sintética é formada por verbo transitivo direto, pronome se (partícula apassivadora) e sujeito paciente.
Ex.

- Entregam-se encomendas.
- Alugam-se casas.
- Compram-se roupas usadas.

B) Voz Passiva Analítica

A voz passiva analítica é formada por sujeito paciente, verbo auxiliar ser ou estar, verbo principal indicador de ação no particípio - ambos formam locução verbal passiva - e agente da passiva. Veja mais detalhes aqui.
Ex.

- As encomendas foram entregues pelo próprio diretor.
- As casas foram alugadas pela imobiliária.
- As roupas foram compradas por uma elegante senhora.

03) Voz Reflexiva

Há dois tipos de voz reflexiva:

A) Reflexiva
Será chamada simplesmente de reflexiva, quando o sujeito praticar a ação sobre si mesmo.
Ex.

- Carla machucou-se.
- Osbirvânio cortou-se com a faca.
- Roberto matou-se.

B) Reflexiva recíproca

Será chamada de reflexiva recíproca, quando houver dois elementos como sujeito: um pratica a ação sobre o outro, que pratica a ação sobre o primeiro.
Ex.

- Paula e Renato amam-se.
- Os jovens agrediram-se durante a festa.
- Os ônibus chocaram-se violentamente.

Passagem da ativa para a passiva e vice-versa

Para efetivar a transformação da ativa para a passiva e vice-versa, procede-se da seguinte maneira:

1 - O sujeito da voz ativa passará a ser o agente da passiva.
2 - O objeto direto da voz ativa passará a ser o sujeito da voz passiva.
3 - Na passiva, o verbo ser estará no mesmo tempo e modo do verbo transitivo direto da ativa.
4 - Na voz passiva, o verbo transitivo direto ficará no particípio.

Voz ativa

A torcida aplaudiu os jogadores.

- Sujeito = a torcida.
- Verbo transitivo direto = aplaudiu.
- Objeto direto = os jogadores.

Voz passiva

Os jogadores foram aplaudidos pela torcida.

- Sujeito = os jogadores.
- Locução verbal passiva = foram aplaudidos.
- Agente da passiva = pela torcida.

Exercícios

1- Em algumas das frases abaixo, ocorre o agente da passiva. Aponte-o.
a) Prometeu lutar pelas camadas mais pobres da população.
b) Faz muito tempo que esses animais vem sendo caçados por gente inescrupulosa.
c) As melhores teses foram apresentadas pelos representantes dos países latino-americanos.
d) O Corinthians foi inapelavelmente derrotado pelo Juventus na última rodada.
e) Deveria ser veiculada pelos meios de comunicação uma campanha que tornasse mais civilizado o selvagem trânsito brasileiro.

2- Fornecemos, a seguir, duas redações para uma mesma manchete de jornal. Compare-as e indique as diferenças de sentido que transmitem .
'"O técnico da Seleção não convocará jogadores dos times paulistas"
"Jogadores dos times paulistas não serão convocados pelo técnico da Seleção"

3- Passe cada uma das orações seguintes para a voz passiva. A seguir, responda: a forma ativa e a forma passiva das orações são exatamente equivalentes? Comente.
a) Secretaria da Saúde vai divulgar novos dados sobre a dengue no interior de São Paulo.
b) Pelé, Tostão e Gérson comandaram o filme brasileiro na Copa de :O no México.
c) Várias emissoras de televisão haviam convidado os candidatos a prefeito para um debate.
d) Algumas decisões do governo têm levado os agricultores ao desespero.
e) O principal sindicato da categoria havia convocado uma greve para a semana seguinte.
i) O movimento dos aposentados acaba de obter várias conquistas na]justiça.

4- Cada uma das orações seguintes deve ser passada para a voz passiva. Lembre-se de que, neste caço, há duas formas possíveis de voz passiva para cada oração.
a) Enviaram as cartas ontem à tarde.
b) Publicaram vários livros premiados.
c) Nomearam o novo diretor do colégio.
d) Adotaram um novo critério de seleção dos candidatos.
e) Salvaram uma criança durante o temporal.
f) Fizeram ameaças a testemunha de acusação.
g) Transformaram a cidade num caos.

5- Reescreva cada uma das orações seguintes passando para o plural o termo destacado e fazendo as demais modificações necessárias.
a) Elaborou-se **um projeto** para resolver a questão .
b) Estipulou-se **um novo prazo para a entrega da declaração**.
c) Aspira-se a uma vida mais digna.
d) Localizou-se **o principal foco de disseminação da doença**.
e) Não se conhece **a real causa do acidente**.
f) Não se dispõe de **um meio eficiente** para combater o mal.
g) É possível que se **descubra a origem de tudo isso**.
h) É recomendável que se parta de **um dado comprovável** para dar início aos trabalhos de manutenção.
i) É evidente que se trata de **um caso de superfaturamento**.

6- Forme orações com os elementos disponíveis em cada um dos itens seguintes empregando o pronome se. Esteja atento à concordância verbal apropriada a cada caso.
a) Procurar / alternativas para geração de energia.
b) Precisar / novas fontes de energia.
c) Liberar / as importações de produtos de informática / finalmente.
d) Ultrapassar / últimas barreiras ao livre comércio.
e) Pensar / soluções para a crise.
f) Encontrar / cura para várias doenças.
g) Atentar / índices de pobreza no país.

7- Explique as possíveis interpretações das orações abaixo e proponha formas de eliminar a ambigüidade.
a) Incentivam-se os alunos.
b) Desmascaram-se os culpados.
d) Acusam-se os responsáveis.

RESPOSTAS

1.
a) não há
b) por gente inescrupulosa
c) pelos representantes dos países latino-americanos
d) pelo juventus

e) pelos meios de comunicação

2. A primeira forma enfatiza o agente do processo verbal e o próprio processo verbal; a segunda forma enfatiza o paciente do processo verbal. A construção na voz ativa dá destaque ao técnico e à sua ação; a construção na voz passiva dá destaque ao que está sendo anunciado.

3.
a) Novos dados sobre a dengue no interior de São Paulo vão ser divulgados pela Secretaria da Saúde.
b) time brasileiro na Copa de 70 no México foi comandado por Pelé, Tostão e Gérson.
c) Os candidatos a prefeito haviam sido convidados para um debate por várias emissoras de televisão.
d) Os agricultores têm sido levados ao desespero por algumas decisões do governo.
e) Uma greve havia sido convocada para a semana seguinte pelo principal sindicato da categoria.
f) Várias conquistas acabam de ser obtidas na justiça pelo movimento dos aposentados.

O aluno deve perceber que as diferenças apontadas na questão 2 são válidas para as frases da questão 3.

4.
a) As cartas foram enviadas ontem à tarde. / Enviaram-se as cartas...
b) Vários livros premiados foram publicados. / Publicaram-se vários livros...
c) novo diretor do colégio foi nomeado. / Nomeou-se o novo diretor...
d) Um novo critério de seleção dos candidatos foi adotado. / Adotou-se um novo critério...
e) Uma criança foi salva durante o temporal. / Salvou-se uma criança...
f) Ameaças à testemunha de acusação foram feitas. / Fizeram-se ameaças à testemunha...
g) A cidade foi transformada num caos. / Transformou-se a cidade...

5.
a) Elaboraram-se projetos...
b) Estipularam-se novos prazos...
c) Aspira-se a vidas mais dignas.
d) Localizaram-se os principais focos de...
e) Não se conhecem as reais causas...
f) Não se dispõe de meios eficientes...
g) É possível que se descubram as origens de tudo isso.
h) É recomendável que se parta de dados comprováveis...
i) É evidente que se trata de casos de...

6.
a) Procuram-se alternativas...
b) Precisa-se de novas...
c) Finalmente, liberaram-se as importações de...
d) Ultrapassaram-se as últimas barreiras...
e) Pensa-se em soluções...
f) Encontrou-se a cura...
g) Atente-se para os índices...

7. Essas frases podem ser interpretadas como casos da voz passiva sintética ou da voz reflexiva. Por isso, devem ser evitadas. Quando se pretende fazer a construção passiva com sujeito humano, é melhor optar pela forma analítica: Os alunos são incentivados. Os culpados são desmascarados., Os responsáveis são acusados. Para a voz reflexiva, recomenda-se a anteposição do sujeito: Os alunos incentivam-se., Os culpados desmascaram-se. Os responsáveis acusam-se. Nesse último caso, recomenda-se ainda o uso de expressões como "mutuamente", "um ao outro", "reciprocamente".

Predicação Verbal

É o estudo do comportamento do verbo na oração. É a partir da predicação verbal que analisamos se ocorre ação ou fato, se existe qualidade ou estado ou modo de ser de sujeito.

Quanto à predicação verbal, os verbos podem ser:

- Intransitivos
- Transitivos
- De Ligação

Os transitivos e os intransitivos são também denominados verbos significativos.

Verbos Intrasintivos

São verbos intransitivos os que não necessitam de complementação, pois já possuem sentido completo. Observe estas frases, retiradas de manchetes de jornais:

Rei Hussein, da Jordânia, morre aos 63.

24 mil casam-se ao mesmo tempo.

2ª parcela do IPVA vence a partir de hoje.

Perceba que esses verbos não necessitam de qualquer elemento para complementar seu sentido, pois **quem morre, morre, quem se casa, casa-se e aquilo que vence, vence**.

Há verbos intransitivos, porém, que vêm acompanhados de um termo acessório, exprimindo alguma circunstância - lugar, tempo, modo, causa, etc. O estudante não deve confundir esse elemento acessório com complemento de verbo. Observe esse exemplo:

Garotinho diz que irá a Brasília para reunião.

Aparentemente, o verbo **ir** apresenta complementação, pois **quem vai, vai a algum lugar**, porém "lugar" é uma circunstância e não complementação, como à primeira vista possa parecer.

Todos os verbos que indicam destino ou procedência são verbos intransitivos, normalmente acompanhados de circunstância de lugar - Adjunto Adverbial de Lugar. São eles **ir, vir, voltar, chegar, cair, comparecer, dirigir-se...**. Esses verbos admitem as preposições **a** e **de**; esta para indicação de procedência, aquela para a indicação de destino.

Outros exemplos:

- O avião caiu ao mar.
- Cheguei a casa antes da meia-noite. Nessa frase não ocorre o acento indicativo de crase, pois a palavra **casa** só admite o artigo quando estiver especificada: Cheguei à casa de Joana.

Verbos Transitivos

São verbos que necessitam de complementação. pois têm sentido incompleto. Observe as orações:

Vasco venceu Corinthians com 2 gols de Romário.

Cliente reclama de promoção da BCP.

Medida em estudo dá alívio para os Estados.

Perceba que os três verbos utilizados nos exemplos necessitam de complementação, pois **quem vence, vence alguém, quem reclama, reclama de algo** e **quem dá, dá algo a alguém**. A complementação, porém, dá-se de três maneiras diferentes: na primeira, o verbo não exige preposição, mas na segunda, sim, e, na terceira, há dois complementos, um com preposição, outro,sem. Quanto a isso, os verbos são:

Transitivos diretos: exigem complemento sem preposição obrigatória. O complemento é denominado **objeto direto**.

- Presidente receberá governadores.
- Falta de verbas causa problemas.

Transitivos indiretos: exigem complemento com preposição obrigatória. O complemento é denominado **objeto indireto**.

- Eleitor não obedece à convocação do TRE.
- População ainda acredita nos políticos.

Transitivos diretos e indiretos: possuem dois complementos; o **objeto direto** e o **objeto indireto**.

- Governador perdoa a Deputado traição do passado.
- Empresário doa rendimentos do mês à UNICEF.

Junto de verbo significativo pode surgir uma qualidade do sujeito ou uma qualidade do objeto. Esta denomina-se predicativo do objeto; aquela, predicativo do sujeito. Veja estes exemplos:

O professor entrou revoltado naquela tarde.
Maria morreu feliz.

Verbos de Ligação

São verbos que servem como elementos de ligação entre o sujeito e uma qualidade ou estado ou modo de ser, denominado **Predicativo do Sujeito**. Os principais verbos de ligação são **ser, estar, parecer, permanecer, ficar, continuar**. Não decore quais são os verbos de ligação, e sim memorize o significado dele:

Verbo de ligação é aquele que indica a existência de uma qualidade do sujeito, sem que ele pratique uma ação.

Investimento direto será menor em 2003. Matéria-prima fica mais cara.

Quando o verbo indica ação, além de qualidade do sujeito, é denominado transitivo ou intransitivo, mesmo que haja predicativo do sujeito.

Seleção volta abatida da Ásia.

Nesse exemplo o verbo não é de ligação, pois está indicando uma ação - **quem volta, volta de algum lugar**, mesmo que haja o predicativo do sujeito "abatida". É, então, um verbo intransitivo, já que "da Ásia" é Adjunto Adverbial de Lugar. Conclui-se que pode haver predicativo do sujeito sem que haja verbo de ligação.

Exercícios

1) É errada a análise da predicação verbal na letra:
a) Isso não me convém. (transitivo indireto)
b) Não lhe telefonarei amanhã. (transitivo indireto)
c) Saudaram-nos pela vitória. (transitivo indireto)
d) A verdade me constrangeu. (transitivo direto)
e) A inocente menina é bela como um anjo. (de ligação)

2) O termo em destaque é adjunto adnominal na letra:
a) O político conseguiu um emprego **ao filho**.
b) O Banco emprestou dinheiro **àquela empresa**:.
c) Eleonora, toda apaixonada, ajeitou os cabelos **do noivo**.
d) Paguei todas as minhas dívidas **aos credores**.
e) Deus perdoa todos os pecados **ao mortais**.

3) Assinale a frase em que o verbo **estar** não é verbo de ligação:

a) Estávamos totalmente desligados a esse tipo de problema.
b) Os alpinistas estavam esgotados ao chegarem ao chalé.
c) Tenho estado otimista, quanto à minha aprovação.
d) Estivemos conversando tranqüilos acerca de política.
e) Relativamente a esse assunto, estou muito preocupado com as conseqüências.

4) Assinale a letra que contenha predicativo do sujeito sem que haja verbo de ligação:
a) Cumprimentaram-se friamente.
b) Ser livre é não ser escravo.
c) A leitura é muito útil.
d) A menina sorria-se feliz.
e) O mentiroso precisa ter boa memória.

5) Assinale a letra em que há exemplo de verbo transitivo direto e indireto:
a) Fugiu com quantas pernas tinha.
b) Disparou com um raio para a toca.
c) Lá contou à mamãe as aventuras do passeio.
d) Observei muita coisa interessante.
e) Encontrei o irmão de Carolina.

6) Assinale a letra que não contenha predicativo do sujeito:
a) Tenho grande simpatia pelos homens abnegados.
b) Os homens são atormentados pelas doenças.
c) Sua dedicação ao trabalho é mesmo exagerada.

d) A atenção dos alunos às aulas é elogiável.
e) Durante o dia, a praça fica cheia de aposentados.

7) Assinale a oração que contenha objeto direto:
a) Precisamos de mais informações.
b) A resposta ao aluno não foi convincente.
c) O professor não quis responder ao aluno.
d) Muitos caminhos foram abertos pelos bandeirantes.
e) A enchente alagou a cidade.

8) O herdeiro, longe de **compadecer-se**, **sorriu** e, por esmola, **atirou**-lhe três grãos de milho. Os verbos grifados são, respectivamente:
a) transitivo indireto, intransitivo, transitivo indireto.
b) intransitivo, intransitivo, transitivo direto e indireto.
c) transitivo direto, intransitivo, transitivo direto e indireto.
d) intransitivo, intransitivo, transitivo direto.
e) intransitivo, transitivo indireto, transitivo direto.

9) Assinale a letra que contenha verbo de ligação:
a) Os viajantes chegaram cedo ao destino.
b) Demitiram o secretário da instituição.
c) Nomearam as novas ruas da cidade.
d) Compareceram todos atrasados à reunião.
e) Estava irritado com as brincadeiras

10) Assinale a letra que contenha verbo transitivo direto:
a) Já passa da hora do recreio.
b) Há importantes monumentos em Minas Gerais.
c) Devia existir um motivo sério, muito sério.
d) Nas discussões choveram desaforos.
e) propusemos reformas aos dirigentes.

RESPOSTAS

1) C 2) C 3) D 4)D 5) C 6) A 7) E 8) B 9) E 10) B

Regência Verbal

A regência estuda a relação existente entre os termos de uma oração ou entre as orações de um período.

A regência verbal estuda a relação de dependência que se estabelece entre os verbos e seus complementos. Na realidade o que estudamos na regência verbal é se o verbo é transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto e indireto ou intransitivo e qual a preposição relacionada com ele.

Verbos Transitivos Diretos

São verbos que indicam que o sujeito pratica a ação, sofrida por outro elemento, denominado objeto direto.

Por essa razão, uma das maneiras mais fáceis de se analisar se um verbo é transitivo direto é passar a oração para a voz passiva, pois somente verbo transitivo direto admite tal transformação, além de obedecer, pagar e perdoar, que, mesmo não sendo VTD, admitem a passiva.

O objeto direto pode ser representado por um substantivo ou palavra substantivada, uma oração (oração subordinada substantiva objetiva direta) ou por um pronome oblíquo.

Os pronomes oblíquos átonos que funcionam como objeto direto são os seguintes: **me, te, se, o, a, nos, vos, os, as.**

Os pronomes oblíquos tônicos que funcionam como objeto direto são os seguintes: **mim, ti, si, ele, ela, nós, vós, eles, elas**.

Como são pronomes oblíquos tônicos, só são usados com preposição, por isso se classificam como

objeto direto preposicionado.

Vamos à lista, então, dos mais importantes verbos transitivos diretos: Há verbos que surgirão em mais de uma lista, pois têm mais de um significado e mais de uma regência.

Aspirar será VTD, quando significar **sorver, absorver**.

- Como é bom aspirar a brisa da tarde.

Visar será VTD, quando significar **mirar** ou **dar visto**.

- O atirador visou o alvo, mas errou o tiro.
- O gerente visou o cheque do cliente.

Agradar será VTD, quando significar **acariciar** ou **contentar**.

- A garotinha ficou agradando o cachorrinho por horas.
- Para agradar o pai, ficou em casa naquele dia.

Querer será VTD, quando significar **desejar, ter a intenção ou vontade de, tencionar**.

- Sempre quis seu bem.
- Quero que me digam quem é o culpado.

Chamar será VTD, quando significar **convocar**.

- Chamei todos os sócios, para participarem da reunião.

Implicar será VTD, quando significar **fazer supor, dar a entender; produzir como conseqüência, acarretar**.

- Os precedentes daquele juiz implicam grande honestidade.
- Suas palavras implicam denúncia contra o deputado.

Desfrutar e **Usufruir** são VTD sempre.

- Desfrutei os bens deixados por meu pai.
- Pagam o preço do progresso aqueles que menos o desfrutam. (e não desfrutam dele, como foi escrito no tema da redação da UEL em julho de 1996)

Namorar é sempre VTD. Só se usa a preposição **com**, para iniciar Adjunto **Adverbial de Companhia**. Esse verbo possui os significados de **inspirar amor a, galantear, cortejar, apaixonar, seduzir, atrair, olhar com insistência e cobiça, cobiçar**.

- Joanilda namorava o filho do delegado.
- O mendigo namorava a torta que estava sobre a mesa.
- Eu estava namorando este cargo há anos.

Compartilhar é sempre VTD.

- Berenice compartilhou o meu sofrimento.

Esquecer e **Lembrar** serão VTD, quando não forem pronominais, ou seja, caso não sejam usados com pronome, não serão usados também com preposição.

- Esqueci que havíamos combinado sair.
- Ela não lembrou o meu nome.

Verbos Transitivos Indiretos

São verbos que se ligam ao complemento por meio de uma preposição. O complemento é denominado objeto indireto.

O objeto indireto pode ser representado por um substantivo, ou palavra substantivada, uma oração (oração subordinada substantiva objetiva indireta) ou por um pronome oblíquo.

Os pronomes oblíquos átonos que funcionam como objeto indireto são os seguintes: **me, te, se, lhe, nos, vos, lhes**.

Os pronomes oblíquos tônicos que funcionam como objeto indireto são os seguintes: **mim, ti, si, ele, ela, nós, vós, eles, elas**.

Vamos à lista, então, dos mais importantes verbos transitivos indiretos: Há verbos que surgirão em mais de uma lista, pois têm mais de um significado e mais de uma regência.

Verbos Transitivos Indiretos, com a prep. a

Aspirar será VTI, com a prep. a, quando significar **almejar, objetivar**.

- Aspiramos a uma vaga naquela universidade.

Visar será VTI, com a prep. a, quando significar **almejar, objetivar**.

- Sempre visei a uma vida melhor.

Agradar será VTI, com a prep. a, quando significar **ser agradável; satisfazer**.

- Para agradar ao pai, estudou com afinco o ano todo.

Querer será VTI, com a prep. a, quando significar **estimar**.

- Quero aos meus amigos, como aos meus irmãos.

Assistir será VTI, com a prep. a, quando significar **ver** ou **ter direito**.

- Gosto de assistir aos jogos do Santos.
- Assiste ao trabalhador o descanso semanal remunerado.

Custar será VTI, com a prep. a, quando significar ser difícil. Nesse caso o verbo custar terá como sujeito aquilo que é difícil, nunca a pessoa, que será **objeto indireto**.

- Custou-me acreditar em Hipocárpio. e não Eu custei a acreditar...

Proceder será VTI, com a prep. a, quando significar **dar início**.

- Os fiscais procederam à prova com atraso.

Obedecer e **desobedecer** são sempre VTI, com a prep. a.

- Obedeço a todas as regras da empresa.

Revidar é sempre VTI, com a prep. a.

- Ele revidou ao ataque instintivamente.

Responder será VTI, com a prep. a, quando possuir apenas um complemento.

- Respondi ao bilhete imediatamente.
- Respondeu ao professor com desdém.

Caso tenha dois complementos, será VTDI, com a prep. a.

Alguns verbos transitivos indiretos, com a prep. **a**, não admitem a utilização do complemento **lhe**. No lugar, deveremos colocar **a ele, a ela, a eles, a elas**. Dentre eles, destacam-se os seguintes:

Aspirar, visar, assistir(ver), aludir, referir-se, anuir.

Quando houver, na oração, um verbo transitivo indireto, com a prep. a, seguido de um substantivo feminino, que exija o artigo a, ocorrerá o fenômeno denominado crase, que deve ser caracterizado pelo acento grave (à ou às).

- Assisti à peça das meninas do terceiro colegial.

Verbos Transitivos Indiretos, com a prep. com

Simpatizar e **Antipatizar** sempre são VTI, com a prep. com. Não são verbos pronominais, portanto não existe o verbo **simpatizar-se**, nem **antipatizar-se**.

- Sempre simpatizei com Eleodora, mas antipatizo com o irmão dela.

Implicar será VTI, com a prep. com, quando significar **antipatizar**.

- Não sei por que o professor implica comigo.

Verbos Transitivos Indiretos, com a prep. de

Esquecer-se e **lembrar-se** serão VTI, com a prep. **de**, quando forem pronominais, ou seja, somente quando forem usados com pronome, poderão ser usados com a prep. **de**.

- Esqueci-me de que havíamos combinado sair.
- Ela não se lembrou do meu nome.

Proceder será VTI, com a prep. de, quando significar **derivar-se, originar-se**.

- Esse mau-humor de Pedro procede da educação que recebeu.

Verbos Transitivos Indiretos, com a prep. em

Consistir é sempre VTI, com a prep. em. Esse verbo significa **cifrar-se, resumir-se ou estar firmado, ter por base, ser constituído por**.

- O plano consiste em criar uma secretaria especial.

Sobressair é sempre VTI, com a prep. em. Não é verbo pronominal, portanto não existe o verbo **sobressair-se**.

- Quando estava no colegial, sobressaía em todas as matérias.

Verbos Transitivos Indiretos, com a prep. por

Torcer é VTI, com a prep. por. Pode ser também verbo intransitivo. Somente neste caso, usa-se com a prep. para, que dará início a **Oração Subordinada Adverbial de Finalidade**. Para ficar mais fácil, memorize assim: Torcer por + substantivo ou pronome. Torcer para + oração (com verbo).

- Estamos torcendo por você.
- Estamos torcendo para você conseguir seu intento.

Chamar será VTI, com a prep. por, quando significar **invocar**.

- Chamei por você insistentemente, mas não me ouviu.

Verbos Transitivos Diretos e Indiretos

São os verbos que possuem os dois complementos - **objeto direto** e **objeto indireto**.

Chamar será VTDI, com a prep. a, quando significar **repreender**.

- Chamei o menino à atenção, pois estava conversando durante a aula.
- Chamei-o à atenção.

Obs.: A expressão Chamar a atenção de alguém não significa repreender, e sim fazer se notado. Por exemplo: O cartaz chamava a atenção de todos que por ali passavam.

Implicar será VTDI, com a prep. em, quando significar **envolver alguém**.

- Implicaram o advogado em negócios ilícitos.

Custar será VTDI, com a prep. a, quando significar **causar trabalho, transtorno**.

- Sua irresponsabilidade custou sofrimento a toda a família.

Agradecer, Pagar e Perdoar são VTDI, com a prep. a. O **objeto direto** sempre será a coisa, e o **objeto indireto**, a pessoa.

- Agradeci a ela o convite.
- Paguei a conta ao Banco.
- Perdôo os erros ao amigo.

Pedir é VTDI, com a prep. a. Sempre deve ser construído com a expressão Quem pede, pede algo a alguém. Portanto é errado dizer **Pedir** para que alguém faça algo.

- Pedimos a todos que tragam os livros.

Preferir é sempre VTDI, com a prep. a. Com esse verbo, não se deve usar **mais, muito mais, mil vezes, nem que** ou **do que**.

- Prefiro estar só a ficar mal-acompanhado.

Avisar, advertir, certificar, cientificar, comunicar, informar, lembrar, noticiar, notificar, prevenir são VTDI, admitindo duas construções: **Quem informa, informa algo a alguém ou Quem informa, informa alguém de algo**.

- Advertimos aos usuários que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos.

- Advertimos os usuários de que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos.

Quando houver, na oração, um verbo transitivo direto e indireto, com a prep. a, seguido de um substantivo feminino, que exija o artigo a, ocorrerá o fenômeno denominado crase, que deve ser caracterizado pelo acento grave (à ou às).

Advertimos às alunas que não poderiam usar a sala fora do horário de aula.

Verbos Intransitivos

São os verbos que não necessitam de complementação. Sozinhos, indicam a ação ou o fato.

Assistir será intransitivo, quando significar **morar**.
- Assisto em Londrina desde que nasci.

Custar será intransitivo, quando significar **ter preço**.
- Estes sapatos custaram R$50,00.

Proceder será intransitivo, quando significar **ter fundamento**.
- Suas palavras não procedem!

Morar, residir e situar-se sempre são intransitivos.
- Moro em Londrina; resido no Jardim Petrópolis; minha casa situa-se na rua Cassiano Ricardo.

Deitar-se e levantar-se são sempre intransitivos.
- Deito-me às 22h e levanto-me às 6h.

Ir, vir, voltar, chegar, cair, comparecer e dirigir-se são intransitivos. Aparentemente eles têm complemento, pois Quem vai, vai a algum lugar. Porém a indicação de lugar é circunstância, e não complementação. Classificamos como Adjunto Adverbial de Lugar. Alguns gramáticos classificam como Complemento Circunstancial de Lugar.

Esses verbos exigem a prep. **a**, na indicação de **destino**, e **de**, na indicação de **procedência**.

Só se usa a prep. **em**, na indicação de meio, **instrumento**.

- Cheguei de Curitiba há meia hora.
- Vou a São Paulo no avião das 8h.

Quando houver, na oração, um verbo intransitivo, com a prep. a, seguido de um substantivo feminino, que exija o artigo a, ocorrerá o fenômeno denominado crase, que deve ser caracterizado pelo acento grave (à ou às).

- Vou à Bahia.

Verbos de regência oscilante

VTD ou VTI, com a prep. a

Assistir pode ser VTD ou VTI, com a prep. a, quando significar **ajudar, prestar assistência**.
- Minha família sempre assistiu o Lar dos Velhinhos.
- Minha família sempre assistiu ao Lar dos Velhinhos.

Chamar pode ser VTD ou VTI, com a prep. a, quando significar **dar qualidade**. A qualidade pode vir precedida da prep. de, ou não.
- Chamaram-no irresponsável.
- Chamaram-no de irresponsável.
- Chamaram-lhe irresponsável.
- Chamaram-lhe de irresponsável.

Atender pode ser VTD ou VTI, com a prep. a.
- Atenderam o meu pedido prontamente.
- Atenderam ao meu pedido prontamente.

Anteceder pode ser VTD ou VTI, com a prep. a.
- A velhice antecede a morte.
- A velhice antecede à morte.

Presidir pode ser VTD ou VTI, com a prep. a.
- Presidir o país.
- Presidir ao país.

Renunciar pode ser VTD ou VTI, com a prep. a.
- Nunca renuncie seus sonhos.
- Nunca renuncie a seus sonhos.

Satisfazer pode ser VTD ou VTI, com a prep. a.

- Não satisfaça todos os seus desejos.
- Não satisfaça a todos os seus desejos.

VTD ou VTI, com a prep. de

Precisar e **necessitar** podem ser VTD ou VTI, com a prep. de.

- Precisamos pessoas honestas.
- Precisamos de pessoas honestas.

Abdicar pode ser VTD ou VTI, com a prep. de, e também VI.

- O Imperador abdicou o trono.
- O Imperador abdicou do trono.
- O Imperador abdicou.

Gozar pode ser VTD ou VTI, com a prep. de.

- Ele não goza sua melhor forma física.
- Ele não goza de sua melhor forma física.

VTD ou VTI, com a prep. em

Acreditar e **crer** podem ser VTD ou VTI, com a prep. em.

- Nunca cri pessoas que falam muito de si próprias.
- Nunca cri em pessoas que falam muito de si próprias.

Atentar pode ser VTD ou VTI, com a prep. em, ou com as prep. para e por.

- Em suas redações atente a ortografia.
- Deram-se bem os que atentaram nisso.
- Não atentes para os elementos supérfluos.
- Atente por si, enquanto é tempo.

Cogitar pode ser VTD ou VTI, com a prep. em, ou com a prep. de.

- Começou a cogitar uma viagem pelo litoral brasileiro.
- Hei de cogitar no caso.
- O diretor cogitou de demitir-se.

Consentir pode se VTD ou VTI, com a prep. em.

- Como o pai desse garoto consente tantos agravos?
- Consentimos em que saíssem mais cedo.

VTD ou VTI, com a prep. por

Ansiar pode ser VTD ou VTI, com a prep. por.

- Ansiamos dias melhores.
- Ansiamos por dias melhores.

Almejar pode ser VTD ou VTI, com a prep. por, ou VTDI, com a prep. a.

- Almejamos dias melhores.
- Almejamos por dias melhores.
- Almejamos dias melhores ao nosso país.

VI ou VTI, com a prep. a

Faltar, Bastar e Restar podem ser VI ou VTI, com a prep. a.

- Muitos alunos faltaram hoje.
- Três homens faltaram ao trabalho hoje.
- Resta aos vestibulandos estudar bastante.

Na última frase apresentada não há erro algum, como à primeira vista possa parecer. A tendência é de o aluno concordar o verbo estudar com a palavra vestibulando, construindo a oração assim: Resta os vestibulandos estudarem.
Porém essa construção está totalmente errada, pois o verbo é transitivo indireto, portanto resta a alguém. Então vestibulandos funciona como objeto indireto e não como sujeito. Nenhum verbo concorda com o objeto indireto.

Quando houver, na oração, um verbo transitivo indireto, com a prep. a, seguido de um substantivo feminino, que exija o artigo a, ocorrerá o fenômeno denominado crase, que deve ser caracterizado pelo acento grave (à ou às).

Assisti à peça das meninas do terceiro colegial.

VI ou VTD

Pisar pode ser VI ou VTD. Quando for VI, admitirá a prep. em, iniciando **Adjunto Adverbial de Lugar**.

- Pisei a grama para poder entrar em casa.
- Não pise no tapete, menino!

Exercícios Sobre Regências Verbal e Nominal

Para o exercícios de 01 a 19, marcará com "C" as alternativas corretas e com "I " as incorretas:
01) ( ) A greve geral não agradou os diretores.
02) ( ) Você aspirava ao cargo? Sim, aspirava-lhe.
03) ( ) O residente assiste o cirurgião na operação
04) ( ) Não atenderam seu pedido por falta de amparo legal
05) ( ) Quero-a para esposa e companheira
06) ( ) Vamos proceder uma investigação minuciosa
07) ( ) Devemos visar, acima de tudo ao bem da família
08) ( ) Às vezes, chamavam- o tolo e arrogante
09) ( ) O pai custava sentir a revolta do filho
10) ( ) Já respondi todos os cartões
11) ( ) Supressão da liberdade implica, não raro, em violência
12) ( ) Lembrei-me que era tarde e corri
13) ( ) Avisei-o que os fiscais chegaram
14) ( ) Obedecia-lhe porque o respeitava
15) ( ) Aos amigos, perdoa-lhes todas as ofensas
16) ( ) Os guias ainda não foram pagos
17) ( ) À vida prefere a honra
18) ( ) Afinal, simpatizei-me com a proposta...
19) ( ) Lemos e gostamos muito de seus poemas

Para as questões de 20 a 22, assinale a alternativa, preenchendo as lacunas corretamente:

20) Obedeça- ___, estime-___ e ___ sempre que precisar
a) os – os- recorra a eles
b) lhes – os – recorra a eles
c) os – lhes – recorra-lhes
d) lhes – lhes – recorra-lhes

21) Os encargos ______nos obrigaram são aqueles _____o diretor se referiu
a) de que, que
b) a que, a que
c) a cujos, cujo
d) de que, de que

22) Alguns demonstram verdadeira aversão _______ exames, porque nunca se empenharam o suficiente _____ utilização do tempo ______ dispunham para o estudo
a) por, com, que
b) a, na, que
c) a, na, de que
d) com, na, que

23) Assinale a incorreta:
a) O trabalho ansiava o rapaz
b) O rapaz ansiava por trabalho
c) Você anseia uma vaga
d) Aquele espetáculo ansiava-o

24) Ansiava ____ encontrá-lo, a fim de ____ pelo sucesso:
a) por, cumprimentá-lo
b) por cumprimentar-lhe
c) em, cumprimentar-lhe
d) para cumprimentar-lhe

25) Assinale a substituição errada:
a) Aspiro o pó – Aspiro-o
b) Aspiro ao sucesso – Aspiro-lhe
c) Aspiro ao sucesso – Aspiro a ele
d) Aspiramos o ar – Aspiramo-lo

26) Assinale a substituição incorreta:
a) O médico assiste o doente – O médico assiste-o
b) O médico assiste ao doente – O médico assiste-lhe
c) O doente assiste ao programa – O doente assiste-lhe
d) O doente assiste ao programa – O doente assiste a ele

27) Assinale a opção em que o verbo ASSISTIR é empregado com o mesmo sentido que apresenta em : “Não direi que assisti às alvoradas do Romantismo”:
a) Não se pode assistir indiferente a um ato de injustiça
b) Não assiste a você o direito de me julgar
c) É dever do médico assistir a todos os enfermos
d) Em sua administração, sempre foi assistido por bons conselheiros

28) Leia os períodos e selecione, depois, a opção correta:
1. O povo assistiu ao jogo? Sim, o povo assistiu a ele
2. O professor aspirava o cargo de diretor da escola
3. A enfermeira não assistiu o jogo porque assistia a um doente
4. Os que vestem roupas delicadas e finas são os que assistem nos palácios dos reis
a) Apenas os períodos 1 e 4 são corretos
b) Todos estão corretos
c) Apenas os períodos 2 e 3 são corretos
d) Apenas o 1º período é correto

29) Assinale a correta:
a) Custa-me descobrir qual a correta
b) Custei a resolver os problemas
c) Custei rever a matéria
d) Custou-me para explicar a ele

30) Assinale a incorreta:
a) Esqueceu-me a carteira
b) Eu me esqueci da carteira
c) Eu esqueci da carteira
d) Esqueceu-se a carteira

31) A menina ______olhos eu não esqueço, não me sai do pensamento:
a) de cujos os
b) cujos
c) cujos os
d) de cujos

32) Correlacione as orações:
1. Era uma grande data...
2. Leu o livro...
3. Ouviu o tiro...
( ) cujas páginas o encantaram
( ) de que nunca me esqueço
( ) sobre cujas páginas dormiu
( ) que nunca esqueço
( ) a que escapou
a) 2-1-2-1-3
b) 3-1-2-1-2
c) 2-1-2-2-3
d) 1-1-2-1-3

33) Preencha as lacunas:
1. A posição ____ visamos é nobre
2. Foram muitos os documentos _____visamos
3. Ninguém pode prescindir ______ ajuda de outrem
4. Sempre quis muito ____- seus filhos e estes também _____ querem muito
5.Seus modos nos se coadunam _____ os princípios de boa educação

A seqüência correta será:
a) que – a que – da – a – o - sob
b) a que – que – da – a – lhe - com
c) que – que – a - os – lhe - com
d) por que - de que - a - os – o - contra

34) Considere os períodos abaixo:
1. Fabiano preferiu ficar escondido do que renunciar à sua liberdade
2. Custou-lhe muito falar com Sinhá Vitória a respeito dos meninos
3. Agora os meninos tinham obrigação de obedecê-los
4. Sempre se lembraria que a seca a tudo esturricava
5. Jamais lhe perdoaria as humilhações recebidas
a) Corretos 1 e 4
b) Corretos 2 e 5
c) Corretos 2 e 3
d) Corretos 1 e 2

35) Assinale a incorreta:
a) Prefiro ficar aqui do que sair
b) Eles aspiram o ar puro do mar
c) Estas calças lhe servem bem
d) Todos querem bem a seus pais

36) Onde há erro de regência?
a) Esqueceram-lhe os compromissos
b) Nós lhe lembramos o compromisso
c) Eu esqueci dos compromissos
d) Não me lembram tais palavras

37) Que homem você viu? Este é o homem que eu vi.
1. Este é o menino ______ eu chamei
2. Este é o menino ______ eu vim
3. Este é o menino ______ eu assisti
4. Este é o menino ______ eu me esqueci
5. Este é o menino ______ eu esqueci

a) quem, com que, a que, de que, que
b) que, com que, que, quem de, que
c) que, com quem, a quem, de quem, que
d) que, que, a que, que, de que

38) Indique a frase correta:

a) Cheguei tarde a casa ontem
b) Resido à rua da Independência
c) Viso uma vida e um emprego melhor
d) Trouxe o livro que você se refere

39) Assinale a frase correta:

a) Devo interromper-lhe para fazer-lhe algumas perguntas
b) Não posso atendê-lo agora, mas agradeço-lhe a visita
c) Autorizei-lhe a sair agora mesmo
d) Se nossa conversa não lhe atrapalha, sua irritação é porque lhe impediram de entrar na sala

40) Assinale a frase incorreta:

a) Abraçou os amigos com carinho
b) Deus assiste os infelizes
c) Chamam ao diabo de cão
d) Esta é a primeira vez que o desobedeço, pois sempre lhe quis bem

41) Assinale a alternativa com erro, se houver:

a) Sabemos que o impediram de entrar na sala, mas informo-lhe que sua inscrição foi aceita
b) Só não o chamaram de santo e ainda lhe dizem que o amam
c) Avise o aluno de que a prova versará sobre todo o conteúdo
d) Todas estão corretas

42) Incorreta:
a) Informei-o de nossos planos
b) Informei-lhe nossos planos
c) Informei-lhe de nossos planos
d) Todas estão corretas

43) Incorreta:

a) Incumbiram-lhe das compras
b) Cientifiquei os candidatos das deliberações tomada
c) Não vou comparecer à reunião de hoje
d) Todas estão corretas

44) Incorreta:
a) O fiscal mora na Rua Santos Paiva
b) Jamais perdoou aos que fugiram
c) Sua falta implica rescisão de contrato
d) Todas estão corretas

45) Incorreta:
a) Ela presidiu aos exames finais
b) A secretária acedeu o convite
c) Queremos muito aos nossos mestres
d) Todas estão corretas

46) Incorreta:
a) Devemos, acima de tudo, visar ao bem do próximo
b) Não respondi, ainda, ao telegrama
c) Não lhe assiste tal direito
d) Todas estão corretas

47) Incorreta:
a) É dela a casa em que sempre vou
b) O resultado a que se chegou foi surpreendente
c) Esta é a chave com que abrirei o cofre
d) Todas estão corretas

48) Incorreta:
a) Abraçou-o
b) Encontrou-o
d) Obedeço-o
d) Respeito-o

49) Assinale a alternativa com erro de regência:
a) Alguns políticos têm hábitos com que não simpatizamos
b) Analise o fato a que o povo se insurgiu
c) Este é o líder por cuja causa lutaste?
d) Um novo Plano Econômico implicará reações imprevisíveis

Respostas Sobre Regências Verbal e Nominal:

01) I
02) I
03) C
04) C
05) C
06) I
07) C
08) I
09) I
10) I
11) I
12) I
13) I
14) I
15) C
16) C
17) C
18) C
19) I
20) I
21) B
22) B
23) C
24) C
25) A
26) B
27) C
28) A
29) A
30) A
31) C
32) B
33) A
34) B
35) B
36) A
37) C
38) C
39) A
40) B
41) D
42) D
43) C
44) A
45) D
46) B
47) D
48) A
49) C
50) **B**

Tipos de Sujeito

Para se analisar sintaticamente qualquer oração, deve-se começar, perguntando ao verbo **Quem pratica a ação?** ou **Quem sofre a ação?** ou **Quem possui a qualidade?** A resposta a essas perguntas denominamos de sujeito.

São os seguintes os tipos de sujeito:

01) Sujeito Simples

É aquele que possui apenas um núcleo. O núcleo do sujeito será representado por um substantivo, por um pronome substantivo ou por qualquer palavra substantivada. **Núcleo** é a palavra que, dentre todas as que surgem na função sintática, realmente exerce a função.

Exemplo: **Os homens destroem a natureza.**

Quem destrói a natureza? Resp.: **Os homens.** Núcleo = **homens. Sujeito Simples.**

Obs: Todas as palavras que surgirem antes do núcleo de qualquer função sintática chamam-se **Adjunto Adnominal** (aa). Portanto, no exemplo citado, o artigo **os** funciona como **adjunto adnominal**.

02) Sujeito Composto

É aquele que possui dois ou mais núcleos. Os núcleos do sujeito composto são, quase sempre, ligados pela conjunção **e**, pela conjunção **ou**, pela preposição **com** ou pelos conectivos correlatos **assim ... como, não só ... mas também, tanto ... como, tanto ... quanto, nem ... nem**.

Exemplo: **Tanto os cientistas quanto os religiosos estão temerosos.**

Quem está temeroso? Resp.: Tanto os cientistas quanto os religiosos. Núcleos = cientistas e religiosos. **Sujeito Composto**. Os artigos **os** e **os** são adjuntos adnominais.

03) Sujeito Oculto

Teremos sujeito oculto, em três circunstâncias:

A) Quando perguntarmos ao verbo quem é o sujeito e obtivermos como resposta os pronomes **eu, tu, ele, ela, você, nós ou vós,** sem surgirem escritos na oração. O sujeito oculto também pode ser chamado de sujeito elíptico, sujeito desinencial ou sujeito subentendido.

Exemplo: **Estudaremos a matéria toda.**

Quem estudará? Resp.: Nós. Como o pronome não surge na oração temos **sujeito oculto**.

B) Quando o verbo estiver no **Imperativo**, ou seja, quando o verbo indicar ordem, pedido ou conselho, com exceção de **Chega de** e **Basta de**. Esses dois verbos participam de orações **sem sujeito**.

Exemplo: **Estudem, meninos!**

O verbo está no Imperativo, pois indica conselho. Portanto o sujeito é **oculto**.

Outro Exemplo: **Basta de baderna, meninos!**

Nesse caso, há **sujeito inexistente**.

C) Quando não surgir o sujeito escrito na oração, porém estiver claro em orações anteriores.

Exemplo: **Os governadores chegaram a Brasília ontem à noite. Terão um encontro com o presidente.**

Quem chegou a Brasília? Resp.: Os governadores. Núcleo = governadores. **Sujeito Simples**.

Quem terá um encontro? Resp.: Não surge o sujeito escrito na oração, porém na oração anterior aparece, com clareza, quem é o **sujeito = os governadores**. Portanto, **sujeito oculto**.

04) Sujeito Indeterminado

Teremos sujeito indeterminado, quando perguntarmos ao verbo quem é o sujeito e obtivermos como resposta os pronomes **eles**, sem surgir escrito na oração, nem aparecer claramente quem são eles anteriormente.

Exemplo: **Deixaram um bomba na casa do deputado.**

Quem deixou uma bomba? Resp.: Eles. Não surge o sujeito escrito na oração, nem aparece, com clareza, anteriormente, quem é o sujeito. Portanto, **sujeito indeterminado**.

05) Oração Subordinada Substantiva Subjetiva

É o sujeito com verbo, ou seja, uma oração que exerce a função de sujeito.

Exemplo: **É necessário que todos estudem.**

Que é necessário? Resp.: Que todos estudem. **Sujeito com verbo**. Or. Sub. Subst. Subjetiva.

Quando a oração subordinada substantiva subjetiva não se iniciar pela conjunção integrante **que**, nem pela conjunção integrante **se**, o verbo deverá ser conjugado no infinitivo, no gerúndio ou no particípio, e a oração se denominará oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo, de gerúndio ou de particípio.
Exemplo: **É preciso estudar mais.**

Que é preciso? Resp.: Estudar mais = oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo.

06) Sujeito Acusativo

Será sujeito acusativo o sujeito de um verbo no infinitivo ou no gerúndio de uma oração que funcione como objeto direto, quando o verbo da oração principal for **fazer, mandar, ver, deixar, sentir** ou **ouvir**.

Exemplo: **Fizeram a garota se retirar.**

Quem fez? Resp.: Eles. Não surge o sujeito escrito na oração, nem aparece, com clareza, anteriormente, quem é o sujeito. Portanto, **sujeito indeterminado**.

O verbo fazer é verbo transitivo direto, que tem como objeto direto toda a oração a garota se retirar, pois isso é que foi feito, e não a garota foi feita, como pode parecer. A oração que funciona como objeto direto chama-se **oração subordinada substantiva objetiva direta**.

O verbo da oração subordinada substantiva objetiva direta está no infinitivo (retirar-se) e tem como sujeito a palavra garota. Portanto, garota é **sujeito acusativo**.

O sujeito acusativo poderá ser representado por um substantivo ou por um pronome oblíquo átono **(me, te, se, o, a, nos, vos, os, as)**

Quando o sujeito acusativo for um substantivo plural, o verbo no infinitivo tanto poderá ficar no singular, quanto no plural. Em todos os outros casos, o verbo ficará no singular.

Exemplos:
- Vi as garotas cantar/cantarem. As garotas = sujeito acusativo.
- Vi-as cantar. as = sujeito acusativo.
- Deixei-os entrar atrasado

07)Orações sem sujeito

Haverá oração sem sujeito, ou seja, o verbo será impessoal nos seguintes casos:

Obs.: Os verbos impessoais ficam, obrigatoriamente, na terceira pessoa do singular, com exceção do verbo ser.

a) Verbos que indiquem **fenômeno da natureza**:
Exemplo: Choveu ontem.
Ventou demasiadamente.

Quando surgir o fenômeno da natureza escrito na oração ou quando a frase possuir sentido figurado, haverá sujeito:
Exemplo: Choveram pedras sobre Londrina.
Choveram papeizinhos coloridos sobre os soldados que desfilavam.

b) Ser, estar, parecer, ficar, indicando fenômeno da natureza.
Exemplo: É primavera, mas parece verão.

Está frio hoje.

c) Fazer, indicando **fenômeno da natureza** ou **tempo decorrido**.
Exemplo: Faz dias friíssimos no inverno.
Faz três dias que aqui cheguei.

d) Haver, significando **existir** ou **acontecer**, ou indicando **tempo decorrido**.
Exemplo: Houve muitos problemas naquela noite.
Haverá várias festas em Curitiba.
Há dois anos ele esteve aqui em casa.

e) Passar de, indicando horas.
Exemplo: Já passa das 15h.

f) Chegar de e **bastar de**, no imperativo.
Exemplo: Chega de matéria.

g) Ser, indicando **horas**, **datas** e **distância**. O verbo **ser** é o único verbo impessoal que não fica obrigatoriamente na terceira pessoa do singular.

Horas: O verbo **ser**, ao indicar horas, concorda com o numeral a que se refere.
Exemplo: É uma hora.
São duas horas.

Distância: O verbo **ser**, ao indicar distância, concorda com o numral a que se refere.
Exemplo: É um quilômetro daqui até lá.
São dois quilômetros daqui até lá.

Datas: O verbo **ser**, ao indicar datas, tanto poderá ficar no singular quanto no plural.
Exemplo: É dois de maio = É dia dois de maio.
São dois de maio = São dois dias de maio.

Claro está que, se for o primeiro dia do mês, o verbo **ser** ficará no singular.

Exercícios

1. Transforme cada uma das orações seguintes de acordo com o modelo proposto:
Nunca levanto cedo.
Nunca levantas cedo.
Nunca levantamos cedo.
Nunca levantais cedo.
a) Cumpri a palavra dada.
b) Fui surpreendido pela notícia.

2. Passe para o plural cada uma das orações seguintes. Depois indique o sujeito e o predicado de cada uma delas.
a) Ocorreu um fato surpreendente.
b) Sobrou muito pão na festa.
c) Basta-me uma frase de incentivo.
d) Faltou um Bom quadro naquela exposição.
e) Dói-me a perna.
f) Caiu um raio sobre aquela árvore.
g) Desabou um temporal muito forte ontem à noite.
h) Existe uma cultura muito rica no interior deste país.
i) Teu trabalho foi elogiado por todos.
j) Cometeu-se grande injustiça com aquele jogador.

3. Passe para o plural cada uma das orações seguintes. Depois, indique o sujeito e o predicado de cada uma delas.
a) Deve ter acontecido algum fato surpreendente.
b) Deve ocorrer um forte temporal esta tarde.
c) Poderia bastar-me uma frase de incentivo.
d) Poderá faltar justamente o melhor quadro naquela exposição.
e) Poderia estar doendo-me a perna.
f) Parece ter caído um raio sobre aquela árvore.
g) Deve ter desabado um temporal muito forte ontem à noite.
h) Parece ter existido uma cultura muito rica no interior deste país.

i) Teu trabalho deve ter sido elogiado por todos.
j) Deve-se ter cometido grande injustiça com aquele jogador.

4. Classifique os verbos das orações seguintes em nocionais e não-nocionais:
a) Estou preocupado.
b) Estou em Roma.
c) Permaneceram calados durante o almoço.
d) Permaneceram exatamente no mesmo lugar.
e) O gato virou gata.
f) O furacão virou alguns carros.
g) Ficaria meses em Praga.
h) Ficaria extasiado se fosse a Praga.
i) Ela passou a chefe do departamento.
j) O pior já passou.
I) Persistimos em ser atendidos.
m)A desigualdade social persiste imutável.
n) Achei o livro.
o) Acho-me acamado.

5. Aponte e classifique o sujeito das orações abaixo.
a) Naquela hora, tocou o sino.
b) Veio-me à lembrança uma imagem poética.
c) Passou-me pela memória uma velha lembrança.
d) Explodiu nova crise no Oriente Médio.
e) Surgiu um novo medicamento contra a doença.
f) Teria ele condição de enfrentar a crise econômica?
g) São cada vez mais freqüentes as denúncias de abuso de autoridade contra a polícia.
h) Industriais e industriários não se entenderam sobre salários e condições de trabalho.

6. Reescreva cada uma das orações abaixo de acordo com o modelo proposto.

Alguém precisa de ajuda.

Precisa-se de ajuda.

a) Alguém acredita em dias mais felizes.
b) Alguém crê em tempos menos bicudos.
c) Alguém necessita de auxílio.
d) Alguém apelou para os mais poderosos.
e) Alguém assistiu a filmes de terror.
f) Alguém aspira ao bem-estar social.
g) Alguém obedece aos impulsos mais nobres.
h) Alguém tratou de assuntos sérios naquele debate.

7. Complete cada um dos pequenos diálogos
seguintes com uma frase em que surja o sujeito indeterminado, com o verbo na terceira pessoa do plural.
a) - Existe alguma mensagem para mim?
b) - De onde vieram estes pacotes?
c) - Quem trouxe este recado?
d) - Onde você achou esse livro?
e) - Como você soube disso?
f) - Essa história é verdadeira?

8. Reescreva cada uma das frases seguintes de acordo com o modelo proposto.
Faz dois anos que não a encontro.
Deve fazer dois anos que não a encontro.
a) Fazia cinco anos que não nos encontrávamos.
b) Faz algumas semanas que não chove nessa cidade.
c) Faz três anos que não a procuro.

9. Reescreva cada uma das frases seguintes de acordo com o modelo proposto.
Há muitos livros sobre o assunto.
Havia muitos livros sobre assunto.
Houve muitos livros sobre o assunto.

a) Há várias propostas em discussão.
b) Há vários cargos em disputa.
c) Há muitas maneiras de ajudar.
d) Há infindáveis modos de colaborar.

e) Há discussões intermináveis.

10. Reescreva cada uma das frases seguintes de acordo com o modelo proposto.
Deve haver várias razões para o cancelamento.
Deve ter havido várias razões para o cancelamento.
Pode ter havido várias razões para o cancelamento.

a) Deve haver provas mais contundentes contra ele.
b) Deve haver graves conseqüências.
c) Deve haver questões mais sérias.
d) Deve haver situações menos preocupantes.
e) Deve haver leis mais duras.

11. Monte orações a partir dos elementos oferecidos em cada um dos itens seguintes. Faça as necessárias relações de concordância verbal em cada caso.
a) Bater / os sinos da igreja / de trinta em trinta minutos.
b) Surgir / várias idéias revolucionárias / durante a noite.
c) Faltar / vários alunos/ na semana passada.
d) Ocorrer / faltas violentas / durante o jogo.
e) Desabar / dois prédios / no ano passado.

RESPOSTAS

1- a) Cumpriste a palavra dada. (tu) / Cumprimos a palavra dada. (nós) / Cumpristes a palavra dada. (vós)
b) Foste surpreendido pela notícia. (tu) / Fomos surpreendidos pela notícia. (nós) / Fostes surpreendidos pela notícia. (vós)

2- a) Ocorreram fatos surpreendentes. (**sujeito**: fatos surpreendentes **predicado**: ocorreram)
b) Sobraram muitos pães na festa. (**sujeito**: muitos pães **predicado**: o restante)
c) Bastam-me algumas frases de incentivo. (**sujeito**: algumas frases de incentivo **predicado**: Bastam-me)
d) Faltaram alguns bons quadros naquela exposição. (**sujeito**: alguns bons quadros **predicado**: o restante)
e) Doem-me as pernas. (**sujeito**: as pernas **predicado:** Doem-me)
f) Caíram raios sobre aquela velha árvore. (**sujeito:** raios **predicado:** o restante)
g) Desabaram temporais muito fortes...(**sujeito:** temporais muito fortes **predicado:** o restante)
h) Existem culturas muito ricas no interior do país. (**sujeito:** culturas muito ricas **predicado:** o restante)
i) Teus trabalhos foram elogiados por todos. (**sujeito:** Teus trabalhos **predicado:** o restante)
j) Cometeram-se grandes injustiças com aquele jogador. (**sujeito:** grandes injustiças **predicado:** o restante)

3- a) Devem ter acontecido alguns fatos surpreendentes. (**sujeito:** alguns fatos surpreendentes **predicado:** o restante)
b) Devem ocorrer alguns fortes temporais... (**sujeito:** alguns fortes temporais **predicado:** o restante)
c) Poderiam bastar-me algumas frases de incentivo. (**sujeito:** algumas frases de incentivo **predicado:** o restante)
d) Poderão faltar justamente os melhores quadros naquela exposição. (**sujeito:** os melhores quadros **predicado:** o restante)
e) Poderiam estar doendo-me as pernas. (**sujeito**: as pernas; **predicado**: o restante)
f) Parecem ter caído alguns raios sobre... (**sujeito**: alguns raios; predicado: o restante)
g) Devem ter desabado temporais muito fortes...(**sujeito**: temporais muito fortes **predicado**: o restante)
h) Parecem ter existido culturas muito ricas...(**sujeito**: culturas muito ricas **predicado**: o restante)
i) Teus trabalhos devem ter sido elogiados por todos. (**sujeito**: teus trabalhos; **predicado predicado**: o restante)
j) Devem-se ter cometido grandes injustiias...(**sujeito**: grandes injustiças; **predicado**: o restante)

4.
a) não-nocional
b) nocional
c) não-nocional
d) nocional
e) não-nocional
f) nocional
g) nocional
h) não-nocional

i) não-nocional
j) nocional
k) nocional
l) não-nocional
m) nocional
n) não-nocional

5.
a) sino: determinado simples
b) uma imagem poética: determinado simples
c) uma velha lembrança: determinado simples
d) nova crise: determinado simples
e) um novo medicamento contra a doença: determinado simples
f) ele: determinado simples
g) as denúncias de abuso de autoridade contra a polícia: determinação simples
h) Industriais e industriários: determinado composto

6.
a) acredita-se em dias mais felizes.
b) crê-se em tempos menos bicudos.
c) necessita-se de ausíiio.
d) apelou-se para os mais poderosos.
e) assistiu-se a íilmes de terror.
f) aspira-se ao bem-estar social.
g) obedece-se aos impulsos mais nobres.
h) tratou-se de assuntos sérios naquele debate.

7. O aluno deve perceber que o sujeito indeterminado pela terceira pessoa do plural surge quase que espontaneamente nessas situações. As respostas são sugestões.

a) Pediram que você passasse amanhã em...
b) Mandaram de...
c) Deixaram na porta...
d) Deixaram-no num banco da praça.
e) Disseram-me na escola.
f) Juraram que era.

8.
a) Devia fazer cinco anos que não nos encontrávamos.
b) Deve fazer algumas semanas que não chove nesta cidade.
c) Deve Fazer três anos que no a procuro.

9.
a) Havia várias propostas... / Houve várias propostas...
b) Havia vários cargos... / Houve vários cargos...
c) Havia muitas maneiras... / Houve muitas maneiras...
d) Havia intermináveis modos... / Houve intermináveis modos...
e) Havia discussões intermináveis. / Houve discussões intermináveis.

10.
a) Deve ter havido provas... / Pode ter havido provas...
b) Deve ter havido graves... / Pode ter havido graves ...
c) Deve ter havido questões... / Pode ter havido questões...
d) Deve ter havido situações... / Pode ter havido situações...
e) Deve ter havido leis... / Pode ter havido leis...

11.
a) Os sinos da igreja batem de trinta em trinta minutos
b)Surgem-me várias idéias revolucionárias durante a noite.
c) Faltaram vários alunos na semana passada.
d) Ocorreram faltas violentas durante o jogo.
e) Desabaram dois prédios no ano passado.

Concordância Verbal

Estudar a concordância verbal é, basicamente, estudar o sujeito, pois é com este que o verbo concorda. Se o sujeito estiver no singular, o verbo também o estará; se o sujeito estiver no plural, o mesmo acontece com o verbo. Então, para saber se o verbo deve ficar no singular ou no plural, deve-se procurar o sujeito, perguntando ao verbo **Que(m) é que pratica ou sofre a ação? ou Que(m) é que possui a qualidade?** A resposta indicará como o verbo deverá ficar.

Por exemplo, a frase

As instalações da empresa são precárias tem como sujeito **As instalações da empresa**, cujo núcleo é a palavra **instalações**, pois elas é que são precárias, e não a empresa; por isso o verbo fica no plural.

Até aí tudo bem. O problema surge, quando o sujeito é uma expressão complexa, ou uma palavra que suscite dúvidas.

Coletivo

Quando o sujeito for um substantivo coletivo, como, por exemplo, **bando, multidão, matilha, arquipélago, trança, cacho, etc.,** ou uma palavra no singular que indique diversos elementos, como, por exemplo, **maioria, minoria, pequena parte, grande parte, metade, porção, etc.**, poderão ocorrer três circunstâncias:

A) O coletivo funciona como sujeito, sem acompanhamento de qualquer restritivo:

Nesse caso, o verbo ficará no singular, concordando com o coletivo, que é singular.

Ex.
- A multidão invadiu o campo após o jogo.
- O bando sobrevoou a cidade.
- A maioria está contra as medidas do governo.

B) O coletivo funciona como sujeito, acompanhado de restritivo no plural:

Nesse caso, o verbo tanto poderá ficar no singular, quanto no plural.

Ex.
- A multidão de torcedores invadiu / invadiram o campo após o jogo.
- O bando de pássaros sobrevoou / sobrevoaram a cidade.
- A maioria dos cidadãos está / estão contra as medidas do governo.

C) O coletivo funciona como sujeito, sem acompanhamento de restritivo, e se encontra distante do verbo:

Nesse caso, o verbo tanto poderá ficar no singular, quanto no plural.

Ex.
- A multidão, após o jogo, invadiu / invadiram o campo.
- O bando, ontem à noite, sobrevoou / sobrevoaram a cidade.
- a maioria, hoje em dia, está / estão contra as medidas do governo.

Um milhão, um bilhão, um trilhão:

Com **um milhão, um bilhão, um trilhão**, o verbo deverá ficar no singular. Caso surja a conjunção e, o verbo ficará no plural.

Ex.
- Um milhão de pessoas assistiu ao comício
- Um milhão e cem mil pessoas assistiram ao comício.

Mais de, menos de, cerca de...

Quando o sujeito for iniciado por uma dessas expressões, o verbo concordará com o numeral que vier imediatamente à frente.

Ex.
- Mais de uma criança se machucou no brinquedo.
- Menos de dez pessoas chegaram na hora marcada.
- Cerca de duzentos mil reais foram surripiados.

Quando **Mais de um** estiver indicando **reciprocidade** ou com a **expressão repetida**, o verbo ficará no **plural**.

Ex.
- Mais de uma pessoa agrediram-se.
- Mais de um carro se entrechocaram.
- Mais de um deputado se xingaram durante a sessão.

Nomes próprios no plural

Quando houver um nome próprio usado apenas no plural, deve-se analisar o elemento a que ele se refere:

A) Se for **nome de obra**, o verbo tanto poderá ficar no **singular**, quanto no **plural**.
Ex.
- Os Lusíadas imortalizou / imortalizaram Camões.
- Os Sertões marca / marcam uma época da Literatura Brasileira.

B) Se for **nome de lugar** - cidade, estado, país... - o verbo **concordará com o artigo**; caso não haja artigo, o verbo ficará no **singular**.
Ex.
- Os Estados Unidos comandam o mundo.
- Campinas fica em São Paulo.
- Os Andes cortam a América do Sul.

Obs.: Se o nome de lugar possuir artigo, mas este, por alguma razão, não for utilizado, a concordância com o artigo permanecerá sendo a regra, ou seja, o verbo continuará concordando com o artigo.
Ex.
- EUA vencem o México na oitavas de final da Copa do Mundo.

Qual de nós / Quais de nós

Quando o sujeito contiver as expressões ...**de nós, ...de vós** ou ...**de vocês**, deve-se analisar o elemento que surgir antes dessas expressões:

A) Se o elemento que surgir antes das expressões estiver no singular **(qual, quem, cada um, alguém, algum...)**, o verbo deverá ficar no **singular**.
Ex.
- Quem de nós irá conseguir o intento?
- Quem de vós trará o que pedi?
- Cada um de vocês deve ser responsável por seu material.

B) Se o elemento que surgir antes das expressões estiver no plural **(quais, alguns, muitos...)**, o verbo tanto poderá ficar na **terceira pessoa do plural**, quanto concordar com o pronome **nós** ou **vós**.
Ex.
- Quantos de nós irão / iremos conseguir o intento?
- Quais de vós trarão / trareis o que pedi?
- Muitos de vocês não se responsabilizam por seu material.

Sujeito sendo pronome relativo

Quando o pronome relativo exercer a função de sujeito, deveremos analisar o seguinte:

A) Pronome Relativo que:

O verbo concordará com o elemento antecedente.
Ex.
- Fui eu que quebrei a vidraça. (Eu quebrei a vidraça)
- Fomos nós que telefonamos a você. (Nós telefonamos a você)
- Estes são os garotos que foram expulsos da escola. (Os garotos foram expulsos)

B) Pronome Demonstrativo o, a, os, as + Pronome Relativo que:

O verbo concordará com o pronome demonstrativo, ficando, então, na terceira pessoa do singular, ou na terceira pessoa do plural.
Ex.
- Fui eu o que quebrou a vidraça. (O que quebrou a vidraça fui eu)

- Foste tu a que me enganou. (A que me enganou foste tu)
- Fomos nós os que telefonaram a você. (Os que telefonaram a você fomos nós)
- Fostes vós os que me engaram. (Os que me engaram fostes vós)

C) Pronome Relativo quem: O verbo ficará na terceira pessoa do singular.
Ex.

- Fui eu quem quebrou a vidraça. (Quem quebrou a vidraça fui eu)
- Foste tu quem quebrou a vidraça. (Quem quebrou a vidraça foste tu)
- Foi ele quem quebrou a vidraça. (Quem quebrou a vidraça foi ele)
- Fomos nós quem quebrou a vidraça. (Quem quebrou a vidraça fomos nós)
- Fostes vós quem quebrou a vidraça. (Quem quebrou a vidraça fostes vós)
- Foram eles quem quebrou a vidraça. (Quem quebrou a vidraça foram eles)

Um dos ... que

Quando o sujeito for iniciado pela expressão **Um dos que**, deveremos analisar o seguinte:

A) É certo que o elemento é o único a praticar a ação:

O verbo ficará no singular. Por exemplo, a frase **O Corinthians é um dos times paulistas que mais vezes foi campeão estadual** tem o verbo no singular, pois é certo que, dos times de São Paulo, o Corinthians foi mais vezes campeão - 24 vezes.

B) É certo que o elemento não é o único a praticar a ação:

O verbo ficará no plural. Por exemplo, a frase **Casagrande é um dos ex-jogadores de futebol que trabalham como comentarista esportivo** tem o verbo no plural, pois é certo que, além de Casagrande, há outros ex-jogadores de futebol, trabalhando como comentarista esportivo - Falcão, Júnior, Tostão, Rivelino...

C) Não se sabe se o elemento é o único a praticar a ação ou não: O verbo tanto poderá ficar no plural, quanto no singular. Por exemplo, a frase **São Paulo é uma das cidades que mais sofre** / **sofrem com a poluição é facultativo**, pois não há como medir se São Paulo é a que mais sofre, ou se, além dela, há outras que sofrem tanto. Outra explicação também é a questão de se querer dar ênfase ao elemento: se se quiser enfatizar o problema em São Paulo, coloca-se o verbo no singular.

Nenhum dos ... Que

Quando o sujeito for iniciado pela expressão **Nenhum dos que**, o primeiro verbo ficará no plural, e o segundo, no singular.
Ex.

- Nenhum dos alunos que me procuraram trouxe o material.
- Nenhuma das pessoas que chegaram atrasadas tem justificativa.

Porcentagem + Substantivo

Quando o sujeito for formado por porcentagem e substantivo, existirão três regras:

A) Porcentagem + Substantivo, sem modificador da porcentagem:

Facultativamente o verbo poderá concordar com a porcentagem ou com o substantivo.
Ex.

- 1% da turma estuda muito.
- 1% dos alunos estuda / estudam muito.
- 10% da turma estuda / estudam muito.
- 10% dos alunos estudam muito.

B) Porcentagem + Substantivo, com modificador da porcentagem:

O verbo concordará com o modificador, que pode ser pronome demonstrativo, pronome possessivo, artigo...
Ex.

- Os 10% da turma estudam muito.
- Este 1% dos alunos estuda mais.

C) Mais de, menos de, cerca de, perto de, antes da porcentagem:

O verbo concordará apenas com a porcentagem.
Ex.

- Mais de 1% dos alunos estuda muito.
- Menos de 10% da turma estudam muito.

Pronomes de Tratamento

Os pronomes de tratamento são pronomes de terceira pessoa, portanto tudo que se referir a eles deverá estar na terceira pessoa.
Ex.

- Vossa Senhoria deve trazer seus documentos consigo.
- Vossa Excelência tem que se contentar com seus assessores.

Silepse de Pessoa

Também chamada de concordância ideológica, a silepse de pessoa é a concordância, não com a palavra escrita, mas sim com o que ela significa. Por exemplo, **nós somos brasileiros**, portanto, ao utilizarmos a palavra **brasileiros**, poderemos concordar o verbo com a idéia que essa palavra nos evoca - **nós** - e dizer **Os brasileiros estamos torcendo pelo sucesso do Presidente**.
Ex.

- Os professores nos reciclamos anualmente. (Nós nos reciclamos)
- Os alunos deveis estudar mais. (Vós deveis)

Núcleos ligados pela conjunção "e"

01) Verbo após os núcleos:

Ficará no plural o verbo que estiver após o sujeito composto cujos núcleos sejam ligados pela conjunção e:
Ex.

- O hotel e a cidade são maravilhosos.
- Machado de Assis e Guimarães Rosa estão entre os melhores escritores do mundo.

Obs.: Quando os núcleos forem sinônimos ou estiverem formando gradação, o verbo deverá ficar no singular.
Ex.

- "A lisura e a sinceridade freqüenta pouco o Congresso Nacional." lisura = sinceridade.
- "Cada rosto, cada voz, cada corpo lhe lembrava a amada."
- "Um olhar, um arquejar de sobrancelhas, um aceno com a cabeça bastava para a paquera ser bem sucedida."

02) Verbo antes dos núcleos:

Facultativamente ficará no plural ou concordará com o núcleo mais próximo o verbo que estiver antes do sujeito composto cujos núcleos sejam ligados pela conjunção e:
Ex.

- É maravilhoso o hotel e a cidade.
- São maravilhosos o hotel e a cidade.
- É maravilhosa a cidade e o hotel.

Sujeito composto por pessoas diferentes

Se o sujeito for formado por pessoas diferentes (**eu, tu, ele, ela ou você**), o **verbo** ficará no **plural**, concordando com a pessoa de número mais baixo na seqüência (**1ª**, **2ª** ou **3ª**).

Não havendo a 1ª pessoa (**eu** ou), e havendo a 2ª pessoa (**tu** ou **vós**), o **verbo** tanto poderá ficar na **2ª pessoa do plural**, quanto na **3ª pessoa do plural**.

Continuam valendo as regras anteriores, ou seja, se o verbo vier depois do sujeito composto, ficará no plural; se vier antes, concordará com o mais próximo ou ficará no plural.
Ex.

- Teté e eu passamos as férias em Águas de Santa Bárbara.
- Passei as férias em Águas de Santa Bárbara eu e Teté.
- Passamos as férias em Águas de Santa Bárbara eu e Teté.
- Tu e Walmor estais equivocados.
- Tu e Walmor estão equivocados.
- Estás equivocado tu e Walmor.

  - Estais equivocados tu e Walmor.
- Estão equivocados tu e Walmor.

Núcleos ligados pela conjunção ou

Quando os núcleos do sujeito composto forem ligados pela conjunção **ou**, deve-se analisar se há ou não **exclusão**, ou seja, analisar se um elemento, ao praticar a ação, impede que o outro também a pratique.

01) Havendo idéia de exclusão:

Quando houver um elemento praticando a ação e, com isso, impedindo que o outro também a pratique, o verbo ficará no singular.
Ex.

- Dida ou Marcos será o goleiro titular da seleção.
- O Presidente ou o Governador fará o discurso de abertura do Congresso.

02) Não havendo idéia de exclusão:

Quando não houver um elemento praticando a ação e, com isso, impedindo que o outro também a pratique, o verbo ficará no plural.
Ex.

- Dida ou Marcos poderão ser convocados para a Copa de 2002.
- O Presidente ou o Governador estarão presentes na abertura do Congresso.

Núcleos ligados pela preposição "com"

01) Verbo após os núcleos:

Facultativamete ficará no plural ou concordará com o primeiro núcleo o verbo que estiver após o sujeito composto cujos núcleos sejam ligados pela preposição com.
Ex.

- O gerente com os funcionários dará início à promoção de descontos.
- O gerente com os funcionários darão início à promoção de descontos.

02) Verbo antes dos núcleos:

Concordará com o núcleo mais próximo o verbo que estiver antes do sujeito composto cujos núcleos sejam ligados pela preposição com.
Ex.

- Dará início à promoção de descontos o gerente com os funcionários.

Aposto resumidor / conectivos correlatos

O **Aposto resumidor** é normalmente representado por **pronome indefinido** (**tudo, nada, ninguém, alguém, todos...**) ou por **pronome demonstrativo** (**isto, isso, aquilo...**), resumindo o sujeito composto. O verbo, excepcionalmente, concordará com o aposto resumidor.
Ex.

- Brinquedos, roupas, jogos, nada tirava a angústia daquele jovem.
- Amigos, parentes, companheiros de trabalho, ninguém se incomodou com sua ausência.

Quando o sujeito composto tem os elementos ligados por conectivos correlatos: **assim ... como, não só ... mas também, tanto ... como, nem ... nem**, o verbo ficará no plural. O singular é raro.
Ex.

- Tanto o irmão como a esposa ignoraram seu pedido de ajuda.
- Não só Pedro mas também Eduardo estão à sua procura.

Um e outro / um ou outro / nem um nem outro

Um e outro

Quando o sujeito for a expressão um e outro, o substantivo correspondente a ela ficará no singular, o adjetivo no plural e o verbo facultativamente no singular ou no plural.

Ex.

- Um e outro aluno indisciplinados será punido.
- Um e outro aluno indisciplinados serão punidos.

Um ou outro Quando o sujeito for a expressão um ou outro, o verbo ficará no singular.
Ex.

- Um ou outro esteve à sua procura.

Nem um nem outro Quando o sujeito for a expressão nem um nem outro, o verbo ficará no singular, porém há gramáticos que o admitem no plural.
Ex.

- Nem um nem outro terá coragem de se revelar.
- "Nem um nem outro compareceram."(Carlos Góis)

Verbos Especiais

01) O verbo Ser:

A) Quando o verbo ser e o predicativo do sujeito forem numericamente diferentes (um no singular, outro no plural), o verbo deverá ficar no plural.
Ex.

- O vestibular são as esperanças dos estudantes.
- Tudo são flores, quando se é criança.

B) Se o sujeito representar uma pessoa ou se for pronome pessoal, o verbo concordará com ele.
Ex.

- Aline é as alegrias do namorado.
- O Presidente é as esperanças do povo brasileiro.

C) Se o sujeito for uma quantidade no plural, e o predicativo do sujeito, palavra ou expressão como muito, pouco, o bastante, o suficiente, uma fortuna, uma miséria, o verbo ficará no singular.
Ex.

- Cem reais é muito, por esse produto.
- Duzentos gramas de carne é pouco.

D) Na indicação de horas ou distâncias, o verbo concordará com o numeral.
Ex.

- Era meio-dia, quando ele chegou.
- São duas horas.
- É 1h58min.

E) Na indicação de datas, o verbo poderá ficar no singular, concordando com a palavra dia, ou no plural, concordando com a palavra dias.
Ex.

- É 1º de outubro. = É dia 1º de outubro ou É o primeiro dia de outubro.
- É 15 de setembro = É dia quinze de setembro.
- São 15 de setembro = São quinze dias de setembro.

02) O verbo Haver:

O verbo haver é impessoal, no sentido de existir, de acontecer ou indicando tempo decorrido; por isso fica na 3ª pessoa do singular - caso esteja acompanhado de um verbo auxiliar, formando uma locução verbal, ambos ficarão no singular. Nos outros sentidos, concorda com o sujeito.
Ex.

- Havia um mês, nós estávamos à sua procura.
- Poderá haver confrontos entre os policiais e os grevistas.
- Os alunos haviam ficado revoltados.

Haja vista:

A) Com a prep. a: haver no singular; vista invariável;
Ex.

- Haja vista ao exemplo dado.
- Haja vista aos exemplos dados.

B) Sem a prep. a: haver no singular ou concorda com o substantivo; vista invariável.
Ex.

- Haja vista o exemplo dado.
- Haja vista os exemplos dados.
- Hajam vista os exemplos dados.

03) O verbo Fazer:

O verbo fazer é impessoal, indicando tempo decorrido e fenômeno natural; por isso fica na 3ª pessoa do singular - caso esteja acompanhado de um verbo auxiliar, formando uma locução verbal, ambos ficarão no singular. Nos outros sentidos, concorda com o sujeito.
Ex.

- Faz três meses que não o vejo.
- Faz 35º no verão, em Londrina.
- Deve fazer cinco anos que ele morreu.

04) Outros verbos impessoais:

Os outros verbos impessoais, que também ficam na terceira pessoa do singular, são os seguintes:
Fenômenos da natureza:

- Chove há três dias sem parar.
- Choveram pedras. Nesse caso, o verbo não é impessoal, pois o sujeito está claro.

Passar de, indicando horas:

- Já passa das 11h30.
- Já passava das oito horas, quando ela chegou.

Chegar de e bastar de, no imperativo:

- Chega de firulas! Vamos ao assunto.
- Basta de conversas, meninos!

05) Os verbos Dar, Bater e Soar:

Concordam com o sujeito, que pode ser:

A) o relógio, a torre, o sino...
Ex.

- O relógio deu quatro horas.
- O sino soou cinco horas.

B) as horas.

O numeral que marca as horas funcionará como sujeito, quando o relógio, a torre, o sino funcionarem como adjunto adverbial de lugar - com a prep. em, ou quando eles não aparecerem na oração.
Ex.

- No relógio, deram quatro horas.
- No sino, soaram cinco horas.
- Bateram sete horas.

06) O verbo Parecer + infinitivo:

Quando o verbo parecer surgir antes de outro verbo no infinitivo, duas ocorrências podem acontecer:

A) Pode ocorrer a formação de uma locução verbal. Nesse caso, o verbo parecer concordará com o sujeito, e o verbo no infinitivo ficará invariável.
Ex.

- As meninas parecem estar nervosas.
- Os alunos parecem estudar deveras.

B) Pode ocorrer a formação de um período composto, com o verbo parecer na oração principal, invariável, e o verbo no infinitivo, formando oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo, concordando com o sujeito.
Ex.

- As meninas parece estarem nervosas.
- Os alunos parece estudarem deveras.
- Nesses dois casos, se desenvolvermos as orações, teremos:
- Parece as meninas estarem nervosas. Proveio de Parece que as meninas estão nervosas.
- Parece os alunos estudarem deveras. Proveio de Parece que os alunos estudam deveras.

07) A Partícula Apassivadora:

O verbo na voz passiva sintética, construída com o pronome se, concorda normalmente com o sujeito. A maneira mais fácil de se comprovar que a oração está na voz passiva sintética é passando-a para a voz passiva analítica: Alugam-se casas muda para Casas são alugadas. Sempre que for possível essa

transformação, o se será chamado de Partícula Apassivadora. Para relembrar esse estudo clique aqui.
Ex.

- Entregam-se encomendas. = Encomendas são entregues por alguém.
- Ouviram-se muitas histórias. = Muitas histórias foram ouvidas.
- Sabe-se que ele não virá. = Que ele não virá é sabido.

08) O Índice de Indeterminação do Sujeito:

O pronome se, sendo índice de indeterminação do sujeito, deixa o verbo na terceira pessoa do singular; haverá I.I.S. quando surgir na oração VI, sem sujeito claro; VTI, com OI; VL, com PS e VTD, com ODPrep. Para relembrar esse estudo clique aqui.
Ex.

- Morre-se de fome no Brasil.
- Assiste-se a filmes interessantes.
- Aqui se está satisfeito.
- Respeita-se a Robertoldo.

Exercícios

Para as questões de 01 a 32 seque o código abaixo. Assinale com "C" as alternativas corretas e com "I " as incorretas:

01) (   ) À autora e à leitora do romance só interessam a verdade
02) (   ) Tu e teu colega devereis comparecer ao tribunal
03) (   ) Juro que tu e tua mulher me pagam
04) (   ) Não quero que fique contra ela o pai e os amigos
05) (   ) Casarás com a prima e sereis felizes para sempre
06) (   ) Aflição, dores, tristezas, nada o fazia abandonar a luta
07) (   ) A tranqüilidade e a calma transmite segurança ao público.
08) (   ) Um grito, um gemido, um sussurro acordava a pobre mãe.
09) (   ) A viúva com o resto da família mudaram-se para Santiago
10) (   ) A riqueza ou o poder o livrou do processo
11) (   ) Alunos ou aluno farão a homenagem
12) (   ) Ler e escrever provocam entusiasmo na juventude
13) (   ) O jovem como o adulto têm os mesmos conflitos
14) (   ) Um e outro vício nega os foros da natureza
15) (   ) Mais de um atleta completaram o percurso da maratona
16) (   ) Não serei eu um dos alunos que cruzaremos os braços
17) (   ) O bando assaltou a joalheira e, depois, fugiram pelas ruas
18) (   ) Um grande número de pessoas observavam os atores
19) (   ) Os dez por cento da comissão desapareceu
20) (   ) Quantos de nós será aprovado neste concurso?
21) (   ) Os Lusíadas imortalizaram Camões
22) (   ) Não mais viajaremos, haja visto os problemas
23) (   ) Já não se fazem planos mirabolantes
24) (   ) Fala-se de festas em que se assistem a filmes instrutivos
25) (   ) A partir de agora, sou eu quem passa a transmitir o jogo
26) (   ) Com certeza ainda faltam discutir todas as questões
27) (   ) Faz muitos anos que não chovem flores em minha vida, mas houve casos de chover tomates. Basta apenas de problemas
28) (   ) Tudo são apenas sonhos, pois o homem é suas cinzas
29) (   ) São seis e meia da tarde e hoje é seis de março de 1999
30) (   ) Cem mil reais é menos do que preciso
31) (   ) O herói és tu, embora a maioria sejam homens valorosos
32) (   ) Mentiras era o que me pediam, sempre mentiras.

Respostas sobre Concordância Verbal:

01) I
02) C
03) C
04) C
05) C
06) C
07) C
08) C
09) C
10) I
11) I
12) I
13) C
14) C
15) I
16) I
17) C
18) C
19) I
20) I
21) C
22) I
23) C
24) I
25) C
26) I
27) I
28) C
29) C
30) C
31) C
32) C

Complementos Verbais

Basicamente, são dois os complementos verbais: o **objeto direto** e o **objeto indireto**:

01) Objeto Direto
Complementa um verbo transitivo direto, sem auxílio da preposição.

Ex. As professoras ajeitaram **as crianças** carinhosamente.
O diretor demitiu **os funcionários** corruptos.
Leio, em média, **quarenta livros** por ano.

02) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta
Haverá oração subordinada substativa objetiva direta, quando o objeto direto for representado por uma oração, ou seja, quando houver objeto direto com verbo.

Ex. Os atletas disseram **que não se doparam**.
"Eu sei **que vou te amar...**"
Constatamos **que o pagamenteo não fora efetuado**.

03) Pronomes Oblíquos Átonos
Os pronomes oblíquos átonos que funcionam como objeto direto são **ME, TE, O, A, SE, NOS, VOS, OS, AS**.

Ex. Encontrei-**os** ontem à noite.
Meu irmão quer levar-**me** à sua cidade.
As provas, revisei-**as** há pouco.
Obs: **VTD, seguido de o, a, os, as**:
Verbo terminado em **vogal**: Os pronomes não se modificam.
Verbo terminado em **M, ÃO** ou **ÕE**: Os pronomes se modificam para **no, na, nos, nas**.
Verbo terminado em **R, S** ou **Z**: Os pronomes se modificam para **lo, la, los, las,** e as terminações desaparecem.

Ex. Revisei as provas. = Revisei-**as**.
Eles revisaram as provas. = Eles revisaram-**nas**.
Eles irão revisar as provas. = Eles irão revisá-**las**.

04) Objeto Indireto
Complementa um **verbo transitivo indireto**, por meio de uma preposição.

Ex. **Assisto** a todos os filmes de Almodovar.
Creia em mim, pois sou fiel.
Obedeça aos regulamentos da empresa.

05) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Indireta
Haverá oração subordinada substativa objetiva indireta, quando o objeto indireto for representado por uma oração, ou seja, quando houver **objeto indireto com verbo**.

Ex. Os professores precisam **de que os alunos estejam atentos**.
Acredito **em que conseguiremos nosso intento**.

06) Pronomes Oblíquos Átonos
Os pronomes oblíquos átonos que funcionam como objeto indireto são **ME, TE, LHE, SE, NOS, VOS, LHES**.

Ex. Não **lhe** paguei a dívida, por falta de dinheiro.
Eles não **me** obedecem.
Falta-**me** seu carinho.

07) Objeto Direto Preposicionado
Complementa um verbo transitivo direto, com auxílio da preposição.
Casos obrigatórios:
a) **Pronomes Oblíquos Tônicos**: **mim, ti, si, ele, ela, nós, vós, eles, elas**.
b) **O Pronome Relativo Quem**.
c) **A palavra Deus**.

d) **Evitando ambigüidade**.

Ex. **A mim** você conhece há anos.
A garota **a quem** ele ama traiu-o.
"Amar **a Deus** sobre todas as coisas."
Vencerá o Santos **ao Palmeiras**.

Casos facultativos:
a) **Pronomes Indefinidos**.
b) **O numeral Ambos**.
c) **Nomes Próprios**.
d) **Verbos puxar, sacar, pegar, cumprir**.

Ex. Conheci todos. ou Conheci a todos.
Vi ambos. ou Vi a ambos.
Encontrei Etevaldo. ou Encontrei a Etevaldo.
Puxou o revólver. ou Puxou do revólver.

Verbos comer e beber.
O objeto direto desses verbos indicam totalidade; o direto preposicionado, partes.

Ex. **Bebi** aquela garrafa de refrigerante. Indica que bebi a garrafa toda.
Bebi daquela garrafa de refrigerante. Indica que bebi apenas parte dela.

08) Objetos Pleonásticos
Haverá objeto pleonástico, quando houver duas palavras funcionando como **objeto direto**, ou como **objeto indireto**, representando um elemento só.

Ex. **Minhas metas**, **respeito-as sempre**.
Aos amigos, **quero dedicar**-lhes **esta canção**.

Qualquer dos dois pode ser chamado de objeto pleonástico. O importante é saber quando ocorre o pleonasmo.

Exercícios

1- Em cada grupo de frases, um mesmo verbo é utilizado com transitividade diferente.
Indique a transitividade verbal em cada oração.
a) Quem deve falar agora?
Não me falaste a verdade.
Sempre fala asneiras.
b) Só dois alunos faltaram ontem.
Faltou-me coragem naquele instante.
c) Alguns insetos transmitem doenças.
Transmita meus cumprimentos a seu irmão.
d) Ela vive a cantar.
É um poema que canta as glórias passadas do povo português.
Cantou suas mágoas a todos que o ouviam.

2- Classifique o termo destacado em cada uma das frases seguintes. Depois, substitua por um pronome oblíquo átono.
a) Falta seriedade a muitos homens públicos.
b) Diante da inevitável constatação, outra forma de entender a vida ocorreu ao respeitável poeta.
c) Muitos eleitores queriam demonstrar sua indignação.
d) Ouço música popular brasileira.
e) Comunico a todos meu pedido de demissão.
f) Comunico a todos meu pedido de demissão.
g) Paguei todos os meus débitos.
h) Paguei a todos os meus credores.
i) Apresentei nossas reivindicações ao presidente da comissão.
j) Apresentei nossas reivindicações ao presidente da comissão.

3. Compare cada par de frases e comente as diferenças de sentido existentes.
a) Comemos o pão.
Comemos do pão.
b) Como beber dessa bebida amarga?

Como beber essa bebida amarga?
c) Sacou a arma.
Sacou da arma.

4. Forme orações a partir dos elementos fornecidos em cada um dos itens seguintes. Estabeleça as relações necessárias à obtenção de orações bem estruturadas.
a) Acontecer / fatos surpreendentes / Ihe / durante a viagem à Europa.
b) Haver / poucos problemas / no seminário de ontem.
c) Comunicar / a imprensa / novo preço dos combustíveis / ontem à noite.
d) Favorecer / as novas regras de exploração do solo / apenas alguns grupos empresariais.
e) Necessitar / investimento em educação pública / o país
f) Apresentar / propostas de alteração constitucional / vários deputados/ na sessão de ontem / aos colegas.

RESPOSTAS

1.
a) intransitivo / transitivo direto e indireto / transitivo direto
b) intransitivo / transitivo indireto
c) transitivo direto / transitivo direto e indireto
d) intransitivo / transitivo direto / transitivo direto e indireto

2.
a) falta-lhes (objeto indireto)
b) ... ocorreu-lhe (objeto indireto)
c) ... demonstra-la (objeto direto)
d) ouço-a (objeto direto)
e) comunico-lhes (objeto indireto)
f) comunico-o (objeto direto)
g) paguei-os (objeto direto)
h) paguei-lhes (objeto indireto)
i) apresentei-as (objeto direto)
j) apresentei-lhe (objeto indireto)

3.
a) A primeira frase pode significar que se comeu todo o pão; a segunda significa que se comeu apenas parte dele.
b) A primeira frase significa que se deve beber apenas parte da bebida amarga; a segunda, que se pode bebê-la toda.
c) A segunda frase é mais enérgica que a primeira.

4.
a) Aconteceram-lhe fatos surpreendentes durante a \viagem à Europa.
b) Houve poucos problemas no seminário de ontem .
c) A imprensa comunicou o novo preço dos combustíveis ontem à noite.
d) As novas regras de exploração do solo favorecem apenas alguns grupos empresariais.
e) país necessita de investimentos cm educação pública.
f) Vários parlamentares apresentaram propostas de alteração constitucional aos colegas na sessão de ontem.

Aposto e Vocativo

Aposto

É o termo que explica, desenvolve, identifica ou resume um outro termo da oração, independente da função sintática que este exerça. Há quatro tipos de aposto:

Aposto Explicativo

O aposto explicativo identifica ou explica o termo anterior; é separado do termo que identifica por vírgulas, dois pontos, parênteses ou travessões.
Ex.

- Terra Vermelha, romance de Domingos Pellegrini, conta a história da colonização de Londrina.

Oração Subordinada Adjetiva Explicativa

É a oração que funciona como aposto explicativo. É sempre iniciada por um pronome relativo e, da mesma maneira que o aposto explicativo, é separada por vírgulas, dois pontos, parênteses ou travessões.
Ex.

- Terra Vermelha, que é um romance de Domingos Pellegrini, conta a história da colonização de Londrina.

Oração Subordinada Substantiva Apositiva

Oração Subordinada Substantiva Apositiva é outra oração que funciona como aposto. A função dela é complementar o sentido de uma frase anterior que esteja completa sintaticamente.
Por exemplo, quando se diz **Ela só quer uma coisa** a frase está completa sintaticamente, pois tem **sujeito-verbo-objeto**, porém incompleta quanto ao sentido. Portanto deveremos colocar algo que complete o sentido dessa frase. Por exemplo **Ela só quer uma coisa: que sua presença seja notada**. Eis aí a Oração Subordinada Substantiva Apositiva.
Não confunda com a Oração Subordinada Adjetiva Explicativa, que também funciona como aposto, mas que tem como função complementar o sentido de um substantivo anterior, e não uma frase. Por exemplo:
A vaca, que para os hindus é um animal sagrado, para nós é sinônimo de churrasco. Eis aí a Oração Subordinada Adjetiva Explicativa.

Aposto Especificador

O aposto especificador Individualiza ou especifica um substantivo de sentido genérico, sem pausa. Geralmente é um substantivo próprio que individualiza um substantivo comum.
Ex.

- O professor José mora na rua Santarém, na cidade de Londrina.

Aposto Enumerador

O aposto enumerador é uma seqüência de elementos usada para desenvolver uma idéia anterior.
Ex.

- O pai sempre lhe dava três conselhos: nunca empreste dinheiro a ninguém, nunca peça dinheiro emprestado a ninguém e nunca fique devendo dinheiro a ninguém.
- O Escoteiro deve carregar consigo seu material: mochila, saco de dormir e barraca.

Aposto Resumidor

O aposto resumidor é usado para resumir termos anteriores. É representado, geralmente, por um pronome indefinido.
Ex.

- Alunos, professores, funcionários, ninguém deixou de lhe dar os parabéns.

Vocativo

O vocativo é um termo independente que serve para chamar por alguém, para interpelar ou para invocar um ouvinte real ou imaginário.
Ex.

- Teté, dê-me um beijo!

Exercícios

1- Nas fases seguintes aponte os apostos e os vocativos:
a) Meu velho amigo, não há mais nada em que se possa dizer.
b) Você, meu velho amigo, não tem nada para me dizer?
c) Ó meus sonhos, aonde fostes ?
d) Uma casa na encosta da montanha, meu maior sonho, evaporou-se com o confisco da poupança.
e) Não há mais nada há fazer, minha querida.
f) Tu, que não sabes o que fazes, diz: há lei nesta terra?
g) Um dia, meu bem, não haverá miséria.

h) Ele não deseja muita coisa: um emprego, uma casinha, uns trocados para viagem de vez em quando.

RESPOSTAS

1-
vocativo: meu velho amigo
vocativo: você aposto do vocativo: meu velho amigo
vocativo: ó meus sonhos
aposto do vocativo: meu maior sonho
vocativo: minha querida
vocativo: tu
vocativo: meu bem
aposto do vocativo: um emprego, uma casinha, uns trocados para uma viagem de vez em quando.

Advérbio

O **advérbio** é uma categoria gramatical invariável que modifica **verbo, adjetivo** ou outro **advérbio**, atribuindo-lhes uma circunstância de **tempo, modo, lugar, afirmação, negação, dúvida ou intensidade**. Por exemplo, a frase Ontem, ela não agiu muito bem. tem quatro advérbios: ontem, de tempo; não, de negação; muito, de intensidade; bem, de modo.

As circunstância podem também ser expressas por uma locução adverbial - duas ou mais palavras exercendo a função de um advérbio. Por exemplo, a frase Ele, **às vezes**, age **às escondidas**. Tem duas locuções adverbiais: **às vezes**, de tempo; **às escondidas**, de modo.

Classificação dos Advérbios

01) Advérbios de Modo

Assim, bem, mal, acinte (de propósito, deliberadamente), adrede (de caso pensado, de propósito, para esse fim), debalde (inutilmente), depressa, devagar, melhor, pior, bondosamente, generosamente e muitos outros terminados em mente.

Locuções Adverbiais de Modo:

às pressas, às claras, às cegas, à toa, à vontade, às escondidas, aos poucos, desse jeito, desse modo, dessa maneira, em geral, frente a frente, lado a lado, a pé, de cor, em vão.

02) Advérbios de Lugar

abaixo, acima, adentro, adiante, afora, aí, além, algures (em algum lugar), alhures (em outro lugar), nenhures (em nenhum lugar), ali, aquém, atrás, cá, dentro, embaixo, externamente, lá, longe, perto.

Locuções Adverbiais de Lugar:

a distância, à distância de, de longe, de perto, em cima, à direita, à esquerda, ao lado, em volta.

03) Advérbios de Tempo

afinal, agora, amanhã, amiúde (de vez em quando), ontem, breve, cedo, constantemente, depois, enfim, entrementes (enquanto isso), hoje, imediatamente, jamais, nunca, outrora, primeiramente, tarde, provisoriamente, sempre, sucessivamente, já.

Locuções Adverbiais de Tempo:

às vezes, à tarde, à noite, de manhã, de repente, de vez em quando, de quando em quando, a qualquer momento, de tempos em tempos, em breve, hoje em dia.

04) Advérbios de Negação

não, tampouco (também não).

Locuções Adverbiais de Negação:

de modo algum, de jeito nenhum, de forma nenhuma.

05) Advérbios de Dúvida

acaso, casualmente, porventura, possivelmente, provavelmente, talvez, quiçá.

Locuções Adverbiais de Dúvida:

por certo, quem sabe.

06) Advérbios de Intensidade

assaz (bastante, suficientemente), bastante, demais, mais, menos, muito, quanto, quão, quase, tanto, pouco.

Locuções Adverbiais de Intensidade:

em excesso, de todo, de muito, por completo.

07) Advérbios de Afirmação

certamente, certo, decididamente, efetivamente, realmente, deveras (realmente), decerto, indubitavelmente.

Locuções Adverbiais de Afirmação:

sem dúvida, de fato, por certo, com certeza.

08) Advérbios Interrogativos

onde (lugar), quando (tempo), como (modo), por que (causa).

Flexão do advérbio

O advérbio pode flexionar-se nos graus comparativo e superlativo absoluto.

Comparativo de Superioridade

O advérbio flexiona-se no grau comparativo de superioridade por meio de mais ... (do) que. Ex.

- Ele agiu mais generosamente que você.

Comparativo de Igualdade

O advérbio flexiona-se no grau comparativo de igualdade por meio de tão ... como, tanto ... quanto. Ex.

- Ele agiu tão generosamente quanto você.

Comparativo de Inferioridade

O advérbio flexiona-se no grau comparativo de inferioridade por meio de menos ... (do) que. Ex.

- Ele agiu menos generosamente que você.

Superlativo Absoluto Sintético

O advérbio flexiona-se no grau superlativo absoluto sintético por meio dos sufixos -issimamente, -íssimo ou -inho.
Ex.

- Ela agiu educadissimamente.
- Ele é muitíssimo educado.
- Acordo cedinho.

Superlativo Absoluto Analítico

O advérbio flexiona-se no grau superlativo absoluto analítico por meio de um advérbio de intensidade

como muito, pouco, demais, assaz, tão, tanto...
Ex.

- Ela agiu muito educadamente.
- Acordo bastante cedo.

Melhor e **pior** são formas irregulares do grau comparativo dos advérbios **bem** e **mal**; no entanto, junto a adjetivos ou particípios, usam-se as formas **mais bem** e **mais mal**. Ex.

- Estes alunos estão mais bem preparados que aqueles.

Havendo dois ou mais advérbios terminados em **-mente**, numa mesma frase, somente se coloca o sufixo no último deles.
Ex.

- Ele agiu rápida, porém acertadamente.

Exercícios sobre Advérbios

1- As expressões destacadas correspondem a um adjetivo, exceto em:
a) João Fanhoso anda amanhecendo sem entusiasmo.
b) Demorava-se de propósito naquele complicado banho.
c) Os bichos da terra fugiam em desabalada carreira.
d) Noite fechada sobre aqueles ermos perdidos da caatinga sem fim.
e) E ainda me vem com essa conversa de homem da roça.

2- Em todas as alternativas há dois advérbios, exceto em:
a) Ele permaneceu muito calado.
b) Amanhã, não iremos ao cinema.
c)O menino, ontem, cantou desafinadamente.
d) Tranqüilamente, realizou-se, hoje, o jogo.
e) Ela falou calma e sabiamente.

3- A opção em que há um advérbio exprimindo circunstância de tempo é:
a) Possivelmente viajarei para São Paulo.
b) Maria teria aproximadamente 15 anos.
c) As tarefas foram executadas concomitantemente.
d) Os resultados chegaram demasiadamente atrasados.

4- Substitua a expressão destacada por
um advérbio de significação equivalente.
a) Recebeu a repreensão sem dizer palavras.
b) Falava sempre no mesmo tom.
c) Aceitou tudo sem se revoltar.
d) Trataram-me como irmão.

5- Reescreva a passagem "Humildemente pensando na vida... " substituindo o advérbio por uma locução adverbial equivalente.

6- Leia atentamente o seguinte trecho de uma entrevista:
Pergunta: O Sr. fala em respeito à Constituição. Não é contraditório, então, colocar a não-posse do vice Itamar em caso de impeachment?
Resposta: Você não acha que um impeachment imposto não é rasgar a Constituição?
(Entrevista com o governador Antônio Carlos Magalhães. Isto *É,* 24 jun. 1992.)
Se tomada literalmente, a fala de A.C.M. tem um sentido que é o oposto do pretendido.
a) Qual o sentido literal da fala de A. ***C.*** M.?
b) Reescreva a fala de A. C. M. de forma a eliminar o eventual mal-entendido.
c) A forma da pergunta pode ter influenciado a forma da resposta. Qual a característica formal que torna a resposta de A.C.M. semelhante à pergunta do repórter?

7- Em "... um **aborrecimento** quando **os** vejo e gostaria de não vê-los mais" as palavras destacadas ção, reçpectivamente:
a) adjetivo, artigo, advérbio.
b) adjetivo, pronome, pronome.
c) substantivo, pronome, advérbio.
d) substantivo, artigo, pronome.
e) verbo, pronome, preposição.

8- Assinale a alternativa em que a preposição com traduz uma relação de instrumento.

a) "Teria sorte nos outros lugares, com gente estranha."
b) "Com o meu avo cada vez mais perto do fim, o Santa Rosa seria um inferno."
c) "Não fumava, e nenhum livro com força de me prender."
d) "Trancava-me no quarto fugindo do aperreio, matando-as com jornais."
e) "Andavam por cima do papel estendido com outras já pregadas no breu."

9- Lista dos advérbios:
bisonhamente
ironicamente
quixotescamente
desassombradamente
laconicamente
radicalmente
estoicamente
perfunctoriamente
sibilinamente
frugalmente
prolixamente
sofregamente
inexoravelmente
puerilmente
sutilmente
tacitamente

Escolha, na lista acima, o advérbio mais adequado a cada uma das ações abaixo enunciadas, de acordo com o modelo.
Falar com orgulho e arrogância – Falar **arrogantemente**

a) Dizer com palavras enigmáticas e difíceis de compreender.
b) Falar de maneira franca e corajosa.
c) Exprimir-se com palavras excessivas.
d) Concordar sem dizer palavras.
e) Agir com a inexperiência de um principiante.
f) Agir com impaciência e ambição.
g) Agir como criança.
h) Insinuar com perspicácia e delicadeza.
i) Eliminar pela base.
j) Eliminar sem se render a rogos.

10- No trecho:
"0s trens de cana apitavam de quando em vez, mas não davam vencimento à fome das moendas",
As palavras destacadas correspondem, morfologicamente, pela ordem, a:
a) preposição, advérbio, verbo, substantivo.
b) conjunção, advérbio, substantivo, adjetivo.
c) preposição, advérbio, adjetivo, adjetivo.
d) preposição, advérbio, verbo, advérbio.
e) preposição, advérbio, substantivo, substantivo.

11- Os seus projetos são os .... elaborados, por isso garantem verbas .... para sua execução e evitam ....-entendidos.
a) melhor - suficientes- mal
b) mais bem - suficientes - mal
c) mais bem - suficiente - mal
d) melhor - suficientes - mau
e) melhor - suficiente – mau

12- Observe os seguintes fragmentos:
"viver em voz **alta**." e "... que ligasse o rádio um pouco **alto**..."
Indique a classe gramatical das palavras destacadas e o processo de derivação que ocorre no segundo fragmento.

13- Em: "uma cerca **de pedra-seca**, do tempo dos escravos" e "Tudo é mato, crescendo **sem regra**.", as locuções destacadas são, respectivamente:

a) adjetiva e adjunto adnominal; adverbial e adjunto adverbial.
b) adverbial e objeto indireto; adjetiva e predicativo.
c) adjetiva e adiunto adverbial; adverbial e adjunto adnominal.

d) adjetiva e complemento nominal; adverbial e adjunto adnominal.
e) adverbial e adjunto adnominal; adjetiva e complemento nominal.

14- Assinale a alternativa em que a locução destacada tem valor adjetivo.

a) "Comprei móveis e objetos diversos que entrei a utilizar **com receio**."
b) "Azevedo Gondim compôs **sobre ela** dois artigos."
c) "Pediu-me **com voz baixa** cinqüenta mil reais.
d) "Expliquei em **resumo** a prensa, o dínamo, as serras..."
e) "Resolvi abrir o olho para que vizinhos sem **escrúpulos** não se apoderassem do que era delas."

Respostas

1) b
2) a
3) c
4) a) caladamente, mudamente
   b) monotonamente
   c) resignadamente
   d) fraternalmente
5) com humildade, pensando na vida...
6) a) A frase significa que um *impeachment* imposto não rasga a Constituição, ou seja, não desrespeita as leis.
   b) Você não acha que um *impeachment* imposto é rasgar a Constituição?
   c) A ocorrência da dupla (...não é contraditório...a não posse / não acha não é rasgar).
7) c
8) d
9) a) sibilinamente
   b) desassombradamente
   c) prolixamente
   d) tacitamente
   e) bisonhamente
   f) sofregamente
   g) puerilmente
   h) sutilmente
   i) radicalmente
   j) inexoravelmente
10) e
11) b
12) adjetivo se transforma em advérbio por meio do processo de derivação imprópria.
13) a
14) e

Adjunto Adverbial

É a função sintática da palavra ou da expressão que servem para modificar ou intensificar o sentido do verbo, do predicativo ou de outro adjunto adverbial, atribuindo-lhes uma circunstância.

Não se deve confundir adjunto adverbial com advérbio: advérbio é a classe gramatical; adjunto adverbial é a função sintática. Em outras palavras: advérbio é o nome da palavra; adjunto adverbial é a função que a palavra exerce na oração.

Classificação dos Adjuntos Adverbiais

01) Adjunto Adverbial de Tempo

Ex.

- O avião chegará a qualquer momento.
- De vez em quando, vou ao cinema.
- Ninguém confia nos políticos hoje em dia, no Brasil.

Observe que, quando o adjunto adverbial estiver no final da oração, não será separado por vírgula, a não ser que haja dois ou mais adjuntos adverbiais coordenados. Se o adjunto adverbial estiver no início da oração ou entre os elementos formadores da oração, deverá estar separado por vírgula.

02) Adjunto Adverbial de Lugar

Ex.

- O policial observava o bandido a distância.
- O documento está em cima da escrivaninha.
- De vez em quando, vou ao cinema.

A locução adverbial **a distância** só receberá o acento grave indicativo de crase, se possuir a preposição de, formando a locução prepositiva **à distância de**. Por exemplo:

- O policial observava o bandido à distância de cem metros.

03) Adjunto Adverbial de Modo

Ex.

- Os namorados caminhavam lado a lado.
- Caminhei à toa pela cidade.
- O acontecimento espalhou-se boca a boca.

À toa, adjunto adverbial, não tem hífen. Quando for locução adjetiva, ou seja, quando estiver qualificando um substantivo, terá hífen. Por exemplo Aquele homem à-toa só anda à toa.

04) Adjunto Adverbial de Negação

Ex.

- Não o procurarei mais.
- De modo algum, você usará esse objeto.

Observe que o adjunto adverbial não, apesar de estar no início da oração, não está separado por vírgula. Isso porque é representado por apenas uma palavra. Portanto só será separado por vírgula o adjunto adverbial que for representado por mais de uma palavra.

05) Adjunto Adverbial de Afirmação

Ex.

- Decididamente estou disposto a ajudá-lo.
- Sem dúvida alguma, iremos até aí amanhã.

06) Adjunto Adverbial de Dúvida

Ex.

- Quem sabe, conseguiremos a vaga.
- Talvez encontremos a solução.

07) Adjunto Adverbial de Intensidade

Ex.

- Ele bebeu em excesso.
- Ela estava meio nervosa.

08) Adjunto Adverbial de Meio

Ex.

- Gosto de viajar de avião.
- Fiz o trabalho a máquina.
- Atacou os desordeiros a pedras.

Nas expressões adverbiais femininas, muitas vezes ocorre o acento grave sem que haja a crase, isto é, a fusão de dois aa. Verifique: Comprei o carro à vista. Se trocarmos por um masculino correspondente, teremos: Comprei o carro a prazo. Evidência clara de que na expressão à vista não houve a fusão de dois aa. Nesses casos, o uso do acento grave é justificado por alguns gramáticos por uma questão de tradição da língua, ou para tornar o contexto mais claro, evitando-se ambigüidades.

Não confunda adjunto adverbial de meio com adjunto adverbial de modo. Este indica a maneira como a ação é praticada; aquele, o instrumento usado para a ação ser praticada. Por exemplo: Andei de bicicleta, vagarosamente. de bicicleta é o meio; vagarosamente, o modo.

09) Adjunto Adverbial de Causa

Ex.

- Frank Zappa morreu devido a um câncer na próstata.
- O poço secou com o calor.

10) Adjunto Adverbial de Companhia

Ex.

- Passeei a tarde toda com Ester.
- Andarei junto de você.

11) Adjunto Adverbial de Finalidade

Ex.

- Eles vieram aqui para um estudo aprofundado de Português.

- Convidei meus amigos para um passeio.

12) Adjunto Adverbial de Oposição
Ex.
- O Santos jogará com o Palmeiras.
- Ela agiu contra a família.

13) Adjunto Adverbial de Argumento

Ocorrerá o adjunto adverbial de argumento com as expressões chegar de e bastar de, no Imperativo.
Ex.
- Chega de brigas.
- Basta de incompetência.

14) Adjunto Adverbial de Assunto

Ocorrerá o adjunto adverbial de assunto, quando houver verbo, indicando comunicação entre as pessoas (falar, conversar, discutir...) com a prep. de, a prep. sobre, a locução prepositiva acerca de, a loc. prep. a respeito de...
Ex.
- Conversamos sobre você ontem.
- Discutiremos acerca de seu problema.
- O palestrante falará a respeito dos problemas educacionais brasileiros.

15) Adjunto Adverbial de Preço
Ex.
- Esse relógio custa muito caro.
- Paguei R$ 600,00 ao dentista.

As palavras **caro** e **barato** só serão adjunto adverbial de preço, junto do verbo custar. Caso surjam com verbo de ligação, funcionarão como predicativo do sujeito, concordando com este elemento. Por exemplo As calças custaram caro. mas As calças estão caras.

16) Adjunto Adverbial de Matéria
Ex.
- Fiz de ouro o meu relógio.

17) Adjunto Adverbial de Acréscimo
Ex.
- Além da tristeza, sentia um profundo mal-estar.

18) Adjunto Adverbial de Concessão

Ocorrerá adjunto adverbial de concessão na indicação de fatores contrários iniciados por apesar de, embora, inobstante...
Ex.
- Apesar de você, sou feliz.
- Inobstante sua má vontade, consegui meu intento.

19) Adjunto Adverbial de Condição
Ex.
- Sem disciplina, não há educação.

20) Adjunto Adverbial de Conformidade
Ex.
- Faça tudo conforme os regulamentos da empresa.

21) Adjunto Adverbial de Substituição
Ex.
- Abandonou suas convicções por privilégios.

Orações Subordinadas Adverbiais

Orações subordinadas adverbiais são adjuntos adverbiais com verbo.

São nove as orações subordinadas adverbiais, que são iniciadas por uma conjunção subordinativa.

01) Causal

Funciona como adjunto adverbial de causa. É iniciada por conjunção subordinativa causal ou por locução conjuntiva subordinativa causal. As principais são porque, porquanto, visto que, já que, uma vez que, como, por + infinitivo.
Ex.
- Por ter caído do sétimo andar, ele morreu.
- Como estivesse chovendo, fechei as janelas.
- Saímos daquele local, uma vez que havia risco de desabamento.
- Houve muitas queimadas, visto que não choveu por 63 dias.

02) Comparativa

É iniciada pelos elementos comparativos mais ... que, menos ... do que, tanto... quanto, tão ... como. Em quase todas as orações subordinadas adverbiais comparativas ocorre zeugma, que é a omissão do verbo já escrito anteriormente.
Ex.
- Ele é tão inteligente quanto o irmão.
- Cornélio Procópio fica tão longe de Londrina quanto Apucarana.
- Campinas é maior que Ribeirão Preto.

03) Concessiva

Funciona como adjunto adverbial de concessão. É iniciada por conjunção subordinativa concessiva ou por locução conjuntiva subordinativa concessiva. As principais são embora, conquanto, inobstante, não obstante, apesar de que, se bem que, mesmo que, posto que, ainda que, em que pese.
Ex.
- Embora o técnico não revele, o principal jogador do time não participará do jogo.
- Mesmo que você não queira, irei até aí.
- Apesar de estarmos passando por uma crise, ele compou um carro novo.

04) Condicional

Funciona como adjunto adverbial de condição. É iniciada por conjunção subordinativa condicional ou por locução conjuntiva subordinativa condicional. As principais são se, a menos que, desde que, caso, contanto que.
Ex.
- A continuar como está, ele irá à falência
- Desde que se esforce, conseguirá seu intento.
- Caso precise de ajuda, telefone-me.
- Se todos trabalharem com afinco, terminaremos o serviço na hora marcada.

05) Conformativa

Funciona como adjunto adverbial de conformidade. É iniciada por conjunção subordinativa conformativa ou por locução conjuntiva subordinativa conformativa. As principais são como, conforme, segundo.
Ex.
- As questões serão formuladas, conforme o pedido da diretoria.
- Elaboramos nossos pedidos, segundo as normas da empresa.

06) Consecutiva

É iniciada pela conjunção subordinativa consecutiva que. Na oração principal, geralmente, há um advérbio de intensidade - tão, tal, tanto, tamanho.
Ex.
- Eles brigavam tanto, que resolveram separar-se.
- Há tantos problemas nesta cidade, que o prefeito sozinho não consegue resolvê-los.

07) Temporal

Funciona como adjunto adverbial de tempo. É iniciada por conjunção subordinativa temporal ou por locução conjuntiva subordinativa temporal. As principais são quando, enquanto, sempre que, assim que, desde que, logo que, mal, ao + infinitivo.
Ex.
- Ao perceber o problema, retirou-se da sala.
- Sinto-me melhor, desde que comecei a exercitar-me.
- Logo que me viu, começou a chorar.

08) Final

Funciona como adjunto adverbial de finalidade. É iniciada por conjunção subordinativa final ou por locução conjuntiva subordinativa final. As principais são a fim de que, para que, porque.
Ex.

- Para adquirir cultura, leia bastante.
- Gritou com o filho, a fim de que o entendesse melhor.

09) Proporcional

Indica proporção. É iniciada pelas locuções conjuntivas subordinativas proporcionais à proporção que, à medida que, tanto mais.
Ex.

- À medida que o tempo vai passando, ele vai irritando-se mais.
- Mais experientes ficamos, à proporção que o tempo passa.

Orações Reduzidas

Quando uma oração subordinada se apresenta sem conjunção e com o verbo no infinitivo, no particípio ou no gerúndio, dizemos que ela é uma oração reduzida, acrescentando-lhe o nome de infinitivo, de particípio ou de gerúndio.
Ex.

- **Ele morreu, por ter caído do sétimo andar**. Oração subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo.
- **Ao perceber o problema, retirou-se da sala**. Oração subordinada adverbial temporal reduzida de infinitivo

---

Exercícios

1. Nas frases seguintes, aponte os adjuntos adverbiais e as circunstâncias que exprimem.
a) "De repente, do riso fez-se o pranto."
b) Entrou em casa em plena madrugada, silenciosamente.
c) À noite é possível perceber com muita clareza os efeitos benéficos do silêncio.
d) A rodovia foi entregue ao público sem plenas condições de tráfego.
e) Viajei de trem por toda a Europa.
f) Felizmente, todos se arrependeram.
g) Meus sobrinhos moram muito longe daqui, no norte da Itália.
h) Na próxima Semana, não haverá expediente das sete às dez da manhã.
i) O menino quase morreu de vergonha.
j) Sem as chaves, ninguém poderá entrar.
I) "Apesar de você amanhã há de ser outro dia."
m) Passei a vida à toa.
n) Tenho o péssimo hábito de cortar barbantes e linhas com os dentes.

2. Complete as frases Seguintes com adjuntos adverbiais que exprimam as circunstâncias solicitadas entre parênteses.
a) (*) não seja possível consertar o carro. (dúvida)
b) Não irei ao cinema (*). (causa)
c) (*), foram feitos vários discursos contra o proieto (tempo/lugar)
d) O novo diretor executou (*) todas as suas obrigações. (modo)
e) Ensinei muito (*). (fim)
f) Trabalhava (*) para as crianças carentes de sua cidade. (intensidade)
g) Os retirantes não conseguem emprego (*). (lugar)
h) Nada será feito (*). (condição)
i) (*), as obras prosseguem. (concessão)
j) Moldamos vários objetos de argila (*). (instrumento)
I) Fui ao cinema (*) (*). (tempo/companhia)
m)Julgo sua postura (*) radical. (intensidade)
n) (*), conseguiremos chegar (*) (*) (modo/lugar/tempo)

3. Passe para o plural cada uma das frases seguintes.
a) Ele pensou rápido.
b) Ele pensou rapidamente.
c) Ele foi rápido.

d) Uma voz de protesto levantou-se inesperadamente.
e) Uma voz de protesto levantou-se inesperada.
f) O rapaz falava muito baixo.
g) O rapaz era muito baixo.
h) Fiquei calmo durante a discussão.
i) Agi calmamente durante a discussão.
j) Sua atitude ponderada súbito se converteu em gesto irritado.
I) Sua atitude ponderada subitamente se converteu em gesto irritado.
m)Seu gesto de irritação foi súbito e veemente.

RESPOSTAS

1-
a) de repente: tempo
b) em casa: lugar; em plena madrugada: tempo; silenciosamente: modo
c) à noite: tempo; com muita clareza: modo
d) sem plenas condições de tráfego: modo
e) de trem: meio (modo); por toda a Europa: lugar
f) felizmente: modo
g) muito: intensidade; longe daqui: lugar; no norte da Itália: lugar (no texto exerce função de aposto) na próxima semana: tempo; das sete às dez da manhã: tempo
h) quase: intensidade; de vergonha: causa
i) sem as chaves: modo
j) apesar de você: concessão; amanhã: tempo
k) à toa: modo
l) com os dentes: instrumento (modo)

2. Reflexão pessoal do aluno. As respostas dadas individualmente devem ser apresentadas à classe para análise.

3.
a) Eles pensaram rápido.
b) Eles pensaram rapidamente.
c) Eles foram rápidos.
d) Vozes de protesto levantaram-se inesperadamente.
e) Vozes de protesto levantaram-se inesperadas.
f) Os rapazes falavam muito baixo.
g) Os rapazes eram muito baixos.
h) Ficamos calmos durante a discussão.
i) Agimos calmamente durante a discussão.
j) Suas atitudes ponderadas súbito converteram-se em gestos irritado
l) Só as atitudes ponderadas subitamente se converteram em gestos irritados.
m) Seus gestos de irritação foram súbitos, e veementes.

Adjunto Adnominal x Complemento Nominal

Adjunto Adnominal

É o termo acessório que explica, determina ou especifica um núcleo de função sintática. Os adjuntos adnominais prendem-se diretamente ao substantivo a que se referem, sem qualquer participação do verbo. Isso é facilmente percebido, quando substituímos um substantivo por um pronome: todos os adjuntos adnominais que gravitam ao redor do substantivo têm de acompanhá-lo nessa substituição, ou seja, os adjuntos adnominais desaparecem..

Ex.
As esplendorosas paisagens do litoral brasileiro deixam os turistas estrangeiros extasiados.
Analisando sintaticamente a oração, teremos:
Verbo deixar: Verbo Transitivo direto, pois quem deixa, deixa alguém.
Sujeito: quem é que deixa os turistas extasiados?
Resposta: As esplendorosas paisagens do litoral brasileiro;
núcleo do sujeito: paisagens. Então o sujeito é simples.

Se substituirmos o núcleo do sujeito por um pronome, teremos:
Elas deixam os turistas estrangeiros extasiados.
Portanto as, esplendorosas e do litoral brasileiro funcionam como adjunto adnominal.
Objeto Direto: As paisagens deixam quem?
Resposta: os turistas estrangeiros;
núcleo do objeto direto: turistas.

Se substituirmos o núcleo do objeto direto por um pronome, teremos:
As esplendorosas paisagens do litoral brasileiro deixam-nos extasiados.
Portanto os e estrangeiros funcionam como **adjunto adnominal**.
Perceba que a palavra extasiados não desapareceu na substituição do substantivo por um pronome. Então ela não é adjunto adnominal, e sim predicativo do objeto, pois qualifica o núcleo do objeto direto turistas.

Outras maneiras de se comprovar a existência do adjunto adnominal:

01) Todas as palavras que surgirem antes do núcleo, dentro da função sintática, funcionam como adjunto adnominal.
Por exemplo: Quase todos os brasileiros já se decepcionaram com o governo. Quase todos os funcionam como aa, pois surgem antes do núcleo brasileiros.

02) Todas as palavras sem preposição que surgirem após o núcleo, dentro da função sintática, funcionam como adjunto adnominal.
Por exemplo: Os cidadãos londrinenses revoltaram-se contra o prefeito. Londrinenses funciona como aa, pois não há preposição e surge após o núcleo cidadãos.

03) Todas as palavras com ou sem preposição que surgirem após o núcleo, dentro da função sintática, funcionam como adjunto adnominal, desde que o núcleo seja um substantivo concreto.
Por exemplo: Os anéis de ouro foram roubados. de ouro funciona como aa, pois anéis é substantivo concreto.

04) Todas as palavras com a preposição de que indicarem posse (algo de alguém), dentro da função sintática, funcionam como adjunto adnominal.
Por exemplo: Os anéis do rei foram roubados. do rei funciona como aa, pois indica posse: Algo de alguém = Os anéis do rei.

05) Todas as palavras com preposição, dentro da função sintática, que praticarem a ação contida no núcleo, funcionam como adjunto adnominal.
Por exemplo: A resposta do aluno foi considerada certa. do aluno funciona como aa, pois o aluno praticou a ação de responder.

06) O pronome relativo cujo sempre funciona como adjunto adnominal.

07) Os pronomes oblíquos átonos me, te, lhe, nos, vos e lhes funcionarão como adjunto adnominal, quando tiverem valor possessivo, ou seja, quando puderem ser substituídos por meu(s), teu(s), seu(s), nosso(s), vosso(s), minha(s), tua(s), sua(s), nossa(s), vossa(s).
Por exemplo: A mãe ajeitou-lhe o vestido = A mãe ajeitou o seu vestido ou A mãe ajeitou a vestido dela.

08) Quando o adjunto adnominal for representado por uma oração, receberá o nome de Oração Subordinada Adjetiva Restritiva.
Por exemplo: Os alunos que não estudam têm dificuldades no futuro. Sujeito: Quem tem dificuldades? Resposta: Os alunos que não estudam. Que não estudam é oração que funciona como aa.

Complemento Nominal

É o termo da oração que completa a significação de um nome (adjetivo, advérbio ou substantivo abstrato), por intermédio de uma preposição.
Funcionarão como complemento nominal:

01) Todas as palavras com preposição, dentro da função sintática, que forem pacientes ou destinatários da ação contida no núcleo.

Por exemplo: A construção do prédio foi considerada um erro. do prédio funciona como CN, pois o prédio é elemento paciente em relação à ação de construir (Alguém construiu o prédio). Temos confiança em nossos amigos. em nossos amigos funciona como CN, pois é elemento destinatário em relação à ação de confiar (Nós confiamos em nossos amigos).

02) Os pronomes oblíquos átonos me, te, lhe, nos, vos e lhes funcionarão como complemento nominal, quando possuírem valor de "a alguém", não provindo a preposição de verbo.

Por exemplo: Tenho-lhe respeito. lhe funciona como CN, pois poderemos substituir por Tenho respeito a alguém, sendo que a prep. a não provém do verbo ter.

03) Quando o complemento nominal for representado por uma oração, daremos o nome de Oração Subordinada Substantiva Completiva Nominal.

Por exemplo: Temos confiança em que conseguiremos nosso intento. Em que conseguiremos nosso intento é oração subordinada substantiva completiva nominal.

Exercícios

1. Faça a análise sintática das frases seguintes. Indique quais são os núcleos das diferentes funções sintáticas e os adjuntos adnominais que se subordinam a ele.

a) Um novo comportamento empresarial deve ser incentivado.
b) Muitos candidatos despreparados pedem votos pouco críticos a eleitores desinteressados.
c) Os garimpeiros têm transmitido doenças graves aos índios da Amazônia.
d) Um redator eficiente deve comunicar informações claras e realmente importantes ao público interessado.

2. Explique por meio de seu conhecimento das funções sintáticas a ambigüidade da seguinte frase: "Não posso julgar aquela atitude inusitada".

3. Explique por meio de seu conhecimento das funções sintáticas a ambigüidade das seguintes frases:
a) Não serei mais um pichador nesta cidade!
b) É um absurdo que tenhamos medo de criança!

RESPOSTAS

1-
a) **sujeito determinado simples:** um ovo comportamento empresarial; **núcleo:** comportamento; **adjuntos adnominais:** um, novo, empresarial; **predicado verbal:** deve ser incentivado (voz passiva analítica)
b) **sujeito determinado simples:** muitos candidatos despreparados; **núcleo:** candidatos; **adjuntos adnominais:** muitos, despreparados; **predicado verbal:** pedem votos pouco críticos a eleitores desinteressados; **verbo transitivo direto e indireto:** pedem; **objeto direto:** votos pouco críticos; **núcleo:** votos; **adjunto adnominal:** pouco críticos; **objeto indireto:** a eleitores desinteressados; **núcleo:** eleitores; **adjunto adnominal:** desinteressados.
c) **sujeito determinado simples:** Os garimpeiros; **núcleo:** garimpeiros; **adjunto adnominal:** os; **predicado verbal:** têm transmitido doenças graves aos índios da Amazônia; **verbo transitivo direto e indireto:** têm transmitido; **objeto direto:** doenças graves; **núcleo:** doenças; **adjunto adnominal:** graves; **objeto indireto:** aos índios da Amazônia; **núcleo:** índios; **adjuntos adnominais:** os, da Amazônia.
d) **sujeito determinado simples:** Um redator eficiente **núcleo:** redator **adjuntos adnominais:** um, eficiente **predicado verbal:** deve comunicar informações claras e realmente importantes ao público interessado **verbo transitivo direto e indireto:** deve comunicar **objeto direto:** informações claras e realmente importantes **núcleo:** informações **adjunto adnominal:** claras e realmente importantes **objeto indireto:** ao público interessado **núcleo:** público **adjunto adnominal:** o, interessado.

2- O aluno deve perceber que **inusitada** pode ser classificado como adjunto adnominal ou como predicativo do objeto – em ambos os casos, o termo caracterizado é "aquela atitude". Na primeira interpretação, quem fala se nega a julgar uma inusitada atitude inusitada por alguém; na segunda interpretação, quem fala se nega a considerar inusitada uma determinada atitude.

3- O aluno deve perceber que em ambas as frases ocorre um mesmo problema sintático; a possibilidade de se analisar um termo como adjunto adnominal ou como complemento nominal. Os termos envolvidos são "desta cidade" e "de criança". Se "desta cidade" for adjunto adnominal, a frase signfica "não serei mais um pichador nesta cidade". Se "de criança" for adjunto adnominal, a frase significa "é absurdo que tenhamos um medo infantil"; se "de criança" for complemento nominal, a frase significa "é absurdo que as crinças causem medo".

A palavra Que

Aqui estudaremos todas as classes gramaticais a que a palavra **que** pertence. Ela pode ser **substantivo, advérbio, preposição, interjeição, pronome, conjunção**, além de **partícula expletiva**.

Vamos aos estudos:

01) Substantivo

A palavra **que** será substantivo, quando tiver o sentido de qualquer coisa ou alguma coisa, é sempre antecedida por artigo, pronome adjetivo ou numeral e é sempre acentuada (**quê**).

Ex. A decisão do tribunal teve um quê de corrupção.

02) Advérbio

A palavra **que** será advérbio, quando intensificar adjetivos e advérbios. Nesse caso, pode ser substituída por **quão** ou **muito**; em geral, é usada em frases exclamativas.

Ex. Que linda é essa garota!
Que mal você fez a ela!

03) Preposição

A palavra **que** será preposição, quando equivaler à preposição **de** em locuções verbais que tenham, como auxiliares, **ter** ou **haver**.
Ex. Temos que estudar bastante.
Tive que trazer todo o material.

04) Interjeição

A palavra **que** será interjeição, quando exprimir uma emoção, um estado de espírito; é sempre exclamativa e acentuada (**quê**).
Ex. Quê?! Você não dormiu em casa hoje??

05) Partícula Expletiva ou de Realce

A palavra **que** será partícula expletiva ou de realce, quando for empregada para realce ou ênfase; sua retirada não altera o sentido da frase. Pode também ser usada com o verbo ser, na locução **é que**.
Ex. Nós é que precisamos de sua ajuda.
Eles que o procuraram ontem.

06) Pronome Interrogativo

A palavra **que** será pronome interrrogativo, quando for empregada em frases interrogativas. Quando for antecedida da preposição **por**, esses dois elementos ficarão separados (**por que**) Quando estiver iniciando a frase, não se deve usar a palavra **o**, anteriormente ao pronome. Quando estiver em final de frase, será acentuada.
Ex. Que vocês farão hoje à noite?
Vocês farão o quê?
Por que você não vieram aqui ontem à noite?
Vocês não vieram aqui ontem à noite por quê?

07) Pronome Indefinido

A palavra **que** será pronome indefinido, quando aparecer antes de substantivos em frases geralmente exclamativas. Pode ser substituída por **quanto(s), quanta(s**).
Ex. Que sujeira!!
Que bagunça em seu quarto!

08) Pronome Adjetivo

A palavra **que** será pronome adjetivo, quando aparecer antes de substantivos, apenas modificando-o
Ex. Que mulher linda!!

09) Pronome Relativo

A palavra **que** será pronome relativo, quando aparecer após substantivos, podendo ser substituída por **o qual, a qual, os quais, as quais**.
Ex. Julguei belíssima a garota que (= a qual) você me apresentou.
Os problemas por que (= pelos quais) passamos foram terríveis.

10) Conjunção Coordenativa Aditiva

A palavra **que** será conjunção coordenativa aditiva, quando iniciar oração coordenada sindética aditiva; aparece sempre entre duas formas verbais iguais; tem valor bastante próximo da conjunção **e**.
Ex. Estudava que estudava, mas não conseguia assimilar a matéria.

11) Conjunção Coordenativa Explicativa

A palavra **que** será conjunção coordenativa explicativa, quando iniciar oração coordenada sindética explicativa. Pode ser substituída por **pois** ou **porque**.
Ex. Venha até aqui, que precisamos conversar.

12) Conjunção Coordenativa Adversativa

A palavra **que** será conjunção coordenativa adversativa, quando iniciar oração coordenada sindética adversativa. Indica oposição, ressalva, apresentando valor equivalente a **mas**.
Ex. Outra pessoa, que não eu, deveria cumprir essa tarefa.

13) Conjunção Subordinativa Integrante

A palavra **que** será conjunção subordinativa integrante, quando iniciar oração subordinada substantiva, ou seja, quando iniciar oração que exerça a função sintática de sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo do sujeito e aposto.
Ex. Julgo que sua ascensão na empresa deu-se muito rapidamente. Oração que funciona como objeto direto (oração subordinada substantiva objetiva direta)

14) Conjunção Subordinativa Consecutiva

A palavra **que** será conjunção subordinativa consecutiva, quando iniciar oração subordinada adverbial consecutiva; aparece, em geral, nas expressões **tão... que, tanto... que, tamanho... que e tal... que**.
Ex. Ele se esforçou tanto, que acabou desmaiando.

15) Conjunção subordinativa Comparativa

A palavra **que** será conjunção subordinativa comparativa, quando iniciar oração subordinada adverbial comparativa; aparece, em geral, nas expressões **mais... que, menos... que**.
Ex. Ele é mais estudioso que os amigos. .

Exercícios

Para as perguntas de 01 a 12 A palavra "Que" é pronome relativo nas frases que se seguem. Dê a sua função sintática:

01) Esta é a casa em que nasci.
Que é ________________________________

02) A informação de que mais gostei foi aquela:
Que é ________________________________

03) Há sempre solidão em torno dos que caem:
Que é ________________________________

04) Tudo o que vem do acaso carece de firmeza:
Que é ________________________________

05) Ninguém pode ter tudo aquilo que deseja:
Que é ________________________________

06) Eu fui o que tu és, tu serás o que eu sou:

Que é ________________________________

07) "É teu amigo aquele que na ocasião do perigo te ajuda":
Que é ______________________________

08) A demora excita sempre os que amam:
Que é ______________________________

09) O conto a que fases referências não é tão importante assim:
Que é ______________________________

10) Ela me fez uma pergunta a que- não poderia responder:
Que é ______________________________

11) O animal de que mais tenho medo é o urso:
Que é ______________________________

12) De que conversaremos hoje?
Que é ______________________________

Respostas dos Exercícios Sobre a Palavra "QUE"

01. adj. Adv. de lugar
02. obj. indireto
03. sujeito
04. sujeito
05. obj. direto
06. predicativo/ predicativo
07. sujeito
08. sujeito
09. complemento nominal
10. obj. indireto
11. complemento nominal
12. adj. Adv. de assunto

A Palavra Se

Aqui estudaremos todas as funções da palavra **se**. Vamos aos estudos:

01) Pronome Reflexivo

A palavra **se** será pronome reflexivo quando indicar que o sujeito pratica a ação sobre si mesmo. Nesse caso, o verbo concordará com o sujeito.

Ex. A menina machucou-se ao cair do brinquedo.
As meninas machucaram-se.

02) Pronome Recíproco

A palavra **se** será pronome recíproco quando indicar ação trocada entre os elementos que compõem o sujeito. Nesse caso, o verbo concordará com o sujeito.

Ex. Sandro e Carla adoram-se.

03) Pronome Integrante do Verbo

A palavra **se** será pronome integrante do verbo quando aparecer junto de verbos pronominais, que são os que não se conjugam sem pronome. Por exemplo: **suicidar-se, arrepender-se, queixar-se, zangar-se, ater-se, abster-se ...**
Nesse caso, o verbo concordará com o sujeito.
Ex. Genofretildo suicidou-**se** depois que seus sócios **se** queixaram dele para o advogado.

04) Pronome Expletivo ou Pronome de Realce

A palavra **se** será pronome expletivo, quando for usado apenas para reforçar a idéia contida no verbo, sendo, por isso, dispensável na frase. Ocorrerá o pronome expletivo com **verbo intransitivo** que tenha sujeito claro. Aparece, em geral, junto aos verbos **ir, partir, chegar, passar, rir, sorrir, morrer**. Novamente o verbo concordará com o sujeito.

Ex. As nossas esperanças foram-se para sempre.
As meninas sorriram-se agradecidas.
"Vai-se a primeira pomba despertada". (Raimundo Correia)

05) Pronome Apassivador

A palavra **se** será pronome apassivador, quando formar, junto de um **verbo transitivo direto**, a voz passiva sintética, que pode ser transformada em passiva analítica; indica que o sujeito é paciente e com ele concorda.

Ex. Compram-se carros usados. = Carros usados são comprados.
Esperou-se o tempo necessário. = O tempo necessário foi esperado.
Alugam-se casas na praia. = Casas na praia são alugadas.

06) Pronome de Indeterminação do Sujeito

A palavra **se** será pronome de indeterminação do sujeito, quando surgir junto a **verbo transitivo indireto** acompanhado de **objeto indireto**, a **verbo transitivo direto** acompanhado de **objeto direto preposicionado**, a **verbo de ligação** acompanhado de **predicativo do sujeito** e a **verbo intransitivo** sem sujeito claro. Nesse caso, o verbo deverá ficar, obrigatoriamente, na **terceira pessoa do singular**.

Ex. Necessita-se de pessoas qualificadas. (VTI com OI)
Estima-se a Jorge Amado. (VTD com OD Prep.)
Aqui se está satisfeito com o governo. (VL com PS)
Ainda se morre de tuberculose no Brasil. (VI sem sujeito claro)

07) Sujeito Acusativo

A palavra **se** será sujeito acusativo quando aparecer em estruturas formadas pelos auxiliares causativos **fazer, mandar** e **deixar** e pelos auxiliares sensitivos **ver, ouvir, sentir**..., seguidos de **objeto direto** na forma de **oração reduzida** (verbo no infinitivo ou no gerúndio).

Ex. Ela deixou-se levar pelo namorado.
Nós a vimos virando a esquina.
O gerente mandou o garoto buscar os documentos.

Quando o sujeito acusativo for representado por um substantivo plural, o verbo no infinitivo tanto poderá ficar no singular quanto no plural.
Ex. Mandar as garotas fazer o trabalho.
Mandaram as garotas fazerem o trabalho.

08) Conjunção Subordinativa Integrante

A palavra **se** será conjunção subordinativa integrante, quando iniciar oração subordinada substantiva, ou seja, oração que funcione como **sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo do sujeito, complemento nominal** ou **aposto**.

Ex. Não sei se todos terão condições de acompanhar a matéria. (Oração que funciona como OD)
Sentiremos se vocês não comparecerem à solenidade. (Oração que funciona como OD)

08) Conjunção Subordinativa Condicional

A palavra **se** será conjunção subordinativa condicional, quando iniciar oração subordinada adverbial condicional, ou seja, quando iniciar oração que funcione como adjunto adverbial de condição.

Ex. Tudo estaria resolvido, se ele tivesse devolvido o dinheiro.

08) Conjunção Subordinativa Causal

A palavra **se** será conjunção subordinativa causal, quando iniciar oração subordinada adverbial causal, ou seja, quando iniciar oração que funcione como adjunto adverbial de causa.

Ex. Se você sabia que eu não conseguiria, por que me deixou sozinho?

Exercícios

01) Não há conjunção subordinativa integrante:
a) " Se subiu, ninguém sabe, ninguém viu"
b) Falam que ela se feria de propósito
c) Se vai ou fica, todos querem saber
d) Saberia me dizer se ela já se foi
e) Perguntaram-me se sabíamos ler

02) "Bem desventurado seria ele, se tivesse que ganhar o pão com o que aprendera nos cursinhos":
a) pronome pessoal oblíquo
b) conjunção condicional
c) pronome relativo
d) objeto direto
e) objeto indireto

03) Assinale a frase na qual o se não é pronome apassivador nem índice de indeterminação do sujeito:
a) Estudou-se o assunto
b) Ela se suicidou ontem
c) Falou-se muito sobre aquela festa
d) Aos inimigos não se perdoa
e) Fizeram-se as reformas da casa

04) Aponte a alternativa na qual o "se" é índice de indeterminação do sujeito.
a) Trabalha-se dia e noite
b) Pedro atirou-se no trabalho
c) Maria se faz de boba
d) Todos se julgam espertos
e) Consertam-se relógios digitais

05) "O herdeiro, longe de compadecer-se, sorriu e, por esmola, atirou-lhe três grãos de milho. O se no trecho anterior é:
a) índice de indeterminação do sujeito
b) pronome apassivador
c) pronome reflexivo
d) partícula expletiva
e) parte integrante do verbo

Para os exercícios de 507 a 511, assinale com "C "as classificações corretas e com "I" as incorretas.

06) ( ) Tempo não se mede pelos ponteiros do relógio (pronome apassivador)
07) ( ) Foram-se embora os mais belos sonhos (índice de indeterminação do sujeito)
08) ( ) Não sei se o vinho está bom (conjugação subordinativa condicional)
09) ( ) A federação arroga-se o direito de cancelar o jogo (pronome reflexivo na função de objeto indireto)
10) ( ) Sofia deixou-se estar à janela (pronome reflexivo na função de sujeito)

11) Assinale a alternativa com erro:
a) Já se ouviam os primeiros cantos dos pássaros
b) Na torre da igreja, bateram, agora mesmo, duas horas
c) No meu registro, ainda faltam algumas notas
d) Não se vê mais pessoas como aquelas por aqui

12) Assinale a alternativa com erro:
a) Ele disse que deve haver muitos alunos neste colégio
b) Hoje faz exatamente dois anos que tudo aconteceu
c) Durante a tarde, ainda se ouviu, ao longe, alguns tiros
d) As lutas que houve naquele tempo mataram muita gente

13) O verbo haver foi incorretamente empregado na alternativa:
a) Não havia dúvidas de que ele era o culpado
b) Ainda hão de existir pessoas que se lembrem do caso
c) Creio que não haverão mais problemas nesta escola
d) O policial informou que houve acidentes naquela região

14) "Assim que _______dez horas no relógio da torre, dois velhos __________fechar a porta do casarão".
a) soa, vêm
b) soam, vem
c) soam, vêm
d) soa, vêem

15) Assinale o item que completa corretamente as lacunas da frase:
I – Os mais preocupados com a situação _____realmente nós dois.
II – Daqui a Jundiaí _________ apenas 60 quilômetros.
III – Os estudos ________ sua maior lida.
a) eram, é, era
b) era, são eram
c) éramos, são, são
d) era, é, era

Para as questões de 16 a 22, assinale a alternativa incorreta, ou seja, com incorreção:

16)
a) Realizam-se várias inspeções naquela área
b) Pode haver, no máximo, dez pessoas no auditório
c) Vai fazer dois dias que está chovendo em Brasília
d) O regulamento diz que não podem haver rasuras no documento

17)
a) Vêem-se, ao longe, inúmeros alunos
b) Ocorreram, simultaneamente, várias explosões
c) Só veio eu e meus irmãos
d) Ainda não se fizeram os preparativos da festa

18)
a) Organizem-se em turmas de socorro! – ordenou o comandante
b) Espero que haja aqui pessoas honestas
c) Os jogadores se houveram bem durante a partida
d) Localizaram-se, em pouco tempo, o defeito das máquinas

19)
a) Já faz vinte dias que ele partiu para a América
b) Ele é um dos que veio confortar-se na desgraça
c) Quando bate 5 horas na torre, já não se ouve mais as preces das beatas
d) Deve haver poucos alunos bons

20)
a) Mais de um jornal revelou a verdade sobre o crime
b) Haja vista os fatos, comprova-se a teoria
c) Qual dentre vós será capaz de tal gesto!
d) Não deve haver vagas para todos os inscritos

21)
a) Deve fazer dois dias que a estrada está interditada
b) Sem educação não pode haver cidadãos conscientes
c) Há de existir profissionais capazes para o trabalho
d) Não deve haver vagas para todos os inscritos

22)
a) Dizem que não há provas de sua inocência
b) Naquela casa, tudo era tristeza
c) Talvez haja algumas pessoas direitas na política...
d) Tem dias tristes em nossa vida

23) Assinale a concordância incorreta:
a) Ontem faltou perto de dez mesas
b) Os professores ainda não chegaram
c) Um enxame atacou o caçador
d) Divulgou-se, a pedido de todos os interessados, o resultado

24) Cometeu-se erro de concordância:
a) Vossa Eminência ansiais pelo fim da guerra?
b) Quantos de vós falareis com o ministro?
c) Hão de existir dias melhores...
d) Hoje é dia 17 de dezembro de 1999.

25) A única alternativa incorreta:
a) Cinco mil reais é muito
b) Todos tem problemas, eu também
c) Não me interessam tuas mágoas
d) Algum de nós ficou triste?

26) Assinale a alternativa que permite outra forma de concordância:
a) Cerca de dez carros derraparam
b) Mais de um carro derrapou
c) Nem um nem outro usava sapatos novos
d) O técnico, com seus atletas, está viajando

27) Assinale o item incorreto:
a) Vai parar de existir problemas
b) Hoje é dia vinte de maio de 1999
c) No início tudo é flores
d) Na juventude tudo são flores

28) Assinale o único item correto:
a) Ainda resta poucas vagas na sala
b) Falta cinco dias para as férias
c) Uma parte dos alunos saiu cedo
d) Os Estados Unidos fabrica muitos carros

29) Assinale o item que permite outra forma de concordância:
a) Fui eu que compliquei o jogo
b) Éramos quem ajudava os alunos
c) Juca ou Joca vencerá a corrida
d) Nove horas, bateu, agora, o relógio da torre

30) Assinale a alternativa correta:
a) Hão de existir motivos sérios
b) Eu, tu e ela brigava muito
c) Livros, lápis, borrachas, tudo se acaba rapidamente
d) Nem um nem outro deputados veio votar o projeto

31) Assinale a alternativa que não pode ter outra forma de concordância verbal:
a) Carlos é um dos empregados que não sabe ler
b) Um e outro aluno respondeu ao quesito corretamente
c) Eu, tu e ela, iremos, amanhã ao teatro
d) Um enorme bando de pássaros selvagens pousou ali no varal

32) Assinale a alternativa incorreta:
a) Respondeu-se a todas as questões
b) Um terço dos operários faltaram ao serviço
c) Paulo foi um dos que mais faltaram ao trabalho
d) Perto de dez pessoas foi ao diretor reclamar seus direitos

33) Assinale o item incorreto:
a) Alagoas mostrou muita gente feia
b) Fui eu quem explodiu a dinamite
c) Qual de nós, saberá a resposta
d) No despertador, soou dez e meia

34) Qual é a única incorreta:

a) Acredita-se em fantasmas...
b) Anotaram-se em vários cadernos os nomes dos interessados
c) Havia mais de cem pessoas na sala
d) Chegou eu, Maria e Joana à casa de espetáculos

35) Só uma das alternativas está correta, assinale-a:
a) Dez por cento das provas já foram corrigidas
b) Provêm daí nossas dificuldades
c) Ferro ou pedra machuca nosso pé
d) Os Sertões imortalizou seu autor

36) Indique a alternativa incorreta:
a) Costuram-se camisas
b) Aluga-se um carro para turismo
c) Obedecem-se os mais velhos
d) Aspira-se os grandes momentos

37) __________ resolvidos, na assembléia, os aumentos, _________as constantes altas das tarifas de eletricidade:
a) Ficou, dado
b) Focaram dadas
c) Ficaram dado
d) Ficou, dadas

38) Perguntaram-me que horas _______ - e eu respondi que _______ estar faltando uns cinco minutos para as duas...
a) eram, deviam
b) eram, devia
c) era, devia
d) era, deviam

39) _______progresso quando eles _______a Brasília.
a) Vêm-se, vêem
b) Vêm-se, vêm
c) Vêem-se, vêm
d) Vê-se, vem

40) Não me ________ pareceres nos casos que ________ havido no passado:
a) competem, tenha
b) compete, tenha
c) compete, tenham
d) competem, tenham

41) Alternativa incorreta:
a) Faltam ver de perto aqueles cinco problemas
b) Existem fortes indícios de melhoria geral
c) Não provêm daí os males sofridos
d) Os fatos que o perturbam são bem conhecidos

42) Há uma concordância incorreta:
a) V. Exª, eles e aqueles garotos seguireis depois
b) Eu, tu e nossos amigos iremos no mesmo avião
c) Tu e meus amigos ireis no trem
d) Tu e meus amigos irão no trem

43) Alternativa incorreta:
a) Tratavam-se de questões sérias
b) Comprou-se terreno no subúrbio
c) Precisa-se de datilógrafas
d) Reformaram-se carro e moto

44) Em uma das frases é correta outra forma de concordância. Assinale:
a) A presença dos professores causou o reboliço na sala
b) Bastavam-lhe a paz e a promessa
c) De nada valeram as lágrimas de Mariana e os gritos da mãe
d) As coisa eram tristes, frias e silenciosas, opacas e duras

45) Num dos provérbios abaixo não se observa a concordância prescrita pela gramática. Assinale:
a) Não se apanham moscas com vinagre
b) Casamento e mortalha no céu se talha
c) Quem ama o feio, bonito lhe parece
d) De boas ceias, as sepulturas estão cheias

46) Indique a alternativa gramaticamente incorreta:
a) Deram duas horas
b) O relógio deu duas horas
c) Tinha soado seis horas no relógio
d) O sino bateu duas horas

47) Assinale a opção em que a lacuna pode ser preenchida por qualquer uma das formas verbais entre parênteses:
a) Um de seus sonhos ________ morrer na terra natal (era, eram)
b) Uma porção de sabiás ___________na laranjeira (cantava, cantavam)
c) Sou eu que _______ morrer ouvindo o canto de sabiás (quero, quer)
d) Hoje _____ 1º de maio de 1999 (são, é)

48) A concordância incorreta é:
a) Os Lusíadas imortalizaram Camões
b) Quais de vós ireis à escola?
c) Outrora poderia existir opiniões diferentes sobre a matéria
d) Quem dentre nós fará o discurso?

49) Assinale a concordância errada:
a) Nem um nem outro renegaram a fé
b) Nem um nem outro apareceu ainda
c) Mais de um constituinte votou a favor do projeto
d) Mais de um constituinte cumprimentou-se com efusão

50) Não _________ meios de avisá-los de que já _______ fazer anos que ________ livros em nosso estoque:
a) houveram, devem faltam
b) houvera, devem faltam
c) houve, devem falta
d) houve, deve, faltam

51) _______ dez horas que se ______ iniciado os trabalhos de apuração de votos sem que se ________ quais seriam os candidatos vitoriosos:
a) Fazia, haviam, previsse
b) Faziam, haviam, prevesse
c) Fazia, havia, previsse
d) Fazia, haviam, prevessem

52) Indique a alternativa correta:
a) Filmes, novelas boas conversa, nada os tiravam da apatia
b) A pátria não é ninguém: somos todos
c) Se não vier as chuvas, como faremos para colher?
d) Vossa Senhoria vos preocupais demasiadamente com vossa imagem

53) Complete as lacunas:
1. Hoje _______ 24 de janeiro de 2000
2. Trinta quilômetros _______ pouco
3. Já ________ uma e vinte
4. _______ ser duas horas

a) é – são – era - Deve
b) é – é – eram - Devem
c) são – é – era - Devem
d) são – é – eram- Deve

54) Assinale a frase incorreta:
a) Faz dois meses que não chove
b) Vai fazer dez dias que não saio de casa
c) Não pode existir rasuras neste documento
d) Da minha casa até a do Ricardão são só cinco quadras e meia

Respostas Exercícios Sobre a Palavra "SE"

01) B
02) B
03) B
04) A
05) E
06) C
07) I
08) I
09) C
10) C
11) D
12) C
13) C
14) C
15) C
16) D
17) C
18) D
19) C
20) D
21) C
22) D
23) A
24) A
25) B
26) C
27) A
28) C
29) B
30) A
31) C
32) D
33) D
34) D
35) B
36) C
37) B
38) A
39) C
40) A
41) A
42) A
43) A
44) B
45) B
46) C
47) B
48) C
49) D
50) D
51) A
52) B
53) C
54) C

Crase

A palavra **crase** provém do grego (krâsis) e significa **mistura**. Na língua portuguesa, **crase é a fusão de duas vogais idênticas**, mas essa denominação visa a especificar principalmente a contração ou fusão da **preposição a** com os artigos **definidos femininos** (**a, as**) ou com os **pronomes demonstrativos a, as, aquele, aquela, aquilo, aquiloutro, aqueloutro** .

Para saber se ocorre ou não a crase, basta seguir três regras básicas:

01) Só ocorre crase diante de palavras femininas, portanto nunca use o acento grave indicativo de crase diante de palavras que não sejam femininas.

Ex. O sol estava a pino. Sem crase, pois pino não é palavra feminina.
Ela recorreu a mim. Sem crase, pois mim não é palavra feminina.
Estou disposto a ajudar você. Sem crase, pois ajudar não é palavra feminina.

02) Se a preposição a vier de um verbo que indica destino (ir, vir, voltar, chegar, cair, comparecer, dirigir-se...), troque este verbo por outro que indique procedência (vir, voltar, chegar...); se, diante do que indicar procedência, surgir da, diante do que indicar destino, ocorrerá crase; caso contrário, não ocorrerá crase.

Ex. Vou a Porto Alegre. Sem crase, pois Venho de Porto Alegre.
Vou à Bahia. Com crase, pois Venho da Bahia.

Obs.: Não se esqueça do que foi estudado em Artigo.

03) Se não houver verbo indicando movimento, troca-se a palavra feminina por outra masculina; se, diante da masculina, surgir ao, diante da feminina, ocorrerá crase; caso contrário, não ocorrerá crase.

Ex. Assisti à peça. Com crase, pois Assisti ao filme.
Paguei à cabeleireira. Com crase, pois Paguei ao cabeleireiro.
Respeito as regras. Sem crase, pois Respeito os regulamentos.

Casos especiais

01) Diante das palavras moda e maneira, das expressões adverbiais à moda de e à maneira de, mesmo que as palavras moda e maneira fiquem subentendidas, ocorre crase.

Ex. Fizemos um churrasco à gaúcha.
Comemos bife à milanesa, frango à passarinho e espaguete à bolonhesa.
Joãozinho usa cabelos à Príncipe Valente.

02) Nos adjuntos adverbiais de modo, de lugar e de tempo femininos, ocorre crase.

Ex. à tarde, à noite, às pressas, às escondidas, às escuras, às tontas, à direita, à esquerda, à vontade, à

revelia ...

03) Nas locuções prepositivas e conjuntivas femininas ocorre crase.

Ex. à maneira de, à moda de, às custas de, à procura de, à espera de, à medida que, à proporção que...

04) Diante da palavra distância, só ocorrerá crase, se houver a formação de locução prepositiva, ou seja, se não houver a preposição de, não ocorrerá crase.

Ex. Reconheci-o a distância.
Reconheci-o à distância de duzentos metros.

05) Diante do pronome relativo que ou da preposição de, quando for fusão da preposição a com o pronome demonstrativo a, as (= aquela, aquelas).

Ex. Essa roupa é igual à que comprei ontem.
Sua voz é igual à de um primo meu.

06) Diante dos pronomes relativos a qual, as quais, quando o verbo da oração subordinada adjetiva exigir a preposição a, ocorre crase.

Ex. A cena à qual assisti foi chocante. (quem assiste assiste a algo)

07) Quando o a estiver no singular, diante de uma palavra no plural, não ocorre crase.

Ex. Referi-me a todas as alunas, sem exceção.
Não gosto de ir a festas desacompanhado.

08) Nos adjuntos adverbiais de meio ou instrumento, a não ser que cause ambigüidade.

Ex. Preencheu o formulário a caneta.
Paguei a vista minhas compras.

Nota: Modernamente, alguns gramáticos estão admitindo crase diante de adjuntos adverbias de meio, mesmo não ocorrendo ambigüidade.

09) Diante de pronomes possessivos femininos, é facultativo o uso do artigo, então, quando houver a preposição a, será facultativa a ocorrência de crase.

Ex. Referi-me a sua professora.
Referi-me à sua professora.

10) Após a preposição até, é facultativo o uso da preposição a, portanto, caso haja substantivo feminino à frente, a ocorrência de crase será facultativa.

Ex. Fui até a secretaria.
Fui até à secretaria.

11) A palavra **CASA**:
A palavra casa só terá artigo, se estiver especificada, portanto só ocorrerá crase diante da palavra casa nesse caso.

Ex. Cheguei a casa antes de todos.
Cheguei à casa de Ronaldo antes de todos.

12) A palavra **TERRA**:
Significando planeta, é substantivo próprio e tem artigo, conseqüentemente, quando houver a preposição a, ocorrerá a crase; significando chão firme, solo, só tem artigo, quando estiver especificada, portanto só nesse caso poderá ocorrer a crase.

Ex. Os astronautas voltaram à Terra.
Os marinheiros voltaram a terra.
Irei à terra de meus avós.

Exercícios

Para as questões de 01 a 34, assinale com ”C” as frases corretas e com “I “as Incorretas:

01) ( ) A assistência às aulas é indispensável
02) ( ) É expressamente proibida a entrada de pessoas estranhas
03) ( ) Nunca te dirijas à pessoas despreparadas
04) ( ) Não vai a festa nem a igreja: não vai a parte alguma
05) ( ) Usarias um bigode à Salvador Dali?
06) ( ) Notícias ruins vêm à jato, as boas à cavalo
07) ( ) Esta novela nem se compara a que assistimos
08) ( ) Não me referi a essas caixas, mas as que estão na sala
09) ( ) Florianópolis possui muitas praias, as quais visitaremos
10) ( ) Prefiro esta matéria a aquela que estudávamos
11) ( ) Obedecerei àquilo que for determinado em lei
12) ( ) O deputado foi a Grécia comprar vinho
13) ( ) O professor foi a Taguatinga comprar pinga
14) ( ) Vocês, caros alunos, ainda visitarão a Europa
15) ( ) Gostaria de ir a Curitiba dos pinheirais
16) ( ) Chegou a casa e logo se jogou na cama
17) ( ) Jamais voltou à casa paterna
18) ( ) Irei a cada de meus pais
19) ( ) Os turistas foram à terra comprar flores
20) ( ) Os marujos desconheciam à terra do capitão
21) ( ) Acabarão chegando à terra dos piratas
22) ( ) Será que aqueles astronautas voltarão a Terra?
23) ( ) A polícia observava os manifestantes a distância
24) ( ) Via-se, a distância de cem metros, uma pequena rocha
25) ( ) Diga a Adriana que a estamos esperando
26) ( ) Avisa a Adriana, minha filha, que amanhã teremos prova
27) ( ) O diretor fez alusões a sua classe e não a minha
28) ( ) O cônsul enviou vária cartas as suas filhas
29) ( ) O conselheiro jamais perdoou a Dona Margarida
30) ( ) Esta alameda frondosa vai até à chácara de meu pai
31) ( ) Os meninos cheiravam a cola
32) ( ) Eles viviam à toa, mas sempre à procura de dinheiro
33) ( ) Enriqueciam a medida que os vizinhos se empobreciam
34) ( ) Estamos esperando desde às oito horas da manhã

35) Nas manchetes a seguir, assinale a alternativa em que não ocorre crase:
a) Cárter acusa Israel de criar obstáculos a paz
b) Presidente sírio pede a ajuda do Parlamento par vencer a corrupção
c) Itália pede a Alemanha extradição de nazistas
d) Poço na bacia de Campos leva Petrobrás a maior jazida já descoberta

36) Assinale a alternativa com erro:
a) Você já esteve em Roma? Eu irei logo a Roma
b) Refiro-me à Roma antiga, na qual viveu César
c) Fui a Lisboa de meus avós, pois lá todas as coisas têm gosto da minha infância
d) Já não agrada ir a Brasília. A gasolina está muito cara

37) Marque a alternativa em que a crase é facultativa:
a) Contei o caso à Maria
b) Paguei o que devia à dona da loja
c) Saiu às quinze horas
d) Por desobedecer às regras do jogo, fui expulso

38) A crase está errada na alternativa:
a) Fiz alusão à Roma antiga
b) Fazes referências à criaturas estranhas
c) Saíram às pressas
d) Obedecendo à ordem geral, compareceu ao desfile

39) Não ocorre crase:
a) Pediu desculpas a S. Exª
b) Assistiremos a missa
c) não o levaremos aqueles sombrios lugares
d) Lá estaremos as dezessete horas

40) ____noite, todos os operários voltaram ____ fábrica e só deixaram o serviço _____ uma hora da manhã:
a) Há – à - à
b) A – a - a
c) À – à - à
d) À – a - há

41) Assinale a alternativa em que a lacuna da primeira frase deve ser preenchida com a e a da Segunda com à:
a)
I. As moças não gostam de andar ___ cavalo.
II. Ele percorreu o Brasil de ponta ___ ponta
b)
I. Essa é a tua caneta, eu me refiro ____ minha
II. Ele quer as coisa ___ ferro e fogo
c)
I. Regresso ___ casa paterna tal qual filho pródigo
II. Quem tem boca vai ___ Roma
d)
I. Apresento minhas desculpas ___ Vossa Excelência
II O menino voltou ___ escola com novo ânimo

42) Preencha corretamente as lacunas:

1. Apesar da insistência, não compareci ___ jantar
2. Ganhou uma jóia semelhante ___ que lhe haviam roubado
3. Naquele dia, não atendeu ___ nenhuma chamada
4. Aludiu ___ outras obras do autor
a) aquele – à – a - à
b) aquele – a – à - a
c) àquele – à – à - a
d) àquele – à – a – a

43) Preencha corretamente as lacunas:
1. Dirigiu-se ___ cada um em particular
2. Encostou a cabeça ___ parede
3. Todos vão ___ festa
4. Voltou apressado ___ casa do pai
5. O carro estava ___ uma distância de 50 passos
a) a – a – à – a – a
b) a – à – a – a- à
c) a – à – a – à - a
d) à – a – a – à - a

44) "Ele foi ___ cidade; dirigiu-se ___ referida pensão e aí, pondo-se ___ vontade, pediu ___ criada um cozido ___ portuguesa":
a) à – à – a – a – à
b) à – a – a – a – à
c) a – a – a – à – à
d) à – à – à – à - à

45) "Agradeço ___ Vossa Senhoria ___ oportunidade para manifestar minha opinião ___ respeito."
a) à – a – à
b) à – a – a
c) a – a – à
d) a – a – a

46) Muita atenção, observe os períodos abaixo:
I. Sempre que ia à Rio Pardo, Maneco Terra costumava apresentar os seus cumprimentos à velha mãe
II. Graças à sua formação, ele está sempre mais predisposto ao perdão do que à justiça
III. Dedica-se com carinho à família, ao amanho da terra e às suas lavouras e plantações
IV. Solicito a V. Exº que dê permissão a esta funcionária para apresentar-se a nova repartição
V. Aspira, há muito, à nomeação para ao cargo a que tem direito adquirido e indiscutível
VI. A Aeronáutica colocou vários helicópteros à disposição, à fim de socorrer a todos os atingidos pelo terremoto
A alternativa em que todos acentos indicadores da crase estão corretos é:
a) II, II, V, VI

b) II, III, V,
c) II, IV.
d) I, III

47) "____ esperança jamais _____ de acabar enquanto você tiver forças para vencer _____ decepções, energia para superar ____ dificuldades ____ que todos estamos sujeitos:
a) A – há – as – as – a
b) À – há – às – as – a
c) A – a – as – as – a
d) A – há – às – as – à

48) Assinale o período em que há 2 casos de crase:
a) Chegando a casa, achou abertas as janelas
b) Agradecia as colegas os elogios feitos a pesquisa que apresenta
c) Referindo-se a poesia romântica, fez comentários a respeito de Castro Alves
d) Indiferentes as queixas, ia respondendo a pergunta

49) Examinando as sentenças:
- Refiro-me àquilo que discutimos
- Chegamos à Argentina de madrugada
- Ele era insensível à dor
- Dedico minhas poesia à Rita Mara
a) apenas uma está correta
b) apenas duas estão corretas
c) apenas três estão corretas
d) todas estão corretas

50) É preciso completar com à:

1. O deputado usou uma tática idêntica ___ que a oposição utilizara
2. A máquina de votar reduz ___ zero o número de seções eleitorais
3. Outros ataques se dirigem ___ técnica utilizada no filme
4. O filme passa abruptamente de cenas na alta sociedade ___ execução de prisioneiros
a) sim, não, sim, sim
b) não, não, não, não
c) sim, sim, não, sim
d) não , sim, sim não

51) Qual a alternativa conveniente?
1. Aquela é a moça ___ que aludi
2. Visei a alcançar ___ função
3. Os livros pertencem ao irmão e ___ irmã
4. Chegando ___ estação, João levantou-se

a) a – aquela – à - à
b) a – àquela – à - a
c) à – aquela – à - à
d) à – àquela – à – à

52) Em que frase o "A" não recebeu o acento grave corretamente:
a) O poeta chama ira à brutalidade, à violência da luta
b) Quanto às iras impotentes, são as mesmas sempre desprezíveis
c) À cólera se segue a aflição, que nos traz o arrependimento
d) Acredito que à ira nada se atreve, sem que a alma o consinta

53) Em que frase o "A" deve receber o acento indicador da crase?
a) Não me refiro aqui senão a catástrofes individuais
b) Assistiu a cena, sem que suas feições denotassem ressentimento
c) A que levam essas questões? A conhecer a ira, a conhecê-la bem
d) Não se atente a um mal menor quando um maior nos ameaça

54) Complete as lacunas:
1. Os convidados sentaram-se ___ mesa de jantar
2. Compareci ___ cerimônia de posse do novo governador
3. Não tendo podido ir ___ faculdade hoje, prometo assistir ____ todas as aulas amanhã

a) à – a – a - à

b) na – na – à - a
c) à – à – à - a
d) há – na – à – à

55) Não devemos atribuir ___ ciência ___ responsabilidade pelas páginas ruins que a humanidade venha ___ escrever:
a) à – a - a
b) a – à – à
c) à – à - a
d) a – à - a

56) A vida comunitária impõe ___ todas as pessoas certas restrições e obriga-nos a submeter ___ nossa vontade pessoal ___ vontade da maioria:
a) a – a - à
b) a – à – à
c) à – à - a
d) à – à - à

57) Preencha s lacunas:
1. Daqui ___ duas hora, dou-lhe isto pronto
2. Isto aconteceu ___ muitos anos
3. Daí ___ dias encontrei-o solto
a) a – há - a
b) à – a – à
c) às – a - há
d) a – a - a

58) Todas ___ Sexta-feira vamos ___ faculdade ___ pé, percorrendo a rua XV de ponta ___ponta:
a) às – à – a - a
b) às – à – à - a
c) às – à – à - à
d) as – à – a - a

59) Em que lacuna empregaríamos crase?
a) Joana esteve, ___ noite, em minha casa
b) Voltei ___ casa muito tarde
c) O tribuno referia-se ___ quaisquer pessoa
d) Estamos na vila ___ vinte anos

60) "Estou ___ seu dispor ___ qualquer hora da tarde, ___ menos que surja algum imprevisto:
a) a – à – à
b) à – à – a
c) à – à – à
d) a – a – a

61) "Estava ___ voltas com um problema, mas planejava, daí ___ pouco, ir ___ casa do comendador:
a) às – à - à
b) às – à - a
c) as - a - à
d) às – a – à

62) "As questões apresentadas ___ alunas do terceiro ano eram semelhantes ___ que enviamos ___ se
a) às – às - a
b) às – às - à
c) às – as - à
d) as – as – à

63) "Resistirei ___ pressão, pois estou prestes ___ transferir-me e devo evitar aborrecimentos ___ que confiaram em mim:
a) à – a – às
b) a – à - às
c) à – à - às
d) a – a- às

64) Foi ___ conselho de amigos que se dirigiu ___ esse médico de quem ___ muito ouvira falar:
a) à – à - há
b) a – a - à

c) a – à – à
d) a – a - há

Respostas Sobre Crase

01) C
02) C
03) I
04) C
05) C
06) I
07) I
08) I
09) C
10) I
11) C
12) I
13) C
14) C
15) I
16) C
17) C
18) C
19) I
20) I
21) C
22) I
23) C
24) I
25) C
26) I
27) I
28) I
29) C
30) C
31) C
32) C
33) I
34) I
35) B
36) C
37) A
38) B
39) A
40) C
41) D
42) D
43) C
44) D
45) D
46) B
47) A
48) B
49) D
50) A
51) A
52) D
53) B
54) C
55) A
56) A
57) A
58) D
59) A
60) D
61) D
62) B
63) A
64) D

Problemas Gerais da Língua Culta

A intenção desta parte é fixar a forma certa de algumas palavras e expressões que sempre trazem dificuldades para o brasileiro em geral.

Emprego de algumas palavras e expressões semelhantes:

1. Que e Quê

***Que** é pronome, conjunção, advérbio ou partícula expletiva.
***Quê** é um substantivo (com o sentido de "alguma coisa"), interjeição (indicando surpresa, espanto) ou pronome em final de frase (imediatamente antes de ponto final, de interrogação ou de exclamação)

Ex. ***Que*** você pretende, tratando-me dessa maneira?
Você pretende o ***quê***?
Quê!? Quase me esqueço do nosso encontro.

2. Mas e Mais

* **Mas** é uma conjunção adversativa, de mesmo valor que "porém, contudo, todavia, no entanto, entretanto".
* **Mais** é um advérbio de intensidade, mas também pode dar idéia de adição, acréscimo; tem sentido oposto a ***menos***.

Ex. Eu iria ao cinema, ***mas(porém)*** não tenho dinheiro.
Ela é a ***mais*** (menos) bonita da escola.

3. Onde, Aonde e Donde

* **Onde** significa "em que lugar".
* **Aonde** significa "a que lugar".
* **Donde** significa "de que lugar".

Ex. ***Onde*** (em que lugar) você colocou minha carteira?

Aonde (a que lugar) você vai, menina?
Donde (de que lugar) tu vieste?

4. Mal e Mau

* **Mal** é advérbio, antônimo de "bem".
* **Mau** é adjetivo, antônimo de "bom"

Ex. Ele é um homem ***mau*** (não é bom); só pratica o ***mal*** (e não o bem).
* **Mal** também é substantivo, podendo significar "doença, moléstia, aquilo que é prejudicial ou nocivo"

Ex. O ***mal*** da sociedade moderna é a violência urbana.

5. A par e Ao par

* **A par** é usado, no sentido de "estar bem informado", ter conhecimento".
* **Ao par** só é usado para indicar equivalência entre valores cambiais.

Ex. Estou ***a par*** de todos os acontecimentos.
O real está ***ao par*** do dólar.

6. Ao encontro de e De encontro a

* **Ao encontro de** indica "ser favorável a", "ter posição convergente" ou "aproximar-se de".
* **De encontro a** indica oposição, choque, colisão.

Ex. Suas idéias vêm ***ao encontro d***as minhas, mas suas ações vão ***de encontro a***o nosso acordo. (Suas idéias são tais quais as minhas, mas suas ações são contrárias ao nosso acordo)

7. Há e A na expressão de tempo

* **Há** é usado para indicar tempo decorrido.
* **A** é usado para indicar tempo futuro.

Ex. Ele partiu ***há*** duas semanas.
Estamos ***a*** dois dias das eleições.

8. Acerca de, A cerca de e Há cerca de

* **Acerca de** é locução prepositiva equivalente a "sobre, a respeito de".
* **A cerca de** indica aproximação.
* **Há cerca de** indica tempo decorrido.

Ex. Estávamos falando ***acerca de*** política.
Moro ***a cerca de*** 2 Km daqui.
Estamos rompidos ***há cerca de*** dois meses.

9. Afim e A fim de

* **Afim** é adjetivo equivalente a "igual, semelhante".
* **A fim de** é locução prepositiva que indica finalidade.

Ex. Nós temos vontades ***afins***.
Ela veio ***a fim de*** estudar seriamente.

10. Senão e Se não

* **Senão** significa "caso contrário, a não ser".
* **Se não** ocorre em orações subordinadas adverbiais condicionais; equivale a "caso não".

Ex. Nada fazia ***senão*** reclamar.
Estude bastante, ***senão*** não sairá sábado à noite.
Se não estudar, não sairá sábado à noite.

11. Nós viemos e Nós vimos

* **Nós viemos** é o verbo ***vir*** no pretérito perfeito do indicativo, ou seja, no passado.

* **Nós vimos** é o verbo ***vir*** no presente do indicativo.

Ex. Ontem, nós ***viemos*** procurá-lo, mas você não estava.
Nós ***vimos*** aqui, agora, para conversar sobre nossos problemas.

12. Torcer por e Torcer para

* **Torcer por**, pois o verbo torcer exige esta preposição.
* **Torcer para** é usado, quando houver indicação de finalidade, equivalente a "para que", "a fim de que".

Ex. ***Torço pelo*** Santos.
Torço para que o Santos seja o campeão.

13. Desencargo e Descargo

* **Desencargo** significa "desobrigação de um encargo, de um trabalho, de uma responsabilidade".
* **Descargo** significa "alívio".

Ex. Filho que se forma é mais um ***desencargo*** de família para o pai.
Devolvi o dinheiro por ***descargo*** de consciência.

14. Sentar-se na mesa e Sentar-se à mesa

* **Sentar-se na mesa** significa sentar-se sobre a mesa.
* **Sentar-se à mesa** significa sentar-se defronte à mesa. O mesmo ocorre com "**estar ao computador, ao telefone, ao portão, à janela ...**

Ex. *Sentei-me a*o computador para trabalhar.
Sentei-me na mesa, pois não encontrei cadeira alguma.

15. Tilintar e tiritar

* **Tilintar** significa "soar".
* **Tiritar** significa "tremer de frio ou de medo".

Ex. A campainha ***tilintava*** sem parar.
O rapaz ***tiritava*** de frio.

16. Ao invés de e Em vez de

* **Ao invés de** indica "oposição, situação contrária".
* **Em vez de** indica "substituição, simples troca".

Ex. ***Em vez de*** ir ao cinema, fui ao teatro.
Descemos, ***ao invés de*** subir.

17. Estadia e Estada

* **Estadia** é usado para veículos em geral.
* **Estada** é usado para pessoas.

Ex. Foi curta minha ***estada*** na cidade.
Paguei a ***estadia*** de meu automóvel.

18. A domicílio e Em domicílio

* **A domicílio** só se usa quando dá idéia de movimento.
* **Em domicílio** se usa sem idéia de movimento.

Ex. Enviarei ***a domicílio*** seus documentos.
Fazemos entregas ***em domicílio***
Levaram ***a domicílio*** as compras.
Damos aulas particulares ***em domicílio***.

19. Estágio e Estádio

* **Estágio** é preparação (profissional, escolar ..).

*** Estádio** significa "época, fase, período".

Ex. Estou no primeiro ano de ***estágio*** na empresa.
Naquela época o país passava por um ***estádio*** de euforia.

20. Perca e Perda

*** Perca** é verbo.
*** Perda** é substantivo.

Ex. _ Não ***perca*** a paciência, pois essa ***perda*** de gols não se repetirá, disse o jogador ao técnico.

21. Despercebido e Desapercebido

*** Despercebido** significa "sem atenção".
*** Desapercebido** significa "desprovido, desprevenido".

Ex. O fato passou-me totalmente ***despercebido***.
Ele estava ***desapercebido*** de dinheiro.

22. Escutar e Ouvir

*** Escutar** significa "estar atento para ouvir".
*** Ouvir** significa "perceber pelo sentido da audição".

Ex. ***Escutou***, a tarde toda, as reclamações da esposa.
Ao ***ouvir*** aquele som estranho, saiu em disparada.

23. Olhar e Ver

*** Olhar** significa "estar atento para ver".
*** Ver** significa "perceber pela visão".

Ex. Quando ***olhou*** para o lado, nada ***viu***, pois ele saíra de lá.

24. Haja vista e Hajam vista

*** Haja vista** pode-se usar, havendo ou não a preposição ***a*** à frente, estando o substantivo posterior no singular ou no plural.
*** Hajam vista** pode-se usar, quando não houver a preposição ***a*** à frente e quando o substantivo posterior estiver no plural.

Ex. Haja vista aos problemas.
Haja vista os problemas.
Hajam vista os problemas.

Período Composto

Período composto é aquele formado por duas ou mais orações. Há dois tipos de períodos compostos:

1) Período composto por coordenação

Quando as orações não mantêm relação sintática entre si, ou seja, quando o período é formado por orações sintaticamente independentes entre si.
Ex. Estive à sua procura, mas não o encontrei.

2) Período composto por subordinação

Quando uma oração, chamada subordinada, mantém relação sintática com outra, chamada principal.
Ex. Sabemos ***que eles estudam muito.*** (oração que funciona como objeto direto)

Período Composto por Subordinação

A uma oração principal podem relacionar-se sintaticamente três tipos de orações subordinadas: **substantivas, adjetivas** e **adverbiais.**

I. Orações Subordinadas Substantivas

São seis as orações subordinadas substantivas, que são iniciadas por uma conjunção subordinativa integrante (que, se)

A) Subjetiva: funciona como sujeito da oração principal.
Existem três estruturas de oração principal que se usam com subordinada substantiva subjetiva:
verbo de ligação + predicativo + oração subordinada substantiva subjetiva.

Ex. É necessário ***que façamos nossos deveres***.
verbo unipessoal + oração subordinada substantiva subjetiva.
Verbo unipessoal só é usado na 3ª pessoa do singular; os mais comuns são ***convir, constar, parecer, importar, interessar, suceder, acontecer***.
Ex. Convém ***que façamos nossos deveres***.
verbo na voz passiva + oração subordinada substantiva subjetiva.
Ex. Foi afirmado ***que você subornou o guarda***.

B) Objetiva Direta: funciona como objeto direto da oração principal.
(sujeito) + VTD + oração subordinada substantiva objetiva direta.
Ex. Todos desejamos ***que seu futuro seja brilhante***.

C) Objetiva Indireta: funciona como objeto indireto da oração principal.
(sujeito) + VTI + prep. + oração subordinada substantiva objetiva indireta.
Ex. Lembro-me de ***que tu me amavas***.

D) Completiva Nominal: funciona como complemento nominal de um termo da oração principal.
(sujeito) + verbo + termo intransitivo + prep. + oração subordinada substantiva completiva nominal.

Ex. Tenho necessidade de ***que me elogiem***.

E) Apositiva: funciona como aposto da oração principal; em geral, a oração subordinada substantiva apositiva vem após dois pontos, ou mais raramente, entre vírgulas.
oração principal + **:** + oração subordinada substantiva apositiva.

Ex. Todos querem o mesmo destino: ***que atinjamos a felicidade***.

F) Predicativa: funciona como predicativo do sujeito do verbo de ligação da oração principal.
(sujeito) + VL + oração subordinada substantiva predicativa.

Ex. A verdade é ***que nunca nos satisfazemos com nossas posses***.
Nota: As subordinadas substantivas podem vir introduzidas por outras palavras:
Pronomes interrogativos (quem, que, qual...)
Advérbios interrogativos (onde, como, quando...)
Perguntou-se ***quando ele chegaria***.
Não sei ***onde coloquei minha carteira***.

II. Orações Subordinadas Adjetivas

As orações subordinadas adjetivas são sempre iniciadas por um pronome relativo. São duas as orações subordinadas adjetivas:
A) Restritiva: é aquela que limita, restringe o sentido do substantivo ou pronome a que se refere. A restritiva funciona como adjunto adnominal de um termo da oração principal e não pode ser isolada por vírgulas.

Ex. A garota com ***quem simpatizei*** está à sua procura.
Os alunos ***cujas redações foram escolhidas*** receberão um prêmio.

B) Explicativa: serve para esclarecer melhor o sentido de um substantivo, explicando mais detalhadamente uma característica geral e própria desse nome. A explicativa funciona como aposto explicativo e é sempre isolada por vírgulas.

Ex. Londrina, ***que é a terceira cidade do região Sul do país***, está muito bem cuidada.

III. Orações Subordinadas Adverbiais

São nove as orações subordinadas adverbiais, que são iniciadas por uma conjunção subordinativa

A) Causal: funciona como adjunto adverbial de causa.
Conjunções: porque, porquanto, visto que, já que, uma vez que, como, que.

Ex. Saímos rapidamente, ***visto que estava armando um tremendo temporal***.

B) Comparativa: funciona como adjunto adverbial de comparação. Geralmente, o verbo fica subentendido
Conjunções: (mais) ... que, (menos)... que, (tão)... quanto, como.

Ex. Diocresildo era mais esforçado ***que o irmão***(era).

C) Concessiva: funciona como adjunto adverbial de concessão.
Conjunções: embora, conquanto, inobstante, não obstante, apesar de que, se bem que, mesmo que, posto que, ainda que, em que pese.

Ex. Todos se retiraram, ***apesar de não terem terminado a prova***.

D) Condicional: funciona como adjunto adverbial de condição.
Conjunções: se, a menos que, desde que, caso, contanto que.

Ex. Você terá um futuro brilhante, ***desde que se esforce***.

E) Conformativa: funciona como adjunto adverbial de conformidade.
Conjunções: como, conforme, segundo.

Ex. Construímos nossa casa, ***conforme as especificações dadas pela Prefeitura***.

F) Consecutiva: funciona como adjunto adverbial de conseqüência.
Conjunções: (tão)... que, (tanto)... que, (tamanho)... que.

Ex. Ele fala tão alto, ***que não precisa do microfone***.

G) Temporal: funciona como adjunto adverbial de tempo.
Conjunções: quando, enquanto, sempre que, assim que, desde que, logo que, mal.

Ex. Fico triste, ***sempre que vou à casa de Juvenildo***.

H) Final: funciona como adjunto adverbial de finalidade.
Conjunções: a fim de que, para que, porque.

Ex. Ele não precisa do microfone, ***para que todos o ouçam***.

I) Proporcional: funciona como adjunto adverbial de proporção.
Conjunções: à proporção que, à medida que, tanto mais.
À medida que o tempo passa, mais experientes ficamos.

IV. Orações Reduzidas

Quando uma oração subordinada se apresenta **sem conjunção ou pronome relativo** e com o **verbo no infinitivo**, **no particípio** ou **no gerúndio**, dizemos que ela é uma **oração reduzida**, acrescentando-lhe o nome **de infinitivo**, **de particípio** ou **de gerúndio**.

Ex. Ele não precisa de microfone, ***para o ouvirem***.

Período Composto por Coordenação

Um período composto por coordenação é formado por orações coordenadas, que são orações independentes sintaticamente, ou seja, não há qualquer relação sintática entre as orações do período.
Há dois tipos de orações coordenadas:

1. Orações Coordenadas Assindéticas

São as orações não iniciadas por conjunção coordenativa.

Ex. Chegamos a casa, tiramos a roupa, banhamo-nos, fomos deitar.

2. Orações Coordenadas Sindéticas

São cinco as orações coordenadas, que são iniciadas por uma conjunção coordenativa.

A) Aditiva: Exprime uma relação de soma, de adição.
Conjunções: e, nem, mas também, mas ainda.

Ex. Não só reclamava da escola, ***mas também atenazava os colegas***.

B) Adversativa: exprime uma idéia contrária à da outra oração, uma oposição.
Conjunções: mas, porém, todavia, no entanto, entretanto, contudo.

Ex. Sempre foi muito estudioso, ***no entanto não se adaptava à nova escola***.

C) Alternativa: Exprime idéia de opção, de escolha, de alternância.
Conjunções: ou, ou...ou, ora... ora, quer... quer.
Estude, ***ou não sairá nesse sábado***.

D) Conclusiva: Exprime uma conclusão da idéia contida na outra oração.
Conjunções: logo, portanto, por isso, por conseguinte, pois - após o verbo ou entre vírgulas.

Ex. Estudou como nunca fizera antes, ***por isso conseguiu a aprovação***.

E) Explicativa: Exprime uma explicação.
Conjunções: porque, que, pois - antes do verbo.

Ex. Conseguiu a aprovação, ***pois estudou como nunca fizera antes***.

EXERCÍCIOS

1- Na frase " Maria do Carmo tinha certeza de que estava para ser mãe" a oração em destaque é :
a) Subordinada substantiva objetiva indireta
b) Subordinada substantiva completiva nominal.
c) Subordinada substantiva predicativa.
d) Coordenada sindética conclusiva
e) Coordenada sindética explicativa

2- Qual o período em que há oração subordinada substantiva predicativa ?
a) Meu desejo é que você passe nos exames vestibulares.
b) Sou favorável a que o aprovem.
c) Desejo-te isto que sejas feliz.
d) O aluno que estuda consegue superar as dificuldades do vestibular.
e) Lembre-se de que tudo passa neste mundo.

3- Marque a opção que contém oração subordinada substantiva completiva nominal:
a) "Tanto eu como Pascoal tínhamos preço de que o patrão topasse Pedro Barqueiro nas ruas da cidade"
b) " Era preciso que ninguém desconfiasse do nosso conluio para prendermos o Pedro Barqueiro."
c) "Para encurtar a história patrãozinho achamos Pedro Barqueiro no rancho que só tinha três divisões a sala, o quarto dele e a cozinha."
d) " Quando chegamos, Pedro estava no terreiro debulhando milho que havia colhido em sua rocinha ali perto "
e) "Pascoal me fez um sinalzinho, eu dei a volta e entrei pela porta do fundo para agarrar o Barqueiro pelas costas"

4- As orações subordinadas substantivas que aparecem nos períodos abaixo são todas subjetivas exceto:
a) Decidiu-se que o período subiria de preço.
b) É muito bom que o homem vez por outra reflita sobre sua vida.
c) Ignoras quanto custou meu relógio?
d) Perguntou-se ao diretor quando seríamos recebidos.
e) Convinha-nos que você estivesse presente à reunião.

5- Na frase " Argumentei que não é justo que o padeiro ganhe festas" as orações introduzidas pela conjunção que são respectivamente :
a) Ambas subordinadas substantivas objetivas diretas
b) Ambas subordinadas subjetivas
c) Subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva subjetiva.
d) Subordinada objetiva direta e coordenada assindética .
e) Subordinada substantiva objetiva e subordinada substantiva predicativa.

6- Em " É possível que comunicassem sobre política" a segunda oração é :
a) Subordinada substantiva subjetiva.
b) Subordinada adverbial predicativa.
c) Subordinada substantiva predicativa
d) Principal
e) Subordinada substantiva objetiva direta.

7- A palavra se é conjunção subordinativa integrante (introduzindo oração subordinada substantiva objetiva direta) em qual das orações seguintes?
a) Ele se morria de ciúmes pelo patrão.
b) A Federação arroga-se o direito de cancelar o jogo.
c) O aluno fez-se passar por doutor.
d) Precisa-se de pedreiros.
e) Não sei se o vinho está bom.

8- " As cunnãs tinham ensinado para ele que o sagüi-açu não era sagüim não, chamava elevador e era uma máquina ."
Em relação à oração não destacada as orações em destaque são respectivamente :
a) Subordinada substantiva objetiva direta coordenada assindética coordenada sindética aditiva.
b) Subordinada adjetiva restritiva coordenada assindética -coordenada sindética aditiva.
c) Subordinada substantiva objetiva direta subordinada substantiva objetiva direta coordenada sindética aditiva.
d) Subordinada substantiva objetiva direta subordinada substantiva objetiva direta
e) Subordinada substantiva subjetiva coordenada assindética coordenada sindética aditiva.

9- " Se ele confessou , não sei." A oração destacada é:
a) Subordinada adverbial temporal
b) Subordinada substantiva objetiva direta
c) Subordinada substantiva objetiva indireta
d) Subordinada substantiva supletiva
e) Subordinada substantiva predicativa

10- " A verdade é que a gente não sabia nada"
Classifica -se a segunda oração como:
a) Subordinada substantiva objetiva direta
b) Subordinada adverbial conformativa
c) Subordinada substantiva objetiva indireta
d) Subordinada substantiva predicativa
e) Subordinada substantiva apositiva.

11- Leia atentamente a frase:
" O presidente comunicou ao Ministro do Planejamento e ao Ministro da Indústria e Comércio, que não haverá expediente na Segunda-feira próxima." Nesta frase a vírgula está separando erroneamente a oração principal e a oração:
a) Subordinada substantiva objetiva indireta
b) Subordinada adverbial temporal
c) Coordenada Sindética adversativa
d) Subordinada substantiva objetiva direta
e) Subordinada substantiva assindética modal.

12- Em " Queria que me ajudasses. "
O trecho destacado pode ser substituído por:
a) a sua ajuda
b) a vossa ajuda
c) a ajuda de você
d) a ajuda deles
e) a tua ajuda.

13- " Lembro-me de que ele só usava camisas brancas."
A oração destacada é:
a) Subordinada substantiva completiva nominal
b) Subordinada substantiva objetiva indireta
c) Subordinada substantiva predicativa
d) Subordina substantiva subjetiva.
e) Subordinada substantiva objetiva direta

Respostas

1- B
2- A
3- A
4- C
5- C
6- A
7- E
8- A
9- B
10-D
11-A
12-E
13- **C**

Pontuação

Vírgula (,)

Emprego da vírgula no período simples

quando se trata de separar termos de uma mesma oração, deve-se usar a vírgula nos seguintes casos:

1. **Para isolar adjuntos adverbiais deslocados**:
Ex. A maioria dos alunos, ***durante as férias***, viajam.

2. **Para isolar os objetos pleonásticos**:
Ex. ***Os meus amigos***, sempre os respeito.

3. **Para isolar o aposto explicativo:**
Ex. Londrina, ***a terceira cidade do Sul do Brasil***, é aprazibilíssima.

4. **Para isolar o vocativo:**
Ex. ***Alberto***! Traga minhas calças até aqui!

5. **para separar elementos coordenados:**
Ex. ***As crianças, os pais, os professores*** e os diretores irão ao convescote.

6. **Para indicar a elipse do verbo:**
Ex. Ela prefere filmes românticos; o namorado, de aventura. (o namorado prefere filmes de aventura)

7. **Para separar, nas datas, o lugar:**
Ex. Londrina, 20 de novembro de 1996.

8. **Para isolar conjunção coordenativa intercalada:**
Ex. Os candidatos***, porém,*** não respeitaram a lei.

9. **Para isolar as expressões explicativas *isto é, a saber, melhor dizendo, quer dizer...***
Ex. Irei para Águas de Santa Brárbara***, melhor dizendo,*** Bárbara.

Emprego da vírgula no período composto

Período composto por coordenação: as orações coordenadas devem sempre ser separadas por vírgula.
Ex. Todos gostamos de seus projetos, no entanto não há verbas para viabilizá-los
Nota: as orações coordenadas aditivas iniciadas pela conjunção **e** só terão vírgula, quando os sujeitos forem diferentes e quando o **e** aparecer repetido.
Ex. Ela irá no primeiro avião, e seus filhos no próximo.
Ele gritava, e pulava, e gesticulava como um louco.

Período composto por subordinação

Orações subordinadas substantivas: não se separam por vírgula.
Ex. É evidente que o culpado é o mordomo.

Orações subordinadas adjetivas: só a explicativa é separada por vírgula.
Ex. Londrina, que é a terceira cidade do Sul do Brasil, é aprazibilíssima.

Orações subordinadas adverbiais: sempre se separam por vírgula.
Ex. Assim que chegarem as encomendas, começaremos a trabalhar.

Ponto-e-vírgula (;)

O ponto-e-vírgula indica uma pausa um pouco mais longa que a vírgula e um pouco mais breve que o ponto.

O emprego do ponto-e-vírgula depende muito do contexto em que ele aparece.
Podem-se seguir as seguintes orientações para empregar o ponto-e-vírgula:

Para separar duas orações coordenadas que já contenham vírgulas:

Ex. Estive a pensar, durante toda a noite, em Diana, minha antiga namorada; no entanto, desde o último verão, estamos sem nos ver.

Para separar duas orações coordenadas, quando elas são longas:
Ex. O diretor e a coordenadora já avisaram a todos os alunos que não serão permitidas brincadeiras durante o intervalo nos corredores; porém alguns alunos ignoram essa ordem.

Para separar enumeração após dois pontos:
Ex. Os alunos devem respeitar as seguintes regras:
- não fumar dentro do colégio;
- não fazer algazarras na hora do intervalo;
- respeitar os funcionários e os colegas;
- trazer sempre o material escolar.

Dois-pontos (:)

Deve-se empregar esse sinal:

Para iniciar uma enumeração:
Ex. Compramos para a casa o seguinte: mesa, cadeiras, tapetes e sofás.

Para introduzir a fala de uma personagem:
Ex. Sempre que o professor Luís entra em sala-de-aula diz:
__ Essa moleza vai acabar!

Para esclarecer ou concluir algo que já foi dito:
Ex. Essa moleza vai acabar!: essas são as palavras do professor Luís.

Reticências (...)

As reticências são empregadas:

Para indicar uma certa indecisão, surpresa ou dúvida na fala da personagem:
Ex. João Antônio! Diga-me... você... me traiu?

Para indicar que, num diálogo, a fala de uma personagem foi interrompida pela fala da outra:
Ex. __ Como todos já deram sua opinião...
__ Um momento, presidente, ainda tenho um assunto a tratar.

Para sugerir ao leitor que complete o raciocínio contido na frase:
Ex. Durante o ano ficou claro que o aluno que não atingisse 150 pontos seria reprovado; você atingiu 145, portanto...

Para indicar, numa citação, que certos trechos do texto foram exclusos:
Ex. "No momento em que a tia foi pagar a conta, Joana pegou o livro..." (Clarice Lispector)

Exercícios

Código:

01) palavra repetida
02) termos antepostos (quando repetidos pleonasticamente)
03) adjunto adverbial deslocado
04) oração coordenada assindética
05) orações coord. sind. aditivas com sujeitos diferentes;
06) oração interferente
07) vocativo
08) conjunção deslocada
09) oração subordinada adjetiva explicativa
10) zeugma
11) aposto
12) predicativo
13) expressão explicativa, conclusiva, retificativa, enfática...
14) termo coordenados
15) data
16) oração coordenada sindética

17) polissíndeto
18) oração subordinada adverbial deslocada
19) idéias paralelas dos provérbios

01) (   ) Possuía lavouras de trigo linho arroz e soja
02) (   ) Roda meu carro que é curto o caminho
03) (   ) Bem-vindo sejas aos campos do tabajaras senhores da aldeia
04) (   ) O aluno enlouquecido queria decorar toda as regras
05) (   ) Em suma o concurso foi fraco e as vagas poucas
06) (   ) O coitadinho era feio feio...
07) (   ) Vitória 10 de março de 1999
08) (   ) Ganhamos pouco; devemos portanto economizar
09) (   ) O dinheiro nós o trazíamos preso ao corpo
10) (   ) Amanhã de manhã o Presidente viajará para a Bósnia
11) (   ) Ele fez o mar e o céu e a terra e tudo quanto há neles
12) (   ) Casa de ferreiro espeto de pau
13) (   ) A mocinha olhou sorriu e piscou os olhinhos e entrou
14) (   ) A noite não acabava e a insônia a encompridou mais ainda
15) (   ) O sinal estava fechado porém os carros não pararam
16) (   ) Quanto mais se agitava mais preso à rede ficava
17) (   ) A riqueza que é flor belíssima causa luto e tristeza
18) (   ) Venham gritavam as crianças ver nossos brinquedos
19) (   ) Uns diziam que se matou; outros que fora para Goiás

20) Assinale a letra que corresponde ao único período de pontuação correta
a) Pouco depois, quando chegaram, outras pessoas a reunião ficou mais animada
b) Pouco depois quando chagaram outras pessoas a reunião ficou mais animada
c) Pouco depois, quando chegaram outras pessoa, a reunião ficou mais animada
d) Pouco depois quando chegaram outras pessoas, a reunião ficou mais animada

21) Idem ao anterior:
a) Precisando de mim, procure-me; ou melhor, telefone, que eu venho
b) Precisando de mim procure-me; ou melhor telefone, que eu venho
c) Precisando de mim procure-me, ou, telefone, melhor que eu venho
d) Precisando, de mim, telefone-me, ou melhor, procure-me que eu venho

22) Assinale a pontuação errada:
a) Falei com ele com tanta segurança, que nem discordou de mim.
b) Porque falei com ela, para mim não há mais dúvidas
c) Falei com ela que eu, estaria aqui cedo hoje se tudo corresse bem
d) Falei ao chefe que, se o plano corresse bem, estaríamos salvos

23) Dadas as sentenças:
1. Quase todos os habitantes daquela região pantanosa e afastada da civilização morrem de malária
2. Pedra, que rola, não cria limo
3. Muitas pessoas observavam com interesse, o eclipse solar
- Deduzimos que:

a) apenas a nº 1 está correta
b) apenas a nº 2 está correta
c) apenas a nº 3 está correta
d) todas estão corretas

Para as questões de 24 a 36, assinale o único item correto em relação à pontuação:

24) Correto:
a) Não nego que, ao avistar, a cidade natal tive uma boa sensação
b) Não nego, que ao avistar a cidade natal tive, uma boa sensação
c) Não nego; que ao avistar a cidade natal, tive uma boa sensação
d) Todos estão incorretos

25) Correto:
a) Os rapazes continuaram a bradar e a rir, e, Rubião foi andando, com o mesmo coro atrás de si
b) Os rapazes continuaram a bradar, e a rir, e Rubião foi andando, com o mesmo coro, atrás de si
c) Os rapazes continuaram a bradar e a rir, e Rubião foi andando com o mesmo coro atrás de si
d) Todos estão incorretos

26) Correto:
a) A dor suspendeu por um pouco, as tenazes; um sorriso alumiou o rosto da enferma, sobre o qual, a morte batia a asa eterna
b) A dor suspendeu por um pouco as tenazes; um sorriso alumiou o rosto da enferma, sobre o qual a morte batia a asa eterna
c) A dor suspendeu por um pouco, as tenazes, um sorriso alumiou o rosto da enferma; sobre o qual a morte batia a asa eterna
d) Todos estão corretos

27) Correto:
a) Longa, foi a agonia longa e cruel, de uma crueldade minuciosa, fria, repisada; que me encheu de dor e estupefação. Era a primeira vez, que eu via morrer alguém
b) Longa foi a agonia, longa e cruel, de uma crueldade minuciosa; fria; repisada; que me encheu de dor e estupefação. Era a primeira vez que eu via morrer alguém
c) Longa foi a agonia, longa e cruel, de uma crueldade minuciosa, fria, repisada, que me encheu de dor e estupefação. Era a primeira vez que eu via morrer alguém
d) Todas estão incorretas

28) Correto:
a) Chegando à vila, tive a má notícia do coronel. Era homem insuportável, estúrdio, exigente, ninguém o aturava, nem os próprios amigos
b) Chegando à vila tive más notícias do coronel,. Era homem insuportável, estúrdio, exigente, ninguém o aturava, nem os próprios amigos
c) Chegando à vila, tive más notícias do coronel. Era homem insuportável; estúrdio; exigente; ninguém o aturava; nem os próprios amigos
d) Todos estão corretos

29) Assinale o item correto:
a) Ouvimos passos no corredor, era D. Fortunata. Capitu compôs-se depressa; tão depressa que, quando a mãe apontou à porta, ela abanava a cabeça e ria
b) Ouvimos passos no corredor; era D. Fortunata. Capitu, compôs-se depressa, tão depressa, que quando a mãe apontou à porta, ela abanava a cabeça e ria
c) Ouvimos passos no corredor; era D. Fortunata. Capitu compôs-se depressa, tão depressa que: quando a mãe apontou à porta, ela abanava a cabeça e ria
d) Todos estão corretos.

30) Assinale o item correto:
a) Começou porém, um resumo. No fim de dez minutos, a comadre não entendia nada, tão desconcertados eram os fatos e os conceitos; mais cinco minutos; entrou a sentir medo
b) Começou, porém, um resumo. No fim de dez minutos, a comadre não entendia nada, tão desconcertados eram os fatos e os conceitos; mais cinco minutos, entrou a sentir medo
c) Começou, porém, um resumo. No fim, de dez minutos, a comadre não entendia nada; tão desconcertados eram os fatos e os conceitos, mais cinco minutos, entrou, a sentir medo
d) Todos estão incorretos

31) Assinale o item correto:
a) A cara, ficou séria porque a morte é séria,; dois minutos de agonia, um trejeito horrível, e estava assinada a abdicação
b) A cara ficou séria: porque a morte é séria; dois minutos de agonia, um trejeito horrível, e estava assinada a abdicação
c) A cara ficou séria, porque a morte é séria; dois minutos de agonia, um trejeito horrível, e estava assinada a abdicação
d) Todos estão corretos

32) Assinale o item incorreto:
a) Tudo era matéria às curiosidades de Capitu. Caso houve, porém, no qual não sei se aprendeu ou ensinou, ou se fez ambas as coisas, como eu.
b) Tudo era matéria às curiosidades de Capitu. Caso houve, porém, no qual não sei se aprendeu, ou ensinou, ou se fez ambas as coisas como eu.
c) Tudo era matéria às curiosidades de Capitu. Caso houve porém, no qual não sei, se aprendeu ou ensinou, ou se fez ambas as coisas como eu.
d) Todos estão incorretos

33) Assinale o item correto:
a) A primeira idéia foi retirar-me logo cedo, a pretexto de ter meu irmão doente; e, na verdade, recebera carta dele, alguns dias antes, dizendo-me que se sentia mal.

b) A primeira idéia foi retirar-me, logo cedo, a pretexto de ter meu irmão doente; e na verdade recebera carta dele, alguns dias antes, dizendo-me, que se sentia mal.
c) A primeira idéia, foi retirar-me logo cedo, a pretexto de ter meu irmão doente, e, na verdade recebera carta dele, alguns dias antes, dizendo-me que se sentia mal.
d) Todos estão incorretos

Para as questões de 983 a 985, assinale o item correto em relação ao emprego dos sinais de pontuação.

34) Correto:
a) Um jornal, é lido por muita gente, em muitos lugares; o que ele diz precisa interessar, se não a todos, pelo menos a certo número de pessoas.
b) Um jornal é lido por muita gente em muitos lugares, o que ele diz, precisa interessar se não a todos pelo menos a certo número de pessoas.
c) Um jornal é lido por muita gente, em muitos lugares; o que ele diz precisa interessar, se não a todos, pelo menos a certo número de pessoas.
d) Todos estão incorretos

35) Está correto:
a) Salta o primeiro espirro mais outro; outro mais, com a picada leve na garganta, e corre à farmácia, para tomar a injeção antigripal; que o mantenha de pé, pois você, como São Paulo, não pode parar
b) Salta o primeiro espirro, mais outro; outro mais, com a picada leve na garganta, e corre à farmácia para tomar a injeção antigripal que o mantenha de pé, pois você, como São Paulo, não pode parar
c) Salta o primeiro espirro, mais outro; outro mais; com a picada leve na garganta e você corre à farmácia, para tomar a injeção antigripal, que o mantenha de pé, pois você, como São Paulo, não pode parar
d) Todos estão incorretos

36) Assinale o item correto:
a) As mães ensinam que é feio escutar conversa dos outros; mas, com os coletivos entupidos de gente, somos forçados a isso; e acabamos nos interessando, pelo que não é de nossa conta
b) As mães ensinam, que é feio escutar conversa de outros; mas com os coletivos entupidos de gente, somos forçados a isso, e acabamos nos interessando pelo que não é de nossa conta
c) As mães ensinam que é feio escutar conversa de outros; mas, com os coletivos entupidos de gente, somos forçados a isso, e acabamos nos interessando pelo que não é de nossa conta
d) Todos estão corretos

37) Em um dos períodos abaixo, há uma vírgula usada erradamente no lugar do ponto-e-vírgula. Assinale-o:
a) Avançamos pela praia, que já não era como a outra. Os pés afundavam na arei fofa, canavial não se via, só coqueiro
b) As crianças estavam alvoraçadas e correram para o jardim, o palhaço já tinha chegado e, alegremente, pusera-se a cantar.
c) Às vezes, eu quero chamar sua atenção para esse problema, ele, porém, não permite que se toque no assunto
d) Sempre fiel a seus princípios, o velho indígena recusou a ajuda dos missionários, convocou os guerreiros e decidiram partir dali.

38) Assinale a alternativa em que a Segunda frase não corrige adequadamente a primeira:
a) 1.A Volkswgen do Brasil está concedendo férias coletivas, de vinte dias a funcionários de suas fábricas.
2. A Volkswgen do Brasil está concedendo férias coletivas de vinte dias a funcionários de suas fábricas.
b) 1. A Academia de Artes e Ciências Cinematográfica de Hollywood adiou para hoje à noite, a cerimônia de entrega dos prêmios Oscar
2.A Academia de Artes e Ciências Cinematográfica de Hollywood, adiou para hoje à noite, a cerimônia de entrega dos prêmios Oscar
c) 1. A entidade internacional promove a cada dois anos, um congresso
2.A entidade internacional promove, a cada dois anos, um congresso
d) 1. Os soldados da Polícia Militar da Bahia, voltam hoje aos quartéis.
2.Os soldados da Polícia Militar da Bahia voltam hoje aos quartéis

39) Assinale a alternativa em que a Segunda alternativa esteja corretamente pontuada:
a) 1. Samuel beija a mão da dama com uma elegância perfeita
2. Com uma elegância perfeita, Samuel, beija a mão da dama.
b) 1. Um verdadeiro tesouro foi encontrado no cofre de um banco em Paris.
2. No cofre de um banco em Paris foi encontrado um verdadeiro tesouro
c) 1. O Brasil conseguiu uma Segunda vitória nos bastidores do Mundial
2. O Brasil conseguiu, nos bastidores do Mundial uma Segunda vitória

d) 1. Os estudantes explicaram o motivo do protesto durante a reunião.
2. Durante a reunião, os estudantes explicaram o motivo do protesto

Respostas Sobre Pontuação

01) (14)
02) (07)
03) (11)
04) (12)
05) (13)
06) (01)
07) (15)
08) (08)
09) (02)
10) (03)
11) (17)
12) (19)
13) (04)
14) (05)
15) (16)
16) (18)
17) (09)
18) (06)
19) (10)
20) C
21) A
22) C
23) A
24) D
25) C
26) B
27) C
28) A
29) A
30) B
31) B
32) C
33) A
34) C
35) D
36) C
37) C
38) B
39) D

Estilística

São os recursos utilizados nos textos (principalmente literários) para conferir à mensagem mais impacto, estilo, beleza ou qualquer outro recurso expressivo. Essas figuras são objeto do estudo da Estilística, que é uma subdivisão da Gramática.

São três as figuras de linguagem:
1) **figuras de sintaxe (ou construção);**
2) **figuras de palavras e**
3) **figuras de pensamentos.**

Figuras de sintaxe

a) Elipse

Significa, em gramática, omissão. Essa é a palavra-chave. Quando se omite algum termo ou palavra de um enunciado, tem-se a elipse. Vale lembrar que essa omissão deve ser captada pelo leitor, que pode deduzi-la a partir do contexto, da situação comunicativa.

Exemplos:
Eu vi coisas lindas, realmente emocionantes; ela, coisas abomináveis, terríveis aos seus olhos. [omitiu-se o verbo ver em ela (viu) coisas abomináveis...];

Rico, podia fazer o que quisesse [omitiu-se a oração inteira: (Porque era) rico, podia fazer o que quisesse];

Empreste-me essa folha [omitiu-se de papel: folha (de papel)];

Todos esperamos se faça justiça [omitiu-se a conjunção que: esperamos (que) se faça justiça]

b) Zeugma

É um tipo de elipse. Ocorre zeugma quando duas orações compartilham o termo omitido. Isto é, quando o termo omitido é o mesmo que aparece na oração anterior.

Exemplos:
Na terra dele só havia mato; na minha, só prédios. [...na minha, só (havia) prédios]

Meus primos conheciam todos. Eu, poucos. [Eu (conhecia) poucos]

Observação: quando a flexão do verbo omitido é exatamente a mesma do verbo da oração anterior, tem se a zeugma simples. Quando a flexão é diferente, tem-se a zeugma complexa.

c) Pleonasmo

É a reiteração, a repetição, o reforço de uma idéia já expressa por alguma palavra, termo ou expressão. É reconhecido como figura de sintaxe quando utilizado com fins estilísticos, como a ênfase intencional a

uma idéia; sendo resultado da ignorância ou do descuido do usuário da língua, é considerado como um vício de linguagem (pleonasmo vicioso).

Exemplos:
Vamos sair fora! (se é sair, obviamente é para fora)

Que tal subir lá em cima e tomar um bom vinho? (se é subir, obviamente é para cima)

"Eu nasci há dez mil anos atrás" (se é há, só pode ser atrás)

Essa empresa tem o monopólio exclusivo da banana (se é monopólio, obviamente é exclusivo)

A mim, você não me engana (o verbo enganar tem dois complementos - a mim e me; eis um caso de objeto pleonástico)

Observação: um recurso literário bastante difundido é o epíteto de natureza, que não deve ser considerado como um pleonasmo vicioso. Serve, por fins estilísticos, para reforçar uma característica que já é natural ao ser. Exemplos: céu azul, pedra dura, chuva molhada.

d) Inversão

É, como o próprio nome diz, qualquer inversão da ordem natural de termos num enunciado, a fim de conferir-lhe especiais efeitos e reforços de sentido. Podem-se considerar como tipos de inversão o hipérbato, a anástrofe a prolepse e a sínquise.

Exemplo:
Sua mãe eu nunca conheci (a ordem natural seria Eu nunca conheci sua mãe).

e) Hipérbato

Tipo de inversão que consiste, geralmente, na separação de termos que normalmente apareceriam unidos, por meio da interposição de um elemento interferente, isto é, algo que interfere. Hoje em dia, porém, costuma-se tomar o hipérbato como sinônimo de qualquer tipo de inversão.

Exemplos:
A roupa, você verá, preta que comprei é linda [aqui o núcleo do sujeito (roupa) foi separado de seu adjunto adnominal (preta) por meio de uma oração interferente].

Compraram as mulheres vários presentes para os maridos (aqui houve a simples inversão entre o verbo e o sujeito).

f) Anástrofe

É a inversão entre termo determinante (aquele que determina, constituído de preposição + substantivo) e o determinado, que passa a vir depois do determinante.

Exemplos:
Da igreja estava ela na frente [a ordem natural seria Ela estava na frente da igreja; Da igreja é o termo determinante, que, na anástrofe, veio antes do determinado (frente)]

Aqueles rapazes, sim, por dinheiro são muito ávidos [a ordem natural seria Aqueles rapazes, sim, são muito ávidos por dinheiro; Por dinheiro é o termo determinante, que, na anástrofe, veio antes do determinado (ávido)]

g) Sínquise

Essa palavra vem do grego (sýgchysis) e significa confusão. É a inversão muito violenta na ordem natural dos termos, de modo que a sua compreensão seja seriamente prejudicada. Consiste, segundo alguns autores, em um vício de linguagem, e não em uma figura de sintaxe com fins estilísticos.

Exemplos:
"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas de um povo heróico o brado retumbante" (ordem natural: As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heróico)

Da verdade aquelas pessoas todas muito honestas você pode acreditar que sabiam (ordem natural: Você pode acreditar que todas aquelas pessoas, muito honestas, sabiam da verdade).

h) Prolepse (ou antecipação)

Deslocamento do termo de uma oração para a oração anterior.

Exemplos:
O Ministro do Planejamento dizem que vai pedir demissão [o sujeito da oração vai pedir demissão (o Ministro do Planejamento) foi deslocado para antes da oração principal (dizem)]

Essas frutas parece que não prestam [o sujeito da oração não prestam (Essas frutas) foi deslocado para antes da oração principal (parece)]

i) Assíndeto

Vem do grego, syndeton, que significa conjunção. É a ausência de conjunções coordenativas (aquelas que ligam orações ou termos coordenados, independentes) no encadeamento dos enunciados.

Exemplos:
Ela me olhava, lavava, olhava novamente, espirrava, voltava a trabalhar (não apareceu conjunção alguma para ligar as orações).

Eu nunca tive glória, amores, dinheiro, perdão (não apareceu conjunção alguma para ligar os termos que complementam o verbo ter).

j) Polissíndeto

É o contrário do assíndeto. É a repetição das conjunções coordenativas (principalmente as aditivas e e nem), com o fim de incutir no discurso a noção de movimento, rapidez e ritmo.

Ela me olhava, e lavava, e olhava novamente, e espirrava, e voltava a trabalhar (foi repetida a conjunção coordenativa aditiva e).

Eu nunca tive glória, nem amores, nem dinheiro, nem perdão (foi repetida a conjunção coordenativa aditiva nem).

l) Anacoluto

É a quebra da seqüência sintática de uma frase. É como se o escritor de repente decidisse mudar de idéia, alterando a estrutura e o nexo sintáticos da oração.

Exemplos:
O José, sinceramente parece que ele está ficando louco (perceba que O José deveria ser sujeito de uma oração, mas ficou sem predicado, solto na frase; houve a quebra da seqüência sintática esperada).

Cantar, sei que todos devem cantar (viu como o verbo cantar está sobrando? Parece que o autor decidiu mudar a ordem da oração, sem nos avisar)

Observação: o anacoluto deve ser usado cuidadosamente na linguagem escrita. Exige experiência, estilo e intencionalidade por parte de quem escreve, para que não se confunda com uma confusão mental ou deficiências de estruturação do texto.

m) Silepse

É a concordância que se faz com a idéia, e não com a palavra expressa. É também chamada de concordância ideológica. Há três tipos de silepse: de gênero (a concordância se faz com a idéia feminina ou masculina); de número (a concordância se faz com a idéia singular ou plural); e de pessoa (a concordância se faz com uma pessoa gramatical diferente da expressa pela palavra)

Exemplos:
São Paulo realmente é linda [silepse de gênero - o adjetivo linda ficou no feminino porque concorda com a idéia (a cidade de) São Paulo]

Vossa Excelência pode ficar tranqüilo e calmo [silepse de gênero - os adjetivos tranqüilo e calmo ficaram no masculino porque concordam com a idéia: a pessoa a quem se dirige o pronome de tratamento Vossa excelência é homem]

Os paulistas somos bem tratados no Paraná [silepse de pessoa - o verbo ser concorda com a primeira pessoa do plural (nós), apesar de o sujeito expresso ser Os paulistas (terceira pessoa do plural). Com esse recurso, o emissor da mensagem quis passar a idéia de que ele também é paulista; de que ele se inclui entre os paulistas]

A gente não quer só alimento. Queremos amor e paz [silepse de número - o verbo querer ficou no plural, e seu sujeito oculto (A gente) é singular]

Observação: a principal diferença entre silepse de pessoa e de número é que na de pessoa o emissor da mensagem se inclui no sujeito de terceira pessoa do plural.

n) Repetição

É a repetição de palavras que tem por finalidade exprimir a idéia de insistência, progressão e intensificação. Quando se repetem adjetivos ou advérbios, é uma maneira de se fazer o grau superlativo.

Exemplos:
Aquela moça era linda, linda, linda.

E, enquanto tudo isso acontecia, a garota crescia, crescia.

O sol estava claro, claro; eu mal podia enxergar.

o) Onomatopéia

Consiste na criação de palavras com o intuito de imitar sons ou vozes naturais dos seres. É, na verdade, um dos processos de formação das palavras, que cabe à Morfologia.

Exemplos:
Ouviu o tilintar das moedas (o verbo tilintar imita o som de moedas se entrechocando).

Quando a insultei, slapt! (a palavra slapt imita o ruído provocado por um tapa).

Figuras de palavras

a) Comparação

É a comparação direta de qualificações entre seres, com o uso do conectivo comparativo (como, assim como, bem como, tal qual, etc.).

Exemplos:
Minha irmã é bondosa como um anjo (existe uma relação de qualificações entre a irmã e o anjo; houve, pois, uma comparação, que se estabeleceu por meio do conectivo como)
Age o neto tal quais os avós (existe uma semelhança de ações entre o neto e os avós; houve, pois, uma comparação, que se estabeleceu por meio do conectivo tal quais)

b) Metáfora

Assim como a comparação, consiste numa relação de semelhança de qualificações.
É, porém, mais sutil e exige muita atenção do leitor para ser captada, porque dispensa os conectivos que aparecem na comparação.
É o mecanismo pelo qual se toma "emprestada" a característica de um ser utilizando esse próprio ser como característica.
Cabe ao receptor da mensagem saber qual é a característica em comum dos dois seres. Constitui uma das mais importantes e freqüentes figuras de linguagem, sendo muito utilizada tanto na poesia quanto na prosa.

Exemplos:
Minha irmã é um anjo (existe uma relação de qualificações entre a irmã e o anjo; como não houve um conectivo que estabelecesse a relação comparativa, chama-se a essa comparação mental de metáfora.
A palavra anjo não está sendo utilizada em seu sentido original; foi tomada como uma qualificação.
Cabe ao receptor saber que a característica em comum entre os dois seres é a bondade)
Tenho que viajar muito. São os ossos do ofício (que características em comum têm o ato de viajar muito e os ossos?
É simples: viajar muito é uma das exigências, uma das partes que compõem o trabalho do emissor dessa mensagem; os ossos são algumas das partes que compõem os corpos de alguns seres vivos.
Houve a transferência do sentido de componente, algo necessário, da palavra ossos para o ato de viajar.
Cabe ao receptor decodificar essa transferência)

c) Metonímia

É a utilização de uma palavra por outra.

Essas palavras mantêm-se relacionadas de várias formas:

- O autor pela obra: Você já leu Camões (algum livro de Camões)?

- O efeito pela causa: O rapaz encomendou a própria morte (algo que causaria a sua própria morte)

- O instrumento pela pessoa que dele se utiliza: Júlio sem dúvida é um excelente garfo (Júlio come muito; o garfo é um dos instrumentos utilizados para comer)

- O recipiente (continente) pelo conteúdo: Jonas já bebeu duas garrafas de uísque (ele bebeu, na verdade, o conteúdo de duas garrafas de uísque); Os Estados Unidos assistem ao espetáculo das eleições (as pessoas que moram nos Estados Unidos assistem...)

- O símbolo pela coisa significada: O povo aplaudiu as medidas tomadas pela Coroa (a coroa, nessa acepção, é símbolo da monarquia, do rei).

- O lugar pelo produto: Todos gostam de um bom madeira (o vinho produzido na Ilha de Madeira).

- A parte pelo todo: Havia várias pernas se entreolhando no ônibus (na verdade, eram as pessoas, que têm as pernas, que se entreolhavam).

- O abstrato pelo concreto: A juventude de ontem não pensa como a de antigamente (Os jovens de hoje...)

- O singular pelo plural: O paulista adora trabalhar (Os paulistas...)

- A espécie ou classe pelo indivíduo: "Andai como filhos da luz", recomenda-nos o Apóstolo [referindo-se a São Paulo, que foi um dos apóstolos (espécie, classe)]

- O indivíduo pela espécie ou classe: Camila é, como diz sua tia, uma judas [judas (indivíduo) foi o mais conhecido traidor (espécie, classe) da história]

- A qualidade pela espécie: Os acadêmicos estão reunidos (em vez de os membros da academia...)

- A matéria pelo objeto: Você tem fogo (isqueiro)?

d) Sinestesia

É a figura que proporciona a ilusão de mistura de percepções, mistura de sentidos.

Exemplos:
Você gosta de cheiro-verde [como um cheiro (olfato) pode ser verde (visão)]
Que voz aveludada Renata tem [como um som (audição) pode ser aveludado (tato)].

e) Perífrase (ou antonomásia)

É uma espécie de apelido que se confere aos seres, valorizando algum de seus feitos ou atributos. Ressalte-se que se consideram perífrases somente os "apelidos" de valor expressivo, nacionalmente relevantes e conhecidos.

Exemplos:
Gosto muito da obra do Poeta dos Escravos (antonomásia para Castro Alves).
O Rei do Futebol já fez mais de mil golos (antonomásia para Edson Arantes do Nascimento).
Tu gostas da Terra da Garoa (antonomásia para cidade de São Paulo)?
Eis a terra do ouro verde (antonomásia para café)
Observação: note que somente as antonomásias referentes a nomes próprios têm iniciais maiúsculas.

Figuras de pensamentos

a) Antítese

É a aproximação de palavras ou expressões que exprimem idéias contrárias, adversas.

Exemplos:
E Carlos, jovem de idade e velho de espírito, aproximou-se.
O que sempre foi simples tornou-se complexo.

b) Apóstrofe

É a interpelação inesperada de um ente real ou imaginário que se faz com a interrupção da seqüência do pensamento.

Exemplo:
Sei de minhas condição vil e efêmera.
Sei também de minhas fraquezas. Tu, que queres aqui? (note que a seqüência foi interrompida bruscamente com a evocação de alguém).

Observação: não confundir apóstrofe com apóstrofo, que é o sinal gráfico que indica a supressão de um fonema. Exemplo: Tomei dois copos d'água (o apóstrofo indica que o fonema e foi supresso)

c) Eufemismo

É uma maneira de, por meio de palavras mais polidas, tornar mais suave e sutil uma informação de cunho desagradável e chocante.

Exemplos:
Infelizmente ele se foi (em vez de ele morreu).
A criança nasceu com problemas mentais (em vez de A criança nasceu retardada)

d) Gradação: é a maneira ascendente ou descendente como as idéias podem ser organizadas na frase.

Exemplos:
Jonas, inesperadamente, assustou-se. Depois, gritou, aterrorizou-se e morreu (gradação ascendente, do menor para o maior).
Ela é uma bandida, uma enganadora, uma sem-vergonha (gradação descendente, do maior para o menor).

e) Ironia

Figura que consiste em dizer, com intenções sarcásticas e zombadoras, exatamente o contrário do que se pensa, do que realmente se quer afirmar. Exige, em alguns casos, bastante perícia por parte do receptor (leitor ou ouvinte).

Exemplos:
Olá! Júlio. Como você está em forma (considere-se que Júlio seja um rapaz com mais de 130 quilos)!
Meus parabéns pelo seu serviço (considere-se que o vigia tenha dormido e a empresa tenha sido completamente esvaziada durante um assalto)...

f) Hipérbole

Modo exagerado de exprimir uma idéia.

Exemplos:
Estou morrendo de sede.
Você é a garota mais linda do mundo.

g**) Prosopopéia (ou personificação)**

É a atribuição de características humanas a seres não-humanos.

Exemplos:
O prédio sorria perante os trabalhadores (sorrir é uma atitude humana atribuída a um imóvel, uma edificação).
Depois que o sol me cumprimentou, dirigi-me à cozinha (cumprimentar é uma atitude humana atribuída a um astro).

h) Reticência

É a suspensão de uma idéia ou de um pensamento, deixando a cargo do leitor ou ouvinte a interpretação/inferência do que deveria ou poderia ser mencionado.

Exemplos:
Eu fiz toda a minha tarefa. Carla... bem... ela... (podemos deduzir que Carla não fez a tarefa).

Hoje eu tenho meu arroz e o meu feijão. Amanhã... (podemos deduzir que o emissor da mensagem não tenha certeza de que terá algo para comer amanhã; ou de que será feijão com arroz. A correta inferência dependerá do contexto em que a reticência estiver inserta).

i) Retificação

Consiste em consertar uma afirmação anterior.

Exemplos:
Todos os deputados se reuniram para trabalhar. Ou melhor, para fazer-nos pensar que iriam trabalhar.
Ele, aliás, todos eles me traíram.

Dicas de Gramática

Dicas importantes

1 - POR QUE/PORQUE/POR QUÊ/PORQUÊ
PARA VOCÊ NÃO ERRAR MAIS.
PORQUE = pois ou pelo fato de que

- Eu gosto de você, porque sou louco.

POR QUE = por que motivo, razão (inclusive em títulos)

- Por que tornei-me padre.

POR QUÊ - em final de frase

- Parou, por quê?

PORQUÊ = o porquê, um porquê, os porquês

- Ninguém entendeu o porquê da sua decisão.

Agora, com mais detalhes:

POR QUE - preposição por + que (classe variável)

a) equivalente a pelo qual, ou suas variações (com ou sem antecedente)

- Esta é a razão por que não compareci. (Esta é a razão pela qual... - razão é antecedente)
- Eis por que não compareci. (Eis a razão, a causa pela qual não compareci. Neste caso, não há antecedente)

b) equivalente a por que motivo ou por que razão (Preposição + pronome), em interrogações diretas ou indiretas

- Por que você não compareceu?
- Não sei por que você não compareceu. (Não sei isto: por que voc6e não compareceu?)

c) em títulos (pronome interrogativo ou pronome relativo)

- Juscelino escreveu "Por que construí Brasília".

Significa: por que é que eu construí Brasília.
Ou: as causas/razões por que (pelas quais) construí Brasília.

d) quando significa por qual (e variantes)

- O candidato optou por que carreira? (Optou por qual carreira?)
- Não sei por que caminhos seguir. (por quais caminhos)

e) Usamos por que, também, quando o por é um complemento de algum nome.

- Estou ansioso por que você retorne das férias. (ansioso por)
- O presidente demonstrou simpatia por que nós apresentássemos o projeto. (simpatia por)

PORQUE

a) equivalente a pois (conjunção coordenativa explicativa).

- O professor deve ter faltado, porque os alunos estão no corredor.

b) equivalente a pela causa/razão de que, pelo fato/motivo de que (conjunção subordinativa causal)

- Faltei ao trabalho, porque estava doente.

c) expressão de realce

- Se todos concordam, é porque gostaram da resposta.

d) em interrogações

- Porque estava doente? Ora, isso não é motivo para faltar.

A situação seria a seguinte:

João: Por que você faltou?
José: Eu faltei porque estava doente.
João: Porque estava doente? Ora, isso não é motivo para faltar.
(A pergunta repete a resposta de José)

POR QUÊ
equivalente a por que motivo, por que razão, utilizado em final de frase ou em pausas.

- Você faltou por quê?
- Meu coração está triste não sei por quê.

PORQUÊ
sinônimo de motivo, razão (pode vir até no plural)

- Ninguém sabe o porquê dessa decisão.
- Todos nós queremos saber os porquês de sua decisão.

2 - Onde/aonde

Onde
Quando significa em que lugar, no lugar em que, em que, na qual, etc. Sempre em situações que não indiquem movimento.

- Moro onde o vento faz a curva. (moro em algum lugar)
- Arte Etc e Tal: a Arte onde quer que você esteja. (você está em algum lugar)

Aonde
Com verbos que têm a idéia de movimento ou com nomes que exijam a preposição a.
Aonde é combinação da preposição a + onde.

- Aonde eu for, venha também. (Quem vai, vai a algum lugar)
- Sua chegada foi aonde? (chegada a algum lugar)

FUNDO DO BAÚ

- Sobre onde e aonde

Nem sempre houve esse rigor quanto ao uso das formas onde e aonde. Vejamos os seguintes exemplos:

"Morrem dele nas florestas
Aonde habita o jaguar,..."
(Machado de Assis, Obra Completa, Aguilar, III, página 107, 1979)

"Mas aonde te vais agora,
Onde vais, esposo meu?"
(Machado de Assis, Obra Completa, Aguilar, III, página 109, 1979)

Vela ao entrares no porto
Aonde o gigante está!

(Fagundes Varela, Vozes de América, 2ª ed. Porto, Typ. de Antonio José da Silva Teixeira, 1876))

3 - Há/a

Há

Indica sempre tempo passado

- Há tempo não ouço Roberto Carlos.
- Esta carta foi enviada há 30 dias.

A

Em situações que indicam futuro, distância ou espaço temporal.

- Daqui a pouco ele chegará.
- Foi atingido a trinta metros do local do acidente.
- O candidato chegou a 2 minutos do encerramento do prazo.

4 - Se não/senão

Se não

Equivalente a ou, caso não ou quando não.

- Deu dois socos no amigo, se não mais. (dois socos ou mais)
- Se não chover, muitos morrerão. (caso não chova...)
- Se está satisfeito, é educado; se não, é grosseiro. (quando não está satisfeito...)

O se pode ser também uma conjunção integrante, introduzindo uma oração que funciona como objeto direto.

- O repórter perguntou se não vai haver a premiação. (O repórter perguntou isto, objeto direto. A oração se não vai haver a premiação é objeto direto de perguntou. O não deve vir separado, é claro.

Senão

Pode ser substituído por:

- do contrário, de outra forma
- Corra, senão perderemos a prova.
- a não ser, mais do que, menos, com exceção de
- Não fazia outra coisa senão reclamar
- mas, mas sim, mas também
- Não quis te magoar, senão ajudar.
- de repente, de súbito (= senão quando)
- E foi senão quando um tiro foi ouvido.
- mas antes, mas sim (= senão que)
- Não queria ajudar, senão que perturbar.
- falha, defeito, obstáculo (como substantivo, podendo ser escrito no plural)
- Havia muitos senões no livro.

Antes de pronomes, devemos usar senão a.

- não tinha outros amigos, senão a nós.

5 - A fim de/afim/afim de

A fim de

equivalente a para.

- Chegou cedo, a fim de fazer o trabalho. (com o objetivo de fazer o trabalho)

Afim corresponde a semelhante ou parente por afinidade

- Os dois têm pensamentos afins. (=semelhantes, que têm afinidades)
- O sogro é afim da nora. (isto é, tem parentesco sem laço sanguíneo)
- Pelo amor de Deus, não confundir com um uso coloquial

do a fim de com o sentido de estar interessado. Este uso torna-se a cada dia mais comum.

- Ele está a fim de você.

6 - Mas/mais

Mas
É conjunção adversativa, com o sentido de idéia contrária.
Dessa forma, pode ser substituída, na frase, por porém, todavia.

- Chegou cedo, mas não conseguiu ser atendido. (Chegou cedo, porém...)

A vírgula deve ser usada antes de mas.

FUNDO DO BAÚ

- Sobre mas/mais

Mas provém do latim magis, da mesma forma que mais.
No português arcaico, encontramos mes.

"A suidade non descende de cada ua destas partes, mes é uu sentido do coraçom..."
(D. Duarte, "O Leal Conselheiro")

7 - Abaixo/a baixo

abaixo = na parte inferior (advérbio)

- Abaixo, você encontra os jardins; acima, as garagens.

a baixo - preposição + adjetivo

- Na feira estava tudo a baixo preço.

8 - Demais/de mais

Demais = outros (pronome indefinido)

- Os cinco primeiros podem entrar. Os demais vão aguardar.

Demais = em excesso (advérbio)

- Ele bebe demais.

De mais - contrário de de menos (locução adverbial)

- Ela é lindíssima, toda certinha: nem centímetros de mais, nem de menos.

9 - Portanto/por tanto

Portanto - conjunção conclusiva

- Estou duro, portanto não me peça um centavo.

Por tanto - preposição + pronome

- Por tanto amor a vida me fez lutar.

10 - Mal/mau

Mal = moléstia, epidemia, tormento, etc. (substantivo)

- O seu mal era incurável.

Mal = contrário de bem (advérbio)

- Fez o trabalho mal e porcamente. (Não fez bem)

Mal = logo que, apenas (conjunção)

- Mal chegou, foi recebido a tapas.

Mau = contrário de bom (adjetivo)

- Passou por maus momentos (Contrário: passou por bons momentos)

11 - Acerca de/ há cerca de

Acerca de = a respeito de

- O ministro falou acerca de muitos temas econômicos.
- Normalmente se usa sobre: O ministro falou sobre muitos temas econômicos.

12 - Tampouco/tão pouco

Tampouco = também não (advérbio)

- Não compareceu, tampouco mandou avisar.

Tão pouco - tão (advérbio) + pouco (pronome)

- Foi tão pouco o que recebi, que nem valia ir receber.

Agora, vamos tratar de outras dificuldades.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Em português, toda palavra possui uma sílaba tônica, à exceção de alguns monossílabos e de raros dissílabos átonos. Quando a palavra termina em A, E, O (acrescida ou não de S), EM, ENS ou AM, a tonicidade recai naturalmente sobre a penúltima sílaba da palavra. Todas as demais terminações tendem a fixar a tonicidade na última sílaba. Dessa forma, a acentuação gráfica só será necessária quando for preciso desviar a tonicidade natural da palavra. Veja:

TERMINAÇÕES	TONICIDADE NATURAL	DESVIO DA TONICIDADE
A	**es**ta fa**bri**ca	es**tá** **fá**brica
E	**bre**ve ana**li**se	bre**vê** a**ná**lise
O	ca**me**lo nego**ci**o	came**lô** ne**gó**cio
EM	**Con**tem	con**tém**
OUTRAS TERMINAÇÕES	Ca**qui**	**cá**qui
	Carac**ter**	ca**rá**ter
	Xe**rox**	**xé**rox

FORMAS VERBAIS

Acentuam-se ainda:

- **PÁRA** (mas não é acentuada a preposição *para*)
- **PÔR** (mas não é acentuada a preposição *por*)
- (ELE) **PÔDE** - passado (mas não é acentuada a forma presente *pode*)
- (ELES) **VÊM** (porém: ELE VEM)
- (ELES) **TÊM** (porém: ELE TEM)
- (ELE) **MANTÉM** (ELES) **MANTÊM** (e outros derivados de ter : deter, conter, etc.)
- (ELE) **VÊ** (ELES) **VÊEM** (o mesmo ocorre com LER/DAR/CRER e derivados)

O HIATO

Acentuam-se as vogais I e U, quando formam sílaba sozinhas (ou acompanhada de *S*) no interior das palavras e são tônicas. Assim:, acentua- se:

dis - tri - bu – **í**	pronunciado separadamente, tônico, sozinho na sílaba.

Mas não se acentuam:

dis - tri – **bui**	não é pronunciado separadamente
dis - tri - bu – **ir**	pronunciado separadamente, mas não está sozinho na sílaba
ba - **i** – nha	atende a todas as exigências mas vem antes de sílaba iniciada por NH. Essa é uma exceção.

Acentuam-se ainda:

- os monossílabos terminados em A, AS, E, ES, O OU OS, como PÁ, PÉ, PÓ.
- os ditongos abertos ÉI, ÓI, ÉU. Assim: A-PÓI-O é acentuado mas A-POI-O não
- algumas palavras que precisam ser diferenciadas. São elas:

PÁRA (verbo) de **PARA** (preposição)
PÔDE (pretérito) de **PODE** (presente)
PÊLO (substantivo) e **PÉLO** (verbo) de pelo (preposição)
PÓLO (extremidade, jogo) de **POLO** (gaviãozinho)
PÊRA (fruta) de **PÉRA** (pedra antigamente) e **PERA** (preposição per+a)

O TREMA

Ainda existe trema?

Sim, existe e deve ser usado sempre que a letra U for pronunciada e vier depois das letras G e Q e antes de E ou I. Assim:

G ________ **Ü** ________ **E**
Q **I**

Observação: Se a letra U , além de pronunciada, for tônica, receberá acento agudo. Veja:
averigúe, apazigúe.

CRASE

A crase é o encontro de dois fonemas idênticos (a+a) representado na escrita pelo acento grave (\`). Veja:

Quem obedece, obedece a **alguém**.
Se esse alguém for **a autoridade**.
Teremos: Obedeça a **a autoridade**.
Ou seja: Obedeça **à** **autoridade**.

Observe que o verbo *obedecer* exige a preposição *a* e o substantivo *autoridade* aceita o artigo *a*. Temos aí, portanto, um encontro de dois *as*. Para ter certeza da ocorrência da crase, podemos nos valer de alguns artifícios. Veja:

REGRAS PRÁTICAS

Ocorre crase:

1. Se for possível substituir **"À"** por **"PARA A"**:
Veja:
Comunicaremos os resultados da auditoria **à** empresa.
Comunicaremos os resultados da auditoria **para a** empresa.
Entretanto:
Concedeu-se **a** todos os funcionários adiantamento salarial.
Concedeu-se **para** todos os funcionários adiantamento salarial.

2. Se, ao trocar a palavra posterior por uma masculina, resultar **AO**.
Veja:
Recorreremos **à** enfermeira de plantão.
Recorreremos **ao** enfermeiro de plantão.
Entretanto:
Chamaremos **a** enfermeira.
Chamaremos **o** enfermeiro.

3. Se, ao trocarmos "**aquele, aquilo ou aquela**" por "**este, isto ou esta**", resultar **A ESTE, A ISTO ou A ESTA**.
Veja:
Referiu-se **àquele** procedimento.
Referiu-se **a este** procedimento
Entretanto:
Você seguiu **aquele** procedimento?
Você seguiu **este** procedimento?

4. Se, ao trocarmos a palavra feminina que antecede os relativos **"que, qual ou quais"** por uma masculina, resultar **"ao que, ao qual, aos quais"**.
Veja:
A médica **à qual** nos referimos está na empresa há alguns anos.
O médico **ao qual** nos referimos está na empresa há alguns anos.

Entretanto:
A médica **a qual** nos atendeu está na empresa há alguns anos.
O médico **o qual** nos atendeu está na empresa há alguns anos.

OUTRAS REGRAS

Além dessas regras práticas — que podem ajudar muito — vamos rever outras:

CASOS PROIBIDOS

REGRAS	EXEMPLOS
• Antes de palavra masculina;	Ele está no Rio a **serviço**.
• Antes de verbo;	Começaram a **discutir** o novo plano de metas.
• Antes de pronomes **Pessoais;** **Demonstrativo esta e essa;** **De tratamento.**	Dirigi-me a **ela** apenas uma vez na reunião. O empregado aspira a **essa** posição há muito tempo. Informaremos isto a **Sua Excelência**.[1]
• Nas expressões formadas por palavras repetidas;	Os dois candidatos ficaram **frente a frente** durante a discussão.
• Diante de palavra no plural, se o **"A"** estiver no singular.	Chegamos a **conclusões** importantes neste encontro.

CASOS OBRIGATÓRIOS

Ocorre crase:	Exemplo:
• Na indicação de horas;	A visita à fabrica deverá iniciar à **uma hora**. A visita à fabrica deverá iniciar às **duas horas**.
• Quando se subentende à moda, à maneira;	O restaurante da empresa servirá bife à milanesa (à moda milanesa) hoje.
• Em expressões adverbiais femininas.	**Às vezes**, o relatório informal não passa de uma página, mas não deve nunca passar de três.

CASOS FACULTATIVOS

Pode ocorrer crase:	Exemplo:
• Diante de pronomes possessivos:	Entregaram a encomenda a (ou à) **sua** secretária.
• Diante de nomes de pessoas.	Fizeram a mesma pergunta a (ou à) **Patrícia**.

CONCORDÂNCIA NOMINAL

REGRA GERAL: O artigo, o numeral, o adjetivo e o pronome adjetivo concordam com o substantivo a que se referem em gênero, número e grau.

Ex.: Estamos satisfeitos com **os bons** resultados **obtidos** por nossa equipe.

OS
BONS ⟶ RESULTADOS
OBTIDOS

Vejamos, agora, algumas regras especiais que costumam trazer dúvidas:

Se houver:	Regra:	Exemplo:
MENOS	**Não varia**	Houve **menos** candidatas neste concurso.
"É BOM", "É NECESSÁRIO, "É PROIBIDO"	**Não variam, se não há artigo**	É proibid**o** entrada de estranhos
"É BOM", "É NECESSÁRIO, "É PROIBIDO"	**Variam, se há artigo**	É proibid**a** **a** entrada de estranhos.
ANEXO	**Varia**	Enviaremos **anexos** os documentos.

---

[1] Os pronomes de tratamento **senhora** e **senhorita** admitem crase.

PRÓPRIO	**Varia**	Ela **própria** entregou o cargo.
INCLUSO	**Varia**	A hospedagem também está inclusa.
OBRIGADO	**Varia**	Ela disse **obrigada** e saiu.
QUITE	**Varia**	Ela está quite com o FGTS.
MEIO	**Varia quando se refere a substantivo**	Usei **meia** lata de tinta em uma demão. Terminei meu trabalho ao meio-dia e **meia** (hora)
MEIO	**Não varia quando se refere a adjetivo ou advérbio**	A promotora do evento estava **meio** aborrecida.

CONCORDÂNCIA VERBAL

REGRA GERAL: O verbo concorda com o sujeito em número e pessoa. Veja:

sujeito **verbo** **verbo** **sujeito**

Os procedimentos e instruções **retratam** a forma como **são desenvolvidos** os produtos e a atividade da empresa.

Observe que os verbos *retratar* e *ser* estão no plural; concordando com os sujeitos.

Quando a frase está na ordem indireta, é comum cometer-se o erro de não concordar o sujeito com o verbo. Isso ocorre porque, em tal circunstância, o sujeito é confundido com complemento verbal. Veja:

Errado: Chegou os documentos que esperávamos.
Correto: Chegaram os documentos que esperávamos. (= Os documentos chegaram...)

ALGUNS CASOS ESPECIAIS

EXEMPLOS	REGRA
Cem Reais **é pouco**. Duzentos quilos **é suficiente**.	O verbo SER fica no singular se vier antecedido de expressões que indicam quantidade, preço ou medida.
Assistiu-se a apresentações inovadoras. **Chega**-se cedo ao trabalho.	Verbo transitivo indireto ou intransitivo acompanhado de "SE" mantém-se no singular.
Entregam-se ***encomendas*** em domicílio. (=*Encomendas* são entregues em domicílio)	Verbo transitivo direto antecedido de pronome apassivador "se" concorda normalmente com o sujeito.
Havia produtos que estavam fora das especificações. PORÉM: **Existiam** produtos que estavam fora das especificações.	Verbo *haver* significando *existir* é impessoal. Já, o verbo existir é pessoal.
FAZ quatro anos que ele foi admitido	O verbo *fazer* indicando tempo decorrido fica sempre no singular.
Costuma haver alguns empecilhos. **Vai fazer** quatro anos de sua admissão.	Locuções verbais com verbos *haver* e *fazer*, impessoais, mantêm-se no singular.
VOSSA EXCELÊNCIA **comparecerá** à entrevista? Ou VOSSAS EXCELÊNCIAS **comparecerão** à entrevista?	O verbo concorda com a terceira pessoa se o sujeito for pronome de tratamento.
Alguns de nós **terminarão** o estágio. Qual de vocês **chegou** primeiro?	O verbo concorda com o pronome indefinido ou interrogativo.
A multidão **reivindicava** seus direitos.	O verbo fica no singular se o sujeito for coletivo não especificado.
***As férias* fazem** muito bem sempre. ***Férias* faz** muito bem sempre*..*	Nomes que só se usam no plural precedidos de artigo o verbo vai para o plural; caso contrário, fica no singular.
Mais de *sessenta* candidatos **concorreram**	O verbo concorda com o numeral nos sujeitos

àquela vaga.	compostos pelas expressões MAIS DE, MENOS DE, PERTO DE, CERCA DE + numerais acima de um.
Fui ***eu*** que **resolvi** a questão.	Se houver pronome relativo que, o verbo concorda com o seu antecedente.
Fui ***eu*** quem **resolvi** a questão. Fui ***eu*** quem **resolveu** a questão.	Se houver pronome relativo quem, o verbo concorda com o seu antecedente ou com a 3ª pessoa do singular (ele).
São *duas* horas. **São *dez*** quilômetros.	Com o verbo ser indicando hora ou distância, a concordância é feita com o numeral.

ORTOGRAFIA

Ortografia é o nome dado à parte da gramática que trata da escrita correta das palavras. Embora a melhor maneira de aprender ortografia seja o exercício e a leitura constantes, algumas regras podem ser úteis. Consideraremos neste trabalho algumas questões — dentre as muitas — que costumam trazer dúvidas.

Algumas regras práticas

EMPREGA-SE "Z":

REGRA	EXEMPLO
1) No sufixo **"IZAR "** formador de verbo.	HUMANO → HUMAN**IZAR** porém: pesquisa + ar = pesquisar
2) Nos sufixos *-ez* e *-eza* acrescentados a adjetivos.	FRANCO → FRANQU**EZA**
3) Nas terminações "**ZINHO"** dos diminutivos:	TONEL → TONEL**ZINHO** Porém, acrescenta-se inho quando este já ocorre anteriormente. Veja: (parafuso → parafusinho)
4) Nos verbos em *-zer* e *-zir*.	TRA**ZER** - PRODU**ZIR**
5) Nos derivados, mantém-se o *z* da palavra-base	BALI**Z**A ABALI**Z**ADO

EMPREGA-SE "S":

REGRA	EXEMPLO
1) Nas formas verbais de **"PÔR"** e **"QUERER"** e seus derivados[2]:	PUS → PUSEMOS QUIS → QUISEMOS
2) Nos adjetivos com sufixo **"OSO"** - **"OSA"**.	BRILHO → BRILH**OSO**
3) Nas palavras derivadas de verbos que possuem **D** ou **ND** no final.	SUSPE**ND**ER → SUSPEN**S**ÃO
4) Nas palavras derivadas de verbos que Possuem terminação **TIR** ou **RT**.	DEMI**TIR** → DEMI**SS**ÃO INVE**RT**ER → INVER**S**ÃO

IMPORTANTE: Emprego de R ou S com som forte

REGRA	EXEMPLO
S ou R são usados entre vogal e consoante	su**b**s**e**ção e**n**s**a**io
SS ou RR são usados somente entre duas vogais	**a**ss**e**gurar - **a**ss**o**ciada oc**o**rr**ê**ncia - ho**n**r**a**

E OU I?

REGRA	EXEMPLO
Verbos terminados em -***oar*** ou ***-uar*** recebem ***e*** no final das formas verbais.	Contin***uar*:** É necessário que a empresa **continue** o processo seletivo.
Verbos terminados em -***uir*** recebem ***i*** no final	Contribuir: Todos sabemos que você contribui

das formas verbais.	muito com a equipe.

HOMÔNIMOS E PARÔNIMOS

HOMÔNIMOS são palavras que possuem a mesma pronúncia ou a mesma grafia, mas sentido diferente. Veja:

sessão (reunião)
seção (divisão) → pronúncia igual
cessão (ato de ceder

sede (é)
sede (ê) → grafia igual

PARÔNIMOS são palavras parecidas na pronúncia ou na grafia mas com significados diferentes. Veja:

despercebido	(não notado)
desapercebido	(desprovido)

Freqüentemente, essas palavras oferecem dificuldade àquele que escreve. Por isso, separamos uma lista de homônimos e parônimos. Vejamos:

acerca de = sobre, a respeito de cerca de = aproximadamente há cerca de = faz	acender = pôr fogo ascender = subir, elevar-se
acento = a maior intensidade com que se emite uma síllaba assento = lugar em que se senta	caçar = ir atrás da caça cassar = anular
Cerrar = fechar Serrar = cortar	comprimento = extensão cumprimento = saudação
Conserto = reparo Concerto = sessão musical	deferimento = concessão, permissão diferimento = adiamento
Demais = equivale a "muito" de mais = substituível por "a mais"	delatar = denunciar dilatar = ampliar
Descrição = ato de descrever Discrição = qualidade de quem é discreto	espiar = olhar expiar = sofrer castigo
Emergir = vir à tona Imergir = mergulhar	emigrar = deixar um país imigrar = entrar num país migrar = mudar de região
Eminente = célebre Iminente = prestes a acontecer	espectador = o que assiste expectador = o que tem esperança
Estada = permanência de pessoas Estadia = permanência de veículos	infligir = aplicar pena infringir = desrespeitar
Insert = incluído Incerto = que não é certo	mandado = ordem judicial mandato = período de missão, procuração
Mais = é antônimo de *menos* Más = é sinônimo de maldosas Mas = equivalente a porém	pleito = eleição preito = homenagem
Precedente = antecedente procedente = proveniente, oriundo	preeminente = nobre, distinto proeminente = saliente
previdência = qualidade daquele que prevê providência = suprema sabedoria, medida prévia para alcançar um fim	ratificar = confirmar retificar = corrigir
soar = emitir som suar = transpirar	sobrescrever = endereçar subscrever = assinar
tacha = preguinho taxa = imposto, percentagem	tampouco = também não tão pouco = muito pouco
tráfego = movimento, trânsito tráfico = comércio ilegal	vultoso = de grande vulto, volumoso vultuoso = inchado

OBS.: Existem palavras que possuem diferentes significados, são chamadas de polissêmicas.. Veja o caso da palavra *sanção*, que pode significar aprovação ou punição:

O projeto obteve a *sanção* do presidente. (aprovação)
A *sanção* contra o grevista foi muito pesada. (pena)

OUTRAS DIFICULDADES COMUNS

PORQUE, POR QUE , PORQUÊ OU POR QUÊ?

REGRA	EXEMPLO
PORQUE é usado quando for possível substituí-lo por *pois*	Não compareceu à reunião quadrimestral **porque** estava viajando a serviço. (= **pois**)
POR QUE é usado se não der para trocar por *pois*	Precisamos saber **por que** não foi enviada uma cópia do formulário ao cliente.
POR QUÊ é usado antes de pontuação	Não foram enviadas as cópias ao cliente. **Por quê**?
PORQUÊ é usado sempre que vier precedido de determinante (o, um)	Descobriram o **porquê** da não-conformidade?

MAL OU MAU?

MAU = ADJETIVO

REGRA	EXEMPLO
1. seu antônimo é **"BOM"**. 2. É variável: possui a forma feminina **"MÁ"** e o plural **"MAUS"**.	Ele é **mau** redator. (Ele é **bom** redator.) (Ela é **má** redatora.) (Eles são **maus** redatores.)

MAL = SUBSTANTIVO

REGRA	EXEMPLO
1. seu antônimo é "**BEM** ". 2. É variável. Possui o plural "**MALES**".	Esse é um **mal** pelo qual não esperávamos. (Esse é um **bem** pelo qual não esperávamos.) (Esses são **males** pelos quais não esperávamos.)

MAL = ADVÉRBIO

REGRA	EXEMPLO
1. Seu antônimo é **BEM**. 2. É invariável. Não possui plural nem feminino.	O objetivo está **mal** redigido. (O objetivo está **bem** redigido.) (Os objetivos estão **mal** redigidos.)

MAL = CONJUNÇÃO

REGRA	EXEMPLO
1. É sinônimo de **"LOGO QUE"**. 2. É invariável, não possui **PLURAL** nem **FEMININO;**	**Mal** começou a falar, foi interrompido. **(Logo que** começou a falar, foi interrompido.) Mal começaram a falar**...**

HÁ OU A?

HÁ = VERBO

REGRA PRÁTICA	EXEMPLO
1. Pode ser substituído por **"FAZ"**. É Usado sempre para tempo passado;	**Há** (**faz**) seis meses, o setor de Treinamento recebeu uma nova estagiária.
2. Pode ser substituído por **"EXISTE OU EXISTEM"**.	Na organização, **há** (=**existem**) procedimentos para identificar o potencial e atender a acidentes e situações de emergência.

"A" = ARTIGO FEMININO/ PREPOSIÇÃO/PRONOME OBLÍQUO

REGRA	EXEMPLO
1. Acompanha nomes femininos	**A** alta administração deve analisar o sistema de gestão ambiental. (Artigo)
2. Estabelece relação entre dois termos na frase.	O acidente ocorreu **a** dois quilômetros da base. (Preposição = relação de distância) O avião deixará o aeroporto daqui **a** dez minutos. (Preposição = tempo futuro)
3. Equivale ao pronome **ela**.	O pessoal responsável pela implementação da política ambiental **a** orientou adequadamente.

ONDE OU AONDE?

SIGNIFICADO	EXEMPLO
1. **AONDE** equivale a *para onde* e é usado com verbos de movimento.	Aonde **levaram** o equipamento? (Para onde levaram o equipamento?)
2. **ONDE** é usado com verbos que não indicam movimento.	Onde **está** o grupo de trabalho?

OBS.: Somente use o pronome relativo *onde* (sinônimo de no qual, em que) depois de palavras que indicam lugar. Veja:

- Certo: Esta é a sala **onde** realizamos nossas reuniões de departamento. (= na qual, em que)
- Certo: Esse é o momento **em que** todos se dirigem para o restaurante.
- Errado: Esse é o momento **onde** todos se dirigem para o restaurante.

SENÃO OU SE NÃO?

SIGNIFICADO	EXEMPLO
1. **SENÃO** = caso contrário	Venha logo **senão** iniciaremos os trabalhos sem você.
2. **SENÃO** = defeito	Não havia um **senão** no Manual?
3. **SE NÃO** = Caso não	**Se não** chegar em cinco minutos, cancelaremos a reunião. (Caso não chegue...

AO INVÉS DE OU EM VEZ DE?

SIGNIFICADO	EXEMPLO
1. **Em vez de =** no lugar de	Em vez de *terminar* o trabalho, ficou *conversando* na internet.
2. **Ao invés de =** ao contrário de (é necessário que haja idéia de contrariedade)	Ao invés de *subir*, como todos esperavam, o dólar *caiu*.

IR AO ENCONTRO DE OU IR DE ENCONTRO A?

SIGNIFICADO	EXEMPLO
1. **IR AO ENCONTRO DE** = estar a favor	Felizmente, esses são valores que vão ao encontro da filosofia da empresa.
2. **IR DE ENCONTRO A =** ir contra	Suas atitudes iam de encontro à filosofia da empresa: foi demitido.

DIA-A-DIA OU DIA A DIA?

SIGNIFICADO	EXEMPLO
1. **DIA-A-DIA =** cotidiano	O dia-a-dia em nosso departamento sempre foi muito calmo
2. **DIA A DIA =** dia após dia	Dia a dia, aumentavam nossas responsabilidades.

AGENTE, A GENTE OU HÁ GENTE?

SIGNIFICADO	EXEMPLO
1. **AGENTE =** aquele que age	O agente secreto foi preso.

2. **A GENTE =** nós (no coloquial)	Dia a dia, a gente recebia nossas responsabilidades.
3. **HÁ GENTE** = existem pessoas	Há gente com vida sob os escombros.

PONTUAÇÃO

A VÍRGULA ENTRE OS TERMOS DA ORAÇÃO

O uso da vírgula é geralmente desnecessário se a oração está na ORDEM DIRETA. Veja:

Todas as Normas	terão	a designação do ano com quatro algarismos	a partir do ano 2000.
sujeito	**verbo**	**complemento verbal**	**adjunto adverbial**

PORÉM:
Quando essa ordem é quebrada por inversões ou intercalações, a vírgula marcará essa quebra. Veja :

A partir do ano 2000**,**	todas as Normas	terão	a designação do ano com quatro algarismos.
adjunto adverbial	**sujeito**	**verbo**	**complemento verbal**

Todas as Normas	terão,	a partir do ano 2000**,**	a designação do ano com quatro algarismos
sujeito	**verbo**	**adjunto adverbial**	**complemento verbal**

Observe-se que a vírgula foi usada para marcar a inversão ou a intercalação do adjunto adverbial.

PORTANTO, NUNCA USE VÍRGULA QUE SEPARE O SUJEITO DO VERBO OU O VERBO DO SEU COMPLEMENTO.

Veja:
sujeito verbo
Os verbos empregados ao longo do texto de uma norma devem estar no presente do indicativo ou no infinitivo, no caso da descrição de etapas de um ensaio.

USE VÍRGULA PARA SEPARAR ELEMENTOS "INTRUSOS" COLOCADOS ENTRE O SUJEITO E O VERBO OU O VERBO E SEU COMPLEMENTO.

Veja:
Todas as normas , **desde a fase de projeto**, devem ser identificadas pela letra N.
sujeito verbo

OUTRAS REGRAS...

Empregue vírgula para:

- isolar o vocativo (chamamento);
  Ex. **Senhor**, não há realmente quaisquer empecilhos para a realização da reunião.
- separar o aposto — termo que explica o anterior;
  Ex.: A ISO, **International Standard Organization**, é uma organização internacional de padronização com sede em Genebra na Suíça.

- destacar expressões explicativas, retificativas ou continuativas, tais como: ou melhor, por exemplo, isto é, aliás, então, quer dizer, etc.

Ex.: Dentro da alínea só podem ser usadas vírgulas, **isto é**, a alínea só pode ter uma frase.

- Separar elementos dispostos em enumeração;

Ex.: Relatório é a exposição objetiva de **atividades**, **fatos**, **pesquisas científicas**, **inquéritos** e **sindicâncias**.

- Após as conjunções *entretanto, todavia, no entanto, porém*, *portanto, além disso* iniciando frase.

Ex.: **No entanto**, para que todo esse potencial possa ser bem aproveitado, empresas e pessoas precisam ser treinadas e desenvolvidas. (Cleide Costa)

A VÍRGULA ENTRE AS ORAÇÕES

Usa-se vírgula para:

- separar as orações subordinadas adverbiais, sobretudo quando vêm antes da principal.

Ex.: A NBR ISO 14001 estabelece procedimentos para planejar e executar uma auditoria em SGA, **a fim de determinar sua conformidade com os critérios de auditoria do SGA.** O. Subord. Adverbial

O. Subord. Adverbial

A fim de determinar sua conformidade com os critérios de auditoria do SGA, a NBR ISO 14001 estabelece procedimentos para planejar e executar uma auditoria em SGA**.**

- separar orações reduzidas.

Or. reduzida

Ex.: **Dado o sinal**, todos deixaram seus locais de trabalho. (= Quando deu o sinal)

A auditoria verifica e registra se os processos estão de acordo com os procedimentos pré-estabelecidos, **apontando os erros**, quando necessário.

Or. reduzida

- separar as orações intercaladas:

Ex.: Outra medida importante para se obter homogeneidade na descrição de processos, **afirmou o especialista**, é estabelecer um consenso na equipe.

- Isolar as orações adjetivas explicativas:

Ex.: As reivindicações, **que são justas**, serão atendidas. (todas são justas)

Observe porém que, se a oração for restritiva as vírgulas não serão usadas.

As reivindicações **que são justas** serão atendidas.

(Só as que são justas)

OBSERVE O USO DOS DOIS PONTOS EM ENUMERAÇÕES:

Para o êxito de um programa de qualidade, são essenciais três elementos**:**

- ♦ um sistema de instruções escritas que definam como cada atividade na organização deve ser realizada;
- ♦ a integridade pessoal dos elementos responsáveis pela tarefa de fazer o sistema funcionar;
- ♦ uma equipe de gerência que acredite que o zero defeitos constitui o único padrão viável de desempenho.

(Turnball, D.M. adaptado)

A tecnologia é dominada por dois tipos de pessoas:

- as que entendem o que não fazem;
- as que fazem o que não entendem .

SOBRE O PONTO ...

USE:	EXEMPLO
1. Como sinal divisório em números.	temperatura de 18.6 graus...
2.Em indicativos na numeração de partes de um documentos e em codificações em geral.	4.1 5.2.1
NÃO USE:	**EXEMPLO**
1. na escrita indicativa de ano.	Ex.: 1998 e não 1.998
2. em datas abreviadas. Prefira o hífen.	Ex.: São José dos Campos, 13-9-1998.

Atenção: Se o ponto final coincidir com com o ponto abreviativo, apenas um deles é usado. Após *etc.*, não se usam reticências (etc...)

PRONOMES

Pronomes demonstrativos

Isto, Esta, Este - emissor = perto de quem fala
(**me, mim, comigo** - expressões que revelam proximidade ou tempo presente)

Isso, Essa, Esse - receptor = perto de quem ouve
(**te, ti, contigo, você, vocês** - revelam tempo passado ou proximidade com o receptor).

Aquilo/a, Aquele/a - longe do emissor e do receptor. (devem ser usados com expressões ou palavras que indiquem lugar).

Isto aqui é a última novidade em propaganda. (emissor)

Esse é o resultado do seu teste. (para o receptor)

Aquela sala lá é a de reuniões? (longe do emissor e receptor)

Pronomes de tratamento

- precedidos de vossa quando nos dirigimos diretamente à pessoa representada pelo pronome.
– precedidos de sua quando falamos dessa pessoa.
Ao encontrar o governador, perguntou-lhe:
- Vossa Excelência já aprovou os projetos?
Sua Excelência, o governador, disse que já aprovou os projetos.

Veja a seguir alguns desses pronomes:

PRONOME	ABREVIATURA	EMPREGO
Vossa Eminência	V.Em^{a}.	Cardeais
Vossa Excelência	V.Exª.	altas autoridades em geral
Vossa Magnificência	V.Mag^{a}.	reitores de universidades
vossa Reverendíssima	V.Rev^{ma}.	sacerdotes em geral
Vossa Santidade	V.S.	Papa
Vossa Senhoria	V.S^{a}.	funcionários graduados

são também pronomes de tratamento: o **senhor, a senhora, você, vocês**.

CONOSCO, CONVOSCO - Essas formas oblíquas podem ser substituídas, respectivamente, por "**com nós" e "com vós**", quando seguidas de palavras que reforcem como: próprios, mesmos, todos, outros, ambos, ou qualquer numeral.

Ex.: O diretor falará conosco.
O diretor falará com nós dois.

Observe o quadro:

FORMAS VERBAIS TERMINADAS EM:	VARIANTES DOS PRONOMES O/A/OS/AS	EXEMPLOS
R S Z	lo, la los, las	fazê(r)-la qui(s)-lo fi(z)-lo
M ÃO ÕE	no, na nos, nas	Fazem-nas Dão-nas põe-nas

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Coloque o pronome depois do verbo se:

1. o verbo iniciar a frase;	Ex.: Dão-**se** aulas particulares aqui.
2. a frase for imperativa afirmativa;	Ex.: Desejem-**me** boas férias.
3. o verbo estiver no gerúndio;	Ex.: Saiu, deixando-**nos** por instantes.
4. o verbo estiver no infinitivo impessoal.	Ex.: Era necessário ajudar-**te**.

Coloque o pronome no meio do verbo se esse verbo estiver:

1. no futuro do presente;	Ex.: Expedir-**se**-ão os mandados de segurança.
2. no futuro do pretérito.	Ex.: Expedir-se-iam os mandados de segurança.

Coloque o pronome antes do verbo se houver palavras atrativas, tais como:

1. palavra negativa;	Ex.: Não **nos** habitaremos a isso.
2. advérbios;	Ex.: Sempre **o** prevenimos dos privilégios de lá.
3. pronomes demonstrativos;	Ex.: Isto **me** pertence.
4. pronomes indefinidos;	Ex.: Alguém **me** informou os verdadeiros motivos.
5. pronomes relativos;	Ex.: O lugar onde **nos** encontraremos é este.
6. conjunções subordinativas;	Ex.: Ele interveio quando **lhe** pedimos ajuda.
7. gerúndio precedido de preposição.	Ex.: Em **se** tratando desse prefeito, tudo é possível.

REGÊNCIA VERBAL

A regência verbal estuda a relação que se estabelece entre o verbo e seu complemento. Veja:

A Norma contém conceitos básicos sobre Sistema de Gestão (**sem** preposição)
verbo complemento

O desempenho agradou **a**o cliente interno. (**com** preposição)
verbo complemento

Algumas vezes, usar uma preposição em lugar de outra ou não usá-la pode resultar em mudança no sentido do verbo. Veja a diferença entre:

- agradar o cliente (sem preposição) = fazer agrado
- agradar **a**o cliente (com preposição *a*) = satisfazer, aprazer

(Agradar o chefe é diferente de agradar ao chefe, não?)

- lavar a máquina (sem preposição) = o que foi lavado
- lavar **à** máquina (com preposição *a*) = como foi lavado

- Tomar parte **n**a reunião (com preposição *em*) = participar dela
- tomar parte **d**a reunião (com preposição *de*) = usar um tempo dela

- sentar **à** mesa (com preposição *a*) = próximo a ela
- sentar **n**a mesa (com preposição *em*) = sobre ela

- bater a máquina (sem preposição) = dar pancada
- bater **n**a máquina (com preposição *em*) = ir de encontro a
- bater **à** maquina (com preposição *a*) = datilografar

A) Outros verbos que apresentam mais de uma regência com mudança de sentido:

VERBO / SENTIDO	REGÊNCIA	EXEMPLO
ASPIRAR 1. inspirar 2. almejar	1. sem preposição 2. com **A**	1. Todos **aspiram** o ar poluído. 2. Ele **aspira** a um cargo mais elevado.
ASSISTIR 1. prestar assistência 2. presenciar, ver 3. caber, pertencer 4. morar	1. sem preposição 2. com **A** 3. com **A** 4. com **EM**	1. O Setor Médico **assiste** os funcionários. 2. **Assistiram** a um bom filme no Centro de Treinamento. 3. É um direito que **assiste** a todos. 4. **Assistiam** em Campos do Jordão.

PROCEDER 1. ter fundamento 2. vir de 3. executar 4. agir	1. sem complemento 2. com **DE** 3. com **A** 4. sem preposição	1. Essa regra não **procede**. 2. Estes resultados **procedem** de seu departamento. 3. **Procederão** às investigações. 4. **Procederam** bem durante a auditoria.
VISAR 1. dar visto 2. ter em vista	1. sem preposição 2. com **A**	1. O funcionário **visou** o cheque. 2. **Visamos** a um só bem: a felicidade do nosso povo.
PRECISAR 1. indicar com precisão 2. ter necessidade	1. sem preposição 2. com **DE**	1. Não souberam **precisar** a hora do acidente. 2. **Precisaremos** de sua colaboração.
DISPOR 1. colocar em ordem 2. ter à disposição	1. sem preposição 2. com **DE**	1. **Dispuseram** os livros na estante. 2. **Dispunham** de vultosa quantia para a realização do evento.
CUSTAR 1. ser difícil 2. acarretar	1. com **A** 2. um sem, outro com preposição **A**	1. **Custou** ao operário entender o problema. 2. A falta de emprego **custa** sacrifício ao povo.

Outras vezes, a mudança de regência diferencia a forma culta de se expressar da coloquial. Veja estes casos:

- **Coloquial**: Encomendaram o equipamento que tanto precisavam. (sem preposição)
- **Culto**: Encomendaram o equipamento **de** que tanto precisavam. (com preposição)

B. Outros verbos que apresentam desacordo de regência entre o registro culto e o coloquial:

VERBO	PREPOSIÇÃO	EXEMPLO
CHEGAR	1. Culto 2. Coloquial	1. A ambulância **chegou** ao local. 2. A ambulância **chegou** no local.
RESIDIR (E MORAR)	**C.** Culto 2. Coloquial	**C.** O assessor **reside** na Rua das Flores. 2. O assessor **reside** à Rua das Flores.
IMPLICAR	**C.** Culto 2. Coloquial	1. Criatividade **implica** mudança. 2. Criatividade **implica** em mudança.
OBEDECER	**C.** Culto 2. Coloquial	1. **Obedeça** aos sinais de trânsito. 2. **Obedeça** os sinais de trânsito.
PREFERIR	**C.** Culto 2. Coloquial	1. **Preferiu** trabalhar a estudar. 2. **Preferiu** trabalhar do que estudar.
IR	**C.** Culto 2. Coloquial	1. O presidente **irá** ao sindicato hoje. 2. O presidente **irá** no sindicato hoje.
SER	1. Culto 2. Coloquial	1. **Somos** trinta nesta equipe. 2. **Somos** em trinta nesta equipe.
ARRASAR	**C.** Culto 2. Coloquial	1. A bomba **arrasou** o edifício. 2. A bomba **arrasou** com o edifício.
HABITUAR-SE	**C.** Culto 2. Coloquial	1. Ele **se habituou** à nova rotina. 2. Ele **se habituou** com a nova rotina.
AGRADECER	1. Culto 2. Coloquial	**C.** Agradeceu ao colega pela colaboração. 2. Agradeceu ao colega a colaboração.

Há ainda um terceiro grupo de verbos que admitem mais de uma regência, sem que, entretanto, haja mudança de sentido. Veja:

- responder o questionário (algo)
- responder **a**o telegrama (a algo)
- responder-lhe que não tinha certeza (algo a alguém)
  (= a ele)

C) Outros verbos que admitem mais de uma regência sem mudança de sentido:

VERBOS	COMPLEMENTOS	EXEMPLOS
AVISAR (CERTIFICAR E CIENTIFICAR)	1. algo a alguém 2. alguém de algo	1. **Avise**-lhe que chegamos 2. **Avise**-o de que chegamos.

INFORMAR	1. algo a alguém 2. alguém de algo	1. O jornal **informava** as fraudes ao povo **O jornal informava**-lhe as fraudes. 3. **Informava** o povo das fraudes. **Informava**-o das fraudes.
ESQUECER	1. se de algo 2. algo	1. **Esqueci**-me dos documentos 2. **Esqueci** os documentos.
LEMBRAR	1. se de algo 2. algo	1. Ele **lembrou**-se de tudo. 2. Ele **lembrou** tudo.
ATENDER	1. a algo 2. alguém 3. a alguém	1. **Atendi** ao telefone 2. **Atendi** o cliente. 3. **Atendi** ao cliente.
DIGNAR-SE	1. de algo 2. algo	1. **Dignou**-se de expedir as ordens. 2. **Dignou**-se expedir as ordens.
PAGAR	1. algo 2. a alguém 3. Algo a alguém.	1. **Pagou** a conta da luz. 2. **Pagou** ao cobrador. 3. **Pagou** a conta ao cobrador.
PERDOAR	1. algo 2. alguém 3. algo a alguém	1. A prefeitura **perdoou** a dívida dos inadimplentes. 2. A prefeitura **perdoou** os inadimplentes. 3. A prefeitura **perdoou** a dívida aos inadimplentes.
CUMPRIR	1. Algo 2. Com algo	1. **Cumpriremos** nossa palavra. 2. **Cumpriremos** com nossa palavra.
PRESIDIR	1. algo 2. a algo	1. O analista **presidirá** o Congresso. 2. O analista **presidirá** ao Congresso.
PROCURAR	1. Algo 2. Por algo	1. **Procuraram** uma Instrução de Trabalho. 2. **Procuraram** por uma Instrução de trabalho.

Observação

É conveniente usar o pronome *lhe* como complemento de verbos que exigem complemento com preposição. Assim teremos:

Enviou **para o chefe do departamento** o relatório
= Enviou-**lhe** o relatório.
Porém:
Encontrou **o chefe do departamento** no restaurante.
= Encontrou-**o** no restaurante.

2. Deve-se evitar unir dois verbos de regências diferentes com um mesmo complemento. Assim, temos:

Correto: A auditoria **verificou** e **informou** a não-conformidade.
verificou a não-conformidade.
e **informou** a não-conformidade.
Incorreto: Verifica e se certifica de que o padrão de Qualidade foi alcançado.
Verifica de que o padrão de Qualidade foi alcançado (?)
e **certifica-se** de que o padrão de Qualidade foi alcançado.

AUXÍLIO À MEMORIZAÇÃO

ORTOGRAFIA OFICIAL	
S	pátrios, isar, por/querer/usar, oso, erter (exceção: catequizar)
ÊS	adj. deriv. subst.
ESA	ender, nobiliárquicos, adj. Femininos
SS	Tir
SC	Latinas
Ç	árabes/indígenas/africanos
ÇÃO	subst. Deriv. Verbo
G	agem/igem/ugem, gio

Z	zal/Zinho/zito, z, izar, triz
EZ	Abstratos
J	já, jar, indígenas/africanos/populares, aje
X	ditongo, en, indígenas/africanos/ingleses, me (exceção: mecha)

ACENTUAÇÃO	
Monossílabos tônicos	a(s), e(s), o(s)
Oxítonas	a(s), e(s), o(s), em(ns)
Paroxítonas	ditongo crescente, r, l, n, x, ps, ã(s), ão(s), i(s), us, um(ns)
Proparoxítonas	
Ditongos abertos	éu, éi, oi
Hiato decrescente	i(s), u(s) (exceção : seguidos de l, n, r, z, m)

FLEXÃO DOS SUBSTANTIVOS COMPOSTOS			
OS DOIS	**SÓ O PRIMEIRO**	**SÓ O SEGUNDO**	**NENHUM**
subst + subst subst + adj adj + subst numeral + subst.	preposição segundo finalidade ou semelhança	verbo + subst invariável/prefixo + variável repetidos (exceção: corres-corres)	verbo + advérbio verbo + subst plural

FLEXÃO DOS ADJETIVOS COMPOSTOS	
SÓ O ÚLTIMO	**NENHUM**
adj + adj (exceção: surdos-mudos) invariável + adj	adj + subst cor + de + subst azul-celeste, azul-marinho

FLEXÃO DOS SUBSTANTIVOS			
VARIAM EM NÚMERO	**VARIAM GÊNERO**	**VARIAM EM NÚMERO E GÊNERO**	**NENHUM**
numerais	cardinais: um, dois e > Duzentos "Ambos" substituindo "os dois"	ordinais	multilicativos

CONCORDÂNCIA NOMINAL							
SINGULAR OU PLURAL	**MASCULINO PLURAL OU MAIS PRÓXIMO**	**MAIS PRÓXIMO OU PLURAL**	**VARIAM EM GÊNERO E NÚMERO**	**MAIS PRÓXIMO**	**VÁRIAS FORMAS**	**VARIAM**	**INVARIÁVEIS**
mesmo gênero, sing. e posposto	gen.dif.,sing. e pos. gen.dif.,plu. e pos. gen/num.dif. e pos.	ou ordinais	mesmo próprio só anexo incluso junto nenhum dado visto	sinônimos	artigo	o mais... possível só obrigado	adv.de modo alerta menos (qtd) outro a sós em mão

CONCORDÂNCIA VERBAL					
SINGULAR	**3ª DO SINGULAR**	**MAIS PRÓXIMO OU PLURAL**	**ANTECEDENTE DO SUJEITO**	**PLURAL**	**SINGULAR OU PLURAL**
nem um nem outro um ou outro é muito é pouco é mais de é menos de é tanto (quantidade) mais de um um dos que algum de uma parte de coletivo com (companhia) ou (exc/sinomia)	quem/qual verbo + se verbos imp. (haver/fazer - tempo/existir)	posposto não só... mas também não só... como bem como tanto... como tanto...quanto	que	anteposto pron.pessoais dif. como quantos de com (cooperação) ou (inc., antomímia, retificação)	um e outro a maioria a maior parte de grande parte de alguns de um grande número de muitos de um dos que cerca de mais de porcentagem, fração tudo, isso, aquilo, o que +

					ser + plural

CRASE		
NÃO	**NÃO**	**OPCIONAL**
pronomes relativos verbos artigo indefinido pronome pessoal pronome indefinido pronome interrogativo locuções repetidas preposição terra # bordo casa = residência	locuções adverbiais femininas locuções conjuntivas femininas locuções prepositivas femininas pronomes demonstrativos conjunção proporcional horas à moda nome de lugar	pronomes possessivos substantivos próprios

COLOCAÇÃO PRONOMINAL			
PRÓCLISE	**MESÓCLISE**	**ÊNCLISE**	**LOCUÇÕES**
conj. subord. pron. relativos pron. interrog. orações opt. orações exclam. adv. preverbiais negação particípio pron.. indef. "em" + gerún. Advérbios (exceção: aqui se arruma / aqui, arruma-se)	futuro do pres. futuro do pret.	início de oração imperativas afirm. gerúndio inf. prec. de "a" orações coord. sind.	verbo principal no infinitivo ou gerúndio - com palavra atrativa = "nas extremidades" - sem palavra atrativa = após o princ. ou após o auxiliar verbo principal no particípio - com palavra atrativa = antes do auxiliar - sem palavra atrativa = após auxiliar verbo principal no fut. presente ou fut. do pretérito - mesóclise

USO DO PORQUE			
POR QUE	**POR QUÊ**	**PORQUE**	**PORQUÊ**
perguntas finalidade/motivo	final de frase antes de pontuação	resposta	"o porquê"

EXERCÍCIOS

01 Dê o plural de: o pé-de-moleque ; a couve-flor ; o curto-circuito ; o guarda-civil
A) os pés-de-moleque; as couves-flores; os curtos-circuitos; os guardas-civis
B) os pés-de-moleques; as couves-flor; os curtos-circuitos; os guardas-civis
C) os pés-de-moleque; as couve-flores; os curto-circuitos; os guarda-civis
D) os pés-de-moleque; as couve-flor; os curto-circuitos; os guardas-civil
E) os pés-de-moleques; as couve-flores; os curtos-circuito; os guarda-civis

02 Identifique a alternativa cujos substantivos flexionam o gênero de uma mesma maneira:
A) pianista ; testemunha ; dentista
B) pessoa ; artista ; jacaré
C) mártir ; criança ; cientista
D) cobra ; peixe ; onça
E) cônjuge ; vítima ; cliente

03 Que frase não apresenta concordância nominal?
A) Escolheram má hora e lugar para a manifestação.
B) A criança vestia uma blusa verde-clara.
C) Estou quites com meus compromissos.
D) Seguem anexos os bilhetes aéreos.
E) A justiça declarou culpados o réu e a ré.

04 Qual a alternativa cuja concordância nominal está correta?
A) Nem uma nem outra maneiras me agradam.
B) Há uma e outra frutas podres.
C) Guardou bastante moedas de prata.
D) Cerveja é boa para a saúde.

E) Não apareceu no terceiro e no quarto dia.

05 Encontre a alternativa que apresenta erro de concordância do verbo SER:
A) Da cidade à ilha é uma hora e quarenta minutos.
B) Amanhã devem ser dez de maio.
C) Isso são águas passadas.
D) Dois mais dois é quatro.
E) Era uma vez oito princesas.

06 Ache a alternativa que se completa corretamente com apenas uma das formas verbais entre parênteses:

A) Uma porção de folhas (sumiu / sumiram).
B) A maior parte dos carros (eram brancos / era branca).
C) Mais de um carro (enguiçou / enguiçaram).
D) 50% da turma (é incapaz / são incapazes) de pensar.
E) Quando apareceu, (era / eram) perto de sete horas.

07 Marque onde há erro na regência do verbo:
A) Ele chegou na cidade ontem à noite.
B) Eu o vi ontem, no cinema.
C) Obedeça às minhas ordens.
D) Informei os amigos sobre a carta.
E) Paga o que deve aos teus funcionários.

08 Que frase apresenta erro na regência nominal?
A) Ninguém está imune a influências.
B) Ela já está apta para dirigir.
C) Tinha muita consideração por seus pais.
D) Ele revela muita inclinação com as artes.
E) Era suspeito de ter assaltado a loja.

09 Indique a frase que não se completa corretamente com a:
A) Fique atento __ essas explicações.
B) Vizinho __ nós moravam portugueses.
C) Resido __ Rua do Ouro.
D) Ela tem horror __certos animais.
E) Ele ficou insensível __ nossos apelos.

10 Ache a frase onde o sinal indicador da crase foi usado inadequadamente:
A) Ela acedeu à reclamação da mãe.
B) Todos aspiram às delícias do paraíso.
C) Eles chegaram à cidade de Olinda.
D) Quero muito à crianças e velhos.
E) Respondam às cartas que chagaram.

R: GABARITO
01-A | 02-D | 03-C | 04-E | 05-D
06-C | 07-A | 08-D | 09-C | 10-D

01 Assinale a alternativa onde ocorre erro de pontuação.
A) ( )Os pássaros, sempre, voltam para os ninhos.
B) Na semana passada, os meninos deixaram seus brinquedos no parque.
C) Se não estivesse chovendo, teria ido ao cinema.
D) Manoel, o padeiro, quebrou a perna e não veio hoje.
E) São Paulo, 20 de novembro de 1999.

02 Na frase Quem deseja sua ajuda em semelhante situação ?, as palavras destacadas são, respectivamente, pronomes:
A) interrogativo - possessivo - demonstrativo
B) indefinido - possessivo - demonstrativo
C) indefinido - relativo - oblíquo
D) indefinido - possessivo - relativo
E) interrogativo - possessivo - indefinido

03 Indique a única alternativa que apresenta erro na acentuação gráfica em uma das palavras.
A) mártir - freguês - pólen
B) calvície - têxteis - ânsia

C) incrível - tênue - cárie
D) sêmen - armazém - ítem
E) vírus - órfão - vácuo

04 Assinale a alternativa onde o verbo pôr está conjugado na 1ª pessoa do plural do pretérito imperfeito do modo indicativo.
A) pomos.
B) púnhamos
C) pusemos
D) ponhamos
E) pusermos

05 Na frase Este é o perfume de que mais gosto, a palavra que é classificada morfologicamente como:
A) substantivo
B) advérbio
C) pronome relativo
D) preposição
E) conjunção subordinada

06 O plural do substantivo composto está incorreto na alternativa:
A) o leva-e-traz - os leva-e-traz
B) a manga-rosa - as mangas-rosa
C) o beija-flor - os beija-flores
D) o guarda florestal - os guarda-florestais
E) o primeiro-ministro - os primeiros-ministros

07 Ocorre erro de concordância nominal na alternativa:
A) No livro de registros faltava a folha duzentos.
B) É necessária segurança para se viver bem.
C) A janela estava meio aberta.
D) Eu e você estamos quites.
E) Os policiais estavam alerta.

08 Assinale a frase que apresenta erro de ortografia.
A) A feijoada foi preparada na tigela de barro.
B) O cliente deu uma boa gorjeta ao garçom.
C) Laura não gosta de licor de jenipapo.
D) Fizeram uma delicioso prato com beringela.
E) Aceitamos sua sugestão.

09 Na frase A loja ficou repleta de clientes, o termo destacado é:
A) objeto direto
B) agente da passiva
C) complemento nominal
D) objeto indireto
E) complemento verbal

10 Em qual das alternativas abaixo ambas as palavras apresentam 8 letras e 6 fonemas ?
A) gasolina - cochicho
B) passarela - passeata
C) assessor - guitarra
D) salsicha - caridade
E) bochecha - oclusiva

R: GABARITO
01-A | 02-A | 03-D | 04-B | 05-C
06-D | 07-B | 08-D | 09-C | 10-C

01 Assinale onde não ocorre a concordância nominal:
A) As salas ficarão tão cheias quanto possível.
B) Tenho bastante dúvidas.
C) Eles leram o primeiro e segundo volumes.
D) Um e outro candidato virá.
E) Não leu nem um nem outro livro policiais.

02 Marque onde o termo em destaque está erradamente empregado:
A) Elas ficaram todas machucadas.
B) Fiquei quite com a mensalidade.

C) Os policiais estão alerta.
D) As cartas foram entregues em mãos.
E) Neste ano, não terei férias nenhumas.

03 Analise sintaticamente o termo em destaque: A marcha alegre se espalhou na avenida...
A) predicado
B) agente da passiva
C) objeto direto
D) adjunto adverbial
E) adjunto adnominal

04 Marque onde o termo em destaque não representa a função sintática ao lado:
A) João acordou doente. (predicado verbo-nominal)
B) Mataram os meus dois gatos. (adjuntos adnominais)
C) Eis a encomenda que Maria enviou. (adjunto adverbial)
D) Vendem-se livros velhos. (sujeito)
E) A idéia de José foi exposta por mim a Rosa. (objeto indireto)

05 Ache a afirmativa falsa:
A) usam-se os parênteses nas indicações bibliográficas;
B) usam-se as reticências para marcar, nos diálogos, a mudança de interlocutor;
C) usa-se o ponto-e-vírgula para separar orações coordenadas assindéticas de maior extensão;
D) usa-se a vírgula para separar uma conjunção colocada no meio da oração;
E) usa-se o travessão para isolar palavras ou frases, destacando-as.

06 Identifique o termo acessório da oração:
A) adjunto adverbial
B) objeto indireto
C) sujeito
D) predicado
E) agente da passiva

07 Qual a afirmativa falsa sobre orações coordenadas?
A) as coordenadas quando separadas por vírgula, se ligam pelo sentido geral do período;
B) uma oração coordenada muitas vezes é sujeito ou complemento de outra;
C) as coordenadas sindéticas subdividem-se de acordo com o sentido e com as conjunções que as ligam;
D) as coordenadas conclusivas encerram a dedução ou conclusão de um raciocínio;
E) no período composto por coordenação, as orações são independentes entre si quanto ao relacionamento sintático.

08 Identifique a afirmativa verdadeira:
A) as orações subordinadas ou são adjetivas ou adverbiais;
B) a preposição que introduz uma oração subordinada nunca pode ser omitida;
C) duas orações subordinadas podem estar coordenadas entre si;
D) uma oração se denomina principal porque vem primeiro que as outras;
E) o período composto por subordinação só pode ter duas orações.

09 Enumere a segunda coluna de acordo com a abreviatura da forma de tratamento adequada:
(1) V.Ex.ª Rev.ma reitor de universidade ( )
(2) V.Mag.ª papa ( )
(3) V.Em.ª bispo e arcebispo ( )
(4) V.S. cardeal ( )

A) 1 ; 4 ; 3 ; 2
B) 2 ; 4 ; 1 ; 3
C) 3 ; 4 ; 2 ; 1
D) 4 ; 2 ; 3 ; 1
E) 2 ; 4 ; 3 ; 1

10 Onde o pronome está erradamente empregado?
A) fez + o = fê - lo
B) diríamos = di - lo - íamos
C) pondes + o = ponde - lo
D) tem + o = tem - no
E) diríeis + o = diríei - lo

R: GABARITO
01-B | 02-D | 03-D | 04-C | 05-B
06-A | 07-B | 08-C | 09-B | 10-E

01 A frase inteiramente correta quanto à concordância verbal é:
A) Será que ainda é possível prever as manobras do governo, neste cenário econômico que se caracteriza por tantas
incógnitas?
B) Por que se permite as cenas de violência, de que estão recheadas a televisão brasileira?
C) As pessoas que se vem mostrando satisfeitas com o país são as beneficiárias das medidas que se veio implantando.
D) Se qualquer um de nós lhes emprestássemos apoio, mereceriam o repúdio de toda a população.
E) Por mais que os espantem a surpresa dos novos fatos, ainda não lhes falta a capacidade das iniciativas.

02 Todas as palavras estão corretamente grafadas na frase:
A) As pessoas impúdicas vêem como natural a exposição das crianças às torpesas dos famigerados programas populares.
B) Orçados os custos gerais da campanha, impuzeram-se ríjidas restrições às despesas atinentes à publicidade.
C) A obtenção de recursos extras constitui a meta priorită-ria, no momento; não há outro jeito de implementar este plano.
D) Seu modo de agir lembra-me os tregeitos dos ilusionis-tas: os movimentos dispersivos discimulam o gesto essencial.
E) O Ivo, sempre incalto, serviu à causa do adversário; faltou-lhe a acessoria de um correlegionário mais experi-ente.

03 A contemporaneidade das idéias não implica rejeição sumária do que já foi ajuisado no passado, pelo contrário: requer a izenção de julgamento que coíbe os preconceitos e permite analisar com descortínio as teorias de nossos antecessores.
É preciso corrigir a grafia de TODAS as palavras, destacadas do período acima, que constam em
A) contemporaneidade-izenção-analisar
B) rejeição-ajuisado-analisar
C) contemporaneidade-coíbe-descortínio
D) ajuisado-izenção-descortínio
E) rejeição-coíbe-antecessores

04 A flexão de todos os verbos está correta na frase:
A) Os policiais que os deteram, na manhã de ontem, há muito vêm agindo de modo arbitrário.
B) Caso não ajam a tempo, pediremos que seja estendido o prazo de apresentação de seus documentos.
C) Assim que reavermos nossas malas, remarcaremos as passagens.
D) Os portões que se vêm nos casarões antigos detêm nosso olhar, tantos são os detalhes que neles surpreendemos.
E) Quando eles reverem o caso, haverão de chegar a novas conclusões.

05 A impropriedade no emprego do léxico torna absurdo o sentido da frase:
A) Tanto subestimaram a força do adversário que acabaram por lhe infligir retumbante derrota.
B) Ele costuma agir com cautela, não obstante haver demonstrado alguma afoiteza na última medida que tomou.
C) Ao contrário de seu irmão, um notório delinqüente, ele jamais deixou de agir com a mais absoluta retidão.
D) Alcoólatra redimido, José faz questão de se pôr à prova, não fugindo às reuniões em que a bebida é farta.
E) Dado que não pude ratificar o meu voto no segundo escrutínio, meu representante legal encarregou-se de confirmá-lo.

06 -Bastam de provocações! -Foi o grito que puderam ouvir os que se achavam próximos do presidente da Assembléia,
quando já fazia dez minutos que nenhum dos parlamentares da oposição conseguia ir além da primeira frase, no momento de
se encaminhar as votações.
Em respeito às normas de concordância verbal, é preciso corrigir as seguintes formas do texto acima:
A) fazia e encaminhar.
B) bastam e fazia.
C) bastam e encaminhar.
D) conseguia e encaminhar.
E) fazia e conseguia.

07 Há ERRO de construção no segmento sublinhado da frase:
A) Agi de modo a demonstrar uma estrita observância com as leis.
B) A defesa dos réus está estribada em forte argumentação.
C) Nosso gesto é ilustrativo do desânimo que tomou conta de nós.

D) Ela usou expressões que não são cabíveis numa ata oficial.
E) Consternado com o fato, pediu demissão.

08 Está correto o emprego da expressão sublinhada na frase:
A) O cargo em cujo ele seria empossado continuará vago.
B) É um velho experiente, a cuja memória todos recorrem.
C) São grosseiros os erros aos quais ele vem incorrendo.
D) Eis as terras a cujas o rio vem poluindo.
E) Desconfio dos dados de que foram coligidos nesta pesquisa.

09 Ele sempre demonstrou animosidade para com os mais jovens, sobretudo quando estes, inadvertidamente, dispõem-se a
falar sobre temas tidos como polêmicos.
Os termos sublinhados poderiam ser substituídos, sem prejuízo para o sentido da frase, por, respectivamente,
A) impaciência, descuidadamente e improcedentes.
B) intolerância, apressadamente e incontroversos.
C) boa vontade, pressurosamente e delicados.
D) tolerância, inocentemente e indevassáveis.
E) má vontade, irrefletidamente e controversos.

10 Indique o período cuja redação está inteiramente clara e correta.
A) É uma ilusão imaginarmos que se pode estar atualizados com os equipamentos de informática, cuja novidade é tão
grande que não se imagina podermos acompanhá-los.
B) Resultou frustrada a nossa expectativa de adquirir bons livros, já que, na tão decantada liqüidação daquela grande livraria, só havia títulos inexpressivos.
C) Os incentivos fiscais constituem uma questão complicada, pois segundo alguns, a iniciativa privada recebe benefícios onde a contrapartida em criação de empregos é insuficiente.
D) Naquele editorial da revista não ficou claro a posição do mesmo, seja porque o editorialista de fato não o desejasse, ou então porque a redação dele não o permitiu.
E) Com o fim do rodízio no trânsito, espera-se que ele aumente, voltando a terem problemas de congestionamento
justamente quando todos saem ou voltam para casa.

R: GABARITO
01-B | 02-C | 03-A | 04-E | 05-B
06-E | 07-A | 08-D | 09-E | 10-C

01 Dadas as palavras:

1)des-a-ten-to
2)sub-es-ti-mar
3) trans-tor-no
Constatamos que a separação silábica está correta:
A) apenas em 3
B) apenas em 2
C) apenas em 1
D) em todas as palavras
E) n.d.a.

02 Assinale a alternativa em que a palavra não tem suas sílabas corretamente separadas:

A) in-te-lec-ção
B) cre-sci-men-to
C) oc-ci-pi-tal
D) ca-a-tin-ga
E) n.d.a.

03 Registra o Dicionário Aurélio, que a palavra memorando é uma adaptação do latim, onde memorandum significa que deve
ser lembrado, explicando que se trata de:

A) participação ou aviso por escrito usado, apenas, entre chefias;
B) impresso comercial, de formato menor que o da carta, usado somente em comunicações breves;
C) comunicação entre funcionários;
D) participação ou aviso por escrito usado em comunicações breves;
E) n.d.a.

04 Assinalar a alternativa incorreta quanto a utilização de memorando, em se tratando de medidas internas:

A) convocar pessoal para prestação de serviços extraordinários;
B) comunicar antecipação ou prorrogação de horário de serviços em casos de comprovada necessidade;
C) solicitar outras medidas de ordem estritamente interna e, que atinjam funcionários a serviço da respectiva repartição;
D) convocar chefe ou funcionário, em caráter urgente, para comparecimento à Diretoria;
E) n.d.a.

05 Quanto a classificação dos memorandos podemos afirmar que são:
A) internos, externos e pessoais;
B) superiores, inferiores e administrativos;
C) administrativos, superiores e pessoais;
D) pessoais, administrativos, internos, externos, superiores, inferiores e iguais;
E) n.d.a.

06 Assinale alternativa correta:
A) ofícios são comunicações escritas que as autoridades recebem;
B) ofício quer dizer comunicação formal por escrito, dentro da mesma repartição ou destinada a outra repartição ou a
particular;
C) ofícios são comunicações escritas, apenas, entre a Administração e particulares, em caráter oficial;
D) ofícios são comunicações informais entre repartições particulares;
E) n.d.a.

07 Os pronomes: meu, nosso, seu, são classificados como:
A) pessoal
B) possessivo
C) interrogativo
D) indefinido
E) n.d.a.

08 Assinale o vocábulo incorreto quanto à acentuação das oxítonas:
A) pitú
B) baú
C) Piauí
D) caju
E) n.d.a.

09 Assinale a alternativa de vocábulo corretamente acentuado:
A) ítens
B) ítem
C) hífen
D) rítmo
E) n.d.a.

10 Assinale o uso correto da crase:
A) Tomou remédio gota à gota;
B) Gosto muito de andar à pé;
C) Vou à praia aos domingos;
D) O livro foi dado à João;
E) n.d.a.

R: GABARITO
01-A | 02-B | 03-D | 04-E | 05-D
06-B | 07-B | 08-A | 09-C | 10-C

01 Encontre o termo em destaque que está erradamente empregado:
A) Senão chover, irei às compras.
B) Olharam-se de alto a baixo.
C) Saiu a fim de divertir-se
D) Não suportava o dia-a-dia no convento.
E) Quando está cansado, briga à toa.

02 Ache a palavra com erro de grafia:
A) cabeleireiro ; manteigueira
B) caranguejo ; beneficência
C) prazeirosamente ; adivinhar

D) perturbar ; concupiscência
E) berinjela ; meritíssimo

03 Identifique o termo que está inadequadamente empregado:
A) O juiz infligiu-lhe dura punição.
B) Assustou-se ao receber o mandato de prisão.
C) Rui Barbosa foi escritor preeminente de nossas letras.
D) Com ela, pude fruir os melhores momentos de minha vida.
E) A polícia pegou o ladrão em flagrante.

04 Marque onde há um vocábulo que não se completa corretamente com a(s) letra(s) ao lado:
A) __ibóia ; ultra__e ; pa__em ; lambu__em (j)
B) efetu__ ; camp__ão ; p__nico ; arr__piar (e)
C) adole__ente ; di__iplina ; re__isão ; ob__eno (sc)
D) e__tender ; e__plêndido ; arreve__ar ; vi__ar (s)
E) e__pender ; ri__a ; e__pontâneo ; prete__to (x)

05 Qual a afirmativa falsa?
A) a vírgula é obrigatória antes do e quando o termo seguinte é pleonástico;
B) as conjunções coordenativas devem ser colocadas entre vírgulas, quando intercaladas;
C) não é obrigatório o uso da inicial maiúscula após o ponto de exclamação;
D) o ponto é usado exclusivamente no final dos períodos;
E) entre parênteses devem ser postos os nomes de autores relativos a citações feitas.

06 Assinale a frase em que não há erro na forma verbal:
A) Não semeiemos a discórdia.
B) Ainda bem que freiamos a tempo.
C) Discirno muito bem uma jóia verdadeira.
D) Eles se desaviram por um motivo tolo.
E) Não demula esta parede.

07 Marque onde o verbo está erradamente empregado:
A) Se pudesse, eu teria salvo a vítima.
B) O assassino está preso há anos.
C) O fogo foi extinto pelos bombeiros.
D) Ele havia segurado o meu braço.
E) Não haviam limpado todos os vidros.

08 Indique onde há erro na conjugação do verbo com o pronome:
A) Apresentou-se-me uma boa ocasião.
B) Convidar-te-ia se possível.
C) Vemos-nos menos do que desejamos.
D) Comemorar-se-á a vitória.
E) Atribui-se-lhes pesada tarefa.

09 Qual a alternativa que apresenta erro no plural dos vocábulos?
A) problemas luso-brasileiros ; saias azul-pavão
B) luvas pérola ; blusas azul-celeste
C) bananas-maçã ; meios-fios
D) pés-de-moleques ; altares-mor
E) guarda-comidas ; águas-fortes

10 Ache a frase que apresenta superlativo absoluto analítico:
A) Estas peças são antiqüíssimas.
B) O aço é mais resistente que o ferro.
C) As mães são excessivamente cautelosas.
D) Pedro é o mais baixo de todos.
E) Esta fruta é a melhor.

R: GABARITO
01-A | 02-C | 03-B | 04-E | 05-D
06-C | 07-A | 08-C | 09-D | 10-C

01 Que construção não é aceita na norma culta?
A) Este automóvel é mais moderno que aquele.
B) A Lua é mais pequena que a Terra.
C) Este chocolate é mais ruim que o outro.
D) Publicaram uma obra mais perfeita que a anterior.
E) Seu irmão já está mais grande que você.

02 Assinale a frase em que há erro de concordância:
A) Esta verdade, só a conhece minha irmã e eu.
B) Nossos empregados e teus assessores farão o trabalho.
C) Ele ou eu ficarei em primeiro lugar.
D) A mãe ou o pai receberão a primeira fatia do bolo.
E) Já era decorrido um ano e seis meses.

03 Que frase não apresenta concordância nominal?
A) Produz textos o mais sintéticos possível.
B) Não apresentou nenhumas condolências.
C) Os gestos falam por si só.
D) Os trabalhadores permaneciam alerta.
E) Entregue estes convites em mão.

04 Marque a única frase correta quanto ao emprego do pronome:
A) Fiz ele devolver todas as mercadorias.
B) Perante mim, juraste inocência.
C) Marido e mulher tinham sérias desavenças entre eles.
D) Posso deixar o embrulho consigo?
E) Paulo é descortês, mas Tânia prefere ele a mim.

05 Assinale a frase em que há erro no emprego do pronome de tratamento:
A) Vossa Alteza ainda quer falar com Sua Majestade?
B) Estes envelopes são para a Vossa Excelência.
C) Encaminhamos a V.S.ª os quadros de pessoal.
D) Acusamos o recebimento da carta de V. Ex.ª, ontem.
E) Espero que você não esqueça seu discurso!

06 Mostre onde o sinal indicador da crase foi usado indevidamente:
A) Ela nunca foi à gafieiras mas adora dançar.
B) O líder assistia a tudo à distância de cem metros.
C) Retornou à casa paterna.
D) Encontrei-o à beira da falência.
E) Fomos até à rua.

07 Que frase não apresenta erro de regência verbal:
A) Avisei-lhe da hora da reunião.
B) Quando iremos na empresa?
C) Reclamava muito, mas ninguém o ajudava.
D) Proíbo-lhe de sair sem autorização.
E) Lembrei de suas palavras.

08 Analise sintaticamente a oração em destaque:
Bem-aventurados os que ficam, porque eles serão recompensados.
(Machado de Assis)
A) oração subordinada substantiva completiva nominal
B) oração subordinada adverbial causal
C) oração subordinada adverbial temporal desenvolvida
D) oração coordenada sindética conclusiva
E) oração coordenada sindética explicativa

09 Ache a única oração subordinada:
A) Ora a nuvem escondia a lua, ora a lua escondia a nuvem.
B) O jogador prometeu um jogo à torcida, mas não conseguiu marcá-lo.
C) Não saia sem o agasalho, pois há umidade no ar.
D) Você verá que a emoção começa agora.
E) Há neblina na estrada; logo, há umidade no ar.

10 Dê a função sintática do termo destacado: Ao pobre não lhe devo.
A) objeto indireto
B) objeto indireto pleonástico
C) núcleo do objeto direto preposicionado
D) adjunto adverbial
E) adjunto adnominal

R: GABARITO
01-E | 02-D | 03-C | 04-B | 05-B
06-A | 07-E | 08-E | 09-D | 10-B

01 Identifique a única frase que não passa idéia de superlativo:

A) Ele é valente como quê!
B) Ela não é apenas uma boa diretora, ela é a diretora.
C) Maria é mais bonita que simpática.
D) Romário é um senhor jogador!
E) Aquele filho é o menos carinhoso de todos.

02 Aponte a alternativa onde a pontuação está adequada ao período:
A) A morte, não extingue: transforma, não aniquila, renova, não divorcia, aproxima.
B) A morte, não extingue - transforma - não aniquila - renova - não divorcia - aproxima.
C) A morte; não: extingue (transforma); não: aniquila (renova); não: divorcia (aproxima).
D) A morte não extingue: transforma; não aniquila: renova; não divorcia: aproxima.
E) A morte, não extingue, transforma; não aniquila, renova; não divorcia, aproxima.

03 Descubra o vocábulo que não se completa com a letra ao lado:
A) mi__to ; despre__o ; ob__équio ; empre__a (s)
B) e__pelir ; e__pender ; e__tremoso ; te__to (x)
C) __ibóia ; ultra__e ; can__ica ; ma__estoso (j)
D) Man__el ; b__eiro ; b__lir ; íng__a (u)
E) pát__o ; __mpigem ; discr__ção ; tereb__ntina (i)

04 Qual o período cujo termo em destaque está inadequadamente empregado?
A) O Juiz empossou os seus pares.
B) Cuidemos da horta que os celeiros estão vazios.
C) Acenderam os círios sob o altar.
D) Ao luchar a perna, o atleta gritou de dor.
E) Só sai besteira desta sua cachola.

05 Complete as frases corretamente:
O objeto que estava no fundo do lago _____.
Como aluno, sou do corpo _____ da escola.
Por favor, _____ aquela porta. Faz frio aqui.
Rendamos _____ aos que tombaram na guerra.

A) imergiu ; docente ; serre ; pleito
B) imergiu ; discente ; cerre ; preito
C) emergiu ; discente ; cerre ; preito
D) emergiu ; docente ; serre ; pleito
E) imergiu ; discente ; serre ; preito

06 Ache a dupla onde há erro de ortografia:
A) aterrissar ; asar
B) beneficência ; hilariedade
C) prazerosamente ; meteorologia
D) imprescindível ; manteigueira
E) hidravião ; candeeiro

07 Que verbo não se apresenta corretamente conjugado no presente do indicativo?
A) precavemos ; precaveis (precaver)
B) dói ; doem (doer)
C) adiro ; aderes ; adere ; aderimos ; aderis ; aderem (aderir)
D) frejo ; freges ; frege ; frigimos ; frigis ; fregem (frigir)
E) arguo ; argúis ; argúi ; argüimos ; argüis ; argúem (argüir)

08 Indique onde não se fez a correta concordância nominal:
A) Cerveja é bom para saúde.
B) Guardou bastantes moedas de prata.
C) É necessária coragem.
D) Foi ela mesma que escreveu a carta.
E) Entregue estes convites em mão.

09 Qual a função sintática do termo em destaque ?
O velho autêntico tinha sido substituído pelo velho fingido
A) complemento nominal
B) objeto indireto
C) objeto direto preposicionado
D) agente da passiva

E) adjunto adverbial

10 Marque a alternativa cuja oração apresenta em destaque um termo sem vínculo sintático com a mesma:
A) A moça caminhava apressadamente.
B) Mataram os meus gatinhos.
C) Estou no meio da praça.
D) Ele gostou da sugestão.
E) João, onde está Maria?

R: GABARITO
01-C | 02-D | 03-A | 04-D | 05-C
06-B | 07-D | 08-C | 09-D | 10-E

01 Marque a afirmativa falsa:
A) a oração é principal, quando não exerce nenhuma função sintática em outra oração do período composto por
subordinação;
B) o período é simples, se constituído de uma só oração, chamada absoluta;
C) a oração coordenada que se prende à anterior por meio de conectivo denomina-se sindética;
D) a oração subordinada adjetiva não depende de nenhum termo da oração cujo núcleo seja um substantivo;
E) as orações subordinadas adjetivas classificam-se em restritivas e explicativas.

02 Identifique onde está a oração subordinada substantiva cujo valor sintático é de aposto:
A) De uma coisa sei: que é preciso morrer para viver.
B) Ele disse que não se lembrava do nome.
C) Confesso que me bambeou a perna.
D) O triste é que não era uma planta qualquer.
E) Meu Deus, só agora me lembrei que a gente morre.

03 Encontre a alternativa que expõe uma oração coordenada sindética explicativa:
A) Não fui à escola porque fiquei doente.
B) Não falte à reunião pois quero falar com você.
C) Como estava muito resfriado, não foi à recepção.
D) Não posso inscrevê-lo uma vez que não há mais vagas.
E) Fomos bem recebidos porque trazíamos boas notícias.

04 Qual dos períodos abaixo apresenta oração subordinada adverbial concessiva?
A) O caminho é tão comprido que não tem fim.
B) Aqui vai o livro para que o leias.
C) Obedeciam aos pais sem grandes esforços, posto fossem teimosos.
D) À medida que descia tranqüilizava-se.
E) Não os vi quando desapareceram.

05 Assinale a frase em que não há erro no emprego do pronome de tratamento:
A) Espero que você não esqueça teus amigos.
B) Estas flores são para a Vossa Alteza.
C) Ela encaminhou os presentes à V.S.ª.
D) Vossa Majestade ainda quer falar com S.Excia?
E) Reiteramos a V.Rev.ma nossa estima e apreço.

06 Indique a frase que apresenta erro na concordância do verbo com o sujeito:
A) Esta verdade, só a conhece minha irmã e eu.
B) Nem um nem outro candidato acertaram a questão.
C) O chefe ou o pai receberão a primeira fatia do bolo.
D) Para ele não existe azar e sorte.
E) Tanto eu quanto você sabíamos o resultado.

07 Qual a alternativa que não apresenta concordância correta do verbo ser?
A) Ontem foi vinte e dois de maio.
B) Dez anos é muito tempo.
C) Isso é águas passadas.
D) Quando veio, era perto de cinco horas.
E) As visitas éramos nós.

08 Ache a alternativa que apresenta erro:
A) tabeliães magnificentíssimos
B) cidadões magérrimos

C) anciãos integérrimos
D) corrimões antiqüíssimos
E) charlatães crudelíssimos

09 Indique onde há erro na flexão dos adjetivos compostos:
A) roupas azul-celeste
B) raios ultravioleta
C) meninas surdas-mudas
D) poemas épico-líricos
E) camisas verde-claros

10 Marque a única construção que não é aceita como correta na língua culta:
A) Raquel é mais pequena que sua irmã.
B) Seu quadro foi o mais grande da exposição.
C) Este vinho é mais excelente que aquele.
D) Josias é mais bom do que trabalhador.
E) Este automóvel é mais moderno que o de cor vermelha.

R: GABARITO
01-D | 02-A | 03-B | 04-C | 05-E
06-C | 07-A | 08-B | 09-E | 10-B

01 Na frase: Paulo comprou um livro, a função sintática da palavra livro é:
A) objeto direto
B) predicado
C) objeto indireto
D) sujeito
E) n.d.a.

02 Assinale a alternativa em que o elemento mórfico em destaque está corretamente analisado:
A) menina (-a): desinência nominal de gênero;
B) gasômetro (-ô-): vogal temática de 2a conjugação;
C) amassem (-sse-): desinência de 2a pessoa do plural;
D) cantaríeis (-is-): desinência do imperfeito do subjuntivo;
E) n.d.a.

03 Na Frase: Precisa-se de trabalhadores, a Voz do Verbo é:
A) Reflexiva
B) Passiva
C) Ativa
D) Recíproca
E) n.d.a.

04 Assinale a alternativa correta quanto à Concordância Verbal:
A) Sou eu que primeiro saio.
B) É cinco horas da tarde.
C) Da cidade à praia é dois quilômetros.
D) Dois metros de tecido são pouco.
E) n.d.a.

05 Assinale a frase em que há erro de concordância:
A) Os sertões possuem um sopro épico.
B) Promove-se festas beneficentes na minha comunidade.
C) Há dois anos, os Estados Unidos invadiram a Líbia.
D) Fui eu quem resolveu a adoção de tal medida.
E) n.d.a.

06 Assinale a alternativa incorreta:
A) O atirador visa o alvo.
B) O fiscal visou os documentos.
C) Visamos a um futuro mais feliz.
D) Os pais visam à formação dos filhos.
E) n.d.a.

07 Em relação ao período: Quando terminar a prova, espere-me no portão. A oração sublinhada é:
A) principal
B) coordenada assindética
C) subordinada adverbial temporal
D) subordinada adjetiva restritiva

E) n.d.a.

08 As palavras: tardar e entardecer foram formadas a partir da palavra tarde por meio do processo de derivação. Quais foram, respectivamente, os tipos de derivação usados?
A) sufixal e prefixal;
B) regressiva e parassintética;
C) regressiva e prefixal;
D) sufixal e parassintética;
E) n.d.a.

09 Há sujeito indeterminado em:
A) Ali, rouba-se no atacado e no varejo.
B) O pássaro voou assustado.
C) Surgiram reclamações contra o rei.
D) Aluga-se quarto.
E) n.d.a.

10 Assinale a opção que apresenta erro quanto ao pronome de tratamento empregado:
A) Vossa Eminência - cardeais
B) Vossa Santidade - papa
C) Vossa Magnificência - reis
D) Vossa Alteza - príncipes e duques
E) n.d.a.

R: GABARITO
01-A | 02-A | 03-B | 04-A | 05-B
06-D | 07-C | 08-D | 09-A | 10-C

01 Assinale onde a função sintática do que não corresponde ao termo entre parênteses:
A) A pessoa com que foi visto é má. (adjunto adverbial)
B) Alguns temem o ladrão que ele é. (predicativo do sujeito)
C) O homem que sorriu era seu amigo. (objeto direto)
D) São essas as flores de que gostas? (objeto indireto)
E) O animal por que fomos perseguidos era feroz. (agente da passiva)

02 Analise sintaticamente o pronome reflexivo em destaque:
O caçador medicou-se.
A) sujeito
B) objeto direto
C) objeto indireto
D) complemento nominal
E) predicativo

03 Ache a alternativa falsa na análise do período abaixo:
O homem que trabalha quis que calassem enquanto discursava.
A) O homem = oração principal
B) que trabalha = oração subordinada adjetiva
C) quis = oração subordinada subjetiva reduzida
D) que calassem = oração subordinada substantiva objetiva direta
E) enquanto discursava = oração subordinada adverbial temporal

04 Encontre a oração subordinada adjetiva restritiva:
A) O negro que discursava, sorri.
B) O triste é que não era uma planta qualquer.
C) Só imponho uma condição: que não chegues tarde.
D) Meu irmão saiu ontem.
E) Sabe-se que o resultado foi positivo.

05 Ache a única frase onde o termo em destaque está corretamente grafado:
A) Deu apenas cinco reais ao cabelereiro.
B) Era imprecindível a presença do pai.
C) Mais uma vez queimou o fuzível.
D) É necessário discriminar melhor as despesas.
E) A criança sorria prazeirosamente para todos.

06 Marque onde todas as palavras se completam corretamente com a letra ao lado:
A) mon__e ; ar__ila ; bre__eiro ; cônju__e (g)
B) e__traviar ; e__pansão ; __ucro ; fu__ico (x)
C) d__gladiar ; côd__a ; efetu__ ; quas__ (e)

D) tereb__ntina ; __figênia ; pát__o ; cum__eira (i)
E) e__pontâneo ; mi__to ; va__ar ; gro__a (s)

07 Indique a frase que apresenta erro na forma verbal:
A) Ele averigua todas as portas antes de dormir.
B) Acabou a ocupação com que ele se entretivera durante o dia.
C) Se eu rever o texto, encontrarei mais erros.
D) Se sobrevier um acidente, o culpado será você.
E) Não premio pessoas incompetentes.

08 Identifique a única frase cujo verbo acompanha a norma culta:
A) Suas idéias não se adéquam à filosofia da escola.
B) O decreto, embora antigo, ainda está vigendo.
C) Funda os metais lentamente.
D) Esperamos que o governo abula todas as mordomias.
E) Não há despesa de que ele não se ressarça.

09 Qual a alternativa que contém o superlativo absoluto sintético dos adjetivos abaixo:
nobre ; são ; frio ; dócil
A) nobríssimo ; saníssimo ; frigidíssimo ; docíssimo
B) nobílimo ; sanérrimo ; friíssimo ; docílimo
C) nobrérrimo ; saníssimo ; frigidíssimo ; docilíssimo
D) nobilíssimo ; saníssimo ; frigidíssimo ; docílimo
E) nobrérrimo ; sãosíssimo ; friíssimo ; docilíssimo

10 Em todos os itens abaixo há um adjetivo no grau comparativo, exceto em:
A) Os filhos já estavam maiores que o pai.
B) As modelos de ontem eram mais bonitas que as de hoje.
C) Ele parecia o mais tímido de todos.
D) Dizem que o marinheiro é forte como um touro.
E) Este filme pareceu-me mais longo que o anterior.

R: GABARITO
01-C | 02-B | 03-C | 04-A | 05-D
06-B | 07-C | 08-B | 09-D | 10-C

01 Que alternativa apresenta conjunção subordinativa integrante:
A) Caso precise sair, deixe o recado na porta.
B) Tudo aconteceu como havíamos previsto.
C) Não sei se devo dizer-lhe toda a verdade.
D) Como ele insistisse, resolvi aceitar o convite.
E) O julgamento, como se vê, era muito parcial.

02 Os superlativos absolutos sintéticos de doce, miúdo, amável e fiel são respectivamente:
A) docíssimo ; minúsculo ; amabilíssimo ; fidelíssimo
B) docérrimo ; minutísssimo ; amavelíssimo ; fielíssimo
C) dulcíssimo ; minúsculo ; amábil ; fiélimo
D) dulcíssimo ; minutíssimo ; amabilíssimo ; fidelíssimo
E) docíssimo ; miudérrimo ; amabílimo ; fidelíssimo

03 Complete corretamente:
Quando os pais ______ aos filhos que se ______ das bebidas
alcoólicas e que ______ seus passeios, muitos deles não se ______ e saíram.
A) proporam ; abstessem ; revessem ; conteram
B) propuseram ; abstivessem ; revissem ; contiveram
C) proporam ; abstenham ; revejam ; contêm
D) propuseram ; abstessem ; revessem ; contêm
E) proporam ; abstivessem ; revissem ; conteram

04 Analise sintaticamente a oração em destaque abaixo:
As mãos que apertei eram grosseiras e férteis.
A) oração subordinada adverbial consecutiva
B) oração subordinada adjetiva restritiva
C) oração principal
D) oração absoluta
E) oração coordenada assindética

05 Assinale a alternativa que contêm os sinais de pontuação adequados:
A) João, todo sábado; segue a mesma rotina: praia; futebol; jantar em família.

B) João, todo sábado, segue a mesma rotina, praia, futebol, jantar em família.
C) João, todo sábado; segue a mesma rotina, praia, futebol, jantar em família.
D) João, todo sábado, segue a mesma rotina: praia, futebol, jantar em família.
E) João, todo sábado, segue a mesma rotina; praia, futebol, jantar em família.

06 Em qual das alternativas todas as palavras são substantivos?
A) Carlos ; ramalhete ; alma ; depois
B) nuvem ; beleza ; prazer ; bando
C) pelo ; gíria ; perigo ; Deus
D) célebre ; maturidade ; Paulo ; líquido
E) crime; consigo ; março ; Cairo

07 A classe dos termos sublinhados foi indicada corretamente em todas as alternativas, exceto na:
A) Um professor italiano visitou a escola. (adjetivo)
B) Chegou meu irmão, mas não o teu. (artigo)
C) Ele ainda não me devolveu o livro. (pronome oblíquo)
D) Ele escreve muito bem. (substantivo)
E) A sua pesquisa é clara e objetiva. (conjunção)

08 Marque a alternativa onde o destaque não é adjunto adnominal:
A) Voltaremos cedo para casa.
B) Ele é um moço de bom coração.
C) O sol da manhã iluminava a montanha.
D) Cuidado com esse prato de vidro.
E) Algumas pessoas andavam pelas ruas.

09 Assinale onde a oração em destaque é subordinada substantiva subjetiva:
A) O certo é não insistir nessa idéia.
B) É possível terminar o trabalho mais cedo?
C) Ele se destacou lutando pelo direito dos pobres.
D) Cumprida a missão, volte ao acampamento.
E) A felicidade consiste em não sofrer.

10 Onde está o vocábulo erradamente grafado?
A) anti-séptico ; concelho ; bicarbonato
B) digladiar ; desmazelo ; excremento
C) mexerica ; fascínora ; herbívoro
D) retenção ; pegajento ; verossimilhança
E) xifópagos ; sucinto ; sósia

R: GABARITO
01-C | 02-D | 03-B | 04-C | 05-D
06-B | 07-D | 08-A | 09-B | 10-C

01 Ache a palavra que recebeu o acento gráfico indevidamente:
A) apazigúem ; pôr ; pólo ; platéia
B) bílis ; mausoléus ; complô ; reféns
C) dêem ; côo ; único ; baínha
D) argúi ; ímã ; mártir ; faísca
E) fórum ; juíza ; averigúes

02 Que par de palavras abaixo perde o acento gráfico na formação do plural?
A) caráter ; pêra
B) hífen ; repórter
C) vintém ; egípcio
D) mútuo ; tríceps
E) gás ; álbum

03 Indique a alternativa em que o exemplo dado não corresponde à figura de sintaxe ao lado:
A) O sacrifício, faremos: a vitória, alcançaremos. (anástrofe)
B) Suspira, e chora, e geme, e sofre, e sua... (polissíndeto)
C) O prêmio foi conseguido e o prisioneiro, solto. (silepse de pessoa)
D) Os três reis orientais, ... é tradição da igreja que um era preto.(anacoluto)
E) Vi claramente visto o lume vivo. (pleonasmo)

04 Classifique a figura presente no texto abaixo:
Foi por ti que num sonho de ventura / A flor da mocidade consumi. (Álvares de Azevedo)
A) hipérbato
B) anástrofe

C) sínquise
D) aliteração
E) zeugma

05 Ache a frase que se completa corretamente com eu:
A) Não há desentendimento entre __ e ti.
B) Deixem __ explicar-lhes o que aconteceu.
C) Isto é para __ fazer.
D) Ela encontrou __ na praça.
E) Irás até __.

06. Indique o uso inadequado do pronome demonstrativo:
A) A menina era tal qual os avós.
B) Vencer depende destes fatores: rapidez e segurança.
C) Valentino foi o maior ator daquela época.
D) Foi preso em 1955 e já saiu nesse ano
E) Escrevo esta carta para vires.

07 Identifique o item que se completa adequadamente com à:
A) Não __ nada que possa me prejudicar.
B) As lágrimas caíam uma __ uma de seu rosto cansado.
C) __ momentos em que nos faltam palavras.
D) Ele fez uma descrição __ Guimarães Rosa.
E) Estamos __ dois dias do início dos exames.

08 Mostre onde há erro de concordância nominal:
A) É permitida a permanência de alunos.
B) A lista de ofertas vai anexa ao pacote.
C) Os gêneros alimentícios estão caros no Brasil.
D) Estou quite com todos vocês.
E) A porta está meia aberta.

09 Encontre a única alternativa sem erro de concordância verbal:
A) Precisam-se de cartas de apresentação.
B) Exigia-se fotos coloridas e pagamento de taxa.
C) Na festinha, bebeu-se dúzias de refrigerantes.
D) Fazem oito anos que nos vimos pela última vez.
E) Os assuntos que importava discutir não foram mencionados.

10 Dê o significado da frase abaixo:
Embora fosse um professor incipiente, falava um inglês estreme.
A) Embora fosse um professor principiante, falava um inglês genuíno.
B) Embora fosse um professor ignorante, falava um inglês puro.
C) Embora fosse um professor relapso, falava um inglês fluente.
D) Embora fosse um professor provisório, falava um inglês excelente.
E) Embora fosse um professor substituto, falava um inglês de nativo.

R: GABARITO
01-C | 02-A | 03-C | 04-B | 05-C
06-A | 07-D | 08-E | 09-E | 10-A

01 Assinale a alternativa onde ocorre erro de pontuação.
A) Os pássaros, sempre, voltam para os ninhos.
B) Na semana passada, os meninos deixaram seus brinquedos no parque.
C) Se não estivesse chovendo, teria ido ao cinema.
D) Manoel, o padeiro, quebrou a perna e não veio hoje.
E) São Paulo, 20 de novembro de 1999.

02 Na frase Quem deseja sua ajuda em semelhante situação ?, as palavras destacadas são, respectivamente, pronomes:
A) interrogativo - possessivo - demonstrativo
B) indefinido - possessivo - demonstrativo
C) indefinido - relativo - oblíquo
D) indefinido - possessivo - relativo
E) interrogativo - possessivo - indefinido

03 Indique a única alternativa que apresenta erro na acentuação gráfica em uma das palavras.
A) mártir - freguês - pólen
B) calvície - têxteis - ânsia

C) incrível - tênue - cárie
D) sêmen - armazém - ítem
E) vírus - órfão - vácuo

04 Assinale a alternativa onde o verbo pôr está conjugado na 1ª pessoa do plural do pretérito imperfeito do modo indicativo.
A) pomos.
B) púnhamos
C) pusemos
D) ponhamos
E) pusermos

05 Na frase Este é o perfume de que mais gosto, a palavra que é classificada morfologicamente como:
A) substantivo
B) advérbio
C) pronome relativo
D) preposição
E) conjunção subordinada

06 O plural do substantivo composto está incorreto na alternativa:
A) o leva-e-traz - os leva-e-traz
B) a manga-rosa - as mangas-rosa
C) o beija-flor - os beija-flores
D) o guarda florestal - os guarda-florestais
E) o primeiro-ministro - os primeiros-ministros

07 Ocorre erro de concordância nominal na alternativa:
A) No livro de registros faltava a folha duzentos.
B) É necessária segurança para se viver bem.
C) A janela estava meio aberta.
D) Eu e você estamos quites.
E) Os policiais estavam alerta.

08 Assinale a frase que apresenta erro de ortografia.
A) A feijoada foi preparada na tigela de barro.
B) O cliente deu uma boa gorjeta ao garçom.
C) Laura não gosta de licor de jenipapo.
D) Fizeram uma delicioso prato com beringela.
E) Aceitamos sua sugestão.

09 Na frase A loja ficou repleta de clientes, o termo destacado é:
A) objeto direto
B) agente da passiva
C) complemento nominal
D) objeto indireto
E) complemento verbal

10 Em qual das alternativas abaixo ambas as palavras apresentam 8 letras e 6 fonemas ?
A) gasolina - cochicho
B) passarela - passeata
C) assessor - guitarra
D) salsicha - caridade
E) bochecha - oclusiva

R: GABARITO
01-A | 02-A | 03-D | 04-B | 05-C
06-D | 07-B | 08-D | 09-C | 10-C

01 A frase inteiramente correta quanto à ortografia é:
A) A ata da sessão extraordinária apresenta deslises, poucos, é certo, mas que exigem pronta retificação.
B) Sempre obsequioso, o assessor incumbiu-se de externar ao Governador nossa dissenção quanto à política energética.
C) Os expedientes utilizados pela oposição deixaram exasperados os ânimos, em vista de seu caráter tão-somente protelatório.
D) Tais despesas talvez sejam excessivamente onerosas a um orçamento já expoliado pela má fé dos antecessores.
E) É sempre penoso discriminar a minoria, mas a falta de concenso implica, é claro, óbices à plena satisfação.

02 Ocorrem DOIS erros de ortografia em
A) desfaçatez, prazeiroso, incólume, desairoso.
B) concisão, suscinto, retaliação, obcecado.
C) complementariedade, suspeição, obsessão, vigente.
D) privilégio, maugrado, repto, contumaz.
E) remanecente, benfazejo, izenção, frouxidão.

03 É o RADICAL que irmana as palavras da mesma família e lhes dá uma base comum de significação (Celso Cunha, Gramática do Português Contemporâneo).
Com base na citação acima, é correto afirmar que se irmanam pelo mesmo radical as palavras:
A) júri, perjúrio e ajuizar.
B) consideração, constelação e conspiração.
C) solitário, dissolução e insólito.
D) vidente, revisor e convincente.
E) condução, condizente e irredutível.

04 Está inteiramente correta quanto à flexão verbal a frase:
A) Os parlamentares divergiram nos detalhes, mas conviram nos pontos essenciais.
B) Se eles requisessem revisão do processo, tê-la-iam conseguido.
C) Coalizaram-se as oposições, mas o Presidente interveio e obteve uma trégua.
D) Pediu-nos que lhe expedíssemos os documentos antes que o superintendente os revesse.
E) Desde que se manteram todos calados, o orador houve por bem iniciar sua fala.

05 A frase inteiramente correta quanto à concordância verbal é:
A) Vê-se por toda parte, a todo momento, indícios dos seus descalabros administrativos.
B) Não nos ocorreram quantos prejuízos acabaríamos por lhes trazer com nossa decisão.
C) Como não se contrapõe o seu ponto de vista e o meu juízo, não haverá razões para polêmica.
D) As medidas que nos parece conveniente tomar soarão antipáticas aos ouvidos do povo.
E) Caso algum dos presentes pretendam pronunciar-se, é preciso que o façam agora.

06 No caso de ...... a faltar recursos para as medidas que se ...... implementar, ... as responsabilidades, determinou o chefe do Tribunal. As formas verbais que preenchem corretamente as lacunas da frase acima são:
A) virem - devem - apurem-se
B) virem - devem - apure-se
C) vir - deve - apurem-se
D) vir - devem - apure-se
E) vir - deve - apure-se

07...... ela aparente ser uma pessoa dócil, não a provoque, ... a ovelhinha não se transforme numa tigresa. A frase acima ganha sentido completo e lógico preenchendo-se suas lacunas, respectivamente, com as expressões:
A) Desde que - a fim de que
B) Muito embora - desde que
C) Dado que - muito embora
D) Ainda que - para que
E) Mesmo que - em vista do que

08 A frase construída de forma inteiramente correta é:
A) Não apreciei o filme que tantos dizem ter gostado.
B) A exposição a que resolvi prestigiar era um desastre.
C) A peça cuja execução ele mais se esmerou foi a de Mozart.
D) Ainda que comigo venham a discordar, editarei o livro.
E) Não é um romance por cujo estilo me sinta atraído.

09 Parece-nos plausível que venha a ocorrer exacerbação dos ânimos, pois a decisão foi tomada arbitrariamente.Têm significação oposta à dos termos sublinhados na frase acima, respectivamente:
A) inverossímil, pacificação, pressurosamente.
B) inadmissível, apaziguamento, criteriosamente.
C) inaceitável, apaziguamento, gratuitamente.
D) inadmissível, arrefecimento, injustificadamente.
E) reprovável, tensionamento, sensatamente.

10 A impropriedade no emprego do léxico torna absurdo o sentido da seguinte frase:
A) Sempre subserviente, o Raul nunca se furta a cumprir quaisquer determinações, mesmo as que não provenham de seu chefe imediato.
B) O esmaecimento das cores, no outono, imprime excessiva melancolia em seu espírito, tornando-o infenso às depressões.

C) Aproveitam-se de sua versatilidade para atribuir-lhe funções que normalmente requereriam as qualidades de um especialista.
D) Os políticos carismáticos podem descuidar um pouco da retórica, tal o prestígio já capitalizado pela força da sua personalidade.
E) Não vejo em seu relatório senão alguns lapsos de pouca monta, que você mesmo poderá retificar com presteza.

R: GABARITO
01-C | 02-E | 03-A | 04-C | 05-D
06-A | 07-D | 08-E | 09-B | 10-B

01 Assinale a alternativa em que os sentidos foram trocados:
A) a coma: juba; o coma: estado mórbido.
B) a gênese: geração; o gênese: 1o livro do Pentateuco.
C) a crisma: óleo usado em alguns sacramentos; o crisma: sacramento.
D) a guia: documento; o guia: aquele que conduz.
E) n.d.a.

02 Quando me procurar o desencanto, eu direi, sereno e confiante, que a vida não foi de todo inútil. O sujeito de procurar é:
A) indeterminado
B) eu (elíptico)
C) o desencanto
D) inexistente
E) n.d.a.

03 Assinale a alternativa correta quanto à concordância:
A) Bateu duas horas no relógio da torre.
B) É proibida entrada de pessoas estranhas.
C) Conserta-se aparelhos de som.
D) Lêem-se muitas placas erradas.
E) n.d.a.

04Assinale a alternativa correta quanto à Concordância Verbal:
A) Sou eu quem primeiro sai.
B) Dois metros de tecido são pouco.
C) É cinco horas da tarde.
D) Da cidade à praia é dois quilômetros.
E) n.d.a.

05 Assinale a alternativa que contém a quantidade de todos os fonemas das palavras:
satisfeitos - leituras - aquelas
A) vinte e cinco
B) vinte e dois
C) vinte e três
D) dez
E) n.d.a.

06 Identifique a alternativa correta:
A) Linguagem conotativa permite apenas um entendimento por parte do leitor ou do ouvinte.
B) Linguagem conotativa é aquela que tem sentido figurado, sugerindo a idéia de forma indireta.
C) A linguagem conotativa é muito usada na vida diária das pessoas para a comunicação necessária.
D) Linguagem conotativa é aquela que só pode ser entendida de um modo.
E) n.d.a.

07 A frase que mantém o padrão culto é:
A) O rapaz cujo eu encontrei na sala do diretor, disse-me para voltar mais tarde.
B) O desembargador cujo despacho está em debate deferiu o pedido dos réus.
C) Ele era ainda muito jovem quando o caso aconteceu, onde lhe dou razão para não querer depor.
D) Essa é a questão, onde tem duas facetas: a que envolve compras e a que envolve treinamento.
E) n.d.a.

08 Assinale a única alternativa que não apresenta erro na conjugação do verbo:
A) Quando meu advogado soube que o guarda me detera no trânsito, tomou todas as providências.
B) As provas que contessem menos erros seriam premiadas.
C) Quando você vir a São Paulo, traga-me as fotos.
D) Se você vir meu amigo, entregue-lhe esta carta.
E) n.d.a.

09 Assinale a alternativa em que a pontuação esteja correta:
A) Quero que, assine o contrato.
B) O reitor daquela famosa universidade italiana, chegará aqui amanhã.
C) São José dos Campos 15 de março de 1999.
D) Ele não virá hoje, não contem, portanto, com ele.
E) n.d.a.

10 Indique, entre as alternativas abaixo, a que poderia substituir a palavra destacada, sem alteração do sentido da frase: Não há crime onde não houve aquiescência.
A) arrependimento
B) conhecimento
C) consentimento
D) intenção
E) n.d.a.

R: GABARITO
01-C | 02-C | 03-D | 04-A | 05-A
06-B | 07-B | 08-D | 09-D | 10-C

01 Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas corretamente.
A) torácico - privilégio - lagartixa
B) toráxico - privilégio - lagartixa
C) torácico - previlégio - largatixa
D) toráxico - previlégio - largatixa
E)

02 Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas corretamente.
A) cabeçário - empecilho - irrequieto
B) cabeçalho - empecilho - irrequieto
C) cabeçalho - impecilho - irriquieto
D) cabeçário - impecilho - irriquieto

03 O sentido do prefixo está corretamente explicado no parênteses em:
A) prever (antigüidade)
B) adnominal (longe de)
C) pospor (posterioridade)
D) circunscrever (movimento interno)

04 Os prefixos indicativos de duplicidade, afastamento e movimento em torno estão, nessa ordem em:
A) ambidestro - deslocar - circunvagar
B) bisavô - abuso - percorrer
C) biênio - propor - retornar
D) dissimulado - distanciar - sobrevoar

05 O sufixo exprime a idéia de agente em:
A) gloriosa
B) vendedor
C) abdicação
D) horrível

06 A divisão silábica está correta em:
A) gno-mo, a-bs-cis-sa, egip-cio
B) g-no-mo, abs-cis-sa, egip-ci-o
C) gno-mo, a-bs-cis-as, e-gip-cio
D) gno-mo, abs-cis-sas, e-gip-cio

07 A divisão silábica está correta em:
A) pe-rs-pec-ti-va, a-rac-ni-deo, Pa-ra-gu-ai
B) per-spec-ti-va, a-rac-ní-de-o, Pa-ra-guai
C) pe-rs-pec-ti-va, arac-ni-deo, Pa-ra-gu-ai
D) pers-pec-ti-va, a-rac-ni-deo, Pa-ra-guai

08 O emissor enuncia o fato de maneira duvidosa com o modo:
A) subjuntivo
B) indicativo
C) imperativo
D) infinitivo

09 O plural do adjetivo composto está correto em:

A) Houve intervenções médicos-cirúrgicas.
B) As moças usavam blusas azul-marinho.
C) As meninas usavam saias azuis-pavão.
D) Os caminhos recens-abertos são íngremes.

10 Os superlativos absolutos sintéticos de célebre, amargo e cruel são, respectivamente:
A) celebríssimo - amarguíssimo - crudelíssimo
B) celebérrimo - amarguíssimo - cruelíssimo
C) celebérrimo - amaríssimo - crudelíssimo
D) celebrissimo - amarissimo - cruelíssimo

R: GABARITO
01-A | 02-B | 03-C | 04-A | 05-B
06-D | 07-D | 08-A | 09-B | 10-C

01 Todas as palavras estão corretamente grafadas na frase:
A) Orçados os custos gerais da campanha, impuzeram-se ríjidas restrições às despesas atinentes à publicidade.
B) A obtenção de recursos extras constitui a meta prioritária, no momento; não há outro jeito de implementar este plano.
C) Seu modo de agir lembra-me os tregeitos dos ilusionistas: os movimentos dispersivos discimulam o gesto essencial.
D) O Ivo, sempre incalto, serviu à causa do adversário; faltou-lhe a acessoria de um correlegionário mais experiente.
E) As pessoas impúdicas vêem como natural a exposição das crianças às torpesas dos famigerados programas populares.

02 A flexão de todos os verbos está correta na frase:
A) Caso não ajam a tempo, pediremos que seja estendido o prazo de apresentação de seus documentos.
B) Assim que reavermos nossas malas, remarcaremos as passagens.
C) Os portões que se vêm nos casarões antigos detêm nosso olhar, tantos são os detalhes que neles surpreendemos.
D) Quando eles reverem o caso, haverão de chegar a novas conclusões.
E) Os policiais que os deteram, na manhã de ontem, há muito vêm agindo de modo arbitrário.

03 A frase inteiramente correta quanto à concordância verbal é:
A) Por que se permite as cenas de violência, de que estão recheadas a televisão brasileira?
B) As pessoas que se vem mostrando satisfeitas com o país são as beneficiárias das medidas que se veio implantando.
C) Se qualquer um de nós lhes emprestássemos apoio, mereceriam o repúdio de toda a população.
D) Por mais que os espantem a surpresa dos novos fatos, ainda não lhes falta a capacidade das iniciativas.
E) Será que ainda é possível prever as manobras do governo, neste cenário econômico que se caracteriza por tantas incógnitas?

04 - Bastam de provocações! - foi o grito que puderam ouvir os que se achavam próximos do presidente da Assembléia, quando já fazia dez minutos que nenhum dos parlamentares da oposição conseguia ir além da primeira frase, no momento de se encaminhar as votações.
Em respeito às normas de concordância verbal, é preciso corrigir as seguintes formas do texto acima:
A) bastam e fazia.
B) bastam e encaminhar.
C) conseguia e encaminhar.
D) fazia e conseguia.
E) fazia e encaminhar.

05 Há ERRO de construção no segmento sublinhado da frase:
A) A defesa dos réus está estribada em forte argumentação.
B) Nosso gesto é ilustrativo do desânimo que tomou conta de nós.
C) Ela usou expressões que não são cabíveis numa ata oficial.
D) Consternado com o fato, pediu demissão.
E) Agi de modo a demonstrar uma estrita observância com as leis.

06 Está correto o emprego da expressão sublinhada na frase:
A) É um velho experiente, a cuja memória todos recorrem.
B) São grosseiros os erros aos quais ele vem incorrendo.
C) Eis as terras a cujas o rio vem poluindo.
D) Desconfio dos dados de que foram coligidos nesta pesquisa.
E) O cargo em cujo ele seria empossado continuará vago.

07 A impropriedade no emprego do léxico torna absurdo o sentido da frase:
A) Ele costuma agir com cautela, não obstante haver demonstrado alguma afoiteza na última medida que tomou.
B) Ao contrário de seu irmão, um notório delinqüente, ele jamais deixou de agir com a mais absoluta retidão.
C) Alcoólatra redimido, José faz questão de se pôr à prova, não fugindo às reuniões em que a bebida é farta.
D) Dado que não pude ratificar o meu voto no segundo escrutínio, meu representante legal encarregou-se de confirmá-lo.
E) Tanto subestimaram a força do adversário que acabaram por lhe infligir retumbante derrota.
08 ...... seja promovida, ela dará uma festa, ... ninguém ponha em dúvida seu sincero e imediato reconhecimento.
A frase acima ganha sentido lógico e completo preenchendo-se as lacunas, respectivamente, com as expressões:

A) Mesmo que - para que
B) Embora - a fim de que
C) Tão logo - mesmo que
D) Ainda que não - tão logo
E) Não obstante - a menos que

09 Indique o período inteiramente correto quanto à pontuação.
A) Passados os primeiros dias de recuperação o médico, buscando animar o doente disse-lhe que talvez, em mais uma semana, viesse a lhe dar alta.
B) Fosse pelo cansaço, fosse pelo desânimo, o fato é que: não pude ler toda a bibliografia da prova, que deveria fazer, dali a três dias.
C) Diante do juiz o advogado reiterou, que seu cliente ainda não reunia as mínimas condições para depor, em tão complicado processo.
D) É possível que, contrariando todas as expectativas, o candidato venha a renunciar, em benefício, segundo dizem, da maior união no partido.
E) Tirei o passaporte, compareci à agência de turismo, e para minha surpresa me disseram que, as passagens para a Espanha, já haviam sido vendidas.

10 Indique o período cuja redação está inteiramente clara e correta.
A) Resultou frustrada a nossa expectativa de adquirir bons livros, já que, na tão decantada liqüidação daquela grande livraria, só havia títulos inexpressivos.
B) Os incentivos fiscais constituem uma questão complicada, pois segundo alguns, a iniciativa privada recebe benefícios onde a contrapartida em criação de empregos é insuficiente.
C) Naquele editorial da revista não ficou claro a posição do mesmo, seja porque o editorialista de fato não o desejasse, ou então porque a redação dele não o permitiu.
D) Com o fim do rodízio no trânsito, espera-se que ele aumente, voltando a terem problemas de congestionamento justamente quando todos saem ou voltam para casa.
E) É uma ilusão imaginarmos que se pode estar atualizados com os equipamentos de informática, cuja novidade é tão grande que não se imagina podermos acompanhá-los.

R: GABARITO
01-B | 02-A | 03-E | 04-B | 05-E
06-A | 07-E | 08-C | 09-D | 10-A

01 Ache o verbo que está erradamente conjugado no presente do subjuntivo:
A) requera ; requeras ; requera ; requeiramos ; requeirais ; requeram
B) saúde ; saúdes ; saúde ; saudemos ; saudeis ; saúdem
C) dê ; dês ; dê ; demos ; deis ; dêem
D) pula ; pulas ; pula ; pulamos ; pulais ; pulam
E) frija ; frijas ; frija ; frijamos ; frijais ; frijam

02 Assinale a alternativa falsa:
A) o presente do subjuntivo, o imperativo afirmativo e o imperativo negativo são tempos derivados do presente do indicativo;
B) os verbos progredir e regredir são conjugados pelo modelo agredir;
C) o verbo prover segue ver em todos os tempos;
D) a 3.ª pessoa do singular do verbo aguar, no presente do subjuntivo é : ágüe ou agúe;
E) os verbos prever e rever seguem o modelo ver.

03 Marque o verbo que na 2ª pessoa do singular, do presente do indicativo, muda para e o i que apresenta na penúltima sílaba?
A) imprimir
B) exprimir
C) tingir

D) frigir
E) erigir

04 Indique onde há erro:
A) os puros-sangues simílimos
B) os navios-escola utílimos
C) os guardas-mores agílimos
D) as águas-vivas aspérrimas
E) as oitavas-de-final antiqüíssimas

05 Marque a alternativa verdadeira:
A) o plural de mau-caráter é maus-caráteres;
B) chamam-se epicenos os substantivos que têm um só gênero gramatical para designar pessoas de ambos os sexos;
C) todos os substantivos terminados em -ão formam o feminino mudando o final em –ã ou -ona;
D) os substantivos terminados em -a sempre são femininos;
E) são comuns de dois gêneros todos os substantivos ou adjetivos substantivados terminados em -ista.

06 Identifique onde há erro de regência verbal:
A) Largue essas bobagens, menino!
B) O funcionário abdicou todos os seus direitos.
C) Atentem no que acaba de dizer o Presidente!
D) O filho queria poupar o pai de mais um desgosto.
E) A inabilidade do motorista redundou em grave acidente.

07 Abaixo, há uma frase onde a regência nominal não foi obedecida. Ache-a:
A) Éramos assíduos às festas da escola.
B) Os diretores estavam ausentes à reunião.
C) O jogador deu um empurrão ao árbitro.
D) Nossa casa ficava rente do rio.
E) A entrega é feita no domicílio.

08 Marque a afirmativa incorreta sobre o uso da vírgula:
A) usa-se a vírgula para separar o adjunto adverbial anteposto;
B) a vírgula muitas vezes pode substituir a conjunção e;
C) a vírgula é obrigatória quando o objeto pleonástico for representado por pronome oblíquo tônico;
D) a presença da vírgula não implica pausa na fala;
E) nunca se deve usar a vírgula entre o sujeito e o verbo.

09 Marque onde há apenas um vocábulo erradamente escrito:
A) abóboda ; idôneo ; mantegueira ; eu quiz
B) viço ; sócio-econômico ; pexote ; hidravião
C) hilariedade ; caçoar ; alforje ; apasiguar
D) alizar ; aterrizar ; óbulo ; teribintina
E) chale ; umedescer ; páteo ; obceno

10 Identifique onde não ocorre a crase:
A) Não agrade às girafas com comida, diz o cartaz.
B) Isso não atende às exigências da firma.
C) Sempre obedeço à sinalização.
D) Só visamos à alegria.
E) Comuniquei à diretoria a minha decisão.

R: GABARITO
01-A | 02-C | 03-D | 04-B | 05-E
06-D | 07-A | 08-C | 09-B | 10-A
01 Dadas as palavras:

1) des-a-ten-to 2) sub-es-ti-mar 3) trans-tor-no
constatamos que a separação silábica está correta:
A) apenas em 3
B) apenas em 2
C) apenas em 1
D) em todas as palavras
E) n.d.a.

02 Assinale a alternativa em que a palavra não tem suas sílabas corretamente separadas:
A) in-te-lec-ção
B) cre-sci-men-to

C) oc-ci-pi-tal
D) ca-a-tin-ga
E) n.d.a.

03 Assinale a alternativa em que o elemento mórfico em destaque está corretamente analisado:
A) menina (-a): desinência nominal de gênero;
B) gasômetro (-ô-): vogal temática de 2a conjugação;
C) amassem (-sse-): desinência de 2a pessoa do plural;
D) cantaríeis (-is-): desinência do imperfeito do subjuntivo;
E) n.d.a.

04 Na Frase: Precisa-se de trabalhadores, a Voz do Verbo é:
A) Reflexiva
B) Passiva
C) Ativa
D) Recíproca
E) n.d.a.

05 Assinale a alternativa correta quanto à Concordância Verbal:
A) Sou eu que primeiro saio.
B) É cinco horas da tarde.
C) Da cidade à praia é dois quilômetros.
D) Dois metros de tecido são pouco.
E) n.d.a.

06 Assinale a frase em que há erro de concordância:
A) Os sertões possuem um sopro épico.
B) Promove-se festas beneficentes na minha comunidade.
C) Há dois anos, os Estados Unidos invadiram a Líbia.
D) Fui eu quem resolveu a adoção de tal medida.
E) n.d.a.

07 Os pronomes: meu, nosso, seu, são classificados como:
A) pessoal
B) possessivo
C) interrogativo
D) indefinido
E) n.d.a.

08 Assinale o vocábulo incorreto quanto à acentuação das oxítonas:
A) pitú
B) baú
C) Piauí
D) caju
E) n.d.a.

09 Assinale a alternativa de vocábulo corretamente acentuado:
A) ítens
B) ítem
C) hífen
D) rítmo
E) n.d.a.

10 Assinale o uso correto da crase:
A) Tomou remédio gota à gota;
B) Gosto muito de andar à pé;
C) Vou à praia aos domingos;
D) O livro foi dado à João;
E) n.d.a.

R: GABARITO
01-A | 02-B | 03-A | 04-B | 05-A
06-B | 07-B | 08-A | 09-C | 10-C

Apostila editada por: Flávio Nascimento , Graduado em Administração de Empresas pela Faculdade Toledo de Araçatuba e Graduando em Direito pela Faculdade Toledo de Araçatuba.

Bibliografia

Cipro Neto, Pasquale - Gramática da Língua Portuguesa - Editora Scipione
Terra, Ernani - Curso Prático de Gramática - Editora Scipione
André, Hildebrando A. de - Gramática Ilustrada - Editora Moderna

PORTUGUÊS

Sintaxe

Concordância Verbal – Parte II

Prof.ª Isabel Vega

Concordância Verbal – parte II

► Casos especiais

a) Pronome relativo "que"

Se o sujeito da oração subordinada for o pronome relativo "que", o verbo concordará com o termo antecedente.

Ex.: Encontrei no metrô **o rapaz** [que **fez** o armário].
Foste **tu** [que **arrancaste** a folha].

OBS.: Se o antecedente desempenhar a função sintática de predicativo e o sujeito foi expresso por um pronome pessoal, o verbo concordará com o **sujeito** ou com o **predicativo**.

Ex.: Fui **eu** a professora [que **reclamei**].
Fui eu **a professora** [que **reclamou**].

b) Pronome relativo “quem”

O emprego do pronome “quem” permite que o verbo concorde com o pronome pessoal antecedente, ou com o próprio pronome, levando à terceira pessoa do singular.

Ex.: Fui **eu** [quem **cheguei** por último na festa].
Fui eu [**quem chegou** por último na festa].

c) “Um dos que”

Com o uso dessa expressão, o verbo *normalmente* fica no plural, concordando com o pronome demonstrativo os (aqueles).

Ex.: Você é um **dos** que **falam** mais.
Você é **um** dos que **fala** mais.

d) Coletivo geral

O verbo concorda com o substantivo coletivo.

Ex.: O **povo** não **revelou** seu voto.
A **gente** brasileira **quer** mudanças.

e) Expressão partitiva

Com as expressões partitivas (parte de, a maioria de, um grupo de, a menor parte de, uma porção de, etc.), o verbo poderá concordar com elas (**concordância rígida**) ou com o substantivo no plural que funciona como adjunto (**concordância atrativa**).

Ex.: [A **maioria** dos jovens] não **fuma**. (rígida)
[A maioria dos **jovens**] não **fumam**. (atrativa)

f) Numeral → O verbo concorda com o numeral. No caso de fração, o verbo concordará com o numerador. No caso de decimais, o verbo concordará com o número inteiro.

Ex.: **Um** terço dos congressistas **é** de esquerda.

Dois quintos dos doces **são** caramelados.

1,2 milhão de pessoas **assistiu** ao evento.

Mais de **um** aluno **procurou**-me para informações.

Menos de **duas** pessoas **inscreveram**-se para monitoria.

A **metade** dos alunos **interessou**-se pelo assunto.

* A metade dos **alunos interessaram**-se pelo assunto.

Concordância Verbal – parte II

g) Títulos de obras e Topônimos

O verbo concordará com o **número do artigo** ou ficará invariável se o sujeito estiver sem artigo.

Ex.: ***Os*** *Lusíadas* **constituem** a obra máxima de Camões.
Os Estados Unidos **criticaram** a atitude da Rússia.
Estados Unidos **criticou** a atitude da Rússia.

h) Verbos "dar", "bater", "soar"

O verbo concordará com o sujeito do tipo "o relógio" ou "o sino", etc., ou com a expressão numérica indicativa das horas.

Ex.: [**O relógio**] **bateu** três horas.
No relógio, **deram** [**quatro horas**].

g) Verbo “ser”

- O verbo “ser”, de ligação, admite a concordância com o sujeito ou com o predicativo.

Ex.: [Tudo] [**são**] [**flores**]. / [**Tudo**] [**é**] [flores].
(S) (VL) (PS) (S) (VL) (PS)

- O pronome pessoal do caso reto predomina sobre o substantivo e sobre os demais pronomes.

Ex.: **Eu sou** a professora. / A professora **sou eu**.

- As expressões “é muito”, “é pouco”, “é suficiente”, etc. com ideia de preço, medida ou quantidade levarão o verbo ao singular.

Ex.: Três metros **é mais do que alto**. / **É tão pouco** cinco casas.

PORTUGUÊS

Morfologia – Pronomes

Pronomes relativos

Prof.ª Isabel Vega

Pronomes relativos

►**Pronomes relativos → são aqueles que se referem a um termo anterior, chamado antecedente. Iniciam orações subordinadas adjetivas.**

a) Emprego do pronome relativo

Ex.: Este é [o livro]. / [O livro] chamou minha atenção.
↳ que

[Este é o livro] [que chamou minha atenção].
↳ antecedente ↳ oração sub. adjetiva

b) Formas dos pronomes relativos

► **simples:** que, quem, onde (invariáveis)
cujo, quanto (variáveis)

Ex.: “[Em tudo] [quanto olhei] [fiquei em parte]”.
↳ [Eu olhei em tudo].

[O livro] [cujas páginas estavam amareladas] [sumiu].
↳ [As páginas do livro estavam amareladas].

[A cidade] [onde nasci] [é pequena].
↳ [Nasci na cidade]

Pronomes relativos

[A cidade] [em que nasci] [é pequena].

↳ [Nasci na cidade]

► **composta:** o qual (a qual, os quais, as quais).

Ex.: [Aquele menino] , [o qual venceu a disputa] , [é meu aluno].

↳ [O menino venceu a disputa].

[Respeito muito as pessoas] [das quais discordei].

↳ [Discordei das pessoas].

[A cidade] [na qual nasci] [é pequena].

↳ [Nasci na cidade]

Pronomes relativos

OBS.1: Usa-se o “**que**” para referência a pessoas ou coisas, no singular ou no plural; apenas pode ser antecedido das preposições monossilábicas (*a*, *com*, *de*, *em* e *por*).

Ex.:[Adorei a moça] [que você indicou para o emprego].

[Houve momentos] [em que me desesperei].

OBS.2: Usa-se o “**quem**” somente para referência a pessoas, no singular ou no plural; vem sempre antecedido de preposições.

Ex.: [Ainda não vi o rapaz] [a quem encarregaram do serviço].

[Promoveram a supervisor João], [de quem todos gostam].

OBS.3: Usam-se as formas compostas (**o qual** e flexões) em substituição ao pronome “que”; podem ser antecedidas de qualquer preposição, mas são empregadas de forma obrigatória quando a preposição não for monossilábica.

Ex.: [O filme] [sobre o qual conversávamos] [é francês].

[Queriam derrubar a árvore], [debaixo da qual estamos agora].

[Falou somente vinte minutos], [durante os quais João dormiu.]

[Você não se dedicou ao plano com a força] [da qual era capaz].

Pronomes relativos

c) Função sintática do pronome relativo: como o pronome pode substituir qualquer termo substantivo, ele pode exercer grande número de funções.

Ex.: 1) “[Em tudo] [quanto olhei] [fiquei em parte]”.
↳ [Eu olhei em tudo] → objeto indireto

2)[Aquele menino],[o qual venceu a disputa],[é meu aluno].
↳ [O menino venceu a disputa]. → sujeito

3)[Adorei a moça] [que você indicou para o emprego].
↳ [Você indicou a moça] → objeto direto

Pronomes relativos

4)[Você não se dedicou ao plano com a força][da qual era capaz].
↳ [Você era capaz dessa força] → complemento nominal

5)[O livro] [cujas páginas estavam amareladas] [sumiu].
↳ [As páginas do livro] → adjunto adnominal

6) [Falou somente vinte minutos],[durante os quais João dormiu.]
↳ [João dormiu durante os vinte minutos] → adjunto adverbial de tempo

Lexikon | obras de referência

ADRIANO DA GAMA KURY

para falar e escrever melhor o português

2ª edição revista e atualizada

Lexikon | *obras de referência*

ADRIANO DA GAMA KURY

para falar e escrever melhor o português

2ª edição revista e atualizada

© 2012, by Adriano da Gama Kury

Direitos de edição da obra em língua portuguesa adquiridos pela Lexikon Editora Digital Ltda. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

LEXIKON EDITORA DIGITAL LTDA.
Rua da Assembleia, 92/3º andar – Centro
20011-000 Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 2526-6800 – Fax: (21) 2526-6824
www.lexikon.com.br – sac@lexikon.com.br

Veja também www.aulete.com.br – seu dicionário na internet

1ª edição – 1989
1ª edição/2ª reimpressão – 1994
1ª edição/3ª reimpressão – 2008

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K98p

Kury, Adriano da Gama, 1924-
Para falar e escrever melhor o português [recurso eletrônico] /Adriano da Gama Kury. – Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.
Recurso digital

Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-86368-98-1 (recurso eletrônico)

1. Língua portuguesa - Gramática. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

CDD: 469.5
CDU: 811.134.3'36

APRESENTAÇÃO

COMO NASCEU ESTE LIVRO

Em muitos dos numerosos cursos que venho dando por este Brasil, ouvi sempre dos meus alunos referências à leveza, amenidade e bom humor com que trato assuntos da língua por vezes áridos. (Nunca me esqueci do conselho ouvido numa aula do Mestre Paulo Rónai: não é ideal a aula que não provoque sorrisos.) Tudo isso aliado à clareza que apontavam na minha exposição, feita em linguagem acessível.

Acreditando que talvez tivessem razão, fui transpondo para a escrita, sem ranço gramatical, muitas dessas aulas: e assim ia nascendo este livrinho, que também se inspirou, posteriormente, para a elaboração de algum capítulo, num de Cesare Marchi intitulado *Impariamo l'Italiano* ("Aprendamos o Italiano"), da Editora Rizzoli, de Milão, que alcançou êxito incomum graças ao tom ameno de que se reveste.

A maior parte do livro, como verá o leitor, é de caráter prático: tive sempre em mente, como caminho para a boa redação, a correção da língua escrita na sua modalidade culta, indispensável a todos em diferentes circunstâncias da vida.

Procurei frisar, no primeiro capítulo, que não se fala uma única modalidade da língua portuguesa, mas várias, de acordo com a ocasião. É privilégio, na escrita, ao contrário de certa corrente em voga, a língua culta, sem excessos de formalismo. Condeno, por outro lado (cap. 2), a linguagem empolada mas vazia de certos setores da Economia, da Sociologia e da Tecnocracia.

Na parte prática trato de temas que vão da acentuação correta e do emprego de certas letras ao uso do hífen (de sistematização oficial tão falha) e das maiúsculas, sem esquecer a cabulosa crase.

Não podia deixar de merecer minha atenção o emprego dos sinais de pontuação, que procuro vincular à melodia da frase.

Dois capítulos são dedicados à boa articulação dos sons na língua falada (10 e 11).

Especial cuidado dei ao estudo do verbo, tratado em cinco capítulos, o último dos quais dedicado aos verbos irregulares, responsáveis por tantos desvios da norma culta.

À sintaxe, nas áreas da concordância e da regência, couberam os capítulos 19 a 22.

Não quis deixar de dar um toque à história da língua: daí a parte chamada “Evolução”.

As aulas de redação que venho ministrando há mais de 30 anos — uma das minhas fontes mais ricas — estão na origem dos capítulos finais.

Na sua variedade, que espelha o multiforme da língua, e na boa doutrina que colhi nos meus mestres — especialmente Serafim da Silva Neto, Sousa da Silveira, Matoso Câmara Júnior, Celso Cunha e Aurélio Buarque de Holanda, aos quais deixo aqui meu preito de gratidão e saudade — repousará a utilidade deste livro, que entrego aos leitores desejosos de atualizar e polir seu conhecimento da nossa língua.

Adriano da Gama Kury

SUMÁRIO

PRELIMINAR

1. Você sabe que fala várias línguas?
2. O economês e outros *eses*: como *não* se deve escrever

ESCREVENDO NO FIGURINO: ORTOGRAFIA E CRASE

3. Acentos necessários e acentos talvez inúteis
4. O trema já era, mas como era mesmo?
5. A letra certa no lugar certo
6. O hífen — tracinho trapalhão
7. Dúplices e tríplices: há palavras com mais de uma forma correta
8. As maiúsculas, a reverência e a tradição
9. O acento no *à*: a crase

FALE (E ESCREVA) CORRETAMENTE AS PALAVRAS

10. Evitando deformações
11. Evitando silabadas: saiba qual a sílaba tônica

PONTUANDO...

12. A língua escrita e a melodia da frase: os sinais de pontuação
13. As cadências, o ponto e vírgula e os dois-pontos

O VERBO — ALMA DA FRASE

14. "No princípio era o verbo"

15. Ontem, hoje, amanhã: o tempo corre...
16. O modo da incerteza
17. O imperativo nem sempre manda
18. Verbos irregulares (mas nem sempre)

NA LÍNGUA TAMBÉM HÁ COMANDANTES E COMANDADOS

19. Regentes e regidos: a concordância
20. O pronome *se* e a concordância
21. O machismo na linguagem: a concordância nominal.
22. Regência

EVOLUÇÃO

23. Nossa herança latina
24. As invasões estrangeiras
25. As palavras também mudam de sentido

A EXPRESSIVIDADE E O ESTILO

26. A língua como instrumento de beleza
27. A linguagem figurada: as “figuras”
28. Em busca da palavra exata: a variedade traz beleza

POSFÁCIO

PRELIMINAR

1. VOCÊ SABE QUE FALA VÁRIAS LÍNGUAS?

João da Silva talvez nunca se tenha dado conta de que, mesmo sem ter aprendido qualquer idioma estrangeiro, fala (e escreve) mais de uma “língua”.

Porque, sem a menor dúvida, não é a mesma a linguagem que usa com os filhos no à vontade de casa, ou na torcida pelo seu clube no estádio, ou numa roda de chope — e a que utiliza, por exemplo, numa conversa formal com o diretor da empresa onde trabalha.

Bem diferente, também, a que emprega numa carta íntima a um velho amigo, ex-colega de ginásio, e a de uma carta de negócios, cerimoniosa.

Esse fato acontece com qualquer pessoa de alguma instrução que viva numa cidade.

Somente no caso raro da língua própria de um pequeno grupo de famílias — apenas falada, sem escrita —, como ainda ocorre em algumas aldeias ou algumas tribos deste vasto mundo, é que haverá uniformidade, limitadas as variações a certos aspectos individuais (de dicção, defeitos de fala, por exemplo).

Já as línguas que possuem as modalidades falada e escrita, tanto mais se diferenciam quanto maior a população que as fala e quanto mais antiga a sua cultura.

No caso da língua portuguesa do Brasil, além das diferenças que se observam entre os nativos das várias regiões — diferenças geográficas, horizontais —, são marcantes também as diferenças resultantes das camadas sociais a que pertencem os usuários, ou do meio e ocasião em que a utilizam — diferenças socioculturais, verticais.

Em resumo, toda língua de cultura, como o português, que possui as modalidades falada e escrita, apresenta níveis — ou “registros”, como dizem os linguistas —, que podemos assim esquematizar:

I – LÍNGUA FALADA	II – LÍNGUA ESCRITA
4. ultraformal	4. ultraformal
3. coloquial cuidada (culta)	3. cuidada (culta)
2. coloquial despreocupada, corrente, familiar	2. despreocupada
1. vulgar	1. vulgar

A língua natural, básica, é a falada, que se diferencia, como vimos, de duas formas: geograficamente (falares regionais) e culturalmente (níveis sociais).

Deixando-se de lado as variantes regionais (p. ex., “frear no sinal”, Rio de Janeiro e “brecar no farol”, São Paulo), verifica-se que não é exatamente a mesma a língua segundo as circunstâncias e o meio social.

Dessa forma, a *vulgar* incorpora termos de gíria, por vezes grosseiros, e nela não existe a mínima preocupação com a norma gramatical, totalmente ignorada: é a língua de analfabetos e pessoas sem instrução, de marginais, e mesmo de pessoas com alguma instrução, especialmente jovens, quando se utilizam da língua como simples instrumento de comunicação no seu grupo.

Uns exemplos imperfeitos (porque a língua escrita não consegue reproduzir exatamente todos os fatos observados na fala):

1) “— Tu foi no casamento do Zé?”; “— Teje preso!”

2) “— Tu devia torcê pelo Framengo!”

3) “— ’Cê foi na festa? Como é que ’tava a parada?” “— Pô, a parada ’tava chocante; foi alucinante; só que ’tava o mó craude, saca?”

[= A festa estava ótima, mas muito cheia, entendeu?]

A *coloquial despreocupada* — o nome o diz — é a de conversação, a corrente, de todas as horas, falada por pessoas de maior ou menor instrução em situações informais. Nela se podem introduzir, com moderação, certos termos de gíria mais usuais, que aos poucos se vão incorporando à língua geral e perdendo o seu caráter especializado; é a linguagem familiar por excelência, com um mínimo de policiamento gramatical.

É o nível em que se ouve, por exemplo: "— Você assistiu *o* [em vez de *ao*] Fla-Flu? Infelizmente não pude ir *no* [em vez de *ao*] Maracanã. *Me* disseram [em vez de *Disseram-me*] que o juiz anulou um gol do Flamengo e quiseram agredir *ele* [em vez de *agredi-lo*]." — Ou então: "— *Me* passa o feijão." ou "— Sua irmã *'tá* estudando. Deixe *ela* em paz!"

Na escala seguinte situa-se a *coloquial cuidada* ou *culta*, mais tensa, fiscalizada gramaticalmente: é a linguagem de pessoas educadas e instruídas em situações geralmente formais, sem fugir, contudo, à naturalidade:

"— Você assistiu *a*o concerto da Filarmônica de Viena? Disseram-*me* que o maestro é excepcional. Infelizmente não pude ir *a*o Municipal: estava gripado." "— Só assisti *à* primeira parte do concerto. Deixei-*o* com muita pena, pois tinha um compromisso inadiável, uma festa de bodas de prata."

Há também, cada vez mais restrita, uma modalidade que se pode chamar *ultraformal*, que em tudo imita a língua escrita, e soa como artificial, pelo emprego de termos e construções desusados: é a linguagem de certas conferências e discursos empolados, de algumas reuniões formais acadêmicas.

Na modalidade escrita, o registro *vulgar* é o de pessoas de pouca instrução forçadas a escrever, p. ex., um bilhete apressado, ou um cartaz improvisado, anúncios volantes, uma carta, uma solicitação. Quem escreve nessas condições carrega para a escrita os hábitos do seu nível, que contrastam com os do registro culto:

"Concert*a*-se [por *Consertam-se*] rádios." — "Não *deixem* [em desacordo com *Aproveite*, mais embaixo] de consultar Madame Soraya! *A* [em lugar de *Há*] poucos dias no Brasil esta vidente resolve seu caso de amor ou de *negoçio* [= *negócio*]. *Aproveite* esta rara oportunidade!"

O melhor exemplo do nível seguinte, a língua escrita *despreocupada*, é a correspondência íntima entre pessoas de instrução. Nesse registro, duas influências se cruzam: a da linguagem coloquial descontraída e a da língua escrita formal. Daí o caráter misto que pode oferecer: de um lado, termos e expressões familiares, ou mesmo de gíria, e desrespeito a certas normas da gramática; de outro, pela própria condição cultural de quem escreve, surgem construções e termos eruditos, determinados igualmente pelo próprio assunto versado.

Este trecho de carta de Monteiro Lobato a seu amigo e também escritor

Godofredo Rangel é bem ilustrativo:

> “Apontas-me, como crime, a minha mistura do *você* com *tu* na mesma carta e às vezes no mesmo período. Bem sei que a Gramática sofre com isso, a coitadinha; mas me é muito mais cômodo, mais lépido, mais saído — e, portanto, sebo para a coitadinha. Às vezes o *tu* entra na frase que é uma beleza; outras é no *você* que está a beleza — e como sacrificar essas duas belezas só porque um Coruja[1], um Bento José de Oliveira, um Freire da Silva, um Epifânio[2] e outros perobas[3] “não querem”? Não fiscalizo gramaticalmente minhas frases em cartas. Língua de cartas é língua em mangas de camisa e pé-no-chão — como a falada. E, portanto, continuarei a misturar o *tu* com *você* como sempre fiz — e como *não faz* o Macuco[4]. Juro que ele respeita essa regra de gramática como os judeus respeitavam as vestes sagradas do Sumo Sacerdote. Logo, o nosso dever é fazer o contrário.
>
> L(obato).”
>
> (Carta a Godofredo Rangel, 7/11/1904, em *A barca de Gleyre*, 1.º tomo, Brasiliense, São Paulo, 1948, p. 79-80.)

A língua escrita *culta* é (ou deveria ser...) a dos livros didáticos e científicos, de ensaios, dos editoriais e artigos assinados de jornais e revistas, da administração, das leis e atos do Governo: nela existe preocupação em seguir a NORMA gramatical vigente, o PADRÃO CULTO.

Paralelamente a esses numerosos registros, em que predomina a intenção de COMUNICAR, situa-se a LÍNGUA LITERÁRIA, que em princípio tem preocupação estética, expressiva e em tempos passados buscava cingir-se às normas gramaticais.

Hoje em dia, diversificou-se bastante. Duas grandes correntes a dividem:

1.ª) A *corrente conservadora*, tradicional, em que se imitam sobretudo os escritores portugueses e brasileiros considerados “clássicos” num sentido amplo.

2.ª) A *corrente renovadora*, que procura aproximar a língua literária da língua oral, e incorpora termos e construções de há muito correntes nesta, e que se evitavam naquela.

Em ambas se podem revelar dois aspectos distintos, um radical, outro moderado.

Numa forma como a *crônica*, por exemplo, vão-se incluindo numerosas construções da língua viva, que assim vai contribuindo para renovar a língua escrita, injetando-lhe nova seiva.

É claro que não constituem compartimentos estanques os vários níveis de uma língua: há permanente intercomunicação entre eles. Na modalidade oral, por exemplo, componentes de um grupo social inferior tendem a imitar os do grupo social mais alto, os quais por sua vez lhe recebem a influência.

O desenho pode dar-nos uma visão de conjunto das modalidades e níveis de uma língua e da sua interinfluência.

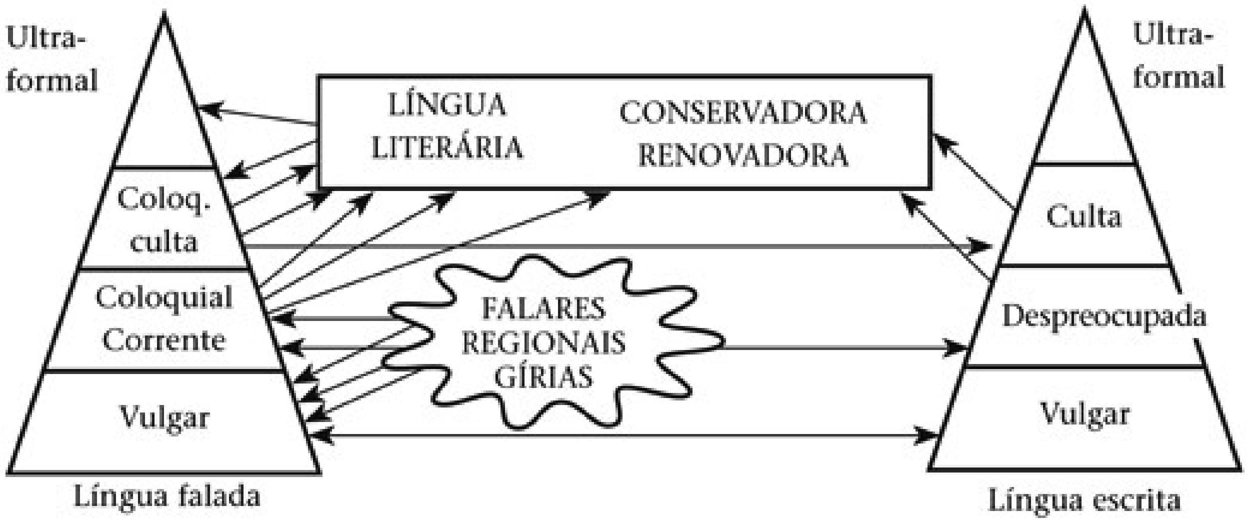
Ultra-
formal
Coloq.
culta
Coloquial
Corrente
Vulgar
Língua falada
LÍNGUA
LITERÁRIA
CONSERVADORA
RENOVADORA
FALARES
REGIONAIS
GÍRIAS
Ultra-
formal
Culta
Despreocupada
Vulgar
Língua escrita

Notas

1 (Antonio Álvares Pereira) Coruja.

2 (Augusto) Epifânio (da Silva Dias) — Os quatro nomes citados são de autores de gramáticas.

3 *Peroba* o indivíduo maçador.

4 *Macuco* é o apelido de um personagem maçante das relações de Lobato e Rangel, desconsiderado pelas suas opiniões excessivamente conservadoras e tolas.

2. O ECONOMÊS E OUTROS *ESES*: COMO *NÃO* SE DEVE ESCREVER

> “A nível de ideologização (ainda que primariamente dicotômica) há várias leituras para um discurso autoritário enquanto proposta ele mesmo: há uma tríade de condicionantes obsequentes para que se implante num país e/ou nação uma impostura xenófoba caracterizada por um ufanismo...”

Esse pequeno texto de compreensão nada fácil é uma gozação que o humorista Ziraldo (Ziraldo Alves Pinto) fez, numa página ilustrada do “Caderno B” do *Jornal do Brasil* de 22/10/1985, do estilo em voga especialmente entre os economistas, tecnocratas e sociólogos, motivo por que essa linguagem-mistificação foi apelidada de “economês”, “tecnocratês” ou “sociologuês”.

O uso de termos difíceis (em geral não dicionarizados), de construções adaptadas de línguas estrangeiras (sobretudo o inglês e o francês) torna muitas vezes a leitura incompreensível — e não há comunicação.

Muitos assim escrevem por deformação profissional, e esperam honestamente que pelo menos seus irmãos da opa lhes entendam o jargão; outros, porém, utilizam-se de expressões que não entendem porque pensam que com elas vão adquirir *status*. Lembram o pobre Fabiano (de *Vidas Secas*, admirável romance de Graciliano Ramos), personagem de minguados recursos de expressão, que às vezes decorava algumas palavras difíceis e empregava-as inteiramente fora de propósito.

Contra esse tipo de palradores, mestres na arte de “não dizer nada com palavras pomposas”, já se têm fabricado curiosas montagens de palavras e frases bombásticas, para serem ditas (ou escritas) em ocasiões em que se deseja impressionar os ouvintes (ou os leitores), mas que não querem dizer absolutamente nada. A primeira foi fartamente distribuída em cópias mimeografadas e até publicada no *Informativo* da Fundação Getúlio Vargas.

É um exemplo vivo de *como não se deve falar ou escrever*, e serve para desmascarar os “bem-falantes” de ideias vazias... Reproduzimos a seguir uma dessas montagens:

“Como Fazer Carreira sem Muito Esforço

A revista *Newsweek* publicou em 6 de maio de 1963 uma nota interessante: funcionário americano, Philip Broughton, observou, durante anos seguidos, que só fazia carreira em Washington quem falasse embolado. O funcionário, de qualquer categoria, que optasse pela simplicidade, era e é — segundo a revista — sumariamente relegado a posição inferior. Não merece consideração. Daí, teve a ideia de criar uma relação com palavras-chaves a serem usadas na conversação, de maneira a converter frustrados em indivíduos vitoriosos. São 30 palavras-chaves, agrupadas em 3 colunas, com a numeração de 0 a 9:

COLUNA 1	COLUNA 2	COLUNA 3
0 – Programação	0 – Funcional	0 – Sistemática
1 – Estratégia	1 – Operacional	1 – Integrada
2 – Mobilidade	2 – Dimensional	2 – Equilibrada
3 – Planificação	3 – Transicional	3 – Totalizada
4 – Dinâmica	4 – Estrutural	4 – Presumida
5 – Flexibilidade	5 – Global	5 – Balanceada
6 – Implementação	6 – Direcional	6 – Coordenada
7 – Instrumentação	7 – Opcional	7 – Combinada
8 – Retroação	8 – Central	8 – Estabilizada
9 – Projeção	9 – Logística	9 – Paralela

O método de emprego dessas palavras-chaves é o seguinte: escolhe-se, ao acaso, um número qualquer de três algarismos e busca-se a palavra correspondente a cada algarismo em cada uma das três colunas. Por exemplo: o número 3-1-6 produz ‘planificação operacional coordenada’; e o número 1-3-9 produz ‘estratégia transicional paralela’ e o número 7-4-0, produz ‘instrumentação estrutural sistemática’. Qualquer delas pode ser referida em conversas, com indiscutível autoridade. Segundo o gaiato e humorado inventor desta fórmula, ninguém fará a mais remota ideia do que foi dito, mas não admitirá tal fato, e, o que é mais importante, as frases soam maravilhosamente bem.”

O achado de Broughton correu mundo.

O *Jornal de Notícias* de Lisboa, em sua edição de 9 de maio de 1986, publica lista semelhante, com as seguintes palavras-chaves:

Coluna 1: *opção, flexibilidade, capacidade, mobilidade, programação, conceito, vivência, projeção, equipamento, contingência*;

Coluna 2: *gerencial, organizacional, monitorizado/a, recíproco/a, digital, logístico/a, intermediário/a, incremental, conjuntural, diretivo/a*;

Coluna 3: *integrado/a, total, sistematizado/a, paralelo/a, funcional, receptivo/a, facultativo/a, sincronizado/a, compatível, equilibrado.*

São novas opções, que, com a inclusão de dois substantivos masculinos na 1.ª coluna, permitem ainda maior maleabilidade na fabricação de “belezas” vazias do tipo “conceito logístico receptivo”, ou “equipamento organizacional sincronizado”, capazes de produzir grande efeito diante de papalvos.

Experimente!

Ainda mais sofisticada é a montagem feita — segundo informa Cesare Marchi no seu livro *Impariamo l’Italiano*, (“Aprendamos o Italiano”), Milão, Rizzoli Ed., 1984 — por dois professores universitários italianos num estudo linguístico intitulado “Prontuário de frases para todos os usos para preencher o vazio de nada”, de que traduzimos e adaptamos uma amostra no quadro da página ao lado.

Entrelaçando à vontade as diferentes colunas de que se compõe, podem-se obter milhares de frases, algumas das quais você talvez já haja lido em artigos que devem tê-lo impressionado na ocasião, e que você não deve ter compreendido, o que não é de admirar, porque, com toda a sua sonoridade pomposa, são inteiramente destituídas de sentido...

COLUNA A	COLUNA B	COLUNA C	COLUNA D
1. A necessidade emergente	se caracteriza por	uma correta relação entre estrutura e superestrura	no interesse primário da população,
2. O quadro normativo	prefigura	a superação de cada obstáculo e/ou resistência passiva	sem prejudicar o atual nível das contribuições,
3. O critério metodológico	reconduz a sínteses	a pontual correspondência entre objetivos e recursos	com critérios não dirigísticos,
4. O modelo de desenvolvimento	incrementa	o redirecionamento das linhas de tendência em ato	para além das contradições e dificuldades iniciais,
5. O novo tema social	propicia	o incorporamento das funções e a descentralização decisional	numa visão orgânica e não totalizante,
6. O método participativo	propõe-se a	o reconhecimento da demanda não satisfeita	mediante mecanismos da participação,
7. A utilização potencial	privilegia	uma coligação orgânica interdisciplinar para uma práxis de trabalho de grupo,	segundo um módulo de interdependência horizontal,

COLUNA E	COLUNA F	COLUNA G
substanciando e vitalizando,	numa ótica preventiva e não mais curativa,	a transparência de cada ato decisional.
não assumindo nunca como implícito,	no contexto de um sistema integrado,	um indispensável salto de qualidade.
potenciando e incrementando,	na medida em que isso seja factível,	o aplanamento de discrepâncias e discrasias existentes.
evidenciando e explicitando,	em termos de eficácia e eficiência,	a adoção de uma metodologia diferenciada.
ativando e implementando,	a cavaleiro da situação contingente,	a redefinição de uma nova figura profissional.
não omitindo ou calando, mas antes particularizando,	com as devidas e imprescindíveis enfatizações,	o coenvolvimento ativo de operadores e utentes.
recuperando, ou antes revalorizando,	como sua premissa indispensável e condicionante,	uma congruente flexibilidade das estruturas.

ESCREVENDO NO FIGURINO: ORTOGRAFIA E CRASE

3. ACENTOS NECESSÁRIOS E ACENTOS TALVEZ INÚTEIS

Examine, leitor, os objetos que o cercam e verifique um fato que vai ter importância para você compreender o porquê da nossa acentuação gráfica: os vocábulos que os designam, em sua grande maioria, terminam nas vogais *a*, *e*, *o* e são paroxítonos, isto é, sua sílaba tônica é a penúltima: *casa*, *sala*, *quarto*, *mesa*, *cadeira*, *porta*, *janela*, *soalho*, *tapete*, *parede*, *quadro*, *estante*, *caneta*, *livro*, *lápis* (uma exceção), etc.

A minoria se compõe de: *a)* monossílabos tônicos (*chão*, *luz*, *gás*, *pó*); *b)* de oxítonos terminados em vogal (*chaminé*, *paletó*) ou em consoante (*papel*, *xerox*, *colher*); *c)* de proparoxítonos comuns (*máquina*, *árvore*, *lâmpadas*) e ocasionais (*água*, *rádio*, *armário*, *régua*, *relógio*).

Repare ainda que quase todos esses nomes se usam também no plural, e que o índice de plural em nossa língua é *s*: *casas*, *paredes*, *livros*, *chaminés*, *lâmpadas*, *réguas*, etc.

Com base nessa estatística, estabeleceu-se um dos princípios da nossa acentuação gráfica: os paroxítonos terminados em -*a*, -*e* e -*o* (seguidos ou não de *s*), por serem os vocábulos mais frequentes em nossa língua, dispensam acento indicador da sílaba tônica: *sabia*, *doce*, *cravo* (e *sabias*, *doces*, *cravos*). Já os oxítonos com as mesmas terminações, por constituírem minoria, devem ser marcados com acento gráfico, numa tradição já secular: *sabiá*, *você*, *avô*, *avó* (e *sabiás*, *vocês*, *avôs*, *avós*). Os proparoxítonos, por sua vez, dada a sua relativa raridade, são sempre acentuados: *sábia* (compare com *sabia* e *sabiá*), *lâmpada* (compare com *empada*), *pêndulo* (compare com *penduro*), *régua* (compare com *recua*), *pêssego* (compare com *sossego*), *veículo* (compare com *veiculo*, verbo), *história* (compare com *historia*, verbo), *fôlego* (compare com *pelego*), *úmido* (compare com *unido*).

Os ACENTOS usados em português são os seguintes:

1. ACENTO AGUDO, que, sobreposto às letras *a*, *e*, *o*, indica que elas representam vogais abertas: *máquina*, *cajá*, *pérola*, *café*, *córrego*, *após*; no *i* e no *u* indica apenas vogal tônica: *índio*, *túmulo*.

2. ACENTO CIRCUNFLEXO, que, sobreposto a essas mesmas letras, indica que elas representam vogais fechadas: *pântano*, *pêssego*, *você*, *fôlego*, *compôs*. Nunca se usa no *i* e no *u*.

Usam-se ainda outros sinais:

1. O TIL, que, sobreposto às letras *a* e *o* (só muito excepcionalmente ao *u*, como em *Piũí*[5], *piũiense*), nos adverte que elas estão representando vogais nasais. Compare *lá* e *lã*, *pois* e *pões*, *nau* e *não*, *perdoe* e *expõe*, *mais* e *mães*.

2. O TREMA, que até a reforma ortográfica de 2009 só ocorria no *u* dos grupos de letras *gue*, *gui*, *que*, *qui*, para assinalar que o *u* aí se pronuncia. Compare *unguento* (escrevia-se *ungüento*) e *briguento*, *linguista* (*lingüista*) e *droguista*, *frequentar* (*freqüentar*) e *esquentar*, *tranquilo* (*tranqüilo*) e *esquilo*. Para mais informações sobre o trema, veja o capítulo seguinte.

A ACENTUAÇÃO DOS MONOSSÍLABOS

Em português, há vocábulos TÔNICOS, providos de acento próprio, e ÁTONOS (na maior parte monossílabos), que se proferem fracamente e, na frase, se apoiam num vocábulo vizinho, tônico. Na frase abaixo transcrita, os vocábulos átonos estão grifados:

> “*O* ranger/ *das* rodas/ *do* carro/ *de* bois/ *que* passava/ *pela* estrada/ atraiu-*nos* / *para* lá.”

Para·distinguir os monossílabos tônicos dos átonos, os tônicos, quando terminados em *-á, -ás, -é, -és, -ê, -ês, -ó, -ós*, recebem o acento devido:

> *cá*; *dá, dás* (verbo *dar*), *já*; *há, hás* (verbo *haver*), *lá, má, más* (adj.), *pá, pás, trás, vá, vás, zás!*; *é, és* (verbo *ser*), *fé, pé, pés, ré, rés, sé, Zé*; *crê, crês*; *dê, dês* (verbo *dar*), *lê, lês, mês, rês, sê* (verbo *ser*), *três, vê, vês, quê* (subst.); *cós, dó* (subst.), *nó* (subst.), *nós* (pron. reto), *pó, só, vós* (pron. reto); *pôs, xô!*; *dá-lo, tê-lo, pô-lo*.

Já os átonos não se acentuam:

a roda *da* fortuna; *as* dores *do* parto; ele *e* ela; Nunca *me* deixes; Sempre *te* amei; Não *se* afaste, peço-*lhe*; Deus *nos* livre!; Era pobre, *mas* orgulhoso; *Se* puder, venha amanhã, *na* hora *de* sempre.

O vocábulo *quê* é **tônico**, e portanto acentuado, quando substantivo (“Embora não seja bela, tem um certo *quê* que a todos cativa.”), interjeição (*Quê?!*) e em pausa ou em fim de frase (“A verdade é que tive medo, não sei de *quê*, nem por *quê*.”).

Os monossílabos tônicos que terminam em *-i, -is, -u, us, -m, -ns, -l, -r* e *-z*, ditongo ou tritongo não se acentuam:

> *vi, a ti, por si, lis, giz, vem, vens, tem, tens, rim, rins, qual, quais, seu, ser, rol, traz* (v. *trazer*), *vez, eis, tu, pus, luz*.

Uma exceção é a 3.ª pessoa do plural de *ter* e *vir*, *têm* e *vêm* que leva acento circunflexo para se distinguir da 3.ª pessoa do singular, *tem* e *vem*.

QUANDO SE ACENTUAM OS OXÍTONOS

Só se acentuam os oxítonos terminados em: *-á*, *-ás, -é, -és, -ê, -ês, -ó, -ós, -ô, -ôs, -ém, -éns*:

> *está, estás* (mas *esta, estas*), *tirá*-lo, *rapé, revés, mercê, marquês* (mas *Marques*), *avó, após, ioiô, expôs*; *harém, haréns, refém, reféns, convém, detém, deténs, recém*-casado.

Nas formas de 3.ª pessoa do plural dos verbos compostos de *ter* e *vir* se usa acento circunflexo, para distingui-las da terceira pessoa do singular: ele *contém* — eles *cont**ê**m*; isto nos *convém,* elas nos *conv**ê**m.*

Não se acentuam os oxítonos com outras terminações: *parti, tupi, gentis, tatu, expus, Iguaçu.*

OS PAROXÍTONOS ACENTUADOS

Já vimos que não se acentuam os paroxítonos terminados em *-a, -as, -e, -es, -o, -os*, que são os vocábulos mais numerosos da nossa língua.

Igualmente sem acento os que terminam em *-am, -em, ens*:

> *amam, amaram, acordam, fazem, dizem, querem*; *jovem, jovens, item, itens, nuvem, nuvens, hifens*.

Os que recebem acento, menos numerosos, terminam em *-i, -is, -us, -ã, -ãs, -ão, -ãos, -um, -uns, -n, -om*; *-ei, eis, -l, -r, -x, -ps*:

> *júri, tênis, bônus, órfã*(*s*), *órgão*(*s*), *álbum, álbuns, hífen* (mas *hifens,* sem acento!), *pólen, Nélson, cânon, rádom*; *jóquei, fósseis, fôsseis, fizésseis*; *grácil, têxtil, túnel, cônsul, dólar, César, câncer*; *Félix, látex, fênix, sílex, córtex*; *bíceps, fórceps*.

Os prefixos paroxítonos, quando separados por hífen, não se acentuam porque não têm existência autônoma na língua: *anti*-inflacionário, *semi*-histórico, *super*-homem.

ACENTOS ABOLIDOS PELO ACORDO ORTOGRÁFICO DE 1990

Com a reforma ortográfica, não mais se acentuam:

1. Os ditongos abertos *éi* e *ói* quando recaem em sílabas tônicas de palavras paroxítonas: *ideia*, *assembleia*, *proteico* (e não *idéia*, *assembléia*, *protéico*); *joia*, *boia*, *heroico* (e não *jóia*, *bóia*, *heróico*).

OBS.: Mantém-se o acento nesses ditongos quando recai em sílaba tônica de palavras oxítonas (*anéis*, *heróis*) e de palavras proparoxítonas (*axóideo*). A palavra *destróier* mantém o acento, como exceção, de acordo com a regra que pede acento sobre vogal tônica em palavra paroxítona terminada em *r*.

2. O acento circunflexo do *ô* tônico em palavras paroxítonas terminadas em *ôo(s)*: *enjoo*, *voos*, *abençoo* (e não *enjôo*, *vôos*, *abençôo*).

3. Em palavras paroxítonas, o acento agudo em vogais tônicas *i* e *u* após ditongo decrescente: *feiura* e não mais *feiúra*, *alauita* e não *alauíta*.

ACENTO PARA DISTINGUIR VOCÁBULOS TÔNICOS DE ÁTONOS

Como acento diferencial, continuam acentuando-se, por vezes inutilmente, alguns vocábulos tônicos que se escrevem com as mesmas letras de outros átonos:

1. *pôr* (verbo), ao lado de *por* (preposição): “Costumo *pôr* uma camiseta *por* baixo da camisa.”;

2. *porquê* (subst.) e *porque* (conjunção): “Gostava de investigar o *porquê* das coisas, *porque* sua curiosidade era grande.”

3. *quê* (substantivo) e *que* (pronome ou conjunção): V. o que escrevi sobre monossílabos átonos e tônicos.

4. pôde (pretérito do verbo *poder*) e *pode* (presente do verbo poder)

OBS.: O Acordo Ortográfico aboliu a maioria dos acentos diferenciais que ainda estavam em uso: *polo* (e não *pólo*), *pera* (e não *pêra*), *pelo* (e não *pêlo*),

etc.

Aí está o porquê do uso de acentos em nossa ortografia oficial.

Lembraria, por fim, que a classe da palavra não importa, para efeito de acentuação. Anote, pois, algumas formas verbais acentuadas:

> *andávamos*, *andássemos*, *andáramos*, *andásseis*;
> *devíamos*, *devêssemos*, *devêramos*, *devêsseis*;
> *fôramos*, *fôreis*, *fôssemos*, *fôsseis*; *éramos*, *éreis*; *íamos*, *íeis*.

E assim por diante.

4. O TREMA JÁ ERA, MAS COMO ERA MESMO?

A reforma ortográfica de 2009 aboliu o trema em palavras da língua portuguesa. Mas como ele ainda será visto nos livros que foram publicados antes da reforma (que ainda serão, por muito tempo, a grande maioria), vale a pena saber como era usado.

Logo que saíram as notas de NCz$ 50,00 (cinquenta cruzados novos, na época), a Sr.ª João da Silva, que sempre escrevera nos cheques *cincoenta* (por influência de *cinco*), estranhou que nelas estivesse escrito *cinquenta*, e consultou o filho sobre essa grafia.

— Já aprendi isso no colégio! — Joãozinho foi pronto na resposta. E repetiu para a mãe o que lhe haviam ensinado: — *cinqüenta* não deriva de *cinco*, pois a forma antiga era *cinquaenta*. E leva trema porque, na maioria das palavras em que aparece um dos grupos de letras *que*, *qui*, *gue*, *gui*, o *u* é uma letra muda: *esquenta*, *aquela*, *esquilo*, *joguete*, *seguir*. Mas quando o *u* se pronuncia, põe-se o trema, para evitar erro de pronúncia: *freqüente*, *tranqüilo*, *lingüeta*, *cirigüela*, *argüir*, *seqüela*...

A mãe interrompeu-o, perguntando o que significava *seqüela*, mas Joãozinho não soube responder (o vocabulário das novas gerações é tão reduzido!...). E o jeito foi consultar o *Caldas Aulete*, que esclareceu a dúvida: “Continuação, sequência (naquela época, ainda com trema: seqüência); Efeito, resultado ou consequência (na época, conseqüência) de um acontecimento, de um fato, etc.; Anomalia resultante de uma moléstia”. E com a consulta surgiram duas palavras tremadas: *sequência* e *consequência*, motivo de comentário de Joãozinho, que estava com a matéria de aula ainda fresca na ponta da língua...

Mas Joãozinho teve de reaprender depois a reforma ortogáfica de 2009, e hoje ele sabe que não existe mais trema na língua portuguesa, e hoje se escreve sequela, linguiça sequência etc.

É claro que nessas palavras, mesmo sem trema, todos sabem que o *u* se pronuncia. Mas em outras pode haver dúvida; e para que você não cometa erros de pronúncia, lembro-lhe aqui as palavras mais frequentes em que, mesmo tendo sido abolido o trema, o *u* deve ser pronunciado:

> *aguentar*, em toda a sua conjugação; *apaziguei*, *apazigueis*, *apaziguemos*, do verbo *apaziguar*; *aquistar*; *arguir* (e seu composto *redarguir*), nas seguintes formas: em todo o imperfeito (*arguia*, *arguias*, *arguíamos*, *arguíeis*, *arguiam*); em todo o perfeito simples (*argui*, *arguiste*, *arguiu*, *arguimos*, *arguistes*, *arguiram*); em todo o mais-que-perfeito simples: (*arguira*, etc.); em todo o futuro do presente e do pretérito: (*arguirei*, etc.; *arguiria*, etc.); em todo o imperfeito (*arguisse*, etc.) e em todo o futuro do subjuntivo (*arguir*, *arguires*, etc. — que tem as mesmas formas no infinitivo flexionado); no gerúndio e no particípio (*arguindo*, *arguido*); nas seguintes formas de *averiguar*: *averiguei*, *averigueis*, *averiguemos*;
> *banguê*;
> *banguense*;
> *bilíngue* e *bilinguismo*;
> *ciriguela*;
> *consanguíneo* e *consanguinidade*;
> *consequência* e *consequente*;
> *delinquência*, *delinquente* e *delinquir*;
> *eloquência* e *eloquente*;
> *equestre* e *equino* (= cavalar);
> *equidade*;
> *frequência e frequente*;
> *lingueta* e *linguiça*;
> *linguista*, *Linguística* e *linguístico*;
> *nicaraguense*;
> *pinguim*;
> *quinquagésimo*;
> *quinquenal e quinquênio*;
> *quiproquó*;

reguinha;
sagui, *sariguê* e *sarigueia*;
sequela;
sequência e *sequente*;
sequestrar e *sequestro*;
Tarquínio;
tranquilidade e *tranquilo*.

Mas cuidado, muitas vezes não se pronuncia o *u*:

adquirir, *distinguir*, *equilíbrio*, *equitação*, *equívoco*, *inquérito*, *inquirir*, *perquirir*.

Em alguns casos é facultativa a pronúncia do *u*; nas palavras abaixo ele pode ou não ser pronunciado:

anhanguera;
antiguidade;
equilátero;
equidistância, *equidistar*;
equitativo;
equivalência, *equivalente*, *equivaler*;
lânguido;
liquefação, *liquefazer*;
liquidação, *liquidar*, *líquido*;
liquidificador;
questão;
questionar;
quíntuplo;
retorquir;
sanguento;
sanguinário;
sanguíneo;
sanguinolento;
séquito.

Não estaria terminado este assunto sobre o *u* **proferido** se não lembrássemos que nas sequências de letras *gua*, *guo*, *qua*, *quo*, em que o *u* é **sempre** proferido, mesmo antes da reforma ortográfica não se usava trema:

> *ambíguo, adequado, aguar, aquático, equação, averiguar, linguado, minguante, Nicarágua, Guatemala, oblíquo, quadrúpede, ventríloquo.*

Em vocábulos como *catorze/quatorze, cota/quota, cotidiano/quotidiano, cociente/quociente*, em que é opcional a pronúncia do *u*, essa diferença registra-se na escrita, como se vê dos exemplos.

ACENTO AGUDO NO U

Numas poucas formas de verbos em que o *u* é TÔNICO (e não ÁTONO, como nos casos anteriores), usava-se acento agudo, e não trema, nas sequências de letras *gúe*, *gúi*, *qúe*, mas mesmo este acento foi suprimido na reforma ortográfica de 2009:

> *apazigue*, *apazigues* (do verbo *apaziguar*);
> *averigue, averigues* (do verbo *averiguar*);
> *oblique, obliques* (do pouco usado verbo *obliquar*);
> *argui*, *arguis* (do verbo *arguir*), *redargui*, *redarguis* (do v. *redarguir*).

Uma exceção curiosa é o nome geográfico *Guiana* (e seu derivado *guianense*): o *u* não é tônico, mas subtônico, e por isso não leva acento agudo. Nele caberia acento grave, mas as regras oficiais esqueceram esse caso...

Não será inútil observar que não leva acento o *u* TÔNICO das sequências de letras *gua*, *guo*, *qua*, *quo* destas formas verbais paroxítonas:

> *argua*, *arguas*, *arguo*; *averiguas*, *averigua*, *averiguo*; *obliqua*, *obliquas*, *obliquo*.

5. A LETRA CERTA NO LUGAR CERTO

Depois das primeiras aulas de inglês, Joãozinho fez uma grande descoberta, que comunicou em casa ao pai:

— Pai, nós temos sorte de escrever em português: a ortografia inglesa é uma bagunça! Eles usam uma porção de letras que não pronunciam, e um mesmo som é escrito de várias maneiras! Ainda bem que a nossa ortografia é fonética! Nós *escrevemos físico* sem *ph* nem *y*, como é em inglês. — E mostrou ao pai o livro, em que, numa lição sobre esportes, estava escrito *physique*, embora, garantiu, se pronunciasse [fizik] (como, aliás, estava na pronúncia figurada).

João da Silva concordou com o filho, e durante algum tempo Joãozinho permaneceu eufórico diante da simplicidade da nossa ortografia.

Mas tanto o filho quanto o pai só tinham meia razão, porque, embora a nossa escrita seja, na verdade, muito mais simples que a do inglês, está longe de ser fonética, como exemplifica o próprio nome citado por Joãozinho, *físico*, em que se escreve um *s* onde se pronuncia *z*, tal como em *casa*, *rosa*, *uso* e dezenas de outras palavras.

Num alfabeto fonético, a cada letra corresponde um único som da língua — ou FONEMA, como dizem os linguistas —, e a cada fonema uma só letra, o que não ocorre com o português, como vamos ver.

Na verdade, em nosso alfabeto há várias letras, além do *s*, que podem figurar fonemas diferentes. O *x* é um bom exemplo. Compare estes vocábulos escritos com *x* com os da coluna ao lado, em que o mesmo som representado por *x* se escreve com letras variadas:

li*x*a	fi*ch*a
au*x*ílio	con*c*ílio
fle*x*ão	fri*cç*ão
e*x*istir	re*s*istir

Por outro lado, um mesmo som pode ser grafado por letras variadíssimas. Veja estes vocábulos, em que o mesmo fonema (que figuraremos pelo símbolo /s/) vem escrito de oito maneiras diferentes!:

> can*s*ado – te*c*ido – a*ç*o – trou*x*e – pa*ss*o – de*sc*er – de*sç*a – e*xc*eder.
>
> (Em alguns desses vocábulos, como você pode ver, duas letras valem por um só fonema: *ss*, *sc*, *sç*, *xc*. É o que chamamos DÍGRAFOS.)

Se a compararmos com a inglesa ou a francesa, nossa ortografia é, sem dúvida, bastante simplificada; mas está muito longe de ser fonética.

E por que não o é? — perguntará o leitor, com justa estranheza.

São vários os motivos, meu caro, e o principal é a tradição, a história da nossa língua, cuja base é o latim. E uma escrita puramente fonética traria alguns problemas sérios.

Em primeiro lugar, as diferenças de pronúncia regionais e de “registro” cultural provocariam a existência de várias escritas fonéticas; além disso, a própria imagem gráfica dos vocábulos em muitos casos nos pareceria desfigurada, irreconhecível. Vão uns poucos exemplos:

> [leitxi]/[leite], [poxtau]/[postal], [dejdji]/[desde], [coléju]/[culéju]/[còléju]/[colégio], [fautá]/[fartá]/[faltar], [d˜ieru]/[dinheiro], [gãiá]/[ganhar], etc.

De vez em quando surgem reformadores, sem maior preparo linguístico, a propor uma “ortografia fonétika” que causa a repulsa imediata dos estudiosos da língua.

E é bom lembrar que, quando é preciso reproduzir fielmente a pronúncia de um vocábulo, dispõem os linguistas de um *alfabeto fonético internacional*, de aceitação geral, que resolve quaisquer dúvidas.

Cumpre lembrar, por último, que a norma escrita, entre nós (como nos países civilizados), é objeto de regulamentos e convenções, elaborados por especialistas e, em nosso caso, aprovados por lei federal. Para esclarecimento de todos, publicam-se *vocabulários* e *dicionários* que são os nossos guias no emaranhado ortográfico.

Atualmente, a ortografia oficial do Brasil é regida pelo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em dezembro de 1990 pelos sete países nos quais o português é a língua oficial (Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe), referendado em 2004 pelo Segundo Protocolo Modificativo, ao qual se acrescentou a assinatura de Timor-Leste, e sancionado no Brasil pelo presidente da República em 29 de setembro de 2004 pelo Decreto 6.584, entrando em vigor em 1º de janeiro de 2009. No entanto, até a presente edição desta obra, somente o Brasil adotara oficialmente a nova ortografia, como delineada no Acordo Ortográfico de 1990.

No mesmo ano de 2009, a Academia Brasileira de Letras fez publicar a quinta edição do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, que é considerado a última palavra no assunto. Se você quiser escrever corretamente, deve, portanto, submeter-se ao que manda a Lei, e escrever a letra certa no lugar certo...

Não se acanhe de consultar um dicionário. Todos os mestres o fazem!

Concordo em que nem sempre é fácil reproduzir a grafia correta de certos fonemas. Mas o hábito da leitura e da consulta a um dicionário como o *Caldas Aulete* (impresso, ou na internet) o levará, com algum esforço, ao bom caminho.

Vou tentar ajudá-lo, relembrando os casos mais difíceis, sempre fundamentado no que é oficial.

S ou z?

Você há de ficar, por vezes, embaraçado no emprego de certas letras que se usam para representar na escrita o mesmo fonema.

Uma dessas dificuldades: quando escrever *s* e não *z*, ou *z* e não *s*?

Primeiro, as terminações *-ês* e *-ez*, *-esa* e *-eza*. Você deve escrever *-ês*, quando se trata de nomes que indicam o habitante ou natural de um lugar (ou que nele vive), muitas vezes com o feminino em *-esa*: *francês/francesa*, *inglês/inglesa*, *japonês/japonesa*, etc.; *burguês/burguesa* (de um *burgo*), *camponês/camponesa* (do *campo*), *cortês* (da *corte*), *montês* (do *monte*); com *-esa* se escrevem os femininos de certos títulos, como *baronesa* (de *barão*), *consulesa* (de *cônsul*), *duquesa* (de *duque*), *marquesa* (de *marquês*, que era o “governador da *marca*” [fronteira]), *princesa* (de *príncipe*). (O título *condessa*, feminino de *conde*, se escreve com *ss*! Convém lembrar ainda os femininos *pitonisa*, *poetisa*, *profetisa*, *sacerdotisa*.)

Com -*ez* ou -*eza* se escrevem nomes femininos (sem masculino!), derivados de outros nomes: *acidez* (de *ácido*), *agudeza* (de *agudo*), *alteza* (de *alto*), *aridez* (de *árido*), *avareza* (de *avaro*), *certeza* (de *certo*), *embriaguez* (de *embriagado*), *escassez* (de *escasso*), *natureza* (de *natura*), *rigidez* (de *rígido*), *rijeza* (de *rijo*), *solidez* (de *sólido*), *tristeza* (de *triste*) — e dezenas de outros.

Outras terminações que convém distinguir: a dos verbos em -*isar* e -*izar*. Escreva com *z*:

1. os verbos derivados de um nome que já contenha um *z*, como *abalizar* (de *baliza*), *ajuizar* (de *juízo*), *deslizar* (de *deslize*), *enraizar* (de *raiz*), *envernizar* (de *verniz*), *matizar* (de *matiz*);

2. os verbos derivados de um nome a que se acrescente *izar*: *agonizar* (de *agon*[*ia*]), *amenizar* (de *amen*[*o*]), *anarquizar* (de *anarqu*[*ia*]), *batizar* (de *bat*[*ismo*]), *catequizar* (*de catequ*[*ese*]), *civilizar* (de *civil*), *concretizar* (de *concret*[*o*]), *exorcizar* (de *exorc*[*ismo*]), *realizar* (de *real*), *simpatizar* (de *simpat*[*ia*]), *utilizar* (de *útil*).

Em -*isar* terminam uns poucos verbos da mesma família de vocábulos em que já existe *s*: *alisar* (de *liso*), *analisar* (de *análise*), *avisar* (de *aviso*), *eletrolisar* (de *eletrólise*), *frisar* (de *friso*), *guisar* (de *guisa*), *paralisar* (de *paralis*[*ia*]), *pesquisar* (de *pesquisa*), e alguns mais.

Além desses casos, que podem caber em regras, procure gravar estas palavras que se escrevem com *s* ou *z* de acordo com a sua história.

Com *s*: ananás, anis, arrasar, ás, asa, atrás, atrasar, atraso, através, Baltasar, brasa, coser (= "costurar"), despesa, Dinis, empresa, extravasar, freguês, freguesia, gás, gasolina, hesitar, obus; pôs, pus, puser, pusera, pusesse (do v. *pôr*); querosene; quis, quiser, quisera, quisesse (do v. *querer*); represa, Resende, revés, Satanás, siso, Teresa, usina.

Com *z*: abalizado, amizade, aprazível, atroz, azar, azia, baliza, buzina, cafuzo, cozer (= "cozinhar"), deslize, desprezar, esvaziar, feliz, felizmente, fuzil, fuzilar, giz, jazida, Muniz, prazo, preconizar, prezado, proeza, regozijo, revezar, rezar, trazer, vazar, vazio, vizinho, xadrez.

C, ç, s, ss, sc, sç, x, xc

Outro fonema cuja grafia traz dificuldades é o /s/, que, como já vimos, pode representar-se de oito maneiras.

Com *c* ou *ç*: à be*ç*a, a*ç*aí, a*ç*u (e quaisquer palavras com esta terminação), alma*ç*o, *c*enso (recenseamento), *c*errar (= fechar), *c*erzir, *c*essão (de *ceder*), *c*etim, *c*idra, con*c*ertar (= ajustar, harmonizar), con*c*erto (reunião musical, acordo), dan*ç*a, esco*c*ês, exce*ç*ão, fa*c*ínora, ju*ç*ara, ma*ç*ada, ma*ç*ante, ma*c*iço, mi*ç*anga, mu*ç*ulmano, ob*c*ecado, pa*ç*oca, re*c*ender, recha*ç*ar, resplande*c*er, ru*ç*o (= grisalho), so*ç*obrar, se*ç*ão ou se*cç*ão (= parte de um todo, divisão), Suí*ç*a, vi*c*issitude.

Com *s*: ân*s*ia, an*s*ioso, ascen*s*ão, a*s*teca, can*s*ar, con*s*ertar (= remendar), con*s*erto (remendo, reparo), descan*so*, dissen*s*ão, disten*s*ão, excur*s*ão, far*s*a, hortên*s*ia, ob*s*essão, preten*s*ão, recen*s*eamento, sen*s*o (= juízo), univer*s*idade.

Com *ss*: admi*ss*ão, alví*ss*aras, a*ss*eio, carro*ss*el, ca*ss*ino, ce*ss*ão (de ceder), discu*ss*ão, esca*ss*ez, pre*ss*ágio, proci*ss*ão, profi*ss*ão, repercu*ss*ão, re*ss*urreição, re*ss*uscitar, se*ss*ão (= reunião), so*ss*ego, vero*ss*ímil.

Com *sc*, *sç*: ab*sc*esso, ab*sc*issa, con*sc*iência, cre*sc*er, cre*sç*a, cre*sç*o, de*sc*er, de*sç*a, de*sç*o, di*sc*ente, enrube*sc*er, flore*sc*er, intume*sc*er, na*sc*er, na*sç*a, na*sç*o, ob*sc*eno, re*sc*indir, sei*sc*entos, ví*sc*era.

Com *xc*: e*xc*eção, e*xc*eder, e*xc*epcional, e*xc*eto, e*xc*itação.

Ch e x

Também nos causa dúvida o emprego de *ch* e *x*, já que têm o mesmo valor fonético.

Com *ch* escrevem-se: *ch*arque, *ch*imarrão, *ch*u*ch*u, co*ch*i*ch*ar, co*ch*o (= vaso de madeira), en*ch*arcar, fa*ch*o, fle*ch*a, ta*ch*a (= prego; mancha), ta*ch*ar (= acusar).

Com x: co*x*o (= manco, que co*x*eia), enfai*x*ar, enfei*x*ar, fai*x*a, fa*x*ina, me*x*er, mu*x*o*x*o, pa*x*á, pu*x*ar, ta*x*a (= imposto), ta*x*ar (impor ta*x*a), *x*á (soberano do Irã), *x*ale, *x*ará, *x*avante, *x*ereta, *x*erife, *x*ícara, *x*ingar.

G ou j?

G (antes de *e*, *i*) e *j*, que indicam o mesmo som, podem trazer embaraços. Anote, então.

Com *g*: an*g*élico, estran*g*eiro, fuli*g*em, *g*irafa, *g*íria, here*g*e, mon*g*e, ri*g*idez, ti*g*ela, a via*g*em.

Com *j*: a*j*eitar, an*j*inho, berin*j*ela, can*j*ica, gor*j*ear, gor*j*eio, gor*j*eta, gran*j*ear, inter*j*eição, *j*eito, *j*enipapo, *j*erimum, *j*iboia, *j*iló, *j*irau, la*j*e, lambu*j*em, lison*j*ear, lo*j*ista, ma*j*estade, man*j*edoura, pa*j*é, pa*j*em, re*j*eição, re*j*eitar, ri*j*eza, sar*j*eta, tra*j*e, ultra*j*e, vare*j*ista, via*j*e, via*j*es, via*j*emos, via*j*eis, via*j*em (do v. *viajar*).

E ou i?

As letras *e* ou *i*, quando em posição átona, têm muitas vezes pronúncia igual, e disso resultam dúvidas na hora de escrever: d*e*spender ou d*i*spender?, pát*e*o ou pát*i*o? Daí a necessidade de consultar o dicionário. Abaixo você encontra uma relação de palavras que mais embaraços podem trazer.

Com *e* se escrevem as formas de 3.ª pessoa dos verbos da l.ª conjugação, como *abençoe* (de *abençoar*), *acentue* (de *acentuar*), *averigue* (de *averiguar*), *continue* (de *continuar*), *insinue* (de *insinuar*), entre outras. Com *i* as dos verbos da 3.ª conjugação, que já têm *i* no infinitivo: *atribui* (de *atribuir*), *constitui* (de *constituir*), *exclui* (de *excluir*), *influi* (de *influir*), e tantas mais.

Anote ainda estas grafias:

Com *e*: ant*e*diluviano, arr*e*ar (= pôr *arreios*), bal*ee*ira, cand*ee*iro, card*e*ais (pontos), card*e*al, conf*e*ssionário, confet*e*, cum*e*ada, cum*ee*ira, d*e*scrição (= ato de d*e*screver), d*e*spautério, d*e*spender (mas d*i*spêndio), d*e*ssemelhante, d*e*stilar, d*e*scriminar (absolver de crime, isentar de culpa), *e*minente (ilustre), *e*mpecilho, *e*ncarnação (e *E*ncarnação), *e*ncorpar, *e*ntoação (mas *i*nto*n*ação), pal*e*tó, parêntes*e*(s), Pir*e*neus, quep*e*, s*e*não, s*e*quer, um*e*decer (mas úm*i*do).

Com *i*: aboríg*i*ne (preferível a aboríg*e*ne), acr*i*ano (o Acordo Ortográfico descartou o antes admissível acr*e*ano), ad*i*antar, ad*i*ante, arr*i*ar (= abaixar), balzaqu*i*ano, cait*i*tu, calcár*i*o, camon*i*ano (e os nomes derivados de substantivos próprios, como machad*i*ano, saussur*i*ano, shakespear*i*ano, wagner*i*ano), cas*i*mira, Cas*i*miro, cer*i*mônia, cord*i*al, cord*i*almente, crân*i*o, cr*i*ar (e cr*i*ador, Cr*i*ador, cr*i*atura), cr*i*oulo, dent*i*frício, d*i*ante, d*i*gladiar-se, d*i*lapidar, d*i*scrição (= qualidade de quem é discreto), d*i*scriminar (= distinguir, diferençar), escárn*i*o, esqu*i*sito, Euríp*i*des, fem*i*nino, front*i*spício, *I*figênia, *i*minente (= próximo), *i*ncorporar, in*i*gualável, inqu*i*rir, *i*nt*i*tular, *i*ntonação, *i*ntumescer, *I*stambul, lamp*i*ão, pát*i*o, p*i*or, pont*i*agudo, pr*i*vilégio, requ*i*sito, rést*i*a, S*i*gismundo, tereb*i*ntina, V*i*rgílio.

O ou u?

Com *o* e *u*, em posição átona, dada a identidade de pronúncia, ocorrem também dúvidas frequentes: p*o*lir ou p*u*lir? b*o*lir ou b*u*lir? Para facilitar sua tarefa, fui aos vocabulários e organizei a relação das palavras em que mais frequentemente se hesita na grafia dessas duas letras.

Com *o*: bant*o* (melhor que bant*u*), c*o*biça, c*o*mprimento (= extensão), eng*o*lir (e eng*o*limos, eng*o*lis), esg*o*elar-se, g*o*ela, mág*o*a, m*o*cambo, m*o*njolo, ób*o*lo, p*o*leiro, p*o*lir, R*o*mênia, r*o*meiro, s*o*rtimento, s*o*rtir (abastecer), trib*o*, z*o*ada, m*o*queca.

Com *u*: brux*u*lear, b*u*eiro, b*u*lir, burb*u*rinho, cam*u*ndongo (preferível a cam*o*ndongo), c*u*mbuca (preferível a c*o*mbuca), c*u*mprimentar, c*u*mprimento (saudação), c*u*ringa, c*u*rtir, c*u*rtume, c*u*tia (animal), entab*u*lar, estad*u*al, jab*u*ti, jab*u*ticaba, j*u*á, j*u*azeiro (e j*o*azeiro), L*u*anda, Man*u*el, man*u*elino, m*u*amba (preferível a m*o*amba), reb*u*liço, reg*u*rgitar (preferível a reg*o*rgitar), de s*u*petão, s*u*rtir (= resultar), tab*u*ada, tab*u*leiro, tab*u*leta, us*u*fruto, zul*u* (com a variante zul*o*).

Se me estendi muito neste capítulo, perdoe-me o leitor, mas não tenho culpa de a nossa ortografia não ser fonética...

6. O HÍFEN — TRACINHO TRAPALHÃO

O *hífen*, esse tracinho minúsculo também conhecido como *traço de união* (nome desprezado oficialmente porque nem sempre une, também separa), tem o seu emprego regulado (até recentemente, melhor seria dizer *des*regulado) pelas instruções do *Vocabulário* da Academia Brasileira de Letras; e, nas suas omissões, pela tradição, pela analogia e pelo bom-senso. O Acordo Ortográfico de 1990 trouxe muitas mudanças no uso do hífen, e deve-se estar muito atento a essas mudanças, que às vezes não parecem ser muito coerentes. Por exemplo, o *Vocabulário* registra *tique-taque* e *zigue-zague*, mas os verbos *tiquetaquear* e *ziguezaguear*.

Mas vamos aos hifens. Entre os seus préstimos, de todos conhecidos, alguns há que não trazem problemas:

1. Separa os pronomes átonos enclíticos ou mesoclíticos das formas verbais a que se referem: *pôr-se*, *dir-se-ia*.

2. Separa as sílabas (nem sempre rigorosamente) dos vocábulos que, no fim de uma linha, nela não couberam por inteiro: *cons-/ tru-/ ir* (mas *pas-sar*, *guer-ra*). Quando a palavra é composta com hífen, e este coincide com o fim da linha, recomenda-se repeti-lo no início da linha seguinte: *guarda-/ -chuva*.

3. Indica a supressão de parte de um vocábulo: “A palavra *esclarecer* é

formada do prefixo *es*-, do radical -*clar*-, do sufixo -*ec*- e da terminação -*er*.”; “As *macro*- e microrregiões.”

Outra das suas serventias é unir os elementos de uma palavra composta: *beija-flor, editor-proprietário, cor-de-rosa*.

O Acordo Ortográfico aboliu os hifens em locuções, a menos que expressem termos de botânica ou zoologia (nomes de plantas ou de animais), além das seguintes exceções: *água-de-colônia*, *arco-da-velha*, *cor-de-rosa*, *mais-que-perfeito*, *pé-de-meia*, *ao deus-dará*, *à queima-roupa*. E suprimiu o hífen, *juntando os termos*, nas seguintes palavras, antes compostas (também exceções, portanto): *girassol*, *mandachuva*, *madressilva*, *paraquedas* (e todas as suas derivadas), *passatempo* e *pontapé*. Nos demais casos, manteve-se o hífen (*marca-passo*, *tira-teima*, *monta-cargas*, *reco-reco*, *para-lama*, etc.).

Mas aqui já começam as dificuldades, pois nem sempre é pacífico entre os autores o que se deve considerar como “palavra composta”, diferente de “locução” e de “expressão”.

Em princípio, devem unir-se com hífen as palavras que no conjunto adquirem um novo sentido, como é o caso de termos do tipo *olho-d’água* (= “nascente”), *amor-perfeito* (nome de uma flor).

O Acordo Ortográfico, portanto, regula e limita a tendência de unir grupos de palavras “sentidos” como unidades de significação, tais como *ponto de vista*, *meio ambiente*, não registrados como compostos pelos dicionários nem pelo *Vocabulário* oficial,

Vale a pena anotar algumas palavras compostas, de várias classes, unidas pelo hífen:

I – SUBSTANTIVOS

> *boa-fé*, *má-fé*, *bom-senso*, *bom-tom*, *bem-estar*, *mal-estar*, *livre-câmbio*, *livre-arbítrio*, *lugar-comum*, *mais-valia*, *matéria-prima*, etc.

Entre os substantivos compostos convém lembrar os que designam plantas, em alguns dos quais figuram substantivos que de próprios se tornaram comuns (e portanto se escrevem com inicial minúscula). Como já foi mencionado, todos os termos compostos que designam espécies botânicas ou zoológicas levam hífen, mesmo que sejam locuções:

castanha-do-pará, *laranja-da-baía*, *lágrimas-de-nossa-senhora*, *palma-de-santa-rita*, *erva-doce*, *erva-de-passarinho*, *erva-de-santa-maria*, *capim-limão*, *beija-flor*, etc.

Outros são formados de verbo mais substantivo:

guarda-roupa, *mata-cavalo*, *para-brisa*, *quebra-pedra*, *para-raios*, *vira-casaca*, *bota-fora*, etc.

Alguns são formados de substantivo mais adjetivo (ou vice-versa):

alto-forno, *alto-relevo*, *amor-perfeito*, *baixo-relevo*, *baixa-mar* (O adjetivo está no feminino porque *mar*, antigamente, era desse gênero.), *dedo-duro*, *má-criação*, *mãe-benta*, *mau-caráter*, *mau-olhado*, *pão-duro*, etc.

Outros designam a soma dos componentes:

saia-calça, *claro-escuro*, *capitão-médico*, *editor-proprietário*, *dois-pontos*, *engenheiro-agrônomo*, etc.

Anote ainda estes:

tim-tim, *zum-zum*, *lufa-lufa*, *lusco-fusco*, *obra-prima*, *primo-irmão*.

II – ADJETIVOS

Além dos adjetivos compostos do tipo *anglo-americano*, *luso-brasileiro*, *surdo-mudo*, anote mais estes que se unem pelo hífen: *sem-par*, *sem-pulo*, *sem-sal*, *sem-vergonha*.

III – ADVÉRBIOS

assim-assim, *mal-mal*

IV – INTERJEIÇÕES

zás-trás!

OS PREFIXOS E O HÍFEN

O Acordo Ortográfico dirimiu algumas das dificuldades surgidas no uso do hífen, cujas regras oficiais implicavam várias contradições.

Quem escrevia ficava perplexo diante de incoerências como estas dos dicionários (que nisto seguiam o *Vocabulário* da Academia até a quarta edição): *co-interessado*, mas *coirmão*; *auto-sugestão* (com hífen para não se ter de usar dois *ss*), mas *hipossecreção* com dois *ss*, *semi-interno*, mas *antiinfeccioso*; *super-homem* e *anti-humano* (com hífen para conservar o *h*), mas *lobisomem* e *desumano* sem *h*; *semi-reta* e *auto-retrato* (com hífen para evitar os *rr* dobrados), mas *trirreme*, *microrregião* com os *rr* dobrados...

— Que bagunça esse negócio do hífen! — foi o protesto natural de Joãozinho durante uma aula, o que lhe valeu injusta reprimenda do professor.

Conta-se que, ao ser publicado em 1943 o *Pequeno Vocabulário* da Academia, o velho mestre do Colégio Pedro II, Prof. José Oiticica, justamente indignado com a falta de critério das regras sobre o hífen, desafiou o relator das Instruções e executor do *Vocabulário* a submeter-se a um ditado, o que evidentemente não foi aceito...

Mas para que você e o Joãozinho não fiquem perdidos nesse labirinto oficial, faço aqui uma tentativa de orientá-los com uma sistematização o quanto possível didática, seguindo as normas oficiais, em vigor desde janeiro de 2009, supostamente de conformidade com o Acordo Ortográfico de 1990, e normatizadas na 5ª edição do *VOLP* (*Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, da Academia Brasileira de Letras).

PREFIXOS E ELEMENTOS DE COMPOSIÇÃO TERMINADOS EM VOGAL

1.º GRUPO (15):

6 terminados em -*a*: *contra-*, *extra-*, *infra-*, *intra-*, *supra-*, *ultra-*;
2 terminados em -*e*: *ante-*, *sobre-*;
3 terminados em -i: *anti-*, *arqui-*, *semi-*;
4 terminados em -*o*: *auto-*, *neo-*, *proto-*, *pseudo-*.

REGRAS:

As palavras compostas com esses prefixos e elementos de composição só pedem o hífen quando o segundo elemento começa com a mesma vogal em que termina o prefixo ou elemento de composição, ou com *h*. Em todos os demais casos aglutinam-se com o segundo elemento. Quando a primeira letra do segundo elemento é *r* ou *s*, esta se duplica.

Exemplos:
contra-almirante, contra-historicismo, contrarrevolução, contrassenso;
extra-abdominal, extra-hospitalar, extrassensorial, extrarregimental;
infra-atômico, infra-humano, infrarrenal, infrassom;
intra-arterial, intra-hepático, intrarracial, intrassomático;
supra-auricular, supra-humanismo, suprarrenal, suprassumo
ultra-aquecido, ultra-hiperbólico, ultrarrápido, ultrassom;
ante-estreia, ante-histórico, anterrosto, antessala;
sobre-elevado, sobre-humano, sobrerroda, sobresselo;
anti-inflacionário, anti-histórico, antirrábico, antissocial;
arqui-inimigo, arqui-hipérbole, arquirrival, arquissacerdote;
semi-internato, semi-heresia, semirreta, semissilvestre;
auto-oxidante, auto-hipnose, autorretrato, autossuficiente;
neo-ortodoxia, neo-helênico, neorromantismo, neossimbolismo;
proto-orgânico, proto-história, protorromance, protossolar;
pseudo-osteose, pseudo-hérnia, pseudorraiva, pseudossábio.

Nas demais circunstâncias, pelas novas regras, não se emprega o hífen, e os prefixos ou elementos de composição se aglutinam com o elemento seguinte:

anteato
antediluviano
antiaéreo
antimilitarismo
arquiduque
arquioligarca
autoanálise
autobiografia
autocrítica
extraoficial
extraterritorial
infracitado
infraestrutura
infravermelho
intracraniano
intramuros
intraocular
intravenoso
pseudociência
pseudoetimologia
pseudoprofeta
semiárido
semibárbaro
semideus
semimorto
sobretaxa
sobreunha

autodefesa
autodidata
autolotação
contragolpe
contraindicado
contratorpedeiro
contraveneno
extrafino
extralinguístico
neoacadêmico
neoclássico
neocriticismo
neogramático
neolatino
neotomismo
protoevangelho
protomártir
protovértebra
supracitado
supramencionado
supraoccipital
ultraconservador
ultracorreção
ultraotimista
ultravioleta

OBS. 1: Confundindo o elemento de composição *auto-* com a redução homônima de *automóvel*, o *Vocabulário* engloba a ambos na mesma regra. Portanto: *autoestrada*, *auto-ônibus*, *autolotação*, *autoviação*.

OBS. 2: Nalgumas palavras, como *protorganismo*, o *o* final do prefixo se elide, dando-se a aglutinação; noutras, além da forma-íntegra, o *VOLP* consigna também a forma aglutinada: *pseudoartrose* e *pseudartrose*, *pseudoestesia* e *pseudestesia*, *pseudo-ofite* e *pseudofite*. Isso acontece também com outras composições, como *termoelétrico* e *termelétrico*, *eletroencefalograma* e *eletrencefalograma*, etc.

PREFIXOS E ELEMENTOS DE COMPOSIÇÃO TERMINADOS EM CONSOANTE

1° GRUPO (4):

4 terminados em *-r*: *ciber-*, *hiper-*, *inter-*, *super-*.

REGRA: Pedem o hífen apenas quando seguidos de *h* e *r*.

Exemplos:

super-homem, super-requintado; *inter-resistente, inter-hospitalar, hiper-realista, hiper-honesto, ciber-rede.*

Nos demais casos não se usa o hífen:

superabundante, superdotado, interestadual, internacional, hiperestesia, hipertrofia, ciberespaço, ciberpirata.

OBS. 1: O Acordo Ortográfico de 1990 menciona neste caso apenas *hiper-*, *inter-* e *super-*, no entanto, o uso frequente do elemento de composição *ciber-* em nossos tempos, referente ao campo da cibernética, justifica incluí-lo aqui.

OBS. 2: Poder-se-ia considerar também, dentro da mesma regra e com as mesmas aplicações, o pouco usado prefixo *nuper-*, que significa ‘recentemente’, ‘há pouco tempo’.

2º GRUPO (1): *mal-*.

REGRA: Pede o hífen quando seguido de *vogal* ou *h*.

> Exemplos: *mal-acabado, mal-agradecido, mal-assada, mal-assombrado, mal-educado, mal-estar, mal-humorado, mal-ajambrado.*

Nos outros casos não ocorre o hífen: *malcriado, malfazejo, malferido, malgrado, malmequer, malquerença, malquisto, malsão, malsoante, malversar, malvisto.*

3.º GRUPO (1): *bem-*.

REGRA: Emprega-se o hífen “quando forma com o elemento que se lhe segue uma unidade sintagmática e semântica”.

Exemplos:

bem-amado, bem-aventurado, bem-casado, bem-comportado, bem-educado, bem-humorado, bem-estar, bem-parecido, bem-soante, bem-falante, bem-vindo, bem-sucedido.

Mas: *bendito, bem-dizer* e *bendizer, benfeitor, benfeitoria, bem-querença* e *benquerença, bem-querer* e *benquerer, benquisto.*

Repare-se que *bem* e *mal*, usados como advérbio, numa frase, não se aglutinam, nem se separam com hífen:

“Gosto de carne *mal assada.*”

[Compare: “A *mal-assada* (= fritada de ovos) estava deliciosa.”]

“Um recado *mal entendido* não pode ser *bem transmitido*.”
[Compare: “Por um *mal-entendido* (= equívoco) quase houve uma tragédia.”]

“Traz os cabelos *bem* (ou *mal*) arranjados.”

4º GRUPO (2): *circum- e pan-*.

REGRA: Usa-se hífen quando o segundo elemento começa por *vogal*, *h*, *m* ou *n*.

Exemplos:

circum-escolar, *circum-hospitalar*, *circum-murado*, *circum-navegação*; *pan-americano*, *pan-helênico*, *pan-mediterrâneo*, *pan-nacional*.

Mas: *circumpolar*, *circumpolaridade*; *pangermânico*, *pantelegrafia*.

OBS.: Em muitos casos, o prefixo *circum-*, quando se aglutina com o segundo elemento, adquire a forma *circun-*: *circuncircular*, *circungirar*, *circunvizinhança*, *circunvolver*, etc.

5.º GRUPO (4):

4 terminados em *-b*: *ab-*, *ob-*, *sob-* e *sub-*.

REGRA: Pedem o hífen quando seguidos de elementos começados por *r* que inicie sílaba ou *b* (*VOLP*).

Exemplos:

ab-reação, *ab-reptício*, *ab-rogação*, *ab-rogar*, *ab-rogatório*; *ob-repção*, *ob-reptício*, *ob-rogação*, *ob-rogar*; *sob-roda*, *sob-rojar*; *sub-raça*, *sub-região*, *sub-reino*, *sub-rogar*; *sub-base*, *sub-borato*.

OBS. 1: O *VOLP* registra também, além de *ab-rupto*, a forma *abrupto*.

OBS. 2: O Acordo Ortográfico não inclui na regra para uso do hífen com os prefixos terminados em *b* a condição de que o segundo elemento comece com *h*. Especialmente no caso de *sub-* (o *VOLP* não registra ocorrências com os outros prefixos, a não ser *abhenry*), numa reação à repugnância que nos causam formas como *subepático*, *subumano*, *subumanidade, subirsuto, subíspido,* o *VOLP* registra igualmente *sub-hepático, sub-humano, sub-humanidade*, *sub-hirsuto*, *sub-híspido*. Não registra *suborizonte* nem *suborizontal* (mas sim *sub-horizonte* e *sub-horizontal*).

Sem o hífen noutros casos: *subauricular*, *subestelar, subintenção, subdiretor, subsecretário, subdesenvolvido, subperíodo,* etc.

6.º GRUPO (1): *ad*-.

REGRA: É seguido de hífen quando antes de *r* que inicie sílaba ou *d*: *ad-digital*, *ad-referendar, ad-renal, ad-rogar* (e derivados), *ad-rostral*.

PREFIXOS QUE SEMPRE SE SEPARAM PELO HÍFEN

Consagrados pelo uso com o hífen, assim conserva o Acordo Ortográfico de 1990 os seguintes prefixos: *além*-, *aquém*-, *recém*-, *ex*- (“com o sentido de cessamento ou estado anterior”); *vice*- e seu sinônimo arcaico *vizo*-; *sota*- e *soto*-; *pós*-, *pró*- e *pré*- (quando acentuados); *sem*-.

Exemplos:

> *além-fronteiras*, *além-mar*, *além-túmulo*; *aquém-fronteiras*; *recém-casado*, *recém-chegado*, *recém-nascido*, *recém-vindo*; *ex-aluno*, *ex-deputado*, *ex-diretor*, *ex-presidente*; *vice-almirante*, *vice-presidente*, *vizo-rei*; *sota-capitânia*, *sota-piloto*, *sota-vento*; *soto-soberania*; *pós-datar*, *pós-dorsal*, *pós-glacial*, *pós-operatório*; *pró-democracia*, *pró-soviético*; *pré-agônico*, *pré-aviso*, *pré-escolar*, *pré-histórico*, *pré-natal*, *pré-nupcial*, *pré-romano*; *sem-cerimônia* (s.f.), *sem-deus*, *sem-dita*, *sem-fim*, *sem-fio*, *sem-justiça* (s.f.), *sem-modos*, *sem-nome*, *sem-número*, *sem-par*, *sem-partido*, *sem-pátria*, *sem-pudor*, *sem-razão* (s.f.), *sem-sal*, *sem-termo*, *sem-trabalho*, *sem-vergonha*, *sem-vergonhez*(*a*), *sem-vergonhice*, *soto-por*.

Não faltam as exceções: *alentejano* (de *Alentejo*), *sotaventear*.

Repare-se ainda que, referidos a substantivos próprios, *além* e *aquém* se escreviam separadamente, “porque não constituem unidade semântica” (*Formulário Ortográfico*, § 49, 2°, obs. 1.ª), Exemplos: *além Andes*, *aquém Atlântico*. Mas o Acordo Ortográfico de 1990 (Base XV, 5º) modificou essa regra, e exemplifica: *além-Atlântico*, *aquém-Pireneus*. Entretanto, *Alentejo* se escreve aglutinado.

Quanto a *pos-*, *pre-* e *pro-* inacentuados, é preciso advertir se a palavra que se compõe de um desses prefixos é ou não antiga na língua: se for antiga, o prefixo é átono e aglutinado ao radical: *pospasto*, *pospor*, *pospositivo*; *preanunciar*, *preconceber*, *predestinar*, *predizer*, *predomínio*, *preestabelecer*, *preexistente*, *prefigurar*, *pregustar*, *prenunciar*, *pressentir*, *pressupor*, *pretônico*, *prever*, *previsível*; *procônsul*, *propugnar*, *prorrogar*, *prorromper*. Observe-se que o *VOLP* registra, sem qualquer esclarecimento, *preocupação* e *pré-ocupação*, *pretônico* e *pré-tônico*.

PREFIXOS CO- *E* RE-

Antes do Acordo Ortográfico e da publicação da quinta edição do *VOLP*, era difícil ter uma orientação clara quanto ao emprego do hífen nos compostos com o prefixo *co-*. O *Pequeno Vocabulário* não formulava qualquer regra a seu respeito nas “Instruções”: limitava-se a registrar, com ou sem hífen, os vocábulos dele formados. E a primeira impressão era de perplexidade: *co-administrar*, *coadquirir*, *co-educação*, *coexistência*, *co-inquilino*, *coirmão*, *co-herdar*, *colimitar*, *co-participar*, *coonestar*, *co-responsável*, *correligionário*, etc.

O *Vocabulário* da Academia das Ciências de Lisboa, em que se baseara o nosso, tentava uma justificação teórica:

“É seguido de hífen, por ter evidência semântica especial, quando, com o sentido de *a par*, se liga a elementos morfologicamente individualizados.” Como se vê, de pouco nos servia a regra. Parece-nos que a antiguidade do termo na língua, e o consequente uso aglutinado, é que norteara os vocabularistas dalém e daquém-mar. No *VOLP* há uma predileção avassaladora para a aglutinação do prefixo *co-*:

coabitar
coagente
coagir
coagregar
cofiador
cofundador
cogerir
coigualdade
coobrigar
coocupar
cooficiar
coonestar

coaluno
coaquisição
coarrendatário
coarticulação
coassociado
coautor
coavalista
cobeligerante
cocredor
codelinquente
codemandante
codescobrir
codevedor
codialeto
codiretor
codonatário
coedição
coeditor
coeducação
coeleitor
coequação
coerdar
coerdeiro
coessência
coestaduano
coeterno
coexistência
coextensão
coincidir
coindicar
coinquilino
coirmão
coadquirir
cointeressado
colateral
colatitude
colegatário
coleitor
colíder
coliderança
coligação
coligar
colimitar
colitigante
colocutor
cologaritmo
colongitude
comandante
comandatário
comediador
comensurável
cominístro
conacional
conotação
conotar
coobrigação
cooposição
coopositor
cooptar
coparceiro
coparticipar
copartícipe
coperíodo
copiloto
coprocurador
coprodução
coprodutor
corradical
corredator
correferir
corregente
correger
correlacionar
correlatar
correligionário
corresponsável
corréu
cossecante
cosseguro
cosseno
cossignatário
cotutela
cotutor
coutente

O Acordo Ortográfico e a subsequente publicação do *VOLP* propiciaram uma solução simples e inequívoca – como deviam todas ser – tanto para o uso do *co-* como para o uso (não mencionado no Acordo) do *re-*. Simplesmente, esses prefixos *nunca* serão seguidos de hifens e *sempre* se aglutinarão, qualquer que seja o caso. Até mesmo como exceção às regras que preconizam o hífen quando seguido de *h* ou de vogal idêntica àquela com que termina o prefixo. Mantém-se, nos dois casos, a regra de duplicação de *r* e de *s*.

Então:

> *coexistência*, *copiloto*, *coerdeiro* (e não *co-herdeiro*), *coobrigação* (e não *co-obrigação*); *correlação, cosseno*; *reorganização, refazimento*, *reospitalização* (e não *re-hospitalização*), *reerguimento* (e não *re-erguimento*), *rerratificar*, *resserrar*.

Se todas as regras e usos fossem coerentes assim, como seria fácil escrever corretamente...

Paralelamente à aplicação das regras do Acordo Ortográfico, de acordo com a quinta edição do *Vocabulário*, os elementos de composição *ântero-*, *ínfero-*, *póstero-* e *súpero-* perderam o hífen e o acento, e se aglutinaram, como nos exemplos abaixo:

> *ântero-inferior* (passou a *anteroinferior*), *ântero-interior* (agora *anterointerior*), *ântero-interno* (*anterointerno*), *ântero-lateral* (*anterolateral*), *ínfero-anterior* (*inferoanterior*), *ínfero-exterior* (*inferoexterior*), *ínfero-interior* (*inferointerior*), *ínfero-lateral* (*inferolateral*), *ínfero-posterior* (*inferoposterior*), *ínfero-súpero* (*inferossúpero*), *póstero-exterior* (*posteroexterior*), *póstero-inferior* (*posteroinferior*), *póstero-superior* (*posterossuperior*), *súpero-exterior* (*superoexteterior*), *súpero-interior* (*superointerior*), *súpero-posterior* (*superoposterior*), etc.

PREFIXOS E ELEMENTOS DE COMPOSIÇÃO QUE NUNCA ADMITEM O HÍFEN

Depois de estabelecer regras e contrarregras a respeito de quando se utiliza o hífen com tais e tais outros prefixos, o *VOLP* consigna sem hífen, em qualquer circunstância, os compostos com uma série de prefixos, e numerosos radicais usados apenas como elementos de composição. Tais são:

1. Prefixos quantitativos e numerais: *uni-*, *mono-*, *bi-*, *di-*, *tri-*, etc.; *multi-*, *pluri-*, *ambi-*, *poli-*, *anfi-*, *hemi-* e alguns mais;

2. Prefixos que não constam das relações anteriores, como: *apo-*, *cata-*, *dia-*,

endo-, *hipo-*, *meta-*, *para-*, *retro-*;

3. Radicais latinos e gregos usados em composição, como, por exemplo: *aero-*, *agro-*, *alo-*, *antropo-*, *audio-*, *auri-*, *bio-*, *braqui-*, *caco-*, *cefalo-*, *cardio-*, *cloro-*, *cromo-*, *denti-*, *dermo-*, *electro-*, *equi-*, *ferro-*, *fibro-*, *filo-*, *fito-*, *fono-*, *foto-*, *geo-*, *hetero-*, *hidro-*, *homo-*, *iso-*, *linguo-*, *macro-*, *medio-*, *meso-*, *micro-*, *mini-*, *morfo-*, *neuro-*, *oftalmo-*, *oleo-*, *paleo-*, *psico-*, *radio-*, *socio-*, *tele-*, *termo-*, *zoo-*, etc.

Alguns exemplos:

unissexual
monorrítmico
bissemanal
biebdomadário
dissílabo
trirreme
retrovisor
aeroespacial
hidrossolúvel
homorgânico
homossexual
isossilábico
linguidental ou
linguodental
macroeconomia
macrorrino
mediopalatal
mesorrino
microeconomia
microrregião
microssulco
aerofotogrametria
agroindústria
agropastoril

multirradiado
plurisseriado
ambisséxuo
polissíndeto
anfiteatro
hemissecção
cacorritmia
cefalorraquidiano
cardiorrenal
cardiovascular
cloroanemia
clorossulfato
cromofotografia
cromossoma
minissaia
morfo(e)strutura
morfofonêmico
morfossintaxe
neurossífilis
oftalmorragia
oleorricinato
paleozoologia
psicopatológico
psicossocial

apossínclise
catatermômetro
endovenoso
hipossecreção
metapsíquico
parassintético
radiotelefonia
fibrorradiado
fibrossedoso
filarmônico
filossoviético
fitogeografia
fonorreceptor
fotocomposição
fotossíntese
geossinclinal
heteroinfe(c)ção
heterorgânico
hidroelétrico ou hidrelétrico
radiouvinte
radiumeral
sociocultural
socioeconômico

agropecuário
alorritmia
antropogeografia
antropossocial
audiovisual
audiosseletividade
aurirrubro
bioestatística
braquirrino
psicossomático
radiotécnico
dentilabial ou dentolabial
dentirrostro
dermorreação
ele(c)trossíntese
equissonância
ferrossilício
sociolinguístico
sociopolítico
teleimpressão
telessismógrafo
termoelétrico ou termelétrico
termonuclear
termorreação
zoogeografia

Se você teve paciência de acompanhar-me até aqui, parabéns! Merece um doce...

Mas, como não há memória que grave todas as regras e contrarregras sobre o emprego do hífen, consulte sempre, na dúvida, um dicionário recente, como, por exemplo, atualizado pela nova ortografia, o *Minidicinário Contemporâneo Caldas Aulete*.

7. DÚPLICES E TRÍPLICES: HÁ PALAVRAS COM MAIS DE UMA FORMA CORRETA

O uso — que faz a norma — ainda não fixou definitivamente a forma de certos vocábulos; e, enquanto ocorrer mais de uma pronúncia autorizada, é arbitrário exigir o emprego de determinada variante.

Em razão disso, o *VOLP* consigna numerosas dessas variações possíveis, algumas das quais relaciono a seguir.

1. Um dos casos resulta da pronúncia facultativa de certas consoantes (por exemplo, *contacto*, também proferido *contato*, ambas as formas igualmente boas). Aqui vai uma extensa lista desses vocábulos:

(Registro em primeiro lugar a forma que considero — ou que o *Vocabulário* oficial considera — preferível.)

acessível / accessível
aspecto / aspeto
cepticismo / ceticismo
céptico / cético
conjectura(r) / conjetura(r)
contráctil / contrátil
corrupção / corrução
corruptela / corrutela
laticínio / lacticínio
netuniano / neptuniano
occipital / ocipital
optimizar / otimizar
ótica / óptica
ótimo / óptimo
perspectiva / perspetiva
prospecção / prospecto

corruptível/ corrutível
corrupto / corruto
der(r)elicto / der(r)elito
eréctil / erétil
espectro / espetro (e seus vários compostos, como *espectroscópio* / *espetroscópio*)
estrito / estricto
estupefação / estupefacção
estupefato / estupefacto
excepcional / excecional
expectativa / expetativa
inacessível / inaccessível
indene / indemne
infecção / infeção
infeccioso / infecioso
inspeção / inspecção
inspecionar / inspeccionar
insurrecto / insurreto
intelecto / inteleto
interjectivo / interjetivo
jactancioso / jatancioso
jactar-se / jatar-se
láctico / lático

prospecto / prospeto
retrátil / retráctil
seção / secção
secionar / seccionar
septuagenário / setuagenário
setenal / septenal
setilha / septilha
/setissílabo / septissílabo
setor / sector
sintático / sintáctico
suntuosidade / sumptuosidade
suntuoso / sumptuoso
sutil / subtil
sutileza / subtileza
táctil / tátil
tatilidade / tactilidade
tectônica / tetônica
transacto / transato
súdito / súbdito
suscetibilidade / susceptibilidade
suscetível/susceptível
vindita / vindicta
voluptuoso / volutuoso

São igualmente dúplices as numerosas palavras em que entram os radicais *dactil-* e *electr-*, que mais comumente se escrevem sem o *c*, quando de uso geral:

datilografia / dactilografia
dactiloscopia / datiloscopia
electrocardiograma / eletrocardiograma
eletrólise / electrólise
pterodáctilo / pterodátilo

2. Outra ocasião de ocorrência de formas duplas e triplas está na faculdade de proferir ou não determinada vogal átona, que pode ser absorvida pela sua vizinha. Alguns exemplos:

atomoelé(c)trico atomelé(c)trico
cerebrospinal / cérebro-espinhal / cerebrespinhal
ele(c)troacústico / ele(c)tracústico
geo-história / geistória
hidroálcool / hidrálcool
hidroavião / hidravião
hidroelé(c)trico / hidrelé(c)trico
hidroenergia / hidrenergia
hipoacusia / hipacusia
inferovariado / ínfero-ovariado
macroestrutura / macrostrutura / macrestrutura
microestrutura / microstrutura / micrestrutura
microrganismo / micro-organismo
proto-evangelho / protevangelho
pseudo-artrose / pseudartrose
pseudestesia / pseudo-estesia / pseudostesia
termoelé(c)trico / termelé(c)trico
termoestável / termostável / termestável

3. Um terceiro caso é provocado pela possibilidade de variar a posição da sílaba tônica:

acrobata / acróbata
albuminúria / albuminuria (e outros compostos com o radical -*úria*)
andreólito / andreolito (e outros compostos com o radical -*lito*)
cerebromalacia / cerebromalácia (e outros compostos com o radical -*malacia*)
duplex / dúplex
estereótipo / estereotipo
nefelibata / nefelíbata
neurópata / neuropata (e outros compostos com o radical -*pata*)
ortoepia / ortoépia
projetil / projétil (e o seu plural *projetis* / *projéteis*)
quadruplex / quadrúplex / quádruplex
réptil / reptil (e o seu plural *répteis* / *reptis*)
triplex / tríplex
xerox / xérox

4. Cabe lembrar também a alternância dos ditongos *oi/ou* em numerosas palavras, como por exemplo:

açoite / açoute
coisa / cousa
louro / loiro
mourão / moirão

5. Têm forma dupla, também, uns poucos nomes de uso culto terminados em -*n* e -*is*, com variantes sem o -*n* e em -*e*, mais usadas; sirvam de exemplo:

abdômen / abdome
albúmen / albume
alúmen / alume
gérmen / germe
regímen / regime
êxtasis / êxtase
parêntesis / parêntese

6. Não se podem esquecer alguns plurais duplos e triplos de nomes terminados em -*ão*, como *guardiães* / *guardiões*, *aldeãos* / *aldeões* / *aldeães*. A tendência popular, nestes casos, é decidir pelo plural mais frequente, em -*ões*, que se adota, aliás, para as palavras introduzidas mais recentemente na língua, como exemplificam *vagões* e *cormorões*.

8. AS MAIÚSCULAS, A REVERÊNCIA E A TRADIÇÃO

Depois da invenção da imprensa, foram-se estabelecendo normas para o emprego das iniciais maiúsculas, nem sempre uniformes de língua para língua. (Uma delas, o alemão, chega ao exagero de escrever com inicial maiúscula TODOS os substantivos.)

Muito ligado a esse uso está o respeito que sempre mereceram os superiores, por parte dos que se situavam em nível social inferior.

Assim, a tradição escrita da nossa língua registra, em tempos menos remotos, a maiúscula nos nomes que designam altos cargos civis — começando com o Rei ou o Imperador, até, descendo na hierarquia, o Duque, o Conde, o Marquês, o Barão — ou religiosos: Papa, Cardeal, Arcebispo, Bispo.

Essa maiusculização estendeu-se às “formas de tratamento” criadas para os ocupantes desses cargos, tanto no tratamento direto, de 2.ª pessoa (Vossa Majestade, Vossa Alteza, Vossa Excelência, Vossa Senhoria; Vossa Santidade, Vossa Reverendíssima), quanto no indireto, de 3.ª pessoa (Sua Majestade, Sua Alteza, Sua Excelência, etc.), inclusive quando abreviadas (S.M., V.Ex.ª, etc.).

Modernamente, cada língua possui suas normas, e os formulários ortográficos, baseados na tradição, muitas vezes hesitante, dos escritores mais próximos de nós, fixaram regras, um tanto incompletas, para o emprego das maiúsculas iniciais.

(Machado de Assis, por exemplo, geralmente escrevia “câmara dos deputados”, ou “senado”, ou “ministério da agricultura”, ou “imperador” com iniciais minúsculas.)

Algumas das regras oficiais são tão evidentes que nem precisam ser lembradas: todos sabem, por exemplo, que se usa inicial maiúscula em seguida a um ponto. Mas surge a dúvida se a palavra vem depois de dois-pontos.

Nesse caso, deve ser maiúscula a inicial quando se trata de uma citação direta, entre aspas. Um exemplo:

> Foi Machado de Assis quem escreveu: “O mistério é o encanto da vida.”

Mesmo que não venha precedida de dois-pontos, a frase entre aspas recebe inicial maiúscula:

> Quando escreveu que “O mistério é o encanto da vida.”, Machado de Assis estava definindo o seu processo criador.

Todos sabem igualmente que os nomes próprios se escrevem com inicial maiúscula. Essa expressão “nomes próprios” engloba (segundo critérios nem sempre unânimes):

1. Nomes de pessoas (antropônimos), incluindo-se alcunhas:

> O sonho de Alexandre, o Grande, era dominar o mundo.

2. Nomes de entidades sagradas, religiosas, mitológicas:

> Deus, Alá, Jeová, Tupã, Júpiter, Espírito Santo, Nossa Senhora, etc.

É da tradição religiosa usar maiúscula inicial nos pronomes referentes a Deus e a Maria:

> A Ele rogamos e nEle confiamos.
> A Ti (ou a Vós, a Ela) recorremos.

3. Nomes de lugares (países, cidades, etc.), regiões geográficas, topônimos (mares, rios, lagos, montanhas, etc.); linhas geográficas imaginárias; logradouros públicos:

> A Espanha e Portugal, situados na Península Ibérica, estão separados do restante da Europa pelos montes Pireneus.
>
> O Ocidente e o Oriente devem lutar por uma coexistência pacífica.
>
> O Parque do Flamengo e a Quinta da Boa Vista são duas das maiores áreas verdes do Rio de Janeiro.
>
> O Trópico de Capricórnio passa perto da cidade de São Paulo.
>
> A Rua da Quitanda é dos poucos logradouros que conservam seu nome antigo.

OBS.: Há quem preconize que os termos (em nomes de lugares) que indicam o tipo de lugar, acidente geográfico etc. têm inicial minúscula: parque do Flamengo, rua da Quitanda, praça da Liberdade etc.). Genericamente, isso implica que os nomes comuns que acompanham os nomes próprios de acidentes geográficos escrevem-se com minúsculas: o canal do Panamá, a ilha da Madeira, o rio Amazonas, a península Ibérica, o cabo da Boa Esperança, etc.

4. Nomes de astros, em sentido amplo:

> O Sol, estrela de 5.ª grandeza, pertence à galáxia da Via Láctea, e à sua volta giram, além da Terra, mais oito planetas, o maior dos quais é Júpiter.
>
> O homem já pisou na Lua.

Quando usados fora do contexto astronômico, *Sol* e *Lua* se escrevem com minúsculas: banho de sol, namorar à luz da lua.

5. Nomes de eras e períodos históricos, épocas e eventos notáveis:

> A Héjira (ou Hégira), a Idade Média, o Renascimento, o Quinhentos (século XVI), a Idade Moderna, a Revolução Francesa, a Revolução Industrial, a Grande Depressão, a Segunda Guerra Mundial, a Proclamação da República, etc.

Neste item devem incluir-se, com toda a razão, os nomes de movimentos estéticos, filosóficos, políticos, doutrinários, etc., embora muitos, imitando os franceses, não sigam este preceito:

> O Classicismo, o Iluminismo, o Romantismo, o Positivismo, o Cristianismo, a Reforma e a Contrarreforma, o Nazismo e o Fascismo, o Marxismo, etc.

6. Títulos de livros, jornais, revistas e produções do intelecto humano, que tradicionalmente se escrevem em tipo diferente, o grifo:

> Entre as obras-primas da literatura universal têm lugar de relevo a *Ilíada* e a *Odisseia* de Homero, a *Eneida* de Virgílio, a *Divina Comédia* de Dante, o *Dom Quixote* de Cervantes, *Os Lusíadas* de Camões, o *Paraíso Perdido* de Mílton.
>
> Com as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* se inicia a segunda fase da obra de ficção de Machado de Assis; à sua primeira fase pertencem *A Mão e a Luva*, entre outros romances, e *Contos Fluminenses* e *Histórias da Meia-Noite*.
>
> A *Nona Sinfonia* de Beethoven; *As Bodas de Fígaro* de Mozart; *A Adoração dos Magos* de Leonardo da Vinci.

Embora este preceito seja de lei, muitos não o seguem, especialmente no campo da Biblioteconomia, a pretexto de uma pretensa uniformidade nas várias línguas. Neste caso, seriam em maiúscula as palavras iniciais e, naturalmente, os nomes próprios: *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Para falar e escrever melhor o português, Dicionário analógico*, etc.

7. Nomes de instituições públicas e privadas, agremiações, partidos políticos e congêneres:

> Ministério da Educação, Academia Brasileira de Letras, Organização das Nações Unidas, Sociedade Protetora dos Animais, Partido Socialista, Partido Democrático, Fundação de Assistência ao Estudante, Lexikon Editora Digital, Fundação Casa de Rui Barbosa, etc.

8. Altos conceitos religiosos, nacionais e políticos:

> A Igreja, a Pátria, a Nação, o Estado, a Democracia, o Exército, a

> Marinha, a Aeronáutica, o Império, a República, o Congresso Nacional, o Senado, a Câmara, etc.

Quando usados em sentido geral ou indeterminado, esses nomes se escrevem com inicial minúscula:

> Costa Rica, pequena república da América Central, beneficia-se de um dos mais altos níveis de vida da América Latina. — A democracia pode existir tanto numa república quanto numa monarquia.

9. Nomes de “artes, ciências ou disciplinas, bem como os que sintetizam, em sentido elevado, as manifestações do engenho e do saber”:

> Astronomia, Economia, Informática, Engenharia; Direito, Medicina, História, Letras, Artes, Ciências Humanas, etc.

10. Nomes de festas religiosas:

> Epifania, Páscoa, Quaresma, Ascensão, Natal, etc.

11. Substantivos comuns tornados próprios por personificação ou individuação, e seres morais ou fictícios:

> A Antiguidade, o Amor, o Ódio, a Saudade; a Corte, a Capital, o Poeta (Camões); o Lobo e o Cordeiro, a Cigarra e a Formiga; etc.

12. Nomes que designam altos cargos, dignidades ou postos:

> Presidente da República, Governador, Prefeito; Papa, Cardeal, Arcebispo, Bispo; Embaixador, Chanceler, Ministro, Primeiro-Ministro; Rei, Imperador, Príncipe, Princesa, Duque, Conde, Marquês, Barão, etc.: “O Presidente Kennedy foi assassinado.” — “O Duque de Wellington venceu Napoleão em Waterloo.” “O Conde d‘Eu casou com a Princesa Isabel”

13. Nas expressões de tratamento e reverência, inclusive quando abreviadas, e nos títulos que as acompanham:

> Sr., Dr., DD. ou Dig.^{mo}, Exmo, V.S.ª, V.Ex.ª, Rev.; Magnífico Reitor, Sr. Diretor, MM. Juiz de Direito, Sua Alteza Real o Príncipe X, etc.

> “ S. Ex.ª O Ministro da Cultura visitou a Casa de Rui Barbosa.”

Esta norma é frequentemente desrespeitada, porém.

9. ACENTO NO *À*: A CRASE

Já se disse (e tem-se repetido) que “a crase não foi feita para humilhar ninguém”.

Isso reflete, sem dúvida, as lembranças nada agradáveis do tempo de estudante, com a humilhação de notas baixas causadas ou pela falta ou pela presença indevida de acento grave no *a*, usado para indicar a CRASE.

Mas o que vem a ser *crase*? Essa palavrinha de origem grega quer dizer “fusão”, ou seja, “mistura”. Por exemplo, quando digo “Beatriz é um*a* alun*a* *a*plicada.”, o *a* final de *uma* se mistura com o *a* inicial de *aluna*, e o *a* final de *aluna* se funde com o *a* inicial de *aplicada*: nessa frase houve, na fala, duas crases que não se assinalam na escrita, onde os dois *aa* permanecem.

Nesta outra frase: “Não deu atenção a este nem *a a*quele aviso.”, faz-se crase, na fala, entre a preposição *a* e o *a* inicial do pronome *aquele*. E neste caso é costume, hoje, escrever apenas o segundo *a*, e marcar a crase com acento grave: “Não deu atenção a este nem ***àquele*** aviso.” O mesmo ocorre com *aquela* e *aquilo* (que, antecedidos da preposição *a*, formam crase e se escrevem *àquela*, *aquilo*).

Além deste primeiro caso de crase marcada na escrita, há outro mais comum: quando a preposição *a* (que se usa depois de certos verbos e nomes) se junta, numa frase, com o artigo feminino *a* (ou seu plural *as*), que se usam antes de muitíssimos substantivos femininos, como “*a* Faculdade”, “*a* Bahia”, “*as* conclusões do inquérito”, etc.

Assim, numa frase como “— Você já foi *à* Bahia?”, o *a* se acentua porque o nome feminino *Bahia* se usa com o artigo *a* (“*a* Bahia”), e *foi*, forma do verbo *ir*, é seguida da preposição *a*, como na frase “Você já foi *a*o Pará?” [Observe que, sendo *Pará* do gênero masculino, vem antecedido do artigo masculino *o*, que se junta, ***mas não se mistura***, com a preposição *a*, dando a combinação *ao*.]

Se não houver preposição, ou se o nome feminino ***não se usa*** com artigo, não haverá dois *aa*, não haverá crase, e portanto o *a* não se acentua: "*A* Bahia tem muitos encantos." [Esse *a* é simples artigo.]; "Você já foi *a* Brasília?" [*Brasília*, embora do gênero feminino, não se usa com artigo: "*Brasília* (e não *A Brasília*) tem uma arquitetura original."; "Estive *em* Brasília." (e nunca *na Brasília*).]

Veja outros exemplos:

a) "Dirigiram-se *à* Faculdade." [O verbo *dirigir-se* pede preposição *a*, e o substantivo feminino *Faculdade* vem precedido do artigo *a*, tal como *colégio* tem o artigo *o* ("Dirigiram-se *ao* colégio.")]

b) "*A*s conclusões do inquérito foram satisfatórias." [O *a* de *As* não se acentua porque não há crase: *as* é apenas artigo feminino plural.]

c) "Todos ficaram atentos *às* conclusões do inquérito." [*O a* de *às* leva acento porque houve crase: o adjetivo *atentos* pede a preposição *a*, e o substantivo feminino *conclusões* se usa aí com o artigo feminino do plural *as*.]

É preciso observar, ainda, que às vezes o substantivo feminino vem oculto, subentendido:

"Prefiro a Universidade Federal *à* Estadual." [Antes de *Estadual* subentende-se *Universidade*.]

"Não aderiu à proposta dos patrões, mas *à* do Sindicato." [Antes da contração *do* subentende-se *proposta*.] (Em casos como este, quando o substantivo feminino vem subentendido, *a* e *as* não se classificam como artigo, que vem sempre acompanhando um substantivo, mas como pronome demonstrativo.)

Depois desta introdução necessária, um fato importante deve ser fixado antes de mais nada:

A não ser no primeiro caso que examinamos (preposição *a* + *aquele* (ou *aquela*, ou *aquilo*), do que resultam as escritas *àquele*, *àquela*, *àquilo*), só É POSSÍVEL A CRASE QUANDO SE JUNTAM, NUMA FRASE, A PREPOSIÇÃO *a* E O ARTIGO FEMININO OU O PRONOME DEMONSTRATIVO FEMININO *a*, PLURAL *as*.

E como essas duas formas do artigo ou pronome só ocorrem antes de (ou substituindo) substantivos FEMININOS (no caso do pronome, ocultos por estarem subentendidos), fica-nos fácil estabelecer os casos em que NÃO PODE haver crase, e em que, portanto, NÃO se acentua o *a*: Veja o quadro da página 61.

A CRASE FACULTATIVA

Em alguns casos, pelo fato de ser opcional o uso do artigo antes de certas palavras femininas, também será facultativa a crase, se ocorrer a preposição *a*.

1. Antes dos pronomes possessivos *minha*(*s*), *tua*(*s*), *sua*(*s*), *nossa*(*s*), *vossa*(*s*), fica ao gosto do falante usar ou não o artigo *a*, *as*: tanto é correto dizer "*Minha* terra tem palmeiras.", sem artigo, como "Vou cantar *a minha* terra.", com artigo *a* (tal como é indiferente dizer "*meu* país" ou "*o meu* país").

"Voltarei afinal *a* minha terra." (tal como "*a* meu país"), ou "Voltarei afinal *à* minha terra." (tal como "*ao* meu país").

"Prestava atenção *a* sua voz." (como "*a* seu canto"), ou "Prestava atenção *à* sua voz." (como "*ao* seu canto").

"Aderiu *a* nossa campanha." (como "*a* nosso partido."), ou "Aderiu *à* nossa campanha." (como "*ao* nosso partido").

2. Conforme o gosto, a intimidade, ou a região do falante, é variável o uso do artigo *a* antes de substantivos próprios femininos de pessoa: *Maria*, ou *a Maria* (tal como *João* ou *o João*).

Por esse motivo, é também variável a ocorrência de crase antes dos nomes próprios personativos *femininos*, quando precedidos da preposição *a*:

"Quando morreu Carolina, sua esposa, Machado de Assis dedicou-lhe admirável soneto, intitulado '*A* Carolina'."

"Abraços *à* Diana." (Presume-se intimidade.) "Deu uma lembrança *a* Catarina, sua secretária."

3. Num outro caso, a existência da variante *até a* para a preposição *até*, em muitos casos indiferente, torna opcional a crase, quando essa preposição vem seguida de *a*, *as* ou de *aquele*(*s*), *aquela*(*s*), *aquilo*:

"Ora ia *até* A (ou À) janela da esquerda, ora até A (ou À) da direita."

"Foi *até* AS (ou ÀS) últimas consequências."

"*Até* A (ou À) vista!"

“O homem já foi *até* A (ou À) Lua.”

QUADRO-RESUMO DOS CASOS EM QUE *NÃO* SE ACENTUA O *A*

CASOS	EXEMPLOS
1.º – Antes de substantivos masculinos: EXCEÇÃO: Quando se subentende *à moda* (*de*); *à maneira* (*de*); *faculdade*, *universidade*, *empresa*, *companhia*:	andar *a* pé; máquina *a* vapor; vendas *a* prazo; caminhões *a* frete; dinheiro *a* rodo; viagem *a* Portugal e *a* São Paulo; *a* João da Silva. Poeta *à* Olavo Bilac; Vestir-se *à* Pierre Cardin; Requereu um diploma *à* Cândido Mendes; Conceder privilégio *à* Volkswagen.
2.º – Antes de verbo:	demorou *a* chegar; aprendeu *a* ler; condições *a* combinar; caso *a* estudar; *a* transportar; *a* recolher.
3.º – Antes do artigo indefinido *uma* e dos pronomes que não admitem o artigo *a* (pessoais, de tratamento, indefinidos, demonstrativos, relativos *que*, *quem*, *cujo*):	Não me submeto *a* uma exigência dessas; *a* mim; *a* ela; *a* si; *a* V.S.ª; *a* V. Ex.ª; *a* nenhuma parte; *a* cada uma; *a* qualquer hora; *a* uma hora qualquer; *a* ninguém; *a* nada; *a* certa hora; *a* essa hora; *a* quem respeito; *a* cuja autoridade me submeto; *a* que me refiro.
4.º – Antes de numerais:	de 11 *a* 20; de 1939 *a* 1945.
5.º – Entre substantivos iguais:	face *a* face; gota *a* gota; de parte *a* parte; corpo *a* corpo.
6.º – Quando está sozinho antes de palavra no plural:	*a* obras; *a* matérias difíceis; *a* pessoas ilustres; *a* considerações variadas; *a* conclusões favoráveis; *a* forças ocultas.
7.º – Antes de *Nossa Senhora* e de nomes de santas:	Apelava *a* Nossa Senhora e *a* Santa Bárbara.
8.º – Depois de preposições (*ante*, *após*, *com*, *conforme*, *contra*, *desde*, *durante*, *entre*, *mediante*, *para*, *perante*, *sob*, *sobre*, *segundo*):	ante *a* evidência; após *as* aulas; conforme *a* ocasião; contra *a* maré; desde *a* véspera; durante *a* aula; entre *as* árvores; mediante *a* força; para *a* paz; perante *a* sociedade; sob *a* fiscalização; sobre *a* questão do petróleo; segundo *a* lei.
9.º – Antes da palavra *casa* quando se refere ao próprio lar:	Voltou *a* casa a fim de apanhar dinheiro para ir *à* Casa Matos.
10.º – Antes da palavra *terra* quando se opõe a *bordo*:	Logo que o navio atracou, os marujos desceram *a* terra.
11.º – Quando, antes de substantivo feminino, se subentende o artigo indefinido *uma*:	Estava entregue *a* terrível depressão; Procedeu-se *a* minuciosa busca.
12.º – Antes de nomes de lugar que não admitem o artigo *a*:	Fui *a* Brasília, *a* Fortaleza, *a* Belém, *a* Natal, *a* Recife, *a* Maceió, *a* Roma, *a* Paris, *a* Lisboa, *a* Londres, *a* Roraima.

AS LOCUÇÕES FORMADAS COM SUBSTANTIVOS FEMININOS

Existem em nossa língua numerosas locuções (adverbiais, prepositivas e conjuncionais) formadas com a preposição *a* e substantivo feminino. E desde tempos antigos se vêm usando com acento no *a* (ou, mais antigamente, com dois *aa*, quando não era generalizado o uso dos acentos), tais como *à custa de*, *à espada*, *à fome*, *à força*, *à toa*, *à vela* (escrita *aa vela* em Camões), *às cegas*, *às vezes*, e tantas mais.

Alguns gramáticos (e não gramáticos...) brasileiros têm discutido a existência de crase em algumas dessas locuções porque, comparando-as com outras em que figuram substantivos masculinos, não encontram aí o artigo do masculino, como *a remo*, *a ferro*, *a vapor*.

Esquecem-se, porém, de um fato importante, decisivo mesmo: os portugueses acentuam o *a* quando o pronunciam aberto (como em *à vela*, *à fome*), como acontece quando há crase de dois *aa*, ao passo que noutros casos, em que o *a* é preposição ou artigo, pronunciam-no com timbre fechado. Desse modo, já que nós brasileiros, em qualquer caso, pronunciamos de igual maneira *à* ou *a*, devemos guiar-nos, *na escrita*, pela pronúncia portuguesa.

Estão neste caso, entre algumas outras, as seguintes:

à baila (= a propósito)
à beça
à beira de
à boca pequena (= em voz baixa, em segredo)
à cata de
à chave
à conta de
à cunha (muito cheio de gente)
à deriva (= sem rumo)
à direita
à distância
à escuta
à espreita
à esquerda
à exceção de
à falta de

à farta
à feição de
à fina força
à flor de (= à superfície de)
à fome (*de fome*, mas *pela fome*, com artigo)
à força (de)
à francesa
à frente (de)
à fresca
à gandaia (= sem destino)
à garra (= à deriva)
à grande (= à larga)
à guisa de (= à maneira de)
à imitação de
à larga
à luz (“dar à luz” = ter [um filho])
à mão
à maneira de
à matroca (= sem rumo)
à medida que
à mercê de
à míngua (= em penúria, na miséria)
à míngua de (= à falta de)
à minuta
à moda (de)
à noite (*de noite*, mas *pela noite*, com artigo)
à paisana
à parte
à pressa
à primeira vista
à porfia (= em disputa)
à procura de
à proporção que
à puridade (= em particular, em segredo)
à queima-roupa
à revelia
à risca

à roda (de)
à saciedade (= até mais não poder)
à semelhança de
à socapa (= disfarçadamente)
à solta
à sorrelfa (= furtivamente)
à sorte
à tarde
à toa
à toda
à tona
à traição
à tripa forra (= à larga, em grande quantidade)
à última hora
à uma (= unanimemente, conjuntamente)
à unha
à vaca fria
à ventura (= ao acaso)
à vista (de)
à viva força
à volta de
à vontade
às apalpadelas
às avessas
às boas
às carreiras
às cegas
às claras
às direitas
às escondidas
às furtadelas
às moscas
às ocultas
às ordens
às tontas
às turras
às vezes (= por vezes, algumas vezes; não confunda com "fazer as vezes de",

que significa “desempenhar as funções de “)

ALGUMAS DICAS PARA ACENTUAR CORRETAMENTE O A

Quando se trata de nomes próprios de lugar, é indispensável verificar *se o nome é feminino* e se é usado com o artigo *a*, pois somente neste caso é possível ocorrer a crase com a preposição anterior.

Assim, usam-se *com artigo* os nomes dos continentes e da maioria dos países; alguns estados do Brasil; nomes de ilhas, alguns nomes de bairros:

> *a* América, *a* Europa, *a* África, *a* Ásia, *a* Oceânia, *a* Antártida, *a* Austrália, *a* Espanha, *a* França, *a* Alemanha, *a* Inglaterra, *a* Itália, *a* Rússia, *a* Suécia, *a* Dinamarca, *a* Noruega, *a* Argentina, *a* Colômbia, *a* Venezuela, *a* Nicarágua, *a* Guatemala, *as* Guianas, *as* Antilhas, *as* Filipinas, *a* China, *a* Índia, *a* Arábia, *a* Etiópia, *a* Guiné, *a* Líbia, *a* África do Sul, *a* Paraíba, *a* Bahia, *as* Malvinas, *a* Groenlândia, *a* Sardenha, *a* Sicília, *a* Córsega; *a* Gávea, *a* Penha, *a* Tijuca.

Sem artigo, alguns nomes de países, nomes de estados e cidades, alguns nomes de bairros:

> Angola, Andorra, Malta, Honduras, Cuba, Costa Rica, Lisboa, Madri, Barcelona, Paris, Roma, Atenas, Haia; Alagoas, Minas Gerais, Sergipe, Santa Catarina, Roraima; Manaus, Fortaleza, Vitória, Curitiba, Florianópolis, Brasília; Copacabana, Ipanema.

Na prática, se você tiver dúvida, faça outra frase com o mesmo nome, usando uma das preposições *de*, *em*, *por*, *para*. Se, na frase, aparecerem apenas as preposições, é sinal de que o nome em causa não admite o artigo *a*, e portanto não haverá crase; se, ao contrário, surgirem as combinações ou contrações *da*, *das*, *na*, *nas*, *pela*, *pelas*, *para a*, *para as*, fica evidente que haverá crase, e portanto o *a* se acentua.

Alguns exemplos mostram que a nossa dica funciona. Imaginemos que sua dúvida está em completar com *a* ou *à* a frase:

> Quem em boca vai ... Roma.
> Usando-se a preposição *para* teríamos:
> “Quem tem boca vai PARA Roma.”

Com outras preposições:
“Veio DE Roma.”, “Esteve EM Roma.”

Tudo prova que *Roma* não se usa com o artigo *a*; logo, a frase corretamente escrita será:

“Quem tem boca vai *a* Roma.”
O *a*, como preposição, não leva acento.

Outro exemplo:

“O Presidente voltou ... Brasília.” (*a* ou *à*?)
Usando-se outras preposições:
“O Presidente voltou PARA Brasília.”
“O Presidente viajou ontem DE Brasília para o Rio.”

Como se vê, só ocorrem as preposições simples, sinal de que o nome *Brasília* não vem precedido do artigo *a*. A frase correta será, portanto:

“O Presidente voltou *a* Brasília.”

Mais exemplos:

“O Papa regressou *à* Itália.” (Compare: “Regressou *para a* Itália.”, com preposição e artigo.)

“Chegaremos amanhã *à* Espanha.” (Compare: “Chegou ontem *da* Espanha.”, também com preposição e artigo.

Tenha sempre em vista, portanto, estas correspondências:

a corresponde a DE, EM, PARA, POR; *à* (ou *às*) corresponde a DA, DAS, NA, NAS, PARA A, PARA AS, PELA, PELAS.

Cumpre lembrar, por fim, que os mesmos nomes de lugar que não admitem artigo quando desacompanhados de adjuntos, passam a exigi-lo quando vêm seguidos de um adjunto limitador, especificativo:

a Roma *dos Césares*;
a Paris *da Resistência*;
a Brasília *de Juscelino*.

Nesse caso, quando precedidos da preposição *a*, dá-se a crase:

“Prestou homenagem À Paris da Resistência.”
“Dedicava-se, nos seus estudos, À Roma dos Césares.”
“Aludia com simpatia À Brasília de Juscelino.”

Esse processo de substituição do *a* por outras preposições é, aliás, o melhor indicador da existência ou não de crase:

Com a palavra *casa*, por exemplo, na acepção de “lar”, “morada”, é fácil verificar a ausência do artigo *a*:

“Saí *de* casa cedo.”, “Ontem não dormi *em* casa.”, “Volte logo *para* casa.”

É por isso que não se acentua o *a* em frases como:

“De regresso *a casa*, o filho pródigo foi recebido em festa.”
“Voltou *a* casa para apanhar os documentos do carro.”

Mesmo na acepção de “lar”, porém, a palavra *casa*, quando seguida de um adjunto de posse, vem precedida de artigo *a*:

“Fez uma visita sentimental *À casa paterna*.”
(Compare: “Voltou comovido DA casa paterna.”)

“Vou *À casa de João*.”
(Compare: “Veio DA casa de João.”)

Caso semelhante ocorre com a palavra *terra*: na maioria das suas acepções, usa-se com o artigo *a*, que se craseia com a preposição *a*:

“Voltou *à* terra onde nascera.”;
“O agricultor tem apego *à* terra.”;
“do céu *à* terra”.

Quando, porém, se opõe a *bordo* não admite artigo, nem crase:

“Logo que o navio aportou, os marinheiros desceram A terra.”

(Compare: “Estiveram *em* terra poucas horas.”)

Depois desta enxurrada de exemplos, você estará pronto a submeter-se a um ditado, do qual, sem dúvida, não sairá humilhado...

FALE (E ESCREVA) CORRETAMENTE AS PALAVRAS

10. EVITANDO DEFORMAÇÕES

São comuns, principalmente entre as pessoas menos instruídas, deformações de vária natureza, devidas ora a falsas aproximações com outras palavras ou com elementos formadores, ora a simplificações inadequadas a termos eruditos, ora a certas tendências da própria língua, ora ainda a outros fatores.

Assim, para exemplificar, alguns escrevem *advinhar* em vez do correto *adivinhar* por acharem, numa ultracorreção, que esse *i* teria sido um acréscimo indevido para desfazer o grupo *dv* (que aí não existe!), como em *advogado*, quando na verdade o radical da palavra é -*divinh*- (variante de -*divin*-, que se encontra em *divino*). Também escrevem incorretamente *previlégio*, em lugar do correto *privilégio*, julgando que se trata do prefixo *pre*-, que aí não aparece.

Para evitar que você cometa deformações desse tipo, e outras mais, percorra a relação a seguir, procurando gravar a forma certa, para a qual chamo a atenção com o destaque em outro tipo, buscando mostrar, quando cabível, a sua formação, o que a justifica. O quanto possível, evito escrever formas erradas.

A correta pronúncia dos fonemas recebe o nome de ORTOEPIA (em grego *orthoepeia*, de *orthos*, “direito”, “correto”, e *epos*, “palavra”, mais sufixo), palavra que também possui a forma ORTOÉPIA, menos consentânea com a sua origem, já que ao ditongo *ei* corresponde um *i* longo.

*abób*a*da*, com *a* e não *o* na penúltima sílaba.
*advo*c*acia*, com *c*, e não *g*, por ser palavra de origem culta.
advogado, sem *e* entre o *d* e o *v*.
*ad*i*vinhar*: o radical *é -d*i*vinh*-.
*aforism*o, com -*o* final, embora muitas palavras de origem grega terminem em -*a*.
*ant*e*diluviano*: o prefixo é *ante*- que indica anterioridade, e não *anti*-, que exprime oposição.
*aer*o*plano*: o 1.º radical é -*aer*-, que quer dizer “ar”.
*baba*douro e *bebe*douro têm o sufixo -*douro*, que indica o “lugar” (onde se baba ou bebe), e não -*dor*, que indica o “agente”.
*benefic*e*nte* se escreve sem *i* depois do *c* (e também *benefic*ê*ncia*).
*bi*carbon*ato*: observe o radical -*carbon*-, evitando uma inversão indevida das suas letras.
*bug*i*ganga* não tem *n* depois do *i*.
*cabele*i*reiro* é formado de *cabele*i*ra*, por isso conserva o *i* destacado.
*ca*r*amanchão* se escreve com um só *r*.
*ca*der*neta* é formada de *ca*der*no*; daí a posição do *r*.
*cal*i*doscópio* é melhor forma do que *caleidoscópio*, pois o ditongo grego *ei* se reduz normalmente a *i*.
*cataclism*o é mais uma palavra de origem grega terminada em *o*.
*carangu*e*jo* não tem *i* antes do *j*.
*cóc*o*ras* tem *o* na 2.ª sílaba.
*corad*ouro, com o sufixo -*douro*, é o lugar onde se põe a roupa a corar. As formas *quarador* e *quaradouro* são populares.
*dent*ifr*ício* se compõe dos radicais *dent*(i) e -*fríc*-, o mesmo de *fricção*, *friccionar*. Atente na posição do *r*.
*descortin*o não tem *i* antes do *o* final.
*d*ise*nteria* é formada com o prefixo *dis*- (“mau funcionamento”) e o radical -*enter*- (“intestinos”).
*dign*i*tário* tem *i* depois do *n*, e não *a*.
*ent*re*tela* se forma de *entre*-+*tela*. Não inverta a posição do *r*.
*esp*o*car* não tem *u* depois do *o*.

*exprob*r*ar* deve manter o 2.º *r* do étimo latino, embora haja tendência de suprimi-lo.

*figa*d*al* tem o radical de *fígado*.

*frat*r*icídio* conserva o grupo *tr* do seu étimo latino.

*frust*r*ar* deve escrever-se com *r* depois do *t*.

Galiza é a forma portuguesa para a região da Espanha onde se fala o galego. (Em castelhano é *Galicia*.)

*hilar*i*dade* não tem *e* depois do 2.º *i* (destacado).

*inf*l*igir* (“impor”) não deve confundir-se com *infringir* (“transgredir”).

*intel*i*gível* conserva o *i* da origem latina.

ir*ascível* é aquele que é propenso à *ira*: tem um só *r*.

*la*gar*tixa*, derivado de *lagarto*, tem o *r* antes do *t*.

*leg*i*ferar*, ao contrário do seu sinônimo *legi*s*lar*, não tem *s* após o *i*.

*mante*i*gueira* deriva de *manteiga* e conserva o *i* da 2ª sílaba.

*mer*i*tíssimo* conserva o 1.º *i* da forma latina.

*mete*oro*logia* é derivado de *meteoro*, e deve conservar a sequência -*oro*-.

*mort*a*dela*, empréstimo do italiano, não tem *n* depois do *a*.

*muç*ul*mano* tem o *l* depois do 2.º *u*.

*opró*br*io* tem dois *rr*.

*pantomi*m*a*, com *m* na sílaba final, tem o mesmo radical de *mímica*.

*parale*le*pípedo*, do latim *parallelepipedu*, conserva a sílaba *le* dobrada.

*p*er*calço*, “transtorno”, “estorvo”, tem a sequência *er* na 1.ª sílaba.

*p*er*scrutar* conserva a sequência *er* na 1.ª sílaba, do prefixo latino *per*-. O radical -*scrut*- é o mesmo de *escrutínio*.

*praz*e*roso*, derivado de *prazer*, não tem *i* na 2.ª sílaba.

*pre*ss*ágio*, com dois *ss*, para indicar a pronúncia correta.

*p*ro*blema*, tem *r* na 1.ª sílaba.

*próp*r*io* conserva o *r* também na 2.ª sílaba.

*prot*a*gonista*: o *a* da 2.ª sílaba provém do radical -*agon*-.

*prost*r*ar* tem *r* depois do *t*.

*re*i*vindicação* provém do latim *rei vindicatione*, “reclamação da coisa”.

*sal*s*icha* tem *s*, e não *ch*, na 2.ª sílaba.

*sua*douro tem o sufixo -*douro*, e não -*dor*.

*vero*ss*ímil* (e *vero*ss*imilhança*, *vero*ss*imilhante*), com *ss* para indicar a pronúncia aconselhável.

*xi*fóp*ago* forma-se com os radicais de origem grega *xifo*-, “apêndice xifoide”, e -*pago*, “unido”, “ligado”.

11. EVITANDO SILABADAS: SAIBA QUAL A SÍLABA TÔNICA

Parece exagero dizer da sílaba tônica que é a alma da palavra. Mas se observarmos a evolução de uma palavra do latim falado para o português, a verificação se impõe: por maiores que sejam as alterações fonéticas sofridas, mantém-se a sílaba tônica. Veja alguns exemplos:

O tratamento medieval latino *vostra mercede* (pronunciado como se fosse uma só palavra, *vostramerc*e*de*) sofreu na boca do povo, através dos tempos, uma série de transformações: *vossa mercê*, *vossemecê*, *vosmecê* até reduzir-se a *você* (e mesmo a *cê*, na fala apressada e vulgar, em frases como "— *Cê* sabia?", "— *Cê* é bobo!"). Com todas essas modificações, persistiu a sílaba tônica *ce*!

Incredulu perdeu o *d* e o *l*, porém manteve a sílaba tônica na resultante *incréu*, hoje menos usada que a forma culta *incrédulo*.

Córrego reduz-se, na fala popular, a cor*go*, tal como *música* a mus*ga* e *cócega* a cos*ca* (donde *cosquinha*), sempre mantendo a mesma sílaba forte.

Já em palavras entradas em português por via escrita (V. o capítulo "Nossa herança latina"), como em latim não se usavam os nossos acentos, por vezes houve deslocamento da tônica. Alguns exemplos:

li*mite*, proparoxítono em latim (sílaba tônica *li*), tornou-se paroxítono: *li*mi*te*. (O mesmo latim li*mite*, por via normal, falada, produziu lin*de*, com o mesmo sentido de "limite", como você poderá ver num dicionário etimológico, conservando, neste caso, a sílaba tônica.);

*o*ce*anu*, também proparoxítona em latim, deu-nos *oce*a*no*, por via escrita culta, com mudança da sílaba tônica;

pân*tano* teve deslocada a sílaba tônica, pois no latim medieval era vocábulo paroxítono, *pan*ta*num*.

São muitos os exemplos, mas estes nos bastam por ora.

O que mais importa, porém, é ensinar-lhe a pronúncia certa de numerosos vocábulos, na sua maioria eruditos, para que você, ao falar e ao escrever, não incorra numa SILABADA (nome que se dá ao erro de prosódia que consiste em deslocar o acento tônico de uma sílaba para outra).

A lista que dou a seguir contém várias palavras de uso em geral restrito à língua escrita culta: mas quem sabe se um dia você não vai precisar utilizar alguma delas?...

[Como nem todas as palavras recebem acento gráfico, a sílaba tônica vem destacada; nos termos de uso erudito, consigno o significado — uma forma de enriquecer o seu vocabulário.]

*ab*si*de*: “recinto em forma de abóbada, de planta circular ou poligonal”; “a cabeceira do templo onde fica o altar-mor, nas basílicas cristãs”; “oratório reservado, por trás do altar-mor”.

ád*vena*: “que vem de fora”, “forasteiro”.

*ae*ró*lito*: “corpo metálico ou rochoso que, vindo do espaço, cai na superfície da Terra”; o mesmo que *meteorito*.

*ae*ró*dromo*: “campo de aviação” [As palavras terminadas em -*dromo* (radical de origem grega que significa “corrida”, “lugar para corridas”) são proparoxítonas: *au*tó*dromo*, *car*tó*dromo*, *hi*pó*dromo*.]

*ae*róst*ato*: “balão ou dirigível mais leve que o ar” [Deveriam ser proparoxítonas as palavras terminadas em *stato*, radical de origem grega que significa “parado”, “estacionário”; mas o uso vem tornando algumas paroxítonas, como é o caso do *reostato* (v. adiante), termo usado em eletricidade para designar o aparelho que permite variar a tensão elétrica.]

*a*la*nos*: nome de um povo antigo que no século V invadiu a Península Ibérica.

*al*cí*one*: ave fabulosa, entre os antigos.

*algara*vi*a*: “linguagem confusa”, “coisa difícil de perceber”.

*algar*vi*o*: “do Algarve (Portugal).”

á*libi*: “prova que o réu apresenta de que estava em lugar diferente daquele em que se deu o crime ou o delito”.

*a*mál*gama*: “liga usada pelos dentistas para obturações”; “mistura de elementos que formam um todo”.

*ambro*si*a*: “manjar dos deuses”; “doce feito com ovos e leite”.

*ambró*si*a*: “gênero de plantas”.

â*nodo*: “elétrodo positivo” [Tal como *cátodo* e *elétrodo*, é correntemente pronunciado pelos usuários, sobretudo os químicos, como paroxítono: *a*no*do*.)

*Andro*ni*co* (Lívio Andronico foi um dos primeiros escritores de língua latina.)

*Antio*qui*a*: cidade da Turquia.

*a*rí*ete*: “antiga máquina de guerra”.

*ar*qué*tipo*: “tipo ideal”, “modelo”, “padrão”.

*au*tóp*sia* (Etimologicamente deveria ser *autop*si*a*, prosódia não usada. Outros dois vocábulos terminados em *opsia* (-*ops*- é radical de origem grega que significa “visão”) são *biop*si*a*, geralmente pronunciado *bi*ó*psia*, e *necrop*si*a*.)

*a*zá*fama*: “muita pressa”; “trabalho muito ativo”. A prosódia *aza*fa*ma* está generalizando-se.

*azi*a*go*: “azarento”, “agourento”.

*azi*mu*te* (termo de Astronomia).

Bál*cãs*: montes e península do sul da Europa.

ban*to*: raça de negros sul-africanos. A grafia *bantu*, que pressupõe a prosódia oxítona, ainda hoje é usada por alguns autores.

*barba*ri*a* ou *bar*bá*rie*: “ato próprio de bárbaros”.

*bo*ro*ro*: “indivíduo dos bororos, tribo indígena de Mato Grosso”. Ainda persiste igualmente a prosódia *bororó*.

*carac*te*res*. Neste plural mantém-se o *c*, pouco usual no singular *caráter*.

*cate*ter: “sonda cirúrgica”.

*ci*clo*pe*: gigante mitológico de um só olho na testa.

*cri*sân*temo*. (É mais comum a pronúncia *crisan*te*mo*.)

*Da*ri*o*. Embora etimologicamente a sílaba tônica seja a segunda, ocorre também a variante *Dário*.

*desva*ri*o*. A variante *des*vai*ro* está em desuso.

É*feso*: cidade da antiga Jônia, no mar Egeu, habitada por imigrantes gregos. Nela S. Paulo fundou uma igreja cristã.

*Epifa*ni*a*: o Dia de Reis. *Epi*fâ*nia* é nome de pessoa.

*E*pi*ro*: região da Grécia.

É*rato*: musa da elegia (“poema terno e triste”), representada com uma lira.

És*quilo*: poeta grego.

*estam*pi*do*: “estouro”, “explosão”.

ê*xodo*: “saída”. Ê*xodo* (com maiúscula) é o livro da Bíblia onde se narra a fuga dos hebreus do Egito.

ê*xul*: “exilado”, “desterrado”.

*filan*tro*po*: “humanitário”. Como todos os nomes terminados em -*antropo* (radical grego que significa “homem”), é vocábulo paroxítono: *lican*tro*po*, “lobisomem”; *misan*tro*po*, “que tem aversão à vida em sociedade”; *pitecan*tro*po*, “homem-macaco”, etc.

flui*do* (substantivo): é dissílabo paroxítono; rima com cui*do*; compare com *fluído*, particípio do verbo *fluir*.

*for*tui*to*: “que acontece por acaso”.

gár*rulo*: “palrador”, “tagarela”.

*Gibral*tar: praça-forte no extremo sul da Espanha e estreito entre a Espanha e a África.

grá*cil*: “delicado”, “fino”, “delgado”. (Não é da mesma família de *graça*, *gracioso*!)

*gra*tui*to*: é trissílabo paroxítono.

*ha*rém: rima com *alguém*.

*hie*ró*glifo*: na linguagem corrente é paroxítono: *hiero*gli*fo*.

*homi*li*a*: “pregação em estilo familiar sobre o Evangelho”. Também se admite a pronúncia *ho*mí*lia*.

*homi*zi*o*: “ato de esconder(-se) da justiça”; “esconderijo”.

*ho*rós*copo*.

*i*be*ro*. Também paroxítono é *celti*be*ro*.

*impu*di*co*: “sem pudor”.

*inau*di*to*: “que nunca se ouviu dizer”; “extraordinário”.

ín*terim*. Usado na expressão *neste* ín*terim* (“neste meio tempo”, “entrementes”).

*juni*o*res*, plural de *júnior*. A sílaba tônica é *o*.

lê*vedo*: “fermento”. No Brasil a pronúncia corrente é *le*ve*do*.

*Madagas*car. Ilha do Oceano Índico, na África, hoje República Malgaxe. Não se justifica a pronúncia como paroxítono.

*mis*ter: “ofício”, “profissão”, “incumbência”, “necessidade”. Usa-se mais na expressão *é mister*, “é indispensável”. Nada tem que ver com o inglês *mister*, “senhor” (forma de tratamento).

*necrop*si*a*: “exame das várias partes de um cadáver”. V. também *autópsia*.

*maquina*ri*a*. Esta é a prosódia registrada no vocabulário oficial; mas a pronúncia usual no Brasil é *maqui*ná*ria*.

*mobilia*ri*a*. Prosódia registrada no vocabulário oficial. A pronúncia corrente, contudo, é *mobili*á*ria* (também registrada no *VOLP*), tal como *imobili*á*ria*).

*necroman*ci*a*: “adivinhação pela invocação dos mortos”. Variante: *nigroman*ci*a*.

*nefeli*ba*ta*: “que vive nas nuvens”. A grafia *nefe*lí*bata* também está registrada no *VOLP*.

*ne*gus: “antigo soberano da Etiópia”.

*No*bel. Não se justifica a pronúncia como paroxítono.

*no*vel: “novo”; “inexperiente”.

*Oce*â*nia*. É mais usada a variante *Ocea*ni*a*.

ô*mega*: “última letra do alfabeto grego. A prosódia *omega* é menos recomendável, embora essa grafia esteja registrada no *VOLP*.

*ortoe*pi*a*: “pronúncia correta dos fonemas”. A variante *orto*é*pia*, embora em desacordo com a etimologia, também é usada.

*pe*ga*da*: “marca dos pés”.

*pe*ri*to*. Não tem qualquer justificativa a pronúncia como proparoxítono.

*ple*to*ra*: “superabundância”, “exuberância”.

pó*lipo*. Também se ouve a pronúncia *polipo* (registrada no *VOLP*), contrária embora à etimologia.

prís*tino*: “antigo”, “primitivo”.

próg*nato*: “que tem a mandíbula proeminente”. Embora seja esta a forma etimológica, a usual é *prog*na*to*.

*pro*tó*tipo*: “tipo exemplar”, “modelo”.

*pu*di*co*: “cheio de pudor”.

*qua*drú*mano*: “que tem quatro mãos”. A variante *qua*drí*mano* é de uso restrito à Zoologia (“que tem quatro tarsos dilatados em forma de mão”).

*Quebran*gu*lo*: cidade de Alagoas onde nasceu Graciliano Ramos.

Qué*ops*: nome de um rei do antigo Egito e da pirâmide que mandou construir.

*quiroman*ci*a*: “adivinhação pelo exame das linhas das mãos”.

*re*cém-. Elemento usado em compostos como *recém-chegado*, *recém-nascido*.

re*cor*de. (Adaptação do inglês *record*.) A forma *récorde* é a que se ouve nos meios esportivos.

*re*fém.

*re*fre*ga*. “peleja”, “luta”.

*re*ós*tato*. É mais comum a pronúncia *reos*ta*to* (registrada no *VOLP*). V. *aeróstato*.

*re*vér*bero*: “resplendor”, “reflexo”.

*ru*bri*ca*: “assinatura abreviada”.

*ru*im. É vocábulo dissílabo oxítono, reduzido às vezes, na pronúncia popular, a monossílabo, proferido *rũi*.

*Salo*ni*ca* ou *Tessalo*ni*ca*: cidade e porto da Grécia.

*Sama*ri*a*: região da antiga Palestina no tempo de Jesus Cristo.

*senato*ri*a*. Embora seja esta a forma registrada no vocabulário oficial, a pronúncia corrente é *senatória*.

Só*fia*: capital da Bulgária. *So*fi*a* é nome de mulher.

*Ta*li*a*: musa da comédia.

têx*til*. (Além de paroxítono, este nome tem o *e* tônico fechado.)

*tran*si*do*: “trespassado”.

*transis*tor. A forma oxítona (plural *transistores*) é o aportuguesamento normal do inglês. Mais comumente, contudo, se ouve *tran*sís*tor* (registrada no *VOLP*).

*ure*ter: “cada um dos dois canais que conduzem a urina dos rins à bexiga”. A prosódia uré*ter* não é aconselhável.

*xe*rox. A forma oxítona é o aportuguesamento normal do inglês, que é vocábulo paroxítono, mas de pronúncia bem diversa (aproximadamente *zírocs*). A prosódia xé*rox*, que também se ouve e tem registro no *VOLP*, é algo afetada.

zê*nite*: “o ponto mais elevado”, “apogeu”.

PONTUANDO...

12. A LÍNGUA ESCRITA E A MELODIA DA FRASE: OS SINAIS DE PONTUAÇÃO

— Ninguém pode escrever como fala — afirmam os linguistas.

— Por que não?! — contesta João da Silva, admirado. Garanto que o mais humilde (e pouco instruído) operário, ao pegar do lápis ou da caneta para redigir um recado ou uma carta de amor, sente pruridos de escritor...

E posso enumerar uma série de motivos:

1. Em primeiro lugar, na língua falada as palavras são formadas de fonemas — para os ouvidos; na língua escrita, de letras — para os olhos.

2. Na língua falada — salvo em casos excepcionais —, os interlocutores estão presentes, e alternam-se nos papéis de falante e ouvinte, como geralmente acontece durante uma conversa, um bate-papo; na língua escrita, escritor e leitor não estão em presença um do outro, e não pode haver diálogo.

3. Na língua falada, além das palavras — elementos sonoros — atua também

uma série de elementos suplementares: a expressão do rosto, os gestos, a mímica, a acentuação expressiva de certas sílabas, a entoação ou melodia da frase, as pausas...

Desde as primeiras tentativas de transpor a linguagem falada para a escrita, tem sido uma permanente batalha a transcrição da “entoação frasal”, com suas pausas e suas inflexões expressivas.

Os sinais gráficos para isso usados foram sendo introduzidos aos poucos, e só no século XIX a chamada PONTUAÇÃO chegou a uma sistematização semelhante à de hoje.

Na tentativa de reproduzir toda a expressividade da língua falada, os escritores modernos procuram aproveitar não apenas os sinais de pontuação, mas ainda os recursos que a tipografia oferece. Daí a utilização — ao lado das aspas simples e duplas, travessões, parênteses, reticências (?!, !..., !?...) — e toda uma gama e tipos variados: o *grifo* ou *itálico*, o **negrito**, as MAIÚSCULAS e os VERSALETES.

Mas são ainda muito limitados, quanto à transposição da melodia da frase, todos esses recursos: a língua falada continua sendo mais rica e flexível do que a língua escrita...

Uma simples palavra-frase, como “— Você.”, pode conter uma série de mensagens diferentes, conforme a situação em que for proferida, com todas as variações proporcionadas pela entoação, auxiliada pela expressão facial, gestos, mímica.

A língua escrita, de qualquer forma, com os recursos que lhe são próprios, obtém pelo menos estas variações: — *Você.* (Que pode ser a simples resposta objetiva, neutra, a vários tipos de perguntas, como p. ex.: “— Quem vai na frente?”)

— *Você?*
— *Você?!*
— *Você!*
— *Você!...*
— *Você...*

E agora *você* pode imaginar as variadas situações em que essa palavra foi proferida e a entoação que acompanhou cada frase...

Conforme a sua finalidade, pode-se fazer a seguinte divisão dos sinais de pontuação:

1. Sinais — mais objetivos — que procuram, antes de mais nada, indicar corretamente as pausas: a vírgula, o ponto e vírgula, os dois-pontos e o ponto.

2. Sinais — muitas vezes subjetivos — que sugerem a entoação que o escritor quis dar à frase: o ponto de interrogação, o ponto de exclamação e as reticências.

Há outros sinais, de aplicação convencional, como os parênteses, os colchetes, o travessão, as aspas.

Não é inútil observar que os sinais indicam SIMULTANEAMENTE as pausas, o tom e as cadências que dão musicalidade às frases; e que *pode haver pausas que não se costumam assinalar na escrita*.

Vejamos, um por um, os principais sinais de pontuação e suas normas de uso.

A VÍRGULA

A vírgula assinala uma pausa ligeira, com o tom de voz em suspenso, ou nitidamente ascendente, a indicar a incompletação do que se enuncia: nossa mente está sempre esperando alguma coisa mais além dela.

É assim que se emprega a vírgula:

1. Para separar *a*) termos e *b*) orações em sequência, coordenados, ainda que venham ligados por conjunções, quando repetidas:

a) “O céu, a terra, o vento sossegado...” (Camões)

“Os dias passavam, e as águas, e os versos, e com eles também ia passando a vida da mulher.” (M. de Assis)

“Não amava bailes, nem passeios, nem janelas.” (Idem)

“Possuía lavouras de trigo, linho *e* arroz.” (Érico Veríssimo)

(A presença da conjunção *e* antes do último termo dispensa a vírgula.)

b) “Agarrou-me, abraçou-me violentamente, molhou-me de lágrimas.” (Graciliano Ramos)

“Um dia saí aos tombos, esbarrei com um esteio *e* ganhei um calombo na testa.” (Idem). (No último exemplo, não se usou vírgula antes da última oração (*e* ganhei...), já que está presente a conjunção *e*.)

2. Para isolar termos meramente explicativos, entre eles o aposto:

“Sete anos de pastor Jacó servia / Labão, pai de Raquel, serrana bela.” (Camões)

“Camilo, maravilhado, fez um gesto afirmativo.” (M. de Assis)

“As estrelas, grandes olhos curiosos, espreitavam através da folhagem.” (Eça de Queirós)

“A cria, miúda, certamente ficara para trás.” (Gr. Ramos)

Se o aposto for enumerativo, em lugar de vírgula se usam dois-pontos:

“Para um homem se ver a si mesmo são necessárias três cousas: olhos, espelho e luz.” (Pe. Antônio Vieira)

3. Isola o vocativo:

“Meninos, eu vi!” (Gonçalves Dias)

“Verdade isso, vovó?” (Monteiro Lobato)

Observe que nos vocativos que iniciam as cartas (*Caro amigo*) pode-se usar indiferentemente a vírgula, os dois-pontos — mais aconselhável — ou mesmo o ponto; e, às vezes, nenhuma pontuação.

4. Separa os termos e orações de valor adverbial, especialmente quando deslocados de sua posição habitual (que seria depois do verbo que modificam); dispensa-se, porém, quando o termo é de pequena proporção. Há muita variação entre os escritores:

“O Presidente, com sua comitiva, embarcará para o Uruguai, amanhã, no Boeing presidencial.”

Variante: “Amanhã o Presidente embarcará com sua comitiva para o Uruguai, no Boeing presidencial.”

“No seu quarto, deitado de costas, dentro de uma tenda de oxigênio, Tibério, num sonho induzido por sedativos, anda perdido por uma campina imensa.” (É. Veríssimo)

“Aos treze, Jacinta mandava na casa; aos dezessete, era verdadeira dona.” (M. de Assis)

“Depois, repreendeu-a.” (Idem)

“Depois fez um gesto incrédulo.” (Idem)

Os exemplos poderiam multiplicar-se, muito mais frequentes com a vírgula, que se usará sempre que se deseje realce.

Repare que, em muitos casos, pela ausência de pausa, não se deve usar a vírgula, o que prejudicaria a leitura correta e o sentido:

Os brasileiros, *sobretudo* os do Norte, costumam ser *extremamente* hospitaleiros.

5. Há uma série de palavras e expressões de natureza explicativa, continuativa, conclusiva, ou enfáticas de um modo geral, que costumam separar-se por vírgula (ou vírgulas, se intercaladas). Eis algumas delas: *além disso*, *aliás*, *a saber*, *assim*, *bem*, *com efeito*, *como dizer*, *demais*, *depois*, *em suma*, *enfim*, *então*, *isto é*, *não*, *no mais*, *ora*, *ou melhor*, *ou seja*, *outrossim*, *pensando bem*, *pois bem*, *por assim dizer*, *por exemplo*, *realmente*, *sim*, etc. Veja alguns exemplos:

Enfim, avó./ Em suma, baile chinfrim./ Sim, um dia hei de morrer./ Elas, aliás, não gostavam de sair de carro./ Com efeito, a carta foi datada de 26 de março./ Pois sim, deixe estar./ Bem, o magistrado acabou, vamos embora.

6. Separa os nomes de lugar, nas datas:

Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1985.

7. Apesar das opiniões em contrário, usa-se vírgula antes da abreviatura *etc*. Basta consultar as “Instruções” oficiais, aprovadas por lei: em mais de 100 vezes aí se vê essa partícula precedida de vírgula. O *etc*. inclui a conjunção *e*, o que faz alguns gramáticos considerarem a vírgula desnecessária (como se vê em 1 a) e b), embora a regra não impeça seu uso antes da conjunção, e nem mesmo o de ponto e vírgula.

Mas o ponto e vírgula, de uso mais difícil, fica para o próximo capítulo.

13. AS CADÊNCIAS, O PONTO E VÍRGULA E OS DOIS-PONTOS

Você já sabe que, ao falarmos, subidas e descidas da voz marcam a entoação ou melodia da frase.

As subidas — nas pausas de tom de voz ascendente-se representam na escrita, a maior parte das vezes, pela vírgula, e indicam que o sentido está em suspenso até ocorrer uma descida maior ou menor do tom: é a vez do ponto, ou dos dois-pontos, ou do ponto e vírgula. Observe este trecho do conto “A cartomante”, de Machado de Assis:

> “Depois fez um gesto incrédulo: era a ideia de ouvir a cartomante, que lhe passava ao longe, muito longe, com vastas asas cinzentas; desapareceu, reapareceu, e tornou a esvair-se no cérebro; mas daí a pouco moveu outra vez as asas, mais perto, fazendo uns giros concêntricos... “[As reticências, no fim de um período, também indicam tom descendente, depois de leve subida.]

A sucessão de tons ascendentes e descendentes está devidamente marcada pelas vírgulas, pelos pontos e vírgulas e pelos dois-pontos.

O emprego do ponto e vírgula varia bastante de autor para autor. Podem-se, contudo, estabelecer algumas normas:

1. Separa os membros de um período mais ou menos longo, especialmente se

pelo menos um deles estiver subdividido por vírgula(s):

> “Entrei apressado; achei Virgília ansiosa, mau humor, fronte nublada.” (M. de Assis).
>
> “No fim de três meses estava farto de o aturar; determinei vir embora; só esperei ocasião.” (Idem)
>
> “A disciplina de uma tropa é rigorosa; para dirigi-la é necessária uma soma de previsão, de cuidados; uma prática e uma energia de que só podem fazer ideia justa os capitães das expedições.” (Afonso Arinos)

2. Separa os vários membros de uma enumeração descritiva ou narrativa:

> “Os feriados daquele tempo eram poucos e bons. O 1.º de janeiro, para se festejar a fraternidade universal, que não se sabia bem o que fosse, mas, no alvoroço de começar o ano, significava boa disposição geral; 21 de abril, que nos ensinava a morrer pela liberdade; /.../ 14 de julho, viva a queda da Bastilha; íamos sossegados até 7 de setembro, quando nos transportávamos ao Ipiranga e, com Pedro I e Pedro Américo, sacudíamos o jugo lusitano; /.../ detínhamo-nos a reverenciar os mortos em 2 de novembro, logo depois era forçoso proclamar a república, e, ainda bem não era proclamada, escolher-lhe uma bandeira, tudo isso num mês excepcionalmente rico: três feriados!” (Carlos Drummond de Andrade).

3. Separa as orações chamadas ADVERSATIVAS (com as conjunções *mas*, *porém*, *contudo*, *todavia*, *entretanto*); observe que, a não ser *mas*, essas conjunções de preferência vêm pospostas:

> “Se fosse só rabugento, vá; *mas* ele era também mau, deleitava-se com a dor e humilhação dos outros.” (M. de Assis)
>
> “Crê em ti; *mas* nem sempre duvides dos outros.” (Idem)
>
> “Achou que a minha candidatura era legítima; convinha, *porém*, esperar alguns meses.” (Idem)
>
> “Não me peça também o império do Grão-Mogol, nem a fotografia dos Macabeus; peça, *porém*, os meus sapatos de defunto e não os dou a

> ninguém mais.” (Idem)
>
> “Nas janelas e ruas estavam muitos dos seus credores; dois, *entretanto*, na esquina do beco das Cancelas, perguntaram um ao outro se não era tempo de recorrer à justiça.” (Idem)
>
> “Determinou recolhê-lo imediatamente à Casa Verde; deu-lhe, *todavia*, um dos melhores cubículos.” (Idem)
>
> “Era talvez sobreposse a variedade dos adornos; *contudo*, a pessoa que os escolhera devia ter gosto apurado.” (Idem)

É de notar que, mesmo estando subentendida uma conjunção adversativa, a oração separa-se por ponto e vírgula:

> “Eu ainda fiquei espiando, a ver se ele voltava; não vi ninguém.” (Idem)
>
> “Há muitos modos de afirmar; há um só de negar tudo.” (Idem)

4. Separa as orações chamadas CONCLUSIVAS (com as conjunções *logo*, *pois*, *então*, *portanto*, *por isso*, etc.); e também subentendendo-se a conjunção:

> “As doses eram diárias e diminutas; tinham, *portanto*, de aguardar um longo prazo antes de produzir o efeito.” (Idem)
>
> “Só um milagre podia salvá-la; determinou vir aqui.” (Idem)
>
> “Tinha a pedra na mão, mas já não era necessária; jogou-a fora.” (C. Drummond de Andrade).

Já os dois-pontos assinalam uma pausa suspensiva da voz, bem mais forte que a da vírgula, e em geral de entoação descendente; indicam, o mais das vezes, que a frase não está concluída. Servem, mais frequentemente, para:

1. Anunciar a entrada de um interlocutor:

> “Jacobina refletiu um instante, e respondeu:
>
> — Pensando bem, talvez o senhor tenha razão.” (M. de Assis)

2. Anunciar uma enumeração mais ou menos extensa:

> “Naquela noite de lua cheia estavam acocorados os vizinhos na sala pequena de Alexandre: seu Libório, cantador de emboladas, o

cego preto Firmino e mestre Gaudêncio curandeiro, que rezava contra mordedura de cobras.” (Graciliano Ramos).

3. Anunciar uma citação:

“Foi Bismarck quem definiu: ‘A Política é a arte do possível.’”

4. Anunciar um aposto, uma conclusão, uma explicação, um esclarecimento:

“E daí veio uma ideia: comparou a vida a um cavalo xucro ou manhoso.” (M. de Assis)

“Contudo uma sombra às vezes nos toldava a alegria: a recordação do vigário.” (Graciliano Ramos)

5. Substituir a vírgula na separação das orações EXPLICATIVAS e CAUSAIS, com a vantagem de dispensar a conjunção, em muitos casos:

“— Podemos entender isso? — Não: é um mistério.” [Subentende-se, depois de *Não*, uma conjunção como *pois*, *porque*.] Igualmente quando se subentende *mas*:

“A morte não extingue: transforma; não aniquila: renova; não divorcia: aproxima.” (Rui Barbosa)

O VERBO — ALMA DA FRASE

14. “NO PRINCÍPIO ERA O VERBO”

João da Silva estranhava, sempre que o relia, o início do Evangelho do seu homônimo São João: “No princípio era o Verbo”.

“— Por que o verbo? — perguntava a si mesmo. Que tem o verbo de tão importante assim?...”

É que João ignorava que, em latim, *verbum* (de que provém o nosso *verbo*) significa, antes de mais nada, “palavra”, significação que, aliás, também existe em português. Lá está no *Aulete*: “*Verbo. sm.* **4.** Palavra, linguagem, discurso.” E na acepção 1, com indicação *Gram.*, que quer dizer “termo de Gramática”, e que também já existia no latim, define: “Classe de palavra que expressa ação, estado ou mudança de estado.” E na acepção 2: Em determinadas línguas com características flexionais e aglutinantes, palavra que pertence a um paradigma de formas flexionadas que expressam, neste caso, *tempo* e *modo*, *pessoa* e *número,* e tb. *voz* e *aspecto*.

Assim, aquele versículo do Evangelho de São João faz referência a Jesus Cristo, que “existia desde o princípio” e que viria ao mundo expor sua doutrina por meio da “palavra”, *verbalmente*.

É o VERBO, sem dúvida, a palavra por excelência, uma vez que indica o que se passa nas coisas, dinamicamente: *“O voo* do pássaro *era* lindo.” não nos transmite com a mesma vivacidade o que sentimos na frase “O pássaro *voava* lindamente.”, pois o nome representa os seres no espaço, estaticamente, e o verbo já os apresenta no tempo, dinamicamente. Ou, usando o próprio verbo pelo substantivo, como fazem excelentes escritores: “O *voar* do pássaro era lindo.”

Pode-se afirmar que o verbo é a alma da frase, embora às vezes ocorram frases aparentemente sem verbo, que, todavia, está subentendido, e nem por isso menos presente:

“— Você *gostou* do filme?
— Muito! (= *Gostei* muito!)
— E a Greta Garbo? (= E que lhe *pareceu* a G.G.?)
— Divina!...” (= Ela *estava* divina!...)

Você pode alegar que a Linguística afirma existirem frases sem verbo, como “Silêncio” — inscrição no corredor de um hospital —, ou “— Depressa!” — frase com que se pede urgência na execução de uma tarefa.

Mas lembro-lhe que também aí o verbo está presente em nosso espírito, já que entendemos a primeira indicação como “— *Faça* silêncio.”, “— *Fique* em silêncio.”, e a segunda como “—*Ande* depressa!”, “— *Vá* depressa!”

Em suma, toda a comunicação humana gira em torno de um verbo.

É o verbo, de todas as classes de palavras, a que apresenta maior variabilidade de forma e lhe permite indicar, além do TEMPO (passado ou pretérito, presente e futuro), o MODO (INDICATIVO: *amo*; *amava*, *amei*, *amara*; *amarei*, *amaria*; SUBJUNTIVO: *ame*, *amasse*, *amar*); e as três PESSOAS em suas variações de NÚMERO, singular e plural (*amo*, *amas*, *ama*; *amamos*, *amais*, *amam*); e a voz (ATIVA: *amo*; PASSIVA: *sou amado*).

Você sabe que todas estas formas citadas (e dezenas de outras) pertencem a um mesmo verbo, *amar*, um dos numerosos verbos chamados regulares, porque segue determinado modelo, já que, em qualquer de suas variadas formas, mantém o mesmo radical -*am*-, o mesmo do substantivo **am***or*, a que se acrescentam determinados elementos de flexão.

Já outros, os IRREGULARES, apresentam VARIANTES no radical (como **faz***er*, **faç***o*, **fiz**; **traz***er*, **trag***o*, **troux***e*) ou nos elementos flexionais (**tenho**, **tinha**, **tive**).

Alguns, tão irregulares que são chamados ANÔMALOS, apresentam não variantes, mas radicais diferentes, como é o caso de *ser* (**sou**, **era**, **fui**) ou *ir* (**vou**, **va***mos*, **ia**, **fo***mos*).

Os verbos mais frequentemente usados em português são OS AUXILIARES, com os quais se formam os tempos compostos da voz ativa (*ter* e *haver*: *tenho feito, havia chegado*) e da voz passiva (*ser*: *sou amado, eras amada*). Outro auxiliar de menção obrigatória é *estar*, com que se formam certas conjugações compostas (*estou amando*, *está cercado* de inimigos).

É curioso que esses verbos auxiliares, dos mais usados, são todos irregulares, e é indispensável conhecer-lhes a conjugação completa dos tempos simples, que transcrevemos adiante.

Convém relembrar que, na fala viva do Brasil, o pronome referente à 2.ª pessoa do plural, *vós*, está em quase completo desuso, e praticamente só ocorre nas linguagens oratória e religiosa. Fora disso é substituído por *vocês*, que exige o verbo na forma de 3.ª pessoa.

No singular, o pronome da 2.ª pessoa, *tu*, é de uso restrito a certas regiões, e alterna com *você*, muito mais usado e que leva o verbo para a 3.ª pessoa.

Assim, no PRESENTE DO INDICATIVO a conjugação do verbo *ser* é:

eu sou, *tu és*/*você é*, *ele* ou *ela é, nós somos, vós sois/vocês são*, *eles ou elas são*.

A 2.ª pessoa tradicional, do singular, *tu és*, não tem curso geral (mas é correntemente usada em certas regiões, como, por exemplo, no Rio Grande do Sul); a do plural, *vós sois*, está quase inteiramente fora de uso na língua falada. Apesar disso, ela vem indicada, uma vez que se encontra em textos religiosos consagrados (“bendita *sois vós*; “Pai nosso que *estais* no céu”), em discursos acadêmicos e parlamentares, redigidos na norma culta, e até em autores modernos.

Assim começa Rui Barbosa um discurso em que, agradecido, invoca a Deus:

> “Deus, que me *infundistes* o amor da beleza, da verdade e da justiça; que *povoais* da vossa presença as minhas horas de segurança na vossa misericórdia; que me *descobris* os meus erros, me *reergueis* dos meus desalentos, me *conduzis* pelo vosso caminho: *dai-me*, agora mais do que nunca, o ânimo de não mentir aos meus semelhantes, não

> fugir a responsabilidades.”
>
> (3/10/1909)

Machado de Assis, nos seus romances, frequentemente se dirige ao leitor, ora no tratamento *tu*, ora no *vós*, como nestas passagens do *Quincas Barba*, cap. XLIV:

> “Não *vades* crer que a dor aqui foi mais verdadeira que a cólera.“
> “*Crede-me*: há tiranos de intenção.”

Também nos provérbios, formas fixas da sabedoria popular, figura às vezes o esquecido *vós*:

> “Não *façais* a outrem o que não *quereis* que vos façam.”
> “*Fazei* o bem que digo, e não o mal que faço.”

E ainda mais recentemente, num escritor tão natural como Rubem Braga, pode surgir inesperadamente o renegado *vós*:

> “Quando penso em *vós*, minhas antigas amadas, agora que conheço Beatriz, tenho pena do que fui e do que *sois*, e pela primeira vez sinto-me infiel à *vossa* lembrança. *Passai* bem, princesas, adeus, pastoras, rainhas das czardas, deusas que eu endeusei outrora, ainda hoje não *vos* quero mal, apenas sucede que sobreveio Beatriz.” (“ A inesquecível Beatriz”, em *Recado de Primavera*.)

Em vista disso, como poderíamos abandonar o *vós*?

De uma hora para outra você poderá ser chamado a utilizá-lo. Vamos, pois, aprender como.

Assim fica, portanto, a conjugação completa do verbo *ser* no presente do indicativo, com suas seis formas:

eu	*sou*
tu	*és*
ele, você	*é*

nós	*somos*
vós	*sois*
eles, vocês	*são*

Usarei o mesmo esquema para os demais verbos.

Antes, porém, de indicar a conjugação regular dos verbos, é indispensável analisar a estrutura das suas formas.

Diante de duas formas verbais como *amavas* e *amássemos*, qualquer de vocês reconhecerá, na primeira, a 2.ª pessoa do singular do imperfeito do indicativo, e na outra, a 1.ª pessoa do plural do imperfeito do subjuntivo.

O que tornou possível essa identificação?

A FLEXÃO, isto é, a variação que ocorre na parte final: em *amavas*, o -*s* indica a 2.ª pessoa do singular, e na sílaba -*va*- reconhecemos o imperfeito do indicativo da 1.ª conjugação; em *amássemos* é a desinência -*mos* que identifica a 1.ª pessoa do plural, e -*sse*- nos aponta o imperfeito do subjuntivo.

Vou, então, sistematizar aquilo que você sabe intuitivamente, examinando os elementos que podem ocorrer numa forma verbal:

1. o RADICAL, que nos fornece a significação básica, e pode vir acompanhado de PREFIXO: **am***ar*, **faz***er*, *des***faz***er*; **cobr***ir*, *en***cobr***ir*.

2. a VOGAL TEMÁTICA, característica de uma das três conjugações: -*a*-, para a 1.ª, -*e*-, para a 2.ª, -*i*-, para a 3.ª: *estud***a***r*, *aprend***e***r*, *part***i***r*.

3. o TEMA, que se compõe do radical, prefixo (quando houver) e vogal temática, prontinho para receber as flexões: **fala**ste, **aprende**ndo, **ouví**ssemos.

4. a CARACTERÍSTICA MODO TEMPORAL, que identifica o modo e o tempo; eis as principais:

-va-, do pretérito imperfeito do indicativo da 1.ª conjugação: *amá***va***mos*;

-(i)a-, desse mesmo tempo, na 2.ª e 3.ª conjugações: *aprendi**a***, *parti**a**m*;

-ra-, do pretérito mais-que-perfeito do indicativo de qualquer conjugação: *caminha**ra***, *esquece**ra**s*, *fugi**ra***;

-re-, -rá-, -rão, do futuro do presente do indicativo: *chega**re**mos*, *corre**rá***, *parti**rão***;

-ria-, do futuro do pretérito do indicativo: *fala**ria***, *aprende**ria**s*, *ouvi**ria**m*;

-e-, do presente do subjuntivo da 1.ª conjugação: *fal**e**mos*, *estud**e**s*;

-a-, do presente do subjuntivo da 2.ª e 3.ª conjugações: *corr**a**s*, *ouç**a***;

-sse-, do pretérito imperfeito do subjuntivo: *estuda**sse***, *aprende**sse**s*, *parti**sse**m*;

-r-, do futuro do subjuntivo e do infinitivo: *estuda**r***, *aprende**r**es*, *parti**r**mos*.

5. a DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL, própria das pessoas gramaticais:

-o (1.ª pessoa do singular do presente do indicativo): *estud**o***, *aprend**o***, *part**o***;

-s, -es (2.ª pessoa do singular): *estuda**s***, *estudar**es***;

-mos (1.ª pessoa do plural): *estuda**mos***, *aprendía**mos***, *ouvíra**mos***;

-is, -des (2.ª pessoa do plural): *estuda**is***, *quiser**des***;

-m, -em (3.ª pessoa do plural): *estuda**m***, *estudar**em***.

O pretérito perfeito simples do indicativo possui desinências características (a não ser na 1.ª pessoa do plural, ***mos***): ***-i, -ste, -u, -stes, -ram***: *fale**i***, *fala**ste***, *falo**u***, *fala**stes***, *fala**ram***.

Lembre-se de que o *-s* é que distingue a 2.ª pessoa do plural da 2.ª do singular: tu *cantaste*, vós *cantastes*; tu *fizeste*, *vós fizestes*.

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS AUXILIARES

ter, haver, ser, estar

(TEMPOS SIMPLES)

MODO INDICATIVO

PRESENTE

Ter	*Haver*	*Ser*	*Estar*
tenho	hei	sou	estou
tens	hás	és	estás
tem	há	é	está
temos	havemos	somos	estamos
tendes	haveis	sois	estais
têm	hão	são	estão

PRETÉRITO IMPERFEITO

tinha	havia	era	estava
tinhas	havias	eras	estavas
tinha	havia	era	estava
tínhamos	havíamos	éramos	estávamos
tínheis	havíeis	éreis	estáveis
tinham	haviam	eram	estavam

PRETÉRITO PERFEITO

tive	houve	fui	estive
tiveste	houveste	foste	estiveste
teve	houve	foi	esteve
tivemos	houvemos	fomos	estivemos

tivestes	houvestes	fostes	estivestes
tiveram	houveram	foram	estiveram

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO

tivera	houvera	fora	estivera
tiveras	houveras	foras	estiveras
tivera	houvera	fora	estivera
tivéramos	houvéramos	fôramos	estivéramos
tivéreis	houvéreis	fôreis	estivéreis
tiveram	houveram	foram	estiveram

FUTURO DO PRESENTE

terei	haverei	serei	estarei
terás	haverás	serás	estarás
terá	haverá	será	estará
teremos	haveremos	seremos	estaremos
tereis	havereis	sereis	estareis
terão	haverão	serão	estarão

FUTURO DO PRETÉRITO

teria	haveria	seria	estaria
terias	haverias	serias	estarias
teria	haveria	seria	estaria
teríamos	haveríamos	seríamos	estaríamos
teríeis	haveríeis	seríeis	estaríeis
teriam	haveriam	seriam	estariam

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE

tenha	haja	seja	esteja
tenhas	hajas	sejas	estejas
tenha	haja	seja	esteja
tenhamos	hajamos	sejamos	estejamos
tenhais	hajais	sejais	estejais
tenham	hajam	sejam	estejam

PRETÉRITO IMPERFEITO

tivesse	houvesse	fosse	estivesse
tivesses	houvesses	fosses	estivesses
tivesse	houvesse	fosse	estivesse
tivéssemos	houvéssemos	fôssemos	estivéssemos
tivésseis	houvésseis	fôsseis	estivésseis
tivessem	houvessem	fossem	estivessem

FUTURO

tiver	houver	for	estiver
tiveres	houveres	fores	estiveres
tiver	houver	for	estiver
tivermos	houvermos	formos	estivermos
tiverdes	houverdes	fordes	estiverdes
tiverem	houverem	forem	estiverem

MODO IMPERATIVO

AFIRMATIVO

tem (tu)	há (tu)	sê (tu)	está (tu)
tenha (você)	haja (você)	seja (você)	esteja (você)
tenhamos (nós)	hajamos (nós)	sejamos (nós)	estejamos (nós)
tende (vós)	havei (vós)	sede (vós)	estai (vós)
tenham (vocês)	hajam (vocês)	sejam (vocês)	estejam (vocês)

NEGATIVO

não tenhas (tu)	não hajas (tu)	não sejas (tu)	não estejas (tu)
não tenha (você)	não haja (você)	não seja (você)	não esteja (você)
não tenhamos (nós)	não hajamos (nós)	não sejamos (nós)	não estejamos (nós)
não tenhais (vós)	não hajais (vós)	não sejais (vós)	não estejais (vós)
não tenham (vocês)	não hajam (vocês)	não sejam (vocês)	não estejam (vocês)

FORMAS NOMINAIS

INFINITIVO IMPESSOAL

ter	haver	ser	estar

INFINITIVO PESSOAL (*FLEXIONADO*)

ter	haver	ser	estar
teres	haveres	seres	estares
ter	haver	ser	estar
termos	havermos	sermos	estarmos
terdes	haverdes	serdes	estardes
terem	haverem	serem	estarem

GERÚNDIO

tendo	havendo	sendo	estando

PARTICÍPIO

tido	havido	sido	estado

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS REGULARES

1.ª conjugação	2.ª conjugação	3.ª conjugação
Modelo: **estudar**	Modelo: **aprender**	Modelo: **partir**

MODO INDICATIVO

PRESENTE

estud-o	aprend-o	part-o
estud-a-s	aprend-e-s	part-e-s
estud-a	aprend-e	part-e
estud-a-mos	aprend-e-mos	part-i-mos
estud-a-is	aprend-e-is	part-i-s
estud-a-m	aprend-e-m	part-e-m

PRETÉRITO IMPERFEITO

estud-a-va	aprend-i-a	part-i-a
estud-a-va-s	aprend-i-a-s	part-i-a-s
estud-a-va	aprend-i-a	part-i-a
estud-á-va-mos	aprend-í-a-mos	part-í-a-mos
estud-á-ve-is	aprend-í-e-is	part-í-e-is
estud-a-vam	aprend-i-am	part-i-am

PRETÉRITO PERFEITO

estud-e-i	aprend-i	part-i
estud-a-ste	aprend-e-ste	part-i-ste
estud-o-u	aprend-e-u	part-í-u
estud-a-mos	aprend-e-mos	ppart-i-mos
estud-a-stes	aprend-e-stes	part-i-stes
estud-a-ram	aprend-e-ram	part-i-ram

PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO

tenho estudado	*tenho* aprendido	*tenho* partido
tens estudado	*tens* aprendido	*tens* partido
tem estudado	*tem* aprendido	*tem* partido

temos estudado	*temos* aprendido	*temos* partido
tendes estudado	*tendes* aprendido	*tendes* partido
têm estudado	*têm* aprendido	*têm* partido

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO

estud-a-ra	aprend-e-ra	part-i-ra
estud-a-ra-s	aprend-e-ra-s	part-i-ra-s
estud-a-ra	aprend-e-ra	part-i-ra
estud-á-ra-mos	aprend-ê-ra-mos	part-í-ra-mos
estud-á-re-is	aprend-ê-re-is	part-í-re-is
estud-a-ram	aprend-e-ram	part-i-ram

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO

tinha (*havia*) estudado	*tinha*[6]* aprendido	*tinha** partido
tinhas estudado	*tinhas* aprendido	*tinhas* partido
tinha estudado	*tinha* aprendido	*tinha* partido
tínhamos estudado	*tínhamos* aprendido	*tínhamos* partido
tínheis estudado	*tínheis* aprendido	*tínheis* partido
tinham estudado	*tinham* aprendido	*tinhas* partido

FUTURO DO PRESENTE SIMPLES

estud-a-re-i	aprend-e-re-i	part-i-re-i
estud-a-rá-s	aprend-e-rá-s	part-i-rá-s
estud-a-rá	aprend-e-rá	part-i-rá
estud-a-re-mos	aprend-e-re-mos	part-i-re-mos
estud-a-re-is	aprend-e-re-is	part-i-re-is
estud-a-rão	aprend-e-rão	part-i-rão

FUTURO DO PRESENTE COMPOSTO

*terei** estudado	*terei** aprendido	*terei** partido
terás estudado	*terás* aprendido	*terás* partido
terá estudado	*terá* aprendido	*terá* partido
teremos estudado	*teremos* aprendido	*teremos* partido

tereis estudado	*tereis* aprendido	*tereis* partido
terão estudado	*terão* aprendido	*terão* partido

FUTURO DO PRETÉRITO SIMPLES

estud-a-ria	aprend-e-ria	part-i-ria
estud-a-ria-s	aprend-e-ria-s	part-i-ria-s
estud-a-ria	aprend-e-ria	part-i-ria
estud-a-ría-mos	aprend-e-ría-mos	part-i-ría-mos
estud-a-ríe-is	aprend-e-ríe-is	part-i-ríe-is
estud-a-ria-m	aprend-e-ria-m	part-i-ria-m

FUTURO DO PRETÉRITO COMPOSTO

*teria** estudado	*teria** aprendido	*teria** partido
terias estudado	*terias* aprendido	*terias* partido
teria estudado	*teria* aprendido	*teria* partido
teríamos estudado	*teríamos* aprendido	*teríamos* partido
teríeis estudado	*teríeis* aprendido	*teríeis* partido
teriam estudado	*teriam* aprendido	*teriam* partido

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE

estud-e	aprend-a	part-a
estud-e-s	aprend-a-s	part-a-s
estud-e	aprend-a	part-a
estud-e-mos	aprend-a-mos	part-a-mos
estud-e-is	aprend-a-is	part-a-is
estud-e-m	aprend-a-m	part-a-m

PRETÉRITO IMPERFEITO

estud-a-sse	aprend-e-sse	part-i-sse

estud-a-sses	aprend-e-sses	part-i-sses
estud-a-sse	aprend-e-sse	part-i-sse
estud-á-sse-mos	aprend-ê-sse-mos	part-í-sse-mos
estud-á-sse-is	aprend-ê-sse-is	part-í-sse-is
estud-a-sse-m	aprend-e-sse-m	part-i-sse-m

PRETÉRITO PERFEITO

*tenha** estudado	*tenha** aprendido	*tenha** partido
tenhas estudado	*tenhas* aprendido	*tenhas* partido
tenha estudado	*tenha* aprendido	*tenha* partido
tenhamos estudado	*tenhamos* aprendido	*tenhamos* partido
tenhais estudado	*tenhais* aprendido	*tenhais* partido
tenham estudado	*tenham* aprendido	*tenham* partido

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO

*tivesse** estudado	*tivesse** aprendido	*tivesse** partido
tivesses estudado	*tivesses* aprendido	*tivesses* partido
tivesse estudado	*tivesse* aprendido	*tivesse* partido
tivéssemos estudado	*tivéssemos* aprendido	*tivéssemos* partido
tivésseis estudado	*tivésseis* aprendido	*tivésseis* partido
tivessem estudado	*tivessem* aprendido	*tivessem* partido

FUTURO

estud-a-r	aprend-e-r	part-i-r
estud-a-r-es	aprend-e-r-es	part-i-re-s
estud-a-r	aprend-e-r	part-i-r
estud-a-r-mos	aprend-e-r-mos	part-i-r-mos
estud-a-r-des	aprend-e-r-des	part-i-r-des
estud-a-r-em	aprend-e-r-em	part-i-r-em

FUTURO COMPOSTO

*tiver** estudado	*tiver** aprendido	*tiver** partido
tiveres estudado	*tiveres* aprendido	*tiveres* partido

tiver estudado	*tiver* aprendido	*tiver* partido
tivermos estudado	*tivermos* aprendido	*tivermos* partido
tiverdes estudado	*tiverdes* aprendido	*tiverdes* partido
tiverem estudado	*tiverem* aprendido	*tiverem* partido

MODO IMPERATIVO

AFIRMATIVO

estud-a (tu)	aprend-e (tu)	part-e (tu)
estud-e (você)	aprend-a (você)	part-a (você)
estud-e-mos (nós)	aprend-a-mos (nós)	part-a-mos (nós)
estud-a-i (vós)	aprend-e-i (vós)	part-i (vós)
estud-e-m (vocês)	aprend-a-m (vocês)	part-a-m (vocês)

NEGATIVO

não estud-e-s (tu)	não aprend-a-s (tu)	não part-a-s (tu)
não estud-e (você)	não aprend-a (você)	não part-a (você)
não estud-e-mos (nós)	não aprend-a-mos (nós)	não part-a-mos (nós)
não estud-e-is (vós)	não aprend-a-is (vós)	não part-a-is (vós)
não estud-e-m (vocês)	não aprend-a-m (vocês)	não part-a-m (vocês)

FORMAS NOMINAIS

INFINITIVO IMPESSOAL SIMPLES (*PRESENTE*)

estudar	aprender	partir

INFINITIVO PESSOAL SIMPLES (*FLEXIONADO*)

estud-a-r	aprend-e-r	part-i-r
estud-a-r-es	aprend-e-r-es	part-i-r-es
estud-a-r	aprend-e-r	part-i-r
estud-a-r-mos	aprend-e-r-mos	part-i-r-mos
estud-a-r-des	aprend-e-r-des	part-i-r-des
estud-a-rem	aprend-e-rem	part-i-rem

INFINITIVO IMPESSOAL COMPOSTO

(Pretérito impessoal)

*ter** estudado	*ter** aprendido	*ter** partido

INFINITIVO PESSOAL COMPOSTO

(Pretérito pessoal)

*ter** estudado	*ter** aprendido	*ter** partido
teres estudado	*teres* aprendido	*teres* partido
ter estudado	*ter* aprendido	*ter* partido
termos estudado	*termos* aprendido	*termos* partido
terdes estudado	*terdes* aprendido	*terdes* partido
terem estudado	*terem* aprendido	*terem* partido

GERÚNDIO SIMPLES (*PRESENTE*)

estud-a-ndo	aprend-e-ndo	part-i-ndo

GERÚNDIO COMPOSTO *(PRETÉRITO)*

*tendo** estudado	*tendo** aprendido	*tendo** partido

PARTICÍPIO *(PRETÉRITO)*

estud-a-do	aprend-i-do	part-i-do

Nota

6 Obs.: As formas assinaladas com asterisco (*) também se conjugam com o auxiliar *haver*.

15. ONTEM, HOJE, AMANHÃ: O TEMPO CORRE...

Consideremos, nas frases abaixo, as formas verbais grifadas de 1.ª pessoa do singular:

1. *Estudo* diariamente.
2. Ontem *estudei* duas horas.
3. Enquanto eu *estudava*, ouvia música.
4. Já *tinha estudado* bastante, quando *resolvi* sair.
5. Amanhã não *estudarei*: *irei* ao futebol.

É fácil ver que a l.ª, *estudo*, se refere a um momento PRESENTE; todas as formas das frases 2 a 4, a um momento já passado, que em gramática se chama PRETÉRITO; as duas últimas, na frase de n.º 5, a um momento FUTURO.

Podemos concluir, portanto, que o verbo varia em TEMPO.

PRETÉRITO	PRESENTE	FUTURO
Há pouco.	Aqui e agora.	Daqui a pouco.
Ontem.	Hoje.	Amanhã.
Naquele tempo.	Neste momento.	Dentro de algum tempo.
No início do mundo.	No mundo atual.	No final dos tempos.

Compare agora estas três formas verbais da 2.ª pessoa do singular:

1. *Trabalhas* muito.
2. É preciso que *trabalhes*.
3. *Trabalha*, rapaz!

As três formas se reportam a um momento presente. A primeira indica um fato certo, real — e o verbo está no “modo” INDICATIVO; a 2.ª exprime um ato apenas possível — e o verbo se diz no modo SUBJUNTIVO; na 3.ª, se dá um conselho, ou uma ordem, e o verbo está no modo IMPERATIVO.

Conclui-se facilmente que o verbo também varia em MODO.

O INDICATIVO é o modo da realidade, da certeza, da verificação, da exposição objetiva (ou como tal apresentada), em referência ao presente, ao passado ou ao futuro:

O tempo *está* firme.
A Terra se *move* em tomo do Sol.
O homem já *pisou* a Lua.
Amanhã *viajarei* para São Paulo.

É o indicativo o modo básico do período simples e da oração principal, o que não impede figure nas orações subordinadas dependentes de verbos que exprimem crença, afirmação, verificação, certeza e sentimentos análogos:

Acho
Acredito
Creio } que ele *merece* confiança.
Penso

Compreendeu
Reconheceu
Verificou } que não *valia* a pena o esforço.
Viu
Admitiu

Afirmou

Disse
Assegurou } que o caso *é* sério.

Provou
Demonstrou } que *tem* talento.
Comprovou

Basta, porém, que o verbo da oração principal venha modificado por uma negação para que o verbo da subordinada passe para o subjuntivo:

Não acredito que ele *mereça* confiança.
Não admitia que *valesse* a pena o esforço.
Não posso assegurar que o caso *seja* sério.
Não provou que *tivesse* talento.

Dos tempos do indicativo, uns são SIMPLES, numa só palavra, outros COMPOSTOS com os auxiliares *ter* ou *haver* (menos usado hoje em dia).

O PRESENTE

No seu uso mais geral, o presente do indicativo se presta para exprimir o fato, a ação, o modo de ser que se desenvolvem e se mantêm no momento em que se fala, no próprio ato da palavra:

Escrevo-te do aeroporto.
Agora me *sinto* melhor.
Minha decisão *é* esta.
— *Estás* com medo?
O luar *está* tão intenso que *permite* ler.

Além desse emprego básico, indica várias outras particularidades, tais como:

a) o hábito, a repetição, a regularidade com que se verifica um fato:

> “Aqui, se *venta* um pouco, a poeira se *levanta* e *entra* em nossos pulmões.”
>
> *Acorda* sempre às seis horas.
>
> *Gosto* muito de música.

b) o que se realiza sempre, as verdades permanentes, os dogmas, as leis:

> A Terra *é* um planeta.
>
> A água se *compõe* de oxigênio e hidrogênio.
>
> Todos *são* iguais perante a lei.

[Nos provérbios e aforismos o presente quer indicar exatamente a validade perene do que se afirma: “Ninguém *é* profeta em sua terra.”, “A mentira *tem* pernas curtas.”]

O PRESENTE do indicativo é, por assim dizer, o tempo universal, e predomina sobre os demais: estranho como pareça, também se usa para indicar o passado e o futuro:

O PRESENTE HISTÓRICO é um passado em forma de presente; é uma forma de reviver o passado no presente, dando-se vivacidade à narrativa:

> “Em frente ao meu edifício existe uma feira *hippie*, com tudo bem organizado, muita gente comprando. Pois de repente, de um lado e outro *aparecem* barracas, as calçadas *são* invadidas por camelôs e a sujeira *domina* a Praça.”

> “Os navios *aproximam*-se da costa francesa e *começa* o desembarque das tropas aliadas.“

– O uso do presente pelo futuro do indicativo é um meio expressivo de dar como certo um fato ainda por ocorrer:

> Obrigado pelo livro; amanhã *devolvo*.
>
> Mais um passo, e *és* um homem morto.

– Também se usa pelo futuro do subjuntivo:

> Se você *dá* as costas, começam a criticá-lo.
> Não sei o que faço se eles *continuam* de namoro.

– Substitui o imperativo, para abrandar-lhe o tom autoritário; muitas vezes em forma interrogativa:

> Você me *devolve* logo o livro, sim?
> O senhor me *empresta* os fósforos?

O PRETÉRITO IMPERFEITO

Como o próprio nome sugere (*imperfeito* quer dizer "inacabado"), o pretérito imperfeito designa basicamente um fato anterior ao momento atual, mas que dura ainda no momento do passado a que nos referimos.

Assim, emprega-se nas seguintes circunstâncias:

1. Como imperfeito narrativo, serve para dar um tom de presente ao que se conta de uma época passada:

> "A lua cheia *descia* vagarosa; *descambava* para trás. À frente, *brilhava* uma grande estrela avermelhada, que nos *servia* de guia."

Se nos referimos a dois fatos simultâneos, indica o que se estava passando quando ocorreu o outro:

> "Quando eu *era* rapazola, alguém me *deu* para ler um livro de Júlio Verne."
>
> "Explicou tudo ao guarda que o *interrogava*."

2. Exprime um fato passado habitual ou frequente:

> "Antigamente a gente *fugia* para a praia, para o mar."
>
> "O passarinho logo me *reconhecia* quando eu me *aproximava* da

gaiola.”

3. Substitui o futuro do pretérito, emprestando mais vigor à afirmação:

> Se eu tivesse meios, *comprava* um sitiozinho.

4. Substitui, em sinal de cortesia, o presente do indicativo:

> A patroa mandou saber se o senhor *queria* o almoço agora.

O PRETÉRITO PERFEITO SIMPLES

O pretérito perfeito simples indica um fato inteiramente concluído no passado:

> O Presidente *tomou* posse ontem.
> *Embarquei* às dez horas, mas o avião só *decolou* às onze.

O PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO

Muito diferente do simples é o emprego do pretérito perfeito composto, formado com o presente do indicativo do auxiliar *ter* e o particípio do verbo principal; enquanto a forma simples exprime um fato inteiramente concluído, a do perfeito composto indica um fato repetido, que se inicia no passado e pode estender-se até o presente:

> “Como *tem sucedido* em outras ocasiões da minha vida, eu agora estou mal de dinheiro.”
>
> “*Tenho lido* muito ultimamente.”
>
> “*Temos tido* administradores vaidosos que erguem monumentos à própria vaidade.”

O MAIS-QUE-PERFEITO

O português se dá ao luxo de possuir três formas diferentes para o mais-que-perfeito com o mesmo valor: uma simples, reconhecida pela característica *-ra-*, e duas compostas, uma com o auxiliar *ter*, outra com *haver* no imperfeito do indicativo seguidos do particípio do verbo principal: *chegara*, *tinha chegado* (a mais usada), *havia chegado*, esta última quase exclusivamente literária.

Qualquer dessas formas indica um fato passado anterior a outro já passado:

> “Era noite de lua cheia, e a lua já *atravessara* grande parte do céu quando saímos para pescar.”
>
> “Em Portugal, o navio encheu-se de ex-emigrantes que *tinham prosperado* no Brasil e agora retornavam com toda a família.” [Poderia ser *haviam prosperado*.]

O bom escritor tira partido dessa tríplice possibilidade para variar o estilo.

Veja como procede Graciliano Ramos, mestre do romance brasileiro, na primeira página de *Vidas Secas* (livro que você deve ler, ou reler):

> “Os infelizes *tinham caminhado* o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como *haviam repousado* bastante na areia do rio seco, a viagem *progredira* bem três léguas.”

Observe ainda que, por ser igual à do pretérito perfeito simples, não é comum usar-se a forma simples do mais-que-perfeito da 3.ª pessoa do plural, que seria sentida mais provavelmente como do perfeito: *repousou — repousaram/ repousara — repousaram*.

A forma simples do mais-que-perfeito está em desuso entre o povo, que prefere a forma composta com o auxiliar *ter*.

Além desse valor fundamental, o mais-que-perfeito simples tem sido usado, sobretudo pelos escritores mais antigos, em lugar do futuro do pretérito (em -*ria*) e do pretérito imperfeito do subjuntivo (em -*sse*). São de todos conhecidos estes versos de famoso soneto de Camões:

> “... Mais *servira*, se não *fora*,
> Para tão grande amor, tão curta a vida.”
> [Entende-se: “mais *serviria*, se não *fosse*”.]

Graças ao título de um filme, tornou-se até comum a expressão “Se eu *fora* rei”.

O povo usa esta forma em frases exclamativas fixas, estereotipadas, como “Quem me *dera*!”, “*Pudera*!”, “*Prouvera* a Deus.”

O FUTURO DO PRESENTE SIMPLES

Pela própria natureza de exprimir fatos que ainda não se realizaram, posteriores portanto ao momento em que se fala, o FUTURO DO PRESENTE, embora do indicativo, poucas vezes pode referir-se propriamente a certezas: indica mais frequentemente aquilo que se deseja ou se tem como certo num momento que ainda está por vir. Veja primeiro dois exemplos do “futuro de certeza”, tirados do livro *Recado de Primavera* do cronista Rubem Braga:

> “Pediram-me para dar um depoimento pessoal sobre o Marechal Mascarenhas de Morais, o comandante da FEB, no centenário do seu nascimento. [...] *Recordarei* um dia em que estivemos lado a lado durante algumas horas.” (Capítulo “Um combate infeliz”) [E o cronista passa a narrar, daí em diante, o que aconteceu naquele dia.]
>
> “Relembro agora aquela a quem *chamarei* Beatriz, alegria de minha vista e de minha vida, saudade alegre, prazer de sempre, clarinada matinal, doçura.” [O cronista diz “chamarei” e daí por diante dá esse nome à sua amada.]

E agora alguns exemplos de fatos que se tinham como de realização segura:

> *Chegarei* amanhã. [Mas a chegada pode não se dar...]
>
> O cometa Halley *será* visível no Rio em março. [Isso se as condições atmosféricas permitirem.]
>
> “O Presidente Tancredo Neves *tomará* posse amanhã.” (Dos jornais da época.) [Mas lamentavelmente o destino não o permitiu.]
>
> — Não *porei* mais os pés aqui! [Mas não se sabe se a intenção se confirmará.]

Não é de estranhar, pois, que esse tempo, que joga com o imprevisível porvir, tenha adquirido valores às vezes de um verdadeiro modo, designando probabilidade ou possibilidade, suposição, dúvida:

Sua idade é um mistério: não *terá* mais de 40 anos.
Quem *será* aquele homem?
Haverá paz no túmulo?
Existirá vida inteligente noutros planetas?
Quando puder, *comprarei* um sítio.
Se você estudar com afinco, sem dúvida *aprenderá*.

Não param aí os usos desse tempo verbal.

Como em português não dispomos de formas próprias para o imperativo futuro (em latim existem), emprega-se com esse valor, especialmente na linguagem bíblica:

Não *furtarás*.
Amarás a teu próximo como a ti mesmo.

Embora o futuro simples do indicativo seja "do presente" (ou seja, relativo ao tempo que virá depois do atual), usa-se também para exprimir uma ação posterior a outra no passado:

> "Nomeado Embaixador do Brasil à Conferência de Haia, Rui Barbosa aí *defenderá* intransigentemente a igualdade entre as pequenas e as grandes nações."

Como você vê, na língua muitas vezes se confundem o ontem, o hoje e o amanhã...

A AGONIA DO FUTURO SIMPLES

Se você atentar para a sua própria *fala* e a dos seus parentes, colegas e amigos, sem dúvida vai verificar que só muito raramente se usam as formas do futuro simples do indicativo, substituídas ou pelo presente — quando se tem firme intenção de tornar real o fato futuro — ou por várias locuções com verbos auxiliares (como *ir* [o mais comum], *haver de*, *dever*, *querer*, *poder*, *ter de*, *ter que*) no presente do indicativo seguidos do verbo principal no infinitivo:

Hoje à noite *vou* [em vez de *irei*] ao teatro.
O Ministro da Fazenda declarou que a inflação *vai baixar* [em vez

de *baixará*] no próximo mês.

Meu candidato *vai ser* [= *será* (assim desejo e espero)] eleito.

Os candidatos de n.º 1 a 40 *devem dirigir-se* [= se dirigirão (obrigatoriamente)] à sala A.

Hão de vir [= *virão* (sem dúvida)] dias melhores.

Amanhã *tenho de* (ou *que*) comparecer [= comparecerei (obrigatoriamente)] a uma audiência na Justiça do Trabalho.

Você *quer* (ou *pode*) *fazer* [= *fará*] isso por mim?

Está acontecendo com o nosso futuro simples o mesmo que sucedeu com o futuro latino: a princípio simples, numa só palavra (p. ex. *cantabo*, “cantarei”), passou a exprimir-se numa locução com o auxiliar *habere* (“haver”) no indicativo, precedido do verbo principal: *cantare hai* (isto é, “tenho a intenção de cantar”, “hei de cantar”), expressão que acabou produzindo o nosso futuro simples: *cantar* (*h*)*ei* > *cantarei*, que agora, como vimos, vai sendo substituído por formas analíticas (em mais de uma palavra), numa velha tendência da língua. A história se repete séculos depois...

O FUTURO DO PRESENTE COMPOSTO

Também chamado (e mais expressivamente) *futuro anterior* e *futuro perfeito*, o FUTURO DO PRESENTE COMPOSTO, formado pelo auxiliar *ter* (mais raramente *haver*) no futuro do presente simples mais o particípio do verbo principal, exprime um fato posterior ao momento presente, mas já acabado antes de outro fato futuro:

Ao meio-dia a prova já *terá* (ou *haverá*) terminado.

Não se sabe o que *terá acontecido* ao Cireneu depois que ajudou Jesus Cristo a carregar a Cruz.

Também indica como certo um fato futuro dependente de certas condições:

Se eles não chegarem até às seis horas é porque *terão errado* o caminho.

O FUTURO DO PRETÉRITO SIMPLES

O chamado FUTURO DO PRETÉRITO (que já se chamou “condicional”) exprime mais geralmente um fato posterior (e portanto futuro) a determinado momento já passado (pretérito) de que se fala:

Afirmou que nunca mais *poria* os pés ali.

Esquematicamente:

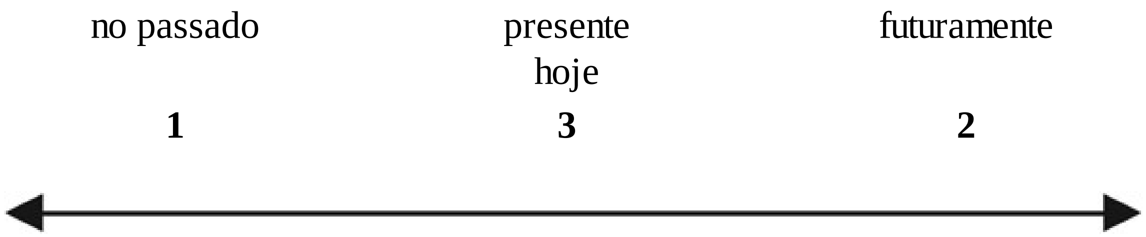

[A frase, dita hoje **3**, se refere a um momento do passado **1** em que alguém faz uma afirmação para o *futuro* **2**. Tudo numa ocasião anterior ao presente (do *pretérito*, portanto). Trata-se, pois, de um futuro dentro do passado. A mesma afirmação, se dita no presente para um momento futuro, terá o verbo no futuro do presente: “— Não *porei* mais os pés aqui.”]

Tal como acontece com o futuro do presente, o futuro do pretérito adquire muitas vezes valores de um verdadeiro “modo”, o que tem levado gramáticos de várias línguas a falar, impropriamente, num MODO CONDICIONAL ou POTENCIAL (que, a existir, incluiria o futuro do presente):

Sua idade era um mistério: não *teria* mais de 40 anos.
Disse que *chegaria* no dia seguinte.
Os astrônomos garantiram que o cometa Halley *seria* visível no Rio em março.
Se tivesse meios, *compraria* um sítio.
Quem *seria* aquele homem?
Haveria paz no túmulo?
Se você estudasse com afinco, sem dúvida *aprenderia*.

A mesma frase com que antes exemplifiquei um uso estranho do futuro do presente, se usa, talvez mais adequadamente, com o verbo no futuro do pretérito:

> “Nomeado Embaixador do Brasil à Conferência de Haia, Rui Barbosa aí *defenderia* intransigentemente a igualdade entre as pequenas e grandes nações.”

Tal como o futuro do presente é muitas vezes substituído pelo presente, o futuro do pretérito, sobretudo na linguagem coloquial, é substituído pelo pretérito imperfeito:

> Se eu pudesse, *ia* (em lugar que *iria*) vê-lo.

O FUTURO DO PRETÉRITO COMPOSTO

O FUTURO DO PRETÉRITO COMPOSTO (ou ANTERIOR), formado pelo auxiliar *ter* (mais raramente *haver*) no futuro do pretérito simples mais o particípio do verbo principal, exprime um fato posterior a uma época passada a que nos referimos, mas já acabada antes de outro fato futuro:

> Estava previsto que ao meio-dia a prova já *teria* (ou *haveria*) *terminado*.
>
> O que *teria acontecido* ao Cireneu depois que ajudou Jesus Cristo a carregar a cruz?

Também indica um fato possível, anterior a determinada época, dependente de certas condições:

> Eu o *teria esperado*, caso não tivesse um compromisso inadiável.
>
> Um sapo venenoso *teria causado* a doença do naturalista.

16. O MODO DA INCERTEZA

O modo verbal com que se exprime um fato de realização incerta, apenas possível, eventual, chama-se SUBJUNTIVO. É o modo típico da oração subordinada, e ocorre nas orações dependentes de verbos que designam dúvida, descrença, possibilidade, desejo, esperança, súplica, receio, conselho e vários outros sentimentos análogos:

Duvido que ele *consiga* a transferência.

É possível
É provável
} que a ocasião *apareça*.

Esperamos que você *aprecie* nosso esforço.

É compreensível
É natural
} que ele *esteja* nervoso.

É bom

É conveniente } que ele *saiba* da combinação feita.
Convém
Cumpre

Desejo } que *voltes* logo.
Espero

Gostaria que *estudasses* mais.
Aconselho aos jovens que *leiam*, que *reflitam*.

Receio } que ele *tenha* razão.
Temo

Aconselhou
Deixou
Mandou } que ele *desistisse*.
Recomendou

Proibiram que *levassem* armas.
Lamentaram que *tivéssemos* de voltar tão cedo.

Pediram
Rogaram } que *ficássemos* mais tempo.
Suplicaram

Mesmo figurando em orações independentes, o subjuntivo muitas vezes carrega o *que* como um resíduo da subordinação:

> “*Que* os jovens *namorem*, que *curtam* a vida material; mas não *esqueçam* a vida intelectual.”

Além do *que*, muitas outras conjunções, pelo fato de sugerirem fatos incertos ou hipotéticos, exigem o verbo no subjuntivo. São elas:

– de comparação hipotética (*como se*):

Mostravam-se descuidados, *como se* nada *temessem*.

– concessivas (*ainda que*, *conquanto*, *embora*, *mesmo que*, *posto* (*que*), *se bem que, apesar de que, por mais que, nem que*):

Posto (*que*)
Por mais que } se *esforçasse*, não conseguia compreender.
etc.

– condicionais (*se*, *caso, sem que, contanto que, salvo se*, *desde que, a não ser que, a menos que*):

Se *estudares*,
Caso *estudes*,
Desde que *estudes*,
enriquecerás teu mundo interior.

Se não *houvesse* tristezas, não daríamos valor às alegrias.

– finais (*para que, afim de que, porque*):

Rezai, *porque* (ou *para que*) não *entreis* em tentação.

– temporais, quando marcam a anterioridade (*antes que*, *até que*, *primeiro que*) ou quando marcam o futuro (*quando*, *logo que*, *assim que*):

Pensa bem, *antes que escrevas* a resposta.
Logo que (*quando*, *assim que*) *chegares*, procura o diretor.

O advérbio *talvez*, quando precede o verbo, geralmente o leva ao subjuntivo:

Talvez chova hoje.
Talvez um dia meu amor se *extinga*.

Quando, porém, o *talvez* indica possibilidade ou dúvida, mas com alguma proximidade da certeza, o verbo vai para o indicativo:

> "Eu estava tão comovido, que deixei a filha e lancei-me aos braços do pai. *Talvez* essa efusão o *desconcertou* um pouco; é certo que me pareceu acanhado." (Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, cap. LXXXI.)

OS TEMPOS DO SUBJUNTIVO

O subjuntivo tem três tempos simples (o presente, o pretérito imperfeito e o futuro) e três compostos (pretérito perfeito, pretérito mais-que-perfeito e futuro anterior), cujo emprego se assemelha aos correspondentes do indicativo.

O PRESENTE, que indica basicamente um fato que se passa no momento da fala, pode também estender a ação para o futuro:

É melhor que eu não *minta* a você.
É provável que ele *viaje* amanhã.

Observe-se que o verbo no **presente** do subjuntivo, em oração dependente, está em concordância com o verbo no presente do indicativo, na oração principal:

Espero que você *venha*.

O PRETÉRITO IMPERFEITO indica fato possível de acontecer no passado, embora sem momento definido:

Se *tivesses* coração, *terias* tudo agora.
O Destino não permitiu que ele *vivesse* até hoje.

O imperfeito do subjuntivo, quando em oração dependente, substantiva, mantém correlação com o pretérito perfeito ou com o imperfeito do indicativo:

Era provável que ele ainda *aparecesse*.
Pedi-lhe que se *acalmasse*.

Em oração adverbial, a concordância se dá com o futuro do pretérito.

Mesmo que não *resistisse*, *estaria* igualmente condenado.

O PRETÉRITO PERFEITO forma-se com o presente do subjuntivo do verbo *ter* (mais raramente *haver*) e o particípio do verbo principal; exprime basicamente um fato terminado (ou supostamente acabado) em época passada:

Embora *tenha* (ou *haja*) *estudado* com afinco, não foi aprovado.
É de esperar que ele já *tenha cumprido* todas as exigências.

Pode ainda exprimir um fato possível no futuro, mas já terminado em relação a outro fato futuro:

Quando chegarmos, espero que ela já *tenha terminado* a toalete.

O PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO forma-se com o imperfeito do subjuntivo de *ter* ou *haver* mais o particípio do verbo principal; sempre dentro do sentido eventual do subjuntivo, exprime basicamente um fato anterior a outro já passado:

Embora a sessão já *tivesse começado*, resolvemos entrar.

Se ele *houvesse escutado* meus conselhos, não teria ido à falência.

O FUTURO SIMPLES exprime um fato presumivelmente realizável no futuro; e ocorre em orações subordinadas:

– adverbiais conformativas:
Faça como *quiser*.
– adverbiais condicionais:
Se fizer bom tempo, sairemos já.
– adverbiais temporais:
Quando *vieres*, avisa-me.
– adjetivas:
O primeiro que *responder* certo ganhará um prêmio.
– substantivas:
Quem *puder* ajude os flagelados.

O FUTURO COMPOSTO (ANTERIOR ou PERFEITO) é formado com o futuro simples de *ter* ou *haver* mais o particípio do verbo principal, e exprime, sempre dentro das características do subjuntivo, que um fato futuro estará terminado antes de outro fato futuro:

Só sairemos quando eu *tiver terminado* o trabalho.
Se já *tiveres lido* esse livro, devolve-mo.

17. O IMPERATIVO NEM SEMPRE MANDA

Se nos guiarmos apenas pelo nome, ficaremos com a falsa noção de que o IMPERATIVO é o modo verbal com que se exprime mando, ordem de uma autoridade ou de alguém de escala superior.

A realidade, porém, é outra: o comando e a ordem só ocorrem na minoria dos casos; muito mais frequentemente se usa esse modo para um pedido, um convite, um conselho, uma advertência, uma súplica humilde. Os exemplos dizem mais do que qualquer teoria:

Abram, em nome da lei!
Empreste-me esse livro, sim?
Vamos à praia?
Fecha a janela, que o vento está forte demais.
"*Dá-me* um beijinho, *dá*..."
Não te fies nas suas promessas.
"*Faze* o bem, *não olhes* a quem."
Valei-me, Santa Bárbara!
Acudam!

AS FORMAS DO IMPERATIVO

Em nossa língua há um IMPERATIVO AFIRMATIVO e um IMPERATIVO NEGATIVO.

No imperativo afirmativo, somente a 2.ª pessoa do singular (*tu*) e a 2.ª do plural (*vós*) possuem formas próprias; as demais são emprestadas do presente do subjuntivo, que fornece também ***todas*** as formas do imperativo negativo.

Como no imperativo aquele que fala se dirige a um ouvinte, este modo só admite as pessoas que designam aquele *a quem se fala*, ou seja, a 2.ª pessoa do singular e do plural, a 3.ª pessoa do singular e do plural para os pronomes de tratamento *você*, *vocês*, *o senhor*, *os senhores*. Admite, além disso, a 1.ª pessoa do plural, em que o falante se associa ao(s) ouvinte(s) (*você e eu*, *vocês e eu*).

A maneira mais prática de obter as formas próprias do imperativo afirmativo consiste em conjugar nas 2.as pessoas o presente do indicativo, suprimindo o *-s* final; com isso obtêm-se as formas referentes a *tu* e *vós*:

INDICATIVO		IMPERATIVO				
(tu)	(vós)					
estudas	estudais	estuda			estudai		
sabes	sabeis	sabe			sabei		
dizes	dizeis	dize			dizei		
pões	pondes	põe (tu)	}	(tu)	ponde	}	(vós)
partes	partis	parte			parti		
tens	tendes	tem			tende		
vens	vindes	vem			vinde		

As demais pessoas, como já dissemos, são tomadas de empréstimo ao presente do subjuntivo:

SUBJUNTIVO	IMPERATIVO
(que você) *estude*	*estude* (você)
(que nós) *estudemos*	*estudemos* (nós)
(que vocês) *estudem*	*estudem* (vocês)

O imperativo negativo tem ***todas*** as suas formas iguais às do presente do subjuntivo: não *estudes*, não *estude*, não *estudemos*, não *estudeis*, não *estudem*.

O IMPERATIVO NA FALA BRASILEIRA

Na fala natural do Brasil, já sabemos que é restrito o uso do tratamento *tu* (muitas vezes misturado com *você*), e inteiramente desusado o tratamento *vós*.

Disso resulta que os falantes, mesmo que usem o tratamento *você*, frequentemente lançam mão da forma própria do tratamento *tu*, fato que se comprova até em obras literárias, especialmente quando se reproduzem diálogos, ou em cartas íntimas. Releia o trecho de carta de Monteiro Lobato reproduzido no capítulo inicial deste livro.

No seu conhecido poema "Irene no Céu", Manuel Bandeira nos dá um bom exemplo. Quando a boa preta velha Irene chega ao céu, São Pedro, num convite muito bonachão, lhe diz:

> "*Entra*, Irene *você* não precisa pedir licença."

A construção é bem carioca: o tratamento é *você*, mas a forma do imperativo, *entra*, pertence à 2.ª pessoa, *tu*.

Familiarmente, o uso da forma própria soa mais autoritário.

Se a mãe de Joãozinho quer *pedir-lhe* que faça um pequeno serviço, sem dúvida lhe dirá:

> — *Vem* cá, Joãozinho, preciso que *você* vá até a casa de Dona Marina.
>
> [O *vem*, referente a *tu*, se mistura com o *você*.]

Mas, se estiver aborrecida com alguma traquinagem mais séria do filho, a mudança de tratamento já poderá preocupar Joãozinho:

> — *Venha* cá, menino! Preciso falar com você!

É claro que, em ambos os casos, o tom de voz colabora, e acentua a seu modo a natureza do estado de ânimo do falante.

Muito ilustrativos são estes trechos do conto (em forma de carta) "O ventre seco", do festejado escritor Raduan Nassar, publicado no suplemento "Ideias" do *Jornal do Brasil* de 18 de março de 1989. (Vão destacadas as formas que atestam a mistura intencional de tratamento.)

> "Mas *te* advirto, Paula: a partir de agora, não *conte* mais comigo

> como *tua* ferramenta.”
>
> “*Você* me deu muitas coisas, Paula, me cumulou de atenções (...) Não quero discutir os motivos da *tua* generosidade.”
>
> “Não me *telefone*, não *estacione* mais o carro na porta do meu prédio, não *mande* terceiros me revelarem *tua* existência.”
>
> “Não *tente* mais, Paula, me contaminar com a *tua* febre, me inserir no *teu* contexto, me pregar *tuas* certezas, *tuas* convicções e outros remoinhos virulentos que *te* agitam a cabeça.”
>
> “Não *seja* tola, Paula, não estou *te* recriminando nada, sempre assisti com indiferença aos arremedos que *você* fazia da ‘bruxa velha’.”

As formas de imperativo são invariavelmente as do tratamento *você* (que aliás vem explícito, como pronome reto, quando sujeito): “não *conte*”, “Não me *telefone*, não *estacione*”, “não *mande*”, “Não *tente*”, “Não *seja*”; mas os pronomes oblíquos e possessivos assumem sempre as formas do tratamento *tu*: *te*, *tua*, *teu*, *tuas*.

O contista usa conscientemente da liberdade que gozam os escritores autênticos de desviar-se intencionalmente das normas gramaticais em benefício da expressividade. Ele subscreveria, sem dúvida, estas palavras de outro grande prosador brasileiro, Autran Dourado:

> “Não defendo a ignorância dos escritores: deve-se conhecer a gramática, para violentá-la em favor da expressão e do falar e escrever brasileiros.”

Mas isso é privilégio dos grandes escritores. Enquanto você não chega a essas alturas, se quiser manter-se dentro das normas da língua escrita culta, não misture os dois tratamentos em trabalhos ou documentos formais.

Faze aos outros o que *queres* que *te* façam.
Faça aos outros o que *quer* que *lhe* façam.
Fazei aos outros o que *quereis* que *vos* façam.
Não faças aos outros o que não *queres* que *te* façam.
Não faça (você) aos outros o que não *quer* que *lhe* façam.
Não façais aos outros o que não *quereis* que *vos* façam.

18. VERBOS IRREGULARES (MAS NEM SEMPRE)

Considera-se REGULAR um verbo quando se conjuga de acordo com um modelo ou paradigma da conjugação a que pertence (p. ex. *amar*, para a 1.ª, *vender*, para a 2.ª, *partir*, para a 3.ª).

Será IRREGULAR o verbo que apresenta variações no seu radical ou nas flexões (que se afastam das do seu paradigma).

Na prática, o radical de um verbo se obtém tirando-lhe do infinitivo impessoal as terminações *-ar*, *-er*, *-ir*. Assim, o radical de *cantar* é *cant-*, de *vender* é *vend-* e de *partir* é *part-*.

Para verificar a regularidade ou irregularidade de um verbo, basta compará-lhe a conjugação com a do paradigma.

A conjugação correta de certos verbos irregulares pode causar sérios embaraços a quem precisa seguir o padrão culto.

Mais de uma vez Joãozinho teve vontade de esconder-se embaixo da carteira quando o professor lhe corrigiu erros desse tipo, como quando escreveu, numa redação: “Quando o sol se *pôr*” (em vez de *puser*). De outra vez cometeu esta barbaridade: “Eu me *entreti* (em vez de *entretive*) com um anzol, enquanto meus colegas nadavam.”

Para que não lhe aconteça o mesmo, vou apontar aqui as irregularidades mais frequentes na conjugação.

NA 1.ª CONJUGAÇÃO

É a 1.ª conjugação a que apresenta menos verbos irregulares. Além do auxiliar *estar*, atrás conjugado, extremamente irregular, o verbo *dar* merece atenção no presente do subjuntivo:

que eu *dê*	que nós *demos*
que tu *dês*	que vós *deis*
que ele ou você *dê*	que eles ou vocês *deem*

AGUAR

Observe estas formas do verbo *aguar*:
Presente do indicativo: *águo*, *águas*, *água*, aguamos, aguais, *águam*.
Pretérito perfeito simples: *aguei*, aguaste, etc.
Presente do subjuntivo: *águe*, *águes*, *águe*, *aguemos*, *agueis*, *águem*.

OBS.: Na fala de certas regiões ocorrem as formas *aguo* e *agoo*, *aguas* e *agoas*, *agua* e *agoa*, *aguam* e *agoam* (no presente do indicativo); *ague* (ou águe) e *agoe*, *agues* (ou *águes*) e *agoes*, *aguem* (ou *águem*) e *agoem* (presente do subjuntivo), que não devem ser usadas na escrita culta.

Seguem a conjugação de *aguar* os verbos *desaguar* e *enxaguar*.

APIEDAR-SE

Este verbo apresenta, mesmo em escritores modernos, no presente do indicativo, no presente do subjuntivo e no imperativo, ao lado das formas regulares, outras com *a* tônico em vez de *e*, por influência do substantivo arcaico *piadade*: *apiado-me*, *apiadas-te*, *apiada-se*, *apiadam-se*; eu me *apiade*, tu te *apiades*, ele ou você se *apiade*, eles ou vocês se *apiadem*; *apiada-te*, *apiade-se*, *apiadem-se*.

Mas hoje em dia soam-nos estranhas essas formas, e bons escritores têm usado as formas regulares: *apiedo-me*, (você) *se apiede*, *apieda-te*, etc., que você pode empregar tranquilamente.

APOIAR

Não é irregular; mas é bom lembrar que o ditongo *oi*, com *o* aberto, recebia acento agudo, que foi suprimido pelo novo Acordo Ortográfico:

apoio, apoias, apoia, apoiam;
apoie, apoies, apoie, apoiem.

O mesmo ocorre com *boiar*.

[Lembre-se de que o substantivo *apoio*, com o ditongo *oi*, também não se acentua, e de que a pronúncia do *o* é fechada.]

VERBOS TERMINADOS EM -EAR

Os verbos em *-ear*, como *cear*, *frear*, *passear*, *recear* e numerosos outros apresentam a particularidade de receberem um *i* após o *e* tônico. Mas esse *i*, embora ocorra na pronúncia de outras formas, não se escreve atualmente no uso culto:

ce*i*o, fre*i*o, passe*i*o, rece*i*o
mas
ceamos, *freamos*, *passeamos*, *receamos*;
ce*i*e, fre*i*e, passe*i*e, rece*i*e,
mas
ceemos, *freemos*, *passeemos*, *receemos*.

Dois verbos terminados em *-ear* têm o *e* aberto nas formas rizotônicas ditongadas, e por isso o *e* recebia acento agudo, suprimido no novo Acordo Ortográfico. São *estrear* e *idear*: *estreio*, *estreias*, *estreia*; *estreie*, *estreies*, *estreiem*. *Ideio*, *ideias*, etc.

VERBOS TERMINADOS EM -IAR

Várias dezenas de verbos terminados em *-iar* são inteiramente regulares, como *adiar*, *abreviar*, *apreciar*, *avaliar*, *chefiar*, *comerciar*, *confiar*, *criar*, *desviar*, *elogiar*, *enfiar*, *espiar*, *iniciar*, *licenciar*, *negociar*, *premiar*, *saciar*, *variar*, etc.:

vario, varias, varia, variamos, variais, variam.

[A forma *vareia* é vulgar e não deve ser empregada.]

Meia dúzia de verbos com essa terminação, contudo, afastam-se desse modelo, pois nas formas chamadas *rizotônicas* (em que o acento tônico recai no radical) apresentam *ei* em lugar de *i*. São os seguintes: *ansiar*, *incendiar*, *mediar* (e *intermediar*), *odiar* e *remediar*. Veja esta amostra:

ans*e*io, incend*e*ias, med*e*ia, intermed*e*iam, od*e*iam, remed*e*iam; ans*e*ie, incend*e*ies, med*e*ie, intermed*e*iem, remed*e*iem; ans*e*ia, ans*e*ie, ans*e*iem.

Nas formas não rizotônicas são regulares:

ansiamos, *ansiais*; *remediemos*.

MOBILIAR

Os dicionários e manuais de conjugação registram para esse verbo (entre nós geralmente substituído por *mobilhar*), nas formas rizotônicas, o acento tônico no *i* (da sílaba -*bi*-), que se marca na escrita:

mob*í*lio, mob*í*lias, mob*í*lia, mob*í*liam; mob*í*lie, mob*í*lies, mob*í*liem.

Em Portugal se usa mais a variante *mobilar*.

PERDOAR, MAGOAR E OUTROS

Umas poucas dezenas de verbos terminados em -*oar* são regulares, mas vale a pena lembrar que na escrita o *o* tônico da 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo recebia acento circunflexo, abolido pelo novo Acordo Ortográfico: *abençoo, abotoo, atraiçoo, caçoo, coroo, doo, enjoo, ensaboo, magoo, perdoo, voo*, etc. Nas demais formas rizotônicas, embora o *o* tenha timbre fechado, nunca recebeu acento na escrita:

abençoa, *perdoa*, *magoa*, *voa*, etc.

Vários verbos que apresentam encontros consonantais (*ct*, *gn*, *pt*, *ps*, *tm*, entre outros), como *adaptar*, *captar*, *consignar*, *designar*, *detectar*, *dignar-se*, *eclipsar*, *impugnar*, *interceptar*, *jactar-se*, *raptar*, *repugnar*, *resignar*, *ritmar* e alguns outros) são regulares; mas convém chamar a atenção para o fato de, como termos de origem culta, manterem em toda a sua conjugação o encontro de consoantes, sem a intromissão de nenhum *i* entre elas, como fazem pessoas sem instrução. São de baixo nível pronúncias (e escritas) como “Eu me *indiguino* (por *indigno*), *ritimo* ou *rítimo* (verbo ou substantivo, em lugar de *ritmo*) e semelhantes.

Fale e escreva certo, portanto:

Não me *adapto* (*a-dap-to*). — Isso me *repugna* (*re-pug-na*). — *Impugno!* (*im-pug-no*). — “Os sons das aves *ritmam* (*rit-mam*) com o marulhar das águas.”

Cabe também uma palavra acerca de verbos da 1.ª conjugação em que ocorrem os ditongos *ei* e *ou*, como sejam *descadeirar*(*-se*), *embandeirar*, *empoleirar*, *inteirar*, *maneirar*, *peneirar*, *afrouxar*, *agourar*, *estourar*, *roubar*, e poucos mais.

Na fala culta (e, portanto, na escrita), no 1.º grupo, mantém-se o ditongo *ei* em toda a conjugação (se bem que, na fala vulgar de certas regiões, o ditongo se transforma em *é*, quando tônico: ele [*manéra*], ela se [*descadéra*], p. ex.):

mane*i*ro, pene*i*ra, Ela se descade*i*ra, Eles se inte*i*ram dos fatos.

Quanto ao segundo grupo, deve-se manter na escrita o ditongo *ou* (embora já esteja praticamente reduzido a *ô*, mesmo na fala culta), evitando-se a pronúncia vulgar com *ó* aberto ([*afróxo*, *róbas*, *estóra*, *agóram*]):

Eu *afrouxo* o cinto; Tu *roubas* teu tempo; A bomba sempre *estoura* na minha mão.

Nos verbos da 1.ª conjugação terminados em *-oar*, *uar*, a 3.ª pessoa do sing. do pres. do indicativo termina em *e* e não em *i* (como acontece com os da 3.ª conjugação):

abençoe, *acentue*, *atenue*, *perdoe*, etc.

Existem alguns verbos regulares da 1.ª conjugação, em que ocorre HIATO cuja 2.ª vogal é *i* ou *u*, e recebem acento agudo quando tônicos. São eles, entre outros pouco usados: *ajuizar*, *amiudar*, *arruinar*, *enviuvar*, *enraizar*, *esmiuçar*, *faiscar*, *saudar*. Eis uma amostra dessa particularidade meramente gráfica:

ajuízo, *amiúdas*, *arruína*, *enviúvam*, *enraízo*, *esmiúças*; *faísca*, *saúdam*.

Observe, também, que nos verbos terminados em -*guar* o *u*, pela nova regra do Acordo Ortográfico, não recebe trema ou acento, seja tônico ou átono. Os mais usados são *apaziguar* e *averiguar*: *apaziguemos*, *averiguei*, *apazigue*, *averigue*, *averiguem*, *averiguo*, *apaziguas*, *averiguamos*, *averiguam*.)

E não se esqueça de manter o *i*, na sílaba *di*, em toda a conjugação do verbo *adivinhar*:

ad*i*vinho, ad*i*vinhava, ad*i*vinhei, etc.

NA 2.ª CONJUGAÇÃO

– *Aprazer* (que significa “agradar, causar prazer, ser agradável”) quase só se usa na 3.ª pessoa do singular: “Se isto lhe *apraz*”; é irregular no pretérito perfeito do indicativo e nos tempos que dele derivam:

aprouve, *aprouvera*, *aprouvesse*, *aprouver*:
“Façam o que lhes *aprouver*.”

– *Caber* tem irregulares: a 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo (*caibo*) e todo o presente do subjuntivo, que dela deriva: *caiba*, *caibas*, etc.; o pretérito perfeito do indicativo e os tempos que o acompanham: *coube*, *coubeste*; *coubera*; *coubesse*; *couber*.

– Em *crer* e *ler* merece atenção o presente do indicativo: *leio*, *lês*, *lê*, *lemos*, *ledes*, *leem*; *creio*, *crês*, *crê*, *cremos*, *credes*, *creem*.

– *Dizer* e seus compostos têm irregulares estas formas: *digo* (e todo o presente do subjuntivo: *diga*, *digas*, *digais*, etc.); o pretérito perfeito do indicativo e seus derivados: *disse*, *disseste*; *dissera*; *dissesse*; *disser*; os dois futuros do indicativo: *direi*, *diria*; *predirá*, *prediria*; e o particípio: *dito*.

– *Escrever* e seus compostos só têm irregular o particípio: *escrito*.

– *Fazer* é irregular: na l.ª pessoa do singular do presente do indicativo e no subjuntivo: *faço*, *faça*, *façais*, etc.; no pretérito perfeito do indicativo e seus seguidores: *fiz*, *fizeste*; *fizera*; *fizesse*; *fizer*; nos dois futuros: *farei*, *farias*, *desfarei*, *desfarias*; e no particípio: *feito*, *refeito*.

– *Reaver* (composto de *haver*) só admite as formas em que aparece o *v*: *reavemos*, *reaveis*, no presente do indicativo; não tem o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo; no imperativo afirmativo só se usa a 2.ª pessoa do plural: *reavei*. São irregulares o pretérito perfeito e seus derivados: *reouve*, *reouveste*, *reouvera*, *reouvesse*, *reouver*. — Observe a ausência do *h*.

– Atente na grafia destas formas de *moer* e *roer*:
moo, *móis*, *mói*, *moemos*, *moeis*, *moem*;
roo, *róis*, *rói*, *roemos*, *roeis*, *roem*;
moí, *moía*, *roí*, *roía*; *moído* e *roído*.

– *Perder* tem irregulares a l.ª pessoa do singular do presente do indicativo (*perco*, que se pronuncia com *e* fechado), o presente do subjuntivo (*perca*, *percas*, etc.), o imperativo negativo (não *percas*, etc.) e, no imperativo afirmativo, as formas *perca* você, *percamos* nós, *percam* vocês.

– São estas as formas irregulares de *poder*: *posso*, *possa*, *possas*, etc.; *pude*, *pudeste*, *pôde*, *pudemos*, *pudestes*, *puderam*; *pudera*, *puderas*, etc.; *pudesse*, etc.; *puder*, *puderes*, etc.

– *Precaver*(-se) só se usa nas formas em que a sílaba tônica recai depois do *a*; não tem, portanto, a l.ª, 2.ª e 3.ª pessoas do singular, a 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo, o presente do subjuntivo, o imperativo negativo; no imperativo afirmativo só ocorre a 2.ª pessoa do plural (*precavei-vos*). Em lugar das formas que faltam podem usar-se os sinônimos *acautelar-se* e *precatar-se*. — Observe que *precaver*(-se) não é formado de *ver* (o seu radical é -*cav*-, que significa "prevenir-se, desconfiar, acautelar-se"), e conjuga-se regularmente nas formas usadas: *precavemo*-nos, *precaveis*-vos, *precavi*-me, tu te *precaveste*, *precavemos*-nos, *precavestes*-vos, *precaveram*-se; *precavera*-me, etc.; *precavido*.

– *Prover*, embora composto de *ver*, só o segue no presente do indicativo (*provejo*, *provês*, *provê*, *provemos*, *provedes*, *provêem*), no subjuntivo e no imperativo negativo (*proveja*, etc.) — No pretérito perfeito do indicativo (e nos tempos que dele derivam), ao contrário de *ver*, é regular: *provi*, *proveste*, *proveu*, *provemos*, *provestes*, *proveram*; *provera*, etc.; *provesse*, etc.; *prover*, *proveres*, etc. É também regular o particípio: *provido*.

– *Querer* é irregular no pretérito perfeito do indicativo e nos tempos que o seguem: *quis*, *quiseste*, etc.; *quisera*, etc; *quisesse*, etc.; *quiser*, etc. (sempre com *s!*) E no presente do subjuntivo: *queira*, *queiras*, etc.

– *Requerer*, embora composto de *querer*, não lhe segue as irregularidades: o pretérito perfeito é: *requeri*, *requereste*, etc. E igualmente: *requerera*, *requeresse*, etc. — Sua irregularidade é outra: faz *requeiro*, na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo (e, portanto, no presente do subjuntivo: *requeira*, etc.).

– *Saber* tem irregulares as formas: *sei*; *soube*, *soubeste*, *soube*, *soubemos*, *soubestes*, *souberam*; *soubera*, etc.; *soubesse*, etc., *souber*, etc.; *saiba*, *saibas*, etc.

– o verbo *ter* (cuja conjugação já apareceu nos verbos auxiliares) possui numerosos compostos que lhe seguem as irregularidades. Atente nestas formas: Eu me *abstive*, ele se *absteve*; se você se *abstiver*; eu me *ative*, ele se *ateve* ao essencial; *detive-me*, ele se *deteve*, eles se *detiveram*; quando eu *obtiver*; eu me *entretinha*, ela se *entretinha*; ele *manteve* a palavra; se você se *mantiver*; ele *reteve*, eles *retiveram*.

– *Trazer*, além da 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo (*trago*) e do presente do subjuntivo (*traga*, *tragas*, *tragais*, etc.), tem irregulares o pretérito perfeito do indicativo e tempos derivados: *trouxe*, *trouxeste*, *trouxe*, etc.; *trouxera*, etc.; *trouxesse*, etc.;

– *Valer* (e seu composto *equivaler*) são irregulares na 1.ª pessoa do singular do pres. do indicativo (*valho*) e seus derivados: *valha*, *valhas*, *valhamos*, *valhais*, etc.; *equivalho*, *equivalha*, etc.

– Merecem toda a atenção as irregularidades de *ver* e seus compostos. Além do presente do indicativo (*vejo*, *vês*, *vê*, *vemos*, *vedes*, *vêem*), do presente do subjuntivo (*veja*, *vejas*, *vejais*, etc.), imperativo afirmativo (*vê* tu, *veja* você, *vejamos* nós, *vede* vós, *vejam* vocês), convém observar que o tema *vi*, do pretérito perfeito do indicativo (*vi*, *viste*, *viu*, *vimos*, *vistes*, *viram*) permanece nos tempos dele derivados: *vira*, *viras*, *víramos*, *víreis*, *viram*; *visse*, *visses*, etc.; se eu *vir*, se tu *vires*, se ele ou você *vir*, se nós *virmos*, se vós *virdes*, se eles ou vocês *virem*. Muitos pensam que estas formas são do verbo *vir*, que, porém, apresenta no perfeito o radical -*vie*- (*vim*, *vieste*; *vieram*; *viesse*; *vier*). V. entre os irregulares da 3.ª conjugação.

– Para terminar a 2.ª conjugação, não se pode deixar de falar no verbo *pôr* (e seus numerosos compostos).

Você talvez estranhe: — Verbo *pôr* da 2.ª conjugação?! Mas não termina em -*er*! Não será da 4.ª?...

As aparências iludem: o verbo *pôr* é anômalo, isto é, superirregular, já que perdeu, no infinitivo, a vogal *e*, característica da 2.ª conjugação (as formas arcaicas foram *pôer*, do latim *ponere*, e *poer*, que foi substituída pela atual). Mas conserva esse mesmo *e* em vários tempos da sua conjugação: *puseste*, *pusemos*, *puseram*, *pusesse*, *puser* (tal como *quiseste*, *quisemos*, *quiseram*, *quisesse*, *quiser*, do verbo *querer*, também da 2.ª conjugação). Lembre-se: esse *e*, VOGAL TEMÁTICA, é que indica a conjugação de um verbo. Veja o que dissemos sobre a vogal temática.

E olho vivo na sua conjugação, muito irregular: No **indicativo** são irregulares estes tempos:

Presente: *ponho*, *pões*, *põe*, *pomos*, *pondes*, *põem*.
Imperfeito: *punha*, *punhas*, *punha*, *púnhamos*, *púnheis*, *punham*.
Perfeito: *pus*, *puseste*, *pôs*, *pusemos*, *pusestes*, *puseram*.

Mais-que-perfeito: *pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram.*

E no ***subjuntivo***:

Presente: *ponha, ponhas*, etc. Imperfeito: *pusesse, pusesses*, etc.
Futuro: *puser, puseres,... puserdes, puserem.*
Imperativo afirmativo: *põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham.*
Imperativo negativo: não *ponhas,...* não *ponhais*, etc.
Particípio: *posto.*

Como *pôr* se conjugam os numerosos verbos dele formados: *compor, dispor, expor, impor, propor, repor, transpor*, etc.

NA 3.ª CONJUGAÇÃO

– *Abrir* e seus compostos têm o particípio irregular: *aberto, reaberto.*

– *Cobrir* e compostos também têm particípio irregular: *coberto, descoberto, encoberto, recoberto.* — Além disso, na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo em vez de *o* surge um *u*: *cubro, descubro.* E, como é de praxe, esse *u* se mantém no presente do subjuntivo: *cubra, descubra.*

Aliás, há outros verbos da 3.ª conjugação em que se dá essa mudança de o em *u*: *dormir, engolir, tossir* (*durmo, engulo, tusso*).

Outros verbos, com *u* na sílaba antes da tônica do infinitivo e na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo, têm *o* nas demais pessoas: *acudir, bulir, entupir, fugir, subir, sumir*; (*acudo, acodes*; *bulo, boles*; *entupo, entopes*; *fujo, foges*; *subo, sobes*; *sumo, somes*).

Ainda outros, bem numerosos, como *ferir*, que têm *e* na pretônica do infinitivo, mudam esse *e* em *i*: *aderir, advertir, competir, conferir, despir, digerir, divergir, divertir, expelir, inserir, investir, mentir, preferir, preterir, proferir, prosseguir, refletir, repelir, repetir, seguir, sentir, servir, sugerir, transferir, vestir*, entre outros menos usados. Eis uma amostra:

adiro, aderes, adira; *compito, competes, compita*; *dispo, despes, dispa*; *divirjo, diverges, divirja*; *expilo, expeles, expila*; *ingiro, ingeres, ingira*; *insiro, inseres, insira*; *invisto, investes, invista*; *pretiro, preteres, pretira*; *repilo,* *repeles*, *repila*; *sugiro*, *sugeres*, *sugira*.

O verbo *frigir*, que também segue esse modelo, modernamente mostra uma tendência acentuada em se conjugar regularmente: *frijo*, *friges* (e não *freges*), etc.

Já uns poucos verbos, como *agredir*, *cerzir*, *prevenir*, *progredir*, *regredir*, *transgredir*, trocam o *e* do radical em *i* nas formas em que o acento tônico recai no radical (chamadas rizotônicas):

agrido, *agrides*, *agride*, *agrida*; *cirzo*, *cirzes*, *cirze*, *cirza*; *previno*, *prevines*, *previna*; *progrido*, *progrides*, *progrida*; *regrido*, *regrides*, *regrida*; *transgrido*, *transgrides*, *transgrida*.

– *Polir* muda o *o* em *u* nas formas rizotânicas: *pulo*, *pules*, *pule*, *polimos*, *polis*, *pulem*.

– Os verbos *construir* e *destruir* admitem as formas regulares *construis*, *construi*, *construem*, *destruis*, *destrui*, *destruem*, cada vez menos usadas em favor de *constróis*, *constrói*, *constroem*, *destróis*, *destrói*, *destroem*, praticamente as únicas vivas hoje em dia.

– *Medir*, *pedir* (e compostos) apresentam irregulares a 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo e as formas dele derivadas: *meço*, *meça*; *peço*, *peça*; *impeço*, *impeça*, etc.

– *Ouvir* tem irregularidade idêntica: *ouço*, *ouça*, etc.

– Um verbo anômalo da 3.ª conjugação é *ir*, que apresenta nada menos que três radicais diferentes: *va-* (e variante *vo-*), *i-* e *fo-* (variante *fu-*):

vou, *vais*, *vai*, *vamos*, **ides**, *vão*; *ia*, *ias*, etc.; *fui*, *foste*, *foi*, *fomos*, *fostes*, *foram*; *fora*, *foras*,... *fôreis*, etc.; *vá*, *vás*, *vá*, *vamos*, **vades**, *vão*; *fosse*, *fosses*, etc.: *for*, *fores*,... *fordes*, etc.

– Finalmente, entre os irregulares da 3.ª conjugação, o verbo *vir*, que apresenta várias particularidades dignas de nota, extensivas aos dele formados:

no presente do indicativo é erro comum trocar a 1.ª pessoa do plural, *vimos*, por *viemos*, que é do pretérito perfeito; atente também na grafia da 3.ª pessoa do plural: eles *vêm*;

o pretérito perfeito apresenta o radical -*vie*-, que vai ocorrer nos tempos derivados: *vim*, *vieste*, *veio*, *viemos*, *viestes*, *vieram*; *viera*, *vieras*, etc.; *viesse*, etc.; *vier*, etc.;

outra peculiaridade é ter iguais o gerúndio e o particípio, *vindo*: está *vindo* (= está *chegando*), tinha *vindo* (= tinha *chegado*).

Não quero terminar sem uns lembretes ortográficos:

– *arguir* e *redarguir* têm o *u* proferido em toda a conjugação, o qual prescinde do acento agudo quando seguido de *e* ou *i*, quando tônico: *arguis*, *argui*, *arguem*; e do trema quando átono: *arguimos*, *arguis*; *arguia*, *arguias*, etc.; *argui*, *arguiste*, *arguiu*, etc.; *arguira*, etc.; *arguirei*, *arguiria*, etc.; *arguisse*, etc.; *arguir*, *arguires*, etc.;

– não se esqueça de acentuar o *i* em hiato (quando só na sílaba ou seguido de *s*), em verbos como *atrair*, *atribuir*, *afluir*, *cair*, *concluir*, *constituir*, *diluir*, *diminuir*, *distribuir*, *evoluir*, *excluir*, *extrair*, *fluir*, *fruir*, *incluir*, *influir*, *instruir*, *obstruir*, *poluir*, *possuir*, *proibir*, *recair*, *reunir*, *restituir*, *retribuir*, *sair*, *substituir*, *trair*, etc. Veja uma pequena amostra:

atraí, *atraías* (mas *atraiu*), *atraíra*, *atraísse*; *distribuísse* (mas *distribuiu*), *concluído*, *fluído* (diferentemente do substantivo *fluido*), *incluí* (mas *incluiu*), *incluía*, *incluísse*, *incluído*; *proíbo*, *proíbes*, *proíba*, *reúno*, *reúnes*, *reúne*, *reúna*, etc. Observe que a 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo termina em *i*, e não em *e* (como acontece com os verbos da 1.ª conjugação): *atrai*, *atribui*, *cai*, *conclui*, *constitui*, *diminui*, *evolui*, *inclui*, *retribui*, *sai*, *influi*, *possui*.

Acredito que você, depois desta enxurrada de verbos, muitos deles irregulares, há de ter enriquecido bastante o seu conhecimento, diminuindo suas ocasiões de erro.

NA LÍNGUA TAMBÉM HÁ COMANDANTES E COMANDADOS

19. REGENTES E REGIDOS: A CONCORDÂNCIA

Nem todos os termos, numa oração, têm o mesmo valor: há uma hierarquia, com termos PRINCIPAIS (REGENTES, SUBORDINANTES) e termos DEPENDENTES (REGIDOS, SUBORDINADOS).

Esse conjunto formado de um termo regente e de um termo regido, para os linguistas, é um SINTAGMA. Assim:

1. Numa oração, onde geralmente ocorrem um sujeito e um predicado, o sujeito é o termo regente, o predicado o termo regido. É por ser regente que o nome ou pronome sujeito obriga o verbo a acompanhar-lhe as flexões, o que se estuda na CONCORDÂNCIA VERBAL: sujeito no singular — verbo no singular; sujeito no plural — verbo no plural:

> "*Eu* | não *sou* poeta." — "*Vós* | *sois* a esperança do futuro." "Meu *pai* | *adorava*-me." — "Os *parentes* | *dividiam*-se."

2. Num grupo nominal, o substantivo é o termo regente, o adjetivo (nome ou pronome) é o termo regido, e por isso o substantivo comanda a flexão do adjetivo: substantivo no masculino — adjetivo no masculino; substantivo no feminino — adjetivo no feminino; substantivo no singular — adjetivo no singular; substantivo no plural — adjetivo no plural. Esses fatos se estudam na CONCORDÂNCIA NOMINAL. Ex.:

> *dia* / bonito — *noite* / fria — *solos* / fecundos — *terras* / produtivas.

3. Nas relações entre os vários termos da oração formam-se grupos (ou sintagmas) com as mesmas características: um termo regente, outro termo regido. Assim, o verbo é regente em relação ao seu complemento ou ao seu adjunto:

a) encontrar o caminho;
b) atinar *com* o caminho;
c) ir *a* São Paulo *de* avião.

Aqui estamos diante da REGÊNCIA VERBAL: o verbo *encontrar* é transitivo direto, e seu complemento, o objeto direto, não é introduzido por preposição. Já o verbo *atinar*, transitivo indireto, exige a preposição *com*. No 3.° exemplo ocorre o verbo *ir*, acompanhado do complemento *a São Paulo*, de valor adverbial (pois indica LUGAR), indispensável para completar-lhe o sentido, com a preposição *a*, e o adjunto (também adverbial, pois indica o MEIO) *de avião*, não necessário à sua significação.

Um dos capítulos mais importantes da regência é o estudo da PREDICAÇÃO VERBAL, que se preocupa em analisar se o verbo, numa oração, possui ou não complementos, se estes são regidos ou não de determinada preposição.

É conveniente saber, por exemplo, que na regência do verbo *contentar-se* admitem-se as preposições *com*, *de* e *em*. Camões escreveu num soneto célebre:

“Os dias, na esperança de um só dia,
Passava, contentando-se *com* vê-la”.

E Machado de Assis, no seu romance *Quincas Borba*:

“Gosta de ser amado. Contenta-se *de* crer que o é.”

E o grande prosador português Eça de Queirós:

“Contentam-se *em* comer uma azeitona.”

4. O que se disse da regência dos verbos aplica-se também aos nomes (substantivos e adjetivos): muitos deles, especialmente quando da mesma família de verbos transitivos, têm complementos regidos de determinadas preposições.

É o caso, por exemplo, de *contente*, cognato de *contentar-se*, cujo complemento pode ser introduzido pelas preposições *com*, *de*, *em* e *por*:

> “Riu, contente *com* a notícia.” (Afrânio Peixoto)
>
> “Luísa, muito contente *d*a afabilidade de Basílio, pôs-se a rir.” (Eça de Queirós)
>
> “contente *do* meu apoio” (M. de Assis)
>
> “...contente *em* saber que possuía propriedade de tamanho valor.” (Medeiros e Albuquerque) “Estou contente *por* te ver onde desejas estar.” (Antero de Figueiredo)

5. Nas relações entre orações, a marca da regência, da subordinação pode ser uma preposição, uma conjunção subordinativa, um pronome relativo:

> “Bateu uma tempestade, *de* desnortear bicho do mato.” (Ruth Guimarães)
>
> [A oração iniciada pelo *de* é subordinada.]

[Poderia também usar-se a conjunção *que* para introduzir a oração subordinada (que terá o verbo no indicativo): “Bateu uma tempestade, *que* desnorteava bicho do mato.”]

> “Descobrira um quarto escondido, *onde* se guardavam velharias.”

Certas vezes é simplesmente a ENTOAÇÃO ASCENDENTE a marca subordinativa:

> “Morreu, enterra.” [= Já que morreu”] (Ruth Guimarães, no conto

“Biguá”, em *Água Funda*).

6. Pode ainda a regência entre dois termos ser estabelecida pela POSIÇÃO ou COLOCAÇÃO. Assim, num grupo nominal, em nossa língua, é a anteposição que indica a natureza de substantivo de um nome, e portanto o seu valor de regente, principal, em relação ao termo posposto, adjetivo, e nesse caso regido, subordinado.

Machado de Assis, no capítulo I do seu romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, faz um jogo de palavras com base nesse fato:

> “Eu não sou propriamente um *autor defunto*, mas um *defunto autor*.”

[Na primeira ocorrência, *autor* é substantivo, e portanto nome principal, regente, e *defunto* é adjetivo, adjunto, regido: trata-se de um autor já falecido; na segunda, invertem-se os dados: alguém já falecido, um *defunto* (substantivo), de além-túmulo, escreve um livro, toma-se *autor* (adjetivo).]

7. É ainda um caso de comando, de regência, portanto, a obrigatoriedade de correspondência, isto é, de concordância dos tempos verbais.

> “Se *estiver* vivo, *vem* (ou *virá*) no meu rastro.”

Compare:

> “Se *estivesse* vivo, *vinha* (ou *viria*) no meu rastro.”

Depois desta série de considerações e exemplos, você pode dizer que já tem uma noção razoável do que seja, na linguagem, a **regência** — importante elemento caracterizador da estrutura de uma língua: é a marca de dependência de um termo ao seu principal.

Num sentido mais restrito, podemos dizer que a regência é a propriedade que têm certos termos de exigirem determinado complemento para sua perfeita compreensão.

O estudo da regência é essencial para a correção da linguagem em três campos diferentes:

1. na CONCORDÂNCIA de certos termos com outros;

2. na REGÊNCIA (*stricto sensu*), ou seja, na exigência, ou não, de determinado tipo de complemento;

3. na ordem ou COLOCAÇÃO de certos termos na oração.

A CONCORDÂNCIA

No primeiro caso — a concordância —, a regência se faz pela acomodação das FLEXÕES do termo dependente às do principal.

Se o termo subordinado é nome, pronome, numeral ou artigo, a concordância se diz NOMINAL:

> “*Lua* mans*a*, / *pedaço* perdid*o* / d*o* *anel* partid*o* / de algum*a* *esperança*.” (Cecília Meireles)

Se é um verbo, a concordância se diz VERBAL:

> “*Eu* cant*o* porque o *instante* exist*e* / e a minha *vida* est*á* completa.”

Há dois tipos gerais de concordância:

1. concordância GRAMATICAL (ou LÓGICO-FORMAL), em que se obedece às normas da gramática e da lógica, como nos exemplos acima;

2. concordância ESTILÍSTICA (ou EXPRESSIVA), em que ocorrem desvios, motivados por fatores de ordem não gramatical, mas psicológica.

A CONCORDÂNCIA GRAMATICAL

São muito simples os preceitos gerais da concordância gramatical:

NOMINAL

1. O adjetivo, na função de adjunto adnominal ou de predicativo, o artigo, o pronome ou numeral adjetivo, concordam em gênero e número com o substantivo ou pronome a que se referem:

> “Mal percebi *o* **rostinho** *moreno*, *as* **tranças** *negras*, *os* **olhos** *redondos* e *luminosos*.” (Graciliano Ramos)
>
> “Se **ela** estivesse *próxima*... Considerei-a mais *perfeita* que as moças do folhetim.” (Idem)
>
> “**Perguntas** e **respostas** afluíam *claras*.” (Idem)
>
> “*Seu* **pai** foi *generoso*.” (Machado de Assis)
>
> “*A* **palavra** saía-lhe mais *fácil*, *seguida* e *numerosa*.” (Idem)

2. Dois ou mais substantivos do **mesmo gênero** no **singular** equivalem a um do mesmo gênero no **plural**, e para o plural vai geralmente o adjetivo que lhes diz respeito:

> vinho e pão *fartos*;
>
> “A soberba, a luxúria, a preguiça foram *reabilitadas*.” (Machado de Assis)

3. Dois ou mais substantivos **de ambos os gêneros** no **singular** equivalem a um **masculino plural**, gênero e número que toma geralmente o adjetivo referente:

> “Tinha a cabeça rachada, uma perna e o ombro *partidos*.” (Machado de Assis)

Veja-se, a propósito deste tipo de concordância, o capítulo “O machismo na linguagem”.

VERBAL

a) **Com sujeito simples**:

O verbo concorda em **número** e **pessoa** com o substantivo ou pronome que lhe serve de sujeito:

> E **eu** *olho* a esteira azul celeste
> **que** me *anuvia* o olhar tristonho:
> Ai, meu amor, **tu** bem *disseste*:

há uma mentira em cada sonho.”

(Henriqueta Lisboa)

“**Nós** *estaremos* na morte
com aquele suave contorno
de uma concha dentro da água.”

(Cecília Meireles)

“Olhai, **vós**, os condenados,
a grande sombra **que** *avança*.”

(Idem)

“Melhor negócio que Judas
fazes **tu**, Joaquim Silvério:
que **ele** *traiu* Jesus Cristo,
tu *trais* um simples alferes.”

(Idem)

b) **Com sujeito composto:**

1. Dois ou mais substantivos no singular equivalem a um no plural:

“A **chuva** e o **sol** *vinham* do céu.” (Graciliano Ramos)
“O **amor** e a **fome** *governam* este mundo.” (Machado de Assis)

2. Se no sujeito houver uma 1.ª pessoa, o verbo irá para a 1.ª do plural:

Eu, tu e Maria *viveremos*.

3. Se no sujeito houver 2.ª e 3.ª pessoas, o verbo irá para a 2.ª do plural:

“Quando **tu** e os teus *fordes* nos fossos.” (Castro Alves)

OBS.: Como veremos adiante, apesar de rigorosamente gramatical e lógica, essa concordância está cada vez mais fora de uso.

A CONCORDÂNCIA ESTILÍSTICA

A concordância não gramatical ou **estilística** se efetua sobretudo em virtude de três fatores, que passamos a examinar.

a) **Concordância por atração**

A presença de um termo atraente, que se sobrepõe psicologicamente ao verdadeiro termo subordinante, arrasta para sua esfera de ação o termo subordinado — é a concordância **por atração** ou **posicional**:

> “Viu um **casal** de **noivos**, na flor da vida, que se *debatiam* já com a morte.” (Machado de Assis)

[O verbo, em vez de concordar com o singular *casal*, núcleo do objeto direto, concorda com *noivos*, seu adjunto, palavra mais importante, para o autor.]

> “Lá embaixo *está* o **mar**, os rochedos e a espuma.” (Augusto Frederico Schmidt)

[Em lugar de se fazer a concordância do verbo no plural, com o sujeito composto, prevaleceu o termo mais próximo, *mar*.)]

Sempre houve na língua, e continua a haver, a tendência para que a concordância se faça com o termo mais próximo, o que se acentua quando a construção se faz em ordem inversa — anteposição do adjunto adnominal aos substantivos, ou do verbo ao sujeito composto:

> Com *sincera* **admiração** e apreço;
> Com *sincero* **apreço** *e* admiração.

Mas:

> Com admiração e apreço *sinceros*.

Mesmo posposto o adjetivo, encontra-se também a concordância com o substantivo mais próximo:

> Com admiração e **apreço** *sincero*;
> Com apreço e **admiração** *sincera*.

> *Serenava a* **bravura** e cólera **acesas** na próxima luta.” (J. de Alencar)

> *“Voou* meu **amor**, minha *imaginação.”* (C. Meireles)

É a **atração** do plural de um **predicativo** que leva ao plural o verbo de um sujeito no singular:

> “O perigo *seriam* **as febres**.” (Gilberto Amado)

b) **Concordância pelo sentido**

Outras vezes o sentido nos faz relacionar o termo regido não com seu regente expresso na oração, mas com uma *ideia* que dele temos, implícita em nossa mente — é a concordância **ideológica**, chamada **silepse** ou **sínese**, que pode fazer-se em gênero ou em número:

> “Então de uns tempos para cá, parece que essa gente está doida; *botam* abaixo, *derrubam* casas, *levantam* outras, *tapam* umas ruas, *abrem* outras... *Estão doidos!!!*” (Lima Barreto)

[A *ideia* de plural contida no coletivo feminino *gente* (= muitos *homens*) leva ao plural os verbos da 2.ª e 3.ª frases, e, por influência do termo *homens*, subjacente no espírito do autor, o adjetivo *doidos* está no masculino plural.]

> “O que me parece inexplicável é que os **brasileiros persista***mos*

> em comer sem quase nenhum deleite essa coisinha verde e mole que se derrete na boca sem deixar vontade de repetir a dose.” (Manuel Bandeira)

A expressão “*os brasileiros*” corresponde a uma 3.ª pessoa do plural; mas o verbo foi para a 1.ª pessoa do plural em virtude da presença mental do pronome *eu*, que leva o autor a incluir-se entre aqueles.

Ou ainda a concordância com os pronomes de tratamento formalmente femininos, como *V.S.a, V. Ex.a,* que se faz com o sexo da pessoa, que se tem em mente:

> “**V. Ex.ª** tem sido muito *generoso*.”

É a ideia do pronome de tratamento *vocês*, usual em vez do esquecido *vós*, que leva à 3.ª pessoa o verbo quando concorrem no sujeito composto a 2.ª e a 3.ª pessoa:

> “Espero que **tu** e **todos** em casa *estejam* bem.” (e não *estejais*).

“A linguagem corrente evita uma sintaxe como *tu e ele* **partireis** *amanhã*, para adotar apenas *tu e ele* **partirão** amanhã. Nesse caso, temos a equação *tu* + *ele* = *vocês, os senhores, os dois,* todos.” São palavras do Mestre Martins de Aguiar que subscrevemos.

Neste verso de Cecília Meireles intervém ainda a proximidade do substantivo *estrelas*:

> “Não me *interessam* mais nem as estrelas, nem as formas do mar, nem **tu**.”

O fato de se englobar mentalmente num só todos os componentes do sujeito pode levar para o singular o verbo:

> “Nem **tormenta** nem **tormento** nos *poderia* parar.” (Idem)

c) **Concordância afetiva**

A emoção e afetividade podem impregnar a linguagem dos sentimentos que nos dominam, fazendo-nos abandonar as normas da concordância — que passa a ser **afetiva**.

Dos mais frequentes é o caso do emprego da 1.ª pessoa do *plural*, por modéstia (real ou falsa), em lugar da l.ª do singular:

> “Dentro dessa linha geral de pensamento foi que **nos aventuramos** a este trabalho, que útil nos parece aos estudos estilísticos da língua portuguesa.” (Jesus Belo Galvão)

Outro caso interessante de sintaxe afetiva é a mudança de tratamento de uma frase para outra, quando nos dominam e agitam sentimentos variados. Quincas Borba, personagem meio alienado de Machado de Assis, dirige uma carta ao seu amigo Rubião:

> “Meu caro **senhor** e amigo,
>
> **Você** há de ter estranhado o meu silêncio. Não **lhe** tenho escrito por motivos particulares [...]
>
> **Ouça**, ignaro [...]: **ouça** e **cale-se**. [...]
>
> Adeus, ignaro. Não **contes** a ninguém o que **te** acabo de confiar, se não **queres** perder as orelhas. **Cala-te**, **guarda** e **agradece** a boa fortuna de ter por amigo um grande homem, como eu, embora não me **compreendas**.”

O autor começa usando um tom algo cerimonioso (*senhor*), passa depois para *você* e, no último parágrafo realça a intimidade com o tratamento *tu*.

20. O PRONOME *SE* E A CONCORDÂNCIA

Muitos embaraços à correção da linguagem causa esta palavrinha — o *se* —, especialmente à concordância.

Acontece que esse minúsculo saci pula facilmente de uma função a outra, embaraçando muito escritor que não tenha leitura abundante dos mais tarimbados que o precederam, ou que rejeite como inúteis uns rudimentozinhos de gramática...

Para evitar pedrinhas e tropeços no seu caminho de escritor correto, lanço aqui umas *noções preliminares* bem simples, lembrando-lhe que sem um pouquinho de esforço não se conseguem bons resultados, pois, como diz a sabedoria popular, “Não se pescam trutas a bragas enxutas”... [*braga* é o nome antigo de um tipo de calção].

NOÇÕES PRELIMINARES

Voz ativa e voz passiva

Numa oração construída com um verbo de ação, há um nome que exprime o executor — o AGENTE — e pode haver outro nome que indica o ser que recebe (ou sofre) o resultado da ação — o PACIENTE.

Na chamada voz ATIVA, o agente é o SUJEITO da oração e o paciente o OBJETO DIRETO. Observe estes exemplos:

SUJEITO-AGENTE	AÇÃO	OBJETO DIRETO-PACIENTE
Graciliano Ramos	escreveu	*Vidas Secas*.

Fabiano	castigou	o filho.
Baleia	caçou	um preá.
O fogo	queimou	a palhoça.
O menino	imitava	o pai.
Um halo cor de leite	cercava	a lua.
O vento	sacudia	as árvores.
O vento	desfez	as nuvens.
Admiradores	cercaram	a atriz.

Tanto o sujeito quanto o objeto podem ser expressos por pronomes:

Ele castigou o filho.
Ele castigou-*o*.
Todos o abandonavam.
Ela despertou-*os*.
Ela sacrificara o papagaio.
Ela o sacrificara.

Noutro tipo de construção, em que se usa o verbo *ser* (às vezes *estar* ou *ficar*) e um particípio, o objeto-paciente transforma-se em sujeito, e o agente-sujeito passa a ser precedido da preposição *por* (mais raramente *de*), e então diz-se que a oração está na voz PASSIVA:

SUJEITO-AGENTE	AÇÃO	OBJETO DIRETO-PACIENTE
Vidas Secas	foi escrito	*por* Graciliano Ramos.
A palhoça	foi destruída	*pelo* fogo.
A lua	estava cercada	*de* um halo cor de leite.
As árvores	eram sacudidas	*pelo* vento.
O papagaio	fora sacrificado	*por* ela.
A atriz	ficou cercada	*de* admiradores.

Muitas vezes, se não houver interesse nisso, na oração passiva não se declara o agente:

A palhoça foi destruída.
As árvores eram sacudidas.
O filho foi castigado.

As nuvens foram desfeitas.
O papagaio fora sacrificado.

É muito comum, em nossa língua, a inversão da ordem na voz passiva:

Foi destruída a palhoça.
Fora sacrificado o papagaio.

Construções da voz ativa com SE:

I. REFLEXIVA

Um agente pode executar um ato sobre outro ser, e esse fato se exprime na voz ativa:

O cabeleireiro penteava a atriz.
Ele te penteava.
O guarda-vidas salvou-os.

O sujeito e o objeto, neste caso, são de pessoas gramaticais diferentes.

Mas também pode — e essa construção é que nos interessa agora — executar um ato SOBRE SI MESMO: é a construção REFLEXIVA:

Eu me barbeio.
Tu te recolhes muito cedo.
Ela se penteava.
Ele mesmo se barbeia.
Nós nos hospedamos na pousada.
Eles se salvaram a nado.

São DOIS pronomes — um sujeito, outro objeto direto — DA MESMA PESSOA GRAMATICAL.

E o verbo varia de acordo com a pessoa do sujeito.

II. RECÍPROCA

Vários agentes podem executar o mesmo tipo de ações sobre si mesmos: é a construção RECÍPROCA:

> Carlos e a Joaninha amam-*se*.
> Ele e ela *se* abraçaram.
> Os meninos *se* engalfinharam.
> Os desafetos *se* reconciliaram.
> Embora irmãos, não *se* conheciam.

Como o sujeito, neste caso, tem mais de um agente, o verbo vai necessariamente para o plural.

Como a construção recíproca pode confundir-se com a reflexiva, pois em ambas se emprega um pronome da mesma pessoa do sujeito, usam-se, para evitar ambiguidade, certas expressões pleonásticas, como *um ao outro, uns aos outros, mutuamente*:

> Elas *se* penteavam vagarosamente. (Reflexiva: cada uma se penteava a si própria.)
>
> Elas *se* penteavam *uma à outra*. (Recíproca.)

III. APARENTEMENTE REFLEXIVA

Em alguns casos, a construção pronominal indica não reflexividade, mas que um agente qualquer, diferente do sujeito, obteve o mesmo resultado que o sujeito teria obtido executando determinado ato sobre si próprio:

> *Eu me barbeio* diariamente com um barbeiro português. (Eu sou barbeado por outra pessoa.)
>
> Elas *se* penteiam no salão *Vogue*. (Outra pessoa as penteia.)

O verbo, como sempre, concorda com o sujeito.

IV. ADVENTÍCIA

Lembremos inicialmente que *adventício* quer dizer casual, inesperado, que advém, isto é, que acontece ou ocorre eventualmente, acidentalmente.

Às vezes se emprega a forma reflexiva não para exprimir um ato que o sujeito executa sobre si mesmo, mas que nele se efetua algo adventício, um fenômeno, uma mudança, um transtorno:

> As frutas *se* estragaram com o calor (ficaram estragadas).
> As chamas *se* extinguiram (ficaram extintas).
> A neve *se* desfez (ficou desfeita).
> À morte de Jesus, os sepulcros *se* abriram e rasgou-*se* o véu do templo.
> As cordas do andaime *se* romperam.
> A memória *se* perde com os anos.
> As paixões *se* adormecem com as ocupações.
> As névoas *se* dispersam com os raios de sol.
> As rosas *se* abriram pela manhã.
> A fumaça *se* eleva em espirais.

Essas construções de sentido adventício equivalem muitas vezes a uma construção com o verbo *ficar* mais o particípio do verbo (ou um adjetivo do mesmo radical).

> As ruas *se* esvaziaram. (Equivale a “ficaram vazias”)
> A praia *se* encheu de gente. (É o mesmo que “ficou cheia”)
> Os sentidos *se* embotam na inação. (Diz praticamente o mesmo que “ficam embotados”)

Neste caso podem enquadrar-se as construções com verbos essencialmente pronominais, ou seja, que não dispensam o pronome:

> Ela *se arrependeu* tardiamente. (= “ficou arrependida”)
> Ele *condoeu-se* do estado deles. (= “ficou condoído”)
> Ela *se zanga* à toa. (= “fica zangada”)
> Elas *queixavam-se* da sorte.
> Ele *absteve-se* de votar.
> Eles *se equivocaram.*

Pode dizer-se, em princípio, que o adventício exprime o que ocorre nas coisas, e o meramente pronominal o que ocorre nas pessoas.

E sempre o verbo concordando com o seu sujeito.

O se indicador de sujeito indeterminado

O pronome *se*, na evolução da língua, passou a usar-se, com verbos não transitivos diretos, na 3.ª pessoa do singular para indicar que a oração não possui sujeito determinado:

> Também *se morre* de amor. (Quer dizer: há pessoas que morrem de amor)
>
> *Precisa-se* de vendedoras. (= Há necessidade de vendedoras no estabelecimento)
>
> Nunca *se é* excessivamente bom. (O *se* corresponde aproximadamente a *alguém*, *uma pessoa*)
>
> De uma hora para outra *se está* no oco do mundo. (Idem)
>
> *Vive-se* bem aqui. (Qualquer pessoa vive)
>
> Já não se falava, *gritava-se*. (Todos gritavam)

O se indicador de voz passiva

Um verbo transitivo direto, já o vimos, admite uma construção denominada VOZ PASSIVA, em que se utiliza, no mais das vezes, o auxiliar *ser* seguido pelo particípio do verbo principal; e que é usual, nessa construção, a ordem inversa (primeiro o verbo, depois o sujeito-paciente) e a omissão do agente:

1. *Foi anunciada* uma desgraça.
2. Hoje *será feita* a última prova do concurso.
3. Ontem *foi realizada* uma grande manifestação pelas eleições diretas.
4. *Foi publicado* mais um livro de Carlos Drummond de Andrade.
5. *Ficam revogadas* as disposições em contrário.
6. *Será ampliado* o número de salas de aula.
7. Não *foi esclarecido* o “crime da mala”.
8. *Foram enviados* milhares de telegramas ao Presidente.

9. *É ignorado* qual o autor desse livro.
10. *Foi falsificado* o uísque escocês.
11. No Brasil já *são fabricados* minicomputadores.

Ora, para indicar a voz passiva, a língua portuguesa dispõe de outra construção, mais leve e mais breve, com o verbo na mesma forma da voz ativa, e (como não poderia deixar de ser...) com o pronome *se*. Compare:

1. *Anunciou-se* uma desgraça.
2. Hoje *se fará* a última prova do concurso.
3. Ontem *se realizou* uma grande manifestação pelas eleições diretas.
4. *Publicou-se* mais um livro de C.D.A.
5. *Revogam-se* as disposições em contrário.
6. *Ampliar-se-á* o número de salas de aula.
7. Não *se esclareceu* o “crime da mala”.
8. *Enviaram-se* milhares de telegramas ao Presidente.
9. *Ignora-se* qual o autor desse livro.
10. *Falsificou-se* o uísque escocês.
11. No Brasil já *se fabricam* minicomputadores.

Ora, como o sujeito dessas orações de voz passiva vem muitas vezes depois do verbo, o falante confunde a voz passiva com a indicação de sujeito indeterminado: o sujeito-paciente é tomado como objeto-paciente; e, quando no plural, o verbo, que devia ir também para o plural, é deixado no singular, numa tendência bastante natural, mas que contraria a longa tradição da língua escrita culta.

Se você quer, então, manter-se dentro do que é considerado correto na norma culta padrão, não pode confundir as construções do *se* indicador de sujeito indeterminado em que o verbo fica sempre no singular — com aquelas outras em que o *se* exprime voz passiva, em que o verbo irá para o plural se o seu sujeito, quase sempre posposto, estiver no plural.

Observe os exemplos atentamente, e assim você estará livre de errar:

1. Anunciou-se a reforma.	1. Anunciaram-se reformas.
2. Amanhã se fará a última prova.	2. Amanhã se farão as últimas provas.

3. Publicou-se novo livro de Jorge Amado.	3. Publicaram-se novos livros de Jorge Amado.
4. Revogou-se a lei.	4. Revogaram-se as leis.
5. Ampliar-se-á o número de vagas.	5. Ampliar-se-ão as vagas.
6. Realizou-se grande manifestação.	6. Realizaram-se grandes manifestações.
7. Esclareceu-se mais um crime.	7. Esclareceram-se outros crimes.
8. Enviou-se um telegrama.	8. Enviaram-se telegramas.
9. Ignora-se o autor deste livro.	9. Ignoram-se os autores destes livros.
10. Aquele livro imprimiu-se em 1495.	10. Aqueles livros imprimiram-se em 1495.
11. Falsificou-se a bebida.	11. Falsificaram-se as bebidas.
12. Fabricou-se um novo computador.	12. Fabricaram-se novos computadores.
13. Preparava-se um esquema diferente.	13. Preparavam-se esquemas diferentes.
14. Só se conhece uma saída.	14. Só se conhecem duas saídas.
15. Conservava-se o alimento no gelo.	15. Conservavam-se os alimentos no gelo.
16. Definiu-se o objetivo da lei.	16. Definiram-se os objetivos da lei.
17. Rememora-se a data.	17. Rememoram-se as datas.
18. Recuperou-se a mercadoria.	18. Recuperaram-se as mercadorias.
19. Fechou-se a porta.	19. Fecharam-se as portas.
20. Emitiu-se um parecer decisivo.	20. Emitiram-se pareceres decisivos.

21. O MACHISMO NA LINGUAGEM: A CONCORDÂNCIA NOMINAL

O preconceito de que a mulher é naturalmente dependente do homem (e inferior a ele) tem sua origem, sem dúvida, no episódio bíblico que narra ter sido uma costela de Adão a matéria-prima de que Deus criou Eva.

A metade feminina do *Homo sapiens* sempre teve papel subalterno na História — escrita por homens, aliás.

Não apenas a Bíblia, mas também o Talmude — e não esqueçamos que ambos foram escritos por homens... nos fornecem inúmeros exemplos de discriminação contra a mulher.

Desde Lilith (do Talmude) — a Lua Negra, que teria sido a primeira mulher de Adão e que, por não ter querido submeter-se a ele, saiu do paraíso para regiões ignotas e é tratada como um espírito infernal feminino, uma “diaba noctívaga” incorporada ao folclore de certos povos...

Mas o que importa agora é mostrar que esse preconceito, velhíssimo mas nem por isso menos injusto, se revela em todos os campos em que o homem vem imperando através dos séculos, e tem guarida até na linguagem.

Nos provérbios — cuja fonte, dizem os homens, é a sabedoria popular, nem tão sábia assim... — também se patenteia a discriminação. Desde os de menosprezo, como “Mulher e bolacha em toda parte se acha.”, até os adágios que julgam perigosa a mulher instruída: “Deus me livre de mula que faz *him!* e de mulher que sabe latim.”

Todos conhecem as regras básicas de concordância nominal — não a estilística! — da nossa língua: apesar de haver em português dois gêneros, o masculino e o feminino, é o masculino que predomina em numerosas circunstâncias, que passo a resumir.

É sabido que o adjetivo e o pronome em função de adjunto ou de predicativo concordam em gênero (e número) com o substantivo a que se referem: “Alt*a* noite, lua quie*ta*, muros fri*o*s, praia ras*a*” — diz-nos a alta poetisa Cecília Meireles.

Mas os fatos começam a complicar-se quando, numa frase, concorrem substantivos dos dois gêneros: a norma gramatical prescreve, então, que o adjetivo referente vai para o **masculino** plural: alunos e alunas aplicad*o*s; “Pedro, Maria e Helena são estudios*o*s.”. Isso ocorre mesmo que predomine avassaladoramente o sexo feminino: “Meus alun*o*s (= 3 alunos + 47 alunas...) são numeros*o*s.” Sempre a mulher relegada a plano inferior...

Vale a pena advertir que o gênero gramatical, quando em palavras que designam seres inanimados (ou coletivos), nada tem com sexo: são do masculino as que admitem o artigo *o*, *um*, como (*o*) *problema*, (*um*) *jarro*; e do feminino os que recebem os artigos *a*, *uma*: (*a*) *gente*, (*uma*) *jarra*.

E lá vem a prepotência do masculino: nas enumerações de substantivos de gêneros diversos, mesmo que haja um só do masculino, é nesse gênero que fica, por norma, o adjetivo: “Havia *papéis*, gravuras, revistas e canetas espalhad*o*s sobre a mesa.” (A concordância com o nome mais próximo se considera caso excepcional.)

Ocorrem outros casos do predomínio do machismo na língua portuguesa: em palavras em que o gênero gramatical não é determinado, opta-se pela forma do masculino. É o que acontece com os pronomes indefinidos, como *alguém*, *ninguém* (e acrescento *se*), neutros na sua forma: na concordância, o adjetivo assume o gênero masculino: “Ficava horas na janela a ver se *alguém conhecid***o** passava.”; “Não havia *ninguém famos***o** na reunião.”; “Nunca *se* é suficientemente *genero*s**o**.”

Outro exemplo está nos nomes que sintetizam substantivos de gêneros diferentes: “Tenho três *filhos*, duas moças e um rapaz.”; *pais* representa a soma de *pai* e *mãe*; *vizinhos* é a soma de *vizinho*+*vizinha*; os *tios* incluem *tio*(s) e *tia*(s); e assim por diante.

O pronome pessoal da 3.ª pessoa do plural assume a forma *eles*, do masculino, quando substitui nomes masculinos e femininos: “João e Maria saíram: *eles* vão ao teatro.”

É também a forma do masculino que se usa para designar os membros de uma classe no seu conjunto. *Homem*, e nunca *mulher*!, é o substantivo que se aplica à classe dos “seres humanos”, formada de homens, mulheres, meninos e meninas: “O *homem* é um ser racional.” (= os homens e as mulheres); “O *homem* conquistou a Lua.” (= o *Homo sapiens*).

Quando se faz menção à nacionalidade, é igualmente o masculino que se usa: “O *brasileiro* é cordial.” (= os brasileiros e brasileiras).

Só se diz *homem de Cro-Magnon, homem de Neanderthal*; *a origem do homem, a evolução do homem* (= da humanidade).

Como se vê, só a forma do masculino engloba os dois sexos.

Daí a satisfação do filólogo não machista com alguns achados, posto que raros, de uso do feminino com pronomes indefinidos, tal como este de Machado de Assis no capítulo VIII de *Esaú e Jacó*:

> Natividade, de si para si, confessava os trinta e um [anos], e temia não ver a grandeza dos filhos. Podia ser que a visse, pois também *se* morre *velh***a**, e alguma vez de velhice, mas teria o mesmo gosto?”

E Mário Barreto, nos seus *Últimos Estudos*, p. 411, nos fornece este exemplo de Camilo, com *a gente*:

> “Com estes leitores assim previstos, o mais acertado é *a gente* ser *sincer***a**.”

Outro caso de machismo em nossos clássicos: com a expressão *um e outro* aplicada a nomes dos dois gêneros, é mais comum o emprego das formas do masculino, lembra Evanildo Bechara, que nos fornece exemplos de Herculano, um dos quais transcrevo: “Lá começaram os seus amores [do rei] com a rainha, que tão fatais foram para *um e outro*.”, (e não *outra*). Acrescento este outro de M. de Assis, no *Quincas Borba*, cap. LX: “A mulher do colchoeiro escovou-lhe o chapéu; e, quando ele [Rubião] saiu, *um* (em vez de *uma*) *e outro* agradeceram-lhe muito o benefício da salvação do filho.”

Uma conquista bem recente se refere à denominação das profissões, até há pouco designadas quase exclusivamente pelo masculino: já se diz “a *Senadora* Eunice”, “a *Ministra* Ester”, “a *Primeira-Ministra*”.

As próprias definições dos dicionários, mesmo se o nome é uniforme, usam apenas o masculino. Um exemplo do *Caldas Aulete*:

> "**Diplomata**. Funcionário do corpo diplomático de um país." (Por que não "funcionário ou funcionária"?...)

E embora existam as duas formas *poeta/poetisa*, considera-se depreciativa (por quê?) a forma feminina *poetisa*; e é comum, quando uma delas atinge uma culminância, denominá-la, numa esdrúxula combinação, com a forma do masculino: "*a poeta* Cecília Meireles". Vamos reabilitar o feminino *poetisa*, retirando-lhe qualquer conotação pejorativa!

CONCORDÂNCIA POR ATRAÇÃO

Outra compensação para o machismo imperante está na concordância por atração.

A posição dos determinantes em relação ao substantivo determinado, principal, é uma das raras ocasiões em que a atração do feminino se sobrepõe ao masculinismo da língua:

Se o adjetivo precede os substantivos, e se o primeiro destes for do gênero feminino, a atração se exerce, e é mais comum usar-se o feminino (embora também caiba o indefectível masculino plural):

"*Calada* a natureza, a terra e os homens" — assim poetou o grande Gonçalves Dias, deixando de lado o masculino plural *calados*.

De Machado de Assis posso citar: "*aquietada* a imaginação e o ressentimento" (*Quincas Barba*, cap. LXIII) — e não o gramatical *aquietados*.

E, em certos casos, a proximidade do substantivo feminino é tão atraente que é impossível o uso do masculino: "Com sincera *admiração* e apreço."; "Ótima *ocasião* e lugar escolheste." — e nunca *sinceros* nem *ótimos*, nessa posição.

A forte atração feminina chega a exercer-se, às vezes, sobre o advérbio *meio* (que, como advérbio, deve ser invariável), ocorrência frequente em Machado de Assis, que nisso seguia seus queridos clássicos: "janela *meia* aberta". (Tenho anotados exemplos de outros autores, por exemplo Emanuel Guimarães, cujo romance *A todo transe!* preparei para reedição: "De repente, a trapezista precipitava-se do alto... e projetava-se sobre o tapete da pista, desmaiada, uma costela fraturada, as carnes pisadas, *meia* morta."; "Estava já na rua, ansiada, sufocando, *meia* douda." — Os gramáticos, advirta-se, não recomendam essa concordância por atração.)

A tendência a masculinizar os femininos se mostra, ainda, em certas expressões, como *haja vista*.

Haver vista é “considerar-se”, “merecer consideração”, e a melhor construção com ela é manter o substantivo *vista* invariável, flexionando-se apenas o verbo *haver*:

> “*Haja vista* a determinação legal.”
> “*Hajam vista* as determinações legais.”

Apesar da inquestionável presença do substantivo *vista* nessa expressão, encontram-se, até em bons escritores, exemplos de masculinização, *haja visto*, como se o substantivo fosse um adjetivo verbal (particípio).

Outra masculinização ocorreu na locução *devido a* (cujo uso, diga-se de passagem, não tem respaldo nos autores cuidadosos): *devido*, particípio do verbo *dever*, concordava normalmente com o substantivo referente: “ausência *devid***a** a motivo imperioso”; com o tempo, foi-se usando o masculino, surgindo a locução: “ausência *devido* a motivo imperioso”.

Também o particípio feminino do verbo *dar* — *dada*(*s*) — vem-se prestando a uma masculinização que leva a grosseiro erro de concordância, como se houvesse a locução *dado a*.

Use: Dad*a* a atenuante; Dad*as* as circunstâncias — e nunca *dado à*, *dado às*!

É auspicioso registrar aqui a série de recomendações que duas prestigiosas casas editoras da França e dos Estados Unidos — Fernand Nathan e McGraw Hill — fizeram aos seus autores com o objetivo de darem tratamento igual aos dois sexos nos seus livros.

A revista *Leia* de junho de 1987 transcreve a tradução de um texto publicado pela UNESCO, “Vencer o sexismo nos livros para crianças e nos manuais escolares”.

Na luta contra estereótipos arbitrários baseados na discriminação contra o sexo feminino, são de louvar tais recomendações, em que os editores desejam “mostrar o papel que o vocabulário desempenhou no reforço da desigualdade entre os sexos, e sugerir os meios de apresentar os dois sexos da maneira mais justa possível”.

Como exemplo: é necessário mostrar as mulheres na grande variedade de papéis que hoje desempenham: médica e dentista, e não somente enfermeira;

diretora de escola ou professora universitária, e não apenas professora primária; advogada ou juíza, em lugar de assistente social; diretora de empresa, e não obrigatoriamente secretária; deputada e senadora; etc.

Como **não** se deve escrever:

> “Henri Lebrun é um advogado de renome, e sua mulher uma bonita morena.”

Como se deve escrever:

> “Os Lebrun formam um belo casal. Henri é um louro bonito, e sua mulher, morena, tem belos cabelos. Cada um é apreciado no domínio da sua profissão: Anne é uma excelente pianista, e Henri um advogado de talento.”

Como se vê, os tempos mudam, e já existem corajosos defensores da igualdade da mulher, para os quais ela deixa de ser mero objeto...

22. REGÊNCIA

Na regência em sentido restrito, a dependência não se manifesta pelo acordo das flexões de uma palavra com outra (como ocorre na concordância), mas pela exigência, ou não, de um COMPLEMENTO, para a perfeita compreensão da mensagem.

E o importante problema para a correção da linguagem consiste em saber se uma palavra (geralmente um verbo ou um nome) exige ou não um complemento, e qual o tipo desse complemento.

REGÊNCIA VERBAL

Vamos deter-nos mais demoradamente no verbo.

1. Há verbos que, numa frase — mais precisamente numa oração —, não necessitam de qualquer complemento para formarem um PREDICADO. Observe estas orações:

SUJEITO	PREDICADO
Uma palavra	*bastava*.
O cachorro	*sumiu*.
O dia	*raiou*.
O cachorro	*latia*.
O cachorro	*morreu*.
Seu Pedro	*chorava*.

E na ordem inversa (primeiro o verbo, depois o nome):

PREDICADO	SUJEITO
Desabou	uma tempestade daquelas!
Chegou	a noite.
Aconteceu	uma desgraça.

Pelo fato de poderem formar um predicado sem necessidade de complemento é que esses verbos recebem o nome de INTRANSITIVOS, ou seja: o seu sentido **não transita para um complemento**.

2. Outros verbos, ao contrário dos intransitivos, só costumam formar o predicado acompanhados de um complemento: ao enunciá-los, ficamos esperando mais alguma coisa que lhes complete o sentido. Esse complemento é o OBJETO, e os verbos que o pedem se chamam TRANSITIVOS, de que há dois tipos.

3. Se o verbo é TRANSITIVO DIRETO, seu objeto, quando substantivo, não vem obrigatoriamente precedido de qualquer preposição; e, quando pronome átono, tem a forma *o, a, os, as* (ou as suas variantes *lo, la, los, las* e *no, na, nos, nas*):

1. A tempestade *inundou as ruas*.
v. tr. dir. obj. dir.
1a. A tempestade inundou-*as*.
o.d.
2. Foram *esperar a mãe* na Rodoviária.
v. tr. dir. obj. dir.
2a. Foram esperá-*la* na Rodoviária.
o.d.
3. *Aguardaram o ônibus* durante meia hora.
v. tr. dir. obj. dir.
3a. *Aguardaram-no* durante meia hora.
v. tr. dir. o.d.

Observe nestes outros exemplos o emprego correto do pronome átono com alguns verbos transitivos diretos.

Quando vem antes do verbo ou quando este termina em vogal ou ditongo oral, a forma usada é *o* (e suas flexões):

> Esperou-os até tarde. — O pai estava esperando-*os*. — Deus *a* conserve com saúde, Vovó. — Minhas explicações não *o* satisfizeram.

Quando o verbo termina em -*m*, -*ão*, -*õe* usa-se a forma *no* (e suas flexões):

> Consider*am-no* sábio. — Minhas explicações satisfizer*am-nos*. — Dão muitas desculpas: *dão-nas* exageradamente. — Põe as chaves no bolso; *põe-nas* no bolso.

Se o verbo termina em -*r*, -*s* ou -*z*, a forma do pronome é *lo* (e suas flexões), e suprimem-se essas letras:

> Tentaram sequestra*r* o Governador; tentaram sequestr*á-lo*. — Di*z* as coisas francamente; *di-las* francamente. — Pô*s* as chaves no bolso; *pô-las* no bolso.

São verbos transitivos diretos de uso frequente (objeto direto = *o* e suas flexões):

abençoar
aborrecer
abraçar
acompanhar
acusar
admirar
adorar
afligir
ajudar
alegrar
almejar
ameaçar
amolar
apreciar
auxiliar
castigar
chamar
condenar
conhecer
conservar
defender
eleger
esperar
estimar
facilitar
favorecer
humilhar
ouvir
prejudicar
prezar
proteger
respeitar
satisfazer
socorrer
suportar

4. Se o verbo é TRANSITIVO INDIRETO, o seu complemento, o OBJETO INDIRETO, vem ***obrigatoriamente*** precedido de preposição, quando substantivo. Se a preposição que antecede o objeto indireto é *a*, toma a forma *lhe*, *lhes* com alguns

verbos:

4. A decisão do Diretor *agradou aos funcionários*.
(verbo transitivo indireto + preposição + objeto indireto)
4a. A decisão do Diretor *agradou-lhes*.
(*lhes* como objeto indireto)

5. *Coube ao caçula* o menor quinhão.
5a. *Coube-lhe* o menor quinhão.

Anote agora estes verbos transitivos indiretos com a preposição *a* (objeto indireto = *lhe*):

acudir a
agradar a
bastar a
caber a
competir a
convir a
cumprir a
corresponder a
desagradar a
escrever a
falar a (ou com)
importar a
incumbir a
interessar a
ligar a
obedecer a
ocorrer a
parecer a
pertencer a
repugnar a
resistir a
responder a
restar a
sobreviver a
telefonar a
tocar a
valer a

Há verbos mais exigentes: não se contentam com um só objeto, e pedem dois ao mesmo tempo, um direto e um indireto. Daí o nome de BIOBJETIVOS que lhes dão alguns. O mais típico desses verbos é *dar* (dar alguma coisa a alguém; dá-*la* a alguém; dar-*lhe* alguma coisa). Anote os mais comuns:

aconselhar
acrescentar
agradecer
anunciar
apresentar
atribuir
augurar
causar
ceder
entregar
enviar
exibir
explicar
expor
franquear
impingir
impor
indicar
pagar
participar
passar
pedir
perdoar
perguntar
permitir
propor
proporcionar

comunicar
conceder
conferir
contar
dedicar
deixar
destinar
determinar
devolver
dirigir
dispensar
distribuir
ditar
dizer
ensinar
informar
jurar
legar
lembrar
levar
mandar
manifestar
ministrar
mostrar
narrar
negar
oferecer
ofertar
opor
outorgar
provar
recordar
referir
remeter
reservar
restituir
roubar
solicitar
subtrair
testemunhar
tirar
tomar
trazer
vender

Não oferecem dificuldade as construções com os verbos transitivos indiretos ou com os biobjetivos:

> Acudiu-*lhe* uma ideia nova. Não *lhe* agradou a escolha. Uma olhada bastou-*lhe*. Cabe-*lhe* a pior parte. Isso não *lhe* competia. Convém-*lhe* mais prudência. Cumpria-*lhe* executar a tarefa mais penosa. Não *lhe* fale disso. Obedeça-*lhe* sempre. Quero-*lhe* muito bem. Ninguém *lhe* resiste. Tocou-*lhe* o melhor lugar. Ninguém *lhe* valeu naquela dificuldade.
>
> Agradeça-*lhe* o obséquio. Atribuíram-*lhe* a culpa. Concederam-*lhes* férias coletivas. Ensinava-*lhes* as primeiras letras. Expus-*lhe* a questão. Jurou-*lhe* vingança. Lembrava-*lhe* sempre o dever. Pagam-*lhe* pouco. Perdoei-*lhe* a dívida.

Certos verbos transitivos indiretos cujo objeto indireto vem regido da preposição *a* não admitem o pronome átono *lhe*, mas as formas tônicas *a ele*, *a ela*, *a eles*, *a elas*. Anote alguns deles:

aceder — aludir — aspirar (“pretender”) — assistir (“presenciar”) — atender — concorrer — escapar — presidir — proceder — prover — recorrer — renunciar — resignar-se — revidar — suprir — visar (“ter em vista”).

Exemplos:

> Acedeu *a ela* (= à proposta); Aludiu *a ele* (= ao fato); Aspirava *a ele* (= ao cargo); Assistimos *a eles* (= aos jogos); Atendeu *a elas* (= às ponderações); Concorreu *a ele* (= ao prêmio); Escapou *a ele* (= ao perigo); Fugiu *a ele* (= ao compromisso); Presidiu *a ela* (= à cerimônia); Procederam *a ela* (= à mudança); Proveu *a elas* (= às necessidades); Recorre *a ele* (= ao dicionário); Renunciou *a ele* (= ao cargo); Revidou *a ela* (= à afronta); Supria *a elas* (= às despesas); Visava *a ele* (= ao bem-estar da família).

Merece registro o uso do pronome *lhe* como objeto indireto com valor possessivo em substituição elegante do pronome *seu* (e flexões) ou do equivalente *dele, dela, de você*:

> Conheço-*lhe* as manhas. O diretor abonou-*lhe* as faltas. Deus *lhe* conserve a saúde. Não o elegeram, porém elegeram-*lhe* o filho. Apreciei-*lhe* o gesto generoso. Animei-*lhe* os planos de pesquisa. Eu *lhe* satisfiz a curiosidade. Já ninguém *lhe* suportava as tolices. Castiguei-*lhe* a soberba, abaixando-*lhe* a crista.

Nem só a preposição *a* introduz o objeto indireto: muitas outras preposições fazem esse papel.

apelar *para*
carecer *de*
cogitar *de* ou *em*
concordar *com*
confiar *em*
consistir *em*
constar *de*
contentar-se *com*, *de* ou *em*
contribuir *para*
convencer-se *de*
crer *em*
cuidar *de*
esforçar-se *em*, *para* ou *por*
gostar *de*
incidir *em*
incorrer *em*
lembrar-se *de*
lutar *com* e *por*
optar *por*
participar *de* ou *em*
prescindir *de*
queixar-se *de*
resultar *em*
simpatizar *com*
sonhar *com*
tratar *de*

e muitos outros.

Há verbos que apresentam regências diferentes sem mudança de sentido. Eis alguns deles:

abdicar (de) algo
atender (a) alguém
consentir (em)
continuar (com) algo
cumprir (com) algo
desfrutar (de) algo
esperar (por) alguém
gozar (de) algo
implicar (em) algo (= “trazer como consequência”)
importar (em) algo
necessitar (de) algo
precisar (de) algo
presidir (a) algo
renunciar (a) algo
tratar (de) alguém
usar (de) algo

– *Agradar*, no sentido de “acariciar”, “mimar”, “fazer agrados”, é transitivo direto: “Agradava demais o caçula; agradava-*o* demais.”

Quando significa “causar prazer” é transitivo indireto, com a preposição *a*: “O concerto agradou *a* todos; agradou-*lhes*.”

– *Aspirar*, no sentido de “atrair o ar aos pulmões”, “sorver”, “cheirar”, é transitivo direto: “Aspirava o ar puro da mata, aspirava-*o* com prazer.”

Já no sentido de “desejar ardentemente”, “almejar”, é transitivo indireto, com a preposição *a*, mas não admite o pronome *lhe*: “Aspirava *a* um alto cargo; aspirava *a ele* com todo o seu empenho.”

– *Ligar*, “unir”, é transitivo direto: “Uma ponte liga as duas cidades; liga-*as*.” É bitransitivo no sentido de “associar”: “Não ligou esse fato ao casamento; não *o* ligou *a ele*.”

Mas quando significa “dar importância a” é transitivo indireto, com a preposição *a*: “Ninguém ligava *a*o bêbedo; ninguém ligava *a ele*.”

– *Prover*, “nomear”, é transitivo direto: “O Presidente proveu o deputado no cargo de Ministro.”

Na acepção de “acudir”, “atender”, é transitivo indireto, com a preposição *a*: “Provia *a* todas as necessidades da casa; provia *a elas*.”

– *Respeitar*, “tratar com respeito”, é transitivo direto: “Respeite os mais velhos; respeite-*os*.”

Significando “dizer respeito”, “interessar”, “referir-se”, é transitivo indireto, com a preposição *a*: “No que respeita *a* essa questão...; no que respeita *a ela*; no que *lhe* respeita...”

– *Servir*, “prestar serviços”, tanto pode ser transitivo direto quanto indireto: “Jacó servia Labão; servia-*o*”; “Jacó servia ao pai de Raquel; servia *a ele*.”

No sentido de “convir”, porém, é apenas transitivo indireto: “Este emprego não *lhe* serve.”

Há certos verbos biobjetivos com os quais podem alternar os dois objetos (de pessoa e de coisa). Um modelo é *avisar*: avisa-se alguma coisa a alguém ou avisa-se alguém *de* alguma coisa. Anote mais estes:

advertir
certificar
cientificar
impedir
incumbir
indenizar
poupar

OUTRAS REGÊNCIAS DIGNAS DE NOTA

1. *Ensinar* admite estas alternativas:

> Ensinei-*o a* desenhar.
> Ensinei-*lhe* desenho.

2. *Custar* apresenta duas regências mais comuns, com certa mudança de sentido.

Na acepção de “demorar”, “tardar”, constrói-se, no Brasil, usualmente, com a preposição *a*: Custei *a* compreender; Custaste *a* responder-me. Veja estes exemplos de bons autores:

> “Custas *a* vir.” (Cecília Meireles)
> “Como custa *a* passar um quarto de hora!” (Paulo Mendes Campos)
> “O telegrama custou tanto *a* chegar.” (Carlos Drummond de

Andrade)
“Custei *a* conciliar o sono.” (Gastão Cruls)
“Os meninos custavam *a* dormir.” (Autran Dourado)
“As noites são mais frias, / e custam *a* passar.” (Olavo Bilac)

Na acepção de “ser difícil”, “ser penoso”, constrói-se com pronome objeto indireto seguido de verbo no infinitivo (sujeito):

“*Custou-me* (*custou-lhe*, *custou-nos*) admitir a derrota.”

Literária é a construção com objeto indireto de pessoa seguido de preposição *a* mais infinitivo:

“Custava-me *a* ouvir tais blasfêmias.” (Machado de Assis)

3. *Esquecer* e *lembrar*, transitivos diretos, também se usam como pronominais transitivos indiretos com a preposição *de*:

a) “Nunca esqueci aquele caso.”
b) “Nunca *me* esqueci *d*aquele caso.”
c) “Lembrou seu nome para o cargo.”
d) “Lembrou-*se do* seu nome para o cargo.”

Literária é outra construção dos verbos *lembrar* e *esquecer*, usual nos clássicos da nossa língua:

e) “Não *lhe lembra* nunca a possibilidade de um pontapé.” (Machado de Assis) [= Não lhe ocorre];
“Nunca *me esqueceu* aquele caso.” [= Nunca me saiu da lembrança].

Ainda ocorre uma última regência destes dois verbos, um tanto irregular, resultante do cruzamento de *b* ou *d* com *e*, igualmente de uso apenas literário:

f) “Nunca *me esqueceu* daquele caso.”

“*Lembra-me de* que ela chorou.”

4. *Deparar* apresenta as seguintes regências:

a) biobjetivo:

“Eu lhe deparei [= apresentei] várias soluções.”

b) transitivo direto:

“Deparei [= encontrei] várias soluções.”

c) transitivo indireto (com objeto indireto de coisa, introduzido pela preposição *com*); é a mais comum no Brasil:

“Deparei [= “atinei”] *com* várias soluções.”

d) pronominal transitivo indireto (com objeto indireto de pessoa regido da preposição *a*); quando pronone átono = *lhe*:

“*Depararam-se* [= apresentaram-se] *a* João da Silva várias soluções; depararam-*se-lhe* várias soluções.”

e) pronominal transitivo indireto (com objeto indireto de coisa):

“*Deparei-me* com várias soluções.”

5. *Chegar*, tradicionalmente, tem o seu complemento adverbial introduzido pela preposição *a*: chegar *a* algum lugar. Modernamente, no Brasil, muitos escritores, por influência da língua corrente, usam também a preposição *em*, especialmente na expressão “chegar em casa”. Eis alguns exemplos de escritores brasileiros modernos:

“Meu pai chegou *em* casa dizendo:” (Gilberto Amado)
“O poeta chega *n*a estação.” (Carlos Drummond de Andrade)
“Quando cheguei *n*a casa de um amigo” (Fernando Sabino)

VERBOS DE REGÊNCIA DIFERENTE COORDENADOS

Há preconceito injustificado entre alguns gramáticos contra o emprego do mesmo complemento referente a verbos de regência diferente que se coordenam; mas a realidade do uso nos revela que o escritor, neste caso, pode optar por uma destas soluções:

1. Atribui a cada verbo o seu complemento, de acordo com a regência de cada um, numa construção um tanto pesada:

> “Entrava *em casa* e saía *dela*.”

2. Atribui o mesmo complemento aos dois verbos, conforme a regência do mais próximo, obtendo, com isso, mais concisão e elegância:

> “Continuou a entrar e sair *de casa*.” (Machado de Assis)
> “Iam contar lá em casa que me haviam visto de madrugada, na Bica, entrando ou saindo *de tal lugar*.” (Gilberto Amado)

Um último caso de regência é o da preposição que, embora se prenda a um verbo no infinitivo, distante dela, se contrai, na corrente da fala, com o artigo que antecede o substantivo sujeito, ou com o pronome sujeito:

> “... na hora *d*a onça *beber* água, deu-me com o cotovelo.” (Graciliano Ramos)
> “Encontrava-me em Roma em 1942, antes *d*o Brasil *entrar* na guerra.” (Gilberto Amado)
> “Chegou a vez *d*ele *contar*-me a sua vida.” (Gilberto de Alencar)

Também se pode separar na escrita a preposição:

> antes *de o* Brasil entrar na guerra;
> Chegou a vez *de ele* contar...

Com isto chegamos ao fim deste longo capítulo da regência, tão importante para a correção que você deve manter na língua escrita.

Os numerosos exemplos e as extensas relações de verbos que lhe forneci constituem já um bom material, mas não dispensam a consulta aos dicionários como o *Caldas Aulete*, que registra as diferentes regências possíveis para cada acepção, e indica, no caso da transitividade indireta, as preposições mais usadas.

EVOLUÇÃO

23. NOSSA HERANÇA LATINA

É certíssimo afirmar que o português é uma língua românica, ou neolatina, ou simplesmente latina, já que pelo menos por três caminhos diferentes o latim contribuiu para formar a nossa língua e as demais neolatinas (o castelhano, o catalão, o occitânico ou provençal, o franco-provençal, o francês, o rético, o italiano, o sardo, o dalmático — já morto — e o romeno).

A fonte primária e básica é o LATIM FALADO, que os filólogos denominam “latim vulgar” (reconhecendo embora a impropriedade do termo *vulgar*, uma vez que o latim corrente, de comunicação, não se limitava à camada vulgar, mas abrangia as várias classes da população de Roma e do Império Romano).

Esse latim vivo foi-se modificando através dos séculos, diferentemente em cada região, até transformar-se em novas línguas, entre as quais o português.

Se o latim, ao modificar-se, produziu tantas línguas novas (nas quais existem dezenas de variantes locais, os *dialetos*), isso se deve a fatores vários, entre os quais o contacto com as línguas locais que suplantou, as quais imprimiram colorações diversas ao latim falado em cada região.

É desse latim falado que provém nosso vocabulário básico, que designa tudo aquilo que está em nós, os seres que nos cercam e suas qualidades, as ações comuns que praticamos, as palavras puramente gramaticais, em número limitado (pronomes, advérbios, preposições, conjunções). São as palavras POPULARES ou EVOLUTIVAS, assim chamadas por terem sofrido evolução nos sons (e também no sentido, como veremos noutro capítulo):

> – cabeça, cabelo, boca, mão, pé;
> – pai, mãe, filho, avô; homem, mulher;
> – céu, terra, rio, mar, montanha, casa, fogo, árvore, mesa, parede;
> – cão, gato, boi, vaca, galo, galinha, cavalo, égua, leão, lobo;
> – bom, mau, grande, pequeno, alto, baixo;
> – ir, vir, falar, comer, beber, dormir;
> – eu, tu, ele, este, tudo, nada, alguém, ninguém, que, quem, meu, minha;
> – sim, não, cedo, tarde, sempre, nunca, já, agora, aqui, onde, quando;
> – de, com, em, entre, por, para;
> – que, se, porque, embora; etc.

Claro que está incompletíssima essa listagem; mas não interessa gastar páginas e páginas multiplicando-a. Um dicionário etimológico como o da Lexikon satisfará a curiosidade dos interessados. Ou uma gramática histórica. (Recomendamos-lhe as *Lições de Português* do grande mestre Sousa da Silveira.)

A segunda fonte é o LATIM ESCRITO, tanto o literário quanto o da Igreja Católica, que manteve bem viva a cultura clássica, mesmo depois que o latim foi substituído pelas diferentes línguas românicas. Basta ler um livro como o romance *O nome da rosa*, de Umberto Eco, para se ter uma ideia da vitalidade dessa língua na Idade Média, entre os monges, que sempre continuaram (e em parte continuam) lendo, escrevendo e falando o latim.

Por outro lado, muitos intelectuais da Europa, desde a Idade Média, mas sobretudo após o Renascimento, época em que mais intensamente se reviveu a leitura dos clássicos latinos (e gregos), aprenderam tão bem o latim que passaram a nele escrever muitas das suas obras, que assim obtiveram maior divulgação: o latim passou a ser, entre a camada culta europeia, a língua universal, tal como hoje acontece com o inglês e o francês.

Usaram o latim como segunda língua escritores de quase todos os países europeus: na Itália, Dante, Petrarca e Boccaccio o alternaram com o italiano; na Holanda sobressai Erasmo de Roterdam; na Inglaterra Thomas More, Roger Bacon e Francis Bacon; em Portugal, André de Resende e Aquiles Estaço.

É natural, assim, que desse convívio constante tomassem do latim escrito muitas palavras e as introduzissem na sua própria língua, em que sofreram apenas adaptações na sua parte final, para que tivessem aspecto vernáculo: são as palavras CULTAS ou ERUDITAS.

São numerosíssimas, em português, as palavras de origem culta. Veja uma ligeira amostra:

acepção, agrícola, alienar (cognato, isto é, da mesma família do popular *alheio*), *ascensão, audição, auditivo* (cognatos de *ouvir*), *celeste* (c. de *céu*), *ciência, clássico, crucificar* (c. de *cruz*), *decapitar* (c. de *cabeça*), *dicionário, doloroso* (c. de *dor*), *eclesiástico* (c. de *igreja*), *equitativo* (c. de *igual*), *explicar, faculdade, glacial, homicida, impulso* (c. de *puxar*), *insular* (c. de *ilha*), *introspecção, invicto, jurisconsulto, lácteo* (c. de *leite*), *latifúndio, latino, legenda* (c. de *ler*), *legislativo*, (c. de *lei*), *lúcido* (c. de *luz*), *magistério* (c. de *mestre*), *manuscrito* (c. de *mão*), *matrimônio, meridiano, miraculoso* (c. de *milagre*), *ministério, noctívago* (c. de *noite*), *nomenclatura, núcleo, ocidente, oficial, palestra, pacífico* (c. de *paz*), *materno* (c. de *mãe*) *paterno* (c. de *pai*), *pecuária, península* (c. de *ilha*), *perpétuo, perspicácia, petróleo* (c. de *pedra*), *plenilúnio* (c. de *cheio* e de *lua*), *pluvial* (c. de *chuva*), *população, popular* (cognato de *povo*), *potência* (c. de *poder*), *prejudicial* (c. de *prejuízo*), *previdência* (c. de *prever*), *privilégio, processo, proclamar* (c. de *chamar*), *proletário, propício, proponente* (c. de *pôr*), *putrefato* (c. de *podre* e *feito*), *quadragésimo, quadrúpede, quádruplo, quotidiano, racional* (c. de *razão*), *reflexo, regenerar* (c. de *gerar*), *reivindicar, rememorar* (c. de *lembrar*), *réptil, república, ressonância* (c. de *soar, som*), *ressuscitar, retrospecto, românico, rotação* (c. de *rodar*), *ruptura* (c. de *roto*), *sacramento, sagitário* (c. de *seta*), *saliente* (c. de *sair*), *século, sedentário* (c. de *sentar*), *segregar, seminário, sensibilidade, sequência* (c. de *seguir*), *sequestro, sexo, silvícola* (c. de *selva*), *solstício, sortilégio, subjetivo* (c. de *sujeito*), *subjuntivo, subordinação, substância, subúrbio, superfície, superstição, taciturno, táctil, tangente, taurino* (c. de *touro*), *tenebroso* (c. de *trevas*), *têxtil, título, transfusão, translação, triângulo, tribunal, túmulo, úlcera, umbilical* (c. de *umbigo*), *uniforme, vácuo, válvula, vernáculo, veterinário, vidente* (c. de *ver*), *vínculo, viperino* (c. de *víbora*), *vitalício* (c. de *vida*), *vocábulo, voluntário* (c. de *vontade*), e milhares de outras.

O mais curioso é que muitas dessas palavras eruditas têm a mesma origem de outras que já haviam entrado na língua por via oral, pela boca do povo. Desse fato resulta que, de um mesmo étimo latino, nossa língua às vezes possui dois ou mais representantes, um ou mais, de origem popular, sofrendo as alterações fonéticas próprias do português, conforme a época em que foram introduzidas, outros vindos da língua escrita, palavras cultas portanto, sem essas alterações, apenas adaptadas na parte final, como já disse, para apresentarem aparência portuguesa. Convém observar, desde agora, que essas formas divergentes dificilmente têm o mesmo significado: geralmente há também especialização de sentido em algumas delas.

É interessante observar também que algumas palavras de origem culta se tornaram, com o tempo, mais usadas que as suas correspondentes de origem popular. É o caso, por exemplo, de *incrédulo* (origem culta), hoje mais conhecida que *incréu* (origem popular), ambas provindas do latim *incredulu*; *limite* (erudita), e *linde* (popular); *operário* (erudita) e *obreiro* (popular); *palácio* (erudita) e *paço* (popular); *vicio* (erudita) e *vezo* (popular), ambas do latim *vitium*.

Eis uma relação da maioria dessas divergentes, com formas duplas, triplas e até quádruplas provindas de uma mesma palavra latina:

PORTUGUÊS

ÉTIMO LATINO	PALAVRAS POPULARES; DO LATIM FALADO	PALAVRAS ERUDITAS; DO LATIM ESCRITO
ABSCONSU	escuso, esconso	absconso
ACTU	auto, eito	ato
ADRIANU	Adrião	Adriano
ADVERSU	avesso	adverso
AFFECTIONE	afeição	afecção
ALIENARE	alhear	alienar
AMPLU	ancho	amplo
ANGELU	anjo	Ângelo
APREHENDERE	aprender	apreender
AREA	eira	área
ARENA	areia	arena
ATRIU	adro	átrio
AUGURIU	agoiro, agouro	augúrio

AUGUSTU	agosto	augusto, Augusto
AURICULA	orelha	aurícula
AUSCULTARE	escutar	auscultar
BENEDICTU	bento, Bento, bendito	Benedito
BESTIA	bicha	besta
CALIDU	caldo	cálido
CAPITULU	cabido	capítulo
CAPTARE	catar	captar
CARDINALE	cardeal	cardinal
CAUSA	cousa, coisa	causa
CATHEDRA	cadeira	cátedra
CLAMARE	chamar	clamar
CLAVE	chave	clave
CLAVICULA	chavelha, cravelha	clavícula
COAGULARE	coalhar	coagular
COGITARE	cuidar	cogitar
COGNATU	cunhado	cognato
COHORTE	corte (ô)	coorte
COMPARARE	comprar	comparar
COMPUTARE	contar	computar
CREDO	creio	credo
DECIMA	dízima	décima
DECRETU	degredo	decreto
DELICATU	delgado	delicado
DESIGNIU	desenho	desígnio
DIRECTO	direito	direto
DUPLU	dobro	duplo
EXAMEN	enxame	exame
FACTU	feito	fato
FERIA	feira	féria
FINITU	findo	finito
FLAMMA	chama	flama
FLUXU	frouxo	fluxo
FOCU	fogo	foco
FRIGIDU	frio	frígido
FUGITIVO	fugidio	fugitivo
GENERALE	geral	general
GENITIVO	gentio	genitivo
GERMANU	irmão	Germano

GLANDULA	landra, lândoa	glândula
GLUTEN	grude	glúten
HEREDITARIU	herdeiro	hereditário
IMPLICARE	empregar	implicar
INCREDULU	incréu	incrédulo
INFLARE	inchar	inflar
INSULSU	insosso	insulso
INTEGRU	inteiro	íntegro
JACTU	jeito	ja(c)to
LABORARE	lavrar	laborar
LACUNA	lagoa	lacuna
LAICU	leigo	laico
LATINU	ladino, ladinho	latino
LAURU	louro, loiro	Lauro
LEGALE	leal	legal
LEGENDA	lenda	legenda
LEGITIMU	lídimo	legítimo
LIBELLU	nível	libelo
LIBERARE	livrar	liberar
LIMITE	linde	limite
LITANIA	ladainha	litania
LOCALE	lugar	local
LUCRU	logro	lucro
MACULA, MACLA	mancha, malha, mágoa	mácula
MASCULU	macho	másculo
MASTICARE	mascar	mastigar
MATERIA	madeira	matéria
MATRE	mãe	madre
MATURARE	medrar	maturar
MEDICINA	mezinha	medicina
MEDIU	meio	médio
MINUTU	miúdo	minuto
MUSCULU	bucho	músculo
NITIDU	nédio	nítido
NOTULA	nódoa	nótula
OCULU	olho	óculo
OPERARE	obrar	operar
OPERARIU	obreiro	operário

PAENITENTIA	pendência	penitência
PALATIU	paço	palácio
PALLIDU	pardo	pálido
PALPARE	poupar	(a)palpar
PARABOLA	palavra	parábola
PARTICULA	partilha	partícula
PELAGU	pego	pélago
PENSARE	pesar	pensar
PERFIDIA	porfia	perfídia
PLAGA	chaga, praga	plaga
PLANU	chão, porão	plano
PLENU	cheio	pleno
POLIRE	puir	polir
PRIMARIU	primeiro	primário
PULSARE	puxar	pulsar
QUIETU	quedo	quieto
RECITARE	rezar	recitar
REGINA	rainha	Regina
RECUPERARE	recobrar	recuperar
RIGIDU	rijo	rígido
ROMANU	Romão	romano, Romano
ROTULA	rolha	rótula
ROTUNDU	redondo	rotundo
RUGITU	ruído	rugido
SALTU	souto, Souto	salto
SANARE	sarar	sanar
SECRETU	segredo	secreto
SIBILARE	silvar	sibilar
SENSU	siso	senso
SIGILLU	selo	sigilo
SINISTRU	sestro	sinistro
SOLITARIU	solteiro	solitário
SUMMA	soma	suma
TELA	teia	tela
TENSU	teso	tenso
UMERU	ombro	úmero
VIGILIA	vigia	vigília
VITIUM	vezo, viço	vício

São usuais, ainda em português e em todas as línguas da civilização ocidental, numerosas expressões latinas, como estas, entre dezenas:

ad hoc = “para isso, para este caso “: “Foi designado secretário *ad hoc”*, ou seja, especialmente para determinado evento;
ad referendum = “sob condição de consulta aos interessados”;
currente calamo [cá] = “ao correr da pena”;
curriculum vitae = “o curso da vida”;
data venia = “com a devida permissão”;
de facto = “de fato”: opõe-se a *de jure* = “de direito”;
deficit [dé] = “falta”, ou seja, a diferença a menos entre a receita e a despesa;
dura lex, *sed lex* = “a lei é dura, mas é lei”;
ex cathedra = “do alto de sua cátedra”;
grosso modo = “de forma aproximada”;
habeas-corpus = “que disponhas do teu corpo”;
habeas-data = “que disponhas de teus dados”;
habitat = “lugar em que vive um organismo”;
honoris [nô] *causa* = “para a honra”: diz-se de um grau conferido a título honorífico;
in extremis = “nos últimos momentos”;
in natura = “no seu natural”;
ipso facto = “por isso mesmo”;
lapsus calami [cá] = “erro da caneta”;
lato sensu = “em sentido amplo”; opõe-se a *stricto sensu*;
modus vivendi = “maneira de viver”;
mutatis mutandis = “mudando o que deve ser mudado”, isto é, alterando os pormenores;
nec plus ultra = “não mais além”;
persona (*non*) *grata* = “pessoa (não) recebida com agrado”;
primus inter pares = “o primeiro entre seus iguais”;
res, *non verba* = “fatos, e não palavras”;
sine die = “sem dia [determinado]”;
sine qua non = “sem a qual não”, isto é, condição imprescindível;
status quo (*ou statu quo*) = “(n)o estado em que [antes se encontrava]”;
stricta sensu = “em sentido restrito”;
sui generis = “do seu próprio gênero”, ou seja, sem analogia com outra pessoa ou coisa;

superavit [rá] = “sobrou”, ou seja, a diferença a mais entre a receita e a despesa;
verbi gratia = “por exemplo”.

Uma terceira via são outras línguas, quase sempre neolatinas, que receberam certas palavras do latim e que o português tomou de empréstimo. Algumas delas também passaram diretamente do latim para o português, e constituem igualmente formas divergentes. Veja alguns exemplos:

latim	português^1	língua intermediária	português^2
anellu	*elo*	provençal: *anel*	*anel*
aramine	*arame*	castelhano: *alambre → alambrado*	*alambrado*
caput	*cabo*	francês: *chef*	*chefe*
facticiu	*feitiço*	fr.: *fétiche*	*fetiche*
homine	*homem*	cast.: *hombre → deriv.: hombridad*	*hombridade*
lumine	*lume*	cast.: *lumbre → deriv.: deslumbrar*	*deslumbrar*
		vislumbrar	*vislumbrar*
media	*média*	inglês: *media* (pronunciado *mídia*) no sentido de “meios de comunicação”	*mídia*
minuta	*miúda*	fr.: *minute*	(à) *minuta*
opera	*obra*	italiano: *opera*	*ópera*
planu	*chão*	cast.: *llano*	*lhano*
sanguine	*sangue*	cast.: *sangre → deriv.: sangrar*	*sangrar*
solu	*só*	ital.: *solo*	*solo* (termo de música)
tenore	*teor*	ital.: *tenore*	*tenor*
impulsare	*empuxar*	cast.: *empujar*	*empurrar*

O castelhano nos deu ainda:

amistoso, ligado a *amistad* (port. *amizade*), do lat. *amicitate*; *bolero*; *caudilho*, do mesmo radical de *cabeça*; *empalar* (de *pala*, “pau”, em latim *palu*);
entretenimento, derivado de *entretener*, port. *entreter* (do lat. *tenere*, com o prefixo *entre-*);
hediondo (do *lat. foetibundu*);
mantenedor (de *mantener*, “manter”, em lat. *mantenere*);

neblina (do lat. *nebulina*, diminutivo de *nebula*, “névoa”).

Como você pode ver, é imensa a herança que o latim nos deixou, e que nem a ameaça das invasões estrangeiras (v. o capítulo seguinte) é capaz de destruir.

24. AS INVASÕES ESTRANGEIRAS

Enquanto o português se formava, no noroeste da Península Ibérica, numa transformação gradual do latim popular trazido pelos conquistadores romanos, o território de Portugal sofreu invasões de povos estrangeiros que não lograram impor sua língua, mas nele deixaram a marca da sua passagem, enriquecendo-lhe o vocabulário.

Primeiro foram os árabes, que estiveram na Península Ibérica do século VIII ao século XV, invasão que deu margem à grande epopeia da Reconquista, na qual os cristãos lutaram contra os muçulmanos (os “Infiéis”, como os chamavam). Em Portugal a Reconquista durou até meados do século XIII, quando o Algarve, no sul, foi definitivamente incorporado ao reino português, depois de batalhas memoráveis.

É natural que num período tão longo tenham entrado em nosso léxico centenas de vocábulos, muitos dos quais iniciados por *al-* (que é o artigo definido árabe, por vezes reduzido à vogal *a*). Pela variedade dos campos abrangidos se pode avaliar a influência da cultura árabe, nessa época mais desenvolvida.

Você reconhecerá como vindas do árabe muitas palavras nesta pequena amostra; outras lhe causarão surpresa, sem dúvida:

açafrão, acelga, acepipe, açougue, açoute ou *açoite, açucena, açude, aduana* (que nos deu o derivado *aduaneiro*), *alarde, alarido, alaúde, alazão, alcachofra, alcaçuz, álcali, alcateia, alcatra, alcatrão, álcool, Alcorão, alcova, alcunha, aldeia, alecrim, alface. alfaiate, alfarrábio, alfazema, alferes, alfinete, algazarra, álgebra, algemas, algibeira, algodão, alicate, alicerce, almanaque,* *almirante, almofada, almôndega, almoxarife, alqueire, alvará, âmbar, andaime, argola, armazém, arrabalde, arrais, arroba, arsenal, atum, auge, azar, azeite, azinhavre, azougue, bairro, beduíno, benjoim, café, calibre, califa, camelo, cenoura, cetim, chafariz, cifra, ciranda, damas, elixir, emir, enxaqueca, enxoval, faquir, farda, fardo, fatia, fulano, garrafa, gergelim, giz, harém, haxixe, hégira, Islã* ou *Islame, jarra, javali, lima* (fruta), *mameluco, marfim, máscara, masmorra, mate* (do jogo de xadrez), *mesquinho, mesquita, muçulmano, nuca, oxalá, papagaio, quilate, quintal, rabeca, recife, refém, safra, saguão, sofá, sultão, tabique, talco, tâmara, tamarindo, tarifa, tripa, xadrez, xarope, xeque* (forma portuguesa, ao invés de *cheik* ou *sheik*), *xerife, xiita, zênite, zero.*

De 1580 a 1640 permaneceu Portugal sob o domínio espanhol. São dessa época muitos destes — dentre centenas — espanholismos que penetraram no português; outros são mais recentes:

alambrado, antanho, apanhar, apetrecho, baunilha, bobo, bolero, bombacha, botija, castanhola, castelhano, caudilho, cavalheiro, cedilha, colcha, cordilheira, cortina, dengue, deslumbrar, desmoronar, despojar, duende, empurrar, engendrar, entretenimento, façanha, fiambre, frente, gado, galã, galante, galhofa, ganância, goela, granizo, hediondo, hombridade, lagartixa, lamparina, lhano, mantilha, mariposa, mochila, molde, moreno, neblina, ninharia, novilho, ojeriza, pandeiro, paradeiro, pastilha, penca, pepino, peseta, picaresco, pingente, pirueta, platina, quadrilha, rabanada, realejo, rebelde, redondilha, repolho, rol, sangrar, tablado, talão, trecho, vislumbrar.

Sempre tem havido no mundo uns poucos países que exercem influência cultural mais ou menos acentuada sobre outros. E esse prestígio se manifesta invariavelmente pela intromissão da língua do país de maior cultura sobre a língua dos demais, na qual se introduzem construções e vocábulos novos. Se alguns destes são necessários — pela própria evolução dos usos e costumes, ou pelo avanço das ciências, que precisam de termos novos para nomear criações novas —, muitos outros são dispensáveis, pelo fato de a língua influenciada já possuir designações próprias para determinadas ideias ou coisas.

Um exemplo:

O português possui o nome *castanho* para designar a cor da casca da castanha: “cabelos *castanhos*”. Apesar disso, importou do francês a palavra *marron*, que significa “castanha”, para indicar essa mesma cor: “uma bolsa *marrom*”...

São vários, aliás, os nomes de cores tirados do francês que usamos comumente: *beige* (também escrito *bege*), *bordeaux* (aportuguesado para *bordô*), *grenat* (*grená*), *lilás*, etc.

A língua portuguesa, em séculos idos, teve ascendência sobre línguas da Ásia e da África. Basta lembrar que há cinco nações africanas em que é o português o idioma oficial.

Mais recentemente, contudo, sofreu (e continua a sofrer) a ingerência de outras línguas europeias. No século passado (e até as primeiras décadas deste), foi o francês o grande invasor: sua rica literatura penetrou continuamente entre nós, e o ensino do francês fazia parte da educação das moças de outrora. (Machado de Assis o mostra claramente em seus romances.)

O resultado não podia ser outro: nossa língua foi-se enchendo de FRANCESISMOS (ou GALICISMOS), grande parte deles supérfluos, outros úteis. Alguns mereceram aceitação geral e tiveram sua forma aportuguesada; outros conservam a feição original.

E dessa maneira se mantém uma verdadeira tradição de preferir nomes franceses para a moda e a culinária, para termos de arte, numa prova de colonialismo cultural até hoje persistente.

Ninguém perde o *vernissage* de um pintor da moda, cujo *atelier* repleto de *croquis* foi objeto de reportagem. Os trabalhos de *crochet* e *tricot* e os *abat-jours* pintados à mão fizeram sucesso na *soirée chic*. [Note-se que os dicionários já registram com forma portuguesa muitos deles: *ateliê*, *croqui*, *croché* ou *crochê*, *tricô*, *abajur* (pl. *abajures*), *chique*. Ainda hoje se considera *chic* o *menu* escrito em francês...]

Entre dezenas de palavras e expressões francesas de uso em português, algumas delas mais antigas, outras recentes, veja esta pequena amostra dessa grande invasão (vai entre parênteses, quando usual, a forma aportuguesada):

aigrette, *aide-mémoire*, *bacará*, *bâton* (*batom*), *bidet* (*bidé* ou *bidê*), *balloné*, *blasé*, *boulevard* (*bulevar*), *boutade*, *cabaret* (*cabaré*), *cabine* (*cabina*), *cache-col* (*cachecol*), *cachenez* (*cachenê*), *calembour* (*calembur*), *cancan* (*cancã*), *cavaignac* (*cavanhaque*), *chaise longue*, *chalet* (*chalé*), *champagne* (*champanha* e *champanhe*), *chance*, *chauffeur* (*chofer*), *controle*, *crachat* (*crachá*), *escarpin*, *fetiche*, *flâneur*, *frappé*, *garage*(*m*), *garçon*, *grand monde*, *jeunesse dorée*, *maiô*, *maquillage* (*maquiagem* e *maquilagem*), *menu*, *metrô*, *ménage à trois*, *molleton*, *morgue*, *omelete*, *peignoir*, *pince-nez* (*pencenê* e *pincenê*), *plissé*, *pouf* (*pufe*), *purée* (*purê*), *réchaud*, *rimel* (*rímel*), *savoir-faire*, *savoir-vivre*, *soufflé* (*suflê*), *soutien* (*sutiã*), *trottoir*, *trousse*, *vitrina*, *voyeur*, etc.

O excesso de palavras de origem francesa introduzidas no português tem provocado, através dos séculos, com alguma dose de razão — descontados os exageros puristas —, a ira de certos gramáticos, que fizeram publicar dicionários de galicismos “condenáveis”, e artigos em que se propõem substitutos, por vezes ridículos, alguns dos quais, porém, caíram no gosto do público. Outros, contudo, foram devidamente desprezados, e hoje é inútil querer condenar ou substituir certos galicismos.

Assim, como exemplos: para *avalanche* (ou, aportuguesando, *avalancha*) — que aliás tem o correspondente português *alude*, pouco usado — se propôs o estranho *runimol*, que não vingou; para *menu*, o substituto proposto, *cardápio*, é de uso geral no Brasil (em Portugal se diz *ementa*), ao lado de *menu* e *lista*; para *morgue* (ainda usado em Portugal), aceitou-se o substituto *necrotério*; por outro lado, ninguém usa *lucivéu* ou *lucivelo* em lugar do galicismo consagrado *abajur*.

São correntes, por sua vez, galicismos como *agir* (que hoje ninguém de bom-senso pensa em substituir); *detalhe* (*pormenor*, *minúcia*, *particularidade* são alternativas); *destacar(-se*) alterna com *sobressair*, *distinguir-se*, *salientar-se*, tal como *destaque* com *realce*, *relevo*; ao lado de *constatar* usam-se os mais vernáculos *atestar*, *comprovar*, *verificar*, *observar*.

E ninguém pensaria em retirar do nosso léxico dezenas de vocábulos, alguns incorporados ao português desde séculos, tais como:

altruísmo, *apanágio*, *aprendiz*, *arranjar*, *assembleia*, *avenida*, *bagagem*, *bilhete*, *blusa*, *bombom*, *boné*, *broche*, *cadete*, *chaminé*, *chanceler*, *chapéu*, *chefe*, *claraboia*, *colete*, *creme*, *crepe*, *croquete*, *decolar*, *derrapar*, *divisa*, *envelope*, *etapa*, *etiqueta*, *filé*, *flanar*, *gabinete*, *greve*, *guilhotina*, *hotel*, *jardim*, *leste*, *loja*, *lote*, *luneta*, *paisagem*, *paletó*, *persiana*, *personagem*, *rampa*, *rapé*, *restaurante*, *roleta*, *rondó*, *sabre*, *saia*, *salada*, *silhueta*, *terrina*, *trem*, *trenó*, *triagem*, *trufa*, *usina*, *vantagem* — escolhidos entre centenas.

Também da Itália a língua portuguesa sofreu uma invasão, agradável sob vários aspectos: a princípio de termos de Belas Artes, especialmente de música e de teatro, e mais recentemente de culinária; sem falar de alguns referentes à guerra e à arte náutica:

MÚSICA E TEATRO:

adágio, *alegro*, *andante*, *ária*, *arpejo*, *balcão*, *bandolim*, *barcarola*, *batuta*, *burlesco*, *camarim*, *cantata*, *concerto*, *contralto*, *coxia*, *dueto*, *empresário*, *escala*, *fagote*, *falsete*, *fiasco*, *libreto*, *maestro*, *madrigal*, *ópera*, *oratório*, *palhaço*, *partitura*, *piano*, *pizicato*, *quarteto*, *quinteto*, *ribalta*, *romança*, *saltimbanco*, *serenata*, *solfejo*, *solo*, *sonata*, *soprano*, *surdina*, *tarantela*, *tenor*, *terceto*, *tocata*, *trêmolo*, *trombone*, *violino*, *violoncelo*, *virtuose*;

CULINÁRIA:

brócolis ou brócolos, *cantina*, *lasanha*, *macarrão*, *mortadela*, *nhoque*, *pizza*, *polenta*, *ravióli*, *ricota*, *risoto*, *salame*, *salsicha*, *talharim*;

MILITARES:

alarma, *alerta*, *batalhão*, *capitão*, *cidadela*, *coronel*, *escopeta*, *espadachim*, *esquadra*, *fragata*, *galera*, *infantaria*, *sentinela*;

OUTROS:

bancarrota, *bandido*, *belvedere*, *carnaval*, *cassino*, *charlatão*, *cicerone*, *concordata*, *confete*, *diletante*, *esdrúxulo*, *fascismo*, *favorito*, *gazeta*, *granito*, *grotesco*, *lavanda*, *loteria*, *medalha*, *miniatura*, *modelo*, *mosaico*, *nicho*, *pajem*, *pasquim*, *pitoresco*, *poltrona*, *porcelana*, *trampolim*, *ventarola*.

Mais perto dos nossos dias foi a vez da preponderância do inglês, primeiramente da Inglaterra, sobretudo nos esportes, e mais recentemente dos Estados Unidos da América, numa verdadeira invasão cultural que atinge também o vestuário, a alimentação, a música, a comunicação e, nas duas últimas décadas, a eletrônica e a computação.

Antes de mais nada, a própria palavra *esporte* (de *sport*); e o nome do esporte mais popular no Brasil, já devidamente aportuguesado: *futebol*, adaptação de *football*. (Não tiveram bom êxito os vários nomes propostos por nacionalistas e puristas para substituir este anglicismo: ninguém tomou conhecimento de *balípodo*, *ludopédio*, *pedibola* e outros que tais.)

Junto com o futebol vieram numerosos termos a ele referentes, alguns dos quais substituídos, nos últimos decênios, por equivalentes portugueses (brasileiros, pelo menos), outros devidamente aportuguesados:

gol (de *goal*) e seu derivado *goleiro* (que substituiu *goal-keeper* e sua abreviação *keeper*); *beque* (de *back*), hoje *zagueiro*; *corner*, preterido por *escanteio*, *tiro de canto*; *chute* (de *shoot*), com seu derivado *chutar*, usados também fora do futebol; *pênalti* (*penalty*); *off-side* (*impedimento*); *drible* (de *dribble*) e *driblar*, etc.

Vários outros esportes (e termos correlatos) têm também nomes ingleses:

basquete (redução de *basquetebol*, de *basket-ball*), ou *bola ao cesto*); *voleibol* (de *volley-ball*), reduzido a *vôlei*; e mais *tênis* (*tennis*), *golfe* (*golf*), *hóquei* (*hockey*), *polo*, *sinuca* (*snooker*), *box* ou *boxe*, *ringue* (*ring*), *nocaute* (*knock out*), entre muitos. E termos como *ace* (rede), *grid* (grade de largada), *pit stop* (parada no boxe), etc.

No vestuário, da democrática calça *jeans* ao *blazer*, ao *smoking* e ao *black-tie* da *soçaite* (*society*); na alimentação, o *bife* (*beaf*) antecedeu o *hot-dog* (*cachorro-quente*) e o *hambúrguer*, o *milk-shake* e o *sundae*; na música, há quem tenha saudades do *fox-trot* ou do *fox-blue*, mas ao *jazz* e ao *swing* sucedeu o *rock*, que hoje impera entre os jovens de todo o mundo, com mil variações de música *pop*: *blues*, *funk*, *punk*, *new-wave*, *new-age*, *heavy*, *reggae*, etc.

Na área da Comunicação, da Economia e da Informática estão se generalizando certos termos e expressões antes restritos a um meio técnico; os jornais e revistas estão repletos de anglicismos como *software*, *hardware*, *know how*, *bit*, *open market*, *overnight*, *holding*, *lobby*, *marketing*, *mídia* (de *media*, com a pronúncia inglesa), *cartum* (*cartoon*), etc.

Além dos já citados, veja uma relação de termos, alguns mais antigos, que o português tomou do inglês, quase todos aportuguesados:

abolicionismo, *alô*, *bar*, *bebê* (de *baby*), *bigle* (*beagle*), *blefe* (*bluff*), *bote* (*boat*), *boxer*, *breque* (*break*), *bridge*, *brigue*, *buldogue* (*bulldog*); *cabograma* (*cablegram*), *casimira* (*kerseymere*), *cheque* (*check*), *chulipa* (de *sleeper*, “dormente”), *clip*(*e*), *club*(*e*), *coquetel* (*cocktail*), *comodoro* (*commodore*), *coque* (*coke*), *dândi* (*dandy*), *desapontamento* (*disappointment*), *dólar*, *draga* (*drag*), *dreno* e *drenar* (*drain*), *drinque* (*drink*); *elevador* (*elevator*), *escalpo* (*scalp*), *escoteiro* (*scout* + -*eiro*), *spleen*, *esterlina* (*sterling*), *film*(*e*), *flerte* (*flirt*) e *flertar*, *folclore* (*folklore*), *galão* (*gallon*), *gim* (*gin*), *grogue* (*grog*), *humor* (*humour*) e *humorista*, *iate* (*yacht*), *jarda* (*yard*), *jóquei* (*jockey*), *júri* (*jury*), *lanche* (*lunch*), *linchar* (do sobrenome Lynch), *lord*(*e*); *macadame*, *malte* (*malt*), *panfleto* (*pamphlet*), *paquete* (*packet[boat]*), *parlamento* (*parliament*), *piche* (*pitch*), *pôquer* (*poker*), *pudim* (*pudding*), *pule* (*pool*), *puritan*(*o*), *repórter*, *revólver*, *rifle*, *rinque* (*rink*), *rosbife* (*roast-beef*), *rum*, *sanduíche* (*sandwich*), *standard*, *stress*, *teste* (*test*), *túnel*, *turf*(*e*), *turismo* (*tourism*), *uísque* (*whisky*), *vanguard*(*a*), *xerife* (*sheriff*).

Você mesmo pode multiplicar esta já extensa relação.

Numerosas outras línguas deixaram sua marca no português. Mas nenhuma delas teve as características de “invasão” cultural como as citadas.

E o português continua aberto à importação de termos estrangeiros, sejam alemães, russos, até japoneses, chineses e hindus, com a cada vez maior onda orientalista em nossos costumes. São desta nova safra desde o *quibe* sírio-libanês (árabe) à *sauna* finlandesa ou à *ioga* indiana, ao *ginseng* chinês e ao *zen*, *sachimi*, *suchi* japoneses...

25. AS PALAVRAS TAMBÉM MUDAM DE SENTIDO

Não é apenas a forma das palavras que evolui e se modifica através dos tempos: paralelamente às mudanças *fonéticas*, nos sons (o radical grego -*fon*- quer dizer “som”) elas sofrem mudanças semânticas, no sentido (o radical grego -*semant*- quer dizer” significação”).

E mesmo as palavras tomadas de empréstimo ao latim literário ou a outra língua escrita podem adquirir sentido diferente.

Pode haver tanto generalização quanto especialização de sentido; às vezes enobrecimento, outras vezes degradação.

Os exemplos são inúmeros. Eis alguns:

1. *Lápis*, em latim (língua em que a palavra possuía várias formas, de acordo com sua função na frase, como *lapidis*, *lapidem*, entre outras) significava “pedra” (em geral), “pedra tumular”, “marco miliário” (que indicava as milhas nas estradas romanas); “pedra preciosa”.

O português, no século XVI, tomou provavelmente do italiano a palavra *lápis*, já com o sentido especial de “grafite”, ou seja, “variedade de carbono cristalizado, próprio para escrever”. E hoje designa qualquer bastãozinho, geralmente de madeira e cilíndrico, que envolve uma mina de grafite ou de outras substâncias, destinado a escrever, desenhar ou pintar.

Da forma *lapidem* provém, por via erudita, a nossa *lápide*, que se usa apenas nos sentidos de “laje com inscrição comemorativa” e “laje tumular”.

2. Do latim *vitium*, “vício, defeito, anomalia, imperfeição moral”, além de

vício, de origem culta, com os mesmos sentidos, tem o português duas outras palavras, de origem popular, com sentidos especializados: 1.ª, *vezo*, "hábito ou costume, geralmente criticável"; 2.ª, de significação muito diferente, *viço*, que é o "vigor de vegetação nas plantas" e, daí, "exuberância de vida". Este novo sentido se deve ao fato de a "anomalia" no crescimento de uma planta ser favorável.

3. *Carroça*, antigamente, era "carruagem de luxo"; hoje em dia, o sentido degradou-se: é "carro grosseiro", "carro velho, vagaroso"...

4. A família portuguesa derivada do latim *macula* ("mancha, malha, marca natural"; "nódoa", "defeito"; "malha dum tecido") tem vários representantes. Por via popular, *mancha* é o termo de sentido mais geral; *malha* tanto pode ser a "trança de qualquer fibra têxtil", a "abertura no entrançado de um tecido", o "entrançado de um fio de metal com que se fabricavam as armaduras", o "tecido que se desfia facilmente", a "roupa feita com tecido entrançado", como também a "mancha natural de coloração diferente na pele dos animais" ("vaca *malhada*"); *mágoa*, que já significou "mancha proveniente de uma contusão", hoje só se emprega no sentido de "desgosto, amargura, pesar, tristeza" causados por uma ofensa ou desconsideração. Já por via culta nos veio *mácula*, termo empregado quase sempre no sentido figurado de "mancha ou nódoa": "virgem sem *mácula*".

5. O adjetivo latino *planus* significa "plano, igual, raso, nivelado"; "chato, achatado". Em português, por via popular, deu-nos: *chão*, primeiro como adjetivo ("plano, liso", "singelo, simples", "habitual, trivial"), depois como substantivo ("solo, pavimento "); *porão*, o "espaço mais baixo de um navio"; "parte de uma habitação entre o solo e o primeiro pavimento". Por via erudita, *plano*, adjetivo ("de superfície lisa"): "terreno plano"; e substantivo: "superfície plana limitada", "planície"; "planta, mapa"; e daí "projeto", "trama"; "arranjo"; "situação", "categoria". Indiretamente, por empréstimo do castelhano, temos *lhano* ("sincero, franco"; "simples, despretensioso"; "afável, delicado"); e do italiano tomamos *piano*, o instrumento musical.

6. Um dos mais curiosos exemplos de enobrecimento de sentido ocorreu com a palavra *marechal* (empréstimo ao francês), que hoje designa "o mais alto posto da hierarquia do Exército", e na sua origem era simplesmente o "criado do cavalo", um humilde empregado que, na Idade Média, cuidava de certo número de

cavalos da Corte. Mas como pôde a palavra sofrer tão forte alteração?

É preciso lembrar a importância da cavalaria nas guerras antigas, e que ao *marechal* foram aos poucos atribuídos novos encargos: passou ele a organizar a cavalaria em ordem de batalha, sob as ordens de um oficial; posteriormente o ofício de marechal foi aumentando de importância, passando a designar o "oficial cavaleiro", depois "oficial graduado", até indicar o mais alto oficial do Exército.

Parece que o sentido de *marechal* andou de avião, e não a cavalo...

Outras vezes é forte a degradação de sentido:

7. *Vilão*, que era apenas o "aldeão", o "habitante do campo", veio a significar "homem grosseiro", "perverso", infame". Certamente há de ter influído a associação (indevida) com *vil*. E, na maneira de ver dos aristocratas, dos nobres, dos homens da cidade, só os da aldeia, da *vila*, do campo são grosseiros, capazes de praticar ações vis...

8. *Tratante*, no português antigo, era apenas "o que trata (de negócios, de papéis)"; mas a falta de honestidade de certos "tratadores" e negociantes foi responsável pela deterioração do sentido para "canalha, patife, velhaco".

9. *Libertino*, a princípio "filho de escravo liberto", tomou o sentido de "libertado dos preceitos da moral e da religião", e daí "devasso", "imoral", "despudorado", "dissoluto".

10. *Cretino* é palavra que várias línguas românicas tomaram emprestada de um dialeto franco-provençal dos Alpes Suíços, *cretin* (do latim *christianu*, "cristão"). Nessa região muitos dos habitantes eram acometidos de *cretinismo* ou *bócio* (doença caracterizada pelo crescimento da tireoide, vulgarmente conhecida por *papo*), e assim denominados por comiseração, "pobre cristão", "pobrezinho". Como o bócio provoca a parada do desenvolvimento físico e mental, o termo passou a usar-se pejorativamente com o significado de "imbecil", "idiota".

Mas nem sempre há degradação de sentido, como comprovam estes exemplos:

11. À primeira vista, ninguém associará *lindo* a *legítimo*. Mas é preciso saber que o latim *legitimu*, a princípio termo jurídico ("legal, conforme às leis"), também passou a significar "perfeito", "excelente", e nos deu, além da forma

erudita *legítimo*, a evolutiva *lídimo*, a qual, por uma permuta de sons usual, deve ter tido a forma *límido*, que, com a queda, bastante comum, do *i* seguinte à sílaba tônica, transformou-se em *lim'do*, e finalmente *lindo*. A evolução de sentido terá sido a seguinte: legítimo → puro → nobre de estirpe → perfeito → formoso.

12. O adjetivo *limpo* (antigamente *límpio*) é transformação fonética do latim *limpidu*, "claro", "transparente", que nos deu *límpido* por via erudita. A mudança de sentido se explica facilmente: para ficar transparente, um vidro deve estar limpo.

13. Ao pedir alguém um "*caldo* de cana bem gelado", ninguém hoje percebe contradição. Mas a palavra *caldo* provém do latim *calidu*, adjetivo que quer dizer "quente", sentido ainda vivo em "águas *caldas*", ou simplesmente *caldas*, "águas termais", nome existente, por exemplo, em *Caldas Novas*, cidade de Goiás famosa pelas suas fontes de águas quentes, e *Poços de Caldas*, não menos famosa estância hidromineral. Também o substantivo *calda* perdeu a sua conotação primitiva de "quente", e passou a designar a "solução de açúcar e água fervidos juntos" (muitas vezes com suco de alguma fruta). Por via erudita, *calidu* nos deu *cálido*, que, ao lado de "quente", significa, figuradamente (como em latim), "ardente", e "apaixonado".

14. *Comprar* provém do latim *comparare*, "comparar", "confrontar". O sentido atual se explica pelo fato de o bom *comprador*, antes de adquirir (um produto, um objeto), *compara* (qualidade, preço).

15. Você já pensou que *cunhado* resulta do latim *cognatu*? E *cognatu* ("nascido do mesmo sangue"), ao contrário de *cunhado*, é "parente pelo sangue", e não por afinidade. *Cognato* é forma erudita, e além do sentido jurídico de "parente consanguíneo", usa-se em gramática para designar a "palavra que tem raiz comum com outras", como *CLARo*, *CLAReza*, *CLARidade*, *esCLARecer*.

16. *Fogo* (que em latim se dizia *ignis*) tem origem noutra palavra latina, *focu*, cujo primeiro sentido é "lar doméstico", "lareira", e só posteriormente passou a significar "fogo". Por via culta, *focu* nos deu *foco*, já com sentidos novos.

17. O latim *lucru*, por via culta, nos deu *lucro*, de sentido semelhante. Mas,

por via popular, a forma resultante é *logro*, “engano”, “trapaça”, “fraude”. Há certa tendência a dar sentido pejorativo aos termos comerciais: na verdade, para aumentar seu *lucro*, o comerciante muitas vezes *logra* o freguês. Observe que o cognato *lograr*, ao lado do sentido depreciativo, conserva o de “obter”, “desfrutar”, “conseguir”.

18. *Minuto* e *miúdo* provêm, por vias diferentes, do mesmo termo latino, *minutu*, que quer dizer “diminuído”, “miúdo”. O sentido da forma culta, *minuto*, resulta de ser parte diminuta em que se divide a hora. — O feminino latino *minuta*, “diminuída”, passou a aplicar-se aos rascunhos, que eram escritos com letras muito miúdas.

19. O primeiro sentido do verbo latino *pensare* é “suspender”, “pendurar (das conchas da balança)”, “pesar”, e nos deu, por via popular, *pesar*. Do sentido concreto de “pesar” deriva o figurado de “pesar os prós e os contras”, “ponderar”, “examinar”, que nos leva ao de “meditar”, “refletir”, próprio da forma culta *pensar*.

20. O latim *orare* tinha o sentido de “pronunciar uma fórmula ritual, uma súplica, um discurso”; “pedir”, “rogar”; “pleitear”, “advogar”. Estas duas últimas acepções estão presentes nos cognatos *oração* (lat. *oratione*) e *orador*, da linguagem jurídica. Mas o verbo, por influência do latim da Igreja, especializou-se no sentido de “suplicar a Deus”, “rezar”.

21. *Recitare*, “ler em voz alta”, “recitar”, “ler”, além da forma erudita *recitar*, com o mesmo sentido, deu-nos a forma popular *rezar*, cujo sentido se especializou como “recitar ou ler orações”.

A EXPRESSIVIDADE E O ESTILO

26. A LÍNGUA COMO INSTRUMENTO DE BELEZA

Engana-se quem pensa que a língua funciona exclusivamente como meio de INFORMAÇÃO entre falante e ouvinte, entre escritor e leitor: muitas vezes ela é usada como forma de externar o que nos vai no mais íntimo da alma, sem que haja necessariamente um receptor da mensagem. O poeta e o romancista escrevem por uma necessidade interna, para extravasarem seus sentimentos.

Enquanto a linguagem de informação, para cumprir sua finalidade, deve ser objetiva, neutra — o que acontece raramente —, a linguagem expressiva carrega-se de matizes poéticos, subjetivos, procurando, mediante todo um jogo de artifícios, transmitir algo de belo, de artístico. É a finalidade ESTÉTICA sobrepujando a função informativa.

Se você compulsar um jornal, muitas das suas matérias serão essencialmente, mas não exclusivamente, escritas em linguagem objetiva.

Você encontrará, por exemplo, no noticiário local e internacional, informações como estas:

1. “A artilharia do Iraque derrubou um avião civil do Irã. Não

> houve sobreviventes.”
>
> 2. “O *Challenger* explode no ar, matando seus tripulantes.”
>
> 3. “Haverá novo aumento do preço da gasolina.”
>
> 4. “Passa bem o menino que recebeu transplante de fígado.”
>
> 5. “Tempo bom, com nuvens esparsas. Temperatura estável. Ventos brandos do sudeste. Mínima de ontem: 17°C; máxima: 27°C.”

Todas estas notícias estão escritas em linguagem o quanto possível neutra, sem enfeites nem adornos, destinada somente a INFORMAR.

O mesmo jornal, entretanto, poderá conter matérias em estilos diferentes; umas, com o objetivo não apenas de informar, mas de lamentar certas ocorrências insensatas, de criticar, ou de convencer o leitor da razão ou sem-razão de certas medidas tomadas pelo Governo.

Outras, ainda — crônicas, por exemplo —, traduzem somente o estado de espírito do escritor, e são elaboradas sem qualquer intuito informativo: pretendem apenas transmitir ao leitor um pouco de prazer intelectual. E para isso o cronista dispõe da liberdade de jogar com as palavras, buscando fazê-las um veículo de graça e de beleza.

Compare-se o que diz um cronista a respeito da mudança do tempo com a sóbria notícia da coluna “Previsão do tempo”, de meados de abril, acima transcrita (n.º 5).

O título já antecipa a diferença de tratamento: “Primavera no Outono.” E assim começa:

> “Abril vai em meio e expulsou o calor. No céu de safira nuvenzinhas de algodão desenham figuras caprichosas.
>
> As noites frescas propiciam um sono suave, povoado de sonhos risonhos.
>
> E o ventinho frio obriga, na madrugada, a puxar uma colcha aconchegadora.
>
> É o nosso outono-primavera.”

Se você examinar detidamente o pequeno texto, há de reparar em certas palavras e expressões usadas fora do seu sentido próprio — o sentido FIGURADO:

> “ Abril... *expulsou* o calor.” [Empresta-se a um nome de mês a

> capacidade humana de expulsar.];
>
> “céu *de safira”*: o nome da pedra preciosa sugerindo o azul intenso;
>
> “nuvenzinhas de algodão”: — o cronista-poeta sabe que as nuvens não são feitas de algodão; e nós leitores visualizamos imediatamente o tipo de nuvens descritas. E o uso do diminutivo — *nuvenzinhas* —, mais do que o tamanho, desperta nossa afetividade, tal como *ventinho*, logo adiante. E as nuvens, todos sabemos, não *desenham*.

Os adjetivos ocorrem com mais frequência: *caprichosas*, *frescas*, *suave*, *risonhos* (não são os sonhos que sorriem, mas nós).

“Outono-primavera”. — A junção do nome de duas estações separadas por meses foge ao rigor científico, mas desperta em nós o sentimento de que o nosso outono é agradável como a primavera.

Estamos, enfim, em pleno domínio da linguagem expressiva, poética, feita para impressionar agradavelmente e não para informar.

(Sobre a **linguagem figurada**, veja o capítulo seguinte.)

PROSA E VERSO. POESIA

Atrás falei em “linguagem poética” referindo-me a um trecho escrito não em versos, mas em PROSA, pois é dividido em parágrafos, e não em ESTROFES. (ESTROFE é um grupo de versos separado de outro por um espaço em branco maior.)

Na verdade, há versos que nada possuem de poético, e pode haver trechos em prosa carregados de poesia — linguagem mágica, destinada não a informar, mas a despertar em nós sentimento de beleza.

Na prosa comum, não poética, predominam os elementos linguísticos indispensáveis à comunicação; na poesia (seja em prosa poética, seja em versos), ao contrário, os elementos supérfluos, dispensáveis, superam os indispensáveis.

Veja a distância que vai da comunicação à linguagem poética nestas pequenas amostras.

> I – “MÚSICA DE CÂMARA
> Um pingo d’água escorre na vidraça.
> Rápida, uma andorinha cruza no ar.

Uma folha perdida esvoaça,
esvoaça...
A chuva cai devagar.”
(Ronald de Carvalho)

II – “SEGREDO
andorinha no fio
escutou um segredo.
Foi à torre da igreja,
cochichou com o sino.

E o sino bem alto:
delém-dem
delém-dem
delém-dem
dem-dem!

Toda a cidade
ficou sabendo.”
(Henriqueta Lisboa)

III – “TREM DE ALAGOAS
O sino bate,
o condutor apita o apito,
solta o trem de ferro um grito,
põe-se logo a caminhar...

— Vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende
com vontade de chegar...

Mergulham mocambos
nos mangues molhados,

moleques, mulatos
vêm vê-lo passar.

— Adeus!
— Adeus!”
(Ascenso Ferreira)

Você poderá descobrir, nos três poemas transcritos, uma série de recursos expressivos que fazem parte do JOGO POÉTICO (os poetas brincam com as palavras!):

– combinações e repetições expressivas
a) de fonemas, como a RIMA, que não é obrigatória (vidraça/ esvoaça, ar/ devagar; apito/ grito, caminhar/ chegar/ passar; a ALITERAÇÃO (mergulham/ mocambos/ mangues/ molhados /moleques/ mulatos);
b) de palavras (*esvoaça*, *esvoaça*; *delém-dem*, etc.; *Vou danado pra Catende* — três vezes, imitando o ritmo da locomotiva; *Adeus! Adeus!* sugerindo o apito);
c) de ritmo: os versos da l.ª estrofe do poema de Henriqueta Lisboa têm o mesmo número de sílabas;

– elipses (= palavras ocultas) inesperadas: “E o sino [bateu, ou tocou] bem alto”;

– a sugestão mais que a informação, numa contenção de língua muito própria, na tentativa de apreender a magia de fatos para outros corriqueiros, como a “Música de Câmara”;

– o uso de termos fora do seu sentido habitual — a linguagem “figurada”: é uma folha que esvoaça (como se fosse um pássaro), o trem que solta um grito (como um ser humano).

27. A LINGUAGEM FIGURADA: AS “FIGURAS”

Na permanente busca da expressividade, o escritor (e também o falante!) lança mão de recursos novos, dispensáveis para a simples comunicação: entram em jogo o sentimento, a emoção, a afetividade.

Para isso, o escritor (ou o falante) desvia-se da FORMA e das CONSTRUÇÕES normais, do SENTIDO primeiro das palavras — é o campo da DENOTAÇÃO — para formas, construções e sentidos “figurados” — no campo da CONOTAÇÃO.

Poder-se-ia, assim, definir FIGURA como uma alteração ou desvio na FORMA, CONSTRUÇÃO ou SIGNIFICAÇÃO das palavras com finalidade expressiva.

Daí resulta a classificação tradicional das FIGURAS em três grandes grupos:

1. Figuras que dizem respeito a alterações na FORMA das palavras, usadas sobretudo no verso, permitidas como “licença poética”, e que se conhecem pelo nome de *metaplasmos* (palavra de origem grega formada pelo prefixo *meta*-, que quer dizer “mudança”, e pelo radical -*plasm*-, que significa “forma”).

Numas ocorre SUPRESSÃO de sons, p. ex. ‘*stamos*, por *estamos*, neste verso famoso de Castro Alves:

> “‘Stamos em pleno mar”,

ou no 2.º verso deste quarteto de um soneto de Camões, que usa ‘*maginação* por *imaginação*, com isso obtendo também uma sílaba a menos:

> “Quando de minhas mágoas a comprida
> *Maginação* os olhos me adormece,
> Em sonhos aquel’alma me aparece
> Que para mim foi sonho nesta vida.”

[Observe ainda a supressão do *a* final de *aquela*, no 3.º verso.]

Mais interessantes, porém, são as seguintes:

2. Figuras que dizem respeito à CONSTRUÇÃO da frase, por isso mesmo chamadas “figuras de sintaxe”, em que se procura obter maior expressividade por vários meios:

A. Pela REPETIÇÃO:

a) de conceitos:

> *“Chorou lágrimas* amargas.” (Mais enfático do que “Chorou amargamente.” — Em *chorar* já se subentendem lágrimas.)

> b) de um termo que se quer realçar, antecipando-o, e que surge outra vez, no lugar próprio, sob forma diferente — um pronome da mesma função, como nesta passagem da novela *O Alienista*, de Machado de Assis:
>
> *“Os que lá não penetram*, engole-*os* a obscuridade.” (Sem a figura teríamos: “A obscuridade engole os que lá não penetram.”)

Às vezes é o pronome que se antecipa:

> “Matou-*os a ambos* com os maiores requintes de crueldade.” (Da mesma novela.)

Nestes exemplos acima a repetição recebe o nome de PLEONASMO.

c) de uma conjunção coordenativa, como neste verso do poema “A mosca azul”, também de Machado de Assis:

> “*E* zumbia, *e* voava, *e* voava, *e* zumbia.”

(A repetição do *e* e dos verbos — puramente expressiva —, empresta ao verso uma sensação de continuidade que não teria se se dissesse apenas: “zumbia e voava.”)

d) num crescendo de ideias que se encadeiam — o CLÍMAX — como neste passo de Graciliano Ramos:

> *“Procurei, rebusquei, esquadrinhei, estive quase a recorrer ao espiritismo...*” (Relatório de Prefeito de Palmeira dos Índios.)

B. Pela SUPRESSÃO de palavras que facilmente se subentendem, porque estão presentes em nossa mente: é a chamada ELIPSE:

> “É que os morros serão doentios, e as praias saudáveis. (M. de Assis) [Depois de *praias* se subentende *serão*.]
>
> “O silêncio é de ouro e a palavra de prata. “ [Depois de *palavra* se subentende *é*.]

C. Pela INVERSÃO da ordem natural dos termos da oração, e das orações no período. O nome genérico desta figura é HIPÉRBATO. Um bom exemplo são os versos de Camões atrás citados, cuja ordem direta seria:

> “Aquela alma que foi sonho para mim nesta vida me aparece em sonhos quando a comprida (i)maginação de minhas mágoas me adormece.”

D. Pela DISCORDÂNCIA:

A falta de concordância — concordância estilística, não gramatical — recebe o nome de SILEPSE, que pode ser:

a) *de gênero*:

> “*São Paulo* está adiantadíssim*a*.”

[Ocorre o feminino porque em nosso espírito está presente o substantivo feminino *cidade*.]

b) *de número*. Em seus prefácios, é comum que os autores, por modéstia (muitas vezes falsa...); usem a l.ª pessoa do plural pela do singular. Mas na hora de empregar os adjetivos predicativos, mantêm o singular, num dos mais curiosos tipos de discordância da nossa língua. Escreve um deles:

> “Antes *sejamos breve* que *prolixo*.”

c) *de pessoa*. Outro caso comum de discordância é o uso da l.ª pessoa do plural (equivalente a *nós*) em lugar da 3.ª, pelo fato de quem escreve se incluir como 1.ª pessoa (*eu*) entre os componentes do sujeito:

> “*Os brasileiros*, em regra, *somos* [em vez de *são*] *conciliadores*.”
>
> “Nem tudo tinham os antigos, nem tudo *temos* [por *têm*] os modernos.”

d) *por atração*: uma palavra próxima leva um adjetivo a concordar com ela, desviando-se da concordância lógica ou gramatical:

> “*Má hora* e lugar escolheste.”

[Tanto a hora quanto o lugar são *maus*: o adjetivo, que gramaticalmente devia ir para o masculino plural, segundo o machismo imperante na linguagem, é atraído pelo feminino *hora*.]

e) *por afetividade*. Na linguagem afetiva prevalece a emoção sobre a razão, e a concordância nem sempre se estabelece:

> “*Vamos* dormir *quietinho*, meu filho?”

O anacoluto

Ocorre o ANACOLUTO (palavra de origem grega formada de *an*- “falta de” + *acoloutos*, “sequência”), quando se interrompe a sequência lógica do pensamento, e a frase se desvia da construção já começada para outra:

> “*Quem tem dinheiro*, não lhe falta companheiro.” (Provérbio)

O termo grifado, com aparência de sujeito, não se integra sintaticamente na frase. — Não haveria anacoluto se se dissesse: “Quem tem dinheiro consegue companheiro.”; ou: “*A* quem tem dinheiro não lhe falta companheiro.”

3. Figuras que dizem respeito ao SENTIDO, ou FIGURAS DE PALAVRAS: determinada palavra se usa expressivamente numa significação que não é a sua própria, e ganha sentido ou sentidos novos. A mais importante é a METÁFORA.

A imaginação do escritor vai buscar, nas suas associações mentais, semelhanças por vezes insuspeitadas para elaborar a sua mensagem, que tem em vista não a mera comunicação, mas uma finalidade estética.

O que o homem do povo faz por intuição, o artista realiza conscientemente: busca revestir suas ideias de imagens sensíveis, embelezadoras da expressão.

E descobre relações de semelhança ou de contiguidade entre os objetos, passando a designar o objeto real pelo nome de outro. As palavras deixam de ter apenas o seu sentido normal, denotativo — o dos dicionários —, e ganham sentidos novos, conotativos.

DA COMPARAÇÃO À METÁFORA

Fixando-se no objeto das suas cogitações (A), o escritor nele descobre semelhanças, qualidades em comum (Q) associadas com outro objeto (B), presentes apenas na sua imaginação. Exemplifiquemos:

objeto A	qualidade comum Q	objeto B
1) lábios de mulher	maciez, doçura,	pétalas de rosa,
2) pétala de flor	cor vermelha	mel,
	maciez	seda, veludo

objeto A
1) lábios de mulher
2) pétala de flor

Tais associações mentais permitem-lhe fazer, com feição artística, expressiva, o confronto concreto entre o objeto A e o objeto B, mediante certas palavras que exprimem semelhança (S), na figura chamada COMPARAÇÃO:

1. As *pétalas do cravo* são *macias qual* a *seda*.
A Q S B

2. Os *lábios da amada* eram *macios e vermelhos*
A Q
como pétalas de rosa.
S B

Observe que a qualidade comum pode estar implícita:

1-A. *As pétalas do cravo lembram* [ou *parecem*] *seda*.
A S [S] B

2-A. Os *lábios da amada pareciam pétalas de rosa*.
A S B

Esse é o primeiro passo para a metáfora — a figura por excelência.

A IMAGEM OU METÁFORA DE IDENTIFICAÇÃO

Se forem eliminados os elementos Q e S de uma comparação, de forma que esta se faz apenas mentalmente, e se A for identificado a B, por meio de verbo *ser*, fica subentendida a qualidade comum aos dois objetos. Assim se transformam comparações em
IMAGENS ou METÁFORAS DE IDENTIFICAÇÃO:

1-B. *São* de *seda* as *pétalas do cravo*.
B

2-B. *Pétalas de rosas eram seus lábios*.
B A

Esta é a metáfora primária, ainda não em estado de pureza, pois nela figuram os nomes dos dois objetos e o verbo de ligação, *ser*.

A METÁFORA DE SUBSTITUIÇÃO OU METAFORA PURA

Na metáfora pura, designa-se *diretamente* o objeto A pelo nome do objeto B, que tem com aquele uma relação de semelhança:

> “ Andam nascendo perfumes
> na *seda* crespa dos cravos.”
> (*Cecília Meireles*)

> “*Pérolas* me sorriam na *rosa* entreaberta da sua boca.”

[*Pérolas* substitui dentes (alvos e brilhantes); *rosa* substitui *lábios* (vermelhos e macios).]

A METONÍMIA

Um objeto A também pode ser designado pelo nome do objeto B, quando entre os dois existe uma relação de contiguidade, de proximidade, de posse:

“Senhora, partem tão tristes
meus *olhos* por vós, meu bem,
que nunca tão tristes vistes
outros nenhuns por ninguém.”
(J.R. Castelo Branco)
[Os olhos pertencem ao poeta, e portanto podem designá-lo.]

“A boca morre de sede.” (C. Meireles)
[Não é apenas a boca, mas todo o corpo que tem sede; *boca*, parte do corpo, está representando o todo.]

É pela metonímia (e sua irmã sinédoque[7]) que se usa *vela* por *barco*, *bronze* por *sino*, *coroa* por *reino*, *espada* por *militar*, *balança* por *justiça*, *pão* por *alimento*, *suor* por *trabalho*, *sal* por *mar*, etc.

Por meio desses e de tantos outros recursos, os poetas e prosadores vêm renovando a língua, afastando-a do trivial, tornando mais viva e mais concisa a mensagem de beleza que nos transmitem.

Nota

7 Querem alguns autores distinguir a sinédoque da metonímia pelo fato de, na primeira, ser mais concreta a relação em que se baseia: o todo pela parte ou vice-versa (a *cidade* revoltou-se = os habitantes da cidade); a espécie pelo gênero ou vice-versa (os *mortais* = os homens); o plural pelo singular ou vice-versa (o *brasileiro* será cordial?); etc.

Já a metonímia é mais simbolizadora, pois que se baseia em relações mais abstratas, como o efeito pela causa ou vice-versa (Sócrates foi obrigado a beber a *morte* = o veneno que causa a morte); o moral pelo físico ou vice-versa (criatura sem *coração* = sem bons sentimentos); a coisa signifícada por aquilo que a significa (a *beca* = a magistratura): o conteúdo pelo continente ou vice-versa (serviram *pratos* finíssimos = iguarias); a obra pelo autor ou vice-versa (um *Portinari* = um quadro de Portinari); etc.

Hoje em dia usa-se *metonímia* abrangendo também a sinédoque.

28. EM BUSCA DA PALAVRA EXATA: A VARIEDADE TRAZ BELEZA

Há palavras que se usam como verdadeiras gazuas: abrem qualquer porta, mesmo que às vezes tornem capenga a expressão.

Vocábulos como *coisa* (e seu horrível derivado *coisar*), *negócio*, *troço* servem de muletas aos de expressão trôpega como substitutos de quaisquer termos que não ocorram na hora, do que resultam “belezas” deste gênero:

> “Depois que ele *coisou* o negócio, a *coisa* vai. Você vai ver que *coisa!* é um *troço*!”

Usando sinônimos apropriados — que encontrará num dicionário — você evita vexames (ia escrever “coisas”...) como esse. Experimente! Eis uma amostra:

> É uma *coisa* evidente.
> A visão do crepúsculo *era*
> uma *coisa* deslumbrante.

> É um *fato* evidente.
> ... *oferecia* um
> *espetáculo* deslumbrante.

OS SINÔNIMOS: NEM SEMPRE A PALAVRA DIFÍCIL É A MELHOR

Sempre se repete, com boa dose de razão, que não há sinônimos perfeitos.

Muitos vivem à cata de substitutos “difíceis”, julgando que as palavras raras calham melhor numa redação, o que poucas vezes acontece: a repetição enfadonha dos mesmos termos é que a enfeia. É a *variedade* bem escolhida que pode trazer maior beleza ao texto. Um exemplo expressivo:

Para *barriga* um dicionário arrola os sinônimos *abdome* (ou *abdômen*), *bandulho*, *pança*, *papo*, *ventre*; mas não é de forma alguma indiferente o uso de cada palavra:

barriga é o termo geral, da linguagem familiar: “dor de *barriga*”; e em sentido ‘figurado’: “Ele fala de *barriga* cheia.”; “Tirou a *barriga* da miséria.”

bandulho é termo popular, um tanto grosseiro: “encher o *bandulho*”;

pança também é popular: “Está com uma *pança* enorme.”; “Encheu a *pança*.”;

papo, também popular, só se usa neste sentido na expressão “de *papo* pro ar”;

abdome (e mais rebuscadamente *abdômen*) é termo culto e científico: “Viam-se deslizar pela praça os imponentes e monstruosos *abdomens* dos capitalistas.” — escreveu Aluísio Azevedo; “F. tem o *abdome* dilatado.”; “Certos artrópodes não têm separação visível entre o tórax e o *abdome*.”;

ventre, também culto (e semiculto), usa-se em expressões como “*prisão de ventre*”. “Certos peixes têm o *ventre* muito volumoso.” E, na linguagem religiosa, já com outro sentido: “Bendito é o fruto do vosso *ventre*.”

Ninguém chegaria ao ridículo de querer substituir *papo* por *abdome* na canção popular: “Eu me vingo dela/ tocando viola de *abdome* pro ar”...

Entre os principiantes, é comum a repetição monótona de certos termos, o que lhes torna o estilo frouxo e inexpressivo: parecem não conhecer, p. ex., outro advérbio senão *principalmente*, quando poderiam variar usando *particularmente*, *especialmente*, *notadamente*, *mormente*, *sobretudo*, *em particular*, *em especial*.

O mesmo se diga da conjunção causal *pois*, para a qual dispõe a língua de substitutos como *já que*, *uma vez que*, *visto que*, *visto como*, *porquanto*, *porque*. (E frequentemente ocorre modernamente a substituição errônea do *pois* pela locução *posto que*, cujo sentido é *embora*. *ainda que*, *se bem que*, *conquanto* — com o verbo no subjuntivo.)

Outra locução que ocorre a três por dois é *devido a* (aliás sem tradição na língua), desprezando-se sinônimos expressivos como *graças a*, *em virtude de*, *em razão de*, *em consequência de*, *por causa de*.

Também há verdadeira mania no uso de *através de* que exprime corretamente, aliás, “travessia (no espaço e no tempo)” — para indicar o meio ou o instrumento, em lugar de *mediante*, *por meio de*, *por intermédio de*, *com base em*, *valendo-se de*, *servindo-se de*, ou simplesmente *por*.

Percorrendo a lista a seguir você poderá variar bastante sua maneira de exprimir-se.

NÃO USE APENAS (OU EVITE)	ALTERNE COM
abordar (no sentido de “tratar de”)	tratar de, versar (sobre)
à medida que (Não confunda com *na medida em que)*	à proporção que
a partir de (a não ser com valor temporal)	com base em, tomando-se por base, valendo-se de, baseando-se em, fundando-se em
através de (para exprimir ‘meio’ ou ‘instrumento’)	por, mediante, por meio de, por intermédio de, segundo; servindo-se, usando-se, utilizando-se, ou valendo-se de
constatar	atestar, comprovar, evidenciar; observar, perceber; averiguar, verificar; registrar
destacar	acentuar, dar ênfase, frisar, ressaltar, pôr em relevo, salientar, sublinhar
deste modo	desse modo, assim sendo, assim, desta (ou dessa) forma, desta (ou dessa) maneira, destarte, diante disso, portanto, por conseguinte, em consequência, consequentemente
detalhe	minúcia, pormenor, particularidade
devido a	em razão de, em virtude de, graças a, por causa de
direcionar	dirigir, nortear, orientar
dito	citado, mencionado
enquanto	ao passo que
fazer com que	compelir, constranger, fazer que, forçar, levar a, obrigar a
inclusive (a não ser quando significa “incluindo-se”)	até, ainda, igualmente, mesmo, também
na medida em que	pelo fato de que, quando, uma vez que

no sentido de	a fim de, para
com vistas a	com o fito (ou objetivo, ou intuito) de, com a finalidade de; tendo em mira ou em vista)
“nuance”	matiz, meia-tinta, meio-tom, nuança
posicionamento	atitude, posição, postura
pois (no início de oração)	já que, porquanto, porque, uma vez que, visto como, visto que
principalmente	especialmente, mormente, notadamente, sobretudo; em especial, em particular
sendo que	e

NÃO USE	SUBSTITUA POR
a nível (de), ao nível	em nível, no nível
face a, frente a	ante, diante de, em face de, em vista de, perante
onde (quando não exprime ‘lugar’)	em que, na qual, nas quais, no qual, nos quais
(medidas) visando...	(medidas) destinadas a
Fulano dizia-se (ou perguntava-se)	F. dizia a si mesmo, consigo mesmo, com os seus botões; perguntava de si para consigo
sob um ponto de vista	de um ponto de vista
sob um prisma	por (ou através de) um prisma

OS VERBOS GENÉRICOS

Alguns verbos usuais de significação muito genérica e extensiva podem, em certos contextos, ser substituídos com vantagem por outros de significação específica, mais precisa, mais expressiva, mais elegante. Entre eles figuram (já ia escrever *estão...*) *dar*, *dizer*, *estar*, *fazer*, *ser* e *ter*, cuja repetição torna enfadonho qualquer tipo de discurso. Escolha o sinônimo mais adequado ao contexto, e melhore seu estilo!

I – DAR

1. *Deu* muitos livros à biblioteca pública.	doou, ofertou.

2. Naquela empresa, *dão* casa e comida aos operários.	oferecem.
3. Seu exemplo *deu* bons frutos.	produziu.
4. A experiência *deu* em nada.	resultou.
5. *Deu* a casa por empréstimo.	cedeu.
6. *Dou* permissão.	concedo.
7. Era preciso *dar* fiador.	apresentar.
8. *Deu* sinais de cansaço.	manifestou, revelou.
9. *Deu* uma grande mancada.	cometeu.
10. O alho *dá* mau hálito.	causa, produz.
11. *Deu* um grito de susto.	soltou, emitiu.
12. Os jornais *deram* a notícia.	publicaram, divulgaram.
13. *Deram* um banquete.	realizaram, ofereceram.
14. Por quanto me *dá* esse carro?	vende, cede.
15. *Dar* um purgante.	ministrar, administrar, aplicar.
16. *Deu* uma verdadeira aula sobre o assunto.	ministrou, proferiu.
17. Esta mesa não *dá* o conforto desejável.	proporciona, oferece, apresenta.
18. *Dá* toda a sua afeição a ela.	dedica, consagra.
19. O veneno do sapo *deu*-lhe uma grave doença.	causou, provocou.
20. *Deram*-me um bom quarto no hotel.	cederam, reservaram.
21. O texto *deu* quase 200 páginas.	perfez, chegou a, rendeu.
22. *Dê* a sua sugestão.	proponha, apresente.
23. O trabalho *dá* alegria.	proporciona, oferece, traz.
24. A antologia *dá* novo texto de Drummond	contém, publica, traz, inclui.
25. Este dicionário não *dá* a palavra *desmilinguir*.	registra, consigna, traz.
26. *Dou*-lhe garantias.	ofereço.
27. *Deu* a vida pela namorada.	sacrificou.
28. A critica *deu* a Graciliano a autoridade de clássico.	concedeu, atribuiu, conferiu.
29. Os amigos *deram*-lhe a notícia.	participaram, comunicaram.
30. Seu comportamento *dava* preocupação aos	causava, trazia.

pais.	
31. *Deu* dois carros usados por um novo.	ofereceu, trocou, permutou.
32. *Deu* milhões pelo cavalo.	pagou.
33. O Modernismo *deu* nova visão às Artes.	imprimiu.
34. É preciso que lhe *deem* um crédito de confiança.	concedam, ofereçam.
35. As ideias de Braudel sobre História lhe *deram* renome mundial.	granjearam, trouxeram.
36. *Deram*-lhe a culpa injustamente.	atribuíram, imputaram.
37. *Dê*-lhe as suas razões.	exponha, mostre.
38. *Dava* nos filhos por uma ninharia.	batia; espancava os...
39. Afinal *deu* com o livro procurado.	topou, encontrou o..., achou o...
40. O sol *dava* no seu rosto.	batia, incidia, queimava o...
41. Finalmente *deu* com a solução do problema.	atinou, acertou.
42. Seus olhos *deram* com o visitante.	divisaram, avistaram, perceberam.
43. O dinheiro já não *dava* para os gastos.	bastava, era suficiente.
44. Não *dou* para isso.	Não tenho vocação, jeito, aptidão.
45. Agora *deu* de falar sozinho.	cismou.
46. Ultimamente *dei* de reler Camões.	dediquei-me a.
47. *Deram* duas horas.	bateram, soaram.
48. *Dou*-me bem no clima da serra.	sinto-me.
49. O crime *deu*-se antes da meia-noite.	ocorreu, aconteceu.
50. *Dá*-se a devaneios.	entrega-se, dedica-se.
51. Pouco se lhe *dá*.	Pouco lhe importa.
52. Agora se *dá* à Matemática.	aplica, dedica.
53. *Deu* a palavra ao outro orador.	concedeu, cedeu.

II – DIZER

1. A testemunha *disse* o que sabia.	expressou, confessou.
2. *Dizia* palavras sem nexo.	proferia, pronunciava.
3. Ele não conseguia *dizer “pneu”*.	pronunciar.

4. *Dizia* tudo por mímica.	exprimia.
5. Estes versos *dizem* bem o sentimento do poeta.	exprimem.
6. *Dizia*, na carta, que passava bem.	declarava; escrevia.
7. Todos *disseram* “— Viva!”, à sua passagem.	exclamaram.
8. Esse provérbio *diz* uma grande verdade.	ensina.
9. *Dizia* sempre a mesma coisa.	repetia, afirmava.
10. O poema *dizia* uma história de amor.	contava, narrava, referia.
11. Ela *diz* versos com muita expressividade.	declama, recita.
12. Naquela igreja ainda se *diz* missa em latim.	reza, celebra.
13. As rugas *dizem* bem a sua idade.	mostram, revelam,
14. A Constituição *diz* que todos são iguais perante a lei.	estabelece, preceitua, prescreve, determina, estatui.
15. O 5.° mandamento *diz*: “Não matarás”.	ordena, manda, determina.
16. A música popular não lhe *dizia* nada.	não o seduzia; não o atraía, não o tocava.
17. Sua mãe bem lhe *disse* que não saísse.	aconselhou.
18. Todos o *dizem* um gênio.	consideram; têm na conta de
19. Tais maneiras não *dizem* bem com a sua educação.	condizem, combinam, se harmonizam.
20. *Disse* que se atrasara em virtude de um acidente.	alegou.
21. *Disse* convicto que tudo era verdade.	assegurou, asseverou, afirmou.
22. À sua pergunta, *disse* o réu que não era culpado.	respondeu, replicou, retorquiu.
23. *Diz*-se um gênio incompreendido.	considera-se; tem-se na conta de.
24. *Disse* as novidades com a maior calma.	revelou; comunicou.
25. Braudel *diz* que a História tem avanços e retrocessos.	afirma, declara, assevera, assegura, sustenta, opina, entende, pensa, julga.

III – ESTAR

1. O céu *está* nublado.	apresenta-se, encontrase, mostra-se.
2. Ele *está* indeciso.	mantém-se, acha-se, permanece.
3. A polícia *esteve* de prontidão toda a noite.	ficou, permaneceu, manteve-se.

4. *Está* sempre temeroso.	vive, anda.
5. *Está* numa fase feliz de sua vida.	acha-se, encontra-se; atingiu uma...
6. *Estava* de terno e gravata.	trajava, usava, vestia.
7. *Esteve* longo tempo em pesquisas.	dedicou-se... a, consagrou-se... a, manteve-se
8. Deixou o Rio e agora *está* num sítio.	mora, vive.
9. *Esteve* na conferência.	presenciou a; assistiu à.
10. O Oriente Médio sempre *está* em guerra.	se acha, se envolve.
11. *Esteja* aí um momento: eu já volto.	espere, fique.
12. O problema *está* na escolha certa.	reside, consiste; depende da.
13. *Estou* com a sua proposta.	concordo; aceito a sua proposta.
14. A dívida já *está nos* cem mil.	atingiu os..., se eleva a.

IV – FAZER

1. Deus *fez* o mundo em seis dias.	criou.
2. *Fazia* uma estante em poucas horas.	fabricava, montava.
3. *Fizeram* um novo prédio sobre as ruínas.	construíram, edificaram.
4. *Faz* um romance cada ano.	escreve, produz, compõe.
5. O Aleijadinho *fazia* maravilhas com pedra-sabão.	criava, executava, realizava, esculpia, talhava.
6. *Fazer* a barba, as unhas.	cortar, aparar.
7. *Fazer* sociedade com alguém.	ajustar, contratar, firmar.
8. *Fez* voto de pobreza.	formulou.
9. “O medo *faz* mais lisonjeiros que o amor”.	origina, produz, cria.
10. Os acidentes de trânsito *fazem* muitas vítimas.	causam, ocasionam, provocam.
11. Ele mesmo *fazia* a cama ao levantar-se.	arrumava, arranjava.
12. Eugênio Gudin *fez* 100 anos.	completou, atingiu, viveu.
13. *Fez* o jantar em meia hora.	preparou.
14. Só *fiz* doze pontos na loteria esportiva.	consegui, obtive.
15. *Faz* pena vê-lo nesse estado.	dá, inspira.
16. *Fez* que não o viu.	fingiu, simulou.
17. Mal se pode *fazer* uma ideia do seu	formar, conceber.

sofrimento.

18. A estrada, naquele ponto *faz* um S.	forma.
19. A velhice o *fez* mais compreensivo.	tornou.
20. O fogo *fez* a madeira em carvão.	converteu; reduziu... a.
21. *Fizeram* uma homenagem ao escritor.	prestaram, tributaram.
22. *Fazia* por ser um bom aluno.	esforçava-se, diligenciava.
23. *Faça* como seu irmão.	proceda, porte-se.
24. A crisálida *fez*-se borboleta.	tornou-se, converteuse, transformou-se em, virou.
25. Ele *fez*-se de desentendido.	fingiu.
26. Estava calado, mas *fiz* que falasse.	forcei.

V – SER

1. A vida *é* luta.	resume-se em, consiste em.
2. *Era* a época das mangas.	chegara, estava na.
3. Quando *for* mais velho, compreenderá.	se tornar, ficar.
4. *É* a cara do pai.	lembra.
5. Ignorava que “tépido” *é* “morno”.	significa, quer dizer.
6. Quanto *é* este livro?	custa, vale.
7. Se agora as coisas se acham assim, que *será* no futuro?	acontecerá, sucederá, ocorrerá, se passará.
8. O pior mal *é* ter nascido.	consiste em.
9. Os filhos *são* a sua riqueza.	constituem, representam, formam.
10. Este livro *é* dele.	pertence-lhe.
11. O senhor também *é* de Minas?	nasceu em, provém de.
12. *Era* de família tradicional.	descendia, provinha, procedia.
13. Deus *seja* contigo.	esteja; Deus te assista, te acompanhe, te proteja.
14. Ser ou não *ser*, eis a questão.	Viver, existir.

VI – TER

1. *Tem* muitas fazendas.	é dono de, possui.
2. *Tinha* o filho nos braços.	segurava, carregava, sustinha.

3. Espero *ter* minhas horas de lazer.	gozar, usufruir, desfrutar.
4. *Tinha* grande poder nas mãos.	detinha.
5. Ainda *tem* 15 dias de férias.	dispõe de, pode gozar.
6. Não conseguia *ter* nas mãos muito dinheiro.	conservar, manter.
7. *Teve* um cargo importante.	ocupou, obteve, alcançou, conseguiu, exerceu.
8. *Tinha* a simpatia de todos.	conquistava, obtinha, atraía, conseguia.
9. O pacote *tinha* dez livros.	continha, encerrava.
10. *Tiveste* o que desejavas.	obtiveste, alcançaste, lograste, conseguiste, conquistaste.
11. Minha sogra *teve* 13 filhos.	gerou, procriou, deu à luz, pariu.
12. Que *tem* isso?	importa, vale.
13. Ele *tem* asma desde criança.	padece de, sofre de.
14. *Teve* um deslumbramento.	sentiu, experimentou.
15. O livro *tinha* mais de 500 páginas.	comportava, apresentava.
16. Ele *tem* boa índole.	possui, é dotado de.
17. Felizmente *tenho* boa saúde.	gozo (de).
18. *Tem* boa aparência.	apresenta, mostra, ostenta.
19. *Tive* a criança em minha casa durante meses.	acolhi, abriguei, hospedei, recebi.
20. No casamento da filha, *tinha* um belo vestido.	usava, trajava, vestia, trazia.
21. *Teve* muita presença de espírito no incidente.	mostrou, revelou, deu prova de.
22. *Teve* maus momentos durante a viagem.	passou por, viveu, sofreu.
23. O espetáculo *teve* grande público.	atraiu, obteve, alcançou, logrou.
24. *Tenho* a mesma opinião.	adoto, sigo, aceito.
25. *Tenha* cautela!	proceda com.
26. *Teve*, afinal, a recompensa aos seus esforços.	obteve, recebeu, conseguiu, alcançou.
27. *Teve* o castigo merecido.	recebeu, sofreu, padeceu.
28. *Teve* resposta negativa ao seu pedido.	obteve, recebeu.
29. Que *tem* ele com a tua vida?	Que lhe importa (ou interessa) a tua vida?
30. *Tinha* o dinheiro seguro.	mantinha, guardava, conservava, trazia.
31. Um povo consciente *tem* amor ao passado.	consagra, dedica, vota, devota, tributa.

32. Na vida, só *temos* certa a morte.	só existe.
33. Depois do susto, *tinha* o rosto lívido.	apresentava, mostrava.
34. Sempre o *tive por* (ou como) honesto.	considerei, julguei, reputei, imaginei.
35. Ela já *tem* 40 anos.	conta, completou.
36. O quarto só *tem* três metros por três.	mede.
37. Ele mal se *tinha* em pé.	mantinha, sustinha, aguentava.
38. *Tenho* de ir a São Paulo.	preciso, necessito.
39. *Tenho* para mim que sua fama é um equívoco.	acho, considero, julgo, estou convencido de.

POSFÁCIO

IMPRESSÕES DE UM LEITOR

PAULO RÓNAI

* * *

Este é um livro que fazia falta.

À ideia da gramática ligam-se, em geral, associações pouco amenas: enquanto muitos a acham uma disciplina bolorenta e dispensável, outros julgam-na uma excrescência prejudicial, que, em vez de facilitar o estudo da língua, só faz complicá-la. Entretanto, quando bem ensinada (o que também acontece às vezes), como não contribui ela para aprimorar a nossa capacidade de expressão! Verdade esta implícita no título do presente livro, em que o Autor, evitando a designação antipática, denomina-o não pelo assunto, mas pela finalidade, pois o que ele faz, na realidade, é instruir-nos sobre como evitar ou vencer as dificuldades principais da gramática portuguesa.

Para alcançar este fim, ele está aparelhado como poucos.

Uma de suas virtudes é a clareza com que torna acessíveis as noções mais complexas. Evita, quanto possível, os termos técnicos com que, no esforço de inventar nomes específicos para cada incidente da fala, mesmo o mais raro, os adeptos da linguística estão infestando até a linguagem comum. Decididamente, esses pedantismos não são de seu agrado.

Ligada a essa virtude esta outra, a da simplicidade. O prof. Adriano da Gama Kury usa uma língua escrita próxima à coloquial, e para conferir-lhe inteira naturalidade dirige-se ao leitor como se fosse o seu interlocutor.

Acresce uma capacidade didática inata. Sempre em tom de conversa, logra convencer o leitor de que o assunto versado, por mais intrincado que pareça, na verdade é transparente e, ao preço de um pequeno esforço intelectual, poderá ser dominado. Esse método dá resultados mesmo em casos de real complexidade, como por exemplo no das regras do emprego do hífen, que — convenhamos — é impossível coordenar num sistema coerente. Aí, pelo menos, encontramos devidamente explicadas as causas das incongruências apontáveis nos vários dicionários.

No decorrer de sua vida operosa, o Autor já foi revisor tipográfico, o que lhe ensinou os segredos da paginação, recurso tão útil da compreensão sinóptica. E já exerceu também o ofício de copidesque, o que, pelo contato contínuo com o desleixo alheio, favorece a conquista da elegância, da variedade e da precisão.

Por outro lado, graças a Deus, faltam-lhe completamente o ardor bélico e o furor missionário, que caracterizam tantos gramáticos. Quando diverge de um colega sabe discordar dele sem condená-lo. Alheio a qualquer fanatismo, passeia entre as leis da língua com um sorriso bonacheirão. Mais que leis, considera-as tendências da fala e sabe que as mais insólitas de hoje poderão tornar-se regras amanhã. Dogmatismo não é com ele.

Louvemo-lo também pela sua modernidade. Mais de 90 por cento de sua exemplificação provêm de autores vivos, conversações ouvidas, expressões apanhadas na imprensa escrita e falada. Quando, raramente, cita clássicos, não é para erguê-los em paradigmas de hoje, e sim para tornar sensível a evolução da língua.

Um dos primeiros leitores deste volume, nele muito aprendi, apesar de tratar quase exclusivamente de matérias versadas alhures à saciedade. Por isso só posso recomendá-lo a quantos queiram repassar e completar os seus conhecimentos de português.

Apraz-me a maneira familiar, quase caseira, com que ele aborda temas que em geral são pretexto para dissertações solenes e soporíferas. E gosto de apanhá-lo em flagrante em ocasiões em que esquece seu papel de gramático para lembrar o de cidadão, ou, noutras palavras, quando lhe ocorre inesperadamente que um exemplo gramatical tem também outro sentido. Assim no capítulo 15, onde exemplifica o uso do futuro do presente simples: “[O Presidente Tancredo Neves tomará posse amanhã.) (Dos jornais da época). [Mas lamentavelmente o destino não o permitiu.]”

Conheço o nosso Autor desde há vários decênios, de quando não era ainda um renovador do ensino de português, um mestre de mestres, orientador pioneiro de seus colegas de todo o Brasil. Fora-me apresentado pelo saudoso Professor Aurélio Buarque de Holanda Ferreira como um de seus melhores alunos do Colégio Pedro II. Semelhante recomendação fez com que lhe seguisse a trajetória com admiração e simpatia, acompanhando suas numerosas publicações, de cunho acentuadamente didático. Na impossibilidade de citá-las todas, limito-me à *Pequena Gramática* (para a explicação da nova Nomenclatura Gramatical), assunto que ele conseguiu tornar palpitante a ponto de esgotar doze edições, e os quatro volumes de *Meu livro de português*, baseados na leitura explicada (muito negligenciada em nossas escolas) de trechos vivos e expressivos da moderna literatura brasileira. Faço votos para que por muitos anos ele possa acrescentar-lhes novos títulos em benefício do ensino do português e daqueles que amam o nosso sofrido idioma pátrio.

PORTUGUÊS

Sintaxe

Termos essenciais da oração: sujeito e predicado

Prof.ª Isabel Vega

►Sujeito → ser sobre o qual se faz uma declaração.

I – Determinado.

a) **Sujeito simples** → quando só há um núcleo (substantivo, pronome substantivo ou numeral substantivo).

Ex.: [A **menina**] dormiu cedo.
[**Eles**] saíram.
[Os **dois**] ainda não chegaram?

b) **Sujeito composto** → quando há dois ou mais núcleos.

Ex.: [As **violetas** e as **rosas**] são minhas flores preferidas.

c) Sujeito em elipse → quando o núcleo é um pronome, mas não vem expresso. Identifica-se o pronome pela desinência número-pessoal.

Ex.:Preferes os chocolates caseiros?
(**Tu**) preferes os chocolates caseiros?

II - Indeterminado

a) Verbo na 3ª pessoa do plural → pode ser empregado com qualquer tipo de verbo.

Ex.:Telefona**ram** (V.T.I) para você.
Pinta**ram** (V.T.D.) o prédio.
Grita**ram** (V.I) no corredor.

b) Verbo na 3ª pessoa do singular + *se* (índice de indet. do sujeito) → só pode ser empregado com verbo **intransitivo** ou **transitivo indireto**.

Ex.: **Vive-se** (V.I.) com conforto aqui.

Nesta casa, **gosta-se** (V.T.I.) de música.

OBS.: Diferença entre sujeito em elipse em 3ª pessoa do plural e sujeito indeterminado.

Ex.:[**As crianças** brincava**m** com tinta] [e (**elas**) sujara**m** tudo].

↳ sujeito simples ↳ sujeito em elipse

[Sujara**m** tudo com tinta!]

↳ sujeito indeterminado (Não há referente.)

III – Oração sem sujeito → A oração não apresenta sujeito quando o processo verbal não é atribuído a um ser em especial. Diz-se, nesse caso, que o verbo é **impessoal** e só é conjugado na **3ª pessoa do singular**.

a) Verbos que indicam fenômenos da natureza

Ex.: (Ele) **Choveu**. / (Ele) Ventou. / (Ele) Anoiteceu.

b) Verbos "ter" e "haver", com sentido de "existir"

Ex.: (Ele) **Havia** [muitos convidados] na festa. (Uso formal)
(VTD) ↳objeto direto

Teve [muitos convidados] na festa. (Uso informal)
(VTD) ↳objeto direto

OBS.: O verbo **existir** é regular e apresenta sujeito.

Ex.: Existiram [**muitas pessoas**] neste evento.
↳sujeito simples

c) Verbos “fazer”, “haver” e “estar”, indicando tempo decorrido ou clima.

Ex.: (Ele) **Faz** [muito frio] aqui.
(VTD) ↳objeto direto

(Ele) **Há/Faz** [tempos] que não o vejo.
(VTD) ↳ objeto direto

(Ele) **Está** [calor]!
(VL) ↳ predicativo do sujeito

d) Verbo "ser", indicando tempo em geral → a concordância ocorre com o predicativo.

Ex.: (Ele) **São** [três horas].
(VL) ↳ predicativo do sujeito

É meio-dia.
Já **é** uma hora.

OBS.: A impessoalidade também ocorre nas locuções verbais.

Ex.: **Pode haver** [muitos acidentes] nas estradas no feriado.

Vai fazer [duas horas] que estou esperando.

Devem ser [onze horas] já.

▶ PREDICADO → é toda enunciação feita sobre o sujeito.

I – Predicado verbal → Quando o núcleo é um verbo de ação (significativo)

Ex.: João [**corre na Lagoa, aos domingos**].
↳ núcleo

II – Predicado nominal → Quando o verbo é de ligação e o núcleo é o predicativo do sujeito.

Ex.: João [**é muito disciplinado**].
↳ núcleo

III – Predicado verbo-nominal → quando o verbo é de ação e há o predicativo do sujeito ou do objeto. Há, então, dois núcleos.

Ex.: João, [**nervoso, correu para casa**].
↳ P.S. (núcleo) ↳ V.I. (núcleo)

João [**encontrou Maria nervosa**].
↳ V.T.D. (núcleo) ↳ O.D. ↳ Predicativo do objeto (núcleo)

PORTUGUÊS

Morfologia

Conjunções – parte III

Prof.ª Isabel Vega

Relações de causa e consequência

Questão 1: Nas duas orações de cada item, analise o valor semântico da conjunção destacada, colocado entre parênteses.

1. • **Se** precisar que eu te ajude, venha até aqui. (condição)
   • **A não ser que** me seja exigido, não participarei das [comemorações.(condição)

2. • Organize as informações **segundo** a proposta do departamento! (conformidade de um fato em relação a outro)
   • **Quanto mais** gritava **menos** era ouvido. (proporção)

Relações de causa e consequência

3. • O ambiente ficou gelado **depois que** o sol se pôs. (tempo)
   • A discussão teve início **assim que** o projeto foi aprovado. (causa)

4. • **Como** a profissão não interessava, não participou do certame. (causa)
   • Eu não abro mão dos meus sonhos **mesmo que** os desafios aumentem. (causa)

5. • Esmerou-se tanto na tarefa **que** recebeu honra ao mérito. (consequência)
   • Faça um sinal **para que** os funcionários entrem na sala no horário adequado. (tempo)

Estão **corretas** as análises das duas orações apenas em:

(A) 1 e 2.

(B) 2 e 3.

(C) 4 e 5.

(D) 1, 2 e 3.

(E) 3, 4 e 5.

Relações de causa e consequência

Questão 2: Os segmentos destacados constituem, respectivamente, uma causa e sua consequência em:

(A) Para a juíza, / o sentido da frase é atualíssimo.
(B) Pois que estes a deixem clara / e não abram mão de reagir contra quem a ignore.
(C)Normalmente, a indignação se reduz / a conversas privadas
(D) A frase lembra-nos / que não costuma haver qualquer hesitação
(E) Quem vê a barbárie como uma fatalidade / torna-se seu cúmplice silencioso.

Questão 3: Ocorre a relação lógica de conseqüência na palavra selecionada em:

(A) “Imagine ***que*** tudo lá dentro está conforme ele deixou!”
(B) “(***Que*** fôlego humano pode competir com o de um ônibus?”
(C) “Mas os ônibus andam tão depressa e caprichosamente ***que*** as perguntas e respostas se desencontravam.”
(D) “... qual o melhor cinema? quantos pracinhas estão ali? ***que*** se pode ver no museu?”
(E) “Adianta alguma coisa escrever para os ***que*** não querem resolver?”

Questão 4: Identifica-se noção de causa (1) e consequência (2), respectivamente, entre os segmentos do texto II:

(A) 1. são expressões tão utilizadas e repetidas
2. que se desgastaram e se afastaram de seu significado original.

(B) 1. inibe a reflexão
2. e multiplica a passividade entre interlocutor e receptor.

(C) 1. O clichê nasce como uma ideia criativa
2. mas é repetida à exaustão e se transforma em um cacoete.

Relações de causa e consequência

(D) 1. Ele está inserido num contexto
2. que a gíria nunca alcança e o provérbio sempre ultrapassa.

(E) 1. O desconforto em relação ao uso de clichês está na denotação de falta de originalidade
2. exigindo um mínimo de produção e de interpretação.

Português

Sintaxe - Estilística - Recursos Sintáticos - [Fácil]

01 - (EFOA MG)

Assinale a alternativa em que há quebra de paralelismo GRAMATICAL:

a) É preciso que os jovens encontrem um motivo especial para se apaixonarem pela ciência.

b) Para tal, seria necessário que os cientistas igualmente fossem contadores de estórias, inventores de mitos, presenças mágicas.

c) O flautista de Hamelin atraía crianças e adolescentes porque era feiticeiro e sua flauta era encantada.

d) As coisas não acontecem por acaso: toda iniciação contém uma magia, um encontro de amor, um deslumbramento no olhar...

e) A motivação é importante por ser daí que nascem as grandes paixões e porque é daí que vem a disciplina.

02 - (UNIFOR CE)

Encontra-se uma relação explicativa em:

a) *baixei uma medida provisória lá em casa: tolerância zero em prestação!*

b) *palavras do inglês são uma necessidade – perdão, um must.*

c) *dei muita volta para cair de novo no mesmo táxi do começo da crônica.*

d) *fiquei curioso por saber do motorista se estava bom o movimento.*

e) *arrematou em bom som: – Está em viés de baixa, doutor.*

03 - (PUC MG)

Examine as sentenças abaixo e, depois, assinale a alternativa CORRETA.

I. Não estou * sentindo bem desde o almoço.

II. Deitei * antes das 19 h e só acordei agora.

III. Matei * sem dó nem medo.

IV. Alegrei * a todos com a notícia.

V. Dizem que vivo queixando * da vida.

a) Em todas as sentenças poderia ser inserido, no lugar do asterisco, o pronome me.

b) Em III e V, a inserção do pronome me no lugar do asterisco não alteraria o sentido original das sentenças.

c) Em I, II e IV, a inserção do pronome me no lugar do asterisco alteraria o sentido original das sentenças.

d) Em três das sentenças, a inserção do pronome me no lugar do asterisco estaria adequando-as à norma culta escrita.

e) Em quatro das sentenças, a inserção do pronome me no lugar do asterisco estaria eliminando a possibilidade de ambigüidade.

04 - (PUC MG)

A “voltagem” lírica dos textos de Clarice, tal como aponta o comentário, materializa-se freqüentemente pela utilização de certos recursos de linguagem.

Em todas as passagens, extraídas dos contos de *Laços de Família*, identificou-se corretamente o recurso em destaque nas opções abaixo, **EXCETO**:

a) “(...) de longe o ônibus começava a tornar-se incerto e vagaroso, vagaroso e avançando, cada vez mais concreto – até estacar no seu rosto em fumaça e calor, em calor e fumaça.” ➔ repetição de fonemas e de palavras.

b) “O tronco fora bom. Mas dera aqueles azedos e infelizes frutos, sem capacidade sequer para uma boa alegria. Como pudera ela dar à luz aqueles seres risonhos, fracos, sem austeridade? O rancor roncava no seu peito vazio.” ➔ utilização de imagens metafóricas.

c) “Em outro apartamento uma senhora teve tal perversa ternura pela pequenez da mulher africana que – sendo tão melhor prevenir que remediar – jamais se deveria deixar Pequena Flor sozinha com a ternura da senhora.” ➔ associação paradoxal de termos.

d) “Todos correram de novo à cozinha e rodearam mudos a jovem parturiente. Esquentando seu filho, esta não era nem suave nem arisca, nem alegre, nem triste, não era nada, era uma galinha.” ➔ ruptura da estruturação sintática da frase.

05 - (UFRR)

Leia o texto e responda a questão a seguir:

Não faz muito tempo assim, um deputado-cartola disse para quem quisesse ouvir que, quando vendeu um craque para o La Coruña, da Espanha, ele teve um trabalhão para depositar numa conta na Suíça parte do dinheiro devido ao jogador, como havia sido combinado. Comunicou o fato a telespectadores de uma mesa-redonda com a mesma tranqüilidade com que sonegou a informação à Receita. Quem tem dinheiro, poder, notoriedade ou um bom advogado não costuma passar por grandes apertos. No retrato da nossa pátria-mãe tão distraída, jogadores de futebol são os adventícios que chegam aos andares de cima da torre social, como recompensa por um talento excepcional, o que, convenhamos, é mérito raro. Mas isso não lhes confere isenções fiscais.

Se o Leão ficar arisco para repentinos sinais exteriores de riqueza, vai empanturrar-se de banquetes fora dos gramados.

(Flávio Pinheiro. Veja, 27 de agosto de 1997, com adaptações)

Assinale o item INCORRETO em relação ao texto:

a) A expressão "devido ao" (l. 5) indica relação sintática de causa.

b) O pronome "ele" (l. 3) se refere a "deputadocartola" (l. 1).

c) O substantivo "jogador" (l. 5) se refere a "um craque" (l. 3).

d) O agente dos verbos "Comunicou" (l. 6) e "sonegou" (l. 8) é o mesmo dos verbos "disse" (l. 2), "vendeu" (l. 2) e "teve" (l. 3).

e) As palavras "trabalhão" (l. 4) e "apertos" (l. 11) contribuem para conferir informalidade ao texto.

06 - (PUCCamp SP)

Considere o texto apresentado abaixo.

Isso tudo se passou conosco. (...)

Nos caminhos jazem dardos quebrados;

Os cabelos são espalhados.

Destelhadas estão as casas,

Incandescentes estão os muros.

Vermes abundam por ruas e praças.

E as paredes estão manchadas de miolos arrebentados.

Vermelhas estão as águas, como se alguém as tivesse

tingido,

E se a bebíamos, eram águas de salitre.

Golpeávamos os muros de adobe em nossa ansiedade

e nos restava por herança uma rede de buracos.

Nos escudos esteve nosso resguardo, mas os escudos não

detêm a desolação.

Temos comido pães de colorim [árvore venenosa],

temos mastigado grama salitrosa,

pedaços de adobe, lagartixas, ratos, e terra em pó e mais os

vermes. (...)

(Miguel León-Portilla. **A conquista da América
Latina vista pelos índios**. Rio de Janeiro: Vozes, 1985. p.41)

Nesses versos, notam-se os seguintes recursos estilísticos:

I. repetição de um mesmo padrão sintático, como em *Destelhadas estão as casas, Incandescentes estão os muros, Vermelhas estão as águas*;

II. ritmo bem compassado, em virtude da regularidade métrica dos versos;

III. manutenção de um sujeito indeterminado, de modo a revestir de mistério a autoria das ações narradas.

Atende ao enunciado SOMENTE o que está em

a) I.

b) II.

c) III.

d) I e II.

e) II e III.

07 - (UNIOESTE PR)

“Eu acredito firmemente que os jovens devem ingressar na política, até mesmo como um gesto de sacrifício pela nação”. *Alain de Botton*, em entrevista à Revista *Filosofia*, nº 36, 2012.

Marque a alternativa correta.

a) *Eu acredito* é um recurso linguístico de caráter isento, usado com o objetivo de manipular o leitor.

b) O uso do verbo *acredito* implica numa tomada de posição por parte da revista que publicou a entrevista.

c) *firmemente* poderia ser substituído no enunciado por *duramente*, pois os termos definem uma mesma postura.

d) *ate mesmo* é um recurso linguístico que introduz um argumento para a defesa do ponto de vista do autor exposto na primeira parte do enunciado.

e) A presença do modalizador *firmemente* expressa a postura flexível do autor, ao se posicionar sobre o fato de os jovens pouco se interessarem pelos assuntos da nação.

08 - (UNIOESTE PR)

"Não li a reportagem completa, porque é claro, não sou assinante da Veja, e não tenho ido ao dentista, que parece ser o único lugar onde você ainda encontra a revista, então vou analisar somente o que foi divulgado aqui".

José Luiz Berg, em comentário sobre a capa da Revista *Veja*, edição 2272 (publicada em seu *blog*).

Sobre o enunciado, é correto afirmar que

a) *você*, no enunciado, cumpre o papel de manter uma aproximação entre Berg e o leitor virtual.

b) o advérbio *aqui* poderia ser substituído por *Veja*, já que se trata de um indicador do espaço de onde se fala.

c) *você* engloba o autor do enunciado, possíveis interlocutores do blog e qualquer pessoa que frequente um consultório dentário ou não.

d) ele denigre a imagem dos dentistas que assinam a *Veja*, que poderiam ser vistos como maus profissionais devido à escolha por aquela revista.

e) seu meio de divulgação (um *blog*) não merece crédito algum, pois pontos de vista pessoais só podem ser expressos por fontes autorizadas pelo próprio veículo de comunicação sobre o qual se fala.

09 - (PUCCamp SP)

As palavras finais do conto "Teoria do medalhão", de Machado de Assis, são as seguintes: "Rumina bem o que te disse, meu filho. Guardadas as proporções, a conversa desta noite vale o ***Príncipe*** de Machiavelli. Vamos dormir." Em tais palavras pode-se identificar o seguinte recurso literário bastante explorado por Machado:

a) Citar autores que nenhuma importância poderiam ainda ter na época em que escreveu.

b) Estabelecer um vínculo entre teses de autores clás sicos e situações domésticas do cotidiano.

c) Dirigir-se ao leitor para acusá-lo de uma falta grave, para diminuí-lo e incriminá-lo.

d) Valer-se da retórica clássica para fugir ao tom coloquial e ao realismo de uma situação.

e) Reproduzir textualmente versos de um grande poeta para apoiar uma tese indefensável.

10 - (ENEM)

As mãos de Ediene

Ediene tem 16 anos, rosto redondo, trigueiro, índio e bonito das meninas do sertão nordestino. Vaidosa, põe anéis nos dedos e pinta os lábios com batom. Mas Ediene é diferente. Jamais abraçará, não namorará de mãos dadas e, se tiver filhos, não os aconchegará em seus braços para dar-lhes o calor e o alimento dos seios da mãe. A razão é simples: Ediene não tem braços. Ela os perdeu numa maromba, máquina do século passado, com dois cilindros de metal que amassam barro para fazer telhas e tijolos numa olaria. Os dedos que enche de anéis são os dos pés, com os quais escreve, desenha e passa batom nos lábios. Ela é uma das centenas de crianças mutiladas todos os anos, trabalhando como gente grande em troca de minguados cobres.

UTZERI, F. As mãos de Ediene. Jornal do Brasil,
Caderno B, 2 dez. 1999 (adaptado).

Os recursos estilísticos de um texto servem para torná-lo esteticamente mais eficaz. Em As mãos de Ediene, o autor alcança esse objetivo ao coordenar adjetivos no 1.° período. Tal procedimento busca

a) despertar no leitor, desde o início, simpatia pela menina.

b) chamar a atenção para problemas do sertão nordestino.

c) despertar o interesse do leitor pela maromba.

d) valorizar a situação vivida por Ediene.

e) revelar problemas de ordem social.

11 - (ENEM)

Quando Rubem Braga não tinha assunto, **ele** abria a janela e encontrava um. Quando não encontrava, dava no mesmo, **ele** abria a janela, olhava o mundo e comunicava que não havia assunto. Fazia isso com tanto engenho e arte que também dava no mesmo: a crônica estava feita. Não tenho nem o engenho nem a arte de Rubem, mas tenho a varanda aberta sobre a Lagoa — posso não ver melhor, mas vejo mais. [...] Nelson Rodrigues não tinha problemas. Quando não havia assunto, **ele** inventava. Uma tarde, estacionei ilegalmente o Sinca-Chambord na calçada do jornal. **Ele** estava com o papel na máquina e provisoriamente sem assunto. Inventou que eu descia de um reluzente Rolls Royce com uma loura suspeita, mas equivalente à suntuosidade do carro. Um guarda nos deteve, eu tentei subornar a autoridade com dinheiro, o guarda não aceitou o dinheiro, preferiu a loura. Eu fiquei sem a multa e sem a mulher. Nelson não ficou sem assunto.

CONY, C. H. **Folha de S. Paulo**. 2 jan. 1998 (adaptado).

O autor lançou mão de recursos linguísticos que o auxiliaram na retomada de informações dadas sem repetir textualmente uma referência. Esses recursos pertencem ao uso da língua e ganham sentido nas práticas de linguagem. É o que acontece com os usos do pronome “ele” destacados no texto. Com essa estratégia, o autor conseguiu

a) confundir o leitor, que fica sem saber quando o texto se refere a um ou a outro cronista.

b) comparar Rubem Braga com Nelson Rodrigues, dando preferência ao primeiro.

c) referir-se a Rubem Braga e a Nelson Rodrigues usando igual recurso de articulação textual.

d) sugerir que os dois autores escrevem crônicas sobre assuntos semelhantes.

e) produzir um texto obscuro, cujas ambiguidades impedem a compreensão do leitor.

12 - (ENEM)

Cientistas solucionam origem de partículas de água em Saturno

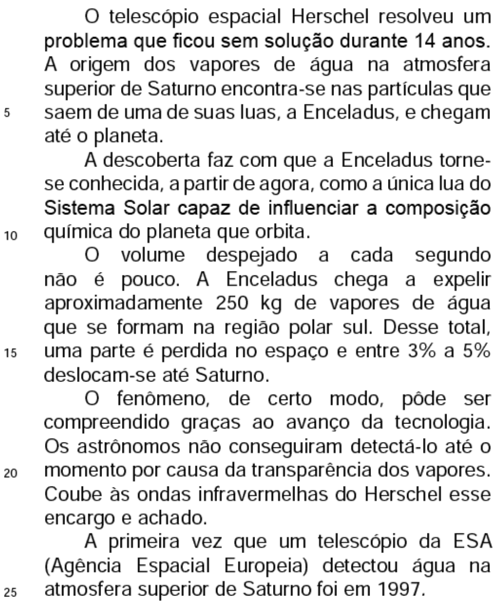

O telescópio espacial Herschel resolveu um problema que ficou sem solução durante 14 anos. A origem dos vapores de água na atmosfera superior de Saturno encontra-se nas partículas que saem de uma de suas luas, a Enceladus, e chegam até o planeta.

A descoberta faz com que a Enceladus torne-se conhecida, a partir de agora, como a única lua do Sistema Solar capaz de influenciar a composição química do planeta que orbita.

O volume despejado a cada segundo não é pouco. A Enceladus chega a expelir aproximadamente 250 kg de vapores de água que se formam na região polar sul. Desse total, uma parte é perdida no espaço e entre 3% a 5% deslocam-se até Saturno.

O fenômeno, de certo modo, pôde ser compreendido graças ao avanço da tecnologia. Os astrônomos não conseguiram detectá-lo até o momento por causa da transparência dos vapores. Coube às ondas infravermelhas do Herschel esse encargo e achado.

A primeira vez que um telescópio da ESA (Agência Espacial Europeia) detectou água na atmosfera superior de Saturno foi em 1997.

Um texto é construído pela articulação dos vários elementos que o compõem. Tal articulação pode se dar por meio de palavras ou de expressões que remetem a outras ou, ainda, a segmentos maiores já apresentados ou a serem ainda apresentados no decorrer do texto.

A análise do modo como esse texto foi construído revela que a expressão

a) “um problema” (ℓ. 1) remete o leitor para “A origem dos vapores de água na atmosfera superior de Saturno” (ℓ. 3), segmento que se encontra na frase seguinte.

b) “A descoberta” (ℓ. 7) retoma “um problema que ficou sem solução durante 14 anos.” (ℓ. 1), segmento que aparece na primeira frase do texto.

c) “O volume despejado” (ℓ. 11) retoma “a composição química do planeta que orbita.” (ℓ. 9), segmento apresentado na frase imediatamente anterior.

d) “O fenômeno” (ℓ. 17) remete o leitor para “transparência dos vapores” (ℓ. 20), segmento que é apresentado na frase seguinte.

e) “esse encargo e achado” (ℓ. 21) retoma “avanço da tecnologia” (ℓ. 18), segmento presente na porção anterior do texto.

13 - (ENEM)

Era uma vez

Um rei leão que não era rei.
Um pato que não fazia quá-quá.
Um cão que não latia.
Um peixe que não nadava.
Um pássaro que não voava.
Um tigre que não comia.
Um gato que não miava.
Um homem que não pensava...
E, enfim, era uma natureza sem nada.
Acabada. Depredada.
Pelo homem que não pensava.

Laura Araújo Cunha

CUNHA, L. A. In: KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2011.

São as relações entre os elementos e as partes do texto que promovem o desenvolvimento das ideias. No poema, a estratégia linguística que contribui para esse desenvolvimento, estabelecendo a continuidade do texto, é a

a) escolha de palavras de diferentes campos semânticos.
b) negação contundente das ações praticadas pelo homem.

c) intertextualidade com o gênero textual fábula infantil.

d) repetição de estrutura sintática com novas informações.

e) utilização de ponto final entre termos de uma mesma oração.

14 - (IBMEC SP)

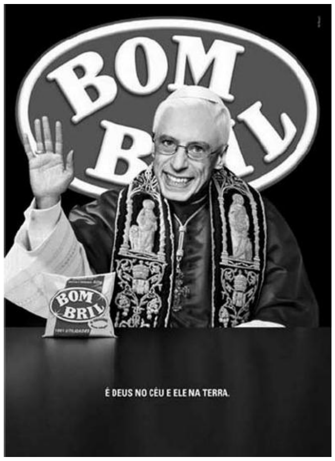
BOM BRIL
BOM BRIL
É DEUS NO CÉU E ELE NA TERRA.

Disponível em: http://imagens.us/marcas/bombril/bombril%20(1).jpg.
Acesso:30/09/2015

O *slogan* dessa propaganda explora, por meio do emprego do pronome “ele”,

a) algumas das semelhanças entre o trabalho religioso e o ato de limpar a casa.

b) a dupla referenciação do pronome, que pode remeter ao papa e ao produto.

c) um descompasso intencional entre os elementos verbais e não verbais do anúncio.

d) uma ambiguidade que coloca “Deus” e a palha de aço no mesmo nível de importância.

e) a polissemia da marca, que, por metonímia, costuma indicar todas as palhas de aço.

15 - (UNIRG TO)

Pendurada na Ucrânia

A ordem direta dos termos na frase contribui para a clareza da mensagem, mas há casos em que pode gerar perplexidade. O site G1, da Globo, publicou esta curiosa manchete em junho:

“Mulher cai do 8o andar, mas fica pendurada pelo vestido na Ucrânia”. Pendurada na Ucrânia? Dá o que pensar.

(MACHADO, Josué. Dito & escrito. Revista Língua Portuguesa,
São Paulo, Ed. Segmento, n. 84, p. 51, out. 2012. Adaptado.)

A ambiguidade gerada na frase decorre:

a) Da utilização do adjunto adverbial “na Ucrânia” após o termo “vestido”.

b) Do emprego da forma verbal “pendurar” no presente: “pendurada”.

c) Do emprego da conjunção adversativa “mas”.

d) Da utilização da forma verbal “ficar” no presente: “fica”.

TEXTO: 1 - Comum à questão: 16

O FORTE

As amuradas, plantadas no chão, fecham o pátio. Os corredores são galerias adentro dos paredões de pedra, levam aos antigos depósitos e às prisões, estabelecem as comunicações entre os alojamentos. No centro, bem no centro, a terra nua. Quase um castelo assim em seu tamanho, altas suas torres de vigia, deve pesar como uma montanha. Erguendo-se na colina, quadrado pelos muros que sobem, vê as ladeiras, as ruas, as praças. E, muito embaixo, o mar de saveiros e o oceano aberto. Os canhões enferrujados, para o mar, voltados já estiveram. Poder-se-ia dizer, e sem mentir, que a Bahia cresceu com ele.

Largos são os passeios que o rodeiam e neles a multidão passa durante o dia, descendo e subindo, o ar cheio de barulho. Caminho de muitos, as ladeiras saindo dos quatro cantos, sua sombra escurece os sobrados de azulejos. O portão, na verdade uma cancela gigantesca, range quando se abre. Por cima, nas manhãs de domingo, saíam os cantos dos sinos de sua capela. É possível vê-la, encostada ao pátio, ameaçando cair. Baixa, as paredes esburacadas, as telhas partidas. E por cima também escapavam, nos velhos tempos, as ordens das cornetas, os rumores das marchas, as algazarras do rancho.

A terra nua, no pátio, tem a cor do cobre. Sustenta, porém, as três árvores. Espalhadas, os troncos grossos, ganharam altura. Levantam-se como se o Forte fosse um convento, tranqüilas, moradia de pássaros. Os ventos altos, vindos do mar, não têm forças para agitá-las. E, no verão, sua sombra é pouso. Faz bem vê-las, assim nos recantos, folhas cobrindo o chão. O pico da colina está coberto. A carcaça imensa, o labirinto por dentro, torres e colunas, os fundos alicerces plantados na rocha. Construído aos pedaços, alargando-se e subindo, sua dureza fere os olhos. O ar, porém, é livre. E abriga, quando o vento não falta, os cheiros da Bahia. Os torreões aprumados, como braços erguidos, apontam o céu de estrelas e paz.

(ADONIAS FILHO, O Forte.)

16 - (FESO RJ)

"Os canhões enferrujados, para o mar, voltados já estiveram." (§1)

A oração está na ordem:

a) inversa

b) impessoal

c) direta

d) proporcional

e) incorreta

TEXTO: 2 - Comum à questão: 17

Ele se aproximou e com voz cantante de nordestino que a emocionou, perguntou-lhe:

– E se me desculpe, senhorinha, posso convidar a passear?

– Sim, respondeu atabalhoadamente com pressa antes que ele mudasse de idéia.

– E, se me permite, qual é mesmo a sua graça?

– Macabéa.

– Maca – o quê?

– Bea, foi ela obrigada a completar.

– Me desculpe mas até parece doença, doença de pele.

– Eu também acho esquisito mas minha mãe botou ele por promessa a Nossa Senhora da Boa Morte se eu vingasse, até um ano de idade eu não era chamada porque não tinha nome, eu preferia continuar a nunca ser chamada em vez de ter um nome que ninguém tem mas parece que deu certo – parou um instante retomando o fôlego perdido e acrescentou desanimada e com pudor – pois como o senhor vê eu vinguei... pois é...

– Também no sertão da Paraíba promessa é questão de grande dívida de honra.

Eles não sabiam como se passeia. Andaram sob a chuva grossa e pararam diante da vitrine de uma loja de ferragem onde estavam expostos atrás do vidro canos, latas, parafusos grandes e pregos. E Macabéa, com medo de que o silêncio já significasse uma ruptura, disse ao recém-namorado:

– Eu gosto tanto de parafuso e prego, e o senhor?

Da segunda vez em que se encontraram caía uma chuva fininha que ensopava os ossos. Sem nem ao menos se darem as mãos caminhavam na chuva que na cara de Macabéa parecia lágrimas escorrendo.

Clarice Lispector, **A hora da estrela**.

17 - (FUVEST SP)

No trecho que vai de “Eu também acho esquisito” a “eu vinguei... pois é...”, o autor se vale, para traduzir o estado emocional de Macabéa, do seguinte recurso expressivo:

a) omissão de vírgulas entre orações.

b) emprego reiterado de frases nominais.

c) falta de rigor na concordância verbal.

d) eliminação da maioria dos conectivos entre as orações.

e) uso de regências verbais inadequadas.

TEXTO: 3 - Comum à questão: 18

AS SEM-RAZÕES DO AMOR

Eu te amo porque te amo.
Não precisas ser amante,
e nem sempre sabes sê-lo.
Eu te amo porque te amo.
05 Amor é estado de graça
e com amor não se paga.

Amor é dado de graça,
é semeado no vento,
na cachoeira, no eclipse.
10 Amor foge a dicionários
e a regulamentos vários.

Eu te amo porque não amo
bastante ou demais a mim.
Porque amor não se troca,
15 não se conjuga nem se ama.

Porque amor é amor a nada,

feliz e forte em si mesmo.

Amor é primo da morte,

e da morte vencedor,

20 por mais que o matem (e matam)

a cada instante de amor.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. Corpo. Rio de Janeiro: Record, 2002.)

18 - (UERJ)

Na terceira estrofe do poema, verifica-se um movimento de progressão textual que reitera as razões para o amor. Essa progressão está caracterizada pela repetição do seguinte procedimento lingüístico:

a) construção frasal em ordem indireta

b) estrutura sintática em paralelismo

d) pontuação com efeito retórico

d) rima como recurso fonológico

TEXTO: 4 - Comum à questão: 19

Balada do Rei das Sereias

O rei atirou

Seu anel ao mar

E disse às sereias:

– Ide-o lá buscar,
[5]Que se o não trouxerdes,
Virareis espuma
Das ondas do mar!

Foram as sereias,
Não tardou, voltaram
[10]Com o perdido anel.
Maldito o capricho
De rei tão cruel!

O rei atirou
Grãos de arroz ao mar
[15]E disse às sereias:
– Ide-os lá buscar,
Que se os não trouxerdes,
Virareis espuma
Das ondas do mar!

[20]Foram as sereias
Não tardou, voltaram,
Não faltava um grão.
Maldito o capricho
Do mau coração!

25 O rei atirou

Sua filha ao mar

E disse às sereias:

– Ide-a lá buscar,

Que se a não trouxerdes,

30 Virareis espuma

Das ondas do mar!

Foram as sereias...

Quem as viu voltar?...

Não voltaram nunca!

35 Viraram espuma

Das ondas do mar.

(BANDEIRA, Manuel. Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1974.)

19 - (UERJ)

Em Balada do rei das sereias, Manuel Bandeira faz uso de diferentes inversões sintáticas.

O verso que não contém inversão sintática encontra-se transcrito em:

a) “– Ide-o lá buscar,” (v. 4)

b) “Que se o não trouxerdes,” (v. 5)

c) “Foram as sereias,” (v. 8)

d) “Sua filha ao mar ” (v. 26)

TEXTO: 5 - Comum à questão: 20

Coqueiros

4 de dezembro de 1945

[1]A chuva encharca as telhas podres dos casebres, retalha o chão escuro e incerto, enche os valos e vai formar poças trêmulas em torno às hortas magras, cercadas com restos de velhas tarrafas.

A estrada parece um rio de barro, onde os bois atolam os cascos; e o mar, espesso e [5]ondulante, tem largas sujeiras avermelhadas, junto à praia oblíqua e saturada, e por onde passam, de vez em vez, vultos apressados de mãos nos bolsos.

As névoas úmidas esfumam os contornos, Um ou outro grasnar de gaivota raspa o ar enxovalhado. A vida se diluiu em água e neblina. Uma tristeza envelheceu a paisagem.

Entardece.

[10]A chuva continua a cair, fria e poeirenta, de grandes céus moles e chatos.

Homens e algas, de Othon d’Eça, p. 168.

20 - (UDESC SC)

Assinale a alternativa **incorreta**.

a) De “enche os valos e vai formar poças trêmulas em torno às hortas magras, cercadas com restos de velhas tarrafas.” (ref. 1), depreende-se a imagem de região litorânea carente.

b) Em “Uma tristeza envelheceu a paisagem” (ref. 5), o autor busca passar uma imagem monótona e desbotada do bairro, descolorido pela chuva.

c) No excerto (ref. 5) há predominância de orações redigidas na ordem direta.

d) Na oração “A vida se diluiu em água e neblina” (ref. 5), o autor faz referência à vida da comunidade pesqueira, uma vez que o cotidiano desta se cruza, na maior parte do tempo, com a água.

e) O acento grave da crase é eliminado em “junto à praia oblíqua e saturada” (ref. 5), se a expressão destacada for substituída por *a linha*.

TEXTO: 6 - Comum à questão: 21

Carioca da gema

[1]Carioca, carioca da gema seria aquele [2]que sabe rir de si mesmo. Também por isso, [3]aparenta ser o mais desinibido e alegre dos [4]brasileiros. Que, sabendo rir de si e de um [5]tudo, é homem capaz de se sentar no meio [6]fio e chorar diante de uma tragédia.

[7]O resto é carimbo.

[8]Minha memória não me permite [9]esquecer. O tio mais alto, o meu tio-avô [10]Rubens, mulherengo de tope, bigode frajola, [11]carioca, pobre, porém caprichoso nas roupas, [12]empaletozado como na época, empertigado, [13]namorador impenitente e alegre e, pioneiro, a [14]me ensinar nos bondes a olhar as pernas [15]nuas das mulheres e, após, lhes oferecer o [16]lugar. Que havia saias e pernas nuas nos [17]meus tempos de menino.

[18]Folgado, finório, malandreco, vive de [19]férias. Não pode ver mulher bonita, [20]perdulário, superficial e festivo até as [21]vísceras. Adjetivação vazia... E só idéia [22]genérica, balela, não passa de carimbo.

[23]Gosto de lembrar aos sabidos, [24]perdedores de tempo e que jogam conversa [25]fora, que o lugar mais alegre do Rio é a [26]favela. É onde mais se canta no Rio. E, aí, o [27]carioca é desconcertante. Dos favelados [28]nasce e se organiza, como um milagre, um [29]dos maiores espetáculos de festa popular do [30]mundo, o Carnaval.

[31]O carimbo pretensioso e generalizador [32]se esquece de que o carioca não é apenas o [33]homem da Zona Sul badalada – de [34]Copacabana ao Leblon. Setenta e cinco por [35]cento da população carioca moram na Zona [36]Centro e Norte, no Rio esquecido. E lá, sim, o [37]Rio fica mais Rio, a partir das caras não [38]cosmopolitas e se o carioca coubesse no [39]carimbo que lhe imputam não se teriam [40]produzido obras pungentes, inovadoras e [41]universais como a de Noel Rosa, a de Geraldo [42]Pereira, a de Nélson Rodrigues, a de Nélson [43]Cavaquinho... Muito do sorriso carioca é [44]picardia fina, modo atilado de se driblarem os [45]percalços.

[46]Tenho para mim que no Rio as ruas [47]são faculdades; os botequins, universidades. [48]Algumas frases apanhadas lá nessas bigornas [49]da vida, em situações diversas, como [50]aparentes tipos-a-esmo:

51“Está ruim pra malandro” – o 52advérbio até está oculto.

53“Quem tem olho grande não entra na 54China.”

55“A galinha come é com o bico no 56chão.”

57“Tudo de mais é veneno.”

58“Negócio é o seguinte: dezenove não 59é vinte.”

60“Se ginga fosse malandragem, pato 61não acabava na panela.”

62“Não leve uma raposa a um 63galinheiro.”

64“Se a farinha é pouca o meu pirão 65primeiro.”

66“Há duas coisas em que não se pode 67confiar. Quando alguém diz ‘deixe comigo’ ou 68‘este cachorro não morde’.”

69“Amigo, bebendo cachaça, não faço 70barulho de uísque.”

71“Da fruta de que você gosta eu como 72até o caroço.”

73“A vida é do contra: você vai e ela 74fica.”

75Como filosofia de vida ou não, 76vivendo em uma cidade em que o excesso de 77beleza é uma orgia, convivendo com belezas 78e mazelas, o carioca da gema é um dos 79poucos tipos nacionais para quem ninguém é 80gaúcho, paraibano, amazonense ou paulista.

81Ele entende que está tratando com 82brasileiros.

(João Antônio. Ô, Copacabana)

21 - (UECE)

Marque a opção que completa corretamente o que segue: Na expressão inicial do texto – “Carioca, carioca da gema” –, a repetição de “carioca” empresta a esse vocábulo um(a)

a) cunho intensivo.

b) caráter pejorativo.

c) ressonância sarcástica.

d) feição irônica.

TEXTO: 7 - Comum à questão: 22

“O ex-prefeito de Juiz de Fora Carlos Alberto Bejani é mesmo um fenômeno. Em pleno Brasil do ano de 2008, onde tão pouca gente chega a se meter em algum problema mais sério, de verdade, por cometer atos de delinqüência na vida pública, ele conseguiu ser preso duas vezes seguidas, entre abril e junho. Para começar, deixou-se pegar em flagrante, naquele tipo de cena que hoje em dia se tornou um clássico da nossa política: recebendo pacotes de dinheiro vivo, em valor um pouco acima de 1,1 milhão de reais, numa gravação com imagem e som. Ficou catorze dias na cadeia e foi solto, como acontece sempre: e, como acontece sempre, tudo deveria ir acabando por aí. Neste caso, porém, nem mesmo a incomparável proteção que as leis e a justiça brasileira oferecem a gente como o ex–prefeito foi suficiente para mantê-lo solto. O documento que ele apresentou para justificar a origem do dinheiro – a já tradicional venda de uma ‘fazenda’, variante da venda de bois, cavalos etc. – foi considerado falso. Diante de sua absoluta falta de cuidado com o que dizia enquanto era gravado, ficou claro que o dinheiro lhe fora entregue em troca da concessão de diversos aumentos no preço das passagens municipais de ônibus. Contra todas as expectativas, o homem teve de voltar ao presídio.”

(GUZZO, J. R. Agravo x embargo. *Veja*, São Paulo,

25 jun. 2008. Seções, p. 140)

22 - (UFAC)

Em “Contra todas as expectativas, o homem teve de voltar ao presídio”, a oração se encontra estrategicamente colocada em que posição e com que objetivo semântico?

a) a oração se apresenta antes do adjunto adverbial para determinar a ênfase na expectativa de uma real punição.

b) a oração se apresenta antes do adjunto adverbial para reforçar a sagacidade do ex-prefeito.

c) a oração se apresenta após o adjunto adverbial para finalizar uma situação que poderia ter sido revertida.

d) a oração se apresenta após o adjunto adverbial para consolidar o irreversível da situação.

e) a oração se apresenta após o adjunto adverbial para criar uma expectativa quanto ao destino do sujeito.

TEXTO: 8 - Comum à questão: 23

— Não refez então o capítulo? – indagou ela logo que entrei.

— Oh, não, Miss Jane. Suas palavras abriram-me os olhos.

Convenci-me de que não possuo qualidades literárias e não quero insistir – retruquei com ar ressentido.

— Pois tem de insistir – foi sua resposta (...) Lembre-se do esforço incessante de Flaubert* para atingir a luminosa clareza que só a sábia simplicidade dá. A ênfase, o empolado, o enfeite, o contorcido, o rebuscamento de expressões, tudo isso nada tem com a arte de escrever, porque é artifício e o artifício é a cuscuta** da arte. Puros maneirismos que em nada contribuem para o fim supremo: a clara e fácil expressão da idéia.

— Sim, Miss Jane, mas sem isso fico sem estilo ...

Que finura de sorriso temperado de meiguice aflorou nos lábios da minha amiga!

— Estilo o senhor Ayrton só o terá quando perder em absoluto a preocupação de ter estilo. Que é estilo, afinal?

— Estilo é ... – ia eu responder de pronto, mas logo engasguei, e assim ficaria se ela muito naturalmente não mo definisse de gentil maneira.

— ... é o modo de ser de cada um. Estilo é como o rosto: cada qual possui o que Deus lhe deu. Procurar ter um certo estilo vale tanto como procurar ter uma certa cara. Sai máscara fatalmente – essa horrível coisa que é a máscara ...

— Mas o meu modo natural de ser não tem encantos, Miss Jane, é bruto, grosseiro, inábil, ingênuo. Quer então que escreva desta maneira?

— Pois perfeitamente! Seja como é, e tudo quanto lhe parece defeito surgirá como qualidades, visto que será reflexo da coisa única que tem valor num artista – a personalidade.

*Gustave Flaubert (1821–1880), escritor realista francês considerado um dos maiores do Ocidente.

** planta parasita.

(Monteiro Lobato, *O presidente negro*.)

23 - (UFSCar SP)

Na frase — *Estilo o senhor Ayrton só o terá* ..., Lobato usa um recurso de ênfase que consiste em

a) deixar uma informação subentendida.

b) fazer uma comparação paralela.

c) relacionar muitas idéias ao mesmo tempo.

d) iniciar a oração com um termo que se repete depois.

e) empregar o verbo em um tempo pretérito.

TEXTO: 9 - Comum à questão: 24

Mistério

À Memória do pequeno Alberto

Sei que tu'alma carinhosa e mansa
Voou, sorrindo, para o Azul celeste;
Sei que teu corpo virginal descansa
Aqui da terra n'um cantinho agreste.

Tudo isto sei: mas tu não me disseste

Se lá no Céu, na pátria da Esperança,
Ou aqui no mundo, à sombra do cipreste,
Deixaste o coração, loura criança!

Desceu acaso como corpo à terra
Ele tão puro e que só a luz encerra?
Não creio nisso e ninguém crê decerto...

Enquanto, eu cismo que, num vale ameno,
Talvez o seio de um jasmim pequeno
Sirva de berço ao coração de Alberto.

Macaíba – março de 1895

SOUZA, Auta de. *Horto*, outros poemas e ressonâncias: obras reunidas.
Natal, RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 2009. P.82.

24 - (UFRN)

Observando os elementos estilístico-formais do poema, que se configura como um soneto, é correto afirmar que

a) a terceira estrofe, por ser terminada em reticências, sugere o tom indignado do poema.
b) a construção baseada em oposições entre o corpo e a alma reflete o aspecto ambíguo do menino morto.
c) a última estrofe traz uma conclusão que permite relacionar o par *corpo-coração* à oposição *cantinho agreste-vale ameno*.
d) a grande variedade de sinais de pontuação imprime ao poema um caráter de modernidade.

TEXTO: 10 - Comum à questão: 25

[1] Neste exato instante em que seus olhos passam por estas linhas, está ocorrendo um pequeno milagre da tecnologia. Não, [2] não estou falando do computador nem da transmissão de dados pela internet, mas da boa e velha leitura, inventada pela primeira [3] vez cerca de 5.500 anos atrás. Para nós, leitores experimentados, ela parece a coisa mais natural do mundo, mas isso não passa [4] de uma ilusão. Ler não apenas não é natural como ainda envolve cooptar uma complexa rede de processos neurológicos que [5] surgiram para outras finalidades.

[6] Acho que dá até para argumentar que a escrita é a mais fundamental criação da humanidade. Ela nos permitiu ampliar [7] nossa memória para horizontes antes inimagináveis. Não fosse por ela, jamais teríamos atingido os níveis de acúmulo, [8] transmissão e integração de conhecimento que logramos obter. Nosso modo de vida provavelmente não diferiria muito daquele [9] experimentado por nossos ancestrais do Neolítico.

[10] A conclusão é que, de alguma forma, conseguimos adaptar nosso cérebro de primatas para lidar com a escrita. Para [11] Stanislas Dehaene (matemático e neurocientista francês), operou aqui o fenômeno da reciclagem neuronal, pelo qual processos [12] que surgiram para outras funções foram recrutados para a leitura. A coisa funcionou tão bem que nos tornamos capazes de ler [13] com proficiência e rapidez, obtendo a façanha de absorver a linguagem através da visão, algo para o que nosso corpo e mente [14] não foram desenhados.

[15] Antes de continuar, é preciso qualificar um pouco melhor esse "funcionou tão bem". É claro que funcionou, tanto que me [16] comunico agora com você, leitor, através desse código especial. Mas, se você puxar pela memória, vai se lembrar de que teve de [17] aprender a ler, um processo que, na maioria esmagadora dos casos, exigiu instrução formal e vários anos de treinamento até [18] atingir a presente eficiência.

[19] Enquanto a aquisição da linguagem oral ocorre, esta sim, naturalmente e sem esforço (basta jogar uma criança pequena [20] numa comunidade linguística qualquer que ela "ganha" o idioma), a escrita/leitura precisa ser ensinada e praticada.

[21] As dificuldades não são poucas. Começam nos olhos (só conseguimos ler o que é captado pela fóvea) e se estendem por [22] todo o tecido neuronal. Um problema particularmente interessante é o da invariância. Como o cérebro faz para concluir que A, a, a, [23] a, a são a mesma letra, apesar dos diferentes desenhos? Pior, mesmo quAnDo fazemos uma sopa de fontes e mIsturAmos [24] TuDo, continuamos DECIFRANDO A MENSAGEM com pouca perda de velocidade.

(Adaptado de SCHWARTSMAN, Hélio. Conversando com os mortos.
Folha de S. Paulo. 14 jun. 2012.)

TEXTO: 11 - Comum à questão: 25

Sobre quem gosta de ler

Quando você vê alguém lendo um livro, presencia uma pessoa às voltas com uma grande exigência. A palavra escrita o põe na parede: pede a ele uma interação e manda às favas a passividade. A leitura fricciona a percepção; é a fricção de duas pedras – *fiat lux*!

Não, quem lê não está imóvel, é puro dinamismo e motor. É como uma barriga grávida, num aceleradíssimo tempo de prenhez.

A leitura enfia-se no presente, fabrica o que virá. Quem lê é um da Vinci, diagramando os recursos recebidos, aplicando cor. E fazendo.

A importância primeira do ato de ler é essa negação da passividade, essa incondicional exigência de ação. É um ato de otimismo intrínseco.

(Tom Zé (músico). In: *Almanaque Brasil*. www.almanaquebrasil.
com.br/curiosidades-literatura/7171. Acesso em 11 jul. 2012.)

25 - (UFPR)

Compare os seguintes trechos extraídos dos textos “Conversando com os mortos” e “Sobre quem gosta de ler”:

-“Não, não estou falando do computador nem da transmissão de dados pela internet [...]”. (Schwartsman)

–“Não, quem lê não está imóvel, é puro dinamismo e motor”. (Tom Zé)

Em ambos os casos, os autores usam reiteradamente a negação para:

a) questionar possíveis inferências que o leitor possa fazer a partir de afirmações anteriores.

b) retificar afirmações feitas em trechos anteriores dos textos.

c) dar ênfase aos trechos, destacando sua relevância na exposição do ponto de vista dos autores.

d) inverter o sentido das frases, já que duas negações equivalem a uma afirmação.

e) responder questões formuladas pelos próprios autores ao longo dos textos.

TEXTO: 12 - Comum à questão: 26

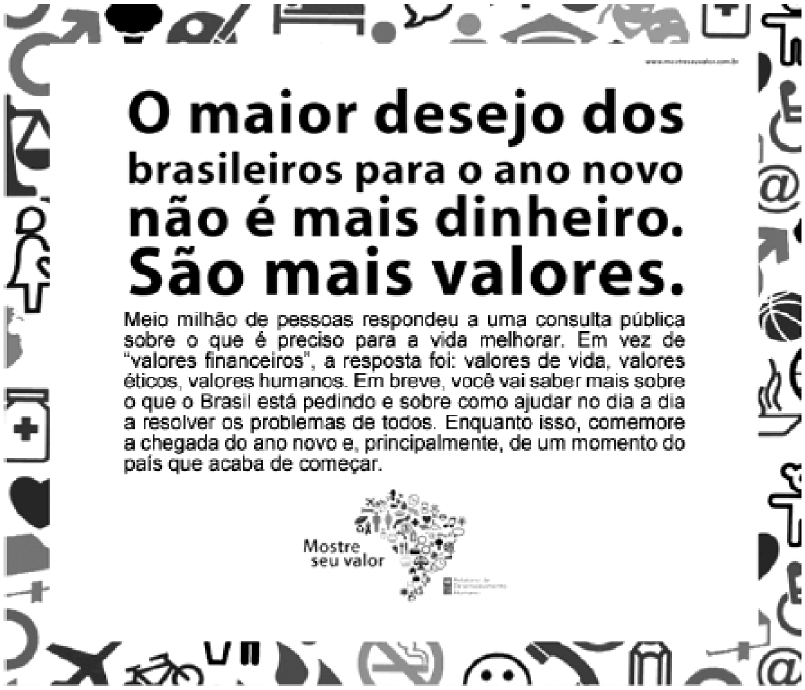

O maior desejo dos brasileiros para o ano novo não é mais dinheiro. São mais valores.

Meio milhão de pessoas respondeu a uma consulta pública sobre o que é preciso para a vida melhorar. Em vez de “valores financeiros”, a resposta foi: valores de vida, valores éticos, valores humanos. Em breve, você vai saber mais sobre o que o Brasil está pedindo e sobre como ajudar no dia a dia a resolver os problemas de todos. Enquanto isso, comemore a chegada do ano novo e, principalmente, de um momento do país que acaba de começar.

O MAIOR desejo dos brasileiros... Disponível em: <http://
inpgblog.files.wordpress.com/2010/04/mostre_valor1.gif>.
Acesso em: 12 maio 2014.

26 - (UEFS BA)

Considerando-se a análise dos aspectos linguísticos que estruturam o anúncio, é correto afirmar:

a) A expressão “O maior”, no contexto em que se insere, apresenta uma ideia de comparação, evidenciando uma relação entre elementos que são contraditórios.

b) O vocábulo “desejo” forma-se por meio de uma derivação imprópria, na medida em que ocorre uma mudança na sua classificação morfológica.

c) O termo preposicionado “dos brasileiros” especifica o nome “desejo”, explicitando o direcionamento ideológico desse povo.

d) O elemento coesivo “para”, em “para o ano novo”, evidencia uma ideia de direção, sugerindo a proposta de transformação diante da mudança temporal.

e) O modificador verbal “mais”, em “não é mais dinheiro”, intensifica o aspecto verbal, garantindo a verdadeira intenção dos indivíduos que participaram da pesquisa.

TEXTO: 13 - Comum à questão: 27

A metamorfose

Uma barata acordou um dia e viu que tinha se transformado num ser humano. Começou a mexer suas patas e viu que só tinha quatro, que eram grandes e pesadas e de articulação difícil. Não tinha mais antenas. Quis emitir um som de surpresa e sem querer deu um grunhido. As outras baratas fugiram aterrorizadas para trás do móvel. Ela quis segui-las, mas não coube atrás do móvel. O seu segundo pensamento foi: "Que horror... Preciso acabar com essas baratas..."

Pensar, para a ex-barata, era uma novidade. Antigamente ela seguia seu instinto. Agora precisava raciocinar. Fez uma espécie de manto com a cortina da sala para cobrir sua nudez. Saiu pela casa e encontrou um armário num quarto, e, nele, roupa de baixo e um vestido. Olhou-se no espelho e achou-se bonita para uma ex-barata. Maquiou-se. Todas as baratas são iguais, mas as mulheres precisam realçar sua personalidade. Adotou um nome: Vandirene. Mais tarde descobriu que só um nome não bastava. A que classe pertencia? … Tinha educação? … Referências?... Conseguiu a muito custo um emprego como faxineira. Sua experiência de barata lhe dava acesso a sujeiras mal suspeitadas. Era uma boa faxineira.

Difícil era ser gente... Precisava comprar comida e o dinheiro não chegava. As baratas se acasalam num roçar de antenas, mas os seres humanos não. Conhecem-se, namoram, brigam, fazem as pazes, resolvem se casar, hesitam. Será que o dinheiro vai dar? Conseguir casa, móveis, eletrodomésticos, roupa de cama, mesa e banho. Vandirene casou-se, teve filhos. Lutou muito, coitada. Filas no Instituto Nacional de Previdência Social. Pouco leite. O marido desempregado… Finalmente acertou na loteria. Quase quatro milhões! Entre as baratas ter ou não ter quatro milhões não faz diferença. Mas Vandirene mudou. Empregou o dinheiro. Mudou de bairro. Comprou casa. Passou a vestir bem, a comer bem, a cuidar onde põe o pronome. Subiu de classe. Contratou babás e entrou na Pontifícia Universidade Católica.

Vandirene acordou um dia e viu que tinha se transformado em barata. Seu penúltimo pensamento humano foi: "Meu Deus! … A casa foi dedetizada há dois dias! …". Seu último pensamento humano foi para seu dinheiro rendendo na financeira e que o safado do marido, seu herdeiro legal, o usaria. Depois desceu pelo pé da cama e correu para trás de um móvel. Não pensava mais em nada. Era puro instinto. Morreu cinco minutos depois, mas foram os cinco minutos mais felizes de sua vida.

(Luis Fernando Veríssimo)

(http://espirall-ltda.blogspot.com.br/2011/05/fome-depende-do-desperdicio.html. Acesso em 23/09/2014

27 - (UEPA)

Observe o trecho: "**O marido desempregado... Finalmente acertou na loteria. Quase quatro milhões!**" Nele, não fica claro se foi a barata ou o marido dela quem ganhou na loteria, no entanto, temos na língua palavras que nos ajudam a clarear isso. Marque a alternativa cujo termo destacado nos indica, de fato, que foi a barata quem ganhou na loteria.

a) **Mas** Vandirene mudou. Empregou o dinheiro. Mudou de bairro. Comprou casa.

b) Passou a vestir bem, a comer bem, a cuidar onde põe o **pronome**.

c) Depois desceu pelo pé da cama e correu para trás de um **móvel**.

d) Subiu de classe. Contratou babás e **entrou** na Pontifícia Universidade Católica.

e) **Seu** último pensamento humano foi para seu dinheiro rendendo na financeira.

TEXTO: 14 - Comum à questão: 28

Seis razões para proteger a Terra

(Marcelo Gleiser*)

[1] Que a Terra é a nossa casa cósmica, todo mundo sabe, se bem que poucos prestam atenção a isso. [2] Nas tribulações do dia a dia, enquanto não há uma crise maior, é fácil esquecer a nossa dependência [3] completa e absoluta do nosso planeta. Afinal, está sempre aqui o chão sob nossos pés, a luz do Sol filtrada [4] pela atmosfera, o azul do céu, o clima agradável e perfeito para que possamos sobreviver nele.

[5] Mas, por trás disso tudo, existe um planeta extremamente especial e, sem ele, sem sua estabilidade [6] orbital e climática, não estaríamos aqui. Eis uma lista de razões para protegermos a Terra, um planeta sem [7] igual, ao menos dentro de um raio de centenas de anos-luz daqui.

[8] 1.Nossa atmosfera, rica em oxigênio, permite que seres com um metabolismo mais complexo [9] sobrevivam. É incrível que esse oxigênio todo tenha vindo de bactérias, os únicos habitantes que existiam [10] aqui no planeta durante quase 3 bilhões de anos. Foram elas que “descobriram” a fotossíntese, [11] transformando a composição da atmosfera terrestre. Agradeçam às cianobactérias pelo ar de cada dia.

[12] 2.Nossa atmosfera, rica em ozônio, filtra a radiação ultravioleta que vem do Sol, que é extremamente [13] nociva à vida. Interessante que esse ozônio é produto da vida e, ao mesmo tempo, permite que ela persista [14] aqui na superfície.

[15] 3.Nossa atmosfera tem a densidade justa para que seja possível uma enorme diversidade das formas [16] de vida. Se fosse pouco densa, seria difícil voar ou flutuar; se fosse muito densa, seria esmagadora.

[17] 4.O campo magnético da Terra funciona como um polo atrativo de partículas que vêm do Sol e do [18] espaço. Essa radiação toda seria extremamente prejudicial à vida, caso a Terra não fosse afunilada nos [19] polos. Por exemplo, estamos para receber um bocado de radiação por esses dias, produzida por uma enorme [20] tempestade magnética do Sol. Sem o magnetismo terrestre e nossa

atmosfera, estaríamos em maus lençóis. [21] Marte não tem esse magnetismo e tem uma atmosfera muito rala. Isso faz com que o planeta seja um tanto [22] hostil à vida.

[23] 5.A água que temos aqui é uma preciosidade; sem ela, não haveria vida. Não sabemos de onde veio [24] essa água toda, se bem que parte dela é oriunda de cometas que se chocaram com a Terra ainda em sua [25] infância. A água é nosso maior tesouro, e precisamos tratar muito bem dela. Esse é o século em que a água [26] se tornará num fator predominante de conflito global. Basta olhar para o planeta e ver a distribuição de [27] água. O que o petróleo fez com a geopolítica do século 20, a água fará com a dos séculos 21 e 22.

[28] 6.Nossa lua também é essencial. Por ser única e bastante maciça, ela regula e estabiliza o eixo de [29] rotação da Terra, mantendo sua inclinação de 23,5º com a vertical. Pense na Terra como um pião inclinado, [30] girando em torno de si mesmo. Sem a lua, esse eixo de rotação mudaria de ângulo aleatoriamente, e o clima [31] não poderia ser estável. E, sem um clima estável, a vida complexa acaba se tornando inviável.

[32] A lista continua, mas estamos sem espaço. De um jeito ou de outro, acho que dá para entender por [33] que precisamos proteger esse planeta. Somos produto dele, das suas condições. Se elas mudam, nossa [34] sobrevivência fica ameaçada.

*MARCELO GLEISER é professor de física teórica no Dartmouth College, em Hanover (EUA), e autor de "A Ilha do Conhecimento". Facebook: goo.gl/93dHI. (Disponível em: www1.folha.uol.com.br/colunas /marcelogleiser/2014, acesso em: 15 set. 2014. Adaptado.)

28 - (UNIMONTES MG)

O elemento "isso" (Ref. 1) é um marcador discursivo que

a) introduz a ideia posterior: a da nossa dependência completa e absoluta da Terra.

b) substitui o trecho que aparece anteriormente: "todo mundo sabe".

c) determina a retomada da ideia antecedente: a de que nosso planeta seja uma casa cósmica.

d) sintetiza todas as orações anteriormente apresentadas, nesse mesmo segmento.

TEXTO: 15 - Comum à questão: 29

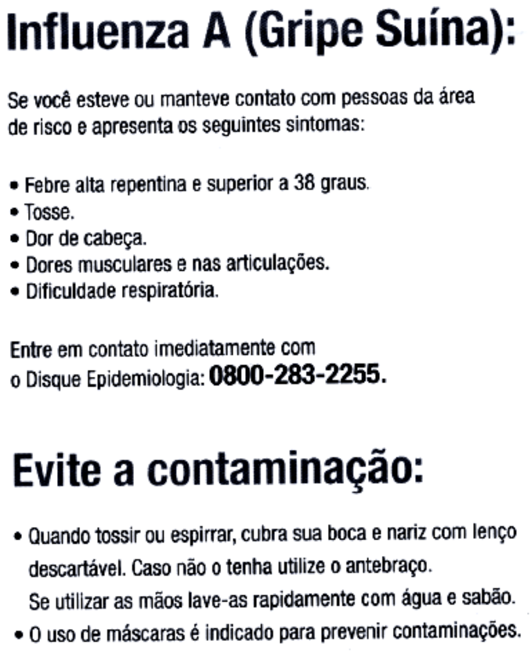

Influenza A (Gripe Suína):

Se você esteve ou manteve contato com pessoas da área
de risco e apresenta os seguintes sintomas:

- Febre alta repentina e superior a 38 graus.
- Tosse.
- Dor de cabeça.
- Dores musculares e nas articulações.
- Dificuldade respiratória.

Entre em contato imediatamente com
o Disque Epidemiologia: **0800-283-2255.**

Evite a contaminação:

- Quando tossir ou espirrar, cubra sua boca e nariz com lenço descartável. Caso não o tenha utilize o antebraço. Se utilizar as mãos lave-as rapidamente com água e sabão.
- O uso de máscaras é indicado para prevenir contaminações.

BRASIL. Ministério da Saúde, 2009 (adaptado).

29 - (ENEM)

Os principais recursos utilizados para envolvimento e adesão do leitor à campanha institucional incluem

a) o emprego de enumeração de itens e apresentação de títulos expressivos.

b) o uso de orações subordinadas condicionais e temporais.

c) o emprego de pronomes como “você” e “sua” e o uso do imperativo.

d) a construção de figuras metafóricas e o uso de repetição.

e) o fornecimento de número de telefone gratuito para contato.

TEXTO: 16 - Comum à questão: 30

Texto 1

O MENINO QUE TINHA MEDO DE POESIA

(Pedro Gabriel – Março de 2014)

– Mãe, acho que tem um poema debaixo da minha cama!

Quando menino, a poesia me assustava. Parecia ter dentes afiados, pernas desajeitadas, mãos opressoras. E nem as mãos da professora mais dócil conseguiam me acalmar. Não compreendia uma palavra, uma metáfora, uma rima pobre, rica ou rara. Não entendia nada. Tentava adivinhar o que o poeta queria dizer com aquela frase entupida de imagens e sentidos subjetivos. Achava-me incapaz de pertencer àquilo. Não conseguia mergulhar naquele mundo. Eu, sem saber nadar em versos, afogava-me na incompreensão de um soneto; ela – a tão sagrada poesia – não me afagava e me deixava morrer na praia, entre um alexandrino e um heptassílabo.

Toda vez que eu era obrigado a decorar poesia, sentia vontade de sumir, de virar um móvel e ficar imóvel até tudo se acabar. Por dentro, sentia azia, taquicardia, asma espontânea, tremelique e gagueira repentina. Por fora, fingia que estava tudo bem. Eu sempre escolhia o poema mais curto da lista que a escola sugeria. Naquele dia, sobrou *Pneumotórax*, de Manuel Bandeira, e eu queria ser aquele paciente para não precisar declamá-lo. Eu queria tossir, repetir sem parar: trinta e três… Trinta e três… Ter uma doença pequena, uma desculpa qualquer, um atestado médico assinado pelo meu avô que me deixasse em casa – não a semana toda, mas só o tempo da aula.

Depois, para a prova de francês, não tive escolha: fui obrigado a decorar *Le dormeur du Val*, de Rimbaud. Eu lembro que, antes de ficar em pé de frente para o meu professor, eu queria que alguém me desse dois tiros no peito. Queria ser esse soldado e dormir, tranquilo, na paz celestial daquele vale até que a turma toda esquecesse a minha existência. Ou que a guerra fosse declarada finda. Ou que eu fosse declamado culpado. A Primeira Guerra Mundial parecia durar menos do que aqueles 15 minutos de exame. Minha boca está seca até hoje. Minhas mãos estão molhadas até agora. Só eu sei o que suei por você, querida Poesia.

Aos 17, a poesia ainda me apavorava. Podia ser o verso mais delicado do mundo, eu tinha medo. Podia ser o poeta mais simpático da face da Terra, eu desconfiava. Desconversava, lia outra coisa. Ou não lia nada. Talvez por não querer entendê-la. Talvez por achar não merecêla. E assim ficava à mercê da minha rebeldia. Não queria aprender a contar sílabas, queria ser verso livre. Tolo! Até a liberdade exige teoria!

Se hoje eu pudesse falar com aquele menino, diria-lhe que a poesia não é nenhum decassílabo de sete cabeças. Que se ela o assusta é porque ela o deseja. Que se ele sente medo é porque ele precisa dela. Não há mais monstro debaixo da sua cama. O monstro agora está em você.

– Filho, acho que tem um poema por dentro de quem você ama...

Disponível em: <*www.intrinseca.com.br/site/2014/.../****o-menino-que-tinha-medo-de-poesia***> . (texto adaptado) Acesso em: 29 Abr 2014

Texto 2

A MULHER QUE NÃO SENTE MEDO DE ABSOLUTAMENTE NADA

(Jeanna Bryner – Dezembro de 2010)

Você gostaria de não sentir medo? Pelo menos uma pessoa no mundo não tem medo de nada: uma mulher de 44 anos, que até ajudou pesquisadores a identificarem o local em que vive o fator medo no cérebro humano.

Os pesquisadores tentaram inúmeras vezes assustar a mulher: casas mal-assombradas, onde monstros tentaram evocar uma reação de rejeição, aranhas e cobras, e uma série de filme de terror apenas entreteram a paciente.

A mulher tem uma doença rara chamada síndrome de Urbach-Wiethe que destruiu sua amígdala. A amígdala é uma estrutura em forma de amêndoa situada no fundo do cérebro. Nos últimos 50 anos, estudos mostraram que ela tem um papel central na geração de respostas de medo em diferentes animais.

Agora, o estudo envolvendo essa paciente é o primeiro a confirmar que essa região do cérebro é responsável pelo medo nos seres humanos. A descoberta pode levar a tratamentos para transtorno de estresse pós-traumático (TEPT). Tratamentos de psicoterapia que seletivamente amorteçam a hiperatividade na amígdala podem curar pacientes com TEPT.

Estudos anteriores com a mesma paciente revelaram que ela não conseguia reconhecer expressões faciais de medo, mas não **se** sabia se ela tinha a capacidade de sentir medo. Para descobrir, os pesquisadores deram vários questionários padronizados à paciente, que sondaram os diferentes aspectos do medo, desde o medo da morte até o medo de falar em público.

Além disso, durante três meses ela carregou um diário que informatizava sua emoção, e que, aleatoriamente, pedia-lhe para classificar o seu nível de medo ao longo do dia. O diário também indicava emoções que ela estava sentindo em uma lista de 50 itens. Sua pontuação média de medo foi de 0%, enquanto para outras emoções ela mostrou funcionamento normal.

Em todos os cenários, ela não mostrou nenhum medo. Baseado no seu passado, os pesquisadores encontraram muitas razões para ela reagir com medo. Ela própria contou que não gosta de cobras, mas quando entrou em contato com duas, não sentiu medo. Além disso, já lhe apontaram facas e armas, ela foi fisicamente abordada por uma mulher duas vezes seu tamanho, quase morreu em um ato de violência doméstica, e em mais de uma ocasião foi explicitamente ameaçada de morte.

O que mais se sobressai é que, em muitas destas situações a vida da paciente estava em perigo, mas seu comportamento foi desprovido de qualquer senso de desespero ou urgência. E quando ela foi convidada a lembrar como se sentiu durante as situações, respondeu que não sentiu medo, mas que se sentia chateada e irritada com o que aconteceu.

Segundo os pesquisadores, sem medo, pode-**se** dizer que o sofrimento dela não tem a intensidade profunda e real suportada por outros sobreviventes de traumas. Essencialmente, devido aos danos na amígdala, a mulher está imune aos efeitos devastadores do transtorno de estresse pós-traumático.

Mas há uma desvantagem: ela tem uma incapacidade de detectar e evitar situações ameaçadoras, o que provavelmente contribuiu para a frequência com que ela enfrentou riscos.

Os pesquisadores dizem que esse tipo de paciente é muito raro, mas para entender melhor o fenômeno, seria ótimo estudar mais pessoas com a condição.

Disponível em<:http://hypescience.com> (texto adaptado de http://www.livescience.com). Acesso em: 29 Abr 2014

Texto 3

CONSOADA

(Manuel Bandeira)

Quando a Indesejada das gentes chegar

(Não sei se dura ou caroável),

Talvez eu tenha medo.

Talvez sorria, ou diga:

— Alô, iniludível!

O meu dia foi bom, pode a noite descer.

(A noite com os seus sortilégios.)

Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,

A mesa posta,

Com cada coisa em seu lugar.

Disponível em: <http://www.poesiaspoemaseversos.com.br> Acesso em: 29 Abr 2014.

Texto 4

AUTOSSABOTAGEM: O MEDO DE SER FELIZ

(Raphaela de Campos Mello – Outubro de 2012)

A cada passo dado você sente que a felicidade **se** afasta alguns metros? Talvez esteja, inconscientemente, queimando chances de se realizar. Repense as próprias atitudes para interromper esse ciclo destrutivo.

Por medo dos riscos e das responsabilidades da vida, podemos acabar inconscientemente com as nossas realizações. Isso **se** chama autossabotagem. São atitudes forjadas por uma parte de nós que não nos vê como merecedoras do sucesso ou que subestima nossa capacidade de lidar com a vitória.

Pode ser aquela espinha que apareceu no nariz no dia daquele encontro especial ou da gripe que a pegou na véspera daquela importante reunião.

"Muitos desses comportamentos destrutivos estão quase fora do domínio da consciência", afirma o psicólogo americano Stanley Rosner, coautor do livro O Ciclo da Auto- Sabotagem - Por Que Repetimos Atitudes que Destroem Nossos Relacionamentos e Nos Fazem Sofrer (ed. BestSeller).

"A autonomia, a independência e o sucesso são apavorantes para algumas pessoas porque indicam que elas não poderão mais argumentar que suas necessidades precisam ser protegidas", diz o autor.

O filósofo e psicanalista paulista Arthur Meucci, coautor de A Vida Que Vale a Pena Ser Vivida (ed. Vozes) comenta sobre os ganhos secundários. "Há jovens que saem de casa para tentar a vida, enquanto outros permanecem na zona de conforto, porque continuam recebendo atenção dos pais e **se** eximem de enfrentar as dificuldades da fase adulta", afirma.

O problema é que, ao fazermos isso, não nos desenvolvemos plenamente. "Todo mundo busca a felicidade, a questão é ter coragem de viver, o que significa correr riscos e assumir responsabilidades", diz ele.

Disponível em: <http://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/noticias /autossabotagem-o-medo-deser- feliz.> (Texto adaptado). Acesso em 29 Abr 2014 3

Texto 5

O QUASE

(Sarah Westphal Batista da Silva)

Ainda pior que a convicção do não, e a incerteza do talvez, é a desilusão de um quase. É o quase que me incomoda, que me entristece, que me mata trazendo tudo que poderia ter sido e não foi. Quem quase passou ainda estuda, quem quase morreu ainda está vivo, quem quase amou não amou. Basta pensar nas oportunidades que escaparam pelos dedos, nas chances que se perdem por medo, nas idéias que nunca sairão do papel por essa maldita mania de viver no outono.

Pergunto-me, às vezes, o que nos leva a escolher uma vida morna; ou melhor, não me pergunto, contesto. A resposta eu sei de cor, está estampada na distância e frieza dos sorrisos na frouxidão dos abraços, na indiferença dos "Bom Dia" quase que sussurrados. Sobra covardia e falta coragem até para ser feliz. A paixão queima, o amor enlouquece, o desejo trai.Talvez esses fossem bons motivos para decidir entre a alegria e a dor, mas não são. Se a virtude estivesse mesmo no meio termo, o mar não teria ondas, os dias seriam nublados e o arco-íris em tons de cinza. O nada não ilumina, não inspira, não aflige nem acalma, apenas amplia o vazio que cada um traz dentro de si.

Não é que fé mova montanhas, nem que todas as estrelas estejam ao alcance, para as coisas que não podem ser mudadas resta-nos somente paciência, porém, preferir a derrota prévia à dúvida da vitória é desperdiçar a oportunidade de merecer. Pros erros há perdão; pros fracassos, chance; pros amores impossíveis, tempo. De nada adianta cercar um coração vazio ou economizar alma. Um romance cujo fim é instantâneo ou indolor não é romance. Não deixe que a saudade sufoque, que a rotina acomode, que o medo impeça de tentar. Desconfie do destino e acredite em você. Gaste mais horas realizando que sonhando, fazendo que planejando, vivendo que esperando porque, embora quem quase morre esteja vivo, quem quase vive já morreu.

Disp. em: <www.pensador.uol.com.br>. Acesso em: 29 Abr 2014.

30 - (IME RJ)

No título do texto 5, a palavra ***"quase"*** aparece precedida do artigo "**O". Nesse** contexto, o artigo tem a função de:

a) particularizar um substantivo.

b) atribuir intensidade à palavra ***"quase".***

c) mudar a classe sintática da palavra ***"quase"*** de adjunto adnominal para adjunto adverbial.

d) mudar a classe gramatical da palavra ***"quase"*** de advérbio para substantivo.

e) mudar o campo semântico da palavra ***"quase".***

TEXTO: 17 - Comum à questão: 31

Os nomes das coisas

Sírio Possenti

1°§ O tema é vasto. Eu poderia começar de várias maneiras. Por exemplo, citando o texto do Prof. Pasquale de hoje (14/08) na *Folha*, que critica os espíritos literalistas, que, por exemplo, acham que não se deve dizer "bater o pênalti", mas sim "bater o tiro livre direto".

2°§ Este exemplo bastaria, mas é razoável citar outros. Sujeitos que dizem este tipo de coisa são, em geral, pouco razoáveis. Se quisessem mesmo ser literais, teriam que dizer algo como "bater (n)a bola”, e não “bater o tiro”. Mas, se eles se dessem conta disso, dar-se-iam (gostaram?) conta de muitas outras coisas, e as trevas começariam a desaparecer da face da Terra.

3°§ Todos os tempos são ricos em debates pobres deste tipo. Nos últimos tempos surgiram exemplos bem interessantes, e vale a pena escolher uma pequena amostra.

4°§ Vejam um comentário de Jânio de Freitas: “Se é para ficar em palavras, eis um acréscimo feito agora ao vocabulário jornalístico: os milicianos palestinos apanhados pelos israelenses são “presos”; o tenente israelense apanhado pelos palestinos é “sequestrado”.” (*FSP*, 05/08/2014). Sem necessidade de comentário.

5°§ Outro exemplo, uma verdadeira aula sobre o tema, que merece uma meditação, mesmo sem tomar partido. É um trecho de entrevista “[com] Issa Quarabe, Ministro palestino de Assuntos de Cativos e Libertos: *Pergunta*: – Palestinos chamam em árabe um homem preso de *cativo* e não de *prisioneiro*. Israel diz que são *terroristas*. Há uma divergência de visões? *Resposta*: – É claro. Os israelenses não os reconhecem como *prisioneiros políticos*; para eles, são *criminosos*. Como povo, consideramos esses homens *guerreiros da liberdade*. São pessoas que deram a vida pela causa. Nós nos recusamos a tratá-los como terroristas. (*FSP*, 14/04/2013).

6°§ Do “apartidário” Painel da *FSP* de 17/4/13: “O PT baixou ordem interna: a expressão *regulação da mídia* será substituída por *democratização da mídia*. O objetivo é evitar que se relacione a ofensiva petista à censura; mas os adversários chamam a isso de *regulação* ou de *censura*”. Nem comento a palavra *ofensiva*, da própria colunista, também “apartidária”.

7°§ Observação de Elio Gaspari: “Eremildo é um idiota e não está entendendo mais nada: quem toca fogo em carros no Brasil é *terrorista*. Em Kiev é *manifestante*. No máximo, quando estocam armas, são *manifestantes radicais*. Quando o Venezuelano Leopoldo Lopez entrega-se à Justiça de punho fechado, é *líder da oposição*. Para os comissários bolivarianos, ele é um terrorista legado aos *manifestantes* que incendiaram a entrada do Ministério Público de Caracas” (*Folha*, 23/02/2013).

8°§ Mas melhor exemplo talvez seja o seguinte, até por não ter conotações ideológicas claras. Um amigo mandou o *link* de uma notícia, da qual extraio (e traduzo rapidamente) uma parte:

9º§ *Muito se tem usado mal ou usado equivocadamente a palavra “literally” (literalmente). “Literally”, claro, significa algo que é realmente verdadeiro [...].Quando usamos as palavras sem seu sentido literal normal, significando algo mais interessante ou impressionante, a palavra correta é, claro, “figuradamente”.*

10°§ Mas as pessoas usam cada vez mais “literally” para enfatizar uma afirmação que não pode ser verdadeira, como “minha cabeça literalmente explodiu quando...”. A primeira definição de literally do Webster é “in a literal sense or matter; actually” (em um sentido ou questão literal; realmente). Sua segunda definição é “in effect; virtually.” (efetivamente; virtualmente). Sobre esta aparente contradição, os autores comentam:

Dado que algumas pessoas consideram o sentido 2 como oposto ao sentido 1, isso é frequentemente criticado como mau uso. No entanto, este uso é puramente hiperbólico e busca um ganho de ênfase, embora frequentemente apareça em contextos em que nenhuma ênfase adicional é necessária.

11°§ Uma conclusão geral: palavras mudam de sentido frequentemente, como o mostra o último exemplo. E palavras são disputadas, marcam posições culturais e/ou ideológicas, como o mostram os outros exemplos.

12°§ A única posição difícil de ser sustentada é a dos que acham que há usos corretos (as palavras referemse às coisas como elas realmente são) e errados (em geral tratados como ideológicos). Os que dizem isso pensam (pensam?) que não são “dominados” por ideologias. É bem engraçado.

(Adaptado de: <http://terramagazine.terra.com.br/blogdosirio/
blog/2014/08/14/os-nomes-das-coisas/>. Acesso em: 14 ago. 2014.)

31 - (PUC MG)

Em todas as alternativas há marcas da interação do autor com o leitor, **EXCETO**:

a) Todos os tempos são ricos em debates pobres deste tipo. (3º §)

b) Os que dizem isso pensam (pensam?) que não são “dominados” por ideologias. (12º §)

c) Mas, se eles se dessem conta disso, dar-se-iam (gostaram?) conta de muitas outras coisas, e as trevas começariam a desaparecer da face da Terra. (1º §)

d) Vejam um comentário de Jânio de Freitas: “Se é para ficar em palavras, [...] (4º §)

TEXTO: 18 - Comum à questão: 32

Acompanhando o circo

[1] Quando se fala em circo, hoje em dia, pode-se [2] pensar tanto no sofisticado Cirque du Soleil, em que se [3] mesclam habilidades pessoais com efeitos de [4] digitalização, como no heroico cirquinho que

perambula [5] pelo interior do país, com sua lona furada e o elenco [6] reduzido a uma única família. Do salto mortal na praça [7] pública às acrobacias com direito a efeitos de raio laser, [8] muita história correu.

[9] Antes de haver o circo tal como o conhecemos – [10] espaço que congrega artistas e números variados – já [11] havia acrobatas, contorcionistas, equilibristas. Há [12] registros em pintura dessas práticas artísticas desde a [13] China de cinco mil anos atrás. Muitas delas eram [14] exercícios de guerreiros; com o tempo, passaram a se [15] sofisticar e a ganhar beleza e harmonia em exibições [16] públicas. Nas pirâmides do Egito existem pinturas de [17] malabaristas; na Índia, números de contorção e salto [18] fazem parte de milenares espetáculos sagrados. Entre [19] os gregos, os sátiros faziam o povo rir, atualizando a [20] linhagem dos palhaços. No Império Romano, teve [21] grande fama o Circus Maximus, com capacidade para [22] 150.000 pessoas. Suas atrações principais: corridas de [23] carruagens, lutas de gladiadores, engolidores de fogo, [24] apresentação de animais ferozes. Destruído por um [25] grande incêndio, deu lugar ao Coliseu, cujas ruínas [26] seguem sendo a grande atração na Roma dos turistas.

[27] No início da era medieval, com o fim do império dos [28] Césares, artistas populares passaram a improvisar apresentações [29] em praças públicas, feiras e largos de igreja: [30] nasciam assim as famílias dos saltimbancos, que [31] viajavam de cidade em cidade para apresentar números [32] cômicos, pirofagia, dança e teatro. É a origem do circo [33] moderno, que só em 1768, na Inglaterra, tomou a forma [34] que hoje todos reconhecemos. Inicialmente a atração [35] central eram números equestres, que passaram a se [36] alternar com o desempenho dos palhaços, dos [37] acrobatas, dos malabaristas, dos trapezistas. Monteiro [38] Lobato, em sua literatura infantil, ainda se refere, [39] genericamente, a "circo de cavalinhos". O sucesso do [40] modelo inglês foi tão grande que essa forma de circo se [41] espalhou pelos quatro cantos do planeta.

[42] O circo brasileiro tropicalizou algumas atrações: o [43] palhaço brasileiro fala muito, ao contrário do europeu, [44] que é sobretudo um mímico. Além disso, é malicioso, [45] cultiva um humor picante e valoriza a malandragem [46] (esta já foi apontada como característica nacional em [47] mais de uma obra literária). Se os europeus apreciam a [48] habilidade dos artistas, os brasileiros sentem-se atraídos [49] pelos números mais perigosos.

[50] Ao longo de sua história, o circo foi incorporando [51] influências e recursos de outras artes. A dança, o teatro, [52] as técnicas do cinema e da TV, a digitalização, tudo [53] passa a constituir atração num espetáculo cuja tônica é [54] sempre a variedade. Boa parte da magia dos circos está [55] na exploração dos limites humanos da força muscular, [56] da destreza dos membros, do equilíbrio: o risco do [57] fracasso iminente é o tempero da exibição. Os mágicos [58] valem-se da ilusão de ótica ou de algum expediente da [59] química para estimular a fantasia do público. Os trapezistas [60] desenham no alto uma coreografia geométrica e [61] harmônica, provocando sustos e admiração. Muito [62] estimados pelo público, os números com animais são [63] fascinantes, mas há quem lembre o sacrifício que [64] representam para um leão, para um elefante ou para um [65] cachorrinho as

incontáveis horas de adestramento – a [66] que não faltam a coerção e o castigo físico, entremeados [67] com as “recompensas” de um torrão de açúcar [68] ou um bolinho de carne.

[69] Os modernistas da semana de 22, entre eles Mário [70] de Andrade, estimavam o caminho popular e a [71] descontração das artes circenses. O poeta Jorge de [72] Lima escreveu um belo poema – “O grande circo [73] místico” –, no qual Edu Lobo e Chico Buarque se [74] basearam para compor a peça musical que tanto [75] sucesso fez. É que o circo dá ensejo ao [76] estabelecimento de um sem-número de tipos e [77] personagens: a lírica bailarina, o gigante feroz, o [78] administrador prepotente... Luzes, cores e músicas [79] entram para sublinhar a força de cada número: o [80] canhão de luz projeta-se no tríplice salto mortal nos [81] trapézios, o repicar da percussão anuncia um momento [82] culminante, os metais desafinados da bandinha acompanham [83] as estripulias dos palhaços. Ou, no caso de um [84] Cirque du Soleil, uma valsa de Strauss pode ser [85] dançada por um casal suspenso no ar. É provável que a [86] concorrência do cinema tenha obrigado as artes [87] circenses a se inspirarem em Hollywood: há uma [88] famosa cena de um filme de Fred Astaire em que esse [89] grande bailarino dança nas paredes e no teto de uma [90] sala.

[91] No fundo de tudo isso, há o nosso fascínio pela [92] força do imprevisível e pelas habilidades excepcionais. [93] Para além do cotidiano, onde tudo parece estar em seu [94] lugar, seduz-nos o talento excepcional, o que ocorre, [95] aliás, com todas as artes. Os coelhos e os pombos que [96] saem da cartola são de verdade, mas fazem parte de [97] um truque. A água que se transforma em flores não é [98] um fenômeno da química, certamente, embora o seja a [99] combustão fosfórica do que parecia ser uma espada de [100] ouro. A graça está em desafiar a lei da gravidade, [101] subverter a fisiologia humana, questionar os limites da [102] física. Ou, nos pequenos dramas e comédias que os [103] circos populares costumavam encenar, misturar o riso e [104] a paixão, satirizar o trágico, bombardear o poderoso, [105] ridicularizar o ditador (quem não se lembra, no cinema, [106] de Chaplin circense encarnando um Hitler que fica [107] chutando a bola de um globo terrestre?). Parece que os [108] pequenos circos interioranos, enfrentando sem recursos [109] a concorrência das mídias eletrônicas que nos prendem [110] aos monitores, estão com os dias contados. Representam [111] esses sobreviventes a resistência heroica dos [112] que ainda acreditam que as pessoas de carne e osso, [113] em cena, exibindo suas habilidades num ato de [114] presença, são em si mesmas uma atração essencial.

(Salvador Correia, inédito)

32 - (PUCCamp SP)

Certas expressões, ao restringirem o sentido de uma palavra ou de outra expressão, limitam a extensão do conteúdo da frase de que fazem parte. Nas frases abaixo, o elemento destacado que produz essa restrição é:

a) *Destruído por um grande incêndio, deu lugar ao Coliseu, cujas ruínas seguem sendo a grande atração na Roma* ***dos turistas****.*

b) *nasciam assim as famílias dos saltimbancos, que viajavam* ***de cidade em cidade*** *para apresentar números cômicos, pirofagia, dança e teatro.*

c) *É a origem do circo moderno, que só em 1768, na Inglaterra, tomou a forma que hoje* ***todos*** *reconhecemos.*

d) *Se os europeus apreciam a habilidade dos artistas,* ***os brasileiros*** *sentem-se atraídos pelos números mais perigosos.*

e) *A dança, o teatro, as técnicas do cinema e da TV, a digitalização,* ***tudo*** *passa a constituir atração num espetáculo cuja tônica é sempre a variedade.*

TEXTO: 19 - Comum à questão: 33

"Nascera inteiramente raquítica, herança do sertão – os maus antecedentes de que falei. Com dois anos de idade lhe haviam morrido os pais de febres ruins no sertão de Alagoas, lá onde o diabo perdera as botas. Muito depois fora para Maceió com a tia beata, única parenta sua no mundo. Uma outra vez se lembrava de coisa esquecida. Por exemplo a tia lhe dando cascudos no alto da cabeça porque o cocuruto de uma cabeça devia ser, imaginava a tia, um ponto vital. Dava-lhe sempre com os nós dos dedos na cabeça de ossos fracos por falta de cálcio. Batia mas não era somente porque ao bater gozava de grande prazer sensual – a tia que não se casara por nojo – é que também considerava de dever seu evitar que a menina viesse um dia a ser uma dessas moças que em Maceió ficavam nas ruas de cigarro aceso esperando homem".

Clarice Lispector, *A hora da estrela*, 1977.

33 - (UNITAU SP)

No fragmento de texto, há uma economia linguística que reduz a colocação de vírgulas e que compõe um traço de estilo, além de conferir ao texto, juntamente com o tema, uma atmosfera de brasilidade. O recurso que garante tal efeito é

a) o uso da oralidade.

b) o uso da erudição.

c) o emprego de um vocabulário regional.

d) o emprego de neologismos.

e) o uso da norma culta.

TEXTO: 20 - Comum à questão: 34

Leia os dois textos abaixo os quais abordam um assunto em comum: miséria.

I “Vivia para a família. Falava pouco, tinha o semblante pensativo. Quando comia, muitas vezes a irmã tirava o melhor pedaço do seu prato para dar a uma das crianças, e ele sempre permitia. Mas seu trabalho e o da irmã eram insuficientes para sustentar uma família tão grande. A miséria aumentou. Certo ano, em um inverno rigoroso, Jean Valjean não encontrou trabalho. A família ficou sem pão. Sem pão. Exatamente como está escrito. Sete crianças. Em uma noite de domingo, o padeiro da aldeia ouviu uma pancada na vidraça gradeada. Correu. Chegou a tempo de ver um braço passando por uma abertura feita por um murro na vidraça. O braço pegou um pão. O padeiro perseguiu o ladrão, que tentava fugir. Era Jean Valjean.” (Cap.3. O Roubo)

II “Sem dinheiro, homem é preso após roubar leite para alimentar filha recém-nascida. Policiais ainda tentaram pagar o produto, mas a gerência de supermercado não aceitou. Um homem foi preso na tarde da segunda-feira, (29), acusado de roubo em um supermercado localizado em um dos trechos da Avenida Durval de Góes Monteiro, no bairro do Tabuleiro, parte alta de Macéio. Edilson José da Silva Júnior, 27, sem residência fixa, foi preso acusado de ter roubado três pacotes de leite em pó do estabelecimento. Em depoimento, na Central da Polícia, Edilson revelou que não tinha dinheiro e sem opção em conseguir alimento para uma filha recém-nascida, foi „obrigado‟ a roubar. Mas a versão do preso não sensibilizou a gerência do supermercado que não retirou a queixa e Edilson terminou autuado em flagrante pelo crime de roubo.”

(Disponível em: http://wwwriachueloemacao.blogspot.com.br/2012/10/
homem-foi-preso-apos-ter-roubado-uma.html. Acesso em: 02 jul.2013.)

34 - (UFPA)

Em contraste com o texto II, na estruturação do texto I, destacam-se:

a) a construção de oposições semânticas e o emprego recorrente de figuras de linguagem, como a metonímia.

b) a apresentação e a descrição das ações do personagem principal de maneira objetiva e sintética.

c) o emprego sistemático de orações coordenadas de forma a dar dinamismo às ações e emoções descritas.

d) o uso de períodos longos e de orações subordinadas gerando uma narrativa mais densa e elaborada.

TEXTO: 21 - Comum à questão: 35

A EDUCAÇÃO PELA SEDA

Vestidos muito justos são vulgares. Revelar formas é vulgar. Toda revelação é de uma vulgaridade abominável.

Os conceitos a vestiram como uma segunda pele, e pode-se adivinhar a norma que lhe rege a vida ao primeiro olhar.

Rosa Amanda Strausz *Mínimo múltiplo comum:* contos.
Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

35 - (UERJ)

pode-se adivinhar a norma que lhe rege a vida ao primeiro olhar.

A expressão destacada reforça o sentido geral do texto, porque remete a uma ação baseada no seguinte aspecto:

a) vulgaridade

b) exterioridade

c) regularidade

d) ingenuidade

TEXTO: 22 - Comum à questão: 36

A MENTE QUE TUDO PODE

O médico me garante que a maioria de nossos males tem origem psicossomática. Talvez a totalidade, ele acrescenta. Do alto de sua longa experiência, garante que pessoas felizes não ficam de cama. Para comprovar a tese, relaciona tipos de personalidade com as doenças: os muito exigentes ficam hipertensos, os nervosos contraem dermatoses, os obsessivos desenvolvem câncer, os estressados sofrem acidentes cardiovasculares. A mente tudo pode. Mente?

O médico não está sozinho. Muita gente acredita que a mecânica newtoniana – a ação e a reação – se aplica à saúde humana com a mesma precisão que às maçãs em queda livre. Li um artigo sobre os males que acometeram pessoas famosas a partir da análise de suas cabeças, do tipo fulano morreu assim porque era assado (assados morreram muitos, porque ousaram pensar). Até parece que nossos miolos são imutáveis e possuem uma característica única, sem direito à tristeza, estresse, euforia, obsessão ou felicidade de vez em quando.

As listas de causa e efeito fazem as previsões de doenças *a posteriori*. Nunca antes dos sintomas. Que mal contrairá o desempregado que teme voltar para casa à noite e comunicar à família que nem biscate conseguiu? Como será hospitalizado o executivo que adora desafio e viciou em estresse? Posto de outra forma, por que uma senhora sem problemas familiares e financeiros, simpática, segura da vida eterna, contraiu um câncer que a matou com dores terríveis? Por que alguns bebês vêm ao mundo com leucemia? Por que indivíduos assumidamente infelizes chegam aos noventa anos infelizmente (para eles) bem de saúde? A satisfação, o amor e o sucesso vacinam contra o vibrião do cólera? Orgasmos múltiplos evitam a AIDS?

Enquanto o psicotudo se alastra, outros médicos destrinçam o genoma e descobrem relações cada vez mais convincentes entre a herança genética e o futuro da pessoa. Ou desvendam as reações químicas que os parasitas usam para penetrar nas células. Ou fazem cirurgias nos fetos.

A mente humana é poderosa, porém não pode tudo. Como disse Montaigne há séculos, ela cria milhares de deuses, mas não faz um rato. Com todo o arsenal de hoje, consegue mudar os roedores a partir do código genético existente. Criar mesmo, do nada, neca. Nem inteligência artificial. O mundo é bem maior do que a nossa imaginação.

Olho para o doutor com desconfiança, ele insiste que as gripes surgem através da queda imunológica devida ao estresse dos dias atuais. Pergunto-lhe por que os vírus não padecem do mesmo mal – ou por que derrotam as mentes psicologicamente equilibradas, bem tranquilas.

E mudo de médico.

GIFFONI, Luiz. http://blogdoluisgiffoni.blogspot.com.br/2015/07/
a-mente-que-tudo-pode.html?spref=fb. Acessado em: 22/07/2015.)

36 - (FCM MG)

Na frase do texto “O médico não está sozinho.”, o uso do artigo definido “o” pode se justificar porque

a) determina um profissional em particular.

b) especifica uma categoria em ascensão.

c) generaliza essa classe profissional.

d) vulgariza esse simples especialista.

TEXTO: 23 - Comum à questão: 37

O EGOÍSMO GREGÁRIO COMO PRINCÍPIO DO REBANHO PÓS-MODERNO

[1] Estamos numa época de promoção do egoísmo, de produção de egos tanto mais cegos ou cegados [2] que não percebem o quanto podem hoje ser recrutados em conjuntos massificados. Em outras palavras, [3] vemos egos, isto é, pessoas que se creem iguais e que, na realidade, passaram a ficar sob o controle do [4] que se deve bem chamar “o rebanho”. Viver em rebanho fingindo ser livre nada mais mostra que uma [5] relação consigo catastroficamente alienada, uma vez que supõe ter erigido como regra de vida uma relação [6] mentirosa consigo mesmo. E, a partir daí, com os outros. Assim, mentimos despudoradamente aos outros, [7] àqueles que vivem fora das democracias liberais, quando lhes dizemos que acabamos – com algumas [8] maquininhas à guisa de presentes ou de armas nas mãos em caso de recusa – de lhes trazer a liberdade [9] individual; na realidade, visamos, antes de tudo, fazer com que entrem no grande rebanho dos [10] consumidores.

[11] Mas qual é, perguntarão, a necessidade dessa mentira? Por que precisamos fazer crer que somos [12] livres quando vivemos em rebanho? E por que precisamos fazer outros crerem que são livres quando [13] vamos colocá-los em rebanho? A resposta é simples. É preciso que cada um vá *livremente* na direção das [14] mercadorias que o bom sistema de produção capitalista fabrica para ele. Digo bem “livremente” pois, [15] forçado, resistiria. Ao passo que livre, pode consentir em querer o que lhe dizem que deve querer enquanto [16] cidadão livre. A obrigação permanente de consumir deve, portanto, ser redobrada por um discurso [17] incessante de liberdade, de uma falsa liberdade, é claro, entendida como permissão para fazer “tudo o que [18] se quer”. Esse duplo discurso é exatamente o das democracias liberais, descambem para a direita ou para [19] a esquerda. É pelo egoísmo que se deve agarrar os indivíduos para arrebanhá-los, pois é o meio mais [20] econômico e racional de ampliar sempre mais as bases do consumo de um conjunto de pessoas [21] permanentemente levadas para necessidades reais ou, quase sempre, supostas.

DUFOUR, Dany-Robert. *O divino mercado*: a revolução cultural
liberal. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2008. p. 23-24. (Adaptado).

37 - (UEG GO)

No texto, o uso da primeira pessoa do plural, alternadamente ao uso da terceira do plural, serve para dar suporte a uma oposição entre dois grupos:

a) as pessoas que têm acesso aos bens de consumo em geral, sendo livres para consumi-los ou não, e aquelas que vivem à margem da sociedade, sem acesso aos bens e às mercadorias produzidas pelo sistema capitalista.

b) aqueles que cultivam e exploram ao extremo as potencialidades da liberdade individual, assimilando os discursos e as práticas do capitalismo, e aqueles que, fora das democracias liberais, vivem em estado de mentira e alienação.

c) as pessoas que cultivam atitudes e comportamentos egoístas, cegadas pelos modos de subjetivação e ação individualistas, e aquelas que, motivadas por um ideal humanista, desenvolvem práticas e atitudes caridosas e benevolentes.

d) aqueles que vivem sob a égide das democracias liberais, que se consideram livres apesar de fazerem aquilo que é determinado socialmente, e aqueles que vivem fora das democracias liberais, considerados comumente como não livres.

TEXTO: 24 - Comum à questão: 38

Aprígio – Saia, Dália! (*Dália abandona o quarto, correndo, em desespero. Sogro e genro, face a face*) Vim aqui para.

Arandir (*para o sogro quase chorando*) – Está satisfeito?

Aprígio – Vim aqui.

Arandir (*na sua cólera*) – Está satisfeito? O senhor é um dos responsáveis. Eu acho que é o senhor. O senhor que está por trás...

Aprígio – Quem sabe?

Arandir – Por trás desse repórter. O senhor teve a coragem de. Ou pensa que eu não sei? Selminha me contou. Contou tudo! O senhor fez insinuações. Insinuações! A meu respeito!

Aprígio – Você quer me.

Arandir (*sem ouvi-lo*) – O senhor fez tudo! Tudo pra me separar de Selminha!

Aprígio – Posso falar?

Arandir (erguendo a voz) – O senhor não queria o nosso casamento!

Aprígio (*violento*) – Escuta! Vim aqui saber! Escuta! Você conhecia esse rapaz?

Arandir (*desesperado*) – Nunca vi.

Aprígio – Era um desconhecido?

Arandir – Juro! Por tudo que há de mais! Que nunca, nunca!

Aprígio – Mentira!

Arandir (*desesperado*) – Vi pela primeira vez!

Aprígio – Cínico! (*muda de tom, com uma Ferocidade*) Escuta! Você conhecia o rapaz. Conhecia! Eram amantes! E você matou. Empurrou o rapaz!

Arandir (*violento*) – Deus sabe!

Aprígio – Eu não acredito em você. Ninguém acredita. Os jornais, as rádios! Não há uma pessoa, uma única, em toda a cidade. Ninguém!

Arandir (*com a voz estrangulada*) – Ninguém acredita, mas eu! Eu acredito, acredito em mim!

Aprígio – Você, olha!

Arandir – Selminha há de acreditar!

Aprígio (*fora de si*) – Cala a boca! (*muda de tom*) Eu te perdoaria tudo! Eu perdoaria o casamento. Escuta! Ainda agora, eu estava na porta ouvindo. Ouvi tudo. Você tentando seduzir a minha filha menor!

Arandir – Nunca!

Aprígio – Mas eu perdoaria, ainda. Eu perdoaria que você fosse espiar o banho da cunhada. Você quis ver a cunhada nua.

Arandir – Mentira!

Aprígio – Eu perdoaria tudo. (*mais violento*) Só não perdoo o beijo no asfalto. Só não perdoo o beijo que você deu na boca de um homem!

Arandir (*para si mesmo*) – Selminha!

Aprígio (*muda de tom, suplicante*) – Pela última vez, diz! Eu preciso saber! Quero a verdade! A verdade! Vocês eram amantes? (*sem esperar a resposta, furioso*) Mas não responda. Eu não acredito. Nunca, nunca, eu acreditarei. (*numa espécie de uivo*) Ninguém acredita!

Arandir – Vou buscar minha mulher. (*Aprígio recua, puxando o revólver*.)

Aprígio (*apontando*) – Não se mexa! Fique onde está!

Arandir (*atônito*) – O senhor vai.

Aprígio – Você era o único homem que não podia casar com a minha filha! O único!

Arandir (*atônito e quase sem voz*) – O senhor me odeia porque. Deseja a própria filha. É paixão. Carne. Tem ciúmes de Selminha.

Aprígio (*num berro*) – De você! (*estrangulando a voz*) Não de minha filha. Ciúmes de você. Tenho! Sempre. Desde o teu namoro, que eu não digo o teu nome. Jurei a mim mesmo que só diria teu nome a teu cadáver. Quero que você morra sabendo. O meu ódio é amor. Por que beijaste um homem na boca? Mas eu direi o teu nome. Direi teu nome a teu cadáver.

(*Aprígio atira, a primeira vez. Arandir cai de joelhos. Na queda, puxa uma folha de jornal, que estava aberta na cama. Torcendo-se. abre o jornal, como uma espécie de escudo ou bandeira. Aprígio atira, novamente, varando o papel impresso. Num espasmo de dor, Arandir rasga a folha. E tomba, enrolando-se no jornal. Assim morre*.)

Aprígio – Arandir! (*mais forte*) Arandir! (*um último canto*) Arandir!

Cai a luz, em resistência, sobre o cadáver de Arandir. Trevas.

(RODRIGUES, Nelson. O beijo no asfalto. Rio de Janeiro:

Nova Fronteira, 1995. p. 101-104.)

38 - (PUC GO)

No teatro, as indicações entre parênteses são chamadas rubricas e são usadas para indicar gestos ou movimentos dos atores. Considerando-se essa informação, assinale a alternativa que revela corretamente a função da sequência de verbos – cair, puxar, abrir, rasgar, tombar, enrolar-se – que antecedem o verbo "morrer" na rubrica anterior à última fala de Aprígio, no excerto de O **beijo no asfalto**:

a) A disposição dos verbos em sequência contribui para criar, no leitor da peça, a expectativa de que Arandir, de alguma forma, escapará de seu fim trágico e terá um final feliz.

b) A sequência de eventos descritos por esses verbos antes do evento da morte de Arandir contribui para criar a atmosfera dramática exigida pela peça.

c) Os verbos de ação dão movimento ao texto, tornando- o dinâmico e muito mais adequado para um romance do que para uma peça de teatro.

d) As ações descritas, na rubrica em questão, têm a função de aproximar a peça de teatro do gênero poesia por meio do ajuste rítmico.

TEXTO: 25 - Comum à questão: 39

A gota que fez transbordar a caixa da paciência de vovó foi um casalzinho folgado. Cansada da algazarra, do som da sanfona, que por três dias e três noites vinha balançando os alicerces da Casa, vovó foi procurar refúgio na paz de seu quarto. Que paz que nada, ali também a festa rolava solta. Abismada, ela viu um casalzinho iniciando sua lua de mel, imaginem onde? Na cama de vovó! Pena que o urinol estivesse vazio. Furiosa, Ana Vitória pensou em apelar para o chicote. Depois seu pensamento voltou para os primeiros dias de seu casamento, lembrou-se da urgência que a fazia deixar tudo por fazer e ir atrás do marido no roçado. Viu a si mesma, viu os dois, ela e o marido, um casal corado e feliz se deitando debaixo de qualquer árvore. Dez meses após o casamento nasceu o primeiro filho, seguido de outros, um por ano. A leveza daquele início parecia tão distante, tão irreal. Uma lagrimazinha de saudade marejou seus olhos abatidos, rolou pela face cansada e foi morrer no peito murcho. Desanimada, ela pensou que nunca mais ia parar de ter filhos, de lavar bundinhas melecadas de cocô. Acabou deixando os pombinhos em paz, eles que aproveitassem a vida enquanto era possível. Mas avisou aos interessados que preferia perder um bom quinhão de suas terras a continuar convivendo com tamanha barafunda. Assim, a ideia remota da criação de um arraial foi posta em prática. Doações foram feitas e o terreno demarcado.

As construções começaram a nascer com a rapidez dos cogumelos. Primeiro a igreja com a torre central, beiral duplo em madeira recortada em bicos. Paredes azuis, janelas brancas. Feinha a pobre igreja, mas nem por isso desprezada. Talvez sua maior virtude estivesse na singeleza, no aconchego. A igrejinha era o orgulho do povoado. Sobre o altar feito por um carpinteiro caprichoso, a imagem de um Cristo cansado, a cabeça pensa, o olhar vazio. Descascado, ensanguentado, provocava nos fieis uma piedade quase dolorosa. Foi nessa igreja que meus pais me apresentaram ao Nosso Criador.

(BARROS, Adelice da Silveira. **Mesa dos inocentes**.
Goiânia: Kelps, 2010. p. 74-75.)

39 - (PUC GO)

A referenciação é o processo pelo qual um elemento linguístico remete a outro elemento. Considerando-se o processo de referenciação no texto, assinale a alternativa em que a palavra em destaque refere-se corretamente à Vovó:

a) “Nem por isso desprezada.”

b) “Ana Vitória pensou em apelar para o chicote.”

c) “Talvez sua maior virtude estivesse na singeleza.”

d) “ela viu um casalzinho iniciando sua lua de mel”.

TEXTO: 26 - Comum à questão: 40

Argumento (Paulinho da Viola)

Tá legal
Eu aceito o argumento
Mas não me altere o samba tanto assim
Olha que a rapaziada está sentindo a falta
De um cavaco, de um pandeiro
Ou de um tamborim.

Sem preconceito
Ou mania de passado
Sem querer ficar do lado
De quem não quer navegar
Faça como um velho marinheiro
Que durante o nevoeiro
Leva o barco devagar.

40 - (FGV)

No verso “Mas não me altere o samba tanto assim”, o pronome “me” não exerce função sintática alguma. Segundo a gramática da língua portuguesa, trata-se de um recurso expressivo de que se serve a pessoa que fala para mostrar que está vivamente interessada no cumprimento da exortação feita. Constitui uso mais comum na linguagem coloquial.

Nas citações abaixo, todas extraídas de **Memórias póstumas de Brás Cubas**, de Machado de Assis, esse recurso ocorre em:

a) Mano Brás, que é que você vai fazer? perguntou-me aflita.

b) ... estou farto de filosofias que me não levam a coisa nenhuma.

c) Mostrou que eu ia colocar-me numa situação difícil.

d) ... achou que devia, como amigo e parente, dissuadir-me de semelhante ideia.

e) Ânimo, Brás Cubas; não me sejas palerma.

TEXTO: 27 - Comum à questão: 41

É possível fazer educação de qualidade sem escola

É possível fazer educação embaixo de um pé de manga? Não só é, como já acontece em 20 cidades brasileiras e em Angola, Guiné-Bissau e Moçambique.

Decepcionado com o processo de “ensinagem”, o antropólogo Tião Rocha pediu demissão do cargo de professor da UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto) e criou em 1984 o CPCD (Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento).

Curvelo, no Sertão mineiro, foi o laboratório da “escola” que abandonou mesa, cadeira, lousa e giz, fez das ruas a sala de aula e envolveu crianças e familiares na pedagogia da roda. “A roda é um lugar da ação e da reflexão, do ouvir e do aprender com o outro. Todos são educadores, porque estão preocupados com a aprendizagem. É uma construção coletiva”, explica.

O educador diz que a roda constrói consensos. “Porque todo processo eletivo é um processo de exclusão, e tudo que exclui não é educativo. Uma escola que seleciona não educa, porque excluiu alguns. A melhor pedagogia é aquela que leva todos os meninos a aprenderem. E todos podem aprender, só que cada um no seu ritmo, não podemos uniformizar.”

Nesses 30 anos, o educador foi engrossando seu dicionário de terminologias educacionais, todas calcadas no saber popular: surgiu a pedagogia do abraço, a pedagogia do brinquedo, a pedagogia do sabão e até oficinas de cafuné. Esta última foi provocada depois que um garoto perguntou: “Tião, como faço para conquistar uma moleca?” Foi a deixa para ele colocar questões de sexualidade na roda.

Para resolver a falência da educação, Tião inventou uma UTI educacional, em que “mães cuidadoras” fazem “biscoito escrevido” e “folia do livro” (biblioteca em forma de festa) para ajudar na alfabetização. E ainda colocou em uso termos como “empodimento”, após várias vezes ser questionado pelas comunidades: “Pode [fazer tal coisa], Tião?” Seguida da resposta certeira: “Pode, pode tudo”.

Aos 66 anos, Tião diz estar convicto de que a escola do futuro não existirá e que ela será substituída por espaços de aprendizagem com todas as ferramentas possíveis e necessárias para os estudantes aprenderem.

“Educação se faz com bons educadores, e o modelo escolar arcaico aprisiona e há décadas dá sinais de falência. Não precisamos de sala, precisamos de gente. Não precisamos de prédio, precisamos de espaços de aprendizado. Não precisamos de livros, precisamos ter todos os instrumentos possíveis que levem o menino a aprender.”

Sem pressa, seguindo a Carta da Terra e citando Ariano Suassuna para dizer que “terceira idade é para fruta: verde, madura e podre”, Tião diz se sentir “privilegiado” de viver o que já viveu e acreditar na utopia de não haver mais nenhuma criança analfabeta no Brasil. “Isso não é uma política de governo, nem de terceiro setor, é uma questão ética”, pontua.

(*Qsocial*, 09/12/2014. Disponível em http://www.cpcd.org.br/
portfolio/e_possivel_fazer_educacao_de_qualidade_100_escola/.)

41 - (UNICAMP SP)

Em relação ao trecho “*E ainda colocou em uso termos como ‘empodimento’, após várias vezes ser questionado pelas comunidades: ‘Pode [fazer tal coisa], Tião?’ Seguida da resposta certeira: ‘Pode, pode tudo’*”, é correto afirmar:

a) A expressão “Seguida da resposta certeira” indica a elipse de uma outra expressão.

b) A criação da palavra “empodimento” é resultado de um processo: sufixação.

c) A repetição do verbo no enunciado “Pode, pode tudo” exemplifica o estilo reiterativo do texto.

d) O discurso direto presente no trecho tem a função de dar voz às comunidades.

GABARITO:

1) Gab: E

2) Gab: A

3) Gab: D

4) Gab: D

5) Gab: A

6) Gab: A

7) Gab: D

8) Gab: C

9) Gab: B

10) Gab: A

11) Gab: C

12) Gab: A

13) Gab: D

14) Gab: B

15) Gab: A

16) Gab: A

17) Gab: A

18) Gab: B

19) Gab: D

20) Gab: D

21) Gab: A

22) Gab: C

23) Gab: D

24) Gab: C

25) Gab: A

26) Gab: C

27) Gab: E

28) Gab: C

29) Gab: C

30) Gab: D

31) Gab: A

32) Gab: A

33) Gab: A

34) Gab: C

35) Gab: B

36) Gab: C

37) Gab: D

38) Gab: B

39) Gab: B

40) Gab: E

41) Gab: A

Exercícios com Gabarito de Português Sintaxe - Pontuação

1) (Fuvest-1998) Os sinais de pontuação foram bem utilizados em:

a) Nesse instante, muito pálido, macérrimo, Prudente de Morais entrou no Catete, sentou-se e, seco, declarou ao silêncio atônito dos que o contemplavam: "Voltei."
b) "Mãe onde estão os nossos: os parentes, os amigos e os vizinhos?" Mãe, não respondia.
c) Os estados, que ainda devem ao governo, não poderão obter financiamentos, mas os estados que já resgataram suas dívidas ainda terão créditos.
d) Ao permitir a apreensão, de jornais e revistas, o projeto, retira do leitor o direito a ser informado pelo veículo que ele escolheu.
e) Assim, passa-se a permitir, condenações absurdas, desproporcionais aos danos causados.

2) (ITA-2002) O Programa Mulheres está mudando. Novo cenário, novos apresentadores, muito charme, mais informação, moda, comportamento e prestação de serviços. Assista amanhã, a revista eletrônica feminina que é a referência do gênero na TV.

a) Por que não está adequada a vírgula empregada após a palavra “amanhã”?
b) A inclusão de uma vírgula após o termo “feminina” alteraria o entendimento da frase. Nesse caso, o que seria modificado em relação ao significado de “revista eletrônica feminina”?

3) (Fuvest-2002) As aspas marcam o uso de uma palavra ou expressão de variedade lingüística diversa da que foi usada no restante da frase em:
a) Essa visão desemboca na busca ilimitada do lucro, na apologia do empresário privado como o “grande herói” contemporâneo.
b) Pude ver a obra de Machado de Assis de vários ângulos, sem participar de nenhuma visão “oficialesca”.
c) Nas recentes discussões sobre os “fundamentos” da economia brasileira, o governo deu ênfase ao equilíbrio fiscal.
d) O prêmio Darwin, que “homenageia” mortes estúpidas, foi instituído em 1993.
e) Em fazendas de Minas e Santa Catarina, quem aprecia o campo pode curtir o frio, ouvindo “causos” à beira da fogueira.

4) (FGV-2002) O rápido e grande avanço observado no ambiente da produção, por meio do surgimento de novas estratégias de manufatura, impôs mudanças profundas na forma de produzir. Uma das técnicas mais atingidas por essas mudanças é a que se refere ao gerenciamento de custos.
Até os anos 70, as despesas diretas de mão-de-obra e material respondiam pela quase totalidade dos custos totais. Despesas indiretas, como qualidade, controle de produção, compras etc., representavam uma pequena proporção desses custos. Em decorrência, os métodos tradicionais de alocação das despesas indiretas recomendavam, por uma questão de simplificação, meramente ratear tais despesas, com base em critérios pouco complexos.
Entretanto, a estrutura de custos dos produtos vem alterando-se muito nos últimos tempos. Antes, as despesas indiretas representavam apenas algo em torno de 5% dos custos; hoje, já alcançam valores médios superiores a 35%, havendo casos de empresas em que elas podem atingir 70%.
Por outro lado, no passado, os custos de medição das despesas eram elevados, e a diversificação dos produtos, pequena. Hoje, com o avanço tecnológico, os custos de medição estão menores e permitem apuração mais precisa. Nos tempos atuais, também a diversidade de produtos e serviços vem crescendo devido à tendência de se procurar atingir uma operação que atenda aos clientes com produtos e serviços personalizados. Essas considerações permitem afirmar que o sistema tradicional de levantamento de custos tornou-se inadequado.
(Adaptado de COGAN, Samuel. São Paulo: RAE - Revista de Administração de Empresas, volume 39, número 2, abril-junho de 1999, p. 47)

No último parágrafo do texto, há uma vírgula entre produtos e pequena. Essa vírgula:
a) Está correta, já que separa o sujeito de seu verbo.
b) Está incorreta por separar um substantivo do respectivo adjetivo.
c) Está correta, pois indica a omissão de um verbo.
d) Está incorreta, pois separa do núcleo do sujeito o seu adjunto adnominal.
e) Está correta, pois é normal separar com vírgula o sujeito de seu predicativo.

5) (FGV-2002) Assinale a alternativa correta quanto ao uso da vírgula.
a) A gentil atendente, anotou meu recado.
b) Observem por exemplo, o número de acidentes nas estradas.
c) Aqueles objetos eram, na ocasião, meros acessórios.
d) O chefe da equipe deve promover, bom convívio, entre seus auxiliares.
e) Encerrado o espetáculo, saíram os artistas, e o público.

6) (Mack-2002) Embalo da canção
01 Que a voz adormeça

02 que canta a canção!
03 Nem o céu floresça
04 nem floresça o chão.

05 (Só - minha cabeça,
06 Só - meu coração.
07 Solidão.)

08 Que não alvoreça
09 nova ocasião!
10 Que o tempo se esqueça
11 de recordação!

12 (Nem minha cabeça
13 nem meu coração.
14 Solidão!)
Cecília Meireles

Assinale a alternativa correta sobre o texto.
a) As formas verbais presentes na primeira estrofe expressam certezas.
b) A redundância de paralelismos concretiza o ritmo sugerido no título do poema.
c) O uso dos travessões (versos 5 e 6) atenua o sentido de solidão.
d) Na terceira estrofe, a recordação do passado é ironizada pelo eu.
e) Na terceira estrofe, nova ocasião e recordação referem-se a experiências vividas num mesmo momento do passado.

7) (FGV-2001) Nas frases abaixo, em cada um dos retângulos, você pode colocar ou não um sinal de pontuação.
Quando decidir usar ponto, não é necessário corrigir, com letra maiúscula, a palavra seguinte.

Habituada a alardear previsões catastróficas[ ] nem sempre confirmadas[ ] a Organização Mundial de Saúde[ ]OMS[ ]resolveu promover[ ]um tardio acerto de contas[ ]com as conquistas[ ]forjadas no interminável duelo da humanidade[ ]contra a morte[ ]o relatório anual da entidade[ ]divulgado neste mês[ ] conclui o seguinte[ ]“a população mundial[ ] nunca teve uma perspectiva[ ] de vida tão saudável[ ]o século XXI não traz simplesmente a probabilidade de uma vida mais longa[ ]mas também [ ]uma qualidade de vida superior[ ]com menos doenças[ ]”

8) (UNIUBE-2002) A questão abaixo refere-se ao texto retirado de “Dom Casmurro”, de Machado de Assis, transcrito abaixo.

Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei num trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos. A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem inteiramente maus. Sucedeu, porém, que, como eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso.
- Continue, disse eu acordando.
- Já acabei, murmurou ele.
- São muito bonitos.
Vi-lhe fazer um gesto para tirá-los outra vez do bolso, mas não passou do gesto; estava amuado. No dia seguinte entrou a dizer de mim nomes feios, e acabou alcunhando-me “Dom Casmurro”. Os
vizinhos, que não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha, que afinal pegou. Nem por isso me zanguei. Contei a anedota aos amigos da cidade, e eles, por graça, chamam-me assim, alguns em bilhetes: “Dom Casmurro, domingo vou jantar com você.” “ ___ Vou para Petrópolis, Dom Casmurro; a casa é a mesma da Renânia; vê se deixas essa caverna do Engenho Novo, e vai lá passar uns quinze dias comigo.” “___ Meu caro Dom Casmurro, não cuide que o dispenso do teatro amanhã; venha e dormirá aqui na cidade; dou-lhe camarote, dou-lhe chá, dou-lhe cama; só não lhe dou moça.”
Não consultes dicionários. “Casmurro” não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. “Dom” veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo. Tudo por estar cochilando! Também não achei melhor título para a minha narração ___ se não tiver outro daqui até ao fim do livro, vai este mesmo. O meu poeta do trem ficará sabendo que não lhe guardo ranço. E com pequeno esforço, sendo o título seu, poderá cuidar que a obra é sua. Há livros que apenas terão isso dos seus autores; alguns nem tanto.

Em todas as alternativas os recursos gráficos estão adequadamente explicados, **EXCETO**:
a) O travessão foi usado no quinto parágrafo para introduzir os diferentes bilhetes, escritos por diferentes pessoas.
b) As aspas em “Dom” foram utilizadas para indicar que a palavra é um estrangeirismo.
c) O travessão foi usado nos parágrafos 2, 3 e 4 para indicar a fala dos interlocutores no diálogo.
d) As aspas estão sendo usados em “Dom Casmurro, domingo vou jantar com você” para indicar uma citação.

9) (FGV-2001) Leia atentamente o fragmento de texto abaixo, de As Três Marias, de Rachel de Queiroz. Depois, responda à questão nele baseada.
As irmãs [Trata-se de **freiras**, como se perceberá adiante.- Nota da Banca Examinadora] me intimidavam sempre, como no primeiro dia.Não saberia nunca ficar à vontade com elas, como Glória, discutir, pedir coisas. E, muito menos, igual a Maria José, escolher entre as irmãs uma amiga, tomá-la como conselheira e confidente.

E dava-me mágoa essa inibição; as irmãs eram porém tão distantes, tão diferentes! Ser-me-ia impossível descobrir entre mim e elas pontos de identificação, como o faziam Maria José e Glória. Considerava-as fora da humanidade, não me abandonara nunca a impressão de distância sobrenatural que me haviam dado na noite da chegada. Não conseguiria imaginar uma irmã, comendo, vestindo-se, dormindo; não podia crer que houvesse um coração de mulher, um corpo de mulher debaixo da lã pesada do hábito.

No segundo parágrafo do texto, um termo deveria, de acordo com a norma culta, ter-se apresentado entre vírgulas. Diga qual é esse termo e explique por que ele deveria ter vindo entre vírgulas.

10) (ITA-2001) Leia o texto seguinte:

Levantamento inédito com dados da Receita revela quantos são, quanto ganham e no que trabalham os ricos brasileiros que pagam impostos. (...)
Entre os nove que ganham mais de 10 milhões por ano, há cinco empresários, dois empregados do setor privado, um que vive de rendas. O outro, quem diria, é servidor público.
(Veja, 12/7/2000.)

a) A ausência de vírgula no trecho em destaque, no primeiro parágrafo, afeta o sentido? Justifique.
b) Por que o emprego da vírgula é obrigatório no trecho em destaque, no segundo parágrafo? O que esse trecho permite inferir?

11) (UFSCar-2000) O cajueiro já devia ser velho quando nasci. Ele vive nas mais antigas recordações de minha infância: belo, imenso, no alto do morro, atrás de casa. Agora vem uma carta dizendo que ele caiu.
Eu me lembro do outro cajueiro que era menor, e morreu há muito mais tempo. Eu me lembro dos pés de pinha, do cajá-manga, da grande touceira de espadas-de-são-jorge (que nós chamávamos simplesmente "tala") e da alta saboneteira que era nossa alegria e a cobiça de toda a meninada do bairro, porque fornecia centenas de bolas pretas para o jogo de gude. Lembro-me da tamareira, e de tantos arbustos e folhagens coloridas, lembro-me da parreira que cobria o caramanchão, e dos canteiros de flores humildes, "beijos", violetas. Tudo sumira; mas o grande pé de fruta-pão ao lado de casa e o imenso cajueiro lá no alto eram como árvores sagradas protegendo a família. Cada menino que ia crescendo ia aprendendo o jeito de seu tronco, a cica de seu fruto, o lugar melhor para apoiar o pé e subir pelo cajueiro acima, ver de lá o telhado das casas do outro lado e os morros além, sentir o leve balanceio na brisa da tarde.
(Rubem Braga: Cajueiro. In: **O Verão e as Mulheres**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1991, p. 84-5.)

Uma das normas estabelecidas para o uso da vírgula impõe que este sinal de pontuação serve para separar elementos que exercem a mesma função sintática, desde que tais elementos não venham unidos por conjunções aditivas. Este princípio vem formulado em muitas Gramáticas, entre as quais a de Celso Cunha, Gramática do Português Contemporâneo, e a de Gladstone Chaves de Melo, Gramática Fundamental da Língua Portuguesa. Rubem Braga desobedeceu a essa norma no trecho:
a) O cajueiro já devia ser velho quando nasci.
b) Eu me lembro dos pés de pinha, do cajá-manga, da grande touceira de espadas-de-são-jorge ...
c) Lembro-me da tamareira, e de tantos arbustos e folhagens coloridas, lembro-me da parreira ...
d) Tudo sumira; mas o grande pé de fruta-pão ao lado de casa e o imenso cajueiro lá no alto ...
e) ... ia aprendendo o jeito de seu tronco, a cica de seu fruto, o lugar melhor para apoiar o pé e subir pelo cajueiro acima ...

12) (UFPE-1996) Assinale o trecho que apresenta correção ortográfica, gramatical e sintática:
a) A cidade na virada da década de 1890 ganha as primeiras marcas do progresso, impressas pelo prefeito. Vapores singram as águas. Surge a iluminação a gás. Conclui-se com base nestas informações, que o desenvolvimento teve início nessa década.
b) A cidade, na virada da década de 1890, ganha as primeiras marcas do progresso, impressas pelo prefeito. Vapores singram as águas. Surge a iluminação a gás. Conclui-se, com base nestas informações, que o desenvolvimento teve início nessa década.
c) A cidade, na virada da década de 1890, ganha as primeiras marcas do progresso, impressas pelo prefeito. Vapores singram as águas. Surje a iluminação a gaz. Conclue-se, com base nestas informações que o desenvolvimento teve início nesta década.
d) A cidade, na virada da década de 1890, ganham as primeiras marcas do progresso, impressas pelo prefeito. Vapores singram as águas. Surgem a iluminação a gás. Conclui-se, com base nessas afirmações, que o desenvolvimento teve início nessa década.
e) A cidade, na virada da década de 1890, ganha as primeiras marcas do progresso, impresso pelo prefeito. Vapores cingram as águas. Surje a iluminação a gás. Conclue-se, com base nestas informações, que o desenvolvimento teve início nessa década.

13) (UFPE-1996) Assinale o par de frases que apresenta falha(s), na pontuação.
a) As mulheres, dizem as feministas, aperfeiçoam os homens.
A voz de Gilka, está cheia de acentos nunca dantes escutados.
b) Nada, nos másculos versos de Francisca Júlia denuncia, a mulher.

Em TRÊS MARIAS, o esmagamento do personagem é mais contundente
c) Em 1980, a autora, sai de cena, discretamente, como sempre viveu.
Agora, na residência deles, falou da viagem das irmãs.
d) A garota, sentia-se como única responsável pela caçula.
O olhar, iluminava sua face, com um sorriso doce.
e) Menina, venha cá. Vamos nadar?
Durante 10 anos, o governo holandês ocupou a ilha.

14) (UECE-2002) O ÓDIO À DIFERENÇA
É milenar o hábito de estranhamento entre os homens. Indivíduos que por algum motivo destoam num grupo qualquer costumam provocar sentimentos de antipatia entre aqueles que se sentem iguais entre si - e superiores ao que lhes parece diferente. O racismo, baseado em preconceito, nasce daí. Povos mais escuros, mais pobres, menos cultos ou simplesmente de outra etnia sempre foram vítimas de desprezo irracional por parte de coletividades que se consideram superiores na comparação.
(*VEJA*. 26/9/2001)

Na sentença, *O racismo, baseado em preconceito, nasce daí*, o fato de a expressão *baseado em preconceito* vir entre vírgulas indica que
a) todo racismo se apóia em preconceito
b) há um racismo apoiado em preconceito e outro não apoiado em preconceito
c) há diferença entre o racismo apoiado e o não apoiado em preconceito
d) há mais racismo apoiado em preconceito do que racismo não apoiado em preconceito

15) (Unitau-1995) "Vivemos numa época de tamanha insegurança externa e interna, e de tamanha carência de objetivos firmes, que a simples confissão de nossas convicções pode ser importante, mesmo que essas convicções, como todo julgamento de valor, não possam ser provadas por deduções lógicas.
Surge imediatamente a pergunta: podemos considerar a busca da verdade - ou, para dizer mais modestamente, nossos esforços para compreender o universo cognoscível através do pensamento lógico construtivo - como um objeto autônomo de nosso trabalho? Ou nossa busca da verdade deve ser subordinada a algum outro objetivo, de caráter prático, por exemplo? Essa questão não pode ser resolvida em bases lógicas. A decisão, contudo, terá considerável influência sobre nosso pensamento e nosso julgamento moral, desde que se origine numa convicção profunda e inabalável Permitam-me fazer uma confissão: para mim, o esforço no sentido de obter maior percepção e compreensão é um dos objetivos independentes sem os quais nenhum ser pensante é capaz de adotar uma atitude consciente e positiva ante a vida.
Na própria essência de nosso esforço para compreender o fato de, por um lado, tentar englobar a grande e complexa variedade das experiências humanas, e de, por outro lado, procurar a simplicidade e a economia nas hipóteses básicas. A crença de que esses dois objetivos podem existir paralelamente é, devido ao estágio primitivo de nosso conhecimento científico, uma questão de fé. Sem essa fé eu não poderia ter uma convicção firme e inabalável acerca do valor independente do conhecimento.
Essa atitude de certo modo religiosa de um homem engajado no trabalho científico tem influência sobre toda sua personalidade. Além do conhecimento proveniente da experiência acumulada, e além das regras do pensamento lógico, não existe, em princípio, nenhuma autoridade cujas confissões e declarações possam ser consideradas "Verdade " pelo cientista. Isso leva a uma situação paradoxal: uma pessoa que devota todo seu esforço a objetivos materiais se tornará, do ponto de vista social, alguém extremamente individualista, que, a princípio, só tem fé em seu próprio julgamento, e em nada mais. É possível afirmar que o individualismo intelectual e a sede de conhecimento científico apareceram simultaneamente na história e permaneceram inseparáveis desde então. "
(Einstein, in: O Pensamento Vivo de Einstein, p. 13 e 14, 5a. edição, Martin Claret Editores)

Na frase "Vivemos numa época de tamanha insegurança externa e interna, e de tamanha carência de objetivos firmes..." o autor usou a vírgula antes da conjunção "e". Isso está:
a) correto conforme a gramática normativa porque é sujeito composto.
b) correto conforme a gramática normativa porque há sujeitos diferentes.
c) errado conforme a gramática normativa porque é sujeito composto.
d) errado conforme a gramática normativa, mas o autor usou esse recurso para realçar o pensamento que se segue.
e) errado conforme a gramática normativa porque há somente um objeto direto.

16) (FGV-1999) Em cada um dos retângulos abaixo, você poderá colocar ou não um sinal de pontuação. Sua decisão não deverá contrariar as regras de pontuação vigentes. Quando decidir utilizar ponto, não é necessário corrigir, com letra maiúscula, a palavra seguinte.

Não reescreva o texto.

Quem ensina ou orienta [ ] precisa desenvolver [ ] a habilidade de ser empático [ ] a empatia [ ] consiste [ ] na capacidade de colocar-se [ ] no lugar do outro [ ] de ver as coisas da perspectiva dele [ ] por exemplo [ ] uma professora [ ] ao avaliar um novo jogo de palavras cruzadas destinado a ampliar [ ] o vocabulário de suas crianças [ ] pode achá-lo fascinante [ ] mas deve perguntar-se [ ] se as crianças lidarão bem com o novo jogo [ ] será que elas vão gostar [ ] será que vão entender as regras de funcionamento [ ] será que o vocabulário vai realmente ser ampliado [ ]

17) (FGV-1998) Em cada um dos espaços abaixo, você poderá:
colocar um ponto ou colocar uma vírgula ou não colocar nada.
Em cada caso, esteja atento ao sentido do texto e às regras de pontuação para decidir por uma das opções.
Quando decidir utilizar ponto, não é necessário corrigir, com letra maiúscula, a palavra seguinte.
Não utilize outros sinais de pontuação.
Não reescreva o texto.

Não há dúvida __ de que __ as empresas de auditoria __ incorporaram __ a automação às suas atividades __ não obstante esse fato __ varia muito __ o tipo de abordagem utilizado para implantar a automação __ por exemplo __ às vezes __ nos casos em que a automação das auditorias __ depende do prestígio do cliente __ segue-se __ uma abordagem baseada na hierarquia das prioridades __ em outros casos __ é usado __ um processo mais segmentado __ automatizando por partes a auditoria __ sem que haja grande preocupação com uma visão mais holística __ ocasionalmente se adota uma combinação dessas duas abordagens __
(Adaptado da revista HSM - Management, ano 1, número 4, setembro-outubro de 1997, p. 140.)

18) (Fuvest-2003) Eu te amo
Ah, se já perdemos a noção da hora,
Se juntos já jogamos tudo fora,
Me conta agora como hei de partir...

Se, ao te conhecer, dei pra sonhar, fiz tantos desvarios,
Rompi com o mundo, queimei meus navios,
Me diz pra onde é que inda posso ir...
(...)
Se entornaste a nossa sorte pelo chão,
Se na bagunça do teu coração
Meu sangue errou de veia e se perdeu...
(...)
Como, se nos amamos como dois pagãos,
Teus seios inda estão nas minhas mãos,
Me explica com que cara eu vou sair...

Não, acho que estás só fazendo de conta,
Te dei meus olhos pra tomares conta,
Agora conta como hei de partir...
(Tom Jobim - Chico Buarque)

Examinando-se aspectos construtivos deste texto, verifica-se que
a) todas as ocorrências da conjunção se expressam uma condição, com o sentido de no caso de.
b) o emprego de como, no início da quarta estrofe, é uma retomada de “como hei de partir”, da primeira estrofe.
c) A repetição de conta, na última estrofe, reitera a mesma idéia do custo que a separação representa para o sujeito.
d) o emprego da vírgula depois de Não, na última estrofe, é facultativo, uma vez que a partícula negativa tem aqui o valor de uma simples ênfase.
e) o efeito dramático nele obtido nasce da reiterada oposição entre ações transcorridas no passado.

19) (GV-2003) Leia atentamente o texto e responda à questão que a ele se refere.

Pode-se abordar o estudo das organizações asseverando a unicidade de toda estrutura social e evitando qualquer generalização, até que se tenha à mão prova empírica de similaridade bem aproximada. Foi esse o ponto de vista aconselhado à equipe de pesquisa da Universidade de Michigan pelos líderes de quase todas as organizações estudadas.- Nossa organização é única; de fato, não podemos ser comparados a qualquer outro grupo, declarou um líder ferroviário. Os ferroviários viam seus problemas organizacionais como diferentes de todas as demais classes; o mesmo acontecia com os altos funcionários do governo. Os dirigentes das companhias de seguros reagiam da mesma forma, o que também era feito pelos diretores de empresas manufatureiras, grandes e pequenas.
Entretanto, no momento em que começavam a falar de seus problemas, as reivindicações que faziam de sua unicidade tornavam-se invalidadas. Através de uma análise de seus problemas teria sido difícil estabelecer diferença entre o diretor de uma estrada de ferro e um alto funcionário público, entre o vice-presidente de uma companhia seguradora e seu igual de uma fábrica de automóveis. Conquanto haja aspectos únicos em qualquer situação social, também existem padrões comuns e, quanto mais nos aprofundamos, maiores se tornam as similaridades genotípicas.
Por outro lado, o teorista social global pode ficar tão envolvido em certas dimensões abstratas de todas as situações sociais que ele será incapaz de explicar as principais origens de variação em qualquer dada situação. O bom senso indica para esse problema a criação de uma tipologia. Nesse caso, são atribuídos às organizações certos tipos a respeito dos quais podem ser feitas generalizações. Assim, existem organizações voluntárias e involuntárias, estruturas democráticas e autocráticas, hierarquias centralizadas e descentralizadas, associações de expressão e aquelas que agem como instrumentos. As organizações são classificadas de maneira ainda mais comum,

de acordo com suas finalidades oficialmente declaradas, tais como educar, obter lucros, promover saúde, religião, bem-estar, proteger os interesses dos trabalhadores e recreação.
Adaptado de KATZ, Daniel e KAHN, Robert L., p. 134-135. Psicologia Social das Organizações. São Paulo: Atlas, 1970.
Obs.: Asseverando significa afirmando com certeza, assegurando.

Assinale a alternativa correta referente ao período “Conquanto haja aspectos únicos em qualquer situação social, também existem padrões comuns e, quanto mais nos aprofundamos, maiores se tornam as similaridades genotípicas”.
a) A primeira palavra da primeira oração indica uma conclusão do que foi dito anteriormente.
b) A segunda oração expressa uma concessão em relação à primeira.
c) O verbo haver (primeira oração) tem sujeito claro.
d) O verbo existir (segunda oração) não tem sujeito.
e) Nesse período, há um erro de pontuação, pois não pode ocorrer vírgula após a conjunção e.

20) (FEI-1995) Assinalar a alternativa cujo período dispensa a uso de vírgula:
a) Nesse trabalho ficou patente a competência dos jovens frente à nova situação.
b) O autor busca um meio capaz de gerar um conjunto potencialmente infinito de formas com suas propriedades típicas.
c) Apreensivo ora se voltava para a janela ora examinava o documento.
d) Suas palavras embora gentis continham um fundo de ironia.
e) Tudo isto é muito válido mas tem seus inconvenientes.

21) (ITA-2000) Assinale a opção em que o emprego da vírgula está em desacordo com as prescrições das regras gramaticais da norma culta:

a) Com a vigência da nova lei, as instituições puderam usar processos alternativos ao vestibular convencional, baseado, principalmente na avaliação dos conteúdos. (*Folha de S. Paulo,* 24/8/1999.)
b) Elevar-se é uma aspiração humana a que música, essa arte próxima do divino, assiste com uma harmonia quase celestial. (*Bravo!,* 7/1998.)
c) Estamos começando a mudar, mas ainda pagamos um preço alto por isso. (*IstoÉ,* 5/11/1997.)
d) Medicamentos de última geração, aliás, são apenas coadjuvantes no tratamento dos males do sono. (*Época,* 3/8/1998.)
e) Acho impossível, e mesmo raso, analisar que é o teatro infantil fora de um contexto social. (*O Estado de S. Paulo,* 4/7/1999.)

22) (Vunesp-Ilha Solteira-2001) Questão de Pontuação

Todo mundo aceita que ao homem
cabe pontuar a própria vida:
que viva em ponto de exclamação
(dizem: tem alma dionisíaca);

viva em ponto de interrogação
(foi filosofia, ora é poesia);
viva equilibrando-se entre vírgulas
e sem pontuação (na política):

o homem só não aceita do homem
que use a só pontuação fatal:
que use, na frase que ele vive
o inevitável ponto final.
Museu de Tudo e Depois. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 146.

Observe a pontuação no poema de João Cabral.
No verso “(dizem: tem alma dionisíaca)”, qual o sentido que os dois pontos expressam?
Reescreva os dois versos finais do poema, empregando a pontuação adequada.

23) (PUC-RS-2001) A zona franca do pensamento

Qual é a invenção que lhe deixa mais perplexo, aquela que foge à sua compreensão? Tantas. O avião, por exemplo. Como consegue voar aquele zepelin de aço, com 300 passageiros e suas respectivas bagagens provenientes de Miami? Internet: eu aqui e você em Cingapura, conversando a um custo de eu aqui e você ali na esquina. Fax: coloco uma folha de papel num aparelhinho e ele sai reproduzido, no mesmo instante, em Guiné-Bissau. Televisão: uma câmera capta minha imagem e eu apareço, ao mesmo tempo, num casebre do Morro da Cruz e numa mansão da Barra da Tijuca, ao vivo e em cores. Ultra-sonografia. Gestação in vitro. Clonagem. Reverencio a tecnologia hoje me arrependo de ter matado algumas aulas de física e biologia, que me ajudariam a entender melhor como funciona o mundo que me cerca. Só numa invenção pisoteio e cuspo em cima: no detector de mentiras. (...) Uma geringonça que se julga capaz de adivinhar o que pensamos!
O pensamento é o território mais protegido do mundo, e ao mesmo tempo o mais livre. Nele cabe um mundaréu de gente, todas as que conhecemos e mais aquelas que

imaginamos, e delas somos seu deus e seu diabo. (...) O pensamento não tem fronteiras, lógica, advogado de defesa ou carrasco. **É zona franca, terra de ninguém**. Vivemos cercados de microcâmeras, pardais, caetanos, alarmes. Somos constantemente **vigiados**, qualquer um nos localiza, identifica, surpreende. O pensamento é o único lugar onde ainda estamos seguros, onde nossa loucura é permitida e todos os nossos atos são inocentes. Que se instale um novo mundo cibernético, mas que virem sucata esses detectores de mentiras, tão sujeitos a falhas. Dentro do pensamento, não há tecnologia que consiga nos achar.
Marta Medeiros Zero Hora, 31/03/1999 (adaptado)

Quanto à pontuação utilizada no texto, **não** é correto afirmar que

a) as vírgulas de "sai reproduzido, no mesmo instante, em Guiné-Bissau." poderiam ser retiradas sem prejuízo para o significado da frase.
b) as vírgulas em ***"****uma câmera capta minha imagem e eu apareço, ao mesmo tempo, num casebre do Morro da Cruz e numa mansão da Barra da Tijuca, ao vivo e em cores*" enfatizam uma circunstância de tempo.
c) as vírgulas em "O pensamento não tem fronteiras, lógica, advogado de defesa ou carrasco" separam termos de mesma função sintática.
d) a vírgula da frase "É zona franca, terra de ninguém." indica elipse do verbo.
e) a vírgula após "vigiados" poderia ser substituída por ponto-e-vírgula ou por dois pontos, sem prejuízo para a correção do período.

24) (FGV-2003) Leia o fragmento abaixo, do conto A cartomante de Machado de Assis. Depois, responda às perguntas.
"Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante."
Justifique o uso da vírgula depois da conjunção e, no seguinte trecho do texto:
"...e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado..."

25) (FGV-2003) Observe os períodos abaixo destacados. A respeito deles, pergunta-se e pede-se:
a) Há diferença de sentido entre eles? Explique.
b) No segundo dos períodos abaixo, falta uma palavra, que está subentendida. Transcreva esse período, mas inclua a palavra que falta.

- Quem ama o feio, bonito lhe parece.
- Quem ama, o feio bonito lhe parece.

26) (FGV-2003) Observe a seguinte frase:

- Quem quer ir, perguntou o chefe.

A respeito dela, pode-se dizer que:

a) Deveria ter sido colocado um ponto-de-interrogação após a palavra ir.
b) Deveria ter sido colocado um ponto-de-interrogação após a palavra chefe.
c) Deveria ter sido colocado um ponto-de-exclamação após a palavra chefe.
d) Bastaria colocar entre aspas a oração "- Quem quer ir".
e) A frase está correta.

27) (FGV-2003) Observe os períodos abaixo, diferentes quanto à pontuação.

Adoeci logo; não me tratei.
Adoeci; logo não me tratei.

A observação atenta desses períodos permite dizer que:

a) No primeiro, logo é um advérbio de tempo; no segundo, uma conjunção causal.
b) No primeiro, logo é uma palavra invariável; no segundo, uma palavra variável.
c) No primeiro, as orações estão coordenadas sem a presença de conjunção; na segunda, com a presença de uma conjunção conclusiva.
d) No primeiro, as orações estão coordenadas com a presença de conjunção; na segunda, sem conjunção alguma.
e) No primeiro, a segunda oração indica alternância; no segundo, a segunda oração indica a conseqüência.

28) (FGV-2003) Leia atentamente o texto e responda à questão que a ele se refere.

O Mundo das Não-palavras

Já o disseram muitos, e de várias maneiras, que os problemas do conhecer e do
compreender centralizam-se em torno da relação entre a linguagem e a realidade, entre o
símbolo e o fato. Estas marcas de tinta sobre as quais correm nossos olhos, essas marcas de tinta
que concordamos em chamar palavras, e estas palavras que concordamos em aceitar como
"moeda legal" para a troca de informações, por que mágica, por que regras prosaicas, exercem
elas suas estranhas funções? Se olharmos demoradamente para uma palavra, ela se converterá,
de fato, para nós em meras marcas de tinta dentro de um

padrão peculiar de linhas. A princípio,
parece escrita corretamente, depois já não podemos ter certeza disso, e finalmente somos
dominados pela impressão de que o simples cogitar de sua grafia é penetrar nos mais
intrincados labirintos da Humanidade.
Está claro que, se olharmos reflexivamente para qualquer coisa por um espaço de tempo
suficientemente longo, como um bezerro olha para uma porteira nova, ela tende a aparecer
afinal como se fosse totalmente inexplicável. Um grande filósofo observou, de uma feita, que a
mais estranha invenção em toda a História era essa cobertura peculiar para o pé humano que nós denominamos meia. Ele estivera olhando para uma delas durante vários minutos. Há momentos,
contudo, em que parece impossível que qualquer outra invenção humana pudesse ser mais
surpreendente e estranha do que uma palavra - a palavra *meia,* por exemplo.
Wendell Johnson, tradução de Octavio Mendes Cajado.

A propósito das vírgulas do texto de Wendell Johnson, tecem-se abaixo alguns comentários. Assinale a alternativa cuja afirmação é **incorreta**.

a) A palavra finalmente (...*depois já não podemos ter certeza disso, e finalmente somos*
dominados pela impressão...) poderia ter-se apresentado entre duas vírgulas.
b) Não seria recomendável retirar a vírgula que está depois de nossos olhos (*Estas marcas de tinta sobre as quais correm nossos olhos, essas marcas de tinta que concordamos em chamar palavras*...).
c) Seria possível retirar a vírgula colocada após a expressão a princípio (*A princípio,*
parece escrita corretamente...)
d) Seria recomendável retirar duas vírgulas: a anterior e a posterior a contudo (*Há momentos,*
contudo, em que parece impossível...).
e) Não se recomendaria retirar a vírgula anterior a por exemplo (...*estranha do que uma palavra - a palavra meia, por exemplo*.).

29) (ITA-2003) Leia o texto a seguir.

Graciliano Ramos:
Falo somente com o que falo:
Com as mesmas vinte palavras
girando ao redor do sol
que as limpa do que não é faca:
de toda uma crosta viscosa,
resto de janta abaianada,
que fica na lâmina e cega
seu gosto da cicatriz clara.
(...)
(JOÃO CABRAL DE MELO NETO)

a) No poema, João Cabral faz referência ao estilo de Graciliano Ramos. Destaque um trecho do excerto acima e comente a caracterização feita pelo autor do poema.
b) Justifique a colocação dos dois pontos após o nome Graciliano Ramos no título do poema.

30) (Unifor-2003) A questão a seguir refere-se ao texto apresentado abaixo.

Uma das mudanças fundamentais ocorridas no Brasil destes últimos 20 a 30 anos é o envelhecimento de nossa população. No entanto, não houve mudanças significativas na qualidade de vida, na distribuição da riqueza e, principalmente, das terras, que no Brasil sempre foram o privilégio histórico da minoria. A população ficou mais velha e mais pobre também. A distância entre ricos e pobres só fez aumentar nestas décadas e, até hoje, esse processo não foi revertido. (Qual seria a verdadeira causa?) Aqui se cruzam a luta pela cidadania e a terceira idade, numa quase barbárie. No seu longo período de juventude, a sociedade brasileira, tanto a urbana quanto a rural, ignorou os velhos e desenvolveu uma série de preconceitos contra a velhice e a participação dos idosos na vida econômica e cultural do país. Era duro ser velho nos anos 60 e 70. E aí não precisava ser muito velho para ser velho, bastava passar dos 30 ou 40 anos! Nas relações de emprego esse preconceito transformou-se em lei e estendeu-se a todas as formas de relação social e em família.
O velho foi sendo recolhido a sua "inferioridade" e a um mundo limitado, depressivo e solitário. A aposentadoria precoce agravou o problema, e a ausência de equipamentos e serviços destinados a atender a terceira idade tornou a situação ainda mais dramática.
(Herbert de Souza - **Revista Sras. e Srs.** Ano 1, julho/97, p. 41)

(*Qual seria a verdadeira causa?)*
Neste fragmento do texto, os parênteses
a) estabelecem uma relação entre fatos presentes e passados.
b) enfatizam o grau de distância entre ricos e pobres.
c) diminuem a importância das idéias do segmento anterior.
d) fixam num plano secundário a busca de resposta à pergunta.
e) denotam espanto diante do problema em causa.

31) (Fuvest-2004) I. Desespero meu: leitura obrigatória de livro indicado...
II. Uma surpresa: tão bom, aquele livro!
III. Nenhum aborrecimento na leitura.

a) Respeitando a seqüência em que estão apresentadas as três frases acima, articule-as num único período.

Empregue os verbos e os nexos oracionais necessários à clareza, à coesão e à coerência desse período.

b) Transcreva o período abaixo, virgulando-o adequadamente:

A obrigação de ler um livro como toda obrigação indispõe-nos contra a tarefa imposta mas pode ocorrer se encontrarmos prazer nessa leitura que o peso da obrigação desapareça.

32) (FGV-2004) Assinale a alternativa em que a pontuação da frase seja a mais adequada.

a) Longe, além da função adverbial de lugar tem a de adjetivo com significação de distante, afastado: é então geralmente usado no plural.

b) Longe além da função adverbial de lugar, tem a de adjetivo com significação de distante afastado, é então geralmente usado no plural.

c) Longe, além da função adverbial de lugar, tem a de adjetivo, com significação de distante, afastado; é então geralmente usado no plural.

d) Longe, além da função adverbial de lugar tem a de adjetivo, com significação de distante, afastado: é então geralmente usado no plural.

e) Longe além da função adverbial de lugar tem, a de adjetivo, com significação de distante, afastado; é então geralmente usado no plural.

33) (FGV-2004)
1. Era no tempo que ainda os portugueses não
2. haviam sido por uma tempestade empurrados para
3. a terra de Santa Cruz. Esta pequena ilha abundava
4. de belas aves e em derredor pescava-se excelente
5. peixe. Uma jovem tamoia, cujo rosto moreno parecia
6. tostado pelo fogo em que ardia-lhe o coração,
7. uma jovem tamoia linda e sensível, tinha por habitação
8. esta rude gruta, onde ainda então não se via
9. a fonte que hoje vemos. Ora, ela, que até os quinze
10. anos era inocente como a flor, e por isso alegre
11. e folgazona como uma cabritinha nova, começou a
12. fazer-se tímida e depois triste, como o gemido da
13. rola; a causa disto estava no agradável parecer de
14. um mancebo da sua tribo, que diariamente vinha
15. caçar ou pescar à ilha, e vinte vezes já o havia feito
16. sem que de uma só desse fé dos olhares ardentes
17. que lhe dardejava a moça. O nome dele era Aoitin;
18. o nome dela era Ahy.
19. A pobre Ahy, que sempre o seguia, ora lhe apanhava
20. as aves que ele matava, ora lhe buscava as flechas
21. disparadas, e nunca um só sinal de reconhecimento
22. obtinha; quando no fim de seus trabalhos,
23. Aoitin ia adormecer na gruta, ela entrava de manso
24. e com um ramo de palmeira procurava, movendo o
25. ar, refrescar a fronte do guerreiro adormecido. Mas
26. tantos extremos eram tão mal pagos que Ahy, de
27. cansada, procurou fugir do insensível moço e fazer
28. por esquecê-lo; porém, como era de esperar, nem
29. fugiu-lhe e nem o esqueceu.
30. Desde então tomou outro partido: chorou. Ou
31. porque a sua dor era tão grande que lhe podia
32. exprimir o amor em lágrimas desde o coração até
33. os olhos, ou porque, selvagem mesmo, ela já tinha
34. compreendido que a grande arma da mulher está
35. no pranto, Ahy chorou.

MACEDO, Joaquim Manuel de. A Moreninha. São Paulo: Ática, 1997, p. 62-63.

Justifique o uso das vírgulas em: “A pobre Ahy, que sempre o seguia, ...” (L. 19)

34) (Fuvest-2005) O filme **Cazuza - O tempo não pára** me deixou numa espécie de felicidade pensativa. Tento explicar por quê.

Cazuza mordeu a vida com todos os dentes. A doença e a morte parecem ter-se vingado de sua paixão exagerada de viver. É impossível sair da sala de cinema sem se perguntar mais uma vez: o que vale mais, a preservação de nossas forças, que garantiria uma vida mais longa, ou a livre procura da máxima intensidade e variedade de experiências?

Digo que a pergunta se apresenta “mais uma vez” porque a questão é hoje trivial e, ao mesmo tempo, persecutória. (...) Obedecemos a uma proliferação de regras que são ditadas pelos progressos da prevenção. Ninguém imagina que comer banha, fumar, tomar pinga, transar sem camisinha e combinar, sei lá, nitratos com Viagra seja uma boa idéia. De fato não é. À primeira vista, parece lógico que concordemos sem hesitação sobre o seguinte: não há ou não deveria haver prazeres que valham um risco de vida ou, simplesmente, que valham o risco de encurtar a vida. De que adiantaria um prazer que, por assim dizer, cortasse o galho sobre o qual estou sentado?

Os jovens têm uma razão básica para desconfiar de uma moral prudente e um pouco avara que sugere que escolhamos sempre os tempos suplementares. É que a morte lhes parece distante, uma coisa com a qual a gente se preocupará mais tarde, muito mais tarde. Mas sua

vontade de caminhar na corda bamba e sem rede não é apenas a inconsciência de quem pode esquecer que "o tempo não pára". É também (e talvez sobretudo) um questionamento que nos desafia: para disciplinar a experiência, será que temos outras razões que não sejam só a decisão de durar um pouco mais?
(Contardo Calligaris, **Folha de S. Paulo**)

Considere as seguintes afirmações:
I. Os trechos "mordeu a vida com todos os dentes" e "caminhar na corda bamba e sem rede" podem ser compreendidos tanto no sentido figurado quanto no sentido literal.
II. Na frase "De que adiantaria um prazer que (...) cortasse o galho sobre o qual estou sentado", o sentido da expressão sublinhada corresponde ao de "se está sentado".
III. Em "mais uma vez", no início do terceiro parágrafo, o autor empregou aspas para indicar a precisa retomada de uma expressão do texto.
Está correto o que se afirma em
a) I, somente
b) I e II, somente
c) II, somente
d) II e III, somente
e) I, II e III

35) (ITA-2005) Ao Teatro o que é do teatro
INÁCIO ARAÚJO
Crítico da FOLHA
Não há melhor maneira de filmar o teatro do que teatralmente. A expressão "teatro filmado" raramente faz sentido, e nós aqui no Brasil só teríamos a ganhar no dia em que pudéssemos assistir ao filme de "O Rei da Vela" do Oficina - que por alguma razão infeliz nunca passa.
Kenneth Branagh evitou o teatro filmado em "Henrique V" (Eurochannel, 0h) [canal de TV por assinatura], ganhou o direito a concorrer ao Oscar e ficou famoso. Mas, passadas as festas, temos um resultado para lá de duvidoso.
Onde faz sentido a conclamação do rei Henrique a seus soldados a não ser no teatro? E por que "cinematografizar" a coisa se Joseph Mankiewicz, por exemplo, que era um cineasta, ao filmar "Júlio César", optou por deixar clara a origem teatral de seu filme?
(Folha de S. Paulo, 11/5/04)

Considere o texto Ao Teatro o que é do teatro, apresentado na questão 30.
a) Explique a expressão "faz sentido" nas duas ocorrências:
A expressão "teatro filmado" raramente faz sentido, (…)
Onde faz sentido a conclamação do rei Henrique a seus soldados a não ser no teatro?
b) No texto, as aspas são usadas cinco vezes, por três diferentes motivos. Transcreva as expressões aspeadas e explique cada um dos motivos.

36) (Mack-2005) Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto
expediente
[protocolo e manifestações de apreço ao sr. diretor.
(...)
Estou farto do lirismo namorador
Político
Raquítico
Sifilítico
Manuel Bandeira

Reescrevendo os versos de forma linear e respeitando as regras de pontuação prescritas pela gramática normativa, tem-se:
a) Estou farto do lirismo comedido, do lirismo comportado. Do lirismo funcionário público: com livro de ponto expediente protocolo e manifestações de apreço ao sr. diretor.
b) Estou farto do lirismo comedido, do lirismo comportado, do lirismo funcionário público, com livro de ponto, expediente, protocolo e manifestações de apreço ao sr. diretor.
c) Estou farto do lirismo comedido. Do lirismo comportado. Do lirismo funcionário público. Com livro de ponto, expediente, protocolo e, manifestações de apreço, ao sr. diretor.
d) Estou farto do lirismo namorador: político raquítico e sifilítico.
e) Estou farto do lirismo; Namorador; Político; Raquítico; Sifilítico.

37) (FGV-2005) Os tiranos e os autocratas sempre compreenderam que a capacidade de ler, o conhecimento, os livros e os jornais são potencialmente perigosos. Podem insuflar idéias independentes e até rebeldes nas cabeças de seus súditos. O governador real britânico da colônia de Virgínia escreveu em 1671:
Graças a Deus não há escolas, nem imprensa livre; e espero que não [as] tenhamos nestes [próximos] cem anos; pois o conhecimento introduziu no mundo a desobediência, a heresia e as seitas, e a imprensa divulgou-as e publicou os libelos contra os melhores governos. Que Deus nos guarde de ambos!
Mas os colonizadores norte-americanos, compreendendo em que consiste a liberdade, não pensavam assim. Em seus primeiros anos, os Estados Unidos se vangloriavam de ter um dos índices mais elevados - talvez o mais elevado - de cidadãos alfabetizados no mundo.
Atualmente, os Estados Unidos não são o líder mundial em alfabetização. Muitos dos que são alfabetizados não conseguem ler, nem compreender material muito simples - muito menos um livro da sexta série, um manual de instruções, um horário de ônibus, o documento de uma hipoteca ou um programa eleitoral.

As rodas dentadas da pobreza, ignorância, falta de esperança e baixa auto-estima se engrenam para criar um tipo de máquina do fracasso perpétuo que esmigalha os sonhos de geração a geração. Nós todos pagamos o preço de mantê-la funcionando. O analfabetismo é a sua cavilha. Ainda que endureçamos os nossos corações diante da vergonha e da desgraça experimentadas pelas vítimas, o ônus do analfabetismo é muito alto para todos os demais - o custo de despesas médicas e hospitalização, o custo de crimes e prisões, o custo de programas de educação especial, o custo da produtividade perdida e de inteligências potencialmente brilhantes que poderiam ajudar a solucionar os dilemas que nos perseguem. Frederick Douglass ensinou que a alfabetização é o caminho da escravidão para a liberdade. Há muitos tipos de escravidão e muitos tipos de liberdade. Mas saber ler ainda é o caminho.
(Carl Sagan, O caminho para a liberdade. Em O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro. Adaptado)

A regra determinante da pontuação na passagem - ... pois o conhecimento introduziu no mundo a desobediência, a heresia e as seitas, e a imprensa divulgou-as e publicou os libelos contra os melhores governos. - é a mesma que se encontra em:
a) As pessoas se acham frustradas, indignadas e aborrecidas, e ainda esperam solução.
b) Todas as previsões falharam, tudo foi tentado e o plano não só não deu certo, como incomodou muita gente.
c) Discutiu-se o projeto, evidentemente com atenção e cautela, mas houve reações contrárias e ânimos incendiados.
d) A empresa patrocinou os ginastas, os times de basquete e vôlei, deixando de lado os nadadores e velejadores.
e) Os funcionários liberaram a via, as plataformas e os bloqueios, e os usuários puderam utilizar o metrô e viajar tranqüilamente.

38) (Vunesp-2005) INSTRUÇÃO: A questão a seguir toma por base uma passagem da narrativa Numa e a Ninfa, de Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922), dois fragmentos do livro O Mundo Assombrado pelos Demônios, do astrofísico norte-americano Carl Sagan (1934-1997) e o texto de uma publicidade de cigarros do início da década de 80, publicada em revista de circulação nacional.

O acolhimento que dispensou aos seus projetos o excelentíssimo senhor ministro do Fomento Nacional, animou o russo a improvisar novos processos que levantassem a pecuária no Brasil. Xandu, com o cotovelo direito sobre a mesa e a
mão respectiva na testa, considerava Bogóloff com espanto e enternecido agradecimento.
- Ah! Doutor! disse ele. O senhor vai dar uma glória imortal ao meu ministério.
- Tudo isso, Excelência, é fruto de longos e acurados estudos.
Xandu continuava a olhar embevecido o russo admirável; e este aduziu com toda convicção:
- Por meio da fecundação artificial, Excelência, injectando germens de uma em outra espécie, consigo cabritos que são ao mesmo tempo carneiros e porcos que são cabritos ou carneiros, à vontade.
Xandu mudou de posição, recostou-se na cadeira; e, brincando com o monóculo, disse:
- Singular! O doutor vai fazer uma revolução nos métodos de criar! Não haverá objecções quanto à possibilidade, à viabilidade?
- Nenhuma, Excelência. Lido com as últimas descobertas da ciência e a ciência é infalível.
- Vai ser uma revolução!...
- É a mesma revolução que a química fez na agricultura. Penso assim há muitos anos, mas não me tem sido possível experimentar os meus processos por falta de meios; entretanto, em pequena escala já fiz.
- O que?
- Uma barata chegar ao tamanho de um rato.
- Oh! Mas... não tem utilidade.
- Não há dúvida. Uma experiência ao meu alcance, mas, logo que tenha meios...
- Não seja essa a dúvida. Enquanto eu for ministro, não lhe faltarão. O governo tem muito prazer em ajudar todas as tentativas nobres e fecundas para o levantamento das indústrias agrícolas.
- Agradeço muito e creia-me que ensaiarei outros planos. Tenho outras idéias!
- Outras? fez em resposta o Xandu.
- É verdade. Estudei um método de criar peixes em seco.
- Milagroso! Mas ficam peixes?
- Ficam... A ciência não faz milagres. A cousa é simples. Toda a vida veio do mar, e, devido ao resfriamento dos mares e à sua concentração salina, nas épocas geológicas, alguns dos seus habitantes foram obrigados a sair para a terra e nela criarem internamente, para a vida de suas células, meios térmicos e salinos iguais àqueles em que elas viviam nos mares, de modo a continuar perfeitamente a vida que tinham. Procedo artificialmente da forma que a cega natureza procedeu, eliminando, porém, o mais possível, o factor tempo, isto é: provoco o organismo do peixe a criar para a sua célula um meio salino e térmico igual àquele que ele tinha no mar.
- É engenhoso!
- Perfeitamente científico.
Xandu esteve a pensar, a considerar um tempo perdido, olhou o russo insistentemente por detrás do monóculo e disse:
- Não sabe o doutor como me causa admiração o arrojo de suas idéias. São originais e engenhosas e o que tisna um pouco essa minha admiração, é que elas não partam de um nacional. Não sei, meu caro doutor, como é que nós

não temos desses arrojos! Vivemos terra à terra, sempre presos à rotina! Pode ir descansado que a República vai aproveitar as suas idéias que hão de enriquecer a pátria.
Ergueu-se e trouxe Bogóloff até à porta do gabinete, com o seu passo de reumático.
Dentro de dias Grégory Petróvitch Bogóloff era nomeado diretor da Pecuária Nacional.
(Afonso Henriques de Lima Barreto. Numa e a Ninfa.)

O Mundo Assombrado pelos Demônios
Sim, o mundo seria um lugar mais interessante se houvesse UFOS escondidos nas águas profundas, perto das Bermudas, devorando os navios e os aviões, ou se os mortos pudessem controlar as nossas mãos e nos escrever mensagens. Seria fascinante se os adolescentes fossem capazes de tirar o telefone do gancho apenas com o pensamento, ou se nossos sonhos vaticinassem acuradamente o futuro com uma freqüência que não pudesse ser atribuída ao acaso e ao nosso conhecimento do mundo.
Esses são exemplos de pseudociência. Eles parecem usar os métodos e as descobertas da ciência, embora na realidade sejam infiéis à sua natureza - freqüentemente porque se baseiam em evidência insuficiente ou porque ignoram pistas que apontam para outro caminho. Fervilham de credulidade. Com a cooperação desinformada (e freqüentemente com a conivência cínica) dos jornais, revistas, editoras, rádio, televisão, produtoras de filmes e outros órgãos afins, essas idéias se tornam acessíveis em toda parte.
(…)
Não é preciso um diploma de nível superior para conhecer a fundo os princípios do ceticismo, como bem demonstram muitos compradores de carros usados que fazem bons negócios. A idéia da aplicação democrática do ceticismo é que todos deveriam ter as ferramentas essenciais para avaliar efetiva e construtivamente as alegações de quem se diz possuidor do conhecimento. O que a ciência exige é tão-somente que façamos uso dos mesmos níveis de ceticismo que empregamos ao comprar um carro usado ou ao julgar a qualidade dos analgésicos ou da cerveja pelos seus comerciais na televisão.
Mas as ferramentas do ceticismo em geral não estão à disposição dos cidadãos de nossa sociedade. Mal são mencionadas nas escolas, mesmo quando se trata da ciência, que é seu usuário mais ardoroso, embora o ceticismo continue a brotar espontaneamente dos desapontamentos da vida diária. A nossa política, economia, propaganda e religiões (Antiga e Nova Era) estão inundadas de credulidade. Aqueles que têm alguma coisa para vender, aqueles que desejam influenciar a opinião pública, aqueles que estão no poder, diria um cético, têm um interesse pessoal em desencorajar o ceticismo.
(Carl Sagan. O Mundo Assombrado pelos Demônios. Tradução de Rosaura Eichemberg.)

PREOCUPAÇÃO COM CIGARRO.
QUE FAZER?
Quando você acende um cigarro, acende também uma preocupação?
Bem, se você anda preocupado mas gosta muito de fumar, quem sabe você muda para um cigarro de baixos teores de nicotina e alcatrão?
Quer uma idéia? Century.
Century é diferente dos outros cigarros de baixos teores, por motivos fundamentais.
Century jogou lá embaixo a nicotina e o alcatrão, mas não acabou com seu prazer de fumar.
Isto só foi possível, evidentemente, graças a uma cuidadosa seleção de fumos do mais alto grau de pureza e suavidade.
E à competência do filtro especial High Air Dilution, consagrado internacionalmente.
Não é o cigarro sob medida para você também?
Pense nisto.
(Texto de publicidade de cigarros de início da década de 80.)

A pontuação serve não apenas para marcar aspectos objetivos do discurso escrito, mas também aspectos subjetivos, tais como emoções, sentimentos e intenções do autor. Com base nesta informação,
a) levando em conta a pontuação, identifique a modalidade de frase utilizada com freqüência pelo ministro Xandu para manifestar sua atitude entusiasta ante as declarações do russo Bogóloff.
b) considerando a natureza conativa (persuasiva) do texto publicitário, explique a razão pela qual predominam na primeira parte deste as frases interrogativas e, na segunda, as frases declarativas.

39) (Vunesp-2005) INSTRUÇÃO: A questão a seguir toma por base uma passagem da peça teatral *O Judeu*, de Bernardo Santareno (pseudônimo de António Martinho do Rosário, 1924-1980) e o poema *O Início do Interrogatório*, do poeta brasileiro Jamil Almansur Haddad (1914-1988).

O Judeu
António José *(Que perde o auto-domínio, desesperado.)* Nem judeu, nem judaizante eu sou!! Inocente me encontro das culpas de que me acusais! Inocente estou e inocente me afirmarei, até que me matem!!…
2.º Inquisidor *(Violento, tigrino.)* Judeu e judaizante, isso és!! A tua pestilenta boca vomitou, enfim, essas palavras malditas! Judeu e judaizante. E, com o dizê-las, o bafo do Demónio já enche de fedor esta Mesa, esta Casa, Lisboa inteira! Judeu e judaizante!!
Inquisidor-Mor*(Como uma lâmina; febre negra e fria nos olhos.)* Obrigado se acha o preso a declarar, diante deste Santo Tribunal, o nome, ou nomes, da pessoa, ou pessoas, de que aprendeu os erros que ora lhe apodrecem a consciência. Quando e aonde foi? Quais as pessoas que lá

estavam presentes? Quais as pessoas com quem comunicou professar os mesmos erros...?

António José Nem judeu, nem judaizante, eu fui, ou sou.

(O Inquisidor-Mor faz sinal ao Carrasco. Este vem ao preso, leva-o ao centro de cena e aí o ata, com uma corda, pelos braços.)

Notário *(Que se levanta.)* Em nome dos Reverendos Inquisidores que servem à Mesa deste Santo Tribunal, protesto que se o réu no tormento morrer, quebrar algum membro ou perder algum sentido, a culpa será sua, pois voluntariamente se expõe àquele perigo, que pode evitar confessando suas culpas, e não será dos ministros do Santo-Ofício que, fazendo justiça segundo os merecimentos de sua causa, o julgam a tormento. *(Senta-se. O Carrasco logo puxa a corda que, prendendo António José pelos braços, passa numa roldana colocada em cima, na teia: O preso é assim içado, ficando suspenso no ar.)*

Inquisidor-Mor Da parte de Nosso Senhor, com muita caridade, admoestamos o réu a confessar suas culpas. *(António José, suspenso pelos braços, volta a cabeça, cerrando os dentes. Sinal do Inquisidor-Mor: O Carrasco larga a corda e, deste modo, António José despenha-se no ar em direcção ao pavimento; num golpe súbito, o Carrasco de novo sustém a corda: com o corpo contorcendo-se-lhe todo pela violência do choque e as cordas enterrando-se-lhe nas carnes, o Judeu solta um urro de dor. Pausa nos tratos: António José suspenso no ar.)* Uma vez mais, da parte de Nosso Senhor, pelas Suas benditas entranhas inquirimos do réu: Disposto está a confessar as suas culpas, para descargo da sua consciência, salvação da sua alma e para que se ponha em estado de com ele, neste e em maiores transes, o Santo-Ofício poder usar de misericórdia? *(António José morde os lábios para não falar. O Geral faz sinal ao Carrasco: Recomeçam os tratos de polé.)*

António José *(Ao sofrer, pela 2.a vez, as dores do tremendo esticão, não se domina: cede.)* Confesso!... Por amor de Deus, tirai-me daqui!... Confesso!... Quanto quiserdes, eu confessarei!...Confesso!... Confesso!...

(Bernardo Santareno. *O Judeu, narrativa dramática em três actos.*)

O Início do Interrogatório

- Onde é a terra,
Fortificada?
Onde é a Serra?

- Não digo nada.

- Sierra Maestra
Ela é chamada.
Ao Norte? À Destra?

- Não digo nada.
Glória sem mágoa,
Paixão que exalta.
Só sei que é alta
Como o Aconcágua.

- Vou inquiri-lo,
Alma danada,
Ao teu mamilo,
Junto o cautério,
Morra o mistério!

- Não digo nada.
Só sei que inunda
A altura acesa.
Ela é profunda
Como a pobreza.

- Irei prendê-lo,
De madrugada
Ao tornozelo.

- Não digo nada.
Áspera e mansa,
Ela é azulada
Como a esperança.

- Morres à míngua.
Na hora aprazada
Queimo-te a língua...

- Não digo nada.
Ah, não a cita
O poeta Herédia!
Ela é infinita
Como a tragédia.

(Jamil Almansur Haddad. *Romanceiro cubano*.)

Os dois fragmentos transcritos tomam como tema a tortura, prática que consideramos abominável, mas que marca toda a História e ainda hoje se faz presente em mais de um ponto do globo. Releia-os atentamente e, considerando que o primeiro fragmento foi extraído de uma peça teatral e o segundo é um poema,

a) determine a função que exercem os travessões no poema de Haddad;

b) aponte a razão pela qual muitas frases do texto de Bernardo Santareno são escritas em itálico e entre parênteses.

40) (Unicamp-2005)

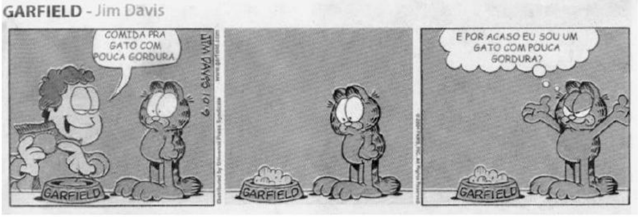
GARFIELD - Jim Davis
COMIDA PRA GATO COM POUCA GORDURA
E POR ACASO EU SOU UM GATO COM POUCA GORDURA?
GARFIELD
GARFIELD
GARFIELD
JIM DAVIS 10-9

(Folha de S. Paulo, 11 de outubro de 2004).

Na tira de Garfield, a comicidade se dá por uma dupla possibilidade de leitura.
a) Explicite as duas leituras possíveis e explique como se constrói cada uma delas.
b) Use vírgula(s) para discernir uma leitura da outra.

41) (Unicamp-2005) Foi no tempo em que a Bandeirantes recém-inaugurara suas novas instalações no Morumbi. Não havia transporte público até o nosso local de trabalho, e a direção da casa organizou um serviço com viaturas próprias. (...) Paraná era um dos motoristas. (...)
Numa das subidas para o Morumbi “fechou” sem nenhuma maldade um automóvel. O cidadão que o dirigia estava com os filhos, era diretor do São Paulo F.C., e largou o verbo em cima do pobre do Paraná. Que respondeu à altura. Logo depois que a perua chegou ao Morumbi, todo mundo de ponto batido, o automóvel pára em frente da porta dos funcionários, e o seu condutor desce bufando: “Onde está o motorista dessa perua? (e lá vinha chegando o Paraná). Você me ofendeu na frente dos meus filhos. Não tem o direito de agir dessa forma, me chamar do nome que me chamou. Vou falar ao João Saad, que é meu amigo!”
E o Paraná, já fuzilando, dedo em riste, tonitruou em seu sotaque mais que explícito: “Le” chamei e “le” chamo de novo... veado ... veado ... Não houve reação da parte ofendida.
(Flávio Araújo, O rádio, o futebol e a vida. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2001, p. 50-1).

a) Na seqüência “(...) e largou o verbo em cima do pobre do Paraná. Que respondeu à altura”, se trocarmos o ponto final que aparece depois de ‘Paraná’ por uma vírgula, ocorrem mudanças na leitura? Justifique.
b) O trecho da resposta de Paraná “Le chamei e le chamo de novo ...” chama a atenção do leitor para a sintaxe da língua. Explique.
c) Substitua ‘tonitruou’ por outra palavra ou expressão.

42) (PUC-SP-2005) É CARNAVAL
E então chegava o Carnaval, registrando-se grandes comemorações ao Festival de Besteira. Em Goiânia o folião Cândido Teixeira de Lima brincava fantasiado de Papa Paulo VI e provava no salão que não é tão cândido assim, pois aproveitava o mote da marcha Máscara Negra e beijava tudo que era mulher que passasse dando sopa. Um padre local, por volta da meia-noite, recebeu uma denúncia e foi para o baile, exigindo da Polícia que o Papa de araque fosse preso. Em seguida, declarou: “Brincar o Carnaval já é um pecado grave. Brincar fantasiado de Papa é uma blasfêmia terrível.” O caso morreu aí e nunca mais se soube o que era mais blasfêmia: um cidadão se fantasiar de Papa ou o piedoso sacerdote encanar o Sumo Pontífice. E enquanto todos pulavam no salão, o dólar pulava no câmbio. Há coisas inexplicáveis! Até hoje não se sabe por que foi durante o Carnaval que o Governo aumentou o dólar, fazendo muito rico ficar mais rico. E, porque o Ministro do Planejamento e seus cúmplices, aliás, digo, seus auxiliares, aumentaram o dólar e desvalorizaram o cruzeiro em pleno Carnaval, passaram a ser conhecidos por Acadêmicos do Cruzeiro - numa homenagem também aos salgueirenses que, no Carnaval de 1967, entraram pelo cano.
(PRETA, Stanislaw Ponte. FEBEAPÁ 2- 2º- Festival de Besteira que Assola o País. 9ª- edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993, p. 32)

O uso das vírgulas de intercalação está registrado adequadamente em uma das alternativas abaixo. Assinale-a.
a) E então chegava o Carnaval, registrando-se grandes comemorações ao Festival de Besteira.
b) Um padre local, por volta da meia-noite, recebeu uma denúncia e foi para o baile, exigindo da Polícia que o Papa de araque fosse preso.
c) E enquanto todos pulavam no salão, o dólar pulava no câmbio. Há coisas inexplicáveis!
d) ... e foi para o baile, exigindo da Polícia que o Papa de araque fosse preso. Em seguida, declarou: “Brincar o Carnaval já é um pecado grave. Brincar fantasiado de Papa é uma blasfêmia terrível.”
e) Até hoje não se sabe por que foi durante o Carnaval que o Governo aumentou o dólar, fazendo muito rico ficar mais rico.

43) (UNIFESP-2004) Leia a seguir um trecho de um bate-papo pela internet, retirado de uma das “salas” do UOL.
(04:01:51) **LOIRA** fala para **E.F.S-MSN**: NAO QUERO PAPO CONTIGO PQ VC PIZOU NA BOLA
(04:01:55) **Alex** entra na sala...
(04:02:02) **Alex** fala para **Todos:** Alguém quer teclar?
(04:02:04) **ATIRADOR** fala para **AG@SSI:** QUEM E VC
(04:02:39) **LOIRA** fala para **nois(Mô, Lê e Ti):** APARENCIA NAO EMPORTA
(04:02:43) **ATIRADOR** fala para **LOIRA**: eai princesa ta afim de tc
(04:02:56) **LOIRA** fala para **AG@SSI:** OI QTOS ANOS

Sobre a escrita no bate-papo, são feitas as quatro afirmações seguintes.
I. As palavras teclar e tc são formadas, respectivamente, por sufixação e redução.
II. Estão incorretamente grafadas as palavras pizou e emporta.

III. A pontuação está incorreta nas frases de Loira, Alex e Atirador.
IV. Alex e Atirador apresentam erros na acentuação de palavras.
Está correto apenas o que se afirma em
A) I e II.
B) I e III.
C) II e III.
D) II e IV.
E) III e IV.

44) (Mack-2004) O trovador
Sentimentos em mim do asperamente
dos homens das primeiras eras ...
As primaveras de sarcasmo
intermitentemente no meu coração arlequinal ...
Intermitentemente ...
Outras vezes é um doente, um frio
na minha alma doente como um longo som redondo ...
Cantabona! Cantabona!
Dlorom ...
Sou um tupi tangendo um alaúde!
Mário de Andrade
Obs.: alaúde - instrumento de cordas, com larga difusão na Europa, da Idade Média ao Barroco.

Assinale a afirmativa correta.
a) As palavras alaúde e "túnel" recebem acento gráfico pela mesma razão.
b) Nas palavras trovador e asperamente, observa-se processo de derivação sufixal.
c) No último verso, tangendo um alaúde equivale a uma oração adverbial condicional se tange um alaúde.
d) As reticências usadas no texto têm a função de evidenciar o tom irônico do poema.
e) Em arlequinal e "cafezal", o sufixo "al" tem o mesmo sentido.

45) (Mack-2004) E se baratas, ratos, moscas e mosquitos fossem exterminados? O mundo seria bem menos nojento - essa é a opinião de muita gente. Mas pense bem: as conseqüências ruins seriam maiores que as boas. Lembre-se das aulas na escola sobre equilíbrio ecológico. Baratas, ratos, moscas e mosquitos são elos fundamentais da cadeia alimentar da qual você também faz parte. Por mais estranha que a idéia possa parecer, sua vida depende dos pernilongos. Odair Correa Bueno dá um exemplo: "Larvas de mosquitos se alimentam de partículas em suspensão na água e também servem de comida para peixes. Sem essas larvas, muita matéria orgânica se acumularia nos rios e faltaria alimento para os peixes".
Cláudia de Castro Lima

Assinale o par de frases em que as vírgulas foram empregadas de acordo com a mesma regra.
a) E se baratas, ratos, moscas e mosquitos fossem exterminados?
Por mais estranha que a idéia possa parecer, sua vida depende dos pernilongos.
b) Baratas, ratos, moscas e mosquitos são elos fundamentais da cadeia alimentar...
Sem essas larvas, muita matéria orgânica se acumularia nos rios.
c) Por mais estranha que a idéia possa parecer, sua vida depende dos pernilongos.
Sem essas larvas, muita matéria orgânica se acumularia nos rios.
d) Baratas, ratos, moscas e mosquitos são elos fundamentais da cadeia alimentar...
Por mais estranha que a idéia possa parecer, sua vida depende dos pernilongos.
e) E se baratas, ratos, moscas e mosquitos fossem exterminados?
Sem essas larvas, muita matéria orgânica se acumularia nos rios.

46) (PUC-SP-2005) Estradas de Rodagem
Comparados os países com veículos, veremos que os Estados Unidos são uma locomotiva elétrica; a Argentina um automóvel; o México uma carroça; e o Brasil um carro de boi.
O primeiro destes países voa; o segundo corre a 50 km por hora; o terceiro apesar das revoluções tira 10 léguas por dia; nós...
Nós vivemos atolados seis meses do ano, enquanto dura a estação das águas, e nos outros 6 meses caminhamos à razão de 2 léguas por dia. A colossal produção agrícola e industrial dos americanos voa para os mercados com a velocidade média de 100 km por hora. Os trigos e carnes argentinas afluem para os portos em autos e locomotivas que uns 50 km por hora, na certa, desenvolvem.
As fibras do México saem por carroças e se um general revolucionário não as pilha em caminho, chegam a salvo com relativa presteza. O nosso café, porém, o nosso milho, o nosso feijão e a farinha entram no carro de boi, o carreiro despede-se da família, o fazendeiro coça a cabeça e, até um dia!. Ninguém sabe se chegará, ou como chegará. Às vezes pensa o patrão que o veículo já está de volta, quando vê chegar o carreiro.
—Então? Foi bem de viagem?
O carreiro dá uma risadinha.
—Não vê que o carro atolou ali no Iriguaçu e...
—E o quê?
—... e está atolado! Vim buscar mais dez juntas de bois para tirar ele.
E lá seguem bois, homens, o diabo para desatolar o carro. Enquanto isso, chove, a farinha embolora, a rapadura derrete, o feijão caruncha, o milho grela; só o café resiste e ainda aumenta o peso.
(LOBATO, M. *Obras Completas*, 14ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1972, v. 8, p.74)

Monteiro Lobato foi um escritor que, quanto ao uso da língua, sempre questionou a obediência aos padrões rígidos da gramática e às normas herdadas de Portugal. No texto, há momentos em que ele não segue as regras de uso da vírgula previstas pela Gramática Normativa.
Assim, observe os fragmentos a seguir:
I. “As fibras do México saem por carroças e se um general revolucionário não as pilha em caminho, chegam a salvo com presteza.”
II. “Às vezes, pensa o patrão que o veículo já está de volta, quando vê chegar o carreiro.”
III. “O primeiro destes países voa; o segundo corre a 50 km por hora; o terceiro apesar das revoluções tira 10 léguas por dia.”
Quanto ao uso da vírgula, em relação às regras da Gramática Normativa, desses fragmentos,
a) I e II estão corretos.
b) II e III estão corretos.
c) I e III estão corretos.
d) apenas II está correto.
e) apenas I está correto.

47) (UFPB-2006) TEXTO I

Amor
AS CORTINAS DA JANELA cerraram-se; Cecília tinha-se deitado.
Junto da inocente menina, adormecida na isenção de sua alma pura e virgem, velavam três sentimentos profundos, palpitavam três corações bem diferentes.
Em Loredano, o aventureiro de baixa extração, esse sentimento era um desejo ardente, uma sede de gozo, uma febre que lhe requeimava o sangue; o instinto brutal dessa natureza vigorosa era ainda aumentado pela impossibilidade moral que a sua condição criava, pela barreira que se elevava entre ele, pobre colono, e a filha de D. Antônio de Mariz, rico fidalgo de solar e brasão.
Para destruir esta barreira e igualar as posições, seria necessário um acontecimento extraordinário, um fato que alterasse completamente as leis da sociedade naquele tempo mais rigorosas do que hoje; era precisa uma dessas situações à face das quais os indivíduos, qualquer que seja a sua hierarquia, nobres e párias, nivelam-se; e descem ou sobem à condição de homens.
O aventureiro compreendia isto; talvez que o seu espírito italiano já tivesse sondado o alcance dessa idéia; em todo o caso o que afirmamos é que ele esperava, e esperando vigiava o seu tesouro com um zelo e uma constância a toda a prova; os vinte dias que passara no Rio de Janeiro tinham sido verdadeiro suplício.
Em Álvaro, cavalheiro delicado e cortês, o sentimento era uma afeição nobre e pura, cheia da graciosa timidez que perfuma as primeiras flores do coração, e do entusiasmo cavalheiresco que tanta poesia dava aos amores daquele tempo de crença e lealdade.
Sentir-se perto de Cecília, vê-la e trocar alguma palavra a custo balbuciada, corarem ambos sem saberem por quê, e fugirem desejando encontrar-se, era toda a história desse afeto inocente, que se entregava descuidosamente ao futuro, librando-se nas asas da esperança.
Nessa noite Álvaro ia dar um passo que na sua habitual timidez, ele comparava quase com um pedido formal de casamento; tinha resolvido fazer a moça aceitar malgrado seu o mimo que recusara, deitando-o na sua janela; esperava que encontrando-o no dia seguinte, Cecília lhe perdoaria o seu ardimento, e conservaria a sua prenda.
Em Peri o sentimento era um culto, espécie de idolatria fanática, na qual não entrava um só pensamento de egoísmo; amava Cecília não para sentir um prazer ou ter uma satisfação, mas para dedicar-se inteiramente a ela, para cumprir o menor dos seus desejos, para evitar que a moça tivesse um pensamento que não fosse imediatamente uma realidade.
Ao contrário dos outros ele não estava ali, nem por um ciúme inquieto, nem por uma esperança risonha; arrostava a morte unicamente para ver se Cecília estava contente, feliz e alegre; se não desejava alguma coisa que ele adivinharia no seu rosto, e iria buscar nessa mesma noite, nesse mesmo instante.
Assim o amor se transformava tão completamente nessas organizações, que apresentava três sentimentos bem distintos: um era uma loucura, o outro uma paixão, o último uma religião.

(ALENCAR, José de. **O Guarani**. São Paulo: FTD, 1999, p. 78-79)

GLOSSÁRIO

isentar:	livrar, dispensar, desobrigar.
extração:	nascimento, origem.
párias:	homens excluídos da sociedade.
balbuciar:	articular imperfeitamente e com hesitação.

Quanto à pontuação, observa-se **desvio da norma culta** em:

a) Álvaro, embora fosse tímido, ia dar um passo, nessa noite, comparado a um pedido formal de casamento.
b) Nessa noite, Álvaro ia dar um passo comparado a um pedido formal de casamento, embora fosse tímido.
c) Álvaro, nessa noite, embora fosse tímido, ia dar um passo comparado a um pedido formal de casamento.
d) Embora fosse tímido Álvaro nessa noite, ia dar um passo comparado, a um pedido formal de casamento.
e) Nessa noite, um passo comparado a um pedido formal de casamento, Álvaro ia dar, embora fosse tímido.

48) (FGV-2006) Amor de Salvação
Escutava o filho de Eulália o discurso de D. José, lardeado de facécias, e, por vezes, atendível por umas razões que se

lhe cravavam fundas no espírito. As réplicas saíam-lhe frouxas e mesmo timoratas. Já ele se temia de responder coisa de fazer rir o amigo. Violentava sua condição para o igualar na licença da idéia, e, por vezes, no desbragado da frase. Sentia-se por dentro reabrir em nova primavera de alegrias para muitos amores, que se haviam de destruir uns aos outros, a bem do coração desprendido salutarmente de todos. A sua casa de Buenos Aires aborreceu-a por afastada do mundo, boa tão somente para tolos infelizes que fiam do anjo da soledade o despenarem-se, chorando. Mudou residência para o centro de Lisboa, entre os salões e os teatros, entre o rebuliço dos botequins e concurso dos passeios. Entrou em tudo. As primeiras impressões enjoaram-no; mas, à beira dele, estava D. José de Noronha, rodeado dos próceres da bizarriz *(sic)*, todos porfiados em tosquiarem um dromedário provinciano, que se escondera em Buenos Aires a delir em prantos uma paixão calosa, trazida lá das serranias minhotas. Ora, Afonso de Teive antes queria renegar da virtude, que já muito a medo lhe segredava os seus antigos ditames, que expor-se à irrisão de pessoas daquele quilate. É verdade que às vezes duas imagens lagrimosas se lhe antepunham: a mãe, e Mafalda. Afonso desconstrangia-se das visões importunas, e a si se acusava de pueril visionário, não emancipado ainda das crendices do poeta inesperto da prosa necessária à vida.

Escrever, porém, a Teodora, não vingaram as sugestões de D. José. Porventura, outras mulheres superiormente belas, e agradecidas às suas contemplações, o traziam preocupado e algum tanto esquecido da morgada da Fervença.

Mas, um dia, Afonso, numa roda de mancebos a quem dava de almoçar, recebeu esta carta de Teodora:

"Compadeceu-se o Senhor. Passou o furacão. Tenho a cabeça fria da beira da sepultura, de onde me ergui. Aqui estou em pé diante do mundo. Sinto o peso do coração morto no seio; mas vivo eu, Afonso. Meus lábios já não amaldiçoam, minhas mãos estão postas, meus olhos não choram. O meu cadáver ergueu-se na imobilidade da estátua do sepulcro. Agora não me temas, não me fujas. Pára aí onde estás, que as tuas alegrias devem ser muito falsas, se a voz duma pobre mulher pode perturbá-las. Olha... se eu hoje te visse, qual foste, ao pé de mim, anjo da minha infância, abraçava-te. Se me dissesses que a tua inocência se baqueara à voragem das paixões, repelia-te. Eu amo a criança de há cinco anos, e detesto o homem de hoje.

Serena-te, pois. Esta carta que mal pode fazer-te, Afonso? Não me respondas; mas lê. À mulher perdida relanceou o Cristo um olhar de comiseração e ouviu-a. E eu, se visse passar o Cristo, rodeado de infelizes, havia de ajoelhar e dizer-lhe: Senhor! Senhor! É uma desgraçada que vos ajoelha e não uma perdida. Infâmias, uma só não tenho que a justiça da terra me condene. Estou acorrentada a um dever imoral, tenho querido espadaçá-lo, mas estou pura. Dever imoral... por que, não, Senhor! Vós vistes que eu era inocente; minha mãe e meu pai estavam convosco.''

Observe o período abaixo (L. 2-3):

I. Já ele se temia de responder coisa de fazer rir o amigo.

Compare-o com:

II. Já ele se temia de responder, coisa de fazer rir o amigo.

Dessa comparação, pode-se entender que:

A) Entre eles, não há diferença de sentido: ambos são ambíguos.

B) No período I, a personagem temia rir de algo que alguém lhe dissesse. No II, ocorre o contrário.

C) No período I, a personagem temia responder algo que pudesse fazer os outros rir do amigo. No II, temia pôr-se a rir do amigo.

D) No período I, a personagem temia responder alguma coisa que fizesse o amigo rir. No período II, sabia que seu medo de responder faria o amigo rir.

E) O período I é ambíguo. O II, não.

49) (FUVEST-2007)

Sinal fechado (...) - Me perdoe a pressa, é a alma dos nossos negócios... - Oh, não tem de quê, eu também só ando a cem... (...) - Tanta coisa que eu tinha a dizer, mas eu sumi na poeira das ruas... - Eu também tenho algo a dizer, mas me foge à lembrança... - Por favor, telefone, eu preciso beber alguma coisa rapidamente... - Pra semana... - O sinal... - Eu procuro você... - Vai abrir! Vai abrir! - Prometo, não esqueço... - Por favor, não esqueça... - Não esqueço, não esqueço... - Adeus... *Paulinho da Viola.*

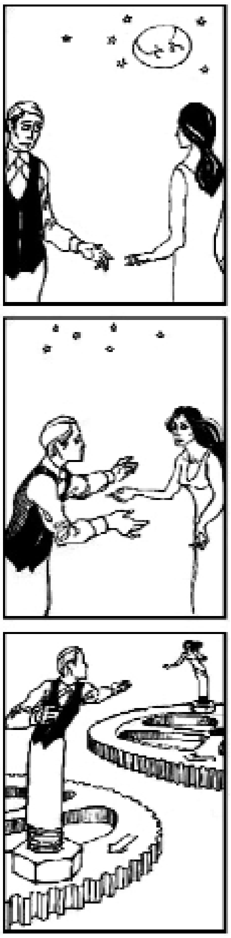

Juarez Machado

O uso reiterado das reticências na letra da canção denota o propósito de marcar, na escrita,

a) as interrupções que ocorreram na breve e apressada conversa.
b) a ausência de interesse das personagens em dialogar.
c) a supressão de falas que poderiam parecer agressivas.
d) a enumeração de acontecimentos que deram origem ao encontro.
e) as omissões de fatos relevantes que as personagens decidem ocultar.

50) (PUC - RJ-2006) Navegava Alexandre em uma poderosa armada pelo Mar Eritreu a conquistar a Índia, e como fosse trazido à sua presença um pirata que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício; porém, ele, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim. - Basta, senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador? - Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza; o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres. Mas Sêneca, que sabia bem distinguir as qualidades e interpretar as significações, a uns e outros definiu com o mesmo nome: *Eodem loco pone latronem et piratam, quo regem animum latronis et piratae habentem.* Se o Rei de Macedônia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata, o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome.

[Fragmento do Sermão do bom ladrão, de Pe. António Vieira]

a) Em seu livro *Introdução à Retórica*, Olivier Reboul define *figura de sentido* como um recurso de estilo que consiste em "empregar um termo (ou vários) com um sentido que não lhe é habitual". Explique por que o emprego do termo *Alexandres,* na linha 6, pode ser considerado uma *figura de sentido* de acordo com essa definição.
b) C. Cunha e L. Cintra, em sua *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, afirmam que a vírgula pode ser empregada, no interior da oração, para indicar a supressão de uma palavra (geralmente o verbo). Retire do texto o trecho em que a vírgula foi utilizada com esse propósito e indique o verbo que foi omitido.

51) (UEPB-2006) "Apesar de algumas preocupações do poder central pelo nordeste,ainda as duas regiões, nordeste e sul são como se fossem dois mundos, de costas um para o outro." (Correio da Paraíba, 24/05/05)
Neste trecho, ocorrem duas falhas consideradas graves: uma de regência e outra de pontuação. Marque, entre as propostas abaixo, a única alternativa que atende à norma padrão:
a) "Apesar de algumas preocupações do poder central com o nordeste, ainda as duas regiões, nordeste e sul, são como se fossem dois mundos, de costas um para o outro."
b) "Apesar de algumas preocupações do poder central pelo nordeste, ainda as duas regiões, nordeste e sul, são como se fossem dois mundos, de costas um para o outro."
c) "Apesar de algumas preocupações do poder central com o nordeste, ainda as duas regiões nordeste e sul, são como se fossem dois mundos, de costas um para o outro."
d) "Apesar de algumas preocupações do poder central pelo nordeste ainda as duas regiões nordeste e sul, são como se fossem dois mundos, de costas um para o outro."
e) "Apesar de algumas preocupações do poder central com o nordeste, ainda as duas regiões, nordeste e sul são como se fossem dois mundos, de costas um para o outro."

52) (UEPB-2006) "Oferecer terras a essas pessoas que não tiveram oportunidades, sem dar os meios de produzir, vai tão somente minimizar a miséria no campo. Este homem vai permanecer na plantação e na cultura de subsistência, sem o uso da máquina, sem recurso disponível, com energia cara, ele vai permanecer utilizando o velho e ultrapassado instrumento de trabalho, a enxada." (Correio da Paraíba, 24/05/05)
Também neste exemplo encontramos uma falha na pontuação, que causa prejuízo ao sentido do texto. Marque, entre as alternativas abaixo, aquela que desfaz totalmente a confusão:
a) "Oferecer terras a essas pessoas que não tiveram oportunidades, sem dar os meios de produzir, vai tão somente minimizar a miséria no campo. Este homem, vai permanecer na plantação disponível, com energia cara. Ele vai permanecer utilizando o velho e ultrapassado instrumento de trabalho, a enxada."
b) "Oferecer terras a essas pessoas que não tiveram oportunidades, sem dar os meios de produzir, vai tão somente minimizar a miséria no campo. Este homem vai permanecer na plantação e na cultura de subsistência. Sem o uso da máquina, sem recurso disponível, com energia cara, ele vai permanecer utilizando o velho e ultrapassado instrumento de trabalho, a enxada."
c) "Oferecer terras a essas pessoas que não tiveram oportunidades, sem dar os meios de produzir, vai tão somente minimizar a miséria no campo. Este homem vai permanecer na plantação e na cultura de subsistência, sem o uso da máquina. Sem recurso disponível,com energia cara, ele vai permanecer utilizando o velho e ultrapassado instrumento de trabalho, a enxada."
d) "Oferecer terras a essas pessoas que não tiveram oportunidades, sem dar os meios de produzir, vai tão somente minimizar a miséria no campo. Este homem vai permanecer na plantação e na cultura de subsistência, sem o uso da máquina, sem recurso disponível. Com energia cara, ele vai permanecer utilizando o velho e ultrapassado instrumento de Trabalho. A enxada."
e) "Oferecer terras a essas pessoas que não tiveram oportunidades, sem dar os meios de produzir, vai tão somente minimizar a miséria no campo. Este homem, vai permanecer na plantação e na cultura de subsistência. Sem o uso da máquina, sem recurso disponível, com energia cara. Ele vai permanecer utilizando o velho e ultrapassado instrumento de trabalho, a enxada."

53) (UEPB-2006) "Como agravante temos nessa região pobre uma taxa de crescimento demográfico mais rápido do país e dificilmente igualada." (Correio da Paraíba, 24/05/05)
A compreensão do fragmento acima está prejudicada devido a uma ambigüidade na estrutura oracional, provocada pela inadequada distribuição dos substantivos e adjetivos em destaque no texto. Apresentamos, abaixo, outras versões (de I a IV) para expressar a informação.

I. "Como agravante, temos, nessa região pobre do país, uma alta taxa de crescimento demográfico, dificilmente igualada."

II. "Como agravante, temos nessa região pobre do país um rápido crescimento demográfico, dificilmente igualado."

III. "Como agravante temos nessa região pobre uma taxa de crescimento demográfico do pais mais rápido e dificilmente igualada."

IV. "Como agravante, temos nessa região pobre uma taxa de crescimento demográfico mais rápida do país e dificilmente igualado."

Indique a alternativa que contém a(s) versão(ões) que expressa(m), claramente, a informação do texto:
a) Apenas II e IV.
b) Apenas I.
c) Apenas III e IV.
d) Apenas I e II.
e) Apenas III.

54) (UFU-2006) Tenho desprezo por gente que se orgulha da própria raça. Nem tanto pelo orgulho, sentimento menos nobre, porém inerente à natureza humana, mas pela estupidez. Que mérito pessoal um pobre de espírito pode pleitear por haver nascido branco, negro ou amarelo, de olhos azuis ou lilases?

Tradicionalmente, o conceito popular de raça está ligado a características externas do corpo humano, como cor da pele, formato dos olhos e as curvas que o cabelo faz ou deixa de fazer. Existe visão mais subjetiva?

Na Alemanha nazista, bastava ter a pele morena para o cidadão ser considerado de uma raça inferior à dos que se proclamavam arianos. Nos Estados Unidos, são classificadas como negras pessoas que no Brasil consideramos brancas; lá, os mineiros de Governador Valadares são rotulados de hispânicos. Conheci um cientista português que se orgulhava de descender diretamente dos godos!

Há cerca de 100 mil anos, seres humanos de anatomia semelhante à da mulher e à do homem moderno migraram da África, berço de nossa espécie, para os quatro cantos do mundo. Tais ondas migratórias criaram forte pressão seletiva sobre nossos ancestrais. Não é difícil imaginar as agruras de uma família habituada ao sol da savana etíope, obrigada a adaptar-se à escuridão do inverno russo; ou as dificuldades de adaptação de pessoas acostumadas a dietas vegetarianas ao migrar para regiões congeladas.

Apesar de primatas aventureiros, éramos muito mais apegados à terra natal nessa época em que as viagens precisavam ser feitas a pé; a maioria de nossos antepassados passava a existência no raio de alguns quilômetros ao redor da aldeia natal. Como descendemos de um pequeno grupo de hominídeos africanos e o isolamento favorece o acúmulo de semelhanças genéticas, traços externos como a cor da pele, dos olhos e dos cabelos tornaram-se característicos de determinadas populações.

Mas seria possível estabelecer critérios genéticos mais objetivos para definir o que chamamos de raça? Em outras palavras: além dessa meia dúzia de aspectos identificáveis externamente, o que diferenciaria um negro de um branco ou de um asiático?

Para determinar o grau de parentesco entre dois indivíduos, os geneticistas modernos fazem comparações entre certos genes contidos no DNA de cada um. Lembrando que os genes nada mais são do que pequenos fragmentos da molécula de DNA, a tecnologia atual permite que semelhanças e disparidades porventura existentes entre dois genes sejam detectadas com precisão.

Tecnicamente, essas diferenças recebem o nome de polimorfismos. É na análise desses polimorfismos que se baseia o teste de DNA para exclusão de paternidade, por exemplo.

Na Universidade de Stanford, Noah Rosemberg e Jonathan Pritchard testaram 375 polimorfismos genéticos em 52 grupos de habitantes da Ásia, África, Europa e das Américas. Através da comparação, conseguiram dividilos em cinco grupos étnicos cujos ancestrais estiveram isolados por barreiras geográficas, como desertos extensos, montanhas intransponíveis ou oceanos: os africanos da região abaixo do deserto do Saara, os asiáticos do leste, os europeus e asiáticos que vivem a oeste dos Himalaias, os habitantes da Nova Guiné e Melanésia e os indígenas das Américas.

No entanto, quando os autores tentaram atribuir identidade genética aos habitantes do sul da Índia, verificaram que seus traços eram comuns a europeus e a asiáticos, observação consistente com a influência exercida por esses povos naquela área do país.

A conclusão é que só é possível identificar grupos de indivíduos com semelhanças genéticas ligadas a suas origens geográficas quando descendem de populações isoladas por barreiras que impediram a miscigenação.

Mas o conceito popular de raça está distante da complexidade das análises de polimorfismos genéticos: para o povo, raça é questão de cor da pele, tipo de cabelo e traços fisionômicos.

Nada mais primário!

Essas características sofreram forte influência do processo de seleção natural que, no decorrer da evolução de nossa espécie, eliminou os menos aptos. Pessoas com mesma cor de pele podem apresentar profundas divergências genéticas, como é o caso de um negro brasileiro comparado com um aborígene australiano ou com um árabe de pele escura.

Ao contrário, indivíduos semelhantes geneticamente, quando submetidos a forças seletivas distintas, podem adquirir aparências diversas. Nos transplantes de órgãos, ninguém é louco de escolher um doador apenas por ser fisicamente parecido ou por ter cabelo crespo como o do receptor.

Excluídos os gêmeos univitelinos, entre os 6 bilhões de seres humanos não existem dois indivíduos geneticamente idênticos. Dos 30 mil genes que formam nosso genoma, os responsáveis pela cor da pele e pelo formato do rosto não passam de algumas dezenas.

Como as combinações de genes maternos e paternos admitem infinitas alternativas, teoricamente pode haver mais identidade genética entre dois estranhos do que entre primos consangüíneos; entre um negro brasileiro e um branco argentino, do que entre dois negros sul-africanos ou dois brancos noruegueses.

Dráuzio Varela. *Folha de S. Paulo,* 1º de abril de 2006.

Observe o trecho abaixo.

“Como as combinações de genes maternos e paternos admitem infinitas alternativas, teoricamente pode haver mais identidade genética entre dois estranhos do que entre primos consangüíneos... “

Dando nova redação a esse fragmento, sem alterar as relações semânticas nele presentes, obtém-se:

a) Quando as combinações de genes maternos e paternos admitem infinitas alternativas, teoricamente pode haver mais identidade genética entre dois estranhos do que entre primos consangüíneos...

b) Enquanto as combinações de genes maternos e paternos admitem infinitas alternativas, teoricamente pode haver mais identidade genética entre dois estranhos do que entre primos consangüíneos...

c) Uma vez que as combinações de genes maternos e paternos admitem infinitas alternativas, teoricamente pode haver mais identidade genética entre dois estranhos do que entre primos consangüíneos...

d) Apesar de as combinações de genes maternos e paternos admitirem infinitas alternativas, teoricamente pode haver mais identidade genética entre dois estranhos do que entre primos consangüíneos...

55) (UEL-2006) Filho de Eriberto, o motorista que desmontou o esquema PC Farias e foi peça chave no *impeachment* do presidente Fernando Collor de Mello, André Vinícius colheu bem mais elogios do que hostilidades. Na época, ele tinha cinco anos e não entendia o que acontecia. Sofria, apenas, porque os pais o levavam para dormir com os avós, por precaução. “Eu não gostava da noite porque me separava deles. Era triste”, relembra. Com o tempo, ele passou a ser cumprimentado pela atitude heróica do pai. “Tenho orgulho. Ele foi corajoso. Mexeu com gente importante e era a parte mais fraca. Normalmente, as pessoas falam dele de forma respeitosa. Exceto um ‘seu pai é dedo-duro!’, dito de brincadeira, o resto é elogio.”

(Os filhos do país dos escândalos. In: *Istoé*, n. 1868, p. 40, 30 ago. 2005.)

Assinale a alternativa que apresenta a correta justificativa para a pontuação no texto.

a) A primeira vírgula serve para introduzir um trecho que contém informações sobre o termo antecedente.

b) A segunda vírgula justifica-se pela enumeração dos termos representados pelos substantivos próprios.

c) O ponto de exclamação representa o caráter imperativo da frase em que o sinal é utilizado.

d) As aspas duplas decorrem da mudança de interlocutor no diálogo travado no texto.

e) As aspas simples aparecem em função da ironia que se associa ao trecho.

56) (UEL-2006) Filho de Eriberto, o motorista que desmontou o esquema PC Farias e foi peça chave no *impeachment* do presidente Fernando Collor de Mello, André Vinícius colheu bem mais elogios do que hostilidades. Na época, ele tinha cinco anos e não entendia o que acontecia. Sofria, apenas, porque os pais o levavam para dormir com os avós, por precaução. “Eu não gostava da noite porque me separava deles. Era triste”, relembra. Com o tempo, ele passou a ser cumprimentado pela atitude heróica do pai. “Tenho orgulho. Ele foi corajoso. Mexeu com gente importante e era a parte mais fraca. Normalmente, as pessoas falam dele de forma respeitosa. Exceto um ‘seu pai é dedo-duro!’, dito de brincadeira, o resto é elogio.”

(Os filhos do país dos escândalos. In: *Istoé*, n. 1868, p. 40, 30 ago. 2005.)

Com base no texto, considere as afirmativas a seguir.

I. A expressão “o motorista que desmontou o esquema PC Farias” transmite uma informação mais precisa sobre o filho de Eriberto.

II. O uso da expressão “na época”, no segundo período do texto, deve-se à necessidade de distinguir dois momentos focalizados no texto.

III. A expressão “dito de brincadeira”, ao final do texto, explica que ainda no presente André é vítima de hostilidades.

IV. A expressão “por precaução”, no terceiro período do texto, constitui a justificativa para o fato de os pais levarem André Vinicius para dormir com os avós.

Estão corretas apenas as afirmativas:

a) I e IV.
b) II e III.
c) II e IV.
d) I, II e III.
e) I, III e IV.

57) (FUVEST-2007) Preciso que um barco atravesse o mar
Gosto e preciso de ti
lá longe
Mas quero logo explicar
para sair dessa cadeira
Não gosto porque preciso
para esquecer esse computador
Preciso sim, por gostar.
e ter olhos de sal
Mário Lago,
boca de peixe
<*www.encantosepaixoes.com.br*>
e o vento frio batendo nas escamas.
(...)
*Marina Colasanti, **Gargantas abertas**.*

a) Nos poemas acima, as preposições "para" e "por" estabelecem o mesmo tipo de relação de sentido? Justifique sua resposta.
b) Sem alterar o sentido do texto de Mário Lago, transcreva-o em prosa, em um único período, utilizando os sinais de pontuação adequados.

58) (UFC-2007) Texto 1
Leitor, veja o grande azar
do nordestino emigrante
que anda atrás de melhorar
da sua terra distante
nos centros desconhecidos
depressa vê corrompidos
os seus filhos inocentes
na populosa cidade
de tanta imoralidade
e costumes diferentes

A sua filha querida
vai pra uma iludição
padecer prostituída
na vala da perdição
e além da grande desgraça
das privações que ela passa
que lhe atrasa e lhe inflama
sabe que é preso em flagrante
por coisa insignificante
seu filho a quem tanto ama

ASSARÉ, Patativa do. Emigração. In: ____. *Cordéis e outros poemas.* Fortaleza: Edições UFC, 2006, p. 114.

Texto 2
Pobre mãe! Mulher da vida, vendendo o corpo por uma migalha! Aquilo, saber daquilo, ouvir falar naquilo, magoava-o fundamente. Mas a mãe era uma mulher boa, limpa, honesta. Que podia fazer? Abandonada no mundo pelos pais que fugiram na seca, errou de casa em casa, molecota solta, sem rumo, sem uma pessoa para cuidar dela. Dizem que era bonita, muito bonita. E terminou resvalando, caindo.
BEZERRA, João Clímaco. A vinha dos esquecidos. Fortaleza: Edições UFC, 2005, p. 26.

Texto 3
Pensou em casar com ela
pois grande esmola fazia
tirando aquela donzela
da pobreza em que vivia
e trazendo as outras duas
para a sua companhia
(...)
Abílio então desposou
a linda Maria Rosa
tirando as duas cunhadas
da pobreza lastimosa
a velha as tratava bem
de uma forma carinhosa
(...)
Ele zelava a mulher
como bondoso senhor
e era para as cunhadas
um sincero protetor
reinava naquela casa
um ambiente de amor
ASSARÉ, Patativa do. História de Abílio e seu cachorro Jupi. In: ____. Cordéis e outros poemas. Fortaleza: Edições UFC, 2006, p. 49-50.

Texto 4
Ela bem moça, a mando do pai, casara fazia já algum tempo com este Capitão Longuinho. Para isso houve vantajoso escambo entre o pai dela e o dito Capitão. A moça valera léguas de terras e gado. A diferença de idade entre os dois era pra muito mais de quarenta anos. A moça era de uma boniteza só.
CAMPOS, Natércia. A casa. Fortaleza: Edições UFC, 2004, p. 40.

Assinale a alternativa em que, alterando-se a posição do termo ***a mando do pai***, presente na passagem *Ela bem moça, a mando do pai, casara fazia já algum tempo com este Capitão Longuinho* (texto 4, linha01), a reescrita desrespeita uma das regras de pontuação.
a) A mando do pai, ela bem moça casara fazia já algum tempo com este Capitão Longuinho.
b) Ela, a mando do pai, bem moça casara fazia já algum tempo com este Capitão Longuinho.

c) Ela bem moça casara, a mando do pai, fazia já algum tempo com este Capitão Longuinho.
d) Ela bem moça casara fazia já algum tempo, a mando do pai com este Capitão Longuinho.
e) Ela bem moça casara fazia já algum tempo com este Capitão Longuinho, a mando do pai.

59) (PUC - PR-2007) Texto I
Plantadores de cana levaram o mangusto, um mamífero asiático, para acabar com os ratos no Havaí. Mas ele é diurno, e os ratos são notívagos.
Resultado: hoje os dois animais são pragas na região.
(Época, nº 405, p. 13)
Com relação ao texto I, indique a alternativa FALSA:
a) A vírgula colocada após a palavra diurno está empregada de modo inadequado.
b) A expressão um mamífero asiático, no texto, está funcionando como informação complementar, o que justifica o fato de estar entre vírgulas.
c) A palavra mas pode ser substituída, nesse caso, por o problema é que.
d) Os dois-pontos (:) deram destaque à informação colocada em seguida.
e) O modo como o texto está construído orienta o leitor a inferir que o mangusto não é predador de ratos.

60) (PUC - PR-2007) Texto VIII
Segredos femininos
Tecnologia revela intimidades de Mona Lisa e Nefertiti O rosto de Nefertiti, esposa do faraó Akhenaton (1356-1336 a.c.), apresentava sinais de envelhecimento. A constatação foi possível, porque tais características foram reproduzidas num busto desenterrado em 1912. A peça, com 3 mil anos de idade, encontra-se no Berlin Altes Museum, na capital alemã. Em meados deste ano o museu dotou a obra de um novo sistema de iluminação. As luzes mais fortes entregaram as rugas e as bolsas sob os olhos. Já uma equipe de cientistas canadenses, que examinou a Mona Lisa com máquinas de imageamento em infravermelho, descobriu sinais de um tecido transparente que foi pintado e depois retocado. À época em que o quadro foi criado, esse tipo de vestimenta era usado por mulheres grávidas ou que haviam acabado de dar à luz. Sabe-se que Leonardo da Vinci pintou o retrato da esposa do comerciante Francesco Del Giocondo durante três anos e o alterou muitas vezes.
(Galileu, São Paulo, n.184, p.25, nov. 2006.)

"O rosto de Nefertiti, esposa do faraó Akhenaton (1356-1336 a.c.), apresentava sinais de envelhecimento."
Escolha a alternativa em que o uso das vírgulas tenha a mesma função que no período destacado.
a) Sigmund Freud, pai da psicanálise, é o grande nome da psicologia em todo o mundo.
b) Apesar de afirmar que a gripe aviária não deve chegar ao Brasil neste ano, o governo lançou em abril o Plano Nacional de Prevenção da Influenza Aviária.
c) Segundo os cientistas australianos, os resultados iniciais dos experimentos são promissores.
d) Na infância, eu adorava os Transformes, mas meus pais não tinham dinheiro para comprá-los.
e) Os anéis planetários encontrados ao redor de Júpiter, Netuno, Saturno e Urano são de tonalidade avermelhada.

61) (PUC - RJ-2007) Texto 1

Trechos da entrevista de Jacob Needleman à Revista Superinteressante, Editora Abril, julho de 2001.
Jacob Needleman
O filósofo americano diz que dinheiro não traz felicidade e explica como é possível viver sem dar tanta importância à conta bancária.
SUPER – Por que é tão difícil lidar com dinheiro?
NEEDLEMAN – O dinheiro reflete nossa imaginação, nossos desejos, necessidades e temores. Ele é nossa principal tecnologia social, por meio da qual vivemos hoje. Se somos sugestionáveis e vulneráveis ao que dizem e pensam os outros, o dinheiro espelhará tudo isso. A angústia que sentimos em relação ao dinheiro é reflexo da angústia que sentimos em relação a nós mesmos.
SUPER – Por que ele tem esse poder?
NEEDLEMAN – O dinheiro foi inventado para facilitar trocas entre as pessoas. O detalhe é que muitas coisas que não podiam ser medidas em termos monetários hoje têm preço. É o caso do cuidado com os filhos. As pessoas saem pra trabalhar e deixam os filhos com profissionais. Outros não têm tempo nem para a amizade e, quando querem falar dos problemas, têm de pagar um terapeuta. O dinheiro virou instrumento para aferir até nosso amor-próprio. Aqui nos Estados Unidos dizemos:
"Quanto vale essa pessoa?" Há algum tempo, isso seria loucura. O dinheiro por si mesmo não proporciona felicidade. Ele dá prazer, alguma sensação de segurança. Mas, com o passar do tempo, percebe-se que ele não alimenta nossa alma. Temos de tratá-lo como um meio, não como um fim. Mas, para isso, temos de ter um fim, um objetivo. Só somos felizes quando a vida tem um significado. Transformar o dinheiro em nosso único objetivo é como comer comida com gosto de plástico.
SUPER – E por que tanta gente ainda acredita que o dinheiro traz felicidade?
NEEDLEMAN – As pessoas procuram algo que confira um significado a suas vidas. E muitas das coisas que antigamente se acreditava trazer felicidade perderam poder: religião, espiritualismo, filosofia ou mesmo arte. Todos precisamos de dinheiro, assim como de ar, de alimentos e convívio social. Sim, porque ninguém pode se mudar para uma floresta e viver sozinho. As forças da cultura são fortes demais. Não podemos simplesmente

abandonar a sociedade, nem abrir mão do que temos, da tecnologia. [...]
SUPER – Qual a influência do dinheiro sobre as emoções?
NEEDLEMAN – Nossa cultura nos faz crer que coisas materiais podem nos fazer felizes, mas elas dão apenas um prazer superficial. Prazer é diversão, não perdura, é diferente de felicidade. Precisamos dessas coisas, mas a sociedade capitalista em que vivemos cria desejos para que haja sempre mais demanda. Pelos menos 75% dos produtos disponíveis hoje são dispensáveis.

a) Reescreva duas vezes a segunda oração do período abaixo, substituindo o verbo "**viver**" por cada um dos seguintes verbos:
i – lidar
ii – depender
"Ele é nossa principal tecnologia social, por meio da qual vivemos hoje."
b) Pontue o período a seguir, empregando apenas um sinal de vírgula e um de dois pontos.
É aquela velha história se você coloca coisas caras em casa vai precisar pôr trancas nas portas e grades nas janelas.

62) (FGV - SP-2007) Assinale, dentre as alternativas abaixo, aquela em que a pontuação está de acordo com a norma culta.
a) Se as pessoas se irritam com facilidade, se não sabem conter a raiva elas se voltarão contra alguém, além disso, estarão prontas para enfrentar qualquer inimigo.
b) Se as pessoas se irritam com facilidade, se não sabem conter a raiva, elas se voltarão contra alguém; além disso, estarão prontas para enfrentar qualquer inimigo.
c) Se as pessoas se irritam com facilidade, se não sabem conter a raiva, elas se voltarão contra alguém além disso, estarão prontas para enfrentar qualquer inimigo.
d) Se as pessoas, se irritam com facilidade, se não sabem conter a raiva, elas se voltarão contra alguém, além disso, estarão prontas, para enfrentar qualquer inimigo.
e) Se as pessoas se irritam com facilidade se não sabem conter a raiva, elas se voltarão contra alguém. Além disso, estarão prontas para enfrentar qualquer inimigo.

63) (PUC - RJ-2007) Na Idade Média, no início dos tempos modernos, e por muito tempo ainda nas classes populares, as crianças misturavam-se com os adultos assim que eram consideradas capazes de dispensar a ajuda das mães ou das amas, poucos anos depois de um desmame - ou seja, aproximadamente, aos sete anos de idade. A partir desse momento, ingressavam imediatamente na grande comunidade dos homens, participando com seus amigos jovens ou velhos dos trabalhos e dos jogos de todos os dias. O movimento da vida coletiva arrastava numa mesma torrente as idades e as condições sociais, sem deixar a ninguém o tempo da solidão e da intimidade. Nessas existências densas e coletivas, não havia lugar para um setor privado. A família cumpria uma função - assegurava a transmissão da vida, dos bens e dos nomes – mas não penetrava muito longe na sensibilidade.
(...)
A família moderna retirou da vida comum não apenas as crianças, mas uma grande parte do tempo da preocupação dos adultos. Ela correspondeu a uma necessidade de intimidade e também de identidade: os membros da família se unem pelo sentimento, o costume e o gênero de vida. As promiscuidades impostas pela antiga sociabilidade lhes repugnam. Compreende-se que essa ascendência moral da família tenha sido originariamente um fenômeno burguês: a alta nobreza e o povo, situados nas duas extremidades da escala social conservaram por mais tempo as boas maneiras tradicionais, e permaneceram indiferentes à pressão exterior. As classes populares mantiveram até quase nossos dias esse gosto pela multidão. Existe portanto uma relação entre o sentimento da família e o sentimento de classe. Em várias ocasiões, ao longo deste estudo, vimos que eles se cruzavam. Durante séculos os mesmos jogos foram comuns às diferentes condições sociais; a partir do início dos tempos modernos, porém, operou-se uma seleção entre eles: alguns foram reservados aos bem-nascidos, enquanto outros foram abandonados ao mesmo tempo às crianças e ao povo. As escolas de caridade do século XVII, fundadas para os pobres, atraíam também as crianças ricas.
Mas a partir do século XVIII, as famílias burguesas não aceitaram mais essa mistura, e retiraram suas crianças daquilo que se tornaria um sistema de ensino primário popular, para colocá-las nas pensões ou nas classes elementares dos colégios, cujo monopólio conquistaram. Os jogos e as escolas, inicialmente comuns ao conjunto da sociedade, ingressaram então num sistema de classes. Foi como se um corpo social polimorfo e rígido se desfizesse e fosse substituído por uma infinidade de pequenas sociedades - as famílias - e por alguns grupos maciços - as classes. As famílias e as classes reuniam indivíduos que se aproximavam por sua semelhança moral e pela identidade de seu gênero de vida. O antigo corpo social único, ao contrário, englobava a maior variedade possível de idades e condições.
Ariès, Philippe. Historia Social da Criança e da Família. 2ª. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.
pp. 194-6.

a) Em "a partir do início dos tempos modernos, porém, operou-se uma seleção entre eles (...)", a palavra se é um pronome apassivador, que constitui também um recurso lingüístico de indeterminação do agente da ação verbal. Transcreva do texto 2 outro exemplo em que a palavra se tenha sido empregada com essa mesma função.
b) Reescreva o trecho a seguir , empregando os sinais de pontuação adequados.
A evolução da família medieval para a família do século XVII e para a família moderna durante muito tempo se limitou aos nobres aos burgueses aos artesãos e aos

lavradores ricos ainda no início do século XIX uma grande parte da população a mais pobre e mais numerosa vivia como as famílias medievais com as crianças afastadas da casa dos pais.

64) (ESPM-2007) Das frases extraídas do jornal ***Folha de S.Paulo***, assinale aquela em que a colocação da(s) **vírgula(s)** esteja de acordo com a norma culta (as demais vírgulas estão propositalmente indevidas):

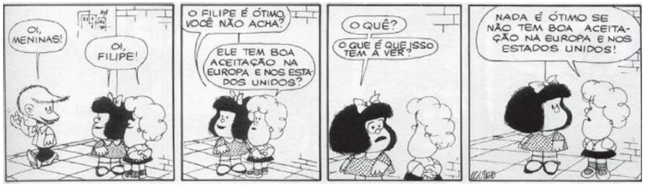
OI, MENINAS!
OI, FILIPE!
O FILIPE É ÓTIMO VOCÊ NÃO ACHA?
ELE TEM BOA ACEITAÇÃO NA EUROPA E NOS ESTADOS UNIDOS?
O QUÊ?
O QUE É QUE ISSO TEM A VER?
NADA É ÓTIMO SE NÃO TEM BOA ACEITAÇÃO NA EUROPA E NOS ESTADOS UNIDOS!

a) Em meio à violência que cada vez mais preocupa o país(,) e assusta as pessoas há dois bons exemplos em segurança pública em Santa Catarina.
b) Após explosões(**,**) Hisbollah clama vitória(**,**) e Israel ameaça com represálias.
c) A turbulência que atingiu as Bolsas em todo o mundo na semana passada(,) causou estragos no mercado brasileiro.
d) Fundo de investimento afirma que(**,**) mercado brasileiro continua um dos mais atrativos no universo dos emergentes.
e) A Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica divulgou alerta(,) no qual manifesta preocupação com o que chama de banalização(,) das lipos de pequeno porte.

GABARITO

1) Alternativa: A

2) a) A palavra **amanhã** funciona como Adjunto Adverbial. Como é uma palavra pequena e vem intercalada na oração, há duas possibilidades de pontuação:
- isolando a palavra **amanhã**, com uma vírgula antes e outra depois;
- eliminando-se a vírgula após **amanhã**, para que se evite a separação de termos essenciais da oração (verbo *assistir* e seu complemento *revista eletrônica*).

b) **Sem** a vírgula, imagina-se a existência de **vários** tipos de “revista eletrônica feminina”, pois a oração *que é a referência do gênero na TV* torna-se uma oração subordinada adjetiva **restritiva**; **com** a vírgula, imagina-se só haver **um** tipo de “revista eletrônica feminina”, pois a oração *que é a referência do gênero na TV* passa a ser oração subordinada adjetiva **explicativa**.

3) Alternativa: A

4) Alternativa: C

5) Alternativa: C

6) Alternativa: B

7) Habituada a alardear previsões catastróficas, nem sempre confirmadas, a Organização Mundial de Saúde, OMS, resolveu promover um tardio acerto de contas com as conquistas forjadas no interminável duelo da humanidade contra a morte. o relatório anual da entidade, divulgado neste mês, conclui o seguinte: “a população mundial nunca teve uma perspectiva de vida tão saudável. (ou ;) o século XXI não traz simplesmente a probabilidade de uma vida mais longa, mas também uma qualidade de vida superior, com menos doenças .”

8) Alternativa: B

9) O termo é a conjunção ***porém***, que, por ser uma conjunção em posição intercalada, deveria vir separada por vírgulas.

10) a) Certamente. Sem a vírgula, a oração "que pagam impostos" é adjetiva restritiva, ou seja, apenas alguns ricos brasileiros pagam impostos. Caso seja colocada a vírgula, a oração passaria a ser adjetiva explicativa, ou seja, todos os ricos brasileiros passariam a pagar impostos.
b) As vírgulas são obrigatórias, uma vez que se trata de uma oração intercalada (entre o sujeito e o seu verbo). A expressão "quem diria" expressa a surpresa de entre os ricos brasileiros haver um funcionário público. Essa surpresa pode ser motivada pela crença de que funcionário público ganha pouco ou pela indignação diante da descoberta de mais um 'marajá'.

11) Alternativa: C

12) Alternativa: B

13) Alternativa: D

14) Alternativa: A

15) Alternativa: D

16) Quem ensina ou orienta [,] ou [] precisa desenvolver [] a habilidade de ser empático [.] a empatia [] consiste [] na capacidade de colocar-se [] no lugar do outro [,] de ver as coisas da perspectiva dele [.] ou [:] ou [;] por exemplo [,] uma professora [,] ao avaliar um novo jogo de palavras cruzadas destinado a ampliar [] o vocabulário de suas crianças [,] pode achá-lo fascinante [,] ou [;] mas deve perguntar-se [] se as crianças lidarão bem com o novo jogo [:] ou [.] será que elas vão gostar [?] será que vão entender as regras de funcionamento [?] será que o vocabulário vai realmente ser ampliado [?]

17) Não há dúvida de que as empresas de auditoria incorporaram a automação às suas atividades. não obstante esse fato, varia muito o tipo de abordagem utilizado para implantar a automação. por exemplo, às vezes, nos casos em que a automação das auditorias depende do prestígio do cliente, segue-se uma abordagem baseada na hierarquia das prioridades. em outros casos, é usado um processo mais segmentado, automatizando por partes a auditoria, sem que haja grande preocupação com uma visão mais holística. ocasionalmente se adota uma combinação dessas duas abordagens.
(*) Dependendo de vários fatores (por exemplo, o sentido que o autor pretenda atribuir ao texto e a cada uma de suas partes), existem outras maneiras de pontuar o trecho acima. Admitem-se, portanto, outras respostas, além daquela aqui mencionada.

18) Alternativa: B

19) Sem resposta correta.
Embora a GV tenha dado a alternativa E como correta, é plenamente possível aceitar a vírgula após a conjunção *e*, visto que após ela há a intercalação de uma oração adverbial.

20) Alternativa: B

21) Alternativa: A

22) a) que ele tem a alma... (fala das pessoas)
b) que use, na frase que ele vive,

o inevitável ponto final.

23) Alternativa: D

24) Usa-se a vírgula para separar a oração adverbial *por mais que a repreendesse,* que aparece intercalada

25) a) Sim. Na primeira construção, quem ama *o feio* muda sua avaliação e passa a achá-lo bonito. Na segunda construção, quem ama transforma, em sua visão, o feio em bonito. Em outras palavras, na primeira construção, ama-se o feio, enquanto na segunda não há um objeto definido para o ato de amar.
b) Para quem ama, o feio bonito lhe parece. (ou, mudando a ordem: *Para quem ama, o feio lhe parece bonito*)

26) Alternativa: A

27) Alternativa: C

28) Alternativa: D

29) a) O trecho abaixo se refere ao estilo de Graciliano Ramos:
Falo somente com o que falo:
Com as mesmas vinte palavras
Segundo o autor, o estilo de Graciliano Ramos é conciso, direto, seco.
b) Podemos entender de duas maneiras, não contraditórias. Os dois-pontos interrompem o fluxo e inserem uma explicação sobre Graciliano Ramos ou inserem um discurso que o eu-lírico, ficcionalmente, atribuiria a Graciliano Ramos.

30) Alternativa: D

31) a) Para desespero meu, havia leitura obrigatória de livro indicado, (poderia ser usado **;**)porém ocorreu uma surpresa: era tão bom aquele livro que não senti nenhum aborrecimento na leitura.
Obs: haveria outras possibilidades, principalmente caso invertesse a ordem.
b) A obrigação de ler um livro**,** como toda obrigação**,** indispõe-nos contra a tarefa imposta**,** mas pode ocorrer**,** se encontrarmos prazer nessa leitura**,** que o peso da obrigação desapareça.

32) Alternativa: C

33) A oração isolada por vírgulas, “que sempre o seguia”, é subordinada adjetiva explicativa.

34) Alternativa: D

35) a) Na primeira ocorrência, a expressão “faz sentido” pode ser entendida como “corresponde a seu significado estrito” ou “corresponde a seu sentido próprio” ou, ainda, “raramente tem cabimento”; na segunda ocorrência, ganha o significado de “[onde] se justifica [?]” ou “[onde] é adequada [?]”.
b) Justificativas do uso de aspas:
• “teatro filmado” - as aspas servem para delimitar e identificar a expressão no sentido do discurso técnico especializado;
• “O Rei da Vela”; “Henrique IV”; “Júlio César” - nessas três ocorrências, as aspas têm a função de destacar o título de obras de arte.
• “cinematografizar” - as aspas são usadas para indicar que o vocábulo é um neologismo, sem registro nos dicionários.

36) Alternativa: B

37) Alternativa: E

38) a) Frases exclamativas (“Ah! Doutor”; “Singular!”; “Vai ser uma revolução!”; “Milagroso!”; “É engenhoso!”)
b) As perguntas procuram incutir no leitor dúvidas (mas apenas as dúvidas que a propaganda pretende dirimir) que, em seguida, serão respondidas de forma categórica. Assim, as perguntas procuram a adesão do leitor, já as frases afirmativas trazem os argumentos e a tese em si.

39) a) Introduzir diálogo (mudar personagem que fala).
b) Funcionam como rubrica do texto teatral (marcação de cena).

40) a) As duas leituras possíveis são:
- A comida, que é para gatos, tem pouca gordura. Nesse caso, ‘com pouca gordura’ é lido como complemento de ‘comida’.
- A comida é para gatos que tenham pouca gordura. Nesse caso, ‘com pouca gordura’ é lido como complemento de ‘gato’.
b) Primeira leitura: Comida, para gato, com pouca gordura ou Comida para gato, com pouca gordura. Nesses casos, a referência da expressão ‘com pouca gordura’ se estabelece com ‘comida’.
Segunda leitura: Comida, para gato com pouca gordura.

Esta questão ressalta as relações sintáticas como fundamentais para os processos de leitura e escrita. Espera-se que o candidato observe os processos sintáticos em jogo, demonstrando compreensão dos recursos de pontuação ao explicitá-los por meio de vírgulas.

Fonte: Banca examinadora da Unicamp

41) a) O candidato tanto pode responder ‘sim’ quanto ‘não’, desde que justifique adequadamente. A referência a

‘Paraná’, estabelecida pelo ‘que’, não se altera com a troca pela vírgula. O que muda é a ênfase sobre a relação entre as duas frases e, conseqüentemente, o ritmo, a entonação. Ocorrem, portanto, mudanças prosódicas. A vírgula imprime continuidade entre as duas frases, ressaltando o sentido de causa e conseqüência entre “largou o verbo” e “respondeu à altura”, com menor ênfase sobre cada uma das ações afirmadas. O ponto final imprime maior independência entre essas ações, e também entre as personagens.

b) Esse trecho da resposta de Paraná chama a atenção para a sintaxe da língua pelo uso de ‘le’, não esperado segundo a norma gramatical padrão. A resposta de Paraná, pela presença do pronome oblíquo, traz uma tentativa de estruturação formal, que fica em dessintonia com a substituição de ‘lhe’ por ‘lê’ e por sua colocação na frase.

c) Esbravejou, gritou, trovejou (entre outras). As substituições que se aproximarem mais do sentido de ‘tonitruou’ serão mais valorizadas, mas todas as substituições possíveis serão consideradas.

Esta questão chama a atenção para a importância de reflexões sobre a pontuação, a prosódia, a sintaxe e a sinonímia nos processos de leitura e escrita. No item a), há uma articulação entre a pontuação e a prosódia. Seria interessante que o candidato reconhecesse a importância da prosódia para a interpretação. Contudo, como já afirmado, não se penalizará aquele candidato cuja resposta venha pautada por uma perspectiva mais referencial. No item b), espera-se que candidato reflita sobre a norma padrão da língua, e que, ao mesmo tempo, considere a sintaxe como parte integrante do processo de leitura. O item c) incide sobre a possibilidade de o candidato compreender o sentido de uma palavra mesmo que nunca a tenha encontrado anteriormente. As relações sinonímicas não se restringem à troca de uma palavra por outra, o que significa que essa questão não é de vocabulário, mas de leitura.

Fonte: Banca examinadora da Unicamp

42) Alternativa: B

43) Alternativa: A

44) Alternativa: B

45) Alternativa: C

46) Alternativa: D

47) Alternativa: D

48) Alternativa: D

49) Alternativa: A

50) a) O termo em questão é em geral utilizado como nome próprio, o que ocorre, por exemplo, quando Vieira se refere ao imperador Alexandre nas linhas 1 e 2. Na linha 6, o termo *Alexandres* aparece com emprego distinto do habitual, enquadrando-se, portanto, na definição de *figura* oferecida por Reboul: em vez de se referir a indivíduos de nome *Alexandre*, refere-se metonimicamente a todos aqueles que, como Alexandre Magno, alcançam poder e glória com suas conquistas e apropriações.

b) “o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres”. A segunda vírgula indica, no caso, a supressão do verbo *fazer*.

51) Alternativa: A

52) Alternativa: B

53) Alternativa: D

54) Alternativa: C

55) Alternativa: A

56) Alternativa: C

57) a) O sentido das preposições essenciais “para” e “por” empregadas nos textos de Marina Colasanti e Mário Lago, respectivamente, não é o mesmo. A primeira estabelece relação de finalidade: manifesta o desejo (a intenção) que o poeta sente de fugir da inércia (do imobilismo) e de se libertar da rotina (da escravidão do trabalho). Já a segunda estabelece relação de causa, evidenciando a razão pela qual o enunciador gosta (o motivo que provoca a necessidade).

b) Gosto e preciso de ti, mas quero(,) logo(,) explicar: não gosto porque preciso, preciso sim por gostar.

Outra possibilidade seria:
Gosto e preciso de ti, mas quero(,) logo(,) explicar: não gosto porque preciso; preciso, sim, por gostar.

58) Alternativa: D

59) Alternativa: A

60) Alternativa: A

61) Resposta:
a)
i – ..., com a qual lidamos hoje.
ii – ..., da qual dependemos hoje.
b) É aquela velha história: se você coloca coisas caras em casa, vai precisar pôr trancas nas portas e grades nas janelas.

62) Alternativa: B

63) a) “Compreende-se que essa ascendência moral da família tenha sido originariamente um fenômeno burguês(...)”
b) A evolução da família medieval para a família do século XVII e para a família moderna, durante muito tempo, se limitou aos nobres, aos burgueses, aos artesãos e aos lavradores ricos. Ainda no início do século XIX, uma grande parte da população, a mais pobre e mais numerosa, vivia como as famílias medievais, com as crianças afastadas da casa dos pais.

64) Alternativa: B

PORTUGUÊS

Morfologia

Substantivos

Prof.ª Isabel Vega

I – PROPRIEDADES

1) Dão nome aos seres em geral.

2) Têm gênero próprio (masculino ou feminino) e variam em número (singular ou plural).

3) Servem de núcleo de várias funções sintáticas, como sujeito, objeto direto,objeto indireto, agente da passiva, complemento nominal.

OBS.: Para substantivar qualquer palavra de outra classe gramatical, basta inserir um artigo.

Ex.: o porquê / o dormir / o belo / um quê

II - CLASSIFICAÇÃO DOS SUBSTANTIVOS

1) **Concretos e Abstratos**

2) **Próprios e Comuns** (emprego da letra maiúscula)

Ex.: **DA PERFEIÇÃO DA VIDA**

Por que prender a vida em conceitos e normas?
O Belo e o Feio... o Bom e o Mau... Dor e Prazer...
Tudo, afinal, são formas
E não degraus do ser!

(Mário Quintana)

3) Coletivos (vocabulário)

Ex.: chusma (de pessoas) / girândola (de foguetes) / fato (de cabras) / plêiade (de poetas ou artistas) / lustro

III - Flexões dos substantivos

1) Número (formação do plural)

- o freguês (oxítona) → os fregueses
- o lápis (paroxítona) → os lápis
- o barril → os barris
- o papel → os papéis

- o chapéu → os chapéus
- o refrão → os refrãos ou os refrães
- o vilão → os vilãos ou os vilões

- **Palavras que só se usam no plural** → os óculos /as olheiras
  as costas /as férias

- **Diminutivos (zinho)**

→ balão > balãozinho - plural:balões + zinhos > balõezinhos

→ colher > colherzinha – pl.:colheres + zinhas >colherezinhas

- **Substantivos compostos**

a)palavras ligadas por hífen – variam os dois elementos: amores-perfeitos / obras-primas / terças-feiras / ares-condicionados

b)palavras sem hífen: aguardentes / ferrovias / malmequeres

c)palavras ligadas por hífen, primeira palavra invariável ou verbo: abaixo-assinados / guarda-chuvas

d) palavras ligadas por preposição: pães de ló / testas-de-ferro / joões-de-barro / mestres de obra

e)palavras ligadas por hífen, segunda palavra substantivo como determinante: bananas-prata / pombos-correio / palavras-chave

2) Gênero

Ex.: a sentinela / a cal / a omoplata / o grama / o diabete(s)
o capital – a capital / o cabeça – a cabeça

3) Grau

- aumentativo: grande (homem grande)
  OBS.:valor afetivo ou pejorativo: mãezona / corpão / narigão

- diminutivo: pequeno (homem pequeno)
  OBS.:valor afetivo ou pejorativo: boquinha / mulherzinha

PORTUGUÊS

Interpretação de textos

Figuras de linguagem – Parte II

Prof.ª Isabel Vega

I) FIGURAS DE SINTAXE → Usa-se para conseguir expressividade por meio da alteração de um padrão de estrutura gramatical.

a) ELIPSE - É a omissão de um termo que o contexto ou a situação permitem facilmente suprir:

- do sujeito:

Ex.: **(Nós) Saímos** sempre aos sábados para distrair.

- do verbo (parcial ou total):

Ex.: Na vida dela houve só mudança de personagens; na dele**,** **(houve)** mudança de personagens e de cenários.

- da preposição **de** antes da conjunção integrante que introduz as orações objetivas indiretas e as completivas nominais:

  Ex.: Tem **medo (de) que** alguém descubra o que fez.

- da conjunção integrante **que**:

  Ex.: Pensei **(que)** fossem chegar reforços.

b) HIPÉRBATO - Em sentido corrente, é termo genérico para designar toda inversão da ordem normal das palavras na oração, ou da ordem das orações no período, com finalidade expressiva.

Ex.: [**As crianças**] [acho] [que brincam melhor em grupo].

Ordem direta:[Acho] [que as crianças brincam melhor em grupo].

c) ASSÍNDETO – “Ocorre quando as orações de um período ou as palavras de uma oração se sucedem sem conjunção coordenativa que poderia enlaçá-las. É um vigoroso processo de encadeamento do enunciado, que reclama do leitor ou do ouvinte uma atenção maior no exame de cada fato, mantido em sua individualidade, em sua independência, por força das pausas rítmicas.” (Celso Cunha)

Ex.1:”Lavava roupas da Baixa, vestia, usava, lavava outra vez, levava.” (Luandino Vieira, *JV*,103)

Ex.2: “Oh, não aguardes que a madura idade / Te converta essa flor, essa beleza, / Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada.” (Gregório de Matos)

Figuras de linguagem – Parte II

d) POLISSÍNDETO - "É o contrário do assíndeto, ou seja, é o emprego reiterado de conjunções coordenativas, especialmente das aditivas. Com o POLISSÍNDETO, interpenetram-se os elementos coordenados; a expressão adquire assim uma continuidade, uma fluidez, que a tornam particularmente apta para sugerir movimentos ininterruptos ou vertiginosos."

Ex.:"Como uma horda de seres vivos, cobríamos gradualmente a terra. Ocupados como quem lavra a existência, **e** planta, **e** colhe, **e** mata, **e** vive, **e** morre, **e** come." (C. Lispector)

e) SILEPSE - É a concordância que se faz não com a forma gramatical das palavras, mas com o seu sentido, com a ideia que elas expressam (concordância ideológica).

- **Silepse de número:**

Ex.: Na rua, **o povo** manifestava-se. **Gritavam** por justiça.
↳ singular ↳ plural

- **Silepse de gênero:**

Ex.: **Vossa Excelência** parece muito **indignado**!
↳ feminino ↳ masculino

- **Silepse de pessoa:**

Ex.: **Todos** **queremos** o melhor para o país.
↳ 3ªp. ↳ 1ªp.

OBS.: No português popular, tanto da Europa como do Brasil e de África, a palavra **gente** costuma levar o verbo para a **1ª pessoa do plural**:

Ex.1: "— No fundo **a gente** se consolava, **pensávamos** em nós mesmos." (Autran Dourado, *IP*, 27.)

Ex.2: "— **A gente perdemos** sempre, mas nunca que desistimos..." (Luandino Vieira, *NANV*, 200.)

PORTUGUÊS

Funções morfossintáticas
da palavra “que”

Prof.ª Isabel Vega

Funções morfossintáticas da palavra “que”

►A palavra “que” pode receber as seguintes classificações:

I) SUBSTANTIVO → é acentuado e vem sempre antecedido de artigo ou de outra palavra determinante. Pode apresentar o sentido relativo a “alguma coisa”, “algo”.

Ex.1: Aquela menina demonstrava [um **quê**] de insatisfação.
↳ = alguma coisa

Ex.2: [Os três **quês**] da frase eram todos conjunções.

II) INTERJEIÇÃO → expressa sentimento ou emoção. Vem sempre acentuada e seguida de ponto de exclamação.

Ex.: [**Quê!**] Você não está falando sério...

Funções morfossintáticas da palavra “que”

III) PRONOME ADJETIVO INDEFINIDO → acompanha um substantivo, intensificando-o.

Ex.1: **Que** dia maravilhoso!

Ex.2: **Que** maravilhoso dia!

IV) ADVÉRBIO → intensifica a ideia expressa por um adjetivo ou por um advérbio; equivale a “quão” ou “quanto”.

Ex.1: **Que** maravilhoso está o dia! (discurso direto)

Ex.2: Pensei **que** lindo era aquele lugar!(discurso indireto)

V) PRONOME INTERROGATIVO → é usado nas orações interrogativas diretas ou indiretas, como pronome substantivo ou pronome adjetivo.

Ex.1: Fez [o **que**] até agora na rua?
↳ pronome substantivo (OD)

Ex.2: Até agora, você fez [o **quê**]**?**
↳ pronome substantivo (OD)

Ex.3: Ainda não descobri [**que** esporte você prefere].
↳ pronome adjetivo (adj.adn.)

Funções morfossintáticas da palavra "que"

VI) PREPOSIÇÃO → equivale à preposição **de**, embora muitos teóricos considerem esse uso informal. Serve para ligar verbos de locuções verbais formadas pelos auxiliares **ter** ou **haver**.

Ex.: Todos temos **que** avaliar melhor as nossas escolhas.

VII) PARTÍCULA EXPLETIVA OU DE REALCE → emprega-se para dar ênfase e pode ser descartada sem prejuízo para a estrutura de base da oração.

Ex.1: Você sabe qual [**que**] é o livro que José procura?

Ex.2: Eu [**é que**] sei das minhas dificuldades!

VIII) PRONOME RELATIVO → inicia as orações subordinadas adjetivas, referindo-se ao termo antecedente.

Ex.1: **A amizade** [**que** quero] é a sua.

↳pronome relativo (OD)

(Quero **a sua amizade**)

Ex.2: Pode comprar **o livro** [de **que** preciso]?

↳pronome relativo (OI)

(Preciso **do livro**)

Ex.3: **O bairro** [em **que** moro] é muito tradicional.

↳pronome relativo (adj.adv.)

(Moro **em um bairro**)

IX) CONJUNÇÃO

- **coordenativa aditiva:**

  Ex.:O sino tocava [**que** tocava], a chamar os fiéis.

- **coordenativa explicativa:**

  Ex.:Não grita, [**que** eu me assusto].

- **subordinativa integrante:** orações subordinadas substantivas.
  Ex.:Não sabia [**que** você era escritor].

- **subordinativa adverbial causal:**
  Ex.:Ele saiu cedo [**que** não podia chegar atrasado].

Funções morfossintáticas da palavra "que"

- **subordinativa adverbial consecutiva:**

  Ex.: Todos comeram tanto [**que** ficaram com dor de barriga].

- **subordinativa adverbial final:**

  Ex.: Alertei-o, [**que** não se impressionasse com o filme].
  (para que)

- **subordinativa adverbial comparativa:**

  Ex.: Ela chegou mais cedo [**que** eu].
  (do que eu cheguei)

PORTUGUÊS

Morfologia - Verbos

Estrutura do verbo

Prof.ª Isabel Vega

Estrutura do verbo

► **sonh á va mos**
(sonh + a + r)

a) Radical
b) Vogal temática
c) Desinência modo-temporal
d) Desinência número-pessoal

► **escrev + ia + m**
(escrev + e + r)

radical + DMT + DNP (OBS.: v.t. = Ø)

Estrutura do verbo

►sorr + i + ste
radical + vogal temática + DNP (DMT = Ø)

OBS.:

- vend**e**u → radical + vogal temática + DNP (DMT = Ø)
- am**o**u → radical + vogal temática (variante) + DNP (DMT = Ø)
  (taurum > touro - aurum >ouro)
- cant**e**i → radical + vogal temática (variante) + DNP (DMT = Ø)
- ama**ve**is → R + VT + DMT (variante) + DNP

I – Desinências Modo-Temporais – Infinitivo

a) Presente → Ø (am + o)

b) Pretérito Imperfeito → -va (1ª conj.) (am + a + va + s)
→ -ia (2ª e 3ª conj.) (vend + ia + m)

c) Pretérito Perfeito → Ø (vend + e + stes)

d) Pretérito mais que Perfeito → -ra (am + á + ra + mos)

e) Futuro do Presente → -re / -ra (tônico) (am + a + re + i)/
(vende + e + rá + s)

f) Futuro do Pretérito → -ria (am + a + ria)

II – Desinências Modo-Temporais – Subjuntivo

a) Presente → -e (1ª conj.) (am + e + s)
→ -a (2ª e 3ª conj.) (vend + a + mos)

b) Pretérito Imperfeito → -sse (vend + e + sse + m)

c) Futuro → -r (am + a + r + des / vend + e + r + em)

Qconcursos.com

Estrutura do verbo

	Regular	Presente Indic.	Futuro do Presente	Fut. Subj.	Pretérito Perfeito
1ª p. sing.	Ø	-o	-i	Ø	-i
2ª p.sing.	-s	-s	-s	-(e)s	-ste
3ª p.sing.	Ø	Ø	Ø	Ø	-u
1ª p. pl.	-mos	-mos	-mos	-mos	-mos
2ª p. pl.	-is	-is	-is	-des	-stes
3ª p. pl.	-m	-m	-o	-(e)m	-ram

Qconcursos.com

PORTUGUÊS

Interpretação de textos

Figuras de linguagem – Parte I

Prof.ª Isabel Vega

Figuras de Linguagem - Parte I

I) FIGURAS DE PENSAMENTO → são aquelas associações que se fazem no campo das ideias.

a) COMPARAÇÃO – Estabelece uma comparação entre dois elementos por meio de uma qualidade comum, mantendo-se a essência dos dois. Os dois elementos aparecem no enunciado, ligados por um conectivo do tipo **como**, **que nem**, **feito**, **assim como**, **tão ... quanto, tal qual,** ou por verbos como **parecer**, **assemelhar-se**,entre outros.

Ex1: Aquele menino é **forte** **como** um touro.

Ex.2: Aquele menino **parece** um touro de tão **forte**.

Figuras de Linguagem - Parte I

b) METÁFORA – É uma comparação implícita, em que acontece a fusão dos dois elementos comparados, com a ideia de que "um é o outro".

Ex.1: Aquele menino **é** um touro.

Ex.2: "A sua fala **deve ser** um murmúrio de harpa eólia".

c) PERSONIFICAÇÃO(ou Prosopopeia) – Consiste na atribuição de uma qualidade típica de seres animados — como fala, movimento, raciocínio, etc. — a seres não humanos ou objetos.

Ex.1: O vento **dança** com as folhas das árvores.

Ex.2: "Fiquei trêmulo, muito comovido / Com o livro **palerma olhando pra mim**." (Mário de Andrade)

d) HIPÉRBOLE – É o emprego de uma forma exagerada para dar mais expressividade à mensagem.

Ex.: Já te falei **um milhão de vezes** para não fazer mais isso!

e) EUFEMISMO – É a suavização de uma ideia para evitar o impacto de uma mensagem cruel, negativa ou ofensiva.

Ex.: Você está **faltando com a verdade**!

f) PARONOMÁSIA – É o que conhecemos cotidianamente por trocadilho, jogo de palavras.

Ex.: “O importante não é a casa onde moramos. Mas onde, em nós, a casa mora.” (Mia Couto)

g) METONÍMIA – baseia-se na substituição de um termo por outro, quando existe proximidade semântica entre eles.

a) Substituição da obra pelo autor: “Ver um Portinari”, em vez de “Ver um quadro de Portinari”.

b) Substituição do conteúdo pelo continente: “Tomar um copo d'água”, em vez de “Tomar a água que está no copo”.

c) Substituição da parte pelo todo: “O bonde passa cheio de pernas / pernas brancas pretas amarelas”, em vez de “O bonde passa cheio de pessoas de todas as etnias”.

d) Substituição da causa pelo efeito: “Vivo do suor do meu rosto”, em vez de “Vivo do meu trabalho”.

h) ANTÍTESE – Caracteriza-se pela associação de palavras ou ideias em oposição.

Ex.1: O **bem** e o **mal** vivem dentro de nós.

Ex.2: Tenho **certeza** de que tenho muitas **dúvidas**.

i) PARADOXO – Caracteriza-se pela contradição entre as imagens associadas.

Ex.1: “Porque cada qual exerce uma ação própria, a vida **social individualiza-se**” (Milton Santos).

Ex.2: Diante da miséria social, os cidadãos **veem não vendo**.

Figuras de Linguagem - Parte I

OBS.: Questão de concurso - Reconhece-se como em si mesma paradoxal a seguinte expressão do texto:

(A) retumbante timidez.
(B) Todo mundo é tímido.
(C) maciez estudada.
(D) tem horror a ser notado.
(E) faz questão de chamar atenção.

j) GRADAÇÃO – É uma sequência de ideias, apresentadas em ordem crescente ou decrescente.

Ex.: “Oh, não aguardes que a madura idade / Te converta essa flor, essa beleza, / **Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada.”**. (Gregório de Matos)

k) SINESTESIA – Caracteriza-se pelo cruzamento dos sentidos (audição, visão, olfato, tato e paladar) na associação de ideias, como ocorre em "cheiro de café quente“.

Ex.: “Através de grossas portas, / **sentem-se luzes acesas**,” (Cecília Meireles)

l) IRONIA – Ocorre quando se diz o contrário do que se quer dar a entender, ou quando se produz um efeito de sentido diverso do que foi empregado na formulação denotativa.

Ex.: Você está **emagrecendo** mesmo! (Quando, na verdade, a pessoa está engordando.)

MICHAELIS

GUIA PRÁTICO DA NOVA ORTOGRAFIA

Saiba o que mudou na ortografia brasileira

Douglas Tufano

MELHORAMENTOS

MICHAELIS

© 2008 Douglas Tufano
Professor e autor de livros didáticos de língua portuguesa

© 2008 Editora Melhoramentos Ltda.
Diagramação: WAP Studio

ISBN: 978-85-06-05464-2
1.ª edição, agosto de 2008

Atendimento ao consumidor:
Caixa Postal 11541 – CEP 05049-970
São Paulo – SP – Brasil

Impresso no Brasil

Acordo Ortográfico

O objetivo deste guia é expor ao leitor, de maneira objetiva, as alterações introduzidas na ortografia da língua portuguesa pelo *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*, assinado em Lisboa, em 16 de dezembro de 1990, por Portugal, Brasil, Angola, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e, posteriormente, por Timor Leste. No Brasil, o Acordo foi aprovado pelo Decreto Legislativo nº 54, de 18 de abril de 1995.

Esse Acordo é meramente ortográfico; portanto, restringe-se à língua escrita, não afetando nenhum aspecto da língua falada. Ele não elimina todas as diferenças ortográficas observadas nos países que têm a língua portuguesa como idioma oficial, mas é um passo em direção à pretendida unificação ortográfica desses países.

Como o documento oficial do Acordo não é claro em vários aspectos, elaboramos um roteiro com o que foi possível estabelecer objetivamente sobre as novas regras. Esperamos que este guia sirva de orientação básica para aqueles que desejam resolver rapidamente suas dúvidas sobre as mudanças introduzidas na ortografia brasileira, sem preocupação com questões teóricas.

Mudanças no alfabeto

O alfabeto passa a ter 26 letras. Foram reintroduzidas as letras **k**, **w** e **y**. O alfabeto completo passa a ser:

A B C D E F G H I
J **K** L M N O P Q R
S T U V **W** X **Y** Z

As letras **k**, **w** e **y**, que na verdade não tinham desaparecido da maioria dos dicionários da nossa língua, são usadas em várias situações. Por exemplo:

a) na escrita de símbolos de unidades de medida: km (quilômetro), kg (quilograma), W (watt);

b) na escrita de palavras e nomes estrangeiros (e seus derivados): show, playboy, playground, windsurf, kung fu, yin, yang, William, kaiser, Kafka, kafkiano.

Trema

Não se usa mais o trema (¨), sinal colocado sobre a letra **u** para indicar que ela deve ser pronunciada nos grupos **gue**, **gui**, **que**, **qui**.

Como era	*Como fica*
agüentar	aguentar
argüir	arguir
bilíngüe	bilíngue

MICHAELIS

cinqüenta	cinquenta
delinqüente	delinquente
eloqüente	eloquente
ensangüentado	ensanguentado
eqüestre	equestre
freqüente	frequente
lingüeta	lingueta
lingüiça	linguiça
qüinqüênio	quinquênio
sagüi	sagui
seqüência	sequência
seqüestro	sequestro
tranqüilo	tranquilo

Atenção: o trema permanece apenas nas palavras estrangeiras e em suas derivadas. Exemplos: Müller, mülleriano.

MICHAELIS

Mudanças nas regras de acentuação

1. Não se usa mais o acento dos ditongos abertos **éi** e **ói** das palavras paroxítonas (palavras que têm acento tônico na penúltima sílaba).

Como era	*Como fica*
alcalóide	alcaloide
alcatéia	alcateia
andróide	androide
apóia (verbo apoiar)	apoia
apóio (verbo apoiar)	apoio
asteróide	asteroide
bóia	boia
celulóide	celuloide
clarabóia	claraboia
colméia	colmeia

MICHAELIS

Coréia	Coreia
debilóide	debiloide
epopéia	epopeia
estóico	estoico
estréia	estreia
estréio (verbo estrear)	estreio
geléia	geleia
heróico	heroico
idéia	ideia
jibóia	jiboia
jóia	joia
odisséia	odisseia
paranóia	paranoia
paranóico	paranoico
platéia	plateia
tramóia	tramoia

Atenção: essa regra é válida somente para palavras paroxítonas. Assim, continuam a ser acentuadas as palavras

MICHAELIS

oxítonas terminadas em **éis, éu, éus, ói, óis.** Exemplos: papéis, herói, heróis, troféu, troféus.

2. Nas palavras paroxítonas, não se usa mais o acento no **i** e no **u** tônicos quando vierem depois de um ditongo.

Como era	*Como fica*
baiúca	baiuca
bocaiúva	bocaiuva
cauíla	cauila
feiúra	feiura

Atenção: se a palavra for oxítona e o **i** ou o **u** estiverem em posição final (ou seguidos de **s**), o acento permanece. Exemplos: tuiuiú, tuiuiús, Piauí.

MICHAELIS

3. Não se usa mais o acento das palavras terminadas em **êem** e **ôo(s)**.

Como era	*Como fica*
abençôo	abençoo
crêem (verbo crer)	creem
dêem (verbo dar)	deem
dôo (verbo doar)	doo
enjôo	enjoo
lêem (verbo ler)	leem
magôo (verbo magoar)	magoo
perdôo (verbo perdoar)	perdoo
povôo (verbo povoar)	povoo
vêem (verbo ver)	veem
vôos	voos
zôo	zoo

4. Não se usa mais o acento que diferenciava os pares pára/para, péla(s)/

MICHAELIS

pela(s), pêlo(s)/pelo(s), pólo(s)/polo(s) e pêra/pera.

Como era	*Como fica*
Ele **pára** o carro.	Ele **para** o carro.
Ele foi ao **pólo** Norte.	Ele foi ao **polo** Norte.
Ele gosta de jogar **pólo**.	Ele gosta de jogar **polo**.
Esse gato tem **pêlos** brancos.	Esse gato tem **pelos** brancos.
Comi uma **pêra**.	Comi uma **pera**.

Atenção:

- Permanece o acento diferencial em pôde/pode. **Pôde** é a forma do passado do verbo poder (pretérito perfeito do indicativo), na 3ª pessoa do singular. **Pode** é a forma do presente do indicativo, na 3ª pessoa do singular.

Exemplo: Ontem, ele não **pôde** sair mais cedo, mas hoje ele **pode**.

- Permanece o acento diferencial em pôr/por. **Pôr** é verbo. **Por** é preposição. Exemplo: Vou **pôr** o livro na estante que foi feita **por** mim.

- Permanecem os acentos que diferenciam o singular do plural dos verbos **ter** e **vir**, assim como de seus derivados (manter, deter, reter, conter, convir, intervir, advir etc.). Exemplos:

Ele **tem** dois carros. / Eles **têm** dois carros.

Ele **vem** de Sorocaba. / Eles **vêm** de Sorocaba.

Ele **mantém** a palavra. / Eles **mantêm** a palavra.

Ele **convém** aos estudantes. / Eles **convêm** aos estudantes.

Ele **detém** o poder. / Eles **detêm** o poder.

Ele **intervém** em todas as aulas. / Eles **intervêm** em todas as aulas.

• É facultativo o uso do acento circunflexo para diferenciar as palavras forma/fôrma. Em alguns casos, o uso do acento deixa a frase mais clara. Veja este exemplo: Qual é a **forma** da **fôrma** do bolo?

5. Não se usa mais o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem, do presente do indicativo dos verbos **arguir** e **redarguir**.

6. Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **guar**, **quar** e **quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:

a) se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas. Exemplos:

- verbo enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem.
- verbo delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.

b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas. Exemplos (a vogal sublinhada é tônica, isto é, deve ser pronunciada mais fortemente que as outras):

- verbo enxaguar: enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam; enxague, enxagues, enxaguem.
- verbo delinquir: delinquo, delinques, delinque, delinquem; delinqua, delinquas, delinquam.

Atenção: no Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos.

Uso do hífen

Algumas regras do uso do hífen foram alteradas pelo novo Acordo. Mas, como se trata ainda de matéria controvertida em muitos aspectos, para facilitar a compreensão dos leitores, apresentamos um resumo das regras que orientam o uso do hífen com os prefixos mais comuns, assim como as novas orientações estabelecidas pelo Acordo.

As observações a seguir referem-se ao uso do hífen em palavras formadas por prefixos ou por elementos que podem funcionar como prefixos, como: aero, agro, além, ante, anti, aquém, arqui, auto, circum, co, contra, eletro, entre, ex, extra, geo, hidro, hiper, infra, inter, intra, macro, micro, mini, multi, neo, pan, pluri, proto, pós, pré, pró, pseudo, retro, semi, sobre, sub, super, supra, tele, ultra, vice etc.

1. Com prefixos, usa-se sempre o hífen diante de palavra iniciada por **h**. Exemplos:

anti-higiênico
anti-histórico
co-herdeiro
macro-história
mini-hotel
proto-história
sobre-humano
super-homem
ultra-humano

Exceção: subumano (nesse caso, a palavra humano perde o **h**).

MICHAELIS

2. Não se usa o hífen quando o prefixo termina em vogal diferente da vogal com que se inicia o segundo elemento. Exemplos:

aeroespacial
agroindustrial
anteontem
antiaéreo
antieducativo
autoaprendizagem
autoescola
autoestrada
autoinstrução
coautor
coedição
extraescolar
infraestrutura
plurianual

semiaberto
semianalfabeto
semiesférico
semiopaco

Exceção: o prefixo **co** aglutina-se em geral com o segundo elemento, mesmo quando este se inicia por **o**: coobrigar, coobrigação, coordenar, cooperar, cooperação, cooptar, coocupante etc.

3. Não se usa o hífen quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por consoante diferente de **r** ou **s**. Exemplos:

anteprojeto
antipedagógico

autopeça
autoproteção
coprodução
geopolítica
microcomputador
pseudoprofessor
semicírculo
semideus
seminovo
ultramoderno

Atenção: com o prefixo **vice**, usa-se sempre o hífen. Exemplos: vice-rei, vice-almirante etc.

4. Não se usa o hífen quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por **r** ou **s**. Nesse caso, duplicam-se essas letras. Exemplos:

antirrábico
antirracismo
antirreligioso
antirrugas
antissocial
biorritmo
contrarregra
contrassenso
cosseno
infrassom
microssistema
minissaia
multissecular
neorrealismo
neossimbolista
semirreta
ultrarresistente.
ultrassom

5. Quando o prefixo termina por vogal, usa-se o hífen se o segundo elemento começar pela mesma vogal. Exemplos:

anti-ibérico
anti-imperialista
anti-inflacionário
anti-inflamatório
auto-observação
contra-almirante
contra-atacar
contra-ataque
micro-ondas
micro-ônibus
semi-internato
semi-interno

uia Reforma Ortografica CP.indd 23 10/7/2008 14:27:39

6. Quando o prefixo termina por consoante, usa-se o hífen se o segundo elemento começar pela mesma consoante. Exemplos:

hiper-requintado
inter-racial
inter-regional
sub-bibliotecário
super-racista
super-reacionário
super-resistente
super-romântico

Atenção:

- Nos demais casos não se usa o hífen. Exemplos: hipermercado, intermunicipal, superinteressante, superproteção.

MICHAELIS

- Com o prefixo **sub**, usa-se o hífen também diante de palavra iniciada por **r**: sub-região, sub-raça etc.

- Com os prefixos **circum** e **pan**, usa-se o hífen diante de palavra iniciada por **m**, **n** e **vogal**: circum-navegação, pan-americano etc.

7. Quando o prefixo termina por consoante, não se usa o hífen se o segundo elemento começar por vogal. Exemplos:

hiperacidez
hiperativo
interescolar
interestadual

MICHAELIS

interestelar
interestudantil
superamigo
superaquecimento
supereconômico
superexigente
superinteressante
superotimismo

8. Com os prefixos ex, sem, além, aquém, recém, pós, pré, pró, usa-se sempre o hífen. Exemplos:

além-mar
além-túmulo
aquém-mar
ex-aluno
ex-diretor

ex-hospedeiro
ex-prefeito
ex-presidente
pós-graduação
pré-história
pré-vestibular
pró-europeu
recém-casado
recém-nascido
sem-terra

9. Deve-se usar o hífen com os sufixos de origem tupi-guarani: açu, guaçu e mirim. Exemplos: amoré-guaçu, anajá-mirim, capim-açu.

10. Deve-se usar o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares. Exemplos: ponte Rio-Niterói, eixo Rio-São Paulo.

11. Não se deve usar o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição. Exemplos:

girassol
madressilva
mandachuva
paraquedas
paraquedista
pontapé

MICHAELIS

12. Para clareza gráfica, se no final da linha a partição de uma palavra ou combinação de palavras coincidir com o hífen, ele deve ser repetido na linha seguinte. Exemplos:

Na cidade, conta-
-se que ele foi viajar.

O diretor recebeu os ex-
-alunos.

MICHAELIS

Resumo
Emprego do hífen com prefixos

Regra básica

Sempre se usa o hífen diante de **h:**
anti-higiênico, super-homem.

Outros casos

1. Prefixo terminado em vogal:
- Sem hífen diante de vogal diferente: autoescola, antiaéreo.
- Sem hífen diante de consoante diferente de **r** e **s**: anteprojeto, semicírculo.
- Sem hífen diante de **r** e **s**. Dobram-se essas letras: antirracismo, antissocial, ultrassom.
- Com hífen diante de mesma vogal: contra-ataque, micro-ondas.

2. Prefixo terminado em consoante:
- Com hífen diante de mesma consoante: inter-regional, sub-bibliotecário.
- Sem hífen diante de consoante diferente: intermunicipal, supersônico.
- Sem hífen diante de vogal: interestadual, superinteressante.

Observações

1. Com o prefixo sub, usa-se o hífen também diante de palavra iniciada por **r** sub-região, sub-raça etc. Palavras iniciadas por **h** perdem essa letra e juntam-se sem hífen: subumano, subumanidade.

2. Com os prefixos circum e pan, usa-se o hífen diante de palavra iniciada por **m**, **n** e vogal: circum-navegação, pan-americano etc.

3. O prefixo co aglutina-se em geral com o segundo elemento, mesmo quando este se inicia por **o**: coobrigação, coordenar, cooperar, cooperação, cooptar, coocupante etc.

4. Com o prefixo vice, usa-se sempre o hífen: vice-rei, vice-almirante etc.

5. Não se deve usar o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição, como girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas, paraquedista etc.

6. Com os prefixos ex, sem, além, aquém, recém, pós, pré, pró, usa-se sempre o hífen:
ex-aluno, sem-terra, além-mar, aquém-mar, recém-casado, pós-graduação, pré-vestibular, pró-europeu.

A Editora Melhoramentos, sempre preocupada em auxiliar os estudantes brasileiros no seu aprendizado e crescimento pessoal, lança o *Guia Prático da Nova Ortografia,* que mostra, de maneira clara e objetiva, as alterações introduzidas na ortografia do português pelo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990).

A implantação das regras desse Acordo, prevista para acontecer no Brasil a partir de janeiro de 2009, é um passo importante em direção à criação de uma ortografia unificada para o português, a ser usada por todos os países que tenham o português como língua oficial: Portugal, Brasil, Angola, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e Timor Leste.

Este guia não tem por objetivo elucidar pontos controversos e subjetivos do Acordo, mas acreditamos que será um valioso instrumento para o rápido entendimento das mudanças na ortografia da variante brasileira. As dúvidas que porventura existirem após a leitura do *Guia Prático da Nova Ortografia* certamente serão resolvidas com a publicação de um Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP), como está previsto no Acordo.

ISBN 978-85-06-05464-2
9 788506 054642

Editora Melhoramentos
Agosto de 2008

RESUMOS
CONCURSOS
PÚBLICOS

GRAMÁTICA COMPLETA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Resumo de Português

Assunto:

GRAMÁTICA COMPLETA
DA
LÍNGUA PORTUGUESA

Autor:

CARLOS ALBERTO SUZAM BAPTISTA

I. ACENTUAÇÃO GRÁFICA

A Acentuação Gráfica tem como pré-requisito o conhecimento da pronúncia dos vocábulos em que fica claro a presença do acento tônico.

Desse modo, podemos aplicar, de início, uma regra geral que já facilita o emprego do acento gráfico.

REGRA GERAL: Acentuam-se graficamente aqueles vocábulos que sem acento poderiam ser lidos ou então interpretados de outra forma.

Exemplos: secretária/secretaria - ambrósia/ambrosia - sábia/sabia/sabiá

DICAS PARA UMA CONSULTA RÁPIDA

Se você tem alguma dúvida sobre a acentuação gráfica de uma palavra, siga as seguintes etapas:

1. Pronuncie a palavra bem devagar, procurando sentir onde se localiza o seu acento tônico, isto é, a sua sílaba mais forte.

2. Se a sílaba tônica estiver na última sílaba da palavra, esta será considerada uma palavra **OXÍTONA**; exemplos: caPUZ, uruBU, aMOR, etc.

3. Já se a sílaba tônica cair na penúltima sílaba, a palavra será **PAROXÍTONA**; exemplos: CAsa, cerTEza, GAlo, coRAgem, etc.

4. Por fim, estando a sílaba tônica na antepenúltima sílaba da palavra, esta se denominará **PROPAROXÍTONA**; exemplos: arquiPÉlago, reLÂMpago, CÔNcavo, etc.

5. Classificada a palavra quanto à posição de sua sílaba tônica, procure então nas regras abaixo se ela deverá receber um acento gráfico ou não, para a sua correta representação.

REGRAS BÁSICAS

➔ Devem ser acentuados os **MONOSSÍLABOS** (palavras de uma só sílaba) **TÔNICOS** terminados em **"a", "e", "o"**, seguidos ou não de **S**: pá, pé, nó, pás, pés, nós, etc.

Observação: Os monossílabos tônicos terminados em "z", assim como todas as outras palavras da língua portuguesa terminadas com essa mesma letra, não são acentuados: luz, giz, dez... (compare os seguintes parônimos: nós/noz, pás/paz, vês/vez).

Também os monossílabos tônicos, terminados em "i" e "u", não recebem acento gráfico: pai, vai, boi, mau, pau, etc.

OXÍTONAS

Acentuam-se as palavras oxítonas terminadas em **"a", "e", "o"**, seguidas ou não de **S**; e também com as terminações **"em"** e **"ens":** cajá, café, jiló, bebê, robô, armazém, alguém, reféns, etc.

Observações:

1. As formas verbais terminadas em **"a", "e" e "o",** seguidas dos pronomes **la(s)** ou **lo(s)** devem ser acentuadas. Exemplos: encontrá-lo, recebê-la, dispô-los, amá-lo-ia, vendê-la-ia, etc.

2. Não se acentuam as oxítonas terminadas em:

_ az, ez, iz, oz - capaz, tenaz, talvez, altivez, juiz, raiz, feroz...
_ i(s) - Anhembi, Parati, anis, barris, dividi-lo, adquiri-las...;
_ u(s) - caju, pitu, zebu, Caxambu, Bauru, Iguaçu, Bangu, compus...;
_ or - ator, diretor, detetor, condor, impor, compor, compositor...;
_ im - ruim, capim, assim, aipim, folhetim, boletim, espadachim...;

PAROXÍTONAS

Não são acentuadas as paroxítonas terminadas em **"a", "e", "o",** seguidas ou não de **S**; e também as finalizadas com **"em"** e **"ens":** cama, seda, flecha, rede, sede, pote, ovo, coco, bolo, garagem, ferrugem, idem, item, nuvens, imagens, viagens, etc.

São acentuadas as **paroxítonas** terminadas em:
_ r / x / n / l (**Dica**: Lembre-se das consoantes da palavra RouXiNoL)

Exemplos: mártir, fêmur, fácil, útil, elétron, tórax, córtex, etc.

Observação: Entretanto, palavras como PÓLEN, HÍFEN, quando no plural (POLENS, HIFENS), não recebem o acento gráfico, porque nesta forma elas são regidas pela regra anterior. A palavra HÍFEN possui ainda um outro plural que no caso é acentuado por ser proparoxítono: HÍFENES.

_ i / is
Exemplos: júri, cáqui (cor), lápis, miosótis, íris, tênis, cútis, etc.
Observação: Os prefixos paroxítonos, mesmo terminados em "i" ou "r", não são acentuados.
Exemplos: semi, anti, hiper, super, etc.

_ ã / ão (seguidas ou não de S)
Observação: O til não é considerado acento gráfico, e sim uma marca de nasalidade.
Exemplos: ímã (ímãs), órfã (órfãs), órfão (órfãos), bênção (bênçãos) etc.

_ ôo / ôos
Exemplos: vôo, enjôo, abençôo, perdôo, etc.

_ ps
Exemplos: bíceps, fórceps, etc.

_ us / um / uns
Exemplos: vírus, bônus, álbum, álbuns, etc.

_ ditongos orais, crescentes ou decrescentes, seguidos ou não de s.
Exemplos: água, mágoa, ódio, jóquei, férteis, fósseis, fôsseis, túneis, úteis, variáveis, área, série, sábio, etc.

PROPAROXÍTONAS

Todas as palavras proparoxítonas são acentuadas.

Exemplos: lâmpada, côncavo, lêvedo, pássaro, relâmpago, máscara, árabe, gótico, límpido, louvaríamos, devêssemos, pêndulo, fôlego, recôndito, cândido, etc.

REGRAS GENÉRICAS

Além dessas regras vistas acima, que se baseiam na posição da sílaba tônica e na terminação, existem outras que levam em conta aspectos específicos da sonoridade das palavras.

Assim, são acentuadas as palavras com as seguintes características:

A) Quando possuírem ditongos abertos em sílaba tônica como **"ei", "eu", "oi",** seguidos ou não de **S**.
Exemplos: anéis, geléia, céu, chapéu, herói, heróico, anzóis, etc.

Observações:

1. Atente-se que se esses ditongos abertos não estiverem na sílaba tônica da palavra, eles não serão acentuados. Exemplos: pasteiZInhos, chapeuZInho, anzoiZInhos, etc.

2. Se o ditongo apresentar timbre fechado, não haverá acento como em azeite, manteiga, judeu, hebreu, apoio, arroio, comboio, etc. Isso só vale para os ditongos **"ei", "eu"** e **"oi",** porque só com esses três ditongos pode haver a variação aberto/fechado. O ditongo **"au",** por exemplo, é sempre aberto (grau, nau, degrau, pau); por isso nunca será necessário diferenciá-lo de nada, ou seja, não será necessário acentuá-lo.

B) Quando a segunda vogal do hiato for **"i"** ou **"u"** tônicos, acompanhados ou não de **S**, haverá acento: saída, proíbo, faísca, caíste, saúva, viúva, balaústre, país, baú, Gravataí, Grajaú, juízes, raízes, etc.

Esta regra aplica-se também às formas verbais seguidas de **lo(s)** ou **la(s):** possuí-lo, distribuí-lo, substituí-lo, atraí-la, construí-los...

Observações:

1. Quando a vogal **"i"** ou a vogal **"u"** forem acompanhadas de outra letra que não seja **S**, não haverá acento: paul, Raul, cairmos, contribuinte...;

2. Se o **"i"** for seguido de **"nh",** não haverá acento como em: rainha, moinho, tainha, campainha, etc;

3. As formas verbais "possui", "sai", "cai", por exemplo, podem ou não aparecer acentuadas. Se forem a terceira pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos possuir, sair, cair, elas não levarão acento: Ele/Ela possui, sai, cai. Se, no entanto, forem a primeira pessoa do singular do pretérito perfeito, as formas serão acentuadas: Eu possuí, saí, caí.

C) Quando certas palavras possuírem as formas **"gue", "gui", "que", "qui",** onde o **"u"** é pronunciado (sem constituir, porém, um hiato) como no caso de "averigüemos, agüentar, lingüiça, seqüestro, eqüino, eqüilátero, freqüente, conseqüentemente, delinqüente, tranqüilo, tranqüilidade, qüinquagésimo, qüinqüenal, enxágüem, pingüim, argüição, ambigüidade", esse **U**, que é átono, receberá o trema. No entanto, quando o **U** for tônico, ele levará um acento agudo como em "averigúe, argúe, obliqúe", etc.

D) Existem ainda palavras com a possibilidade de dupla pronúncia, possuindo assim dupla possibilidade de acentuação, são elas: liquidificador/liqüidificador, líquido/líqüido, liquidação /liqüidação, sanguíneo/sangüíneo, sanguinário/sangüinário, equidistante/eqüidistante, antiguidade/antigüidade, antiquíssimo/antiqüíssimo, equidade/eqüidade, equivalente/eqüivalente.

ACENTO DIFERENCIAL

Apesar deste tipo de acento ter sido abolido pela lei 5.765, de 1971, existe ainda um único caso remanescente desse tipo de acento. Trata-se das formas do verbo **PODER**, onde no presente do indicativo não recebe acento gráfico: "Ele pode estudar sozinho"; mas no pretérito perfeito é acentuada: "Ela não pôde sair ontem à noite".

Há ainda algumas palavras que recebem acento diferencial de tonicidade, ou seja, são palavras que se escrevem com as mesmas letras (homografia), mas têm oposição tônica (tônica/átona).

Exemplos:

pôr	(verbo)
por	(preposição)

pára	(forma do verbo parar, também presente em algumas palavras compostas: pára-brisa, pára-quedas, pára-raios, pára-lama)
para	(preposição)

côas, côa	(formas do presente do indicativo do verbo coar)
coas, côa	(preposição com + artigo a e as, respectivamente; essas formas são comuns em poesia)

péla, pélas	(formas do verbo pelar, ou substantivo=bola de brinquedo)
pela, pelas	(contrações de preposição e artigo)

pêlo, pêlos	(substantivo)
pélo	(forma do verbo pelar)
pelo, pelos	(contrações de preposição e artigo)

pêra, peras	(substantivo=fruta)
péra, péras	(substantivo, ant.=pedra)
pera, peras	(preposição arcaica)
pêro, Pêro	(substantivos=maçã doce e oblonga, e denominação dada pelos índios aos portugueses nos primeiros anos da colonização)
pero	(conjunção arcaica=porém, mas, ainda que)

pôla	(substantivo=ramo novo de árvore)
póla	(substantivo=surra)
pola	(contração arcaica de preposição e artigo)

pôlo	(substantivo=falcão ou gavião)
pólo	substantivo=extremidade do eixo da Terra)
polo	(contração arcaica de preposição e artigo)

Já o acento grave assinala a contração da preposição "a" com o artigo "a" e com os pronomes demonstrativos "aquele, aquela, aquilo".

Exemplos:
Irei à Bahia amanhã.
Assistiremos àquele filme juntos.
Ela não deu importância àquilo que você falou.

VERBOS QUE POSSUEM COMPORTAMENTO PECULIAR QUANTO À ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Os verbos **"crer, ler** e **ver",** na terceira pessoa do singular do presente do indicativo (e o verbo **dar** no presente do subjuntivo), são monossílabos tônicos acentuados, tendo na terceira pessoa do plural o **"e"** dobrado e recebem acento no primeiro **"e".**

Exemplos:
Ela crê em Deus fervorosamente / Elas crêem em Deus fervorosamente
Ana vê televisão o dia todo / Ana e suas amigas vêem televisão o dia todo
Carlos lê jornal diariamente / Carlos e seu pai lêem jornal diariamente
Todos esperam que Bruno dê o melhor de si no próximo jogo / Todos esperam que os jogadores dêem o melhor de si no próximo jogo

Observação: O aspecto do **"e"** dobrado e do primeiro **"e"** ser acentuado na terceira pessoa do plural dos verbos mencionados acima também ocorre em seus compostos como descrer, rever, reler, etc.

Exemplos:
Eles descrêem na vida em outros planetas.
À noite, muitas pessoas revêem suas ações durante o dia.
Os escritores relêem várias vezes seus livros antes de publicá-los.

Os verbos **"vir** e **ter",** na terceira pessoa do singular, não são acentuados; entretanto, na terceira do plural recebem o acento circunflexo.

Exemplos:
João vem de Brasília amanhã.
Os deputados vêm de Brasília amanhã.
Ela tem um bom coração.
Os jovens têm a vida em suas mãos.

Observação: Atente-se, no entanto, para os compostos desses verbos que recebem um acento agudo na terceira pessoa do singular, mas continuam com o acento circunflexo na terceira do plural.

Exemplos:
O Banco Central normalmente intervém em bancos com dificuldades financeiras.
Os EUA intervêm a todo momento em assuntos que só dizem respeito a outros países.
Xuxa entretém as crianças sempre com muito carinho.
Os palhaços entretêm a platéia que se diverte a valer.

II. PRINCIPAIS SUBSTANTIVOS E SUAS FORMAS COLETIVAS

abelha	- enxame, cortiço, colméia;
abutre	- bando;
acompanhante	- comitiva, cortejo, séqüito (ou séquito);
alho	- (quando entrelaçados) réstia, enfiada, cambada;
aluno	- classe;
amigo	- (quando em assembléia) tertúlia;
animal	- (em geral) piara, pandilha, (todos de uma região) fauna, (manada de cavalgaduras) récua, récova, (de carga) tropa, (de carga, menos de 10) lote, (de raça, para reprodução) plantel, (ferozes ou selvagens) alcatéia;
anjo	- chusma, coro, falange, legião, teoria;
apetrecho	- (quando de profissionais) ferramenta, instrumental;
aplaudidor	- (quando pagos) claque;
arcabuzeiro	- batalhão, manga, regimento;
argumento	- carrada, monte, montão, multidão;
arma	- (quando tomadas dos inimigos) troféu;
arroz	- batelada;
artista	- (quando trabalham juntos) companhia, elenco;
árvore	- (quando em linha) alameda, carreira, rua, souto, (quando constituem maciço) arvoredo, bosque, (quando altas, de troncos retos a aparentar parque artificial) malhada;
asneira	- acervo, chorrilho, enfiada, monte;
asno	- manada, récova, récua;
assassino	- choldra, choldraboldra;
assistente	- assistência;
astro	- (quando reunidos a outros do mesmo grupo) constelação;
ator	- elenco;
autógrafo	- (quando em lista especial de coleção) álbum;
ave	- (quando em grande quantidade) bando, nuvem;
avião	- esquadrão, esquadra, esquadrilha;
bala	- saraiva, saraivada;
bandoleiro	- caterva, corja, horda, malta, súcia, turba;
bêbado	- corja, súcia, farândola;
boi	- boiada, abesana, armento, cingel, jugada, jugo, junta, manada, rebanho, tropa;
bomba	- bateria;
borboleta	- boana, panapaná;
botão	- (de qualquer peça de vestuário) abotoadura, (quando em fileira) carreira;
brinquedo	- choldra;
burro	- (em geral) lote, manada, récua, tropa, (quando carregado) comboio;
busto	- (quando em coleção) galeria;

cabelo	- (em geral) chumaço, guedelha, madeixa, (conforme a separação) marrafa, trança;
cabo	- cordame, cordoalha, enxárcia;
cabra	- fato, malhada, rebanho;
cadeira	- (quando dispostas em linha) carreira, fileira, linha, renque;
cálice	- baixela;
cameleiro	- caravana;
camelo	- (quando em comboio) cáfila;
caminhão	- frota;
canção	- (quando reunidas em livro) cancioneiro, (quando populares de uma região) folclore;
canhão	- bateria;
cantilena	- salsada;
cão	- adua, cainçalha, canzoada, chusma, matilha;
capim	- feixe, braçada, paveia;
cardeal	- (em geral) sacro colégio, (quando reunidos para a eleição do papa) conclave, (quando reunidos sob a direção do papa) consistório;
carneiro	- chafardel, grei, malhada, oviário, rebanho;
carro	- (quando unidos para o mesmo destino) comboio, composição, (quando em desfile) corso;
carta	- (em geral) correspondência;
casa	- (quando unidas em forma de quadrados) quarteirão, quadra;
castanha	- (quando assadas em fogueira) magusto;
cavalariano	- (de cavalaria militar) piquete;
cavaleiro	- cavalgada, cavalhada, tropel;
cavalgadura	- cáfila, manada, piara, récova, récua, tropa, tropilha;
cavalo	- manada, tropa;
cebola	- (quando entrelaçadas pelas hastes) cambada, enfiada, réstia;
cédula	- bolada, bolaço;
chave	- (quando num cordel ou argola) molho, penca;
célula	- (quando diferenciadas igualmente) tecido;
cereal	- (em geral) fartadela, fartão, fartura, (quando em feixes) meda, moréia;
cigano	- bando, cabilda, pandilha;
cliente	- clientela, freguesia;
coisa	- (em geral) coisada, coisarada, ajuntamento, chusma, coleção, cópia, enfiada, (quando antigas e em coleção ordenada) museu, (quando em lista de anotação) rol, relação, (em quantidade que se pode abranger com os braços) braçada, (quando em série) seqüência, série, seqüela, coleção, (quando reunidas e sobrepostas) monte, montão, cúmulo;
coluna	- colunata, renque;
cônego	- cabido;
copo	- baixela;
corda	- (em geral) cordoalha, (quando no mesmo liame) maço, (de navio) enxárcia, cordame, massame, cordagem;
correia	- (em geral) correame, (de montaria) apeiragem;

credor	- junta, assembléia;
crença	- (quando populares) folclore;
crente	- grei, rebanho;
depredador	- horda;
deputado	- (quando oficialmente reunidos) câmara, assembléia;
desordeiro	- caterva, corja, malta, pandilha, súcia, troça, turba;
diabo	- legião;
dinheiro	- bolada, bolaço, disparate;
disco	- discoteca;
doze	- (coisas ou animais) dúzia;
ébrio	- Ver bêbado;
égua	- Ver cavalo;
elefante	- manada;
erro	- barda;
escravo	- (quando da mesma morada) senzala, (quando para o mesmo destino) comboio, (quando aglomerados) bando;
escrito	- (quando em homenagem a homem ilustre) poliantéia, (quando literários) analectos, antologia, coletânea, crestomatia, espicilégio, florilégio, seleta;
espectador	- (em geral) assistência, auditório, platéia, (quando contratados para aplaudir) claque;
espiga	- (quando atadas) amarrilho, arregaçada, atado, atilho, braçada, fascal, feixe, gavela, lio, molho, paveia;
estaca	- (quando fincadas em forma de cerca) paliçada;
estado	- (quando unidos em nação) federação, confederação, república;
estampa	- (quando selecionadas) iconoteca, (quando explicativas) atlas;
estátua	- (quando selecionadas) galeria;
estrela	- (quando cientificamente agrupadas) constelação, (quando em quantidade) acervo, (quando em grande quantidade) miríade;
estudante	- (quando da mesma escola) classe, turma, (quando em grupo cantam ou tocam) estudantina, (quando em excursão dão concertos) tuna, (quando vivem na mesma casa) república;
fazenda	- (quando comerciáveis) sortimento;
feiticeiro	- (quando em assembléia secreta) conciliábulo;
feno	- braçada, braçado;
filme	- filmoteca, cinemoteca;
fio	- (quando dobrado) meada, mecha, (quando metálicos e reunidos em feixe) cabo;
flecha	- (quando caem do ar, em porção) saraiva, saraivada;
flor	- (quando atadas) antologia, arregaçada, braçada, fascículo, feixe, festão, capela, grinalda, ramalhete, buquê, (quando no mesmo pedúnculo) cacho;
foguete	- (quando agrupados em roda ou num travessão) girândola;
força naval	- armada;
força terrestre	- exército;
formiga	- cordão, correição, formigueiro;

frade	- (quanto ao local em que moram) comunidade, convento;
frase	- (quando desconexas) apontoado;
freguês	- clientela, freguesia;
fruta	- (quando ligadas ao mesmo pedúnculo) cacho, (quanto à totalidade das colhidas num ano) colheita, safra;
fumo	- malhada;
gafanhoto	- nuvem, praga;
garoto	- cambada, bando, chusma;
gato	- cambada, gatarrada, gataria;
gente	- (em geral) chusma, grupo, multidão, (quando indivíduos reles) magote, patuléia, poviléu;
grão	- manípulo, manelo, manhuço, manojo, manolho, maunça, mão, punhado;
graveto	- (quando amarrados) feixe;
gravura	- (quando selecionadas) iconoteca;
habitante	- (em geral) povo, população, (quando de aldeia, de lugarejo) povoação;
herói	- falange;
hiena	- alcatéia;
hino	- hinário;
ilha	- arquipélago;
imigrante	- (quando em trânsito) leva, (quando radicados) colônia;
índio	- (quando formam bando) maloca, (quando em nação) tribo;
instrumento	- (quando em coleção ou série) jogo, (quando cirúrgicos) aparelho, (quando de artes e ofícios) ferramenta, (quando de trabalho grosseiro, modesto) tralha;
inseto	- (quando nocivos) praga, (quando em grande quantidade) miríade, nuvem, (quando se deslocam em sucessão) correição;
javali	- alcatéia, malhada, vara;
jornal	- hemeroteca;
jumento	- récova, récua;
jurado	- júri, conselho de sentença, corpo de jurados;
ladrão	- bando, cáfila, malta, quadrilha, tropa, pandilha;
lâmpada	- (quando em fileira) carreira, (quando dispostas numa espécie de lustre) lampadário;
leão	- alcatéia;
lei	- (quando reunidas cientificamente) código, consolidação, corpo, (quando colhidas aqui e ali) compilação;
leitão	- (quando nascidos de um só parto) leitegada;
livro	- (quando amontoados) chusma, pilha, ruma, (quando heterogêneos) choldraboldra, salgalhada, (quando reunidos para consulta) biblioteca, (quando reunidos para venda) livraria, (quando em lista metódica) catálogo;
lobo	- alcatéia, caterva;
macaco	- bando, capela;
malfeitor	- (em geral) bando, canalha, choldra, corja, hoste, joldra, malta, matilha, matula, pandilha, (quando organizados) quadrilha, seqüela, súcia, tropa;

maltrapilho	- farândola, grupo;
mantimento	- (em geral) sortimento, provisão, (quando em saco, em alforge) matula, farnel, (quando em cômodo especial) despensa;
mapa	- (quando ordenados num volume) atlas, (quando selecionados) mapoteca;
máquina	- maquinaria, maquinismo;
marinheiro	- marujada, marinhagem, companha, equipagem, tripulação;
médico	- (quando em conferência sobre o estado de um enfermo) junta;
menino	- (em geral) grupo, bando, (depreciativamente) chusma, cambada;
mentira	- (quando em seqüência) enfiada;
mercadoria	- sortimento, provisão;
mercenário	- mesnada;
metal	- (quando entra na construção de uma obra ou artefato) ferragem;
ministro	- (quando de um mesmo governo) ministério, (quando reunidos oficialmente) conselho;
montanha	- cordilheira, serra, serrania;
mosca	- moscaria, mosquedo;
móvel	- mobília, aparelho, trem;
música	- (quanto a quem a conhece) repertório;
músico	- (quando com instrumento) banda, charanga, filarmônica, orquestra;
nação	- (quando unidas para o mesmo fim) aliança, coligação, confederação, federação, liga, união;
navio	- (em geral) frota, (quando de guerra) frota, flotilha, esquadra, armada, marinha, (quando reunidos para o mesmo destino) comboio;
nome	- lista, rol;
nota	- (na acepção de dinheiro) bolada, bolaço, maço, pacote, (na acepção de produção literária, científica) comentário;
objeto	- Ver coisa;
onda	- (quando grandes e encapeladas) marouço;
órgão	- (quando concorrem para uma mesma função) aparelho, sistema;
orquídea	- (quando em viveiro) orquidário;
osso	- (em geral) ossada, ossaria, ossama, (quando de um cadáver) esqueleto;
ouvinte	- auditório;
ovelha	- (em geral) rebanho, grei, chafardel, malhada, oviário;
ovo	- (os postos por uma ave durante certo tempo) postura, (quando no ninho) ninhada;
padre	- clero, clerezia;
palavra	- (em geral) vocabulário, (quando em ordem alfabética e seguida de significação) dicionário, léxico, (quando proferidas sem nexo) palavrório;
pancada	- pancadaria;
pantera	- alcatéia;

papel	- (quando no mesmo liame) bloco, maço, (em sentido lato, de folhas ligadas e em sentido estrito, de 5 folhas) caderno, (5 cadernos) mão, (20 mãos) resma, (10 resmas) bala;
parente	- (em geral) família, parentela, parentalha, (em reunião) tertúlia;
partidário	- facção, partido, torcida;
partido político	- (quando unidos para um mesmo fim) coligação, aliança, coalizão, liga;
pássaro	- passaredo, passarada;
passarinho	- nuvem, bando;
pau	- (quando amarrados) feixe, (quando amontoados) pilha, (quando fincados ou unidos em cerca) bastida, paliçada;
peça	- (quando devem aparecer juntas na mesa) baixela, serviço, (quando artigos comerciáveis, em volume para transporte) fardo, (em grande quantidade) magote, (quando pertencentes à artilharia) bateria, (de roupas, quando enroladas) trouxa, (quando pequenas e cosidas umas às outras para não se extraviarem na lavagem) apontoado, (quando literárias) antologia, florilégio, seleta, silva, crestomatia, coletânea, miscelânea;
peixe	- (em geral e quando na água) cardume, (quando miúdos) boana, (quando em viveiro) aquário, (quando em fileira) cambada, espicha, enfiada, (quando à tona) banco, manta;
pena	- (quando de ave) plumagem;
pessoa	- (em geral) aglomeração, banda, bando, chusma, colméia, gente, legião, leva, maré, massa, mó, mole, multidão, pessoal, roda, rolo, troço, tropel, turba, turma, (quando reles) corja, caterva, choldra, farândola, récua, súcia, (quando em serviço, em navio ou avião) tripulação, (quando em acompanhamento solene) comitiva, cortejo, préstito, procissão, séquito, teoria, (quando ilustres) plêiade, pugilo, punhado, (quando em promiscuidade) cortiço, (quando em passeio) caravana, (quando em assembléia popular) comício, (quando reunidas para tratar de um assunto) comissão, conselho, congresso, conclave, convênio, corporação, seminário, (quando sujeitas ao mesmo estatuto) agremiação, associação, centro, clube, grêmio, liga, sindicato, sociedade;
pilha	- (quando elétricas) bateria;
planta	- (quando frutíferas) pomar, (quando hortaliças, legumes) horta, (quando novas, para replanta) viveiro, alfobre, tabuleiro, (quando de uma região) flora, (quando secas, para classificação) herbário;
ponto	- (de costura) apontoado;
porco	- (em geral) manada, persigal, piara, vara, (quando do pasto) vezeira;
povo	- (nação) aliança, coligação, confederação, liga;
prato	- baixela, serviço, prataria;
prelado	- (quando em reunião oficial) sínodo;
prisioneiro	- (quando em conjunto) leva, (quando a caminho para o mesmo destino) comboio;

professor	- corpo docente, professorado, congregação;
quadro	- (quando em exposição) pinacoteca, galeria;
querubim	- coro, falange, legião;
recruta	- leva, magote;
religioso	- clero regular;
roupa	- (quando de cama, mesa e uso pessoal) enxoval, (quando envoltas para lavagem) trouxa;
salteador	- caterva, corja, horda, quadrilha;
selo	- coleção;
serra	- (acidente geográfico) cordilheira;
soldado	- tropa, legião;
trabalhador	- (quando reunidos para um trabalho braçal) rancho, (quando em trânsito) leva;
tripulante	- equipagem, guarnição, tripulação;
utensílio	- (quando de cozinha) bateria, trem, (quando de mesa) aparelho, baixela;
vadio	- cambada, caterva, corja, mamparra, matula, súcia;
vara	- (quando amarradas) feixe, ruma;
velhaco	- súcia, velhacada.

OBSERVAÇÃO: Na maioria dos casos, a forma coletiva se constrói mediante a adaptação do sufixo conveniente: arvoredo (de árvores), cabeleira (de cabelos), freguesia (de fregueses), palavratório (de palavras), professorado (de professores), tapeçaria (de tapetes), etc.

III. COLOCAÇÃO PRONOMINAL

1. EMPREGO DE "EU e TU" / "TI e MIM"
2. COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS (ÊNCLISE, PRÓCLISE, MESÓCLISE)
3. EMPREGO DO PRONOME ÁTONO EM LOCUÇÕES VERBAIS PERFEITAS E EM TEMPOS COMPOSTOS
4. TEMPOS COMPOSTOS
5. EMPREGO DOS PRONOMES ESTE/ESSE/AQUELE

1. EMPREGO DE "EU e TU" / "TI e MIM".

Os pronomes **"eu"** e **"tu"** só podem figurar como sujeito de uma oração. Assim, não podem vir precedidos de preposição funcionando como complemento. Para exercer esta função, deve-se empregar as formas **"mim"** e **"ti".**

Exemplos:

Nunca houve brigas entre eu e ela.	(errado)
Nunca houve brigas entre mim e ela.	(certo)
Todas as dívidas entre eu e tu foram sanadas.	(errado)
Todas as dívidas entre mim e ti foram sanadas.	(certo)
Sem você e eu, aquela obra não acaba.	(errado)
Sem você e mim, aquela obra não acaba.	(certo)
A festa não será a mesma sem tu e elas.	(errado)
A festa não será a mesma sem ti e elas.	(certo)
Perante eu e vós, aquelas criaturas são bem mais infelizes.	(errado)
Perante mim e vós, aquelas criaturas são bem mais infelizes.	(certo)
Levantaram calúnias contra os alunos e eu.	(errado)
Levantaram calúnias contra os alunos e mim.	(certo)

Observação: Os pronomes "eu" e "tu", no entanto, podem aparecer como sujeito de um verbo no infinitivo, embora precedidos de preposição.

Exemplos:
Não vais sem eu mandar.
Pedi para tu comprares o carro.
Esta regra é para eu não esquecer.

2. COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS.

REGRAS PRÁTICAS PARA A COLOCAÇÃO DOS PRONOMES ÁTONOS:
Os pronomes átonos são geralmente empregados depois do verbo **(ÊNCLISE),** muitas vezes antes**(PRÓCLISE)** e, mais raramente, no meio **(MESÓCLISE).**

.ÊNCLISE

As formas verbais do infinitivo impessoal (precedido ou não da preposição **"a"**), do gerúndio e do imperativo afirmativo pedem a ênclise pronominal.

Exemplos:
Urge obedecer-se às leis.
Obrigou-me a dizer-lhe tudo.
Bete pediu licença, afastando-se do grupo.
Aqueles livros raros? Compra-os imediatamente!

Observação: Se o gerúndio vier precedido da preposição **"em",** deve-se empregar a próclise.
Exemplo: "Nesta terra, em se plantando, tudo dá."

Não se inicia um período pelo pronome átono nem a oração principal precedida de pausa, assim como as orações coordenadas assindéticas, isto é, sem conjunções.
Exemplos:

Me contaram sua aventura em Salvador.	(errado)
Contaram-me sua aventura em Salvador.	(certo)
Permanecendo aqui, se corre o risco de ser assaltado.	(errado)
Permanecendo aqui, corre-se o risco de ser assaltado.	(certo)
Segui-o pela rua, o chamei, lhe pedi que parasse.	(errado)
Segui-o pela rua, chamei-o, pedi-lhe que parasse.	(certo)

Observação: A ênclise não pode ser empregada com verbos no futuro e no particípio passado.

.PRÓCLISE

Deve-se colocar o pronome átono antes do verbo, quando antes dele houver uma palavra pertencente a um dos seguintes grupos:

A) palavras ou expressões negativas;
Exemplos:
Não me deixe sozinho esta noite!
Nunca se recuse ajudar a quem precise.
Nem nos conte porque voce fez isso.
Nenhum deles me prestou a informação correta.
Ninguém lhe deve nada.
De modo algum (Em hipótese alguma) nos esqueceremos disso.

B) pronomes relativos;
Exemplos:
O livro que me emprestaste é muito bom.
Este é o senhor de quem lhe contei a vida.
Esta é a casa da qual vos falei.
O ministro, cujo filho lhe causou tantos problemas, está aqui.
Aquela rua, onde me assaltaram, foi melhor iluminada.
Pagarei hoje tudo quanto lhe devo.

C) pronomes indefinidos;
Exemplos:
Alguém me disse que você vai viajar.
Quem lhe disse essas bobagens?
Dos vários candidatos entrevistados, alguns (diversos) nos pareceram bastante inteligentes.
Entre os dez pares de sapato, qualquer um me serve para ir a festa no sábado.
Quem quer que me traga uma flor, conquistará meu coração.

D) conjunções subordinativas;
Exemplos:
Deixarei você sair, quando me disser a verdade.
Posso ajudar-te na obra, se me levares contigo.
Faça todo esse trabalho, como lhe ensinei.
Entramos no palácio, porque nos deram permissão.
Fiquem em nossa casa, enquanto vos pareça agradável.
Continuo a gostar de ti, embora me magoasse muito.
Confiei neles, logo que os conheci.

E) advérbios;
Exemplos:
Talvez nos seja fácil fazer esta tarefa.
Ontem os vi no cinema.
Aqui me agrada estar todos os dias.
Agora vos contarei um conto de fadas.
Pouco a pouco te revelarei o mistério.
De vez em quando me pego falando sozinho.
De súbito nos assustamos com os tiros.

Observação: O pronome átono pode ser colocado antes ou depois do infinitivo impessoal, se antecedendo o infinitivo vier uma das palavras ou expressões mencionadas acima.
Exemplos:
"Tudo faço para não a perturbar naqueles dias difíceis";
ou
"Tudo faço para não perturbá-la..."

.MESÓCLISE.

Emprega-se o pronome átono no meio da forma verbal, quando esta estiver no futuro simples do presente ou no futuro simples do pretérito do indicativo.

Exemplos:
Chamar-te-ei, quando ele chegar.
Se houver tempo, contar-vos-emos nossa aventura.
Dar-te-ia essas informações, se soubesse.

Observação: Se antes dessas formas verbais houver uma palavra ou expressão que provocam a próclise, não se empregará, conseqüentemente, o pronome átono na posição mesoclítica.

Exemplos:
Nada lhe direi sobre este assunto.
Livrar-te-ei dessas tarefas, porque te daria muito trabalho.

3. EMPREGO DO PRONOME ÁTONO EM LOCUÇÕES VERBAIS PERFEITAS E EM TEMPOS COMPOSTOS.

São locuções verbais perfeitas aquelas formadas de um verbo auxiliar modal **(QUERER, DEVER, SABER, PODER, ou TER DE, HAVER DE)**, seguido de um verbo principal no infinitivo impessoal. Neste caso, o pronome átono pode ser colocado antes ou depois do primeiro verbo, ou ainda depois do infinitivo.

Exemplos:
Nós lhe devemos dizer a verdade.
Nós devemos lhe dizer a verdade.
Nós devemos dizer-lhe a verdade.

Observação: No entanto, se no caso acima mencionado as locuções verbais vierem precedidas de palavra ou expressão que exija a próclise, só duas posições serão possíveis para empregar-se o pronome átono: antes do auxiliar ou depois do infinitivo.

Exemplos:
Não lhe devemos dizer a verdade.
Não devemos dizer-lhe a verdade.

4. TEMPOS COMPOSTOS.

Nos tempos compostos, formados de um verbo auxiliar **(TER ou HAVER)** mais um verbo principal no particípio, o pronome átono se liga ao verbo auxiliar, nunca ao particípio.

Exemplos:
Tinha-me envolvido sem querer com aquela garota.
Nós nos havíamos assustado com o trovão.
O advogado não lhe tinha dito a verdade.

Observação: Quando houver qualquer fator de próclise, esta será a única posição possível do pronome átono na frase, ou seja, antes do verbo auxiliar.

5. EMPREGO DOS PRONOMES ESTE/ESSE/AQUELE.

Os pronomes **"este, esta, isto"** devem ser empregados referindo-se ao âmbito da pessoa que fala (1ª pessoa do singular e do plural - eu e nós), e quando se quer indicar o que se vai dizer logo em seguida (referência ao "tempo presente). Relacionam-se com o advérbio "aqui" e com os pronomes possessivos "meu, minha, nosso, nossa".

Exemplos:
Este meu carro só me dá problemas.
Esta casa é nossa há dez anos.
Isto aqui são as minhas encomendas.
Ainda me soam aos ouvidos estas palavras do Divino Mestre: "Amai ao próximo como a vós mesmos."
Espero que por estas linhas... (no começo de uma carta, por exemplo)
Neste momento, está chovendo no Rio de Janeiro. (= agora)
Ele deve entregar a proposta nesta semana. (= na semana em que estamos)
Não haverá futebol neste domingo. (= hoje)
O pagamento deverá ser feito neste mês. (= mês em que estamos)

Empregam-se os pronomes **"esse, essa, isso",** com relação ao âmbito da pessoa com quem se fala (2ª do singular e do plural - tu e vós; e também com "você, vocês”); e quando se quer indicar o que se acabou imediatamente de dizer (referência ao "tempo passado").

Relacionam-se com o advérbio "aí" e com os pronomes possessivos "teu, tua, vosso, vossa, seu, sua (igual a "de você").

Exemplos:
Essa sua blusa não lhe fica bem.
Quem jogou esse lixo aí na tua calçada?
Isso aí que você está fazendo tem futuro?
Esses vossos planos não darão certo.
Esses exemplos devem ser bem fixados.
Despeço-me, desejando que essas palavras... (no final de uma carta)
Tudo ia bem com Rubinho até a 57ª volta; nesse momento, acabou o combustível.
Ele pouco se dedicava ao trabalho, por isso foi dispensado.

Os pronomes **"aquele, aquela, aquilo"** devem ser empregados com referência ao que está no âmbito da pessoa ou da coisa de quem ou de que se fala (3ª pessoa do singular e do plural - ele, ela, eles, elas). Relacionam-se com o advérbio "lá" e com os possessivos "seu, sua (igual a "dele, dela").

Exemplos:
Aquele carro, lá no estacionamento, é do professor Paulo.
Aquela garota bonita é da sua turma?
Eu disse ao diretor aquilo que me mandaste dizer.

Observação: Numa enumeração, empregamos os pronomes **"este, esta, isto"** para nos referir ao elemento mais próximo, e "aquele, aquela, aquilo" para os anteriores.
Exemplo: Em 96, adquiri duas coisas muito importantes para mim: uma casa e um computador. Este no início do ano e aquela no fim.

DICAS.

COM A GENTE / CONOSCO / COM NÓS

A expressão **"com a gente"** é típica da linguagem coloquial brasileira. Só pode ser usada em textos informais.

Exemplos:
A outra turma vai se reunir com a gente às 10h.
A sua irmã vai com a gente ao clube hoje.

Em textos formais, que exijam uma linguagem mais cuidada, devemos usar a forma **"conosco".**

Exemplos:
Os pais dos alunos querem uma reunião conosco.
Os diretores irão conosco ver o prefeito.

Devemos usar **"com nós"** antes de algumas palavras: Antes de **"todos, mesmos, dois"**

Exemplos:
O presidente deixou a decisão com nós todos.
O presidente deixou a decisão com nós mesmos.
O presidente deixou a decisão com nós dois.

O PRONOME VOCÊ

O pronome **você(s),** a rigor, é usado como 3ª pessoa do singular/plural, conforme atestam as 3ªs. pessoas do modo imperativo. Na prática, ele funciona como 2ª pessoa, uma vez que é usado para se referir à pessoa com quem se fala e não à pessoa de quem se fala.

A explicação está na origem do pronome. **Você** se deriva da expressão "Vossa Mercê", que se transformou com o tempo até chegar ao atual você. Isso significa que, pela sua origem, **você** é um pronome de tratamento. O problema é que todos os pronomes de tratamento (=Vossa Senhoria, Vossa Excelência, Vossa Majestade, Vossa Santidade...) são de 3ª pessoa. Assim sendo, o pronome **você** é de 3ª pessoa, mas é usado em substituição ao **tu** (2ª pessoa = com quem se fala).

IV. CONCORDÂNCIA NOMINAL

REGRA GERAL: O **adjetivo**, o **artigo**, o **numeral** e o **pronome adjetivo** concordam com o **substantivo** em GÊNERO (masculino ou feminino) e NÚMERO (singular ou plural).

Exemplos:
O aluno atencioso / A aluna atenciosa
Uns alunos estudiosos / Umas alunas estudiosas
Este clip está enferrujado / Estes clips estão enferrujados
Eles saíram juntos / Elas saíram juntas

Atenção, porém, para a concordância com as palavras **"anexo", "quite"** e com a locução prepositiva **"junto de".**

Exemplos:
O documento segue anexo / Os documentos seguem anexos
(São possíveis também as construções:
O documento segue em anexo / Os documentos seguem em anexo)
O rapaz está quite com o serviço militar
Os rapazes estão quites com o serviço militar
Eles ficaram junto da mãe / Elas ficaram junto da mãe

REGRAS ESPECÍFICAS:

➔ Quando o adjetivo vem depois de dois ou mais substantivos no singular e do mesmo gênero, pode ir para o singular (concordância atrativa) ou plural (concordância lógica ou gramatical). No entanto, quando o adjetivo se referir claramente ao último substantivo, a concordância com este será obrigatória.

Exemplos:
A consciência e a dignidade humana(humanas) valem muito.
Ela tem marido e filho dedicado(dedicados).
O casaco e o chapéu redondo eram dele.
Ela ganhou um livro e um disco orquestrado.

➔ Quando o adjetivo vem depois de dois ou mais substantivos no singular e de gêneros diferentes, vai para o plural masculino ou concorda com o substantivo mais próximo.

Exemplos:
Ela tem testa, nariz e boca deformados (deformada)
Enviamos jornais e revistas ilustrados (ilustradas)
Ele vestia camisa e paletó escuros (escuro)

Observação: A concordância do adjetivo com o último substantivo será obrigatória quando:

1. o sentido assim o exigir;
Exemplos:
Traga-me um livro e uma fruta fresca.
No Shopping, comprei roupas e um rádio elétrico.

2. os substantivos forem sinônimos;
Exemplos:
Falta mais coragem ao povo e à gente brasileira.
Ele passou por dor e sofrimento demasiado.

3. os substantivos estiverem no plural;
Exemplo:
Eles estão sempre com os corações e as casas abertas.

➔ Quando o adjetivo estiver antecedendo substantivos do mesmo gênero e número ou não, ele concordará necessariamente com o substantivo mais próximo. Caso, porém, o adjetivo venha após os substantivos, irá para o plural do mesmo gênero deles.

Exemplos:
Sua mãe e filhas podem ficar aqui.
Você escolheu má hora e lugar para dizer isto.
(Você escolheu mau lugar e hora...)
Fiquei encantado com as serras e a gente mineiras.

Observação: Quando os substantivos expressarem nomes próprios ou grau de parentesco, o adjetivo irá obrigatoriamente para o plural.
Exemplos:
Haverá uma homenagem aos ilustres Drumond e Bandeira.
Encontrei ontem seus simpáticos sogro e sogra.

➔ No caso de mais de um adjetivo qualificar ou determinar o mesmo substantivo, podem ser dadas à frase várias formas.

Exemplos:
O primeiro e o segundo turno foram anulados.
Primeiro e segundo turnos foram anulados.
O primeiro turno e o segundo foram anulados.
Convidamos os alunos da primeira e da segunda série.
Convidamos os alunos da primeira e segunda séries.
Gosto das Literaturas brasileira e portuguesa.
Gosto da Literatura brasileira e da portuguesa.
Gosto da Literatura brasileira e portuguesa.

(Estilisticamente, as duas primeiras construções são preferíveis, pois a terceira pode trazer um pouco de incerteza: gosta-se de duas Literaturas distintas ou de uma Literatura luso-brasileira?)

➔ O adjetivo irá para o plural quando o substantivo, mesmo no singular, vier precedido das expressões "um e outro", ou "nem um nem outro".

Exemplos:
Não posso fazer um e outro trabalho cansativos.
Nem um nem outro aluno doentes fizeram a prova.

➔ Caso o adjetivo venha antecedido das expressões "alguma coisa" ou "qualquer coisa", mais a preposição "de", vai para o masculino. Caso contrário, vai para o feminino.

Exemplos:
Alguma coisa de aterrador aconteceu ontem.
Alguma coisa aterradora aconteceu ontem.
Há qualquer coisa de errado com esse computador.
Há qualquer coisa errada com esse computador.

CONCORDÂNCIA DO PREDICATIVO E DO PARTICÍPIO COM O SUJEITO

REGRA GERAL: O predicativo concorda com o sujeito em gênero e número.

Exemplos:
Pedro É GENEROSO / as irmãs SÃO GENEROSAS

REGRAS ESPECÍFICAS:

➔ Quando o sujeito vier sem nenhum determinante, adquirirá um sentido amplo, vago, equivalente a **"isso", "isto", "aquilo";** e o adjetivo do predicativo assumirá aparentemente uma forma masculina, mas, na verdade, será neutra.

Exemplos:
Cachaça não é bom para a saúde. (sem determinante)
Esta cachaça não é boa. (com determinante = Esta)

É necessário paciência de todos.
É necessária a paciência de todos.

É proibido entrada de pessoas sem autorização.
É proibida a entrada de pessoas sem autorização.

- És professora?
- Sim, sou-o.
(sem determinante, sentido mais genérico; o = pronome neutro)
- És a professora daquele menino?
- Sim, sou-a.
(com determinante, sentido específico; a = pronome pessoal)

➔ Quando o adjetivo que antecede os substantivos for um predicativo do objeto, ele deverá preferivelmente ficar no plural. Quando, porém, o predicativo do sujeito composto estiver anteposto a este, poderá concordar também com o núcleo mais próximo (o que acontece igualmente com o verbo da oração).

Exemplos:
Considero inteligentes o rapaz e a moça.
Julgamos insensatos a sua idéia e o seu gesto.
São vergonhosos a fome e o analfabetismo no Brasil.
É vergonhosa a fome e o analfabetismo no Brasil.

➔ O particípio sempre concordará com o sujeito em gênero e número quando empregado nas orações reduzidas.

Exemplos:
Realizado o trabalho, todos saíram.
Realizados os trabalhos, todos saíram.
Realizada a tarefa, todos saíram.
Realizadas as tarefas, todos saíram.
Cumprida a exigência, ela pode fazer a prova.
Cumpridas as exigências, ela pode fazer a prova.

➔ Apesar de os pronomes de tratamento estarem todos no feminino, poderão, no entanto, se referir a pessoas de ambos os sexos, permitindo que o adjetivo do predicativo faça uma concordância ideológica (**silepse**) com o sexo da pessoa a quem nos dirigimos.

Exemplos:
Vossa Alteza é muito bondoso (dirigindo-se a um príncipe)
Vossa Alteza é muito bondosa (dirigindo-se a uma princesa)

Outros casos de **silepse:**

➔ Quando tratamos nosso interlocutor com certa cerimônia, empregando a segunda pessoa do plural em vez da segunda do singular;

Exemplo:
Sois injusto comigo.

➔ Quando queremos nos referir a nós mesmos, empregando, porém, a segunda pessoa do plural (plural de modéstia);

Exemplos:
Seremos breve em nossa exposição.
Esperamos que esta nossa página o ajude em suas dúvidas sobre Língua Portuguesa.

PLURAL DOS SUBSTANTIVOS E ADJETIVOS COMPOSTOS

➔ Como uma primeira dica, **MEMORIZE:** se os termos que compõem um substantivo composto forem, isoladamente, substantivos, adjetivos ou numerais, todos eles vão para o plural.

Exemplos:
couve-flor / couves-flores
guarda-noturno / guardas-noturnos
amor-perfeito / amores-perfeitos
primeiro-ministro / primeiros-ministros
obra-prima / obras-primas

➔ No entanto, se os substantivos compostos tiverem como elementos de sua composição um verbo, um advérbio ou uma preposição, esses termos deverão ficar no singular.

Exemplos:
guarda-chuva / guarda-chuvas
guarda-roupa / guarda-roupas
sempre-viva / sempre-vivas
contra-ataque / contra-ataques

➔ No caso do substantivo composto possuir duas palavras repetidas, somente a segunda irá para o plural. Entretanto, se forem dois verbos idênticos, os dois também poderão ser pluralizados.

Exemplos:
tico-tico / tico-ticos
corre-corre / corre-corres (corres-corres)
pisca-pisca / pisca-piscas (piscas-piscas)
quebra-quebra / quebra-quebras (quebras-quebras)

Observação: Não se pluraliza o substantivo composto formado por dois verbos de sentidos opostos. Exemplo: Marli e Dora são duas leva-e-traz.

➔ Já quando os dois elementos do substantivo composto forem ligados por uma preposição, somente o primeiro irá para o plural.

Exemplos:
pé-de-moleque / pés-de-moleque
mula-sem-cabeça / mulas-sem-cabeça

➔ Os substantivos compostos onomatopaicos, ou seja, aqueles formados por termos que em sua pronúncia lembram o som da coisa significada, têm apenas seu segundo elemento pluralizado.

Exemplos:
tique-taque / tique-taques
reco-reco / reco-recos
bem-te-vi / bem-te-vis

CASOS ESPECIAIS

➔ As formas compostas "arco-íris" e "louva-a-deus" não possuem plural. Assim, por serem formas invariáveis, têm apenas os seus determinantes pluralizados.

Exemplos:
O arco-íris / Os arco-íris
Aquele louva-a-Deus / Aqueles louva-a-Deus

➔ O substantivo composto "joão-ninguém" faz o plural "joões-ninguém".

➔ Os adjetivos compostos, normalmente, têm (como na flexão de gênero masculino/feminino) apenas o seu segundo elemento alterado, o qual concordará com o substantivo que está modificando.

Exemplos:
política econômico-financeira
políticas econômico-financeiras

país social-democrata
países social-democratas
aliança luso-brasileira
alianças luso-brasileiras

➔ Existe um caso em que o adjetivo composto é invariável.Trata-se de alguns nomes de cores, nos quais o segundo elemento é um substantivo.

Exemplos:
camisas amarelo-limão
vestidos azul-piscina
saias verde-garrafa

➔ Apesar de não se incluírem na regra acima, as cores "azul-marinho", "azul-celeste", "cor-de-rosa", "cor-de-carne" e as palavras adjetivadas "ultravioleta", "infravermelho", "turquesa" e "pastel" também se apresentam invariáveis.

Exemplos:
meias azul-marinho
olhos azul-celeste
blusas cor-de-rosa
biquínis cor-de-carne
raios ultravioleta
raios infravermelho
maiôs turquesa
tons pastel

➔ Os advérbios apresentam-se sempre invariáveis.

Exemplos:
O mundo precisa de MENOS preconceito e de MENOS corrupção.
Todos ficaram ALERTA.

CURIOSIDADE
A concordância na frase "não existe ninguém mais calma do que eu", quando falada por uma mulher, estaria certa? Depende. A tendência seria dizer "não existe ninguém mais calmo do que eu", mesmo vindo a frase de uma mulher, já que a palavra "ninguém" teoricamente é neutra e, em conseqüência, pede o adjetivo "calmo" no masculino. No entanto, podemos dizer também que está acontecendo aqui um fenômeno lingüístico chamado **silepse**, ou seja, uma concordância ideológica. Neste sentido, a concordância se faria com a idéia do universo feminino ao qual a mulher, que pronunciou a frase, pertence.

V. CONCORDÂNCIA VERBAL

REGRA GERAL:
O **verbo** concorda com o **sujeito** em NÚMERO (singular e plural) e PESSOA (1ª, 2ª, 3ª).

Exemplos:
Eu amo
Tu amas
Ele ama
Nós amamos
Vós amais
Eles amam
O menino é estudioso.
As meninas são estudiosas.

CASOS PARTICULARES:

➔ **SUJEITO COLETIVO** - é singular na forma, mas expressa idéia de pluralidade.

Exemplos:
povo, exército, grupo, turma, multidão, etc.

Assim:

1. O verbo ficará no singular se estiver junto do sujeito coletivo.
Exemplos:
O povo aplaudiu o prefeito com entusiasmo.
O exército argentino foi derrotado na guerra das Malvinas.
A turma estava agitada no dia da prova.

2. Se o verbo estiver distante do sujeito coletivo, ou se este vier seguido de palavra que mencione os elementos nele contidos, poderá o verbo ir para o singular ou para o plural, conforme se queira destacar mais a idéia de todo ou a presença dos elementos que compõem o sujeito coletivo.
Exemplos:
O Conselho Universitário se reuniu e decidiu (ou decidiram) recomeçar os trabalhos.
O grupo de pivetes fugiu correndo, mais adiante, porém, foi preso (ou foram presos).
Um bando de pardais pousou (ou pousaram) naquela árvore ali.
Nesses dias modernos, uma imensidade de problemas nos aflige (ou nos afligem).
Uma turma de meninas cantava (ou cantavam) alegremente no clube.
Um milhão de jovens participou (ou participaram) da passeata.

➔ É possível também que o sujeito seja formado por expressões de natureza partitiva como **"grande parte de", "o resto de", "a maioria de", "uma porção de", "metade de", "a maior parte de",** etc., seguidas de um substantivo ou pronome no plural. Neste caso, igualmente poderá haver dois tipos de concordância.

Exemplos:
Grande parte das pessoas chegou (chegaram) cedo à festa.
A maioria delas estava (estavam) bem vestida(s).
Metade dos candidatos não apresentou (apresentaram) nenhuma proposta interessante.

➔ Quando o sujeito é formado por uma expressão que denota quantidade aproximada como **"mais de...", "menos de...", "cerca de...", "perto de...",** seguida de um número no plural, o verbo deve ficar no plural. Porém, se estas expressões vierem seguidas do numeral **"um",** o verbo obrigatoriamente vai para o singular.

Exemplos:
Mais de um jornal estrangeiro fez alusão ao Brasil.
Mais de dois jornais foram fechados em um ano.
Cerca de vinte pessoas estiveram no jantar.
Perto de dez carros envolveram-se no acidente.

Observação: Deve-se empregar o verbo sempre no plural quando este expressar idéia de reciprocidade ou quando a expressão "mais de um" vier repetida na frase.

Exemplos:
Mais de um sócio se insultaram.
Mais de um político agrediram-se no plenário.
Mais de um aluno, mais de um professor emocionaram-se com o discurso do diretor.

➔ Quando se tratar de nomes próprios, a concordância deverá ser feita levando-se em conta a ausência ou presença de artigo. Não havendo artigo, o verbo deverá ficar no singular; quando houver artigo no plural, o verbo ficará no plural.

Exemplos:
Estados Unidos cria e Brasil imita.
Os Estados Unidos determinam o fluxo da atividade econômica no mundo.
As Minas Gerais são inesquecíveis.
Minas Gerais produz queijo e poesia de primeira.
As Alagoas nos revelam muitas mulheres bonitas.
Alagoas impressiona pela beleza das praias e pela pobreza da população.

PRONOMES RELATIVOS QUEM E QUE.

➔ O pronome relativo **"quem",** normalmente, pede o verbo que o tem como sujeito, na terceira pessoa do singular. No entanto, o verbo pode concordar com a pessoa do sujeito antecedente, quando se quer fazer uma concordância enfática.

Exemplos:
Nunca te esqueças de que fui eu quem te apresentou ao presidente.
"Mais tarde você descobrirá se fui eu quem menti."
Fui eu quem pagou a conta.
"Fui eu quem paguei aquela dívida enorme ."

➔ Se o sujeito é o pronome relativo **"que",** o verbo concorda com o antecedente do relativo.

Exemplos:
Nós que ficamos e vocês que partem seremos sempre amigos.
Fui eu que falei a verdade naquela hora.
Foram eles que fizeram isso.
Fui aquela que morou na casa velha.

➔ Quando o sujeito é o relativo **"que",** precedido das expressões **"um dos...", "uma das...",** o verbo deve concordar na terceira pessoa do plural.

Exemplos:
Eliane era uma das que mais desconfiavam de nossa administração.
Um dos homens que mais lutaram pela soberania de nossa pátria foi Barbosa Lima Sobrinho.

Observação: Por exigência lógica, existirão casos em que o singular será obrigatório.
Exemplo:
Chama-se "Gota d' Água" uma das peças teatrais de Chico Buarque que será encenada amanhã.

PRONOMES INDEFINIDOS OU INTERROGATIVOS NO PLURAL + DE NÓS, DE VÓS.

➔ Quando o sujeito é formado de expressões constituídas de pronome indefinido ou interrogativo no plural, mais os termos **"de nós", "de vós",** o verbo vai para a terceira pessoa do plural (concordância mais lógica, na medida em que ela incide sobre o núcleo do sujeito, no caso o pronome da expressão). É possível, no entanto, o verbo concordar com os pronomes pessoais **"nós e vós".**

Exemplos:
Quais de nós (concluiremos) concluirão a faculdade?
Alguns de vós (viestes) vieram de bem longe.
Muitos de nós (deixamos) deixam a vida passar sem produzir nada.
Quantos de vós (contribuístes) contribuíram para a melhoria de vosso país?

Observação: Com o pronome indefinido ou interrogativo no singular, é claro que o verbo ficará na terceira pessoa do singular.
Exemplo:
Um de nós te levará em casa após a festa.

SUJEITO DA VOZ PASSIVA PRONOMINAL E INDETERMINADO

➔ O verbo apassivado pelo pronome "se" deve concordar com o sujeito que, no caso, está sempre expresso.

Exemplos:
Vendem-se casas (casas são vendidas)
Os planos desenvolvem-se (são desenvolvidos) satisfatoriamente.

Observação: Quando os verbos **"poder"** e **"dever"** aparecerem na voz passiva sintética, como auxiliares de um infinitivo, duas construções serão possíveis, porque duas análises sintáticas também são possíveis.

Exemplos:
Não se podem cortar essas árvores.
(sujeito = ESSAS ÁRVORES; PODEM CORTAR = locução verbal, concordância do verbo auxiliar PODER com o sujeito plural.)

Não se pode cortar essas árvores.
(sujeito oracional = CORTAR ESSAS ÁRVORES - oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo - sujeito do verbo PODER que deve ficar na 3ª pessoa do singular.)

➔ Se o verbo for transitivo indireto, ficará na 3ª pessoa do singular, pois o "se", neste caso, não será pronome apassivador, mas sim partícula indeterminante do sujeito.

Exemplos:
Precisa-se de operários (e não precisam-se de operários)
Assiste-se a filmes bons naquele cinema.
Obedeça-se às leis.

CONCORDÂNCIA COM O SUJEITO COMPOSTO

➔ Quando o sujeito de um verbo vier depois dele e for composto de vários elementos, o verbo concordará com o elemento mais próximo (concordância atrativa), podendo ficar no singular, ou poderá ir para o plural (Concordância lógica).

Exemplos:
De repente ouviu-se um estouro, um gemido, um grito de triunfo.
A minha alma é maior do que supõe: cabem nela amor de mulher, afetos de filha e amizade de irmã.

➔ Se os elementos do sujeito composto forem sinônimos ou formarem uma unidade de idéia, um todo no sentido, ou ainda estiverem organizados numa gradação, o verbo pode ficar na 3ª pessoa do singular para realçar a unidade de sentido ou o último elemento da série gradativa.

Exemplos:
A sua família, o seu lar era aquele em que fora recolhida.
A mágoa e a dor lhe ressuscitou o entendimento.
Somente o elogio e o incentivo constrói.
"Triste ventura e negro fado o chama." (Camões)
"Mas permite, Deus, que a maldade e a malícia ande encoberta." (Vieira)
A mesma idéia, o mesmo gesto, a mesma fala revelava a personalidade daquela mulher.
Um grito, uma palavra, um movimento, um simples olhar causava-lhe medo.

➔ Sendo os núcleos do sujeito composto formados de verbos no infinitivo, o verbo da oração ficará no singular se esses núcleos não vierem acompanhados de elementos determinantes. Caso contrário, o verbo irá para o plural.

Exemplos:
Correr, cair e levantar foi um só movimento.
Comer e beber é necessário.
O comer e o beber são necessários.

➔ Entretanto, se os núcleos infinitivos forem termos antônimos, o verbo da oração irá para o plural, mesmo que não possuam determinantes.

Exemplos:
Amar e odiar são sentimentos muito fortes.
Sorrir e Chorar fazem parte do show da vida.

➔ Quando um sujeito composto é resumido por um aposto, o verbo concordará com esse aposto, estando ele no singular ou no plural.

Exemplos:
Carinhos, abraços, palavras de amor, NADA o consolava.
Alunos, professores, funcionários da escola, todos foram homenageados.
"TUDO, os pastos, as várzeas, a caatinga, o mar milheiral esquelético, era de um cinzento de borralho." (Rachel de Queiroz)
Capitão, marinheiros e passageiros, ninguém escapou com vida daquele naufrágio.
Pai, mulher, filhos, cada um seguia seu caminho calado.

Observação: Se os núcleos do sujeito composto vierem antecedidos pelo pronome indefinido **"cada",** o verbo permanecerá no singular.

Exemplo:
Cada professor, cada aluno, cada funcionário tinha sua reivindicação.

➔ Se os elementos do sujeito forem de pessoas gramaticais diferentes, o verbo vai para o plural e deve ser flexionado na pessoa que tiver prioridade: a primeira sobre a segunda e esta sobre a terceira.

Exemplos:
Eu, tu e João somos amigos. (Eu, tu e João = nós)
Desejo que tu e teu marido sejais felizes. (tu e teu marido = vós)

Observação: Quando o sujeito composto é constituído de elementos da segunda e terceira pessoas, também é correto que o verbo vá para a terceira pessoa do plural.

Exemplos:
Desejo que tu e teu marido sejam felizes.
Estou torcendo para que tu e ele passem no concurso.
Acredito que tu e Ana passarão no vestibular.

➔ Quando ocorre idéia de reciprocidade, a concordância deve ser feita obrigatoriamente no plural.

Exemplos:
Abraçaram-se vencedor e vencido.
Ofenderam-se o jogador e o árbitro.

➔ Quando os núcleos do sujeito composto forem ligados pelas conjunções **"ou"** ou **"nem",** o verbo poderá:

1. Ficar no singular se estiver se referindo a apenas um dos núcleos do sujeito, apresentando uma idéia de equivalência ou de exclusão;

Exemplos:
João ou Miguel ocupará o cargo de presidente daquela empresa.
Nem Ana nem Márcia foi escolhida para ser a rainha do grêmio.

2. Irá para o plural quando a ação verbal incidir diretamente sobre os núcleos do sujeito e quando a conjunção "ou" tiver um caráter corretivo.

Exemplos:
Nenhum gesto ou palavra do orador ofenderam a platéia.
Nem Pedro nem Paulo fizeram boa prova.
O culpado ou os culpados pelo crime serão punidos.
A parte ou as partes contrárias entrarão em acordo.

Observações:
A) Se o sujeito da oração for a expressão **"um ou outro",** normalmente o verbo permanecerá no singular;

Exemplos:
Um ou outro chapéu lhe ficava bem.
Um ou outro fato sairá amanhã nos jornais.

B) No entanto, se a expressão for **"um e outro",** o verbo irá preferencial- mente para o plural, sendo rara a concordância no singular;

Exemplos:
Um e outro chegaram cedo ao colégio.
Um e outro aluno entraram (entrou) na sala depois do diretor.

C) A expressão **"nem um nem outro"** determina, geralmente, o verbo no singular.
Exemplo: Nem um nem outro candidato às próximas eleições compareceu ao debate na TV.

Atenção! Em verdade, não há uniformidade no tratamento dado a essas expressões por gramáticos e escritores.

➔ Quando os núcleos do sujeito são unidos por expressões correlativas como "não só... mas também"; "não só... como também"; "não só... mas ainda"; "não somente... mas ainda"; "não apenas... mas também"; "tanto... quanto", o verbo concorda de preferência no plural.

Exemplos:
Não só a seca mas também o pouco-caso castigam o Nordeste.
Tanto a mãe quanto o filho ficaram surpresos com a notícia.

CASOS ESPECÍFICOS

VERBO SER.

O verbo ser apresenta-se impessoal quando empregado em frases que se referem a horas, datas ou distâncias. Nestes casos, o verbo ser concorda com o seu complemento. No caso das datas, entretanto, a concordância será facultativa, se a palavra **"dia"** não estiver expressa.

Exemplos:
Que horas são?
É uma hora.
São duas horas.
É meio-dia e meia.

Que dia é hoje? (ou quantos são hoje?)
Hoje é (ou são) 31 de julho.
Hoje é dia 31 de julho.
É um quilômetro até minha escola.
São 400 km do Rio até São Paulo.

Observações:
A) Quando o verbo ser, nas expressões que se referem às horas, vem acompanhado por uma das seguintes locuções: **"perto de", "cerca de", "mais de",** tanto podemos empregá-lo na terceira pessoa do singular como do plural.

Exemplos:
Era perto de dez horas / Eram perto de dez horas

B) Os verbos dar, soar e bater, em relação às horas, obedecem à regra geral da Concordância Verbal, isto é, estes verbos concordarão natural- mente com seu sujeito, em número e pessoa.
Exemplos:
Davam seis horas no relógio da Central. (seis horas = sujeito do verbo dar)
Soaram dez horas quando saí do baile.
Bateu Meia-noite na torre da igreja.

Quando sujeito e predicativo têm números diferentes, existem duas tendências para a concordância do **verbo ser:**

1. empregar o verbo no plural (tendência mais freqüente);

2. no singular, quando se quiser dar ênfase ao sujeito.
Exemplos:
A Pátria são todos os seus cidadãos.
Meu destino eram estradas que tinha de palmilhar.

Quando o sujeito é nome de pessoa e o predicativo é substantivo comum, o verbo **SER** concorda no singular com o nome de pessoa.
Exemplos:
Chico Anísio era as duas coisas: ator e diretor.
Fernando Pessoa é vários poetas.

Observação: Quando, no entanto, se deseja dar ênfase aos elementos constitutivos do predicativo, o verbo **SER** poderá concordar com ele.

Exemplo:
"Santinha eram dois olhos míopes, quatro incisivos claros a flor da boca." - Machado de Assis.

Quando o sujeito ou o predicativo forem pronome pessoal, com ele concordará o verbo; porém, se ambos forem representados por pronomes pessoais, o verbo concordará obrigatoriamente com o sujeito.

Exemplos:
O Brasil somos nós.
O Estado sou eu.
Eu não sou eles / Eles não são eu.

➔ Quando o sujeito é um dos pronomes neutros **"tudo", "isso", "aquilo"** ou palavra de sentido coletivo ou partitivo, o verbo concorda com o predicativo.

Exemplos:
Tudo são flores.
Aquilo não eram atitudes de um homem.
Isso serão previsões sem sentido.
A maioria eram rapazes.
O resto são bobagens.
O mais eram sacrifícios.

Observação: A concordância do verbo no singular é rara, mas não é incorreta.
Exemplos:
"Tudo é flores no presente." (Gonçalves Dias)
"E tudo é chuvas que orvalham, folhas caídas que secam." (Fernando Pessoa)

Nas frases em que o sujeito sem nenhum determinante vem expressando preço, medida, quantidade, com o qual o verbo ser pode formar também um todo com as palavras **"muito", "pouco", "tanto", "demais", "mais de", "mais que", "menos de",** etc., o verbo fica no singular.
Exemplos:
Cinco anos era muito.
Cem reais por mês é pouco para um trabalhador.
Dez metros de fio é mais (menos) do que preciso.
Sessenta litros de chope será demais para a festa.
Bebidas é coisa fundamental em festas.
Trinta anos é a idade de minha irmã.

Os pronomes interrogativos quem, que, o que, em frases com o verbo ser, normalmente exercem a função de predicativo e não de sujeito. Neste caso, o verbo ser não concorda com os pronomes e sim com o sujeito.
Exemplos:
Quem seriam aquelas meninas?
Que eram os ruídos que ouvimos?
O que são impostos compulsórios?

VERBO PARECER.

Existem duas possibilidades de concordância quando o verbo parecer vem seguido de um outro verbo no infinitivo.

Exemplos:
As estrelas pareciam caminhar no céu. (verbo parecer, como verbo auxiliar, concorda com o sujeito, e o infinitivo não se flexiona, formando assim uma locução verbal)

"As estrelas parecia caminharem no céu." - Graça Aranha. (parecer, aqui como verbo intransitivo, fica na 3ª pessoa do singular, e o infinitivo se flexiona, formando com "As estrelas" um sujeito oracional: 'AS ESTRELAS CAMINHAREM parecia' - Oração Subordinada Substantiva Subjetiva Reduzida de Infinitivo)

"Mesmo os doentes parece que são mais felizes." - Cecília Meirelles. (parece=verbo intransitivo; QUE OS DOENTES SÃO MAIS FELIZES =Sujeito Oracional: Oração Substantiva Subjetiva Desenvolvida)

VERBO HAVER.

Quando significa **"existir, ocorrer",** o verbo haver fica na terceira pessoa do singular, já que ele se torna impessoal, não tendo sujeito.
Exemplos:
Houve fatos marcantes em nossa vida.
Havia milhares de candidatos naquele concurso.
Sempre houve graves problemas sociais no país.
Deve ter havido muitas vítimas naquele acidente.

No entanto, se empregarmos no lugar de haver os verbos existir ou ocorrer, eles concordarão com os seus respectivos sujeitos.
Exemplos:
Existiam milhares de candidatos naquele concurso.
("milhares de candidatos" = sujeito de existir)
Ocorreram fatos marcantes em nossa vida.
("fatos marcantes" = sujeito de ocorrer)

VERBO FAZER.

Este verbo, assim como o verbo haver, indicando tempo decorrido ou fenômeno meteorológico, também são impessoais e, por isso, ficam na 3ª pessoa do singular.
Exemplos:
Faz dois anos que estive em Portugal. ("dois anos" = objeto direto)
Faz invernos terríveis na Europa. ("invernos terríveis" = objeto direto)
Há anos não procuro meu primo.
Havia anos que não nos encontrávamos.

Observação: A impessoalidade também ocorre com todos os verbos que expressam fenômenos da natureza como chover, ventar, nevar etc. Contudo, se empregarmos qualquer um desses verbos em seu sentido figurado, eles passam a fazer a concordância com a regra geral.
Exemplos:
Choveu vários dias em São Paulo no mês passado.
Quando eu era jovem, choviam convites para festas. (Aqui, "choviam" tem como sujeito "convites", por isso a razão da concordância.)

PRONOMES DE TRATAMENTO.

Os verbos que acompanham pronomes de tratamento apresentam-se sempre na terceira pessoa do singular ou do plural.

Exemplos de pronomes de tratamento: você (originário da forma antiga Vossa Mercê), Vossa Excelência, Vossa Senhoria, Vossa Majestade, Vossa Alteza, etc.
Vossa Excelência está satisfeito?
Vossas Excelências estão satisfeitos?
(Concordância ideológica por se estar dirigindo a uma pessoa do sexo masculino)

CONCORDÂNCIA COM SUJEITO REPRESENTADO POR UM NÚMERO PERCENTUAL.

Quando se tem um número percentual sem o seu especificador, ou seja, quando ele não possui um complemento, o verbo deve concordar com o número da porcentagem.

Exemplos:
Apesar das enchentes, apenas 10% querem mudar de casa.
Somente 22% disseram "sim" ao plebiscito, enquanto 77% optaram pelo "não" e 1% não compareceu às urnas.

Assim, se esse número for inferior a dois, o verbo deve ficar no singular. Ex.: Apenas 1,65% votou naquele candidato; 0,7% achava o candidato honesto; Apenas 1% votaria novamente neste candidato.
Quando a porcentagem vem acompanhada de especificador, ou seja, quando se diz "x% de algo", o verbo passa a concordar com esse especificador, independentemente do número percentual.

Exemplos:
15% do ELEITORADO REPROVOU O PROGRAMA DAQUELE PARTIDO.
1% dos ELEITORES optaram pelo voto em branco.
40% dos lavradores estão preocupados com a falta de chuvas.
30% da lavoura de café foi perdida.

Se o número percentual vier acompanhado de um determinante (pronomes, artigos, etc.), o verbo deverá ir sempre para o plural.

Exemplos:
Esses 5% das ações já me são suficientes.
Os 40% da produção de laranja serão exportados para os EUA.
Uns 15% da população estão desempregados.

Já no caso das frações, as gramáticas dizem que o verbo deve concordar com o numerador da fração, ou seja, com o número de cima. Então, quando se diz "2/3 do eleitorado", o verbo concorda com o número "2", numerador da fração. Ex.: 2/3 do eleitorado recusaram-se a votar em qualquer candidato. Se, porém, tivermos "1/3 dos eleitores", deveremos fazer o verbo concordar com o número "1". Ex.: 1/3 dos eleitores recusou-se a votar em qualquer candidato.

Observação: Notadamente, é esse o padrão adotado pelos grandes e mais conceituados jornais e revistas brasileiros.

VI. DIVISÃO SILÁBICA

REGRAS:

➔ Não se separam os elementos dos grupos consonantais que iniciam uma sílaba nem os dos dígrafos **"ch, lh, nh".**

Exemplos:
a-blu-ção,
a-bra-sar,
a-che-gar,
fi-lho,
ma-nhã,
con-tri-bu-ir,
a-fri-ca-no,
a-plai-nar,
en-gra-ça-do,
re-fle-tir,
su-bli-me.

Observação: Nem sempre formam grupos consonantais os elementos **bl** e **br**. No caso de o **l** e o **r** serem pronunciados separadamente, poderá haver a partição da palavra. Exemplos: sub-lin-gual, sub-li-nhar, sub-ro-gar, ab-rup-to.

➔ O **"s"** dos prefixos **bis, cis, des, dis, trans** e o **x** do prefixo ex não se separam quando a sílaba seguinte começar por consoante. Todavia, se iniciar-se por vogal, formam sílaba com esta e separam-se do prefixo.

Exemplos:
bis-ne-to,
cis-pla-ti-no,
des-li-gar,
dis-tra-ção,
trans-por-tar,
ex-tra-ir,
bi-sa-vó,
ci-san-di-no,
de-ses-pe-rar,
di-sen-te-ri-a,
tran-sa-tlân-ti-co,
e-xér-ci-to.

➔ As letras "**cc, cç, sc, rr, ss"** e as vogais idênticas separam-se quando da partição do vocábulo, ficando cada uma delas em sílabas diferentes.

Exemplos:
oc-cip-tal,
te-lec-ção,
pror-ro-gar,
res-sur-gir,
a-do-les-cen-te,
con-va-les-cer,
des-cer,
pres-cin-dir,
res-ci-são,
ca-a-tin-ga,
co-or-de-nar,
ge-e-na.

Observação: As vogais de hiatos, mesmo diferentes uma da outra, também se separam. Exemplos: a-ta-ú-de, ca-í-eis, do-er, du-e-lo, fi-el, flu-iu, gra-ú-na, je-su-í-ta, le-al, mi-ú-do, po-ei-ra, ra-i-nha, vô-o.

➔ Não se separam as vogais dos ditongos crescentes e decrescentes nem as dos tritongos.

Exemplos:
ai-ro-so,
a-ni-mais,
au-ro-ra,
a-ve-ri-güei,
ca-iu,
cru-éis,
re-jei-tar,
fo-ga-réu,
gló-ria,
i-guais,
ó-dio,
jói-a,
sa-guão,
vá-rios.

Observação: Não se separa do **"u",** precedido de **"g"** ou **"q",** a vogal que o segue, acompanhada ou não de consoante. Exemplos: am-bí-guo, u-bí-quo, lín-gua, Gua-te-ma-la, de-lin-qüen-te.

Além das regras vistas anteriormente, toda consoante que não vem seguida de vogal fica na sílaba anterior, na divisão silábica.

Exemplos:
sub-me-ter,
sub-por,

ab-so-lu-to,
ad-vo-ga-do,
ad-no-mi-nal,
ad-vir,
af-ta,
mag-ma,
cog-no-me,
al-fai-a-te,
nos-tal-gi-a,
e-gíp-cio,
re-cep-ção,
ap-to,
ar-far,
ex-su-dar,
ex-ce-ção,
tungs-tê-nio,
pers-pi-cá-cia,
sols-tí-cio,
ab-di-car,
ac-ne,
drac-ma,
Daf-ne,
ét-ni-co,
nup-ci-al,
abs-tra-ir,
ins-pe-tor,
ins-tru-ir,
in-ters-tí-cio.

Observação: Ainda pelo mesmo caso acima, se a consoante for inicial, ela não se separa.Exemplos: Pto-lo-meu, psi-co-se, pneu-má-ti-co, gno-mo, mne-mô-ni-ca.

VII. EMPREGO DA CRASE

CONCEITO:

Fusão ou contração de dois **"a"** (a+a) num só (**à**, marcado pelo acento grave), sendo um deles preposição e o outro artigo feminino ou pronome demonstrativo.

CASOS DE EMPREGO DA CRASE

➔ Emprega-se a crase quando houver uma palavra de sentido incompleto que venha seguida da preposição **"a",** mais o artigo feminino **"a"** no singular ou plural, antes de substantivo feminino determinado.

Exemplos:
Pedro dirigiu-se a (preposição) + a (artigo) praça.
Pedro dirigiu-se à praça.

Ana dedica-se a+a igreja todo o tempo.
Ana dedica-se à igreja todo o tempo.

Meu tio era fiel a+a disciplina militar.
Meu tio era fiel à disciplina militar.

Todos estamos sujeitos a+as leis de Deus.
Todos estamos sujeitos às leis de Deus.

O rei ficava indiferente a+as súplicas do povo.
O rei ficava indiferente às súplicas do povo.

Você deve obedecer a+as normas do colégio.
Você deve obedecer às normas do colégio.

➔ Em função de só poder haver crase quando da contração da preposição **"a"** com o artigo feminino **"a",** conseqüentemente não haverá crase antes de nomes masculinos, verbos, pronomes indefinidos.

Exemplos:
Os camponeses iam a pé para o trabalho, mas o capataz ia a cavalo.
O baile será promovido a partir das 20 horas.
Tenho muito a receber de indenização.
Com essa blusa não irei a nenhuma festa.
Ela lançava olhares maliciosos a certo rapaz no restaurante.

- ➔ Também não acontecerá a crase antes de nomes próprios de cidade e da palavra **"casa",** a não ser que venham determinados.

Exemplos:
Amanhã regressarei a Brasília.
Amanhã regressarei à Brasília de meus sonhos.

Cansado, chegou tarde a casa. (Não há artigo definido antes da palavra casa quando se refere a sua própria casa: "Fiquei em casa", "Venho de casa".)
Cansado, chegou tarde à casa de seus pais.

- ➔ Igualmente, não haverá crase antes dos vocábulos **"cuja", "quem", "ela", "esta", "essa", "mim", "você", "vossa senhoria", "vossa excelência",** etc.

Exemplos:
Este é o policial a quem devo minha vida.
Hoje foi empossada a nova diretoria a cuja determinação devemos de agora em diante obedecer.
Dei a ela uma bela flor e ela ofereceu a mim um lindo sorriso.
Darei a esta criança abandonada todo meu carinho.
Falarei a você todos os detalhes do filme.

- ➔ Entretanto, existem alguns pronomes demonstrativos e de tratamento (como os pronomes referentes às mulheres) que aceitam a anteposição do artigo feminino, favorecendo, assim, o surgimento do fenômeno da crase.

Exemplos:
Contarei tudo à senhora (à senhorita, à madame, à dona, à dama, etc.)
Darei todos esses livros à mesma pessoa.
Só devolverei o dinheiro à própria dona.

Observação: Quando somente acontecer um simples "a" antes de um substantivo feminino plural, não ocorrerá a crase logicamente por falta do artigo.
Exemplos:
Esta lei se destina a casadas e solteiras.
Neste Congresso, falarei apenas a mulheres.

Note-se, no entanto, uma pequena alteração semântica na frase, se houver a presença do artigo feminino, passando-se de um sentido mais genérico (como no caso dos exemplos acima), para um sentido mais restrito.
Exemplo:
Neste Congresso sobre sexualidade, falarei em especial às mulheres. (Aqui, pressupõe-se um grupo, uma platéia, onde as mulheres configuram uma parte desse grupo.)

➔ Nas **locuções adverbiais** (expressões que indicam circunstâncias de tempo, lugar, modo, etc.), recomenda-se o emprego do acento grave nas formadas de "a" mais palavra feminina no singular.

Exemplos:
Rita disse que chegaria **à noite**. (tempo)
Paulinho só comia **à força.** (modo)
A canoa estava **à margem do rio**. (lugar)
Miguel adora **viver à toa**.
(Como locução adverbial de modo, significando "a esmo, ao acaso, sem fazer nada, em vão" referindo-se ao verbo, à toa não leva hífen: "Passou a vida à toa"; "Anda à toa pelas ruas"; no entanto, quando aparece como adjetivo junto a um substantivo, significando "inútil, desprezível, desocupado, insignificante", à-toa deve ser escrito com hífen: "Era uma mulher à-toa"; "Não passava de um sujeitinho à-toa".)
Eles travaram um duelo à espada. (instrumento)
Prefiro escrever cartas à caneta do que à máquina. (instrumentos)
Pedro foi ferido à bala. (instrumento)

Outras locuções adverbiais muito empregadas: **à beça, à deriva, à frente, à luz (dar à luz), À MÃO, à parte, à revelia, à tarde, à última hora, à unha, à vontade, às avessas, às claras, às ordens.**

Incluem-se nessas expressões as indicações de horas especificadas.
Exemplos: à meia-noite, às duas horas, à uma hora, às três e vinte, etc.
Observação: Não confundir com as indicações não especificadas como: "Isso acontece a qualquer hora"; "Estarei lá daqui a uma hora".

➔ Será facultativo o emprego da crase quando também for livre o uso do artigo. Isto acontecerá antes de nomes próprios de pessoas e antes de pronomes possessivos.

Exemplos:
Ofereci um presente a (à) Bruna.
Entregue essa documentação a (à) minha assessora que depois devolverá a (à) sua secretária.

Observação: Note-se que, quando se deseja mostrar mais intimidade com a pessoa de quem se fala, o emprego do artigo feminino junto à preposição é mais aconselhável. Todavia, se o tratamento é puramente formal, ou se a pessoa se tratar de personalidade pública, recomenda-se somente o emprego da preposição, não acontecendo, dessa forma, o fenômeno da crase.

Exemplos:
Contarei tudo à Raquel, minha melhor amiga.
Dedico esta homenagem a Rachel de Queiroz.

➔ Acontecerá a crase nas locuções prepositivas constituídas de um substantivo feminino singular, precedido de **"a"** e seguido de **"de".** E nas **locuções conjuntivas**, onde o substantivo é precedido de **"a"** e seguido de **"que".**
Exemplos:
à maneira de, à moda de,
à custa de, à volta de,
à beira de, à sombra de,
à luz de, à distância de,
à vista de, à espera de,
à força de, à cata de,
à procura de, à medida que,
à proporção que, etc.

Observação: Algumas vezes pode-se omitir parte da expressão (que no caso fica subentendida), ficando o "a" com o acento grave diante de palavra masculina.

Exemplos:
Aquele meu amigo poeta usava cabelos à Carlos Gomes.
(à maneira de Carlos Gomes)
Cláudia decorou sua casa à Luís XIV.
(à moda de Luís XIV)

➔ Quando a palavra **"terra"** for empregada com o sentido de **"em terra firme",** não acontecerá a crase.
Exemplos:
O navio atracou e os passageiros já se dirigiam a terra.
Ao chegarmos ao porto de Santos, não desci a terra.

Em contrapartida: "Os astronautas voltarão à Terra amanhã." (Terra = planeta)
"Em maio irei à terra de meus avós." (O substantivo terra vem determinado pela expressão "DE MEUS AVÓS")

➔ Os pronomes **"aquele(s), aquela(s) e aquilo"** podem vir com o acento grave no **"a",** revelando que ocorreu o fenômeno da crase, quando antes deles vier palavra com sentido incompleto, seguida da preposição **"a".**
Exemplos:
Referiu-se a aquele livro de Camões.
Referiu-se àquele livro de Camões.

Aludi a aquela reunião do mês passado.
Aludi àquela reunião do mês passado.

Tecemos críticas a aquilo tudo que eles fizeram de errado.
Tecemos críticas àquilo tudo que eles fizeram de errado.

➔ Antes dos pronomes relativos **"que, qual, quais",** pode ou não haver a crase, dependendo do seu antecedente. Se ao trocarmos mentalmente o antecedente feminino por um masculino e ocorrer **"ao que, ao qual, aos quais", ENTÃO HAVERÁ A CRASE.**

Exemplos:
Esta é minha terra à qual dedico esta vitória.
(Este é meu país ao qual dedico esta vitória)

Esta é minha terra a qual trago sempre na lembrança.
(Este é meu país o qual trago sempre na lembrança)

Ouvimos uma voz igual à que Ivo fazia quando estava bêbado.
(Ouvimos um grito igual ao que Ivo fazia quando estava bêbado)

Estas são as leis às quais devemos obedecer.
(Estes são os regulamentos aos quais devemos obedecer)

Dou-lhe essas referências as quais entregará ao novo chefe.
(Dou-lhe esses documentos os quais entregará ao novo chefe)

DICAS PARA CONFIRMAR A OCORRÊNCIA DA CRASE

1. Quando se puder substituir o **"à"** pelas formas **"ao", "da"** e **"para a"** (onde fica evidente a presença tanto da preposição quanto do artigo), poderemos confirmar a ocorrência da crase.

Exemplos:
A sentença foi dada à ré.
A sentença foi dada ao réu.
Teus cabelos cheiram a rosa.
Teus cabelos cheiram a cravo.
Amanhã iremos à Bolívia.
Amanhã iremos para a Bolívia.
(Amanhã voltaremos da Bolívia.)
Viajaremos a Madri.
Viajaremos para Madri.
(Voltaremos de Madri.)
Cheguei à Bahia no domingo.
Vou para a Bahia no domingo.
(Cheguei da Bahia no domingo.)
Irei a Brasília hoje.
Irei para Brasília hoje.
(Cheguei de Brasília hoje.)

2. Não haverá a crase em expressões já cristalizadas no idioma como aquelas formadas por palavras repetidas.

Exemplos:
gota a gota, cara a cara, dia a dia, passo a passo, etc.

ALGUNS CASOS ESPECIAIS

ÀS VEZES / AS VEZES

Ocorrerá a crase somente quando **"às vezes"** for uma locução adverbial de tempo (= de vez em quando, em algumas vezes);

Exemplos:
Às vezes, os alunos consultam os dicionários.
O Flamengo, às vezes, ganha do Vasco.

Quando a expressão **"as vezes"** não trouxer o significado acima, não acontecerá a crase.
Exemplos:
Foram raras as vezes em que ela veio ao Rio.
("as vezes" é o sujeito da oração)

Em todas as vezes, ele levou os documentos. (Não há a preposição "a", por isso não ocorre a crase; temos o artigo definido plural "as")

ATÉ A / ATÉ À

Para muitos gramáticos, quando **"até"** for uma preposição, o uso do acento da crase no **"a"** que vem em seguida é facultativo. Na verdade, porém, a presença de **"até",** neste caso, torna desnecessário o uso da preposição **"a",** como igualmente acontece com outras preposições.

Exemplos:
Vou até a igreja depois do café.
Viajou para a França.
Está aqui desde as seis horas.
Chegará só após as vinte horas.

Atente para não confundir a preposição **"até"** com a partícula de inclusão (até = inclusive), em cujo emprego poderá ocorrer ou não a crase.

Exemplos:
Até (inclusive) a diretora (o diretor) compareceu à festinha dos alunos.
O rapaz se referia às colegas e até (inclusive) à amiga mais íntima (ao amigo mais íntimo).

VIII. EMPREGO DO HÍFEN

PREFIXOS MAIS USADOS:

➔ **AUTO, CONTRA, EXTRA, INFRA, INTRA, NEO, PROTO, PSEUDO, SEMI, SUPRA, ULTRA.**

Estes prefixos exigem hífen quando se juntam a palavras iniciadas por vogal, **h, r** e **s.**

Exemplos: auto-análise, auto-escola, auto-estima, auto-retrato, auto-suficiente, contra-almirante, contra-ataque, contra-reforma, contra-regra, contra-senso, extra-humano, extra-oficial, extra-regimental, extra-secular, infra-estrutura, infra-renal, infra-social, intra-ocular, intra-uterino, intra-regional, intra-setorial, neo-humanista, neo-republicano, proto-história, proto-revolucionário, pseudo-herói, pseudo-revolucionário, pseudo-sábio, semi-analfabeto, semi-reta, semi-selvagem, supra-hepático, supra-renal, supra-sumo, ultra-especial, ultra-humano, ultra-realismo, ultra-romântico, ultra-sensível, ultra-som.
Exceção: "extraordinário", não leva hífen.

➔ **ANTI, ANTE, ARQUI, SOBRE.**

Estes prefixos devem ser ligados por hífen a palavras iniciadas por **h, r** ou **s**.
Exemplos: anti-herói, anti-higiênico, anti-rábico, anti-séptico, anti-social, ante-histórico, ante-república, ante-sala, arqui-rabino, arqui-rival, arqui-sacerdote, sobre-humano, sobre-saia, sobre-ser, sobre-sinal.

➔ **INTER, HIPER, SUPER.**

Estes prefixos só exigem hífen quando se juntam a palavras que começam por **h** e **r.**
Exemplos: inter-humano, inter-regional, hiper-raivoso, hiper-hidrose, super-homem, super-rápido, super-requintado.

➔ **SUB.**

Este prefixo só exige hífen quando se associa a palavra que começa por **b** ou **r.**
Exemplos: sub-base, sub-bibliotecário, sub-região, sub-ramo, sub-reino.

ATENÇÃO PARA: **bi, tri, tetra, penta, hexa**.
Palavras com estes elementos não devem levar hífen.
Exemplos: bicampeão, bimensal, bimestral, bienal, tridimensional, trimestral, triênio, tetracampeão, tetraplégico, pentacampeão, pentágono.

Também não se deve usar o hífen após os elementos **"hidro, sócio, micro, macro, multi, mini, mega e tele".** Estes elementos sempre se juntam sem hífen à palavra agregada. Se esta começar com **"r"** ou com **"s",** teremos **"rr"** ou **"ss"**.

Exemplos: hidrossanitária, sociopolítico, microempresa, minissérie, minissaia, macrorregião, megaempresa, megashow, multimídia, multirracial, multissecular, telespectador, teleducação, telecomunicação, telessala, telessexo, telessena.

Em relação ao prefixo **"hidro",** em alguns casos, há duas formas possíveis. "Hidroavião" e "hidravião", "hidroenergia" e "hidrenergia", por exemplo, são formas registradas pelo "Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa", da ABL.

Quando se junta o elemento **"mini"** a palavras que começam por **"h",** o "Formulário Ortográfico" não disciplina com clareza esse caso. Com exceção do "Houaiss", os demais dicionários também não tocam no assunto. O "Houaiss" registra: "Nos casos (...) em que o segundo elemento se iniciar por **h**, sugere-se o uso de hífen." É o que ocorre com "mini-hospital", "mini-hotel" etc.
No caso do elemento "sócio", só usamos hífen quando ele é substantivo (= de associado). **Exemplo:** sócio-gerente.

Lista das principais palavras compostas que se ligam por hífen.

ab-reptício
ab-rogar
abaixo-assinado
além-mar
além-túmulo
amor-perfeito
arranha-céu
baixo-relevo
banho-maria
bate-boca
bate-bola
bate-papo
belas-artes
bem-aventurado
bem-me-quer
bem-querer
bem-te-vi
bem-vindo
bom-dia
boa-tarde
boa-noite
bota-fora
carro-dormitório
carro-forte
co-autor
co-educação
co-produção
côncavo-convexo
copo-de-leite (flor)
corre-corre
decreto-lei
ex-aluno
ex-prefeito
ganha-perde
gente-de-fora
gentil-homem
guarda-chuva
guarda-civil
guarda-louça
guarda-mor
guarda-municipal
guarda-noturno
leva-e-traz
louva-a-deus
lugar-comum
luso-brasileiro
má-criação
mal-agradecido
mal-humorado
mal-educado
médico-cirúrgico
mil-folhas
mula-sem-cabeça
navio-cargueiro
navio-negreiro
navio-tanque
ob-rogar
pan-americano
pão-de-ló
pára-choques
pára-lamas
pára-quedas
passa-dez
pau-de-arara
pau-para-toda-obra
pé-de-moleque
pé-de-valsa
pega-pega
pisa-mansinho
pisca-pisca
político-econômico
pombo-correio
porta-voz
pós-datar
pré-alfabetização
pré-carnavalesco
pré-datado
prima-dona
pró-cardíaco
puxa-encolhe
puxa-puxa
quebra-cabeça
quebra-mola
recém-chegado
recém-nascido
reco-reco
ruge-ruge
salário-família
salário-minimo
sangue-frio
sem-fim
sem-vergonha
sempre-viva
sob-roda
sob-rojar
tico-tico
treme-treme
vai-volta
verde-amarelo
vice-diretor
vice-presidente
vice-rei

PRINCIPAIS PALAVRAS COMPOSTAS QUE NÃO LEVAM HÍFEM.

abdução
abjurar
aguarraz
alçapão
antecâmara
antediluviano
anteontem
antepenúltimo
anteprojeto
antiaéreo
antibiótico
anticristo
antiestético
antiinflacionário
antiinflamatório
antiofídico
arquidiocese
arquiduque
arquiinimigo
autobiografia
autocontrole
autodidata
autolotação
bancarrota
cantochão
circumpolar
circunscrever
clarabóia
coeficiente
coessência
cohabitar
coirmão
cologarítimo
contrabando
contracheque
contradança
contrafé
contrafilé
contramão
contraprova
contravento
extraconjugal
extracurricular
extrajudicial
extralegal
extraordinário
girassol
guardanapo
hiperacidez
hiperativo
hipermercado
hipersensível
infravermelho
interação
intercolegial
intercontinental
interestadual
interestelar
interplanetário
interurbano
intramuscular
intrapulmonar
intravenoso
madrepérola
malandança
malcheiroso
malcriado
malfeitor
malmequer
mandachuva
neoclássico
neoliberal
neozelandês
oblongo
panarmônico
pandemônio
passatempo
pontapé
protofonia
protoplasma
protozoário
pseudofobia
pseudopoeta
pseudoprofeta
reviravolta
rodapé
semiconsoante
semideus
semiditongo
semifinal
semivogal
sobalçar
sobestar
sobpor
sobreaviso
sobrecapa
sobreface
sobreloja
sobretaxa
sobrevôo
subaéreo
subaxilar
subchefe
subdelegado
subepático
subestimar
subgerente
suborizontal
subumano
suboficial
subsecretário
subsolo
subterrâneo
superamigo
superatleta
supercondutor
supermercado
supersônico
supracitado
supranatural
suprapartidário
ultrademocrático
ultramarino
ultrapassagem
ultravioleta
vaivém

NOTA: a expressão **"à toa"** pode ser escrita com ou sem hífen, dependendo do seu significado:

1. à toa = "a esmo, ao acaso, sem fazer nada, em vão" (locução adverbial de modo, referindo-se ao verbo): "Passou a vida à toa"; "Anda à toa pelas ruas";

2. à-toa = "inútil, desprezível, desocupado, insignificante" (adjetivo que acompanha um substantivo): "Era uma mulher à-toa"; "Não passava de um sujeitinho à-toa".

IX. EMPREGO DAS INICIAIS MAIÚSCULAS.

Emprega-se a letra inicial maiúscula nos seguintes casos:

a) nos substantivos próprios (nomes de pessoas, topônimos, denominações religiosas e políticas, nomes sagrados e ligados a religiões, entidades mitológicas e astronômicas);
Exemplos: Eduardo, Clara; Ricardo, Coração de Leão; Catarina, a Grande; Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco; oceano Atlântico, lago Paraná; Igreja Católica Apostólica Romana, Igreja Ortodoxa Russa; Partido dos Trabalhadores, União Democrática Nacional; Deus, Cristo, Buda, Alá; Apolo, Zeus, Afrodite; Terra, Via Láctea, etc.

b) no início de períodos, versos ou citação direta;
Exemplos:
"A AFINIDADE não é o mais brilhante, mas o mais sutil, delicado e penetrante dos sentimentos. O mais independente. Não importa o tempo, a ausência, os adiamentos, as distâncias, as impossibilidades. Quando há AFINIDADE, qualquer reencontro retoma a relação, o diálogo, a conversa, o afeto, no exato ponto em que foi interrompido." (Arthur da Távola)

"Amor é um fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer;"
(Camões)

Disse Arthur da Távola: "A educação não é finalidade específica da televisão. A educação cabe à escola. A televisão é um eletrodoméstico do século XX, que entre outras finalidades e vocação pode ter - em parte - a educativa".

Observação: No começo de versos que não iniciam período, usa-se normalmente a letra minúscula, como se observa em Cecília Meireles:
"Vive como em sonho,
antes de nascido,
quando a vida e a morte
estavam consigo."

c) nos nomes de períodos históricos, festas religiosas ou datas e fatos políticos importantes;
Exemplos: Idade Média, Renascimento, Natal, Páscoa, Ressurreição de Cristo, Dia do Trabalho, Dia das Mães, Independência do Brasil, Proclamação da República, etc.;

d) nos nomes de logradouros públicos (avenidas, ruas, travessas, praças, largos, viadutos, pontes, etc.);
Exemplos: Avenida Paulista, Rua do Ouvidor, Travessa do Comércio, Praça da República, Largo do Arouche, Viaduto da Liberdade, Ponte Eusébio Matoso, etc.;

e) nos nomes de repartições públicas, agremiações culturais ou esportivas, edifícios e empresas públicas ou privadas;
Exemplos: Ministério da Educação, Delegacia do Trabalho; Academia Brasileira de Letras, Clube de Regatas Vasco da Gama; Edifício Itália, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Editora Melhoramentos, etc.;

f) nos títulos de livros, periódicos, produções artísticas, literárias e científicas;
Exemplos: Grande Sertão: Veredas (de Guimarães Rosa), Veja; Jornal da Tarde ; O Pensador (de Rodin), Os Girassóis (de Van Gogh); O Noviço (de Martins Penna); A Origem das Espécies (de Charles Darwin) etc.;

g) nos nomes de escolas em geral;
Exemplos: Escola Técnica Industrial de São Gonçalo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Escola de Arte Dramática Cacilda Becker, Universidade Federal do Rio de Janeiro, etc.;

h) nos nomes dos pontos cardeais quando indicam regiões;
Exemplos: os povos do Oriente, o falar do Norte, os mares do Sul, a vegetação do Oeste, etc.;

Observação: Os nomes dos pontos cardeais são grafados com a inicial minúscula quando indicam apenas direções ou limites geográficos;
exemplos: ao sul de Minas Gerais; de norte a sul; de leste a oeste.

i) nas expressões de tratamento;
Exemplos: Vossa Alteza, Vossa Majestade, Vossa Santidade, Vossa Excelência, Vossa Senhoria, Magnífico Reitor, Sr. Diretor, Sra. Coordenadora, etc.;

j) nos nomes comuns sempre que personificados ou individualizados;
Exemplos: o Amor, o Ódio, a Virtude, a Morte, o Lobo, o Cordeiro, a Cigarra, a Formiga, a Capital, a República, a Transamazônica, a Indústria, o Comércio, etc.

X. FIGURAS E VÍCIOS DE LINGUAGEM

FIGURAS DE LINGUAGEM

AMBIGÜIDADE: palavras com duplo sentido.
Manuel Bandeira, poeta maior, escreveu um texto chamado "Poema só para Jayme Ovalle". Para um poema cujo tema é essencialmente a solidão, o título é intencionalmente ambíguo. No poema de Bandeira, **"só"** pode referir-se a "poema" ("poema solitário", por exemplo) ou a "Jayme Ovalle" ("poema feito exclusivamente para Jayme Ovalle", por exemplo).

É importante também destacar o papel da pontuação. Compare a frase "Só você não conseguirá a resposta" com "Só, você não conseguirá a resposta". Parecem iguais. As palavras são as mesmas, a ordem das palavras é a mesma, mas a vírgula faz a diferença.

Na primeira, "só" significa "apenas"; na segunda, "sozinho/a".

Vale lembrar a expressão "a sós", invariável: "Quero ficar a sós"; "Queremos ficar a sós"; "Ele quer ficar a sós"; "Eles querem ficar a sós".

Não faça confusão. Quando "só" significa "sozinho/a", varia, ou seja, tem singular e plural. Quando significa "somente, apenas", não varia, não tem plural. E a expressão "a sós" é fixa, invariável.

Outros exemplos de frases ambíguas:

"Encontrei seu diretor e resolvemos fazer uma reunião em seu escritório às 15h." (O escritório era da pessoa com quem se estava falando ou do chefe dela?)

Ao saber que um sobrinho havia levado uma mordida, minha mulher perguntou: "Afinal, quem mordeu o Pedro?" A resposta foi imediata: "Foi a cachorra da namorada do João neurótica."
(Quem mordeu o Pedro foi:
1. a cachorra, que é neurótica e pertence à namorada do João?
2. a cachorra, que pertence à namorada neurótica do João?
3. a namorada do João, que, além de ser uma "cachorra", é uma neurótica?)

ANACOLUTO: ruptura da ordem lógica da frase. É um recurso muito utilizado nos diálogos, que procuram reproduzir na escrita a língua falada. Também permite a caracterização de estados de confusão mental.
Exemplo:
"Deixe-me ver... É necessário começar por... Não, não, o melhor é tentar novamente o que foi feito ontem."

ANÁFORA: repetição sistemática de termos ou de estruturas sintáticas no princípio de diferentes frases ou de membros da mesma frase. É um recurso de ênfase e coesão.
Exemplo:
Vi uma estrela tão alta,
Vi uma estrela tão fria!
Vi uma estrela luzindo
Na minha vida vazia.
(Manuel Bandeira)

ANTÍTESE: aproximação de palavras de sentidos opostos.
Exemplos:
Na ofuscante CLARIDADE daquela manhã, pensamentos SOMBRIOS o perturbavam.

ASSÍNDETO: é a coordenação de termos ou orações sem utilização de conectivo. Esse recurso costuma imprimir lentidão ao ritmo narrativo.
Exemplo:
"Foi apanhar gravetos, trouxe do chiqueiro das cabras uma braçada de madeira meio ruida pelo cupim, arrancou touceiras de macambira, arrumou tudo para a fogueira." (Graciliano Ramos)

CATACRESE: palavra que perdeu o sentido original.
Exemplos:
salário (= pagamento que era feito em sal)
secretária (= móvel em que se guardavam segredos)
azulejos (= ladrilhos azuis)

ELIPSE: omissão de um ou mais termos de uma oração, o qual se subentende, se presume.
Exemplos:
Ao redor, bons pastos, boa gente, terra boa para se plantar.
(Omissão do verbo HAVER)

Na memorável "Canto triste" (música de Edu Lobo e letra de Vinicius de Moraes), há um belo exemplo de elipse: "Onde a minha namorada? Vai e diz a ela as minhas penas e que eu peço, peço apenas que ela lembre as nossas horas de poesia...". No trecho "Onde a minha namorada?", está subentendido um verbo ("está", "anda" etc.). É bom lembrar que existe um caso específico de elipse, que alguns preferem chamar de **"zeugma".** Trata-se da omissão de termo já citado na frase. É o caso, por exemplo, de "Ele primeiro foi ao cinema, depois, ao teatro". Em "depois, ao teatro", não se repetiu a forma verbal "foi", expressa na primeira oração ("Ele primeiro foi ao cinema").

Há um caso específico de **zeugma,** que ocorre quando a palavra omitida tem flexão diferente da que se verifica no termo expresso anteriormente. É o caso, por exemplo, de "Eu trabalho com fatos; você, com boatos". Que palavra está subentendida? É a forma verbal "trabalha", flexionada na terceira pessoa do singular e deduzida de "trabalho", da primeira pessoa do singular do presente do indicativo de "trabalhar". Esse caso de **zeugma** é chamado por alguns de **"zeugma complexa"** (ou **"zeugma complexo",** já que, para alguns dicionários, a palavra **"zeugma"** é masculina, mas, para outros, feminina; há ainda os que a consideram palavra de dois gêneros, isto é, que pode ser usada indiferentemente no masculino ou no feminino).

EUFEMISMO: o Dicionário "Houaiss" diz que é "palavra, locução ou acepção mais agradável, de que se lança mão para suavizar ou minimizar (...) outra palavra, locução ou acepção menos agradável, mais grosseira...". O "Aurélio" diz que é "ato de suavizar a expressão duma idéia substituindo a palavra ou expressão própria por outra mais agradável, mais polida".

Exemplos:
Ontem, Osvaldo partiu dessa pra melhor (em vez de "morreu")
Este trabalho poderia ser melhor (em vez de "está ruim").

Às vezes, a suavização é feita de um jeito todo particular: pela negação do contrário. Para que não se diga, por exemplo, que determinado indivíduo é burro, diz-se que é pouco inteligente, ou simplesmente que não é inteligente. Esse caso, que contém forte dose de ironia, chama-se "litotes". É bom que se diga que com a litotes não necessariamente se suaviza. Para que se diga que uma pessoa é inteligente, pode-se dizer que não é burra: "Seu primo não é nada burro". Em suma, a litotes é "modo de afirmação por meio da negação do contrário", como define o "Aurélio".

HIPÉRBOLE: é bom observar que no extremo oposto do eufemismo está a "hipérbole". Se com aquele suavizamos, atenuamos, abrandamos, com esta aumentamos, enfatizamos, exageramos.

Exemplos:
Eu já disse um milhão de vezes que não fui eu quem fez isso!
Ela morreu de medo ao assistir aquele filme de suspense.
Hoje está um frio de rachar!
Aquela mãe derramou rios de lágrimas quando seu filho foi preso.
Não convide o João para sua festa, porque ele come até explodir!
Os atletas chegaram MORRENDO DE SEDE.

GALICISMO ou FRANCESISMO : palavra ou expressão francesa usada na língua portuguesa ou em outra língua qualquer.

Exemplos:
vitrine (por vitrina, espécie de caixa com tampa envidraçada, ou armário com vidraça móvel, onde se guardam objetos expostos à venda ou a serem vistos; fetiche (por feitiço); gauche (por desajeitado); ter lugar (por realizar-se); fazer um passeio (por dar um passeio).

GRADAÇÃO: consiste em encadear palavras cujos significados têm efeito cumulativo.

Exemplo:
Os grandes projetos de colonização resultaram em pilhas de papéis velhos, restos de obras inacabadas, hectares de floresta devastada, milhares de famílias abandonadas à própria sorte.

HIBRIDISMO: em língua portuguesa, significa palavras em cuja formação entram elementos de idiomas diferentes.

Exemplos:
"Biologia" - bio (vem do latim e significa vida) + logia (vem do grego e significa estudo ou ciência): ciência que estuda a vida. Em "automóvel", por exemplo, temos o elemento grego "auto" associado a "móvel", que vem do latim. Em "sociologia", temos "socio", do latim, e "logia", do grego.

Em "burocracia", temos "buro", do francês "bureau", que significa "escritório", "repartição", e "cracia", que vem do grego e significa "poder", "autoridade". A burocracia nada mais é do que o poder de quem mexe com papéis.

Repetindo: o processo pelo qual se formam palavras pela união de elementos de línguas diferentes chama-se "hibridismo". São também híbridas palavras como "televisão" (soma do grego "tele", que significa "longe", "distante", com "visão", que vem do latim); "abreugrafia" (que vem de "Abreu", sobrenome do médico brasileiro que criou determinado processo radioscópico, e "grafia", elemento grego, que significa "descrição", "escrita"); "pitangueira" (soma de "pitanga", que vem do tupi, com o sufixo latino "eiro/a"); "sambódromo", que reúne "samba", de origem africana, e "dromo", do grego ("lugar em que se corre"). Quando se pensa que "sambódromo" é formada por um elemento africano e outro grego, mas só faz sentido no português do Brasil, entende-se por que língua e cultura são elementos indissociáveis.

HIPÉRBATO: é a inversão da ordem natural das palavras.

Exemplo:
"De tudo, ao meu amor serei atento antes" (ordem indireta ou inversa)
Em vez de "Serei atento ao meu amor antes de tudo" (ordem direta)

IRONIA: consiste em, aproveitando-se do contexto, utilizar palavras que devem ser compreendidas no sentido oposto do que aparentam transmitir. É um poderoso instrumento para o sarcasmo.

Exemplo:
Muito competente aquele candidato! Construiu viadutos que ligam nenhum lugar a lugar algum.

METÁFORA: palavra empregada fora de seu sentido real, literal, denotativo.

Exemplos:
Eliana não SE DOBROU às desculpas do namorado que a deixou esperando por uma hora.
Ontem à noite choveu CANIVETES!

Na base de toda metáfora está um processo comparativo:
Senti a seda do seu rosto em meus dedos.
(Seda, na frase acima, é uma metáfora. Por trás do uso dessa palavra para indicar uma pele extremamente agradável ao tato, há várias operações de comparação: a pele descrita é tão agradável ao tato quanto a seda; a pele descrita é uma verdadeira seda; a pele descrita pode ser chamada seda.)

METONÍMIA: ocorre quando uma palavra é usada para designar alguma coisa com a qual mantém uma relação de proximidade ou posse.

Exemplo:
Meus olhos estão tristes por que você decidiu partir.
(Olhos, na frase acima, é uma metonímia. Na verdade, essa palavra, que indica uma parte do ser humano, esta sendo usada para designar o ser humano completo.)

ONOMATOPÉIA: emprego de palavras apropriadas na tentativa de se imitar o som de alguma coisa.

Exemplos:
Não conseguia dormir com o TIC-TAC do relógio da sala.

"Lá vem o vaqueiro pelos atalhos, tangendo as reses para os currais. Blem... blem... blem... cantam os chocalhos dos tristes bodes patriarcais. E os guizos finos das ovelhinhas ternas dím... dím... dím... E o sino da igreja velha: bão... bão... bão..." (Ascenso Ferreira)

PERÍFRASE: uso de um dos atributos de um ser ou coisa que servirá para indicá-lo.

Exemplos:
Na floresta, todos sabem quem é o REI DOS ANIMAIS. (REI DOS ANIMAIS = LEÃO)
A CIDADE MARAVILHOSA torce para um dia sediar os Jogos Olímpicos.
(CIDADE MARAVILHOSA = RIO DE JANEIRO)

PLEONASMO: repetição de um termo da oração para se dar ênfase a ele.

Exemplos:
A MIM só me restou a esperança de dias melhores.

Casos de pleonasmos considerados estilísticos:
Camões, em "Os Lusíadas", escreveu "De ambos os dous a fronte coroada". (Esta frase está na ordem inversa. Na ordem direta seria "A fronte de ambos os dous coroada." E "dous" é uma forma, hoje em desuso, equivalente a "dois".

Observação: A palavra "ambos" é da mesma família das palavras "ambivalente", "ambidestro", "ambívio" ("encruzilhada"), "ambígeno" ("proveniente de duas espécies diversas") etc.

"Ver com os próprios olhos". É óbvio que ninguém vê com as orelhas, nem vê com os olhos de outra pessoa. Mas essa combinação é aceita justamente por ser considerada expressiva, sobretudo pela palavra "próprios": "Vi com meus próprios olhos."

Um outro bom exemplo de pleonasmo consagrado é "abismo sem fundo". Pouquíssimas pessoas sabem que, na origem, a palavra "abismo" significa "sem fundo". Ao pé da letra, "abismo" é "lugar sem fundo".

Quando se perde a noção da origem de uma palavra, é natural que ocorram ligeiras mudanças em seu significado, o que justifica certos pleonasmos, como o de "abismo sem fundo". Afinal, hoje em dia, o sentido corrente de "abismo" não é de "lugar sem fundo" e sim de "lugar muito fundo".

Convém lembrar que existe a forma paralela "abisso", hoje pouco usada. É dela que se forma o adjetivo "abissal". Apesar de o substantivo "abisso" estar fora de moda, o adjetivo "abissal" é mais usado que "abismal": "A ignorância dele é abissal/abismal." Ambas as formas são corretas e equivalentes.

POLISSEMIA: é a propriedade que tem a mesma palavra de assumir significados diferentes.

Exemplos:
Lúcia bateu a porta. (fechou)
Roberto bateu o carro. (trombou)
Meu coração bate rápido. (pulsa)

Em uma propaganda da Bradesco Seguros de automóveis vemos, na foto, um pincel de barbeiro, usado para espalhar o creme de barbear no rosto do cliente, e a legenda: "Esta cidade está cheia de barbeiros" (alusão aos maus motoristas)

POLISSÍNDETO: é o uso repetido da conjunção (do conectivo), entre elementos coordenados. Esse recurso costuma acelerar o ritmo narrativo.

Exemplos:
"O amor que a exalta e a pede e a chama e a implora."
(Machado de Assis)
"No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego
Trabalhe, e teima, e lima, e sofre, e sua!"
(Olavo Bilac)

PROSOPOPÉIA ou PERSONIFICAÇÃO (ou ainda **METAGOGE**): consiste em atribuir características de seres animados a seres inanimados ou características humanas a seres não-humanos.

Exemplos:
"A floresta gesticulava nervosamente diante do lago que a devorava. O ipê acenava- lhe brandamente, chamando-o para casa."
As estrelas sorriem quando você também sorri.

SILEPSE: Figura pela qual a concordância das palavras se faz de acordo com o sentido, e não segundo as regras da sintaxe. A Silepse pode ser de pessoa, número ou gênero.

Exemplos:
"Os brasileiros somos roubados todos os dias." Quem diz ou escreve a frase dessa forma põe o verbo na primeira pessoa do plural para deixar claro que é brasileiro e é roubado. Nessa frase, por exemplo, a concordância não foi feita com "os brasileiros", mas com o sentido, com a idéia que se quer enfatizar. É claro que teria sido possível empregar a forma "são" ("Os brasileiros são roubados..."), no entanto, o enfoque mudaria completamente.

No exemplo anterior, ocorre silepse de pessoa, já que se trocou a terceira pessoa pela primeira. A de número ocorre quando se troca o singular pelo plural (ou vice-versa), como se vê neste exemplo: "A turma chegou cedo, mas, depois que foi dado o aviso de que o professor se atrasaria, desistiram de esperar e foram embora". Nessa frase, as formas verbais "desistiram" e "foram" se referem ao termo "turma", mas não concordam com a forma dessa palavra (singular), e sim com a idéia contida em seu significado ("alunos", no caso). A silepse de número é comum com o vocativo representado por coletivo, seguido de verbo no plural: "Turma, turma, venham". De novo, o verbo ("venham") não concorda com a palavra "turma", mas com sua idéia.

A silepse é de gênero quando se troca o masculino pelo feminino (ou vice-versa). Em "São Paulo está assustadíssima com a brutalidade", exemplo clássico, o adjetivo "assustadíssima", no feminino, não concorda com "São Paulo", nome de santo, masculino, mas com "cidade", palavra que não foi dita ou escrita. O mesmo processo se dá quando se diz "Porto Alegre é linda". "Porto" é palavra masculina, mas a concordância de "linda" também se dá com "cidade". Em certos casos, ocorrem, simultaneamente, a silepse de gênero e a de número, como se vê neste exemplo, transcrito do "Dicionário Houaiss": "Que será de nós, com a bandidagem podendo andar soltos por aí". Na frase, o adjetivo "soltos" não concorda com a forma singular e feminina da palavra "bandidagem", mas com sua idéia ("os bandidos").

Observação: É bom lembrar que a Silepse também é chamada de "concordância ideológica".

SINESTESIA: aproximação de sensações diferentes.

Exemplos:
Naquele momento, sentiu um CHEIRO VERMELHO de ódio.
(CHEIRO, olfato - VERMELHO, visão)

ZEUGMA: omissão de um ou mais elementos de uma oração, mas que já foram mencionados em outra. Ver **ELIPSE**.

VÍCIOS DE LINGUAGEM

BARBARISMO: é o emprego de vocábulos, expressões e construções alheias ao idioma. Os estrangeirismos que entram no idioma por um processo natural de assimilação de cultura assumem aspecto de sentimento político-patriótico que, aos olhos dos puristas extremados, trazem o selo da subserviência e da degradação do país. Esquecem-se de que a língua, como produto social, registra, em tais estrangeirismos, os contactos de povos. Este tipo de patriotismo lingüístico (Leo Spitzer lhe dava pejorativamente o nome de "patriotite") é antigo e revela reflexos de antigas dissensões históricas. Bréal lembra que os filólogos gregos que baniam os vocábulos turcos do léxico continuavam, à sua moda, a guerra da independência. Entre nós o repúdio ao francesismo ou galicismo nasceu da repulsa, aliás, justa, dos portugueses aos excessos dos soldados de Juno quando Napoleão ordenou a invasão de Portugal. O que se deve combater é o excesso de importação de línguas estrangeiras, mormente aquela desnecessária por se encontrarem no vernáculo vocábulos equivalentes.

CACÓFATO : palavra de origem grega que significa "mau som", RESULTANTE DA aproximação das sílabas finais de uma palavra com as iniciais de outra, formando uma terceira de "som desagradável".

Exemplos:
Durante a Olimpíada de Atlanta, um repórter afirmou com muita ênfase: "Até hoje, o atletismo era o esporte que havia dado mais medalhas para o Brasil."
Na transmissão do jogo Brasil x Coréia, ouviu-se: "Flávio Conceição pediu a bola e Cafu deu."

Cacófatos mais conhecidos:
"Uma prima minha...", "Na boca dela...", "Na vez passada...", "Eu vi ela...", "Teu time nunca ganha", entre outros.

Segundo o gramático e filólogo Napoleão Mendes de Almeida "Só haverá cacofonia quando a palavra produzida for torpe, obscena ou ridícula. É infundado o exagerado escrúpulo de quem diz haver cacófato em 'por cada', 'ela tinha' e 'só linha'." No mesmo caso podemos incluir "uma mão" e "já tinha".

No meio empresarial, corre uma história muito curiosa. Dizem que uma engenheira química, durante visita a uma indústria, recebeu a seguinte pergunta: "Que a senhora faria se este problema ocorresse em sua fábrica?" Ela respondeu secamente: "Eu mandaria um químico meu." A resposta causou constrangimento. Todos disfarçaram e continuaram a reunião. Lá pelas tantas, nova pergunta: "E neste caso?" Nova resposta: "Eu mandaria um outro químico meu." Foram tantos "químico meu" que um diretor mais preocupado perguntou: "Mas...foi a fábrica toda?" Ela deve ter voltado para casa sem saber o porquê de tanto sucesso.

REDUNDÂNCIA: palavra ou expressão desnecessária, por indicar idéia que já faz parte de outra passagem do texto.

Exemplos:
Você sabe o que significa "elo"? Além de sinônimo de argola, figurativamente elo pode significar "ligação, união". Então "elo de ligação" é outro belíssimo caso de redundância. Basta dizer que alguma coisa funciona como elo, e não que funciona como "elo de ligação".

O mesmo raciocínio se aplica em casos como o de "criar mil novos empregos". Pura redundância. Basta dizer "criar mil empregos".

Se é consenso, é geral. É redundante dizer "Há consenso geral em relação a isso". Basta dizer que há consenso.

Prefiro mais é errado. A força do prefixo (pre) dispensa o advérbio (mais). Diga sempre: prefiro sair sozinha; prefiro comer carne branca. Nada mais!

Outros exemplos de redundância:
"Acabamento final" (O acabamento vem no fim mesmo)
"Criar novas teorias" (O que se cria é necessariamente novo)
"Derradeira última esperança" (Derradeira é sinônimo de última)
"Ele vai escrever a sua própria autobiografia" (Autobiografia é a biografia de si mesmo)
"Houve contatos bilaterais entre as duas partes" (Basta: "bilaterais entre as partes")
"O nível escolar dos alunos está se degenerando para pior" (É impossível degenerar para melhor)
"O concurso foi antecipado para antes da data marcada" (Será que dá para antecipar para depois?)
"Ganhe inteiramente grátis" (Se ganhar só pode ser grátis, imagine inteiramente grátis. Parece que alguém pode ganhar alguma coisa parcialmente grátis)
"Por decisão unânime de toda a diretoria" (Boa foi a decisão unânime só da metade da diretoria!)
"O juiz deferiu favoravelmente" (Se não fosse favoravelmente, o juiz tinha indeferido)
"Não perca neste fim de ano, as previsões para o futuro" (Ainda estamos para ver as previsões para o passado!)

SOLECISMO: colocação inadequada de algum termo, contrariando as regras da norma culta em relação à sintaxe (parte da gramática que trata da disposição das palavras na frase e das frases no período).

Exemplos:
Me esqueci (em lugar de: Esqueci-me).
Não falou-me sobre o assunto (em lugar de: Não me falou sobre o assunto)
Eu lhe abracei (por: Eu o abracei)
A gente vamos (por: A gente vai)
Tu fostes (por: Tu foste)

ALGUMAS MANEIRAS DE FALAR OU ESCREVER ERRADO

A **TAUTOLOGIA** é um dos vícios de linguagem que consiste em dizer ou escrever a mesma coisa, por formas diversas, meio parecida com pleonasmo ou redundância.

É um artifício de linguagem que, raramente, até fica enfático no corpo do texto. Nos processos policiais, certidões e escrituras, além dos milhares de erros cometidos, é muito comum o vicio de repetir com outras palavras o que está fartamente explícito .

Observe a lista abaixo. Se vir alguma que já usou, procure não utilizar mais.

- Habitat natural;
- Certeza absoluta;
- Número exato;
- Quantia exata;
- Sugiro, conjecturalmente;
- Nos dias , e inclusive;
- Como prêmio extra;
- Juntamente com;
- Em caráter esporádico;
- Expressamente proibido;
- Terminantemente proibido;
- Em duas metades iguais;
- Destaque excepcional;
- Sintomas indicativos;
- Há anos atrás;
- Vereador da cidade;
- Outra alternativa;
- Detalhes minuciosos / pequenos detalhes;
- A razão é porque;
- Interromper de uma vez;
- Anexo (a) junto a carta;
- De sua livre escolha;
- Superávit positivo;
- Vandalismo criminoso;
- Palavra de honra;
- Conviver junto;
- Exultar de alegria;
- Encarar de frente;
- Comprovadamente certo;
- Fato real;
- Multidão de pessoas;
- Amanhecer o dia;
- Almirante da Marinha;
(Só existem almirantes na Marinha)
- Manter o mesmo time;
- Criar novos empregos;
- Retornar de novo;
- Freqüentar constantemente;
- Empréstimo temporário;
- Compartilhar conosco;
- Surpresa inesperada;
- Completamente vazio;
- Colocar algo em seu respectivo lugar;
- Escolha opcional;
- Continua a permanecer;
- Passatempo passageiro;
- Atrás da retaguarda;
- Planejar antecipadamente;
- Repetir outra vez / de novo;
- Sentido significativo;
- Voltar atrás;
- Abertura inaugural;
- Pode possivelmente ocorrer;
- A partir de agora;
- Última versão definitiva;
- Obra-prima principal;
- Gritar/ Bradar bem alto;
- Propriedade característica;
- Comparecer em pessoa;
- Colaborar com uma ajuda / auxílio;
- Matriz cambiante;
- Com absoluta correção/ exatidão;
- Demasiadamente excessivo;
- Individualidade inigualável;
- A seu critério pessoal;
- Abusar demais;
- Exceder em muito;
- Preconceito intolerante;
- Medidas extremas de último caso;
- De comum acordo;

- Labaredas de fogo; - Erário público; (Os dicionarios ensinam que erário é o tesouro público, por isso, basta dizer somente erário) - Despesas com gastos; - Monopólio exclusivo; - Ganhar grátis; - Países do mundo; - Viúva do falecido; - Expectativas, planos ou perspectivas para o futuro.	- Inovação recente; - Velha tradição; - Beco sem saída; - Discussão tensa; - Imprensa escrita; - Sua autobiografia; - Sorriso nos lábios; - Goteira no teto; - General do Exército; (Só existem generais no Exército) - Brigadeiro da Aeronáutica; (Só existem brigadeiros na Aeronáutica)

XI. FORMAÇÃO DO PLURAL

REGRAS BÁSICAS

Em substantivos simples, acrescenta-se a desinência **"-s"** aos substantivos terminados em vogal, ditongo oral ou ditongo nasal **"ãe":** casa/casas, peru/perus, pai/pais, lei/leis, herói/heróis, réu/réus, troféu/troféus, fogaréu/fogaréus, degrau/degraus, grau/graus, sarau/saraus, bacalhau/ bacalhaus, maçã/maçãs, mãe/mães...

Observação :

Atente para as formas "avôs" (o avô materno e o paterno) e "avós" (casal formado por avô e avó, ou plural de avó; também indica os antepassados de um modo geral).

A maioria dos substantivos terminados em **"-ão"** forma o plural substituindo essa terminação por **"-ões"** (incluem-se nesse grupo os aumentativos): balão/balões, eleição/eleições, leão/leões, sabichão/sabichões, coração/corações, vozeirão/vozeirões...

Os paroxítonos terminados em **"-ão"** e alguns poucos oxítonos e monossílabos formam o plural pelo simples acréscimo de **"s":** sótão/sótãos, cidadão/cidadãos, chão/chãos, bênção/bênçãos, cristão/cristãos, grão/grãos, órfão/órfãos, irmão/irmãos, mão/mãos...

Alguns substantivos terminados em **"-ão"** formam o plural substituindo essa terminação por **"-ães":** alemão/alemães, capitão/capitães, pão/pães, cão/cães, charlatão/charlatães, sacristão/sacristães, capelão/capelães, escrivão/escrivães, tabelião/tabeliães...

Em alguns casos, há mais do que uma forma aceitável para esses plurais. A tendência da língua portuguesa atual do Brasil é utilizar a forma de plural em **"-ões":**
guardião - guardiões, guardiães;
verão - verões, verãos;
anão - anões, anãos;
cirurgião - cirurgiões, cirurgiães;
corrimão - corrimões, corrimãos;
vilão - vilões, vilãos;
ancião - anciões, anciães, anciãos;
ermitão - ermitões, ermitães, ermitãos;
zangão (substantivo masculino de abelha) zangãos, zangões; que pode ser pronunciada também de duas maneiras: zangão ou zângão (acento colocado para mostrar a pronúncia).

Observação:

ARTESÃOS/ARTESÕES

Quando se refere ao indivíduo que tem por ofício as artes que dependem de habilidade manual, o feminino é "artesã", e o plural é "artesãos". No entanto, a palavra "artesão" também se usa em arquitetura, com o sentido de "adorno que se coloca entre molduras em abóbadas e tetos". Neste caso, o plural é "artesões". Disso se conclui que é possível dizer que "os artesões de determinada igreja foram produzidos por famosos artesãos".

Acrescenta-se a desinência **"-s"** aos substantivos terminados em **"-m".** Essa letra é substituída por **"-n"** na forma do plural: homem/homens, jardim/jardins, som/sons, atum/atuns...

Os substantivos terminados em **"-r"** e **"-z"** formam o plural com o acréscimo **de "-es":** mar/mares, açúcar/açúcares, hambúrguer/hambúrgueres, flor/flores, repórter/repórteres, revólver/revólveres; raiz/raízes, rapaz/rapazes, cruz/cruzes...

Observação:
No caso do plural das palavras "júnior", "sênior" e "caráter", além de acrescentar **"es",** devemos observar a mudança da posição da sílaba tônica: "juni ô res", "seni ô res", "carac té res" (devemos escrever essas palavras sem acento, mas pronunciar com a sílaba tônica nas vogais aqui acentuadas.).

Os substantivos terminados em **"-s"** formam o plural com acréscimo de **"-es";** quando paroxítonos ou proparoxítonos, são invariáveis - o que faz com que a indicação de número passe a depender de um artigo ou outro determinante: gás/gases, obus/obuses, um lápis/dois lápis, mês/meses, o atlas/os atlas, algum ônibus/vários ônibus, país/países, o pires/os pires, o vírus/os vírus...

Os substantivos terminados em **"-al, -el, -ol e -ul"** formam o plural pela transformação do **"-l"** dessas terminações em **"-is":** animal/animais, canal/canais, vogal/vogais, igual/iguais, anel/anéis, pastel/pastéis, álcool/álcoois, anzol/anzóis...

Observação:
O plural de "mal" (males) e de "cônsul" (cônsules) é uma exceção à regra das palavras terminadas em **"l".** Já "mel" admite dois plurais: "meles" ou "méis". Os dicionários e as gramáticas afirmam que "gol" também admite dois plurais: "gois" (com o **"o"** fechado, como o de bois) e "goles" (com o "o" também fechado); exemplo: Ronaldinho fez três goles (ou gois) numa só partida. No entanto, a forma irregular "gols" é a que tem predominado na imprensa em geral.

Os substantivos oxítonos terminados em **"-il"** trocam o **"-l"** pelo **"-s";** os paroxítonos trocam essa terminação por **"-eis":** barril/barris, ardil/ardis, funil/funis, fuzil/fuzis, fóssil/fósseis, projétil/projéteis, réptil/répteis...

Além das formas paroxítonas apresentadas acima, existem as formas oxítonas "projetil" e "reptil", que fazem os plurais "projetis" e "reptis", oxítonos.

Os substantivos terminados em **"-n"** formam o plural pelo acréscimo de **"-s"** ou **"-es":** abdômen/abdomens ou abdômenes, gérmen/germens ou gérmenes, hífen/hifens ou hífenes, líquen/liquens ou líquenes...

No português do Brasil, há acentuada tendência para o uso das formas obtidas pelo acréscimo de **"-s".** Observe que, quando paroxítonas, essas formas de plural não recebem acento gráfico.
Destaque-se cânon, cujo plural é a forma cânones.

Os substantivos terminados em **"-x"** são invariáveis; a indicação de número depende da concordância com algum determinante: o tórax/os tórax, um climax/alguns climax, uma (ou um) xerox/duas (ou dois) xerox...

Existem alguns substantivos terminados em **"-x"** que apresentam formas variantes terminadas em **"-ce";** nesses casos, deve-se utilizar a forma plural da variante: o cálix ou cálice/ os cálices, o códex ou códice/ os códices...

Os diminutivos com o sufixo **"-zinho"** (e mais raramente **"-zito")** fazem o plural da seguinte forma: o plural da palavra original sem o **"s"** + o plural do sufixo (-**zinhos** ou -**zitos).**

Exemplos:
botão + zinho (botõe + zinhos = botõezinhos)
balão + zinho (balõe + zinhos = balõezinhos)
pão + zinho (pãe + zinhos = pãezinhos)
papel + zinho (papei + zinhos = papeizinhos)
anzol + zinho (anzoi + zinhos = anzoizinhos)
colar + zinho (colare + zinhos = colarezinhos)
flor + zinha (flore + zinhas = florezinhas)

Observações:
No caso de diminutivos formados a partir de substantivos terminados em **"-r",** existe acentuada tendência na língua atual do Brasil para limitar-se o plural à terminação da forma derivada: colarzinho/colarzinhos, florzinha/florzinhas, mulherzinha/mulherzinhas. Essa forma de plural, no entanto, é repudiada pela norma culta.

No caso das palavras luzinha e cruzinha, o sufixo para o diminutivo é **"inho"** (a letra **"z"** pertence à raiz da palavra). Não se aplica, portanto, a regra acima. Basta pôr a desinência **"s":** luzinhas e cruzinhas.

METAFONIA

Existem muitos substantivos cuja formação do plural não se manifesta apenas por meio de modificações morfológicas, mas também implica alteração fonológica. Nesses casos, ocorre um fenômeno chamado metafonia, ou seja, a mudança de som entre uma forma e outra.

Trata-se da alternância do timbre da vogal, que é fechado na forma do singular e aberto na forma do plural. Observe os pares abaixo:

singular (ô)	**- plural (ó)**
aposto	apostos
caroço	caroços
corno	cornos
corpo	corpos
corvo	corvos
esforço	esforços
fogo	fogos
imposto	impostos
miolo	miolos
osso	ossos
poço	poços
porto	portos
povo	povos
socorro	socorros
forno	fornos
jogo	jogos
olho	olhos
ovo	ovos
porco	porcos
posto	postos
reforço	reforços
tijolo	tijolos

É importante que você atente na pronúncia culta desses plurais quando estiver utilizando a língua falada em situações formais.

PLURAL DE PALAVRAS COMPOSTAS

A formação do plural dos substantivos compostos depende da forma como são grafados, do tipo de palavras que formam o composto e da relação que estabelecem entre si. Aqueles que são grafados ligadamente (sem hífen) Comportam-se como os substantivos simples: aguardente/aguardentes, girassol/girassóis, pontapé/pontapés...

Nesse sentido, para fazer o plural de uma palavra composta, é preciso antes verificar em que classe gramatical ela se encaixa. Basicamente, uma palavra composta pode ser um substantivo ou um adjetivo. No caso de "pombo-correio", por exemplo, temos um substantivo composto. Afinal, "pombo-correio" é nome de algo. Se é nome, é substantivo.

O segundo passo é verificar a classe gramatical de cada elemento formador da palavra composta. No caso de "pombo-correio", tanto "pombo" quanto "correio" são substantivos. Dizem as gramáticas que, quando o segundo substantivo indica idéia de semelhança ou finalidade em relação ao primeiro, há duas possibilidades de plural: variam os dois ou varia só o primeiro. "Pombo-correio" se encaixa nesse caso. Um pombo-correio nada mais é do que "variedade de pombo que se utiliza para levar comunicações e correspondência", como diz o próprio Aurélio. O segundo substantivo ("correio") indica finalidade em relação ao primeiro ("pombo"). Deduz-se, pois, que o plural de "pombo-correio" pode ser "pombos-correio" ou "pombos-correios".

Vejamos outros exemplos de substantivos compostos que se encaixam nesse caso: "carro-bomba", "homem-bomba", "público-alvo", "samba-enredo", "caminhão-tanque", "navio-escola", "couve-flor", "banana-maçã", "saia-balão" e tantos outros de estrutura semelhante (dois substantivos, com o segundo indicando semelhança ou finalidade em relação ao primeiro). Um carro-bomba, por exemplo, é um carro feito com a finalidade específica de explodir; assim como um homem-bomba é um indivíduo (normalmente um terrorista) que amarra explosivos em seu corpo com o mesmo fim. Um público-alvo é uma determinada parcela da população. Um samba-enredo é um samba feito para contar o enredo do desfile de uma escola. Uma couve-flor é uma couve semelhante a uma flor. A saia-balão é uma saia que lembra um balão. E por aí vai.

Sendo assim, o plural de cada um desses substantivos compostos apresenta-se desta maneira:

"carros-bomba" ou "carros-bombas", "homens-bomba" ou "homens-bombas", "públicos-alvo" ou "públicos-alvos", "sambas-enredo" ou "sambas-enredos", "caminhões-tanque" ou "caminhões-tanques", "navios-escola" ou "navios-escolas", "couves-flor" ou "couves-flores", "bananas-maçã" ou "bananas-maçãs", "saias-balão" ou "saias-balões".

Convém aproveitar a ocasião para lembrar que, quando o segundo substantivo não indica semelhança ou finalidade em relação ao primeiro, só há uma possibilidade de plural: flexionam-se os dois elementos. É o que ocorre com "cirurgião-dentista", "tio-avô", "tia-avó", "tenente-coronel", "bicho-papão", "rainha-mãe", "decreto-lei" e tantos outros. Vamos ao plural: "cirurgiões-dentistas" (ou "cirurgiães-dentistas"), "tios-avôs" (ou "tios-avós"), "tias-avós", "tenentes-coronéis", "bichos-papões", "rainhas-mães", "decretos-leis".

Vejamos agora o caso de "cavalo-marinho". Trata-se de substantivo composto formado por um substantivo ("cavalo") e um adjetivo ("marinho"). Aqui não há segredo: variam os dois elementos. O plural, então, só pode ser "cavalos-marinhos".

Esse princípio pode ser aplicado em relação a todos os substantivos compostos formados por duas palavras, das quais uma seja substantivo e a outra, um adjetivo ou numeral. Encaixam-se nesse caso muitas e muitas palavras. Veja algumas: obra-prima, primeira-dama, queixo-duro, primeiro-ministro, amor-perfeito, capitão-mor, cachorro-quente, boa-vida, curta-metragem, quarta-feira, sexta-feira, bóia-fria. O plural de todos esses compostos é feito com a flexão dos dois elementos: obras-primas, primeiras-damas, queixos-duros, primeiros-ministros, amores-perfeitos, capitães-mores, cachorros-quentes, boas-vidas, curtas-metragens, quartas-feiras, sextas-feiras, bóias-frias.

Tome cuidado com o caso de compostos em que entram "grão" e "grã", como "grão-duque", "grã-fina", "grã-fino", "grã-cruz". Só varia o segundo elemento: "grão-duques", "grã-finas", "grã-finos", "grã-cruzes". Merece destaque "terra-nova" (tipo de cão), que, segundo alguns autores, faz plural excepcional: "terra-novas". Para outros, no entanto, também é possível o plural regular: "terras-novas".

Quando o substantivo composto é formado por três elementos, dos quais o segundo seja uma preposição, só se faz a flexão do primeiro. É esse o caso de mulas-sem-cabeça, pães-de-ló, quedas-d'água, pés-de-moleque, amigos-da-onça, bicos-de-papagaio, dores-de-cotovelo, estrelas-do-mar, generais-de-divisão, grãos-de-bico, joões-de-barro, pais-de-santo, pés-de-cabra, pores-do-sol...

Observação : os fora-da-lei , os fora-de-série ...são invariáveis .

Talvez esteja aí a explicação para o plural de "sem-terra" adotado por todos os órgãos da imprensa: "Sem-terra". Por quê? Porque se supõe que haja uma palavra implícita. Algo como "homem sem terra", que não é propriamente uma palavra composta, mas tem estrutura semelhante: dois substantivos ("homem" e "terra"), ligados por uma preposição ("sem"). O plural dessa expressão seria "homens sem terra", que acaba sendo reduzida para "sem-terra", com hífen, justamente porque nomeia uma categoria específica de pessoas.

O caso de "sem-vergonha" é semelhante. Algo como "pessoa sem vergonha" acaba se transformando em "sem-vergonha", com hífen. Segundo o dicionário "Aurélio" e muitos gramáticos, o plural é "sem-vergonha" mesmo. Alguns discordam e propõem "os sem-vergonhas" e "os sem-terras". O argumento é que se deve proceder com "sem-terra" como se procede com "contra-ataque", cujo plural é "contra-ataques". Ocorre que esse "contra" não é a preposição, mas o elemento de composição, ou prefixo, como o define Caldas Aulete. Os casos de "contra-ataque" e de "sem-terra", na verdade, são distintos.

Se a palavra composta for constituída de um verbo e um substantivo, somente o substantivo irá para o plural: arranha-céus, bate-papos, bate-bocas, bate-bolas, caça-talentos, guarda-chuvas, lança-perfumes, lava-pés, mata-borrões, pára-brisas, pára-choques, pára-lamas, porta-bandeiras, porta-vozes, quebra-cabeças, quebra-molas, salva-vidas, vira-latas...

Observação :
Em guarda-civil , guarda é substantivo e civil é adjetivo. Os dois vão para o plural: guardas-civis , guardas-noturnos, guardas-florestais...

Já em guarda-chuva , guarda é verbo e chuva é substantivo. Só o substantivo vai para o plural: guarda-chuvas , guarda-sóis, guarda-louças, guarda-roupas, guarda-costas...

Se a palavra composta for constituída de dois ou mais adjetivos, somente o último adjetivo irá para o plural: consultórios médico-cirúrgicos ; candidatos social-democratas ; atividades técnico-científicas ; problemas político-econômicos ; questões luso-brasileiras ; camisas rubro-negras ; cabelos castanho-escuros ; olhos verde-claros ...

Observação :
Os adjetivos compostos referentes a cores são invariáveis quando o segundo elemento é um substantivo: verde-garrafa, verde-mar, verde-musgo, verde-oliva, azul-céu, azul-piscina, amarelo-ouro, rosa-choque, vermelho-sangue...

Compare:
Olhos verde-claros = cor + adjetivo (claro ou escuro)
Calças verde-garrafa = cor + substantivo
Também são invariáveis: azul-celeste e azul-marinho .

Se o primeiro elemento for advérbio, preposição ou prefixo, somente o segundo elemento irá para o plural: abaixo-assinados, alto-falantes, ante-salas, anti-semitas, auto-retratos, bel-prazeres, contra-ataques, recém-nascidos, super-homens, todo-poderosos, vice-campeões...

Se a palavra composta for constituída por advérbio + pronome + verbo, somente o último elemento varia: bem-me-queres, bem-te-vis, não-me-toques...

Se a palavra composta for constituída pela repetição das palavras (onomatopéias = reprodução dos sons), o segundo elemento irá para o plural: bangue-bangues, pingue-pongues, reco-recos, teco-tecos, tique-taques, zigue-zagues...

Casos especiais:
Os arco-íris, as ave-marias, os banhos-maria, os joões-ninguém, os louva-a-deus, os lugar-tenentes, os mapas-múndi, os padre-nossos, as salve-rainhas, os surdos-mudos...

São invariáveis :
- compostos de verbo + palavra invariável: os bota-fora, os cola-tudo, os topa-tudo...
- compostos de verbos de sentido oposto: os entre-e-sai, os leva-e-traz, os perde-ganha, os sobe-e-desce, os vai-volta...
- expressões substantivadas: os bumba-meu-boi, os chove-não-molha, os disse-me-disse...

➔ Os estudiosos das coisas indígenas afirmam que os nomes das nações indígenas não apresentam plural na sua forma original. Deveríamos dizer os tupi, os goitacá, os pataxó, os caeté.

Há, entretanto, aqueles que defendem o aportuguesamento e conseqüente respeito às nossas regras gramaticais.

CASOS ESPECIAIS

EXTRA

A forma reduzida "extra" vem do adjetivo "extraordinário". Como "extra" significa "fora de", "extraordinário" significa "fora do ordinário", ou seja, fora do que é comum, normal, ordinário. Por ser grande, a palavra "extraordinário" não fugiu de um processo lingüístico implacável: a redução. Com isso, o prefixo passou a ter também o sentido do adjetivo. Nesse caso, sua flexão é normal, como a de um adjetivo qualquer: "hora extra", "horas extras".

Em tempo: quando usado como prefixo, nada de flexioná-lo. O plural de "extra-oficial" é "extra-oficiais"; o de "extra-sístole" é "extra-sístoles".

SIGLAS

Embora não existam regras rígidas para o plural de siglas, é usual e perfeitamente aceitável o uso do "s": CDs, CEPs, IPVAs, IPTUs, Ufirs...

Cuidado, porém, quanto ao mau uso do apóstrofo. O apóstrofo, em português, é para indicar a omissão de fonema/letra: copo de água = copo d'água; galinha de Angola = galinha d'angola. Não se justifica, portanto, o uso do apóstrofo para indicar o acréscimo da desinência "s" para indicar o plural.

REVÉS

"Reveses", com "s", é o plural de "revés", sinônimo de "insucesso", "derrota". Já "revezes" é a forma da segunda pessoa do singular do presente do subjuntivo do verbo "revezar", que se escreve com "z" porque é da mesma família de "vez". "Revezar" é produto de "re + vez + ar" e significa "substituir alternadamente": "Quero que tu te revezes com o Fernando na prova de natação."

AS CORES LILÁS E GRIS

Apesar da palavra "lilás" ser um substantivo (uma flor), ela empresta a tonalidade de sua cor para virar adjetivo que, pela regra geral, não iria para o plural, como em certos adjetivos compostos, onde o segundo elemento é um substantivo: "calças azul piscina", " vestidos amarelo- -limão". No entanto, muitos dicionários dão como plural de lilás a forma "lilases". O mais interessante é que lilás pode ser também o plural de "lilá". Assim, podemos ter as seguintes combinações: no singular, "camisa lilá", "camisa lilás"; e no plural, "camisas lilás" e "camisas lilases".

Assim também acontece com "gris" que, a princípio, é um animal (substantivo) que empresta a tonalidade da cor de seu pêlo (azul-acinzentado) para se tornar um adjetivo. Dessa forma, gris pode ser singular ou plural, tendo também a forma "grisses" como um segundo plural. Exemplo: "...e tudo nascerá mais belo, o verde faz do azul com o amarelo o elo com todas as cores para enfeitar amores gris (ou grises)" - verso da música NENHUM DIA, de Dijavan.

ESPÉCIMEN

Além do plural "espécimens", a palavra espécimen possui a forma "especímenes".

Cuidado, entretanto, com a pronúncia dessas palavras. São todas proparoxítonas (a sílaba tônica é a antepenúltima) e conseqüentemente acentuadas, o que certamente ajuda a pronunciá-las corretamente.

XII. ORAÇÕES SUBORDINADAS

Você já deve saber que período é uma frase organizada em orações. Já deve saber também que no período simples existe apenas uma oração, chamada "absoluta", e que no período composto existem duas ou mais orações. Essas orações podem se relacionar por meio de dois processos sintáticos diferentes: a subordinação e a coordenação . Na subordinação, um termo atua como determinante de um outro termo. Essa relação se verifica, por exemplo, entre um verbo e seus complementos: os complementos são determinantes do verbo, integrando sua significação. Conseqüentemente, o objeto direto e o objeto indireto são termos subordinados ao verbo, que é o termo subordinante. Outros termos subordinados da oração são os adjuntos adnominais (subordinados ao nome que caracterizam) e os adjuntos adverbiais (subordinados geralmente a um verbo). No período composto, considera-se subordinada a oração que desempenha função de termo de outra oração, o que equivale a dizer que existem orações que atuam como determinantes de outras orações. Observe o seguinte exemplo:

Percebeu que os homens se aproximavam.

Esse período composto é formado por duas orações: a primeira estruturada em torno da forma verbal "percebeu"; a segunda, em torno da forma verbal "aproximavam". A análise da primeira oração permite constatar de imediato que seu verbo é transitivo direto (perceber algo). O complemento desse verbo é, no caso, a oração "que os homens se aproximavam" . Nesse período, a segunda oração funciona como objeto direto do verbo da primeira. Na verdade, o objeto direto de percebeu é "que os homens se aproximavam".

A oração que cumpre papel de um termo sintático de outra é subordinada; a oração que tem um de seus termos na forma de oração subordinada é a principal. No caso do exemplo dado, a oração "Percebeu" é principal; "que os homens se aproximavam" é oração subordinada. Diz-se, então, que esse período é composto por subordinação.

Ocorre coordenação quando termos de mesma função sintática são relacionados entre si. Nesse caso, não se estabelece uma hierarquia entre esses termos, pois eles são sintaticamente equivalentes. Observe:

Brasileiros e portugueses devem agir como irmãos.

Nessa oração, o sujeito composto "brasileiros e portugueses", adjetivos substantivados, apresenta dois núcleos coordenados entre si: os dois substantivos desempenham um mesmo papel sintático na oração.

No período composto, a coordenação ocorre quando orações sintaticamente equivalentes se relacionam. Observe:

Comprei o livro, li os poemas e fiz o trabalho.

Nesse período, há três orações, organizadas a partir das formas verbais "comprei", "li" e "fiz". A análise dessas orações permite perceber que cada uma delas é sintaticamente independente das demais: na primeira, ocorre um verbo transitivo direto (comprar) acompanhado de seu respectivo objeto direto ("o livro"); na segunda, o verbo ler, também transitivo direto, com o objeto direto "os poemas"; na terceira, outro verbo transitivo direto, fazer, com o objeto direto "o trabalho". Nenhuma das três orações desempenha papel de termo de outra. São orações sintaticamente independentes entre si e, por isso, coordenadas. Nesse caso, o período é composto por coordenação. Note que a ordem das orações é fixada por uma questão semântica e não sintática (os fatos indicados pelas orações obedecem à ordem cronológica). Existem períodos compostos em que se verificam esses dois processos de organização sintática, ou seja, a subordinação e a coordenação. Observe:

Percebi que os homens se aproximavam e saí em desabalada carreira.

Nesse período, há três orações, organizadas respectivamente a partir das formas verbais "percebi", "aproximavam" e "saí". A oração organizada em torno de percebi tem como objeto direto a oração "que os homens se aproximavam" (perceber algo); "que os homens se aproximavam", portanto, é oração subordinada a percebi. Entre as orações organizadas em torno de percebi e saí, a relação é de coordenação, já que uma não desempenha papel de termo da outra. O período é composto por coordenação e subordinação.

As orações subordinadas se dividem em três grupos, de acordo com a função sintática que desempenham e a classe de palavras a que equivalem. Podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais. Mais uma vez, valem os conceitos morfossintáticos, que, como você já deve saber, combinam a morfologia e a sintaxe. Para notar as diferenças que existem entre esses três tipos de orações, tome como base a análise de um período simples:

Só depois disso percebi a profundidade das palavras dele.

Nessa oração, o sujeito é "eu", implícito na terminação verbal. "A profundidade das palavras dele" é objeto direto da forma verbal percebi. O núcleo do objeto direto é profundidade. Subordinam-se ao núcleo desse objeto os adjuntos adnominais "a" e "das palavras dele". No adjunto adnominal "das palavras dele", o núcleo é o substantivo palavras, ao qual se prendem os adjuntos adnominais "as" e "dele". "Só depois disso" é adjunto adverbial de tempo.

É possível transformar a expressão "a profundidade das palavras dele", objeto direto, em oração. Observe:

Só depois disso percebi que as palavras dele eram profundas.

Nesse período composto, o complemento da forma verbal percebi é a oração "que as palavras dele eram profundas". Ocorre aqui um período composto por subordinação, em que uma oração desempenha a função de objeto direto do verbo da outra. O objeto direto é uma função substantiva da oração, ou seja, é função desempenhada por substantivos e palavras de valor substantivo. É natural, portanto, que a oração subordinada que desempenha esse papel seja chamada de oração subordinada substantiva.

Pode-se também modificar o período simples original transformando em oração o adjunto adnominal do núcleo do objeto direto, profundidade. Observe:

Só depois disso percebi a profundidade que as palavras dele continham.

Nesse período, o adjunto adnominal de profundidade passa a ser a oração "que as palavras dele continham". Você já sabe que o adjunto adnominal é uma função adjetiva da oração, ou seja, é função exercida por adjetivos, locuções adjetivas e outras palavras de valor adjetivo. É por isso que são chamadas de subordinadas adjetivas as orações que, nos períodos compostos por subordinação, atuam como adjuntos adnominais de termos das orações principais.

Outra modificação que podemos fazer no período simples original é a transformação do adjunto adverbial de tempo em uma oração. Observe:

Só quando cai em mim, percebi a profundidade das palavras dele.

Nesse período composto, "só quando caí em mim" é uma oração que atua como adjunto adverbial de tempo do verbo da outra oração. O adjunto adverbial é uma função adverbial da oração, ou seja, é função exercida por advérbios e locuções adverbiais. Portanto, são chamadas de subordinadas adverbiais as orações que, num período composto por subordinação, atuam como adjuntos adverbiais do verbo da oração principal.

É fácil perceber, assim, que a classificação das orações subordinadas decorre da combinação da função sintática que exercem com a classe de palavras que representam, ou seja, é a morfossintaxe que determina a classificação de cada oração subordinada. São subordinadas substantivas as que exercem funções substantivas (sujeito, objeto direto e indireto, complemento nominal, aposto, predicativo). São subordinadas adjetivas as que exercem funções adjetivas (atuam como adjuntos adnominais). São subordinadas adverbiais as que exercem funções adverbiais (atuam como adjuntos adverbiais, expressando as mais variadas circunstâncias).

Quanto à forma, as orações subordinadas podem ser desenvolvidas ou reduzidas. Observe:

1. Suponho que seja ela a mulher ideal.
2. Suponho ser ela a mulher ideal.

Nesses dois períodos compostos há orações subordinadas substantivas que atuam como objeto direto da forma verbal suponho. No primeiro período, a oração é "que seja ela a mulher ideal". Essa oração é introduzida por uma conjunção subordinativa (que) e apresenta uma forma verbal do presente do subjuntivo (seja). Trata-se de uma oração subordinada desenvolvida. Assim são chamadas as orações subordinadas que se organizam a partir de uma forma verbal do modo indicativo ou do subjuntivo e que são introduzidas, na maior parte dos casos, por conjunção subordinativa ou pronome relativo.

No segundo período, a oração subordinada "ser ela a mulher ideal" apresenta o verbo numa de suas formas nominais (no caso, infinitivo) e não é introduzida por conjunção subordinativa ou pronome relativo. Justamente por apresentar uma peça a menos em sua estrutura, essa oração é chamada de reduzida. As orações reduzidas apresentam o verbo numa de suas formas nominais (infinitivo, gerúndio ou particípio) e não apresentam conjunção ou pronome relativo (em alguns casos, são encabeçadas por preposições).

Como você já viu, as orações subordinadas substantivas desempenham funções que no período simples normalmente são desempenhadas por substantivos. As orações substantivas podem atuar como sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo e aposto. Por isso são chamadas, respectivamente, de subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, completivas nominais, predicativas e apositivas. Essas orações podem ser desenvolvidas ou reduzidas. As desenvolvidas normalmente se ligam à oração principal por meio das conjunções subordinativas integrantes "que" e "se". As reduzidas apresentam verbo no infinitivo e podem ou não ser encabeçadas por preposição.

TIPOS DE ORAÇÕES SUBORDINADAS

SUBSTANTIVAS SUBJETIVAS

As orações subordinadas substantivas subjetivas atuam como sujeito do verbo da oração principal**.**

Exemplos:
1. É fundamental o seu comparecimento à reunião.
2. É fundamental que você compareça à reunião.
3. É fundamental você comparecer à reunião.

O primeiro período é simples. Nele, "o seu comparecimento à reunião" é sujeito da forma verbal é. Na ordem direta é mais fácil constatar isso: "O seu comparecimento à reunião é fundamental".

Nos outros dois períodos, que são compostos, a expressão "o seu comparecimento a reunião" foi transformada em oração ("que você compareça a reunião" e "você comparecer à reunião"). Nesses períodos, as orações destacadas são subjetivas, já que desempenham a função de sujeito da forma verbal "é". A oração "você comparecer à reunião", que não é introduzida por conjunção e tem o verbo no infinitivo, é reduzida.

Quando ocorre oração subordinada substantiva subjetiva, o verbo da oração principal sempre fica na terceira pessoa do singular. As estruturas típicas da oração principal nesse caso são:

a) verbo de ligação + predicativo - é bom..., é conveniente..., é melhor..., é claro..., está comprovado..., parece certo..., fica evidente..., etc.

Observe os exemplos:
É preciso que se adotem providências eficazes.
Parece estar provado que soluções mágicas não funcionam.

b) verbo na voz passiva sintética ou analítica - sabe-se..., soube-se..., comenta- se..., dir-se-ia..., foi anunciado..., foi dito..., etc.
Exemplos:
Sabe-se que o país carece de sistema de saúde digno.
Foi dito que tudo seria resolvido por ele.

c) verbos como convir, cumprir, acontecer, importar, ocorrer, suceder, parecer, constar, urgir, conjugados na terceira pessoa do singular.
Exemplos:
Convém que você fique.
Consta que ninguém se interessou pelo cargo.
Parece ser ela a pessoa indicada.

Muitos autores consideram que o relativo "quem" deve ser desdobrado em "aquele que". Tem-se, assim, um relativo (que), que introduz oração adjetiva. Outros autores preferem entender que "Quem usa drogas" é o efetivo sujeito de experimenta. Esta nos parece a melhor solução.

OBJETIVAS DIRETAS

As orações subordinadas substantivas objetivas diretas atuam como objeto direto do verbo da oração principal.
Exemplos:
Todos querem que você compareça.
Suponho ser o Brasil o país de pior distribuição de renda no mundo.

Nas frases interrogativas indiretas, as orações subordinadas substantivas objetivas diretas podem ser introduzidas pela conjunção subordinativa integrante "se" e por pronomes ou advérbios interrogativos.

Exemplos:
Ninguém sabe
/ se ela aceitará a proposta.
/ como a máquina funciona.
/ onde fica o teatro.
/ quanto custa o remédio.
/ quando entra em vigor a nova lei.
/ qual é o assunto da palestra.

Com os verbos "deixar, mandar, fazer" (chamados auxiliares causativos) e "ver, sentir, ouvir, perceber" (chamados auxiliares sensitivos) ocorre um tipo interessante de oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo.

Exemplos:
Deixe-ME REPOUSAR.
Mandei-OS SAIR.
Ouvi-O GRITAR.

Nesses casos, as orações destacadas são todas objetivas diretas reduzidas de infinitivo. E, o que é mais interessante, os pronomes oblíquos atuam todos como sujeitos dos infinitivos verbais. Essa é a única situação da língua portuguesa em que um pronome oblíquo pode atuar como sujeito. Para perceber melhor o que ocorre, convém transformar as orações reduzidas em orações desenvolvidas:
Deixe que eu repouse.
Mandei que eles saíssem.
Ouvi que ele gritava.

Nas orações desenvolvidas, os pronomes oblíquos foram substituídos pelas formas retas correspondentes. É fácil perceber agora que se trata, efetivamente, dos sujeitos das formas verbais das orações subordinadas.

OBJETIVAS INDIRETAS

As orações subordinadas substantivas objetivas indiretas atuam como objeto indireto do verbo da oração principal.

Exemplos:
Duvido de que esse prefeito dê prioridade às questões sociais.
Lembre-se de comprar todos os remédios.

COMPLETIVAS NOMINAIS

As orações subordinadas substantivas completivas nominais atuam como complemento de um nome da oração principal.

Exemplos:
Levo a leve impressão de que já vou tarde.
Tenho a impressão de estar sempre no mesmo lugar.

Observe que as objetivas indiretas integram o sentido de um verbo, enquanto as completivas nominais integram o sentido de um nome. Para distinguir uma da outra, é necessário levar em conta o termo complementado. Essa é, aliás, a diferença entre o objeto indireto e o complemento nominal: o primeiro complementa um verbo; o segundo, um nome. Nos exemplos dados acima, as orações subordinadas complementam o nome impressão.

PREDICATIVAS

As orações subordinadas substantivas predicativas atuam como predicativo do sujeito da oração principal.

Exemplos:
A verdade é que ele não passava de um impostor.
Nosso desejo era encontrares o teu caminho.

APOSITIVAS

As orações subordinadas substantivas apositivas atuam como aposto de um termo da oração principal.

Exemplos:
De você espero apenas uma coisa: que me deixe em paz.
Só resta uma alternativa: encontrar o remédio.

PONTUAÇÃO DAS SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

A pontuação dos períodos compostos em que surgem orações subordinadas substantivas segue os mesmos princípios que se adotam no período simples para as funções sintáticas a que essas orações equivalem:

- A vírgula não deve separar da oração principal as orações subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, completivas nominais e predicativas - afinal, sujeitos, complementos verbais e nominais não são separados por vírgula dos termos a que se ligam. O mesmo critério se aplica para o predicativo nos predicados nominais.

- A oração subordinada substantiva apositiva deve ser separada da oração principal por vírgula ou dois-pontos, exatamente como ocorre com o aposto:
O boato, de que o presidente renunciaria, espalhou-se rapidamente.
Imponho-lhe apenas uma tarefa: que administre bem o dinheiro público.

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

Uma oração adjetiva nada mais é do que um adjetivo em forma de oração. Assim como é possível dizer "redação bem-sucedida", em que o substantivo redação é caracterizado pelo adjetivo bem-sucedida, é possível dizer também "redação que fez sucesso", em que a oração "que fez sucesso" exerce exatamente o mesmo papel do adjetivo bem-sucedida, ou seja, caracteriza o substantivo redação.

Em termos sintáticos, essas orações exercem a função que normalmente cabe a um adjetivo, a de adjunto adnominal.

Exemplos:
Pessoa que mente é pessoa mentirosa. A classe gramatical da palavra "mentirosa" é a dos adjetivos. Qualifica o substantivo "pessoa".

Em vez de se dizer "pessoa mentirosa", é perfeitamente possível se dizer "pessoa que mente". Agora, quem é que qualifica "pessoa"? A oração "que mente", que tem valor de adjetivo e, por isso, é oração subordinada adjetiva.

Esse "que" que introduz a oração adjetiva "que mente" pode ser substituído por "a qual" (pessoa que mente = pessoa a qual mente). E, por fim, esse "que" se chama pronome relativo.

Agora, vamos relacionar tudo isso com o emprego da vírgula. Leia a seguinte passagem: "Não gosto de pessoas mentirosas". Você poria vírgula entre "pessoas" e "mentirosas"? Certamente não. E por quê? Porque o papel da palavra "mentirosas" é limitar o universo de pessoas. Afinal, não é de qualquer pessoa que eu não gosto. Só não gosto das pessoas mentirosas, ou seja, só não gosto das pessoas que mentem.

A oração "que mentem" exerce o mesmo papel do adjetivo "mentirosas", isto é, limita, restringe o universo de pessoas. Essa oração é chamada de "adjetiva restritiva" e, como você deve ter notado, também não é separada da anterior por vírgula.

Agora veja este outro caso: "Os cariocas, que adoram o mar, sempre estão de bem com a vida". A que cariocas se faz referência na frase? Será que a idéia é dividir os cariocas em dois blocos (os que adoram o mar e os que não adoram) e dizer que só os que adoram o mar estão sempre de bem com a vida? É claro que não. O que se quer é fazer uma afirmação de caráter genérico: os cariocas adoram o mar e sempre estão de bem com a vida.

O "que" dessa frase é pronome relativo ("Os cariocas, os quais adoram o mar...") e, por isso mesmo, como você já sabe, introduz oração subordinada adjetiva, que, no caso, não é restritiva. Não restringe, não limita. Generaliza. É chamada de explicativa.

A oração restritiva não é separada da anterior por vírgula, mas a explicativa é.

Agora preste muita atenção. Leia estas duas frases:

1) Ele telefonou para a irmã que mora na Itália;
2) Ele telefonou para a irmã, que mora na Itália.

Elas parecem iguais, mas não são. A vírgula faz a diferença. Em ambos os casos, o "que" pode ser substituído por "a qual". Em ambos os casos, o "que" é pronome relativo e, por isso, introduz oração adjetiva.
A diferença está na extensão do termo que vem antes do "que" ("irmã"). Sem a vírgula ("irmã que mora na Itália"), cria-se um limite. Certamente, ele tem mais de uma irmã. Pelo menos duas, uma das quais mora na Itália. Não fosse assim, não faria sentido a restrição imposta pela oração "que mora na Itália".

Com a vírgula, a oração "que mora na Itália" não restringe. Deixa de ser restritiva e passa a ser explicativa. Nosso amigo só tem uma irmã, e ela mora na Itália.

Veja outro caso: "A empresa tem cem funcionários que moram em Campinas". O que acontece quando se coloca vírgula depois de "funcionários"? Muda tudo. Sem a vírgula, a empresa tem mais de cem funcionários, dos quais cem moram em Campinas.

Com a vírgula depois de "funcionários", a empresa passa a ter exatamente cem funcionários, e todos moram em Campinas.

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

Uma oração subordinada adverbial exerce a função de adjunto adverbial do verbo da oração principal.

Exemplos:
Naquele momento, senti uma das maiores emoções de minha vida.
Quando vi o mar, senti uma das maiores emoções de minha vida.

No primeiro período, "naquele momento" é um adjunto adverbial de tempo, que modifica a forma verbal senti. No segundo período, esse papel é exercido pela oração "Quando vi o mar", que é, portanto, uma oração subordinada adverbial temporal. Essa oração é desenvolvida, já que é introduzida por uma conjunção subordinativa (quando) e apresenta uma forma verbal do modo indicativo (vi, do pretérito perfeito do indicativo). Seria possível reduzi-la, obtendo algo como: Ao ver o mar, senti uma das maiores emoções de minha vida. "Ao ver o mar" é uma oração reduzida porque apresenta uma das formas nominais do verbo (ver é infinitivo) e não é introduzida por conjunção subordinativa, mas sim por uma preposição (a, combinada com o artigo o).

Se você já estudou os adjuntos adverbiais, você viu que sua classificação é feita com base nas circunstâncias que exprimem. Com as orações subordinadas adverbiais ocorre a mesma coisa. A diferença fica por conta da quantidade: há apenas nove tipos de orações subordinadas adverbiais, enquanto os adjuntos adverbiais são pelo menos quinze. As orações adverbiais adquirem grande importância para a articulação adequada de idéias e fatos e por isso são fundamentais num texto dissertativo. Você terá agora um estudo pormenorizado das circunstâncias expressas pelas orações subordinadas adverbiais. É importante compreender bem essas circunstâncias e observar atentamente as conjunções e locuções conjuntivas utilizadas em cada caso.

TIPOS DE ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

CAUSA

A idéia de causa está diretamente ligada àquilo que provoca um determinado fato. As orações subordinadas adverbiais que exprimem causa são chamadas causais. A conjunção subordinativa mais utilizada para a expressão dessa circunstância é "porque". Outras conjunções e locuções conjuntivas muito utilizadas são "como" (sempre introduzindo oração adverbial causal anteposta à principal), "pois", "já que", "uma vez que", "visto que".

Exemplos:
As ruas ficaram alagadas porque a chuva foi muito forte.
Como ninguém se interessou pelo projeto, não houve outra alternativa a não ser cancelá-lo.
Já que você não vai, eu não vou.
Por ter muito conhecimento (= Porque/Como tem muito conhecimento), é sempre consultado. (reduzida de infinitivo)

CONSEQÜÊNCIA

A idéia de conseqüência está ligada àquilo que é provocado por um determinado fato. As orações subordinadas adverbiais consecutivas exprimem o efeito, a conseqüência daquilo que se declara na oração principal. Essa circunstância é normalmente introduzida pela conjunção "que", quase sempre precedida, na oração principal, de termos intensivos, como "tão, tal, tanto, tamanho".

Exemplos:
A chuva foi tão forte que em poucos minutos as ruas ficaram alagadas.
Tal era sua indignação que imediatamente se uniu aos manifestantes.
Sua fome era tanta que comeu com casca e tudo.

CONDIÇÃO

Condição é aquilo que se impõe como necessário para a realização ou não de um fato. As orações subordinadas adverbiais condicionais exprimem o que deve ou não ocorrer para que se realize ou deixe de se realizar o fato expresso na oração principal. A conjunção mais utilizada para introduzir essas orações é "se"; além dela, podem-se utilizar "caso, contanto que, desde que, salvo se, exceto se, a menos que, sem que, uma vez que" (seguida do verbo no subjuntivo).

Exemplos:
Uma vez que você aceite a proposta, assinaremos o contrato.
Caso você se case, convide-me para a festa.
Não saia sem que eu permita.
Se o regulamento do campeonato for bem elaborado, certamente o melhor time será o campeão.

CONCESSÃO

A idéia de concessão está diretamente ligada à idéia de contraste, de quebra de expectativa. De fato, quando se faz uma concessão, não se faz o que é esperado, o que é normal. As orações adverbiais que exprimem concessão são chamadas concessivas. A conjunção mais empregada para expressar essa relação é "embora"; além dela, podem ser usadas a conjunção "conquanto" e as locuções "ainda que, ainda quando, mesmo que, se bem que, apesar de que".

Exemplos:
Embora fizesse calor; levei agasalho.
Conquanto a economia tenha crescido, pelo menos metade da população continua à margem do mercado de consumo.
Foi aprovado sem estudar (= sem que estudasse / embora não estudasse). (reduzida de infinitivo)

COMPARAÇÃO

As orações subordinadas adverbiais comparativas contêm fato ou ser comparado a fato ou ser mencionado na oração principal. A conjunção mais empregada para expressar comparação é "como"; além dela, utilizam-se com muita freqüência as estruturas que formam o grau comparativo dos adjetivos e dos advérbios: "tão... como" (quanto), "mais (do) que", "menos (do) que".

Exemplos:
Ele dorme como um urso (dorme).
Sua sensibilidade é tão afinada quanto sua inteligência (é).
Como se pode perceber nos exemplos acima, é comum a omissão do verbo nas orações subordinadas adverbiais comparativas. Isso só não ocorre quando se comparam ações diferentes ("Ela fala mais do que faz." - nesse caso, compara-se o falar e o fazer).

CONFORMIDADE

As orações subordinadas adverbiais conformativas indicam idéia de conformidade, ou seja, exprimem uma regra, um caminho, um modelo adotado para a execução do que se declara na oração principal. A conjunção típica para exprimir essa circunstância é "conforme"; além dela, utilizam-se "como, consoante e segundo" (todas com o mesmo valor de conforme).

Exemplos:
Fiz o bolo conforme ensina a receita.
Consoante reza a Constituição, todos os cidadãos têm direitos iguais.
Segundo atesta recente relatório do Banco Mundial, o Brasil é o campeão mundial de má distribuição de renda.

FINALIDADE

As orações subordinadas adverbiais finais exprimem a intenção, a finalidade do que se declara na oração principal. Essa circunstância é normalmente expressa pela locução conjuntiva "a fim de que"; além dela, utilizam-se a locução "para que" e, mais raramente, as conjunções "que" e "porque" (= para que).

Exemplos:

Vim aqui a fim de que você me explicasse as questões.
Fez tudo porque eu não obtivesse bons resultados. (- para que eu não obtivesse...)
Suportou todo tipo de humilhação para obter o visto americano. (= para que obtivesse...) (reduzida de infinitivo)

PROPORÇÃO

As orações subordinadas adverbiais proporcionais estabelecem relação de proporção ou proporcionalidade entre o processo verbal nelas expresso e aquele declarado na oração principal. Essa circunstância normalmente é indicada pela locução conjuntiva "à proporção que"; além dela, utilizam-se "à medida que" e expressões como "quanto mais", "quanto menos", "tanto mais", "tanto menos".

Exemplos:

Quanto mais se aproxima o fim do mês, mais os bolsos ficam vazios.
Quanto mais te vejo, mais te desejo.
À medida que se aproxima o fim do campeonato, aumenta o interesse da torcida pela competição.
À proporção que se acumulam as dívidas, diminuem as possibilidades de que a empresa sobreviva.

TEMPO

As orações subordinadas adverbiais temporais indicam basicamente idéia de tempo. Exprimem fatos simultâneos, anteriores ou posteriores ao fato expresso na oração principal, marcando o tempo em que se realizam. As conjunções e locuções conjuntivas mais utilizadas são "quando, enquanto, assim que, logo que, mal, sempre que, antes que, depois que, desde que".

Exemplos:

"Quando você foi embora, fez-se noite em meu viver." (Milton Nascimento & Fernando Brant)
"Enquanto os homens exercem seus podres poderes, motos e fuscas avançam os sinais vermelhos e perdem os verdes: somos uns boçais (Caetano Veloso)
Mal você saiu, ela chegou.
Terminada a festa, todos se retiraram. (Quando terminou a festa) (reduzida de particípio)

Observação: Mais importante do que aprender a classificar as orações subordinadas adverbiais é interpretá-las adequadamente e utilizar as conjunções e locuções conjuntivas de maneira eficiente. Por isso, é desaconselhável que você faça o que muita gente costuma indicar como forma de "aprender as orações subordinadas adverbiais": "descabelar-se" para decorar listas de conjunções e, com isso, conseguir dar um rótulo as orações. Essa prática, além de fazer com que você se preocupe mais com nomenclaturas do que com o uso efetivo das estruturas lingüísticas, é inútil quando se consideram casos mais sutis de construção de frases. Observe, nas frases seguintes, o emprego da conjunção como em diversos contextos: em cada um deles, ocorre uma oração subordinada adverbial diferente. Como seria possível reconhecê-las se se partisse de uma lista de conjunções "decoradas"? É melhor procurar compreender o que efetivamente está sendo declarado.

Como dizia o poeta, "a vida é a arte do encontro".
(valor de conformidade)
Como não tenho dinheiro, não poderei participar da viagem.
(valor de causa)
"E cai como uma lágrima de amor." (Antônio Carlos Jobim & Vinicius de Moraes)
(valor de comparação)

Há até casos em que a classificação depende do contexto: "Como o jornal noticiou, o teatro ficou lotado". A oração subordinada adverbial pode ser causal ou conformativa, dependendo do contexto.

AS ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS E A PONTUAÇÃO

A pontuação dos períodos em que há orações subordinadas adverbiais obedece aos mesmos princípios observados em relação aos adjuntos adverbiais. Isso significa que a oração subordinada adverbial sempre pode ser separada por vírgulas da oração principal. Essa separação é optativa quando a oração subordinada está posposta à principal e é obrigatória quando a oração subordinada está intercalada ou anteposta.

Exemplos:
Tudo continuará como está se você não intervier;
ou Tudo continuará como está, se você não intervier.

Disse que, quando chegar, tomará todas as providências.
Quando chegar, tomará todas as providências.

XIV. ORTOEPIA E PROSÓDIA

Ortoepia trata da correta pronúncia das palavras.

Exemplo: "advogado", e não "adevogado" (o **d** é mudo).

Prosódia trata da correta acentuação tônica das palavras.

Exemplo: "rubrica" (palavra paroxítona), e não "rúbrica" (palavra proparoxítona).

Dessa forma, segue abaixo uma lista das principais palavras que normalmente apresentam dúvidas quanto à sua pronúncia e tonicidade corretas.

ACRÓBATA / ACROBATA: esta palavra, COMO MUITAS OUTRAS DE NOSSA LÍNGUA, admite as duas pronúncias: acróbata, com ênfase na sílaba "cró", ou acrobata, com força na sílaba "ba". Também é indiferente dizer Oceânia ou Oceania, transístor ou transistor (com força na sílaba "tor", com o "ô" fechado).

ALGOZ (carrasco): palavra oxítona, cuja pronúncia do "o" deve ser fechada (algôz, = arroz).

AUTÓPSIA / NECROPSIA: apesar de autópsia ter como vogal tônica o "ó", a forma necropsia, que possui o mesmo significado, deve ser pronunciada com ênfase no "i".

AZÁLEA / AZALÉIA: segundo os melhores dicionários, estas duas formas são aceitáveis;

AVARO (indivíduo muito apegado ao dinheiro): deve ser pronunciada como paroxítona (acento tônico na sílaba va), e por terminar em "o", não deve ser acentuada.

BIOTIPO: o Dicionário Novo Aurélio - Século XXI apresenta o termo "biótipo" (proparoxítono/acentuado), mas faz referência a "biotipo" (palavra paroxítona) por ser a pronúncia corrente no Brasil. Já o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra tanto a palavra biótipo quanto a palavra biotipo .

BOÊMIA: de origem francesa, relativa à cidade de Boéme, esta palavra tem sua sílaba forte no "ê", e não no "mi".

CARÁTER: paroxítona que apresenta o plural caracteres, tendo o acréscimo da letra c, e o deslocamento do acento tônico da sílaba ra para a sílaba te, sem o emprego de acento gráfico.

CATETER, MISTER e URETER: Todas possuindo sua acentuação tônica na última sílaba (tér), sendo assim oxítonas.

CHICLETE / CHOPE / CLIPE / DROPE: quando se referindo a uma só unidade de cada um destes produtos, deve-se falar "um chiclete, um chope, um clipe, um drope", e não "um chicletes, um chopes, um clipes, um dropes". Existe, ainda, a variante "chiclé" (um chiclé, dois chiclés).

CUPIDO e CÚPIDO: a primeira forma (paroxítona e sem acento) significa o deus alado do amor; a segunda (proparoxítona) tem o sentido de ávido de dinheiro, ambicioso, também pode ser usada como possuído de desejos amorosos.

EXTINGUIR: a sílaba "guir" desta palavra deve ser pronunciada como nas palavras "perseguir", "seguir", "conseguir". Isso também vale para "distinguir".

FLUIDO: pronuncia-se como a forma verbal "cuido", verbo cuidar (com força no u). Assim também GRATUITO, CIRCUITO, INTUITO, fortuito. No entanto, o partiçipio do verbo fluir é "fluído", acontecendo aqui um hiato, onde a vogal tônica agora passa a ser o "í".

IBERO: Pronuncia-se como paroxítona (ênfase na sílaba BE, IBÉRO).

INEXORÁVEL (= austero, rígido, inabalável...): esse "x" lê-se como os de exemplo, exame, exato, exercício, isto é, com o som de "z".

LÁTEX: tendo seu acento tônico na penúltima sílaba e terminando com a letra x, é uma palavra paroxítona, e como tal deve ser pronunciada e acentuada.

MAQUINARIA: o acento tônico deve recair na sílava "ri", e não sobre a sílaba "na".

NÉON: muitos dicionários apresentam esta palavra como paroxítona, sendo acentuada por terminar em "n"; no entanto, o dicionário Michaelis Melhoramentos, recentemente editado, traz as duas grafias: néon (paroxítona) e neon (oxítona).

NOVEL e NOBEL: palavras oxítonas que não devem ser acentuadas.

OBESO: palavra paroxítona que deve ser pronunciada com o "e" aberto (obéso). Também são abertos o "e" de outras paroxítonas como "coeso" (coéso), "obsoleto" (obsoléto), o "o" de "dolo" (dólo), o "e" de "extra" (éxtra) e o "e" de "blefe" (bléfe). Apresentam-se, porém, fechados o "e" de "nesga" (nêsga), o de "destro" (dêstro), e o "o" "torpe" (tôrpe).

OPTAR: ao se conjugar este verbo na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, deve-se pronunciar "ópto", e não "opito". Assim também em relação às formas verbais "capto, adapto, rapto" - todas com força na sílaba que vem antes do "p".

PROJÉTIL / PROJETIL: ambas as formas têm o mesmo significado, apesar de a primeira ser paroxítona e a segunda oxítona. Plurais: PROJÉTEIS / PROJETIS.

PUDICO (aquele que tem pudor, envergonhado): palavra paroxítona (ênfase na sílaba "di").

RECORDE: deve ser pronunciada como paroxítona (recórde).

RÉPTIL / REPTIL: mesmo caso da palavra PROJÉTIL. Plurais. RÉPTEIS / REPTIS.

RUBRICA: palavra paroxítona, e não proparoxítona como se costuma pensar (ênfase na sílaba "bri").

RUIM: palavra oxítona (ruím).

RUPIA / RÚPIA: a primeira forma se refere à moeda utilizada na Indonésia (força no "i") e a segunda é relativa a uma planta aquática (com ênfase no "ú").

SUBSÍDIOS: a pronúncia correta é com som de "ss", e não "z" (subssídios).

SUTIL e SÚTIL: a primeira forma, sendo oxítona, significa "tênue, delicado, hábil"; a segunda, paroxítona, significa "tudo aquilo que é composto de pedaços costurados".

TÓXICO: pronuncia-se com o som de "ks" = tóksico.

XV. PARÔNIMOS

Entre os sons das palavras e também entre as letras que os representam podem ocorrer, muitas vezes, coincidências que normalmente acarretam dificuldades tanto na pronúncia como na grafia de diversos vocábulos. Neste sentido, é bom saber da existência dos seguintes tipos de palavras:

1. **Palavras homônimas** _ apresentam a mesma grafia e a mesma pronúncia. Exemplos: luta (substantivo) e luta (forma do verbo lutar); vela (substantivo) e vela(forma do verbo velar).

2. **Palavras homógrafas** _ possuem a mesma grafia, mas pronúncia diferente. Exemplo: almoço (com o "ô", da sílaba mo, fechado=substantivo, nome de uma refeição) e almoço (com o "ó" aberto=forma do verbo almoçar).

3. **Palavras homófonas** _ possuem a mesma pronúncia, mas grafia diferente. Exemplo: cesta (substantivo) e sexta (numeral ordinal)

4. **Palavras parônimas** _ parecidas quanto à forma ou à pronúncia, mas diferentes quanto à significação.

Vejam a seguir uma relação dos principais homófonos e parônimos da Língua Portuguesa:

ACENDER:	iluminar, por fogo em;
ASCENDER:	subir, elevar (daí: ASCENSÃO, ASCENSORISTA, ASCENDENTE).
ACIDENTE:	ocorrência casual grave;
INCIDENTE:	episódio casual sem gravidade, sem importância.
ACESSÓRIO:	aquilo que não é essencial;
ASSESSÓRIO:	relativo ao assessor.
AFERIR:	conferir, comparar ("Os fiscais vão aferir os preços de cinco supermercados.");
AUFERIR:	colher, obter ("O rapaz não auferiu bons resultados no concurso para médico").
AMORAL:	ausência de moral, que ignora um conjunto de princípios;
IMORAL:	Que é contrário, que desobedece a um conjunto de princípios.
ANTE:	preposição que significa ESTAR DIANTE, ESTAR NA PRESENÇA DE;
ANTI:	prefixo que significa AÇÃO CONTRÁRIA.

ANTICÉ(P)TICO:	oposto aos céticos;
ANTISSÉ(p)TICO:	desinfetante.
ÁREA:	dimensão, espaço;
ÁRIA:	peça musical para uma só voz.
ARREAR:	colocar arreios em;
ARRIAR:	abaixar.
ASAR:	guarnecer de asas;
AZAR:	má sorte.
ASCETA:	pessoa que vive em prática de devoção e penitência;
ASSETA:	do verbo ASSETAR, ferir com seta.
ACÉTICO:	relativo ao vinagre;
ASCÉTICO:	relativo ao Ascetismo;
ASSÉPTICO:	relativo à assepsia.
ATUADO:	particípio do verbo atuar; exercer atividade, agir ("A seleção de futebol não tem atuado como o técnico quer.");
AUTUADO:	particípio do verbo autuar = lavrar um auto contra alguém; reunir em forma de processo; processar. Ser autuado significa fazer parte dos autos - conjunto das peças de um processo ("O líder do movimento dos sem-terra foi preso e autuado em flagrante por desacato à autoridade.").
BOCAL:	abertura de vaso, candeeiro, frasco, castiçal, etc;
BUCAL:	relativo à boca.
BROCHA:	prego curto, de cabeça larga e chata;
BROXA:	tipo de pincel.
BUCHO:	estômago de animais;
BUXO:	arbusto ornamental.
CAÇAR:	perseguir, capturar a caça;
CASSAR:	anular.
CAICHÃO:	borbotão, fervura;
CAIXÃO:	caixa grande.
CAICHOLA:	cabeça;
CAIXOLA:	caixa pequena.
CALDA:	doce, xarope;
CAUDA:	rabo de animais.

CARTUCHO:	canudo de papel, de plástico, ou de metal;
CARTUXO:	pertencente à Cartuxa, ordem religiosa fundada por São Bruno.
CAVALEIRO:	aquele que anda a cavalo;
CAVALHEIRO:	homem de boas maneiras.
CEGAR:	tirar a visão de;
SEGAR:	ceifar, cortar.
CELA:	aposento de religiosos ou de prisioneiros;
SELA:	arreio de cavalo, 3ª p. s., pres. ind., v. selar.
CELEIRO:	depósito de provisões;
SELEIRO:	fabricante de selas.
CENÁRIO:	decoração de teatro;
SENÁRIO:	que consta de seis unidades.
CENSO:	recensseamento;
SENSO:	juízo claro.
CENSUAL:	relativo ao censo;
SENSUAL:	relativo aos sentidos.
CÉ(P)TICO:	que ou quem duvida;
SÉ(P)TICO:	que causa infecção.
CERRAÇÃO:	nevoeiro espesso;
SERRAÇÃO:	ato de serrar.
CERRAR:	echar;
SERRAR:	cortar.
CERVO:	veado;
SERVO:	servente, escravo.
CESSAÇÃO:	ato de cessar (interromper);
SESSAÇÃO:	ato de sessar (peneirar).
CESTA:	utensílio geralmente de palha para se guardar coisas;
SESTA:	hora de descanço, normalmente após o almoço;
SEXTA:	ordinal feminino de seis.
CHÁCARA:	quinta, sítio;
XÁCARA:	narrativa popular em versos.

CHALÉ:	casa campestre de estilo suíço;
XALE;	cobertura para os ombros.
COCHA:	gamela;
COLCHA:	cobertura em tecido para cama;
COXA:	parte da perna.
CICLO:	período;
SICLO:	moeda judaica.
CILÍCIO:	cinto ou cordão de pêlo ou Lã áspera para penitências;
SILÍCIO:	elemento químico.
CINTO:	correia em couro para prender as calças à cintura;
SINTO:	1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo sentir.
CÍRIO:	vela grande de cêra;
SÍRIO:	relativo à Síria.
COCHO:	vasilha feita com tronco de madeira escavada;
COXO:	pessoa que manca.
COMPRIDO:	longo;
CUMPRIDO:	particípio passado do verbo CUMPRIR.
COMPRIMENTO:	uma das medidas de extensão (+ largura e altura);
CUMPRIMENTO:	ato de cumprimentar alguém, saudação, ou de cumprir algo.
CONCELHO:	jurisdição administrativa, município;
CONSELHO:	opinião, parecer, reunião coletiva superior, tribunal.
CONCERTO:	apresentação ou obra musical, entrar em acordo (do verbo concertar*);
CONSERTO:	ato ou efeito de consertar, reparar algo que está danificado.
CORINGA:	tipo de vela que se coloca em algumas embarcações;
CURINGA:	carta que muda de valor segundo a combinação que o parceiro tem em mão.
CORÇO:	cabrito selvagem;
CORSO:	natural da Córsega, desfile de carros ou carruagens.
COSER:	costurar;
COZER:	cozinhar.

DECENTE:	decoroso, limpo;
DESCENTE:	que desce, vazante;
DISCENTE:	relativo a alunos;
DOCENTE:	relativo a professores.
DECERTAR:	lutar, pelejar;
DISSERTAR:	discorrer.
DEFERIMENTO:	concessão, atendimento;
DIFERIMENTO:	adiamento. (Assim também: DEFERIR = CONCEDER; DIFERIR = ADIAR, DIVERGIR.)
DEGRADADO:	que está aviltado, diminuído (degradação);
DEGREDADO:	aquele que está no degredo, exilado.
DELATAR:	denunciar (delação);
DILATAR:	retardar, adiar (dilação).
DESCRIÇÃO:	ato de descrever, tipo de redação, exposição;
DISCRIÇÃO:	reserva ao falar, qualidade daquele que é discreto, prudência.
DESCRIMINAR:	inocentar, absolver (DESCRIMINAÇÃO);
DISCRIMINAR:	distinguir, diferenciar, separar (DISCRIMINAÇÃO).
DESMITIFICAR:	fazer cessar a mitificação (A CONVERSÃO EM mito) existente a respeito de pessoa ou coisa;
DESMISTIFICAR:	livrar ou tirar da mistificação (engano, burla, abuso da credulidade).
DESPENSA:	compartimento para se guardar alimentos;
DISPENSA:	demissão.
DESTRATAR:	insultar;
DISTRATAR:	romper um trato, desfazer um contrato. (Obs. Quando um contrato é rompido, o documento que se assina chama-se DISTRATO.)
EMERGIR:	vir à tona, subir;
IMERGIR:	mergulhar, descer.
EMIGRANTE:	pessoa que sai do próprio país (EMIGRAR, EMIGRAÇÃO);
IMIGRANTE:	pessoa que entra num país estrangeiro (IMIGRAR, IMIGRAÇÃO).

EMINENTE:	que se destaca, excelente, notável;
IMINENTE:	que está prestes a ocorrer, pendente.
	(Obs. Assim também: EMINÊNCIA = altura, excelência; IMINÊNCIA = proximidade de ocorrência.)
EMITIR:	expedir, emanar, enunciar, lançar fora de si;
IMITIR:	fazer entrar, investir.
EMPEÇO:	empecilho, impedimento, obstáculo, estorvo;
IMPEÇO:	primeira pessoa do singular do verbo IMPEDIR.
EMPOÇAR:	formar poça;
EMPOSSAR:	dar posse a alguém.
ENFESTAR:	dobrar ao meio na sua largura, exagerar (entediado _ no sul);
INFESTAR:	assolar, invadir, existir em grande quantidade em.
ENTENDER:	compreender;
INTENDER:	exercer vigilância, administrar.
ESOTÉRICO:	diz-se do ensinamento que, em escolas filosóficas da antiguidade grega, era reservado aos discípulos completamente instruídos; todo ensinamento ministrado a círculo restrito e fechado de ouvintes; compreensível apenas por poucos, obscuro, hermético."
EXOTÉRICO:	diz-se de ensinamento que, em escolas da antiguidade grega, era transmitido ao público sem restrição, dado o interesse generalizado que suscitava e a forma acessível em que podia ser exposto por se tratar de ensinamento dialético, provável, verossímil.
ESBAFORIDO:	ofegante, com a respiração entrecortada pelo cansaço ou pela pressa;
ESPAVORIDO:	cheio de pavor, apavorado;
ESPECTADOR:	aquele que vê, que assiste a alguma coisa;
EXPECTADOR:	o que está na expectativa de, à espera de algo.
ESPERTO:	ardiloso, malicioso, sagaz;
EXPERTO:	experiente, especialista, perito.
ESPIAR:	espreitar, olhar;
EXPIAR:	redimir-se, pagar uma culpa.
ESPIRAR:	soprar, respirar, estar vivo;
EXPIRAR:	expelir o ar, morrer.

ESPRIMIDO:	particípio do verbo ESPREMER;
EXPRIMIDO:	particípio do verbo EXPRIMIR (também EXPRESSO).
ESTADA:	ato de estar, permanência, demora transitória de pessoas em algum lugar;
ESTADIA:	prazo concedido de carga ou descarga de um navio em um porto. Também é o prazo que se dá a veículos em um estacionamento ou garagem.
ESTÂNCIA:	lugar onde se está ou permanece, morada, paragem, estabelecimento rural, estação de águas minerais;
INSTÂNCIA:	qualidade do que é instante, pedido urgente e repetido, jurisdição, série de atos de um processo, ordem ou grau da hierarquia judiciária.
ESTÁTICO:	estar parado (como uma estátua);
EXTÁTICO:	estar em estado de êxtase.
ESTERNO:	osso do peito;
EXTERNO:	exterior;
HESTERNO:	relativo ao dia de ontem.
ESTRATO:	tipo de nuvem, camada (estrato social; sociedade estratificada = dividida em camadas; estratosfera, etc.)
EXTRATO:	o que foi extraído de algo (v. extrair), fragmento, resumo, sumo (extrato bancário, extrato de tomate), essência (= perfume).
FLAGRANTE:	evidente, fato que se observa no momento em que ocorre;
FRAGRANTE:	que exala cheiro agradável, aromático (fragrância).
FLUIR:	correr (líquido), passar (tempo);
FRUIR:	desfrutar, gozar.
FUZIL:	arma de fogo;
FUZÍVEL:	condutor elétrico.
INCERTO:	relativo à incerteza, duvidoso;
INSERTO:	inserido, incluído.
INCIPIENTE:	iniciante, inexperiente;
INSIPIENTE:	ignorante.
INDEFESO:	sem defesa;
INDEFESSO:	incansável;
INFENSO:	adverso, contrário.

INFLAÇÃO:	ato de inflar, aumento de preços;
INFRAÇÃO:	desobediência, violação, transgressão.
INFLIGIR:	aplicar ou determinar uma punição, um castigo;
INFRINGIR:	desobedecer, violar, transgredir.
INQUERIR:	apertar com cordas a carga de animais;
INQUIRIR:	interrogar, investigar.
INTEMERATO:	aquele que é casto, puro, incorruptível;
INTIMORATO:	que é valente, destemido.
INTENÇÃO:	propósito, finalidade;
INTENSÃO:	intensidade, esforço.
INTERCESSÃO:	ato de interceder, interferência, intervenção, súplica;
INTERSE(C)ÇÃO:	ponto em que duas linhas se cruzam, parte comum a dois conjuntos.
LACTANTE:	quem produz o leite, mulher que amamenta (a mãe);
LACTENTE:	quem recebe o leite, ser que mama (a criança).
LAÇO:	laçada;
LASSO:	frouxo, cansado, "dissoluto".
LENIMENTO:	suavizante;
LINIMENTO:	medicamento para fricções.
LUCHAR:	sujar;
LUXAR:	deslocar, desconjuntar.
LUSTRE:	brilho e, figuradamente, candelabro;
LUSTRO:	espaço de 5 anos.
MAL:	como um advérbio, isto é, modificando uma ação verbal, este termo deve ser grafado com L. Exemplo: Aquele cantor canta mal. (contrário de BEM) Também grafamos com L Quando esta palavra se apresenta como substantivo ou como conjunção ubordinativa temporal. Exemplos: "O mal da humanidade é o seu grande egoísmo." (sinônimo de doença, problema) "Mal ele entrou em casa, a luz apagou." (igual a "assim que, no momento em que")
MAU:	sendo grafado com U, este termo é um adjetivo. Exemplo: Aquele menino era muito mau. (contrário de bom; feminino: má)
MANDADO:	ordem emanada de autoridade judicial ou administrativa;
MANDATO:	período de missão política.

MAS (conjunção):	sinônimo de porém, tldavia, contudo. Exemplo: Ele é inteligente, mas desajeitado.
MAIS:	pronome indefinido ou advérbio de intensidade (contrário de menos). Exemplos: Ana precisa ter mais confiança em si mesma. (sinônimo imperfeito de "muita confiança"; pronome modificando o substantivo) Pedro é mais inteligente que Paulo. (contrário de menos; advérbio modificando o adjetivo)
MAÇA:	clava;
MASSA:	pasta.
MAÇUDO:	indigesto, monótono;
MASSUDO:	volumoso.
MEAR:	dividir ao meio;
MIAR:	dar mios (voz dos gatos).
MECHA:	pavio, estopim, tufo de cabelo, dreno;
MEXA:	forma verbal de MEXER.
MOÇA:	mulher jovem, virgem, fem. de moço;
MOSSA:	vestígio de uma pancada ou pressão forte, entalho, abalo ou impressão moral.
NORMALIZAR:	tornar normal, regularizar, padronizar, fazer voltar à normalidade, submeter à norma;
NORMATIZAR:	estabelecer normas para, submeter a normas (neologismo já devidamente registrado). **Observações:** Muitas empresas utilizam o verbo "normalizar" no sentido de "tornar normal" e de "estabelecer normas". A maioria, entretanto, prefere estabelecer a diferença acima. Lembre-se de que existe o adjetivo "normativo", palavra de origem francesa, cujo significado é "que tem a qualidade ou força de norma".
PAÇO:	palácio;
PASSO:	passada.
PEÃO:	trabalhador rural, peça do jogo de xadrez, amansador de cavalos, tocador de boiada (a palavra vem do latim e significa "pedestre", ou seja, aquele que anda a pé. Em Portugal, a palavra aparece em placas que advertem os motoristas, para que tomem cuidado com peões, ou seja, com os pedestres.;)
PIÃO:	espécie de brinquedo.

POÇA (com a pronúncia fechada "pôça", substantivo):	cova pouco profunda contendo água ou outro líquido qualquer;
POSSA (com a pronúncia aberta "póssa"):	primeira e segunda pessoas do singular do Presente do Subjuntivo do verbo PODER.
POCEIRO:	homem que cava poços;
POSSEIRO:	aquele que se encontra na posse clandestina ou ilegítima de certa área de terras particulares ou devolutas, com a intenção de dono.
POÇO (com a pronúncia fechada "pôço", substantivo):	cavidade no solo que contém água, cisterna;
POSSO (com a pronúncia aberta "pósso"):	primeira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo PODER.
PLEITO:	disputa;
PREITO:	homenagem.
PREEMINENTE:	nobre, distinto, que ocupa lugar mais elevado;
PROEMINENTE:	alto, saliente, que se alteia acima do que o circunda.
PRENUNCIAR:	anunciar com antecedência;
PRONUNCIAR:	exprimir verbalmente, articular.
PREFERIR:	querer ou gostar mais, ter preferência por; (Particípio Passado = PREFERIDO)
PRETERIR:	não dar importância a, omitir. (Particípio Passado = PRETERIDO)
PRESCREVER:	receitar ou perder a validade ("O médico prescreveu este remédio"; "O prazo já prescreveu");
PROSCREVER:	banir, expulsar ("Ele foi proscrito da cidade.").
PRESAR:	prender, apreender;
PREZAR:	ter em consideração.
QUERELA:	discussão, pendência;
QUIRELA (ou QUIRERA):	milho quebrado que se dá às aves, também em relação ao arroz ou outros cereais.
RATIFICAR:	confirmar, corroborar;
RETIFICAR:	alterar, corrigir.
REBOLIÇO:	que tem forma de rebolo, que rebola;
REBULIÇO:	bagunça, grande barulho, agitação, desordem, confusão.

REVEZAR:	substituir alternadamente;
REVISAR:	rever.
RINGUE:	tablado onde se realizam lutas de boxe e outras;
RINQUE:	pista de patinação.
RUÇO:	grisalho, desbotado (gíria: "difícil");
RUSSO:	relativo à Rússia.
SEÇÃO (ou SECÇÃO):	parte, divisão, departamento, ato de seccionar;
SESSÃO:	espaço de tempo, programa;
CESSÃO:	doação, ato de ceder.
SOAR:	emitir determinado som;
SUAR:	transpirar.
SORTIR:	abastecer, prover;
SURTIR:	ter como conseqüência, produzir, alcançar efeito.
SUBENTENDER:	perceber, entender o que não estava exposto ou bem explicado;
SUBTENDER:	estender por baixo.
TACHA:	pequeno prego; ou mancha, defeito moral; ou tacho grande;
TAXA:	imposto, tributo financeiro. (**OBs.** Taxativo = que taxa, que limita, restritivo, definitivo. No entanto, não há registro em nossos dicionários da palavra "tachativo".) Exemplo: O presidente foi taxativo ao afirmar que não aprovaria aquele projeto de lei.
TACHAR*:	censurar, acusar, botar defeito em ;
TAXAR:	estabelecer um preço, um imposto, tributar.
TENÇÃO:	propósito, rixa, má vontade;
TENSÃO:	voltagem, rigidez do tecido muscular.
TRÁFEGO:	movimento, trânsito de veículos ou de pedestres;
TRÁFICO:	comércio ilegal, negócio indecoroso.
TRÁS:	parte posterior;
TRAZ:	forma do verbo TRAZER.
VENOSO:	relativo a veias;
VINOSO:	que produz vinho.
VÊS:	segunda pessoa do singular do presente do indicativo do verbo VER;
VEZ:	ocasião.

VESTIÁRIO:	local para trocar de roupa em clubes, colégios, etc;
VESTUÁRIO:	é o traje, a indumentária, as roupas que usamos.
VIAGEM (= substantivo):	"Fiz uma viagem inesquecível", "Boa Viagem!";
VIAJEM (forma verbal):	terceira pessoa do plural do presente do subjuntivo do verbo VIAJAR. Exemplo: "Por favor, viajem amanhã, hoje já está muito tarde."
VULTOSO:	de grande vulto, nobre, volumoso;
VULTUOSO:	atacado de vultuosidade (estado mórbido em que a face e os lábios se incham e avermelham muito).
USUÁRIO:	o que desfruta o direito de usar alguma coisa;
USURÁRIO:	o que pratica a usura ou agiotagem.

(*) NOTAS:
Em relação ao verbete "consertar", com "s", no dicionário Aurélio, entre vários sentidos, encontramos os seguintes: "Pôr em boa ordem; dar melhor disposição a; arrumar, arranjar"; com o exemplo: "Antes de entrar na sala, consertou a gravata e penteou o cabelo".

Já "concertar", com "c", significa "harmonizar, conciliar". Entretanto, no mesmo dicionário Aurélio, este verbete, entre vários sentidos, igual- mente apresenta os seguintes: "Pôr em boa ordem; dar melhor disposição a; compor, ajustar, endireitar." Em seguida, um exemplo, retirado de "Histórias românticas", de Machado de Assis: "Examinou as luvas, concertou a gravata."

No Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, de Caldas Aulete, no Dicionário Universal da Língua Portuguesa, da Texto Editora, de Portugal, e no Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa, da Melhoramentos, entre outros, não se registra essa parcial equivalência entre "consertar" e "concertar". O fato é que, apesar dessa parcial igualdade que se vê entre consertar e concertar, quando se arruma algo que está quebrado, conserta-se, com "s". E, quando uma orquestra atua, ocorre um concerto, com "c".

Outra confusão pode ocorrer com "tachar", com "ch", e "taxar", com "x". Quando se diz que alguém foi considerado covarde, diz-se que esse alguém foi "tachado" de covarde, pois "Tachar", com "ch", é "pôr mancha, defeito, nódoa". O problema é que, se você procurar as duas palavras (tachar e taxar) nos dicionários - e, neste caso, não só no Aurélio, mas nos outros também - vai descobrir que ambas podem significar "qualifi- car", ou seja, "classificar, julgar".
Desta vez, Aurélio se encarrega de desfazer uma possível confusão. Como "tachar" significa "pôr mancha, defeito", só se pode empregá-lo para idéias pejorativas: "Tacharam de ridícula a proposta dele." Já o verbo "taxar", que significa "estipular o preço, o valor de algo", acaba, por analogia, significando também "avaliar, julgar". Pode, por isso, ser usado tanto para os atributos bons como para os ruins:
"Taxaram de exemplar seu comportamento"; "Taxaram de vulgar seu procedimento". Não faria sentido, portanto, dizer que "tacharam de exemplar seu procedimento".

XVI. PRINCIPAIS REGRAS DE ORTOGRAFIA.

"A competência para grafar corretamente as palavras está diretamente ligada ao contato íntimo com essas mesmas palavras. Isso significa que a freqüência do uso é que acaba trazendo a memorização da grafia correta. Além disso, deve-se criar o hábito de esclarecer as dúvidas com as necessárias consultas ao dicionário. Trata-se de um processo constante, que produz resultados a longo prazo."
(Pasquale Cipro Neto & Ulisses Infante, Gramática da Língua Portuguesa)

ORIENTAÇÕES GERAIS.

1) Devemos empregar **"ss"** em todos os substantivos derivados de verbos terminados em **"gredir", "mitir", "ceder"** e **"cutir".**

Exemplos:
AGREDIR / AGRESSÃO
PROGREDIR / PROGRESSÃO
REGREDIR / REGRESSÃO
TRANSGREDIR / TRANSGRESSÃO
ADMITIR / ADMISSÃO
DEMITIR / DEMISSÃO
OMITIR / OMISSÃO
PERMITIR / PERMISSÃO
TRANSMITIR / TRANSMISSÃO
ACEDER / ACESSO
CEDER / CESSÃO
CONCEDER / CONCESSÃO
EXCEDER / EXCESSO, EXCESSIVO
SUCEDER / SUCESSÃO
DISCUTIR / DISCUSSÃO

2) Devemos empregar **"s"** em todos os substantivos derivados de verbos terminados em **"ender", "verter" e "pelir".**

Exemplos:
APREENDER / APREENSÃO
ASCENDER / ASCENSÃO
COMPREENDER / COMPREENSÃO
DISTENDER / DISTENSÃO
ESTENDER / EXTENSÃO
PRETENDER / PRETENSÃO
SUSPENDER / SUSPENSÃO
TENDER / TENSÃO
VERTER / VERSÃO
REVERTER / REVERSÃO

CONVERTER / CONVERSÃO
SUBVERTER / SUBVERSÃO
EXPELIR / EXPULSÃO
REPELIR / REPULSÃO

3) Devemos empregar "ç" em todos os substantivos derivados dos verbos **"TER"** e **"TORCER",** mais seus derivados.

Exemplos:
ABSTER / ABSTENÇÃO
ATER / ATENÇÃO
DETER / DETENÇÃO
MANTER / MANUTENÇÃO
RETER / RETENÇÃO
TORCER / TORÇÃO
DISTORCER / DISTORÇÃO
CONTORCER / CONTORÇÃO

EMPREGO DO S OU DO Z.

1. Os sufixos **"ês"** e **"esa"** são empregados na formação de nomes que designam profissão, títulos honoríficos de posição social, assim como em palavras que indicam origem, nacionalidade.

Exemplos: burguês, camponês, marquês, português, japonês, francês, burguesa, camponesa, marquesa, princesa, portuguesa, japonesa, francesa etc.

2. São grafadas com o sufixo **"isa"** as palavras que indicam ocupações femininas: poetisa, profetisa, papisa, sacerdotisa, pitonisa.

3. Os sufixos **"ez"** e **"eza"** são empregados para formar nomes abstratos que derivam de adjetivos.

Exemplos:
ADJETIVOS / DERIVADOS
agudo / agudez
escasso / escassez
estúpido / estupidez
límpido / limpidez
gago / gaguez
honra / honradez
inválido / invalidez
intrépido / intrepidez
macio / maciez

rígido / rigidez
sensato / sensatez
sisudo / sisudez
surdo / surdez
avaro / avareza
belo / beleza
certo / certeza
duro / dureza
esperto / esperteza
justo / justeza
nobre / nobreza
pobre / pobreza
rico / riqueza
rijo / rijeza
singelo / singeleza

4. Com **"z",** normalmente, são grafadas palavras derivadas de outras em que já existe o **"z",** e verbos terminados pelo sufixo **"izar",** em cujos radicais das palavras que lhes deram origem possuam ou não a letra **z.**

Exemplos: balizado (baliza), arrazoado, razoável (razão), canalizar, finalizar, industrializar, organizar, utilizar, arborizar, dinamizar, regularizar, cicatrizar (cicatriz), envernizar (verniz), enraizar (raiz), deslizar (deslize) etc.

Observação: Os verbos terminados em **"isar",** com **"s",** têm apenas como sufixo as letras "ar", pois as letras "is", neste caso, fazem parte do radical da palavra que deu origem ao verbo.

Exemplos:
análise / analisar
aviso / avisar
improviso / improvisar
pesquisa / pesquisar

EXCEÇÃO: Apesar de originar-se da palavra "catequese", que possui um **"s"** em seu radical, o verbo catequizar deve ser grafado com **"z",** pois a sílaba átona final de catequese foi suprimida para se inserir o sufixo **"izar"** na formação do verbo.

5. Grafam-se com "z" as palavras derivadas com os **sufixos "zada, zal, zarrão, zeiro, zinho, zito, zona, zorra, zudo"**. O **"z",** neste caso, é um infixo.

Exemplos:
pazada, cafezal, canzarrão, açaizeiro, papelzinho, cãozito, mãezona, mãozorra, pezudo etc.

Observação: Em palavras como "asinha, risinho, risada, casinha, caseiro, casebre", o **"s"** pertence ao radical dos vocábulos de origem (asa, riso, casa).

6. Também grafa-se com **"s":**

Após os ditongos;
Exemplos: lousa, coisa, causa, Neusa, ausência, Eusébio, náusea.

Nas formas dos verbos "pôr" (e derivados) e "querer";
Exemplos: pus, pusera, pusesse, puséssemos; repus, repusera, repusesse, repuséssemos; quis, quisera, quisesse, quiséssemos.

EMPREGO DO C E DO QU.

Existem palavras que podemos escrever com **"c"** e também com **"qu".**
Exemplos: catorze / quatorze cociente / quociente cota / quota cotidiano / quotidiano cotizar / quotizar

Observação: As palavras a seguir, porém, possuem uma só grafia: "cinqüenta, cinqüentenário, cinqüentão, cinqüentona."

EMPREGO DO X E DO CH.

Deve-se empregar o **"x"** após os ditongos (encontros vocálicos = vogal + semi-vogal em uma mesma sílaba).
Exemplos: ameixa, feixe, caixa, trouxa, frouxo, gueixa, peixe, peixada, queixo, queixada, eixo, baixo, encaixar, paixão, rebaixar etc.

EXCEÇÃO: recauchutar (mais seus derivados) e caucho (espécie de árvore que produz o látex).

Emprega-se também o x:

➔ Após as sílabas **"en"** e **"me";**
Exemplos: enxada, enxurrada, enxame, enxaqueca, enxerido, enxovalho, enxugar, mexer, mexilhão, mexerico, mexerica, mexicano etc.

Observação: Palavras como "enchente, encharcar, enchiqueirar, enchapelar, enchumaçar", embora se iniciem pela sílaba "en", são grafadas com "ch", porque são palavras formadas por prefixação, ou seja, pelo prefixo en + o radical de palavras que tenham o ch (enchente, encher e seus derivados = prefixo en + radical de cheio; encharcar = en + radical de charco; enchiqueirar = en + radical de chiqueiro; enchapelar = en + radical de chapéu; enchu- maçar = en + radical de chumaço).

EXCEÇÃO: Em relação à regra da sílaba "me", uma exceção é O SUBSTANTIVO "mecha"; não confundir com a forma verbal "mexa" do verbo mexer que deve ser grafada com x.

➔ Nas palavras de origem indígena ou africana e nas palavras inglesas aportuguesadas. Exemplos: xavante, xingar, xique-xique, xará, xerife, xampu.

Outras palavras com X: bexiga, bruxa, caxumba, laxativo, laxante, maxixe, paxá, muxoxo, quixotesco, rixa, xarope, xícara, xucro, xereta, capixaba, faxina, lixo, graxa, praxe, puxar, relaxar, roxo, xaxim, xenofobia.

Outras palavras com CH: charque, chiste, chicória, chimarrão, ficha, cochicho, cochichar, estrebuchar, fantoche, flecha, inchar, pechincha, pechinchar, penacho, salsicha, broche, arrocho, apetrecho, bochecha, brecha, chuchu, cachimbo, comichão, chope, chute, debochar, fachada, fechar, linchar, mochila, piche, pichar, tchau.

Existem vários casos de **palavras homófonas**, isto é, palavras que possuem a mesma pronúncia, mas a grafia diferente. Nelas a grafia se distingue pelo contraste entre o **x** e o **ch**.

Exemplos:
- brocha (pequeno prego)
- broxa (pincel para caiação de paredes)
- chá (planta para preparo de bebida)
- xá (título do antigo soberano do Irã)
- chalé (casa campestre de estilo suíço)
- xale (cobertura para os ombros)
- chácara (propriedade rural)
- xácara (narrativa popular em versos)
- cheque (ordem de pagamento)
- xeque (jogada do xadrez)
- cocho (vasilha para alimentar animais)
- coxo (capenga, imperfeito)
- tacha (mancha, defeito; pequeno prego); daí "tachar": colocar defeito ou nódoa em alguém ou em algo.)
- taxa (imposto, tributo); daí "taxar": cobrar impostos.

[Veja mais palavras homófonas na seção **PARÔNIMOS**]

XVII. PONTUAÇÃO

É o conjunto de sinais gráficos que possui basicamente duas funções: representar, na língua escrita, as pausas e a entoação da língua falada, na tentativa de reconstituir o movimento vivo, recursos rítmicos e melódicos que a oralidade possui e dividir as partes do discurso que não têm entre si uma íntima relação sintática.

EMPREGO DOS SINAIS GRÁFICOS

VÍRGULA (,)

Emprega-se a vírgula nos seguintes casos:

1. para separar termos da mesma função sintática;

Exemplos:
Pedro, João, Mateus e Tiago eram alguns dos apóstolos de Jesus. (Pedro, João, Mateus e Tiago exercem a mesma função sintática nessa oração, ou seja, a de sujeito.)
Ana vendeu um sofá, duas poltronas, uma estante e uma mesinha. (sofá, poltronas, estante e mesinha funcionam, aqui, como objetos diretos da oração.)

Observações: Quando as conjunções **"e", "ou"** e **"nem"** vierem repetidas numa enumeração, dando ênfase ao que se diz, costuma-se separar os termos coordenados.
Exemplos:
Abrem-se lírios, e jasmins, e rosas, e cravos...
Ou você presta atenção à aula, ou você conversa, ou você sai da sala.
Nem eu, nem tu, nem qualquer outra pessoa resolverá este caso.

Quando se usa a conjunção **"ou"** para indicar equivalência entre dois termos, pode-se ou não empregar-se uma vírgula antes da conjunção e outra depois da palavra que indica equivalência.
Exemplos:
Cláudia, ou sua irmã, deverá ser a oradora da turma.
Cláudia ou sua irmã deverá ser a oradora da turma.

Torna-se necessária a vírgula antes da conjunção **"e"** quando servir para separar orações coordenadas que tenham sujeitos diferentes.
Exemplos:
A primavera despertava as flores, e os coqueiros balançavam preguiçosos ao vento. (Neste exemplo, o "e" não está ligando flores a coqueiros, pois este termo é sujeito da forma verbal balançavam, e flores é objeto direto de DESPERTAva que tem como sujeito a palavra primavera.)
Ele dizia muitas coisas, e sua esposa só ouvia.

2. para isolar o objeto direto anteposto ao verbo nas construções em que ele aparece também com sua forma pleonástica;

Exemplos:
A mesa, nós a empurraremos.
(A mesa = objeto direto / pronome a = objeto direto pleonástico)

O homem, fê-lo Deus à sua semelhança.
(O homem = objeto direto / lo = objeto direto pleonástico)

Os sapatos, João os comprou na C&A.
(Os sapatos = objeto direto / os = objeto direto pleonástico)

3. para isolar o aposto explicativo;

Exemplos:
Alice, a diretora, estava muito feliz. (aposto = a diretora)
Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, foi enforcado por lutar pela nossa Independência. (aposto = o Tiradentes)

4. para isolar o vocativo;

Exemplos:
Maria, porque não respondes? (vocativo = Maria)
Ajuda-me, Senhor, neste trabalho. (vocativo = Senhor)

5. para isolar o adjunto adverbial antecipado;

Exemplos:
No campo, a chuva é sempre bem-vinda. (adjunto adverbial = No campo)
Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste. (adjunto adverbial = com fé e orgulho)
Pela manhã, fui ao sítio de meu avô. (adjunto adverbial = Pela manhã)

No entanto, quando o adjunto for constituído de apenas um advérbio, a vírgula será facultativa.

Exemplos:
Ali várias pessoas discutiam sobre futebol.
Ali, várias pessoas discutiam sobre futebol.
Hoje não comprei o jornal.
Hoje, não comprei o jornal.

6. para se separar a localidade da data, e nos endereços;

Exemplos:
Rio de Janeiro, 31 de julho de 1957.
Rua Barata Ribeiro, 200, ap. 101, Copacabana.

7. para marcar a supressão do verbo numa oração (zeugma);

Exemplos:
Eu fui de ônibus; ela, de avião.
Os valorosos levam as feridas; e os venturosos, os prêmios.

8. para separar orações coordenadas assindéticas, isto é, separar orações que não apresentam conjunções que as interliguem;

Exemplos:
Acendeu um cigarro, cruzou as pernas, estalou os dedos.
Vim, vi, venci.

9. para separar as orações coordenadas sindéticas adversativas, conclusivas e explicativas;

Exemplos:
Não me disseste nada, mas eu vi tudo.
Ana namorava Carlos, entretanto não o amava.
Tu és homem, logo és mortal.
Estou com o mapa no carro, portanto não errarei o caminho.
Venha, que já é tarde.
Não fumes aqui, porque é perigoso.
Volte amanhã, pois o diretor não o atenderá hoje.

10. para isolar certas expressões exemplificativas e de retificação;

Exemplos:
Além disso, por exemplo, isto é, ou seja, a saber, aliás, digo, minto, ou melhor, ou antes, outrossim, com efeito, a meu ver, por assim dizer, por outra, etc.

11. para isolar o predicativo deslocado;

Exemplos:
A mulher, desesperada, correu em socorro do filho.
Desesperada, a mulher correu em socorro do filho.
Cansados, os meninos dormiram mesmo no chão.
Os meninos, cansados, dormiram mesmo no chão.

12. para isolar certas conjunções deslocadas;

Exemplos:
Naquele dia, porém, não pude vir. (todavia, contudo, entretanto, No entanto, etc.)
Observação: Quando a conjunção "pois" for conclusiva, virá sempre depois do verbo da oração a que pertence e, portanto, isolada por vírgulas.
Exemplo: As jóias não eram, pois, tão valiosas assim.

13. para isolar as orações intercaladas;

Exemplos:
Amanhã mesmo vou embora, assegurou Rogério, batendo a porta da rua.
Ele sabia que, mesmo comprometendo a sua segurança, precisava fazer a denúncia.
Observação: Neste caso, também é possível substituir as vírgulas por travessões.

14. para isolar as orações subordinadas adjetivas explicativas;

Exemplos:
Léa, que tem manias estranhas, entrou na sala agora.
O homem, que se considera racional, muitas vezes age animalescamente.

15. para separar as orações subordinadas adverbiais, principalmente quando antepostas à principal (Exceção das comparativas).

Exemplos:
Quando se levantou, os seus olhos tinham uma imensa paz.
Se chover muito, não irei à casa de Paula.
Apesar de ter ido ao passeio, ela não se alegrou.
Ana é tão inteligente como a irmã.

Observações:
_ Pode-se separar as orações adjetivas restritivas quando muito extensas no período ou no encontro dos verbos;
Exemplos:
As famílias que se estabeleceram naquela favela de pequenas e sujas vielas, estão preocupadas com os bandidos.
O homem que falou, representou-me na reunião.

_ São também separadas por vírgulas as orações reduzidas de infinitivo, de gerúndio e de particípio que se antepõem à oração principal.
Exemplos:
Marchar mais e mais, insistia o sargento.
Sendo muitos os problemas, resolva-os sempre um por um.
Incentivado, viajou para Londres.

_ Quando houver um parêntese no período, no lugar em que já exista uma vírgula, esta se coloca depois do parêntese fechado, uma vez que este sempre esclarece o que ficou antes da vírgula, e não o que vem depois dela.
Exemplo:
Estava Mário em sua casa (nenhum prazer sentia fora dela), quando ouviu gritos na rua.

CASOS EM QUE NÃO SE DEVE EMPREGAR A VÍRGULA

A) Não se deve separar por vírgula o sujeito de seu predicado, os verbos de seus complementos e destes os adjuntos adverbiais se vierem na ordem direta.

Ordem direta ➔ SUJEITO + VERBO + COMPLEMENTOS + ADJUNTOS ADVERBIAIS

Exemplos:
Pedro, comprou um livro no sebo. (errado)
Pedro comprou, um livro no sebo. (errado)
Pedro comprou um livro, no sebo. (errado)
Pedro comprou um livro no sebo . (certo)

B) Segundo alguns gramáticos mais antigos, não se deve colocar vírgula antes de **"etc",** pois se trata de letras que abreviam a expressão latina "et cetera", que significa **"e outras coisas", "e o resto", "e assim por diante".** Nesse sentido, também é condenável o uso da conjunção **"e"** antes de ETC.

Exemplos:
Sandra comprou blusas, calças, meias e etc. (condenado)
Sandra comprou blusas, calças, meias etc. (aceito)

No entanto, o Acordo Ortográfico que está vigindo no Brasil determina que se use, obrigatoriamente, a vírgula antes de etc.

Exemplo:
Acordou, tomou café, tomou banho, etc.

Quando a frase termina com **"etc.",** basta colocar um ponto, que acaba tendo duplo papel: o de marcar a abreviatura da expressão e o de encerrar o período. É o que se vê nos dicionários e no "Formulário Ortográfico Oficial" em todos os casos em que se emprega essa abreviatura.

PONTO-E-VÍRGULA (;)

Este sinal serve de intermediário entre o ponto e a vírgula, aproximando-se ora mais de um ora mais de outro, segundo os valores pausais e melódicos que representa no texto. Apesar da imprecisão deste sinal, pode-se estabelecer alguns empregos para ele.

1. Serve para separar orações coordenadas com certa extensão e que possuam a mesma estrutura sintática, sobretudo, se possuem partes já divididas por vírgulas;

Exemplos:
Das graças que há no mundo, as mais sedutoras são as da beleza; as mais picantes, as do espírito; as mais comoventes, as do coração.
Nos dias de hoje, é preciso andar com cautela; antigamente, a vida era mais tranqüila.

2. Para separar orações coordenadas assindéticas de sentido contrário;

Exemplos:
Cláudio é ótimo filho; Júlio, ao contrário, preocupa constantemente seus pais.
Uns se esforçam, lutam, criam; outros vegetam, dormem, desistem.

3. Para separar orações coordenadas adversativas e conclusivas quando se deseja (com o alongamento da pausa) acentuar o sentido adversativo ou conclusivo dessas orações;

Exemplos:
Pode a virtude ser perseguida; mas nunca desprezada.
Estudei muito; não obtive, porém, resultados satisfatórios.
Ele anda muito ocupado; não tem, por isso, respondido às suas cartas.

Observação: Em certos casos, a ênfase dada a essas orações pode pedir o emprego do ponto em lugar do ponto-e-vírgula.
Exemplo:
O exame de física foi bastante difícil. Entretanto, o de português foi bem melhor.

4. Para separar os diversos itens de uma lei, decreto, portaria, regulamento, exposição de motivos, etc;

Exemplo:
Artigo 187
O processo será iniciado:
I - por auto de infração;
II - por petição do contribuinte interessado;

5. Para separar itens diferentes de uma enumeração;

Exemplo:
O Brasil produz café, milho, arroz; cachaça, cerveja, vinho. (Separando gêneros alimentícios de bebidas)

6. Para separar os itens de uma explicação.

Exemplo:
A introdução dos computadores pode acarretar duas conseqüências: uma, de natureza econômica, é a redução de custos; a outra, de implicações sociais, é a demissão de funcionários.

PONTO (.)

O ponto assinala a pausa máxima da voz. Serve para indicar o término de uma oração absoluta ou de um período composto. Quando os períodos simples e compostos mantêm entre si uma seqüência do pensamento, serão separados por um ponto chamado de "ponto simples"; e o período seguinte que expressa uma conseqüência ou uma continuação do período anterior será escrito na mesma linha. Porém, se houver um corte, uma interrupção na seqüência do pensamento, o período seguinte se iniciará na outra linha, sendo o ponto do período anterior chamado de "ponto parágrafo".

Finalmente, quando um ponto encerra um enunciado, dá-se o nome de "ponto final".

O ponto serve ainda para abreviar palavras.

Exemplo: V. S. = Vossa Senhoria; prof. = professor, etc.

DOIS PONTOS (:)

Serve para marcar uma sensível suspensão da voz na melodia de uma frase não concluída. Emprega-se nos seguintes casos:

1. Antes de uma citação;

Exemplos:
Como ele nada dissesse, o pai perguntou:
- Queres ou não queres ir?
Disse Machado de Assis: "A solidão é oficina de idéias."

2. Antes de uma enumeração;

Exemplo:
Tínhamos dezenas de amigos: Pedro, João, Carlos, Luís, mas nenhum deles entendeu nosso problema.

3. Antes de uma explicação, uma síntese ou uma conseqüência do que foi enunciado, ou ainda antes de uma complementação.

Exemplos:
A razão é clara: achava sua conversa menos interessante que a dos outros rapazes.
E a felicidade traduz-se por isto: criarem-se bons hábitos durante toda a vida.
No quartel, quem manda é o sargento: só nos cabe ouvir e obedecer.
Aquela mãe preocupava-se com uma coisa só: o futuro dos filhos.
"Não sou alegre nem sou triste: sou poeta." (C. Meireles)

Observação: Nos vocativos de cartas, ofícios, etc, usa-se vírgula, ponto, dois pontos ou nenhuma pontuação.
Exemplos:
Prezado Senhor,
Prezado Senhor.
Prezado Senhor:
Prezado Senhor

PONTO DE INTERROGAÇÃO (?)

É um sinal que indica uma pausa com entoação ascendente. Emprega-se nos seguintes casos:

1. Nas interrogações diretas;

Exemplos:
Quem vai ao teatro hoje?
Que é Deus?

2. Pode-se combinar o ponto de interrogação com o ponto de exclamação quando a pergunta também expressar uma surpresa;

Exemplo:
- Ana desmanchou o noivado de cinco anos.
- Por quê?!

3. Quando houver dúvida na pergunta, costuma-se colocar reticências após o ponto de interrogação.

Exemplos:
- Então?... Qual o caminho que devemos seguir?...
- E você também não sabe?...

PONTO DE EXCLAMAÇÃO (!)

Neste sinal, a pausa e a entoação não são uniformes, já que somente no contexto em que está inserida a frase exclamativa poderemos interpretar a intensão do escritor, pois são várias as possibilidades da inflexão exclamativa como, por exemplo, as frases que exprimem espanto, surpresa, alegria, entusiasmo, cólera, dor, súplica, etc.

Normalmente se emprega nos seguintes casos:

1. Depois de interjeições ou de termos equivalentes como os vocativos intensos, as apóstrofes;

Exemplos:
- Ai! Ui! - gritava o menino.
- Credo em cruz! - gemeu Raimundo.
- Adeus, Senhor!
"Ó Pátria amada, idolatrada,
Salve! Salve!"

2. Depois de um imperativo;

Exemplos:
- Não vai! Volta, meu filho!
- Direita, volver!
Não matarás!

Observação: Para acentuar a inflexão da voz e a duração das pausas pedidas por certas formas exclamativas, pode-se empregar os seguintes recursos:

A) Combinar-se o ponto de exclamação ao de interrogação quando a entoação numa frase interrogativa for sensivelmente mais exclamativa.
Exemplo:
Para que você veio me contar essas histórias a esta hora da noite!?

B) Emprega-se a combinação acima mais reticências para dar à frase mais um matiz: o da incerteza.
Exemplo:
- Coitado! Envolvido com drogas, quem poderá dizer como acabará!?...

C) Repete-se o ponto de exclamação para marcar um reforço especial na duração, na intensidade ou na altura da voz.
Exemplo:
- Canalhas!!! Não escaparão à Justiça Divina!!!

Observação: Deve-se evitar usar este recurso quando se enviar um texto para uma pessoa cega que utilize computador com ledores de tela (como o do Sistema DOSVOX), que interpretam estes pontos repetidos apenas como sinais de pontuação, não dando à palavra ou à frase antecedidas por eles nenhuma entoação especial. Torna-se, neste sentido, obviamente desnecessária e mesmo inútil o emprego repetitivo dos pontos de interrogação e exclamação, posto que isto causará somente um extremo incômodo aos ouvidos dos leitores/ouvintes cegos.

RETICÊNCIAS (. . .)

Serve para marcar a suspensão da melodia na frase. Emprega-se em casos muito variados como:

1. Para interromper uma idéia, um pensamento, a fim de se fazer ou não, logo após, uma consideração;

Exemplo:
- Quanto ao seu pai... às vezes penso... Mas asseguro-lhe que é verdade quase tudo que se contam por aí sobre homens que enriqueceram facilmente.

2. Para marcar suspensões provocadas por hesitação, surpresa, dúvida ou timidez de quem fala. E ainda, certas inflexões de alegria, tristeza, cólera, ironia, etc.

Exemplos:
- Rapaz, veja lá... pensa bem no que vai fazer... - alertou o amigo.
- Você... aí sozinha... não tem medo de ficar na rua a esta hora?
- Eu... eu... queria... um agasalho - respondeu soluçando o mendigo.
- Há quanto tempo não o via... lágrimas vieram-lhe aos olhos... foi um encontro inesquecível.

3. Para indicar que a idéia contida na frase deve ser completada pela imaginação do leitor;

Exemplos:
"Duas horas te esperei.
Duas mais te esperaria.
Se gostas de mim, não sei...
Algum dia há de ser dia."
(F. Pessoa)

4. Para indicar uma interrupção brusca da frase;

Exemplos:
(Um personagem corta a fala de outro)
- A senhora ia dizer que...
- Nada... Esquece tudo isto.

Observações:

A) Se a fala do personagem continua depois da interrupção, costuma-se colocar reticências no início da frase.

Exemplo:
- Eu pedi que fizesse a lição...
- Que lição? Não há lição alguma.
- ...a lição sobre a vida de Ghandi.

B) As reticências podem formar uma linha inteira de pontos para indicar a supressão de palavras ou de linhas omitidas na cópia ou tradução de uma obra. Podem ainda vir entre parênteses no início e no fim de um trecho selecionado.

PARÊNTESES ( )

São empregados para intercalar, num texto, qualquer indicação ou informação acessória de caráter secundário.

Exemplos em que se empregam os parênteses:

1. Numa explicação;

Beto (tinha esse apelido desde criança) não gostava de viajar.

2. Numa reflexão, num comentário à margem do que se afirma;

Jorge mais uma vez (tinha consciência disso) decidiu seu destino ao optar pela mudança de país.

3. Numa manifestação emocional expressa geralmente em forma exclamativa ou interrogativa;

"Havia escola, que era azul, e tinha um mestre mau, de assustador pigarro... (Meu Deus! Que isto? Que emoção a minha quando estas coisas tão singelas narro?)"

4. Nas referências a datas, indicações bibliográficas, etc;

Kardec revela-nos em "O Livro dos Espíritos" (1857) os mistérios do Mundo Invisível.

5. Numa citação na língua de origem;

Como disse alguém: "A natureza não dá saltos" (natura non saltit).

Observações:
A) Os parênteses podem ser usados também para isolar orações intercaladas, sendo mais freqüentes, no entanto, para este fim, as vírgulas e os travessões.
Exemplo:
Mais uma vez (contaram-me) a policia tinha conseguido deitar a mão naquele perigoso bandido.

B) Os parênteses muito longos devem ser evitados, pois prejudicam a clareza do período. Na leitura, a frase que vem entre parênteses deve ser pronunciada em tom mais baixo. Na escrita, a frase inicia-se por maiúscula somente quando constituir oração à parte, completa, contendo uma consideração ou pensamento independente. Neste caso, é comum se colocar os parênteses depois do ponto final.
Exemplo:
"Existem jovens, por exemplo, que só conseguem crescer se tiverem uma sogra tirana. (É bastante comum Afrodite "surgir" em sogras. A madrasta má é outro exemplo.)"

C) O asterisco entre parênteses chama a atenção do leitor para alguma observação ou nota final da página ou do texto.

ASPAS (“ “)

São empregadas nos seguintes casos:

1. No início e no fim de uma citação ou transcrição literária;

Exemplo:
Fernando Pessoa nos revela em um de seus poemas que Júlio César definiu bem toda a figura da ambição quando disse: "Antes o primeiro na aldeia do que o segundo em Roma".

2. Para fazer sobressair palavra ou expressões que, geralmente, não são comuns à linguagem normal (estrangeirismos, arcaísmos, neologismos, gírias, etc.).

Exemplos:
O Sistema DOSVOX é um "software" especial para cegos.
Os escravos chamavam meu bisavô de "sinhô" ou "nhonhô".
O diretor daquela escola pública, para todos os alunos, era considerado
"sangue bom".

3. Para realçar o significado de qualquer palavra ou expressão, ou para marcar um sentido que não seja o usual;

Exemplos:
O vocábulo "que" pode ser analisado de várias maneiras.
Ela deu um "espetáculo" no saguão do prédio. (A palavra ESPETÁCULO aqui tem o sentido de ESCÂNDALO.)

Observação: As aspas também podem ser empregadas no lugar dos travessões em diálogos quando da mudança de interlocutor.
Exemplos:
"Vamos mudar de assunto", disse eu.
"OK, vamos então falar de amor?" replicou Clara.
"Boa idéia!" concordei, sorrindo-lhe.

4. Para fazer sobressair o título de uma obra literária, musical, etc.

Exemplos:
Adorei ler "Nosso Lar", de André Luiz.
Você gostou do disco "Sozinho", do Caetano Veloso?

Observação: Quando as aspas abrangem parte do período, o sinal de pontuação é colocado depois delas:

Na política, ainda são bastante numerosos os "partidários do Brizolismo".
Quando, porém, as aspas abrangem todo o período, o sinal de pontuação é colocado antes delas:
"Nem tudo que reluz é ouro."

Quando já existe aspas numa citação ou numa transcrição, devemos usar a "aspa simples" ('), ou negrito, ou ainda letras de outro tipo para destacar o termo ou expressão desejados:

Aquele crítico de arte declarou assim: "Todos admiravam o 'feeling' daquele artista".

TRAVESSÃO (_)

Emprega-se nos seguintes casos:

1. Para indicar, nos diálogos, a mudança de interlocutor;

Exemplo:
- Você tem religião?
- Sim, a do Amor.

2. Para isolar, num contexto, palavras ou orações intercaladas;

Exemplo:
O presidente declarou - e nem sabemos quanto lhe custou essa decisão - que estava renunciando.

3. Para dar mais realce a uma expressão ou oração, pode-se empregar o travessão em lugar dos dois pontos;

Exemplo:
Era mesmo o meu quarto - a roupa da escola no prego atrás da porta, o quadro da santa na parede...

4. Para substituir um termo já mencionado (uso comum nos dicionários).

Exemplo:
pé, s. m.: parte inferior do corpo humano; - de-moleque: doce feito de amendoim.

ASTERISCO (*)

Serve para chamar a atenção do leitor para alguma nota ao final da página ou do capítulo.

XVIII. REGÊNCIA NOMINAL.

REGÊNCIA NOMINAL é a relação existente entre um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) e os termos regidos por esse nome. A Regência Nominal determina qual é a preposição que devemos usar. Observe que não há regras específicas, pois a regência de uma palavra é um caso particular. Cada palavra pede seu complemento e rege sua preposição.

Exemplos:
Ela fez referência (substantivo) a este evento (complemento nominal).
(Quem faz referência faz referência a alguma coisa)

Eles tem necessidade (substantivo) de dinheiro (complemento nominal).
(Quem tem necessidade tem necessidade de alguma coisa)

A seguir, você terá vários nomes acompanhados da preposição ou preposições que regem. Procure associar esses nomes entre si ou aos verbos de que derivam.

SUBSTANTIVOS:

admiração a, por;	devoção a, para com, por;	medo a, de;
aversão a, para, por;	doutor em;	obediência a;
atentado a, contra;	dúvida acerca de, em, sobre;	ojeriza a, por;
bacharel em;	horror a;	proeminência sobre;
capacidade de, para;	impaciência com;	respeito a, com, para com, por.

Observação: O substantivo medo rege também a preposição **"a",** mas surge mais freqüentemente acompanhado da preposição **"de".**

ADJETIVOS:

acessível a;	desejoso de;	liberal com;	propício a;
contíguo a;	idêntico a;	benéfico a;	semelhante a;
generoso com;	análogo a;	essencial a, para;	passível de;
acostumado a, com;	diferente de;	natural de;	próximo a, de;
contrário a;	impróprio para;	capaz de, para;	sensível a;
grato a, por;	ansioso de, para, por;	fácil de;	preferível a;
afável com, para com;	entendido em;	necessário a;	relacionado com;
curioso de, por;	indeciso em;	compatível com;	sito em;
hábil em;	apto a, para;	fanático por; nocivo a;	prejudicial a;
agradável a;	equivalente a;	contemporâneo a, de;	relativo a;
descontente com;	insensível a;	favorável a;	suspeito de;
habituado a;	ávido de;	paralelo a;	prestes a;
alheio a, de;	escasso de;	parco em, de;	satisfeito com, de,

ADVÉRBIOS:
longe de; perto de.
Os advérbios terminados em **"-mente"** tendem a seguir o regime dos adjetivos de que são formados:
paralela a, paralelamente a; relativa a, relativamente a.
Quando o complemento de um nome ou verbo tiver a forma de oração reduzida de infinitivo, não se deve fazer a contração da preposição com o eventual sujeito desse infinitivo. A preposição, afinal, introduz toda a oração, e não apenas o sujeito dela. É bom lembrar que o sujeito jamais é introduzido por preposição.

Exemplos:
Existe a possibilidade de eles participarem (e não "deles participarem") do festival de música.
É hora de as noções de civilização contaminarem as mentes e gestos dos brasileiros. (e não "das noções")

A questão consiste em os brasileiros adotarem medidas mais rigorosas contra as infrações de trânsito. (e não "consiste nos ")

XIX. REGÊNCIA VERBAL

REGÊNCIA é a relação necessária que se estabelece entre duas palavras, uma das quais servindo de complemento a outra (dependência gramatical).

TERMO REGENTE ➔	palavra principal a que outra se subordina.
TERMO REGIDO ➔	palavra dependente que serve de complemento e que se subordina ao TERMO REGENTE.

Assim, a relação entre o verbo (termo regente) e o seu complemento (termo regido) chama-se **REGÊNCIA VERBAL**, orientada pela transitividade dos verbos que podem se apresentar diretos ou indiretos, ou seja, exigindo um complemento na forma de objeto direto ou indireto.

Lembrando que o **OBJETO DIRETO** é o complemento do verbo que não possui preposição e que também pode ser representado pelos pronomes oblíquos "o, a, os, as". Já o **OBJETO INDIRETO** vem acrescido de preposição e igualmente pode ser representado pelos pronomes "lhe, lhes". Cuidado, porém, com alguns verbos, como **"ASSISTIR** e **ASPIRAR**", que não admitem o emprego desses pronomes.

Os pronomes **"me, te, se, nos** e **vos"** podem, entretanto, funcionar como objetos diretos ou indiretos.

ATENÇÃO: Muitas vezes alguns verbos podem apresentar diferentes regências sem que seus sentidos sejam alterados ou, ao contrário, acarretando diferentes significados e acepções.

REGÊNCIA DE ALGUNS VERBOS:

- ABRAÇAR.
Pede objeto direto.
Exemplos:
Abracei Michele carinhosamente em seu aniversário.
Pelo meu elogio, Pedro abraçou-me agradecido.

Observação: Este verbo pode aparecer com outras regências que não acarretam mudança no sentido, mas que introduzem matizes especiais de significação.
Exemplos:
Meio tonto, Lucas abraçou-se ao poste.
Para caminhar com mais apoio, Ana abraçou-se em mim.
Comemorando a vitória, Luís abraçava-se com o pai.

- ACONSELHAR.
Pede objeto direto e indireto no sentido de "dar e tomar conselhos, entrar em acordo".
Exemplos:
Aconselho você a não sair de casa hoje por causa da chuva.
Aconselhei à Isabel um bom caminho para ir à praia.
Aconselhamos João sobre os malefícios do fumo.
Aconselhei-me com o juiz sobre o meu processo.
Depois nos aconselharemos no que mais nos convier.
Aconselharam-se para me trair.

- AGRADAR.
Pede objeto direto no sentido de "acariciar, fazer agrados".
Exemplos:
O pai agradava o filho antes de sair para o trabalho.
Sempre agradei minhas namoradas com meus elogios. (agradá-las)

Pede objeto indireto no sentido de "ser agradável, contentar, satisfazer".
Exemplos:
A resposta não agradou ao professor.
Tenho certeza de que este livro não lhe agradará.
A piada não agradou à platéia.

- AGRADECER.
Pede objeto direto e indireto.
Exemplos: (AGRADECER ALGUMA COISA A ALGUÉM)
Agradeci A Deus a cura de minha mãe.
Agradeceu-me comovido o presente.

Observação: Agradecer a alguém "por alguma coisa" é incorrer em italianismo, forma perfeitamente dispensável.

- AJUDAR.
Pede objeto direto e indireto.
Exemplos:
Ajudo meu irmão em seu escritório.
Ajudei-o a resolver aqueles problemas.

- APOIAR-SE.
Pede objeto indireto.
Exemplos:
Para não cair, Carlos apoiou-se ao muro.
Ela apóia-se à mesa para escrever.
Apoiamo-nos em documentos para provar o que dissemos.
Apoiei-me sobre a perna direita ao descer do ônibus.

- ANTIPATIZAR / SIMPATIZAR

Pedem objeto indireto, iniciado pela preposição "com".
Exemplos:
Antipatizei com aquela secretária.
Simpatizo com as idéias daquele partido.

Observação: Esses verbos não são pronominais. Assim, não se deve dizer: "antipatizei-me com ela" ou "simpatizei-me com ela".

- ASPIRAR.

Pede objeto direto quando significa "respirar, sorver, absorver".
Exemplos:
Aspirei muita poeira, limpando aqueles livros velhos.
Ao abrir a janela, aspirei o ar puro da manhã.

Pede objeto indireto no sentido de "ambicionar, pretender, desejar".
Exemplos:
Ele sempre aspirou ao cargo de presidente da República.
Todos aspiram a uma vida melhor.

Observação: Neste caso, não se admite o pronome átono "lhe" que deve ser substituído pelas formas "a ele, a ela", etc.
Exemplo: Aquele aumento de salário?! Aspiro a ele desde o ano passado.

- ASSISTIR.

Pede objeto direto no sentido de "prestar assistência, ajudar, servir, acompanhar".
Exemplos:
O médico assiste a evolução daquele paciente todos os dias.
A Prefeitura assistiu os moradores daquela favela depois dos desabamentos.

Pede objeto indireto quando significa "prestar atenção, estar presente, presenciar".
Exemplos:
Assistimos ao jogo ontem à noite.
Aquele casal assistiu à queda do avião com indiferença.
Observação: Neste caso, também é exigida a forma "a ele/a ela", quando da substituição do complemento por uma forma pronominal.
Exemplo: Quanto ao julgamento, assistimos a ele preocupados.

Também pede objeto indireto no sentido de "pertencer, caber direito ou razão".
Exemplo: Não lhe assiste o direito de reclamar neste momento.
Observação: Nesta acepção, é aceito como objeto indireto o pronome oblíquo "lhe".

- ATENDER
Pede objeto direto com o significado de "servir, escutar e responder".
Exemplos:
O garçom atendia o freguês com simpatia.
Renato atendeu o telefone logo que ele tocou.

Observação: Com o sentido de "escutar e responder", a regência deste verbo pode apresentar a oposição luso-brasileira "atender algo / atender a algo".
Exemplos: Renato atendeu o telefone / Renato atendeu ao telefone

Pede objeto indireto no sentido de "deferir, cuidar de".
Exemplos:
O juiz atendeu ao requerimento do advogado.
Horácio e Vera atendiam às crianças de sua creche com muito carinho e dedicação.
Todo domingo, um grupo de jovens atendia aos mais necessitados de seu bairro com alimentos e roupas doados.

Pede objeto direto ou indireto, indiferentemente, quando significa "dar ou prestar atenção a, dar audiência a".
Exemplos:
O soldado não atendeu as (às) ordens do sargento.
Janete sempre atendia os (aos) conselhos de sua mãe.
O reitor atenderá a (à) comissão de alunos amanhã.

- ATINGIR
Pede objeto direto.
Exemplos:
A despesa atingiu 50 reais.
Atualmente a informática atinge um progresso espantoso.

- ATIRAR
Pede objeto direto quando significa "arremessar, lançar, arrojar".
Exemplos:
"AQUELE QUE ESTIVER SEM PECADO QUE ATIRE A PRIMEIRA PEDRA!"
Mário gosta de atirar pedras no telhado do vizinho.
Observação: Não se deve confundir objeto indireto com adjunto adverbial.

Pede objeto indireto no sentido de "disparar arma de fogo".
Exemplos:
O alvo a que os soldados atiravam ficava a 300 metros.
Atirem nos inimigos quando eu mandar!

- AUMENTAR
Pede objeto indireto com a preposição "em".
Exemplo: A dívida externa brasileira aumentou em tamanho.

- AVISAR (assim como **CERTIFICAR, INFORMAR, NOTIFICAR, PREVENIR**)
Pede objeto direto e indireto.
Exemplos:
(AVISAR ALGUÉM DE ALGUMA COISA - FORMA MAIS ACEITÁVEL)
Eu avisarei Pedro da sua chegada.
Eu o avisarei...
(AVISAR ALGUMA COISA A ALGUÉM)
Eu avisarei sua chegada a Pedro.
Eu lhe avisarei...

- BATER
Pede objeto direto, significando "bater alguma coisa".
Exemplos:
Ao sair, Marco bateu a porta com violência.
Ela machucou seu dedo, batendo pregos na parede.
Sílvio bateu o carro no poste violentamente.

Pede objeto indireto com o sentido de "bater a, na, pelas portas, bater em alguém, bater sobre".
Exemplos:
Alguém bateu à porta quando eu assistia à televisão.
Alguém bateu na porta da sala com uma bengala.
O mendigo batia pelas portas de várias casas a pedir só um prato de comida.
João foi preso ontem por bater em sua mulher.

- CARECER
Pede objeto indireto.
Exemplos:
(Com o sentido de "precisar, necessitar")
Careço de dinheiro para pagar minhas contas.
Careço do carinho de meus avós que já morreram.

- CARREGAR
Pede objeto direto ou indireto.
Exemplos:
Carreguei o menino no colo o dia todo.
Carreguei com o menino deste lugar perigoso.

- CERTIFICAR (Mesma regência de AVISAR)

- CHAMAR
Pede objeto direto ou indireto - com a preposição "por" como posvérbio - quando significa "fazer vir alguém, convocar, invocar, pedir auxílio".
Exemplos:
O presidente chamou os ministros para uma reunião urgente. (Chamou-os)
Em suas preces, Alzira chamou por todos os santos.
O rapaz chamava pelos colegas para empurrarem o carro.
Quando viu os ladrões, Noeli chamou pela polícia.
De longe, notei que alguém chamava por mim.

Ainda com este sentido, o verbo CHAMAR pode tornar-se intransitivo.
Exemplos:
- Chamou? Perguntou o policial.
- Chamei! Respondeu a moça.

Com o significado de "denominar, apelidar", pede objeto direto ou indireto e predicativo, com ou sem preposição.
Exemplos:
Chamavam Jânio, maluco. / Chamavam Jânio de maluco.
Chamavam a Jânio de maluco. / Chamavam a Jânio, maluco.

- CHEGAR
Pede o emprego da preposição "a"; contudo, já é bastante usual na linguagem coloquial brasileira o emprego da preposição "em".
Exemplos:
Ele chegou ao (no) colégio atrasado.
Bete chegou a (em) casa de madrugada.

Observação: Em "Cheguei na hora exata", a preposição "em" está empregada corretamente, porque indica tempo, e não lugar.

- CERTIFICAR (ver **AVISAR**)

- COMUNGAR
Pede objeto direto com o sentido de "dar comunhão.
Exemplo:
O padre comungou meus pais hoje. (Comungou-os)

Com o significado de "estar de acordo, participar", pode vir com preposição, como pósverbio.
Exemplos:
Eles comungavam às (das/nas/com as) mesmas idéias.
Gabeira voltou ao Brasil para comungar das (com as/nas) liberdades e dos direitos e deveres democráticos.

- CONFRATERNIZAR
Pede objeto indireto.
Exemplo:
Os jogadores confraternizaram com a torcida após a conquista do campeonato.

Observação: O verbo confraternizar já indica reciprocidade. Portanto, o pronome "se" é perfeitamente dispensável.

- CONHECER
Pede objeto direto.
Exemplos:
Eu conheço aquela menina de algum lugar. (Eu a conheço)

- CONSTITUIR (-SE)
O verbo constituir é transitivo direto.
Exemplo:
Esses capítulos constituem o núcleo do romance.

O verbo constituir-se rege a preposição "em": Esses capítulos constituem-se no núcleo do romance.

- CONTENTAR
Pede objeto direto quando significa "agradar, satisfazer".
Exemplos:
Fiz o possível para contentar meus filhos neste Natal.
Não consegui contentá-la com meu presente.

Com o sentido de "ficar contente", o verbo é pronominal, apresentando-se com as preposições "com, de, em".
Exemplos:
Contento-me com poucas coisas.
Contentou-se em/de viajar amanhã para a Europa.

- CONTRIBUIR

Quando se usar o verbo "contribuir", a preposição "com" deverá introduzir o meio utilizado para a contribuição (dinheiro, mão-de-obra, mantimentos, roupas, etc.); já a preposição "para" introduzirá o beneficiário da contribuição, ou seja, a quem será destinado o elemento material da contribuição. Deve-se dizer, pois, que alguém contribui com algo para alguém.

Exemplos:

Ele contribuiu com dinheiro para as vítimas das enchentes.

Pedro contribuirá com sua experiência de pedreiro para a reforma da escola.

- CONVIDAR

Pede objeto direto.

Exemplos:

Convidarei Bruna para sairmos hoje.

Cláudia não o convidou para a festa.

- CUSTAR

Pede objeto direto quando significa "valer, ter um preço".

Exemplos:

Este carro esporte custa cem mil dólares.

Quanto custou esse livro?

Quando significa "ser difícil", pede objeto indireto e vem sempre na terceira pessoa, tendo como sujeito uma oração, geralmente reduzida de infinitivo.

Exemplos:

Custa-me ir trabalhar de trem todos os dias.

Custam aos alunos esses exercícios de geometria (Custam-lhes)

Se o verbo vem seguido de um infinitivo, este pode vir ou não precedido da preposição "a".

Exemplos:

Custou-me (a) resolver esses problemas.

Ele há de custar (a) dar o primeiro passo.

Observação: Para valorizar a pessoa a quem um fato apresenta-se difícil, ou ainda tendo o sentido de "tardio, demorado", a linguagem coloquial põe-na como sujeito da oração.

Exemplos:

Custei (a) resolver esses problemas.

Custamos (a) acreditar que aquilo era verdade.

- DEPARAR

Pede objeto direto quando significa "fazer aparecer".

Exemplo:

Qual é o santo que depara as coisas perdidas?

Pede objeto indireto no sentido de "encontrar com alguém de repente".
Exemplo:
Ana deparou com seu pai na rua.

É pronominal, significando "vir, chegar, surgir inesperadamente".
Exemplo:
Deparou-se-lhe uma ótima chance de emprego.

- DESCULPAR
Pede objeto direto e indireto, possuindo os sentidos de "pedir desculpas, perdoar e justificar".
Exemplos:
(PERDOAR ALGUÉM DE OU POR ALGUMA COISA)
Desculpe-me de (por) ter gritado com você.
Ao chegar, Antônio desculpou-se da (pela=por+a) demora.
Desculpei meu irmão de (por) me ter ofendido. (Desculpei-o)
Toda mãe sempre desculpa os erros de seus filhos.

- DIGNAR-SE (pronominal, que no padrão culto rege a preposição "de")
Exemplos:
Ele não se dignou de dizer a verdade.
O deputado nem se dignou de nos responder.

Observações: É comum, em textos formais, encontrar esse verbo com a preposição "de" elíptica.
Ex.:
O Presidente se dignou ouvir nossas reivindicações.

Normalmente, esse verbo, na linguagem corrente, é usado com as preposições "em" ou "a", sendo esse uso inadequado, já que não é aprovado por gramáticos e dicionaristas.

- ENCONTRAR
Pede objeto direto quando significa "achar, avistar".
Exemplo:
Só hoje encontrei o livro que tanto procurava.

Pede objeto indireto no sentido de "deparar com alguém, ter ou marcar um encontro".
Exemplo:
Encontramos com João no cinema.

É pronominal quando significar "estar, achar-se em".
Exemplo:
A secretária disse que seu chefe encontrava-se em reunião.

- ENSINAR
Pede objeto direto e indireto.
Exemplo:
Ensinei português aos alunos a tarde toda.

- ENTRAR
Pede objeto indireto.
Exemplos:
Entrei na sala de aula.
Entrei de cantor no conjunto do colégio.
Entrei para o coro do teatro.

- ESPERAR
Pede objeto direto.
Exemplo:
Na festa, todos esperavam Pelé.

Observação: Pode-se empregar a preposição "por" como posvérbio, marcando interesse: "Todos esperavam por Pelé."

- ESQUECER
Dependendo do matiz de significação que se queira dar ao verbo, este poderá se apresentar transitivo direto ou indireto e pronominal, acompanhado dos pronomes me, te, se, etc.
Exemplos:
Esqueci o livro sobre a mesa.
Esqueci-me do livro...
Não esqueça as suas tarefas.
Não se esqueça das suas tarefas.
Já esqueci totalmente o latim.
Já me esqueci totalmente do latim.

Na língua do Brasil, no entanto, surgiu uma fusão dessas duas possibilidades: esquecer de algo ou de alguém. Essa forma é usadíssima na fala e encontra registro na escrita, sobretudo quando o complemento de "esquecer" é um infinitivo: "Ia esquecendo de fazer uma confidência importante" (Érico Veríssimo); "Ele esqueceu de ir ao banco"; "Não esqueço de você"; "Não esquecia da saúva" (Mário de Andrade).

Atenção: Se participar de um concurso público, de um vestibular, de uma prova tradicional, você deve considerar erradas as construções do parágrafo anterior, apesar de serem comuns na fala e na escrita brasileiras.

Há ainda a possibilidade de o sujeito do verbo "esquecer" não ser uma pessoa, um ser humano. O sujeito é uma coisa, um fato. Mas coisa No caso, "esquecer" passa a significar "cair no esquecimento". Em "Açores: Férias que nunca esquecem" (frase de um anúncio divulgado em Portugal), o sujeito do verbo "esquecer" é "férias". Elas, as férias, nunca caem no esquecimento.

Em Machado de Assis, encontram-se vários casos desse emprego de "esquecer": "Esqueceu-me apresentar-lhe minha mulher", onde o sujeito de "esqueceu-me" é a oração "apresentar-lhe minha mulher", ou seja, esse fato - o ato de apresentar-lhe minha mulher - caiu no meu esquecimento.

Essa mesma regência vale para "lembrar", isto é, há na língua o registro de frases como "Não me lembrou esperá-la", em que "lembrar" significa "vir à lembrança". O sujeito de "lembrou" é "esperá-la", ou seja, esse fato - o ato de esperá-la - não me veio à lembrança.

- ESTIMAR

Pede objeto direto quando significar "ter afeição ou amizade a, apreciar, avaliar, congratular-se por, ser de opinião, achar".

Exemplos:

Estimo meus sobrinhos como filhos.
Estimava bastante os filmes de Chaplin.
Estimo esse anel em mil dólares.
Estimamos suas melhoras.
Estimei o fim da obra para daqui a dez dias.

Com o sentido de "prezar-se", apresenta-se também como pronominal.

Exemplo:

Normalmente, estima-se todos aqueles que fazem o bem.

- FELICITAR

Pede objeto direto e indireto.

Exemplo:

Felicito-o por (de) ter passado no concurso.

- FUGIR (ESCAPAR)

Pede objeto indireto.

Exemplos:

Fugiu-lhe as forças.
Fugiram ao cerco da polícia.
Ele foge de qualquer briga.

- GOSTAR
Quando sinônimo de "apreciar", pede objeto indireto.
Exemplo:
Ele gostou do almoço que lhe servimos.

Quando significa "degustar, provar, experimentar, saborear",pede objeto direto.
Exemplo:
Ele gostou o vinho.

- IMPLICAR
Pede objeto direto quando significa "acarretar, produzir como conseqüência alguma coisa, pressupor".
Exemplos:
Tua atitude implica prejuízos ao colégio.
Acho que esses novos cálculos implicarão mudanças gerais nas obras.

Com o sentido de "envolver, comprometer", pede objeto direto e indireto.
Exemplos:
(IMPLICAR ALGUÉM EM ALGUMA COISA)
P. C. Farias implicou muita gente em suas falcatruas.

Com o sentido de "ter antipatia, irritação em relação a alguém ou a alguma coisa", pede objeto indireto.
Exemplos:
Dona Maria implicava com todas as crianças do bairro.
Paulo implica com sua irmã caçula o dia todo.

- IMPORTAR
Pede objeto direto com o significado de "fazer vir de país estrangeiro, acarretar".
Exemplos:
O Brasil importa muitos automóveis da Europa.
As guerras importam grandes calamidades.

Pede objeto indireto quando significa:
1. ATINGIR O TOTAL DE;
Exemplo: As despesas importaram em vinte mil dólares.

2. REPRESENTAR;
Exemplo: Só eliminei os erros do texto quando eles importavam em erros gramaticais.

3. DIZER RESPEITO, INTERESSAR;
Exemplo: Estas regras importam a todos que desejam escrever bem.

4. PREOCUPAR-SE, INCOMODAR-SE COM OU DE (pronominal);
Exemplos:
Toda mãe importa-se quando seus filhos saem à noite sozinhos.
Você se importa de ficar aqui hoje?

- INDAGAR
Pede objeto direto e indireto.
Exemplo:
Os alunos indagaram as suas notas baixas do professor.

- INFORMAR (ver **AVISAR**)

- INTERESSAR
Pede objeto direto e indireto quando significa "prender a atenção, despertar a curiosidade".
Exemplo:
Por meio desse novo método, consegui interessá-lo em matemática.

Pede objeto indireto e é pronominal com o sentido de "ser proveitoso, útil, empenhar-se".
Exemplos:
Em função do meu trabalho, interessava-me em residir fora do Rio de Janeiro.
Ele não se interessa nas aulas de física.

- IR
Pede objeto indireto ou complemento circunstancial de lugar.
Exemplos:
Vou a São Paulo.
Fui para a França.

- LEMBRAR
Significando "fazer vir à memória por analogia, sugerir", pede objeto direto.
Exemplo:
Depois da chuva, a estrada lembrava um rio.

Pede objeto direto e indireto quando significa "recomendar, advertir".
Exemplos:
este retrato é para lembrá-la a você.
Lembre seu pai de tomar os remédios na hora certa.

Com o sentido de "recordar, vir à memória, trazer à lembrança", é possível duas formas.
Exemplos:
Lembrei o acidente.
Lembrei-me do acidente.

Observação: Quando o objeto indireto vem expresso por uma oração desenvolvida, o uso da preposição "de" é facultativo. Exemplo: Lembrei-me (de) que devo estudar para a prova hoje.

- MEDITAR
Pede objeto indireto. No entanto,Possui duas regências sem mudança em seu significado.
Exemplos:
(MEDITAR SOBRE OU EM ALGUMA COISA)
À noite, sempre medito sobre (em) minha vida.

- MORAR (RESIDIR)
Em dicionários de regência, como os de Celso Luft e de Francisco Fernandes, vemos que o uso da preposição "a" com os verbos morar e residir é mais comum na linguagem burocrática, apesar de também aparecer em textos literários. Mas só há registros disso antes de rua, praça, avenida (palavras femininas). Não há registro, por exemplo, de "Mora ao Largo da Carioca", "Reside ao Beco do Mota", etc. Já a preposição "em" é inquestionavelmente correta em qualquer desses casos: "Mora na Rua Prudente de Morais", "Reside no Largo do Machado", etc.

- NAMORAR
Pede objeto direto em qualquer das acepções em que ele possa ser tomado.
Exemplos:
Marco namorou Denize por cinco anos.
Ele namorava os doces da vitrine.

Observação: É incorreto empregar a preposição "com" no sentido de "namorar com alguém".

- NOTIFICAR (ver **AVISAR**)

- OBEDECER (DESOBEDECER)
Pede objeto indireto.
Exemplos:
Os alunos obedecem ao professor e às leis do Colégio.
Ela sempre lhe obedece.
Muitos brasileiros ainda desobedecem aos sinais de trânsito.

Apesar de transitivos indiretos, estes verbos admitem a voz passiva analítica.
Exemplos:
Leis devem ser obedecidas.
Regras básicas de civilidade não podem ser desobedecidas.

Observação: Para substituir uma pessoa que apareça como complemento desses verbos, pode-se usar "lhe" ou "a ele / a ela": "Obedeço (desobedeço) ao mestre / Obedeço-lhe (desobedeço-lhe); Obedeço a ele (desobedeço a ele)". Para substituir o que não for pessoa, só se pode usar "a ele / a ela": "Obedeço (desobedeço) ao código / Obedeço (desobedeço) a ele".

- PAGAR
Pede objeto direto e indireto, que podem vir implícitos na frase.
Exemplos:
(PAGAR ALGUMA COISA A ALGUÉM)
Paulo pagou suas dívidas ao Banco.
João não paga aos seus fornecedores há dois meses.
Ele já pagou todo o material da obra.

- PERDOAR
Pede objeto direto de coisa perdoada - que pode estar implícita na frase - e indireto de pessoa a quem se perdoa.
Exemplos:
Perdoei-lhe a falta de educação.
"Perdoai-lhes (as ofensas), Pai! Eles não sabem o que fazem."
Deus perdoa aos pecadores.

- PERSUADIR
Quando significa "levar a crer, induzir a acreditar", pede objeto direto e indireto.
Exemplo:
É preciso persuadir João dessas verdades.

Também com o sentido de "instigar", pede objeto direto e indireto.
Exemplos:
Com esta mentira, persuadiu Lúcia à fugir.
Persuadi-os a deixar de fumar.

- PRESIDIR
Pede objeto indireto.
Exemplo:
O juiz presidiu ao tribunal com mão firme.

- PREFERIR
Pede objeto direto - para aquilo de que se gosta mais - e indireto - para aquilo de que menos se gosta. Junto ao seu objeto indireto, pede a preposição "a".
Exemplos:
(PREFERIR ALGUMA COISA A OUTRA COISA)
Prefiro feijoada a macarronada.
(Compare: "Prefiro a feijoada à macarronada." A presença do artigo "a" antes de feijoada exige que também se empregue outro artigo antes de macarronada, acarretando desse modo o surgimento do fenômeno da crase.)
Prefiro o cinema ao teatro.
Preferimos estudar a não fazer nada.

Observação: O uso da expressão "do que" no lugar da preposição "a" é incorreto. TAMBÉM NÃO SE DEVE EMPREGAR ESTE VERBO COM OS ADVÉRBIOS "mais" e "antes". Assim, é errado dizer: "Eu prefiro jogar bola do que estudar"; "Eu prefiro mais esta camisa que aquela"; "Eu prefiro antes tomar banho e depois jantar".

- PREVENIR (ver **AVISAR**)

- PROCEDER
Significando "iniciar, executar alguma coisa", pede objeto indireto com a preposição "a".
Exemplos:
O juiz procedeu ao julgamento.
Eles procederam à entrega dos prêmios.

Com o sentido de "vir, ter uma procedência", é intransitivo; geralmente acompanhado de um adjunto adverbial de lugar.
Exemplo:
Aquele avião procedia de São Paulo.

Significando "ter um determinado procedimento", também é intransitivo e, normalmente, pode vir acompanhado de um adjunto adverbial de modo.
Exemplo:
Naquele caso, o advogado procedeu corretamente.

Com o significado de "ter fundamento", é intransitivo.
Exemplo:
Esta sua denúncia não procede.

- PROPOR
Pede objeto direto e indireto.
Exemplos:
Eu proponho a vocês formarmos um grupo de debates permanente.
Nós lhe propomos um acordo irrecusável.

- QUERER
Pede objeto direto quando significa "ter intenção de, desejar, ordenar, fazer o favor de".
Exemplos:
Queremos fazer uma homenagem ao nosso professor.
Quero um livro que fale sobre esoterismo.
O sargento queria todos os soldados a postos.

Com o sentido de "ter afeição a alguém ou a alguma coisa", pede objeto indireto.
Exemplos:
Queremos muito a nosso país.
A mãe queria especialmente ao filho caçula.
Eu lhe quero muito bem.

- REPARAR
No sentido de observar, pede objeto indireto (reparar em).
Exemplo:
Fernando reparava nas roupas de Carolina sempre que ela entrava na sala de aula.

Quando o verbo reparar for usado no sentido de "consertar", é TRANSITIVO DIRETO, e seu complemento (objeto direto) não precisa de preposição.
Exemplo:
Carlos reparou o carro para ir a Teresópolis.

- RESIGNAR
Com o significado de "renunciar, desistir", pede objeto direto.
Exemplo:
Jorge resignou o cargo de diretor.

Significando "conformar-se", é pronominal.
Exemplos:
Por acreditar na Justiça Divina, resigno-me com minhas dores.
Resignou-se às tarefas que lhe foram dadas.

- RESPONDER

Pede objeto indireto de pessoa ou coisa a que se responde, e objeto direto do que se responde.
Exemplos:
Isabel respondeu sim ao pedido de casamento de Luiz.
Vou responder-lhe todas as cartas.
O acusado responderá a inquérito.

Observações:
1. Com o significado de "ser submetido a", o emprego do artigo definido é facultativo.
Exemplos:
Ele responderá a inquérito (a inquéritos)
Ele responderá ao inquérito (aos inquéritos)

2. Este verbo também admite voz passiva analítica, desde que o sujeito seja aquilo, e não aquele a que se responde. Ex.: "Todas as perguntas foram respondidas satisfatoriamente.

- SATISFAZER

Pede objeto indireto.
Exemplos:
Satisfaremos ao seu pedido.
Eu lhe satisfaço.

É pronominal no sentido de "contentar-se".
Exemplo:
Satisfez-se com os resultados das provas.

- SOCORRER

Significando "prestar socorro a alguém", pede objeto direto.
Exemplos:
Todos correram para socorrer o pedestre atropelado.
Todos correram para socorrê-lo.

No sentido de "valer-se de alguém, tirar proveito de alguma coisa", pede objeto indireto, iniciado pelas preposições "a" ou "de".
Exemplos:
Socorro-me dos amigos nas dificuldades.
Socorreu-se ao (do) empréstimo para comprar o carro.

- SUCEDER

Pede objeto indireto quando significar "substituir, ser o sucessor de".
Exemplos:
D. Pedro I sucedeu a D. João VI.
Eu lhe sucedi na presidência do grêmio estudantil.

É também pronominal no sentido de "acontecer depois, seguir-se".
Exemplo:
O que se sucedeu ao acidente, ninguém sabe.

Observação: Neste último sentido, o verbo apresenta-se defectivo, sendo conjugado apenas na terceira pessoa do singular e do plural.

- VISAR

Significando "mirar, fazer pontaria, pôr visto em, assinar", pede objeto direto.
Exemplos:
Ele visa o alvo.
Ana não visou o cheque ao fazer aquela compra.
O presidente visaria o documento somente depois que o lesse.

Pede objeto indireto quando significa "pretender, almejar".
Exemplo:
Aquele funcionário visava ao cargo de chefia.

Observação: Aqui também não é aceito o pronome "lhe" como complemento, empregando-se assim as formas "a ele" e "a ela".

SENTIDOS ESPECIAIS DE FRASES COM FORMAÇÕES DIFERENTES.

1. Ele esteve fora dois meses.
Ele esteve fora por dois meses. (idéia reforçada de ininterrupção)

2. Esperar alguém.
Esperar por alguém (idéia de ansiedade)

3. Olhar alguém.
Olhar por alguém. (idéia de zelar, interessar-se)

4. Não faças bobagens.
Não me faças bobagens. (Reforço de interesse)

XX. VERBO

1. EMPREGO DO INFINITIVO.

INFINITIVO IMPESSOAL (INVARIÁVEL).
O infinitivo não deve ser flexionado:

1. Quando apresenta uma idéia vaga, genérica, sem se referir a um sujeito determinado.

Exemplos:
VIVER é LUTAR.
QUERER é PODER.
FUMAR prejudica a saúde.
É proibido COLAR cartazes neste muro.
É preciso LUTAR contra as drogas.
Vale a pena TER fé e esperança sempre.

2. Quando tiver o valor de Imperativo.

Exemplos:
ESCREVER o nome três vezes! (= ESCREVA!)
DIREITA VOLVER! (= VOLVEI!)
SOLDADOS, MARCHAR! (= MARCHAI!)

3. Quando vier como complemento de adjetivo (complemento nominal).

Exemplos:
Esta fruta é fácil de DESCASCAR.
Este vinho é bom de BEBER.
Estamos desejosos de ALCANÇAR a vitória.
Conheci muitas pessoas ávidas por APRENDER.
Eram pessoas difíceis de CONTENTAR.
Aqueles remédios são ruins de TOMAR.
Os CDs que você me emprestou são agradáveis de OUVIR.

No entanto, na voz passiva dos verbos **CONTENTAR, TOMAR** e **OUVIR,** por exemplo, o Infinitivo (verbo auxiliar) deve ser flexionado.
Exemplos:
Eram pessoas difíceis de SEREM contentadas.
Aqueles remédios são ruins de SEREM tomados.
Os CDs que você me emprestou são agradáveis de SEREM ouvidos.

4. Nas locuções verbais.

Exemplos:
Queremos ACORDAR bem cedo amanhã.
Eles não podiam RECLAMAR do colégio.
Elas sabem DESENHAR muito bem.

5. Quando o sujeito do infinitivo é o mesmo do verbo da oração anterior.

Exemplos:
Os estudantes fizeram o possível para conseguir a saída do reitor.
Os ladrões usaram explosivos para abrir o cofre do banco.
Eles foram condenados a pagar pesadas multas.
Aquelas máquinas foram feitas para costurar calças de brim.
Trabalhemos em vez de RECLAMAR.
Devemos SORRIR ao invés de CHORAR.
Tenho ainda alguns livros por (para) PUBLICAR.
Existem muitas contas por (para) PAGAR.

Observação: Quando o infinitivo preposicionado, ou não, preceder ou estiver distante do verbo da oração principal (verbo regente), pode ser flexionado para melhor clareza do período e também para se enfatizar o sujeito (agente) da ação verbal.

Exemplos:
Para se aquecerem, os meninos dormiam juntinhos.
Na esperança de sermos atendidos, muito lhe agradecemos.
Foram dois amigos à casa de outro, em Minas Gerais, a fim de jogarem futebol.
Para ESTUDARMOS, estaremos sempre dispostos.
Antes de NASCEREM, já estão condenadas à fome muitas crianças.
Apesar de ESTARMOS com sede, não bebemos daquela água.
Depois de FICAREM em pé por mais de cinco horas, eles desistiram do show.
Além de INCOMODARES a todos, não ajudas a ninguém.

6. Quando o infinitivo é empregado numa oração reduzida que complementa um verbo auxiliar causativo (deixar, mandar, fazer e sinônimos) ou sensitivo (ver, sentir, ouvir, perceber e sinônimos) e tem como sujeito um pronome oblíquo.

Exemplos:
Deixei-os sair cedo hoje.
Deixaram-nos sair.
"Não nos deixeis cair em tentação."
Faça-os ficar.
Não os vi entrar.
Ouvi-as dizer que não iriam à festa.

Observação: A flexão do infinitivo é optativa quando a oração reduzida que complementa um auxiliar causativo ou sensitivo apresentar como sujeito um substantivo.

Exemplos:
Deixe os torcedores assistir (ou assistirem) ao treino.
"Deixai vir (ou virem) a mim as criancinhas!"
O sargento mandou os soldados sair (ou saírem) do pátio.
Mande os meninos entrar. (ou entrarem)
Ouvi os pássaros cantar. (ou cantarem)

Outras observações:

A) É inadequado o emprego da preposição **"para"** antes dos objetos diretos de verbos como **PEDIR, DIZER, FALAR** e sinônimos.

Exemplos:
Pediu para Carlos entrar (errado)
Pediu para que Carlos entrasse (errado)
Pediu que Carlos entrasse (correto)

B) Quando a preposição **"para"** estiver regendo um verbo como na oração "Este trabalho é PARA EU FAZER", pede-se o emprego do pronome pessoal **"eu",** que se revela, neste caso, como sujeito.

Outros exemplos:
Aquele exercício era para eu corrigir.
Esta salada é para eu comer?
Ela me deu um relógio para eu consertar.

C) Já na oração "Esta carta é PARA MIM!", a preposição está ligada somente ao pronome que deve se apresentar oblíquo tônico.

INFINITIVO PESSOAL (FLEXIONADO).
O infinitivo deve ser flexionado nos seguintes casos:

1. Quando o sujeito da oração estiver claramente expresso.

Exemplos:
Se tu não perceberes isto...
Convém vocês IREM primeiro.
O bom é sempre lembrarmos desta regra (sujeito desinencial, sujeito implícito = NÓS)

2. Quando tiver sujeito diferente daquele da oração principal.

Exemplos:
O professor deu um prazo de cinco dias para os alunos ESTUDAREM bastante para a prova.
Perdôo-te por me TRAIRES.
O estudante fez o possível para os professores perdoarem suas faltas.
O hotel preparou tudo para os turistas ficarem à vontade.
O guarda fez sinal para os motoristas pararem.
Conseguimos uma casa para eles passarem a lua-de-mel.
O hospital não oferecia condições para os pacientes ficarem internados por muito tempo.

3. Quando se quiser indeterminar o sujeito (utilizado na terceira pessoa do plural).

Exemplos:
Faço isso para não me ACHAREM inútil.
Temos de agir assim para nos PROMOVEREM.
Ela não sai sozinHa à noite a fim de não FALAREM mal da sua conduta.

4. Quando apresentar reciprocidade ou reflexibilidade de ação.

Exemplos:
Vi os alunos ABRAÇAREM-SE alegremente.
Fizemos os adversários SE CUMPRIMENTAREM com gentileza.
Mandei as meninas OLHAREM-SE no espelho.
Deixem os namorados BEIJAREM-SE como quiserem.

Nota: Como se pode observar, a escolha do Infinitivo Flexionado é feita sempre que se quer enfatizar o agente (sujeito) da ação expressa pelo verbo.

DICAS

- Se o infinitivo de um verbo for escrito com **"j",** esse **"j"** aparecerá em todas as outras formas.

Exemplos:
INFINITIVO / OUTRAS FORMAS
Enferrujar / enferrujou, enferrujaria, enferrujem, enferrujarão, enferrujassem, etc.
(Lembre, contudo, que o substantivo ferrugem é grafado com "g".)

Viajar / viajou, viajaria, viajem (3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, não confundir com o substantivo VIAGEM) viajarão, viajasses, etc.

- Quando o verbo tem o infinitivo com **"g",** como em **"dirigir"** e **"agir"** este **"g"** deverá ser trocado por um **"j"** apenas na primeira pessoa do presente do indicativo.

Exemplos:
eu dirijo / eu ajo

2. EMPREGO DO PARTICÍPIO.

Emprega-se a forma regular do particípio (terminada em **ADO** ou **IDO**) na voz ativa, formando os tempos compostos com os auxiliares **TER** ou **HAVER**. Já a forma irregular (tendo diversas terminações) é utilizada na voz passiva, ao lado dos auxiliares **SER, ESTAR** ou **FICAR.**

Exemplos:
Corri atrás de Paulo, mas ele já TINHA PEGADO o ônibus.
O ladrão FOI PEGO em flagrante.
Ela me contou que HAVIA ENTREGADO minha carta em mãos.
O pacote FOI ENTREGUE na hora certa pelo Correio.

Observações:

1) No caso de um verbo possuir um só particípio, este poderá ser empregado com qualquer auxiliar.

Exemplos:

Tinha feito, havia feito, está feito, foi feito, tinha aberto, havia aberto, está aberto, foi aberto;

2) Na língua clássica, não há registro da forma "pego" como particípio do verbo **PEGAR**, encontrando-se apenas a forma "pegado", com qualquer auxiliar. No entanto, na chamada língua moderna, parece não haver problema no emprego da forma "pego", com os verbos **SER** e **ESTAR** como auxiliares.

Exemplos:

O ladrão foi pego/está pego.

3) Quanto aos particípios dos verbos **"ganhar"** (ganhado/ganho), **"gastar"** (gastado/gasto) e "**pagar"** (pagado/pago), existem duas opções PARA O SEU EMPREGO: ou você segue a regra acima, usando o particípio regular com **TER e HAVER** (tinha/havia ganhado, tinha/havia gastado, tinha/havia pagado), e o particípio irregular com **SER** e **ESTAR** (foi/está ganho, foi/está gasto, foi/está pago); ou, então, você se vale da Língua moderna para usar sempre o particípio irregular com qualquer auxiliar: tinha/havia ganho, tinha/havia gasto, tinha/havia pago.

LISTA DE ALGUNS VERBOS QUE TÊM DOIS PARTICÍPIOS:

Aceitar	(aceitado e aceito);
Eleger	(elegido e eleito);
Entregar	(entregado e entregue);
Expulsar	(expulsado e expulso);
Extinguir	(extinguido e extinto);
Prender	(prendido e preso);
Salvar	(salvado e salvo);
Soltar	(soltado e solto);
Suspender	(suspendido e suspenso).

ALGUNS VERBOS QUE POSSUEM APENAS UM PARTICÍPIO:

Abrir / aberto
Beber / bebido
Cancelar / cancelado
Chegar / chegado
Escrever / escrito
Esquecer / esquecido
Estudar / estudado
Fazer / feito
Permitir / permitido
Trazer / trazido

3. FLEXÃO VERBAL.

TEMPOS E MODOS.

PRESENTE DO INDICATIVO.

O **MODO INDICATIVO** serve para expressar ações definidas, reais. O **TEMPO PRESENTE**, normalmente, exprime as ações que acontecem no momento em que se fala. Entretanto, este tempo verbal pode ser também empregado em outras circunstâncias.

➔ **PRESENTE MOMENTÂNEO:**
"Não percamos de vista o ardente Sílvio que lá vai, que desce e sobe, escorrega e salta." - M. Assis. (Fato atual, que se dá no momento em que se fala; o narrador, aqui, está presenciando as ações do personagem)

➔ **PRESENTE DURATIVO:**
"A Igreja condena a pílula anticoncepcional e a Ciência a aprova." (Ações ou estados considerados permanentes)

➔ **PRESENTE HABITUAL ou FREQÜENTATIVO:**
"Aqueles jovens estudam na mesma escola."

➔ **PRESENTE HISTÓRICO ou NARRATIVO:**
"Procuram-se e acham-se. Enfim, Sílvio achou Sílvia; viram-se, caíram nos braços um do outro, ofegantes de canseira, mas remidos com a paga. Unem-se, entrelaçam os braços e regressam palpitando da inconsciência para a consciência." - M. Assis. (Verbos no presente para dar mais vivacidade às ações acontecidas no passado)

➔ **PRESENTE COM SENTIDO DE FUTURO MUITO PRÓXIMO:**
"Vou arrumar as malas e, amanhã, embarco para a Europa."
"Vou à Roma, depois sigo para Londres."
(Para se evitar qualquer tipo de ambigüidade, deve-se usar advérbios de tempo que exprimem futuro, junto ao verbo no presente)

IMPERATIVO.

Sendo por excelência o modo que exprime "ordens e mandamentos", o Imperativo também pode expressar outros sentimentos, intenções e interesses do ser humano.

Exemplos:
Saia daqui! (ordem)
Partamos antes que seja tarde. (conselho)
Não se preocupe com isso. (conselho expresso pelo Imperativo Negativo)
Venha a nossa casa hoje à noite. (convite)
Não deixem de comparecer à festa. (convite expresso pelo Imperativo Negativo)

Por favor, espere por mim!
"Perdoai as nossas ofensas..."
"Livrai-nos do mal." (súplicas)
"Não nos deixeis cair em tentação..." (súplica expressa pelo Imperativo Negativo)

O modo Imperativo Afirmativo é formado da seguinte maneira: tu e vós do Presente do Indicativo, sem o s final, e as demais pessoas (você/ele, nós, vocês/eles) do Presente do Subjuntivo. Já o imperativo negativo é formado com todas as pessoas deste tempo. Não se usa a primeira pessoa do singular em ambos os casos.

O sistema de conjugação dos imperativos vale para todos os verbos da língua portuguesa, com exceção do verbo ser. Este verbo só não segue a regra nas duas segundas pessoas do imperativo afirmativo: sê (tu) e sede (vós), esta lida com o primeiro "e" fechado, do mesmo jeito que se lê a palavra que significa vontade de beber.
Exemplo:
"Para ser grande, sê inteiro: nada teu exagera ou exclui. Sê todo em cada coisa. Põe quanto és no mínimo que fazes." (Fernando Pessoa, sob o heterônimo de Ricardo Reis)

MODO SUBJUNTIVO.

Modo que se caracteriza por expressar ações e fatos hipotéticos, isto é, tudo aquilo que está no campo de nossos desejos, de nossas aspirações. É o modo das orações subordinadas por excelência.

TEMPOS:

➔ **Presente.**
Este tempo pode expressar ações tanto no presente quanto no futuro.
Exemplos:
Duvido que ele SEJA rico. (ação presente)
É bom que você VOLTE amanhã. (ação futura)

Observação: A primeira pessoa do singular do presente do indicativo dá origem ao presente do subjuntivo.

Exemplos:
"Eu vejo" dá origem a "que eu veja"; "eu ouço" dá origem a "que eu ouça"; "eu digo" dá origem a "que eu diga". Se a primeira do singular do presente do indicativo é nula, como nos verbos defectivos, todo o presente do subjuntivo é nulo.

➔ **Imperfeito.**

Embora esta seja uma forma do tempo pretérito, pode também expressar fatos no presente e no futuro.

Exemplos:

Fosse verdade o que dizes, e todos estariam felizes. (a correlação com a forma verbal "dizes" dá à forma "fosse" um aspecto também de presente)

Chovesse ou fizesse sol, ele ia ao trabalho.

Pediu-lhe que voltasse na próxima semana. (a expressão adverbial "na próxima semana" traz um matiz de futuro à oração)

➔ **Pretérito.**

Forma verbal sempre no tempo composto, formado pelo auxiliar TER no presente do subjuntivo, acrescido do particípio passado do verbo principal.

Exemplos:

Acredito que ele TENHA PASSADO no exame. (fato passado, supostamente concluído)

Espero que ela TENHA ARRUMADO tudo antes de eu chegar. (fato passado, supostamente terminado antes de outro fato no futuro acontecer)

➔ **Pretérito mais-que-perfeito.**

Também um tempo composto, formado por um auxiliar no Imperfeito do subjuntivo e um verbo principal no particípio passado.

Exemplos:

Não esperava que ela TIVESSE CHEGADO aqui antes de mim. (ação concluída eventualmente antes de outra, ambas no passado)

TIVESSE CHEGADO antes, e o prêmio seria seu. (ação hipotética, ocorrida no passado)

➔ **Futuro (simples).**

Pode ser empregado nas orações adverbiais ou adjetivas.

Exemplos:

SE QUISER, irei vê-lo. (idéia de eventualidade no futuro)

Trarei presentes aos que me ENCOMENDAREM.

➔ **Futuro (composto).**

Formado do verbo auxiliar no futuro simples e o particípio passado do verbo principal.

Exemplos:

Quando TIVER ENCONTRADO a resposta, revelarei a todos. (fato futuro eventualmente terminado em relação a outro também no futuro)

4. FORMAÇÃO DO FUTURO DO SUBJUNTIVO.

O futuro do subjuntivo indica um futuro hipotético. É usado principalmente em orações condicionais **(se...)** e temporais **(quando...).** Deriva-se da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo (troca-se a terminação **"ram"** por **"r").**

Fazer:	Eles fize(-ram) _ fize(+r)	= se eu fizer... / quando eu fizer...;
Trazer:	Eles trouxe(-ram) _ trouxe(+r)	= se eu trouxer... / quando eu trouxer...;
Querer:	Eles quise(-ram) _ quise(+r)	= se eu quiser... / quando eu quiser...;
Dizer:	Eles disse(-ram) _ disse(+r)	= se eu disser... / quando eu disser...;
Pôr:	Eles puse(-ram) _ puse(+r)	= se eu puser... / quando eu puser...;
Ser e Ir:	Eles fo(-ram) _ fo(+r)	= se eu for... / quando eu for...;
Vir:	Eles vie(-ram) _ vie(+r)	= se eu vier... / quando eu vier;
Ver:	Eles vi(-ram) _ vi(+r)	= se eu vir... / quando eu vir...

É por isso que o futuro do subjuntivo do verbo ver fica: "se eu vir o filme"; "quando você vir o resultado do teste"; "quando nos virmos novamente"; "se vocês virem a verdade"...

5. VERBOS ANÔMALOS.

São chamados de **anômalos** os verbos de grandes irregularidades nos seus radicais, que são formados a partir de diferentes verbos.

Verbo **SER** (originário das formas latinas "sedere" e "esse"): sou, és, é, somos, sois, são.

Verbo **IR** (originário das formas latinas "ire", "vadere" e "fugere"): vou, vais, vá... irei, irás, irá... fui, foste, foi...

Observação: Os verbos SER e IR são iguais nos pretéritos Perfeito e Mais-que-Perfeito do Indicativo; no Imperfeito e no Futuro do Subjuntivo.

6. VERBOS DEFECTIVOS.

VERBO DEFECTIVO é aquele de conjugação incompleta, ou seja, aquele que não tem todas as formas.
Exemplos:
➔ Verbo **ABOLIR.**
O presente do indicativo começa na segunda pessoa do singular:
tu aboles, ele abole, nós abolimos, vós abolis, eles abolem.

➔ Verbos **ADEQUAR, FALIR** e **REAVER.**
No presente do indicativo, só é conjugado em duas formas:

Nós adequamos / Nós falimos / Nós reavemos / Vós adequais / Vós falis / Vós reaveis.

Para a maioria dos estudiosos não existe a forma **"adeqúo".** A solução é substituir por um verbo sinônimo ou expressão equivalente: em vez de "eu me adeqúo à atual situação", poderia ser "eu já estou adequado à atual situação" ou "estou me adequando à atual situação".

Assim, também não existem as formas **"eu reavejo ou reavenho**". A solução, aqui, é **"eu estou reavendo"** ou substituir por um sinônimo: **"eu recupero".**

Como **"reaver"** é derivado do verbo **"haver",** lembre-se desta relação: ele houve / ele reouve; nós houvemos / nós reouvemos; eles houveram / eles reouveram; se eu houvesse / se eu reouvesse; quando ele houver / quando ele reouver.

➔ Verbo **VIGER** (estar em vigor, vigorar).
Só é conjugado nas formas que ao **"g"** segue-se **"e". Exemplos:** vige, vigem, vigendo, etc.
Outros verbos:
Carpir, explodir, feder, colorir, demolir, extorquir e banir.

➔ Verbo **PRECAVER.**
Como esse verbo normalmente é pronominal, as formas do presente do indicativo acabam sendo "nós nos precavemos, vós vos precaveis".

Assim, não existem as formas "**precavenho, precavejo, precavenha e precavenham**", como se costuma ouvir no dia-a-dia.

Os verbos defectivos não são incompletos nos pretéritos e nos futuros. Nesses tempos, portanto, o verbo precaver é conjugado em todas as formas: eu me precavi, ele se precaveu, eles se precaveram, se eu me precavesse, se ele se precavesse, se eles se precavessem, etc.

7. VERBOS TERMINADOS EM "EAR".

Os verbos terminados em **"ear"** apresentam, no presente do indicativo, as terminações: **eio, eias, eia, eamos, eais, eiam.**
Exemplo:
FREAR.
Eu freio, tu freias, ele freia, nós freamos, vós freais, eles freiam.

No presente do subjuntivo, as terminações dos verbos terminados em **"ear"** são: **eie, eies, eie, eemos, eeis, eiem.**
Exemplo:
PASSEAR.
É preciso que eu passeie, tu passeies, ele passeie, nós passeemos, vós passeeis, eles passeiem.

E no pretérito perfeito, as terminações são: eei, easte, eou, eamos, eastes, earam.
Exemplo:
PENTEAR.
Eu penteei, tu penteaste, ele penteou, nós penteamos, vós penteastes, eles pentearam.

8. VERBOS TERMINADOS EM "IAR".

Os verbos terminados em **"iar"** são (quase todos) regulares, ou seja, apresentam as terminações consideradas normais: **io, ias, ia, iamos, iais, iam.**
Exemplo:
ANUNCIAR (Presente do Indicativo).
Anuncio, anuncias, anuncia, anunciamos, anunciais, anunciam.

Desta mesma forma, conjugam-se os verbos denunciar, reverenciar, policiar, noticiar, adiar, premiar, variar, etc.; como também o verbo maquiar (originário da forma francesa "maquiller") que normalmente confunde muita gente.
Exemplo:
Eu me maquio, tu te maquias, ele (ela) se maquia, nós nos maquiamos, vós vos maquiais, eles (elas) se maquiam.

Observação: Este verbo possui a forma variante "maquilar", que no presente do indicativo se conjuga: maquilo, maquilas, maquila, maquilamos, maquilais, maquilam.

9. VERBOS IRREGULARES TERMINADOS EM "IAR".

São eles: **MEDIAR, ANSIAR, REMEDIAR, INCENDIAR, ODIAR** (guarde as iniciais de cada verbo que formam a palavra MARIO), além de **INTERMEDIAR**.

Para o presente do indicativo, as terminações são: **eio, eias, eia, iamos, iais, eiam**.
Exemplos:
Eu incendeio, tu incendeias, ele incendeia, nós incendiamos, vós incendiais, eles incendeiam.
Eu anseio, tu anseias, ele anseia, nós ansiamos, vós ansiais, eles anseiam.

No presente do subjuntivo, as terminações destes verbos são: **eie, eies, eie, iemos, ieis, eiem.**
Exemplos:
"Ela quer que eu incendeie tudo."
"Espero que você medeie a discussão."

"Faço questão de que eles remedeiem o mal causado."
"Será necessário que alguém intermedeie a negociação."

10. VERBOS UNIPESSOAIS.

São aqueles que só podem ser conjugados na terceira pessoa do singular ou do plural.
Exemplos:
Verbos **OCORRER, ACONTECER** e que **expressem vozes de animais** (CACAREJAR, MIAR, LATIR, etc.).
Ocorreu um acidente de carro em frente ao meu edifício.
Ocorreram tumultos na manifestação de ontem no centro da cidade.
Acontecerá uma festa no clube.
Coisas boas acontecem de repente.
Aquele gato preto miou a noite inteira.

Outros tipos de verbos unipessoais são os chamados **VERBOS IMPESSOAIS** que não possuem sujeito e, por isso, convencionou-se conjugá-los na terceira pessoa do singular.

Assim temos:

➔ **Verbos que expressam fenômenos da natureza.**
Exemplos:
Choveu muito ontem à noite, mas amanhecerá com sol, disse a Meteorologia.
Relampejou e trovejou durante duas horas.

➔ **Verbo FAZER, indicando temperatura ou tempo decorrido (horas, dias, meses, anos, etc.).**
Exemplos:
Fez muito calor no domingo.
Faz dois anos que não a vejo.

➔ **Verbo HAVER com sentido de EXISTIR ou OCORRER.**
Exemplos:
Houve momentos de muita emoção durante a viagem.
Havia muitas dúvidas com a nova lei.
Haverá muitos interessados em sua casa, caso a venda.
Nunca houve grandes desavenças entre mim e Clara.

Observação: É incorreto empregar-SE o verbo TER com o sentido de EXISTIR, sendo, neste caso, indicado utilizar-se o verbo HAVER.

Exemplos:
Não tem ninguém na sala de aula. (errado)
Não há ninguém na sala de aula. (certo)
Tinham muitos candidatos para aquele concurso. (errado)
Havia muitos candidatos para aquele concurso. (certo)

O verbo **HAVER** também pode ser usado como sinônimo de **FAZER**, na indicação de tempo transcorrido, de intervalo entre dois fatos. Neste caso, os dois se comportam do mesmo modo, isto é, sem variação.
Exemplos:
Moro aqui há dez anos; equivalente a "Moro aqui faz (e não 'fazem') dez anos.

Assim, quando se usa o verbo **HAVER** para indicar idéia de tempo transcorrido, isso quer dizer que o tempo já transcorreu, já passou. Desta feita, não é necessário empregar a palavra "atrás" em frases como "Eu estive em Paris há vinte anos atrás". Isto é redundante como "Entrei para dentro", ou "Saí para fora". Assim como basta dizer "Entrei", ou "Saí", basta dizer "Estive em Paris há vinte anos".

Vejamos alguns dos vários significados do verbo **HAVER.**

1. Como sinônimo de "comportar-se", "sair-se";
Exemplos:
Apesar de ter bebido muito, Miguel não se houve mal na festa.
Os alunos não se houveram bem na prova.

2. Com o significado de "obter", "conseguir";
Exemplos:
Apesar de tudo, elas não houveram o perdão do pai.
Só com muito trabalho eu haverei o sucesso.

3. Com o sentido de "julgar", "considerar";
Exemplo:
O juiz houve por bem anular o julgamento.

4. Com a significação de "entender-se".
Exemplo: Um dia ela terá que haver-se comigo.
Esse verbo pode, ainda, ser empregado como auxiliar na formação dos chamados tempos compostos.
Exemplos:
Haveríamos feito o trabalho se não fosse a chuva.
Ela havia procurado o médico por todo o hospital.

O verbo **HAVER** cabe ainda em expressões como "Hei de conseguir", "Você há de vencer", etc.

CURIOSIDADE:
Consultando os dicionários, poderemos constatar que o verbo **HAVER** traz ainda o significado de "possuir", o qual, no entanto, já caiu em desuso.
Exemplos:
Embora já houvesse (possuísse) numerosa família, ainda sustentava cinco cães e quatro gatos.
Eu hei (possuo) um belo automóvel.

Todavia, na formação de REAVER , o verbo HAVER conserva o sentido de "possuir", já que reaver é "haver de novo", "possuir outra vez".

11. CURIOSIDADES SOBRE ALGUNS VERBOS.

O verbo **"preterir",** que significa "deixar de parte, desprezar, rejeitar", é conjugado como tantos verbos portugueses que terminam em **"erir"** (ferir, conferir, preferir, aderir).
Exemplos:
Eu firo, eu confiro, eu prefiro, eu adiro, eu pretiro.
Lembre-se de que "preterir" é antônimo de "preferir". Se alguém deve escolher para morar entre o Rio de Janeiro e São Paulo e prefere o Rio, acaba preterindo a cidade de São Paulo.

Há ou Havia ?

Qual é a forma correta?
"Ela estava em cena Há mais de uma hora."
ou
"Ela estava em cena havia mais de uma hora."

Segundo o princípio da correspondência dos tempos verbais, devemos dizer que "ela estava em cena havia mais de uma hora", porque o verbo que acompanha a forma "havia" está no pretérito imperfeito (=estava, fazia, era). Assim também se daria se estivesse no pretérito mais-que-perfeito (=estivera, fizera, soubera, tinha estado, havia feito).

Em caso de dúvida, podemos usar o seguinte "macete": substituir o verbo " haver " pelo " fazer ". Se o resultado da troca for " fazia " (e não " faz "), use " havia " (e não " há ").
Exemplos:
" Estava sem comer havia (=fazia) três dias."
" Havia (=fazia) dez anos que o clube não era campeão."
"Ela estivera naquela cidade havia (=fazia) muito tempo."
É importante observar que a ação se encerrou. A forma há (=faz) indica que a ação verbal prossegue. Veja a diferença:

" Havia dez anos que o clube não era campeão."
(=o clube acabou de ganhar o campeonato);

" HÁ dez anos que o clube não é campeão."
(=o clube continua sem ganhar o campeonato).

COMO É CORRETO DIZER?
"Ele disse que chegaria cedo, mas chegou às 5h";
ou
"Ele tinha dito que chegaria cedo, mas chegou às 5h".

A diferença entre disse e tinha dito é o tempo verbal: disse está no pretérito perfeito e tinha dito, no pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

O pretérito perfeito indica uma ação concluída no passado: "Ele disse, saiu, fez..."; o pretérito mais-que-perfeito indica uma ação anterior a outra ação que já está no passado: "Quando eu cheguei (pretérito perfeito = ação já passada), ele já tinha dito ou dissera ou havia dito, tinha saído ou saíra ou havia saído, tinha feito ou fizera ou havia feito (pretérito mais-que-perfeito = ação anterior à ação já passada)".

Assim sendo, a frase correta é: "Ele tinha dito que chegaria cedo, mas chegou às 5h". A ação de "dizer" é anterior a ação de "chegar". O pretérito mais-que-perfeito é o passado do passado.

O verbo **"argüir"** não é defectivo. A primeira pessoa do singular do presente do indicativo é "eu arguo". O detalhe é que não há acento agudo na vogal "u", embora a sílaba tônica seja a penúltima (="gu"). Devemos pronunciar e escrever "arguo".

O VERBO **SOER**
Você já ouviu alguém dizer "como sói acontecer"? "Ele chegou atrasado, como sói acontecer." A frase é erudita, e você precisa conhecê-la. "Sói" é a terceira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo "soer". E o que significa "soer"? Vamos aos dicionários: "ser comum, freqüente; ocorrer geralmente; costumar". Então "sói" significa "é comum", "ocorre geralmente": "Ele chegou atrasado, como é comum acontecer."

PORTUGUÊS

Sintaxe

Regência – parte I

Prof.ª Isabel Vega

Regência – parte I

► **Regência** → é o nome que se dá à relação de dependência entre dois termos da oração. Se o termo regente for um substantivo, um adjetivo ou um advérbio, dizemos que há ***regência nominal***. Se, no entanto, o termo regente for um verbo, há ***regência verbal***.

O elemento responsável por fazer a coesão entre o termo regente e o regido será sempre uma preposição. É importante observar que muitos nomes seguem o mesmo regime dos verbos correspondentes, assim, se o verbo reger a preposição *com*, possivelmente os nomes cognatos regerão a mesma preposição.

Ex.:obedecer **a** / obediência **a** / obediente **a** / obedientemente **a**

OBS.1: Segundo a norma padrão, quando o complemento de um nome ou de um verbo tiver a forma de uma oração reduzida de infinitivo, não se deve fazer a contração entre a preposição e o eventual sujeito desse infinitivo — a preposição, afinal, introduz toda a oração e não apenas o sujeito. Além disso, o sujeito é um termo que não pode ser preposicionado.

Ex.1: Pense na possibilidade de eles **virem** almoçar conosco.

*Pense na possibilidade deles **virem** almoçar conosco.

Ex.2: Apesar de o filho **reclamar**, viajou com a família.

*Apesar do filho **reclamar**, viajou com a família.

Regência – parte I

OBS.2: Quando um verbo regente ficar em uma oração subordinada adjetiva, a preposição que ele pede em seu complemento virá antes do pronome relativo.

Ex.1: Maria **assistiu a** um filme ótimo.

O filme **a** que Maria **assistiu** é ótimo.

Ex.2: Ela **gosta** muito **de** chocolate.

O doce **de** que ela mais **gosta** é chocolate.

Ex.3: **Conversei com** um menino muito esperto.

O menino **com** quem **conversei** é muito esperto.

OBS.3: A preposição que serve a dois termos coordenados pode vir repetida ou em elipse junto ao segundo (e aos mais termos), conforme haja ou não desejo de enfatizar o valor semântico da preposição, desde que não gere ambiguidades.

Ex. 1: As alegrias **de** infância e **de** juventude.
As alegrias **de** infância e juventude.

Ex.2: Gosto **de** banana e maçã.
Gosto **de** banana e **de** maçã.
Gosto **de** banana **com** maçã.

OBS.4: – Não se pode coordenar termos com um complemento comum, caso eles tenham regências de natureza diferente.

Ex.1: Passando na loja, **vi e comprei** o vestido.

Ex.2: * Passando na loja, **gostei e comprei** o vestido.
Passando na loja, **gostei do vestido** e **comprei-o**.

Ex.3: * Não **concordo**, **nem discordo** de você.
Não **concordo com você**, **nem discordo**.

Ex.4: * Com pressa, **entrei e saí** de casa.
Com pressa, **entrei em** casa e **saí** (dela)(rápido).

PORTUGUÊS

Morfologia

Conjunções – parte II

Prof.ª Isabel Vega

Conjunções Subordinativas

- **DEFINIÇÃO –** São aquelas que ligam orações subordinadas à sua principal.
  Ex.: **[S + V]** conjunção **[C]** **OU**

  [S + V + C] conjunção **[Adj. Adv.]**

a) Integrantes: que / se → oração subord. substantiva

isto

Ex.: [Eu sei] [**que** vai chover.] → certeza

conjunção integrante

[Não sei] [**se** vai chover.] → dúvida

b) Adverbiais → orações subordinadas adverbiais

- **CAUSAIS** – que, porque, visto que, já que, etc.
  Ex.: A menina dormiu, **porque** estava cansada.

- **COMPARATIVAS** – como, mais do que / tanto... como
  Ex.: O menino trabalha **como** o seu pai. (trabalha).
  mais do que o pai.

- **CONDICIONAIS** – caso, se, uma vez que, sem que, etc.
  Ex.: **Se** você começasse a estudar antes, já teria passado.
  Caso você estude, passará no concurso.
  Uma vez que você se prepare, será mais fácil.

Conjunções Subordinativas

- **CONCESSIVAS** – embora, apesar de, posto que, ainda que...
  Ex.: **Embora** chovesse, fomos à praia.
  Posto que chovesse, fomos à praia.
  Conquanto chovesse, fomos à praia.

- **CONFORMATIVAS** – como, conforme, consoante, da mesma maneira que, segundo, etc.
  Ex.: Fizemos o trabalho, **segundo** combinamos com João.
  Fizemos o trabalho, **conforme** combinamos com João.

- **CONSECUTIVAS** – que, de modo que, de forma que, etc.
  Ex.: Estudei tanto, **que** fiquei com dor de cabeça.

Conjunções Subordinativas

- **FINAIS** – para que, a fim de que, porque, etc.

Ex.: Estudo **para** passar no concurso.
Estudo **a fim de que** passe no concurso.
Estudo **porque** passe no concurso.

- **TEMPORAIS** –quando, logo que, assim que, mal, etc.

Ex.: Ele saiu, **quando** cheguei.
Mal cheguei, ele saiu.

- **PROPORCIONAIS** – à medida que, à proporção que...

Ex.: **À medida que** estudo, aumenta o meu saber.
Quanto mais estudo, mais aumenta o meu saber.

OBS.: Polissemia das conjunções subordinativas

- **Se**

Se tudo correr dentro do previsto, viajaremos amanhã.(= caso)

Se nós nos gostamos, por que nos separarmos? (= já que)

Se fores ao cinema, avisa-me. (= quando)

- **Sem que**

Sem que estudemos, não passaremos no concurso. (condição)

Sem que estudássemos, passamos no concurso. (concessão)

Conjunções Subordinativas

- **à medida que (proporção/gradação)**
  na medida em que (causa)

À medida que envelheço, meus cabelos ficam brancos.

Quanto mais envelheço, mais meus cabelos ficam brancos.

Na medida em que envelheço, meus cabelos ficam brancos.

Porque envelheço, meus cabelos ficam brancos.

Conjunções Subordinativas

- **Como**

Fiz tudo **como** você mandou.
Fiz tudo **conforme** você mandou.
conformidade

Fiz tudo **como** você fez.
Fiz tudo **como** você (fez).
comparação

Como você é meu chefe, fiz o que mandou.
Porque você é meu chefe, fiz o que mandou.
causa

PORTUGUÊS

Sintaxe

Regência – parte II

Prof.ª Isabel Vega

I – Regência nominal → ocorre quando, na relação de dependência entre dois termos da oração, o termo regente é um substantivo, um adjetivo ou um advérbio.

Ex.1: O esforço foi inútil **para/a** o desenvolvimento do projeto.
O esforço foi útil **para/a** o desenvolvimento do projeto.

Ex.2: João foi muito hábil **em** resolver o problema.
João foi muito inábil **para** resolver o problema.

Ex.3: O imóvel era sito **em/na** Rua das Flores, número 12.
* O imóvel era sito **à** Rua das Flores, número 12.

II – Regência verbal → ocorre quando o termo regente é um verbo. Percebem-se, na língua, inúmeras variações entre a forma coloquial e a forma escrita. Outro fator a ser observado também é a mudança de significado do verbo dependendo da preposição regida.

Ex.1: *Domingo, João foi **na** praia. (registro informal)
Domingo, João foi **à** praia. (registro formal)

Ex.2: Que bom **aspirar** **o perfume** das flores! (=cheirar)
(VTD) (OD)

Todos **aspiram** **a um mundo melhor**. (=almejar)
(VTI) (OI)

►Regência verbal e construção de sentido

I) VERBO ASSISTIR

a) Transitivo direto → significa ajudar, dar assistência, socorrer.

Ex.: João **assistiu os** vizinhos atingidos pelo desabamento.

b) Transitivo indireto → pode significar caber, pertencer, ser direito de.

Ex.: **Assiste a** todos o direito de ter educação e saúde.

c) Transitivo indireto → pode significar ver, presenciar.

Ex.: Os demais moradores **assistiram ao** bom trabalho de João.

d) Transitivo indireto → regendo a preposição “em”, significa morar, residir.

Ex.: João mudou-se e agora **assiste em** Maceió.

II – VERBOS PAGAR e PERDOAR

a) Transitivos diretos → quando o objeto for uma “coisa”.

Ex.: Consegui **pagar todas** as contas deste mês.
Ainda não **perdoei a sua** mentira.

b) Transitivos indiretos → quando o objeto for pessoa.

Ex.: **Paguei aos** operários da obra.
Perdoemos a quem nos ofende.

c) Transitivos diretos e indiretos → quando apresentarem os dois tipos de objetos já citados.

Ex.: O patrão **pagou** [bons salários] [aos seus funcionários].
(OD) (OI)

Perdoei [a dívida] [ao meu vizinho].
(OD) (OI)

III – VERBOS OBEDECER e DESOBEDECER

Esses verbos são transitivos indiretos e regem a preposição a .

Ex.: Ele não **obedece a** ninguém.
Ninguém **deve desobedecer às** leis.

IV – VERBOS ESQUECER e LEMBRAR

Os verbos esquecer e lembrar podem ser pronominais ou não. Caso sejam usados como esquecer-se ou lembrar-se, serão transitivos indiretos.

Ex.1: **Esqueci a** apostila.
Lembrei o dia em que você foi embora.

Ex.2: **Esqueci-me da** apostila.
Lembrei-me do dia em que você foi embora.

Ex.3: **Lembrei** [João] [de levar a apostila].
(VTDI) (OD) (OI)
Lembrei [o dia da festa] [ao João].
(VTDI) (OD) (OI)

V – VERBO QUERER

a)Transitivo direto → tem o sentido de **desejar**.

Ex.: As crianças sempre **querem muita** atenção.

b) Transitivo indireto → tem o sentido de **ter afeto, estimar, amar, gostar.**

Ex.: **Quero** muito **a** meus pais.

OBS.: Quero meus livros!
Quero a meus livros!

Qconcursos.com

PORTUGUÊS

Pontuação

Uso da vírgula

Prof.ª Isabel Vega

►A vírgula é empregada nos seguintes casos:

a) separar termos que exercem a mesma função sintática, quando não vierem ligados pelas conjunções e, ou e nem.

OD

Ex.: As crianças adoram [sorvete], [bolo], [chocolate], [balas], [pipoca] **e** [doces em geral].

OBS.1: Quando ocorre **polissíndeto**, ou seja, quando as conjunções **e**, **ou** e **nem** vêm repetidas numa enumeração, também se separa por vírgula os elementos coordenados.

Ex.: Adoro lírios, **e** rosas, **e** gerânios, **e** hortênsias, **e** jasmins.

Uso da vírgula

OBS.2: O assíndeto caracteriza-se pela omissão da conjunção entre o penúltimo e o último termo de uma enumeração, caso em que o emprego da vírgula será obrigatório.

Ex.: João coleciona livros antigos, selos, figurinhas, botões.

b) separar o aposto (ou qualquer outro termo ou oração de valor meramente explicativo).

Ex.: A moça, [**prima da minha amiga**], não quis comer nada.
↳ aposto explicativo

OBS.: Quando o aposto for **enumerativo**, podem ser usados os dois pontos.

Ex.: Comprei duas frutas que adoro: [**abacaxi e uva**].

c) separar os predicativos de valor explicativo antepostos.

Ex.: Maria**,** [**cheia de emoção**]**,** aceitou o pedido do noivo.

d) separar o vocativo.

Ex.: [**Menino**]**,** desce já daí!

e) separar nomes de lugares, em indicações de datas.

Ex.: [**Rio de Janeiro**]**,** 02 de novembro de 1968.

f) indicar a elipse de palavra ou de sintagma nominal.

Ex.: Maria **gosta** de cantar; José**,** de tocar violão.

g) separar o adjunto adverbial deslocado de sua posição habitual.

Ex.: [**Na manhã daquele dia**], João saiu sem dar explicação.

OBS.1: Se o adjunto adverbial não vier deslocado, a vírgula pode ser empregada de modo facultativo.

Ex.: João saiu sem dar explicação [**na manhã daquele dia**].

OBS.2: “Quando os adjuntos adverbiais são de pequeno corpo (um advérbio, por exemplo), costuma-se dispensar a vírgula. A vírgula é, porém, de regra quando se pretende realçá-los.”

Ex.1: [**Lá fora**], a chuvada despenhou-se por fim.
Ex.2: [**Depois**], tudo caiu em silêncio.

Uso da vírgula

h) separar palavras e expressões de natureza explicativa, continuativa, conclusiva, ou enfáticas de um modo geral, como além disso, aliás, a saber, assim, com efeito, então, isto é, ou seja, por assim dizer, por exemplo, ou melhor, etc.

Ex.: Fez o que mais queria, [**ou seja**], viajou e descansou.

i) separar orações coordenadas sindéticas ou assindéticas.

Ex.:[Depois do susto, as pessoas **nem** falavam], [**nem** sorriam].

[Os pensamentos vêm], [vão], [retornam], [somem de vez].

[Estava atrasada], [**portanto**, achei melhor tomar um táxi].

OBS.: A vírgula só não é empregada para separar orações coordenadas **aditivas**, com conjunção "**e**", quando o sujeito da 1ª e da 2ª orações tiverem o **mesmo referente**.

Ex.:[**As crianças**] gritavam no pátio **e** [**elas**] foram repreendidas.

j) separar as orações subordinadas adjetivas explicativas.

Ex.: Finalmente conseguiram o acordo, [**que foi muito bom**].

k) separar orações subordinadas adverbiais deslocadas.

Ex.: [**Quando era menino**], gostava de ouvir histórias.

[**Mesmo chorando**], obedeceu aos pais.

l) separar as orações intercaladas.

Ex.: — Bom dia, [**disse o menino, ao ver sua madrinha**].

OBS.: Nesse caso, a pontuação mais frequente é o travessão.

Ex.: — Bom dia [**disse o menino, ao ver sua madrinha**].

m) separar os membros paralelos de um dito proverbial.

Ex. Dia de muito, véspera de pouco.

Casa de ferreiro, espeto de pau.

►CASOS EM QUE NÃO SE DEVE USAR VÍRGULA JAMAIS:

1º) Não se separa o sujeito do verbo por vírgula, em ordem direta ou inversa.

Ex.: A casa em que eu estava hospedado era a da minha prima.

OBS.: Cabe lembrar que, num sujeito composto, o último dos termos coordenados não se separa por vírgula do verbo.

Ex.: As aves, as flores, os homens renascem na primavera.

2º) Não se separa por vírgula o verbo ou o nome de seus complementos, em ordem direta ou inversa.

Ex.: Das baratas tenho horror.

CRASE DESCOMPLICADA

Um jeito prático e organizado de aprender a crase

FOTOS: ISTOCKPHOTO

www.redacaooficial.com.br

SCRITTA

Conteúdo

1. Crase: terreno do feminino 4

2. De antemão, alguns macetes facilitadores..5

3. Não é preciso decorar, somente analisar! 6

4. Casos em que não há crase...9

5. Crase optativa 19

6. Casos especiais de uso: a crase antes das palavras "casa" e "terra" 22

7. A crase, os números e as horas: uma tríade que merece sua atenção.........23

8. Expressões com crase (locuções conjuntivas, adverbiais e prepositivas) 24

9. Atividades...29

10. Gabarito comentado..36

Introdução

Nós da Scritta sempre estamos preocupados em tornar tudo mais fácil no que diz respeito ao seu relacionamento com a linguagem. Sabendo da importância de escrever e de se comunicar bem, além da dificuldade que muitos de nós enfrentamos quando se trata deste tema específico, elaboramos este estudo sobre o uso da crase.

Trata-se de um estudo, porque queremos acompanhá-lo, passo a passo, na aula mais completa que você já teve sobre o acento indicador de crase. O importante aqui é entender que a crase é sustentada por uma lógica matemática bastante clara e plausível, que facilita a nossa compreensão de quando usá-la ou não. Além disso, você perceberá que não existem exceções às regras como muitos professores pregavam em sua vida escolar, mas que uma vez compreendida a fusão que acontece para a formação da crase, ela é aplicável a qualquer situação da língua, de forma generalizada e precisa.

Depois desta aula, não vai ter mesmo como errar na hora do concurso público que você vai prestar! Aproveite esta oportunidade e tire todas as suas dúvidas!

1. Crase: terreno do feminino

Durante nossa vida acadêmica e profissional, sempre nos deparamos com a necessidade de escrever para outras pessoas e, se há algo que sempre gera dúvidas, mesmo que se trate apenas de um acento gráfico, é o uso do acento grave. Tal uso sempre vem acompanhado de uma interrogação. Quando usar? Por que há tantas exceções? Você nunca aprendeu direito? Então, agora é hora!

O mais "traumático" talvez sejam as nossas memórias das aulas sobre crase, a professora sempre explicava a regra geral – *a crase só é utilizada antes de substantivo feminino* –, mas depois enchia a lousa de exceções. A crase é, sim, terreno do feminino, no entanto, o segredo que a professora nunca lhe contou, é que não existem exceções; a regra é única e o que você precisa aprender é a analisar "as duas faces" da crase. Quais são elas? Vamos relembrar agora:

O que chamamos de crase é a fusão entre a preposição "a" e o artigo definido feminino "a", dando origem ao símbolo ortográfico "à". Utilizamos o acento para marcar essa fusão, já que são palavras repetidas (a+a) as formadoras da crase. Veja que a fusão acontece a partir da soma matemática de dois "as" da língua portuguesa. Em outros casos de fusão, não há a necessidade de acento por outras razões. Observe:

em + a = na
de + a = da
a + o = ao

Bem, continuando o estudo do uso da crase, objetivando também para que você perceba que um acento faz toda a diferença, observe os enunciados seguintes e tente descrever mentalmente a diferença entre eles:

1) À noite chegou.

2) A noite chegou.

Claramente, há uma distinção de significado entre os dois enunciados. No enunciado 1, podemos pressupor que alguém chegou quando já era noite, já no enunciado de número 2, é possível interpretar que a própria noite (sujeito da oração), que vem depois do período da tarde, chegou. Tendo isso em vista, fica difícil afirmar que o uso ou não do acento grave não possui importância na hora da escrita. É claro que para situações de comunicação oral, o que contextualiza nossos interlocutores é a ênfase que damos ao que falamos, além do contexto da fala e outros fatores que não estudaremos agora, mas que são dignos de lembrança, pela própria diferença existente entre língua oral e língua escrita.

2. De antemão, alguns macetes facilitadores

Quando afirmamos, no início deste estudo sobre a crase, que é preciso analisar os contextos de uso e não decorar uma imensidão de regras sobre a utilização do acento grave, estávamos falando sério! Para deixá-lo mais confortável, antes de empreender análises "mais ambiciosas" da crase, vamos dar a você uma ajuda, com a apresentação de alguns macetes para averiguar o uso desse acento:

1) Substituir o termo feminino por um masculino da mesma natureza.

Exemplo:

Vou ao encontro comercial.

Vou à reunião com a diretoria.

Podemos afirmar que "ao" sempre pode substituir a crase, quando estiver antes de substantivos masculinos. Portanto, "ao" vale como um equivalente, no terreno do masculino", da crase "à". Dizemos, ainda, que *colégio* e *escola* são termos da mesma natureza, porque fazem parte do mesmo campo de significação, então podemos utilizá-los para verificar o uso ou desuso da crase.

2) Se for possível usar "para a" (preposição + artigo), é possível usar "à".

Exemplo:

Voltou para a mesa de trabalho.

Voltou à mesa de trabalho.

3) Substituir qualquer outra preposição e ver se ela se contrai com o artigo feminino.

Exemplo:

Estou na Holanda.

Vou à Holanda.

Note que se um dia você tiver a sorte de ir a Paris a trabalho, poderá escrever aos seus amigos:
Estou em Paris! Portanto, não se usa crase nesse caso.

3. Não é preciso decorar, somente analisar!

Já tendo percebido que você consegue resolver grande parte dos casos com os macetes apresentados anteriormente, precisamos entender bem a regra geral de utilização da crase, que acabará, esperamos, de uma vez por todas com as dúvidas no momento de usá-la. Se a crase tem "duas faces", isto é, dois "elementos matemáticos" que devem ser somados, o lado da preposição e o lado do artigo definido feminino, sempre precisaremos averiguar ambos os lados. Do contrário, não há como existir fusão, certo? Isso nos leva a relembrar um pouco dos casos de regência verbal e nominal em que verbos e nomes regem a preposição "a", já que é somente ela que nos interessa para a investigação e análise da ocorrência ou não de crase. Veja:

Eu me refiro à secretária deste estabelecimento.

Quando você "se refere", é sempre a algo ou a alguém, desse modo, o próprio verbo rege a preposição "a". Então, temos sinal positivo para o lado da preposição.

Analisemos agora o lado do artigo definido feminino. A própria palavra "definido" pressupõe que se trata de uma especificação. Se observarmos o exemplo com cuidado, entenderemos que não se trata de qualquer secretária, mas da secretária de um determinado estabelecimento. Além disso, "secretária" é substantivo feminino, o que nos leva de novo à regra geral.

Feito isso, você consegue perceber que a análise procede e que, por isso, deve haver acento indicador de crase, isto é, da fusão entre preposição e artigo? Se ainda não ficou claro, vejamos mais um exemplo, agora com um nome:

Eu tenho aversão à política deste país.

A palavra aversão rege a preposição "a", já que se você tem aversão, sempre tem aversão a algo/alguém. No exemplo acima, notamos que a palavra política está sendo especificada, por não se tratar de qualquer tipo de política, mas a "deste país", o que torna imprescindível o uso do artigo feminino "a". Assim, temos sinal positivo tanto para o lado da preposição, como para o lado do artigo definido, situação que nos oferece sinal verde para o uso da crase. Veja que, quando falamos de "sinal positivo", queremos checar cada um dos lados:

É possível a presença da preposição? (✓)

É possível a presença do artigo? (✓)

Portanto, se a presença dos dois elementos linguísticos é possível, então, a fusão da crase também se faz possível, certo?

*****Pronomes demonstrativos: aquela(s), aquele(s), aquilo**

Os pronomes demonstrativos são especialmente importantes e já entram logo no início de nosso estudo, por levarem consigo o artigo feminino embutido em sua formação. Mesmo assim, também é possível analisá-los para averiguar o uso da crase, sem sofrimento e de forma simples. No caso dessas palavras, o que temos que verificar é se há a presença da preposição **a** antes delas, fazendo com que haja uma aglutinação com o *a* inicial desses pronomes demonstrativos.

Refiro-me a aquele homem/ Refiro-me àquele homem.
Refiro-me a aquela mulher/ Refiro-me àquela mulher.
Não me refiro a aquilo/ Não me refiro àquilo.

É claro que você deve estranhar a crase antes da palavra masculina "aquele", já que afirmamos que crase é terreno do feminino e também podemos já antecipar que ela nunca ocorre antes de palavras masculinas. No entanto, vale enfatizar que o uso do acento grave só é possível, porque a crase é a fusão de duas vogais idênticas (a+a), portanto, o que conta é justamente tal fusão.

ATIVIDADE

Para encerrar essa fase inicial de estudo sobre o uso da crase – mais adiante, veremos com calma mais exemplos e não exceções – em que a regra geral pode ser aplicada, faremos uma pequena atividade em que você deve explicar a diferença de sentido nos enunciados seguintes:

- Saiu à francesa
- Saiu a francesa

- Às vencedoras enviaram felicitações
- As vencedoras enviaram felicitações

EXTRA:

Se você gosta de *Rock`n`Roll* e quiser adiantar os seus estudos sobre a crase, você pode parar um pouco e ouvir a música da banda "Sujeito Simples" de Curitiba (PR) – que desde 2007 difunde no Brasil o estilo musical chamado de *rock educativo* – sobre os usos da crase. Talvez você perceba uma nova maneira de se familiarizar ainda mais com a utilização do acento grave, tendo como recurso uma canção: http://migre.me/cs30c

Atenção: A forma "á" com acento agudo é totalmente equivocada!
Ele foi à reunião (adequado)
Ele foi á reunião (inadequado)

4. Casos em que não há crase

Precisamos falar agora dos casos em que a crase não ocorre, tendo em vista o que você viu até aqui.

Antes de palavras masculinas

Como não poderia deixar de ser, se a crase é fusão entre artigo definido feminino e preposição (a+a), uma vez que as palavras masculinas são determinadas por artigos definidos **masculinos**, não há como haver essa fusão, essa *soma matemática*.

Então, se um dos elementos não está presente, não há como existir crase antes de palavras masculinas. Observe os exemplos:

Refiro-me a trabalho remunerado (adequado) ☺

Refiro- me ao trabalho remunerado (adequado) ☺

Refiro-me à trabalho remunerado (inadequado) ☹

Trabalho é palavra masculina, determinada pelo artigo definido masculino "o":
O trabalho dignifica o homem.
Portanto, antes dessa palavra, não deve haver a utilização da crase.

Antes de verbos

Da mesma maneira que acontece com as palavras masculinas da língua portuguesa, também não podemos ignorar o fato de que os verbos não podem ser determinados por artigo definido feminino.

Perceba que nunca dizemos algo como "a comer", "a fazer", "a beber", a menos que se trate de algum estrangeiro, tentando aprender o português, mas isso já é outra história. Mesmo se substantivamos o verbo, isto é, transformamos o verbo em substantivo ao adicionar a ele um artigo definido, isso é feito com o artigo definido *masculino*. Isso mais uma vez nos leva à regra geral da crase: somente podemos utilizar a crase antes de palavras femininas. Os infinitivos verbais antecedidos de artigo (sempre masculino) perdem a sua condição de verbos e passam a ser compreendidos como substantivos ("o olhar", "o andar" etc.). Por isso, quando você passeia pela sua cidade e se depara com uma placa como a da imagem abaixo não se engane, "partir" também é verbo, mas a maioria das pessoas parece abstrair essa ideia, ou por falta de conhecimento ou por simples desatenção:

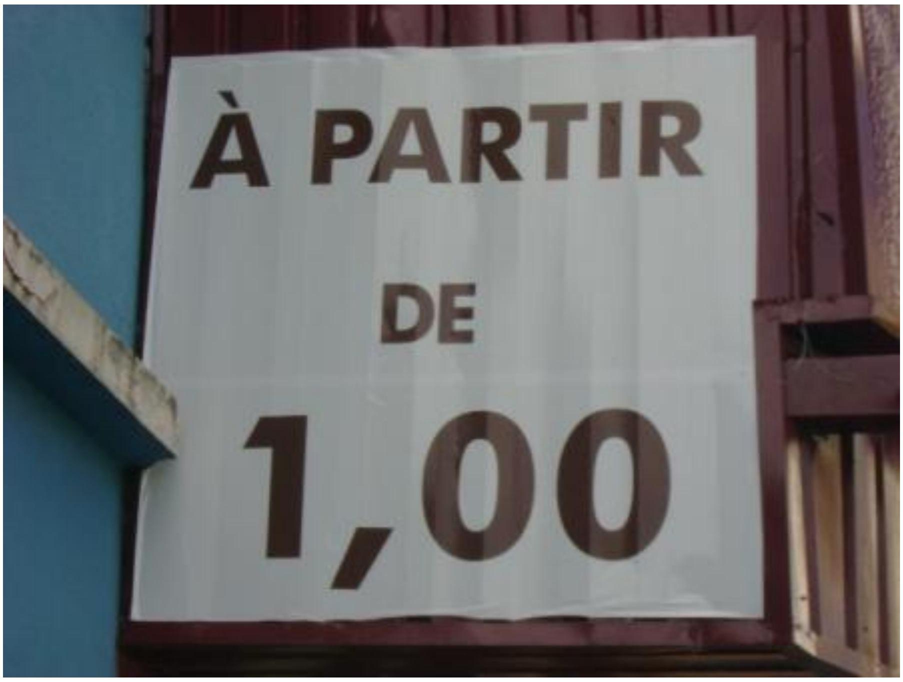

Antes de Ela, Esta e Essa

Há termos que repelem todo e qualquer artigo. Dessa maneira, não ocorre crase antes do pronome "ele" (que é masculino), como também não ocorre crase antes de "ela" (que é feminino), pois ambos dispensam o determinante. São muitos os casos, mas o segredo para você não se equivocar está na compreensão de que certas palavras não admitem que antes delas venha o artigo feminino e isso tudo, fazemos questão de enfatizar, remete novamente à nossa regra geral e matemática do encontro entre artigo e preposição [artigo] a+a [preposição]. Observe os seguintes exemplos:

Cheguei a esta conclusão.
Dedicou o livro a essa moça.
Disse a ela para que não saísse da sala.

Antes do artigo indefinido [uma]

O artigo indefinido "uma" não foge à regra geral: se não há a possibilidade de determiná-lo com outro artigo, então antes dele não haverá "a" craseado, já que só poderá receber a preposição. Veja os exemplos:

Foi submetido a uma humilhação muito grande dentro do ambiente de trabalho.
Foi convidado a uma grande festa de inauguração.

Atenção: quando "uma" designa hora, há a presença de crase: Chegou à uma hora. É só fazer a verificação com o macete que você aprendeu: Chegou ao meio-dia. Existe, portanto, correlação à = ao.

Antes das formas de tratamento

Os pronomes de tratamento não exigem artigo, já que não dizemos "A Vossa Excelência", mas somente "Vossa Excelência". Dessa forma, concluímos que não há como haver fusão se não está presente um dos elementos (artigo) para que ela aconteça. Em síntese, **não utilizamos crase antes do pronome de tratamento.** Veja os exemplos seguintes:

"Dirijo-me respeitosamente **a Vossa Reverendíssima** nesta carta";
"Entregamos esta homenagem **a Sua Excelência** o prefeito, em agradecimento por seus esforços em prol de nossa causa municipal".
"Escreverei **a Vossa** Excelência".

*****Exceções ao uso da crase: senhora, senhorita e dona.**

"Senhora", "senhorita" e "dona" são palavras femininas que admitem artigo, já que podemos dizer "A senhora se dirigiu ao supermercado", "A dona da casa está ausente, "A senhorita nos visitou, ontem", entre outros enunciados da língua. Dessa forma, é possível haver fusão de vogais (artigo + preposição) – note que é uma simples questão de soma matemática! – e, por consequência, há a possibilidade de presença da crase. Observe os seguintes exemplos:

"*Dirigiu-se **à senhora Silva** com todo o respeito*";
"*Meus respeitos **à senhorita Silva***";
"*Meus sentimentos **à dona Amanda Silva***".

Antes de pronomes indefinidos e pronomes interrogativos

Os pronomes indefinidos também não admitem artigos antes deles, dessa forma, a soma matemática do artigo + preposição, poderia ser assim representada: ∅ + a. Portanto, se não há o encontro entre o artigo e a preposição, pela inexistência do primeiro, não há a possibilidade de haver "a" craseado. Os pronomes que não admitem artigo (seguidos ou não de "s") são estes: *alguém, alguma, nenhuma, cada, certa, determinada, pouca, quanta, tal, tamanha, tanta, toda, ninguém, muita, outra, tudo, qual, qualquer, quaisquer.* Veja mais alguns exemplos:

- Falou **a** *que* pessoa? / **A** *qual* delas você se refere?
- Não sei como resistiu **a** *tanta* desaprovação.
- Viajarei daqui **a** *poucas* semanas.
- Dirigiu-se em vão **a** *outra* repartição.

Atenção: Em certos momentos, alguns desses indefinidos *(tal, mesma, muitas, outra, pouca)* podem admitir a presença do artigo, oferecendo a possibilidade de haver crase. Fazendo a substituição do substantivo feminino que os segue por outro masculino correlato, como nos macetes que aprendemos no início deste estudo, comprovaremos a ocorrência da crase:

- Assistimos sempre **às** *mesmas* cenas (aos mesmos episódios).

Lembre-se, sempre, de fazer a substituição com substantivos de mesma natureza: colégio/escola; cenas/episódios etc.

Antes de palavras repetidas

Você também pode entender bem por qual razão a crase não deve ser utilizada entre palavras repetidas. Isso ocorre, simplesmente, porque entre as palavras repetidas ligadas pelo "a", não conseguimos verificar a fusão entre preposição e o artigo, não sendo possível, portanto, que haja o acento grave. Esse "*a*" presente entre as palavras repetidas é uma preposição. Observe alguns exemplos práticos dessas ocorrências:

“O manual explica **passo à passo** os procedimentos com a ferramenta. (Inadequado) ☹

O manual explica **passo a passo** os procedimentos com a ferramenta. (Adequado) ☺

Finalmente encontrávamos **frente à frente** na votação. (Inadequado) ☹

Finalmente encontrávamos **frente a frente** na votação. (Adequado) ☺”

Leia aqui outras expressões ligadas por “a”:

- passo a passo
- frente a frente
- dia a dia
- gota a gota
- ponto a ponto
- de mais a mais
- cara a cara
- de ponta a ponta

Antes de “quem”, “que”, “cuja” e “cujas” [pronomes relativos]

Deixando o gramatiquês de lado, as palavras que fazem parte do grupo de pronomes relativos são **que**, **quem**, **qual**, **onde**, **quanto** e **cujo**. Lembrando, é claro, que a palavra **qual** apresenta quatro variantes “o qual”, “a qual”, “os quais” e “as quais”. No entanto, vamos ao que nos interessa mais, que é o estudo da crase diante desse grupo de palavras específico:

QUEM/CUJO: Sempre levando em consideração que antes dessas palavras não pode haver artigo (nunca dizemos algo como “a quem apareceu na reunião”, por exemplo), sendo somente possível que sejam antecedidas pela preposição, obviamente, não haverá crase. Veja os exemplos:

Você obedece **a** quem?

A empresa **a** cujos gerentes nos referimos faliu.

ONDE: No caso da palavra onde, quando há a necessidade de uso da preposição, ela se junta à própria palavra, dando origem ao termo "aonde".

A cidade aonde irei é uma metrópole.
Note que no enunciado acima, o **a** da preposição fixado à palavra "onde" é exigido pelo verbo IR, porque quem vai, vai sempre a algum lugar, certo?

QUANTO: Esse é um pronome que não requer nem a preposição, nem o artigo antes dele, já que sempre pressupõe o uso de palavras como "tudo", "todas" e "todos". Observe os exemplos:
Traga todos quantos quiser trazer.
Diga tudo quanto quiser.

A QUAL/AS QUAIS: Nesse caso, precisamos olhar com cuidado para o verbo que vem depois desses pronomes relativos e verificar se ele exige a preposição "a".

Esta é a residência à qual eu me referi. (Quem se refere, refere-se a algo)
Esta é a mulher a qual vi. (Quem vê, vê algo)

QUE: Quando você vir a presença da crase antes do pronome relativo **que**, terá que observar qual é o termo feminino que está subentendido ali – para evitar a repetição de palavras -, porque é por conta dele que o acento grave ocorre e não por conta da palavra "que" sozinha. Observe:

Espero que você compre uma peça idêntica à [peça] que você quebrou.
Ganhou uma premiação por seu desempenho igual à [premiação] que recebeu no ano anterior.

Antes da expressão Nossa Senhora ou de nomes de santas
Seguindo a mesma lógica que vimos enfatizando ao longo dos tópicos e exemplos anteriores, também não podemos utilizar acento indicador de crase antes de nomes de santas, porque não devemos usar artigo antes de tais nomes, de forma que a

lógica matemática, nesse caso, não confere a possibilidade de fusão: $\varnothing + a = a$ (preposição). Veja:

Nas suas aflições recorria **a** Nossa Senhora e **a** Santa Teresinha.
Entregarei tudo **a** Santa Edwiges.

Antes de nomes de mulheres célebres

Da mesma maneira que ocorre com nomes de santas, também ocorrerá com nomes de mulheres célebres, por não haver o costume particularizá-los com artigo. Observe os exemplos:

A obra era uma referência a Marylin Monroe.
O historiador referiu-se a Cleópatra.

Antes de numerais cardinais

Sempre que não houver um termo feminino subentendido, não utilizaremos acento indicador de crase. Tal fato ocorre porque nesse caso o **a** refere-se à preposição.

De 18 a 22 deste mês.
Assisti a duas sessões de cinema.
Daqui a quatro semanas nosso trabalho terá mudado.
O escritório ficava a 3 quilômetros de minha casa.

Sendo assim, qual das seguintes sentenças estaria correta?
Lombada à 50 metros
Lombada a 50 metros
No caso acima, o **a** é uma simples preposição, por isso, não leva acento grave. No entanto, você pode empregar uma crase, correta, diante de um numeral cardinal em casos como os seguintes, por conta do termo que está subentendido:
Li da página 1 à [página] 20.
Caminhou da rua Augusta à [rua] 7 de setembro.

Antes de distância não determinada

Como tudo gira em torno da presença do artigo definido feminino, é a ele também que devemos voltar a nossa atenção para analisar o caso da palavra *distância*. Se ela vier determinada, a crase deve ocorrer, mas se acontecer o contrário disso e não houver especificação, a crase não poderá acontecer. Veja só os exemplos:

Sua casa fica **à** distância de 100 Km daqui. (A palavra está determinada)
Todos devem ficar **à** distância de 50 metros do palco. (A palavra está especificada)
Os militares ficaram **a** distância.
Gostava de fotografar **a** distância.
Ensinou **a** distância.
Dizem que aquele médico cura **a** distância.
Reconheci o menino **a** distância.

Atenção: Se houver a chance de a falta do sinal indicativo de crase conferir ambiguidade ao que se escreve, é possível usar a crase. Observe os seguintes exemplos:

Gostava de fotografar **à** distância.

É claro que fotografar a própria distância seria algo subjetivo demais, mas para evitar essa possibilidade de sentido, sinalizamos a crase.

Ensinou à distância.

O mesmo ocorre no exemplo acima: não ensinamos a distância, propriamente, a ninguém, podemos, por outra parte, ensinar a medi-la, por exemplo.

Dizem que aquele médico cura à distância.

Novamente, curar a própria distância, digamos, não faz parte das tarefas e atividades médicas. O sentimento causado pela distância entre duas pessoas, a própria saudade, deve-se, provavelmente, curar-se de outras maneiras.

Antes de pronomes pessoais

Insistindo na lógica de que o uso da crase gira em torno, principalmente, da utilização ou não do artigo feminino antes dos nomes, uma vez que os pronomes pessoais (aqueles se referem às pessoas do discurso ou que apontam para elas) não admitem seu uso antes deles, não haverá ocorrência de crase. Veja alguns exemplos:

Na hora do aperto, sempre recorrem **a** mim

Graças **a** vocês, tudo se resolveu.

Deu **a** ti todos os documentos solicitados.

Todos diziam **a** ela que os votos confirmariam a sua candidatura.

Pronomes pessoais: eu, tu, ele, me, te, o, lhe, mim, ti etc.

Após as preposições: *ante, após, com, conforme, contra, desde, durante, entre, mediante, para, perante, sob, sobre, segundo:*

Sempre tendo em mente a matemática da crase: soma de dois "as", você deve levar em conta que as preposições – e o "a" faz parte delas – não admitem que a elas próprias se sigam outras preposições, já que isso não faria sentido. Dessa forma, o "a" que se segue a uma preposição só pode ser um artigo, não admitindo crase. Observe os exemplos abaixo:

Contra a China, o Governo Lula regulamentou a adoção de salvaguarda.

Faltam quinze minutos para as três horas.

Ante a situação, ele emudeceu.

Ele mentiu perante a juíza.

Estarei lá entre as 15h e as 16h.

Note que em todos os exemplos acima estão destacadas preposições seguidas do artigo "a", e não da fusão (crase) entre preposição "a" e artigo "a".

Antes de nomes de parentescos

Quando o nome de parentesco familiar vier posto com um pronome possessivo antes dele, não haverá uso da crase. Observe os exemplos:

Recorri a minha mãe.
Faremos uma visita a nossa avó.
Pediu desculpas a sua cunhada.

5. Crase optativa

Antes de pronomes possessivos femininos

Os pronomes possessivos são motivo de nossa primeira discussão sobre a crase quando se trata dos *casos optativos*, isto é, quando podemos usar o acento grave ou não. Mesmo a opção que fazemos tem uma explicação plausível, que não foge ou destoa da regra geral sobre a crase, basta que entendamos o motivo.

Antes dos pronomes possessivos (minha, tua, sua, nossa...), o uso dos artigos definidos é opcional, já que eu posso dizer "Aquela é a minha sala" ou "Aquela é minha sala", o uso do artigo varia de pessoa para pessoa ou mesmo de acordo com a região brasileira em que se encontra o falante da nossa língua. Dessa forma, quando também existir a preposição – já que precisamos dela para que haja a fusão, poderemos escolher utilizar ou não o acento grave. Uma vez que o artigo antes do pronome possessivo é facultativo, a crase também será. Observe os exemplos de possibilidades:

Estamos à sua disposição. (adequado) ☺

Estamos a sua disposição. (adequado) ☺

Também podemos comprovar essas possibilidades, utilizando um dos macetes de verificação da crase que você aprendeu no início deste estudo, substituindo o termo feminino, por um masculino de mesma natureza:

Estamos ao seu dispor (preposição **a** + artigo masculino **o**)
Estamos a seu dispor (somente preposição **a**)

Antes de nomes de mulheres

A explicação para o uso da crase ser optativo antes de nomes de mulheres é bastante parecida à anterior. Observe os exemplos seguintes antes de fazer essa constatação:

Cláudia é bastante empenhada em seu trabalho.
A Cláudia é bastante empenhada em seu trabalho.

Mariana é assídua.
A Mariana é assídua.

Note que o uso do artigo antes de nomes próprios femininos é opcional e também varia de acordo com a origem do falante de nossa língua, já que costuma ser uma variação regional. Assim, quando existem verbos que exigem a preposição **a** depois deles e que são seguidos de nomes de mulheres, temos sempre a opção de utilizar ou não a crase. Veja:

Refiro-me à Cláudia/ Refiro-me a Cláudia.
Respondo à Mariana/ Respondo a Mariana.

Antes de dona e madame

No caso de **dona** e de **madame** não costumamos fazer uso da crase. No entanto, se estivermos especificando as pessoas a quem nos referimos, de modo a particularizá-las, a crase pode aparecer. Veja os exemplos seguintes:

Referia-se à Dona Flor e seus dois maridos.
Falava à Madame Bovary com timidez.

Com a expressão "até a"

Para que você compreenda o uso da expressão "até a" e sua relação com o uso da crase, é importante, primeiro, ter em mente que o uso da crase pode indicar também uma diferença de sentido, como também já afirmamos anteriormente:

Até a = indica inclusão: Até a cidade de Campinas foi atingida pela enchente.
Até à = indica limite, isto é, exclusão: Sempre vamos juntas até à igreja.

Irei até a chácara
Irei até à chácara (Irei até os limites da chácara)

Se fizermos a verificação com um dos macetes que aprendemos:
Irei até o sítio
Irei até ao sítio (Irei até as imediações do sítio)
Se a palavra que vier depois do termo "até" for feminina, **poderá** haver crase. Podemos dizer que, na maioria dos casos, devemos utilizar a palavra "até" sem que ela seja seguida de crase, porque seu uso, nesses casos, seria efetuado para evitar um duplo sentido:

Os garimpeiros danificaram todo o rio até à nascente
Com o acento grave, poderíamos interpretar que todo o rio foi danificado, exceto sua nascente.
Os garimpeiros danificaram todo o rio até a nascente
Sem o acento grave, poderíamos entender que os garimpeiros danificaram inclusive a nascente.

6. Casos especiais de uso: a crase antes das palavras “casa” e “terra”

As palavras **casa** e **terra** merecem sua atenção especial, porque o uso ou não da crase dependerá, unicamente, do sentido em que são utilizadas essas palavras em determinado contexto.

Quando a palavra **casa** é utilizada, precisamos observar a condição de especificação desse uso. Se ela aparecer sem nenhum qualificativo, não se usa a crase. Agora, se houver algum tipo de determinação, que também pressupõe o uso do artigo, devemos utilizar a crase. Observe os exemplos seguintes:

Ele voltou **a casa** hoje pela manhã
Ele voltou **à casa dos avós** hoje pela manhã

Quando a palavra **terra** significar chão firme, opondo-se a bordo, não utilizaremos crase:
Os tripulantes do navio desceram **a terra** por volta de 5h da tarde.

Quando a palavra terra significar lugar de origem e estiver particularizada, ou ainda se significar planeta Terra, o uso da crase é exigido:
Retornei **à terra** onde nasci.
Os astronautas voltaram **à Terra** no mês passado.

* Não se esqueça de observar que mesmo nesses casos, o artigo feminino é que comanda a presença da crase, pelo fato de que, em sentidos específicos, as palavras *casa* e *terra* admitem artigo, mas em outros não.

7. A crase, os números e as horas: uma tríade que merece sua atenção

Quando tratamos de números e horas, sempre nos perguntamos, ao escrever, se nesta ou em outra ocasião há o uso da crase. No entanto, como já vimos afirmando até aqui, não há exceções, mas uma regra geral que sustenta a crase no **terreno do feminino.**

Agora que vamos olhar com um pouco mais de atenção para os números, devemos também entender que a crase só será utilizada nas ocasiões nas quais o número for representativo de um termo feminino, isto é, em que estiver fazendo referência a uma palavra feminina. Observe os exemplos e as explicações seguintes:

- Chegarei à reunião às 9h.

Há crase porque há a presença da preposição **a,** e o número 9 concorda com uma palavra feminina: **horas**. Se utilizarmos o macete de substituição por um termo masculino, como meio-dia, podemos assegurar a presença de crase: Chegarei à reunião ao meio-dia. Uma vez que surgiu **ao** (preposição + artigo), também haverá crase (**à**) antes do termo feminino.

- Chegarei à reunião após as 9h.

No caso acima, não há a presença de crase, porque ao invés da preposição **a**, temos a presença da preposição **após**. Assim, podemos usar o macete verificador e substituir o termo feminino por um termo masculino: Chegarei à reunião após o meio-dia.

- Estarei na reunião até as/às 9h.

Nesse caso, a crase é optativa, porque se substituirmos o termo feminino por um masculino teremos duas possibilidades:

Estarei na reunião até ao meio-dia
ou
Estarei na reunião até o meio-dia.

Atenção: Em muitos enunciados da língua, há uma relação entre os números. Nesses casos, somente ocorrerá crase entre os números quando antes do primeiro deles vier um artigo. Veja os exemplos seguintes:

A conferência ocorrerá **das** (de+as) 14h **às** 16.

A conferência ocorrerá **de** 14h **a** 16.

14h **a** 16h: Esse é o horário da conferência.

Os representantes de 1ª **a** 7ª série deverão apresentar-se em fila.

Os representantes da 1ª **à** 7ª série deverão apresentar-se em fila.

8. Expressões com crase (locuções conjuntivas, adverbiais e prepositivas)

Existem algumas expressões que requerem sua atenção, pois levam a crase sempre. É claro que elas não são diferentes e obedecem à regra geral, porque, como você poderá observar na lista que disponibilizamos adiante, a crase continua a anteceder palavras femininas e, quando isso não acontece, é porque o termo feminino está **subentendido**. Em expressões em que as palavras **moda** e **maneira** estão implícitas, podemos ter o uso da crase mesmo antes de palavras masculinas. Veja os exemplos:

Comemos arroz à grega [à moda grega - palavra feminina]

O escritor pretendia um estilo à Paulo Coelho [à maneira de Paulo Coelho - palavra masculina]

Aqui, mais uma vez, você pode verificar que não se tratam de exceções, mas de termos subentendidos que, ainda assim, são femininos. É importante repetir o que já dissemos: *a crase é terreno do feminino*!

Veja abaixo uma lista de expressões que levam crase:

- à altura (de)
- à americana
- à baiana
- à baila
- à bala
- à base de
- à beça
- à beira (de)
- à beira-mar
- à beira-rio
- à boca pequena
- à brasileira
- à bruta
- à busca (de)
- à cabeceira (de)
- à caça de
- à carga
- à cata (de)
- à chave
- à conta (de)
- à cunha
- à custa (de)
- à deriva
- à direita
- à disparada
- à disposição
- à distância de
- à entrada (de)
- à escolha (de)
- à escovinha
- à escuta
- à espada
- à espera (de)
- à espreita (de)
- à esquerda
- à evidência
- à exaustão
- à exceção de
- à faca
- à falta de
- à fantasia
- à farta
- à feição (de)
- à flor da pele
- à flor de
- à fome
- à força (de)
- à francesa
- à frente (de)
- à fresca
- à gaúcha
- à grande
- à guisa de
- à imitação de
- à inglesa
- à italiana
- à janela
- à japonesa
- à larga
- à livre escolha

- à [moda] Luís XV
- à luz
- à maneira de
- à mão armada
- à mão direita
- à mão esquerda
- à máquina
- à margem (de)
- à marinheira
- à matroca
- à medida que
- à meia-noite
- à mercê (de)
- à mesa
- à mesma hora
- à mexicana
- à milanesa
- à mineira
- à míngua (de)
- à minha disposição
- à minha espera
- à minuta
- à moda (de)
- à moderna
- à morte
- à mostra
- à navalha
- à noite
- à noitinha
- à nossa disposição
- à nossa espera
- à ocidental
- à ordem
- à oriental
- à paisana
- à parte
- à passarinho
- à paulista
- à ponta de espada
- à porta
- à portuguesa
- à praia
- à pressa
- à prestação
- à primeira vista
- à procura (de)
- à proporção que
- à prova
- à prova d'água
- à prova de fogo
- à pururuca
- à que (= àquela que)
- à queima-roupa
- àquela hora
- àquelas horas
- àquele dia
- àqueles dias
- àqueloutros(s)
- àqueloutra(s)
- à raiz de
- à razão (de)
- à ré
- à rédea curta
- à retaguarda
- à revelia (de)
- à risca
- à roda (de)
- à saciedade
- à saída
- à saúde de
- à semelhança de
- à socapa

- à solta
- à sombra (de)
- à sorrelfa
- à sorte
- à sós
- à sua disposição
- à sua escolha
- à sua espera
- à sua maneira
- à sua moda
- à sua saúde
- à superfície (de)
- à tarde
- à tardinha
- à testa (de)
- à tinta
- à toa
- à traição
- à tripa forra
- à última hora
- à uma (hora)
- à unha
- à vaca-fria
- à valentona
- à venda
- à Virgem
- à vista (de)
- à vista desarmada
- à vista disso
- à volta (de)
- à vontade
- à vossa disposição
- à zero hora
- às apalpadelas
- às armas!
- às ave-marias
- às avessas
- às bandeiras despregadas
- às barbas de
- às boas
- às cambalhotas
- às carradas
- às catorze (horas)
- às cegas
- às centenas
- às cinco (horas)
- às claras
- às costas
- às dez (horas)
- às dezenas
- às direitas
- às doze (horas)
- às duas (horas)
- às dúzias
- às encobertas
- às escâncaras
- às escondidas
- às esquerdas
- às expensas de
- às falas
- às favas
- às gargalhadas
- às lágrimas
- às léguas
- às mancheias
- às margens de
- às marteladas
- às mil maravilhas
- às moscas
- às nove (horas)
- às nuvens
- às oito (horas)

- às onze (horas)
- às ordens (de)
- às portas de
- às pressas
- às quais
- às que (= àquelas que)
- às quartas-feiras
- às quatro (horas)
- às quintas-feiras
- às quinze (horas)
- às segundas-feiras
- às seis (horas)
- às sete (horas)
- às sextas-feiras
- às sete (horas)
- às soltas
- às suas ordens
- às tantas
- às terças-feiras
- às tontas
- às três (horas)
- às turras
- às últimas
- às vésperas (de)
- às vezes
- às vinte horas
- às vistas de
- às voltas com
- bater à porta
- beber à saúde de
- condenado à morte
- dar à estampa
- dar à luz
- dar a mão à palmatória (= reconhecer o erro)
- dar tratos à bola (= esforçar-se para fazer algo)
- dar vazão à
- descer à sepultura
- de uma ponta à outra
- exceção à regra
- falar à razão
- faltar à aula
- graças às
- ir à bancarrota
- ir à forra
- ir às compras
- ir às do cabo
- ir às nuvens
- ir às urnas
- jogar às feras
- mandar às favas
- mãos à obra
- marcha à ré
- nem tanto ao mar, nem tanto à terra
- passar à frente
- pôr à mostra
- pôr à prova
- pôr às mãos à cabeça
- pôr fim à vida
- quanto às
- recorrer à polícia
- reduzir à expressão mais simples

- sair à rua
- saltar à vista
- uma à outra
- umas às outras
- voltar à carga
- voltar à cena
- voltar às boas

9. Atividades

1) **(Analista Judiciário/TRF da 4ª Região/FCC)** Quanto à observância da necessidade do sinal de crase, a frase inteiramente correta é:

a) Voltam-me à memória os romances a que me dediquei como jovem leitor, bem como os filmes a que assisti com tanto prazer;
b) Se à princípio os jovens demonstram pouco interesse pelas ficções, o contínuo estímulo a elas pode reverter esse quadro;
c) Quem se entrega à boa leitura pode avaliar sua inestimável contribuição à uma vida interior mais rica e mais profunda;
d) Ao se referir à ficção de "O Caçador de Pipas", o autor tomou-a como exemplo essencial a argumentação que desenvolvia;
e) Os que se dedicam à cultivar a boa literatura sabem o quanto é difícil dotar as palavras de um sentido verdadeiramente essencial.

2) **(Técnico Superior Administrativo/ Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro/NCE/Adaptada)** Está correto o uso do acento de crase em:

a) Solicitei à V. Sa. a observância deste dispositivo;
b) Fomos chamados à prestigiar a solenidade à toa;
c) Para evitar à fraude, assinarei as carteiras à mão;
d) Compram comida à quilo e querem comer à jato;
e) À uma hora, assistiremos à chegada do novo chefe.

3) **(Técnico em Reforma e Desenvolvimento Agrário/ INCRA/NCE)** A alternativa em que o acento grave indicativo da crase é optativo é:

a) Entreguei-o à minha mãe;
b) Entreguei-o àquela mulher;
c) Entreguei-o à elegante atriz;
d) Entreguei-o à polícia;
e) Entreguei-o à mesma funcionária.

4) **(Técnico Judiciário/TJ-RJ/NCE)** "... necessidade de se ajudarem umas às outras,..."; o acento grave indicativo da crase, neste caso, é resultante da:

a) presença simultânea de uma preposição e de um artigo definido feminino;
b) necessidade de se indicar a presença de um completo diferente do anterior;
c) combinação de uma preposição com um pronome indefinido;
d) contração de uma preposição com um pronome demonstrativo;

e) obrigação de evitar-se a ambiguidade.

5) (Seleção Interna de Servidores Municipais e Prestadores de Serviço para o Centro de Línguas/Prefeitura Municipal de Fortaleza/DRH) Indique a alternativa em que a crase é facultativa.

a) Voltei mais cedo à minha casa para almoçar.
b) Todos os participantes chegaram às 13 horas em ponto.
c) Devolvemos o celular àquela garota da poltrona 5.
d) Chegamos à cidade de Salvador antes do carnaval.

6) (Agente Operacional de Serviços Diversos/TJ-SC/UFPR) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas do período: Agradeço _____ Vossa Senhoria _____ oportunidade para manifestar minha opinião _______ respeito.

a) a – à – a;
b) à – a – à;
c) a – a – a;
d) à – a – a.

7) (Técnico Judiciário I/Corregedoria Geral da Justiça do Estado do Rio de Janeiro/NCE/Adaptada) Há cinco formas da mesma frase; você deve indicar a de forma mais adequada e correta, segundo a norma culta.

a) Com exceção da referência às leis, Vossa Excelência, o deputado, falou bem;
b) Com excessão da referência às leis, Sua Excelência, o deputado, falou bem;
c) Com excessão da referência as leis, Sua Excelência, o deputado, falou bem;
d) Com exceção da referência as leis, Vossa Excelência, o deputado, falou bem;
e) Com exceção da referência às leis, Sua Excelência, o deputado, falou bem.

8) (Vestibular/FGV-SP) Assinale a alternativa em que a (as), com ou sem o sinal de crase, está utilizado corretamente.

a) Chegou ao trabalho a tempo, às 8 horas da noite.
b) Teve ímpetos de atirar-se à ele para afogá-lo.
c) Devido a morte do tio, foi obrigado a vestir-se de preto durante um longo tempo.
d) Faremos homenagem à pessoas dignas da nossa sociedade.
e) O curso será ministrado no período de 11 à 30 de janeiro.

9) (Técnico Judiciário I/Corregedoria Geral da Justiça do Estado do Rio de Janeiro/ NCE/Adaptada) Há cinco formas da mesma frase; você deve indicar a de forma mais adequada e correta, segundo a norma culta.

a) O Tribunal funciona, aos sábados, das 7 as 12 horas.
b) O Tribunal funciona aos sábados de 7 à 12 horas.

c) O Tribunal funciona, aos sábados, de 7 às 12 horas.
d) O Tribunal funciona, aos sábados, das 7 às 12 horas.
e) O Tribunal, aos sábados, funciona, de 7 à 12 horas.

10) (Assistente Social Judiciário/Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo/Vunesp) Quando ao uso do acento indicativo da crase, está correta a alternativa:

a) Vou sempre a Campinas;
b) Tudo que sei vou narrar à Vossa Excelência;
c) Ontem saiu à cavalo e não mais voltou;
d) O gerente delegou competências a secretária;
e) Estou à resolver questões linguísticas.

11) (Programador/TJ-DF/Cespe/UnB) Quanto ao uso do sinal indicativo de crase, assinale a opção incorreta.

a) Carter acusa Israel de criar empecilhos à consecução da paz.
b) Presidente sírio pede ajuda do Parlamento para vencer à corrupção.
c) PDC chileno exige fim dos obstáculos à democratização.
d) Itália pede à Alemanha extradição de nazistas.
e) Poço na bacia de Campos leva Petrobrás à maior jazida já descoberta.

12) Em qual das alternativas o uso do acento indicativo de crase é facultativo?

a) Minhas idéias são semelhantes às suas.
b) Ele tem um estilo à Eça de Queiroz
c) Dei um presente à Mariana.
d) Fizemos alusão à mesma teoria.
e) Cortou o cabelo à Gal Costa.

13) "O pobre fica ___ meditar, ___ tarde, indiferente ___ que acontece ao seu redor".
a) à - a - aquilo
b) a - a - àquilo
c) a - à - àquilo
d) à - à - aquilo
e) à - à – àquilo

14) "A casa fica ___ direita de quem sobe a rua, __ duas quadras da Avenida Central".

a) à - há
b) a - à
c) a - há
d) à - a
e) à – à

15) "O grupo obedece ___ comando de um pernambucano, radicado ___ tempos em São Paulo, e se exibe diariamente ___ hora do almoço".

a) o - à - a
b) ao - há - à
c) ao - a - a
d) o - há - a
e) o - a – a

16) "Nesta oportunidade, volto ___ referir-me ___ problemas já expostos ___ V. Sª ___ alguns dias".

a) à - àqueles - a - há
b) a - àqueles - a - há
c) a - aqueles - à - a
d) à - àqueles - a - a
e) a - aqueles - à – há

17) Assinale a frase gramaticalmente correta:

a) O Papa caminhava à passo firme.
b) Dirigiu-se ao tribunal disposto à falar ao juiz.
c) Chegou à noite, precisamente as dez horas.
d) Esta é a casa à qual me referi ontem às pressas.
e) Ora aspirava a isto, ora aquilo, ora a nada.

18) O Ministro informou que iria resistir _____ pressões contrárias _____ modificações relativas _____ aquisição da casa própria.

a) às - àquelas _ à
b) as - aquelas - a
c) às àquelas - a
d) às - aquelas - à
e) as - àquelas – à

19) A alusão _____ lembranças da casa materna trazia _____ tona uma vivência _____ qual já havia renunciado.

a) às - a - a
b) as - à - há
c) as - a - à
d) às - à - à
e) às - a – há

20) Use a chave ao sair ou entrar __________ 20 horas.

a) após às
b) após as
c) após das
d) após a
e) após à

21) (CESGRANRIO - 2012 - EPE - Assistente Administrativo) O uso do sinal indicativo da crase é obrigatório em:

a) A metrópole exerce influência social e administrativa sobre **a** maioria das cidades da região.
b) Cada vez mais, os moradores têm acesso **a** bens de consumo como eletrodomésticos e celulares.
c) Nas grandes cidades, o crescimento populacional é sempre aliado **a** índices econômicos altos.
d) O governo precisa investir na saúde para corresponder **a** expectativa da população.
e) O planejamento familiar é necessário para não levar o mundo **a** uma situação insustentável.

22) (CESGRANRIO - 2012 - EPE - Nível Superior - Conhecimentos Básicos - Todos os Cargos) No trecho "50% e 70% das falhas ocorridas no passado em linhas de transmissão brasileiras estavam relacionadas às condições climáticas," (L. 13-16), o sinal indicativo da crase deve ser empregado obrigatoriamente.

Esse sinal também é obrigatório na palavra destacada em:
a) O Brasil sofreu as consequências da grande perda de carbono da floresta Amazônica.
b) A transformação acelerada do clima deve-se as estiagens em várias partes do mundo.
c) Alguns tipos de vegetação dificilmente resistem a uma grande mudança climática.
d) As usinas hidrelétricas, a partir de 1920, estavam associadas a regiões industriais.
e) O aumento da temperatura do planeta causará danos expressivos a seus habitantes.

23) (FUNCAB - 2012 - SEAD-PB - Técnico Administrativo) Assinale a opção que completa, respectivamente, as lacunas da frase abaixo, de acordo com a norma culta da língua.

Assistindo ___ novela na casa dos vizinhos e sem se preocupar com ___ presença dos estranhos, ela começou ___ chorar.
a) a – a – à
b) a – à – a
c) à – a – a

d) à – à – a
e) a – à – à

24) (VUNESP - 2012 - TJ-SP - Analista de Sistemas) A corte seguiu à risca um artigo do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Segue essa mesma regra de uso da crase a alternativa:

a) (A lei) ameaça despejar milhares de marginais precoces de volta às ruas.
b) A felicidade é o sonho que se oferece às pessoas.
c) Telefonei ontem à sua tia.
d) Ficou rodando de carro à toa por muito tempo.
e) Não ceda à tentação.

25) (VUNESP - 2012 - TJ-SP - Escrevente Técnico Judiciário - Prova versão 1) No Brasil, as discussões sobre drogas parecem limitar-se .... aspectos jurídicos ou policiais. É como se suas únicas consequências estivessem em legalismos, tecnicalidades e estatísticas criminais. Raro ler................ respeito envolvendo questões de saúde pública como programas de esclarecimento e prevenção, de tratamento para depen-dentes e de reintegração desses .... vida. Quantos de nós sabemos o nome de um médico ou clínica .... quem tentar encaminhar um drogado da nossa própria família?
(Ruy Castro, Da nossa própria família. Folha de S.Paulo, 17.09.2012. Adaptado)

As lacunas do texto devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

a) aos … à … a … a
b) aos … a … à … a
c) a … a … a … a
d) a … a … à … à
e) à … à … à … à

26) (FEC - 2012 - PC-RJ - Inspetor de Polícia - 6º Classe) O acento grave no “a“ destacado em: “para que toda criança tenha acesso A escola de qualidade” torna-se obrigatório quando se substitui o complemento de “acesso” por:

a) a essa escola de qualidade.
b) a uma escola de qualidade.
c) a escolas de qualidade.
d) a sua primeira escola de qualidade.
e) a escola de qualidade que almeja.

27) (VUNESP - 2012 - SPTrans - Advogado Pleno – Trabalhista) Assinale a alternativa em que o sinal indicativo de crase está empregado corretamente.

a) Foi dada a palavra à defesa, que se recusou à falar em favor de seus representados.

b) Provou-se que àqueles estudantes foram impostos severos maus tratos, até levá-los à morte.
c) À bem da verdade, a defesa não estava plenamente à par das acusações contra os réus.
d) Ao servidor ocupante, exclusivamente, de cargo em comissão declarado em lei de livre nomeação e exoneração, aplica-se o regime estatutário.
e) A administração fazendária e seus servidores fiscais terão, dentro de suas áreas de competência e jurisdição, precedência sobre os demais setores administrativos, na forma da lei.

28) (CESGRANRIO - 2011 - BNDES - Técnico de Arquivo) Há omissão do sinal indicativo da crase em:

a) Os vizinhos tomaram providências a respeito dos latidos.
b) O autor se refere a dupla de artistas como adoráveis.
c) Agradeci a ele pelo magnífico presente.
d) Os cães continuaram a latir sem parar.
e) Ela visita a avó todos os domingos.

29) (CESGRANRIO - 2011 - BNDES - Profissional Básico - Análise de Sistemas – Desenvolvimento) O sinal indicativo da crase está empregado de acordo com a norma-padrão em:

a) Depois de aportar no Brasil, Cabral retomou à viagem ao Oriente.
b) O capitão e sua frota obedeceram às ordens do rei de Portugal.
c) O ponto de partida da frota ficava no rio Tejo à alguns metros do mar.
d) O capitão planejou sua rota à partir da medição de marinheiros experientes.
e) Navegantes anteriores a Cabral haviam feito menção à terras a oeste do Atlântico.

30) (FCC - 2012 - TRF - 5ª REGIÃO - Técnico Judiciário - Segurança e Transporte) O detetive Gervase Fen, que apareceu em 1944, é um homem de face corada, muito afeito ...... frases inteligentes e citações dos clássicos; sua esposa, Dolly, uma dama meiga e sossegada, fica sentada tricotando tranquilamente, impassível ...... propensão de seu marido ...... investigar assassinatos. (Adaptado de P.D. James, op.cit.)
Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) à - à - a
b) a - à - a
c) à - a - à
d) a - à - à
e) à - a - a

10. Gabarito comentado

Atividade Extra:

- Saiu à francesa

Saiu à maneira francesa.

- Saiu a francesa

A mulher, que era francesa, saiu.

- Às vencedoras enviaram felicitações

Neste caso, as felicitações foram enviadas para as vencedoras.

- As vencedoras enviaram felicitações

Já neste, foram as vencedoras as responsáveis por enviar as felicitações a alguém.

1) Resposta A – "Em voltam-me à memória", há crase, pois, se substituirmos a palavra "memória" por uma masculina, observaremos que existe a correlação à – ao: Voltam-me à memória (= voltam-me ao espírito).

2) Resposta E – Em "À uma hora" há crase, porque nas expressões que indicam o número de horas, ocorre crase. Devemos lembrar-nos de que, se a hora estiver indeterminada, não haverá crase: Saí de lá a uma hora qualquer. Em "assistiremos à chegada do novo chefe" também há crase, porque podemos efetuar a correlação com um termo masculino: Assistiremos à chegada.../Assistiremos ao encontro...

3) Resposta A – A crase é facultativa antes de pronomes possessivos adjetivos no feminino singular (minha, tua, nossa, vossa).

4) Resposta A – O acento grave indicativo da crase, neste caso, é resultante da presença simultânea de uma preposição e de um artigo definido feminino. O verbo "ajudar", no trecho destacado, exige a preposição "a"; o pronome "outras" está precedido de artigo "as". Então: Ajudar-se umas a (preposição) + as (artigo) outras = ajudar-se umas às outras.

5) Resposta A – Com pronomes possessivos, a crase é facultativa: "Voltei mais cedo à minha casa para almoçar" ou "Voltei mais cedo a minha casa para almoçar".

6) Resposta C – A primeira lacuna é preenchida com a preposição "a", porque quem agradece, agradece algo a alguém. Não há crase antes de pronomes de tratamento. Na segunda, o "a" é um artigo definido. No terceiro espaço em branco, usa-se a preposição "a". Neste último caso, não pode haver crase, visto que o "a" antecede palavra masculina.

7) Resposta E – Usa-se "Vossa Excelência" nos diálogos (quando falamos diretamente com a pessoa) e "Sua Excelência" nos relatos (quando falamos sobre a pessoa). Como existe a expressão "o deputado", é sinal de que falamos dele, portanto o correto é "Sua Excelência", eliminando as alternativas A e D. A forma correta é "exceção", eliminando B e C. O correto é referência às leis, invalidando C e D.

8) Resposta A – Em "a tempo" (palavra masculina – não há crase); "às 8 horas" (aos oito minutos – há crase com horas determinadas).

9) Resposta D – Com horas determinadas, a crase é obrigatória. Além disso, por paralelismo, antes do primeiro numeral não se usa de, mas das (preposição + artigo): das 7 às 12 horas. Com isso, eliminam-se todas as alternativas, com exceção da D.

10) Resposta A – Está correta a alternativa A, uma vez que não se usa crase antes de nomes de lugares que não admitam artigo. Observe a correlação para lugares: volto da, crase há; volto de, crase para quê? (Vou a Campinas, Volto de Campinas/ Vou à Argentina, Volta da Argentina).

11) Resposta B – Não há crase em "para vencer à corrupção", visto que o "a" é apenas artigo. Observe a correlação com palavra masculina: para vencer a corrupção/para vencer o corrupto.

12) Resposta A – O uso da crase antes de pronomes possessivos é facultativa.

13) Resposta C – A primeira lacuna é corretamente preenchida pela preposição "a", já que ela antecede um verbo e antes de verbos não pode haver crase. A expressão "à tarde" é locução adverbial e, portanto, leva crase. Na terceira lacuna, "àquilo" é pronome demonstrativo que leva crase, porque a palavra que o antecede pede a preposição "a"; quem é indiferente é indiferente "a" algo, sinalizando a aglutinação dos dois "as".

14) Resposta D – "À direita" é uma locução feminina que exige a crase e "duas", por ser numeral cardinal, deve ser antecedido somente pela preposição "a".

15) Resposta B – A primeira lacuna é corretamente preenchida por "ao", já que "comando" é palavra masculina. Na segunda lacuna, o termo adequado é "há", do verbo haver, por fazer referência ao tempo. Por último, a terceira lacuna indica que a exibição acontece diariamente no momento do almoço, portanto, há crase, por se tratar também de palavra feminina.

16) Resposta B – "Referir-me" é verbo, portanto, não deve haver crase antes dele. Ao mesmo tempo, esse mesmo verbo exige a preposição "a" depois dele e, por aglutinação, temos a presença de crase com a palavra masculina "aqueles". Antes de formas de tratamento não há crase e a última lacuna é corretamente preenchida pelo verbo haver, em sua forma "há".

17) Resposta D - A frase gramaticalmente correta é "Esta é a casa à qual me referi ontem às pressas", porque o uso da crase antes do pronome relativo "qual" deixa implícita e evita a repetição do termo "casa", ao mesmo tempo em que "às pressas" é uma locução feminina em que a crase é requerida e corretamente empregada.

18) Resposta E – "Resistir" (verbo), "contrárias" (nome) e "relativas" (nome) são palavras que exigem a preposição "a"; seguidas de palavras femininas em todas as três lacunas, exigem o uso da crase.

19) Resposta D - "Alusão" é uma palavra que exige a preposição "a", porque quem faz alusão, sempre faz alusão a algo. "À tona", é locução feminina que exige o uso da crase. Por último, antes do pronome relativo "qual", deve haver a presença da crase, porque se subentende a palavra vivência, ao mesmo tempo em que se evita sua repetição.

20) Resposta B - "Após" é preposição e depois dessa preposição só pode haver a presença do artigo, que determina as horas.

21) Resposta D - O governo precisa investir na saúde para corresponder **a** expectativa da população. Presença da preposição "a", visto que "quem corresponde, corresponde a algo: a expectativa" somada com o artigo "a", visto que expectativa é palavra feminina. Crase obrigatória.

22) Resposta B - A transformação acelerada do clima deve-se **as** estiagens em várias partes do mundo. Correto. Presença de preposição "a" e do artigo "a", gerando crase obrigatória. Veja que o verbo "deve-se" exige um complemento, pois sempre quem deve, deve "a algo" ou "a alguém". Somado a isto, temos a necessidade do artigo "a" antecedendo a palavra feminina "estiagens". Tudo isto ajustado para o plural, ficando "às".

23) Resposta C – O verbo assistir exige a preposição "a". Se fizermos a verificação, substituindo por um termo masculino, teremos: Assistiu à novela/ Assistiu ao filme. "Com" é "preposição", por isso, depois dela só pode haver o artigo "a" (com a presença). "Chorar" é verbo, e antes de verbos não há crase.

24) Resposta D – "À risca" e "à toa" são locuções femininas e exigem o uso da crase.

25) Resposta B – "Aos aspectos jurídicos", masculino plural. "A respeito", "respeito" é palavra masculina, portanto antes dela não deve haver crase. "À vida" é locução feminina, portanto a crase é obrigatória. "A quem", quem é pronome interrogativo, por isso antes dele não deve haver crase, sendo o "a", uma preposição.

26) Resposta E - A questão causa indecisão, pois o trecho dado pela mesma já deveria estar com o acento grave, ficando assim: "para que toda criança tenha acesso À escola de qualidade". Quem tem acesso, tem acesso A algo. Escola é um termo feminino, logo tem um artigo definido A. Dessa forma, A (preposição) + A (artigo definido feminino) = À.

27) Resposta B – A sentença **"**Provou-se que àqueles estudantes foram impostos severos maus tratos, até levá-los à morte" emprega corretamente ambos os casos de crase. No primeiro, você deve perceber que a locução verbal "foram impostos" é que pede a preposição "a": "Foram impostos severos maus tratos àqueles..."

28) Resposta B - Quem se refere, se refere a algo ou alguém. Nesse caso é "à dupla de artistas", que é termo feminino e admite a presença de artigo, dando a possibilidade de haver crase.

29) Resposta B - Quem obedece, obedece a alguém. O verbo obedecer pede complemento com preposição e o termo seguinte (viagem) admite o artigo "a".

30) Resposta B - O detetive Gervase Fen, que apareceu em 1944, é um homem de face corada, muito afeito a /*não há crase com 'a' no singular e substantivo no plural. Logo, o 'a' é somente preposição*/ frases inteligentes e citações dos clássicos; sua esposa, Dolly, uma dama meiga e sossegada, fica sentada tricotando tranquilamente, impassível à /* a palavra impassível exige preposição 'a', ocorrendo crase por causa do 'a' artigo.*/ propensão de seu marido a */não há crase antes de verbos*/ investigar assassinatos.

SCRITTA

Português

Sintaxe - Estilística - Recursos Moforlógicos - [Fácil]

01 - (FUVEST SP)

De todos esses periquitinhos que tem no Brasil, tuim é capaz de ser o menor. Tem bico redondo e rabo curto e é todo verde, mas o macho tem umas penas azuis para enfeitar. Três filhotes, cada um mais feio que o outro, ainda sem penas, os três chorando. O menino levou-os para casa, inventou comidinhas para eles; um morreu, outro morreu, ficou um.

(Rubem Braga)

Neste excerto de *Tuim criado no dedo*,

a) o narrador em terceira pessoa emprega o discurso indireto para assimilar o ponto de vista do menino.

b) repetições, diminutivos, simplicidade sintática introduzem no discurso a perspectiva do menino.

c) a escassez de adjetivos torna concreta a visão substantiva, própria da infância.

d) o narrador em primeira pessoa utiliza o discurso direto para recriar a visão infantil.

e) diminutivos, predomínio da subordinação e sinestesias recriam o registro da percepção infantil.

02 - (FUVEST SP)

A carruagem parou ao pé de uma casa amarelada, com uma portinha pequena. Logo à entrada um cheiro mole e salobro enojou-a. A escada, de degraus gastos, subia ingrememente, apertada entre paredes onde a cal caía, e a umidade fizera nódoas. No patamar da sobreloja, uma janela com um gradeadozinho de arame, parda do pó acumulado, coberta de teias de aranha, coava a luz suja do saguão. E por trás de uma portinha, ao lado, sentia-se o ranger de um berço, o chorar doloroso de uma criança.

(Eça de Queirós, *O primo Basílio*)

Observando-se os recursos de estilo presentes na composição desse trecho, é correto afirmar que:

a) o acúmulo de pormenores induz a uma percepção impessoal e neutra do real.

b) a descrição assume caráter impressionista, dando também dimensão subjetiva à percepção do espaço.

c) as descrições veiculam as impressões do narrador, e o monólogo interior, as da personagem.

d) a carência de adjetivos confere caráter objetivo e real à representação do espaço.

e) o predomínio da descrição confere caráter expressionista ao relato, eliminando seus resíduos subjetivos.

03 - (ENEM)

COM NICIGA, PARAR DE FUMAR FICA MUITO MAIS FÁCIL

1. Fumar aumenta o número de receptores do seu cérebro que se ativam com nicotina.
2. Se você interrompe o fornecimento de uma vez, eles enlouquecem e você sente os desagradáveis sintomas da falta do cigarro.
3. Com seus adesivos transdérmicos, Niciga libera nicotina terapêutica de forma controlada no seu organismo, facilitando processo de parar de fumar e ajudando a sua força de vontade. Com Niciga, você tem o dobro de chances de parar de fumar.

Revista Época, 24 nov. 2009 (adaptado).

Para convencer o leitor, o anúncio emprega como recurso expressivo, principalmente,

a) as rimas entre Niciga e nicotina.

b) o uso de metáforas como “força de vontade”.

c) a repetição enfática de termos semelhantes como “fácil” e “facilidade”.

d) a utilização dos pronomes de segunda pessoa, que fazem um apelo direto ao leitor.

e) a informação sobre as consequências do consumo do cigarro para amedrontar o leitor.

04 - (IBMEC SP)

Beija eu

Seja eu,

Seja eu,

Deixa que eu seja eu.

E aceita

o que seja seu.

Então deita e aceita eu.

Molha eu,

Seca eu,

Deixa que eu seja o céu.

E receba

o que seja seu.

Anoiteça e amanheça eu.

Beija eu,

Beija eu,

Beija eu, me beija.

Deixa

O que seja ser.

Então beba e receba

Meu corpo no seu corpo,

Eu no meu corpo

Deixa,

Eu me deixo.

Anoiteça e amanheça.

(Marisa Monte – Arnaldo Antunes – Arto Lindsay)
http://www.arnaldoantunes.com.br/new/sec_discografia_todas.php?page=2

Na letra da canção acima, observa-se que os compositores recorrem a expedientes linguísticos que se afastam das convenções da norma-padrão da Língua Portuguesa com o objetivo de se obter efeitos expressivos. Constata-se que o emprego dos pronomes pessoais nos versos, além de contribuir com a musicalidade,

a) explora as variedades linguísticas regionais e populares.

b) enfatiza o tom apelativo expresso pelos verbos.

c) gera uma ambiguidade intencional na leitura do texto.

d) simula a linguagem afetiva dos casais enamorados.

e) revela intenção comunicativa de estabelecer hierarquia.

05 - (ENEM)

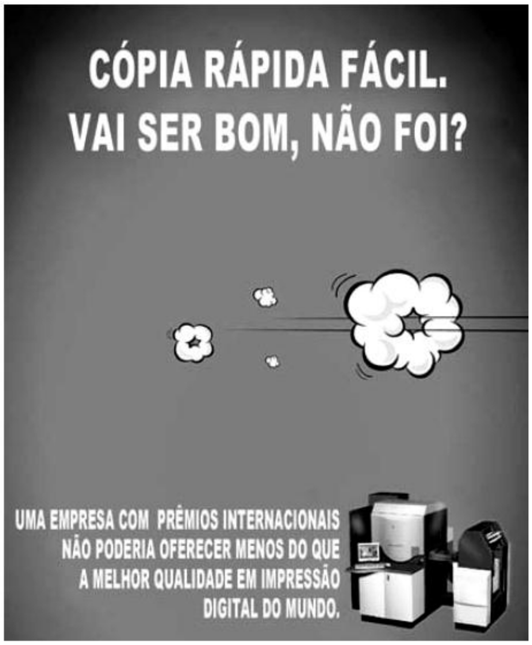
CÓPIA RÁPIDA FÁCIL.
VAI SER BOM, NÃO FOI?
UMA EMPRESA COM PRÊMIOS INTERNACIONAIS
NÃO PODERIA OFERECER MENOS DO QUE
A MELHOR QUALIDADE EM IMPRESSÃO
DIGITAL DO MUNDO.

Disponível em: www.behance.net.
Acesso em: 21 fev. 2013 (adaptado).

A rapidez é destacada como uma das qualidades do serviço anunciado, funcionando como estratégia de persuasão em relação ao consumidor do mercado gráfico. O recurso da linguagem verbal que contribui para esse destaque é o emprego

a) do termo “fácil” no início do anúncio, com foco no processo.

b) de adjetivos que valorizam a nitidez da impressão.

c) das formas verbais no futuro e no pretérito, em sequência.

d) da expressão intensificadora “menos do que” associada à qualidade.

e) da locução “do mundo” associada a “melhor”, que quantifica a ação.

06 - (ENEM)

O seu cérebro é capaz de quase qualquer coisa. Ele consegue parar o tempo, ficar vários dias numa boa sem dormir, ler pensamentos, mover objetos a distância e se reconstruir de acordo com a necessidade. Parecem superpoderes de histórias em quadrinhos, mas são apenas algumas das descobertas que os neurocientistas fizeram ao longo da última década. Algumas dessas façanhas sempre fizeram parte do seu cérebro e só agora conseguimos perceber. Outras são fruto da ciência: ao decifrar alguns mecanismos da nossa mente, os pesquisadores estão encontrando maneiras de realizar coisas que antes pareciam impossíveis. O resultado é uma revolução como nenhuma outra, capaz de mudar não só a maneira como entendemos o cérebro, mas também a imagem que fazemos do mundo, da realidade e de quem somos nós. Siga adiante e entenda o que está acontecendo (e aproveite que, segundo uma das mais recentes descobertas, nenhum exercício para o seu cérebro é tão bom quanto a leitura).

KENSKI, R. A revolução do cérebro. **Superinteressante**. ago. 2006.

Nessa introdução de uma matéria de popularização da ciência, são usados recursos linguísticos que estabelecem interação com o leitor, buscando envolvê-lo. Desses recursos, aquele que caracteriza a persuasão pretendida de forma mais incisiva se dá pelo emprego

a) do pronome possessivo como em "O seu cérebro é capaz de quase qualquer coisa".

b) de verbos na primeira pessoa do plural como "entendemos" e "somos".

c) de pronomes em primeira pessoa do plural como "nossa" e "nós".

d) de verbos no modo imperativo como "siga" e "aproveite".

e) de estruturas linguísticas avaliativas como "tão bom quanto a leitura".

07 - (UNCISAL)

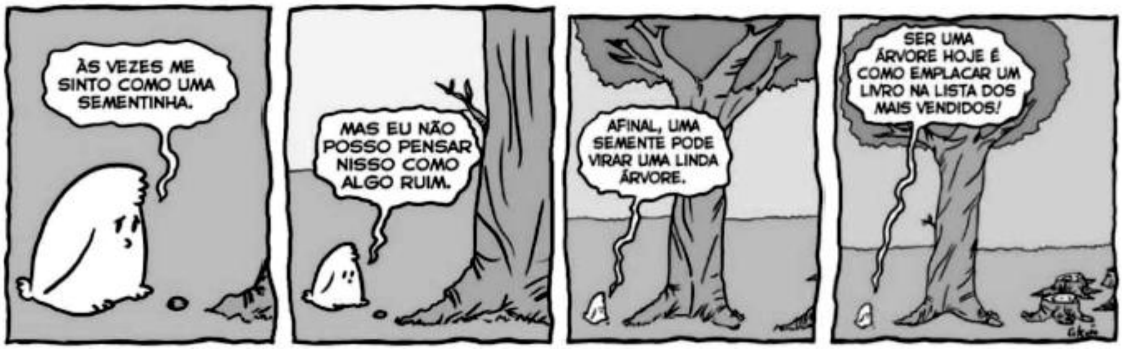
ÀS VEZES ME SINTO COMO UMA SEMENTINHA.
MAS EU NÃO POSSO PENSAR NISSO COMO ALGO RUIM.
AFINAL, UMA SEMENTE PODE VIRAR UMA LINDA ÁRVORE.
SER UMA ÁRVORE HOJE É COMO EMPLACAR UM LIVRO NA LISTA DOS MAIS VENDIDOS!

Disponível em: <https://ospassarinhos.wordpress.com/ category/noticias/>. Acesso em: 22 out. 2015.

Dadas as afirmativas a respeito dos recursos expressivos empregados nos discursos do personagem da tira,

I. O personagem usa a conjunção conformativa, na primeira fala (1º quadrinho) e, logo em seguida, questiona sua afirmação, colocando-a em oposição à ideia inicial.

II. Em: “Mas eu não posso pensar nisso como algo ruim” (2º quadrinho) aparece, para enfatizar a ideia, uma ação executada num presente momentâneo, uma vez que o personagem utilizou o verbo auxiliar “poder” unido a uma forma nominal do verbo “pensar”.

III. No último quadrinho, a característica atribuída a “livros” foi intensificada por um advérbio.

verifica-se que está(ão) correta(s)

a) I, II e III.

b) II e III, apenas.

c) III, apenas.

d) II, apenas.

e) I, apenas.

TEXTO: 1 - Comum à questão: 8

TEXTO IV

Amor

Amemos! Quero de amor

Viver no teu coração!

Sofrer e amar essa dor

Que desmaia de paixão!

Na tu’alma, em teus encantos

E na tua palidez

E nos teus ardentes prantos

Suspirar de languidez!

Quero em teus lábios beber

Os teus amores do céu,

Quero em teu seio morrer

No enlevo do seio teu!

Quero viver d’esperança,

Quero tremer e sentir!

Na tua cheirosa trança

Quero sonhar e dormir!

Vem, anjo, minha donzela,

Minha’alma, meu coração!

Que noite, que noite bela!

Como é doce a viração!

E entre os suspiros do vento

Da noite ao mole frescor,

Quero viver um momento,

Morrer contigo de amor!

(AZEVEDO, Álvares de. *Obra Completa.* Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000)

08 - (ESCS DF)

No texto IV, verificam-se duas marcas lingüísticas que expressam o apelo do eu-lírico ao ser amado e para viver o amor. Assinale a alternativa **que contém** essas duas marcas:

a) vocabulário singelo e uso da 3a pessoa do singular;

b) 1ª pessoa do plural e forma verbal imperativa no primeiro verso;

c) formal verbal imperativa no primeiro verso e verbos de ligação;

d) uso de vocativo e vocabulário formal;

e) 1ª pessoa do plural e pronomes de tratamento.

TEXTO: 2 - Comum à questão: 9

A GRANDE VINGANÇA

Carlos Heitor Cony

RIO DE JANEIRO – Desde criança ouvia dizer que não se deve brincar com mulher. Por favor, me entendam. Brincar não significava, nesta advertência, fugir delas, deixar de amá-las, de transar com elas quando possível e com a obrigação suplementar de tentar até o impossível. "Brincar" era não levá-las a sério, baseados na inexistente fragilidade feminina, não temê-las na capacidade de suas cóleras e vinganças.

Mãe, matrona, matriarca, exemplo nas coisas boas e más, a natureza é mulher — e bota mulher nisso. Bela e irascível, aconchegante e letal, aí estão os resultados de sua ira contra os Estados Unidos, país que se recusa a assinar o Tratado de Kyoto. Vivendo basicamente de matérias-primas vindas de todas as partes do mundo para alimentar sua formidável gula industrial, os Estados Unidos desdenham o cuidado que o resto da humanidade dedica ao ambiente.

O pragmatismo, aliado ao hedonismo da sociedade norte-americana, criou um tipo de mentalidade que a aproxima nada menos do que a Jesus Cristo: não é deste mundo.

A natureza, como foi dito acima, é mulher, e como mulher, não perdoa àqueles que a desprezam ou a esnobam. O resultado aí está. A sucessão de tragédias naturais é a cobrança que torna os Estados Unidos vulnerável a catástrofes que habitualmente só acontecem em países pobres ou miseráveis. Uma sociedade que detém o maior poder econômico e militar do mundo de repente vê se esfacelarem os pés de barro que sustentam o gigante.

As tragédias ainda estão localizadas em regiões menos ricas e lambidas pelos furacões do Golfo do México. Mas há fendas no subsolo do grande território, como em Los Angeles e imediações, que podem de uma hora para outra criar uma tragédia equivalente às hecatombes de Hiroshima e Nagasaki.

Já estão falando em vingança da dupla Allah e Maomé. Prefiro acreditar na vingança da natureza.

Folha de S. Paulo, 25/09/05.

09 - (PUC MG)

Leia o trecho que segue e assinale a afirmativa **INADEQUADA**.

“A natureza, como foi dito, é uma mulher, e como mulher, não perdoa àqueles que a desprezam ou a esnobam. O resultado aí está. A sucessão de tragédias naturais é a cobrança que torna os Estados Unidos vulnerável a catástrofes (...)”

a) Em “A natureza, como foi dito, é uma mulher”, recupera-se claramente uma expressão metafórica por meio da qual se pretende conferir à natureza características femininas.

b) O emprego da expressão “como foi dito” é uma estratégia muito comum em textos escritos, a qual tem como função ampliar a compreensão do leitor sobre o tema em discussão.

c) Há uma relação de causalidade entre os segmentos: “como mulher, não perdoa àqueles que a desprezam ou a esnobam”.

d) O resultado aí está: a sucessão de tragédias naturais é a cobrança que torna os Estados Unidos vulnerável a catástrofes. Essa nova redação que se propõe conserva as relações sintático-semânticas estabelecidas no texto original.

TEXTO: 3 - Comum à questão: 10

O CORPO

Acrobata enredado
Em clausura de pele
Sem nenhuma ruptura
Para onde me leva
[05]Sua estrutura?

Doce máquina
Com engrenagem de músculos
Suspiro e rangido
O espaço devora
[10]Seu movimento
(Braços e pernas
sem explosão)

Engenho de febre
Sono e lembrança
[15]Que arma
E desarma minha morte
Em armadura de treva.

ARMANDO FREITAS FILHO http://geocities.yahoo.com.br/jerusalem_13/armandofreitasfilho.html

10 - (UERJ)

A concisão é uma das características que mais se destacam na estrutura do poema.

Essa concisão pode ser atribuída a:

a) clara ausência de conectivos, explorando a sonoridade do poema

b) pouco uso de metáforas, enfatizando a fragmentação dos versos

c) abrupta mudança de versos, reforçando a lógica das idéias

d) baixa freqüência de verbos, exprimindo a inércia do eu lírico

TEXTO: 4 - Comum à questão: 11

A FORÇA QUE NOS UNE

Sabe aquela emoção que enche o peito, faz ferver o sangue, palpitar o coração? Aquele sentimento que dá vontade de sair dançando e cantando “Singing in the Rain” no meio da rua? Sabe? Pois é. Isso não é amor, não. Pode ser muita coisa boa, menos amor. Talvez seja paixão, desejo de se fundir no outro, surto emocional ou até mesmo uma mistura explosiva de tudo isso. Amor não é.

5 Talvez você nunca tenha parado para pensar porque “amava” tanto seu carrinho de rolimã. Mas a razão é bem simples: porque ele dava prazer. Ali estava Eros, o impulso em direção ao prazer, estimulando o “amor” pelo inocente carrinho. É o mesmo impulso que, mais tarde, fez você se apaixonar por um hobby, uma profissão, uma motocicleta ou pela namorada ou namorado. Eros é o impulso para a vida. É ele que nos leva a fazer o que nos dá prazer uma, duas, três, quantas vezes for bom. Em outras palavras, Eros é o motorzinho que faz girar o 10 mundo. Essa foi uma das maiores descobertas do doutor Sigmund Freud, que rebatizou o deus grego de “libido” e estudou seu efeito surpreendente no comportamento de homens, mulheres e crianças. Eros é a paixão, o desejo do prazer.

O filósofo francês Roland Barthes é um dos que acreditam que um sentimento mais profundo pode nascer de uma paixão. No clássico Fragmentos de um Discurso Amoroso, ele diz que a primeira fase do amor é a 15 paixão, que ele descreve assim: “Deslumbramento, entusiasmo, exaltação, projeção louca de um futuro pleno: sou devorado pelo desejo, a impulsão de ser feliz. Fico cego”. Mas isso não dura, é claro. Cientistas que se debruçaram a estudar a saúde do apaixonado concluíram que essa paixão não dura dois anos, no máximo. Mais cedo ou mais tarde a cegueira passa e a realidade aflora, incluindo os defeitos do objeto da paixão, uma decepção que ele chamou de "paixão triste".

[20]Pode ser o fim de uma relação. Ou o começo de um novo caminho, mais longo, menos acidentado, mais tranqüilo e feliz. Esse caminho é o amor.

Na paixão, a atitude é passiva – queremos ser amados para garantir nosso prazer. O ego, portanto, vem em primeiro lugar. "A maioria das pessoas vê a questão do amor, antes de tudo, como o desejo de ser amado, em vez de amar", diz Erich Fromm. "O amor, por outro lado, exige uma atitude ativa que, conscientemente, coloca o [25]outro em primeiro plano". Quer dizer, para amar é preciso, antes de tudo, pedir licença e tirar a si mesmo de frente.

Agora que já estabelecemos as diferenças entre amor e paixão, já podemos arriscar uma definição de amor. E amar é...

É um grande aprendizado, de toda uma vida. "O amor é uma resposta aprendida, uma emoção [30]aprendida", diz o professor Leo Buscaglia. "Mas a maioria de nós continua a agir como se vivesse adormecido em cada ser humano, simplesmente esperando alguma idade mágica de consciência para emergir em toda sua intensidade", afirma ele.

O biólogo chileno Humberto Maturana diz ainda que o ser humano é preparado para amar. Criador da biologia do amor, ele diz que aprendemos esse sentimento na relação com a mãe (ou pai ou quem quer que cuide [35]da criança) e no brincar, pois na brincadeira se estabelece a confiança no outro, ingrediente básico do amor.

Antropólogos também sabem que o amor faz parte de um aprendizado cultural, que depende da ênfase que uma determinada sociedade dá a ele. Ou seja, para aprender, a gente sempre aprende de alguém. E não se pode esquecer que essas pessoas que vão nos ensinar fazem parte de uma cultura, que pode dar mais ou menos importância ao amor.

[40]A esse respeito, vivemos um momento excepcional. "Nunca na história da humanidade se deu tanta importância ao amor entre um homem e uma mulher (o amor romântico), como agora", disse o psicanalista Jurandir Freire Costa, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Acompanhando o raciocínio do professor, é possível ver como a noção de amor que temos foi forjada na Idade Média, a partir do amor cortês dos trovadores, e definitivamente instaurada no século 19, com o romantismo europeu. Diz ele que o amor entre [45]duas pessoas podia até acontecer, mas que absolutamente não fazia parte dos valores incentivados pelas antigas sociedades. "Era uma exceção", afirma. Os filósofos gregos, como Platão e Aristóteles, por exemplo, diziam que existiam entre os seres humanos três espécies de amor: amor erótico (a paixão), amizade e ágape (o amor celestial, divino), que estava muito além do desejo de um corpo e que pertencia ao mundo das idéias. Nem uma palavrinha sobre o amor entre um homem e uma mulher, ninguém pensava nisso. Acredite, essa história do amor [50]entre duas pessoas se tornar o ponto

central de uma vida – e também de boa parte da produção cultural de uma sociedade – não tem mais de 100 anos.

ALVES, Liane. Revista Vida Simples, dez. 2004. Adaptação.

11 - (UFCG PB)

Observe os fatores discursivos, coesivos e sintáticos e assinale como verdadeira (V) ou falsa (F) as afirmações que seguem:

I. O emprego de É CLARO (linha 16) e NO MÁXIMO (linha 17) nega a informação apresentada pelo filósofo R. Barthes.

II. O uso de POR OUTRO LADO (linha 24) marca a diferença entre os conceitos de "Paixão" e de "Amor" tratados no texto.

III. Os termos AINDA (linha 33) e TAMBÉM (linha 36) funcionam como reforço para a idéia central do texto.

A seqüência CORRETA é:

a) FFV

b) VFF

c) FVF

d) FVV

e) VVF

TEXTO: 5 - Comum à questão: 12

O VELHO LAR

Coelho Neto

[1]A casa resistira ao tempo: rija nos seus formidáveis esteios de cabiúna, toda [2]aberta ao ar e à luz, muito branca, destacava-se sobre o fundo escuro da mata que [3]dominava sobranceira o alto da colina. As grandes alas caiadas, os espaçosos [4] quartos, os corredores imensos estavam impregnados de recordações. Havia [5] ainda um vago aroma do passado – os manés dos que ali haviam expirado [6] pareciam errar na luz e na brisa, festejando as almas que voltavam como para [7] aninhar-se no aconchego do ninho, pressentindo perto o duro inverno da velhice.

12 - (UFAC)

Há uma passagem no texto em que o autor deixa transparecer uma sensação de segurança oferecida pelo velho lar aos que a ele retornam na velhice. Que palavra/expressão é usada para nos transmitir tal sensação?

a) recordações

b) aroma do passado

c) manes

d) festejando

e) aninhar-se

TEXTO: 6 - Comum à questão: 13

“Se não comparecerdes...

Considerações sobre a relação entre o pronome “vós” e as diabruras do Estado brasileiro”

Roberto Pompeu de Toledo

Uma pessoa humilde, ora pleiteando sua aposentadoria junto ao INSS, em São Paulo, recebeu a seguinte "carta de exigências" da instituição. Os nomes, tanto da pessoa que pleiteia a aposentadoria quanto de [05]quem assina a carta, serão omitidos. O texto vai em sua conturbada e sofrida literalidade:

"Para dar andamento ao processo do Benefício em referência, solicito-vos comparecer, no endereço: Av. Santa Marina 1217, no horário de 07:00 às 15:00, para que as seguintes exigências sejam cumpridas:

- retirar a carteira profissional que se encontra em seu processo para que empregador atualiza as alterações de salarios em vista da ultima anotação foi 1990 e o salario de contribuição está divergente da ultima alteração

- recolher o 13 referente ao período de 1995 a 2004 que não foram recolhidos e 1 de férias conforme consta os meses a serem recolhidos na carteira profissional Comunico-vos que vosso pedido de Benefício será indeferido por desinteresse, se não comparecerdes dentro de 10 dias a contar desta data.

Deveis apresentar esta carta no ato do comparecimento".

Impressiona o ucasse desferido na penúltima linha contra o contribuinte: "...o Benefício será indeferido se não comparecerdes..." Mais impressionante ainda se torna quando se tem em conta que, antes de corridos os dez dias, o INSS entrou em greve, parou tudo e que se danem os solicitantes, os pleiteantes e os queixosos. Caso se queira mais uma dose de estupefação, acrescente-se que a carta foi emitida em maio, as exigências foram cumpridas, uma vez terminada a greve, e até agora nada. O benefício ainda não foi concedido. Mas releve-se. Não é esse o nosso ponto. Nem bem seriam as aflições infligidas à língua portuguesa, ao longo daquelas poucas linhas em que o idioma de Camões caminha aos trancos e barrancos, como um veículo desgovernado que despenca ladeira abaixo e bate um pára-lama aqui e outro ali, cai num buraco, sofre bruscos solavancos, corcoveia, raspa a porta no barranco, capota, desliza – para enfim se estatelar sem remédio contra um último e insuperável obstáculo.

É este último obstáculo que nos interessa: o pronome "vós". É verdade que a opção pelo vós, como tudo o mais, vai no vai-da-valsa, e sofre um retrocesso quando se fala em "seu processo", a alturas tantas, mas sem dúvida é a da preferência do autor da carta, tanto assim que se afirma, triunfal, nas duas últimas linhas. Que razão teria conduzido a tal preferência? Arrisquemos algumas hipóteses.

A primeira é a busca da elegância. O "vós" faz bonito em textos como o célebre soneto de Bilac: "Ora (direis) ouvir estrelas! Certo/ Perdeste o senso! E eu vos direi no entanto/ Que, para ouvi-las, muitas vezes desperto/ E abro as janelas, pálido de espanto". A segunda seria a intenção de mostrar-se educado, num comunicado que afinal representa a palavra do próprio Estado brasileiro. Seria aconselhável, dada essa alta responsabilidade, o recurso a um pronome que assinala respeito e deferência. Mas... será? Elegância? Educação? São hipóteses que de saída sabemos pouco críveis. Tampouco se pode acreditar que o redator tenha empregado o "vós" porque lhe sai natural. Para isso, precisaríamos supô-lo alguém que tem a segunda pessoa do plural como ferramenta tão banal que é com ela que se comunica com a mulher em casa, os colegas no trabalho, os vendedores na feira. Não, não é possível.

70Examinemos de novo o documento. Pensemos nele no contexto da relação do Estado com os cidadãos, no Brasil. Essa relação, segundo expôs recentemente a cientista política Lucia Hippolito, é de desconfiança. "Para a burocracia", escreveu ela, "o cidadão tem **75**sempre culpa, está sempre devendo, está sempre na obrigação de provar sua inocência com mais um documento, mais uma firma reconhecida, mais uma certidão autenticada em cartório." Uma suspeita começa a se firmar. A crase não foi feita para humilhar ninguém, **80**mas o "vós" foi. O desejo de acuar o cidadão, de encostar-lhe no peito a ponta da espada, de fazê-lo sentir-se pequeno, diante da majestade do Estado, foi esse, sim, só pode ter sido esse, o motivo pelo qual o redator da carta escolheu o "vós".

85O "vós", tal qual se apresenta no texto, ressoa amedrontador como um castigo. Humilhar? Não, ainda é pouco. A intenção é aterrorizar. Volte-se ao texto: "Se não comparecerdes..." Isso é muito mais assustador do que "se você não 90comparecer", ou "se o senhor não comparecer". Soa como decreto vindo das alturas inatingíveis, dos príncipes incontrastáveis, do céu. Faz tremer como um trovão. E esse "vós" é tristemente significativo do Brasil. Simboliza o massacre cotidiano a que o Estado submete os cidadãos, os mais humildes **95**em primeiro lugar. Entra governo e sai governo, entra década e sai década, essa é uma situação que permanece, inelutável como fenômeno da natureza. O presidente, os ministros, as CPIs, estes estão sempre **99**preocupados com outras coisas. Cá em baixo, a relação entre o Estado e o cidadão comum sempre foi, e continua sendo, feita de pequenas atrocidades.

Extraído da Revista Veja. Edição de 2 de novembro de 2005.

13 - (UFAC)

Uma das recomendações estilísticas, para a construção de um texto, é a de que não se deve repetir palavras ou expressões na mesma linha ou no mesmo parágrafo. Essa recomendação é cumprida no texto:

a) Somente pela substituição de “língua portuguesa” por “idioma de Camões”. (linhas 35-36 e 37)

b) Pela menção ao pronome “vós” no soneto de Olavo Bilac. (linha 52)

c) Pela substituição, por exemplo, do pronome “vós”, caracterizado pelo verbo “comparecer", na 2ª pessoa do plural, por ”você”. (linha 89)

d) Pela substituição, por exemplo, do pronome “vós”, caracterizado pelo verbo “comparecer”, na 2ª pessoa do plural (linha 89), por “senhor”. (linha 89)

e) Pela substituição, por exemplo, de “língua portuguesa” por “idioma de Camões” (linhas 35-36 e 37) e pela substituição da sigla “INSS” (linha 02) pela palavra “instituição”. (linha 03)

TEXTO: 7 - Comum à questão: 14

Exercício de Ironia

Beto Vianna*

Votar não é coisa fácil. Ainda mais depois que inventaram essas maquininhas em que não é preciso nem escrever o nome do candidato. Ou o número. Até hoje não vi ninguém denunciar essa eleição informatizada no Brasil como o maior golpe que já se deu em quem não sabe escrever (ao lado do celular, do MSN e do orkut). Hoje, não é preciso saber escrever pra votar. Hoje, não é preciso saber escrever. Que histórica ironia: depois de 5.000 anos de evolução da escrevinhação humana, não precisamos mais escrever o voto, e o voto virou-se contra a escrita.

Elitista, eu? Vou viajar mais um pouco, que a responsabilidade da pena é minha: qualquer bactéria inquilina deste planeta (a maioria, as que eu conheço, pelo menos) sabe viver em paz e harmonia com a próxima. Já o humano (a maioria, os que eu conheço, pelo menos) sofre de democracismo, desde os gregos. É preferível pra esse organismo civilizadíssimo a justiça, a liberdade e a igualdade, ou seja, mais vale o respeito dos outros ao eu do que a responsabilidade individual. Esse é o fundamento da Revolução Francesa e da Independência dos Estados Unidos. Ah! Como se meu vizinho fosse lavagem pra dar pros porcos, e eu – sempre eu – fosse o supercidadão, pleno de direitos. A minha liberdade começa onde... putz, começa onde eu conseguir que ela comece, e dane-se o resto. Não esqueço nunca esta música do Premê (cito de memória, talvez com liberdade poética): “compre já o seu abrigo nuclear e deixe o resto do mundo queimar à vontade lá fora”.

Você luta por seus direitos? Parabéns, mas engula comigo o fato que quem inventou isso foram os gregos em um atentado fundacional no Ocidente à coletividade, colocando o Estado a serviço do eu. O Procon, a Lei do Ventre Livre, o PSDB e o PT, o PSOL, a carteirinha de estudante, o banheiro público, tudo isso são invenções gregas, milenares. A idéia é a mesma: eu tenho os meus direitos e ninguém tasca, mas o direito do vizinho é problema dele. Cada um com seus problemas, e os meus problemas devem ser resolvidos pelo Estado.

Falando em particular do Brasil, enquanto nós, intelectuaizinhos da classe mediana, ficamos reclamando nossos direitos, enquanto nós, operários sindicalizados, conquistamos 44 horas semanais, enquanto todos curtimos o livre-arbítrio, a livre imprensa, o livre comércio, o livre-pensar e a luta livre, um monte de outros humanopatas é gerado no sistema educacional brasileiro, esse lugarzinho onde a grana – a verba, pra usar o termo de quem faz direito – não vai pra quem é de direito. País capitalista que se preza, como outros existem por aí há 400 anos, o Brasil paga bem o universitário e rouba da criança. Capitalista, num sentido lato da coisa, come criancinha mais rápido e mais deglutido que qualquer comunista stricto sensu.

*In: Jornal O tempo, 23/09/2006, p. A9.

14 - (UFOP MG)

De acordo com o texto Exercício de Ironia, os vocábulos no diminutivo foram usados para expressar ironia, exceto:

a) “maquininhas” (linha 2)

b) “carteirinha” (linha 25)

c) “intelectuaizinhos” (linha 30)

d) “lugarzinho” (linha 35)

TEXTO: 8 - Comum à questão: 15

Qualquer canção

Qualquer canção de amor
É uma canção de amor
Não faz brotar amor
E amantes
5 Porém, se essa canção
Nos toca o coração
O amor brota melhor
E antes

Qualquer canção de dor

[10]Não basta a um sofredor

Nem cerze um coração

Rasgado

Porém, inda é melhor

Sofrer em dó menor[1]

[10]Do que você sofrer

Calado

Qualquer canção de bem

Algum mistério tem

É o grão, é o germe, é o gen[2]

[20]Da chama

E essa canção também

Corrói como convém

O coração de quem

Não ama

CHICO BUARQUE

In: CHEDIAK, Almir. Chico Buarque song book 3.

Rio de Janeiro: Lumiar.

Vocabulário:

[1]dó menor – um dos tons musicais

[2]gen – relativo a origem, nascimento

15 - (UERJ)

A pluralidade de sentidos, característica da linguagem poética, pode ser obtida por meio de vários mecanismos, como, por exemplo, a elipse de termos.

Esse mecanismo está presente, de modo mais marcante, no seguinte verso:

a) “E amantes” (v. 4)

b) “E antes” (v. 8)

c) “Rasgado” (v. 12)

d) “Calado” (v. 16)

TEXTO: 9 - Comum à questão: 16

[1]À aldeia chamam-lhe Azinhaga, está naquele [2]lugar por assim dizer desde os alvores [3]da nacionalidade (já tinha foral no século [4]décimo terceiro), mas dessa estupenda [5]veterania nada ficou, salvo o rio que [6]lhe passa mesmo ao lado (imagino que [7]desde a criação do mundo), e que, até [8]onde alcançam as minhas poucas luzes, [9]nunca mudou de rumo, embora das suas [10]margens tenha saído um número infinito [11]de vezes. A menos de um quilómetro das [12]últimas casas, para o sul, o Almonda, que [13]é esse o nome do rio da minha aldeia, encontra-se [14]com o Tejo, ao qual (ou a quem, [15]se a licença me é permitida), ajudava, em [16]tempos idos, na medida dos seus limitados [17]caudais, a alagar a lezíria* quando as [18]nuvens despejavam cá para baixo as chuvas [19]torrenciais do Inverno e as barragens [20]a montante, pletóricas, congestionadas, [21]eram obrigadas a descarregar o excesso [22]de água acumulada. A terra é plana, lisa [23]como a palma da mão, sem acidentes orográficos [24]dignos de tal nome, um ou outro [25]dique que por ali se tivesse levantado [26]mais servia para guiar a corrente aonde [27]causasse menos dano do que para conter o [28]ímpeto poderoso das cheias. Desde tão [29]distantes épocas a gente nascida e vivida [30]na minha aldeia aprendeu a negociar com [31]os dois rios que acabaram por lhe configurar [32]o carácter, o Almonda, que a seus pés [33]desliza, o Tejo, lá mais adiante, meio oculto [34]por trás da muralha de choupos, freixos [35]e salgueiros que lhe vai acompanhando o [36]curso, e um e outro, por boas ou más razões, [37]omnipresentes na memória e nas falas [38]das famílias.

*Lezíria: planície de inundação junto a certos rios.

Saramago, José. As pequenas memórias. São Paulo:

Companhia das Letras, 2006.

16 - (FGV)

Observe nas linhas 14 e 15: **ao qual (ou a quem, se a licença me é permitida), ajudava**. A licença a que o autor se refere é uma forma de:

a) Ser mais preciso no emprego da forma pronominal.

b) Tratar respeitosamente o leitor.

c) Valorizar o rio Tejo, dando-lhe status de pessoa.

d) Desvalorizar o rio Tejo em suas memórias.

e) Valorizar o rio da sua aldeia, o Almonda.

TEXTO: 10 - Comum à questão: 17

Leia atentamente o texto a seguir antes de responder as questões propostas.

A histórica falta de lucidez de sucessivos governos para solucionar os problemas sociais provoca hoje o fenômeno social da informalidade e do crime, e o comércio ostensivo de produtos piratas toma conta dos logradouros públicos.

A tolerância de parte da população – que consome, conscientemente, esses produtos ilegais – e dos governos – que, muitas vezes, cedem os espaços públicos, sob o argumento de que “a informalidade é a alternativa para o **5**desemprego” – só estimula o aumento dessa atividade, dominada por organizações criminais de alcance internacional.

O comércio ostensivo de produtos piratas e o consumo consciente de tais produtos são sinais de uma sociedade que já não se abala com a violação de normas.

Infelizmente, cada vez mais pessoas incluem na rotina diária a violação como forma de ter vantagens, o que constitui gravíssima questão cultural. Essa cultura que aceita e valoriza a transgressão – desde que ela traga vantagens – **10**passa de uma geração para a outra, e, em cada nova geração, o problema se agrava, pois cada vez mais se perde o contato com um padrão ético que um dia existiu. E todos caminhamos na direção de uma sociedade transgressora, sem limites éticos e sem segurança jurídica.

Por isso, a abordagem do Estado para o comércio informal de produtos piratas não pode envolver a tolerância ao crime. É exatamente o conjunto de todas as “pequenas tolerâncias” que nos leva a uma sociedade amedrontada [15]pelos “grandes crimes”.

Aceitar a pirataria sob a alegação de que ela pode ser a válvula de escape para o problema social do desemprego é um gravíssimo erro. Se não formos capazes de evitar as causas sociais da criminalidade, tolerar o crime porque atrás dele pode estar essa questão social é errar outra vez.

O dinheiro que entra no comércio da pirataria − por exemplo, quando um pai, acompanhado de seu filho, compra [20]um DVD infantil pirata de um camelô − circula pelos vasos comunicantes que interligam as diversas organizações criminais na clandestinidade e poderá se materializar na frente daquela criança, na forma de um traficante na porta da escola.

Esse é o preço que se paga pela tolerância ao crime, disfarçado de solução informal para problemas sociais não resolvidos.

[25]Sob o aspecto criminal, aceitar ou mesmo estimular que a polícia tolere o crime porque pode existir por trás dele a questão social é dar a ela um poder que, no futuro, poderá voltar-se contra o próprio cidadão. A polícia deve agir dentro de um espaço discricionário perfeitamente delimitado pela lei, o que constitui, sobretudo, uma garantia para a sociedade.

Essa obrigação não se limita à polícia, mas se estende às administrações municipais, já que o ato de comércio [30]deve ser regulado e fiscalizado pelas prefeituras, que têm o poder-dever de agir quando a atividade de comércio é exercitada irregularmente, como na venda de produtos piratas.

Sob o aspecto econômico, a informalidade é uma das causas do baixo crescimento do país. Se eliminássemos a informalidade, nossa economia cresceria mais 2,5 pontos percentuais por ano, segundo a consultoria McKinsey.

A informalidade e a pirataria espantam os investimentos externos produtivos, geradores de desenvolvimento. Um [35]país com elevados índices de informalidade e de desrespeito à propriedade intelectual é visto como uma mesa de jogo de azar, só atraindo o investimento especulativo.

E não podemos jamais esquecer que, se de um lado existem pessoas que optaram por violar a lei, comercializando produtos piratas, de outro lado existem muitos cidadãos honestos que são duplamente virtuosos: pois são honestos e porque, todo dia, optam por continuar honestos, a despeito da concorrência criminosa e desleal da pirataria. E esses [40]cidadãos merecem a proteção do Estado, como ponto de partida para a criação de uma sociedade próspera e justa.

Mas o combate à pirataria também é um ato de proteção voltado aos “camelôs” envolvidos no comércio de produtos piratas nas ruas das cidades, pois eles são “escravos” da organização criminal da pirataria.

Por tudo isso, combater a informalidade e a pirataria é, sobretudo, recuperar os valores éticos nas relações sociais, ponto de partida para a criação de uma sociedade próspera e justa.

Carlos Alberto de Camargo. *Folha de S. Paulo*, 7 de novembro de 2006.

17 - (UFU MG)

Assinale a ÚNICA alternativa INCORRETA.

O emprego da primeira pessoa do plural em expressões como (E todos caminhamos na direção de uma sociedade transgressora [...]”. (linha 11); “Se não formos capazes de evitar [...]”. (linha 17); “E não podemos jamais esquecer [...]”. (linha 37) evidencia que o autor objetiva

a) dividir responsabilidades com o leitor.

b) incluir também os leitores.

c) dirigir-se a um grupo com o qual se identifica.

d) expressar modéstia.

TEXTO: 11 - Comum à questão: 18

Leia com atenção um fragmento do poema extraído do livro *A Rosa do Povo*, de Carlos Drummond de Andrade, e responda às questões.

A Flor e a Náusea

1. Preso à minha classe e a algumas roupas,

Vou de branco pela rua cinzenta.

Melancolias, mercadorias espreitam-me.

Devo seguir até o enjôo?

5.Posso, sem armas, revoltar-me?

6.Olhos sujos no relógio da torre:
Não, o tempo não chegou de completa justiça.
O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera.
O tempo pobre, o poeta pobre
10.fundem-se no mesmo impasse.

11.Em vão me tento explicar, os muros são surdos.
Sob a pele das palavras há cifras e códigos.
O sol consola os doentes e não os renova.
14.As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase.

15.(...)
Uma flor nasceu na rua!
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
Uma flor ainda desbotada
ilude a polícia, rompe o asfalto.
Façam completo silêncio, paralisem os negócios,
21.garanto que uma flor nasceu.

22.Sua cor não se percebe.
Suas pétalas não se abrem.
Seu nome não está nos livros.
25.É feia. Mas é realmente uma flor.

26.Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde

e lentamente passo a mão nessa forma insegura.

Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.

Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.

30.É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

18 - (FEI SP)

O termo ***enjôo*** usado no quarto verso:

a) está usado em sentido literal e expressa a indiferença da multidão na rua por um anônimo que não se sente bem.

b) está usado em sentido literal e expressa a saúde precária dos menos favorecidos.

c) é utilizado em sentido figurado e significa que o eu lírico deseja ter acesso a mercadorias que não pode comprar.

d) é utilizado em sentido figurado e expressa a dificuldade de o eu lírico assumir decisões sobre sua vida pessoal.

e) é utilizado em sentido figurado e expressa a aversão do eu lírico à realidade opressiva em que vive.

TEXTO: 12 - Comum à questão: 19

ESTA É UMA CRISE DE SUSTENTABILIDADE

Rachel Biderman

(Coordenadora adjunta do Centro de

Estudos em Sustentabilidade da EAESP-FGV)

Não é mais possível insistir em um modelo de sociedade hiperconsumista cujos excessos causam tantos danos, inclusive ao meio ambiente. No fundo, a crise da atualidade nos mostra que é hora de resgatar valores que ficaram para trás. A sociedade precisa acordar, e já

A crise financeira atual é uma crise também da sustentabilidade. É uma crise da ética empresarial, do meio ambiente, dos direitos humanos e sociais, da governança corporativa, enfim, de tudo o que está sob o guarda-chuva da sustentabilidade. Se houvesse sustentabilidade enraizada nas organizações, a crise não estaria acontecendo. E o movimento em prol da sustentabilidade empresarial e governamental tem de se fortalecer ainda mais a partir de agora. Não é momento de preocupação sobre eventual arrefecimento do movimento. É uma chance de trazer esse debate à tona, de chamar à responsabilidade os tomadores de decisão. E jogar luz sobre os bons exemplos, para que se tornem os guias dessa nova fase da história da humanidade. Os atuais tomadores de decisão têm em suas mãos a chave para um futuro saudável. Aqueles que abraçarem a causa socioambiental certamente serão os líderes do futuro.

Essa crise põe em cheque o modelo da atual sociedade de hiperconsumo, que se inspira no padrão norte-americano de consumo, cujos excessos tornam irreversíveis certos danos à sociedade e ao ambiente. Não é possível todos os seres humanos manterem o mesmo padrão de consumo dos norte-americanos e, quiçá, dos futuros chineses. Não há recursos suficientes no planeta, nem válvula de escape para a poluição decorrente.

Estamos na rota do irreversível. Não pode haver alerta mais eloquente do que os quatro relatórios de cientistas de todo o mundo – inclusive do Brasil -, reunidos no Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas da ONU (IPCC), afirmando que a mudança climática é real, causada pelas atividades humanas, e se tornará irreversível em poucos anos. O presidente do IPCC, Rajendra Pachauri, tem avisado que os próximos quatro anos serão os mais definitivos da história da humanidade e que está em nossas mãos a chave do futuro.

Unem-se a ele, nesse alerta, Al Gore, Nicholas Stern, dentre outros. O sistema climático tem sido nosso melhor despertador. Está tocando um alarme já faz tempo, e estamos com preguiça de acordar... O sono demorado pode nos fazer perder o bonde da história.

Portanto, uma das tarefas que temos pela frente é trabalhar um modelo de economia que se sustente não no consumo exacerbado de bens inúteis e poluentes, mas no modelo de prestação de serviços que melhorem o nível de vida das pessoas. Precisamos de mais inteligência. Comida há para todos no planeta, basta organizar um sistema de produção e distribuição.

31 Podemos prescindir de alguns excessos. A sociedade hiperconsumista de hoje 32 certamente não é uma sociedade feliz. A felicidade não está à venda costurada como adereço 33 de um último item da moda, numa embalagem superfashion, ou num carro hiperturbinado. Ela 34 está nas coisas simples. No fundo, precisamos de uma nova doutrina, um choque de 35 generosidade e um resgate de valores que ficaram para trás. Essa é a mensagem que a crise 36 nos traz, e o planeta também.

(AMANHÃ, n. 250, p. 34, fev. 2009.)

19 - (UCS RS)

Analisando as informações presentes no texto, pode-se dizer que

I. a recuperação de valores do passado é um dos caminhos para a superação da crise da sustentabilidade.

II. o IPCC alerta para o atual comportamento consumista dos chineses.

III. a prefixação em **hiperconsumista**, **superfashion**, **hiperturbinado** (último parágrafo) enfatiza a ideia de que a felicidade não é conquistada com excessos.

Das afirmativas acima, pode-se dizer que

a) apenas I e II estão corretas.

b) apenas I e III estão corretas.

c) apenas II e III estão corretas.

d) I, II e III estão corretas.

e) I, II e III estão incorretas.

TEXTO: 13 - Comum à questão: 20

Poema obsceno

1 Façam a festa
2 cantem e dancem
3 que eu faço o poema duro
4 o poema-murro
5 sujo
6 como a miséria brasileira

7 Não se detenham:
8 façam a festa
9 Bethânia Martinho
10 Clementina
11 Estação Primeira de Mangueira Salgueiro
12 gente de Vila Isabel e Madureira
13 todos
14 façam
15 a nossa festa
16 enquanto eu soco este pilão
17 este surdo
18 poema
19 que não toca no rádio
20 que o povo não cantará
21 (mas que nasce dele)
22 Não se prestará a análises estruturalistas

23 Não entrará nas antologias oficiais
24 Obsceno
25 como o salário de um trabalhador aposentado
26 o poema
27 terá o destino dos que habitam o lado escuro do país
28 – e espreitam.

(GULLAR, F. Toda poesia. São Paulo: Círculo do Livro, s. d. p. 338.)

20 - (UEL PR)

Considerando os recursos de composição do poema, assinale a alternativa correta.

a) As negativas presentes nos versos 19 a 23 desqualificam o poema e seu potencial crítico.

b) O termo comparativo "como" é utilizado para aproximar a experiência pessoal do eu lírico da miséria social brasileira.

c) O uso do imperativo constitui uma metáfora da estrutura de opressão típica da época da ditadura.

d) Os "que habitam o lado escuro do país – e espreitam" são uma metáfora dos militares responsáveis pela censura da produção artística.

e) Os versos 19 a 23 são formas de adjetivação do termo "poema", assim como "sujo" e "duro".

TEXTO: 14 - Comum à questão: 21

O Ser nordestino: sentimentos em relação ao Nordeste

Texto 9

1 A pobre esposa chorosa
2 naquele estranho ambiente
3 recorda muito saudosa
4 sua terra e sua gente
5 relembra o tempo de outrora,
6 lamenta, suspira e chora
7 com a alma dolorida
8 além da necessidade
9 padece a roxa saudade
10 de sua terra querida

ASSARÉ, Patativa do. Emigração. In: ______. *Cordéis e outros poemas.* Fortaleza: Edições UFC, 2006, p. 108

Texto 10

1 Ó cidade da querença,
2 sob o sol ou sob a chuva
3 tu me penetras de ausência.
4 Minha ilha e meu refúgio,
5 aço em que, longe, me firo
6 e espelho em que me revejo,
7 oásis a que me retiro
8 entre os desertos de andejo,
9 morada antiga de deuses,

me enches de luar e de adeuses.

FILHO, Linhares. Canção para Lavras. In: ______. *Notícias de Bordo*: poemas selecionados. Fortaleza: Edições UFC, 2008, p. 118.

21 - (UFC CE)

Analise o que se afirma sobre o texto 9 e, a seguir, coloque V ou F conforme seja verdadeiro ou falso o que se afirma sobre ele.

( ) O uso da sequência de verbos retrata o aumento gradativo do sofrimento da personagem, quando está distante de sua terra.

( ) Os versos “além da necessidade / padece a roxa saudade” equivalem semanticamente ao provérbio “Além de queda, coice”.

( ) O uso do adjetivo “roxa” (v. 9), referindo-se à saudade que a personagem sente de sua terra, autoriza o leitor a inferir que o sentimento dela era comedido.

Assinale a alternativa correta.

a) V, F, V.

b) F, V, F.

c) F, F, V.

d) V, V, V.

e) V, V, F.

TEXTO: 15 - Comum à questão: 22

Múltiplo sorriso

Pendurou a última bola na árvore de Natal e deu alguns passos atrás. Estava bonita. Era um pinheiro artificial, mas parecia de verdade. Só bolas vermelhas. Nunca deixava de armar sua árvore, embora as amigas dissessem que era bobagem fazer isso quando se mora sozinha. Olhou com mais vagar. Na luz do fim da tarde, notou que sua imagem se espelhava nas bolas. Em todas elas, lá estava seu rosto, um [5]pouco distorcido, é verdade – mas sorrindo. “Estão vendo?”, diria às amigas, se estivessem por perto.

“Eu não estou só.”

HELOÍSA SEIXAS

Contos mais que mínimos. **Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2010.**

22 - (UERJ)

“Estão vendo?”, diria às amigas, se estivessem por perto. (ref. 5)

O trecho acima revela o choque entre o mundo imaginário da personagem e a realidade de sua solidão.

Esse choque entre imaginação e realidade é enfatizado pela utilização do seguinte recurso de linguagem:

a) o uso das aspas duplas

b) o emprego dos modos verbais

c) a presença da forma interrogativa

d) a referência à proximidade espacial

TEXTO: 16 - Comum à questão: 23

Leia o texto a seguir, extraído do conto *A hora e vez de Augusto Matraga*.

Já Nhô Augusto, incansável, sem querer esperdiçar detalhe, apalpava os braços do Epifânio, mulato enorme, de musculatura embatumada, de bicipitalidade maciça. E se voltava para o Juruminho, caboclo franzino, vivo no menor movimento, ágil até no manejo do garfo, que em sua mão ia e vinha como agulha de coser:

– Você, compadre, está-se vendo que deve de ser um corisco de chegador!...

E o Juruminho, gostando.

– Chego até em porco-espinho e em tatarana-rata, e em homem de vinte braços, com vinte foices para sarilhar!... Deito em ponta de chifre, durmo em ponta de faca, e amanheço em riba do meu colchão!... Está aí nosso chefe, que diga... E mais isto aqui...

E mostrou a palma da mão direita, lanhada de cicatrizes, de pegar punhais pelo pico, para desarmar gente em agressão.

Nhô Augusto se levantara, excitado:

– Opa! Oi-ai!... A gente botar você, mais você, de longe, com as clavinas... E você outro, aí, mais este compadre de cara séria, p'ra voltearem... E este companheirinho chegador, para chegar na frente, e não dizer até-logo!... E depois chover sem chuva, com o pau escrevendo e lendo, e arma-de-fogo debulhando, e homem mudo gritando, e os do-lado-de-lá correndo e pedindo perdão!...

Mas, aí, Nhô Augusto calou, com o peito cheio; tomou um ar de acanhamento; suspirou e perguntou:

– Mais galinha, um pedaço, amigo?

– 'Tou feito.

– E você, seu barra?

– Agradecido... 'Tou encalcado... 'Tou cheio até à tampa!

Enquanto isso, seu Joãozinho Bem-Bem, de cabeça entornada, não tirava os olhos de cima de Nhô Augusto.

E Nhô Augusto, depois de servir a cachaça, bebeu também, dois goles, e pediu uma das *papo-amarelo*, para ver:

– Não faz conta de balas, amigo? Isto é arma que cursa longe...

– Pode gastar as óito. Experimenta naquele pássaro ali, na pitangueira...

– Deixa a criaçãozinha de Deus. Vou ver só se corto o galho... Se errar, vocês não reparem, porque faz tempo que eu não puxo dedo em gatilho...

Fez fogo.

– Mão mandona, mano velho. Errou o primeiro, mas acertou um em dois... Ferrugem em bom ferro!

(ROSA, J. G. *Sagarana.* 71.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p.394-395.)

23 - (UEL PR)

Um dos aspectos distintivos de João Guimarães Rosa é seu trabalho laborioso com a linguagem.

A esse respeito e com base no texto, considere as afirmativas a seguir.

I. O termo "bicipitalidade" é um exemplo de neologismo. Colocado ao lado do adjetivo "maciça", expressa a ideia da grande força muscular de Epifânio.

II. O trecho "com o pau escrevendo e lendo" constitui um exemplo de recriação de um dito popular cujo sentido original é: o não cumprimento do combinado ocasionará punição.

III. A expressão "Ferrugem em bom ferro!" caracteriza-se como uma construção poética que exprime, através dos termos "ferrugem" e "ferro", a falta de destreza do protagonista com a arma de fogo.

IV. As expressões "chover sem chuva" e "homem mudo gritando" configuram-se como exemplos de inadequação vocabular, e seu uso revela o baixo nível cultural do protagonista.

Assinale a alternativa correta.

a) Somente as afirmativas I e II são corretas.

b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.

c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.

d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.

e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

TEXTO: 17 - Comum à questão: 24

Os donos da comunicação

Os presidentes, os ditadores e os reis da Espanha que se cuidem porque os donos da comunicação duram muito mais. Os ditadores abrem e fecham a imprensa, os presidentes xingam a TV e os reis da Espanha cassam o rádio, mas, quando a gente soma tudo, os donos da comunicação ainda tão *por cima. Mandam na economia, mandam nos intelectuais, mandam nas moças fofinhas que querem aparecer nos shows dos horários nobres e mandam no* society *que morre se o nome não aparecer nas colunas.*

Todo mundo fala mal dos donos da comunicação, mas só de longe. E ninguém fala mal deles por escrito porque quem fala mal deles por escrito nunca mais vê seu nome e sua cara nos "veículos" deles. Isso é assim aqui, na Bessarábia e na Baixa Betuanalândia. Parece que é a lei. O que também é muito justo porque os donos da comunicação são seres lá em cima. Basta ver o seguinte: nós, pra sabermos umas coisinhas, só sabemos delas pela mídia deles, não é mesmo? Agora vocês já imaginaram o que sabem os donos da comunicação que só deixam sair 10% do que sabem?

Pois é; tem gente que faz greve, faz revolução, faz terrorismo, todas essas besteiras. Corajoso mesmo, eu acho, é falar mal de dono de comunicação. Aí tua revolução fica xinfrim, teu terrorismo sai em corpo 6 e se você morre vai lá pro fundo do jornal em quatro linhas.

(Millôr Fernandes. *Que país é este?*, 1978.)

24 - (UNESP SP)

As repetições, o uso de palavras e expressões populares, a justaposição fluente de ideias, dispensando vírgulas, e as ironias constantes atribuem ao texto de Millôr Fernandes

a) tom descontraído e bem-humorado.

b) dificuldade de leitura e compreensão.

c) feição arcaica e ultrapassada.

d) estilo agressivo e contundente.

e) imagens vulgares e obscenas.

TEXTO: 18 - Comum à questão: 25

Considere o poema de Luís Delfino (1834-1910) e a reprodução de um mosaico da Catedral de Monreale.

Jesus Pantocrátor [1]

Há na Itália, em Palermo, ou pouco ao pé, na igreja
De Monreale, feita em mosaico, a divina
Figura de Jesus Pantocrátor: domina
Aquela face austera, aquele olhar troveja.

Não: aquela cabeça é de um Deus, não se inclina.
À árida pupila a doce, a benfazeja
Lágrima falta, e o peito enorme não arqueja
À dor. Fê-lo tremendo a ficção bizantina[2]*.*

Este criou o inferno, e o espetáculo hediondo
Que há nos frescos[3] *de Santo Stefano Rotondo*[4]*;*
Este do mundo antigo espedaçado assoma...

Este não redimiu; não foi à Cruz: olhai-o:

Tem o anátema[5] *à boca, às duas mãos o raio,*

E em vez do espinho à fronte as três coroas de Roma.

(Luís Delfino. *Rosas negras*, 1938.)

(1) *Pantocrátor*: que tudo rege, que governa tudo.

(2) *Bizantina*: referente ao Império Romano do Oriente (330-1453 d.C.) e às manifestações culturais desse império.

(3) *Fresco*: o mesmo que *afresco,* pintura mural que resulta da aplicação de cores diluídas em água sobre um revestimento ainda fresco de argamassa, para facilitar a absorção da tinta.

(4) *Santo Stefano Rotondo*: igreja erigida por volta de 460 d.C., em Roma, em homenagem a Santo Estêvão (*Stefano*, em italiano), mártir do cristianismo.

(5) *Anátema*: reprovação enérgica, sentença de maldição que expulsa da Igreja, excomunhão.

Figura de Cristo Pantocrátor

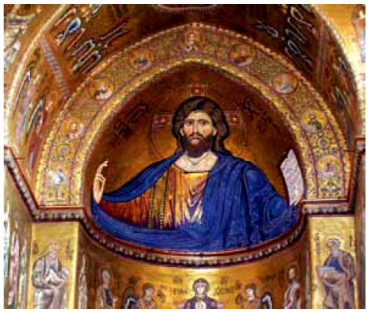

(Catedral de Monreale, Itália.)

25 - (UNESP SP)

A leitura do soneto revela que o poeta seguiu o preceito parnasiano de só fazer rimar em seus versos palavras pertencentes a classes gramaticais diferentes, como se observa, por exemplo, nas palavras que encerram os quatro versos da primeira quadra, que rimam conforme o esquema ABBA. Consideradas em sua sequência do primeiro ao quarto verso, tais palavras surgem, respectivamente, como

a) adjetivo, verbo, substantivo, adjetivo.

b) substantivo, adjetivo, verbo, verbo.

c) substantivo, adjetivo, substantivo, advérbio.

d) verbo, adjetivo, verbo, adjetivo.

e) substantivo, substantivo, verbo, verbo.

TEXTO: 19 - Comum à questão: 26

Cheguei com 21 anos e já estou há 54 em São Paulo. Desde meus primeiros dias, vivo um problema que existe até hoje e compartilho com todo mundo. Não dirijo. Ando de táxi, ônibus, metrô e caminho muito. Sou pedestre e, como tal, conheço a tragédia das calçadas. Quem caminha torce o pé em buracos, tropeça em desníveis, precisa olhar para baixo o tempo inteiro. Não há calçadas uniformes, planas, planejadas, cuidadas. Cada dono constrói seu trecho segundo sua fantasia. Há gosto, bom gosto e muito mau gosto, breguice, kitsch. *A variedade não contribui para uma cidade criativa e original. Ao contrário, é um mix desordenado de excrescência.*

Problemas pequenos? Some aos outros, por exemplo, as agruras de quem toma ônibus, de quem toma metrô, de manhã ou à tarde. Tente viajar nos horários de pico. Ah! Aí, sim, se vê por que é uma selva. Algum coordenador de transportes tentou fazer uma viagem num coletivo cheio, em dia de calor, janelas fechadas? Algum já viajou esmagado, prensado, sufocado, o ar faltando aos pulmões?

Sonho com utopias. A São Paulo ideal teria calçadas largas contendo uma ciclovia e árvores. E bueiros que deem vazão às águas das chuvas. E um povo que não varra as folhas para dentro dos bueiros. E que tenha recipientes para se depositar o lixo. A São Paulo ideal teria prédios de no máximo oito andares e praças e jardins e parques. E principalmente projetos e planos diretores que olhassem o futuro, e não o presente imediato e eleitoreiro. E administradores que olhassem com carinho para a cidade.

(Ignácio de Loyola Brandão. *O Estado de S.Paulo*, 01.07.2012. Adaptado.)

26 - (UNISA SP)

Existe mudança de classe gramatical entre as palavras destacadas em:

a) Esta é uma cidade cuja *arborização* é constituída pelos mais diferentes tipos de árvore. / Foi-se o tempo de *arborizações* homogêneas nas grandes cidades.

b) Não posso omitir a vegetação que cresce entre os *interstícios* das pedras. / Nos *interstícios* das sessões, as autoridades discutiam o plano diretor para a cidade.

c) Ao contrário, é um mix desordenado de *excrescência.* / É uma *excrescência* o descuido da administração pública para com os problemas urbanos.

d) Há espécies desiguais de árvores, que crescem *lentamente*, que não crescem, que têm troncos finos. / Muito *lentamente* a administração pública vai recuperando as calçadas.

e) Algum coordenador de transportes tentou fazer uma viagem num *coletivo* cheio, em dia de calor, janelas fechadas? / Trata-se de um apelo *coletivo*, de todas as pessoas do bairro para a reforma das calçadas.

TEXTO: 20 - Comum à questão: 27

Nós, escravocratas

[1] Há exatos cem anos, saía da vida para a história um dos maiores brasileiros de todos os tempos: [2] o pernambucano Joaquim Nabuco. Político que ousou pensar, intelectual que não se omitiu em [3] agir, pensador e ativista com causa, principal artífice da abolição do regime escravocrata no [4] Brasil.

[5] Apesar da vitória conquistada, Joaquim Nabuco reconhecia: “Acabar com a escravidão não basta. [6] É preciso acabar com a obra da escravidão”, como lembrou na semana passada Marcos Vinicios [7] Vilaça, em solenidade na Academia Brasileira de Letras. Mas a obra da escravidão continua viva, [8] sob a forma da exclusão social: pobres, especialmente negros, sem terra, sem emprego, sem [9] casa,

sem água, sem esgoto, muitos ainda sem comida; sobretudo sem acesso à educação de qualidade.

Cem anos depois da morte de Joaquim Nabuco, a obra da escravidão se mantém e continuamos escravocratas.

Somos escravocratas ao deixarmos que a escola seja tão diferenciada, conforme a renda da família de uma criança, quanto eram diferenciadas as vidas na Casa Grande ou na Senzala. Somos escravocratas porque, até hoje, não fizemos a distribuição do conhecimento: instrumento decisivo para a liberdade nos dias atuais. Somos escravocratas porque todos nós, que estudamos, escrevemos, lemos e obtemos empregos graças aos diplomas, beneficiamo-nos da exclusão dos que não estudaram. Como antes, os brasileiros livres se beneficiavam do trabalho dos escravos.

Somos escravocratas ao jogarmos, sobre os analfabetos, a culpa por não saberem ler, em vez de assumirmos nossa própria culpa pelas decisões tomadas ao longo de décadas. Privilegiamos investimentos econômicos no lugar de escolas e professores. Somos escravocratas, porque construímos universidades para nossos filhos, mas negamos a mesma chance aos jovens que foram deserdados do Ensino Médio completo com qualidade. Somos escravocratas de um novo tipo: a negação da educação é parte da obra deixada pelos séculos de escravidão.

A exclusão da educação substituiu o sequestro na África, o transporte até o Brasil, a prisão e o trabalho forçado. Somos escravocratas que não pagamos para ter escravos: nossa escravidão ficou mais barata, e o dinheiro para comprar os escravos pode ser usado em benefício dos novos escravocratas. Como na escravidão, o trabalho braçal fica reservado para os novos escravos: os sem educação.

Negamo-nos a eliminar a obra da escravidão.

Somos escravocratas porque ainda achamos naturais as novas formas de escravidão; e nossos intelectuais e economistas comemoram minúscula distribuição de renda, como antes os senhores se vangloriavam da melhoria na alimentação de seus escravos, nos anos de alta no preço do açúcar. Continuamos escravocratas, comemorando gestos parciais. Antes, com a proibição do tráfico, a lei do ventre livre, a alforria dos sexagenários. Agora, com o bolsa família, o voto do analfabeto ou a aposentadoria rural. Medidas generosas, para inglês ver e sem a ousadia da 37 abolição plena.

38 Somos escravocratas porque, como no século XIX, não percebemos a estupidez de não abolirmos 39 a escravidão. Ficamos na mesquinhez dos nossos interesses imediatos negando fazer a revolução 40 educacional que poderia completar a quase-abolição de 1888. Não ousamos romper as amarras 41 que envergonham e impedem nosso salto para uma sociedade civilizada, como, por 350 anos, a 42 escravidão nos envergonhava e amarrava nosso avanço.

43 Cem anos depois da morte de Joaquim Nabuco, a obra criada pela escravidão continua, porque 44 continuamos escravocratas. E, ao continuarmos escravocratas, não libertamos os escravos 45 condenados à falta de educação.

CRISTOVAM BUARQUE

Adaptado de http://oglobo.globo.com, 30/01/2000.

27 - (UERJ)

Ficamos na mesquinhez dos nossos interesses imediatos negando fazer a revolução educacional que poderia completar a quase-abolição de 1888. (Refs. 39-40)

A criação da palavra composta, quase-abolição, cumpre principalmente a função de:

a) desfazer a contradição entre os termos

b) estabelecer a gradação entre os termos

c) enfatizar a abstração de um dos termos

d) restringir o sentido de um dos termos

TEXTO: 21 - Comum à questão: 28

TEXTO 1

Senhorinha
Moça de fazenda antiga, prenda minha
Gosta de passear de chapéu, sombrinha
Como quem fugiu de uma modinha

Sinhazinha
No balanço da cadeira de palhinha
Gosta de trançar seu retrós de linha
Como quem parece que adivinha (amor)

Será que ela quer casar?
Será que eu vou casar com ela?
Será que vai ser numa capela
De casa de andorinha?

Princesinha
Moça dos contos de amor da carochinha
Gosta de brincar de fada-madrinha
Como quem quer ser minha rainh

Sinhá mocinha
Com seu brinco e seu colar de água-marinha

Gosta de me olhar da casa vizinha

Como quem me quer na camarinha (amor)

Será que eu vou subir no altar?

Será que irei nos braços dela?

Será que vai ser essa donzela

A musa desse trovador?

Ó prenda minha

Ó meu amor

Se torne a minha senhorinha

(GUINGA; PINHEIRO, Paulo César. “Senhorinha”.
In: **Noturno Copacabana**. Faixa 8; Velas, 2003.)

TEXTO 2

“O trovador, obediente a estritas normas de cortesia – o ‘amor cortês’ –, rendia vassalagem à dama (o ‘serviço amoroso’), prometendo servi-la e respeitá-la fielmente, ser discreto embora ciumento, empalidecer na sua presença, perturbar-se interiormente, ser temeroso de não ser correspondido, nada recusar à dama eleita.”

(MOISÉS, Massaud. “Trovadorismo”. **Dicionário de termos literários**.
São Paulo: Cultrix, 2004, p. 455.)

28 - (PUC MG)

Na letra da canção, a constante utilização de formas no diminutivo indica:

a) infantilidade.

b) pequeneza.

c) afetividade.

d) indiferença.

TEXTO: 22 - Comum à questão: 29

Ginástica sintática

Pesquisadores de neurociência da Universidade Johns Hopkins, nos EUA, publicaram há pouco, na revista "Plos One", sua descoberta de que, quando os músicos de jazz improvisam sobre uma melodia — criando contramelodias sobre uma base harmônica comum —, estão ativando uma área do cérebro associada à sintaxe, não à semântica. Ou seja, não produzem conteúdos, mas estruturas. O estudo, que utilizou testes de ressonância magnética, visa a mapear o papel do cérebro na criatividade.

A quase 100 anos da gravação do primeiro disco do gênero ("Livery Stable Blues", pela Original Dixieland Jazz Band, em 1917), o achado não me soa como grande novidade. De certa maneira, todos nós, fãs de jazz, já nascemos sabendo disso. O que seria o improviso coletivo de Nova Orleans senão uma deliciosa conversa de comadres significando nada? E o concerto no Massey Hall, de Toronto, em 1953? Charlie Parker e Dizzy Gillespie, rompidos havia anos, não tiveram de fazer as pazes para falar jazzês e se complementar magistralmente em "Perdido", "Hot House" e "A Night in Tunisia".

O estudo diz avançar sobre uma pesquisa iniciada em 2008 e publicada na mesma revista, segundo a qual, quando os jazzistas improvisam, seus cérebros "desligam" os controles de censura e autoinibição, e "ligam" os que liberam a expressão — o que não aconteceria se tocassem um "conteúdo", uma melodia conhecida e sem variações.

(Ruy Castro. *Folha de S.Paulo*, 08.03.2014. Adaptado.)

29 - (UNIVAG MT)

No contexto do segundo parágrafo, o termo *jazzês*, formado com o acréscimo do sufixo *-ês* à base *jazz*, é usado para sugerir que o jazz

a) não tem uma melodia característica, por ser um estilo feito da influência de outros ritmos.

b) possui uma linguagem peculiar, que permite diferenciá-lo de outros estilos musicais.

c) conta com um número cada vez mais reduzido de fãs, porque se tornou um estilo ultrapassado.

d) valoriza a expressão individual do músico, eliminando o diálogo e estimulando a introspecção.

e) é um ritmo destituído de originalidade, pois se fundamenta na repetição de fórmulas.

TEXTO: 23 - Comum à questão: 30

A data oficial da chegada do inverno no hemisfério sul é 21 de junho, entretanto, a estação mais fria do ano apareceu no Rio Grande do Sul ainda em maio, dando motivo para os textos reproduzidos a seguir.

TEXTO 1:

INVERNO CHEGA ADIANTADO

Jaqueline Sordi – Zero Hora, 26/05/2014

[1] Vai ter Copa e vai ter frio – ou ao menos é o que está previsto para o tempo nesta semana que se inicia com a [2] contagem regressiva de 17 dias para o Mundial. A massa de ar polar que entrou em solo gaúcho durante o final de semana [3] derrubando a temperatura deve permanecer sobre o Rio Grande do Sul pelo menos até sexta-feira, quando uma nova frente [4] fria entrará, provocando chuva.

[5] A semana começa com temperaturas baixas e predomínio de sol entre nuvens no sul do estado. Já no Centro e no [6] Norte, áreas de instabilidade associadas a um sistema de baixa pressão formado sobre o Paraguai provocarão chuvas [7] isoladas até a madrugada de terça-feira. Há inclusive riscos para temporais em municípios da região das Missões.

[8] A segunda-feira será de tempo nublado com pancadas de chuva ao longo do dia na Capital, que deve registrar [9] mínima de 11 ºC e máxima de 18 ºC. Somente na terça-feira a instabilidade se afasta, e o tempo volta a ficar firme em [10] praticamente todo o estado. A temperatura, entretanto, seguirá amena. Em São José dos Ausentes, nos Campos de Cima da [11] Serra, que registrou 4,3 ºC na madrugada de domingo, a máxima não passará dos 16 ºC durante a semana. Já em Ijuí, no [12] noroeste do estado, os termômetros variarão dos 5 ºC aos 19 ºC até sexta-feira.

[13] noroeste do estado, os termômetros variarão dos 5 ºC aos 19 ºC até sexta-feira. [14] Oeste, houve temperaturas abaixo dos 2 ºC. As cidades mais frias foram Lagoa Vermelha e Bagé, onde as mínimas chegaram [15] a 1,1 ºC, e Quaraí, que registrou 1,3 ºC. A sensação térmica ficou ainda menor, alcançando -4 ºC em Quaraí e -3,7 ºC em [16] Dom Pedrito. Na Capital, o domingo amanheceu com névoa úmida e mínima de 7 ºC . Durante a tarde, mesmo com sol e [17] poucas nuvens, as máximas não passaram dos 15 ºC. Em Pelotas, a mínima foi de 5,9 ºC e, em Caxias do Sul, 4,2 ºC.

TEXTO 2:

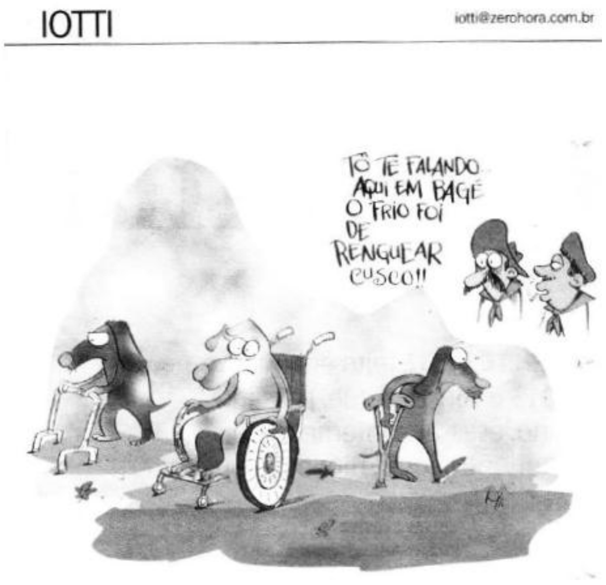
IOTTI
iotti@zerohora.com.br
TÔ TE FALANDO AQUI EM BAGÉ O FRIO FOI DE RENGUEAR CUSCO!!

30 - (UFPel RS)

As escolhas lexicais do primeiro parágrafo do texto número 1 conferem-lhe uma característica de

a) confiabilidade.

b) previsibilidade.

c) imprevisibilidade.

d) seguridade.

e) instabilidade.

f) I.R.

TEXTO: 24 - Comum à questão: 31

O orgulho do fracasso

Língua, religião e alta cultura são os únicos componentes de uma nação que podem sobreviver quando ela chega ao término da sua duração histórica. São os valores universais, que, por servirem a toda a humanidade e não somente ao povo em que se originaram, justificam que ele seja lembrado e admirado por outros povos. A economia e as instituições são apenas o suporte, local e temporário, de que a nação se utiliza para seguir vivendo enquanto gera os símbolos nos quais sua imagem permanecerá quando ela própria já não existir. [...]

Por isso, **esses elementos**, os mais distantes de todo interesse econômico, são as únicas garantias do êxito no campo material e prático. Todo povo se esforça para dominar o ambiente material. Se só alguns alcançam o sucesso, a diferença, como demonstrou Thomas Sowell em *Conquests and Cultures* [Conquistas e Culturas], reside principalmente no “capital cultural”, na capacidade intelectual acumulada que a mera luta pela vida não dá, que só se desenvolve na prática da língua, da religião e da alta cultura.

Nenhum povo ascendeu ao primado econômico e político para somente depois se dedicar a interesses superiores. O inverso é que é verdadeiro: a afirmação das capacidades nacionais naqueles três domínios antecede as realizações político-econômicas.

A França foi o centro cultural da Europa muito antes das pompas de Luís XIV. Os ingleses, antes de se apoderarem dos sete mares, foram os supremos fornecedores de santos e eruditos para a Igreja. A Alemanha foi o foco irradiador da Reforma e em seguida o centro intelectual do mundo — com Kant, Hegel e Schelling — antes mesmo de se constituir como nação. Os EUA tinham três séculos de religião devota e de valiosa cultura literária e filosófica antes de se lançar à aventura industrial que os elevou ao cume da prosperidade. Os escandinavos tiveram santos, filósofos e poetas antes do carvão e do aço. O poder islâmico, então, foi de alto a baixo criatura da religião —

religião que seria inconcebível se não tivesse encontrado, como legado da tradição poética, a língua poderosa e sutil em que se registraram os versículos do Corão. E não é nada alheio ao destino de espanhóis e portugueses, rapidamente afastados do centro para a periferia da História, o fato de terem alcançado o sucesso e a riqueza da noite para o dia, sem possuir uma força de iniciativa intelectual equiparável ao poder material conquistado.

A experiência dos milênios, **no entanto**, pode ser obscurecida até se tornar invisível e inconcebível. Basta que um povo de mentalidade estreita seja confirmado na sua ilusão materialista por uma filosofia mesquinha que tudo explique pelas causas econômicas. Acreditando que precisa resolver seus problemas materiais antes de cuidar do espírito, esse povo permanecerá espiritualmente rasteiro e nunca se tornará inteligente o bastante para acumular o capital cultural necessário à solução daqueles problemas.

O pragmatismo grosso, a superficialidade da experiência religiosa, o desprezo pelo conhecimento, a redução das atividades do espírito ao mínimo necessário para a conquista do emprego (inclusive universitário), a subordinação da inteligência aos interesses partidários, tais são as causas estruturais e constantes do fracasso desse povo. Todas as demais explicações alegadas — a exploração estrangeira, a composição racial da população, o latifúndio, a índole autoritária ou rebelde dos brasileiros, os impostos ou a sonegação deles, a corrupção e mil e um erros que as oposições imputam aos governos presentes e estes aos governos passados — são apenas subterfúgios com que uma intelectualidade provinciana e acanalhada foge a um confronto com a sua própria parcela de culpa no estado de coisas e evita dizer a um **povo pueril** a verdade que o tornaria adulto: que a língua, a religião e a alta cultura vêm primeiro, a prosperidade depois.

As escolhas, dizia L. Szondi, fazem o destino. Escolhendo o imediato e o material acima de tudo, o povo brasileiro embotou sua inteligência, estreitou seu horizonte de consciência e condenou-se à ruína perpétua.

O desespero e a frustração causados pela longa sucessão de derrotas na luta contra males econômicos refratários a todo tratamento chegaram, nos últimos anos, ao ponto de fusão em que a soma de estímulos negativos produz, ***pavlovianamente***, a inversão masoquista dos reflexos: a indolência intelectual de que nos envergonhávamos foi assumida como um mérito excelso, quase religioso, tradução do amor evangélico aos pobres no quadro da luta de classes. Não podendo conquistar o sucesso, instituímos o ufanismo do fracasso. Depois disso, que nos resta, senão abdicarmos de existir como nação e nos conformarmos com a condição de entreposto da ONU?

Fonte: CARVALHO, Olavo de. In: **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. 5.ed. Rio de Janeiro, Record, 2013, p. 65-66. (texto adaptado)

31 - (UFT TO)

Há a utilização, nos parágrafos 4º e 6º, dos sinais (—). Assinale a alternativa **CORRETA** quanto a esses recursos gramaticais presentes no texto.

a) O emprego dos sinais faz com que a oração, presente entre eles, tenha a função de aposto, demarca-se a explicação do conteúdo, podendo ser substituídos por parênteses.

b) Os sinais configuram-se como recursos argumentativos que indicam discursos direto e indireto.

c) A utilização dos sinais objetiva fazer com que a oração, presente entre eles, destaque o pensamento do autor e da maioria dos leitores; os sinais devem ser substituídos por aspas duplas.

d) O emprego dos sinais denota a ironia do autor, no entanto, sintaticamente são utilizados de modo inadequado, podendo ser substituídos por parênteses.

e) A utilização dos sinais evidencia frases que expõem a opinião de leitores a respeito da temática.

TEXTO: 25 - Comum à questão: 32

Leia o poema de Mário Quintana.

Canção da Primavera

Primavera cruza o rio
Cruza o sonho que tu sonhas.
Na cidade adormecida
Primavera vem chegando.

Catavento enlouqueceu,

Ficou girando, girando.

Em torno do catavento

Dancemos todos em bando.

Dancemos todos, dancemos,

Amadas, Mortos, Amigos,

Dancemos todos até

Não mais saber-se o motivo...

Até que as paineiras tenham

Por sobre os muros florido!

32 - (UNESP SP)

No verso da terceira estrofe – *Dancemos todos, dancemos*. –, emprega-se o verbo *dançar* no modo imperativo com a intenção de

a) conclamar todos à dança. Se o eu lírico se excluísse da ação, o verso assumiria a seguinte redação: Dancem todos, dancem.

b) obrigar todos a dançarem. Se o eu lírico se excluísse da ação, o verso assumiria a seguinte redação: Dança todos, dança.

c) suplicar pela dança de todos. Se o eu lírico se excluísse da ação, o verso assumiria a seguinte redação: Dançam todos, dançam.

d) sugerir uma dança futura. Se o eu lírico se excluísse da ação, o verso assumiria a seguinte redação: Dançarão todos, dançarão.

TEXTO: 26 - Comum à questão: 33

OS HUMANOS SÃO UMA PARTE IMPORTANTE DA BIOSFERA

[1] As maravilhas do mundo natural atraem a nossa curiosidade sobre a vida e tudo que nos cerca. [2] Para muitos de nós, nossa curiosidade sobre a Natureza e os desafios de seu estudo são razões [3] suficientes. Além disso, contudo, nossa necessidade de compreender a Natureza está se tornando [4] mais e mais urgente, à medida que o crescimento da população humana estressa a capacidade dos sistemas [5] naturais em manter sua estrutura e funcionamento.

[6] Os ambientes que as atividades humanas dominam ou criaram – incluindo nossas áreas de vida [7] urbanas e suburbanas, nossas terras cultivadas, nossas áreas de recreação, plantações de árvore e [8] pesqueiros – são também ecossistemas. O bem-estar da humanidade depende de manter o funcionamento [9] desses sistemas, sejam eles naturais ou artificiais. Virtualmente toda a superfície da Terra é, ou em breve [10] será, fortemente influenciada por pessoas, se não completamente sob seu controle. Os humanos já [11] usurpam quase metade da produtividade biológica da biosfera. Não podemos assumir essa [12] responsabilidade de forma negligente.

[13] A população humana se aproxima da marca de 7 bilhões, e consome energia e recursos, e produz [14] rejeitos muito além do necessário ditado pelo metabolismo biológico. Essas atividades causaram dois [15] problemas relacionados de dimensões globais. O primeiro é o seu impacto nos sistemas naturais, incluindo [16] a interrupção de processos ecológicos e a exterminação de espécies. O segundo é a firme e constante [17] deterioração do próprio ambiente da espécie humana à medida que pressionamos os limites dentro dos [18] quais os ecossistemas podem se sustentar. Compreender os princípios ecológicos é um passo necessário [19] para lidar com esses problemas.

RICKLEFS, Robert E. *A economia da natureza.* 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010. p. 15. (Adaptado).

33 - (UEG GO)

No trecho “Os humanos já usurpam quase metade da produtividade biológica da biosfera. Não podemos assumir essa responsabilidade de forma negligente” (Refs. 10-12), os períodos apresentam pessoas verbais diferentes. O uso da primeira pessoal do plural, no segundo período, constitui um recurso linguístico por meio do qual o autor

a) assume ser parte da comunidade humana e, consequentemente, responsável pelo modo como ela tem explorado os recursos naturais.

b) evidencia sua concordância sobre o modo como os humanos usam, de forma desequilibrada e devastadora, os recursos da terra.

c) retira de si a responsabilidade sobre o modo como os recursos da biosfera têm sido consumidos pelas sociedades urbanas e suburbanas.

d) conclama a humanidade à invenção de tecnologias que possibilitem a descoberta de novos organismos e a criação de novos bens de consumo.

TEXTO: 27 - Comum à questão: 34

O FUTURO ERA LINDO

[1] A informação seria livre. Todo o saber do mundo seria compartilhado, bem como a música, [2] o cinema, a literatura e a ciência. O custo seria zero. O espaço seria infinito. A velocidade, [3] estonteante. A solidariedade e a colaboração seriam os valores supremos. A criatividade, o único [4] poder verdadeiro. O bem triunfaria sobre os males do capitalismo. O sistema de representação [5] se tornaria obsoleto. Todos os seres humanos teriam oportunidades iguais em qualquer lugar do [6] planeta. Todos seriam empreendedores e inventivos. Todos poderiam se expressar livremente. [7] Censura, nunca mais. As fronteiras deixariam de existir. As distâncias se tornariam irrelevantes. [8] O inimaginável seria possível. O sonho, qualquer sonho, poderia se tornar realidade.

[9] Livre, grátis, inovador, coletivo, palavras-chave do novo mundo que a internet inaugurou. Por [10] anos esquecemos que a internet foi uma invenção militar, criada para manter o poder de quem [11] já o tinha. Por anos fingimos que transformar produtos físicos em produtos virtuais era algo [12] ecologicamente correto, esquecendo que a fabricação de computadores e celulares, com a [13] obsolescência embutida em seu DNA, demanda o consumo de quantidades vexatórias de [14] combustíveis fósseis, de produtos químicos e de água, sem falar no volume assombroso de lixo [15] não reciclado em que resultam, incluindo lixo tóxico.

[16] Ninguém imaginou que o poder e o dinheiro se tornariam tão concentrados em [17] megahipercorporações norte-americanas como o Google, que iriam destruir para sempre [18] tantas indústrias e atividades em tão pouco tempo. Ninguém previu que os mesmos Estados [19] Unidos, graças às maravilhas da internet sempre tão aberta e juvenil, se consolidariam como [20] os maiores espiões do mundo, humilhando potências como a Alemanha e também o Brasil, [21] impondo os métodos de sua inteligência militar sobre a população mundial, e guiando ao [22] arrepio da justiça os

bebês engenheiros nota dez em matemática mas ignorantes completos [23] em matéria de ética, política e em boas maneiras.

[24] Ninguém previu a febre das notícias inventadas, a civilização de perfis falsos, as enxurradas de [25] vírus, os arrastões de números de cartão de crédito, a empulhação dos resultados numéricos [26] falseados por robôs ou gerados por trabalhadores mal pagos em países do terceiro mundo, o [27] fim da privacidade, o terrorismo eletrônico, inclusive de Estado.

Marion Strecker Adaptado de
Folha de São Paulo, 29/07/2014.

34 - (UERJ)

O primeiro parágrafo expõe projeções passadas sobre possibilidades de um futuro regido pela internet.

O recurso linguístico que permite identificar que se trata de projeção e não de fatos do passado é o uso da:

a) forma verbal

b) pontuação informal

c) adjetivação positiva

d) estrutura coordenativa

TEXTO: 28 - Comum à questão: 35

Hélio Schwartsman

Folha de S.Paulo, 17/10/2015

SÃO PAULO – A filosofia distingue entre a ética descritiva e a normativa. Enquanto a primeira se limita a arrolar as crenças morais das pessoas, a segunda tenta estabelecer se essas crenças se justificam à luz de princípios que permitam classificá-las em termos de certo e errado.

Como filósofos têm imaginação fértil, há desde sistemas baseados no cálculo da felicidade até os que se fundam na religião. Um dos favoritos é a chamada regra de ouro, segundo a qual não devemos fazer ao próximo aquilo que não desejaríamos que ele nos fizesse. Surgem assim normas morais invioláveis como não roubar, não mentir, pôr o interesse público acima dos particulares etc. O princípio é tão popular que já foi sequestrado por religiões tão diversas quanto cristianismo e budismo e por filósofos do calibre de Kant.

A aplicação da regra de ouro ao cenário político brasileiro recomendaria desistir do país. Ao que tudo indica, o governo acuado pela ruína econômica e por infindáveis denúncias de corrupção está em vias de fechar um acordo com o presidente da Câmara, ele próprio enredado em acusações de corrupção.

Se os relatos de bastidores são precisos, parlamentares da base governista livrariam a cara do chefe dos deputados no Conselho de Ética em troca de ele segurar os trâmites que poderiam levar a um processo de impeachment contra a presidente da República. Como a oposição calcula que não pode dispensar as boas graças do ilustre parlamentar, também evita contrariá-lo.

Ninguém admite nada disso, pois fazê-lo equivaleria a confessar que um bom naco das normas morais supostamente invioláveis estão sendo violadas. Uma alternativa seria trocar a regra de ouro por éticas mais realistas, como o consequencialismo, segundo o qual ações devem ser julgadas pelos resultados que acarretam. Mas, neste caso, a emenda fica pior que o soneto, pois são as disputas entre políticos que estão magnificando a crise econômica.

35 - (Fac. Direito de São Bernardo do Campo SP)

Qual é o efeito de sentido desencadeado pelo uso do verbo no gerúndio, na última linha do texto?

a) Evidenciar o bom nível das disputas entre políticos, que não tem aumentado a crise.

b) Exaltar que os embates entre os políticos continuam a aumentar a crise.

c) Criticar o gerundismo e enaltecer que a crise só tem aumentado.

d) Explicar que as brigas entre os políticos contribuem magnificamente para éticas mais realistas.

TEXTO: 29 - Comum à questão: 36

[1] Estava conversando com uma amiga, dia [2] desses. Ela comentava sobre uma terceira [3] pessoa, que eu não conhecia. Descreveu-a [4] como sendo boa gente, esforçada, ótimo [5] caráter. "Só tem um probleminha: não é [6] habitada". Rimos. Uma expressão coloquial na [7] França - habité, - mas nunca tinha escutado [8] por estas paragens e com este sentido. [9] Lembrei-me de uma outra amiga que, de forma [10] parecida, também costuma dizer "aquela ali [11] tem gente em casa" quando se refere a [12] pessoas que fazem diferença.

[13] Uma pessoa pode ser altamente confiável, [14] gentil, carinhosa, simpática, mas, se não é [15] habitada, rapidinho coloca os outros pra [16] dormir. Uma pessoa habitada é uma pessoa [17] possuída, não necessariamente pelo demo, [18] ainda que satanás esteja longe de ser má [19] referência. Clarice Lispector certa vez escreveu [20] uma carta a Fernando Sabino dizendo que [21] faltava demônio em Berna, onde morava na [22] ocasião. A Suíça, de fato, é um país de contos [23] de fada onde tudo funciona, onde todos são [24] belos, onde a vida parece uma pintura, um [25] rótulo de chocolate. Mas falta uma ebulição que [26] a salve do marasmo.

[27] Retornando ao assunto: pessoas habitadas [28] são aquelas possuídas por si mesmas, em [29] diversas versões. Os habitados estão [30] preenchidos de indagações, angústias, [31] incertezas, mas não são menos felizes por [32] causa disso. Não transformam suas [33] "inadequações" em doença, mas em força e [34] curiosidade. Não recuam diante de [35] encruzilhadas, não se amedrontam com [36] transgressões, não adotam as opiniões dos [37] outros para facilitar o diálogo. São pessoas que [38] surpreendem com um gesto ou uma fala fora [39] do script, sem nenhuma disposição para serem [40] bonecos de ventríloquos. Ao contrário, [41] encantam pela verdade pessoal que defendem. [42] Além disso, mantêm com a solidão uma relação [43] mais do que cordial.

[44] Então são as criaturas mais incríveis do [45] universo? Não necessariamente. Entre os [46] habitados há de tudo, gente fenomenal e [47] também assassinos, pervertidos e demais [48] malucos que não merecem abrandamento de [49] pena pelo fato de serem, em certos aspectos, [50] bastante interessantes. Interessam, mas [51] assustam. Interessam, mas causam dano. Eu [52] não gostaria de repartir a mesa de um [53] restaurante com Hannibal Lecter, "The [54] Cannibal", ainda que eu não tenha dúvida de [55] que o personagem imortalizado por Anthony [56] Hopkins renderia um papo mais estimulante do [57] que uma conversa com, sei lá, Britney Spears, [58] que só tem gente em casa porque está grávida.

[59] Que tenhamos a sorte de esbarrar com [60] seres habitados e ao mesmo tempo [61] inofensivos, cujo único mal que possam fazer [62] seja nos fascinar e nos manter acordados uma [63] madrugada inteira. Ou a vida inteira, o que é [64] melhor ainda.

MEDEIROS, Martha. In: Org. e Int. SANTOS, Joaquim Ferreira dos.
As Cem Melhores Crônicas Brasileiras. Objetiva, 324-325.

36 - (UECE)

Considerando o tom do texto, pode-se afirmar corretamente que o diminutivo probleminha, em “Só tem um probleminha: não é habitada”. Rimos” (Refs. 5-6),

I. tem valor puramente dimensional.
II. é fortemente irônico.
III. reforça a pouca importância do problema.

Estão corretas apenas as complementações contidas em

a) I e II.
b) II e III.
c) I e III.
d) II.

TEXTO: 30 - Comum à questão: 37

ONU prevê que Brasil ***deverá*** *ter redução da população até 2100*

A Organização das Nações Unidas (ONU) publicou dados da evolução da população mundial que incluem uma **projeção** de que o Brasil **deverá ter queda** no número de habitantes até 2100. O país, que atualmente tem 207,8 milhões de pessoas, passará, de acordo com essa previsão, a ter 200,3 milhões em 2100.

O provável decréscimo da população do Brasil contraria a tendência global de crescimento. A previsão é de que a população total da Terra, atualmente em 7,3 bilhões, **deverá aumentar**, atingindo 11,2 bilhões em 2100.

(http://g1.globo.com, 29.07.2015. Adaptado)

37 - (UFSCar SP)

As construções destacadas no texto – **deverá ter redução**, **deverá ter queda**, **deverá aumentar** – expressam

a) hipóteses.

b) negações.

c) comprovações.

d) certezas.

e) lembranças.

TEXTO: 31 - Comum à questão: 38

“Aqui fazemos duas coisas importantes. Saímos do eu para trabalhar para o nós e saímos do meu para trabalhar para o nosso”, sintetizou Benedito Alves da Silva, mais conhecido por Seu Ditão, sentado sobre uma mesa de madeira baixa e grossa à frente do altar da igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, no coração do bairro rural de Ivaporunduva, no município de Eldorado, em meio à maior área contínua de Mata Atlântica do país, no sudoeste paulista. À sua frente, no início da tarde do dia 11 de maio de 2015, estava um grupo de pré-adolescentes de uma escola de

Uberaba, Minas Gerais, cercados por professores e monitores de camiseta laranja. “O que é meu? A casa, as roupas”, prosseguiu o homem alto de 60 anos, cabelos brancos, a pele negra lisa como se tivesse 30 anos menos. “E o que é nosso? A terra.” Seu Ditão divide o tempo entre cuidar de sua plantação de banana e hortaliças e falar de seu povo e responder às perguntas dos grupos de escolas que chegam quase todo dia.

(*Pesquisa* Fapesp, junho de 2015. Adaptado)

38 - (UNESP SP)

Na passagem – ... mais conhecido por Seu Ditão... –, o aumentativo empregado confere ao nome de seu Benedito um sentido de

a) importância.

b) ironia.

c) humor.

d) fragilidade.

GABARITO:

1) Gab: B

2) Gab: B

3) Gab: D

4) Gab: D

5) Gab: C

6) Gab: D

7) Gab: A

8) Gab: B

9) Gab: B

10) Gab: D

11) Gab: D

12) Gab: E

13) Gab: E

14) Gab: B

15) Gab: B

16) Gab: C

17) Gab: D

18) Gab: E

19) Gab: B

20) Gab: E

21) Gab: E

22) Gab: B

23) Gab: A

24) Gab: A

25) Gab: B

26) Gab: E

27) Gab: D

28) Gab: C

29) Gab: B

30) Gab: B

31) Gab: A

32) Gab: A

33) Gab: A

34) Gab: A

35) Gab: B

36) Gab: B

37) Gab: A

38) Gab: A

PORTUGUÊS

Sintaxe

Concordância Nominal

Prof.ª Isabel Vega

Concordância Nominal

I - Regra geral → O adjetivo, o artigo, o pronome adjetivo, o numeral adjetivo concordam com o substantivo a que se referem em gênero e número.

a) Com o adjetivo posposto.

Se forem do mesmo gênero, o adjetivo ficará neste gênero e no plural (**concordância rígida**); poderá, ainda, concordar com o núcleo mais próximo (**concordância atrativa**). Se forem de gêneros diferentes, o adjetivo ficará no masculino plural, ou, ainda, concordará com o núcleo mais próximo.

Ex.: Comprei uma agenda e uma pasta **brancas**. (rígida)

Comprei uma agenda e uma pasta **branca**. (atrativa)

Concordância Nominal

Ex.: Comprei um caderno e uma pasta **brancos**. (rígida)

Comprei um caderno e uma pasta **branca**. (atrativa)

Comprei [**uma pasta branca**] e [um caderno].

Comprei [**um chiclete**] e [**um pão fresquinho**].

b) Com o adjetivo anteposto.

"Se o adjetivo estiver anteposto, a concordância mais notável será a atrativa."

Ex.: "**Calada a natureza**, a terra e os homens". (G. Dias)

OBS.: Quando um substantivo (singular ou plural), determinado pelo artigo, vier seguido por mais de um adjetivo, os adjetivos admitem duas concordâncias.

Ex.1: **A língua** portuguesa e **a** inglesa são bonitas.

Ex.2: **As línguas** portuguesa e inglesa são bonitas.

II – Regras Especiais

a) Mesmo – próprio → são pronomes demonstrativos de reforço, portanto concordam com o termo a que se referem.

Ex.: As **portas** se fecham por si **mesmas**.

Eles próprios fizeram a reclamação.

Concordância Nominal

b) Leso – quite → são termos adjetivos que concordam em gênero e número com o termo a que se referem.

Ex.:Foi uma atitude de **lesa-pátria**, um ato de **leso-patriotismo**.

Depois do acordo, os **dois** ficaram **quites**.

Maria está **quite** com João.

c) Menos → é sempre masculino, sendo advérbio ou pronome.

Ex.: Era **menos** bonita do que você. (advérbio)

Existiam **menos** pessoas ali. (pronome)

d) Alerta → é sempre invariável, pois é advérbio de modo, redução da locução “em estado de alerta” ou “em alerta”.

Ex.: Os soldados devem estar sempre **alerta**.

e) Anexo → é adjetivo e concorda com o termo a que se refere.

Ex.: Vão **anexos** um **recibo** e uma **certidão**.
Vai **anexo** um **recibo** e uma certidão.

f)Todo → quando o pronome “todo” corresponder a “totalmente”, flexionar-se-á em gênero e número, embora equivalha a um advérbio.

Ex.: A **equipe** jogava **toda** de branco.

Concordância Nominal – parte I

g) Só

a) só = somente, apenas → é advérbio e fica invariável.

Ex.: Eles **só compraram** o necessário.

b) só = sozinho → é adjetivo e varia segundo o termo núcleo.

Ex.: **Eles** jamais ficarão **sós**.

h) Obrigado → é termo adjetivo e concorda com o substantivo a que se refere; equivale ao adjetivo grato.

Ex.: Muito **obrigado**, falou **José**.
Muito **obrigada**, disse **Maria**.
Nós ficamos-lhe **obrigados** por tantas gentilezas.

i) É bom, é necessário, é preciso, é permitido, é proibido, etc.

Quando o sujeito dessas expressões estiver determinado pelo artigo ou por qualquer determinante, a concordância será feita normalmente; se, entretanto, não existir determinante algum, a expressão ficará invariável.

Ex.: É **proibida a entrada**. / É **proibido entrada**.

j) POSSÍVEL → a concordância far-se-á com o artigo que compõe a expressão "**o/a mais, o/a menos, o/a maior, o/a menor, o/a melhor, o/a pior**".

Ex.: **Cadernos o mais limpos possível**.
Cadernos os mais limpos possíveis.

k) Bastante

a) bastante → é pronome indefinido e varia segundo o núcleo.

Ex.: Ele falava **bastantes besteiras** (= muitas besteiras).
Havia **bastantes livros** (= muitos livros) na sala.

b) bastante → é advérbio e fica invariável.

Ex.: Ele **falava bastante** (=muito).

l) A olhos vistos → é locução adverbial de modo e fica invariável, equivalendo à expressão “de forma clara, evidente”.

Ex.: As crianças crescem **a olhos vistos**.

O advérbio e a Luta de classes

#beloportugues

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

1. Advérbio

Advérbio é a classe gramatical das palavras que modificam um verbo, um adjetivo ou um outro advérbio.

O pássaro voou.
O pássaro voou longe.
O pássaro voou hoje.
O pássaro voou bastante.
O pássaro voou bem.
O pássaro nunca voou.

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

Bonito Devagar Limpo Difícil

Seedorf joga bonito
Aquele aluno inseguro leu o texto devagar.
Nossos jovens zagueiros jogam limpo.
Todo professor antigo fala difícil.

O advérbio também pode intensificar adjetivos e outros advérbios!

Sidney Martins estava muito deprimido.
Sidney Martins mora bastante longe.
Ela chega tão meiga e tão bela...

“Fala baixinho, que ninguém pode saber que a gente está aqui. Vamos com calma...”

GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

“Quero te dizer baixinho
Com todo o carinho
O que sinto por ti...”

GRAN INSTITUTO
DE LÍNGUA
PORTUGUESA

#momentopraca

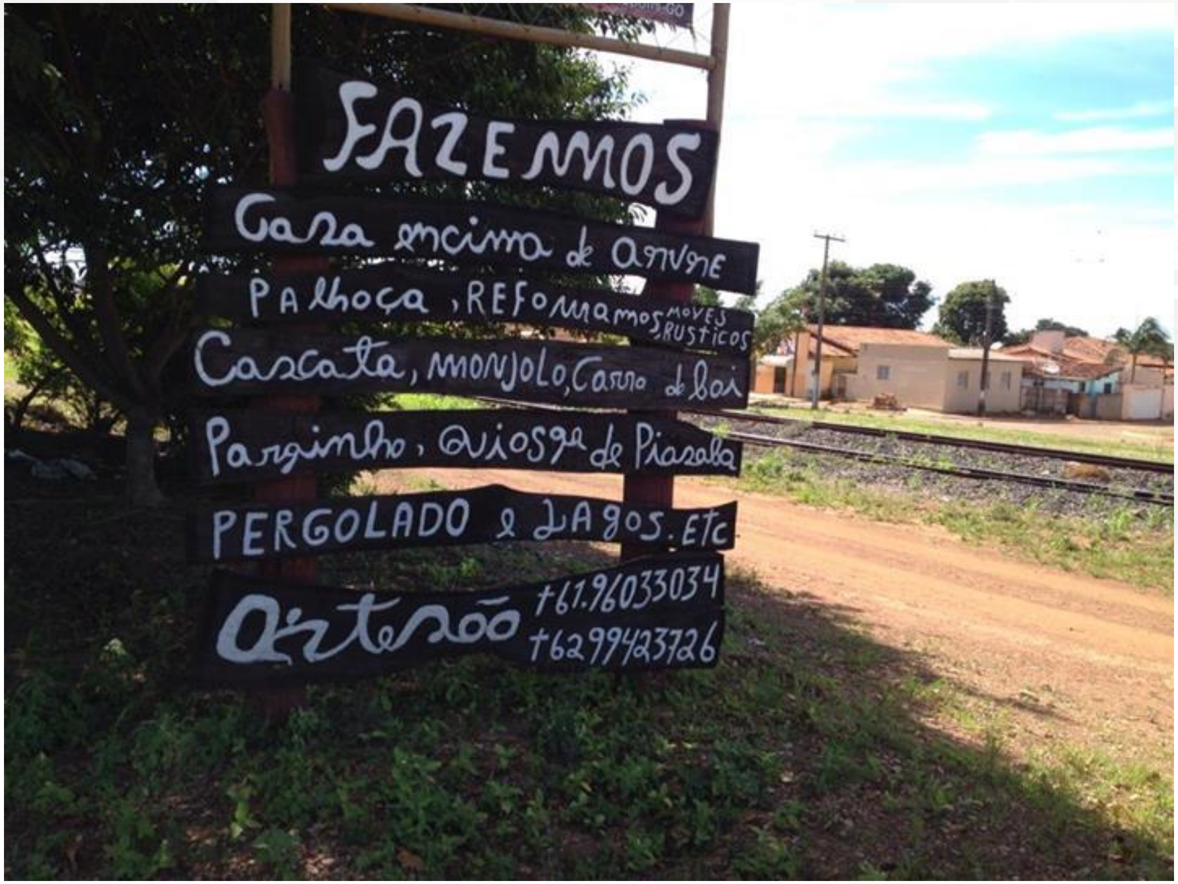
FAZEMOS
Casa encima de arvore
PAlhoça, REFormamos moves rusticos
Cascata, monjolo, Carro de boi
Parginho, Quiosge de Piasaba
PERGOLADO e LAgos. ETC
Artesão +61.96033034 +6299423726

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

#momentopraca

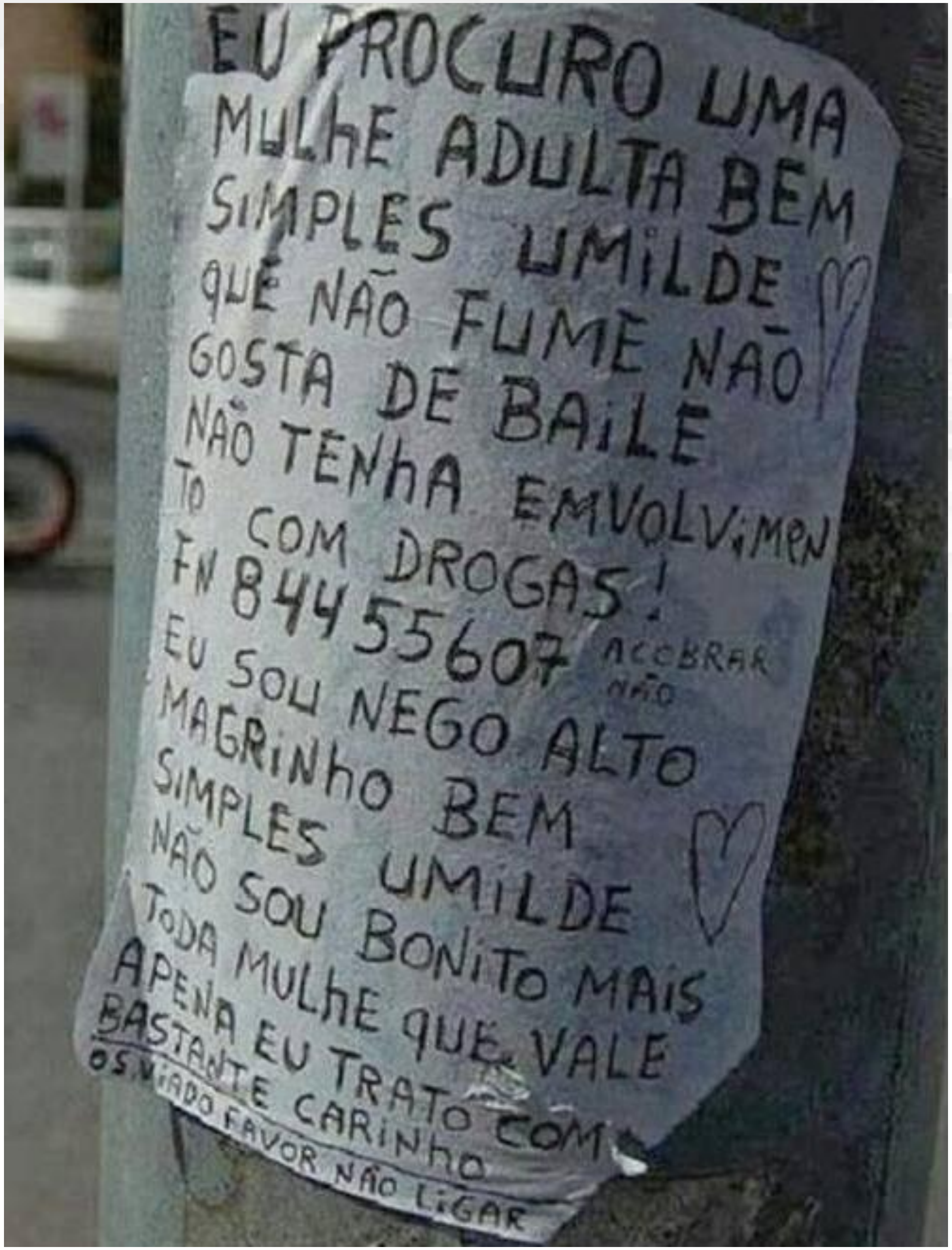

EU PROCURO UMA
MULhE ADULTA BEM
SiMPLES UMiLDE
qUE NÃO FUME NÃO
GOSTA DE BAiLE
NÃO TENhA EMVOLViMEN
TO COM DROGAS!
FN 84455607 ACOBRAR NÃO
EU SOU NEGO ALTO
MAGRiNho BEM
SiMPLES UMiLDE
NÃO SOU BONiTO MAiS
TODA MULhE qUE VALE
APENA EU TRATO COM
BASTANTE CARiNho
OS ViADO FAVOR NÃO LiGAR

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

#momentopraca

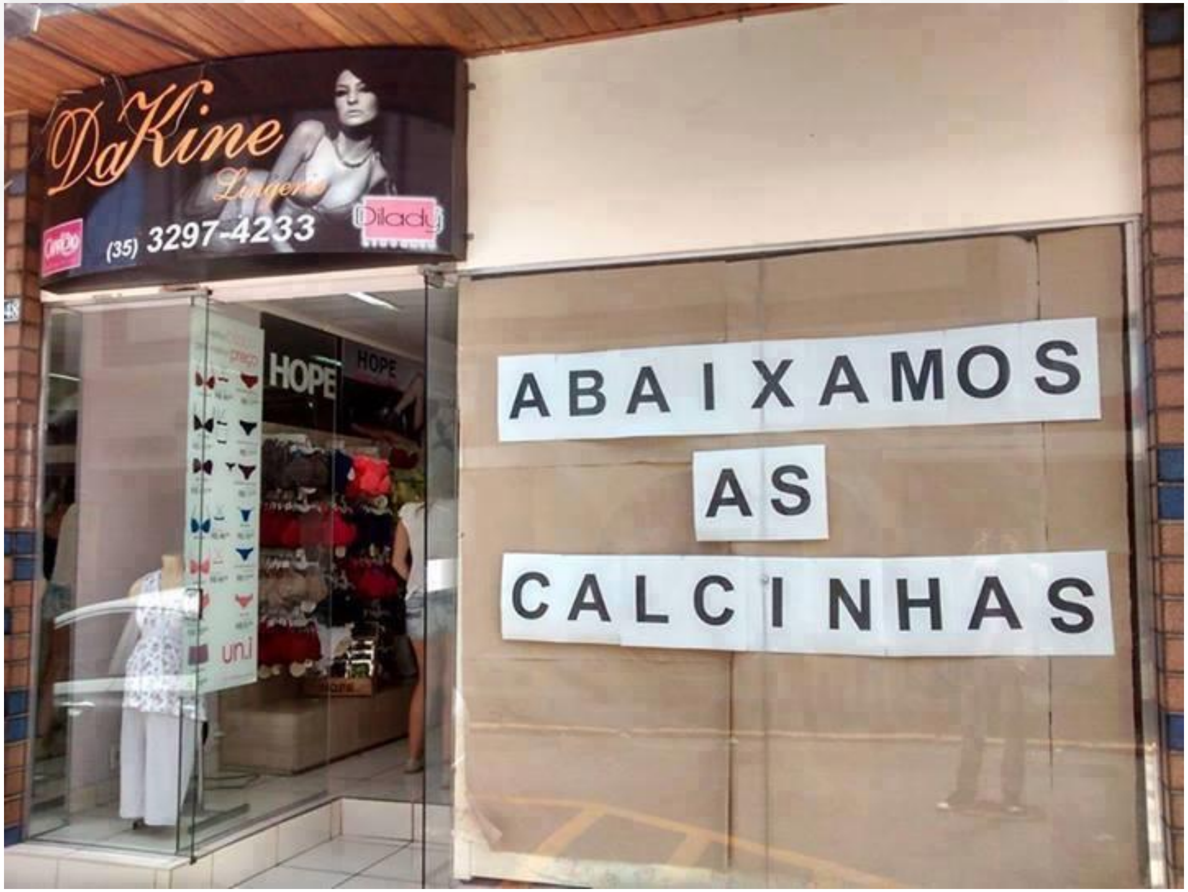
DaKine
Lingerie
(35) 3297-4233
Dilady
HOPE
ABAIXAMOS
AS
CALCINHAS

GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

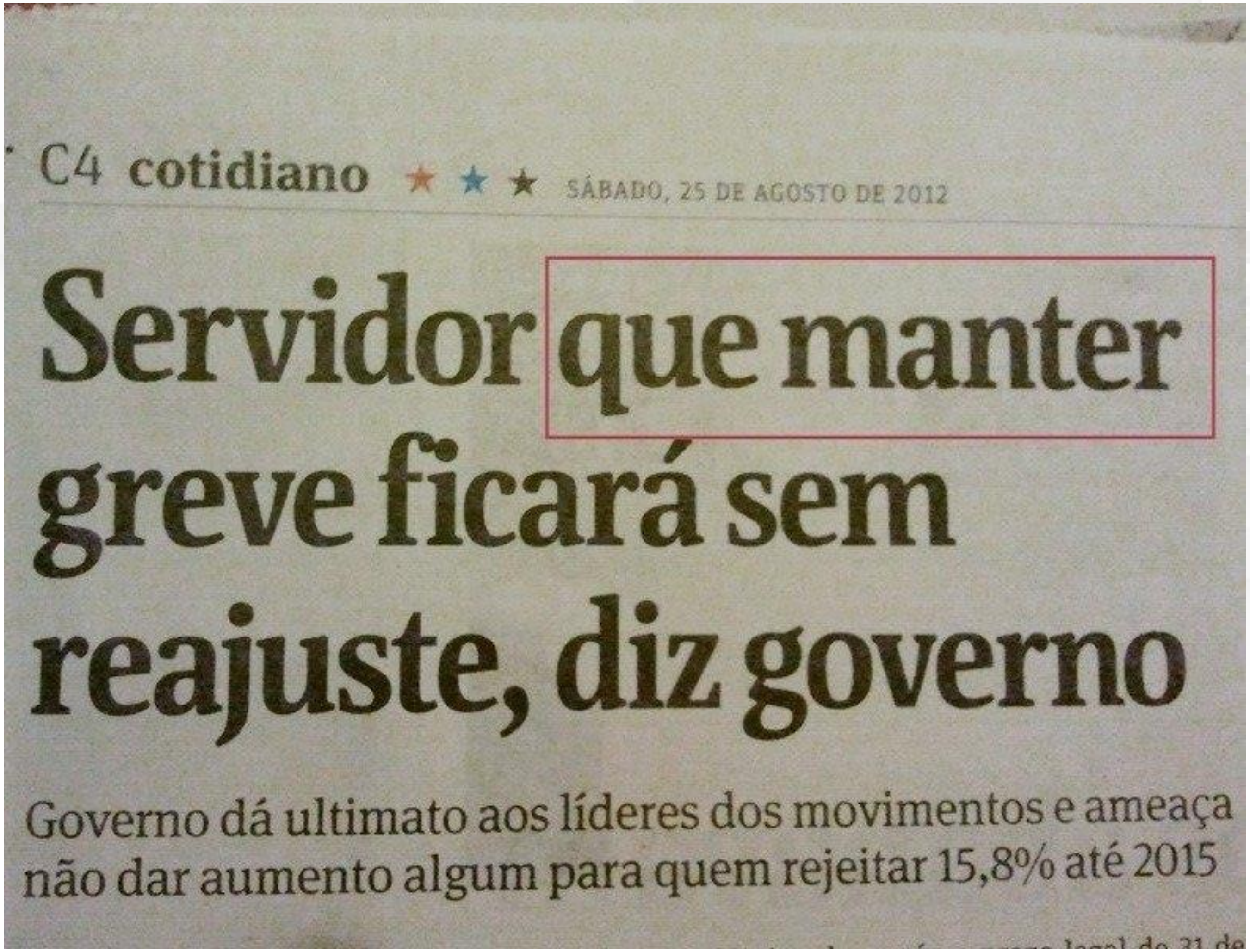

C4 **cotidiano** ★ ★ ★ SÁBADO, 25 DE AGOSTO DE 2012

Servidor que manter greve ficará sem reajuste, diz governo

Governo dá ultimato aos líderes dos movimentos e ameaça não dar aumento algum para quem rejeitar 15,8% até 2015

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

PORTUGUÊS

Morfologia

Conjunções – parte I

Prof.ª Isabel Vega

Conjunções Coordenativas

- **DEFINIÇÃO –** São aquelas que ligam orações independentes, quanto à estrutura sintática, e termos semelhantes da mesma oração.

[S + V + C] conjunção **[S + V + C]**

a) ADITIVAS: e, nem, tampouco, não só...(mas, senão, como) também, mas ainda, etc.

Ex.: Maria acordou cedo e foi trabalhar.

Maria não só acordou cedo, como foi trabalhar.

Maria nem acordou cedo, nem foi trabalhar.

Conjunções Coordenativas

b) ADVERSATIVAS: mas, porém, todavia, entretanto, contudo, no entanto, não obstante, malgrado, etc.

Ex.: Maria acordou cedo, mas não foi trabalhar.

Maria acordou cedo; não foi trabalhar, porém.

c) ALTERNATIVAS: – ou, ou ... ou, ora ... ora, quer ... quer; já...já; seja..seja, etc.

Ex.: Ou você casa, ou compra uma bicicleta.

Ora conta piadas, ora resmunga.

Conjunções Coordenativas

d) CONCLUSIVAS: logo, portanto, então, por isso, pois (posposto ao verbo), por conseguinte, etc.
Ex.: O candidato estudou muito, logo, passou no concurso.

O candidato estudou muito; passou no concurso, pois.

e) EXPLICATIVAS: que, porque, pois (anteposto ao verbo), porquanto, já que, etc. **** As explicativas aparecem depois de oração que indica ordem, pedido, desejo, ou que expressa dedução.***
Ex.: Não corra, menino, que você vai cair!

OBS.1: coordenativa explicativa x subordinativa causal

1) Choveu, porque estava muito calor. → subordinação
(Conseq.) (causa)

2) Choveu, porque o chão está molhado. → coordenação
(Fala) (explicação da fala)

3) Os vizinhos já foram dormir, já que as luzes estão apagadas.

4) Apague a luz, que eu quero dormir.

Obs.2: Polissemia das conjunções coordenativas

1) Tanto tenho aprendido, **e** não sei nada. (= mas, adversativo)

2) Viajo amanhã, **e** venho despedir-me. (= por isso, conclusivo)

3) **E** chora **e** ri; **e** ri **e** chora... (= ora, alternativo)

4) Era bela, **mas** principalmente era delicada. (= e, aditivo)

PORTUGUÊS

Morfologia – Pronomes

Pronomes indefinidos

Prof.ª Isabel Vega

Pronomes indefinidos

► **Os pronomes indefinidos são pronomes de 3ª pessoa e indicam indeterminação ou sentido vago.**

a) **Pronomes indefinidos sempre substantivos:** *alguém, ninguém, algo, nada e outrem.*

Ex.: Não devo **nada** a **ninguém**.
Devemos sempre ajudar a **outrem**. (outrem = outra pessoa)

b) **Pronomes indefinidos sempre adjetivos:** *certo, cada, qualquer, bastante, muito, pouco, tanto.*

Ex.: **Certas** palavras não podem ditas a **qualquer** hora.
João saiu, mas deixou **cada** coisa em seu lugar.

c) Pronomes que podem vir nas duas formas: todo, outro, algum, nenhum, vário.

Ex.: **Todos** querem o melhor para si.
Todas as pessoas querem o melhor para si.

d) Pronomes adjetivos ocasionais: determinado (anteposto ao substantivo); diversos (no plural)

Ex.1: Deu-me uma **determinada** **quantia** e partiu.
↳pronome indefinido (=não especificada)

Deu-me uma **quantia** **determinada** e partiu.
↳adjetivo (=estipulada)

Pronomes indefinidos

Ex.2: João visitou **diversas cidades** durante a viagem.
↳pronome indefinido (=várias, muitas)

João visitou **cidades diversas** durante a viagem.
↳adjetivo (=diferentes)

OBS.1: **Tudo** é empregado normalmente como pronome substantivo, mas, compondo expressões, é empregado como adjetivo.

Ex.: **Tudo**, neste mundo, é passageiro. (pronome substantivo)
↳ núcleo do sujeito

Tudo aquilo que ocorreu foi muito ruim. (pronome adjetivo)
↳ adjunto adnominal

Pronomes indefinidos

OBS.2: **Algum** pode ser empregado com valor positivo (anteposto) ou com valor negativo (posposto, em frases com formas negativas).

Ex.: Acho que ele entendeu **alguma coisa** do que falei. (positivo)
Ele **não** entendeu **coisa alguma** do que falei. (negativo)

OBS.3: **Certo** pode ser empregado como pronome indefinido (anteposto) e como adjetivo (posposto).

Ex.: Acabou ficando entre eles **certo rancor**. (=algum)
Ele voltar para cá é **coisa certa**! (=segura)
Não há **carreira** mais **certa** para ele. (=adequada)

OBS.4: **Nada** pode equivaler a "alguma coisa" (em frases interrogativas diretas ou indiretas) ou a "nenhuma coisa" (em frases afirmativas).

Ex.: Você não quer **nada** mesmo**?** (=alguma coisa)
Ela me perguntou se eu não queria **nada.** (=alguma coisa)
Maria disse que não queria **nada**. (=nenhuma coisa)

OBS.5: **Todo** pode apresentar sentido de "qualquer", de "totalidade das partes" ou de "uma parte na sua totalidade", (combinado com artigo).

Ex.: **Toda pessoa** precisa de descanso. (=qualquer)
A fábrica poluiu **todo rio** em volta. (=todos os rios)
A fábrica poluiu **todo o rio** em volta. (=um rio por inteiro)

Qconcursos.com

PORTUGUÊS

Sintaxe

Orações Subordinadas Substantivas

Prof.ª Isabel Vega

► Período composto por subordinação

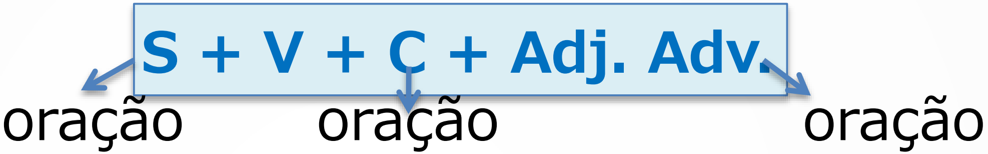

S + V + C + Adj. Adv.

oração oração oração

Ordem direta: Oração principal + Oração subordinada
Ordem inversa: Oração subordinada + Oração principal

I – Orações subordinadas substantivas → são expansões oracionais de termos substantivos.

Ex.: Quero [**um livro**]. > Quero [**que você me dê um livro**].
ISTO = OD ISTO = Objeto direto

a) O.S.S. Subjetiva → exerce função sintática de sujeito.

Ex. [O estudo] [**é**] [importante].
(SUJ) (VL) (PS)

[Que todos estudem] [**é**] [importante].
(SUJ) (VL) (PS)

[ISTO] [**é**] [importante.]
(SUJ) (VL) (PS)

Ordem direta: [É importante] [que todos estudem].
→ Oração principal
→ Oração subordinada substantiva subjetiva

b) O.S.S.Predicativa → exerce função de predicativo do sujeito.

Ex.: [O importante] [**é**] [o estudo].
(SUJ) (VL) (PS)

[O importante] [**é**] [que estudemos].
(SUJ) (VL) (PS)

[O importante] [**é**] [ISTO.]
(SUJ) (VL) (PS)

Classificação: [O importante é] [que estudemos].
→ Oração principal
→ Oração subordinada substantiva predicativa

c) O.S.S. Objetiva Direta → exerce função de objeto direto.

Ex.: [Eu] [espero] [o estudo de todos].
(SUJ) (VTD) (OD)

[Eu] [espero] [que todos estudem].
(SUJ) (VTD) (OD)

[Eu] [espero] [ISTO.]
(SUJ) (VTD) (OD)

Classificação: [Eu espero] [que todos estudem].
↳ O.P. ↳ Oração Sub.Subs.Objetiva Direta

d) O.S.S. Objetiva Indireta → exerce função de objeto indireto.

Ex.: [Todos] [visam] [à passagem no concurso].
(SUJ) (VTI) (OI)

[Todos] [visam] [a que passem no concurso].
(SUJ) (VTI) (OI)

[Todos] [visam] [a ISTO.]
(SUJ) (VTI) (OI)

Classificação: [Todos visam] [a que passem no concurso].
↳ O.P. ↳ O.Sub. Subs.Objetiva Indireta

e) O.S.S. Completiva Nominal → exerce função de CN.

Ex.: [Eu] [estou] [certa] [do estudo de vocês].
(SUJ) (VL) (PS) (CN)

[Eu] [estou] [certa] [de que vocês estudam].
(SUJ) (VL) (PS) (CN)

[Eu] [estou] [certa] [DISTO.]
(SUJ) (VL) (PS) (CN)

Classificação: [Eu estou certa] [de que vocês estudam].
↳ O.P. ↳ O.S.S.Completiva Nominal

f) O.S.S. Apositiva → exerce função sintática de aposto.

Ex.:

[Eu]	[tenho]	[uma certeza]:	[o estudo de vocês].
(SUJ)	(VTD)	(OD)	(Aposto)

[Eu]	[tenho]	[uma certeza]:	[que vocês estudam].
(SUJ)	(VTD)	(OD)	(Aposto)

[Eu]	[tenho]	[uma certeza]:	[ISTO]
(SUJ)	(VTD)	(OD)	(Aposto)

Classificação: [Eu tenho uma certeza]: [que vocês estudam].

↳ Oração principal ↳ O.S.S.Apositiva

Orações Subordinadas Substantivas

OBS.: Embora o emprego dos dois pontos seja marca da oração apositiva, nem sempre depois de dois pontos teremos esse tipo de oração.

Ex.: [Então ele disse] **:** [temos de estudar]!
↳ O.P. ↳ OD

[Então ele disse o seguinte] **:** [temos de estudar]!
↳ O.P. ↳ Aposto

PORTUGUÊS

Morfologia – Pronomes

Pronomes pessoais oblíquos

Prof.ª Isabel Vega

Pronomes pessoais oblíquos

► **Pronomes oblíquos** → substituem o substantivo principalmente nas funções sintáticas de objeto direto ou indireto.

Ex.: João esperou-[me] no estacionamento.
↳ forma oblíqua de 1ª pessoa – OD

João disse-[me] que esperasse.
↳ forma oblíqua de 1ª pessoa (= a mim) – OI

João disse a [ele] que esperasse.
↳ forma oblíqua de 3ª pessoa (= a ele) – OI

João concordou [conosco].
↳ forma oblíqua de 1ª pessoa – OI

► Pronomes oblíquos → formas *lo, no*

a) terminação do verbo em R, S, Z → *lo*

Ex.: João quer rever [o irmão].

*João quer rever-o. > João quer revê-lo.

Fiz [o exercício]. > *Fiz-o > Fi-lo.

b) terminação em nasal → *no*

Ex.: Receberam [os irmãos] com carinho.

*Receberam-os com amor.> Receberam-nos com amor.

OBS.: Ambiguidade → [nos] ou n[os] = nós ou eles (contexto)

Pronomes pessoais oblíquos

OBS.1: **a) Objetos diretos de 3ª pessoa**: o, a, os, as.

Ex.: Nunca [os] encontraríamos daquela forma.
↳(=eles) – OD

b) Objetos indiretos de 3ª pessoa: lhe, lhes.

Ex.: Mostro-[lhe] a casa, quando quiser.
↳ (=a ele/a ela) – OI

OBS.2: **Pronome oblíquo com valor de posse**:

Ex.: Beijou-[lhe] a testa com amor.
↳(=a ele) – OI

↱Adj. Adnominal
Equivale em sentido a Beijou [a testa dele/dela] com amor.

Qconcursos.com

Pronomes pessoais oblíquos

OBS.3: O pronome oblíquo não substitui o pronome de tratamento na norma culta.

Ex.: Eu [lhe] disse que João viria. = Eu disse a ele que João viria.
↳ Indica a pessoa de quem se fala.

Eu disse [a você] que João viria.
↳ Indica a pessoa com quem se fala.

*Eu lhe amo! *Eu lhe respeito muito. → registro popular

OBS.4: O pronome lhe só substitui pessoas.

Ex.: João assistiu ao filme.
*João assistiu-lhe. > João assistiu a ele.

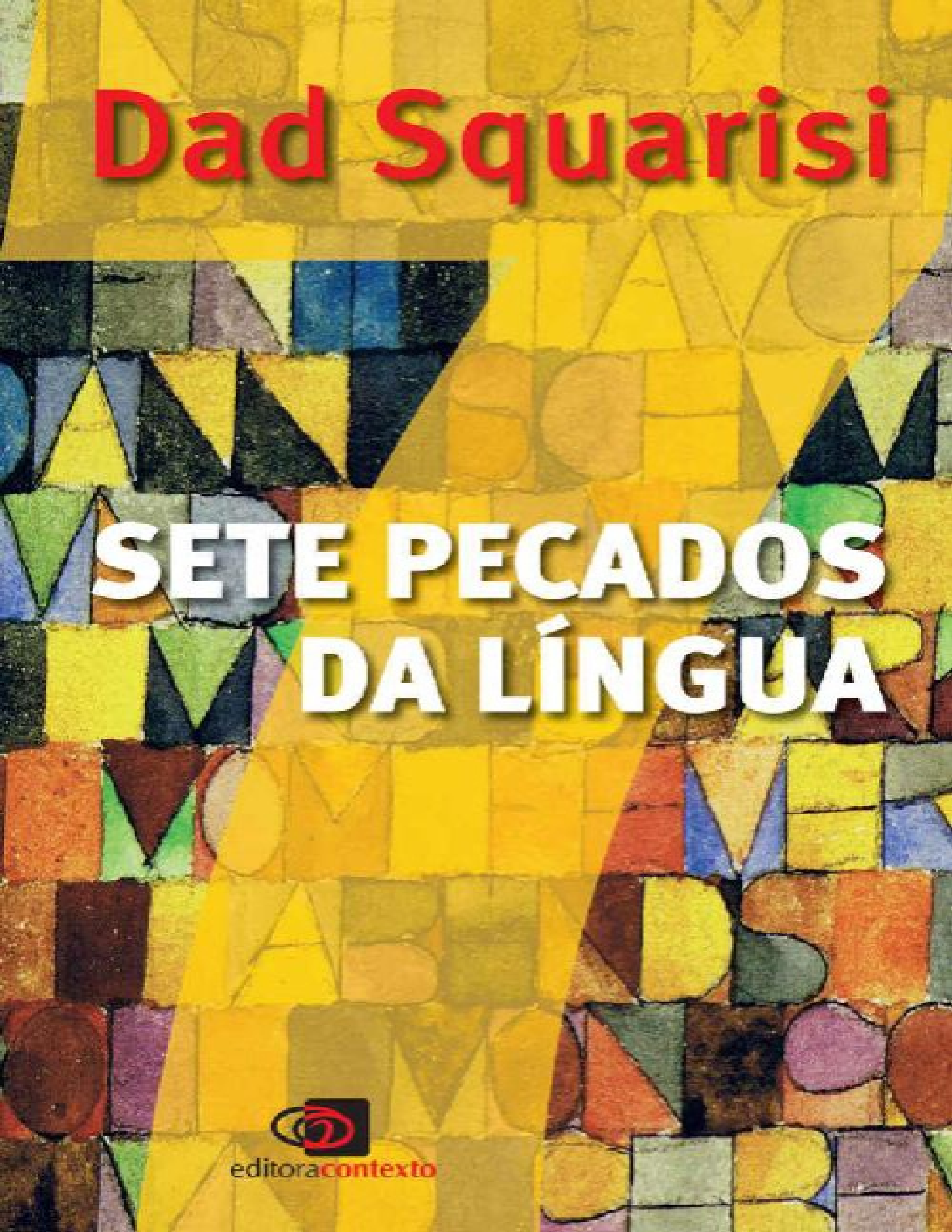

Dad Squarisi

SETE PECADOS DA LÍNGUA

editoracontexto

Dad Squarisi

7 PECADOS DA LÍNGUA

editora**contexto**

Proibida a reprodução total ou parcial em qualquer mídia sem a autorização escrita da Editora. Os infratores estão sujeitos às penas da lei.

A Editora não é responsável pelo conteúdo deste livro. A Autora conhece os fatos narrados, pelos quais é responsável, assim como se responsabiliza pelos juízos emitidos.

Consulte nosso catálogo completo e últimos lançamentos em
www.editoracontexto.com.br.

Copyright© 2017 da Autora

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Contexto (Editora Pinsky Ltda.)

Ilustração de capa
Du gris de la nuit surgit Soudain (1918),
Paul Klee (1879-1940)

Capa e diagramação
Antonio Kehl

Preparação de textos
Bruno Gomes

Revisão
Lilian Aquino

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Andreia de Almeida CRB-8/7889

Squarisi, Dad
Sete pecados da língua / Dad Squarisi – São
Paulo : Contexto, 2017.
96 p.

ISBN 978-85-520-0002-0

1. Língua portuguesa 2. Língua portuguesa –
Gramática 3. Língua portuguesa – Ortografia
4. Língua portuguesa – escrita I. Título

17-0447 CDD 469.83

Índice para catálogo sistemático:
1. Língua portuguesa – ortografia

2017

EDITORA CONTEXTO
Diretor editorial: *Jaime Pinsky*

Rua Dr. José Elias, 520 – Alto da Lapa
05083-030 – São Paulo – SP
PABX: (11) 3832 5838

contexto@editoracontexto.com.br
www.editoracontexto.com.br

Sumário

Introdução

Os sete pecados dos numerais

Os sete pecados do haver

Os sete pecados da conjugação verbal 1

Os sete pecados da conjugação verbal 2

Os sete pecados da harmonia

Os sete pecados do artigo

Os sete pecados da pronúncia

Os sete pecados das locuções

Os sete pecados da grafia

Os sete pecados do latim

Os sete pecados do pronome átono

Os sete pecados do hífen

Os sete pecados do estilo

Os sete pecados do troca-troca de letras

Os sete pecados da reforma ortográfica

Os sete pecados dos cruzamentos

Os sete pecados das pegadinhas

Os sete pecados da concordância

Os sete pecados da redação oficial

Os sete pecados da regência verbal

Os sete pecados do *todo*

Os sete pecados da crase

Os sete pecados da acentuação gráfica

Os sete pecados dos modismos

A oitava maravilha da língua

A autora

Introdução

O sete

Dizem por aí que o sete é o número preferido de Deus. Daí o Senhor ter criado o mundo em sete dias, ter dado sete cores ao arco-íris, ter definido sete sacramentos, ter fixado sete pecados capitais, ter ditado sete virtudes e ter dado sete vidas ao gato.

Na Bíblia, o sete é grande vedete. Sete foram os pãezinhos que Jesus multiplicou pra dar comida à multidão. Depois do banquete, sobraram sete cestos cheinhos. Cristo expulsou sete demônios do corpo de Maria Madalena. Sete pessoas foram as únicas que se salvaram com Noé das águas do dilúvio. Sete é a metáfora do incontável: Pedro queria saber o limite do perdão. Aproximou-se de Cristo e perguntou:

– Senhor, quantas vezes devo perdoar meu irmão quando ele pecar contra mim? Até sete vezes?

Respondeu Jesus:

– Não te digo até sete vezes, mas até 70 vezes 7.

Número tão especial merece reverência. Que tal falar dos sete pecados da língua? Eles figuram no time dos incontáveis. Impôs-se, por isso, limitar-lhes a abrangência. Não se trata de quaisquer pecadinhos, frutos da inocência que caracteriza as crianças e os bêbados. Mas de desvios estruturais, de caráter. Há muitos assuntos a serem tratados.

Cada tema merece uma lição. Crase, pontuação, concordância, regência, conjugação verbal, flexão nominal, propriedade vocabular, artigo, pronomes, numeral, estilo, redação oficial... Ufa! Tropeços não faltam. Os descuidados correm risco de arder nas fogueirinhas do inferno. Valha-nos, Deus!

Os sete pecados dos numerais

Sete são os dias da semana. Sete são os pecados capitais. Sete são as maravilhas do mundo. Sete são as cores do arco-íris. Sete são os arcanjos. Sete são as notas musicais. Sete são os portais da eternidade. Sete são as vidas do gato. Sete são os anões da Branca de Neve. Sete chaves guardam o segredo. Sete dias é a duração das fases da Lua. Sete anos Jacó esperou Raquel. Sete são os reinos do Apocalipse.

Tão sagrada criatura pertence ao clã dos numerais. Tratar bem os membros da família agrada a Deus e aos homens. Mas nem todos são tementes ao Todo-Poderoso. Há os pecadores. Eis os atos que entristecem o Senhor e enchem o demo de alegria.

1 Zero à esquerda

Zero à esquerda? É nulidade. Poupe tempo e espaço. Em datas, em vez de 05.04.2018, escreva 5.4.18 ou 5/4/18. Viu? A informação não perde nada. A mesma economia vale para a escrita de numerais em geral: Em vez de *havia 02 pessoas na sala*, fique com *havia 2 pessoas na sala*. Por quê? Você não diz havia *zero duas pessoas na sala*.

2 Eu sozinho

Catorze alterna com *quatorze*. Mas *cinquenta* é único. Xô, *cincoenta*!

3 Bruxaria

Os numerais são mágicos. Número determinado vira indeterminado. É o caso do "até 70 vezes 7" bíblico. Cristo não quis dizer 490 vezes, mas infinitas vezes. É o caso, também, do cardinal *mil*. Desde os começos da língua, ele se presta pra expressar uma indeterminação exagerada. Olho vivo. Ele não tem plural: *Em abril, chuvas mil. Fez promessas mil durante a campanha. Apresentou propostas mil pra vender o produto.*

4 Primeirão

Não caia no simplismo. O primeiro dia do mês tem privilégios. Só ele é ordinal. Os demais embarcam na canoa do cardinal: *Primeiro de janeiro abre as portas do ano-novo. Os gregos não tinham o primeiro dia do mês. Viajou no dia 2.*

5 Alergia

Há numerais que sofrem de alergia. Um deles é *dois*. Ele não tolera o pronome *todos*. Todos os dois? Saia de perto. É espirro pra todos os lados. Diga *os dois* ou *ambos*.

Outro é o ordinal. Com os números que indicam ordem, o hífen não tem vez. Escreva sem medo de errar: *décimo primeiro*, *quinquagésimo quarto*, *milésimo trigésimo segundo.*

6 Sem pedigree

O numeral pertence às espécies sem *pedigree*. Sem privilégios, concorda com o nome a que se refere (*dois livros*, *duas cadeiras*, *trezentos carros*, *trezentas casas*). Moleza? É. Mas muitos bobeiam. Dizem: *trezentos e quarenta e uma declarações*. Ops! Fazem o trabalho pela metade. Como não existe meia gravidez, não existe meia concordância. Demos ao trezentos o que é do trezentos. Assim: *trezentas e quarenta e uma declarações.*

Milhar, *milhão* e cia. jogam no time invariável. São machinhos e não abrem. Os distraídos se esquecem do sexo da moçada. Quando seguidos de nome feminino, não dá outra. Travestem os coitados. Dizem: *duas milhões de pessoas* ou *foram liberadas milhões de moedas*. Viu? É a receita do cruz-credo. Respeito é bom, e a turma do milhão adora: *dois milhões de pessoas*, *foram liberados milhões de moedas*.

7 Pegadinha

A vírgula joga no time dos gozadores. Adora pegadinhas. Quando o desavisado cai na cilada, ela, morrendo de rir, sai cantando o tal enganei o bobo na casca do ovo. Contra a esperta, só há uma saída – a atenção plena. Concorde com o número que vem antes da vírgula: *1,2 milhão*, *0,4 bilhão*, *13,5 milhões*.

Os sete pecados do haver

Há pecados e pecados. Existem os pecadilhos veniais. Leves, os erros não incomodam Deus. Quando o Todo-Poderoso vê criaturas furando filas, fingindo tristeza em velórios ou trabalhando no domingo, sorri compreensivo e as deixa pra lá. Elas nem precisam pedir perdão. Tendo mais o que fazer, o dono do Céu, da Terra e do universo as desculpa antecipadamente.

No outro extremo, estão os atos que ferem ao Senhor, a você e ao próximo. São tão pesados que não têm clemência. O papa Gregório Magno, lá no século VI, os especificou. São os sete pecados capitais. O adjetivo não deixa dúvida. Os escorregões são graves. Ei-los: gula, avareza, inveja, ira, soberba, luxúria e preguiça.

Nem todos, porém, se curvam ao clamor da Igreja. Há os que têm o olho maior que a barriga, os Tios Patinhas da vida, os professores de Deus, os Macunaímas soltos mundo afora. A tentação é tal que ultrapassa o espaço humano. Chega ao da língua. Vale o exemplo do haver. O verbo pagou pra ver. Cometeu os sete pecados.

1 Gula

Gula? Eis o primeiro desafio. Como traduzir na língua o comer além do necessário, a toda hora? A resposta: multiplicando regências, funções e significados. Fiquemos com os últimos. O dissílabo pode ser:

1. Substantivo. Aí quer dizer *bem*, *riqueza*: *Na partilha*, *perdeu metade dos haveres*.
2. Verbo. Ops! O dicionário registra quase 20 acepções. Entre elas, *ter*, *possuir* (*hei um emprego*); *obter, conseguir (depois de muita luta, houve o que buscava); considerar, julgar (houveram que era abuso aceitar as exigências do governador); existir (há 20 casas na rua); fazer (havia meses que não falávamos); entender-se, arranjar-se (não sabia que o filho se havia com traficantes).* Etc. e tal.

2 Avareza

O haver inspirou-se em palavras e expressões do povo sabido. Entre elas, mesquinho, sovina, canguinha, muquirana, morrinha, pão-duro, mão-fechada, mão de vaca, sapo morreu na unha, não dá adeus pra não abrir a mão, não come ovo pra não jogar a casca fora.

Eureca! Em vez de flexionar-se nas três pessoas (eu, nós; tu, vós; ele, eles), o verbo estacionou em uma. Impessoal, só se conjuga na 3ª pessoa do singular. Ele pratica esse pecado em três ocasiões:

1. Na acepção de ocorrer: *Houve mortes no acidente da Imigrantes.*
2. No sentido de existir: *Há três casas na rua*.
3. Na contagem de tempo passado: *Moro em Brasília há dois anos.*

3 Inveja

Desde que nasceu, o haver não tirava os olhos da expressão *haja vista* (ou seja, *veja-se*). Também ele queria porque queria andar em duplinha. Como? Tornou-se auxiliar. Colado ao particípio de outro verbo, forma tempo composto: *que eu* *haja visto*, *ele haja visto*, *nós hajamos visto*, *eles hajam visto*.

4Ira

Ops! É a reação de Deus. Os homens sentem ódio, raiva. O *haver* também. Nada lhe desperta os instintos mais bárbaros do que contrariá-lo. Alguns atrevidos o tornam pessoal quando é impessoal. Em vez de *houve distúrbios*, dizem *houveram distúrbios*. Em lugar de *havia casas*, preferem *haviam casas*. Pagam caro. A fúria do verbo desmoraliza reputações e rouba pontos no vestibular, no concurso, no emprego. Valha-nos, Deus!

5Soberba

Ah! A palavra soa como música. Sem humildade, o dissílabo se sente autossuficiente. Na indicação de tempo, basta o *há*. Dizer *há dois anos atrás*? Cruz-credo! O *atrás* sobra. Explica-se. O *há* indica passado. O *atrás* também. Xô, pleonasmo!

6Luxúria

Louco pelos prazeres da carne, o *haver* é do tempo em que não havia camisinha. Resultado: teve filhos. Um deles: *reaver*. O garoto quer dizer *haver de novo* (*recuperar*). Muitos lhe confundem a paternidade. Bobeiam. Ele só se conjuga nas formas em que aparece o *v* do paizão: *reouve, reaveria, reaverão*.

7Preguiça

Preguiça? “Ora, se Deus descansou no sétimo dia”, pensa ele, “por que eu não haveria de fazê-lo?”. O verbo desconfia de discriminação. O descanso de Deus é repouso. O dele, preguiça.

Os sete pecados da conjugação verbal 1

Sacramento vem de *sacra*. A dissílaba quer dizer *sagradas palavras*. O significado tem tudo a ver com a missa. Para a memória não trair o padre, colocava-se sobre o altar o texto das três partes fixas da cerimônia. Assim, não havia desculpa. Vacilou? Os quadros estavam lá pra acordar o distraído.

"Crescei e multiplicai-vos", ordenou o Senhor. *Sacra* obedeceu. Formou enorme família. Entre filhos, netos, sobrinhos e primos, destacam-se *sacro*, *sacristia*, *sacramento*, *sacramentar*, *sacrário*, *sacristão*, *sacrifício*, *sacrílego*, *sacrilégio*. Todos têm um denominador comum – a relação com o sagrado.

Sacramento merece tratamento privilegiado. Cristo o instituiu para distribuir a salvação divina aos que, recebendo-o, fazem profissão de fé. São sete: batismo, crisma, eucaristia, penitência (ou confissão), ordenação, matrimônio e unção dos enfermos.

Sete são também os verbos que nos fazem pecar contra a conjugação. Eles empurram o falante para longe do sagrado. Valha-nos, Senhor! Foi sem querer. Então, como diz Gregório Marañón: "É seguro que Deus preferirá julgar-nos pelos propósitos que nos acompanham cada manhã ao sair de casa e não pelas culpas com que voltamos ao anoitecer".

1 Cear

Natal e Réveillon conjugam dois verbos à exaustão. Trata-se de *cear* e *presentear*. Ambos jogam no time do -ear (*passear*, *frear*, *homenagear*). Apresentam-se com vestes angelicais, mas escondem tentações ameaçadoras. O perigo mora no presente do indicativo e do subjuntivo. *Eu, tu, ele, eles* exibem um vistoso *i*. O *nós* e o *vós* não lhe dão vez.

Veja: *ceio (presenteio, passeio, freio, homenageio), ceias (presenteias, freias, passeias, homenageias), ceia (presenteia, freia, passeia, homenageia), ceamos (presenteamos, ceamos, passeamos, homenageamos), ceais (presenteais, freais, passeais, homenageais), ceiam (presenteiam, freiam, passeiam, homenageiam); que eu ceie (presenteie, passeie, homenageie), ele ceie (presenteie, freie, passeie, homenageie), nós ceemos (presenteemos, freemos, passeemos, homenageemos), vós ceeis (presenteeis, freeis, passeeis, homenageeis), eles ceiem (presenteiem, freiem, passeiem, homenageiem).*

2 *Possuir*

Ops! Cuidado com aquela força irresistível que nos empurra para a perdição. Quando ela atacar, pare, pense e reze. *Possuir* pertence à 3ª conjugação. Mas foge à regra. O desvio reside na 3ª pessoa do singular. Os irmãozinhos terminam com *e* (*ele parte*, *divide*, *dorme*).

Possuir pulou a cerca. Trocou o *e* pelo *i*. Muita gente desconhece o resultado. Escreve *possue*. Peca. A saída? Ajoelhar-se, pedir a compaixão divina e aprender a lição: *eu possuo, ele possu**i***, nós possuímos, eles possuem. (A regra vale para a turma *-uir*. Entre eles, *contribuir* e *retribuir*: *ele contribui*, *retribui*).

3 *Intervir*

Quem vê cara não vê coração? Às vezes vê. *Intervir* serve de exemplo. Filhote de *vir*, conjuga-se como o paizão: *eu venho (intervenho), ele vem (intervém), nós vimos (intervimos), eles vêm (intervêm); eu vim (intervim), ele veio (interveio), nós viemos (interviemos), eles vieram (intervieram)*. E por aí vai.

Muitos vão contra os mandamentos gramaticais. Juram que *intervir* deriva de *ver*. Escrevem *interviu*. Pecam contra a língua. Que peçam perdão a Deus. Ele, generoso, dirá sim. Afinal, perdoar é o grande vício do Senhor.

4 *Mediar*, *remediar* e a gangue do M.A.R.I.O.

Pai e filho dão tremenda dor de cabeça. *Mediar* e *remediar* fazem parte da gangue do M.A.R.I.O. Conhece? O nome da turma barra pesada se formou com a letra inicial de cada membro – ***m**ediar*, ***a**nsiar*, ***r**emediar*, ***i**ncendiar* e ***o**diar*. Todos se conjugam como *odiar*.

Assim: *odeio (medeio, anseio, remedeio, incendeio), odeia (medeia, anseia, remedeia, incendeia), odiamos (mediamos, ansiamos, remediamos, incendiamos), odeiam (medeiam, anseiam, remedeiam, incendeiam).*

5 *Viger*

Olho vivo! *Vigir* não existe. A forma é *viger*. Intolerante, ele odeia o *a* e o *o*. Por isso, só se conjuga nas formas em que essas vogais não aparecem depois do *g*. A 1ª pessoa do presente do indicativo (*eu vigo*) não tem vez. Nem o presente do subjuntivo. Que eu viga? Uhhhhhhhh! Nas demais, é regular. Conjuga-se como viver: *vives (viges), vive (vige), vivemos (vigemos), vivem (vigem), vivi (vigi), vivia (vigia)*. Etc. e tal.

6 *Ver* e *vir*

Se eu vir Maria? *Se eu ver Maria*? *Se eu vier de São Paulo*? *Se eu vir de São Paulo*? Olho no futuro do subjuntivo. Ele se forma do pretérito perfeito do indicativo. Mais precisamente, da 3ª pessoa do plural sem o *-am* final:

Pretérito perfeito: *eu vi, ele viu, nós vimos, eles* ***vir****(am)*
Futuro do subjuntivo: *se eu vir, ele vir, nós virmos, eles virem*
Logo: Se eu *vir* Maria, faço o pedido.

Vir é outra vítima. A turma diz sem cerimônia: *quando eu vir de São Paulo*. Nem pensar. O futuro do subjuntivo de *ver* e *vir* se forma do mesmo jeitinho:

Pretérito perfeito: *eu vim, ele veio, nós viemos, eles* ***vier****(am)*
Futuro do subjuntivo: *quando eu vier, ele vier, nós viermos, eles vierem.*
Ufa! *Quando eu* ***vier*** *de São Paulo, telefono*.

7 *Adequar*

Há verbos e verbos. Uns adoram a família. São os rizotônicos. A sílaba tônica cai sempre no radical. É o caso de *cantar*, *comer* e *dividir*. Outros ignoram a raiz. São os arrizotônicos. A sílaba tônica cai sempre fora do radical. Vale o exemplo de *adequar*. Ele só se conjuga nas formas em que a fortona cai fora do radical.

O xis do problema é o presente do indicativo. *Eu adeque*? Nem pensar. A sílaba tônica cairia no radical. Por isso, só o nós e o vós têm vez (*adequamos*, *adequais*). O presente do subjuntivo é formado da 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. Sem ela, nada feito.

Os demais tempos e modos são regulares: *adequei*, *adequou*, *adequamos*, *adequaram*; *adequava*, *adequava*, *adequávamos*, *adequavam*; *adequarei*, *adequará*, *adequaremos*, *adequarão*; *adequaria*, *adequaria*, *adequaríamos*, *adequariam*; *adequasse*, *adequasse*, *adequássemos*, *adequassem*; *adequar*, *adequarmos*, *adequarem*; *adequando*; *adequado.*

Os sete pecados da conjugação verbal 2

A Trindade Santa engloba três seres. O Deus Pai, que criou o universo. O Deus Filho, que redimiu os homens. O Deus Espírito Santo, que distribuiu os dons divinos. Conhece-os? São sete. Ei-los: a sabedoria, a inteligência, a prudência, a fortaleza, o conhecimento, a piedade, o temor a Deus.

Filha dos homens, que são filhos de Deus, a língua persegue as excelências do Espírito Santo. O verbo é seu principal instrumento. Ele fala. Dá o recado. Com ele mostramos as nuanças de pessoa, tempo e modo. Pra chegar lá, impõe-se conjugá-lo como mandam os mestres. Os regulares não oferecem problema. As ciladas se encontram nos irregulares. Sete deles sobressaem – *mediar* e cia., *extorquir*, *falir*, *perdoar*, *ler*, *ter* e *vir*. Vamos enquadrá-los?

1 *Extorquir*

Eta verbinho mau caráter. Olho nele. Conjugue-o só nas formas em que o *qu-* for seguido de *e* ou *i* (*extorque*, *extorqui*, *extorquirá*, *extorquiria*, *extorquiremos* etc. e tal). *Eu extorquo*, que *eu extorqua*? Nem pensar. O *qu-* vem seguido de *o* e *a*. Xô, criaturas traiçoeiras.

2 Falir

Falir joga no time dos preguiçosos. Defectivo, só se flexiona nas formas em que aparece o *i* depois do *l* (*falimos*, *falis*, *fali*, *falia*, *falira*, *falirá*, *faliria*). Sabe a razão da manha? Se ele abrir as porteiras para o *a*, *e* ou *o*, será confundido com *falar* (*falo*, *fale*, *fala*). Já imaginou? Ninguém quer perder a personalidade.

Sobretudo se a língua, pra lá de rica, oferece outras possibilidades de substituir as formas inexistentes: *abrir falência*, *quebrar*. Mais: no sentido de quebrar financeiramente, *falir* rejeita complemento. Por isso, ninguém pode *falir uma empresa*. Pode fazer uma empresa quebrar.

3 Perdoar

O vício de Deus? É perdoar. Daí a generosidade do verbo. Ele pode jogar em quatro times:

1. Intransitivo, sem complemento: *Perdoa para seres perdoado.*
2. Transitivo direto (perdoar alguém ou alguma coisa): *Deus perdoa as ofensas. Perdoai os nossos pecados, Senhor. O pai perdoa o filho.*
3. Transitivo indireto (perdoar a alguém): *A Receita perdoa aos devedores. Deus perdoa aos pecadores. Perdoou aos assassinos do filho.*
4. Transitivo direto e indireto (perdoar alguma coisa a alguém): *O patrão perdoou aos empregados as falhas cometidas. Deus lhes perdoou os pecados. A lei perdoou a dívida aos devedores.*

A regência muda. Mas a conjugação se mantém. *Perdoar* pertence à equipe dos verbos terminados em *-oar*. É o caso de *voar*, *abençoar* e cia.: *perdoo (voo, abençoo), perdoa (voa, abençoa), perdoamos (voamos, abençoamos), perdoam (voam, abençoam).* E por aí vai.

4 *Ler* e cia.

Ler, crer, ver, dar e familiares adoram complicar a vida dos pobres lusófonos. A cilada se esconde no presente do indicativo. A 3ª pessoa do singular termina em ê. A 3ª do plural dobra o *e*. Assim: *ele lê*, *eles leem*; *ele crê*, *eles creem*; *ele vê*, *eles veem*; *ele dê*, *eles deem*.

Reparou? A reforma ortográfica cassou o chapeuzinho que aparecia no hiato *ee*. Os pesadões *lêem*, *crêem*, *vêem* e *dêem* ficaram mais leves. A família deles foi atrás: *releem*, *descreem*, *reveem* etc. e tal.

5 *Têm, vêm*

Parecido não é igual. Mas confunde. *Ter* e *vir* são fregueses da troca de Germano por gênero humano. A 3ª pessoa do plural dos dois verbinhos não tem nada a ver com a turma do ver, ler, crer e dar. Ela não dobra o *e*. E tem acento: *ele tem, eles têm; ele vem, eles vêm*.

6 *Pôr* e filharada

Eta família maltratada! Ela sofre mais que escravo no tronco. Apanha na grafia e na conjugação. Mas, como nesta vida tudo passa, o martírio do clã pode chegar ao fim. Basta aprender duas regras:

1. **Só o *s* tem vez.** As formas em que soa o fonema *z* escrevem-se com *s* (*pus*, *pôs*, *pusemos*, *puser*, *pusesse*, *compuser*, *depuséssemos*). Por quê? Sem aparecer no infinitivo (*pôr*), a lanterninha do alfabeto não tem vez na conjugação. É intrusa. O mesmo ocorre com *querer* (*quis*, *quiser*, *quisesse*).
2. **Olho no subjuntivo.** O pretérito e o futuro do sofisticado subjuntivo se

formam da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo sem o *-am* final. Assim:

Pretérito perfeito: *pus, pôs, pusemos, **puser**(am).*

Futuro do subjuntivo*: se eu puser, ele puser, nós pusermos, eles puserem.*

Pretérito do subjuntivo*: se eu pusesse, ele pusesse, nós puséssemos, eles pusessem.*

Os filhotes do paizão conjugam-se do mesmo jeitinho: *eu ponho* (*componho*, *disponho*, *deponho*, *reponho*), *ele põe* (*compõe*, *dispõe*, *depõe*, *repõe*), *nós pomos* (*compomos*, *dispomos*, *depomos*, *repomos*); *eu pus* (*compus*, *dispus*, *depus*, *repus*); *eu punha* (*compunha*, *dispunha*, *depunha*, *repunha*); *que eu ponha* (*componha*, *disponha*, *deponha*, *reponha*). Etc. e tal.

7 *Dar, dá / estar, está*

Muitos não querem pecar contra a conjugação. Mas, sem saber como agir, apostam no "mamãe mandou". Quase nunca acertam. É que a Lei de Murphy está em pleno vigor. O que pode dar errado dá.

Quando usar o infinitivo ou o presente do indicativo? Dois verbos encabeçam a dúvida. Um é *dar*. O outro, *estar*. Resposta: o infinitivo (*dar* e *estar*) detesta a solidão. Anda sempre acompanhado: *eu posso dar (estar), ele deve dar (estar), nós vamos dar (estar), eles conseguem dar (estar), eu comecei a dar (estar).*

Dá e *está* são formas conjugadas. Trata-se da 3ª pessoa do singular do presente do indicativo: *eu dou, ele dá; eu estou, ele está.*

Os sete pecados da harmonia

Anfião, filho de Antíope e Zeus, nasceu com um dom ímpar. Era músico como jamais existira outro no Olimpo. Encantado, Hermes lhe deu uma lira de ouro. O som do instrumento fascinava pessoas, animais e coisas. Ao se tornar rei de Tebas, Anfião quis construir uma muralha pra fortificar a cidade. Mas havia um problema. As pedras eram enormes e muito pesadas.

Como deslocá-las sem guindastes e tratores? Enquanto pensava, tocava, tocava, tocava. Surpresa! Ao som arrebatador da lira, os grandes blocos começaram a se mover. Cada um se encaminhava para o lugar certo na fortificação. Assim, Sua Majestade ergueu as torres e as sete portas de Tebas – sete como as cordas do instrumento.

A língua também encanta. Harmonias e ritmos seduzem ouvidos e arrebatam corações. Como chegar lá? Anfião ensina. Ele não fez mágicas nem recorreu a invenções. Usou o código de que dispunha. Manejou com engenho e arte as sete notas musicais. Nós lhe seguimos a receita. Organizamos as palavras de tal forma que a frase ganha fluência e ritmo. São sete as dicas.

1 Pronúncia

O respeito à sílaba tônica da palavra acaricia os ouvidos. Vocábulos terminados em *a*, *e* e *o* são paroxítonos (*cadeira*, *tacape, livro)*. Em *i* e *u*, oxítonos (*tupi, cajus)*. Se algum foge à regra, vem acentuado. Agudos e circunflexos indicam que a sílaba tônica se desviou da norma: *sofá, você, vovó, táxi, ônus, lâmpada.*

Rubrica, recorde e *ibero* terminam em *a, e* e *o*. Sem acento, jogam no time das paroxítonas. As sílabas fortes são *bri, cor* e *be*. Álibi termina em *i*. Mas ostenta grampinho no *a*. Resultado: tornou-se proparoxítona.

2 Eco

Rima é qualidade da poesia, mas defeito na prosa. Recebe, então, o nome de eco. Como descobri-lo? Leia o texto em voz alta. Ocorre repetição de sons iguais ou semelhantes? Mande-os pras cucuias: *Houve provocação e confusão na reunião da diretoria.* Cruz-credo! Tantos -ãos provocam otite. Xô, eco! Assim: *Houve provocação e tumulto no encontro da diretoria*.

3 Cacófato

Ops! De vez em quando, ocorrem encontros indesejados. O fim de uma palavra se junta com o começo de outra. Forma-se, então, uma criatura indesejada: *Pagou R$ 10 **por cada** peça. **Lá tinha** muitos amigos. Deu u**ma mão**zinha à vizinha. Maria diz que nun**ca ga**nha nada na loteria.*

4 Harmonia

Palavras e frases devem conversar sem tropeços, ecos ou repetições. O resultado é a harmonia. Como alcançá-la? Há caminhos. Um deles: o metro. A colocação dos termos é a chave – o mais curto (com menor número de sílabas) deve vir na frente do mais longo. Quer ver? Leia os períodos em voz alta:

1. *O presidente pediu aos deputados que votassem a pec em regime de urgência*

urgentíssima.

2. *O presidente pediu aos deputados que votassem, em regime de urgência urgentíssima, a pec.*

Viu? O segundo dá a impressão de que lhe falta alguma coisa. Mas não falta. Ele está gramaticalmente certinho. A sensação de incompletude se deve ao tamanho dos termos. *Em regime de urgência urgentíssima* tem 13 sílabas. *A pec*, 2. Daí o desequilíbrio.

5 Truque do três

Ninguém sabe por quê. Mas trios bajulam os ouvidos. *Pai, Filho e Espírito Santo* formam a Santíssima Trindade. *Liberdade, igualdade e fraternidade* são os lemas da Revolução Francesa. *Governo do povo, para o povo, pelo povo*, proclamou Abraham Lincoln. *Vim, vi e venci*, orgulhou-se Júlio César.

Nas enumerações, o três faz mágicas. Pense em três itens para agrupar: *O papa colecionou desafetos ao combater o divórcio, a homossexualidade e o sacerdócio feminino. O estilo deve ter três virtudes: clareza, clareza e clareza. Vamos trabalhar com afinco, vontade e competência.*

6 Diversidade

As repetições – de sons, palavras ou estruturas – transmitem a impressão de inexperiência, descuido e pobreza de vocabulário. Há formas de evitá-las. Uma delas: suprimir a palavra. Outra: substituí-la por sinônimo ou pronome. Mais uma: dar outro torneio à frase.

7 Forma positiva

O *não* provoca arrepios. Ninguém o ama, ninguém o quer. Por isso a forma positiva ganha banda de música e tapete vermelho. A regra é dizer o que é, não o que não é. *Não ser pontual* é *ser impontual*. *Não lembrar* é *esquecer*. *Não assistir à aula* é *faltar à aula*. *Não duvidar* é *ter certeza*. *Não fazer mudanças na equipe* é *manter a equipe*.

Os sete pecados do artigo

Hidra era uma cobra de arrepiar os cabelos. Tinha corpo de dragão e sete pescoços que sustentavam sete cabeças. A principal ficava no meio. A serpente espalhava veneno sobre o corpo todinho. Por isso ninguém podia chegar perto dela. Além do risco, o cheiro era insuportável.

Deuses, homens, mulheres e crianças morriam de medo do monstro. Muitos tentaram matá-lo. Mas não conseguiram. Quando lhe cortavam uma cabeça, ela renascia com força total. E soltava um odor… Pior que pum de 20 meninos juntos. Todos saíam de perto.

E daí? Chamaram Hércules para acabar com a criatura. Ele pediu a ajuda de um amigo. Os dois fizeram um trato. Hércules decepava uma cabeça da fera. Imediatamente o companheiro queimava o pescoço dela com uma tocha. A cabeça não renascia. Assim foi seis vezes. Aí, Hércules cortou a cabeça principal. A Hidra morreu.

Daí nasceu a expressão cabeça da hidra. Ela tem um significado muito especial. Quer dizer fonte sem fim de coisas ruins. A gente corrige uma falha. Pinta outra. E outra. E outra. Ufa! Na língua ocorre o mesmo.

Vale o exemplo do artigo. Gramáticas e manuais alertam para as trapaças do pequenino. Todos entendem. Prometem seguir a orientação dos mestres. Mas, na hora de aplicá-la, os vícios voltam firmes e fortes. É a cabeça do monstro grego. Valha-nos, Hércules!

1 O indefinido

As palavras, como os remédios, podem matar. O artigo indefinido, medicamento de tarja preta, causa estragos. Torna o substantivo vago, impreciso, molengão. Em 99% das frases, é gordura pura. Corte-o. Assim: *Na posse, os convidados usaram (uma) roupa clara. As mulheres esperam viver (uma) nova era no Brasil. Haverá (umas) reconduções no primeiro escalão do governo.*

2 *Outro*

Ops! O pronome *outro* tem aversão à obesidade. Lipoaspiração é com ele mesmo. Sabe qual é a primeira vítima do motorzinho? O artigo indefinido. Escrever ou falar *um outro*? Valha-nos, Senhor. Xô! Melhor mandá-lo plantar batata onde Judas perdeu as botas: *Comprou (um) outro vestido pra curtir o Réveillon. Espera receber o ano-novo com (uma) outra companhia. Vendeu o champanhe para (um) outro freguês.*

3 O definido

Quem escreve tem obrigação de ser claro como a luz do sol. O artigo definido se presta a confusão de significados. Ao dizer: *os estudantes fazem greve*, engloba-se a totalidade da moçada. Se não é a totalidade, o pequenino não tem vez: *Estudantes fazem greve*.

4 *Todos os*

Ora, se o artigo engloba, o *todos* sobra em muitas situações. Corte-o sem pena:

Vou à missa todos os domingos. (*Vou à missa aos domingos.*) *Todos os ministros que saem partem com saudade do poder.* (*Os ministros que saem partem com saudade do poder.*) *Todas as pessoas que se expõem ao sol correm risco de contrair câncer de pele.* (*As pessoas que se expõem ao sol correm risco de contrair câncer de pele.*)

5 Ambos

Ambos joga no time das polarizações. Com ele é 8 ou 80. Ou anda sozinho, ou acompanhado. Na primeira equipe, não oferece problema. Veja: *Ambos saíram. Gosto de ambos. Trabalho com ambos sem problemas.*

Na segunda equipe é que a porca torce o rabo. Seguido de substantivo, o dissílabo exige – exige mesmo – o artigo. Assim: *Ambos os filhos visitaram os pais. Ambas as provas foram alvo de críticas. Ambos os países sobressaíram no debate.*

6 Chamar a atenção

Olho vivo! Chame a atenção de alguém. Assim, com artigo: *O maestro chamou a atenção dos músicos. Chame a atenção dos presentes. Não gosto que me chamem a atenção.*

7 Cujo

O pronome relativo *cujo* sofre de grave intolerância. Não suporta o artigo. O bom senso manda respeitar-lhe as idiossincrasias: *Luiz Silva, cuja candidata foi eleita, deixou a presidência do clube no sábado. Paulo Coelho, cujos livros fazem sucesso mundo afora, mora na Suíça. O funcionário cujo salário é mais curto que o mês vai à luta.*

Os sete pecados da pronúncia

Conhece a expressão “a sete chaves”? Pois saiba que ela esconde um senhor mistério. Trata-se do número. Em Portugal, lá pelo século XIII, não havia cofres. Dinheiro, documentos, joias, metais preciosos e tudo o mais que exigia proteção se guardavam em arcas de madeira.

Elas tinham quatro fechaduras e, claro, quatro chaves. Cada uma ficava com um servidor pra lá de graduado e merecedor da total confiança do rei. Abrir o baú implicava cerimônia cuidadosa com a presença do quarteto.

Pergunta-se: o que “a quatro chaves” tem a ver com “a sete chaves”? Resposta: o mistério. O povo considerou o quatro sem graça. Preferiu o cabalístico sete para designar segredo bemmmmmmmmmmmm guardado. A expressão dava ideia da curiosidade que o conteúdo tão protegido despertava em homens, mulheres e crianças.

Desvendado o enigma medieval, vale decifrar mistério contemporâneo. Trata-se da pronúncia de sete palavras. Por motivos que até Deus ignora, elas caíram na boca do povo e da elite. Mas, a exemplo do quatro que virou sete, trocou-se a sílaba tônica dos vocábulos.

O resultado é um só: a silabada bate pesado nos ouvidos. Quem sente o golpe não deixa por menos. Foge. Os mais sensíveis são os apaixonados. Sem resistir à dor, eles partem pra outra. Perdem-se promessas, juras e eternidade. Confirma-se, assim, fato pra lá de conhecido. O amor é cego, mas não é surdo. Olho na fortona!

1 ***Subsídio*** joga no time de *subsolo*, *subserviente*, *subsalário*, *subsaariano*, *subsimilar*, *subsíndico*, *subsinuoso*. Em todas, o *s* que vem depois do *sub* se pronuncia *ss*. Sem tossir nem mugir.

2 ***Recorde***, *concorde* e *acorde* orgulhosamente pertencem à equipe das paroxítonas. A sílaba mandachuva é *cor* sim, senhores. Dizer *récord*? É a receita do cruz-credo. Xô!

3 ***Rubrica***, *fabrica*, *lubrifica*, *tonifica*, *santifica* e cia. são irmãzinhas inseparáveis. A força delas mora na penúltima casa – paroxítona. A dupla tem vizinhos legais. À direita, a senhora oxítona. À esquerda, a dona proparoxítona. Confundir endereços? Valha-nos, Deus. Papai Noel entregará os presentes para quem não pediu. Convenhamos: ninguém merece pagar tal mico.

4 ***Nobel***, *papel* e *cruel* se pronunciam do mesmo jeitinho. A sílaba tônica é a última. Na dúvida, pense um pouco. Se *Nobel* fosse paroxítona, pertenceria à gangue de *móvel* e *automóvel*. Teria acento. Como não tem, a conclusão é uma só. O nome do prêmio mais cobiçado do planeta é oxítono e não abre. PT saudações.

5 ***Ibero*** é a forma alatinada de ibérico. Trissílabo e polissílabo têm o mesmo significado. Designam os originários da Península Ibérica, que engloba Portugal e Espanha. A menorzinha mantém a marca da grandona. A sílaba tônica de ambas é a mesma – *be*. Diga, pois, sem medo de errar: *cúpula ibero-americana, povos ibero-americanos, presidentes ibero-americanos*.

6 ***Gratuito***, *fortuito* e *circuito* são como unha e carne. Nas três, o *-ui-* forma ditongo. Não se separa nem com sangue, suor e lágrimas. Vamos combinar? Se a fortona recaísse no *i*, o acentão pediria passagem como em *cuíca*.

7 ***Linguiça***, *tranquilo*, *cinquentenário* e cia. perderam os anéis, mas mantiveram os dedos. Em bom português: a reforma ortográfica lhes cassou o trema, mas a pronúncia nem ligou. Sabida, hein? A reforma é ortográfica. Só atingiu a grafia das palavras.

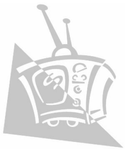

Os sete pecados das locuções

O gato tem sete vidas? Ninguém contou. Mas todos dizem que sim. A crença se baseia nas características do bichano. Ele é ágil, resistente e exibe um senhor equilíbrio. Quando cai, cai de pé, sobre as quatro patas. Machuca-se? Nem pensar. Sai ileso do tombo.

Mais: esperto, o peludo escapa dos predadores. O corpo flexível, a visão penetrante e a audição aguçada lhe tornam a fuga pra lá de fácil. Sete são as características que asseguram a longevidade do felino – agilidade, resistência, equilíbrio, esperteza, flexibilidade, audição e visão.

Sete são as expressões que nos condenam ao fogo eterno. Basta um descuido e lá vem a caída impiedosa. Nos subterrâneos, o capeta espera com o tridente em brasa. Valha-nos, Deus! Não nos deixeis cair na tentação de confundir sete alhos com sete bugalhos.

1 Oito ou oitenta

À medida que ou *na medida em que*? Depende. Ambas se parecem como irmãs gêmeas. Mas, como diz o outro, parecido não é igual. Mas confunde. Não caia na desatenção. Abra os olhos e aguce os sentidos:

> *À medida que* = à proporção que: *Minha redação melhora à medida que escrevo.*
>
> *Na medida em que* = porque, tendo em vista: *A dengue se alastra na medida*

em que não se combatem os focos do mosquito transmissor.

Pecado: cometer cruzamentos. Parte de uma estrutura se junta a parte de outra. Nascem os mostrengos *à medida em que* ou *na medida que*. Xô, satanás! Acuda-nos, Senhor! Pra não cair em tentação, lembre-se do 8 ou 80. *À medida que* tem três palavras. *Na medida em que*, quatro.

2 *A favor* ou *contra*

Ao encontro ou *de encontro*? Ops! Uma expressão é o contrário da outra. Trocar as bolas é o passaporte para as fogueirinhas do tinhoso:

De encontro a = contra, no sentido contrário, em oposição: *O carro foi de encontro ao poste.*

Ao encontro de = em favor de, na direção de: *O neto caminhou ao encontro dos avós. Vou ao encontro do meu sonho.*

3 *No começo, em tese*

A princípio ou *em princípio*? Ops!

> *A princípio* = inicialmente, no começo: *A princípio, ninguém acreditava na vitória de Donald Trump. Depois, com o resultado das pesquisas, as opiniões mudaram.*
>
> *Em princípio* = antes de mais nada, teoricamente, em tese: *Em princípio, toda mudança é benéfica.*

4 Contrários e substituições

Ao invés de ou *em vez de*? Conheça a diferença entre uma e outra. Depois, navegue na superdica:

> *Ao invés de* = ao contrário de: *Morreu ao invés de viver. Comeu ao invés de jejuar. Dormiu ao invés de ficar acordado.*
>
> *Em vez de* = em lugar de: *Comeu peixe em vez de carne. Foi ao teatro em vez de ir ao cinema. Escreveu em vez de ler.*

Superdica: deixe *ao invés de* pra lá. *Em vez de* vale pelas duas: *Morreu em vez de viver. Dormiu em vez de ficar acordado.*

5 Saber, à altura

A par ou *ao par*? Olho vivo:

> *A par* = estar por dentro, inteirado, sabedor das coisas: *Estou a par dos bastidores da formação do ministério.*
>
> *Ao par* = estar emparelhado: *A pesquisa brasileira não está ao par da americana.*

6 Às vezes ou sempre

Aos domingos ou *nos domingos*? Se a ação se repete, é a vez da preposição *a*. Se ocorre uma vez ou de vez em quando, *em*: *Vou à missa aos domingos. Estudo inglês às segundas e quartas. Marcelo se casou no sábado. Ele foi batizado no último domingo.*

7 No âmbito, à altura

Em nível de ou *ao nível de*? A duplinha tem função bem definida. Ei-la:

Em nível de = no âmbito de: *Faço um curso em nível de pós-graduação. A decisão foi tomada em nível de diretoria*.

Ao nível de = à altura de: *Recife fica ao nível do mar*.

A *nível de?* Eta praga feia. O trio não existe. Fuja dele como o diabo da cruz.

Superdica: *em nível de* existe. Mas é dispensável. Sobra. Sem ele, a frase ganha em concisão e elegância: *Faço um curso de pós-graduação. A decisão foi tomada pela diretoria.*

Os sete pecados da grafia

O arco-íris tem sete cores – vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta. Tem, também, outros nomes. Alguns o chamam de arco-celeste. Outros, arco da aliança. Há os que preferem arco da chuva, arco-da-velha ou arco de Deus.

Seja qual for a denominação, o fenômeno óptico representa algo mais que o show multicolorido do céu. Cristianismo, islamismo e judaísmo dizem que, depois do Dilúvio, quando a arca de Noé pousou sobre o monte Ararat, Deus fez um pacto com os homens. Prometeu que nunca mais inundaria a Terra. Depois de cada chuva, o arco nas nuvens simbolizaria a aliança entre o Todo-Poderoso e os seres vivos do planeta.

Pacto semelhante firmaram as criaturas humanas. Trata-se da grafia das palavras. Emprego das letras, do hífen, dos acentos sempre foi uma grande confusão. Muita conversa rolou. Não faltaram xingamentos e sopapos. Mas valeu a pena. Saiu o acordo. Ele está no *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* (Volp). Os dicionários se baseiam nele. Segui-los pega bem. Informa que temos familiaridade com a escrita.

1 Pacto da aliança

Leis existem para serem cumpridas. Mas nem todos o fazem. As principais vítimas são palavras que soam do mesmo jeito, mas se escrevem de forma diferente. O ouvido, infiel, engana. A gente se descuida. Ops! A punição não tarda. Cai a classificação em concursos. Vão-se promoções. Perdem-se amores. Ninguém merece. Nem você. Eis as principais tentações que, disfarçadas de ciladas, jogam o distraído nas fogueiras infernais.

2 *Hora* e *ora*

Hora significa 60 minutos: *É uma hora. Que horas são? A velocidade da via é de 60km por hora*.

Ora quer dizer *alternância*, *por enquanto*, *por agora*: *Ora estuda, ora trabalha. Lamento, mas, por ora, nada posso fazer.*

3 *Demais*, *de mais*

Demais joga no time do exagero. Tem a acepção de *muito*, *demasiadamente*: *Como demais. Fala demais. Corre demais. É inteligente demais.*

De mais quer dizer *a mais*. Opõe-se a *de menos*: *Ele me deu troco de mais (de menos). Até aí, nada de mais. No Judiciário, há processos de mais e juízes de menos.*

4 *Mal* e *mau*

Mau, adjetivo, opõe-se ao também adjetivo *bom*. Na dúvida, parta para o troca-troca. Reescreva a frase com o antônimo. Se soar natural, escreva o monossílabo com *u* sem susto*: lobo mau* (*lobo bom*)*, mau humor* (*bom humor*)*, mau funcionário* (*bom funcionário*).

Mal tem dois papéis. Pode ser substantivo ou advérbio. Em ambos, opõe-se a *bem*: *Nos filmes românticos, o bem vence o mal. As drogas são o mal (bem) da* *atualidade. Não tenho paciência com mal-humorados (bem-humorados).*

5 *Mais* e *mas*

Mais é o contrário de *menos*: *Um mais um é igual a dois. Trabalho mais do que ele. É isso, sem mais nem menos.*

Mas, conjunção adversativa, quer dizer *porém*, *todavia*, *contudo*, *no entanto*: *Estudei muito, mas não passei. O deputado fala muito, mas não convence. Muitos trabalham pouco, mas ganham altos salários.*

6 *Ó, oh!*

Ó aparece no vocativo, quando chamamos alguém: *Deus, ó Deus, onde estás que não me escutas? Até tu, ó Brutus, meu filho! Ó Paulo, entra, que está chovendo.*

Oh! é interjeição. Tem vez quando ficamos de boca aberta – de admiração ou espanto: *Oh! Que linda criança. Oh! Que trapaceiro! Ó Rafa, não entendi seu oh! de espanto. Pode me explicar?*

7 Resumo da arca

É isso. Tomada e focinho de porco são salientes e têm dois buracos. Mas um dá choque. O outro cheira. Confundi-los cria problemas. E como! Na língua, ocorre o mesmo. Há palavras que, na aparência e na pronúncia, são quase iguais. Mas confundir-lhes a grafia faz estragos. Xô!

Os sete pecados do latim

Por que semana se chama *semana*? A semana se chama *semana* porque vem de *septimana*. A palavra latina significa *sete manhãs consecutivas*. Explica-se. O número cabalístico tem tudo a ver com as fases da Lua.

Com base na duração de cada uma, criaram-se os primeiros calendários anuais. São os calendários lunares. Eles orientavam os agricultores sobre as estações do ano e, consequentemente, os períodos de plantio e colheita.

A língua dos Césares doou mais ao português. A herança aparece no vocabulário e em expressões para lá de sofisticadas. Escrevê-los e empregá-los como gente grande pega bem como usar cinto de segurança, respeitar as vagas privativas e dar sonoro bom-dia a desconhecidos encontrados no caminho.

1 *Sic*

Expulsaram o latim da escola. Não adiantou nada. Ele vive assombrando a língua. O *sic*, por exemplo. As três letrinhas aparecem a torto e a direito. Significam *assim, desse jeitinho, sem tirar nem pôr*. Usamo-las entre parênteses, depois de palavra desatualizada, com grafia incorreta ou com sentido inadequado ao contexto: "*O previlégio (sic) deve ser combatido*", *disse o ministro.*

Com o trio, que denuncia a troca de letra do vocábulo *pr**i**vilégio*, damos este recado ao leitor: o texto original é bem assim. Não tenho nada com isso. Em bom português: o *sic* nos deixa bancar o Pilatos – lavar as mãos.

2 *Mutatis mutandis*

Eta coisa chique! *Mutatis mutandis* dá show de esnobação. A duplinha quer dizer *mudando o que deve ser mudado*. Usa-se quando se adapta uma citação ao contexto ou às circunstâncias. Em outras palavras: com a devida alteração de pormenores.

3 *Habeas corpus*

A polícia põe o suspeito no xilindró. Uma ordem judicial manda soltá-lo. É que o sabido entrou com pedido de *habeas corpus*. A expressão jurídica é antiga como andar pra frente. Quer dizer *que tenhas o corpo para apresentá-lo ao tribunal*. Na prática, tem duas funções. Uma: pôr em liberdade quem estiver ilegalmente preso. A outra: garantir a liberdade de quem estiver ameaçado de perdê-la. (É o tal *habeas corpus* preventivo.)

4 *Habitat*

A trissílaba dá nome ao conjunto de circunstâncias físicas e geográficas que oferecem condições favoráveis ao desenvolvimento de determinada espécie animal ou vegetal. Às vezes anda acompanhada do adjetivo *natural*. Mau. Muito mau. Trata-se de baita pleonasmo. Todo habitat é natural. O adjetivo sobra. Xô!

5 *Persona non grata*

Para diplomatas, o trio soa mal como voz de prisão ou voz de ex-marido e ex-mulher. Explica-se. Ele dá recado polido, porém claro. Informa que a pessoa não é bem-aceita por um governo estrangeiro. Xô!

6 Carpe diem

Oba! *Carpe diem* soa melhor que a *Quinta sinfonia*, de Beethoven; *A paixão segundo Mateus*, de Bach; *As quatro estações*, de Vivaldi; o *Danúbio azul*, de Strauss; o *Bolero*, de Ravel. Por quê? O significado responde: *aproveite o dia de hoje*. A vida é curta. A morte, certa.

7 Ipsis litteris

Você precisa copiar o texto *ipsis litteris*? Então não vacile. Transcreva-o textualmente – sem tirar nem pôr.

Olho na grafia

Reparou? As expressões latinas não têm acento nem hífen. Se aparecer um ou outro, elas perdem a originalidade. Entram, então, na vala comum dos compostos. Compare: *via crucis, via-crúcis.*

Os sete pecados do pronome átono

Antigamente, quando o mundo usava fraldas, os astrônomos faziam o que fazem hoje. Namoravam o céu. Sem dispor dos instrumentos atuais, usavam os olhos pra discriminar os moradores celestes.

Descobriram, então, que alguns se moviam. Outros se mantinham fixos. Contaram os caminhantes. Eram sete. Cinco receberam o nome de deuses da mitologia – Marte, Mercúrio, Júpiter, Vênus e Saturno. O Sol e a Terra eram velhos conhecidos.

Os estudiosos foram além. Chamaram os paradões de astros e estrelas. Os passeadores ganharam um adjetivo. Viraram *asteres planetai*. Em bom português: *estrelas errantes*. O tempo passou. A lei do menor esforço entrou em cena. *Asteres planetai* tornaram-se *planetas*. O nome pegou.

Na língua também existem criaturas errantes. São os pronomes átonos. *Me*, *te*, *se*, *lhe*, *o* e *a* adoram bater perna. Ora aparecem antes do verbo. Ora, depois. Há também os que se metem no meio. Mas, apesar da flexibilidade, muitos abusam. Cometem pecados. Sete se destacam.

1 Iniciar a frase com o fracote

O pronome se chama átono porque é fraco. Tão fraco que precisa de apoio.

Onde se encostar? Em outra palavra. Por isso, na norma culta, é proibido iniciar a frase com pronome átono. O pecador deixa a vítima desamparada. Ela tomba. Na queda, atropela a reputação do ímpio.

2 Ignorar o alcance de iniciar

Olho vivo! Iniciar a frase tem duas acepções. Uma é iniciar mesmo, ser a primeira palavra do período. Assim: *Me dá um cigarro? Te telefono amanhã. Lhe deu a resposta ontem.*

A outra usa máscaras. Deixa, como na acepção anterior, o pronome desprotegido. Mas não inicia a frase. Em geral, vem depois de vírgula. Compare:

Aqui *se fala português*. (O *aqui* ampara o pronome.)
Aqui, *fala-se português*. (A vírgula impede o apoio.)

Nem sempre a vírgula expulsa o pequenino para depois do verbo. Há casos em que ela separa termos intercalados. O apoio se distancia, mas permanece. Preste atenção na malandragem:

Brasília *se localiza no Planalto Central.*
Brasília, a capital do Brasil, se localiza no Planalto Central. (Mesmo de longe, Brasília ampara o pronome.)

3 Desrespeitar a atração

Há palavras que funcionam como ímãs. Puxam o pronome para junto de si. Lembra-se delas? Eis algumas: a gangue do *qu-* (*que*, *quem*, *quando*, *quanto*, *qual*), a turma negativa (*não*, *nunca*, *jamais*, *ninguém*, *nada*), as senhoras conjunções subordinativas (*como*, *porque*, *embora*, *se*, *conquanto*): *Quero que se retirem logo. Não me disse nada. Se me convidarem, irei.*

4 Bobear com o futuro

Sabia? A terminação do futuro tem alergia ao pronome. Ambos, futuro do presente (*irei*, *irá*, *iremos*, *irão*) e futuro do pretérito (*iria*, *iria*, *iríamos*, *iriam*), ficam cheinhos de brotoejas diante do átono. A saída? Há duas.

Uma: levar o pronome para antes do verbo. No caso, o pequenino tem de ter amparo: *Maria me telefonará amanhã. Se pudesse, o deputado se manteria na presidência da comissão. Nós nos divertimos na viagem ao Rio.*

A outra: ficar no meio do caminho. Sem apoio e impedido de se colocar na rabeira do verbo, faz ginástica. Mantém um pedaço lá e outro cá. Como? Posiciona-se entre o infinitivo e a terminação do verbo. Veja*: Telefonar-lhe-ei amanhã. Falar-se-iam mais tarde. Tratar-nos-emos civilizadamente.*

5 Esquecer a maquiagem

Ops! Olho nos pronomes *o* e *a*. Antecedidos de *r, s, z*, viram *lo, la*: *Vou pôr o livro na estante*. *(Vou pô-lo na estante.) Ajudamos os amigos. (Ajudamo-los.) Fez a filha feliz. (Fê-la feliz.)*

6 Desrespeitar a precedência

Quem pede quer ser atendido. Para atingir o objetivo, olho em um pormenor pra lá de importante. As orações que exprimem desejo exigem a próclise. Assim: *Deus o acompanhe*! *Que os anjos lhe digam amém*! *Que Maria a abençoe*!

7 Pisar o particípio

Olho vivo, gente fina. Nas locuções verbais, cuidado com o particípio. Nunca use pronome átono depois dele: *Haviam se retirado* (jamais: *haviam retirado-se*).

Na presença de partícula atrativa, coloque o pronome antes do verbo auxiliar: *Disse que ele se havia retirado*. *Nunca me tinha convidado antes de viajar*. *Talvez o hajam atraído*.

Os sete pecados do hífen

Deus criou o mundo em sete dias. Daí o sete ser o número da completude. Que nome dar ao suceder dos dias e das noites? Eureca! Os romanos encontraram a resposta. Consagraram cada amanhecer a uma divindade da mitologia.

O primeiro ficou com o deus Sol. O segundo, com a deusa Lua. O terceiro, com Marte, o deus da guerra. O quarto, com Mercúrio, o deus da eloquência. O quinto, com Júpiter, o deus do raio e do trovão. O sexto, com Vênus, a deusa do amor. O sétimo, com Saturno, o deus do tempo.

Com o cristianismo, as coisas mudaram. Lá pelo século v, a Igreja decidiu:

– Vamos depurar o latim. Xô, expressões do mundo pagão!

Pronto. A semana foi purificada. Os dias ganharam nomes referentes ao universo cristão ou nomes neutros. Algumas línguas desconheceram a mudança. Outras só adotaram o sábado e o domingo. O português, que nasceu no século XIII, aceitou-a integralmente.

O *sábado* veio do hebraico *Shabbat*, *dia de descanso*. ("Deus descansou no sétimo dia", diz a Bíblia.) *Dia do Sol* virou *domingo*, de *dominica*, *dia do Senhor* (Cristo ressuscitou no domingo). Os outros dias são dedicados ao trabalho. *Feira*, em latim, significa *mercado*. *Segunda-feira* é o segundo dia da semana.

Com a novidade, nasceram os nomes compostos. Com eles, o hífen – *segunda-feira*, *terça-feira*, *quarta-feira*, *quinta-feira* e *sexta- feira*. Com o hífen, o castigo de Deus. O emprego do tracinho é tão confuso que nem o Senhor consegue memorizar as regras. O jeito é comer pelas beiradas. Aprender aos poucos. E, em caso de aperto, pedir socorro ao dicionário. Comecemos pelo vocabulário que marca a virada do calendário.

1 *Ano-novo*

Atenção, cristãos-novos. Ano-novo é substantivo comum. Vira-lata, escreve-se com as iniciais minúsculas. Tem plural: *Feliz ano-novo. Passei dois anos-novos na praia. A festa de ano-novo tem música, champanhe e boa comida*.

2 *Boas-entradas*

Fim de ano tem uma marca. É o clima de festa e boas intenções. A língua faz o que as pessoas querem que faça. Criou *boas-entradas*. Trata-se dos cumprimentos e votos de felicidades que se desejam no princípio ou no fim do ano. A dupla funciona também como interjeição. "Boas-entradas!", saudamos conhecidos e desconhecidos.

3 *Bem-vindo*

Parentes e amigos se mexem. Saem de casa e visitam os entes queridos. Os homenageados não deixam por menos. Recebem-nos com expressão de acolhimento afetuoso e hospitaleiro: *Bem-vindos*!

4 *Boa-nova*

Notícia feliz, novidade fortunosa? É *boa-nova*. Se uma borboleta branca entrar em casa, oba! É *boa-nova*. O plural? *Boas-novas*.

5 *Meia-noite*

Meia-noite marca o fim de um dia e o começo de outro. Ao bater as 12 badaladas, o relógio anuncia a virada do calendário. Viva!

Meio-dia também forma casal. Vem preso por uma senhora aliança: *Eu almoço ao meio-dia e meia*. E você?

6 *Tim-tim*

Os animados recebem o ano-novo com champanhe. Que tal um brinde? *Tim-tim*.

7 *Blá-blá-blá*

Ninguém é de ferro, certo? De vez em quando, joga-se conversa fora. Alguns abusam da falação. Não falta quem diga *blá-blá-blá é bom, mas cansa*.

Blá-blá-blá joga no time de *tim-tim*, *lenga-lenga*, *tique-taque*, *toque-toque*, *cri-cri*, *zum-zum*, *miau-miau*, *au-au*. Vocábulos onomatopaicos formados por palavras repetidas escrevem-se com hífen.

Os sete pecados do estilo

Maravilha tem sinônimos. Um deles: *fascínio*. Outro: *perfeição*. Muitos outros: *admiração*, *deslumbramento*, *êxtase*, *primor*, *fenômeno*, *milagre*. O mundo tem maravilhas. Há as antigas, as medievais e as modernas. As mais vetustas ganharam notoriedade um século e meio antes de Cristo. Lá se vão quase 2.200 anos.

Os gregos, fascinados pela majestade de monumentos e esculturas feitos pelo homem, enumeraram sete: a Pirâmide de Quéops, os Jardins Suspensos da Babilônia, a Estátua de Zeus em Olímpia, o Templo de Ártemis em Éfeso, o Mausoléu de Halicarnasso, o Colosso de Rodes e o Farol de Alexandria.

Escritores também produziram obras que encantam gerações sem discriminação de tempo, sexo ou idade. Os que vieram antes abriram caminho para os que vieram depois. E para os que virão. Todos têm uma marca. Sintonizam-se com a época em que vivem. A atual se caracteriza pela vaidade.

Pneuzinhos nas costas? Estômago exibido? Barriga nutrida? Coxas atrevidas? Vem, Pitanguy. A língua também adora ser enxutinha. Quer tudo no lugar. Gordurinhas aqui e ali? Xô! O cirurgião plástico manda as adiposidades bater em retirada. Quais?

1 *Um, uma*

Você tem um jornal à mão? Escolha uma matéria. Leia-a. Depois, risque os artigos indefinidos. Volte a ler o texto. Reparou? O *um* e o *uma* não fazem falta.

Ao contrário. Tornam o substantivo vago, impreciso, molengão. Em 99% dos casos, é gordura pura. Xô!

Sem ele, o texto agradece. O leitor também: *O ministro mereceu (uma) recepção calorosa. O Brasil tem (um) novo imortal. Há (umas) grandes expectativas em relação ao novo governo.*

2 *Seu*, *sua*

"Livro-me dos vocábulos que estão na frase só para enfeitar ou atrapalhar", repetia George Simenon. O autor de romances policiais com certeza pensava nos possessivos *seu* e *sua*.

Às vezes, eles tornam o enunciado ambíguo; outras, sobram. Veja: *No (seu) pronunciamento de posse, o governador fez promessas. Antes de sair, olhou para o (seu) rosto e as (suas) mãos. Ao chegar, tirou os (seus) óculos.*

3 *Aquele*, *aquela*, *aquilo*

"O que é isso, companheiros?" Por alguma razão que nem Deus explica, os demonstrativos *aquele, aquela, aquilo* usurpam o lugar dos pequeninos *o* e *a*. Em vez dos discretos monossílabos, a turma empanturra a frase com os pesadíssimos trissílabos. Pau neles!

Compare: *Aqueles que nunca pecaram atirem a primeira pedra. (Os que nunca pecaram atirem a primeira pedra. Quem nunca pecou atire a primeira pedra.) Aquilo que é escrito sem esforço é lido sem prazer. (O que é escrito sem esforço é lido sem prazer.)*

4 Locução adjetiva

Lembre-se: menos é mais. Menos palavras é mais concisão. *Material de guerra* é *material bélico*. *Pessoa sem discrição* é *pessoa indiscreta*. *Criança sem educação* é *criança mal-educada*. *Líquido sem cheiro* é *inodoro*.

5 Orações adjetivas

Pessoa que se alimenta de verduras e legumes (*pessoa vegetariana*). *Homem que planta café* (*cafeicultor*). *Criança que não sabe ler nem escrever* (*criança analfabeta*). *Brasília, que é a capital do Brasil, tem 2,5 milhões de habitantes.* (*Brasília, a capital do Brasil, tem 2,5 milhões de habitantes.*)

6 Formas longas

Pôr as ideias em ordem é *ordenar as ideias*. *Pôr moeda em circulação* é *emitir moeda*. *Fazer uma viagem* é *viajar*. *Ver a beleza do quadro* é *admirar o quadro*.

Mais: *Este trabalho visa analisar as causas da violência doméstica*. (*Este trabalho analisará as causas da violência doméstica*.) *Esta tese busca discutir o preconceito racial nas escolas*. (*Esta tese analisa o preconceito racial nas escolas*.) *O cantor pode apresentar nova canção durante o espetáculo*. (*O cantor apresentará nova canção durante o espetáculo*.)

7 Falação

O desnecessário sobra. Se sobra, não faz falta. Se não faz falta, xô! *Curso em nível de pós-graduação*? É *curso de pós-graduação*. *Decisão tomada no âmbito do partido*? É *decisão do partido*. *Doença de natureza sexual*? É *doença sexual*.

Os sete pecados do troca-troca de letras

O cabalístico sete representa a completude. Contou até história de amores. É o caso da paixão de Jacob por Raquel. Ele serviu ao pai da moça durante sete anos. Passado o tempo de servidão, cadê? Em vez da amada, recebeu a irmã. Não desanimou. Ofereceu outros sete anos de labor para ter a mulher querida. O drama do casal inspirou poetas e pintores. Entre eles, Camões. Eis o soneto:

Sete anos de pastor Jacob servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
Mas não servia ao pai, servia a ela,
E a ela só por prêmio pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,
Passava, contentando-se com vê-la;
Porém o pai, usando de cautela,
Em lugar de Raquel lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos
Lhe fora assim negada a sua pastora,
Como se a não tivera merecida;

Começa de servir outros sete anos,
Dizendo: – Mais servira, se não fora
Para tão longo amor tão curta a vida!

A língua aprendeu a manha de Labão. Oferece duas opções. A gente escolhe uma ou outra. Acerta sempre. É o caso de *catorze* ou *quatorze*. *Ouro* ou *oiro*. *Loiro* ou *louro*. *Cota* ou *quota*. *Diabete* ou *diabetes*. *Caminhante* ou *caminheiro*. Mas há as que bancam o pai da bela. Fingem ter duas grafias, mas não têm. São sete.

1 *Cinquenta*

Desavisados pra lá de confiantes escrevem *cincoenta*. Bobeiam. A trissílaba, morta de rir, sai por aí cantando: “Enganei o bobo na casca do ovo”. Cruzes! Fuja da gozação.

Guarde isto: *cinquenta* só tem uma forma.

2 *Curinga*

Você gosta de um baralhinho? Buraco, pôquer, mata-mata, sete e meio, tanto faz. Mas saiba: a carta de jogar se chama *curinga*, com *u*. Muitos, temerosos com a separação das sílabas, escrevem *coringa*. Ops! Com *o*, a palavra dá nome à vela de embarcação.

3 *Boteco*

Que tal beber umas e outras? Os belo-horizontinos adoram. A paixão é tanta que eles promovem o Festival do Boteco. Assim, com *o*. Escrever *buteco*? Nem pensar. Como o vocábulo não tem vez no dicionário, a festa desapareceria. Valha-nos, Baco!

4 *Jabuticaba*

Sabia? Jabuticaba só existe no Brasil. A jabuticabeira é generosa que só. Enche o tronco e os galhos com a frutinha gostosa. A gente começa a comer e não consegue parar. Que delícia! Ops! Escrever *jaboticaba*? Nãoooooooooooooooo! Dá indigestão.

5 *Camundongo*

O roedor esperto que faz estragos em armários e despensas? É ele mesmo, o *camundongo*. Assim, com *u*.

6 *Tabuada*

Aprender a tabuada é como aprender a conjugação verbal. Em ambos os casos, flexionam-se dois verbos. Um: repetir. O outro: decorar. Com um cuidado: *tabuada* vem de *tábua* – escreve-se com *u*.

7 *Mendigo, reivindicar*

Leia as duas palavras em voz alta. Repita-as sete vezes. Guarde a posição do *n*. Muita gente muda a nasalzinha de lugar. Maltrata mentes e ouvidos. Olho vivo! Língua afiada!

Os sete pecados da reforma ortográfica

Inveja mata? Mata. Mas também cria. O invejoso tem manhas. Tenta destruir o invejado. Se fracassa, não desiste. Esforça-se para superar o objeto do desejo. Impossível? Parte pra outra. Luta para igualar-se a ele. Vale o exemplo das sete maravilhas do mundo.

Os antigos fizeram uma lista de tirar o fôlego. Os Jardins Suspensos da Babilônia, as Pirâmides de Quéops, a Estátua de Zeus, o Templo de Ártemis, o Mausoléu de Halicarnasso, o Colosso de Rodes e o Farol de Alexandria extasiam os filhos de Deus por séculos e séculos.

Os homens contemporâneos não se conformavam diante de tantas loas e tantos suspiros. Decidiram quebrar o monopólio dos antepassados. Como? A New Open World Foundation achou a resposta. Lançou na internet a campanha “As sete maravilhas do mundo moderno”.

Bombou. Mais de 100 milhões de pessoas votaram. Eis o resultado, anunciado em data cabalística – 7/7/7: Muralha da China, Petra, Cristo Redentor, Machu Picchu, Chichén Itzá, Coliseu, Taj Mahal.

Alguns adoraram a escolha. Outros a detestaram. O mesmo ocorreu com a reforma ortográfica. As mudanças na grafia das palavras despertaram paixões e iras. Sobraram esperneios.

Houve até quem propusesse campanha pra boicotar a novidade. Não adiantou. Jornais, revistas, dicionários, livros didáticos adotaram-na. A sabedoria aconselha acolhê-la. Sete pecados devem ser evitados. Quais?

1 Grafia

Olho vivo! A reforma é ortográfica. Só altera a grafia das palavras. Em bom português: alcança letras, acentos, tremas e hifens. Pronúncia, crases, concordâncias, regências continuam como dantes no quartel de Abrantes.

2 Pronúncia

O trema caiu. Mas o som do *u* se mantém. *Frequência, tranquilo, cinquenta, linguiça* e cia. perderam o sinalzinho charmoso. Mas continuam a ser pronunciados como se nada tivesse acontecido.

3 Alfabeto

Oba! Nosso alfabeto caiu na real. Convidou três excluídos para compor o abecedário. *K*, *y* e *w*, que sempre frequentaram nossa língua em abreviaturas, fórmulas e nomes próprios, se juntaram às velhas 23 letras. Agora, a família tem 26 membros.

Atenção, cristãos-novos. Nada muda. As palavras continuam com a mesma cara. *Uísque*, por exemplo, pediu a nacionalidade portuguesa há muito tempo. Foi atendido. Deixou o *w* pra lá e virou amigão de Camões, Machado e Pessoa.

4 Paroxítonas

Você sabia? A reforma só atingiu as paroxítonas. As oxítonas e proparoxítonas escaparam ilesas. Daí a aparente incoerência da mudança. Os ditongos abertos servem de exemplo. Éi e ói perderam o grampinho nas paroxítonas *ideia*, *heroico* e cia. Mas o conservam nas oxítonas como *papéis* e *herói*. É a tal história: se podemos complicar, para que simplificar?

5 Monossílabos

Ops! Generalizar é proibido. Monossílabos tônicos obedecem às regras de acentuação das oxítonas. Mas oxítonas não são. A razão? Para que a fortona caia na última sílaba, a palavra precisa ter pelo menos duas. Elas só têm uma. A pobre solitária recebe classificação à parte.

6 Acentos diferenciais

“Uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa”, diz o povo sabido. A reforma lhe dá razão. Cassou os acentos diferenciais de *para* (do verbo *parar*), *pelo* (do gato, do cachorro, de pessoas), *pelo* (do verbo *pelar*), *polo* (as extremidades da Terra), *pera* (fruta ou barbicha). Reparou? São todas paroxítonas.

Pôr não entrou na faxina. O porquê está na cara. O verbo é monossílabo. Também se manteve fora da limpeza o *pôde*, pretérito perfeito de poder (*ontem ele pôde*, *hoje não pode*). A razão? É a exceção que confirma a regra.

7 *Feiura e saúde*

Confundir tomada com focinho de porco? Nem pesar. O embaralhar dos miolos cobra preço alto. Rouba pontos na prova, adia promoções, mata amores. Valha-nos, Deus! Dói menos no bolso e na vida aprender que a reforma aliviou o peso do *u* e do *i* antecedidos de ditongo. É o caso de *feiura, baiuca, Sauipe*. O *u* e o *i* antecedidos de vogal não têm nada a ver com a história. Continuam como sempre foram: *saúde, saída, baú*.

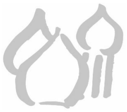

Os sete pecados dos cruzamentos

Eram nove conhecidos. Mas os antigos preferiram o número cabalístico. Os sete mares – o Adriático, o Arábico, o Cáspio, o Mediterrâneo, o Negro, o Vermelho e o Golfo Pérsico – inundaram a literatura medieval. Há quem diga que a expressão nasceu nas páginas das *Mil e uma noites*.

O marinheiro Simbad, um dos personagens das aventuras contadas por Sherazade, precisava levar mercadorias a portos distantes. Para chegar lá, navegava por sete mares. Com o tempo, as duas palavras ampliaram o significado. *Navegar por sete mares* é viajar muito, sonhar muito, entregar-se a aventuras nunca dantes sonhadas.

A língua convive com façanhas semelhantes. Trata-se dos cruzamentos. Sem entender o quê ou o porquê, criaturas atrevidas embarcam em delírios linguísticos. Misturam alhos com bugalhos. Tomam pedaço de uma estrutura e o juntam a pedaço de outra. É como cruzar elefante com gato. O resultado? Valha-nos, Deus! É a receita do cruz-credo. Quer ver? Eis os sete pecados da combinação heterodoxa.

1 *Já x mais*

Nas indicações temporais, existem dois bicudos. Um deles: *já*. O outro: *mais*.

Como diz o outro, eles não se beijam. Onde couber um, o outro não terá vez. Assim: *Quando os bombeiros chegaram, as vítimas já não respiravam. Já não há lei que iniba a invasão dos morros. Quando entregou o projeto, não se preocupou mais.*

Olho vivo, marinheiros de poucas viagens. *Quando os bombeiros chegaram, as vítimas já não respiravam mais*? *Já não há mais lei que iniba as invasões*? *Quando entregou o projeto, já não se preocupou mais*? Xôôôôôôôôôôô! É cruzamento.

2 *À medida que* x *na medida em que*

Parecido não é igual. Mas confunde. Um dos nós que enroscam os miolos são as locuções *à medida que* e *na medida em que*. Trio e quarteto têm significados próprios. Com personalidade forte, detestam trapalhadas:

À medida que = à proporção que: *À medida que exercito a leitura, leio melhor. À medida que conhecia o amigo, encantava-se com as qualidades que demonstrava. Aumentava as risadas à medida que ouvia as loucuras do viajante.*

Na medida em que = porque, tendo em vista: *A tragédia das chuvas se repete na medida em que não se tomam medidas corretivas e preventivas. A mortalidade infantil cai no Brasil na medida em que se deu mais atenção ao pré-natal.*

Cuidado: *Na medida que*? *À medida em que*? Ops! É cruzamento. Xô!

3 *De … a*

Na língua há casaizinhos. Eles têm uma marca. São pra lá de leais. A estrutura dos dois pares é a mesma. É o caso de *de … a*. *De* é preposição pura. *A* vai atrás. Com a duplinha, por isso, a crase não tem vez: *Trabalho de segunda a sexta. Estudo de domingo a domingo. Viajamos de segunda a quinta.*

4 *Das … às*

Eis outro casalzinho. *Das* se forma da preposição *de* + o artigo *a*. *Às*, fiel parceiro, também exibe preposição (*a*) + artigo. Daí a crase: *Corro da Rua da Praia à Rua dos Andradas. Estudo das 8h às 18h. Meu expediente: de segunda a sexta das 14h às 20h.*

De…à? *Das…as*? Nem pensar. É cruzamento.

5 *Ainda* x *mais*

A língua abriga mais bicudos do que imagina nossa vã filosofia. Além do *já* x *mais*, temos o *ainda* x *mais*. Um dispensa o outro: *O programa ainda vai levar cinco meses. O programa vai levar mais cinco meses. Ainda faltam três meses para a inauguração. Faltam mais três meses para a inauguração*.

Ops! *O programa ainda vai levar mais cinco meses*? Nem a pedido de Deus. O cruzamento leva o autor a se afundar nas águas de um dos sete mares. Sem boia.

6 *Ainda* x *continua*

Viu? O *ainda* indica continuidade. O *continua* também. Misturar os dois dá briga. Fique com um deles: *Apesar do despreparo físico, Neymar continua ídolo dos brasileiros*.

Uiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii! *Neymar ainda continua ídolo dos brasileiros*? Virgem Maria, protegei-nos. Livrai-nos da ira divina.

7 *A partir* x *começar*

Atenção, marinheiros de poucas viagens. *A partir* significa *a começar*. Usar os dois dá confusão. Sem preguiça, escolha um ou outro: *A partir de domingo, o metrô terá novo horário. O novo horário do metrô começa domingo*.

A partir de domingo o metrô começa a circular em novo horário? Que desperdício! É dose dupla. Deus castiga.

Os sete pecados das pegadinhas

Existem os sete pecados mortais. Eles estão à nossa volta. Tentam-nos. Nós, fracos humanos, caímos na deles. Aí, não dá outra. Marchamos rumo às chamas do inferno. Como fugir de tão forte atração? Deus, que não brinca em serviço, deu a resposta.

Criou as sete virtudes. São antídotos eficazes. Contra a luxúria, a castidade. Contra a avareza, a generosidade. Contra a gula, a temperança. Contra a preguiça, a diligência. Contra a ira, a paciência. Contra a inveja, a caridade. Contra a soberba, a humildade.

Com eles o chifrudo mete o rabinho entre as pernas e bate à porta de outra freguesia. O mesmo ocorre com a língua. O falante desavisado cai na tentação de pecar contra gênero, número, flexão e significados. Um dia, descobre que a forma não é bem aquela.

Oba! Toma o rumo certo. Deixa o desvio pra lá e faz as pazes com Deus, os homens e os imortais. Que tal acompanhá-lo? Juntando-nos aos bons, seremos um deles.

1 *Tempestivo, intempestivo*

Atenção, marinheiros de poucas viagens. *Tempestivo* e *intempestivo* não têm parentesco nem remoto com temperamento. Dizer que alguém é tempestivo em vez de temperamental? Nem pensar. Pega mal como andar sem cinto de segurança ou dirigir acima da velocidade da via. Xô!

Tempestivo pertence à família de tempo. Significa *no tempo certo*, *oportuno*: *O recurso foi apresentado tempestivamente* (dentro do prazo).

Intempestivo é o contrário. Quer dizer fora do prazo: *A ação foi ajuizada fora do prazo previsto em lei. Foi intempestiva*.

2 *Alface*

As chuvas que despencaram na serra fluminense fizeram estragos. Entre eles, o sumiço das verduras. O assunto virou notícia. Sobressaiu, então, pecado cada vez mais comum. A troca do gênero de alface. A verdinha gostosa e calmante é feminina sim, senhores: *a alface, a alface americana, a alface crespa.*

3 *Milhar, milhão*

Milhar e *milhão* viraram fregueses. Quando seguidos de nome feminino, não dá outra. Vestem-nos de saia. É comum ouvir *as milhares de vítimas*, *duas milhões de crianças*, *foram recebidas milhões de declarações*. Valha-nos, Deus! Xô! Xô! Xô!

Milhar e *milhão* são machinhos da silva. Numeral, artigo e adjetivo concordam com eles: *os milhares de vítimas, dois milhões de crianças, foram recebidos milhões de declarações.*

4 *Moral*

O moral? *A moral*? As duas formas se escrevem do mesmo jeitinho. Mas uma é macha. A outra, fêmea. Muita gente não sabe disso. Na maior ingenuidade, mistura alhos com bugalhos. O resultado é um só. Pensa que está dando um recado. Dá outro. Pior: não dá recado nenhum.

Os jovens dificilmente falam em *o moral*. Preferem *astral*. Há pessoas que têm *alto astral*. Outras, *baixo astral*. É o mesmo que *moral alto* e *moral baixo*. No masculino, a dissílaba quer dizer *estado de espírito, disposição de ânimo*. Quer moral mais baixo que o do goleiro que leva frango? Nem precisa ser jogo decisivo.

A moral significa norma de conduta, moralidade. Nessa acepção, só o feminino tem fez. Aprecie: *A moral nacional depende da cultura de cada povo. Você sabe qual a moral da fábula? Ih! Lá vem lição de moral.*

5 *Óculos*

Óculos joga no time de *férias, pêsames* e *núpcias*. Só se usa no plural. Exceção? Nenhuma. É plural. Ou plural: *Onde estão meus óculos? Comprei dois óculos escuros. As férias são sempre bem-vindas. As núpcias do príncipe repercutiram no mundo inteiro. Apresente meus pêsames à família.*

6 *Mulherezinhas*

O plural de palavras que fazem o diminutivo com o acréscimo do sufixo *-zinho* tem exigências. Para chegar a ele, há que percorrer três etapas. A primeira: pôr a palavra primitiva no plural. A segunda: retirar o *s*. A última: acrescentar o sufixo *–zinhos*.

Assim: *animal* (*animais* → *animai* → *animaizinhos*), *bar* (*bares* → *bare* → *barezinhos*), *botão* (*botões* → *botõe* → *botõezinhos*), *cão* (*cães* → *cãe* → *cãezinhos*), *mulher* (*mulheres* → *mulhere* → *mulherezinhas*), *homem* (*homens* → *homen* → *homenzinhos*).

7 *Seriíssimo*

Sabia? Há superlativos que dobram o *i*. Só cinco ou seis adjetivos têm essa manha. Quais? Os terminados em *-io*: *frio* (*friíssimo*), *macio* (*maciíssimo*), *necessário* (*necessariíssimo*), *precário* (*precariíssimo*), *sério* (*seriíssimo*), *sumário* (*sumariíssimo*).

Os sete pecados da concordância

Havia seis artes. Seis? Não era número cabalístico. Como chegar ao sete? Em 1911, Ricciotto Canudo escreveu o *Manifesto das sete artes*. Os entendidos protestaram. Não adiantou. A grande novidade da época abocanhou a denominação. O cinema tornou-se a sétima arte.

O esperneio se explica. Trata-se do signo particular que cada uma utiliza. A música fica com o som. A pintura, com a cor. A escultura, com o volume. A arquitetura, com o espaço vazio. A literatura, com a palavra. A dança (coreografia), com o movimento. E o cinema? Sem cerimônia, a sem-signo próprio misturou todos. O jeito foi concordar.

A língua também faz pactos. Um deles: a concordância. Para conviver com harmonia, estabeleceu hierarquias. O sujeito e o predicado são os mandachuvas. Na flexão do verbo, o sujeito dita as regras. Muitos ignoram o trato. Cometem pecados. Sete deles se destacam.

1 Sujeito posposto

O português é flexível. Permite que os termos passeiem na frase. O vaivém, porém, não muda as regras. O verbo continua vassalo. Concorda com o sujeito em pessoa e número.

Mas nem todos se dão conta da mudança de posição. Quando o sujeito aparece depois do verbo, é tropeço certo. Veja um exemplo: *Na rua onde eu morava, passava meninos de bicicleta*.

Ops! Se o sujeito estivesse na frente do verbo, ninguém se machucaria: *Na rua onde eu morava, meninos de bicicleta passavam.*

2 Voz passiva

A passiva sintética (construída com o pronome *se*) é outra tentação. Veem-se, a torto e a direito, placas com *vende-se frutas* ou *aluga-se casas*. Perdoai-nos, sujeitos! Senhor, mostrai-nos o caminho da salvação.

Ei-lo: construa a frase com o verbo *ser*. Se o danadinho ficar no plural, o da passiva sintética vai atrás. Se no singular, idem: *vendem-se frutas* (*frutas são vendidas*), *alugam-se casas* (*casas são alugadas*), *constrói-se muro de pedra* (*muro de pedra é construído*).

3 *Ou*

O *ou* joga em dois times. Ora inclui. Ora exclui. Olho vivo! Se mais de um sujeito pode praticar a ação, é a vez do plural: *Um ou outro artista compareceram à festa* (nada impede que mais de um artista apareça).

O perigo mora na exclusão. Aí, só um pode reinar. O verbo tem de concordar com ele. É o caso de *Pedro ou Luís será presidente do clube*. Só há uma vaga? O singular pede passagem.

4 *Um dos que*

Expressão-gilete, *um dos que* corta dos dois lados. Topa o singular e o plural. Moleza? Nem tanto. O singular é egoísta. Diz que a ação se refere a um só sujeito: *O Tietê é um dos rios da capital paulista que deságua no Paraná*. (Só o Tietê deságua no Paraná.) *João é um dos candidatos à presidência que ataca o antecessor*. (Há vários candidatos. Só João ataca o antecessor.)

O plural joga em outro time. Informa que a ação se refere a mais de uma criatura: *João é um dos candidatos à presidência que atacam o antecessor*. (Vários candidatos atacam o antecessor. João é um deles.)

5 Partitivo

Partitivo é parte de um todo. Há expressões partitivas – *parte de*, *uma porção de*, *grupo de*, *o resto de*, *a metade de*, *a maioria de*. Etc. e tal. Quando seguidas de complemento plural, o verbo se esbalda. Pode concordar com o núcleo do sujeito ou com o complemento: *A maioria dos candidatos se endividou (se endividaram) na campanha. Metade das frutas apodreceu (apodreceram). A maioria da população do Rio sofreu com as chuvas.*

6 *O mais possível*

Possível é adjetivo. Concorda com o substantivo (*acordo possível*, *acordos possíveis*). O problema pinta na expressão *o mais…possível*. Quando flexionar o trissílabo? Olho no artigo. *Possível* concorda com ele: *Mulheres o mais elegantes possível. Mulheres tentadoras o mais possível. Os maiores esforços possíveis.*

7 *Quem*

Fui eu quem comprei o livro? *Fui eu quem comprou o livro*? Ah! O verbo morre de paixão pelo *quem*. Mas tem cintura flexível. Se exigirem, concorda com o pronome pessoal: *Fui eu quem comprou o livro. Fui eu quem comprei o livro. Fomos nós quem compramos o livro. Fomos nós quem comprou o livro. Foram eles quem compraram o livro. Foram eles quem comprou o livro.*

Os sete pecados da redação oficial

Hermes, o belo deus que tinha asas nas pernas e na cabeça, era o mensageiro de Zeus. Ele levava as mensagens do senhor do Olimpo para os demais seres. Com tal missão, além de ágil, tinha de ser extremamente discreto. Daí nasceu a expressão *hermeticamente fechado.*

A primeira-dama também tinha sua mensageira. Hera, mulher de Zeus, contava com a majestosa Íris. Ela usava um xale com sete cores que, no vai e vem, deixava um rastro no céu. É o arco de Íris.

Com o tempo, a imagem passou a simbolizar a ligação – ponte entre os deuses e os homens. Íris virou substantivo comum que dá ideia de policromia. Eis por que a parte colorida dos olhos se chama íris. E as sete cores deixadas no céu depois da chuva, arco-íris.

Hermes e Íris ganharam a admiração dos homens. Fáceis, leves, variados e elegantes, os textos que transportam são por todos admirados. Lamentavelmente não servem de exemplo pra redação oficial, que obedece a normas rígidas, tão antigas quanto o rascunho da Bíblia.

Os funcionários não têm saída. Precisam aprender as manhas, aplicar as regras e repetir modelos pra lá de arcaicos. Espernear? Muitos tentam. Valham-nos, excelências, senhorias, majestades e cia. burocrática.

1 *Burocracia*

Você sabia? A palavra *burocracia* tem dupla nacionalidade. *Bureau* vem do francês. Na língua de Voltaire e Victor Hugo, quer dizer *mesa de trabalho*. *Krátos* nasceu grega. Desde Platão e Aristóteles, significa *poderio*.

A mocinha fez longa caminhada. No começo da vida, *bureau* era o tecido grosseiro com que se cobriam as mesas para escrever ou fazer contas. Com o tempo, passou a designar a própria mesa de trabalho. Por fim, chegou ao sentido atual – *escritório*, *repartição pública*.

2 Pronomes de tratamento

Vossa Senhoria, *Vossa Excelência*, *Vossa Majestade*, *Vossa Magnificência* e demais salamaleques são formas de tratamento da redação oficial. Elas vieram ao mundo na monarquia portuguesa. À época, era proibido se dirigir ao rei.

Quem ousasse fazê-lo perdia a cabeça. O jeito foi buscar subterfúgios. Em vez de falar ao monarca, falava-se à excelência do monarca, à majestade do monarca, à senhoria do monarca. Viu? O jeitinho brasileiro vem de longe.

3 Pessoas

Os pronomes de tratamento são cheios de manhas. Ora se referem à pessoa com quem se fala. Pedem, então, ajuda ao possessivo *vossa*: *Vossa Excelência, senhor presidente, fez belo discurso. Vossa Senhoria pode atender o telefone? Não sei, reitor, a que documento Vossa Magnificência se reportou.*

Outras vezes, referem-se à pessoa de quem se fala. Trocam, então, o *vossa* pelo *sua*. Nada mais muda: *Sua Excelência fez belo discurso. Sua Senhoria não costuma atender o telefone. Não sei a que documento Sua Magnificência se reportou.*

4 Concordância

Ops! Não vale bobear. Os verbos e os pronomes relacionados aos pronomes de tratamento são vaquinhas de presépio. Não arredam pé da 3ª pessoa: *Vossa Excelência pode repetir a frase? Majestade, não entendi suas palavras. Vossas Magnificências fizeram suas considerações com elegância.*

Viu? Com os pronomes de tratamento, o possessivo *vosso* não tem vez. Xô! Estendam tapete vermelho para *seu, sua*.

5 Crase

Olho vivo! Pronomes de tratamento começados por *Vossa* têm alergia ao artigo. Com eles, a crase não tem vez. Por quê? Crase é o casamento de dois *aa*. Um deles é o artigo. Sem um par, o outro fica solteirinho da silva: *Dirijo-me a Vossa Senhoria. Refiro-me a Sua Excelência. Encaminho a Sua Senhoria a carta solicitada.*

6 *Anexo, em anexo*

Ofícios, cartas e memorandos têm uma paixão. Encaminham alguma coisa. Pode ser livros, relatórios e tantos outros documentos que a burocracia adora produzir. Aí, não dá outra. *Anexo* ou *em anexo* entram em cartaz. Como usar um ou outro?

Anexo é adjetivo. Como os irmãozinhos dele, concorda em gênero e número com o nome a que se refere: *Anexo, encaminho o documento. Anexos, encaminho os documentos. Anexa, encaminho a carta. Anexas, encaminho as cartas.*

Em anexo bate à porta de outra freguesia. Locução adverbial, joga no time dos inflexíveis. Sem feminino, masculino, singular ou plural, é sempre igual: *Em* *anexo, encaminho os documentos. Em anexo, encaminho o documento. Em anexo, encaminho a carta. Encaminho as cartas em anexo.*

7 Vocativo

O vocativo não se dirige à pessoa. Dirige-se ao cargo da autoridade. Escreve-se com as iniciais maiúsculas (*Senhor Diretor*, *Senhor Presidente*, *Senhor Chefe*). O texto começa sempre com letra grandona: *Escrevo-lhe a fim de lhe comunicar o andamento do processo…*

Os sete pecados da regência verbal

O nome deles? É Feliz, Atchim, Mestre, Zangado, Soneca, Dengoso e Dunga. São os sete anões que acolheram a Branca de Neve na floresta. Por que sete? Poderiam ser cinco, oito, nove. Mas qualquer outro número não teria a graça do cabalístico sete.

Nada mais simbólico do que as sete criaturas para socorrer a princesa perseguida pela madrasta cruel. Nada mais simbólico também do que apontar os sete verbos cuja regência maltrata a língua. *Preferir* é um deles. *Extorquir*, outro. *Chegar, ver, informar, responder* e *agradecer* completam a lista. Eles exigem certas preposições para dar certos recados. Vamos lá?

1 *Preferir*

Sabia? *Preferir* é vítima de duas maldades. Trocam-lhe a regência. Por alguma razão que só Deus explica, desavisados o confundem com *gostar*. Dizem, então, *prefiro mais cinema do que teatro*.

Nada feito. Peçam perdão ao Senhor e deem ao verbo o que é do verbo. A gente prefere uma coisa *a* outra: *Prefiro cinema a teatro. Ela prefere a discrição aos holofotes. Preferimos sair a ficar em casa.*

Preferir mais? Nem pensar. Gosta-se mais. Mas prefere-se simplesmente. O mais está subentendido no trissílabo.

2 Extorquir

Ops! Telejornais não se cansam de repetir: *Fiscais extorquem comerciante*. Vamos combinar? Essa é tarefa quase impossível. Extorquir não é lá coisa boa. Significa obter por meio de violência, ameaça ou ardil.

O objeto direto do verbo tem de ser coisa. Pessoa não tem vez. Extorque-se alguma coisa. Não se extorque alguém. Assim: *Fiscais extorquem dinheiro de comerciante. A polícia extorquiu o segredo sob tortura. Extorquiram a fórmula ao cientista.*

3 Chegar

Chegar pertence a família muito especial – dos verbos de movimento. Eles exigem a preposição *a*. Às vezes, *para*. Nunca *em*. A ojeriza que um nutre pela outra é profunda. Melhor não provocar.

4 Ver

A gente vê alguém ou alguma coisa. *Eu vejo Maria*, *Maria vê os amigos*, *os amigos veem livros na livraria*. Observou? O pequenino é transitivo direto. Na substituição do objeto pelo pronome átono, o *o* ou o *a* pedem passagem (o *lhe* não tem vez).

Repare: *Eu vi Paulo na livraria. (Eu o vi na livraria.) Nós veremos os filmes candidatos ao Oscar. (Nós os veremos.) Vejo você todos os dias. (Vejo-o todos os dias. Vejo-a todos os dias). Nunca o vi sorrir. Sempre o vejo sério. Vi-o fazer sinal ao* *motorista.*

5 Responder

Responde-se alguma coisa ou a alguma coisa? No sentido de dar resposta a alguém ou a alguma coisa, a presença do *a* fica pra lá de chique: *responder à carta, responder ao ofício, responder ao desafio, responder ao professor*.

Na acepção de dizer em resposta, a preposição cai fora. Assim: *O depoente responderá o que quiser. Respondi que não aceito pressões. Responderá que ainda não tomou decisão alguma.*

6 Agradecer

Agradeça a alguém por alguma coisa: *Agradeço a Deus pela graça. Agradecemos aos amigos pelas gentilezas. Agradeci ao diretor pela promoção recebida.*

Atenção, muita atenção. *Agradecer* tem outras regências. Mas se constrói sempre com objeto indireto de pessoa. O pronome *o* (*a*), por isso, não tem vez com ele: *agradeço-lhe o presente. (*Nunca: agradeço-*o).*

7 Informar

Eta verbinho versátil. Ele tem duas regências. Uma informa alguma coisa a alguém: *Informo o horário do filme aos leitores. Informo a V.Sª que a empresa adotará novo regime de trabalho. O professor informou aos alunos o dia das provas.*

A outra informa alguém de alguma coisa: *Informo os leitores do novo horário do filme. Informo V.Sª de que a empresa adotará novo regime de trabalho. Eles informaram o funcionário de que a seção seria reformada.*

Quer substituir o nome pelo pronome? O *alguém*, objeto indireto, vira *lhe*. O *alguma coisa*, objeto direto, *o, a*: *Informo-lhes o horário do filme. Informo-o aos leitores. O professor informou-lhes o dia das provas. O professor informou-o aos alunos*.

Os sete pecados do *todo*

O faraó acordou perturbado. Dois sonhos estranhos não lhe saíam da cabeça. No primeiro, sete vacas gordas e bonitas saíam do rio Nilo seguidas por sete vacas magras e feias. Ops! Surpresa! As sete esquálidas devoraram as sete nutridas.

No segundo, sete espigas bonitas e cheias de grãos surgiam de uma haste seguidas por sete espigas feias e mirradas. Repetia-se a cena: as sete ressequidas comiam as sete fartas.

“Venham os sábios e intérpretes”, ordenou o poderoso. Eles foram. Mas não conseguiram decifrar o mistério. O copeiro do palácio, que passara uma temporada na prisão, contou ao faraó que conhecera um jovem na cadeia a quem os deuses haviam dado o dom da interpretação dos sonhos. Era José.

Não deu outra. O faraó chamou o rapaz e lhe ordenou que explicasse a história das vacas e das espigas. José disse:

– Os dois sonhos têm o mesmo sentido. As sete vacas gordas e as sete espigas granadas representam sete anos de fartura. As sete vacas magras e as sete espigas mirradas são sete anos de fome que se seguirão à abundância.

Alertado, o faraó não pensou duas vezes. Ordenou que se construíssem celeiros por todo o território e se armazenassem grãos suficientes para os anos de fome. E, assim, o Egito foi o único país a passar incólume pelo período das vacas magras.

A mesma precaução se aplica à língua. No trato de grafias, concordâncias, regências, empregos e colocações, cuidados se impõem. Um dos sinais amarelos se acende no uso do pronome *todo*.

O dissílabo ora aparece no plural, ora no singular. Ora com artigo, ora sem artigo. Como se safar dos pecados a que as variações induzem? É fácil. O primeiro passo é interpretar o pronome na frase. O segundo, como fez o faraó, tomar as medidas corretivas possíveis.

1 *Todo*

No singular, com o substantivo sem artigo, o solitário significa *cada, qualquer: Todo* (qualquer) *homem é mortal. Todo* (qualquer) *país tem uma capital. Toda* (qualquer) *hora é hora. A toda* (qualquer) *ação corresponde uma reação.*

2 *Todo o, toda a*

Acompanhado de substantivo com artigo no singular, o casal quer dizer *inteiro*: *Li todo o livro. Trabalho o ano todo. Viajei toda a semana.*

3 *Todos os, todas as*

No plural, acompanhado de substantivo com artigo, o pronome dá o sentido de totalidade das pessoas e dos representantes de determinada categoria, grupo ou espécie: *No Brasil, nem todos os alunos conseguiram matrícula em escolas públicas. Todos os brasileiros com idade entre 18 e 70 anos são obrigados a votar. Trabalho todos os dias da semana.*

4 *Todos os = os*

Sabia? Ser claro é obrigação de quem escreve. O artigo definido se presta a confusão de significados. Olho vivo! Ao dizer *Deus perdoa os pecados*, englobamos todos os pecados. Se não são todos, o pequenino não tem vez: *Deus perdoa pecados*.

Ora, se o artigo engloba, o *todos* sobra em muitas situações. Corte-o sem pena: *Vou ao teatro todos os sábados*. (*Vou ao teatro aos sábados*.) *Todos os funcionários demitidos perderam a gratificação*. (*Os funcionários demitidos perderam a gratificação*.) *Queremos todas as crianças na escola*. (*Queremos as crianças na escola*.)

5 Dois

Acredite. O *todo* tem alergia ao numeral *dois*. *Todos os dois*? Nem pensar. É espirro pra todos os lados. Diga *os dois* ou *ambos*: *Os dois saíram. Ambos saíram.*

6 Unanimidade

Atenção, navegantes de muitas ou poucas viagens. *Todos foram unânimes* é pleonasmo desssssssssssssssssssssssssssste tamanho. *Unânime* é relativo a todos. Seja parcimonioso. Use um ou outro: *Os líderes foram unânimes. Todos concordaram.*

7 Vira-casaca

Numa construção, o todo funciona como advérbio. Invariável, equivale a totalmente. É o caso de *todo-poderoso* e cia.: *o todo-poderoso*, *os todo-poderosos*, *a todo-poderosa*, *as todo-poderosas*.

Os sete pecados da crase

Os anjos ligam o Céu e a Terra. Acima deles vêm os arcanjos. São sete. Quatro pra lá de conhecidos – Miguel é príncipe das milícias celestes. Gabriel, o da anunciação. Rafael, o da cura. Uriel, o senhor da luz. Os outros três trabalham pra chuchu. Nós é que não sabemos. Micael é o braço direito de Deus. Anael, o dono da centelha energética material. Azaziel, o fogo transformador.

Pra tratar da crase, que tal pedir ajuda a São Rafael? Ele é médico do Céu e da Terra. Ninguém melhor do que o piedoso arcanjo pra nos livrar do uso indevido do acento grave. Eis os sete mandamentos que previnem os sete pecados. Seguindo-os, o resultado é um só: a bênção da alternativa por todos ambicionada – acertar ou acertar.

Arderá nas fogueiras do demo quem usar o acento grave:

1 Antes de nome masculino

Crase é o casamento de dois *aa*. Um deles é a preposição. O outro, o artigo. Ora, o pequenino *a* só tem vez antes de nome feminino. O machinho pede *o*. Sem o artigo, o azinho solitário dá o recado: *Bebê a bordo. Saiu a todo vapor*.

Não bobeie. Há certas construções que enganam. Dão a impressão de que aceitam crase antes de masculinos. Olho vivo! Elas escondem uma palavra feminina. Veja: *Decora a casa à (moda) Luís XVI. Não se dirigiu à Rua da Praia, mas à (Rua) dos Andradas.*

2 Com palavras repetidas

Cara a cara, uma a uma, gota a gota, face a face, semana a semana, frente a frente.

3 Antes dos pronomes pessoal, indefinido e os demonstrativos *esta, essa*

Dirigiu-se a esta funcionária. Confessou a ela as trapaças que havia feito. Saiu a toda. É honesto a toda prova. Aplaudia o funcionário a cada etapa vencida. Assistiu a algumas cenas do filme. O assessor fala com o presidente a qualquer hora.

Observou a manha? Certos pronomes não aceitam artigo. E, sem artigo, xô, crase! A gente diz *esta funcionária saiu*, não *a esta funcionária saiu*; *ela diz a verdade*, não *a ela diz a verdade*; *toda nudez será castigada*, não *a toda nudez será castigada*; *algumas cenas impressionaram*, não *a algumas cenas impressionaram*.

4 Com o *a* no singular seguido de nome plural

Assistiu a reuniões durante o dia. Falou a professoras presentes ao evento. Vai a cidades sugeridas no roteiro. Conseguiu o emprego a duras penas.

Seja malicioso. O artigo que acompanha o substantivo plural deve estar no plural. Preposição + artigo plural = às. A ausência do *s* dá recado claro – falta o artigo. Compare: *Compareceu a reuniões em São Paulo. Compareceu às reuniões em São Paulo.*

5 Com o casalzinho *de…a*

Trabalho de quarta a sexta. Viajo de segunda a segunda. De quarta a sexta, faço *plantão de 24 horas.*

6 Antes de nome de cidade (sem especificação)

Chegou a Brasília. Bem-vindo a São Paulo. Vou a Moscou, a Paris e a Roma. (Compare: Chegou à Brasília de JK. Foi à Moscou dos czares, à Paris da alta costura e à *Roma dos papas. Bem-vindo à São Paulo dos bandeirantes.)*

Como saber se o nome da cidade é especificado ou não? Recorra ao velho macete que os professores de antigamente ensinavam aos alunos. Eles faziam a moçada trocar o *ir* pelo *voltar* e decorar este verso:

Se, ao voltar, volto da,
craseio o á.
Se, ao voltar, volto de,
crasear pra quê?

Foi ***a*** São Paulo. Voltou *de* São Paulo. (Voltar de, crasear pra quê?)

Foi ***à*** São Paulo dos bandeirantes. Voltou ***da*** São Paulo dos bandeirantes. (Voltar *da, crase no* ***á***).

7 Antes da locução *a distância* (sem especificação)

Siga-a discretamente, a distância. A universidade oferece cursos a distância. A distância, todos os gatos são pardos. (Se a distância for determinada, o acento tem vez: *Segui Maria à distância de mais ou menos 100m. Os sem-terra marchavam à distância de um quilômetro*.)

Os sete pecados da acentuação gráfica

São sete as notas musicais. Nós as conhecemos de cor e salteado – dó, ré, mi, fá, sol, lá, si. O nome delas homenageia São João Batista. O monge beneditino Guido Arezzo queria que as composições musicais fossem guardadas e reproduzidas. Como? Precisavam ser escritas.

Para dar nome a cada nota, tomou a primeira sílaba de cada verso de um hino de louvor a São João Batista. É este: "Ut queant laxis/Resonare fibris/Mira gestorum/Famuli tuorum/Solve polluti/Labii reatum/Sancte Iohannes". A tradução é algo como: "Para que teus servos/Possam das entranhas/Flautas ressoar/Teus feitos admiráveis/Absolve o pecado/Desses lábios impuros/Ó São João".

No século XVII, houve a troca de "ut", por "dó", provavelmente pra facilitar a pronúncia. O "si" nasceu da abreviação de *sancte Iohannes*, ou São João em português.

1 Monossílabos

Na natureza nada se perde. Tudo se aproveita. Os monossílabos sabem disso. Acentuam-se como as notas musicais. Ganham sinalzinho na cabeça os terminados em *a, e* e *o*. Os demais ficam leves e soltos – *dó*, *ré*, mi, *fá*, sol, *lá*, si.

Mais exemplos? Ei-los: *cá, má, vá, sé, vê, lê, dê, ló, pó, só, si, cru, nu.*

2Dois times

Os monossílabos se dividem em dois grupos. Um: os fracotes, chamados átonos. O outro: os fortões, conhecidos por tônicos. Os primeiros são tão molengões que precisam do apoio de outra palavra. Pra ficarem fortes, precisam de ajuda. O acento lhes presta socorro.

Compare: *O dinheiro* ***da*** *merenda* ***dá*** *pra comprar um lanche legal. O livro* ***de*** *Paulo talvez* ***dê*** *pra ser compartilhado. A roupa* **do** *Luís dá* ***dó. Li*** O homem nu, *de Fernando Sabino*.

3Letras

Na língua, todos são iguais perante a acentuação. O nome das letras não foge à regra. São todos tônicos. Os monossílabos seguem a regra sem tirar nem pôr: *á, bê, cê, dê, ê, gê, i, ká, ó, pê, quê, tê, u, vê, xis, zê.*

4Pegadinha

Ops! Eis uma pegadinha pra lá de esperta. Trata-se da grafia da primeira letra do alfabeto. "O acento do á é diferencial"? Nãooooooooooo! Ele não se acentua para distinguir-se de sósia. Acentua-se por ser monossílabo tônico.

5A diferença

Vale lembrar: em português, existem duas palavras com acentos diferenciais. Uma é monossílabo – *pôr*. Esse é diferencial. Compare com dor e cor. A outra é *pôde*, do verbo *poder*. O grampinho diz que falamos do passado, não do presente: *Ontem ele pôde ir ao teatro. Hoje não pode. Nem poderá amanhã.*

6 Lei do menor esforço

Os oxítonos, adeptos da lei do menor esforço, foram atrás. Ganham agudo ou circunflexo quando terminam em *a, e* e *o*. Os demais ficam livres dos acessórios*:* *sofá, está, café, você, cipó, carijó, tupi, guarani, caju, urubu, Aracaju.*

7 Sem tirar nem pôr

Atenção, marinheiros de poucas viagens! Verbos seguidos do pronome *lo* seguem *ipsis litteris* a regra: *amá-lo, vendê-lo, parti-lo, compô-lo*.

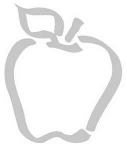

Os sete pecados dos modismos

Apocalipse é o último livro do Novo Testamento. O nome vem do grego. Quer dizer *revelação*. Ao longo das páginas, há revelações terrificantes sobre os destinos da humanidade. Por isso, a palavra ganhou o sentido de cataclismo, flagelo terrível.

No capítulo XVII, aparece este verso: “As sete cabeças são sete montes, nos quais a mulher está sentada. São também sete reis, dos quais caíram cinco, um existe, e o outro ainda não chegou. Quando chegar, tem de durar pouco”.

A passagem tem muitas interpretações. Uma delas diz que os reis são reinos. Quais? Considerado o tempo do profeta, cinco passados – Egito, Assíria, Babilônia, Medo-Pérsia e Grécia. Um presente, a Roma Imperial (pagã). O último, a Roma Papal (cristã).

Será? Os estudiosos continuam debruçados sobre o texto. Como se trata de linguagem figurada, é impossível bater o martelo. Mas é possível escrevê-lo com reverência à língua. Um dos mandamentos: fugir dos modismos.

Eles passam. A mensagem fica. Fugir deles não exige nenhum saber excepcional. Basta conhecer as sete maravilhas da língua. São os cuidados que tornam a expressão nota mil.

1 Conjugação do futuro

Há duas formas de indicar o porvir. Uma é o futuro simples (*mandarei*). A outra, o composto (*vou mandar*). Nada do pleonástico *irei mandar* ou do inexistente *vou estar mandando*.

2 Emprego do subjuntivo

É chique dar a César o que é de César. A certeza fica por conta do indicativo. A incerteza, a dúvida, a subjetividade pedem o subjuntivo*: Talvez ele venha. Se a polícia detiver o bandido, a cidade ficará aliviada. Não acreditei que chegássemos a tempo. Ah, que precisão!*

3 Uso do *enquanto*

A conjunção une orações. Em outras palavras: junta verbo com verbo (*enquanto eu estudo, você trabalha*; *você nada enquanto eu jogo bola*). Usá-la no lugar de *como* ou *na qualidade de* (*Luís, enquanto membro do ministério, defende o governo*) é um horror. Induz-se a coitada ao crime de falsidade ideológica. Dá xilindró.

4 A vez do *onde*

O *onde* é o maior vilão do vestibular e dos concursos. Tira pontos da moçada até dizer chega. A razão é uma só. Usam-no no lugar do *que*, *cujo*, *o qual*. Nada feito. O dissílabo indica lugar físico: *Minha terra tem palmeiras/onde canta o sabiá.*

Se o lugar não é físico, *em que, no qual, na qual* pedem passagem: *Na palestra em que (na qual) falou sobre a crise brasileira, recebeu muitos aplausos. O trânsito se congestiona nos dias em que (nos quais) chove na cidade. No debate em que (no qual) o ministro se destacou, falou-se sobre o risco de corrida armamentista* *no mundo*.

5 Indicação de tempo

Aos sábados? *No sábado*? O uso do *aos* informa que o fato se repete regularmente: *Faço compra aos sábados (todos os sábados). Dou aula às quartas e sextas (todas as quartas e sextas). Vou à missa às quintas (todas as quintas).*

A preposição *em* (*no sábado*, *na segunda*) diz que o fato ocorrerá uma só vez ou de vez em quando: *Beto se batizou no sábado. Fui ao cinema na segunda. Viajo na quarta para Madri*.

6 Respeito ao *acontecer*

Acontecer dá ideia de inesperado, desconhecido (*O que acontece*? *Tudo acontece nos feriados*). O verbinho não significa *realizar-se*. Nem *ocorrer*. *A disputa aconteceu ontem?* Nem pensar! *Realizou-se ontem. O concerto acontece no Teatro Municipal?* Cruz-credo! *O concerto será no Teatro Municipal.*

7 Pronome relativo preposicionado

É um luxo dizer *o livro de que gosto*, *o filme a que assisti*, *o regimento a que obedeço*, *a cidade em que moro*.

Outro dia, o *Fantástico* anunciou: “A cidade que chove todos os dias.” Valha-nos, Deus! Já imaginaram a cidade chover? Não sobraria um morador.

Ufa! São pecados sem-fim. A nossa língua, que guarda raízes lusitanas, incorporou influências de todos os matizes. Dominá-la exige estudo, estudo e estudo. Mas, neste alegre Pindorama, a escola não ajuda. Representa. Finge que ensina. O aluno finge que aprende. A sociedade finge que acredita. Vigorosos enganos entram, então, em cartaz. Um tropeço, vez por outra, acaba com uma boa reputação.

Não há, por isso, quem deixe de se inquietar com as ciladas do nosso idioma. Nem o Senhor. Lá do alto, Ele observa a luta das criaturas. E, mais generoso que os homens, redime os esforçados. Oferece-lhes possibilidades de se safar e partir pra outras. Afinal, perdoar é o único vício de Deus.

O próximo capítulo serve de prova da fé do Todo-Poderoso na capacidade humana. Ele passa do cabalístico sete, símbolo da completude, para o oito, que representa a perfeição. Abre espaço para a oitava maravilha do mundo. As sete, a gente conhece. São as Pirâmides do Egito, os Jardins Suspensos da Babilônia, o Mausoléu de Halicarnasso, o Templo de Ártemis, em Éfeso, o Colosso de Rodes, a Estátua de Zeus esculpida por Fídias e o Farol de Alexandria.

E a oitava? É subjetiva. Cada um tem a sua. Trata-se de algo que se afigura extraordinário, insuperável no gênero. Para uns é o computador. Para outros, a internet. Há os que escolhem o milagre de ver a criança decifrar os mistérios da escrita. O Papai do Céu opta pelo estilo nota 10. Sabe que um texto sedutor não cai do paraíso. Cultiva-se com técnica, paciência e desapego. Siga os dez mandamentos.

A oitava maravilha da língua

1 Seja adequado

A língua se parece com um imenso armário. Nele há todos os tipos de roupas. O desafio: escolher a mais adequada para o momento. A piscina pede biquíni. O baile de gala, longo e *black tie*. O cineminha, traje esporte. Confundir as vestes tem nome. É inadequação.

O mesmo princípio orienta o texto. Horóscopo exige palavras genéricas. Reportagens, fatos e vocábulos concretos. Salas de bate-papo, abreviaturas inventadas, troca de letras, signos incompreensíveis a muitos mortais. Não se trata de certo ou errado. Mas do português adequado à ocasião.

2 Seja claro

Montaigne, há 400 anos, disse que o estilo tem três virtudes. A primeira: clareza. A segunda: clareza. A terceira: clareza. Graças a ela, o receptor entende a mensagem sem ambiguidades.

3 Seja preciso

A precisão tem íntima relação com as palavras. Buscar o vocábulo certo para o contexto é trabalho árduo. Exige atenção, paciência e pesquisa. Consultar dicionários, textos especializados e profissionais da área deve fazer parte da rotina de quem escreve.

Quem fala de economia, por exemplo, tem de distinguir o significado de salário, vencimento, provento, pensão, subsídio ou verba de representação. Uma reportagem sobre política não pode dizer que os deputados vetaram um projeto: quem veta é o presidente da República. A Câmara rejeita.

4 Seja natural

Imagine que o leitor esteja à sua frente conversando com você. Sinta-se à vontade. Faça pausas e perguntas diretas. Dê ao texto um toque humano. Você se dirige a pessoas de carne e osso.

5 Seja fácil

No mundo de corre-corre, queremos textos curtos, precisos e prazerosos. Facilidade fisga. Para chegar lá, opte por palavras familiares. As longas e pomposas são pragas. Em épocas passadas, quando a língua era instrumento de exibição, gozavam de enorme prestígio. Falar difícil dava mostras de erudição. Impressionava.

Hoje a realidade mudou. E-mail, Twitter e WhatsApp exigem rapidez. Prefira a ordem direta. Evite intercalações. Vacine-se contra redundâncias, pedantismo e verborragia. Escreva frases curtas. “Uma frase longa”, escreveu Vinicius, “não é nada mais que duas curtas.”

6 Seja leve

Não canse. Respeite o tempo, os ouvidos e o bom gosto do leitor. Busque a frase elegante, capaz de veicular com clareza e simplicidade a mensagem que você quer transmitir.

7 Seja respeitoso

Boa parte das pessoas se indigna com palavrões, obscenidades e expressões chulas. Só os acolha em situações excepcionais.

8 Seja surpreendente

Surpresa chama a atenção e desperta a curiosidade. É o gosto pelo inusitado. Fuja dos modismos e chavões. Eles roubam a força e o frescor. *Pontapé inicial, abrir com chave de ouro, chorar um rio de lágrimas, ver com os próprios olhos, cair como uma bomba* e cia. foram surpreendentes algum dia. Hoje soam como coisa velha. Transmitem a ideia de escritor preguiçoso, desatento ou malformado. Em suma: incapaz de surpreender.

9 Seja dinâmico

Água parada apodrece. Exala mau cheiro, espanta os próximos e deixa os distantes de sobreaviso. Só o movimento a mantém viva. O mesmo ocorre com a língua. Frases mornas e tediosas afugentam o leitor. Seja dinâmico. Vá logo ao ponto. Abuse de verbos e substantivos. Prefira a voz ativa. Evite palavras pomposas. Varie o vocabulário, as estruturas e o tamanho da frase.

10 Seja gentil

As palavras carregam carga ideológica. Algumas mais; outras menos. A sociedade está atenta aos vocábulos que reforçam preconceitos. Fuja deles. Cor, idade, peso, altura, origem e preferências sexuais são as principais vítimas.

Gentileza não se restringe a palavras. Atinge períodos, parágrafos, chega ao texto completo. Ao se expressar, comece bem, de forma atraente, que desperte o interesse e estimule a vontade de chegar ao fim. Aí, ofereça o prêmio cuidadosamente escolhido: um fecho tão forte quanto a introdução.

A autora

Dad Squarisi transita com desenvoltura pelo universo da língua. É editora de Opinião do *Correio Braziliense*, comentarista da TV Brasília, blogueira, articulista e escritora. Assina as colunas Dicas de Português e Diquinhas de Português, publicadas por jornais de norte a sul do país; Com Todas as Letras, na revista *Agitação,* e *Língua Afiada*, na *Revista do Ministério Público de Pernambuco*.

Formada em Letras, com especialização em Linguística e mestrado em Teoria da Literatura, concentra o interesse, sobretudo, na redação profissional – o jeitinho de dizer de cada especialidade, cada grupo, cada mídia. Mas é tudo português.

A experiência como professora do Instituto Rio Branco, consultora legislativa do Senado Federal e jornalista do *Correio Braziliense* iluminou o caminho dos livros *Dicas da Dad – Português com humor*, *Mais dicas da Dad – Português com humor*, *A arte de escrever bem*, *Escrever melhor* (com Arlete Salvador), *Redação para concursos e vestibulares* (com Célia Curto), *Como escrever na internet*, *1001 dicas de português – manual descomplicado* (com Paulo José Cunha), publicados pela Contexto, além de *Superdicas de ortografia*, *Manual de redação e estilo para mídias convergentes*, dos *Diários Associados*, e de livros infantis – de mitologia e fábulas.

Português

Sintaxe - Estilística - Recursos Sintáticos - [Médio]

01 - (CEFET RJ)

TEXTO 1

Dorme, ruazinha… É tudo escuro
E os meus passos, quem é que pode ouví-los?
Dorme o teu sono sossegado e puro
Com teus lampiões, com teus jardins tranqüilos…
Dorme… Não há ladrões, eu te asseguro…
Nem guardas para acaso perseguí-los…
Na noite alta, como sobre um muro,
As estrelinhas cantam como grilos…
O vento está dormindo na calçada,
O vento enovelou-se como um cão…
Dorme, ruazinha… Não há nada…
Só os meus passos… Mas tão leves são
Que até parecem, pela madrugada,
Os da minha futura assombração…

(QUINTANA, Mario. A rua dos cataventos. Porto Alegre: Globo, 1940.)

No texto I, o uso dos substantivos ruazinha e estrelinhas, no grau diminutivo,

a) deixa evidente que a dimensão física é a única coisa que importa ao eu-lírico.

b) revela a visão pragmática e redutora da natureza e das coisas pelo eu-lírico.

c) é perfeitamente natural, pois o eu-lírico, está se dirigindo a uma criança.

d) indica que o eu-lírico sente-se responsável pela segurança dos moradores.

e) é aceitável devido ao sentimento de afeição do eu-lírico em relação às coisas e à natureza.

02 - (FATEC SP)

Texto

[...]

E existe um povo que a bandeira empresta
Pra cobrir tanta infâmia e covardia!...
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacante fria!...
Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,
Que impudente na gávea tripudia?
Silêncio!... Musa! chora, chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto

Auriverde pendão da minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança...
Tu, que da liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança,
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga!

Extingue nesta hora o *brigue imundo*

O trilho que Colombo abriu nas vagas,

Como um 1 ris no pélago profundo!...

Mas é infâmia demais! ... Da etérea plaga

Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!...

Andrada! arranca esse pendão dos ares!

Colombo! fecha a porta dos teus mares!

"O navio negreiro', Castro Alves.

Considerando que **hipérbole** é um recurso que tem por finalidade produzir uma afirmação exagerada, assinale a alternativa em que se emprega esse recurso.

a) "Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta, / Que impudente na gávea tripudia?"

b) "Auriverde pendão de minha terra,! Que a brisa do Brasil beija e balança" [...]

c) "Silêncio! Musa! chora, chora tanto! Que o pavilhão se lave no teu prantol

d) "Tu, que da liberdade após a guerra, / Foste hasteado dos heróis na lança" [...]

e) "Andrada! arranca este pendão dos ares! ! Colombo! fecha a porta dos teus mares!"

03 - (FUVEST SP)

Na posição em que se encontram, as palavras assinaladas nas frases abaixo geram ambigüidade, EXCETO em:

a) Pagar o FGTS já custa R$13,3 bi, diz o consultor.

b) Pais rejeitam menos crianças de proveta.

c) Consigo me divertir também aprendendo coisas antigas.

d) É um equívoco imaginar que a universidade do futuro será aquela que melhor lidar com as máquinas.

e) Não se eliminará o crime com burocratas querendo satisfazer o apetite por sangue do público.

04 - (UNIFOR CE)

Outro dia, falando na vida do caboclo nordestino, eu disse aqui que ele não era infeliz. Ou não se sente infeliz, o que dá no mesmo. Mas é preciso compreender quanto varia o conceito de felicidade entre o homem urbano e essa nossa variedade de brasileiro rural. Para o homem da cidade, ser feliz se traduz em “ter coisas”: ter apartamento, rádio, geladeira, televisão, bicicleta, automóvel. Quanto mais engenhocas mecânicas possuir, mais feliz se presume. Para isso se escraviza, trabalha dia e noite e se gaba de bem sucedido. O homem daqui, seu conceito de felicidade é muito mais subjetivo: ser feliz não é ter coisas; ser feliz é ser livre, não precisar de trabalhar. E, mormente, não trabalhar obrigado. Trabalhar à vontade do corpo, quando há necessidade inadiável. Tipicamente, os três dias de jornal por semana que o morador deve a fazenda, segundo o costume, são chamados “a sujeição”. O melhor patrão do mundo não é o que paga mais, é o que não exige sujeição. E a situação de meeiro é considerada ideal, não porque permita um maior desafogo econômico – o que nem sempre acontece – mas sim porque meeiro não é sujeito.

(Rached de Queiroz. Cem crônicas escolhidas. Rio de Janeiro: J. Olympio Editora, 1989. p. 216)

Quanto mais engenhocas mecânicas possuir, mais feliz se presume.

Na frase acima há uma relação de:

a) condição

b) proporcionalidade

c) temporalidade

d) causalidade

e) finalidade

05 - (UNIFICADO RJ)

Texto

Quando estou, quando estou apaixonado

tão fora de mim eu vivo

que nem sei se vivo ou morto

quando estou apaixonado.

Não pode a fera comigo

quando estou, quando estou apaixonado,

mas me derrota a formiga

se é que estou apaixonado.

Estarei, quem, e entende, apaixonado

neste arco de danação?

Ou é a morta paixão

que em deixa, que me deixa neste estado?

(Carlos Drummond de Andrade)

Assinale a opção em que se encontra exemplo de elipse.

a) “tão fora de mim eu vivo” (v. 2)

b) “que nem sei se vivo ou morto” (v. 3)

c) “Não pode a fera comigo” (v. 5)

d) “mas me derrota a formiga” (v. 7)

e) “Ou é a morta paixão” (v. 11)

06 - (UFTM MG)

Leia os quadrinhos.

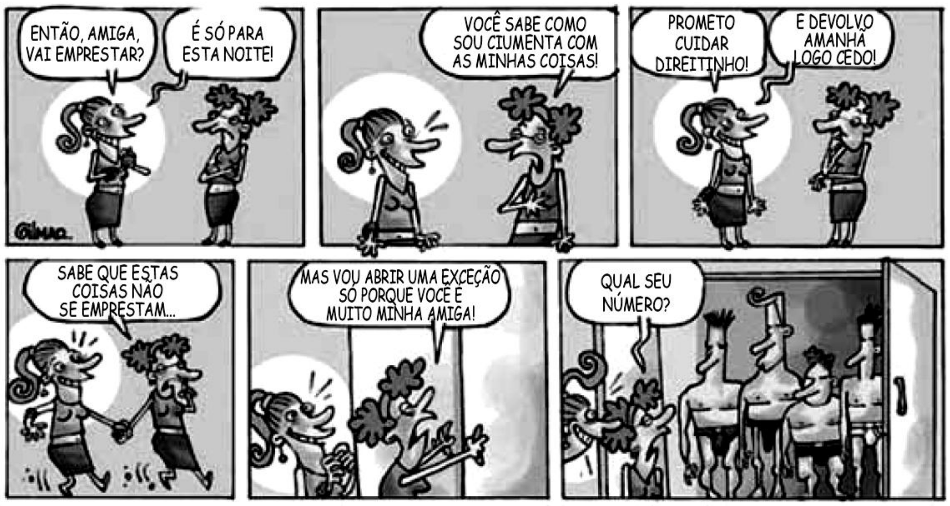
ENTÃO, AMIGA, VAI EMPRESTAR?
É SÓ PARA ESTA NOITE!
VOCÊ SABE COMO SOU CIUMENTA COM AS MINHAS COISAS!
PROMETO CUIDAR DIREITINHO!
E DEVOLVO AMANHÃ LOGO CEDO!
SABE QUE ESTAS COISAS NÃO SE EMPRESTAM...
MAS VOU ABRIR UMA EXCEÇÃO SÓ PORQUE VOCÊ É MUITO MINHA AMIGA!
QUAL SEU NÚMERO?

(www.gilmaronline.zip.net. Adaptado.)

O elemento-surpresa da história é explorado por meio de

a) sequência de verbos no futuro do presente, formando uma gradação.

b) ambiguidades, decorrentes do emprego de pronomes demonstrativos.

c) frases cujos sujeitos não podem ser recuperados pelo contexto.

d) elipses dos complementos verbais e emprego de termos de sentido vago.

e) reiteração de palavras de sentido negativo, para reforçar a recusa do pedido.

07 - (IBMEC SP)

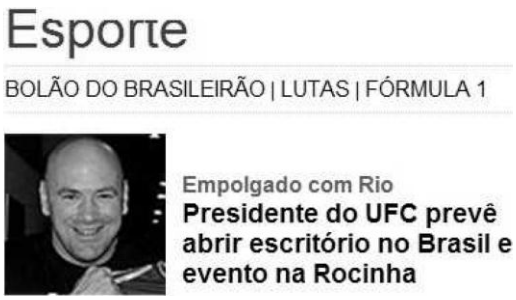

Esporte

BOLÃO DO BRASILEIRÃO | LUTAS | FÓRMULA 1

Empolgado com Rio

Presidente do UFC prevê abrir escritório no Brasil e evento na Rocinha

(www.uol.com.br, acesso em 30/08/2011)

A alternativa que corrige a falha de paralelismo gramatical existente na manchete, mantendo o mesmo sentido, é:

a) Presidente do UFC prevê abertura de escritório no Brasil e fazer evento na Rocinha.

b) Presidente do UFC prevê que escritório seja aberto no Brasil e evento na Rocinha.

c) Presidente do UFC prevê que abertura de escritório no Brasil crie evento na Rocinha.

d) Presidente do UFC prevê abrir escritório no Brasil e realizar evento na Rocinha.

e) Presidente do UFC prevê escritório no Brasil ou evento na Rocinha.

08 - (UNEMAT MT)

O CAVALO QUE BEBIA CERVEJA

"[...] Seo Priscílio apareceu, falou com seo Giovânio: se que estórias seriam aquelas, de um cavalo beber cerveja? Apurava com ele, apertava. Seo Giovânio permanecia muito cansado, sacudia devagar a cabeça, fungando o escorrido do nariz, até o toco do charuto; mas não fez mau rosto ao outro. Passou muito a mão na testa: - "*Lei, quer ver*?" Saiu, para surgir com um cesto com as garrafas cheias, e uma gamela, nela despejou tudo, às espumas. Me mandou buscar o cavalo: o alazão canela-clara, bela face. O qual – era de se dar a fé? – Já avançou, avispado, de atreitas orelhas, arredondando as ventas, se lambendo: e grosso bebeu o rumor daquilo, gostado, até o fundo; a gente vendo que ele já era manhudo, cevado naquilo! Quando era que tinha sido ensinado, possível? Pois, o cavalo ainda queria mais e mais cerveja. Seo Priscílio se vexava, no que agradeceu e se foi. Meu patrão assoviou de esguicho, olhou para mim: - "*Irivalíni, que estes tempos vão cambiando mal. Não laxa as armas!*" Aproveitei. Sorri de que ele tivesse as todas manhas e patranhas. Mesmo assim, meio me desgostava".

(ROSA, João Guimarães. O cavalo que bebia cerveja". In:______.
Primeiras estórias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 145).

Guimarães Rosa, na sua obra, revela a necessidade de revitalizar o homem, por meio de uma estrutura linguística autêntica, promovendo, sobretudo, uma revolução instrumental: a revolução estilística. Esse é um ponto de vista apontado pelos críticos Afrânio Coutinho e Eduardo Coutinho, no livro *A Literatura no Brasil,* volume 4, publicado pela editora de São Paulo em 2004. Nessa perspectiva, marque a alternativa que identifica, nos dois trechos, essa revolução estilística, pela desconstrução da linguagem no conto “O cavalo que bebia cerveja”:

a) Seo Giovânio permanecia muito cansado, sacudia devagar a cabeça / Saiu, para surgir com um cesto com as garrafas cheias.

b) Saiu, para surgir com um cesto com as garrafas cheias / Me mandou buscar o cavalo.

c) A gente vendo que ele já era manhudo, cevado naquilo! / Seo Giovânio permanecia muito cansado, sacudia devagar a cabeça.

d) Seo Giovânio permanecia muito cansado, sacudia devagar a cabeça / Pois, o cavalo ainda queria mais e mais cerveja.

e) Me mandou buscar o cavalo / A gente vendo que ele já era manhudo, cevado naquilo!

09 - (Unievangélica GO)

Leia os textos a seguir.

E nunca realizei nada na vida.

Sempre a inferioridade me tolheu.

E foi assim, sem luta, que acomodei

na mediocridade de meu destino.

CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e histórias mais**.
Goiânia: UFG, 1980. p. 157.

Não te deixes destruir...

Ajuntando novas pedras

e construindo novos poemas.

Recria tua vida, sempre, sempre, sempre.

Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.

Faz de tua vida mesquinha

um poema.

CORALINA, Cora. **Vintém de cobre**
: meias confissões de Aninha Goiânia: UFG, 1985. p. 139.

A poética de Cora Coralina é acentuadamente autobiográfica. Nestes dois fragmentos, ao falar de certos contornos de sua própria vida, a escritora apresenta a si mesma de forma contraditória, ora marcada por resignação (primeiro poema), ora marcada pelo desafio (segundo poema).

Essa contradição pode ser identificada a partir dos seguintes recursos linguísticos:

a) presença de períodos simples (primeiro poema) e de períodos compostos por subordinação (segundo poema).

b) uso da 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito (primeiro poema) e da 2ª pessoa do singular do imperativo (segundo poema).

c) predominância de frases afirmativas (primeiro poema) e de frases negativas (segundo poema).

d) emprego de advérbios de negação (primeiro poema) e de advérbios de tempo (segundo poema).

10 - (ENEM)

Tarefa

Morder o fruto amargo e não cuspir

Mas avisar aos outros quanto é amargo

Cumprir o trato injusto e não falhar

Mas avisar aos outros quanto é injusto
Sofrer o esquema falso e não ceder
Mas avisar aos outros quanto é falso
Dizer também que são coisas mutáveis...
E quando em muitos a não pulsar
— do amargo e injusto e falso por mudar —
então confiar à gente exausta o plano
de um mundo novo e muito mais humano.

CAMPOS, G. **Tarefa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

Na organização do poema, os empregos da conjunção "mas" articulam, para além de sua função sintática,

a) a ligação entre verbos semanticamente semelhantes.
b) a oposição entre ações aparentemente inconciliáveis.
c) a introdução do argumento mais forte de uma sequência.
d) o reforço da causa apresentada no enunciado introdutório.
e) a intensidade dos problemas sociais presentes no mundo.

11 - (ENEM)

Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia.

A gente se acostuma a morar em apartamentos de fundos e a não ter outra vista que não as janelas ao redor. E, porque não tem vista, logo se acostuma a não olhar para fora. E, porque não olha para fora, logo se acostuma a não abrir todas as cortinas. E, porque não abre as cortinas, logo se acostuma a acender mais cedo a luz. E, à medida que se acostuma, esquece o sol, esquece o ar, esquece a amplidão.

COLASANTI, M. **Eu sei, mas não devia**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

A progressão é garantida nos textos por determinados recursos linguísticos, e pela conexão entre esses recursos e as ideias que eles expressam. Na crônica, a continuidade textual é construída, predominantemente, por meio

a) do emprego de vocabulário rebuscado, possibilitando a elegância do raciocínio.

b) da repetição de estruturas, garantindo o paralelismo sintático e de ideias.

c) da apresentação de argumentos lógicos, constituindo blocos textuais independentes.

d) da ordenação de orações justapostas, dispondo as informações de modo paralelo.

e) da estruturação de frases ambíguas, construindo efeitos de sentido opostos.

12 - (ENEM)

O bonde abre a viagem,

No banco ninguém,

Estou só, stou sem.

Depois sobe um homem,

No banco sentou,

Companheiro vou.

O bonde está cheio,

De novo porém

Não sou mais ninguém.

ANDRADE, M. **Poesias completas**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2005.

Em um texto literário, é comum que os recursos poéticos e linguísticos participem do significado do texto, isto é, forma e conteúdo se relacionam significativamente. Com relação ao poema de Mário de Andrade, a correlação entre um recurso formal e um aspecto da significação do texto é

a) a sucessão de orações coordenadas, que remete à sucessão de cenas e emoções sentidas pelo eu lírico ao longo da viagem.

b) a elisão dos verbos, recurso estilístico constante no poema, que acentua o ritmo acelerado da modernidade.

c) o emprego de versos curtos e irregulares em sua métrica, que reproduzem uma viagem de bonde, com suas paradas e retomadas de movimento.

d) a sonoridade do poema, carregada de sons nasais, que representa a tristeza do eu lírico ao longo de toda a viagem.

e) a ausência de rima nos versos, recurso muito utilizado pelos modernistas, que aproxima a linguagem do poema da linguagem cotidiana.

TEXTO: 1 - Comum à questão: 13

Morte e Vida Severina

O meu nome é Severino
não tenho outro de pia.
Como há muitos Severinos
que é santo de romaria,
deram então de me chamar
Severino de Maria;
Como há muitos Severinos
com mães chamadas Maria,
fiquei sendo o da Maria
do finado Zacarias.

Mas isso ainda diz pouco:
há muitos na freguesia,
por causa de um coronel
que se chamou Zacarias
e que foi o mais antigo
senhor desta sesmaria.
Como então dizer quem fala
ora a Vossas Senhorias?
Vejamos: é o Severino
da Maria do Zacarias,
lá da serra da Costela,
limites da Paraíba.
Mas isso ainda diz pouco:
se ao menos mais cinco havia
com nome de Severino
filhos de tantas Marias
mulheres de outros tantos,
já finados Zacarias,
vivendo na mesma serra
magra e ossuda em que eu vivia.
Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo se equilibra,
no mesmo ventre crescido

sobre as mesmas pernas finas,

e iguais também porque o sangue

que usamos tem pouca tinta.

E se somos Severinos

iguais em tudo na vida,

morremos de morte igual,

mesma morte Severina:

que é a morte de que se morre

de velhice antes dos trinta,

de emboscada antes dos vinte,

de fome um pouco por dia

(de fraqueza e de doença é que a morte severina ataca em qualquer idade, e até gente não nascida).

Somos muitos Severinos

Iguais em tudo e na sina:

a de abrandar estas pedras

suando-se muito em cima,

a de tentar despertar

terra sempre mais extinta,

a de querer arrancar

algum roçado da cinza.

Mas, para que me conheçam

melhor Vossas Senhorias

e melhor possam seguir

a história da minha vida,

passo a ser o Severino

que em vossa presença emigra.

(João Cabral M. Neto – Morte e Vida Severina – Ed. Nova. Fronteira – 1997 – adaptado)

13 - (UNIFOA MG)

Elipse é um recurso de coesão textual que consiste na omissão de um termo anteriormente mencionado. Assinale a passagem do texto em que o autor não utilizou este recurso.

a) não tenho outro de pia.

b) fique sendo o da Maria.

c) há muitos na freguesia.

d) e que foi o mais antigo.

e) a de abrandar estas pedras.

TEXTO: 2 - Comum à questão: 14

Impasses na lógica global?

Uma das certezas que movem a lógica global é a de que a China e a Índia manterão as trajetórias atuais de estabilidade política e altas taxas de crescimento econômico.

As projeções de longo prazo supõem uma contínua melhora [5]de renda dos 2,4 bilhões de chineses e indianos – que constituem 25% da população mundial –, mantendo o vigor do capitalismo globalizado.

É curioso como não aprendemos com a história e com nossos inúmeros erros de previsão; a arrogância não nos deixa perceber que [10]é preciso suportar um futuro freqüentemente além da nossa percepção, tantas são as variáveis que nele influem. Lidamos com o tempo que virá de forma pouco responsável.

Na verdade, não agüentamos não saber. E, por isso, transformamos meras hipóteses em certezas, deixando na beira da [15]estrada justamente as dúvidas que nos poderiam salvar. Basta verificar que boa parte das projeções de mais de 10 anos, feitas durante o século 20, foi equivocada. Crises imprevistas são inerentes ao capitalismo, que delas se nutre, renovando-se em meio a cinzas e sucatas.

20Se analisarmos o complexo quadro atual, não é difícil enxergar graves impasses estruturais que o mundo pode ter de enfrentar ainda na próxima década.

Alguns são decorrentes justamente do padrão de inserção da China e da Índia numa lógica global que se aproveita deles para um 25casamento de interesses, à primeira vista, virtuoso.

Suponhamos, em primeiro lugar, que essas duas nações apenas pretendam atingir, em 10 anos, um padrão de vida equivalente à média atual do Brasil e do México, que ainda são pobres. Na verdade, a maioria dos analistas internacionais espera muito mais que isso.

30Vamos tentar indicar – de maneira simplificada – que impactos isso poderia causar. A renda anual média de cada brasileiro, medida pelo Banco Mundial (2005), é de US$ 8.195 e a do mexicano, de US$ 9.803. Ou seja, a média dos dois é de US$ 8.999. A China tem, hoje, US$ 5.896 por habitante/ano e a Índia, US$ 3.139, o que dá 35uma média de US$ 4.518.

Para que esse valor atinja a média de Brasil e México em 10 anos, será necessário adicionar US$ 4.518 a cada cidadão chinês e indiano; se multiplicarmos esse valor pelos seus 2.375 milhões de habitantes, teremos um total de US$ 10.647 bilhões.

40Ora, esse imenso valor, a ser criado em apenas uma década, seria próximo do PIB norte-americano (US$ 11.641 bilhões), que responde, hoje, por 28% do total mundial.

Imagine-se o impacto brutal que isso significaria em recursos naturais, matérias-primas, poluição ambiental e efeito estufa em nível 45planetário.

Alguns cenários, bem mais pessimistas, se delineiam. Um deles poderá eclodir por meio de tensões sociais e políticas na China, que conduzam a distúrbios e rupturas; cenário, aliás, muito possível para um país gigantesco em tamanho e desafios.

50Outro eventual impasse estrutural é a tendência declinante de salários mundiais a partir da pressão por competitividade global.

O custo médio salarial de uma faixa-padrão de trabalhador qualificado, na União Européia, é de US$ 25 por hora; nos EUA, é de US$ 20; no Leste da Europa e no Brasil, é de US$ 4; mas, na 55China, é de US$ 0,7.

Diante dessa assimetria brutal, o México já perdeu para os chineses quase metade dos empregos de suas maquiadoras; a Europa tem dificuldades em utilizar os “baixos” salários dos países do Leste; e a América Latina fica fora das oportunidades que a fragmentação 60da produção global gera, porque não consegue competir com os salários de fome da Ásia.

Pelo visto, parece que uma diminuição do nível de emprego no mundo não-asiático e uma convergência geral dos salários globais em direção a um nível inferior, puxada pela Ásia, é uma das alternativas 65concretas de médio prazo.

Isso significaria redução geral de renda, pressão contínua para rebaixamento de proteção social e mais uma forte diluição das classes médias tradicionais.

Para além da euforia com o crescimento do mundo puxado 70pela China e pela Índia, nuvens carregadas também tingem o céu do futuro. O pretensioso mundo global quer viver de certezas; no entanto é bom estarmos preparados para surpresas.

DUPAS, Gilberto. “Impasses na lógica global?”. Disponível em www.jornaldaciencia.org.br, de 18 dez. 2006. Acesso: 26 dez. 2006. (Texto adaptado)

14 - (UFT TO)

Assinale a alternativa em que os **dois** termos destacados, no par de frases transcritas, exercem a mesma função sintática.

a) ... a arrogância não nos deixa perceber **que** é preciso suportar... (linhas 9-10)

Lidamos com o tempo **que** virá de forma pouco responsável. (linhas 11-12)

b) ... inerentes ao capitalismo, **que** delas se nutre... (linhas 17-18)

Uma das certezas [...] é a de **que** a China e a Índia manterão... (linhas 1-2)

c) ... justamente as dúvidas **que** nos poderiam salvar. (linha 15)

... numa lógica global **que** se aproveita deles... (linha 24)

d) Vamos tentar indicar [...] **que** impactos isso poderia causar. (linhas 30-31)

Suponhamos [...] **que** essas duas nações apenas pretendam... (linhas 26-27)

TEXTO: 3 - Comum à questão: 15

O território

O trem de ferro partia cedo, acordando Ilhéus, os trilhos na terra esbranquiçada do mar. Rompia léguas, a máquina fervendo, as vilas e arruados ficando atrás. Internava-se pouco a pouco na mata, fumaça e pó nos vagões, seu apito gritando nos campos. Os cacaueiros escuros, casas em solidão, bolsões de capim alto. Ele passava, homens a sua carga, a selva ainda como nascera, virgem e sem caminhos. Estacava na ponta dos trilhos, o rio ali se alargava, os grapiúnas***** esperavam. A última estação, um arruado de casas pobres, casebres arruinados, cor-de-chumbo a terra. Sequeiro, lugar de guerras, muito sangue no chão, as balas dos rifles nas paredes, cheiro de cacau no calor pesado.

– Aqui começa o território – o menino sabia.

....

Grande e selvagem o território. Viajar, percorrendo-o nos vales e nos flancos da selva, era conhecer lajedos fechando as passagens e deter-se para vê-lo melhor. Sua aspereza, a força, seus viventes. Ninguém fraco em suas fronteiras, nem mesmo os pássaros, muito menos os homens. A pólvora na aguardente uma bebida, o domador tão selvagem quanto o cavalo, o gavião se fazia rei porque matava. Era assim o território.

Adonias Filho. *Léguas da promissão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

***grapiúna**: nome dado pelos sertanejos aos habitantes do litoral.

15 - (FGV)

Um dos principais recursos utilizados pelo autor para descrever o espaço em que se dá a ação é o uso reiterado de:

a) frases nominais.

b) adjetivos antepostos.

c) orações subordinadas.

d) advérbios de lugar.

e) verbos no presente.

TEXTO: 4 - Comum à questão: 16

Darwin 200, por Ir. Joaquim Clotet (Reitor da PUC)

[1]Comemoramos em 2009 o segundo centenário do nascimento de Charles Robert Darwin. Um [2]homem admirado, estudado e até considerado polêmico por alguns.

[3]As homenagens, os congressos, as publicações e as exposições serão inúmeras. Sociedades [4]científicas, filosóficas e teológicas, universidades e museus de história natural têm já programadas as mais [5]diversas atividades sobre a vida e a obra do relevante cientista, nascido em 12 de fevereiro de 1809. A [6]Universidade de Cambridge, a título de exemplo, tem programado para o próximo mês de julho o Darwin [7]Festival, um evento científico e cultural de extrema relevância. Do mesmo modo, o Natural History [8]Museum de Londres já inaugurou a Darwin Exhibition, _________ e altamente documentada exposição [9]sobre o autor.

[10]Não deixa de chamar a atenção a _____________ universitária do grande naturalista, observador [11]e colecionador. Iniciou os estudos de medicina na Universidade de Edimburgo. Vale acrescentar que o pai [12]dele era médico. Abandonou essa opção antes de ter concluído o curso. Ingressou na Universidade de [13]Cambridge para estudar artes. Nessa época, aproximou-se das línguas clássicas, da filosofia, da teologia [14]e, por incrível que pareça, da matemática e da física.

[15]Nem o mundo das humanidades nem o das ciências divinas configurou, contudo, sua indiscutível e [16]preclara opção intelectual: a observação atenta e crítica da natureza.

[17]Duas experiências marcaram definitivamente o futuro do notabilíssimo cientista: uma viagem e o [18]jardim da sua casa.

[19]A viagem, realizada no Beagle, durou cinco anos e permitiu-lhe observar, escrever, desenhar e [20]colecionar animais e plantas numa longa singradura. Dois terços dessa viagem passou-os em terra firme. [21]Por sinal, de abril a junho de 1832, esteve no Brasil e alugou uma propriedade na baía de Botafogo. De [22]volta à pátria, comprou uma casa, Down House, a 16 milhas de Londres. O grande jardim nela existente [23]foi o seu laboratório. A leitura dos dados obtidos na viagem, o exame dos espécimes coletados e seus [24]experimentos com orquídeas, pombas, baratas e minhocas, entre os outros muitos por ele realizados, o [25]inspiraram à formulação de sua teoria da seleção natural e prepararam a edição da Origem das Espécies, [26]1859.

[27]A vida e a obra do bicentenário autor são ainda hoje objeto de acendrado estudo, pesquisa e [28]debate, atingindo o patamar da transdisciplinaridade. Esse reconhecimento do valor e significado da sua [29]produção contrasta com a discrição do avisado viajante e do erudito pesquisador, pois ele próprio afirmava [30]que não era especialista em nenhuma disciplina.

[31]Continuam ainda hoje o estudo e o debate entre criacionismo, ou doutrina bíblica da criação, e [32]evolucionismo, proveniente da seleção natural. O papa Pio XII, na sua carta encíclica Humani Generis, [33]1950, convida e estimula ao aprofundamento de ambas as teorias. A Academia Pontifícia das Ciências, do [34]Vaticano, dedicou ______ extraordinárias ao tema no passado mês de novembro. Afirmou-se a existência [35]de provas que evidenciam a evolução. Destaca-se, porém, que o ser humano, o homem e a mulher, não [36]são o resultado do caos, mas que foram pensados e amados pelo Criador. Uma conferência internacional [37]sobre a _________ entre a fé e a teoria da evolução está programada pela mesma entidade para o [38]próximo mês de março. Não é em vão que Darwin também estudou teologia e era homem que amava o [39]diálogo.

(Zero Hora - 09 de janeiro de 2009 – texto adaptado)

16 - (UERGS RS)

Em relação aos termos sublinhados na frase *Dois terços dessa viagem passou-os em terra firme.* (ref. 20), afirma-se que:

I. Têm a mesma função sintática.

II. Têm funções sintáticas diferentes.

III. O segundo termo retoma o primeiro.

Quais estão corretas?

a) Apenas I.

b) Apenas II.

c) Apenas III.

d) Apenas I e II.

e) Apenas I e III.

TEXTO: 5 - Comum à questão: 17

Leia os versos de Almeida Garrett.

Não te amo, quero-te: o amor vem da alma.
E eu na alma – tenho a calma,
A calma – do jazigo.
Ai! Não te amo, não.

Não te amo, quero-te: o amor é vida.
E a vida – nem sentida
A trago eu já, comigo.
Ai, não te amo, não!

Ai! não te amo, não; e só te quero
De um querer bruto e fero
Que o sangue me devora,
Não chega ao coração.

17 - (Fac. Direito de Sorocaba SP)

Em ordem direta e de forma concisa, os versos – *Ai! não te amo, não; e só te quero / De um querer bruto e fero / Que o sangue me devora, / Não chega ao coração.* – assumem a seguinte redação:

a) Ai! não te amo, não; te quero! De um querer que o sangue me devora bruto e fero e não chega ao coração.

b) Ai! não te amo; e só te quero. De um querer bruto e fero, do qual o sangue me devora, sem que chegue ao coração.

c) Não te amo, não; e só te quero – de um querer bruto e fero que me devora o sangue, e não chega ao coração.

d) Não te amo, só te quero: de um querer bruto e fero, que devora o meu sangue, mas não chega ao coração.

e) Não te amo; e só te quero. De um querer bruto e fero ao qual o sangue me devora, embora não chegue ao coração.

TEXTO: 6 - Comum à questão: 18

A IMPORTÂNCIA DO NÚMERO ZERO (Maria Fernanda Vomero – Abril de 2001)

A invenção do zero foi uma das maiores aventuras intelectuais da humanidade – e não só para a matemática.

1° As regras que valem para todos os outros não servem para ele. Só as obedece como e quando bem entende. "Assim faço a diferença", costuma dizer. Mas não é nem um pouco egoísta. Pelo contrário. Quanto mais à direita ele vai, mais aumenta o valor do colega da esquerda, multiplicando-o por dez, 100 ou 1.000. Trata-se de um revolucionário. Com ar de bonachão, dá de ombros quando é comparado ao nada. "Sou mesmo", diz. "Mas isso significa ser tudo." Com vocês, o número zero – que ganha, nestas páginas, o papel que lhe é de direito: o de protagonista de uma odisseia intelectual que mudou o rumo das ciências exatas e trouxe novas reflexões para a história das ideias.

2° Pode soar como exagero atribuir tal importância a um número aparentemente inócuo. Às vezes, você até esquece que ele existe. Quem se preocupa em anotar que voltou da feira com zero laranjas? Ou que comprou ração para seus zero cachorrinhos? Só fica preocupado quando descobre um zero na conta bancária. Mesmo assim, logo que chega o pagamento seguinte, não sobra nem lembrança daquele número gorducho.

3° O símbolo "0" e o nome zero estão relacionados à ideia de nenhum, não-existente, nulo. Seu conceito foi pouco estudado ao longo dos séculos. Hoje, mal desperta alguma curiosidade, apesar de ser absolutamente instigante. “O ponto principal é o fato de o zero ser e não ser. Ao mesmo tempo indicar o nada e trazer embutido em si algum conteúdo”, diz o astrônomo Walter Maciel, professor da Universidade de São Paulo. Se essa dialética parece complicada para você, cidadão do século XXI, imagine para as tribos primitivas que viveram muitos séculos antes de Cristo.

4° A cultura indiana antiga já trazia uma noção de vazio bem antes do conceito matemático de zero. “Num dicionário de sânscrito, você encontra uma explicação bastante detalhada sobre o termo indiano para o zero, que é *shúnya*”, afirma o físico Roberto de Andrade Martins, do Grupo de História e Teoria da Ciência da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Como adjetivo, *shúnya* significa vazio, deserto, estéril. Aplica-se a uma pessoa solitária, sem amigos; a um indivíduo indiferente ou insensível. O termo descreve um sentimento de ausência, a falta de algo, uma ação sem resultados. Como substantivo, *shúnya* refere-se ao nada, ao vácuo, à inexistência. A partir do século VIII d.C., os árabes levaram para a Europa, junto com os outros algarismos, tanto o símbolo que os indianos haviam criado para o zero quanto à própria ideia de vazio, nulo, não-existente. E difundiram o termo *shúnya* – que, em árabe, se tornou *shifr* e foi latinizado para *zephirum*, depois *zéfiro*, *zefro* e, por fim, zero.

5º Bem distante da Índia, nas Américas, por volta dos séculos IV e III a.C., os maias também deduziram uma representação para o nada. O sistema de numeração deles era composto por pontos e traços, que indicavam unidades e dezenas. Tinham duas notações para o zero. A primeira era uma elipse fechada que lembrava um olho. Servia para compor os números. A segunda notação, simbólica, remetia a um dos calendários dos maias. O conceito do vazio era tão significativo entre eles que havia uma divindade específica para o zero: era o deus Zero, o deus da Morte. “Os maias foram os inventores desse número no continente americano. A partir deles, outros grupos, como os astecas, conheceram o princípio do zero”, diz o historiador Leandro Karnal, da Unicamp.

6° E os geniais gregos, o que pensavam a respeito do zero? Nada. Apesar dos avanços na geometria e na lógica, os gregos jamais conceberam uma representação do vazio, que, para eles, era um conceito até mesmo antiestético. Não fazia sentido existir vazio num mundo tão bem organizado e lógico – seria o caos, um fator de desordem. (Os filósofos pré-socráticos levaram em conta o conceito de vazio entre as partículas, mas a ideia não vingou.) Aristóteles chegou a dizer que a natureza tinha horror ao vácuo.

7° “Conceber o conceito do zero exigiu uma abstração muito grande”, diz o historiador da matemática Ubiratan D’Ambrosio, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC). Quando o homem aprendeu a calcular, há cerca de 5.000 anos, fazia associações simples a partir de situações concretas: para cada ovelha, uma pedrinha. Duas ovelhas, duas pedrinhas e assim por diante. “Se sobrassem pedras, o pastor sabia que provavelmente alguma ovelha tinha sido atacada por um lobo ou se desgarrado das demais”, diz o matemático Irineu Bicudo, da Universidade Estadual Paulista (Unesp), em Rio Claro. O passo seguinte foi representar graficamente esses números com símbolos e fazer contas com eles.

8° Os babilônios, que viveram na Mesopotâmia (onde hoje é o Iraque) por volta do ano 2.500 a.C., foram os primeiros a chegar a uma noção de zero. Pioneiros na arte de calcular, criaram o que hoje se chama de "sistema de numeração posicional". Apesar do nome comprido, a ideia é simples. "Nesse sistema, os algarismos têm valor pela posição que ocupam", explica Irineu. Trata-se do sistema que utilizamos atualmente. Veja o número 222 – o valor do 2 depende da posição em que ele se encontra: o primeiro vale 200, o segundo 20 e o terceiro 2. Outros povos antigos, como os egípcios e os gregos, não usavam esse sistema – continuavam a atribuir a cada número um sinal diferente, fechando os olhos para a possibilidade matemática do zero.

9° O sistema posicional facilitou, e muito, os cálculos dos babilônios. Contudo, era comum que muitas contas resultassem em números que apresentavam uma posição vazia, como o nosso 401. (Note que, depois do 4, não há número na casa das dezenas. Se você não indicasse essa ausência com o zero, o 401 se tornaria 41, causando enorme confusão.) O que, então, os babilônios fizeram? Como ainda não tinham o zero, deixaram um espaço vazio separando os números, a fim de indicar que naquela coluna do meio não havia nenhum algarismo (era como se escrevêssemos 4_1). O palco para a estreia do zero estava pronto. Com o tempo, para evitar qualquer confusão na hora de copiar os números de uma tábua de barro para outra, os babilônios passaram a separar os números com alguns sinais específicos. "Os babilônios tentaram representar graficamente o nada, mostrando o abstrato de uma forma concreta", diz Ubiratan.

10° Perceba como um problema prático – a necessidade de separar números e apontar colunas vazias – levou a uma tentativa de sinalizar o não-existente. "Trata-se de uma abstração bastante sofisticada representar a inexistência de medida, o vazio enquanto número, ou seja, o zero", diz a historiadora da ciência Ana Maria Alfonso Goldfarb, da PUC. "Temos apenas projeções culturais a respeito do que é abstrato", afirma Leandro Karnal. Na tentativa de tornar concreta uma situação imaginária, cada povo busca as referências que tem à mão. Veja o caso dos chineses: eles representavam o zero com um caractere chamado ling, que significava "aquilo que ficou para trás", como os pingos de chuva depois de uma tempestade.

Trata-se de um exercício tremendo de abstração. Você já parou para pensar como, pessoalmente, encara o vazio?

11° Apesar de ser atraente, o zero não foi recebido de braços abertos pela Europa, quando apareceu por lá, levado pelos árabes. "É surpreendente ver quanta resistência a noção de zero encontrou: o medo do novo e do desconhecido, superstições sobre o nada relacionadas ao diabo, uma relutância em pensar", diz o matemático americano Robert Kaplan, autor do livro *The Nothing That Is* (O Nada que Existe, recém-lançado no Brasil) e orientador de um grupo de estudos sobre a matemática na Universidade Harvard. O receio diante do zero vem desde a Idade Média. Os povos medievais o ignoravam solenemente. "Com o zero, qualquer um poderia fazer contas", diz Ana Maria. "Os matemáticos da época achavam que popularizar o cálculo era o mesmo que jogar pérolas aos porcos." Seria uma revolução.

12° Por isso, Kaplan considera o zero um número subversivo. “Ele nos obriga a repensar tudo o que alguma vez já demos por certo: da divisão aritmética à natureza de movimento, do cálculo à possibilidade de algo surgir do nada”, afirma. Tornou-se fundamental para a ciência, da computação à astronomia, da química à física. “O cálculo integral e diferencial,desenvolvido por Newton e Leibniz, seria inviável sem o zero”, diz Walter Maciel. Nesse tipode cálculo, para determinar a velocidade instantânea de um carro, por exemplo, você deve levar em conta um intervalo de tempo infinitamente curto, que tende a zero. (É estranho calcular quanto o carro se deslocou em “zero segundos”, mas é assim que funciona.) “O cálculo integral está na base de tudo o que a ciência construiu nos últimos 200 anos”, diz Maciel.

13° Ainda hoje o conceito de zero segue revirando nossas ideias. Falta muito para entendermos a complexidade desse número. Para o Ocidente, o zero continua a ser uma mera abstração. Segundo Eduardo Basto de Albuquerque, professor de história das religiões da Unesp, em Assis, o pensamento filosófico ocidental trabalha com dois grandes paradigmas que não comportam um vazio cheio de sentido, como o indiano: o aristotélico (o mundo é o que vemos e tocamos com nossos sentidos) e o platônico (o mundo é um reflexo de essências imutáveis e eternas, que não podemos atingir pelos sentidos e sim pela imaginação e pelo conhecimento). “O Ocidente pensa o nada em oposição à existência de Deus: se não há Deus, então é o nada”, diz Eduardo. Ora, mesmo na ausência, poderia haver a presença de Deus. E o vazio pode ser uma realidade. É só pensar na teoria atômica, desenvolvida no século XX: o mundo é formado por partículas diminutas que precisam de um vazio entre elas para se mover.

14° Talvez o zero assuste porque carrega com ele um outro paradigma: o de um nada que existe efetivamente.

15° Na matemática, por mais que pareça limitado a um ou dois papéis, a função do zero também é “especial” – como ele mesmo faz questão de mostrar – porque, desde o primeiro momento, rebelou-se contra as regras que todo número precisa seguir. O zero viabilizou a subtração de um número natural por ele mesmo (1 – 1 = 0). Multiplicado por um algarismo à escolha do freguês, não deixa de ser zero (0 x 4 = 0). Pode ser dividido por qualquer um dos colegas (0 ÷ 3 = 0), que não muda seu jeitão. Mas não deixa nenhum número – por mais pomposo que se julgue – ser dividido por ele, zero. Tem ainda outros truques. Você pensa que ele é inútil? “Experimente colocar alguns gêmeos meus à direita no valor de um cheque para você ver a diferença”, diz o zero. No entanto, mesmo que todos os zeros do universo se acomodem no lado esquerdo de um outro algarismo nada muda. Daí a expressão “zero à esquerda”, que provém da matemática e indica nulidade ou insignificância.

16° Mas o zero – como você pôde ver – decididamente não é um zero à esquerda. “Foi uma surpresa constatar como é central a ideia de zero: o nada que gera tudo”, diz Kaplan. E mais: há quem diga que o zero é parente do infinito, outra abstração que mudou as bases do pensamento científico, religioso e filosófico. “Eles são equivalentes e opostos, yin e yang”, escreve o jornalista americano Charles Seife, autor de *Zero: The Biography of a Dangerous Idea* (Zero: A Biografia de uma Ideia

Perigosa), lançado no ano passado nos Estados Unidos. O epíteto atribuído ao zero no título – ideia perigosa – não está ali por acaso. “Apesar da rejeição e do exílio, o zero sempre derrotou aqueles que se opuseram a ele”, afirma Seife. “A humanidade nunca conseguiu encaixar o zero em suas filosofias. Em vez disso, o zero moldou a nossa visão sobre o universo – e também sobre Deus.” E influenciou, sorrateiramente, a própria filosofia. De fato, trata-se de um perigo.

Disponível em <http://super.abril.com.br/
ciencia/importancia-numero-zero-442058.shtml>. Acesso em 14 mar. 2012. (ADAPTADO)

Texto II

CERTAS COISAS (Lulu Santos)

(1) Não existiria som
(2) Se não houvesse o silêncio
(3) Não haveria luz
(4) Se não fosse a escuridão
(5) A vida é mesmo assim,
(6) Dia e noite, não e sim...

(7) Cada voz que canta o amor não diz
(8) Tudo o que quer dizer,
(9) Tudo o que cala fala
(10) Mais alto ao coração.
(11) Silenciosamente eu te falo com paixão...

(12) Eu te amo calado,
(13) Como quem ouve uma sinfonia
(14) De silêncios e de luz.

(15) Nós somos medo e desejo,

(16) Somos feitos de silêncio e som,

(17) Tem certas coisas que eu não sei dizer...

(18) A vida é mesmo assim,

(19) Dia e noite, não e sim...

(20) Cada voz que canta o amor não diz

(21) Tudo o que quer dizer,

(22) Tudo o que cala fala

(23) Mais alto ao coração.

(24) Silenciosamente eu te falo com paixão...

(25) Eu te amo calado,

(26) Como quem ouve uma sinfonia

(27) De silêncios e de luz,

(28) Nós somos medo e desejo,

(29) Somos feitos de silêncio e som,

(30) Tem certas coisas que eu não sei dizer...

Disponível em <http://letras.terra.com.br/lulu-santos/35063/> Acesso em 15 mar. 2012.

18 - (IME RJ)

Observe, nos fragmentos abaixo, os termos destacados. Assinale a opção em que a função sintática do termo em destaque é **diferente** das demais.

a) “Só **as** obedece como e quando bem entende”. (1º parágrafo, texto I)

b) “Ao mesmo tempo indicar **o nada** e trazer embutido em si algum conteúdo”. (3º parágrafo, texto I)

c) “A primeira era uma elipse fechada **que** lembrava um olho”. (5º parágrafo, texto I)

d) “Trata-se do sistema **que** utilizamos atualmente”. (8º parágrafo, texto I)

e) "Por isso, Kaplan considera **o zero** um número subversivo”. (12º parágrafo, texto I)

TEXTO: 7 - Comum às questões: 19, 20

TEXTO 1

Escher, o gênio da arte matemática

Com a ajuda da geometria, nada é o que aparenta ser no trabalho surpreendente do artista holandês.

[1] Você já deve ter visto pelo menos uma das gravuras do artista gráfico holandês M. C. [2] Escher. Elas já foram reproduzidas não só em dezenas de livros de arte, mas também na [3] forma de pôsteres, postais, jogos, CD-ROMs, camisetas e até gravatas. Caso não se [4] lembre, então você não viu nenhuma. Olhar para as intrigantes imagens criadas por [5] Escher é uma experiência inesquecível. Tudo o que nelas está representado nunca é [6] exatamente o que parece ser. Há, em todas elas, sempre uma surpresa visual espera [7] do espectador. Isso porque, para ele, o desenho era pura ilusão. A realidade pouco [8] interessava. Antes, preferia o contrário: criar mundos impossíveis que apenas parecessem [9] reais. Eis porque acabou se tornando uma espécie de mágico das artes gráficas.

[10] Seus desenhos, porém, não nasciam de passes de mágica, nem somente de sua [11] apurada técnica de gravador. Sua obra está apoiada em conceitos matemáticos, extraídos [12] especialmente do campo da geometria. Essa era a fonte de seus efeitos surpreendentes. [13] Foi com base nesses

princípios que Escher subverteu a noção da perspectiva clássica [14] para obter suas figuras impossíveis de existir no espaço "real". Aliás, desde o começo, [15] fascinou-o essa condição essencial do desenho, que é a representação tridimensional dos [16] objetos na inevitável bidimensionalidade do papel. Brincou com isso o mais que pôde. [17] Também ___ matemática na divisão regular da superfície usada por Escher para criar, de [18] maneira perfeita, suas famosas séries de metamorfoses, onde formas geométricas [19] abstratas ganham vida e vão, aos poucos, se transformando em aves, peixes, répteis e até [20] seres humanos.

[21] Foi essa proximidade com a ciência que deixou os críticos de arte da época de cabelo [22] em pé. Afinal, como classificar o trabalho de Escher? Era "artístico" o que ele fazia ou [23] puramente "racional"? Na dúvida, preferiram silenciar sobre sua obra durante vários anos [24] Enquanto isso, o artista foi ganhando a admiração de matemáticos, físicos, cristalógrafos e [25] eruditos em geral. Mas essa é outra faceta surpreendente de Escher

[26] Embora seus trabalhos tivessem forte conteúdo matemático, ele era leigo no assunto. [27] ____ bem da verdade, Escher sequer foi um bom aluno. Ele mesmo admitiu mais tarde [28] que jamais ganhou, ao menos, um "regular" em matemática. Conta-se até que H.M.S. [29] Coxeter, um dos papas da geometria moderna, entusiasmado com os desenhos do [30] artista, convidou-o a participar de uma de suas aulas. Vexame total. Para decepção do [31] catedrático, Escher não sabia do que ele estava falando, mesmo quando discorria [32] sobre teorias que o artista aplicava intuitivamente em suas gravuras.

GALILEU. **Escher, o gênio da matemática**. Disponível em: <http://galileu.globo.com/edic/88/conhecimento2.htm> Acesso em 05/05/2013.

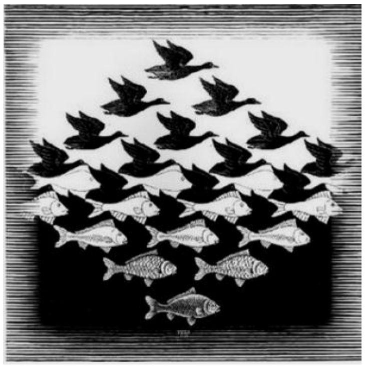

Xilogravura: 'Céu e Água I', de 1938.

Foto: The M.C. Escher Company B.V. Baarn,The Netherlands.

VEJASP. **Xilogravura 'Céu e Água'**. Disponível em: http://vejasp.abril.com.br/atracao/maurits-cornelis-escher. Acesso em 09/05/2013.

TEXTO 2

Arte estimula o aprendizado de matemática

[1] Resolver operações matemáticas foi difícil para muitos dos gênios da ciência, e [2] continua pouco atraente para muitos alunos em salas de aula. Muita gente pensa em [3] vincular matemática com a arte para tornar o aprendizado mais estimulante.

[4] O professor Luiz Barco, da Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São [5] Paulo (USP) é um deles. "Há mais matemática nos livros de Machado de Assis, nos [6] poemas de Cecília Meireles e Fernando Pessoa do que na maioria dos livros didáticos de [7] matemática". Para ele, a matemática captura __ lógica do raciocínio, assim como [8] acontece com o imaginário na literatura, com a harmonia na música, na escultura, na [9] pintura, nas artes em geral.

[10] Para o pesquisador Antônio Conde, do Instituto de Matemática e Computação da [11] USP/São Carlos, a convivência entre arte e matemática aumentaria a capacidade de [12] absorção dos estudantes. "O lado estético da matemática é muito forte, a [13] demonstração de um teorema é uma obra de arte", conclui.

[14] O holandês Maurits Cornelis Escher é, provavelmente, um dos maiores [15] representantes dessa ligação, produzindo obras de arte geometricamente [16] estruturadas. Ele provou, na prática, que é possível olhar __ formas espaciais do [17] ponto de vista matemático, ou sob o seu aspecto estético, utilizando-as para se [18] expressar plasticamente.

[19] "Olhando os enigmas que nos rodeiam e ponderando e analisando as minhas [20] observações, entro em contato com o mundo da matemática", dizia Escher, que [21] morreu em 1972.

CIÊNCIA E CULTURA. **Arte estimula o aprendizado de matemática**. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252003000100017&script=sci_arttext>. Acesso em 05/05/2013.

TEXTO 3

Poesia Matemática

Millôr Fernandes

1 Às folhas tantas

2 do livro matemático

3 um Quociente apaixonou-se

4 um dia

5 doidamente

6 por uma Incógnita.

7 Olhou-a com seu olhar inumerável

8 e viu-a do ápice __ base

9 uma figura ímpar;

10 olhos romboides, boca trapezoide,

11 corpo retangular, seios esferoides.

12 Fez de sua uma vida

13 paralela à dela

14 até que se encontraram

15 no infinito.

16 "Quem és tu?", indagou ele

17 em ânsia radical.

18 "Sou a soma do quadrado dos catetos.

19 Mas pode me chamar de Hipotenusa."

20 E de falarem descobriram que eram

21 (o que em aritmética corresponde

22 a almas irmãs)

23 primos entre si.

24 E assim se amaram

25 ao quadrado da velocidade da luz

26 numa sexta potenciação

27 traçando

28 ao sabor do momento

29 e da paixão

30 retas, curvas, círculos e linhas senoidais

31 nos jardins da quarta dimensão.

32 Escandalizaram os ortodoxos das fórmulas euclidiana

33 e os exegetas do Universo Finito.

34 Romperam convenções newtonianas e pitagóricas.

35 E enfim resolveram se casar

36 constituir um lar,

37 mais que um lar,

38 um perpendicular.

39 Convidaram para padrinhos

40 o Poliedro e a Bissetriz.

41 E fizeram planos, equações e diagramas para o futuro

42 sonhando com uma felicidade

43 integral e diferencial.

44 E se casaram e tiveram uma secante e três cones

45 muito engraçadinhos.

46 E foram felizes

47 até aquele dia

48 em que tudo vira afinal

49 monotonia.

50 Foi então que surgiu

51 O Máximo Divisor Comum

52 frequentador de círculos concêntricos,

53 viciosos.

54 Ofereceu-lhe, a ela,

55 uma grandeza absoluta

56 e reduziu-a a um denominador comum.

57 Ele, Quociente, percebeu

58 que com ela não formava mais um todo,

59 uma unidade.

60 Era o triângulo,

61 tanto chamado amoroso.

62 Desse problema ela era uma fração,

63 a mais ordinária.

64 Mas foi então que Einstein descobriu a Relatividade

65 e tudo que era espúrio passou a ser

66 moralidade

67 como aliás em qualquer

68 sociedade

RELEITURAS. **Poesia matemática**. Disponível em: < http://www.releituras.com/millor_poesia.asp>. Acesso em 09/05/2013.

19 - (IME RJ)

“Olhando os enigmas que nos rodeiam e ponderando e analisando as minhas observações, entro em contato com o mundo da matemática.”

Em relação às combinações sintáticas do trecho acima, qual das opções apresenta uma análise equivocada referentes às expressões destacadas abaixo?

a) A palavra **que** funciona como objeto direto de “rodeiam”.

b) A expressão “**as minhas observações**” funciona como sintagma nominal (objeto direto) de “**ponderando**” e “**analisando**”.

c) “**entro em contato com o mundo da matemática**” é a oração principal à qual três outras orações estão subordinadas.

d) “**olhando**”, “**ponderando**” e “**analisando**” são orações subordinadas adverbiais temporais reduzidas de gerúndio, isto é, têm função adverbial em relação à principal.

e) A oração “**que** nos **rodeiam**” tem função adjetiva em relação ao substantivo “**enigmas**” que a antecede.

20 - (IME RJ)

Observe a oração destacada a seguir:

“**Olhar para as intrigantes imagens criadas por Escher** é uma experiência inesquecível.” (Ref. 4, texto 1)

Em qual das opções abaixo a expressão em destaque exerce função sintática distinta daquela da expressão destacada acima?

a) (...) criar mundos impossíveis **que** apenas parecessem reais (...) (Ref. 8, texto 1)

b) (...) **Tudo** o que nelas está representado nunca é exatamente o que parece ser. (...) (Ref. 5, texto 1)

c) (...) **Essa** era a fonte de seus efeitos surpreendentes. (...) (Ref. 12, texto 1)

d) (...) que é **a representação tridimensional dos objetos** na inevitável bidimensionalidade do papel. (...) (Ref 15, texto 1)

e) (...) mesmo quando discorria sobre teorias que **o artista** aplicava intuitivamente (...) (Ref. 31, texto 1)

TEXTO: 8 - Comum à questão: 21

[1] O esforço dos pensadores que nos antecederam [2] deixou pontos de partida muito valiosos. Mas devemos [3] reconhecer que eles nos falaram de um país que, pelo [4] menos em parte, deixou de existir. O Brasil de Gilberto [5] Freyre girava em torno da família extensa da casa-grande, [6] um espaço integrador dentro da monumental [7] desigualdade; o de Sérgio Buarque apenas iniciava a [8] aventura de uma urbanização que prometia associar-se [9] à modernidade e à cidadania; o de Caio Prado mantinha [10] a perspectiva da libertação nacional e do socialismo; o [11] de Celso Furtado era uma economia dinâmica, que [12] experimentava uma acelerada modernização industrial; [13] o de Darcy Ribeiro – cujos ídolos, como sempre dizia, [14] eram Anísio Teixeira e Cândido Rondon – ampliava a [15] escola pública de boa qualidade e recusava o genocídio [16] de suas populações mais fragilizadas.

[17] Os elementos centrais com que todos eles [18] trabalharam foram profundamente alterados nas últimas [19] décadas. A economia mais dinâmica do mundo, que [20] dobrou seu produto, cinco vezes seguidas, em 50 anos, [21] caminha para experimentar a terceira década rastejante. [22] Todos os mecanismos que garantiram mobilidade social [23] na maior parte do século XX foram impiedosamente [24] desmontados, a começar pela escola pública. A [25] urbanização acelerada concentrou multidões [26] desenraizadas, enquanto a desorganização do mercado [27] de trabalho multiplicava excluídos. Tornado refém do [28] sistema financeiro, o Estado nacional deixou de cumprir [29] funções estruturantes essenciais. A fronteira agrícola foi [30] fechada, estabelecendo-se nas áreas de ocupação [31] recente uma estrutura fundiária ainda mais concentrada [32] que a das áreas de

ocupação secular. Nessa sociedade 33 urbanizada e estagnada, os meios eletrônicos de 34 comunicação de massa tornaram-se, de longe, a principal 35 instituição difusora de desejos, comportamentos e 36 valores, inoculando diariamente, maciçamente e 37 irresponsavelmente, uma necessidade de consumo 38 desagregadora, pois inacessível. “Nunca foi tão grande a 39 distância entre o que somos e o que poderíamos ser”, 40 disse recentemente Celso Furtado, antes de nos deixar.

41 Não temos uma teoria do Brasil contemporâneo. 42 Estamos em voo cego, imersos em uma crise de destino, 43 a maior da nossa existência. A História está nos olhando 44 nos olhos, perguntando: “Afinal, o que vocês são? O 45 que querem ser? Tem sentido existir Brasil? Qual Brasil?”.

46 Temos hesitado em enfrentar questões tão difíceis, 47 tão radicais. Preferimos brincar de macroeconomia. Mas 48 a disjunção está posta: ou o povo brasileiro, movido por 49 uma ideia de si mesmo, assume pela primeira vez o 50 comando de sua nação, para resgatá-la, reinventá-la e 51 desenvolvê-la, ou assistiremos neste século ao 52 desfazimento do Brasil. Se ocorrer esse último desfecho, 53 representará um duríssimo golpe nas melhores 54 promessas da modernidade ocidental e será um 55 retrocesso no processo civilizatório de toda a 56 humanidade. A invenção do futuro se tornará muito mais 57 penosa para todos.

BENJAMIN, César. Uma certa ideia de Brasil.
Revista Interesse Nacional. Disponível em:
<http://interessenacional.uol.com.br/index.php/
edicoesrevista/ uma-certa-ideia-de-brasil/>.
Acesso em: 6 maio 2014. Adaptado.

21 - (UEFS BA)

As circunstâncias que explicitam, no contexto em que se inserem, um posicionamento crítico do articulista são as indicadas em

I. “impiedosamente” (*Ref*. 23).

II. “diariamente” (*Ref*. 36).

III. “maciçamente” (*Ref*. 36).

IV. “irresponsavelmente” (*Ref*. 37).

V. “recentemente” (*Ref*. 40).

A alternativa em que todas as circunstâncias indicadas estão corretas é a

a) I e II.

b) I e IV.

c) II e III.

d) II e V.

e) III, IV e V.

TEXTO: 9 - Comum à questão: 22

Oração do Milho

Cora Coralina

Senhor, nada valho.
Sou a planta humilde dos quintais pequenos
e das lavouras pobres.
Meu grão, perdido por acaso,
nasce e cresce na terra descuidada.
Ponho folhas e haste, e, se me ajudardes, Senhor,
mesmo planta de acaso, solitária,
dou espigas e devolvo em muitos grãos
o grão perdido inicial, salvo por milagre,
que a terra fecundou.
Sou a planta primária da lavoura.

Não me pertence a hierarquia tradicional do trigo,
de mim não se faz o pão alvo universal.
O justo não me consagrou Pão de Vida
nem lugar me foi dado nos altares.
Sou apenas o alimento forte e substancial
dos que trabalham a terra,
alimento de rústicos e animais de jugo.
Quando os deuses da Hélade corriam pelos bosques,
coroados de rosas e de espigas,
e os hebreus iam em longas caravanas
buscar na terra do Egito o trigo dos faraós,
quando Rute respigava cantando nas searas de Booz
e Jesus abençoava os trigais maduros,
eu era apenas o bró nativo das tabas ameríndias.
Fui o angu pesado e constante do escravo
na exaustão do eito.
Sou a broa grosseira e modesta do pequeno sitiante.
Sou a farinha econômica do proprietário, sou a polenta
do imigrante e a amiga dos que começam a vida
em terra estranha.
Alimento de porcos e do triste mu de carga,
o que me planta não levanta comércio,
nem avantaja dinheiro.
Sou apenas a fartura generosa
e despreocupada dos paióis.

Sou o cocho abastecido donde rumina o gado.

Sou o canto festivo dos galos

na glória do dia que amanhece.

Sou o cacarejo alegre das poedeiras

à volta dos ninhos.

Sou a pobreza vegetal agradecida a vós,

Senhor,

que me fizestes necessário e humilde.

Sou o milho!

Disponível em: www.plataforma.paraapoesia.nom.br/esther_ensaios.htm Acesso em: 07 Nov. 2014.

22 - (IFGO)

Observe os seguintes versos do poema: “Meu grão, perdido por acaso, nasce e cresce na terra descuidada”. O trecho do verso que está entre vírgulas apresenta a mesma função sintática registrada em

a) “Ó noite, ó minha nega acesa de letreiros”.

b) “Eu sou de três jeitos: alegre, triste e mofina”.

c) “Vem, morena, ouvir comigo esta cantiga”.

d) “Senhor, nada valho”.

e) “Ouça-me bem, amor preste atenção, o mundo é um moinho”.

TEXTO: 10 - Comum à questão: 23

TEXTO 1:

O CÉREBRO

Luiz Fernando Veríssimo, Zero Hora, 09/06/14

[1] Lembra quando se dizia que determinado jogador era o cérebro do time? Foi uma das expressões que [2] desapareceram do glossário do futebol, como ―cabeça de área . Era uma denominação imprecisa. Não significava que o [3] jogador monopolizava a inteligência do time. Nem deveria ser tomada literalmente, como uma descrição anatômica (assim [4] outro jogador seria o pulmão do time, outro o coração, outro o fígado...). O cérebro do time era geralmente um [5] centromédio – outro termo que desapareceu – que ―pensava o jogo e distribuía a bola com sabedoria. Orientava os [6] companheiros, municiava o ataque com passes certeiros e só não jogava fumando um cachimbo metafórico, para completar [7] sua imagem professoral, porque o juiz não deixaria.

[8] O futebol mudou e o meio do campo não é mais um lugar seguro para intelectuais. É onde o domínio do jogo é [9] disputado com rudeza, a machadadas, e não há tempo nem espaço para a sabedoria. Hoje você olha o meio-campo da [10] Seleção Brasileira com uma nostalgia difícil de definir – até se dar conta de que está procurando o ―cérebro . Você está com [11] saudade do antigo ―cérebro . E não vê nada sequer parecido no time do Brasil.

[12] (...)

TEXTO 2:

A INTELIGÊNCIA

Moisés Mendes, Zero Hora, 10/06/14

[1] Não tem jeito, é hora de falar da Copa. Lanço uma tese a dois dias da estreia: um time perfeito, para ser campeão [2] tem que ter pelo menos um jogador que não olhe para a bola. Que olhe para o alto, para os lados, para as costas, mas que [3] olhe pouco para o chão.

[4] Esse jogador de cabeça erguida não é só a referência técnica, é a inteligência tática e emocional do time. Um [5] exemplo clássico: um Didi. Exemplos atuais: os espanhóis Iniesta e Xavi.

[6] A Seleção que estreia quinta não tem este homem. O jogador de inteligência superior raramente está lá na frente, [7] apenas no ataque. Ele vai e volta. Nunca seria um Garrincha ou um Romário, ou um Nazário.

[8] (...)

[9] A inteligência do time não é o capitão ou o exemplo. Não é um Bellini, um Carlos Alberto ou um Dunga, muito [10] menos um Thiago Silva ou um David Luiz.

[11] (...)

[12] A inteligência também não estará necessariamente com o mais habilidoso. Mas se manifesta, com certeza, no que [13] passa 99% do tempo com a cabeça erguida. (...)

[14] O mais inteligente não olha para o chão quando conduz a bola para poder enxergar ao longe companheiros e [15] inimigos e o espaço de que dispõe para resolver tudo de forma aparentemente (para quem olha de fora) mais fácil.

[16] O Brasil nunca ganhou uma Copa sem um homem que tivesse a virtude de pensar e agir antes de todos os outros. [17] Eu diria, para resumir, que falta à Seleção uma inteligência superior como a desse moço que faz o Rio Grande chorar desde [18] sábado. O Brasil não tem um Fernandão.

23 - (UFPel RS)

Das afirmações abaixo sobre os recursos linguísticos empregados nos textos,

I. Os nexos **que** (texto 1, Ref.1) têm a mesma função.

II. Em “Era uma denominação imprecisa.” (texto 1, Ref.. 2), **imprecisa** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **vaga**, **inexata**.

III. Na referência 2 do texto 2, o **Que** sublinhado refere- se a **jogador**.

IV. Os nexos **quando** e **para**, no parágrafo “O mais inteligente não olha para o chão **quando** conduz a bola **para** poder enxergar ao longe companheiros e inimigos e o espaço de que dispõe para resolver tudo da forma aparentemente (para quem olha de fora) mais fácil.” (texto 2), estabelecem uma relação de, respectivamente, tempo e finalidade.

está(ao) correta(s)

a) apenas II.
b) apenas a I e a IV.
c) apenas a II e a III.
d) apenas a II e a IV.
e) apenas a II, a III e a IV.
f) I.R.

TEXTO: 11 - Comum à questão: 24

Hoje não escrevo

Chega um dia de falta de assunto. Ou, mais propriamente, de falta de apetite para os milhares de assuntos.

Escrever é triste. Impede a conjugação de tantos outros verbos. Os dedos sobre o teclado, as letras se reunindo com maior ou menor velocidade, mas com igual indiferença pelo que vão dizendo, enquanto lá fora a vida estoura não Chamada de abertura do portal globoesporte.com. Disponível em: só em bombas como também em dádivas de toda natureza, inclusive a simples claridade da hora, vedada a você, que está de olho na maquininha. O mundo deixa de ser realidade quente para se reduzir a marginália, purê de palavras, reflexos no espelho (infiel) do dicionário.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **De notícias e não notícias faz-se a crônica**.
Rio de Janeiro: Record, 1974. p. 46.

24 - (Unievangélica GO)

No trecho “Chega um dia de falta de assunto. Ou, mais propriamente, de falta de apetite para os milhares de assuntos”, o constituinte “mais propriamente” exerce um papel importante na direção argumentativa do texto, tendo como função

a) modificar o sentido do verbo “chegar”, agregando- lhe um contorno metafórico.

b) dar uma carga de intensidade ao substantivo “assunto”, modificando-o profundamente.

c) enfatizar a condição de ignorância do autor frente ao que pretende escrever.

d) especificar um elemento apresentado de forma genérica na oração anterior.

TEXTO: 12 - Comum à questão: 25

NOSSO TEMPO

(...)

V

Escuta a hora formidável do almoço

na cidade. Os escritórios, num passe, esvaziam-se.

As bocas sugam um rio de carne, legumes e tortas vitaminosas.

Salta depressa do mar a bandeja de peixes argênteos!

Os subterrâneos da fome choram caldo de sopa,

olhos líquidos de cão através do vidro devoram teu osso.

Come, braço mecânico, alimenta-te, mão de papel, é tempo de comida,

mais tarde será o de amor.

Lentamente os escritórios se recuperam, e os negócios, forma indecisa, evoluem.

O esplêndido negócio insinua-se no tráfego.

Multidões que o cruzam não veem. É sem cor e sem cheiro.

Está dissimulado no bonde, por trás da brisa do sul,

vem na areia, no telefone, na batalha de aviões,

toma conta de tua alma e dela extrai uma porcentagem.

(...)

Carlos Drummond de Andrade, **Poesia completa**.

25 - (FGV)

Considere as seguintes afirmações sobre o texto:

I. A expressão “num passe” (verso 2) exprime noção de tempo.

II. Segundo o poeta, “na hora formidável do almoço”, ocorrem os movimentos de fluxo e refluxo, expressos, respectivamente, por “esvaziam-se” e “se recuperam”.

III. O último verso contém dois verbos no imperativo (“toma” e “extrai”), por meio dos quais o poeta se dirige ao leitor.

Está correto apenas o que se afirma em

a) I.

b) II.

c) III.

d) I e II.

e) I e III.

TEXTO: 13 - Comum à questão: 26

A ARTE DE ENGANAR

[1] Em seu livro *Pernas pro ar*, Eduardo Galeano recorda que, na era vitoriana, era proibido mencionar [2] "calças" na presença de uma jovem. Hoje em dia, diz ele, não cai bem utilizar certas expressões [3] perante a opinião pública: "O capitalismo exibe o nome artístico de economia de mercado; [4] imperialismo se chama globalização; suas vítimas se chamam países em via de desenvolvimento; [5] oportunismo se chama pragmatismo; despedir sem indenização nem explicação se chama [6] flexibilização laboral" etc.

[7] A lista é longa. Acrescento os inúmeros preconceitos que carregamos: ladrão é sonegador; lobista [8] é consultor; fracasso é crise; especulação é derivativo; latifúndio é agronegócio; desmatamento é [9] investimento rural; lavanderia de dinheiro escuso é paraíso fiscal; acumulação privada de riqueza [10] é democracia; socialização de bens é ditadura; governar a favor da maioria é populismo; tortura [11] é constrangimento ilegal; invasão é intervenção; peste é pandemia; magricela é anoréxica.

[12] Eufemismo é a arte de dizer uma coisa e acreditar que o público escuta ou lê outra. É um jeitinho [13] de escamotear significados. De tentar encobrir verdades e realidades.

[14] Posso admitir que pertenço à terceira idade, embora esteja na cara: sou velho. Ora, poderia dizer [15] que sou seminovo! Como carros em revendedoras de veículos. Todos velhos! Mas o adjetivo [16] seminovo os torna mais vendáveis.

[17] Coitadas das palavras! Elas são distorcidas para que a realidade, escamoteada, permaneça como [18] está. Não conseguem, contudo, escapar da luta de classes: pobre é ladrão, rico é corrupto. [19] Pobre é viciado, rico é dependente químico

[20] Em suma, eufemismo é um truque semântico para tentar amenizar os fatos.

Frei Betto

Adaptado de *O Dia*, 21/03/2015.

26 - (UERJ)

No segundo parágrafo, o emprego de certa estrutura encaminha a reflexão do leitor para os disfarces que a linguagem permite.

Essa estrutura é caracterizada principalmente por:

a) modalização

b) pressuposição

c) exemplificação

d) particularização

GABARITO:

1) Gab: E

2) Gab: C

3) Gab: D

4) Gab: B

5) Gab: B

6) Gab: D

7) Gab: D

8) Gab: E

9) Gab: B

10) Gab: C

11) Gab: B

12) Gab: A

13) Gab: D

14) Gab: C

15) Gab: A

16) Gab: E

17) Gab: D

18) Gab: C

19) Gab: A

20) Gab: D

21) Gab: B

22) Gab: B

23) Gab: E

24) Gab: D

25) Gab: D

26) Gab: C

PORTUGUÊS

Morfologia

Adjetivos

Prof.ª Isabel Vega

I – PROPRIEDADE: Modificam o substantivo.

1) Colocação dos adjetivos na frase

Ex.: uma mulher **pobre** (adj. = sem recursos)
uma **pobre** mulher (adj. = sofredora)
um homem **grande** (adj. = alto)
um **grande** homem (adj. = louvável, admirável)

2)Locução adjetiva

amor de filho (prep. + subst.) → amor filial
sentimento de irmão → fraterno

II – Funções sintáticas do adjetivo

1) Adjunto adnominal

Ex.: Seus olhos **negros** encantam-me.

2) Predicativo

Do sujeito → A cidade parece **vazia**. / As palavras eram **nítidas**.

Do objeto → O menino encontrou sua irmã **muito nervosa**.

Adjetivos

OBS.1: O menino está **feliz**.
↓
predicativo

O menino está **em casa**.
↓
adjunto adverbial de lugar

OBS.: Vi a menina, **nervosa**, sair.
↓
predicativo

Vi a menina, **minha vizinha**, sair.
↓
aposto

Questão (2010): *Celular* é um adjetivo que se transformou em substantivo masculino, em função da elipse do vocábulo telefone, que antecedia esse adjetivo. O caso em que houve o mesmo é:

(A) o micro-ondas

(B) o caixa

(C) o Municipal

(D) o público

(E) o lança-perfume

Questão (2010): Os adjetivos mostram qualidades, características ou especificações dos substantivos; a alternativa abaixo em que o termo em negrito **NÃO** funciona como adjetivo é:

(A) **difícil** aprendizado;

(B) sensação **de dificuldade;**

(C) trabalho **que é difícil;**

(D) tarefa **dificílima;**

(E) acesso **difícil.**

Aula 07

Português p/ Polícia Civil-PA (Todos os Cargos) - Com videoaulas

Professores: Equipe Rafaela Freitas, Rafaela Freitas

Aula 07

Redação Oficial

Olá, caros alunos! Estamos na reta final...

A aula de hoje será bem especial, pois trataremos de um assunto muito importante: a **Redação Oficial**, ou seja, a forma oficial como o Poder Público redige atos normativos e comunicações, de acordo com o **Manual de Redação oficial da Presidência da República**.

Vamos com tudo!

5 passos pra você seguir em frente:

Não deixe a opinião dos outros controlar a sua vida
Tenha um objetivo e corra atrás dele
Fuja dos problemas sem solução
Aceite que errar faz parte do seu crescimento
Seja otimista e acredite na sua capacidade

Sempre em frente!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....02
1. PRONOMES DE TRATAMENTO.....03
2. FECHOS PARA COMUNICAÇÕES.....08
3. IDENTIFICAÇÃO DO SIGNATÁRIO.....09
TIPOS DE TEXTOS OFICIAIS.....10
PADRÃO OFÍCIO.....11
RESUMO.....20
QUESTÕES COMENTADAS.....22
LISTA DE QUESTÕES QUE FORAM COMENTADAS NESTA AULA.....39
GABARITO.....51
O MEU ATÉ BREVE.....51

AS COMUNICAÇÕES OFICIAIS

Introdução

A redação das comunicações oficiais deve, antes de tudo, seguir os preceitos da impessoalidade, clareza, uniformidade, concisão e uso de linguagem formal. Os textos oficiais devem sempre permitir uma única interpretação e ser estritamente impessoais e uniformes, o que exige o uso de certo nível de linguagem. Devem ser necessariamente uniformes, pois há sempre um único comunicador (o Serviço Público) e o receptor dessas comunicações ou é o próprio Serviço Público (no caso de expedientes dirigidos por um órgão a outro) ou o conjunto de cidadãos ou instituições tratados de forma homogênea (o público).

Além disso, há características específicas de cada tipo de expediente que serão tratadas em detalhe nesta aula. Antes de analisarmos cada tipo específico, vejamos outros aspectos comuns a quase todas as modalidades de comunicação oficial: **o emprego dos pronomes de tratamento, a forma dos fechos e a identificação do signatário.**

FIQUE
atento!

(FINEP/2011/Técnico/CESGRANRIO

Uma das características de um documento oficial bem redigido é o(a)

a) discurso acadêmico

b) jargão burocrático

c) padrão culto da língua

d) linguagem figurada

e) linguagem rebuscada

Comentário: a linguagem deve ser direta, simples, denotativa (não figurada), de fácil compreensão por todos, mas inteiramente dentro do padrão culto da língua, deve seguir as normas gramaticais que padronizam o uso da linguagem.

GABARITO: C

1. Pronomes de Tratamento

1.1. Concordância com os Pronomes de Tratamento

Os pronomes de tratamento (ou de *segunda pessoa indireta*) apresentam certas peculiaridades quanto à concordância verbal, nominal e pronominal. Embora se refiram à segunda pessoa gramatical (à pessoa com quem se fala, ou a quem se dirige a comunicação), **levam a concordância para a *terceira pessoa***. É que o verbo concorda com o substantivo que integra a locução como seu núcleo sintático: "Vossa *Senhoria* *nomeará* o substituto"; "Vossa *Excelência* conhece o assunto".

Da mesma forma, os pronomes possessivos referidos a pronomes de tratamento são sempre os da terceira pessoa: "Vossa *Senhoria* nomeará *seu* substituto" (e não "*Vossa* ... *vosso*...").

Já quanto aos adjetivos referidos a esses pronomes, o gênero gramatical deve coincidir com o sexo da pessoa a que se refere, e não com o substantivo que compõe a locução. Assim, se nosso interlocutor for homem, o correto é "*Vossa Excelência está atarefad****o***", "*Vossa Senhoria deve estar satisfeit****o***"; se for mulher, "*Vossa Excelência está atarefad****a****", "Vossa Senhoria deve estar satisfeit****a***".

1.2. Emprego dos Pronomes de Tratamento

Como visto, o emprego dos pronomes de tratamento obedece a uma secular tradição, são de uso consagrado.

Vossa Excelência é usado para as seguintes autoridades:

a) do Poder Executivo

Presidente da República;
Vice-presidente da República;
Ministros de Estado;
Governadores e Vice-governadores de Estado e do Distrito Federal;
Oficiais-generais das Forças Armadas;
Embaixadores;
Secretários-executivos de Ministérios e demais ocupantes de cargos de natureza especial;
Secretários de Estado dos governos estaduais;
Prefeitos municipais.

b) do Poder Legislativo

Deputados Federais e Senadores;
Ministros do Tribunal de Contas da União;

Deputados Estaduais e Distritais;
Conselheiros dos Tribunais de Contas estaduais;
Presidentes das Câmaras Legislativas Municipais.

c) do Poder Judiciário:
Ministros dos Tribunais Superiores;
Membros de Tribunais;
Juízes;
Auditores da Justiça Militar.

O vocativo a ser empregado em comunicações dirigidas aos Chefes de Poder é *Excelentíssimo Senhor*, seguido do cargo respectivo:

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,
Excelentíssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional,
Excelentíssimo Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal.

As demais autoridades serão tratadas com o vocativo Senhor, seguido do cargo respectivo:

Senhor Senador,
Senhor Juiz,
Senhor Ministro,
Senhor Governador.

No envelope, o endereçamento das comunicações dirigidas às autoridades tratadas por *Vossa Excelência*, terá a seguinte forma:

A Sua Excelência o Senhor
Fulano de Tal
Ministro de Estado da Justiça
70064-900 – Brasília. DF

A Sua Excelência o Senhor

Senador Fulano de Tal
Senado Federal
70165-900 – Brasília. DF

A Sua Excelência o Senhor
Fulano de Tal
Juiz de Direito da 10ª Vara Cível
Rua ABC, nº 123
01010-000 – São Paulo. SP

Curiosidade

Em comunicações oficiais, está abolido o uso do tratamento *digníssimo* (DD) às autoridades arroladas na lista anterior. A dignidade é pressuposto para que se ocupe qualquer cargo público, sendo desnecessária sua repetida evocação.

Vossa Senhoria é empregado para as demais autoridades e para particulares. O vocativo adequado é:

Senhor Fulano de Tal,
(...)

No envelope, deve constar do endereçamento:

Ao Senhor
Fulano de Tal
Rua ABC, nº 123
12345-000 – Curitiba. PR

Como se depreende do exemplo acima, fica dispensado o emprego do superlativo *ilustríssimo* para as autoridades que recebem o tratamento de *Vossa Senhoria* e para particulares. É suficiente o uso do pronome de tratamento *Senhor*.

Acrescente-se que *doutor* não é forma de tratamento, e sim título acadêmico. Evite usá-lo indiscriminadamente. Como regra geral, empregue-o apenas em comunicações dirigidas a pessoas que tenham tal grau por terem concluído curso universitário de doutorado. É costume designar por *doutor* os bacharéis, especialmente os bacharéis em Direito e em Medicina. Nos demais casos, o tratamento Senhor confere a desejada formalidade às comunicações.

Mencionemos, ainda, a forma *Vossa Magnificência*, empregada, por força da tradição, em comunicações dirigidas a reitores de universidade. Corresponde-lhe o vocativo:

Magnífico Reitor,
(...)

Os pronomes de tratamento para religiosos, de acordo com a hierarquia eclesiástica, são:

Vossa Santidade, em comunicações dirigidas ao Papa. O vocativo correspondente é:

Santíssimo Padre,
(...)

Vossa Eminência ou *Vossa Eminência Reverendíssima*, em comunicações aos Cardeais. Corresponde-lhe o vocativo:

Eminentíssimo Senhor Cardeal, ou
Eminentíssimo e Reverendíssimo Senhor Cardeal,
(...)

Vossa Excelência Reverendíssima é usado em comunicações dirigidas a Arcebispos e Bispos; *Vossa Reverendíssima* ou *Vossa Senhoria Reverendíssima* para Monsenhores, Cônegos e superiores religiosos. *Vossa Reverência* é empregado para sacerdotes, clérigos e demais religiosos.

2. Fechos para Comunicações

O fecho das comunicações oficiais possui, além da finalidade óbvia de arrematar o texto, a de saudar o destinatário. Os modelos para fecho que vinham sendo utilizados foram regulados pela Portaria nº 1 do Ministério da Justiça, de 1937, que estabelecia quinze padrões. Com o fito de simplificá-los e uniformizá-los, este Manual estabelece o emprego de somente dois fechos diferentes para todas as modalidades de comunicação oficial:

a) para autoridades superiores, inclusive o Presidente da República:
    Respeitosamente,
b) para autoridades de mesma hierarquia ou de hierarquia inferior:
    Atenciosamente,

Ficam excluídas dessa fórmula as comunicações dirigidas a autoridades estrangeiras, que atendem a rito e tradição próprios, devidamente disciplinados no *Manual de Redação* do Ministério das Relações Exteriores.

3. Identificação do Signatário

Excluídas as comunicações assinadas pelo Presidente da República, todas as demais comunicações oficiais devem trazer o nome e o cargo da autoridade que as expede abaixo do local de sua assinatura. A forma da identificação deve ser a seguinte:

(espaço para assinatura)
NOME
Chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República

(espaço para assinatura)
NOME
Ministro de Estado da Justiça

Para evitar equívocos, recomenda-se não deixar a assinatura em página isolada do expediente. Transfira para essa página ao menos a última frase anterior ao fecho.

ESTA CAI
na prova!

BB/2010/Escriturário

Em redações oficiais, é certo

a) identificar o autor da correspondência com seu nome e cargo abaixo da assinatura.

b) escolher a forma de tratamento "Vossa Senhoria", se o destinatário for mulher.

c) fechar o texto com "respeitosamente", para pessoas do mesmo nível hierárquico.

d) usar a expressão "Digníssimo Senhor" para o destinatário em posição hierárquica superior.

e) usar o pronome "vosso", no caso de ter sido escolhida a forma de tratamento "Vossa Excelência".

Comentário:

b) escolher a forma de tratamento "Vossa Senhoria", se o destinatário for mulher.

ERRADO. Forma de tratamento usada tanto para homens quanto para mulheres.

c) fechar o texto com "respeitosamente", para pessoas do mesmo nível hierárquico.

ERRADO. Para o mesmo nível hierárquico, usa-se "atenciosamente", para de nível hierárquico superior, usa-se "respeitosamente".

d) usar a expressão "Digníssimo Senhor" para o destinatário em posição hierárquica superior.

ERRADO. A forma "digníssimo" foi extinta das redações oficiais.

e) usar o pronome "vosso", no caso de ter sido escolhida a forma de tratamento "Vossa Excelência".

ERRADO. Usar o pronome "vosso" para falar com a própria pessoa, não sobre ela (usaria SUA, no caso).

GABARITO: A

Tipos de textos oficiais

O que é Redação Administrativa?

A **redação formal ou administrativa** é aquela empregada nos documentos, nas notas de diversas índoles, currículos e outros textos de uso frequente nos lugares de trabalho, público ou não, e em outros âmbitos similares. As redações desse tipo costumam ter um formato determinado devido ao seu **caráter formal**. Nestes casos, o redator não pode se expressar com uma linguagem pessoal (é preciso manter a impessoalidade).

Outro aspecto importante é a **estrutura.** Se desejamos redigir, por exemplo, um memorando, é importante conhecer a forma e a localização correta dos dados do destinatário, a maneira correta de se apresentar, a linguagem do documento, o tema abordado etc. Exemplos de redações formais ou administrativas são: memorandos, circulares, notas de agradecimentos, notas de renúncia, convites.

O PADRÃO OFÍCIO

Há três tipos de expedientes que se diferenciam antes pela finalidade do que pela forma: o *ofício*, o *aviso* e o *memorando*. Com o objetivo de uniformizá-los, pode-se adotar uma diagramação única, que siga o que chamamos **de *padrão ofício***. As peculiaridades de cada um serão tratadas adiante (foco em ofício e memorando); por ora busquemos as suas semelhanças.

Partes do documento no Padrão Ofício

O ***OFÍCIO*** e o ***MEMORANDO*** devem conter as seguintes partes:

1. **tipo e número do expediente, seguido da sigla do órgão que o expede**:

Exemplos:

Mem. 123/2002-MF Aviso 123/2002-SG Of. 123/2002-MME

2. **local e data** em que foi assinado, por extenso, com alinhamento à direita:

Exemplo:

Brasília, 15 de março de 1991.

3. **assunto**: resumo do teor do documento

Exemplos:

Assunto: **Produtividade do órgão em 2002**.

Assunto: **Necessidade de aquisição de novos computadores.**

4. **destinatário:** o nome e o cargo da pessoa a quem é dirigida a comunicação. No caso do ofício, deve ser incluído também o *endereço*.

5. **texto**: nos casos em que não for de mero encaminhamento de documentos, o expediente deve conter a seguinte estrutura:

– *introdução*, que se confunde com o parágrafo de abertura, na qual é apresentado o assunto que motiva a comunicação. As seguintes formas são evitadas: "*Tenho a honra de*", "*Tenho o prazer de*", "*Cumpre-me informar que*", empregue a forma direta;

– *desenvolvimento*, no qual o assunto é detalhado. Se o texto contiver mais de uma ideia sobre o assunto, elas devem ser tratadas em parágrafos distintos, o que confere maior clareza à exposição;

– *conclusão*, em que é reafirmada ou simplesmente reapresentada a posição recomendada sobre o assunto.

Os parágrafos do texto devem ser numerados, exceto nos casos em que estes estejam organizados em itens ou títulos e subtítulos.

Já quando se tratar de mero encaminhamento de documentos, a estrutura é a seguinte:

– *introdução*: deve iniciar com referência ao expediente que solicitou o encaminhamento. Se a remessa do documento não tiver sido solicitada, deve iniciar com a informação do motivo da comunicação, que é *encaminhar*, indicando, em sequência, os dados completos do documento encaminhado (tipo, data, origem ou signatário, assunto de que trata) e a razão pela qual está sendo encaminhado, segundo a seguinte fórmula:

"Em resposta ao Aviso nº 12, de 1º de fevereiro de 1991, encaminho, anexa, cópia do Ofício nº 34, de 3 de abril de 1990, do Departamento Geral de Administração, que trata da requisição do servidor Fulano de Tal."

ou

"Encaminho, para exame e pronunciamento, a anexa cópia do telegrama nº 12, de 1º de fevereiro de 1991, do Presidente da Confederação Nacional de Agricultura, a respeito de projeto de modernização de técnicas agrícolas na região Nordeste."

– *desenvolvimento:* se o autor da comunicação desejar fazer algum comentário a respeito do documento que encaminha, poderá acrescentar parágrafos de *desenvolvimento*; em caso contrário, não há parágrafos de desenvolvimento em aviso ou ofício de mero encaminhamento.

6. **fecho**. (v. *2. Fechos para Comunicações*);

7. **assinatura do autor da comunicação** e

8. **identificação do signatário** (v. *3. Identificação do Signatário*).

OFÍCIO e AVISO

São modalidades de comunicação oficial praticamente idênticas. A única diferença entre elas é que o *aviso* é expedido exclusivamente por Ministros de Estado para autoridades de mesma hierarquia, ao passo que o *ofício* é expedido para e pelas demais autoridades. Ambas têm como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si e, no caso do ofício, também com particulares.

Quanto a sua forma, *aviso* e *ofício* seguem o modelo do *padrão ofício*, com acréscimo do *vocativo*, que invoca o destinatário, seguido de vírgula.

Exemplos:

Excelentíssimo Senhor Presidente da República
Senhora Ministra
Senhor Chefe de Gabinete

Devem constar do cabeçalho ou do rodapé do *ofício* as seguintes informações do remetente:

– nome do órgão ou setor;
– endereço postal;
– telefone e endereço de correio eletrônico.

MEMORANDO

O *memorando* é a modalidade de comunicação entre unidades administrativas de um mesmo órgão, que podem estar hierarquicamente em mesmo nível ou em níveis diferentes. Trata-se, portanto, de uma forma de comunicação eminentemente interna.

Pode ter caráter meramente administrativo ou ser empregado para a exposição de projetos, ideias, diretrizes etc. a serem adotados por determinado setor do serviço público.

Sua característica principal é a agilidade. A tramitação do memorando em qualquer órgão deve pautar-se pela rapidez e pela simplicidade de procedimentos burocráticos. Para evitar desnecessário aumento do número de comunicações, os despachos ao memorando devem ser dados no próprio documento e, no caso de falta de espaço, em folha de continuação. Esse procedimento permite formar uma espécie de processo simplificado, assegurando maior transparência à tomada de decisões e permitindo que se historie o andamento da matéria tratada no memorando.

Quanto a sua forma, o *memorando* segue o modelo do *padrão ofício*, com **a diferença de que o seu destinatário deve ser mencionado pelo cargo que ocupa.**

Exemplos:

Ao Sr. Chefe do Departamento de Administração
Ao Sr. Subchefe para Assuntos Jurídicos

CARTA COMERCIAL

Também chamada de carta empresarial, é utilizada pelas empresas em geral, sejam estas atuantes no comércio, setor bancário, na indústria, setor de serviços, entre outros segmentos. Com relação ao conteúdo, tal modalidade pode ser definida por distintas intenções, tais como o agradecimento por um serviço prestado, solicitação de um determinado orçamento, cobrança na melhoria dos serviços prestados, cobrança financeira, entre outras.

Partes que compõem uma carta comercial:

1. Timbre ou cabeçalho;

2. *Local e data;*
3. *Índice e número (sendo esta parte opcional);*
4. *Identificação do destinatário;*
5. *Epígrafe ou ementa, também se consolidando como parte opcional;*
6. *Vocativo;*
7. *Texto;*
8. *Despedida;*
9. *Assinatura.*

CISAMAPI/2011

No exercício de sua função, o Auxiliar de Administração precisa dominar técnicas de redação administrativa. Para encerrar uma carta comercial, por exemplo, deve-se usar, após o nome de quem assina a correspondência, a função ou cargo que a pessoa exerce. Gramaticalmente, essa qualificação recebe o nome de

a) fecho.
b) referência.
c) assinatura.
d) aposto.
e) vocativo.

Comentário: trata-se da identificação do signatário, ou seja, de quem escreve/remete o texto. O modelo é:

(espaço para assinatura)
NOME
Chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República

A função ou o cargo da pessoa é uma informação sobre ela, ou seja, um aposto.

- Fecho: O fecho das comunicações oficiais possui, além da finalidade óbvia de arrematar o texto, a de saudar o destinatário

- Assinatura: refere-se ao nome do signatário da correspondência.

- Vocativo: referência ao receptor da comunicação. Segue regras específicas de uso segundo a polidez e o respeito. Vem antes do texto.

- Referência: seria o vocativo.

GABARITO: D

TELEGRAMA

Com a intenção de uniformizar a terminologia e simplificar os procedimentos burocráticos, passa a receber o título de *telegrama* toda comunicação oficial expedida por meio de telegrafia, telex etc.

Por tratar-se de forma de comunicação dispendiosa aos cofres públicos e tecnologicamente superada, deve restringir-se, o uso do telegrama, apenas àquelas situações em que não seja possível o uso de correio eletrônico ou fax e em que a urgência justifique sua utilização. Também em razão de seu custo elevado, esta forma de comunicação deve pautar-se pela concisão.

Não há padrão rígido, devendo-se seguir a forma e a estrutura dos formulários disponíveis nas agências dos Correios e em seu sítio na Internet.

CORREIO ELETRÔNICO

O correio eletrônico ("*e-mail*"), por seu baixo custo e celeridade, transformou-se na principal forma de comunicação para transmissão de documentos.

Um dos atrativos de comunicação por correio eletrônico é sua **flexibilidade**. Assim, não interessa definir forma rígida para sua estrutura.

Entretanto, deve-se evitar o uso de linguagem incompatível com uma comunicação oficial, o texto ainda deve ser claro, conciso e imparcial.

O campo *assunto* do formulário de correio eletrônico deve ser preenchido de modo a facilitar a organização documental tanto do destinatário quanto do remetente.

Para os arquivos anexados à mensagem, deve ser utilizado, preferencialmente, o formato *Rich Text*. A mensagem que encaminha algum arquivo deve trazer informações mínimas sobre seu conteúdo.

Sempre que disponível, deve-se utilizar recurso de *confirmação de leitura*. Caso não seja disponível, deve constar da mensagem pedido de confirmação de recebimento.

Valor documental

Nos termos da legislação em vigor, para que a mensagem de correio eletrônico tenha *valor documental*, isto é, para que possa ser aceita como documento original, é necessário existir *certificação digital* que ateste a identidade do remetente na forma estabelecida em lei.

Obs.: O correio eletrônico não segue uma forma fixa para composição.

CIRCULAR

Comunicação expedida para diversas unidades administrativas ou funcionários ao mesmo tempo.

Partes que compõem uma circular:

1. Título e data.
2. Ementa - texto curto e resumido que contém o essencial (facultativa).
3. Vocativo.

4. Texto.
5. Fecho.
6. Assinatura.

HOB/2015/Agente de Administração/adaptada

Para que o órgão responsável pela gestão administrativa transmita instruções sobre novos procedimentos para as movimentações de pessoal (carreira) a todos os órgãos da mesma instituição, deverá utilizar a correspondência uma circular.

*Comentário: a **circular** é uma comunicação expedida para diversas unidades administrativas ou funcionários ao mesmo tempo, se o órgão responsável quer transmitir instruções para todos ao mesmo tempo, o ideal é usar esse tipo de correspondência.*

GABARITO: CERTO

REQUERIMENTO

Documento pelo qual o interessado solicita ao Poder Público algo a que se julga com direito, ou para se defender de ato que o prejudique.

Partes que compõem um requerimento:

1. Vocativo: forma de tratamento, cargo e órgão a que se dirige. Não se pode usar o nome da pessoa ou alguma outra forma de saudação. É comum deixar entre o vocativo e o texto de 7 a 10 espaços.

2. Texto com a identificação do requerente (nome, filiação, naturalidade, estado civil, profissão, residente – se funcionário do próprio órgão, apresentar

apenas os dados de identificação interna). Após a identificação, faz-se o pedido, de forma clara e objetiva, citando o fundamento legal que permite a solicitação.

3. Fecho (pode empregar "Nesses termos, pede deferimento", "Nesses termos, espera deferimento", "Pede deferimento" ou semelhantes, sem exageros).

4. Local e data.

5. Assinatura.

Resumindo

Vimos na aula de hoje as características que uma correspondência oficial deve ter, de acordo com o Manual de Redação da Presidência da República.

É muito importante lembrar que os expedientes oficiais precisam ser SEMPRE uniformes, seguindo os preceitos da **impessoalidade**, **clareza**, **concisão** e uso de **linguagem formal**.

Como futuros funcionários públicos, é importante saber que o aviso, o memorando e o ofício, embora possuam usos diferentes, têm a mesma diagramação: **o padrão ofício**. Tais gêneros não são os únicos oficiais, mas os únicos que são uniformizados pelo padrão. Uma simples carta comercial precisa seguir os princípios gerais da Redação Oficial.

Sobre pronomes de tratamento e vocativos:

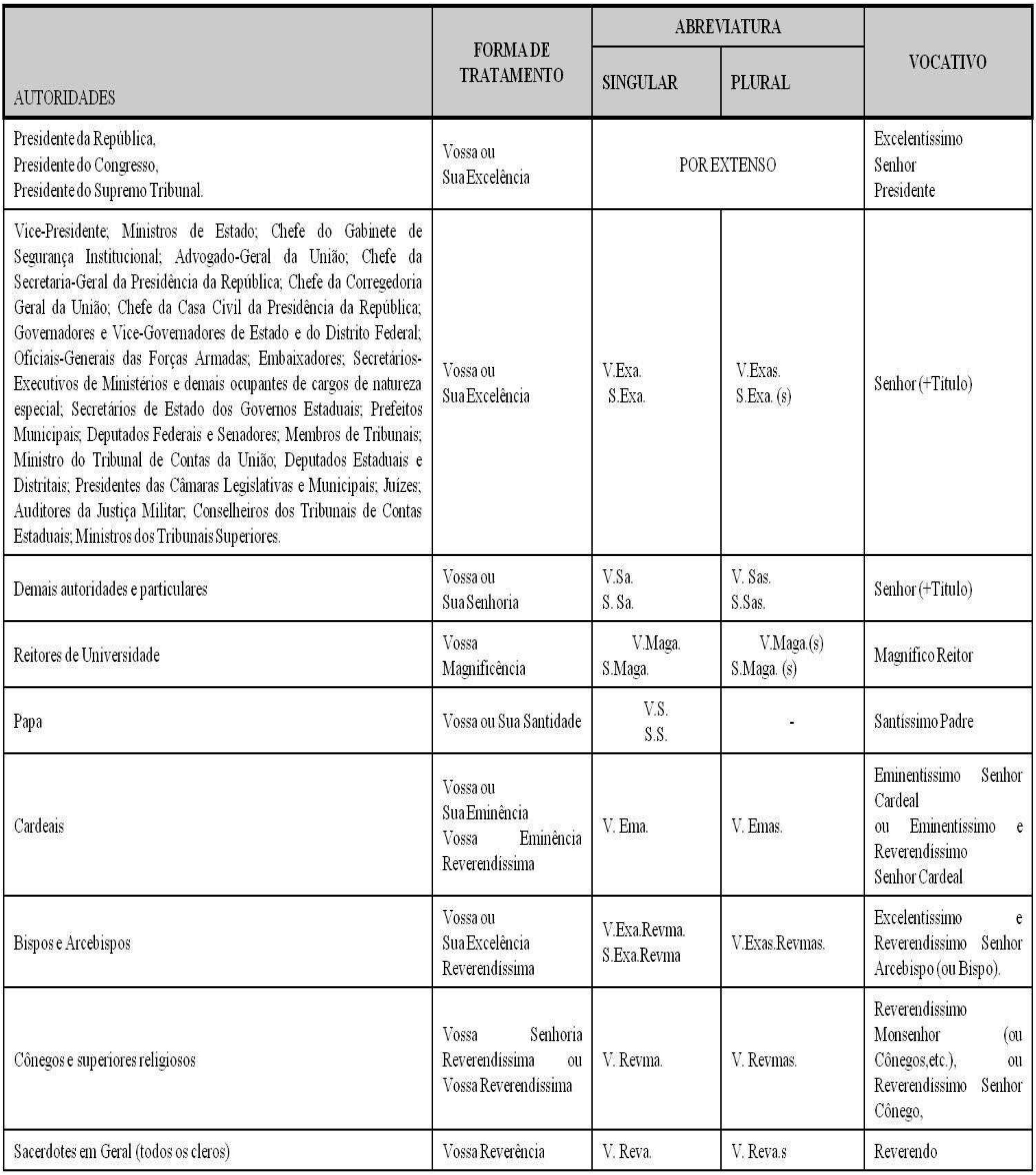

AUTORIDADES	FORMA DE TRATAMENTO	ABREVIATURA		VOCATIVO
		SINGULAR	PLURAL	
Presidente da República, Presidente do Congresso, Presidente do Supremo Tribunal.	Vossa ou Sua Excelência	POR EXTENSO		Excelentíssimo Senhor Presidente
Vice-Presidente; Ministros de Estado; Chefe do Gabinete de Segurança Institucional; Advogado-Geral da União; Chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República; Chefe da Corregedoria Geral da União; Chefe da Casa Civil da Presidência da República; Governadores e Vice-Governadores de Estado e do Distrito Federal; Oficiais-Generais das Forças Armadas; Embaixadores; Secretários-Executivos de Ministérios e demais ocupantes de cargos de natureza especial; Secretários de Estado dos Governos Estaduais; Prefeitos Municipais; Deputados Federais e Senadores; Membros de Tribunais; Ministro do Tribunal de Contas da União; Deputados Estaduais e Distritais; Presidentes das Câmaras Legislativas e Municipais; Juízes; Auditores da Justiça Militar; Conselheiros dos Tribunais de Contas Estaduais; Ministros dos Tribunais Superiores.	Vossa ou Sua Excelência	V.Exa. S.Exa.	V.Exas. S.Exa. (s)	Senhor (+Título)
Demais autoridades e particulares	Vossa ou Sua Senhoria	V.Sa. S. Sa.	V. Sas. S.Sas.	Senhor (+Título)
Reitores de Universidade	Vossa Magnificência	V.Maga. S.Maga.	V.Maga.(s) S.Maga. (s)	Magnífico Reitor
Papa	Vossa ou Sua Santidade	V.S. S.S.	-	Santíssimo Padre
Cardeais	Vossa ou Sua Eminência Vossa Eminência Reverendíssima	V. Ema.	V. Emas.	Eminentíssimo Senhor Cardeal ou Eminentíssimo e Reverendíssimo Senhor Cardeal
Bispos e Arcebispos	Vossa ou Sua Excelência Reverendíssima	V.Exa.Revma. S.Exa.Revma	V.Exas.Revmas.	Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Arcebispo (ou Bispo).
Cônegos e superiores religiosos	Vossa Senhoria Reverendíssima ou Vossa Reverendíssima	V. Revma.	V. Revmas.	Reverendíssimo Monsenhor (ou Cônegos,etc.), ou Reverendíssimo Senhor Cônego,
Sacerdotes em Geral (todos os cleros)	Vossa Reverência	V. Reva.	V. Reva.s	Reverendo

Para fechar os expedientes oficiais, temos:

a) para autoridades superiores, inclusive o Presidente da República:

Respeitosamente,

b) para autoridades de mesma hierarquia ou de hierarquia inferior:

Atenciosamente,

Queridos, vamos praticar com questões da banca! Melhor maneira de fixar o conteúdo!

HORA DE
praticar!

01. **(ANS – 2015 – Ativ. Tec. De Suporte – FUNCAB)** De acordo com as recomendações do Manual de Redação da Presidência da República, a redação adequada para a introdução de um memorando enviado de um chefe de diretoria para outro, no âmbito do Ministério da Educação, está na opção:

a) Nos termos do plano geral de informatização, a ser implementado pelo Ministério, solicito a Sua Senhoria que verifique a possibilidade de instalação, no sistema, de programa que facilite o processo de avaliação de textos literários narrativos.

b) Nos termos do plano geral de informatização a ser implementado pelo Ministério, solicito a Vossa Excelência que verifiqueis a possibilidade de instalação no sistema de programa que venha a facilitar o processo de avaliação de textos literários narrativos.

c) Nos termos do plano geral de informatização a ser implementado pelo Ministério, solicito a Sua Excelência verificar a possibilidade de instalação, no sistema, de programa que facilite o processo de avaliação de textos literários narrativos.

d) Nos termos do plano geral de informatização a ser implementado pelo Ministério, solicito a Vossa Senhoria que verifiqueis a possibilidade de instalação no sistema de programa que facilite o processo de avaliação de textos literários narrativos.

e) Nos termos do plano geral de informatização a ser implementado pelo Ministério, solicito a Vossa Senhoria verificar a possibilidade de instalação, no sistema, de programa que facilite o processo de avaliação de textos literários narrativos.

Comentário: a opção correta para essa questão é a letra E, já que uma correspondência entre diretores deve ter como pronome de tratamento o termo Vossa Senhoria seguido do verbo na terceira pessoa ou, como é o caso, no infinitivo, funcionando como objeto do verbo "solicitar".

Gabarito: E

02. **(CRC/RO – 2015 – Assistente Administrativo – FUNCAB)** Na correspondência oficial, os pronomes de tratamento (ou de *segunda pessoa indireta*) apresentam certas peculiaridades quanto à concordância verbal, nominal e pronominal. O emprego dos pronomes de tratamento são de uso consagrado tanto para os membros de Poderes da República, em suas diversas instâncias, quanto para os religiosos, de acordo com a sua hierarquia eclesiástica. Os pronomes de tratamento correspondentes para os Cardeais e para os Conselheiros dos Tribunais de Contas Estaduais, são, respectivamente:

a) Vossa Excelência Reverendíssima e Vossa Senhoria.

b) Vossa Reverência e Vossa Senhoria.

c) Vossa Reverência e Vossa Excelência.

d) Vossa Eminência e Vossa Excelência.

e) Vossa Excelência Reverendíssima e Vossa Excelência.

Comentário: para Cardeais, o pronome a ser usado é Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima e, para os Conselheiros dos Tribunais de Contas Estaduais, o pronome é Vossa Excelência. Opção correta letra D.

Gabarito: D

03. **(CRC/RO – 2015 – Assistente Administrativo – FUNCAB)** Com relação ao emprego dos pronomes de tratamento nas comunicações oficiais, é preciso observar algumas formalidades. O vocativo a ser empregado em comunicações dirigidas aos Chefes de Poder e o termo subsequente, são, respectivamente:

a) Ilustríssimo Senhor, seguido do cargo respectivo.
b) Ilustríssimo Senhor, seguido do nome completo.
c) Excelentíssimo respectivo. Senhor, seguido do cargo.
d) Excelentíssimo completo. Senhor, seguido do nome.
e) Excelentíssimo respectivo. Doutor, seguido do cargo.

Comentário: a resposta correta para essa questão é a letra C, Excelentíssimo Senhor, seguido do cargo.

Gabarito: C

04. **(CRC/RO – 2015 – Assistente Administrativo – FUNCAB)** A redação oficial é a maneira pela qual o Poder Público redige atos normativos e comunicações. Na redação oficial o que se comunica é sempre algum assunto relativo às atribuições do órgão que comunica. O destinatário dessa comunicação ou é o público, o conjunto dos cidadãos, ou outro órgão público, do Executivo ou dos outros Poderes. A característica da redação oficial que consiste da ausência de impressões individuais de quem comunica, obtendo-se assim uma desejável padronização, que permite que comunicações elaboradas em diferentes setores da Administração guardem entre si certa uniformidade, é denominada:

a) impessoalidade.

b) objetividade.
c) formalidade.
d) concisão.
e) clareza.

Comentário: em todas as alternativas constam características da redação oficial de acordo com o Manual de redação da Presidência da República. Mas, segundo o dicionário online, impessoalidade é a qualidade do que é geral, do que não diz respeito a alguém em específico, o que permite que se mantenha a tradicional uniformidade nas comunicações oficiais. O nosso gabarito, portanto, é a letra A.

Gabarito: A

05. **(FUNASG – 2015 – Agente Apoio Técnico – FUNCAB)** O fecho nas comunicações oficiais marca o fim do texto e, também, tem a finalidade de saudar o destinatário. Para autoridades de mesma hierarquia ou de hierarquia inferior, o modelo correto utilizado seria:

a) Sinceramente
b) Atenciosamente.
c) Respeitosamente.
d) Cordialmente.
e) Consideravelmente.

*Comentário: com a intenção de simplificar e uniformizar os fechos das comunicações oficiais, o Manual de Redação da Presidência da República estabelece o emprego de somente dois fechos diferentes para todas as modalidades de comunicação oficial: **Respeitosamente** para autoridades superiores, inclusive o Presidente da República, e **Atenciosamente** para autoridades de mesma hierarquia ou de hierarquia inferior. Resposta correta, portanto, letra B.*

Gabarito: B

06. **(SEPLAG – 2014 – Direito – FUNCAB)** A regra que obsta o emprego do acento grave no "a" de: "dirigimo-nos A Vossa Senhoria" é a mesma que orienta o autor a não usá-lo em:

a) "[...] que vão desde as raízes históricas da ciência até A percepção [...] de seu dogmatismo." (§ 1)

b) "[...] e é testemunha da necessidade coletiva de conhecer melhor A nós mesmos [...]" (§ 8)

c) "[...] mas são refinadas com o passar do tempo, A partir da comparação [...] com dados." (§ 5)

d) "[...] e, aos poucos, chega-se A um resultado aceito pela comunidade científica." (§ 5)

Comentário: não se usa crase diante de pronomes, essa é a regra relativa à oração do enunciado e o é também com relação à alternativa B, que é o nosso gabarito. Em A, o uso da crase depois do termo "até" é facultativo. Para a letra C, não se usa crase diante de verbo. E para a opção D, não se usa crase diante de palavra masculina.

Gabarito: B

07. **(IF/RR – 2013 – Assistente de Administração – FUNCAB)** Na coluna I constam alguns tipos de documentos oficiais de um órgão público. Estabeleça a correta correspondência com as características da coluna II.

Coluna I

1. ata
2. Circular
3. laudo
4. memorando

Coluna II

( ) parecer de especialista.

( ) documento enviado simultaneamente a vários destinatários.

( ) forma de correspondência interna.

( ) exposição do que ocorreu durante uma reunião.

A sequência correta é:

a) 3 – 1 –2 – 4

b) 2 – 4 – 3 – 1

c) 3 – 2 – 4 – 1

d) 4 – 3 –2 – 1

e) 3 – 2 –1 – 4

*Comentário: **ata** é o relatório de uma reunião; **circular** é uma carta ou documento destinado a muitos integrantes de uma instituição; um **laudo** é um relatório emitido após um diagnóstico; **memorando** é uma comunicação interna que veicula entre as unidades administrativas de empresas e órgãos públicos. Diante dessas definições, a sequência fica assim: 3 – 2 – 4 – 1. A resposta correta é a letra C.*

Gabarito: C

08. **(ANS – 2013 – Atividade Téc. De Suporte – FUNCAB)** "Modalidade de comunicação entre unidades administrativas de um mesmo órgão, que podem estar hierarquicamente em mesmo nível ou em níveis diferentes. Trata-se, portanto, de uma forma de comunicação eminentemente interna."

Assinale a alternativa que contém o tipo de documento oficial a ser utilizado na situação acima descrita.

a) Ofício.

b) Petição.

c) Parecer.

d) Memorando.

e) Requerimento.

Comentário: como vimos no comentário da questão imediatamente acima, a definição feita no enunciado é de um memorando. Alternativa D.

Gabarito: D

09. **(ANS – 2013 – Atividade Téc. De Suporte – FUNCAB)** De acordo com o Manual de Redação Oficial da Presidência da República, o Memorando deve mencionar o seu destinatário, respectivamente, da seguinte forma:

a) cargo e nome.

b) pronome de tratamento e nome.

c) pronome de tratamento e cargo.

d) pronome de tratamento, cargo e nome.

e) pronome de tratamento, nome e cargo.

Comentário: segundo o Manual, o memorando deve mencionar o pronome de tratamento e o cargo do seu destinatário. A opção correta é a letra C.

Gabarito: C

10. **(ANS – 2013 – Atividade Téc. De Suporte – FUNCAB)** Considere as afirmativas a seguir e assinale a alternativa correta:

I. Qualquer autoridade do Poder Executivo pode expedir o Aviso com a finalidade de tratar de assuntos oficiais que se encontram no âmbito de sua competência.

II. O Ofício, o Memorando e o Aviso devem conter os seguintes elementos: tipo e número do expediente, sigla do órgão que o expede, local e data em que foi assinado, assunto, destinatário, texto, fecho, assinatura, nome completo e cargo da autoridade expedidora.

III. O Ofício é um tipo de comunicado expedido exclusivamente por Ministros de Estado e pode ser destinado a outros Ministros de Estado, a órgãos da Administração direta ou indireta e a particulares.

a) Somente a I é verdadeira.
b) Somente II e III são verdadeiras.
c) Somente I e III são verdadeiras.
d) Somente a II é verdadeira.
e) Somente a III é verdadeira.

Comentário: a afirmativa I está incorreta porque o Aviso é emitido somente por Ministros e para autoridades da mesma hierarquia. Já a afirmativa II está correta, o Memorando, o Ofício e o Aviso diferenciam-se mais pela finalidade do que pela forma e, devido a padronização da forma, fazem parte do chamado Padrão Ofício. Quanto à afirmativa III, há erro porque, segundo o Manual, o Aviso é que é expedido exclusivamente por Ministros, já o Ofício é expedido pelas demais autoridades para outras autoridades e também para particulares.

Gabarito: D

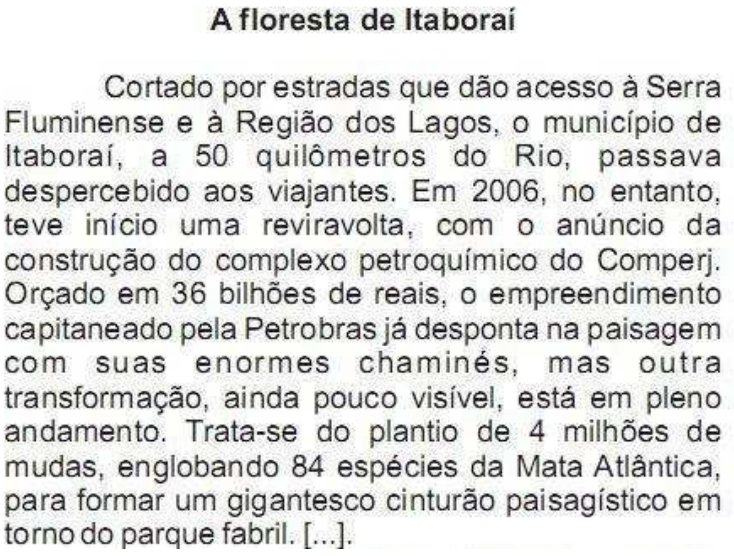

A floresta de Itaboraí

Cortado por estradas que dão acesso à Serra Fluminense e à Região dos Lagos, o município de Itaboraí, a 50 quilômetros do Rio, passava despercebido aos viajantes. Em 2006, no entanto, teve início uma reviravolta, com o anúncio da construção do complexo petroquímico do Comperj. Orçado em 36 bilhões de reais, o empreendimento capitaneado pela Petrobras já desponta na paisagem com suas enormes chaminés, mas outra transformação, ainda pouco visível, está em pleno andamento. Trata-se do plantio de 4 milhões de mudas, englobando 84 espécies da Mata Atlântica, para formar um gigantesco cinturão paisagístico em torno do parque fabril. [...].

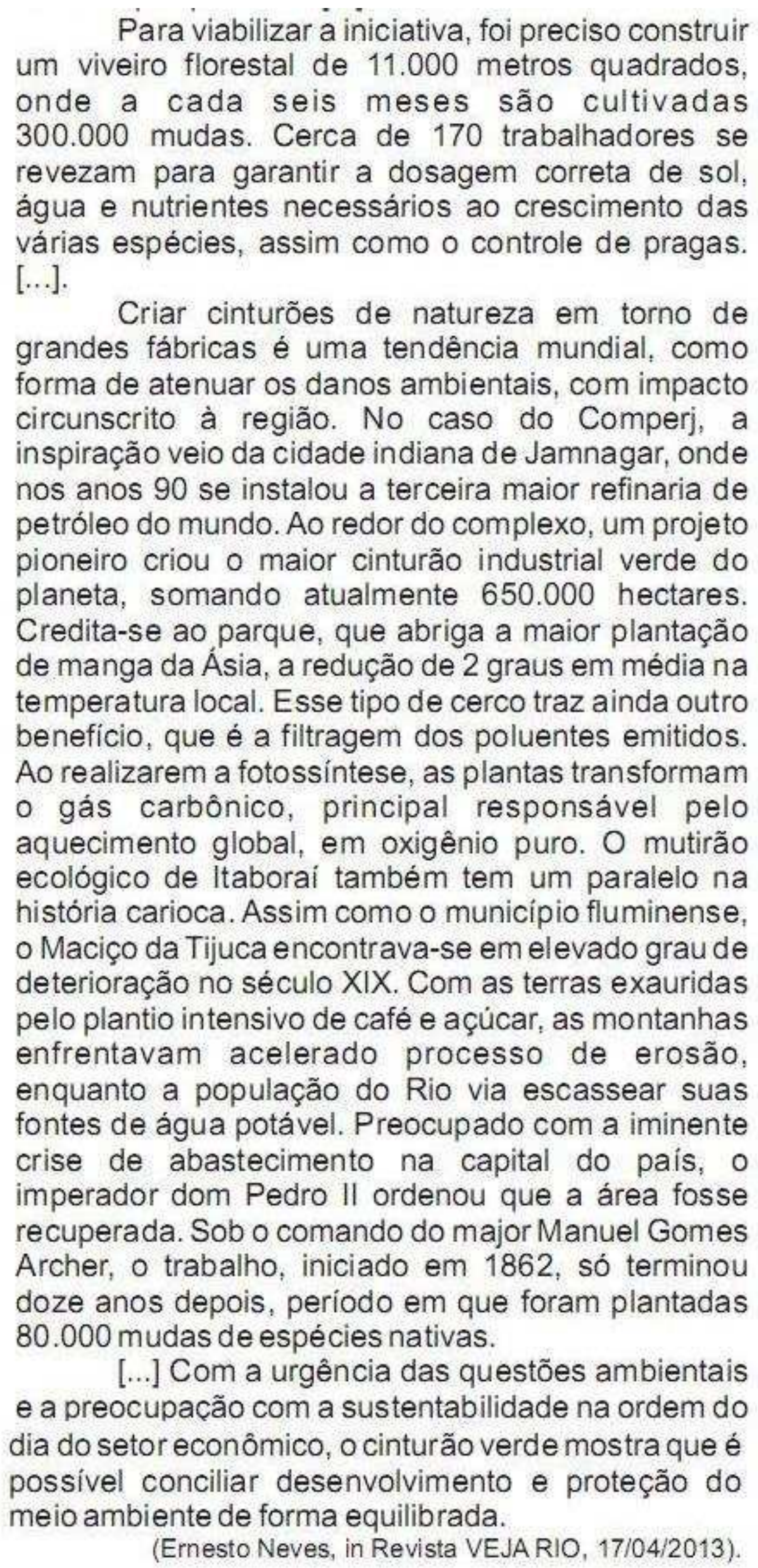

Para viabilizar a iniciativa, foi preciso construir um viveiro florestal de 11.000 metros quadrados, onde a cada seis meses são cultivadas 300.000 mudas. Cerca de 170 trabalhadores se revezam para garantir a dosagem correta de sol, água e nutrientes necessários ao crescimento das várias espécies, assim como o controle de pragas. [...].

Criar cinturões de natureza em torno de grandes fábricas é uma tendência mundial, como forma de atenuar os danos ambientais, com impacto circunscrito à região. No caso do Comperj, a inspiração veio da cidade indiana de Jamnagar, onde nos anos 90 se instalou a terceira maior refinaria de petróleo do mundo. Ao redor do complexo, um projeto pioneiro criou o maior cinturão industrial verde do planeta, somando atualmente 650.000 hectares. Credita-se ao parque, que abriga a maior plantação de manga da Ásia, a redução de 2 graus em média na temperatura local. Esse tipo de cerco traz ainda outro benefício, que é a filtragem dos poluentes emitidos. Ao realizarem a fotossíntese, as plantas transformam o gás carbônico, principal responsável pelo aquecimento global, em oxigênio puro. O mutirão ecológico de Itaboraí também tem um paralelo na história carioca. Assim como o município fluminense, o Maciço da Tijuca encontrava-se em elevado grau de deterioração no século XIX. Com as terras exauridas pelo plantio intensivo de café e açúcar, as montanhas enfrentavam acelerado processo de erosão, enquanto a população do Rio via escassear suas fontes de água potável. Preocupado com a iminente crise de abastecimento na capital do país, o imperador dom Pedro II ordenou que a área fosse recuperada. Sob o comando do major Manuel Gomes Archer, o trabalho, iniciado em 1862, só terminou doze anos depois, período em que foram plantadas 80.000 mudas de espécies nativas.

[...] Com a urgência das questões ambientais e a preocupação com a sustentabilidade na ordem do dia do setor econômico, o cinturão verde mostra que é possível conciliar desenvolvimento e proteção do meio ambiente de forma equilibrada.

(Ernesto Neves, in Revista VEJA RIO, 17/04/2013).

11. **(SUDECO – 2013 - Agente Administrativo – FUNCAB)** Considerando que os termos de correspondência oficial seguem as normas do padrão culto da língua, analise as frases a seguir e assinale a alternativa correta.

a) Assim que recebermos a lista do material solicitado, Vossa Senhoria serás comunicada. – DIRETOR DE EMPRESA

b) Acreditamos que a decisão de Vossa Eminência afetará a qualidade dos programas de pós-graduação desta universidade. – REITOR DE UNIVERSIDADE

c) Remetemos à Sua Senhoria as determinações do Senhor Diretor relativas ao funcionamento do setor administrativo de tua responsabilidade. – GERENTE DE DEPARTAMENTO

d) Solicitamos a Vossa Excelência, representante da banca examinadora, a revisão da prova de Língua Portuguesa. – BANCA EXAMINADORA DE CONCURSO PÚBLICO

e) Enviamos a Vossa Senhoria a estatística do atendimento ao consumidor realizada por nossa empresa no primeiro semestre deste ano. – FUNCIONÁRIO PÚBLICO GRADUADO

Comentário: para diretores de empresas, gerentes de departamento, para a banca examinadora de concurso público e para funcionário público graduado, o pronome de tratamento adequado, segundo o Manual, é Vossa Senhoria. Já encontramos então o nosso gabarito, letra E.

Na alternativa A, além de o pronome de tratamento estar errado, o verbo está conjugado equivocadamente em segunda pessoa, o verbo deve ser conjugado na terceira pessoa.

Na letra B, ocorre erro porque "Vossa Eminência" é usado em correspondências para cardeais.

Em C, não se usa crase diante da maioria dos pronomes, também o termo correto, quando se está dirigindo a palavra à pessoa, é Vossa e não Sua, que é usado quando se fala da pessoa.

Em D, há erro no pronome de tratamento utilizado: "Vossa Excelência" é usado somente para autoridades dos Poderes Legislativo, Executivo e Judiciário.

Gabarito: E

12. **(IPEM/RO – 2013 – Agente de Ativ. Administrativas – FUNCAB)** Diferentes formas de documentos são produzidas e recebidas nas instituições. Uma forma de documento que antes da sua feição definitiva apresenta texto passível de modificações é:

a) carta.
b) minuta.
c) cópia.
d) original.
e) rascunho.

Comentário: se o texto do documento é passível de modificações antes de seu envio, ele é um rascunho. A alternativa correta é a letra E.

Gabarito: E

13. **(IPEM/RO – 2013 – Agente de Ativ. Administrativas – FUNCAB)** É o documento de valor jurídico que consiste no resumo fiel dos fatos, ocorrências e decisões de sessões, reuniões ou assembleias. Essa é a definição de:

a) ata.
b) memorando.
c) parecer.
d) ofício.
e) carta.

Comentário: o documento em que consta um resumo de tudo o que ocorre em reuniões é a ata. Resposta correta letra A.

Gabarito: A

14. **(IPEM/RO – 2013 – Agente de Ativ. Administrativas – FUNCAB)** A circular é uma comunicação oficial, interna ou externa, expedida para diversas unidades administrativas ou determinados funcionários. Assinale a opção que NÃO faz parte da estrutura de uma circular.

a) Texto paragrafado.
b) Destinatário.
c) Assunto.
d) Fecho de cortesia.
e) Cláusulas.

Comentário: um contrato, um tratado, um testamento ou qualquer outro documento semelhante de cunho jurídico é formado de cláusulas. Uma circular é estruturada com assunto, destinatário, parágrafos e fecho, porém não possui cláusulas. A resposta correta para essa questão é a letra E.

Gabarito: E

15. **(IPEM/RO – 2013 – Agente de Ativ. Administrativas – FUNCAB)** São características de um memorando, EXCETO:

a) Deve pautar-se pela rapidez e pela simplicidade de procedimentos burocráticos.
b) Pode ser despachado no próprio documento.
c) Tem como objetivo principal a morosidade.
d) Pode ter caráter meramente administrativo.
e) Pode ser empregado para a exposição de projetos.

Comentário: uma vez que "morosidade" significa vagareza, demora, e que a característica principal desse documento é a agilidade, concluímos que a *resposta correta é a letra C. As alternativas A, B, D e E possuem características de um memorando.*

Gabarito: C

16. **(IPEM/RO – 2013 – Agente de Ativ. Administrativas – FUNCAB)** Assinale a alternativa em que a forma de tratamento apresentado na Coluna I corresponde à respectiva autoridade na Coluna II.

Coluna I
1. Vossa Magnificência
2. Vossa Excelência
3. Vossa Senhoria

Coluna II
( ) prefeito
( ) reitor
( ) chefe de gabinete
( ) presidente da república
( ) juiz de direito

a) 2, 1, 3, 2 e 2.
b) 1, 3, 3, 1 e 2
c) 2, 1, 3, 2 e 3.
d) 3, 1, 2, 2 e 1.
e) 3, 2, 2, 1 e 3.

Comentário: "Vossa Magnificência" é usado para tratar reitores; "Vossa Excelência" usa-se com autoridades dos Poderes Legislativo, Executivo e Judiciário e "Vossa Senhoria" é usado para as demais autoridades. Visto isso, marquemos a segunda coluna assim: 2-1-3-2-2. A resposta, portanto, é a letra A.

Gabarito: A

17. **(IPEM/RO – 2013 – Agente de Ativ. Administrativas – FUNCAB)** Buscando a padronização dos endereços, a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos estabeleceu a sequência correta que deve ser observada no preenchimento dos dados relativos ao destinatário em uma correspondência.

1. Nome da rua / número / complemento
2. Forma de tratamento
3. Bairro
4. CEP/ cidade /UF
5. Nome do destinatário

A sequência correta é:

a) 5, 2, 1, 3 e 4.
b) 2, 5, 1, 3 e 4.
c) 5, 2, 3, 1 e 4
d) 2, 5, 3, 4 e 1.
e) 2, 5, 1, 4 e 3.

Comentário: no envelope de uma correspondência, seja ela oficial ou não, há uma padronização dos dados do destinatário, que seguem a seguinte sequência: forma de tratamento - nome do destinatário - nome da rua, número e complemento (caso haja) – bairro – CEP, cidade e estado (também identificado como Unidade da Federação – UF). A sequência numérica portanto fica assim: 2-5-1-3-4. Alternativa B.

Gabarito: B

18. **(ANS – 2015 – Ativ. Téc. De Complexidade – Direito – FUNCAB)** De acordo com as recomendações do Manual de Redação da Presidência da República, a redação adequada para a introdução de um

ofício encaminhado ao presidente da Academia Brasileira de Letras pelo Ministro da Educação está na opção:

a) Em resposta ao telegrama encaminhado por Vossa Senhoria em 15 de outubro último, informo que as pesquisas sobre os segredos da narrativa podem ser desenvolvidas sem quaisquer condicionamentos, para que a literatura continue a ser uma expressão artística de relevância.

b) Sua excelência pode autorizar o desenvolvimento das pesquisas sobre os segredos da narrativa, tendo em vista que, a fim de se obterem resultados positivos, não deve haver qualquer condicionamento a essas pesquisas de tanta relevância.

c) Em resposta ao telegrama encaminhado por Vossa Excelência em 15 de outubro último, ficou decidido que as pesquisas sobre os segredos da narrativa não podem ser prejudicadas pela falta de material, haja visto a relevância de tais pesquisas.

d) Respondendo ao telegrama encaminhado por Vossa Senhoria em 15 de outubro último, tenho o prazer de informar que as pesquisas sobre os segredos da narrativa podem ser desenvolvidas sem qualquer condicionamentos, embora a literatura continue a ser uma expressão artística de relevância.

e) Em resposta ao telegrama encaminhado por Sua Senhoria em 15 de outubro último, acho que não existe nenhum entrave para que as pesquisas sobre os segredos da narrativa sejam desenvolvidos, para, portanto, a literatura continuar a ser uma grande expressão artística.

Comentário: uma correspondência para o presidente da Academia Brasileira de Letras deve ter o pronome de tratamento Vossa Senhoria como consta na letra A, além disso, não outros erros gramaticais nessa alternativa.

Na letra B, o termo "Sua Excelência" foi usado incorretamente, uma vez que, para se referir à pessoa com quem se fala, o termo deve ser "Vossa" e no lugar de "Excelência" deveria estar "Senhoria".

Na opção C, os termos "Vossa Excelência" e "haja visto" estão incorretos, devendo ser substituídos por Vossa Senhoria e haja vista.

Em D, a construção "qualquer condicionamentos" está incorreta. Nesse caso, a palavra qualquer é um pronome indefinido e deveria concordar com o substantivo "condicionamentos", sendo flexionada no plural. Há outro problema nessa alternativa, a expressão "tenho o prazer" indica marcas de pessoalidade e uma das características de um texto oficial é a impessoalidade. Em uma leitura mais atenta, observamos outro equívoco, o uso da conjunção "embora". Essa conjunção é concessiva e as conjunções desse tipo iniciam orações que apresentam um fato contrário ao que foi indicado pela ação proposta pela oração principal. Então, o Ministro tem o "prazer de informar que as pesquisas" podem ser desenvolvidas mesmo que (ou ainda que) "a literatura continue a ser uma expressão artística de relevância." O fato de a literatura ser uma expressão artística não é um peso para que as pesquisas sejam desenvolvidas concordam? A conjunção a ser usada aí deveria ser uma conclusiva, como "já que" ou "uma vez que".

Em E, também há marca de pessoalidade na expressão "acho que". A palavra "desenvolvidos" deveria estar no feminino concordando com "as pesquisas" e, ainda o termo "Sua Senhoria" também está errado.

A alternativa correta, portanto, é a letra A.

Gabarito: A

19. **(FACELI – 2015 – Técnico Administrativo – FUNCAB)** O memorando e o ofício são documentos que, em sentido amplo, objetivam a execução de atos normativos e, se caracterizam, quanto à espécie, em atos:

a) de correspondência.
b) comprobatórios.
c) enunciativos.
d) de assentamento.
e) de ajuste.

Comentário: o memorando e o ofício são formas de comunicação escrita em que há sempre um remetente e um destinatário, podendo o último ser uma ou várias pessoas. É, então, um documento de correspondência. Resposta letra A.

Gabarito: A

20. **(FACELI – 2015 – Técnico Administrativo – FUNCAB)** O ofício é uma modalidade de comunicação oficial proveniente de uma autoridade, que consiste em comunicação de qualquer assunto administrativo ou estabelecimento de uma ordem. A seguir, segue um modelo de ofício, em que o local e a data são partes integrantes, devendo estar localizadas em que parte do documento?

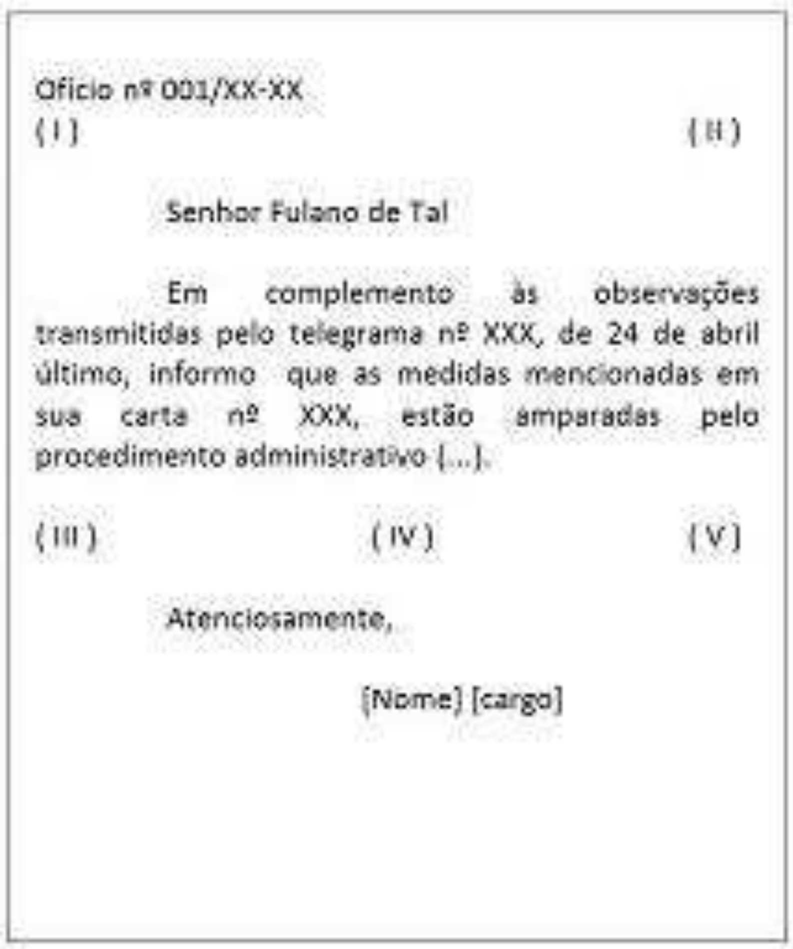

Ofício nº 001/XX-XX
(I) (II)

Senhor Fulano de Tal

Em complemento às observações transmitidas pelo telegrama nº XXX, de 24 de abril último, informo que as medidas mencionadas em sua carta nº XXX, estão amparadas pelo procedimento administrativo [...].

(III) (IV) (V)

Atenciosamente,

[Nome] [cargo]

a) I
b) II
c) III
d) IV
e) V

Comentário: no Manual, no subtítulo Forma e Estrutura, visualizamos um modelo de Ofício. Nesse modelo, a localização da data corresponde à opção B, posição II no exemplo dado nessa questão.

Gabarito: B

LISTA DE QUESTÕES COMENTADAS NESTA AULA

01. **(ANS – 2015 – Ativ. Tec. De Suporte – FUNCAB)** De acordo com as recomendações do Manual de Redação da Presidência da República, a redação adequada para a introdução de um memorando enviado de um chefe de diretoria para outro, no âmbito do Ministério da Educação, está na opção:

a) Nos termos do plano geral de informatização, a ser implementado pelo Ministério, solicito a Sua Senhoria que verifique a possibilidade de instalação, no sistema, de programa que facilite o processo de avaliação de textos literários narrativos.

b) Nos termos do plano geral de informatização a ser implementado pelo Ministério, solicito a Vossa Excelência que verifiqueis a possibilidade de instalação no sistema de programa que venha a facilitar o processo de avaliação de textos literários narrativos.

c) Nos termos do plano geral de informatização a ser implementado pelo Ministério, solicito a Sua Excelência verificar a possibilidade de instalação, no sistema, de programa que facilite o processo de avaliação de textos literários narrativos.

d) Nos termos do plano geral de informatização a ser implementado pelo Ministério, solicito a Vossa Senhoria que verifiqueis a possibilidade de instalação no sistema de programa que facilite o processo de avaliação de textos literários narrativos.

e) Nos termos do plano geral de informatização a ser implementado pelo Ministério, solicito a Vossa Senhoria verificar a possibilidade de instalação, no sistema, de programa que facilite o processo de avaliação de textos literários narrativos.

02. **(CRC/RO – 2015 – Assistente Administrativo – FUNCAB)** Na correspondência oficial, os pronomes de tratamento (ou de *segunda pessoa indireta*) apresentam certas peculiaridades quanto à concordância verbal, nominal e pronominal. O emprego dos pronomes de tratamento são de uso consagrado tanto para os membros de Poderes da República, em suas diversas instâncias, quanto para os religiosos, de acordo com a sua hierarquia eclesiástica. Os pronomes de tratamento correspondentes para os Cardeais e para os Conselheiros dos Tribunais de Contas Estaduais, são, respectivamente:

a) Vossa Excelência Reverendíssima e Vossa Senhoria.

b) Vossa Reverência e Vossa Senhoria.

c) Vossa Reverência e Vossa Excelência.

d) Vossa Eminência e Vossa Excelência.

e) Vossa Excelência Reverendíssima e Vossa Excelência.

03. **(CRC/RO – 2015 – Assistente Administrativo – FUNCAB)** Com relação ao emprego dos pronomes de tratamento nas comunicações oficiais, é preciso observar algumas formalidades. O vocativo a ser empregado em comunicações dirigidas aos Chefes de Poder e o termo subsequente, são, respectivamente:

a) Ilustríssimo Senhor, seguido do cargo respectivo.

b) Ilustríssimo Senhor, seguido do nome completo.

c) Excelentíssimo respectivo. Senhor, seguido do cargo.
d) Excelentíssimo completo. Senhor, seguido do nome.
e) Excelentíssimo respectivo. Doutor, seguido do cargo.

04. **(CRC/RO – 2015 – Assistente Administrativo – FUNCAB)** A redação oficial é a maneira pela qual o Poder Público redige atos normativos e comunicações. Na redação oficial o que se comunica é sempre algum assunto relativo às atribuições do órgão que comunica. O destinatário dessa comunicação ou é o público, o conjunto dos cidadãos, ou outro órgão público, do Executivo ou dos outros Poderes. A característica da redação oficial que consiste da ausência de impressões individuais de quem comunica, obtendo-se assim uma desejável padronização, que permite que comunicações elaboradas em diferentes setores da Administração guardem entre si certa uniformidade, é denominada:
a) impessoalidade.
b) objetividade.
c) formalidade.
d) concisão.
e) clareza.

05. **(FUNASG – 2015 – Agente Apoio Técnico – FUNCAB)** O fecho nas comunicações oficiais marca o fim do texto e, também, tem a finalidade de saudar o destinatário. Para autoridades de mesma hierarquia ou de hierarquia inferior, o modelo correto utilizado seria:
a) Sinceramente
b) Atenciosamente.
c) Respeitosamente.
d) Cordialmente.
e) Consideravelmente.

06. **(SEPLAG – 2014 – Direito – FUNCAB)** A regra que obsta o emprego do acento grave no "a" de: "dirigimo-nos A Vossa Senhoria" é a mesma que orienta o autor a não usá-lo em:

a) "[...] que vão desde as raízes históricas da ciência até A percepção [...] de seu dogmatismo." (§ 1)

b) "[...] e é testemunha da necessidade coletiva de conhecer melhor A nós mesmos [...]" (§ 8)

c) "[...] mas são refinadas com o passar do tempo, A partir da comparação [...] com dados." (§ 5)

d) "[...] e, aos poucos, chega-se A um resultado aceito pela comunidade científica." (§ 5)

07. **(IF/RR – 2013 – Assistente de Administração – FUNCAB)** Na coluna I constam alguns tipos de documentos oficiais de um órgão público. Estabeleça a correta correspondência com as características da coluna II.

Coluna I
1. ata
2. Circular
3. laudo
4. memorando

Coluna II
( ) parecer de especialista.
( ) documento enviado simultaneamente a vários destinatários.
( ) forma de correspondência interna.
( ) exposição do que ocorreu durante uma reunião.

A sequência correta é:
a) 3 – 1 –2 – 4
b) 2 – 4 – 3 – 1
c) 3 – 2 – 4 – 1

d) 4 – 3 –2 – 1

e) 3 – 2 –1 – 4

08. **(ANS – 2013 – Atividade Téc. De Suporte – FUNCAB)** “Modalidade de comunicação entre unidades administrativas de um mesmo órgão, que podem estar hierarquicamente em mesmo nível ou em níveis diferentes. Trata-se, portanto, de uma forma de comunicação eminentemente interna."

Assinale a alternativa que contém o tipo de documento oficial a ser utilizado na situação acima descrita.

a) Ofício.

b) Petição.

c) Parecer.

d) Memorando.

e) Requerimento.

09. **(ANS – 2013 – Atividade Téc. De Suporte – FUNCAB)** De acordo com o Manual de Redação Oficial da Presidência da República, o Memorando deve mencionar o seu destinatário, respectivamente, da seguinte forma:

a) cargo e nome.

b) pronome de tratamento e nome.

c) pronome de tratamento e cargo.

d) pronome de tratamento, cargo e nome.

e) pronome de tratamento, nome e cargo.

10. **(ANS – 2013 – Atividade Téc. De Suporte – FUNCAB)** Considere as afirmativas a seguir e assinale a alternativa correta:

I. Qualquer autoridade do Poder Executivo pode expedir o Aviso com a finalidade de tratar de assuntos oficiais que se encontram no âmbito de sua competência.

II. O Ofício, o Memorando e o Aviso devem conter os seguintes elementos: tipo e número do expediente, sigla do órgão que o expede, local e data em que foi assinado, assunto, destinatário, texto, fecho, assinatura, nome completo e cargo da autoridade expedidora.

III. O Ofício é um tipo de comunicado expedido exclusivamente por Ministros de Estado e pode ser destinado a outros Ministros de Estado, a órgãos da Administração direta ou indireta e a particulares.

a) Somente a I é verdadeira.

b) Somente II e III são verdadeiras.

c) Somente I e III são verdadeiras.

d) Somente a II é verdadeira.

e) Somente a III é verdadeira.

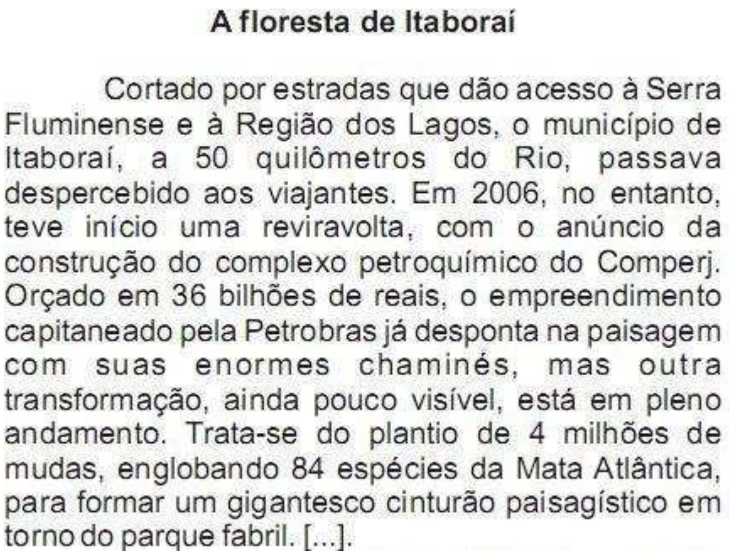

A floresta de Itaboraí

Cortado por estradas que dão acesso à Serra Fluminense e à Região dos Lagos, o município de Itaboraí, a 50 quilômetros do Rio, passava despercebido aos viajantes. Em 2006, no entanto, teve início uma reviravolta, com o anúncio da construção do complexo petroquímico do Comperj. Orçado em 36 bilhões de reais, o empreendimento capitaneado pela Petrobras já desponta na paisagem com suas enormes chaminés, mas outra transformação, ainda pouco visível, está em pleno andamento. Trata-se do plantio de 4 milhões de mudas, englobando 84 espécies da Mata Atlântica, para formar um gigantesco cinturão paisagístico em torno do parque fabril. [...].

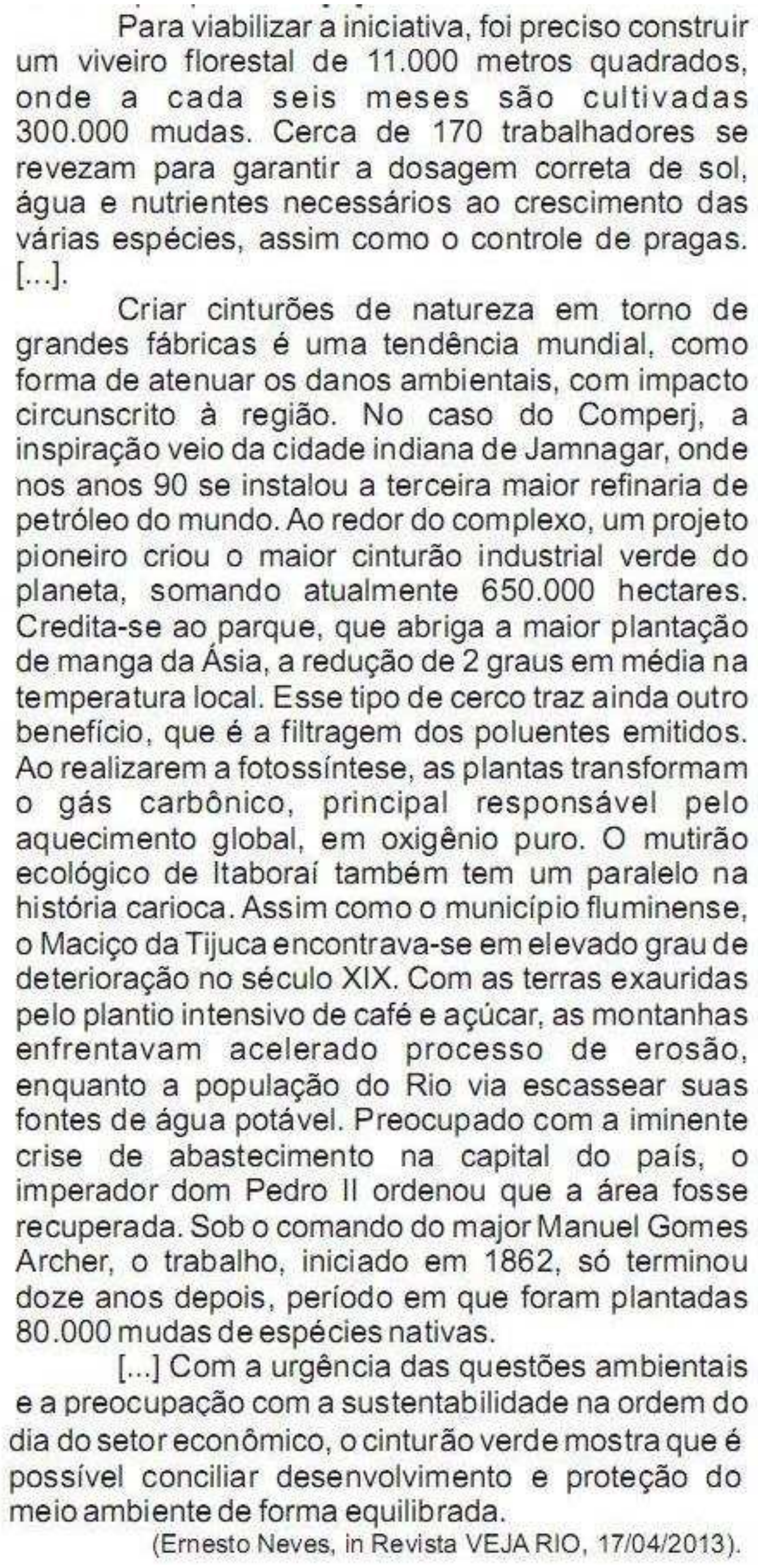

Para viabilizar a iniciativa, foi preciso construir um viveiro florestal de 11.000 metros quadrados, onde a cada seis meses são cultivadas 300.000 mudas. Cerca de 170 trabalhadores se revezam para garantir a dosagem correta de sol, água e nutrientes necessários ao crescimento das várias espécies, assim como o controle de pragas. [...].

Criar cinturões de natureza em torno de grandes fábricas é uma tendência mundial, como forma de atenuar os danos ambientais, com impacto circunscrito à região. No caso do Comperj, a inspiração veio da cidade indiana de Jamnagar, onde nos anos 90 se instalou a terceira maior refinaria de petróleo do mundo. Ao redor do complexo, um projeto pioneiro criou o maior cinturão industrial verde do planeta, somando atualmente 650.000 hectares. Credita-se ao parque, que abriga a maior plantação de manga da Ásia, a redução de 2 graus em média na temperatura local. Esse tipo de cerco traz ainda outro benefício, que é a filtragem dos poluentes emitidos. Ao realizarem a fotossíntese, as plantas transformam o gás carbônico, principal responsável pelo aquecimento global, em oxigênio puro. O mutirão ecológico de Itaboraí também tem um paralelo na história carioca. Assim como o município fluminense, o Maciço da Tijuca encontrava-se em elevado grau de deterioração no século XIX. Com as terras exauridas pelo plantio intensivo de café e açúcar, as montanhas enfrentavam acelerado processo de erosão, enquanto a população do Rio via escassear suas fontes de água potável. Preocupado com a iminente crise de abastecimento na capital do país, o imperador dom Pedro II ordenou que a área fosse recuperada. Sob o comando do major Manuel Gomes Archer, o trabalho, iniciado em 1862, só terminou doze anos depois, período em que foram plantadas 80.000 mudas de espécies nativas.

[...] Com a urgência das questões ambientais e a preocupação com a sustentabilidade na ordem do dia do setor econômico, o cinturão verde mostra que é possível conciliar desenvolvimento e proteção do meio ambiente de forma equilibrada.

(Ernesto Neves, in Revista VEJA RIO, 17/04/2013).

11. **(SUDECO – 2013 - Agente Administrativo – FUNCAB)** Considerando que os termos de correspondência oficial seguem as normas do padrão culto da língua, analise as frases a seguir e assinale a alternativa correta.

a) Assim que recebermos a lista do material solicitado, Vossa Senhoria serás comunicada. – DIRETOR DE EMPRESA

b) Acreditamos que a decisão de Vossa Eminência afetará a qualidade dos programas de pós-graduação desta universidade. – REITOR DE UNIVERSIDADE

c) Remetemos à Sua Senhoria as determinações do Senhor Diretor relativas ao funcionamento do setor administrativo de tua responsabilidade. – GERENTE DE DEPARTAMENTO

d) Solicitamos a Vossa Excelência, representante da banca examinadora, a revisão da prova de Língua Portuguesa. – BANCA EXAMINADORA DE CONCURSO PÚBLICO

e) Enviamos a Vossa Senhoria a estatística do atendimento ao consumidor realizada por nossa empresa no primeiro semestre deste ano. – FUNCIONÁRIO PÚBLICO GRADUADO

12. **(IPEM/RO – 2013 – Agente de Ativ. Administrativas – FUNCAB)** Diferentes formas de documentos são produzidas e recebidas nas instituições. Uma forma de documento que antes da sua feição definitiva apresenta texto passível de modificações é:

a) carta.

b) minuta.

c) cópia.

d) original.

e) rascunho.

13. **(IPEM/RO – 2013 – Agente de Ativ. Administrativas – FUNCAB)** É o documento de valor jurídico que consiste no resumo fiel dos

fatos, ocorrências e decisões de sessões, reuniões ou assembleias. Essa é a definição de:

a) ata.
b) memorando.
c) parecer.
d) ofício.
e) carta.

14. **(IPEM/RO – 2013 – Agente de Ativ. Administrativas – FUNCAB)** A circular é uma comunicação oficial, interna ou externa, expedida para diversas unidades administrativas ou determinados funcionários. Assinale a opção que NÃO faz parte da estrutura de uma circular.

a) Texto paragrafado.
b) Destinatário.
c) Assunto.
d) Fecho de cortesia.
e) Cláusulas.

15. **(IPEM/RO – 2013 – Agente de Ativ. Administrativas – FUNCAB)** São características de um memorando, EXCETO:

a) Deve pautar-se pela rapidez e pela simplicidade de procedimentos burocráticos.
b) Pode ser despachado no próprio documento.
c) Tem como objetivo principal a morosidade.
d) Pode ter caráter meramente administrativo.
e) Pode ser empregado para a exposição de projetos.

16. **(IPEM/RO – 2013 – Agente de Ativ. Administrativas – FUNCAB)** Assinale a alternativa em que a forma de tratamento apresentado na Coluna I corresponde à respectiva autoridade na Coluna II.

Coluna I
1. Vossa Magnificência
2. Vossa Excelência
3. Vossa Senhoria

Coluna II
( ) prefeito
( ) reitor
( ) chefe de gabinete
( ) presidente da república
( ) juiz de direito

a) 2, 1, 3, 2 e 2.
b) 1, 3, 3, 1 e 2
c) 2, 1, 3, 2 e 3.
d) 3, 1, 2, 2 e 1.
e) 3, 2, 2, 1 e 3.

17. **(IPEM/RO – 2013 – Agente de Ativ. Administrativas – FUNCAB)** Buscando a padronização dos endereços, a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos estabeleceu a sequência correta que deve ser observada no preenchimento dos dados relativos ao destinatário em uma correspondência.

1. Nome da rua / número / complemento
2. Forma de tratamento
3. Bairro
4. CEP/ cidade /UF
5. Nome do destinatário

A sequência correta é:

a) 5, 2, 1, 3 e 4.
b) 2, 5, 1, 3 e 4.
c) 5, 2, 3, 1 e 4
d) 2, 5, 3, 4 e 1.
e) 2, 5, 1, 4 e 3.

18. **(ANS – 2015 – Ativ. Téc. De Complexidade – Direito – FUNCAB)** De acordo com as recomendações do Manual de Redação da Presidência da República, a redação adequada para a introdução de um ofício encaminhado ao presidente da Academia Brasileira de Letras pelo Ministro da Educação está na opção:

a) Em resposta ao telegrama encaminhado por Vossa Senhoria em 15 de outubro último, informo que as pesquisas sobre os segredos da narrativa podem ser desenvolvidas sem quaisquer condicionamentos, para que a literatura continue a ser uma expressão artística de relevância.

b) Sua excelência pode autorizar o desenvolvimento das pesquisas sobre os segredos da narrativa, tendo em vista que, a fim de se obterem resultados positivos, não deve haver qualquer condicionamento a essas pesquisas de tanta relevância.

c) Em resposta ao telegrama encaminhado por Vossa Excelência em 15 de outubro último, ficou decidido que as pesquisas sobre os segredos da narrativa não podem ser prejudicadas pela falta de material, haja visto a relevância de tais pesquisas.

d) Respondendo ao telegrama encaminhado por Vossa Senhoria em 15 de outubro último, tenho o prazer de informar que as pesquisas sobre os segredos da narrativa podem ser desenvolvidas sem qualquer condicionamentos, embora a literatura continue a ser uma expressão artística de relevância.

e) Em resposta ao telegrama encaminhado por Sua Senhoria em 15 de outubro último, acho que não existe nenhum entrave para que as pesquisas sobre os segredos da narrativa sejam desenvolvidos, para, portanto, a literatura continuar a ser uma grande expressão artística.

19. **(FACELI – 2015 – Técnico Administrativo – FUNCAB)** O memorando e o ofício são documentos que, em sentido amplo, objetivam a execução de atos normativos e, se caracterizam, quanto à espécie, em atos:

a) de correspondência.
b) comprobatórios.
c) enunciativos.
d) de assentamento.
e) de ajuste.

20. **(FACELI – 2015 – Técnico Administrativo – FUNCAB)** O ofício é uma modalidade de comunicação oficial proveniente de uma autoridade, que consiste em comunicação de qualquer assunto administrativo ou estabelecimento de uma ordem. A seguir, segue um modelo de ofício, em que o local e a data são partes integrantes, devendo estar localizadas em que parte do documento?

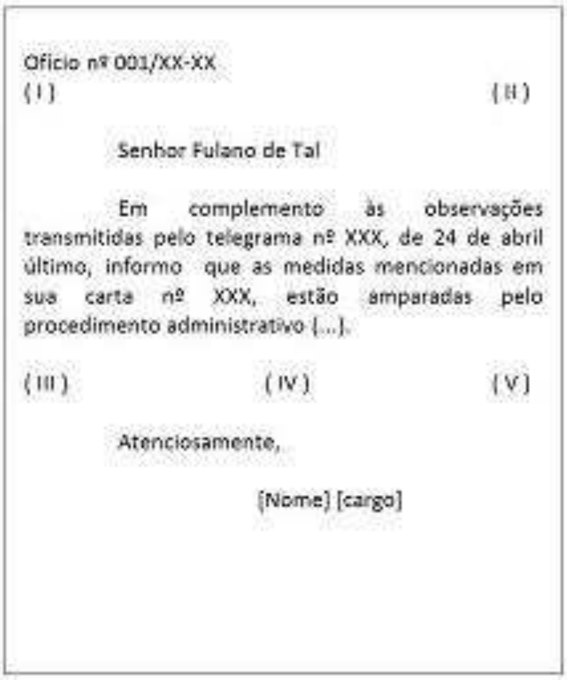

Ofício nº 001/XX-XX
(I) (II)

Senhor Fulano de Tal

Em complemento às observações transmitidas pelo telegrama nº XXX, de 24 de abril último, informo que as medidas mencionadas em sua carta nº XXX, estão amparadas pelo procedimento administrativo [...].

(III) (IV) (V)

Atenciosamente,

[Nome] [cargo]

a) I
b) II
c) III
d) IV
e) V

1) **E**
2) **D**
3) **C**
4) **A**
5) **D**
6) **B**
7) **C**
8) **D**
9) **C**
10) **D**
11) **E**
12) **E**
13) **A**
14) **E**
15) **C**
16) **A**
17) **B**
18) **A**
19) **A**
20) **B**

Forte abraço!

Rafaela Freitas.

Contato: professorarafaelafreitas@gmail.com

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

TIPOLOGIA TEXTUAL

(Bloco I)

Vânia
Araújo

AS FUNÇÕES SOCIOCOMUNICATIVAS (OBJETIVOS DO ENUNCIADOR) DOS GÊNEROS TEXTUAIS RELACIONAM-SE INTIMAMENTE AOS TIPOS A QUE PERTENCEM:

- ✓ **Na narração:** o objetivo é contar histórias, relatar fatos/acontecimentos – entendidos estes como **a ação em sua ocorrência**.
- ✓ **Na descrição:** a finalidade é "dizer como é" o objeto referente do discurso, ou seja, detalhar, caracterizar.
- ✓ **Na exposição:** a intenção é refletir, explicar, conceituar, expor ideias para "dar a conhecer" ao leitor, "fazê-lo saber".

- ✓ **Na argumentação:** o objetivo é convencer, persuadir o interlocutor a fazer algo, a participar dos fatos, a ver os elementos do mundo e, de certo modo, buscar a sua adesão a eles.

- ✓ **Na injunção:** objetiva-se apresentar a ação requerida/desejada (**o que** e **como** fazer) para incitar o interlocutor à realização da ação.

- ✓ **Na predição:** o objetivo é antecipar a ocorrência de situações por alguma razão – preparar-se para recebê-las, contorná-las ou simplesmente evitá-las.

TIPOS E GÊNEROS TEXTUAIS MAIS UTILIZADOS NAS PROVAS DE CONCURSOS

DISCURSO JORNALÍSTICO

TIPOLOGIA NARRATIVA:

- ✓ NOTÍCIAS
- ✓ CRÔNICAS
- ✓ CRÔNICAS REFLEXIVAS

TIPOLOGIA DISSERTATIVA:

- ✓ ARTIGOS DE OPINIÃO
- ✓ EDITORIAIS
- ✓ ENTREVISTAS

DISCURSO LITERÁRIO

TIPOLOGIA NARRATIVA:

- ✓ FÁBULAS
- ✓ CRÔNICAS
- ✓ CRÔNICAS REFLEXIVAS
- ✓ CONTOS
- ✓ ROMANCES

DISCURSO ACADÊMICO/CIENTÍFICO

TIPOLOGIA DISSERTATIVA:

- ✓ ARTIGOS
- ✓ ENSAIOS

TIPOS TEXTUAIS

NARRATIVO

É o texto que tem por objetivo relatar fatos, episódios; contar histórias (verdadeiras ou fictícias). A narração apresenta uma sequência de acontecimentos (com começo, meio e fim), que pode ter sua ordem alterada pelo escritor, dependendo do efeito que ele pretenda alcançar. São exemplos de textos narrativos: **notícias, romances, novelas, contos, crônicas, anedotas e até histórias em quadrinhos.**

CARACTERÍSTICAS DO TEXTO NARRATIVO:

- **Faz um e**ncadeamento de ações e de fatos;
- As frases se organizam em uma progressão temporal (relação de anterioridade/posterioridade), tanto que não se pode alterar a sequência sem se afetar basicamente o texto.
- É um texto bastante dinâmico, uma vez que existem muitos verbos indicando movimento, ação.

OS ELEMENTOS ESSENCIAIS DA NARRATIVA SÃO:

1. **NARRADOR:** é aquele que “conta” a história – um ser ficcional a quem o autor transfere a tarefa de narrar os fatos.

2. **PERSONAGENS:** são os seres envolvidos na história, que vivem os fatos e que podem ser caracterizados, tanto física quanto psicologicamente. Qualquer ser (pessoa, bicho, criatura inanimada) pode ser personagem de uma narrativa.

3. **AÇÕES:** representam a sequência da história e são fundamentais em textos narrativos, já que, neles, o autor organiza a ação em determinada ordem, contando para o leitor algum fato que ocorreu em determinado lugar, num determinado tempo, com determinados personagens.

4. **ENREDO:** é a sequência de acontecimentos, ou seja, o conjunto encadeado dos fatos, organizado de acordo com a vontade do escritor. É com base nesse enredo que os demais elementos que compõem a estrutura da narrativa vão se formando e se relacionando para a construção de um texto coerente.

5. **ESPAÇO:** é o local onde se desenrola a história: o cenário. A descrição do espaço serve para criar o clima que envolve o leitor nos acontecimentos.

6. **TEMPO:** traduz o momento da narrativa, ou seja, é o “quando acontece” a história, do início ao fim. Existem histórias que se passam em curto período de tempo e outras que duram um tempo inimaginável.

Contou-me um amigo uma história exemplar, ocorrida na cidade mineira de Nova Lima, por volta dos anos 30. Em Nova Lima, existe uma importante mina de ouro – a mina de Morro Velho – que, àquela época, vivia o seu apogeu, e era propriedade de uma companhia inglesa. Os operários, nas entranhas da terra, perfuravam a rocha com suas brocas e picaretas e, dessa forma, respiravam durante anos, nas galerias fundas, a poeira de pedra que o trabalho levantava.

Sem nenhuma proteção, ao fim de algum tempo, os mineiros, na sua quase totalidade, contraíam a silicose, causada pelo depósito do pó de pedra em seus pulmões. A silicose, além de encurtar a vida e a capacidade de trabalho, provoca também uma tosse crônica, oca e ressoante, capaz de denunciar, à distância, a moléstia que lhe dá origem.

Nas noites de Nova Lima, quando buscava repouso, a cidade era sacudida e inquietada por uma trovoada surda e cava que, nascendo dos casebres operários, chegava até às fraldas das montanhas em torno. Era a grande tosse dos pobres, sintoma e denúncia eloquente da silicose que os roía.

Hélio Pellegrino. *Psicanálise da criminalidade brasileira: ricos e pobres*. *In*: ***Folha de S. Paulo***, “Folhetim”.

DESCRITIVO

É o texto em que se faz a caracterização de pessoas, objetos, ambientes ou situações, por meio da qual se ***destacam as propriedades e os aspectos dos elementos "retratados" num certo estado*** (como se estivessem parados).

Nos enunciados descritivos, podem até aparecer verbos que exprimam ação, movimento, mas ***os movimentos são sempre simultâneos***, ou seja, não indicam progressão de um estado anterior para outro posterior.

OBSERVAÇÃO:

Como é um processo de caracterização que exige sensibilidade de quem faz para tocar aquele que lê, a descrição embasa-se mais na percepção e no uso dos cinco sentidos (visão, tato, audição, paladar e olfato).

CARACTERÍSTICAS DO TEXTO DESCRITIVO:

- É marcado pela riqueza de detalhes e pela presença abundante de adjetivos.
- Não existe temporalidade (datas) – tanto que se pode alterar a sequência sem se afetar basicamente o sentido do texto.
- É um texto estático, já que faz uso reiterado de verbos “de estado” e não “de ação” (assemelha-se a uma fotografia).

ATENÇÃO!

No texto descritivo, a apresentação conjunta de traços físicos e psicológicos permite que a caracterização se torne mais concreta, mais completa e mais sensível, para, assim, fazer o leitor realizar em sua imaginação o objeto ou o ser descrito. ***Entretanto, é possível, também, que haja o predomínio de um aspecto (físico ou psicológico) sobre o outro***.

- ✓ **DESCRIÇÃO OBJETIVA:** ocorre quando o processo de caracterização procura descrever a realidade, de maneira real fiel e direta, sem acrescentar nenhum juízo de valor. O autor torna-se impessoal e a linguagem utilizada é a denotativa; assim, à medida que o texto avança, a imagem do ser descrito vai-se formando em sua mente. Observe o trecho abaixo:

O homem

A pé, quando parado, recosta-se invariavelmente ao primeiro umbral ou parede que encontra; a cavalo, se sofreia o animal para trocar duas palavras com um conhecido, cai logo sobre um dos estribos, descansando sobre a espenda da sela. (...) E se na marcha estaca pelo motivo mais vulgar, para enrolar um cigarro, bater o isqueiro, ou travar ligeira conversa com um amigo, cai logo – cai é o termo – de cócoras, atravessando largo tempo numa posição de equilíbrio instável, em que todo o seu corpo fica suspenso pelos dedos grandes dos pés, sentado sobre os calcanhares, com uma simplicidade a um tempo ridícula e adorável.

Euclides da Cunha. ***Os sertões: campanha de Canudos***. 31ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1982, p. 37.

- ✓ **DESCRIÇÃO SUBJETIVA:** ocorre quando o processo de caracterização destaca o estado de espírito do autor, suas impressões ou percepção diante da coisa observada; ou mesmo sua opinião sobre ela. É um texto traz uma representação muito particular do objeto, por meio da linguagem conotativa. Observe o exemplo abaixo:

O homem

O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral. A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempeno, a estrutura corretíssima das organizações atléticas.

É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gingante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. (...)

Euclides da Cunha. ***Os sertões: campanha de Canudos***. 31ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1982, p. 37.

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

TIPOLOGIA TEXTUAL

(Bloco I)

Vânia Araújo

ADRIANA
FIGUEIREDO
CURSOS

CONCORDÂNCIA VERBAL

O verbo concorda em número e pessoa com seu sujeito.

A concordância verbal pode ser **lógica** (=gramatical) – o verbo concorda em número e pessoa com o sujeito –, ou **ideológica** (=silepse), quando a concordância é feita com a ideia.

Observe os casos e complete as lacunas, considerando as concordâncias. Se a frase estiver na ordem inversa, procure organizá-la para identificar com segurança seu sujeito.

Caso 1 – Sujeito Simples
(a) O VERBO CONCORDA COM O NÚCLEO DO SUJEITO (singular ou plural) NA LOCUÇÃO VERBAL, QUEM SE FLEXIONA É O VERBO AUXILIAR.
(b) QUANDO APARECE PRONOME **SE** (=APASSIVADOR): o verbo concorda com o sujeito expresso na frase.
(c) VERBOS **DAR, BATER** e **SOAR**: concordam com o sujeito, que pode ser o número de horas ou o vocábulo relógio.
(d) EXPRESSÕES **MAIS DE, CERCA DE, PERTO DE**: o verbo concorda com a palavra que se segue.
(e) SUJEITO REPRESENTADO POR **QUAL DE NÓS, ALGUM DE NÓS**...: verbo no singular (o núcleo do sujeito é QUAL, ALGUM...); COM **QUAIS DE NÓS, ALGUNS DE NÓS**...: verbo na 3ª pessoa do plural (concordando com o núcleo QUAIS, ALGUNS...) ou concorda com o termo que se segue (NÓS...)
(f) SUJEITO REPRESENTADO PELAS EXPRESSÕES **A MAIORIA DE, GRANDE PARTE DE, GRANDE NÚMERO DE, A MAIOR PARTE DE, UM POR CENTO DE, VINTE POR CENTO DE...** + termo preposicionado: o verbo concorda com o núcleo do sujeito (maioria, parte, um, vinte...) ou com o termo que se segue. Se a porcentagem vier determinada, o verbo concordará com o determinante.
(g) SUJEITO REPRESENTADO POR NOME DE LUGAR OU DE OBRA: se vier acompanhado de artigo, o verbo concorda com este; não aparecendo artigo, verbo no singular.

1) Altamente irreais, suas palavras só ________________ valores supérfluos. (contém/contêm)

2) “A ordem social e humana nem sempre se ________________ sem o grotesco.” (alcança/alcançam)

3) ________________ muito barulho aqueles meninos. (Faz/Fazem)

4) ________________ vinte minutos para as dez horas. (Falta/Faltam)

5) ________________ duas palavras de incentivo. (Basta/Bastam).

6) Vossa Excelência ________________ triste com a repercussão do caso. (ficou/ficastes)

7) Vossas Excelências ________________ tristes com a repercussão. (ficaram/ficastes)

8) ________________ propostas de trabalho para ele. (Choveu/Choveram)

9) ________________ existir dúvidas sobre aquele ponto da matéria. (Deve/Devem)

10) ________________ ocorrer novas rebeliões. (Poderá/Poderão)

11) Embora ________________ ocorrido alguns distúrbios, ele não se inteirava da condição do mundo. (tivesse/tivessem)

12) Eles ________________ entender o problema (parecia/pareciam)

13) ________________ sala comercial. (Aluga-se/Alugam-se)

14) ________________ salas comerciais. (Aluga-se/Alugam-se)

15) ________________ medidas para baratear os produtos editoriais. (Impõe-se/Impõem-se)

16) ________________ cinco horas no relógio da sala. (Deu/Deram)

17) ________________ cinco horas o relógio da sala. (Deu/Deram)

18) ________________ uma hora. (Soou/Soaram)

19) ________________ seis horas no relógio da igreja. (Bateu/Bateram)

20) Mais de um caso ________________. (foi analisado/foram analisados)

21) Mais de um amigo **se** ________________. (abraçou/abraçaram)

22) Mais de dois casos ________________. (foi analisado/foram analisados)

23) Cerca de trinta pessoas ________________ mudanças. (exigia/exigiam)

24) Qual de nós ________________ do caso? (cuidará/cuidaremos)

25) Algum de nós ________________ a tempo. (chegará/chegaremos)

26) Quais de nós ________________ do caso? (cuidarão/cuidaremos)

27) Alguns de nós ________________ a tempo. (chegarão/chegaremos)

28) A maioria dos professores ________________ à cerimônia de posse do novo reitor. (compareceu/compareceram)

29) A maior parte da turma ________________ ao primeiro dia de aula. (faltou/faltaram)

30) Setenta por cento da turma ________________ de ano. (passou/passaram) / Os setenta por cento da turma ________________ de ano. (passou/passaram)

31) Setenta por cento dos eleitores não ________________ nos governantes. (confia/confiam)

32) Um por cento do eleitorado ________________ o voto. (anulou/anularam)

33) Um por cento dos eleitores ________________ o voto. (anulou/anularam)

34) Os Estados Unidos ________________ perversamente ________________ em 11 de setembro. (foi; atacado/foram; atacados)

35) Minas Gerais ________________ a visita de dois ministros. (recebeu/receberam)

36) Os Lusíadas ________________ uma epopeia. (conta/contam)

Caso 2 – Sujeito Composto
(a) SUJEITO COMPOSTO REPRESENTADO POR DOIS OU MAIS NÚCLEOS: se o verbo vier posposto, plural; se anteposto, pode concordar com o substantivo mais próximo ou com todos os núcleos.
(b) SUJEITO COMPOSTO RESUMIDO POR UM PRONOME INDEFINIDO (na função de aposto resumitivo): o verbo concorda com o pronome indefinido.
(c) SUJEITO COMPOSTO LIGADO POR COM: verbo no plural ou no singular (caso se queira destacar o primeiro núcleo, estando este no singular). Se a expressão iniciada por **COM** vier entre vírgulas, o verbo, de preferência, deverá concordar com o termo que antecede essa expressão.
(d) SUJEITO COMPOSTO LIGADO POR **OU**: se a ideia for de exclusão ou de retificação, o verbo concorda com o núcleo mais próximo. Se for de inclusão, verbo no plural.
(e) SUJEITO COMPOSTO DE PALAVRAS SINÔNIMAS OU EM GRADAÇÃO DE IDEIAS: a tendência é usar o verbo no plural, também sendo aceita a forma do singular.
(f) SUJEITO COMPOSTO FORMADO POR VERBOS NO INFINITIVO: verbo no singular. Se forem antônimos ou vierem determinados, verbo no plural.

37) Fernanda e Guilherme _________________ aqui agora há pouco. (estava/estavam)

38) _________________ aqui agora há pouco Fernando e Guilherme. (Estava/Estavam)

39) Acordava de manhã e lá _________________ o meu pão torrado, o meu chá e o meu ovo cozido. (estava/estavam)

40) O diretor e o chefe _________________ entender o problema. (parecia/pareciam)

41) Ela e eu _________________ para jantar. (saíram/saímos)

42) _________________ ela e eu para jantar. (Saímos/Saiu)

43) _________________ irmão e irmã. (Abraçou-se/Abraçaram-se)

44) Chás, política, escândalos, nada _________________ a sua concentração. (atrapalhava/atrapalhavam)

45) Engenheiros, técnicos, secretárias, todos _________________. (foi demitido/foram demitidos)

46) O funcionário com o chefe _________________ cedo. (chegou/chegaram)

47) O funcionário, com o chefe, _________________ cedo. (chegou/chegaram)

48) Wilson ou Ricardo _________________ o novo presidente do conselho fiscal. (será/serão)

49) O funcionário ou os funcionários _________________ o novo representante. (anunciará/anunciarão)

50) O riso ou a lágrima _________________ parte da minha vida. (faz/fazem)

51) A competição, a disputa não o _________________. (seduzia/seduziam)

52) A paixão, o devotamento, a alma não _________________ àquele homem. (falta/faltam)

53) Correr e nadar _________________ parte do treinamento diário daquele atleta. (faz/fazem)

54) Agora, calar e falar já não _________________ nada. (adianta/adiantam)

55) O falar e o escrever _________________ dele um aluno especial (fazia/faziam)

Caso 3 – Sujeito Indeterminado
(a) SUJEITO INDETERMINADO PELA PARTÍCULA **SE**: o verbo ficará, obrigatoriamente, na 3ª pessoa do singular. O verbo, em geral, é intransitivo, transitivo indireto ou de ligação.
(b) VERBO NO INFINITIVO, SEM REFERÊNCIA A PESSOAS DETERMINADAS (= INFINITIVO IMPESSOAL)
(c) VERBO NA 3ª PESSOA DO PLURAL SEM SUJEITO EXPRESSO: Ex.: Bateram à porta.

56) _________________ bastante por aqui. (Trabalha-se/Trabalham-se)

57) _________________ às ordens. (Obedeceu-se/Obedeceram-se)

58) _________________ aos levantamentos. (Procedeu-se/Procederam-se)

59) Nunca se _________________ totalmente pessimista. (é/são)

60) É preciso _________________ com a impunidade no país. (acabar/acabarem)

Caso 4 – Oração sem Sujeito
O verbo é IMPESSOAL (= 3ª pessoa do singular). Na locução verbal, se o verbo principal for impessoal, o auxiliar fica no singular.
(a) VERBOS INDICANDO FENÔMENOS NATURAIS: **chover, nevar, anoitecer, amanhecer...**
(b) VERBO HAVER (=existir, ocorrer, acontecer).
(c) VERBOS INDICANDO TEMPO DECORRIDO: **haver, fazer, ir...**
(d) EXPRESSÕES **CHEGA DE, BASTA DE, PASSA DE.**

61) _________________ bastante em alguns bairros. (Choveu/Choveram)

62) _________________ dúvidas sobre aquele ponto da matéria. (Havia/Haviam)

63) _________________ vantagens para o índio no contato com o civilizado. (Havia/Haviam)

64) _________________ haver vantagens para o índio no contato com o civilizado. (Devia/Deviam)

65) _________________ haver novas rebeliões. (Poderá/Poderão)

66) Falei da angústia que _________________ dias me devorava. (havia/haviam)

67) _________________ dez meses que não recebo notícias dele. (Faz/Fazem)

68) _________________ para dois anos de sua partida. (Vai/Vão)

69) _________________ reclamações. (Chega de/Chegam de)

70) _________________ duas horas. (Passa de/Passam de)

Caso 5 – Sujeito Oracional
Quando o sujeito aparece sob forma de oração, a expressão da oração principal não varia.
(a) VERBOS DO TIPO: convém, basta, falta, importa, parece...
(b) VERBO DE LIGAÇÃO + PREDICATIVO DO SUJEITO: é bom, está claro, parece possível...
(c) EXPRESSÕES NA VOZ PASSIVA: sabe-se, diz-se, conta-se, é sabido...

71) _________________ que estejas aqui na hora marcada. (Convém/Convêm)

72) _________________ mudar as regras. (Convém/Convêm)

73) _________________ que as reações não podem ser diferentes. (Está claro/Estão claros)

74) Os dois _________________ que haviam acabado de comer a maçã proibida. (parecia/pareciam)

75) Os dois _________________ entenderem o problema. (parecia/pareciam)

76) _________________ agora que tudo era mentira (Sabe-se/Sabem-se)

Caso 6 – Outros Casos
(a) SUJEITO FORMADO PELAS EXPRESSÕES **UM E OUTRO,NEM...NEM**: verbo no singular ou no plural. Com as expressões aditivas **NÃO SÓ...MAS TAMBÉM, TANTO...QUANTO** etc., a tendência é se usar o verbo no plural. Há, porém, registros em que o verbo concorda com o mais próximo.
(b) SUJEITO FORMADO PELAS EXPRESSÕES **UM OU OUTRO, NEM UM NEM OUTRO**: verbo no singular. No caso de **nem um nem outro**, há autores que aceitam o verbo no plural.
(c) SUJEITO CONSTITUÍDO PELOS PRONOMES **QUE** e **QUEM**: Com o relativo **QUE** na função de sujeito, o verbo concorda com o antecedente desse pronome. Com o pronome **QUEM**, o verbo fica na 3ª pessoa do singular ou concorda com o antecedente.
(d) EXPRESSÃO **UM DOS QUE**: verbo no singular ou plural. O singular será obrigatório se o sentido exigir – quando há exclusão necessária.

77) Um e outro tipo _________________ marcas profundas. (deixou/deixaram)

78) Nem o pai nem a mãe ________________ o problema. (resolveu/resolveram)

79) Não só o funcionário mas também o diretor se ________________ para a reunião. (atrasou/atrasaram)

80) Um ou outro estilo ________________. (agrada/agradam)

81) Nem um nem outro trabalho ________________ elogio. (recebeu/receberam)

82) Fui eu que ________________ a verdade. (falei/falou)

83) Fomos nós que ________________ a verdade. (falou/falamos)

84) Era árdua a tarefa que os ________________ juntos. (mantinha/mantinham)

85) Fui eu quem ________________ a verdade. (falei/falou)

86) Sou eu quem ________________ a conta. (paga/pago)

87) Fomos nós quem ________________ a verdade. (falou/falamos)

88) Ele é um dos jovens que ________________ esse moderno sistema de telefonia. (usa/usam)

89) Aquele escritor foi um dos brasileiros que mais ________________ no futuro do país. (acreditou/acreditaram)

90) “Napoleão foi um dos guerreiros de fama que ________________ na ilha de Santa Helena.” (morreu/morreram) (Ivan Alves)

Concordância do verbo “Ser”
(a) SUJEITO – NOME DE **COISA** OU OS PRONOMES **TUDO, ISTO, AQUILO**... – E PREDICATIVO NO PLURAL: o verbo **SER** concorda com o sujeito ou com o predicativo no plural (mais comum).
(b) COM NOME DE **PESSOA** – COMO SUJEITO OU PREDICATIVO: o verbo **SER** concorda com a pessoa.
(c) COM **PRONOME PESSOAL** – COMO SUJEITO OU PREDICATIVO: o verbo **SER** concordará obrigatoriamente com o pronome pessoal.
(d) COM OS PRONOMES INTERROGATIVOS **QUEM, QUE, O QUE**: o verbo **SER** concorda com a expressão que vem após. Na expressão de realce **É QUE** o verbo fica invariável. Se essa expressão enfatizar o sujeito ou o objeto direto, o verbo **SER** concordará com esses termos.
(e) EXPRESSÕES **É MUITO, É POUCO, É BASTANTE, É SUFICIENTE**... QUE DENOTAM **PREÇO, MEDIDA, QUANTIDADE**: verbo **SER** no singular.
(f) VERBO **SER** NAS EXPRESSÕES DE **HORAS, DATAS** ou **DISTÂNCIAS**: concorda com essas expressões.

91) O prédio ______________ ruínas. (era/eram)

92) Tudo ________________ ilusões. (é/são)

93) Guilherme ________________ as preocupações da família. (era/eram)

94) O responsável ________________ eu. / Eu ________________ o responsável. (é/sou)

95) Os responsáveis________________ nós. / Nós ________________ os responsáveis. (são/somos)

96) Quem ________________ os representantes da turma? (era/eram)

97) O que ________________ conectores? (é/são)

98) Os homens ________________ complicam as coisas. (é que/são que)

99) ________________ aquelas palavras que me serviram como estímulo. (Foi/Foram)

100) Vinte quilos ________________. (é muito/são muito)

101) Cinco pessoas ________________. (é suficiente/são suficientes)

102) ________________ dez horas. (É/São)

103) ________________ uma hora e vinte. (Era/Eram)

104) Hoje ________________ seis de dezembro. (é/são)

105) Daqui a minha casa ________________ três quilômetros. (é/são)

106) As pessoas pareciam ________________ o problema. (entender/entenderem)

107) Resolvemos ________________ rapidamente. (agir/agirem)

108) Mandei-**os** ________________ os ingressos. (devolver/devolverem)

109) Viu-**os** ________________ imóvel. (chegar/chegarem)

110) Fê-**los** ________________. (chorar/chorarem)

111) Fez os ouvintes ________________. (chorar/chorarem)

112) Acreditamos ________________ as melhores ofertas. (ter/termos)

113) Minha filha chegou sem ________________. (perceber/percebermos)

114) Os empresários falaram no preço que pagam para ________________ negócio no Brasil. (fazer/fazerem)

115) Não se ________________ proibir manifestações do povo. (deve/devem)

Silepse
É a concordância que se faz com a ideia, não com a forma.
(a) DE PESSOA: sujeito e verbo de pessoas diferentes.
(b) DE NÚMERO: sujeito no singular, verbo no plural.

116) Os cariocas ________________ um povo alegre. (verbo SER, silepse de pessoa)

117) A multidão não se continha. ________________ justiça. (verbo PEDIR, silepse de número)

Exercícios de Fixação

I) Levando em consideração as regras de concordância verbal, marque certo (C) ou errado (E).

1) A presença de pessoas estranhas, num momento como este, poderiam perturbar a atenção das candidatas, até aqui inteiramente dirigida para as questões da prova. ( )

2) Quando se aplicam a todos os seres de uma espécie ou quando designam abstrações, o substantivo é chamado “comum”. ( )

3) Os peregrinos, que em longa caravana caminhavam respeitosos, mostravam-se dispostos a enfrentar qualquer adversidade que se lhes apresentasse. ( )

4) Já era quase nove horas, nenhum dos meninos pareciam querer se levantar, nada faziam os pais imaginarem os rumores da véspera. ( )

5) Com a canção popular, hoje, costuma ocorrer frequentemente fatos diversos. ( )

6) Com a canção popular, hoje, podem haver fatos diversos. ( )

7) Há uma série de outras motivações que não cabe aqui mencionar. ( )

8) É uma cidade onde falta verdade, honra e vergonha. ( )

9) Os fatos que houveram causaram espanto, por ter sido os carros-bomba lançados contra um grupo de crianças inocentes. ( )

10) Na discussão do assunto, lança-se mão de dois recursos, com base em dados socioeconômicos. ( )

11) Tratam-se, talvez, das referências mais citadas para defender valores mais expressivos para os salários-família. ( )

12) Não se apanha moscas com vinagre. ( )
13) Com o projeto, fornecer-se-ão dados estatísticos sobre a propagação da Aids no país. ( )

14) Alterou-se cerca de 600 palavras. ( )

15) Indenizar-se-á em dinheiro as benfeitorias úteis e necessárias. ( )

16) Não se poderiam esquecer tantas emoções. ( )

17) Em outros campos, despreza-se palavras que dão o seu recado com eficiente simplicidade. ( )

18) Havia um templo em que se cultuavam aos deuses. ( )

19) No fim do mês, feitas as contas, veem-se que os gastos foram absurdos. ( )

20) Ao se tomar conhecimento dos números dessas pesquisas, fica-se perplexo. ( )

21) Esperam-se que não surjam, no atual cenário latino-americano, os aventureiros de sempre. ( )

22) Um por cento da população brasileira buscam profissionalizar-se. ( )

23) Quarenta por cento da população brasileira busca profissionalizar-se. ( )

24) 1,13% morreu em acidentes de trânsito. ( )

25) 1,20% dos jovens morreram por outras razões. ( )

26) 12,49% dos jovens morrem em acidentes. ( )

27) Trinta por cento da conta de energia correspondem ao consumo gerado por chuveiro elétrico e geladeira. ( )

28) Se o consumo é muito alto, umas poucas providências em casa já o reduz. ( )

29) Vários voluntários procuram os Centros de Testagem Anônima; quinze por cento, aproximadamente, apresenta resultado positivo. ( )

30) O grande responsável pelo reequilíbrio das reservas foi o povo, a quem coube muitos sacrifícios. ( )

31) Sempre existirão os que aceitam a economia de mercado, como sempre haverão os que lhe são contrários. ( )

32) Quantos dias faz que não o vemos? Há de haver bem uns dez. ( )

33) Não me haviam alertado para o perigo os técnicos do laboratório. ( )

34) Refaria esses trabalhos e quantos mais houvessem para refazer. ( )

35) Pouco mais de mil pessoas havia nas salas de aula. ( )

36) Houveram por bem sair mais cedo os professores. ( )

37) É provável que hajam falhas graves nesse projeto. ( )

38) Os Estados Unidos não tinha a necessária infraestrutura para recrutar voluntários. ( )

39) A Fundação Instituto Oswaldo Cruz com a Universidade Federal de Minas Gerais iniciaram um projeto de verificação da incidência de HIV em homossexuais e bissexuais. ( )

40) O Hospital Clementino Fraga Filho é um dos que selecionarão pessoas para determinar a incidência de HIV em homossexuais e bissexuais entre 18 e 35 anos. ( )

41) Os Lusíadas são o grande poema épico de Portugal. ( )

42) Na juventude tudo são alegrias. ( )

43) Convêm descobrir as fórmulas secretas. ( )

44) São atitudes como essa que te convém evitar. ( )

45) Pensou-se que faltava algumas modificações. ( )

46) Podiam haver divergências entre pronúncia e grafia. ( )

47) Não podia haver mais complicações. ( )

48) Já vai fazer dez anos que me radiquei em Fortaleza. ( )

49) Falta-nos a paixão, o devotamento, a alma. ( )

50) Houve erros de previsão grosseiros. ( )

51) Não haverão de mim nada com ameaças. ( )

II) Complete a lacuna com a(s) forma(s) adequada(s).

1) ________________ ele, você e eu esperando o chefe. (Ficamos/Ficou)

2) Brasileiros e latino-americanos ________________ constantemente a crítica da prevalência. (fazem/fazemos)

3) ________________ nas classes trabalhadoras o desejo de ter acesso à leitura. (Aumenta/Aumentam)

4) A maioria dos nossos produtos editoriais não ________________ ao orçamento doméstico do trabalhador. (é acessível/são acessíveis)

5) ________________ um estudo mais acurado as ideias de baratear a comercialização dos produtos editoriais. (Merece/Merecem)

6) Vislumbra-se um mundo em que tudo ________________ botões de computador. (é/são)

7) Tudo, carrinhos, robôs e bonecas, ________________ adquirir nova forma e valor nas mãos da criança. (pode/podem)

8) Nem a criança nem o adulto ________________ deixar de continuamente exercer o poder de criar. (deve/devem)

9) Grande parte dos objetos hoje utilizados numa casa ________________ do processo de industrialização. (resulta/resultam)

10) Tu e eu ________________ convencidos de que ________________ em erro. (seremos/sereis; andamos/andais)

11) A maioria das pessoas aqui não ________________ do que está falando. (sabe/sabem)

12) Um e outro ecologista ________________ contra a derrubada de eucaliptos. (protestou/protestaram)

13) ________________ dar quatro horas no relógio da praça. (Ia/Iam)

14) ________________ o meio ambiente a comunidade e o vigário. (Defendia/Defendiam)

15) A história que vou referir só a ________________, em toda esta cidade, minha mulher e eu. (sabe/sabemos)

16) Não ________________ falta nenhuma o eucalipto e os cupins. (faz/fazem)

17) O perito e assistente técnico ________________ de todos os meios necessários para o desempenho de suas funções. (utilizou-se/utilizaram-se)

18) Os Estados Unidos ________________ uma grande potência. (é/são)

19) Alagoas ________________ um belo estado. (é/são)

20) Os Lusíadas ________________ o grande poema épico da literatura portuguesa. (é/são)

21) Vinte reais ________________ suficiente. (é/são)

22) Já ________________ uma hora da tarde e ele ainda não chegou. (é/são)

23) “E quanto enfim cuidava e quanto via, ________________ tudo memórias de alegria.” (Camões) – (era/eram)

24) ________________ V.Ex.ª os meus votos de distinta consideração. (Aceita/Aceitais)

25) Cada um dos jogadores daquele quadro já ________________ um prêmio. (ganhou/ganharam)

26) Qual de vocês ________________ o rio? (atravessará/atravessarão)

27) Qual dos três cientistas ________________ o prêmio este ano? (ganhará/ganharão)

28) Quanto de nós ________________ realmente dispostos a ajudar o próximo? (estarão/estaremos)

29) ________________ três anos que ele viajara para Belém. (Fazia/Faziam)

30) Na reunião só ________________ cinco representantes do sindicato. (havia/haviam)

31) ________________ árvores derrubadas perto do rio. (Havia/Haviam)

32) “Os sentenciados ________________ do poder público a comutação da pena”. (G. Góis) – (houve/houveram)

33) ________________ existir pelo menos mais de três documentos guardados. (Deve/Devem)

34) ________________ haver campanhas educativas sobre o trânsito de nossa cidade. (Deveria/Deveriam)

35) O projeto de integração que ________________ realizando as frágeis democracias ________________, ________________ e ________________ é um esforço inegavelmente significativo para o cone sul. (vem/vêm; uruguaia, argentina e brasileira/uruguaias, argentinas e brasileiras)

36) ________________ as regras de mera convenção ser menosprezadas. (Pode/Podem)

37) No caso não ________________, nem jamais ________________, asseguro-lhe, prevenções de ordem pessoal. (existe/existem; existiu/existiram)

38) Não se ________________ esquecer tantas atenções. (poderia/poderiam)

39) ________________ todos os ritmos da metrificação portuguesa. (Adotou se/Adotaramse)

40) A forma de morte em questão é a seguinte: inicialmente ________________ as mãosde uma pessoa. (amarra-se/amarram-se)

41) Oitenta por cento dos alunos ________________ preparados. (está/estão)

42) Está acertado que 1% dos recursos ________________ para a educação, e os 99% restantes __________________________ em obras de saneamento básico do município. (irá/irão; será empregado/serão empregados)

43) Grande parte das poesias não ________________ uniformidade nas estrofes. (tem/têm)

44) Grande número de programas ________________ sido ________________, nos EUA, para áreas consideradas prioritárias pelo Estado, como matemática e ciências. (tem/têm; direcionado/direcionados)

45) A maioria dos jovens ________________ acompanhando pelos jornais as notícias sobre a Croácia. (vem/vêm)

46) Foi o prefeito César Maia quem ________________ a pregar a solução. (correu/correram)

47) As sardinhas fomos nós quem ________________. (pescou/pescamos)

48) Fui eu quem ________________ um manifesto contra irregularidades dessa repartição. (encabeçou/encabecei)

49) Não fui a que ________________ primeiro. (cheguei/chegou)

50) “Um dos soldadinhos que me ________________ chorava como um desgraçado.” (G. Ramos) – (acompanhava/acompanhavam)

51) Ele é um dos que mais ________________ o meio ambiente. (defende/defendem)

52) Mais de um nativo ________________ o problema. (entendeu/entenderam)

53) “Aqui ________________ a burguesia, o mercador, a população.” (Eça de Queiroz) – (habita/habitam)

PORTUGUÊS

Morfologia

Estrutura de palavras

Prof.ª Isabel Vega

1) NOMES (substantivos e adjetivos)

► **MENINAS**

a) Radical: guarda o significado da palavra

b) Desinência de gênero → feminino : a e → masculino: o

c) Desinência de número → singular : Ø e → plural: -s

► **CABELO**

radical + vogal temática + desinência de número Ø

(OBS.: desinência de gênero = Ø)

OBS.: cabel + eira / cabel + ão

(Perda da vogal temática para a inserção do sufixo)

Estrutura de palavras

►**CAFÉ**

radical (forma livre) + desinência de número Ø

OBS.: cafe + t + eira / cafe + z + al

(Porque não há perda, acrescenta-se a consoante de ligação.)

►**FELIZ**

radical (forma livre) + desinência de número Ø

a) **feliz + e + s** → radical + vogal de ligação + desinência de número

Estrutura de palavras

b) **felic + íssimo** → radical (com alteração fonética) + sufixo

* felizíssimo

c) **in + feliz** → prefixo + radical

d) **in + felic + i + dade** → prefixo + radical (com alteração fonética) + vogal de ligação + sufixo

2) VERBOS

► **andávamos**
(and + a + r)

a) Radical
b) Vogal temática
c) Desinência modo-temporal
d) Desinência número-pessoal

► **faz + ia + m**
(faz + e + r)

radical + DMT + DNP (OBS.: v.t. = Ø)

Estrutura de palavras

►part + i + ste

radical + vogal temática + DNP (DMT = Ø)

OBS.:

- vend**e**u → radical + vogal temática + DNP (DMT = Ø)
- am**o**u → radical + vogal temática (variante) + DNP (DMT = Ø)
  (taurum > touro - aurum >ouro)
- cant**e**i → radical + vogal temática (variante) + DNP (DMT = Ø)
- ama**ve**is → R + VT + DMT (variante) + DNP

THE MICROSCOPE
MADE EASY
A. LAURENCE WELLS

ORTOGRAFIA

MARTINO, Agnaldo. **Português esquematizado®:** gramática, interpretação de texto, redação oficial, redação discursiva . – 6. ed. rev. – São Paulo: Saraiva, 2017.p. 39-50

ortografia
aprendizagem
sistematização
revisão
ensino
compreensão
oralidade
análise
escrita
pesquisa
etimologia
reflexão
regularidades
vocabulário
padrão
irregularidades
escrever
variante
dúvidas
dicionário
segmentação
regra
conhecimento
currículo
diálogo
social
avaliação
leitura
envolvimento

ORTOGRAFIA :substantivo feminino, [...] conjunto de regras estabelecidas pela gramática normativa que ensina a grafia correta das palavras, o uso de sinais gráficos que destacam vogais tônicas, abertas ou fechadas, processos fonológicos como a crase, os sinais de pontuação esclarecedores de funções sintáticas da língua e motivados por tais funções etc.

Dicionário Houaiss

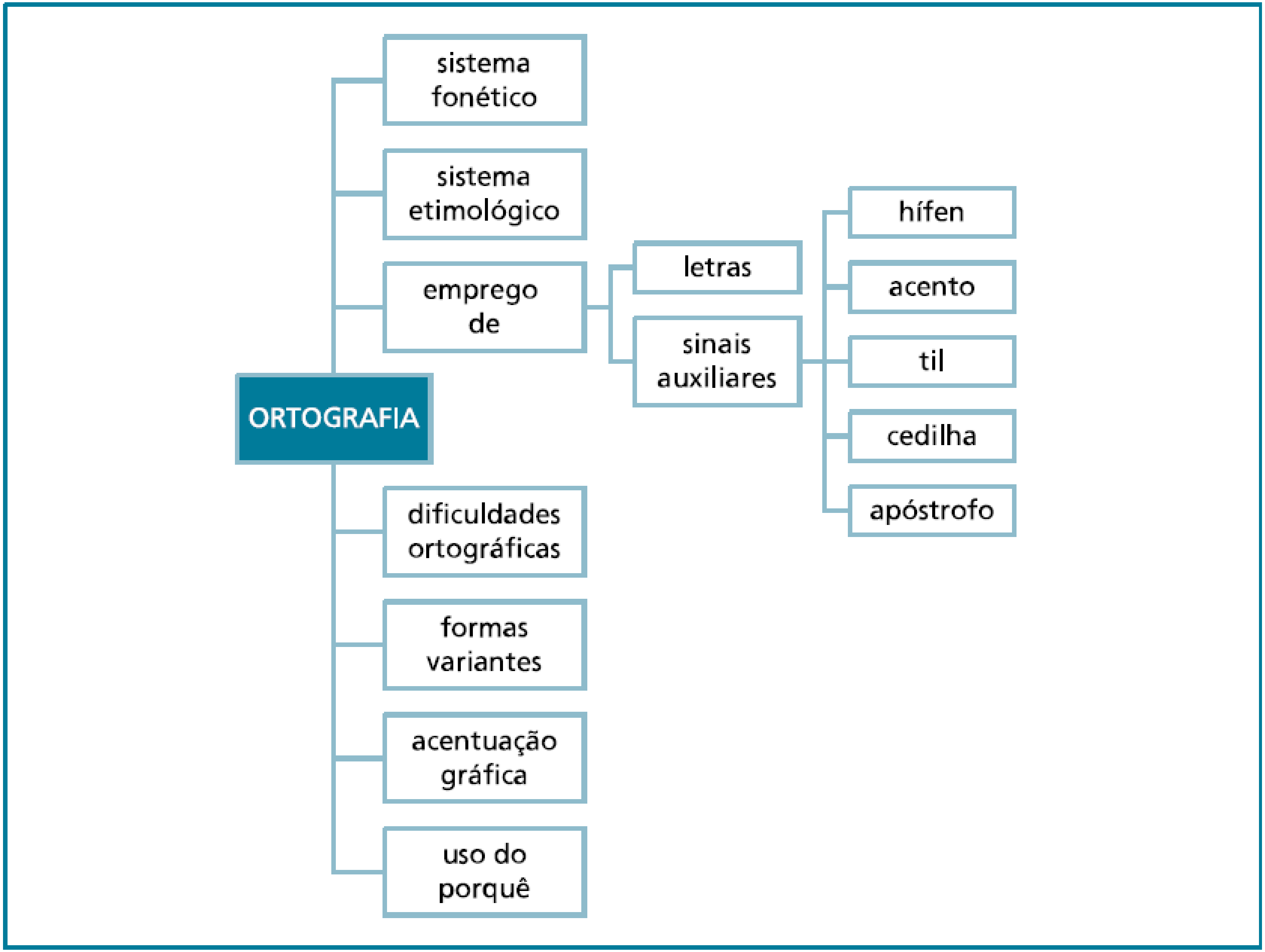

ORTOGRAFIA

- sistema fonético
- sistema etimológico
- emprego de
  - letras
  - sinais auxiliares
    - hífen
    - acento
    - til
    - cedilha
    - apóstrofo
- dificuldades ortográficas
- formas variantes
- acentuação gráfica
- uso do porquê

- **A grafia** de uma palavra pode ter caráter **fonético**, que leva em conta a pronúncia; ou **etimológico**, que leva em conta a sua origem.
- Hoje, **no Brasil**, utilizam-se **os dois processos juntamente:** o fonético ou de pronúncia e o etimológico ou histórico.

- **Curiosidade!!!**
- O **sistema fonético** (ou *sônico*) consiste na **exata e fiel figuração dos sons**, escrevendo as palavras tal qual se pronunciam, excluindo da representação gráfica qualquer letra que não tenha valor prosódico e acrescentando outras para que se represente a exata pronúncia: *escrito, Cristo, pronto, omem, oje, ressonar, pressentir, filarmônico, inalar*.

- O **sistema etimológico** representa as palavras **de acordo com a grafia de origem**, reproduzindo todas as letras do étimo, embora não sejam pronunciadas: *phthisica, sancto, mactar, auctor, poncto, catechismo, exgotto, practicar*.(1)

(1) ALMEIDA, Napoleão Mendes de. Gramática Metódica da Língua Portuguesa.35 ed. São Paulo, Saraiva,1988, p. 68-69

Nossa ortografia é orientada pelo **Formulário Ortográfico**, aprovado pela Academia Brasileira de Letras, na sessão de **12 de agosto de 1943**, simplificado pela Lei n. 5.765, de **18 de dezembro de 1971**, e atualizado pelo Decreto n. 6.583, de **29 de setembro de 2008**.

Ortografia vem do grego “orthós” = **direito** + “gráphein” = **escrever**.

Os sons da fala são representados por sinais gráficos, chamados letras, e além delas usamos outros sinais, chamados auxiliares.

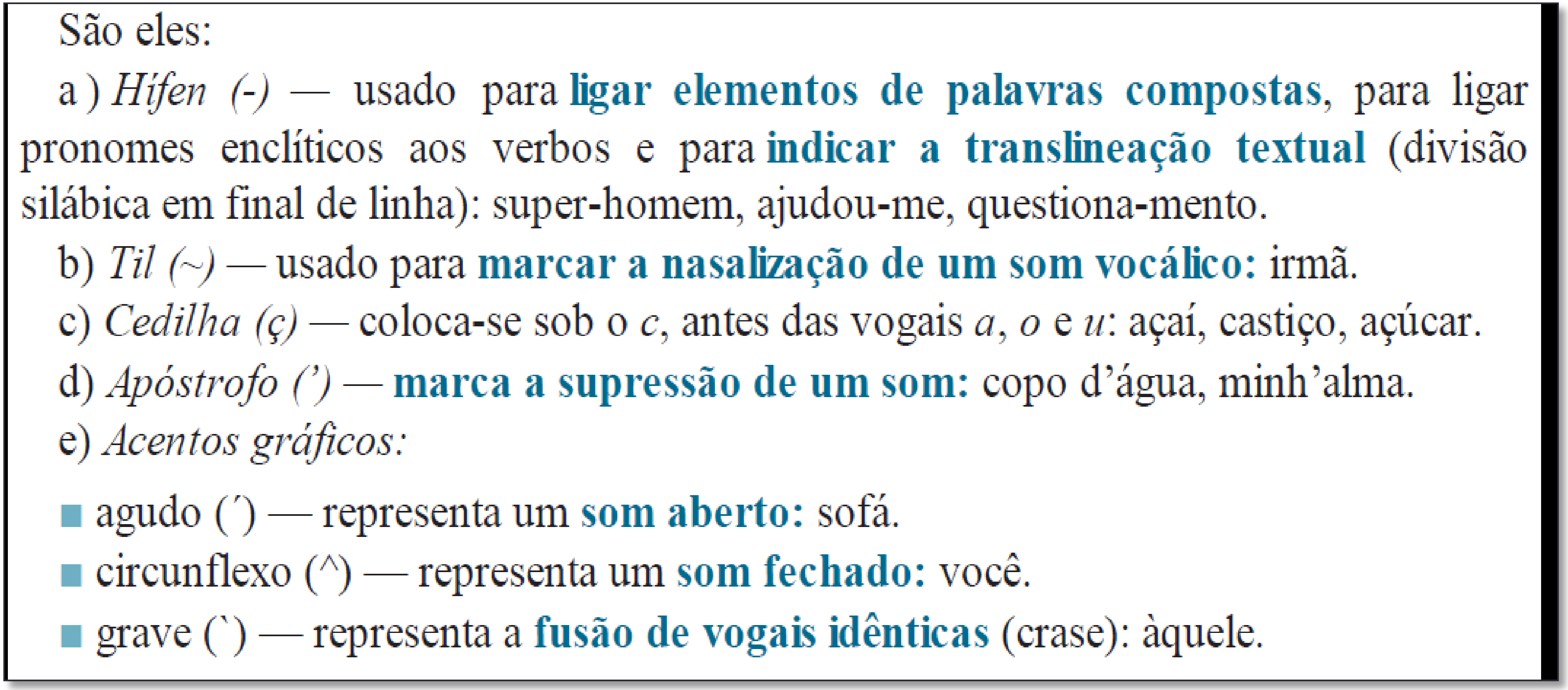

São eles:

a) *Hífen (-)* — usado para **ligar elementos de palavras compostas**, para ligar pronomes enclíticos aos verbos e para **indicar a translineação textual** (divisão silábica em final de linha): super-homem, ajudou-me, questiona-mento.

b) *Til (~)* — usado para **marcar a nasalização de um som vocálico:** irmã.

c) *Cedilha (ç)* — coloca-se sob o *c*, antes das vogais *a*, *o* e *u*: açaí, castiço, açúcar.

d) *Apóstrofo (')* — **marca a supressão de um som:** copo d'água, minh'alma.

e) *Acentos gráficos:*

- agudo (´) — representa um **som aberto:** sofá.
- circunflexo (^) — representa um **som fechado:** você.
- grave (`) — representa a **fusão de vogais idênticas** (crase): àquele.

Algumas regras existem para escrever esta ou aquela palavra, porém **os problemas gráficos só se resolvem com leitura.**.

DIFICULDADES ORTOGRÁFICAS

Uso do "S"

a) depois de **ditongos:** coisa, faisão, mausoléu, maisena, lousa.

b) em **nomes próprios** com som de /z/: Neusa, Brasil, Sousa, Teresa.

c) no **sufixo -oso** (cheio de): cheiroso, manhoso, dengoso, gasosa.

d) nos **derivados** do verbo **querer:** quis, quisesse.

e) nos **derivados** do verbo **pôr:** pus, pusesse.

f) no **sufixo -ense, formador de adjetivo:** canadense, paranaense, palmeirense.

g) no **sufixo -isa**, indicando **profissão** ou **ocupação feminina:** papisa, profetisa, poetisa.

DIFICULDADES ORTOGRÁFICAS

h) nos **sufixos -ês/ -esa**, indicando **origem**, **nacionalidade** ou **posição social:** calabrês, milanês, português, norueguês, japonês, marquês, camponês, calabresa, milanesa, portuguesa, norueguesa, japonesa, marquesa, camponesa.

i) nas palavras **derivadas** de outras que possuam *S* no radical: casa = casinha, casebre, casarão, casario; atrás = atrasado, atraso; paralisia = paralisante, paralisar, paralisação; análise = analisar, analisado.

j) nos **derivados de verbos** que tragam o **encontro consonantal -nd:** pretende =pretensão; suspender = suspensão; expandir = expansão.

Uso do “Z”

a) nas palavras derivadas de primitiva com *Z*: cruz = cruzamento, juiz = ajuizar, deslize = deslizar.

b) nos **sufixos -ez/ -eza**, formadores de **substantivos abstratos** a partir de adjetivos: altivo = altivez; mesquinho = mesquinhez; macio = maciez; belo = beleza; magro =magreza.

c) no **sufixo -izar**, formador de **verbos:** hospital = hospitalizar; canal = canalizar; social = socializar; útil = utilizar; catequese = catequizar.

Curiosidade: Quando usamos apenas **-r** ou **-ar** para formar um verbo, aproveitamos o que já existe na palavra primitiva: pesquisa = pesquisa**r**, análise = analis**ar**, deslize = desliz**ar**.

d) nos **verbos** terminados em **-uzir** e seus derivados: conduzir, conduziu, conduzo; deduzir, deduzo, deduzi; produzir, produzo, produziste.

e) no **sufixo -zinho**, formador de **diminutivo:** cãozinho, pezinho, paizinho, mãezinha, pobrezinha.

Curiosidade: Se acrescentarmos apenas **-inho**, aproveitamos a letra da palavra primitiva: casinha, vasinho, piresinho, lapisinho, juizinho, raizinha.

Uso do “H”

a) o H inicial deve ser usado quando a **etimologia** o justifique: hábil, harpa, hiato, hóspede, húmus, herbívoro, hélice.

Curiosidade: Escreve -se com H o topônimo BAHIA, quando se aplica ao Estado.

b) o H deve ser **eliminado** do interior das palavras, se elas formarem um **composto** ou **derivado sem hífen**: desabitado, desidratar, desonra, inábil, inumano, reaver.

Curiosidade: Nos compostos ou derivados com hífen, o H permanece: anti-higiênico, pré-histórico, super-homem.

c) no final de **interjeições**: ah! oh! ih!

Uso do “X”

a) normalmente após **ditongo**: caixa, peixe, faixa, trouxa.

Curiosidade: Caucho e seus derivados (recauchutar, recauchutagem) são escritos com CH

b) normalmente após a **sílaba inicial en -:** enxaqueca, enxada, enxoval, enxurrada.

Curiosidade: Usaremos CH depois da sílaba inicial **en -** caso ela seja derivada de uma com CH:

de cheio = encher, enchimento, enchente
de charco = encharcado
de chumaço = enchumaçado
de chiqueiro = enchiqueirar

c) depois da **sílaba inicial me -:** mexer, mexilhão, mexerica.

Curiosidade: Mecha e seus derivados são com CH.

Uso do “CH”

Não há regras para o emprego do dígrafo CH.

Uso do “SS”

Emprega -se nas seguintes **relações:**

a) ced — cess: ceder — cessão, conceder — concessão — concessionário.

b) gred — gress: agredir — agressão, regredir — regressão.

c) prim — press: imprimir — impressão, oprimir — opressão.

d) tir — ssão: discutir — discussão, permitir — permissão.

Uso do “Ç”

a) nas palavras de **origem árabe**, **tupi** ou **africana:** açafrão, açúcar, muçulmano, araçá, Paiçandu, miçanga, caçula.

b) após **ditongo:** louça, feição, traição.

c) na **relação** ter — tenção: abster — abstenção, reter — retenção.

Uso do "G"

a) nas palavras **terminadas em -ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio:** pedágio, colégio, litígio, relógio, refúgio.

b) nas **palavras femininas** terminadas em **-gem:** garagem, viagem, escalagem, vagem.

Curiosidade: Pajem e lambujem são exceções à regra.

Uso do "J"

a) na **terminação -aje:** ultraje, traje, laje.

b) nas **formas verbais** terminadas em **-jar** e seus derivados: arranjar, arranjem; viajar, viajem; despejar, despejem.

c) em palavras de **origem tupi:** jiboia, pajé, jenipapo.

d) nas **palavras derivadas** de outras que se escrevem com **J:** ajeitar (de jeito), laranjeira (de laranja).

Uso do "I"

a) no **prefixo anti -**, que indica oposição: antibiótico, antiaéreo.

b) nos **verbos** terminados em **-air, -oer** e **-uir** e seus derivados: sair — sais, sai; cair — cais, cai; moer — móis, mói; roer — róis, rói; possuir — possuis, possui; retribuir — retribuis, retribui.

Uso do "E"

a) nas **formas verbais** terminadas em **-oar** e **-uar** e seus derivados: perdoar — perdoes, perdoe; coar — coes, coe; continuar — continues, continue; efetuar — efetues, efetue.

b) no **prefixo -ante,** que expressa anterioridade: anteontem, antepasto, ante véspera.

Uso do "SC"

Não há regras para o uso de SC; sua presença é inteiramente etimológica.

FORMAS VARIANTES

Algumas palavras admitem, sem alteração de significado, formas variantes:

abaixar ou baixar

abdome ou abdômen

afeminado ou efeminado

ajuntar ou juntar

aluguel ou aluguer

aritmética ou arimética

arrebitar ou rebitar

arremedar ou remedar

assoalho ou soalho

assobiar ou assoviar

assoprar ou soprar

aterrissar ou aterrizar ou aterrar

avoar ou voar

azálea ou azaleia

bêbado ou bêbedo

bebadouro ou bebedouro

bilhão ou bilião

EXEMPLO: BÊBEDO (dicionário eletrônico HOUAISS)

adjetivo e substantivo masculino

1 que ou aquele que se intoxicou com bebida(s) alcoólica(s)

2 que ou aquele que se embriaga por hábito; que ou aquele que é dado ao vício da embriaguez; borracho

3 Derivação: sentido figurado.

que ou quem está num estado semelhante à ebriedade (devido a um forte sentimento de felicidade, emoção, paixão etc.)

adjetivo

4 em estado de atordoamento; estonteado, zonzo, atarantado

Exs.: *rapaz b. de sono*

o remédio deixou-a b.

5 Rubrica: pesca. Regionalismo: Brasil.

que vem à superfície da água envenenado por tingui ou por outro tóxico similar (diz-se de peixe)

bílis ou bile
biscoito ou biscouto
bravo ou brabo
bujão ou botijão
cãibra ou câimbra
carroçaria ou carroceria
catorze ou quatorze
catucar ou cutucar
chipanzé ou chimpanzé
clina ou crina
cociente ou quociente
coisa ou cousa
cota ou quota
cotidiano ou quotidiano
cotizar ou quotizar
covarde ou cobarde
cuspe ou cuspo
degelar ou desgelar
dependurar ou pendurar
desenxavido ou desenxabido
dourado ou doirado

elucubração ou lucubração
empanturrar ou empaturrar
engambelar ou engabelar
enlambuzar ou lambuzar
entoação ou entonação
entretenimento ou entretimento
enumerar ou numerar
espuma ou escuma
estalar ou estralar
exorcizar ou exorcismar
flauta ou frauta
flecha ou frecha
fleuma ou flegma
flocos ou frocos
gengibirra ou jinjibirra
geringonça ou gerigonça

gorila ou gorilha
hemorróidas ou hemorróides
impingem ou impigem
imundícia, imundície ou imundice
infarto, enfarte ou enfarto
intrincado ou intricado
laje ou lajem
lantejoula ou lentejoula
leste ou este
limpar ou alimpar
lisonjear ou lisonjar
louça ou loiça
louro ou loiro
maltrapilho ou maltrapido
maquiagem ou maquilagem
maquiar ou maquilar
marimbondo ou maribondo
melancólico ou merencório
menosprezo ou menospreço
mobiliar, mobilhar ou mobilar
mozarela ou muçarela

neblina ou nebrina
nenê ou neném
parêntese ou parêntesis
percentagem ou porcentagem
peroba ou perova
pitoresco, pinturesco ou pintoresco
plancha ou prancha
pólen ou polem
presépio ou presepe
protocolar ou protocolizar
quadriênio ou quatriênio
radioatividade ou radiatividade
rastro ou rasto
registro ou registo
relampadar, relampadear, relampadejar, relampaguear, relampaguejar, relampar, relampear, relampejar, relamprar

remoinho ou redemoinho
ridiculizar ou ridicularizar
salobra ou salobre
seção ou secção
selvageria ou selvajaria
sobressalente ou sobresselente
surripiar ou surrupiar
taberna ou taverna
taramela ou tramela
televisar ou televisionar
terraplenagem ou terraplanagem
terremoto ou terramoto
tesoura ou tesoira

tesouro ou tesoiro
toicinho ou toucinho
transladar ou trasladar
transpassar ou traspassar ou trespassar
transvestir ou travestir
treinar ou trenar
tríade ou tríada
trilhão ou trilião
vargem ou varge
várzea ou várgea
vassoura ou bassoura
verruga ou berruga
vespa ou bespa
volibol ou voleibol

PALAVRAS QUE NÃO ADMITEM FORMA VARIANTE

Tome cuidado com a grafia de certas palavras e expressões que costumam causar dúvida, porém só se escrevem de **uma forma:**

beneficência
beneficente
cabeleireiro
chuchu
de repente
disenteria

empecilho
exceção
êxito
hesitar
jiló
manteigueira
mendigo
meritíssimo
misto
mortadela
prazerosamente
privilégio
salsicha
sobrancelhas

Curiosidade: Veja em Semântica a lista de alguns homônimos e parônimos notáveis, para não se confundir com a grafia de certas palavras e expressões.

EMPREGO DO HÍFEN

O uso do hífen é meramente **convencional**. Algumas regras esclarecem poucos problemas, mas muitos serão resolvidos apenas com a consulta ao dicionário. Ainda assim alguns gramáticos divergem em determinados casos.

Observe o que diz o Formulário Ortográfico da Língua Portuguesa: "Só se ligam por hífen os elementos das palavras compostas em que se mantém a noção de composição, isto é, os elementos das palavras compostas que mantêm a sua independência fonética, conservando cada um a sua própria acentuação, porém formando o conjunto perfeita unidade de sentido".

Exemplos: couve -flor, grão -duque etc. Veja, em linhas gerais, o uso desse sinal:

a) para ligar as partes de **adjetivo composto:** verde-claro, azul-marinho, luso-brasileiro.

b) para ligar os **pronomes mesoclíticos ou enclíticos:** amá-lo-ei, far-me-á, dê-me, compraram -na.

c) para **separar as sílabas** de uma palavra, inclusive na **translineação** (mudança de linha): a-ba-ca-xi, se-pa-ra-do.

HÍFEN COM PREFIXOS E PSEUDOPREFIXOS

ante-, anti-, circum-, co-, contra-, des-, entre-, extra-, hiper-, in-, infra-, inter-, intra-, sobre-, sub-, super-, supra-, ultra-, aero-, agro-, arqui-, auto-, bio-, eletro-, geo-, hidro-, inter-, macro-, maxi-, micro-, mini-, multi-, neo-, pan-, pluri-, pre-, pro-, proto -, pseudo -, re -, retro -, semi -, tele - etc.

Emprega -se o hífen nos seguintes casos:

a) **Antes de h:** anti-higiênico, circum-hospitalar, contra-harmônico, extra-humano, sub-hepático, super-homem, ultra-hiperbólico; arqui-hipérbole, eletro-higrômetro, geo -história, neo -helênico, pan -helenismo, semi -hospitalar.

Curiosidades:

1: Não se usa, no entanto, o hífen em formações que contêm em geral os prefixos ***des*** **-** e ***in*** **-** e nas quais o segundo elemento perdeu o ***h*** inicial: *desumano, inábil, inumano.*

2: Nas formações com os prefixos ***circum -*** e ***pan -***, também se emprega o hífen quando o segundo elemento começa por ***voga*l, h, m, n:** *circum-escolar, circum-hospitalar, circum-murado, circum-navegação; pan-africano, pan-harmônico, pan -mágico, pan -negritude.*

ATENÇÃO:

Nos casos em que o prefixo "circum-" anteceder uma sílaba que obriga ao uso do "n" (pois só se usa "m" antes de "b" e "p"), deve-se modificar a grafia do prefixo: circunlunar. Do mesmo modo, quando o prefixo "pan-" anteceder uma sílaba começada em "b" ou "p", a regra de que antes de "b" e "p" usa-se "m" obriga a modificar a grafia do prefixo: pambrasileiro, pamprocessual.

b) Nas formações em que o prefixo/pseudoprefixo **termina** na **mesma letra com que se inicia o segundo elemento:** **anti-ibérico, contra-almirante, infra-axilar, supra-auricular; arqui-irmandade, auto-observação, eletro-ótica, micro-onda, semi-interno; ad -digital; hiper -requintado; sub -barrocal; sub -base;**

Curiosidade: Nas formações com o prefixo ***co-, pre-, pro-, re-***, estes se aglutinam em geral com o segundo elemento mesmo quando iniciado por e ou o: ***coobrigação, coocupante, coordenar, cooperação, cooperar, preeminente, preeleito, preenchido, proativo, reedição, reeleição.***

c) Nas formações com os prefixos além -, aquém -, bem -, ex-, pós-, pré-, pró-, recém-, sem-, sota-/soto-, vice-/vizo-: ***além-Atlântico, aquém-Pirineus, bem-criado, bem-vindo, ex-almirante, ex-diretor, ex-hospedeira, ex-presidente, ex-primeiroministro, ex-rei, pós-graduação, pós-tônico, pré-escolar, pré-natal , pró-africano, pró-europeu, recém-eleito, sem-cerimônia, sem-vergonha, sota-piloto, soto-mestre, vice -presidente, vice -reitor.***

Curiosidade: Em muitos compostos, o advérbio ***bem* -** aparece aglutinado ao segundo elemento: benfazejo, benfeito, benquerença, benfazer, benquerer.

d) Nas formações com o **prefixo mal** -, emprega-se hífen quando o segundo elemento começa por **vogal, h ou l:** mal-afortunado, mal-entendido, mal-humorado, mal-informado, mal -limpo.

e) Nas formações com prefixos **ab -, ob -, sob -, sub -, ad** -, cujo elemento seguinte se **inicia por r**: **ab-rupto, ob-rogar, sob-roda, sub-reitor, ad-renal, ad-referendar.**

Hífen com sufixos

Nas formações por sufixação, apenas se emprega o hífen nos vocábulos terminados por sufixos de **origem tupi-guarani** que representam formas adjetivas, como **-açu, - guaçu e -mirim**, quando o primeiro elemento acaba em vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: ***amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim*.**

HÍFEN EM LOCUÇÕES

Nas **locuções de qualquer tipo**, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, **não se emprega, em geral, o hífen**.

Sirvam, pois, de exemplo as seguintes locuções:

a) *Substantivas:* cão de guarda, fim de semana, sala de jantar.

b) *Adjetivas:* cor de açafrão, cor de café com leite, cor de vinho.

c) *Pronominais:* cada um, ele próprio, nós mesmos, quem quer que seja.

d) *Adverbiais:* à parte, à vontade, depois de amanhã, em cima, por isso.

e) *Prepositivas:* abaixo de, acerca de, acima de, a fim de, a par de, à parte de, apesar de, debaixo de, enquanto, por baixo de, por cima de, quanto a.

f) *Conjuncionais:* a fim de que, ao passo que, contanto que, logo que, por conseguinte, visto que.

Curiosidade: Algumas exceções já consagradas pelo uso: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Os **acentos** gráficos **marcam a sílaba tônica:**

- ***grave*** — para indicar crase.
- ***agudo*** — para som aberto: café, cipó.
- ***circunflexo*** — para som fechado: você, complô.

O **sinal** gráfico **modifica o som** de qualquer sílaba:

- ***til (~)*** — nasalizador de vogais: romã, maçã, ímã, órfão.

Curiosidade: O til substitui o acento gráfico quando os dois recaem sobre a mesma sílaba: irmã, romãs.

Regras gerais

- *Monossílabas tônicas*

Recebem acento as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s)**: pá, já, má, lá, trás, más, chás, pé, fé, Sé, mês, três, rés, pó, só, dó, cós, sós, nós.

Então:

mar, sol, paz, si, li, vi, nu, cru, me, lhe, mas (conjunção), ti,

Oxítonas

Recebem acento as terminadas em -a(s), -e(s), -o(s), -em, -ens: sofá, maracujá, Paraná, ananás, marajás, atrás, Pelé, café, você, freguês, holandês, viés, complô, cipó, trenó, retrós, compôs, avós, amém, também, armazém, parabéns, reféns, armazéns

Então:

pomar, anzol, jornal, maciez, saci, caqui, anu, urubu.

Paroxítonas

Recebem acento as **terminadas** em **-l, -i(s), -n, -u(s), -r, -x, -ã(s), -ão(s), -um, -uns, -ps, -ditongo:** fácil, útil, júri, táxi, lápis, tênis, hífen, pólen, elétron, nêutron, meinácu, vírus, Vênus, revólver, mártir, tórax, látex, ímã, ímãs, órfã, órfãs, sótão, órgão, órfãos, álbum, médium, fóruns, pódiuns, fórceps, bíceps, água, história, série, pônei, pôneis, tênues.

Curiosidades:

a) Palavras terminadas em **-n,** no plural:

-ons: com acento — elétrons, nêutrons.

-ens: sem acento — hifens, polens.

b) Prefixos paroxítonos terminados em **-i** ou **-r** não são acentuados: anti, multi,bsuper, hiper.

c) É facultativo assinalar com acento agudo as formas verbais de pretérito perfeito do indicativo, para as distinguir das correspondentes formas do presente do indicativo (*amamos, louvamos*), já que o timbre da vogal tônica é aberto naquele caso em certas variantes do português: amámos, louvámos.

Proparoxítonas

Todas são acentuadas: lânguido, física, trópico, álibi, hábitat, déficit, lápide.

- ■ Regras especiais
- ■ *Ditongos abertos*

São acentuados os **ditongos abertos éi, éu, ói** em palavras **monossílabas** e **oxítonas:** méis, coronéis, céu, chapéu, mói, herói.

Então: ideia, tramoia – SEM ACENTO

- ■ *I e U tônicos*

I e **U tônicos** recebem acento se cumprirem as seguintes determinações:

a) devem ser **precedidos de vogais que não sejam eles próprios nem ditongos**;

b) devem estar **sozinhos na sílaba (ou com o** -s);

c) **não** devem ser **seguidos de -nh**.

- saída, juízes, saúde, viúva, caíste, saístes, balaústre.

Então: Raul, ruim, ainda, sair, juiz, rainha, xiita, paracuuba, cauila, baiuca.

Curiosidade: Se **i** ou **u** tônicos estiverem precedidos de ditongo, mas estiverem em palavra oxítona, o acento permanece: tuiuiú, Piauí.

Acento diferencial nos verbos ter e vir (e seus derivados)

Recebe acento diferencial a **3ª pessoa do plural do presente do indicativo:** eles **têm**, eles **vêm**, eles **retêm**, eles **intervêm**.

Curiosidade: A 3ª pessoa do singular desses verbos segue a regra geral de acentuação: ele tem, ele vem (monossílabas tônicas terminadas em "m" – não há regra para se acentuar).

SINGULAR :ele retém, ele intervém (oxítonas terminadas em "em" recebem acento gráfico).

Outros acentos diferenciais

pôr (verbo) — para distinguir de *por (preposição)*.

pôde (verbo poder no passado) — para distinguir de *pode (verbo poder no presente)*.

fôrma ou forma (utensílio) — acento **facultativo.**

Curiosidade: Em Portugal, existe outro acento diferencial, que não se usa no Brasil: **dêmos (presente do subjuntivo)** — acento facultativo — para distinguir de *demos (pretérito perfeito do indicativo)*.

■ Formas variantes de som aberto ou fechado

Os falantes da língua portuguesa no Brasil pronunciam algumas palavras com timbre fechado, enquanto em Portugal se pronunciam as mesmas palavras com timbre aberto. Vejamos alguns exemplos:

anatômico — anatómico; Antônio — António;

prêmio — prémio; telefônico — telefónico etc.

USO DO PORQUÊ

Por que / por quê

Preposição + pronome interrogativo

Em frases interrogativas (diretas ou indiretas):

- Por que não veio?
- Gostaria de saber por que lutamos.
- Ela não veio por quê?

Curiosidade: A palavra **que** em final de frase recebe acento circunflexo:

- Você precisa de quê?
- Ela sabe o quê!

Preposição + pronome relativo. Equivale a **pelo qual** (e suas variações).

- Ela é a mulher por que me apaixonei.
- Não conheço as pessoas por que espero.

Porque *conjunção.* Equivale a **pois**.

- Eu não fui à escola porque estava doente.
- Venha depressa, porque sua presença é indispensável.

Porquê *substantivo.* Vem sempre acompanhado de uma palavra que o caracteriza (artigo, pronome ou numeral).

- Qual o porquê da sua revolta?
- Este porquê não me convenceu.
- Deve haver um porquê para ele se atrasar tanto.

ESTÚDIO
AULAS.COM.BR

Professor Marcos Pacco
Gramática
Material das Aulas sobre Crase

CRASE

Obama entra para a história

A escolha do primeiro negro para concorrer à Presidência dos Estados Unidos por um dos dois grandes partidos quebra um tabu de séculos e manda ao mundo uma mensagem de tolerância.

Na quarta-feira passada, 4 de junho de 2008, Barack Hussein Obama, 47 anos em agosto, acordou para viver seu primeiríssimo dia como o primeiríssimo negro na história dos Estados Unidos a virar candidato à Casa Branca por um partido grande e, portanto, com chance de ser eleito presidente do país. No dia anterior, quando a manhã começou a raiar em Chicago, faltavam 41 delegados para que ele vencesse a disputa. Os eleitores de dois estados, Dakota do Sul e Montana, estavam começando a se encaminhar às urnas para votar nas últimas primárias da temporada, e um superdelegado, como são chamados os caciques do partido que têm voto na manga, veio a público anunciar seu apoio a Obama. Depois, veio outro. E outro. E mais um. À tarde, faltavam apenas doze delegados. Quando anoitecia, a conta finalmente bateu em 2.118 delegados, e o quartel-general da campanha de Obama em Chicago veio abaixo. Gritos, aplausos, assovios, espocar de champanhe: Obama acabava de sagrar-se o primeiro negro a concorrer à Casa Branca com chance real de ser eleito. Extraordinário?

Sem dúvida. Mas, diante da grandeza do feito, extraordinário é pouco.

Obama é o primeiro negro a chegar a essa posição depois de 389 anos do desembarque da leva inaugural de escravos africanos na América inglesa. Mais: antes de obterem a posição de proeminência política da semana passada, os negros americanos passaram 250 anos sob a escravidão e outros 100 sob o regime de segregação racial, durante o qual eram proibidos de morar no mesmo bairro que os brancos, usar o mesmo banheiro público, ir à mesma escola.

A vitória de Obama, por tudo isso, tem a moldura dos feitos que abrem uma nova era. Mesmo que já estivesse se desenhando há meses, sua conquista causou espanto, emoção, admiração, perplexidade. “Nunca pensei que viveria para ver isso”, disse um farmacêutico aposentado, Arthur Dees, 80 anos. É impressionante que um mesmo cidadão, como Arthur Dees, possa viver a trajetória que vai da proibição de um negro sentar-se à mesa de um restaurante à – quem sabe – eleição de um negro para sentar-se à mesa do Salão Oval da Casa Branca. E comandar o país que, apesar dos abalos atuais, é a maior potência da história.

PETRY, André. In: Veja, junho/2008.

CRASE

Foneticamente: fusão de vogais iguais. No português contemporâneo, em se tratando do estudo gramatical, estuda-se, especificamente, a fusão de duas vogais **a**.

Morfologicamente: contração da preposição **a** com os artigos definidos **a** ou **as**; contração da preposição **a** com os pronomes demonstrativos **a, as**, **aquele(s)**, **aquela(s)** ou **aquilo**.

Sintaticamente: relação entre termo regente e termo regido, ou seja, entre termos transitivos e seus complementos.

Emprega-se o acento indicativo de crase nos seguintes casos:

1) **Na contração da preposição a com o artigo a ou as:**

Barack Hussein Obama acordou para viver seu primeiríssimo dia como o primeiríssimo negro na história dos Estados Unidos a virar candidato **à Casa Branca** por um partido grande e, portanto, com chance de ser eleito presidente do país.

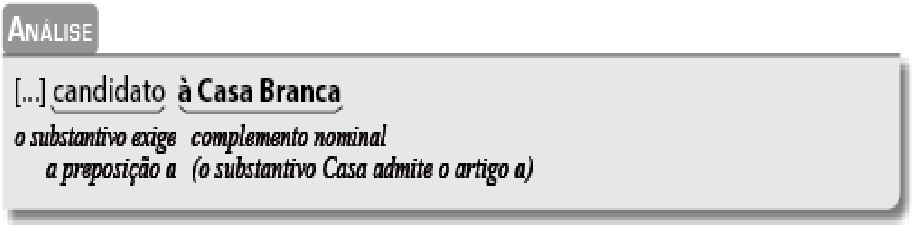

ANÁLISE

[...] candidato à Casa Branca

o substantivo exige a preposição a — *complemento nominal (o substantivo Casa admite o artigo a)*

Os eleitores de dois estados, Dakota do Sul e Montana, estavam começando a se encaminhar às urnas para votar nas últimas primárias da temporada [...]

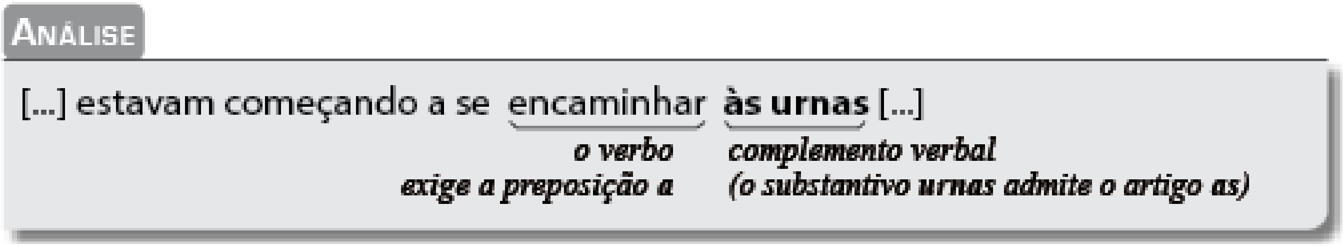

ANÁLISE

[...] estavam começando a se encaminhar **às urnas** [...]

o verbo exige a preposição a — *complemento verbal (o substantivo urnas admite o artigo as)*

[...] eram proibidos de morar no mesmo bairro que os brancos, usar o mesmo banheiro público, **ir à mesma escola**.

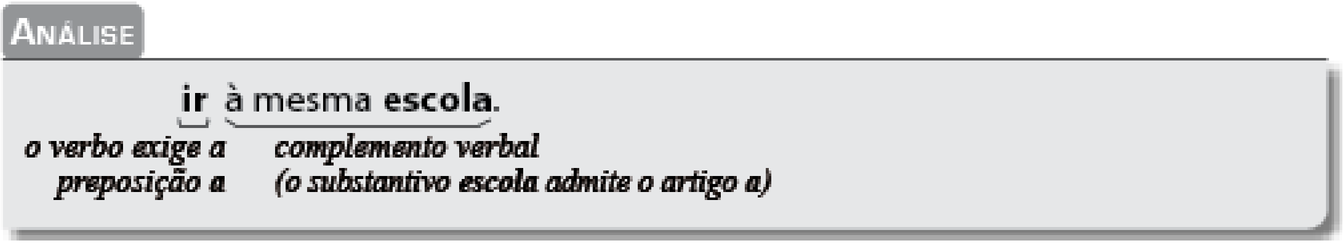

ANÁLISE

ir à mesma **escola**.

o verbo exige a preposição a — *complemento verbal (o substantivo escola admite o artigo a)*

2) **No pronome demonstrativo a(s) ou na vogal que inicia os demonstrativos aquele(s), aquela(s) e aquilo.**

Com seus 27 quilômetros de circunferência, o LHC é a pista perfeita para acelerar prótons a uma velocidade próxima à da luz, aumentando sua energia.[1]

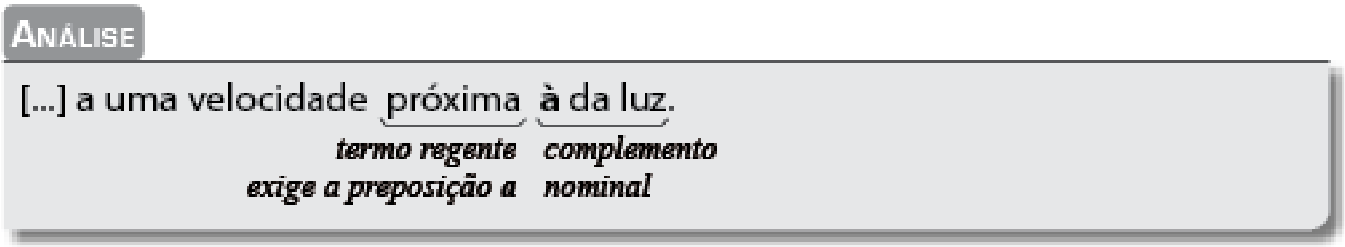

ANÁLISE

[...] a uma velocidade próxima à da luz.

termo regente exige a preposição a — *complemento nominal*

Depois de completamente acelerado, um único feixe de prótons, com cerca de 100 bilhões de partículas, terá energia equivalente **à** de um trem de 400 toneladas viajando a 150 quilômetros por hora.[2]

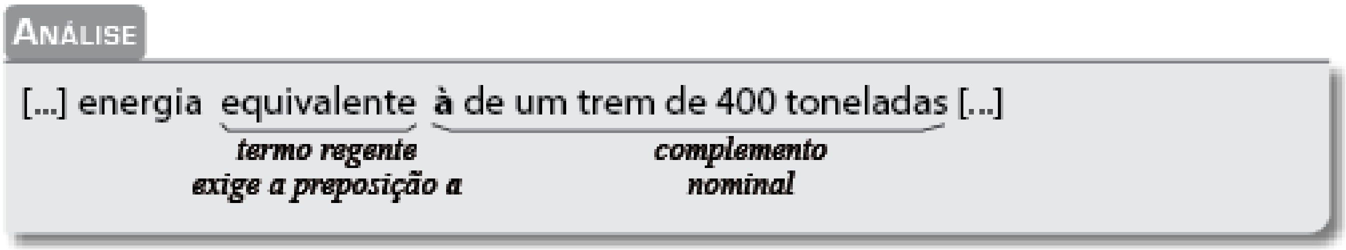

ANÁLISE

[...] energia equivalente à de um trem de 400 toneladas [...]

termo regente exige a preposição a — *complemento nominal*

Justamente as pessoas que nos amam é que acabamos decepcionando, vítimas dos nossos erros do dia a dia. Que recompensa é essa que dispensamos **àqueles** que nos amam e que nos são leais? Por quanto tempo eles continuarão nos amando diante de atitudes assim?[3]

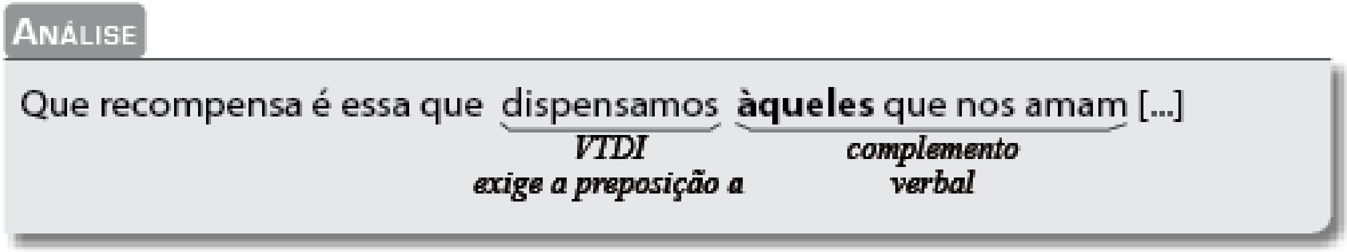

ANÁLISE

Que recompensa é essa que dispensamos **àqueles** que nos amam [...]

VTDI exige a preposição a — *complemento verbal*

Metade da população carcerária brasileira, de acordo com números oficiais do Ministério da Justiça, espera decisão semelhante **àquela** que o banqueiro Daniel Dantas recebeu do presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Gilmar Mendes.[4]

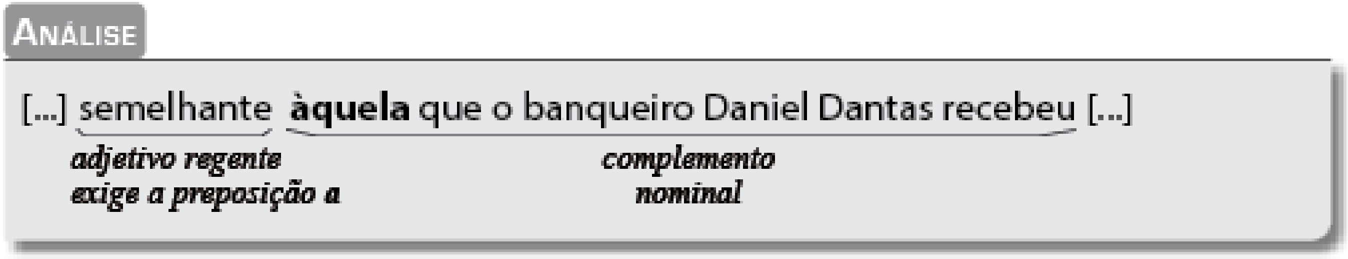

ANÁLISE

[...] semelhante **àquela** que o banqueiro Daniel Dantas recebeu [...]

adjetivo regente exige a preposição a — *complemento nominal*

3) **Nas locuções adjetivas, adverbiais, conjuntivas e prepositivas femininas: (caso fixo)**

O acento indicativo de crase funcionará como acento diferencial. Observe-se que nesses casos ocorre o acento grave, mesmo que não tenha ocorrido propriamente a crase. Tal fato se deve à tradição gramatical. O uso do acento grave, nesses casos, evita a ambiguidade. Vejamos algumas locuções, isoladas de um contexto:

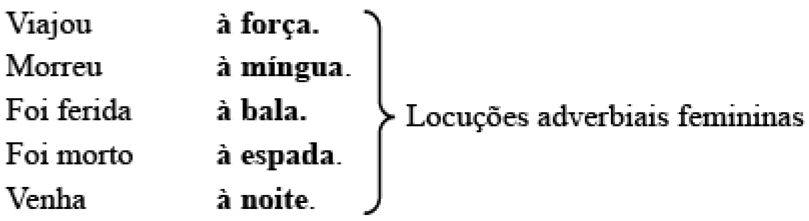

Viajou **à força.**
Morreu **à míngua.**
Foi ferida **à bala.**
Foi morto **à espada.**
Venha **à noite.**

Locuções adverbiais femininas

Agora, vejamos algumas locuções dentro de um contexto:

LOCUÇÕES ADJETIVAS

Inflação **à brasileira** é fenômeno que começa com o derretimento das notas e termina no jetom do telefone.[5]

Policiais **à paisana** vêm fazendo rondas em Melbourne e em breve poderão passar a receber a ajuda de adolescentes.[6]

LOCUÇÕES ADVERBIAIS

Um superdelegado, como são chamados os caciques do partido que têm voto na manga, veio a público anunciar seu apoio a Obama. Depois, veio outro. E outro. E mais um. **À tarde**, faltavam apenas doze delegados. O número caiu para sete, cinco, quatro.[7]

É impressionante que um mesmo cidadão, como Arthur Dees, possa viver a trajetória que vai da proibição de um negro sentar-se **à mesa** de um restaurante à – quem sabe – eleição de um negro para sentar-se **à mesa** do Salão Oval da Casa Branca.

Às vezes, uma rinoplastia para reduzir o nariz é uma péssima ideia. Dependendo do formato do rosto, o nariz pequeno destrói a simetria facial, ao criar a impressão de que os olhos ficaram próximos demais.[8]

Seu chefe vai estar lá, jogando com a turma. Um amigo se prontifica a buscá-lo **às 10 horas** do sábado. Você aceita sem pestanejar. Ser convidado para jogar com o chefe é muito importante para a sua carreira.[9]

No sábado, **às 10 horas em ponto**, seu amigo está **à porta**, quando seu filho, absolutamente estarrecido, lhe pergunta: “Pai, você esqueceu o nosso filme?”[10]

O povo seria ouvido, finalmente. Os “poderosos” não mais mandariam lobistas para representá-los nem apresentariam suas propostas **às escondidas**. Todos teriam de relatar seus problemas e expor as soluções em público, diante das câmeras de TV.[11]

LOCUÇÕES CONJUNTIVAS

À medida que assimila criticamente os conteúdos, o aluno realiza o diálogo cognitivo com seu objeto.[12]

"**À medida que** os problemas forem sendo ultrapassados, é claro que a dimensão à esquerda poderá ser mais visível", admite Vitalino Canas, para quem isso virá com o tempo.[13]

Dias depois, Márcio esteve na loja e adquiriu o segundo carro, sem pagar pelas locações. Quanto ao aluguel do terceiro carro, ele pagou uma dívida de R$ 1 mil. **À proporção que** os carros iam sendo alugados, logo eles eram vendidos para Gilvan que, em depoimento à polícia, alegou não saber da procedência dos veículos. Versão que foi desmentida por Márcio.[14]

LOCUÇÕES PREPOSITIVAS

Não há dúvida de que precisaremos curtir mais o dia a dia, mas nunca **à custa de** nossos filhos, deixando um planeta poluído, cheio de dívidas públicas e previdenciárias para eles pagarem.[15]

Jornais como o *The New York Times* e o *Wall Street Journal* publicaram o contrário, que os investidores continuariam a ganhar dinheiro, **à taxa de** 2,25% ao ano, uma informação incorreta e enganosa.[16]

Bem feitas e bem indicadas, as cirurgias estéticas representam um ganho para a autoestima. Mas a falta de bom senso está **à vista de** todo mundo.[17]

Há dois anos, animada com uma série de fotos "antes e depois", resolvi fazer uma bioplastia (preenchimento **à base de** uma substância definitiva, o PMMA).[18]

Nos Estados Unidos, a política parece estar sempre **à procura de** suprir o vácuo deixado por John Kennedy, assassinado em 1963 aos 46 anos.[19]

Nas pesquisas mais recentes, está **à frente de** McCain, mas nunca mais do que 6 pontos. O eleitorado americano é mais branco e mais conservador do que o eleitorado democrata. Por enquanto, Obama só tem o que comemorar.[20]\

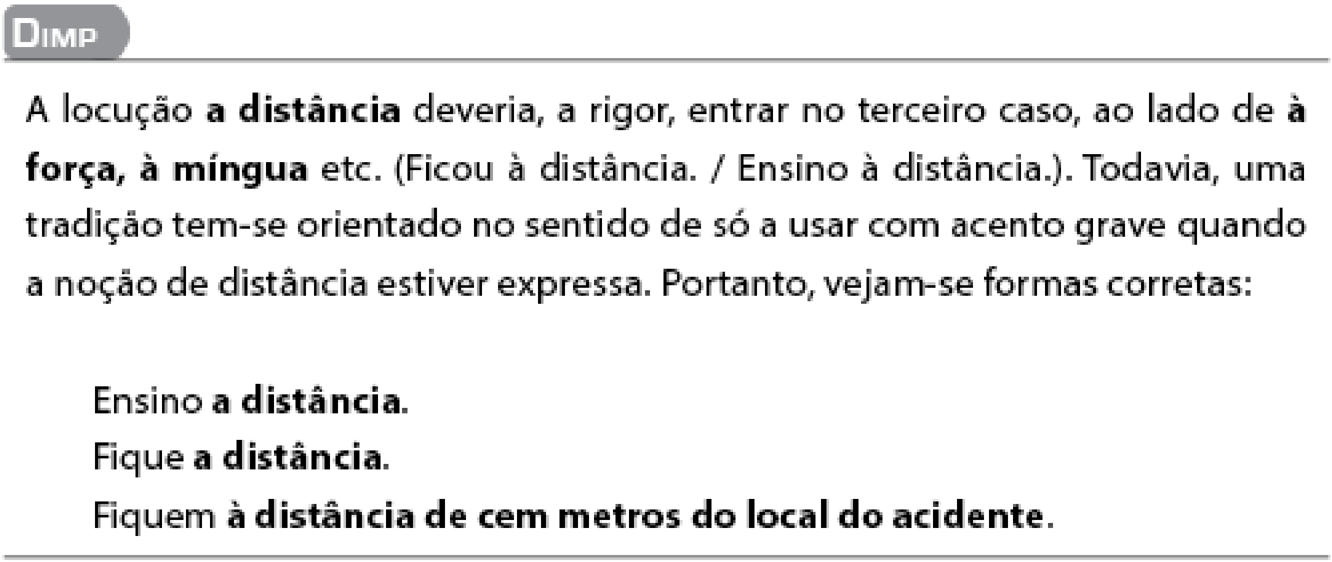
DIMP

A locução **a distância** deveria, a rigor, entrar no terceiro caso, ao lado de **à força, à míngua** etc. (Ficou à distância. / Ensino à distância.). Todavia, uma tradição tem-se orientado no sentido de só a usar com acento grave quando a noção de distância estiver expressa. Portanto, vejam-se formas corretas:

Ensino **a distância.**
Fique **a distância.**
Fiquem **à distância de cem metros do local do acidente**.

EXEMPLOS DE LOCUÇÕES COM ACENTO DIFERENCIAL	
Locuções adjetivas	à mineira, à paisana, à Luís XV, à milanesa
Locuções adverbiais	à noite, às pressas, à vista, à revelia, à máquina, às cegas, às escondidas, às vezes
Locuções conjuntivas	à medida que, à proporção que
Locuções prepositivas	à força de, à luz de, à espera de, às margens de, à revelia de, à procura de, à entrada de, à vista de, à disposição de, à custa de, à taxa de, à base de

CASOS PROIBITIVOS DE CRASE

1) **Diante de palavras masculinas**

[...] um superdelegado, como são chamados os caciques do partido que têm voto na manga, veio **a público** anunciar seu apoio **a Obama**.

O cirurgião plástico fluminense Carlos Fernando Gomes de Almeida, de 50 anos, é um dos mais requisitados do país. Boa parte da fama que conquistou se deve à sua técnica de *lifting* facial. Conhecido como “doutor mão leve”, ele tem horror **a exageros**.[21]

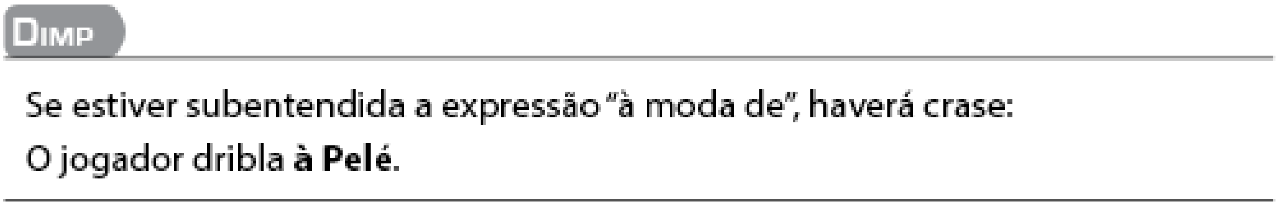

DIMP

Se estiver subentendida a expressão "à moda de", haverá crase:
O jogador dribla **à Pelé.**

2) **Diante de artigos indefinidos**

Os brasilianos desta terra não têm uma Constituição, que ainda é negada **a uma** parte importante da população.[22]

Apesar de o problema poder ser reparado por volta dos 6 anos, quando a orelha atinge cerca de 80% do tamanho que terá na vida adulta, Delaine só se submeteu **a uma** intervenção aos 24 anos, quando recebeu seu primeiro salário.[23]

Mas são os médicos que estão no comando dessa linha de produção. Os criadores dessas criaturas são os médicos, não há como negar. Se todos se ativessem **a um** padrão estético mais harmônico, "as mulheres-travestis não existiriam."[24]

Ora, ninguém vai **a um** cardiologista e pede duas pontes de safena e uma mamária. Por que fazem isso no consultório de um cirurgião plástico?[25]

3) **Diante de pronomes indefinidos**

Resolução permite **a qualquer** pessoa parar em vagas especiais, desde que esteja com idoso. As vagas de estacionamento para idosos e portadores de necessidades especiais são, agora, regulamentadas pelo Conselho Nacional de Trânsito (Contran).[26]

"**A ninguém** convém ter vizinho pobre", diz Lugo no Brasil. Presidente do Paraguai visita o país para discutir Itaipu. Ele se encontrou com o presidente do Senado, José Sarney.[27]

A desobediência civil significa atitude pública de repúdio, tomada por cidadãos frente **a alguma** lei injusta, sem contudo utilizarem-se de violência física e armas. Não se trata de campanha. É ato de resistência à opressão e expressão máxima da liberdade civil, exercida por cidadãos atuantes e não súditos do Estado.[28]

O Rio é a principal porta de entrada do país de turistas estrangeiros e a doença já atingiu México, Estados Unidos e Espanha. A cidade está desguarnecida para doenças simples, ainda mais em escala epidêmica – comentou Darze. Já estamos no limite das condições e o Rio não resistiria **a nenhum** caso de grandes proporções.[29]

Você precisará definir a intensidade de qualidades como agilidade, inteligência, força, solidariedade e que grau de instinto sexual atribuir ao homem e à mulher. Como a energia é escassa, você não poderá dar grau 100 **a cada** qualidade humana.[30]

4) **Diante dos pronomes relativos *quem* e *cuja***

Se acha que ninguém o ama ou que não é amado o suficiente, talvez isso ocorra porque você não tem sido leal com as pessoas **a quem** ama.[31]

5) **Diante do pronome relativo *que***, quando o antecedente for apenas uma preposição exigida pelas relações de regência do período. Note que, quando o antecedente do pronome relativo for o demonstrativo **a** ou **as**, e as relações de regência exigirem o uso de preposição, haverá crase:

Pessoas de prestígio acadêmico e social seriam ouvidas em plenário com propostas inteligentes, e não os evasivos e mentirosos **a que** somos obrigados a assistir, com proveito zero.[32]

Sexo precisa ser divertido, mas o segredo do divertimento são o comedimento, a surpresa e o mistério, e não essa massificação e banalização **a que** estão nos submetendo.[33]

Metade dos presos do país espera decisão semelhante **à que** Daniel Dantas recebeu [...]

A poesia brasileira de hoje é muito superior **à que** se escreve em língua inglesa, francesa, espanhola, italiana e alemã, e isso sem considerarmos aqui o que se produz em Portugal.[34]

6) **Diante de verbos**

No dia anterior, quando a manhã começou **a raiar** em Chicago, faltavam 41 delegados para que ele vencesse a disputa. Os eleitores de dois estados, Dakota do Sul e Montana, estavam começando **a se encaminhar** às urnas para votar.

Gritos, aplausos, assovios, espocar de champanhe: Obama acabava de sagrar-se o primeiro negro **a concorrer** à Casa Branca com chance real de ser eleito. Extraordinário? Sem dúvida. Mas, diante da grandeza do feito, extraordinário é pouco.

Obama é o primeiro negro **a chegar** a essa posição depois de 389 anos do desembarque da leva inaugural de escravos africanos na América inglesa.

“De cada dez pessoas com mais de 50 anos que nos procuram, oito foram aconselhadas pelo médico **a perder** peso e praticar atividade física”, observa o preparador físico Mário Sérgio Andrade Silva.[35]

7) **Diante de pronome pessoal e expressões de tratamento (exceto *dona*, *senhora*, *senhorita* e *madame* – caso facultativo)**

A mim não me importa ser a sombra quando você é a figura, ser a situação quando você é o assunto [...][36]

Diga **a ela** que você me viu, que eu parecia muito bem, apesar de tantas noites vazias, tantas madrugadas vendo TV [...][37]

Você ganhou pontos como pai, fez um golaço e tanto. Melhor ainda, agora eles serão os primeiros a contar para os colegas de escola como o filme se desenrola, serão o centro da roda e heróis por um dia, graças **a você**.[38]

Estamos encaminhando **a Vossa Senhoria** solicitação de abertura de Concurso Público para o Magistério Superior, Professor Assistente 1, em regime de 20 horas.[39]

Eu não vou – embora seja o costume – narrar a sua vida. Seria inconveniente, já que ela lhe pertence e **à senhora** somente. Seria também presunção, já que outros já o fizeram com mais talento, a começar pela senhora mesma.[40]

8) **Diante de pronomes demonstrativos que não comecem pela vogal *a* ou que não admitam o artigo *a*:**

Aonde eu quero chegar é que, dependendo de sua resposta **a essa** questão, seu comportamento em terra será criticamente diferente. Resolver essa dúvida religiosa logo no início da vida adulta é mais importante do que se imagina.[41]

Será, **a essa** altura, uma senhora de 50 anos, idade que completa uma semana antes, no dia 16. Isto mesmo: Madonna, a loira de músculos definidos, magérrima e conservadíssima, é cinquentona.[42]

Tonding aderiu **a esse** esporte por recomendação médica – era hipertenso e tinha colesterol alto. “De cada dez pessoas com mais de 50 anos que nos procuram, oito foram aconselhadas pelo médico a perder peso e praticar atividade física”, observa o preparador físico Mário Sérgio Andrade Silva.[43]

9) **Nas expressões formadas com a repetição de termos (ainda que sejam femininos), por se tratar de pura preposição:**

Moradores de Boston **frente a frente** com a guerra biológica: o laboratório que está sendo construído em Boston é um dos dez que estarão prontos até o final desta década, nos Estados Unidos, para pesquisar bioterrorismo e armas biológicas.[44]

Os delegados enfrentaram **cara a cara** a pobreza: choças de barro, carência total de saneamento, mau cheiro dos riachos contaminados, falta de caminhos e de serviço de todo tipo.[45]

Face a face com a bomba: mais de 100 testes nucleares ao ar livre sacudiram o Deserto de Nevada, nos Estados Unidos, a partir de 1951. As sequelas que deixaram, só em anos recentes vieram a público.[46]

A invenção refere-se a sistemas **gota a gota** fixos com um curso para a queda da pressão da água que está constituído por repetidas partes de uma configuração prismática básica.[47]

10) **Diante da palavra *casa*, quando desacompanhada de especificação; diante da palavra *terra*, quando oposta a *bordo*:**

E como nem tudo podia terminar em beleza, depois do espetáculo que é entrar no Porto atravessando o Douro, eis que chego **a casa** e me descubro com uma gripe.[48]

Na quarta-feira passada, 4 de junho de 2008, Barack Hussein Obama, 47 anos em agosto, acordou para viver seu primeiríssimo dia como o primeiríssimo negro na história dos Estados Unidos a virar candidato **à Casa Branca** por um partido grande e, portanto, com chance de ser eleito presidente do país.

11) **Nas expressões de duração, distância e sequência do tipo *de tanto a tanto*...**

O presidente da Câmara, Arlindo Chinaglia (PT-SP), disse ontem que a Casa realizará sessões deliberativas **de segunda a quinta-feira** durante todo o mês de março.[49]

A população rural brasileira caiu 25%, **de 1990 a 2001**, passando de 36 milhões para 27 milhões de pessoas, entre 1990 e 2001.[50]

De 12 a 16 de julho, o Governo do Estado dará início à entrega do Cartão do Cidadão e ao cadastro da senha de aproximadamente 10 mil beneficiários selecionados no programa Chapéu de Palha.[51]

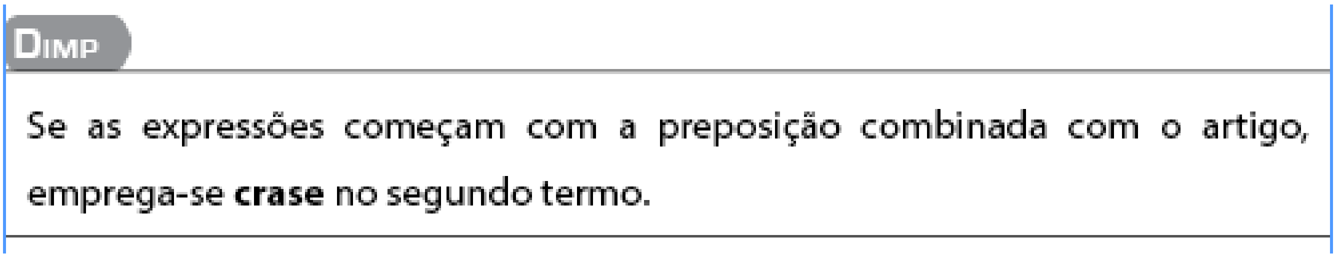

DIMP

Se as expressões começam com a preposição combinada com o artigo, emprega-se **crase** no segundo termo.

A Miosótis tem o prazer de anunciar que a Ana Sofia Pacheco vai estar no seu espaço todas as 6ª feiras, **das 15h às 18h**, para apoiar quem desejar conselhos alimentares [...][52]

O bebê enxerga apenas o que estiver muito perto do seu campo de visão, como é o caso do rosto não muito nítido de sua mãe durante a amamentação. Apenas **da quarta à sexta semana de vida** é que ele começa a fixar o olhar nas pessoas e nos objetos próximos e com isso seguir os movimentos.[53]

12) **Antes de palavras femininas tomadas em sentido genérico ou indeterminado, isto é, não precedidas de artigo.**

Sorriso de criança dá direito **a passagens aéreas**: no mês das férias escolares, a companhia aérea Gol oferece o concurso cultural Fotografe um Sorriso. Os donos das fotos com os melhores sorrisos ganham uma viagem com direito **a acompanhante** para qualquer destino operado pela Gol.[54]

Como os cientistas têm tanta certeza de que as trombadas de prótons do novo acelerador darão origem **a partículas** que nunca foram vistas? Simples. Com seus 27 quilômetros de circunferência, o LHC é a pista perfeita para acelerar prótons a uma velocidade próxima à da luz, aumentando sua energia.[55]

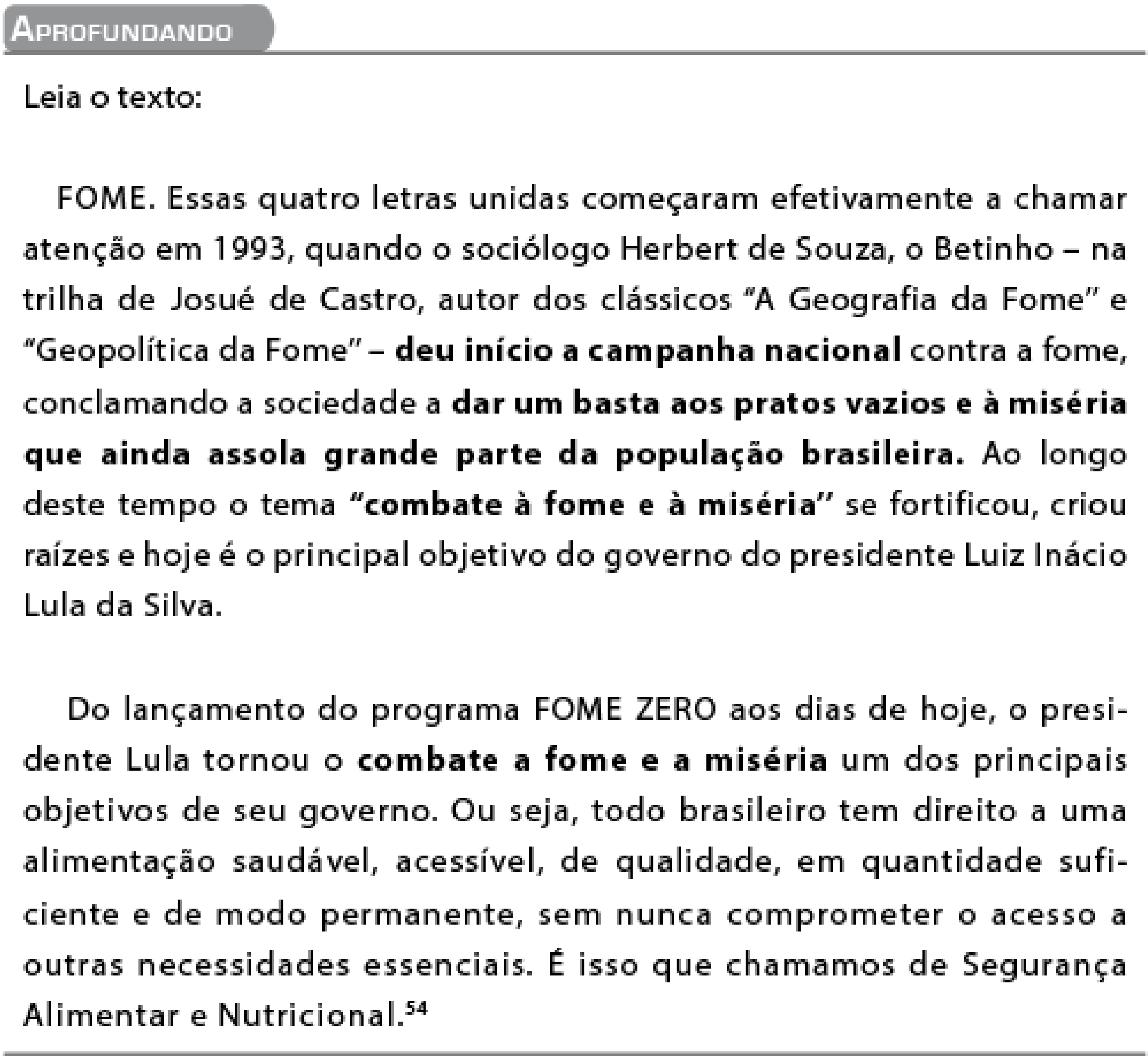

Aprofundando

Leia o texto:

FOME. Essas quatro letras unidas começaram efetivamente a chamar atenção em 1993, quando o sociólogo Herbert de Souza, o Betinho – na trilha de Josué de Castro, autor dos clássicos "A Geografia da Fome" e "Geopolítica da Fome" – **deu início a campanha nacional** contra a fome, conclamando a sociedade a **dar um basta aos pratos vazios e à miséria que ainda assola grande parte da população brasileira.** Ao longo deste tempo o tema **"combate à fome e à miséria"** se fortificou, criou raízes e hoje é o principal objetivo do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Do lançamento do programa FOME ZERO aos dias de hoje, o presidente Lula tornou o **combate a fome e a miséria** um dos principais objetivos de seu governo. Ou seja, todo brasileiro tem direito a uma alimentação saudável, acessível, de qualidade, em quantidade suficiente e de modo permanente, sem nunca comprometer o acesso a outras necessidades essenciais. É isso que chamamos de Segurança Alimentar e Nutricional.[54]

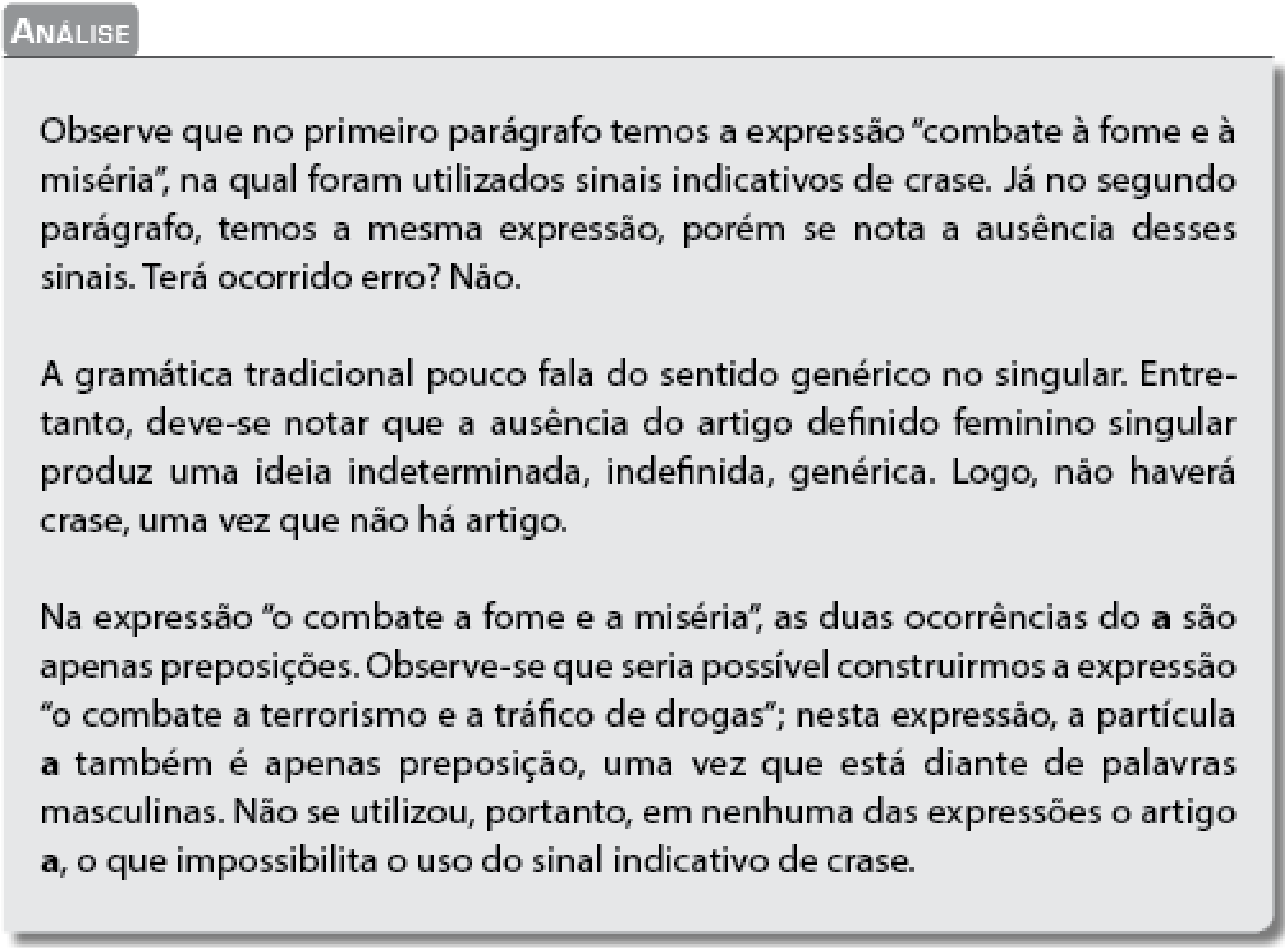

ANÁLISE

Observe que no primeiro parágrafo temos a expressão "combate à fome e à miséria", na qual foram utilizados sinais indicativos de crase. Já no segundo parágrafo, temos a mesma expressão, porém se nota a ausência desses sinais. Terá ocorrido erro? Não.

A gramática tradicional pouco fala do sentido genérico no singular. Entretanto, deve-se notar que a ausência do artigo definido feminino singular produz uma ideia indeterminada, indefinida, genérica. Logo, não haverá crase, uma vez que não há artigo.

Na expressão "o combate a fome e a miséria", as duas ocorrências do **a** são apenas preposições. Observe-se que seria possível construirmos a expressão "o combate a terrorismo e a tráfico de drogas"; nesta expressão, a partícula **a** também é apenas preposição, uma vez que está diante de palavras masculinas. Não se utilizou, portanto, em nenhuma das expressões o artigo **a**, o que impossibilita o uso do sinal indicativo de crase.

CASOS FACULTATIVOS DE CRASE

1) **Antes de pronome possessivo adjetivo feminino no singular**

O cirurgião plástico fluminense Carlos Fernando Gomes de Almeida, de 50 anos, é um dos mais requisitados do país. Boa parte da fama que conquistou se deve **à sua** técnica de *lifting* facial.[56]

Tentar entender como daí nasceu o universo levou a humanidade **à sua** mais extraordinária aventura intelectual.[57]

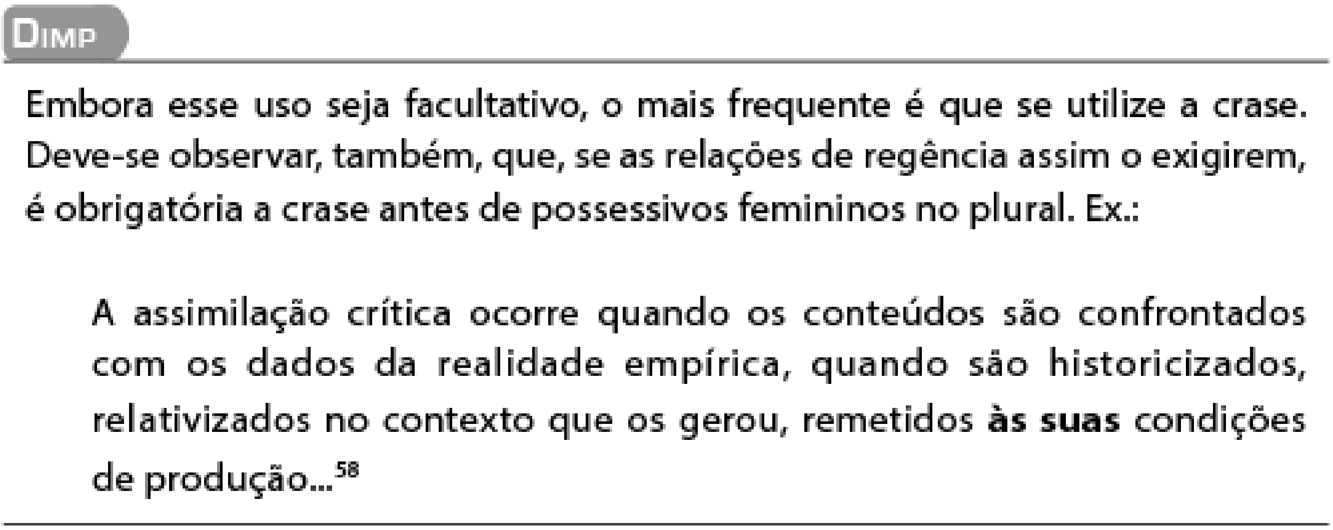

DIMP

Embora esse uso seja facultativo, o mais frequente é que se utilize a crase. Deve-se observar, também, que, se as relações de regência assim o exigirem, é obrigatória a crase antes de possessivos femininos no plural. Ex.:

> A assimilação crítica ocorre quando os conteúdos são confrontados com os dados da realidade empírica, quando são historicizados, relativizados no contexto que os gerou, remetidos **às suas** condições de produção...[58]

2) **Antes de nomes de mulheres**

As alusões eram feitas **à Joana.**

As alusões eram feitas **a Joana.**

3) **Após a preposição *até***

Hoje não precisamos ter doze filhos baseados na chance de que dois chegarão **até a** vida adulta. Estão deliberadamente abusando desse nosso gene de preservação para ganhar dinheiro para suas empresas e para si.[59]

Curso de Medicina leva portugueses **até à** República Dominicana: Estrangeiro é cada vez mais uma opção. Com as médias para entrar em medicina a aumentar, são cada vez mais os portugueses que se voltam para o estrangeiro.[60]

4) **Antes de pronomes de tratamento exclusivamente femininos**

Os documentos relativos **à senhora** Júlia não estão disponíveis.

Os documentos relativos **a senhora** Júlia não estão disponíveis.

NOTAS IMPORTANTES

1ª) Um artifício para a verificação da ocorrência do acento indicativo de crase é a substituição da palavra feminina por uma masculina. Ocorrendo com a palavra masculina a combinação **ao** ou **aos**, a palavra feminina estará com artigo; portanto ocorrerá a crase.

Referi-me **às advogadas**.
Referi-me **aos advogados**.

2ª) Nomes de cidades geralmente repelem artigo; portanto não admitem crase. Entretanto, use o seguinte artifício para reconhecer a necessidade do acento indicativo de crase:

Se puder ser usada a expressão **Estou em**..., não haverá crase.

Se puder ser usada a expressão **Estou na**..., haverá crase.

Fui **à agitada Goiânia**. (Estou na...) / Bem-vindos **a Brasília**. (Estou em...)

3ª) Em **Saímos às dez horas**, o acento grave indica a fusão de dois **a**. Se substituirmos a expressão "dez horas" por um correlato (meio-dia), obteremos a combinação **ao**: **Saímos ao meio-dia**. Portanto, as expressões que indicam horas exatas recebem acento indicativo de crase.

4ª) Em **Comprei à vista**, o acento grave não está indicando a fusão de dois a. Se substituirmos o termo **vista** por **prazo**, teremos a expressão **Comprei a prazo**. Nesse caso, o uso do acento indicativo de crase impõe-se pela tradição, ou seja, pelo uso nas locuções adverbiais femininas.

Veja-se uma questão de prova da Fundação Carlos Chagas:

A necessidade ou não do sinal de crase está inteiramente observada na frase:

a) Deve-se à luta das feministas o respeito aos direitos que cabem também às outras parcelas de injustiçados que integram a nossa sociedade.
b) Encontra-se a disposição dos interessados a nova edição do Código Civil, à qual, aliás, já se fizeram objeções à torto e à direito.
c) À vista do que dispõe o novo código, não caberá à ninguém a condição "natural" de cabeça de casal, à qual, até então, se reservava para o homem.
d) Pode ser que à curto prazo o novo código esteja obsoleto em vários pontos, à exemplo do que ocorreu com o antigo.
e) Não se impute à uma mulher a culpa de não ter lutado por seus direitos; todas as pressões sociais sempre a conduziram àquela "virtuosa" resignação.

Análise ⍰ A alternativa correta é **a**.

Vejamos por que as demais alternativas estão incorretas:

b) Encontra-se **a disposição** dos interessados a nova edição do Código Civil, à qual, aliás, já se fizeram objeções **à torto e à direito**.

Falta ao primeiro termo destacado o acento indicativo de crase que marca as locuções prepositivas femininas. Em relação ao segundo termo, sabe-se que não há crase diante de palavras masculinas.

c) À vista do que dispõe o novo código, não caberá **à ninguém** a condição "natural" de cabeça de casal, **à qual**, até então, se reservava para o homem.

A crase no primeiro termo destacado está correta, uma vez que se trata do uso do acento grave nas locuções prepositivas femininas. No segundo, a crase está incorreta, já que pronomes indefinidos (com exceção de outra ou outras) não admitem artigo; logo, a partícula "a", que antecede o pronome "ninguém", é apenas uma preposição exigida pela regência da forma verbal "caberá". No terceiro caso, também não poderia ter ocorrido o sinal de crase, pois o pronome relativo "a qual" exerce a função de sujeito paciente da forma verbal "reservava".

d) Pode ser que **à curto** prazo o novo código esteja obsoleto em vários pontos, **à exemplo** do que ocorreu com o antigo.

O uso do acento indicativo de crase nos dois termos destacados revela-se incorreto, uma vez que não há crase diante de palavra masculinas.

e) Não se impute **à uma mulher** a culpa de não ter lutado por seus direitos; todas as pressões sociais sempre a conduziram **àquela** "virtuosa" resignação.

O uso do acento indicativo de crase no primeiro termo destacado revela-se incorreto, uma vez que não há crase diante de artigos indefinidos, por uma questão óbvia: artigos indefinidos não começam por uma vogal "a". Já no segundo termo, a crase está correta: verifica-se a junção da preposição **a**, exigida pela forma verbal "conduziram", com o **a** inicial do pronome demonstrativo "aquela".

Questões Comentadas – Cespe/UnB

1 A última categoria é composta de pessoas preocupadas em mostrar em público o quanto são solicitadas, especialmente para complexas consultas a respeito dos negócios: **as conversas que somos obrigados a escutar** em aeroportos ou restaurantes tratam
5 de transações monetárias, atrasos na entrega de perfis metálicos e outras coisas que, no entendimento de quem fala, dão a impressão de que se trata de um verdadeiro Rockfeller.

1. Com igual correção gramatical a forma pronominal **às quais** poderia ser empregada em lugar do pronome "que" no segmento "as conversas que somos obrigados a escutar".

A vida de pessoas comuns transforma-se em um jogo real e às vezes inescrupuloso. Intimidades desveladas, privacidade ultrajada e muita gente querendo aparecer fazem o "show da vida real". Isso é fantástico.

2. Na linha 2, pode-se fazer a supressão do sinal indicativo de crase sem prejuízo sintático para o texto.

1 O conceito mais conhecido de inteligência é aquele relacionado com a capacidade de resolver problemas – dos mais simples aos mais complexos, na grande variedade das conquistas humanas nas diversas

áreas do saber. É também a capacidade de criar produtos, materiais ou intelectuais, que sejam aceitos socialmente. É um potencial biológico e psicológico, isto é, a inteligência está associada aos nossos desejos e às nossas ações conscientes e inconscientes.

3. O emprego do sinal indicativo de crase é facultativo no trecho “às nossas ações conscientes e inconscientes” (ℓ.7-8) porque antecede o pronome possessivo “nossas”.

Em outras palavras, sem formar leitores em escala planetária por meio da educação de qualidade para todos, a distância entre os que têm e os que não têm acesso a informações tende a aumentar.

4. Na linha 3, estaria gramaticalmente correta e manteria os sentidos do texto a substituição de “a informações” por às informações.

No plano interno, os resultados da elaboração e da implementação do PNDH podem ser medidos pela ampliação do espaço público de debate sobre questões afetas à proteção e promoção dos direitos humanos, tais como o combate à exploração sexual de crianças e adolescentes, a reforma dos mecanismos de reinserção social do adolescente em conflito com a lei, a manutenção da idade de imputabilidade penal, o combate a todas as formas de discriminação, a adoção de políticas de ação afirmativa e de promoção da igualdade e o combate à prática da tortura.

5. Na linha 3, o sinal indicativo de crase em “à proteção” justifica-se pela regência de “questões” e pela presença de artigo feminino singular.

6. O emprego do sinal indicativo de crase tem a mesma justificativa em “à exploração” (ℓ.4) e em “à prática” (ℓ.9).

O PNDH II incorpora ações específicas no campo da garantia do direito à educação, à saúde, à previdência e à assistência social, ao trabalho, à moradia, a um meio ambiente saudável, à alimentação, à cultura e ao lazer, assim como propostas voltadas para a educação e sensibilização de toda a sociedade brasileira com vistas à construção e consolidação de uma cultura de respeito aos direitos humanos.

7. A regência da palavra “direito” (ℓ.2) e a presença de artigo feminino justificam o emprego de sinal indicativo de crase nas expressões “à educação” (ℓ.2), “à saúde” (ℓ.2) e “à cultura” (ℓ.4).

Somente com a visão de sustentabilidade e de capital social podemos almejar uma sociedade melhor para o país. Os níveis de sustentabilidade e de capital social de uma nação são proporcionais à qualidade de sua educação. Essa relação permanente e integrada entre educação, capital social e sustentabilidade forma o processo crítico do desenvolvimento social e, como todo processo, deve ser gerenciado com a melhor metodologia de qualidade.

8. O sinal indicativo de crase em “à qualidade” (ℓ.4) evidencia a presença da preposição “a” e do artigo definido “a”.

A Constituição Federal de 1988, sobre instituir o Estado Democrático de Direito, consagrou a doutrina da proteção integral em seu art. 227, colocando como prioridade absoluta a proteção às crianças e aos adolescentes e estabelecendo em seu favor direitos fundamentais. Deixou claro que a obrigação de assegurá-los não é exclusiva apenas da família e do Estado, mas constitui dever de toda a sociedade.

9. O emprego do sinal indicativo de crase em “às crianças” (ℓ.4) justifica-se pela regência de “prioridade” (ℓ.3) e pela presença de artigo definido feminino singular.

Julgue os itens subsequentes quanto à correção gramatical.

10. Homens angustiados com prestações à pagar, não frequentam o supermercado.

11. Há homens que as vezes jogam futebol, de vez em quando fazem churrasco, e raramente vão ao teatro.

Para o jovem que está começando sua vida financeira e profissional, um plano de gastos é útil por excelência, a fim de controlar, de forma equilibrada, o que entra e o que sai. Para isso, é recomendável:

I – anotar todas as despesas que são feitas mensalmente, analisando o resultado de acordo com o que costuma receber;

II – comprar, preferencialmente, à vista;

III – ao receber, estabelecer um dízimo, ou seja, guardar 10% do valor líquido do salário em uma conta de poupança, todo mês.

12. Em “comprar, preferencialmente, à vista;”, é obrigatório o sinal indicativo de crase em “à vista”, à semelhança do que ocorre com a expressão **à prestações**.

Julgue os seguintes itens quanto à concordância e à regência.

13. PGBL e VGBL constituem-se nas modalidades de benefícios livres indicadas à clientes especiais.

14. 12% de desconto no IR, incidente sobre os rendimentos alcançados com a aplicação dos recursos, são permitidos aqueles contribuintes que tem aplicação no PREVINVEST da CAIXA.

15. Essa informação destina-se tanto às pessoas que declaram IR, seja pela forma completa, seja pelo formulário simplificado, quanto às que são isentas de fazê-lo.

Quando os cientistas políticos ensinam que, nas democracias modernas, poder trava poder, aludem a uma forma de pacto social ou controle tácito que permite a governabilidade.

16. Na expressão “a governabilidade”, que complementa o sentido da forma verbal “permite”, a ausência do sinal indicativo de crase justifica-se por o substantivo “governabilidade” estar empregado em sentido genérico.

Os microbiologistas confessam ser incalculável o número total de espécies somando bactérias, protozoários e vírus aos tipos também microscópicos de fungos e algas. Com essa diversidade toda, os micro-organismos foram os únicos seres que se adaptaram a todos os lugares do planeta: estão no ar, no fundo do mar, no subsolo – e dentro de nós.

17. Em “se adaptaram a todos os lugares do planeta” (⍰.4-5), poderia ser colocado o sinal indicativo de crase em “a”, sem que ocorresse erro gramatical.

O território do Acre pertencia à Bolívia até o início do século XX, embora, desde as primeiras décadas do século XIX, a maioria da sua população fosse formada por brasileiros que exploravam os seringais e não obedeciam à autoridade boliviana, configurando, na prática, um território independente, o que exigia a sua anexação ao Brasil.

18. O emprego do sinal indicativo de crase em “à Bolívia” (⍰.1) justifica-se pela regência do verbo **pertencer** e pela presença de artigo definido feminino singular antes de “Bolívia”.

Com a transmissão ao vivo para vários países, o Pan também é uma ótima oportu-nidade de exposição de marca para a PETROBRAS, visto que atende à sua estratégia de internacionalização.

19. A eliminação do sinal indicativo de crase em “visto que atende à sua estratégia” (⍰.3) prejudica a correção gramatical do período.

A prática, além de um estilo de vida, é uma forma econômica de viajar, seja para passar poucos dias em acampamentos e em cidades do interior, próximo à natureza, seja para ficar meses em determinada região e conhecer várias cidades. Não há por que se preocupar com nada, se você está em casa.

20. Na linha 3, o emprego do sinal indicativo de crase antes de “natureza” deve-se à regência do termo “próximo” e à presença de artigo feminino que determina “natureza”.

Em 1508, quando andava à procura de quem pintasse o teto da Capela Sistina, o papa Júlio II pediu a Michelangelo uma prova de sua competência para a tarefa.

21. Na linha 1, o uso da crase em “à procura” é facultativo.

A professora de 30 anos nem sabia explicar direito o que aconteceu. No início de 2005, ela assumiu a turma mais difícil da escola mais pobre da pequena Itatinga (SP), na região de Bauru, e não tinha grandes expectativas quanto àqueles 29 alunos da 4ª série.

22. É facultativo o emprego do sinal indicativo de crase em “àqueles” (⍰.4).

Assim, a economia está menos vulnerável a crises financeiras com origem no exterior, e a melhora dos indicadores de endividamento externo tem se refletido positivamente na avaliação de risco de crédito.

23. Em lugar do trecho “vulnerável a crises” (ℓ.1), estaria gramaticalmente correta a redação: **vulnerável às crises**.

Entre dezenas de entidades participantes do evento, a Associação dos Docentes da Universidade Federal da Paraíba (ADUFPB), representada pela presidente Maria Aparecida Ramos, fez-se presente, mostrando total apoio à ação. “Somos uma entidade apartidária, mas que se preocupa com a transparência do processo eleitoral”.

24. O sinal indicativo de crase usado em “total apoio à ação” (ℓ.4) desaparece na construção: **apoio a tal ação**.

A globocolonização exerce impactos contraditórios nas culturas locais. De um lado, reforça relações de dominação, dissemina a hegemonia cultural e intensifica o mimetismo.

Cria o retraimento das expressões artísticas e culturais à margem dos recursos midiáticos, corrói utopias e projetos a longo prazo, favorece o fundamentalismo como forma de compensar a exclusão.

25. É facultativo o emprego da crase em “à margem dos recursos midiáticos” (ℓ.4-5).

A poluição do ar aumenta em 50% o risco de morte de recém-nascidos em cidades como São Paulo, conforme análise dos dados de 214 mil crianças nascidas na capital paulista. A exposição das gestantes à poluição, em especial nos três primeiros meses de gestação, leva à diminuição do peso dos bebês ao nascer, um dos principais determinantes da saúde infantil.

26. Na linha 4, o emprego de sinal indicativo de crase em “à poluição” deve-se à regência da palavra “exposição”, que exige preposição, e à presença de artigo definido feminino no singular.

Francisco Alves Mendes Filho ainda não era um mito da luta contra a devastação da Amazônia quando foi preso, em 1981, acusado de subversão e incitamento à luta de classes no Acre, em plena ditadura militar. Chico Mendes se tornaria mundialmente conhecido, dali para a frente, por comandar uma campanha contra a ação de grileiros e latifundiários, responsáveis pela destruição da floresta e pela escravização do caboclo amazônico.

27. O emprego do sinal indicativo de crase em “à luta de classes” (ℓ.3) justifica-se pela regência dos termos “subversão” e “incitamento” e pelo gênero do substantivo “classe”.

Pelo modelo em vigor, apenas a ANEEL faz o inventário de um rio. Só depois da sua aprovação, são conduzidos estudos de viabilidade técnica e de impacto ambiental, que consubstanciam o relatório EIA-RIMA, necessário para se obter licença prévia.

À mudança se contrapõem as entidades de defesa do meio ambiente, que alegam que os estudos para aprovação de obras como uma usina hidrelétrica são mesmo demorados e devem ser feitos com muito cuidado, com a análise detalhada de todos os impactos sobre a natureza.

28. Na linha 5, o sinal indicativo de crase em “À mudança” justifica-se pela regência de “se contrapõem”, que exige a preposição **a**, e pela presença de artigo definido feminino antes de “mudança”.

No célebre Sermão da Sexagésima, pronunciado em 1655 na capela real, em Lisboa, lembra Antônio Vieira que o pregar é em tudo comparável ao semear, “porque o semear he hua arte que tem mays de natureza que de arte; caya onde cahir.” Pensamento cujas raízes parecem mergulhar no velho naturalismo português. A comparação entre o pregar e o semear, Vieira a teria tomado diretamente às Escrituras, elaborando-a conforme seu argumento. O mesmo já não cabe dizer de sua imagem do céu estrelado, que se ajusta a concepções correntes da época e não apenas em Portugal.

29. Em “Vieira a teria tomado diretamente às Escrituras” (⍰.6-7), a crase deve-se à regência do verbo **tomar** e ao emprego do artigo definido que precede “Escrituras”.

30. No trecho “O mesmo já não cabe dizer de sua imagem do céu estrelado, que se ajusta a concepções correntes da época” (⍰.7-9), também seria correto usar crase antes de “concepções”.

Entre os diferentes tipos de comunicação, o mais importante é a comunicação interpessoal, que diz respeito à capacidade de dialogar, à troca de informações, seja por meio do contato físico direto, seja por intermédio de dispositivos técnicos criados pelo homem com o fim de transmissão de mensagens.

31. Nas linhas 2 e 3, os sinais indicativos de crase em “diz respeito à capacidade de dialogar, à troca de informações” não são opcionais.

Os garotos alexandrinos não trataram os dois sábios com o escárnio dos garotos cipriotas. A terra era grave como a íbis pousada numa só pata, pensativa como a esfinge, circunspecta como as múmias, dura como as pirâmides; não tinha tempo nem maneira de rir. Cidade e corte, que desde muito tinham notícias dos nossos dois amigos, fizeram-lhes um recebimento régio, mostraram conhecer seus escritos, discutiram as suas ideias, mandaram-lhes muitos presentes, papiros, crocodilos, zebras, púrpuras. Eles, porém, recusaram tudo, com simplicidade, dizendo que a filosofia bastava ao filósofo, e que o supérfluo era um dissolvente. Tão nobre resposta encheu de admiração tanto aos sábios como aos principais e à mesma plebe.

32. Em “à mesma plebe” (⍰.11-12), o emprego do sinal indicativo de crase é facultativo.

Depois, percebi que a inovação está dentro de cada um de nós. De repente, me dei conta de que a forma certa de a inovação acontecer é deixar a coisa fluir. Quando todo mundo está impregnado do espírito da inovação, ela vem até você, todos os dias. Se eu abrir espaço para você dar vazão a sua paixão, a mudança acontece.

33. É facultativo o emprego do acento grave indicativo de crase na oração “para você dar vazão a sua paixão” (ℓ.5).

Escreverei depois contando os gritos de entusiasmo do pessoal. Todos que aparecem por aqui se assombram com o retrato. Às vezes me paro em frente do seu quadro e fico, fico, fico, não só perdido na beleza da pintura, mas me refortalecendo a mim mesmo.

O carnaval aqui esteve bem divertido, apesar da frieza paulista. Eu pelo menos me diverti à larga e os bailes estiveram colossais, todos dizem. Vejo pela sua carta que a coisa não foi tão divertida assim e lastimo por vocês.

34. É obrigatório o emprego do acento grave indicativo de crase em expressões adverbiais formadas por palavras femininas tais como “Às vezes” (ℓ.2-3) e “à larga” (ℓ.6).

35. Pode-se empregar o acento grave indicativo de crase para marcar a fusão da preposição **a** com os pronomes demonstrativos **aquele**, **aquela**, **aquilo**. Assinale a opção em que a frase apresentada não obedece a essa regra.

a. Entreguei o bilhete àquele homem.
b. Deram emprego àquela senhora.
c. Não pertenço àquele grupo.
d. O livro de que preciso está sobre àquela mesa.
e. Assistiram àquilo calados.

Questões de Fixação

36. Assinale a alternativa em que o acento grave foi utilizado com base na mesma regra que em “assalto à mão armada”.

a. Gostava de motores à gasolina.
b. Combinaram encontrar-se às dez horas.
c. Comeu arroz à grega e bife de alcatra.
d. Com o tempo, foi ficando à vontade.
e. Àquela hora, todos já haviam dormido.

Modelo de prática interdisciplinar na área de saúde

Todo sistema educacional é uma “construção”. A simples referência a “sistema” tem implícito o significado mecânico, operacional. Diferentes sistemas podem ter a mesma organicidade, mas não necessariamente os mesmos objetivos. Aqui estamos nos referindo às suas ideias – talento inventivo – e às suas ideologias – maneiras de pensar que caracterizam indivíduos ou grupos de pessoas que tratam da formação das ideias. Há sistemas educacionais, convencionais, de natureza burocrática e tecnicista, em que as personagens do sistema falam inexoravelmente para si mesmas, não entre si.

Os estilos cognitivos desses sistemas estão intimamente associados às categorias profissionais. Em seu estado mais puro, esses sistemas predominam nas instituições educacionais isoladas; em que as forças ideológicas da corporação e da tradição são fortes óbices à multiversidade, isto é, às múltiplas funções da universidade. A relutância à multiversidade é apoiada e reforçada pelo interesse e pelo entusiasmo de professores em ministrar assuntos de sua exclusiva área de atuação profissional. Estamos claramente indicando uma das razões de resistência à multiversidade. Mas há sistemas educacionais que, no gozo de sua autonomia e de interpretação de sua função, buscam escapar das chamadas “políticas governamentais”. Essas políticas são, em essência, representativas das categorias profissionais. Há, dessa forma, ao contrário do exemplo anterior, sistemas educacionais que, espantando a mediocridade burocrática, admitem e incentivam o talento inventivo: são os grupos de pessoas que da formação das ideias ocupam. Esses novos sistemas – e suas tecnologias educacionais – são instrumentos para o alcance de objetivo definido. Eles chegam ao núcleo de profissionais que demonstram interesse em oferecer ensino integral – cognitivo, atitudinal, criativo etc. – para o aluno, o que deve estar implícito no perfil desejado para ele.

Adaptado de D. Amorin & M. Gattás. *Modelo de prática interdisciplinar.*
Medicina. Ribeirão Preto, jan./mar./2007 (com adaptações)

37. Assinale a alternativa em que o uso do sinal indicativo de crase no termo destacado é opcional.
a. “A simples referência a ‘sistema’ tem implícito” (⍰.1-2).
b. “nos referindo às suas ideias” (⍰.4-5).
c. “fortes óbices à multiversidade” (⍰.13).
d. “às múltiplas funções da universidade” (⍰.14)
e. “espantando a mediocridade burocrática” (⍰.23)

38. Considerando o uso do sinal indicativo de crase, assinale a alternativa incorreta.
a. As reflexões da revista especializada foram semelhantes às da médica.
b. Àqueles procedimentos foi dada toda a atenção necessária.
c. Minha sugestão é igual à que você deu.
d. Entre tantas opções de dieta, recomendou à que já havia sido testada.
e. As fichas com os dados de cada alimento foram entregues à equipe de divulgação.

PORTUGUÊS

Pontuação

Uso do ponto, do ponto de exclamação e do ponto de interrogação

Prof.ª Isabel Vega

Uso do ponto, do ponto de exclamação e do ponto de interrogação

I) Uso do ponto - "O ponto assinala a pausa máxima da voz. Emprega-se para indicar o término de uma oração declarativa, seja ela absoluta, seja a derradeira de um período composto. (Celso Cunha & Lindley Cintra)

ponto simples

Ex.: "Entardecer no Angico. Estou parada, sozinha, na frente da casa da estância, olhando para o poente. O sol parece uma grande laranja temporã, cujo sumo escorre pelas faces da tarde. O ar cheira a guaco queimado. (...) Sinto um langor de corpo e espírito. Decerto é a tardinha que me contagia com sua doce febre." (Érico Veríssimo)

ponto final

Uso do ponto, do ponto de exclamação e do ponto de interrogação

OBS.1: “O ponto tem sido utilizado pelos escritores modernos onde os antigos poriam **ponto e vírgula** ou mesmo **vírgula**. Trata-se de um eficiente recurso estilístico, quando usado adequada e sobriamente.” (Celso Cunha *et al*.)

Ex.1: “A música toca uma valsa lenta. O desânimo aumenta. Os minutos passam. A orquestra se cala. O vento está mais forte.” (Érico Veríssimo)

Ex.2: É preciso cuidar bem da saúde. Contudo, tomar remédio sem receita é muito perigoso.

Uso do ponto, do ponto de exclamação e do ponto de interrogação

OBS.2: “Quando se passa de um grupo a outro de ideias, costuma-se marcar a transposição com um maior repouso da voz, o que, na escrita, se representa pelo **ponto parágrafo**.”

Ex.: Lá embaixo era um mar que crescia.

Começara a chuviscar um pouco. E o carro subia mais para o alto, com destino à casa de Amâncio, que era a melhor da redondeza.

OBS.3: Utiliza-se também o ponto em abreviaturas.

Ex.: V.Sª. (Vossa Senhoria), Dr. (doutor), etc. (*et cetera*)

Uso do ponto, do ponto de exclamação e do ponto de interrogação

II) Uso do ponto de exclamação – É o sinal que se pospõe a qualquer enunciado de entoação exclamativa; mas, como a melodia das exclamações apresenta muitas variedades, o seu valor só pode ser depreendido do contexto. (Celso Cunha)

Usa-se o ponto de exclamação

a) depois de interjeições ou de vocativos:

Ex.: Você viu aquilo? Cruz credo! Virgem Maria!
Maria! Você viu aquilo?

b) depois de frases no imperativo:

Ex.: Venha urgente para casa!

Uso do ponto, do ponto de exclamação e do ponto de interrogação

III – Ponto de interrogação – É o sinal que se usa no fim de qualquer interrogação direta, ainda que a pergunta não exija resposta. (Celso Cunha *et al.*)

Ex.: Que horas são**?**
Que coisa estranha...Para onde vai o mundo**?**

OBS.1: Pode-se usar o ponto de interrogação seguido de reticências, quando o contexto indicar dúvida.

Ex.: Diante disso, o que farei**?...**

OBS.2: Pode-se usar o ponto de interrogação associado ao de exclamação, para indicar surpresa.

Ex.: Ah, é a senhora**?!** Pois entre...

PORTUGUÊS

Redação

Reescritura de textos

Prof.ª Isabel Vega

I) Verificar a equivalência entre os marcadores temporais:

Ex.:“**Nos últimos cinquenta anos**, um dos fatos mais marcantes ocorrido na sociedade brasileira foi a inserção crescente das mulheres na força de trabalho.”

Estaria mantida a correção gramatical e o sentido original do primeiro período do texto se ele fosse reescrito da seguinte forma:

Há cinquenta anos, um dos fatos mais marcantes ocorreram na sociedade brasileira: inserção crescente das mulheres na força de trabalho.

( ) certo ( ) errado

II) Verificar a equivalência entre o sentido das conjunções:

Ex.: Com maior acesso ao crédito e aos bens de consumo, a maioria das pessoas, mesmo com maior permanência no emprego, ainda gasta muito mais do que ganha e, eventualmente, contrai dívidas que arruínam qualquer possibilidade de estabilidade financeira.

Desde que se tenha disposição para promover algumas mudanças de comportamento, que, inicialmente, podem parecer complicadas, será possível construir um novo cenário e passar definitivamente de devedor para investidor.

→ **Desde que = caso = sentido de condição (afirmativo)**

Reescritura de textos

Seriam mantidas a coerência textual e a correção gramatical se o período “Desde que (...) para investidor” fosse reescrito da seguinte forma:

A menos que se tenha disposição para promover algumas mudanças de comportamento, que, inicialmente, podem parecer complicadas, não será possível construir um novo cenário e passar definitivamente de devedor para investidor.

→ **A menos que = caso não = condição (negativo)**

( ) certo ( ) errado

III) Verificar o sentido específico do vocabulário:

Ex.1: “Existiam cédulas na China do ano 960, mas elas não se espalharam para outros lugares e caíram em desuso no fim do século XIV. As notas só apareceram na Europa – e **daí** para o mundo – em 1661, na Suécia.”

O elemento “daí” foi empregado no texto como sinônimo de **então.** ( ) certo ( ) errado

Ex.2: “Atualmente, **há** duas Américas Latinas.”

A forma verbal “há” poderia ser corretamente substituída por **existem.** ( ) certo ( ) errado

IV) Verificar o acréscimo ou a retirada de artigos, pronomes, preposições, advérbios, etc.:

Ex.: "**Todos os homens** são intelectuais, pode-se dizer, **mas** nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais."

O período "Todos os (...) de intelectuais" poderia, sem que se alterasse seu sentido original, ser corretamente reescrito da seguinte forma:

Pode-se dizer que, **apesar de** não exercer **sempre**, na sociedade, a função de intelectual, **todo o** ser humano é intelectual.

( ) certo ( ) errado

V) Verificar mudança da voz verbal:

Ex.: "Porque há obras que existem apenas para o artista, desinteressadas de transmissão; outras que exigem essa transmissão e esperam que o artista se ponha a seu serviço, para alcançá-la. O Romanceiro é desta segunda espécie.

Quatro anos de quase completa solidão (...) ainda pareceram curtos demais para **uma obra que se desejava o menos imperfeita possível**, porque se impunha, acima de tudo, o respeito por essas vozes que falavam, que se confessavam, que exigiam, quase, o registro da sua história."

Reescritura de textos

O trecho “uma obra que **se desejava** o menos imperfeita possível” poderia ser reescrito, sem prejuízo gramatical ou de sentido para o texto, da seguinte maneira:

uma obra que **era desejada** a menos possível imperfeita.

(   )certo   (   ) errado

Exercícios com Gabarito de Português
Morfologia - Formação de Palavras

1) (Cesgranrio-1995) Os vocábulos "aprimorar" e "encerrar" classificam-se, quanto ao processo de formação de palavras, respectivamente, em:
a) parassíntese / prefixação.
b) parassíntese / parassíntese.
c) prefixação / parassíntese.
d) sufixação / prefixação e sufixação.
e) prefixação e sufixação / prefixação.

2) (Cesgranrio-1994) 1 A fisionomia da sociedade brasileira neste final de século está irreconhecível. A violência e a crueldade viraram fenômenos de massa. Antes, e até há não muito tempo, elas apareciam como sintoma de patologias individuais. Os "monstros" - um estuprador e assassino de crianças, uma mulher que esquartejou o amante - eram motivo de pasmo e horror para uma comunidade onde a violência ficava confinada a um escaninho de modestas proporções. Hoje, é uma guerrilha e faz parte do nosso cotidiano.
2 Em pouco tempo a imagem do Brasil, para uso externo e sobretudo para si mesmo, ficou marcada pela reiteração rotineira da crueldade. A onda não é o simples homicídio, é o massacre. E, para não ficarmos no saudosismo dos anos dourados, ressurge uma forma de massacre que tem raízes históricas profundas: o genocídio, essa mancha na formação de uma nacionalidade argamassada pelo sangue de índios e negros.
3 Os episódios brutais estão aí. (...)
4 A violência costuma ser associada à urbanização maciça, que gera miséria, desordem e conflitos.
5 Não vamos procurar desculpa invocando símiles de outros países - no Peru, na Bósnia ou onde quer que seja. Estamos dizendo "adeus" ao mito da cordialidade brasileira, da "índole pacífica do nosso povo". Estamos transformados - irreconhecíveis. Convertida em face do monstro, desfigurou-se a nossa fisionomia de povo folgazão, inzoneiro, que tem como símbolos o carnaval, o samba e o futebol. (...)
6 A miséria e a fome do povo são um caldo de cultura a favorecer a disseminação da violência, que se torna balcão de comércio nas mãos de empresários inescrupulosos.

Moacir Werneck de Castro.Jornal do Brasil, 28/08/93, p. 11.

No texto, encontram-se os vocábulos "PATOlogias " (1º parágrafo) e "GENOcídio" (2° parágrafo) cujos radicais estão escritos em maiúsculo, significam, respectivamente:
a) doença - raça.
b) semelhança - matança.
c) estudo - multidão.
d) raça - mulher.
e) cura - joelho.

3) (Covest-1997) Quanto à formação de palavras:
Assinale V ou F.
( ) Preconceito é formação prefixal.
( ) Pluralismo e fragilidade são formações sufixais.
( ) Incontroverso, individual e interna são formadas com o prefixo latino in , com sentido de negação.
( ) Ampliação, repetência, preparação e cidadania são substantivos formados a partir de formas verbais.
( ) Em fragilizar, modernizar e democratizar o sufixo " izar" forma verbos a partir de adjetivos.

4) (Faap-1996) IMÓVEL (in + móvel), processo de formação de palavra a que chamamos:
a) composição por aglutinação.
b) composição por justaposição.
c) derivação prefixal.
d) derivação sufixial.
e) parassintetismo.

5) (Faap-1997) Foram-se embora. EMBORA (em + boa + hora) - processo de formação de palavras:
a) composição por justaposição.
b) composição por aglutinação.
c) derivação prefixial.
d) derivação sufixial.
e) parassintetismo.

6) (Faap-1997) Ao crítico deu ele o RONROM.
O processo pela qual se formou a palavra grifada:
a) derivação prefixial.
b) derivação parassintética.
c) regressiva.
d) composição por aglutinação.
e) onomatopéia.

7) (FEI-1997) Assinale a alternativa em que NEM TODAS as palavras apresentem sufixo de grau diminutivo:
a) poemeto, maleta.
b) rapazola, bandeirola.
c) viela, ruela.
d) lugarejo, vilarejo.
e) menininho, carinho.

8) (FGV-2002) O rápido e grande avanço observado no ambiente da produção, por meio do surgimento de novas estratégias de manufatura, impôs mudanças profundas na forma de produzir. Uma das técnicas mais atingidas por essas mudanças é a que se refere ao gerenciamento de custos.
Até os anos 70, as despesas diretas de mão-de-obra e material respondiam pela quase totalidade dos custos totais. Despesas indiretas, como qualidade, controle de produção, compras etc., representavam uma pequena proporção desses custos. Em decorrência, os métodos tradicionais de alocação das despesas indiretas recomendavam, por uma questão de simplificação,

meramente ratear tais despesas, com base em critérios pouco complexos.
Entretanto, a estrutura de custos dos produtos vem alterando-se muito nos últimos tempos. Antes, as despesas indiretas representavam apenas algo em torno de 5% dos custos; hoje, já alcançam valores médios superiores a 35%, havendo casos de empresas em que elas podem atingir 70%.
Por outro lado, no passado, os custos de medição das despesas eram elevados, e a diversificação dos produtos, pequena. Hoje, com o avanço tecnológico, os custos de medição estão menores e permitem apuração mais precisa. Nos tempos atuais, também a diversidade de produtos e serviços vem crescendo devido à tendência de se procurar atingir uma operação que atenda aos clientes com produtos e serviços personalizados. Essas considerações permitem afirmar que o sistema tradicional de levantamento de custos tornou-se inadequado.
(Adaptado de COGAN, Samuel. São Paulo: RAE - Revista de Administração de Empresas, volume 39, número 2, abril-junho de 1999, p. 47)

Na relação entre verbos e substantivos, é comum que, a partir dos primeiros, formem-se os segundos, com a introdução de sufixos. Isso acontece, por exemplo, entre balancear e balanceamento, curtir e curtição. Não obstante, entre manufaturar e manufatura (segunda linha do texto), o processo é diferente.
Encontre no texto outro substantivo cuja formação seja semelhante à de manufatura.
a) Estratégias.
b) Totalidade.
c) Mudanças.
d) Avanço.
e) Despesa.

9) (FGV-2002) Cada uma das palavras a seguir apresenta separação silábica em um ponto. Assinale a alternativa em que não haja erro de separação.
a) Transatlân-tico, in-terestadual, refei-tório, inex-cedível
b) Trans-atlântico, o-pinião, inter-estadual, refeitó-rio
c) Trans-atlântico, opi-nião, interestadu-al, in-excedível
d) Transa-tlântico, opini-ão, interestadu-al, in-excedível
e) Transatlânti-co, inter-estadual, re-feitório, inexce-dível

10) (FGV-2002) Um cachorro de maus bofes acusou uma pobre ovelhinha de lhe haver furtado um osso.
- Para que furtaria eu esse osso - ela - se sou herbívora e um osso para mim vale tanto quanto um pedaço de pau?
- Não quero saber de nada. Você furtou o osso e vou levá-la aos tribunais.
E assim fez.
Queixou-se ao gavião-de-penacho e pediu-lhe justiça. O gavião reuniu o tribunal para julgar a causa, sorteando para isso doze urubus de papo vazio.
Comparece a ovelha. Fala. Defende-se de forma cabal, com razões muito irmãs das do cordeirinho que o lobo em tempos comeu.
Mas o júri, composto de carnívoros gulosos, não quis saber de nada e deu a sentença:
- Ou entrega o osso já e já, ou condenamos você à morte!
A ré tremeu: não havia escapatória!... Osso não tinha e não podia, portanto, restituir; mas tinha vida e ia entregá-la em pagamento do que não furtara.
Assim aconteceu. O cachorro sangrou-a, espostejou-a, reservou para si um quarto e dividiu o restante com os juízes famintos, a título de custas...
(Monteiro Lobato. Fábulas e Histórias Diversas)

O adjetivo referente ao substantivo Espanha assume, por vezes, forma latina que pode ser notada em sua grafia. No texto lido, ocorre fenômeno semelhante com uma palavra. Identifique-a e explique esse fenômeno.

11) (FGV-2002) Um cachorro de maus bofes acusou uma pobre ovelhinha de lhe haver furtado um osso.
- Para que furtaria eu esse osso - ela - se sou herbívora e um osso para mim vale tanto quanto um pedaço de pau?
- Não quero saber de nada. Você furtou o osso e vou levá-la aos tribunais.
E assim fez.
Queixou-se ao gavião-de-penacho e pediu-lhe justiça. O gavião reuniu o tribunal para julgar a causa, sorteando para isso doze urubus de papo vazio.
Comparece a ovelha. Fala. Defende-se de forma cabal, com razões muito irmãs das do cordeirinho que o lobo em tempos comeu.
Mas o júri, composto de carnívoros gulosos, não quis saber de nada e deu a sentença:
- Ou entrega o osso já e já, ou condenamos você à morte!
A ré tremeu: não havia escapatória!... Osso não tinha e não podia, portanto, restituir; mas tinha vida e ia entregá-la em pagamento do que não furtara.
Assim aconteceu. O cachorro sangrou-a, espostejou-a, reservou para si um quarto e dividiu o restante com os juízes famintos, a título de custas...
(Monteiro Lobato. Fábulas e Histórias Diversas)

O que significa, no texto, a forma verbal **espostejou**? Explique o processo de formação desse verbo.

12) (FGV-2001) Assinale a alternativa em que se observe o mesmo processo de formação de palavras que ocorre em **empobrecer**.
a) Apogeu.
b) Apelar.
c) Circular.
d) Crucifixo.

e) Apedrejar.

13) (FGV-2003) Leia o fragmento abaixo, do conto A cartomante de Machado de Assis. Depois, responda às perguntas.
“Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante.”
Qual é o significado de comprovinciana no texto? Explique, da perspectiva etimológica, como se pode chegar à conclusão de que o sentido é esse.

14) (FGV-2004) Assinale a alternativa em que sejam usados radicais ou prefixos - gregos ou latinos - correspondentes, respectivamente, aos seguintes sentidos:
dentro, duplicidade, em torno de, contra, metade, movimento para dentro, flor, livro, vida.

a) Endoscópio, anfíbio, circunlóquio, antibiótico, hemiciclo, introspecção, antologia, bibliografia, biografia.
b) Intramuscular,anfibologia, circunavegação, contraprova, semicírculo, internato, filósofo, biblioteca, biosfera.
c) Endoscópio, cosmopolita, circundar, antihigiênico, semidespido, introspecção, antologia, bibliografia, biografia.
d) Interface, ambidestro, circundar, antônimo, semiólogo, anteparo, biblioteca, biografia.
e) Endoscópio, ambivalente, circunavegar, antepasto, seminal, introspecção, antologia, bibliografia, biografia.

15) (Fuvest-2002) A característica da relação do adulto com o velho é a falta de reciprocidade que se pode traduzir numa tolerância sem o calor da sinceridade.Não se discute com o velho, não se confrontam opiniões com as dele, negando-lhe a oportunidade de desenvolver o que só se permite aos amigos: a alteridade, a contradição, o afrontamento e mesmo o conflito. Quantas relações humanas são pobres e banais porque deixamos que o outro se expresse de modo repetitivo e porque nos desviamos das áreas de atrito, dos pontos vitais, de tudo o que em nosso confronto pudesse causar o crescimento e a dor! Se a tolerância com os velhos é entendida assim, como uma abdicação do diálogo, melhor seria dar-lhe o nome de banimento ou discriminação.
(Ecléa Bosi, Memória e sociedade - Lembranças de velhos)

O termo alteridade liga-se, pelo radical e pelo sentido, a uma palavra que aparece no trecho:
a) falta de reciprocidade.
b) não se confrontam opiniões.
c) que o outro se expresse.
d) nos desviamos das áreas de atrito.
e) abdicação do diálogo.

16) (Fuvest-2001) Só os roçados da morte
compensam aqui cultivar,
e cultivá-los é fácil:
simples questão de plantar;
não se precisa de limpa,
de adubar nem de regar;
as estiagens e as pragas
fazem-nos mais prosperar;
e dão lucro imediato;
nem é preciso esperar
pela colheita: recebe-se
na hora mesma de semear.
(João Cabral de Melo Neto, Morte e vida severina)

O mesmo processo de formação da palavra sublinhada em “não se precisa de **limpa**” ocorre em:
a) “no mesmo **ventre** crescido”.
b) “iguais em tudo e na **sina**”.
c) “jamais o cruzei a **nado**”.
d)“na minha longa **descida**”.
e)“todo o **velho** contagia”.

17) (Fuvest-2001) A gente via Brejeirinha: primeiro, os cabelos, compridos, lisos, louro-cobre; e, no meio deles, coisicas diminutas: a carinha não-comprida, o perfilzinho agudo, um narizinho que-carícia. Aos tantos, não parava, andorinhava, espiava agora - o xixixi e o empapar-se da paisagem - as pestanas til-til. Porém, disse-se-dizia ela, pouco se vê, pelos entrefios: - “Tanto chove, que me gela!”
(Guimarães Rosa, “Partida do audaz navegante”, Primeiras estórias)
a) Os diminutivos com que o narrador caracteriza a personagem traduzem também sua atitude em relação a ela. Identifique essa atitude, explicando-a brevemente.
b) “Andorinhava” é palavra criada por Guimarães Rosa. Explique o processo de formação dessa palavra. Indique resumidamente o sentido dessa palavra no texto.

18) (Fuvest-2002) E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida;
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida;
mesmo quando é uma explosão
como a de há pouco, franzina;
mesmo quando é a explosão
de uma vida severina.

(João Cabral de Melo Neto, Morte e vida severina)

a) A fim de obter um efeito expressivo, o poeta utiliza, em *a fábrica* e *se fabrica*, um substantivo e um verbo que têm o mesmo radical.
Cite da estrofe outro exemplo desse mesmo recurso expressivo.
b) A expressividade dos seis últimos versos decorre, em parte, do jogo de oposições entre palavras.
Cite desse trecho um exemplo em que a oposição entre as palavras seja de natureza semântica.

19) (Fuvest-2000) A explosão dos computadores pessoais, as "infovias", as grandes redes - a Internet e a World Wide Web - atropelaram o mundo. Tornaram as leis antiquadas, reformularam a economia, reordenaram prioridades, redefiniram os locais de trabalho, desafiaram constituições, mudaram o conceito de realidade e obrigaram as pessoas a ficar sentadas, durante longos períodos de tempo, diante de telas de computadores, enquanto o CD-Rom trabalha. Não há dúvida de que vivemos a revolução da informação e, diz o professor do MIT, Nicholas Negroponte, revoluções não são sutis.
(Jornal do Brasil, 13/02/96)

As aspas foram usadas em "infovias" pela mesma razão por que foram usadas em:
a) Mesmo quando a punição foi confirmada, o "Alemão", seu apelido no Grêmio, não esmoreceu.
b) ... fica fácil entender por que há cada vez mais pessoas preconizando a "fujimorização" do Brasil.
c) o Paralamas, que normalmente sai "carregado" de prêmios, só venceu em edição.
d) A renda média "per capita" da América latina baixou para 25% em 1995.
e) A torcida gritava "olé" a cada toque de seus jogadores.

20) (Fuvest-2000) Um dos recursos expressivos de Guimarães Rosa consiste em deslocar palavras da classe gramatical a que elas pertencem.
Destas frases de "Sorôco, sua mãe, sua filha", a única em que isso NÃO ocorre é:
a) "... os mais detrás quase que corriam. Foi o de não sair mais da memória".
b) "... não queria dar-se em espetáculo, mas representava de outroras grandezas".
c) "... mas depois puxando pela voz ela pegou a cantar".
d) "... sem jurisprudência, de motivo nem lugar, nenhum, mas pelo antes, pelo depois".
e) "... ela batia com a cabeça, nos docementes".

21) (Fuvest-2000) Sinha Vitória falou assim, mas Fabiano resmungou, franziu a testa, achando a frase extravagante. Aves matarem bois e cabras, que lembrança! Olhou a mulher, desconfiado, julgou que ela estivesse tresvariando.
(Graciliano Ramos, Vidas secas)

O prefixo assinalado em "tresvariando" traduz idéia de
a) substituição.
b) contigüidade.
c) privação.
d) inferioridade.
e) intensidade.

22) (Fuvest-1997) Os atuais simuladores de vôo militares estão em condições não apenas de exibir uma imagem "realista" da paisagem sobrevoada, mas também de confrontá-la com a ...... obtida dos radares.

O termo que preenche adequadamente a lacuna no texto é
a) iconologia.
b) iconoclastia.
c) iconografia.
d) iconofilia.
e) iconolatria.

23) (Fuvest-1997) "O diminutivo é uma maneira ao mesmo tempo afetuosa e precavida de usar a linguagem. Afetuosa porque geralmente o usamos para designar o que é agradável, aquelas coisas tão afáveis que se deixam diminuir sem perder o sentido. E precavida porque também o usamos para desarmar certas palavras que, por sua forma original, são ameaçadoras demais."
[Luís Fernando Veríssimo, Diminutivos]

A alternativa inteiramente de acordo com a definição do autor sobre diminutivos é:
a) O iogurtinho que vale por um bifinho.
b) Ser brotinho é sorrir dos homens e rir interminavelmente das mulheres.
c) Gosto muito de te ver, Leãozinho.
d) Essa menininha é terrível!
e) Vamos bater um papinho.

24) (Fuvest-1998) O valor semântico de *des-* NÃO coincide com o do par centralização/descentralização apenas em:
a) Despregar o prego foi mais difícil do que pregá-lo.
b) "Belo, belo, que vou para o Céu..." - e se soltou, para voar: descaiu foi lá de riba, no chão muito se machucou.
c) Enquanto isso ele ficava ali em Casa, em certo repouso, até a saúde de tudo se desameaçar.
d) A despoluição do rio Tietê é um repto urgente aos políticos e à população de São Paulo.
e) O governo de Israel decidiu desbloquear metade da renda de arrecadação fiscal que Israel devia à Autoridade Nacional Palestina.

25) (Fuvest-2003) Eu te amo
Ah, se já perdemos a noção da hora,
Se juntos já jogamos tudo fora,
Me conta agora como hei de partir...

Se, ao te conhecer, dei pra sonhar, fiz tantos desvarios,
Rompi com o mundo, queimei meus navios,
Me diz pra onde é que inda posso ir...
(...)
Se entornaste a nossa sorte pelo chão,
Se na bagunça do teu coração
Meu sangue errou de veia e se perdeu...
(...)
Como, se nos amamos como dois pagãos,
Teus seios inda estão nas minhas mãos,
Me explica com que cara eu vou sair...

Não, acho que estás só fazendo de conta,
Te dei meus olhos pra tomares conta,
Agora conta como hei de partir...
(Tom Jobim - Chico Buarque)

O prefixo assinalado em "desvario" expressa
a) negação.
b) cessação.
c) ação contrária.
d) separação.
e) intensificação.

26) (Fuvest-2003) Os leitores estarão lembrados do que o compadre dissera quando estava a fazer castelos no ar a respeito do afilhado, e pensando em dar-lhe o mesmo ofício que exercia, isto é, daquele *arranjei-me*, cuja explicação prometemos dar. Vamos agora cumprir a promessa.
Se alguém perguntasse ao compadre por seus pais, por seus parentes, por seu nascimento, nada saberia responder, porque nada sabia a respeito. Tudo de que se recordava de sua história reduzia-se a bem pouco. Quando chegara à idade de dar acordo da vida achou-se em casa de um
barbeiro que dele cuidava, porém que nunca lhe disse se era ou não seu pai ou seu parente, nem tampouco o motivo por que tratava da sua pessoa. Também nunca isso lhe dera cuidado, nem lhe veio a curiosidade de indagá-lo. Esse homem ensinara-lhe o ofício, e por inaudito milagre também a ler e a escrever. Enquanto foi aprendiz passou em casa do seu... mestre, em falta de outro nome, uma vida que por um lado se parecia com a do fâmulo*, por outro com a do filho, por outro com a do agregado, e que afinal não era senão vida de enjeitado, que o leitor sem dúvida já adivinhou que ele o era. A troco disso dava-lhe o mestre sustento e morada, e pagava-se do que por ele tinha já feito.
(*) **fâmulo:** *empregado*, *criado*
(Manuel Antônio de Almeida, **Memórias de um sargento de milícias**)

No excerto, temos derivação imprópria ou conversão (emprego de uma palavra fora de sua classe normal) no seguinte trecho:
a) fazer castelos no ar.
b) daquele arranjei-me.
c) dar acordo da vida.
d) nem tampouco o motivo.
e) por inaudito milagre.

27) (Fuvest-2005) Sobre o emprego do gerúndio em frases como "Nós vamos estar analisando os seus dados e vamos estar dando um retorno assim que possível", um jornalista escreveu uma crônica intitulada "Em 2004, gerundismo zero!", da qual extraímos o seguinte trecho:
Quando a teleatendente diz: "O senhor pode estar aguardando na linha, que eu vou estar transferindo a sua ligação", ela pensa que está falando bonito. Por sinal, ela não entende por que "eu vou estar transferindo" é errado e "ela está falando bonito" é certo.

a) Você concorda com a afirmação do jornalista sobre o que é certo e o que é errado no emprego do gerúndio? Justifique sucintamente sua resposta.
b) Identifique qual de seus vários sentidos assume o sufixo empregado na formação da palavra "gerundismo". Cite outra palavra em que se utiliza o mesmo sufixo com esse mesmo sentido.

28) (FVG - SP-2007)
Pastora de nuvens, fui posta a serviço por uma campina tão desamparada que não principia nem também termina, e onde nunca é noite e nunca madrugada.
(Pastores da terra, vós tendes sossego, que olhais para o sol e encontrais direção. Sabeis quando é tarde, sabeis quando é cedo. Eu, não.)
Cecilia Meireles
Esse trecho faz parte de um poema de Cecília Meireles, intitulado *Destino*, uma espécie de profissão de fé da autora.

A palavra *desamparada* é formada por
a) derivação prefixal e sufixal.
b) derivação prefixal.
c) derivação parassintética.
d) composição por aglutinação.
e) composição por justaposição.

29) (IBMEC-2006) A busca da felicidade
Ser feliz é provavelmente o maior desejo de todo ser humano. Na prática, ninguém sabe definir direito a palavra felicidade. Mas todos sabem exatamente o que ela

significa. Nos últimos tempos, psicólogos, neurocientistas e filósofos têm voltado sua atenção de modo sistemático para esse tema que sempre fascinou, intrigou e desafiou a humanidade.

As últimas conclusões a que eles chegaram são o tema de uma densa reportagem escrita pelo redator-chefe de ÉPOCA, David Cohen, em parceria com a editora Aida Veiga. O texto, conduzido com uma dose incomum de bom humor, inteligência e perspicácia, contradiz várias noções normalmente tidas como verdade pela maior parte das pessoas. A felicidade, ao contrário do que parece, não é mais fácil para os belos e ricos.

A maioria dos prazeres ao alcance daqueles que possuem mais beleza ou riqueza tem, segundo as pesquisas, um impacto de curtíssima duração. Depois de usufruí-los, as pessoas retornam a seu nível básico de satisfação com a vida. Por isso, tanta gente parece feliz à toa, enquanto tantos outros não perdem uma oportunidade de reclamar da existência.

Mesmo quem passa por experiências de impacto decisivo, como ganhar na loteria ou perder uma perna, costuma voltar a seu estado natural de satisfação. Seria então a felicidade um dado da natureza, determinado exclusivamente pelo que vem inscrito na carga genética? De acordo com os estudos, não é bem assim. Muitas práticas vêm tendo sua eficácia comprovada para tornar a vida mais feliz: ter amigos, ter atividades que exijam concentração e dedicação completas, exercer o controle sobre a própria vida, ter um sentido de gratidão para com as coisas ou pessoas boas que apareçam, cuidar da saúde, amar e ser amado. Uma das descobertas mais fascinantes dos pesquisadores é que parece não adiantar nada ir atrás de todas as conquistas que, segundo julgamos, nos farão mais felizes. Pelo contrário, é o fato de sermos mais felizes que nos ajuda a conquistar o que desejamos.

Nada disso quer dizer que os cientistas tenham descoberto a fórmula mágica nem que tenha se tornado fácil descobrir a própria felicidade. Olhando aqui de fora, até que David e Aida parecem felizes com o resultado do trabalho que fizeram. Agora, é esperar que esse resultado também ajude você a se tornar mais feliz.

(Gurovitz, Hélio. Revista ÉPOCA. Editora Globo, São Paulo. Número 412, 10 de abril de 2006, p. 6)

Sobre a palavra felicidade é **correto** afirmar que:

a) É um substantivo abstrato formado por derivação sufixal e composto por dez letras e dez fonemas.

b) É um substantivo derivado formado por derivação imprópria e composto por dez letras e cinco fonemas.

c) É um adjetivo formado por derivação imprópria e composto por dez letras e dez fonemas.

d) É um adjetivo formado por derivação progressiva e composta por dez letras e dez fonemas.

e) É um substantivo comum formado por derivação parassintética e composto por dez letras e nove fonemas.

30) (IME-1996) Nas frases a seguir há erros ou impropriedades. Reescreva-as e justifique a correção

a) "Não se conseguiu apurar o motivo porque a atriz se divorciou."

b) "O milionário dispendeu milhares de dólares com aquela propaganda."

31) (ITA-1995) As questões a seguir referem-se ao texto adiante. Analise-as e assinale, para cada uma, a alternativa incorreta.

Hino Nacional
Carlos Drummond de Andrade

Precisamos descobrir o Brasil!
Escondido atrás das florestas,
com a água dos rios no meio,
o Brasil está dormindo, coitado.
05 precisamos colonizar o Brasil.

Precisamos educar o Brasil.
Compraremos professores e livros,
Assimilaremos finas culturas,
abriremos 'dancings' e
subconvencionaremos as elites.
10 que faremos importando francesas
muito louras, de pele macia
alemãs gordas, russas nostálgicas para
'garconettes'dos restaurantes noturnos.
E virão sírias fidelíssimas.
15 Não convém desprezar as japonesas...

Cada brasileiro terá sua casa
com fogão e aquecedor elétricos, piscina,
salão para conferências científicas.
E cuidaremos do Estado Técnico.

20 Precisamos louvar o Brasil.
Não é só um país sem igual.
Nossas revoluções são bem maiores
do que quaisquer outras; nossos erros
[também.
E nossas virtudes? A terra das sublimes
[paixões...
25 os Amazonas inenarráveis... os incríveis
[João-Pessoas...

Precisamos adorar o Brasil!
Se bem que seja difícil caber tanto oceano
[e tanta solidão
no pobre coração já cheio de
[compromissos...
se bem que seja difícil compreender o que
[querem esses homens,
30 por que motivo êles se ajuntaram e qual a
[razão de seus sofrimentos.

Precisamos, precisamos esquecer o Brasil!
Tão majestoso, tão sem limites, tão
[despropositado,
êle quer repousar de nossos terríveis
[carinhos.
O Brasil não nos quer! Está farto de nós!
35Nosso Brasil é o outro mundo. Êste não é o
[Brasil.
Nenhum Brasil existe. E acaso existirão os
[brasileiros?

a) 'Escondido'(verso 2) pode ser substituído por 'olvidado', embora modifique o sentido.
b) 'fidelíssimo'(verso 14) tem o mesmo radical de 'fidelidade' e de 'fidedígno'.
c) 'Piscina'(verso 17) tem o mesmo radical de 'piscicultura'.
d) 'Bem'(verso 27) tem valor de superlativo.
e) O texto não foi transcrito em obediência à ortografia vigente.

32) (ITA-2003) Durante a Copa do Mundo deste ano, foi veiculada, em programa esportivo de uma emissora de TV, a notícia de que um apostador inglês acertou o resultado de uma partida, porque seguiu os prognósticos de seu burro de estimação. Um dos comentaristas fez, então, a seguinte observação: "Já vi muito comentarista burro,mas burro comentarista é a primeira vez."
Percebe-se que a classe gramatical das palavras se altera em função da ordem que elas assumem na expressão.
Assinale a alternativa em que isso **NÃO** ocorre:
a) obra grandiosa
b) jovem estudante
c) brasileiro trabalhador
d) velho chinês
e) fanático religioso

33) (Mack-1998) Assinale a alternativa incorreta.

a) Panteísmo significa o ato de comer indistintivamente qualquer tipo de alimento.
b) Xenofobia significa horror a estrangeiros.
c) Sincrônico significa o que é relativo a fatos simultâneos.
d) Oligarquia significa o governo de poucos, pertencentes a um mesmo grupo.
e) Fotofobia significa horror à luz.

34) (Mack-2004) O trovador
Sentimentos em mim do asperamente
dos homens das primeiras eras ...
As primaveras de sarcasmo
intermitentemente no meu coração arlequinal ...
Intermitentemente ...
Outras vezes é um doente, um frio
na minha alma doente como um longo som redondo ...
Cantabona! Cantabona!
Dlorom ...
Sou um tupi tangendo um alaúde!
Mário de Andrade
Obs.: alaúde - instrumento de cordas, com larga difusão na Europa, da Idade Média ao Barroco.

Assinale a afirmativa correta.
a) As palavras alaúde e "túnel" recebem acento gráfico pela mesma razão.
b) Nas palavras trovador e asperamente, observa-se processo de derivação sufixal.
c) No último verso, tangendo um alaúde equivale a uma oração adverbial condicional se tange um alaúde.
d) As reticências usadas no texto têm a função de evidenciar o tom irônico do poema.
e) Em arlequinal e "cafezal", o sufixo "al" tem o mesmo sentido.

35) (Mack-2007) Curiosa palavra. Idoso. O que acumulou idade. Também tem o sentido de quem se apega à idade. Ou que a esbanja (como gostoso ou dengoso). Se é que não significa alguém que está indo, alguém em processo de ida. Em contraste com os que ficam, os ficosos...
Preciso começar a agir como um idoso. Dizem que, entre eles, idoso não fala em quem chega à velhice como alguém que está à beira do túmulo. Dizem que está na zona de rebaixamento. Vou ter que aprender o jargão da categoria.
Luís Fernando Veríssimo

O texto propõe diferentes possibilidades de sentido para o sufixo –oso.
A partir dessas possibilidades, considere as seguintes afirmações:
I. "Glorioso" exemplifica o emprego do sufixo em palavras que fazem referência a quem acumulou algo.
II. "Nervoso" exemplifica o sentido de "indivíduo apegado a algo".
III. Seguindo a lógica do neologismo apresentado pelo autor, "chegosos" poderia ser um termo aplicado aos recém-nascidos.
Assinale:
a) se apenas I e II estiverem corretas.
b) se apenas II e III estiverem corretas.
c) se apenas I e III estiverem corretas.
d) se I, II e III estiverem corretas.
e) se I, II e III estiverem incorretas.

36) (PUC-SP-2003) ATEMOYA
É um híbrido da fruta-do-conde (Annona squamosa) com outra variedade do mesmo gênero a cherimoya (Annona cherimolia), originária dos Andes. O primeiro cruzamento foi feito em 1908 pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, em Miami. As frutas resultantes

receberam o nome de atemoya, uma combinação de "ate", nome mexicano da fruta-do-conde, e "moya" de cherimoya. Passado quase um século, a atemoya ainda é desconhecida da maioria dos brasileiros.
No país, as primeiras mudas foram plantadas em Taubaté, nos anos 60. As variedades cultivadas aqui são em especial a Thompson, a Genifer e a African Pride. É plantada em São Paulo, sul de Minas, norte do Paraná, Espírito Santo e Rio de Janeiro. É cultivada em grande escala no Chile. Também a produzem Estados Unidos, Israel, Austrália e Nova Zelândia. [...] Os frutos, cônicos ou em forma de coração, em geral têm 10 centímetros de comprimento por 9,5 de largura. Sua casca continua verde mesmo depois de maduros. A polpa, dividida em segmentos e com poucas sementes, é branca, perfumada, cremosa, macia, com textura fina. [...] O sabor da atemoya lembra papaia, banana, manga, maracujá, limão e abacaxi, com consistência de sorvete, o que faz dela uma sobremesa pronta. Com sua polpa se preparam os mesmos pratos feitos com cherimoya: musses, sorvetes, recheios para tortas, salada de fruta. Pode ser ingrediente de bebidas como coquetel de frutas e drinques.
Neide Rigo, nutricionista. CARAS, 13 set. 2002.

Recheio, fruta-do-conde e cruzamento - palavras retiradas do texto - passaram, respectivamente,
pelos seguintes processos de formação:
a) hibridismo, derivação sufixal e composição.
b) derivação prefixal, composição e derivação sufixal.
c) derivação prefixal, hibridismo e derivação sufixal.
d) hibridismo, derivação sufixal e derivação prefixal.
e) derivação sufixal, hibridismo e composição.

37) (PUC-SP-2005) Estradas de Rodagem
Comparados os países com veículos, veremos que os Estados Unidos são uma locomotiva elétrica; a Argentina um automóvel; o México uma carroça; e o Brasil um carro de boi.
O primeiro destes países voa; o segundo corre a 50 km por hora; o terceiro apesar das revoluções tira 10 léguas por dia; nós...
Nós vivemos atolados seis meses do ano, enquanto dura a estação das águas, e nos outros 6 meses caminhamos à razão de 2 léguas por dia. A colossal produção agrícola e industrial dos americanos voa para os mercados com a velocidade média de 100 km por hora. Os trigos e carnes argentinas afluem para os portos em autos e locomotivas que uns 50 km por hora, na certa, desenvolvem.
As fibras do México saem por carroças e se um general revolucionário não as pilha em caminho, chegam a salvo com relativa presteza. O nosso café, porém, o nosso milho, o nosso feijão e a farinha entram no carro de boi, o carreiro despede-se da família, o fazendeiro coça a cabeça e, até um dia!. Ninguém sabe se chegará, ou como chegará. Às vezes pensa o patrão que o veículo já está de volta, quando vê chegar o carreiro.
—Então? Foi bem de viagem?
O carreiro dá uma risadinha.
—Não vê que o carro atolou ali no Iriguaçu e...
—E o quê?
—... e está atolado! Vim buscar mais dez juntas de bois para tirar ele.
E lá seguem bois, homens, o diabo para desatolar o carro. Enquanto isso, chove, a farinha embolora, a rapadura derrete, o feijão caruncha, o milho grela; só o café resiste e ainda aumenta o peso.
(LOBATO, M. *Obras Completas*, 14ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1972, v. 8, p.74)

As palavras desatolar, velocidade, carroça e carreiro são formadas, respectivamente, por meio dos seguintes processos:
a) prefixação, sufixação, sufixação, parassíntese.
b) sufixação, sufixação, prefixação, prefixação/sufixação.
c) prefixação, sufixação, sufixação, sufixação.
d) parassíntese, sufixação, sufixação, parassíntese.
e) parassíntese, prefixação/sufixação, sufixação, sufixação.

38) (UDESC-1998) Assinale a alternativa INCORRETA:

a) O vocábulo **invejoso** é formado por derivação parassintética.
b) Em **viajaram-ram** corresponde a uma desinência verbal.
c) Em **auto-estima** o hífen é obrigatório, como em **contra-cheque** e **extra-oficial**.
d) A frase **A publicidade suscita invejas** ficaria, na voz passiva, **Invejas são suscitadas pela publicidade**.
e) As palavras **sobretudo**, **ressaltar** e **inimigo** são formadas por derivação prefixal; os prefixos latinos significam, respectivamente, posição superior, repetição e negação.

39) (UECE-2007) A PEDREIRA

Daí à pedreira, restavam apenas uns cinqüenta passos e o chão era já todo coberto por uma farinha de pedra moída que sujava como a cal.
Aqui, ali, por toda a parte, encontravam-se trabalhadores, uns ao sol, outros debaixo de pequenas barracas feitas de lona ou de folha de palmeira. De um lado cunhavam pedra cantando; de outro a quebravam a picareta; de outro afeiçoavam lajedos a ponta de picão; mais adiante faziam paralelepípedos a escopro e macete. E todo aquele retintim de ferramentas, e o martelar da forja, e o corpo dos que lá em cima brocavam a rocha para lançar-lhe fogo, e a surda zoada ao longe, que vinha do cortiço, como de uma aldeia alarmada; tudo dava a idéia de uma atividade feroz, de uma luta de vingança e de ódio. Aqueles homens gotejantes de suor, bêbedos de calor, desvairados de insolação, a quebrarem, a espicaçarem, a torturarem a pedra, pareciam um punhado de demônios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante que os contemplava com desprezo, imperturbável a todos os golpes e a todos os tiros que lhe desfechavam no dorso,

deixando sem um gemido que lhe abrissem as entranhas de granito. O membrudo cavouqueiro havia chegado à fralda do orgulhoso monstro de pedra; tinha-o cara a cara, mediu-o de alto a baixo, arrogante, num desafio surdo.
A pedreira mostrava nesse ponto de vista o seu lado mais imponente. Descomposta, com o escalavrado flanco exposto ao sol, erguia-se altaneira e desassombrada, afrontando o céu, muito íngreme, lisa, escaldante e cheia de cordas que, mesquinhamente, lhe escorriam pela ciclópica nudez com um efeito de teias de aranha. Em certos lugares, muito alto do chão, lhe haviam espetado alfinetes de ferro, amparando, sobre um precipício, miseráveis tábuas que, vistas cá de baixo, pareciam palitos, mas em cima das quais uns atrevidos pigmeus de forma humana equilibravamse, desfechando golpes de picareta contra o gigante.
(AZEVEDO, Aluísio de. O Cortiço. 25a ed. São Paulo. Ática, 1992, 48-49)

Marque a alternativa na qual o sufixo eiro/eira está empregado com o mesmo sentido que em
“pedreira” (linha 01).
a) Cristaleira
b) Cegueira
c) Formigueiro
d) Poeira

40) (UEL-1996) Indique a alternativa em que o sufixo NÃO dá à palavra o sentido de RESULTADO DE UMA AÇÃO.
a) ferimento.
b) nomeação.
c) vingança.
d) instrumento.
e) traição.

41) (UFC-1997) Empregando o sufixo "mente", substitua as expressões grifadas por uma só palavra, cujo sentido seja equivalente ao da expressão substituída.
a) **Pouco a pouco**, o poeta aprenderia a partir sem medo.
b) **Sem dúvida alguma**, a lua nova é mais alegre que a cheia.
c) Ele ganhou um novo quarto e a aurora, **ao mesmo tempo**.
d) Passou dez anos, **sem interrupção**, com a janela virada para o pátio.
e) O poeta, **por exceção**, prefere a lua nova.

42) (UFC-2002) Assinale a alternativa em que a forma **oni-** apresenta sentido diferente da que se encontra em **onipotente**.
a) onírico
b) onívoro
c) onicolor
d) onisciente
e) onipresente

43) (UFC-2002) Sobre o trecho “As **próprias** plantas venenosas são úteis: a **ciência** faz do veneno mais violento um meio destruidor de **moléstias**, regenerador da saúde, conservador da vida.”, é correto afirmar que:
I. o período é composto por duas orações.
II. há somente três palavras formadas por sufixação.
III. a acentuação gráfica das palavras grifadas se justifica pela m
a) apenas I é correta.
b) apenas II é correta.
c) apenas I e II são corretas.
d) apenas I e III são corretas.
e) apenas II e III são corretas.

44) (UFCE-1996) Cecília Meireles escreveu: "Eu não lhe DIGO nada..."
a) Acrescentando apenas um prefixo ao verbo em maiúsculo na frase anterior, forme outros CINCO verbos que lhe sejam cognatos.
b) Escolha QUATRO destes verbos e escreva uma frase com cada um dos escolhidos, observando a conjugação adequada.

45) (UFES-2002) Os textos abaixo demonstram que as fobias existem. No Brasil, por exemplo, estamos vivendo o medo do Apagão.
“O governo brasileiro vai defender na Conferência Mundial do Racismo [...] na África do Sul a inclusão no código penal, dos crimes do ódio contra os homossexuais [...] “Trata-se de homofobia, de pessoas que têm horror, ódio, temor, medo e raiva simplesmente pelo fato de alguém ser homossexual,” disse o ativista Cláudio Nascimento.
A Tribuna - 28/8/2001

“[...] O mundo vem a saber neste momento que a Austrália, como todos os outros povos, abriga uma forte minoria de xenófobos. (AE)”
Gilles Lapouge, A Gazeta - 2/9/2001

(1) acrofobia
(2) androfobia
(3) claustrofobia
(4) ergofobia
(5) fotofobia
(6) hematofobia
(7) nictofobia
(8) pirofobia

( ) horror ao trabalho
( ) horror ao sangue
( ) medo dos lugares elevados
( ) horror ao sexo masculino
( ) horror à luz
( ) medo da noite, da escuridão
( ) horror ao fogo
( ) medo dos lugares fechados ou reduzidos

Assinale a alternativa que estabelece a relação entre o nome de cada fobia, na coluna da esquerda, e o seu respectivo significado na coluna da direita.
a) 1 - 4 - 7 - 2 - 5 - 6 - 8 - 3
b) 4 - 6 - 1 - 2 - 5 - 7 - 8 - 3
c) 3 - 4 - 6 - 1 - 2 - 5 - 7 - 8
d) 7 - 2 - 1 - 4 - 5 - 6 - 8 - 3
e) 6 - 1 - 2 - 5 - 7 - 8 - 3 - 4

46) (UFES-2002) NEOLOGISMO

Manuel Bandeira
Beijo pouco, falo menos ainda.
Mas invento palavras
Que traduzem a ternura mais funda
E mais cotidiana.
Inventei, por exemplo, o verbo teadorar.
Intransitivo:
Teadoro, Teodora.

Assinale a alternativa em que a forma destacada pertence à mesma categoria de palavras de que faz parte a inventada por Manuel Bandeira:

a) Prometi acabar com [...] o sem-vergonhismo atrás do forte e acabei. (Dias Gomes)
b) Este momento há de ficar para sempre nos anais e menstruais da história de Sucupira. (Dias Gomes)
c) [...] Aí, nem olhei para Joca Ramiro - eu achasse, ligeiro demais, que Joca Ramiro não estava aprovando meu saimento. (Guimarães Rosa)
d) [...] Um dos principalmente da minha plataforma política é a pacificação da família sucupirana. (Dias Gomes)
e)[...] Ele xurugou - e, vai ver quem e o quê, jamais se saberia. (Guimarães Rosa)

47) (UFOP-2001) UM CHORINHO EM MENTE

Descompassadamente
Taquicardicamente
Descontroladamente
Eu desejei você
Apaixonadamente
Lovestoricamente
Idolatradamente
Eu adorei você
Enfeitiçadamente
Heliotropicamente
Apostolicamente
Eu segui você
Resignadamente
Cristianissimamente
Interminavelmente
Eu perdoei você
Astuciosamente
Maquiavelicamente
Silenciosamente
Você me enredou
Insaciavelmente
Aracnidicamente
Canibalescamente
Você me devorou
Indecorosamente
Despudoradamente
Pornograficamente
Você me enganou
Arrasadoramente
Desmoralizantemente
Definitivamente
Você me aniquilou
(Laerte Freire)

Explique a ambigüidade sugerida pelo título do poema.

48) (UFPA-1997) OS SAPOS
(Manuel Bandeira)
Enfunando os papos,
Saem da penumbra.
Aos pulos, os sapos.
A luz os deslumbra.

Em ronco que aterra,
Berra o sapo-boi:
- "Meu pai foi à guerra!"
- "Não foi!" - "Foi!" - "Não foi!"

O sapo-tanoeiro
Parnasiano aguado,
Diz: - "Meu cancioneiro
É bem martelado.

Vede como primo
Em comer os hiatos!
Que arte! E nunca rimo
Os termos cognatos.

O meu verso é bom
Frumento sem joio.
Faço rimas com
Consoantes de apoio.

Vai por cinqüenta anos
Que lhes dei a norma:
Reduzi sem danos
A formas a forma.

Calme a saparia
Em críticas céticas:
Não há mais poesia
Mas há artes poéticas..."

Urra o sapo-boi:
- "Meu pai foi rei" - "Foi!"
- "Não foi!" - "Foi" - "Não foi!"

Brada em um assomo
O sapo-tanoeiro:
- "A grande arte é como
Lavor de joalheiro.

Ou bem de estatutário.
Tudo quanto é belo.
Tudo quanto é vário,
Canta no martelo".

Outros, sapos-pipas
(Um mal em si cabe),
Falam pelas tripas:
-"Sei!" - "Não sabe!" - "Sabe!".

Longe dessa grita,
Lá onde mais densa
A noite infinita
Verte a sombra imensa;

Lá, fugido ao mundo,
Sem glória, sem fé,
No perau profundo
E solitário, é

Que soluças tu,
Transido de frio,
Sapo cururu
Da beira do rio...

Na 4ª estrofe o poeta diz que nunca rima os termos cognatos. Para a gramática normativa, que são termos cognatos? Exemplifique.

49) (UFRJ-2003) Almeida e Costa comprão para remeterem para fora da Província, huma escrava que seja perfeita costureira, engomadeira, e que entenda igualmente de cozinha, sendo mossa, de bôa figura, e afiançada conduta para o que não terão duvida pagala mais vantajosamente; quem a tiver e queira dispor, pode dirija-se ao escriptorio dos mesmos na rua da fonte dos Padres, N. 91.
(*Gazeta Commercial da Bahia*, 19 de setembro de 1832)

Do Texto:
a) selecione 2 (dois) verbos e 2 (dois) substantivos que apresentem forma ou emprego diferentes da atual;
b) reescreva-os na forma vigente.

50) (UFRJ-2008) Aprendi a aprender com filmes
(DUARTE, Rosália. Cinema & educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.)

TEXTO I
Como se comportar no cinema (A arte de namorar)
(Vinicius de Moraes)

Poucas atividades humanas são mais agradáveis que o ato de namorar, e é sobre a arte de praticá-lo dentro dos cinemas que queremos fazer esta crônica. Porque constitui uma arte fazê-lo bem no interior de recintos cobertos, mormente quando se dispõe da vantagem de ambiente escuro propício.
A tendência geral do homem é abusar das facilidades que lhe são dadas, e nada mais errado; pois a verdade é que namorando em público, além dos limites, perturba ele aos seus circunstantes, podendo atrair sobre si a curiosidade, a inveja e mesmo a ira daqueles que vão ao cinema sozinhos e pagam pelo direito de assistir ao filme em paz de espírito.
Ora, o namoro é sabidamente uma atividade que se executa melhor a coberto da curiosidade alheia. Se todos os freqüentadores dos cinemas fossem casais de namorados, o problema não existiria, nem esta crônica, pois a discrição de todos com relação a todos estaria na proporção direta da entrega de cada um ao seu namoro específico. [...]
De modo que, uma das coisas que os namorados não deveriam fazer é se enlaçar por sobre o ombro e juntar as cabeças. Isso atrapalha demais o campo visual dos que estão à retaguarda. [...] Cochichar, então, é uma grande falta de educação entre namorados no cinema. Nada perturba mais que o cochicho constante e, embora eu saiba que isso é pedir muito dos namorados, é necessário que se contenham nesse ponto, porque afinal de contas aquilo não é casa deles. Um homem pode fazer milhões de coisas – massagem no braço da namorada, cosquinha no seu joelho, festinha no rostinho delazinha; enfim, a grande maioria do trabalho de “mudanças” em automóveis não hidramáticos – sem se fazer notar e, conseqüentemente, perturbar aos outros a fruição do filme na tela. Porque uma coisa é certa: entre o namoro na tela – e pode ser até Clark Gable versus Ava Gardner – e o namoro no cinema, este é que é o real e positivo, o perturbador,
o autêntico.

O sufixo (z)inho, empregado repetidamente na passagem “festinha no rostinho delazinha”, é de enorme vitalidade na língua. Comprove essa vitalidade, no plano morfológico, a partir do uso do diminutivo nos vocábulos da referida passagem.

51) (UFRJ-2008) O ex-cineclubista
(João Gilberto Noll)

Aquele homem meio estrábico, ostentando um mau humor maior do que realmente poderia dedicar a quem lhe cruzasse o caminho e que agora entrava no cinema, numa segunda-feira à tarde, para assistir a um filme nem tão esperado, a não ser entre pingados amantes de cinematografias de cantões os mais exóticos, aquele homem, sim, sentou-se na sala de espera e chorou, simplesmente isso: chorou. Vieram lhe trazer um copo d´água logo afastado, alguém sentou-se ao lado e lhe perguntou se não passava bem, mas ele nada disse, rosnou, passou as narinas pela manga, levantou-se num ímpeto e assistiu ao melhor filme em muitos meses, só isso. Ao sair do cinema, chovia.
Ficou sob a marquise, à espera da estiagem. Tão absorto no filme que se esqueceu de si. E não soube mais voltar.

O vocábulo ex-cineclubista resulta da aplicação de quatro processos de formação de palavras. Identifique-os, valendo-se de elementos constitutivos desse vocábulo.

52) (UFSCar-2001) BOITEMPO
Entardece na roça
de modo diferente.
A sombra vem nos cascos,
no mugido da vaca
separada da cria.
O gado é que anoitece
e na luz que a vidraça
da casa fazendeira
derrama no curral
surge multiplicada
sua estátua de sal,
escultura da noite.
Os chifres delimitam
o sono privativo
de cada rês e tecem
de curva em curva a ilha
do sono universal.
No gado é que dormimos
e nele que acordamos.
Amanhece na roça
de modo diferente.
A luz chega no leite,
morno esguicho das tetas
e o dia é um pasto azul
que o gado reconquista.
(ANDRADE, Carlos Drummond de. Obra Completa. 5. ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1979.)

O título de um texto constitui a chave para a descodificação da mensagem, e a sua interpretação deve ser integrada numa leitura global do texto.
a) Comente o título do texto, a partir das informações apresentadas.
b) Explique por qual processo de formação de palavras Drummond criou "boitempo".

53) (UFSCar-2003) A questão seguinte baseia-se nos textos a seguir.

***Iracema,* de José de Alencar**.
Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.
De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais d'alma que da ferida.
(...)
A mão que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida; deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.
O guerreiro falou:
- Quebras comigo a flecha da paz?
- Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos? Donde vieste a estas matas, que nunca viram outro guerreiro como tu?
- Venho de bem longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram, e hoje têm os meus.
- Bem-vindo seja o estrangeiro aos campos dos tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema.

***Rosinha, minha canoa,* de José Mauro de Vasconcelos.**
Achava-se contente da vida, pescando e salgando o seu peixinho, quando a canoa do índio atracou na praia.
- Que é que foi Andedura?
Andedura sungou a canoa na areia.
- Zé Orocó, tem lá um home. Diz que é dotô. Quando dá fé é mesmo, purque ele tem uma mala cheia de ropa e outra cheia de munto remédio.
- E que é que ele quer comigo?
- Sei não. (...) Tu vai?
O coração de Zé Orocó fez um troque-troque meio agoniado. Franziu a testa, tentando vencer, afastar um mau pressentimento.
- Como é que é o homem?
Grandão, meio *laranjo* no cabelo. Forte, sempre mudando a camisa pur causa do calô. Se tira a camisa, num güenta "mororã" purque tem pele branquinha, branquinha. Peitão meio gordo, ansim que nem ocê, cheio de *sucusiri*. Quano chegô, tinha barriga meio grande, mais parece que num gosta munto de cumida da gente; tá ficano inxuto. Eu pensei que ele fosse irmão daquele padre Gregoro, que pangalô aqui pelo Araguaia já vai pra uns cinco ano ...
Feito o retrato o índio descansou ...

Os textos mostram possibilidades de expressão dentro de uma mesma língua: os recursos lingüísticos de Alencar não são, na sua totalidade, os mesmos empregados por Vasconcelos.
a) Observando a fala de Iracema e Andedura, percebe-se que ambos utilizam a 2ª pessoa do singular para se referirem ao seu interlocutor. Em que os usos de ambos se diferenciam? Reescreva uma frase de cada uma dessas personagens, empregando o registro de 3ª pessoa do singular.
b) Como se pode explicar a formação das expressões *laranjo* e *chegô*, presentes na fala de Andedura?

54) (UFSCar-2003) A revista *Veja*, referindo-se aos empresários brasileiros, na edição de 02.10.2002, às vésperas das eleições, utilizou o seguinte título para uma matéria: *Eles lularam na reta final.* Tomando-se como referência o contexto das eleições, responda:
a) Qual o significado da forma verbal *lularam*?
b) Do ponto de vista gramatical, por meio de que recurso o verbo da frase foi criado?

55) (Unicamp-2001) A breve tira abaixo fornece um bom exemplo de como o contexto pode afetar a interpretação e

até mesmo a análise gramatical de uma seqüência lingüística.

RADICAL CHIC/Miguel Paiva

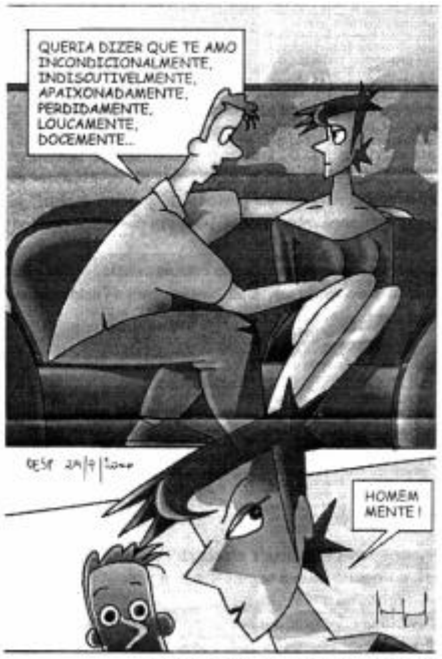
QUERIA DIZER QUE TE AMO INCONDICIONALMENTE, INDISCUTIVELMENTE, APAIXONADAMENTE, PERDIDAMENTE, LOUCAMENTE, DOCEMENTE...
HOMEM MENTE!

Fonte: O Estado de S. Paulo, *24/09/2000.*

a) Supondo que a fala da moça fosse lida fora do contexto dessa tira, como você a entenderia?
b) Se a fala da moça fosse considerada uma continuação da fala do rapaz, poderia ser entendida como uma única palavra, de derivação não prevista na língua portuguesa. Que palavra seria e o que significaria?
c) As duas leituras possíveis para a fala da moça não estão em contradição; ao contrário, reforçam-se. O que significará essa fala, se fizermos simultaneamente as duas leituras?

56) (Unicamp-2003) A coluna MARKETING da revista Classe, ano XVII, nº 94, 30/08 a 30/10, 2002), inclui as seguintes passagens (parcialmente adaptadas):
Os jovens de classe média e alta, nascidos a partir de 1980, foram criados sob a pressão de encaixarem infinitas atividades dentro das 24 horas. E assim aprenderam a ensanduichar atividades. (...) Pressionados pelo tempo desde que nasceram, desenvolveram um filtro e separam aquilo que para eles é o trigo, do joio; ficam com o trigo, e naturalmente, deletam o joio. (p. 26)
a) Explique qual é o sentido da palavra “ensanduichar” no texto e diga por que ela é especialmente expressiva ou sugestiva aqui.
b) O texto menciona um ditado corrente, embora não na ordem usual. Qual é o ditado e o que significa?
c) A palavra “deletar” confere um ar de atualidade ao texto. Explique por quê.

57) (Unicamp-2003) Mas, a mal, vinha vesprando a hora, o fim do prazo, Miguilim não achava pé em pensamento onde se firmar, os dias não cabiam dentro do tempo. Tudo era tarde! De siso, devia de rezar, urgente, montão de rezas. (João Guimarães Rosa, “Campo geral”, in Manulezão e Miguilim. Rio de Janeiro, Editora José Olympio. 1972.)
a) O trecho acima refere-se a uma espécie de acordo que Miguilim propôs a Deus. Que acordo era esse?
b) Sabendo-se que o acordo se relaciona às perdas sofridas por Miguilim, cite as duas que mais profundamente o marcaram.
c) Se “vesprando” deriva de “véspera”, que se associa a Vésper (Estrela da Tarde), como se deve interpretar “vinha vesprando a hora”?

58) (Unicamp-2005) Em Angústia de Graciliano Ramos, encontramos seqüências instigantes:

Penso em indivíduos e em objetos que não têm relação com os desenhos: processos, orçamentos, o diretor, o secretário, políticos, sujeitos remediados que me desprezam porque sou um pobre-diabo.
Tipos bestas. Ficam dias inteiros fuxicando nos cafés e preguiçando, indecentes.
(...)
Fomos morar na vila. Meteram-me na escola de seu Antônio Justino, para desasnar, pois, como disse Camilo quando me apresentou ao mestre, eu era um cavalo de dez anos e não conhecia a mão direita. Aprendi leitura, o catecismo, a conjugação dos verbos. O professor dormia durante as lições. E a gente bocejava olhando as paredes, esperando que uma réstia chegasse ao risco de lápis que marcava duas horas. Saíamos em algazarra.
(Graciliano Ramos, Angústia. Rio de Janeiro: Ed. Record, 56ª.ed., 2003, p. 8-9 e 15).

a) Que processos permitem as construções ‘preguiçando’ e ‘desasnar’ na língua?
b) Se substituirmos ‘preguiçando’ por ‘descansando’ e ‘desasnar’ por ‘aprender’, observamos uma relação diferente com a poesia da língua. Explicite essa diferença.
c) O uso de ‘desasnar’ pode nos remeter, entre outras palavras, a ‘desemburrecer’ e ‘desemburrar’.
No Dicionário Houaiss da língua portuguesa (ed. Objetiva, 2001), o verbete ‘desemburrar’ apresenta como acepções tanto ‘livrar-se da ignorância’, quanto ‘perder o enfezamento’, e marca sua etimologia como des + emburrar. Seguindo nossa consulta, encontramos no verbete ‘emburrar’ o ano de 1647 que, segundo a Chave do Dicionário Houaiss, indica a “data em que [essa palavra] entrou no português”. A fonte dessa datação é a obra Thesouro da lingoa portuguesa composta pelo Padre D. Bento Pereyra, publicada em Lisboa.
Embora ‘desemburrecer’ não apareça no dicionário, encontramos ‘emburrecer’, cuja entrada no português , segundo o Houaiss, data de 1998, atestada pela obra de Celso Pedro Luft Dicionário prático de regência verbal, publicada em São Paulo.

O verbete ‘desasnar’ data de 1713, atestado pela obra Vocabulário portugueza e latino de Rafael Bluteau, publicada em Coimbra-Lisboa.
Tendo em vista as observações acima apresentadas - a presença ou não desses verbetes no dicionário, as datas de entrada no português e as fontes que atestam essas entradas - o que se pode compreender sobre a relação entre o dicionário e a língua?

59) (Unicamp-2005) Mario Sergio Cortella, em sua coluna mensal “Outras Idéias” escreve:

(...) reconheça-se: a maior contribuição de Colombo não foi ter colocado um ovo em pé ou ter aportado por aqui depois de singrar mares nunca dantes navegados. Colombo precisa ser lembrado como a pessoa que permitiu a nós, falantes do inglês, do francês ou do português, que tivéssemos contato com uma língua que, do México até o extremo sul da América, é capaz de nos ensinar a dizer “nosotros” em vez de apenas “we”, “nous”, “nós”, afastando a arrogante postura do “nós” de um lado e do “vocês” do outro. Pode parecer pouco, mas “nós’ é quase barreira que separa, enquanto “nosotros” exige perceber uma visão de alteridade, isto é, ver o outro como um outro, e não como um estranho. Afinal, quem são os outros de nós mesmos? O mesmo que somos para os outros, ou seja, outros!
(Mario Sergio Cortella, Folha de S.Paulo, 9 de outubro de 2003).

O texto acima nos faz pensar na distinção entre um ‘nós’ inclusivo e um ‘nós’ excludente.
a) Segundo o excerto, ‘nosotros’ apresenta um sentido inclusivo. Justifique pela morfologia dessa palavra.
b) “Nós brasileiros falamos português” apresenta um ‘nós’ excludente. Explique.

60) (UNICAMP-2006) Os quadrinhos a seguir fazem parte de um material publicado na Folha de S. Paulo em 17 de agosto de 2005, relativo à crise política brasileira, que teve início em maio do mesmo ano.

CHICLETE COM BANANA - Angeli

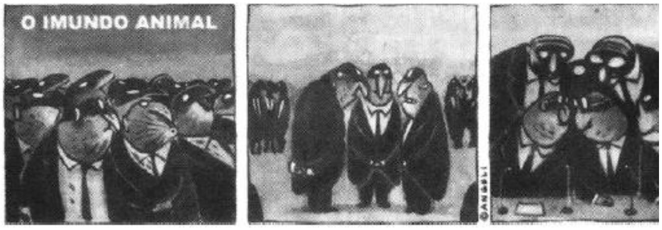

OS PESCOÇUDOS - Caco Galhardo

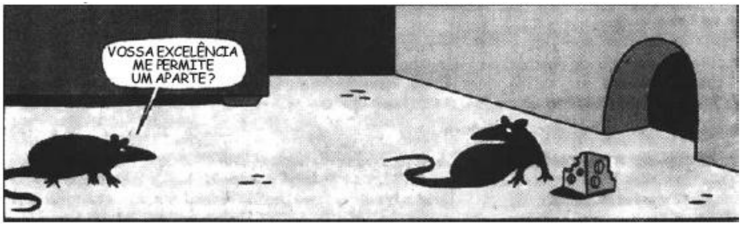
VOSSA EXCELÊNCIA ME PERMITE UM APARTE?

Na tira de Angeli, observamos um jogo de associações entre a frase-título ‘O imundo animal’ e a seqüência de imagens.
a) A frase-título ‘O imundo animal’ nos remete a uma outra frase. Indique-a e explicite as relações de sentido entre as duas frases, fazendo referência ao conjunto da tira.
b) A frase-título ‘O imundo animal’ sugere um processo de prefixação. Explique.

61) (Unifesp-2003) A questão seguinte baseia-se no poema “Pneumotórax”, do modernista Manuel Bandeira (1886-1968).

Pneumotórax
Febre, hemoptise, dispnéia e suores noturnos.
A vida inteira que podia ter sido e que não foi.
Tosse, tosse, tosse.
Mandou chamar o médico:
- Diga trinta e três.
- Trinta e três... trinta e três... trinta e três...
- Respire.
....
....
- O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.
- Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?
- Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.
(Manuel Bandeira, Libertinagem)

Pneumotórax, palavra que dá título ao famoso poema de Manuel Bandeira, é vocábulo constituído de dois radicais gregos (pneum[o]- + -tórax). Significa o procedimento médico que consiste na introdução de ar na cavidade pleural, como forma de tratamento de moléstias pulmonares, particularmente a tuberculose. Tal enfermidade é referida no diálogo entre médico e paciente, quando o primeiro explica a seu cliente que ele tem “uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado”. Esta última palavra é formada com base em um radical: filtro. Quanto à formação vocabular, o título do poema e o vocábulo infiltrado são constituídos, respectivamente, por
a) composição, e derivação prefixal e sufixal.
b) derivação prefixal e sufixal, e composição.
c) composição por hibridismo, e composição prefixal e sufixal.
d) simples flexão, e derivação prefixal e sufixal.

e) simples derivação, e composição sufixal e prefixal.

62) (UNIFESP-2004) Tomando como referência os processos de formação de palavras, dada a relação com o som produzido pelos eqüinos quando em movimento, a palavra Pocotó é formada a partir de uma

Égua Pocotó morre em trágico acidente.

a) prefixação.
b) sufixação.
c) onomatopéia.
d) justaposição.
e) aglutinação.

63) (UNIFESP-2004) Leia a seguir um trecho de um bate-papo pela internet, retirado de uma das “salas” do UOL.
(04:01:51) **LOIRA** fala para **E.F.S-MSN**: NAO QUERO PAPO CONTIGO PQ VC PIZOU NA BOLA
(04:01:55) **Alex** entra na sala...
(04:02:02) **Alex** fala para **Todos:** Alguém quer teclar?
(04:02:04) **ATIRADOR** fala para **AG@SSI:** QUEM E VC
(04:02:39) **LOIRA** fala para **nois(Mô, Lê e Ti):** APARENCIA NAO EMPORTA
(04:02:43) **ATIRADOR** fala para **LOIRA**: eai princesa ta afim de tc
(04:02:56) **LOIRA** fala para **AG@SSI:** OI QTOS ANOS

Sobre a escrita no bate-papo, são feitas as quatro afirmações seguintes.
I. As palavras teclar e tc são formadas, respectivamente, por sufixação e redução.
II. Estão incorretamente grafadas as palavras pizou e emporta.
III. A pontuação está incorreta nas frases de Loira, Alex e Atirador.
IV. Alex e Atirador apresentam erros na acentuação de palavras.
Está correto apenas o que se afirma em
A) I e II.
B) I e III.
C) II e III.
D) II e IV.
E) III e IV.

64) (Unifor-2003) O cronista trabalha com um instrumento de grande divulgação, influência e prestígio, que é a palavra impressa. Um jornal, por menos que seja, é um veículo de idéias que são lidas, meditadas e observadas por uma determinada corrente de pensamento formada à sua volta.
Um jornal é um pouco como um organismo humano. Se o editorial é o cérebro; os tópicos e notícias, as artérias e veias; as reportagens, os pulmões; o artigo de fundo, o fígado; e as seções, o aparelho digestivo - a crônica é o seu coração. A crônica é matéria tácita de leitura, que desafoga o leitor da tensão do jornal e lhe estimula um pouco a função do sonho e uma certa disponibilidade dentro de um cotidiano quase sempre “muito tido, muito visto, muito conhecido”, como diria o poeta Rimbaud.
Daí a seriedade do ofício do cronista e a freqüência com que ele, sob a pressão de sua tirania diária, aplica-lhe balões de oxigênio. Os melhores cronistas do mundo, que foram os do século XVIII, na Inglaterra - os chamados **essayists** - praticaram o **essay**, isto de onde viria a sair a crônica moderna, com um zelo artesanal tão proficiente quanto o de um bom carpinteiro ou relojoeiro. Libertados da noção exclusivamente moral do primitivo **essay**, os oitocentistas ingleses deram à crônica suas primeiras lições de liberdade, casualidade e lirismo, sem perda do valor formal e da objetividade. Addison, Steele, Goldsmith e sobretudo Hazlitt e Lamb - estes os dois maiores, - fizeram da crônica, como um bom mestre carpinteiro o faria com uma cadeira, um objeto leve mas sólido, sentável por pessoas gordas ou magras. (...)
Num mundo doente a lutar pela saúde, o cronista não se pode comprazer em ser também ele um doente; em cair na vaguidão dos neurastenizados pelo sofrimento físico; na falta de segurança e objetividade dos enfraquecidos por excessos de cama e carência de exercícios. Sua obrigação é ser leve, nunca vago; íntimo, nunca intimista; claro e preciso, nunca pessimista. Sua crônica é um copo d’água em que todos bebem, e a água há de ser fresca, limpa, luminosa, para satisfação real dos que nela matam a sede.
(Vinicius de Moraes. **Poesia Completa e Prosa.** Aguilar, 1974, p. 591-2)

O mesmo sentido dos sufixos formadores dos substantivos *carpinteiro* e *relojoeiro* está nas palavras
a) jornalista e secretário.
b) partida e perdição.
c) civismo e timidez.
d) folhagem e casario.
e) livraria e vidraça.

65) (Unifor-2003) A série em que todas as palavras têm o mesmo radical é
a) idoso - idôneo - ídolo
b) doméstico - domicílio - domesticar
c) popular - pluvioso - público
d) senil - semelhante - senhor

e) rural - rústico - roçado

66) (Unifor-2003) O velho foi sendo **injustamente** recolhido a sua "inferioridade".

A palavra sublinhada na frase acima é formada de

a) um radical grego e um sufixo formador de advérbio.
b) um prefixo e um radical latino.
c) dois afixos e um radical latino.
d) um prefixo, um radical popular e um sufixo.
e) um prefixo, um radical grego e um sufixo adverbial.

67) (Vunesp-2004) A questão a seguir toma por base uma passagem de uma carta do poeta parnasiano Raimundo Correia (1859-1911) e fragmentos de um ensaio do poeta modernista Jorge de Lima (1893-1953).

A Rodolfo Leite Ribeiro
(...) Noto nas poesias tuas, que o Vassourense *tem publicado, muita naturalidade e cor local, além da nitidez do estilo e correção da forma. Sentes e conheces o que cantas, são aprazivelmente brasileiros os assuntos, que escolhes. Um pedaço de nossa bela natureza esplêndida palpita sempre em cada estrofe tua, com todo o vigor das tintas que aproveitas. No "Samba" que me dedicas, por exemplo, nenhuma particularidade falta dessa nossa dança* macabra*, movimento, graça e verdade ressaltam de cada um dos quatorze versos, que constituem o soneto. / Como eu invejo isso, eu devastado completamente pelos prejuízos dessa escola a que chamam* parnasiana*, cujos produtos aleijados e raquíticos apresentam todos os sintomas da decadência e parecem condenados, de nascença, à morte e ao olvido! Dessa literatura que importamos de Paris, diretamente, ou com escala por Lisboa, literatura tão falsa, postiça e alheia da nossa índole, o que breve resultará, pressinto-o, é uma triste e lamentável esterilidade. Eu sou talvez uma das vítimas desse mal, que vai grassando entre nós. Não me atrevo, pois, a censurar ninguém; lastimo profundamente a todos! / É preciso erguer-se mais o sentimento de nacionalidade artística e literária, desdenhando-se menos o que é pátrio, nativo e nosso; e os poetas e escritores devem cooperar nessa grande obra de restauração. Não achas? Canta um poeta, entre nós, um Partenon de Atenas, que nunca viu; outro os costumes de um Japão a que nunca foi... Nenhum, porém, se lembrara de cantar a* Praia do Flamengo*, como o fizeste, e qualquer julgaria indigno de um soneto o* Samba*, que ecoa melancolicamente na solidão das nossas fazendas, à noite. / Entretanto, este e outros assuntos vivem na tradição de nossos costumes, e é por desprezá-los assim que não temos um poeta verdadeiramente nacional. / Qualquer assunto, por mais chilro e corriqueiro que pareça ser, pode deixar de sê-lo, quando um raio do gênio o doure e inflame. / Tu me soubeste dar uma prova desse asserto. Teus formosos versos é que hão de ficar, porque eles estão alumiados pela imensa luz da verdade. Essa rota que me apontas é que eu deveria ter seguido, e que, infelizmente, deixei de seguir. O sol do futuro vai romper justamente da banda para onde caminhas, e não da banda por onde nós outros temos errado até hoje. / Continua, meu Rodolfo. Mais alguns sonetos no mesmo gênero; e terás um livro que, por si só, valerá mais que toda a biblioteca de* parnasianos*. Onde, nestes, a pitoresca simplicidade, a saudável frescura, a verdadeira poesia de teus versos?!*
(Raimundo Correia. Correspondência. In: Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1961.)
Todos Cantam sua Terra...
(1929)
[...] Acha Tristão de Ataíde que a literatura brasileira moderna, apesar de tudo, enxergou qualquer cousa às claras. Pois que deu fé que estava em erro. Que se esquecera do Brasil, que se expressava numa língua que não era a fala do povo, que enveredara por terras de Europa e lá se perdera, com o mundo do Velho Mundo. Trabalho deu a esse movimento literário atual, a que chamam de moderno, trazer a literatura brasileira ao ritmo da nacionalidade, isto é, integrá-la com as nossas realidades reais. Mais ou menos isso falou o grande crítico. Assim como falou do novo erro em que caiu esta literatura atual criando um convencionalismo modernista, uma brasilidade forçada, quase tão errada, quanto a sua imbrasilidade. Em tudo isso está certo Tristão. Houve de fato ausência de Brasil nos antigos, hoje parece que há Brasil de propósito nos modernos. Porque nós não poderíamos com sinceridade achar Brasil no índio que Alencar isolou do negro, cedendo-lhe as qualidades lusas, batalhando por um abolicionismo literário do índio que nos dá a impressão de que o escravo daqueles tempos não era o preto, era o autóctone. O mesmo se deu com Gonçalves Dias em que o índio entrou com o vestuário de penas pequeno e escasso demais para disfarçar o que havia de Herculano no escritor.
[...]
Da mesma forma que os nossos primeiros literatos cantaram a terra, os nossos poetas e escritores de hoje querem expressar *o Brasil numa campanha literária de "custe o que custar". Surgiram no começo verdadeiros manifestos, verdadeiras paródias ao Casimiro e ao Gonçalves Dias: "Todos dizem a sua terra, também vou dizer a minha". E do Norte, do Sul, do sertão, do brejo, de todo o país brotaram grupos, programas, proclamações modernistas brasileiras, umas ridículas à beça. Ninguém melhor compreendeu, adivinhou mesmo, previu o que se ia dar, botando o preto no branco, num estudo apenso ao meu primeiro livro de poesia em 1927, do que o meu amigo José Lins do Rego. (...)*
Dois anos depois é o mesmo protesto de Tristão de Ataíde: "esse modernismo intencional não vale nada!" Entretanto nós precisamos achar a nossa expressão que é o mesmo que nos acharmos. E parece que o primeiro passo para o achamento é procurar trazer o homem brasileiro à sua realidade étnica, política e religiosa.[...]

No seio deste Modernismo já se opera uma reação anti-ANTISINTAXE, anti-ANTIGRAMATICAL em oposição ao desleixo que surgiu em alguns escritos, no começo. Nós não temos um passado literário comprido (como têm os italianos, para citar só um povo), que nos endosse qualquer mudança no presente, pela volta a ele, renascimento dele, pela volta de sua expressão estilística ou substancial. A nossa tradição estilística, de galho deu, na terra boa em que se plantando dá tudo, apenas garranchos.
(Jorge de Lima. Ensaios. In: Poesias completas - v. 4. Rio de Janeiro: José Aguilar/MEC, 1974.)

O Modernismo buscou, em sua fase inicial, um novo discurso pela quebra de padrões sintáticos e o emprego de características da linguagem coloquial. Com base nestas informações, responda.
a) O que significam os neologismos anti-ANTISINTAXE e anti-ANTIGRAMATICAL, no texto de Jorge de Lima?
b) O texto de Jorge de Lima foi escrito em 1929. No caso de esses dois neologismos não estarem grafados de acordo com o que dispõe o nosso Sistema Ortográfico, que é de 1943, indique as grafias obedientes à regra ortográfica atual, segundo a qual o prefixo anti- só deve ser acompanhado de hífen diante de h, r e s.

68) (Vunesp-2004) A passagem do romance O País do Carnaval, de Jorge Amado (1912-2001) e o poema Rosto & Anti-Rosto, do modernista Cassiano Ricardo (1895-1974), são a base para a próxima questão.

O País do Carnaval

- É... - apoiava Jerônimo enrubescendo.

- E crer... Existem ainda homens inteligentes que crêem. Crer... Acreditar que um Deus, um ser superior, nos guie e nos dê auxílio... Mas ainda há quem creia...

- Há...

- Olhe, Jerônimo, dizem que foi Deus quem criou os homens. Eu acho que foram os homens que criaram Deus. De qualquer modo, homens criados por Deus ou Deus criado pelos homens, uma e outra obra são indignas de uma pessoa inteligente.

- E Cristo, Pedro Ticiano?

- Um poeta. Um blagueur. Um cético. Um diferente da sua época. Cristo pregou a bondade porque, naquele tempo, se endeusava a maldade. Um esteta. Amou a Beleza sobre todas as coisas. Fez em plena praça pública blagues admiráveis. A da adúltera, por exemplo. Ele perdoou porque a mulher era bonita e uma mulher assim tem direito a fazer todas as coisas. Cristo conseguiu vencer o convencionalismo. Um homem extraordinário. Mas um deus bem medíocre...

- Como?

- Um deus que nunca fez grandes milagres! Contentou-se com multiplicar pães e curar cegos. Nunca mudou montanhas de lugar, nunca fez descer sobre a terra nuvens de fogo, nem parou o sol. Cristo tinha, contra si, esta qualidade: sempre foi mau prestidigitador.

[...]

Jerônimo mudava de assunto.

- Você, Pedro Ticiano, é o homem de espírito mais forte que eu já vi. Com quase setenta anos, ainda é ateu...

- Ah, não tenho medo do inferno... E, no caso de ele existir, eu me darei bem lá...

- Você sempre foi meio satânico... É capaz de fundar um jornal oposicionista no inferno. Voltaire, você e Baudelaire no inferno. Que gozado!

Pedro Ticiano sorria, vendo que Jerônimo não resistia à fascinação da sua palavra. E gostava de derrubar os sonhos daquele homem medíocre e bom, que tinha o único defeito de querer intelectualizar-se.

(Jorge Amado. O País do Carnaval. 30ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1976.)

Rosto & Anti-Rosto
O homem criou
Deus
a quem deu
o lugar de
autor do céu,
do ar, do
mar.

Para si,
na Terra
em flor,
criou o amor.

Deus, porém,
pra existir
criaria
algo
a si mesmo
oposto:

Numa concha
acústica,
inventou
a dor.

Lucifez
Satã
sua antifigura,
seu antirosto.

Hoje Satã
quer levar
o homem
a matar
Deus.

Qual dos 2
o sobre

---

vivente?
(Cassiano Ricardo. Os Sobreviventes. Rio de Janeiro: Livraria Editora José Olympio, 1971.)

Tanto os falantes como os escritores podem, por vezes, criar neologismos, ou seja, palavras novas, que, se aceitas pelos demais usuários, entram em circulação e se integram ao léxico da língua; caso contrário, se tornam apenas ocorrências específicas dos textos em que surgiram. O uso de palavras estrangeiras constitui o chamado neologismo por empréstimo; tais palavras, pela generalização do uso, também podem se integrar ao léxico do idioma. Releia atentamente os dois textos e, em seguida,
a) localize, na quinta estrofe do poema de Cassiano Ricardo, um neologismo criado pelo poeta.
b) explique por que, na terceira fala de Pedro Ticiano, Jorge Amado grafou duas palavras em itálico.

69) (VUNESP-2006) Sem fazer alarde, o Brasil está prestes a dar um grande passo para dominar de vez a tecnologia de fabricação de satélites artificiais. Pesquisadores do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), vinculado ao Ministério da Ciência e Tecnologia, e da empresa Fibraforte Engenharia, de São José dos Campos, concluíram com sucesso uma seqüência de testes para validação de um propulsor para satélites e de um catalisador, uma substância química que participa da queima do combustível. O fato é importante, porque poucos países dominam a tecnologia de fabricação desses componentes. Os propulsores, também chamados de motores, são responsáveis por fazer o posicionamento e as correções de órbita durante a vida útil dos satélites, estimada em quatro anos. O equipamento projetado e construído pela Fibraforte é do tipo monopropelente, ou seja, funciona apenas com um combustível líquido, no caso a hidrazina anidra, e não precisa de um elemento oxidante para fazer a combustão. O catalisador nacional, essencial em satélites monopropelentes, foi desenvolvido pelos pesquisadores do Laboratório Associado de Combustão e Propulsão (LCP) do Inpe.
(Pesquisa FAPESP.)
Na sexta-feira (7), a cirurgiã paraense Angelita Habr-Gama vai receber em Zurique o título de membro honorário da European Surgical Association (ESA) — Associação Européia de Cirurgia — pela carreira médica.
Desde que foi fundada, em 1993, a entidade só concedeu o prêmio a um time seletíssimo de 17 médicos. Entre eles, o papa em câncer de mama, o italiano Umberto Veronesi, do Istituto Europeo di Oncologia, em Milão, e o americano Thomas Starzl, da Universidade de Pittsburgh, o pioneiro mundial no transplante de fígado.
Angelita será a primeira latino-americana e a primeira mulher a receber tamanha homenagem. Não é a primeira vez que a cirurgiã, referência nacional em doenças do intestino, se vê numa situação fora do comum pelo fato de ser mulher — em circunstâncias menos glamourosas inclusive. No começo da residência em Cirurgia, na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FM-USP), ela era obrigada a cortar a barra e as mangas dos aventais para trabalhar. “Eram feitos pra homem”, lembra.
(O Estado de S.Paulo.)

Considerando a definição dada, no texto da revista Pesquisa FAPESP, para o termo monopropelente,
a) especifique o valor do prefixo mono-, nessa palavra;
b) apresente um exemplo de palavra, devidamente contextualizada em frase, em que esse prefixo conserve o mesmo sentido.

GABARITO

1) Alternativa: A

2) Alternativa: A

3) V
V
F
F
F

4) Alternativa: C

5) Alternativa: B

6) Alternativa: A

7) Alternativa: A

8) Alternativa: D

9) Alternativa: A

10) O fenômeno consiste na manutenção do **h**, presente em **hispânico** mas ausente em **Espanha**. No texto este fenômeno aparece na palavra **herbívoro**, relativo a **erva**, mas cuja origem é ***herba***.

11) Espostejar significa cortar em postas.
No radical posta foi acrescido o sufixo -ejar e posteriormente o prefixo es.

12) Alternativa: A

13) “Comprovinciana” é formada pelo prefixo *com*, que significa companhia, mais a palavra *provinciana*, relativo a quem é da província. Assim, comprovinciana significa aquela que é da mesma região, da mesma província.

14) Alternativa: A

15) Alternativa: C

16) Alternativa: C

17) a) Os diminutivos caracterizam a personagem tanto fisicamente (ela era 'pequena'), como subjetivamente, indicando o afeto que o narrador nutria por ela.
b) Andorinhava é uma forma do verbo andorinhar, colocando-se a desinência verbal indicadora do Pretérito Imperfeito do Indicativo (-va). O verbo andorinhar vem do substantivo andorinha, ao qual, por derivação sufixal, foi acrescido o sufixo formador de verbo *-ar*.
No texto, a palavra *andorinhava* atribui à personagem Breijeirinha características de uma andorinha: rápida, ligeira, pequena.

18) *a)* O Verbo **desfiar** e o substantivo **fio** *(em vê-la desfiar seu fio)*
b) A palavra **explosão** opõe-se semanticamente a **franzina**. Explosão pressupõe grandeza, enquanto franzina pressupõe pequenez.

19) Alternativa: B

20) Alternativa: C

21) Alternativa: A

22) Alternativa: C

23) Alternativa: C

24) Alternativa: B

25) Alternativa: A

26) Alternativa: B

27) a) Se se considera “erro” o uso lingüístico que não se ajusta ao uso consagrado e nem atende às circunstâncias em que determinado mecanismo costuma ser empregado, então a construção “vou estar transferindo” pode ser tida como errada, ou seja, inadequada em relação às normas vigentes. O nome gerundismo designa, com efeito, a tendência a indicar o futuro simples por meio da construção IR + ESTAR + GERÚNDIO. O que o uso consagra é indicar o futuro por meio do verbo IR (no presente) + infinitivo: eu vou transferir. A construção IR + ESTAR + GERÚNDIO é legitimamente usada no contexto em que se indica uma ação futura que será praticada simultaneamente a outra ação mencionada também no futuro. Por exemplo: Amanhã, quando você estiver fazendo a prova, eu vou estar voando para Recife. Já a construção “Ela está falando bonito” é habitualmente usada para indicar uma ação simultânea ao ato da fala, com tendência continuativa. O uso da locução ESTAR (presente) + GERÚNDIO, em lugar da forma simples do presente do indicativo, é corrente e tida como normal em nossa linguagem.
b) O sufixo -ismo anexado à palavra gerúndio para formar gerundismo veicula, neste caso, a idéia de tendência viciosa, mania, mau uso. O mesmo valor do sufixo verifica-se, também, por exemplo, em consumismo, oportunismo, modismo.

28) Alternativa: A

29) Alternativa: A

30) a)"Não se conseguiu apurar o motivo por que a atriz se divorciou."

Porque - no sentido de por qual razão ou motivo, grafa-se separado, pois o que é pronome relativo

b) "O milionário despendeu milhares de dólares com aquela propaganda."

Despender - verbo que significa perder, gastar, consumir

31) Alternativa: A

32) Alternativa: A

33) Alternativa: A

34) Alternativa: B

35) Alternativa: C

36) Alternativa: B

37) Alternativa: C

38) Alternativa: A

39) Alternativa: D

40) Alternativa: D

41) a) Paulatinamente
b) Indubitavelmente
c) Simultaneamente
d) Ininterruptamente.
e) Excepcionalmente.

42) Alternativa: A

43) Alternativa: D

44) a) Predizer
Desdizer
Contradizer
Bendizer
Maldizer
b) Não me contradiga.
Ele predisse meu futuro.
Bendigo o dia de hoje.
Ele se desdisse, pedindo desculpas.

45) Alternativa: B

46) Alternativa: A

47) Pode tanto significar: "Um chorinho terminado em - mente, como também deixar entender "Um chorinho na minha idéia, na minha intenção'

48) Diz-se de termo cognato o vocábulo que tem raiz comum com outros.Belo, beleza, embelezar são termos cognatos.

49) a)
comprão / pegala / dirija-se
mossa / escriptorio / duvida
b)
compram / pegá-la / dirigir-se
moça / escritório / dúvida

50) A vitalidade do sufixo (z)inho no plano morfológico fica comprovada por sua aplicação não só a bases nominais (substantivos e adjetivos), como em festa e em rosto, mas também a outras bases menos usuais, como, por exemplo, a pronomes, como em (d)ela.

51) redução/abreviação vocabular (cine ← cinema), composição (cine + clube), derivação sufixal (cineclube + ista) e derivação prefixal (ex + cineclubista).

52) a) No poema o tempo é marcado pela relação do homem com o gado. Assim, quem determina o tempo são as ações dos bois. Daí Boitempo, que funciona como síntese dessa idéia.
b) "Boitempo" foi formada pelo processo de **composição por Justaposição**, através da junção dos radicais *Boi* e *tempo*.

53) a) Enquanto Iracema mantém o verbo na segunda pessoa do singular ("Donde vieste..."), Andedura faz a concordância na terceira pessoa do singular ("tu vai?").
Na terceira pessoa do singular, teríamos:
Donde veio...
Você vai?
b) Trata-se da redução das formas *alaranjou* e *chegou*, em que o *u* final é suprimido.

54) a) Os empresários 'aderiram' a Lula.
b) O verbo foi criado através do processo de derivação sufixal. Ao Substantivo 'Lula' foi adicionado o sufixo formador de verbo 'ar'. Em seguida o verbo foi conjugado na terceira pessoa do plural.

55) a) Que os homens mentem.
b) A palavra seria "homemente" ou "homemmente". Seria um advérbio que significaria aquilo feito da maneira típica dos homens.
c) Que o modo de agir típico dos homens é com mentiras.

56) a) encaixar, espremer. A expressividade da palavra 'ensanduichar' - um neologismo - reside no fato de ser

possível caracterizar os jovens descritos na matéria também como consumidores de sanduíches (essa geração já foi chamada de 'geração MacDonalds').
b) O ditado original é 'separar o joio do trigo'. Significa fazer uma seleção, escolhendo o que é melhor e desprezando o que é inútil ou daninho.
c) Por se tratar de um neologismo bastante recente, criado a partir do inglês *to delete*, e muito utilizado no campo da informática, algo também considerado bastante atual.

57) a) Após ser examinado por Seo Deográcias, Miguilim fica apavorado com a possibilidade de morrer de tuberculose. Pede então a Deus dez dias de prazo, nos quais cumpriria uma novena, e estabelece um acordo: se Deus quiser, após esses dez dias, Miguilim morrerá, caso contrário, não ficará seriamente doente nem morrerá.
b) Miguilim sofre várias perdas no decorrer da narrativa: A perda de sua cadelinha Pingo-de-ouro, também chamada de Cuca, a morte de seu irmão Dito, o afastamento de seu tio Terez, a perda da inocência de criança e, por fim, da perda da convivência com a família. As mais marcantes são a morte de seu irmão Dito e o afastamento de seu tio Terez.
c) A hora de se cumprir o acordo estava próxima, Miguilim já estava na 'véspera' da sentença dada ao acordo.

58) a) A língua permite que essas construções ocorram a partir de processos de derivação. Termos como analogia/comparação/combinação serão aceitos.
b) 'Preguiçando' e 'desasnar' comparados a 'descansando' e 'aprender' nos remetem à força expressiva da língua e chamam a atenção para a forma significante.
Ficar 'preguiçando' marca o sentido de produzir preguiça, chamando a atenção para a própria sonoridade da palavra que se esgarça e alarga pelo gerúndio não usual. Já 'ficar descansando' marca o previsível, ressalta o trabalho e chama a atenção para um intervalo antes da retomada laboriosa. A palavra, em sua forma, passa desapercebida. O mesmo se dá com 'desasnar' que, ao chamar a atenção para o fato de "deixar de ser asno", ressalta o embrutecimento, a aspereza da animalidade que a palavra 'asno' marca. 'Aprender', tal como 'descansando', está dentro do previsível e reforça a significação já reiterada e sempre repetida.
c) A relação entre o dicionário e a língua indica que o dicionário, apenas imaginariamente, dá conta de cobrir todas as palavras que a língua ao mesmo tempo nos impõe e permite que se crie pelos diferentes processos já mencionados no item a). A força legitimadora do dicionário, reforçada pelas citações das fontes e datas, reafirma apenas alguns sentidos das palavras. Nesse processo, muitas questões não são discutidas, inclusive a relação colonizadora entre a língua portuguesa lusitana e a brasileira.
Esta questão, incidindo sobre a relação forma e conteúdo da língua, problematiza a leitura que só se preocupa com conteúdos. Ao chamar a atenção do candidato para aspectos mórficos dos verbos 'preguiçando' e 'desasnar', a questão pretende sensibilizá-lo para o fato de que a forma é parte integrante da significação.
A questão procura também salientar o fato de que essas formas fazem parte de uma história da língua, marcada nos dicionários.
Além do uso do dicionário, motivado pela certificação da existência ou não de determinadas palavras, de sua ortografia e acepção semântica, é importante que o candidato possa ver a possibilidade de estabelecer uma relação de leitura, entre palavras, no dicionário. Isso é proposto no item c), pela remissão a 'desemburrecer' e a 'desemburrar'. Esse outro tipo de leitura nos remete ao processo de dicionarização e questiona a estabilidade do léxico, ressaltando que todo dicionário é uma construção histórica.

Fonte: Banca examinadora da Unicamp

59) a) Segundo o excerto, 'nosotros' apresenta um sentido inclusivo atestado em sua composição, pois não é possível dizer 'nós' sem dizer 'outros'. Essa injunção morfológica da língua coloca sempre em pauta a diferença como alteridade necessária e não como oposição e recusa na relação entre falantes de uma mesma língua e falantes de línguas diferentes.
b) O 'nós' é excludente, por um lado, porque separa os brasileiros de todos os cidadãos de outras nacionalidades. Por outro lado, no que diz respeito à nação brasileira, o 'nós' é excludente porque nem todo brasileiro fala a língua portuguesa. Pela afirmação do item b), quem não fala a língua portuguesa deixa de ser brasileiro. Nesse caso, em sua resposta, o candidato pode explicar a relação excludente tanto pela palavra 'brasileiros', quanto pela palavra 'português'. "Nós brasileiros" afirma a unidade do povo, apagando sua heterogeneidade. "Falamos português" também forja uma unidade de língua que não corresponde ao conjunto complexo dos diferentes falares presentes no Brasil.

Esta questão ressalta o processo de interlocução como fundamental na relação dos falantes com a língua, apontando para o poder envolvido nessa relação. A discussão dos pronomes, trazida pelo autor, coloca em questão a hegemonia lingüística: respeitar a língua do outro significa considerar, mesmo nas pequenas diferenças lexicais, outras maneiras de interpretar o mundo. O item b), ao permitir ao candidato pensar sobre a unidade da língua e do povo também como uma questão interna ao Brasil, traz para a pauta de discussões a política lingüística. É importante que o candidato possa olhar para a língua como um conjunto de diferenças, para que perceba que a reflexão e o trabalho sobre esta, em seus diversos níveis de análise, implica, necessariamente, políticas de língua.

Fonte: Banca examinadora da Unicamp

60) a) A frase-título da tira Chiclete com Banana de Angeli - "O IMUNDO ANIMAL"- remete à frase "O Mundo Animal", referindo-se o substantivo "animais" aos homens, mais especificamente à classe dos políticos. Qualificando esse substantivo por meio do adjetivo "imundo", o autor faz uma crítica a essa classe, uma vez que as imagens da tira mostram os políticos com feições distintas (como se fossem animais de espécies diversas) não competindo, mas sim associando-se em conchavos, conluios, sugerindo que seu meio de sobrevivência é imundo, espúrio.

b) Pode-se admitir que há sugestão do processo de prefixação levando-se em conta um jogo de palavras produzido pelo autor: a prefixação se daria pela agregação do prefixo *im-/i-* ao substantivo "mundo". Embora, gramaticalmente, tal possibilidade não seja verificada, esse jogo de palavras produz um efeito de sentido no qual a associação sonora entre os vocábulos "mundo" e "imundo" aproxima-os, semanticamente, deixando explícita a crítica feita pelo autor aos políticos que seriam "animais imundos".

61) Alternativa: A

62) Alternativa: C

63) Alternativa: A

64) Alternativa: A

65) Alternativa: B

66) Alternativa: C

67) a) O primeiro momento modernista procura negar a gramática e a sintaxe tradicional, daí os termos "antigramatical" e "anti-sintaxe" (o prefixo anti significa negação, contrariedade). Posteriormente, essa negação à gramática e à sintaxe tradicional também é negada (daí anti-anti), explicando-se assim os termos "anti-ANTISINTAXE" e a "anti-ANTIGRAMATICAL" .
b) antiANTI-SINTAXE e antiANTIGRAMATICAL

68) a)
- "Lucifez".
- "anti-rosto"
- "anti-figura"

b) Porque as palavras *blagueur* e *blagues* (em francês, piadista e piadas, respectivamente) não são da Língua Portuguesa.

69) a) Mono- tem valor de "único", "um só" ou "apenas um".
b) Dentre várias respostas possíveis, o aluno poderia responder "A maioria da população brasileira é monolíngüe", isto é, são falantes de uma única língua.

PORTUGUÊS

Interpretação de textos

Significação contextual de palavras e de expressões

Prof.ª Isabel Vega

Significação contextual de palavras e de expressões

I) Sentido denotativo e conotativo → identificar se o texto é literário ou não para pensar no aspecto denotativo ou simbólico das palavras.

Ex.1: **Dormir** com calor é muito difícil.

Ex.2: Meus antepassados **dormem** em terras longínquas.

II) Campo semântico → conjunto de palavras que se relacionam por um sentido em comum.

Ex.1: teto, quarto **CASA** família, crianças, cão
aconchego
segurança

Significação contextual de palavras e de expressões

Ex.2: "Da primeira vez que tivemos em casa um **mico** foi perto do Ano Novo. **Estávamos sem água e sem empregada, fazia-se fila para carne, o calor rebentara** — e foi quando, muda de perplexidade, vi **o presente** entrar em casa, já **comendo banana**, já examinando tudo com grande rapidez e **um longo rabo**. Mais parecia **um macacão ainda não crescido**, suas potencialidades eram tremendas. Subia pela roupa estendida na corda, de onde dava **gritos de marinheiro**, e jogava cascas de banana onde caíssem. **E eu exausta**. Quando me esquecia e entrava distraída na área de serviço, **o grande sobressalto**: **aquele homem alegre** ali. Meu menino menor sabia, antes de eu saber, que **eu me desfaria** do **gorila**:"

("Macacos", de Clarice Lispector)

III) Texto: FALTA DE NEUTRALIDADE NA *WEB* FARÁ INTERNAUTA PAGAR “MAIS PEDÁGIOS”

Um dos pontos básicos do projeto – e o que mais está em risco – refere-se à **neutralidade de rede**. Parece um conceito reservado apenas à compreensão dos técnicos, distante dos interesses dos tantos milhões de internautas, mas é o oposto. **Esta é a chave para a manutenção da internet livre e aberta como tem sido até agora**. Se o tratarmos como um tema para *experts*, sem decifrar este “enigma”, corremos o risco de deixar os detentores da infraestrutura de banda larga (as empresas telefônicas) intervir como quiserem no livre fluxo de criação de *sites* e dados, **mudando assim o espírito da igualdade dos conteúdos, serviços e negócios inovadores na rede.**

A **neutralidade** a que se refere o texto corresponde a:

(A) necessidade de vigilância de todos os dados de navegação.
(B) possibilidade de controle das corporações pelos internautas.
(C) comportamento esperado dos parlamentares na votação das leis.
(D) atitude dos internautas em relação às empresas de telecomunicações.
(E) condição de acesso a qualquer página eletrônica sem limitação.

THE MICROSCOPE
MADE EASY
A. LAURENCE WELLS

ORTOGRAFIA

MARTINO, Agnaldo. **Português esquematizado®:** gramática, interpretação de texto, redação oficial, redação discursiva . – 6. ed. rev. – São Paulo: Saraiva, 2017.p. 39-50

ortografia
aprendizagem
sistematização
revisão
ensino
compreensão
oralidade
análise
escrita
pesquisa
etimologia
diálogo
social
avaliação
currículo
reflexão
regularidades
vocabulário
padrão
irregularidades
escrever
variante
dúvidas
dicionário
segmentação
regra
conhecimento
leitura
envolvimento

ORTOGRAFIA :substantivo feminino, [...] conjunto de regras estabelecidas pela gramática normativa que ensina a grafia correta das palavras, o uso de sinais gráficos que destacam vogais tônicas, abertas ou fechadas, processos fonológicos como a crase, os sinais de pontuação esclarecedores de funções sintáticas da língua e motivados por tais funções etc.

Dicionário Houaiss

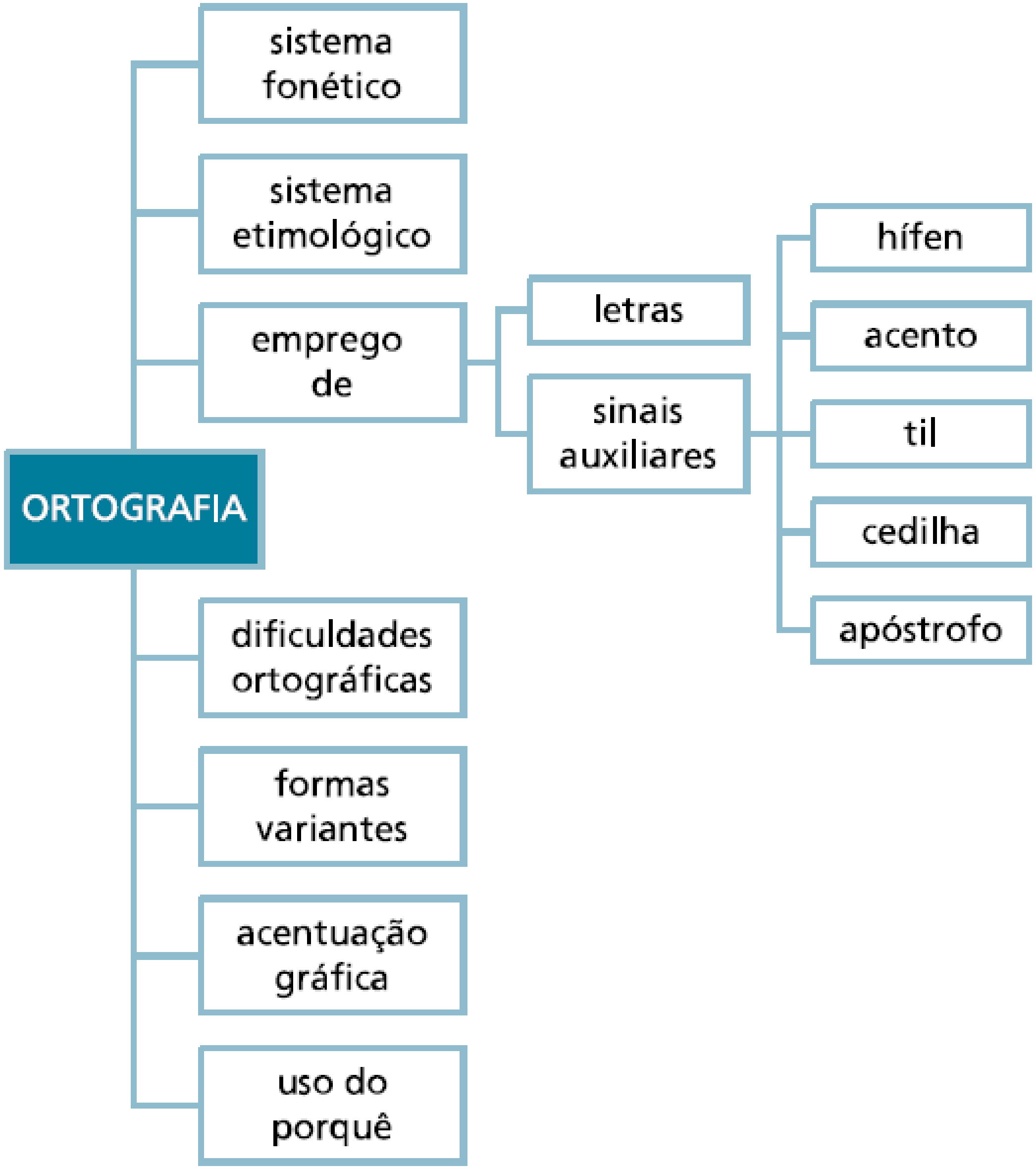

- ORTOGRAFIA
  - sistema fonético
  - sistema etimológico
  - emprego de
    - letras
    - sinais auxiliares
      - hífen
      - acento
      - til
      - cedilha
      - apóstrofo
  - dificuldades ortográficas
  - formas variantes
  - acentuação gráfica
  - uso do porquê

- **A grafia** de uma palavra pode ter caráter **fonético**, que leva em conta a pronúncia; ou **etimológico**, que leva em conta a sua origem.
- Hoje, **no Brasil**, utilizam-se **os dois processos juntamente:** o fonético ou de pronúncia e o etimológico ou histórico.

- **Curiosidade!!!**
- O **sistema fonético** (ou *sônico*) consiste na **exata e fiel figuração dos sons**, escrevendo as palavras tal qual se pronunciam, excluindo da representação gráfica qualquer letra que não tenha valor prosódico e acrescentando outras para que se represente a exata pronúncia: *escrito, Cristo, pronto, omem, oje, ressonar, pressentir, filarmônico, inalar*.

- O **sistema etimológico** representa as palavras **de acordo com a grafia de origem**, reproduzindo todas as letras do étimo, embora não sejam pronunciadas: *phthisica, sancto, mactar, auctor, poncto, catechismo, exgotto, practicar*.(1)

(1) ALMEIDA, Napoleão Mendes de. Gramática Metódica da Língua Portuguesa.35 ed. São Paulo, Saraiva,1988, p. 68-69

Nossa ortografia é orientada pelo **Formulário Ortográfico**, aprovado pela Academia Brasileira de Letras, na sessão de **12 de agosto de 1943**, simplificado pela Lei n. 5.765, de **18 de dezembro de 1971**, e atualizado pelo Decreto n. 6.583, de **29 de setembro de 2008**.

Ortografia vem do grego “orthós” = **direito** + “gráphein” = **escrever**.

Os sons da fala são representados por sinais gráficos, chamados letras, e além delas usamos outros sinais, chamados auxiliares.

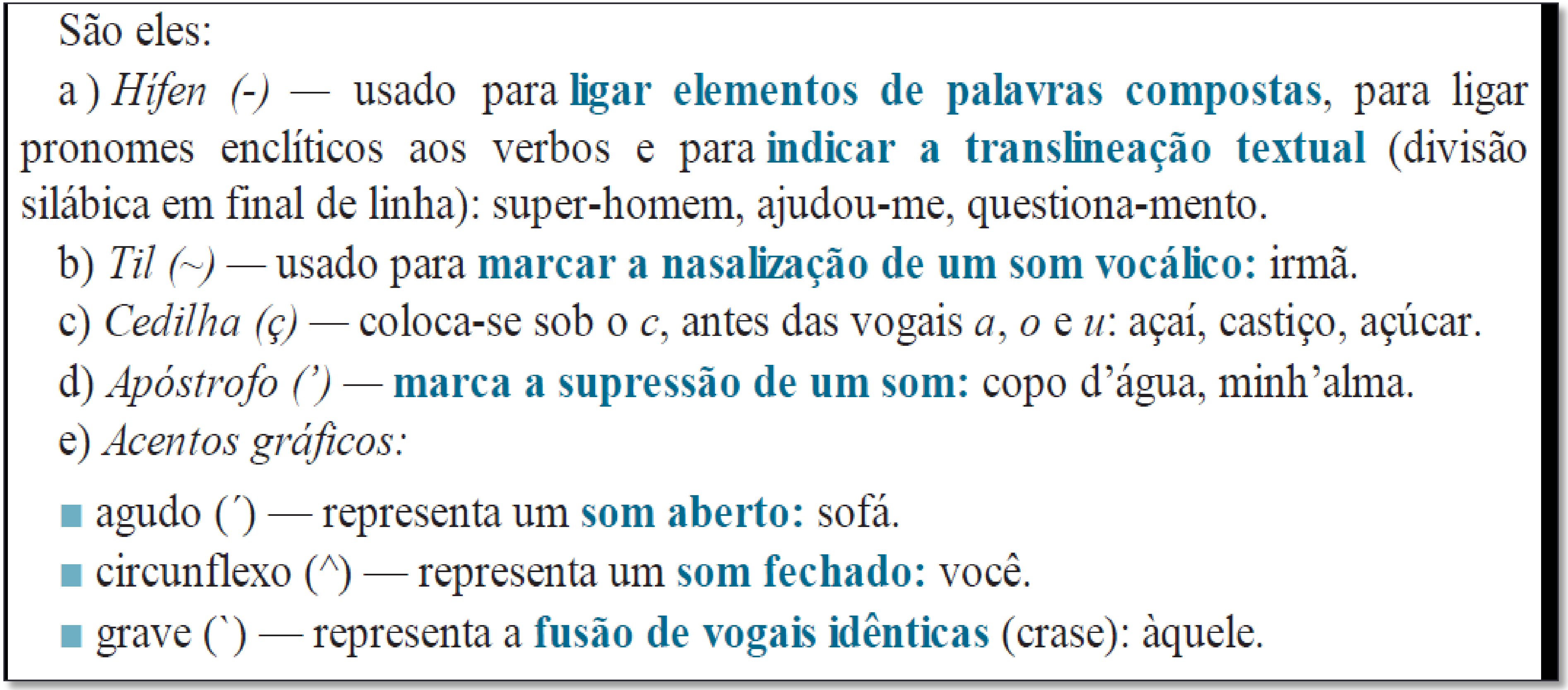

São eles:

a) *Hífen (-)* — usado para **ligar elementos de palavras compostas**, para ligar pronomes enclíticos aos verbos e para **indicar a translineação textual** (divisão silábica em final de linha): super-homem, ajudou-me, questiona-mento.

b) *Til (~)* — usado para **marcar a nasalização de um som vocálico:** irmã.

c) *Cedilha (ç)* — coloca-se sob o *c*, antes das vogais *a*, *o* e *u*: açaí, castiço, açúcar.

d) *Apóstrofo (’)* — **marca a supressão de um som:** copo d’água, minh’alma.

e) *Acentos gráficos:*

- agudo (´) — representa um **som aberto:** sofá.
- circunflexo (^) — representa um **som fechado:** você.
- grave (`) — representa a **fusão de vogais idênticas** (crase): àquele.

Algumas regras existem para escrever esta ou aquela palavra, porém **os problemas gráficos só se resolvem com leitura.**.

DIFICULDADES ORTOGRÁFICAS

Uso do “S”

a) depois de **ditongos:** coisa, faisão, mausoléu, maisena, lousa.

b) em **nomes próprios** com som de /z/: Neusa, Brasil, Sousa, Teresa.

c) no **sufixo -oso** (cheio de): cheiroso, manhoso, dengoso, gasosa.

d) nos **derivados** do verbo **querer:** quis, quisesse.

e) nos **derivados** do verbo **pôr:** pus, pusesse.

f) no **sufixo -ense, formador de adjetivo:** canadense, paranaense, palmeirense.

g) no **sufixo -isa**, indicando **profissão** ou **ocupação feminina:** papisa, profetisa, poetisa.

DIFICULDADES ORTOGRÁFICAS

h) nos **sufixos -ês/ -esa**, indicando **origem**, **nacionalidade** ou **posição social:** calabrês, milanês, português, norueguês, japonês, marquês, camponês, calabresa, milanesa, portuguesa, norueguesa, japonesa, marquesa, camponesa.

i) nas palavras **derivadas** de outras que possuam *S* no radical: casa = casinha, casebre, casarão, casario; atrás = atrasado, atraso; paralisia = paralisante, paralisar, paralisação; análise = analisar, analisado.

j) nos **derivados de verbos** que tragam o **encontro consonantal -nd:** pretende =pretensão; suspender = suspensão; expandir = expansão.

Uso do “Z”

a) nas palavras derivadas de primitiva com *Z*: cruz = cruzamento, juiz = ajuizar, deslize = deslizar.

b) nos **sufixos -ez/ -eza**, formadores de **substantivos abstratos** a partir de adjetivos: altivo = altivez; mesquinho = mesquinhez; macio = maciez; belo = beleza; magro =magreza.

c) no **sufixo -izar**, formador de **verbos:** hospital = hospitalizar; canal = canalizar; social = socializar; útil = utilizar; catequese = catequizar.

Curiosidade: Quando usamos apenas **-r** ou **-ar** para formar um verbo, aproveitamos o que já existe na palavra primitiva: pesquisa = pesquisa**r**, análise = analis**ar**, deslize = desliz**ar**.

d) nos **verbos** terminados em **-uzir** e seus derivados: conduzir, conduziu, conduzo; deduzir, deduzo, deduzi; produzir, produzo, produziste.

e) no **sufixo -zinho**, formador de **diminutivo:** cãozinho, pezinho, paizinho, mãezinha, pobrezinha.

Curiosidade: Se acrescentarmos apenas **-inho**, aproveitamos a letra da palavra primitiva: casinha, vasinho, piresinho, lapisinho, juizinho, raizinha.

Uso do “H”

a) o H inicial deve ser usado quando a **etimologia** o justifique: hábil, harpa, hiato, hóspede, húmus, herbívoro, hélice.

Curiosidade: Escreve -se com H o topônimo BAHIA, quando se aplica ao Estado.

b) o H deve ser **eliminado** do interior das palavras, se elas formarem um **composto** ou **derivado sem hífen**: desabitado, desidratar, desonra, inábil, inumano, reaver.

Curiosidade: Nos compostos ou derivados com hífen, o H permanece: anti-higiênico, pré-histórico, super-homem.

c) no final de **interjeições**: ah! oh! ih!

Uso do "X"

a) normalmente após **ditongo**: caixa, peixe, faixa, trouxa.

Curiosidade: Caucho e seus derivados (recauchutar, recauchutagem) são escritos com CH

b) normalmente após a **sílaba inicial en -:** enxaqueca, enxada, enxoval, enxurrada.

Curiosidade: Usaremos CH depois da sílaba inicial **en -** caso ela seja derivada de uma com CH:

de cheio = encher, enchimento, enchente

de charco = encharcado

de chumaço = enchumaçado

de chiqueiro = enchiqueirar

c) depois da **sílaba inicial me -:** mexer, mexilhão, mexerica.

Curiosidade: Mecha e seus derivados são com CH.

Uso do “CH”

Não há regras para o emprego do dígrafo CH.

Uso do “SS”

Emprega -se nas seguintes **relações:**

a) ced — cess: ceder — cessão, conceder — concessão — concessionário.

b) gred — gress: agredir — agressão, regredir — regressão.

c) prim — press: imprimir — impressão, oprimir — opressão.

d) tir — ssão: discutir — discussão, permitir — permissão.

Uso do “Ç”

a) nas palavras de **origem árabe**, **tupi** ou **africana:** açafrão, açúcar, muçulmano, araçá, Paiçandu, miçanga, caçula.

b) após **ditongo:** louça, feição, traição.

c) na **relação** ter — tenção: abster — abstenção, reter — retenção.

Uso do "G"

a) nas palavras **terminadas em -ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio:** pedágio, colégio, litígio, relógio, refúgio.

b) nas **palavras femininas** terminadas em **-gem:** garagem, viagem, escalagem, vagem.

Curiosidade: Pajem e lambujem são exceções à regra.

Uso do "J"

a) na **terminação -aje:** ultraje, traje, laje.

b) nas **formas verbais** terminadas em **-jar** e seus derivados: arranjar, arranjem; viajar, viajem; despejar, despejem.

c) em palavras de **origem tupi:** jiboia, pajé, jenipapo.

d) nas **palavras derivadas** de outras que se escrevem com J: ajeitar (de jeito), laranjeira (de laranja).

Uso do "I"

a) no **prefixo anti -**, que indica oposição: antibiótico, antiaéreo.

b) nos **verbos** terminados em **-air, -oer** e **-uir** e seus derivados: sair — sais, sai; cair — cais, cai; moer — móis, mói; roer — róis, rói; possuir — possuis, possui; retribuir — retribuis, retribui.

Uso do "E"

a) nas **formas verbais** terminadas em **-oar** e **-uar** e seus derivados: perdoar — perdoes, perdoe; coar — coes, coe; continuar — continues, continue; efetuar — efetues, efetue.

b) no **prefixo -ante,** que expressa anterioridade: anteontem, antepasto, ante véspera.

Uso do "SC"

Não há regras para o uso de SC; sua presença é inteiramente etimológica.

FORMAS VARIANTES

Algumas palavras admitem, sem alteração de significado, formas variantes:

abaixar ou baixar

abdome ou abdômen

afeminado ou efeminado

ajuntar ou juntar

aluguel ou aluguer

aritmética ou arimética

arrebitar ou rebitar

arremedar ou remedar

assoalho ou soalho

assobiar ou assoviar

assoprar ou soprar

aterrissar ou aterrizar ou aterrar

avoar ou voar

azálea ou azaleia

bêbado ou bêbedo

bebadouro ou bebedouro

bilhão ou bilião

EXEMPLO: BÊBEDO (dicionário eletrônico HOUAISS)

adjetivo e substantivo masculino

1 que ou aquele que se intoxicou com bebida(s) alcoólica(s)

2 que ou aquele que se embriaga por hábito; que ou aquele que é dado ao vício da embriaguez; borracho

3 Derivação: sentido figurado.

que ou quem está num estado semelhante à ebriedade (devido a um forte sentimento de felicidade, emoção, paixão etc.)

adjetivo

4 em estado de atordoamento; estonteado, zonzo, atarantado

Exs.: *rapaz b. de sono*

o remédio deixou-a b.

5 Rubrica: pesca. Regionalismo: Brasil.

que vem à superfície da água envenenado por tingui ou por outro tóxico similar (diz-se de peixe)

bílis ou bile
biscoito ou biscouto
bravo ou brabo
bujão ou botijão
cãibra ou câimbra
carroçaria ou carroceria
catorze ou quatorze
catucar ou cutucar
chipanzé ou chimpanzé
clina ou crina
cociente ou quociente
coisa ou cousa
cota ou quota
cotidiano ou quotidiano
cotizar ou quotizar
covarde ou cobarde
cuspe ou cuspo
degelar ou desgelar
dependurar ou pendurar
desenxavido ou desenxabido
dourado ou doirado

elucubração ou lucubração
empanturrar ou empaturrar
engambelar ou engabelar
enlambuzar ou lambuzar
entoação ou entonação
entretenimento ou entretimento
enumerar ou numerar
espuma ou escuma
estalar ou estralar
exorcizar ou exorcismar
flauta ou frauta
flecha ou frecha
fleuma ou flegma
flocos ou frocos
gengibirra ou jinjibirra
geringonça ou gerigonça

gorila ou gorilha
hemorróidas ou hemorróides
impingem ou impigem
imundícia, imundície ou imundice
infarto, enfarte ou enfarto
intrincado ou intricado
laje ou lajem
lantejoula ou lentejoula
leste ou este
limpar ou alimpar
lisonjear ou lisonjar
louça ou loiça
louro ou loiro
maltrapilho ou maltrapido
maquiagem ou maquilagem
maquiar ou maquilar
marimbondo ou maribondo
melancólico ou merencório
menosprezo ou menospreço
mobiliar, mobilhar ou mobilar
mozarela ou muçarela

neblina ou nebrina
nenê ou neném
parêntese ou parêntesis
percentagem ou porcentagem
peroba ou perova
pitoresco, pinturesco ou pintoresco
plancha ou prancha
pólen ou polem
presépio ou presepe
protocolar ou protocolizar
quadriênio ou quatriênio
radioatividade ou radiatividade
rastro ou rasto
registro ou registo
relampadar, relampadear, relampadejar, relampaguear, relampaguejar, relampar, relampear, relampejar, relamprar

remoinho ou redemoinho
ridiculizar ou ridicularizar
salobra ou salobre
seção ou secção
selvageria ou selvajaria
sobressalente ou sobresselente
surripiar ou surrupiar
taberna ou taverna
taramela ou tramela
televisar ou televisionar
terraplenagem ou terraplanagem
terremoto ou terramoto
tesoura ou tesoira

tesouro ou tesoiro
toicinho ou toucinho
transladar ou trasladar
transpassar ou traspassar ou trespassar
transvestir ou travestir
treinar ou trenar
tríade ou tríada
trilhão ou trilião
vargem ou varge
várzea ou várgea
vassoura ou bassoura
verruga ou berruga
vespa ou bespa
volibol ou voleibol

PALAVRAS QUE NÃO ADMITEM FORMA VARIANTE

Tome cuidado com a grafia de certas palavras e expressões que costumam causar dúvida, porém só se escrevem de **uma forma:**

beneficência
beneficente
cabeleireiro
chuchu
de repente
disenteria

empecilho
exceção
êxito
hesitar
jiló
manteigueira
mendigo
meritíssimo
misto
mortadela
prazerosamente
privilégio
salsicha
sobrancelhas

Curiosidade: Veja em Semântica a lista de alguns homônimos e parônimos notáveis, para não se confundir com a grafia de certas palavras e expressões.

EMPREGO DO HÍFEN

O uso do hífen é meramente **convencional**. Algumas regras esclarecem poucos problemas, mas muitos serão resolvidos apenas com a consulta ao dicionário. Ainda assim alguns gramáticos divergem em determinados casos. Observe o que diz o Formulário Ortográfico da Língua Portuguesa: “Só se ligam por hífen os elementos das palavras compostas em que se mantém a noção de composição, isto é, os elementos das palavras compostas que mantêm a sua independência fonética, conservando cada um a sua própria acentuação, porém formando o conjunto perfeita unidade de sentido”.

Exemplos: couve -flor, grão -duque etc. Veja, em linhas gerais, o uso desse sinal:

a) para ligar as partes de **adjetivo composto:** verde-claro, azul-marinho, luso-brasileiro.

b) para ligar os **pronomes mesoclíticos ou enclíticos:** amá-lo-ei, far-me-á, dê-me, compraram -na.

c) para **separar as sílabas** de uma palavra, inclusive na **translineação** (mudança de linha): a-ba-ca-xi, se-pa-ra-do.

HÍFEN COM PREFIXOS E PSEUDOPREFIXOS

ante-, anti-, circum-, co-, contra-, des-, entre-, extra-, hiper-, in-, infra-, inter-, intra-, sobre-, sub-, super-, supra-, ultra-, aero-, agro-, arqui-, auto-, bio-, eletro-, geo-, hidro-, inter-, macro-, maxi-, micro-, mini-, multi-, neo-, pan-, pluri-, pre-, pro-, proto -, pseudo -, re -, retro -, semi -, tele - etc.

Emprega -se o hífen nos seguintes casos:

a) **Antes de h:** anti-higiênico, circum-hospitalar, contra-harmônico, extra-humano, sub-hepático, super-homem, ultra-hiperbólico; arqui-hipérbole, eletro-higrômetro, geo -história, neo -helênico, pan -helenismo, semi -hospitalar.

Curiosidades:

1: Não se usa, no entanto, o hífen em formações que contêm em geral os prefixos ***des*** **-** e ***in*** **-** e nas quais o segundo elemento perdeu o ***h*** inicial: *desumano, inábil, inumano.*

2: Nas formações com os prefixos ***circum -*** e ***pan -***, também se emprega o hífen quando o segundo elemento começa por ***voga*l, h, m, n:** *circum-escolar, circum-hospitalar, circum-murado, circum-navegação; pan-africano, pan-harmônico, pan -mágico, pan -negritude.*

ATENÇÃO:

Nos casos em que o prefixo "circum-" anteceder uma sílaba que obriga ao uso do "n" (pois só se usa "m" antes de "b" e "p"), deve-se modificar a grafia do prefixo: circunlunar. Do mesmo modo, quando o prefixo "pan-" anteceder uma sílaba começada em "b" ou "p", a regra de que antes de "b" e "p" usa-se "m" obriga a modificar a grafia do prefixo: pambrasileiro, pamprocessual.

b) Nas formações em que o prefixo/pseudoprefixo **termina** na **mesma letra com que se inicia o segundo elemento:** **anti-ibérico, contra-almirante, infra-axilar, supra-auricular; arqui-irmandade, auto-observação, eletro-ótica, micro-onda, semi-interno; ad -digital; hiper -requintado; sub -barrocal; sub -base;**

Curiosidade: Nas formações com o prefixo ***co-, pre-, pro-, re-***, estes se aglutinam em geral com o segundo elemento mesmo quando iniciado por e ou o: ***coobrigação, coocupante, coordenar, cooperação, cooperar, preeminente, preeleito, preenchido, proativo, reedição, reeleição.***

c) Nas formações com os prefixos além -, aquém -, bem -, ex-, pós-, pré-, pró-, recém-, sem-, sota-/soto-, vice-/vizo-: ***além-Atlântico, aquém-Pirineus, bem-criado, bem-vindo, ex-almirante, ex-diretor, ex-hospedeira, ex-presidente, ex-primeiroministro, ex-rei, pós-graduação, pós-tônico, pré-escolar, pré-natal , pró-africano, pró-europeu, recém-eleito, sem-cerimônia, sem-vergonha, sota-piloto, soto-mestre, vice -presidente, vice -reitor.***

Curiosidade: Em muitos compostos, o advérbio ***bem* -** aparece aglutinado ao segundo elemento: benfazejo, benfeito, benquerença, benfazer, benquerer.

d) Nas formações com o **prefixo mal** -, emprega-se hífen quando o segundo elemento começa por **vogal, h ou l:** mal-afortunado, mal-entendido, mal-humorado, mal-informado, mal -limpo.

e) Nas formações com prefixos **ab -, ob -, sob -, sub -, ad** -, cujo elemento seguinte se **inicia por r**: **ab-rupto, ob-rogar, sob-roda, sub-reitor, ad-renal, ad-referendar.**

Hífen com sufixos

Nas formações por sufixação, apenas se emprega o hífen nos vocábulos terminados por sufixos de **origem tupi-guarani** que representam formas adjetivas, como **-açu, - guaçu e -mirim**, quando o primeiro elemento acaba em vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: ***amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim*.**

HÍFEN EM LOCUÇÕES

Nas **locuções de qualquer tipo**, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, **não se emprega, em geral, o hífen**.

Sirvam, pois, de exemplo as seguintes locuções:

a) *Substantivas:* cão de guarda, fim de semana, sala de jantar.

b) *Adjetivas:* cor de açafrão, cor de café com leite, cor de vinho.

c) *Pronominais:* cada um, ele próprio, nós mesmos, quem quer que seja.

d) *Adverbiais:* à parte, à vontade, depois de amanhã, em cima, por isso.

e) *Prepositivas:* abaixo de, acerca de, acima de, a fim de, a par de, à parte de, apesar de, debaixo de, enquanto, por baixo de, por cima de, quanto a.

f) *Conjuncionais:* a fim de que, ao passo que, contanto que, logo que, por conseguinte, visto que.

Curiosidade: Algumas exceções já consagradas pelo uso: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Os **acentos** gráficos **marcam a sílaba tônica:**

- ***grave*** — para indicar crase.
- ***agudo*** — para som aberto: café, cipó.
- ***circunflexo*** — para som fechado: você, complô.

O **sinal** gráfico **modifica o som** de qualquer sílaba:

- ***til (~)*** — nasalizador de vogais: romã, maçã, ímã, órfão.

Curiosidade: O til substitui o acento gráfico quando os dois recaem sobre a mesma sílaba: irmã, romãs.

Regras gerais

■ *Monossílabas tônicas*

Recebem acento as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s)**: pá, já, má, lá, trás, más, chás, pé, fé, Sé, mês, três, rés, pó, só, dó, cós, sós, nós.

Então:

mar, sol, paz, si, li, vi, nu, cru, me, lhe, mas (conjunção), ti,

Oxítonas

Recebem acento as terminadas em -a(s), -e(s), -o(s), -em, -ens: sofá, maracujá, Paraná, ananás, marajás, atrás, Pelé, café, você, freguês, holandês, viés, complô, cipó, trenó, retrós, compôs, avós, amém, também, armazém, parabéns, reféns, armazéns

Então:

pomar, anzol, jornal, maciez, saci, caqui, anu, urubu.

Paroxítonas

Recebem acento as **terminadas** em **-l, -i(s), -n, -u(s), -r, -x, -ã(s), -ão(s), -um, -uns, -ps, -ditongo:** fácil, útil, júri, táxi, lápis, tênis, hífen, pólen, elétron, nêutron, meinácu, vírus, Vênus, revólver, mártir, tórax, látex, ímã, ímãs, órfã, órfãs, sótão, órgão, órfãos, álbum, médium, fóruns, pódiuns, fórceps, bíceps, água, história, série, pônei, pôneis, tênues.

Curiosidades:

a) Palavras terminadas em **-n,** no plural:

-ons: com acento — elétrons, nêutrons.

-ens: sem acento — hifens, polens.

b) Prefixos paroxítonos terminados em **-i** ou **-r** não são acentuados: anti, multi,bsuper, hiper.

c) É facultativo assinalar com acento agudo as formas verbais de pretérito perfeito do indicativo, para as distinguir das correspondentes formas do presente do indicativo (*amamos, louvamos*), já que o timbre da vogal tônica é aberto naquele caso em certas variantes do português: amámos, louvámos.

Proparoxítonas

Todas são acentuadas: lânguido, física, trópico, álibi, hábitat, déficit, lápide.

- ■ **Regras especiais**
- ■ ***Ditongos abertos***

São acentuados os **ditongos abertos éi, éu, ói** em palavras **monossílabas** e **oxítonas:** méis, coronéis, céu, chapéu, mói, herói.

Então: ideia, tramoia – SEM ACENTO

- ■ ***I e U tônicos***

I e **U tônicos** recebem acento se cumprirem as seguintes determinações:

a) devem ser **precedidos de vogais que não sejam eles próprios nem ditongos**;

b) devem estar **sozinhos na sílaba (ou com o** -s);

c) **não** devem ser **seguidos de -nh**.

- saída, juízes, saúde, viúva, caíste, saístes, balaústre.

Então: Raul, ruim, ainda, sair, juiz, rainha, xiita, paracuuba, cauila, baiuca.

Curiosidade: Se **i** ou **u** tônicos estiverem precedidos de ditongo, mas estiverem em palavra oxítona, o acento permanece: tuiuiú, Piauí.

Acento diferencial nos verbos ter e vir (e seus derivados)

Recebe acento diferencial a **3ª pessoa do plural do presente do indicativo:** eles **têm**, eles **vêm**, eles **retêm**, eles **intervêm**.

Curiosidade: A 3ª pessoa do singular desses verbos segue a regra geral de acentuação: ele tem, ele vem (monossílabas tônicas terminadas em "m" – não há regra para se acentuar).

SINGULAR :ele retém, ele intervém (oxítonas terminadas em "em" recebem acento gráfico).

Outros acentos diferenciais

pôr (verbo) — para distinguir de *por (preposição)*.

pôde (verbo poder no passado) — para distinguir de *pode (verbo poder no presente)*.

fôrma ou forma (utensílio) — acento **facultativo.**

Curiosidade: Em Portugal, existe outro acento diferencial, que não se usa no Brasil: **dêmos (presente do subjuntivo)** — acento facultativo — para distinguir de *demos (pretérito perfeito do indicativo)*.

■ Formas variantes de som aberto ou fechado

Os falantes da língua portuguesa no Brasil pronunciam algumas palavras com timbre fechado, enquanto em Portugal se pronunciam as mesmas palavras com timbre aberto. Vejamos alguns exemplos:
anatômico — anatómico; Antônio — António;
prêmio — prémio; telefônico — telefónico etc.

USO DO PORQUÊ

Por que / por quê

Preposição + pronome interrogativo

Em frases interrogativas (diretas ou indiretas):

- Por que não veio?
- Gostaria de saber por que lutamos.
- Ela não veio por quê?

Curiosidade: A palavra **que** em final de frase recebe acento circunflexo:

- Você precisa de quê?
- Ela sabe o quê!

Preposição + pronome relativo. Equivale a **pelo qual** (e suas variações).

- Ela é a mulher por que me apaixonei.
- Não conheço as pessoas por que espero.

Porque *conjunção.* Equivale a **pois**.

- Eu não fui à escola porque estava doente.
- Venha depressa, porque sua presença é indispensável.

Porquê *substantivo.* Vem sempre acompanhado de uma palavra que o caracteriza (artigo, pronome ou numeral).

- Qual o porquê da sua revolta?
- Este porquê não me convenceu.
- Deve haver um porquê para ele se atrasar tanto.

PORTUGUÊS

Sintaxe

Concordância Verbal – Parte I

Prof.ª Isabel Vega

I – Regra geral: o verbo concorda com o sujeito em número (singular / plural) e pessoa (1ª, 2ª e 3ª).

OBS.: Se o sujeito for composto e **anteposto** ao verbo, o verbo **ficará no plural.**

Ex.:[As roupas e os sapatos] [estavam] sujos.

Se o sujeito for **posposto** ao verbo, o verbo ficará no plural (**concordância rígida**) ou concordará com o núcleo mais próximo (**concordância atrativa**).

Ex.: [Saíram] [o menino e os primos]. → concordância rígida

[Saiu] [o menino e os primos]. → concordância atrativa

II – Regras especiais

a) Verbos impessoais → São os que não possuem sujeito, ficando na terceira pessoa do singular.

- Verbos que indicam **fenômenos da natureza**.

  Ex.: Anoiteceu rapidamente.
  Choveu demais ontem.

- Verbos **fazer**, **haver** e **estar** quando indicam clima ou tempo decorrido.

  Ex.: No Rio de Janeiro faz verões quentíssimos.
  Nossa, há mais de dez anos não o vejo!
  Está muito calor aqui.

- Verbo **haver** (culto) ou **ter** (informal), com o sentido de existir.

Ex.: Havia muitos interessados no emprego.
Tinha muitos interessados no emprego.

b) Verbos unipessoais → são verbos que possuem **sujeito**, mas só admitem a terceira pessoa do singular ou do plural, como ACONTECE, BASTA, CABE, COMPETE, CONSTA, CONVÉM, CUMPRE, FALTA, IMPORTA, INTERESSA, OCORRE, PARECE, RESTA, URGE, etc.

Ex.: Basta [**um só erro**].
Faltam [**cinco dias**] para as férias.
Aconteceram [**muitos acidentes**] no fim de semana.

c) Sujeito oracional

Se o sujeito for oracional, o verbo da oração principal ficará no singular.

Ex.: Urge [**que se tomem providências**].
Ficou acertado [**que as vantagens iriam acabar**].
É certo [**que todos devem estudar**].

d) Aposto resumitivo

Se o sujeito composto for resumido por um aposto (pronome indefinido), o verbo concordará com o aposto.

Ex.: [Diretores, políticos, sindicalistas, **ninguém**] se entendia!

e) Pronome apassivador

Quando o verbo (VTD) estiver acompanhado do pronome apassivador, concordará em número e pessoa com o sujeito, que normalmente vem posposto ao verbo.

Ex.: Vendeu-**se** [**o sítio**].
Compraram-**se** [**as balas de coco**].

f) Símbolo de indeterminação do sujeito

Quando o sujeito estiver indeterminado pelo pronome “se”, o verbo (VL, VTI, VI) ficará sempre na terceira pessoa do singular.

Ex.: Ficou-**se** contente.
Obedeceu-**se** às regras do jogo.
Vive-**se** com conforto.

Estratégia
Concursos

Estratégia
Concursos

FACEBOOK.COM/PROF.ADRIANA.FIGUEIREDO

INSTAGRAM.COM/PROFESSORAADRIANAFIGUEIREDO

HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/USER/PROFESSORAADRIANAF

Profª. Adriana Figueiredo

10 DICAS DE ORTOGRAFIA PARA VOCÊ NUNCA MAIS ERRAR

Profª. Adriana Figueiredo

1) POR QUE, POR QUÊ, PORQUE, PORQUÊ

POR QUE	Preposição + pronome. 1. Frases interrogativas diretas ou indiretas, com ou sem ponto de interrogação (= por que motivo) Ex.: Por que você foi embora? 2. Equivalendo a PELO QUAL, PELA QUAL (pronome relativo) Ex.: O parque por que passei era lindo.

1) POR QUE, POR QUÊ, PORQUE, PORQUÊ

POR QUÊ	Frases interrogativas no final do período Ex.: Os relatórios não chegaram por quê? Vai fazer isso? Por quê?

1) POR QUE, POR QUÊ, PORQUE, PORQUÊ

PORQUE	Conjunção explicativa ou causal; em respostas. Equivale a POIS, UMA VEZ QUE, DADO QUE, VISTO QUE. Ex. Fui embora porque estava cansada. Ex.: A rua está molhada, porque choveu. Ex.: Choveu, porque a rua está molhada.

1) POR QUE, POR QUÊ, PORQUE, PORQUÊ

PORQUÊ	Substantivo e vem determinado (antecedido por artigo, pronome...) Ex.: Queria entender o/seu porquê disso ter acontecido.

QUESTÕES DE CONCURSO

Profª. Adriana Figueiredo

QUESTÕES
VUNESP, FGV E CESPE

Profª Adriana Figueiredo

1. CESPE - EBC - Cargos de Nível Superior - Conhecimentos Básicos

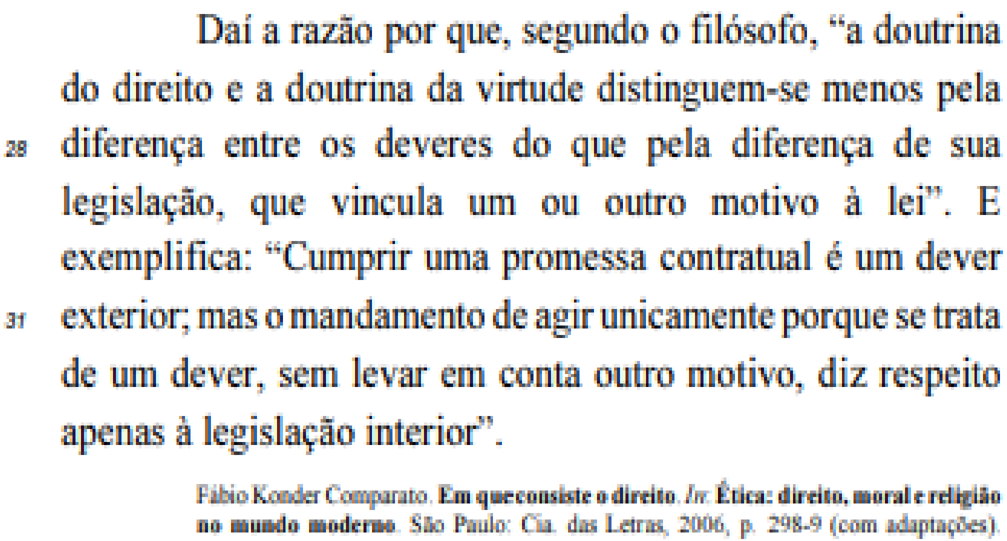

Daí a razão por que, segundo o filósofo, “a doutrina do direito e a doutrina da virtude distinguem-se menos pela diferença entre os deveres do que pela diferença de sua legislação, que vincula um ou outro motivo à lei”. E exemplifica: “Cumprir uma promessa contratual é um dever exterior; mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever, sem levar em conta outro motivo, diz respeito apenas à legislação interior”.

Fábio Konder Comparato. **Em que consiste o direito.** *In*: **Ética: direito, moral e religião no mundo moderno.** São Paulo: Cia. das Letras, 2006, p. 298-9 (com adaptações).

1. CESPE - EBC - Cargos de Nível Superior - Conhecimentos Básicos

Com relação aos sentidos e a aspectos linguísticos do texto acima, julgue os itens de **1** a **5**.

Na linha 26, “por que” poderia, sem prejuízo para a correção gramatical, ser grafado **porque**, em razão de estar empregado como conjunção causal, tal como ocorre em “mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever” (L.31-32).

- Certo
- Errado

2. FGV - CODESP-SP - Advogado

O aproveitamento das oportunidades que estão surgindo é valioso porque, além da realização pessoal na vida profissional, é um atalho para melhora dos níveis de renda e de bem-estar de fatias cada vez maiores da população brasileira. (L.63-67)

No trecho acima, empregou-se corretamente uma das formas do porquê. Assinale a alternativa em que isso **NÃO** tenha ocorrido

A. Sem ter por quê, em se falando de habilidades, discutir mais profundamente, calamo-nos.

B. Vamos destacar as habilidades por que somos conhecidos.

C. Ele esperava saber por que, naquele departamento, sua habilidade não era valorizada.

D. Porque nossa habilidade não era valorizada não íamos demonstrá-la?

E. Não conseguimos saber por quê, mas tentamos.

2) Há, A, HÁ CERCA DE, ACERCA DE

HÁ	A
Verbo haver com ideia de tempo passado ou sentido de EXISTIR Ex.: Não a veja há dois anos. Há flores no jardim.	Ideia de distância ou de futuro (preposição) Ex.: Estamos a 15 km do destino. Daqui a pouco vai chover.

2) Há, A, HÁ CERCA DE, ACERCA DE

HÁ CERCA DE	ACERCA DE
Indica tempo transcorrido Ex.: Há cerca de dez anos estiveram aqui.	Significa a respeito de Ex.: Não falou nada acerca dos projetos

3. CESPE - PRF - Agente Administrativo

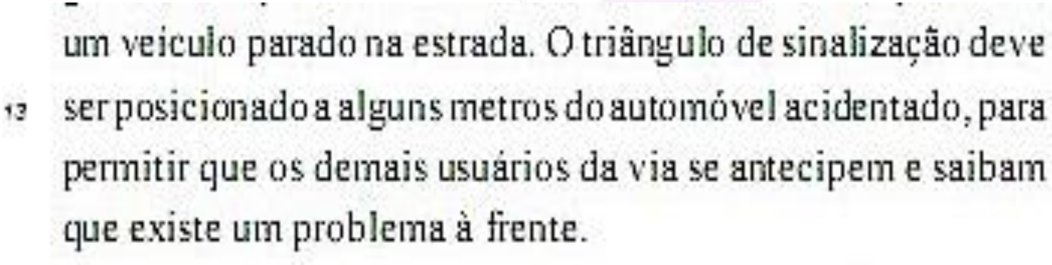

um veiculo parado na estrada. O triângulo de sinalização deve
13 ser posicionado a alguns metros do automóvel acidentado, para
permitir que os demais usuários da via se antecipem e saibam
que existe um problema à frente.

Julgue o seguinte item, relativo ao texto acima.

A correção gramatical do texto seria mantida se, no trecho “posicionado a alguns metros” (L.13), o termo “a” fosse substituído por **há**.

- Certo
- Errado

4. FGV – Prefeitura de Cuiabá – MT – Agente da Saúde

“A questão acerca da aposentadoria das mulheres...”.

Assinale a opção que indica a expressão sublinhada que está corretamente grafada.

A. Há cerca de dez dias todos os políticos defendiam a aposentadoria.
B. As mulheres trabalham acerca de cinco anos menos que os homens.
C. A discussão na Câmara era a cerca da lei de aposentadoria.
D. Nada se discutiu a cerca da nova lei.
E. Estamos acerca de dez dias do final do ano.

3) Ao invés de, em vez de

AO INVÉS DE	EM VEZ DE
Significa lado oposto, avesso (locução prepositiva) Usada só em OPOSIÇÃO Ex.: Ao invés de deixar os juros aumentar, renegocie a dívida	Significa no lugar de, troca Ex.: Fui de carro em vez de ir de ônibus. **Obs**.: pode ser usada como oposição Ex.: O dia está chuvoso em vez de ensolarado, como previu a meteorologia. (ideia de oposição = ao contrário de)

5. FGV - 2019 - DPE-RJ - Técnico Superior Especializado

"É uma avaliação cruel, que prioriza a inteligência da decoreba ao invés da inteligência criativa".

Nesse segmento do texto 1, há a correta utilização da expressão "ao invés de", que é muitas vezes confundida com "em vez de".
A frase abaixo em que se deveria empregar "em vez de" em lugar de "ao invés de" é:

A. O pai decidiu matricular o filho numa escola pública ao invés de uma privada;

B. Não é de hoje que as escolas brasileiras preferem o retrocesso ao invés do progresso;

C. Muitos professores dão destaque à teoria ao invés de priorizar a prática;

5. FGV - 2019 - DPE-RJ - Técnico Superior Especializado

D. Os livros didáticos utilizam imagens ao invés de textos;

E. As escolas utilizam processos de avaliação rápidos ao invés de processos mais lentos e mais eficientes.

4) Afim , a fim de

AFIM	**A FIM DE**
Significa semelhança, afinidade (adjetivo) Ex.: Eles têm interesses afins.	Indica finalidade (locução prepositiva) Ex.: Viajou a fim de visitar a família. Maria está a fim de José.

6. CESPE - 2017 - TRF - 1ª REGIÃO - Técnico Judiciário

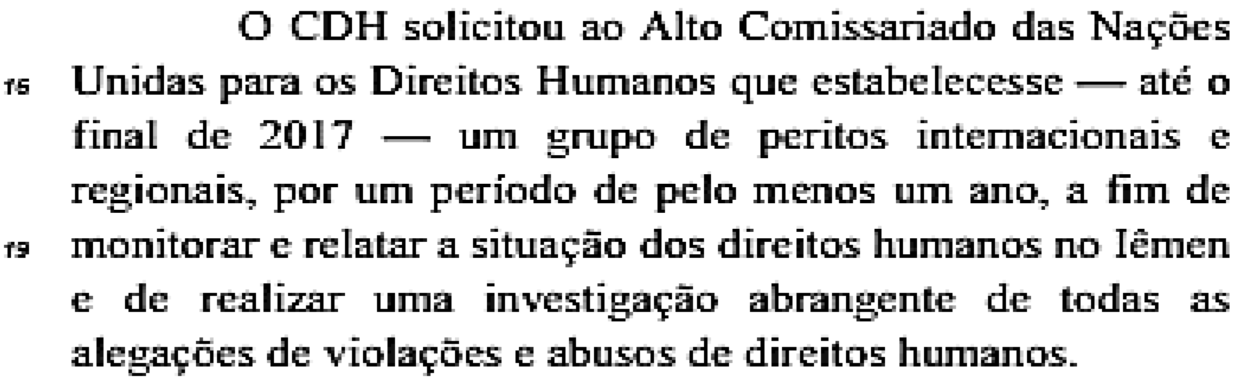

O CDH solicitou ao Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos que estabelecesse — até o final de 2017 — um grupo de peritos internacionais e regionais, por um período de pelo menos um ano, a fim de monitorar e relatar a situação dos direitos humanos no Iêmen e de realizar uma investigação abrangente de todas as alegações de violações e abusos de direitos humanos.

A respeito dos aspectos linguísticos do texto 7A3CCC, julgue o item a seguir.

A substituição da expressão “a fim” (ℓ.18) pelo vocábulo **afim** não prejudicaria a correção gramatical e o sentido original do texto.

- Certo
- Errado

7. VUNESP - 2018 - PC-SP - Escrivão de Polícia Civil

Por isso, há grupos especializados que promovem reuniões semanais com devedores **com a finalidade** de trocar experiências **sobre** consumo impulsivo e propensão a viver no vermelho.

É comum que, diante dos apuros, como a perda do emprego, algumas tentem manter o mesmo padrão de vida **em lugar de** cortar gastos para se encaixar na nova realidade.

Assinale a alternativa que substitui, correta e respectivamente, as expressões destacadas, sem alterar o sentido original.

7. VUNESP - 2018 - PC-SP - Escrivão de Polícia Civil

A. a fim de ... há cerca de ... em vez de

B. afim de ... a cerca de ... invés de

C. afim de ... a cerca de ... ao invés de

D. a fim de ... acerca de ... em vez de

E. à fim de ... acerca de ... ao invés de

.

5) Ao encontro de , de encontro a

AO ENCONTRO DE	DE ENCONTRO A
Significa: a favor de, aproximar-se de ou ser favorável Ex.: Quando cheguei, fui ao encontro dele. Suas ideias vêm ao encontro das minhas. (= favorável)	Significa: colisão, choque, ser contrário a Ex.: O vento veio de encontro à janela. Suas ideias vêm de encontro às minhas. (= contrário)

8. VUNESP - IPT-SP - Secretária

Releia os versos a seguir. Que me perdoem, se eu insisto neste tema Se o quadradismo dos meus versos, **Vai de encontro aos intelectos**, Que não usam o coração, Como expressão...

A frase em destaque pode ser substituída, sem alteração de sentido do texto, por:

A. Vai em busca dos intelectos,

B. Vai em favor dos intelectos,

C. Vai ao encontro dos intelectos,

D. Vai à procura dos intelectos,

E. Vai contra os intelectos,

6) Mau, mal

MAU	MAL
Adjetivo (contrário de bom) Ex.: Eles são maus profissionais.	**Advérbio** (contrário de bem) Ex.: Ele escreve muito mal. **Conjunção temporal** = quando Ex.: Mal chegou ao local do exame, os portões fecharam. **Substantivo** = doença, desgraça Ex.: Não cura para o seu mal.

9. CESPE - ANEEL - Todos os Cargos - Nível Superior

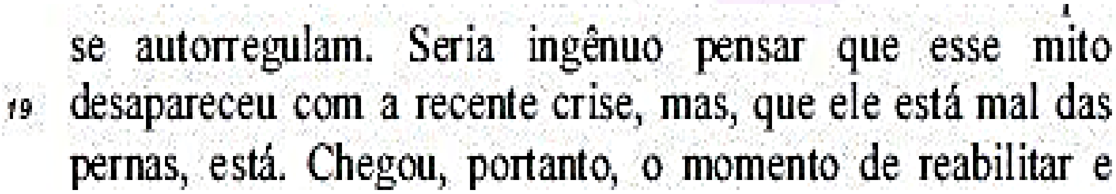

se autorregulam. Seria ingênuo pensar que esse mito desapareceu com a recente crise, mas, que ele está mal das pernas, está. Chegou, portanto, o momento de reabilitar e

Quanto à estrutura linguística do texto, julgue os seguintes itens.

O sentido da expressão "mal das pernas" (L.19-20), característica da oralidade, seria prejudicado caso se substituísse "mal" por **mau**.

. Certo

. Errado

10. FGV - 2019 - Prefeitura de Angra dos Reis - RJ

“É melhor ser ignorante de alguma coisa do que aprendê-la **mal**.”
Assinale a opção em que o vocábulo sublinhado está grafado erradamente.

A. Não há mal que sempre dure.

B. Os mal-educados nunca são bem recebidos.

C. Mal chegaram os turistas os ônibus partiram.

D. O mal que nos atinge não é grave.

E. Quem chuta de mal jeito não faz o gol.

7) Mas, Mais

MAS	MAIS
Conjunção adversativa que indica oposição, contraste. Pode ser substituída por: porém, contudo, todavia, entretanto) Ex.: Eles se esforçam muito, mas não são reconhecidos.	1. Advérbio de intensidade Ex.: Ela é a garota mais simpática do clube. 2. Advérbio de tempo Ex.: Não falo mais com você.

7) Mas, Mais

MAS	MAIS
	Ex.: Nunca mais conversei com ele. 3. Pronome indefinido Ex.: Quero mais amigos, mais amores.

11. VUNESP - 2018 - PC-SP - Investigador de Polícia

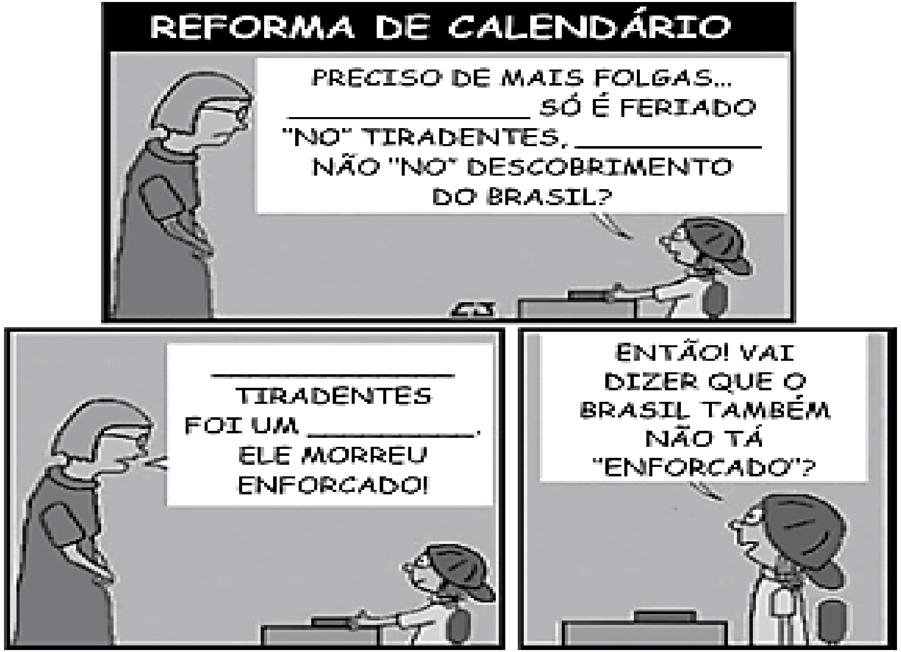
REFORMA DE CALENDÁRIO
PRECISO DE MAIS FOLGAS... __________ SÓ É FERIADO "NO" TIRADENTES, __________ NÃO "NO" DESCOBRIMENTO DO BRASIL?
__________ TIRADENTES FOI UM __________. ELE MORREU ENFORCADO!
ENTÃO! VAI DIZER QUE O BRASIL TAMBÉM NÃO TÁ "ENFORCADO"?

(*Folha de S.Paulo*, 25.04.2018. Adaptado)

11. VUNESP - 2018 - PC-SP - Investigador de Polícia

Em conformidade com a norma-padrão, as lacunas da tira devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

A. Porque … mas … Por quê … mártir

B. Por quê … mais … Por que … martir

C. Porque … mas … Porque … martir

D. Por que … mas … Porque … mártir

E. Por que … mais … Porque … mártir

8) Cessão, sessão, seção, secção

CESSÃO	Significa ceder. Ex.: Ele fez a cessão dos direitos autorais
SESSÃO	Intervalo de tempo de reunião, espetáculo, consultas. Ex.: Vamos à sessão das 20h do cinema.
SEÇÃO **SECÇÃO**	Parte de um todo, subdivisão Ex.: O livro que você procura está na seção de literatura brasileira.

12. ASSCONPP -Prefeitura de Xaxim - SC - Agente Comunitário de Saúde

Assinale a série que preenche corretamente as lacunas:

I. Encontraram a criança na .... de brinquedos.
II. A escalação do time saiu na .... de esportes do jornal.
III. Os pais concordaram com a .... de livros à biblioteca.
IV. A .... da câmara de vereadores durou duas horas.

A. Sessão; seção; sessão; cessão.

B. Seção; seção; cessão; sessão.

C. Seção; sessão; cessão; sessão.

D. Sessão; cessão; seção; sessão.

9) Senão, se não

SENÃO	SE NÃO
1. Como substantivo, significando caso contrário; falha, defeito. Ex.: Encontrei um senão no seu projeto. 2. Com valor de exclusão (= exceto) Ex.: Todos, senão você, podem sair.	1. Com sentido condicional (se – conjunção condicional + não – advérbio) Pode ser substituído por: caso não Ex.: Se não fizer sol, não iremos viajar. Ex.: Se não estudar, não vai passar.

9) Senão, se não

SENÃO
3. Como conjunção adversativa. Pode ser substituído por: mas sim, mas também, mas. Ex.: Ele venceu, não por protecionismo, senão por capacidade. 4. Como conjunção alternativa, com o sentido de “caso contrário” Ex.: Não ultrapasse sinal vermelho, senão você será multado. Ex.: Tenho que assistir à aula, senão não farei boa prova.

13. FGV - 2018 - AL-RO - Analista Legislativo

Assinale a frase em que a forma sublinhada está corretamente grafada.

A. “O que é a honestidade, se não o medo da prisão?”

B. “Nada é bom ou ruim se não for por comparação.”

C. “Conheceríamos bem melhor muitas coisas senão quiséssemos identificá-las com tanta precisão.”

D. “A arte não é outra coisa se não a força de sugestão de um detalhe.”

E. “Só obteremos a salvação senão pecarmos.”

10 Acento grave – crase – nas expressões

Indicação de horas No caso de horas expressas, há crase quando a preposição DE aparece combinada com artigo A(s)	**Das 9 às 18h (certo)** Das 9 as 18h (errado)
Indicação de dia da semana Não há crase quando a preposição DE não aparece combinada com artigo A(s).	**De segunda a sexta** (certo) De segunda à sexta (errado)

10 Acento grave – crase – nas expressões

A você x à você Não há crase antes de pronomes pessoais (eu, você, ele, ela, nós, vocês, eles, elas)	**A você (certo)** À você (errado)
A prazo x À prazo Não há acento indicativo de crase em palavras masculinas	**A prazo (certo)** À prazo (errado)

14. FGV - Senado Federal - Analista Legislativo

Na Europa, supostamente mais organizada, falhou a regulamentação financeira, o que convergiu com a crise de 2008 nos EUA para dar origem à presente situação. (L.45-48)

No período acima, empregou-se corretamente o acento grave indicativo de crase. Assinale a alternativa em que isso **NÃO** tenha ocorrido.

A. Comunicaram o nascimento do filho à família.

B. Eles sempre obedecem às regras do campeonato.

C. Eles foram à Brasília de Niemeyer.

D. Nosso horário é das 8h às 17h.

E. O curso vai de segunda à sexta.

OBRIGADA

Profª. Adriana Figueiredo

Estratégia
Concursos

Estratégia
Concursos

Estratégia
Concursos

FACEBOOK.COM/PROF.ADRIANA.FIGUEIREDO

INSTAGRAM.COM/PROFESSORAADRIANAFIGUEIREDO

HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/USER/PROFESSORAADRIANAF

Profª. Adriana Figueiredo

10 DICAS DE ORTOGRAFIA PARA VOCÊ NUNCA MAIS ERRAR

Profª. Adriana Figueiredo

1) POR QUE, POR QUÊ, PORQUE, PORQUÊ

POR QUE	Preposição + pronome. 1. Frases interrogativas diretas ou indiretas, com ou sem ponto de interrogação (= por que motivo) Ex.: Por que você foi embora? 2. Equivalendo a PELO QUAL, PELA QUAL (pronome relativo) Ex.: O parque por que passei era lindo.

1) POR QUE, POR QUÊ, PORQUE, PORQUÊ

POR QUÊ	Frases interrogativas no final do período Ex.: Os relatórios não chegaram por quê? Vai fazer isso? Por quê?

1) POR QUE, POR QUÊ, PORQUE, PORQUÊ

PORQUE	Conjunção explicativa ou causal; em respostas. Equivale a POIS, UMA VEZ QUE, DADO QUE, VISTO QUE. Ex. Fui embora porque estava cansada. Ex.: A rua está molhada, porque choveu. Ex.: Choveu, porque a rua está molhada.

1) POR QUE, POR QUÊ, PORQUE, PORQUÊ

PORQUÊ	Substantivo e vem determinado (antecedido por artigo, pronome...) Ex.: Queria entender o/seu porquê disso ter acontecido.

QUESTÕES DE CONCURSO

Profª. Adriana Figueiredo

Estratégia
Concursos

QUESTÕES
VUNESP, FGV E CESPE

Profª Adriana Figueiredo

1. CESPE - EBC - Cargos de Nível Superior - Conhecimentos Básicos

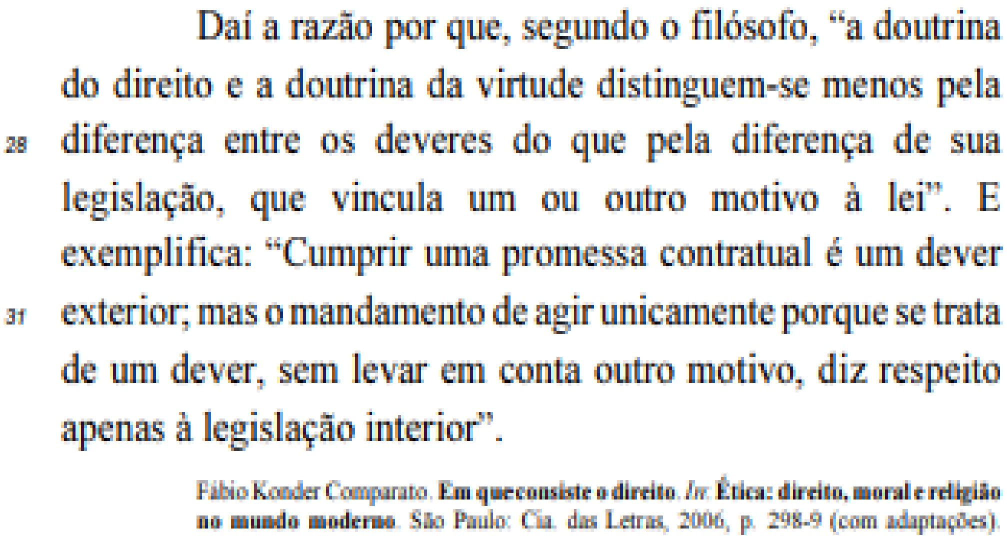

Daí a razão por que, segundo o filósofo, "a doutrina do direito e a doutrina da virtude distinguem-se menos pela diferença entre os deveres do que pela diferença de sua legislação, que vincula um ou outro motivo à lei". E exemplifica: "Cumprir uma promessa contratual é um dever exterior; mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever, sem levar em conta outro motivo, diz respeito apenas à legislação interior".

Fábio Konder Comparato. **Em que consiste o direito**. *In*: **Ética: direito, moral e religião no mundo moderno**. São Paulo: Cia. das Letras, 2006, p. 298-9 (com adaptações).

1. CESPE - EBC - Cargos de Nível Superior - Conhecimentos Básicos

Com relação aos sentidos e a aspectos linguísticos do texto acima, julgue os itens de **1** a **5**.

Na linha 26, “por que” poderia, sem prejuízo para a correção gramatical, ser grafado **porque**, em razão de estar empregado como conjunção causal, tal como ocorre em “mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever” (L.31-32).

- Certo
- Errado

2. FGV - CODESP-SP - Advogado

O aproveitamento das oportunidades que estão surgindo é valioso porque, além da realização pessoal na vida profissional, é um atalho para melhora dos níveis de renda e de bem-estar de fatias cada vez maiores da população brasileira. (L.63-67)

No trecho acima, empregou-se corretamente uma das formas do porquê. Assinale a alternativa em que isso **NÃO** tenha ocorrido

A. Sem ter por quê, em se falando de habilidades, discutir mais profundamente, calamo-nos.

B. Vamos destacar as habilidades por que somos conhecidos.

C. Ele esperava saber por que, naquele departamento, sua habilidade não era valorizada.

D. Porque nossa habilidade não era valorizada não íamos demonstrá-la?

E. Não conseguimos saber por quê, mas tentamos.

2) Há, A, HÁ CERCA DE, ACERCA DE

HÁ	**A**
Verbo haver com ideia de tempo passado ou sentido de EXISTIR Ex.: Não a veja há dois anos. Há flores no jardim.	Ideia de distância ou de futuro (preposição) Ex.: Estamos a 15 km do destino. Daqui a pouco vai chover.

2) Há, A, HÁ CERCA DE, ACERCA DE

HÁ CERCA DE	ACERCA DE
Indica tempo transcorrido Ex.: Há cerca de dez anos estiveram aqui.	Significa a respeito de Ex.: Não falou nada acerca dos projetos

3. CESPE - PRF - Agente Administrativo

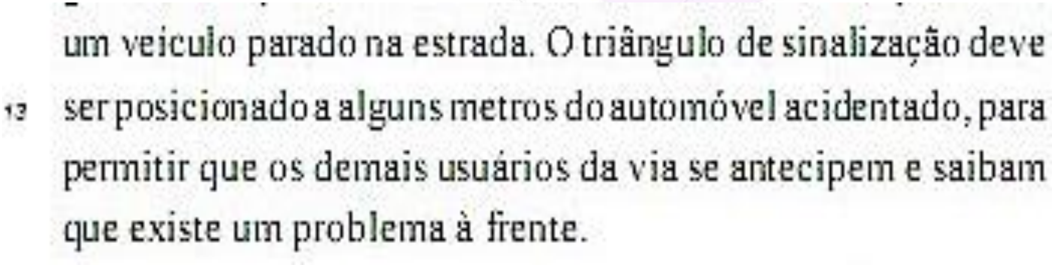

um veiculo parado na estrada. O triângulo de sinalização deve
13 ser posicionado a alguns metros do automóvel acidentado, para
permitir que os demais usuários da via se antecipem e saibam
que existe um problema à frente.

Julgue o seguinte item, relativo ao texto acima.

A correção gramatical do texto seria mantida se, no trecho “posicionado a alguns metros” (L.13), o termo “a” fosse substituído por **há**.

- Certo
- Errado

4. FGV – Prefeitura de Cuiabá – MT – Agente da Saúde

"A questão acerca da aposentadoria das mulheres...".

Assinale a opção que indica a expressão sublinhada que está corretamente grafada.

A. Há cerca de dez dias todos os políticos defendiam a aposentadoria.
B. As mulheres trabalham acerca de cinco anos menos que os homens.
C. A discussão na Câmara era a cerca da lei de aposentadoria.
D. Nada se discutiu a cerca da nova lei.
E. Estamos acerca de dez dias do final do ano.

3) Ao invés de, em vez de

AO INVÉS DE	EM VEZ DE
Significa lado oposto, avesso (locução prepositiva) Usada só em OPOSIÇÃO Ex.: Ao invés de deixar os juros aumentar, renegocie a dívida	Significa no lugar de, troca Ex.: Fui de carro em vez de ir de ônibus. **Obs**.: pode ser usada como oposição Ex.: O dia está chuvoso em vez de ensolarado, como previu a meteorologia. (ideia de oposição = ao contrário de)

5. FGV - 2019 - DPE-RJ - Técnico Superior Especializado

"É uma avaliação cruel, que prioriza a inteligência da decoreba ao invés da inteligência criativa".

Nesse segmento do texto 1, há a correta utilização da expressão "ao invés de", que é muitas vezes confundida com "em vez de".
A frase abaixo em que se deveria empregar "em vez de" em lugar de "ao invés de" é:

A. O pai decidiu matricular o filho numa escola pública ao invés de uma privada;

B. Não é de hoje que as escolas brasileiras preferem o retrocesso ao invés do progresso;

C. Muitos professores dão destaque à teoria ao invés de priorizar a prática;

5. FGV - 2019 - DPE-RJ - Técnico Superior Especializado

D. Os livros didáticos utilizam imagens ao invés de textos;

E. As escolas utilizam processos de avaliação rápidos ao invés de processos mais lentos e mais eficientes.

4) Afim , a fim de

AFIM	**A FIM DE**
Significa semelhança, afinidade (adjetivo) Ex.: Eles têm interesses afins.	Indica finalidade (locução prepositiva) Ex.: Viajou a fim de visitar a família. Maria está a fim de José.

6. CESPE - 2017 - TRF - 1ª REGIÃO - Técnico Judiciário

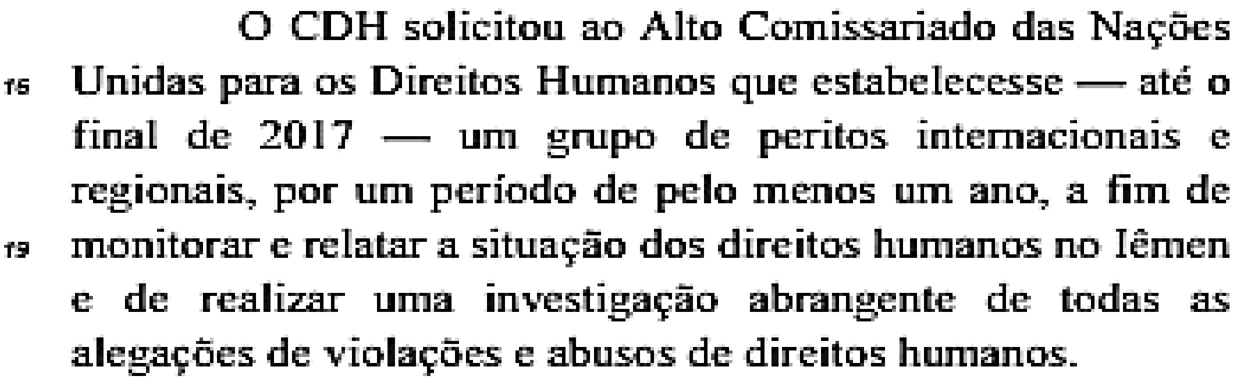

O CDH solicitou ao Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos que estabelecesse — até o final de 2017 — um grupo de peritos internacionais e regionais, por um período de pelo menos um ano, a fim de monitorar e relatar a situação dos direitos humanos no Iêmen e de realizar uma investigação abrangente de todas as alegações de violações e abusos de direitos humanos.

A respeito dos aspectos linguísticos do texto 7A3CCC, julgue o item a seguir.

A substituição da expressão “a fim” (ℓ.18) pelo vocábulo **afim** não prejudicaria a correção gramatical e o sentido original do texto.

- Certo
- Errado

7. VUNESP - 2018 - PC-SP - Escrivão de Polícia Civil

Por isso, há grupos especializados que promovem reuniões semanais com devedores **com a finalidade** de trocar experiências **sobre** consumo impulsivo e propensão a viver no vermelho.

É comum que, diante dos apuros, como a perda do emprego, algumas tentem manter o mesmo padrão de vida **em lugar de** cortar gastos para se encaixar na nova realidade.

Assinale a alternativa que substitui, correta e respectivamente, as expressões destacadas, sem alterar o sentido original.

7. VUNESP - 2018 - PC-SP - Escrivão de Polícia Civil

A. a fim de ... há cerca de ... em vez de

B. afim de ... a cerca de ... invés de

C. afim de ... a cerca de ... ao invés de

D. a fim de ... acerca de ... em vez de

E. à fim de ... acerca de ... ao invés de

.

5) Ao encontro de , de encontro a

AO ENCONTRO DE	DE ENCONTRO A
Significa: a favor de, aproximar-se de ou ser favorável	Significa: colisão, choque, ser contrário a
Ex.: Quando cheguei, fui ao encontro dele.	Ex.: O vento veio de encontro à janela.
Suas ideias vêm ao encontro das minhas. (= favorável)	Suas ideias vêm de encontro às minhas. (= contrário)

8. VUNESP - IPT-SP - Secretária

Releia os versos a seguir. Que me perdoem, se eu insisto neste tema Se o quadradismo dos meus versos, **Vai de encontro aos intelectos**, Que não usam o coração, Como expressão...

A frase em destaque pode ser substituída, sem alteração de sentido do texto, por:

A. Vai em busca dos intelectos,

B. Vai em favor dos intelectos,

C. Vai ao encontro dos intelectos,

D. Vai à procura dos intelectos,

E. Vai contra os intelectos,

6) Mau, mal

MAU	MAL
Adjetivo (contrário de bom) Ex.: Eles são maus profissionais.	**Advérbio** (contrário de bem) Ex.: Ele escreve muito mal. **Conjunção temporal** = quando Ex.: Mal chegou ao local do exame, os portões fecharam. **Substantivo** = doença, desgraça Ex.: Não cura para o seu mal.

9. CESPE - ANEEL - Todos os Cargos - Nível Superior

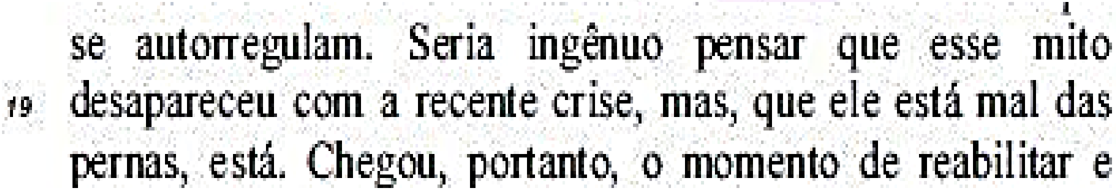

se autorregulam. Seria ingênuo pensar que esse mito desapareceu com a recente crise, mas, que ele está mal das pernas, está. Chegou, portanto, o momento de reabilitar e

Quanto à estrutura linguística do texto, julgue os seguintes itens.

O sentido da expressão "mal das pernas" (L.19-20), característica da oralidade, seria prejudicado caso se substituísse "mal" por **mau**.

. Certo

. Errado

10. FGV - 2019 - Prefeitura de Angra dos Reis - RJ

“É melhor ser ignorante de alguma coisa do que aprendê-la **mal.”**
Assinale a opção em que o vocábulo sublinhado está grafado erradamente.

A. Não há mal que sempre dure.

B. Os mal-educados nunca são bem recebidos.

C. Mal chegaram os turistas os ônibus partiram.

D. O mal que nos atinge não é grave.

E. Quem chuta de mal jeito não faz o gol.

7) Mas, Mais

MAS	MAIS
Conjunção adversativa que indica oposição, contraste. Pode ser substituída por: porém, contudo, todavia, entretanto) Ex.: Eles se esforçam muito, mas não são reconhecidos.	1. Advérbio de intensidade Ex.: Ela é a garota mais simpática do clube. 2. Advérbio de tempo Ex.: Não falo mais com você.

7) Mas, Mais

MAS	MAIS
	Ex.: Nunca mais conversei com ele. 3. Pronome indefinido Ex.: Quero mais amigos, mais amores.

11. VUNESP - 2018 - PC-SP - Investigador de Polícia

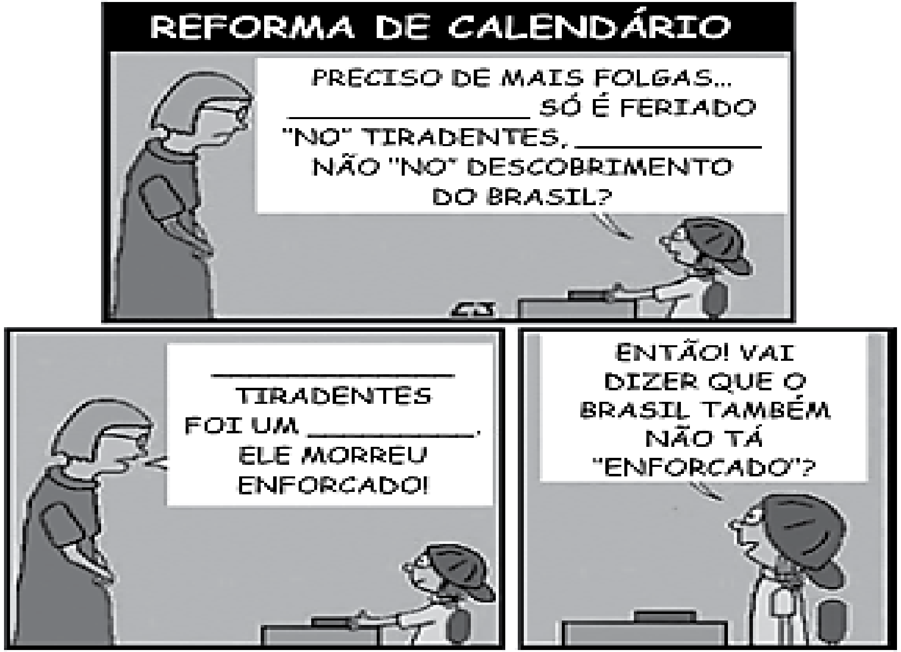
REFORMA DE CALENDÁRIO
PRECISO DE MAIS FOLGAS... ________ SÓ É FERIADO "NO" TIRADENTES, ________ NÃO "NO" DESCOBRIMENTO DO BRASIL?
________ TIRADENTES FOI UM ________. ELE MORREU ENFORCADO!
ENTÃO! VAI DIZER QUE O BRASIL TAMBÉM NÃO TÁ "ENFORCADO"?

(*Folha de S.Paulo*, 25.04.2018. Adaptado)

Profª Adriana Figueiredo

11. VUNESP - 2018 - PC-SP - Investigador de Polícia

Em conformidade com a norma-padrão, as lacunas da tira devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

A. Porque … mas … Por quê … mártir

B. Por quê … mais … Por que … martir

C. Porque … mas … Porque … martir

D. Por que … mas … Porque … mártir

E. Por que … mais … Porque … mártir

8) Cessão, sessão, seção, secção

CESSÃO	Significa ceder. Ex.: Ele fez a cessão dos direitos autorais
SESSÃO	Intervalo de tempo de reunião, espetáculo, consultas. Ex.: Vamos à sessão das 20h do cinema.
SEÇÃO **SECÇÃO**	Parte de um todo, subdivisão Ex.: O livro que você procura está na seção de literatura brasileira.

12. ASSCONPP -Prefeitura de Xaxim - SC - Agente Comunitário de Saúde

Assinale a série que preenche corretamente as lacunas:

I. Encontraram a criança na .... de brinquedos.
II. A escalação do time saiu na .... de esportes do jornal.
III. Os pais concordaram com a .... de livros à biblioteca.
IV. A .... da câmara de vereadores durou duas horas.

A. Sessão; seção; sessão; cessão.

B. Seção; seção; cessão; sessão.

C. Seção; sessão; cessão; sessão.

D. Sessão; cessão; seção; sessão.

9) Senão, se não

SENÃO	SE NÃO
1. Como substantivo, significando caso contrário; falha, defeito. Ex.: Encontrei um senão no seu projeto. 2. Com valor de exclusão (= exceto) Ex.: Todos, senão você, podem sair.	1. Com sentido condicional (se – conjunção condicional + não – advérbio) Pode ser substituído por: caso não Ex.: Se não fizer sol, não iremos viajar. Ex.: Se não estudar, não vai passar.

9) Senão, se não

SENÃO

3. Como conjunção adversativa. Pode ser substituído por: mas sim, mas também, mas.

Ex.: Ele venceu, não por protecionismo, senão por capacidade.

4. Como conjunção alternativa, com o sentido de “caso contrário”

Ex.: Não ultrapasse sinal vermelho, senão você será multado.

Ex.: Tenho que assistir à aula, senão não farei boa prova.

13. FGV - 2018 - AL-RO - Analista Legislativo

Assinale a frase em que a forma sublinhada está corretamente grafada.

A. “O que é a honestidade, se não o medo da prisão?”

B. “Nada é bom ou ruim se não for por comparação.”

C. “Conheceríamos bem melhor muitas coisas senão quiséssemos identificá-las com tanta precisão.”

D. “A arte não é outra coisa se não a força de sugestão de um detalhe.”

E. “Só obteremos a salvação senão pecarmos.”

10 Acento grave – crase – nas expressões

Indicação de horas No caso de horas expressas, há crase quando a preposição DE aparece combinada com artigo A(s)	**Das 9 às 18h (certo)** Das 9 as 18h (errado)
Indicação de dia da semana Não há crase quando a preposição DE não aparece combinada com artigo A(s).	**De segunda a sexta** (certo) De segunda à sexta (errado)

10 Acento grave – crase – nas expressões

A você x à você Não há crase antes de pronomes pessoais (eu, você, ele, ela, nós, vocês, eles, elas)	**A você (certo)** À você (errado)
A prazo x À prazo Não há acento indicativo de crase em palavras masculinas	**A prazo (certo)** À prazo (errado)

14. FGV - Senado Federal - Analista Legislativo

Na Europa, supostamente mais organizada, falhou a regulamentação financeira, o que convergiu com a crise de 2008 nos EUA para dar origem à presente situação. (L.45-48)

No período acima, empregou-se corretamente o acento grave indicativo de crase. Assinale a alternativa em que isso **NÃO** tenha ocorrido.

A. Comunicaram o nascimento do filho à família.

B. Eles sempre obedecem às regras do campeonato.

C. Eles foram à Brasília de Niemeyer.

D. Nosso horário é das 8h às 17h.

E. O curso vai de segunda à sexta.

OBRIGADA

Profª. Adriana Figueiredo

Estratégia
Concursos

Estratégia
Concursos

Estratégia
Concursos

FACEBOOK.COM/PROF.ADRIANA.FIGUEIREDO

INSTAGRAM.COM/PROFESSORAADRIANAFIGUEIREDO

HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/USER/PROFESSORAADRIANAF

Profª. Adriana Figueiredo

10 DICAS DE ORTOGRAFIA PARA VOCÊ NUNCA MAIS ERRAR

Profª. Adriana Figueiredo

1) POR QUE, POR QUÊ, PORQUE, PORQUÊ

POR QUE	Preposição + pronome. 1. Frases interrogativas diretas ou indiretas, com ou sem ponto de interrogação (= por que motivo) Ex.: Por que você foi embora? 2. Equivalendo a PELO QUAL, PELA QUAL (pronome relativo) Ex.: O parque por que passei era lindo.

1) POR QUE, POR QUÊ, PORQUE, PORQUÊ

POR QUÊ	Frases interrogativas no final do período Ex.: Os relatórios não chegaram por quê? Vai fazer isso? Por quê?

1) POR QUE, POR QUÊ, PORQUE, PORQUÊ

PORQUE	Conjunção explicativa ou causal; em respostas. Equivale a POIS, UMA VEZ QUE, DADO QUE, VISTO QUE. Ex. Fui embora porque estava cansada. Ex.: A rua está molhada, porque choveu. Ex.: Choveu, porque a rua está molhada.

1) POR QUE, POR QUÊ, PORQUE, PORQUÊ

PORQUÊ	Substantivo e vem determinado (antecedido por artigo, pronome...) Ex.: Queria entender o/seu porquê disso ter acontecido.

QUESTÔES DE CONCURSO

Profª. Adriana Figueiredo

QUESTÕES
VUNESP, FGV E CESPE

Profª Adriana Figueiredo

1. CESPE - EBC - Cargos de Nível Superior - Conhecimentos Básicos

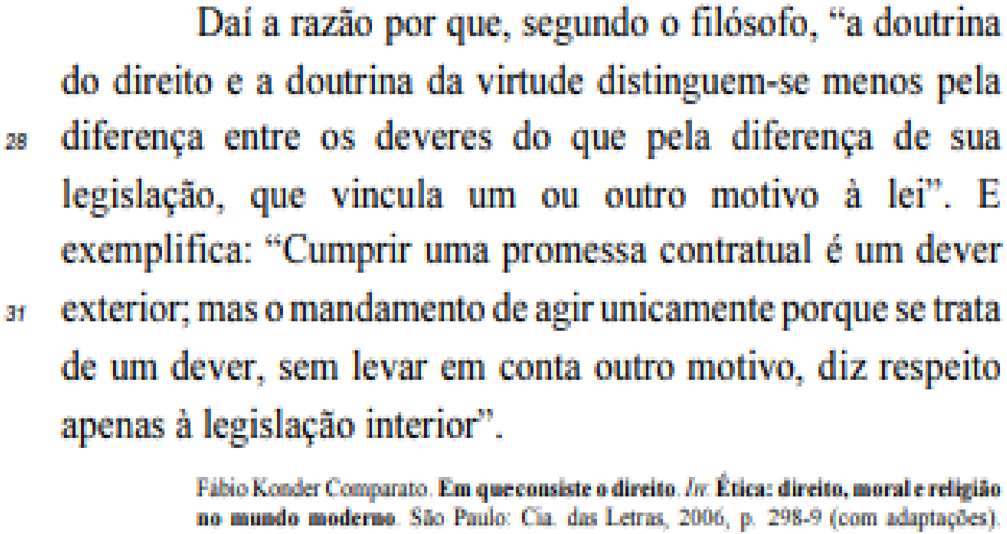

Daí a razão por que, segundo o filósofo, "a doutrina do direito e a doutrina da virtude distinguem-se menos pela diferença entre os deveres do que pela diferença de sua legislação, que vincula um ou outro motivo à lei". E exemplifica: "Cumprir uma promessa contratual é um dever exterior; mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever, sem levar em conta outro motivo, diz respeito apenas à legislação interior".

Fábio Konder Comparato. **Em que consiste o direito**. *In*: **Ética: direito, moral e religião no mundo moderno**. São Paulo: Cia. das Letras, 2006, p. 298-9 (com adaptações).

1. CESPE - EBC - Cargos de Nível Superior - Conhecimentos Básicos

Com relação aos sentidos e a aspectos linguísticos do texto acima, julgue os itens de **1** a **5**.

Na linha 26, “por que” poderia, sem prejuízo para a correção gramatical, ser grafado **porque**, em razão de estar empregado como conjunção causal, tal como ocorre em “mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever” (L.31-32).

- Certo
- Errado

2. FGV - CODESP-SP - Advogado

O aproveitamento das oportunidades que estão surgindo é valioso porque, além da realização pessoal na vida profissional, é um atalho para melhora dos níveis de renda e de bem-estar de fatias cada vez maiores da população brasileira. (L.63-67)

No trecho acima, empregou-se corretamente uma das formas do porquê. Assinale a alternativa em que isso **NÃO** tenha ocorrido

A. Sem ter por quê, em se falando de habilidades, discutir mais profundamente, calamo-nos.
B. Vamos destacar as habilidades por que somos conhecidos.
C. Ele esperava saber por que, naquele departamento, sua habilidade não era valorizada.
D. Porque nossa habilidade não era valorizada não íamos demonstrá-la?
E. Não conseguimos saber por quê, mas tentamos.

2) Há, A, HÁ CERCA DE, ACERCA DE

HÁ	**A**
Verbo haver com ideia de tempo passado ou sentido de EXISTIR Ex.: Não a veja há dois anos. Há flores no jardim.	Ideia de distância ou de futuro (preposição) Ex.: Estamos a 15 km do destino. Daqui a pouco vai chover.

2) Há, A, HÁ CERCA DE, ACERCA DE

HÁ CERCA DE	**ACERCA DE**
Indica tempo transcorrido Ex.: Há cerca de dez anos estiveram aqui.	Significa a respeito de Ex.: Não falou nada acerca dos projetos

3. CESPE - PRF - Agente Administrativo

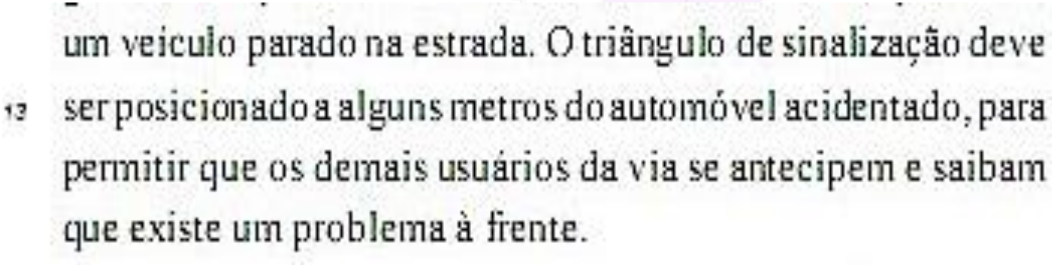

um veiculo parado na estrada. O triângulo de sinalização deve
13 ser posicionado a alguns metros do automóvel acidentado, para
permitir que os demais usuários da via se antecipem e saibam
que existe um problema à frente.

Julgue o seguinte item, relativo ao texto acima.

A correção gramatical do texto seria mantida se, no trecho “posicionado a alguns metros” (L.13), o termo “a” fosse substituído por **há**.

- Certo
- Errado

4. FGV – Prefeitura de Cuiabá – MT – Agente da Saúde

“A questão acerca da aposentadoria das mulheres...”.

Assinale a opção que indica a expressão sublinhada que está corretamente grafada.

A. Há cerca de dez dias todos os políticos defendiam a aposentadoria.
B. As mulheres trabalham acerca de cinco anos menos que os homens.
C. A discussão na Câmara era a cerca da lei de aposentadoria.
D. Nada se discutiu a cerca da nova lei.
E. Estamos acerca de dez dias do final do ano.

3) Ao invés de, em vez de

AO INVÉS DE	EM VEZ DE
Significa lado oposto, avesso (locução prepositiva) Usada só em OPOSIÇÃO Ex.: Ao invés de deixar os juros aumentar, renegocie a dívida	Significa no lugar de, troca Ex.: Fui de carro em vez de ir de ônibus. **Obs**.: pode ser usada como oposição Ex.: O dia está chuvoso em vez de ensolarado, como previu a meteorologia. (ideia de oposição = ao contrário de)

5. FGV - 2019 - DPE-RJ - Técnico Superior Especializado

"É uma avaliação cruel, que prioriza a inteligência da decoreba ao invés da inteligência criativa".

Nesse segmento do texto 1, há a correta utilização da expressão "ao invés de", que é muitas vezes confundida com "em vez de".
A frase abaixo em que se deveria empregar "em vez de" em lugar de "ao invés de" é:

A. O pai decidiu matricular o filho numa escola pública ao invés de uma privada;

B. Não é de hoje que as escolas brasileiras preferem o retrocesso ao invés do progresso;

C. Muitos professores dão destaque à teoria ao invés de priorizar a prática;

5. FGV - 2019 - DPE-RJ - Técnico Superior Especializado

D. Os livros didáticos utilizam imagens ao invés de textos;

E. As escolas utilizam processos de avaliação rápidos ao invés de processos mais lentos e mais eficientes.

4) Afim , a fim de

AFIM	**A FIM DE**
Significa semelhança, afinidade (adjetivo) Ex.: Eles têm interesses afins.	Indica finalidade (locução prepositiva) Ex.: Viajou a fim de visitar a família. Maria está a fim de José.

6. CESPE - 2017 - TRF - 1ª REGIÃO - Técnico Judiciário

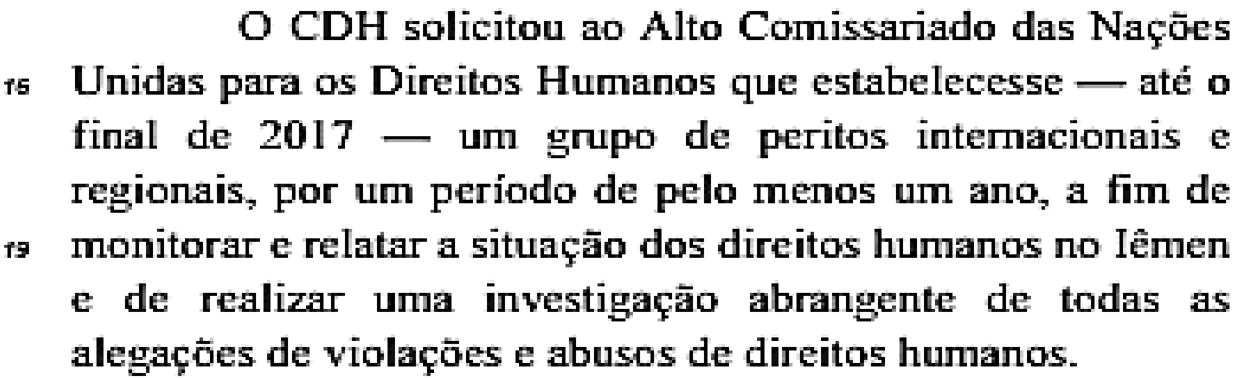

O CDH solicitou ao Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos que estabelecesse — até o final de 2017 — um grupo de peritos internacionais e regionais, por um período de pelo menos um ano, a fim de monitorar e relatar a situação dos direitos humanos no Iêmen e de realizar uma investigação abrangente de todas as alegações de violações e abusos de direitos humanos.

A respeito dos aspectos linguísticos do texto 7A3CCC, julgue o item a seguir.

A substituição da expressão “a fim” (ℓ.18) pelo vocábulo **afim** não prejudicaria a correção gramatical e o sentido original do texto.

- Certo
- Errado

7. VUNESP - 2018 - PC-SP - Escrivão de Polícia Civil

Por isso, há grupos especializados que promovem reuniões semanais com devedores **com a finalidade** de trocar experiências **sobre** consumo impulsivo e propensão a viver no vermelho.

É comum que, diante dos apuros, como a perda do emprego, algumas tentem manter o mesmo padrão de vida **em lugar de** cortar gastos para se encaixar na nova realidade.

Assinale a alternativa que substitui, correta e respectivamente, as expressões destacadas, sem alterar o sentido original.

7. VUNESP - 2018 - PC-SP - Escrivão de Polícia Civil

A. a fim de ... há cerca de ... em vez de

B. afim de ... a cerca de ... invés de

C. afim de ... a cerca de ... ao invés de

D. a fim de ... acerca de ... em vez de

E. à fim de ... acerca de ... ao invés de

.

5) Ao encontro de , de encontro a

AO ENCONTRO DE	DE ENCONTRO A
Significa: a favor de, aproximar-se de ou ser favorável Ex.: Quando cheguei, fui ao encontro dele. Suas ideias vêm ao encontro das minhas. (= favorável)	Significa: colisão, choque, ser contrário a Ex.: O vento veio de encontro à janela. Suas ideias vêm de encontro às minhas. (= contrário)

8. VUNESP - IPT-SP - Secretária

Releia os versos a seguir. Que me perdoem, se eu insisto neste tema Se o quadradismo dos meus versos, **Vai de encontro aos intelectos**, Que não usam o coração, Como expressão...

A frase em destaque pode ser substituída, sem alteração de sentido do texto, por:

A. Vai em busca dos intelectos,

B. Vai em favor dos intelectos,

C. Vai ao encontro dos intelectos,

D. Vai à procura dos intelectos,

E. Vai contra os intelectos,

6) Mau, mal

MAU	MAL
Adjetivo (contrário de bom)	**Advérbio** (contrário de bem) Ex.: Ele escreve muito mal.
Ex.: Eles são maus profissionais.	**Conjunção temporal** = quando Ex.: Mal chegou ao local do exame, os portões fecharam.
	Substantivo = doença, desgraça Ex.: Não cura para o seu mal.

9. CESPE - ANEEL - Todos os Cargos - Nível Superior

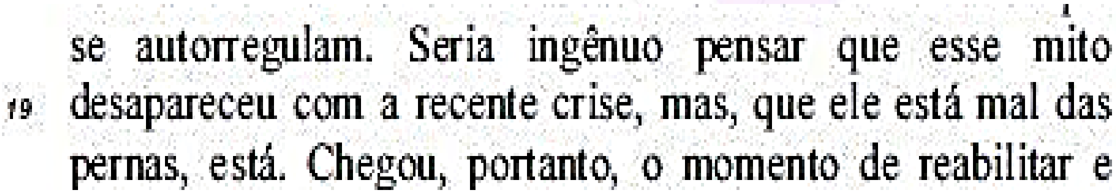

se autorregulam. Seria ingênuo pensar que esse mito desapareceu com a recente crise, mas, que ele está mal das pernas, está. Chegou, portanto, o momento de reabilitar e

Quanto à estrutura linguística do texto, julgue os seguintes itens.

O sentido da expressão "mal das pernas" (L.19-20), característica da oralidade, seria prejudicado caso se substituísse "mal" por **mau**.

. Certo

. Errado

10. FGV - 2019 - Prefeitura de Angra dos Reis - RJ

"É melhor ser ignorante de alguma coisa do que aprendê-la **mal**."
Assinale a opção em que o vocábulo sublinhado está grafado erradamente.

A. Não há mal que sempre dure.

B. Os mal-educados nunca são bem recebidos.

C. Mal chegaram os turistas os ônibus partiram.

D. O mal que nos atinge não é grave.

E. Quem chuta de mal jeito não faz o gol.

7) Mas, Mais

MAS	MAIS
Conjunção adversativa que indica oposição, contraste. Pode ser substituída por: porém, contudo, todavia, entretanto) Ex.: Eles se esforçam muito, mas não são reconhecidos.	1. Advérbio de intensidade Ex.: Ela é a garota mais simpática do clube. 2. Advérbio de tempo Ex.: Não falo mais com você.

7) Mas, Mais

MAS	MAIS
	Ex.: Nunca mais conversei com ele. 3. Pronome indefinido Ex.: Quero mais amigos, mais amores.

11. VUNESP - 2018 - PC-SP - Investigador de Polícia

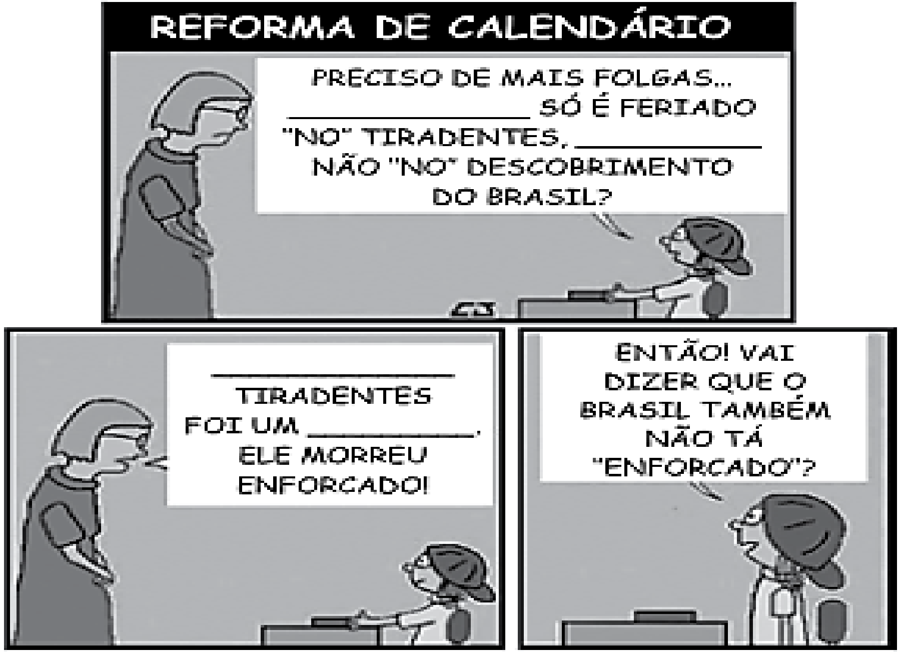
REFORMA DE CALENDÁRIO
PRECISO DE MAIS FOLGAS... ________ SÓ É FERIADO "NO" TIRADENTES, ________ NÃO "NO" DESCOBRIMENTO DO BRASIL?
________ TIRADENTES FOI UM ________. ELE MORREU ENFORCADO!
ENTÃO! VAI DIZER QUE O BRASIL TAMBÉM NÃO TÁ "ENFORCADO"?

(*Folha de S.Paulo*, 25.04.2018. Adaptado)

11. VUNESP - 2018 - PC-SP - Investigador de Polícia

Em conformidade com a norma-padrão, as lacunas da tira devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

A. Porque ... mas ... Por quê ... mártir

B. Por quê ... mais ... Por que ... martir

C. Porque ... mas ... Porque ... martir

D. Por que ... mas ... Porque ... mártir

E. Por que ... mais ... Porque ... mártir

8) Cessão, sessão, seção, secção

CESSÃO	Significa ceder. Ex.: Ele fez a cessão dos direitos autorais
SESSÃO	Intervalo de tempo de reunião, espetáculo, consultas. Ex.: Vamos à sessão das 20h do cinema.
SEÇÃO **SECÇÃO**	Parte de um todo, subdivisão Ex.: O livro que você procura está na seção de literatura brasileira.

12. ASSCONPP -Prefeitura de Xaxim - SC - Agente Comunitário de Saúde

Assinale a série que preenche corretamente as lacunas:

I. Encontraram a criança na .... de brinquedos.
II. A escalação do time saiu na .... de esportes do jornal.
III. Os pais concordaram com a .... de livros à biblioteca.
IV. A .... da câmara de vereadores durou duas horas.

A. Sessão; seção; sessão; cessão.

B. Seção; seção; cessão; sessão.

C. Seção; sessão; cessão; sessão.

D. Sessão; cessão; seção; sessão.

9) Senão, se não

SENÃO	SE NÃO
1. Como substantivo, significando caso contrário; falha, defeito. Ex.: Encontrei um senão no seu projeto. 2. Com valor de exclusão (= exceto) Ex.: Todos, senão você, podem sair.	1. Com sentido condicional (se – conjunção condicional + não – advérbio) Pode ser substituído por: caso não Ex.: Se não fizer sol, não iremos viajar. Ex.: Se não estudar, não vai passar.

9) Senão, se não

SENÃO

3. Como conjunção adversativa. Pode ser substituído por: mas sim, mas também, mas.

Ex.: Ele venceu, não por protecionismo, senão por capacidade.

4. Como conjunção alternativa, com o sentido de "caso contrário"

Ex.: Não ultrapasse sinal vermelho, senão você será multado.

Ex.: Tenho que assistir à aula, senão não farei boa prova.

13. FGV - 2018 - AL-RO - Analista Legislativo

Assinale a frase em que a forma sublinhada está corretamente grafada.

A. “O que é a honestidade, se não o medo da prisão?”

B. “Nada é bom ou ruim se não for por comparação.”

C. “Conheceríamos bem melhor muitas coisas senão quiséssemos identificá-las com tanta precisão.”

D. “A arte não é outra coisa se não a força de sugestão de um detalhe.”

E. “Só obteremos a salvação senão pecarmos.”

10 Acento grave – crase – nas expressões

Indicação de horas No caso de horas expressas, há crase quando a preposição DE aparece combinada com artigo A(s)	**Das 9 às 18h (certo)** Das 9 as 18h (errado)
Indicação de dia da semana Não há crase quando a preposição DE não aparece combinada com artigo A(s).	**De segunda a sexta** (certo) De segunda à sexta (errado)

10 Acento grave – crase – nas expressões

A você x à você Não há crase antes de pronomes pessoais (eu, você, ele, ela, nós, vocês, eles, elas)	**A você (certo)** À você (errado)
A prazo x À prazo Não há acento indicativo de crase em palavras masculinas	**A prazo (certo)** À prazo (errado)

14. FGV - Senado Federal - Analista Legislativo

Na Europa, supostamente mais organizada, falhou a regulamentação financeira, o que convergiu com a crise de 2008 nos EUA para dar origem à presente situação. (L.45-48)

No período acima, empregou-se corretamente o acento grave indicativo de crase. Assinale a alternativa em que isso **NÃO** tenha ocorrido.

A. Comunicaram o nascimento do filho à família.

B. Eles sempre obedecem às regras do campeonato.

C. Eles foram à Brasília de Niemeyer.

D. Nosso horário é das 8h às 17h.

E. O curso vai de segunda à sexta.

OBRIGADA

Profª. Adriana Figueiredo

Estratégia
Concursos

PORTUGUÊS

Sintaxe

Regência – parte III

Prof.ª Isabel Vega

I – VERBOS CHEGAR e IR (preposição a)

a) Intransitivos

Ex.: **Cheguei** [**ao teatro**] com antecedência.
(VI) ↳adjunto adverbial

Fui [**ao parque**] pela manhã.
(VI) ↳adjunto adverbial

b) Transitivos indiretos

Ex.: Finalmente **chegamos** [**a um acordo**].
(VTI) ↳objeto indireto

Nesse caso, ele **vai** [**às últimas consequências**]!
(VTI) ↳ objeto indireto

II – VERBO VISAR

a) Transitivo indireto → significa **ter como objetivo**, **pretender.**

Ex.: O deputado na verdade **visava ao** cargo de senador.

b) Transitivo direto → significa **mirar, apontar para.**

Ex.: É preciso **visar o** centro do alvo.

c) Transitivo direto → também pode significar **dar o visto, pôr a rubrica.**

Ex.: O diretor da faculdade **visou os** certificados.

III – VERBO IMPLICAR

a) Transitivo indireto → significa **ter implicância**.

Ex.: João vivia **implicando com** sua irmã.

b) Transitivo direto → significa **acarretar, trazer consequência**.

Ex.: "Toda ação **implica uma** reação igual e contrária."

c) Transitivo indireto → quando pronominal, significa **envolver-se, intrometer-se.**

Ex.: Quando ainda era jovem, **implicou-se em** situações embaraçosas.

IV – VERBO PREFERIR

O verbo preferir é transitivo direto e indireto, ou seja, pede dois complementos. O objeto indireto deve ser iniciado com a preposição **a**.

Ex.: Eles **preferiram** [o jogo de futebol] [**a**o passeio pela cidade].
(OD) (OI)

V - VERBO CHAMAR

a) Transitivo direto, em predicado verbal, com sentido de **fazer vir**.

Ex. **Chamei as** crianças e pedi que falassem baixo.

Regência – parte III

b) Transitivo indireto, em predicado verbal, com sentido de **invocar**:

Ex.: Com medo, **chamei por** Santa Bárbara!

c) Transitivo direto ou indireto, em predicado verbo-nominal, seguido de predicativo do objeto, com sentido de **dar nome, qualificar**:

Ex.1: Com raiva, o vizinho chamou- [**o**] [**maluco**].
(OD) (Predic. do objeto)

Ex.2: Com raiva, o vizinho chamou- [**lhe**] [**maluco**].
(OI) (Predic. do objeto)

Ex.3: *Com raiva, o vizinho chamou- [**lhe**] [**de maluco**].
[**o**] ↳ uso coloquial

PORTUGUÊS

Funções morfossintáticas
da palavra “como”

Prof.ª Isabel Vega

Funções morfossintáticas da palavra “como”

I) ADVÉRBIO → relaciona-se ao verbo. Pode apresentar os seguintes sentidos:

a) modo.

Ex.: Ele fez aquilo **com esperteza.**

↳ advérbio de modo

Ele fez aquilo **como / de que modo?**

↳ advérbio interrogativo de modo

Não sei **como** ele fez aquilo.

↳ advérbio interrogativo de modo

Ele fez aquilo **como bem entendeu (= assim)**.

↳ locução adverbial de modo

Funções morfossintáticas da palavra “como”

b) intensidade.

Ex.: Como gosto de sua companhia!

↳ advérbio de intensidade

(Gosto **muito** de sua companhia!)

II) PREPOSIÇÃO → inicia predicativo do objeto

Ex.1: Dei uma blusa **[como presente]** a Maria.

↳ predicativo do objeto

↳ preposição (= de presente)

Ex.2: Ainda considero João **[como amigo]**.

↳ predicativo do objeto

III) CONJUNÇÃO → relaciona dois termos de mesmo valor sintático ou duas orações.

a) Adição (= e)

Ex.: Estarei contigo na riqueza **como** na pobreza.

b) Comparação (= igual a)

Ex.1: Fiz o bolo **[como** você fez**].**

↳ conjunção subordinativa comparativa

Fiz o bolo **[como** você]. → elipse do verbo

Fiz o bolo **[como se** estivesse num concurso**]**.

Funções morfossintáticas da palavra "como"

c) Conformidade (= conforme)

Ex.: Fiz o bolo [**como** você mandou].

↳ conjunção subordinativa conformativa

d) Causa (= porque)

Ex.: [**Como** você insistiu], fiz o bolo.

↳ conjunção subordinativa causal
(posição obrigatória)

*Fiz o bolo **como você insistiu**.

Qconcursos.com

Funções morfossintáticas da palavra “como”

IV) INTERJEIÇÃO → expressa emoção do falante.

Ex.: Ele confessou que te ama!
Como!?!
É isso mesmo.

V) SUBSTANTIVO → acompanhado pelo artigo “o” (derivação imprópria)

Ex.: Sei o que fazer, quero saber o como.

PORTUGUÊS

Funções morfossintáticas da palavra “mesmo”

Prof.ª Isabel Vega

Funções morfossintáticas da palavra “mesmo”

I) PRONOME DEMONSTRATIVO → usado como **reforço** do pronome reto ou do substantivo. Exerce sempre a função sintática de **adjunto adnominal**.

Ex.1: [**João mesmo**] avisou todos sobre a festa.
↳ pronome demonstrativo

[O **próprio João**] avisou todos sobre a festa.

Ex.2: [**Elas mesmas**] fizeram o bolo da festa.

[**Elas próprias**] fizeram o bolo da festa.

Funções morfossintáticas da palavra “mesmo”

II) ADJETIVO → Qualifica o **substantivo**, com sentido de **semelhante, de igual identidade** ou **exato.** Exerce sempre a função sintática de **adjunto adnominal**.

Ex.1: Eles tinham [as **mesmas** ideias] sobre o assunto.
↳ adjetivo (=semelhantes)

Ex.2: [O **mesmo** aluno] fez duas perguntas diferentes.
↳ adjetivo (=não outro)

Ex.3: [No **mesmo** instante em que falava], tocou o telefone.
↳ adjetivo (=exato)

Funções morfossintáticas da palavra “mesmo”

III) ADVÉRBIO → relaciona-se ao **verbo** ou a outro **advérbio**, sendo sempre **adjunto adverbial** e pode apresentar os seguintes sentidos:

a) afirmação (=de fato; realmente).

Ex.: João **sabia** **mesmo** o que dizia.

b) modo (=precisamente; justamente).

Ex.: A nota da prova **confirmou** **mesmo** o tempo de estudo.

c) inclusão (=até; também).

Ex.: **Mesmo** **depois** de rica, falava com os amigos pobres.

Funções morfossintáticas da palavra “mesmo”

IV) PALAVRA DENOTATIVA → não pertence a classe gramatical alguma, portanto não exerce função sintática. Apresenta apenas sentido de inclusão, sendo sinônima de **até** ou **inclusive.**

Ex.: **Mesmo** os familiares criticaram sua decisão.

V) CONJUNÇÃO → inicia orações subordinadas reduzidas, acrescentando o sentido de **concessão**.

Ex.: **Mesmo** não querendo, eles magoaram João.

↳conjunção (=embora)

Funções morfossintáticas da palavra “mesmo”

VI) SUBSTANTIVO → é acompanhado por artigo definido e apresenta o sentido de **“a mesma pessoa”** ou **“a mesma coisa”**.

Ex.1: Depois do casamento, foram sempre **os mesmos**.

Ex.2: Nas reuniões, sempre reclamam **do mesmo**.

VII) INTERJEIÇÃO → é uma forma que expressa **emoção**.

Ex.: Maria disse que vai abandonar o emprego!
Mesmo?!

PORTUGUÊS

Morfologia

Advérbios

Prof.ª Isabel Vega

I – PROPRIEDADE: Modificam o verbo, reforçam o adjetivo ou o advérbio e emitem opinião sobre a oração inteira.

(1) Você compreendeu-me **mal**. → modo

(2) Ficara **completamente** imóvel. → intensidade

(3) Passei a noite **bem** mal. → intensidade

(4) **Infelizmente**, nem o médico lhes podia valer. → de oração

II– FUNÇÃO SINTÁTICA: adjunto adverbial

1) AFIRMAÇÃO: sim, certamente, efetivamente, realmente, etc.;

2) DÚVIDA: acaso, porventura, possivelmente, provavelmente, quiçá, talvez, etc.;

3) INTENSIDADE: assaz, bastante, bem, demais, mais, menos, muito, pouco, quanto, quão, quase, tanto, tão, etc.;

4) LUGAR: abaixo, acima, adiante, aí, além, ali, aquém, aqui, atrás, através, cá, defronte, dentro, detrás, fora, junto, lá, longe, onde, perto, etc.;

Advérbios

5) MODO: assim, bem, debalde, depressa, devagar, mal, melhor, pior e quase todos os terminados em -mente: fielmente, levemente, etc.;

6) NEGAÇÃO: não;

7) TEMPO: agora, ainda, amanhã, anteontem, antes, breve, cedo, depois, então, hoje, já, jamais, logo, nunca, ontem, outrora, sempre, tarde, etc.

8) OUTROS:causa, consequência, condição, finalidade, proporção, conformidade, companhia, instrumento, meio, comparação, etc.

OBS.1: Advérbios interrogativos

1) O livro está **sobre a mesa**.

↓

adjunto adverbial de lugar

O livro está **onde**? (pergunta direta)

Ignoro **onde** está o livro. (pergunta indireta)

2) Voltarei aqui **amanhã**.

↓

adjunto adverbial de tempo

Quando voltas aqui? (pergunta direta)

Quero saber **quando** voltas aqui. (pergunta indireta)

OBS.2: Pontuação

→ Em ordem direta (S+V+C + Adj.Adv.): vírgula facultativa

→ Em ordem inversa: vírgula obrigatória, caso seja grande.

Questão: Em qual das alternativas abaixo, o emprego da vírgula se justifica por separar adjunto adverbial deslocado?

(A) “Comparou, indagou.”

(B) “Você entrega a carta, como mandei.”

(C) “Estava com dezoito anos, mas não tinha conseguido...”

(D) “Ao chegar, verificou o endereço: era de um terreno baldio.”

(E) “Um terreno sujo, cheio de mato.”

PORTUGUÊS

Morfologia – Pronomes
Colocação pronominal – parte III

Prof.ª Isabel Vega

Colocação pronominal – parte III

I - Quando a frase for interrompida por aposto, termo antecipado ou oração justaposta, a colocação pronominal permanecerá a mesma de antes.

Ex.: Ninguém a viu na vizinhança.
Ninguém, desde a manhã, a viu na vizinhança.

II – A próclise ou a ênclise são facultativas nos seguintes casos:

a) quando a oração, disposta em ordem inversa, se inicia por objeto direto ou predicativo.

Ex.: No primeiro instante, interessante me pareceu o livro.
No primeiro instante, interessante pareceu-me o livro.

b) com o numeral ***ambos***.

Ex.: Ambos queriam-me ao seu lado.
Ambos me queriam ao seu lado.

c) nas orações coordenadas alternativas.

Ex.: Ou você se desculpa, ou não falo mais.
Ou você desculpa-se, ou não falo mais.

III – Com os verbos no infinitivo, embora seja preferencial o emprego as ênclise, pode-se usar a próclise.

Ex.: Que vontade de pedir-te um beijo!
Que vontade de te pedir um beijo!

Colocação pronominal – parte III

OBS.1: É obrigatória a **ênclise** quando o pronome tem a forma "o" ou "a" e o infinitivo vem regido pela preposição "a".

Ex.: Não voltarei a criticá-lo.
* Não voltarei a o criticar.

As meninas tendem a imitar as mães.
As meninas tendem a imitá-las.
*As meninas tendem a as imitar.

OBS.2: No trecho "o não importar-se com o que ocorra", é opcional a colocação do pronome "se" antes de "importar-se": *o não se importar com o que ocorra.*

( ) certo ( ) errado

REGÊNCIA VERBAL

O dia de não saber

Andei uns dias com uma tristeza e um desânimo sem razão que eu pudesse detectar, mas que me sobrevoavam como ave agourenta. Eu a mandava embora, ela depressa voltava. Fiz meus cálculos: filhos, netos e marido bem, saúde boa, trabalho bastante, ainda dando para pagar as contas. Mas eu me sentia doente.

“Exames, consultas, tudo ótimo, você vai fácil aos 100”, tranquilizou o médico amigo. Mas eu me sentia doente e nunca fui de hipocondrias. “Repouse um pouco. Pegue leve”, ele disse. Obedeci. Em lugar de saltar da cama antes das 7, preparar o café, tomá-lo na sala enquanto assistíamos ao noticioso, fiz o que eu, brincando, chamei de “vida de celebridade”: ficava até mais tarde na cama, às vezes o marido até trazia a simpática bandejinha. Procurei controlar minha natural ansiedade, nada de me preocupar com tudo e com todos. Mais contemplativa, do jeito que na verdade eu gosto.

E aos poucos melhorei. Um dia acordei, e tinham-se ido os sintomas e a tristeza. Levei algum tempo para entender o que se passava: nos meus dias de preguiça deixei de ler os jornais e assistir aos noticiosos logo de manhã. Que santo remédio para meus males. Pois o que se lê ou vê não deveria ser o primeiro alimento da alma, ao menos imagino eu.

Então retomei meu ritmo antigo bem de mansinho. Abro jornais e vejo noticiosos perto do meio-dia (assim também perco a fome e os quilos necessários). Pois o que vemos, lemos, ouvimos é mais de 90% deprimente, se não assustador. Lembrei-me de um senador da República, Jefferson Péres, dizendo que deixaria sua cadeira no Senado “com profundo desalento” pelo que ocorria neste país. Um dos raros pilares da grandeza e da ética, ele morreu em 2008, do coração, se não me engano em sua casa em seu estado natal. Não deve ser grave erro atribuir essa morte, em parte, ao peso daquele desalento que devia ser enorme, vasto e profundo, para o levar àquele passo.

Eu não posso abdicar de meu país, e de minha condição de quem aqui nasceu e escolhe todos os dias aqui viver, porque este é o meu lugar, estas são minhas raízes essenciais. Porém, que está difícil, está. O rio de lama se transforma num mar, aquele tão citado por tantos políticos em tantas décadas. A quem recorrer, para que lado olhar? Teias e tramas de corrupção se revelam em dimensões inimagináveis. Educação e saúde continuam em desgraça, porque não as vejo de verdade favorecidas nem resolvidos os seus piores males. Preparam-se assim gerações de ignorantes, incompetentes e talvez de descrentes. Pois os líderes deviam ser nosso exemplo segundo, o primeiro sendo os pais.

Não deve nos chocar ouvir um adolescente dizer “por que eu devia estudar”, “por que trabalhar tanto”, “por que ser honesto”, se a gente acaba parecendo bobo no meio dos espertos? O argumento é adolescente como o rapaz, mas não sem fundamento. É preciso muito esforço, muito raciocínio, muita base de casa, de berço (não o esplêndido, mas o amoroso, reto, moralmente bom), para nadar contra a correnteza escura, e tentar fundar alguma ilha de claridade, de honradez, de trabalho, de interesse real pelos menos afortunados. Para buscar uma humanidade como sempre imaginei que ela deveria ser – quem sabe um dia será –, onde a gente sinta que vale a pena lutar, sonhar, ter esperança; onde se adotem linhas firmes de conduta e ideologias do bem. Pois cada vez mais as ideologias deixam de importar; valem os interesses, os votos, o poder, a manutenção das condições favoráveis ao enriquecimento ilícito, às manobras por mais e mais poder, e tudo o que gera violência, ignorância, miséria, agressividade, stress e o que disse aquele senador: desalento.

Assim, higienizando minhas manhãs, eu me sinto muito melhor. Estaria curada se quisesse me alienar de todo, mas isso não posso: sou uma habitante deste planeta e deste país, e quero que tudo de bom ainda possa florescer por estas bandas, antes de se passarem aqueles meus profetizados 100 anos.

LUFT, Lya. In: Veja. Edição 2.266. 25 de abril de 2012.

REGÊNCIA VERBAL

É a relação de dependência entre verbos e termos nominais, ou seja, termos com valor substantivo. O verbo, na maioria das vezes, exige que um termo lhe complemente o sentido. Este termo será chamado de **complemento verbal** ou **termo regido**. A forma verbal será denominada **termo regente**.

REQUISITOS AO ESTUDO DA REGÊNCIA:

1) Uso de preposições.
2) Transitividade verbal.
3) Uso de pronomes pessoais.
4) Uso de pronomes relativos.

Quando se estuda regência verbal, é imprescindível observar a relação semântica e sintática que as preposições podem estabelecer no período. Observe, por exemplo, o verbo **chegar**, em algumas situações de uso:

Cheguei aqui **na** minha moto.

A preposição **em** (presente na contração “na”) introduz um termo que expressa ideia de lugar móvel, veículo. Neste caso, a preposição equivale sintática e semanticamente a **sobre**.

Cheguei aqui **no** meu carro.

A preposição **em** (presente na contração “no”) também introduz um termo que expressa ideia de lugar móvel, veículo. Neste caso, porém, tal preposição equivale sintática e semanticamente à locução prepositiva **dentro de**.

Cheguei aqui **em** maio.

Nesse período, a preposição introduz um termo que expressa ideia de tempo.

Cheguei de Fortaleza ontem.

Nesse período, a preposição introduz um termo que expressa ideia de lugar imóvel, de origem.

Cheguei de carro.

Aqui foi empregada a mesma preposição do exemplo anterior. Entretanto, observa-se que a ideia expressa foi outra: meio de locomoção.

Cheguei de surpresa.

Mais uma vez foi empregada a preposição "de". Notamos, porém, que a ideia expressa é diferente das anteriores: temos, neste caso, a ideia de modo.

Cheguei ao Rio de Janeiro às 23h.

Nesse período, empregamos a preposição "a", que introduz contextualmente um termo com ideia de lugar imóvel, de destino: "o Rio de Janeiro". Constituiria erro gramatical, apesar de comum na língua coloquial, empregar-se a preposição **em** neste contexto. Esta preposição não pode ser usada com valor de destino.

Observamos, portanto, que o verbo **chegar** pode ser empregado com várias preposições, mas elas expressarão ideias diferentes. Podemos notar, então, que o estudo de regência verbal é bem amplo.

Os gramáticos elencaram alguns verbos que merecem maior atenção. Normalmente, tais formas verbais têm sido empregadas pelos usuários do idioma de maneira inadequada em relação à norma-padrão. Faremos um estudo detalhado de tais casos. Antes disso, porém, vamos analisar alguns trechos do texto que abre este capítulo.

> Fiz meus cálculos: filhos, netos e marido bem, saúde boa, trabalho bastante, ainda dando para **pagar as contas**. Mas eu me sentia doente.

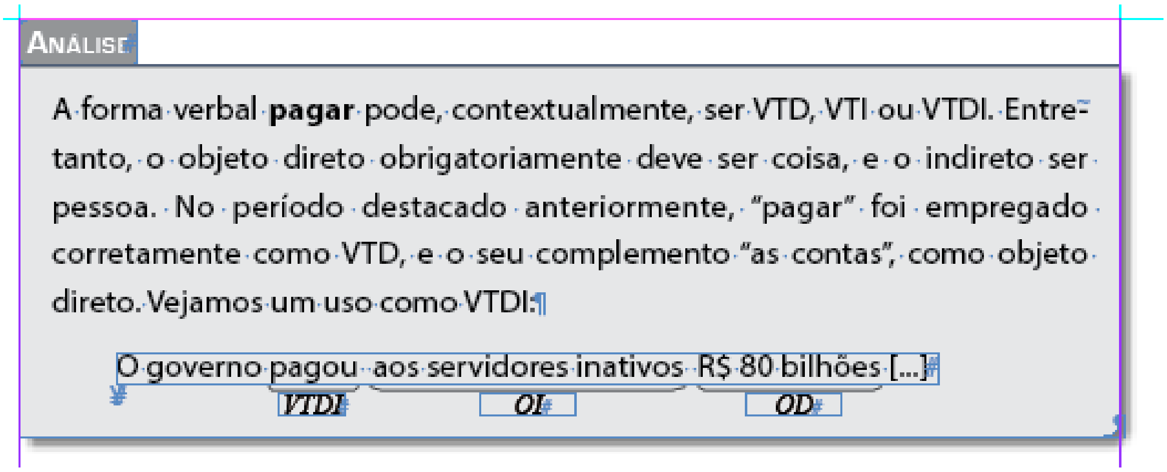

ANÁLISE

A forma verbal **pagar** pode, contextualmente, ser VTD, VTI ou VTDI. Entretanto, o objeto direto obrigatoriamente deve ser coisa, e o indireto ser pessoa. No período destacado anteriormente, "pagar" foi empregado corretamente como VTD, e o seu complemento "as contas", como objeto direto. Vejamos um uso como VTDI:

O governo pagou aos servidores inativos R$ 80 bilhões [...]

Em lugar de saltar da cama antes das 7, preparar o café, tomá-lo na sala enquanto **assistíamos ao noticioso**, fiz o que eu, brincando, chamei de “vida de celebridade”: ficava até mais tarde na cama, às vezes o marido até trazia a simpática bandejinha.

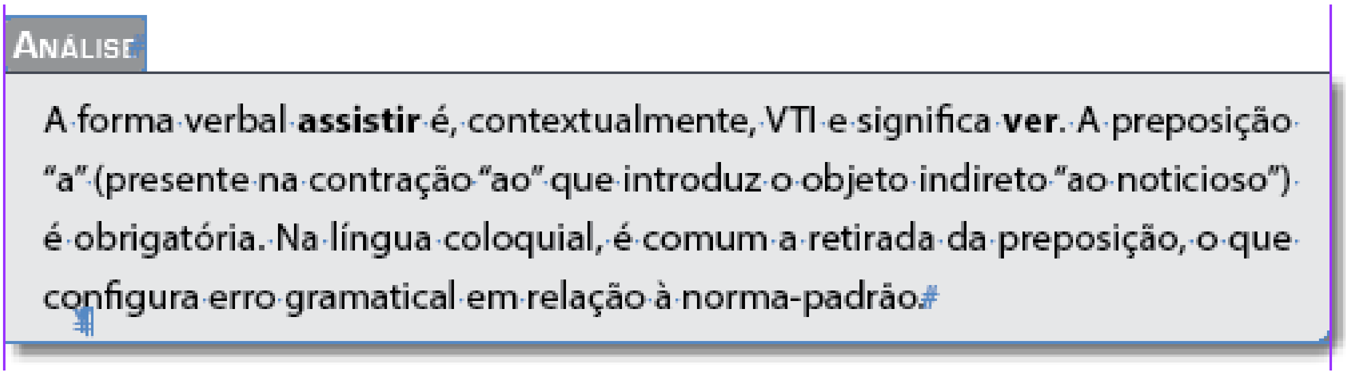

ANÁLISE

A forma verbal **assistir** é, contextualmente, VTI e significa **ver**. A preposição “a” (presente na contração “ao” que introduz o objeto indireto “ao noticioso”) é obrigatória. Na língua coloquial, é comum a retirada da preposição, o que configura erro gramatical em relação à norma-padrão.

Lembrei-me de um senador da República, Jefferson Péres, dizendo que deixaria sua cadeira no Senado “com profundo desalento” pelo que ocorria neste país.

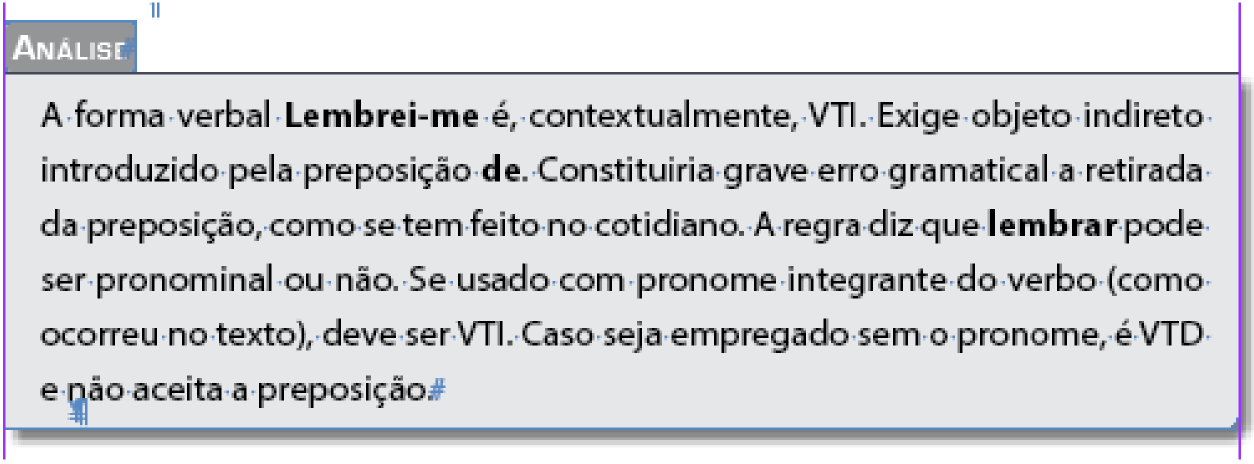

ANÁLISE

A forma verbal **Lembrei-me** é, contextualmente, VTI. Exige objeto indireto introduzido pela preposição **de**. Constituiria grave erro gramatical a retirada da preposição, como se tem feito no cotidiano. A regra diz que **lembrar** pode ser pronominal ou não. Se usado com pronome integrante do verbo (como ocorreu no texto), deve ser VTI. Caso seja empregado sem o pronome, é VTD e não aceita a preposição.

REGÊNCIA COM VERBOS TRADICIONAIS

Denominamos verbos tradicionais, neste contexto, aqueles que são comumente estudados por vários autores, nas diversas gramáticas da língua portuguesa, e que geram as maiores divergências entre a língua culta e a língua coloquial.

1. ADVERTIR / AVISAR / CIENTIFICAR / INFORMAR / NOTIFICAR

Regência: VTDI – exige a preposição **a**, **de** ou **sobre.**
Admite **OD** (coisa) e **OI** (pessoa) ou **OD** (pessoa) e **OI** (coisa).

O ex-deputado José Rajão (PSDB), um dos autores da lei, defendia que a guarda comunitária seria uma forma de reduzir a criminalidade. Equipados com celulares, os guardas comunitários **avisariam** a polícia sobre a presença de pessoas em atitude suspeita.[1]

Os casos de denúncia de fraudes várias por parte destas empresas já são famosos; a TMN deveria ter o cuidado de **avisar** os clientes de que a qualquer momento elas podem atacar...[2]

Pois bem, arme-se em jovem empresário-programador, (jovem e programador já você é, empresário é que talvez não) e escreva um programa para automatizar esta tarefa de **avisar** os clientes dos filmes que eles querem ver.[3]

Os bancos devem **avisar** aos clientes qualquer problema de recusa no recebimento de documentos ou pagamentos. É, também, dever da instituição financeira informar o telefone da Central de Atendimento do Banco Central (0800-99-2345), caso o cliente queira fazer reclamações sobre o atendimento bancário.[4]

Veja-se um uso **incorreto**:

A assessoria de imprensa ligou para mim pedindo que avisasse **a todos** os moradores **sobre a remarcação da reunião**, eu disse que só avisaria na hora que eles estivessem aqui em casa.[5]

2. AGRADAR

No sentido de acariciar: regência VTD.
No sentido de alegrar: regência VTI – exige a preposição **a**.

Como a criança tende a polarizar, se a mãe **agrada** um filho, o outro pensa ser o oposto. Só que ele não conta isso para os pais. E, por muitas razões, age em silêncio. Uma delas é que quanto mais nova a criança, mais difícil sua comunicação. Além disso, muitas vezes a criança nem tem consciência, não tem noção do que se passa.[6]

Dar apoio aos filhos é principal conselho aos pais. “O menino negro pode sofrer discriminação na rua. Mas, ao chegar a casa, conta para a mãe, ela vai à escola, toma satisfações... Ela conversa com o filho, **agrada**, beija e abraça”.[7]

No Condomínio Horto do Ipê, no Bairro Jardins, a opção foi contratar um arquiteto para cuidar do bem-estar desse espaço, a fim de **agradar** aos moradores e convidados.[8]

A manifestação da UNE só **agradou** ao presidente Lula, que convidou os caciques estudantis e sindicais para um “encontro para plateia”, ocorrido logo após os discursos recheados de chavões e palavras de ordem, mas não **agradou** ao povo e, em especial, históricas lideranças políticas e estudantis.[9]

Segundo o presidente da Eletrobrás, José Antônio Muniz, o resultado **agradou** ao governo, que recomendou que não haja disputa judicial. “Se Furnas seguir minha recomendação, não haverá ação”, afirmou...[10]

Gastronomia paraibana **agrada** a todos os paladares. Com um cardápio variado, a culinária paraibana contribui para o desenvolvimento do turismo.[11]

3. AJUDAR

Pode ser VTD, VTI ou VTDI.

A ONG foi premiada por **ajudar** os moradores da região.[12]

O objetivo do projeto é preservar as tartarugas marinhas, em extinção, sendo assim, eles **ajudam** aos moradores com palestras sobre o mar e seus animais. Com certeza as tartarugas estarão salvas com esse projeto em vigor.[13]

Senhor, **ajuda** os homens a olhar a natureza da família, não como uma qualquer circunstância sócio-temporal, mas como um local de acolhimento da vida, onde se geram os afetos, a segurança e se cultiva a aceitação pessoal.[14]

4. ASPIRAR

No sentido de absorver: regência VTD.
No sentido de almejar: regência VTI – exige a preposição **a** (não admite o pronome lhe).

Temos, sim, que fazer nossa parte, colaborando em preservar a natureza, sem agredir nossos mananciais, nossas florestas, é o que o Green Peace demonstra para o mundo, sensibilizando o que Deus deixou para nós. Como é lindo olhar para o céu e ver o quanto ele é azul, assim como a cor do mar, dos oceanos, poder **aspirar um ar** puro sem substâncias prejudiciais para a saúde, ver o verde de perto sentindo a brisa roçar no rosto.[15]

Segundo um morador próximo ao local, o fogo foi ateado no domingo. “Ligamos para o Corpo de Bombeiros, mas só agora veio a solução. Todos esses dias, moradores e crianças de duas creches, próximas daqui, **aspiraram** a fumaça”, disse um morador.[8]

Aristóteles já tomava como critério para a sua classificação das formas de governo a intenção com que as pessoas **aspiravam ao poder**: ou a intenção de realizar o bem comum (e nós teríamos as formas puras de governo), ou a intenção de realizar o seu interesse pessoal (e nós teríamos as formas impuras de governo).[17]

É verdade que saíamos de uma guerra mundial, de uma verdadeira guerra civil europeia, e que as pessoas **aspiravam à paz e à prosperidade**. Cinquenta anos volvidos, porém, o que constatamos?[18]

5. ASSISTIR

No sentido de ajudar: regência VTD ou VTI (se for VTI, exige a preposição **a**).
No sentido de ver: regência VTI – exige a preposição **a** (não admite o pronome lhe).
No sentido de caber: regência VTI – exige a preposição **a**.

Na Oceania, (por exemplo, na Austrália, Nova Zelândia, Papua-Nova Guiné), a Igreja oferece uma formação específica aos agentes sociais, pastorais e sanitários e **assiste os enfermos** nos hospitais e nos centros de atenção.[19]

Em Santos, há um ano foi montado um consultório de plano odontológico, que **assiste aos policiais militares e civis** em geral, o "CIC – Centro Integrado Clínicas – Odontologia".[20]

Hoje o Município **assiste ao cidadão** desde quando ainda em gestação na barriga da mãe, a parturiente, a fase idosa, o que gera demandas e despesas complementares.[21]

Marta **assiste à partida** do Los Angeles Lakers. Brasileira, contratada pelo Los Angeles Sol, retribui carinho de Kobe Bryant, que foi a sua apresentação, e acompanha a 50ª vitória do Lakers na temporada regular da NBA.[22]

Para mim há dois aspectos da liberdade que encerram em si quase tudo o que podemos esperar da liberdade ou da falta dela: liberdade de expressão e liberdade de movimentação. Quando falo de liberdade, refiro-me à liberdade que **assiste ao cidadão** livre, honesto cumpridor das regras do respeito pelo outro cidadão. Não falo, obviamente, do criminoso.[23]

6. ATENDER

Regência: VTD.
Regência: VTI – exige a preposição **a**.

O Procon estadual vai estar integrado, de forma efetiva e permanente, à Campanha Amigo do Turista, **atendendo a** uma determinação do governador Cássio Cunha Lima para o sucesso da campanha.[24]

Em breve teremos os profissionais mais bem preparados do Brasil **atendendo o** turista como ele merece.[25]

Uma das prováveis razões para que os governos não estejam conseguindo **atender às** demandas dos cidadãos de maneira adequada pode estar ligada à maneira como os órgãos estão organizados e são administrados.[26]

Com o número cada vez maior de mulheres ao volante, os prestadores de serviços automotivos já sentem a necessidade de se adaptar para **atender o** público feminino.[27]

7. CHEGAR / IR

Regência: VI – exige a preposição **a** (indicando destino, aproximação).
Regência: VI – exige a preposição **em** (equivalendo a **dentro** de veículos ou **sobre** eles).
Regência: VI – exige a preposição **de** (indicando meio).

Quando os primeiros operários **chegaram a** Brasília, no final dos anos 60, o comércio era reduzido a poucas lojas instaladas na poeirenta Avenida Central, na Cidade Livre. A cidade não produzia quase nada, a não ser a areia retirada do rio Corumbá e utilizada na construção.[28]
No entanto, quando **chegavam ao** Brasil somente os imigrantes que iam para o sul do país recebiam seu próprio pedaço de terra. A massa que era enviada às fazendas de café do Sudeste tinha sua força de trabalho explorada pelos senhores de café.[29]

Na manhã desta quinta-feira, 20, uma grande festa de fim de ano foi promovida pelos profissionais da Oncologia da unidade hospitalar, com uma programação repleta de atividades recreativas. Papai Noel **chegou no** carro de bombeiros, tirou fotos e distribuiu presentes para todas as crianças.[30]

A candidata Soninha Francine (PPS) **chegou de** moto na noite desta quinta-feira (11) ao debate da TV Bandeirantes, segundo ela, seu "meio de transporte habitual". O debate será transmitido pela emissora a partir das 22h.[31]

Ao último debate, Soninha **chegou de bicicleta**. "Da outra vez, vim de bicicleta porque meus assessores recomendaram", revelou a candidata.[32]

8. IMPLICAR

No sentido de causar, acarretar: regência VTD.
No sentido de envolver: regência VTDI – exige a preposição **em**.
No sentido de brigar: regência VTI – exige a preposição **com**.

O filme teve de ser rodado também na versão normal de 35mm. A rodagem das duas versões **implicou** a duplicação das cenas, o que encareceu o filme, mas a versão de 70 mm teve um resultado impressionante junto dos espectadores, que ficaram estarrecidos com o que viam.[33]

Vivemos mudanças significativas desde a década de 1960 no mundo do trabalho, mas atualmente elas se encontram num crescimento vertiginoso e exponencial. Isso **implicará** alterações substanciais no mundo do trabalho e nas cidades herdadas pela sociedade industrial.[34]
Esta madrugada, ao ver um episódio antigo de "O Sexo e a Cidade" reparo numa observação de uma das personagens ao dizer: "As mulheres **implicam** com os homens quando gostam deles. É genético, está no sangue."[35]

9. LEMBRAR / ESQUECER ≠ LEMBRAR-SE / ESQUECER-SE

Lembrar/Esquecer: regência VTD.
Lembrar: regência VTDI – exige a preposição **a**.
Lembrar-**se**/esquecer-**se:** regência VTI – exige a preposição **de**.

Eu ainda **lembro**
O dia em que eu te encontrei.[36]

O governo **lembrou** aos moradores que a área era de proteção ambiental.[37]

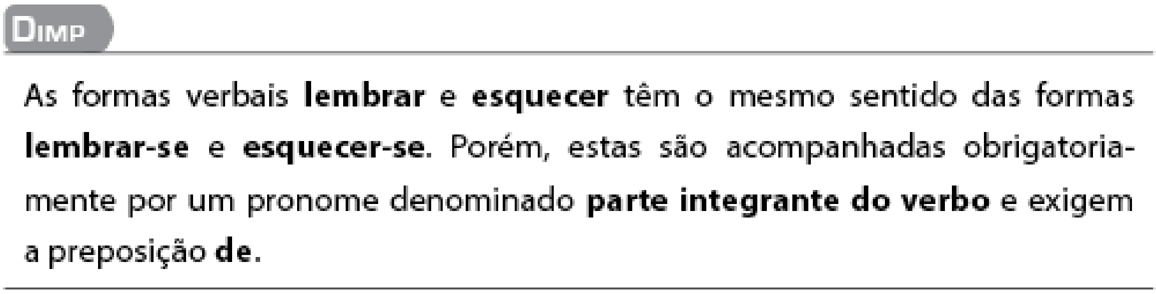

DIMP

As formas verbais **lembrar** e **esquecer** têm o mesmo sentido das formas **lembrar-se** e **esquecer-se.** Porém, estas são acompanhadas obrigatoriamente por um pronome denominado **parte integrante do verbo** e exigem a preposição **de.**

Você **se lembra** de seus sonhos? Como tem sido seu sono durante a noite? Você acorda disposto ou ainda mais cansado? Lembra-se com frequência de seus sonhos? Você sabia que o processo do sono está totalmente relacionado com a lembrança dos sonhos?[38]

Veja-se um uso **incorreto**:

Poucos **lembraram deles**, eufóricos que estavam com a homenagem aos jogadores. Mas os bombeiros, incansáveis, lá estavam, mostrando mais uma vez seu espírito solidário e democrático para prestar homenagem a outros, num dia em que tinham todo o direito de ser só deles.[39]

10. OBEDECER

Regência: VTI – exige a preposição **a.**

Viver em sociedade implica saber **obedecer a** regras e limites; todos nós **obedecemos a alguém** ou **a algo**: ao nosso chefe, ao policial, ao tribunal... as regras e leis estabelecem o limite do nosso comportamento e ensinam-nos como viver em sociedade.[40]

Eles **obedecem à primeira ordem dada pelo dono/treinador** em cerca de 95% dos casos, e além disso, eles costumam obedecer a esses comandos apenas alguns segundos depois de solicitado, mesmo que o dono esteja longe fisicamente.[41]

> Segundo o governo, o recurso está garantido, mas para liberá-lo é preciso **obedecer aos trâmites legais**.[42]

11. PAGAR / PERDOAR

Regência: VTD.
Regência: VTI – exige a preposição **a.**
Regência: VTDI – exige a preposição **a.**
Exige **OD** (coisa) e **OI** (pessoa).

> A partir de janeiro de 2009, o Estado **pagará aos professores o piso salarial nacional de R$ 950**. Sancionado pelo presidente Lula em julho deste ano, o piso será **pago a professores dos níveis fundamental e médio da rede pública**.[43]

> É fato público e notório que o INSS já **pagou aos** beneficiários as diferenças decorrentes do disposto no art. 201, parágrafo 5º do CPC.[44]

> Rihanna **perdoa tudo**: contra os conselhos de familiares e amigos, a cantora Rihanna **perdoou ao namorado**, Chris Brown, **as agressões de há três semanas**.[45]

12. PREFERIR

Regência: VTDI – exige a preposição **a**.
Não admite elementos comparativos (que, do que).
Não admite elementos intensificadores (mais, muito mais, mil vezes).

> Alemães **preferem conversar sobre morte, doenças ou problemas financeiros a falar de sexo**. Uma pesquisa com cerca de 2 mil alemães mostrou que sexo é o assunto que eles menos gostam de falar, com 64% afirmando ser um tema que eles preferem evitar.[46]

> Obama tem apetites moderados. **Prefere uma xícara de chá orgânico a um copo de uísque. Prefere salmão a carne vermelha.**[47]

Veja-se um uso **incorreto**:

> Porque qualquer pessoa normal **prefere mil vezes** trabalhar com alguém tímido, porém atencioso e prestativo, disposto a ouvir, **do que** com alguém autossuficiente, que despreza as opiniões alheias e tem resposta pra tudo.[48]

13. PREPOSIÇÃO COM PRONOME RELATIVO

Para saber se há preposição antes do pronome relativo, basta observar a regência do verbo ou do nome posterior mais próximo ou verificar se o pronome exerce uma função sintática que exige preposição.

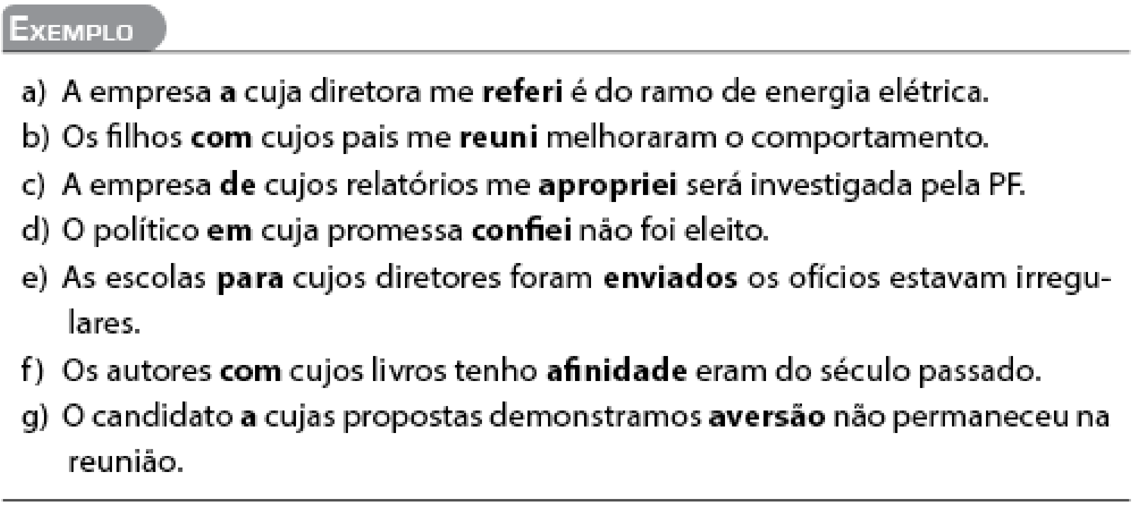

Exemplo

a) A empresa **a** cuja diretora me **referi** é do ramo de energia elétrica.
b) Os filhos **com** cujos pais me **reuni** melhoraram o comportamento.
c) A empresa **de** cujos relatórios me **apropriei** será investigada pela PF.
d) O político **em** cuja promessa **confiei** não foi eleito.
e) As escolas **para** cujos diretores foram **enviados** os ofícios estavam irregulares.
f) Os autores **com** cujos livros tenho **afinidade** eram do século passado.
g) O candidato **a** cujas propostas demonstramos **aversão** não permaneceu na reunião.

Vejam-se outros exemplos aplicados ao texto:

> A época **em que** os Estados Unidos tomavam decisões unilateralmente, só falavam e não ouviam os demais países acabou.[49]
>
> Vaticano divulga documento **em que** Pio 12 mandou salvar judeus do nazismo.[50]
>
> Depois de anunciado o perdão papal, foi ao ar uma entrevista **em que** Williamson negou a extensão do Holocausto.[51]
>
> Serão os pedagogos os únicos vilões pela baixa qualidade do desempenho escolar? As citações dos educadores **a que** fez referência não têm mais validade? Por que não apresentou um modelo alternativo, uma definição e propostas para o melhor desempenho do papel dos pedagogos?[52]
>
> Natal é a capital **em que** se paga melhor a um trabalhador em um emprego formal no Nordeste do Brasil, tendo também o quinto maior poder de compra por parte da população no Brasil.[53]
>
> A cidade **em que** (quase) todos votaram em Lula. A pequena Bacurituba, no Maranhão, endeusa Lula, a quem chama de “Papai”, com 94,67% dos votos válidos.[54]
>
> As crianças **a cujas** mães foi administrado *valproate* apresentaram sete vezes mais probabilidades de desenvolver autismo em comparação com as crianças **cujas** mães não tomaram qualquer medicamento durante a gravidez. Cabe ainda salientar que nenhuma das crianças envolvidas no estudo apresenta casos de autismo na história clínica familiar.[55]
>
> Porque o Senhor, teu Deus, vai conduzir-te a uma terra excelente, cheia de torrentes, de fontes e de águas profundas que brotam nos vales e nos montes; uma terra de trigo e de cevada, de vinhas, de figueiras, de

romãzeiras, uma terra de óleo de oliva e de mel, uma terra onde não será racionado o pão que comeres, e onde nada faltará; terra cujas pedras são de ferro e **de cujas** montanhas extrairás o bronze.[56]

O Senhor te remunere pelo bem que fizeste, e recebas uma plena recompensa do Senhor, Deus de Israel, **sob cujas** asas te acolheste![57]

14. PROCEDER

No sentido de dar início, continuidade: regência VTI – exige a preposição **a**.
No sentido de vir: regência VI – exige a preposição **de**.
No sentido de agir: regência VI – com adjunto adverbial de modo.
No sentido de ser verdade: regência VI

A empresa que **procedeu ao** registro de seu ato constitutivo anteriormente obtém a proteção do nome comercial em todo o território nacional, de acordo com a lei vigente à época.[58]

Entretanto, a Comissão Nacional de Eleições, com base na decisão daquele órgão judicial, **procedeu ao** sorteio dos partidos e coligações para a composição dos boletins de voto.[59]

“As pessoas chegam transtornadas”, disse à IPS Antonio Virgilio, da MSF. “Costumam viajar vários dias sem comida nem água. É uma travessia trágica, sobretudo para as mulheres e crianças”. Os imigrantes **procedem da** África subsaariana, África ocidental, Eritreia, Etiópia, Nigéria ou Sudão.[60]

Cresceu em 53% a quantidade de produtos perigosos retirados do mercado na UE em 2007. Mais da metade deles **procedem da** China. Brinquedos são os produtos com maiores problemas.[61]

Quando isso acontece, a maioria dos jogadores nunca mostram as cartas, preferem que o resto dos jogadores fiquem na dúvida se **procederam** bem ou mal.[62]

Jornal “Le Monde” escreve a 12 de fevereiro: “O júri do Nobel não **procederia** mal se olhasse para esse extremo do continente premiando a obra de Torga”.[63]

A informação de que exames teriam sido violados em Corumbataí não **procede**. Pelo menos oficialmente ninguém prestou queixa na Secretaria de Saúde ou nos órgãos competentes. A acusação, grave por sinal, ficou até agora apenas no anonimato.[64]

Aliás, sei de fonte segura que não **procedem** os boatos de que um comando de cantoras de atitude da MPB estaria planejando lançar seus discos no Iraque – ainda que o momento seja extremamente favorável.[65]

15. QUE / DO QUE

Em estruturas comparativas, tanto faz usar uma ou outra expressão (exceto com o verbo **preferir**, que não admite nem uma nem outra).

Meirelles diz que o país crescerá mais **do que** a média mundial. Segundo ele, apesar de haver projeções diversas para o crescimento, há consenso de que o Brasil crescerá mais **do que** a média mundial e melhor **do que** a maioria dos emergentes.[66]

Desemprego sobe menos **que** o esperado em fevereiro. A taxa de desemprego no Brasil atingiu em fevereiro o maior nível desde abril do ano passado, mas ficou abaixo das expectativas do mercado.[67]

Mulheres ganham menos **que** os homens. A principal explicação para isso é que há discriminação e que os homens têm mais experiência de um modo geral.[68]

16. RESPONDER

Regência: VTD ou VTI – exige a preposição **a.**
Regência: VTDI – exige a preposição **a.**
Exige **OD** (a resposta) e **OI** (a que(m) se responde).

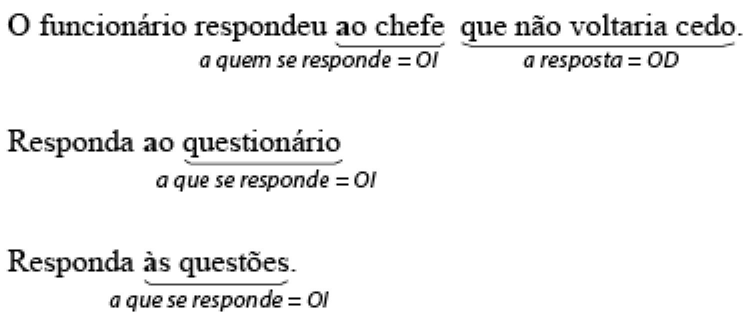

$$\text{O funcionário respondeu } \underbrace{\text{ao chefe}}_{a\ quem\ se\ responde\ =\ OI}\ \underbrace{\text{que não voltaria cedo}}_{a\ resposta\ =\ OD}.$$

$$\text{Responda ao } \underbrace{\text{questionário}}_{a\ que\ se\ responde\ =\ OI}$$

$$\text{Responda } \underbrace{\text{às questões}}_{a\ que\ se\ responde\ =\ OI}.$$

Responda ao teste e verifique sua vitalidade:[69]

1. Durante a noite você:
a) Dorme bem como uma pedra e só acorda no dia seguinte.
b) Acorda algumas vezes à noite, sem motivo aparente.
c) Não dorme quase a noite inteira.

2. Durante o dia você:
a) Fica disposto, tem raciocínio claro e é produtivo.
b) Fica indisposto pela manhã, mas melhora no período da tarde.
c) Passa o dia inteiro quase se arrastando de cansaço.

Responda ao Censo 2010. Para realizar o Censo 2010, o IBGE precisa do apoio e da participação de todos. É imprescindível que a população entenda a importância de se receber o recenseador e **responder ao**

questionário da pesquisa.[70]

Logo no início, Rabello pediu a Mauro Mendes (PR) que dissesse quem era o candidato que tinha ligação com o crime organizado. Mendes **respondeu** que não iria transformar a eleição num debate pessoal.[71]
Quem enterra sobreviventes?! Se **respondeu** "não se enterram sobreviventes", continua bem. Se **respondeu** outra coisa é porque está mal da cabeça![72]

17. SUJEITO DE INFINITIVO

A gramática tradicional não admite a contração de preposição + artigo antes de termos que funcionem como sujeito de verbos no infinitivo.

INCORRETO	CORRETO
Está na hora **do** governo trabalhar.	Está na hora **de** o governo trabalhar.
Apesar **da** secretária trabalhar bem, foi demitida.	Apesar **de** a secretária trabalhar bem, foi demitida.

Entre outros fatores, pesou na decisão o fato de que o contrato de estágio foi assinado **antes de** a suposta estagiária iniciar o curso ao qual o "estágio" se vinculava.[73]

Robert Lowe afirmou que Israel tem de encontrar uma saída **antes de** as vítimas civis aumentarem.[74]

Apesar de o governo ter decidido não responder oficialmente às críticas, não está descartada a hipótese **de o** presidente atacar Jarbas e a oposição de forma indireta.[75]

"Esse é o momento **de o investidor** mostrar que tem sangue frio", ressalta Rogério Perna, gerente da área de Gestão de Recursos de Terceiros da Nossa Caixa.[76]

18. TER DE / TER QUE

A gramática tradicional exigia unicamente a forma **ter de** nas locuções verbais, uma vez que **de** é uma preposição, e esta é a classe gramatical adequada para se estabelecer ligação entre dois termos (no caso, entre dois verbos). Entretanto, o uso consagrou a forma **ter que**, em que o vocábulo "que", originariamente conjunção, passa a ser classificado como preposição acidental. Portanto, é facultativo o uso de ambas as expressões.

Agora, quem for obter CNH **tem de** enfrentar mais tempo e gastar mais dinheiro. Isso porque o Contran aumentou a carga horária dos cursos, e as autoescolas repassaram a alta dos gastos para os clientes.[77]

Procura diminui e particulares **têm de** enfrentar mudanças: o ciclo de crescimento do ensino superior privado no Brasil acabou, ao menos no ritmo e na intensidade registrada nos últimos dez anos. O cenário a partir de agora, principalmente para as instituições mais novas e com menos alunos, é enfrentar uma sucessão de fusões, incorporações e falências.[78]

O setor da construção civil **teria que** crescer 40% em 2009 para fazer com que o PIB brasileiro tenha um incremento de 2 pontos percentuais, como afirmou hoje pela manhã o ministro da Fazenda, Guido Mantega, ao anunciar o pacote de habitação que pretende construir 1 milhão de casas.[79]

Há muitos documentários em que há apenas muitas pessoas falando, falando, falando. Mas eu acho que o documentário deveria ser muito mais imagem do que conversa, porque a fala você pode pôr no jornal, na revista. A fala **tem que** ser muito importante para que ocupe mais de alguns minutos no documentário.[80]

19. VERBOS DE REGÊNCIAS DIFERENTES

O rigor gramatical exige que não se dê complemento comum a termos de regência diferente.

INCORRETO	CORRETO
Entrei e saí da sala.	Entrei na sala e saí dela.
Li e gostei do livro.	Li o livro e gostei dele.
Gosto e confio em você.	Gosto de você e confio em você.

Vejam-se as preposições adequadas para cada verbo citado acima:

Entrar: preposição **em**
Sair: preposição **de**
Ler: sem preposição
Gostar: preposição **de**
Confiar: preposição **em**

Vejam-se exemplos **incorretos**:

Li e gostei do artigo sobre o supervisor escolar na atualidade; estou fazendo pós-graduação e foi muito válido.[81]

"Reconheço q sou forte! Por muitas vezes **entrei e saí d** relacionamentos, sem derramar uma lágrima. Dessa vez, admito, chorei. Chorei por uns dias, até ele msmo me mostrar que não valia a pena. Q eu sou muito mais do que eu mesma imaginava..." (*Internet – transcrito na íntegra*).[82]

20. VISAR

No sentido de assinar, mirar: regência VTD.
No sentido de almejar: regência VTI – exige a preposição **a**. Modernamente também se admite VTD.

As reformas econômicas implementadas por Fernando Henrique Cardoso tiveram um cunho eminentemente neoliberal, na medida em que **visavam** reduzir os custos financeiros do Estado, tanto em nível da União, como em nível dos demais entes federados.[83]

Saliente-se que, na visão de Bresser Pereira, as reformas econômicas mencionadas **visavam** ao desenvolvimento do Brasil, de seu mercado, como também buscava o equilíbrio macroeconômico, não tendo, como defendem alguns, sido implementadas para agradar burocratas e investidores financeiros internacionais.[84]

Mas as lutas dos trabalhadores não **visavam** o poder do Estado e a sua utilização em benefício dos trabalhadores. A Revolução Socialista de outubro na Rússia em 1917 foi a primeira tentativa vitoriosa de banir da sociedade toda a opressão e exploração, a exploração do homem pelo homem.[85]

Já na década de 80, o governo brasileiro desenvolveu vários planos econômicos que **visavam** o controle da inflação, sem nenhum sucesso.[86]

O primeiro assalto à mão armada aos ourives ambulantes registrou-se em 7 de dezembro de 2007 e **visou** um ourives da Guarda, que foi surpreendido pelos assaltantes.[87]

Espantei-me, quando me vi, com toda calma, tirar um talão de cheques do bolso, preencher um cheque e colocá-lo na frente do gerente. Mas ele não se espantou. Até sorriu mais, como se fosse meu amigo. **Visou** o cheque, chamou uma recepcionista e mandou recebê-lo. E, quando um contínuo trouxe café, ainda com a maior calma, cruzei as pernas e pedi também um copo de água.[88]

Questões Comentadas – Cespe/UnB

O informe mundial sobre a água adverte os governos sobre a "inércia política", que só agrava a situação, marcada pela permanente redução dos mananciais do planeta.

1. Para evitar as duas ocorrências da preposição "sobre" (ℓ.1), a substituição da segunda delas pelo vocábulo **que** mantém a correção gramatical do texto.

Segundo a síntese dos indicadores sociais do IBGE, a família está mais moderna e menor, mas a sociedade brasileira continua apegada a antigos preconceitos. Ainda hoje, as mulheres ganham **menos que os homens** em todos os estados e em todos os níveis de escolaridade. No caso das trabalhadoras com ensino médio, a diferença de salários é imensa. Se os representantes do sexo masculino recebem R$ 1.000,00 em uma empresa por um serviço, elas fazem o mesmo por R$ 571,00.

2. Em "ganham menos que os homens", seria incorreto inserir **do** imediatamente após "menos".

3. A substituição do termo sublinhado em "Temos de criar" por **que** provoca erro gramatical.

O Globo – É possível comparar a saúde mental de pessoas que vivem em uma região de conflitos à das pessoas que vivem em favelas ou na periferia das grandes cidades brasileiras?

Souza – Acredito que onde existem medo, insegurança e violência constante existe também estresse psicológico. Por outro lado, há fatores que amenizam a incidência desses problemas. Na Cachemira, por exemplo, a religiosidade, o suporte da família e da sociedade são fatores que reduzem o sofrimento psicológico. Trabalhei na periferia de São Paulo e encontrei muitos dos problemas que encontro na Cachemira. [...]

4. Considerando, para a regência do verbo comparar, o seguinte esquema: comparar X a Y, é correto afirmar que, na pergunta de O Globo, X corresponde a "a saúde mental das pessoas que vivem em uma região de conflitos" e Y corresponde a "[a saúde mental] das pessoas que vivem em favelas ou na periferia das grandes cidades brasileiras."

[...] Caso uma indústria lance uma grande concentração de poluentes na parte alta do rio, por exemplo, a coleta de uma amostra na parte baixa não será capaz de detectar o impacto, mesmo que esta seja feita apenas um minuto antes de a onda tóxica atingir o local. [...]

5. No trecho "antes de a onda tóxica atingir o local" (ℓ.4-5), a substituição da parte grifada por **da** resulta em um sujeito preposicionado.

A construção de um novo momento histórico é um compromisso que deve estar pautado em todas as ações de governo. Nesse contexto é que afirmamos o direito da sociedade brasileira à informação e à educação. O caminho, portanto, é o da inclusão social, momento em **que** deve ser construída uma nova cultura, embasada nos direitos fundamentais da vida humana. [...]

6. Pelas regras da norma culta, o uso da preposição “em” (ℓ.4) antecedendo “que” é opcional; por isso, mantém-se a correção gramatical ao se retirar esse vocábulo do texto.

7. O emprego da regência verbal em “Prefiro dar uma volta maior [...] a correr o risco de sofrer algum tipo de violência” revela um emprego informal, coloquial da língua portuguesa – uma linguagem de jovens.

8. Mantêm-se a correção gramatical e o sentido original se o trecho “Os professores assistem a todo esse movimento” for assim reescrito: Os professores assistem-lhe.

O senhor admite ter desempenhado um papel fundamental na organização dos ataques do PCC? Não se pode dispensar todo o barril por causa de algumas maçãs podres. Eu ajudo mais de 90 milhões de brasileiros a se comunicarem diariamente. Sou um aparelho democrático.

9. Como o verbo ajudar admite duas regências, atenderia aos preceitos gramaticais a inserção da preposição “a” antes do termo “mais de 90 milhões de brasileiros” (ℓ.3-4).

Como na grande maioria dos países, a hipótese óbvia é que a penetração da televisão nos domicílios brasileiros foi de longe o fator causal mais importante. Outras causas, como mudanças de hábitos de lazer da sociedade associados à difusão da posse do automóvel e à redução do custos de transportes, certamente possibilitaram formas de lazer mais especializadas no tempo e no espaço, que competem diretamente com o cinema. Mas, comparado **com a** televisão, o papel desses fatores parece ter sido limitado.

10. Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir “com a” (ℓ.7) por **ao da**.

Julgue os fragmentos de texto nos itens seguintes quanto à concordância, à regência e à pontuação.

11. Falam muito, hoje em dia, a respeito de ética na política, no esporte, nas profissões liberais e na relação social.

12. A mídia não se farta de apresentar e incentivar debates referente à temas polêmicos que envolvam padrões comportamentais, conceitos e modos de vida; exploram, às vezes, de maneira banal, fatos isolados e obtêm daí, preciosos dividendos.

13. Os diversos veículos de comunicação a todo instante colocam-lhes em contato com acontecimentos inusitados da vida brasileira: alguns recheados de sensacionalismo, que em um dado momento acabam transformando-os em fenômeno social, devido à uma exploração em massa de episódios da vida real presentes no cotidiano das pessoas comuns.

14. No entanto os meios de comunicação, a pretexto de fazer jornalismo usaram e abusaram das imagens do menino de rosto bonito.

Todo ser humano tem suas habilidades para interagir com o meio onde vive. Nossa inteligência não está em um espaço fechado chamado cérebro. Interagimos com o mundo e, utilizando nosso corpo e nosso ser, participamos da nossa cultura. Pensamos e sentimos como um todo.

15. Na linha 2, "onde" pode ser substituído pelas expressões **em que** ou **no qual** sem prejuízo para a correção gramatical e a coerência do período.

16. Mantêm-se a correção gramatical e o sentido original se o trecho "maior hábito de leitura na elite asiática do que na brasileira" for reescrito da seguinte maneira: maior hábito de leitura na elite asiática que na brasileira.

Ao contrário do que ocorre nas sociedades autônomas, aqui o povo não existe para si e sim para outros. Ontem, era uma força de trabalho escrava de uma empresa agromercantil exportadora. Hoje, é uma oferta de mão de obra que aspira a trabalhar e um mercado potencial que aspira a consumir.

17. Na linha 4, o emprego da preposição "a" indica o sentido dado no texto à forma verbal "aspira": deseja, almeja.

Os acontecimentos traumáticos vividos por um grupo minoritário não podem ser excluídos da experiência coletiva da sociedade em que esse grupo se insere. No Brasil, nosso compromisso com a alegria, a festa, a irresponsabilidade nos faz rejeitar a memória e abandonar os projetos de reparação de injustiças passadas.

18. Na oração "em que esse grupo se insere" (ℓ.3), a supressão da preposição acarretaria erro gramatical.

Tradicionalmente, a área em que há qualquer tipo de aglomerado populacional é considerada uma área urbana. Isto é extremamente conveniente para as prefeituras, que podem aumentar a arrecadação do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU).

19. O verbo "aumentar" (ℓ.3) pode ser reescrito como pleitear aumento, sem que seja preciso fazer outras alterações na frase em que se encontra.

20. No trecho "em que há" (ℓ.1), a preposição "em" é facultativa.

21. No trecho "que a família ensine a criança, desde pequena, a saber lidar com dinheiro e a se envolver com o controle dos gastos", o verbo ensinar rege um complemento com preposição e um sem preposição.

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), por meio da RDC 102/2000, proíbe à indústria farmacêutica oferecer ou prometer prêmios ou vantagens aos profissionais de saúde habilitados a prescrever ou dispensar medicamentos. Além disso, esses não podem solicitar ou aceitar nenhum incentivo se estiverem vinculados à prescrição, dispensa ou venda.

22. Na linha 2, a inserção da preposição **de** logo após "farmacêutica" atenderia à regência do verbo proibir, que exige complemento preposicionado.

Em meio a uma crise da qual ainda não sabe como escapar, a União Europeia celebra os 50 anos do Tratado de Roma, pontapé inicial da integração no continente. Embora sejam muitos os motivos para comemorar, como a manutenção da paz e a consolidação do mercado comum, os chefes dos 27 Estados-membros têm muito com o que se preocupar.

http://www.estadao.com.br/arquivo/mundo

23. O emprego de preposição em "da qual" (ℓ.1) atende à regência do verbo "escapar" (ℓ.1).

Entre 9% e 18% dos estudantes brasileiros têm ou já tiveram contato com armas de fogo. E o acesso a esses armamentos nas proximidades das escolas é tão fácil, segundo os alunos, que a maioria sabe indicar onde e de quem comprá-los, de acordo com dados de pesquisa da UNESCO em capitais do país.

http://www.brasilnews.com.br

24. O emprego da preposição "de", em "de quem comprá-los" (ℓ.4), decorre da regência do verbo comprar.

Para Vygotsky, a base do funcionamento psicológico tipicamente humano é cultural, portanto, histórica. Os elementos mediadores na relação entre o homem e o mundo – instrumentos, signos e todos os elementos do ambiente humano carregados de significado cultural – são construídos nas relações entre os homens. Os sistemas simbólicos e, particularmente, a língua exercem um papel fundamental na comunicação entre os sujeitos e no estabelecimento de significados compartilhados que permitem interpretações dos objetos, eventos e situações do mundo real.

O surgimento da atividade verbal e da língua como sistema de signos é crucial no desenvolvimento da espécie humana, momento mesmo em que o biológico se transforma no histórico e em que emerge a centralidade da mediação simbólica na constituição do psiquismo humano. É o trabalho que, pela ação transformadora do homem sobre a natureza, une homem e natureza e cria a cultura e a história humanas.

25. Preservam-se a correção gramatical e a coerência entre os argumentos caso se suprima o elemento sublinhado no trecho:

a. "Os elementos mediadores na relação entre o homem e o mundo" (ℓ.2-3).
b. "são construídos nas relações entre os homens (ℓ.5).
c. "exercem um papel fundamental na comunicação entre os sujeitos e no estabelecimento de significados (ℓ.6-7).
d. "sistema de signos é crucial no desenvolvimento" (ℓ.10-11).

e. “a centralidade da mediação simbólica na constituição do psiquismo humano” (ℓ.13-14).

Um peixe, se tivesse consciência, provavelmente não se daria conta de que vive permanentemente na água. Nós raramente tomamos consciência de que vivemos imersos em uma grande camada de oxigênio. Do mesmo modo, quase nunca nos apercebemos que vivemos em contato direto com os grupos e as instituições.

26. Nos segmentos “de que vive” (ℓ.2) e “de que vivemos” (ℓ.3), o uso da preposição “de” é requerido pela regência do verbo **viver**.

“As empresas ficaram mais eficientes e estão repartindo os ganhos com o trabalhador, e isso é muito bom, porque o aumento da renda alimenta a expansão da demanda doméstica”, diz o assessor do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial, Júlio Sérgio Gomes de Almeida. Segundo ele, a maturação dos investimentos feitos pelas indústrias permite a expansão da capacidade de produção em ritmo suficiente para atender ao crescimento da demanda, sem que haja pressões inflacionárias.

27. O emprego de preposição em “ao crescimento” (ℓ.7) justifica-se pela regência de “atender” (ℓ.7).
Ofício 31.2008

Diretoria de Ensino Região Leste 1

São Paulo, 29 de julho 2008

Senhor (a) Diretor (a)

A Dirigente Regional de Ensino da DER Leste 1 solicita de Vossa Senhoria especial atenção para o que segue, bem como divulgar as matérias contidas neste documento junto aos interessados.

1 – Educação Física Escolar:
A orientação é de que os professores de educação física utilizem locais cobertos, como ginásios e pátios, e que deixem as atividades que exigem mais esforços para quando a umidade estiver mais alta. (...)

2 – Curso de Xadrez e Damas – online:
O programa visa estimular a aprendizagem nessas duas modalidades de jogos. É um curso gratuito e feito na modalidade de ensino a distância.

28. O verbo “visa”, que aparece no início do item 2 do ofício, rege preposição **a**, a qual pode ser omitida quando o complemento é uma oração com verbo no infinitivo.

Despertava como quem leva um susto, ia lavar o rosto e retomava sua ronda, que me deixava mareado. Eu esperava o fim da tarde com ansiedade; mal escurecia, entrava no camarote para ler, mas ficava pensando nos dois: Mundo e seu pai. Quando não conseguia dormir, subia ao convés e via o vulto sentado na popa, o focinho de Fogo no colo; Jano não se voltava.

29. A correção gramatical e o sentido do texto seriam mantidos se a preposição **a** fosse incluída após a forma verbal “esperava” (ℓ.2), de forma a obter a seguinte oração: **Eu esperava ao fim da tarde com ansiedade.**

Em contraposição a essa noção, Kant defende que o espaço e o tempo são dimensões básicas que possibilitam todo e qualquer conhecimento, intrínsecas ao ser humano enquanto ser cognoscente. Em sua opinião, não se pode conhecer realmente nada que exista fora do tempo e do espaço.

30. Na linha 3, a preposição em “ao ser humano” é exigida pelo adjetivo “intrínsecas”; por isso, a preposição teria de ser mantida no caso da substituição do artigo por **qualquer**, escrevendo-se **a qualquer ser humano**.

Na esteira da leitura do mundo pela palavra, vemos emergir uma tecnologia de linguagem cujo espaço de apreensão de sentido não é apenas composto por palavras, mas, junto com elas, encontramos sons, gráficos e diagramas, todos lançados sobre uma mesma superfície perceptual, amalgamados uns com os outros, formando um todo significativo e de onde sentidos são complexamente disponibilizados aos navegantes do oceano digital.

31. Preservam-se a correção gramatical do texto e as relações semânticas entre as expressões “sentido” (ℓ.2) e “superfície perceptual” (ℓ.4-5), ao se retirar a preposição do termo “de onde” (ℓ.6).

O hipertexto concretiza a possibilidade de tornar seu usuário um leitor inserido nas principais discussões em curso no mundo ou, se preferir, fazê-lo adquirir apenas uma visão geral das grandes questões do ser humano na atualidade. Certamente, o hipertexto exige do seu usuário muito mais que a mera decodificação das palavras que flutuam sobre a realidade imediata.

32. Seria mantida a correção gramatical caso o elemento **do** fosse inserido entre “mais” e “que”, na linha 5.

Era uma vez uma rotina em que criança bem-criada e educada era aquela que tinha horário para tudo e não misturava as coisas: brincar era brincar, estudar era estudar. Pobres dos pais que ainda alimentam alguma ilusão de ritmo sequencial. Cercadas de aparelhos eletrônicos que dominam desde cedo, as crianças da era dos estímulos constantes e simultâneos são capazes de executar três, quatro, cinco atividades ao mesmo tempo – e prestar pelo menos alguma atenção a todas elas. São crianças multitarefa e encaram isso com total naturalidade.

33. Preservam-se a coerência da argumentação e o atendimento às regras gramaticais ao se retirar a preposição “em” do termo “em que” (ℓ.1).

Essa ideia norteou o projeto **O Combate ao Câncer vai de Metrô**. Com um visual colorido e irreverente, os vinte cartazes buscam propagar a ideia de que é possível tomar medidas que diminuam as chances de contrair câncer e de que a detecção precoce da doença amplia significativamente as chances de cura.

34. As duas ocorrências da preposição “de” em “de que” (ℓ.3-4) mostram o início de orações que complementam o termo “ideia” (.3).

A necessidade de discussão da questão política e do exercício do poder está em que, em última análise, todos os grupos, classes, etnias visam, de uma forma ou de outra, o controle do poder político. Porém, costumamos ver o poder como algo negativo, perverso, no sentido da dominação, da submissão. Não há, entretanto, sociedade organizada sem formas de exercício de poder. A questão, portanto, deve ser: como e em nome de quem este poder se exerce?

35. Na linha 2, para evitar as duas ocorrências da preposição “em” e tornar o estilo do texto mais elegante, mantendo-se a correção gramatical, deve-se deixar subentendida a primeira delas, reescrevendo-se o respectivo trecho da seguinte forma: **está que, em última análise**.

36. Mantendo-se as ideias originalmente expressas no texto, assim como a sua correção gramatical, o complemento da forma verbal “visam” (.3) poderia ser introduzido pela preposição **a**: **ao controle**.

Os oceanos ocupam 70% da superfície da Terra, mas até hoje se sabe muito pouco sobre a vida em suas regiões mais recônditas. Segundo estimativas de oceanógrafos, há ainda 2 milhões de espécies desconhecidas nas profundezas dos mares. Por ironia, as notícias mais frequentes produzidas pelas pesquisas científicas relatam não a descoberta de novos seres ou fronteiras marinhas, mas a alarmante escalada das agressões impingidas aos oceanos pela ação humana. Um estudo recente do Greenpeace mostra que a concentração de material plástico nas águas atingiu níveis inéditos na história.

37. Na linha 7, a presença de preposição em “aos oceanos” justifica-se pela regência do termo “impingidas” (.7).

Questões de Fixação

38. (Universa) Quanto às normas de regência e concordância, assinale a alternativa que contém a frase inteiramente correta.

a. A proliferação de enclaves fortificados vem criando um novo modelo de segregação espacial.
b. Uma das principais justificativas dos enclaves encontram-se no medo da violência.
c. Enclaves fortificados atraem cada vez mais àquele que preferem abandonar as ruas para os pobres.
d. A questão da violência urbana complementa à da segregação urbana contemporânea.
e. Percebe-se as diferenças sociais com maior rigidez quando surgem espaços de segregação.

39. (Universa) Ainda a respeito do fragmento “Eles chegam ao núcleo de profissionais que demonstram interesse em oferecer ensino integral – cognitivo, atitudinal, criativo etc. – para o aluno”, assinale a alternativa que apresenta o verbo com transitividade comum à do verbo **chegar.**

a. Dar.
b. Ir.

c. Implicar (= acarretar).
d. Namorar.
e. Visar (= olhar).

40. (Universa) A reescritura do trecho grifado em: “Quem dormiu no chão deve lembrar-se disto” que também atende à norma culta é:

a. deve lembrar isto.
b. deve lembrar-se isto.
c. deve lembrar disto.
d. deve se lembrar isto.
e. deve disto lembrar.

REGÊNCIA VERBAL

O dia de não saber

Andei uns dias com uma tristeza e um desânimo sem razão que eu pudesse detectar, mas que me sobrevoavam como ave agourenta. Eu a mandava embora, ela depressa voltava. Fiz meus cálculos: filhos, netos e marido bem, saúde boa, trabalho bastante, ainda dando para pagar as contas. Mas eu me sentia doente.

“Exames, consultas, tudo ótimo, você vai fácil aos 100”, tranquilizou o médico amigo. Mas eu me sentia doente e nunca fui de hipocondrias. “Repouse um pouco. Pegue leve”, ele disse. Obedeci. Em lugar de saltar da cama antes das 7, preparar o café, tomá-lo na sala enquanto assistíamos ao noticioso, fiz o que eu, brincando, chamei de “vida de celebridade”: ficava até mais tarde na cama, às vezes o marido até trazia a simpática bandejinha. Procurei controlar minha natural ansiedade, nada de me preocupar com tudo e com todos. Mais contemplativa, do jeito que na verdade eu gosto.

E aos poucos melhorei. Um dia acordei, e tinham-se ido os sintomas e a tristeza. Levei algum tempo para entender o que se passava: nos meus dias de preguiça deixei de ler os jornais e assistir aos noticiosos logo de manhã. Que santo remédio para meus males. Pois o que se lê ou vê não deveria ser o primeiro alimento da alma, ao menos imagino eu.

Então retomei meu ritmo antigo bem de mansinho. Abro jornais e vejo noticiosos perto do meio-dia (assim também perco a fome e os quilos necessários). Pois o que vemos, lemos, ouvimos é mais de 90% deprimente, se não assustador. Lembrei-me de um senador da República, Jefferson Péres, dizendo que deixaria sua cadeira no Senado “com profundo desalento” pelo que ocorria neste país. Um dos raros pilares da grandeza e da ética, ele morreu em 2008, do coração, se não me engano em sua casa em seu estado natal. Não deve ser grave erro atribuir essa morte, em parte, ao peso daquele desalento que devia ser enorme, vasto e profundo, para o levar àquele passo.

Eu não posso abdicar de meu país, e de minha condição de quem aqui nasceu e escolhe todos os dias aqui viver, porque este é o meu lugar, estas são minhas raízes essenciais. Porém, que está difícil, está. O rio de lama se transforma num mar, aquele tão citado por tantos políticos em tantas décadas. A quem recorrer, para que lado olhar? Teias e tramas de corrupção se revelam em dimensões inimagináveis. Educação e saúde continuam em desgraça, porque não as vejo de verdade favorecidas nem resolvidos os seus piores males. Preparam-se assim gerações de ignorantes, incompetentes e talvez de descrentes. Pois os líderes deviam ser nosso exemplo segundo, o primeiro sendo os pais.

Não deve nos chocar ouvir um adolescente dizer “por que eu devia estudar”, “por que trabalhar tanto”, “por que ser honesto”, se a gente acaba parecendo bobo no meio dos espertos? O argumento é adolescente como o rapaz, mas não sem fundamento. É preciso muito esforço, muito raciocínio, muita base de casa, de berço (não o esplêndido, mas o amoroso, reto, moralmente bom), para nadar contra a correnteza escura, e tentar fundar alguma ilha de claridade, de honradez, de trabalho, de interesse real pelos menos afortunados. Para buscar uma humanidade como sempre imaginei que ela deveria ser – quem sabe um dia será –, onde a gente sinta que vale a pena lutar, sonhar, ter esperança; onde se adotem linhas firmes de conduta e ideologias do bem. Pois cada vez mais as ideologias deixam de importar; valem os interesses, os votos, o poder, a manutenção das condições favoráveis ao enriquecimento ilícito, às manobras por mais e mais poder, e tudo o que gera violência, ignorância, miséria, agressividade, stress e o que disse aquele senador: desalento.

Assim, higienizando minhas manhãs, eu me sinto muito melhor. Estaria curada se quisesse me alienar de todo, mas isso não posso: sou uma habitante deste planeta e deste país, e quero que tudo de bom ainda possa florescer por estas bandas, antes de se passarem aqueles meus profetizados 100 anos.

LUFT, Lya. In: Veja. Edição 2.266. 25 de abril de 2012.

REGÊNCIA VERBAL

É a relação de dependência entre verbos e termos nominais, ou seja, termos com valor substantivo. O verbo, na maioria das vezes, exige que um termo lhe complemente o sentido. Este termo será chamado de **complemento verbal** ou **termo regido**. A forma verbal será denominada **termo regente**.

REQUISITOS AO ESTUDO DA REGÊNCIA:
1) Uso de preposições. 2) Transitividade verbal. 3) Uso de pronomes pessoais. 4) Uso de pronomes relativos.

Quando se estuda regência verbal, é imprescindível observar a relação semântica e sintática que as preposições podem estabelecer no período. Observe, por exemplo, o verbo **chegar**, em algumas situações de uso:

Cheguei aqui **na** minha moto.

A preposição **em** (presente na contração “na”) introduz um termo que expressa ideia de lugar móvel, veículo. Neste caso, a preposição equivale sintática e semanticamente a **sobre**.

Cheguei aqui **no** meu carro.

A preposição **em** (presente na contração “no”) também introduz um termo que expressa ideia de lugar móvel, veículo. Neste caso, porém, tal preposição equivale sintática e semanticamente à locução prepositiva **dentro de**.

Cheguei aqui **em** maio.

Nesse período, a preposição introduz um termo que expressa ideia de tempo.

Cheguei de Fortaleza ontem.

Nesse período, a preposição introduz um termo que expressa ideia de lugar imóvel, de origem.

Cheguei de carro.

Aqui foi empregada a mesma preposição do exemplo anterior. Entretanto, observa-se que a ideia expressa foi outra: meio de locomoção.

Cheguei de surpresa.

Mais uma vez foi empregada a preposição "de". Notamos, porém, que a ideia expressa é diferente das anteriores: temos, neste caso, a ideia de modo.

Cheguei ao Rio de Janeiro às 23h.

Nesse período, empregamos a preposição "a", que introduz contextualmente um termo com ideia de lugar imóvel, de destino: "o Rio de Janeiro". Constituiria erro gramatical, apesar de comum na língua coloquial, empregar-se a preposição **em** neste contexto. Esta preposição não pode ser usada com valor de destino.

Observamos, portanto, que o verbo **chegar** pode ser empregado com várias preposições, mas elas expressarão ideias diferentes. Podemos notar, então, que o estudo de regência verbal é bem amplo.

Os gramáticos elencaram alguns verbos que merecem maior atenção. Normalmente, tais formas verbais têm sido empregadas pelos usuários do idioma de maneira inadequada em relação à norma-padrão. Faremos um estudo detalhado de tais casos. Antes disso, porém, vamos analisar alguns trechos do texto que abre este capítulo.

> Fiz meus cálculos: filhos, netos e marido bem, saúde boa, trabalho bastante, ainda dando para **pagar as contas**. Mas eu me sentia doente.

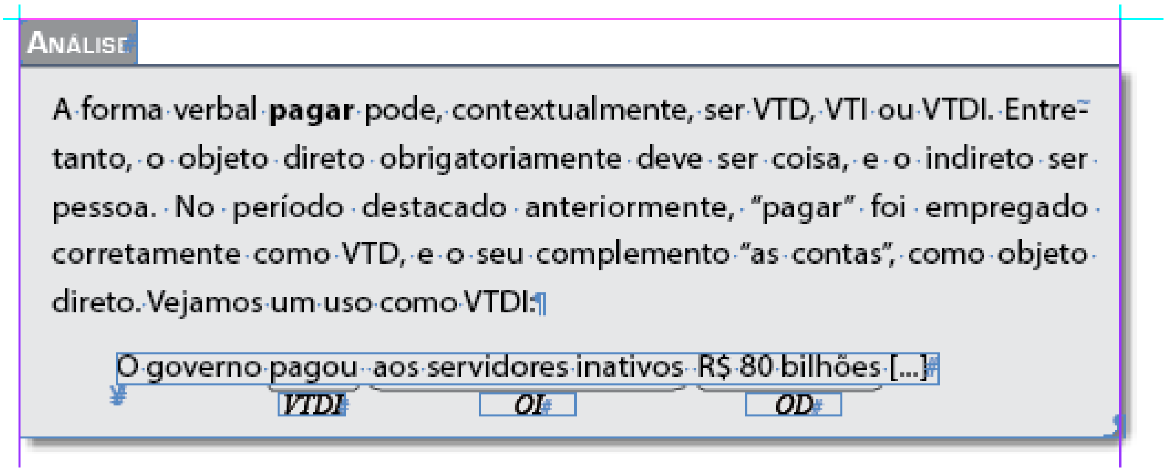

ANÁLISE

A forma verbal **pagar** pode, contextualmente, ser VTD, VTI ou VTDI. Entretanto, o objeto direto obrigatoriamente deve ser coisa, e o indireto ser pessoa. No período destacado anteriormente, "pagar" foi empregado corretamente como VTD, e o seu complemento "as contas", como objeto direto. Vejamos um uso como VTDI:

O governo $\underbrace{\text{pagou}}_{\text{VTDI}}$ $\underbrace{\text{aos servidores inativos}}_{\text{OI}}$ $\underbrace{\text{R\$ 80 bilhões}}_{\text{OD}}$ [...]

Em lugar de saltar da cama antes das 7, preparar o café, tomá-lo na sala enquanto **assistíamos ao noticioso**, fiz o que eu, brincando, chamei de “vida de celebridade”: ficava até mais tarde na cama, às vezes o marido até trazia a simpática bandejinha.

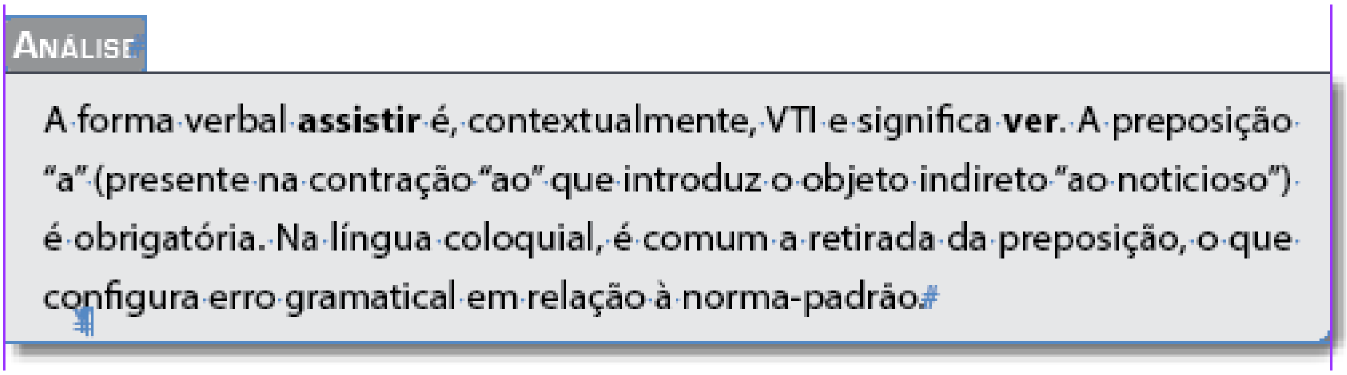

ANÁLISE#

A forma verbal **assistir** é, contextualmente, VTI e significa **ver**. A preposição “a” (presente na contração “ao” que introduz o objeto indireto “ao noticioso”) é obrigatória. Na língua coloquial, é comum a retirada da preposição, o que configura erro gramatical em relação à norma-padrão.#

Lembrei-me de um senador da República, Jefferson Péres, dizendo que deixaria sua cadeira no Senado “com profundo desalento” pelo que ocorria neste país.

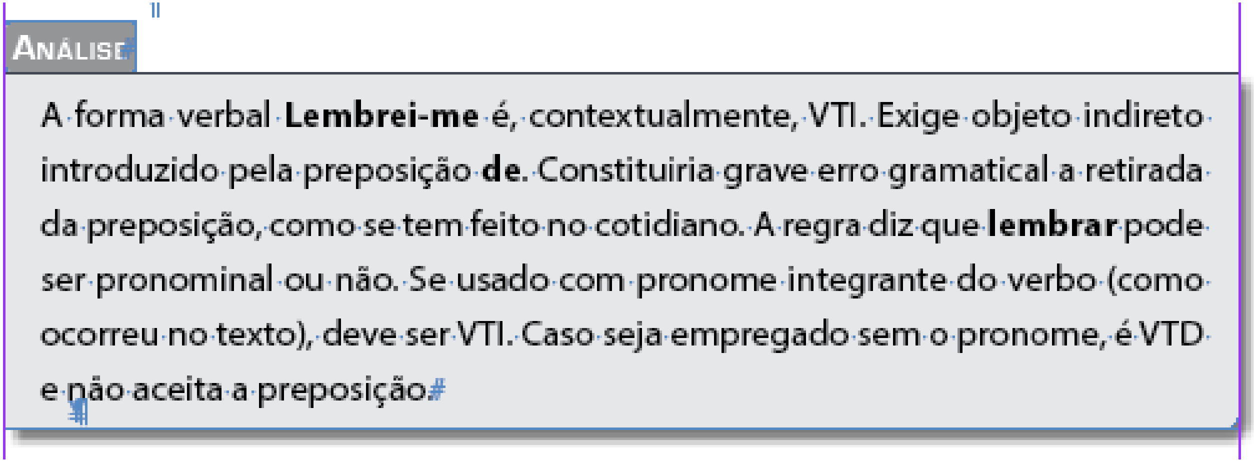

ANÁLISE#

A forma verbal **Lembrei-me** é, contextualmente, VTI. Exige objeto indireto introduzido pela preposição **de**. Constituiria grave erro gramatical a retirada da preposição, como se tem feito no cotidiano. A regra diz que **lembrar** pode ser pronominal ou não. Se usado com pronome integrante do verbo (como ocorreu no texto), deve ser VTI. Caso seja empregado sem o pronome, é VTD e não aceita a preposição.#

REGÊNCIA COM VERBOS TRADICIONAIS

Denominamos verbos tradicionais, neste contexto, aqueles que são comumente estudados por vários autores, nas diversas gramáticas da língua portuguesa, e que geram as maiores divergências entre a língua culta e a língua coloquial.

1. ADVERTIR / AVISAR / CIENTIFICAR / INFORMAR / NOTIFICAR

Regência: VTDI – exige a preposição **a**, **de** ou **sobre.**
Admite **OD** (coisa) e **OI** (pessoa) ou **OD** (pessoa) e **OI** (coisa).

O ex-deputado José Rajão (PSDB), um dos autores da lei, defendia que a guarda comunitária seria uma

> forma de reduzir a criminalidade. Equipados com celulares, os guardas comunitários **avisariam** a polícia sobre a presença de pessoas em atitude suspeita.[1]
>
> Os casos de denúncia de fraudes várias por parte destas empresas já são famosos; a TMN deveria ter o cuidado de **avisar** os clientes de que a qualquer momento elas podem atacar...[2]
>
> Pois bem, arme-se em jovem empresário-programador, (jovem e programador já você é, empresário é que talvez não) e escreva um programa para automatizar esta tarefa de **avisar** os clientes dos filmes que eles querem ver.[3]
>
> Os bancos devem **avisar** aos clientes qualquer problema de recusa no recebimento de documentos ou pagamentos. É, também, dever da instituição financeira informar o telefone da Central de Atendimento do Banco Central (0800-99-2345), caso o cliente queira fazer reclamações sobre o atendimento bancário.[4]

Veja-se um uso **incorreto**:

> A assessoria de imprensa ligou para mim pedindo que avisasse **a todos** os moradores **sobre a remarcação da reunião**, eu disse que só avisaria na hora que eles estivessem aqui em casa.[5]

2. AGRADAR

No sentido de acariciar: regência VTD.
No sentido de alegrar: regência VTI – exige a preposição **a**.

> Como a criança tende a polarizar, se a mãe **agrada** um filho, o outro pensa ser o oposto. Só que ele não conta isso para os pais. E, por muitas razões, age em silêncio. Uma delas é que quanto mais nova a criança, mais difícil sua comunicação. Além disso, muitas vezes a criança nem tem consciência, não tem noção do que se passa.[6]
>
> Dar apoio aos filhos é principal conselho aos pais. "O menino negro pode sofrer discriminação na rua. Mas, ao chegar a casa, conta para a mãe, ela vai à escola, toma satisfações... Ela conversa com o filho, **agrada**, beija e abraça".[7]
>
> No Condomínio Horto do Ipê, no Bairro Jardins, a opção foi contratar um arquiteto para cuidar do bem-estar desse espaço, a fim de **agradar** aos moradores e convidados.[8]
>
> A manifestação da UNE só **agradou** ao presidente Lula, que convidou os caciques estudantis e sindicais para um "encontro para plateia", ocorrido logo após os discursos recheados de chavões e palavras de ordem, mas não **agradou** ao povo e, em especial, históricas lideranças políticas e estudantis.[9]
>
> Segundo o presidente da Eletrobrás, José Antônio Muniz, o resultado **agradou** ao governo, que recomendou que não haja disputa judicial. "Se Furnas seguir minha recomendação, não haverá ação", afirmou...[10]

Gastronomia paraibana **agrada** a todos os paladares. Com um cardápio variado, a culinária paraibana contribui para o desenvolvimento do turismo.[11]

3. AJUDAR

Pode ser VTD, VTI ou VTDI.

A ONG foi premiada por **ajudar** os moradores da região.[12]

O objetivo do projeto é preservar as tartarugas marinhas, em extinção, sendo assim, eles **ajudam** aos moradores com palestras sobre o mar e seus animais. Com certeza as tartarugas estarão salvas com esse projeto em vigor.[13]

Senhor, **ajuda** os homens a olhar a natureza da família, não como uma qualquer circunstância sócio-temporal, mas como um local de acolhimento da vida, onde se geram os afetos, a segurança e se cultiva a aceitação pessoal.[14]

4. ASPIRAR

No sentido de absorver: regência VTD.
No sentido de almejar: regência VTI – exige a preposição **a** (não admite o pronome lhe).

Temos, sim, que fazer nossa parte, colaborando em preservar a natureza, sem agredir nossos mananciais, nossas florestas, é o que o Green Peace demonstra para o mundo, sensibilizando o que Deus deixou para nós. Como é lindo olhar para o céu e ver o quanto ele é azul, assim como a cor do mar, dos oceanos, poder **aspirar um ar** puro sem substâncias prejudiciais para a saúde, ver o verde de perto sentindo a brisa roçar no rosto.[15]

Segundo um morador próximo ao local, o fogo foi ateado no domingo. “Ligamos para o Corpo de Bombeiros, mas só agora veio a solução. Todos esses dias, moradores e crianças de duas creches, próximas daqui, **aspiraram** a fumaça”, disse um morador.[8]

Aristóteles já tomava como critério para a sua classificação das formas de governo a intenção com que as pessoas **aspiravam ao poder**: ou a intenção de realizar o bem comum (e nós teríamos as formas puras de governo), ou a intenção de realizar o seu interesse pessoal (e nós teríamos as formas impuras de governo).[17]

É verdade que saíamos de uma guerra mundial, de uma verdadeira guerra civil europeia, e que as pessoas **aspiravam à paz e à prosperidade**. Cinquenta anos volvidos, porém, o que constatamos?[18]

5. ASSISTIR

No sentido de ajudar: regência VTD ou VTI (se for VTI, exige a preposição **a**).
No sentido de ver: regência VTI – exige a preposição **a** (não admite o pronome lhe).
No sentido de caber: regência VTI – exige a preposição **a**.

Na Oceania, (por exemplo, na Austrália, Nova Zelândia, Papua-Nova Guiné), a Igreja oferece uma formação específica aos agentes sociais, pastorais e sanitários e **assiste os enfermos** nos hospitais e nos centros de atenção.[19]

Em Santos, há um ano foi montado um consultório de plano odontológico, que **assiste aos policiais militares e civis** em geral, o "CIC – Centro Integrado Clínicas – Odontologia".[20]

Hoje o Município **assiste ao cidadão** desde quando ainda em gestação na barriga da mãe, a parturiente, a fase idosa, o que gera demandas e despesas complementares.[21]

Marta **assiste à partida** do Los Angeles Lakers. Brasileira, contratada pelo Los Angeles Sol, retribui carinho de Kobe Bryant, que foi a sua apresentação, e acompanha a 50ª vitória do Lakers na temporada regular da NBA.[22]

Para mim há dois aspectos da liberdade que encerram em si quase tudo o que podemos esperar da liberdade ou da falta dela: liberdade de expressão e liberdade de movimentação. Quando falo de liberdade, refiro-me à liberdade que **assiste ao cidadão** livre, honesto cumpridor das regras do respeito pelo outro cidadão. Não falo, obviamente, do criminoso.[23]

6. ATENDER

Regência: VTD.
Regência: VTI – exige a preposição **a**.

O Procon estadual vai estar integrado, de forma efetiva e permanente, à Campanha Amigo do Turista, **atendendo a** uma determinação do governador Cássio Cunha Lima para o sucesso da campanha.[24]

Em breve teremos os profissionais mais bem preparados do Brasil **atendendo o** turista como ele merece.[25]

Uma das prováveis razões para que os governos não estejam conseguindo **atender às** demandas dos cidadãos de maneira adequada pode estar ligada à maneira como os órgãos estão organizados e são administrados.[26]

Com o número cada vez maior de mulheres ao volante, os prestadores de serviços automotivos já sentem a necessidade de se adaptar para **atender o** público feminino.[27]

7. CHEGAR / IR

Regência: VI – exige a preposição **a** (indicando destino, aproximação).
Regência: VI – exige a preposição **em** (equivalendo a **dentro** de veículos ou **sobre** eles).
Regência: VI – exige a preposição **de** (indicando meio).

Quando os primeiros operários **chegaram a** Brasília, no final dos anos 60, o comércio era reduzido a poucas lojas instaladas na poeirenta Avenida Central, na Cidade Livre. A cidade não produzia quase nada, a não ser a areia retirada do rio Corumbá e utilizada na construção.[28]
No entanto, quando **chegavam ao** Brasil somente os imigrantes que iam para o sul do país recebiam seu próprio pedaço de terra. A massa que era enviada às fazendas de café do Sudeste tinha sua força de trabalho explorada pelos senhores de café.[29]

Na manhã desta quinta-feira, 20, uma grande festa de fim de ano foi promovida pelos profissionais da Oncologia da unidade hospitalar, com uma programação repleta de atividades recreativas. Papai Noel **chegou no** carro de bombeiros, tirou fotos e distribuiu presentes para todas as crianças.[30]

A candidata Soninha Francine (PPS) **chegou de** moto na noite desta quinta-feira (11) ao debate da TV Bandeirantes, segundo ela, seu “meio de transporte habitual”. O debate será transmitido pela emissora a partir das 22h.[31]

Ao último debate, Soninha **chegou de bicicleta**. “Da outra vez, vim de bicicleta porque meus assessores recomendaram”, revelou a candidata.[32]

8. IMPLICAR

No sentido de causar, acarretar: regência VTD.
No sentido de envolver: regência VTDI – exige a preposição **em**.
No sentido de brigar: regência VTI – exige a preposição **com**.

O filme teve de ser rodado também na versão normal de 35mm. A rodagem das duas versões **implicou** a duplicação das cenas, o que encareceu o filme, mas a versão de 70 mm teve um resultado impressionante junto dos espectadores, que ficaram estarrecidos com o que viam.[33]

Vivemos mudanças significativas desde a década de 1960 no mundo do trabalho, mas atualmente elas se encontram num crescimento vertiginoso e exponencial. Isso **implicará** alterações substanciais no mundo do trabalho e nas cidades herdadas pela sociedade industrial.[34]
Esta madrugada, ao ver um episódio antigo de “O Sexo e a Cidade” reparo numa observação de uma das personagens ao dizer: “As mulheres **implicam** com os homens quando gostam deles. É genético, está no sangue.”[35]

9. LEMBRAR / ESQUECER ≠ LEMBRAR-SE / ESQUECER-SE

Lembrar/Esquecer: regência VTD.
Lembrar: regência VTDI – exige a preposição **a**.
Lembrar-**se**/esquecer-**se:** regência VTI – exige a preposição **de**.

Eu ainda **lembro**
O dia em que eu te encontrei.[36]

O governo **lembrou** aos moradores que a área era de proteção ambiental.[37]

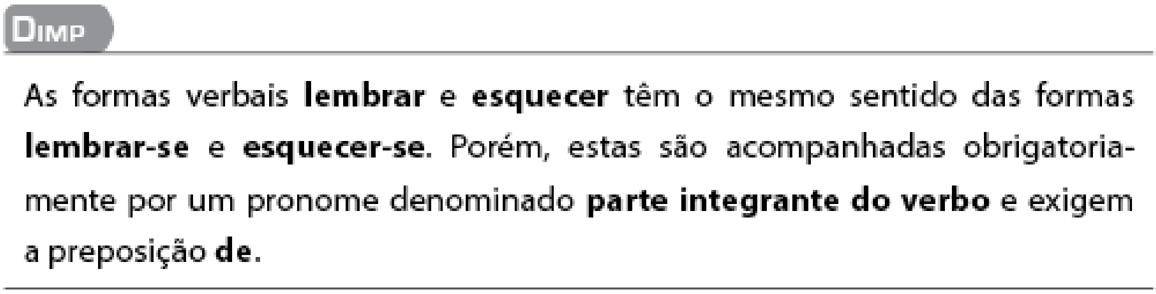

DIMP

As formas verbais **lembrar** e **esquecer** têm o mesmo sentido das formas **lembrar-se** e **esquecer-se**. Porém, estas são acompanhadas obrigatoriamente por um pronome denominado **parte integrante do verbo** e exigem a preposição **de**.

Você **se lembra** de seus sonhos? Como tem sido seu sono durante a noite? Você acorda disposto ou ainda mais cansado? Lembra-se com frequência de seus sonhos? Você sabia que o processo do sono está totalmente relacionado com a lembrança dos sonhos?[38]

Veja-se um uso **incorreto**:

Poucos **lembraram deles**, eufóricos que estavam com a homenagem aos jogadores. Mas os bombeiros, incansáveis, lá estavam, mostrando mais uma vez seu espírito solidário e democrático para prestar homenagem a outros, num dia em que tinham todo o direito de ser só deles.[39]

10. OBEDECER

Regência: VTI – exige a preposição **a.**

Viver em sociedade implica saber **obedecer a** regras e limites; todos nós **obedecemos a alguém** ou **a algo**: ao nosso chefe, ao policial, ao tribunal… as regras e leis estabelecem o limite do nosso comportamento e ensinam-nos como viver em sociedade.[40]

Eles **obedecem à primeira ordem dada pelo dono/treinador** em cerca de 95% dos casos, e além disso, eles costumam obedecer a esses comandos apenas alguns segundos depois de solicitado, mesmo que o dono esteja longe fisicamente.[41]

> Segundo o governo, o recurso está garantido, mas para liberá-lo é preciso **obedecer aos trâmites legais**.[42]

11. PAGAR / PERDOAR

Regência: VTD.
Regência: VTI – exige a preposição **a.**
Regência: VTDI – exige a preposição **a.**
Exige **OD** (coisa) e **OI** (pessoa).

> A partir de janeiro de 2009, o Estado **pagará aos professores o piso salarial nacional de R$ 950**. Sancionado pelo presidente Lula em julho deste ano, o piso será **pago a professores dos níveis fundamental e médio da rede pública**.[43]

> É fato público e notório que o INSS já **pagou aos** beneficiários as diferenças decorrentes do disposto no art. 201, parágrafo 5º do CPC.[44]

> Rihanna **perdoa tudo**: contra os conselhos de familiares e amigos, a cantora Rihanna **perdoou ao namorado**, Chris Brown, **as agressões de há três semanas**.[45]

12. PREFERIR

Regência: VTDI – exige a preposição **a**.
Não admite elementos comparativos (que, do que).
Não admite elementos intensificadores (mais, muito mais, mil vezes).

> Alemães **preferem conversar sobre morte, doenças ou problemas financeiros a falar de sexo**. Uma pesquisa com cerca de 2 mil alemães mostrou que sexo é o assunto que eles menos gostam de falar, com 64% afirmando ser um tema que eles preferem evitar.[46]

> Obama tem apetites moderados. **Prefere uma xícara de chá orgânico a um copo de uísque. Prefere salmão a carne vermelha.**[47]

Veja-se um uso **incorreto**:

> Porque qualquer pessoa normal **prefere mil vezes** trabalhar com alguém tímido, porém atencioso e prestativo, disposto a ouvir, **do que** com alguém autossuficiente, que despreza as opiniões alheias e tem resposta pra tudo.[48]

13. PREPOSIÇÃO COM PRONOME RELATIVO

Para saber se há preposição antes do pronome relativo, basta observar a regência do verbo ou do nome posterior mais próximo ou verificar se o pronome exerce uma função sintática que exige preposição.

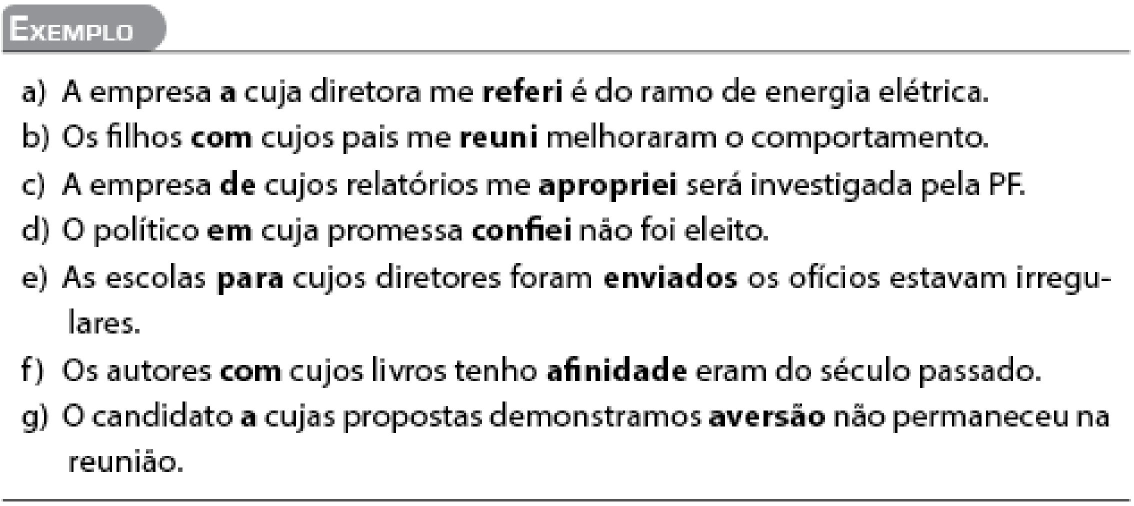

Exemplo

a) A empresa **a** cuja diretora me **referi** é do ramo de energia elétrica.
b) Os filhos **com** cujos pais me **reuni** melhoraram o comportamento.
c) A empresa **de** cujos relatórios me **apropriei** será investigada pela PF.
d) O político **em** cuja promessa **confiei** não foi eleito.
e) As escolas **para** cujos diretores foram **enviados** os ofícios estavam irregulares.
f) Os autores **com** cujos livros tenho **afinidade** eram do século passado.
g) O candidato **a** cujas propostas demonstramos **aversão** não permaneceu na reunião.

Vejam-se outros exemplos aplicados ao texto:

A época **em que** os Estados Unidos tomavam decisões unilateralmente, só falavam e não ouviam os demais países acabou.[49]

Vaticano divulga documento **em que** Pio 12 mandou salvar judeus do nazismo.[50]

Depois de anunciado o perdão papal, foi ao ar uma entrevista **em que** Williamson negou a extensão do Holocausto.[51]

Serão os pedagogos os únicos vilões pela baixa qualidade do desempenho escolar? As citações dos educadores **a que** fez referência não têm mais validade? Por que não apresentou um modelo alternativo, uma definição e propostas para o melhor desempenho do papel dos pedagogos?[52]

Natal é a capital **em que** se paga melhor a um trabalhador em um emprego formal no Nordeste do Brasil, tendo também o quinto maior poder de compra por parte da população no Brasil.[53]

A cidade **em que** (quase) todos votaram em Lula. A pequena Bacurituba, no Maranhão, endeusa Lula, a quem chama de "Papai", com 94,67% dos votos válidos.[54]

As crianças **a cujas** mães foi administrado *valproate* apresentaram sete vezes mais probabilidades de desenvolver autismo em comparação com as crianças **cujas** mães não tomaram qualquer medicamento durante a gravidez. Cabe ainda salientar que nenhuma das crianças envolvidas no estudo apresenta casos de autismo na história clínica familiar.[55]

Porque o Senhor, teu Deus, vai conduzir-te a uma terra excelente, cheia de torrentes, de fontes e de águas profundas que brotam nos vales e nos montes; uma terra de trigo e de cevada, de vinhas, de figueiras, de romãzeiras, uma terra de óleo de oliva e de mel, uma terra onde não será racionado o pão que comeres, e onde nada faltará; terra cujas pedras são de ferro e **de cujas** montanhas extrairás o bronze.[56]

O Senhor te remunere pelo bem que fizeste, e recebas uma plena recompensa do Senhor, Deus de Israel, **sob cujas** asas te acolheste![57]

14. PROCEDER

No sentido de dar início, continuidade: regência VTI – exige a preposição **a**.
No sentido de vir: regência VI – exige a preposição **de**.
No sentido de agir: regência VI – com adjunto adverbial de modo.
No sentido de ser verdade: regência VI

A empresa que **procedeu ao** registro de seu ato constitutivo anteriormente obtém a proteção do nome comercial em todo o território nacional, de acordo com a lei vigente à época.[58]

Entretanto, a Comissão Nacional de Eleições, com base na decisão daquele órgão judicial, **procedeu ao** sorteio dos partidos e coligações para a composição dos boletins de voto.[59]

"As pessoas chegam transtornadas", disse à IPS Antonio Virgilio, da MSF. "Costumam viajar vários dias sem comida nem água. É uma travessia trágica, sobretudo para as mulheres e crianças". Os imigrantes **procedem da** África subsaariana, África ocidental, Eritreia, Etiópia, Nigéria ou Sudão.[60]

Cresceu em 53% a quantidade de produtos perigosos retirados do mercado na UE em 2007. Mais da metade deles **procedem da** China. Brinquedos são os produtos com maiores problemas.[61]

Quando isso acontece, a maioria dos jogadores nunca mostram as cartas, preferem que o resto dos jogadores fiquem na dúvida se **procederam** bem ou mal.[62]

Jornal "Le Monde" escreve a 12 de fevereiro: "O júri do Nobel não **procederia** mal se olhasse para esse extremo do continente premiando a obra de Torga".[63]

A informação de que exames teriam sido violados em Corumbataí não **procede**. Pelo menos oficialmente ninguém prestou queixa na Secretaria de Saúde ou nos órgãos competentes. A acusação, grave por sinal, ficou até agora apenas no anonimato.[64]

Aliás, sei de fonte segura que não **procedem** os boatos de que um comando de cantoras de atitude da MPB estaria planejando lançar seus discos no Iraque – ainda que o momento seja extremamente favorável.[65]

15. QUE / DO QUE

Em estruturas comparativas, tanto faz usar uma ou outra expressão (exceto com o verbo **preferir**, que não admite nem uma nem outra).

Meirelles diz que o país crescerá mais **do que** a média mundial. Segundo ele, apesar de haver projeções diversas para o crescimento, há consenso de que o Brasil crescerá mais **do que** a média mundial e melhor **do que** a maioria dos emergentes.[66]

Desemprego sobe menos **que** o esperado em fevereiro. A taxa de desemprego no Brasil atingiu em fevereiro o maior nível desde abril do ano passado, mas ficou abaixo das expectativas do mercado.[67]

Mulheres ganham menos **que** os homens. A principal explicação para isso é que há discriminação e que os homens têm mais experiência de um modo geral.[68]

16. RESPONDER

Regência: VTD ou VTI – exige a preposição **a.**
Regência: VTDI – exige a preposição **a.**
Exige **OD** (a resposta) e **OI** (a que(m) se responde).

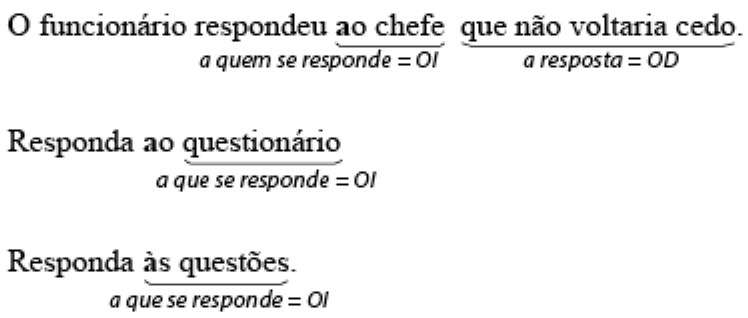

$\text{O funcionário respondeu } \underbrace{\text{ao chefe}}_{\textit{a quem se responde = OI}}\ \underbrace{\text{que não voltaria cedo}}_{\textit{a resposta = OD}}.$

$\text{Responda } \underbrace{\text{ao questionário}}_{\textit{a que se responde = OI}}$

$\text{Responda } \underbrace{\text{às questões}}_{\textit{a que se responde = OI}}.$

Responda ao teste e verifique sua vitalidade:[69]

1. Durante a noite você:
a) Dorme bem como uma pedra e só acorda no dia seguinte.
b) Acorda algumas vezes à noite, sem motivo aparente.
c) Não dorme quase a noite inteira.

2. Durante o dia você:
a) Fica disposto, tem raciocínio claro e é produtivo.
b) Fica indisposto pela manhã, mas melhora no período da tarde.
c) Passa o dia inteiro quase se arrastando de cansaço.

Responda ao Censo 2010. Para realizar o Censo 2010, o IBGE precisa do apoio e da participação de todos. É imprescindível que a população entenda a importância de se receber o recenseador e **responder ao**

questionário da pesquisa.[70]

Logo no início, Rabello pediu a Mauro Mendes (PR) que dissesse quem era o candidato que tinha ligação com o crime organizado. Mendes **respondeu** que não iria transformar a eleição num debate pessoal.[71]
Quem enterra sobreviventes?! Se **respondeu** "não se enterram sobreviventes", continua bem. Se **respondeu** outra coisa é porque está mal da cabeça![72]

17. SUJEITO DE INFINITIVO

A gramática tradicional não admite a contração de preposição + artigo antes de termos que funcionem como sujeito de verbos no infinitivo.

INCORRETO	CORRETO
Está na hora **do** governo trabalhar.	Está na hora **de** o governo trabalhar.
Apesar **da** secretária trabalhar bem, foi demitida.	Apesar **de** a secretária trabalhar bem, foi demitida.

Entre outros fatores, pesou na decisão o fato de que o contrato de estágio foi assinado **antes de** a suposta estagiária iniciar o curso ao qual o "estágio" se vinculava.[73]

Robert Lowe afirmou que Israel tem de encontrar uma saída **antes de** as vítimas civis aumentarem.[74]

Apesar de o governo ter decidido não responder oficialmente às críticas, não está descartada a hipótese **de o** presidente atacar Jarbas e a oposição de forma indireta.[75]

"Esse é o momento **de o investidor** mostrar que tem sangue frio", ressalta Rogério Perna, gerente da área de Gestão de Recursos de Terceiros da Nossa Caixa.[76]

18. TER DE / TER QUE

A gramática tradicional exigia unicamente a forma **ter de** nas locuções verbais, uma vez que **de** é uma preposição, e esta é a classe gramatical adequada para se estabelecer ligação entre dois termos (no caso, entre dois verbos). Entretanto, o uso consagrou a forma **ter que**, em que o vocábulo "que", originariamente conjunção, passa a ser classificado como preposição acidental. Portanto, é facultativo o uso de ambas as expressões.

Agora, quem for obter CNH **tem de** enfrentar mais tempo e gastar mais dinheiro. Isso porque o Contran aumentou a carga horária dos cursos, e as autoescolas repassaram a alta dos gastos para os clientes.[77]

Procura diminui e particulares **têm de** enfrentar mudanças: o ciclo de crescimento do ensino superior privado no Brasil acabou, ao menos no ritmo e na intensidade registrada nos últimos dez anos. O cenário a partir de agora, principalmente para as instituições mais novas e com menos alunos, é enfrentar uma sucessão de fusões, incorporações e falências.[78]

O setor da construção civil **teria que** crescer 40% em 2009 para fazer com que o PIB brasileiro tenha um incremento de 2 pontos percentuais, como afirmou hoje pela manhã o ministro da Fazenda, Guido Mantega, ao anunciar o pacote de habitação que pretende construir 1 milhão de casas.[79]

Há muitos documentários em que há apenas muitas pessoas falando, falando, falando. Mas eu acho que o documentário deveria ser muito mais imagem do que conversa, porque a fala você pode pôr no jornal, na revista. A fala **tem que** ser muito importante para que ocupe mais de alguns minutos no documentário.[80]

19. VERBOS DE REGÊNCIAS DIFERENTES

O rigor gramatical exige que não se dê complemento comum a termos de regência diferente.

INCORRETO	CORRETO
Entrei e saí da sala.	Entrei na sala e saí dela.
Li e gostei do livro.	Li o livro e gostei dele.
Gosto e confio em você.	Gosto de você e confio em você.

Vejam-se as preposições adequadas para cada verbo citado acima:

Entrar: preposição **em**
Sair: preposição **de**
Ler: sem preposição
Gostar: preposição **de**
Confiar: preposição **em**

Vejam-se exemplos **incorretos**:

Li e gostei do artigo sobre o supervisor escolar na atualidade; estou fazendo pós-graduação e foi muito válido.[81]

“Reconheço q sou forte! Por muitas vezes **entrei e saí d** relacionamentos, sem derramar uma lágrima. Dessa vez, admito, chorei. Chorei por uns dias, até ele msmo me mostrar que não valia a pena. Q eu sou muito mais do que eu mesma imaginava...” (*Internet – transcrito na íntegra*).[82]

20. VISAR

No sentido de assinar, mirar: regência VTD.
No sentido de almejar: regência VTI – exige a preposição **a**. Modernamente também se admite VTD.

As reformas econômicas implementadas por Fernando Henrique Cardoso tiveram um cunho eminentemente neoliberal, na medida em que **visavam** reduzir os custos financeiros do Estado, tanto em nível da União, como em nível dos demais entes federados.[83]

Saliente-se que, na visão de Bresser Pereira, as reformas econômicas mencionadas **visavam** ao desenvolvimento do Brasil, de seu mercado, como também buscava o equilíbrio macroeconômico, não tendo, como defendem alguns, sido implementadas para agradar burocratas e investidores financeiros internacionais.[84]

Mas as lutas dos trabalhadores não **visavam** o poder do Estado e a sua utilização em benefício dos trabalhadores. A Revolução Socialista de outubro na Rússia em 1917 foi a primeira tentativa vitoriosa de banir da sociedade toda a opressão e exploração, a exploração do homem pelo homem.[85]

Já na década de 80, o governo brasileiro desenvolveu vários planos econômicos que **visavam** o controle da inflação, sem nenhum sucesso.[86]

O primeiro assalto à mão armada aos ourives ambulantes registrou-se em 7 de dezembro de 2007 e **visou** um ourives da Guarda, que foi surpreendido pelos assaltantes.[87]

Espantei-me, quando me vi, com toda calma, tirar um talão de cheques do bolso, preencher um cheque e colocá-lo na frente do gerente. Mas ele não se espantou. Até sorriu mais, como se fosse meu amigo. **Visou** o cheque, chamou uma recepcionista e mandou recebê-lo. E, quando um contínuo trouxe café, ainda com a maior calma, cruzei as pernas e pedi também um copo de água.[88]

Questões Comentadas – Cespe/UnB

O informe mundial sobre a água adverte os governos sobre a “inércia política”, que só agrava a situação, marcada pela permanente redução dos mananciais do planeta.

1. Para evitar as duas ocorrências da preposição “sobre” (ℓ.1), a substituição da segunda delas pelo vocábulo **que** mantém a correção gramatical do texto.

Segundo a síntese dos indicadores sociais do IBGE, a família está mais moderna e menor, mas a sociedade brasileira continua apegada a antigos preconceitos. Ainda hoje, as mulheres ganham **menos que os homens** em todos os estados e em todos os níveis de escolaridade. No caso das trabalhadoras com ensino médio, a diferença de salários é imensa. Se os representantes do sexo masculino recebem R$ 1.000,00 em uma empresa por um serviço, elas fazem o mesmo por R$ 571,00.

2. Em “ganham menos que os homens”, seria incorreto inserir **do** imediatamente após “menos”.

3. A substituição do termo sublinhado em “Temos de criar” por **que** provoca erro gramatical.

O Globo – É possível comparar a saúde mental de pessoas que vivem em uma região de conflitos à das pessoas que vivem em favelas ou na periferia das grandes cidades brasileiras?

Souza – Acredito que onde existem medo, insegurança e violência constante existe também estresse psicológico. Por outro lado, há fatores que amenizam a incidência desses problemas. Na Cachemira, por exemplo, a religiosidade, o suporte da família e da sociedade são fatores que reduzem o sofrimento psicológico. Trabalhei na periferia de São Paulo e encontrei muitos dos problemas que encontro na Cachemira. [...]

4. Considerando, para a regência do verbo comparar, o seguinte esquema: comparar X a Y, é correto afirmar que, na pergunta de O Globo, X corresponde a “a saúde mental das pessoas que vivem em uma região de conflitos” e Y corresponde a “[a saúde mental] das pessoas que vivem em favelas ou na periferia das grandes cidades brasileiras.”

[...] Caso uma indústria lance uma grande concentração de poluentes na parte alta do rio, por exemplo, a coleta de uma amostra na parte baixa não será capaz de detectar o impacto, mesmo que esta seja feita apenas um minuto antes de a onda tóxica atingir o local. [...]

5. No trecho “antes de a onda tóxica atingir o local” (ℓ.4-5), a substituição da parte grifada por **da** resulta em um sujeito preposicionado.

A construção de um novo momento histórico é um compromisso que deve estar pautado em todas as ações de governo. Nesse contexto é que afirmamos o direito da sociedade brasileira à informação e à educação. O caminho, portanto, é o da inclusão social, momento em **que** deve ser construída uma nova cultura, embasada nos direitos fundamentais da vida humana. [...]

6. Pelas regras da norma culta, o uso da preposição “em” (ℓ.4) antecedendo “que” é opcional; por isso, mantém-se a correção gramatical ao se retirar esse vocábulo do texto.

7. O emprego da regência verbal em “Prefiro dar uma volta maior [...] a correr o risco de sofrer algum tipo de violência” revela um emprego informal, coloquial da língua portuguesa – uma linguagem de jovens.

8. Mantêm-se a correção gramatical e o sentido original se o trecho “Os professores assistem a todo esse movimento” for assim reescrito: Os professores assistem-lhe.

O senhor admite ter desempenhado um papel fundamental na organização dos ataques do PCC? Não se pode dispensar todo o barril por causa de algumas maçãs podres. Eu ajudo mais de 90 milhões de brasileiros a se comunicarem diariamente. Sou um aparelho democrático.

9. Como o verbo ajudar admite duas regências, atenderia aos preceitos gramaticais a inserção da preposição “a” antes do termo “mais de 90 milhões de brasileiros” (ℓ.3-4).

Como na grande maioria dos países, a hipótese óbvia é que a penetração da televisão nos domicílios brasileiros foi de longe o fator causal mais importante. Outras causas, como mudanças de hábitos de lazer da sociedade associados à difusão da posse do automóvel e à redução do custos de transportes, certamente possibilitaram formas de lazer mais especializadas no tempo e no espaço, que competem diretamente com o cinema. Mas, comparado **com a** televisão, o papel desses fatores parece ter sido limitado.

10. Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir “com a” (ℓ.7) por **ao da**.

Julgue os fragmentos de texto nos itens seguintes quanto à concordância, à regência e à pontuação.

11. Falam muito, hoje em dia, a respeito de ética na política, no esporte, nas profissões liberais e na relação social.

12. A mídia não se farta de apresentar e incentivar debates referente à temas polêmicos que envolvam padrões comportamentais, conceitos e modos de vida; exploram, às vezes, de maneira banal, fatos isolados e obtêm daí, preciosos dividendos.

13. Os diversos veículos de comunicação a todo instante colocam-lhes em contato com acontecimentos inusitados da vida brasileira: alguns recheados de sensacionalismo, que em um dado momento acabam transformando-os em fenômeno social, devido à uma exploração em massa de episódios da vida real presentes no cotidiano das pessoas comuns.

14. No entanto os meios de comunicação, a pretexto de fazer jornalismo usaram e abusaram das imagens do menino de rosto bonito.

Todo ser humano tem suas habilidades para interagir com o meio onde vive. Nossa inteligência não está em um espaço fechado chamado cérebro. Interagimos com o mundo e, utilizando nosso corpo e nosso ser, participamos da nossa cultura. Pensamos e sentimos como um todo.

15. Na linha 2, “onde” pode ser substituído pelas expressões **em que** ou **no qual** sem prejuízo para a correção gramatical e a coerência do período.

16. Mantêm-se a correção gramatical e o sentido original se o trecho “maior hábito de leitura na elite asiática do que na brasileira” for reescrito da seguinte maneira: maior hábito de leitura na elite asiática que na brasileira.

Ao contrário do que ocorre nas sociedades autônomas, aqui o povo não existe para si e sim para outros. Ontem, era uma força de trabalho escrava de uma empresa agromercantil exportadora. Hoje, é uma oferta de mão de obra que aspira a trabalhar e um mercado potencial que aspira a consumir.

17. Na linha 4, o emprego da preposição “a” indica o sentido dado no texto à forma verbal “aspira”: deseja, almeja.

Os acontecimentos traumáticos vividos por um grupo minoritário não podem ser excluídos da experiência coletiva da sociedade em que esse grupo se insere. No Brasil, nosso compromisso com a alegria, a festa, a irresponsabilidade nos faz rejeitar a memória e abandonar os projetos de reparação de injustiças passadas.

18. Na oração “em que esse grupo se insere” (ℓ.3), a supressão da preposição acarretaria erro gramatical.

Tradicionalmente, a área em que há qualquer tipo de aglomerado populacional é considerada uma área urbana. Isto é extremamente conveniente para as prefeituras, que podem aumentar a arrecadação do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU).

19. O verbo “aumentar” (ℓ.3) pode ser reescrito como pleitear aumento, sem que seja preciso fazer outras alterações na frase em que se encontra.

20. No trecho “em que há” (ℓ.1), a preposição “em” é facultativa.

21. No trecho “que a família ensine a criança, desde pequena, a saber lidar com dinheiro e a se envolver com o controle dos gastos”, o verbo ensinar rege um complemento com preposição e um sem preposição.

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), por meio da RDC 102/2000, proíbe à indústria farmacêutica oferecer ou prometer prêmios ou vantagens aos profissionais de saúde habilitados a prescrever ou dispensar medicamentos. Além disso, esses não podem solicitar ou aceitar nenhum incentivo se estiverem vinculados à prescrição, dispensa ou venda.

22. Na linha 2, a inserção da preposição **de** logo após “farmacêutica” atenderia à regência do verbo proibir, que exige complemento preposicionado.

Em meio a uma crise da qual ainda não sabe como escapar, a União Europeia celebra os 50 anos do Tratado de Roma, pontapé inicial da integração no continente. Embora sejam muitos os motivos para comemorar, como a manutenção da paz e a consolidação do mercado comum, os chefes dos 27 Estados-membros têm muito com o que se preocupar.

http://www.estadao.com.br/arquivo/mundo

23. O emprego de preposição em “da qual” (ℓ.1) atende à regência do verbo “escapar” (ℓ.1).

Entre 9% e 18% dos estudantes brasileiros têm ou já tiveram contato com armas de fogo. E o acesso a esses armamentos nas proximidades das escolas é tão fácil, segundo os alunos, que a maioria sabe indicar onde e de quem comprá-los, de acordo com dados de pesquisa da UNESCO em capitais do país.

http://www.brasilnews.com.br

24. O emprego da preposição “de”, em “de quem comprá-los” (ℓ.4), decorre da regência do verbo comprar.

Para Vygotsky, a base do funcionamento psicológico tipicamente humano é cultural, portanto, histórica. Os elementos mediadores na relação entre o homem e o mundo – instrumentos, signos e todos os elementos do ambiente humano carregados de significado cultural – são construídos nas relações entre os homens. Os sistemas simbólicos e, particularmente, a língua exercem um papel fundamental na comunicação entre os sujeitos e no estabelecimento de significados compartilhados que permitem interpretações dos objetos, eventos e situações do mundo real.

O surgimento da atividade verbal e da língua como sistema de signos é crucial no desenvolvimento da espécie humana, momento mesmo em que o biológico se transforma no histórico e em que emerge a centralidade da mediação simbólica na constituição do psiquismo humano. É o trabalho que, pela ação transformadora do homem sobre a natureza, une homem e natureza e cria a cultura e a história humanas.

25. Preservam-se a correção gramatical e a coerência entre os argumentos caso se suprima o elemento sublinhado no trecho:

a. “Os elementos mediadores na relação entre o homem e o mundo” (ℓ.2-3).
b. “são construídos nas relações entre os homens (ℓ.5).
c. “exercem um papel fundamental na comunicação entre os sujeitos e no estabelecimento de significados (ℓ.6-7).
d. “sistema de signos é crucial no desenvolvimento” (ℓ.10-11).

e. “a centralidade da mediação simbólica na constituição do psiquismo humano” (ℓ.13-14).

Um peixe, se tivesse consciência, provavelmente não se daria conta de que vive permanentemente na água. Nós raramente tomamos consciência de que vivemos imersos em uma grande camada de oxigênio. Do mesmo modo, quase nunca nos apercebemos que vivemos em contato direto com os grupos e as instituições.

26. Nos segmentos “de que vive” (ℓ.2) e “de que vivemos” (ℓ.3), o uso da preposição “de” é requerido pela regência do verbo **viver**.

“As empresas ficaram mais eficientes e estão repartindo os ganhos com o trabalhador, e isso é muito bom, porque o aumento da renda alimenta a expansão da demanda doméstica”, diz o assessor do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial, Júlio Sérgio Gomes de Almeida. Segundo ele, a maturação dos investimentos feitos pelas indústrias permite a expansão da capacidade de produção em ritmo suficiente para atender ao crescimento da demanda, sem que haja pressões inflacionárias.

27. O emprego de preposição em “ao crescimento” (ℓ.7) justifica-se pela regência de “atender” (ℓ.7).
Ofício 31.2008

Diretoria de Ensino Região Leste 1

São Paulo, 29 de julho 2008

Senhor (a) Diretor (a)

A Dirigente Regional de Ensino da DER Leste 1 solicita de Vossa Senhoria especial atenção para o que segue, bem como divulgar as matérias contidas neste documento junto aos interessados.

1 – Educação Física Escolar:
A orientação é de que os professores de educação física utilizem locais cobertos, como ginásios e pátios, e que deixem as atividades que exigem mais esforços para quando a umidade estiver mais alta. (...)

2 – Curso de Xadrez e Damas – online:
O programa visa estimular a aprendizagem nessas duas modalidades de jogos. É um curso gratuito e feito na modalidade de ensino a distância.

28. O verbo “visa”, que aparece no início do item 2 do ofício, rege preposição **a**, a qual pode ser omitida quando o complemento é uma oração com verbo no infinitivo.

Despertava como quem leva um susto, ia lavar o rosto e retomava sua ronda, que me deixava mareado. Eu esperava o fim da tarde com ansiedade; mal escurecia, entrava no camarote para ler, mas ficava pensando nos dois: Mundo e seu pai. Quando não conseguia dormir, subia ao convés e via o vulto sentado na popa, o focinho de Fogo no colo; Jano não se voltava.

29. A correção gramatical e o sentido do texto seriam mantidos se a preposição **a** fosse incluída após a forma verbal "esperava" (ℓ.2), de forma a obter a seguinte oração: **Eu esperava ao fim da tarde com ansiedade.**

Em contraposição a essa noção, Kant defende que o espaço e o tempo são dimensões básicas que possibilitam todo e qualquer conhecimento, intrínsecas ao ser humano enquanto ser cognoscente. Em sua opinião, não se pode conhecer realmente nada que exista fora do tempo e do espaço.

30. Na linha 3, a preposição em "ao ser humano" é exigida pelo adjetivo "intrínsecas"; por isso, a preposição teria de ser mantida no caso da substituição do artigo por **qualquer**, escrevendo-se **a qualquer ser humano**.

Na esteira da leitura do mundo pela palavra, vemos emergir uma tecnologia de linguagem cujo espaço de apreensão de sentido não é apenas composto por palavras, mas, junto com elas, encontramos sons, gráficos e diagramas, todos lançados sobre uma mesma superfície perceptual, amalgamados uns com os outros, formando um todo significativo e de onde sentidos são complexamente disponibilizados aos navegantes do oceano digital.

31. Preservam-se a correção gramatical do texto e as relações semânticas entre as expressões "sentido" (ℓ.2) e "superfície perceptual" (ℓ.4-5), ao se retirar a preposição do termo "de onde" (ℓ.6).

O hipertexto concretiza a possibilidade de tornar seu usuário um leitor inserido nas principais discussões em curso no mundo ou, se preferir, fazê-lo adquirir apenas uma visão geral das grandes questões do ser humano na atualidade. Certamente, o hipertexto exige do seu usuário muito mais que a mera decodificação das palavras que flutuam sobre a realidade imediata.

32. Seria mantida a correção gramatical caso o elemento **do** fosse inserido entre "mais" e "que", na linha 5.

Era uma vez uma rotina em que criança bem-criada e educada era aquela que tinha horário para tudo e não misturava as coisas: brincar era brincar, estudar era estudar. Pobres dos pais que ainda alimentam alguma ilusão de ritmo sequencial. Cercadas de aparelhos eletrônicos que dominam desde cedo, as crianças da era dos estímulos constantes e simultâneos são capazes de executar três, quatro, cinco atividades ao mesmo tempo – e prestar pelo menos alguma atenção a todas elas. São crianças multitarefa e encaram isso com total naturalidade.

33. Preservam-se a coerência da argumentação e o atendimento às regras gramaticais ao se retirar a preposição "em" do termo "em que" (ℓ.1).

Essa ideia norteou o projeto **O Combate ao Câncer vai de Metrô**. Com um visual colorido e irreverente, os vinte cartazes buscam propagar a ideia de que é possível tomar medidas que diminuam as chances de contrair câncer e de que a detecção precoce da doença amplia significativamente as chances de cura.

34. As duas ocorrências da preposição "de" em "de que" (ℓ.3-4) mostram o início de orações que complementam o termo “ideia” (⍰.3).

A necessidade de discussão da questão política e do exercício do poder está em que, em última análise, todos os grupos, classes, etnias visam, de uma forma ou de outra, o controle do poder político. Porém, costumamos ver o poder como algo negativo, perverso, no sentido da dominação, da submissão. Não há, entretanto, sociedade organizada sem formas de exercício de poder. A questão, portanto, deve ser: como e em nome de quem este poder se exerce?

35. Na linha 2, para evitar as duas ocorrências da preposição “em” e tornar o estilo do texto mais elegante, mantendo-se a correção gramatical, deve-se deixar subentendida a primeira delas, reescrevendo-se o respectivo trecho da seguinte forma: **está que, em última análise**.

36. Mantendo-se as ideias originalmente expressas no texto, assim como a sua correção gramatical, o complemento da forma verbal “visam” (⍰.3) poderia ser introduzido pela preposição **a**: **ao controle**.

Os oceanos ocupam 70% da superfície da Terra, mas até hoje se sabe muito pouco sobre a vida em suas regiões mais recônditas. Segundo estimativas de oceanógrafos, há ainda 2 milhões de espécies desconhecidas nas profundezas dos mares. Por ironia, as notícias mais frequentes produzidas pelas pesquisas científicas relatam não a descoberta de novos seres ou fronteiras marinhas, mas a alarmante escalada das agressões impingidas aos oceanos pela ação humana. Um estudo recente do Greenpeace mostra que a concentração de material plástico nas águas atingiu níveis inéditos na história.

37. Na linha 7, a presença de preposição em “aos oceanos” justifica-se pela regência do termo “impingidas” (⍰.7).

Questões de Fixação

38. (Universa) Quanto às normas de regência e concordância, assinale a alternativa que contém a frase inteiramente correta.

a. A proliferação de enclaves fortificados vem criando um novo modelo de segregação espacial.
b. Uma das principais justificativas dos enclaves encontram-se no medo da violência.
c. Enclaves fortificados atraem cada vez mais àquele que preferem abandonar as ruas para os pobres.
d. A questão da violência urbana complementa à da segregação urbana contemporânea.
e. Percebe-se as diferenças sociais com maior rigidez quando surgem espaços de segregação.

39. (Universa) Ainda a respeito do fragmento “Eles chegam ao núcleo de profissionais que demonstram interesse em oferecer ensino integral – cognitivo, atitudinal, criativo etc. – para o aluno”, assinale a alternativa que apresenta o verbo com transitividade comum à do verbo **chegar.**

a. Dar.
b. Ir.

c. Implicar (= acarretar).
d. Namorar.
e. Visar (= olhar).

40. (Universa) A reescritura do trecho grifado em: "Quem dormiu no chão deve lembrar-se disto" que também atende à norma culta é:

a. deve lembrar isto.
b. deve lembrar-se isto.
c. deve lembrar disto.
d. deve se lembrar isto.
e. deve disto lembrar.

PORTUGUÊS

Morfologia – Verbos

Classificação dos Verbos – Parte I: Regulares, Irregulares e Defectivos

Prof.ª Isabel Vega

Qconcursos.com

ção dos Verbos: Regulares, Irregulares e Defectivos

I – REGULARES → São aqueles que seguem o paradigma de conjugação, sem variação no radical.

Ex.: [am][a][r]: amo – amava – amei – amara – amarei – amaria – ame – amasse – amar

[vend][e][r]: vendo – vendia – vendi – vendera – venderei – venderia – venda – vendesse – vender

[part][i][r]: parto – partia – parti – partira – partirei – partiria – parta – partisse – partir

II – IRREGULARES → São aqueles que apresentam variação no radical ou nas desinências.

Ex.: [traz][e][r]: trago – trazia – trouxe – trouxera – trarei – traria – traga – trouxesse – trouxer

[quer][e][r]: quero – queria – quis – quisera – quererei – quereria – queira – quisesse – quiser

[med][i][r]: meço – media – medi – medira – medirei – mediria – meça – medisse – medir

[d][a][r]: dou – dava – dei – dera – darei – daria – dê – desse – der

OBS.: Formação dos tempos simples

a) 1ª pessoa do presente do indicativo → presente do subjuntivo

Ex.: Eu [dig][o] - Que eu [dig][a] / Eu [faç][o] - Que eu [faç][a]
Eu [vej][o] - Que eu [vej][a] / Eu [peç][o] -Que eu [peç][a]

b) 1ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo → pretérito mais que perfeito, pretérito imperfeito do subjuntivo e futuro do subjuntivo.

Ex.: [fiz][e][mos] → [fiz][é][ra][mos] - [fiz][é][sse][mos] – [fiz][e][r][mos]

Qconcursos.com

ção dos Verbos: Regulares, Irregulares e Defectivos

(cont.)

- VER: [v][i][mos] - v í ra mos / v í sse mos / v i r mos
- VIR: [vi][e][mos] - vi é ra mos / vi é sse mos / vi e r mos
- PÔR: [pus][e][mos]- pus é ra mos / pus é sse mos / pus e r mos
- TER: [tiv][e][mos] - tiv é ra mos / tiv é sse mos / tiv e r mos

Verbos derivados:

a) VER – antever, prever, rever, etc.
b) VIR – intervir, advir, provir, etc.
c) PÔR – repor, opor, dispor, propor, etc.
d) TER – deter, reter, manter, ater, etc.

III – DEFECTIVOS → São aqueles que apresentam “defeito”, ou seja, pessoas em que o verbo não é conjugado.

Ex.: • **feder** – não apresenta a 1ª pessoa do singular do indicativo (*fedo) e todo o presente do subjuntivo.

• **computar** – não apresenta as pessoas do singular do presente do indicativo (*computo, *computas, *computa) e todo o presente do subj.

• **falir** – não apresenta as pessoas do singular (*falo, *fales, *fale) e a 3ª do plural (*falem) do presente do indicativo e o pres. Subjuntivo.

REGÊNCIA NOMINAL

Texto 1

Substantivos transitivos

Empreguei outro dia aqui a expressão “substantivo intransitivo”, e um petralha resolveu me chamar de ignorante, claro: “Oh, só os verbos podem ser intransitivos ou transitivos”. Vá estudar, animal! O conceito é empregado por alguns gramáticos para distinguir substantivos que requerem (ou não) complementos. Para se entender, aliás, o que é exatamente um “complemento nominal” e o que o distingue, em alguns casos, do adjunto adnominal, é preciso trabalhar com a noção de transitividade do substantivo e do adjetivo. **Aqui**, na página 63 da coluna que abre à direita, vocês encontram uma explicação dada por Celso Pedro Luft em Moderna Gramática Brasileira. Não é um conceito com que se trabalhe usualmente no segundo grau. Mas o vagabundo que chega com aquela agressividade tem de, ao menos, fazer antes uma pesquisa.

[..] é um prazer responder ao petralha. É o prazer do chute no traseiro. Quem disse que eu não gosto de chutar? Mas sempre chuto com bibliografia. Vale dizer: não deixa de ser um pontapé instrutivo. Já que, a exemplo de Lula, eles têm sono quando pegam um livro, eu os instruo com a minha botina pedagógica.

http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo (Acesso em 23/04/2012)

Texto 2

O conceito de verdade tem sido abordado e compreendido de diferentes formas por diversos pensadores e por diversas escolas filosóficas. Os filósofos gregos começaram a buscar a verdade em relação ou oposição à falsidade, ilusão, aparência. De acordo com essa concepção, a verdade estaria inscrita na essência, sendo idêntica à realidade e acessível apenas ao pensamento, e vedada aos sentidos. Assim, um elemento necessário à verdade era a “visão inteligível”; em outras palavras, o ato de revelar, o próprio desvelamento.

Já para os romanos, a verdade era Veritas, a veracidade. O conceito era sempre aplicado, isto é, remetia a uma história vivida que pudesse ou não ser comprovada. Essa concepção de verdade subordinava-a, portanto, à possibilidade de uma verificação. A formulação do problema do “critério de verdade” ocupou os adeptos da gnosiologia, aqueles que se dedicavam ao estudo das relações do pensamento, e de seu enunciado, sua forma de tradução na comunicação humana com o objeto ou fato real, em que se buscava uma relação de correspondência. Para a lógica, o interesse circunscrevia-se na correção e (ou) coerência semântica do discurso, da enunciação, descartando a reflexão sobre o mundo objetivo.

Para o filósofo Heidegger, as verdades são respostas que o homem dá ao mundo. Ressalte-se a utilização do termo no plural, quando o conceito de verdade perde o critério do absoluto e(ou) do indivisível. Portanto, não haveria mais uma verdade filosófica, mas várias verdades. Esse sentido mais pluralista também é defendido por Foucault, para quem o significado de verdade seria o de expressão de determinada época, cada qual com sua verdade e seu discurso.

www.metodista.br (com adaptações).

A Regência Nominal estuda as relações de dependência entre substantivos, adjetivos, advérbios e seus complementos. O mais importante é conhecer a preposição adequada para cada uma dessas classes gramaticais. Vale ressaltar que, em regência nominal, não existe tanta diferença entre o coloquial e o culto. Vejam-se algumas análises:

Os filósofos gregos começaram a buscar a verdade em relação ou oposição **à falsidade, ilusão, aparência**.

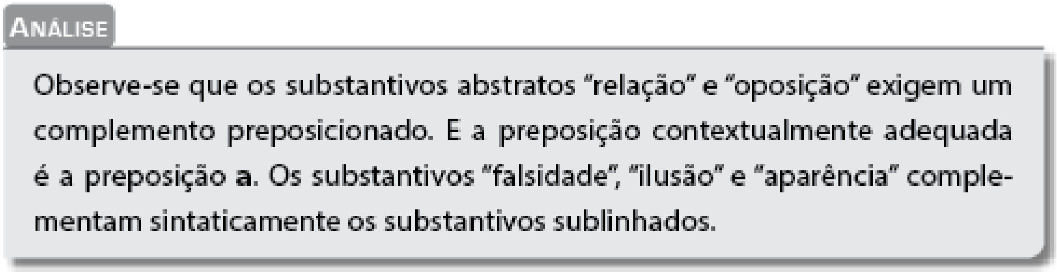

ANÁLISE

Observe-se que os substantivos abstratos "relação" e "oposição" exigem um complemento preposicionado. E a preposição contextualmente adequada é a preposição **a**. Os substantivos "falsidade", "ilusão" e "aparência" complementam sintaticamente os substantivos sublinhados.

De acordo com essa concepção, a verdade estaria inscrita na essência, sendo idêntica **à realidade** e acessível apenas **ao pensamento**, e vedada **aos sentidos**.

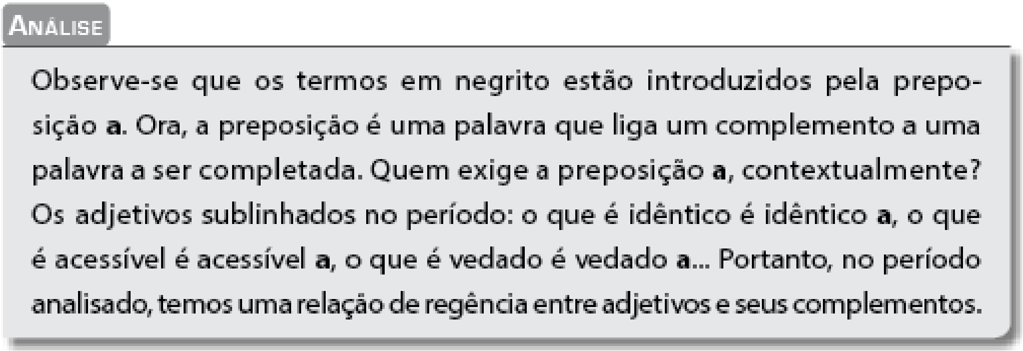

ANÁLISE

Observe-se que os termos em negrito estão introduzidos pela preposição **a**. Ora, a preposição é uma palavra que liga um complemento a uma palavra a ser completada. Quem exige a preposição **a**, contextualmente? Os adjetivos sublinhados no período: o que é idêntico é idêntico **a**, o que é acessível é acessível **a**, o que é vedado é vedado **a**... Portanto, no período analisado, temos uma relação de regência entre adjetivos e seus complementos.

Assim, um elemento necessário **à verdade** era a "visão inteligível"; em outras palavras, o ato de revelar, o próprio desvelamento.

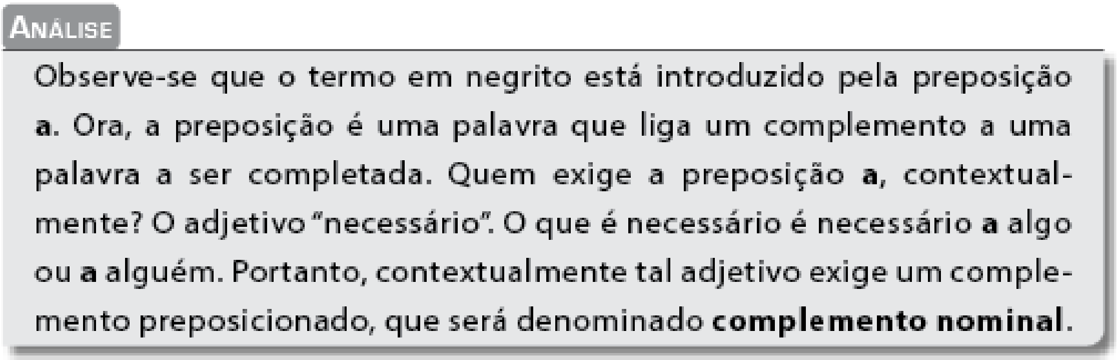

Análise

Observe-se que o termo em negrito está introduzido pela preposição **a**. Ora, a preposição é uma palavra que liga um complemento a uma palavra a ser completada. Quem exige a preposição **a**, contextualmente? O adjetivo "necessário". O que é necessário é necessário **a** algo ou **a** alguém. Portanto, contextualmente tal adjetivo exige um complemento preposicionado, que será denominado **complemento nominal**.

Já para os romanos, a verdade era Veritas, a veracidade. O conceito era sempre aplicado, isto é, remetia a uma história vivida que pudesse ou não ser comprovada. Essa concepção **de verdade** subordinava-a, portanto, à possibilidade de uma verificação.

Veja-se:

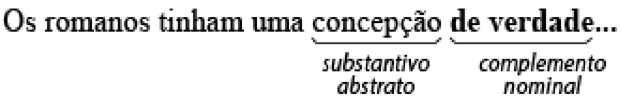

Os romanos tinham uma concepção **de verdade**...

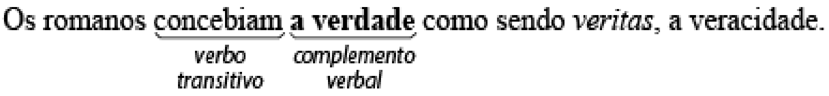

Os romanos concebiam **a verdade** como sendo *veritas*, a veracidade.

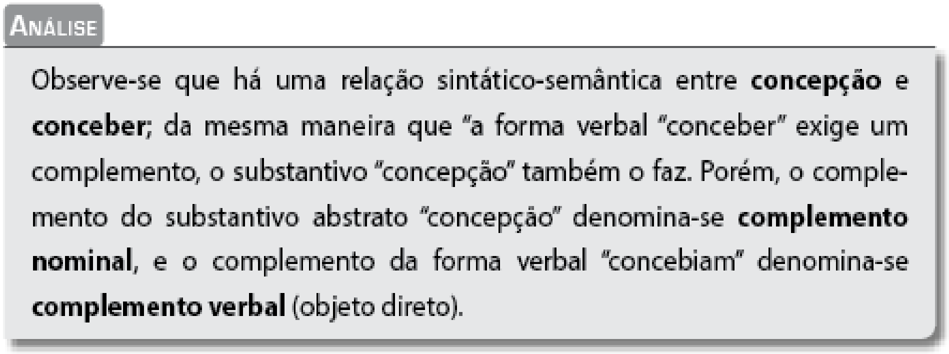

Análise

Observe-se que há uma relação sintático-semântica entre **concepção** e **conceber**; da mesma maneira que "a forma verbal "conceber" exige um complemento, o substantivo "concepção" também o faz. Porém, o complemento do substantivo abstrato "concepção" denomina-se **complemento nominal**, e o complemento da forma verbal "concebiam" denomina-se **complemento verbal** (objeto direto).

Veja-se uma questão do Cespe que demonstra essa relação:

"[...] o que permitiu o indiciamento e julgamento de policiais militares em casos de múltiplas e graves violações como os do Carandiru, Corumbiara e Eldorado dos Carajás; a tipificação do crime de tortura (Lei n. 9.455/1997), que constituiu marco referencial para o **combate** a essa prática criminosa no Brasil".

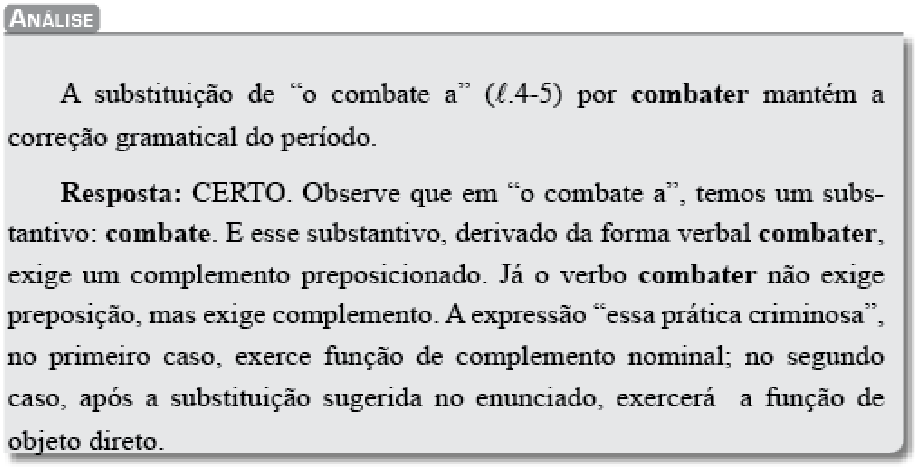

ANÁLISE

A substituição de "o combate a" (ℓ.4-5) por **combater** mantém a correção gramatical do período.

Resposta: CERTO. Observe que em "o combate a", temos um substantivo: **combate**. E esse substantivo, derivado da forma verbal **combater**, exige um complemento preposicionado. Já o verbo **combater** não exige preposição, mas exige complemento. A expressão "essa prática criminosa", no primeiro caso, exerce função de complemento nominal; no segundo caso, após a substituição sugerida no enunciado, exercerá a função de objeto direto.

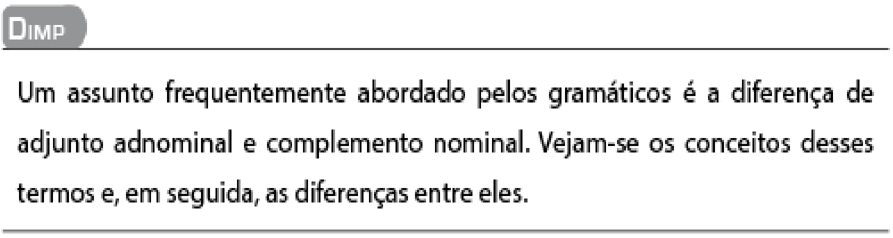

DIMP

Um assunto frequentemente abordado pelos gramáticos é a diferença de adjunto adnominal e complemento nominal. Vejam-se os conceitos desses termos e, em seguida, as diferenças entre eles.

1) **ADJUNTO ADNOMINAL**: termo que se associa, especifica, qualifica, caracteriza ou determina um substantivo, sem mediação de verbo. **Pode ser** preposicionado.

Encontre **sua** vaga.[1]

Uma boa notícia, sem dúvida, para quem está à procura de oportunidades **de trabalho**.[2]

Existem **diferentes** formas de procurar emprego, que vão d**os tradicionais** anúncios **de jornal** à **nova** onda **de *sites* de emprego.**[3]

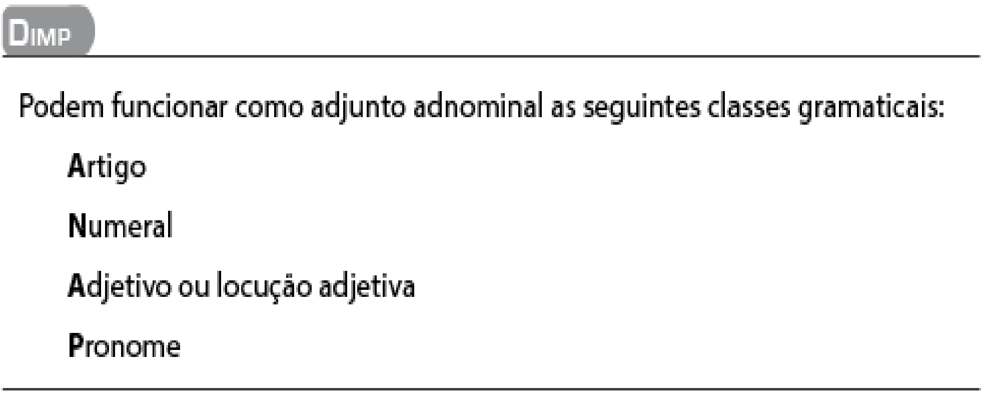

DIMP

Podem funcionar como adjunto adnominal as seguintes classes gramaticais:

- Artigo
- Numeral
- Adjetivo ou locução adjetiva
- Pronome

2) **COMPLEMENTO NOMINAL**: associa-se a substantivos abstratos, adjetivos e advérbios para especificá-

los e complementar-lhes o sentido. **Sempre** será preposicionado.

A fabricante de computadores Dell conta com um programa institucionalizado de incentivo **às indicações**.[4]

Estamos percebendo uma retomada **dos negócios** nas últimas semanas.[5]

A recomendação e contratação **de profissionais** podem gerar bônus em algumas empresas.[6]

Por isso, as chances de ser contratada aumentam em relação **aos demais concorrentes**.[7]

O primeiro passo, porém, está bem mais próximo **de você**.[8]

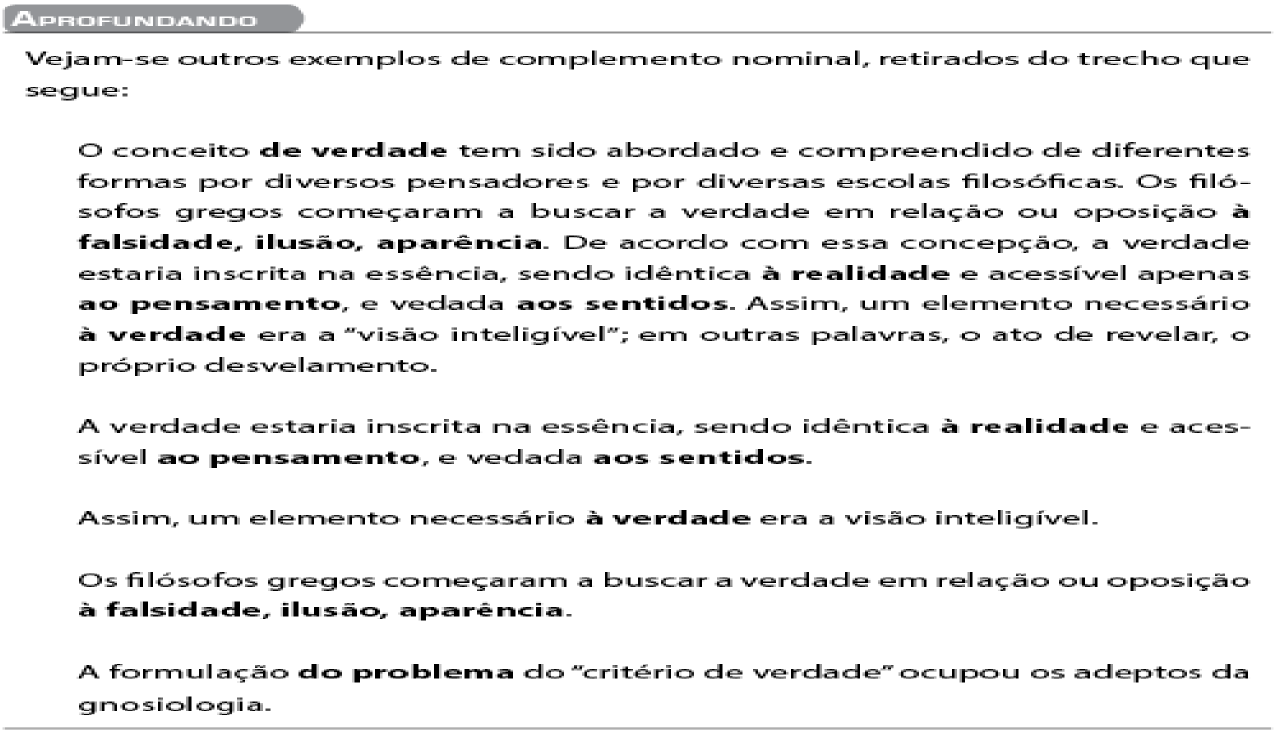

APROFUNDANDO

Vejam-se outros exemplos de complemento nominal, retirados do trecho que segue:

> O conceito **de verdade** tem sido abordado e compreendido de diferentes formas por diversos pensadores e por diversas escolas filosóficas. Os filósofos gregos começaram a buscar a verdade em relação ou oposição **à falsidade, ilusão, aparência**. De acordo com essa concepção, a verdade estaria inscrita na essência, sendo idêntica **à realidade** e acessível apenas **ao pensamento**, e vedada **aos sentidos**. Assim, um elemento necessário **à verdade** era a "visão inteligível"; em outras palavras, o ato de revelar, o próprio desvelamento.
>
> A verdade estaria inscrita na essência, sendo idêntica **à realidade** e acessível **ao pensamento**, e vedada **aos sentidos**.
>
> Assim, um elemento necessário **à verdade** era a visão inteligível.
>
> Os filósofos gregos começaram a buscar a verdade em relação ou oposição **à falsidade, ilusão, aparência**.
>
> A formulação **do problema** do "critério de verdade" ocupou os adeptos da gnosiologia.

DIFERENCIAÇÃO DE ADJUNTO E COMPLEMENTO

A aparente semelhança entre adjunto e complemento só ocorre com termos substantivos antecedidos pela preposição **de**. Veja-se como diferenciá-los:

Adjunto adnominal	Complemento nominal
1. Refere-se a substantivos concretos e a substantivos abstratos	1. Refere-se a substantivos abstratos, a adjetivos e a advérbios

2. Raramente se refere a substantivos deverbais	2. Normalmente se refere a substantivos deverbais

3.Se o substantivo expressar ação, o adjunto tem caráter ativo	3. Se o substantivo expressar ação, o complemento terá caráter passivo
4. Pode indicar posse	4.Indica o alvo de uma ação ou de um processo

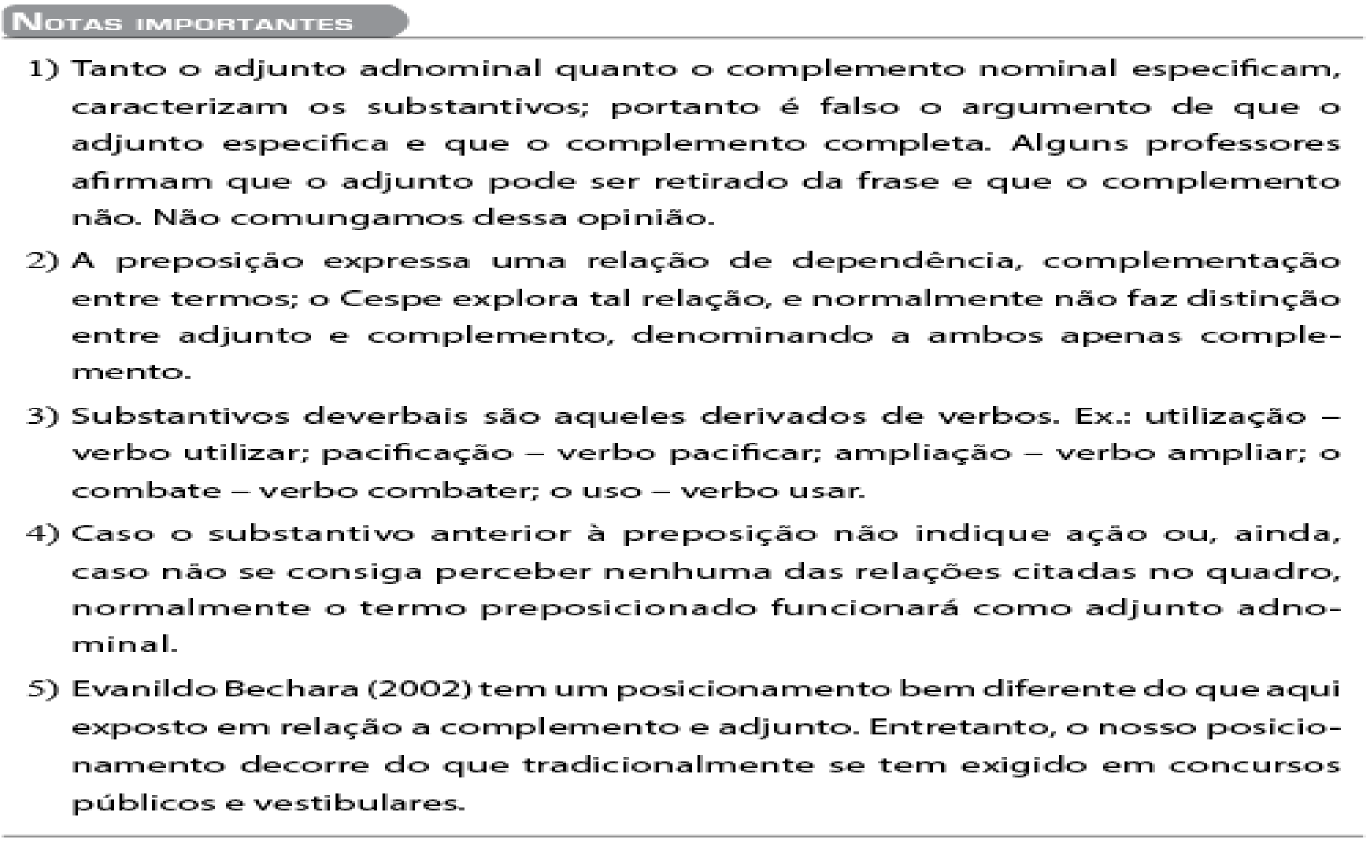
NOTAS IMPORTANTES

1) Tanto o adjunto adnominal quanto o complemento nominal especificam, caracterizam os substantivos; portanto é falso o argumento de que o adjunto especifica e que o complemento completa. Alguns professores afirmam que o adjunto pode ser retirado da frase e que o complemento não. Não comungamos dessa opinião.
2) A preposição expressa uma relação de dependência, complementação entre termos; o Cespe explora tal relação, e normalmente não faz distinção entre adjunto e complemento, denominando a ambos apenas complemento.
3) Substantivos deverbais são aqueles derivados de verbos. Ex.: utilização – verbo utilizar; pacificação – verbo pacificar; ampliação – verbo ampliar; o combate – verbo combater; o uso – verbo usar.
4) Caso o substantivo anterior à preposição não indique ação ou, ainda, caso não se consiga perceber nenhuma das relações citadas no quadro, normalmente o termo preposicionado funcionará como adjunto adnominal.
5) Evanildo Bechara (2002) tem um posicionamento bem diferente do que aqui exposto em relação a complemento e adjunto. Entretanto, o nosso posicionamento decorre do que tradicionalmente se tem exigido em concursos públicos e vestibulares.

Segue uma lista dos nomes mais comuns e das preposições que eles exigem.

acessível a	curioso de, por	horror a	parco em, de
acostumado a, com	desatento a	hostil a	passível de
admiração a, por	descontente com	idêntico a	perito em
agradável a	desfavorável a	impossível de	permissivo a
amante de	diferente de	impróprio para	perpendicular a

análogo a	difícil de	incompatível com	pertinaz em
alheio a	digno de	inconsequente com	possível de
ansioso de, para, por	desejoso de	indeciso em	possuído de
apto a, para	devoção a, para, com	independente de, em	posterior a
atentado a, contra	dúvida em, sobre	indiferente a	preferível a
aversão a, por	entendido em	indigno de	prejudicial a
ávido de	equivalente a	inerente a	prestes a, para
benéfico a	erudito em	intolerância a	propício a
capacidade de, para	escasso de	insensível a	próximo a, de
capaz de, para	essencial para	liberal com	relacionado com
certo de	estranho a	medo a, de	respeito a, para com
certeza de	fácil de	inexorável a	responsável por
compatível com	fanático por	leal a	rico de, em
compreensível a	favorável a	natural de	satisfeito com, em, por
comum a, de	fiel a	necessário a	seguro de, em
constante em	firme em	negligente em	semelhante a
contemporâneo a, de	generoso com	nocivo a	sensível a
contíguo a	grato a	obediência a	simultâneo a
contrário a	hábil em	ojeriza a, por	suspeito de
cuidadoso com	habituado a	paralelo a	útil a, para

Questões Comentadas – Cespe/UnB

Estudo do Banco Mundial (BIRD) sobre políticas fundiárias em todo o mundo defende que a garantia do direito à posse de terra a pessoas pobres e o incremento do mercado fundiário – principalmente o sistema de arrendamento – são fatores fundamentais para facilitar o acesso à terra e promover o crescimento econômico.

1. As regras de regência da norma culta exigem o emprego da preposição “a” imediatamente antes de “pessoas pobres” (ℓ.3) para que se complemente sintaticamente o termo “garantia” (ℓ.2).

[...] O objetivo é estancar a banalização da morte, seja ela no trânsito, na fila do pronto-socorro, dentro dos presídios, em decorrência do uso indevido de armas ou das chacinas de crianças e trabalhadores rurais.

2. A expressão “das chacinas de crianças e trabalhadores rurais” é complemento de “em decorrência” (ℓ.2-3).

A pergunta fundamental que precisamos fazer em cada ato de compra é: precisamos realmente desse produto ou serviço? É necessário reagir ao consumo desenfreado a que as peças publicitárias querem nos induzir.

3. O emprego de preposição em “a que” (ℓ.3) justifica-se pela regência de “consumo” (ℓ.3).

Um dos mais fortes argumentos contra qualquer espécie de racismo vem das recentes descobertas no campo da genética, que consolidaram, no campo científico, a ideia bastante conhecida atualmente de que todos os seres humanos existentes hoje em dia são originários de um mesmo grupo de hominídeos que viveram na África Ocidental há dezenas de milhares de anos.

4. O emprego da preposição “de” em “de que todos os seres humanos existentes hoje em dia são” (ℓ.4) deve-se à regência da forma verbal “consolidaram” (ℓ.3).

O fortalecimento da agricultura familiar é estratégico para o avanço de propostas de desenvolvimento local, **pela** sua presença maciça na grande maioria dos municípios brasileiros, **pelo** número de pessoas que vivem nessas condições, pela força de sua produção agrícola e sua capacidade de interação com outras atividades econômicas e sociais locais. Esse processo cria não só ocupações produtivas para os membros da família, mas para toda a região onde se produz o processo de dinamização da economia.

5. A presença da preposição **por** em “pela” (ℓ.2) e “pelo” (ℓ.3) deve-se à regência do substantivo “avanço” (ℓ.2).

A diversidade de realidades dos municípios não se explica exclusivamente pelas desigualdades regionais, mas também por desigualdades intrarregionais. Esses diferenciais são evidenciados pela distribuição dos municípios segundo o número de habitantes, o que apresenta seus reflexos na estrutura financeira.

6. Em “pelas desigualdades” (ℓ.2), o emprego da preposição “por” justifica-se pela regência de “se explica” (ℓ.1).

“[...] o que permitiu o indiciamento e julgamento de policiais militares em casos de múltiplas e graves violações como os do Carandiru, Corumbiara e Eldorado dos Carajás; a tipificação do crime de tortura (Lei n. 9.455/1997), que constituiu marco referencial para o combate a essa prática criminosa no Brasil”.

7. A substituição de “o combate a” (ℓ.5) por **combater** mantém a correção gramatical do período.

A gestão pela qualidade permite fazer mais com menos e o Brasil precisa dessa solução para construir uma nação forte, potencializando ao máximo cada real investido em educação. Só assim formaremos brasileiros cidadãos, capazes de ler e de realmente compreender o que leem, de se inserir no mercado de trabalho e de contribuir com o crescimento do país.

8. Na linha 5, o emprego da preposição “de” antes de “se inserir” e de “contribuir” indica que esses termos são complementos de “capazes” (ℓ.4).

Não se trata ainda de uma condenação irreversível. Mas o mal crônico que está asfixiando o ecossistema já passou do ponto em que seu metabolismo possa recuperar a exuberância do passado.

9. Por ser de emprego facultativo, preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se retirar a preposição do termo “em que” (ℓ.2-3).

Ao entrar em capacidade máxima de operação, a unidade P-52, que é do tipo semissubmersível, poderá processar 180 mil barris de petróleo e comprimir 9,3 milhões de metros cúbicos de gás natural por dia. Integrante do programa de desenvolvimento do Campo de Roncador, na Bacia de Campos, a P-52 ficará ancorada em uma profundidade de 1.800 metros e será interligada a 29 poços (18 produtores e 11 injetores de água).

10. Em “ficará ancorada em uma profundidade” (ℓ.5-6), a substituição de “em” por **a** mantém a correção gramatical do período.

Defendendo o nível coletivo da ação, o advogado que representa os fumantes disse que os fabricantes usaram uma estratégia de mercado para promover cigarros leves como uma alternativa de baixo risco em relação aos comuns, embora ele tivesse acesso a estudos que mostram que os riscos são iguais.

11. Na linha 4, o emprego de preposição em “aos comuns” deve-se à regência da palavra “relação”.

Modernismo 1ª Fase

> "Não tem sol sem a sombra, canção sem o silêncio, não há eternidade sem o agora"
>
> Oswald de Andrade

Contexto

→ São Paulo: centro econômico e cultural.
→ Crise econômica e cultural.
→ Revolta tenentista.
→ Fundação do partido comunista.

Fase de Destruição

1922-1930

→ Rompimento com as estruturas clássicas.
→ Busca pela origem.
→ Experimentalismo (busca de inovações na produção literária).
→ Tom prosaico (comum, vulgar).

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Características

→ Nacionalismo crítico (nacionalismo consciente X nacionalismo utópico.
→ Valorização da linguagem coloquial.
→ Adoção de versos livres e brancos.
→ Poesia sintética (resumida: haicais, tankas, dísticos, tercetos, epigramas, etc.).

> "Porque me deu agora de repente uma vontade danada de abraçar você, mas de corpo presente e ficar junto, sem assunto, deixando a vida passar..."
>
> Mário de Andrade

Mário de Andrade

→ Mais intimista.
→ Evidencia aspectos da vida rural e urbana.
→ Valoriza São Paulo.
↳ Macunaíma
↳ Paulicéia desvairada

Oswald de Andrade

→ Polêmico, original, fora dos padrões, quebrava regras, liberdade na escrita.
→ Irônico (apresentava forte ironia em suas obras).
↳ Pau-Brasil
↳ Memórias sentimentais de João Miramar

Modernismo 2ª Fase

Contexto

→ Início da Era Vargas.
→ Revolução de 30 – Golpe de Estado.

Fase de Consolidação

1930-1945

→ Geração de 30.
→ Amadurecimento de características da 1ª fase.
→ Nacionalismo.
→ Questionamento.
→ Verso livre.
→ Inquietação social.
→ Linguagem coloquial

Poesia

☆ Literatura mais politizada.
☆ Correntes voltadas para o espiritualismo e o intimismo.
☆ Tentativa de analisar o papel do homem no mundo (interpretar o estar no mundo).
➪ Carlos Drummond de Andrade
➪ Vinícius de Moraes
➪ Cecília Meireles
➪ Murilo Mendes
➪ Mário Quintana

Prosa

☆Abordagem mais regionalista (regionalismo nordestino)
☆ Literatura engajada (denúncia social).
☆ Problemática das constantes secas (indústria da seca – aproveita-se dos mais necessitados).
☆ Intenso movimento migratório.
☆ Neo-regionalismo nordestino.
➪ Graciliano Ramos (Retirantes).
➪ Jorge Amado (Ciclo do cacau).
➪ Érico Veríssimo (Narrativa urbana).
➪ José Américo de Almeida (visão do sertanejo - seca).
➪ Rachel de Queiroz (efeitos da seca).
➪ José Lins do Rego (Engenhos, usinas, cangaço).

> "Se a igualdade entre os homens – que busco e desejo – for o desrespeito ao ser humano, fugirei dela."
>
> Graciliano Ramos

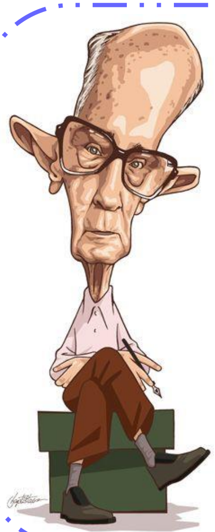

> "Eterno, é tudo aquilo que dura uma fração de segundo, mas com tamanha intensidade, que se petrifica, e nenhuma força jamais o resgata."
>
> Carlos Drummond de Andrade

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Modernismo 3ª Fase

Contexto

→ Redemocratização do país (fim do Estado Novo, Era Vargas)
→ Fim da 2ª Guerra Mundial.
→ Início da Guerra Fria.
→ Corrida armamentista.

Geração Neo-Realista

1945-1978

→ Academismo.
→ Retorno ao passado.
→ Oposição à liberdade formal.
→ Experimentações artísticas (ficção experimental).
→ Realismo fantástico.
→ Valorização da métrica e rima.
→ Inovações linguísticas e metalinguagem.
→ Regionalismo universal.
→ Temática social e humana.
→ Linguagem mais objetiva.

Poesia

→ Arte da palavra – exercício da lapidação da palavra e do próprio poema.
→ Metalinguagem e preocupação social.
→ Textos **sem** adjetivação, mais objetivos.
↳ João Cabral de Melo Neto

Prosa

→ Prosa psicológica ➪ busca pelas profundezas do ser.
↳ Clarice Lispector
↳ Lígia Fagundes Telles
→ Reinvenção da linguagem
↳ João Guimarães Rosa

"Amo enquanto nosso, esqueço quando é preciso e acredito que só vale a pena lutar por aquilo que vale a pena possuir."
Clarice Lispector

"Já que é preciso aceitar a vida, que seja corajosamente."
Lígia Fagundes Teles

"Fazer o que seja é inútil. Não fazer nada é inútil. Mas entre fazer e não fazer mais inútil fazer."
João Cabral de Melo Neto

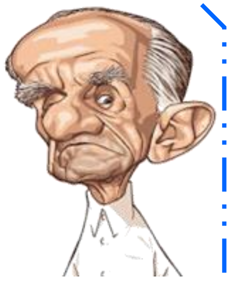

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

PORTUGUÊS

Morfologia

Formação de palavras

Prof.ª Isabel Vega

1) Derivação → radical + prefixo + sufixo

a) PREFIXAL → **des** + leal

b) SUFIXAL → leal + **dade**

c) PREFIXAL e SUFIXAL → **des** + leal + **dade**

d) PARASSINTÉTICA → **a** + manh + **ecer**

e) REGRESSIVA → trocar - a troca / resgatar - resgate

f) IMPRÓPRIA / CONVERSÃO → jantar (verbo) - o jantar (subst.) / não (advérbio) - o não (subst.)

2) COMPOSIÇÃO → dois ou mais radicais

a) POR JUSTAPOSIÇÃO → guarda-roupa / couve-flor / girassol

b) POR AGLUTINAÇÃO → aguardente = água + ardente /
vinagre = vinho + acre / fidalgo = filho de algo

Formação de palavras

3) ONOMATOPEIA → bem-te-vi

4) REDOBRO → mamãe / vovô

OBS.: Onomatopeia com redobro: pingue-pongue / tic-tac

5) ABREVIAÇÃO → a ONG / a PETROBRAS / a ONU

6) HIBRIDISMO → automóvel (auto, grego; móvel, latino) /
televisão (tele, grego; visão, latino)

OBS.: pseudônimo → composição (dois radicais gregos)

Questão (2011): “O uso de chiclete o libertou...” Assinale a alternativa que contém o **correto** processo de formação da palavra em destaque.

(A) derivação parassintética.

(B) composição por justaposição.

(C) derivação regressiva.

(D) derivação prefixal.

(E) derivação sufixal.

Questão (2009): Em "...que serão dignos de seu sobrenome...", o substantivo grifado foi formado pelo processo de:

(A) composição por justaposição;

(B) composição por aglutinação;

(C) derivação prefixal;

(D) derivação sufixal;

(E) derivação parassintética.

Questão (2010): "... diante desta cruel realidade, o belo torna-se repugnante" – a palavra belo nessa frase, quanto ao processo de formação, classifica-se como:

(A) derivação regressiva;

(B) primitiva;

(C) abreviação vocabular;

(D) derivação imprópria;

(E) hibridismo.

AF
CURSOS

VERBOS

FLEXÃO VERBAL

A seguir, um quadro dos tempos verbais existentes.

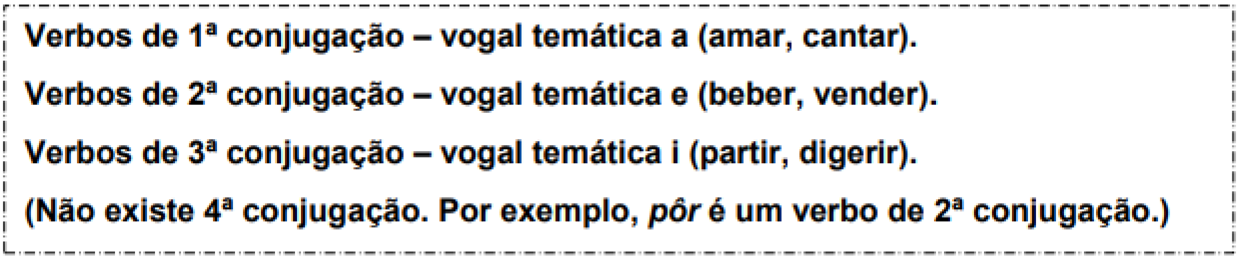

Verbos de 1ª conjugação – vogal temática a (amar, cantar).

Verbos de 2ª conjugação – vogal temática e (beber, vender).

Verbos de 3ª conjugação – vogal temática i (partir, digerir).

(Não existe 4ª conjugação. Por exemplo, *pôr* é um verbo de 2ª conjugação.)

EMPREGO DE TEMPOS E MODOS VERBAIS

- **I - Indicativo**
  - **Presente- eu falo....**
  - **Pretérito**
    - **imperfeito- eu falava...**
    - **perfeito- eu falei**
    - **mais-q-perfeito-eu falara...**
  - **Futuro**
    - **do presente- eu falarei**
    - **do pretérito- eu falaria**

- **II – Subjuntivo**
  - **presente – que eu fale**
  - **pretérito imperfeito– se eu falasse...**
  - **futuro – quando eu falar...**

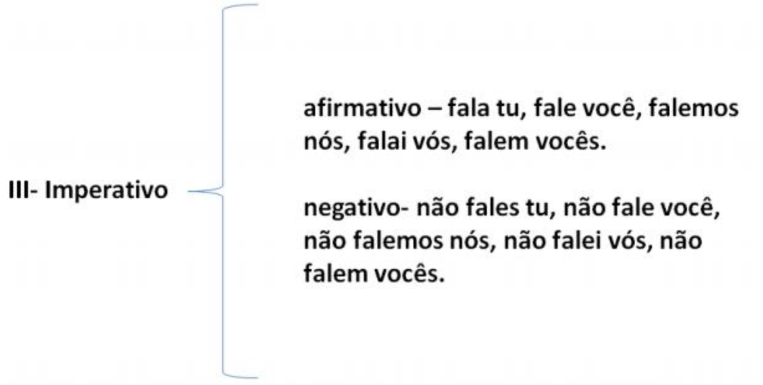

III- Imperativo

afirmativo – fala tu, fale você, falemos nós, falai vós, falem vocês.

negativo- não fales tu, não fale você, não falemos nós, não falei vós, não falem vocês.

Observe que são três os modos verbais:

1-Indicativo: é o modo que assegura algo.

2-Subjuntivo: é o modo que indica possibilidade, hipótese.

3-Imperativo: é o modo que apresenta ideias de ordem, pedido, convite, súplica.

1ª Parte: Principais verbos que se conjugam a partir de outros

- PÔR (líder)

Modo Indicativo:

- presente: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem;
- pretérito perfeito: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram;
- pretérito imperfeito: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham;
- pretérito mais-que-perfeito: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram;
- futuro do presente: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão;
- futuro do pretérito: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.

Modo Subjuntivo:

- presente: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham;
- pretérito imperfeito: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, pusésseis, pusessem;
- futuro: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.

Como o verbo PÔR, conjugam-se: ANTEPOR, APOR, COMPOR, CONTRAPOR, DECOMPOR, DEPOR, DECOMPOR, DISPOR, ENTREPOR, EXPOR, IMPOR, INTERPOR, JUSTAPOR, OPOR, POSPOR, PREDISPOR, PRESSUPOR, PROPOR, RECOMPOR, REPOR, SOBREPOR, SUPOR.

TER (líder)

Modo Indicativo:

- presente: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm;
- pretérito perfeito: tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram; pretérito imperfeito: tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham;
- pretérito mais-que-perfeito: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram;
- futuro do presente: terei, terás, terá, teremos, tereis, terão;
- futuro do pretérito: teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam.

Modo Subjuntivo:

- presente: tenha, tenhas, tenhas, tenhamos, tenhais, tenham;
- pretérito imperfeito: tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem;
- futuro: tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem.

Como o verbo TER, conjugam-se: ABSTER-SE, ATERSE, CONTER, DETER, ENTRETER, MANTER, OBTER, RETER, SUSTER..

VER (líder)

Modo Indicativo:

- presente: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem;
- pretérito perfeito: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram;
- pretérito imperfeito: via, vias, via, víamos, víeis, viam;
- pretérito mais-que-perfeito: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram;
- futuro do presente: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão;
- futuro do pretérito: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam.

Modo Subjuntivo:

- presente: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam;
- pretérito imperfeito: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem;
- futuro: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.

Como o verbo VER, conjugam-se: ENTREVER, ANTEVER, PREVER, REVER.

VIR (líder)

Modo Indicativo:

- presente: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm;
- pretérito perfeito: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram; pretérito imperfeito:

vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham;
- pretérito mais-que-perfeito: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram;
- futuro do presente: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão;
- futuro do pretérito: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam.

Modo Subjuntivo:
- presente: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham;
- pretérito imperfeito: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem;
- futuro: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.

Como o verbo VIR, conjugam-se ADVIR, AVIR-SE, CONVIR, DESAVIR-SE, INTERVIR, PROVIR, SOBREVIR.

2ª Parte: Falsos amigos conjugados

PROVER

Modo Indicativo
- presente: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem;
- pretérito perfeito: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram;
- pretérito imperfeito: provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam;
- pretérito mais-que-perfeito: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram;
- futuro do presente: proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão;
- futuro do pretérito: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam.

Modo Subjuntivo
- presente: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam;
- pretérito imperfeito: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem;
- futuro: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.

Resumindo:

Basta que você pense no verbo PROVER da seguinte forma: ele se conjuga como VER só nos tempos do presente – presente do indicativo e presente do subjuntivo; nos outros tempos, é regular, como BEBER. Assim, o grande cuidado que se deve ter é para não conjugá-lo como o verbo VER o tempo inteiro. No pretérito imperfeito do subjuntivo, por exemplo, se ele se conjugasse como o VER, seria “se eu provisse”, enquanto o correto é “se eu provesse” (tal qual BEBER – se eu bebesse).

REQUERER

Modo Indicativo:

- presente: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem;
- pretérito perfeito: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram;
- pretérito imperfeito: requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam;
- pretérito mais-que-perfeito: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram;
- futuro do presente: requererei, requererás, requererá, requereremos, requerereis, requererão;
- futuro do pretérito: requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.

Modo Subjuntivo:

- presente: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram;
- pretérito imperfeito: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem;
- futuro: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.

Resumindo:

Quanto ao verbo REQUERER, pense da seguinte forma: ele recebe a vogal “i”, após o 2º “e” do radical, apenas na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. O mesmo ocorre em todo o presente do subjuntivo, que dela deriva. Nos outros tempos, é regular e conjuga-se como BEBER. Não pense no verbo QUERER. Assim, por exemplo, se ele fosse como QUERER, no pretérito perfeito do indicativo seria “eu requis”, e não “eu requeri” (tal qual BEBER: eu bebi).

3ª Parte: Verbos defectivos

REAVER

Com o verbo REAVER, basta pensar da seguinte forma: memorizar em que tempos aparece a sua defectividade – presente do indicativo e presente do subjuntivo; nos outros tempos, lembrar que ele se conjuga como o verbo HAVER.

PRECAVER-SE

O verbo PRECAVER é ainda mais fácil que REAVER: memorize em que tempos ele é defectivo (presente do indicativo e presente do subjuntivo) e, nos outros tempos, observe que ele é um verbo regular. Logo, pense em outro regular: BEBER. Só não confunda PRECAVER com VER! Logo, no imperfeito do subjuntivo, por exemplo, será se eu me precavesse (como se eu bebesse), e não se eu me precavisse (seria assim se ele se conjugasse como o verbo VER).

HAVER

Modo Indicativo:

- presente: hei, hás, há, havemos, haveis, hão;
- pretérito perfeito: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram;
- pretérito imperfeito: havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam;
- pretérito mais-que-perfeito: houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram;
- futuro do presente: haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão;
- futuro do pretérito: haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam.

Modo Subjuntivo

- presente: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam;
- pretérito imperfeito: houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, ouveram;
- futuro: houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.

VERBOS TERMINADOS EM EAR

Todos os verbos terminados em EAR são irregulares, pois recebem um i nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural do presente do indicativo e do presente do subjuntivo. Nos outros tempos, a conjugação dos verbos terminados em EAR é regular.

Exemplo: ARREAR (= pôr os arreios)

- **Presente do indicativo**: arreio, arreias, arreia, arreamos, arreais, arreiam.
- **Presente do subjuntivo**: arreie, arreies, arreie, arreemos, arreeis, arreiem.

Por esse modelo se conjugam CEAR, PASSEAR, RECEAR, SEMEAR, MACAQUEAR, ESTREAR...

VERBOS TERMINADOS EM IAR

São regulares.

Exemplo: ARRIAR (= abaixar-se)

- Presente do indicativo: arrio, arrias, arria, arriamos, arriais, arriam.
- Presente do subjuntivo: arrie, arries, arrie, arriemos, arrieis, arriem.

Por esse modelo, se conjugam COPIAR, ADIAR, MAQUIAR, NEGLIGENCIAR, PREMIAR...

FORMAÇÃO DO IMPERATIVO

Quando aparecem verbos denotando ordem, pedido, desejo, súplica, temos o modo imperativo, que se forma da seguinte maneira:

1) Afirmativo:

TU e VÓS: retiradas do presente do indicativo com a supressão do s final.

fala (tu), falai (vós)

VOCÊ, NÓS e VOCÊS: retiradas do presente do subjuntivo sem alteração.

fale (você), falemos(nós), falem (vocês)

FORMAÇÃO DO IMPERATIVO

2) Negativo:

Conjugação igual à do presente do subjuntivo, acrescentando-se a negativa antes da forma verbal.

não fales tu, não fale você, não falemos nós, não faleis vós, não falem vocês

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

Transforme as frases de acordo com o modelo passando cada uma delas do Presente do Indicativo para a segunda pessoa (tu) e terceira pessoa (você) do Imperativo Afirmativo.

Joana canta.
Joana, cante!
a) Corretor vende a fazenda.

b) Daniel não lê o livro.
c) Adriana parte à noite.
d) Dênis entrega as flores.
e) Ana não sai de casa.
f) Crianças veem o cometa.
g) Marcelo não discute.

Passe cada uma das frases para o imperativo afirmativo.
a) Não cantes aquela canção .
b) Não saias de casa hoje .
c) Não voltes tarde .
d) Não leia este livro .
e) Não escrevas neste papel.

Passe cada uma das frases para o imperativo negativo.
a) Volte imediatamente para o seu lugar .
b) Receba este presente .
c) Saia de casa imediatamente .
d) Tranca aquela porta .
e) Põe o livro no armário.

TEMPOS COMPOSTOS

Formam-se com os auxiliares TER ou HAVER mais particípio.

Na maioria dos casos, o nome do tempo composto quem determina é o verbo auxiliar.

No indicativo:

Terei falado. (futuro do presente composto)

Teria falado. (futuro do pretérito composto)

Ter falado. (infinitivo composto)

Tendo falado. (gerúndio composto)

No subjuntivo:

Tiver falado. (futuro composto)

TEMPOS COMPOSTOS

No entanto, merecem atenção especial duas formas:

1) Pretérito perfeito composto: verbo auxiliar no presente mais o particípio.

Indica a repetição ou continuidade de um fato iniciado no passado que dura até o presente.

tem falado, tenho contado...

2) Pretérito mais-que-perfeito composto: verbo auxiliar no imperfeito mais particípio. É empregado como o simples, para expressar um fato já concluído antes de outro também no passado.

tinha falado, havia falado, tinha contado...

Reparem que, nessas formas, o nome do tempo composto não corresponde ao verbo auxiliar. Em concurso, quando o assunto é tempo composto, esses são os tempos mais pedidos.

FORMAS NOMINAIS

Fumar é proibido.

(Aqui, o infinitivo está exercendo papel de substantivo, pois é sujeito do verbo *ser.*)

Tempo **perdido**.

(Nesse caso, o particípio está exercendo papel de adjetivo do substantivo *tempo.*)

Amanhecendo, partiremos.

(Aqui, o gerúndio apresenta um valor adverbial, pois indica circunstância de tempo à forma verbal *partiremos*.)

Infinitivo: fala**r**, bebe**r**, parti**r**

Gerúndio: falan**do**, beben**do**, partin**do**

Particípio: fala**do**, bebi**do**, parti**do**

Observação:

Há verbos que possuem duas formas de particípio: o regular (de terminação *-do*) e o irregular (que não possui terminação *-do*). Eis alguns exemplos:

aceitar: aceitado, aceito

entregar: entregado, entregue

limpar: limpado, limpo

inserir: inserido, inserto

suspender: suspendido, suspenso

prender: prendido, preso

imprimir: imprimido, impresso

(...)

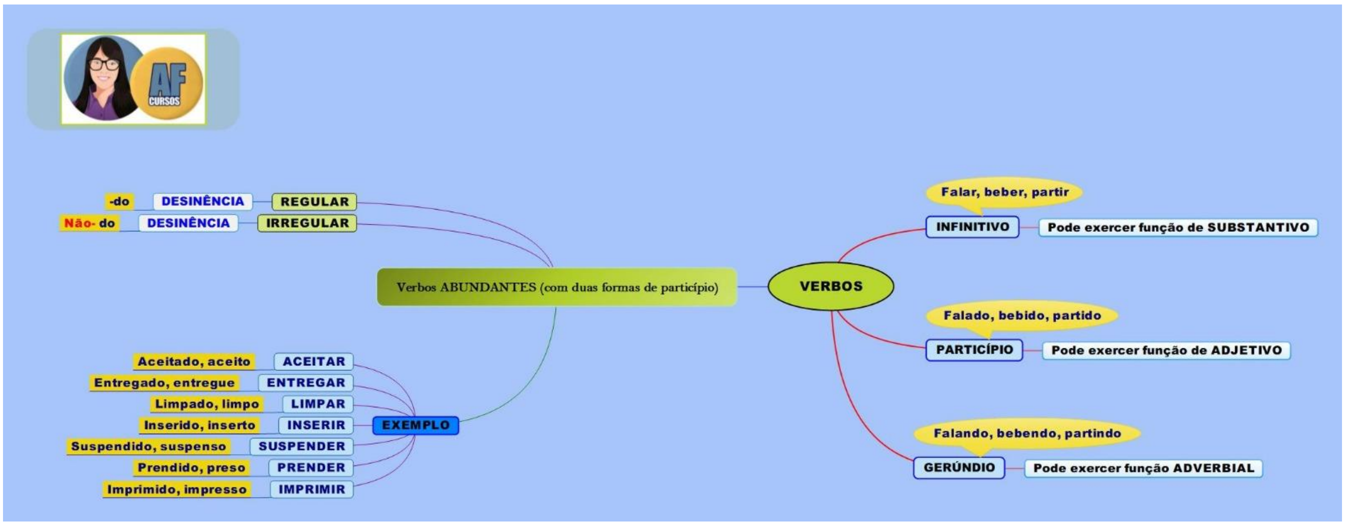

-do — DESINÊNCIA — REGULAR

Não- do — DESINÊNCIA — IRREGULAR

Verbos ABUNDANTES (com duas formas de particípio)

EXEMPLO

Aceitado, aceito — ACEITAR

Entregado, entregue — ENTREGAR

Limpado, limpo — LIMPAR

Inserido, inserto — INSERIR

Suspendido, suspenso — SUSPENDER

Prendido, preso — PRENDER

Imprimido, impresso — IMPRIMIR

VERBOS

Falar, beber, partir

INFINITIVO — Pode exercer função de SUBSTANTIVO

Falado, bebido, partido

PARTICÍPIO — Pode exercer função de ADJETIVO

Falando, bebendo, partindo

GERÚNDIO — Pode exercer função ADVERBIAL

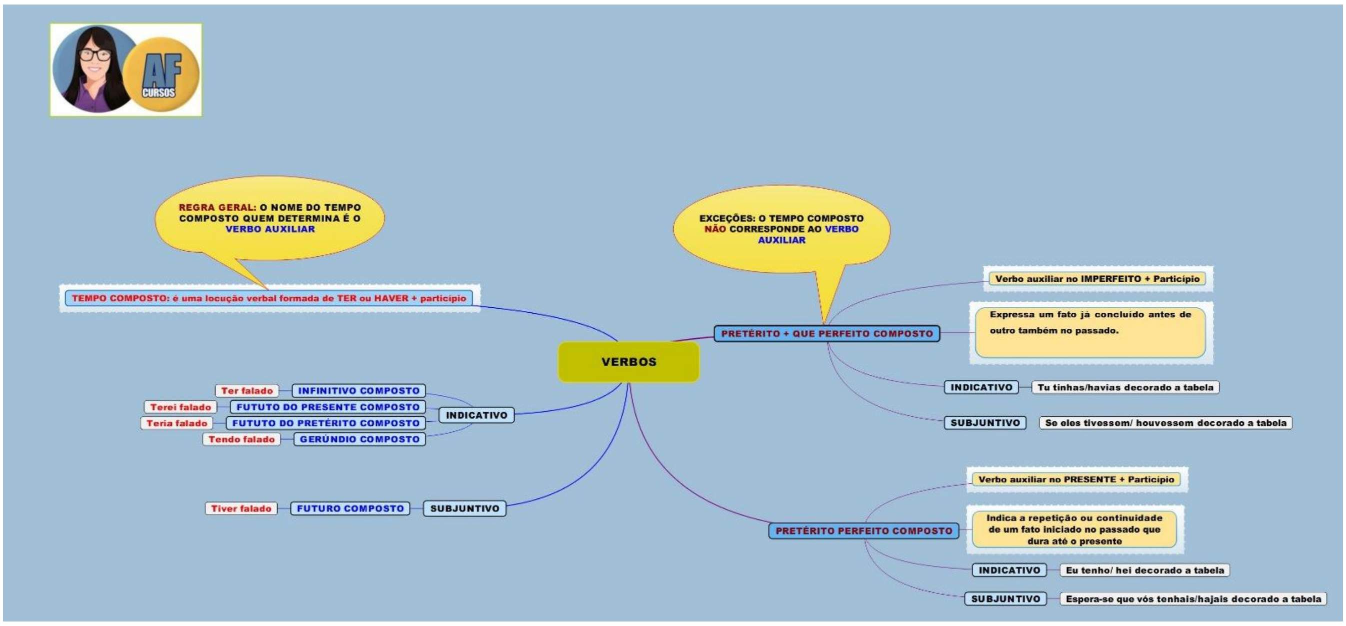

REGRA GERAL: O NOME DO TEMPO COMPOSTO QUEM DETERMINA É O VERBO AUXILIAR

TEMPO COMPOSTO: é uma locução verbal formada de TER ou HAVER + particípio

VERBOS

INDICATIVO

Ter falado — INFINITIVO COMPOSTO

Terei falado — FUTUTO DO PRESENTE COMPOSTO

Teria falado — FUTUTO DO PRETÉRITO COMPOSTO

Tendo falado — GERÚNDIO COMPOSTO

SUBJUNTIVO

Tiver falado — FUTURO COMPOSTO

EXCEÇÕES: O TEMPO COMPOSTO NÃO CORRESPONDE AO VERBO AUXILIAR

PRETÉRITO + QUE PERFEITO COMPOSTO

Verbo auxiliar no IMPERFEITO + Particípio

Expressa um fato já concluído antes de outro também no passado.

INDICATIVO — Tu tinhas/havias decorado a tabela

SUBJUNTIVO — Se eles tivessem/ houvessem decorado a tabela

PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO

Verbo auxiliar no PRESENTE + Particípio

Indica a repetição ou continuidade de um fato iniciado no passado que dura até o presente

INDICATIVO — Eu tenho/ hei decorado a tabela

SUBJUNTIVO — Espera-se que vós tenhais/hajais decorado a tabela

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

Ponha os verbos nos tempos compostos pedidos.

1. Se tu _________ a tempo, _________ à cerimônia. (chegar, mais-que-perf. Subj.. / assistir, fut. do pret.. comp. Ind.)
2. Muitas pessoas _________ sua candidatura. (apoiar, pret. perf. comp. ind.)
3. Depois que _________ o trabalho, vem falar comigo. (fazer, fut. comp. subj..)
4. Espero que eles já ___________ a casa. (alugar, pret. perf. subj..)
5. Quando voltares, ele já __________ a pesquisa. (terminar, fut, pres. comp. ind.)

LOCUÇÃO VERBAL - EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

Reconheça a locução verbal e classifique o verbo auxiliar.

1. Ele é respeitado por todos.
2. Começamos a fazer os exercícios.
3. Convém apanhares o livro.
4. Deixou cair o copo.
5. Prefiro dormir a estudar.
6. Tentarei resolver o problema.
7. Era chegada a primavera.
8. Deves trazer o caderno.
9. Mandei-o sair.
10. Forçou-me a assinar o contrato.

PARTICÍPIO - EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

Preencha as lacunas, usando o particípio adequado do verbo entre parênteses.

a) Haviam ... toda a louça. (enxugar)
b) A louça estava ... . (enxugar)
c) Tinham ... o ladrão em flagrante. (prender)
d) O ladrão foi ... em flagrante. (prender)
e) Eles t inham ... o fogo. (acender)
f) O fogo estava .... (acender)
g) Eu havia ... o material. (entregar)
h) O materia l estava .... (entregar)
i) Haviam ... o aluno. (expulsar)
j) O aluno foi ... do colégio. (expulsar)
k) Haviam ... o livro. (imprimir)
l) O livro foi .... (imprimir)

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1) Os pais só ___________ as crianças quando se dispõem a brincar com elas. (ENTRETER – presente do indicativo)

2) Os pais ___________ as crianças depois que se _________ a voltar para casa. (REAVER – pretérito perfeito do indicativo / DISPOR – pretérito perfeito do indicativo)

3) Os pais não se __________ a ficar com as crianças quando estas lhes ____________. (DISPOR – pretérito imperfeito do indicativo / CONTRADIZER – pretérito imperfeito do indicativo)

4) O motor do elevador ___________ de São Paulo. (PROVIR – pretérito perfeito do indicativo)

5) Os economistas já __________ ao Governo os mais diversos planos de ação. (PROPOR – pretérito perfeito do indicativo)

6) Os candidatos só poderão se inscrever no concurso de crônicas se o __________. (REQUERER – futuro do subjuntivo)

7) Os alunos da minha escola jamais __________ incentivo para redigir textos em crônicas. (OBTER – pretérito perfeito do indicativo)

8) Seria bom que a Igreja ____________ o poder que detinha. (REAVER – pretérito Imperfeito do subjuntivo)

9) Essa necessidade ___________ da atual carência de recursos nessa área. (ADVIR – presente do indicativo)

10) Se o país ___________ o clima cultural dos anos 60... (REAVER – futuro do subjuntivo)

Complete as frases abaixo, com os verbos solicitados entre os parênteses.

1. Para que todos _____________ bem confortáveis, alugaremos um ônibus. (VIAJAR, presente do subjuntivo)
2. Ontem eles ____________________ todo o dinheiro roubado. (REAVER, pretérito perfeito do indicativo)
3. O juiz não _________________ na briga entre os jogadores. (INTERVIR, pretérito perfeito do indicativo)
4. Quando ele nos ____________, poderá entregar-nos a encomenda. (VER, futuro do subjuntivo)
5. Eles ficarão felizes quando nós ___________________ esta reformulação. (PROPOR, futuro do subjuntivo)
6. Eles não __________________ os fugitivos. (DETER, pretérito perfeito do indicativo)
7. O aluno __________________ o adiantamento das provas. (REQUERER, pretérito perfeito do indicativo)
8. Eles só __________ paciência com os mais velhos. (TER, presente do indicativo)
9. Eu não ______________ tanto. (VALER, presente do indicativo)
10. Estes homens _________________ de um lugar distante. (PROVIR, pretérito perfeito do indicativo)
11. Ele só virá, quando nós lhe _________________ a verdade. (DIZER, futuro do subjuntivo)
12. Seria necessário que eles ___________________ o mesmo ritmo. (MANTER, pretérito imperfeito do subjuntivo)
13. Só entendi o que os brasileiros __________________ (EXPOR, pretérito perfeito do indicativo)
14. Preciso que tu __________ até a minha casa. (IR, presente do subjuntivo)
15. Aqui eu não ____________ (CABER, presente do indicativo)
16. Ele quer que nós __________________ outro livro. (LER, presente do subjuntivo)
17. Eu _______________ que todos viriam à reunião. (SUPOR, pretérito imperfeito do indicativo)
18. Nós _____________ até aqui hoje, pois ontem não foi possível. (VIR, presente do indicativo)
19. Ontem nós não ___________ à aula. (VIR, pretérito perfeito do indicativo)

20. Se eles ___________ e não te ___________, retornarão chateados. (VIR e VER, presente do indicativo)
21. Vós __________ com quem desejais. (IR, presente do indicativo)
22. Todos esperamos que vós __________ conosco. (IR, presente do subjuntivo)
23. Esperava-se que eles __________ a casa com o necessário. (PROVER, imperfeito do subjuntivo)

QUESTÕES

01. FCC – DETRAM – MA – ASSISTENTE DE TRÂNSITO – 2018

A flexão das formas verbais e a articulação entre seus tempos e modos estão plenamente adequadas na frase:

a) Quem caminhasse pelas grandes cidades virá a constatar que elas contessem muitas surpresas.

b) Numa época em que a velocidade se impuser de forma ainda mais drástica, valerá a pena buscar alternativas.

c) Se ninguém vir a buscar caminhos alternativos, nenhuma possibilidade real de libertação seria explorada.

d) Nosso estilo de vida levará-nos a impasses urbanos que dificilmente encontrariam alguma forma de solução.

e) A convicção do poeta acena para a criação nossa de caminhos próprios, da qual advisse um novo prazer de viver.

02. FGV – CÂMARA DE SALVADOR - BA – ASSISTENTE LEGISLATIVO MUNICIPAL – 2018

“Dessa forma, podemos definir a violência como qualquer relação de força que um indivíduo impõe a outro”.

A forma do verbo “impor” que está INCORRETA é:

a) impunha;

b) impusesse;

c) imponha;

d) impuser;

e) impora.

03. CESPE – CGM DE JOÃO PESSOA – PB - TÉCNICO MUNICIPAL DE CONTROLE INTERNO – 2018

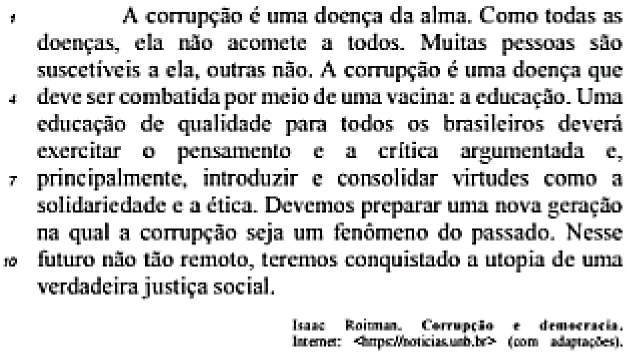

A corrupção é uma doença da alma. Como todas as doenças, ela não acomete a todos. Muitas pessoas são suscetíveis a ela, outras não. A corrupção é uma doença que deve ser combatida por meio de uma vacina: a educação. Uma educação de qualidade para todos os brasileiros deverá exercitar o pensamento e a crítica argumentada e, principalmente, introduzir e consolidar virtudes como a solidariedade e a ética. Devemos preparar uma nova geração na qual a corrupção seja um fenômeno do passado. Nesse futuro não tão remoto, teremos conquistado a utopia de uma verdadeira justiça social.

Isaac Roitman. Corrupção e democracia. Internet: <https://noticias.unb.br> (com adaptações).

Com relação aos sentidos e aos aspectos gramaticais do texto apresentado, julgue o item a seguir.

A substituição de “teremos conquistado” (ℓ.10) por **conquistaremos** manteria os sentidos originais do texto.

( ) Certo

( ) Errado

04. FCC – SABESP – TÉCNICO DE SEGURANÇA DO TRABALHO – 2018

... *que reflita sobre o sentido de seu comportamento*.

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo do sublinhado acima está na frase:

a) ... que o retira do mundo.

b) ... venha a ser mais tolerante às opiniões alheias...

c) ... como se fossem meras opiniões, isoladas de seus pressupostos...

d) ... que inverte o sentido original de suas práticas...

e) A palavra grega filosofia significa “amigo da sabedoria”...

05. FCC – SABESP – TÉCNICO EM GESTÃO - INFORMÁTICA – 2018

Foi em 1964. Vinícius de Moraes esperava pelo jornalista e compositor Antônio Maria num chalezinho em Barão de Mauá, onde tinham combinado passar alguns dias. Eram mais que amigos − irmãos. De repente, foram dar a Vinícius a notícia de que Antônio Maria morrera na véspera, de infarto. Vinícius sentiu o que chamou de "coice da morte" e se deixou ficar, arrasado, na varanda do chalé. Naquele momento, um passarinho entrou pela varanda e começou a fazer evoluções à sua volta. Era um passarinho gordo, como Maria. O poeta escreveu depois: "Tenho certeza que aquele passarinho gordo era você, meu Maria, fazendo palhaçada para me tirar da fossa".

Vinícius tinha prática nesses assuntos. Em 1955, morrera-lhe outro amigo querido, Jayme Ovalle. Dias depois, Vinícius escreveu a Manuel Bandeira: "Ele [Ovalle] não tem me largado um instante. Agora mesmo que estou te escrevendo, está sentado na poltrona em frente" − e descreveu uma longa cena do amigo morto que o visitava. Ovalle morrera no Rio e Vinícius estava em Paris, detalhe insignificante no além.

Quando se perde um amigo, vêm o vazio e a sensação de que, por mais que se falassem, os dois não disseram tudo.

(Adaptado de: CASTRO, Ruy. Disponível em: **folha.uol.com.br**. Acessado em: 30/3/18)

O verbo que, no contexto, pode ser corretamente flexionado no singular, sem que nenhuma outra modificação seja feita na frase, está sublinhado em:

a) De repente, foram dar a Vinícius a notícia de que... (1° parágrafo)

b) ... por mais que se falassem... (último parágrafo)

c) Eram mais que amigos − irmãos. (1° parágrafo)

d) ... os dois não disseram tudo. (último parágrafo)

e) Quando se perde um amigo, vêm o vazio e a sensação de que... (último parágrafo)

06. FCC – TRT 6ª REGIÃO - PE – TÉCNICO JUDICIÁRIO – ÁREA ADMINISTRATIVA – 2018

Thomas Jefferson pretendia que o bom jornalismo...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo do sublinhado acima está também sublinhado em:

a) ... as bases materiais do jornalismo profissional deslizam...

b) ... os eleitores haveriam de aprender a exercer a democracia.

c) Algo parecido ocorre agora com as redes sociais...

d) ... mais raro ainda que sejam reconhecidos como tais.

e) Desde quando os tabloides eram o principal veículo de massas...

07. FCC – ALESE – TÉCNICO LEGISLATIVO – TÉCNICO ADMINISTRATIVO – 2018

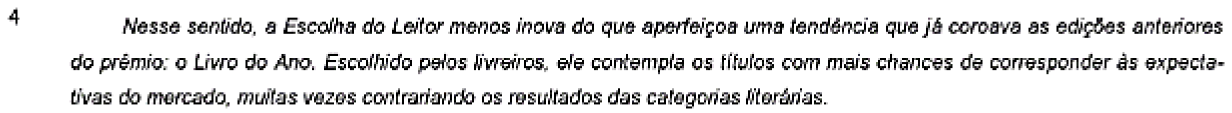

4 *Nesse sentido, a Escolha do Leitor menos inova do que aperfeiçoa uma tendência que já coroava as edições anteriores do prêmio: o Livro do Ano. Escolhido pelos livreiros, ele contempla os títulos com mais chances de corresponder às expectativas do mercado, muitas vezes contrariando os resultados das categorias literárias.*

uma tendência que já coroava as edições anteriores do prêmio (4º parágrafo)

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo do que se encontra acima está sublinhado em:

a) por meio do qual definia uma suposta obra de arte

b) o novo prêmio atenderia ao mercado

c) ou o que o contraria

d) o leitor elegerá títulos apenas entre os finalistas

e) ele contempla os títulos com mais chances

08. FCC – SEGEP – MA – TÉCNICO DE FISCALIZAÇÃO AGROPECUÁRIO – 2018

'GATONET' poderá render multa e cadeia para quem instala e para quem usa

Ter TV por assinatura com 'sinal pirateado', prática mais conhecida como 'gatonet', poderá se tornar crime no Brasil. O Projeto de Lei do Senado n°186/2013 começou a tramitar na Comissão de Constituição e Justiça do Senado nesta semana e, caso aprovado, vai tipificar os crimes de interceptação e recepção clandestina de sinal de TV por assinatura.

Isso quer dizer que tanto a pessoa que oferece e instala os famosos 'gatonets' quanto os clientes que solicitam a pirataria poderão ser punidos com multa de até R$ 10 mil. Também está prevista reclusão de seis meses a dois anos, com a possibilidade de aumentar a pena em 50% caso fique provado danos a terceiros.

Dessa forma, as autoridades poderão não apenas confiscar equipamentos utilizados para piratear sinal de TV por assinatura, mas também poderão prender os responsáveis e colocá-los no sistema sob legislação específica.

Acredita-se que o grande problema da pirataria de TV por assinatura hoje é a comercialização de equipamentos decodificadores que substituem os oferecidos oficialmente pelas operadoras.

A venda, compra ou fabricação desses aparelhos também será punida. A importação de produtos como esses já está proibida no Brasil desde 2011, mas não se tem notícia da responsabilização penal de seus fornecedores pelo crime de contrabando.

(Adaptado de: **https://www.tecmundo.com.br**)

Isso quer dizer que tanto a pessoa que oferece e instala os famosos 'gatonets' quanto os clientes que solicitam a pirataria ***poderão*** *ser punidos com multa de até R$ 10 mil.* (2° parágrafo)

A forma verbal destacada indica

a) recomendação.

b) necessidade.

c) certeza.

d) obrigação.

e) possibilidade.

09. CESPE – STJ – CONHECIMENTOS BÁSICOS- 2018

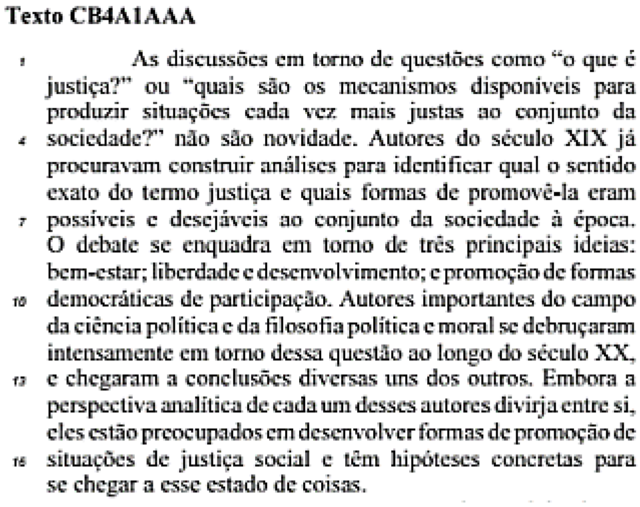

Texto CB4A1AAA

As discussões em torno de questões como "o que é justiça?" ou "quais são os mecanismos disponíveis para produzir situações cada vez mais justas ao conjunto da sociedade?" não são novidade. Autores do século XIX já procuravam construir análises para identificar qual o sentido exato do termo justiça e quais formas de promovê-la eram possíveis e desejáveis ao conjunto da sociedade à época. O debate se enquadra em torno de três principais ideias: bem-estar; liberdade e desenvolvimento; e promoção de formas democráticas de participação. Autores importantes do campo da ciência política e da filosofia política e moral se debruçaram intensamente em torno dessa questão ao longo do século XX, e chegaram a conclusões diversas uns dos outros. Embora a perspectiva analítica de cada um desses autores divirja entre si, eles estão preocupados em desenvolver formas de promoção de situações de justiça social e têm hipóteses concretas para se chegar a esse estado de coisas.

A respeito dos aspectos linguísticos do texto CB4A1AAA, julgue o próximo item.

Embora haja semelhança de sentido entre os verbos **divergir** e **diferir**, a substituição da forma verbal "divirja" (ℓ .14) por **difere** prejudicaria a correção gramatical do texto.

Certo ( )

Errado ( )

10. CESPE – SEDUC - AL – CONHECIMENTOS BÁSICOS- 2018

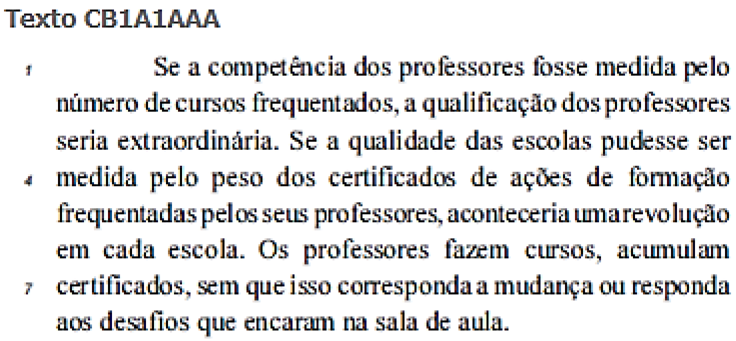

Texto CB1A1AAA

Se a competência dos professores fosse medida pelo número de cursos frequentados, a qualificação dos professores seria extraordinária. Se a qualidade das escolas pudesse ser medida pelo peso dos certificados de ações de formação frequentadas pelos seus professores, aconteceria uma revolução em cada escola. Os professores fazem cursos, acumulam certificados, sem que isso corresponda a mudança ou responda aos desafios que encaram na sala de aula.

Julgue o seguinte item, com relação aos aspectos gramaticais do texto CB1A1AAA.

Sem prejuízo das informações veiculadas no texto, a forma verbal “responda” (l.7) poderia ser substituída por **atenda**.

Certo ( )

Errado ( )

11. CESPE – SEDUC - AL – CONHECIMENTOS BÁSICOS- 2018

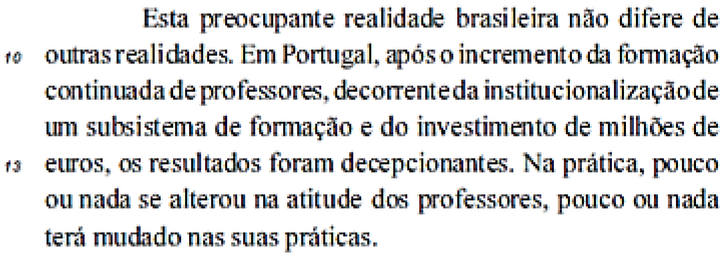

Esta preocupante realidade brasileira não difere de outras realidades. Em Portugal, após o incremento da formação continuada de professores, decorrente da institucionalização de um subsistema de formação e do investimento de milhões de euros, os resultados foram decepcionantes. Na prática, pouco ou nada se alterou na atitude dos professores, pouco ou nada terá mudado nas suas práticas.

Julgue o seguinte item, com relação aos aspectos gramaticais do texto CB1A1AAA.

A substituição da locução verbal “terá mudado” (l.15) pela forma verbal **mudou** manteria a correção gramatical do texto, mas alteraria o sentido do período.

Certo ( )

Errado ( )

12. CESPE – SEFAZ - RS – AUDITOR DO ESTADO – 2018

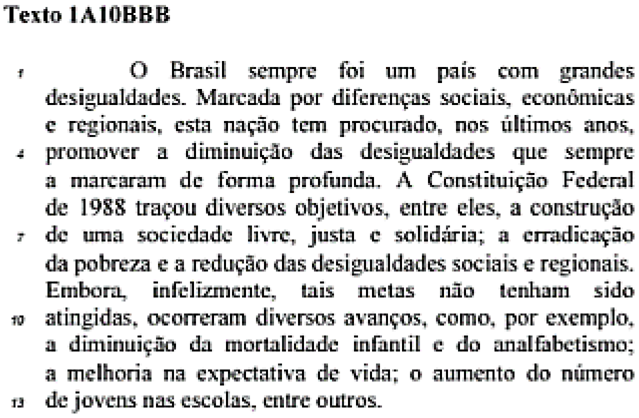

Texto 1A10BBB

O Brasil sempre foi um país com grandes desigualdades. Marcada por diferenças sociais, econômicas e regionais, esta nação tem procurado, nos últimos anos, promover a diminuição das desigualdades que sempre a marcaram de forma profunda. A Constituição Federal de 1988 traçou diversos objetivos, entre eles, a construção de uma sociedade livre, justa e solidária; a erradicação da pobreza e a redução das desigualdades sociais e regionais. Embora, infelizmente, tais metas não tenham sido atingidas, ocorreram diversos avanços, como, por exemplo, a diminuição da mortalidade infantil e do analfabetismo; a melhoria na expectativa de vida; o aumento do número de jovens nas escolas, entre outros.

A correção gramatical e os sentidos do texto 1A10BBB seriam preservados caso a forma verbal “ocorreram” (ℓ.10) fosse substituída por

a) existiu

b) aconteceu.

c) sucederam

d) tiveram

e) houveram.

13. CESPE – STM – ANALISTA JUDICIÁRIO – REVISÃO DE TEXTO – 2018

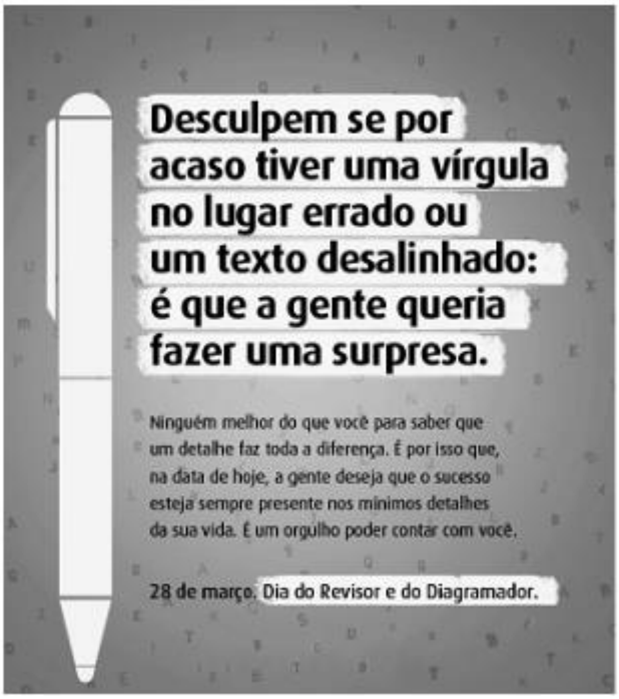

Desculpem se por
acaso tiver uma vírgula
no lugar errado ou
um texto desalinhado:
é que a gente queria
fazer uma surpresa.

Ninguém melhor do que você para saber que
um detalhe faz toda a diferença. É por isso que,
na data de hoje, a gente deseja que o sucesso
esteja sempre presente nos minimos detalhes
da sua vida. É um orgulho poder contar com você.

28 de março. Dia do Revisor e do Diagramador.

No que concerne aos aspectos linguísticos do texto 6A4CCC, julgue o item a seguir.

No período “É um orgulho poder contar com você”, a terceira pessoa do singular empregada na forma verbal “É” justifica-se por tratar-se de um verbo impessoal, como em **É tarde**.

Certo (   )

Errado (   )

14. FGV – TJ - AL – TÉCNICO JUDICIÁRIO – ÁREA JUDICIÁRIA – 2018

“*E em caso de falsear a verdade propositadamente, é obrigado pela justiça a desmentir e dar espaço ao contraditório*”.

O verbo falsear apresenta como forma errada de conjugação:

a) falseiamos;

b) falseias;

c) falseemos;

d) falseie;

e) falseiam.

15. FGV – CÂMARA DE SALVADOR - BA – ASSISTENTE LEGISLATIVO MUNICIPAL – 2018

“*Dessa forma, podemos definir a violência como qualquer relação de força que um indivíduo impõe a outro*”.

A forma do verbo “impor” que está INCORRETA é:

a) impunha;

b) impusesse;

c) imponha;

d) impuser;

e) impora.

16. IBFC – MGS – TÉCNICO CONTÁBIL – 2017

Texto I
Paternidade Responsável

Quantos filhos você gostaria de ter?

Ao responder a essa pergunta com certeza uma outra vai passar pela sua cabeça: “Será que vou conseguir sustentar um filho?”.

Certamente você gostaria de ter tantos filhos quantos pudesse sustentar, garantindo-lhes uma boa escola, um lugar com algum conforto para morar e remédios quando necessários.

Segundo especialistas, pode ser perigoso para a mãe a para a criança engravidar durante a adolescência porque o corpo da menina ainda não está preparado para o parto. Problemas como a gestante adolescente apresentar anemia ou o bebê nascer prematuramente são comuns.Além de eventuais problemas de saúde, tem-se um problema de ordem social: como sustentar uma criança, já que, para tanto, o adolescente, se não contar com a ajuda dos pais ou responsáveis, terá de abandonar a escola?

Desesperadas, muitas jovens acabam optando pelo aborto. Vale lembrar que, salvo raras exceções (estupro ou risco de morte para a mãe), o aborto no Brasil, é considerado crime. A mulher recorre, então, a clínicas clandestinas, sem fiscalização, e põe sua saúde em risco. Quem não tem condições de pagar tais clínicas faz uso de métodos ainda mais precários.

Isso acontece, em parte, porque não existe no Brasil um projeto amplo de planejamento familiar que assegure aos mais pobres o direito de decidir quantos filhos desejam ter. Assim, muitos casais têm quatro, seis, dez filhos, quando, na verdade, conseguiriam sustentar apenas um ou dois.

(DIMENSTEIN, Gilberto. *O cidadão de Papel*. Ed. Ática. São Paulo, 2011, p. 106)

A forma verbal “gostaria”, presente no primeiro parágrafo, está flexionada no seguinte tempo verbal:

a) futuro do pretérito.

b) pretérito perfeito.

c) pretérito imperfeito.

d) futuro do presente.

17. IBFC – AGERBA – TÉCNICO EM REGULAÇÃO – 2017

Primeira classe

(Moacyr Scliar)

Durante anos, o homem teve um sonho: queria viajar de avião na primeira classe. Na classe econômica, ele, executivo de uma empresa multinacional, era um passageiro habitual; e, quando via a aeromoça fechar a cortina da primeira classe, quando ficava imaginando os pratos e as bebidas que lá serviam, mordia-se de inveja. Talvez por causa disso trabalhava incansavelmente; subiu na vida, chegou a um cargo de chefa que, entre outras coisas, dava-lhe o direito à primeira classe nos voos.

E assim, um dia, ele embarcou de Nova Délhi, onde acabara de concluir um importante negócio, para Londres. E seu lugar era na primeira classe. Seu sonho estava se realizando. Tudo era exatamente como ele imaginava: coquetéis de excelente quantidade, um jantar que em qualquer lugar seria considerado um banquete. Para cúmulo da sorte, o lugar a seu lado estava vazio.

Ou pelo menos estava no começo do voo. No meio da noite acordou e, para sua surpresa, viu que o lugar estava ocupado. Achou que se tratava de um intruso; mas, em seguida, deu-se conta de que algo anormal ocorria: várias pessoas estavam ali, no corredor, chorando e se lamentando. Explicável: a passageira a seu lado estava morta. A tripulação optara por colocá-la na primeira classe exatamente porque, naquela parte do avião, havia menos gente.

Sua primeira reação foi exigir que removessem o cadáver. Mas não podia fazer uma coisa dessas, seria muita crueldade. Por outro lado, ter um corpo morto a seu lado horrorizava-o. Não havendo outros lugares vagos na primeira classe, só lhe restava uma alternativa: levantou-se e foi para a classe econômica, para o lugar que a morta, havia pouco, ocupara. Ou seja, ao invés de um upgrade, ele tinha recebido, ainda que por acaso, um *downgrade*.

Ali ficou, sem poder dormir, claro. Porque, depois que se experimenta a primeira classe, nada mais serve. Finalmente, o avião pousou, e ele, arrasado, dirigiu-se para a saída, onde o esperavam os parentes da falecida para agradecer-lhe. Disse um deles, que se identificou como filho da senhora: “Minha mãe sempre quis viajar de primeira classe. Só conseguiu morta graças à sua compreensão. Deus lhe recompensará”.

Que tem seu lugar garantido no céu, isso ele sabe. Só espera chegar lá viajando de primeira classe. E sem óbitos durante o voo.

A flexão de alguns verbos, sobretudo os irregulares, pode causar confusão. O verbo “quis”, presente em “Minha mãe sempre quis viajar” (5º§) é um exemplo típico. Nesse sentido, assinale a alternativa em que se indica INCORRETAMENTE a sua flexão.

a) queres – Presente do Indicativo.

b) queria – Futuro do Pretérito do Indicativo.

c) quisera – Pretérito mais-que-perfeito do Indicativo.

d) queira – Presente do Subjuntivo.

e) quisesse – Pretérito Imperfeito do Subjuntivo.

18. IBFC – EBSERH – ASSISTENTE ADMINISTRATIVO - UNIRIO – 2017

Vivendo e...

Eu sabia fazer pipa e hoje não sei mais. Duvido que se hoje pegasse uma bola de gude conseguisse equilibrá-la na dobra do dedo indicador sobre a unha do polegar, e quanto mais jogá-la com a precisão que eu tinha quando era garoto. Outra coisa: acabo de procurar no dicionário, pela primeira vez, o significado da palavra “gude”. Quando era garoto nunca pensei nisso, eu sabia o que era gude. Gude era gude.

Juntando-se as duas mãos de um determinado jeito, com os polegares para dentro, e assoprando pelo buraquinho, tirava-se um silvo bonito que inclusive variava de tom conforme o posicionamento das mãos. Hoje não sei que jeito é esse. [...]

(VERÍSSIMO, Luis Fernando. *Comédias para se ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva. 2001)

Os verbos “sabia” e “Duvido”, no início do texto, apontam para dois momentos distintos na vida do narrador. Tais verbos estão flexionados, respectivamente, no:

a) pretérito perfeito e presente.

b) pretérito mais-que-perfeito e pretérito perfeito.

c) pretérito perfeito e futuro do pretérito.

d) pretérito imperfeito e futuro do pretérito.

e) pretérito imperfeito e presente.

GABARITO

01. B
02. E
03. ERRADO
04. B
05. E
06. E
07. A
08. E
09. CERTO
10. CERTO
11. ERRADO
12. C
13. ERRADO
14. A
15. E
16. A
17. B
18. E

9cópias P. 380

BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA
Série 5.ª – Letras e Lingüística
volume 8

Direção:
Prof. ISAAC NICOLAU SALUM
(da Universidade de São Paulo)

FICHA CATALOGRÁFICA

(Preparada pelo Centro de Catalogação-na-fonte,
Câmara Brasileira do Livro, SP)

Benveniste, Émile, 1902-1976
B413p Problemas de lingüística geral; tradução de Maria da Glória Novak e Luiza Neri; revisão do Prof. Isaac Nicolau Salum. São Paulo, Ed. Nacional, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.
(Biblioteca universitária. Série 5a. Letras e lingüística, v. 8).

1. Lingüística I. Título. II. Série.

76-1049 CDD-410

Índice para catálogo sistemático:
1. Lingüística 410

20 5

ÉMILE BENVENISTE

PROBLEMAS DE LINGÜÍSTICA GERAL

tradução de
MARIA DA GLÓRIA NOVAK
e
LUIZA NERI

revisão do
Prof. ISAAC NICOLAU SALUM

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

sempre mais estrita dos signos lingüísticos que progrediremos em direção a uma classificação racional. A distância que precisamos percorrer tem menos importância que a direção para a qual devemos orientar-nos.

CAPÍTULO 10

os níveis da análise lingüística(85)

Quando estudamos com espírito científico um objeto como a linguagem, bem depressa se evidencia que todas as questões se propõem ao mesmo tempo a propósito de cada fato lingüístico, e que se propõem em primeiro lugar relativamente ao que se deve admitir como *fato*, isto é, aos critérios que o definem como tal. A grande mudança sobrevinda em lingüística está precisamente nisto: reconheceu-se que a linguagem devia ser descrita como uma estrutura formal, mas que essa descrição exigia antes de tudo o estabelecimento de procedimentos e de critérios adequados, e que em suma a realidade do objeto não era separável do método próprio para defini-lo. Devemos, pois, diante da extrema complexidade da linguagem, visar a propor uma ordem ao mesmo tempo nos fenômenos estudados, de maneira a classificá-los segundo um princípio racional, e nos métodos de análise, para construir uma descrição coerente, organizada segundo os mesmos conceitos e os mesmos critérios.

A noção de *nível* parece-nos essencial na determinação do procedimento de análise. Só ela é própria para fazer justiça à natureza *articulada* da linguagem e ao caráter *discreto* dos seus elementos; só ela pode fazer-nos reconhecer, na complexidade das formas, a arquitetura singular das partes e do todo. O domínio no qual a estudaremos é o da língua como sistema orgânico de signos lingüísticos.

---

(85) *Proceedings of the 9th International Congress of linguists*, Cambridge, Mass., 1962, Mouton & Co., 1964.

O procedimento inteiro da análise tende a delimitar os *elementos* através das relações que os unem. Essa análise consiste em duas operações que se comandam uma à outra e das quais todas as outras dependem: 1.ª a segmentação; 2.ª a substituição.

Seja qual for a extensão do texto considerado, é preciso, em primeiro lugar, segmentá-lo em porções cada vez mais reduzidas até os elementos não decomponíveis. Paralelamente, identificam-se esses elementos por meio das substituições que admitem. Chega-se, por exemplo, a segmentar fr. *raison*, "razão", em [r] – [ɛ] – [z] – [õ], em que se podem operar as seguintes substituições: [s] em vez de [r] (saison, "estação"); [a] em vez de [ɛ] (rasons, "raspemos"); [y] em vez de [z] (rayon, "raio"); [ɛ̃] em vez de [õ] (raisin, "uva"). Essas substituições podem ser arroladas: a classe dos substitutos possíveis de [r] em [rɛzõ] compreende [b], [s], [m], [t], [v]. Se aplicamos a cada um dos três outros elementos de [rɛzõ] o mesmo procedimento, erigimos um repertório de todas as substituições admissíveis, cada uma delas destacando por sua vez um segmento identificável em outros signos. Progressivamente, de um signo a outro, destaca-se a totalidade dos elementos e para cada um deles a totalidade das substituições possíveis. É esse, em resumo, o método de distribuição: consiste em definir cada elemento pelo conjunto do meio em que se apresenta, e por intermédio de uma relação dupla, relação do elemento com os outros elementos simultaneamente presentes na mesma porção do enunciado (relação sintagmática); relação do elemento com os outros elementos mutuamente substituíveis (relação paradigmática).

Observemos imediatamente uma diferença entre as duas operações, no campo da sua aplicação. Segmentação e substituição não têm o mesmo alcance. Os elementos identificam-se em função de outros segmentos com os quais estão em relação de capacidade de substituição. A substituição, porém, pode operar também sobre elementos não segmentáveis. Se os elementos segmentáveis mínimos se identificam como *fonemas*, a análise pode ir além e isolar no interior do fonema *traços distintivos*. Esses traços distintivos do fonema, porém, já não são segmentáveis, embora identificáveis e substituíveis. Em [d‘] reconhecem-se quatro traços distintivos: oclusão, dentalidade, sonoridade, aspiração. Nenhum deles pode realizar-se por si mesmo fora da articulação fonética em que se apresenta. Não podemos, também, determinar-lhes uma ordem sintagmática; a oclusão é inseparável da dentalidade, e o sopro da sonoridade. Cada um deles admite, apesar disso, uma substituição. A oclusão pode ser substituída por uma fricção; a dentalidade pela labialidade; a aspiração pela glotalidade, etc. Chegamos assim a distinguir duas classes de elementos mínimos: os que são ao mesmo tempo segmentáveis e substituíveis, os fonemas; e os que são apenas substituíveis, os traços distintivos dos fonemas. Pelo fato de não serem segmentáveis, os traços distintivos não podem constituir classes sintagmáticas; mas pelo fato de serem substituíveis, constituem classes paradigmáticas. A análise pode, assim, reconhecer e distinguir um nível fonemático, em que se praticam as duas operações de segmentação e de substituição, e um nível hipofonemático, o dos traços distintivos, não segmentáveis, que dependem apenas da substituição. Aí se detém a análise lingüística. Mais além, os dados fornecidos pelas recentes técnicas instrumentais pertencem à fisiologia ou à acústica – são infralingüísticos.

Atingimos assim, pelos processos descritos, os dois níveis inferiores da análise, o das entidades segmentáveis mínimas, os fonemas, o nível *fonemático*, e o dos traços distintivos, que propomos chamarem-se merismas (gr. *mérisma, -atos*, "delimitação, parte, pedaço"), o nível *merismático*.

Definimos empiricamente a sua relação segundo a sua posição mútua, como a de dois níveis sucessivamente atingidos, produzindo a combinação dos merismas o fonema ou decompondo-se o fonema em merismas. Qual é, porém, a condição *lingüística* dessa relação? Encontrá-la-emos se levarmos mais longe a análise e, uma vez que não podemos mais descer, visando o nível superior. Precisamos então operar sobre porções mais longas de textos e procurar o modo de realizar as operações de segmentação e de substituição quando não mais se trate de obter as menores unidades possíveis, mas unidades mais extensas.

Suponhamos que numa cadeia ingl. [li:viŋθiŋz] "leaving things (as they are)", tenhamos identificado em diferentes posições as três unidades fonemáticas [i], [θ], [ŋ]. Tentamos ver se essas unidades nos permitem delimitar uma unidade superior que as conteria. Procedendo por exaustão lógica, encaramos as seis combinações possíveis dessas três unidades: [iθŋ], [iŋθ], [θiŋ], [θŋi], [ŋiθ], [ŋθi]. Vemos então que duas dessas combinações estão efetivamente presentes na cadeia, mas realizadas de tal maneira que têm dois fonemas em comum, e que devemos escolher uma e excluir a outra: em [li:viŋθiŋz] será ou bem [ŋθi], ou bem [θiŋ]. A resposta não deixa dúvida: rejeitaremos [ŋθi] e elegeremos [θiŋ] na ordem de nova unidade /θiŋ/. De onde vem a autoridade dessa decisão? Da condição lingüística do *sentido* ao qual deve satisfazer a delimitação da nova unidade de nível superior: [θiŋ] tem um sentido, [ŋθi] não tem. A isso se acrescenta o critério distribucional que obtemos num ponto ou noutro da análise na presente fase, quando recai sobre um número suficiente de textos extensos: [ŋ] não se admite em posição inicial e a seqüência [ŋθ] é impossível, enquanto [ŋ] faz parte da classe dos fonemas finais e [θi] e [iŋ] se admitem igualmente.

O *sentido* é de fato a condição fundamental que todas as unidades de todos os níveis devem preencher para obter *status* lingüístico. Dizemos realmente a respeito de todos os níveis: o fonema só tem valor como discriminador de signos lingüísticos, e o traço distintivo, por sua vez, como discriminador dos fonemas. A língua não poderia funcionar de outra maneira. Todas as operações que se devem praticar no seio dessa cadeia supõem a mesma condição. A porção [ŋθi] não é admissível em nenhum nível; não pode nem ser substituída por nenhuma outra nem substituir nenhuma outra, nem ser reconhecida como forma livre, nem ser posta em relação sintagmática complementar às outras porções do enunciado; e o que acabamos de dizer sobre [ŋθi] vale também para uma porção cortada no que o precede, por exemplo, [i:vi] ou o que o segue [ŋz]. Não são possíveis nem segmentação nem substituição. Ao contrário, a análise guiada pelo sentido destacará duas unidades em [θiŋz], uma, signo livre /θiŋ/, a outra [z] que se reconhecerá ulteriormente como variante do signo conjunto /-s/. Em vez de ziguezaguear com o "sentido" e de imaginar processos complicados – e inoperantes – para deixá-lo fora do jogo retendo somente os traços formais, é preferível reconhecer francamente que ele é uma condição indispensável da análise lingüística.

É necessário somente ver como o sentido intervém nas nossas operações e de que nível de análise ele depende.

Sobressai dessas análises sumárias que segmentação e substituição não podem aplicar-se a quaisquer porções da cadeia falada. Na verdade, nada nos permitiria definir a distribuição de um fonema, as suas latitudes combinatórias da ordem sintagmática e paradigmática, portanto a própria realidade de um fonema, se não nos referíssemos sempre a uma *unidade particular* do nível superior que o contém. Essa é uma condição essencial, cujo alcance indicaremos adiante. Vemos então que esse nível não é algo de exterior à análise; está *na* análise; o nível é um operador. Se o fonema se define, é como constituinte de uma unidade mais alta, o morfema. A função discriminadora do fonema tem por fundamento a sua inclusão numa unidade particular, que, pelo fato de incluir o fonema, depende de um nível superior.

Sublinhemos, pois, o seguinte: uma unidade lingüística só será recebida como tal se se puder identificar *em* uma unidade mais alta. A técnica da análise distribucional não põe em evidência esse tipo de relação entre níveis diferentes.

Do fonema passa-se assim ao nível do *signo*, identificando-se este, segundo o caso, a uma forma livre ou a uma forma conjunta (morfema). Para a comodidade da nossa análise, podemos negligenciar essa diferença e classificar os signos como uma só espécie, que coincidirá praticamente com a *palavra*. Permitam-nos, sempre para a comodidade, conservar esse termo desacreditado – e insubstituível.

A palavra tem uma posição funcional intermediária que se prende à sua dupla natureza. Por um lado, decompõe-se em unidades fonemáticas que são de nível inferior; por outro entra, a título de unidade significante e com outras unidades significantes, numa unidade de nível superior. Essas duas propriedades devem ser um tanto precisadas.

Ao dizer que a palavra se decompõe em unidades fonemáticas, devemos sublinhar que essa decomposição se efetua mesmo quando a palavra é monofonemática. Por exemplo, acontece que em francês todos os fonemas vocálicos coincidem materialmente com um signo autônomo da língua. Melhor dizendo: certos significantes do francês se realizam num fonema único que é uma vogal. A análise desses significantes não possibilitará menos a decomposição: é a operação necessária para chegar a uma unidade de nível inferior. Assim, fr. *a* ou *à* – "tem"; preposição "a" – analisa-se em /a/; fr. *est* ["é"] analisa-se em /e/; – fr. *ait*, "tenha", em /ɛ/; fr. *y* – "aí", etc.; "a ele, nele", etc. – e *hie*, "marreta", em /i/; fr. *eau*, "água", em /o/; fr. *eu*, "teve", em /y/; fr. *où*, "onde", em /u/; fr. *eux*, "eles", em /ø/. O mesmo ocorre em russo, em que há unidades que têm um significante monofonemático, que pode ser vocálico ou consonântico; as conjunções *a*, *i*; as preposições *o*; *u* e *k*; *s*; *v*.

As relações são menos fáceis de definir na situação inversa, entre a palavra e a unidade de nível superior. De fato, essa unidade não é uma palavra mais longa ou mais complexa: depende de outra ordem de noções, é uma frase. A frase realiza-se em palavras mas as palavras não são simplesmente os seus segmentos. Uma frase constitui um todo, que não se reduz à soma das suas partes; o sentido inerente a esse todo é repartido entre o conjunto dos constituintes. A palavra é um constituinte da frase, efetua-lhe a significação; mas não aparece necessariamente na frase com o sentido que tem como unidade autônoma. A palavra pode assim definir-se como a menor unidade significante livre susceptível de efetuar uma frase, e de ser ela mesma efetuada por fonemas. Na prática, a palavra é encarada sobretudo como elemento sintagmático, que constitui enunciados empíricos. As relações paradigmáticas têm menos importância quando se trata de uma palavra em função da frase. É diferente quando se estuda a palavra como lexema, no estado isolado. Devemos então incluir numa unidade todas as formas flexionais, etc.

Sempre para precisar a natureza das relações entre a palavra e a frase, será necessário estabelecer uma distinção entre palavras *autônomas*, que funcionam como constituintes de frases (são a grande maioria) e palavras *sin-nomas* que só podem entrar em frases acrescentadas a outras palavras; assim, fr. *le* (*la*...) ["o" ("a"...)], *ce* (*cette*...) ["esse" (essa"...)]; *mon* (*ton*...) ["meu" ("teu"...)] ou *de*, *à*, *dans* ["de, a, dentro"] e *chez* "[na] casa [de]"; mas não todas as preposições: cf. fr. pop. *c'est fait pour*, "para"; *je travaille avec*, "com"; *je pars sans*, "sem". Essa distinção entre "palavras autônomas" e "palavras sin-nomas" não coincide com a que se faz desde Marty entre "auto-semânticas" e "sinsemânticas". Nas "sinsemânticas" encontram-se alinhados, por exemplo, os verbos auxiliares, que são para nós "autônomos", já por serem verbos e sobretudo por entrarem diretamente na constituição das frases.

Com as palavras, depois com grupos de palavras, formamos *frases*. É a comprovação empírica do nível ulterior, atingido numa progressão que parece linear. Na verdade, uma situação totalmente diferente apresentar-se-á aqui.

Para compreender melhor a natureza da mudança que ocorre quando passamos da palavra à frase, é preciso ver como se articulam as unidades segundo os seus níveis e explicitar várias conseqüências importantes das relações que elas mantêm. A transição de um nível ao seguinte põe em jogo propriedades singulares e despercebidas. Pelo fato de serem discretas, as entidades lingüísticas admitem duas espécies de relação: entre elementos de mesmo nível ou entre elementos de níveis diferentes. Essas relações devem ser bem distinguidas. Entre os elementos de mesmo nível, as relações são *distribucionais*; entre elementos de nível diferente, são *integrativas*. Só estas últimas precisam ser comentadas.

Quando se decompõe uma unidade, obtêm-se não unidades de nível inferior, mas segmentos formais da unidade em questão. Se se reduz o fr. /ɔm/ *homme*, "homem", a [ɔ] – [m], têm-se apenas dois segmentos. Nada nos garante, ainda, que [ɔ] e [m] sejam unidades fonemáticas. Para ter certeza, será preciso recorrer a /ɔt/ *hotte*, "cesto", /ɔs/ *os*, "osso", de um lado, e a /om/ *heaume*, "elmo", /ym/ *hume*, "chupa". Eis aí duas operações complementares de sentido oposto. Um signo é materialmente função dos seus elementos constitutivos, mas o único meio de definir esses elementos como constitutivos consiste em identificá-los no interior de uma unidade determinada onde preenchem uma função *integrativa*. Uma unidade será reconhecida como distintiva num determinado nível se puder identificar-se como "parte integrante" da unidade de nível superior, da qual se torna o *integrante*. Assim /s/ tem o *status* de um fonema porque funciona como integrante de /-al/ em *salle*, "sala", de /-o/ em *seau*, "balde", de /-vil/ em *civil*, etc. Em virtude da mesma relação transposta para o nível superior, /sal/ é um signo porque funciona como integrante de: – *à manger*, "sala de jantar"; – *de bains*, "banheiro"; /so/ é um signo porque funciona como integrante de: – *à charbon*, "balde para carvão"; *un – d'eau*, "um balde d'água"; e /sivil/ é um signo porque funciona como integrante de: – *ou militaire*, "civil ou militar"; *état* –, "estado civil"; *guerre* –, "guerra civil". O modelo da "relação integrante" é o da "função proposicional" de Russell[96].

Qual é, no sistema dos signos da língua, o alcance dessa distinção entre constituinte e integrante? Funciona entre dois limites. O limite superior é traçado pela frase, que comporta constituintes mas que, como adiante se mostra, não pode integrar nenhuma unidade mais alta. O limite inferior é o do "merisma" que, traço distintivo do fonema, não comporta ele próprio nenhum constituinte de natureza lingüística. A frase só se define, portanto, pelos seus constituintes; o merisma só se define como integrante. Entre os dois, destaca-se claramente um nível intermediário, o dos signos, autônomos ou sin-nomos, palavras ou morfemas, que ao mesmo tempo contêm constituintes e funcionam como integrantes. Tal é a natureza dessas relações.

Qual é finalmente a função que se pode determinar para essa distinção entre constituinte e integrante? É uma função de importância fundamental. Pensamos encontrar aqui o princípio racional que governa, nas unidades dos diferentes níveis, a relação entre FORMA e SENTIDO.

Eis que surge o problema que persegue toda a lingüística moderna, a relação *forma* : *sentido*, que muitos lingüistas quereriam reduzir à noção única da forma, sem porém conseguir libertar-se do seu correlato, o sentido. O que não se tentou para evitar, ignorar ou expulsar o sentido? É inútil: essa cabeça de Medusa está sempre aí, no centro da língua, fascinando os que a contemplam.

Forma e sentido devem definir-se um pelo outro e devem articular-se juntos em toda a extensão da língua. As suas relações parecem-nos implicadas na própria estrutura dos níveis e na das funções que a elas correspondem, que aqui designamos *constituinte* e *integrante*.

Quando reduzimos uma unidade aos seus constituintes, reduzimo-la aos seus elementos *formais*. Como acima dissemos, a análise de uma unidade não leva automaticamente a outras unidades. Mesmo na unidade mais alta, a frase, a dissociação em constituintes só evidencia uma estrutura formal, como acontece cada vez que um todo é fracionado em partes. Pode-se encontrar algo de análogo na escrita, que nos ajuda a formar essa representação. Com relação à unidade da palavra escrita, as letras que a compõem, tomadas uma a uma, são apenas segmentos materiais, que não retêm nenhuma porção da unidade. Se compomos SÁBADO pela reunião de seis cubos que têm cada um uma letra, o cubo S, o cubo A, etc. não são portadores nem da sexta parte nem de qualquer fração da *palavra* como tal. Assim, operando uma análise de unidades lingüísticas, isolamos constituintes somente formais.

Que é preciso para que nesses constituintes formais reconheçamos, se for o caso, unidades de um nível definido? É necessário praticar a operação em sentido inverso e ver se esses constituintes têm função integrante no nível superior. Tudo se resume nisso: a dissociação leva-nos à constituição formal; a integração leva-nos às unidades significantes. O fonema, discriminador, é o integrante, com outros fonemas, de unidades significantes que o contêm. Esses signos, por sua vez, incluir-se-ão como integrantes em unidades mais altas que são enformadas de significação. As operações da análise vão, em direções opostas, ao encontro ou da forma ou do sentido das mesmas entidades lingüísticas.

Podemos, assim, formular as seguintes definições:

A *forma* de uma unidade lingüística define-se como a sua capacidade de dissociar-se em constituintes de nível inferior.

forma

---

86. B. Russell, *Introduction à la philosophie mathématique*, trad. fr., p. 188: "Uma *função proposicional* é uma expressão que contém um ou vários constituintes indeterminados, de tal modo que, logo que lhes são atribuídos valores, a expressão se torna numa proposição ... *x é humano* é uma função proposicional, enquanto *x* permanece indeterminado, não é nem verdadeira nem falsa; mas, logo que se atribui um sentido a *x*, ela se torna numa proposição verdadeira ou falsa".

9.1.1

O *sentido* de uma unidade lingüística define-se como a sua capacidade de integrar uma unidade de nível superior.

Forma e sentido aparecem assim como propriedades conjuntas, dadas necessária e simultaneamente, inseparáveis no funcionamento da língua(87). As suas relações mútuas revelam-se na estrutura dos níveis lingüísticos, percorridos pelas operações descendentes e ascendentes da análise e graças à natureza articulada da linguagem.

A noção de sentido, porém, tem ainda outro aspecto. Talvez seja por não os havermos distinguido que o problema do sentido tomou uma opacidade tão espessa.

Na língua organizada em signos, o sentido de uma unidade é o fato de que ela tem um sentido, de que é significante. O que equivale a identificá-la pela sua capacidade de exercer uma "função proposicional". Essa é a condição necessária e suficiente para que reconheçamos essa unidade como significante. Numa análise mais exigente, teríamos de enumerar as "funções" que essa unidade está apta a exercer, e – em suma – deveríamos citá-las todas. Semelhante inventário seria bastante limitado para *méson*, ou *crisópraso*, imenso para *coisa* ou *um*; pouco importa; obedeceria sempre ao mesmo princípio de identificação pela capacidade de integração. Em todos os casos estaríamos em posição de dizer se determinado segmento da língua "tem um sentido" ou não.

Um problema totalmente diferente consistiria em perguntar: *qual* é esse sentido? Aqui "sentido" se toma numa acepção completamente diferente.

Quando se diz que determinado elemento da língua, curto ou extenso, tem um sentido, entende-se uma propriedade que esse elemento possui, enquanto significante, de constituir uma unidade distintiva, opositiva, delimitada por outras unidades, e identificável para os locutores nativos, de quem essa língua é *a* língua. Esse "sentido" é implícito, inerente ao sistema lingüístico e às suas partes. Ao mesmo tempo, porém, a linguagem refere-se ao mundo dos objetos, ao mesmo tempo globalmente, nos seus enunciados completos, sob forma de frases, que se relacionam com situações concretas e específicas, e sob forma de unidades inferiores que se relacionam com "objetos" gerais ou particulares, tomados na experiência ou forjados pela convenção lingüística. Cada enunciado, e cada termo do enunciado, tem assim um *referendum*, cujo conhecimento está implicado pelo uso nativo da língua. Ora, dizer *qual* é o *referendum*, descrevê-lo, caracterizá-lo especificamente é uma tarefa distinta, freqüentemente difícil, que não tem nada de comum com o manejo correto da língua. Não podemos estender-nos aqui sobre todas as conseqüências que essa distinção traz. Basta havê-la apresentado para delimitar a noção do "sentido", na medida em que ele difere da "designação". Um e outra são necessários. E os encontramos, distintos mas associados, ao nível da *frase*.

sent.
desig.

Esse é o último nível que a nossa análise atinge, o da *frase*, de que dissemos acima que não representava simplesmente um degrau a mais na extensão do segmento considerado. Com a frase transpomos um limite, entramos num novo domínio.

O que é novo aqui, em primeiro lugar, é o critério que determina esse tipo de enunciado. Podemos segmentar a frase, não podemos empregá-la para integrar. Não há função proposicional que uma proposição possa executar. Uma frase não pode, pois, servir de integrante a outro tipo de unidade. Isso se prende antes de tudo ao caráter distintivo entre todos, inerente à frase, de ser um *predicado*. Todos os outros caracteres que se podem reconhecer-lhe são secundários com relação a esse. O número de signos que entram numa frase é indiferente: sabemos que um único signo basta para constituir um predicado. Igualmente a presença de um "sujeito" junto de um predicado não é indispensável: o termo predicativo da proposição basta-se a si mesmo uma vez que é em realidade o determinante do "sujeito". A "sin-

---

87. Ferdinand de Saussure parece haver concebido também o "sentido" como um componente interno da forma lingüística, embora não se exprima a não ser por meio de uma comparação destinada a refutar outra comparação: "Freqüentemente se comparou essa unidade de duas faces [a associação do significante e do significado] com a unidade de pessoa humana, composta de corpo e alma. A aproximação é pouco satisfatória. Poderíamos pensar com mais justeza num composto químico, a água por exemplo; é uma combinação de hidrogênio e oxigênio; tomado à parte, cada um desses elementos não tem nenhuma das propriedades da água" (*Cours* 2, p. 145).

taxe" da proposição não é mais que o código gramatical que lhe organiza a disposição. As entonações na sua variedade não têm valor universal e continuam a ser de apreciação subjetiva. Só o caráter predicativo da proposição pode, assim, valer como critério. Situaremos a proposição ao nível *categoremático*(88).

Que encontramos, porém, nesse nível? Até aqui a denominação do nível relacionava-se com a unidade lingüística relevante. O nível fonemático é o do fonema; há realmente fonemas concretos, que podem ser isolados, combinados, enumerados. E os categoremas? Existem categoremas? O predicado é uma propriedade fundamental da frase, não é uma unidade de frase. Não há muitas modalidades de predicação. E nada se mudaria nessa comprovação se se substituísse "categorema" por "frasema"(89). A frase não é uma classe formal que teria por unidades "frasemas" delimitados e *oponíveis entre eles*. Os tipos de frases que se poderiam distinguir reduzem-se todos a um único, a proposição predicativa, e não existe frase fora da predicação. É preciso, portanto, reconhecer que o nível categoremático comporta somente uma forma específica de enunciado lingüístico, a proposição; esta não constitui uma classe de unidades distintivas. É por isso que a proposição não pode entrar como parte numa totalidade de ordem mais elevada. Uma proposição pode apenas preceder ou seguir outra proposição, numa relação de seqüência. Um grupo de proposições não constitui uma unidade de uma ordem superior à proposição. Não há nível lingüístico além do nível categoremático.

Pelo fato de não constituir uma classe de unidades distintivas, que seriam membros virtuais de unidades superiores, como o são os fonemas ou os morfemas, a frase distingue-se naturalmente das outras entidades lingüísticas. O fundamento dessa diferença consiste em que a frase contém signos, mas é ela mesma um signo. Uma vez reconhecido isso, evidencia-se claramente o contraste entre os conjuntos de signos que encontramos nos níveis inferiores e as entidades do nível presente.

---

88. Gr. *katēgórēma* = lat. *praedicatum*.

89. Uma vez que se criou *lexema* sobre o gr. *léxis*, nada impediria de criar *frasema* sobre o gr. *phrásis*, "frase".

Os fonemas, os morfemas, as palavras (lexemas) podem contar-se; existem em número finito. As frases, não.

Os fonemas, os morfemas, as palavras (lexemas) têm uma distribuição no seu nível respectivo, um emprego no nível superior. As frases não têm nem distribuição nem emprego.

Um inventário dos empregos de uma palavra poderia não acabar; um inventário dos empregos de uma frase não poderia nem mesmo começar.

A frase, criação indefinida, variedade sem limite, é a própria vida da linguagem em ação. Concluímos que se deixa com a frase o domínio da língua como sistema de signos e se entra num outro universo, o da língua como instrumento de comunicação, cuja expressão é o discurso.

Eis aí verdadeiramente dois universos diferentes, embora abarquem a mesma realidade, e possibilitem duas lingüísticas diferentes, embora os seus caminhos se cruzem a todo instante. Há de um lado a língua, conjunto de signos formais, destacados pelos procedimentos rigorosos, escalonados por classes, combinados em estruturas e em sistemas; de outro, a manifestação da língua na comunicação viva.

A frase pertence bem ao discurso. É por aí mesmo que se pode defini-la: a frase é a unidade do discurso. Encontramos a confirmação nas modalidades de que a frase é susceptível: reconhece-se em toda parte que há proposições assertivas, proposições interrogativas, proposições imperativas, que se distinguem por traços específicos de sintaxe e de gramática, e se apóiam igualmente na predicação. Ora, essas três modalidades apenas refletem os três comportamentos fundamentais do homem falando e agindo pelo discurso sobre o seu interlocutor: quer transmitir-lhe um elemento de conhecimento, ou obter dele uma informação, ou dar-lhe uma ordem. Essas são as três funções interumanas do discurso que se imprimem nas três modalidades da unidade de frase, correspondendo cada uma a uma atitude do locutor.

A frase é uma unidade, na medida em que é um segmento de discurso, e não na medida em que poderia ser distintiva com relação a outras unidades do mesmo nível — o que ela não é, como vimos. É, porém, uma unidade completa, que traz ao mesmo tempo sentido e referência: sentido porque é enformada de significação, e referência porque se refere a uma determinada situação. Os que se comunicam têm justamente isto em comum, uma certa referência de situação, sem a qual a comunicação como tal não se opera, sendo inteligível o "sentido" mas permanecendo desconhecida a "referência".

Vemos nessa dupla propriedade da frase a condição que a torna analisável para o próprio locutor, a começar pela aprendizagem que ele faz do discurso quando aprende a falar e pelo exercício incessante da sua atividade de linguagem em todas as situações. O que se torna mais ou menos sensível para ele é a diversidade infinita dos conteúdos transmitidos, em contraste com o pequeno número de elementos empregados. Daí, destacará ele inconscientemente, à medida que o sistema se lhe tornar familiar, uma noção totalmente empírica do signo, que assim se poderia definir no seio da frase: o signo é a unidade mínima da frase susceptível de ser reconhecida como idêntica num meio diferente, ou de ser substituída por uma unidade diferente num meio idêntico.

O locutor pode não ir mais longe; tomou consciência do signo sob a espécie da "palavra". Fez um início de análise lingüística a partir da frase e no exercício do discurso. Quando o lingüista, por sua vez, tenta reconhecer os níveis da análise, é levado por uma operação inversa – partindo das unidades elementares – a fixar na frase o nível último. É no discurso atualizado em frases que a língua se forma e se configura. Aí começa a linguagem. Poder-se-ia dizer decalcando uma fórmula clássica: *nihil est in* lingua *quod non prius fuerit in* oratione.

CAPÍTULO 11

o sistema sublógico das preposições em latim(90)

No seu importante trabalho sobre *A categoria dos casos* (I, p. 127 ss.), Louis Hjelmslev apresentou as grandes linhas do "sistema sublógico" que subentende a distinção dos casos em geral e que permite construir o conjunto das relações casuais de um estado idiossincrônico. Esse sistema sublógico comporta três dimensões, cada uma das quais suscetível de várias modalidades: 1.ª direção (aproximação-afastamento); 2.ª coerência-incoerência; 3.ª subjetividade-objetividade. Na sua análise, Hjelmslev, embora preocupado unicamente com os casos, não pôde deixar de considerar ao mesmo tempo, ao menos de maneira lateral, as preposições; e com razão, tão estreita é a relação funcional entre as duas categorias. É preciso insistir sobre este ponto: cada preposição de um determinado idioma esboça, nos seus diversos empregos, uma certa figura na qual se coordenam o seu sentido e as suas funções e que precisamos reconstituir se queremos dar uma definição coerente do conjunto das suas particularidades semânticas e gramaticais. Essa figura é comandada pelo mesmo sistema sublógico que governa as funções casuais. É evidente que uma descrição guiada por esse princípio deve abarcar, para conseguir a sua força demonstrativa, a totalidade das preposições e a totalidade das relações casuais de um estado de língua. Pode-se, apesar disso, esboçá-la sobre alguns

---

90. Extrato dos "Travaux du Cercle linguistique de Copenhague", vol. V, *Recherches structurales*, 1949.

PORTUGUÊS

Morfologia - Verbos

Locução verbal

Prof.ª Isabel Vega

Locução verbal

I – DEFINIÇÃO: é o conjunto formado por um verbo auxiliar + um verbo principal

OBS.: O verbo principal vem sempre em uma forma nominal (infinitivo, gerúndio ou particípio). O verbo auxiliar vem normalmente conjugado em um dos modos (indicativo, subjuntivo ou imperativo).

Ex.: Vamos fazer as pazes? (Façamos as pazes!)
Estamos preparando a festa surpresa do João. (Preparamos)
Maria já tinha saído, quando telefonei. (saíra)

1) Auxiliares TER/HAVER + PARTICÍPIO ► Formação dos tempos compostos no Indicativo (voz ativa):

Ex.: João tem feito muitas atividades físicas.
(auxiliar no Presente → Pretérito Perfeito)

Todos haviam trabalhado até tarde.
(auxiliar no Pret. Imperfeito → Pret. + q. Perf.)

Os meninos terão entendido o que falei?
(auxiliar no Futuro Pres. → Futuro do Presente)

Os meninos teriam entendido o que falei?
(auxiliar no Fut. Pret. → Futuro do Pretérito)

► Formação dos tempos compostos no Subjuntivo(voz ativa)

EX.: Espero que ele tenha viajado com rapidez.
(auxiliar no Presente → Pretérito Perfeito
Obs.:Só existe na forma composta.

Se você tivesse avisado antes, já estaria pronta.
(auxiliar no Pret. Imperfeito → Pret. + q. Perf.)
Obs.:Só existe na forma composta.

Quando João tiver retornado, viajaremos.
(auxiliar no Futuro → Futuro)

2) AUXILIARES SER/ESTAR + PARTICÍPIO► Formação da VOZ PASSIVA

Ex.: O quadro foi vendido por milhões de reais.
(Venderam o quadro por milhões de reais.)

O livro será entregue aos alunos pelo professor.
(O professor entregará o livro aos alunos.)

As ruas deveriam ser limpas todos os dias.
(Deveriam limpar as ruas todos os dias.)

3) Concordância das locuções verbais

Ex.: Podem existir [vidas] em outros planetas.
↳ sujeito

Pode haver [vidas] em outros planetas.
↳ objeto direto

Deve ter [vidas] em outros planetas.

Devem existir [vidas] em outros planetas.

Deve fazer [dois anos] que ele viajou.

4) Outros auxiliares de locuções verbais

Ex.: João veio fazer uma visita aos avós.

Vinha rompendo a madrugada, quando ele chegou.

Ficou esperando por ele à porta de casa.

Queria fazer-lhe uma surpresa.

O trabalho ficou por terminar amanhã.

Maria continuou a pesquisar sobre o assunto.

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

GÊNEROS TEXTUAIS

(Bloco I)

Vânia Araújo

RELAÇÃO ENTRE O USO DA LINGUAGEM E OS PROPÓSITOS COMUNICATIVOS

Para nos comunicarmos no dia-a-dia fazemos uso dos gêneros textuais: todos os nossos discursos se dão sob a forma de textos assentados no mais diversos gêneros, que produzimos consciente ou inconscientemente. É isso que nos permite a comunicação verbal: os gêneros servem como mediadores e organizadores de nossas atividades sociais.

Os gêneros mais utilizados hoje pela sociedade para se comunicar são cartas (pessoal, comercial, eletrônica etc.), romances, editais de concurso, entrevistas, artigos, ensaios, entrevistas, notícias, crônicas, fábulas, resenhas, contos, editoriais, e-mails etc.

TEXTOS PERTENCENTES AO DISCURSO JORNALÍSTICO

NOTÍCIA

- ✓ É um texto narrativo que expressa um fato novo, buscando despertar o interesse do público a que se destina. Gênero tipicamente jornalístico, a notícia pode ser veiculada em jornais, escritos ou falados, e em revistas.
- ✓ A notícia vem, normalmente, encabeçada por um título, que anuncia o assunto a ser desenvolvido e no qual são empregadas palavras curtas e de uso comum.
- ✓ Uma notícia deve ser imparcial e objetiva, ou seja, deve expor fatos, e não opiniões – em linguagem clara, direta e bastante precisa.

Muito cuidado: Na prática, nem sempre a notícia é um texto imparcial e isento e essa parcialidade do autor pode ser confundida com a defesa de um ponto de vista.

Leia a NOTÍCIA abaixo, publicada na Revista IstoÉ:

O Parque Nacional do Itatiaia, paraíso ecológico no estado do Rio de Janeiro criado por Getúlio Vargas em 1937, está correndo sérios riscos. E a culpa, desta vez, não é dos incêndios, tão comuns na região, que abriga maravilhas naturais como o rio Campo Belo, a Cascata do Maromba e o famoso Pico das Agulhas Negras. Hoje, para muitos especialistas, o maior problema é a ocupação irregular de áreas de preservação permanente por casas de veraneio particulares, cerca de 80 residências concentradas em uma região de 1,3 mil hectares.

No dia 22 de outubro de 2008, a Associação dos Amigos de Itatiaia, que, desde 1951, reúne proprietários dessas terras irregulares, deu início a uma campanha para regularizar o que não é regularizável: a presença de propriedades particulares dentro de um parque nacional. Se aprovado, o projeto reclassificaria parte da área do parque, que passaria a ser um “monumento natural”, e não só legitimaria os imóveis que já existem como abriria caminho para a construção de outros dentro da área de preservação.

João Lopes. In: ***Revista IstoÉ***. 25/2/2009, p. 52 (com adaptações).

CRÔNICA REFLEXIVA

- É um texto narrativo, que traz o relato de fatos (relativamente banais) do cotidiano, em que o autor tece reflexões filosóficas sobre o assunto (como se ele apenas pensasse alto).
- É uma modalidade de crônica na qual o autor transmite suas impressões humorísticas ou líricas sobre assuntos do dia-a-dia, procurando cativar a sensibilidade do leitor numa abordagem descontraída.
- Como a crônica reflexiva é a expressão espontânea do pensamento do autor, não há uma preocupação com a forma: admite tanto a linguagem culta quanto a coloquial como também os recursos poéticos, como as repetições enfáticas e as gírias, por exemplo.

IMPORTANTE!

Apesar de ser um gênero narrativo por definição, a crônica reflexiva é um texto híbrido, que mescla algumas modalidades e não prescinde da reflexão e do comentário.

No início de 2005, muito ouvimos falar de Davos – um lugar na Suíça onde se reuniram os luminares de todo o mundo para discutir as ansiedades que nos paralisam e as perplexidades que nos mobilizam. Por coincidência, Davos é também o cenário onde se monta a ação de um famoso romance escrito por Thomas Mann, **A Montanha Mágica**. O romance é de 1924 e descreve a vida de um grupo de personagens doentes que, no princípio do século, se instalaram no Sanatório Berghof, procurando recuperar a saúde.

Um mundo enfermo foi de novo a Davos procurando diagnosticar seus males e ali, em sucessivos e variados seminários, se indagou onde estaria a cura dos males de nossa civilização. Lá estavam Tony Blair, Lula e os presidentes de dezenas de países desimportantes. Lá estavam Bill Gates e os gerentes de agências financiadoras de todo o mundo. Lá estava até Sharon Stone recolhendo US$1 milhão para as desgraças na Tanzânia. Enfim, lá estava uma amostra da sociedade atual, ou melhor, lá estavam os pajés das diversas tribos de nossa sociedade eletrônica tentando exorcizar as doenças da comunidade.

A Montanha Mágica é um romance muito antigo. Mas, sendo antigo, de repente, é atual, por causa da metáfora viva que contém e que os sábios do Fórum Econômico Mundial ressuscitaram. Que mágica se pode fazer na montanha de dinheiro acumulado pelo hipercapitalismo para sanar os males que corroem as vísceras de nossa comunidade? Penso se o mundo não foi sempre um sanatório em Davos.

Affonso Romano de Sant’anna, **Correio Braziliense**, 6/2/2005 (com adaptações).

REPORTAGEM (ESCRITA)

- ✓ É um texto dissertativo de cunho jornalístico que, por meio de palavras e imagens, visa a apresentar ao leitor várias versões de um mesmo fato, informando-o, orientando-o e contribuindo para formar sua opinião. Ela pode, também, incluir as observações pessoais e diretas do próprio repórter/jornalista.

- ✓ A reportagem não possui estrutura rígida: é, normalmente, introduzida por um *lead*, encabeçado por um título (que anuncia o fato) e pode ou não apresentar subtítulo. Nela, o autor desenvolve a narrativa pormenorizada dos fatos, compondo-a por meio de entrevistas, depoimentos, dados estatísticos, pequenos resumos e textos de opinião, e, depois, emite sua opinião a respeito do assunto.

- ✓ Embora seja um texto que necessite de linguagem clara e objetiva (de acordo com o padrão culto), a maioria dos jornais e revistas brasileiros costuma empregar termos e expressões mais informais, dependendo do público a que esses veículos se destinem.

IMPORTANTE!

Enquanto a notícia apresenta os fatos de maneira objetiva, aponta razões e efeitos, a reportagem faz investigações, tece comentários, levanta questões, discute e argumenta.

Veja, abaixo, um exemplo de REPORTAGEM:

PEQUENOS DESPERDÍCIOS GERAM GASTOS DESNECESSÁRIOS QUE OCORREM NO DIA A DIA

O número de situações em que o desperdício ocorre no dia a dia é incontável. Seis exemplos, comuns na rotina doméstica, serão apresentados na série de reportagens Pequenos Desperdícios até sexta-feira, um a cada dia. São hábitos errados que podem passar despercebidos, mas, que no fim de um ano, fazem grande diferença no orçamento doméstico. E, se evitados, ainda contribuem para um mundo mais sustentável.

Estima-se que 15% do consumo de energia de uma casa seja no modo “Stand by”. Uma pesquisa da Agência Internacional de Energia constatou que a função consome cerca de 3% da energia produzida nos 31 países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico - o Brasil não está incluído - e 1% do carbono emitido nessas regiões.

Atitudes simples como não deixar a televisão do modo “Stand by” (desligar no botão manual), desligar o notebook e apagar a lâmpada quando o cômodo está vazio poderiam reduzir em R$ 256,62 os gastos com a conta de luz em um ano.

Matéria extraída do “Jornal de Santa Catarina”, Caderno “Para economizar” 30/03/2012.

ENTREVISTA (ESCRITA)

- ✓ É um texto dissertativo que visa a obter a informação e difundi-la num meio de comunicação (imprensa escrita, rádio, televisão, internet).

- ✓ Tal gênero de texto caracteriza-se pela interação entre os interlocutores, entrevistador e entrevistado. Este relata suas experiências e conhecimentos acerca de determinado assunto, de acordo com os questionamentos previamente elaborados por aquele.

Estrutura da entrevista:

- **Manchete ou título** – Como o objetivo é despertar o interesse do público expectador, essa costuma vir acompanhada de uma frase de efeito, proferida de modo marcante pelo entrevistador.
- **Apresentação** - Nesse momento, faz-se referência ao entrevistado, divulgando sua autoridade no que tange à relevância do assunto em questão (sua experiência profissional e conhecimentos relativos à situação apresentada) como também os pontos principais da entrevista.
- **Perguntas e respostas** – trata-se do discurso propriamente dito, em que perguntas e respostas são apresentadas, ou escritas, conforme o assunto abordado.

Leia, abaixo, a entrevista de Rosiska Darcy de Oliveira, feminista e escritora, presidente do "Centro de Liderança da Mulher", realizada pelo CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA MULHER.

MMPB – *As mulheres alcançaram uma série de direitos e liberdades nas últimas décadas. Elas estão realizadas com estas conquistas?*

Rosiska – Acho que as mulheres estão enfrentando um imenso problema e eu tratei disso no meu livro "Reengenharia do Tempo". Elas entraram no mundo dos homens. A minha geração participou de uma verdadeira revolução, a mais importante do século XX, que mudou a sociedade mundial e a sociedade brasileira. Houve uma imensa migração das mulheres da vida privada para o mundo do trabalho com consequentes possibilidades de afirmação, de automanutenção, de experiência intelectual, espiritual, mas, na essência, estamos pagando muito caro, porque fizemos essa migração para o mundo público sem negociar a vida privada.

PORTUGUÊS

Morfologia
Preposições

Prof.ª Isabel Vega

Preposições

I – DEFINIÇÃO: são as palavras invariáveis que ligam dois termos, subordinando um(antecedente) ao outro(consequente).

Ex.: Necessito **de** chocolate. / Alheio **a** tudo.
(antec.) (conseq.) (antec.) (conseq.)

II – CLASSIFICAÇÕES

1) ESSENCIAIS – palavras que só funcionam como preposição: a, ante, após, com, até, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

2) ACIDENTAIS – palavras que, embora de classes diferentes, podem funcionar como preposição: afora, como, conforme, consoante, durante, exceto, fora, mediante, menos, que, salvo, segundo, senão, tirante, visto, etc.

OBS.: Temos **de** estudar muito. → uso formal
Temos **que** estudar muito. → uso informal

III – VALORES

1) RELACIONAL – quando empregadas como uma exigência gramatical.

Ex.: Concordar com / Referir-se a / Gostar de

OBS.: Funções sintáticas que iniciam por preposição obrigatória (relacional) → objeto indireto, complemento nominal e agente da passiva.

2) NOCIONAL – quando há contribuição de sentido.
Ex.: Viajei com você. / Viajei com cuidado. / viagem de férias

OBS.1: Funções sintáticas que iniciam por preposições nocionais → adjunto adnominal e adjunto adverbial.

OBS.2: Objeto direto preposicionado - **Ex.:** Amo a Deus.

IV - LOCUÇÕES PREPOSITIVAS

Ex.: abaixo de, acima de, à custa de, a fim de, além de, ao lado de, ao redor de, através de, de acordo com, depois de, embaixo de, em cima de, em vez de, graças a, junto a, longe de, etc.

OBS.: Não confundir a locução adverbial (que começa com preposição) com a locução prepositiva (que termina por preposição).

Ex.: de repente - locução adverbial
diante de - locução prepositiva

Questão 1: I. “A esperança vem **do** sul”
II. “vem **no** café que produzimos”

Nos versos em análise, foram destacadas contrações de preposições. Assinale a opção que apresenta, respectivamente, os valores semânticos que elas introduzem.

(A) lugar e lugar
(B) lugar e meio
(C)meio e meio
(D) meio e tempo
(E) lugar e tempo

Questão 2: O trecho em que a preposição em negrito introduz a mesma noção da preposição destacada em “Na luta **para** melhorar” é:

(A)O jogador **com** o boné correu.

(B) A equipe **de** que falo é aquela.

(C) A busca **por** recordes move o atleta.

(D)A atitude do diretor foi **contra** a comissão.

(E) Ele andou **até** a casa do treinador.

PORTUGUÊS

Morfologia

Artigo

Prof.ª Isabel Vega

1) ARTIGOS DEFINIDOS E INDEFINIDOS (termos determinantes de substantivos)

Ex.: O menino quebrou a janela.
Um menino quebrou a janela.
O cantar dos pássaros é lindo.

★ Com o numeral **ambos**, o uso é obrigatório.
Ex.: ambas as mãos / ambos os pés

★Valor superlativo do artigo → Aquele não era mais um livro,
era **o** livro.

Artigo

★ Com o pronome **todo**.

a) Topônimos → **Todo o Brasil** pensa assim. / **Todo Portugal** pensa assim.

b) No plural → Uso obrigatório do artigo. Ex.: Conheceu **todos os** cinemas.

c) No singular → Não é usado quando indicar “qualquer”.
Ex.: **Toda casa** precisa de reforma.

→ É obrigatório quando indicar “por inteiro”.
Ex. **Toda a casa** precisa de reforma.

Artigo

★ Em várias locuções o pronome "todo" vem seguido de artigo.

Ex.: a todo o custo / a todo o instante / em toda a parte
a todo o momento / em todo o caso

OBS.: Com o pronome CUJO, não se usam artigos!

cujo o pronome / cuja a chave

★ Função sintática do artigo → Adjunto adnominal

Questão (2008): Observe as frases:

1. "Já com avião a catástrofe é cinematográfica..."

2. "... para não ser mais uma colunista a apontar os defeitos alheios..."

3. Os agentes a encontraram desacordada.

Os termos grifados são, respectivamente:

(A) artigo, pronome, pronome
(B) artigo, preposição, pronome
(C) artigo, pronome, preposição
(D) pronome, preposição, artigo
(E) preposição, artigo, pronome

PORTUGUÊS

Sintaxe

Termos acessórios da oração: adjunto adnominal, adjunto adverbial e aposto

Prof.ª Isabel Vega

► **Vocativo** → é um termo usado para chamamento ou interpelação ao interlocutor no discurso direto, ou seja, é termo discursivo, típico da oralidade, que não exerce função sintática na oração.

Ex.: **Manuel** tem razão quanto a esse assunto.
↳ sujeito simples

Manuel, tens razão. Estou errada.
↳ vocativo

Tu tens razão, **Manoel**. Estou errada.
↳ vocativo

I – Adjunto adnominal → é um termo de valor adjetivo que serve para especificar ou restringir o significado de um substantivo (concreto ou abstrato), qualquer que seja a função deste. As classes gramaticais que podem exercer essa função são o artigo, o numeral, o pronome, o adjetivo e a locução adjetiva. O adjunto adnominal integra o mesmo sintagma que o substantivo a que ele se refere.

sujeito simples VL pred.do sujeito
Ex.1:[**As duas meninas de trança**] [parecem] [bonecas].
(AA) (AA) (AA)

objeto direto
Ex.2: Guardo com carinho [**meus** livros **antigos**].
(VTD) (AA) (AA)

II – Adjunto adverbial → é o termo de valor adverbial que denota alguma circunstância em relação ao fato expresso pelo verbo, ou intensifica o sentido deste, de um adjetivo ou de um advérbio.

Ex.1: [Aqui] [não] passa [mesmo] ninguém.
↳ adj. ↳ adj. ↳ adj.
adv. adv. adv.

Ex.2: Maria é [muito] bonita.
↳ adj. adverbial

Ex.3: [Felizmente], tudo acabou [muito] [bem].
↳ adj.adv. ↳ adj. ↳ adj.
de oração adv. adv.

III – Aposto → é o termo de base nominal que se junta a um substantivo, a um pronome, ou a um equivalente destes, a título de explicação ou de apreciação.

a) Explicativo → vem sempre isolado por vírgulas, travessões ou parênteses.

↱ sujeito simples
Ex.: {Maria, [**minha prima**],} adora chocolate.
↳ aposto

Minha prima, [**a Maria**], adora chocolate.
↳ aposto

b) Designativo → não há pausa entre esse aposto (sempre um substantivo próprio) e o substantivo comum a que se refere.

Ex.: {A rua [**Gonçalves Dias**]} é muito movimentada.

↳aposto

c) Enumerativo → vem sempre isolado por dois pontos ou travessões.

Ex.1: {Tudo} o fazia lembrar-se dela: {[**a manhã, os pássaros, o mar, o azul do céu, as flores**...]}

↳ aposto

Ex.2: {Tudo - [**a manhã, os pássaros, o mar, o azul do céu, as flores**...] -} o fazia lembrar-se dela.

d) Resumitivo → é expresso por um pronome indefinido (tudo, nada, ninguém...) e resume os elementos de uma função sintática composta.

↱ sujeito composto
Ex.: {Os porcos do chiqueiro, as galinhas, os pés de bogari, **tudo**} parecia mais seguro do que antes.
↳ aposto

OBS.: As ruas [**de Paris**] são bem iluminadas.
As ruas **parisienses** são bem iluminadas.
} adjuntos adnominais

A rua [**Paris**] concentra muitas lojas.
↳ aposto especificativo (nome da rua)

PORTUGUÊS

Morfologia - Verbos

Flexão verbal de modo

Prof.ª Isabel Vega

I – MODO

"Entende-se por MODO a propriedade que tem o verbo de indicar a atitude (de certeza, de dúvida, de suposição, de mando, etc.) da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia." (Celso Cunha. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*)

a) INDICATIVO

Usa-se para expressar, normalmente, certeza (ou constância) em relação a um estado ou a uma ação. Em um período composto, é o modo da oração principal.

Flexão verbal de modo

Ex.: Maria é estudiosa.
João passou no concurso.
José tentará novamente.
[Todos queriam] [que Antônio se classificasse.]
↳ oração principal ↳ oração subordinada

b) SUBJUNTIVO

O termo subjuntivo quer dizer “que serve para subordinar”, logo, usa-se este modo para indicar que uma ação, ainda não concretizada, relaciona-se com outra como dependente dela, mesmo quando há o apagamento dessa oração principal.

Flexão verbal de modo

Ex.1: Que você seja feliz!
[Eu quero] [que você seja feliz!]
↳ O.P. ↳ O. Subordinada Substantiva

Ex.2: [Não havia pessoa] [que pudesse ajudá-la?]
↳ O.P. ↳ O. Subordinada Adjetiva

Ex.3: [Quando chover,] [muitos problemas acabarão.]
↳ O. Sub. Adverbial ↳ O.P.

c) IMPERATIVO

Usa-se para persuadir o interlocutor a realizar ou não a ação que está sendo enunciada. Pode-se empregá-lo para exprimir uma ordem, um conselho, um convite, um pedido.

Ex.: Entregue-me o relatório ainda hoje.
Não fales com nenhum desconhecido na rua.
Participe você também dessa campanha!
Não me deixe sem notícias.

OBS.1: Embora o imperativo seja construído com os tempos do presente, ele apresenta valor de futuro, pois a ação que expressa ainda não se realizou.

Flexão verbal de modo

OBS.2: O imperativo também é empregado para sugerir uma hipótese, situação em que equivale à forma condicional do subjuntivo “se + futuro”.

Ex.: Viaje pelo país, e conhecerá sua diversidade.
Se viajar pelo país, conhecerá sua diversidade.

OBS.3: É comum usarem-se fórmulas de polidez para atenuar a noção de comando, como “por favor”, “por gentileza”, “tenha a bondade de”, “digne-se de”, etc.

Ex.: Cale-se, por favor!

PORTUGUÊS

Pontuação

Uso dos parênteses

Prof.ª Isabel Vega

►Os parênteses são empregados nos seguintes casos:

a) substituir a vírgula ou o travessão.

Ex.: As flores do jardim dálias, rosas e gerânios abriram todas com a chegada da primavera.

As flores do jardim (dálias, rosas e gerânios) abriram todas com a chegada da primavera.

b) nas indicações bibliográficas.

Ex.:(CINTRA, Lindley & CUNHA, Celso. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. R.J.: Nova Fronteira, 1985.)

Uso dos parênteses

c) para dar uma explicação, fazer um comentário incidental ou de natureza emotiva, intercalado no período principal ou a ele justaposto.

Ex.: "Daí a pouco (capciosa natureza!), refletindo que seria mau acusá-lo sem fundamento, admitiu que se iludisse, para o único fim de observá-lo melhor e averiguar bem a realidade das cousas." (Machado de Assis)

d) nas indicações cênicas (rubricas), em peças de teatro ou similares; de regra vêm grifadas.

Ex.: Maria (*Entrando desconfiada pela direita e fazendo caretas*) — Estou aqui! Chamaram?

Uso dos parênteses

e) na indicação do significado de uma palavra, ou da sua forma original, ou da sua pronúncia, de um exemplo, etc.

Ex.: “O jornal interpretou o fato como sendo um *hoax* (mistificação)”.

PORTUGUÊS

Sintaxe

Orações Subordinadas Adverbiais

Prof.ª Isabel Vega

►**Orações Subordinadas Adverbiais** → são ampliações de adjuntos adverbiais.

Ex.1: João não viajou [**por medo**].
↳ adjunto adverbial de causa

Ex.2: [João não viajou] [**porque tinha medo**].
↳ Oração Principal
↳ Oração Subordinada Adverbial Causal

Ex.3: [João tinha tanto medo] [**que não viajou**].
↳ Oração Principal
↳ Oração Subordinada Adverbial Consecutiva

►Classificação das orações subordinadas adverbiais

a) Causal: porque, já que, visto que, uma vez que, como, porquanto, **na medida em que**...

Ex.:[Transferimos o passeio][**na medida em que** está chovendo].

[**Como** está chovendo], [transferimos o passeio].

b) Consecutiva: (tão / tal / tamanho / tanto)...que, de maneira que, de modo que, de forma que...

Ex.: [Gritamos tanto] , [**que** eles acabaram ouvindo].

[Ela era linda], [**de modo que** chamava a atenção].

Orações Subordinadas Adverbiais

c) Comparativa: (tal)...qual, (tão)...como, (tanto)...quanto, (tanto)...como...

Ex.: Envelheçamos [**como** as árvores fortes envelhecem].

Aqui ninguém trabalha mais [**do que** o outro (trabalha)].

d) Concessiva: embora, ainda que, mesmo que, por mais que, apesar de que, **posto que**...

Ex.: Fui trabalhar, [**por muito que** me sentisse doente].

[**Conquanto** gritasse], não me ouviam.

Orações Subordinadas Adverbiais

e) Condicional: se, caso, sem que (com o verbo no subjuntivo), contanto que, desde que, a menos que...

Ex.: Farei o que pede [**desde que** você me ajude também].

[**A menos que** te esforces], não terás sucesso.

f) Conformativa: conforme, segundo, como, consoante, de acordo com...

Ex.: Todos fizeram a tarefa [**conforme** pediu o chefe].

Procedemos [**como** nos ditou a consciência].

g) Finalidade: a fim de que , para que, com o objetivo de, com o fito de...

Ex.: Explicarei de novo, [**a fim de que** tudo se esclareça].

Dedique-se mais [**para que** você obtenha êxito].

h) Proporcional: à proporção que, **à medida que**, quanto menos/mais ... (mais/menos)...

Ex.: [**À medida que** estudo] , [fico mais segura].

[**Quanto mais** rezo], mais assombração me aparece.

Orações Subordinadas Adverbiais

i) Temporal: quando, antes que, logo que, assim que, depois que, sempre que, mal...

Ex.: João a ama [**desde que** a encontrou pela primeira vez].

[**Sempre que** precisa de ajuda], Maria liga.

PORTUGUÊS

Crase – Parte III

Prof.ª Isabel Vega

► CASOS ESPECIAIS EM QUE NÃO OCORRE A CRASE:

I) Antes dos pronomes relativos que, cuja, quem e dos pronomes em geral que não vêm acompanhados de artigo.

Ex.: A menina **a que** ou a quem me referi é minha aluna.
(referir-se **a** + que)

Só recorrerei **a essa** alternativa em último caso.
↳preposição

Não conte **a ninguém** o que só contei **a ti**.
↳preposição (para) ↳preposição (para)

II) Antes de substantivos femininos tomados em sentido geral, indeterminado, que repelem o artigo definido.

“Muitas vezes, por elegância de estilo, suprime-se o artigo indefinido **uma** que poderia figurar antes do substantivo feminino, frequentemente antecedido de adjetivo.” (KURY, 1999)

Ex.1:Foi submetido **a** (uma) operação muito delicada.

Ex.2: O Governo está procedendo **a** (uma) proveitosa desburocratização.

Ex.3:Suas palavras rudes devem-se **a** (uma) irritação passageira.

III) Antes de substantivos femininos no plural, indefinidos.

Ex.: Maria tem aversão **a** festas.
↳ preposição

Maria tem aversão **às** festas.
↳ preposição **a** + artigo **as**

IV) Entre substantivos iguais, formando locução.

Ex.: cara **a** cara / frente **a** frente / gota **a** gota
de parte **a** parte / dia **a** dia / passo **a** passo

V) Antes de verbos, situação em que não se admitem artigos.

Ex.1: [Comecei **a** fazer] os exercícios.

Ex.2: [Continuou **a** ler] os livros indicados.

VI) Depois de outras preposições, com exceção de até.

Ex.1: Espero você **desde** **as** nove horas.

artigo

preposição

Ex.2: Não esperarei **após** **as** onze horas.

EDUCARE
CONSULTORIA PEDAGÓGICA CEARÁ

Olá, galera!! Esta semana vamos falar sobre CONJUGAÇÃO VERBAL.

Bons estudos!!

Vamos falar de conjugação verbal?

Conjugação verbal é a flexão de um verbo em todos os seus modos, tempos, pessoas, números e vozes. Aparece estruturada numa ordem convencionada.

Vamos aos Verbos

Existem 3 conjugações verbais:

1º COJUGAÇÃO verbos terminados em AR	2º COJUGAÇÃO verbos terminados em ER	3º CONJUGAÇÃO verbos terminados em IR
cantar amar sonhar	vender chover sofrer	partir sorrir abrir

ESQUEMATIZANDO

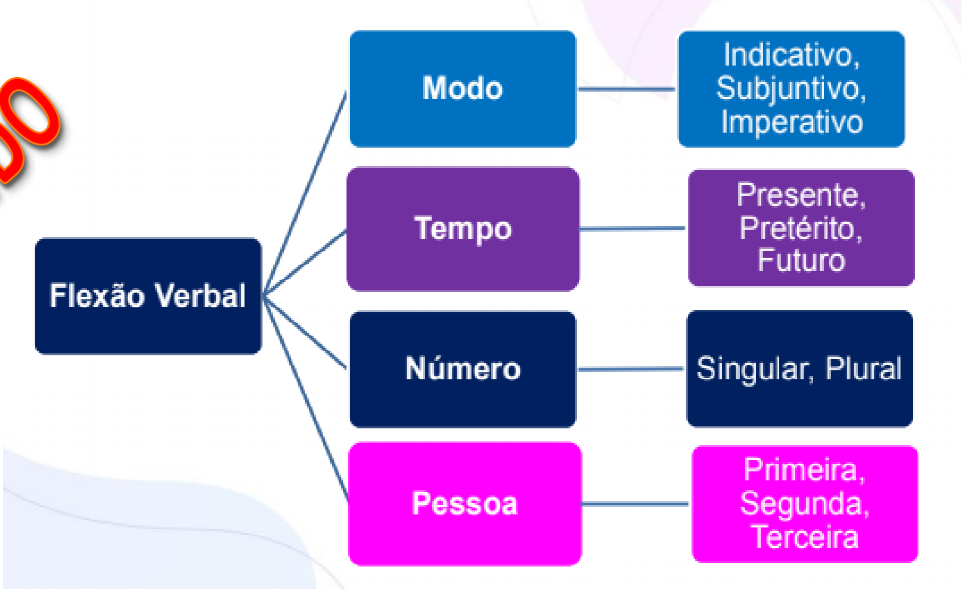

Flexão Verbal

Modo — Indicativo, Subjuntivo, Imperativo

Tempo — Presente, Pretérito, Futuro

Número — Singular, Plural

Pessoa — Primeira, Segunda, Terceira

EDUCARE
CONSULTORIA PEDAGÓGICA CEARÁ

Conjugação modo indicativo

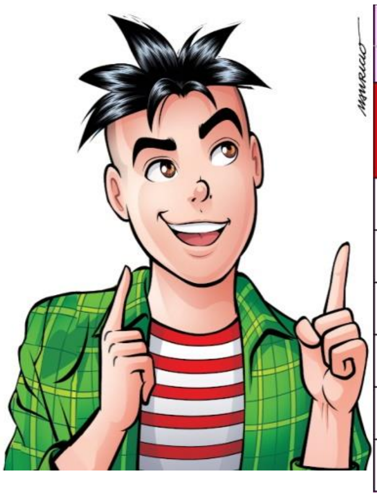

MODO INDICATIVO 1ª Conjugação do verbo: **AMAR**

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito	Pretérito mais-que-perfeito	Futuro do presente	Futuro do pretérito
amo	amava	amei	amara	amarei	amaria
amas	amavas	amaste	amaras	amarás	amarias
ama	amava	amou	amara	amará	amaria
amamos	amávamos	amamos	amáramos	amaremos	amaríamos
amais	amáveis	amastes	amáreis	amareis	amaríeis
amam	amavam	amaram	amaram	amarão	amariam

Conjugação modo subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
que eu ame	se eu amasse	quando eu amar
que tu ames	se tu amasses	quando tu amares
que ele/ela ame	se ele/ela amasse	quando ele/ela amar
que nós amemos	se nós amássemos	quando nós amarmos
que vós ameis	se vós amásseis	quando vós amardes
que eles/elas amem	se eles/elas amassem	quando eles/elas amarem

Conjugação modo imperativo

Imperativo afirmativo	Imperativo negativo
Canta tu	Não cantes tu
Cante você	Não cante você
Cantemos nós	Não cantemos nós
Cantai vós	Não canteis vós
Cantem vocês	Não cantem vocês

No modo IMPERATIVO não existe flexão na 1.ª pessoa do singular (eu).

Claudenice Melo

Professora de Língua Portuguesa

Substantivo

Classificação

Classe de palavras que nomeia os seres animados e inanimados: seres reais e ficcionais, objetos, coisas, etc.

Comum

Designa os seres de uma mesma espécie de forma genérica. Ex.: cachorro, gato, cavalo, menino, homem, etc.

Próprio

Designa os seres de uma mesma espécie de forma particular, individual. Ex.: Mônica, Brasil, Minas Gerais, Belo Horizonte, etc.

Coletivo

Indicam agrupamento de pessoas, seres, coisas, objetos ou animais da mesma espécie. Ex.: elenco (atores ou artistas); alcateia (lobos), colmeia (abelhas), etc.

Concreto

Designa os seres existem, independente de outros seres (sejam reais ou imaginários). Ex.: lâmpada, fada, casa, Saci, etc.

Abstrato

Designa os seres existem, dependente de outros seres para existirem Ex.: amor, ódio, alegria, sofrimento, etc.

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Substantivo

Formação

Simples

É aquele formado por um único elemento. Ex.: tempo, sol, sofá, navio, etc.

Primitivo

É aquele que não deriva de nenhuma outra palavra da língua portuguesa. Ex.: tempo, limão, pedra, chuva, etc.

Composto

É aquele formado por dois ou mais elementos. Ex.: guarda-chuva, girassol, Pernalonga, etc.

Derivado

É aquele formado a partir de outra palavra. Ex.: temperatura, limoeiro, pedreira, chuvisco, etc.

Substantivo

Gênero

Uniforme

Apresenta uma única forma, tanto para o masculino como para o feminino.

Epiceno

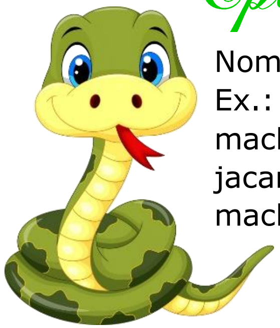

Nomeiam bichos. Ex.: cobra macho/fêmea, jacaré macho/fêmea

Sobrecomum

Nomeiam pessoas. Ex.: a criança, a testemunha, a vítima, o cônjuge, etc.

Comum de dois gêneros

Indicam o sexo das pessoas por meio do artigo. Nomeiam pessoas. Ex.: a criança, a testemunha, a vítima, o cônjuge, etc.

Biforme

Apresenta uma forma para o masculino e outra para o feminino.

→ ***Regra 1:*** Forma-se o feminino pela troca das terminações **–E, -O** por **–A:** garoto/garota, mestre/mestra.

→ ***Regra 2:*** Forma-se o feminino pelo acréscimo de um **–A:** doutor/doutora, juiz/juíza.

→ ***Regra 3:*** Forma-se o feminino pela troca de **-ÃO** por **–Ã, -OA, -ONA:** aldeão/aldeã, leão/leoa, folião/foliona.

→ ***Regra 4:*** Forma-se o feminino pela acréscimo das terminações **–ESA, -ESSA, -ISA, -INA, -TRIZ** ao radical: duque/duquesa, conde/condessa, poeta/poetisa, czar/czarina, ator/atriz.

→ ***Regra 5:*** Forma-se o feminino usando palavras diferentes do masculino: boi/vaca, homem/mulher.

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Substantivo
Número

Regra Geral

Forma-se o plural acrescentando –S ao singular dos substantivos terminados em: -O, -A, -N, -Ã, -ÃE, -IE, -UA, -AI. Ex.: caderno/cadernos, escola/escolas, hífen/hifens, aldeã/aldeãs, mãe/mães, série/séries, água/águas, pai/pais.

Regras Especiais

Simples

→ terminados em -M ➢ -NS: item/itens.
→ terminados em -R/-Z ➢ -ES: dor/dores, raiz/raízes.
→ terminados em -AL, -EL, -OL, -UL ➢ troca o L por IS: coral/corais, anel/anéis, farol/faróis, paul/pauis (pântano).
→ terminados -IL ➢ oxítonas: -IS; paroxítonas: -EIS (sem o L): canil/canis, fóssil/fósseis.

→ terminados -S ➢ monossílabas ou oxítonas -ES; paroxítonas ou proparoxítonas - invariáveis: gás/gases, ônibus/ônibus.
→ terminados em -ÃO ➢ -ÕES, -ÃES, -ÃOS: vão/vãos, pão/pães, limão/limões.
→ terminados em -X ➢ Invariáveis: o látex / os látex.

Compostos

⇨ Igual aos simples: compostos formados sem uso do hífen.
⇨ Ambos vão para o plural: substantivo + adjetivo (batatas-doces); adjetivo + substantivo (más-línguas); numeral ordinal + substantivo (quintas-feiras).
⇨ Somente o 1º vai para o plural: substantivo + preposição + substantivo (águas-de-colônia).
⇨ Somente o 2º vai para o plural: verbo + substantivo (guarda-roupas); palavra invariável + palavra variável (alto-falantes); palavra repetida/imitativa (reco-recos)

⇨ Ambos ou apenas o 1º vai para o plural: substantivo + substantivo (bananas-maçãs / bananas-maçã).
⇨ Invariáveis: verbo + advérbio (os bota-fora); verbo + substantivo plural (os saca-rolhas); verbos com sentidos opostos (os leva-e-traz)

Substantivo

Grau

Sintético

Formado por uma só palavra, acrescida de sufixos (terminações) à palavra alterando o seu sentido.

Aumentativo

Acréscimo dos sufixos –ÃO, -ZÃO, -ARÉU, -AÇO, -ARRA ao radical: livro/livrão, pé/pezão, bala/balaço, boca/bocara.

Diminutivo

Acréscimo dos sufixos –INHO, -ZINHO, -ZITO, -ITO, -ULO ao radical: livro/livrinho, pé/pezinho, casa/casita, globo/glóbulo, flor/florzita.

Analítico

Formado com o auxílio de um adjetivo que indique grandeza ou pequenez.

Aumentativo

Forma-se com o acréscimo do adjetivo *grande* ou outros de igual valor (enorme, gigante, imensa, colossal, etc.): livro grande, casa enorme.

Diminutivo

Forma-se com o acréscimo do adjetivo *pequeno* ou outros de igual valor (minúscula, ínfima, etc.): mesa pequena, lembrança ínfima.

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

PORTUGUÊS

Morfologia – Pronomes

Pronomes interrogativos

Prof.ª Isabel Vega

Pronomes interrogativos

►Os pronomes interrogativos são empregados em perguntas diretas ou indiretas. São eles os pronomes *que, quem, qual* e *quanto.*

Ex.:[**Quem** perguntou por mim**?**]
↳ período simples - pergunta direta

[Não sei] [**quem** perguntou por você]**.**
↳ período composto - pergunta indireta)

[**Quantos** alunos querem ir ao passeio**?**]
↳ pronome adjetivo indefinido interrogativo

[Perguntem] [**quantos** alunos querem ir ao passeio]**.**
↳ adjunto adnominal

Pronomes interrogativos

OBS.1: A função sintática do pronome interrogativo será a mesma função do substantivo que ele substituir.

Ex.: [**Maria**] [arrumou] [a mesa].
(sujeito) (verbo) (obj.direto)

[**Quem**] [arrumou] [a mesa]?
(sujeito) (verbo) (obj.direto)

[Maria] [arrumou] [**o quê**]?
(sujeito) (verbo) (obj.direto)

[**O que**] [Maria] [arrumou] ?
(obj.direto) (sujeito) (verbo)

OBS.2: Uso exclamativo dos pronomes interrogativos

Ex.: **Que manhã** mais azul**!**
↳ adjunto adnominal

Quem me dera ser rica**!**
↳ sujeito

Quanto trabalho ainda a fazer**!**
↳ adjunto adnominal

casa do
concurseiro
sinta-se em casa para estudar conosco

Português

Ortografia

Professor Carlos Zambeli

ORTOGRAFIA

Os Porquês

1. Por que

Por qual motivo / Por qual razão / O motivo pelo qual / Pela qual

- Por que não me disse a verdade?
- Gostaria de saber por que não me disse a verdade.
- As causas por que discuti com ele são sérias demais.

2. por quê = por que

Mas sempre bate em algum sinal de pontuação!

- Você não veio por quê?
- Não sei por quê.
- **Por quê**? Você sabe bem **por quê**!

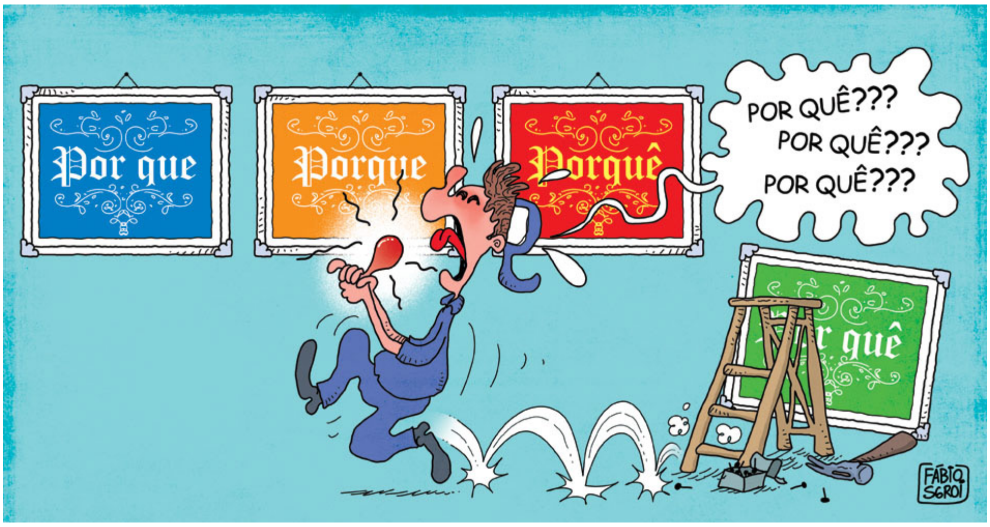
Por que
Porque
Porquê
POR QUÊ??? POR QUÊ??? POR QUÊ???
r quê
FÁBIO SGROI

3. porque = pois

- Ele foi embora, porque foi demitido daqui.

- Não vá, porque você é útil aqui.

4. porquê = substantivo

Usado com artigos, pronomes adjetivos ou numerais.

- Ele sabe o porquê de tudo isso.

Este porquê é um substantivo.

Quantos porquês existem na Língua Portuguesa?

Existem quatro porquês.

HOMÔNIMOS E PARÔNIMOS

Homônimos

Vocábulos que se pronunciam da mesma forma, e que diferem no sentido.

- **Homônimos perfeitos**: vocábulos com pronúncia e grafia idênticas (homófonos e homógrafos).

  São: 3ª p. p. do verbo ser.

  - Eles são inteligentes.

  São: sadio.

  - O menino, felizmente, está são.

  São: forma reduzida de santo.

  - São José é meu santo protetor.

Eu cedo essa cadeira para minha professora!

Eu nunca acordo cedo!

- **Homônimos imperfeitos:** vocábulos com pronúncia igual (homófonos), mas com grafia diferente (heterógrafos).

  Cessão: ato de ceder, cedência

  Seção : corte, subdivisão, parte de um todo

  Sessão: Espaço de tempo em que se realiza uma reunião

Parônimos

Vocábulos ou expressões que apresentam semelhança de grafia e pronúncia, mas que diferem no sentido.

Cavaleiro: homem a cavalo
Cavalheiro: homem gentil

Acender: pôr fogo a
Ascender: elevar-se, subir

Acessório: pertences de qualquer instrumento; que não é principal
Assessório: diz respeito a assistente, adjunto ou assessor

Caçado: apanhado na caça
Cassado: anulado

Censo: recenseamento
Senso: juízo

Cerra: do verbo cerrar (fechar)
Serra: instrumento cortante; montanha; do v. serrar (cortar)

Descrição: ato de descrever
Discrição: qualidade de discreto

Descriminar: inocentar
Discriminar: distinguir, diferenciar

Emergir: sair de onde estava mergulhado
Imergir: mergulhar

Emigração: ato de emigrar
Imigração: ato de imigrar

Eminente: excelente
Iminente: sobranceiro; que está por acontecer

Empossar: dar posse
Empoçar: formar poça

Espectador: o que observa um ato
Expectador: o que tem expectativa

Flagrante: evidente
Fragrante: perfumado

Incipiente: que está em começo, iniciante
Insipiente: ignorante

Mandado: ordem judicial
Mandato: período de permanência em cargo

Ratificar: confirmar
Retificar: corrigir

Tacha: tipo de prego; defeito; mancha moralTaxa - imposto
Tachar: censurar, notar defeito em; pôr prego emTaxar - determinar a taxa de

Tráfego: trânsito
Tráfico: negócio ilícito

Acento: inflexão de voz, tom de voz, acento
Assento: base, lugar de sentar-se

Concerto: sessão musical; harmonia
Conserto: remendo, reparação

Deferir: atender, conceder
Diferir: ser diferente, distinguir, divergir, discordar

Acerca de:	Sobre, a respeito de. Falarei acerca de vocês.
A cerca de:	A uma distância aproximada de. Mora a cerca de dez quadras do centro da cidade.
Há cerca de:	Faz aproximadamente. Trabalha há cerca de cinco anos

Ao encontro de: a favor, para junto de. Ir ao encontro dos anseios do povo.
De encontro a: contra. As medidas vêm de encontro aos interesses do povo.

ACORDO ORTOGRÁFICO

Mudanças no alfabeto

O alfabeto passa a ter 26 letras. Foram reintroduzidas as letras k, w e y.

[...] J **K** L [...] V **W** X **Y** Z.

Usadas em

a) em símbolos de unidades de medida: km (quilômetro)/kg (quilograma)...

b) em nomes próprios de lugares originários de outras línguas e seus derivados: Kuwait, kuwaitiano...

c) em nomes próprios de pessoas e seus derivados: Darwin, darwinismo...

d) podem ser usadas em palavras estrangeiras de uso corrente: sexy, show, download, megabyte...

Trema

Não se usa mais o trema, que permanece apenas nas palavras estrangeiras e em suas derivadas.

antiguidade / sequência / consequência /

frequência / tranquilo / cinquenta!

Uso do hífen

Sempre se usa o hífen diante de h:

- sub-habitação / proto-história / sobre-humano / anti-higiênico / super-homem...

Prefixo	Palavra	REGRA
última letra igual	à primeira letra	SEPARA

- contra-ataque / semi-interno / anti-inflamatório / micro-ondas / inter-racial / sub-bibliotecário/ super-romântico/ inter-regional

Obs. 1: com o prefixo sub-, usa-se o hífen também diante de palavra iniciada por r: sub-região, sub-raça.

Prefixo	Palavra	REGRA
última letra diferente	da primeira letra	JUNTAR

- antieducativo / autoescola / infraestrutura / socioeconômico/ semiárido / agroexportador / semianalfabeto / coautor / subúmido

Obs. 2: O prefixo co- aglutina-se com o segundo elemento, mesmo quando este se inicia por o: coordenar.

Prefixo	Palavra	REGRA
terminado em vogal	começar por R ou S	JUNTAR E DOBRAR ESSAS LETRAS

- autossuficiente / contrarregra / cosseno / semirrígida / ultrassom microssistema / minissaia /antissocial / semissubmersa / macrorregião /antirrábica / neorrealismo / semirreta / biorritmo / antirrugas

Com os prefixos circum- e pan-, usa-se o hífen diante de palavra iniciada por m, n e vogal.

- circum-navegação / pan-americano

Com os prefixos ex, sem, além, aquém, recém, pós, pré, pró e vice usa-se sempre o hífen.

- ex-aluno / sem-terra / além-túmulo / aquém-mar / recém-casado / pós-graduação / pré-vestibular / pró-euro / vice-rei

PORTUGUÊS

Interpretação de textos

Intertextualidade

Prof.ª Isabel Vega

►**Intertextualidade** → associações entre textos.

a) Influência de um texto sobre outro que o toma como modelo ou ponto de partida, e que gera a atualização do texto citado.

Ex.: “**Canção do exílio**” e “**Canto de regresso à Pátria**”

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o Sabiá;
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá
(Gonçalves Dias,
em 1843)

Minha terra tem palmares
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá
(Oswald de Andrade,
em 1928)

b) utilização de uma multiplicidade de textos ou de partes de textos preexistentes de um ou mais autores, de que resulta a elaboração de um novo texto literário.

Ex.: “**Manifesto antropofágico**”, de 1928.

(...) Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.

Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.

Tupi or not tupi, that is the question. (...)

Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago. (...)

c) em determinado texto de um autor, utilização de referências ou partes de obras anteriores deste mesmo autor.

Ex.: Poemas de Carlos Drummond de Andrade

1) Penúltima estrofe do "**Poema de sete faces**" (1930)

Mundo mundo vasto mundo
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.

2) Primeira estrofe do poema “**Mundo grande**” (1940)

Não, meu coração não é maior que o mundo.
É muito menor.
Nele não cabem nem as minhas dores.
Por isso gosto tanto de me contar.
Por isso me dispo,
por isso me grito,
por isso freqüento os jornais, me exponho cruamente
nas livrarias:
preciso de todos.

Português

Redação - Redação - Texto Literário e Não Literário - [Médio]

01 - (UNIFOR CE)

Na década de 50 do século passado, a poesia concreta se apresentou como vanguarda revolucionária, tendo como principal característica de sua linguagem:

a) a abolição da obrigatoriedade de rima, propondo o poema composto por versos brancos.

b) o compromisso com as discussões da época, como a necessidade de o Brasil optar por uma economia de base exclusivamente agrária.

c) a aproximação com a linguagem da prosa, de modo a não haver diferença essencial entre um poema e uma crônica.

d) a abolição de todas palavras, passando a se valer de signos não-verbais e tabelas gráficas.

e) a abolição do verso tradicional, passando a explorar a articulação física entre os signos verbais no espaço da página.

02 - (CEFET PR)

Assinale a alternativa em que surge um texto representativo da linguagem de ficção literária.

a) Pois o idiota era o primeiro a saber–se idiota. Não tinha nenhuma ilusão. E uma das cenas mais fortes que vi, em toda a minha infância, foi a de uma autoflagelação. Um vizinho berrava, atirando rútilas patadas: — “Eu sou um quadrúpede!”. Nenhuma objeção. E, então, insistia, heróico: — “Sou um quadrúpede de 28 patas!”. Não precisara beber para essa extroversão triunfal. Era um límpido, translúcido idiota.

b) Há dois fatores. Primeiro, geográfico: na Patagônia, região do sul da Argentina onde é encontrada a grande maioria dos dinossauros vizinhos, o clima é desértico e praticamente não há cobertura vegetal. Clima seco é sinônimo de menos chuvas e decomposição do solo, e pouca vegetação impede que raízes profundas danifiquem ossos e permita o afloramento natural. Segundo, persistência. "Os paleontólogos argentinos procuram fósseis há um século, enquanto nós começamos há menos de 50 anos", garante o professor Reinaldo José Bertini, da Unesp.

c) A procura pelo menor e mais completo texto persegue seu próprio desaparecimento, caça o silêncio e aponta para a página em branco. O que brota dessa lavoura é um texto cheio de elipses e cortes abruptos nas frases, onde o amor é um combate sanguinolento entre a sensualidade da mulher-lacraia-caçadora e a ponta de faca mortal dos sentimentos brutais do ódio masculino. Minicontos cheios de sangue, violência, dor de corno e o fracasso total da relação amorosa, Dalton escreve o osso da língua.

d) Você usa seu cartão para comprar ou pagar contas e fica 10 anos de férias por conta do seu Cartão. Seu Cartão é o melhor da vida, mas assim já é demais. Agora você pode ganhar férias remuneradas durante anos, recebendo uma quantia por mês. A cada compra você ganha automaticamente um cupom eletrônico para concorrer. Cadastre seu cartão agora mesmo pelo telefone.

e) Em resposta ao anúncio de V. Ex:, publicado no *Diário Insular* de 15 do corrente, sob o número 777/97, venho por este meio candidatar-me ao emprego publicitado, pois julgo ter o perfil pretendido. Com esse objetivo, remeto a V. Ex: o meu *curriculum vitae* colocando-me, desde já, à sua disposição para um posterior contacto, onde poderei fornecer outras informações sobre a minha formação e experiência profissional. Agradecendo antecipadamente toda a atenção que me queiram dispensar, subscrevo-me, com a mais elevada consideração.

03 - (FGV)

Estes fragmentos pertencem a um Relatório escrito por Graciliano Ramos e enviado ao Governador de Alagoas, quando o escritor ocupava o cargo de prefeito de uma cidade do interior desse estado.

“Em janeiro do ano passado, não achei no Município nada que parecesse com lei, fora as que havia na tradição oral, anacrônicas, do tempo das candeias de azeite.

Constava a existência de um código municipal, coisa inatingível e obscura. Procurei, rebusquei, esquadrinhei, estive quase a recorrer ao espiritismo, convenci-me que o código era uma espécie de lobisomem.

Afinal, em fevereiro, o secretário descobriu-o entre papéis do Império. Era um delgado volume impresso em 1865, encardido e dilacerado.”

“Se a iluminação da cidade custou muito, a culpa não é minha: é de quem fez o contrato com a empresa fornecedora de luz. Apesar de ser o negócio referente à claridade, julgo que assinaram aquilo às escuras. É um bluff. Pagamos até a luz que a lua nos dá.”

“Relativamente à quantia orçada, os telegramas custaram pouco. De ordinário vai para eles dinheiro considerável. Não há vereda aberta pelos matutos que prefeitura do interior não ponha no

arame, proclamando que a coisa foi feita por ela; comunicam-se as datas históricas ao Governo do Estado, que não precisa disso; todos os acontecimentos políticos são badalados. Porque se derrubou a Bastilha – um telegrama; porque se deitou pedra na rua - um telegrama; porque o deputado F. esticou a canela – um telegrama.”

Graciliano Ramos, Relatório, in **Viventes das Alagoas**. São Paulo: Martins, 1967.

a) A leitura do texto revela algumas características do modo de administrar do prefeito Graciliano Ramos. Indique duas delas, explicando sucintamente.

b) No que toca à linguagem utilizada em sua redação, o texto corresponde ao que se espera de um Relatório administrativo padrão? Justifique sua resposta.

04 - (UNIFOR CE)

XOTE DAS MENINAS

Mandacaru

Quando fulora na seca

É o siná que a chuva chega

No sertão

Toda menina que enjôa

Da boneca

É siná que o amor

Já chegou no coração...

Meia comprida

Não quer mais sapato baixo

Vestido bem cintado

Não quer mais usar jibão...

Ela só quer

Só pensa em namorar

Ela só quer

Só pensa em namorar...

Luiz Gonzaga e Zé Dantas, RCA Victor, 1953.

Levando em consideração a linguagem utilizada na letra da música acima, é correto afirmar queq

a) trata-se de um texto depreciativo sobre a mulher.

b) a escolha do vocabulário não deu a devida dimensão sonora ao texto.

c) há predomínio do uso de expressões pejorativas.

d) a linguagem predominante é a denotativa.

e) identifica-se o uso técnico da língua.

05 - (ESPM SP)

Ora, suposto que já somos pó, e não pode deixar de ser, pois Deus o disse; perguntar-me-eis, e com muita razão, em que nos distinguimos logo os vivos dos mortos? Os mortos são pó, nós também somos pó: em que nos distinguimos uns dos outros? Distinguimo-nos os vivos dos mortos, assim como se distingue o pó do pó. Os vivos são pó levantado, os mortos são pó caído; os vivos são pó que anda, os mortos são pó que jaz: "Hic jacet"[1]. (Pe. Antônio Vieira, ***Sermão da Quarta-Feira de Cinza***)

[1]**"Hic jacet":** aqui jaz

Padre Vieira, maior orador sacro da língua portuguesa, produziu mais de 200 sermões. Percebem-se no texto um tom oral ou características do discurso falado devido:

a) ao uso intensivo da metáfora do "pó".

b) à repetição enfática de palavras e ao uso da expressão "ora".

c) ao desenvolvimento de um raciocínio lógico-dedutivo sobre a condição humana.

d) ao uso de um jogo de palavras e às construções anafóricas.

e) ao rebuscamento da linguagem e ao uso de frase em latim.

06 - (UNEMAT MT)

Leia atentamente os excertos abaixo:

Juros bancários

Juro é o custo do dinheiro, o valor que o tomador de recursos deve pagar a mais sobre o valor emprestado, depois de determinado período. É como se o devedor pagasse ao credor um aluguel pelo dinheiro emprestado. A taxa de juros é o valor, em porcentagem, desse aluguel, a ser pago a cada dia, mês ou ano, até a liquidação total da dívida.

***Spread* bancário**

O *spread* é a diferença entre o que um banco paga como rendimento de investimentos de seus correntistas e o que recolhe de juros para emprestar dinheiro. Nem tudo no *spread* é lucro. Incluem-se ali, também, outros valores, como o risco estimado de inadimplência dos tomadores de empréstimos e custos administrativos.

Fonte: *Guia do Estudante/Matemática*, 2014.

Os excertos são discursos sobre sistema financeiro e representam a opção do produtor do texto em usar um gênero textual que:

a) Explora as funções informativa e metalinguística da linguagem.

b) Permite distinguir o sentido das palavras “juro” e “*spread*”.

c) Possibilita diferenciar investimento e empréstimo bancários.

d) É utilizado para dar a definição das palavras “juro” e “*spread*”.

e) Revela as estratégias dos correntistas para evitar perdas e danos bancários.

07 - (ENEM)

Diferentemente do texto escrito, que em geral compele os leitores a lerem numa onda linear – da esquerda para a direita e de cima para baixo, na página impressa – hipertextos encorajam os leitores a moverem-se de um bloco de texto a outro, rapidamente e não sequencialmente. Considerando que o hipertexto oferece uma multiplicidade de caminhos a seguir, podendo ainda o leitor incorporar seus caminhos e suas decisões como novos caminhos, inserindo informações novas, o leitor-navegador passa a ter um papel mais ativo e uma oportunidade diferente da de um leitor de texto impresso. Dificilmente dois leitores de hipertextos farão os mesmos caminhos e tomarão as mesmas decisões.

MARCUSCHI, L. A. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**.

Rio: Lucerna, 2007.

No que diz respeito à relação entre o hipertexto e o conhecimento por ele produzido, o texto apresentado deixa claro que o hipertexto muda a noção tradicional de autoria, porque

a) é o leitor que constrói a versão final do texto.

b) o autor detém o controle absoluto do que escreve.

c) aclara os limites entre o leitor e o autor.

d) propicia um evento textual-interativo em que apenas o autor é ativo.

e) só o autor conhece o que eletronicamente se dispõe para o leitor.

08 - (ENEM)

Prima Julieta

Prima Julieta irradiava um fascínio singular. Era a feminilidade em pessoa. Quando a conheci, sendo ainda garoto e já sensibilíssimo ao charme feminino, teria ela uns trinta ou trinta e dois anos de idade.

Apenas pelo seu andar percebia-se que era uma deusa, diz Virgílio de outra mulher. Prima Julieta caminhava em ritmo lento, agitando a cabeça para trás, remando os belos braços brancos. A cabeleira loura incluía reflexos metálicos. Ancas poderosas. Os olhos de um verde azulado borboleteavam. A voz rouca e ácida, em dois planos: voz de pessoa da alta sociedade.

MENDES, M. **A idade do serrote**. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968.

Entre os elementos constitutivos dos gêneros, está o modo como se organiza a própria composição textual, tendo-se em vista o objetivo de seu autor: narrar, descrever, argumentar, explicar, instruir. No trecho, reconhece-se uma sequência textual

a) explicativa, em que se expõem informações objetivas referentes à prima Julieta.

b) instrucional, em que se ensina o comportamento feminino, inspirado em prima Julieta.

c) narrativa, em que se contam fatos que, no decorrer do tempo, envolvem prima Julieta.

d) descritiva, em que se constrói a imagem de prima Julieta a partir do que os sentidos do enunciador captam.

e) argumentativa, em que se defende a opinião do enunciador sobre prima Julieta, buscando-se a adesão do leitor a essas ideias.

09 - (ENEM)

O negócio

Grande sorriso do canino de ouro, o velho Abílio propõe às donas que se abastecem de pão e banana:

— Como é o negócio?

De cada três dá certo com uma. Ela sorri, não responde ou é uma promessa a recusa:

— Deus me livre, não! Hoje não...

Abílio interpelou a velha:

— Como é o negócio?

Ela concordou e, o que foi melhor, a filha também aceitou: o trato. Com a dona Julietinha foi assim. Ele se chegou:

— Como é o negócio?

Ela sorriu, olhinho baixo. Abílio espreitou o cometa partir. Manhã cedinho saltou a cerca. Sinal combinado, duas batidas na porta da cozinha. A dona saiu para o quintal, cuidadosa de não acordar os filhos. Ele trazia a capa de viagem, estendida na grama orvalhada.

O vizinho espionou os dois, aprendeu o sinal. Decidiu imitar a proeza. No crepúsculo, pum-pum, duas pancadas fortes na porta. O marido em viagem, mas não era dia do Abílio. Desconfiada, a moça surgiu à janela e o vizinho repetiu:

— Como é o negócio?

Diante da recusa, ele ameaçou:

— Então você quer o velho e não quer o moço? Olhe que eu conto!

TREVISAN, D. **Mistérios de Curitiba**. Rio de Janeiro: Record, 1979 (fragmento).

Quanto à abordagem do tema e aos recursos expressivos, essa crônica tem um caráter

a) filosófico, pois reflete sobre as mazelas sofridas pelos vizinhos.

b) lírico, pois relata com nostalgia o relacionamento da vizinhança.

c) irônico, pois apresenta com malícia a convivência entre vizinhos.

d) crítico, pois deprecia o que acontece nas relações de vizinhança.

e) didático, pois expõe uma conduta a ser evitada na relação entre vizinhos.

10 - (ENEM)

A última edição deste periódico apresenta mais uma vez tema relacionado ao tratamento dado ao lixo caseiro, aquele que produzimos no dia a dia. A informação agora passa pelo problema do material jogado na estrada vicinal que liga o município de Rio Claro ao distrito de Ajapi. Infelizmente, no local em questão, a reportagem encontrou mais uma forma errada de destinação do lixo: material atirado ao lado da pista como se isso fosse o ideal. Muitos moradores, por exemplo, retiram o lixo de suas residências e, em vez de um destino correto, procuram dispensá-lo em outras regiões. Uma situação no mínimo incômoda. Se você sai de casa para jogar o lixo em outra localidade, por que não o fazer no local ideal? É muita falta de educação achar que aquilo que não é correto para sua região possa ser para outra. A reciclagem do lixo doméstico é um passo inteligente e de consciência. Olha o exemplo que passamos aos mais jovens! Quem aprende errado coloca em prática o errado. Um perigo!

Disponível em: http://jornaldacidade.uol.com.br. Acesso em: 10 ago. 2012 (adaptado).

Esse editorial faz uma leitura diferenciada de uma notícia veiculada no jornal. Tal diferença traz à tona uma das funções sociais desse gênero textual, que é

a) apresentar fatos que tenham sido noticiados pelo próprio veículo.

b) chamar a atenção do leitor para temas raramente abordados no jornal.

c) provocar a indignação dos cidadãos por força dos argumentos apresentados.

d) interpretar criticamente fatos noticiados e considerados relevantes para a opinião pública.

e) trabalhar uma informação previamente apresentada com base no ponto de vista do autor da notícia.

11 - (PUCCamp SP)

Em impresso que apresenta a agenda de julho de 2014, em projeto que busca incentivar a cultura, tem-se, entre outros, os seguintes títulos:

I

MERGULHO NO ESCURO

O musicólogo e crítico de música Zuza Homem de Mello toca e comenta faixas de CDs e LPs trazidos pela plateia. O encontro conta com transmissão ao vivo pela internet, em

http:itaucultural.org.br

II

Teatro

DE VEZ EM QUARTA, TEATRO

Três grandes espetáculos -um deles em pré-estreia –integram a programação teatral de julho.

* REI LEAR

[...]

Quarta 2 quinta 3/ 20h

* 45 MINUTOS

Quarta 16/ 20h

* TRÍPTICO SAMUEL BECKETT

[...]

Quarta 30 / 20 h

Leitura atenta de I e II legitima quatro das cinco afirmações que seguem. A única INCORRETA é:

a) Em I, o título explora similaridade sonora como recurso de atração do público, artifício bastante sugestivo, dada a natureza do evento.

b) Os três grandes espetáculos oferecidos ao público, em julho, constituem o que, no texto publicitário II, se nomeia de "Tríptico".

c) Considerada a expressão usual "de vez em quando", o título, em II, explora a ruptura de um hábito linguístico como meio de atrair a atenção para o calendário cultural.

d) Em I, é possível que se atribua corretamente o título à prática do musicólogo e crítico durante o evento com a plateia, pois no encontro ele estará, ao vivo, imergindo em matéria desconhecida.

e) Considerado certo que "estreia" designa "a primeira apresentação de um filme ou peça teatral", a expressão "pré-estreia" (II) constituiria uma contradição entre os termos, já assimilada como lógica, dado o costume de haver apresentação antes da estréia para convidados especiais, como críticos de arte e atores.

12 - (ENEM)

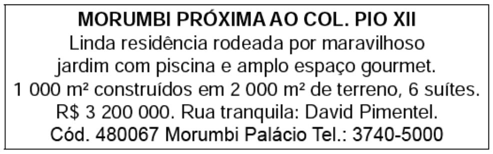

MORUMBI PRÓXIMA AO COL. PIO XII
Linda residência rodeada por maravilhoso
jardim com piscina e amplo espaço gourmet.
1 000 m² construídos em 2 000 m² de terreno, 6 suítes.
R$ 3 200 000. Rua tranquila: David Pimentel.
Cód. 480067 Morumbi Palácio Tel.: 3740-5000

Folha de S. Paulo. Classificados, 27 fev. 2012 (adaptado).

Os gêneros textuais nascem emparelhados a necessidades e atividades da vida sociocultural. Por isso, caracterizam-se por uma função social específica, um contexto de uso, um objetivo comunicativo e por peculiaridades linguísticas e estruturais que lhes conferem determinado formato. Esse classificado procura convencer o leitor a comprar um imóvel e, para isso, utiliza-se

a) da predominância das formas imperativas dos verbos e de abundância de substantivos.

b) de uma riqueza de adjetivos que modificam os substantivos, revelando as qualidades do produto.

c) de uma enumeração de vocábulos, que visam conferir ao texto um efeito de certeza.

d) do emprego de numerais, quantificando as características e aspectos positivos do produto.

e) da exposição de opiniões de corretores de imóveis no que se refere à qualidade do produto.

13 - (ENEM)

Pode chegar de mansinho, como é costume por ali, e observar sem pressa cada detalhe da estação ferroviária de Mariana. Repare na arquitetura recém-revitalizada do casarão, e como os detalhes em madeira branca, as delicadas arandelas de luzes amarelas e os elementos barrocos da torre já começam a dar o gostinho da viagem aguardada. Vindo lá de longe, o apito estridente anuncia que logo, logo o cenário estará completo para a partida. E não tarda para o trem de fato surgir. Pequenino a princípio, mas de repente, em toda aquela imensidão que desliza pelos trilhos. Arrancando sorrisos e deixando boquiaberto até o mais desconfiado dos mineiros.

TIUSSU, B. **Raízes mineiras**. Disponível em: www.estadao.com.br.
Acesso em: 15 nov. 2011 (fragmento).

A leitura do trecho mostra que textos jornalísticos produzidos em determinados gêneros mobilizam recursos linguísticos com o objetivo de conduzir seu público-alvo a aceitar suas ideias. Para envolver o leitor no retrato que faz da cidade, a autora

a) inicia o texto com a informação mais importante a ser conhecida, a estação de trem de Mariana.

b) descreve de forma parcial e objetiva a estação de trem da cidade, seus detalhes e características.

c) apresenta com cuidado e precisão os recursos da cidade, sua infraestrutura e singularidade.

d) faz uma crítica indireta à desconfiança dos mineiros, mostrando conhecimento do tema.

e) dirige-se a ele por meio de verbos e expressões verbais, convidando-o a partilhar das belezas do local.

14 - (ENEM)

Não adianta isolar o fumante

Se quiser mesmo combater o fumo, o governo precisa ir além das restrições. É preciso apoiar quem quer largar o cigarro.

Ao apoiar uma medida provisória para combater o fumo em locais públicos nos 27 estados brasileiros, o Senado reafirmou um valor fundamental: a defesa da saúde e da vida.

Em pelo menos um aspecto a MP 540/2011 é ainda mais rigorosa que as medidas em vigor em São Paulo, no Rio de Janeiro e no Paraná, estados que até agora adotaram as legislações mais duras contra o tabagismo. Ela proíbe os fumódromos em 100% dos locais fechados, incluindo até tabacarias, onde o fumo era autorizado sob determinadas condições.

Uma das principais medidas atinge o fumante no bolso. O governo fica autorizado a fixar um novo preço para o maço de cigarros. O Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) será elevado em 300%. Somando uma coisa e outra, o sabor de fumar se tornará muito mais ácido. Deverá subir 20% em 2012 e 55% em 2013.

A visão fundamental da MP está correta. Sabe-se, há muito, que o tabaco faz mal à saúde. É razoável, portanto, que o Estado aja em nome da saúde pública.

Época, 28 nov. 2011 (adaptado).

O autor do texto analisa a aprovação da MP 540/2011 pelo Senado, deixando clara a sua opinião sobre o tema. O trecho que apresenta uma avaliação pessoal do autor como uma estratégia de persuasão do leitor é:

a) “Ela proíbe os fumódromos em 100% dos locais fechados”.

b) “O governo fica autorizado a fixar um novo preço para o maço de cigarros.’’

c) “O Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) será elevado em 300%.

d) “Somando uma coisa e outra, o sabor de fumar se tornará muito mais ácido.”

e) “Deverá subir 20% em 2012 e 55% em 2013.”

TEXTO: 1 - Comum à questão: 15

A revolução chama Pedro Bala como Deus chamava Pirulito nas noites de *trapiche*. *É uma voz poderosa dentro dele, poderosa como a voz do mar, como a voz do vento, tão poderosa como uma voz sem comparação. Como a voz de um negro que canta num saveiro o samba que Boa-Vida fez:*

“Companheiros, chegou a hora...”

(...) Uma voz que vem do cais, do peito dos estivadores, de João de Adão, de seu pai morrendo num comício, dos marinheiros dos navios, dos saveiristas e dos canoeiros. Uma voz que vem do grupo que joga a luta da capoeira, que vem dos golpes que o Querido-de-Deus aplica.Uma voz que vem mesmo do padre José Pedro, padre pobre de olhos espantados diante do destino terrível dos Capitães de Areia. Uma voz que vem das filhas-de-santo do candomblé de Don'Aninha, na noite que a polícia levou Ogum. Voz que vem do trapiche dos Capitães de Areia. Que vem do reformatório e do orfanato. Que vem do ódio do Sem-Perna se atirando do elevador para não se entregar. Que vem no trem da Leste Brasileira, através do sertão, do grupo de Lampião pedindo justiça para os sertanejos. Que vem de Alberto, o estudante pedindo escolas e liberdade para a cultura.

(*Capitães de Areia*, Jorge Amado, 50a ed., Record)

trapiche: armazém onde se guardam mercadorias importadas ou para se exportar.

15 - (ESPM SP)

O fragmento em questão pode ser considerado:

a) Um circunlóquio abordando o cotidiano de um trapiche, com ausência de qualquer conotação ideológica.

b) Uma narrativa de cunho existencialista sobre o dia-a-dia de um trapiche.

c) Um relato jornalístico abordando as causas sociais e econômicas para o surgimento de meninos de rua.

d) Uma narrativa tensa, realista, que ganha dramaticidade com o repetido destaque na força de transformação.

e) Um monólogo com enfáticas reiterações sobre aspectos de uma revolução social.

TEXTO: 2 - Comum à questão: 16

O Ser nordestino: quando migrar é preciso

Texto 1

Em cima do carro
se junta a família
chega o triste dia
já vão viajar
a seca é terrível
que tudo devora
lhe bota pra fora
do torrão natá

ASSARÉ, Patativa do. A triste partida. In: ___. *Cordéis e outros poemas*.
Fortaleza: Edições UFC, 2006, p. 11.

Texto 2

[1]Terminado o curso no Colégio Cearense, no mesmo ano que meu [2]irmão Batista, lá se foram os dois no rumo do Sul, a iniciar a luta pela [3]conquista do título de engenheiro, lá se mandaram no mesmo avião, [4]tomando o destino de Ouro Preto. (...)

[5]Lembra que uma vez me hospedei em Juiz de Fora – lá onde [6][Waldir] morou algum tempo, entre os anos de Ouro Preto e os de [7]Curitiba (...). Durante os dias em que fiquei, pude ver como Waldir [8]rapidamente fizera tantas vinculações de amizade (...).

[9]Escutei dele mesmo um esplêndido relatório verbal da sua [10]movimentada vida universitária (...).

DIAS, Milton. O menino Valdir. In: ___. *Entre a boca da noite e a madrugada*.
Fortaleza: Edições UFC, 2007, p. 114-115.

16 - (UFC CE)

Acerca dos textos 1 e 2, assinale a alternativa correta.

a) O texto 1 possui teor narrativo, com narrador heterodiegético, o que se evidencia pelo uso da forma verbal *vão* e do recurso da onisciência que demonstra ter o narrador.

b) O texto 1 possui teor narrativo, com narrador homodiegético, o que se comprova pelo uso da forma verbal *vão* e pela participação do narrador como personagem secundária.

c) O texto 2 é predominantemente narrativo, com narrador heterodiegético, o que se comprova pelo uso das formas verbais *se foram*, *se mandaram*, *morou* e *fizera*, e por ser o narrador onisciente.

d) O texto 2 é predominantemente narrativo, com narrador autodiegético, o que se comprova pelo uso das formas verbais *hospedei*, *fiquei* e *escutei*, e pelo fato de o narrador protagonizar a história que conta.

e) O texto 2 é predominantemente descritivo, com narrador homodiegético, o que se comprova pelo uso das formas verbais *se foram*, *morou* e *fizera*, e porque o narrador apresenta-se como personagem principal.

TEXTO: 3 - Comum à questão: 17

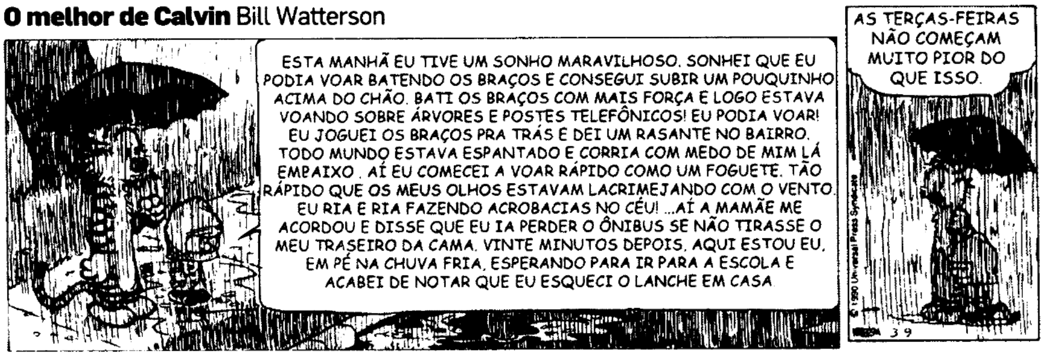
O melhor de Calvin Bill Watterson
ESTA MANHÃ EU TIVE UM SONHO MARAVILHOSO. SONHEI QUE EU PODIA VOAR BATENDO OS BRAÇOS E CONSEGUI SUBIR UM POUQUINHO ACIMA DO CHÃO. BATI OS BRAÇOS COM MAIS FORÇA E LOGO ESTAVA VOANDO SOBRE ÁRVORES E POSTES TELEFÔNICOS! EU PODIA VOAR! EU JOGUEI OS BRAÇOS PRA TRÁS E DEI UM RASANTE NO BAIRRO. TODO MUNDO ESTAVA ESPANTADO E CORRIA COM MEDO DE MIM LÁ EMBAIXO . AÍ EU COMECEI A VOAR RÁPIDO COMO UM FOGUETE. TÃO RÁPIDO QUE OS MEUS OLHOS ESTAVAM LACRIMEJANDO COM O VENTO. EU RIA E RIA FAZENDO ACROBACIAS NO CÉU! ...AÍ A MAMÃE ME ACORDOU E DISSE QUE EU IA PERDER O ÔNIBUS SE NÃO TIRASSE O MEU TRASEIRO DA CAMA. VINTE MINUTOS DEPOIS, AQUI ESTOU EU, EM PÉ NA CHUVA FRIA, ESPERANDO PARA IR PARA A ESCOLA E ACABEI DE NOTAR QUE EU ESQUECI O LANCHE EM CASA
AS TERÇAS-FEIRAS NÃO COMEÇAM MUITO PIOR DO QUE ISSO.
© 1990 Universal Press Syndicate
3 9

1º Quadrinho 2º Quadrinho

17 - (Mackenzie SP)

Assinale a alternativa **INCORRETA** sobre o texto do 1º. quadrinho.

a) Há, predominantemente, elementos típicos do diálogo, já que o objetivo do texto é colocar em destaque o interlocutor da fala do garoto.

b) A subjetividade do texto é reforçada pelo uso de pronomes (como *eu, mim*), de verbos flexionados (como *sonhei*) e de adjetivos (como *maravilhoso*).

c) A presença do sinal de pontuação exclamativo, como em *Eu podia voar!*, indicia o envolvimento emocional do garoto com aquilo que narra.

d) A expressão de conteúdo emotivo é coerente com o fato de a linguagem estar fundamentalmente construída em torno da 1ª. pessoa.

e) Em meio a sua reconstrução do sonho, o garoto enfatiza por meio da linguagem seus atos, como a repetição verbal em "eu ria e ria".

TEXTO: 4 - Comum à questão: 18

[1]Nada lembrava ali o organismo que é uma cidade comum – misto de órgãos nobres e vísceras de funções humilhantes. Em vez de ruas geométricas, meandros irregulares, ganglionados magicamente de *pelouses* e moitas nupciais. Sumiam-se nelas os amorosos passeantes e em tais ninhos de doçura trocavam o beijo que elabora o porvir. Tudo fora planejado em Erópolis como [5]intento de dar às criaturas as mais finas sensações estéticas, de modo que os seres ali concebidos já se plasmassem em beleza e harmonia desde o contato inicial dos gametas. Os filhos de Erópolis passaram a constituir uma elite na América – a nova aristocracia dos filhos do Amor e da Beleza.

Suspirei. Vi-me em Erópolis de mãos dadas a Miss Jane, olhos nos seus olhos e em tal enlevo amoroso que todas as maravilhas da nova ilha de Calipso eram como se não existissem para mim...

LOBATO, Monteiro. *O presidente negro.* São Paulo: Globo, 2008, p. 128.

18 - (UDESC SC)

Assinale a alternativa **correta** em relação ao texto.

a) A cidade de Erópolis propiciava aos casais a seleção das células germinativas masculina e feminina, para que as crianças nascessem arianas, pois lá era o berço dos eugenistas.
b) A palavra “humilhantes” (ref. 1) possui 11 letras, 9 fonemas, 1 dígrafo consonantal e 1 dígrafo vocálico.
c) Na ref. 1 há duas descrições relativas à cidade: na primeira, há a predominância da linguagem conotativa e, na segunda, uma mescla da denotativa com a conotativa.
d) Erópolis, cidade do amor, é a cidade arquitetada por Miss Jane para ela viver uma grande noite de amor com o senhor Airton.
e) Lobato faz da cidade uma descrição comparativa com o corpo humano, por aquela ser o berço da nova elite na América.

TEXTO: 5 - Comum à questão: 19

Texto 1

o livro como fresta

é certo
que um livro
quando se deságua

a tinta negra de suas páginas
além de suas quatro margens

um rio que escorre letras
metáforas que rompem diques

pelo postigo

de quem escreve

tudo – olhos, sóis, lentes –

na vigília, nas insônias

: o universo às escâncaras

além, nos telescópios

tudo o que a vista desalcança

– os minimundos vazios –

diante de uma veneziana

entreaberta

PEREIRA, Luís Araujo. *Minigrafias*. Goiânia: Cânone, 2009. p. 19.

Texto 2

Livros de biblioteca instalada em favela inspiram músicas

Anderson Aparecido Bandeira da Silva, 16, ficou conhecido no Jardim Panorama, favela da zona oeste de São Paulo bem ao lado do shopping Cidade Jardim, por seus *raps*, que tratavam, quase sempre, da violência.

A fonte de inspiração do garoto apelidado MC Guri, no entanto, mudou completamente há cerca de um ano, quando ele passou a frequentar a biblioteca comunitária da região onde mora.

A partir da leitura de um livro cujo tema central é a lembrança – ironia: ele não se lembra do nome do livro –, fez uma música para três pessoas queridas que perdeu.

Em casa, MC Guri não tem nenhum livro de leitura, “só os que uso para a escola”. Mas sua presença na biblioteca comunitária é assídua. Tudo para manter fresco o novo repertório que apresenta em shows feitos em comunidades pobres da região.

Os versos de MC Guri, que está no 9o ano do ensino fundamental, passaram de “E olha o Panô aí de novo / botando a chapa quente” para “A favela não é a mesma / se liga no meu papo / porque se foram embora / Paulinho, Kevin e Renato” – estes últimos versos são da primeira música sob a influência dos livros, em homenagem a três vizinhos que morreram, um deles por culpa da dengue.

Os quadrinhos foram a porta de entrada de MC Guri para a literatura. Depois, vieram os livros de aventura. Hoje, ele lê até poesias.

Além da mudança de tom das letras, houve ainda uma mudança no ritmo. MC Guri trocou a batida do *rap* pela do *funk*, para combinar mais com a sua nova fase.

REWALD, Fabiana. Livros de biblioteca instalada em favela inspiram músicas**.**
Folha de S. Paulo, S. Paulo, 13 set. 2010. p. C5. Cotidiano.

19 - (UFG GO)

O Texto 2 apresenta uma especifidade na construção das vozes enunciativas. O jogo interlocutivo é estabelecido com base na

a) seleção de citações literárias que expressam voz de autoridade.

b) articulação dos enunciados por meio do estabelecimento de relações intertextuais.

c) utilização de mecanismos discursivos que exploram a oposição sonho e realidade.

d) instauração de um interlocutor geral e de um interlocutor particular.

e) constituição de um leitor onisciente, capaz de prever os eventos relativos à realidade descrita.

TEXTO: 6 - Comum à questão: 20

Texto I

Enredado pelas evidências

^{01}Novos indícios da morte de Eglê Castroal, trazidos à luz na ^{02}semana passada, reforçam a suspeita da polícia: o padeiro Brenos ^{03}Faria, dono de uma das maiores padarias do país, hoje preso, não ^{04}foi apenas o artífice do crime, mas participou de toda a trama do ^{05}assassinato da jovem de 25 anos, que o coagia a reconhecer um ^{06}filho que dizia ser dele.

Adaptado da Revista **Veja**

Texto II

Por que os homens nos matam?

^{01}A esta altura, matam-se no Brasil cerca de dez a doze mulheres ^{02}por dia. Não morte por assalto ou acidente de carro: assassinato na ^{03}mão do parceiro. Em certos lugares a explicação para os maus-tratos ^{04}é simplória. Para haver um opressor, dizemos, é preciso haver um ^{05}oprimido. A mulher-vítima é quem dá coragem ao truculento. O jogo ^{06}sadomasoquista funciona quando há pelo menos dois parceiros. O ^{07}que leva uma jovenzinha a aceitar, no começo ou no meio de uma ^{08}relação, a brutalidade masculina, numa frequência absurda?

Adaptado de Lya Luft

20 - (Mackenzie SP)

Assinale a alternativa correta.

a) Nos dois textos, há utilização, de formas distintas, de linguagem referencial e denotativa, possibilitando ao leitor uma apreensão objetiva dos sentidos.

b) Nos dois textos, há linguagem predominantemente metafórica, considerando que o objetivo principal é provocar efeitos de sentido de ambiguidade.

c) A relação entre os textos se dá apenas no nível da forma, pois os temas apresentados são divergentes e exigem do leitor conhecimentos de mundo diversos.

d) Os títulos dos textos funcionam apenas como estratégia retórica, já que dificilmente conduziriam o leitor para o conteúdo tratado por seus autores.

e) A semelhança entre os textos se deve ao tom reflexivo e polêmico adotado pelos enunciadores nas respectivas sequências narrativas.

TEXTO: 7 - Comum às questões: 21, 22

01 A falta de recato com a própria intimidade, revelada sem pejo em 02 algumas páginas da internet, nas telas do "Big Brother" e nas traseiras 03 de automóveis, onde se veem grudadas figurinhas representativas da 04 composição da família proprietária, constitui, em um primeiro olhar, 05 exercício de direito à autoexposição.

06 Pondero, para a reflexão do leitor, que o abuso desse direito à 07 imagem escancarada poderá levar à supressão do direito fundamental 08 à privacidade, abrindo espaço para a ditadura do monitoramento 09 oficial ilimitado.

10 É, contudo, no exagerado exercício individual do direito de abrir 11 mão da privacidade que mora o problema. Se considero normal 12 informar ao estranho que vai à traseira do meu carro que somos cinco 13 em casa, como poderei exigir da loja da esquina a manutenção em 14 segredo do cadastro que lá preenchi? Por que o fiscal do Imposto 15 de Renda deveria se privar de vasculhar minha conta corrente se 16 tuíto a todos os que me "seguem" o quanto gastei no final de ano em 17 determinado shopping?

Adaptado de Roberto Soares Garcia, **Folha de S.Paulo**, 27/02/2011

21 - (Mackenzie SP)

Considere as seguintes afirmações:

I. O texto caracteriza-se como relato pessoal, com teor fortemente subjetivo, com verbos no passado, tendo por objetivo relatar uma situação particular vivida por seu autor.

II. O texto segue o estilo da crônica, sendo curto e leve, em linguagem informal, com objetivo principal de entreter o leitor por meio do uso destacado de humor.

III. O texto é um artigo de opinião persuasivo, em que seu autor se posiciona criticamente, defendendo uma tese por meio de argumentos que conduzem o leitor para uma conclusão.

Assinale:

a) se apenas I e II estiverem corretas.

b) se apenas II e III estiverem corretas.

c) se apenas I estiver correta.

d) se apenas II estiver correta.

e) se apenas III estiver correta.

22 - (Mackenzie SP)

Assinale a alternativa **INCORRETA** sobre o texto.

a) Nota-se o uso de perguntas retóricas, com o intuito de apresentar situações comuns à maioria dos leitores a quem o autor se dirige.

b) A utilização da primeira pessoa é uma das características que reforçam o sentido predominantemente conotativo de todo o fragmento textual.

c) Na referência 16, observa-se a presença de um neologismo, referindo-se a uma prática comunicativa cada vez mais presente na sociedade.

d) Na referência 06, *Pondero* introduz argumentação e denota sentido equivalente a “considero”.

e) O emprego do verbo “morar” (ref. 11) revela a presença de sentido figurado no texto.

TEXTO: 8 - Comum à questão: 23

TEXTO 1

Conosco ninguém pode

João Ubaldo Ribeiro

Achei meio esquisito sentar-me ao lado de uma moça usando máscara, como pareciam estar todos os passageiros vindos da Argentina. Pronto, o avião não passava de uma enorme incubadora de vírus, prestes a engolfar-se numa gripe que poderia me levar ao túmulo.

Desci em Salvador já sentindo os primeiros sintomas, embora, justiça seja feita, a mão do Ministério da Saúde se fizesse presente.

Mal me acomodei, dirigi-me ao centro da cidade, mais precisamente ao bar de Espanha. Sim, eu tinha corrido o risco de ser infectado, mas o importante mesmo era a possibilidade de que, pela ação insidiosa das Parcas, eu viesse a ser o introdutor da gripe suína em minha terra. Era imperioso advertir coletividade sobre o possível perigo que minha presença significava e fiquei aliviado quando o primeiro que encontrei foi meu grande amigo Gugu Galo Ruço.

– Não há nenhum motivo para preocupação – me disse ele, quando o pus a par de meus receios. – Não esquente, você está em Itaparica.

– Eu sei, mas nem Itaparica é imune a esse vírus.

– Aí é que você se engana. Nós não somos imunes, mas rechaçaremos o vírus. Existe terra mais patriótica do que Itaparica?

– Não, não existe.

– Pois então? – disse ele. – Nós botamos o nosso vírus para liquidar com o deles. O nosso é o vírus do Ipiranga, está no hino, não esquente.

In: O ESTADO de S.Paulo, 05/07/ 2009 [adaptado].

TEXTO 2

DESCOBERTAS

Dois resfriados de uma vez

Anahad O'Connor

O rinovírus que causa a maior parte dos resfriados tem muitas linhagens – mais precisamente, ao menos 99. Em função disso, teoriza-se há muito tempo que uma pessoa pode adoecer com mais de um tipo de resfriado ao mesmo tempo. **Mas** os estudos feitos com o resfriado comum revelaram alguns dados surpreendentes.

Em estudo publicado na "Science" , pesquisadores demonstraram que, **quando** uma pessoa é infectada com duas linhagens do vírus, estas podem se unir e trocar material genético – processo chamado de recombinação, que pode levar ao surgimento acelerado de novas linhagens.

Cientistas na China acompanharam 64 crianças resfriadas **e** encontraram evidências de eventos de recombinação e de algo que chamaram de "infecções triplas": crianças que apresentavam tanto uma variedade de resfriado quanto outros vírus respiratórios, como a influenza (gripe) ou o adenovírus. Em última análise, **porém,** apenas uma parcela muito pequena delas apresentava várias linhagens de rinovírus.

Não há indícios de que as duas linhagens de resfriado resultem em sintomas mais graves ou mais prolongados.

In: FOLHA de S.Paulo/ The New York Times 30/11/2009.

23 - (FMABC SP)

Nos textos 1 e 2, quais os propósitos comunicativos dos autores e de que características lingüísticas eles se valem para atingir tais propósitos?

a) Texto 1 : por se tratar de uma crônica, mostra um fato, com comentários supostamente sem relevância, dos quais se depreende uma visão pessoal, mas crítica, fazendo uso de ocorrências típicas da oralidade para se aproximar do leitor.

   Texto 2: por ser matéria de divulgação científica, discute uma pesquisa científica, fazendo uma reflexão sobre o posicionamento da instituição jornalística em relação à descoberta de natureza científica, com uma linguagem formal.

b) Texto 1: por ser uma fábula, narra episódios fictícios vivenciados pelo narrador com comentários supostamente sem relevância, dos quais se depreendem marcas subjetivas do produtor para uma maior aproximação do leitor.

Texto 2: por ser uma matéria que divulga uma descoberta de natureza científica, explicita didaticamente aspectos que, em geral, não são do conhecimento dos leitores leigos, valendo-se de linguagem informal.

C) Texto 1: por ser um artigo de opinião, discute fatos atuais, critica assuntos à primeira vista não importantes, mas revela a opinião do autor, estabelecendo vínculo com o leitor, por meio de recursos da modalidade escrita.

Texto 2: por ser um artigo científico, leva ao leitor informações de natureza científica, respondendo a necessidades sociais, por meio de uma linguagem descomplicada.

d) Texto 1: por ser uma crônica, narra eventos cotidianos atuais, privilegia temas relevantes para a sociedade com postura objetiva do produtor, valendo-se de recursos da escrita na oralidade para estabelecer uma ligação mais próxima com o leitor.

Texto 2: por ser um artigo de divulgação científica, explana detalhes de uma pesquisa científica com o objetivo de familiarizar o leitor do jornal com o assunto de natureza científica por meio de uma linguagem formal e hermética.

e) Texto 1: por ser uma crônica, narra episódios cotidianos da atualidade, comenta assuntos aparentemente sem grande importância, com visão subjetiva e crítica do autor, apresentando mecanismos que simulam a oralidade na escrita para estabelecer maior proximidade com o leitor.

Texto 2: por ser uma matéria de divulgação científica, noticia ao leitor leigo uma pesquisa científica com o objetivo de familiarizá-lo com o assunto, propiciando-lhe informações do universo científico por meio de uma linguagem acessível.

TEXTO: 9 - Comum à questão: 24

IMAGINE

Ricardo Amorim

"Imagine seu salário pagando as contas e sobrando"

Outro dia, em Nova York, passando em frente ao edifício Dakota, onde viveu e foi assassinado John Lennon, eu me peguei pensando como seria se ele fosse um compositor brasileiro. No meu devaneio, imaginei-o cantando algo assim:

Imagine que não há mensalão
É fácil se você tentar
Sessenta e cinco impostos a menos
Para você pagar.

Imagine seu salário
Pagando as contas e sobrando.

Imagine que não há corrupção
Não é difícil
Nada de drogas e crimes
Educação de primeira
Imagine seu salário
Sobrando no final do mês.

Você pode dizer
Que sou um sonhador
Mas eu não sou o único.
Espero que um dia
Você se junte a nós
E o Brasil será melhor.

Imagine bons aeroportos

Será que você consegue?
Nada de fome ou miséria
E infraestrutura de primeira
Imagine seu salário
Sobrando no final do mês.

Você pode dizer
Que sou um sonhador
Mas eu não sou o único.
Espero que um dia
Você se junte a nós
E o Brasil será melhor.

Pena que John Lennon não foi um compositor brasileiro. Talvez não tivesse sido assassinado e hoje estaria tomando cuidado com as balas perdidas.

Mas, afinal, quanto custa a corrupção?

Os efeitos nocivos da corrupção são muitos e óbvios. Olhando apenas o lado econômico, ela prejudica a eficiência do gasto público e desestimula investimentos, reduzindo o crescimento, a geração de empregos, os serviços como educação e saúde, e a renda da população.

Estimar seu custo não é fácil. Corrupto não passa recibo, pelo menos não na maioria das vezes. Ainda assim, várias tentativas foram feitas para mensurar quanto é desviado da atividade produtiva, através de atos corruptos, no Brasil e no mundo.

Ainda que imprecisas, estimativas indicam que a corrupção reduz nosso PIB em até 2,3%, desviando, em valores atuais, cerca de R$ 100 bilhões da economia brasileira todo santo ano. Se esse dinheiro não fosse surrupiado, seria possível ampliar em sete vezes o Bolsa Família. Outra opção seria dobrar os investimentos públicos em infraestrutura, melhorando estradas, ferrovias, portos, aeroportos. Outra ainda seria abolir o Imposto de Renda sobre rendimentos do trabalho, aumentando o poder de consumo de cada um dos brasileiros. Mais uma seria extinguir o IPI e o IOF, tornando produtos e financiamentos mais baratos no País.

Infelizmente, nada disso acontecerá. Pior, essas estimativas abrangem apenas custos mensuráveis. Além deles, há custos incomensuráveis significativos. Um deles é a perda de foco de outros problemas que limitam nosso crescimento. Enquanto o País acompanha a novela do julgamento do mensalão e a CPI do Cachoeira, projetos de reformas fundamentais não são nem discutidos no Congresso.

Outro custo incalculável é a desconfiança que se lança sobre o lucro, o qual deve ser um dos principais motores de qualquer economia capitalista saudável. Quanto mais o governo se envolve em atividades econômicas, mais suspeitas – corretas ou não – recaem sobre sucessos empresariais, com menos incentivo ao empreendedorismo e, como consequência, menos crescimento, riqueza e empregos.

Corrupção não é exclusividade brasileira. Estima-se que, neste ano, o mundo perderá R$ 2,5 trilhões, equivalentes à metade de tudo que será produzido no Brasil. Eliminá-la completamente é uma utopia, mas inúmeros casos de sucesso em reduzi-la, em outros países, mostram que combatê-la ferozmente vale muito a pena.

ISTO É, 2233, 29/8/2012. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/colunas-eblogs/
colunista /35_RICARDO+AMORIM>. Acesso em: 12 set. 2012.

24 - (IFGO)

Por suas características formais, por sua função, uso e local de veiculação, o texto pertence ao gênero:

a) Enciclopédico, pela maneira organizada e sistemática das informações básicas sobre o assunto.

b) Artigo de opinião, pelo objetivo de expressar o ponto de vista do autor sobre alguma questão relevante de natureza social, política e cultural.

c) Carta argumentativa, pelo objetivo de estabelecer um contato escrito entre dois interlocutores distantes, a fim de apresentar argumentos em defesa de um determinado ponto de vista.

d) Reportagem, pelo registro impessoal de situações reais de maneira mais objetiva a fim de apontar as razões e efeitos.

e) Crônica, pelo relato de uma experiência pessoal, por meio da observação de um fato cotidiano, a partir do qual há elaboração de uma reflexão mais geral.

TEXTO: 10 - Comum à questão: 25

Conveniência

Olhai, oh Senhor, os jovens nos postos de gasolina. Apiedai-vos dessas pobres criaturas a desperdiçar as mais belas noites de suas juventudes sentadas no chão, tomando Smirnoff Ice, entre bombas de combustíveis e pães de queijo adormecidos. **Ajudai-os, meu pai: eles não sabem o que fazem**. São Paulo não tem praças, eu sei. As ruas são violentas, é verdade, mas nem tudo está perdido.

Encaminhai-os para um boliche, que seja, mas afastai suas bochechas rosadas dos vapores corrosivos dos metanóis. Pois nem toda a melancolia de um playground, nem todo o tédio de um salão de festas ou, vá lá, a pindaíba do espaço público simbolizada pelo churrasco na laje justifica a eleição de um posto de gasolina como ponto de encontro. Tudo, menos essa oficina dentária de automóveis, taba de plástico e alumínio, neon e graxa, túmulo **do samba e impossível novo quilombo de Zumbi**.

É só o que vos peço, humildemente, no ano que acaba de nascer. Obrigado, Senhor.

PRATA, Antonio. Conveniência. *O Estado de S. Paulo.*
São Paulo, 11 jan. 2008. (Adaptado).

25 - (UEG GO)

O texto “Conveniência” é construído a partir da mobilização de mais de um gênero textual, constituindo assim um processo de fusão entre:

a) crônica e prece

b) romance e poema

c) sermão e peça teatral

d) testamento e artigo de opinião

TEXTO: 11 - Comum à questão: 26

Nível do mar cresce 0,5 cm em 5 anos

Aumento foi provocado pelo derretimento de 2 trilhões de t de gelo; 2008 foi o 10º ano quente, diz ONU.

Em apenas cinco anos, 2 trilhões de toneladas de gelo da Groenlândia, Alasca e Antártida derreteram e elevaram o nível do mar em 0,5 centímetro. Os dados, da Nasa, a agência espacial americana, foram apresentados simultaneamente ao anúncio das Nações Unidas de que 2008 será o 10º ano mais quente já registrado no planeta – desde que os cálculos começaram a ser feitos em 1850 – e que a década será a mais quente de que se tem notícia, com impacto também para o Brasil.

Michel Jarraud, secretário-geral da Organização Meteorológica Mundial (OMM, braço da ONU), alerta que o ano de 2007 foi o pior em termos de perda de cobertura de gelo no Ártico, abrindo rotas marítimas pelo Polo Norte e possibilitando o início de uma corrida pelo petróleo e gás na região. No ano passado, o gelo ártico cobria 4,3 milhões de km². "Estamos vendo que a camada de gelo é cada vez mais fina", disse Jarraud.

Segundo a ONU, 200 milhões de pessoas que vivem em regiões costeiras estariam ameaçadas pelo fenômeno nas próximas três décadas. O governo das Ilhas Malvinas, por exemplo, já começou a pensar em soluções como a pura e simples realocação de sua população.

Liberação de Metano

Mais da metade do derretimento de gelo dos últimos cinco anos ocorreu na Groenlândia, região que começa a experimentar uma verdadeira revolução natural. Só o Alasca perdeu 400 milhões de toneladas de gelo terrestre. Partes do Ártico teriam registrado temperaturas quase 10ºC mais quentes que em 2007. Na Sibéria, o temor é com a emissão de metano, que estava congelado em lagos. Agora, o gás pode começar a se desprender se as temperaturas continuarem elevadas.

Parte da redução da cobertura de gelo ocorre pelo aquecimento, acelerado graças às emissões de CO2. Dados divulgados há duas semanas mostraram que nunca a concentração de CO2 na atmosfera foi tão elevada como agora.

[...]

O Estado de S. Paulo. São Paulo, 17 dez. 2008.

26 - (UFAL)

A respeito do gênero textual, podemos classificá-lo como

a) reportagem, uma vez que predomina a exposição e cujo objetivo é levar informações acerca do entrevistado.

b) reportagem, cuja intenção é informar os leitores a respeito de um fenômeno meteorológico que teve grande impacto na vida da população de modo geral.

c) um editorial, por expressar a opinião de um jornal sobre um fato nacional da atualidade.

d) um artigo de opinião, por ser um texto argumentativo a partir do qual se defende um ponto de vista sobre a elevação do nível do mar que vem ocorrendo há anos.

e) uma entrevista, por ser um texto expositivo e informativo, cujo objetivo é fazer com que o leitor conheça melhor o que pensa o entrevistado.

TEXTO: 12 - Comum à questão: 27

Overbook

Vivo com alguns amigos e com uns poucos inimigos.

Todos necessários ou, pelo menos, inevitáveis.

São pessoas diferentes, com diferentes idades, nomes e apelidos próprios.

Diferem também no jeito de encarar e sentir a coisas.

Uns eu conheço bem, outros nem tanto.

Acordamos e dormimos juntos e, enquanto escrevo esta coluna, estamos todos ocupando o assento 4D de um avião.

Um em cima do outro, sobrepostos. Felizmente pelo custo de uma única passagem.

Somos eu, o Filho de meu pai, o Pai da minha filha, o Marido de minha mulher, do Dono da minha empresa, o Religioso, o

Gozador, o Boêmio, o Rebelde, o Civilizado... contei uns 17.

Estamos todos a caminho de Londrina, a trabalho.

Nem todos querem viajar. Duas horas antes, alguns não queriam fazer a barba.

Tudo é resolvido numa espécie de reunião de condomínio. O prédio não tem síndico.

O avião se prepara para decolar: o Religioso reza uma “avemaria”, enquanto o gozador pega o gancho da “ave” e vai trocando a letra “ave, Maria, cheia de garças, sabiá é convosco, bem-te-vi entre nós...” enche a prece de passarinhos – mesmo assim é uma prece. Ele acha que Deus é humor.

O avião ainda nem saiu do chão e o passageiro da frente deita a poltrona com violência. O Rebelde tenta se livrar das cordas, sem sucesso – o Dono da empresa e o Civilizado acham prudente amarrá-lo quanto viajamos a negócios.

Nós de marinheiro.

Não conheço Londrina, mas ouvi muito sobre a cidade na minha infância.

O Sobrinho do meu tio é o mais animado com a viagem, começa a planejar programas, atrapalhando a concentração do

Dono da minha empresa, que queria repassar os tópicos da apresentação.

Os dois começam a discutir, para desespero do Boêmio, que queria dormir.

A aeromoça passa oferecendo balas. O Neto do meu avô enche a mão.

O colunista vai parando por aqui, porque o piloto acaba de avisar que vamos entrar numa zona de turbulência.

O comentário do Gozador é impublicável.

27 - (UNIRG TO)

A constituição formal e discursiva do texto indica que se trata de um texto do gênero

a) relato de viagem: cenas de uma viagem são detalhadamente relatadas com objetividade.

b) conto de mistério: cenas inusitadas são criadas para expressar uma atmosfera sombria.

c) diário: as experiências cotidianas do personagem são narradas em ordem cronológica.

d) crônica: uma experiência do dia a dia é relatada a partir de uma perspectiva singular.

TEXTO: 13 - Comum à questão: 28

[1] Para avaliarmos o significado contemporâneo da [2] indústria cultural e dos meios de comunicação de massa [3] que a produzem, convém lembrarmos, brevemente, [4] o que se convencionou chamar de a condição [5] pós- moderna, isto é, a existência social e cultural sob [6] a economia neoliberal.

[7] A dimensão econômica e social da nova forma do [8] capital é inseparável de uma transformação sem [9] precedentes na experiência do espaço e do tempo, [10] designada por David Harvey como a "compressão [11] espaço-temporal". A fragmentação e a globalização da [12] produção econômica engendram dois fenômenos [13] contrários e simultâneos: de um lado, a fragmentação [14] e dispersão espacial e temporal e, de outro, sob os [15] efeitos das tecnologias eletrônicas e de informação, a [16] compressão do espaço — tudo se passa aqui, sem [17] distâncias, diferenças nem fronteiras — e a compressão [18] do tempo — tudo se passa agora, sem passado e sem [19] futuro. Em outras palavras, fragmentação e dispersão [20] do espaço e do tempo condicionam sua reunificação [21] sob um espaço indiferenciado (um espaço plano de [22] imagens fugazes) e um tempo efêmero desprovido de [23] profundidade. A profundidade do tempo e seu poder [24] diferenciador desaparecem sob o poder do instantâneo. [25] Por seu turno, a profundidade de campo, que define o [26] espaço da percepção, desaparece sob o poder de uma [27] localidade sem lugar e das tecnologias de sobrevoo. [28] Vivemos sob o signo da telepresença e da [29] teleobservação, que impossibilitam diferenciar entre a [30] aparência e o sentido, o virtual e o real, pois tudo nos é [31] imediatamente dado sob a forma da transparência [32] temporal e espacial das aparências, apresentadas como [33] evidências.

[34] Volátil e efêmera, hoje nossa experiência [35] desconhece qualquer sentido de continuidade e se [36] esgota num presente sentido como instante fugaz. Ao [37] perdermos a diferenciação temporal, não

só rumamos [38] para o que Virilio chama de “memória imediata”, ou [39] ausência da profundidade do passado, mas também [40] perdemos a profundidade do futuro como possibilidade [41] inscrita na ação humana enquanto poder para determinar [42] o indeterminado e para ultrapassar situações dadas, [43] compreendendo e transformando o sentido delas. Em [44] outras palavras, perdemos o sentido da cultura como [45] ação histórica.

Chauí, Marilena. **Cultura e democracia.** Crítica y emancipación:
Revista latinoamericana de Ciencias Sociales. Disponível em:<http://
bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/CyE/cye3S2a.pdf>. Acesso em: 19 out. 2013.
Adaptado.

28 - (UEFS BA)

Na construção argumentativa do texto, uma estratégia utilizada pela articulista é

a) a polifonia por meio da citação de enunciadores que apresentam ideologias diversas das defendidas pela articulista, como forma de criticar os valores pós-modernos.

b) a comparação entre a indústria cultural contemporânea e a do século passado, para convencer o interlocutor da transformação sem precedentes desse fenômeno socioeconômico.

c) a conceituação de fenômenos sociais próprios do contexto pós-moderno para que o interlocutor entenda a influência da economia neoliberal na construção ideológica da cultura na contemporaneidade.

d) uma causa e sua consequência, evidenciando que, em virtude do uso das novas tecnologias da informação, o indivíduo, como ser social, deve ressignificar os conceitos voláteis na relação tempo-espaço.

e) a citação e a análise de dois fenômenos gerados na prática e relacionados com a tecnologia da informação, que ressignifica as relações cotidianas com o tempo e o espaço, para caracterizar o sentido da cultura contemporânea.

TEXTO: 14 - Comum à questão: 29

O grande desastre aéreo de ontem

Vejo sangue no ar, vejo o piloto que levava uma flor para a noiva, abraçado com a hélice. E o violinista em que a morte acentuou a palidez, despenhar-se com sua cabeleira negra e seu estradivárius. Há mãos e pernas de dançarinas arremessadas na explosão. Corpos irreconhecíveis identificados pelo Grande Reconhecedor. Vejo sangue no ar, vejo chuva de sangue caindo nas nuvens batizadas pelo sangue dos poetas mártires. Vejo a nadadora belíssima, no seu último salto de banhista, mais rápida porque vem sem vida. Vejo três meninas caindo rápidas, enfunadas, como se dançassem ainda. E vejo a louca abraçada ao ramalhete de rosas que ela pensou ser o paraquedas, e a prima-dona com a longa cauda de lantejoulas riscando o céu como um cometa. E o sino que ia para uma capela do oeste, vir dobrando finados pelos pobres mortos. Presumo que a moça adormecida na cabine ainda vem dormindo, tão tranqüila e cega! Ó amigos, o paralítico vem com extrema rapidez, vem como uma estrela cadente, vem com as pernas do vento. Chove sangue sobre as nuvens de Deus. E há poetas míopes que pensam que é o arrebol.

Jorge de Lima

Disponível em: <http://www.jorgedelima.xpg.com.br/grande_desastre_aereo_de_ontem.htm>.
Acesso em: 05abril2014.

29 - (IFPE)

Tomando por base a tipologia, as características e os sentidos presentes no texto “O grande desastre aéreo de ontem”, julgue as seguintes proposições:

I. O texto é, predominantemente, descritivo, por isso se fundamenta na percepção sensorial e no relato das impressões capturadas pelo autor.

II. Para fazer a enumeração de tudo que vê e percebe, o poeta se vale de uma linguagem impessoal e do foco narrativo em terceira pessoa.

III. Jorge de Lima se utiliza, preeminentemente, de verbos no presente, o que confere à descrição um caráter atual.

IV. O fato de o poeta ter utilizado como tema central um desastre aéreo impede que o texto adquira poeticidade.

V. O narrador registra os acontecimentos de maneira subjetiva e, por diversas vezes, repete a forma verbal “vejo” para ratificar o seu caráter de testemunha dos fatos.

Estão corretas, apenas:

a) I, II e III

b) II, III e V

c) III e IV

d) I, III e V

e) I e IV

TEXTO: 15 - Comum à questão: 30

O significado de Mandela para o futuro ameaçado da humanidade

Leonardo Boff

1 Nelson Mandela, com sua morte, mergulhou no inconsciente coletivo da humanidade para nunca 2 mais sair de lá porque se transformou num arquétipo universal do injustiçado que não guardou rancor, que 3 soube perdoar, reconciliar polos antagônicos e nos transmitir uma inarredável esperança de que o ser 4 humano ainda pode ter jeito. Depois de passar 27 anos de reclusão e eleito presidente da África do Sul em 5 1994, se propôs e realizou o grande desafio de transformar uma sociedade estruturada na suprema injustiça 6 do apartheid, que desumanizava as grandes maiorias negras do país, condenando-as a não pessoas, numa 7 sociedade única, unida, sem discriminações, democrática e livre.

8 E o conseguiu ao escolher o caminho da virtude, do perdão e da reconciliação. Perdoar não é 9 esquecer. As chagas estão aí, muitas delas ainda abertas. Perdoar é não permitir que a amargura e o espírito 10 de vingança tenham a última palavra e determinem o rumo da vida. Perdoar é libertar as pessoas das 11 amarras do passado, é virar a página e começar a escrever outra a quatro mãos, de negros e de brancos. A 12 reconciliação só é possível e real quando há a admissão completa dos crimes por parte de seus autores e o 13 pleno conhecimento dos atos por parte das vítimas. A pena dos criminosos é a condenação moral diante de 14 toda a sociedade. Uma solução dessas, seguramente originalíssima, pressupõe um conceito alheio à nossa 15 cultura individualista: o ubuntu, que quer dizer: “eu só posso ser eu através de você e com você”. Portanto, 16 sem um laço

permanente que liga todos com todos, a sociedade estará, como na nossa, sob risco de 17 dilaceração e de conflitos sem fim.

18 Deverá figurar nos manuais escolares de todo o mundo esta afirmação humaníssima de Mandela: 19 "Eu lutei contra a dominação dos brancos e lutei contra a dominação dos negros. Eu cultivei a esperança do 20 ideal de uma sociedade democrática e livre, na qual todas as pessoas vivem juntas e em harmonia e têm 21 oportunidades iguais. É um ideal pelo qual eu espero viver e alcançar. Mas, se preciso for, é um ideal pelo 22 qual estou disposto a morrer".

23 Por que a vida e a saga de Mandela fundam uma esperança no futuro da humanidade e de nossa 24 civilização? Porque chegamos ao núcleo central de uma conjunção de crises que pode ameaçar o nosso 25 futuro como espécie humana. [...] Isso quer dizer que a crença persistente no mundo inteiro, também no 26 Brasil, de que o crescimento econômico material nos deveria trazer desenvolvimento social, cultural e 27 espiritual é uma ilusão. Estamos vivendo tempos de barbárie e sem esperança. [...]

28 Acrescento a opinião do conhecido filósofo e cientista político, Norberto Bobbio, que, como 29 Mandela, acreditava nos direitos humanos e na democracia como valores para equacionar o problema da 30 violência entre os estados e para uma convivência pacífica. Em sua última entrevista declarou: "Não saberia 31 dizer como será o Terceiro Milênio. Minhas certezas caem, e somente um enorme ponto de interrogação 32 agita a minha cabeça: será o milênio da guerra de extermínio ou o da concórdia entre os seres humanos? 33 Não tenho condições de responder a esta indagação".

34 Em face destes cenários sombrios, Mandela responderia seguramente, fundado em sua experiência 35 política: Sim, é possível que o ser humano se reconcilie consigo mesmo, que sobreponha sua dimensão de 36 sapiens àquela de demens e inaugure uma nova forma de estar juntos, na mesma casa.

37 Talvez valham as palavras de seu grande amigo, o arcebispo Desmond Tutu, que coordenou o 38 processo de Verdade e Reconciliação: "Tendo encarado a besta do passado olho no olho, tendo pedido e 39 recebido perdão e tendo feito correções, viremos agora a página — não para esquecer esse passado, mas 40 para não deixar que nos aprisione para sempre. Avancemos em direção a um futuro glorioso de uma nova 41 sociedade em que as pessoas valham não em razão de irrelevâncias biológicas ou de outros estranhos 42 atributos, mas porque são pessoas de valor infinito [...]".

43 Essa lição de esperança nos deixa Mandela: nós ainda viveremos se, sem discriminações, pusermos 44 em prática de fato o ubuntu.

(Disponível em: <http://leonardoboff.wordpress.com/2013/
12/07/o-significado-de-mandela-para-o-futuro-ameacado-dahumanidade/>,
acesso em: 10 mar. 2014. Adaptado.)

30 - (UNIMONTES MG)

Quanto à sua estruturação, são características desse texto, EXCETO

a) Uso abundante da adjetivação, traço revelador de subjetividade.

b) Utilização de vozes e opiniões alheias para sustentar suas teses.

c) Presença de um tom intimista em suas reflexões.

d) Utilização reiterada de linguagem figurada.

GABARITO:

1) Gab: E

2) Gab: A

3) Gab:

a) *A característica do modo de administrar do prefeito Graciliano Ramos que fica mais evidenciada no Relatório é a austeridade, a probidade em relação ao dinheiro público. Um exemplo disso é a preocupação com os gastos relativos à iluminação pública. Outra marca é a preocupação em seguir as leis e não apenas a tradição oral, como demonstra a tentativa de recuperar o Código Municipal.*

b) *Não. Há no texto inúmeros procedimentos linguísticos que fazem com que o Relatório acima fuja do modelo oficial desse tipo de documento. Usa-se linguagem figurada, por exemplo, "tempo das candeias de azeite", "o código era uma espécie de lobisomem"; e expressões coloquiais, como "badalados" e "esticou a canela".*

4) Gab: D

5) Gab: B

6) Gab: E

7) Gab: A

8) Gab: D

9) Gab: C

10) Gab: D

11) Gab: B

12) Gab: B

13) Gab: E

14) Gab: D

15) Gab: D

16) Gab: A

17) Gab: A

30) Gab: D

18) Gab: C

19) Gab: D

20) Gab: A

21) Gab: E

22) Gab: B

23) Gab: E

24) Gab: B

25) Gab: A

26) Gab: B

27) Gab: D

28) Gab: E

29) Gab: D

PORTUGUÊS

Crase – Parte I

Prof.ª Isabel Vega

►**Crase** → é a fusão de dois sons de “**a**”, em que um deles é obrigatoriamente o som da preposição **a**; o outro som pode ser o do artigo **a**, o do pronome demonstrativo **a** (redução de aquela), ou o da primeira sílaba dos pronomes demonstrativos **a**quele, **a**quela (e seus plurais) e **a**quilo.

Ex.1: Cheguei **à** escola bem cedo.

1 – A regência do verbo chegar obriga a preposição **a**.
2 – O substantivo escola no contexto pede o artigo definido **a**.

Ex.2: Limite-se **à**quilo que combinamos.

1 – A regência do verbo limitar-se obriga a preposição **a**.
2 – A primeira sílaba do pronome aquilo é a vogal **a**.

Ex.3: Minha agenda é igual **à**quela da Maria.
Minha agenda é igual **à** da Maria.

1 – A regência do adjetivo igual obriga a preposição **a**.
2 – A forma reduzida do pronome demonstrativo aquela é **a**.

OBS.: Casos em que a crase é facultativa:

1) Uso facultativo do artigo a.

a) antes de pronomes possessivos femininos.

Ex.: Levaremos o livro **à** (a + a) sua casa.

Levaremos o livro **a** (só preposição) sua casa.

b) antes de nomes próprios femininos.

Ex.1: Desejo tudo de bom **à** (a + a) Beatriz.

Desejo tudo de bom **a** (só preposição) Beatriz.

Ex.2: Quis ser agradável **à** Maria.
(Crase obrigatória para evitar ambiguidades.)

Quis ser agradável **a** Maria.

1- A Maria quis ser agradável com alguém).
2- Alguém quis ser agradável com Maria.

2)Uso facultativo da preposição a, formando a locução até a.

Ex.1: Leu o livro de uma vez **até** **a** última página.
artigo
preposição

Ex.2: Leu o livro de uma vez **até** **à** última página.
preposição **a** + artigo **a**
preposição

OBS.: A palavra **até** pode ser empregada como advérbio, com valor de **inclusive**, situação em que não possui a variante **até a**.

Ex.: Estudava [**até**] [as línguas antigas].
Estudava [**inclusive**] [as línguas antigas].

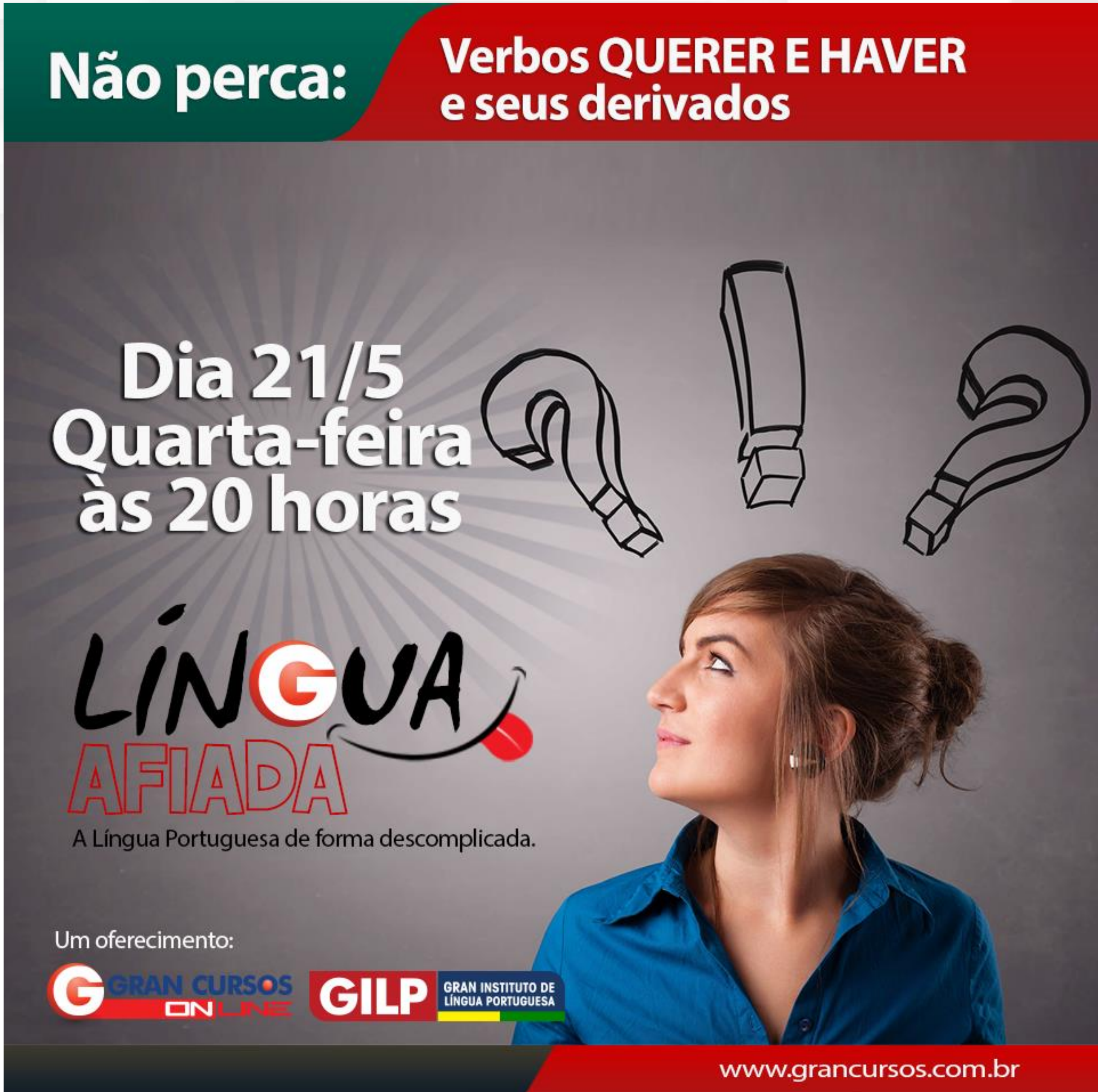

Não perca: Verbos QUERER E HAVER e seus derivados

Dia 21/5
Quarta-feira
às 20 horas

LÍNGUA AFIADA

A Língua Portuguesa de forma descomplicada.

Um oferecimento:

GRAN CURSOS ONLINE

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

www.grancursos.com.br

VERBOS

QUERER e HAVER

E OS SEUS DERIVADOS

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

Requerer

Eu quis	Requeri
Tu quiseste	Requereste
Ele quis	Requereu
…	Requeremos
	Requerestes
	Requereram.

requeresse, requeresses, requeresse,
requerêssemos, requerêsseis, requeressem.

Haver

- Pode ser verbo impessoal, no sentido de EXISTIR, OCORRER ou ACONTECER.

- Pode funcionar como verbo auxiliar.

- Pode significar “considerar”.

Haver e Reaver

Reaver – verbo defectivo, ou seja, não possui conjugação em certos tempos
e modos.

Opa! Conjuga-se da mesma maneira que o verbo haver; entretanto, apenas quando houver a letra V.

Eu hei, tu hás, ele há (sem a letra "v"),

Nós havemos (reavemos), vós haveis (reaveis) e eles hão (também sem "v").

O pretérito perfeito de reaver é "reouve" (como "houve"), o imperfeito é "reavia" (como "havia"), o mais-que-perfeito é "reouvera" (como "houvera") e assim por diante.

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

1. (TFT-MA) "se a queremos legítima." Das alterações feitas na passagem ao lado, a que tem erro de flexão verbal é:

a) se virmos sua legitimidade
b) se propormos sua legitimidade
c) se reouvermos sua legitimidade
d) se mantivermos sua legitimidade
e) se requerermos sua legitimidade

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA
LÍNGUA AFIADA

2. (CESESP-PE) Assinale a alternativa que estiver incorreta quanto à flexão dos verbos:

a) Ele teria pena de mim se aqui viesse e visse o meu estado.

b) Paulo não intervém em casos que requeiram profunda atenção.

c) O que nós propomos a ti, sinceramente, convém-te.

d) Se eles reouverem suas forças, obterão boas vitórias.

e) Não se premiam os fracos que só obteram derrotas.

3. (SANTA CASA) Os mesários ....-se de votar, mas não .... dispensa. Se você os ...., peça que venham aqui imediatamente.

a) absteram - requereram - vir
b) absteram - requiseram - ver
c) abstiveram - requereram - vir
d) abstiveram - requereram - ver
e) abstiveram - requiseram - ver

4. (CESCEM) Se você ...., e o seu amigo ...., talvez você .... esses bens.

a) requisesse - intervisse - reavesse
b) requeresse - intervisse - reavesse
c) requeresse - interviesse - reouvesse
d) requeresse - interviesse - reavesse
e) requisesse - interviesse - reouvesse

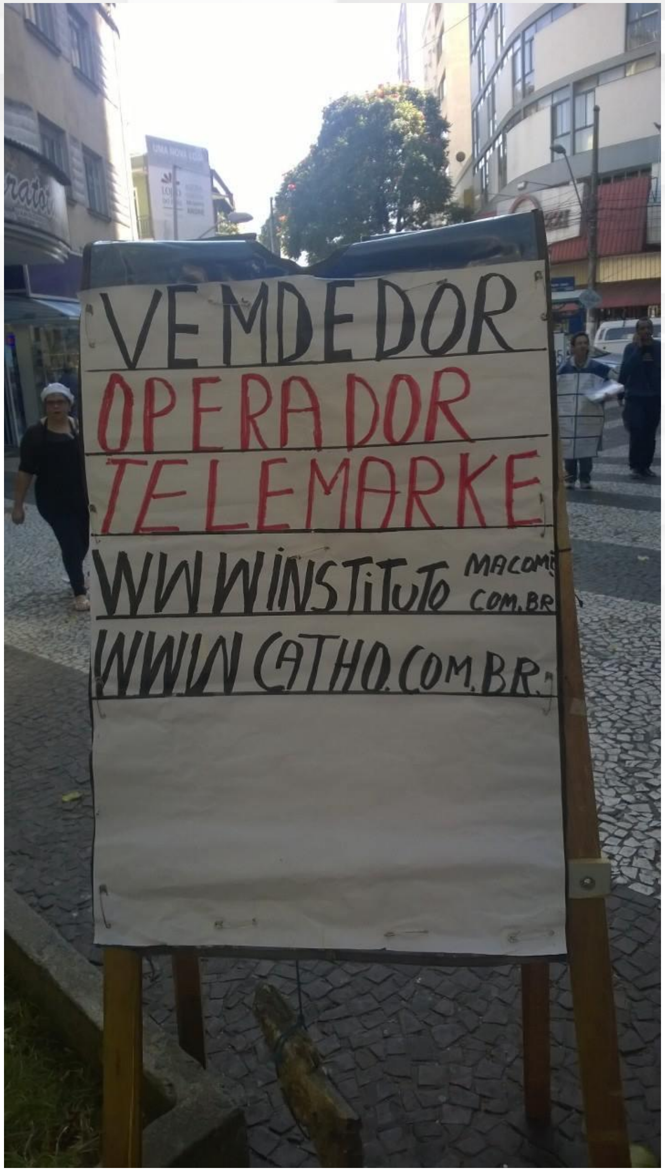
VEMDEDOR
OPERADOR
TELEMARKE
WWWINSTITUTO MACOM COM.BR
WWW CATHO.COM.BR.

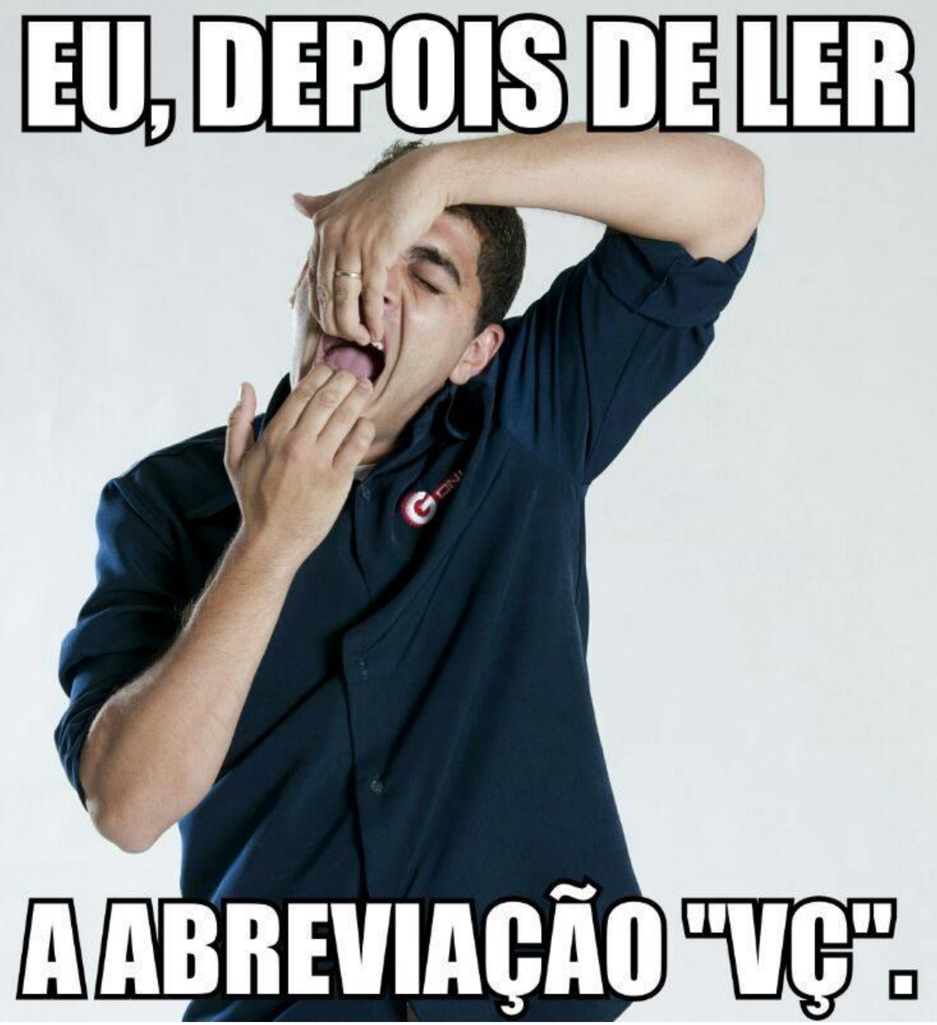
EU, DEPOIS DE LER
A ABREVIAÇÃO "VÇ".

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

LÍNGUA AFIADA

LÍNGUA
AFIADA!

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

TEXTO LITERÁRIO
E
TEXTO NÃO LITERÁRIO

Vânia Araújo

TEXTOS: LITERÁRIO E NÃO-LITERÁRIO

Os textos se dividem conforme o tipo de linguagem utilizada para a construção do discurso: existem os que privilegiam a linguagem literária e aqueles que preferem a linguagem não-literária.

Apesar de apresentarem pontos convergentes em sua elaboração, existem alguns aspectos cruciais que os diferenciam e saber reconhecer tais aspectos é fundamental para a compreensão dos diversos gêneros de textos que aparecem hoje nas provas.

Os diferentes tipos de linguagem utilizados estão relacionados à adequação do discurso ao leitor a que se destina o texto e, consequentemente, à intenção do autor ao produzi-lo:

- ✓ O **texto não-literário** tem como função comunicar, dar informações ao leitor, razão por que precisa revestir-se de credibilidade (o autor, em momento algum, deixa sua opinião se imiscuir no discurso). É um texto que apresenta recursos de linguagem que privilegiam a efetiva transmissão da informação – **a linguagem não-literária**.

- ✓ O **texto literário** tem como intenção privilegiar a arte na escrita de poemas, contos ou crônicas, cuja intencionalidade discursiva centra-se em despertar sentimentos e emoções por meio da multiplicidade de interpretações marcadas pela subjetividade. É um texto que apresenta recursos linguísticos tais como conotações inesperadas, figuras de linguagem e outros elementos que confiram ao texto um valor muito mais estético. E, desta feita, configura-se a chamada **linguagem literária**.

OBSERVE AS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DOS DOIS TIPOS DE LINGUAGEM:

- ✓ **LINGUAGEM LITERÁRIA:** apresenta características tais como a plurissignificação e a liberdade de criação, sem muito compromisso com a objetividade e a transparência na transmissão das ideias. Este tipo de linguagem é facilmente encontrado não apenas na prosa (em narrativas de ficção, crônicas, contos, novelas, romances etc.) mas também em versos (nos poemas, hinos e letras de músicas).

OBSERVAÇÃO:
Este tipo de linguagem torna-se mero objeto estético, e não linguístico – ao qual o autor pode atribuir significados de acordo com suas singularidades e perspectivas.

- ✓ **LINGUAGEM NÃO-LITERÁRIA:** tem características bem delimitadas, como a objetividade, a transparência e o compromisso com a informação exata – que servem para afastar possíveis equívocos na interpretação do texto. E, para isso, é imprescindível a adoção das convenções prescritas na gramática normativa. Este tipo de linguagem destaca-se em artigos jornalísticos, notícias, textos didáticos, verbetes de dicionários, textos científicos, entre outros gêneros textuais que privilegiem o uso de uma linguagem mais objetiva, concisa e clara.

FORMA E CONTEÚDO DOS TEXTOS

- ✓ **FORMA -** representa o aspecto físico ("como" o texto diz): sua composição, que se traduz pela maneira de estruturar, por seus aspectos lexicais, sintáticos, uso de tempos verbais etc.
- ✓ **CONTEÚDO -** representa o aspecto ideológico (ou "o que" o texto diz): as ideias, os significados e, principalmente, a intenção do autor ao produzir o texto.

IMPORTANTE!

Embora haja a predominância do conteúdo sobre a forma, este não poderá ser devidamente compreendido e examinado se a forma que o reveste for deficiente.

FORMAS DE ESTRUTURAR OS TEXTOS

PROSA – caracteriza os textos que reproduzem a maneira natural de falar, sem métrica nem rima. As linhas ocupam quase toda a extensão horizontal da página, demarcada fisicamente pela abertura de parágrafo (pequeno afastamento em relação à margem esquerda da folha). **O parágrafo é o ordenador lógico do texto em prosa**. Observe:

> Orwell não pôde imaginar quantos Pequenos Irmãos ganhariam poderes semelhantes nem quantas pessoas implorariam, de livre e espontânea vontade, para serem observadas. A Web surgiu em 1993 e o primeiro weblog, em 1994, mas foi em 1999 que passou a se chamar blog e tornou-se mania global.
>
> Muitos blogs têm funções informativas, mas o núcleo do fenômeno é a exposição do eu e da intimidade, de maneira banal ou chocante. A superexposição, a midiatização e o desdobramento da representação não se restringem a internautas compulsivos. Tudo e todos clamam freneticamente por atenção por todas as mídias, deixando cada um sem tempo para se conectar com o mundo real e com sua própria interioridade e intimidade.

In: **CartaCapital**, 15/11/2006, p.10-4 (com adaptações).

PROSA POÉTICA (POESIA EM PROSA)

- ✓ É a poesia escrita em prosa, isto é, sem as características físicas do poema, de métrica, ritmo, rima e outros elementos sonoros. Entretanto é um texto em forma de prosa que pode ser considerado “poesia" se sua função for poética, ou seja, se exprimir emoções e sentimentos.
- ✓ Esse tipo de texto se destaca por uma maior liberdade em relação à estrutura gramatical e, por isso, não pode ser analisado do ponto de vista da métrica e da rima – embora apresente certa musicalidade e ritmo. Caracteriza-se, normalmente, pelo estilo elegante, pelo uso deliberado de recursos estilísticos e pela expressão dos sentimentos de maneira lírica, quase filosófica.
- ✓ A prosa poética pode estar vinculada a um conto, uma crônica, enfim, a um microrrelato.

Para Alberto Pimenta (Portugal, 2009), “Não existe na designação *Prosa* contradição de termos, ao contrário do que possa supor. Com efeito, ***discurso em prosa*** (“Discurso que avança”) opõe-se a ***discurso em verso*** (“discurso que avança e retrocede”), e não a poesia. Prosa e verso são dois princípios de segmentação do discurso.”

POEMA – texto que se caracteriza pela escrita em versos. E que faz um uso muito particular da linguagem. Em geral, reflete o momento, o impacto dos fatos sobre o homem e a criação de imagens que traduzem esse impacto. **O verso é o ordenador rítmico e melódico do poema. Leia!**

MOTIVO

Cecília Meireles

Eu canto porque o instante existe
E a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
Sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
Não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
No vento.

Se desmorono ou se edifico,
Se permaneço ou me desfaço,
– não sei ...

https://www.pensador.com/frase/

VERBO-VISUAIS – textos que se caracterizam pela associação dos **códigos verbais** (normalmente com enunciados curtos) a **códigos não-verbais** (desenhos, imagens) com a finalidade de chamar a atenção do leitor para determinados assuntos. Observe:

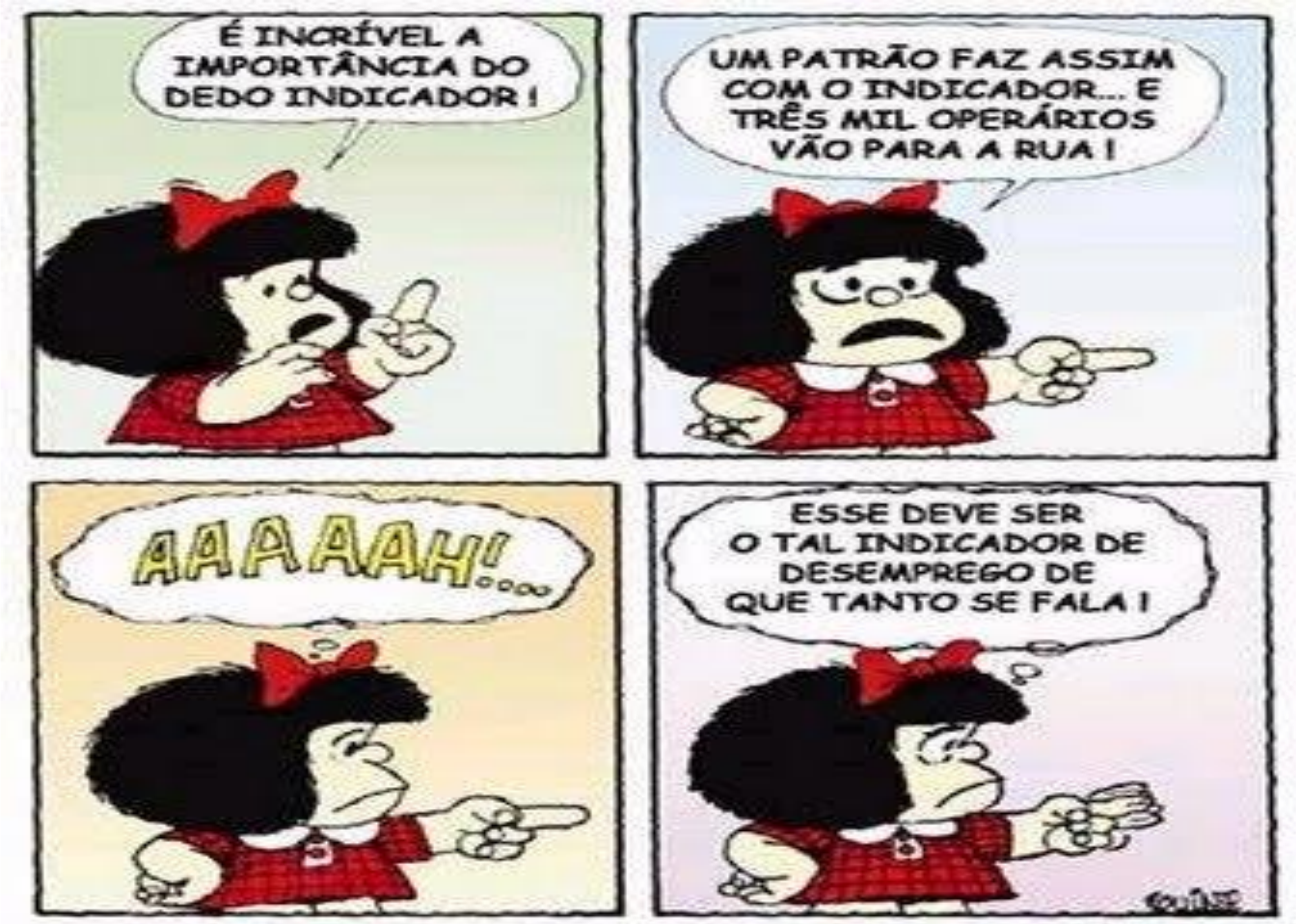
É INCRÍVEL A IMPORTÂNCIA DO DEDO INDICADOR!
UM PATRÃO FAZ ASSIM COM O INDICADOR... E TRÊS MIL OPERÁRIOS VÃO PARA A RUA!
AAAAAH!...
ESSE DEVE SER O TAL INDICADOR DE DESEMPREGO DE QUE TANTO SE FALA!
QUINO

https://observador.pt/2014/05/21/quino-criador-de-mafalda-vence-principe-das-asturias/

SEGUNDO O LINGUISTA LUIZ A. MARCUSCHI:

- ✓ **TIPOS TEXTUAIS –** são as construções teóricas marcadas pela natureza linguística de sua composição - como aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas e, principalmente, estilo e intenção de cada autor.
- ✓ **GÊNEROS TEXTUAIS –** são formas de textos orais ou escritos, materializados em situações comunicativas recorrentes em nossa vida cotidiana e que podem se caracterizar pelo uso bastante particular da linguagem.
- ✓ **DOMÍNIOS DISCURSIVOS –** representam as esferas da atividade humana nas quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais (já que toda e qualquer atividade discursiva se dá por meio de algum gênero de texto), que expressam nossa forma de ação, inserção e controle social no cotidiano.

VEJA, ABAIXO, OS TEXTOS MAIS CONTEMPLADOS NO UNIVERSO DOS CONCURSOS PÚBLICOS:

✓ TIPOLOGIA NARRATIVA:

- Notícias (de jornais e revistas);
- Crônicas reflexivas (extraídas de jornais e revistas);
- Crônicas literárias;
- Contos e romances (fragmentos).

✓ TIPOLOGIA DESCRITIVA:

- Fragmentos extraídos de textos cuja predominância é dissertativa, narrativa ou injuntiva.

✓ TIPOLOGIA DISSERTATIVA:

- Ensaios e artigos (de websites, jornais e revistas, bibliotecas virtuais);
- Editoriais, entrevistas e artigos de opinião (extraídos de jornais e revistas).

✓ TIPOLOGIA INJUNTIVA (INSTRUCIONAL/PREDITIVA):

- Fragmentos extraídos de outros tipos textuais.

Estratégia
CONCURSOS

Aula 06

Português p/ Polícia Civil-PA (Todos os Cargos) - Com videoaulas

Professores: Equipe Rafaela Freitas, Rafaela Freitas

AULA 06

REGÊNCIA NOMINAL E VERBAL

USO DA CRASE

Olá, alunos! Animados? Vamos seguir com os nossos estudos!!

Nesta aula, vamos falar sobre a relação entre os verbos e nomes (termos regentes) com seus complementos (termos regidos). Trata-se da **regência verbal e nominal**. Logo após, falaremos sobre as regras de uso da **crase**, assunto recorrente nas provas de concurso!

SUMÁRIO

REGÊNCIA VERBAL...02
REGÊNCIA NOMINAL...13
CRASE...15
RESUMO...25
QUESTÕES COMENTADAS...27
LISTA DE QUESTÕES QUE FORAM COMENTADAS NESTA AULA...................49
GABARITO...66
O MEU ATÉ BREVE...67

"Seja como os pássaros que, ao pousarem um instante sobre ramos muito leves, sentem-nos ceder, mas cantam! Eles sabem que possuem asas".

Victor Hugo

REGÊNCIA VERBAL

Trata-se da relação de dependência que se estabelece entre os verbos e seus complementos. Exemplo:

Eu comprei uma blusa.
Termo regente Termo regido

É o termo regente que pede o complemento preposicionado ou não, depende de sua transitividade e do sentido que ele tem. Porém, dependendo do sentido do verbo na frase, a sua **regência** pode variar.

Vejamos alguns exemplos em que isso acontece:

1. ASPIRAR:

- É Verbo Transitivo Direto (VTD) no sentido de inspirar:

Aspiramos o ar da manhã.
VTD Objeto Direto (OD)

- É Verbo Transitivo Indireto (VTI), rege uso da preposição "a", no sentido de almejar:

Aspiro ***a*** uma melhor posição.
VTI Objeto Indireto (OI)

Esclarecendo

ATENÇÃO ÀS SIGLAS:

VTD - verbo transitivo direto (aquele que **não** rege uso de preposição antes do complemento).

VTI - verbo transitivo indireto (aquele que rege o uso de preposição antes do complemento – de, a, para, com, sobre...).

VTDI – verbo transitivo direto e indireto (aquele que pede dois complementos, um direto – sem preposição – e outro indireto – com preposição).

VI – verbo intransitivo (não pede nenhum tipo de complemento).

OD – objeto direto (complemento de VTD).

OI – objeto indireto (complemento de VTI).

Isso irá facilitar as explicações!

Vejamos outros verbos que alteram o sentido quando a regência também muda:

2) ASSISTIR:

- É VTD no sentido de ajudar, de prestar assistência:

O médico assiste o doente.
VTD OD

- É VTI no sentido de ver, presenciar (rege uso da preposição "a"):

Assistiremos *a***o filme** já.
TI OI

FIQUE
atento!

É muito comum usarmos o verbo assistir no sentido de ver com a regência errada, sem a preposição antes do complemento:

Assisti o jogo de domingo em casa.

Neste caso, faltou a preposição "a" regida pelo verbo. Cuidado, pois, sem a preposição, o verbo assistir tem sentido de prestar assistência, ajudar!

O correto então é:

Assisti **a**o jogo de domingo em casa.

- É VTI também no sentido de caber e rege o uso da preposição "a":

Este direito não assiste ***a*** você.
VTI OI

- É intransitivo no sentido de morar, residir, ou seja, não pede complemento:

Você assiste ***em*** Juiz de Fora.
VI Adj. Adv. Lugar

ATENÇÃO: Juiz de Fora é Adjunto Adverbial de Lugar, não é complemento do verbo.

3. ATENDER:

- É VTD no sentido de acolher, receber, responder, ouvir, conceder:

O diretor atendeu os alunos.
VTD OD

Deus atendeu a súplica de seu servo.
VTD OD

ATENÇÃO: o "a" é artigo feminino singular.

- É VTI no sentido de dar atenção, considerar, prestar atenção. Rege o uso da preposição "a":

Atendemos **a**o apelo da anciã.
VTI OI
Não atendera **a**os amigos.
VTI OI

ATENÇÃO: o "a", nos dois casos, antes de "o" e de "os" é preposição exigida pela regência do verbo.

4. VISAR:

- É VTD no sentido de apontar, mirar:
O atirador visou o alvo.
VTD OD

- É VTD no sentido de dar o visto:
O gerente do BB visou o cheque.
VTD OD

- É VTI no sentido de ter em vista, rege a preposição "a":
Eu visava ***a***o seu bem.
VTI OI

5. QUERER:

- É VTD no sentido de desejar:
Eu quero aquele carro.
VTD OD

- É VTI no sentido de estimar. Rege o uso da preposição "a":

Os netos querem ***a***o avô.
VTI OI

tome nota!

Admite voz passiva = O avô é querido pelos (dos) netos.
Sujeito Agente da passiva

6. CUSTAR:

- É VTI no sentido de ser difícil:

Custou-me acatar tal ideia.
VTI OI Sujeito
(Acatar tal ideia custa **a** mim)

- É VI também no sentido de ser difícil:

Custa muito acatar tal ideia.
VI Sujeito
(Acatar tal ideia custa)

- É VTDI no sentido de acarretar:

O ciúme custou-lhe dor.
Suj. OI OD
(O ciúme custa dor **à** ele)

7. ESQUECER / LEMBRAR:

- É VTD no sentido de sair da memória.

Esqueci os fatos passados.

VTD OD

- É VTI no sentido de sair da memória, mas quando houver uso de pronome.

(pronominal)

Esqueci-***me*** ***d***os fatos passados.

VTI OI

ATENÇÃO: se os verbos esquecer e lembrar forem pronominais, também serão VTIs e regem a preposição "de".

- É VTI = cair no esquecimento, perder importância.

Esqueceram-me os fatos passados.

VTI OI Sujeito

8. PROCEDER:

- É VI no sentido de ter fundamento:

Sua atitude não procede.

VI

- É também VI no sentido de procedência:

Nós procedemos **de Minas**.

VI Adj. Adv. Lugar

ATENÇÃO: "de Minas" é adjunto Adverbial de Lugar, NÃO é complemento verbal.

- É VTI no sentido de dar início ou sequência e rege o uso da preposição "a":

O juiz procedeu ao julgamento.

VTI OI

9. IMPLICAR:

- É VTD no sentido de acarretar**:**

Seu gesto implicará punição.
VTD OD

OPA,
pegadinha!

Seu gesto implicará **EM** punição = ERRADO

- É VTI no sentido de antipatizar e rege o uso da preposição “com”:

Ela implicou **com** o rapaz.
VTI OI

- É VTI no sentido de comprometer-se e rege o uso da preposição “em”:

Implicou-***se*** **em** assaltos.
VTI OI

- É VTDI no sentido de envolver e rege o uso da preposição “em” no OI:

Ele implicou o rapaz no crime**.**
VTDI OD OI

10. PRECISAR:

- É VTD ou VTI no sentido de ter necessidade:

O país precisava de agrônomos.
VTI OI

- Rege o uso da preposição “de”.

Precisava fazenda macia e pulseiras.
VTD OD

- É VTD para indicar algo com exatidão:

Ele não sabe precisar a quantia.
VTD OD

11. CHAMAR:

- É VTD no sentido de convocar:

O mestre chamou os alunos.
VTD OD

- É VTD + predicativo quando usado para cognominar:

Chamaram Pedro **de herói**.
VTD OD Predicativo do Objeto Direto "Pedro"

- É VTI + predicativo também para cognominar:

Chamaram a Pedro **de herói**.
VTI OI Predicativo do Objeto Indireto "Pedro"

Fácil até aqui, queridos alunos?? Espero que sim! Agora vejam os casos a seguir:

12. INFORMAR:

- É sempre VTDI:

Informamos o prefeito ***d***o desastre.
VTDI OD OI

Informamos o desastre ***a***o prefeito.
VTDI OD OI

13. PAGAR / PERDOAR:

- É VTD quando refere-se a coisas:

Paguei o livro.
VTD OD

- É VTI quando refere-se a pessoas e rege o uso da preposição "a":

Paguei ***a***o vendedor.
VTI OI

- É VTDI quando refere-se a coisas e a pessoas:

Paguei o livro ***a***o vendedor.
VTDI OD OI

14. OBEDECER / DESOBEDECER:

- É sempre VTI e rege a preposição "a":

Os filhos obedecem ***a***os pais.
VTI OI

OPA,
pegadinha!

Cuidado! É comum o uso equivocado da regência dos verbos obedecer e desobedecer:

O jogador desobedeceu o juiz – ERRADO!

O jogador desobedeceu **a**o juiz – CORRETO!

tome nota!

Admite voz passiva = **Os pais** são obedecidos pelos filhos.
Sujeito Agente da Passiva

15. PREFERIR:

- É sempre VTDI e rege a preposição “a” no objeto indireto:

Prefiro doce ***a*** salgado.
VTDI OD OI

OPA, pegadinha!

Prefiro cinema que teatro = ERRADO!

Prefiro mais cinema do que teatro = ERRADO!

Prefiro cinema **a** teatro = CORRETO!

16. SIMPATIZAR:

- É sempre VTI e rege a preposição “com”:

Não simpatizo com você.
VTI OI

OPA, pegadinha!

ATENÇÃO: o verbo simpatizar NÃO é pronominal!

Não ME simpatizo com você. = ERRADO!

17. CHEGAR:

- É sempre VI:

Cheguei ***a***o colégio.
VI Adj. Adv. Lugar

ATENÇÃO: “ao colégio” é adjunto Adverbial de Lugar, não é complemento verbal.

OPA,
pegadinha!

Cheguei **no carro** da minha irmã. = CERTO
Adj. Adv. Lugar

Cheguei ***no*** colégio. = ERRADO

Cheguei ***ao*** colégio. = CORRETO

18. NAMORAR:

- É sempre VTD:

Namorei aquele garoto.
VTD OD

OPA,
pegadinha!

* Namorei **COM** aquela garota. = *ERRADO*

O verbo namorar não rege preposição!

REGÊNCIA NOMINAL

Trata-se da relação que se estabelece entre o ***NOME*** e o termo (palavra ou expressão) que lhe serve de complemento, pois assim como há verbos com sentido incompleto, alguns nomes (adjetivos, substantivos e alguns advérbios) também precisam de complemento.

Estava	***ansioso***	***por*** vê-la.
	T. Regente	T. Regido

Alguns exemplos:

Atenção para o uso da preposição adequada:

Esse agasalho me parece ***adequado a***o clima da região.
Poucas pessoas têm ***capacidade de / para*** argumentar com coerência.
Helena, aos dez anos, já é ***responsável pelos*** irmãos mais novos.

Os nomes podem reger mais de uma preposição, saber qual usá-las vai depender do contexto, da clareza e da eufonia.

A lista a seguir apresenta, para consulta, alguns nomes e as preposições que mais comumente eles exigem. A lista não para por aqui, são muitas possiblidades!

Acessível **a**
Acostumado **a** ou **com**
Alheio **a**
Alusão **a**
Ansioso **por**
Atenção **a** ou **para**
Atento **a** ou **em**

Benéfico **a**
Compatível **com**
Cuidadoso **com**
Desacostumado **a** ou **com**
Desatento **a**
Desfavorável **a**
Desrespeito **a**

Estranho **a**

Favorável **a**

Fiel **a**

Grato **a**

Hábil **em**

Habituado **a**

Inacessível **a**

Indeciso **em**

Invasão **de**

Junto **a** ou **de**

Leal **a**

Maior **de**

Morador **em**

Natural **de**

Necessário **a**

Necessidade **de**

Nocivo **a**

Ódio **a** ou **contra**

Odioso **a** ou **para**

Posterior **a**

Preferência **a** ou **por**

Preferível **a**

Prejudicial **a**

Próprio **de** ou **para**

Próximo **a** ou **de**

Querido **de** ou **por**

Residente **em**

Respeito **a** ou **por**

Sensível **a**

Simpatia **por**

Simpático **a**

Útil **a** ou **para**

Versado **em**

Antes de falarmos sobre CRASE, vejam que questão interessante:

FIQUE atento!

(TRT/16ª REGIÃO/MA/2014/Analista Judiciário

O segmento do verbete que apresenta descuido quanto à regência é:

a) Adoção [...] de políticas e práticas organizacionais socialmente responsáveis.

b) Seu objetivo básico é atuar no meio ambiente [...], inter-relacionando-se com o equilíbrio ecológico, com o desenvolvimento econômico e com o equilíbrio social.

c) a organização que exerce sua responsabilidade social procura respeitar e cuidar da comunidade.

d) a organização que exerce sua responsabilidade social procura [...] conservar a vitalidade da terra e a biodiversidade.

e) a organização que exerce sua responsabilidade social procura [...] promover o desenvolvimento sustentável, o bem-estar e a qualidade de vida.

Comentário: todas as alternativas estão corretas, com exceção da C. Atenção, pois o uso da conjunção "e" está irmanando, ou seja, colocando como iguais os verbos "respeitar" e "cuidar". O problema é que a regência desses dois verbos não é a mesma e apenas a do verbo "cuidar" foi respeitada no paralelismo: "cuidar ***de+a = da*** *comunidade". Como resolver o problema? Temos que dissociar os dois verbos, assim: ... procura respeitar a comunidade e cuidar dela. Dessa forma, a gerência do verbo "respeitar", que não pede preposição (o "a" é artigo de "comunidade) e a do verbo "Cuidar", que rege a preposição "de", estarão respeitadas. Questão muito boa!*

GABARITO: C

CRASE

Para início de conversa: crase não é acento, e sim superposição de dois "as". O primeiro é uma preposição, o segundo, pode ser um artigo definido, um pronome demonstrativo a(as) ou aquele(a/s), e aquilo. O acento que marca este fenômeno é o grave (`).

O domínio da crase depende de o aluno conhecer a regência de alguns verbos e nomes.

Vejamos os casos de uso da crase:

1. Crase da preposição a com o artigo definido a(s):

- Condições necessárias para ocorrer crase: termo regente deve exigir a preposição e o termo regido tem de ser uma palavra feminina que admita artigo.

ATENÇÃO
decore!

Uma dica é trocar a palavra feminina por uma masculina equivalente, se aparecer ao(s) usa-se crase, caso apareça a ou o(s) não haverá crase.

a) *Todos iriam à reunião.*

Substituindo a palavra feminina "reunião" pela masculina "encontro", temos:

b) *Todos iriam* ***ao*** *encontro.*

A crase é obrigatória:

- Em locuções prepositivas, adverbiais ou conjuntivas (**femininas**).

Ex. à queima-roupa, às cegas, às vezes, à beça, à medida que, à proporção que, à procura de, à vontade

FIQUE
atento!

Em expressões que indicam instrumento, crase é opcional:

Ex.: Escrevi a (à) máquina.

- Expressão à moda de, mesmo que subentendida.

a) *Era um penteado à francesa (à moda francesa).*

b) *O jogador fez um gol à Pele (à moda do Pelé).*

- Quando as palavras "rua", "loja", "estação de rádio" estiverem subentendidas.

a) Maria dirigiu-se à Globo (dirigiu-se à estação de rádio).

- Na expressão devido à (s) + palavra feminina ocorre a crase.

a) Devido à descoberta, as alterações serão feitas.

2. Situações em que não existe crase:

- antes de palavra masculina e de verbos.

a) *Vende-se a prazo.*

b) *O texto foi redigido a lápis.*

c) *Ele começou a fazer dietas.*

- antes de artigo indefinido e numeral cardinal (exceto em horas).

a) *Refiro-me a uma blusa mais fina.*

b) *O vilarejo fica a duas léguas daqui.*

- antes dos pronomes pessoais, inclusive as formas de tratamento.

a) *Enviei uma mensagem a Vossa Majestade.*

b) *Nada direi a ela.*

FIQUE
atento!

Neste caso, os pronomes senhora e senhorita são exceções.

- antes de pronomes demonstrativos esta(s) e essa(s).

a) *Refiro-me a estas flores.*

b) *Não deram valor a esta ideia.*

- antes de pronomes indefinidos, com exceção de **outra.**

a) *Direi a todas as pessoas.*

b) *Fiz alusão a esta moça e à outra.*

Entendendo a exceção...

A regra é que, antes dos indefinidos NÃO existe crase. Ocorre, porém, que alguns indefinidos, não só o "outra" (tal, mesma, muitas, pouca), podem admitir o artigo "a" antes deles, dando ensejo à crase. Como saber se há o artigo antes do indefinido? Fazendo a substituição do substantivo feminino que os segue por outro masculino correlato, comprovaremos a ocorrência da crase:

Exemplo:

Assistimos sempre **às** *mesmas* cenas (**aos** mesmos episódios). >> COM CRASE.

Exemplo tirado do exercício 14 desta aula:

"... passava as tardes perambulando de uma praça **a** outra" (perambulando de um bosque **a** outro bosque). >> o indefinido "outra" não está acompanhado de artigo para que a crase seja exigida. Caso fosse formado: de um lugar AO outro... aí sim teria crase.

Normalmente, o uso ou não da crase antes dos indefinidos está ligado à regência do verbo da oração:

Assistimos **a** quê?

Perambulando de um lugar **a** outro.

Os verbos "assistir" e "perambular" regem o uso da preposição "a".

- se antes da preposição **a** tiver outra preposição.

a) Compareceu **perante a** juíza no dia da audiência.

FIQUE
atento!

Com a preposição **até** o uso é facultativo.

Chegou até a (à) escola rapidamente.

- no meio de expressões com palavras repetitivas.

Ficamos cara a cara.

- no **a** singular seguido de palavra no plural.

Pediu apoio a pessoas estranhas.

- não haverá crase antes de pronome interrogativo.

Referiu-se a quem?

- palavra feminina tomada em sentido genérico.

A pena pode ir de advertência a multa.

Multa = qualquer tipo.

Havendo determinação, a crase é indispensável:

Ele admite ter cedido à pressão **dos superiores** (determinação).

Vejam uma questão ilustrativa:

ESTA CAI
na prova!

(TRF/4ª REGIÃO/2014/Técnico Judiciário/adaptada

Substituindo-se o elemento grifado pelo que se encontra entre parênteses, o sinal indicativo de crase deverá ser acrescentado nos dois casos a seguir:

I. ... que uma educação liberal, ao alcance de todos... (dispor de todos) (2º parágrafo)

II ... são um obstáculo a indivíduos independentes. (criação de indivíduos independentes) (5º parágrafo)

Comentário: a questão está errada, pois a crase deverá ser usada em apenas alternativas. Vejam:

I. Nunca usamos crase antes de verbo, sendo assim, antes do verbo "dispor", não poderá haver crase.

... que uma educação liberal, ***a dispor*** *de todos...*

II. Na alteração indicada, a crase vai ocorrer pela aglutinação da preposição "a", exigida pela regência do nome "obstáculos", e o artigo feminino que acompanha o substantivo feminino "criação". ***A prep. + A artigo = à.*** *Regra geral de uso da crase.*

... são um obstáculo ***à criação*** *de indivíduos independentes.*

GABARITO: ERRADO.

3. A crase é facultativa:

- antes de nomes próprios femininos (exceto em nomes de personalidade pública - sem artigo):

a) Enviei um presente a (à) Maria.

tome nota!

A exceção ocorre quando o nome feminino vier acompanhado de uma expressão que a determine, então a crase será obrigatória:

Dedico minha vida à Rosa **do Jaboatão** (determinação).

- antes do pronome adjetivo possessivo feminino singular:

a) *Pediu informações a minha secretária.*
b) *Pediu informações à minha secretária.*
c) *Pediu informações a minhas secretárias.*
d) *Pediu informações as minhas secretárias.*
e) *Pediu informações às minhas secretárias.*

tome nota!

Se o pronome possessivo for substantivo e por regência a preposição for exigida, a crase será obrigatória:

Foi a [à] sua cidade natal e à minha.

A segunda crase do exemplo acima é obrigatória, enquanto a primeira é facultativa.

- antes de topônimos, a menos que estejam determinados.

a) *Iremos a Curitiba.*

b) *Iremos à* ***bela*** *Curitiba.*

c) *Iremos à Bahia.*

ATENÇÃO
decore!

Lá vai um MACETE!

Para saber se antes do topônimo (nome de um lugar) tem crase, basta decorar o versinho:

Chego da, crase há!
Chego de, crase pra quê?

Testando o macete...

Cheguei **da** Bahia = fui à Bahia (com crase)

Cheguei **de** Manaus = fui a Manaus (sem crase)

Cheguei **da** Alemanha = fui à Alemanha (com crase)

Cheguei de Ubatuba = fui a Ubatuba (sem crase)

Fácil não é?? Teste outros topônimos...

4. Crase da preposição a com pronome demonstrativo e relativo

Com os demonstrativos aquele(s), aquela(s) e aquilo, basta verificar se, por regência, alguma palavra pede a preposição que irá se fundir com o "a" inicial do próprio pronome.

ATENÇÃO
decore!

O MACETE é trocar aquele(a/s) por este(a/s) e aquilo por isto, se antes aparecer **a**, há crase.

a) *Enviei presentes àquela menina (**a** esta menina).*

b) *A matéria não se relaciona àqueles problemas (**a** estes problemas).*

c) *Não de ênfase àquilo (a isto).*

O pronome demonstrativo a(s) aparece antes de **que** ou **de** e pode ser trocado por aquela(s). Deve-se fazer o teste da troca por um masculino similar e verificar se aparece ao(s):

a) *Esta estrada é paralela à que corta a cidade (O caminho é paralelo **ao** que corta a cidade).*

ATENÇÃO: Antes dos pronomes relativos "que" e "quem" não ocorre crase. Já o pronome qual(s) admite crase.

ATENÇÃO decore!

O MACETE é trocar o substantivo feminino anterior ao pronome por um masculino, se aparecer ao(s) há crase.

a) *A menina à qual me refiro não estudou (O menino ao qual me refiro...).*

b) *A professora à qual me refiro é bonita (O professor ao qual me refiro...).*

c) *A fama à qual almejo não é difícil (O sucesso ao qual almejo...).*

5. Casos especiais sobre o uso da crase:

- antes da palavra casa:

Quando a palavra **casa** significar lar, domicílio e não vier acompanhada de adjetivo, ou locução adjetiva, não se usará a crase.

Iremos a casa assim que chegarmos (Iremos ao lar assim que chegarmos).

Quando a palavra **casa** estiver modificada por adjetivo ou locução adjetiva ocorrerá crase.

Iremos à casa ***de minha mãe****.*

- antes da palavra terra:

Oposto de mar, ar e bordo - não há crase

O Marinheiro forma a terra.

Quando terra significar solo, planeta ou lugar - poderá haver crase.

a) *Voltei à terra natal.*

b) *A espaçonave voltará à Terra em um mês.*

- antes da palavra distância:

Não se usa crase, salvo se vier determinada.

a) *Via-se o barco à distância de quinhentos metros (determinado).*

b) *Olhava-nos a distância.*

Resumindo

Vimos na aula de hoje que a **REGÊNCIA** é o estudo da maneira como os verbos (regência verbal) e os nomes (regência nominal) estão ligados aos seus complementos na análise sintática das orações.

REGÊNCIAS MAIS USADAS DE ALGUNS VERBOS:

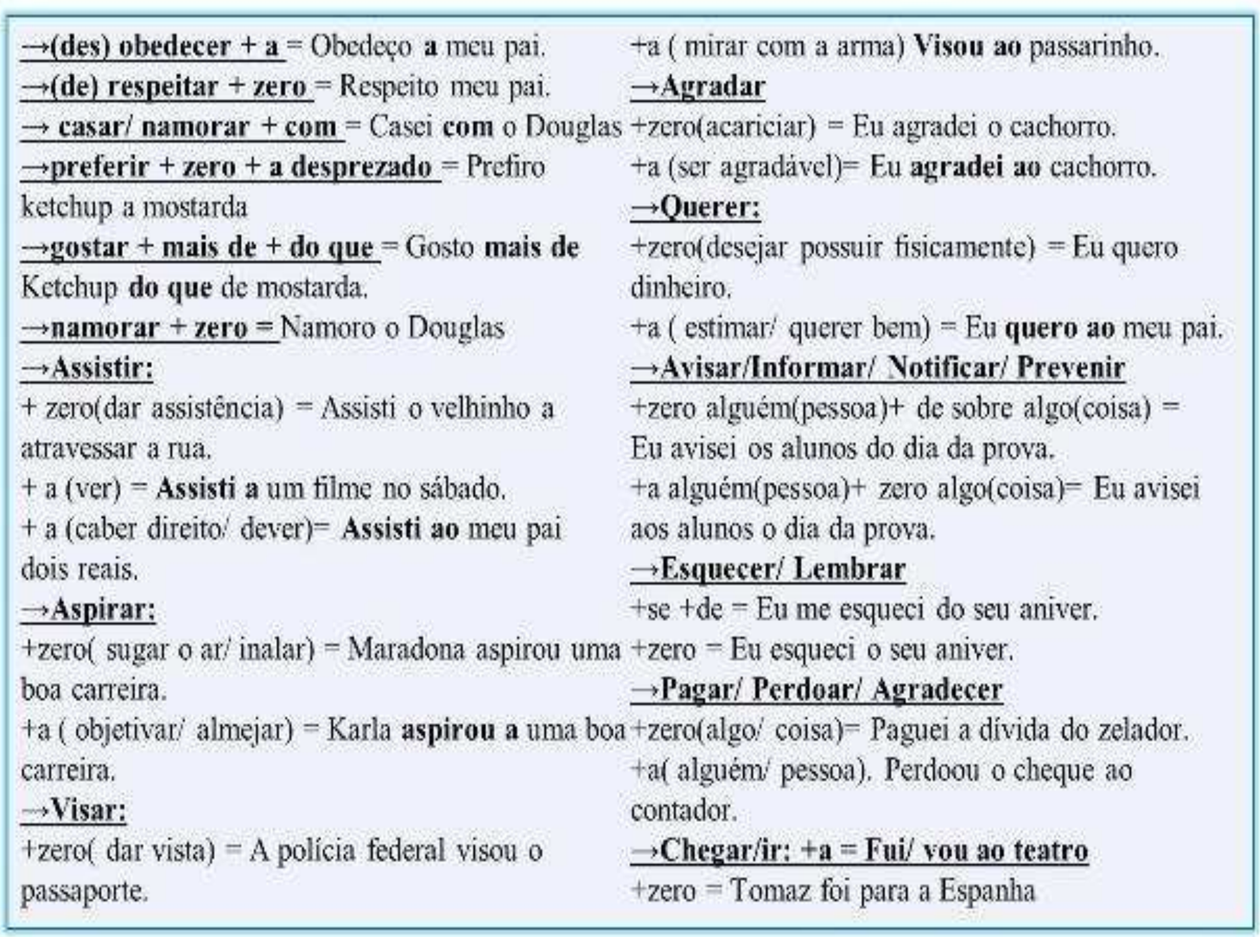

→(des) obedecer + a = Obedeço **a** meu pai.

→(de) respeitar + zero = Respeito meu pai.

→ casar/ namorar + com = Casei **com** o Douglas

→preferir + zero + a desprezado = Prefiro ketchup a mostarda

→gostar + mais de + do que = Gosto **mais de** Ketchup **do que** de mostarda.

→namorar + zero = Namoro o Douglas

→Assistir:

+ zero(dar assistência) = Assisti o velhinho a atravessar a rua.

+ a (ver) = **Assisti a** um filme no sábado.

+ a (caber direito/ dever)= **Assisti ao** meu pai dois reais.

→Aspirar:

+zero(sugar o ar/ inalar) = Maradona aspirou uma boa carreira.

+a (objetivar/ almejar) = Karla **aspirou a** uma boa carreira.

→Visar:

+zero(dar vista) = A polícia federal visou o passaporte.

+a (mirar com a arma) **Visou ao** passarinho.

→Agradar

+zero(acariciar) = Eu agradei o cachorro.

+a (ser agradável)= Eu **agradei ao** cachorro.

→Querer:

+zero(desejar possuir fisicamente) = Eu quero dinheiro.

+a (estimar/ querer bem) = Eu **quero ao** meu pai.

→Avisar/Informar/ Notificar/ Prevenir

+zero alguém(pessoa)+ de sobre algo(coisa) = Eu avisei os alunos do dia da prova.

+a alguém(pessoa)+ zero algo(coisa)= Eu avisei aos alunos o dia da prova.

→Esquecer/ Lembrar

+se +de = Eu me esqueci do seu aniver.

+zero = Eu esqueci o seu aniver.

→Pagar/ Perdoar/ Agradecer

+zero(algo/ coisa)= Paguei a dívida do zelador.

+a(alguém/ pessoa). Perdoou o cheque ao contador.

→Chegar/ir: +a = Fui/ vou ao teatro

+zero = Tomaz foi para a Espanha

REGÊNCIAS MAIS USADAS PARA ALGUNS NOMES:

Substantivos: admiração a, por; atentado a, contra; aversão a, para, por; avidez por; bacharel em; capacidade de, para; devoção a, por; doutor em; dúvida acerca de, em, sobre; horror a; impaciência com; ojeriza a, por; respeito a, com, para com.

Adjetivos: acessível a; acostumado com, a; afável com, para com; agradável a; alheio a; análogo a; ansioso de, por; apto a, para; ávido de, por; benéfico a; capaz de, para; compatível com; contemporâneo de, a; contíguo a; entendido em; hábil em; habituado a; indeciso em, para; liberal com; morador em; nocivo a, para; parco de, em; preferível a; prejudicial a; propício a; próximo a, de; residente em; semelhante a; sensível a, com; sito em; suspeito de; socorrido em; vazio de

CRASE

Para finalizar, separei um quadro com um resumo do uso da crase:

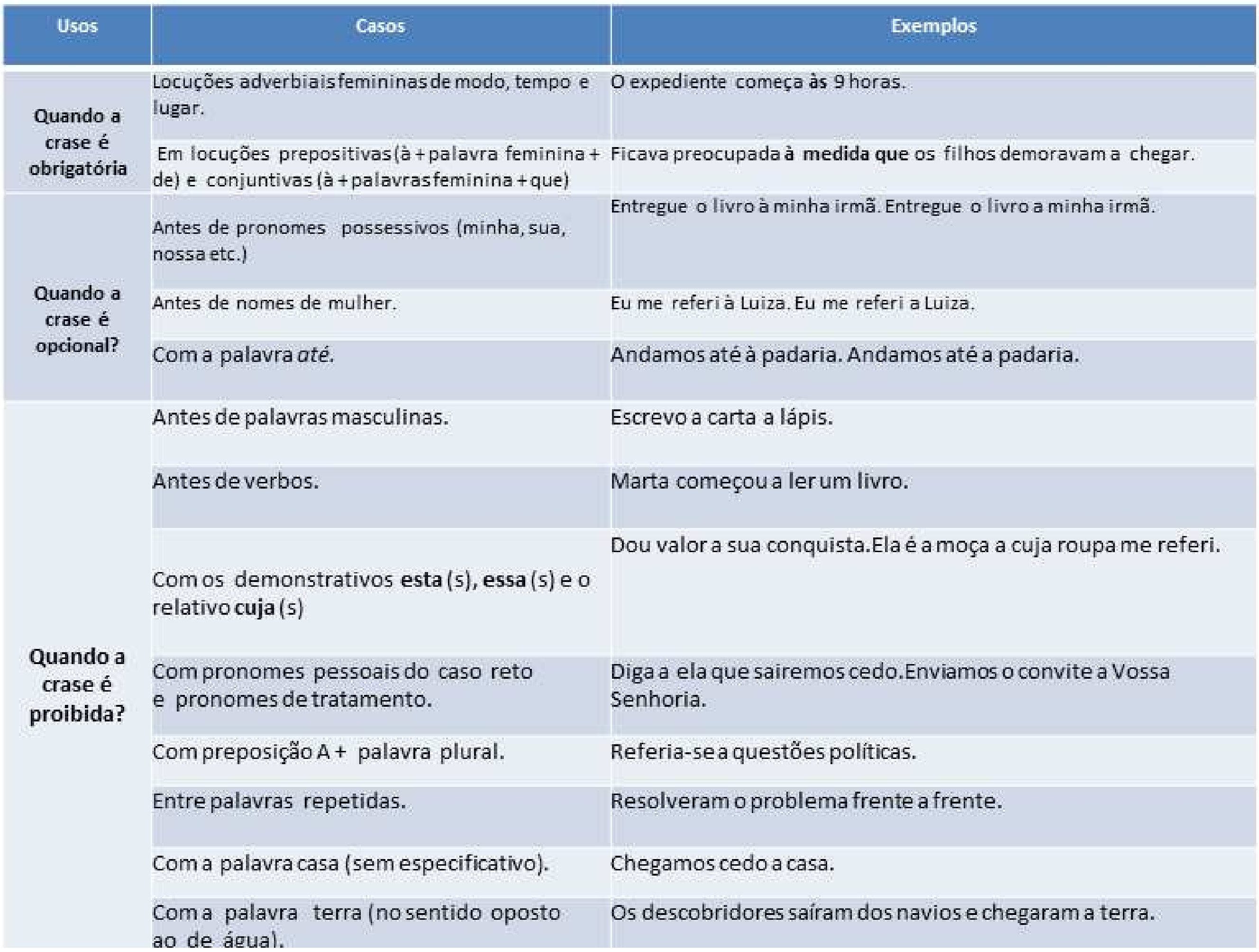

Usos	Casos	Exemplos
Quando a crase é obrigatória	Locuções adverbiais femininas de modo, tempo e lugar.	O expediente começa **às** 9 horas.
	Em locuções prepositivas (à + palavra feminina + de) e conjuntivas (à + palavras feminina + que)	Ficava preocupada **à medida que** os filhos demoravam a chegar.
Quando a crase é opcional?	Antes de pronomes possessivos (minha, sua, nossa etc.)	Entregue o livro à minha irmã. Entregue o livro a minha irmã.
	Antes de nomes de mulher.	Eu me referi à Luiza. Eu me referi a Luiza.
	Com a palavra *até*.	Andamos até à padaria. Andamos até a padaria.
Quando a crase é proibida?	Antes de palavras masculinas.	Escrevo a carta a lápis.
	Antes de verbos.	Marta começou a ler um livro.
	Com os demonstrativos **esta** (s), **essa** (s) e o relativo **cuja** (s)	Dou valor a sua conquista. Ela é a moça a cuja roupa me referi.
	Com pronomes pessoais do caso reto e pronomes de tratamento.	Diga a ela que sairemos cedo. Enviamos o convite a Vossa Senhoria.
	Com preposição A + palavra plural.	Referia-se a questões políticas.
	Entre palavras repetidas.	Resolveram o problema frente a frente.
	Com a palavra casa (sem especificativo).	Chegamos cedo a casa.
	Com a palavra terra (no sentido oposto ao de água).	Os descobridores saíram dos navios e chegaram a terra.

HORA DE
praticar!

A outra noite

Outro dia fui a São Paulo e resolvi voltar à noite, uma noite de vento sul e chuva, tanto lá como aqui. Quando vinha para casa de táxi, encontrei um amigo e o trouxe até Copacabana; e contei a ele que lá em cima, além das nuvens, estava um luar lindo, de lua cheia; e que as nuvens feias que cobriam a cidade eram, vistas de cima, enluaradas, colchões de sonho, alvas, uma paisagem irreal.

Depois que o meu amigo desceu do carro, o chofer aproveitou um sinal fechado para voltar-se para mim:

- O senhor vai desculpar, eu estava aqui a ouvir sua conversa. Mas, tem mesmo luar lá em cima?

Confirmei: sim, acima da nossa noite preta e enlamaçada e torpe havia uma outra - pura, perfeita e linda.

-Mas que coisa...

Ele chegou a pôr a cabeça fora do carro para olhar o céu fechado de chuva. Depois continuou guiando mais lentamente. Não sei se sonhava em ser aviador ou pensava em outra coisa.

-Ora, sim senhor...

E, quando saltei e paguei a corrida, ele me disse um“boa noite” e um “muito obrigado ao senhor” tão sinceros, tão veementes, como se eu lhe tivesse feito um presente de rei.

(BRAGA, Rubem. *Para gostar de ler*, vol. 2, crônicas. São Paulo, Ática.)

01. **(SEPLAG-MG – 2014 – Direito – FUNCAB)** Assinale a alternativa em que a frase segue a norma culta da língua quanto à regência verbal.

a) Prefiro viajar de ônibus do que dirigir.

b) Eu esqueci do seu nome.

c) Você assistiu à cena toda?

d) Ele chegou na oficina pela manhã.

e) Sempre obedeço as leis de trânsito.

Comentário: a regência verbal determina se é necessário o uso de uma preposição para ligar o verbo ao seu complemento, essa preposição é regida pelo verbo. Os verbos podem ser transitivos diretos, não rege preposição antes de seu complemento, transitivo indireto, rege preposição antes do complemento, transitivo direto e indireto, possui um complemento preposicionado e um sem preposição, e intransitivos, ou seja, não necessitam de complemento.

Na alternativa A, o verbo ***preferir*** *rege a preposição* ***a****, a preposição* ***de****, que foi usada na oração, está incorreta segundo a norma culta. Ela seria aceita se fosse de acordo com a linguagem falada, em que a expressão "prefiro isso* ***do que*** *aquilo" é muito usada.*

O verbo esquecer pode tanto exigir preposição ***de****, o que só ocorre quando ele é pronominal (esqueceu-se, esqueci-me), quanto não necessitar de preposição antes de seu complemento. Na letra B, a preposição* ***de*** *foi usada incorretamente.*

A letra C é a resposta correta para essa questão, o verbo ***assistir****, dependendo do sentido que assume no contexto, pode reger preposição* ***a*** *ou não necessitar de preposição. Nesse caso, o verbo está no sentido de ver, portanto exige preposição* ***a****, que está contraída ao artigo* ***a****, que acompanha a palavra "cena", resultando no acento grave.*

Em D, temos o verbo chegar, que rege preposição ***a*** *em lugar de* ***em*** *(quem chega chega a algum lugar).*

Na opção E, faltou crase no ***as*** *depois do verbo obedecer. Tal verbo exige preposição* ***a****.*

Gabarito: C

02. **(SEPLAG-MG – 2014 – Direito – FUNCAB)** É inaceitável, na língua padrão, por constituir ERRO de regência, a substituição do complemento verbal por pronome átono proposta em:

a) "Todos podem ter uma opinião [...]" (§ 6) / a podem ter

b) "[...] de conhecer o mundo e as pessoas [...]" (§ 2)1 de conhecê-los

c) "Será necessário definir a astrologia?" (§ 7) / definir-lhe

d) "[...] não dar lugar às artes, aos mitos e às religiões [...]" (§ 2) / não lhes dar lugar

*Comentário: a alternativa em que há erro de regência é a letra C. O verbo definir é transitivo direto, portanto exige complemento não preposicionado, objeto direto. Na sugestão de substituição temos o complemento do verbo substituído pelo pronome **lhe**, mas o lhe é o único pronome oblíquo átono que já se apresenta na forma contraída, ou seja, houve a união entre pronome **o** ou **a** e preposição **a** ou **para**. Por acompanhar diretamente uma preposição, o pronome lhe exerce sempre a função de objeto indireto na oração. Aí está o erro.*

Gabarito: C

A figura do ancião, desde o início dos relatos das primeiras civilizações, é muito controversa e discutida. No mundo ocidental, o senso comum das principais culturas muitas vezes discordava dos ensinamentos das filosofias clássicas sobre as contribuições da velhice para a sociedade. O estudo das reais condições trazidas pelo avanço da idade gerou diversas discussões éticas sobre as percepções biossociais dos processos de mudança do corpo. Médicos, biólogos, psicólogos e antropólogos ainda hoje não conseguem obter consenso sobre esse fenômeno em suas respectivas áreas.

Muitas culturas ocidentais descrevem o estereótipo do jovem como corajoso, destemido, forte e indolente. Já a figura do idoso é retratada como um peso morto, um chato em decadência corporal e mental. Percepção preconceituosa que foi levada ao extremo no século XX pelos portugueses durante a ditadura de Antônio Salazar, notório por usar a perseguição aos idosos como bandeira política. Atletas e artistas cotidianamente debatem o avanço da idade com medo e desgosto, enquanto especialistas da saúde questionam se há deterioração ou mudança adaptativa do corpo humano.

Nas culturas orientais, assim como na maioria das filosofias clássicas, a velhice é vista de um ângulo positivo, sendo fonte de sabedoria e meta para uma vida guiada pela prudência. O sábio ancião, que personifica a figura do homem calmo, austero, e que muitas vezes é capaz de prever certas situações e aconselhar, se destaca em relação ao jovem cheio de energia e de hormônios instáveis. Porém, apesar dos filósofos apreciarem o avanço da idade, nem todos eles tinham a mesma opinião sobre a velhice. O jovem Platão tinha como inspiração o velho filósofo Sócrates. Apesar de ser desfavorecido materialmente, Sócrates possuía muita experiência e uma sabedoria ímpar que marcou a história do pensamento. Em *A República*, Platão retrata uma discussão filosófica sobre a justiça ocorrida na casa do velho Céfalo, homem importante e respeitável em Atenas, que propiciava discussões filosóficas entre os mais velhos e os jovens que contemplavam os diálogos. Na sociedade ideal desse filósofo, os jovens muitas vezes eram retratados como inconsequentes e ingênuos, a exemplo de Polemarco, filho de Céfalo.

Nesta sociedade ideal, crianças e adolescentes não recebiam diretamente o ensino da Filosofia. Por ser um conhecimento nobre e difícil, [ela] era ensinada somente para pessoas de idade mais avançada.

Dentre os filósofos clássicos, o maior crítico sobre a construção filosófica da ideia de “velhice” era o estoico Sêneca. Para ele, Platão, Aristóteles e Epicuro construíram uma concepção mitológica da figura do velho. Os idosos que ele conheceu em Roma muitas vezes não eram tão felizes como descreviam os gregos. Muitos deles, observou Sêneca, pareciam tranquilos, mas no fundo não eram. A aparente tranquilidade decorria de seu cansaço e desânimo por não conseguir mais lutar por aquilo que queriam. Não buscaram a *ataraxia* enquanto jovens, ou seja, a tranquilidade da alma e a ausência de perturbações frente aos desafios impostos pela vida.

Se envelhecer é uma “droga”, como afirma o ator Arnold Schwarzenegger, ou se [a velhice] é a “melhor idade”, como dizem muitos aposentados, esses discursos não contribuem para uma resposta definitiva para o estudo científico. Afinal, o conceito de velhice não é um fenômeno puramente biológico, mas também fruto de uma construção social e psicoemocional.

MEUCCI, Arthur. Rev. *Filosofia*: março de 2013, p. 72-3.

03. **(IF-RR - 2013 – Jornalista – FUNCAB)** Ao se reescrever a oração adjetiva destacada em “Os idosos QUE ELE CONHECEU EM ROMA muitas vezes não eram tão felizes como descreviam os gregos [...]” (§ 4) cometeu-se um erro de regência nominal em:

a) com quem ele teve contato em Roma
b) por quem ele mostrou interesse em Roma
c) dos quais ele tomou conhecimento em Roma
d) nos quais ele encontrou apoio em Roma
e) que ele pediu colaboração em Roma

*Comentário: a alternativa em que há erro de regência é a letra E. Nela deveria vir o pronome **quem**, retomando “os idosos”, precedido da preposição **de** ou **a** regida pelo verbo **pedir**: De quem / A quem pediu colaboração em Roma.*

Gabarito: E

Vestibular de verdade era no meu tempo. Já estou chegando, ou já cheguei, à altura da vida em que tudo de bom era no meu tempo; meu e dos outros coroas. Acho inadmissível e mesmo chocante (no sentido antigo) um coroa não ser reacionário. Somos uma força histórica de grande valor. Se não agíssemos com o vigor necessário - evidentemente o condizente com a nossa condição provecta tudo sairia fora de controle, mais do que já está. O vestibular, é claro, jamais voltará ao que era outrora e talvez até desapareça, mas julgo necessário falar do antigo às novas gerações e lembrá-lo às minhas coevas (ao dicionário outra vez; domingo, dia de exercício).

O vestibular de Direito a que me submeti, na velha Faculdade de Direito da Bahia, tinha só quatro matérias: português, latim, francês ou inglês e sociologia, sendo que esta não constava dos currículos do curso secundário e a gente tinha que se virar por fora. Nada de cruzinhas, múltipla escolha ou matérias que não interessassem diretamente à carreira. Tudo escrito tão ruybarbosianamente quanto possível, com citações decoradas, preferivelmente . Os textos em latim eram *As Catilinárias* ou a Eneida, e das quais até hoje sei o comecinho.

Havia provas escritas e orais. A escrita já dava nervosismo, da oral muitos não se recuperaram inteiramente, pela vida afora. Tirava-se o ponto (sorteava-se o assunto) e partia-se para o martírio, insuperável por qualquer esporte radical desta juventude de hoje. A oral de latim era particularmente espetacular, porque se juntava uma multidão, para assistir à performance do saudoso mestre de Direito Romano Evandro Baltazar de Silveira. Franzino, sempre de colete e olhar vulpino (dicionário, dicionário), o mestre não perdoava.

- Traduza aí "quousque tandem, Catilina, [abutere] patientia nostra" - dizia ele ao entanguido vestibulando.

- Catilina,quanta paciência tens?" - retrucava o infeliz.

Era o bastante para o mestre se levantar, pôr as mãos sobre o estômago, olhar para a platéia como quem pede solidariedade e dar uma carreirinha em direção à porta da sala.

-Ai, minha barriga! - exclamava ele. - Deus, ó Deus, que fiz eu para ouvir tamanha asnice? Que pecados cometi, que ofensas Vos dirigi? Salvai essa alma de alimária, Senhor meu Pai!

Pode-se imaginar o resto do exame. [...] Comigo, a coisa foi um pouco melhor, eu falava um latinzinho e ele me deu seis, nota do mais alto coturno em seu elenco.

O maior público das provas orais era o que já tinha ouvido falar alguma coisa do candidato e vinha vê-lo "dar um show" . Eu dei show de português e inglês. O de português até que foi moleza, em certo sentido. O professor José Lima, de pé e tomando um cafezinho, me dirigiu as seguintes palavras aladas:

- Dou-lhe dez, se o senhor me disser qual é o sujeito da primeira oração do Hino Nacional!

- " As margens plácidas'' – respondi instantaneamente e o mestre quase deixa cair a xícara.

- Por que não é indeterminado "ouviram, etc''?

- Porque o "as" de "as margens plácidas" não é craseado. Quem ouviu foram as margens plácidas. É uma anástrofe, entre as muitas que existem no Hino. "Nem teme quem te adora a própria morte": sujeito: "quem te adora". Se pusermos na ordem direta...

- Chega! - berrou ele. - Dez! Vá para a glória!

A Bahia será sempre a Bahia!

RIBEIRO, João Ubaldo. *Jornal Grande Bahia*-, 12 jun. 2013

04. **(SEFAZ-BA – 2014 – Auditor Fiscal – FUNCAB)** Na hipótese de reescrita do termo destacado em: "O vestibular de Direito A QUE ME SUBMETI..." (§ 2), a gramática do português padrão condenaria a regência do verbo usado na alternativa:

a) que nos deixava em pânico

b) para o qual muito estudei.

c) que eu ainda me lembro.

d) em que passei com louvor.

e) de que agora, saudoso, lhes falo.

Comentário: o verbo lembrar, na alternativa C, é pronominal, portanto, a oração está incorreta. O verbo lembrar-me rege preposição ***de****. Reescrevendo de maneira correta: de que eu ainda me lembro.*

Gabarito: C

05. **(SEFAZ-BA – 2014 – Auditor Fiscal – FUNCAB)** Com a reescrita do termo em destaque, o uso do acento grave no "a" torna-se facultativo em:

a) "... estou chegando, ou já cheguei, À ALTURA DA VIDA..." (§ 1) /a uma altura da vida

b) "... que não interessassem diretamente À CARREIRA." (§ 2) / a nossa carreira

c) "... assistir À PERFORMANCE DO SAUDOSO MESTRE..." (§ 3) / a mais uma performance do saudoso mestre

d) "... e lembrá-lo ÀS MINHAS COEVAS..." (§ 1) a minhas coevas

e) "... julgo necessário falar do antigo ÀS NOVAS GERAÇÕES..." (§ 1) / a essas novas gerações

Comentário: essa questão possui uma pegadinha de presente para os desatentos. Sabemos que a crase é facultativa diante de pronomes possessivos femininos, de nomes próprios femininos e antes da preposição até. O enunciado pede que observemos, na reescrita, a opção em que há essa facultatividade. A opção B é a correta, pois apresenta uma reescrita em que é facultativo o uso da crase por estar diante de pronome possessivo feminino. O mesmo ocorre na letra D, mas não na reescrita.

Gabarito: B

Desenredo

Do narrador seus ouvinte:

- Jó Joaquim, cliente, era quieto, respeitado, bom como o cheiro de cerveja. Tinha o para não ser célebre. Como elas quem pode, porém? Foi Adão dormir e Eva nascer. Chamando-se Livíria, Rivília ou Irlívia, a que, nesta observação, a Jó Joaquim apareceu.

Antes bonita, olhos de viva mosca, morena mel e pão. Aliás, casada. Sorriram-se, viram-se. Era infinitamente maio e Jó Joaquim pegou o amor. Enfim, entenderam-se. Voando o mais em ímpeto de nau tangida a vela e vento. Mas tendo tudo de ser secreto, claro, coberto de sete capas.

Porque o marido se fazia notório, na valentia com ciúme; e as aldeias são a alheia vigilância. Então ao rigor geral os dois se sujeitaram, conforme o clandestino amor em sua forma local, conforme o mundo é mundo. Todo abismo é navegável a barquinhos de papel.

Não se via quando e como se viam. Jó Joaquim, além disso, existindo só retraído, minuciosamente. Esperar é reconhecer-se incompleto. Dependiam eles de enorme milagre. O inebriado engano.

Até que deu-se o desmastreio. O trágico não vem a conta-gotas. Apanhara o marido a mulher: com outro, um terceiro... Sem mais cá nem mais lá, mediante revólver, assustou-a e matou-o. Diz-se, também, que a ferira, leviano modo.

[...]

Ela - longe - sempre ou ao máximo mais formosa, já sarada e sã. Ele exercitava-se a aguentar-se, nas defeituosas emoções.

Enquanto, ora, as coisas amaduravam. Todo fim é impossível? Azarado fugitivo, e como à Providência praz, o marido faleceu, afogado ou de tifo. O tempo é engenhoso.

[...]

Sempre vem imprevisível o abominoso? Ou: os tempos se seguem e parafraseiam-se. Deu-se a entrada dos demônios.

Da vez, Jó Joaquim foi quem a deparou, em péssima hora: traído e traidora. De amor não a matou, que não era para truz de tigre ou leão. Expulsou-a apenas, apostrofando-se, como inédito poeta e homem. E viajou a mulher, a desconhecido destino.

Tudo aplaudiu e reprovou o povo, repartido. Pelo fato, Jó Joaquim sentiu-se histórico, quase criminoso, reincidente. Triste, pois que tão calado. Suas lágrimas corriam atrás dela, como formiguinhas brancas. Mas, no frágio da barca, de novo respeitado, quieto. Vá-se a camisa, que não o dela dentro. Era o seu um amor meditado, a prova de remorsos. Dedicou-se a endireitar-se.

[...]

Celebrava-a, ufanático, tendo-a por justa e averiguada, com convicção manifesta. Haja o absoluto amar- e qualquer causa se irrefuta.

Pois produziu efeito. Surtiu bem. Sumiram-se os pontos das reticências, o tempo secou o assunto. Total o transato desmanchava-se, a anterior evidência e seu nevoeiro. O real e válido, na árvore, é a reta que vai para cima. Todos já acreditavam. Jó Joaquim primeiro que todos.

Mesmo a mulher, até, por fim. Chegou-lhe lá a notícia, onde se achava, em ignota, defendida, perfeita distância. Soube-se nua e pura. Veio sem culpa. Voltou, com dengos e fofos de bandeira ao vento.

Três vezes passa perto da gente a felicidade. Jó Joaquim e Vilíria retomaram-se, e conviveram, convolados, o verdadeiro e melhor de sua útil vida.

E pôs-se a fábula em ata.

ROSA, João Guimarães. *Tutameia - Terceiras estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967,p.38-40.

06. **(PC-AC – 2015 – Perito Criminal – FUNCAB)** De acordo com os estudos de regência verbal e com o padrão culto da língua, o verbo em "Dependiam eles de milagre," é:

a) transitivo direto.
b) transitivo indireto.
c) transitivo direto e indireto.
d) intransitivo.
e) de ligação.

Comentário: o verbo depender é transitivo indireto por necessitar de preposição que o ligue a seu complemento.

Gabarito: B

07. **(SEE-AC – 2013 – Professor - FUNCAB)** Marque a opção que completa, correta e respectivamente, as lacunas da frase abaixo.

Frente ___ frente com os colegas, o professor explicou ___ situação e retirou ___ sua candidatura ___ presidência da associação de docentes.

a) a - a - a - a
b) à - a - à - a
c) à - a - a - à
d) a - a - a - à
e) à - à - a - a

Comentário: a locução adverbial "frente a frente" não possui crase; os verbos explicar e retirar não exigem preposição, portanto não há crase nessas lacunas; o termo candidatura é um substantivo que exige preposição ***a*** *ou* ***para****, portanto há acento indicativo de crase nessa última lacuna. Temos então a sequência a-a-a-à, resposta correta é letra D.*

Gabarito: D

08. **(CODATA – 2013 – Auxiliar de Informática – FUNCAB)** Em qual das frases abaixo o acento indicativo de crase foi corretamente colocado?

a) Eles aderiram à manifestação.
b) À tarde estava muito fresca.
c) Daqui à pouco eles sairão da sala.
d) Tomaram o remédio gota à gota.
e) Eles assistiam à tudo, indiferentes.

Comentário: na alternativa A, a crase foi colocada corretamente.

*Em B, há erro no uso da crase, pois, apesar de existir a locução adverbial **à tarde**, nesse caso não se trata de locução adverbial, é um substantivo determinado por um artigo.*

Em C e em E, há erro porque não se usa crase diante de palavra masculina.

*Na opção D, não há crase na locução adverbial **gota a gota**.*

Gabarito: A

09. **(IPEM-RO – 2013 – Assistente Jurídico – FUNCAB)** Conhecendo a regência do verbo CONFIAR, percebe-se que, ao redigir o período abaixo, o autor optou pela omissão da preposição:

"Nosso futuro é a aglomeração urbana e as sociedades se dividem entre as que se preparam – conscientemente ou não – para um mundo desigual e apertado e as que confiam que as cidadelas resistirão às hordas sem espaço."

a) a
b) com
c) de

d) para
e) em

Comentário: Comentário: o verbo confiar rege preposição em, mas é comum os autores e até na linguagem falada que a preposição seja omitida quando o verbo é seguido da conjunção que.

Gabarito: E

10. **(IPEM-RO – 2013 – Assistente Jurídico – FUNCAB)** Assinale a opção que completa, correta e respectivamente, as lacunas da frase abaixo.

Essa constatação, carregada de estranha obviedade, obriga-nos quase ____ tratar como uma circunstância paralela e eventual aquela que deve ser considerada ____ marca humana por excelência: ____ capacidade de reflexão e consciência.

a) à - a - a
b) à - à - a
c) a - a - a
d) a - à - a
e) a - a - à

Comentário: o verbo obrigar exige preposição "a", mas no caso da primeira lacuna, não se usa crase diante de verbo; a palavra "considerada" é um verbo no particípio que não exige preposição; o "a" na lacuna antes da palavra capacidade é um artigo feminino, portanto, não há crase em nenhuma das lacunas. a sequência é a-a-a. Resposta correta é a letra C.

Gabarito: C

Como encontrar um milagre na Índia

Doentes e peregrinos buscam a salvação em templos que praticam o exorcismo em Kerala, ao sul da Índia. Garanto: naquela região se operam, de fato, milagres que salvam vidas diariamente.

Os "milagres" nada têm a ver com os deuses ou demônios. Apenas com homens, responsáveis por uma das mais admiradas experiências sociais já produzidas num país pobre. Como o resto da Índia, Kerala é miserável, sua renda por habitante é de US$ 300 por ano - dez vezes menos do que a brasileira e cem vezes se comparada com a americana.

Primeiro "milagre" num país de 900 milhões de habitantes com explosivo crescimento populacional: cada mulher tem apenas dois filhos (1,7, para ser mais preciso), uma média semelhante à de um casal de classe média alta em Manhattan, Paris, São Paulo ou Rio de Janeiro. Segundo e mais importante: de cada mil crianças que nascem, apenas 13 morrem antes de completar um ano - um nível de mortalidade infantil semelhante ao dos Estados Unidos e quatro vezes menor que o do Brasil.

Até pouco tempo atrás, Kerala era mais conhecida por suas praias, onde os turistas "descolados" se deitavam na areia depois do banho, massageados por moradores que aprenderam de seus ancestrais os segredos da massagem ayurvédica, medicina tradicional indiana. Agora, porém, atrai tipos menos transcendentais da Europa e dos Estados Unidos, decididos a entender e difundir a experiência sobre como um lugar miserável consegue indicadores sociais tão bons.

As pesquisas indicam, em essência, um caminho: graças à vontade política dos governantes locais, em nenhum outro lugar da Índia se investiu tanto na educação das mulheres. Uma ação que enfrentou a rotina da marginalização. Na Índia, por questões culturais, se propagou o infanticídio contra meninas, praticado pelos próprios pais.

Em Kerala, apenas 5%das garotas estão fora da escola, reduzindo a porcentagens insignificantes o analfabetismo. Elas são mais educadas, entram no mercado de trabalho, frequentam postos de saúde, amamentam os filhos, conhecem noções de higiene, sabem a importância, por exemplo, de ferver a água ou aplicar as vacinas, planejam voluntariamente o número de filhos.

Daí se vê o que significou, no Brasil, termos gasto tanto dinheiro na construção de hospitais, em vez de investir mais pesadamente em medicina preventiva. Muitas dessas obras só ajudaram a saúde financeira dos empreiteiros.

(DIMENSTEIN, Gilberto. Aprendiz do Futuro - Cidadania hoje e amanhã. São Paulo: Ática, 2000, p. 46.)

11. **(IPEM-RO – 2013 – Assistente Jurídico – FUNCAB)** Assinale a opção em que o espaço deve ser preenchido com À (preposição e pronome), como destacado em "(...) uma média semelhante À de um casal de classe média (...) ".

a) ___ medida que caminhava, recordava-se da terra natal.
b) Esta cena corresponde ___ que presenciei ontem.
c) Aproveite ___ oferta e se contente com a cor do tecido.
d) Referia-se, com certeza, ____ terra de seus pais.
e) Obedeceu ____ ordem dada, sem reclamar.

Comentário: o "À" craseado do enunciado é a junção do "a" funcionando como pronome relativo e do "a" da expressão "a média", que o pronome relativo está retomando. O mesmo ocorre na alternativa B, em que a crase que preenche a lacuna é a junção do "a" (pronome relativo) com o "a" da expressão retomada "a cena".

Nas demais alternativas:

A) a crase completa a locução adverbial à medida;
C) não há crase, pois o verbo aproveitar não rege preposição;
D) a crase ocorre devido ao verbo referir-se;
E) a crase ocorre devido ao verbo obedecer.

Gabarito: B

12. **(IPEM-RO – 2013 – Assistente Jurídico – FUNCAB)** Todas as regências dos verbos destacados estão corretamente indicadas, EXCETO:

a) "...LANÇA suas folhas além do muro..." (verbo transitivo indireto)

b) "...VEIO um amigo..." (verbo intransitivo)

c) "Mas eu TINHA razão." (verbo transitivo direto)

d) "...DECLAROU desdenhosamente que aquilo era capim." (verbo transitivo direto)

e) "...o pé de milho PARECIA um cavalo..." (verbo de ligação)

Comentário: o verbo lançar é transitivo direto, uma vez que não rege preposição, portanto está incorreta a afirmação entre parênteses de que ele é verbo transitivo indireto. Opção correta letra A.

Gabarito: A

13. **(IPEM-RO – 2013 – Assistente Jurídico – FUNCAB)** Tal como o substantivo "recolhimento" - que tanto pode reger a preposição "a" ("recolhimento ao cárcere") como a preposição "em" -, todos os nomes a seguir admitem dupla regência, COM EXCEÇÃO apenas do que está destacado em:

a) respostas para essa pergunta (parágrafo 1).

b) violação ao pacto social (parágrafo 2).

c) direito de propriedade (parágrafo 5).

d) inspirada em Beccaria (parágrafo 6).

e) decorrente de sentença penal condenatória (parágrafo 7).

Comentário: Regência Nominal é o nome da relação existente entre um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) e os termos regidos por esse nome. Essa relação é sempre intermediada por uma preposição.

Nessa questão, temos vários exemplos de nomes que regem preposição.

Vejamos: em A, o substantivo plural "respostas" rege as preposições "a" e "para"; em B e em C, os substantivos "violação" e "direito", respectivamente, regem, ambos, as preposições "a" e "de"; em D, o verbo nominal "inspirado" rege preposições "por" e "em". Já a palavra "decorrente", em E, rege apenas a preposição "de". a alternativa E é o nosso gabarito.

Gabarito: E

14. **(SEFIN e SUPEL/RO – 2014 – Agente Administrativo – FUNCAB)** Assinale a opção que, de acordo com a norma culta da língua, completaria corretamente o período abaixo.

"As pessoas se afastam naturalmente de amigos ________________."

A) a que não gostam.
B) dos quais não simpatizam.
C) com os quais já discutiram.
D) nos quais nunca precisam.
E) para os quais deixam de confiar.

Comentário: a lacuna não pode ser completada com a opção A porque o verbo "gostar" rege preposição "de" e não "a".

Na opção B, o verbo "simpatizar" rege preposição "por" em lugar de "de".

A alternativa C completa corretamente a lacuna.

Em D, o verbo "precisar" exige preposição "de" e não "em".

Na alternativa E, o verbo "confiar" exige preposição "em" em lugar de "para".

Gabarito: C

15. **(SESAP-RN – 2010 – Médico – FUNCAB)** Qual das orações abaixo apresenta desvio quanto à norma culta da língua?

a) Estavam todos atentos aos resultados das pesquisas.
b) Chegaram ao Congresso pontualmente.
c) Tentaram persuadi-lo a largar o vício.
d) Eles já obedecem as novas regras.
e) Renunciou a tudo na busca de melhores condições.

Comentário: a oração que apresenta erro é da alternativa D, pois, de acordo com a norma culta, o verbo obedecer rege preposição "a" e, como seu complemento é uma palavra feminina, ocorre crase (Eles já obedecem às novas regras).

GABARITO: D

16. **(PRODAM-AM – 2010 - Analista de Tecnologia da Informação - Banco de Dados – FUNCAB)** Das alterações feitas abaixo na redação do trecho "tocando aquela música em que RC declara à amada" (3º parágrafo), aquela em que o acento da crase tem emprego facultativo é:

a) tocando aquela música em que RC declara à mulher amada.
b) tocando aquela música em que RC declara à Julieta, a mulher amada.
c) tocando aquela música em que RC declara à moça por ele muito amada.
d) tocando aquela música em que RC declara à nova amada.
e) tocando aquela música em que RC declara à única amada de sua vida.

Comentário: a opção que contém acento grave facultativo é a letra B, a crase diante de nome próprio feminino é facultativa. Nas demais alternativas, a crase ocorre obrigatoriamente pela regra geral: a (preposição) + a (artigo que acompanha palavra feminina).

Gabarito: B

A corretora de mar

A mulher entrou no meu escritório com um sorriso muito amável e olhos muito azuis. Desenrolou um mapa e começou a falar com uma certa velocidade, como é uso dos chilenos. Gosto de ver mapas, e me ergui para olhar aquele.

Quando percebi que se tratava de um loteamento, e a mulher queria me vender uma parcela, me coloquei na defensiva; disse que no momento suspendi meus negócios imobiliários, e até estava pensando em vender meus imensos territórios no Brasil; que além disso o Chile é um país muito estreito e sua terra deveria ser dividida entre seu povo; até ficaria mal a um estrangeiro querer especular com um trecho da faja angosta, que é como os chilenos chamam sua tira estreita de terra, que por sinal costumam dizer que é "larguíssima", para assombro do brasileiro recém-chegado, que não sabe que isso em castelhano quer dizer "compridíssima".

Os olhos azuis fixaram-se nos meus, a mão extraiu de uma pasta a fotografia de um terreno plantado de pinheirinhos de dois ou três anos: não se tratava de especulação imobiliária; dentro de poucos anos eu seria um madeireiro, poderia cortar meus pinheiros... Ponderei que tenho uma pena imensa de cortar árvores.

A senhora não tem?

Também tinha. E então baixou a voz, sombreou os olhos de poesia, e me disse que ela mesma, corretora, também comprara duas parcelas naquele terreno. E tinha certeza confessava que também não tinha coragem de mandar cortar seus pinheiros; também adorava árvores e passarinhos, cortaria apenas os pinheiros necessários para fazer uma casinha de madeira: o lugar é lindo, em um pequeno planalto, dá para uns penedos junto ao mar; as árvores choram, e cantam com as ondas quando sopra o vento do oceano...

Confesso que paguei a primeira prestação: ela passou o recibo, sorriu, me disse muchas gracias e hasta lueguito e partiu com seus olhos azuis, medeixando meio tonto, com a vaga impressão de ter comprado um pedaço do Oceano Pacífico.

A corretora de mar (BRAGA, Rubem. Ai de ti, Copacabana. Rio de Janeiro, Record: 1987).

17. **(Pref. Cacoal/RO – 2013 – Agente Administrativo – FUNCAB)** Conhecendo a regência do nome CERTEZA, pode-se perceber que, no trecho abaixo, houve a omissão de uma preposição após o segundo travessão. Identifique essa preposição. "E tinha certeza - confessava - que também não tinha coragem de mandar cortar seus pinheiros [...]"

A) de
B) com
C) em
D) para
E) a

Comentário: o nome "certeza", assim como "coragem", presente mais à frente no mesmo período, rege a preposição "de": E tinha certeza - confessava - DE que também não tinha coragem de mandar cortar seus pinheiros [...]

Gabarito: A

18. **(Prefeitura de Aracruz/ES – 2014 – Agente Administrativo – FUNCAB)** Assinale a opção que completa correta e respectivamente, as lacunas da frase abaixo:

O delegado começou ____ perceber que ____ ameças que fazia ____ senhor causavam mal-estar ____ pessoas que assistiam ____cena.

A) a-as-àquele-às-à
B) a-às-aquele-as-à
C) à-às-àquele-as-a

D) à-as-aquele-às-a

E) à-as-àquele-as-à

Comentário: o verbo "começar" rege preposição "a", mas não há crase nessa lacuna porque a palavra que a segue é um verbo "perceber"; na segunda lacuna não ocorre crase pois o verbo "perceber" é transitivo direto; o nome "ameaça" rege preposição "a", que forma crase com o "a" que inicia o pronome demonstrativo "aquele", apesar de ser masculino, sendo assim a terceira lacuna é preenchida com "àquele"; o verbo "causavam" rege preposição "a", portanto há crase na quarta lacuna; na última lacuna ocorre crase também porque o verbo "assistiam", com sentido de presenciar, rege preposição e está diante de um nome feminino. A sequência então ficou a-as-àquele-às-à. A resposta correta é a letra A.

GABARITO: A

Temos, sem dúvida, sérios problemas de discriminação e exclusão na sociedade brasileira, que se refletem também nas universidades. Mas frequentemente parece que eles são abordados de forma desfocada.

A composição racial da sociedade brasileira tem forte presença de negros, pardos e minorias. Diz-se que esse perfil não se repete na universidade. Mas porque razão a composição geral da sociedade deve se repetir em seus contextos e recortes específicos? Ela se repete em times de futebol ou na seleção brasileira?

Se acreditarmos que o perfil étnico ou econômico do conjunto da população seja, ou deva ser, uma "invariante social", repetindo-se em qualquer recorte ou subgrupo, a consequência óbvia disso é a generalização da prática de cotas.

Além de cotas no vestibular, em breve teremos propostas de cotas de formatura, para compensar injustiças e discriminações ocorridas ao longo do curso. Em seguida, cotas para times de futebol, cotas para funcionários das empresas, cotas para sócios de clubes, cotas para academias de ginástica, cotas para fieis de cada religião e culto e por aí vai.

A grande injustiça é ver a quantidade de pessoas, especialmente os jovens inteligentes e esforçados, sendo impedidas de se desenvolver. Não é dada a elas a oportunidade de aprender a crescer, por causa de uma educação pública básica e média medíocres. Esse é o problema real.

O contrário do racismo e da discriminação social não é uma "discriminação positiva", mas sim a ausência dessas classificações. Qualquer solução que envolva critérios de raça ou pobreza não contribui para eliminar a discriminação. Pelo contrário, reafirma, reforça e pereniza esses conceitos básicos dos mecanismos de exclusão.

Nesse cenário de sequestro de oportunidades, há um grupo de jovens mais velhos que já foi prejudicado pelas péssimas escolas públicas. E há outro grupo, bem maior, das crianças que ainda enfrentarão o problema. Para as pessoas já prejudicadas, as cotas são um mecanismo compensatório, que pode reduzir, mas não eliminar, o prejuízo.

Se houver uma proposta cujo cerne seja a melhoria efetiva do atual ensino público de primeiro e segundo grau, com parâmetros objetivos e seguindo modelos que comprovadamente já deram excelentes resultados em várias partes do mundo, e que parte dessa proposta seja um sistema de cotas, emergencial e provisório (com prazo limitado), visando apenas aquela população que já foi prejudicada, essa proposta merece não apenas a nossa aprovação, mas também o nosso aplauso

Já uma proposta que contemple apenas a questão das cotas de forma isolada ou é ingênua ou é demagógica. Anestesia as consciências, acomoda as queixas, reduz as pressões – é a solução mais fácil e barata para os governantes. Mas mantém a condenação de milhões de crianças a precisar de cotas no futuro, sempre em ciclos sem fim, sequestrando suas oportunidades e seus sonhos. [...]

Breyne. Folha de São Paulo, 07/ 04 /2013.

19. **(ANS – 2013 - Ativ. Téc. de Complexidade Intelectual - Administração – FUNCAB)** Conforme as gramáticas da língua portuguesa, há ERRO de regência na substituição do complemento verbal por um pronome átono em:

a) "[...] Não é dada a elas [...]" (parágrafo 5) / Não lhes é dada.

b) "[...] acomoda as queixas [...]" (parágrafo 9) / acomoda-as.

c) "[...] visando [...] aquela população [...]" (parágrafo 8) / visando-lhe.

d) "[...] reduz as pressões [...]" (parágrafo 9) / redu-las.

e) "[...] mantém a condenação de milhões de crianças [...]" (parágrafo 9) / mantém-na.

Comentário: a opção em que há erro de regência é a letra C, pois o verbo "visar", nesse caso, é transitivo direto. A substituição correta seria por "visando-a".

Gabarito: C

LISTA DE QUESTÕES COMENTADAS NESTA AULA

A outra noite

Outro dia fui a São Paulo e resolvi voltar à noite, uma noite de vento sul e chuva, tanto lá como aqui. Quando vinha para casa de táxi, encontrei um amigo e o trouxe até Copacabana; e contei a ele que lá em cima, além das nuvens, estava um luar lindo, de lua cheia; e que as nuvens feias que cobriam a cidade eram, vistas de cima, enluaradas, colchões de sonho, alvas, uma paisagem irreal.

Depois que o meu amigo desceu do carro, o chofer aproveitou um sinal fechado para voltar-se para mim:

- O senhor vai desculpar, eu estava aqui a ouvir sua conversa. Mas, tem mesmo luar lá em cima?

Confirmei: sim, acima da nossa noite preta e enlamaçada e torpe havia uma outra - pura, perfeita e linda.

-Mas que coisa...

Ele chegou a pôr a cabeça fora do carro para olhar o céu fechado de chuva. Depois continuou guiando mais lentamente. Não sei se sonhava em ser aviador ou pensava em outra coisa.

-Ora, sim senhor...

E, quando saltei e paguei a corrida, ele me disse um"boa noite" e um "muito obrigado ao senhor" tão sinceros, tão veementes, como se eu lhe tivesse feito um presente de rei.

(BRAGA, Rubem. *Para gostar de ler*, vol. 2, crônicas. São Paulo, Ática.)

01. **(SEPLAG-MG – 2014 – Direito – FUNCAB)** Assinale a alternativa em que a frase segue a norma culta da língua quanto à regência verbal.

a) Prefiro viajar de ônibus do que dirigir.
b) Eu esqueci do seu nome.
c) Você assistiu à cena toda?
d) Ele chegou na oficina pela manhã.
e) Sempre obedeço as leis de trânsito.

02. **(SEPLAG-MG – 2014 – Direito – FUNCAB)** É inaceitável, na língua padrão, por constituir ERRO de regência, a substituição do complemento verbal por pronome átono proposta em:

a) "Todos podem ter uma opinião [...]" (§ 6) / a podem ter
b) "[...] de conhecer o mundo e as pessoas [...]" (§ 2)1 de conhecê-los
c) "Será necessário definir a astrologia?" (§ 7) / definir-lhe
d) "[...] não dar lugar às artes, aos mitos e às religiões [...]" (§ 2) / não lhes dar lugar

A figura do ancião, desde o início dos relatos das primeiras civilizações, é muito controversa e discutida. No mundo ocidental, o senso comum das principais culturas muitas vezes discordava dos ensinamentos das filosofias clássicas sobre as contribuições da velhice para a sociedade. O estudo das reais condições trazidas pelo avanço da idade gerou diversas discussões éticas sobre as percepções biossociais dos processos de mudança do corpo. Médicos, biólogos, psicólogos e antropólogos ainda hoje não conseguem obter consenso sobre esse fenômeno em suas respectivas áreas.

Muitas culturas ocidentais descrevem o estereótipo do jovem como corajoso, destemido, forte e indolente. Já a figura do idoso é retratada como um peso morto, um chato em decadência corporal e mental. Percepção preconceituosa que foi levada ao extremo no século XX pelos portugueses durante a ditadura de Antônio Salazar, notório por usar a perseguição aos idosos como bandeira política. Atletas e artistas cotidianamente debatem o avanço da idade com medo e desgosto, enquanto especialistas da saúde questionam se há deterioração ou mudança adaptativa do corpo humano.

Nas culturas orientais, assim como na maioria das filosofias clássicas, a velhice é vista de um ângulo positivo, sendo fonte de sabedoria e meta para uma vida guiada pela prudência. O sábio ancião, que personifica a figura do homem calmo, austero, e que muitas vezes é capaz de prever certas situações e aconselhar, se destaca em relação ao jovem cheio de energia e de hormônios instáveis. Porém, apesar dos filósofos apreciarem o avanço da idade, nem todos eles tinham a mesma opinião sobre a velhice. O jovem Platão tinha como inspiração o velho filósofo Sócrates. Apesar de ser desfavorecido materialmente, Sócrates possuía muita experiência e uma sabedoria ímpar que marcou a história do pensamento. Em *A República*, Platão retrata uma discussão filosófica sobre a justiça ocorrida na casa do velho Céfalo, homem importante e respeitável em Atenas, que propiciava discussões filosóficas entre os mais velhos e os jovens que contemplavam os diálogos. Na sociedade ideal desse filósofo, os jovens muitas vezes eram retratados como inconsequentes e ingênuos, a exemplo de Polemarco, filho de Céfalo.

Nesta sociedade ideal, crianças e adolescentes não recebiam diretamente o ensino da Filosofia. Por ser um conhecimento nobre e difícil, [ela] era ensinada somente para pessoas de idade mais avançada.

Dentre os filósofos clássicos, o maior crítico sobre a construção filosófica da ideia de "velhice" era o estoico Sêneca. Para ele, Platão, Aristóteles e Epicuro construíram uma concepção mitológica da figura do velho. Os idosos que ele conheceu em Roma muitas vezes não eram tão felizes como descreviam os gregos. Muitos deles, observou Sêneca, pareciam tranquilos, mas no fundo não eram. A aparente tranquilidade decorria de seu cansaço e desânimo por não conseguir mais lutar por aquilo que queriam. Não buscaram a *ataraxia* enquanto jovens, ou seja, a tranquilidade da alma e a ausência de perturbações frente aos desafios impostos pela vida.

Se envelhecer é uma "droga", como afirma o ator Arnold Schwarzenegger, ou se [a velhice] é a "melhor idade", como dizem muitos aposentados, esses discursos não contribuem para uma resposta definitiva para o estudo científico. Afinal, o conceito de velhice não é um fenômeno puramente biológico, mas também fruto de uma construção social e psicoemocional.

MEUCCI, Arthur. Rev. *Filosofia*: março de 2013, p. 72-3.

03. **(IF-RR - 2013 – Jornalista – FUNCAB)** Ao se reescrever a oração adjetiva destacada em "Os idosos QUE ELE CONHECEU EM ROMA muitas vezes não eram tão felizes como descreviam os gregos [...]" (§ 4) cometeu-se um erro de regência nominal em:

a) com quem ele teve contato em Roma
b) por quem ele mostrou interesse em Roma
c) dos quais ele tomou conhecimento em Roma
d) nos quais ele encontrou apoio em Roma
e) que ele pediu colaboração em Roma

Vestibular de verdade era no meu tempo. Já estou chegando, ou já cheguei, à altura da vida em que tudo de bom era no meu tempo; meu e dos outros coroas. Acho inadmissível e mesmo chocante (no sentido antigo) um coroa não ser reacionário. Somos uma força histórica de grande valor. Se não agíssemos com o vigor necessário - evidentemente o condizente com a nossa condição provecta tudo sairia fora de controle, mais do que já está. O vestibular, é claro, jamais voltará ao que era outrora e talvez até desapareça, mas julgo necessário falar do antigo às novas gerações e lembrá-lo às minhas coevas (ao dicionário outra vez; domingo, dia de exercício).

O vestibular de Direito a que me submeti, na velha Faculdade de Direito da Bahia, tinha só quatro matérias: português, latim, francês ou inglês e sociologia, sendo que esta não constava dos currículos do curso secundário e a gente tinha que se virar por fora. Nada de cruzinhas, múltipla escolha ou matérias que não interessassem diretamente à carreira. Tudo escrito tão ruybarbosianamente quanto possível, com citações decoradas, preferivelmente . Os textos em latim eram *As Catilinárias* ou a Eneida, e das quais até hoje sei o comecinho.

Havia provas escritas e orais. A escrita já dava nervosismo, da oral muitos não se recuperaram inteiramente, pela vida afora. Tirava-se o ponto (sorteava-se o assunto) e partia-se para o martírio, insuperável por qualquer esporte radical desta juventude de hoje. A oral de latim era particularmente espetacular, porque se juntava uma multidão, para assistir à performance do saudoso mestre de Direito Romano Evandro Baltazar de Silveira. Franzino, sempre de colete e olhar vulpino (dicionário, dicionário), o mestre não perdoava.

- Traduza aí "quousque tandem, Catilina, [abutere] patientia nostra" - dizia ele ao entanguido vestibulando.

- Catilina,quanta paciência tens?" - retrucava o infeliz.

Era o bastante para o mestre se levantar, pôr as mãos sobre o estômago, olhar para a platéia como quem pede solidariedade e dar uma carreirinha em direção à porta da sala.

-Ai, minha barriga! - exclamava ele. - Deus, ó Deus, que fiz eu para ouvir tamanha asnice? Que pecados cometi, que ofensas Vos dirigi? Salvai essa alma de alimária, Senhor meu Pai!

Pode-se imaginar o resto do exame. [...] Comigo, a coisa foi um pouco melhor, eu falava um latinzinho e ele me deu seis, nota do mais alto coturno em seu elenco.

O maior público das provas orais era o que já tinha ouvido falar alguma coisa do candidato e vinha vê-lo “dar um show” . Eu dei show de português e inglês. O de português até que foi moleza, em certo sentido. O professor José Lima, de pé e tomando um cafezinho, me dirigiu as seguintes palavras aladas:

- Dou-lhe dez, se o senhor me disser qual é o sujeito da primeira oração do Hino Nacional!

- " As margens plácidas'' – respondi instantaneamente e o mestre quase deixa cair a xícara.

- Por que não é indeterminado “ouviram, etc''?

- Porque o “as” de “as margens plácidas” não é craseado. Quem ouviu foram as margens plácidas. É uma anástrofe, entre as muitas que existem no Hino. “Nem teme quem te adora a própria morte”: sujeito: “quem te adora”. Se pusermos na ordem direta...

- Chega! - berrou ele. - Dez! Vá para a glória!

A Bahia será sempre a Bahia!

RIBEIRO, João Ubaldo. *Jornal Grande Bahia*-, 12 jun. 2013

04. **(SEFAZ-BA – 2014 – Auditor Fiscal – FUNCAB)** Na hipótese de reescrita do termo destacado em: “O vestibular de Direito A QUE ME SUBMETI...” (§ 2), a gramática do português padrão condenaria a regência do verbo usado na alternativa:

a) que nos deixava em pânico

b) para o qual muito estudei.

c) que eu ainda me lembro.

d) em que passei com louvor.

e) de que agora, saudoso, lhes falo.

05. **(SEFAZ-BA – 2014 – Auditor Fiscal – FUNCAB)** Com a reescrita do termo em destaque, o uso do acento grave no "a" torna-se facultativo em:

a) "... estou chegando, ou já cheguei, À ALTURA DA VIDA..." (§ 1) /a uma altura da vida

b) "... que não interessassem diretamente À CARREIRA." (§ 2) / a nossa carreira

c) "... assistir À PERFORMANCE DO SAUDOSO MESTRE..." (§ 3) / a mais uma performance do saudoso mestre

d) "... e lembrá-lo ÀS MINHAS COEVAS..." (§ 1) a minhas coevas

e) "... julgo necessário falar do antigo ÀS NOVAS GERAÇÕES..." (§ 1) / a essas novas gerações

Desenredo

Do narrador seus ouvinte:

- Jó Joaquim, cliente, era quieto, respeitado, bom como o cheiro de cerveja. Tinha o para não ser célebre. Como elas quem pode, porém? Foi Adão dormir e Eva nascer. Chamando-se Livíria, Rivília ou Irlívia, a que, nesta observação, a Jó Joaquim apareceu.

Antes bonita, olhos de viva mosca, morena mel e pão. Aliás, casada. Sorriram-se, viram-se. Era infinitamente maio e Jó Joaquim pegou o amor. Enfim, entenderam-se. Voando o mais em ímpeto de nau tangida a vela e vento. Mas tendo tudo de ser secreto, claro, coberto de sete capas.

Porque o marido se fazia notório, na valentia com ciúme; e as aldeias são a alheia vigilância. Então ao rigor geral os dois se sujeitaram, conforme o clandestino amor em sua forma local, conforme o mundo é mundo. Todo abismo é navegável a barquinhos de papel.

Não se via quando e como se viam. Jó Joaquim, além disso, existindo só retraído, minuciosamente. Esperar é reconhecer-se incompleto. Dependiam eles de enorme milagre. O inebriado engano.

Até que deu-se o desmastreio. O trágico não vem a conta-gotas. Apanhara o marido a mulher: com outro, um terceiro... Sem mais cá nem mais lá, mediante revólver, assustou-a e matou-o. Diz-se, também, que a ferira, leviano modo.

[...]

Ela - longe - sempre ou ao máximo mais formosa, já sarada e sã. Ele exercitava-se a aguentar-se, nas defeituosas emoções.

Enquanto, ora, as coisas amaduravam. Todo fim é impossível? Azarado fugitivo, e como à Providência praz, o marido faleceu, afogado ou de tifo. O tempo é engenhoso.

[...]

Sempre vem imprevisível o abominoso? Ou: os tempos se seguem e parafraseiam-se. Deu-se a entrada dos demônios.

Da vez, Jó Joaquim foi quem a deparou, em péssima hora: traído e traidora. De amor não a matou, que não era para truz de tigre ou leão. Expulsou-a apenas, apostrofando-se, como inédito poeta e homem. E viajou a mulher, a desconhecido destino.

Tudo aplaudiu e reprovou o povo, repartido. Pelo fato, Jó Joaquim sentiu-se histórico, quase criminoso, reincidente. Triste, pois que tão calado. Suas lágrimas corriam atrás dela, como formiguinhas brancas. Mas, no frágio da barca, de novo respeitado, quieto. Vá-se a camisa, que não o dela dentro. Era o seu um amor meditado, a prova de remorsos. Dedicou-se a endireitar-se.

[...]

Celebrava-a, ufanático, tendo-a por justa e averiguada, com convicção manifesta. Haja o absoluto amar- e qualquer causa se irrefuta.

Pois produziu efeito. Surtiu bem. Sumiram-se os pontos das reticências, o tempo secou o assunto. Total o transato desmanchava-se, a anterior evidência e seu nevoeiro. O real e válido, na árvore, é a reta que vai para cima. Todos já acreditavam. Jó Joaquim primeiro que todos.

Mesmo a mulher, até, por fim. Chegou-lhe lá a notícia, onde se achava, em ignota, defendida, perfeita distância. Soube-se nua e pura. Veio sem culpa. Voltou, com dengos e fofos de bandeira ao vento.

Três vezes passa perto da gente a felicidade. Jó Joaquim e Vilíria retomaram-se, e conviveram, convolados, o verdadeiro e melhor de sua útil vida.

E pôs-se a fábula em ata.

ROSA, João Guimarães. *Tutameia - Terceiras estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967,p.38-40.

06. **(PC-AC – 2015 – Perito Criminal – FUNCAB)** De acordo com os estudos de regência verbal e com o padrão culto da língua, o verbo em "Dependiam eles de milagre," é:

a) transitivo direto.

b) transitivo indireto.

c) transitivo direto e indireto.

d) intransitivo.

e) de ligação.

07. **(SEE-AC – 2013 – Professor - FUNCAB)** Marque a opção que completa, correta e respectivamente, as lacunas da frase abaixo.

Frente ___ frente com os colegas, o professor explicou ___ situação e retirou ___ sua candidatura ___ presidência da associação de docentes.

a) a - a - a - a

b) à - a - à - a

c) à - a - a - à
d) a - a - a - à
e) à - à - a - a

08. **(CODATA – 2013 – Auxiliar de Informática – FUNCAB)** Em qual das frases abaixo o acento indicativo de crase foi corretamente colocado?

a) Eles aderiram à manifestação.
b) À tarde estava muito fresca.
c) Daqui à pouco eles sairão da sala.
d) Tomaram o remédio gota à gota.
e) Eles assistiam à tudo, indiferentes.

09. **(IPEM-RO – 2013 – Assistente Jurídico – FUNCAB)** Conhecendo a regência do verbo CONFIAR, percebe-se que, ao redigir o período abaixo, o autor optou pela omissão da preposição:

"Nosso futuro é a aglomeração urbana e as sociedades se dividem entre as que se preparam – conscientemente ou não – para um mundo desigual e apertado e as que confiam que as cidadelas resistirão às hordas sem espaço."

a) a
b) com
c) de
d) para
e) em

10. **(IPEM-RO – 2013 – Assistente Jurídico – FUNCAB)** Assinale a opção que completa, correta e respectivamente, as lacunas da frase abaixo.

Essa constatação, carregada de estranha obviedade, obriga-nos quase ___ tratar como uma circunstância paralela e eventual aquela que deve ser considerada ___ marca humana por excelência: ___ capacidade de reflexão e consciência.

a) à - a - a
b) à - à - a
c) a - a - a
d) a - à - a
e) a - a - à

Como encontrar um milagre na Índia

Doentes e peregrinos buscam a salvação em templos que praticam o exorcismo em Kerala, ao sul da Índia. Garanto: naquela região se operam, de fato, milagres que salvam vidas diariamente.

Os "milagres" nada têm a ver com os deuses ou demônios. Apenas com homens, responsáveis por uma das mais admiradas experiências sociais já produzidas num país pobre. Como o resto da Índia, Kerala é miserável, sua renda por habitante é de US$ 300 por ano - dez vezes menos do que a brasileira e cem vezes se comparada com a americana.

Primeiro "milagre" num país de 900 milhões de habitantes com explosivo crescimento populacional: cada mulher tem apenas dois filhos (1,7, para ser mais preciso), uma média semelhante à de um casal de classe média alta em Manhattan, Paris, São Paulo ou Rio de Janeiro. Segundo e mais importante: de cada mil crianças que nascem, apenas 13 morrem antes de completar um ano - um nível de mortalidade infantil semelhante ao dos Estados Unidos e quatro vezes menor que o do Brasil.

Até pouco tempo atrás, Kerala era mais conhecida por suas praias, onde os turistas "descolados" se deitavam na areia depois do banho, massageados por moradores que aprenderam de seus ancestrais os segredos da massagem ayurvédica, medicina tradicional indiana. Agora, porém, atrai tipos menos transcendentais da Europa e dos Estados Unidos, decididos a entender e difundir a experiência sobre como um lugar miserável consegue indicadores sociais tão bons.

As pesquisas indicam, em essência, um caminho: graças à vontade política dos governantes locais, em nenhum outro lugar da Índia se investiu tanto na educação das mulheres. Uma ação que enfrentou a rotina da marginalização. Na Índia, por questões culturais, se propagou o infanticídio contra meninas, praticado pelos próprios pais.

Em Kerala, apenas 5%das garotas estão fora da escola, reduzindo a porcentagens insignificantes o analfabetismo. Elas são mais educadas, entram no mercado de trabalho, frequentam postos de saúde, amamentam os filhos, conhecem noções de higiene, sabem a importância, por exemplo, de ferver a água ou aplicar as vacinas, planejam voluntariamente o número de filhos.

Daí se vê o que significou, no Brasil, termos gasto tanto dinheiro na construção de hospitais, em vez de investir mais pesadamente em medicina preventiva. Muitas dessas obras só ajudaram a saúde financeira dos empreiteiros.

(DIMENSTEIN, Gilberto. Aprendiz do Futuro - Cidadania hoje e amanhã. São Paulo: Ática, 2000, p. 46.)

11. **(IPEM-RO – 2013 – Assistente Jurídico – FUNCAB)** Assinale a opção em que o espaço deve ser preenchido com À (preposição e pronome), como destacado em "(...) uma média semelhante À de um casal de classe média (...) ".

a) ___ medida que caminhava, recordava-se da terra natal.
b) Esta cena corresponde ___ que presenciei ontem.
c) Aproveite ___ oferta e se contente com a cor do tecido.
d) Referia-se, com certeza, ____ terra de seus pais.
e) Obedeceu ____ ordem dada, sem reclamar.

12. **(IPEM-RO – 2013 – Assistente Jurídico – FUNCAB)** Todas as regências dos verbos destacados estão corretamente indicadas, EXCETO:

a) "...LANÇA suas folhas além do muro..." (verbo transitivo indireto)

b) "...VEIO um amigo..." (verbo intransitivo)

c) "Mas eu TINHA razão." (verbo transitivo direto)

d) "...DECLAROU desdenhosamente que aquilo era capim." (verbo transitivo direto)

e) "...o pé de milho PARECIA um cavalo..." (verbo de ligação)

13. **(IPEM-RO – 2013 – Assistente Jurídico – FUNCAB)** Tal como o substantivo "recolhimento" - que tanto pode reger a preposição "a" ("recolhimento ao cárcere") como a preposição "em" -, todos os nomes a seguir admitem dupla regência, COM EXCEÇÃO apenas do que está destacado em:

a) respostas para essa pergunta (parágrafo 1).

b) violação ao pacto social (parágrafo 2).

c) direito de propriedade (parágrafo 5).

d) inspirada em Beccaria (parágrafo 6).

e) decorrente de sentença penal condenatória (parágrafo 7).

14. **(SEFIN e SUPEL/RO – 2014 – Agente Administrativo – FUNCAB)** Assinale a opção que, de acordo com a norma culta da língua, completaria corretamente o período abaixo.

"As pessoas se afastam naturalmente de amigos ________________."

A) a que não gostam.

B) dos quais não simpatizam.

C) com os quais já discutiram.

D) nos quais nunca precisam.

E) para os quais deixam de confiar.

15. **(SESAP-RN – 2010 – Médico – FUNCAB)** Qual das orações abaixo apresenta desvio quanto à norma culta da língua?

a) Estavam todos atentos aos resultados das pesquisas.

b) Chegaram ao Congresso pontualmente.

c) Tentaram persuadi-lo a largar o vício.

d) Eles já obedecem as novas regras.

e) Renunciou a tudo na busca de melhores condições.

16. **(PRODAM-AM – 2010 - Analista de Tecnologia da Informação - Banco de Dados – FUNCAB)** Das alterações feitas abaixo na redação do trecho "tocando aquela música em que RC declara à amada" (3º parágrafo), aquela em que o acento da crase tem emprego facultativo é:

a) tocando aquela música em que RC declara à mulher amada.

b) tocando aquela música em que RC declara à Julieta, a mulher amada.

c) tocando aquela música em que RC declara à moça por ele muito amada.

d) tocando aquela música em que RC declara à nova amada.

e) tocando aquela música em que RC declara à única amada de sua vida.

A corretora de mar

A mulher entrou no meu escritório com um sorriso muito amável e olhos muito azuis. Desenrolou um mapa e começou a falar com uma certa velocidade, como é uso dos chilenos. Gosto de ver mapas, e me ergui para olhar aquele.

Quando percebi que se tratava de um loteamento, e a mulher queria me vender uma parcela, me coloquei na defensiva; disse que no momento suspendi meus negócios imobiliários, e até estava pensando em vender meus imensos territórios no Brasil; que além disso o Chile é um país muito estreito e sua terra deveria ser dividida entre seu povo; até ficaria mal a um estrangeiro querer especular com um trecho da faja angosta, que é como os chilenos chamam sua tira estreita de terra, que por sinal costumam dizer que é “larguíssima”, para assombro do brasileiro recém-chegado, que não sabe que isso em castelhano quer dizer “compridíssima”.

Os olhos azuis fixaram-se nos meus, a mão extraiu de uma pasta a fotografia de um terreno plantado de pinheirinhos de dois ou três anos: não se tratava de especulação imobiliária; dentro de poucos anos eu seria um madeireiro, poderia cortar meus pinheiros... Ponderei que tenho uma pena imensa de cortar árvores.

A senhora não tem?

Também tinha. E então baixou a voz, sombreou os olhos de poesia, e me disse que ela mesma, corretora, também comprara duas parcelas naquele terreno. E tinha certeza confessava que também não tinha coragem de mandar cortar seus pinheiros; também adorava árvores e passarinhos, cortaria apenas os pinheiros necessários para fazer uma casinha de madeira: o lugar é lindo, em um pequeno planalto, dá para uns penedos junto ao mar; as árvores choram, e cantam com as ondas quando sopra o vento do oceano...

Confesso que paguei a primeira prestação: ela passou o recibo, sorriu, me disse muchas gracias e hasta lueguito e partiu com seus olhos azuis, medeixando meio tonto, com a vaga impressão de ter comprado um pedaço do Oceano Pacífico.

A corretora de mar (BRAGA, Rubem. Ai de ti, Copacabana. Rio de Janeiro, Record: 1987).

17. **(Pref. Cacoal/RO – 2013 – Agente Administrativo – FUNCAB)** Conhecendo a regência do nome CERTEZA, pode-se perceber que, no trecho abaixo, houve a omissão de uma preposição após o segundo travessão. Identifique essa preposição. “E tinha certeza - confessava - que também não tinha coragem de mandar cortar seus pinheiros [...]”

A) de
B) com
C) em
D) para
E) a

18. **(Prefeitura de Aracruz/ES – 2014 – Agente Administrativo – FUNCAB)** Assinale a opção que completa correta e respectivamente, as lacunas da frase abaixo:

O delegado começou ____ perceber que ____ ameaças que fazia ____ senhor causavam mal-estar ____ pessoas que assistiam ____cena.

A) a-as-àquele-às-à
B) a-às-aquele-as-à
C) à-às-àquele-as-a
D) à-as-aquele-às-a
E) à-as-àquele-as-à

Temos, sem dúvida, sérios problemas de discriminação e exclusão na sociedade brasileira, que se refletem também nas universidades. Mas frequentemente parece que eles são abordados de forma desfocada.

A composição racial da sociedade brasileira tem forte presença de negros, pardos e minorias. Diz-se que esse perfil não se repete na universidade. Mas porque razão a composição geral da sociedade deve se repetir em seus contextos e recortes específicos? Ela se repete em times de futebol ou na seleção brasileira?

Se acreditarmos que o perfil étnico ou econômico do conjunto da população seja, ou deva ser, uma "invariante social", repetindo-se em qualquer recorte ou subgrupo, a consequência óbvia disso é a generalização da prática de cotas.

Além de cotas no vestibular, em breve teremos propostas de cotas de formatura, para compensar injustiças e discriminações ocorridas ao longo do curso. Em seguida, cotas para times de futebol, cotas para funcionários das empresas, cotas para sócios de clubes, cotas para academias de ginástica, cotas para fieis de cada religião e culto e por aí vai.

A grande injustiça é ver a quantidade de pessoas, especialmente os jovens inteligentes e esforçados, sendo impedidas de se desenvolver. Não é dada a elas a oportunidade de aprender a crescer, por causa de uma educação pública básica e média medíocres. Esse é o problema real.

O contrário do racismo e da discriminação social não é uma "discriminação positiva", mas sim a ausência dessas classificações. Qualquer solução que envolva critérios de raça ou pobreza não contribui para eliminar a discriminação. Pelo contrário, reafirma, reforça e pereniza esses conceitos básicos dos mecanismos de exclusão.

Nesse cenário de sequestro de oportunidades, há um grupo de jovens mais velhos que já foi prejudicado pelas péssimas escolas públicas. E há outro grupo, bem maior, das crianças que ainda enfrentarão o problema. Para as pessoas já prejudicadas, as cotas são um mecanismo compensatório, que pode reduzir, mas não eliminar, o prejuízo.

Se houver uma proposta cujo cerne seja a melhoria efetiva do atual ensino público de primeiro e segundo grau, com parâmetros objetivos e seguindo modelos que comprovadamente já deram excelentes resultados em várias partes do mundo, e que parte dessa proposta seja um sistema de cotas, emergencial e provisório (com prazo limitado), visando apenas aquela população que já foi prejudicada, essa proposta merece não apenas a nossa aprovação, mas também o nosso aplauso

Já uma proposta que contemple apenas a questão das cotas de forma isolada ou é ingênua ou é demagógica. Anestesia as consciências, acomoda as queixas, reduz as pressões – é a solução mais fácil e barata para os governantes. Mas mantém a condenação de milhões de crianças a precisar de cotas no futuro, sempre em ciclos sem fim, sequestrando suas oportunidades e seus sonhos. [...]

Breyne. Folha de São Paulo, 07/ 04 /2013.

19. **(ANS – 2013 - Ativ. Téc. de Complexidade Intelectual - Administração – FUNCAB)** Conforme as gramáticas da língua portuguesa, há ERRO de regência na substituição do complemento verbal por um pronome átono em:

a) "[...] Não é dada a elas [...]" (parágrafo 5) / Não lhes é dada.

b) "[...] acomoda as queixas [...]" (parágrafo 9) / acomoda-as.

c) "[...] visando [...] aquela população [...]" (parágrafo 8) / visando-lhe.

d) "[...] reduz as pressões [...]" (parágrafo 9) / redu-las.

e) "[...] mantém a condenação de milhões de crianças [...]" (parágrafo 9) / mantém-na.

Gabarito

1)	C	11)	B
2)	C	12)	A
3)	E	13)	E
4)	C	14)	C
5)	B	15)	D
6)	B	16)	B
7)	D	17)	A
8)	A	18)	A
9)	E	19)	C
10)	C		

Muitos bem, alunos! Chegamos ao final de mais uma aula!

Não deixem de tirar as suas dúvidas!

Contatos: professorarafaelafreitas@gmail.com ou fórum de dúvidas.

Será um prazer atendê-los!

Até a próxima aula,

Rafaela Freitas

PORTUGUÊS

Morfologia – Verbos

Classificação dos Verbos – Parte II: Abundantes, Impessoais, Unipessoais e Pronominais.

Prof.ª Isabel Vega

Abundantes, Impessoais, Unipessoais e Pronominais

I – ABUNDANTES → São os que têm duas ou mais formas equivalentes, geralmente de particípio.

Ex.: havemos e hemos / haveis e heis
acendido (regular) e aceso (irregular)
soltado (regular) e solto (irregular)

II - IMPESSOAIS → São aqueles que não possuem sujeito, sendo conjugados apenas na terceira pessoa do singular.

Ex.: Choveu. / Trovejou. / Anoiteceu. (fenômenos da natureza)
Havia muitos chocolates para as crianças. (= existir)
Tinha muitos chocolates para as crianças. (= existir)
Faz três dias que não ligo para ela. (tempo decorrido)

III – UNIPESSOAIS → São aqueles que possuem sujeito, mas só são conjugados na terceira pessoa do singular ou do plural, como ACONTECE, BASTA, CABE, COMPETE, CONSTA, CONVÉM, CUMPRE, FALTA, IMPORTA, INTERESSA, OCORRE, PARECE, RESTA, URGE, etc.

Ex.: Basta [um só erro].
↳ Sujeito

Faltam [cinco dias] para as férias.
↳ Sujeito

Abundantes, Impessoais, Unipessoais e Pronominais

IV – PRONOMINAIS → São aqueles conjugados com pronomes átonos obrigatoriamente. Esses pronomes recebem a classificação de parte integrante do verbo.

Ex.: Apaixonei-me assim que o vi.
As crianças comportaram-se bem durante o passeio.

OBS.: Distingue-se, na prática, o verbo reflexivo do verbo pronominal porque ao primeiro se podem acrescentar, conforme a pessoa, as expressões *a mim mesmo*, *a ti mesmo*, etc.

Ex.1:João feriu-se. > João feriu Maria > João feriu a si mesmo.
(FERIR → verbo reflexivo)

Ex.2:João arrependeu-se .> * João arrependeu Maria. > *João arrependeu a si mesmo. (ARREPENDER-SE → verbo pronominal)

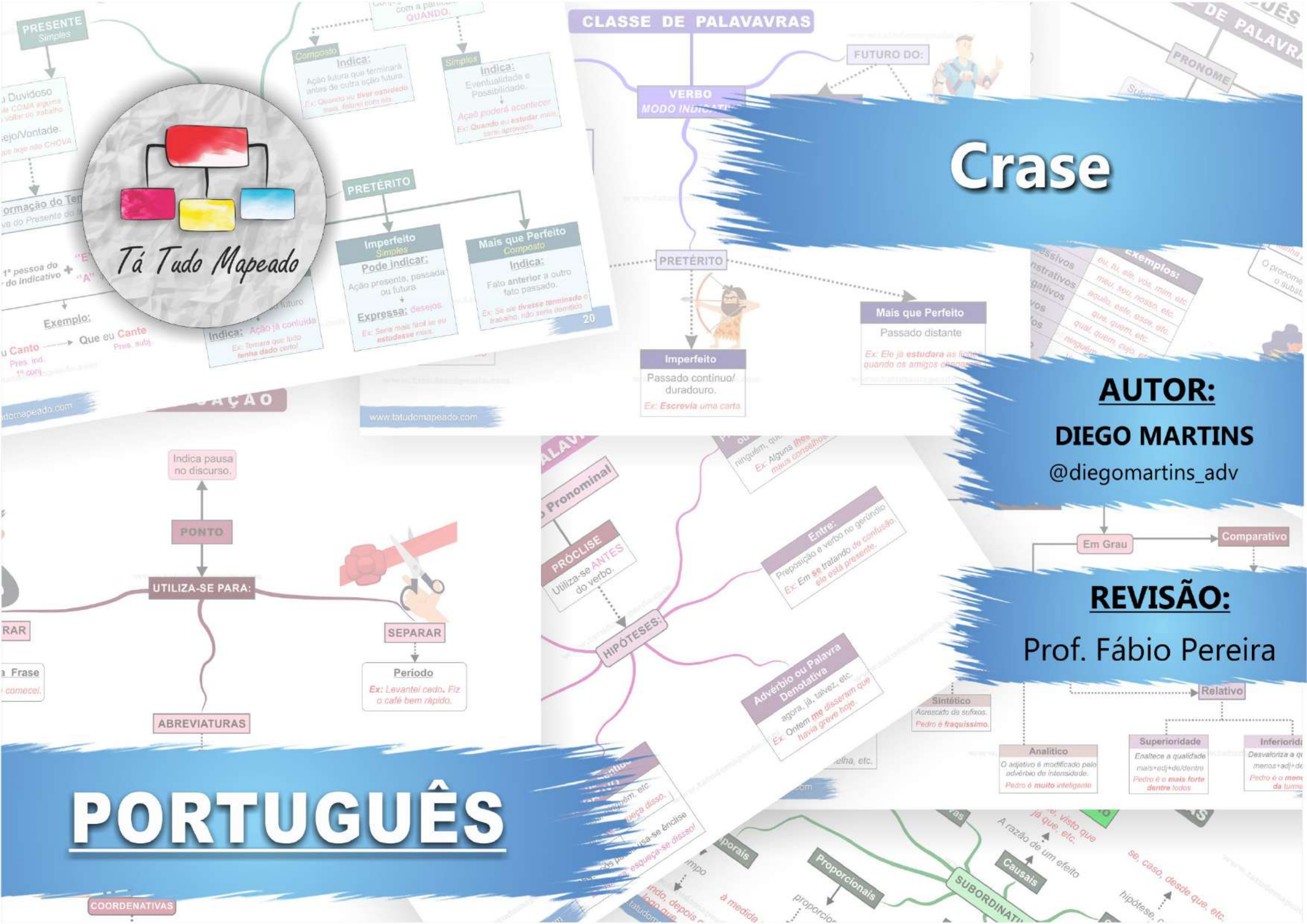

Tá Tudo Mapeado

Crase

AUTOR:

DIEGO MARTINS

@diegomartins_adv

REVISÃO:

Prof. Fábio Pereira

PORTUGUÊS

IMPORTANTE!

Este material é protegido por direitos autorais **(copyright)**, nos termos da **Lei 9.610/98**, que altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências.

A reprodução deste material é condicionada a autorização, sendo terminantemente proibido o seu uso para fins comerciais. A violação do direito autoral é crime, punido com prisão e multa, sem prejuízo da busca e apreensão do material e indenizações patrimoniais e morais cabíveis.

www.tatudomapeado.com

Índice

Crase - Condições e Obrigatoriedade 4
Crase Proibida 5
Crase Facultativa 6
Crase - Casos Especiais 7

PORTUGUÊS

CRASE

www.tatudomapeado.com

www.tatudomapeado.com

IMPORTANTE!

O nome do sinal **NÃO é CRASE**
↓
*O sinal é chamado de **''GRAVE''***
''a'' (preposição) + ''a'' (artigo) = ''á''

CONDIÇÕES PARA OCORRER

1- O termo regente deve pedir preposição;

Estude regência!

2- Termo regido deve ser palavra feminina que admita artigo.

DICA!

Troque a palavra feminina por masculina
↓
Se parecer ''ao(s)'' → Usa-se Crase!

Ex: *Todos iriam **à** escola*
*Todos iriam **ao** jogo*

CRASE OBRIGATÓRIA

www.tatudomapeado.com

LOCUÇÕES
- *Prepositivas;*
- *Adverbiais;*
- *Conjuntivas.*

→ *Femininas*
↓
*Ex: Pelé estava **à frente de** seus concorrentes.*

EXPRESSÕES → *à moda de*

*Ex: Era um **frango à passarinho***
à moda de

www.tatudomapeado.com

www.tatudomapeado.com

www.tatudomapeado.com

PORTUGUÊS

CRASE

CRASE PROÍBIDA

Expressões com palavras Repetidas

Ex: Ficamos cara a cara.

Depois de outra Preposição

Ex: Fui para a argentina

ANTES DE:

Substantivos Masculinos

Ex: Andei a pé.

"A" no Singular seguido de palavra no Plural

Ex: Solicitei ajuda a pessoas estranhas.

Artigo Indefinido

Ex: Irei a uma festa.

Pronomes Indefinidos

Ex: Direi a todos o que ocorreu.

Verbos:

Ex’: Comecei a fazer judô

Pronome de Tratamento

Ex: Não direi a Vossa Excelência.

Numeral Cardinal

Ex: Minha casa fica a duas quadras daqui.

Pronome Interrogativo

Ex: referiu a que?

Pronomes Pessoais

Ex: Não direi a ela

Pronomes Demosntrativos

Ex: Entreguei o caderno a esta atendente

www.tatudomapeado.com

PORTUGUÊS

CRASE

CRASE FACULTATIVA

Depois de "ATÉ"

Ex: Foi **até a(à)** cozinha.

Pronome Possessivo no Singular

Ex: Entre **a(à) sua** filha.

Antes de Topônimos

Ex: Temos **a(à) Inglaterra**

Salvo estiverem determinados.

MACETE!

- **Cheguei da** → Crase **Há**
- **Cheguei de** → Crase **NÃO** vai haver.

Nomes Própios

Ex: Entregue uma carta **a(à) Paula**

Obs: Se vier com determinação será obrigatória

↓

Ex: Entregue uma carta **à Paula do açougue.**

www.tatudomapeado.com
www.tatudomapeado.com
www.tatudomapeado.com
www.tatudomapeado.com
www.tatudomapeado.com

PORTUGUÊS

CRASE

CASOS ESPECIAIS

Antes da palavra "CASA"

- **Não Haverá Crase:** → Em Regra!
  - *Ex: Iremos a casa assim que chegarmos.*
- **Há Crase:** → Quando modificado por: *Adjetivo ou Loc. Adjetiva*
  - *Ex: Iremos à casa de minha tia.*

Antes da palavra "TERRA"

- **Não Há Crase** → Quando for oposto de : → *- Mar;* *- Bordo.*

  Ou seja, quando significa "terra firme"

  Ex: Deixei o barco e fui a terra.
- **Há Crase** → Se vier especificador
  - *Ex: Os marinheiros retornaram à terra natal.*

Antes da palavra "DISTÂNCIA"

- **Não há Crase** → *Ex: Viu o barco a distância*
- **Há Crase** → Se estiver determinado
  - *Ex: Viu o barco à distância de 100 metros.*

www.tatudomapeado.com

REFERÊNCIAS:

Fernando Pestana - **A Gramática Para Concursos Públicos** - Série Provas e Concursos - Ed. Método

Henrique Subi - **Português Para Concursos. Manual Completo** - Ed. Foco

TÁ TUDO MAPEADO:

www.tatudomapeado.com.br

@mapasmentais_direito

@diegomartins_adv

facebook.com/tudomapeado

FÁBIO PEREIRA FREITAS

PORTUGUÊS

Sintaxe

Orações Coordenadas Sindéticas

Prof.ª Isabel Vega

► Classificação das orações coordenadas sindéticas

I – ADITIVAS → sentido de adição, sequência de ações.

Conjunções: e, nem
Locuções conjuntivas: não só (somente / apenas)... mas também (como também / mas ainda), etc.

Ex.1: [João recolheu a mesa] [**e** lavou a louça].
↳ O.C.A. ↳ O.C.S.Aditiva

} sentido denotativo

Ex.2:[João **não só** recolheu a mesa],[**mas ainda** lavou a louça].
↳ O.C.S. ↳ O.C.S.Aditiva

→ sentido enfático

Orações Coordenadas Sindéticas

II – ADVERSATIVAS → sentido de oposição.

Conjunções: mas, porém, contudo, entretanto, todavia...
Locuções conjuntivas: no entanto, não obstante, em todo caso...

Ex.1: [Estamos todos cansados], [**mas** precisamos estudar].
↳ O.C.A. ↳ O.C.S.Adversativa

Ex.2:[Estamos todos cansados]; [precisamos, **contudo**, estudar].
↳ O.C.A. ↳ O.C.S.Adversativa

Ex.3: [Já estudamos muito] , [**e** não chegamos à metade].
↳ O.C.A. ↳ O.C.S.Adversativa

Qconcursos.com

Orações Coordenadas Sindéticas

III – CONCLUSIVAS → sentido de conclusão do pensamento.

Conjunções: logo, portanto, pois (após o verbo), então, assim...
Locuções conjuntivas: por isso, por conseguinte, assim sendo...

Ex.1: [Está chovendo muito] , [**portanto** volto rápido].
↳ O.C.A. ↳ O.C.S.Conclusiva

Ex.2: [Está chovendo muito] ; [volto rápido, **pois**].
↳ O.C.A. ↳ O.C.S.Conclusiva

Ex.3: [Tive sorte] , [**e** consegui a vaga].
↳ O.C.A. ↳ O.C.S.Conclusiva

IV – ALTERNATIVAS → sentido de opção ou de alternância.

Conjunção: ou
Locuções conjuntivas: ou...ou, ora...ora, quer...quer, já...já

Ex.1:Está silêncio: [**ou** o vizinho saiu], [**ou** está dormindo].
↳ O.C.S ↳ O.C.S.Alternativa

Ex.2: [**Quer** chova], [**quer** faça sol], iremos ao passeio.
↳ O.C.S. ↳ O.C.S.Alternativa

Ex.3: [**Ora** ele ri], [**ora** ele chora].
↳ O.C.S. ↳ O.C.S.Alternativa

V – EXPLICATIVA → sentido de explicação (motivação da fala). É empregada para fazer deduções, ou para justificar ordens, pedidos e conselhos.

Conjunções: porque, que, porquanto, pois (antes do verbo)...

Ex.1:[Não mexe aí] , [**que** eu não quero]. → razão da ordem
↳ O.C.A. ↳ O.C.S.Explicativa

Ex.2: [Ele já dormiu] , [**pois** a luz está apagada]. → dedução
↳ O.C.A. ↳ O.C.S.Explicativa

OBS.: [Apaguei a luz] [**porque** ele já dormiu]. → **subordinação**
↳ consequência ↳ causa

PORTUGUÊS

Morfologia – Pronomes

Pronomes demonstrativos

Prof.ª Isabel Vega

Pronomes demonstrativos

►**Pronomes demonstrativos** → situam a pessoa ou a coisa designada em relação às pessoas gramaticais, no tempo ou no espaço.

1) Na posição geográfica:

a) ESTE: para designar o que está próximo da pessoa que fala.

b) ESSE: para designar o que está próximo da pessoa com quem se fala.

c) AQUELE: para designar o que está distante das duas pessoas, ou seja, a que fala e a com quem se fala.

Ex.: Este vestido que estou usando não foi caro.

Esse vestido que você está usando foi caro?

Você viu aquele vestido que a Maria estava usando?

2) Considerando o espaço temporal:

a) ESTE: designa o tempo presente em relação à pessoa que fala.

b) ESSE: designa o passado com relação à época em que se coloca a pessoa que fala.

c) NAQUELE: designa um passado remoto.

Ex.: Vamos comemorar este ano que começa! (ano presente)

Nesses anos todos, dediquei-me muito à profissão.(passado)

Naqueles tempos é que o carnaval era bom!(tempo remoto)

3) Como referenciação, considerando as palavras dentro do texto:

a) ESTE: para indicar catáfora, ou seja, para referir-se ao que ainda será mencionado no texto.

b) ESSE: para indicar anáfora, ou seja, para referir-se ao que já foi mencionado no texto.

Pronomes demonstrativos

Ex.: Só quero dizer a você isto: tome cuidado com a rua.

Flores, bombons, CDs, livros, essas coisas são presentes que adoro receber.

4) Considerando termos precedentes:

a) ESTE: para o que foi mencionado por último.

b) AQUELE: para o que foi inicialmente mencionado.

Ex.: Juliana já contraiu dengue e febre amarela: esta, quando fez um viagem à Floresta Amazônica; aquela, no último verão.

DAD SQUARISI
CÉLIA CURTO

REDAÇÃO PARA CONCURSOS E VESTIBULARES

passo a passo

editoracontexto

Proibida a reprodução total ou
parcial em qualquer mídia
sem a autorização escrita da
editora.
Os infratores estão sujeitos às
penas da lei.

A Editora não é responsável pelo
conteúdo da Obra,
com o qual não necessariamente
concorda. As Autoras conhecem os
fatos narrados,
pelos quais são responsáveis,
assim como se responsabilizam
pelos juízos emitidos.

Consulte nosso catálogo completo
e últimos lançamentos em
www.editoracontexto.com.br.

Redação para concursos e vestibulares

passo a passo

Dad Squarisi
Célia Curto

editoracontexto

Copyright © 2009 das
Autoras

Todos os direitos desta
edição reservados à
Editora Contexto (Editora
Pinsky Ltda.)

Montagem de capa e diagramação
Gustavo S. Vilas Boas

Preparação de textos
Lilian Aquino

Revisão
Flávia Portellada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Squarisi, Dad

Redação para concursos e vestibulares : passo a passo / Dad Squarisi, Célia Curto. – São Paulo : Contexto, 2013.

ISBN 978-85-7244-440-8

1. Português - Concursos 2. Português - Redação 3. Português - Redação (Vestibular) I. Curto, Célia. II. Título.

09-05664 CDD-469.8076

Índices para catálogo sistemático:

1. Concursos e vestibulares : Redação : Português 469.8076
2. Redação : Português : Concursos e vestibulares 469.8076

2013

EDITORA CONTEXTO
Diretor editorial: *Jaime Pinsky*

Rua Dr. José Elias, 520 – Alto da Lapa
05083-030 – São Paulo – SP
PABX: (11) 3832 5838
contexto@editoracontexto.com.br
www.editoracontexto.com.br

Para Camélia e Therezamaria,
amigas essenciais
Dad

Para minha filha, Beatriz,
meu companheiro, Rogério,
e minhas amigas de São Paulo e Rio
Célia

Sumário

Redação rima com transpiração

PRIMEIRA PARTE
Planejamento e estrutura do texto

Pau pra toda obra

LIÇÃO 1 - Mandar recados

LIÇÃO 2 - Encontrar o caminho

LIÇÃO 3 - O leitor é quem manda

LIÇÃO 4 - Aonde você vai?

LIÇÃO 5 - Como criar ideias

LIÇÃO 6 - Escrever é pensar

LIÇÃO 7 - O parágrafo

LIÇÃO 8 - O tópico frasal

LIÇÃO 9 - Como desenvolver o parágrafo: citação de exemplos

LIÇÃO 10 - Como desenvolver o parágrafo: apresentação de razões e consequências

LIÇÃO 11 - Como desenvolver o parágrafo: decomposição, definição, confronto

LIÇÃO 12 - Diga-diga-diga

LIÇÃO 13 - A introdução

LIÇÃO 14 - O desenvolvimento

LIÇÃO 15 - A conclusão

LIÇÃO 16 - O time da língua

LIÇÃO 17 - Redação nota 10

LIÇÃO 18 - Redação matemática

SEGUNDA PARTE

Qualidades do estilo

Puro prazer

LIÇÃO 19 - Regras de ouro da escrita

LIÇÃO 20 - Forma positiva e forma concreta

LIÇÃO 21 - Declarações

LIÇÃO 22 - Carícia nos ouvidos

LIÇÃO 23 - Xô, eco

LIÇÃO 24 - Verbos-ônibus

LIÇÃO 25 - Companhias amigas e inimigas

LIÇÃO 26 - Os indesejados

LIÇÃO 27 - Seu? De quem?

LIÇÃO 28 - O mal-amado

LIÇÃO 29 - Dizer o que é sem tirar nem pôr

LIÇÃO 30 - Lé com lé, cré com cré

LIÇÃO 31 - Casaizinhos fiéis

LIÇÃO 32 - Cruzamentos sintáticos

LIÇÃO 33 - Enumeração paralela

LIÇÃO 34 - Os fora de moda

LIÇÃO 35 - Lipoaspiração no texto

TERCEIRA PARTE

Exercícios

Respostas

Bibliografia
As autoras

Redação rima com transpiração

“Não gosto de escrever. Gosto de ter escrito.”Armando Nogueira

Você disserta todos os dias. Disserta quando justifica sua opinião a respeito de um filme. Disserta quando escreve sobre as causas da Inconfidência Mineira. Disserta quando convence seu pai a lhe aumentar a mesada. Disserta quando exige o cumprimento da lei seca.

Na vida, você fez muitas dissertações. No vestibular, no concurso ou na prova de seleção, fará mais uma. Só que há um detalhe. O tempo é curto; a concorrência, grande; as vagas, poucas. Um bom texto não cai do céu nem salta do inferno. Como outras habilidades, requer técnica e esforço.

Fazer aquela sobremesa especial dá trabalho, não dá? A festa que dura quatro horas leva 20 dias para ser organizada, não leva? A redação não é diferente. Como preparar um prato gostoso ou uma festa divertida, a dissertação deve ser feita por etapas.

Este livro apresenta os passos a serem seguidos. São 35 lições distribuídas em três partes. Na primeira, você desvenda os mistérios do planejamento da dissertação. Aprende a delimitar o tema, a traçar o objetivo, a definir a tese, a escolher argumentos. Transforma o plano em texto com introdução charmosa, desenvolvimento convincente e conclusão sedutora. Na segunda, retoca o estilo. Com truques simples, lapida o diamante bruto. O recado, submetido a plásticas, lipoaspirações e aplicação de botox, ganha concisão, clareza e harmonia. Seduz. Na terceira, aplica a teoria.

Ufa! Para dar uma bela festa, você tem de escolher a data, o lugar, os convidados, a bebida, a comida. Depois, bolar e encaminhar os convites, comprar os ingredientes, fazer a comilança, contratar garçons, providenciar pratos, copos, guardanapos e talheres, selecionar músicas. Escrever uma dissertação nota 10 também dá trabalho. *Redação para concursos e vestibulares* lhe facilita a vida. Exercícios respondidos e comentados acompanham cada lição. O resultado compensa. Você surpreende o leitor com texto que é puro prazer. Conclusão: uma vaga na universidade é sua. No emprego também.

PRIMEIRA PARTE

Planejamento e estrutura do texto

Pau pra toda obra

“Só existem dois tipos de textos”, frisava o professor Antonio Sales. “Um é o literário. O outro, o não literário.” Segundo o velho mestre da Universidade de Brasília, ambos começam com letra maiúscula e terminam por ponto. A diferença se dá no conteúdo. O primeiro é recheado de talento. O segundo, de informação.

Dissertação, carta, relatório, e-mail, exposição de motivos –textos exigidos em provas escolares, concursos, vestibular e vida profissional – lidam com informação. Como organizá-la? Como oferecê-la ao leitor? É o assunto das primeiras lições do livro. Com elas, ideias nebulosas viram recados concretos.

Como chegar lá? O primeiro passo é planejar o texto – definir o tema, o leitor e o objetivo. O segundo, buscar ideias capazes de transmitir a mensagem que você tem na cabeça. O terceiro, escrever. Todo texto tem começo, meio e fim. Todo texto, também, é dividido em parágrafos. Dominar técnicas essenciais para uma comunicação eficaz não é dom divino. É conquista. Vamos começar os treinos?

LIÇÃO 1

Mandar recados

“A leitura é um vício impune.”
Valery Larbaud

Escrever é mandar recado. Qualquer um. A receita de uma sobremesa é um recado. O convite para a festa de 15 anos é um recado. O horóscopo publicado no jornal é um recado. A prova que você faz na escola é um recado.

Há diferentes jeitos de mandar recados. O pintor usa as cores. O desenhista, o traço. O mímico, o gesto. O escritor, a palavra.

A gente manda e recebe recados todos os dias. A secretária anota a mensagem para o chefe ausente. O médico prescreve o remédio para o enfermo. O professor dá o tema da redação. Você escreve uma carta para a avó distante. Seu coleguinha manda um e-mail para você. É tudo recado.

E a dissertação do vestibular? E a redação do concurso? É recado. Então por que aquele frio na espinha? Só de pensar nela as mãos ficam geladas. O coração dispara. O suor jorra. Esses sintomas têm um nome – medo. Do quê? O que apavora é não ter nada para dizer.

Qual a saída? Ser esperto. Não se deixar apanhar. Preparar-se. Há várias formas de criar ideias. Conversar é uma delas. Assistir a telejornais, outra. Ver filmes, mais uma. Ler, a melhor de todas.

A leitura faz bruxarias. Com ela, a grafia perde o mistério. O x, o ch, os ss, os çç viram gente de casa. As palavras certas se oferecem no momento certo. Adeus, caça a substantivo, adjetivo ou verbo. Assunto não falta. Os temas se tornam íntimos. Os argumentos, as comparações, as analogias, tudo vem devagarinho. Sem violência. Sem pressão.

O que ler? Revistas são boa pedida. O curioso pode ler a *Superinteressante.* O amante de carros, a *Quatro Rodas*. O apaixonado por computadores, a *Informática*. O louco por decoração, a *Vogue*. Todos, a *Veja*, a *IstoÉ,* a *Época*. Livros são também pra lá de bem-vindos.

A leitura de jornais ajuda. E como! Neles não falta assunto. Você gosta de esporte? De notícias internacionais? Dos acontecimentos da cidade? De política? Arte? Cinema? Vá lá.

O problema é o tempo, não? Selecione. Leia seus assuntos preferidos. Depois, detenha-se nos editoriais e colunas. Em geral são textos argumentativos. Neles, o autor toma posição sobre determinado tema. Argumenta. Defende o recado com unhas e dentes. É o que você vai fazer na prova.

LIÇÃO 2

Encontrar o caminho

> “O escrever não tem fim.”
> Fedro

Sobre o que escrever? Eis o grande desafio. Sem enfrentá-lo,nada feito. Uma ideia vaga na cabeça e uma caneta na mão? Acredite. Só com eles você não chega a lugar nenhum. É preciso pôr os pés no chão. Pensar. E deixar a cabeça bem clara.

Na prova, você vai escrever um pequeno texto, não verbete de enciclopédia. O primeiro passo é traçar um caminho. Um só. Especifique a ideia vaga que tem na mente. Restrinja o tema, ponha-lhe limites. Em suma: selecione um aspecto particular no leque de possibilidades.

Digamos que o tema seja moda. O que escrever? Há uma gama enorme de aspectos: a indústria da moda; quanto custa andar na moda; a moda ditada pela televisão; a moda dos anos 1960; a moda hippie; a moda do verão; a história da moda; dize-me como te vestes e dir-te-ei quem és; os destaques dos desfiles de Paris; a moda no circuito Paris-Milão-Nova York. E tantos e tantos outros.

Viu? Os tópicos especificam o tema. Tornam-no mais restrito. Se você se decidir pela moda nos anos 1960, esqueça os demais. Concentre os esforços no desenvolvimento dessa ideia.

Que cuidados ter na seleção do tópico? O mais importante: não fugir do tema. Ter certeza de que o aspecto está relacionado com ele – íntima e diretamente, bem amarradinho. Mais ou menos não vale.

Suponhamos que o tema seja criminalidade. Você optou pelo tópico violência na TV. Meio fora, não? Deixe-o de lado. Defina um tópico claramente relacionado com o tema. Por exemplo: relação do consumo de drogas com o aumento da criminalidade; o índice de criminalidade no Distrito Federal; roubar, a profissão do marginalizado.

Escolhido o rumo, você não se perderá. Com ele, adeus sensação de que só um livro seria capaz de esgotar o assunto. Se bobear, o risco é grande. O examinador vai pensar que você decorou uma redação e adaptou-a na prova. Injustiça? Também acho. Mas você não está lá para explicar o engano. Melhor prevenir.

LIÇÃO 3

O leitor é quem manda

“Não diga nem mais nem menos do que você precisa dizer.”
Manual de estilo da Editora Abril

O verbo escrever é transitivo direto e indireto. Quem escreve escreve alguma coisa para alguém. O objeto direto varia. Posso escrever uma carta, uma dissertação, um poema, uma receita, um artigo para o jornal. Para quem?

A resposta é muito importante. Para os leitores do jornalzinho da escola? Para o colega de sala? Para o jardineiro do vizinho? Para o professor? Para o namorado? Para você mesmo?

Imagine a situação. Você tem uma receita de sorvete. Vai passá-la para três receptores diferentes: a cozinheira da sua casa, que tem só o 3º ano do ensino fundamental; a mãe de seu colega, professora da universidade; e os leitores da revista *Playboy.*

Convenhamos. A receita é a mesma. Mas sairão três redações diferentes. A primeira, no nível da cozinheira. (Se ela não a entender, nada de sobremesa.) A segunda, mais elaborada. A última, cheia de sofisticação e malícia.

Por quê? Porque a gente dança conforme a música. Escreve para o leitor. O assunto e o texto têm que estar adaptados a ele. Se não, o recado deixa de ser dado. Não vale dizer “ele não me entendeu”. Diga “não me fiz entender”.

Suponha que um professor vai escrever a história do descobrimento do Brasil para duas clientelas. Uma versão para alunos da 2ª série do fundamental. A outra, para estudantes da faculdade de comunicação. Os textos serão diferentes, concorda? Se o autor trocá-los, os pequeninos não entenderão nada. Os grandes morrerão de rir.

No vestibular ou no concurso, quem é seu leitor? Professores da banca examinadora. Eles esperam certo desempenho seu: que você dê o recado com simplicidade, correção e clareza. Só.

LIÇÃO 4

Aonde você vai?

> "Palavra e pedra solta não têm volta."
> Benito Pérez Galdós

Delimitado o tema e escolhida a audiência, é hora de determinar o objetivo. Para quem não sabe aonde vai qualquer caminho serve. Só que o indeciso perde tempo. E tempo é o bem mais escasso na disputa por uma vaga. Definir a rota de primeira ajuda a ganhar pontos. A rota é o objetivo.

Como chegar ao objetivo da dissertação? Você tem o tópico (o tema delimitado). Sabe quem vai ler o texto. Pergunte-se: com este tópico, para este leitor, o que quero? Surgirão várias respostas. A que você escolher será seu objetivo.

Veja o exemplo:

> Tema: vestibular.
> Tópico: o estresse do vestibular.
> Leitor: seus colegas de sala.
> Objetivo (o que quero?): sugerir formas de combater o estresse do vestibular; analisar as causas do estresse no vestibular; apresentar as consequências do estresse do vestibular; demonstrar que o estresse é decorrente da falta de planejamento do vestibulando.

Reparou? A redação dos objetivos tem uma marca: começa com verbo no infinitivo (sugerir, analisar, apresentar, demonstrar). Todos estão centrados no autor. O dono da caneta não depende de ninguém. Poderoso, tem as condições de sugerir, analisar, apresentar ou demonstrar.

De olho no tópico e no leitor, foram sugeridos quatro objetivos. Escolheu o seu? Pronto. Você tem o caminho. Não vai se perder pelos atalhos da estrada. A rota está traçada.

Para chegar lá, uma condição se impõe. O senhor do recado precisa ter a ideia clara, muito clara. Há jeito de saber se ele sabe o que quer. Basta escrever o objetivo em um pe-ríodo com verbo conjugado. Pode ser pergunta ou declaração. O importante é traduzir com clareza o que quer.

O objetivo é sugerir formas de combater o estresse no vestibular? Ele pode ser traduzido por estas frases: Há formas de combater o estresse no vestibular. Como combater o estresse no vestibular? Não pense que o vestibular condena você ao estresse. Há jeitos de se livrar do mal.

Prefere demonstrar que o estresse é decorrente da falta de planejamento do vestibulando? Você manda. Explicite com todas as letras o seu desejo. Eis sugestões: O estresse decorre da falta de planejamento do vestibulando. O estresse não cai do céu. É fruto da falta de planejamento do estudante. Sabia? O estresse tem pai e mãe. É a falta de planejamento.

Que tal analisar as consequências do estresse no vestibular? Vamos buscar frases capazes de informar ao leitor o que lhe propomos. Eis algumas: O estresse causa prejuízos ao estudante. O estresse cobra preço alto no vestibular. Fazer o vestibular estressado? Nem pensar. A aventura tem consequências indesejáveis.

É isso. Você enunciou o objetivo. Agora, o desafio é outro. Sustentar a tese. Os argumentos pra convencer o leitor é outra etapa. Chegaremos lá na próxima lição.

LIÇÃO 5

Como criar ideias

> “Se chimpanzé falar, eu calo.”
> Ari Cunha

Você tem o tema delimitado, o receptor definido, o objetivo traçado. E agora? É hora de escrever? Ainda não. Falta planejar o desenvolvimento da redação. Em outras palavras: buscar argumentos capazes de sustentar seu ponto de vista.

Por onde começar? Pelo objetivo. Leia-o com cuidado. Pergunte-se: o que posso dizer para convencer o leitor de que estou certo? Eis o quebra-cabeça.

Escreva tudo que lhe vier à cabeça. Exemplos, comparações, analogias, definições, conceitos, histórias ilustrativas, pontos de vista de outras pessoas, vale tudo. Escreva. Sem censura. É a famosa tempestade de ideias.

Eis exemplo:

> Tema: terrorismo.
>
> Leitor: seus colegas de escola.
>
> Delimitação do tema: terrorismo palestino-judeu.
>
> Objetivo: apontar as causas do terrorismo palestino-judeu.
>
> Ideias: a criação do Estado de Israel em território palestino; com a criação de Israel, cobriu-se um santo e despiu-se outro; luta pelo Estado palestino; falta de esperança no futuro; indiferença dos Estados Unidos; intolerância; tradição de violência; descaso com a educação; busca de vida melhor; terrorismo pelo terrorismo; fome; falta de empregos; crise econômica e moral.

E depois? Selecione. Escolha os mais adequados a seu objetivo. Lembre-se: você vai escrever 30 linhas. Não pode falar de tudo. O jeito é selecionar. Os melhores argumentos (ou os que você pode desenvolver com mais facilidade) serão os escolhidos. Cada um deles formará um parágrafo de desenvolvimento da dissertação.

Quais as causas do terrorismo palestino-judeu? Escolhemos quatro: a criação do Estado de Israel em território palestino; luta pelo Estado palestino; indiferença dos Estados Unidos; intolerância dos dois lados.

Essas serão as ideias-núcleo do texto. Uma ou outra das que sobraram podem ser aproveitadas aqui ou lá na argumentação. As outras? Vão para o lixo. Sem choro nem vela.

LIÇÃO 6

Escrever é pensar

> “Nunca confie em alguém que fale bem de todo mundo.”
> Collins

Você tem um plano de dissertação. Definiu o tópico, escolheu o leitor, traçou o objetivo, escreveu a ideia central. O tema está organizado. É o ponto de partida. E agora? Só escrever uma redação com começo, meio e fim.

O texto é formado por parágrafos. Trata-se dos blocos mais ou menos do mesmo tamanho que desenvolvem uma ideia. Eles são uma mão na roda. Ajudam a todos. O leitor e o autor sabem que cada parágrafo aborda um aspecto do tema. Fica fácil descobri-lo.

Muitos estudantes bobeiam. Ignoram essa lição elementar. É comum ver redações imensas, sem divisão. Verdadeiras malas sem alça, dão falta de ar. Outras são fragmentadas. Cada frase forma um parágrafo. Matam por superoxigenação.

Fuja delas. Ambas depõem contra você. São prova de imaturidade linguística. Revelam que a pessoa, sem ter aprendido o grande segredo, desconhece o mapa da mina. Ei-lo: o parágrafo é uma unidade de composição. Desenvolve uma ideia. Só uma. A tarefa do autor é escrevê-la. Do leitor, descobri-la.

Quer ver? Analise o planejamento da dissertação. Confronte-o, em seguida, com o texto. Você verá que, com o plano, a alternativa é uma só – acertar ou acertar.

Tema: língua espanhola.

Leitor: deputados e senadores.

Delimitação do tema: obrigatoriedade do ensino da língua espanhola nos níveis fundamental e médio.

Objetivo: demonstrar que não se justifica tornar obrigatório o ensino da língua espanhola nos níveis fundamental e médio.

Ideias do desenvolvimento: o projeto contraria a Lei de Diretrizes e Bases (LDB); o inglês é mais importante que o espanhol nos tempos atuais; falta de professores de espanhol; lobby das editoras interessadas em vender livros.

O lobby do espanhol

Ninguém duvida da beleza do idioma de Cervantes nem de sua utilidade. Além do autor de Dom Quixote, escreveram em espanhol Lope de Vega, Luis de Góngora, García Márquez e Jorge Luis Borges. Língua que mais cresce no mundo, o espanhol é falado hoje por 332 milhões de pes-soas em dezenas de nações. Falam-no a maioria dos países vizinhos do Brasil e os parceiros do Mercosul. Apesar de sua importância, porém, não se justifica a proposta de tornar seu ensino obrigatório no país.

O projeto contraria a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). A LDB estipula a obrigatoriedade do ensino de uma língua estrangeira moderna, cabendo à comunidade defini-la. Também prevê, no ciclo médio, o ensino de um segundo idioma estrangeiro em caráter optativo. O projeto que tramita no Congresso, ao tornar o espanhol obrigatório e silenciar sobre o inglês, teria como resultado a substituição do hoje dominante inglês pelo espanhol, pois são poucas as escolas que têm condições de ministrar mais de um idioma estrangeiro.

E, por maiores que sejam os méritos literários do espanhol, em termos de utilidade essa língua não se compara ao inglês, pela simples razão de que o idioma de Tio Sam é muito mais abrangente. Ele é, sem dúvida, o novo latim, código no qual se dão as comunicações entre povos que falam línguas diferentes. Ninguém é obrigado a gostar da primazia do inglês. Mas é preciso ser bastante tolo para não reconhecê-la.

Há outras questões que precisam ser levadas em conta. Uma delas: a inexistência de os cerca de 200 mil professores de espanhol que seriam necessários para implantação do projeto. Outra: os interesses dos lobbies ligados à venda de material didático.

De resto, vale lembrar um pormenor. É mais que oportuno reconhecer que, entre as maiores virtudes da LDB, está a de, até onde é possível, deixar que cada comunidade e não burocratas de

> *Brasília defina o que lhe interessa. Aí, o espanhol ocupa o segundo plano.*
>
> *(Editorial da Folha de S.Paulo)*

Olho vivo! O parágrafo é um senhor auxiliar. Ajuda você a ler e a escrever melhor. Acredite: redigindo bons parágrafos, você redigirá bons textos.

LIÇÃO 7

O parágrafo

“Das palavras, as mais simples. Entre as mais simples, a menor.”
Winston Churchill

Os professores não cansam de repetir: “Escrever é pensar”. Os livros de redação não ficam atrás. Dão o mesmo recado. Uns e outros querem dizer isto – escrever é organizar as ideias.

Organizar as ideias é planejar o texto. Trocando em miúdos: é delimitar o tema, definir o objetivo, selecionar os argumentos capazes de sustentar a tese. É seguir mais ou menos o esqueminha com o qual temos trabalhado:

Tema: assunto geral do texto.

Leitor: destinatário(s), a quem o texto se destina.

Delimitação do tema: aspecto do tema que vai ser tratado.

Objetivo: aonde você quer chegar com seu texto.

Ideias do desenvolvimento: argumentos, exemplos, comparações, confrontos e tudo o que ajudar na sustentação do objetivo.

Eis um exemplo:

Tema: Brasília.

Leitor: assinante do caderno de turismo da *Folha de S.Paulo*.

Delimitação do tema: turismo em Brasília.

Objetivo: informar as opções de turismo em Brasília.

Ideias de desenvolvimento: Brasília monumental (palácios, catedral, Esplanada dos Ministérios, torre, Praça dos Três Poderes), Brasília ecológica (parques, cachoeiras), Brasília mística (Vale do Amanhecer, Cidade da Paz, Templo da Boa Vontade).

O planejamento do texto foi nosso assunto até aqui. Está pra lá de manjado. A esta altura dos acontecimentos, não constitui mais problema. Com ele, as ideias ficam mais claras. Agora, você não precisa se perguntar sobre o que escrever. Precisa, sim, descobrir como escrever para conquistar o leitor. A receita é uma só: tornar a mensagem clara e interessante. Os ingredientes são muitos. O primeiro: organização dos parágrafos.

Você tem um livro por perto? Abra-o em qualquer página. Repare que o texto é dividido em parágrafos. Por quê? O parágrafo dá um recado ao leitor. Diz que ali, naquele bloco, foi desenvolvida uma ideia. Uma só. Por isso o parágrafo é uma unidade de composição. Nele há uma ideia central. E tantas secundárias quantas forem necessárias para sustentá-la.

Quer ver? Leia o texto extraído da revista *Vogue:*

> *A história de Frida Giannini é o que se pode chamar de conto de fadas fashion. A estilista italiana chegou tímida à Gucci em 2001, sob a tutela de Tom Ford. Com a saída do chefe em 2004, ganhou o cargo de diretora de acessórios, responsável pelas bolsas, pelos sapatos e, claro, pelos relógios-desejo à venda na H. Stern. Com a saída da colega Alessandra Facchinetti, que comandou a linha feminina por duas coleções, Frida foi promovida a diretora criativa de uma das marcas mais tradicionais e poderosas do globo. De repente, um nome quase desconhecido passava a ocupar um posto pra lá de cobiçado.*

O parágrafo tem unidade? Tem. No primeiro período, o autor anuncia a ideia que desenvolverá. Trata-se da história de Frida Giannini, considerada “conto de fadas fashion”. A seguir, apresenta dois fatos que sustentam a afirmação. Um: ganhar o cargo de diretora de acessórios. O outro: ser promovida a diretora criativa.

Guarde isto: escrever parágrafos com unidade, coerência e charme não é dom nem graça divina. É técnica. E, como tal, está ao alcance de todos. Basta treinar.

LIÇÃO 8

O tópico frasal

“Lê tudo o que encontrares, mas não creias em tudo o que leres.”
Petrus Alphonsi

Sabia? O que sustenta o texto é a organização das ideias em parágrafos. Há jeitos e jeitos de redigir os blocos. O mais seguro é o parágrafo padrão. Ele tem duas partes. A introdução, chamada tópico frasal, mata a cobra. Anuncia a ideia-núcleo. O desenvolvimento mostra o pau. Sustenta o tópico. Como? Cita exemplos, apresenta causas ou consequências, faz comparações, analogias, confrontos.

Veja:

> *Foi-se o tempo em que visitas a recém-nascidos se limitavam a rápidas olhadelas no berçário, quando muito seguidas de um tchauzinho para a mãe convalescente. Hoje o ritual de boas-vindas aos bebês inclui primeiras visitas com pompa, circunstância e regras dignas de bailes de debutantes. Afinal, se a primeira impressão é a que fica, convém que a estreia seja com docinhos de primeira, lembrancinhas que valem ouro, enfeites de porta com toque artístico e enxoval grifado.*

O parágrafo tem unidade? Tem. Trata de um só assunto: a mudança no ritual das visitas a recém-nascidos. No tópico frasal (primeiro período), diz que as regras mudaram. Nos outros (desenvolvimento), mostra como são hoje.

Analise este exemplo:

> *A guerra dos sexos acabou. As mulheres ganharam, os homens perderam. Embaladas pelo movimento feminista, elas amealharam direitos, conquistas e espaços. Eles começaram a ver desaparecer o trono que ocupavam no centro da sala, da empresa, do mundo.*

No tópico frasal, o autor anuncia o assunto do parágrafo: *a guerra dos sexos acabou.* O desenvolvimento a confirma: o resultado da guerra para as mulheres, que ganharam, e para os homens, que perderam.

Mais um:

> *Como acabar com a cultura do desperdício? Ela tem de ser desmontada por dentro. É preciso que os brasileiros não joguem fora restos de comida aproveitáveis, nem deixem as lâmpadas acesas quando saem de um aposento. É preciso que os livros escolares sejam aproveitados pelos irmãos menores. É preciso não destruir os bens públicos. É preciso, enfim, martelar insistentemente na necessidade de poupar.*

O tópico frasal, aí, faz uma pergunta. O desenvolvimento responde-a citando exemplos.

Outro:

> *Oscar Niemeyer surpreendeu família, amigos e admiradores ao se casar com a secretária que trabalhava com ele desde 1992. Vera Lúcia Cabrera estava com 60 anos. O marido, a um mês de completar 99. Ainda que pareça decisão irracional, o casamento faz todo o sentido quando se conhecem a personalidade, os gostos e os amores de Niemeyer. Os encantos do sexo oposto sempre fascinaram o arquiteto. Embora tenha sido casado por 76 anos com Annita Baldo, italiana e mãe da única filha do casal, Niemeyer gostou de cortejar e admirar as formas femininas. São lendários os galanteios que fez, assim como os comentários – em tom de cochicho – segregados a amigos toda vez que uma mulher chamava sua atenção, para o bem ou para o mal.*

O tópico frasal faz o que deve fazer – anuncia o assunto do parágrafo. Oscar Niemeyer surpreendeu a todos com o novo casamento. O desenvolvimento justifica a ação do arquiteto. Ele tem, agora e sempre, paixão pelas mulheres.

LIÇÃO 9

Como desenvolver o parágrafo: citação de exemplos

“O que você é grita tão alto que não ouvimos o que você fala.”
Emerson

Escrever bom parágrafo tem duas vantagens. A primeira: dá prova de maturidade linguística. A segunda: ajuda a redigir boa dissertação. Criança é incapaz de escrever parágrafo com tópico frasal e desenvolvimento. Ela fica no tópico frasal. Não o desenvolve. Para ela, cada período constitui um parágrafo.

Mais tarde, com observação e treino, aprende a agrupar as ideias. Quando chega ao vestibular, está crescida e vacinada. Sabe que o parágrafo é uma unidade de composição. Desenvolve a ideia que vem anunciada no tópico frasal.

Existem várias estratégias de desenvolvimento do tópico frasal. Uma delas: citar exemplos. Outra: apresentar razões ou consequências. Mais uma: decompor a ideia nas respectivas partes. Comecemos pela primeira. As próximas lições cuidarão das demais.

> *Menos é mais. Menos sal na comida, menos açúcar nas bebidas, menos gordura nos ingredientes, menos sobras no prato, menos alimentos nas despensas e geladeiras abarrotadas são sinônimo de mais saúde e elegância. Menos roupas no armário, menos sapatos nas prateleiras, menos bolsas nas cômodas, menos joias nos cofres significam mais espaço para o novo.*

Claro, não? O tópico frasal define a ideia-núcleo do parágrafo – menos é mais. O desenvolvimento cita exemplos. Eles pertencem a dois tipos. Um: alimentos. O outro: vestuário.

> *Todo clássico nasce ousado. Foi assim com o pretinho básico de Chanel e com o smoking de Saint Laurent. E também com a coleção Pedras Roladas, concebida por Constanza Pascolato a convite da H.Stern 10 anos atrás.*

Observou a moleza? O tópico frasal faz uma afirmação simples – todo clássico nasce ousado. O desenvolvimento prova com três exemplos. Um: o pretinho de Chanel. Outro: o smoking de Saint Laurent. O último: a coleção de Constanza Pascolato.

> *As opiniões sobre o PAS divergem. Paulo da Silva, diretor do Colégio Franco, achou o teste abrangente. Saulo Dias, professor de Geografia, considerou-o parcial. Fábio Duarte, professor de Inglês, observou que a prova valorizou a decoreba.*

Está na cara. O tópico frasal define a ideia-núcleo do parágrafo – as diferentes opiniões sobre o Programa de Avaliação Seriada (PAS). O desenvolvimento cita três exemplos para sustentar o tópico: a opinião do diretor do Colégio Franco, do professor de Geografia e do professor de Inglês.

> *Acidente de avião? Há pouco tempo era acontecimento pra lá de excepcional. Mas as coisas mudaram. Quedas de aeronaves viraram rotina. Há dois anos, voo da Gol matou 154 pessoas. Dez meses depois, avião da TAM roubou a vida de 199 criaturas. Na semana passada, Tucano da FAB fez ameaças, mas poupou os passageiros. No dia seguinte, caíram três helicópteros. Dois dias depois, um jatinho despencou sobre quatro casas. E lá se foram oito vidas. Em uma semana, cinco desastres. É a maior média do planeta.*

Que guloso! O tópico frasal desse parágrafo não aparece no primeiro período. A ideia que vai ser desenvolvida está no quarto enunciado – quedas de aeronaves viraram rotina. Os cinco exemplos não deixam dúvida a respeito do acerto da afirmação.

É isso. A citação de exemplos é a melhor estratégia que existe. Use e abuse dela. Seu texto fica concreto. O leitor agradece.

LIÇÃO 10

Como desenvolver o parágrafo: apresentação de razões e consequências

> “A verdade se contenta com poucas palavras.”
> Dito popular

Apresentar razões é dizer os porquês. O tópico frasal faz uma declaração. Em geral, trata-se da consequência de uma ação. O desenvolvimento completa a informação. Explica o que motivou o fato.

Veja um exemplo:

> *Em Brasília, a estação das águas é bem-vinda. Depois de longa seca, o verde renasce, as flores explodem, os pássaros recuperam o gorjeio. O ar, cuja umidade chega aos níveis da do deserto, torna-se respirável. Primavera e verão se confundem.*

O tópico frasal afirma que as chuvas são bem-vindas à capital do Brasil. O desenvolvimento diz por quê. E convence.

Outro:

> *Por que os estudantes têm dificuldade de escrever? Uma das razões é a falta de leitura. Outra, a falta de treino. A escola deve sanar essas deficiências.*

O tópico frasal pergunta por que os alunos acham difícil escrever. O desenvolvimento responde. Apresenta duas causas: falta de leitura e falta de treino.

Mais um:

> *O mundo assiste à tragédia de Gaza com jeito de quem não tem nada com isso. Líderes dão declarações e fazem discursos diplomáticos. Esquecem-se de pormenor pra lá de incômodo. O sangue infantil que ensopa as ruas de Gaza não será lavado pela chuva. Sessenta anos de guerra demonstram que fará germinar sementes de ódio na França, na Alemanha, na Austrália, no Marrocos, em Nova York, em Londres, em Bombaim, em Madri. As*

> *crianças sobreviventes guardarão na memória as cenas de horror. Parentes e simpatizantes também. Cobrarão o preço.*

Ops! O tópico frasal diz que o mundo assiste à tragédia de Gaza com jeito de quem não tem nada com isso. O desenvolvimento diz por quê. Em outras palavras: apresenta as causas da declaração feita na abertura do parágrafo.

O último:

> *O Distrito Federal perde o ar. Com o fim da cobertura vegetal, a temperatura sobe, as secas se prolongam. As autoridades fazem interpretação generosa das leis ambientais. Esquecem que o meio ambiente não é coração de mãe. As áreas de risco só comportam o limite de sua capacidade. Avançar é suicídio. Por enquanto, áreas que fazem o controle dão a impressão de que não há risco na ocupação crescente. Nada mais falso.*

Moleza, não? O tópico frasal afirma que o Distrito Federal perde o ar. O desenvolvimento apresenta as razões. Nota 10.

LIÇÃO 11

Como desenvolver o parágrafo: decomposição, definição, confronto

“O dicionário é o pai dos inteligentes. Os burros dispensam-no.”
Mário da Silva Brito

Citação de exemplos e apresentação de causas e consequências são estratégias pra lá de usadas e, por isso, pra lá de úteis. Mas há outras que convém conhecer e ter à mão sempre que necessário. A decomposição, a definição e o confronto sobressaem. Vamos a elas.

Decomposição

> *Como se divide o sujeito em português? O sujeito pode ser simples, composto e indeterminado. O simples tem um núcleo. O composto, mais de um. O indeterminado ninguém sabe. Há um sujeito, mas não se consegue apontá-lo.*

Viu? O desenvolvimento, ao responder à questão do tópico frasal, recorre à decomposição. Divide o todo em partes. Depois retoma-as uma a uma. Fácil, não?

Definição

> *As ações bárbaras nas ruas do Rio se enquadram na síndrome da violência. Síndrome, diz o dicionário, é o conjunto de sintomas ligados a determinada doença. A violência indiscriminada é enfermidade social que se manifesta por certos indícios. O mais importante: negar individualidade ao inimigo. Não lhe dar um rosto. Não vê-lo como gente de carne e osso que tem pai, mãe, irmãos, filhos, amigos.*

Ops! O tópico frasal apresenta conceito desconhecido da maioria das pessoas. O autor, de olho no leitor, define a novidade. Explica o que se entende por síndrome da violência. Palmas pra ele.

Confronto

> *Duas novidades disputavam a indicação democrata para a presidência dos Estados Unidos. De um lado, uma mulher. Hillary Clinton, branca, anglo-saxônica e protestante, representava o continuísmo. De outro, um negro. Barack Obama, com marcas multirraciais e multiculturais, prometia mudanças.*

Entendeu a manha? No confronto, põem-se frente a frente duas pessoas, dois objetos, dois fatos. Apresentam-se as características de um. Depois as do outro. No exemplo, Hillary está num extremo. Obama, no outro.

Existem outras estratégias de desenvolver o parágrafo. Você pode usar uma só. Ou misturá-las. Mas precisa ter um cuidado. Ver se o texto ficou amarradinho, se uma frase conversa com outra. Se alguma ficou de fora, sem diálogo, preste atenção. Há algo errado.

LIÇÃO 12

Diga-diga-diga

“O fato mais interessante no ato de escrever é que o tempo some. Três horas parecem três minutos.”
Gore Vidal

É hora de escrever a redação. Lápis e papel na mão, a gente recebe o tema e faz o planejamento. Define o tópico, o leitor, o objetivo, as ideias do desenvolvimento. E depois?

Por onde começar? O desafio da primeira frase é antigo. Aparece até no livro *Alice no País das Maravilhas,* de Lewis Carroll. Lembra-se? Para os de memória curta, eis o trecho:

> *O Coelho Branco colocou os óculos e perguntou:*
> *– Com a licença de Vossa Majestade, devo começar por onde?*
> *– Comece pelo começo, disse o rei com ar muito grave, e vá até o fim. Então, pare.*

Na resposta, o rei, sabido, traduziu a velha fórmula da redação. Com outras palavras, ele disse que o texto deve ter três partes. A primeira é a introdução. A segunda, o desenvolvimento. A terceira, a conclusão. Três palavrinhas definem cada uma. É o diga-diga-diga.

Na introdução, diga o que você vai dizer. Anuncie o assunto ao leitor. Ele tem direito de saber em que vai investir o tempo.

No desenvolvimento, diga o que você prometeu dizer. Não vale pegadinha. Escreveu? Tem de assumir. Se, na introdução, você anunciou que vai falar sobre a importância da língua espanhola, terá de levar o assunto até o fim.

Na conclusão, diga o que você disse. Encerre o assunto com charme. Lida a última frase, o leitor não deve virar a página para certificar-se de que o texto acabou. O texto deve falar sozinho.

Vale o exemplo. Leia o texto. Mas leia-o ativamente. Primeiro, faça a leitura panorâmica. Percorra-o do começo ao fim. Assim, você tem uma ideia do conteúdo da mensagem. Depois, faça a leitura analítica. Identifique a introdução, o desenvolvimento e a conclusão. Por fim, teste o diga-diga-diga.

Rito de passagem

A palavra rito vem do latim. Lá como cá, tem um significado básico. É o conjunto de regras e cerimônias que se devem observar. Inicialmente, na prática de uma religião. Assim, fala-se em rito católico, rito maronita, rito muçulmano. Depois, a acepção se estendeu a certos atos. É o caso do rito matrimonial, do fúnebre, do eleitoral.

A natureza tem seus ritos. As fases da lua é um. As estações do ano, outro. Os antigos comemoravam com grandes festas o fim de um e o começo de outro. Havia as festas da lua cheia, que encerravam o ciclo de 28 dias e desejavam boas-vindas ao próximo. Ou os festejos da primavera. Com eles, davam adeus ao inverno e iniciavam a época de plantio e colheita que garantia alimentos para a vida na Terra.

Os homens também têm ritos. São marcos. Com eles, sublinha-se a passagem de um estado para outro. Na cerimônia de casamento, o solteiro vira casado. Na do velório, despede-se o morto, que passou desta vida para outra. Na da eleição, trocam-se os governantes. Quem foi deixa de ser. Quem não era torna-se.

Ano-novo significa algo mais que um dia novo no calendário. É um rito de passagem. Deixa-se para trás não o velho, mas o estagnado. O que ocupa espaço – físico ou psicológico – e não dá vez ao novo. Todos os povos o comemoram. Os chineses, em fevereiro. Os muçulmanos, em julho. Os judeus, em setembro ou outubro. Os cristãos, em 1º de janeiro.

Entre eles, há um denominador comum. Consideram a data o momento de dar as costas ao passado e olhar para o futuro. Em outras palavras: enterrar os cadáveres. A razão é simples. Um cadáver cheira mal. Exige que se lhe dê um destino. Alguns o enterram. Outros o cremam. Há os que o entregam a piranhas, leões, cães, aves de rapina.

Os psicólogos conferem ao cadáver significado simbólico. O indesejado não é só o corpo morto. Mas tudo que se deve esquecer. O emprego perdido, o prestígio passado, a fortuna que parou em outras mãos, o amigo que traiu, o filho que decepcionou, a beleza que se esvaiu. É o momento de mandá-los pras cucuias. Ir adiante. Difícil? É. Constitui desafio diário. É a faxina da alma.

> *Mais que abrir espaços externos (esvaziar armários, passar livros adiante), o ano-novo convida a expandir o espaço interior. Sugere abrir as portas ao desapego. Perdoar. Ódios, rancores e ressentimentos são cadáveres que clamam por sepultura. Sem enterro, eles cobram alto preço. Paga-se com a saúde, o humor, a paz de espírito. E impedem que sentimentos saudáveis se instalem. Nenhum inimigo vale tanto. Perdoar faz bem a quem perdoa. Deus dá o exemplo. Perdoar é o único vício do Senhor. O diabo morre de ódio.*

Viu? O autor seguiu este esqueminha:

Tema: rito de passagem.

Leitor: membros do Rotary Clube.

Tópico: o ano-novo é rito de passagem.

Objetivo: demonstrar que o ano-novo é mais que mudança no calendário. É a oportunidade de enterrar cadáveres.

Ideias do desenvolvimento: significado de rito, ritos da natureza, ritos dos homens, significado do ano-novo como rito de passagem.

Introdução: 1º parágrafo.

Desenvolvimento: 2º, 3º, 4º e 5º parágrafo.

Conclusão: último parágrafo.

LIÇÃO 13

A introdução

“Só há um jeito de começar: é começar agora.”
Stephen Koch

“A introdução é o que não pede nada antes, mas exige algo depois”, definiu Aristóteles. Com razão. Ela introduz o leitor no assunto. Ao tomar contato com as primeiras linhas, ele descobrirá o que o texto lhe oferece. Atrações do mundo da moda? Dicas para o fim de semana? Estragos provocados pela crise econômica? Variações no preço do petróleo? Busca de energias alternativas?

Não faltam ofertas. É só escolher. E daí? Como começar? Comece por uma frase bem interessante. É com ela que você conquista o leitor. Seduzido, ele morrerá de vontade de prosseguir a leitura. A primeira frase pode ser uma pergunta, uma citação, uma declaração, o verso de um poema ou de uma canção. O importante é que esteja relacionada ao tema e permita encaminhar o assunto.

Voltemos à introdução do texto “O lobby do espanhol” apresentado na lição 6. A primeira frase provoca, dá vontade de prosseguir a leitura. As demais encaminham o assunto para a tese – não se justifica tornar obrigatório o idioma de Cervantes nas escolas brasileiras. Observe que o último período abre o caminho para a entrada dos argumentos que darão apoio ao ponto de vista do autor.

> *Ninguém duvida da beleza do idioma de Cervantes nem de sua utilidade. Além do autor de Dom Quixote, escreveram em espanhol Lope de Vega, Luis de Góngora, García Márquez e Jorge Luis Borges. Língua que mais cresce no mundo, o espanhol é falado hoje por 332 milhões de pessoas em dezenas de nações. Falam-no a maioria dos países vizinhos do Brasil e dos parceiros do Mercosul. Apesar de sua importância, porém, não se justifica a proposta de tornar seu ensino obrigatório no país.*

Viu? O parágrafo inicial disse o que o texto vai dizer. O desenvolvimento vai dizer o que a introdução anunciou. No pacto leitor-autor, impera a regra do jogo do bicho: vale o que está escrito. Se ele prometeu defender certa tese, não tem saída. Tem de cumprir.

> *“Há 24 anos voto em Bush ou Clinton. Por que deveria votar novamente numa Clinton?”, perguntou a eleitora presente ao primeiro debate entre Obama e Hillary. Estava em disputa a eleição democrata para a Casa Branca. A senadora exibia segurança e, sobretudo, o apoio dos superdelegados. O voto deles – ex-presidentes, congressistas e caciques do partido – pesa muito mais nas primárias que os dos demais eleitores. Branca, anglo-saxônica e protestante, a ex-primeira-dama representava o continuísmo. O adversário, com marcas multirraciais e multiculturais, prometia o que a jovem entrevistada cobrava – mudança.*

Legal, não? A introdução pega o leitor pelo pé. Começa com a pergunta desafiadora que a eleitora fez no primeiro debate entre Hillary Clinton e Barack Obama. Eles disputavam a vaga do partido democrata. Ela era mais do mesmo. Ele prometia mudanças. O desenvolvimento do texto só tem um caminho – responder à questão.

> *Um mau texto é como areia movediça. Se você se mexer, afundará mais ainda. Se você está ficando frustrado e exausto de tanto brigar com uma passagem, é melhor voltar à inspiração original e, sem olhar muito para trás, rapidamente escrever tudo de novo, a partir do zero, de memória. (Stephen Koch)*

Ops! Que cruel! Stephen Koch introduz o artigo com uma comparação – um mau texto é como areia movediça. Depois justifica a afirmação. Ficar ou continuar é sempre má escolha. Melhor voltar atrás e começar tudo de novo.

> *“Foi o corpo a corpo que me deixou nesta enrascada”, desabafou Renan Calheiros. O então presidente do Senado jogou à antiga. Encheu os olhos com a imagem da mulher bonita. Pulou o muro. Ela virou teúda e manteúda como as velhas conquistas dos coronéis de Jorge Amado. Mas no século XXI o cenário é outro. Ao tentar cortar regalias da ex-novidade, ele se deparou com adversária profissional. Sem cerimônia, a moça foi à luta. Lançou mão das conquistas feministas que se acumulam há meio século.*

O autor recorreu à citação para começar a introdução. O desabafo de Renan Calheiros é seguido pela explicação de que ele jogou um jogo velho.

Hoje as regras são outras. Mas ele as ignorou. Deu no que deu. Perdeu a presidência do Senado.

> *A história dos cartões corporativos lembra o conto “O alienista”, de Machado de Assis. Simão Bacamarte, protagonista da narrativa, era médico especialista em cuidar de mentes. Propõe-se, ao se mudar para a pequena Itaguaí, fixar as fronteiras entre o normal e o anormal nas cabeças humanas. Com fé cega na ciência, ele transforma a cidade em hospício.*

Vale tudo para seduzir o leitor, não? No caso, o autor recorre a personagem machadiano para falar dos cartões corporativos. Quem não quer saber como a história acaba? Só alienado.

LIÇÃO 14

O desenvolvimento

“Encontre tempo para escrever.”
Ann Beattie

O texto tem começo, meio e fim. Em outras palavras: tem introdução, desenvolvimento e conclusão. Aristóteles definiu as três partes:

Introdução: o que não pede nada antes, mas exige algo depois. Sua função é apresentar o assunto, dizer o que o texto vai dizer. O parágrafo introdutório foi o assunto da lição anterior. Está no papo.

Desenvolvimento: o algo depois exigido pela introdução. É a argumentação. Diz o que a introdução disse que o texto ia dizer. Como sustentar a tese? Eis o desafio. Vamos a ele. Enfrentemo-lo com a história da enrascada completa de Renan Calheiros. Você conhece a introdução. Continue a leitura. Antes, analise o esqueminha:

Tema: o escândalo Renan Calheiros X Mônica Veloso.

Leitor: assinantes do *Correio Braziliense.*

Delimitação do tema: as novas regras do jogo amoroso.

Objetivo: demonstrar que o jogo amoroso tem novas regras.

Ideias do desenvolvimento: as conquistas feministas, a reação masculina, as novas regras do jogo amoroso.

Jogo da sedução high tec

“Foi o corpo a corpo que me deixou nesta enrascada”, desabafou Renan Calheiros. O então presidente do Senado jogou à antiga. Encheu os olhos com a imagem da mulher bonita. Pulou o muro. Ela virou teúda e manteúda como as velhas conquistas dos coronéis de Jorge Amado. Mas no século 21 o cenário é outro. Ao tentar cortar regalias da ex-novidade, ele se deparou com adversária profissional. Sem cerimônia, a moça foi à luta. Lançou mão das conquistas feministas que se acumulam há meio século.

> *As mulheres inventaram o tal movimento feminista. Começou como uma porra-louquice. Desvairadas queimavam sutiã em praça pública ou exibiam a barrigona grávida pelas areias de Copacabana. "Coisa de mulher feia ou mal-amada", disseram os machões daqueles felizes idos de 1960. Bobearam. As atrevidas avançaram. Ocuparam as vagas das universidades. Roubaram empregos, direção de empresas e cadeiras na política. Partiram para a produção independente. Pior: com o banco de sêmen, homem virou objeto dispensável.*
>
> *Alguns reagiram. Começaram pela reforma do corpo. Fora, barriguinha, papada, bolsa nos olhos ou pálpebra caída. Pneus? Nem importados. Careca? Xô! Venham, implantes, plásticas, botox, academias, patins, cremes antirrugas. Não só. Pra combinar solidez com sensualidade, foram ao psicólogo falar de medos e inseguranças. A razão: ela se tornou exigente. A qualquer falha, a criatura bota a boca no mundo e o pobre na desmoralização. Isso sem falar nas delegacias de mulheres, que deixaram os machos desorientados. Basta ver os processos que se empilham na Justiça.*
>
> *Até assédio sexual dá cadeia. Nada de sutilezas, portas fechadas, falas baixas, olhares maliciosos, promessas veladas. O velho jogo da sedução ganhou novas regras. O verbo é ficar. Ele é macho soft, de última geração, com tecnologia de ponta. Ela, fêmea produzida, corpo impecável, cartão de crédito na bolsa e consciências dos direitos e deveres. Meter-se com a nova Eva? Só Renan e companhia desconectada. Os sintonizados adotam encontros via internet, com imagens holográficas, sons eróticos e sensações senestésicas. Machos e fêmeas high tec não dão chance ao azar. O tempo passou na janela. Mas Calheiros não viu.*

Que texto redondinho, hein? Ele tem unidade porque desenvolve um só tema. No caso, as novas regras do jogo amoroso. A introdução (1º parágrafo) diz que Renan jogou à antiga. Mas encontrou adversária moderna, que lançou mão das conquistas que se acumulam há 50 anos.

O desenvolvimento sustenta a tese. Primeiro, enumera as mudanças ocorridas na sociedade depois do movimento feminista. Depois, fala na reação masculina. Por fim, na conclusão, o resultado de meio século de idas e vindas.

LIÇÃO 15

A conclusão

“Sempre reluto em começar a escrever. E também em parar.”
Gore Vidal

“Introdução”, diz Aristóteles, “é o que não pede nada antes, mas exige algo depois”. Desenvolvimento é o algo depois exigido pela introdução. E a conclusão? Está na cara. É o que pede algo antes, mas não aceita nada depois. Trata-se do fecho.

Acabar bem é tão importante quanto começar bem. Há quem diga que as partes mais importantes do texto são as três primeiras e as três últimas palavras. Talvez seja exagero. Mas chamam a atenção para pormenor pra lá de significativo.

As três primeiras palavras são o teste de fogo. É com elas que pegamos o leitor, ou o deixamos escapar. As três últimas respondem pela boa ou má impressão. Um fecho sedutor constitui parte crucial de qualquer mensagem. Ele coroa o esforço do planejamento, da pesquisa e da redação. Se o autor bobear no momento decisivo de bater o ponto final, porá tudo a perder.

Há jeitos e jeitos de brindar o leitor com o fecho que a dissertação merece. Que tal uma informação inesperada, mas que tem tudo a ver com o assunto? Quem sabe uma história relevante? Ou uma declaração reservada para o final? Vale também a síntese do que foi dito. Ela facilita a compreensão do tema tratado.

Seja qual for a escolha, uma condição se impõe. A conclusão, vale lembrar Aristóteles, “não aceita nada depois”. Com ela, o leitor não precisa virar a página para ver se o texto realmente acabou. Nem o autor tem de escrever “fim”, “*the end* ”, “acabou” para avisar que é hora de parar.

Quer um exemplo? Leia o texto:

O pecado dos pecados

A história dos cartões corporativos lembra o conto “O alienista”, de Machado de Assis. Simão Bacamarte, protagonista da narrativa, era médico especialista em cuidar de mentes. Propõe-se, ao se *mudar para a pequena Itaguaí, fixar as fronteiras entre o normal e o anormal nas cabeças humanas. Com fé cega na ciência, ele transforma a cidade em hospício.*

A Casa Verde tem portas largas. Pra lá vão os loucos furiosos, antes trancados em alcovas até a morte. Vão os loucos mansos, que passavam os dias andando às soltas na rua. Vão, sobretudo, pessoas normais em quem o cientista descobre rasgos de loucura. Aos poucos, o leitor passa a desconfiar do Mangabeira Unger machadiano. No fim a criatura muda de lugar: liberta os loucos e interna-se no manicômio.

Fazer analogia com a Casa Verde e a administração pública nacional talvez não seja exagero. A falta de critério ou, quem sabe, a elasticidade do critério responde pela disseminação dos cartões corporativos. Eles, como o sanatório de Itaguaí, destinavam-se a poucos e tinham papel específico – fazer frente a pequenas despesas inesperadas. Sem mais nem menos, porém, passaram a servir a muitos senhores e a outros interesses.

Hoje, não só o Executivo faz a festa. Judiciário, Ministério Público, Tribunal de Contas e até a Controladoria-Geral da União também deitam e rolam. A farra não se restringe ao plano federal. Disseminou-se por estados e municípios. O acesso se banalizou. Até faxineiros e motoristas carregam no bolso o cartão que vira dinheiro vivo. Melhor: as despesas não deixam rastro.

Desaforo? A oposição chiou. Prometeu criar uma CPI *para pôr fim à orgia petista. O governo saiu na frente. Requereu, antes,* CPI *mais ampla. Abarcaria os governos Lula e Fernando Henrique, pai da criança. Vozes se calaram. Outras abaixaram o tom. O acórdão veio rapidinho. “Depois do pecado”, pensaram com Machado de Assis, “o maior pecado é a publicação do pecado”. Todos se recolheram à Casa Verde. Nem Simão Bacamarte ficou de fora.*

Lógico, não? O autor seguiu este esqueminha:

Tema: cartões corporativos.

Leitor: leitores de *O Globo*.

Delimitação do tema: abuso no uso do cartão corporativo.

Objetivo: demonstrar a farra que os Três Poderes fazem com o cartão corporativo.

Ideias do desenvolvimento: a disseminação dos cartões corporativos lembra o conto “O alienista”, de Machado de Assis; o porquê da disseminação dos cartões corporativos; reação da oposição.

Introdução: 1º parágrafo.

Desenvolvimento: 2º, 3º e 4º parágrafo.

Conclusão: último parágrafo.

LIÇÃO 16

O time da língua

“Escrita: arte de destelhar a casa sem que os transeuntes percebam.”
Carlos Drummond de Andrade

“Socooooooooooooooooooooooooorro!”, gritam os concurseiros e vestibulandos de Europa, França e Bahia. O motivo: perdem pontos a rodo num tal item chamado coesão. Eles procuram o assunto nas gramáticas. Não encontram. Celsos Cunhas, Becharas, Cegallas não dedicam nenhum capítulo ao tema. Por quê?

A razão é simples. Coesão está presente na morfologia, na sintaxe, nas figuras de linguagem. Ao estudar substantivos, verbos, pronomes, conjunções, preposições, coordenação, subordinação etc. e tal, indiretamente estudamos coesão. Eles oferecem recursos pra ligar palavras, ligar períodos, ligar parágrafos. Em suma: juntar partes soltas em unidades coerentes.

Anel e *ouro* são duas palavras que não se conhecem nem de elevador. Mas formam unidade com a ajuda da preposição *de*: anel de ouro.

> *Cozinho, estamos sem empregada.*

Que relação existe entre enunciados assim independentes? A conjunção se encarrega de pôr os pontos nos ii. Ela pode indicar causa (*cozinho porque estamos sem empregada*).Pode indicar tempo (*cozinho quando estamos sem empregada*). Pode indicar duração (*cozinho enquanto estamos sem empregada*). Pode indicar condição (*cozinho se estamos sem empregada*).

Pronomes exercem duplo papel. Além de auxiliar a coesão, contribuem para a elegância. Como? Evitam repetições. Veja:

> *Rafael e João Marcelo são irmãos. Este estuda medicina; aquele, direito. (Este substitui João Marcelo; aquele, Rafael.)*
>
> *Oscar Niemeyer se casou aos 99 anos. Ele e a noiva se conheceram anos antes.*

Por falar em repetição…

Nem toda repetição é má. A estilística dá liga e charme ao texto. É o caso do “pode indicar” reiterado anteriormente. É o caso, também, deste trecho de Barack Obama:

> *Sim, nós podemos. Nós podemos recuperar a economia do país. Nós podemos legar uma pátria melhor para nossos filhos e netos. Nós podemos respeitar os direitos humanos. Nós podemos zelar pelo meio ambiente. Nós podemos construir um mundo mais justo e democrático. Sim, nós podemos.*

Viu? O entrelaçamento das ideias se dá por meio de vários mecanismos. Examinamos alguns. Há mais. A manutenção do tema figura entre os mais importantes. Trata-se da perseguição do tema sem desvios. É a tal história: quem se ajoelha tem de rezar. Examine este parágrafo do livro *Sonhos de Einstein*, de Alan Lightman:

> *Minúsculos sons da cidade flutuam pela sala. Uma garrafa de leite tilinta contra uma pedra. Um toldo é esticado em uma loja. Uma carroça de verduras transita lentamente por uma rua. Um homem e uma mulher sussurram em um apartamento próximo.*

Que responsabilidade! O tópico frasal (1º período) amarrou as ideias. Sem ele, os exemplos de sons da cidade ficariam sem elo. O leitor não saberia aonde as frases querem chegar. Em suma: um amontoado de ideias e nenhum recado. (Duvida? Banque o São Tomé. Leia o parágrafo sem o tópico frasal. E daí?)

Texto e equipe

Imagine a situação. Com carta branca, Alex Ferguson formou o time com os melhores jogadores do mundo. Todos do nível de Cristiano Ronaldo, Kaká, Messi, Ronaldinho Gaúcho. Confiante no talento individual, pôs a equipe em campo antes de definir a posição e movimentação de cada um pra atingir o objetivo. Qual? O gol, claro.

Sem plano que as orientasse, as criaturas não formaram conjunto. E, claro, não se entenderam. Corriam sem rumo, chutavam a esmo, estranhavam a bola. Eram 11 Pelés transformados em 11 patetas. O resultado? Fiasco nota 10. (Qualquer semelhança com a Seleção Brasileira de 2006 não é mera coincidência.)

A imagem vale para a redação. Belas ideias, belas palavras e belas frases não resultam necessariamente em bom texto. Pra chegar à unidade de composição, elas precisam se articular – entrosar-se com clareza, harmonia e coerência. Em bom português: as palavras têm de conversar pra formar perío-dos. Os períodos têm de conversar pra formar parágrafos. Os parágrafos têm de conversar pra formar o texto. O bate-papo tem nome. Chama-se coesão textual.

LIÇÃO 17

Redação nota 10

“História não se explica. Conta-se.”
Jorge Amado

Redação é habilidade. Joga no time da natação, do salto, da digitação. A gente só se torna campeão nas águas se treinar. Só salta como Maurren Maggi se praticar. Só digita 400 palavras por minuto se se exercitar. Só escreve um texto nota 10 se escrever muito e sempre. A ordem é treino, treino, treino.

Na hora da prova, você estará pra lá de preparado. Não tem por que dar vez ao nervosismo. Fique calmo. Respire fundo três vezes. Devagarinho. Deixe o ar chegar ao fundão da barriga. Visualize o umbigo. Sorria pra ele por dentro e por fora. Pronto. Parta pra luta.

1. Leia o tema da redação três vezes. Entenda-o.

2. Planeje o texto: delimite o tema, defina o objetivo, selecione as ideias capazes de sustentar a tese que você se propõe defender.

3. Faça o plano estudado nas lições anteriores:
    a. Tema: assunto geral do texto.
    b. Delimitação do tema: aspecto do tema que vai ser tratado.
    c. Objetivo: o que você quer com seu texto?
    d. Ideias do desenvolvimento: argumentos, exemplos, comparações, confrontos e tudo que ajudar na sustentação do ponto de vista que você quer apresentar ao leitor.

4. Eis um exemplo:
    a. Tema: acidentes no trânsito.
    b. Delimitação do tema: responsabilidade pelos acidentes de trânsito.
    c. Objetivo: demonstrar que irresponsáveis não podem pegar o volante.

d. Ideias do desenvolvimento: falhas humanas respondem por 95% dos acidentes de trânsito, estatísticas sobre as mortes no asfalto, lei seca, fiscalização do cumprimento da lei.

5. Com o plano feito, redija. Comece pelo começo. Escolha uma frase bem atraente. Pode ser uma declaração, uma citação, uma pergunta, um verso, a letra de uma música. Depois desenvolva a tese. Cada ideia num parágrafo. Por fim, conclua. Lembre-se do fecho sedutor.

6. Seja natural. Imagine que o leitor esteja a sua frente ou ao telefone conversando com você. Fique à vontade. Espaceje suas frases com pausas. Use a voz ativa. Sempre que couber, introduza uma pergunta direta. Confira a seu texto um toque humano. Você está escrevendo para pessoas – gente igualzinha a você.

Somos crescidinhos

O inferno são os outros? Pode ser. Mas somos nós também. Os acidentes no trânsito servem de prova. Desculpas nunca faltaram ante os corpos estendidos nas pistas. Boa parte jogava a culpa nas costas do Estado – vias perigosas e intensivas em buracos, sinalização precária, policiamento inexistente. Uma ou outra se referiam ao motorista. Generosas, diziam que ele cochilou. Ou sofreu mal-estar súbito. Ou tentou se desviar deste ou daquele obstáculo e perdeu o controle do veículo.

Pesquisas ampliam a visão sobre a realidade. Mais de 95% das tragédias no asfalto se devem a falhas humanas. (Elas não vêm sós, claro. Aliam-se a outras.). Pior: boa parte dos condutores que matam ou morrem consome álcool – 40% nos dias úteis, 70% nos fins de semana. Confiantes na sorte e na impunidade, enchem a cara mesmo conscientes do risco. Com os reflexos comprometidos e o comportamento alterado, respondem com lentidão aos desafios do volante. Resultado: 2007 registrou triste estatística. Cerca de 40 mil pessoas perderam a vida nas rodovias brasileiras.

E daí? O presidente Lula emitiu medida provisória que proíbe a venda de bebida alcoólica nas estradas federais a partir de 1º de fevereiro. O teto prevê multas pesadas. No caso de reincidência, o estabelecimento terá as portas fechadas. E por aí vai. Haverá fiscalização? Não. Sem o censor, será mais uma lei que não pegará. Motoristas festejam a continuidade da farra. Se não encontrarem a birita no caminho, levarão a garrafa no carro.

O ministro da Saúde pediu que pessoas denunciem irregularidades. Talvez denunciem. Mas a prática não faz parte da nossa cultura. Temos escrúpulo de dedurar os outros. (Somos diferentes dos americanos. Lá, as crianças entregam o colega que cola. Consideram desaforo a concorrência desleal.) Fica, então, a pergunta. Estamos condenados a morrer ou a recolher filhos e netos enrolados em plástico preto? Vamos e venhamos. Quem tem carteira de habilitação é vacinado e maior de idade. Se precisa de babá, não pode assumir a responsabilidade da própria vida e da vida dos outros. Cresça e apareça.

LIÇÃO 18

Redação matemática

> “Tenha pena do leitor.”
> Kurt Vonnegut

Escrever? É mandar recado. Ler? É entender o recado. Do conceito, pinta o desafio. Como fazer o leitor entender o recado? Há etapas. A primeira: ele tem de ler o texto. A segunda: tem de entendê-lo. Sem isso, o autor fracassa. Valha-nos, Deus! É frustrante.

Ninguém quer jogar o esforço na lata do lixo. O jeito é dar um jeito. Se o leitor é a grande vedete da comunicação, vamos conquistá-lo. Estudiosos do tema prescrevem várias receitas. Elas têm um denominador comum. Chama-se sedução. A combinação de ingredientes leva ao produto mágico. É o texto fácil.

Um texto claro, enxutinho e prazeroso não nasce em árvore. É fruto de trabalho – 99% de transpiração e 1% de inspiração. O objetivo é um só: facilitar a vida do leitor. Como? Com frases curtas, ordem direta, palavras simples, economia de adjetivos e advérbios.

Lido, relido, reescrito muitas vezes, eliminam-se repetições, enxotam-se redundâncias, chega-se à clareza. Terá ficado bom? Amigos podem palpitar. E há um tira-teima que ajuda. Trata-se do teste de legibilidade. Aplicando-o, a gente tem ideia do grau de dificuldade da mensagem que mandamos pro outro.

O teste

Em que consiste o termômetro? Pegue um escrito seu. Pode ser uma carta, um artigo, uma redação. Depois, siga a receita. Com um cuidado: faça parágrafo por parágrafo.

Eis os passos:

1. Conte as palavras do parágrafo
2. Conte as frases (cada frase termina por um ponto)

3. Divida o número de palavras pelo número de frases. Assim, você terá a média da palavra/frase do texto
4. Some a média da palavra/frase do texto com o número de polissílabos
5. Multiplique o resultado por 0,4 (média de letras da palavra na frase de língua portuguesa)
6. O produto da multiplicação é o índice de legibilidade

Possíveis resultados:
1 a 7 = história em quadrinhos
8 a 10 = excepcional
11 a 15 = ótimo
16 a 19 = pequena dificuldade
20 a 30 = muito difícil
31 a 40 = linguagem técnica
acima de 41 = nebulosidade

Aplicação

Vamos ao tira-teima? Leia o texto publicado no *Correio Braziliense*:

> *Os integrantes do Conselho de Ética aguardavam o presidente do PL, Valdemar Costa Neto. Mas quem roubou a cena foi sua ex-mulher, a socialite Maria Christina Mendes Caldeira. Depois de tumultuada separação litigiosa, Maria Christina transformou-se em uma das principais acusadoras de Valdemar. Puxando uma mala, que ela fez questão de dizer que "não era a mala do mensalão", Maria Christina causou burburinho ao surgir no conselho distribuindo camisetas do projeto Bem Querer Mulher, ONG criada para combater a violência contra a mulher.*

Eis o que deu:

1. Palavras do parágrafo = 86

2. Número de frases = 4

3. Média da palavra/frase (86 dividido por 4) = 21,5

4. 21,5 + 12 = 33,5

5. 33,5 x 0,4 = 13,40

Resultado: legibilidade ótima

Agora, o seu texto. Escolha um parágrafo de carta, artigo, redação escolar e aplique o teste. Se o resultado ficar acima de 15, abra o olho. Facilite a vida do leitor. Você tem dois caminhos. Um: diminua o tamanho das frases. O outro: mande algumas proparoxítonas dar uma voltinha. O melhor: abuse dos dois.

SEGUNDA PARTE

Qualidades do estilo

Puro prazer

Em grego, é hedone. Em português, hedonismo. Numa e noutra língua, o significado se mantém. É prazer. A sensação gostosa fez escola. Virou doutrina da filosofia. Segundo ela, o prazer deve ser considerado o objetivo principal dos atos humanos.

Alguns concordam. Outros não. Mas uma coisa é certa. Ninguém gosta de sofrer. A regra vale para a leitura. Texto difícil não tem vez. E não é de hoje. Montaigne, no século XVI, disse com todas as letras: “Ao encontrar um trecho difícil, deixo o livro de lado”. Por quê? “A leitura é forma de felicidade”, respondeu ele. “Se lemos algo com dificuldade, o autor fracassou”, completou Jorge Luis Borges quatro séculos depois.

A observação não se restringe a livros. Engloba jornais, revistas, cartas comerciais, redações escolares, receitas de comida gostosa. Sem fisgar o leitor, adeus, emprego! Adeus, nota boa! Adeus, sobremesa dos deuses! Por isso, roguemos ao Senhor. Que Ele ilumine mentes, penas e teclados. E cada um faça a sua parte.

Elegância, simplicidade e sedução são conquistas. Exigem treino, desapego e vontade de melhorar. Especialistas dão dicas para chegar ao estilo mais eficaz. As sugestões não têm a ver com o certo e o errado. Mas com o jeito de dizer. As técnicas percorrem três trilhas. A primeira passa pelo vocabulário. A segunda, pela frase. A última, pelo texto. Dar uma voltinha pelos mistérios do estilo é assunto das próximas lições. Vamos lá?

LIÇÃO 19

Regras de ouro da escrita

> "Escrever é rua de mão dupla.O que acontece na outra pista é a leitura."
> Martin Amis

O texto é rua de mão dupla. Numa pista está a escrita. Na outra, a leitura. Quem escreve precisa manter os olhos abertos e os ouvidos atentos ao que vem de lá. A tarefa é árdua. Exige, como de todo bom motorista, atenção, sensibilidade e técnica. Convenhamos: um ou outro condutor podem ter uma ou outra habilidade inatas. Mas precisam desenvolver outras. É possível? É. Existem autoescolas e instrutores capazes de iluminar o caminho das pedras. Eles não chutam. Guiam-se pelas regras do código de trânsito.

Redatores profissionais conhecem as normas da escrita. São muitas. As gramaticais estão no papo. Concordâncias, regências, pontuações & cia. são café pequeno. Estudadas desde os primeiros anos, oferecem-se sem resistência. O desafio reside na legibilidade. É preciso ser entendido. Pra chegar lá, três regras merecem atenção especial. Uma: menor é melhor. Outra: menos é mais. A lanterninha, mas não menos importante: os primeiros serão os primeiros.

Menor é melhor

Entre duas palavras, fique com a mais curta. Entre duas curtas, a mais simples. Ignore as pretensiosas e ocas. Elas afugentam o leitor. Só ou somente? Só. Colocar ou pôr? Pôr. Chuva ou precipitação pluviométrica? Chuva. Contabilizar ou somar? Somar. Equalizar ou igualar? Igualar. Fidelizar ou conquistar? Conquistar. Priorizar ou dar prioridade? Dar prioridade.

Não só vocábulos contam. Frases também entram na jogada. A frase curta – com mais ou menos 150 toques – tem duas vantagens. Uma: diminui o número de erros. A gente tropeça menos nas conjunções, nas vírgulas, na concordância, na correlação verbal. A outra: torna o texto mais claro, a maior qualidade do estilo.

Como chegar lá? Vinicius de Moraes deu a dica. “Uma frase longa”, disse ele, “não é nada mais que duas curtas”. O *Manual de estilo da Editora Abril* foi atrás: “Na dúvida, use ponto”. O jeito, então, é desmembrar as compridonas. Use pontos. Compare:

> *Na Câmara e no Senado, parlamentares transformaram a eleição para a presidência em balcão de negócios, discutindo privilégios em público, sem cerimônia ou senso de oportunidade, buscando garantir cargos, vantagens, gabinetes, funcionários, gratificações.*
>
> *Na Câmara e no Senado, parlamentares transformaram a eleição para a presidência em balcão de negócios. Discutem vantagens em público sem cerimônia ou senso de oportunidade. Entre as barganhas, figuram cargos, gabinetes, funcionários, gratificações.*

Menos é mais

“Escrever é economizar palavras”, ensina Drummond. “Escrever é cortar”, confirma Marques Rebelo. “Seja conciso”, aconselha o professor. Os três dão o mesmo recado – respeite a paciência do leitor. Quanto menos palavras você gastar pra transmitir uma ideia, melhor. Muito melhor.

Como ser conciso sem prejudicar a mensagem? Existem atalhos. Um deles: eliminar palavras ou expressões desnecessárias. Artigos indefinidos, pronomes possessivos, adjetivos, advérbios são candidatos à tesoura. Menos palavras é mais clareza, mais objetividade, mais rapidez. Compare:

> *Neste momento, depois de tanto ler, nós acreditamos que, sempre que necessário e aprovado pelo bom senso, o redator deve tentar escrever seus textos com substantivos e verbos, eliminando todas as demais classes gramaticais.*

Cruz-credo! A ideia central está escondida na selva de palavras. Fiquemos com o essencial:

> *O redator escreve textos com substantivos e verbos.*

Os primeiros serão os primeiros

A psicologia prova. A pessoa só consegue dominar certo número de palavras antes que os olhos peçam pausa. Testes sobre a legibilidade e a memória demonstram dois fatos. Um: se o período tem a média de 200 toques, o leitor retém a segunda metade pior que a primeira. Dois: se 250 ou mais, grande parte do enunciado se perde. Daí a importância da frase curta e da ordem direta – sujeito, verbo, objeto direto e indireto, adjunto adverbial.

> *Michel Temer (suj.) disputa (verbo) a presidência da Câmara (obj.) na segunda-feira. (adj. adv.)*

Fugiu dessa carreirinha? Entrou na ordem inversa:

> *Na segunda-feira, Michel Temer disputa a presidência da Câmara.*
>
> *A presidência da Câmara Michel Temer disputa na segunda-feira.*
>
> *Michel Temer, na segunda-feira, disputa a presidência da Câmara.*

A primeira estrofe do Hino Nacional abusa da ordem inversa. Com ela, dá passagem à dificuldade:

> *Ouviram do Ipiranga as margens plácidas de um povo heroico o brado retumbante.*

Na ordem direta, a clareza põe a cabeça de fora:

> *As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heroico.*

Moral da história: ao contrário do apregoado pelo dito popular, os últimos não serão os primeiros. Serão os últimos mesmo.

LIÇÃO 20

Forma positiva e forma concreta

“O chato, na verdade, é o sem livro.”
Jaime Pinsky

Você gosta de ouvir um redondo não? Ninguém gosta. Nem os bebês. Dizem que a criança que escuta muitos nãos nos primeiros meses de vida grava a negação na mente. Aí, Deus a acuda. Candidata-se ao título de adulto infeliz. Para alegria do psicólogo, claro.

O leitor e o ouvinte também têm horror a esse advérbio. Fazem tudo para ignorá-lo. Muitas vezes, passam batido por ele. O recado, então, é lido pelo avesso.

Pra evitar traumas e distorções, fuja do não. Use uma linguagem positiva. Diga o que é, nunca o que não é. *Não chegar na hora* é *chegar atrasado*. *Não ser necessário* é *ser dispensável. Não vir à aula* é *faltar à aula*.

Dizer o que não é soa pouco objetivo, impreciso, hesitante. Dá a impressão de que se está fugindo do compromisso de afirmar. Como escapar do não? Reescreva a frase mantendo a ideia. Quer ver?

*Ele **não acredita** (duvida) que o professor chegue a tempo.*

*O presidente **diz que não fará** (nega) alterações no programa de privatização.*

*Os políticos **não sabem** (ignoram) que fazem parte do Estado.*

***Não se lembrou** (esqueceu-se) do recado.*

*Os laboratórios **não podem** (só podem) fabricar os novos remédios **se não** (se) pagarem royalties.*

***Não é possível** (é impossível) reparar os erros passados.*

*A lei **não altera** (mantém) a situação dos aposentados.*

*O servidor público **não é mais** (deixou de ser) servidor.*

Dá trabalho chegar à forma positiva? Às vezes dá. Mas vale a pena. O que se escreve com esforço se lê com prazer. Lembre-se disso antes de desanimar.

Não só a forma positiva agrada ao leitor. A forma concreta assegura aplausos semelhantes. Como chegar lá? Escolha termos específicos. Há palavras que são mais focadas que outras. Gato siamês é mais singular do que simplesmente gato; homem, mais do que animal; laranjeira, mais que árvore; árvore, mais do que planta ou vegetal. Trabalhador é termo de sentido geral, muito amplo; jornalista tem sentido mais restrito; jornalista da TV Senado, mais ainda.

Ao descrever uma cena de rua, você pode referir-se genericamente a transeuntes ou particularizar: homens, jovens, estudantes, alunos da USP. Escrever "foi um período difícil" constitui vagueza. "Estive desempregado durante três meses" é mais preciso, bem melhor.

Compare os textos. O primeiro prima pela generalização. O segundo, pela especificação:

> *Os jovens chegaram num carrão bonito. Usavam calças velhas, camisetas e óculos de sol. Entraram no primeiro restaurante que encontraram pela frente sem se preocupar com o preço.*
>
> *Os jovens, entre 15 e 18 anos, chegaram numa* BMW *azul. Usavam calça jeans com remendos nas pernas, camiseta de malha branca e óculos de sol. Entraram no primeiro restaurante que encontraram pela frente, um italiano especializado em massas de Bologna, sem se preocupar com o preço.*

Viu a diferença? Não foi por acidente que Gonçalves Dias compôs: "Minha terra tem palmeiras / Onde canta o sabiá". Se tivesse dito "Minha terra tem árvores / Onde canta o pássaro", seus versos estariam enterrados com ele, ignorados de todos.

Siga a regra: o específico é preferível ao genérico; o definido ao vago; o concreto ao abstrato.

LIÇÃO 21

Declarações

“A invasão linguística não é só cultural. É geopolítica.”
Bernard Cassen

Para seduzir o leitor, vale tudo. Palavras, opiniões e declarações alheias são muito bem-vindas. Bem escolhidas, ilustram o conteúdo, dão-lhe charme e lhe conferem credibilidade. Elas podem ser transcritas literalmente ou não. Se *ipsis literis*, devem vir entre aspas. Aí, não há escapatória. A identificação do autor se impõe. Retardá-la deixa o leitor ansioso, às vezes irritado. Melhor não correr riscos. Há jeitos de cortar caminho.

Nas declarações longas, identifique o autor imediatamente – antes da citação ou depois da primeira frase:

> *Antonio Gramsci escreve: “Por que as línguas são focos de resistência? Porque a língua não é só um meio de comunicação. Uma língua é uma visão do mundo”.*

Ou

> *“Por que as línguas são focos de resistência?”, pergunta Antonio Gramsci. “Porque a língua não é só um meio de comunicação. Uma língua é uma visão de mundo”, responde.*

Nas declarações curtas, o nome do autor pode vir no começo ou no fim da fala:

> *Mário Quintana ensinou: “A mentira é a verdade que enlouqueceu”.*
>
> *“A mentira é a verdade que enlouqueceu”, ensinou Mário Quintana.*

Incluir declarações no texto exige algo mais que a escolha da passagem que vem ao encontro do que afirmamos. Exige a escolha do verbo declarativo adequado. Ele tem uma função: indica o interlocutor que está com a palavra. É tão importante que, em caso de troca, pode mudar a informação. Compare:

“*As denúncias são falsas*”*, disse o acusado.*

“*As denúncias são falsas*”*, insistiu o acusado.*

“*As denúncias são falsas*”*, alertou o acusado.*

“*As denúncias são falsas*”*, ironizou o acusado.*

“*As denúncias são falsas*”*, protestou o acusado.*

“*As denúncias são falsas*”*, mentiu o acusado.*

Dizer – neutro, simples e direto – costuma ser escolha acertada. Mas abusar dele, como de qualquer outra palavra, torna o texto frio e monótono. Há, pelo menos, nove áreas semânticas de verbos que se prestam a identificar quem disse o quê. Eis os mais comuns, de sentido geral:

de dizer: afirmar, declarar

de perguntar: indagar, interrogar

de responder: retrucar, replicar

de contestar: negar, objetar

de concordar: assentir, anuir

de exclamar: gritar, bradar

de pedir: solicitar, rogar

de exortar: animar, aconselhar

de ordenar: mandar, determinar

Existem outros, muito explorados pela literatura. Além de indicar o falante, sugerem sentidos conotativos. Eles não são propriamente “de dizer”, mas “de sentir”. Gemer, suspirar, lamentar, queixar-se, explodir expressam emoção, estado de espírito, reação psicológica. Devem ser empregados no discurso direto, antepostos ou pospostos à declaração porque rejeitam a conjunção integrante: *“Estamos perdidos”, gemeu Napoleão. Gemeu Napoleão: “Estamos perdidos”.* Nunca se dirá *“Napoleão gemeu que estava perdido”.*

Atenção, moçada. Falar não equivale a dizer, afirmar, declarar. Significa dizer palavras, expressar-se por meio de palavras: *João Marcelo fala várias línguas. Falou com o governador. Não falará sobre o assunto. O apelo da criança fala ao coração.*

Na dúvida, substitua o falar pelo dizer. Se der certo, o falar está no lugar errado. Dê vez ao dizer: *O ministro falou (disse) que o aumento do preço da gasolina se deve a fatores externos. Quem falou (disse) isso?*

LIÇÃO 22

Carícia nos ouvidos

> “Só fala e escreve bem quem pensa bem.”
> Fialho de Almeida

Não basta ser correta. A frase tem de agradar. A quem? Aos ouvidos. Um dos segredos está na combinação de palavras e frases. Umas devem conversar com as outras sem tropeços, ecos ou repetições. O resultado precisa soar bem. É a harmonia. Cacofonias & parceiros estragam o mais lindo pensamento. Livrar-se dos indesejados? Há jeitos. Um deles: usar o metro.

A oração tem sujeito, objeto, adjuntos e toda a parafernália que você conhece. A colocação deles é a chave do estilo harmonioso. Eis a receita: o termo mais curto – com menor número de sílabas – deve vir na frente do mais longo.

Quer ver? Leia esta frase em voz alta:

> *No sábado, fui ao casamento do Rafael. Depois de borboletear de mesa em mesa, fui dar uma espiadinha nos presentes. Vi dois tipos. Um: esculturas. O outro: pacotes embalados com papel colorido, laços elegantes acompanhados de cartões vistosos.*

Agora, esta:

> *No sábado, fui ao casamento do Rafael. Depois de borboletear de mesa em mesa, fui dar uma espiadinha nos presentes. Vi dois tipos. Um: pacotes embalados com papel colorido, laços elegantes acompanhados de cartões vistosos. O outro: esculturas.*

Reparou? O segundo texto parece manco. Dá a impressão de que lhe falta alguma coisa. Mas não falta. Ele está gramaticalmente certinho da silva. A sensação de incomplitude tem tudo a ver com o tamanho dos termos. Na descrição de um tipo de presentes, contam-se 31 sílabas. Na do outro, quatro. Na lei da harmonia, o curto vem na frente. No segundo exemplo, vem atrás. Xô!

Leia outro período em voz alta:

> *A ópera O Guarani chega a Brasília com cenário e montagem modernos por R$ 100 o ingresso.*

Compare:

> *A ópera O Guarani chega com cenário e montagem modernos a Brasília por R$ 100 o ingresso.*

"A Brasília" tem 4 sílabas. "Com cenário e montagem modernos", 11. A regra: o mais curto puxa a carrocinha. Vem na frente. Nota 10 para o primeiro exemplo.

Mais um:

> *O presidente pediu aos deputados que votassem a* PEC *em regime de urgência urgentíssima.*

Compare:

> *O presidente pediu aos deputados que votassem, em regime de urgência urgentíssima, a PEC.*

Está na cara, não? A frase harmônica soa bem. Tem ritmo. Sem ecos, repetições ou cacofonias, desce redondo. A harmonia está ligada ao ouvido. Segredo dos grandes escritores, implica a habilidade de combinar palavras e frases com elegância – sem tropeços ou dissonâncias.

Há caminhos que levam à carícia da língua. Um deles está no papo: respeitar o tamanho da palavra. O termo mais curto (com menor número de sílabas) deve preceder o mais longo.

Outro aliado é o truque do três. Ninguém sabe por quê. Mas trios bajulam os ouvidos. Pai, Filho e Espírito Santo formam a Santíssima Trindade. Liberdade, igualdade e fraternidade são os lemas da Revolução Francesa. Governo do povo, para o povo, pelo povo, proclamou Abraham Lincoln. Vim, vi e venci, orgulhou-se Júlio César.

Nas enumerações, o três faz mágicas. Pense em três itens para agrupar:

> *Joseph Ratzinger colecionou desafetos ao combater o divórcio, o homossexualismo, o sacerdócio feminino.*
>
> *O estilo deve ter três virtudes: clareza, clareza e clareza.*
>
> *Vamos trabalhar com afinco, vontade e competência.*

A diversidade é mais um cúmplice da harmonia. As repetições – de sons, palavras ou estruturas – transmitem a impressão de inexperiência, descuido e pobreza de vocabulário. Há jeitos de evitá-las. Uma delas:

suprimir a palavra. Outra: substituí-la por sinônimo ou pronome. Mais uma: dar outro torneio à frase.

Mesmeiros são espertos. Fazem de conta que não entram no time das repetições. Mas entram. São frases e parágrafos que se iniciam com palavras ou estruturas iguais. Que sono…

> *O sonho de eleição tranquila para presidente do PT chegou ao fim. A corrente Movimento PT ignorou os apelos da chefe da Casa Civil e lançou a deputada Maria do Rosário como candidata à presidência do partido. A disputa ainda deve ter um nome mais à esquerda, como o de Raul Pont.*

Reparou? O parágrafo tem três períodos. Todos começam com artigo definido. Melhor variar:

> *Chegou ao fim o sonho de eleição tranquila do presidente do PT. A corrente Movimento PT ignorou os apelos da chefe da Casa Civil e lançou a deputada Maria do Rosário como candidata à presidência do partido. Um nome mais à esquerda, como de Raul Pont, deve ainda entrar na disputa.*

Abra o olho: os parágrafos no texto obedecem à mesma regra – variedade.

LIÇÃO 23

Xô, eco

> “O estilo consiste em escrever como nos dá na veneta.”
> Sofocleto

Quando o mundo nasceu, as palavras eram delicadas. Uma não trombava na outra. Por isso, reinava a harmonia. Não havia eco. Um dia, aconteceu. Eco apareceu na Terra. A bela moça falava sem parar. A voz dela encantava os homens, que ficavam caidinhos de amor. Mas a moça não estava nem aí. Esnobava a todos.

Numa voltinha pelo shopping, Eco viu Narciso. Foi paixão à primeira vista. Mas o belo não lhe dava bola. Só olhava pra si. Ela, então, resolveu declarar a enorme paixão que nutria por ele. Fez o plano. Estudou a estratégia. Preocupou-se com os pormenores. Mas não chegou lá. Sabe por quê?

Foi castigo. Eco era muito amiga de Zeus, casado com a ciumenta Hera. Um dia, Zeus conheceu uma gatinha. Eco se encarregou de distrair Hera com belas histórias. Mas a mulher descobriu. Furiosa, puniu-a. Daquele dia em diante, a alcoviteira não falaria mais. Pobrezinha! Até hoje, a jovem não diz uma só palavra. Só repete a última sílaba das palavras dos outros. É o eco da Eco.

A história da ninfa da mitologia grega nos persegue até hoje. Depois dela, ao menor descuido, as palavras perdem a delicadeza. Rimam. É um deus-nos-acuda. A rima é qualidade da poesia, mas defeito da prosa. É o eco.

Como descobri-lo? É fácil como andar pra frente. Com atenção e paciência, você elimina todos eles. Leia seu texto em voz alta. Ocorre repetição de sons iguais ou semelhantes? Mande-a pras cucuias. Exemplos não faltam:

Houve muita provocação e confusão na reunião da diretoria.

Cruz-credo! Com tantos ãos, dá pra fazer uma feijoada. Sem eco, a frase fica assim, pra lá de agradável: Houve muita provocação e tumulto no encontro da diretoria.

O Plano Real acabou com a inflação mortal.

Nada feito. O ouvido da gente não é lixeira. Vamos ao troca-troca: O Plano Real acabou com a inflação que mata a economia do trabalhador.

O rigor do censor lhe tolhia a criatividade e lhe roubava o humor.

Pra fora, eco! Bem-vinda, harmonia: O rigor do profissional encarregado da censura lhe tolhia a criatividade e lhe roubava o humor.

Vale repetir: não basta ser correta. A frase tem de agradar aos ouvidos. Um dos segredos está na combinação de palavras e frases. Umas devem conversar com outras sem tropeços, ecos ou repetições. O resultado? Soar bem. Viva a harmonia.

LIÇÃO 24

Verbos-ônibus

> "Quando você não tem nada a dizer, não diga nada."
> Charles Caleb Colton

Na cidade, existem os ônibus. Eles conduzem 42 passageiros sentados e outros tantos de pé. Na língua, há pala-vras-ônibus. Elas se parecem com o transporte coletivo. Com montões de significados, os polivalentes servem pra tudo.

Coisa, por exemplo, é um minhocão. Assemelha-se a ônibus papa-fila. As cinco letrinhas comportam todo o dicionário. "Comprei uma coisa pra você" pode ser... qualquer coisa.

Há verbos que se encaixam em qualquer contexto. São os verbos-ônibus. É o caso de fazer, pôr, dizer, ter e ver. Genéricos e incolores, tornam a frase vaga e imprecisa. Com paciência, a gente pode se livrar deles. Quer ver?

> Fazer: *Fazer uma fossa*. (Cavar uma fossa.) *Fazer a estátua de mármore*. (Esculpir a estátua de mármore.) *Fazer o trajeto de carro*. (Percorrer o trajeto de carro.) *Fazer direito*. (Cursar direito.) *Fazer artigo para o jornal*. (Redigir (ou escrever) artigo para o jornal.) *Fazer discursos*. (Proferir discursos.)
>
> Pôr: *Pôr uma palavra no parágrafo*. (Acrescentar uma palavra no parágrafo.) *Pôr a sonda na ferida*. (Introduzir a sonda na ferida.) *Pôr o futuro do subjuntivo na frase*. (Empregar o futuro do subjuntivo na frase.) *Pôr a roupa no armário*. (Guardar a roupa no armário.) *Pôr dinheiro no banco*. (Depositar dinheiro no banco.)
>
> Dizer: *Dizer poemas*. (Declamar poemas.) *Dizer o segredo*. (Revelar o segredo.) *Dizer exemplos*. (Citar exemplos.) *Dizer a história*. (Contar a história.)
>
> Ter: *Ter boa reputação*. (Gozar boa reputação.) *Ter o respeito dos subordinados*. (Conquistar o respeito dos subordinados.) *Ter dor*

> *de cabeça*. (Sentir dor de cabeça.) *Ter 10 metros*. (Medir 10 metros.) *Ter 50 quilos*. (Pesar 50 quilos.)
>
> Ver: *Ver a beleza do quadro*. (Admirar a beleza do quadro.) *Ver os menores detalhes*. (Observar os menores detalhes.) *Ver pela fechadura*. (Espiar pela fechadura.)

Reparou? A precisão do verbo dá clareza à ideia. Vale a pena persegui-la. Empregar a palavra certa para o contexto é exercício difícil. Dá trabalho. Exige atenção, cuidado, paciência. E pesquisa. Consultar o dicionário ajuda. E como!

LIÇÃO 25

Companhias amigas e inimigas

“Escreva, escreva, escreva até os dedos quebrarem.”
Tchecov

Substantivo e verbo são a roupa e o sapato da frase. As demais classes gramaticais, os acessórios. Adjetivos, advérbios, pronomes, artigos indefinidos & cia. devem ser usados com o pão-durismo do Tio Patinhas. “Nos grandes mestres”, ensinou Monteiro Lobato, “o adjetivo é escasso e sóbrio – vai abundando progressivamente à medida que descemos a escala de valores”.

O adjetivo dá vida, ou mata. Para animar, deve revelar virtudes capazes de especificar melhor o substantivo e restringir-lhe a abrangência. Em bom português: precisa acrescentar precisão e economia à frase. Nunca enfeitar o enunciado.

Observe:

Os alunos tiram boas notas.

A frase diz que todos os alunos tiram boas notas. Não é isso? O adjetivo se encarrega de restringir o substantivo:

Os alunos estudiosos tiram boas notas.

Adjetivos bem-vindos particularizam o nome. Dão validade à informação. Observe: Comprei uma mesa redonda. Gostamos de paredes brancas. João Marcelo tem cabelos loiros. Dois atletas canadenses se destacaram nos Jogos Pan-Americanos.

Por que redonda, brancas, loiro e canadenses mereceram banda de música e tapete vermelho? Porque prestam um senhor serviço à frase. Tornam o nome mais particular. Eu não comprei qualquer mesa, mas a mesa redonda. Não é de qualquer cor de parede que nós gostamos, mas da branca.

Mais: o cabelo do João Marcelo poderia ser preto, castanho, ruivo, vermelho, verde. O adjetivo loiro manda as espe-culações pras cucuias. Os atletas poderiam ser brasileiros, cubanos, chilenos ou argentinos. Canadenses elimina as demais possibilidades.

Há adjetivos que causam urticária ao substantivo. São os adjetivos-ônibus. Vazios e sem graça, não acrescentam nenhuma informação ao nome. Ao contrário. Exprimem a opinião de quem escreve. São tão genéricos que podem se juntar a qualquer substantivo.

É o caso de maravilhoso. João pode ser maravilhoso.A casa pode ser maravilhosa. O professor pode ser maravi-lhoso. A noite pode ser maravilhosa. Tudo pode ser maravilhoso.Conclusão: maravilhoso não diz nada.

Outros exemplos de indesejados? Ei-los: Clima excepcional. Pessoa formidável. Lição fantástica. Vestido bonito.

Os adjetivos nada informam sobre o objeto. O que é clima excepcional? Quente? Frio? Chuvoso? Nublado? Depende do gosto do freguês. E pessoa formidável? E lição fantástica? Vestido bonito? Sei lá.

Certos adjetivos associados a determinados substantivos formam chavões pela insistência do uso: ascensão meteórica, lucros fabulosos, inflação galopante, congestionamento monstruoso, prejuízos incalculáveis, vitória esmagadora.

É fácil promover o divórcio. Basta esquecer o adjetivo e especificar o substantivo: ascensão meteórica (passou de office boy a diretor em dois anos), lucros fabulosos (lucros de R$ 1 bilhão em dois meses), inflação galopante (inflação de 80% ao mês), congestionamento monstruoso (congestionamento de 200km), vitória esmagadora (80% dos votos válidos).

Por falar em adjetivo, vale lembrar o advérbio. O advérbio é o adjetivo do verbo. Use-o com cautela. Seja sovina com as locuções adverbiais que funcionam como muleta. É o caso de *em verdade, de fato, em definitivo.* Sobretudo, não sobrecarregue a frase. O substantivo e o verbo é que falam e dizem:

> *(Como todos sabem), o redator profissional deve escrever (literalmente) de olho no leitor.*

Dica: com os adjetivos e advérbios, seja econômico como os mineiros. Os moradores das Alterosas dão o seguinte conselho aos filhos:

> – Não saia. Se sair, não gaste. Se gastar, não pague. Se pagar, pague só a sua.
>
> Vale a adaptação:
>
> – Não use adjetivo e advérbio. Se usar, use só os que particularizam o substantivo ou o verbo.

LIÇÃO 26

Os indesejados

> "A era das belas frases acabou."
> Theodor Fontane

A língua se parece com as pessoas. É vaidosa que só. Adora ser enxutinha e ter tudo no lugar. Gordurinhas aqui e ali? Nem pensar. Bisturi nelas. Vale visitar o cirurgião plástico. Ele manda os excessos bater em retirada.

Um dos indesejados é o artigo indefinido. *Um, uma, uns, umas* devem ser usados com cuidado. Sabe por quê? Eles são inimigos do substantivo. Tiram-lhe a força. Tornam-no vago, impreciso, desmaiado.

Ora, como as palavras mais importantes do texto são o substantivo e o verbo, não se pode maltratar uma delas. Manda o bom senso passar a faca no inimigo. Xô! O resultado? Examine as frases:

> *O Ministério da Justiça aguarda (uma) verba suplementar para saldar a dívida.*
>
> *No cursinho, fiz (umas) redações sobre o movimento dos sem-terra.*
>
> *Na avaliação do governo, a greve dos bancários não terá fôlego para prosseguir por (um) longo período.*
>
> *O governo vai enviar (uma) tropa de choque às audiên-cias públicas de discussão da proposta de emenda à Constituição.*

Viu? O artigo sobra. Em 99% das frases, o danado não tem vez. Faça o teste. Pegue uma redação sua. Assinale os artigos indefinidos. Depois, corte-os. Sem o indesejado, a frase fica mais enxuta. Beleza pura.

Ser claro é obrigação de quem escreve. O artigo definido se presta a confusão de significados. Dobre a atenção ao usá-lo.Ao dizer "os metalúrgicos aderiram à greve", englobam-se todos os metalúrgicos. Se não são todos, dispensa-se o artigo: "metalúrgicos aderiram à greve".

Abra o olho com o pronome todos. Com o artigo, ele se torna redundante: *Na primeira reunião com todos os secretários, Barack Obama* *pediu empenho para que o país supere a crise financeira com menos dor.*

Reparou? O *todos* sobra. A presença do artigo informa que são todos: *Na primeira reunião com os secretários...*

LIÇÃO 27

Seu? De quem?

“Gramática é um mal necessário.”
Carlos Heitor Cony

A frase tem três virtudes. A primeira: clareza. A segunda: clareza. A terceira: clareza. Montaigne deu essa lição há 400 anos. Até hoje as coisas não mudaram. A clareza ainda é a maior qualidade do texto. Por isso, quem escreve para ser entendido não poupa esforços para chegar lá.

Há truques que facilitam a tarefa. Um deles: livrar-se do pronome possessivo de terceira pessoa. *Seu* e *sua* parecem inofensivos. Mas causam estragos. Um deles: tornam o enunciado ambíguo. Outro: sobram.

Quer ver? Examine esta passagem:

> *Rafaela encontrou Marcelo na hora do recreio. No ba-te-papo entre um cafezinho e outro, ela ensinou ao colega os recursos do seu celular.*

De que celular? De Rafaela? De Marcelo? Pode ser de uma ou de outro. O *seu* provocou a confusão. Xô!

> *Rafaela encontrou Marcelo na hora do recreio. No ba-te-papo entre um cafezinho e outro, ela ensinou ao colega os recursos do celular.*
>
> *Rafaela encontrou Marcelo na hora do recreio. No ba-te-papo entre um cafezinho e outro, ela ensinou ao colega os recursos do celular dela.*
>
> *Rafaela encontrou Marcelo na hora do recreio. No ba-te-papo entre um cafezinho e outro, ela ensinou ao colega os recursos do celular dele.*

Examine outro caso:

> *No seu pronunciamento em Washington, Obama pregou a união dos americanos.*

Reparou? O *seu* não causa ambiguidade. Mas sobra. Pau nele:

> *No pronunciamento em Washington, Obama pregou a união dos americanos.*

Mais um caso:

> *No acidente, quebrou a sua perna direita, fraturou os seus dedos da mão esquerda, arranhou o seu rosto.*

Cruz-credo! Rua! Antes das partes do corpo, o possessivo não tem vez. Sem ele, a frase respira aliviada:

> *No acidente, quebrou a perna direita, fraturou os dedos da mão esquerda, arranhou o rosto.*

Você tem uma redação pertinho de você? Leia-a com cuidado. Circule os pronomes seu e sua. Agora, leia o texto sem os indesejados. Viu? Os loucos por confusão não fazem falta. Você pode muito bem viver sem eles.

LIÇÃO 28

O mal-amado

> “A língua é minha pátria.”
> Caetano Veloso

Ele só tem uma sílaba. Mas causa estragos. Como pertence a muitas classes, aparece demais. Entra, por isso, no time das repetições. Torna a frase pesadona, monótona, pouco atraente. Diante do abuso, o leitor, dono e senhor do pedaço, manda o texto pras cucuias.

Quem é o mal-amado? Ninguém menos que o quê. Ele dá a impressão de inexperiência, descuido e pobreza de vocabulário. Por isso, professores o perseguem. Alunos fogem dele como o gato do cão. Escritores lhe passam a faca sem piedade. E você? Sabe como livrar-se do indesejado? Há formas de mandá-lo pras cucuias:

1. Troque a oração adjetiva por adjetivo ou substantivo
    - a. animal que se alimenta de carne: animal carnívoro
    - b. pessoa que planta café: cafeicultor
    - c. criança que não tem educação: criança mal-educada
    - d. homem que não sabe ler nem escrever: analfabeto
    - e. trabalho que não tem fim: trabalho infindável
    - f. secretária que se dedica ao trabalho: secretária dedicada

2. Mude a oração adjetiva por aposto
    - a. Brasília, que é a capital do Brasil, completará 50 anos logo, logo.
        - Brasília, a capital do Brasil, completará 50 anos logo, logo.
    - b. José Sarney, que foi eleito senador pelo Amapá, nasceu no Maranhão.
        - José Sarney, eleito senador pelo Amapá, nasceu no Maranhão.
    - c. Lula, que foi metalúrgico, conseguiu chegar à Presidência da República.

Lula, ex-metalúrgico, conseguiu chegar à Presidência da República.

3. Substitua a oração pelo termo nominal corres-pondente
    a. A comunidade exige que o criminoso seja punido.
        A comunidade exige a punição do criminoso.
    b. Ninguém duvidava de que o plano tivesse êxito.
        Ninguém duvidava do êxito do plano.
    c. Alguém imaginava que os Estados Unidos elegeriam um presidente negro?
        Alguém imaginava a eleição de um negro para a Presidência dos Estados Unidos?

4. Reduza orações
    a. Agora que expliquei o título, passo a escrever o livro.
        Explicado o título, passo a escrever o livro.
    b. Depois que redigir o texto, pensarei na legenda.
        Redigido o texto, pensarei na legenda.
    c. Logo que acabar a leitura, farei o resumo.
        Acabada a leitura, farei o resumo.

5. Transforme o discurso indireto em discurso direto

Lula disse que acabará com a pobreza no Brasil.

Lula disse:
– Acabarei com a pobreza no Brasil.
“Acabarei com a pobreza no Brasil”, disse Lula.

É isso. A língua oferece mil jeitos de dar o mesmo recado. Para recorrer a eles, duas condições se impõem. Uma: conhecê-los. A outra: deixar a preguiça pra lá, arregaçar as mangas e mergulhar no trabalho.

LIÇÃO 29

Dizer o que é sem tirar nem pôr

> “Um autor só é autor no momento em que escreve.Depois, passa a ser um leitor a mais da própria obra.”
>
> Autran Dourado

O que é isso? O que é aquilo? O que é aqueloutro? Crianças não se cansam de perguntar. A gente responde o que pode. Muitas vezes não dá conta. Diz, então, qualquer coisa. Meninos e meninas, que não têm tempo a perder, fingem que acreditam. Dão meia-volta e partem pra outra.

Na vida profissional a história não é tão fácil. Há momentos em que temos de definir. Precisamos de engenho, arte e, sobretudo, técnica pra dizer o que é que queremos dar a entender quando empregamos uma palavra ou nos referimos a um objeto ou ser. O desafio: o definido só pode ser o definido – sem possibilidade de confundir-se com outro.

Como chegar lá? A definição não é filha de chocadeira. Tem berço, trajetória e estrutura composta de quatro elementos. É importante respeitá-los e dispô-los como manda a lógica:

a. termo – o ser que será definido
b. cópula – o verbo ser
c. gênero – a classe (ou ordem) de coisas a que pertence o termo
d. diferenças – tudo o que diferencia o termo definido de outros da mesma classe

Examine os exemplos:
Homem é um animal racional.

O termo é homem. A cópula, é. O gênero, animal. A diferença, racional.

Substantivo é a classe de palavras que dá nome aos seres.

O termo é substantivo. A cópula, é. O gênero, classe de palavras. A diferença, que dá nome aos seres.

Quadrado é um quadrilátero de ângulos retos e lados iguais.

O termo é quadrado. A cópula, é. O gênero, quadrilátero. A diferença, de ângulos retos e lados iguais.

Falar é exprimir-se por meio de palavras.

O termo é falar. A cópula, é. O gênero, exprimir-se. A diferença, por meio de palavras.

Olho vivo. Às vezes o enunciado tem cara de definição, mas definição não é. Se você pergunta a uma criança o que é chuva, é bem provável que ela responda “chuva é quando chove”. Será? Quando chove há chuva. Mas chuva, segundo o Aurélio, “é a precipitação atmosférica formada de gotas de água cujas dimensões variam entre 1mm e 3mm, por efeito da condensação do vapor de água contido na atmosfera”.

A definição tem exigências das quais não abre mão. Como saber se elas foram atendidas? Há jeitos. Ela deve:

1. ser breve – formada de uma só frase.
2. ser expressa em linguagem simples, familiar ao leitor ou ouvinte.
3. ser afirmativa (dizer o que é, não o que não é). Não há definição quando se diz que “homem não é cachorro”.
4. ser recíproca pra ser completa e satisfatória. O “homem é um ser vivo” não é definição porque nem todo ser vivo é homem. Peixe é ser vivo, mas não é homem.
5. O termo deve pertencer ao gênero. Homem é animal, não vegetal ou coisa. Quadrado é quadrilátero, não móvel ou ferramenta. Substantivo é classe de palavra, não carro ou dicionário.
6. O gênero tem requisitos. Deve ser suficientemente amplo pra compreender a espécie definida e suficientemente restrito pra que as características do termo definido sejam entendidas sem confusão de espécies. Dizer que homem é “ser vivo”? Ops! O gênero é pra lá de amplo porque inclui milhões de criaturas que nada têm a ver com o homem. Dizer que o homem é “animal que vive na cidade” é demasiadamente restrito, porque exclui outros homens.
7. A estrutura gramatical é rígida: o termo e o gênero têm de pertencer à mesma classe de palavras : homem (substantivo) é animal (substantivo). Falar (verbo) é exprimir-se (verbo). Quando a gurizada diz que chover é “quando chove”, “quando chove” não é verbo como chover. É oração. Não vale.

8. Não se pode usar no gênero o termo que se está definindo. Dizer que homem é homem, gato é gato, móvel é móvel ninguém discute. Mas não é definição.

LIÇÃO 30

Lé com lé, cré com cré

> "Lutar com palavras é a luta mais vã."
> Carlos Drummond de Andrade

O corpo fala. E dá lições. Uma delas: as partes que exercem função igual têm estrutura igual. No rosto, temos dois olhos, dois ouvidos, duas narinas. Um par exerce o mesmo papel que o outro. Os olhos veem. Os ouvidos ouvem. As narinas cheiram.

Por exercerem a mesma função, o casalzinho tem a mesma forma. Um olho é do tamanho e da cor do outro. Um ouvido é do tamanho e formato do outro. Uma narina tem a cara e o focinho da outra.

No resto do corpo, a história se repete. Temos duas mãos, dois braços, dois pés e duas pernas. Um e outro exercem a mesma função. As mãos seguram. Os braços abraçam. Os pés pisam. As pernas andam. Por isso, têm a mesma forma. Um braço é gêmeo univitelino do outro. Braços, pés, pernas e dedos também.

A língua é boa aluna. Sabida, aprende a lição do corpo rapidinho. Termos e orações com funções iguais ganham estruturas iguais. Por exemplo: se o verbo pede dois objetos diretos, há dois caminhos. Um deles é dar-lhes a forma de nome. Outra, de oração.

Veja:

> *Lula negou interesse no terceiro mandato e que o governo esteja sem rumo.*

Negar é transitivo direto. Pede objeto direto. No caso, são dois objetos. Um: o interesse no terceiro mandato. O outro: que o governo esteja sem rumo.

Reparou? Houve desrespeito à lei do paralelismo. Os dois – interesse no terceiro mandato e que o governo esteja sem rumo – são objetos diretos do mesmo verbo (negar). Mas têm estruturas diferentes. Um é nominal. O outro, oracional.

Em suma: misturaram-se alhos com bugalhos. Para corrigir o aleijão, só há uma saída – dar a mesma estrutura aos dois objetos:

> *Estrutura nominal: O presidente negou interesse no terceiro mandato e falta de rumo no governo.*
>
> *Estrutura oracional: O presidente negou que tivesse interesse no terceiro mandato e que o governo estivesse sem rumo.*

Para algo estar paralelo, uma condição se impõe. É necessário que haja mais de um. A W3 é paralela à W2, W1, W4 e W5. A L2 é paralela à L1, L2, L3, L4 e L5. A pista do Eixão que vai em direção ao aeroporto é paralela à que vem em direção à rodoviária. Um trilho do trem é paralelo a outro.

Na língua, os termos paralelos também exigem mais de um – mais de um sujeito, mais de um objeto, mais de um adjunto, mais de uma oração:

> a. ***Paulo e Luís*** *estudam na universidade*.
> b. *Gosto de* ***cinema****,* ***teatro*** *e* ***televisão****.*
> c. *Os trabalhadores precisam* ***assegurar o poder de compra dos salários*** *e* ***manter a garantia do emprego***.

Reparou? Os termos paralelos vêm separados. Para isolar um do outro, há duas saídas. Uma: recorrer à vírgula. A outra: pedir ajuda à conjunção coordenativa.

É aí que a porca torce o rabo. Muitas vezes o *e* aparece antes do *que*. O quezinho pode ser conjunção ou pronome relativo. Num caso e noutro, impõe uma condição. O *e que* só terá vez se aparecer o primeiro *que*, claro ou subentendido. Se aparecer um *e que* solitário, tenha certeza. O paralelismo foi desrespeitado.

Veja um exemplo:

> *As pesquisas revelam grande número de indecisos e que pode haver segundo turno nas eleições americanas.*

Cadê o primeiro *que* ? O gato comeu. Sem ele, nada feito. O segundo não tem vez. E daí? Há dois jeitos de corrigir o aleijão.

Um: mandar o *e que* pras cucuias:

> *As pesquisas revelam grande número de indecisos e a possibilidade de segundo turno nas eleições americanas.*

O outro: convidar o primeiro *que* a figurar na frase:

> *As pesquisas revelam que há grande número de indecisos e que pode haver segundo turno nas eleições americanas.*

Eis outro exemplo:

> *Os trabalhadores precisam assegurar o poder de compra dos salários e que seja mantida a garantia de emprego.*

Juntando lé com lé, cré com cré, temos:

> *Os trabalhadores precisam assegurar o poder de compra dos salários e manter a garantia de emprego.*
>
> *Os trabalhadores precisam assegurar que o poder de compra dos salários seja mantido e que seja garantido o emprego.*

Mais um:

> *O acusado negou seu interesse no programa e que o telefonema do traficante tivesse alguma relação com a CPI.*

Pondo os pontos nos ii, temos:

> *O acusado negou interesse no programa e a relação do telefonema do traficante com a CPI.*
>
> *O acusado negou que tivesse interesse no programa e que o telefonema do traficante tivesse alguma relação com a CPI.*

Em suma: o *e que* é como Cosme e Damião. Anda sempre acompanhado. De quem? De outro *que*.

LIÇÃO 31

Casaizinhos fiéis

> "Prefiro perder um bom amigo a perder um dito."
> Quintiliano

Há mais paralelismos na língua do que imagina nossa vã filosofia. Eles têm íntima relação com a coordenação. Em outras palavras: os termos paralelos exigem mais de um: mais de um sujeito, mais de um objeto, mais de um adjunto, mais de uma oração. Veja:

Paulo e Luís estudam na Universidade de São Paulo.

Gosto de cinema, teatro e televisão.

Os professores precisam ensinar e manter a disciplina.

Às vezes, os termos paralelos aparecem em forma de casaizinhos. São os pares da língua. Eles são tão unidos que o que acontece com um acontece com o outro.

Trocando em miúdos: se um dos parceiros se apresenta sem artigo, o outro segue o mesmo caminho. Se, ao contrário, se exibe devidamente acompanhado, o outro vai atrás.

Difícil? O exemplo deixa clara a fidelidade entre os membros de expressões escritas aos pares. Examine:

Estudo ***de*** *segunda* ***a*** *sexta-feira.*

A preposição *de* é pura. Não vem acompanhada de artigo. O parzinho dela não pode ser diferente. A preposição *a* também é pura. Artigo não tem vez com ela.

Compare:

Trabalho ***das*** *8h* ***às*** *22h.*

Viu? O primeiro par é *das*. As três letrinhas são a combinação da preposição *de* com o artigo *as*. O primeiro par é casado? O segundo também. *Às* é contração da preposição *a* com o artigo *a*.

Mais exemplos? Ei-los:

Li o livro ***da*** *página 5* ***à*** *página 18.*
Viajei ***da*** *França* ***à*** *Alemanha de trem.*
Fui de avião ***de*** *Miami* ***a*** *Madri.*
Corri ***da*** *avenida* ***à*** *parada do ônibus.*

LIÇÃO 32

Cruzamentos sintáticos

> "Humorismo é a arte de fazer cócegas no raciocínio dos outros."
> Leon Eliachar

Imagine a cena. Paulo tem na mão meio copo de Coca-Cola.Luís tem meio copo de guaraná. Eles resolvem fazer uma combinação. Misturam a Coca com o guaraná. Dá uma bebida estranha. Ninguém sabe o que é. A única certeza é esta: a bebida não é Coca-Cola. Nem guaraná.

Na língua também ocorrem misturas heterodoxas. São os cruzamentos. Distraídos, nós pegamos parte de uma estrutura. Juntamo-la com parte de outra. O resultado é um casamento muito estranho. Parece filhote de jacaré com tartaruga. Já imaginou?

Vale um exemplo. O português tem as locuções *à medida que* e *na medida em que*. Cada uma tem seu significado:

À medida que = à proporção que

Minha pronúncia melhora à medida que pratico a língua.

À medida que o vírus se alastra, aumenta o número de gente gripada.

A redação melhora à medida que escrevemos mais e muito.

Na medida em que = porque, tendo em vista

A mortalidade infantil continua alta na medida em que não se resolveu o problema do saneamento básico.

Aumentaram os casos de desidratação na medida em que a umidade relativa do ar chegou a níveis críticos.

Atenção, muita atenção. Volta e meia, a gente vê a locução "à medida em que". Esse mostrengo equivale à mistura do guaraná com a Coca-Cola. Ou ao filhote de jacaré com tartaruga. A criatura não tem vez na língua. Fuuuuuuuuuuuuuja dela.

Outras construções são louquinhas por cruzamentos. Ao menor descuido, lá vamos nós. Juntamos Germanos com gêneros humanos. Ou lé com cré. E o sapato perde o pé. Com elas, todo o cuidado é pouco.

Ei-las:

> *seja... seja: Seja no inverno, seja no verão, Maria está sempre bem agasalhada.*
>
> *ou... ou: (ou) No inverno ou no verão, Maria toma sorvete todos os dias.*
>
> *quer... quer: Quer no inverno, quer no verão, Paulo usa terno e gravata.*
>
> *de... a: Estudo inglês de segunda a quinta-feira.*
>
> *das... às: Trabalho das 14 às 19 horas.*
>
> *não... mas: Não moro em São Paulo, mas no Rio.*

Reparou? As expressões vêm sempre aos pares. O casalzinho é inseparável. Mas há gente que teima em levá-lo ao adultério. Eis o resultado:

> *Seja no inverno ou no verão, Maria está sempre bem agasalhada.*
>
> *Quer no inverno ou no verão, Paulo usa terno e gravata.*
>
> *Estudo inglês de segunda à quinta.*
>
> *Trabalho de 14 às 19 horas.*

Xô, união pornô!

Você é do time dos cruzamentos? Cuidado! O castigo talvez tarde, mas não falta. Pecador, você perde pontinhos na prova e na vida. Olho vivo.

LIÇÃO 33

Enumeração paralela

“Uma citação na hora certa é como comida para quem tem fome.”
Talmude

Não só os termos da oração exigem respeito ao paralelismo. As enumerações seguem a mesma lei. Até Deus sabe disso. Dentre os Dez Mandamentos, Ele ordena:

1. Amar a Deus sobre todas as coisas;
2. Não tomar Seu santo nome em vão;
3. Honrar pai e mãe;
4. Não matar;
5. Não pecar contra a castidade;
6. Não desejar a mulher do próximo.

Viu? Os mandamentos começam com verbo no infinitivo. Há outras formas de dar o mesmo recado. Uma delas é conjugar o verbo. No caso, todos os mandamentos vão para o imperativo:

1. Ame a Deus sobre todas as coisas;
2. Não tome Seu santo nome em vão;
3. Honre pai e mãe;
4. Não mate;
5. Não peque contra a castidade;
6. Não deseje a mulher do próximo.

Peca-se contra o paralelismo quando se misturam alhos com bugalhos. É o caso de mesclar o infinitivo com o imperativo:

1. Ame a Deus sobre todas as coisas;
2. Não tomar seu santo nome em vão;
3. Honrar pai e mãe;
4. Não matar;
5. Não pecar contra a castidade;
6. Não deseje a mulher do próximo.

Também se peca contra o paralelismo quando se mistura verbo com substantivo:

1. Amor a Deus sobre todas as coisas;
2. Não tomar seu santo nome em vão;
3. Honra ao pai e à mãe;
4. Não mate;
5. Não peque contra a castidade;
6. Não deseje a mulher do próximo.

Virgem Maria! É a receita do cruz-credo. O autor criou o samba da confusão. Nada feito. Dê às ordens a mesma forma. Há várias. Uma: o infinitivo. Outra: o imperativo. A última: o substantivo. Misturar é proibido.

LIÇÃO 34

Os fora de moda

> “Nas palavras e nas modas, observe a mesma regra:sendo novas ou antigas demais, são igualmente grotescas.”
>
> Pope

Imagine a cena. Dia após dia, semana após semana, mês após mês, ano após ano, você encontra a pessoa com a mesma roupa, o mesmo sapato, o mesmo corte de cabelo, o mesmo sorriso, a mesma conversa. É a mesmeira.

Ser sempre igual não é privilégio do reino dos homens. No reino das palavras também existem os mesmeiros. Chamam-se chavões. Ou clichês. Ou lugares-comuns. De tanto ser repetidos, perdem a força original. Criaturas altamente previsíveis, dão a impressão de roupa batida, pra lá de manjada.

Como surgem esses seres? Ninguém sabe ao certo. Aparecem inicialmente como grande novidade. A televisão os divulga, o rádio os propaga, os jornais os difundem. Resultado: ganham a boca do povo. Viram moda. Depois passam.

Mas alguns fazem como a Carolina do Chico Buarque: “O tempo passou na janela / só Carolina não viu”. Acomodados, nem se dão conta de que a onda mudou. Têm preguiça de descartar a antiga. E continuam a repeti-la.

Os chavões detestam andar sozinhos. Às vezes o substantivo se junta ao adjetivo e forma dupla. São exemplos dos casaizinhos: calor escaldante, crítica construtiva, esposa dedicada, filho exemplar, inflação galopante, obra faraônica, perda irreparável, silêncio sepulcral, singela homenagem, sol escaldante, vaias estrepitosas, precioso líquido (água), astro-rei (sol), soldado do fogo (bombeiro), profissional do volante, mestre Aurélio.

Outras vezes, os clichês vão além. Formam frases ou locuções: inserido no contexto, abrir com chave de ouro, dar o pontapé inicial, acertar os ponteiros, ao apagar das luzes, cair como uma bomba, depois de longo e tenebroso inverno, dizer cobras e lagartos, desbaratar a quadrilha, do Oiapoque ao Chuí, fugir da raia, hora da verdade, morrer de amores, passar em brancas nuvens, perder o bonde da história, pomo da discórdia, sagrar-se campeão, tábua de salvação, tiro de misericórdia, voltar à estaca zero, a mil, a mil por hora, arrebentar a boca do balão.

Ufa!

Lembre-se: o que é escrito sem esforço é lido sem prazer. Os chavões envelhecem o texto. Livre-se deles. O texto agradece. O leitor retribui.

LIÇÃO 35

Lipoaspiração no texto

> "Desculpe-me, senhora, se escrevi carta tão comprida. Não tive tempo de fazê-la curta."
> Voltaire

Era uma vez um comerciante do mercado público de Porto Alegre. Ele vendia sardinhas, dourados, tambaquis, pirarucus e surubins. O negócio prosperava a olhos vistos.

Cheio de entusiasmo, o gaúcho resolveu inovar. Mandou afixar enorme cartaz com os dizeres "Hoje vendemos peixe fresco". Olhou de longe. Gostou do resultado. Orgulhoso, perguntou ao cliente:

> – O que você acha da novidade?
>
> – É, está boa. Mas me diga uma coisa: você vende peixe velho? Não? Então para que o fresco?
>
> Apagado o adjetivo, ficou "Hoje vendemos peixe".
>
> – E agora?, indagou interessado.
>
> – Para que o hoje? Hoje é hoje.
>
> Restou "Vendemos peixe".
>
> – Por acaso você dá peixe? Aluga? Empresta? Não? O vendemos sobra.
>
> No final, o vendedor tirou o cartaz. Quem chega vê o peixe. Não precisa de anúncio.

* * *

O que a história tem a ver conosco? Ela ensina uma lição. O desnecessário sobra. Ao reler o texto, a tesoura tem de estar a postos. Ela faz o papel do bisturi do cirurgião plástico. Corta os excessos. Adjetivos, advérbios, quês, artigos indefinidos, pronomes possessivos, demonstrativos e indefinidos, redundâncias & cia. ilimitada são candidatos ao sumiço.

Quer ver? O texto "Europa fechada" está doidinho por uma lipoaspiração. O original, publicado no *Correio Braziliense*, estava enxutinho que só. Nada sobrava. Por maldade, introduzimos uns penetras pra lá de indesejáveis. Seu desafio: localizá-los e dar-lhes o destino que merecem – a porta da rua. Xô!

Europa fechada

> *Dura, injusta e covarde. Não há adjetivos mais apropriados para classificar a lei horrorosa aprovada pela União Europeia (UE) sobre o assunto chamado imigração. Segundo o Parlamento Europeu, trata-se de uma resposta às preocupações corretas, justas e compreensíveis da população, que considera os estrangeiros legais e ilegais ameaça à sua segurança e à economia das nações ricas e autossuficentes da zona do euro. Nada menos que 8 milhões de pessoas infelizes e assustadas podem estar com a espada de Dâmocles sobre a sua cabeça.*
>
> *Sob o pretexto falso de punir os que lá vivem ilegalmente, a UE quer impedir, pela força, a entrada de imigrantes nos seus 27 países que compõem o bloco. Apanhado, o pobre ilegal terá até 30 dias para voltar com urgência à terra natal. Se não partir voluntariamente, poderá ser preso sem uma ordem judicial e ficar retido por até um ano e meio. Uma vez deportado, durante cinco anos estará definitivamente impedido de desembarcar em uns portos e aeroportos europeus.*
>
> *Em suma: de tão restritivo, o retorno voluntário é traiçoeiro. Mascara, sem cerimônia, de voluntário o que, de fato, é forçado. A lei trata o imigrante como um criminoso. Paulo Casaca, um eurodeputado do Partido Socialista português, disse que essa medida, além de absolutamente inaceitável, é injustificada. A partir de agora, um bandido merecerá, sem dúvida, tratamento melhor que um suposto imigrante ilegal.*
>
> *Além de ir de encontro aos generosos ideais da globalização, que tem entre os princípios basilares indiscutíveis a livre circulação de pessoas, os europeus hipócritas fecham os seus olhos ao seu passado que tanto prezam. Esquecem-se de que colonizaram com violência o Terceiro Mundo, com cuja riqueza sem fim acumularam a abundância de que hoje usufruem. Esquecem-se, também, de que a mão de obra das nações periféricas reconstruiu aquele continente destruído por duas sangrentas guerras mundiais.*
>
> *Mais: esquecem-se de que, num continente de população envelhecida e baixa natalidade, são os imigrantes laboriosos que*

> *trabalham e financiam a sua deficitária e generosa máquina de aposentadoria e previdência da* UE. *Esquecem-se de que criaram uns laços tão íntimos com os colonizados que os hispânicos chamam a Espanha de "mãe da pátria", e os brasileiros se referem a Portugal como "meu avozinho".*
>
> *Esquecem-se, por fim, de que uns infelizes homens e mulheres hoje enxotados são filhos de países que receberam, de braços abertos, milhões de europeus pobres no século 19. Italianos, alemães, irlandeses, portugueses, franceses fugiram da fome e desembarcaram na América em busca de uma vida melhor. Aqui trabalharam duramente, refizeram a família desfeita e se integraram a uma nova pátria.*
>
> *Outra não é a razão por que uns latino-americanos, africanos ou asiáticos procuram abençoadas terras europeias. Ninguém abandona o seu berço e os seus entes queridos por espírito aventureiro. Os retirantes pobres são pessoas sem perspectiva que querem inserir-se em uma outra cultura para ter acesso aos bens do desenvolvimento. Ali arregaçam as mangas sem preguiça e dão o melhor de si.*
>
> *O Parlamento Europeu esconde, com seus eufemismos, a crueldade da medida. O estrangeiro foi escolhido como um bode expiatório do desemprego que se torna crônico naquele continente. A Europa volta à obscura Idade Média. Reconstrói, em torno de seu território, os muros que a globalização derrubou. Livra-se dos estrangeiros para ficar com os imigrantes internos dos recém-integrados membros da Europa Oriental. Joga no lixo suas páginas escritas com a tinta forte do humanismo e da tolerância. É lamentável.*

E daí? Confronte a faxina que você fez com a apresentada a seguir:

Europa fechada

> *Dura, injusta e covarde. Não há adjetivos mais apropriados para classificar a lei* ***horrorosa*** *aprovada pela União Europeia (*UE*) sobre* ***o assunto chamado*** *a imigração. Segundo o Parlamento Europeu, trata-se de* ***uma*** *resposta às preocupações* ***corretas, justas e compreensíveis*** *da população, que considera os estrangeiros* ***legais e ilegais*** *ameaça à* ***sua*** *segurança e à economia das nações* ***ricas e autossuficentes*** *da zona do euro.*

Nada menos que 8 milhões de pessoas ***infelizes e assustadas*** *podem estar com a espada de Dâmocles sobre a* ***sua*** *cabeça.*

Sob o pretexto ***falso*** *de punir os que lá vivem ilegalmente, a UE quer impedir* ***pela força*** *a entrada de imigrantes nos* ***seus*** *27 países que compõem o bloco. Apanhado, o* ***pobre*** *ilegal terá até 30 dias para voltar* ***com urgência*** *à terra natal. Se não partir* ***voluntariamente****, poderá ser preso sem* ***uma*** *ordem judicial e ficar retido por até um ano e meio. Uma vez deportado, durante cinco anos estará* ***definitivamente*** *impedido de desembarcar em* ***uns*** *portos e aeroportos europeus.*

Em suma: de tão restritivo, o retorno voluntário é traiçoeiro. Mascara ***sem cerimônia*** *de voluntário o que* ***de fato*** *é forçado. A lei trata o imigrante como* ***um*** *criminoso. Paulo Casaca,* ***um*** *eurodeputado do Partido Socialista português, disse que* ***essa*** *a medida, além de* ***absolutamente*** *inaceitável, é injustificada. A partir de agora,* ***um*** *bandido merecerá* ***sem dúvida*** *tratamento melhor que* ***um*** *suposto imigrante ilegal.*

Além de ir de encontro aos ***generosos*** *ideais da globalização, que tem entre os princípios* ***basilares indiscutíveis*** *a livre circulação de pessoas, os europeus* ***hipócritas*** *fecham os* ***seus*** *olhos ao* ***seu*** *passado que tanto prezam. Esquecem-se de que colonizaram* ***com violência*** *o Terceiro Mundo, com cuja riqueza* ***sem fim*** *acumularam a abundância de que hoje usufruem. Esquecem-se, também, de que a mão de obra das nações periféricas reconstruiu* ***aquele*** *o continente destruído por duas* ***sangrentas*** *guerras mundiais.*

Mais: esquecem-se de que, num continente de população envelhecida e baixa natalidade, são os imigrantes ***laboriosos*** *que trabalham e financiam a* ***sua*** *deficitária e generosa máquina de aposentadoria e previdência da UE. Esquecem-se de que criaram* ***uns*** *laços tão íntimos com os colonizados que os hispânicos chamam a Espanha de “mãe da pátria”, e os brasileiros se referem a Portugal como “meu avozinho”.*

Esquecem-se, por fim, de que ***uns infelizes*** *homens e mulheres hoje enxotados são filhos de países que receberam* ***de braços abertos*** *milhões de europeus pobres no século 19. Italianos, alemães, irlandeses, portugueses, franceses fugiram da fome e desembarcaram na América em busca de* ***uma*** *vida melhor. Aqui*

> *trabalharam* ***duramente****, refizeram a família* ***desfeita*** *e se integraram a* ***uma*** *nova pátria.*
>
> *Outra não é a razão por que* ***uns*** *latino-americanos, africanos ou asiáticos procuram* ***abençoadas*** *terras europeias. Ninguém abandona o* ***seu*** *berço e os* ***seus*** *entes queridos por espírito aventureiro. Os retirantes* ***pobres*** *são pessoas sem perspectiva que querem inserir-se em* ***uma*** *outra cultura para ter acesso aos bens do desenvolvimento. Ali arregaçam as mangas* ***sem preguiça*** *e dão o melhor de si.*
>
> *O Parlamento Europeu esconde, com* ***seus*** *eufemismos, a crueldade da medida. O estrangeiro foi escolhido como* ***um*** *bode expiatório do desemprego que se torna crônico* ***naquele*** *no continente. A Europa volta à* ***obscura*** *Idade Média. Reconstrói, em torno do* ***seu*** *território, os muros que a globalização derrubou. Livra-se dos estrangeiros para ficar com os imigrantes* ***internos*** *dos recém-integrados membros da Europa Oriental. Joga no lixo* ***suas*** *páginas escritas com a tinta* ***forte*** *do humanismo e da tolerância. É lamentável.*

Eis o original.

Europa fechada

> *Dura, injusta e covarde. Não há adjetivos mais apropriados para classificar a lei aprovada pela União Europeia (UE) sobre imigração. Segundo o Parlamento Europeu, trata-se de resposta às preocupações da população, que considera os estrangeiros ameaça à segurança e à economia das nações da zona do euro. Nada menos que 8 milhões de pessoas podem estar com a espada de Dâmocles sobre a cabeça.*
>
> *Sob o pretexto de punir os que lá vivem ilegalmente, a UE quer impedir, pela força, a entrada de imigrantes nos 27 países que compõem o bloco. Apanhado, o ilegal terá até 30 dias para voltar à terra natal. Se não partir voluntariamente, poderá ser preso sem ordem judicial e ficar retido por até um ano e meio. Uma vez deportado, durante cinco anos estará impedido de desembarcar em portos e aeroportos europeus.*
>
> *Em suma: de tão restritivo, o retorno voluntário é traiçoeiro. Mascara de voluntário o que, de fato, é forçado. A lei trata o imigrante como criminoso. Paulo Casaca, eurodeputado do Partido*

Socialista português, disse que a medida, além de inaceitável, é injustificada. A partir de agora, bandido merecerá tratamento melhor que suposto imigrante ilegal.

Além de ir de encontro aos ideais da globalização, que tem entre os princípios basilares a livre circulação de pessoas, os europeus fecham os olhos ao passado que tanto prezam. Esquecem-se de que colonizaram o Terceiro Mundo, com cuja riqueza acumularam a abundância de que hoje usufruem. Esquecem-se, também, de que a mão de obra das nações periféricas reconstruiu o continente destruído por duas guerras mundiais.

Mais: esquecem-se de que, num continente de população envelhecida e baixa natalidade, são os imigrantes que trabalham e financiam a deficitária e generosa máquina de aposentadoria e previdência da UE. Esquecem-se de que criaram laços tão íntimos com os colonizados que os hispânicos chamam a Espanha de "mãe da pátria", e os brasileiros se referem a Portugal como "meu avozinho".

Esquecem-se, por fim, de que homens e mulheres hoje enxotados são filhos de países que receberam milhões de europeus pobres no século 19. Italianos, alemães, irlandeses, portugueses, franceses fugiram da fome e desembarcaram na América em busca de vida melhor. Aqui trabalharam, refizeram a família e se integraram à nova pátria.

Outra não é a razão por que latino-americanos, africanos ou asiáticos procuram terras europeias. Ninguém abandona o berço e os entes queridos por espírito aventureiro.Os retirantes são pessoas sem perspectiva que querem inserir-se em outra cultura para ter acesso aos bens do desenvolvimento. Ali arregaçam as mangas e dão o melhor de si.

O Parlamento Europeu esconde, com eufemismos, a crueldade da medida. O estrangeiro foi escolhido como bode expiatório do desemprego que se torna crônico no continente. A Europa volta à Idade Média. Reconstrói, em torno de seu território, os muros que a globalização derrubou. Livra-se dos estrangeiros para ficar com os imigrantes internos dos recém-integrados membros da Europa Oriental. Joga no lixo páginas escritas com a tinta do humanismo e da tolerância. É lamentável.

Conclusão: o estágio com Ivo Pitangui foi pra lá de proveitoso. Vá em frente.

Resultado

Oba! O mercado tem novo autor – VOCÊ.

TERCEIRA PARTE

Exercícios

Os exercícios a seguir reforçam os temas tratados nas lições. Como muitos são produções de textos, não se prenda às respostas. Elas indicam caminho, dão uma das muitas possibilidades. Compare-as com seus textos e use-as como base para revisão.

LIÇÃO 1

Mandar recados

1. Lembre-se dos últimos recados que deu a parentes, amigos, colegas de trabalho. Pode ser o atraso pelo pneu furado, a ausência na festa por causa da gripe, a demora para chegar à reunião por causa do congestionamento. Recados como esses certamente fazem parte do seu dia a dia.

Examine os temas. Escreva um parágrafo com cada um. Será o seu recado. O começo foi dado de mão beijada:

a. Explicação para a turma pela ausência na festa do próximo sábado.

Infelizmente, não vou à nossa festinha de sábado porque ....

b. Pedido ao pai para aumento da mesada.

Papai, preciso de aumento da mesada porque ....

c. Explicação para a namorada pelo recado que uma garota deixou no seu Orkut.

Meu amor, não é o que você está pensando. Eu nem conheço essa garota. ....

d. Lembrete para o zelador não entregar seu jornal nos próximos dias.

Como vou estar fora nos próximos cinco dias, peço que ....

2. Pense nas últimas notícias que leu no jornal, ouviu no rádio, soube pela TV. Conte três delas. Uma em cada parágrafo. Varie os assuntos para usar diferentes pala-vras-chave. Para dar uma ajudinha, eis relação de vocábulos para fechar o cerco. Recorra a ela se quiser:

a. Um acidente

Palavras-chave: carro, ônibus, moto, velocidade, polícia, feridos, mortos.

b. Um show

Palavras-chave: cantor, repertório, músicas, palco, apresentação, disco, piano.

c. Escândalo político

Palavras-chave: desvio, verba, grampo, flagrante, prisão, denúncia, juiz.

3. A canção *Eduardo e Mônica*, de Renato Russo, conta o romance de um casal. Analise-a e relate, em dois parágrafos, como Eduardo e Mônica se conheceram e vivem hoje:

> Eduardo abriu os olhos, mas não quis se levantar/ Ficou deitado e viu que horas eram/ Enquanto Mônica tomava um conhaque/ No outro canto da cidade, como eles disseram...
> Eduardo e Mônica um dia se encontraram sem querer/ E conversaram muito mesmo pra tentar se conhecer.../ Um carinha do cursinho do Eduardo que disse:/ “Tem uma festa legal, e a gente quer se divertir”
> Festa estranha, com gente esquisita/ “Eu não ‘tô’ legal, não aguento mais birita”/ E a Mônica riu, e quis saber um pouco mais/ Sobre o boyzinho que tentava impressionar/ E o Eduardo, meio tonto, só pensava em ir pra casa/ “É quase duas, eu vou me ferrar...”
> Eduardo e Mônica trocaram telefone/ Depois telefonaram e decidiram se encontrar/ O Eduardo sugeriu uma lanchonete,/ Mas a Mônica queria ver o filme do Godard
> Se encontraram então no Parque da Cidade/ A Mônica de moto e o Eduardo de camelo/ O Eduardo achou estranho, e melhor não comentar,/ Mas a menina tinha tinta no cabelo
> Eduardo e Mônica eram nada parecidos/ Ela era de leão e ele tinha dezesseis/ Ela fazia medicina e falava alemão/ E ele ainda nas aulinhas de inglês Ela gostava do Bandeira e do Bauhaus/ De Van Gogh e dos Mutantes, de Caetano e de Rimbaud/ E o Eduardo gostava de novela/ E jogava futebol de botão com seu avô
> Ela falava coisas sobre o Planalto Central/ Também magia e meditação/ E o Eduardo ainda tava no esquema “escola, cinema, clube, televisão”...E mesmo com tudo diferente, veio mesmo, de repente/ Uma vontade de se ver/ E os dois se encontravam todo dia/ E a vontade crescia, como tinha de ser...

Eduardo e Mônica fizeram natação, fotografia/ Teatro, artesanato e foram viajar/ A Mônica explicava pro Eduardo/ Coisas sobre o céu, a terra, a água e o ar...Ele aprendeu a beber, deixou o cabelo crescer/ E decidiu trabalhar/ E ela se formou no mesmo mês/ Que ele passou no vestibular
E os dois comemoraram juntos/ E também brigaram juntos, muitas vezes depois/ E todo mundo diz que ele completa ela/ E vice-versa, que nem feijão com arroz Construíram uma casa uns dois anos atrás/ Mais ou menos quando os gêmeos vieram/ Batalharam grana, seguraram legal/ A barra mais pesada que tiveram
Eduardo e Mônica voltaram pra Brasília/ E a nossa amizade dá saudade no verão/ Só que nessas férias, não vão viajar/ Porque o filhinho do Eduardo tá de recuperação.

LIÇÃO 2

Encontrar o caminho

1. Qual o tópico mais adequado ao tema?

Tema: guerra no Iraque
a. ( ) Por que os Estados Unidos atacaram o Iraque?
b. ( ) O Iraque de hoje é a Mesopotâmia de ontem.
Tema: obesidade das crianças
a. ( ) Má alimentação e sedentarismo atacam desde a infância.
b. ( ) Antigas brincadeiras deram lugar ao videogame.
Tema: trabalhos copiados de sites da internet
a. ( ) Internet atrapalha os estudos.
b. ( ) Estudantes têm de pesquisar em vez de copiar.

2. Para cada tema apresentamos três tópicos. Leia-os, pare e pense. Qual deles lhe é mais familiar? Escolha-o como se você fosse fazer uma dissertação com ele:

Preservação da Terra
a. ( ) A preservação da Terra é responsabilidade de cada um.
b. ( ) O maior desafio da humanidade é preservar a Terra.
c. ( ) A preservação da Terra é uma indústria em crescimento.
Violência urbana
a. ( ) Educação é única saída.
b. ( ) O resultado da desigualdade.
c. ( ) O preço de morar nas grandes cidades.
Globalização
a. ( ) Nova forma de imperialismo.
b. ( ) Imposição de mão de obra qualificada.
c. ( ) O mundo todo no mesmo idioma.
Era da internet
a. ( ) O perigo mora nas telas.
b. ( ) Tudo ao mesmo tempo, agora.
c. ( ) Será o fim das bibliotecas?

3. Escreva três tópicos para cada tema apresentado:

a. Crianças nas ruas.
b. África.
c. Água.

d. Nova China.

LIÇÃO 3

O leitor é quem manda

1. A gente dança conforme a música. Na redação, a música é a audiência – quem vai ler o texto. Ele é amo e senhor. Escolher o tópico adequado ao poderoso é o primeiro passo para chegar ao sucesso. Você tem de escrever uma redação sobre o tema *estudo*. O texto se destina a pré-vestibulandos. Qual o tópico mais adequado a eles?

a. ( ) Como estudar mais em menos tempo.
b. ( ) Muitos estudantes concluem o ensino fundamental sem estar totalmente alfabetizados.
c. ( ) A educação no Terceiro Mundo está cada vez mais distante da europeia.

2. Leia a notícia.

Unesco estuda permanência de título

A Unesco deve avaliar, nos próximos meses, se Brasília está preservada. Em 1987, a capital recebeu, do órgão da ONU, o título de Patrimônio Cultural da Humanidade, pela importância do acervo arquitetônico e artístico. As mudanças sofridas, por construções irregulares, podem tirar o título de Brasília. Há a possibilidade de a entidade considerar as máculas deixadas suficientes para desvalorizar as obras de Niemeyer e Lucio Costa. A população, que sabe o que a perda pode significar, pede soluções aos urbanistas do GDF.

Agora, conte-a para os três leitores propostos:
a. Brasileiro que vive na Dinamarca e não vem ao Brasil há mais de 20 anos.
b. Estudante que mora no Sul e nunca esteve em Brasília.
c. Seu pai, de 60 anos, que não costuma ler jornais regularmente.

3. Conte as últimas novidades da sua vida em e-mails ou bilhetes. Escreva um para sua mãe ou seu pai, outro para o melhor amigo e o último para a tia que não vê faz tempo.

LIÇÃO 4

Aonde você vai?

1. Qual o tópico mais adequado a cada objetivo?

   a. Elegantes ou vítimas da moda?
   b. Saúde em primeiro lugar.
   c. Aprender para reciclar.
   d. Ensino a distância, benefício da era digital.
   e. Não basta votar, tem de participar.
   ( ) Relacionar o desenvolvimento tecnológico com a inclusão de milhares de pessoas no sistema educacional brasileiro.
   ( ) Provar que tão importante quanto participar da eleição é analisar a carreira dos candidatos e fiscalizar o cumprimento das promessas.
   ( ) Analisar como a mídia atropela a individualidade e padroniza a beleza.
   ( ) Defender a educação em prol da reciclagem.
   ( ) Lembrar que a prática esportiva regular é uma das prescrições médicas para o bom funcionamento do organismo.

2. Leia os temas e os tópicos. Depois, escolha o objetivo da redação. Lembre-se de que os verbos devem estar no infinitivo:

   a. Tema: tóxicos.
      Tópico: a escravidão que vem dos tóxicos.
      Leitores: adolescentes.
      Objetivo: ....
   b. Tema: Amazônia.
      Tópico: a Amazônia é nossa.
      Leitores: estudantes universitários.
      Objetivo: ....
   c. Tema: sol.
      Tópico: exposição ao sol, um risco à saúde.
      Leitores: crianças de 10 a 12 anos.
      Objetivo: ....
   d. Tema: carteira de trabalho.
      Tópico: carteira assinada, uma conquista do trabalhador.
      Leitores: trabalhadores de baixa renda.
      Objetivo: ....

LIÇÃO 5

Como criar ideias

1. A seguir, você tem o planejamento de uma dissertação. Os primeiros passos foram dados. Sua tarefa é selecionar três ideias capazes de desenvolver o objetivo proposto:

a. Tema: vestibular.
    Leitor: vestibulando.
    Delimitação do tema: o estresse do vestibular.
    Objetivo (o que quero?): sugerir formas de combater o estresse do vestibular.
    Ideias do desenvolvimento: ....

b. Tema: velhice.
    Leitor: pessoas com mais de 65 anos.
    Delimitação do tema: perigo da ociosidade na velhice.
    Objetivo: sugerir atividades que previnam a ociosidade na velhice.
    Ideias do desenvolvimento: ....

c. Tema: escrever.
    Leitor: vestibulandos.
    Delimitação do tema: escrever bem é dom ou habilidade aprendida?
    Objetivo: provar que escrever bem é habilidade. Depende de treino.
    Ideias do desenvolvimento: ....

d. Tema: falar em público.
    Leitor: alunos do curso de expressão oral.
    Delimitação do tema: falar em público com desenvoltura e sem medo é questão de treino.
    Objetivo: demonstrar que, com treino, qualquer pessoa pode falar em público com desenvoltura e sem medo.
    Ideias do desenvolvimento: ....

e. Tema: Brasília, 43 anos.
    Leitor: Assinantes do *Correio Braziliense*.
    Delimitação do tema: Brasília tem desafios velhos e novos a enfrentar.

Objetivo: apontar os desafios a que Brasília tem de responder.
Ideias do desenvolvimento: ....

f. Tema: planejamento urbano.
Delimitação do tema: os benefícios das cidades planejadas.
Leitor: o examinador.
Objetivo: sugerir formas de planejamento urbano que minimizem efeitos negativos do crescimento.
Ideias do desenvolvimento: ....

g. Tema: álcool.
Leitor: jovem.
Delimitação do tema: droga permitida.
Objetivo: mostrar como o álcool, embora permitido, é uma das piores drogas.
Ideias do desenvolvimento: ....

2. Aproveite os temas e sugira para eles a sequência comple-ta de desenvolvimento da sua dissertação: delimitação do tema, objetivo e três ideias.

a. Tema: pequenos delitos.
b. Tema: bioma do Rio Grande do Sul.
c. Tema: agrotóxicos.
d. Tema: água.
e. Tema: moda.
f. Tema: guerra de torcidas.

LIÇÃO 6

Escrever é pensar

1. Separe os textos em parágrafos.

a. **Lição da Igrejinha**

A destruição de azulejos da Igrejinha choca, mas não surpreende. O patrimônio cultural de Brasília não constitui uma ilha no arquipélago brasileiro. Ao contrário. Padece dos mesmos males que atacam a herança artística nas demais unidades da Federação. Constitui quase rotina na imprensa a divulgação de roubo de obras de arte, infiltração em prédios tombados, desaparecimento de livros ou páginas de livros raros, incêndio em igrejas de séculos passados, quebra de vitrais, imagens de santos, tetos, móveis e pisos de joias do barroco, renascimento ou modernismo nacionais e estrangeiros. Não faltam explicações para o descaso. O primeiro, sem dúvida, é o subdesenvolvimento. Países cuja população luta por acesso a moradia, trabalho, alimentação, saúde, educação e saneamento básico não veem o legado dos antepassados como algo a preservar. Muitos, ao se referirem a arquivos, antiguidades ou construções históricas, fazem-no com desdém. Consideram desperdício os recursos gastos na restauração ou manutenção de bens cuja função não lhes parece imediata ou próxima a suas necessidades prementes. Os governos, obrigados a administrar a escassez, relegam o patrimônio a segundo, terceiro ou quarto plano. Sem pressão social, torna-se permanente o que deveria ser medida emergencial com data para bater ponto final. Resultado: a deterioração aumenta e cresce o risco que ronda obras delicadas que precisam de cuidados especializados para evitar os malefícios da ação do tempo. É preocupante e empobrecedor. O acervo acumulado ao longo dos anos conta mais do que a aparência exibida. Ele fala de ideais e sonhos que construíram a nacionalidade – que torna cada povo singular e, por isso, digno do interesse de outros. Brasília deveria fugir à regra. Com menos de 50 anos, foi a primeira cidade moderna a receber o título de Patrimônio da Humanidade. Esperava-se que a vanguarda exibida na arquitetura e no traçado contagiasse os administradores. Não é, porém, o que se viu ao longo das décadas. A Catedral, a Torre de TV, o Teatro Nacional, o Panteão da Independência, a Praça dos Três Poderes e tantos outros monumentos pedem socorro. Impõem-se mudanças. O fogo da Igrejinha, além de alerta, pode impulsionar medidas de recuperação do patrimônio sempre adiadas. Entregar à cidade os monumentos restaurados talvez seja o melhor presente dado à população no cinquentenário da capital da República. (*Correio Braziliense,* com adaptações)

b. **Arma nas mãos**

A história se repete com monotonia. Ano após ano, o balanço de acidentes nas estradas registra números ascendentes. Neste fim de 2008 e início de 2009, o enredo não mudou. Divulgados pela Polícia Rodoviária Federal, os números da Operação Fim de Ano, em vigor de 20 de dezembro a 4 de janeiro, demonstram com clareza que muito ainda precisa ser feito para que o asfalto não mate nem aleije. O balanço assusta e, ao mesmo tempo, causa indignação. Foram 7.140 acidentes nos 61 mil quilômetros das rodovias federais. O saldo: 435 mortos e 4.795 feridos. Pelos autos de infração, é possível concluir que a tragédia não se deve a imperfeições no asfalto, iluminação ou sinalização. Deve-se, sobretudo, a falhas humanas. Das 171.265 violações, 99.435 tiveram como causa o excesso de velocidade; 1.043, embriaguez. O levantamento de multas manuais atingiu a cifra dos 70.787. Somado às eletrônicas, o número cresce. Irresponsabilidade e imprudência de motoristas são os grandes vilões das rodovias. O período abrangido pelo levantamento cobra preço alto não só dos infratores, mas também das vítimas que eles fazem. Fim de ano coincide com férias escolares e viagens de encontro de famílias cujos membros estão espalhados. O custo elevado das passagens aéreas e o aumento da frota de automóveis em mais de 14% em relação a 2007 tornaram as estradas mais disputadas. Mais: a chuva abundante que tradicionalmente cai no início do verão contribui para agravar o vaivém no asfalto. Em suma: a realidade impõe mais cuidado ao volante. Não é, porém, o que se registra. A repetição das estatísticas incivilizadas exige medidas corretivas. Elas passam necessariamente por duas vias. Uma é a repressão. Nenhum motorista deve apostar na impunidade. O condutor precisa ter consciência de que a infração não passará despercebida e, consequentemente, terá de pagar por ela. Sabe-se, porém, que a mudança de comportamento não se faz por decreto. Exige, de um lado, rigor na fiscalização e, de outro, campanhas educativas. O Brasil tem larga experiência em mobilizações populares. As campanhas de vacinação nacionais servem de modelo para a Organização Mundial da Saúde. Por que não abraçar a causa do trânsito? Acima de governos e partidos, deve imperar o respeito à vida. Adultos, crianças e idosos têm de ter garantido o direito de ir e vir com segurança –seja na qualidade de pedestres, seja na de motoristas. O reconhecimento do limite do próprio direito e do direito dos demais é condição para sentar-se no banco de motorista. Ao ligar a chave de ignição, o condutor precisa ter uma certeza: ele tem uma arma nas mãos. (*Correio Braziliense*)

LIÇÃO 7

O parágrafo

1. Eis tópicos frasais. Leia-os com atenção. Depois, marque a letra correspondente ao desenvolvimento de cada um. Com o casamento perfeito, você forma parágrafos com unidade:

(a) Estão abertas as inscrições para vários vestibulares do país.

(b) Atingida a marca de um milhão de carros nas ruas, a frota do Distrito Federal se multiplica em velocidade geométrica e o transporte público continua promessa a ser cumprida no Dia de São Nunca.

(c) Vários fatores respondem pelas tragédias dos últimos anos nos rios da Região Norte.

(d) Depois de fiscalizar cursos de direito e pedagogia, o Ministério da Educação se dispõe a atacar a medicina.

( ) O tráfego intenso e a falta de sinalização ao longo dos leitos aliam-se ao descaso decorrente de falhas flagrantes na fiscalização. Batidas de barcos e número excessivo de passageiros a bordo são ocorrências corriqueiras. A certeza da impunidade é tal que homens e mulheres pegam o transporte no meio do rio, com a embarcação em movimento. Sobram portos clandestinos. Bagagem espalhada pelo chão dificulta o acesso às saídas de emergência (quando existem). E a população que precisa ir e vir corre sério risco ao exercer o direito assegurado pela Constituição.

( ) Com isso, volta à tona o debate sobre o vestibular como a principal forma de ingresso na universidade. E não são apenas os cansados estudantes do ensino médio ou de cursinhos que acham o teste forma injusta de seleção. Especialistas propõem alternativas.

( ) No Exame Nacional do Desempenho de Estudantes (Enade), 17 faculdades receberam nota vermelha. Do máximo de cinco pontos, tiraram um e dois, abaixo do mínimo admitido – três. Entre as reprovadas, figuram quatro instituições federais. As restantes são particulares.

( ) Como é norma no país, o caos chegou antes das providências. Espera-se que não tenha vindo para ficar. Quase 250 novos autos entram em circulação todos os dias. Há menos de uma década tínhamos 585 mil, hoje estamos perto do dobro. Algo precisa ser feito já.

LIÇÃO 8

O tópico frasal

1. Você é capaz de identificar o tópico frasal. Assinale-o:

a. Anualmente, as cheias dos rios assolam as populações mais pobres de estados brasileiros. Ruas cobertas de lama, móveis perdidos e até mortes são registradas nas primeiras semanas de cada ano. Mesmo com a história se repetindo, governantes não conseguem evitar desgraças como a que tomou conta, neste ano, de diversas cidades catarinenses.

Tópico frasal: ....

b. Atenção, chocólatras e loucos por dieta: se comer muito chocolate faz mal, deixar de comê-lo também não é atitude saudável. Depois de seguir alimentação e reações físicas de 100 pessoas, cientistas concluíram: a ingestão diária de 50 gramas de chocolate amargo evita o desenvolvimento de doenças.

Tópico frasal: ....

2. Leia o desenvolvimento dos parágrafos e, a seguir, escolha o tópico frasal adequado:

a. .... Um deles: furto nos sinais de trânsito. Outro: embaraço à livre circulação de pessoas pelos muros de mercadorias armados pelos camelôs. Mais um: extorsão mediante ameaça declarada ou tácita praticada pelos flanelinhas. É um imposto a mais que os cariocas já se acostumaram a pagar. Em dias de jogo no Maracanã, chegam a cobrar R$ 10 ou R$ 20. O último, mas não menos importante: a cidade, loteada pelo crime organizado, também é vítima do mapeamento de suas ruas e esquinas feito pelo pequeno delinquente. (Texto adaptado do *Jornal do Brasil*)

( ) Na cidade, há pequenos delitos para todos os gostos.

( ) Não se pode mais andar sossegado nas ruas do Rio.

b. .... Agora, é a vez da plantação de 500 mil hectares de eucaliptos para abastecimento de três grandes indústrias de celulose. A ação preocupa ambientalistas, que temem mudanças climáticas.

Eles defendem a retomada da pecuária tradicional e clamam pela criação de áreas de proteção para resguardar pelo menos 10% do ambiente nativo. Hoje, de acordo com o IBGE, só 2,7% do bioma está protegido por unidades de conservação federal. (Texto adaptado do jornal *O Estado de S. Paulo*)

( ) Desacreditadas por alunos que temem não se encaixar no mercado de trabalho, as universidades da Região Sul querem mudar os currículos.

( ) Desgastado pelas frentes agrícolas que semearam arroz nos anos 1970 e, logo depois, pela soja, o cenário do pampa vai mudar.

3. Parágrafo sem tópico frasal? Cruz-credo! É corpo sem cabeça. Complete a criatura:

a. .... Precisa escrever uma redação de 30 linhas. Como chegar lá? Primeira resposta: com calma. Relaxe. Respire fundo. Redigir bom texto não significa criar por inspiração divina. É exercício. Para fazê-lo com êxito, siga as regras do jogo.

b. .... Eleito sob o signo da mudança e do entendimento, o presidente democrata traçará outros rumos para a política externa e a política interna da maior potência do planeta. É essa a promessa repetida nos comícios com a qual conquistou americanos de todas as idades, etnias e classes sociais. A maciça participação dos jovens, o comparecimento recorde às urnas e a vitória avassaladora constituem prova indiscutível de que Obama encarna a esperança da maioria dos cidadãos.

LIÇÃO 9

Como desenvolver o parágrafo: citação de exemplos

1. Só um parágrafo não apela para a citação de exemplos. Qual é ele?
   a. ( ) Na cidade, há pequenos delitos para todos os gostos. Um deles: furto nos sinais de trânsito. Outro: embaraço à livre circulação de pessoas pelos muros de mercadorias armados pelos camelôs. Mais um: extorsão mediante ameaça declarada ou tácita praticada pelos flanelinhas. É um imposto a mais que cariocas se acostumaram a pagar. Em dias de jogo no Maracanã, chegam a cobrar R$ 10 ou R$ 20.O último, mas não menos importante: a cidade, loteada pelo crime organizado, também é vítima do mapeamento de suas ruas e esquinas feito pelo pequeno delinquente. (Texto adaptado do *Jornal do Brasil*)
   b. ( ) A transposição do Rio São Francisco é questão polêmica, que levanta argumentos contra e a favor da obra. Para o governo, a obra põe fim à seca e a seus efeitos sobre a economia regional. Para ambientalistas, a perda de terras férteis e a ameaça à biodiversidade terrestre e aquática são efeitos óbvios da medida. Com o comprometimento da água para a transposição, teme-se, também, encarecimento da energia hidrelétrica. O governo promete, para amenizar o quadro, programa de revitalização hidroambiental, novos parques nacionais e mais unidades de conservação.
   c. ( ) Muitos são os motivos que levam estudantes a se sentirem pressionados na hora de escolher o curso universitário. Um deles é o mercado de trabalho, saturado em algumas áreas. Outro é o nível de dificuldade para passar no vestibular das faculdades públicas – o que empurra carreiras como medicina e engenharia para o fim da fila. Outro, ainda, a dificuldade em identificar, aos 18 ou 20 anos, a profissão para o resto da vida. Para psicólogos e pedagogos, o importante é ouvir o que diz o coração.

2. Ops! Chegou sua vez. Com o planejamento à vista, desenvolva um parágrafo com citação de exemplos:

Tema: segurança pública.

Leitor: seus colegas de concurso.

Delimitação do tema: polícia nas ruas não garante segurança pública.

Objetivo: provar que investir só em policiamento não é solução para problemas de segurança pública.

Ideias do desenvolvimento:

1. Policiais são, muitas vezes, seduzidos pelo poder da corrupção.
2. Bandidos estão bem armados.
3. Para tanto bandido, não há policial que chegue.

LIÇÃO 10

Como desenvolver o parágrafo: apresentação de razões e consequências

1. Que parágrafos recorrem à estratégia de apresentação de razões e consequências?

a. ( ) Nada menos de 260 pessoas nas várias regiões do país estão sob ameaça de terem o destino do ambientalista Chico Mendes, assassinado há 20 anos. Mendes alcançou projeção mundial ao defender a preservação das águas, da floresta amazônica e da atividade extrativista. São enormes os riscos de os ameaçados de agora serem também trucidados, como já o foram centenas deles. Eles atuam em duas frentes. Uma delas: nas regiões em que há conflito em torno da posse e uso da terra. A outra: no combate à destruição do meio ambiente.

b. ( ) O amor e o casamento têm seus provérbios. Todo homem apaixonado é poeta. Quem ama o feio bonito lhe parece. Amor e tosse não dá para esconder. Se você quer elogio, morra; se quer crítica, case-se. (Nelson Carlos Teixeira)

c. ( ) Um mundo novo bate à porta. Não é qualquer mundo novo. Trata-se do mundo de alta tecnologia. Mais precisamente: o mundo das comunicações. Segundo especialistas que olham lá na frente, as mensagens terão no máximo 140 caracteres. O que é isso? São 140 toques no computador, contados os espaços.

2. Que tal escrever um parágrafo com razões e consequências? Siga o esquema e vá em frente:

Tema: crianças com agenda cheia.
Leitor: examinador do concurso.
Delimitação do tema: por que crianças fazem tantas atividades.
Objetivo: provar que as atividades extracurriculares valem mais que horas em frente da TV e do computador
Ideias do desenvolvimento:

1. Aulas são mais proveitosas que programas de TV e jogos de computador.
2. É importante escolher atividades ao mesmo tempo prazerosas e instigantes.
3. A criança não pode ficar tão longe de casa a ponto de perder os laços com o lar e a família.

LIÇÃO 11

Como desenvolver o parágrafo: decomposição,definição, confronto

1. Identifique os parágrafos cujo desenvolvimento segue estratégia de decomposição, definição ou confronto:

a. O português tem três tipos de predicado. Num, o núcleo da declaração é o verbo. Por isso se chama verbal. Noutro, a palavra-chave é o nome. Daí denominar-se nominal. Noutro, ainda, misturam-se os dois. É o predicado verbo-nominal. Tem um núcleo verbal e outro nominal.

b. Assim começou a disputa no quadro de medalhas entre chineses e americanos nos Jogos Olímpicos de Pequim. De um lado, a nova força baseada em treino, treino e reclusão. De outro, a tradição esportiva que nasce nos bairros e chega ao auge em universidades e patrocínios milionários.

c. É cada vez mais comum a identificação de crianças com TDAH nas salas de aula. O TDAH, ou transtorno do déficit de atenção com hiperatividade, aparece na infância e frequentemente acompanha o portador para o resto da vida. Daí a importância da constatação precoce.

2. Com o tópico frasal apresentado, desenvolva um parágrafo por confronto de ideias:

Na briga pela prefeitura, de um lado estão os petistas; do outro, a oposição.

3. Você agora tem o tópico frasal. Redija um parágrafo por decomposição:

O time tem duas vantagens sobre o adversário.

4. Para terminar, escreva um parágrafo por definição. Se precisar, consulte o dicionário. Eis o tópico frasal:

Pouco conhecida dos brasileiros, a quinoa é um grão que tem 90% de sua massa de proteína.

LIÇÃO 12

Diga-diga-diga

1. Primeiro leia o texto. Depois, identifique o projeto que o autor fez para deixar a redação redondinha e dar-lhe começo, meio e fim. Por fim, preencha o esquema.

Chuvas e caos urbano

Quase ninguém estranha mais ao ver imagens na televisão de carros boiando e pessoas se transportando de barco pelas ruas de cidades brasileiras. As enchentes, com todos os transtornos e prejuízos que acarretam, se banalizaram. São tão certas quanto a temporada de chuvas. Nem precisa haver temporais extraordinários, daqueles que entram para a história, ou longos períodos de invernada. Choveu, alagou. O cidadão já muda hábitos para driblar as dificuldades, ajeita compromissos de forma a esperar as águas baixarem, incorpora o inusitado à rotina. Se vai viajar, prepara o espírito para enfrentar buracos, crateras e até deslizamentos e interdições estrada afora. Pior quando, mais do que a paciência, o precioso tempo e bens, perde a vida.

Os prefeitos, que tomaram posse em 1º de janeiro, deveriam aprender a lição no primeiro dia do mandato. Mas a norma é terminarem os quatro anos e passarem o cargo adiante – ou o reassumirem, em caso de reeleição – sem dar a mínima contribuição para resolver o problema. Não é diferente com os demais governantes, sejam eles da esfera federal, estadual ou municipal. Assim como os cidadãos, as autoridades parecem esperar as inundações como se elas estivessem inscritas nos calendários e sua chegada fosse tão inevitável quanto a do carnaval ou da semana santa. Também desempenham rotina própria nesses momentos. Com cara de consternação, visitam desabrigados e vistoriam estragos sob o pipocar dos flashes da mídia. Depois estendem o pires para Brasília.

Basta! Os gargalos e as providências são conhecidos. Faltam planejamento e ação. Canais, córregos, rios, encostas, galerias de águas pluviais, bocas de lobo existem o ano inteiro. Não podem ser lembrados apenas no verão. E isso vale tanto para quem joga lixo nas ruas quanto para quem deve coletá-lo e manter os sistemas urbanos em pleno funcionamento; para quem desmata e para quem tem a obrigação de evitar desmates e assoreamentos. Uns e outros precisam ter consciência da sua parcela de responsabilidade – que obviamente é maior para o poder público. Com trabalho preventivo, em vez de somente emergencial, enchentes voltariam a ser eventos excepcionais, passíveis de ocorrer a cada 20 ou 30 anos, como consequência de fenômenos naturais raros, sob chuvas muito intensas ou contínuas.

Fora disso, cidades alagadas devem ser vistas como carimbo de administração incompetente. Em muitas delas, as galerias pluviais estão obsoletas, ultrapassadas pela crescente densidade populacional. Em outras, faltam bueiros ou a saída está obstruída, com os rios nos quais desembocam assoreados. A impermeabilização indiscriminada do solo é outro problema. Cimento ou asfalto demais, onde poderia haver verde, torna a paisagem árida e desperdiça áreas de absorção da água das chuvas. A insuficiência ou incapacidade de bocas de lobo são previsíveis. Não há por que ignorá-las na época da seca. Da mesma forma, campanhas educativas, que instruam e incentivem a população a participar da empreitada como parceira indispensável não podem ser ignoradas. A questão é que de nada resolverá lembrar disso tudo quando o próximo verão chegar e o caos se repetir.

LIÇÃO 13

A introdução

1. A frase que inicia um texto tem de ser empolgante – ao lê-la, a gente deve ficar louco de vontade de ir adiante. Essa é a função da sentença de abertura: pegar o leitor pela perna. Não o deixar escapar. Cada grupo de frases forma um parágrafo. Escolha a que deve iniciá-lo.

   a. ( ) Prova disso está no grande número de pessoas que testemunham o fim da dependência de drogas, o reinício de relações amorosas, a tomada da decisão mais difícil da vida a partir do pequeno, mas decisivo, estímulo recebido de um amigo.

      ( ) Pequena ação pode se tornar pedra fundamental de grande mudança.

      ( ) Muitas vezes, o pequeno estímulo e o abraço na hora certa se tornam chaves que abrem portas aparentemente emperradas.

   b. ( ) Ele dignifica quem o presta e revitaliza pessoas e comunidades assistidas pela dedicação de outros.

      ( ) Nesse prisma, são inigualáveis e insubstituíveis os benefícios nascidos dessa modalidade de assistência social.

      ( ) Segundo documento da Organização das Nações Unidas (ONU), voluntário é quem, por interesse pessoal ou cívico, dá parte do seu tempo, gratuitamente, a atividades em prol do bem-estar social.

      ( ) O trabalho voluntário é via de mão dupla.

2. Crie frases de abertura para as redações sugeridas.

   a. Tema: vestibular.

      Tópico: o estresse do concurso.
      Leitores: colegas concurseiros.
      Objetivo: sugerir formas de combater o estresse do concurso.
      Ideias do desenvolvimento:
      1. Estresse é falta de planejamento nos estudos.
      2. O concurseiro tem de praticar esportes e se divertir.

3. Faz parte da preparação para concursos a leitura de jornais e revistas, o que contribui para o sucesso na prova e, ao mesmo tempo, o alívio do estresse.
Frase inicial: ....

b. Tema: planejamento urbano.
Tópico: benefícios das cidades planejadas.
Leitor: o examinador.
Objetivo: sugerir formas de planejamento urbano que minimizem efeitos negativos do crescimento.
Ideias do desenvolvimento:
1. O crescimento desordenado resulta em pouca qualidade de vida.
2. Mais do que nunca, é importante planejar ecologicamente as cidades.
3. O crescimento planejado pressupõe escolas, serviços e moradia para todos.
Frase inicial: ....

c. Tema: álcool.
Tópico: a droga permitida.
Leitor: jovem.
Objetivo: provar que o álcool, embora permitido, é uma das piores drogas existentes.
Ideias do desenvolvimento:
1. Apesar de o álcool causar dependência, bebidas têm propaganda e venda permitidas.
2. Não beber, para muitos, significa atitude antissocial.
3. O tratamento do alcoolismo é difícil e caro.
Frase inicial: ....

LIÇÃO 14

O desenvolvimento

1. O texto apresenta introdução e conclusão. Analise-o, planeje o desenvolvimento e complete-o:

A corrupção e eu

INTRODUÇÃO

A tese de que o inferno são os outros não é só cômoda. É comodista. Pressupõe que mudanças dependem da transformação alheia. Se elas tardarem, ou não se concretizarem, lavam-se as mãos, a exemplo de Pilatos. O resultado da transferência de responsabilidades não poderia ser diferente: perpetuam-se práticas que devem – e podem – ser banidas da vida social. É o caso da corrupção.

CONCLUSÃO

O combate à corrupção deve começar cedo. É providencial focar na criança. Textos, peças teatrais, palestras, filminhos são meios lúdicos capazes de blindar meninos e meninas contra a tolerância com o avanço no dinheiro público. Sabe-se que filhos têm o poder de mudar o comportamento dos pais e trilhar caminho socialmente justo para as gerações futuras.

LIÇÃO 15

A conclusão

1. Os textos têm introdução e desenvolvimento. A conclusão? É tarefa sua.

a. **Crescer com a Copa**

Não importa a profundidade das repercussões da crise financeira internacional sobre o Brasil. O país tem compromissos com investimentos de vulto já a partir de 2009: a preparação para a Copa do Mundo de 2014. Estimativas preliminares indicam que, apenas dos cofres públicos, o evento consumirá em torno de R$ 10 bilhões. Mas, antes de ser uma preocupação, o mundial de futebol é ferramenta para o crescimento. Em média, tem impulsionado em 1,5% o PIB (soma das riquezas produzidas internamente) das nações que o sediam.

Trata-se, pois, de mais uma janela de oportunidades que se abre ao Brasil, um antídoto extra em momento de recessão rondando a economia mundial. Calcula-se, por exemplo, que atraia cerca de 500 mil visitantes, incremento equivalente a 10% do fluxo de um ano inteiro. Para recebê-los, obras precisarão ser disseminadas em várias frentes e cidades, abrangendo do setor hoteleiro ao de transportes (rodovias, aeroportos, ferrovias), de telecomunicações a saneamento básico e segurança, sem contar a construção de, pelo menos, dez monumentais estádios.

Entre outros benefícios, Brasília, por exemplo, deverá ganhar uma linha de veículos leves sobre trilhos, interligada ao metrô, que irá do aeroporto à W3 e ao Estádio Mané Garrincha. Os projetos preveem, ainda, a interligação do Rio de Janeiro a São Paulo, passando por Campinas, por trem de alta velocidade. São obras de infraestrutura de caráter permanente, de interesse da população, um salto no desenvolvimento nacional. Melhor: com grande oferta de mão de obra durante a fase de execução e mais alguma posteriormente, na operação e manutenção.

Até 31 de março, as 12 cidades brasileiras que receberão jogos serão anunciadas pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF). A partir daí, o governo federal definirá as áreas prioritárias para investimentos públicos. Serão aproveitados projetos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), que já estão sendo definidos pela Associação Brasileira de Infra-Estrutura e Indústrias de Base (Abdib). Contudo, recomenda-se que seja seguido o exemplo de países como a Alemanha, que financiou apenas um terço das obras e usou o forte apelo do milionário evento para formar parcerias com a iniciativa privada.

b. **Rigor no trânsito**

Quem ainda não se convenceu de que a vigilância sobre motoristas alcoolizados continua a ser exercida com o maior rigor precisa anotar as medidas repressivas adotadas pelo Detran-DF e suas advertências. Não há contemplação alguma na execução das normas punitivas da Lei nº 11.705/2008, com especial atenção às que, ante a gravidade da conduta, determinam a apreensão e suspensão da Carteira Nacional de Habilitação (CNH). Que o digam os 12 primeiros infratores flagrados em estado de embriaguez nas condições extremas previstas na legislação. Tiveram as CNHs recolhidas e foram proibidos de dirigir pelo prazo de um ano.

Não é tudo. Conforme previsão estatuída na mencionada lei, todos os que forem surpreendidos com teor alcoólico acima de 0,33 miligrama por litro de ar expelido dos pulmões sofrem, além da multa de R$ 957 e suspensão da habilitação por um ano, duas punições adicionais. Serão processados pelo crime de dirigirem sob efeito de álcool e, para se livrarem da prisão, necessitam pagar fiança. Caso venham a ser condenados, ficarão atrás das grades por período de seis meses a três anos.

O enquadramento penal daqueles que se obstinam em violar as convenções do trânsito, no tocante à abstinência de bebidas alcoólicas, consta das advertências das autoridades encarregadas da fiscalização. Trata-se de iniciativa necessária para controlar as estatísticas de acidentes em razão de desrespeito ao que se convencionou chamar de lei seca. As mortes nas vias trafegáveis do DF exibem números ainda preocupantes, malgrado o esforço para reduzi-las a patamar aceitável.

Novembro foi o sétimo mês consecutivo de queda nos registros de acidentes letais nas pistas do DF. Houve perda de 35 vidas, 10,3% menos do que no mesmo mês do ano passado. Mas, em relação a outubro deste ano, as ocorrências mortais foram superiores. Para o Detran, o fato se deveu à imprudência de condutores por não considerarem os riscos que se agravam durante o período de chuvas. De qualquer forma, o cenário é inquietante e, com certeza, exige mais ação do poder público, como reconhecem os gestores ligados ao problema.

Quem se dispuser a dirigir durante as comemorações natalinas e festejos de fim de ano desde logo não deve contar com atuação mais branda do Detran. Ao contrário. A Operação Álcool Zero do BP-Trans estará mais ativa, como convém no período em que o consumo de bebidas se torna maior. Não se ignore, também, que policiais à paisana ficarão de vigília nas proximidades de bares e restaurantes para passar as placas dos carros às patrulhas convocadas à fiscalização.

LIÇÃO 16

O time da língua

1. Marque com setas os trechos a que as palavras em negrito fazem referência. Siga o exemplo:

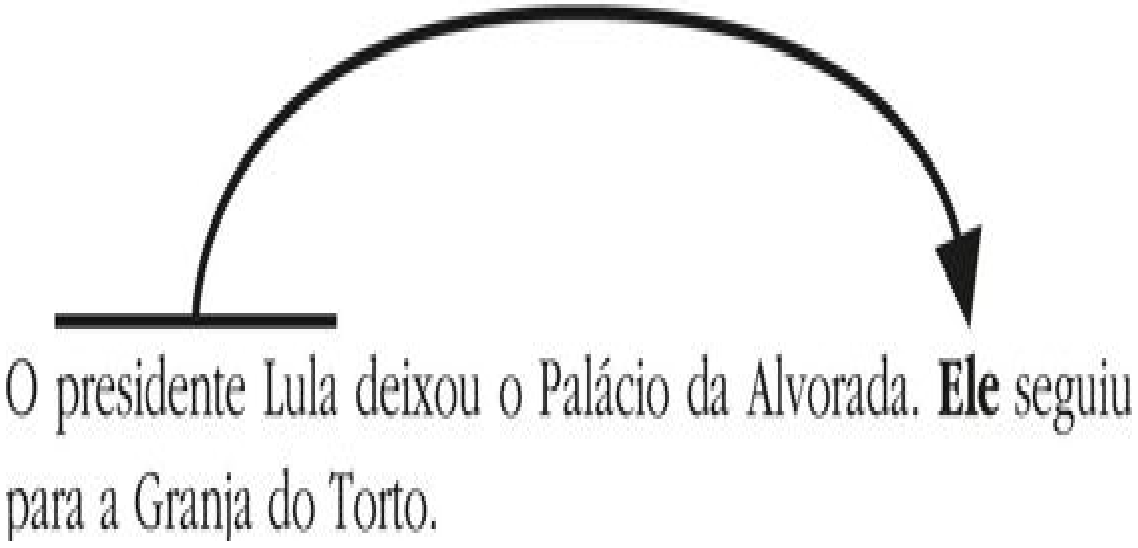

O presidente Lula deixou o Palácio da Alvorada. **Ele** seguiu para a Granja do Torto.

a. As propostas do governo agradaram a 37 parlamentares. **As** da oposição, a 56 congressistas.
b. Os estilistas europeus ditam a moda do mundo. **Eles** repetem os figurinos básicos e inovam nos acessórios.
c. As atitudes dos jovens falam por eles. **As** de Mateus revelam um amante de novas tecnologias. **As** de Victor, um crítico das injustiças sociais.
d. Mariana e Carolina frequentam festivais de cinema. **Esta** prefere filmes de suspense; **aquela**, de arte.

2. Períodos precisam de harmonia e coerência. Amarre-os dando-lhes coesão textual:

a. Esta cachaça é mineira. Eu falei desta cachaça para você.
b. Os alunos não gostam do professor. O professor é autoritário e mandão.
c. Ele fez um curso universitário. O curso o transformou em cientista.
d. Há uma mesa na sala. A anfitriã pôs os pratos na mesa.

e. Na palestra, o filósofo falou dos ensinamentos de Gandhi. Paz e paciência estão entre os ensinamentos de Gandhi de que o filósofo falou.
f. O Congresso adotou medidas punitivas. Essas medidas atingirão em cheio os partidários do presidente.
g. Há mães felizes. Se os filhos são estudiosos e obedientes, a mãe é feliz.
h. A cidade de Elvira fica na Espanha. A cidade de Mitsi fica na Grécia.
i. Beatriz e Isabela foram ao shopping center. Beatriz comprou livros e Isabela comprou roupas.
j. Este é o aluno. Suas notas são, na maioria, vermelhas.
k. Aquele é o rapaz bonito do clube. Eu lhe falei do rapaz.
l. O homem é forte. O padrinho também é forte.
m. Klaus e Leandro estudam juntos. Klaus gosta de matemática e Leandro gosta de ciências.
n. O Rio é conhecido como a mais bela cidade do mundo. O Rio também é famoso pelo carnaval.
o. Diminuir a perda de papel é um dos objetivos da população desta cidade. Para diminuir a perda de papel, a troca de livros didáticos entre estudantes está cada vez mais frequente.

3. Para tornar as ideias adequadas e coesas, substitua conectivos de transição e palavras de referência inadequados:
a. Ela está no exterior há muitos anos, sobretudo não conhece a nova casa da mãe.
b. Ele perdeu o emprego, logo já tem outras chances de trabalho.
c. João passou no concurso em primeiro lugar, mesmo assim é tido como o profissional mais preparado para a vaga.
d. Saí do trabalho mais cedo, apesar disso tinha um consulta médica marcada.
e. Maria não esconde os sentimentos desde que se esforce.

4. Preencha as lacunas dando coesão textual ao parágrafo:

O colecionador chegava em casa .... foi anunciado o assalto. Dois bandidos o cercaram .... três observavam o movimento da rua. .... não viram ninguém, levaram-no para o interior da mansão. Foram roubados dólares, joias e quadros valiosos, ... autores permanecem em sigilo. A polícia espera recuperar pelo menos as obras, ... vítima e agentes se recusam a falar. Parentes .... não querem ser identificados dizem ter visto no local peças de Picasso e Renoir.

LIÇÃO 17

Redação nota 10

1. Sua vez de escrever redações nota 10. Siga os esquemas e mãos à obra:
   a. Tema: habitação.
      Delimitação do tema: morar nas grandes cidades.
      Objetivo: citar dificuldades de moradia nas grandes cidades brasileiras.
      Ideias do desenvolvimento:
      1. O metro quadrado custa cada vez mais.
      2. Os centros estão lotados. O jeito é morar nas periferias. Aí, distância, trânsito e dificuldade no transporte público fazem do dia a dia um inferno.
      3. Para comprar imóveis mais baratos ou ainda em construção, o jeito é escolher pequenas cidades ao redor das metrópoles.
   b. Tema: o futuro dos Estados Unidos.
      Delimitação do tema: o que se espera do governo de Barack Obama.
      Objetivo: demonstrar a perspectiva de mudança nos EUA com a eleição de um presidente negro não conservador.
      Ideias do desenvolvimento:
      1. Pela primeira vez um presidente negro assume o governo dos Estados Unidos. E com quase 80% de aprovação popular.
      2. Na posse, ouviu-se do novo presidente discurso moderno contra a guerra e a opressão.
      3. Americanos esperam dele, além de modernidade, o fim da crise econômica que arrasa o país.

2. Exercício retirado do vestibular da Fuvest-2007.

Redação

“Em primeiro lugar (...), pode-se realmente ‘viver a vida’ sem conhecer a felicidade de encontrar num amigo os mesmos sentimentos? Que haverá de mais doce que poder falar a alguém como falarias a ti mesmo? De que nos valeria a felicidade se não tivéssemos quem com ela se alegrasse tanto quanto nós próprios? Bem difícil te seria suportar adversidades sem um companheiro que as sofresse mais ainda.

(...)

Os que suprimem a amizade da vida parecem-me privar o mundo do sol: os deuses imortais nada nos deram de melhor, nem de mais agradável.”

(Cícero, *Da amizade*)

“Aprecio no mais alto grau a resposta daquele jovem soldado, a quem Ciro perguntava quanto queria pelo cavalo com o qual acabara de ganhar uma corrida, e se o trocaria por um reino: ‘Seguramente não, senhor, e no entanto eu o daria de bom grado se com isso obtivesse a amizade de um homem que eu considerasse digno de ser meu amigo’. E estava certo a dizer se, pois se encontramos facilmente homens aptos a travar conosco relações superficiais, o mesmo não acontece quando procuramos uma intimidade sem reservas. Nesse caso, é preciso que tudo seja límpido e ofereça completa segurança.”

(Montaigne, *Da amizade*, adaptado)

“Amigo é coisa pra se guardar,
Debaixo de sete chaves,
Dentro do coração...
Assim falava a canção
Que na América ouvi...
Mas quem cantava chorou,

“(...)
E sei que a poesia está para a prosa
Assim como o amor está para a amizade.
E quem há de negar que esta lhe é superior?
(...)”

Ao ver seu amigo partir...
Mas quem ficou,
No pensamento voou,
Com seu canto que
o outro lembrou
(...)”

(Fernando Brant / Milton Nascimento, *Canção da América*)

(Caetano Veloso, *Língua*)

Considere os textos e a instrução abaixo:

INSTRUÇÃO**:** A amizade tem sido objeto de reflexões e elogios de pensadores e artistas de todas as épocas. Os trechos sobre esse tema, aqui reproduzidos, pertencem a um pensador da Antiguidade Clássica (Cícero), a um pensador do século XVI (Montaigne) e a compositores da música popular brasileira contemporânea. Você considera adequadas as ideias neles expressas? Elas são atuais, isto é, você julga que elas têm validade no mundo de hoje? O que sua própria experiência lhe diz sobre esse assunto? Tendo em conta tais questões, além de outras que você julgue pertinentes, redija uma DISSERTAÇÃO EM PROSA, argumentando de modo a expor seu ponto de vista sobre o assunto.

LIÇÃO 18

Para essa lição não há exercícios.

LIÇÃO 19

Regras de ouro da escrita

1. Os trechos a seguir abusam de ordens inversas, palavras desnecessárias, repetições e períodos longos. Sua missão é torná-los claros e compreensíveis. Comece pelas frases, passe pelos parágrafos e termine no textão:

a. Sob as luzes de estrelas que, iluminando o céu escuro, fazem brilhar a noite, digo que a vida é uma só.

b. No Centro-Oeste, aos estados de Goiás e Mato Grosso, ondas carregadas de calor podem chegar vagarosamente ao longo desta semana.

c. Depois de duas semanas de disputas olímpicas na madrugada brasileira, terminam na madrugada de hoje os Jogos Olímpicos de Pequim. E, como já era esperado por todos, os chineses anfitriões traçaram nova geografia mundial do esporte ao suplantarem, pela primeira vez na história dos Jogos Olímpicos, a superpotência norte-americana no quadro geral de medalhas gerais. O balanço final das conquistas demonstra que, para a China, fazer um grande evento não era tudo o que eles queriam desse evento esportivo. Precisava, também, mostrar a força da raça chinesa, o potencial da juventude e a competência do Estado na formação de seus atletas.

d. O crescimento do Produto Interno Bruto acima das expectativas deve ser muito comemorado e, ao mesmo tempo, tem de ser visto como uma grande oportunidade de resolver problemas que põem em risco a manutenção de um círculo virtuoso que deve ser mantido, já que os 6,1% de expansão registrados no segundo trimestre do ano de 2008, aliados aos resultados dos três trimestres anteriores a este, mostram o melhor desempenho do PIB desde 1996, agora, até que enfim, esse percentual atingiu a casa dos 6%.

e. **Com os pés no chão**

O multilateralismo deixou de ser apenas uma questão de alternativa politicamente correta para todos os Estados Unidos. Não só pela vontade pessoal própria do novo presidente dos Estados Unidos, a arrogante postura de donos do mundo foi posta para fora da Casa Branca. “Nosso poder sozinho não pode nos proteger, nem nos permite fazer o que bem desejarmos”, reconheceu Barack Obama no discurso de posse como presidente dos Estados Unidos, com a honestidade e a humildade dos grandes estadistas do mundo. Sinal de que o legado dos oitos anos do presidente George W. Bush serviu, ainda que por vias tortas, para ensinar uma dura lição à maior potência do planeta Terra.

Obama foi além disso. Desfez a divisão do mundo em eixos do mal e do bem e se dispôs a estender a mão, sem distinguir ninguém, a todos, incluindo os mais radicais “se desejarem afrouxar o pulso”. Com os olhos postos na história passada, lembrou que “gerações anteriores enfrentaram o fascismo e o comunismo não só com mísseis e tanques, mas com alianças vigorosas e convicções duradouras”. Numa frase curta, em tom de quem dava um recado, explicitou sua enorme capacidade de enfrentar o terrível terrorismo com sabedoria, não somente armado com a força bruta: “Os seus povos os julgarão com base no que podem construir, não no que podem destruir”.

Um grande orador para falar, Barack Obama impressionou não pelo proselitismo, mas pelos argumentos convincentes, que pareciam aflorar espontaneamente da sua sólida formação, a mais sofisticada até aqui apresentada por um presidente norte-americano que chegou à Casa Branca. Discursou como professor disciplinado e muito intolerante com os erros históricos. Assim, juntou o imprescindível aceno de paz ao mundo todo a forte apelo pela “reconstrução da América”. Não só daquela de Wall Street, arrasada pela maior crise econômica que os Estados Unidos já viram desde os anos 1930, mas também da de “antigos e verdadeiros” valores que foram perdidos – trabalho, honestidade, coragem, tolerância, lealdade, patriotismo.

Com a elegância que lhe é peculiar, clamou por “nova era de responsabilidade”, dando um puxão de orelhas nos concidadãos ao criticar a ganância e a irresponsabilidade que, segundo ele, levaram ao estouro da bolha imobiliária que mergulhou o país e o mundo numa falta de liquidez sem precedentes na história da economia norte-americana. Não se queixou da herança maldita, mas deu uma estocada no antecessor (“a hora de proteger interesses estreitos e adiar decisões desagradáveis, essa hora certamente passou”) e apontou para a “falha coletiva diante de decisões difíceis”. O mea-culpa se completou quando ele falou da questão ambiental, o mau uso da energia e o reconhecimento da necessidade urgente de a população da Terra “reduzir o espectro do aquecimento global”.

Barack Obama tem crédito para transpor as ideias do plano retórico para o plano prático. Quase 80% dos norte-americanos se manifestam otimistas diante da sua eleição, boas-vindas ecoam por todo o mundo afora, a natureza multicultural do presidente respalda o discurso muito multilateralista. Mas ele em si – faz questão de deixar isso bem claro – não é o remédio para os males que hoje afligem os Estados Unidos. Conforme destacou nos 20 minutos da fala que proferiu na posse, trabalho duro, com o comprometimento de todos, honestidade, coesão, compreensão e colaboração entre as nações são de fato imprescindíveis neste momento. Ainda assim, frisa com razão, será preciso tempo para reerguer o país. Estar com os pés no chão é o melhor começo.

2. Eis frases grandoooooooooooooonas. Desmembre-as em frases curtas. Faça duas opções para cada item:

a. O leitor só consegue dominar determinado número de palavras antes que os olhos peçam pausa, sendo que, se a frase for muito longa, ele se sentirá perdido, não podendo compreender-lhe o completo significado.

b. Mulheres que trabalham nas mesmas condições de homens têm salários mais baixos que os deles porque homens são maioria dos empregadores e, por isso, mulheres acabam injustiçadas no mercado.

c. Saí correndo da festa como se estivesse atrasada deixando os amigos pensarem que eu passava mal e meu noivo curioso sobre qual seria o compromisso tão importante para mim, já que eram apenas 10h da noite.

3. Que tal escrever sobre você? O tema está dado. Faça sua parte com frases curtas.

Seu dia ontem
Sua cidade natal
Seu futuro nos estudos

4. Escolha uma redação sua. Examine os períodos. Predominam os longos? Brinde alguns com pontos. Depois releia o texto em voz alta. Tem ritmo e harmonia? Está fácil de ler e entender? Parabéns. Vá em frente.

LIÇÃO 20

Forma positiva e forma concreta

1. Quer livrar o leitor dos nãos? Salve-o de traumas trocando formas negativas por positivas:
   - a. Maria não foi à aula porque não se sentiu bem pela manhã.
   - b. Fique atento para não fazer feio na prova.
   - c. O acusado não disse a verdade no tribunal.
   - d. Não deixe de participar do desfile.
   - e. O jogador não esconde a felicidade por ter sido convocado.
   - f. José não confia nos irmãos.
   - g. O doente não acorda há três dias.

2. Passe as frases do parágrafo para formas positivas:

> Não se esqueça: frases com palavras demais não são compreensíveis. Não escolha palavras difíceis e incomuns. Não acredite em quem diz que quanto maior é a redação maior é a nota. Não use formas negativas em seus textos. Assim, você não afasta o leitor.

3. Que tal convocar a criatividade? Troque as frases genéricas dos parágrafos por enunciados específicos:
   - a. Três garotas chegaram à festa. Pegaram bebidas e desceram as escadas. Na pista, música e efeitos luminosos animavam a noite.
   - b. Praias embelezam o cenário do estado. Boas estradas facilitam a locomoção dos turistas. Noitadas de música encantam os visitantes.

LIÇÃO 21

Declarações

1. Dizer é o verbo declarativo mais geral. Mas, repetido, cansa. Troque-o por outros que acrescentem significado ao período:
   - a. "O governo está certo de que a crise mundial será uma marola no Brasil", disse o presidente Lula.
   - b. "A polícia sabe onde a quadrilha está escondida", disse o delegado João Alves.
   - c. Disse a vidente Mãe Leopoldina: "O ano terá mortes e mudanças econômicas".
   - d. "Ventos fortes devem atingir a Califórnia, com risco de furacões", disse o meteorologista.
   - e. "Uma coisa eu peço", disse padre Herculano. "Que Ele ilumine os estudantes na hora dos vestibulares e concursos".

2. Preencha as lacunas com verbos declarativos. Não vale repetir. Varie:

> Diante da ameaça de surto na cidade, o médico José dos Santos ....: "É preciso cuidado especial com idosos e crianças". Ele .... nunca ter visto tantos casos da doença surgirem em uma semana. "A prefeitura teme que a doença se alastre", ... "Não temos leitos para mais pacientes." Diante do perigo, o prefeito pediu a ajuda da população: "É preciso manter a calma e dirigir-se ao posto de saúde mais próximo em caso de febre ou mal-estar".

3. De que outra forma as declarações podem ser escritas?
   - a. Madre Teresa ensinou: "Para manter uma lamparina acesa, temos de pôr óleo dentro dela constantemente".
   - b. "Um homem sábio cria mais oportunidades do que as encontra", disse Francis Bacon.
   - c. "As pessoas que sabem se ocupar encontram tempo disponível enquanto as que nada fazem estão sempre com pressa", garantiu Jeanne-Marie Roland.
   - d. Theodore Roosevelt aconselhou: "Faça o que puder, com o que tiver, onde estiver".

e. “Ninguém pode construir uma reputação com base no que ainda vai fazer”, alertou Henry Ford.

LIÇÃO 22

Carícia nos ouvidos

1. Que períodos respeitam a lei da harmonia?

a. ( ) O jeito foi guardar para depois os tíquetes do cinema e a pipoca.
    ( ) O jeito foi guardar para depois a pipoca e os tíquetes do cinema.
b. ( ) O chefe da Polícia Federal pediu cautela na busca de armas e na apreensão de drogas e dólares falsos.
    ( ) O chefe da Polícia Federal pediu cautela na apreensão de drogas e dólares falsos e na busca de armas.
c. ( ) Minha esperança era vê-la alegre e livre da cadeira de rodas.
    ( ) Minha esperança era vê-la livre da cadeira de rodas e alegre.
d. ( ) A estrada parece cheia de buracos e penhascos e perigosa.
    ( ) A estrada parece perigosa e cheia de buracos e penhascos.

2. Atenção ao quebra-cabeça. Cada trecho forma uma frase. Para acabar com a confusão, sua tarefa é colocar os pedaços em ordem e formar frases harmoniosas. Não esqueça das letras maiúsculas e dos pontos:

a. disputam os céus/os pássaros/as potentes máquinas voadoras/e
b. engenheiros/foram convocados para o trabalho/e/programadores de som e vídeo
c. a Veneza dos gondoleiros/Paris/e/estão na rota dos românticos
d. pequenos helicópteros/ Ele pilota/e/os mais potentes jatos

3. Crie grupos de três itens para deixar as enumerações agradáveis aos olhos e aos ouvidos:

a. Eles exibem as qualidades do carro: ....
b. Na lista das mais belas cidades do mundo figuram ....

c. .... são destaques da moda verão.

LIÇÃO 23

Xô, eco

1. Caneta na mão e ouvidos atentos. Reescreva as frases sem ecos. Seja criativo. Escolha palavras que não alterem o recado.

a. Será um prazer poder rever amigos tão queridos.
b. É a lembrança que alcança o coração dele.
c. No Paquistão, a lava do vulcão assustou a população.
d. O economista ressalta que a alta de preços não explica os juros que o banco cobra.
e. Ela parte da premissa de que a preguiça nessa idade não interfere na maturidade.
f. O prefeito reeleito disse que confiava na vitória no pleito.
g. O suspeito ouviu a gravação que a polícia concluiu e garantiu tratar-se de engano.

2. Livre a redação dos ecos:

Tudo será como antes

A julgar pela plataforma eleitoral dos candidatos a presidente da Câmara e do Senado, não haverá mudanças no estilo de administração das duas casas. Temas polêmicos, como terceirização de servidores, verbas para indenização, apartamentos funcionais, cargos comissionados passaram ao largo do debate na campanha e na televisão. A negociação entre os partidos foi baseada em ligação política, barganha eleitoral, campanha de troca de cargos por votos.

O assunto verba indenizatória – a que paga as despesas com locomoção, gasolina, consultorias, propaganda –silencia as duas casas. A transparência nessa questão é ilusão. Senado e Câmara informam apenas o gasto individual mensal dos parlamentares com cada um desses itens.

Seria mais útil saber quem recebeu o dinheiro. Isso permitiria a fiscalização da imprensa e, principalmente, dos eleitores. Em anos anteriores, deputados usaram a gasolina paga pela Câmara para abastecer caminhões de suas empresas ou tratores de eleitores. Os gastos com consultoria permanecem uma incógnita. Afinal, quanto custa elaborar projeto ou parecer? Pode ser que tudo esteja sendo feito de forma correta, mas seria bom checar.

Caberá à imprensa, mais uma vez, fiscalizar e pressionar a direção das duas casas. No ano passado, o Senado chegou a colocar na pauta a discussão da criação do bolsa-chefia, adicional para quem exerce função. Detalhe: esses servidores já recebem gratificação. O presidente da Casa, Garibaldi Alves (PMDB-RN), caiu fora na última hora, pressionado pela mídia. Na Câmara, o presidente Arlindo Chinaglia (PT-SP) anunciou o benefício, mas também recuou depois que a imprensa o bombardeou. Uma coisa é certa: teremos muito trabalho. (*Correio Braziliense*, com adaptações)

LIÇÃO 24

Verbos-ônibus

1. Substitua os verbos-ônibus. Abra os olhos. Evite repetições:
    a. A avó disse histórias para os netos.
    b. O homem fez todas as tarefas do dia.
    c. A menina teve dificuldade nas provas.
    d. O policial viu o acidente.
    e. A gerente disse que a promoção irá até amanhã.
    f. Mulher teve trigêmeos.
    g. Deus fez tudo o que há na Terra.
    h. Ponha os fios nas ligações elétricas.
    i. Faça bolo com ovos bem frescos.
    j. Vi cena desagradável na casa de minha irmã.
    k. Segredos não devem ser ditos a ninguém.
    l. Ponha os joelhos no queixo.
    m. Os homens viam a beleza das mulheres na passarela.
    n. Eu faço diariamente as minhas tarefas escolares.
    o. Ponha as roupas no meu armário.
    p. Eu já disse, por favor, para sair daqui.
    q. A professora disse que verbos-ônibus devem ser evitados.

2. Preencha as lacunas sem usar verbos-ônibus.
    a. O chefe .... que você pode ir embora.
    b. Ele .... só 20 dias de férias.
    c. Maria .... o cabelo para ir à festa.
    d. .... o filme que está em cartaz nesta sala de cinema.
    e. Por favor, ... papéis no lixo.
    f. Estou .... uma música para a minha namorada.
    g. Olhe para o lado e .... o que se passa ao redor.
    h. O açougueiro .... que é carne de primeira.
    i. O fazendeiro .... 300 alqueires de terra.

LIÇÃO 25

Companhias amigas e inimigas

1. Escolha as frases em que os adjetivos merecem nota 10:
   - a. ( ) Escolha cores maravilhosas para pintar as paredes do quarto do bebê.
     - ( ) Escolha branco, marfim ou pêssego para pintar o quarto do bebê.
   - b. ( ) O diretor da tevê selecionou programa espetacular para as noites de domingo.
     - ( ) O diretor da tevê selecionou programa informativo para as noites de domingo.
   - c. ( ) O Ceará tem belas praias.
     - ( ) O Ceará tem praias limpas, com água verde e areia branca.
   - d. ( ) Ela escreve livros ótimos.
     - ( ) Ela escreve livros de suspense.
   - e. ( ) A Seleção Brasileira é pentacampeã.
     - ( ) A Seleção Brasileira é esplêndida.
   - f. ( ) O relatório mostra uma Amazônia melhor.
     - ( ) O relatório mostra uma Amazônia preservada.

2. Seja econômico. Exclua advérbios que sobram nas frases:
   - a. De repente, os dois entraram literalmente na sala aos berros.
   - b. De fato, as notícias da crise são preocupantes.
   - c. Os resultados, na verdade, só dependem de você.
   - d. A internet caiu definitivamente no gosto do brasileiro.
   - e. Decididamente, português é minha matéria predileta na escola.
   - f. O jogador brasileiro não vai, de modo algum, ficar fora do campeonato.

3. Leia o texto. Faltou informação? Troque adjetivos imprecisos por adjetivos informativos:

Dubai vira paraíso de arquitetos e endinheirados

Para arquitetos, Dubai é paraíso no deserto. Dinheiro para projetos espetaculares não falta. A cidade é quase toda canteiro de obras. Entrecortada por impressionantes avenidas, Dubai é um dos sete emirados árabes reunidos desde 1971, dois anos após a descoberta de petróleo na região. Emirado é um Estado governado por emir, título de soberanos muçulmanos.

Com a riqueza do petróleo, os dirigentes estão fazendo do simples posto de mercadores um incrível centro de comércio e turismo no Oriente Médio. Construíram e financiaram edifícios e hotéis indescritíveis, lançaram competições esportivas internacionais e criaram áreas para visitantes. Aos turistas à procura de novas emoções, oferecem esqui na neve com temperatura externa que beira os 50 graus ou passeios nas dunas do deserto para usufruir o melhor dos beduínos. (*Folha de S.Paulo*, com adaptações)

LIÇÃO 26

Os indesejados

1. Que artigos sobram nas frases?

a. Depois de sofrer umas contusões, o presidente Lula preferiu apitar umas partidas de futebol em vez de jogar.

b. Um artigo indefinido que ocupe um espaço desnecessário deve ser retirado da frase com uma grande urgência.

c. Ele precisava de apenas uma chance para descobrir onde os amigos tinham guardado uns documentos importantes.

d. Uns bombons e umas balas a mais tiram qualquer um da dieta.

2. Marque as alternativas com artigos penetras:

( ) Ele costuma quebrar uns galhos para os amigos.

( ) Chapeuzinho Vermelho colhia umas frutas quando viu o lobo.

( ) José é um dos convidados mais importantes da festa.

( ) Ela é uma doceira de mão cheia.

3. Um, umas, uns, umas, todos os e todas as, em geral, são penetras no texto. Analise as frases em que aparecem e jogue fora os que sobram:

A hora da verdade

A posse de Barack Obama ocorre cercada de umas expectativas inéditas na história recente dos Estados Unidos. Eleito sob o signo da mudança, o novo presidente promete uma guinada de 180 graus na visão de mundo da maior potência do planeta. Um fato de relevância universal é a admissão de que as alterações climáticas decorrem das obras do homem. Podem, por isso, ser contidas. Passando das palavras aos atos, ele nomeou uma equipe de alto nível para cuidar do assunto. Com a medida, acendeu todas as esperanças de que providências serão tomadas contra a emissão de gases que envenenam o meio ambiente.

Obama terá de corrigir todos os estragos feitos pelo antecessor que deixaram umas marcas difíceis de apagar em quatro anos de mandato. George W. Bush pisou a ordem internacional representada pela ONU. Impôs o poder militar americano como um instrumento para criar regras em que Washington figurava como dono do campinho e da bola. Deu no que deu. O país se afundou no lamaçal do Iraque, gerou um espírito antiamericano jamais visto e acendeu uma onda de terrorismo que assusta todos os cinco continentes.

A doutrina dos “ataques preventivos” de Bush comprometeu profundamente a imagem dos Estados Unidos. Admirado como um defensor dos direitos humanos e direitos individuais arduamente conquistados, o país passou a ser visto como um vilão de todas as liberdades. Obama terá de dar respostas capazes de recompor a reputação nacional. Promete fechar a prisão de Guantánamo, em Cuba, retirar paulatinamente todas as tropas do Iraque e pôr fim à prática de espionar cidadãos norte-americanos.

Um governo que se diz de mudanças precisa apresentar respostas novas para velhos conflitos. Entre eles, a criação do Estado palestino, a solução diplomática para o programa nuclear iraniano, a revisão do bloqueio a Cuba, a guerra do Afeganistão. Obama, ao contrário de Bush, sabe que necessita de uns aliados. Precisa reconstruir todas as pontes com a comunidade internacional para buscar umas saídas sustentáveis e inovadoras. O respaldo da ONU e da União Europeia faz parte da visão de mundo proposta pelo presidente que comandará a Casa Branca.

Ao mesmo tempo em que se vê diante de uma pauta recheada de desafios externos, Obama tem de fazer frente a um desafio interno sem precedentes nos últimos 60 anos. A crise financeira que nasceu nos Estados Unidos e se espalha mundo afora quebra empresas, rouba empregos, aumenta a pobreza, põe em risco poupanças e aposentadorias. Contê-la será a principal ocupação do democrata neste primeiro ano de governo.

LIÇÃO 27

Seu? De quem?

1. Qual das frases é clara como a luz do dia?
    - a. ( ) Lula garantiu aos parlamentares que o seu esforço levaria à aprovação da reforma da Previdência Social.
        - ( ) Lula garantiu aos parlamentares que o esforço deles levaria à aprovação da Reforma da Previdência.
    - b. ( ) "Saia logo daí", disse Marcos ao seu irmão.
        - ( ) "Saia logo daí", disse Marcos ao irmão.
    - c. ( ) Para os soldados, o esforço deles fará o país vencer a guerra.
        - ( ) Para os soldados, o seu esforço fará o país vencer a guerra.
    - d. ( ) Este capítulo é tão importante para os alunos que suas questões serão matéria de prova.
        - ( ) Este capítulo é tão importante para os alunos que as questões dele serão matéria de prova.

2. Reescreva as frases para garantir a clareza das mensagens:
    - a. Marcos feriu seu joelho esquerdo no jogo contra seus irmãos.
    - b. O padre lembrou às paroquianas que devem levar seus filhos à missa.
    - c. Calçou seus sapatos e saiu.

3. Retire os pronomes possessivos que sobram. Se preciso, reescreva o trecho para dar-lhe clareza:

> No seu primeiro dia de trabalho, a secretária não gostou da sua mesa e da sua cadeira. A próxima desilusão veio com a chegada do seu chefe, que não lembrava mais seu nome. E se passara apenas um dia da sua entrevista de admissão. Seu desagrado não parou por aí. Os colegas chegaram e sequer deram bom-dia.

LIÇÃO 28

O mal-amado

1. Sobram quês nas frases. Elimine-os sem dó:
   - a. O homem que dirigia o ônibus foi atingido por uma bala perdida.
   - b. Essas são as ferramentas que estão à disposição de todos.
   - c. Os cachorros, que são tidos como os melhores amigos do homem, ganharam centros de estética.
   - d. A moça que dançava não foi reconhecida pelo público.
   - e. Mônica, que foi criada há mais de 30 anos por Mauricio de Sousa, ainda encanta as crianças.
   - f. Ninguém esperava que o violino fosse consertado.
   - g. Todos souberam que Maria deu vexame.
   - h. Ela quer que o vendedor diga que ela tem razão.
   - i. Depois que o jantar acabar, seguirei para o aeroporto.
   - j. A mãe do acusado garante que vai procurar provas que o inocentem.
   - k. Ele é o homem que dizem que é o pai da criança.

2. Limpe o parágrafo dos quês desnecessários.

   Depois que a família chegou, Madalena não teve mais sossego. Sempre dizia que tinha saudade, mas mudou de ideia na primeira confusão. A sogra, que era fofoqueira e brigona, não perdeu tempo. Uma semana depois do dia em que chegou, estava famosa no bairro. Nem o padre, que era quase um santo, aguentou os desaforos que ela disse.

LIÇÃO 29

Dizer o que é sem tirar nem pôr

1. Que tal escrever frases com definições? Lembre-se da estrutura a ser seguida. Termo, cópula, gênero, diferenças:
   - a. Democracia é ....
   - b. Educar é ....
   - c. Sociedade é ....
   - d. Ecossistema é ....

2. Faltam frases aos parágrafos. Complete-os com definições:
   - a. Chega o verão e, com ele, o perigo de mais um surto de dengue. Transmitida por mosquito, a dengue é .... Por isso, impõem-se medidas contra o contágio.
   - b. Os brasileiros aprenderam a não se expor ao sol como antes. Fogem dos horários de pico de calor nas praias. Mas derrapam na hora de escolher o protetor solar. Marcas, preços e números se misturam na cabeça do consumidor, que ainda não entende bem o que é fator de proteção solar. Chamado de FSP ou FS, ele é ....

LIÇÃO 30

Lé com lé, cré com cré

1. Assinale as frases em que os termos estão paralelos:
    - a. ( ) Os trabalhadores precisam assegurar o poder de compra dos salários e que sejam garantidas as conquistas trabalhistas.
        - ( ) Os trabalhadores precisam assegurar o poder de compra dos salários e a garantia das conquistas trabalhistas.
    - b. ( ) A escassez de água pode levar à morte de populações inteiras e que se formem bolsões de aridez no planeta.
        - ( ) A escassez de água pode levar à morte populações inteiras e à formação de bolsões de aridez no planeta.
    - c. ( ) Para muitos educadores, a escola tem como objetivos ensinar conteúdos e indicar caminhos para o desenvolvimento da cidadania.
        - ( ) Para muitos educadores, a escola tem como objetivos ensinar conteúdos e que os alunos caminhem para o desenvolvimento da cidadania.
    - d. ( ) Os ambientalistas querem que a Amazônia tenha mais policiamento e o restante da mata atlântica seja preservado.
        - ( ) Os ambientalistas querem mais policiamento na Amazônia e que o restante da mata atlântica seja preservado.
    - e. ( ) Os países da Europa esperam que cheguem ao fim as turbulências na economia americana e a retomada das exportações.
        - ( ) Os países da Europa esperam o fim das turbulências na economia americana e a retomada das exportações.

2. Reescreva as frases de olho no paralelismo:
    - a. Estudantes pedem fim da greve e que as notas sejam revistas.
    - b. Previsão é que faça sol à tarde e chuva para a noite.
    - c. Ele deseja comprar um par de tênis e que tenha dinheiro também para os presentes.
    - d. A vida parecia mar de rosas e que festejar seria eterno.

3. Em que período o “e que” deve ser recebido com tapete vermelho e banda de música?

a. ( ) O presidente reafirmou sua missão e que vai aprovar as reformas este ano.

( ) O presidente reafirmou que tem missão a cumprir e (que) vai aprovar as reformas este ano.

b. ( ) Representantes da ONU querem que seja assinado acordo de paz e que árabes e judeus garantam a execução.

( ) Representantes da ONU querem assinatura de acordo de paz e que árabes e judeus garantam a execução.

c. ( ) É melhor fazer o levantamento dos bens e que a partilha demore poucos meses.

( ) É melhor que seja feito levantamento dos bens e (que) a partilha demore poucos meses.

d. ( ) Eleições garantem continuidade da democracia e que o povo seja legitimamente representado.

( ) Eleições garantem que a democracia continue e (que) o povo seja legitimamente representado.

4. Reescreva os períodos. Deixe o *que* e o *e que* nos devidos lugares:

a. Prefira boas recordações. Lembrar-se das brigas do irmão pequeno e que o primo era chato demais ocupa o mesmo espaço na mente e no coração que se lembrar de festas em família, Natais com brinquedos novos e primeiras namoradas. Não esqueça: o tempo passa rápido e que a vida é uma só.

b. É inadmissível que torcidas continuem em guerra dentro e fora dos estádios. As polícias precisam de atitudes definitivas, tendo em vista a continuidade do futebol e que cada vez menos torcedores legítimos vão aos jogos. Brigas são causadas por baderneiros fazendo de torcedores vítimas e que acabam não identificados.

LIÇÃO 31

Casaizinhos fiéis

1. Complete as frases para formar casaizinhos:
    - a. A loja funciona _ 8h às 22h.
    - b. De segunda _ quinta, o rodízio é mais barato.
    - c. Foi de Paris _ Madri de carro.
    - d. O preço do quilo do pãozinho varia de R$ 5,00 _ R$ 6,00.
    - e. Leu da página 25 _ 70 em algumas horas.
    - f. Trabalha de segunda _ sexta, _ 9h às 13h e _ 15h às 19h.

2. Reescreva os parágrafos. Ajuste os pares para formar casais que não briguem.

    a. A viagem foi longa, de 10 de maio à 25 de junho. Mas valeu a pena. Conhecemos a Europa de norte à sul. Começamos por Portugal e de lá fomos à Itália. Alugamos um carro para irmos de Roma à Paris. Depois disso, foram muitos voos, alguns da meia-noite as 5h porque são mais baratos. Assim, cruzamos vários países e chegamos à Dinamarca.

    b. O tempo de funcionamento das padarias é longo. Os padeiros chegam às 3h e assam a última fornada entre as 20h e as 21h. Nesse período, produzem de pães a sofisticadas receitas francesas. O público, que varia de 500 à 800 clientes por dia, come muito. São gastos mais de 300 quilos de farinha na produção. A padaria funciona, nos dias úteis, da segunda a sexta, das 5h as 22h, e em finais de semana, das 6h as 20h.

LIÇÃO 32

Cruzamentos sintáticos

1. Escolha as alternativas corretas:

a. ( ) À medida que avança na dieta, Maria perde peso, pratica mais esportes e se alimenta com moderação.

( ) À medida em que avança na dieta, Maria perde pe- so, pratica mais esportes e se alimenta com moderação.

b. ( ) A água do planeta segue ameaçada na medida em que o desperdício ainda é hábito da população.

( ) A água do planeta segue ameaçada à medida em que o desperdício ainda é hábito da população.

c. ( ) Ela estuda mais à medida que o exame se aproxima.

( ) Ela estuda mais à medida em que o exame se aproxima.

d. ( ) Um país torna-se sustentável à medida em que necessidades do povo podem ser supridas por produção e exportação de bens e serviços.

( ) Um país torna-se sustentável à medida que necessidades do povo podem ser supridas por produção e exportação de bens e serviços.

e. ( ) A gripe dos idosos foi controlada na medida em que o governo ofereceu vacina gratuitamente.

( ) A gripe dos idosos foi controlada na medida que o governo ofereceu vacina gratuitamente.

2. Preencha as lacunas das frases com “na medida em que” ou “à medida que”:

a. .... a obra andava, era mais fácil ver como a casa seria.

b. A empresa construiu soluções .... acreditou no potencial dos funcionários.

c. O mundo acordou para a importância da preservação do planeta .... o aquecimento global se tornou perceptível em diversos pontos do globo.

d. .... o buraco na camada de ozônio ia aumentando, pessoas sentiam na pele o perigo que vem dos raios solares.

e. Eles decidiram casar-se .... viver separados custava mais que juntar os trapos.

3. Marque os pares que respeitam a fidelidade conjugal:

   a. ( ) Seja na segunda ou na quarta, o teste será aplicado.

      ( ) Seja na segunda, seja na quarta, o teste será aplicado.

   b. ( ) Quer faça sol, quer chova, o mercado fica lotado aos sábados.

      ( ) Quer faça sol ou chova, o mercado fica lotado aos sábados.

   c. ( ) Ora com o marido, ora com o amante, a personagem desfila serenamente pelos capítulos do romance.

      ( ) Ora com o marido, ou com o amante, a personagem desfila serenamente pelos capítulos do romance.

   d. ( ) Ou com ele, ou sem ele, o time vai entrar em campo para vencer de goleada.

      ( ) Seja com ele, ou sem ele, o time vai entrar em campo para vencer de goleada.

4. Preencha as lacunas para formar pares que completem as frases:

   a. .... em São Paulo, ... no Rio, as questões de segurança pública preocupam.

   b. .... em setembro, ... em outubro chuvas chegam e põem fim à seca no Centro-Oeste.

   c. .... você queira, ... não, o casamento dos dois é certo.

   d. .... loira, ... morena, ela sempre ganha os melhores papéis de Hollywood.

LIÇÃO 33

Enumeração paralela

1. Identifique as enumerações que respeitam o paralelismo:
    a. ( ) São funções do Banco Central:
        1. emitir moeda; e
        2. fiscalizar o sistema financeiro.

    b. ( ) Bata as claras em neve e acrescente as gemas. Colocar tudo no liquidificador e bata em velocidade mediana.

    c. ( ) Para ser bom estudante, é preciso ter organização nas leituras, fazer as tarefas com dedicação e nunca copie trabalhos da internet.

    d. ( ) As medidas do governo federal querem garantir geração de empregos, elevar os índices de estabilidade e aumentar a renda média do trabalhador.

    e. ( ) Desejo aos noivos amor eterno, saúde para gozar uma vida de felicidade e fartura na manutenção da família.

2. Reescreva os trechos com paralelismo:
    a. O uso inadequado da água está ligado a fatores como construções irregulares, faltar planejamento das cidades e as pessoas não terem consciência das reais necessidades de consumo. Por a água ter sido vista durante muito tempo como um bem infinito, populações não tiveram educação para utilizá-la racionalmente. A correção do erro será feita nas próximas décadas: racionalização e reaproveitamento.

    b. Um bom dia deve ter refeições saudáveis. Pela manhã, consuma frutas e laticínios. No almoço comer proteí-nas, amido, verduras e frutas. Lembrar dos cereais e de mais frutas e laticínios à tarde. Faça refeição leve à noite. Assim, você garante diversidade, equilíbrio e fica em forma.

    c. Quer fundar um grupo de estudos? A receita é fácil. Reúna-se com amigos comprometidos e que gostem de leitura e debates. Evitar os que adoram arrumar confusão. Eleja um tema que agrade a todos. Marcar reuniões semanais ou quinzenais e forme grupo para conversas na internet. A cada encontro, um membro fica encarregado de propor a leitura e dirige a reunião posterior. Está pronto o trabalho que certamente levará aos envolvidos alegria e conhecer assuntos.

LIÇÃO 34

Os fora de moda

1. Livre as frases dos chavões. Dê a elas ares de banho tomado e cara nova:

a. Os soldados do fogo trabalham no resgate das vítimas.
b. Sob sol escaldante, governantes visitaram a obra faraônica.
c. Os alunos deram o pontapé inicial ao ano letivo.
d. Pediu licença para uma crítica construtiva.
e. A Polícia Federal desbaratou quadrilha internacional de traficantes.
f. Ele fez mais um gol e fechou com chave de ouro a participação no campeonato.

2. Agora, limpe os parágrafos cheios de clichês.

Do Oiapoque ao Chuí, o Brasil esbanja beleza. Mesmo quem não morre de amores por praia e calor escaldante, encontra diversão e lazer no país. Os turistas têm à disposição eventos culturais, parques e aventuras de tirar o chapéu.

Os vizinhos argentinos foram os maiores fregueses por anos. Quando atravessaram a crise financeira, nós tomamos uma ducha de água fria. O Ministério do Turismo não perdeu o bonde da história e buscou outros mercados.

Europeus e norte-americanos descobriram nossos paraísos. O turismo parecia dormir em berço esplêndido. Agora, a crise mundial caiu como uma bomba sobre nossa hotelaria.

LIÇÃO 35

Para essa lição não há exercícios.

Respostas

LIÇÃO 1

Mandar recados

1.

a. Infelizmente, não vou à nossa festinha de sábado porque marquei viagem. É aniversário da minha mãe. Quero vê-la e dar-lhe um presente. Diga aos amigos que estou com saudade. Prometo não faltar ao próximo encontro.
b. Papai, preciso de aumento da mesada porque os preços subiram muito. Com 20% mais, posso ir ao cinema e pagar a entrada de uma festa, um show, algo que eu queira ver. Com o dinheiro que recebo hoje, pago só o transporte e os lanchinhos. Por favor, pense com carinho.
c. Meu amor, não é o que você está pensando. Eu nem conheço essa garota. Bia é amiga de Paulo. Foi ele quem deu meu nome e endereço de Orkut para ela. Estávamos na festa do fim de semana em que você viajou, mas eu não fiquei com ela. Acredite em mim.
d. Como vou estar fora nos próximos cinco dias, peço que meu jornal seja destinado, nesse período, ao pessoal de manutenção do prédio. Quem quiser pode levá-lo para casa. Só lembro, por favor, que os exemplares não devem ser deixados à porta do apartamento.

2.

a. Ontem, acidente com um carro, um ônibus e uma moto deixou dois mortos e dois feridos. Segundo a polícia, a moto vinha em alta velocidade quando cruzou o semáforo fechado. Para desviar dela, ônibus e carro se chocaram no sentido contrário.
b. Na apresentação que fez em São Paulo, Elton John cantou músicas do repertório dos anos 1980 e 1990. Ao piano, no palco montado no Anhembi, prometeu lançar um disco até o ano que vem.

c. A Polícia Federal prendeu juiz da Região Sudeste depois de seis meses de investigação. Grampo telefônico levou ao flagrante.

3.

Eduardo e Mônica se conheceram em uma festa. Ele, com 16 anos, fazia cursinho. Ela estava na faculdade de medicina. Embora muito diferentes, passaram a se encontrar e começaram o romance. Eduardo amadureceu e entendeu assuntos de que Mônica, pra lá de intelectualizada, não se cansava de falar.
Apesar das dificuldades, o namoro engatou. Eles se casaram e tiveram três filhos. Há cerca de dois anos, na época em que Mônica deu à luz gêmeos, terminaram a construção da casa. A família voltou a morar em Brasília. Neste verão, não vão viajar porque o filho mais velho de Eduardo e Mônica está em recuperação.

LIÇÃO 2

Encontrar o caminho

1.

a. (X) Por que os Estados Unidos atacaram o Iraque?
a. (X) Má alimentação e sedentarismo atacam desde a infância.
b. (X) Estudantes têm de pesquisar em vez de copiar.

2. Sem resposta definida. Exercício de livre escolha.

3.

a. Filhos do descaso nas metrópoles
    Onde nasce a marginalidade
    É preciso ação dos governos
b. O continente acorda para o século 21
    Berço da nossa arte
    A dura herança deixada pelos exploradores
c. O bem maior está ameaçado
    A riqueza da vida submersa
    Fonte de paz e relaxamento
d. O país revelado nos Jogos Olímpicos
    Meio comunista, meio capitalista
    Desponta a potência do século 21

LIÇÃO 3

O leitor é quem manda

1.

a. (X) Com o estudar mais em menos tempo.

2.

a. Obras irregulares, erguidas em Brasília nas últimas décadas, podem pesar na decisão da Unesco de tirar da capital o título de Patrimônio Cultural da Humanidade. A razão: o governo não controla as construções como deveria, o que revolta a população.
b. Brasília corre risco de perder o título de Patrimônio Cultural da Humanidade. Segundo a Unesco, órgão responsável pela titulação, construções irregulares podem ter comprometido o conjunto das obras de Niemeyer e Lucio Costa, que assinam o projeto original da capital. Significa que a governo do Distrito Federal não cuidou como deveria da preservação da cidade, fator de revolta da população.
c. Brasília está ameaçada de perder algo muito importante. Ela pode sair da lista da Unesco de patrimônios da humanidade. Se provarem que a capital perdeu as características originais, o título cai. Com certeza, a população culpará o governo do Distrito Federal pelo problema.

3.

Querida mamãe,
Como eu havia dito, minhas notas continuam ótimas. Estou namorando firme e estudando redação para passar em um concurso. Tudo corre muito bem.
Tenho saudade, um beijo.

Amiga,
Nunca pensei que minhas notas pudessem ser tão baixas. Estou no fundo do poço. Só o que pode me salvar é esse concurso. Por isso, estou estudando redação como louca. O namoro está daquele jeito. Continuo na paquera com o cara do elevador. Pelo menos minha família não está perto para dar palpite.

Um cheiro.

Cara tia Catarina,
Como estão as coisas? Aqui, tudo corre muito bem. Em especial o que diz respeito a estudos e namoro. Espero que todos estejam com saúde e alegria.
Um abraço.

LIÇÃO 4

Aonde você vai?

1.

(d) Relacionar o desenvolvimento tecnológico com a inclusão de milhares de pessoas no sistema educacional brasileiro.
(e) Provar que tão importante quanto participar da eleição é analisar a carreira dos candidatos e fiscalizar o cumprimento das promessas.
(a) Analisar como a mídia atropela a individualidade e padroniza a beleza.
(c) Defender a educação em prol da reciclagem.
(b) Lembrar que a prática esportiva regular é uma das prescrições médicas para o bom funcionamento do organismo.

2.

a. 1. Demonstrar que as drogas prejudicam a saúde.
  2. Expor os diferentes tipos de drogas.
  3. Demonstrar que é possível curtir a vida sem drogas.
b. 1. Defender a importância de o Brasil policiar as fronteiras da Amazônia.
  2. Sugerir formas de preservação do patrimônio natural como solução sustentável para os povos da Amazônia.
  3. Demonstrar que acabar com a devastação da mata tem de ser um pacto social firmado entre governos e população.
c. 1. Explicar por que a exposição ao sol, especialmente em regiões muito quentes e na hora de pico do calor, constitui risco à saúde.
  2. Enfatizar a importância do uso do protetor solar.
  3. Dar exemplos de doenças que podem ser desenvolvidas pela exposição ao sol.
d. 1. Demonstrar a importância de o trabalhador ter o registro profissional.
  2. Enumerar direitos e deveres de trabalhadores e patrões.
  3. Explicar que todos ganham com o cumprimento das leis trabalhistas.

LIÇÃO 5

Como criar ideias

1.

a. 1. Estresse é falta de planejamento.
   2. É preciso aproveitar bem as aulas.
   3. O pré-vestibulando tem de praticar esportes, namorar, ir a festas e ao cinema; ter alimentação adequada; pular o carnaval; comer muito; dormir oito horas por noite.

b. 1. A aposentadoria do trabalho não significa aposentadoria de mãos, pés e cabeça.
   2. Há muitas atividades para pessoas que já passaram dos 65 anos, como grupos de estudo, viagens, atividades com crianças, trabalhos sociais.
   3. A atividade física é importante. Mas não deve ser vista como tortura. Escolha a que mais lhe dá prazer: caminhada, musculação, hidroginástica, natação.

c. 1. Escrever é habilidade como nadar, datilografar, ler, saltar.
   2. Importância do treino: ninguém, sem treinar muito, consegue atravessar uma piscina a nado, dar 300 toques por minuto, saltar 5 metros, escrever um texto com unidade, coerência e ênfase.
   3. Como treinar.

d. 1. Falar, como escrever, é habilidade – melhorar depende de treino.
   2. Exemplos de pessoas que, graças ao treino, venceram as dificuldades. O principal deles: Demóstenes, Pai da Oratória. Ele venceu até a gagueira.
   3. Como melhorar a expressão oral.

e. 1. O transporte coletivo é ruim, caro e lento. Essa realidade obriga o brasiliense a andar de carro. Por isso a cidade tem um carro para cada quatro moradores.
   2. Problemas da falta de moradia, fiscalização deficiente e conivência de autoridades transformaram a capital em uma grande invasão. O desafio é frear o processo e encon- trar formas de regularizar terras ocupadas irregularmente.

3. Diversos fatores aumentam a violência no Distrito Federal. Um: inchaço da cidade. Dois: falta de oportunidade de trabalho. Três: crescimento do consumo de drogas.

f. 1. Crescimento desordenado resulta em pouca qualidade de vida.

2. Crescimento planejado pressupõe escolas, serviços e moradia para todos. Avenidas planejadas suportam melhor o tráfego intenso.

3. É importante planejar ecologicamente as cidades.

g. 1. Álcool causa dependência. Mesmo assim, bebidas alcoólicas têm propagandas e venda permitidas. Não se leva em conta que alcoolismo tem tratamento difícil e caro para famílias e governos.

2. Muitos ídolos jovens bebem em público, o que incentiva o alcoolismo.

3. Bebidas alcoólicas são vistas como um motivador de festa e alegria. Para muitos, não beber significa ser chato.

2.

a. Tema: pequenos delitos.

Leitor: assinante do *Correio Braziliense*.

Delimitação do tema: na cidade ocorrem muitos delitos ignorados pelas autoridades.

Objetivo: demonstrar a existência de delitos leves praticados livremente na cidade.

Ideias do desenvolvimento:

1. Autoridades se preocupam em combater grandes delitos e toleram os pequenos.

2. Exemplos de pequenos delitos: furtos em esquinas, camelôs que invadem ruas, flanelinhas que obrigam motoristas a pagar por estacionamento em vias públicas.

3. Onda de infrações leves compromete imagem da cidade. É mais um desafio para a segurança pública.

b. Tema: bioma do Rio Grande do Sul.

Leitor: leitor de jornal.

Delimitação do tema: plantação de eucaliptos no Rio Grande do Sul é preocupação ambiental.

Objetivo: mostrar ameaça causada ao meio ambiente por plantações de eucalipto.

Ideias do desenvolvimento:

1. Primeiro foi arroz, depois soja e agora são eucaliptos. Vem do interesse da indústria de celulose a ameaça ao meio ambiente nos pampas.

2. Para ambientalistas, pode haver mudança climática.

3. Como só 2,7% do bioma está preservado por lei, ambientalistas pedem criação de mais áreas de proteção.

c. Tema: agrotóxicos.

Leitor: público adulto em geral.

Delimitação do tema: agrotóxicos causam doenças e êxodo rural.

Objetivo: Identificar processo que obriga produtores rurais a usarem agrotóxicos muitas vezes letais.

Ideias do desenvolvimento:

1. Agrotóxicos chegam a levar trabalhadores rurais, agricultores e boias-frias à morte por contaminação.

2. Esses produtos caem em lençóis freáticos e envenenam famílias de trabalhadores.

3. Redes montadas por multinacionais fabricantes de venenos proibidos no Primeiro Mundo, atravessadores e intermediários obrigam produtores a usar agrotóxicos caros e letais. Resultado: empobrecimento e êxodo rural.

d. Tema: água.

Leitor: colegas de classe.

Delimitação do tema: água, maior bem do planeta.

Objetivo: mostrar que cuidados com a água são urgentes e importantes.

Ideias do desenvolvimento:

1. Crescem poluição e desperdício de água.

2. Todas as sociedades precisam se engajar na luta pela preservação desse bem.

3. Água é bem finito.

e. Tema: moda.

Leitor: examinador do concurso.

Delimitação do tema: escravidão da moda

Objetivo: informar que a moda deve ser aliada e não madrasta.

Ideias do desenvolvimento:

1. Moda pode servir como guia para estilo próprio.

2. Moda não deve ser fator de inclusão e exclusão social.
3. A moda das passarelas é para poucas. A mulher comum vê tendências nas ruas.

f. Tema: guerra de torcidas.

Leitor: amigo fanático por futebol

Delimitação do tema: estádio virou campo de guerra.

Objetivo: analisar guerra de torcidas como forma de manipulação.

Ideias do desenvolvimento:

1. Quem incentiva guerra entre torcidas fica longe das arquibancadas.
2. Arriscar-se em torcida organizada não compensa.
3. O âmago do esporte é competividade, não fim do adversário.

LIÇÃO 6

Escrever é pensar

1.

a. **Lição da Igrejinha**

A destruição de azulejos da Igrejinha choca, mas não surpreende. O patrimônio cultural de Brasília não constitui uma ilha no arquipélago brasileiro. Ao contrário. Padece dos mesmos males que atacam a herança artística nas demais unidades da Federação. Constitui quase rotina na imprensa a divulgação de roubo de obras de arte, infiltração em prédios tombados, desaparecimento de livros ou páginas de livros raros, incêndio em igrejas de séculos passados, quebra de vitrais, imagens de santos, tetos, móveis e pisos de joias do barroco, renascimento ou modernismo nacionais e estrangeiros.

Não faltam explicações para o descaso. O primeiro, sem dúvida, é o subdesenvolvimento. Países cuja população luta por acesso a moradia, trabalho, alimentação, saúde, educação e saneamento básico não veem o legado dos antepassados como algo a preservar. Muitos, ao se referirem a arquivos, antiguidades ou construções históricas, fazem-no com desdém. Consideram desperdício os recursos gastos na restauração ou manutenção de bens cuja função não lhes parece imediata ou próxima a suas necessidades prementes.

Os governos, obrigados a administrar a escassez, relegam o patrimônio a segundo, terceiro ou quarto plano. Sem pressão social, torna-se permanente o que deveria ser medida emergencial com data para bater ponto final. Resultado: a deterioração aumenta e cresce o risco que ronda obras delicadas que precisam de cuidados especializados para evitar os malefícios da ação do tempo. É preocupante e empobrecedor. O acervo acumulado ao longo dos anos conta mais do que a aparência exibida. Ele fala de ideais e sonhos que construíram a nacionalidade – que torna cada povo singular e, por isso, digno do interesse de outros.

Brasília deveria fugir à regra. Com menos de 50 anos, foi a primeira cidade moderna a receber o título de Patrimônio da Humanidade. Esperava-se que a vanguarda exibida na arquitetura e no traçado contagiasse os administradores. Não é, porém, o que se viu ao longo das décadas. A Catedral, a Torre de TV, o Teatro Nacional, o Panteão da Independência, a Praça dos Três Poderes e tantos outros monumentos pedem socorro. Impõem-se mudanças. O fogo da Igrejinha, além de alerta, pode impulsionar medidas de recuperação do patrimônio sempre adiadas. Entregar à cidade os monumentos restaurados talvez seja o melhor presente dado à população no cinquentenário da capital da República.

b. **Arma nas mãos**

A história se repete com monotonia. Ano após ano, o balanço de acidentes nas estradas registra números ascendentes. Neste fim de 2008 e início de 2009, o enredo não mudou. Divulgados pela Polícia Rodoviária Federal, os números da Operação Fim de Ano, em vigor de 20 de dezembro a 4 de janeiro, demonstram com clareza que muito ainda precisa ser feito para que o asfalto não mate nem aleije.

O balanço assusta e, ao mesmo tempo, causa indignação. Foram 7.140 acidentes nos 61 mil quilômetros das rodovias federais. O saldo: 435 mortos e 4.795 feridos. Pelos autos de infração, é possível concluir que a tragédia não se deve a imperfeições no asfalto, iluminação ou sinalização. Deve-se, sobretudo, a falhas humanas. Das 171.265 violações, 99.435 tiveram como causa o excesso de velocidade; 1.043, embriaguez. O levantamento de multas manuais atingiu a cifra dos 70.787. Somado às eletrônicas, o número cresce.

Irresponsabilidade e imprudência de motoristas são os grandes vilões das rodovias. O período abrangido pelo levantamento cobra preço alto não só dos infratores, mas também das vítimas que eles fazem. Fim de ano coincide com férias escolares e viagens de encontro de famílias cujos membros estão espalhados. O custo elevado das passagens aéreas e o aumento da frota de automóveis em mais de 14% em relação a 2007 tornaram as estradas mais disputadas.

Mais: a chuva abundante que tradicionalmente cai no início do verão contribui para agravar o vaivém no asfalto. Em suma: a realidade impõe mais cuidado ao volante. Não é, porém, o que se registra. A repetição das estatísticas incivilizadas exige medidas corretivas. Elas passam necessariamente por duas vias. Uma é a repressão. Nenhum motorista deve apostar na impunidade. O condutor precisa ter consciência de que a infração não passará despercebida e, consequentemente, terá de pagar por ela. Sabe-se, porém, que a mudança de comportamento não se faz por decreto.

Exige, de um lado, rigor na fiscalização e, de outro, campanhas educativas. O Brasil tem larga experiência em mobilizações populares. As campanhas de vacinação nacionais servem de modelo para a Organização Mundial da Saúde. Por que não abraçar a causa do trânsito? Acima de governos e partidos, deve imperar o respeito à vida. Adultos, crianças e idosos têm de ter garantido o direito de ir e vir com segurança – seja na qualidade de pedestres, seja na de motoristas. O reconhecimento do limite do próprio direito e do direito dos demais é condição para sentar-se no banco de motorista. Ao ligar a chave de ignição, o condutor precisa ter uma certeza: ele tem uma arma nas mãos.

LIÇÃO 7

O parágrafo

1.

(c) O tráfego intenso e a falta de sinalização ao longo dos leitos aliam-se ao descaso decorrente de falhas flagrantes na fiscalização. Batidas de barcos e número excessivo de passageiros a bordo são ocorrências corriqueiras. A certeza da impunidade é tal que homens e mulheres pegam o transporte no meio do rio, com a embarcação em movimento. Sobram portos clandestinos. Bagagem espalhada pelo chão dificulta o acesso às saídas de emergência (quando existem). E a população que precisa ir e vir corre sério risco ao exercer o direito assegurado pela Constituição.

(a) Com isso, volta à tona o debate sobre o vestibular como a principal forma de ingresso na universidade. E não são apenas os cansados estudantes do ensino médio ou de cursinhos que acham o teste forma injusta de seleção. Especialistas propõem alternativas.

(d) No Exame Nacional do Desempenho de Estudantes (Enade), 17 faculdades receberam nota vermelha. Do máximo de cinco pontos, tiraram um e dois, abaixo do mínimo admitido –três. Entre as reprovadas, figuram quatro instituições federais. As restantes são particulares.

(b) Como é norma no país, o caos chegou antes das providências. Espera-se que não tenha vindo para ficar. Quase 250 novos autos entram em circulação todos os dias. Há menos de uma década tínhamos 585 mil, hoje estamos perto do dobro. Algo precisa ser feito já.

LIÇÃO 8

O tópico frasal

1.

a. Tópico frasal: Anualmente, as cheias dos rios assolam as populações mais pobres de estados brasileiros.
b. Tópico frasal: se comer muito chocolate faz mal, deixar de comê-lo também não é atitude saudável.

2.

a. (X) Na cidade, há pequenos delitos para todos os gostos.
b. (X) Desgastado pelas frentes agrícolas que semearam arroz nos anos 1970 e, logo depois, pela soja, o cenário do pampa vai mudar.

3.

a. Você vai fazer vestibular?
b. A escolha de Barack Obama introduz os Estados Unidos em nova era.

LIÇÃO 9

Como desenvolver o parágrafo: citação de exemplos

1.

b. (X) A transposição do Rio São Francisco é questão polêmica, que levanta argumentos contra e a favor da obra. Para o governo, a obra põe fim à seca e a seus efeitos sobre a economia regional. Para ambientalistas, a perda de terras férteis e a ameaça à biodiversidade terrestre e aquática são efeitos óbvios da medida. Com o comprometimento da água para a transposição, teme-se, também, encarecimento da energia hidrelétrica. O governo promete, para amenizar o quadro, programa de revitalização hidroambiental, novos parques nacionais e mais unidades de conservação.

2. Sobram motivos que levam à conclusão de que pôr polícia nas ruas não é solução para os problemas de segurança pública. Um: a quantidade de policiais que, seduzidos por dinheiro e poder, se entregam à corrupção. Dois: a diferença de armamentos – os criminosos investem pesado na garantia do poderio bélico. O último mas não menos importante: o número de policiais muito inferior às reais necessidades deste país-continente.

LIÇÃO 10

Como desenvolver o parágrafo: apresentação de razões e consequências

1.

a. (X) Nada menos de 260 pessoas nas várias regiões do país estão sob ameaça de terem o destino do ambientalista Chico Mendes, assassinado há 20 anos. Mendes alcançou projeção mundial ao defender a preservação das águas, da floresta amazônica e da atividade extrativista. São enormes os riscos de os ameaçados de agora serem também trucidados, como já o foram centenas deles. Eles atuam em duas frentes. Uma delas: nas regiões em que há conflito em torno da posse e uso da terra. A outra: no combate à destruição do meio ambiente.

c. (X) Um mundo novo bate à porta. Não é qualquer mundo novo. Trata-se do mundo de alta tecnologia. Mais precisamente: o mundo das comunicações. Segundo especialistas que olham lá na frente, as mensagens terão no máximo 140 caracteres. O que é isso? São 140 toques no computador, contados os espaços.

2. É comum ver crianças com mais compromissos que muito adulto. De manhã, vão à escola. À tarde se dividem entre aulas de inglês, dança, arte, esporte. No fim do ano, apresentações artísticas tomam conta das pequenas vidas. A receita parece ter chegado para ficar. Muitas famílias, em lugar de babás ou filhos largados em frente da tevê e do computador, escolhem atividades extracurriculares como aliadas. O custo é alto, mas o resultado parece positivo.

LIÇÃO 11

Como desenvolver o parágrafo: decomposição, definição, confronto

1.

a. Decomposição
b. Confronto
c. Definição

2. No poder há oito anos, o partido do presidente faz alianças e corre atrás de votos. Já a oposição diz estar fechada a novos acordos. Busca votos nos palanques da cidade e levanta os podres dos adversários.

3. A primeira, ser vencedor do último campeonato. A segunda, contratações de peso. Para a temporada, trouxe um jogador argentino e Ronaldo Fenômeno. Mesmo fora de forma, ele já se tornou ídolo da torcida.

4. Pouco conhecida dos brasileiros, a quinoa é um grão que tem 90% de sua massa de proteína. Ela previne câncer de mama, osteoporose e problemas cardíacos, além de recuperar tecidos e de melhorar imunidade, aprendizagem e memória. Originária dos Andes bolivianos, pode ser incluída no consumo matinal de cereais. A Embrapa trabalha na ampliação da produção nacional da quinoa.

LIÇÃO 12

Diga-diga-diga

1.

Tema: enchentes nas cidades brasileiras.
Leitor: leitores do *Correio Braziliense.*
Tópico: a banalização das imagens de carros boiando e pessoas de barco pelas ruas de cidades brasileiras.
Objetivo: demonstrar que os governantes não se esforçam para evitar os alagamentos nas cidades.
Ideias do desenvolvimento:
1. Cidadão tem de mudar os hábitos para driblar dificuldades causadas pelas chuvas.
2. Autoridades esperam inundações sem tomar medidas preventivas.
3. Impõe-se limpeza das saídas de água antes das chuvas e planejamento para evitar perdas.
Introdução: 1º parágrafo.
Desenvolvimento: 2º e 3º parágrafos.
Conclusão: último parágrafo.

LIÇÃO 13

A introdução

1.

a. (X) Pequena ação pode se tornar pedra fundamental de grande mudança.

b. (X) O trabalho voluntário é via de mão dupla.

2.

a. Frase inicial:

O maior inimigo do concurseiro é o estresse.

b. Frase inicial:

Cidades que crescem desordenadamente estão fora do ranking dos melhores lugares para viver.

c. Frase inicial:

Apesar das propagandas com mulheres bonitas, da alegria que chega logo depois do primeiro copo e do incentivo desenfreado ao consumo, não se engane: bebidas alcoólicas desagregam, empobrecem e matam.

LIÇÃO 14

O desenvolvimento

1.

DESENVOLVIMENTO

Denúncias pipocam na imprensa com indesejável frequência. A indignação origina artigos de especialistas, editoriais com cobrança de providências, cartas de leitores revoltados com o destino dado aos recursos arrecadados graças aos altos impostos que se apropriam de três meses de salário anual do trabalhador. Passado o calor da revolta, porém, nada mais acontece. Fica a expectativa do próximo golpe, mais engenhoso e com a gula multiplicada.

A lentidão da Justiça deixa clara a sensação de impunidade e, com ela, a perigosa certeza de que o crime compensa. Nada se pode fazer. Contra a cultura do tirar o corpo fora, o Ministério Público lançou a campanha nacional “O que você tem a ver com a corrupção?”. A mobilização parte do princípio de que a mudança ocorre no indivíduo. Impõe-se motivá-lo para que ele se dê conta de que faz parte do sistema e, como tal, é responsável senão por ação, pelo menos por omissão, pelo estado de coisas contra o qual protesta.

A corrupção anual no Brasil abocanha 0,7% do Produto Interno Bruto (PIB) – soma de toda a riqueza produzida no país. Transformado em valor, o percentual corresponde a nada menos que R$ 17,5 bilhões. A montanha de dinheiro equivale à soma, em 2007, dos orçamentos dos ministérios das Cidades, Transportes, Cultura e Turismo. São recursos que, mantidos nos trilhos, melhorariam estradas, portos, teatros, saneamento básico, iluminação pública.

LIÇÃO 15

A conclusão

1.

a. CONCLUSÃO

Vale lembrar, a propósito, os Jogos Pan-Americanos de 2007, realizados no Rio de Janeiro. Na ocasião, questões políticas e partidárias influenciaram a coordenação dos trabalhos entre os três níveis de governo e o resultado foi que o ônus maior das despesas sobrou para a União. Devem-se tirar lições positivas dessa má experiência. Por fim, seria louvável se o Palácio do Planalto formasse uma equipe para centralizar o comando das iniciativas do Executivo, a fim de não ver frustrada a oportunidade de promover o avanço do país.

b. CONCLUSÃO

Mas não deve resultar apenas do poder repressivo da polícia de trânsito a conduta dos motoristas de Brasília. Cumpre a todos agirem de forma responsável na direção dos veículos, na certeza de que contribuem para proteger a própria vida e a de terceiros. Não se pode esperar outro comportamento de cidadãos que convivem sob as inspirações civilizadas da capital da República.

LIÇÃO 16

O time da língua

1.

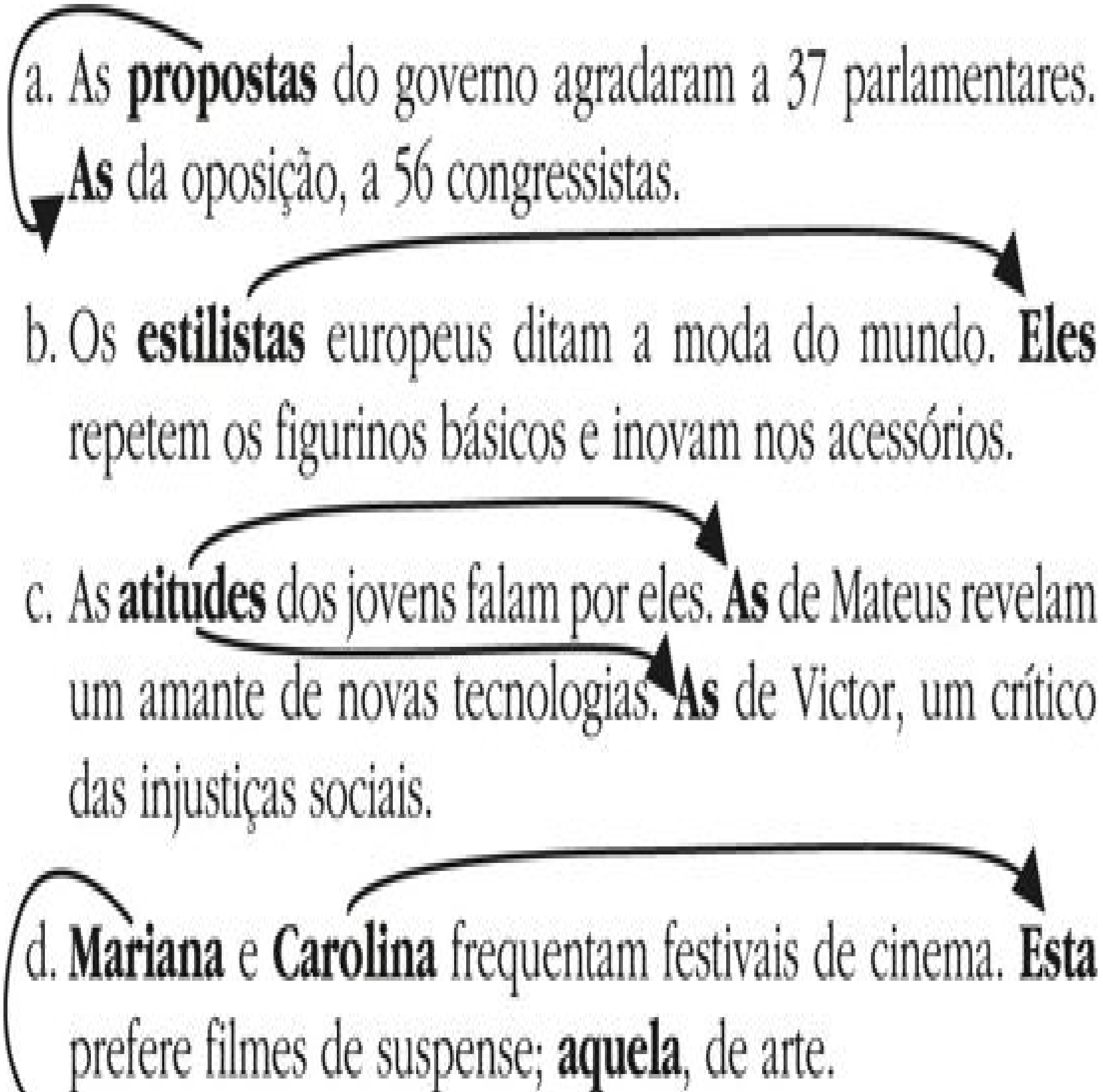

a. As **propostas** do governo agradaram a 37 parlamentares. **As** da oposição, a 56 congressistas.

b. Os **estilistas** europeus ditam a moda do mundo. **Eles** repetem os figurinos básicos e inovam nos acessórios.

c. As **atitudes** dos jovens falam por eles. **As** de Mateus revelam um amante de novas tecnologias. **As** de Victor, um crítico das injustiças sociais.

d. **Mariana** e **Carolina** frequentam festivais de cinema. **Esta** prefere filmes de suspense; **aquela**, de arte.

2.

a. Esta é a cachaça mineira de que lhe falei.

b. Os alunos não gostam do professor, autoritário e mandão.
c. Ele fez um curso universitário que o transformou em cientista.
d. A anfitriã pôs os pratos na mesa da sala.
e. Paz e paciência estão entre os ensinamentos de Gandhi de que o filósofo falou na palestra.
f. O Congresso adotou medidas punitivas que atingirão em cheio os partidários do presidente.
g. Feliz é a mãe cujos filhos são estudiosos e obedientes.
h. A cidade de Elvira fica na Espanha; a de Mitsi, na Grécia.
i. Beatriz e Isabela foram ao shopping center. Esta comprou roupas; aquela, livros.
j. Este é o aluno cujas notas são, na maioria, vermelhas.
k. Aquele é o rapaz bonito do clube de quem lhe falei.
l. O homem é forte, assim como o padrinho.
m. Klaus e Leandro estudam juntos. Este gosta de ciências; aquele, de matemática.
n. O Rio, conhecido como a mais bela cidade do mundo, é famoso pelo carnaval.
o. Diminuir a perda de papel é um dos objetivos da população desta cidade. Em vista disso, a troca de livros didáticos entre estudantes está cada vez mais frequente.

3.

a. Ela está no exterior há muitos anos, por isso não conhece a nova casa da mãe.
b. Ele perdeu o emprego, mas já tem outras chances de trabalho.
c. João passou no concurso em primeiro lugar. Com razão é tido como o profissional mais preparado para a vaga.
d. Saí do trabalho mais cedo, visto que tinha um consulta médica marcada.
e. Maria não esconde os sentimentos por mais que se esforce.

4. O colecionador chegava em casa quando foi anunciado o assalto. Dois bandidos o cercaram enquanto três observavam o movimento da rua. Como não viram ninguém, levaram-no para o interior da mansão. Foram roubados dólares, joias e quadros valiosos, cujos autores permanecem em sigilo. A polícia espera recuperar pelo menos as obras, sobre as quais vítima e agentes se recusam a falar. Parentes que não querem ser identificados dizem ter visto no local peças de Picasso e Renoir.

LIÇÃO 17

Redação nota 10

1. Peça a amigos e a algum professor que leiam suas redações e mostrem pontos positivos e negativos do texto.

2. Exemplo de dissertação.

Vínculos que superam as diferenças

Um dos sentimentos mais admiráveis que um ser humano pode desenvolver por outro é a amizade. É através dela que muitas pessoas conseguem suportar grandes problemas em suas vidas e vencem grandes desafios. Apesar de muitos argumentarem sobre quão difícil é encontrar alguém digno de confiança, o preço a ser pago nessa procura rende frutos ainda maiores quando se encontra uma pessoa disposta a cultivar uma amizade verdadeira com outra.

A sabedoria popular prega que “nenhum ser humano é uma ilha” e essa máxima é confirmada pelo cantor e compositor Tom Jobim, quando diz que “é impossível ser feliz sozinho”. Os seres humanos precisam conviver em sociedade e criar vínculos fortes uns com os outros, porque a verdadeira amizade é mais profunda do que as pessoas imaginam: não é um relacionamento superficial, mas antes é construída à base de confiança, ou seja, lentamente.

Há muitas pessoas que buscam amizades, mas nessa busca não se importam com sentimentos alheios. Essa forma de procura por amigos é prejudicial porque é egoísta. Para ter amizades verdadeiras, as pessoas devem antes moldar-se para serem amigas, respeitando as outras pessoas, interessando-se por elas, e dessa forma descobrirão afinidades que as façam mais próximas umas das outras.

Há também quem queira manter-se longe de outras pessoas e não cultivar amizades com medo de ser magoado por alguém. Nos relacionamentos, as pessoas de fato discordam umas das outras, e isso pode acontecer em amizades verdadeiras também, mas se houver real interesse entre as partes envolvidas, as diferenças são superadas a fim de que haja a retomada da amizade e assim preserve-se também a qualidade nos relacionamentos.

Portanto, o preço a ser pago no desenvolvimento de relacionamentos entre as pessoas rende bons frutos, e cultivar amizades verdadeiras faz bem aos seres humanos. A criação de vínculos interpessoais ajuda o indivíduo a superar problemas e moldam-no para que se interesse por outras pessoas. A verdadeira amizade faz com que as pessoas superem as diferenças e busquem uma boa qualidade em seus relacionamentos.

LIÇÃO 19

Regras de ouro da escrita

1.

a. Sob estrelas que dão brilho à noite, digo que a vida é uma só.

b. Ao longo da semana, ondas quentes podem chegar a Goiás e Mato Grosso.

c. Depois de duas semanas de disputas, terminam hoje os Jogos Olímpicos de Pequim. E, como se esperava, os anfitriões traçaram nova geografia mundial do esporte. Superaram, pela primeira vez, a superpotência norte-americana no quadro geral de medalhas. O balanço das conquistas demonstra que, para a China, fazer um grande evento não era tudo. Precisava, também, mostrar a força da raça, o potencial da juventude e a competência do Estado na formação de atletas.

d. O crescimento do Produto Interno Bruto acima das expec- tativas deve ser comemorado. Ao mesmo tempo, visto como oportunidade de resolver problemas que põem em risco o círculo virtuoso. Os 6,1% de expansão do segundo trimestre de 2008, somados aos resultados dos três trimestres anteriores, mostram o melhor desempenho do PIB desde 1996. O percentual atingiu os 6%.

e. **Com os pés no chão**

O multilateralismo deixou de ser apenas questão de alternativa politicamente correta para os Estados Unidos. A arrogante postura de donos do mundo foi posta para fora da Casa Branca não só pela vontade pessoal do novo presidente. “Nosso poder sozinho não pode nos proteger, nem nos permite fazer o que bem desejarmos”, reconheceu Barack Obama no discurso de posse, com a honestidade e a humildade dos grandes estadistas. Sinal de que o legado dos oitos anos de George W. Bush serviu, ainda que por vias tortas, para ensinar dura lição à maior potência do planeta.

Obama foi além. Desfez a divisão do mundo em eixos do mal e do bem e se dispôs a estender a mão a todos, sem distinção, incluindo os mais radicais "se desejarem afrouxar o pulso". Com os olhos postos na história, lembrou que "gerações anteriores enfrentaram o fascismo e o comunismo não só com mísseis e tanques, mas com alianças vigorosas e convicções duradouras". Numa frase curta, em tom de recado, explicitou sua capacidade de enfrentar o terrorismo com sabedoria, não somente com a força bruta: "Os seus povos os julgarão com base no que podem construir, não no que podem destruir".

Grande orador, Barack Obama impressionou não pelo proselitismo, mas pelos argumentos convincentes, que pareciam aflorar espontaneamente da sua sólida formação, a mais sofisticada até aqui apresentada por um presidente norte-americano. Discursou como professor disciplinado e intolerante com erros históricos. Assim, juntou o imprescindível aceno de paz ao mundo a forte apelo pela "reconstrução da América". Não só daquela de Wall Street, arrasada pela maior crise econômica desde os anos 1930, mas também da de "antigos e verdadeiros" valores perdidos – trabalho, honestidade, coragem, tolerância, lealdade, patriotismo.

Com elegância, clamou por "nova era de responsabilidade", dando um puxão de orelhas nos concidadãos ao criticar a ganância e a irresponsabilidade que, segundo ele, levaram ao estouro da bolha imobiliária que mergulhou o país e o mundo numa falta de liquidez sem precedentes. Não se queixou da herança maldita, mas deu uma estocada no antecessor ("a hora de proteger interesses estreitos e adiar decisões desagradáveis, essa hora certamente passou") e apontou a "falha coletiva diante de decisões difíceis". O mea-culpa se completou com a questão ambiental, o mau uso da energia e o reconhecimento da necessidade de "reduzir o espectro do aquecimento global".

Barack Obama tem crédito para transpor as ideias do plano retórico ao prático. Quase 80% dos norte-americanos se manifestam otimistas, boas-vindas ecoam mundo afora, a natureza multicultural do presidente respalda o discurso multilateralista. Mas ele em si – faz questão de deixar isso claro – não é o remédio para os males que afligem os Estados Unidos. Conforme destacou nos 20 minutos da fala na posse, trabalho duro, com o comprometimento de todos, honestidade, coesão, compreensão e colaboração entre as nações são de fato imprescindíveis. Ainda assim, frisa com razão, será preciso tempo para reerguer o país. Estar com os pés no chão é o melhor começo.

2.

a. O leitor só consegue dominar determinado número de palavras antes que os olhos peçam pausa. Se a frase for muito longa, ele se sentirá perdido. Não poderá compreender-lhe o completo significado.
O leitor só consegue dominar determinado número de palavras antes que os olhos peçam pausa. Se a frase for muito longa, ele se sentirá perdido e não poderá compreender-lhe o completo significado.
b. Mulheres que trabalham nas mesmas condições de homens têm salários mais baixos que os deles. A razão: homens são maioria dos empregadores. As mulheres, por isso, acabam injustiçadas no mercado.
Mulheres que trabalham nas mesmas condições de homens têm salários mais baixos que os deles. Por quê? Homens são maioria dos empregadores e, por isso, mulheres acabam injustiçadas no mercado.
c. Saí correndo da festa como se estivesse atrasada. Deixei os amigos pensarem que eu passava mal e meu noivo curioso sobre qual seria o compromisso tão importante. Eram apenas 10h da noite.
Saí correndo da festa como se estivesse atrasada. Deixei os amigos pensarem que passava mal. Meu noivo ficou curioso sobre o compromisso tão importante. Eram apenas 10h da noite.

3.

Seu dia ontem

Ontem acordei por volta das 7h e segui para o trabalho. Lá, minha chefe pediu ajuda para conduzir a reunião de diretoria. Almoçamos juntas no restaurante vegetariano que fica perto do escritório. No fim da tarde, segui para casa e estudei por duas horas.

Sua cidade natal

São Paulo oferece grandes oportunidades, mas é preciso garra para aproveitá-las. Por um lado, há boas universidades, muitos empregos, importantes eventos culturais. Por outro, problemas de transporte, segurança e relacionamentos dificultam o dia a dia.

Seu futuro nos estudos

Nos próximos anos, pretendo estudar fora do Brasil. A experiência no exterior pode ser o melhor caminho para meu aperfeiçoamento profissional: valoriza o currículo e ajuda na busca de salários mais generosos.

LIÇÃO 20

Forma positiva e forma concreta

1.

a. Maria faltou à aula porque se sentiu mal pela manhã.
b. Fique atento para fazer bonito na prova.
c. O acusado mentiu no tribunal.
d. Participe do desfile.
e. O jogador mostra a felicidade por ter sido convocado.
f. José desconfia dos irmãos.
g. O doente dorme há três dias.

2.

Lembre-se: frases com palavras demais são incompreensíveis. Escolha palavras fáceis e comuns. Desacredite de quem diz que quanto maior é a redação maior é a nota. Use formas positivas nos textos. Assim, você atrai o leitor.

3.

a. Três estudantes universitárias chegaram à festa funk mais disputada do subúrbio do Rio. Depois de pegarem vodca, refrigerante e cerveja, desceram as escadas circulares. Na pista de dança, comandada por dois MCs, música e efeitos luminosos coloridos animavam a noite de Bangu.
b. Praias de areias brancas e águas transparentes embelezam o cenário do estado. Boas estradas, sinalizadas e sem buracos, facilitam a locomoção dos turistas, na maioria europeus. Noitadas de axé e samba encantam os visitantes, que atravessam o Atlântico em voos fretados.

LIÇÃO 21

Declarações

1.

a. “O governo está certo de que a crise mundial será uma marola no Brasil”, garantiu o presidente Lula.
b. “A polícia sabe onde a quadrilha está escondida”, informou o delegado João Alves.
c. Previu a vidente Mãe Leopoldina: “O ano terá mortes e mudanças econômicas”.
d. Ventos fortes devem atingir a Califórnia, com risco de furacões, alertou o meteorologista.
e. “Uma coisa eu peço”, rogou o padre Herculano. “Que Ele ilumine os estudantes na hora dos vestibulares e concursos.”

2.

> Diante da ameaça de surto na cidade, o médico José dos Santos alertou: “É preciso cuidado especial com idosos e crianças”. Ele alegou nunca ter visto tantos casos da doença surgirem em uma semana. “A prefeitura teme que a doença se alastre”, revelou. “Não temos leitos para mais pacientes.” Diante do perigo, o prefeito pediu a ajuda da população: “É preciso manter a calma e dirigir-se ao posto de saúde mais próximo em caso de febre ou mal-estar”.

3.

a. “Para manter uma lamparina acesa, temos de pôr óleo dentro dela constantemente”, ensinou Madre Teresa.

> “Para manter uma lamparina acesa”, ensinou Madre Teresa, “temos de pôr óleo dentro dela constantemente”.

b. Disse Francis Bacon: “Um homem sábio cria mais oportunidades do que as encontra”.

> “Um homem sábio”, disse Francis Bacon, “cria mais oportunidades do que as encontra”.

c. Jeanne-Marie Roland garantiu: “As pessoas que sabem se ocupar encontram tempo disponível enquanto as que nada fazem estão sempre com pressa”.

> “As pessoas que sabem se ocupar”, garantiu Jeanne-Marie Roland, “encontram tempo disponível enquanto as que nada fazem estão sempre com pressa”.

d. “Faça o que puder, com o que tiver, onde estiver”, aconselhou Theodore Roosevelt.

e. Como alertou Henry Ford, “ninguém pode construir uma reputação com base no que ainda vai fazer”.

LIÇÃO 22

Carícia nos ouvidos

1.

a. (X) O jeito foi guardar para depois os tíquetes do cinema e a pipoca.
b. (X) O chefe da Polícia Federal pediu cautela na busca de armas e na apreensão de drogas e dólares falsos.
c. (X) Minha esperança era vê-la alegre e livre da cadeira de rodas.
d. (X) A estrada parece perigosa e cheia de buracos e penhascos.

2.

a. Disputam os céus os pássaros e as potentes máquinas voadoras.
b. Foram convocados para o trabalho engenheiros e programadores de som e vídeo.
c. Estão na rota dos românticos Paris e a Veneza dos gondoleiros.
d. Ele pilota pequenos helicópteros e os mais potentes jatos.

3.

a. Eles exibem as qualidades do carro: beleza, arranque, espaço interno.
b. Na lista das mais belas cidades do mundo figuram Rio, Sydney e Paris.
c. Tecidos leves, estampas florais e cores fortes são destaques da moda verão.

LIÇÃO 23

Xô, eco

1.

a. Será um prazer reencontrar amigos tão queridos.
b. É a lembrança que chega ao coração dele.
c. A lava do vulcão assustou os paquistaneses.
d. Economista ressalta que a inflação não justifica os juros cobrados pelo banco.
e. Ela pressupõe que a preguiça nessa faixa etária não prejudica a maturidade.
f. Reeleito, o político disse que confiava na vitória ao disputar a prefeitura.
g. O suspeito escutou a gravação feita pela polícia e garantiu tratar-se de engano.

2.

Tudo será como antes

A julgar pela plataforma eleitoral dos candidatos a presidente da Câmara e do Senado, não haverá mudanças no estilo de administração das duas casas. Temas polêmicos, como terceirização de servidores, verbas indenizatórias, apartamentos funcionais, cargos comissionados, passaram ao largo do debate na campanha e na tevê. A negociação entre os partidos foi baseada em conchavo político, barganha eleitoral, troca de cargos por votos.

O assunto verba indenizatória – a que paga as despesas com locomoção, gasolina, consultorias, propaganda – silencia as duas casas. A transparência nessa questão é mínima. Senado e Câmara informam apenas o gasto individual dos parlamentares com cada um desses itens.

Seria mais útil saber quem recebeu o dinheiro. Isso permitiria a fiscalização da imprensa e, principalmente, dos eleitores. Em anos anteriores, deputados usaram a gasolina paga pela Câmara para abastecer veículos de suas empresas ou de eleitores. Os gastos com consultoria permanecem uma incógnita. Afinal, quanto custa a elaboração de projeto ou parecer? Tudo pode ser feito de forma correta, mas seria bom checar.

Caberá à imprensa, mais uma vez, fiscalizar a direção das duas casas. No ano passado, o Senado chegou a pôr na pauta a criação do bolsa-chefia, adicional para quem exerce função gratificada. Detalhe: esses servidores já recebem gratificação. O presidente da casa, Garibaldi Alves (PMDB-RN), recuou na última hora, pressionado pela mídia. Na Câmara, o presidente Arlindo Chinaglia (PT-SP) anunciou o benefício, mas também voltou atrás depois de bombardeio da imprensa. Uma coisa é certa: teremos muito trabalho.

LIÇÃO 24

Verbos-ônibus

1.

a. A avó contou histórias para os netos.
b. O homem cumpriu todas as tarefas do dia.
c. A menina enfrentou dificuldade nas provas.
d. O policial testemunhou o acidente.
e. A gerente garantiu que a promoção irá até amanhã.
f. Mulher deu à luz trigêmeos.
g. Deus criou tudo o que há na Terra.
h. Instale os fios nas ligações elétricas.
i. Prepare bolo com ovos bem frescos.
j. Presenciei cena desagradável na casa de minha irmã.
k. Segredos não devem ser revelados a ninguém.
l. Leve os joelhos ao queixo.
m. Os homens admiravam a beleza das mulheres na passarela.
n. Eu executo diariamente as minhas tarefas escolares.
o. Pendure as roupas no meu armário.
p. Eu já pedi, por favor, que saia daqui.
q. A professora explicou que verbos-ônibus devem ser evitados.

2.

a. O chefe afirmou que você pode ir embora.
b. Ele usufruiu só 20 dias de férias.
c. Maria penteou o cabelo para ir à festa.
d. Assista ao filme que está em cartaz nesta sala de cinema.
e. Por favor, jogue papéis no lixo.
f. Estou compondo uma música para a minha namorada.
g. Olhe para o lado e entenda o que se passa ao redor.
h. O açougueiro garantiu que é carne de primeira.
i. O fazendeiro possui 300 alqueires de terra.

LIÇÃO 25

Companhias amigas e inimigas

1.

a. (X) Escolha branco, marfim ou pêssego para pintar o quarto do bebê.
b. (X) O diretor da tevê selecionou programa informativo para as noites de domingo.
c. (X) O Ceará tem praias limpas, com água verde e areia branca.
d. (X) Ela escreve livros de suspense.
e. (X) A Seleção Brasileira é pentacampeã.
f. (X) O relatório mostra uma Amazônia preservada.

2.

a. De repente, os dois entraram na sala aos berros.
b. As notícias da crise são preocupantes.
c. Os resultados só dependem de você.
d. A internet caiu no gosto do brasileiro.
e. Português é minha matéria predileta na escola.
f. O jogador brasileiro não vai ficar fora do campeonato.

3.

Dubai vira paraíso de arquitetos e endinheirados

Para arquitetos, Dubai é paraíso no deserto. Dinheiro para projetos arrojados e de última geração não falta. A cidade é quase toda canteiro de obras. Entrecortada por largas avenidas, Dubai é um dos sete emirados árabes reunidos desde 1971, dois anos depois da descoberta de petróleo na região. Emirado é um Estado governado por emir, título de soberanos muçulmanos.

Com a riqueza do petróleo, os dirigentes estão fazendo do antigo e modesto posto de mercadores endinheirado centro de comércio e turismo no Oriente Médio. Construíram e financiaram edifícios e hotéis cinco estrelas, lançaram competições esportivas internacionais e criaram áreas para visitantes. Aos turistas à procura de novas emoções, oferecem esqui na neve com temperatura externa que beira os 50 graus ou passeios em dunas do deserto para usufruir a hospitalidade dos beduínos. (*Folha de S.Paulo*, com adaptações)

LIÇÃO 26

Os indesejados

1.

a. Depois de sofrer contusões, o presidente Lula preferiu apitar partidas de futebol em vez de jogar.
b. Artigo indefinido que ocupe espaço desnecessário deve ser retirado da frase com grande urgência.
c. Ele precisava de apenas uma chance para descobrir onde os amigos tinham guardado documentos importantes.
d. Bombons e balas a mais tiram qualquer um da dieta.

2.

(X) Ele costuma quebrar uns galhos para os amigos.
(X) Chapeuzinho Vermelho colhia umas frutas quando viu o lobo.
(X) Ela é uma doceira de mão cheia.

3.

A hora da verdade

A posse de Barack Obama ocorre cercada de expectativas inéditas na história recente dos Estados Unidos. Eleito sob o signo da mudança, o novo presidente promete guinada de 180 graus na visão de mundo da maior potência do planeta. Fato de relevância universal é a admissão de que as alterações climáticas decorrem das obras do homem. Podem, por isso, ser contidas. Passando das palavras aos atos, ele nomeou equipe de alto nível para cuidar do assunto.

Com a medida, acendeu as esperanças de que providências serão tomadas contra a emissão de gases que envenenam o meio ambiente.

Obama terá de corrigir os estragos feitos pelo antecessor que deixaram marcas difíceis de apagar em quatro anos de mandato. George W. Bush pisou a ordem internacional representada pela ONU. Impôs o poder militar americano como instrumento para criar regras em que Washington figurava como dono do campinho e da bola.

Deu no que deu. O país se afundou no lamaçal do Iraque, gerou espírito antiamericano jamais visto e acendeu onda de terrorismo que assusta os cinco continentes.

A doutrina dos “ataques preventivos” de Bush comprometeu profundamente a imagem dos Estados Unidos. Admirado como defensor dos direitos humanos e direitos individuais arduamente conquistados, o país passou a ser visto como vilão das liberdades. Obama terá de dar respostas capazes de recompor a reputação nacional. Promete fechar a prisão de Guantánamo, em Cuba, retirar paulatinamente as tropas do Iraque e pôr fim à prática de espionar cidadãos norte-americanos.

Um governo que se diz de mudanças precisa apresentar respostas novas para velhos conflitos. Entre eles, a criação do Estado palestino, a solução diplomática para o programa nuclear iraniano, a revisão do bloqueio a Cuba, a guerra do Afeganistão. Obama, ao contrário de Bush, sabe que necessita de aliados. Precisa reconstruir as pontes com a comunidade internacional para buscar saídas sustentáveis e inovadoras. O respaldo da ONU e da União Europeia faz parte da visão de mundo proposta pelo presidente que comandará a Casa Branca a partir de hoje.

Ao mesmo tempo em que se vê diante de pauta recheada de desafios externos, Obama tem de fazer frente a desafio interno sem precedentes nos últimos 60 anos. A crise financeira que nasceu nos Estados Unidos e se espalha mundo afora quebra empresas, rouba empregos, aumenta a pobreza, põe em risco poupanças e aposentadorias. Contê-la será a principal ocupação do democrata neste primeiro ano de governo.

LIÇÃO 27

Seu? De quem?

1.

a. (X) Lula garantiu aos parlamentares que o esforço deles levaria à aprovação da Reforma da Previdência.
b. (X) “Saia logo daí”, disse Marcos ao irmão.
c. (X) Para os soldados, o esforço deles fará o país vencer a guerra.
d. (X) Este capítulo é tão importante para os alunos que as questões dele serão matéria de prova.

2.

a. Marcos feriu o joelho esquerdo no jogo contra os irmãos.
b. O padre lembrou às paroquianas que devem levar os filhos à missa.
c. Calçou os sapatos e saiu.

3.

No primeiro dia de trabalho, a secretária não gostou da mesa e da cadeira. A desilusão seguinte veio com a chegada do chefe, que não lembrava mais o nome dela. E se passara apenas um dia da entrevista de admissão. O desagrado não parou por aí. Os colegas chegaram e sequer deram bom-dia.

LIÇÃO 28

O mal-amado

1.

a. O motorista do ônibus foi atingido por uma bala perdida.
b. Essas são as ferramentas à disposição de todos.
c. Os cachorros, tidos como os melhores amigos do homem, ganharam centros de estética.
d. A dançarina não foi reconhecida pelo público.
e. Mônica, criada há mais de 30 anos por Mauricio de Sousa, ainda encanta as crianças.
f. Ninguém esperava o conserto do violino.
g. Todos souberam do vexame de Maria.
h. Ela quer que o vendedor lhe dê razão.
i. Depois do jantar, seguirei para o aeroporto.
j. A mãe do acusado garante: vai procurar provas que o inocentem.
k. Ele é o homem que dizem ser o pai da criança.

2.

Depois da chegada da família, Madalena não teve mais sossego. Sempre dizia ter saudade, mas mudou de ideia na primeira confusão. A sogra, fofoqueira e brigona, não perdeu tempo. Uma semana depois da chegada, estava famosa no bairro. Nem o padre, quase um santo, aguentou os desaforos ditos por ela.

LIÇÃO 29

Dizer o que é sem tirar nem pôr

1.

a. Democracia é sistema de governo em que o povo escolhe representantes ou participa diretamente.

b. Educar é promover o desenvolvimento moral, intelectual e físico.

c. Sociedade é o conjunto de pessoas ou animais que vivem em grupos organizados.

d. Ecossistema é o conjunto das relações de interdependência dos seres vivos com o meio ambiente.

2.

a. Chega o verão e, com ele, o perigo de mais um surto de dengue. Transmitida por mosquito, a dengue é doença infecciosa causada por arbovírus. Ocorre principalmente em áreas tropicais e subtropicais do mundo, o que inclui o Brasil. Por isso, impõem-se medidas contra o contágio.

b. Os brasileiros aprenderam a não se expor ao sol como antes. Fogem dos horários de pico de calor nas praias. Mas derrapam na hora de escolher o protetor solar. Marcas, preços e números se misturam na cabeça do consumidor, que ainda não entende bem o que é fator de proteção solar. Chamado de FSP ou FS, ele é o índice que determina o tempo que se pode permanecer ao sol sem que a pele fique vermelha. Ou seja, indica o nível de proteção que um produto oferece contra os raios ultravioletas (UV).

LIÇÃO 30

Lé com lé, cré com cré

1.

a. (X) Os trabalhadores precisam assegurar o poder de compra dos salários e a garantia das conquistas trabalhistas.
b. (X) A escassez de água pode levar à morte populações inteiras e à formação de bolsões de aridez no planeta.
c. (X) Para muitos educadores, a escola tem como objetivos ensinar conteúdos e indicar caminhos para o desenvolvimento da cidadania.
d. (X) Os ambientalistas querem que a Amazônia tenha mais policiamento e o restante da mata atlântica seja preservado.
e. (X) Os países da Europa esperam o fim das turbulências na economia americana e a retomada das exportações.

2.

a. Estudantes pedem fim da grave e revisão das notas.
b. Previsão é que faça sol à tarde e chova à noite.
c. Ele deseja comprar um par de tênis e ter dinheiro também para os presentes.
d. A vida parecia mar de rosas e eterno festejar.

3.

a. (X) O presidente reafirmou que tem missão a cumprir e (que) vai aprovar as reformas este ano.
b. (X) Representantes da ONU querem que seja assinado acordo de paz e que árabes e judeus garantam a execução.
c. (X) É melhor que seja feito levantamento dos bens e (que) a partilha demore poucos meses.
d. (X) Eleições garantem que a democracia continue e (que) o povo seja legitimamente representado.

4.

a. Prefira boas recordações. Lembrar-se de que o irmão peque- no brigava e (que) o primo era chato demais ocupa o mesmo espaço na mente e no coração que se lembrar das festas em família, dos Natais com brinquedos novos e das primeiras namoradas. Não esqueça que o tempo passa rápido e (que) a vida é uma só.

b. É inadmissível que torcidas continuem em guerra dentro e fora dos estádios. As polícias precisam de atitudes definitivas, tendo em vista que o futebol deve continuar e (que) cada vez menos torcedores legítimos vão aos jogos. Brigas são causadas por baderneiros que fazem de torcedores vítimas e (que) acabam não identificados.

LIÇÃO 31

Casaizinhos fiéis

1.

a. A loja funcionadas 8h às 22h.
b. De segunda a quinta, o rodízio é mais barato.
c. Foi de Paris a Madri de carro.
d. O preço do quilo do pãozinho varia de R$ 5,00 a R$ 6,00.
e. Leu da página 25 à 70 em algumas horas.
f. Trabalha de segunda a sexta, das 9h às 13h e das 15h às 19h.

2.

a. A viagem foi longa, de 10 de maio a 25 de junho. Mas valeu a pena. Conhecemos a Europa de norte a sul. Começamos por Portugal e de lá fomos à Itália. Alugamos um carro para irmos de Roma a Paris. Depois disso, foram muitos voos, alguns da meia-noite às 5h porque são mais baratos. Assim, cruzamos vários países e chegamos à Dinamarca.
b. O tempo de funcionamento das padarias é longo. Os padeiros chegam às 3h e assam a última fornada entre as 20h e as 21h. Nesse período, produzem de pães a sofisticadas receitas francesas. O público, que varia de 500 a 800 clientes por dia, come muito. São gastos mais de 300 quilos de farinha na produção. A padaria funciona, nos dias úteis, de segunda a sexta, das 5h às 22h, e, nos fins de semana, das 6h às 20h.

LIÇÃO 32

Cruzamentos sintáticos

1.

a. (X) À medida que avança na dieta, Maria perde peso, pratica mais esportes e se alimenta com moderação.
b. (X) A água do planeta segue ameaçada na medida em que o desperdício ainda é hábito da população.
c. (X) Ela estuda mais à medida que o exame se aproxima.
d. (X) Um país torna-se sustentável à medida que necessidades do povo podem ser supridas por produção e exportação de bens e serviços.
e. (X) A gripe dos idosos foi controlada na medida em que o governo ofereceu vacina gratuitamente.

2.

a. À medida que a obra andava, era mais fácil ver como a casa seria.
b. A empresa construiu soluções na medida em que acreditou no potencial dos funcionários.
c. O mundo acordou para a importância da preservação do planeta na medida em que o aquecimento global se tornou perceptível em diversos pontos do globo.
d. À medida que o buraco na camada de ozônio ia aumentando, pessoas sentiam na pele o perigo que vem dos raios solares.
e. Eles decidiram casar-se na medida em que viver separados custava mais que juntar os trapos.

3.

a. (X) Seja na segunda, seja na quarta, o teste será aplicado.
b. (X) Quer faça sol, quer chova, o mercado fica lotado aos sábados.
c. (X) Ora com o marido, ora com o amante, a personagem desfila serenamente pelos capítulos do romance.
d. (X) Ou com ele, ou sem ele, o time vai entrar em campo para vencer de goleada.

4.

a. Seja em São Paulo, seja no Rio, as questões de segurança pública preocupam.
b. (Ou) em setembro, ou em outubro chuvas chegam e põem fim à seca no Centro-Oeste.
c. Quer você queira, quer não, o casamento dos dois é certo.
d. Ora loira, ora morena, ela sempre ganha os melhores papéis de Hollywood.

LIÇÃO 33

Enumeração paralela

1.

a. (X) São funções do Banco Central:
   1. emitir moeda; e
   2. fiscalizar o sistema financeiro.

d. (X) As medidas do governo federal querem garantir geração de empregos, elevar os índices de estabilidade e aumentar a renda média do trabalhador.

e. (X) Desejo aos noivos amor eterno, saúde para gozar uma vida de felicidade e fartura na manutenção da família.

2.

a. O uso inadequado da água está ligado a fatores como construções irregulares, falta de planejamento das cidades e pouca consciência das reais necessidades de consumo. Por a água ter sido vista durante muito como um bem infinito, populações não tiveram educação para utilizá-la racionalmente. A correção do erro será feita nas próximas décadas: racionalização e reaproveitamento.

b. Um bom dia deve ter refeições saudáveis. Pela manhã, consuma frutas e laticínios. No almoço, coma proteínas, amido, verduras e frutas. Lembre-se dos cereais e de mais frutas e laticínios à tarde. Faça refeição leve à noite. Assim, você garante diversidade, equilíbrio e boa forma.

c. Quer fundar um grupo de estudos? A receita é fácil. Reúna-se com amigos comprometidos que gostem de leitura e debates. Evite os que adoram arrumar confusão. Eleja um tema que agrade a todos. Marque reuniões semanais ou quinzenais e forme grupo para conversas na internet. A cada encontro, um membro fica encarregado de propor a leitura e dirigir a reunião posterior. Está pronto o trabalho que certamente levará alegria e conhecimento aos envolvidos.

LIÇÃO 34

Os fora de moda

1.

a. Os bombeiros trabalham no resgate das vítimas.
b. Sob sol forte, governantes visitaram a megaobra.
c. Os alunos iniciaram o ano letivo.
d. Pediu licença para uma crítica.
e. A Polícia Federal pôs fim a quadrilha internacional de traficantes.
f. Ele fez mais um gol e concluiu a participação vitoriosa no campeonato.

2.

O Brasil esbanja beleza. Mesmo quem não procura sol e praia, encontra diversão e lazer no país. Turistas têm à disposição eventos culturais, parques e aventuras instigantes. Os vizinhos argentinos foram os maiores fregueses por anos. Quando atravessaram a crise financeira, escolheram novos roteiros. O Ministério do Turismo não perdeu tempo e buscou outros mercados. Europeus e norte-americanos descobriram nossos paraísos. O turismo viveu outra boa fase. Agora, a crise mundial preocupa hoteleiros.

Bibliografia

BOTOMÉ, Silvio P.; GONÇALVES, Célia Maria C. *Descubra um novo autor*: você.São Paulo: Brasiliense, 1993.

EMEDIATO, Wander. *A fórmula do texto*. São Paulo: Geração, 2004.

GARCEZ, Lucília H. do Carmo. *Técnica de redação*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

SQUARISI, Dad. *Mais dicas da Dad*. São Paulo: Contexto, 2003.

_______; SALVADOR, Arlete. *Escrever melhor*. São Paulo: Contexto, 2008.

_______; _______. *A arte de escrever bem*. São Paulo: Contexto, 2004.

As autoras

Dad Squarisi

É editora de Opinião do *Correio Braziliense*, comentarista da TV Brasília e professora de edição de textos do Centro Universitário de Brasília. Assina a coluna Dicas de Português, publicada em 15 jornais do país. Formada em Letras pela Universidade de Brasília, tem especialização em Linguística e mestrado em Teoria da Literatura. Foi professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira em todos os níveis de ensino. Lecionou as mesmas disciplinas em centros de estudos brasileiros no exterior e no Instituto Rio Branco (MRE). Consultora do Senado Federal, redigiu discursos e textos legislativos. É autora de *Dicas da Dad*, *Mais dicas da Dad*, *A arte de escrever bem* e *Escrever melhor* (os dois últimos com Arlete Salvador), todos pela Contexto.

Célia Curto

Jornalista formada pela PUC-SP em 1989, trabalhou nas redações dos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Correio Braziliense*, na revista *Época*, na *Rádio Eldorado* e em diversos portais. Fez reportagens em mais de trinta países e coordenou equipes de jornalismo. Dedica-se à comunicação aplicada à educação no Colégio Ciman, ministra aulas universitárias de redação, edição e outras disciplinas técnicas em Jornalismo na Faculdade Anhanguera, edita sites do Sebrae e textos para impressos.

PORTUGUÊS

Morfologia – Verbos

Emprego do Infinitivo (Impessoal e Pessoal)

Prof.ª Isabel Vega

Emprego do Infinitivo (Impessoal e Pessoal)

I – IMPESSOAL → Empregado quando a ação é tomada em sentido geral, ou seja, sem que recaia sobre um sujeito específico, equivalendo ao substantivo.

Ex.: Comer menos ajuda a emagrecer.

O comer menos ajuda a emagrecer.

O ato de comer menos ajuda a emagrecer.

Emprego do Infinitivo (Impessoal e Pessoal)

II – PESSOAL → Empregado quando há sujeito expresso ou subentendido. Constitui oração subordinada reduzida.

Ex.1: João está muito gordo e precisa emagrecer.
[Comer menos] [vai ajudá-lo].
↳ Sujeito oracional ↳ Oração principal

Ex.2: [É importante] [estudarmos com afinco].
↳ O.Principal ↳ O.S.Subst.Reduzida

[É importante] [que estudemos com afinco].
↳ O.Principal ↳ O.S.Substantiva

Emprego do Infinitivo (Impessoal e Pessoal)

Ex.3: [Ao chegar], [tocou a campainha].
↳ O. Sub. Adv.Reduzida ↳ O.Principal

[Quando chegou], [tocou a campainha].
↳ O. S. Adverbial ↳ O.Principal

III - LOCUÇÃO VERBAL → Equivale ao gerúndio; é mais usado em Portugal.

Ex.: Todos estavam a admirar o espetáculo.

Todos estavam admirando o espetáculo.

IV – FLEXÃO DO INFINITIVO

A) Com o sujeito expresso, a flexão é obrigatória.

Ex.: Os pais têm medo de os filhos sofrerem.

B) Com o sujeito em elipse, a flexão é facultativa.

Ex.: Todos têm medo de sofrer.
Todos têm medo de sofrerem.

C) Com sentido de gerúndio, a flexão é facultativa.

Ex.: Os vizinhos estavam a comer no quintal.
Os vizinhos estavam a comerem no quintal.

Concordância Verbal

Parte I

NOVO Curso Completo de Português – Específico Saúde
www.romulopassos.com.br

Os hospitais universitários **representam** uma nova oportunidade na área da saúde.

Os brasileiros **estão** insatisfeitos com os servidos públicos.

O verbo concorda com o seu sujeito

Eles **foram** aprovados porque **acreditaram** que isso seria possível, que **eram** capazes, e **estudaram** bastante para que a aprovação acontecesse.

Glaucio Giscard Ribeiro Coutinho - 055.032.437-22

(Téc. em Enfermagem, HU-UFJF-2015 |AOCP)

01. Em “Os pesquisadores chegaram à conclusão de que, quando as pessoas recebem um papel que lhes dá poder, mas não têm o respeito que normalmente o acompanha...”, o termo destacado recebeu acento diferencial para

(A) concordar com “os pesquisadores”.
(B) concordar com “as pessoas”.
(C) Marcar o tempo verbal no pretérito do indicativo.
(D) atender à regra das paroxítonas.
(E) atender à regência do nome “poder”.

Quem não têm o respeito? ________

“quando __________(...) não têm o respeito”

GRA GERAL DE
NCORDÂNCIA

SUJEITO SIMPLES

Verbo concorda com o núcleo do sujeito em número e pessoa

“As pessoas não ________ o respeito.” (verbo TER)

Presente do Indicativo **VERBOS** **TER/VIR/VER** **+ derivados**	**TER** **Ele Tem** **Eles Têm**	**VIR** **Ele Vem** **Eles Vêm**	**VER** **Ele Vê** **Eles Veem**
	DETER **Ele Detém** **Eles Detêm**	**INTERVIR** **Ele Intervém** **Eles Intervêm**	**OBTER** **Ele Obtém** **Eles Obtêm**

(Enfermeiro, HU-UFSM-2014 |AOCP)

02. “Crianças que possuem demais sofrem do mesmo mal do adulto obrigado a fazer escolhas em demasia todos os dias, não valorizam o que têm, perdem tempo e sentem-se perdidas”.
No excerto acima, o termo destacado recebeu acento circunflexo para

(A) atender à regência do verbo valorizar.
(B) concordar com o nome “escolhas”.
(C) concordar com o nome “adulto”.
(D) atender à regência do nome “demasia”.
(E) concordar com o nome “Crianças”.

Quem não valorizaM o que TÊM?

“_______não valorizam.

(EBSERH/SEDE/IADES)

03. Com base na norma culta padrão, julgue a afirmativa seguinte.

Em "... a redução do número de casos registrados em território nacional caiu...", o verbo poderia ser substituído pela forma caíram para concordar em número e pessoa com "casos registrados".

VERBO CONCORDA COM O SUJEITO

O problema é que temos vários tipos de sujeito, logo várias hipóteses de concordância verbal.

Estou com vocês e não abro.

Marcos e Bia foram ao cinema.

Comemorou/comemoraram o aluno e o professor.

A disciplina, o planejamento e a determinação acompanha/acompanham os vencedores.

Faz 3 anos que espero o seu pedido de casamento.

A maioria dos candidatos não estuda/estudam.

Glaucio Giscard Ribeiro Coutinho - 055.032.437-22

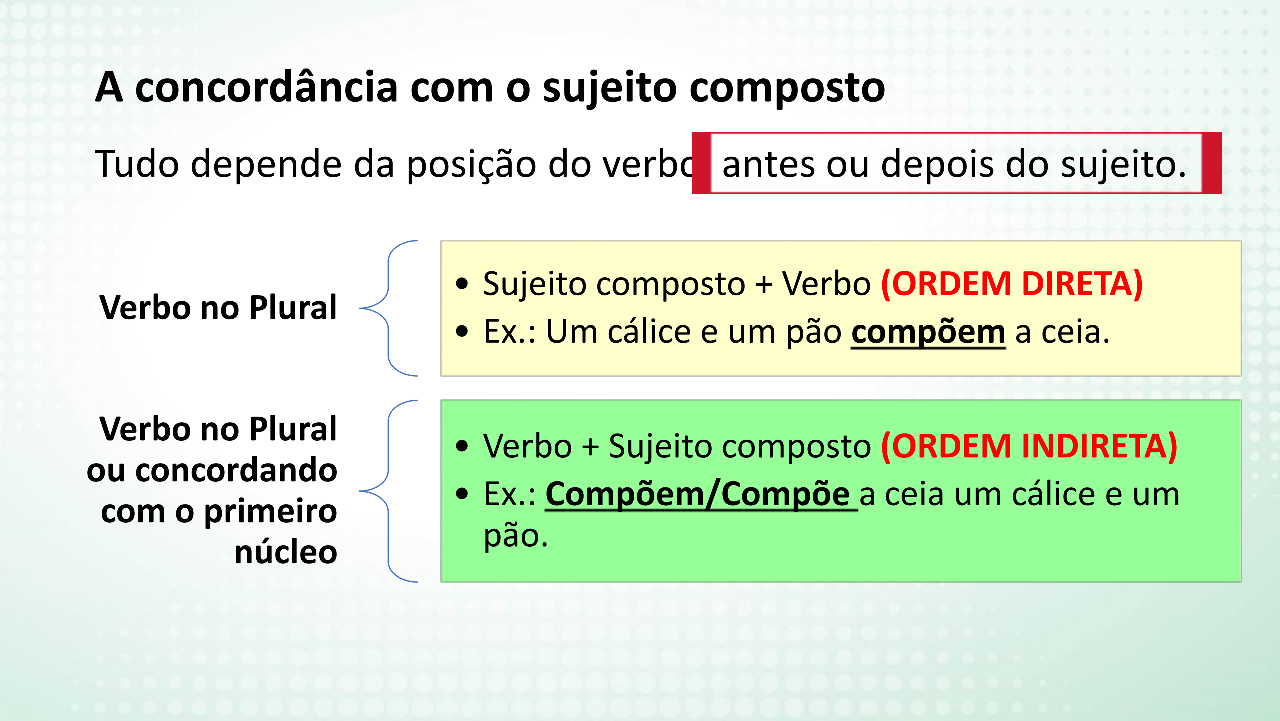

A concordância com o sujeito composto

Tudo depende da posição do verbo antes ou depois do sujeito.

Verbo no Plural

- Sujeito composto + Verbo **(ORDEM DIRETA)**
- Ex.: Um cálice e um pão **compõem** a ceia.

Verbo no Plural ou concordando com o primeiro núcleo

- Verbo + Sujeito composto **(ORDEM INDIRETA)**
- Ex.: **Compõem/Compõe** a ceia um cálice e um pão.

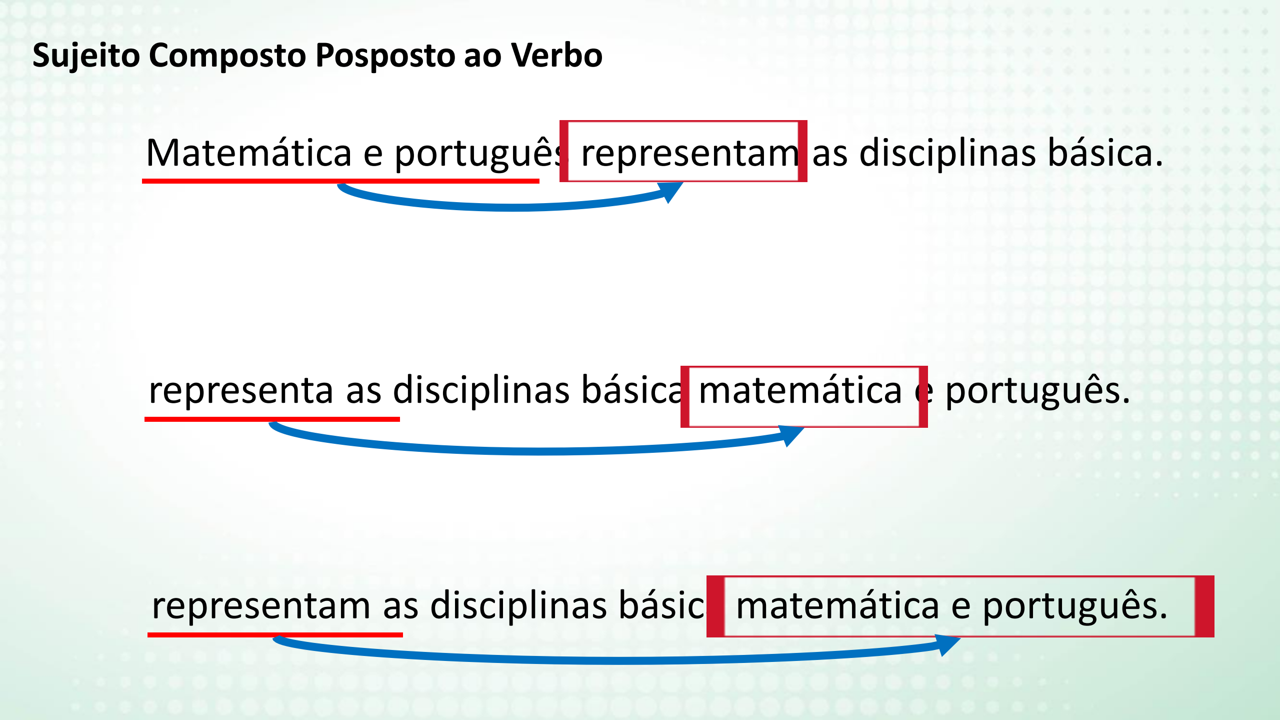

Sujeito Composto Posposto ao Verbo

Matemática e português representam as disciplinas básica.

representa as disciplinas básica matemática e português.

representam as disciplinas básic matemática e português.

Sujeito Composto	**1. Sujeito Composto Posposto ao Verbo**
	Pagam/paga impostos trabalhador e patrão.
	2. Sujeito Composto formado por pessoas distintas
	Eu, tu e ele **iremos** ao teatro nas férias. **(NÓS)**
	Tu e ele **irão/ireis** ao teatro nas férias. **(VOCÊS/VÓS)**
	Eu + alguém => O verbo concorda com o pronome NÓS
	Tu + alguém=> O verbo concorda com o pronome VÓS/VOCÊS

AOCP - PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMAÇARI - ADMINISTRADOR

05. O fragmento em que é possível haver uma concordância verbal diferente da apresentada é

(A) “...mas se abram horizontes reais...”
(B) “...acabem as gigantescas negociatas...”
(C) “Que sobrevenham ordem e paz.”
(D) “...não aos corruptos às vezes condenados...”
(E) “...não se absolvam os mensaleiros...”

Prof. RÔMULO PASSOS

Foco nos estudos!

Concordância Verbal

Parte II

Professor Ciro Passos

Glaucio Giscard Ribeiro Coutinho - 055.032.437-22

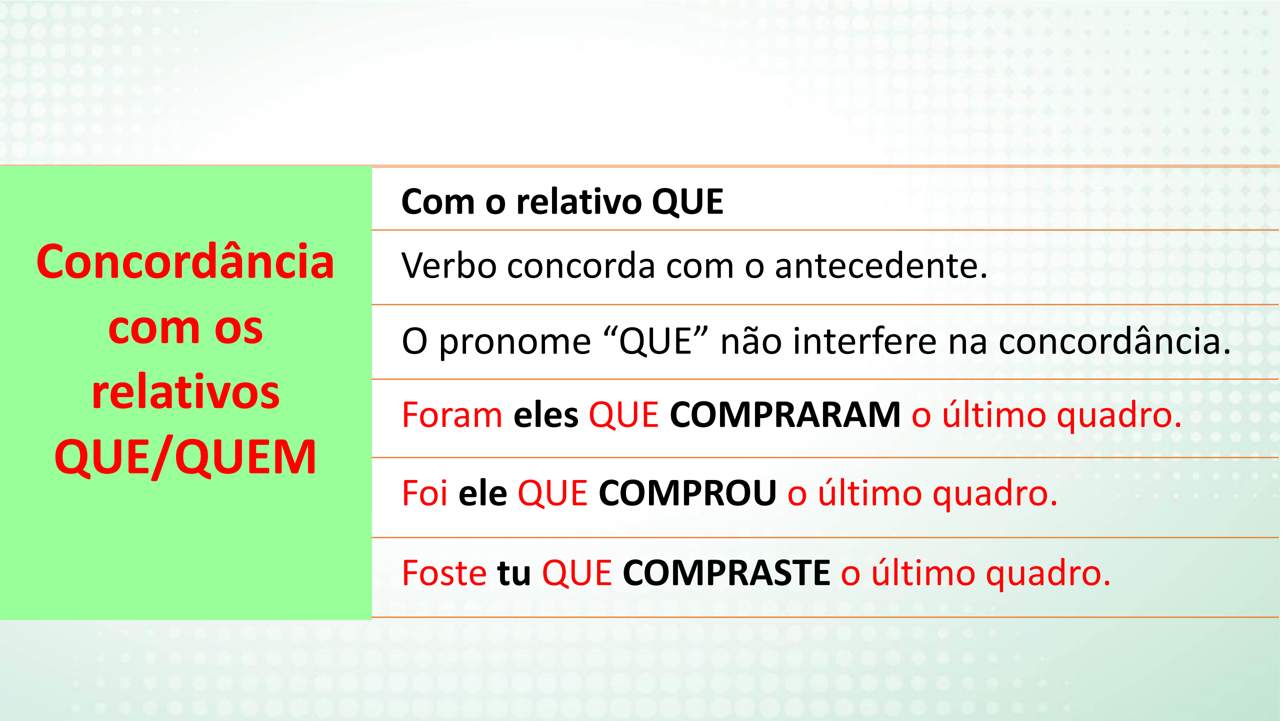

Concordância com os relativos QUE/QUEM

Com o relativo QUE

Verbo concorda com o antecedente.

O pronome “QUE” não interfere na concordância.

Foram **eles** QUE **COMPRARAM** o último quadro.

Foi **ele** QUE **COMPROU** o último quadro.

Foste **tu** QUE **COMPRASTE** o último quadro.

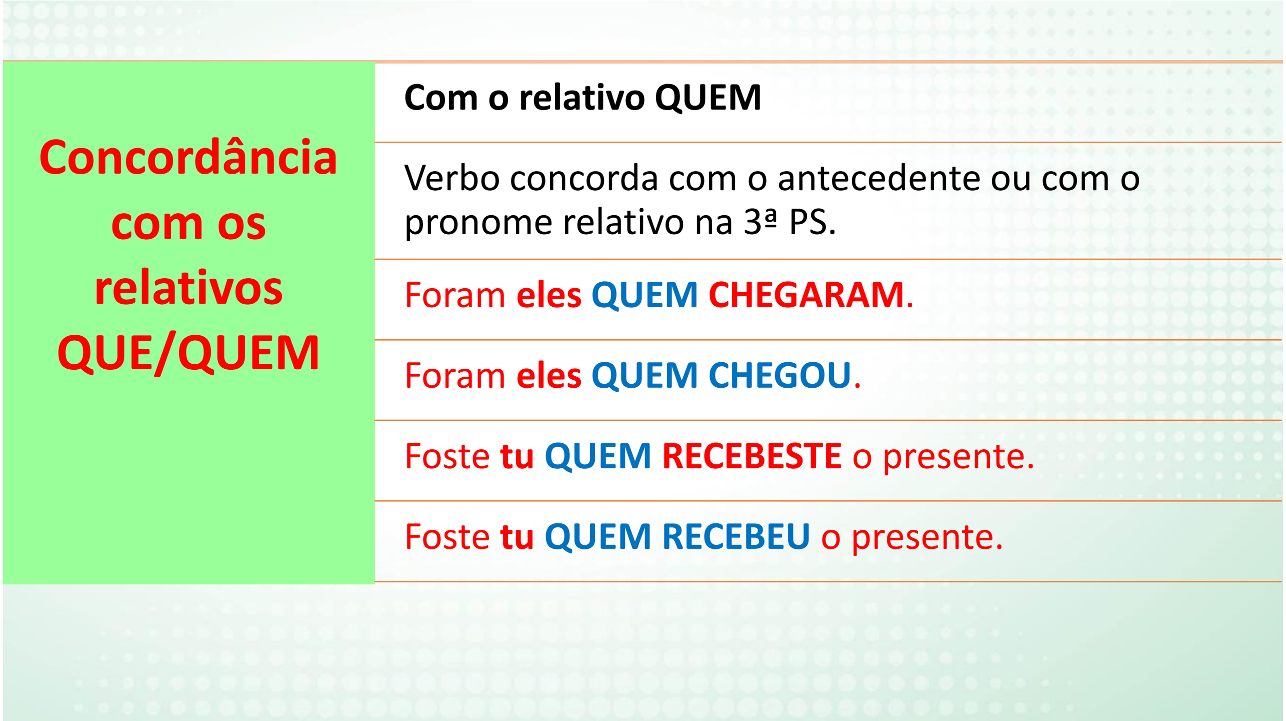

Concordância com os relativos QUE/QUEM

Com o relativo QUEM

Verbo concorda com o antecedente ou com o pronome relativo na 3ª PS.

Foram **eles QUEM CHEGARAM**.

Foram **eles QUEM CHEGOU**.

Foste **tu QUEM RECEBESTE** o presente.

Foste **tu QUEM RECEBEU** o presente.

Concordância com os relativos QUEM

Foram os mais perseverantes QUEM venceram.

Foram os mais perseverantes QUEM venceu.

---

3. Sujeito composto formado por elementos em gradação.

Verbo concorda com o sujeito composto (plural) ou com o núcleo do sujeito mais próximo.

Um drible, uma chapéu, mais um drible **DEIXARAM** no chão o adversário.

Um drible, uma chapéu, **mais um drible** **DEIXOU** no chão o adversário.

3. Sujeito composto formado por elementos sinônimos.

TANTO FAZ (Singular ou Plural)

Alegria, felicidade, comemoração INVADIRAM/INVADIU o seu coração após o resultado.

Sujeito Fracionário

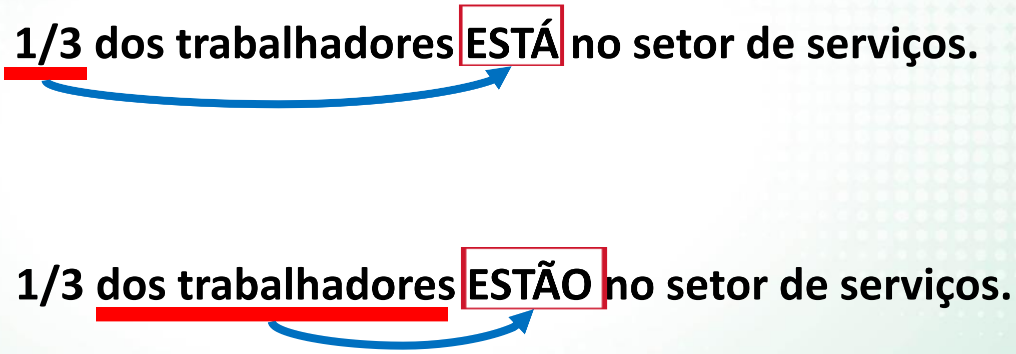

1/3 dos trabalhadores ESTÁ no setor de serviços.

1/3 dos trabalhadores ESTÃO no setor de serviços.

Glaucio Giscard Ribeiro Coutinho - 055.032.437-22

Tanto Faz

Sujeito Fracionário

Concorda com o numerador ou com o complemento

1/3 dos trabalhadores **TEM/TÊM** empréstimo consignado.

3/5 do Congresso **ESTÃO/ESTÁ** na oposição.

100% da equipe **ESTÃO/ESTÁ** confiante.

1,3% das famílias não **POSSUI/POSSUEM** geladeira.

3/5 dos impostos **FICAM** com a União.

1/6 da arrecadação **DESTINA-SE** aos municípios.

Tanto Faz

Um e outro, nem um nem outro

Nenhum nem outro **CHEGOU/CHEGARAM**.

Uma e outra empresa envolvidas **SERÁ/SERÃO** punida(s).

Sujeito ligados pela conjunção OU	**Ideia de exclusão**
	O verbo ficará no singular
	Flamengo ou Vasco **ganhará** o campeonato.
	Sem ideia de exclusão
	TANTO FAZ - singular ou plural
	Flamengo ou Vasco será/serão rebaixados.

Concordância Verbal

Parte III

Professor Ciro Passos

Glaucio Giscard Ribeiro Coutinho - 055.032.437-22

Sujeito partitivo

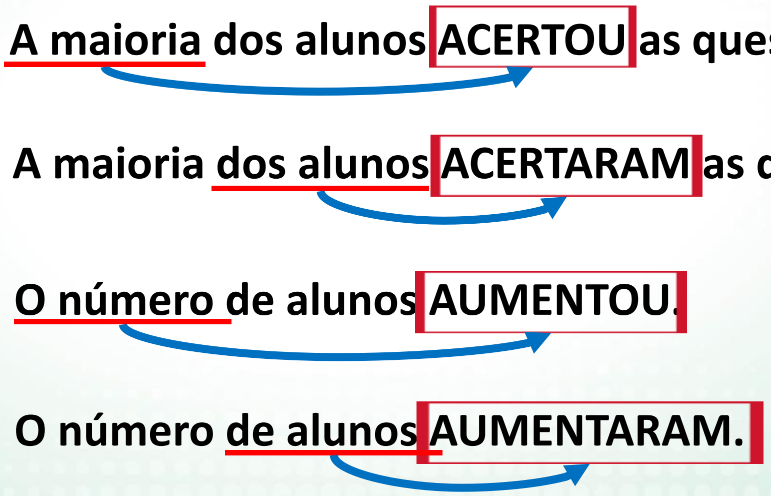

A maioria dos alunos ACERTOU as questões.

A maioria dos alunos ACERTARAM as questões.

O número de alunos AUMENTOU.

O número de alunos AUMENTARAM.

Tanto Faz	**Sujeito partitivo**
	"A maioria de", "a maior parte de", "grande número de" + "nome no plural"
	A maioria dos convidados **COMPARECEU/COMPARECERAM**.
	Grande parte dos brasileiros **ACREDITA/ACREDITAM** em dias melhores.
	Não confundir com o adjunto adnominal
	A quantidade de rebeliões **AUMENTOU**.
	O número de analfabetos **DIMINUIU.**

(Advogado, HU-UFPEL-2015 |AOCP)

06. Em “A maioria dos outros experimentou o primeiro cigarro antes dos 26”, o verbo em destaque

(A) deveria estar no plural para concordar com o sujeito “outros”.
(B) está no plural por concordar com “outros”.
(C) deveria estar no singular para concordar com “maioria”, mas não está.
(D) está no singular por concordar com “maioria”.
(E) está conjugado no tempo presente do indicativo.

(Enfermeiro, HU-UFMA-2015 |AOCP)

07. Em relação à oração: “... a área do cérebro responsável pelo movimento dos dedos se expande nos pianistas.”, podemos afirmar que

(A) O verbo “expande” deveria estar conjugado na 3ª pessoa do plural “expandem” para concordar com “dedos”.
(B) A expressão “do cérebro” é uma adjunto adverbial.
(C) O verbo “expande” está conjugado na terceira pessoa do singular para concordar com “a área do cérebro”.
(D) O verbo “expande” deveria estar conjugado na 3ª pessoa do plural “expandem” para concordar com “pianistas”.
(E) A palavra “cérebro” está acentuada por tratar-se de uma paroxítona terminada em “o”.

Glaucio Giscard Ribeiro Coutinho - 055.032.437-22

Um dos que

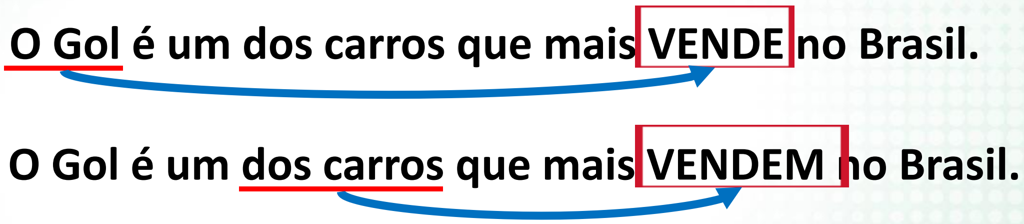

O Gol é um dos carros que mais VENDE no Brasil.

O Gol é um dos carros que mais VENDEM no Brasil.

Tanto Faz	**Um dos que**
	Verbo no plural (corrente predominante), porém admite-se o verbo no singular.
	Mariana é uma das atletas que mais **GANHOU/GANHARAM** medalhas.
	O Brasil é um dos países que mais **ARRECADA/ARRECADAM** impostos.

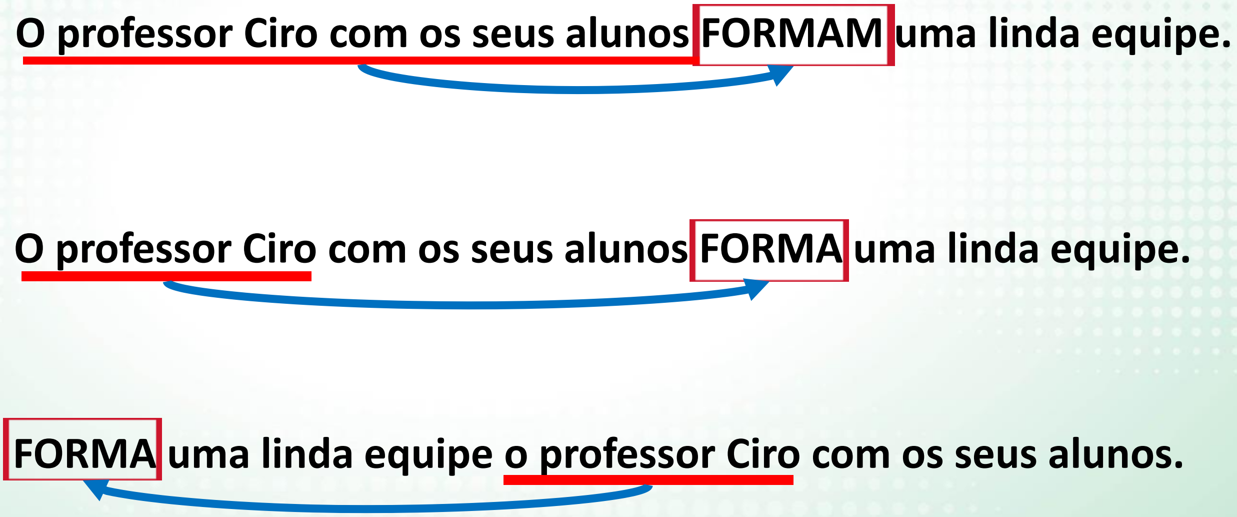

O professor Ciro com os seus alunos **FORMAM** uma linda equipe.

O professor Ciro com os seus alunos **FORMA** uma linda equipe.

FORMA uma linda equipe o professor Ciro com os seus alunos.

Tanto Faz	**Sujeito composto com os núcleos ligados pela preposição com**
	Verbo no plural ou concordando com o primeiro núcleo.
	O diretor com os seus auxiliares **DIVULGARÃO/DIVULGARÁ** o filme.
	CUIDADO! Períodos iniciados pelo verbo – concordância com o primeiro núcleo.
	Divulgará o filme o diretor com os seus auxiliares.

Aposto Resumidor	**(Tudo, nada, ninguém, alguém, todos, isso, aquilo etc)**
	O verbo concorda com o aposto resumidor.
	Dinheiro, fama, carros, **NADA** o **FAZIA** feliz.
	Católicos, evangélicos, budistas, **NINGUÉM É** dono da verdade.

Conectivos Correlatos	**(assim … como, não só … mas também, tanto … como)**
	O verbo ficará no plural (predominante), admitindo-se a concordância com o núcleo mais próximo.
	Os ministros assim como a Presidente **DEFENDERAM/DEFENDEU** o ajuste na economia.
	Não só o planejamento mas também o direcionamento **FORAM/FOI** determinante para as aprovações.

Concordância Verbal

Parte IV

Professor Ciro Passos

---

08. (CRO-AL/IDECAN) Assinale a opção em que a concordância NÃO está plenamente em acordo com a norma culta.

a) Vendem-se casas com garagem.
b) Precisam-se de bons atendentes.
c) Compra-se este imóvel.
d) Alugam-se carros de passeio.
e) Definiu-se o seu destino na reunião.

Glaucio Giscard Ribeiro Coutinho - 055.032.437-22

SE

Pronome apassivador

SE

Índice de indeterminação do sujeito.

A concordância com a palavra SE

Verbo Transitivo Direto	SE = pronome apassivador	O verbo sempre varia com o sujeito
Verbo Transitivo Indireto, intransitivo ou de ligação	SE = índice de indeterminação do sujeito.	O verbo é invariável e permanece na 3ª pessoa do singular

Glaucio Giscard Ribeiro Coutinho - 055.032.437-22

08. (CRO-AL/IDECAN) Assinale a opção em que a concordância NÃO está plenamente em acordo com a norma culta.

a) Vendem-se casas com garagem.
b) Precisam-se de bons atendentes.
c) Comprou-se este imóvel.
d) Alugam-se carros de passeio.
e) Definiu-se o seu destino na reunião.

09. (CRO – AL/IDECAN) Em relação à concordância, marque o item INCORRETO.

a) Havia sérios problemas naquele prédio.
b) Espera-se dias mais propícios.
c) Os vizinhos ficaram alerta.
d) A porta se encontrava meio aberta.
e) Ela anda meio aborrecida.

A concordância com a palavra SE

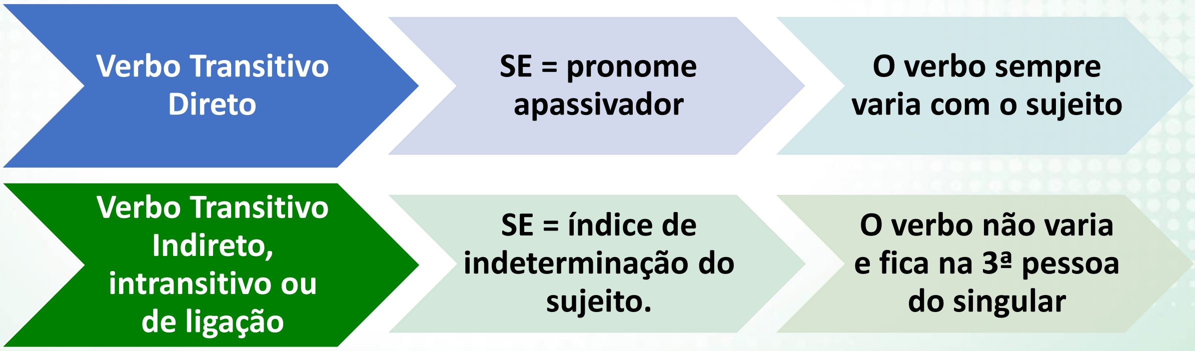

Verbo Transitivo Direto → SE = pronome apassivador → O verbo sempre varia com o sujeito

Verbo Transitivo Indireto, intransitivo ou de ligação → SE = índice de indeterminação do sujeito. → O verbo não varia e fica na 3ª pessoa do singular

10. (FCS-MG/IBFC) Considere o período seguinte e julgue a afirmação abaixo.

Na atualidade, **percebe-se** grande preocupação dos órgãos oficiais com relação ao grafite e à pichação.

Se o substantivo “preocupação” fosse colocado no plural, o verbo ficaria “percebem-se”.

“Na atualidade, ______________ grandes preocupações dos órgãos oficiais com relação ao grafite e à pichação.

11. (MP-SP/IBFC) Considere o período abaixo e julgue a afirmativa seguinte.

Comentou-se os novos casos de corrupção no estado.

Nesse sentido, **há erro** de concordância verbal?

Orações sem sujeito ou sujeito inexistente

Verbo haver com valor semântico de existir ou de tempo passado.

Verbos indicando fenômeno da natureza.

Verbos fazer com valor semântico de tempo decorrido ou metrológico.

Orações sem sujeito ou sujeito inexistente

Verbo HAVER

- **Havia** manifestantes nas ruas.
- **Há** anos que não o vejo.

Fenômeno da natureza

- **Trovejou** a noite inteira.

Verbo FAZER

- **Faz** anos que não o vejo.

Choveu muito nos Estados Unidos e o Japão no último ano.

- Verbo indicando fenômeno meteorológico

Haverá dificuldades, mas vocês vencerão.

- Verbo haver empregado no sentido de existir

Havia meses que não saia de casa.

- Verbo haver indicando tempo transcorrido.

Faz dois anos que nos casamos.

- Verbo fazer no sentido de tempo transcorrido.

(UPE/ENFERMEIRO)

11. “Sei que ainda há muitos descontentes.” A seguir, apresentam-se várias reconstruções da frase, ora com o verbo haver, ora com o existir. Uma construção, entretanto, é inadmissível quanto à concordância. Assinale-a.

a) Sei que ainda existirão muitos descontentes.
b) Sei que ainda deverão haver muitos descontentes.
c) Sei que ainda podem existir muitos descontentes.
d) Sei que ainda existem muitos descontentes.
e) Sei que ainda vai haver muitos descontentes.

(INEP/IBFC)

13. Considere as orações abaixo.

I. Devem haver muitos interessados no cargo.
II. Devem-se analisar todos os aspectos da questão.
III. Tratam-se de problemas graves.

A concordância está correta somente em

a) I
b) II
c) III
d) I e II
e) I e III

GABARITO

1-B
2-E
3-INCORRETA
5-C
6-D
7-C
8-B
9-B
10-CORRETA
11-CORRETA
12-B
13-B

Foco nos estudos!!

NOVO Curso Completo de Português – Específico Saúde
www.romulopassos.com.br

Glaucio Giscard Ribeiro Coutinho - 055.032.437-22

Concordância Verbal

Parte I

NOVO Curso Completo de Português – Específico Saúde
www.romulopassos.com.br

Os hospitais universitários **representam** uma nova oportunidade na área da saúde.

Os brasileiros **estão** insatisfeitos com os servidos públicos.

O verbo concorda com o seu sujeito

Eles **foram** aprovados porque **acreditaram** que isso seria possível, que **eram** capazes, e **estudaram** bastante para que a aprovação acontecesse.

Glaucio Giscard Ribeiro Coutinho - 055.032.437-22

(Téc. em Enfermagem, HU-UFJF-2015 |AOCP)

01. Em “Os pesquisadores chegaram à conclusão de que, quando as pessoas recebem um papel que lhes dá poder, mas não têm o respeito que normalmente o acompanha...”, o termo destacado recebeu acento diferencial para

(A) concordar com “os pesquisadores”.
(B) concordar com “as pessoas”.
(C) Marcar o tempo verbal no pretérito do indicativo.
(D) atender à regra das paroxítonas.
(E) atender à regência do nome “poder”.

Quem não têm o respeito? ________

“quando __________(...) não têm o respeito”

GRA GERAL DE
NCORDÂNCIA

SUJEITO SIMPLES

Verbo concorda com o núcleo do sujeito em número e pessoa

“As pessoas não ________ o respeito.” (verbo TER)

Presente do Indicativo

VERBOS

TER/VIR/VER

+ derivados

TER	VIR	VER
Ele Tem	Ele Vem	Ele Vê
Eles Têm	Eles Vêm	Eles Veem
DETER	**INTERVIR**	**OBTER**
Ele Detém	Ele Intervém	Ele Obtém
Eles Detêm	Eles Intervêm	Eles Obtêm

(Enfermeiro, HU-UFSM-2014 |AOCP)

02. “Crianças que possuem demais sofrem do mesmo mal do adulto obrigado a fazer escolhas em demasia todos os dias, não valorizam o que têm, perdem tempo e sentem-se perdidas”.

No excerto acima, o termo destacado recebeu acento circunflexo para

(A) atender à regência do verbo valorizar.
(B) concordar com o nome “escolhas”.
(C) concordar com o nome “adulto”.
(D) atender à regência do nome “demasia”.
(E) concordar com o nome “Crianças”.

Quem não valorizaM o que TÊM?

“_______não valorizam.

(EBSERH/SEDE/IADES)

03. Com base na norma culta padrão, julgue a afirmativa seguinte.

Em "... a redução do número de casos registrados em território nacional caiu...", o verbo poderia ser substituído pela forma caíram para concordar em número e pessoa com "casos registrados".

VERBO CONCORDA COM O SUJEITO

O problema é que temos vários tipos de sujeito, logo várias hipóteses de concordância verbal.

Estou com vocês e não abro.

Marcos e Bia foram ao cinema.

Comemorou/comemoraram o aluno e o professor.

A disciplina, o planejamento e a determinação acompanha/acompanham os vencedores.

Faz 3 anos que espero o seu pedido de casamento.

A maioria dos candidatos não estuda/estudam.

A concordância com o sujeito composto

Tudo depende da posição do verbo antes ou depois do sujeito.

Verbo no Plural

- Sujeito composto + Verbo **(ORDEM DIRETA)**
- Ex.: Um cálice e um pão **compõem** a ceia.

Verbo no Plural ou concordando com o primeiro núcleo

- Verbo + Sujeito composto **(ORDEM INDIRETA)**
- Ex.: **Compõem/Compõe** a ceia um cálice e um pão.

Sujeito Composto Posposto ao Verbo

Matemática e português representam as disciplinas básica.

representa as disciplinas básica matemática e português.

representam as disciplinas básic matemática e português.

Sujeito Composto	**1. Sujeito Composto Posposto ao Verbo**
	Pagam/paga impostos trabalhador e patrão.
	2. Sujeito Composto formado por pessoas distintas
	Eu, tu e ele **iremos** ao teatro nas férias. **(NÓS)**
	Tu e ele **irão/ireis** ao teatro nas férias. **(VOCÊS/VÓS)**
	Eu + alguém => O verbo concorda com o pronome NÓS
	Tu + alguém=> O verbo concorda com o pronome VÓS/VOCÊS

AOCP - PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMAÇARI - ADMINISTRADOR

05. O fragmento em que é possível haver uma concordância verbal diferente da apresentada é

(A) “...mas se abram horizontes reais...”
(B) “...acabem as gigantescas negociatas...”
(C) “Que sobrevenham ordem e paz.”
(D) “...não aos corruptos às vezes condenados...”
(E) “...não se absolvam os mensaleiros...”

Prof. RÔMULO PASSOS

Foco nos estudos!

Concordância Verbal

Parte II

Professor Ciro Passos

Glaucio Giscard Ribeiro Coutinho - 055.032.437-22

Concordância com os relativos QUE/QUEM

Com o relativo QUE

Verbo concorda com o antecedente.

O pronome “QUE” não interfere na concordância.

Foram **eles** QUE **COMPRARAM** o último quadro.

Foi **ele** QUE **COMPROU** o último quadro.

Foste **tu** QUE **COMPRASTE** o último quadro.

Concordância com os relativos QUE/QUEM

Com o relativo QUEM

Verbo concorda com o antecedente ou com o pronome relativo na 3ª PS.

Foram **eles QUEM CHEGARAM**.

Foram **eles QUEM CHEGOU**.

Foste **tu QUEM RECEBESTE** o presente.

Foste **tu QUEM RECEBEU** o presente.

Concordância com os relativos QUEM

Foram os mais perseverantes QUEM venceram.

Foram os mais perseverantes QUEM venceu.

---

3. Sujeito composto formado por elementos em gradação.

Verbo concorda com o sujeito composto (plural) ou com o núcleo do sujeito mais próximo.

Um drible, uma chapéu, mais um drible **DEIXARAM** no chão o adversário.

Um drible, uma chapéu, **mais um drible** **DEIXOU** no chão o adversário.

3. Sujeito composto formado por elementos sinônimos.

TANTO FAZ (Singular ou Plural)

Alegria, felicidade, comemoração INVADIRAM/INVADIU o seu coração após o resultado.

Sujeito Fracionário

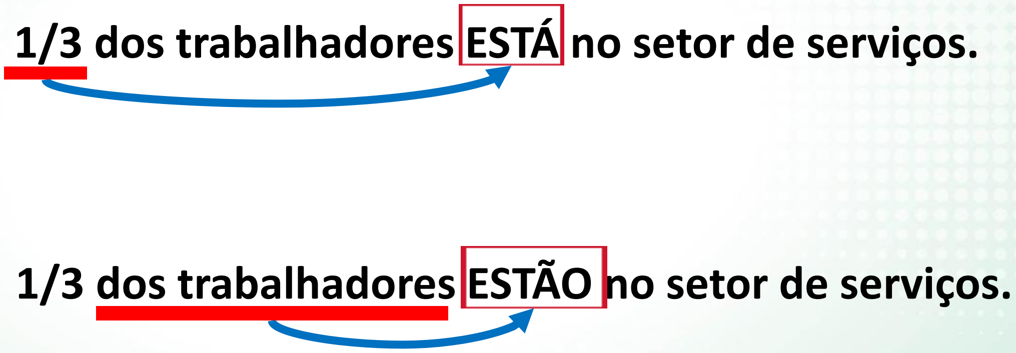

1/3 dos trabalhadores ESTÁ no setor de serviços.

1/3 dos trabalhadores ESTÃO no setor de serviços.

Glaucio Giscard Ribeiro Coutinho - 055.032.437-22

Tanto Faz

Sujeito Fracionário

Concorda com o numerador ou com o complemento

1/3 dos trabalhadores **TEM/TÊM** empréstimo consignado.

3/5 do Congresso **ESTÃO/ESTÁ** na oposição.

100% da equipe **ESTÃO/ESTÁ** confiante.

1,3% das famílias não **POSSUI/POSSUEM** geladeira.

3/5 dos impostos **FICAM** com a União.

1/6 da arrecadação **DESTINA-SE** aos municípios.

Tanto Faz

Um e outro, nem um nem outro

Nenhum nem outro **CHEGOU/CHEGARAM**.

Uma e outra empresa envolvidas **SERÁ/SERÃO** punida(s).

Sujeito ligados pela conjunção OU

Ideia de exclusão

O verbo ficará no singular

Flamengo ou Vasco **ganhará** o campeonato.

Sem ideia de exclusão

TANTO FAZ - singular ou plural

Flamengo ou Vasco será/serão rebaixados.

Concordância Verbal

Parte III

Professor Ciro Passos

Sujeito partitivo

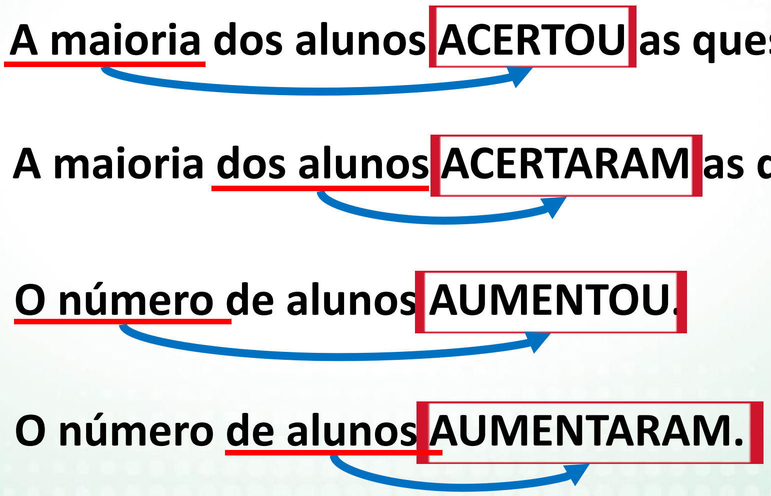

A maioria dos alunos **ACERTOU** as questões.

A maioria dos alunos **ACERTARAM** as questões.

O número de alunos **AUMENTOU**.

O número de alunos **AUMENTARAM.**

Tanto Faz	**Sujeito partitivo**
	"A maioria de", "a maior parte de", "grande número de" + "nome no plural"
	A maioria dos convidados **COMPARECEU/COMPARECERAM**.
	Grande parte dos brasileiros **ACREDITA/ACREDITAM** em dias melhores.
	Não confundir com o adjunto adnominal
	A quantidade de rebeliões **AUMENTOU**.
	O número de analfabetos **DIMINUIU.**

(Advogado, HU-UFPEL-2015 |AOCP)

06. Em "A maioria dos outros experimentou o primeiro cigarro antes dos 26", o verbo em destaque

(A) deveria estar no plural para concordar com o sujeito "outros".
(B) está no plural por concordar com "outros".
(C) deveria estar no singular para concordar com "maioria", mas não está.
(D) está no singular por concordar com "maioria".
(E) está conjugado no tempo presente do indicativo.

(Enfermeiro, HU-UFMA-2015 |AOCP)

07. Em relação à oração: "... a área do cérebro responsável pelo movimento dos dedos se expande nos pianistas.", podemos afirmar que

(A) O verbo "expande" deveria estar conjugado na 3ª pessoa do plural "expandem" para concordar com "dedos".
(B) A expressão "do cérebro" é uma adjunto adverbial.
(C) O verbo "expande" está conjugado na terceira pessoa do singular para concordar com "a área do cérebro".
(D) O verbo "expande" deveria estar conjugado na 3ª pessoa do plural "expandem" para concordar com "pianistas".
(E) A palavra "cérebro" está acentuada por tratar-se de uma paroxítona terminada em "o".

Glaucio Giscard Ribeiro Coutinho - 055.032.437-22

Um dos que

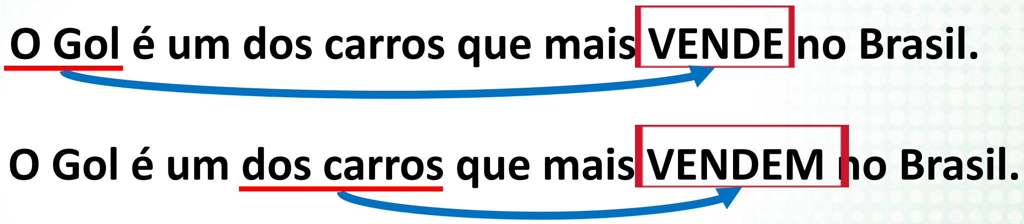

O Gol é um dos carros que mais VENDE no Brasil.

O Gol é um dos carros que mais VENDEM no Brasil.

Tanto Faz	**Um dos que**
	Verbo no plural (corrente predominante), porém admite-se o verbo no singular.
	Mariana é uma das atletas que mais **GANHOU/GANHARAM** medalhas.
	O Brasil é um dos países que mais **ARRECADA/ARRECADAM** impostos.

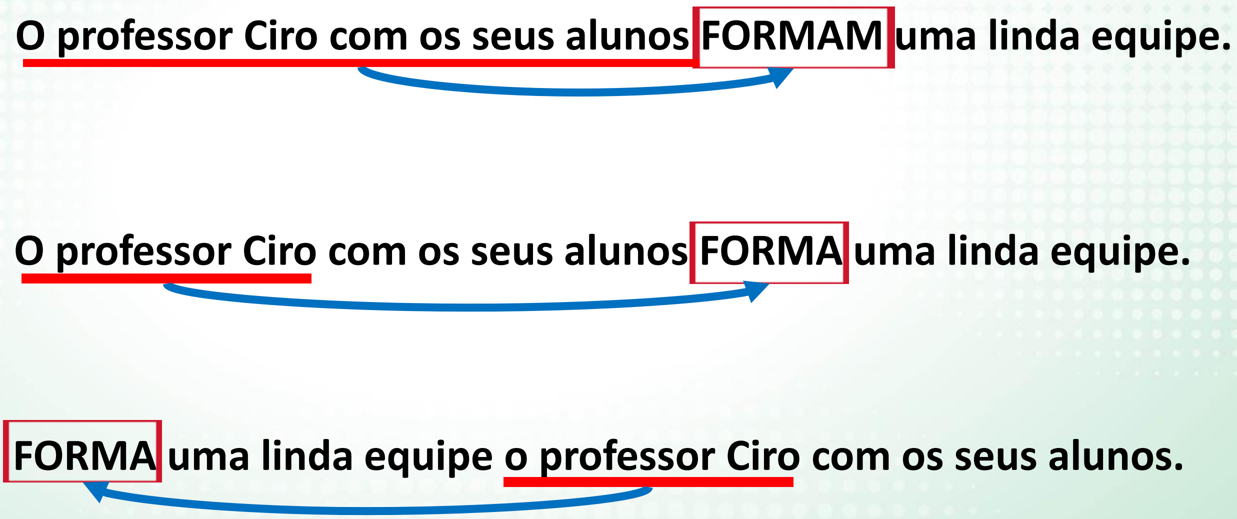

O professor Ciro com os seus alunos FORMAM uma linda equipe.

O professor Ciro com os seus alunos FORMA uma linda equipe.

FORMA uma linda equipe o professor Ciro com os seus alunos.

Tanto Faz	**Sujeito composto com os núcleos ligados pela preposição com**
	Verbo no plural ou concordando com o primeiro núcleo.
	O diretor com os seus auxiliares **DIVULGARÃO/DIVULGARÁ** o filme.
	CUIDADO! Períodos iniciados pelo verbo – concordância com o primeiro núcleo.
	Divulgará o filme o diretor com os seus auxiliares.

Aposto Resumidor

(Tudo, nada, ninguém, alguém, todos, isso, aquilo etc)

O verbo concorda com o aposto resumidor.

Dinheiro, fama, carros, **NADA** o **FAZIA** feliz.

Católicos, evangélicos, budistas, **NINGUÉM É** dono da verdade.

Conectivos Correlatos

(assim ... como, não só ... mas também, tanto ... como)

O verbo ficará no plural (predominante), admitindo-se a concordância com o núcleo mais próximo.

Os ministros assim como a Presidente **DEFENDERAM/DEFENDEU** o ajuste na economia.

Não só o planejamento mas também o direcionamento **FORAM/FOI** determinante para as aprovações.

Concordância Verbal

Parte IV

Professor Ciro Passos

---

08. (CRO-AL/IDECAN) Assinale a opção em que a concordância NÃO está plenamente em acordo com a norma culta.

a) Vendem-se casas com garagem.
b) Precisam-se de bons atendentes.
c) Compra-se este imóvel.
d) Alugam-se carros de passeio.
e) Definiu-se o seu destino na reunião.

Glaucio Giscard Ribeiro Coutinho - 055.032.437-22

SE
Pronome apassivador

SE
Índice de indeterminação do sujeito.

A concordância com a palavra SE

Verbo Transitivo Direto	SE = pronome apassivador	O verbo sempre varia com o sujeito
Verbo Transitivo Indireto, intransitivo ou de ligação	SE = índice de indeterminação do sujeito.	O verbo é invariável e permanece na 3ª pessoa do singular

08. (CRO-AL/IDECAN) Assinale a opção em que a concordância NÃO está plenamente em acordo com a norma culta.

a) Vendem-se casas com garagem.
b) Precisam-se de bons atendentes.
c) Comprou-se este imóvel.
d) Alugam-se carros de passeio.
e) Definiu-se o seu destino na reunião.

09. (CRO – AL/IDECAN) Em relação à concordância, marque o item INCORRETO.

a) Havia sérios problemas naquele prédio.
b) Espera-se dias mais propícios.
c) Os vizinhos ficaram alerta.
d) A porta se encontrava meio aberta.
e) Ela anda meio aborrecida.

Glaucio Giscard Ribeiro Coutinho - 055.032.437-22

A concordância com a palavra SE

Verbo Transitivo Direto	SE = pronome apassivador	O verbo sempre varia com o sujeito
Verbo Transitivo Indireto, intransitivo ou de ligação	SE = índice de indeterminação do sujeito.	O verbo não varia e fica na 3ª pessoa do singular

---

10. (FCS-MG/IBFC) Considere o período seguinte e julgue a afirmação abaixo.

Na atualidade, **percebe-se** grande preocupação dos órgãos oficiais com relação ao grafite e à pichação.

Se o substantivo “preocupação” fosse colocado no plural, o verbo ficaria “percebem-se”.

“Na atualidade, _____________ grandes preocupações dos órgãos oficiais com relação ao grafite e à pichação.

Glaucio Giscard Ribeiro Coutinho - 055.032.437-22

11. (MP-SP/IBFC) Considere o período abaixo e julgue a afirmativa seguinte.

Comentou-se os novos casos de corrupção no estado.

Nesse sentido**, há erro** de concordância verbal?

Orações sem sujeito ou sujeito inexistente

Verbo haver com valor semântico de existir ou de tempo passado.

Verbos indicando fenômeno da natureza.

Verbos fazer com valor semântico de tempo decorrido ou metrológico.

Orações sem sujeito ou sujeito inexistente

Verbo HAVER

- **Havia** manifestantes nas ruas.
- **Há** anos que não o vejo.

Fenômeno da natureza

- **Trovejou** a noite inteira.

Verbo FAZER

- **Faz** anos que não o vejo.

Choveu muito nos Estados Unidos e o Japão no último ano.

- Verbo indicando fenômeno meteorológico

Haverá dificuldades, mas vocês vencerão.

- Verbo haver empregado no sentido de existir

Havia meses que não saia de casa.

- Verbo haver indicando tempo transcorrido.

Faz dois anos que nos casamos.

- Verbo fazer no sentido de tempo transcorrido.

(UPE/ENFERMEIRO)

11. “Sei que ainda há muitos descontentes.” A seguir, apresentam-se várias reconstruções da frase, ora com o verbo haver, ora com o existir. Uma construção, entretanto, é inadmissível quanto à concordância. Assinale-a.

a) Sei que ainda existirão muitos descontentes.
b) Sei que ainda deverão haver muitos descontentes.
c) Sei que ainda podem existir muitos descontentes.
d) Sei que ainda existem muitos descontentes.
e) Sei que ainda vai haver muitos descontentes.

(INEP/IBFC)

13. Considere as orações abaixo.

I. Devem haver muitos interessados no cargo.
II. Devem-se analisar todos os aspectos da questão.
III. Tratam-se de problemas graves.

A concordância está correta somente em

a) I
b) II
c) III
d) I e II
e) I e III

GABARITO

1-B
2-E
3-INCORRETA
5-C
6-D
7-C
8-B
9-B
10-CORRETA
11-CORRETA
12-B
13-B

Glaucio Giscard Ribeiro Coutinho - 055.032.437-22

Foco nos estudos!!

NOVO Curso Completo de Português – Específico Saúde
www.romulopassos.com.br

Glaucio Giscard Ribeiro Coutinho - 055.032.437-22

PORTUGUÊS

Interpretação de textos
Vícios de linguagem

Prof.ª Isabel Vega

Vícios de linguagem

→ **VÍCIOS DE LINGUAGEM** - são palavras ou construções que contrariam as normas gramaticais. Costumam ocorrer por descuido ou por desconhecimento das regras por parte do emissor.

a) AMBIGUIDADE – duplicidade de sentido.

Ex.: Mataram a vaca da minha tia.

b) PLEONASMO VICIOSO – repetição desnecessária de uma informação.

Ex.1: Criar novas oportunidades
Ex.2: O acabamento final do vestido

c) CACÓFATO – som desagradável pela junção de duas ou mais palavras.

Ex.: Pagou vinte reais **por cada** livro. (*porcada*)

d) SOLECISMO – desvio da norma padrão quanto à regência, à colocação ou à concordância.

Ex.: Ele assistiu **o** programa de TV.
(Norma padrão: Ele assistiu **ao** programa de TV.)

Vícios de linguagem

e) BARBARISMO – desvio da norma padrão com relação à pronúncia, à grafia, aos estrangeirismos, etc.

Ex.: pobrema / pesquiza / Ela vai **vim**. (Ela vai vir.) /
Amanhã tem **show**. (Amanhã tem **espetáculo**.)

f) PLEBEÍSMO – uso de gírias.

Ex.: João pintou no pedaço e pegou a poposuda.

MANUAL DE GRAMÁTICA

Guia Prático da Língua Portuguesa

Luiz Fernando Mazzarotto

Ortografia

Estrutura das Palavras

Processos de Formação de Palavras

DCL
DIFUSÃO
CULTURAL
DO LIVRO

Editor
Raul Maia
Produção Editorial
Departamento Editorial DCL
Produção Gráfica
Roze Pedroso
Capa
Antonio Briano
Diagramação
José Marcos Rigamont / Siumeli Rigamont
Revisão
Ana Paula Ribeiro
Caio Alexandre Bezarias

eDiçÃo
2004

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mazzarotto, Luiz Fernando.
Manual de gramática : guia prático da língua portuguesa /
Luiz Fernando Mazzarotto. — São Paulo : DCL, 2004.

ISBN 85-7338-419-0
1. Português (Ensino fundamental) — Gramática I. Título.

00-4263 CDD-372.61

Índices para catálogo sistemático:

1. Gramática : Português : Ensino fundamental 372.61

DCL
DIFUSÃO
CULTURAL
DO LIVRO

Proibida reprodução total ou parcial
Direitos exclusivos desta publicação:
© Difusão Cultural do Livro Ltda.
Rua Manuel Pinto de Carvalho, 80
CEP 02712-120 – São Paulo – Brasil
dcl@editoradcl.com.br / www.editoradcl.com.br

Introdução

No mundo atual, escrever é sempre importante, necessário e freqüente. Mostrar que você sabe comunicar-se (bem) usando a escrita é um dos fundamentos da capacidade de ser e realizar, da cidadania e da competência. A tão propalada era do computador, que, muitos afirmavam, iria diminuir muito a necessidade de papel e escrita, fez o inverso: nunca tanta informação e conhecimento circularam entre tantas pessoas e de modo tão rápido, nunca as pessoas se comunicaram tanto (e-mails, chats etc.), fazendo com que todos escrevamos mais e mais.

E escrever bem exige conhecer as regras e bons autores do idioma em que se escreve. E é nesse momento, em que se exige segurança no manejo das palavras, que surgem temor, dúvida, desconfiança e sentimento de debilidade diante dos labirintos da língua. Estas são as reações mais comuns de vestibulandos, alunos de colégios e cursinhos e outros praticantes da Língua Portuguesa quando precisam encará-la: produzir um texto correto e elegante, em que o uso adequado das infinitas e complicadas regras gramaticais case com as idéias a serem comunicadas, resultando em algo prazeroso de ler, parece coisa reservada aos professores de Português, aqueles especialistas que estudam a língua portuguesa a ponto de fazerem disso sua profissão.

Nada mais equivocado. A língua portuguesa é acessível a todos, é companheira e filha de nós e da cultura em que vivemos e participamos; companheira porque a utilizamos continuamente, é o veículo de transmissão de nossos saberes, conhecimento e visão de mundo, e filha porque é uma entidade continuamente alterada pela vivência e criações de todos nós, falantes da língua portuguesa espalhados pelo mundo.

Este Manual de Gramática foi criado considerando tudo isso. As regras do bom utilizar da nossa língua são mostradas não como um emaranhado de regras frias e inflexíveis, mas como um conjunto de orientações práticas e acessíveis, como o são de fato, e cuja base deriva de nossa cultura, que forjou as obras e criadores nos quais a boa gramática sempre se baseia. Assim, não considere a gramática uma tirana, mas um corpo de conhecimentos que faz parte também do mundo em que você vive e que reflete um pouco da história de nossa cultura e de nosso povo.

Adotamos uma apresentação de termos leve e uma seqüência lógica que facilita o estudo e entendimento dos fatos gramaticais: dos fonemas e morfemas, tijolos básicos da língua, às palavras, às categorias em que estas se dividem e finalmente abordamos a construção de frases e períodos. Exemplos simples, mas expressivos e trechos dos autores consagrados de nossa literatura ilustram os conceitos expostos. E para fixar os instrumentos aprendidos, milhares de exercícios, a maioria colhida dos vestibulares das principais faculdades de todo o Brasil, garantindo, assim, uma etapa de exercícios e fixação de conceitos à altura dos objetivos pretendidos por esta obra.

Para aqueles que necessitam ou simplesmente desejam utilizar corretamente nosso grande patrimônio comum, que é a língua, criamos esta obra, lembrando que dominar nosso idioma é tarefa complexa, mas muito gratificante que exige leitura, conhecimento e escrita.

Índice

1 – Fonética **1**
Conceitos 1
Fonemas 1
Fonemas e sua representação 1
Classificação dos fonemas 2
Encontros vocálicos 3
Ditongos 3
Tritongo 4
Hiato 4
Resumo 4
Encontros consonantais ≠ dígrafos 7
Testes 9
2 – Divisão silábica **13**
Sílaba 13
Norma geral 13
Não se separam 13
Separam-se 13
Observações especiais 13
Tonicidade 15
Acento 15
Classificação das sílabas quanto ao acento 15
Classificação das palavras quanto ao acento 16
Vocábulos átonos e tônicos 16
Rizotônico e arrizotônico 16
Acento bisesdrúxulo 16
Testes 17
3 – Acentuação Gráfica **21**
Casos especiais 23
I- Acento diferencial 23
II- Diferencial de tonicidade 23
III- Verbos ter e vir (e derivados) 23
IV- Dar – ler – crer – ver (e derivados) 23
Ortoépia (ou ortoepia) 24
Prosódia 25
Dupla prosódia 26
Questões discursivas 27
Testes 28
4 – Crase **34**
Regra geral 34
Casos proibitivos 34
Uso da crase – Nomes geográficos 34
À(s) = para a(s); na(s); pela(s); com a(s) 35
Crase obrigatória 35
Àquele/Àquela/Àquilo 35
À que – ao que; À qual – ao qual 35
Casos especiais 36
Casa – modificada 36
Terra – não significando “terra firme” 36
À distância de 36
Crase facultativa 36
Pronome possessivo feminino singular 36
Nomes personativos femininos 36
Até a + palavra feminina 36

Locução adverbial feminina de instrumento 37
Questões discursivas 38
Testes 39
5 – Ortografia 45
Noções gerais 45
Símbolos das unidades de medida 47
Questões discursivas 51
Testes 51
6 – Emprego do Hífen 59
Emprega-se o hífen 59
Hífen com prefixos – sempre 59
Hífen com prefixos – vogal, h, r, s 60
Macetes para o uso do hífen com prefixos 61
Não se usa o hífen 61
Questões discursivas 63
Testes 64
7 – Homônimos e Parônimos 67
Homônimos 67
Parônimos 67
Há – A – À = Tempo 67
Mal e Mau 68
Os porquês 68
Este, Esse, Aquele 69
Sessão, Seção ou Secção e Cessão 70
Onde e Aonde 70
Infringir e Inflingir 70
Ante e Anti 70
Descrição e Discrição 70
Censo e Senso 71
Cumprimento e Comprimento 71
Externo e Esterno 71
Espectador e Expectador 71
Estada e Estadia 71
Insosso e Insulso 71
Ratificar e Retificar 71
Vultoso e Vultuoso 71
Cela e Sela 72
Eminente e Iminente 72
Emergir e Imergir 72
Experto e Esperto 72
Incipiente e Insipiente 72
Questões discursivas 79
Testes 79
8 – Estrutura das Palavras 86
Análise mórfica 86
Morfemas / elementos mórficos 86
Desinências 87
Desinências nominais 87
Desinências verbais 87
Cognatos 88
Radicais gregos 89
Radicais latinos 90
Prefixos gregos 91
Prefixos latinos 91
Prefixos latinos e gregos que podem corresponder-se no sentido 92
Questões discursivas 95
Testes 95
9 – Processos de Formação de Palavras 99
Derivação 99
Composição 100
Hibridismo 100
Onomatopéia 100
Abreviação/Redução 100
Abreviatura/Sigla 101
Questões discursivas 102
Testes 102
10 – Substantivos 105
Classificação dos substantivos 105
Coletivos 105
Principais coletivos 106
Palavras substantivadas 107
Flexão dos substantivos 107
Flexão de gênero 107
Formação do feminino 108
Mais de um feminino 109
Questões discursivas 111
Testes 111
Substantivos uniformes 113
Comuns-de-dois 113
Sobrecomuns 113

Epicenos 113
Substantivos heterônimos (biformes) 114
Substantivos de gênero duvidoso 114
Mudança de gênero e de sentido 116
Gênero das siglas 117
Questões discursivas 119
Testes 119
Flexão de número 121
Vogal ou Ditongo oral + S 121
ÃO 122
Substantivos em ÃO com mais de um plural 122
L – is 123
Il – oxítono e paroxítono 123
R e z 123
S 123
M – ns 124
N – ns, nes 124
X – invariáveis 124
Plural dos diminutivos 124
Plural dos nomes próprios 125
Nomes de letras e números 125
Substantivos só usados no plural 125
Mudança de número com mudança de sentido 125
Plural com metafonia 126
Plural dos substantivos compostos 127
Norma geral 127
Só varia o primeiro 127
Só varia o último 128
Guarda + ... 128
Compostos invariáveis 129
Questões discursivas 130
Testes 130
Flexão de grau 133
Aumentativo 133
Aumentativos sintéticos irregulares 133
Sufixos aumentativos 134
Diminutivo 134
Diminutivos sintéticos irregulares 134
Diminutivos eruditos 135
Sufixos diminutivos 135
Testes 136

11 – Artigos 139
Classificação 139
Definido 139
Indefinido 139
Emprego do artigo definido 139
Emprego do artigo indefinido 139

12 – Adjetivos 140
Adjetivos pátrios ou gentílicos 140
Principais adjetivos pátrios 140
Pátrios compostos – formas reduzidas 141
Locuções adjetivas 142
Quadro das locuções adjetivas 142
Flexões 143
Gênero – uniformes e biformes 143
Adjetivos uniformes 143
Adjetivos biformes 144
Número 144
Plural dos adjetivos compostos 144
Emprego do adjetivo 145
Questões discursivas 148
Testes 148
Grau 151
Comparativos irregulares 151
Superlativos sintéticos eruditos 152
Questões discursivas 154
Testes 154

13 – Numerais 158
Classificação 158
Quadro dos cardinais e ordinais 158
Emprego dos cardinais e ordinais 158
Quadro dos multiplicativos e fracionários 159
Emprego dos multiplicativos e fracionários 160
Testes 161

14 – Pronomes 164
Pronomes substantivos e adjetivos 164
Espécies de pronomes 164
Pessoais 164
Subdivisão dos pronomes pessoais 164
Emprego correto dos pessoais 164

Pronomes de tratamento 167
Combinações verbo-pronominais 169
Questões discursivas 172
Testes 174
Possessivos 177
Oblíquo em função de possessivos 177
Ambigüidade do possessivo da 3ª pessoa 177
Demonstrativos 177
Emprego dos demonstrativos 178
Emprego de este/aquele 178
Indefinidos 178
Emprego de “ todo” 179
Outros empregos do indefinido 179
Interrogativos 180
Relativos 180
Emprego dos relativos 180
Questões discursivas 183
Testes 184

15 – Colocação Pronominal 189
Regras de colocação pronominal 189
Observações 190
Macetes 191
Questões discursivas 193
Testes 194

16 – Verbos 197
Classificação dos verbos 197
Flexões 200
Tempos primitivos e derivados 200
Formação do imperativo 201
Formação do futuro do subjuntivo 201
Formação da voz passiva 201
Questões discursivas 204
Testes 205
Tempos 208
Do indicativo 208
Do subjuntivo 208
Tempos simples e compostos da voz ativa 209
Tempos simples e compostos da voz passiva 209
Formas nominais 209
Emprego do infinitivo 210
Uso do infinitivo pessoal 210
Uso do infinitivo impessoal 210
Aspecto verbal 211
Formas rizotônicas e arrizotônicas 211
Verbos irregulares 212
Irregulares da 1ª conjugação 212
Questões discursivas 215
Testes 216
Irregulares da 2ª conjugação 219
Irregulares da 3ª conjugação 221
Verbos defectivos 223
Verbos anômalos 225
Questões discursivas 227
Testes 229

17 – Advérbios 234
Classificação 234
Advérbios interrogativos 235
Locução adverbial 235
Palavras denotativas 236
Graus do advérbio 236
Emprego do advérbio 237
Questões discursivas 238
Testes 239

18 – Preposições 243
Classificação 243
Locução prepositiva 243
Combinações 243
Questões discursivas 245
Testes 246

19 – Interjeições 249
Classificação 249
Locução interjetiva 249

20 – Concordância Nominal 250
I – Concordância do adjetivo 250
  Regra geral 250
  Anteposto a dois ou mais substantivos 250
  Posposto a dois ou mais substantivos 250
  Concordância especial 251
    a- Substantivos sinônimos 252

- b- Substantivos e gradação 252
- c- Exigência do sentido 252
- Um só substantivo e mais de um adjetivo 252
- II – Adjetivo em função de predicativo 253
  - Concordando com mais de um substantivo 253
  - Adjetivo ≠ advérvio 254
  - Casos particulares 254
    - Anexo, incluso, junto, leso 254
    - Pseudo, alerta, menos 254
    - Mesmo, próprio, obrigado 255
    - Só – Sós – A sós 255
    - Quite – quites 255
    - Meio – meia 255
    - É proibido, é bom, é necessário 255
    - Bastante – bastantes 256
    - O mais ... possível, os mais... possíveis 256
    - Um e outro/ nem um nem outro 256
- Questões discursivas 257
- Testes 259

21 – Concordância Verbal 262

- I – Regra geral 262
  - a) O sujeito é simples 262
  - b) Sujeito composto e da 3ª pessoa ... 262
  - c) Sujeito composto de pessoas diferentes 262
  - d) Sujeito composto resumido por tudo, nada, ninguém etc. 263
- II – Casos particulares de concordância 263
  - Núcleos do sujeito unidos por ou 263
  - Núcleos do sujeito unidos por com 263
  - Núcleos do sujeito unidos por nem 264
  - Núcleos do sujeito são infinitivos 264
  - Sujeito coletivo 264
  - A maior parte de; grande número de etc. 264
  - Um e outro; nem um nem outro 264
  - Um ou outro 264
  - Um dos que; uma das que 265
  - Mais de um; mais de uma 265
  - Qual de vós? Quais de vós? Algum de nós, alguns de nós 265
  - Sujeito: relativo quem 265
  - Sujeito: relativo que 266
  - Sujeito: pronome de tratamento 266
  - Substantivos próprios usados no plural 266
  - Sujeito oracional – verbo na 3ª pessoa do singular 266
- Questões discursivas 268
- Testes 268
  - Se – partícula apassivadora = pa 271
  - Se – partícula de indeterminação do sujeito = pis ou iis 271
  - Haver/fazer – impessoais 271
  - Dar/soar/bater – badaladas, batidas, horas 272
  - Concordância do verbo ser 272
  - Verbo parecer 273
  - Haja(m) vista 274
- Questões discursivas 276
- Testes 277

22 – Regência Verbo-nominal 282

- Predicação 282
- Regência verbal 282
  - 1. Verbos que alteram o sentido conforme alteram a regência 283
    - Aspirar 283
    - Assistir 283
    - Visar 283
    - Chamar 283
    - Custar 284
    - Proceder 284
    - Querer 284
    - Precisar 284
  - 2. Verbos com mais de uma regência e o mesmo significado 284
    - Lembrar, esquecer, recordar, admirar 284
    - Informar, avisar, comunicar, proibir, ensinar, aconselhar 285

Necessitar, precisar 285
Pagar/perdoar 285
3. Verbos com regência diferente no uso popular e no uso culto 286
Chegar, ir, vir etc. 286
Estar, morar, residir, situar 286
Implicar 286
Obedecer/desobedecer 286
Preferir 286
Simpatizar, antipatizar 287
Namorar 287
Resumo 287
Observações importantes 288
Testes 291
Regência nominal 294
Questões discursivas 295
Testes 296

23 – Análise Sintática – Termos da Oração 302
Conceituação 302
Frase – Oração – Período 302
Termos da oração 302
Predicado verbal 302
Intransitivos 303
Transitivos diretos 303
Transitivos indiretos 303
Transitivos diretos e indiretos 303
De ligação 304
I – Termos essenciais 304
Sujeito 304
Simples 305
Composto 305
Indeterminado 305
Inexistente ou oração sem sujeito 305
Predicado 306
Classificação 306
Nominal 306
Verbal 306
Verbo-nominal 307
Questões discursivas 309
Testes 310
II – Termos integrantes 312
Objeto direto 313
Objeto direto preposicionado 313
Objeto indireto 313
Objeto direto ou indireto pleonástico 314
Função sintática dos pronomes oblíquos 314
Predicativo do objeto 314
Questões discursivas 316
Testes 317
Complemento nominal 319
Agente da passiva 319
Voz passiva analítica 319
Passiva sintética (ou pronominal) 320
Testes 322
III – Termos acessórios 324
Adjunto adnominal 324
Adjunto adnominal X complemento nominal 324
Adjunto adverbial 325
Classificação 325
Aposto 326
Vocativo 326
Análise do pronome relativo 327
Questões discursivas 328
Testes 329

24 – Análise Sintática – Orações Coordenadas 335
Estudo do período e das orações 335
Período simples 335
Período composto 335
Classificação das orações 335
Conectivos – conjunções 336
Orações coordenadas 337
Questões discursivas 339
Testes 339

25 – Análise Sintática – Orações Subordinadas 343
Período composto por subordinação 343
Orações subordinadas 343

Oração subordinada substantiva 343
Questões discursivas 347
Testes 347
Oração subordinada adjetiva 350
Classificação 350
Função sintática do pronome relativo 350
Questões discursivas 353
Testes 354
Oração subordinada adverbial 356
Quanto à forma 357
Subordinada adverbial causal X coordenada explicativa 358
Questões discursivas 360
Testes 361
Orações reduzidas 364
Como analisar a reduzida? 364
Reduzidas de gerúndio 364
Reduzidas de infinitivo 365
Reduzidas de particípio 365
Questões discursivas 369
Testes 369

26 – Valores e Funções do SE e do QUE 375
- Valores e funções do Se 375
- Classe gramatical 375
- Funções sintáticas 375
- Valores e funções do Que 375
- Classe gramatical 375
- Funções sintáticas 376
- Testes 379

27 – Pontuação 383
- Tipos de pausas 383
- A importância da pontuação 383
- Uso da vírgula 383
  - Macetes 383
  - Não deve ocorrer vírgula 384
  - Devem vir entre vírgulas 384
  - Devem vir precedidos de vírgulas 384
  - Resumo – Onde cairá a vírgula? 385
- Testes 388
- Sinais de pontuação 391
- Questões discursivas 394
- Testes 396

Origem e Evolução da Língua Portuguesa

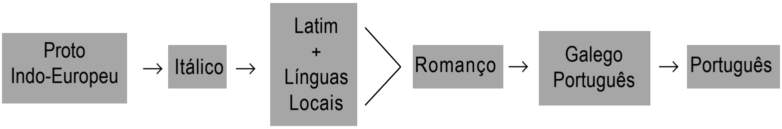

Com a expansão do Império Romano, o latim, língua falada na região do Lácio e membro da família indo-européia (grupo lingüístico do qual faz parte a maioria das línguas ocidentais), se expandiu por grande parte da Europa, e se impôs às línguas dos povos conquistados, recebendo, ao mesmo tempo, influências das mesmas. Surgiram assim vários dialetos que, com o decorrer do tempo, desapareceram ou se estruturaram melhor. Esses dialetos, chamados genericamente de romanço (do latim *romanice* = falar como os romanos), ganharam maior complexidade e importância após a queda do Império Romano do Ocidente e as invasões bárbaras, no século V. Na Península Ibérica, desenvolveram-se dialetos como o castelhano, o catalão e o galego-português. Este último abrangia as regiões da Galiza e de Portugal, e foi falado entre os séculos XII e XIV, aparecendo em diversos documentos e obras literárias. Em meados do século XIV, o modo de falar da região sul, especialmente de Lisboa, passou a influenciar fortemente a língua, diferenciando cada vez mais o galego e o português. No entanto, o português só foi caracterizado como uma língua distinta do galego e do castelhano na época da publicação de *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões, em 1572.

FASES HISTÓRICAS DO PORTUGUÊS

	FASE PRÉ-HISTÓRICA	FASE DO PORTUGUÊS ARCAICO		FASE DO PORTUGUÊS MODERNO
Período	Anterior ao século XII	Do século XII ao século XVI		Século XVI até a atualidade
		Século XII ao XIV	Século XIV ao XVI	
Características	Latim bárbaro (linguagem dos documentos, também chamado de latim tabeliônico ou dos tabeliões)	Galego-português	Separação entre o galego e o português	Uniformidade da língua Primeiro dicionário da língua portuguesa (século XVI)

A Língua Portuguesa no Mundo de Hoje

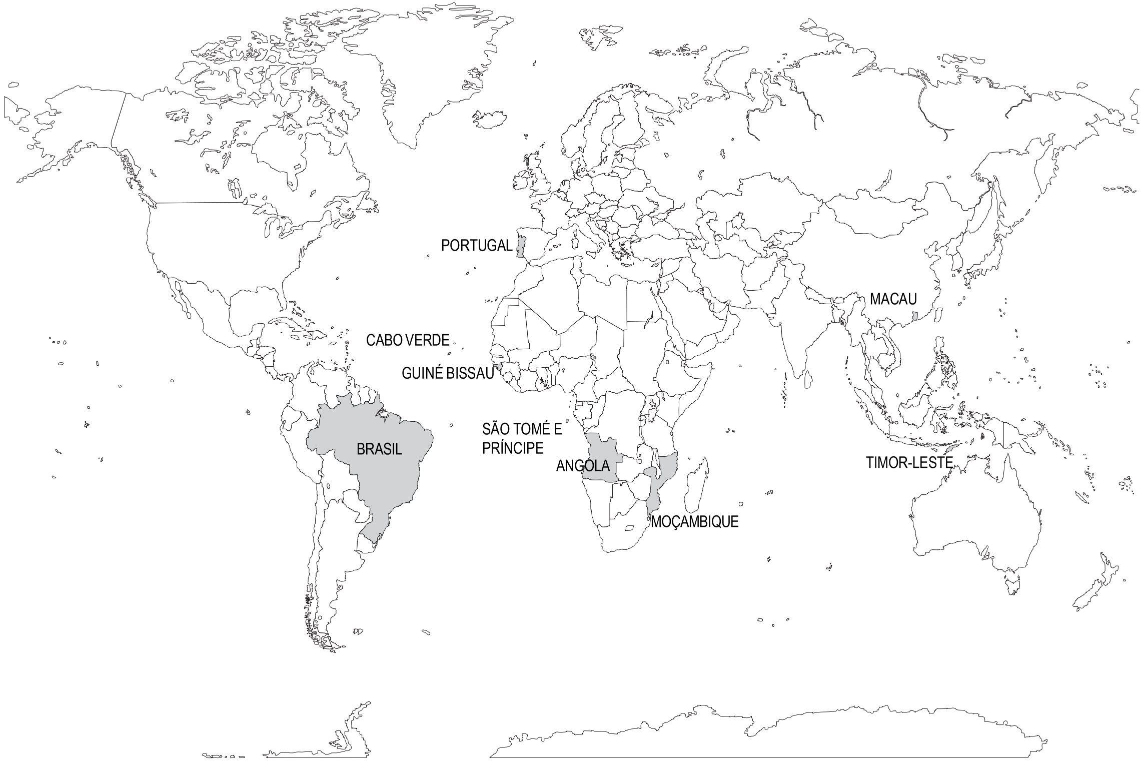
PORTUGAL
MACAU
CABO VERDE
GUINÉ BISSAU
SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE
BRASIL
ANGOLA
TIMOR-LESTE
MOÇAMBIQUE

1 Fonética

Conceitos

FONÉTICA: **é a ciência que estuda os sons da fala** em suas múltiplas realizações.

FONOLOGIA: **é a ciência que estuda os fonemas de uma língua,** ou seja, as unidades que têm função distintiva num sistema lingüístico.

Fonemas

FONEMAS = SONS DA FALA

FONEMAS são os elementos sonoros mais simples das palavras. É a mínima unidade de som capaz de estabelecer diferenciação entre um vocábulo e outro:

f	i	**t**	a
f	i	**l**	a

Como se vê, a diferenciação entre as duas palavras acima é marcada pelos **fonemas** */t/ e /l/.*

Fonemas e sua representação

FONEMA ≠ LETRA

FONEMA: unidade sonora. Para transcrever o fonema, usam-se barras oblíquas. Ex.: /s/

Para simbolizar a pronúncia real de um fonema, usa-se o **ALFABETO FONÉTICO.**

LETRA: sinal gráfico com que se representam os fonemas. O conjunto de letras forma o **alfabeto.**

Ex.: c, s, x... são letras que representam o fonema /s/.

⇒ **Num vocábulo, nem sempre há equivalência entre o número de letras e o de fonemas.**

O vocábulo **falha**, por exemplo, possui:

— 5 letras (f-a-l-h-a)
— 4 fonemas /f-a-**lh**-a/

Nós, brasileiros, dispomos de **33 fonemas** a serem representados graficamente por apenas **23 letras.**

É que o nosso sistema ortográfico não é rigorosamente fonético, mas ainda está preso à origem das palavras. Assim, por força da tradição etimológica, podemos observar, na figuração dos fonemas portugueses, as seguintes particularidades:

1. A mesma letra pode representar mais de um fonema: e**X**ame, **X**ale, pró**X**imo, se**X**o.

2. O mesmo fonema pode ser figurado por mais de uma letra: ca**S**a, e**X**ílio, co**Z**inha = / z /.

3. Um fonema pode ser representado por um grupo de duas letras (**dígrafos**): ma**CH**ado, mu**LH**er, u**NH**a, mi**SS**a, ca**RR**o.

4. A letra ou grafema **X** pode representar dois fonemas ao mesmo tempo, ou seja, um fonema dúplice /ks/, /cs/. Ex.: tá**X**i, fi**X**o, tóra**X**, he**X**acampeão.

5. O **H inicial** das palavras também não representa fonema algum. Em **hora**, por exemplo, há três fonemas apenas: /ora/.

6. As letras **M** e **N,** quando não seguidas de vogal, também não representam um fonema. São **sinais de nasalização** da vogal anterior.

Em **canta**, por exemplo, há apenas 4 fonemas: /c-ã-t-a/.

7. Há fonemas que, em certos casos, não se representam graficamente: bem: /be**y**/, batem: /bate**y**/, falam: /falã**w**/, põe: /põ**y**/.

Classificação dos fonemas

Os fonemas classificam-se em:

a) VOGAIS

b) CONSOANTES

c) SEMIVOGAIS

a) VOGAIS → base da sílaba

São sons que saem pronunciados da via bucal **sem interrupções**. Numa sílaba, as vogais se salientam a todos os outros fonemas.

b) CONSOANTES

São sons que saem pronunciados da via bucal **com interrupção,** uma vez que são fonemas resultantes de um fechamento momentâneo ou de um estreitamento do canal bucal, ocasionando um obstáculo à saída da corrente de ar.

c) SEMIVOGAIS

São os fonemas I e U átonos que, unidos à vogal vizinha, formam, com ela, uma sílaba. São assilábicos, pois a base da sílaba é a vogal.

Os fonemas podem ser:

a) **Sonoros**: quando há vibração das cordas vocais.

b) **Surdos:** quando não ocorre vibração das cordas vocais.

c) **Orais**: quando o ar sai livremente da cavidade bucal.

d) **Nasais:** quando, com o abaixamento do palato mole, o ar escapa pelas fossas nasais e pela boca.

a) Classificação das vogais

1. QUANTO À ZONA DE ARTICULAÇÃO
   - anteriores: ê, é, i
   - média: a
   - posteriores: ó, ô, u
2. QUANTO AO TIMBRE
   - abertas: a, é, ó
   - fechadas: ê, ô, i, u + nasais tônicas
   - reduzidas: a, e, o (finais átonas) + nasais átonas
3. QUANTO À INTENSIDADE
   - tônicas: **chá** ca ra
   - átonas: **ca** dei **ra**
4. QUANTO AO PAPEL DAS CAVIDADES BUCAL E NASAL
   - orais: a, ê, é, i, ô, ó, u.
   - nasais: ã, ẽ, ĩ, õ, ũ.

Zona de articulação

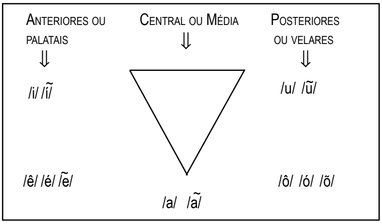

b) Semivogais

São os fonemas **i** (y) e **u**(w) quando se juntam a um fonema vogal, com ele formando uma só sílaba (ditongo ou tritongo).

Os fonemas I e U podem ser vogais ou semivogais.

Foneticamente, as semivogais são transcritas: /y/ e /w/.

Ex.: ri - so
ri - o } o "i" é vogal /i/
he - ró**i**
no**i** **-** te } o "i" é semivogal /y/
m**u** - ro
r**u** - a } o "u" é vogal /u/
cha - pé**u**
q**u**a - tro } o "u" é semivogal /w/

ATENÇÃO

- As letras **e** e **i**, quando semivogais, têm o mesmo som (fonema) → /y/. { mãe = /mãy/ ; pois = /poys/
- As letras **o** e **u**, quando semivogais, têm o mesmo som (fonema) → /w/. { barão = /barãw/ ; viu = /viw/

Encontros vocálicos

RESUMO:

1. DITONGOS
   - DC - SV + V
   - DD = V + SV
2. TRITONGOS — SV + V + SV
3. HIATO — V + V

Ditongos

V + SV → DD
SV + V → DC

O encontro de uma vogal + uma semivogal, ou de uma semivogal + uma vogal recebe o nome de DITONGO.

Os DITONGOS podem ser:

a) DECRESCENTES e CRESCENTES
b) ORAIS e NASAIS

a) **Ditongos decrescentes e crescentes:**

Quando a vogal vem em primeiro lugar, o DITONGO se denomina DECRESCENTE. Assim:

c**au**le p**ai** c**éu** m**ui**to

Quando a semivogal antecede a vogal, o DITONGO se diz CRESCENTE. Assim:

g**ua**rdar q**ua**l ling**üi**ça freq**üe**nte

b) **Ditongos orais e nasais:**

Como as vogais, os DITONGOS podem ser ORAIS e NASAIS, segundo a natureza de sua vogal.

São os seguintes os DITONGOS ORAIS DECRESCENTES:

PRONÚNCIA	EXEMPLIFICAÇÃO
/ay/	p**ai**
/aw/	m**au**
/ey/	s**ei**
/éy/	r**éi**s
/ew/	m**eu**
/éw/	c**éu**
/iw/	v**iu**
/oy/	b**oi**
/óy/	her**ói**
/ow/	v**ou**
/uy/	az**ui**s

ATENÇÃO

• Há os seguintes DITONGOS NASAIS DECRESCENTES:

PRONÚNCIA	ESCRITA	EXEMPLIFICAÇÃO
/ãy/	ãe, ãi	m**ãe**, c**ãi**bra
/ãw/	ão, am	m**ão,** vej**am**
/ey/	em, en	v**em**, b**en**zinho
/õy/	õe	p**õe,** serm**õe**s
/uy/	ui	m**ui,** m**ui**to

Obs.: o **ü** com trema é sempre **SV.**

Tritongo

SV + V + SV

Denomina-se TRITONGO o encontro formado de SEMIVOGAL + VOGAL + SEMIVOGAL. De acordo com a natureza (oral ou nasal) de sua vogal, os TRITONGOS se classificam também em **ORAIS** E **NASAIS.**

São **TRITONGOS ORAIS:**

PRONÚNCIA	EXEMPLIFICAÇÃO
/way/	Parag**uai**
/wey/	averig**üei**
/wyw/	redarg**üiu**
/wow/	enxag**uou**

ATENÇÃO

São **TRITONGOS NASAIS:**

PRONÚNCIA	ESCRITA	EXEMPLIFICAÇÃO
/wãw/	ulão, uam	sag**uão**, enxág**uam**
/wey/	üem	míng**üem**, ág**üem**
/wõy/	uõe	sag**uões**

Hiato

V + V

Dá-se o nome de HIATO ao encontro de duas vogais. Assim, comparando-se as palavras **pais** (plural de **pai**) e **país** (região), verifica-se que:

a) na primeira, o encontro **ai** soa numa só sílaba: pais.

b) na segunda, o **a** pertence a uma sílaba e o **i** a outra: pa-ís.

Conclui-se, portanto, que em **pais** há DITONGO; em **país,** ao contrário, HIATO.

Outros hiatos: c**iú**me, **ao**rta, pr**ee**ncher, c**oo**perar, pod**ia,** cr**ue**l, cr**êe**m, lag**oa**, p**oei**ra, d**oe**r.

Resumo

1) o /a/ é sempre fonema vogal.

2) Num encontro:

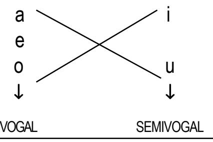

Ex.: c a i
VSV = DD

p á t r i a
SV V = DC

3) Nos encontros:

{ IU / UI → DD — Ex.: riu / Rui

{ ÜI → DC — Ex.: sagüi

{ IÚ / UÍ → H — Ex.: ciúme / ruína

4) Para efeito de **pronúncia**:
DC = H — Ex.: { nó - doa / nó - do - a

• classifica-se como DC.

5) No **final** de vocábulo:

— AM
— ENS ———— Tn ou DDn — Ex.: amam = DDn
— ENS — enxáguam = TN

6) Com 3 **letras vogais:**
feio = DD + DC

→ **Observação:**

FEIO = DD **+** DC

Sendo HIATO a ocorrência de duas vogais consecutivas em sílabas separadas, não há muita propriedade em dizer-se que nas palavras seguintes, por exemplo, ocorre hiato: feio/ fei-o, maio/mai-o, Piauí/Pi-au-í. Em tais palavras, ocorre a sucessão, SV + V, e não V + V. O **iode** (y) ou o **vau** (w) estendem-se à outra sílaba, o que é facilmente perceptível na pronúncia:

Feio/fei-(i)o, maio/mai-(i)o, Piauí/Pi-au-(u)í. O embrião semivocálico, que **na fala** se prolonga até a outra sílaba, origina dois ditongos.

Conclui-se, assim, que as palavras citadas possuem, a rigor, **dois ditongos**, de vez que, na fonética**,** analisamos os sons, basicamente:

feio = f e i - i o = DD-DC

V SV SV V

DD DC

maio = m a i - i o = DD-DC

V SV SV V

Piauí = P i - a u - u í = H-DD-DC

V V SV SV V

Entretanto, é prática comum considerar-se **hiato** a referida sucessão de fonemas (SV + V).

Exercícios

1) Classifique os vocábulos seguintes, de acordo com os ditongos:

– ditongo oral decrescente	(DDo)
– ditongo nasal decrescente	(DDn)
– ditongo oral crescente	(DCo)
– ditongo nasal crescente	(DCn)

( ) ouro
( ) pão
( ) freqüente
( ) muito
( ) viu
( ) doido
( ) múmia
( ) exíguo
( ) mosaico
( ) cãibra
( ) mau
( ) tênue
( ) refém
( ) estavam
( ) araquã
( ) quando
( ) coisa
( ) caseiro

2) Classifique os encontros vocálicos: DD — DC — H — T.

Paraguai:
saguão:
circuito:
artéria:
quieto:
saguões:
iguaizinhos:
orquídea:
pingüim:
averigüemos:
pia:
cupuaçu:
agüentar:
reeleito:
caótico:
apazigüei:
triunfo:
gratuito:
propõe:
uruguaianense:
sequóia:
rainha:
uai!:
baio:

3) Sublinhe a única palavra em que há ditongo nasal:

viajante — nogueira — mágoa — cantavam — hortênsia

4) Sublinhe as palavras em que ocorre hiato:

viúva
sueco
caí
beato
preencher
rua
país
viu
ruivo
cai
sai
água
ruim
Tietê
coeso
ruína
lagoa
saíra
pajeú
pais
bóia

5) Nas palavras a seguir, os ditongos se encontram destacados. Distinga os crescentes (DC) dos decrescentes (DD):

líng**ua** ....
constr**ói** ....
contrár**io** ....
f**ei**o ....
dep**oi**s ....
brasil**ei**ro ....
cíl**io**s ....
redaç**ão** ....
constro**em** ....
precis**am** ....
exercíc**io** ....
algod**ão** ....
têxt**ei**s ....
b**ai**a ....
pod**em** ....
D**eu**s ....
jib**ói**a ....
m**au** ....
pard**ai**s ....
ba**ía** ....

c) Classificação das consoantes

função das cavidades bucal e nasal		orais							nasais
modo de articulação		oclusivas		constritivas					
				fricativas		laterais	vibrantes		
função das cordas vocais		surdas	sonoras	surdas	sonoras	sonoras	simples	múltiplas	sonoras
		homorgânicas		homorgânicas		sonoras			
ponto de articulação	bilabiais	/p/	/b/						/m/
	labiodentais			/f/	/v/				
	linguodentais	/t/	/d/						
	alveolares			/s/ (ç) (c) (s)	/z/ (s) (z)	/e/	/r/ (r) (rr)		/n/
	palatais			/x/ (x) (ch)	/j/ (g) (j)	/l/ (lh)			/n/ (nh)
	velares	/k/ (c) (q)	/g/ (guê)						

Conceitos

a) QUANTO AO **MODO DE ARTICULAÇÃO:**

1. **OCLUSIVAS —** quando a corrente de ar encontra, na boca, obstáculo total a sua passagem; portanto, são momentâneas, explosivas.

2. **CONSTRITIVAS —** quando a corrente de ar encontra obstáculo parcial à sua passagem; portanto, são contínuas, prolongadas.

2.1. **FRICATIVAS —** a corrente de ar produz atrito à maneira de uma fricção.

2.2. **LATERAIS —** quando a língua toca o palato ou os alvéolos dentais, e o ar escapa pelos lados da língua.

2.3. **VIBRANTES —** quando a ponta ou o dorso da língua vibra ao contato com os alvéolos, provocando uma série de brevíssimas oclusões da corrente de ar.

b) QUANTO AO **PONTO DE ARTICULAÇÃO:**

1. **BILATERAIS —** formadas pelo encontro dos lábios.

2. **LABIODENTAIS —** quando o lábio inferior e dentes incisivos superiores tocam-se, criando obstáculo parcial à corrente de ar.

3. **LINGUODENTAIS —** quando o obstáculo se dá pelo contato entre a língua e os dentes superiores.

4. **ALVEOLARES —** ocorre pela aproximação da língua com os alvéolos dentais.

5. **PALATAIS —** ocorre pelo encontro do dorso da língua com o palato duro (céu da boca).

6. **VELARES —** quando a parte posterior da língua encontra-se com o véu palatino.

Encontros consonantais ≠ dígrafos

ENCONTRO CONSONANTAL é o agrupamento de duas ou mais consoantes numa palavra.

Ex.: **tr**ês, te**st**a, ob**str**uir, su**bd**elegado, **cr**eme, **pl**ano.

1 — O encontro consonantal pode ocorrer na mesma sílaba (clima) ou em sílabas diferentes (advogado).

2 — Em palavras como **samba, renda, lindo**, não há encontro consonantal, porque **m** e **n**, em final de sílaba, não representam fonemas; são letras nasalizadoras, têm a função do til: **/sãba, r**ẽ**da, l**ĩ**do/.**

3 — A letra X, com valor de /cs/, equivale a um encontro consonantal: fiXo, tóXico heXágono = /ks/.

DÍGRAFO é o grupo de duas letras que representa um só fonema.

2 LETRAS = 1 FONEMA

Ex.: **chá.** O ch representa o fonema /**x**/.

a) **Dígrafos que representam consoantes**:

ch: chápeu, cheio

lh: pilha, galho

nh: banho, ganha

rr: barro, erro

ss: asseio, passo

gu (antes de **e** ou **i**): guerra, seguinte

qu (antes de **e** ou **i**): leque, aquilo

sc (antes de **e** ou **i**): descer, piscina

sç (antes de **a** ou **o):** desça, cresço

xc (antes de **e** ou **i**)**:** exceção, excitar

ATENÇÃO!

xs: exsudação, exsurgir

Observações:

1) Em palavras em que as duas letras se pronunciam, os grupos **gu, qu, sc** e **xc** não são dígrafos, como nos exemplos: a**gu**do, a**gü**entar, a**qu**ático, fre**qü**ente, e**sc**ada, e**xc**lamar.

2) Na divisão gráfica das sílabas, cinco desses dígrafos **(ch, lh, nh, gu** e **qu)** são inseparáveis, e os cinco outros **(rr, ss, sc sç** e **xc),** separáveis: ter-ra, os-so, pis-ci-na, cres-ça, ex-ce-to.

3) **Dígrafo não é encontro consonantal,** pois representa um só fonema.

b) **Dígrafos que figuram vogais nasais: (ressôo nasal ou sinal de nasalização)**

am: tampa /tãpa/	an: santa /sãta/
em: tempo /tẽpo/	en: venda /vẽda/
im: limpo /lĩpo/	in: linda /lĩda/

om: ombro /õbro/   on: sonda /sõda/
um: jejum /jejũ/   un: mundo /mũdo/

Observação:

No fim das palavras, como **falam** /fálãw/, **batem** /bátey/, **alguém** /algey/, **am** e **em** não são dígrafos, porque representam um ditongo nasal; portanto, dois fonemas (ditongo).

Exercícios

1) Faça conforme o modelo:

Palavra	Registro	Nº de letras	Nº de fonemas
descer	/deser/	6	5
tranqüilo			
cochichar			
exceção			
excesso			
anexar			
freqüente			

2) Substitua as consoantes surdas pelas homorgânicas sonoras, conforme o modelo:

ponte: bonde   farinha: _______
faca: _____   cace: _______
pote: _____   coce: _______
cato: _____   lufa: _______
fita _____   assar: _______

3) Substitua, agora, as consoantes sonoras pelas homorgânicas surdas:

dedo: teto_   vaso: _______
base: _____   galinho: _______
gola: _____   vala: _______
bolo: _____   azedona: _______
vira: _____   babel: _______

4) Sublinhe os encontros consonantais e passe um traço em volta dos dígrafos:

xampu
eqüestre
occipital
nascer
cacique
recepção
quase

estranhas
pneumático
digno
repleto
telha
exceder
quis

entranhas
guitarra
obter
psicologia
facho
verniz
salsicha

5) Escreva nos espaços o valor fonético da consoante X:

Exemplos:

eixo (ch) — fixo (ks) — auxílio (ss) — exame (z)

elixir ____ sintaxe ___ maxilar ____
exalar ____ vexame ___ prolixo ____
fluxo ____ axila ___ exorbitar ____
texto ____ clímax ___ máximo ____
inexaurível ____ exímio ___ defluxo ____
êxodo ____ léxico ___ cóccix ____
hexaedro ____ hexacampeão ___ tórax ____

6) Indique, nos vocábulos, o número de vogais, consoantes e semivogais:

agüei: V ___ C ____ SV __
cantaram: V ___ C ____ SV __
homem: V ___ C ____ SV __

7) Transcreva do vocábulo PAVIMENTAÇÃO:

a) a consoante bilabial surda: ____
b) a consoante linguodental oclusiva: _
c) a consoante constritiva labiodental: _
d) a consoante bilabial nasal: ____
e) a consoante constritiva alveolar: ___

8) Nos itens 1, 2 e 3 indique o encontro vocálico existente:

1. ruim — ____________________
2. ágüe — ____________________
3. distinguiu — _________________

Testes

1. (CESCEM-SP) Em que conjunto a letra X representa o mesmo fonema?

a) tóxico — taxativo

b) defluxado — taxar

c) têxtil — êxtase

d) enxame — inexaurível

e) intoxicado — exceto

2. (ITA-SP) Examinando as afirmações de que o

X na palavra SINTAXE soa como S

X na palavra EXARAR soa como Z

X na palavra EXORCISMO soa como Z

X na palavra EXONERAR soa como Z

verifica-se que:

a) apenas uma está correta.

b) apenas duas estão corretas.

c) três estão corretas.

d) todas estão corretas.

e) nenhuma está correta.

3. (UCS-RS) A alternativa em que, nas três palavras, há um hiato, é:

a) tia, egoísmo, anzóis.

b) baú, país, irmão.

c) fria, pessoa, iguais.

d) boa, nua, noite.

e) rua, lua, leoa.

4. (PUCCAMP) Assinale a correta:

a) Em **quanto, argüir, tênue** há ditongo crescente.

b) São corretas as divisões silábicas trans-atlân-ti-co, ex-ce-ção, a-re-ia.

c) Há dígrafo e encontro consonantal na palavra **descesses.**

d) As palavras **saguão** e **iguais** têm cada uma três sílabas.

e) n.d.a.

5. (UFDF) Marque a opção em que todas as palavras apresentam um dígrafo:

a) fixo, auxílio, tóxico, exame.

b) enxergar, luxo, bucho, olho.

c) bicho, passo, carro, banho.

d) choque, sintaxe, unha, coxa.

e) n.d.a.

6. (CEFET-PR) A letra «x» é signo representativo de vários fonemas. Assinale a alternativa em que os valores fonêmicos correspondem à letra «x», das palavras que seguem:

I) Máximo

II) Desentoxicar

III) Hexaedro

IV) Exangue

V) Defluxo

a) cs/ch/cs/z/cs

b) cs/ss/cz/cs/ss

c) ss/cs/z/cz/cs

d) ss/cs/cs/z/ss

e) ss/ss/cz/z/cs

7. (ITA-SP) Assinale a alternativa correta quanto à análise fonética das vogais da palavra TORMENTA.

a) /o/ = anterior, átona, fechada, oral.

b) /o/ = posterior, átona, fechada, oral.

c) /e/ = anterior, tônica, aberta, nasal.

d) /e/ = média, tônica, fechada, nasal.

e) /e/ = posterior, átona, reduzida, oral.

8. (PUC-PR) Na pronúncia correta da palavra GUERRA, aparecem:

a) duas consoantes e duas vogais.

b) três consoantes e duas vogais.

c) duas consoantes e três vogais.

d) três consoantes e três vogais.

e) duas consoantes, duas vogais e uma semivogal.

9. (OBJ-SP) Na palavra FIXO há:

a) 4 letras, 2 sílabas e 4 fonemas.

b) 4 letras, 2 sílabas e 5 fonemas.

c) 4 letras, 3 sílabas e 4 fonemas.

d) 4 letras, 3 sílabas e 5 fonemas.

e) n.d.a.

10. (UCPEL-RS) A alternativa em que os quatro vocábulos possuem um mesmo fonema consonantal é:

a) cada/dedo/ficção/merece.

b) auxílio/passo/maço/desce.

c) gato/agente/guerra/reger.

d) luxo/dizer/tenso/peso.

e) chave/enxame/fluxo/exílio.

Para resolver as questões 11 a 18, assinale as alternativas e some seus valores.

11. (UFMS) Assinale as afirmações corretas:

1. A oposição fonética entre **pomba** e **bomba** é marcada pela sonoridade.

2. No vocábulo **grande** há somente um grupo consonantal.

4. No vocábulo **mundo** há 3 fonemas consonantais.

8. No vocábulo **também** ocorre ditongo.

16. No vocábulo **ruim** há um ditongo decrescente.

32. Os fonemas consonantais de BADARÓ são, respectivamente, bilabial, linguodental, alveolar.

12. (PUC-SP) Assinale as alternativas em que todas as palavras contêm dígrafos:

1. massa, piscina, escudo.

2. espelho, esquilo, manhã.

4. filha, assombrado, discípulo.

8. jarra, flauta, terreno.

16. agüei, esguio, guerra.

32. quieto, exsudar, exceção.

64. quarto, chato, consciência.

13. (CESCEM-SP) Assinale as alternativas falsas:

1. Há ditongos orais em: jamais, atribui e defendeis.

2. Há hiatos em: vieram, averigúem, comprimiu.

4. Em **agüei, caos, mágoa** e **chato** ocorre, respectivamente, tritongo, ditongo decrescente, ditongo crescente e dígrafo.

8. Em **pavimentação** ocorre uma consoante constritiva alveolar (ç) e uma bilabial nasal (m).

16. Em **freqüento** o **u** é semivogal.

32. Em **freqüentemente** há 14 letras, 12 fonemas, 2 vogais nasais e 3 vogais orais.

64. Em **freqüente** há 2 consoantes oclusivas sonoras.

14. (UFBA) Assinale as afirmações corretas relativas à análise do vocábulo atmosfera:

1. t = consoante oclusiva, linguodental, surda, oral.

2. m = consoante bilabial, sonora, nasal.

4. s = consoante oclusiva, alveolar, sonora, oral.

8. f = consoante constritiva, labiodental, sonora, oral.

16. r = consoante vibrante, velar, surda, oral.

32. o = vogal posterior, fechada, átona, oral.

64. e = vogal anterior, fechada, tônica, oral.

15. (PUC-MG) Assinale as alternativas corretas relativas à análise do vocábulo estimular:

1. A vogal **e** é anterior, fechada, átona, oral.

2. A vogal **i** é anterior, átona, fechada, oral.

4. A vogal **u** é posterior, aberta, átona, nasal.

8. A vogal **a** é média, aberta, tônica, oral.

16. A consoante **l** é constritiva lateral, alveolar, sonora.

32. A consoante **s** é constritiva fricativa, alveolar, sonora.

64. A consoante **t** é oclusiva fricativa, linguodental, surda.

16. (UFCE) Identifique, dentre as palavras a seguir, as que se escrevem com o mesmo dígrafo de «crescei»**:**

1. descendente

2. enriquecer

4. florescente

8. alvorecer

16. miscelânea

32. resplandecer

17. (UFSC) Com relação à estrutura fonética, assinale as alternativas corretas:

1. Em **bicho** e **quipás**, há, respectivamente, um dígrafo e um encontro consonantal.

2. As palavras **gutural**, **linguagem**, **animais** e **vaqueiro** possuem ditongo.

4. Contêm hiato as palavras **vivia, baraúnas, raízes** e **ruivos**.

8. As palavras **gratuito, circuito** e **fortuito** estão grafadas corretamente quanto à ortoepia e prosódia.

16. Em **goiabas, meias, Uruguai** e **saguão** há tritongos.

32. A palavra **bicharada** tem 9 letras e 8 fonemas.

18. (UFPR) Assinale as alternativas em que, na língua culta, há em todas as palavras o mesmo número de fonemas:

1. chave, quero, hábil, aguar.

2. canhotos, tóxico, extrair, prossegui.

4. canhotos, tóxico, extrair, prossegui.

8. horrível, velhaco, crescer, excessos.

16. classes, anexa, horrores, esquina.

19. (CEFET-PR) Assinale a alternativa que contém o número de fonemas existentes na palavra nasceram**:**

a) 8
b) 6
c) 7
d) 3
e) 5

20. (CEFET-PR) Indique a palavra que apresenta, simultaneamente, ditongo decrescente e ditongo crescente:

a) possuía

b) distinguiam

c) Uruguai

d) conluio

e) fortuito

Respostas da unidade 1 — Fonética — Encontros vocálicos

Exercícios - pág. 5

1) ouro – **DDo**
pão – **DDn**
freqüente – **DCn**
muito – **DDn**
viu – **DDo**
doido – **DDo**
múmia – **DCo**
exíguo – **DCo**
mosaico – **DDo**
câibra – **DDn**
mau – **DDo**
tênue – **DCo**
refém – **DDn**
estavam – **DDn**
araquã – **DCn**
quando – **DCn**
coisa – **DDo**
caseiro – **DDo**

2) Paraguai – **T**
saguão – **T**
circuito – **DD**
artéria – **DC**
quieto – **H**
saguões – **T**
iguaizinhos – **T**
orquídea – **DC**
pingüim – **DC**
averigüemos – **DC**
pia – **H**
agüentar – **DC**
reeleito – **H/DD**
caótico – **H**
apazigüei – **T**
triunfo – **H**
gratuito – **DD**
propõe – **DD**
uruguaianense – **T/DC**
sequóia – **T/DC**
rainha – **H**
uai – **T**

3) cantav**am**

4) viúva; sueco; caí; beato; preencher; rua; país; ruim; Tietê; coeso; ruína; lagoa; saíra; pajeú.

5) líng**ua** – DC
constr**ói** – DD
contrár**io** – DC
exercíc**io** – DC
algod**ão** – DD
têxt**eis** – DD
f**ei**o – DD
m**au** – DD
pard**ais** – DD
redaç**ão** – DD
constro**em** – DD
precis**am** – DD
b**ai**a – DD
dep**ois** – DD
brasil**ei**ro – DD
cíl**ios** – DC
jib**ói**a – DD
pod**em** – DD
De**us** – DD
ba**ía** – DC
Enc. conson./dígrafos

Exercícios — pág. 8

1) tranqüilo — /trãkwilo/ — 9 - 5
cochichar — /koxixar/ — 9 - 7
exceção — /esesãw/ — 7 - 6
excesso — /eseso/ — 7 - 5
anexar — /aneksar/ — 6 - 7
freqüente — /frekwẽte/ — 9 - 8

2) ponte: bonde
faca: vaga
pote: bode
cato: gado
fita: vida
farinha: varinha
cace: gaze
coce: goze
lufa: luva
assar: azar ou asar

3) dedo: teto
base: passe
gola: cola
bolo: pôlo ou pólovala: fala
vira: fira
vaso: faço
galinho: calinho
azedona: acetona
babel: papel

4) xampu
eqües**tr**e
o**cc**ipital
na sc er
caci qu e
rece**pç**ão
quase
e**st**ra nh as
pneumático
di**gn**o
re**pl**eto
te lh a
e xc eder
qu is
en**tr**anhas
guitarra
o**bt**er
psicologia
fa ch o
ve**rn**iz
sa**ls**i ch a

5) elixir—/ch/
exalar — /z/
fluxo — /ks/
texto — /ss/
inexaurível—/z/
êxodo — /z/
hexaedro — /ks/
sintaxe — /ks/ ou /ss/
vexame — /ch/
axila — /ks/
clímax — /ks/
exímio — /z/
léxico — /ks/
hexacampeão — /ks/
maxilar — /ks/
prolixo — /ks/
exorbitar — /z/
defluxo — /ss/
cóccix — /ss/
tórax — /ks/
máximo — /ss/

6) V 2 C 1 SV 2
V 3 C 3 SV 1
V 2 C 1 SV 1

7) a) /p/
b) /t/
c) /v/
d) /m/
e) /s/ (ç)

8) 1. H 2. DC 3. DD

Testes — pág. 9

1 - c	6 - d	11 - 43	16 - 21
2 - d	7 - b	12 - 38	17 - 40
3 - e	8 - a	13 - 70	18 - 30
4 - a	9 - b	14 - 35	19 - c
5 - c	10 - b	15 - 27	20 - d

PORTUGUÊS

Morfologia – Verbos

Formas Nominais do Verbo (Particípio, Gerúndio, Infinitivo)

Prof.ª Isabel Vega

Qconcursos.com

s Nominais do Verbo (Particípio, Gerúndio, Infinitivo)

► **FORMAS NOMINAIS** – Não podem exprimir por si tempo ou modo, que são determinados pelo contexto.

I – PARTICÍPIO

a) Formação dos tempos compostos
Ex.: Temos estudado muito.

b) Formação da voz passiva
Ex.: A casa foi limpa rapidamente.

c) Expressão de estado, equivalendo ao adjetivo.
Ex.: João, enfurecido, bateu a porta.

Qconcursos.com

II – GERÚNDIO

a) Expressa ação em curso, processo.
Ex.: Chegando à casa da irmã, ficou tranquila.

b) Expressa ação simultânea, equivalendo ao advérbio de modo.
Ex.: João subiu as escadas cantando de alegria.

c) Forma composta – indica ação concluída
Ex.: Tendo aceitado a proposta de emprego, mudou de cidade.

III – INFINITIVO

a) PESSOAL – Empregado quando há sujeito expresso ou subentendido.

Ex.: Conhecermos nosso país é fundamental.

b) IMPESSOAL – Empregado quando a ação é tomada em sentido geral, ou seja, sem que recaia sobre um sujeito específico, equivalendo ao substantivo.

Ex.: Caminhar faz bem à saúde.
O caminhar faz bem à saúde.
O ato de caminhar faz bem à saúde.

Qconcursos.com

s Nominais do Verbo (Particípio, Gerúndio, Infinitivo)

c) LOCUÇÕES VERBAIS – Equivale ao gerúndio; é mais usado em Portugal.

Ex.: As crianças, curiosas, estavam a ouvir a música que vinha da casa do vizinho.

As crianças, curiosas, estavam ouvindo a música que vinha da casa do vizinho.

ADRIANA
FIGUEIREDO
CURSOS

CONCORDÂNCIA VERBAL

01. VUNESP – CÂMARA DE SERRANA - SP – TÉCNICO LEGSLATIVO - 2019

Assinale a alternativa em que o verbo em destaque apresenta concordância correta, de acordo a norma-padrão.

A Um grande número de quadros **virou** cinzas.

B **Tratam-se** de políticas de terra arrasada.

C Nenhum Nero **assumem** a responsabilidade.

D **Existirá**, ainda hoje, heróis de uma resistência cultural.

E **Conseguirá** os políticos eleitos preocupar-se com a cultura?

02. VUNESP – TJ - SP – ENFERMEIRO JUDICIÁRIO - 2019

Considere os enunciados, reescritos a partir das informações textuais:

• A Declaração de Alma Alta e a Declaração de Astana ____________ preocupação em fortalecer a atenção primária à saúde.

• As ações em saúde ____________ ficado muito ____________ em combater doenças específicas, em detrimento da prevenção de doenças.

• De acordo com a Declaração de Astana, ____________ uma ação multissetorial que inclua tecnologia, conhecimento científico e tradicional.

De acordo com a norma-padrão, as lacunas dos enunciados devem ser preenchidas, respectivamente, com:

A revela ... têm ... focadas ... é necessária

B revelam ... tem ... focados ... é necessário

C revelam ... têm ... focadas ... é necessária

D revela ... tem ... focado ... é necessário

E revelam ... têm ... focado ... é necessário

03. VUNESP – PC - SP – ESCRIVÃO DE POLÍCIA CIVIL - 2018

A alternativa que apresenta concordância de acordo com a norma-padrão é:

A 40% da população adulta brasileira já estão endividados.

B O número de endividados já superam o de não devedores.

C A situação dos endividados é crítica: tratam-se de 61,7 milhões deles.

D Menos de 70 milhões de brasileiros se põe entre os endividados.

E Contabiliza-se 61,7 milhões de endividados entre os brasileiros.

04. VUNESP – PC - SP – PAPILOSCOPISTA POLICIAL - 2018

Assinale a alternativa que atende à norma-padrão de concordância verbal.

A Os indicadores do mundo do emprego permite compreender os índices de confiança de consumidores e empresas.

B Na atual conjuntura, aumenta as vagas sem carteira assinada e também o trabalho por conta própria.

C A falta de investimentos na construção civil e de criação de novos canteiros de obras reforça a inquietude econômica.

D As dúvidas em torno da força e da persistência da retomada do crescimento causa inquietude no país.

E Quando se desconta os efeitos sazonais, vê-se que a taxa de desocupação não cai desde setembro do ano passado.

05. VUNESP – PREFEITURA DE SUZANO - SP – GUARDA CIVIL MUNICIPAL - 2018

A alternativa em que a concordância verbal está em conformidade com a norma-padrão é:

A Houve dezessete vítimas no atentado à escola do estado da Flórida.

B Para os estudantes, a lei contêm senões, como a liberação de certos tipos de armas.

C Com a restrição à compra de armas, espera-se que diminuam a morte de inocentes.

D O ataque à escola de Parkland somam-se a outros já ocorridos nos EUA.

E Segundo a nova lei, somente jovens que tem 21 anos ou mais poderão adquirir armas legalmente.

06. VUNESP – TJ - SP – ESCREVENTE TÉCNICO JUDICIÁRIO - 2018

Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal, de acordo com a norma-padrão.

A A página do livro cheia de linhas apertadas e negros parágrafos deixam o adolescente com falta de ar.

B O adolescente está no quarto, sentado diante da janela. Passou as horas, e ele não tem coragem de contá-las.

C Ao encontrar um diálogo, o adolescente espera que hajam longas conversas entre as personagens.

D O livro tem exatamente 486 páginas. É quase 500 páginas de leitura, e praticamente não existe diálogos.

E O bloco de doze páginas provoca os xingamentos do adolescente, e logo são proferidas as desculpas.

07. FCC – BANRISUL – ESCRITURÁRIO - 2019

O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se de modo a concordar com o elemento sublinhado na seguinte frase:

A A muitos pintores (**interessar**) mais a observância dos detalhes do que o engenho.

B Até mesmo aos pés-de-galinha (**dedicar**) aquele pintor sua obsessiva atenção.

C A muitos amantes da pintura não (**ocorrer**) bem distingui-la da arte da fotografia.

D Não (**haver**) tantas preocupações com o realismo, a imaginação sairia ganhando.

E Há pintores cuja imaginação (**ultrapassar**) em muito os limites do realismo.

08. FCC – AFAP – ANALISTA DE FOMENTO - ADVOGADO - 2019

Para integrar adequadamente a frase dada, o verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma

A do plural em **Bem (poder) caber ao professor o exercício dos dotes de um talentoso escritor.**

B do plural em **Não (chegar) aos seus ouvidos de professor qualquer recriminação por parte dos jovens alunos.**

C do singular em **De todos os castigos que lhe (ocorrer) nenhum poderia ser o da carreira de pedagogo.**

D do singular em **Dos talentos que lhe (caber) desenvolver, o de professor foi o mais bem-sucedido.**

E do singular ou do plural, indiferentemente, em **O fato de (haver) tantas profissões permite boas escolhas.**

09. FCC – PREFEITURA DE RECIFE – ANALISTA DE GESTÃO CONTÁBIL - 2019

O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se de modo a concordar com o elemento sublinhado na seguinte frase:

A Não (**constar**) entre os hábitos modernos a valorização da presença e da constância física do afeto.

B Aos amigos que deixamos na cidade natal (**caber**) dispensar toda a nossa atenção.

C Às pessoas idosas (**reservar**) sempre cada um de nós uma manifestação física de afeto.

D As cartas que não mais me (**chegar**) indiciam, quem sabe, um definitivo silêncio.

E Palavras escritas e ditas a muita distância, (**acabar**) por ignorá-las quem as recebe.

10. FCC – PREFEITURA DE RECIFE – ANALISTA DE GESTÃO ADMINISTRATIVA - 2019

O **verbo** indicado entre parênteses deverá ser flexionado de modo a concordar com o elemento sublinhado na frase:

A A Aristóteles, Platão e a outros pensadores (**impressionar**) vivamente a magia encantatória dos ritmos e das melodias musicais.

B Crê o autor do texto que àquele a quem mais (**abalar**) os efeitos da música é também quem mais conhece as razões para temê-la.

C Todos os ataques que contra a música se (**promover**) costumam partir dos que são extremamente sensíveis aos seus poderes.

D Está no texto a convicção, contra a qual a poucos (**ocorrer**) de se levantar, de que são irreprimíveis os efeitos gerados pelo ritmo musical.

E A música, independentemente dos que nela (**ter**) a atenção concentrada, acaba contagiando o ambiente em que se a promova.

11. FCC – PREFEITURA DE RECIFE – ANALISTA DE PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E GESTÃO - 2019

O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se de modo a concordar com o elemento sublinhado na frase:

A A quem (**preocupar**) os óbices da velhice se fosse sempre possível reviver algumas de nossas melhores experiências da infância?

B Acredita o autor que (**poder**) chegar a sucumbir a ataques de infância quem está vivendo muito mal o próprio envelhecimento.

C Não se (**lamentar**) pelos infortúnios dos dias que correm o velho que guarda no tesouro da memória seus momentos de felicidade.

D Quando não (**parecer**) restar ao idoso desencantado senão memórias infelizes, cumpre-lhe tornar felizes os dias que lhe sobram.

E Ao envelhecimento feliz (**costumar**) agregar-se imagens de outra época em que se foi igualmente feliz, em atração recíproca.

12. FCC – BANRISUL – ESCRITURÁRIO - 2019

Há pleno atendimento às normas de concordância verbal na frase:

A O tempo de antes de nascer e o de depois de morrer constitui incógnitas indevassáveis à percepção humana.

B A imensidão do universo, com suas incontáveis estrelas, aturdem e atemorizam a muitos de nós, sejam crentes ou ateus

C Caso lhes faltasse a imaginação, não teriam os homens qualquer preocupação com a vastidão do espaço que alcançam perceber.

D Milhares ou milhões de anos pouco, de fato, representa para aquele que tira os olhos do universo e os interiorizam em si mesmos.

E Fôssemos todos imortais e provavelmente haveria de experimentarmos o tédio de não sentir o limite das grandes aventuras.

13. FCC – TRT – 6ª REGIÃO – TÉCNICO JUDICIÁRIO – 2018

Qual caminho a seguir? Primeiro, institucionalizar a aliança entre Olinda e Recife. Em seguida, buscar os patrocínios e parcerias com as associações de bares e restaurantes, indústrias de bebidas, empresas de cartões de crédito, redes sociais e sites estratégicos. O estímulo para se conhecer o "Carnaval Recife-Olinda" já deverá estar em anúncios publicitários nesses sites ao menos três meses antes da festa. Isso despertará o interesse do público de diferentes localidades. É este o caminho para transformar Pernambuco num destino ainda mais procurado a partir de 2019.

*Primeiro, **institucionalizar** a aliança entre Olinda e Recife. (4° parágrafo)*

Se essa frase for iniciada com ***Primeiro, será necessário que***, a forma verbal destacada deve ser substituída por

A se institucionalizarão.

B se institucionaliza.

C se institucionalizavam.

D se institucionalize.

E se institucionalizara.

14. FGV – AL - RO – ADVOGADO - 2018

Assinale a frase a seguir em que a concordância verbal com porcentagens está **incorreta**.

A 25,7% do total de calouros se matricularam.

B 30% da imprensa mostraram esse mesmo dado.

C 1,7% do jornal se ocuparam dessa notícia.

D 5,8% do público leitor comentou os dados fornecidos.

E 1,3% dos leitores se interessaram pela notícia.

15. FGV – TJ - AL – TÉCNICO JUDICIÁRIO – ÁREA JUDICIÁRIA - 2018

“Um jornal ou revista é processado se publicar sem autorização do autor um texto qualquer”. Se reescrita no plural, a melhor forma dessa frase será:

A Jornais e revistas são processados se publicar sem autorização do autor um texto qualquer;

BJornais e revistas são processados se publicarem sem autorização dos autores uns textos quaisquer;

C Jornais e revistas são processados se publicar sem autorizações dos autores um texto qualquer;

D Jornais e revistas são processados se publicarem sem autorizações dos autores uns textos quaisquer;

E Jornais e revistas são processados se publicarem sem autorização do autor um texto qualquer.

16. FGV – ALERJ – ESPECIALISTA LEGISLATIVO – 2017

Para que se respeite a concordância verbal, será preciso corrigir a seguinte frase:

A Têm havido dúvidas sobre a possibilidade de recuperação econômica do país em curto prazo;

B Têm sido levantadas dúvidas sobre a capacidade do sistema do INSS continuar funcionando a contento;

C Não se impute aos governos recentes a exclusiva responsabilidade pelas dificuldades econômicas do país;

D Que dúvidas têm divulgado os jornalistas sobre a atuação da polícia nas passeatas?

E Caso deixasse de haver as grandes bibliotecas públicas, os estudantes mais pobres sofreriam grande prejuízo.

17. FGV – MPE - BA – ASSISTENTE TÉCNICO ADMINISTRATIVO – 2017

“...69% dos entrevistados no Brasil relataram o hábito de assistir à TV enquanto se alimentam”.

Temos aqui uma concordância que envolve elementos de porcentagem; a frase abaixo que mostra incorreção nesse tipo de concordância é:

A 5% da turma vieram ao show;

B 89% dos brasileiros mostram alimentação pouco saudável;

C 1% dos entrevistados demonstraram fraqueza;

D chegou apenas 3% dos convidados;

E compareceram 23% dos artistas.

18. FGV – ALERJ – ESPECIALISTA LEGISLATIVO – 2017

Assinale a frase em que a concordância verbal está realizada corretamente:

A Havia acontecido outros acidentes no mesmo local;

B Para o bolo, deve bastar duas xícaras de farinha;

C Vão terminar ocorrendo novos desabamentos;

D Acho que no inverno farão dias menos frios;

E Embora se tratem de resultados bons, é necessário estudar mais.

19. CESPE – PRF – POLICIAL RODOVIÁRIO FEDERAL – 2019

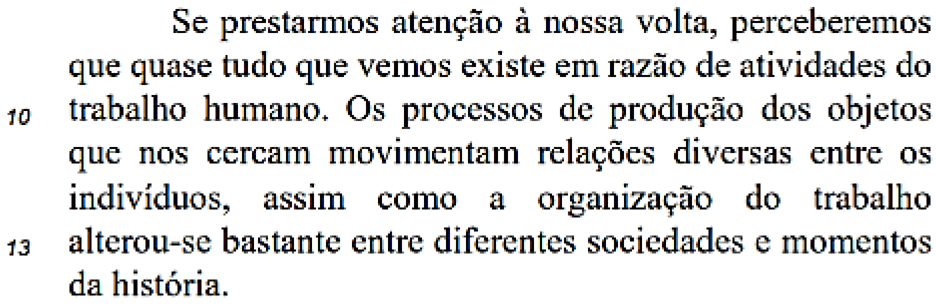

Se prestarmos atenção à nossa volta, perceberemos que quase tudo que vemos existe em razão de atividades do trabalho humano. Os processos de produção dos objetos que nos cercam movimentam relações diversas entre os indivíduos, assim como a organização do trabalho alterou-se bastante entre diferentes sociedades e momentos da história.

Julgue o seguinte item, a respeito das ideias e das construções linguísticas do texto apresentado.

No trecho “Os processos de produção dos objetos que nos cercam movimentam relações diversas entre os indivíduos” (ℓ. 10 a 12), o sujeito da forma verbal “cercam” é “Os processos de produção dos objetos”.

Certo

Errado

20. CESPE – IPHAN – TÉCNICO – 2018

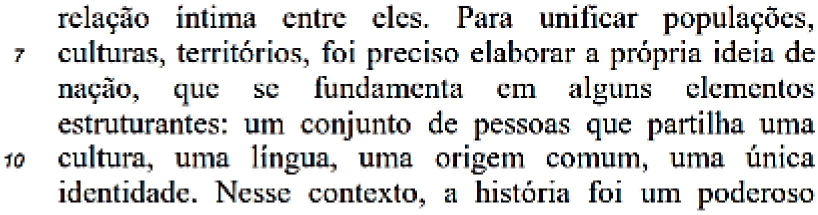

relação íntima entre eles. Para unificar populações, culturas, territórios, foi preciso elaborar a própria ideia de nação, que se fundamenta em alguns elementos estruturantes: um conjunto de pessoas que partilha uma cultura, uma língua, uma origem comum, uma única identidade. Nesse contexto, a história foi um poderoso

Julgue o seguinte item, a respeito de aspectos linguísticos do texto CB3A1-II.

A substituição da forma verbal “partilha” (ℓ.9) por **partilham** preservaria a correção gramatical do texto.

Certo

Errado

21. CESPE – STJ – CONHECIMENTOS BÁSICOS – 2018

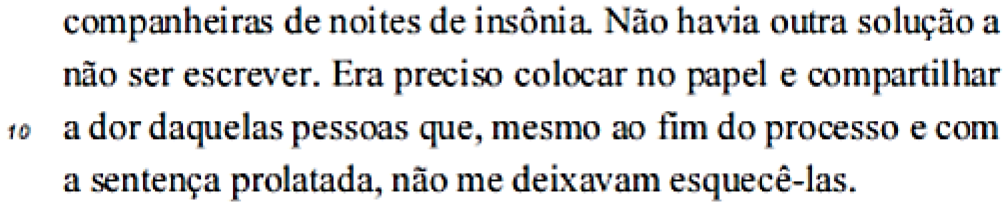

companheiras de noites de insônia. Não havia outra solução a não ser escrever. Era preciso colocar no papel e compartilhar a dor daquelas pessoas que, mesmo ao fim do processo e com a sentença prolatada, não me deixavam esquecê-las.

Com base no texto CB1A1CCC, escrito por uma juíza acerca de casos de violência doméstica, julgue o item a seguir.

A alteração da forma verbal “deixavam” (l.11) para o singular — **deixava** — não comprometeria a correção gramatical do período em que tal forma aparece, mas modificaria seu sentido original.

Certo

Errado

22. CESPE – MPE - PI – TÉCNICO MINISTERIAL – ÁREA ADMINISTRATIVA – 2018

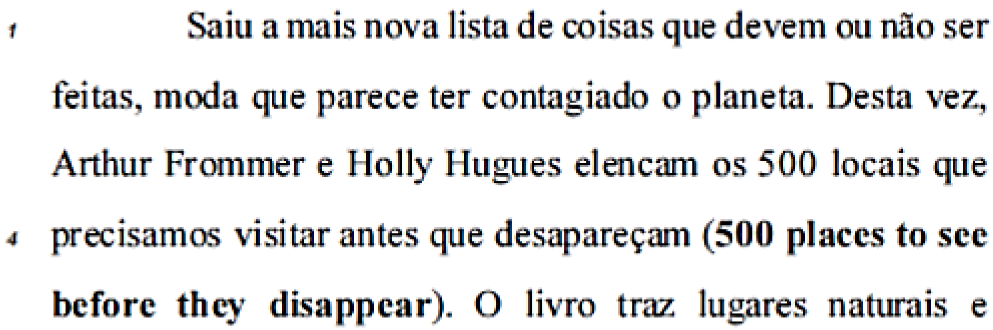

1 Saiu a mais nova lista de coisas que devem ou não ser
feitas, moda que parece ter contagiado o planeta. Desta vez,
Arthur Frommer e Holly Hugues elencam os 500 locais que
4 precisamos visitar antes que desapareçam (**500 places to see
before they disappear**). O livro traz lugares naturais e

Julgue o item a seguir, relativo aos sentidos e aos aspectos linguísticos do texto apresentado.

Na linha 1, seria incorreto o emprego do verbo “ser” no plural — **serem**.

Certo

Errado

23. CESPE – EMAP – CONHECIMENTOS BÁSICOS – NÍVEL SUPERIOR - 2018

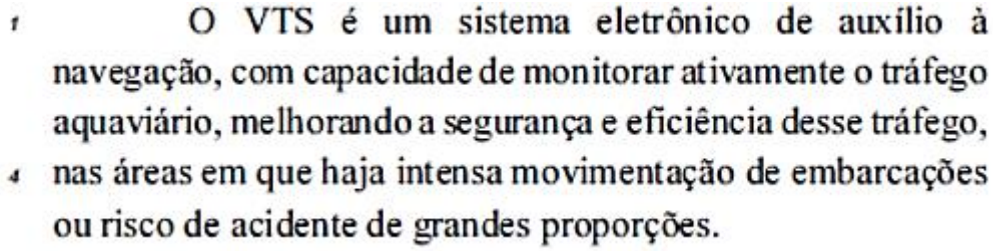

1 O VTS é um sistema eletrônico de auxílio à
navegação, com capacidade de monitorar ativamente o tráfego
aquaviário, melhorando a segurança e eficiência desse tráfego,
4 nas áreas em que haja intensa movimentação de embarcações
ou risco de acidente de grandes proporções.

Com relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto apresentado, julgue o item que segue.

A forma verbal “haja” (l.4) poderia ser flexionada no plural — **hajam** —, preservando-se a correção gramatical e os sentidos do texto.

Certo

Errado

24. CESPE – PF – PERITO CRIMINAL FEDERAL – 2018

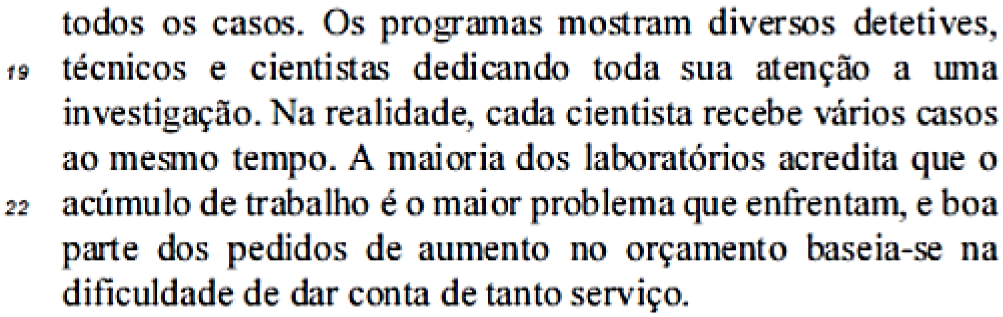

todos os casos. Os programas mostram diversos detetives, técnicos e cientistas dedicando toda sua atenção a uma investigação. Na realidade, cada cientista recebe vários casos ao mesmo tempo. A maioria dos laboratórios acredita que o acúmulo de trabalho é o maior problema que enfrentam, e boa parte dos pedidos de aumento no orçamento baseia-se na dificuldade de dar conta de tanto serviço.

Considerando os sentidos e os aspectos linguísticos do texto CB1A1AAA, bem como o disposto no Manual de Redação da Presidência da República, julgue o item que segue.

Seria mantida a correção gramatical do texto caso a forma verbal “acredita” (l.21) fosse flexionada no plural: acreditam.

Certo

Errado

25. CESPE – STM – ANALISTA JUDICIÁRIO – REVISÃO DE TEXTO – 2018

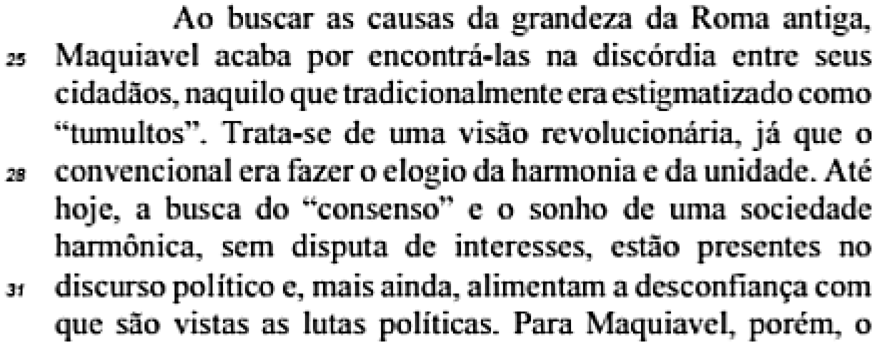

Ao buscar as causas da grandeza da Roma antiga, Maquiavel acaba por encontrá-las na discórdia entre seus cidadãos, naquilo que tradicionalmente era estigmatizado como “tumultos”. Trata-se de uma visão revolucionária, já que o convencional era fazer o elogio da harmonia e da unidade. Até hoje, a busca do “consenso” e o sonho de uma sociedade harmônica, sem disputa de interesses, estão presentes no discurso político e, mais ainda, alimentam a desconfiança com que são vistas as lutas políticas. Para Maquiavel, porém, o

Julgue o próximo item, relativo à estrutura linguística do texto 6A2BBB.

Se a expressão “uma visão revolucionária” (ℓ.27) fosse substituída por **ideias revolucionárias**, seria necessário alterar a forma verbal “Trata-se” para **Tratam-se**, para se manter a correção gramatical do texto.

Certo

Errado

26. CESPE – STM – ANALISTA JUDICIÁRIO – REVISÃO DE TEXTO – 2018

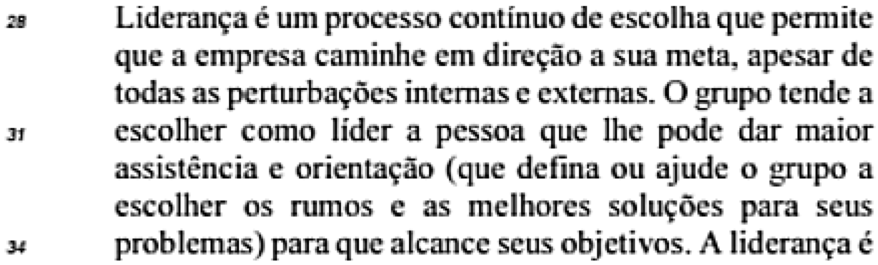

28 Liderança é um processo contínuo de escolha que permite
que a empresa caminhe em direção a sua meta, apesar de
todas as perturbações internas e externas. O grupo tende a
31 escolher como líder a pessoa que lhe pode dar maior
assistência e orientação (que defina ou ajude o grupo a
escolher os rumos e as melhores soluções para seus
34 problemas) para que alcance seus objetivos. A liderança é

Com relação às ideias e aos aspectos linguísticos do texto 6A3AAA, julgue o próximo item.

Há uma ambiguidade quanto ao antecedente do sujeito elíptico da forma verbal “alcance” (ℓ.34), que poderia ser dirimida caso essa forma verbal fosse flexionada no plural — **alcancem** —, estabelecendo-se concordância ideológica com a palavra “grupo” (ℓ.32).

Certo

Errado

27. CESPE – SEFAZ - RS – AUDITOR DO ESTADO – 2018

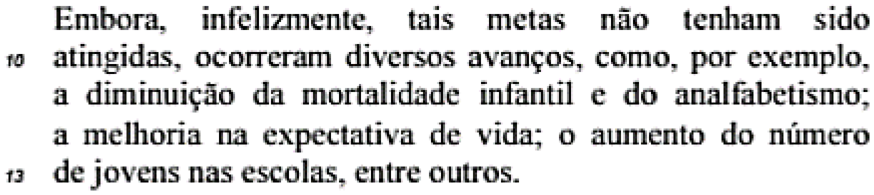

Embora, infelizmente, tais metas não tenham sido
10 atingidas, ocorreram diversos avanços, como, por exemplo,
a diminuição da mortalidade infantil e do analfabetismo;
a melhoria na expectativa de vida; o aumento do número
13 de jovens nas escolas, entre outros.

A correção gramatical e os sentidos do texto 1A10BBB seriam preservados caso a forma verbal “ocorreram” (ℓ.10) fosse substituída por

A existiu

B aconteceu.

C sucederam

D tiveram

E houveram.

28. CESPE – EMAP – CONHECIMENTOS BÁSICOS – NÍVEL MÉDIO – 2018

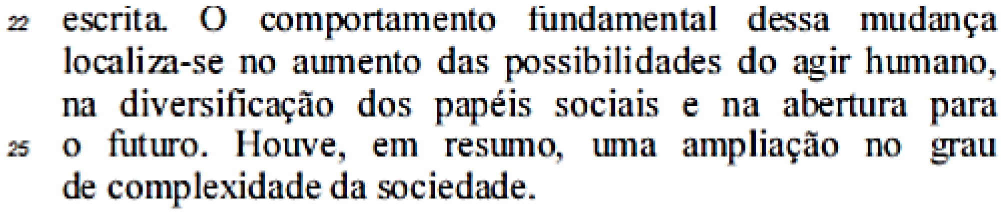

22 escrita. O comportamento fundamental dessa mudança
localiza-se no aumento das possibilidades do agir humano,
na diversificação dos papéis sociais e na abertura para
25 o futuro. Houve, em resumo, uma ampliação no grau
de complexidade da sociedade.

Com relação aos sentidos e aos aspectos linguísticos do texto precedente, julgue o próximo item.

Seriam mantidos a correção gramatical e os sentidos originais do texto, caso a forma verbal “Houve” (l.25) fosse substituída por **Ocorreram**.

Certo

Errado

29. CESPE – PF – ESCRIVÃO DE POLÍCIA FEDERAL – 2018

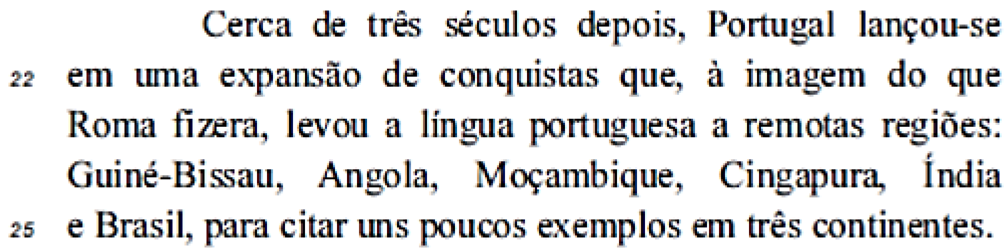

Cerca de três séculos depois, Portugal lançou-se
22 em uma expansão de conquistas que, à imagem do que
Roma fizera, levou a língua portuguesa a remotas regiões:
Guiné-Bissau, Angola, Moçambique, Cingapura, Índia
25 e Brasil, para citar uns poucos exemplos em três continentes.

Com relação às ideias e aos aspectos linguísticos do texto precedente, julgue o item seguinte.

A correção gramatical e a coerência do texto seriam preservadas caso a forma verbal “levou” (l.23) fosse substituída por **levaram**.

Certo

Errado

30. CESPE – IPHAN– CONHECIMENTOS BÁSICOS – NÍVEL MÉDIO – 2018

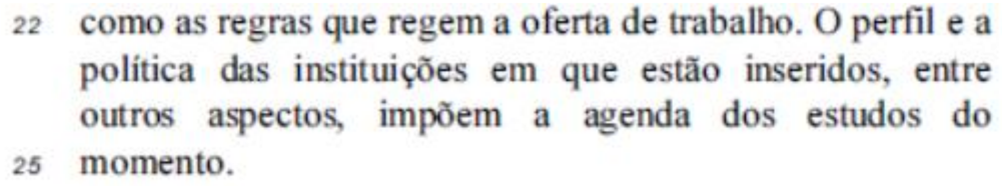

22 como as regras que regem a oferta de trabalho. O perfil e a
política das instituições em que estão inseridos, entre
outros aspectos, impõem a agenda dos estudos do
25 momento.

A respeito dos aspectos linguísticos e textuais do texto CB2A1AAA, julgue o item que segue.

A forma verbal “impõem” (ℓ.24) está no plural porque concorda com o termo “instituições” (ℓ.23).

Certo

Errado

31. CESPE – SEDF – PROFESSOR DE EDUCAÇÃO BÁSICA – 2017

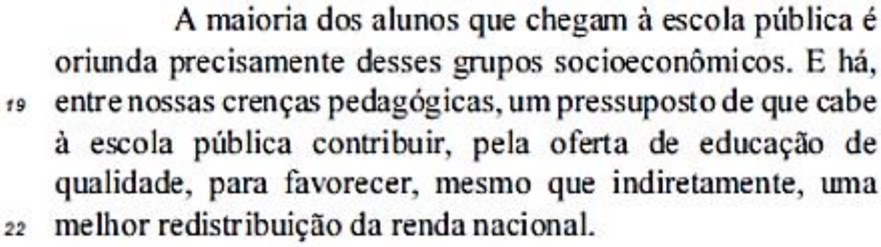

A maioria dos alunos que chegam à escola pública é oriunda precisamente desses grupos socioeconômicos. E há, entre nossas crenças pedagógicas, um pressuposto de que cabe à escola pública contribuir, pela oferta de educação de qualidade, para favorecer, mesmo que indiretamente, uma melhor redistribuição da renda nacional.

Com referência às ideias e aos aspectos linguísticos do texto precedente, julgue o próximo item.

Em “A maioria dos alunos que chegam à escola pública é oriunda precisamente desses grupos socioeconômicos” (l. 17 e 18), a forma verbal “chegam” poderia ser corretamente flexionada no singular. Nesse caso, o pronome “que” retomaria o núcleo do sujeito da oração principal.

Certo

Errado

GABARITO

01.A
02.C
03.A
04.C
05.A
06.E
07.B
08.D
09.D
10.B
11.C
12.C
13.D
14.C
15.E
16.A
17.D
18.C
19.ERRADO
20. CERTO
21. CERTO
22. CERTO
23. ERRADO
24. CERTO
25. ERRADO
26. ERRADO
27. C
28. ERRADO
29. CERTO
30. ERRADO
31.CERTO

PORTUGUÊS

Funções morfossintáticas da palavra “até”

Prof.ª Isabel Vega

Funções morfossintáticas da palavra “até”

I) PREPOSIÇÃO → inicia termos que expressam limites (de tempo, de espaço...)

Ex.1: João ficará fora [**até** maio].

Ex.2: [Daqui **até** o portão], há 20 metros.

OBS.: [Daqui **até** **a**o portão], há 20 metros.

Ex.3: Maria leu [**até** a última página].

OBS.: Maria leu [**até** **à** última página].

II) ADVÉRBIO → relaciona-se ao **verbo**, acrescentando-lhe circunstância de inclusão. É sinônimo de termos como **também**, **inclusive**, **mesmo, no máximo**...

Ex.1: Por sua bondade, João **ganhou** **até** presentes.

↳ **inclusive**

Ex.2: Por sua bondade, João **até** **ganhou** presentes.

↳ **também**

Ex.3: Pagarei **até** cem reais pelo conserto.

↳ **no máximo**

Funções morfossintáticas da palavra "até"

III) PALAVRA DENOTATIVA DE INCLUSÃO → não pertence a classe gramatical alguma, portanto não exerce função sintática. Apresenta apenas sentido de inclusão, sendo sinônima dos termos **também, mesmo** e **inclusive.**

Ex.1: **Até** Maria já sabia do ocorrido.
↳**Inclusive**

Ex.2: **Até** meu pai achou o filme engraçado.
↳**Mesmo**

QUESTÕES ENEM

1) (Enem 2010)

Carnavália
Repique tocou
O surdo escutou
E o meu corasamborim
Cuíca gemeu, será que era meu, quando
ela passou
por
mim?
[...]

ANTUNES, A.; BROWN, C.; MONTE, M.
Tribalistas, 2002 (fragmento).

No terceiro verso, o vocábulo "corasamborim", que é a junção coração + samba + tamborim, refere-se, ao mesmo tempo, a elementos que compõem uma escola de samba e a situação emocional em que se encontra o autor da mensagem, com o coração no ritmo da percussão.

Essa palavra corresponde a um (a):

a) estrangeirismo, uso de elementos linguísticos originados em outras línguas e representativos de outras culturas.
b) neologismo, criação de novos itens linguísticos, pelos mecanismos que o sistema da língua disponibiliza.
c) gíria, que compõe uma linguagem originada em determinado grupo social e que pode vir a se disseminar em uma comunidade mais ampla.
d) regionalismo, por ser palavra característica de determinada área geográfica.
e) termo técnico, dado que designa elemento de área específica de atividade.

Opção correta: letra B

2) Páris, filho do rei de Troia, raptou Helena, mulher de um rei grego. Isso provocou um sangrento conflito de dez anos, entre os séculos XIII e XII a.C. Foi o primeiro choque entre o ocidente e o oriente. Mas os gregos conseguiram enganar os troianos. Deixaram à porta de seus muros fortificados um imenso cavalo de madeira. Os troianos, felizes com o presente, puseram-no para dentro. À noite, os soldados gregos, que estavam escondidos no cavalo, saíram e abriram as portas da fortaleza para a invasão. Daí surgiu a expressão "presente de grego".

DUARTE, Marcelo. O guia dos curiosos.
São Paulo:
Companhia das Letras, 1995.

Em "puseram-no", a forma pronominal "no" refere-se.

(a) ao termo "rei grego".
(b) ao antecedente "gregos".
(c) ao antecedente distante "choque".
(d) à expressão "muros fortificados".

(e) aos termos "presente" e "cavalo de madeira".

Opção correta: letra E

3) A escrita é uma das formas de expressão que as pessoas utilizam para comunicar algo e tem várias finalidades: informar, entreter, convencer, divulgar, descrever. Assim o conhecimento acerca das variedades linguísticas sociais, regionais e de registro torna-se necessário para que se use a língua nas mais diversas situações comunicativas. Considerando as informações acima, imagine que você está à procura de um emprego e encontrou duas empresas que precisam de novos funcionários. Uma delas exige uma carta de solicitação de emprego.

Ao redigi-la, você:

(a) fará uso da linguagem metafórica.
(b) apresentará elementos não verbais.
(c) utilizará o registro informal.
(d) evidenciará a norma padrão.
(e) fará uso de gírias.

Opção correta: letra D

4) (Enem 1999) Diante da visão de um prédio com uma placa indicando SAPATARIA **PAPALIA**, um jovem deparou com a dúvida: como pronunciar a palavra PAPALIA? Levado o problema à sua sala de aula, a discussão girou em torno da utilidade de conhecer as regras de acentuação e, especialmente, do auxílio que elas podem dar à correta pronúncia de palavras.

Após discutirem pronúncia, regras de acentuação e escrita, três alunos apresentaram as seguintes conclusões a respeito da palavra **PAPALIA**:

I. Se a sílaba tônica for o segundo PA, a escrita deveria ser PAPÁLIA, pois a palavra seria paroxítona terminada em ditongo crescente.
II. Se a sílaba tônica for LI, a escrita deveria ser PAPALÍA, pois "i" e "a" estariam formando hiato.
III. Se a sílaba tônica for LI, a escrita deveria ser PAPALIA, pois não haveria razão para o uso de acento gráfico.

A conclusão está correta apenas em:
a) I
b) II
c) III
d) I e II
e) I e III

Opção correta: letra E

Este conteúdo é parte integrante do curso **VestEnem** do **Aulalivre.net** e não pode ser vendido separadamente.

5) O texto mostra uma situação em que a linguagem usada é inadequada ao contexto. Considerando as diferenças entre língua oral e língua escrita, assinale a opção que representa também uma inadequação da linguagem usada ao contexto:

(a) "o carro bateu e capotô, mas num deu pra vê direito" - um pedestre que assistiu ao acidente comenta com o outro que vai passando.
(b) "E aí, ô meu! Como vai essa força?" - um jovem que fala para um amigo.
(c) "Só um instante, por favor. Eu gostaria de fazer uma observação" - alguém comenta em uma reunião de trabalho.
(d) "Venho manifestar meu interesse em candidatar-me ao cargo de Secretária Executiva desta conceituada empresa" - alguém que escreve uma carta candidatando-se a um emprego.
(e) "Porque se a gente não resolve as coisas como têm que ser, a gente corre o risco de termos, num futuro próximo, muito pouca comida nos lares brasileiros" - um professor universitário em um congresso internacional.

Opção correta: letra E

6) A frase abaixo foi dita por uma atriz como um lamento à insistência dos jornalistas em vasculharem sua vida pessoal:

> "É muito triste você não poder sair para jantar com um amigo sem ser perseguida por ninguém."

De forma como a frase foi registrada, o sentido produzido é o contrário ao supostamente pretendido pela atriz. Assinale a opção em que há a identificação do(s) elemento(s) que causa(m) tal mal-entendido.

(a) adjetivo (triste)
(b) preposições (para; com; por)
(c) advérbio de intensidade (muito)
(d) locuções verbais (poder sair, ser perseguida)
(e) negação (não; sem; ninguém)

Opção correta: letra E

7) Observando as falas das personagens, analise o emprego do pronome **se** e o sentido que adquire no contexto. No contexto da narrativa, é correto afirmar que o pronome **se**,

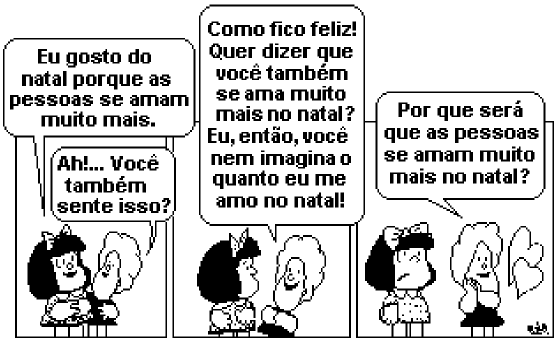
Eu gosto do natal porque as pessoas se amam muito mais.
Ah!... Você também sente isso?
Como fico feliz! Quer dizer que você também se ama muito mais no natal? Eu, então, você nem imagina o quanto eu me amo no natal!
Por que será que as pessoas se amam muito mais no natal?
I
II
III

(QUINO. "Mafalda inédita". São Paulo: Martins Fontes, 1993)

a) em I, indica reflexividade e equivale a "a si mesmas".

b) em II, indica reciprocidade e equivale a "a si mesma".

c) em III, indica reciprocidade e equivale a "uma às outras".

d) em I e III, indica reciprocidade e equivale a "uma às outras".

e) em II e III, indica reflexividade e equivale a "a si mesma" e "a si mesmas", respectivamente.

Opção correta: letra D

8) (Enem 2009) Para o Mano Caetano

O que fazer do ouro de tolo
Quando um doce bardo brada a toda brida,
Em velas pandas, suas esquisitas rimas?
Geografia de verdades, Guanabaras postiças
Saudades banguelas, tropicais preguiças?

A boca cheia de dentes
De um implacável sorriso
Morre a cada instante
Que devora a voz do morto, e com isso,
Ressuscita vampira, sem o menor aviso

[...]

E eu soy lobo-bolo? lobo-bolo
Tipo pra rimar com ouro de tolo?
Oh, Narciso Peixe Ornamental!
Tease me, tease me outra vez[1]
Ou em banto baiano
Ou em português de Portugal
De Natal
[...]

[1] Tease me (caçoe de mim, importune-me).

LOBÃO. Disponível em: http://vagalume.uol.com.br. Acesso em: 14 ago. 2009 (adaptado).

Na letra da canção apresentada, o compositor Lobão explora vários recursos da língua portuguesa, a fim de conseguir efeitos estéticos ou de sentido. Nessa letra, o autor explora o extrato sonoro do idioma e o uso de termos coloquiais na seguinte passagem:

a) "Quando um doce bardo brada a toda brida" (v. 2)

b) "Em velas pandas, suas esquisitas rimas?" (v. 3)

c) "Que devora a voz do morto" (v. 9)

d) "lobo-bolo//Tipo pra rimar com ouro de tolo? (v. 11-12)

e) "Tease me, tease me outra vez" (v. 14)

Opção correta: letra D

9) (Enem 2002) "Narizinho correu os olhos pela assistência. Não podia haver nada mais curioso. Besourinhos de fraque e flores na lapela conversavam com baratinhas de mantilha e miosótis nos

> cabelos. Abelhas douradas, verdes e azuis, falavam mal das vespas de cintura fina - achando que era exagero usarem coletes tão apertados. Sardinhas aos centos criticavam os cuidados excessivos que as borboletas de toucados de gaze tinham com o pó das suas asas. Mamangavas de ferrões amarrados para não morderem. E canários cantando, e beija-flores beijando flores, e camarões camaronando, e caranguejos caranguejando, tudo que é pequenino e não morde, pequeninando e não mordendo."
>
> *(LOBATO, Monteiro. Reinações de Narizinho. São Paulo: Brasiliense, 1947.)*

No último período do trecho, há uma série de verbos no gerúndio que contribuem para caracterizar o ambiente fantástico descrito.

Expressões como "camaronando", "caranguejando" e "pequeninando e não mordendo" criam, principalmente, efeitos de

a) esvaziamento de sentido.
b) monotonia do ambiente.
c) estaticidade dos animais.
d) interrupção dos movimentos.
e) dinamicidade do cenário.

Opção correta: letra E

EDITORA
AlfaCon
Concursos Públicos

LÍNGUA PORTUGUESA

JANAINA
ARRUDA

MUDE
mv
SUA
VIDA!

1. PRONOME..3
1.1 Pronome Substantivo e Pronome Adjetivo..3
1.2 Pronomes Pessoais..3
1.3 Oblíquos Tônicos..3

1. PRONOME

O pronome pode substituir ou acompanhar o substantivo.

PESSOAL	Indicam três pessoas do discurso	Retos: eu, tu, ele, nós, vós eles. Oblíquos átonos: me, te, se, nos, vos, o, a, lhe... Oblíquos tônicos: mim, ti, contigo, conosco, convosco... Reflexivos: me, te, se, si, consigo... Tratamento: você, Senhor, Vossa Senhoria...
DEMOSNTRATIVOS	Indicam a posição dos seres no contexto, tempo e espaço.	Este, esse, aquele, aquilo, isso, isto...
RELATIVOS	Recuperam um antecedente	Que, quem, quanto, cujo, o qual, onde...
INDEFINIDOS	Indicam uma quantidade indefinida ou um ser de forma indefinida	Tudo, nada, algum, muito, certo, qualquer, vários...
INTERROGATIVOS	Indicam perguntas diretas ou indiretas	Que, quem, qual, quanto.
POSSESSIVOS	Indicam ideia de posse	Meu, teu, nosso, vosso, sua...

1.1 Pronome Substantivo e Pronome Adjetivo

Espero que ele tenha encontrado o cão, já perdi o **meu** uma vez e sei como é ruim. (pronome substantivo)

O **meu** cão nunca se perde, já é ensinado! (pronome adjetivo)

1.2 Pronomes Pessoais

Designam as três pessoas do discurso e se dividem em:

> Caso reto: desempenham função de sujeito ou predicativo;

> Caso Oblíquo: desempenham função de complemento ou adjunto (exceção: sujeito)

PRONOMES PESSOAIS RETOS			Pronomes Pessoais Oblíquos	
			Átonos (sem prep.)	Tônicos (com prep.)
Singular	1 2 3	Eu Tu Ele/ela	Me Te Se, o, a, lhe	Mim, comigo Ti, contigo Si, consigo, ele
Plural	1 2 3	Nós Vós Eles/ elas	Nos Vos Se, os, as, lhes	Nós, conosco Vós, convosco Si, eles, elas

1.3 Oblíquos Tônicos

Têm acento tônico e estão precedidos de preposição:

Ore por mim.

João ficou fora de si.

Leve-o para ele.

Deixou o bebê comigo.

1.3.1 Oblíquos átonos:

Não têm acento tônico e não são precedidos de preposição:

Não nos perturbe.

Passe-me a faca.

Vejo-te em casa.

1.3.2 As formas o, a, os, as

> Verbos terminados em R, S, Z= cai a consoante no final do verbo e o pronome vira LO, LA, LOS, LAS:

Maria veio vê-LO.

Fiz o bolo. Fi-LO sozinha!

> Verbos terminados em M ou nasais= os pronomes viram no, na, nos, nas.

Encontraram-NOS perto do lago.

Põe-NA sobre a mesa.

1.3.3 Contração dos oblíquos átonos

Os pronomes oblíquos podem ser contraídos ou combinados.

Me + o = mo	Me + a = ma
Nos + o = no-lo	Nos + a = no-la
Te + o = to	Te + a = ta
Vos + o = vo-lo	Vos+ a = vo-la
Lhe + o = lho	Lhe + a = lha

Questão Comentada

01. Substitua as expressões sublinhadas, pelos pronomes oblíquos correspondentes a cada pessoa gramatical, fazendo a construção correta da frase:

01. Eu esqueci eu mesmo do caderno.
02. Irei com tu ao cinema.
03. Eu cuidarei de tu, minha filha!
04. Eu devolverei o livro para ele.
05. Ele levou a mala.
06. Não reconheci ela.
07. Trouxeste este presente para eu?
08. Eu não encontrei ele, porque já havia saído.
09. Nós vimos João no cinema.
10. Você resolveu aqueles problemas?

02. Complete com "eu" ou "mim":

> eles chegaram antes de _____ .

> há algum trabalho para ______ fazer?

> há algum trabalho para ______ ?

> ele pediu para ______ elaborar alguns exercícios;

> para ______, viajar de trem é uma aventura deliciosa;

Questões

01. Assinale a única frase correta quanto ao uso dos pronomes pessoais:

- **a)** você não pode ir sem eu;
- **b)** meu amigo, o diretor quer falar consigo;
- **c)** entre eu e tu não pode haver romance;
- **d)** era para mim encontrar a solução do problema;
- **e)** para mim, jogador de futebol tem que ter raça.

02. Era para __________ falar _________ ontem, mas não ___________ encontrei em parte alguma.

- **a)** mim – consigo – o;
- **b)** eu – com ele – lhe;
- **c)** mim – consigo – lhe;
- **d)** mim – contigo – te
- **e)** eu – com ele – o .

03. Marque a frase que tenha pronome empregado incorretamente.

- **a)** Ele viajou com nós todos a bordo do navio inglês.
- **b)** O problema era para eu resolver.
- **c)** De repente, entre eu e eles formou-se um mundo secreto.
- **d)** Levou consigo a esperança de dias melhores.
- **e)** Deixou-me encontrar a solução.

Gabaritos

01	E	**03**	C
02	E		

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

SEMÂNTICA II
(SIGNIFICAÇÃO DE PALAVRAS)

Vânia
Araújo

RELAÇÕES DE SENTIDO ENTRE OS VOCÁBULOS NO TEXTO

A atribuição correta de sentido a determinadas palavras revela-se crucial para a compreensão das informações a serem avaliadas em cada questão da prova.

Veja, a seguir, as principais relações de sentido entre as palavras:

SINONÍMIA

Ocorre quando palavras podem ser substituídas umas pelas outras sem prejudicar a compreensão das ideias do texto. Uma relação de sinonímia se estabelece, por exemplo, entre os vocábulos rival, adversário e antagonista; unhas e garras; matar e assassinar; cloreto de sódio e sal etc. **Observe que, a se considerar o contexto, não existe sinonímia perfeita.**

Um exemplo de sinonímia contextual pode ser constatado abaixo:

Assertiva: "Pode-se substituir o vocábulo **hemisférica** pela palavra '*minuciosa*' sem que isso altere as relações de sentido do texto."

Texto: "Eu me considero um consumidor tão consciente e educado que nunca compra nada sem antes fazer uma tomada hemisférica de preços".

ANTONÍMIA

Ocorre quando duas ou mais palavras se opõem quanto ao significado dentro do texto.

✓ São exemplos de vocábulos antônimos, as palavras feliz e infeliz, euforia e melancolia; os conceitos de bem e mal; sagrado e profano etc.

✓ Como exemplos de antonímia contextual, observe a "oposição conceitual" existente entre os vocábulos "branco" e "vermelho" usados por um autor, que tanto pode ser a oposição entre paz e guerra como entre pureza e pecado.

E mais, a oposição que se estabelece entre **simples** e **correto**, na oração: "Há o caminho simples, proibir; e há o caminho correto, educar.

PARONÍMIA

Ocorre no campo da forma dos vocábulos - quando palavras ou expressões possuem grafia e pronúncia parecidas, mas têm sentidos diferentes. Esta é, portanto, a relação mais perigosa nas provas e, por isso mesmo, a mais importante.

Observe alguns termos que provocam equívocos de interpretação:

- ✓ **Acidente**, que indica algo imprevisto (normalmente, negativo); e **incidente**, que designa um fato geralmente associado a atrito.
- ✓ **Delação**, que diz respeito a denúncia, acusação, revelação de crime ou delito (O deputado foi delatado por membro do conselho fiscal da construtora) e **dilação**, que significa estender; adiar; diferir (A dilação do prazo de entrega dos depoimentos depende de decisão do juiz responsável pelo processo).

SEGUEM EXEMPLOS DE PALAVRAS OU EXPRESSÕES PARÔNIMAS:

Ir *ao encontro de* = estar de acordo.
Ir *de encontro a* = chocar-se, opor-se.

Na medida em que (Loc. causal) = tendo em vista que.
Á medida que (Loc. proporcional) = à proporção que.

Infração = violação da lei.
Inflação = desvalorização da moeda.

Cível = relativo ao Direito Civil.
Civil = relativo ao cidadão.

AGORA, VEJA COMO ESSE CONTEÚDO PODE SER COBRADO EM PROVA:

ao invés de → **ao contrário de** (choque/oposição).
em vez de → **em lugar de** (substituição).

HOMONÍMIA

Também ocorre no campo da forma dos vocábulos – quando as palavras apresentam grafia ou pronúncia igual (por causa de sua origem), mas têm sentidos diferentes.

AS PALAVRAS HOMÔNIMAS PODEM SER:

- ✓ **HOMÔNIMAS HOMÓGRAFAS:** possuem mesma grafia, mas têm pronúncias e sentidos diferentes.

Sede \ê\ = vontade de beber.
Sede \é\ = matriz de uma empresa/ casa de fazenda.

Almoço \ô\ = substantivo.
Almoço \ó\ = verbo.

Colher \ê\ = verbo.
Colher \é\ = substantivo.

- ✓ **HOMÔNIMAS HOMÓFONAS:** possuem mesma pronúncia, mas têm grafias e sentidos diferentes.

Acender = atear fogo/iluminar.
Ascender = subir, elevar-se.

Cessão = doação (verbo doar).
Seção = repartição/departamento, divisão.
Sessão = duração de um evento.

- ✓ **HOMÔNIMAS PERFEITAS:** possuem mesma grafia e mesma pronúncia, mas têm sentidos diferentes.

Real = verdadeiro; ***real*** = relativo à realeza; ***real*** = moeda brasileira.
Sentença = condenação; ***sentença*** = frase.
Mente = intelecto; ***mente*** = verbo; ***mente*** = sufixo.

OBS.: As homônimas perfeitas são, também, denominadas ***polissêmicas***, ***polifônicas***, ***plurívocas*** **ou** ***plurissignificativas***.

FORMAS VARIANTES

São as palavras que, embora tenham um mesmo sentido, admitem grafias e pronúncias diferentes. Veja os exemplos abaixo:

- ✓ catorze/quatorze – cociente/quociente – cotidiano/quotidiano
- ✓ traslado/translado – percentual/porcentual – céptico/cético
- ✓ Projétil (projéteis)/projetil (projetis) – aterrissar/aterrizar
- ✓ caráter/carácter/caractere (só um plural: *caracteres*)

POLISSEMIA

Consiste no fato de uma mesma palavra (ou expressão) possuir significados diferentes, os quais se explicam pelo contexto. Veja os exemplos:

- ✓ **Passar uma mão de tinta no portão** = *dar uma demão*.
- ✓ **Dar uma mão** = *ajudar*.
- ✓ **Passar a mão no dinheiro do outro** = *roubar*.
- ✓ **Abrir mão de** = *prescindir, dispensar*.
- ✓ **Abrir a mão** = *gastar*.
- ✓ **Lançar mão de** = *utilizar*.

Obs.: O antônimo de polissemia é **monossemia** – que ocorre quando uma palavra apresenta apenas um sentido. Por exemplo, o vocábulo “televisor”.

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

SEMÂNTICA II

(SIGNIFICAÇÃO DE PALAVRAS)

Vânia
Araújo

Língua Portuguesa

Figuras de Linguagem

Concurseria

Denotação e Conotação

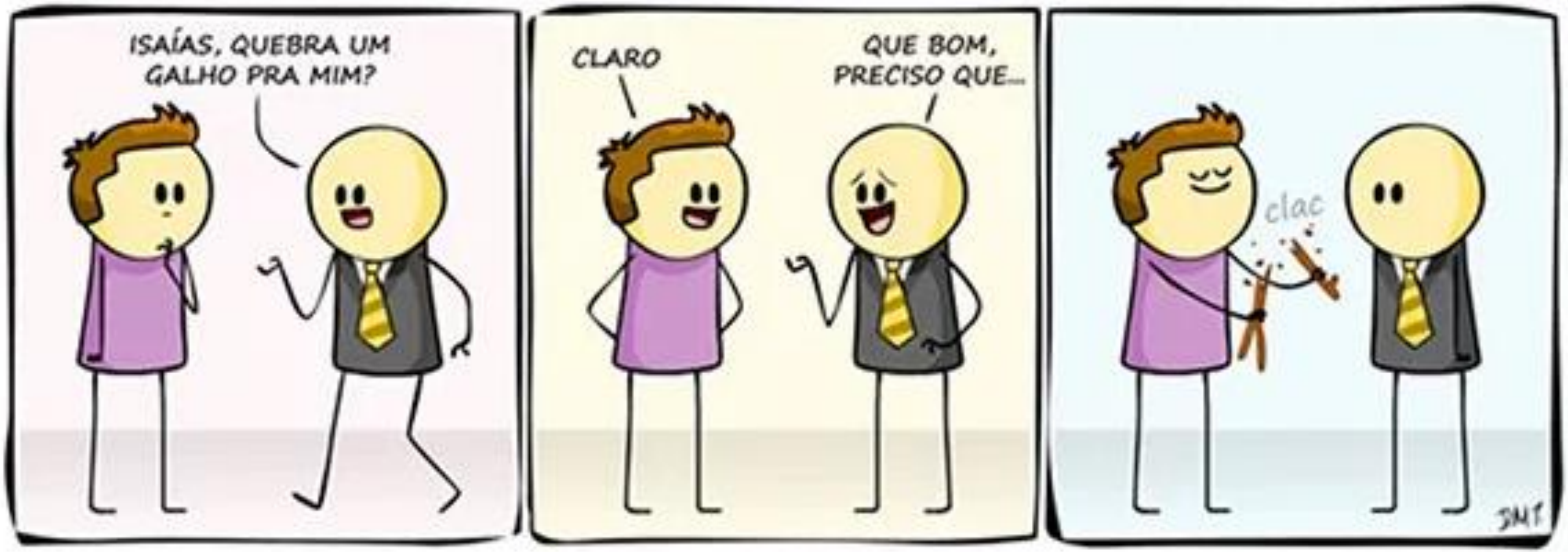
ISAÍAS, QUEBRA UM GALHO PRA MIM?
CLARO
QUE BOM, PRECISO QUE...
clac
JMT

Figuras de Linguagem

São desvios das normas gerais de linguagem que o emissor cria para dar maior expressividade à sua mensagem.

A vida é uma nuvem passageira.

Metáfora

É comparação implícita, de uma similaridade existente entre os dois seres.

Nesta época do ano, as ruas são um formigueiro.

Achamos a chave do problema.

Comparação

É comparação explícita entre os dois seres.

*Nesta época do ano, as ruas são **como** um formigueiro.*

*"Meu coração tombou na vida/**tal qual** uma estrela ferida/pela flecha de um caçador".*

Metonímia

É a substituição de palavras que guardam uma relação de sentido entre si.

Marca pelo produto: *Maria sempre usa bombril.*

Parte pelo todo: *Ele possuía inúmeras cabeças de gado.*

Causa pelo efeito: Pago minhas contas com o meu suor.

Metonímia

Continente pelo conteúdo: *Comi um prato de macarrão.*

Singular pelo plural: *A mulher conquistou seu lugar.*

Autor pela obra: *Gosto de ler Luís Fernando Veríssimo.*

Catacrese

É o emprego de uma palavra com um sentido diferente do literal para “suprir a falta” de um termo adequado.

Ele quebrou a perna da mesa.

Embarcamos no ônibus.

Antítese

Consiste na aproximação de palavras que expressam ideias opostas.

Ele estava entre a vida e a morte.

“A vida é mesmo assim

Dia e noite, não e sim”.

Paradoxo ou Oxímoro

Figura de retórica que consiste em associar afirmações aparentemente contraditórias, “funde” conceitos opostos num mesmo enunciado.

“Se você quiser me prender, vai ter que saber me soltar”.

Pleonasmo

Intensifica o significado de um termo através da repetição da própria palavra ou da ideia contida nela.

“Chovia uma triste chuva de resignação” (Manuel Bandeira)

“E rir meu riso e derramar meu pranto” (Vinicius de Moraes)

Perífrase

É uma expressão que designa os seres por meio de algum de seus atributos ou de um fato que os celebrizou.

*“A **cidade maravilhosa** foi palco das olimpíadas 2016.” (Rio de Janeiro)*

Antonomásia – *O **poeta dos escravos** morreu moço. (Castro Alves)*

Sinestesia

É uma fusão de impressões sensoriais de grande poder sugestivo.

Já sentia o cheiro doce da liberdade.

Dirigiu-me uma palavra amarga e fria.

Hipérbole

É uma afirmação exagerada.

Chorou rios de lágrimas.

Estava morto de sede.

Prosopopeia (Personificação)

Atribui a seres inanimados características de seres animados ou irracionais.

As folhas bailavam alegremente quando o vento passava por elas.

Naquela noite, a lua beijava o céu.

Eufemismo

Utilização de palavras e expressões mais brandas e agradáveis, em substituição de outras mais chocantes e agressivas, sem que haja alteração do conteúdo.

O homem ficou rico por meios ilícitos.

Meu irmão é desprovido de inteligência.

Língua Portuguesa

Figuras de Linguagem

Concurseria

PORTUGUÊS

Funções morfossintáticas da palavra “só”

Prof.ª Isabel Vega

Funções morfossintáticas da palavra “só”

I) ADJETIVO → qualifica o substantivo, podendo apresentar os sentidos de **“sozinho”** ou **“único”**.

Ex.1: Ninguém gosta de se sentir **só**.
↳adjetivo (=sozinho)

Ex.2: Neste semestre, haverá uma **só** prova.
↳adjetivo (=única)

II) SUBSTANTIVO → vem sempre acompanhado de artigo e equivale em sentido a **“uma pessoa”**.

Ex.: Você tomou a decisão baseado na opinião de um **só**?

Funções morfossintáticas da palavra “só”

III) ADVÉRBIO → relaciona-se ao **verbo** e apresenta sentido de **exclusão**, equivalendo a **“apenas”** ou **“somente”**.

Ex.: Eles **só querem** ser ouvidos.

↳advérbio (=apenas)

IV) PALAVRA DENOTATIVA DE EXCLUSÃO → não pertence à classe gramatical alguma, nem exerce função sintática, equivalendo a **“apenas”** ou **“somente”**.

Ex.: **Só você** sabe tudo que passei.

↳palavra denotativa (=apenas)

Funções morfossintáticas da palavra “só”

OBS.: Em uma questão de reescrita, se houver mudança de referente, há alteração de sentido.

Ex.1: Você comprou **só** isso?
↳ palavra denotativa
(sem função sintática)

Ex.2: Você **só** comprou isso?
↳ **advérbio** (adjunto adverbial de exclusão)

PORTUGUÊS

Morfologia – Pronomes

Pronomes possessivos

Prof.ª Isabel Vega

► **Pronomes possessivos → indicam posse; podem ser classificados como substantivos e adjetivos.**

a) Pronomes substantivos → substituem os substantivos.

Ex.: [O livro], em cima da mesa, [é] [meu].
↳ Sujeito ↳V.L. ↳ Predicativo do sujeito

b) Pronomes adjetivos → acompanham os substantivos.

Ex.: [Meu livro] está em cima da mesa.
↳ Adjunto adnominal

OBS.1: Ambiguidade dos pronomes possessivos

Ex.: Quando encontrou com João, José falou dos seus problemas.

Quando encontrou com João, José falou dos seus próprios problemas.

Quando encontrou com João, José falou dos problemas do seu amigo.

OBS.2: Valor de quantidade aproximada

Ex.: Ela já tinha seus cinquenta anos.

OBS.3: Valor de intimidade, de amizade

Ex.: Hoje, meu amigo, é dia de festa!

OBS.4: Substantivação dos possessivos

Ex.: Não tenho nessa vida nada de meu.

Mande beijo a todos os seus.

OBS.5: Substituição dos possessivos pelos oblíquos

Ex.: A vizinha costurou [o meu vestido].

↳ Adjunto adnominal

A vizinha costurou-[me] o vestido.

↳ Objeto indireto

PORTUGUÊS

Pontuação
Uso das reticências

Prof.ª Isabel Vega

Uso das reticências

►**As reticências são empregadas com duas finalidades principais: com propósito suspensivo ou com propósito expressivo.**

I) Com propósito suspensivo, assinalam a interrupção de uma frase,

a) quando o escritor deixa o pensamento em suspenso (e o leitor pode facilmente completá-lo).

Ex.: "— Quem sabe? Em 1880, talvez se toque isto, e se conte que um Mestre Romão**...**"

Uso das reticências

b) quando o interlocutor deixa que um segundo conclua seu pensamento, intencionalmente incompleto.

Ex.: "— Apesar disso, a Marocas...?
— É verdade, dominou-o."

c) quando um interlocutor é interrompido por outro.

Ex.: " — Mas a Escritura... ia dizendo o mestre-de-campo João Barbosa.
— Deixemos em paz a Escritura, interrompeu o carmelita."

Uso das reticências

d) quando indica hesitação, após o que se pode retomar o fio da frase.

Ex.: "— Saiba que fiz... fiz um drama."

II) Com propósito expressivo, assinalam, no fim de um período de sentido pleno, as mais variadas nuanças emotivas; empresta por vezes à frase uma sugestão de continuidade, ou de estagnação.

Ex.: "Deitei-me no sofá e fiquei olhando os objetos da minha sala... O retrato de meus pais... o piano, a máscara mortuária de Beethoven... a estante de livros, as partituras de música, o velho tapete..." (Érico Veríssimo)

Uso das reticências

OBS.: Empregam-se ainda as reticências, como simples sinal tipográfico, para indicar a supressão de palavras que não interessa reproduzir numa citação. Nesse caso, devem de preferência vir entre colchetes, para salientar que não pertencem ao trecho citado. (KURY, 1999)

Ex.: ”As armas e os barões assinalados, / [**...**] Cantando espalharei por toda a parte.”

PORTUGUÊS

Interpretação de Textos -

Noções Gerais de Compreensão e de Interpretação de Texto

Prof.ª Isabel Vega

Noções Gerais de Compreensão e de Interpretação de Texto

I) Compreensão de texto

a) Procurar no texto expressões que constam do item e checar o sentido da afirmação.

b) Verificar se as informações que constam da assertiva são as mesmas do texto (agente/ação/paciente).

c) Checar se o sentido do texto é irônico (ou conotativo) ou denotativo.

II) Interpretação de texto → Fazer inferências / Chegar a conclusões fora do texto.

Questão 570380 - Em relação ao texto, assinale a alternativa CORRETA.

(A) O autor considera as chaves da despedida **a pior coisa do mundo**.
“Se as chaves de despedida parecem **a pior coisa do mundo**, **não são**.” (8§)

(B) O autor considera o ato de entregar a chave de sua casa ao outro **mais um simples passo** que ocorre com a evolução do relacionamento.
“Qualquer que seja a cena, não cabe engano: **foi dado um passo gigantesco**. Alguém pôs na mão de outro alguém um totem de confiança.”

(C) O autor considera **a chave** um dos objetos que dão **a medida exata de um relacionamento**.

“Certos objetos dão **a exata medida de um relacionamento**. **A chave**, por exemplo.”

(D) Para o autor, quando você dá a chave de sua casa para alguém, é o momento em que você **confirma e assume sua privacidade em nome do amor**.

“O momento em que você oferece a chave da sua casa é aquele em que **você renuncia à sua privacidade, por amor**.”

(E) Para o autor, a chave de sua casa, entregue ao outro, **carrega somente expectativas boas e nenhum temor**.
“**Carregada de expectativas e temores**, a chave será entregue de forma tímida e casual,”

Questão 570389 - No texto, o autor considera “a chave" oferecida ao outro, em um relacionamento,

(A) uma joia. (B) uma aliança. (C) um sorriso agridoce.

(D) um buquê de flores. (E) um totem de confiança.

“Alguém pôs na mão de outro alguém **um totem de confiança**.” (3§)

Questão 311509 –

Da leitura do terceiro parágrafo do texto, no qual é mencionado o fato de o regime de tolerância linguística provido pela Declaração Universal dos Direitos Humanos não suportar “direitos linguísticos de forma específica”, **infere-se que os direitos linguísticos dos indígenas não estão previstos nesse documento**.

“No que interessa a este estudo, entre os modelos normativos que reconhecem direitos linguísticos, o modelo de direitos humanos significa a existência de norma na Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, da Organização das Nações Unidas, que provê um regime de tolerância linguística, **garantia essa que não suporta direitos linguísticos de forma específica**, isto é, protegem-se, imediatamente, outros direitos fundamentais, tais como direito de liberdade de expressão, de reunião, de associação, de privacidade e do devido processo legal, **e apenas mediatamente o direito linguístico**”

( ) Certo ( ) Errado

PORTUGUÊS

Pontuação

Uso dos travessões

Prof.ª Isabel Vega

Uso dos travessões

►Os travessões são empregados nos seguintes casos:

a) para indicar o início da fala de um personagem. Repete-se antes dos verbos *dicendi* e ao terminar a intervenção do narrador, se a fala prossegue.

Ex.: — O que você acha, João? — quis saber a mãe — Ela não está bonita?

b) para indicar a mudança de interlocutor.

Ex.: — Já é hora de irmos?
— Vamos esperar mais um pouco...

Uso dos travessões

c) para isolar, num contexto, palavras ou frases de natureza explicativa. Neste caso, em que desempenha uma função análoga à dos parênteses, ou das vírgulas, usa-se geralmente o travessão duplo.

Ex.: A primavera — estação das flores — é a mais bela.

↳ aposto

OBS.1: Não é raro o emprego de um só travessão para destacar, enfaticamente, a parte final de um enunciado.

Ex.: Um povo é tanto mais elevado quanto mais se interessa pelas coisas inúteis — a filosofia e a arte. (CUNHA, 1985)

Uso dos travessões

OBS.2: “Às vezes, para dar maior realce a uma conclusão, que representa a síntese do que se vinha dizendo, usa-se o travessão simples em lugar dos dois pontos.

Ex.: Deixai-me chorar mais e beber mais,
Perseguir doidamente os meus ideais,
E ter fé e sonhar — encher a alma.” (CUNHA, 1985)

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

COMPREENDER E INTERPRETAR TEXTOS

Vânia
Araújo

CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O TEXTO

Uma frase pode ter significados distintos - dependendo do CONTEXTO no qual ela esteja inserida. Por isso é que para entender uma passagem de um texto, é necessário confrontá-la com as demais partes que o compõem, sob pena de dar-lhe um significado diferente do que ela de fato tenha. Não se pode isolar frase alguma do texto e tentar conferir-lhe o significado que se deseja.

O **CONTEXTO** é uma unidade linguística maior na qual se encaixa uma unidade linguística menor. Assim, a frase encaixa-se no contexto do parágrafo, o parágrafo encaixa-se no contexto do capítulo e o capítulo encaixa-se no contexto da obra toda. Cabe explicar que nem sempre o contexto vem explicitado linguisticamente, ou seja, o texto mais amplo dentro do qual se encaixa uma passagem menor pode estar apenas implícito. Nesse caso, os elementos da situação em que se produz o texto podem dispensar maiores esclarecimentos e dar como pressuposto o contexto em que ele se situa.

Veja a importância do contexto para a compreensão da ideia apresentada na tirinha do "Hagar, o terrível":

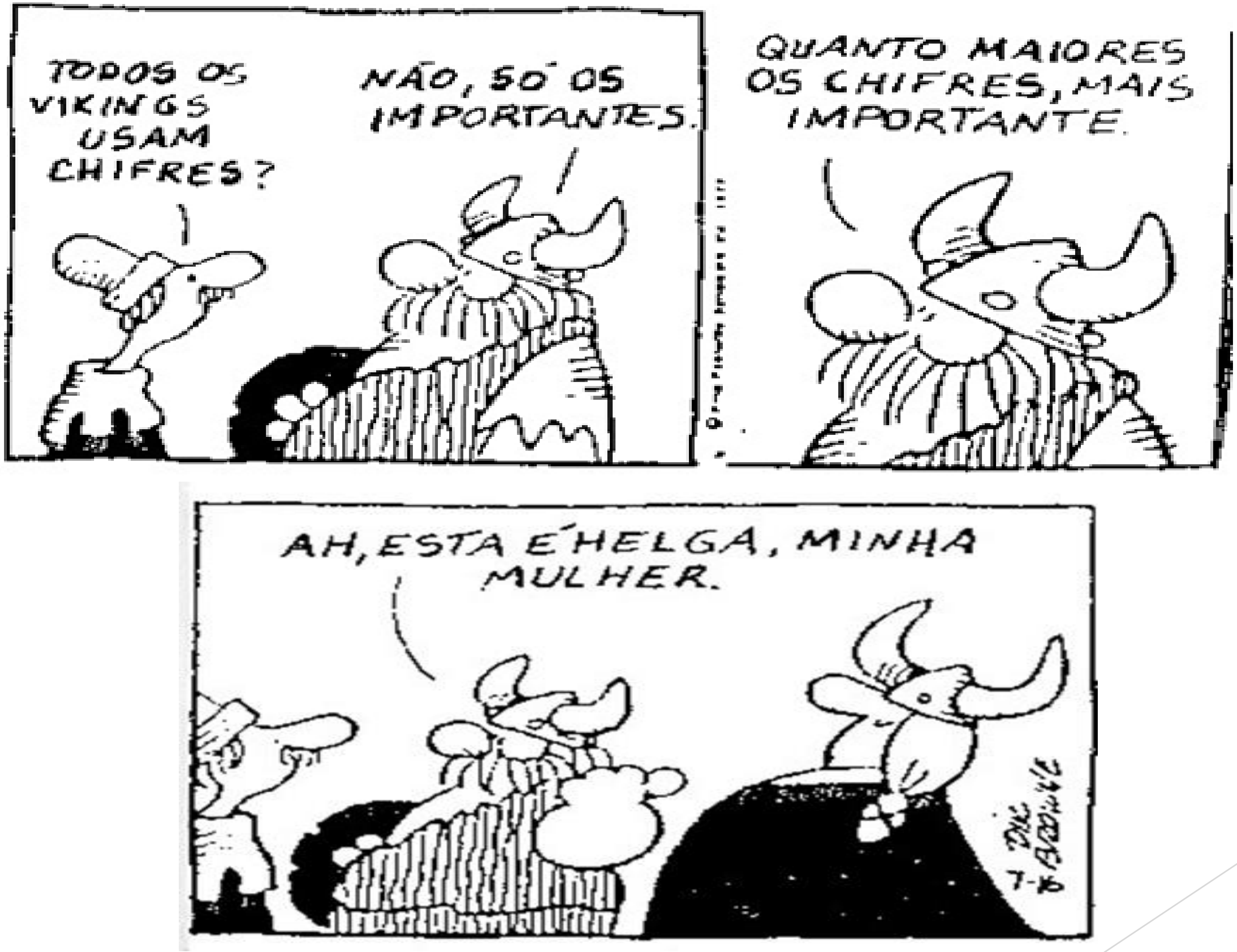
TODOS OS VIKINGS USAM CHIFRES?
NÃO, SÓ OS IMPORTANTES.
QUANTO MAIORES OS CHIFRES, MAIS IMPORTANTE.
AH, ESTA É HELGA, MINHA MULHER.
DIK BROWNE 7-8

Na tirinha apresentada, a primeira informação de que se dispõe para dar início ao raciocínio é a fala de Hagar esclarecendo que nem todos os vikings usam chifres e que chifres denotam importância. No último quadrinho, quando Helga (esposa de Hagar) é apresentada, é possível ver o tamanho de seus chifres. Ora, se os chifres denotam importância e os de Helga são evidentemente maiores que os de Hagar, então pode-se inferir (concluir) que ela é mais importante do que ele.

Nesse caso, os dados fornecidos pelo contexto são suficientes para que se processe todo o raciocínio analítico. Mas é importante perceber que o conhecimento sobre a realidade e a utilização do bom senso no momento de análise dos dados são fundamentais para garantir uma conclusão verdadeira (ou possível).

Nenhum texto é uma peça isolada, sem a manifestação da individualidade de quem o produziu. De uma forma ou de outra, constrói-se um texto para, por meio dele, marcar uma posição ou participar de um debate de escala mais ampla que esteja sendo travado na sociedade. Até mesmo uma simples notícia jornalística, sob a aparência de neutralidade, tem sempre alguma intenção escondida. Por isso, é preciso tomar muito cuidado ao ler os textos cobrados nas provas, que, na superfície parecem ter predomínio de uma tipologia, mas a sua essência demonstra outra coisa.

O texto que segue é uma notícia – texto usado numa prova da Banca CESPE para o concurso do MMA, em 2009. Embora se trate de uma notícia – um texto meramente narrativo e, portanto, sem nenhuma pretensão de defender qualquer ponto de vista – o autor embute, de maneira totalmente sub-reptícia, certa parcialidade na apresentação do assunto. No caso, por trás dessa notícia, existe como pressuposto um pronunciamento contra a regularização das propriedades particulares dentro da área do parque nacional.

Santuário ameaçado

Iniciativa que pretende legitimar a ocupação irregular do Parque do Itatiaia põe em risco o pouco que restou da mata atlântica

O Parque Nacional do Itatiaia, paraíso ecológico no estado do Rio de Janeiro criado por Getúlio Vargas em 1937, está correndo sérios riscos. E a culpa, desta vez, não é dos incêndios, tão comuns na região, que abriga maravilhas naturais como o rio Campo Belo, a Cascata do Maromba e o famoso Pico das Agulhas Negras. Hoje, para muitos especialistas, o maior problema é a ocupação irregular de áreas de preservação permanente por casas de veraneio particulares. Concentradas em uma região de 1,3 mil hectares, as cerca de 80 residências são uma pedra no sapato dos administradores da área. Essa pedra, porém, ganhou potencial para virar uma avalancha. No dia 22 de outubro de 2008, a Associação dos Amigos de Itatiaia, que desde 1951 reúne proprietários dessas terras irregulares, deu início a uma campanha para regularizar o que não é regularizável: a presença de propriedades particulares dentro de um parque nacional. Se aprovado, o projeto reclassificaria parte da área do parque, que passaria a ser um “monumento natural”, e não só legitimaria os imóveis que já existem como abriria caminho para a construção de outros dentro da área de preservação.

João Lopes. Revista IstoÉ, 25/2/2009, p. 52 (com adaptações).

As provas de língua portuguesa visam a avaliar a capacidade do candidato de compreender as ideias explícitas e interpretar os sentidos implícitos dos textos.

As questões de “**compreensão** de texto” exigem do candidato uma postura mais voltada para o entendimento daquilo que realmente está escrito. Neste caso, é recomendável ater-se unicamente ao texto e deixar de lado julgamentos e inferências.

Os itens das questões de interpretação de textos trazem, geralmente, assertivas como:

- Segundo o texto...
- O autor do texto afirma que...
- O texto mostra que...
- De acordo com o texto...

As “questões de **interpretação** de texto” estão mais associadas ao “julgamento da intenção”, ou seja, visam a avaliar a capacidade do leitor de extrair conclusões plausíveis daquilo que leu, ou seja, do que está efetivamente escrito no texto. E, neste caso, não se deve chegar a conclusões pessoais sem observar o texto e o contexto.

Os itens das questões de interpretação de textos trazem, geralmente, assertivas como:

- O autor sugere que...
- Pode-se inferir das ideias do texto...
- Depreende-se das estruturas linguísticas do texto...
- Subentende-se do texto que...

ERROS CLÁSSICOS DE INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

Em provas de concursos, o candidato, se fizer uma leitura superficial, será conduzido a três tipos de erros. Conheça-os para saber como fugir deles:

1º) EXTRAPOLAÇÃO – que consiste em:

- Dizer mais do que o texto; ou
- Generalizar o que é particular. Veja um exemplo:

TEXTO: "Os candidatos ao concurso do Banco do Brasil, Uóxito, Uélito e Uéslei, foram aprovados”.

✓ Na questão da prova, um dos itens diz: “Os candidatos ao concurso do Banco do Brasil foram aprovados”.

Observe que a assertiva não condiz com a informação fornecida no trecho, uma vez que ele afirma que **somente** os candidatos Uóxito, Uélito e Uéslei foram aprovados. Neste caso, o aposto trouxe uma informação fundamental para o entendimento do texto.

2º) REDUÇÃO – que consiste em:

- Particularizar o que é geral;
- Ater-se apenas a uma parte do texto, esquecendo outra(s) mais importante(s);
- Desprezar o contexto e se prender apenas a uma parte com outro significado. Observe o exemplo abaixo:

TEXTO: "A música dá prazer, podendo ser considerada também uma terapia."

✓Na questão da prova, um dos itens afirma: *"A música é considerada terapia".*

Neste caso, observe que a informação de que a música dá prazer foi omitida, o que significa que a informação da assertiva está incompleta.

3º) CONTRADIÇÃO – que consiste em:

- Concluir contrariamente ao texto;
- Omitir passagens importantes que ocasionam fuga ao sentido original. Veja o exemplo:

TEXTO: "O homem, que é racional, quando sob o domínio do ódio, pode agir como um animal selvagem."

- ✓ Na questão, a afirmação é: “O *homem é racional porque pode agir como um animal”.*

Observe que a assertiva da prova sbverteu a informação do texto original, uma vez que foram excluídas as indicações circunstanciais apresentadas pela oração “*quando sob o domínio do* ódio”, ficando, assim, alterada, de forma drástica, a ideia da oração principal (por meio da troca da oração adjetiva explicativa pela restritiva).

Normalmente, no momento da prova, o candidato fica preocupado com o tempo, razão pela qual lê rapidamente o texto e vai direto às perguntas. Evite essa atitude imediatista! Lembre-se de que o tempo gasto com uma leitura bem feita é compensado na hora de responder às questões.

Tanto no caso da **compreensão** quanto da **interpretação** das ideias de um texto, a atenção no ato da leitura é o grande trunfo de um candidato. Para isso, durante a prova, você deve adotar as seguintes medidas:

1ª. Leia duas vezes o texto. A primeira para ter noção do assunto geral (leitura de reconhecimento). A segunda para prestar atenção às partes de cada parágrafo (ou estrofe, em caso de poesia).

2ª. Leia duas vezes o comando da questão, para saber realmente o que ele pede com exatidão. Muitos candidatos apressados marcam a opção errada por fazerem leitura superficial dos comandos.

3ª. Leia com muita atenção cada alternativa para eliminar o que é absurdo. E asserções absurdas são bastante frequentes nas provas!

4ª. Durante a leitura, pode-se sublinhar o que for mais significativo e/ou fazer observações à margem do texto.

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

COMPREENDER E INTERPRETAR TEXTOS

Vânia
Araújo

Exercícios com Gabarito de Português
Morfologia - Ortografia

1) (Enem Cancelado-2009) A figura a seguir trata da 'laxa de desocupação" no Brasil, ou seja, a proporção de pessoas desocupadas em relação à população economicamente ativa de uma determinada região em um recorte de tempo.

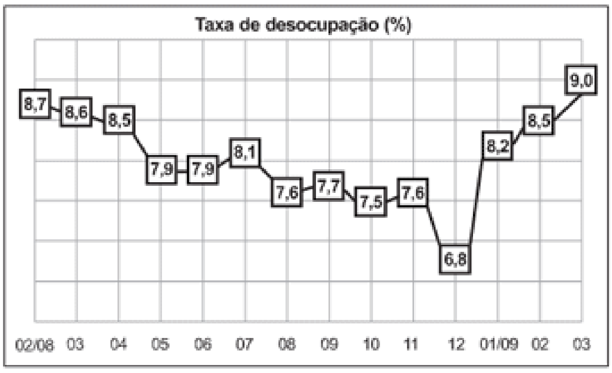

Disponível em: http://www.ibge.gov.br. Acesso em: abr. 2009 (adaptado).

A norma padrão da língua portuguesa está respeitada, na interpretação do gráfico, em:

a) Durante o ano de 2008, foi em geral decrescente a taxa de desocupação no Brasil.

b) Nos primeiros meses de 2009, houveram acréscimos na taxa de desocupação.

c) Em 12/2008, por ocasião das festas, a taxa de desempregados foram reduzidos.

d) A taxa de pessoas desempregadas em 04/08 e 02/09, é estatisticamente igual: 8,5.

e) Em março de 2009 as taxas tenderam à piorar: 9 entre 100 pessoas desempregadas

2) (FEI-1994) Assinalar a alternativa que preenche corretamente as lacunas das frases adiante:

I. Guardando sigilo, você agirá com________.
II. Os bancos transacionam somas_________.
III. Os culpados devem_________suas falhas.
IV. O secretário______o pedido do funcionário.
V. O professor_________-lhe um duro castigo.

a) discrição - vultuosas - espiar - diferiu - infringiu
b) descrição - vultosas - expiar - deferiu - inflingiu
c) discrição - vultosas - expiar - deferiu - infligiu
d) descrição - vultuosas - espiar - diferiu - infringiu
e) discrição - vultuosas - espiar - deferiu - infligiu

3) (FEI-1995) Assinalar a alternativa que preenche corretamente as lacunas do seguinte período:

A _____________ da obrigação e a _____________ não permitiam que ele percebesse a ___________ do ____________.

a) consciência - passiência - estensão - cançaço
b) consciência - paciência - extensão - cansaço.
c) conciência - paciênssia - extenção - cançasso.
d) conciência - passiênssia - estenção - cansaço.
e) consciência - passiência - extenção - canssaço.

4) (FEI-1997) Assinale a alternativa que preencha corretamente as lacunas:

I. Estamos chegando. São Paulo fica ______ apenas 50 quilômetros daqui.
II. O governo federal vai realizar o ______ da população em 1996.
III. No início do século, muitos italianos ______ para o Brasil.
IV. João é muito ______ educado.

a) a - censo - imigraram - mal.
b) à - censo - emigraram - mau.
c) há - senso - imigraram - mau.
d) a - senso - emigraram - mal.
e) à - senso - imigraram - mau.

5) (FEI-1994) Assinalar a alternativa em que todas as palavras não têm suas sílabas separadas corretamente:

a) am-bí-guo; rit-mo; psi-co-se; pers-pi-caz
b) abs-tra-ir; bi-sa-nu-al; in-te-lec-ção; quart-zo
c) ob-sé-quio; hep-tas-sí-la-bo; dif-te-ri-a; oc-ci-pi-tal
d) vo-lu-ptu-o-so; psi-co-lo-gia; e-xce-der; be-ni-gno
e) ab-so-lu-to; sub-ju-gar; eu-ro-peu; ist-mo

6) (FEI-1994) Assinalar a alternativa em que todas as palavras estão grafadas corretamente:

a) ascensão - irascível - sucinto - reivindicar
b) cumeeira - previnido - maciço - ogeriza
c) impecilho - escassez - obseção - exegese
d) superstição - previlégio - recisão - coalizão
e) pezaroso - hesitar - inexorável - sucetível

7) (FGV-2001) Assinale a alternativa em que todas as palavras estejam corretamente grafadas.

a) Empolgação, através, extrangeiro, despercebido, auto-falante.
b) Eletricista, asterístico, celebral, frustado, beneficiente.
c) Assessores, pretensão, losango, asterisco, alto-falante.
d) Sicrano, vultosa, previlégio, entitular, prazeiroso.
e) Eletrecista, pretenção, ascenção, celebral, prazeiroso.

8) (FGV-1997) Nas frases abaixo, os termos destacados podem estar corretos ou incorretos. Se estiverem corretos, limite-se a copiá-los no espaço apropriado; se estiverem incorretos, reescreva-os na forma correta.

Estamos anciosos porque o Diretor pode vim à qualquer momento.

Estamos__________ porque o Diretor pode _____ _____ qualquer momento.

9) (FGV-1997) Nas frases abaixo, os termos destacados podem estar corretos ou incorretos. Se estiverem corretos, limite-se a copiá-los no espaço apropriado; se estiverem incorretos, reescreva-os na forma correta.

Apenas duas candidatas requereram inscrição no concurso para telefonista da Associação Paulista de Beneficência.

Apenas duas candidatas_________ inscrição no concurso para telefonista da Associação Paulista de____________ .

10) (FGV-1997) Nas frases abaixo, os termos destacados podem estar corretos ou incorretos. Se estiverem corretos, limite-se a copiá-los no espaço apropriado; se estiverem incorretos, reescreva-os na forma correta.

Como não estivesse ao par do assunto, o gerente não interveio.
Como não__________ do assunto, o gerente não__________ .

11) (FGV-1997) Nas frases abaixo, os termos destacados podem estar corretos ou incorretos. Se estiverem corretos, limite-se a copiá-los no espaço apropriado; se estiverem incorretos, reescreva-os na forma correta.

Neste país, sempre houveram cidadãos capazes de combater os esteriótipos racistas.
Neste país, __________ cidadãos capazes de combater os ________ racistas.

12) (FGV-1998) Nas frases abaixo, os termos sublinhados podem estar corretos ou incorretos. Se estiverem corretos, limite-se a copiá-los no espaço apropriado; se estiverem incorretos, reescreva-os na forma correta.

a) Fiquei **frustado** ao saber que a maioria da população ainda **acreditam** nessas **antiquadas supertições**.
b) Seguem **anexo** as planilhas que Vossa Senhoria nos **solicitastes**.
c) Revoltados com a barafunda e o **desmazelo**, os **mendigos** **depedraram** o **aubergue**.
d) **Acerca de** três anos, os fiscais **vem infringindo** pesadas multas aos **motociclistas**.
e) O diretor e os assessores ainda não **tinham chego**, quando os guardas se **interporam** à frente dos grevistas.

13) (FGV-2003) Leia o fragmento abaixo, do conto A cartomante de Machado de Assis. Depois, responda às perguntas.

“Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante.”
Diga qual é a razão imediata por que lisonjeado (que está no texto) é escrito com **j** e margeado (que não está no texto) é escrito com **g**.

14) (FGV-2004) Das alternativas abaixo, assinale aquela em que ao menos um plural NÃO está correto:
a) Mão, mãos; demão, demãos.
b) Capitão, capitães; ladrão, ladrões.
c) Pistão, pistões; encontrão, encontrões.
d) Portão, portões; cidadão, cidadães.
e) Capelão, capelães; escrivão, escrivães.

15) (FGV-2004) Leia atentamente o texto e responda à questão.
1. Cita-se com freqüência o lado empirista anglo-saxão em face da propensão latina à abstração, ao pensamento conceitual e aos princípios. Henri Poincarré já tinha observado que se ensinava a mecânica (dita “racional” em física) de forma diferente, de acordo com o lado da Mancha de onde se olhava.
2. Na França, nós a ensinávamos como a matemática, partindo dos teoremas, dos princípios, da base teórica de onde se derivava e, a seguir, dedutivamente, as conseqüências práticas, assim como os diversos exemplos. Na Inglaterra, ao contrário, partia-se dos fatos experimentais, de onde se inferia, a seguir, por indução, os princípios teóricos.
3. Bertrand Russel, por sua vez, observava com humor que, na literatura sobre a psicologia animal experimental, os animais estudados pelos americanos agitam-se com frenesi e entusiasmo e, finalmente, atingem, por acaso, o resultado visado. Os animais observados pelos alemães param para pensar e, finalmente, descobrem a solução por um processo voluntário e consciente (...). Uma anedota de origem desconhecida ilustra, igualmente, esta oposição. Pergunta-se a um inglês se ele gosta de espinafre. Ele coça a cabeça, pensativo, e depois responde: “Provavelmente, pois eu como com bastante freqüência.” A mesma pergunta formulada a um italiano, de acordo com a história, provoca a resposta imediata: “Espinafre? Eu adoro!”. Depois, este entusiasta, sendo perguntado quando ele comeu espinafre pela última vez, coça então a cabeça, reunindo suas lembranças para admitir: “Oh! Deve fazer bem uns dez anos!”.
4. Cada um pode, facilmente, achar numerosas ilustrações das diferenças entre as formas de pensamento ou de

raciocínio dos ingleses e dos latinos. Descobrir as raízes é menos evidente. A comparação das práticas jurídicas oferece um exemplo interessante destas diferenças.
5. O direito consuetudinário, tal como está consolidado e perpetuado na common law inglesa, está fundado na tradição. Em cada litígio, para arbitrar, o júri popular procura na memória coletiva da comunidade um "caso" precedente no qual se possa buscar inspiração para julgar eqüitativamente, por analogia, de acordo com o costume, o caso em questão. É, pois, a partir de um ou de diversos casos similares que se infere a conduta a sustentar, sempre levando em conta as particularidades do caso específico em julgamento.
6. Ao contrário, o direito romano é um direito escrito e abstrato. Um jurista familiarizado com este direito e investido da autoridade do Estado é chamado a julgar as demandas que lhe são feitas e a decidir entre as partes presentes. Ele procura num texto a fórmula jurídica que se aplica a esta situação particular e apresenta sua decisão apoiando-se sobre a jurisprudência.

AMADO, G., FAUCHEUX, c., e LAURENT, A. Mudança Organizacional e Realidades Culturais: contrastes franco: americanos. Em CHANLAT, Jean-François (coord.), O Indivíduo na Organização- Dimensões Esquecidas, vol. II. São Paulo: Atlas, 1994, p. 154-155.

Assinale a alternativa em que, pelo sentido, o vocábulo sublinhado esteja mal utilizado:
a) A classificação era sempre dicotômica: homens e mulheres, adultos e crianças, vertebrados e invertebrados.
b) Uma parcela da população - o seguimento das pessoas idosas - será explorada nos próximos anos.
c) A inflação continuava, mas seu incremento era cada vez menor.
d) Na orla marítima, as residências de verão seguiam cada vez mais caras.
e) O termo refere-se à relação entre um estado subjacente de uma pessoa e seu comportamento manifesto.

16) (FGV-2004) Assinale a alternativa correta quanto à relação grafia/significado.
a) Para sonhar, basta serrar os olhos.
b) Receba meus comprimentos por seu aniversário.
c) A secretária agiu com muita discrição.
d) Seus gastos foram vultuosos.
e) Tinha ainda conhecimentos insipientes de Matemática.

17) (FGV-2005) O artista Juan Diego Miguel apresenta a exposição "Arte e Sensibilidade", no Museu Brasileiro da Escultura(MUBE) de suas obras que acabam de chegar no país. Seu sentido de inovação tanto em temas como em materiais que elege é sempre de uma sensação extraordinária para o espectador. Juan Diego sensibiliza-se com os materiais que nos rodeam e lhes da vida com uma naturalidade impressionante, encontrando liberdade para buscar elementos no fauvismo de Henri Matisse, no cubismo de Pablo Picasso e do contemporâneo de Juan Gris. Uma arte que está reservada para poucos.
Exposição: de 03 de agosto à 02 de setembro, das 10 às 19h.
Nossa língua registra as palavras espectador e expectador. Explique a diferença de sentido dessas palavras.

18) (FGV-2005) Qual a diferença de sentido entre **a princípio** (L. 23-24) e **em princípio**?

1. HORA DA SESTA. Um grande silêncio no casarão.
2. Faz sol, depois de uma semana de dias sombrios e úmidos.
3. Clarissa abre um livro para ler. Mas o silêncio é tão grande que, inquieta, ela torna a pôr o
4. volume na prateleira, ergue-se e vai até a janela, para ver um pouco de vida.
5. Na frente da farmácia está um homem metido num grosso sobretudo cor de chumbo. Um
6. cachorro magro atravessa a rua. A mulher do coletor aparece à janela. Um rapaz de pés
7. descalços entra na Panificadora.
8. Clarissa olha para o céu, que é dum azul tímido e desbotado, olha para as sombras fracas
9. sobre a rua e depois se volta para dentro do quarto.
10. Aqui faz frio. Lá no fundo do espelho está uma Clarissa indecisa, parada, braços caídos,
11. esperando. Mas esperando quê?
12. Clarissa recorda. Foi no verão. Todos no casarão dormiam. As moscas dançavam no ar,
13. zumbindo. Fazia um solão terrível, amarelo e quente. No seu quarto, Clarissa não sabia que
14. fazer. De repente pensou numa travessura. Mamãe guardava no sótão as suas latas de
15. doce, os seus bolinhos e os seus pães que deviam durar toda a semana. Era proibido entrar
16. lá. Quem entrava, dos pequenos, corria o risco de levar palmadas no lugar de
17. costume.
18. Mas o silêncio da sesta estava cheio de convites traiçoeiros. Clarissa ficou pensando.
19. Lembrou-se de que a chave da porta da cozinha servia no quartinho do sótão.
20. Foi buscá-la na ponta dos pés. Encontrou-a no lugar. Subiu as escadas devagarinho. Os
21. degraus rangiam e a cada rangido ela levava um sustinho que a fazia estremecer.
22. Clarissa subia, com a grande chave na mão. Ninguém... Silêncio...
23. Diante da porta do sótão, parou, com o coração aos pulos. Experimentou a chave. A
24. princípio não entrava bem na fechadura. Depois entrou. Com muita cautela, abriu a porta e

25. se viu no meio duma escuridão perfumada, duma escuridão fresca que cheirava a doces,
26. bolinhos e pão.
27. Comeu muito. Desceu cheia de medo. No outro dia D. Clemência descobriu a violação, e
28. Clarissa levou meia dúzia de palmadas.
29. Agora ela recorda... E de repente se faz uma grande claridade, ela tem a grande idéia. "A
30. chave da cozinha serve na porta do quarto do sótão." O quarto de Vasco fica no sótão...
31. Vasco está no escritório... Todos dormem... Oh!
32. E se ela fosse buscar a chave da cozinha e subisse, entrasse no quarto de Vasco e
33. descobrisse o grande mistério?
34. Não. Não sou mais criança. Não. Não fica direito uma moça entrar no quarto dum rapaz.
35. Mas ele não está lá... que mal faz? Mesmo que estivesse, é teu primo. Sim, não sejas
36. medrosa. Vamos. Não. Não vou. Podem ver. Que é que vão pensar? Subo a escada,
37. alguém me vê, pergunta: "Aonde vais, Clarissa?" Ora, vou até o quartinho das malas.
38. Pronto. Ninguém pode desconfiar. Vou. Não, não vou. Vou, sim!

(Porto Alegre: Globo, 1981. pp. 132-133)

19) (FGV-2005) A última das três abordagens, entre as teorias idealistas, é a que considera cultura como sistemas. simbólicos. Esta posição foi desenvolvida nos Estados Unidos principalmente por dois antropólogos: o já conhecido Clifford Geertz e David Schneider. O primeiro deles busca uma definição de homem baseada na definição de cultura. Para isto, refuta a idéia de uma forma ideal de homem, decorrente do iluminismo e da antropologia clássica, perto da qual as demais eram distorções ou aproximações, e tenta resolver o paradoxo (...) de uma imensa variedade cultural que contrasta com a unidade da espécie humana. Para isto, a cultura deve ser considerada "não um complexo de comportamentos concretos mas um conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras, instruções (que os técnicos de computadores chamam programa) para governar o comportamento". Assim, para Geertz, todos os homens são geneticamente aptos para receber um programa, e este programa é o que chamamos cultura. E esta formulação - que consideramos uma nova maneira de encarar a unidade da espécie - permitiu a Geertz afirmar que "um dos mais significativos fatos sobre nós pode se finalmente a constatação de que todos nascemos com um equipamento para viver mil vidas, mas terminamos no fim tendo vivido uma só!"
Roque de Barros Laraia. Cultura, um conceito antropológico. 16. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 62.

Assinale a alternativa em que a grafia das palavras está correta.
a) Beneficiente, asterístico, Ciclano, sombrancelha, excessão.
b) Estorno, beneficente, pretensão, Sicrano, assessor.
c) Auto-falante, eletrecista, asterístico, exceção, losângulo.
d) Estorno, previlégio, prazeiroso, sombrancelha, pretenção.
e) Estorno, privilégio, beneficiente, acessor, celebral.

20) (FGV-2005) A última das três abordagens, entre as teorias idealistas, é a que considera cultura como sistemas. simbólicos. Esta posição foi desenvolvida nos Estados Unidos principalmente por dois antropólogos: o já conhecido Clifford Geertz e David Schneider. O primeiro deles busca uma definição de homem baseada na definição de cultura. Para isto, refuta a idéia de uma forma ideal de homem, decorrente do iluminismo e da antropologia clássica, perto da qual as demais eram distorções ou aproximações, e tenta resolver o paradoxo (...) de uma imensa variedade cultural que contrasta com a unidade da espécie humana. Para isto, a cultura deve ser considerada "não um complexo de comportamentos concretos mas um conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras, instruções (que os técnicos de computadores chamam programa) para governar o comportamento". Assim, para Geertz, todos os homens são geneticamente aptos para receber um programa, e este programa é o que chamamos cultura. E esta formulação - que consideramos uma nova maneira de encarar a unidade da espécie - permitiu a Geertz afirmar que "um dos mais significativos fatos sobre nós pode se finalmente a constatação de que todos nascemos com um equipamento para viver mil vidas, mas terminamos no fim tendo vivido uma só!"
Roque de Barros Laraia. Cultura, um conceito antropológico. 16. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 62.

Assinale a alternativa em que as formas mal ou mau estão utilizadas de acordo com a norma culta.
a) Mau-agradecidas, as juízas se postaram diante do procurador, a exigir recompensas.
b) Seu mal humor ultrapassava os limites do suportável.
c) Mal chegou a dizer isso, e tomou um sopapo que o lançou longe.
d) As respostas estavam mau dispostas sobre a mesa, de forma que ninguém sabia a seqüência correta.
e) Então, mau ajeitada, desceu triste para o salão, sem perceber que alguém a observava.

21) (FVG - SP-2007) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão escritas de acordo com a ortografia oficial do Brasil.

a) A Volks ainda está em ascensão no país, apesar do excesso de concorrentes.
b) A obsessão pelo contexto faz do problema, quase sempre, uma solução privilegiada.
c) O viez do mercado é importante, porque qualidade é percepção de mercado.
d) As montadoras não conseguem esvasiar os páteos, por maiores descontos que dêem.
e) Super-homem nasceu digitalizado, mas vêm sendo projetado em modo analógico.

22) (Gama Filho-1997) "Lembrei, agora, sabe lá Deus por quê"
Apenas uma das orações abaixo será preenchida com por quê idêntico em ortografia e de mesma classe gramatical que a expressão sublinhada no exemplo acima.
Assinale-a.
a) Ele abandonou a Faculdade, _________ ?
b) O motivo________ ele abandonou o Curso de Letras é evidente.
c) Foi este o_________ de ele ter desistido da Faculdade de Letras.
d) Ele não acabou o Curso________ não quis.
e) ____________ele alegou motivos pessoais, abandonou a Faculdade de Letras.

23) (GV-2003) Assinale a alternativa em que não haja erro de grafia.

a) Não tinha feito a prova no dia regular nem tão pouco a substitutiva.
b) Afim de que as soluções pudessem ser adotadas por todos, José de Arimatéia havia distribuído
cópias do relatório no dia anterior.
c) Porventura, meu Deus, estarei louco?
d) Assinalou com um asterístico a necessidade de notas informativas adicionais.
e) Com freqüência, os médicos falam de AVC, Acidente Vascular Celebral. Porisso, os próprios pacientes já estão familiarizados com esse termo.

24) (GV-2003) Assinale a alternativa em que a grafia de todas as palavras seja prestigiada pela norma culta.

a) Auto-falante, bandeija, degladiar, eletrecista.
b) Advogado, frustado, estrupo, desinteria.
c) Embigo, mendingo, meretíssimo, salchicha.
d) Estouro, cataclismo, prazeiroso, privilégio.
e) Aterrissagem, babadouro, lagarto, manteigueira.

25) (IBMEC - SP-2007) Leia os enunciados a seguir:

I. Especialistas atribuem o alto número de casos de anorexia, em parte, à ....cultural por ....
II. A .... de agentes da Polícia Federal teve grande .... na imprensa.

As lacunas estão corretamente preenchidas em
a) obseção, magresa, paralisação, repercução
b) obsessão, magreza, paralização, repercussão
c) obsceção, magreza, paralisação, repercussão
d) obssessão, magresa, paralização, repercução
e) obsessão, magreza, paralisação, repercussão

26) (IME-1996) Nas frases a seguir há erros ou impropriedades. Reescreva-as e justifique a correção.
a) "Se você requeresse e o seu amigo intervisse, talvez você reavesse esses bens."
b) "A algum tempo, São Paulo era quasi uma provincia."

27) (IME-1996) Nas frases a seguir há erros ou impropriedades. Reescreva-as e justifique a correção
a) "Não se conseguiu apurar o motivo porque a atriz se divorciou."
b) "O milionário dispendeu milhares de dólares com aquela propaganda."

28) (ITA-1998) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.
I.________ os amigos, jamais _________ sua atenção e confiança.
II. ________dos políticos que dizem que os recursos públicos não _________do povo.
a) destratando - se granjeiam - divirjamos - provêm
b) distratando - se granjeiam - divirjamos - provêm
c) distratando - granjeamos - diverjamos - provêem
d) destratando - grangeamos - divirjamos - provêem
e) distratando - se granjeia - diverjamos - provêm

29) (Mack-2001) Febre, hemoptise, dispnéia e suores noturnos.
A vida inteira que podia ter sido e que não foi.
Tosse, tosse, tosse.
Mandou chamar o médico:
- Diga trinta e três.
- Trinta e três... trinta e três... trinta e três...
- Respire.
. . . .
. . . .
- O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.
- Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?
- Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

Em “Pneumotórax”, Manuel Bandeira (1886-1968) fala de uma experiência pessoal. Aos dezoito anos adoeceu de tuberculose: “A moléstia não chegou sorrateiramente, como costuma fazer. Caiu de supetão e com toda a violência, como uma machadada de Brucutu". À época, o diagnóstico de tísica equivalia a uma condenação. Os pacientes eram enviados para sanatórios, situados em locais elevados; a idéia não era só isolá-los, mas também proporcionar-lhes os supostos benefícios da atmosfera rarefeita das alturas - além do repouso e da boa alimentação. Eventualmente eram submetidos ao pneumotórax.

Entre poetas e escritores a tuberculose era muito freqüente. Um interessante estudo a respeito cita, entre outros, Goethe, Balzac, Rousseau, Dostoievski, Byron, Poe ...

A tísica estava associada a uma morte precoce, um dos "cacoetes históricos que organizaram o destino do homem romântico", segundo Mário de Andrade.

A associação entre tuberculose e literatura foi, durante muito tempo, um tema fértil. O advento das modernas drogas capazes de curar a enfermidade mudou radicalmente a situação. Um tisiólogo e escritor dividia a história da poesia brasileira em três fases; numa primeira, os poetas adoeciam de tuberculose e morriam precocemente; numa segunda fase (na qual se situa Bandeira) não morriam, mas se tornavam crônicos; finalmente chega a época em que nem morrem, nem ficam crônicos - curam-se. No entanto, quando o problema já parecia controlado, a tuberculose ressurgiu - associada com a AIDS, mas sobretudo com a pobreza nas grandes cidades e com a desmobilização dos serviços de saúde, uma conjuntura que muito pouco tem de literária.

Moacyr Scliar

Considerando o contexto, é correto afirmar:
a) Se em vez de um tema fértil o autor estivesse falando de temas, a forma correta do adjetivo seria fértis.
b) Advento está grafado corretamente, assim como é correta a grafia advinhar.
c) Em *um dos cacoetes históricos que organizaram o destino do homem romântico*, o ***que*** se refere a poetas.
d) Em *numa segunda fase (na qual se situa Bandeira)*, substituindo-se se situa por pertence estaria correto o segmento à qual Bandeira pertence.
e) Sem alterar o sentido do texto, *no entanto* (*No entanto, quando o problema*...) pode ser substituído por *portanto*.

30) (Mack-1996) Assinale a alternativa que preenche com exatidão as lacunas:
Não poderia tratá-lo ______ com amabilidade, pois, ______ fosse ele, não poderia analisar comparativamente as idéias ______ destas teorias, ______ de elaborar meu trabalho.
a) senão - se não - a fins - afim
b) se não - senão - afins - a fim
c) senão - se não - afins - a fim
d) se não - senão - a fins - afim
e) senão - senão - afins - a fim

31) (Mack-1997) I - atraz - civilisar - decender - magestoso
II - atrazado - côncio - enchuto - mecher
III - cicatriz - extensão - discente - exceção

Quanto à ortografia, assinale:
a) se todas as afirmações estão incorretas
b) se apenas II está correta.
c) se apenas I está correta.
d) se todas estão corretas.
e) se apenas III está correta.

32) (PUCCamp-1998) A frase em que há ERROS de ortografia é:

a) De maneira suscinta orientava os usuários a retirarem as fixas nos guichês indicados.
b) Como expoente na área, sua compreensão do fato só poderia ter sido aquela que tantos quiseram rejeitar.
c) Espectador de tanto melodrama, o que sentia era um misto de desprezo e pena por todos eles.
d) A excitação era tanta, e o fascínio dos holofotes era tão intenso, que a timidez de alguns foi logo superada.
e) A pressão que o trabalho fazia em suas coxas não lhe permitia o acesso ao botão de controle.

33) (PUC-RS-2001) Cientistas ________ buscando alternativas para uma tecnologia que, concebida como solução para os problemas da humanidade, ________ hoje um ecossistema ________ beira de um colapso inimaginável ________ algumas décadas.
A alternativa cujos itens completam a frase acima , de cordo com a norma culta do idioma é

a) vêm - contabiliza - à - há
b) vem - contabilisa - à - há
c) vêm - contabilisa - a - à
d) vêm - contabiliza - à - a
e) vem - contabiliza - a - há

34) (UECE-1996) PARA QUEM QUER APRENDER A GOSTAR

01 "Talvez seja tão simples, tolo e natural que você nunca tenha parado para pensar: aprenda a fazer bonito o seu amor. Ou fazer o seu amor ser ou ficar bonito. Aprenda, apenas, a tão difícil arte de amar bonito. Gostar é tão fácil que ninguém aceita aprender.

02 Tenho visto muito amor por aí. Amores mesmo, bravios, gigantescos, descomunais, profundos, sinceros, cheios de entrega, doação e dádiva. Mas esbarram na dificuldade de se tornar bonitos. Apenas isso: bonitos, belos ou embelezados, tratados com carinho, cuidado e atenção. Amores levados com arte e ternura de mãos jardineiras.

03 Aí esses amores que são verdadeiros, eternos e descomunais de repente se percebem ameaçados apenas e tão somente porque não sabem ser bonitos: cobram, exigem; rotinizam; descuidam; reclamam; deixam de

compreender; necessitam mais do que oferecem; precisam mais do que atendem; enchem-se de razões. Sim, de razões. Ter razão é o maior perigo do amor. Quem tem razão sempre se sente no direito (e o tem) de reivindicar, de exigir justiça, eqüidade, equiparação, sem atinar que o que está sem razão talvez passe por um momento de sua vida no qual não possa ter razão. Nem queira. Ter razão é um perigo: em geral enfeia o amor, pois é invocado com justiça, mas na hora errada. Amar bonito é saber a hora de ter razão.

04 Ponha a mão na consciência. Você tem certeza de que está fazendo o seu amor bonito? De que está tirando do gesto, da ação, da reação, do olhar, da saudade, da alegria do encontro, da dor do desencontro a maior beleza possível? Talvez não. Cheio ou cheia de razões, você espera do amor apenas aquilo que é exigido por suas partes necessitadas, quando talvez dele devesse pouco esperar, para valorizar melhor tudo de bom que de vez em quando ele pode trazer. Quem espera mais do que isso sofre, e sofrendo deixa de amar bonito. Sofrendo, deixa de ser alegre, igual, irmão, criança. E sem soltar a criança, nenhum amor é bonito.

05 Não tema o romantismo. Derrube as cercas da opinião alheia. Faça coroas de margaridas e enfeite a cabeça de quem você ama. Saia cantando e olhe alegre. Recomendam-se: encabulamentos, ser pego em flagrante gostando; não se cansar de olhar, e olhar; não atrapalhar a convivência com teorizações; adiar sempre, se possível com beijos, 'aquela conversa importante que precisamos ter'; arquivar, se possível, as reclamações pela pouca atenção recebida. Para quem ama, toda atenção é sempre pouca. Quem ama feio não sabe que pouca atenção pode ser toda a atenção possível. Quem ama bonito não gasta o tempo dessa atenção cobrando a que deixou de ter.

06 Não teorize sobre o amor (deixe isso para nós, pobres escritores que vemos a vida como a criança de nariz encostado na vitrina cheia de brinquedos dos nossos sonhos); não teorize sobre o amor; ame. Siga o destino dos sentimentos aqui e agora.

07 Não tenha medo exatamente de tudo o que você teme, como: a sinceridade; não dar certo; depois vir a sofrer (sofrerá de qualquer jeito); abrir o coração; contar a verdade do tamanho do amor que sente.

08 Jogue por alto todas as jogadas, estratagemas, golpes, espertezas, atitudes sabidamente eficazes (não é sábio ser sabido): seja apenas você no auge de sua emoção e carência, exatamente aquele você que a vida impede de ser. Seja você cantando desafinado, mas todas as manhãs. Falando besteira, mas criando sempre. Gaguejando flores. Sentindo coração bater como no tempo do Natal infantil. Revivendo os carinhos que intuiu em criança. Sem medo de dizer eu quero, eu gosto, eu estou com vontade.

09 Talvez aí você consiga fazer o seu amor bonito, ou fazer bonito o seu amor, ou bonitar fazendo o seu amor, ou amar fazendo o seu amor bonito (a ordem das frases não altera o produto), sempre que ele seja a mais verdadeira expressão de tudo o que você é, e nunca: deixaram, conseguiu, soube, pôde, foi possível, ser.

10 Se o amor existe, seu conteúdo já é manifesto. Não se preocupe mais com ele e suas definições. Cuide agora da formas. Cuide da voz. Cuide da fala. Cuide do cuidado. Cuide do carinho. Cuide de você. Ame-se o suficiente para ser capaz de gostar do amor e só assim poder começar a tentar fazer o outro feliz".

(TÁVOLA, Arthur da. Para quem quer aprender a amar. In: COSTA, Dirce Maura Lucchetti et al. Estudo de texto: estrutura, mensagem, re-criação. Rio, DIMAC, 1987. P. 25-6)

Flexiona-se como "enfeia", parágrafo 3, o verbo:
a) afiar.
b) agraciar.
c) balbuciar.
d) galantear.

35) (UECE-1996) Preenchem-se os espaços de "________ meses que desejo tanto que elas ________, que, daqui ________ pouco, irão para ________ Argentina", com:
a) faz, viagem, há, à.
b) faz, viajem, a, a.
c) fazem viagem, a, à.
d) fazem, viajem, há, a.

36) (UEL-1994) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
Como há .... de chuva, ... a .... do jogo.
a) espectativa - cogita-se - suspensão.
b) expectativa - cojita-se - suspensão.
c) espectativa - cojita-se - suspenção.
d) expectativa - cogita-se - suspensão.
e) espectativa - cogita-se - suspenção.

37) (UEL-1994) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
...... de corretas, respostas ...... e apressadas ...... os examinadores.
a) Apesar - suscintas - decepicionaram.
b) Apesar - sucintas - decepcionaram.
c) Apezar - suscintas - decepcionaram.
d) Apesar - suscintas - decepcionaram.
e) Apezar - sucintas - decepicionaram.

38) (UEL-1996) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
A argumentação foi ...., mas ainda assim não convenceu o ....
a) zelosamente - construida - júri.
b) zelozamente - construída - juri.
c) zelosamente - construída - júri.

d) zelosamente - construida - juri.
e) zelozamente - construída - júri.

39) (UEL-1996) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
Se minha conduta ...... dúvidas, que posso fazer para as ...... para afastar de mim tanta ....?
a) suscita - dirimir - suspeição.
b) suscita - derimir - suspeição.
c) sucita - derimir - suspeissão.
d) sucita - dirimir - suspeição.
e) suscita - dirimir - suspeissão.

40) (UEL-1996) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
Os turistas .... admiraram-se com o número de .... que havia na aldeia.
a) recéns-chegados - artesãos.
b) recém-chegados - artesãos.
c) recém-chegados - artesães.
d) recém-chegado - artesãos.
e) recéns-chegados - artesães.

41) (UEL-1996) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
As bandeiras .... agitavam-se, na comemoração pelos .... conquistados.
a) alviverdes - troféis.
b) alviverde - troféus.
c) alvis-verdes - troféus.
d) alviverdes - troféus.
e) alviverde - troféis.

42) (UEL-1996) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
Todo aquele que lhe .... o caminho irrita-o, ainda que não .... de forma intencional.
a) obstrue - aja.
b) obstrui - haja.
c) obstrui - aja.
d) obstrue - haja.
e) obstrói - haja.

43) (UEL-1995) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

A visão ..... dos fatos explica ..... apenas alguns alunos foram premiados.
a) destorcida - porque.
b) distorcida - por que.
c) distorcida - porque.
d) destorcida - por que.
e) destorcida - porquê.

44) (UEL-1995) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

....., o rapaz não consegue libertar-se de velhas .....; ...... é infeliz.
a) Mau-humorado - tensões - porisso.
b) Mal-humorado - tenções - por isso.
c) Mau-humorado - tensões - por isso.
d) Mal-humorado - tenções - porisso.
e) Mal-humorado - tensões - por isso.

45) (UFC-2007) a) De acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), deve-se empregar maiúscula em:
(1) topônimos;
(2) alcunhas, antropônimos;
(3) nomes sagrados, religiosos;
(4) nomes de ruas, lugares públicos;
(5) começo de frase, verso ou citação direta;
(6) datas importantes, atos ou festas religiosas;
(7) nomes de pontos cardeais, quando designam região;
(8) palavras ou fórmulas respeitosas que se queiram destacar;
(9) nomes comuns tomados próprios, por personificação ou individuação;
(10) nomes de atos de leis, decretos determinados, usados em correspondências oficiais.
Observe, nas frases abaixo, o emprego da letra maiúscula, identifique a razão pela qual ela foi usada e, em seguida, de acordo com o código apresentado, preencha os parênteses, estabelecendo a correlação adequada entre o uso na frase e a regra.

a.1. Ficara entre a eterna peleja entre a Vida ( ) e a Morte.
a.2. Tinha saudade do detonar da pólvora nas ronqueiras e as melodias dos pífanos no Natal ( ).
a.3. Foi ( ) nessa época que Eugênia ( ) começou a lhe ensinar a bordar.
a.4. Partiram nos finais de setembro no rumo do sertão de Canindé ( ).
a.5. Os estandartes tremulavam aos ventos com a efígie de Nossa Senhora das Dores ( ) nas romarias.
a.6. Foi lá seu maior aprendizado a repetir impaciente: “Louro ( ) quer café donzelo com rapadura”.
a.7. Havia sido por causa de uma Ordem Régia ( ), um edital promulgado pelo rei.
a.8. O vento ´Araka´ti´ ( ) esta noite, ao chegar com sua brisa boa, encontrou homens, mulheres e
crianças reunidos no alpendre atraídos pela história de um rasto de menino.

B. Diz a NGB que a letra maiúscula também deve ser empregada em nomes de artes, ciências, disciplinas,

escolas de qualquer grau de ensino. Com base nesse conhecimento, leia o texto abaixo, transcrito de A casa, identifique as duas ciências implicitamente presentes nele e construa uma frase empregando o nome de uma dessas ciências.
Um dos rapazes comentou para o grupo: – Eugênia, a única historiadora entre nós engenheiros, vai descobrir coisas que só a ela serão reveladas.

46) (UFMT-1996) Na(s) questão(ões) a seguir julgue os itens e escreva nos parentes (V) se for verdadeiro ou (F) se for falso.

Com base no texto
1 Sinto muito
2 Agora o cinto é pra valer.
(Campanha Detran - 1995)
Julgue os itens.
( ) Este texto propaganda joga com a sonoridade de duas palavras homógrafas.
( ) A palavra "sinto" é um verbo, e a palavra "cinto" é um substantivo.
( ) A expressão "pra valer" remete à obrigatoriedade do uso do cinto.

47) (UFPE-1996) Assinale o trecho que apresenta correção ortográfica, gramatical e sintática:
a) A cidade na virada da década de 1890 ganha as primeiras marcas do progresso, impressas pelo prefeito. Vapores singram as águas. Surge a iluminação a gás. Conclui-se com base nestas informações, que o desenvolvimento teve início nessa década.
b) A cidade, na virada da década de 1890, ganha as primeiras marcas do progresso, impressas pelo prefeito. Vapores singram as águas. Surge a iluminação a gás. Conclui-se, com base nestas informações, que o desenvolvimento teve início nessa década.
c) A cidade, na virada da década de 1890, ganha as primeiras marcas do progresso, impressas pelo prefeito. Vapores singram as águas. Surje a iluminação a gaz. Conclue-se, com base nestas informações que o desenvolvimento teve início nesta década.
d) A cidade, na virada da década de 1890, ganham as primeiras marcas do progresso, impressas pelo prefeito. Vapores singram as águas. Surgem a iluminação a gás. Conclui-se, com base nessas afirmações, que o desenvolvimento teve início nessa década.
e) A cidade, na virada da década de 1890, ganha as primeiras marcas do progresso, impresso pelo prefeito. Vapores cingram as águas. Surje a iluminação a gás. Conclue-se, com base nestas informações, que o desenvolvimento teve início nessa década.

48) (UFSCar-2005) A palavra cousa é uma variante da palavra coisa, assim como loura de loira. Assinale a alternativa em que as duas palavras são, também, variantes uma da outra.

a) discrição e descrição.
b) vultoso e vultuoso.
c) catorze e quatorze.
d) dispensa e despensa.
e) discriminar e descriminar.

49) (Uneb-1998) A frase em que há ERROS de ortografia é:
a) Excursões à Europa freqüentemente incluem no seu trajeto Londres, Paris e Amsterdam.
b) O sucesso de viagens está na dependência estrita da adequação entre as intenções do turista e o roteiro organizado.
c) Acontecimentos imprevisíveis ocorrem quando se viaja, por isso as pessoas não devem deixar-se paralisar diante de incidentes desagradáveis.
d) Não é exceção ver-se o turista diante da necessidade de pagar taxas extras em aeroportos e hotéis.
e) Há pessoas que procuram acessoria de pessoas especializadas para pensarem suas visitas ao exterior, mas há geitos mais simples de se planejarem passeios.

50) (UNIFESP-2004) Considere as quatro afirmações seguintes.

PIRATAS DO TIETÊ - Laerte

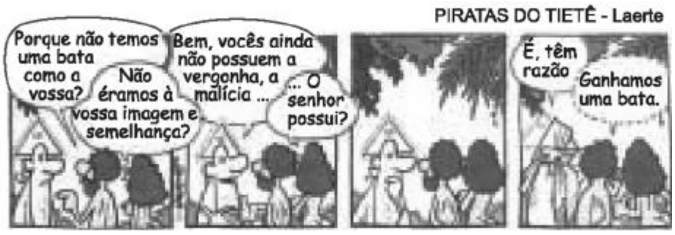
Porque não temos uma bata como a vossa?
Não éramos à vossa imagem e semelhança?
Bem, vocês ainda não possuem a vergonha, a malícia ...
... O senhor possui?
É, têm razão
Ganhamos uma bata.

I. O pronome vossa (2ª pessoa do plural) é usado como forma de demonstrar respeito a alguém, sobretudo em posição superior.
II. No primeiro quadrinho, a escrita correta seria por que e não porque.
III. A forma verbal possui, no segundo quadrinho, está incorreta, devendo ser substituída por possue.
IV. A forma verbal têm, no último quadrinho, está correta, já que se refere aos dois interlocutores do Senhor.
Estão corretas apenas as afirmações
a) I e II.
b) I e III.
c) II e IV.
d) I, II e III.
e) I, II e IV.

51) (UNIFESP-2004) Leia a seguir um trecho de um bate-papo pela internet, retirado de uma das "salas" do UOL.
(04:01:51) **LOIRA** fala para **E.F.S-MSN**: NAO QUERO PAPO CONTIGO PQ VC PIZOU NA BOLA
(04:01:55) **Alex** entra na sala...
(04:02:02) **Alex** fala para **Todos:** Alguém quer teclar?

(04:02:04) **ATIRADOR** fala para **AG@SSI:** QUEM E VC
(04:02:39) **LOIRA** fala para **nois(Mô, Lê e Ti):** APARENCIA NAO EMPORTA
(04:02:43) **ATIRADOR** fala para **LOIRA**: eai princesa ta afim de tc
(04:02:56) **LOIRA** fala para **AG@SSI:** OI QTOS ANOS

Sobre a escrita no bate-papo, são feitas as quatro afirmações seguintes.
I. As palavras teclar e tc são formadas, respectivamente, por sufixação e redução.
II. Estão incorretamente grafadas as palavras pizou e emporta.
III. A pontuação está incorreta nas frases de Loira, Alex e Atirador.
IV. Alex e Atirador apresentam erros na acentuação de palavras.
Está correto apenas o que se afirma em
A) I e II.
B) I e III.
C) II e III.
D) II e IV.
E) III e IV.

52) (UNIFESP-2004) Leia a seguir um trecho de um bate-papo pela internet, retirado de uma das "salas" do UOL.
(04:01:51) **LOIRA** fala para **E.F.S-MSN**: NAO QUERO PAPO CONTIGO PQ VC PIZOU NA BOLA
(04:01:55) **Alex** entra na sala...
(04:02:02) **Alex** fala para **Todos:** Alguém quer teclar?
(04:02:04) **ATIRADOR** fala para **AG@SSI:** QUEM E VC
(04:02:39) **LOIRA** fala para **nois(Mô, Lê e Ti):** APARENCIA NAO EMPORTA
(04:02:43) **ATIRADOR** fala para **LOIRA**: eai princesa ta afim de tc
(04:02:56) **LOIRA** fala para **AG@SSI:** OI QTOS ANOS

Observando a segunda fala de Atirador, vê-se que ele comete infração gramatical semelhante à que ocorre em
a) Durante a reunião, todos se referiram o mesmo problema.
b) Vossa Excelência deveis ouvir as exigências do povo.
c) Lhe enviaremos a resposta o mais breve possível.
d) Chegou todos os convidados para a festa.
e) Derrepente ela parou e percebeu que estava sendo seguida.

53) (Unifor-2003) Há palavras escritas de modo INCORRETO na frase:
a) Uma analogia pode fornecer ao cronista o assunto desejado, no qual injetará sua marca registrada.
b) O fito exclusivo de um cronista é, geralmente, incutir a possibilidade do sonho numa dura realidade.
c) O cronista deve sentir-se um escritor privilegiado quando consegue imprimir lirismo a um fato corriqueiro.
d) Diversas veses o cronista se mostra pessimista diante da realidade, embora a crônica deva ser mensajeira de esperança a seus leitores.
e) A beleza de um acontecimento é captada pela visão lírica do cronista, que recria esse momento com arte e sensibilidade.

54) (Vunesp-2004) A questão a seguir toma por base uma passagem de uma carta do poeta parnasiano Raimundo Correia (1859-1911) e fragmentos de um ensaio do poeta modernista Jorge de Lima (1893-1953).

A Rodolfo Leite Ribeiro

(...) Noto nas poesias tuas, que o Vassourense *tem publicado, muita naturalidade e cor local, além da nitidez do estilo e correção da forma. Sentes e conheces o que cantas, são aprazivelmente brasileiros os assuntos, que escolhes. Um pedaço de nossa bela natureza esplêndida palpita sempre em cada estrofe tua, com todo o vigor das tintas que aproveitas. No "Samba" que me dedicas, por exemplo, nenhuma particularidade falta dessa nossa dança* macabra*, movimento, graça e verdade ressaltam de cada um dos quatorze versos, que constituem o soneto. / Como eu invejo isso, eu devastado completamente pelos prejuízos dessa escola a que chamam* parnasiana*, cujos produtos aleijados e raquíticos apresentam todos os sintomas da decadência e parecem condenados, de nascença, à morte e ao olvido! Dessa literatura que importamos de Paris, diretamente, ou com escala por Lisboa, literatura tão falsa, postiça e alheia da nossa índole, o que breve resultará, pressinto-o, é uma triste e lamentável esterilidade. Eu sou talvez uma das vítimas desse mal, que vai grassando entre nós. Não me atrevo, pois, a censurar ninguém; lastimo profundamente a todos! / É preciso erguer-se mais o sentimento de nacionalidade artística e literária, desdenhando-se menos o que é pátrio, nativo e nosso; e os poetas e escritores devem cooperar nessa grande obra de restauração. Não achas? Canta um poeta, entre nós, um Partenon de Atenas, que nunca viu; outro os costumes de um Japão a que nunca foi... Nenhum, porém, se lembrara de cantar a* Praia do Flamengo*, como o fizeste, e qualquer julgaria indigno de um soneto o* Samba*, que ecoa melancolicamente na solidão das nossas fazendas, à noite. / Entretanto, este e outros assuntos vivem na tradição de nossos costumes, e é por desprezá-los assim que não temos um poeta verdadeiramente nacional. / Qualquer assunto, por mais chilro e corriqueiro que pareça ser, pode deixar de sê-lo, quando um raio do gênio o doure e inflame. / Tu me soubeste dar uma prova desse asserto. Teus formosos versos é que hão de ficar, porque eles estão alumiados pela imensa luz da verdade. Essa rota que me apontas é que eu deveria ter seguido, e que, infelizmente, deixei de seguir. O sol do futuro vai romper justamente da banda para onde caminhas, e não da banda por onde nós outros temos errado até hoje. / Continua, meu Rodolfo. Mais alguns*

sonetos no mesmo gênero; e terás um livro que, por si só, valerá mais que toda a biblioteca de parnasianos. *Onde, nestes, a pitoresca simplicidade, a saudável frescura, a verdadeira poesia de teus versos?!*

(Raimundo Correia. Correspondência. In: Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1961.)

Todos Cantam sua Terra...

(1929)

[...] Acha Tristão de Ataíde que a literatura brasileira moderna, apesar de tudo, enxergou qualquer cousa às claras. Pois que deu fé que estava em erro. Que se esquecera do Brasil, que se expressava numa língua que não era a fala do povo, que enveredara por terras de Europa e lá se perdera, com o mundo do Velho Mundo. Trabalho deu a esse movimento literário atual, a que chamam de moderno, trazer a literatura brasileira ao ritmo da nacionalidade, isto é, integrá-la com as nossas realidades reais. Mais ou menos isso falou o grande crítico. Assim como falou do novo erro em que caiu esta literatura atual criando um convencionalismo modernista, uma brasilidade forçada, quase tão errada, quanto a sua imbrasilidade. Em tudo isso está certo Tristão. Houve de fato ausência de Brasil nos antigos, hoje parece que há Brasil de propósito nos modernos. Porque nós não poderíamos com sinceridade achar Brasil no índio que Alencar isolou do negro, cedendo-lhe as qualidades lusas, batalhando por um abolicionismo literário do índio que nos dá a impressão de que o escravo daqueles tempos não era o preto, era o autóctone. O mesmo se deu com Gonçalves Dias em que o índio entrou com o vestuário de penas pequeno e escasso demais para disfarçar o que havia de Herculano no escritor.

[...]

Da mesma forma que os nossos primeiros literatos cantaram a terra, os nossos poetas e escritores de hoje querem expressar *o Brasil numa campanha literária de "custe o que custar". Surgiram no começo verdadeiros manifestos, verdadeiras paródias ao Casimiro e ao Gonçalves Dias: "Todos dizem a sua terra, também vou dizer a minha". E do Norte, do Sul, do sertão, do brejo, de todo o país brotaram grupos, programas, proclamações modernistas brasileiras, umas ridículas à beça. Ninguém melhor compreendeu, adivinhou mesmo, previu o que se ia dar, botando o preto no branco, num estudo apenso ao meu primeiro livro de poesia em 1927, do que o meu amigo José Lins do Rego. (...)*

Dois anos depois é o mesmo protesto de Tristão de Ataíde: "esse modernismo intencional não vale nada!" Entretanto nós precisamos achar a nossa expressão que é o mesmo que nos acharmos. E parece que o primeiro passo para o achamento é procurar trazer o homem brasileiro à sua realidade étnica, política e religiosa.[...]

No seio deste Modernismo já se opera uma reação anti-ANTISINTAXE, anti-ANTIGRAMATICAL em oposição ao desleixo que surgiu em alguns escritos, no começo. Nós não temos um passado literário comprido (como têm os italianos, para citar só um povo), que nos endosse qualquer mudança no presente, pela volta a ele, renascimento dele, pela volta de sua expressão estilística ou substancial. A nossa tradição estilística, de galho deu, na terra boa em que se plantando dá tudo, apenas garranchos.

(Jorge de Lima. Ensaios. In: Poesias completas - v. 4. Rio de Janeiro: José Aguilar/MEC, 1974.)

O Modernismo buscou, em sua fase inicial, um novo discurso pela quebra de padrões sintáticos e o emprego de características da linguagem coloquial. Com base nestas informações, responda.

a) O que significam os neologismos anti-ANTISINTAXE e anti-ANTIGRAMATICAL, no texto de Jorge de Lima?

b) O texto de Jorge de Lima foi escrito em 1929. No caso de esses dois neologismos não estarem grafados de acordo com o que dispõe o nosso Sistema Ortográfico, que é de 1943, indique as grafias obedientes à regra ortográfica atual, segundo a qual o prefixo anti- só deve ser acompanhado de hífen diante de h, r e s.

55) (VUNESP-2007) Os Tratados com a Bolívia

A Bolívia é uma espécie de Estado de Minas da América do Sul; não tem comunicação com o mar. Quando a Standard Oil abriu lá os poços de petróleo de Santa Cruz de la Sierra, na direção de Corumbá de Mato Grosso, a desvantagem da situação interna da Bolívia tornou-se patente. Estava com petróleo, muito petróleo, mas não tinha porto por onde exportá-lo. Ocorreu então um fato que parece coisa de romance policial.

Os poços de petróleo da Standard trabalhavam sem cessar mas o petróleo que passava pelas portas aduaneiras bolivianas e pagava a taxa estabelecida no contrato de concessão era pouco. O boliviano desconfiou. "Aqueles poços não cessam de jorrar e o petróleo que paga taxa é tão escasso... Neste pau tem mel."

E tinha. A espionagem boliviana acabou descobrindo o truque: havia um oleoduto secreto que subterraneamente passava por baixo das fronteiras e ia emergir na Argentina. A maior parte do petróleo boliviano escapava à taxação do governo e entrava livre no país vizinho. Um negócio maravilhoso.

Ao descobrir a marosca, a Bolívia fez um barulho infernal e cassou todas as concessões de petróleo dadas à Standard Oil. Vitórias momentâneas sobre a Standard quantas a história não registra! Vitórias momentâneas. Meses depois um coronel ou general encabeça um pronunciamento político, derruba o governo e toma o poder. O primeiro ato do novo governo está claro que foi restaurar as concessões da Standard Oil cassadas pelo governo caído...

Mas como resolver o problema da saída daquele petróleo fechado? De todas as soluções estudadas a melhor consistia no seguinte: forçar o Brasil por meio dum tratado a ser o comprador do petróleo boliviano; esse petróleo iria de Santa Cruz a Corumbá por uma estrada de ferro a construir-se e de Corumbá seguiria pela Estrada de Ferro Noroeste. Isto, provisoriamente. Mais tarde se construiria um oleoduto de La Sierra a Santos, Paranaguá ou outro porto brasileiro do Atlântico. Desse modo o petróleo boliviano abasteceria as necessidades do Brasil e também seria exportado por um porto do Brasil.

Ótima a combinação, mas para que não viesse a falhar era indispensável que o Brasil não tirasse petróleo. Eis o segredo de tudo. A hostilidade oficial contra o petróleo brasileiro vem de grande número de elementos oficiais fazerem parte do grande grupo americano, boliviano e brasileiro que propugna essa solução — maravilhosa para a Bolívia, desastrosíssima para nós.

Os tratados que sobre a matéria o Brasil assinou com a Bolívia não foram comentados pelos jornais dos tempos; era assunto petróleo e a Censura não admitia nenhuma referência a petróleo nos jornais. A 25 de janeiro de 1938 foi assinado o tratado entre o Brasil e a Bolívia no qual se estabelecia o orçamento para a realização de estudos e trabalhos de petróleo no total de 1.500.000 dólares, dos quais o Brasil entrava com a metade, 750 mil dólares, hoje 15 milhões de cruzeiros. O Brasil entrava com esse dinheiro para estudos de petróleo na Bolívia, o mesmo Brasil
oficial que levou sete anos para fornecer a Oscar Cordeiro uma sondinha de 500 metros...

Um mês depois, a 25 de fevereiro de 1938, novo tratado entre os dois países, com estipulações para a construção duma estrada de ferro Corumbá a Santa Cruz de la Sierra; a benefício dessas obras em território boliviano o Brasil entrava com um milhão de libras ouro...

O representante do Brasil para a formulação e execução dos dois tratados tem sido o Sr. Fleury da Rocha.

Chega. Não quero nunca mais tocar neste assunto do petróleo. Amargurou-me doze anos de vida, levou-me à cadeia — mas isso não foi o pior. O pior foi a incoercível sensação de repugnância que desde então passei a sentir sempre que leio ou ouço a expressão Governo Brasileiro...

(José Bento Monteiro Lobato. Obras completas — volume 7. São Paulo:
Editora Brasiliense, 1951, p.225-227.)

Tendo em consideração o que prescreve o atual sistema ortográfico para o uso de iniciais maiúsculas, leia atentamente o sétimo parágrafo e, em seguida, aponte a razão pela qual a palavra “censura” aparece escrita com inicial maiúscula.

GABARITO

1) Alternativa: A

2) Alternativa: C

3) Alternativa: B

4) Alternativa: A

5) Alternativa: D

6) Alternativa: A

7) Alternativa: C

8) Ansiosos vir a

9) Requereram
beneficência

10) A par
interveio

11)
Houve - estereótipo

12) a) frustrado, acredita, antiquadas superstições
b) anexas, solicitou
c) desmazelo, depredaram , albergue
d) Há cerca de, vêm infligindo, motociclistas
e) tinham chegado, interpuseram

13) Lisonjeado é escrito com J porque deriva de lisonja, também grafado com J. Já margeado é escrito com G porque deriva de margem, também grafado com G.

14) Alternativa: D

15) Alternativa: B

16) Alternativa: C

17) A palavra “espectador” tem o sentido de “aquele que vê”, “aquele que assiste a”.
Já a palavra “expectador” significa “aquele que tem expectativa”, “aquele que está na expectativa”.

18) A expressão “a princípio” significa “no começo”, “no início”, “inicialmente”, enquanto “em princípio” significa “em tese”, “em teoria”. Assim, a expressão “a princípio” é de natureza temporal, enquanto “em princípio” aponta para uma perspectiva de natureza racional-metodológica.

19) Alternativa: B

20) Alternativa: C

21) Alternativa: B

22) Alternativa: A

23) Alternativa: C

24) Alternativa: E
Correção das outras alternativas:
a) alto-falante; bandeja; digladiar; eletricista.
b) frustrado; estupro; disenteria.
c) umbigo; mendigo; meritíssimo; salsicha.
d) prazeroso.

25) Alternativa: E

26) a) "Se você requeresse e o seu amigo interviesse, talvez você reouvesse esses bens."

Intervir se conjuga pelo verbo vir
Reaver se conjuga pelo verbo haver, nas formas em que haver tem a letra V.

b) " Há algum tempo, São Paulo era quase uma província."
Verbo haver para indicar tempo passado
quase é a ortografia correta
paroxítona terminada em ditongo oral é acentuada

27) a)"Não se conseguiu apurar o motivo por que a atriz se divorciou."
Porque - no sentido de por qual razão ou motivo, grafa-se separado, pois o que é pronome relativo

b) "O milionário despendeu milhares de dólares com aquela propaganda."
Despender - verbo que significa perder, gastar, consumir

28) Alternativa: A

29) Alternativa: D

30) Alternativa: C

31) Alternativa: A

32) Alternativa: A

33) Alternativa: A

34) Alternativa: D

35) Alternativa: B

36) Alternativa: D

37) Alternativa: B

38) Alternativa: C

39) Alternativa: A

40) Alternativa: B

41) Alternativa: D

42) Alternativa: C

43) Alternativa: B

44) Alternativa: E

45) A : a.1 (9); a.2 (6); a.3. (5), (2); a.4 (1); a.5. (3); a.6. (5); a.7. (10); a.8 (2).

B: (historiadora e engenheiro)
Eu estudo História ou A Engenharia é uma arte que sempre me fascinou.

46) F V V

47) Alternativa: B

48) Alternativa: C

49) Alternativa: A

50) Alternativa: E

51) Alternativa: A

52) Alternativa: E

53) Alternativa: D

54) a) O primeiro momento modernista procura negar a gramática e a sintaxe tradicional, daí os termos “antigramatical” e “anti-sintaxe” (o prefixo anti significa negação, contrariedade). Posteriormente, essa negação à gramática e à sintaxe tradicional também é negada (daí anti-anti), explicando-se assim os termos “anti-ANTISINTAXE” e a “anti-ANTIGRAMATICAL” .
b) antiANTI-SINTAXE e antiANTIGRAMATICAL

55) Monteiro Lobato foi um defensor da exploração nacional do petróleo. Durante o governo varguista do Estado Novo Monteiro Lobato tinha uma postura crítica em relação ao regime ditatorial, embora fosse, como ele, conservador e nacionalista.
Na época desse regime, a propaganda oficial do *Governo Brasileiro* e a censura à imprensa eram da responsabilidade do DIP — *Departamento de Imprensa e Propaganda* — órgão responsável pelo controle repressor da imprensa. Utilizando o vocábulo “Censura” (escrito com inicial maiúscula) para designar essa repartição, Lobato cria um efeito de personificação, como se fosse o DIP, e não a pessoa, o responsável pela proibição das notícias correspondentes ao acordo assinado entre Brasil e Bolívia.

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

GÊNEROS TEXTUAIS

(Bloco II)

Vânia Araújo

ARTIGO DE OPINIÃO (MATÉRIA ASSINADA ou COLUNA)

É um texto dissertativo de cunho jornalístico, que se caracteriza pela exposição clara da opinião do autor acerca de determinado assunto.

Características do artigo:

- Contém um título polêmico ou provocador.
- Tem estrutura formal: **introdução** (exposição), **desenvolvimento** (interpretação das informações) e **conclusão** (opinião).
- Tem predomínio de verbos no presente do indicativo.
- Faculta o uso de linguagem objetiva (em 3ª pessoa) ou subjetiva (em 1ª pessoa).

PROCEDIMENTOS ARGUMENTATIVOS DO ARTIGO:

- Estabelece relações de causa e consequência entre os fatos;
- Faz comparações entre épocas e lugares;
- Pode fazer um retrocesso por meio da narração de um fato;
- Facilita a interação com o leitor;
- Pode conter afirmações radicais (ou frases de efeito);
- Pode trazer a antecipação de uma possível crítica do leitor, com o propósito de construir antecipadamente os contra-argumentos.

O discurso que procura limitar a atuação dos movimentos de defesa dos direitos humanos a uma questão policial carrega grande distorção. Muitos acabam sem responder a uma indagação que amiúde surge na boca daqueles que pretendem esvaziar o discurso acerca dos direitos humanos: “e os direitos humanos da vítima?” Parece até que existem duas espécies de direitos humanos: o dos marginalizados e o das vítimas. Direitos humanos constituem um instrumento forjado para defender a pessoa humana de modo geral e não, apenas, um indivíduo qualquer, seja ele criminoso, seja ele vítima de crimes. A violação dos direitos humanos dissemina-se não só por meio das transgressões à lei, mas também pelo exercício abusivo do poder político e do poder econômico. A violação de um direito, seja ele de uma pessoa, seja de um grupo de pessoas, está permanente e estruturalmente subordinada ao autor da violação, mas não se deve esquecer de que há fatores sociais e econômicos envolvidos na questão.

Maurício José Nardini. *Papel do ministério público na promoção dos direitos humanos.* Internet: <www.drmaycon.hpg.ig.com.br> (com adaptações).

EDITORIAL

- ✓ É um texto dissertativo que manifesta a opinião de um jornal ou revista a respeito dos assuntos da atualidade (quase sempre polêmicos),com a intenção de esclarecer ou alterar pontos de vista dos leitores, alertar a sociedade e, às vezes, até mobilizá-la.
- ✓ O editorial, como texto argumentativo que é, tem por finalidade persuadir o leitor e, por isso, precisa dar a impressão de que detém a verdade. Para isso, precisa evitar as opiniões extremamente pessoais ou as afirmações generalizantes e sem fundamento.
- ✓ No desenvolvimento das ideias de um editorial, os recursos empregados para dar maior consistência ao texto e aproximá-lo da verdade são exemplos, depoimentos, dados estatísticos, pesquisas, comparações ou relações de causa e efeito.

A decisão do governo estadual de fechar escolas rurais com reduzido número de alunos provocou imediata reação das comunidades atingidas e deflagrou uma polêmica nos meios educacionais. Deve o Estado continuar investindo em uma estrutura escolar que atende meia dúzia de crianças quando pode deslocá-las para uma escola maior em outro centro? Do ponto de vista econômico, ninguém pode ter dúvidas de que a atitude mais racional é garantir transporte para que essas crianças completem seus estudos em escolas maiores. Mas a questão educacional é mais complexa. Se uma só dessas crianças desistir de estudar por causa da alteração, a medida já se constituirá em fracasso, pois a verdadeira prioridade da educação tem de ser o aluno.

Evidentemente, cada caso deve ser examinado separadamente. Parece mesmo absurdo que uma escola pública seja colocada em funcionamento para atender a apenas um aluno. Mas é fundamental reconhecer que esse aluno merece total atenção do Estado, não pode ter sua formação interrompida nem dificultada. Tanto a Constituição Federal quanto a estadual garantem a educação como direito de todos e dever do Estado e da família, assegurando, ainda, igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola. São esses fatores que devem ser levados em conta na decisão de fechar ou não uma escola pequena no meio rural.

Existe até uma máxima que merece reflexão em um momento em que se discute o fechamento de pequenas escolas no meio rural: uma sociedade que não constrói escolas acaba tendo que construir presídios.

A verdadeira prioridade. *In*: **Zero Hora**. ***Editoriais***, 23/1/2005, p. 12 (com adaptações).

TEXTOS PERTENCENTES AO DISCURSO LITERÁRIO

FÁBULA

- É um texto narrativo de caráter alegórico, que trabalha o imaginário e que pretende transmitir alguma lição de fundo moral, tendo geralmente animais como personagens. A fábula constitui uma forma muito simples de narrativa.
- Suas raízes remontam à Antiguidade greco-romana, com Esopo e Fedro. La Fontaine (poeta francês) foi quem introduziu e aprimorou as fábulas antigas, fazendo com que chegassem até nós.
- No Brasil, coube a Monteiro Lobato recriar as fábulas de La Fontaine e a Millôr Fernandes atualizar algumas das histórias clássicas. Millôr é também criador de algumas fábulas modernas cheias de humor e filosofia.

IMPORTANTE:

Quando uma fábula utiliza coisas como personagens, ela recebe o nome de **APÓLOGO**.

Veja o exemplo da **FÁBULA** abaixo, escrita por **Millôr Fernandes**:

A CAUSA DA CHUVA

Não chovia há muitos e muitos meses, de modo que os animais ficaram inquietos. Uns diziam que ia chover logo, outros diziam que ainda ia demorar. Mas não se chegava a uma conclusão.

— Chove só quando a água cai do telhado do meu galinheiro – esclareceu a galinha.

— Ora, que bobagem! – disse o sapo de dentro da lagoa. Chove quando a água da lagoa começa a borbulhar as gotinhas.

— Como assim? – disse a lebre. Está visto que só chove quando as folhas das árvores começam a deixar cair as gotas d'água que têm dentro.

Nesse momento, começou a chover.

— Viram? – gritou a galinha. O telhado do meu galinheiro está pingando. Isso é chuva!

— Ora, não vê que a chuva é a água da lagoa borbulhando? – disse o sapo.

— Mas como assim? – tornou a lebre. Parecem cegos! Não veem que a água cai das folhas das árvores?

MORAL: Todas as opiniões estão erradas.

Millôr Fernandes (com adaptações).

CRÔNICA

- É um texto narrativo que consiste no relato de acontecimentos (normalmente banais) do cotidiano, escrito em linguagem mais leve. A crônica difere do conto não apenas no tamanho, mas também na linguagem, já que busca a intimidade e o humor da anedota, numa linguagem cotidiana que encontra receptividade em todos os leitores.
- Esta modalidade apresenta também um narrador (que é o próprio autor), personagens (que se aproximam muito das pessoas que as leem), enredo, tempo e espaço. Na maioria dos casos, esses elementos são tratados por meio de uma linguagem mais poética.
- Embora a crônica tenha o caráter transitório de um jornal – já que ela nasceu dentro desse veículo de comunicação de massa, muitos cronistas contemporâneos conseguem captar *flashes*/circunstâncias do cotidiano de uma maneira tão lírica que fica difícil dizer que tais textos não assumem um caráter literário.

O cajueiro já devia ser velho quando nasci. Ele vive nas mais antigas recordações de minha infância: belo, imenso, no alto do morro atrás da casa. Agora vem uma carta dizendo que ele caiu.

Eu me lembro do outro cajueiro que era menor e morreu há muito tempo. Eu me lembro dos pés de pinha, do cajá-manga, da grande touceira de espadas-de-são-jorge e da alta saboneteira, que era nossa alegria e a cobiça de toda a meninada do bairro porque fornecia centenas de bolas pretas para o jogo de gude. Tudo sumira, mas o grande pé de fruta-pão ao lado da casa e o imenso cajueiro lá no alto eram como árvores sagradas protegendo a família. Cada menino que ia crescendo ia aprendendo o jeito de seu tronco, o lugar melhor para apoiar o pé e subir pelo cajueiro acima, ver de lá o telhado das casas do outro lado e os morros além, sentir o leve balanceio na brisa da tarde.

No último verão ainda o vi; estava como sempre carregado de frutos amarelos, trêmulo de sanhaços. Chovera: mas assim mesmo fiz questão de que Caribé subisse o morro para vê-lo de perto, como quem apresenta a um amigo de outras terras um parente muito querido.

A carta de minha irmã mais moça diz que ele caiu numa tarde de ventania, num fragor tremendo pela ribanceira; e caiu meio de lado, como se não quisesse quebrar o telhado de nossa velha casa. Diz que passou o dia abatida, pensando em nossa mãe, em nosso pai, em nossos irmãos que já morreram. Diz que seus filhos pequenos se assustaram; mas foram brincar nos galhos tombados. Foi agora, em fins de setembro. Estava carregado de flores.

Rubem Braga. *Cem crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1956.

Partícula SE

As estratégias do polêmico guru das finanças Robert Kiyosaki para você trabalhar menos e ganhar mais.

Qual o melhor tipo de renda?

A melhor renda é a passiva (por exemplo, a proveniente do aluguel de imóveis) e não a renda ganha (proveniente de salários, bônus etc.). A razão? A passiva é a renda pela qual **se** trabalha menos, é frequentemente menos taxada e lhe dá bons retornos em um longo período de tempo.

As pessoas cometem muitos erros quando o assunto é gestão das finanças. Mas o maior deles é ter apenas uma carreira. **Se** você realmente quer ser rico, precisa ter duas carreiras: uma para você e outra para o seu dinheiro. Por exemplo, as pessoas me conhecem como escritor. Minha profissão é ser escritor. Minha segunda carreira é a de investidor em mercado imobiliário. Então, tive de aprender não somente como escrever e falar bem, mas também como investir meu dinheiro usando majoritariamente esse tipo de ativo. Meus investimentos estão trabalhando a meu favor. **Se** trabalho ou não, o dinheiro vem do mesmo jeito.

O senhor costuma dizer que um dos caminhos para **se** *tornar rico é tomar dinheiro emprestado e investi-lo em bons projetos. Mas como* **se** *faz isso num país com uma das maiores taxas de juro do mundo como o Brasil?*

Quando as taxas de juro estão altas fica ainda mais fácil comprar bons imóveis. Porque ninguém pode comprar. Afinal, o crédito não compensa. **Se** eu estivesse no Brasil atualmente, iria pesquisar os melhores investimentos. Voltaria aos Estados Unidos, levantaria o dinheiro necessário, em dólar, para investir em real no Brasil. É preciso ser flexível, agir de acordo com o cenário econômico. As pessoas têm de manter a mente aberta. **Se** você diz que não consegue fazer algo, realmente não conseguirá. Neste momento, há algo acontecendo no Brasil que poderá torná-lo rico, mas você vai ter de descobrir o que é. Hoje, há um problema: pobre só anda com pobre. As pessoas têm de buscar amigos que sejam entusiasmados com o futuro. **Se** você começa a andar com pessoas que são pessimistas, nunca vai ter nada.

As pessoas que investem em fundos são as mais preguiçosas e estúpidas. Elas não **se** preocupam em **se** educar financeiramente. Querem que os outros lhes digam o que fazer. E quem geralmente vai dizer o que elas devem fazer é um vendedor. A maioria dos investidores acaba recebendo assessoria de vendedores ou de outras pessoas pobres.

Como, então, escolher o melhor assessor financeiro?

Você deve perguntar a ele em que investe e qual o valor do retorno. Verificar **se** é bem-sucedido. Quando converso com um assessor na área de imóveis, pergunto quantos imóveis tem. A maioria dos corretores de imóveis e operadores de mercado não pode viver de seus investimentos. Eles vivem das comissões. Portanto, precisam de você para fazer dinheiro. Então, por que você iria querer um conselho dessas pessoas?

www.administradores.com.br. Acesso em 18/08/2008 (com adaptações).

PARTÍCULA "SE"

Contextualmente, pode ser classificada como conjunção ou pronome:

a) **Pronome**: palavra que indica as pessoas do discurso e que substitui ou acompanha um substantivo.
b) **Conjunção**: palavra invariável que une dois termos ou duas orações.

PRONOME

1) **Índice de indeterminação do sujeito**: surge ao lado de verbos que não admitem a voz passiva (VTI, VL e VI). Tais verbos deverão permanecer na terceira pessoa do singular, uma vez que o sujeito, com que devem concordar, é indeterminado.

A passiva é a renda pela qual **se** trabalha menos, é frequentemente menos taxada e lhe dá bons retornos em um longo período de tempo.

Neste último século assistiu-**se** a um constante progresso em todos os campos da ciência e da medicina. Para se registrar este progresso, muito do trabalho de investigação efetuado assentou e assenta na utilização de animais em testes laboratoriais.[1]

2) **Pronome apassivador**: surge ao lado de verbos que admitem a voz passiva (VTD e VTDI) e é indispensável à formação da voz passiva sintética (ou pronominal). O verbo deverá concordar com o termo que funcionará como sujeito paciente.

O senhor costuma dizer que um dos caminhos para se tornar rico é tomar dinheiro emprestado e investi-lo em bons projetos. Mas como **se** faz isso num país com uma das maiores taxas de juro do mundo como o Brasil?

Só isso pode evitar a instauração daquela cadeia alimentar que **se** vê hoje nas ruas brasileiras [...][2]

Não **se** sabe se a maconha produz a doença mental. O que **se** sabe é que ela piora os sintomas de qualquer uma delas, seja ansiedade, seja esquizofrenia – disse Laranjeira, em entrevista ao médico Drauzio Varella.[3]

DIMP

As orações que contêm índice de indeterminação do sujeito ou partícula apassivadora expressam ideia de **impessoalidade** – não identificação do agente verbal.

3) **Pronome reflexivo:** surge nas construções de voz reflexiva, ou seja, nas orações em que o sujeito e o objeto verbal pertencem à mesma pessoa gramatical. O sujeito realiza o processo verbal sobre si mesmo.

O pronome reflexivo pode exercer as funções sintáticas de objeto direto, objeto indireto ou sujeito. E equivale à expressão a si mesmo(a).

> [...] as pessoas que investem em fundos são as mais preguiçosas e estúpidas. Elas não se preocupam em **se** educar financeiramente.
>
> [...] pessoas raivosas **se** envolvem duas vezes mais em situações de risco...[4]
>
> Muitas mulheres **se** desvalorizam porque elas mesmas desmerecem e minimizam suas habilidades e realizações.[5]

4) **Pronome reflexivo recíproco**: é, também, um pronome reflexivo, porém o sujeito estará no plural ou será composto. Os termos que compõem tal sujeito exercerão o processo verbal um sobre o outro. O pronome recíproco equivale à expressão **um ao outro**.

> [...] caminhões e ônibus ameaçando veículos de passeio, que **se** ameaçam uns aos outros, conforme o tamanho.[6]
>
> Chávez e príncipe da Espanha **se** cumprimentaram "normalmente" na Argentina: o príncipe-herdeiro da Espanha, Felipe de Borbón, cumprimentou "normalmente" neste domingo em Buenos Aires o presidente da Venezuela, Hugo Chávez, informaram hoje fontes oficiais espanholas presentes na capital argentina.[7]

DIMP

Os pronomes reflexivos apresentam ideia de reflexividade, ou seja, o sujeito pratica e recebe a ação.

5) **Parte integrante do verbo**: chamado também de pronome fossilizado, por pertencer à estrutura morfológica do verbo. Surge com os verbos essencialmente pronominais, que em geral se referem a sentimentos, fenômenos mentais ou mudança de estado. São exemplos: admirar-se, esquecer-se, arrepender-se, indignar-se, ufanar-se, orgulhar-se, queixar-se, dignar-se, tornar-se, congelar-se, derreter-se, secar-se.

> [...] as pessoas que investem em fundos são as mais preguiçosas e estúpidas. Elas não **se** preocupam em se educar financeiramente.[8]
>
> O senhor costuma dizer que um dos caminhos para **se** tornar rico é tomar dinheiro emprestado e investi-lo em bons projetos.[9]
>
> A parte complicada, de que **se** queixa a advogada Virgínia, está em descobrir o que fazer após a conquista da flexibilidade.[10]

Para os que **se** desesperam com o nosso analfabetismo residual, é bom saber que é igual ao da China (10%).[11]

6) **Partícula expletiva ou de realce**: surge com verbos intransitivos para, geralmente, realçar a espontaneidade de uma atitude ou de um movimento do sujeito em relação ao próprio corpo. É um recurso estilístico e, portanto, pode ser retirada sem prejuízo gramatical. São alguns exemplos de verbos com essa partícula: sentar-se, sorrir-se, casar-se, partir-se, passar-se, ir-se.

Nos Camarões, os professores cobram uma taxa para os alunos **se** sentarem nas fileiras da frente e também para corrigir o dever de casa.[12]

Desde a corrida nos Estados Unidos em 2005, quando apenas seis carros largaram, o brasileiro não terminava entre os três primeiros em uma prova de Fórmula 1. Desde então, passaram-**se** três anos e 52 GPs.[13]

O presidente francês Nicolas Sarkozy e a cantora Carla Bruni casaram-**se**, no sábado, no Palácio Presidencial do Eliseu, numa cerimônia que decorreu "na mais estrita intimidade". A confirmação foi dada pelo próprio Palácio do Eliseu.[14]
E assim **se** foram 12 anos... Amanhã faz exatos 12 anos que o caderninho – como era chamado, carinhosamente, o Info etc... – publicava nossa primeira coluna. O BBS reinava entre os micreiros e a Internet comercial dava os primeiros passos.[15]

SÍNTESE

CLASSIFICAÇÃO	IDEIA	TRANSITIVIDADE	DICA
1. Índice de Indeterminação do Sujeito	impessoalidade	VTI, VI ou VL (em casos raros ocorre VTD + OD prep.)	O verbo deve ficar no singular.
2. Partícula Apassivadora	impessoalidade	VTD ou VTDI	O verbo deve concordar com o sujeito paciente.
3. Pronome Reflexivo	reflexividade	VTD, VTDI ou VTI	O pronome pode ser substituído pela expressão "a si mesmo".
4. Pronome Reflexivo Recíproco	reflexividade	VTD, VTDI ou VTI	O pronome pode ser substituído por "um ao outro".
5. Parte Integrante do Verbo	aparente reflexividade	VTI, VI, VL	O sujeito não faz uma ação sobre si mesmo; o **se** não pode ser retirado.

6. Partícula Expletiva (realce)	aparente reflexividade	VI	O **se** pode ser retirado.

CONJUNÇÃO

1) **Conjunção subordinativa condicional**: introduz as orações subordinadas adverbiais condicionais, que exprimem condição necessária para que se realize ou deixe de realizar o fato expresso na oração principal. Tal conjunção confere um caráter hipotético ao período.

Se você realmente quer ser rico, precisa ter duas carreiras: uma para você e outra para o seu dinheiro.

Se você diz que não consegue fazer algo, realmente não conseguirá.
Se você começa a andar com pessoas que são pessimistas, nunca vai ter nada.

2) **Conjunção subordinativa causal**: introduz uma oração subordinada adverbial que exp-ressa causa, principalmente em estruturas frasais interrogativas. Neste caso, será equivalente às locuções causais **uma vez que, já que.**

Se o governo sabia que haveria falta de energia, por que não se preparou?

Meu Deus, por que me abandonaste?

Se sabias que eu não era Deus

Se sabias que eu era fraco.[16]

3) **Conjunção subordinativa concessiva:** introduz uma oração que indica concessão:

Se por um lado o governo ajuda, por outro atrapalha.

4) **Conjunção subordinativa integrante**: introduz orações subordinadas substantivas. Chama-se de integrante por ser o conectivo que integra à oração principal uma outra oração que exerce função indispensável à estrutura sintática do período.

Como, então, escolher o melhor assessor financeiro? Você deve perguntar a ele em que investe e qual o valor do retorno. Verificar **se** é bem-sucedido.

35% dos países, como nem sequer têm estatísticas básicas de matrículas, não sabem **se** elas cresceram ou encolheram.[17]

O México espera os resultados para decidir **se** serão publicados.

DIMP

Lembre-se de que conjunção é uma palavra invariável que liga dois termos ou duas orações. Quando o **se** for conjunção, sempre estará introduzindo uma oração subordinada e não terá função sintática.

SÍNTESE

CLASSIFICAÇÃO	IDEIA	SUBSTITUIÇÃO
1. Condicional	Condição para que um fato se realize.	Pode ser substituída por **caso**, mesmo que haja alteração na forma verbal.
2. Causal	Um fato que gera o outro; surge principalmente em orações interrogativas.	Pode ser substituída por **já que, uma vez que**.
3. Concessiva	Admissão de uma ideia contrária.	Pode ser substituída por **embora**, mesmo que haja alteração na forma verbal.
4. Integrante	Não expressa uma ideia; apenas integra uma oração que exerça função substantiva a uma oração principal.	A oração em que está inserida pode ser substituída por **isso**.

PORTUGUÊS

Morfologia - Verbos

Flexão verbal de tempo

Prof.ª Isabel Vega

I – TEMPOS DO INDICATIVO

► **PRESENTE –** emprega-se

a) para enunciar um fato atual: Faz muito calor.

b) para enunciar ações e fatos permanentes (verdade científica, por exemplo): A Lua gira em torno da Terra.

c) Para expressar uma ação contínua ou uma característica do sujeito: Leio todas as noites. / Sou tímido.

d) para aproximar o leitor dos fatos ocorridos no passado (presente histórico): Em 1954, morre Getúlio Vargas.

Flexão verbal de tempo

e) para marcar um fato futuro, conferindo certeza à afirmação: Amanhã venho visitar-te. / Outro dia eu falo com ele.

f) Para suavizar o imperativo: Amanhã você resolve isso para mim?

► PRETÉRITO

A) IMPERFEITO – expressa ação habitual no passado.

Ex.: Quando era pequena, andava de bicicleta.

B) PERFEITO – expressa ação concluída no passado.

Ex.: Quando era pequena, caí de bicicleta.

Flexão verbal de tempo

C) PRETÉRITO MAIS QUE PERFEITO – indica uma ação ocorrida antes de outra ação já passada.

Ex.: Quando cheguei, Maria já saíra de casa.

► FUTURO

A) DO PRESENTE – indica fatos prováveis, posteriores ao momento da fala, ou incerteza.

Ex.: As provas começarão no mês que vem.
Será que desta vez ele fica mesmo?

B) DO PRETÉRITO – indica fatos que não se realizaram e que, provavelmente não se realizarão (afirmações condicionadas).

Ex.: João ficaria orgulhoso se me visse agora.

II – TEMPOS DO SUBJUNTIVO

“Os tempos do subjuntivo enunciam a ação do verbo como eventual, incerta, ou irreal, em dependência estreita com a vontade, a imaginação ou o sentimento daquele que as emprega.” (Celso Cunha)

Ex.: [Espero] [que ele esteja melhor.] → Presente

[Se tivesse coragem,] [faria uma plástica.] → Pretérito

[Quando tiver dinheiro,] [farei uma viagem] → Futuro

Colégio Cecília Bernardo	"Colégio Cecilia Bernardo" **ALUNO(A):**____ **PROFª: _____________TURMA: 4º ANO DATA: ___/___/2019**	CONCEITO _______

Avaliação Mensal de Língua Portuguesa/Maio

1) Leia o texto abaixo: (0,5)

A VELHA CONTRABANDISTA

Diz que era uma velhinha que sabia andar de lambreta. Todo dia ela passava pela fronteira montada na lambreta, com um bruto saco atrás da lambreta. O pessoal da Alfândega – tudo malandro velho – começou a desconfiar da velhinha.

Um dia, quando ela vinha na lambreta com o saco atrás, o fiscal da Alfândega mandou ela parar. A velhinha parou e então o fiscal perguntou assim pra ela:

- Escuta aqui, vovozinha, a senhora passa por aqui todo dia, com esse saco aí atrás. Que diabo a senhora leva nesse saco? A velhinha sorriu com os poucos dentes que lhe restavam e mais os outros, que ela adquirira no odontólogo e respondeu:

- É areia!

Aí quem sorriu foi o fiscal. Achou que não era areia nenhuma e mandou a velhinha saltar da lambreta para examinar o saco. A velhinha saltou, o fiscal esvaziou o saco e dentro só tinha areia. Muito encabulado, ordenou à velhinha que fosse em frente. Ela montou na lambreta e foi embora, com o saco de areia atrás.

Mas o fiscal ficou desconfiado ainda. Talvez a velhinha passasse um dia com areia e no outro com muamba, dentro daquele maldito saco. No dia seguinte, quando ela passou na lambreta com o saco atrás, o fiscal mandou parar outra vez. Perguntou o que é que ela levava no saco e ela respondeu que era areia, uai! O fiscal examinou e era mesmo. Durante um mês seguido o fiscal interceptou a velhinha e, todas às vezes, o que ela levava no saco era areia. Diz que foi aí que o fiscal se chateou:

- Olha, vovozinha, eu sou fiscal de alfândega com 40 anos de serviço. Manjo essa coisa de contrabando pra burro. Ninguém me tira da cabeça que a senhora é contrabandista.

- Mas no saco só tem areia! – insistiu a velhinha. E já ia tocar a lambreta, quando o fiscal propôs:

- Eu prometo à senhora que deixo a senhora passar. Não dou parte, não apreendo, não conto nada a ninguém, mas a senhora vai me dizer: qual é o contrabando que a senhora está passando por aqui todos os dias?

- O senhor promete que não "espaia"? – quis saber a velhinha.

- Juro – respondeu o fiscal.

- É lambreta.

(Stanislaw Ponte Preta)

O que o autor quis dizer com a expressão O pessoal da alfândega "tudo malandro velho"?

A) ( ) Que eles eram bonzinhos.
B) ( ) Que eles eram bandidos.
C) ( ) Que eles eram espertos.
D) ( ) Que eles eram malvados.

2) Leia a tirinha do desenhista Maurício de Souza: (0,5)

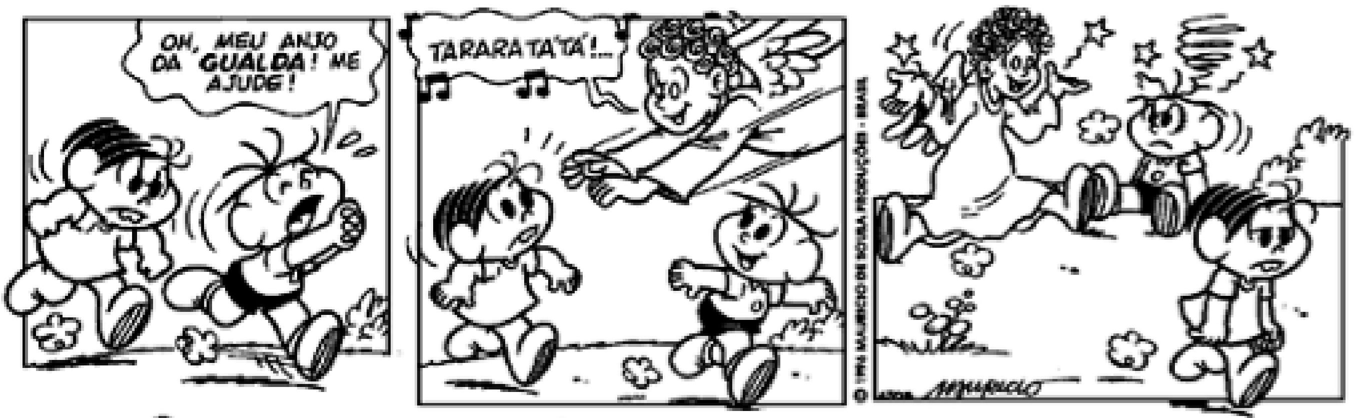
OH, MEU ANJO DA GUALDA! ME AJUDE!
TARARATATÁ!...

Copyright ©1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados. 6709

De acordo com a tirinha o que aconteceu com o "Anjo da guarda do Cebolinha"?

A) ( ) Ele caiu em cima da Mônica.
B) ( ) Ele caiu em cima do Cebolinha.
C) ( ) A Mônica bateu nele e no Cebolinha.
D) ( ) Ele bateu na Mônica e no Cebolinha.

3) Leia o texto: (0,5)

Curiosidades Marinhas

Quatro quintos da superfície do nosso planeta são cobertos de água. Apesar de existirem espécies importantes na água doce, a maioria dos peixes vive no mar. E por falar em peixes, lembre-se que baleias e golfinhos não são peixes, são mamíferos aquáticos. Os ancestrais dos peixes surgiram há 400 milhões de anos. As cores dos peixes não servem apenas para embelezar. Elas são verdadeiros disfarces para enganar seus predadores. Você sabia que a fêmea do acará pode engolir todos os seus filhotes para protegê-lo do perigo e depois ela os sopra para fora.

De acordo com o texto: "Elas são verdadeiros disfarces para enganar os predadores". A palavra grifada se refere a quem:

A) ( ) as cores dos peixes.
B) ( ) aos predadores.
C) ( ) aos filhotes do peixes.
D) ( ) aos seus ancestrais.

4) Leia a seguinte anedota: (0,5)

Três crianças caminhavam por uma trilha com um guia, que ia à frente. Num certo ponto do caminho, o rapaz alertou:

- Cuidado crianças! Aqui tem um buraco escondido que a gente não pode vvvveeeeeeeeeerrrrrrrrrr...

Disponível em WWW.mingaudigital.com.br Acesso em 10set. 2009.

Este texto é engraçado por quê?

A) ( ) As crianças caminhavam por uma trilha.
B) ( ) As crianças desconheciam o buraco.
C) ( ) O guia caminhava à frente das crianças.
D) ( ) O próprio guia caiu no buraco escondido.

5) Leia o texto abaixo: (0,5)

Uma história atrapalhada

Alice convidou seus amigos para passar um fim de semana com ela.

Branca de Neve e cinderela andaram milhas e milhas até a casa da menina, no País das Maravilhas.

Chapeuzinho, com seu cestinho, foi pela estrada afora. Chegou bem em cima da hora.

O gato disse para Alice:

- Se alguém faltar, eu calço minhas botas e vou depressa buscar.

Voltou com a Bela querida, que sempre se atrasava, pois vivia adormecida.

- O fim de semana foi tão bom... – falou João para Maria – Melhor ideia eu não teria.

Diga lá meu camarada,
quantos contos de fada
você encontrou
nesta história atrapalhada?!

Nesse texto, quem conta a história é:

A) ( ) a Alice. B) ( ) a Chapeuzinho. C) ( ) o João. D) ( ) o narrador.

6) Leia a frase e responda à questão: (0,5)

O que é um cartão-postal?

É uma forma de mandar mensagens do lugar onde estamos passeando ou morando. O cartão é um retângulo que contém, em uma das faces, uma foto ou ilustração, na outra, espaço para a mensagem e o endereço do destinatário.

O assunto desse texto é:

A) ( ) como mandar cartão postal .
B) ( ) o que é um cartão-postal.
C) ( ) como escrever o endereço no Cartão-postal.
D) ( ) mensagem de um cartão postal.

7) 4,0 ou 0,25 cada

Encontre 16 substantivos no caça-palavras abaixo e classifique-os no quadro.

MANDACHUVA
SABONETEIRA
EXTRAOFICIAL
CHAVE

POMBA
SEMIANALFABETO
DENTE
SEMIACABADO

JIBOIA
PEDRA
DENTISTA
SABÃO

PEDREIRA
PORTEIRO
PORTA
CAIXA

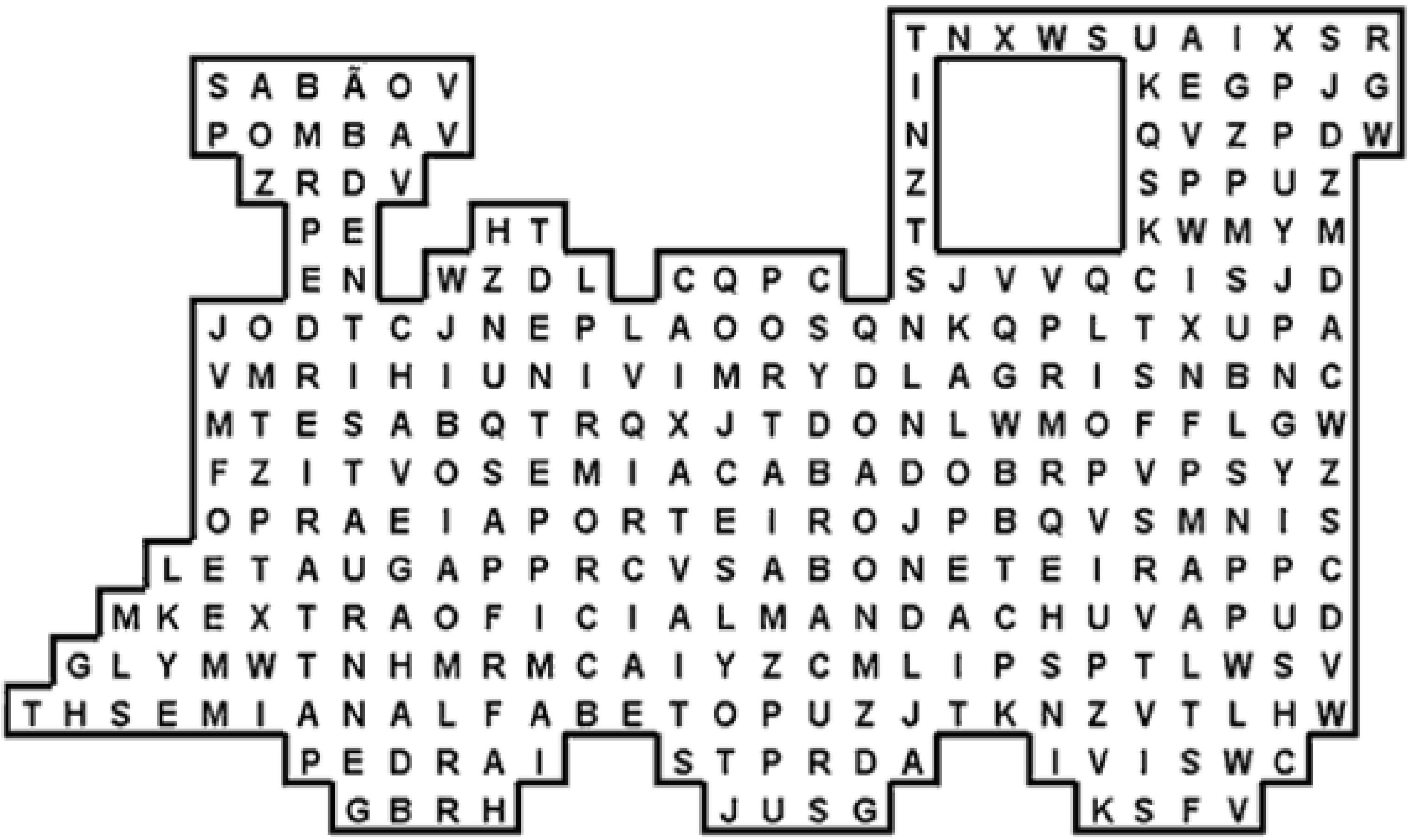
T N X W S U A I X S R
S A B Ã O V I K E G P J G
P O M B A V N Q V Z P D W
Z R D V Z S P P U Z
P E H T T K W M Y M
E N W Z D L C Q P C S J V V Q C I S J D
J O D T C J N E P L A O O S Q N K Q P L T X U P A
V M R I H I U N I V I M R Y D L A G R I S N B N C
M T E S A B Q T R Q X J T D O N L W M O F F L G W
F Z I T V O S E M I A C A B A D O B R P V P S Y Z
O P R A E I A P O R T E I R O J P B Q V S M N I S
L E T A U G A P P R C V S A B O N E T E I R A P P C
M K E X T R A O F I C I A L M A N D A C H U V A P U D
G L Y M W T N H M R M C A I Y Z C M L I P S P T L W S V
T H S E M I A N A L F A B E T O P U Z J T K N Z V T L H W
P E D R A I S T P R D A I V I S W C
G B R H J U S G K S F V

Simples	Primitivo	Composto	Derivado

8) 3,0 ou 0,17 cada

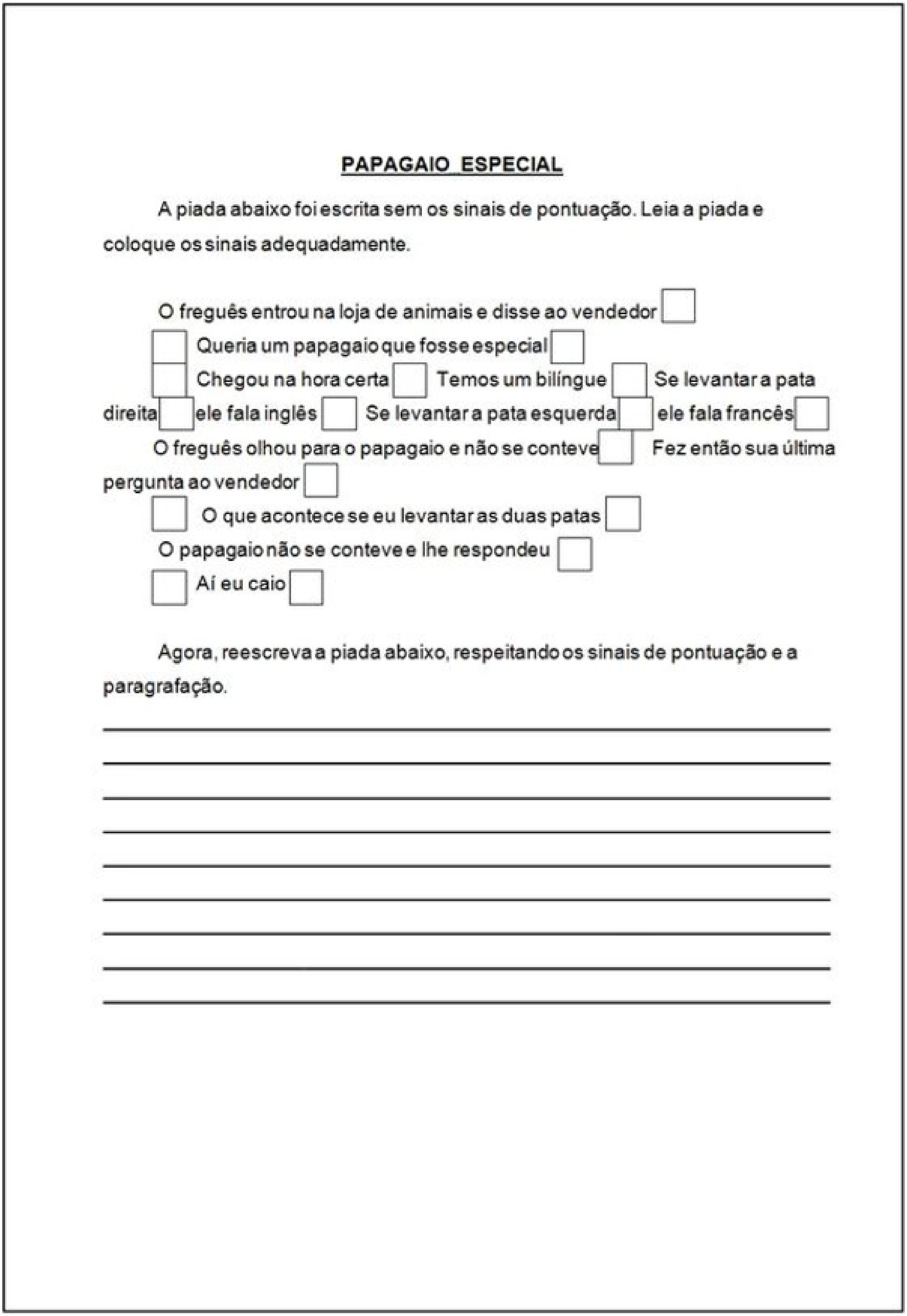

PAPAGAIO ESPECIAL

A piada abaixo foi escrita sem os sinais de pontuação. Leia a piada e coloque os sinais adequadamente.

O freguês entrou na loja de animais e disse ao vendedor ☐
☐ Queria um papagaio que fosse especial ☐
☐ Chegou na hora certa ☐ Temos um bilíngue ☐ Se levantar a pata direita ☐ ele fala inglês ☐ Se levantar a pata esquerda ☐ ele fala francês ☐
O freguês olhou para o papagaio e não se conteve ☐ Fez então sua última pergunta ao vendedor ☐
☐ O que acontece se eu levantar as duas patas ☐
O papagaio não se conteve e lhe respondeu ☐
☐ Aí eu caio ☐

Agora, reescreva a piada abaixo, respeitando os sinais de pontuação e a paragrafação.

____
____
____
____
____
____
____
____
____

AlfaCon
Concursos Públicos

Sumário

DICAS PARA SUPERAR AS DIFICULDADES NOS ESTUDOS 3
  Responda pra si o questionário abaixo: 3
AMIGOS OU INIMIGOS DO SUCESSO: TEV 4
T = Tempo 4
E = Espaço 4
V = Você 4
  Tempo: 4
  Espaço 4
  Você 4
APRENDA SOBRE VOCÊ 5
  Autoconhecimento 5
  AUTOCONTROLE / AUTOCONFIANÇA e AUTOESTIMA 6
Mitos sobre concursos 7

Entre em contato com nossa Central de Vendas **agora!**

(45) 99977-0121 (45) 99962-7904 (45) 99146-2194 (45) 99856-2827

DICAS PARA SUPERAR AS DIFICULDADES NOS ESTUDOS

Responda pra si o questionário abaixo:

1)Qual eu desejo?

2)Estudo de verdade, ou finjo pra mim?

3)Faço tudo que está ao meu alcance para vencer?

4)Reclamo ao invés de solucionar?

5)Vejo obstáculos ou oportunidades?

6)Já li o último edital do concurso que desejo?

7)Faço meu estudo regular? Faço o estudo dirigido?

8) Estudo teoria, pratico com exercícios e testo meus conhecimentos com simulados?

9)Sou corajoso para arriscar e ousar?

10)Estou preparado?

Se as respostas foram preocupantes, PODEMOS AJUDAR VOCÊ. É uma questão que envolve a SUA MUDANÇA DE VIDA!
Envie uma mensagem de whats AGORA, para um dos números abaixo dizendo: **Quero MUDAR DE VIDA, o que vocês podem fazer por mim**?

Entre em contato com nossa Central de Vendas **agora!**

(45) 99977-0121 (45) 99962-7904 (45) 99146-2194 (45) 99856-2827

AMIGOS OU INIMIGOS DO SUCESSO: TEV
T = Tempo
E = Espaço
V = Você

Tempo:

O que aconteceu no passado resultou no que você é hoje. Não há como mudar o passado. Hoje você pode construir seu amanhã.

- Não tenha pressa.
- Não pergunte se determinada coisa vai acontecer.
- Não sofra por antecipação.
- Grandes projetos são construídos com tempo.
- Não queira resultados imediatos.
- Não se preocupe com aquilo que você não controla.
- Administre seu tempo.
- Descubra quanto tempo você tem.
- Use seu tempo da melhor maneira possível.
- Não perca tempo.
- Não desperdice tempo.
- Não desrespeite o tempo.
- Não existe falta de tempo!

Todos têm o mesmo tempo. Saiba como usar seu crédito de tempo, da melhor maneira possível.

Espaço

Tudo aquilo que está “fora” de você. O ambiente.

- Não deixe as coisas atingirem você.
- Material, caderno, aulas.
- Apostilas, livros, simulados, provas.
- Ruídos, barulhos, incômodos.
- Lugares, diversões, situações.
- Celular, internet, jogos.
- Tudo que está fora de você, só pode entrar e prejudicar se você permitir.
- Não permita!

Você

O único responsável pela mudança.

- VOCÊ pode resolver os problemas abaixo. Pense na solução.
- Sono, desânimo, cansaço, falta de motivação.
- Falta de dinheiro, falta de concentração, falta de vontade.
- Falta de tempo, falta de perspectiva, falta de conhecimento.

Entre em contato com nossa Central de Vendas **agora!**
(45) 99977-0121 (45) 99962-7904 (45) 99146-2194 (45) 99856-2827

- Dificuldade em estudar, aprender, lembrar, recordar determinada matéria.
- Vontade de desistir, não saber lidar com as críticas, não ter informação.
- Pressão da família, dos amigos, do relacionamento.
- Medo, ansiedade, frustração.
- Carência, irritação, não conseguir manter o foco.
- Indecisão, não saber qual concurso escolher, medo de passar, raiva de estudar.
- Não querer, não conseguir, achar que tem bloqueio.
- Menosprezar a si, não ter autoconfiança, não ter autoestima.
- Achar que não consegue, que não pode ou que não é capaz.
- Mais um milhão de coisas....

Percebeu? A origem da maioria dos seus problemas está na maneira que encara a realidade. A vantagem é que a solução também está em você!

APRENDA SOBRE VOCÊ

Autoconhecimento

A tarefa mais difícil, mais complexa e mais misteriosa que poderíamos ter. Passamos tão pouco tempo com a gente mesmo, que é difícil saber sobre nós.

Quais são nossos limites, nossos medos, nossos obstáculos, nossas forças, nossas fraquezas. Quais são os pontos que devemos evidenciar, quais os pontos que devemos reconsiderar. Não ouvimos nossa própria voz, não sabemos ao certo o que queremos, e quando buscamos ajuda, distanciamo-nos ainda mais de quem realmente poderia nos ajudar: nós mesmos!

O mais importante do autoconhecimento, é que a chave para gostar de si, é conhecer a si. Conhecer a si é o segredo para querer o melhor de si.

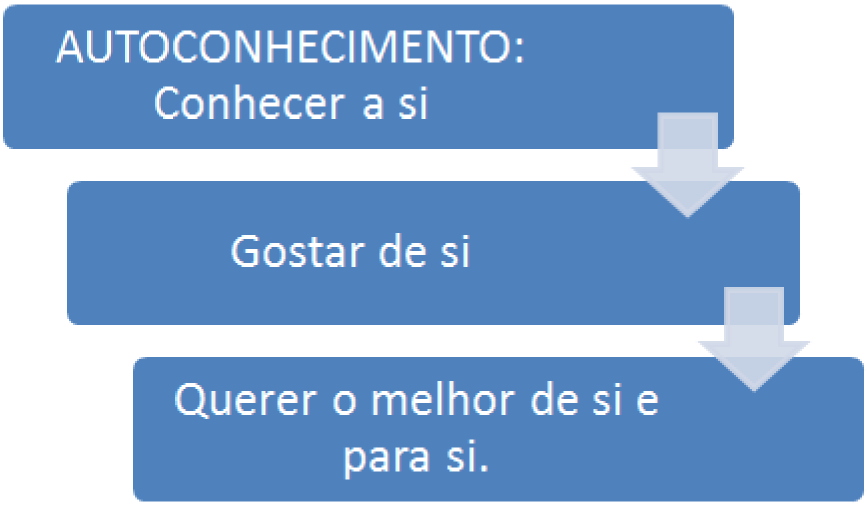

AUTOCONHECIMENTO: Conhecer a si

Gostar de si

Querer o melhor de si e para si.

Entre em contato com nossa Central de Vendas **agora!**
(45) 99977-0121 (45) 99962-7904 (45) 99146-2194 (45) 99856-2827

AUTOCONTROLE / AUTOCONFIANÇA e AUTOESTIMA

Se já é difícil conhecer a si, imagina controlar as próprias emoções. Isso de fato não é tarefa fácil. Controlar as próprias emoções, ansiedades, apetites e desejos pode ser uma grande luta diária, mas que deve ser lutada com toda a nossa força.

Somos três coisas coexistindo dentro de um mesmo ser: Racional, Emocional, Passional. Em outras palavras, o emocional tá ligado aos sentimentos e o passional tá ligado as paixões, algo mais instintivo mesmo, que representa a relação que tínhamos com o mundo animal.

Nada há no mundo natural que não possa ser explicado racionalmente.

A razão é uma ferramenta muito útil na hora de agirmos querendo evitar imprevistos. Logicamente, a razão só pela razão deixaria tudo mais frio. Mais uma vez volto a dizer, que o caminho para a satisfação na vida é o equilíbrio.

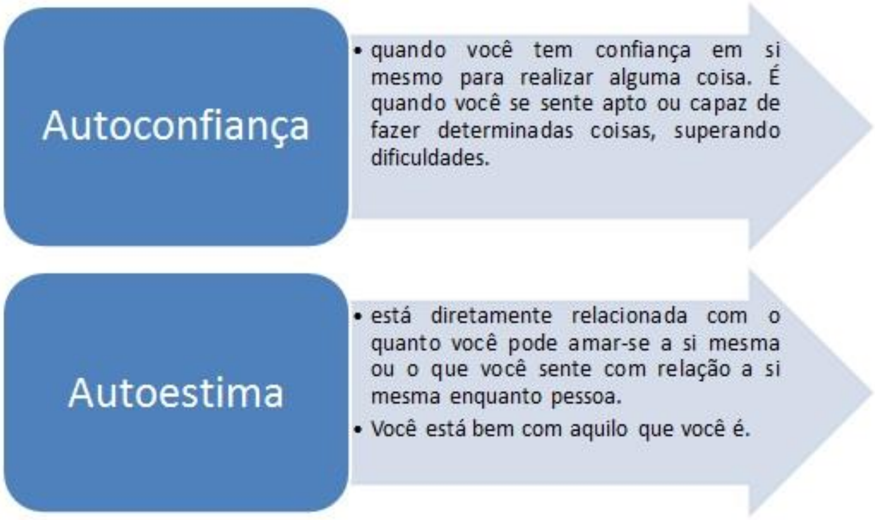

Autoconfiança

- quando você tem confiança em si mesmo para realizar alguma coisa. É quando você se sente apto ou capaz de fazer determinadas coisas, superando dificuldades.

Autoestima

- está diretamente relacionada com o quanto você pode amar-se a si mesma ou o que você sente com relação a si mesma enquanto pessoa.
- Você está bem com aquilo que você é.

Entre em contato com nossa Central de Vendas **agora!**
(45) 99977-0121 (45) 99962-7904 (45) 99146-2194 (45) 99856-2827

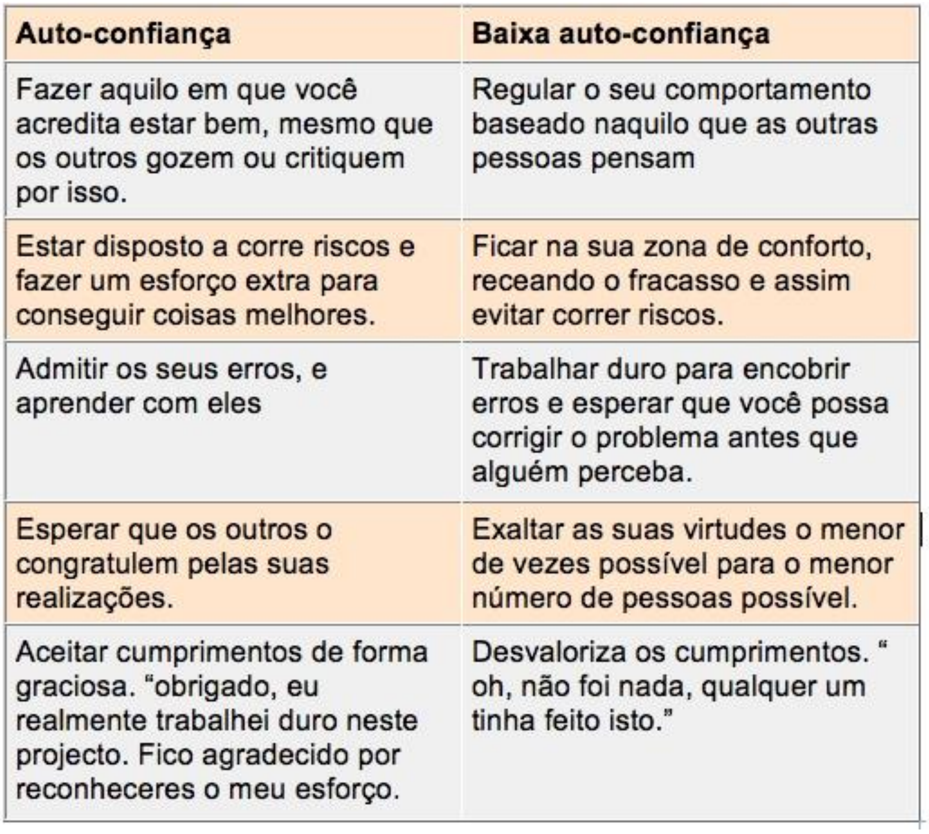

Auto-confiança	Baixa auto-confiança
Fazer aquilo em que você acredita estar bem, mesmo que os outros gozem ou critiquem por isso.	Regular o seu comportamento baseado naquilo que as outras pessoas pensam
Estar disposto a corre riscos e fazer um esforço extra para conseguir coisas melhores.	Ficar na sua zona de conforto, receando o fracasso e assim evitar correr riscos.
Admitir os seus erros, e aprender com eles	Trabalhar duro para encobrir erros e esperar que você possa corrigir o problema antes que alguém perceba.
Esperar que os outros o congratulem pelas suas realizações.	Exaltar as suas virtudes o menor de vezes possível para o menor número de pessoas possível.
Aceitar cumprimentos de forma graciosa. “obrigado, eu realmente trabalhei duro neste projecto. Fico agradecido por reconheceres o meu esforço.	Desvaloriza os cumprimentos. “ oh, não foi nada, qualquer um tinha feito isto.”

Mitos sobre concursos

1) É um jogo de cartas marcadas

Muita gente prefere acreditar que nada vai dar certo, para justificar não fazer nada.

Essa cultura de que concursos são apenas fachada para contratar pessoas já indicadas tem relação com uma época – antes de Constituição de 1988 – em que os servidores públicos eram indicados de pessoas influentes (dizia-se que tinha de ter QI, ou seja, quem indica).

Claro que, no início, havia mesmo muita fraude. Mas, concurso público atualmente movimenta um segmento importante da economia. São cursos, editoras, bancas examinadoras e os próprios candidatos, que investem dinheiro na sua preparação. Toda essa gente se interessa pela lisura dos concursos.

Então, fraudes podem acontecer, mas são exceção. Quando houver suspeita, deve ser denunciada, apurada e, se for o caso, punida.

E quem acompanha o mercado de concursos conhece muita gente que estava estudando há tempos e depois foi aprovada. Será que todos conheciam alguém importante?

2) Os concursos vão acabar

Essa é outra lenda que de vez em quando volta à pauta.

Entre em contato com nossa Central de Vendas **agora!**
(45) 99977-0121 (45) 99962-7904 (45) 99146-2194 (45) 99856-2827

Mas, enquanto vivermos um estado democrático de direito, haverá concursos públicos. Há momentos com mais oportunidades e outros com menos, é verdade, mas não há como privatizar o poder judiciário, muitos cargos do executivo, a segurança pública, entre muitos outros.

Imagine se a cada troca de poder político todos os funcionários que prestam serviços públicos fossem substituídos. A história seria perdida. E qual seria a garantia de qualidade no trabalho se o funcionário soubesse que estava lá por “um mandato”? Mais ainda: de que maneira um funcionário poderia contestar um ato ilícito ou contrário aos interesses públicos, caso pudesse ser demitido pelo seu superior?

Então, mesmo em períodos de estado encolhido, os concursos são necessários.

3) Eu nunca vou ser aprovado/a

Concurso público é fila. Você começa a estudar e entra no fim da fila. Com o passar do tempo – e dos concursos – quem estava na sua frente vai sendo aprovado ou desiste. Se você segue estudando, naturalmente vai avançando na fila. Chega um hora em que você estará nos primeiros lugares da fila, só pelo fato de ter se mantido estudando.

4) Mesmo que eu passe, nunca serei chamado/a

Se você fizer concurso para cadastro de reserva, poderá ou não ser chamado/a. No caso dos tribunais, por exemplo, há histórico de convocarem centenas de aprovados/as para a posse. Então, claro que quem estiver nas primeiras colocações tem mais chances.

Se o concurso oferecer vagas já no edital, é obrigatória a nomeação de todos os candidatos/as que forem aprovados/as dentro dessas vagas, salvo raras exceções. O assunto já foi decidido pelo Supremo Tribunal Federal (STF).

APRENDA A INVESTIR NO SEU FUTURO
Entre em contato com nossa Central de Vendas agora!
(45) 99977-0121
(45) 99962-7904
(45) 99146-2194
(45) 99856-2827
SE A VIDA NÃO FICAR MAIS FÁCIL, TRATE DE FICAR MAIS FORTE.

5) Eu nunca vou aprender esta matéria

Não existe matéria impossível, desde que você não se imponha essa limitação. Tudo é uma questão de tempo e dedicação.

E, em concurso público, há disciplinas muito variadas, o que significa que todo mundo vai precisar enfrentar conteúdos que não são da sua área de preferência/facilidade.

Entre em contato com nossa Central de Vendas **agora!**
(45) 99977-0121 (45) 99962-7904 (45) 99146-2194 (45) 99856-2827

6)Concurso é para pessoas muito especiais

Verdade. É preciso ter muita coragem e determinação. Se você tem essas características, todo o resto se ajeita.

Quanto a ter de ser muito inteligente, é bobagem. São muitas disciplinas diferentes e você vai começar cada uma desde o início.

PORTUGUÊS

Interpretação de textos

Significação contextual de palavras e de expressões – Parte II

Sinônimos e Antônimos

Prof.ª Isabel Vega

Parte II - Sinônimos e Antônimos

I) Sinônimo → palavra de significado semelhante a outra e que pode, em alguns contextos, ser usada em seu lugar sem alterar o significado da sentença.

Ex.: Olhei de relance **o menino** e senti medo, mas **o garoto** só queria vender balas.

II) Antônimo → unidade significativa da língua (**morfema**, **palavra**, **locução**, **frase**) cujo sentido é contrário ou incompatível com o de outra.

Parte II - Sinônimos e Antônimos

Ex.: morfema - (prefixos in-/ex-) – feliz X **in**feliz

palavra – grande X **pequeno**

locução - ir a pé X **ir num transporte**

frase - Vou sair. X **Não vou sair**.

Questão Cespe (SEDU-ES): Com base no vocabulário utilizado no texto e nos seus aspectos semânticos, julgue o item seguinte.

Parte II - Sinônimos e Antônimos

São, respectivamente, **antônimo** do vocábulo "**sazonados**" e **sinônimo** de "**patrimônio**" os termos **saudáveis** e **riqueza**.

"educação é dessas coisas que uma geração planta hoje para só os netos colherem **os frutos sazonados**" (=maduro) "O que a escola tem por missão é, não desprezando esse **patrimônio** (=conjunto de bens) **linguístico** importante(...)"

( ) Certo ( ) Errado

PORTUGUÊS

Pontuação

Uso do ponto e vírgula

Prof.ª Isabel Vega

Qconcursos.com

Uso do ponto e vírgula

►O ponto e vírgula é empregado nos seguintes casos:

a) para separar os itens de uma enumeração descritiva ou narrativa.

Ex.1:“De um lado cunhavam pedra cantando; de outro a quebravam a picareta; de outro afeiçoavam lajedos a ponta de picão; mais adiante faziam paralelepípedos a escopro e macete.”

Ex.2: Art. 1º A educação nacional, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por fim:

a) a compreensão dos direitos e deveres da pessoa humana, do cidadão, do Estado, da família e dos demais grupos que compõem a comunidade;

b) o respeito à dignidade e às liberdades fundamentais do homem; (etc.)

Uso do ponto e vírgula

b) para separar orações de outras que já contenham vírgula destacando a conjunção ou outros termos.

Ex.1:[João não aceitava brincadeira de ninguém]; [ficava, portanto, isolado do grupo].

Ex.2:[Era cedo ainda]; [mas, depois que saí da farmácia, fiquei ansioso por encontrar Maria].

c) para separar orações, desde que, na segunda, haja elipse do verbo.

Ex.1: Alguns anseiam pela paz; outros, pela guerra.

Ex.2: Maria gostava de cantar; João, de ouvir música.

Uso do ponto e vírgula

d) para separar orações coordenadas adversativas, conclusivas ou explicativas, com conjunções elípticas.

Ex.1: [“Há muitos modos de afirmar]; [há só um de negar tudo.”]
(mas)

Ex.2: [Estamos todos muito cansados]; [melhor irmos dormir].
(portanto)

e) para separar num período as orações de mesma natureza que tenham certa extensão.

Ex.: Combinamos o seguinte: arrumaremos todas as coisas hoje; dormiremos bem cedo; acordaremos ainda de madrugada; e partiremos em viagem.

PORTUGUÊS

Pontuação

Uso dos dois-pontos

Prof.ª Isabel Vega

Uso dos dois-pontos

►Os dois-pontos são empregados nos seguintes casos:

a) anunciar uma enumeração.

Ex.: Comprei muitas frutas na feira: banana, laranja, maçã, uva e abacaxi.

b) anunciar a entrada de um interlocutor, normalmente após verbos de elocução ou *dicendi* (dizer, perguntar, responder, retrucar e outros sinônimos), em discurso direto.

Ex.: João interpelou Maria com rispidez:
— Aonde você vai?

c) anunciar uma citação.

Ex.:Estrabão, geógrafo grego, falecido no século I da Era Cristã, já afirmava: "Os turdetanos, e mormente os ribeirinhos do Bétis, adotaram de todo os costumes romanos, e até nem se lembram já da própria língua.".

d) anunciar um aposto, uma conclusão, uma explicação, uma síntese, uma consequência ou um esclarecimento.

Ex.1:Depois de todo o ocorrido, não havia outra explicação: enlouquecera de vez.

Ex.2:Você só merece que eu diga uma coisa: adeus!

d) substituir a vírgula na separação de orações coordenadas explicativas com a vantagem estilística de dispensar a conjunção, caso esta devesse ocorrer.

Ex. “Menino não morras:
na dormente mata,
uma flor vai desabrochar.” (Cecília Meireles)

e) separar vocativos que encabeçam cartas, requerimentos, ofícios, etc.

Ex.: Prezado Senhor:

PORTUGUÊS

Sintaxe

Orações Coordenadas Assindéticas

Prof.ª Isabel Vega

I – Período composto por coordenação

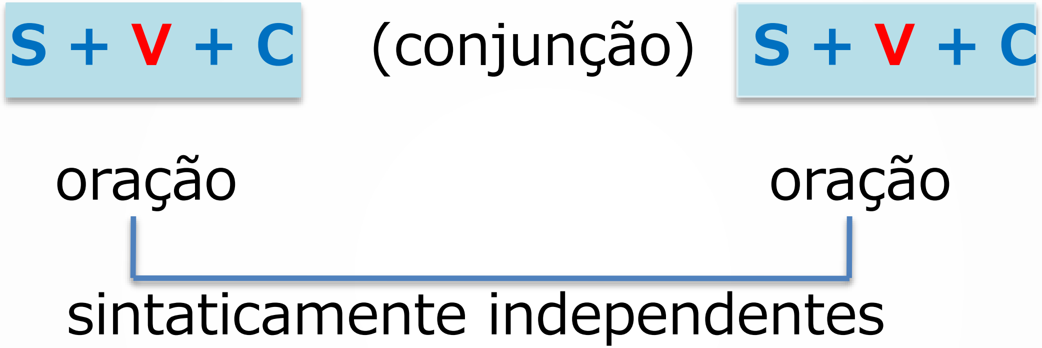

S + V + C (conjunção) **S + V + C**

oração oração

sintaticamente independentes

OBS.1: A palavra síndeto significa conjunção, portanto oração assindética é aquela que não começa por conjunção, enquanto a sindética começa por conjunção.

OBS.2: A ordem das orações no período composto por coordenação é tão fundamental, que não se admite o deslocamento entre as orações. A primeira oração nunca recebe classificação quanto ao sentido, já que as orações posteriores é que acrescentam sentido à anterior.

Ex.: [Maria acordou cedo] [e foi trabalhar].
*[E foi trabalhar] [Maria acordou cedo].
} Coordenação

[Maria acordou cedo] [porque foi trabalhar].
[Porque foi trabalhar], [Maria acordou cedo].
} Subordinação

Orações Coordenadas Assindéticas

► Classificação das orações coordenadas:

Ex.1:	[Maria acordou cedo]	[e foi trabalhar].
	oração coordenada assindética	oração coordenada sindética aditiva (adição)
Ex.2:	[Maria arrumava a casa];	[João assistia ao jogo].
	oração coordenada assindética	oração coordenada assindética aditiva ou adversativa (oposição)
Ex.3:	[Ou você viaja],	[ou você poupa o dinheiro].
	oração coordenada sindética	oração coordenada sindética alternativa (escolha)

Orações Coordenadas Assindéticas

► Considere as seguintes afirmações sobre o período “Acordei suando, felizmente era apenas um pesadelo.”, transcrito do texto.

I. O período é composto por subordinação. A primeira oração (“Acordei suando”) é principal em relação à segunda (“felizmente era apenas um pesadelo.”).

II. O período é composto por orações coordenadas assindéticas.

III. O vocábulo FELIZMENTE, iniciando a segunda oração, é uma conjunção coordenativa e funciona como conectivo.

Assinale a alternativa que aponta a(s) afirmativa(s) correta(s).

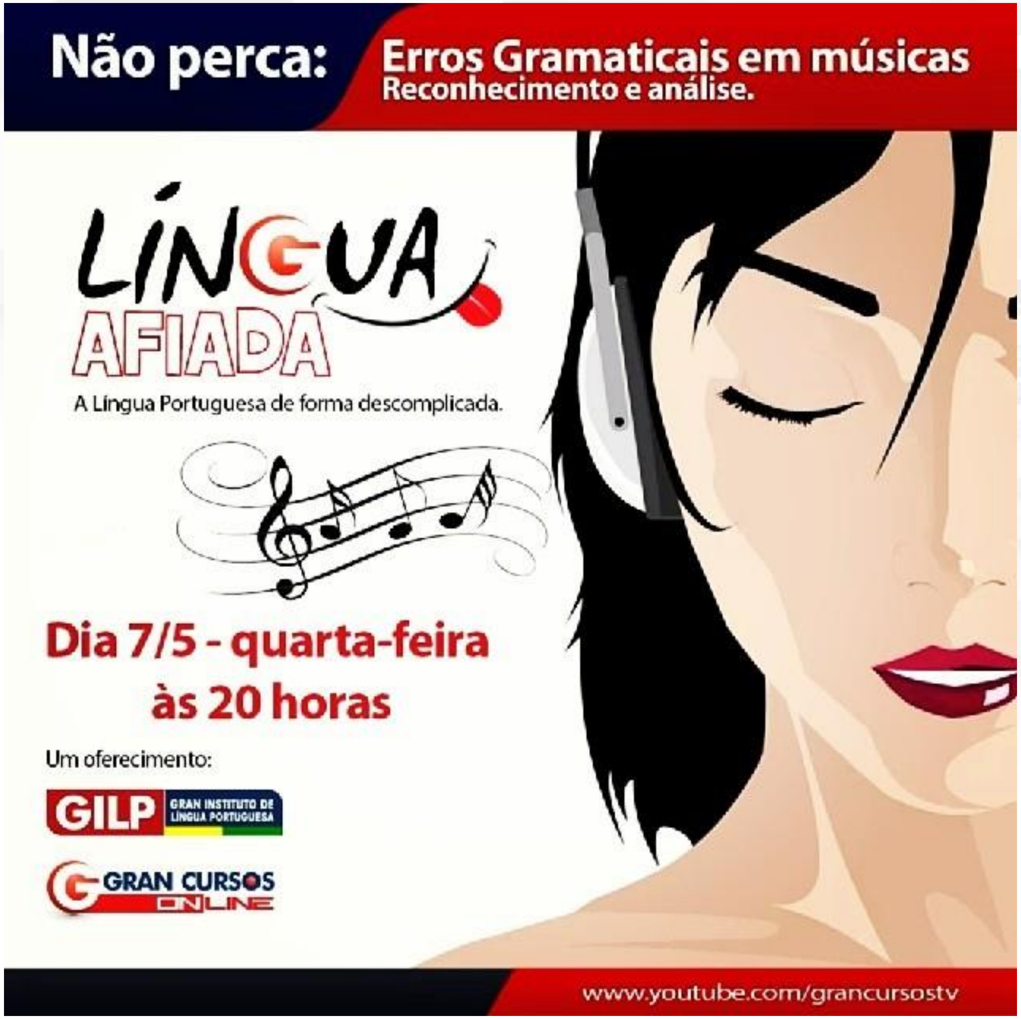

Não perca: Erros Gramaticais em músicas
Reconhecimento e análise.

LÍNGUA AFIADA

A Língua Portuguesa de forma descomplicada.

Dia 7/5 - quarta-feira às 20 horas

Um oferecimento:

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

GRAN CURSOS ONLINE

www.youtube.com/grancursostv

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

Desejo pra você paz e saúde
Que o bom Deus lhe ajude
Pra você cuidar dos seus, pra mim cuidar dos meus
Mas deixe os nossos sentimentos
Se entregar nesse momento
antes de dizer adeus

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

Vai dando um jeito pra gente ficar
O tempo que nos resta nesta festa
Bate nele, xinga ele, manda ele embora
Eu sei que sou desejo seu, você também é desejo meu
Larga ele agora

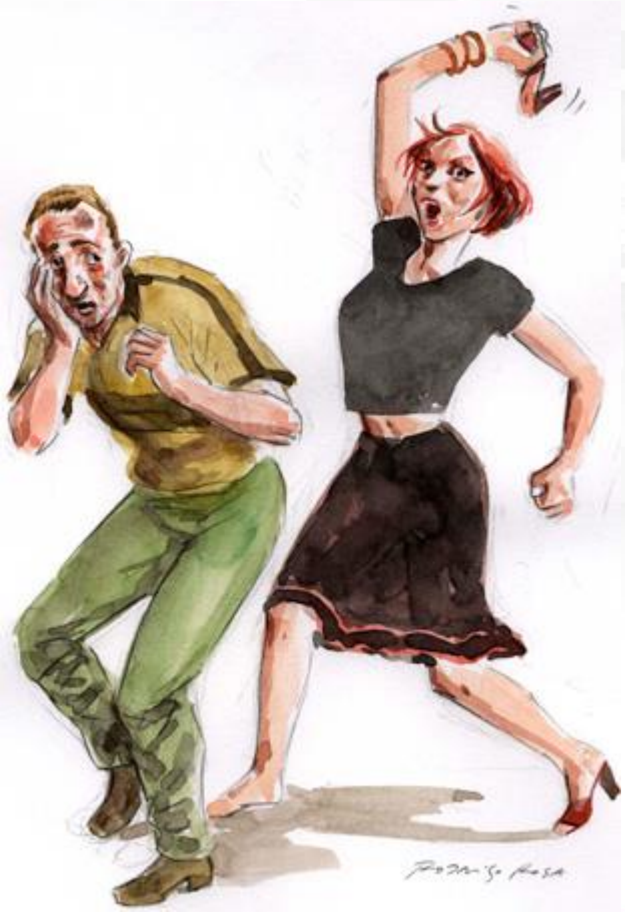

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LINGUA AFIADA

Gata, eu não vim para lhe criticar pelo
contrário eu vim para
relembrar.
dos momentos juntos que passamos e por
todos os dias que a gente
namoramos

Vai no banheiro pra gente se beijar
Bem lá no escurinho pra ninguém desconfiar
Cara de santa, mas não me engana não
É hoje que eu te pego e você não escapa não
(2x)

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

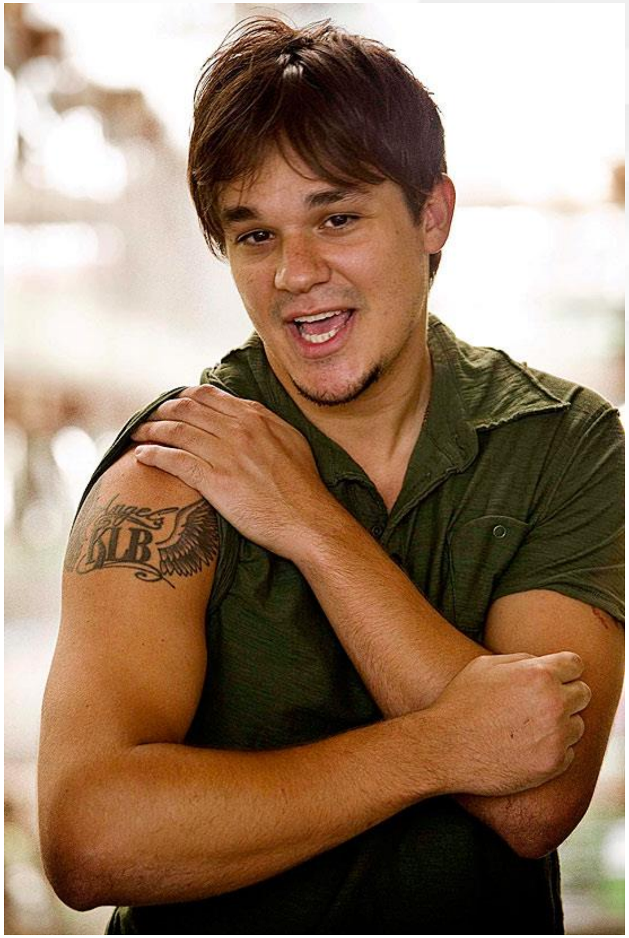

Cada dez palavras que eu falo onze é você
Cada rosto em que eu olho todos vejo você (vejo você)
Tentei mil vezes te esquecer mas no fim (mas no fim)
Mil vezes desejei você só pra mim (só pra mim).

Amante do drama,
Vem pra minha cama,
Por querer, sem me perguntar me fez sofrer,
E eu que me julguei forte,
E eu que me senti,
Serei um fraco,
Quando outras delas vir,

Racionais
MC'S

Chove lá fora
E aqui tá tanto frio
Me dá vontade de saber...
Aonde está você?
Me telefona
Me Chama! Me Chama!
Me Chama!...
Nem sempre se vê
Lágrima no escuro
Lágrima no escuro
Lágrima!...

Quem sabe eu ainda
Sou uma garotinha
Esperando o ônibus
Da escola, sozinha
Cansada com minhas
Meias três quartos
Rezando baixo
Pelos cantos
Por ser uma menina má

Baixa essa guarda..

Baixa essa guarda
Encurta a distancia que existe entre eu e você
Vou te falar a verdade que meu coração te escolheu pra viver

ALIENWARE GAME VICTORIOUS
metroPCS
RAM
BADBOY

Eu nasci!
Há dez mil anos atrás
E não tem nada nesse mundo
Que eu não saiba demais...(2x

RIGO
EX
miniiua.com

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

Eu não me imaginava sem você
Meu bem querer, amor pra sempre
Só esses cabelos pretos me faz bem
E quando não tenho, fico doente

Eu quero que risque o meu nome da sua agenda
Esqueça o meu telefone, não me ligues mais
Porque já estou cansado de ser o remédio
Pra curar seu tédio
Quando seus amores não lhe satisfaz.

TRIO PARADA DURA
Creone, Barrerito e Mangabinha
MusicaPopular.org

E uma saudade bate forte,
Doi no fundo
Vontade louca de te amar mais uma vez
Será que todas as pessoas desse mundo,
Fazem amor gostoso como a gente fez?

GIAN
&
GIOVANI

Jorge & Mateus

Te vi e já te quis
Me vi tão feliz
Um amor que pra mim era sonho,
Surpreendente provar
Do que eu só ouvi falar
E você resolveu me mostrar

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

PORTUGUÊS

Morfologia – Verbos

Formação do Imperativo

Prof.ª Isabel Vega

Formação do Imperativo

I – IMPERATIVO – Empregado para o falante dirigir-se a um interlocutor. Só é conjugado nas pessoas que indicam aquele a quem se fala:

a) 2ª pessoa do singular (tu) e do plural (vós);

b) 3ª pessoa do singular (você) e do plural (vocês);
Obs.: A 3ª pessoa será sempre um pronome de tratamento.

c) 1ª pessoa do plural (nós), que inclui o falante.

Formação do Imperativo

II – IMPERATIVO NEGATIVO → Formado integralmente pelo presente do subjuntivo (Que).

Não cante (tu)
Não cante (você)
Não cantemos (nós)
Não canteis (vós)
Não cantem (vocês)

↳ Os pronomes exercem função sintática de sujeito e geralmente vêm em elipse.

OBS.: Não cante, [João]!

↳ Vocativo - O sujeito é o pronome "você".

Formação do Imperativo

III – IMPERATIVO AFIRMATIVO – Formado pelo presente do indicativo (2ª pessoas, sem o "s") e pelo presente do subjuntivo (demais pessoas).

Canta	(tu)
Cante	(você)
Cantemos	(nós)
Cantai	(vós)
Cantem	(vocês)

Macete:

Eu canto > Tu cantas

Tira o "s" > Canta tu

Troca de letra > cante você

PORTUGUÊS

Sintaxe

Orações Subordinadas Reduzidas

Prof.ª Isabel Vega

Orações Subordinadas Reduzidas

►**Orações reduzidas** → são aquelas que não iniciam por pronome relativo ou por conjunção subordinativa, e que tem o verbo empregado em uma das formas nominais. As orações subordinadas substantivas só apresentam possibilidade de redução para o infinitivo; as orações adjetivas e as adverbiais podem apresentar-se nas três formas nominais.

Ex.: [**Nosso estudo**] é necessário.
↳ sujeito

[**Que estudemos**] é necessário.

[**Estudarmos**] é necessário.

I - Orações reduzidas de infinitivo

Ex.1: João espera [melhorar cada vez mais].
[que melhore cada vez mais].
↳ O.S.Substantiva Objetiva Direta

Ex.2: Aquelas pessoas, [a pularem de alegria], comoveram-nos.
[que pulavam de alegria]
↳ O.S.Adjetiva Explicativa

Ex.3: [Ao chegarmos de viagem], avisaremos.
[Quando chegarmos de viagem], avisaremos.
↳ O.S.Adverbial Temporal

II - Orações reduzidas de gerúndio

Ex.1: À tarde, Maria via as crianças [brincando].
[que brincavam].
↳O.S.Adjetiva Restritiva

Ex.2: [Pensando bem], ele tinha razão.
[Caso se pensasse bem], ele tinha razão.
↳O.S.Adverbial Condicional

OBS.: Maria surpreendeu-se com as crianças [cantando].

a) [que cantavam] → O.S.Adjetiva Restritiva.

b) [porque cantavam] → O.S.Adverbial Causal

III – Orações reduzidas de particípio

Ex.1: As flores do jardim, [sempre cuidadas], eram lindas.
[que sempre eram cuidadas]
↳ O.S.Adjetiva Explicativa

Ex.2: [Terminado o jogo], permaneciam no gramado.
[Embora o jogo tivesse terminado]
↳ O.S.Adverbial Concessiva

OBS.: [Decidido o assunto], fomos embora.

a) [Assim que decidimos o assunto] → O.S.Adverbial Temporal

b) [Porque decidimos o assunto] → O.S.Adverbial Causal

Interface Sintaxe-Texto

Metafunção textual (LSF): estrutura temática e informacional, focalização

Sintaxe do Português I
1º semestre de 2015

Prof. Dr. Paulo Roberto Gonçalves Segundo (FFLCH-USP)
paulosegundo@usp.br

Oração como mensagem: metafunção textual

A metafunção *textual* vincula-se à categoria contextual *modo,* que concerne canalização da comunicação, ao suporte comunicativo e à sua influência na construção semiótica.

As opções textuais estão intimamente ligadas à coesão textual, à construção fórica, ao fluxo informacional e ao foco. Seus principais sistemas são: TEMA, INFORMAÇÃO, FORICIDADE, PREDICAÇÃO, IDENTIFICAÇÃO, CONJUNÇÃO.

Neste módulo, enfocaremos a organização temática, a estrutura informacional e a focalização.

Organização temática e informacional

Para Halliday & Matthiessen (2004), além de uma representação e de um intercâmbio, a oração também consiste em uma mensagem. Como mensagem, a oração orienta-se a partir de duas pressões: a organização temática e a estrutura informacional.

Tomando como base o **polo do falante**, tem-se o sistema de ORGANIZAÇÃO TEMÁTICA. O **Tema** consiste no elemento que o falante escolhe como ponto de partida para a sua construção oracional. De um ponto de vista cognitivo, possui a função de orientação ou perspectivização, sinalizando possíveis ângulos ou pontos de partida/expansão do texto, ao passo que o **Rema** atua no sentido de elaborar o tópico do texto.

Tomando como base o **polo do ouvinte**, tem-se o sistema de ESTRUTURA INFORMACIONAL. A estrutura informacional abarca duas dimensões interrelacionáveis de análise: o *status informacional*, que diz respeito ao caráter recuperável (dado), acessível, inferível, articulante das unidades informacionais do texto e da oração, e a *relevância informacional*, que envolve o foco atribuído pelo produtor textual a certos segmentos oracionais. O Novo configura-se no elemento que o falante projeta como aquele que é desconhecido pelo ouvinte. Em outros termos, o Novo configura-se na informação que modifica o fluxo discursivo e que tende, portanto, a ocupar a posição direita (pós-verbal) da oração. A organização informacional tem natureza não estrutural, ou seja, ela não é mapeada a grupos morfossintáticos específicos. Sua configuração é prosódica.

Campo Temático e Remático (Arús, Lavid, Zamorano-Mansilla, 2010)

A. *Tema* → Núcleo e Pré-Núcleo.

I. O **Núcleo** tem funções discursivas e oracionais. Trata-se do primeiro elemento com função na configuração ideacional da oração. Em Português, tal função parece estar circunscrita ao Sujeito, ao Complemento e ao Verbo.

II. O **Pré-Núcleo** é realizado por adjuntos que não exaurem o potencial temático da oração. Em geral, tais elementos atuam na construção do cenário ou na perspectiva subjetiva em que um evento é semioticamente construído.

B. *Tópico* → Tema Absoluto (Topicalizado), Tema Interpessoal, Tema Textual

I. **Tópico →** É demarcado prosodicamente e tende a ter autonomia sintática. Como resultado dessa autonomia, não possui uma função discursiva independente. Muitas vezes, é anaforizado na estrutura oracional subsequente e aparece à esquerda (posição pré-verbal) da oração.

C. Rema → O Rema tende a ser o espaço no qual a informação nova (Novo) tende a recair.

Tópico	Tema	Rema
O Paulo,	ele	ainda não marcou a prova
	Núcleo	

Tema		Rema
Ontem,	meus amigos	estavam bêbados.
Pré-Núcleo	**Núcleo**	

Estrutura Informacional (Arús, Lavid, Zamorano-Mansilla, 2010)

Excerto de redação de aluno do Ensino Fundamental II:
Certo dia, 12:30 da manhã na escola José Candido, apareceu três rapases estranhos, um deles era usuário de drogas, e os outros dois eram traficantes, **esta escola** de noite era uma boca [..] (texto 7).

Anáforas articulantes (meronímicas); ***Anáfora Direta (dado).***

Excerto de notícia da Folha de S. Paulo:
Mesmo com o aviso da proibição do “rolezinho”, ELES correram pelos corredores, causando pânico entre clientes e comerciantes. As lojas fecharam por temor de saques.

ANÁFORA INDIRETA (INFERÍVEL) → ligação feita a partir do conhecimento de mundo. Presume-se que o falante, por saber que há ‘rolezeiros’ em rolezinho, consiga fazer a inferência e saber de quem se trata.

Informações dadas e inferíveis (velhas) tendem a aparecer em SN com determinantes definidos (artigos definidos e demonstrativos), ao passo que informações novas tendem a aparecer em SN indefinidos (sem determinantes ou com artigo indefinido).

Construções de Foco (Figueiredo, Pagano e Oliveira, 2014; Braga, 2009)

As construções de foco atuam pragmaticamente no sentido de demandar a atenção do ouvinte para um participante ou para um evento, em geral, estabelecendo CONTRASTE, ou seja, quebra de expectativa. Há várias estruturas focais; entretanto, abarcaremos apenas três grandes fenômenos: a. clivagem; b. pseudoclivagem; c. foco ser (incluiremos os casos de *é que* neste rótulo também).

a. **Clivagem**

SER	SEGMENTO FOCAL	ORAÇÃO RELATIVA
Foi	o Centro Acadêmico	que organizou a festa

Nas clivadas, o segmento focal é, prototipicamente, um participante oracional (Sujeito, Complemento, Adjunto). É esse elemento que está em FOCO CONSTRATIVO. Em outros termos, o que provavelmente ocorre é o seguinte: o falante pensa que o ouvinte acha que não foi o CA que organizou a festa e opta por clivar a fim de destacar que se trata deste participante e, portanto, de nenhum outro.

SER	SEGMENTO FOCAL	ORAÇÃO RELATIVA
Foi	a festa	que o CA organizou

O mesmo ocorre aqui; entretanto, pelo fato de o segmento focal ser *a festa,* o contraste é feito nesse domínio. Provavelmente, o falante crê que o ouvinte acha que o CA teria organizado outro evento.

IMPORTANTE: Veja que o *foi* e o *que* não são necessários na construção da cena e podem ser dispensados. Se unirmos o Segmento Focal ao conteúdo da relativa, temos *O Centro Acadêmico organizou a festa*. Só se pode considerar uma clivada estruturas que seguem essa condição. Caso o *verbo ser* e o *que* não sejam dispensáveis, não se trata de clivagem.

Construções de Foco (Figueiredo, Pagano e Oliveira, 2014; Braga, 2009)

As construções de foco atuam pragmaticamente no sentido de demandar a atenção do ouvinte para um participante ou para um evento, em geral, estabelecendo CONTRASTE, ou seja, quebra de expectativa. Há várias estruturas focais; entretanto, abarcaremos apenas três grandes fenômenos: a. clivagem; b. pseudoclivagem; c. foco ser (incluiremos os casos de *é que* neste rótulo também).

b. Pseudoclivagem

Nominalização com –QU	SER	Segmento Focal
O que o Centro Acadêmico fez	foi	organizar a festa
Identificado	*Pr. Relacional Identificativo*	*Identificador*

Na pseudoclivagem, é possível focalizar um evento no Segmento Focal (*organizar a festa*). Pragmaticamente, ela cria uma relação de identificação exclusiva, em que o segmento focal atua como uma estrutura identificadora (tipicamente, o Valor) do componente "vazio" inicial – em geral, o Símbolo. Em outro termos, a ação foi *organizar a festa* e nada mais.

Nominalização com –QU	SER	Segmento Focal
Quem organizou a festa	foi	O CA
Identificado	*Pr. Relacional Identificativo*	*Identificador*

Aqui, tem-se um caso não prototípico de pseudoclivagem, em que o Segmento Focal é um participante (Sujeito, Complemento ou Adjunto). Veja que, caso se mude a ordem, tem-se uma clivada.

Construções de Foco (Figueiredo, Pagano e Oliveira, 2014; Braga, 2009)

As construções de foco atuam pragmaticamente no sentido de demandar a atenção do ouvinte para um participante ou para um evento, em geral, estabelecendo CONTRASTE, ou seja, quebra de expectativa. Há várias estruturas focais; entretanto, abarcaremos apenas três grandes fenômenos: a. clivagem; b. pseudoclivagem; c. foco ser (incluiremos os casos de *é que* neste rótulo também).

c. **Foco SER**

Segmento Focal	Marcador de Focalização	
O CA	é que	organizou a festa

O focalizador *é que* atua focalizando o segmento que o antecede, criando contraste, de modo análogo aos casos discutidos anteriormente.

	Marcador de Focalização	Segmento Focal
Eu comprei	foi	um pastel de queijo.

O focalizador *ser* atua no segmento subsequente, criando contraste. Aparentemente, nos dois casos, os focalizadores podem estar no singular ou no plural, a depender da natureza do segmento focal, mas apenas no Presente e no Passado, o que é um indício de que estão se gramaticalizando de *verbos* para *marcadores discursivos.*

Verbo Flexão

Palavra variável que exprime ação, estado, mudança de estado e fenômeno da natureza, situando-se no tempo.

1ª conjugação: A – cantar, dançar

2ª conjugação: E – vender, por

3ª conjugação: I – pedir, ferir

Número

Singular e Plural

→ A Covid-19 *mata*.

→ A Covid-19 e a Dengue *matam*

Pessoa

Servem de Sujeito ao verbo:

1ª pessoa: eu adoeço; nós adoecemos

2ª pessoa: tu adoeces; vós adoeceis

3ª pessoa: ele adoece; eles adoecem.

Modo

Propriedade que o verbo tem de indicar a atitude do falante em relação ao fato que comunica:

Indicativo: A Covid-19 se espalhou pelo mundo.

Subjuntivo: Que o coronavírus acabe logo.

Imperativo: Fique em casa!

Tempo

Propriedade que tem o verbo de localizar o fato no tempo, em relação ao momento em que se fala:

Presente: Fico em casa para não me contaminar.

Pretérito: Estudei sobre o coronavírus.

Futuro: Usarei máscara sempre que sair de casa.

Vozes

Indicam a relação entre o sujeito e a ação expressa pelo verbo:

Ativa: o sujeito é agente do fato expresso pelo verbo, isto é, pratica a ação. Ex.: Paula lava bem as mãos.

Passiva: o sujeito é paciente do fato expresso pelo verbo, isto é, recebe a ação. Ex.: A máscara foi usada por Paulo

Reflexiva: o sujeito é, ao mesmo tempo, agente e paciente, pratica e recebe a ação. Ex.: O coronavírus espalhou-se pelo mundo.

C.Melo2020

Verbo Classificação

Regulares

São aqueles que possuem as desinências normais de sua conjugação e cuja flexão não provoca alterações no radical: **am**o, **am**arei, **am**ava, **am**asse.

Irregulares

São aqueles cuja flexão provoca alterações no radical ou nas desinências: faço, fiz, farei, fizesse.

Impessoais

São aqueles que não se referem a qualquer sujeito implícito ou explícito e são utilizados sempre na 3ª pessoa. São verbos impessoais: aqueles que indicam fenômenos meteorológicos (chover, nevar, ventar, etc.); o verbo HAVER (no sentido de existir, ocorrer, acontecer, decorrer, fazer, realizar-se ou ser possível); e FAZER (indicando tempo decorrido ou fenômeno meteorológico).

Pessoais

São aqueles que se referem a qualquer sujeito implícito ou explícito. Quase todos os verbos são pessoais.

Anômalos

São aqueles que incluem mais de um radical em sua conjugação: verbo ser: sou/fui; verbo ir: vou/ia.

Defectivos

São aqueles que ***não*** apresentam conjugação completa, como por exemplos, os verbos falir, abolir e os verbos que indicam fenômenos naturais, como chover, trovejar, etc. (defectivo → defeituoso)

Abundantes

São aqueles que possuem mais de uma forma com o mesmo valor. Geralmente, essa característica ocorre no particípio: matado/morto, enxugado/enxuto.
(abundante → muito)

Auxiliares

São verbos que se unem ao verbo principal na formação dos tempos compostos e das locuções verbais. ***Ser, estar, ter, haver.***

C.Melo2020

Tempos Verbais

Modo Indicativo

É usado para transmitir um acontecimento certo e real.

C.Melo2020

Presente

Empregado para assimilar:
Um fato que ocorre no momento em que se fala: Os alunos estudam em casa.
Uma ação habitual: Lave sempre as mãos.
Uma verdade universal (ou dita como tal): O importante é ter saúde.
Fatos já passados (usa-se o presente no lugar do pretérito para dar maior realce à narrativa): Em 1918, o mundo viveu uma pandemia de gripe.
Fatos futuros não muito distantes, ou mesmo incertos: Amanhã vou ao mercado.

Futuro do Pretérito

Empregado para assinalar:
Um fato futuro, em relação a outro fato passado: Eu iria à escola se não fosse a pandemia.
Um fato futuro, mas duvidoso, incerto: Seria realmente agradável poder sair de casa.
Um fato presente (nesse caso indica polidez e, às vezes, ironia): Daria para ficar afastado?

Futuro do Presente

Empregado para apontar um fato futuro em relação ao momento em que se fala: Usarei máscara sempre que sair à rua.

Pretérito Perfeito

Empregado para referir um fato já ocorrido, concluído: Estudei sobre a transmissão do coronavírus.

Pretérito Imperfeito

Empregado para designar:
Um fato contínuo, habitual, permanente: ele andava à toa.
Um fato passado, mas de incerta localização no tempo: Era uma vez...
Um fato presente em relação a outro fato passado: Eu lia quando ele chegou.

Pretérito mais que Perfeito

Indica uma ação passada em relação a outro fato passado (ou seja, é o passado do passado). Não usara máscara, por isso não pôde entrar no supermercado.

Tempos Verbais

Modo Subjuntivo

É usado para transmitir uma hipótese, dúvida ou possibilidade.

Presente

Empregado para assimilar:
Um fato presente, mas duvidoso, incerto: Talvez a pandemia passe logo... não sei
Um desejo, uma vontade: Que as aulas retornem é o desejo de alunos e professores.

Pretérito Imperfeito

Empregado para indicar uma hipótese, uma condição: Se não houvesse isolamento social, a história seria outra.

Futuro

Empregado para indicar um fato futuro já concluído em relação a outro fato futuro: Quando as aulas retornarem, estudarei bastante.

Modo Imperativo

É usado para transmitir um pedido, ordem, súplica.

Afirmativo

Traz um comando positivo.

Lave bem as mãos e use álcool em gel.

Negativo

Traz um comando negativo, uma proibição.

Não faça aglomerações.

C.Melo2020

Verbo Flexão

Palavra variável que exprime ação, estado, mudança de estado e fenômeno da natureza, situando-se no tempo.

1ª conjugação: A – cantar, dançar

2ª conjugação: E – vender, por

3ª conjugação: I – pedir, ferir

Número

Singular e Plural

→ A Covid-19 *mata*.

→ A Covid-19 e a Dengue *matam*

Pessoa

Servem de Sujeito ao verbo:

1ª pessoa: eu adoeço; nós adoecemos

2ª pessoa: tu adoeces; vós adoeceis

3ª pessoa: ele adoece; eles adoecem.

Modo

Propriedade que o verbo tem de indicar a atitude do falante em relação ao fato que comunica:

Indicativo: A Covid-19 se espalhou pelo mundo.

Subjuntivo: Que o coronavírus acabe logo.

Imperativo: Fique em casa!

Tempo

Propriedade que tem o verbo de localizar o fato no tempo, em relação ao momento em que se fala:

Presente: Fico em casa para não me contaminar.

Pretérito: Estudei sobre o coronavírus.

Futuro: Usarei máscara sempre que sair de casa.

Vozes

Indicam a relação entre o sujeito e a ação expressa pelo verbo:

Ativa: o sujeito é agente do fato expresso pelo verbo, isto é, pratica a ação. Ex.: Paula lava bem as mãos.

Passiva: o sujeito é paciente do fato expresso pelo verbo, isto é, recebe a ação. Ex.: A máscara foi usada por Paulo

Reflexiva: o sujeito é, ao mesmo tempo, agente e paciente, pratica e recebe a ação. Ex.: O coronavírus espalhou-se pelo mundo.

C.Melo2020

Verbo Classificação

Regulares

São aqueles que possuem as desinências normais de sua conjugação e cuja flexão não provoca alterações no radical: **am**o, **am**arei, **am**ava, **am**asse.

Irregulares

São aqueles cuja flexão provoca alterações no radical ou nas desinências: faço, fiz, farei, fizesse.

Impessoais

São aqueles que não se referem a qualquer sujeito implícito ou explícito e são utilizados sempre na 3ª pessoa. São verbos impessoais: aqueles que indicam fenômenos meteorológicos (chover, nevar, ventar, etc.); o verbo HAVER (no sentido de existir, ocorrer, acontecer, decorrer, fazer, realizar-se ou ser possível); e FAZER (indicando tempo decorrido ou fenômeno meteorológico).

Pessoais

São aqueles que se referem a qualquer sujeito implícito ou explícito. Quase todos os verbos são pessoais.

Anômalos

São aqueles que incluem mais de um radical em sua conjugação: verbo ser: sou/fui; verbo ir: vou/ia.

Defectivos

São aqueles que ***não*** apresentam conjugação completa, como por exemplos, os verbos falir, abolir e os verbos que indicam fenômenos naturais, como chover, trovejar, etc. (defectivo → defeituoso)

Abundantes

São aqueles que possuem mais de uma forma com o mesmo valor. Geralmente, essa característica ocorre no particípio: matado/morto, enxugado/enxuto. (abundante → muito)

Auxiliares

São verbos que se unem ao verbo principal na formação dos tempos compostos e das locuções verbais. ***Ser, estar, ter, haver.***

C.Melo2020

Tempos Verbais

Modo Indicativo

É usado para transmitir um acontecimento certo e real.

C.Melo2020

Presente

Empregado para assimilar:
Um fato que ocorre no momento em que se fala: Os alunos estudam em casa.
Uma ação habitual: Lave sempre as mãos.
Uma verdade universal (ou dita como tal): O importante é ter saúde.
Fatos já passados (usa-se o presente no lugar do pretérito para dar maior realce à narrativa): Em 1918, o mundo viveu uma pandemia de gripe.
Fatos futuros não muito distantes, ou mesmo incertos: Amanhã vou ao mercado.

Futuro do Pretérito

Empregado para assinalar:
Um fato futuro, em relação a outro fato passado: Eu iria à escola se não fosse a pandemia.
Um fato futuro, mas duvidoso, incerto: Seria realmente agradável poder sair de casa.
Um fato presente (nesse caso indica polidez e, às vezes, ironia): Daria para ficar afastado?

Futuro do Presente

Empregado para apontar um fato futuro em relação ao momento em que se fala: Usarei máscara sempre que sair à rua.

Pretérito Perfeito

Empregado para referir um fato já ocorrido, concluído: Estudei sobre a transmissão do coronavírus.

Pretérito Imperfeito

Empregado para designar:
Um fato contínuo, habitual, permanente: ele andava à toa.
Um fato passado, mas de incerta localização no tempo: Era uma vez...
Um fato presente em relação a outro fato passado: Eu lia quando ele chegou.

Pretérito mais que Perfeito

Indica uma ação passada em relação a outro fato passado (ou seja, é o passado do passado). Não usara máscara, por isso não pôde entrar no supermercado.

Tempos Verbais

Modo Imperativo

É usado para transmitir um pedido, ordem, súplica.

Afirmativo

Traz um comando positivo.

Lave bem as mãos e use álcool em gel.

Negativo

Traz um comando negativo, uma proibição.

Não faça aglomerações.

Modo Subjuntivo

É usado para transmitir uma hipótese, dúvida ou possibilidade.

Presente

Empregado para assimilar:

# Um fato presente, mas duvidoso, incerto: Talvez a pandemia passe logo... não sei

# Um desejo, uma vontade: Que as aulas retornem é o desejo de alunos e professores.

Pretérito Imperfeito

Empregado para indicar uma hipótese, uma condição: Se não houvesse isolamento social, a história seria outra.

Futuro

Empregado para indicar um fato futuro já concluído em relação a outro fato futuro: Quando as aulas retornarem, estudarei bastante.

C.Melo2020

2013.2

PORTUGUÊS INSTRUMENTAL

TÉCNICO EM
SEGURANÇA DO TRABALHO

INSTITUTO FORMAÇÃO
Cursos Técnicos Profissionalizantes

Andreza correia

DISCIPLINA: PORTUGUÊS INSTRUMENTAL

O que é Português Instrumental?

Português Instrumental é o estudo da língua portuguesa, que objetiva a capacitação para a compreensão, para a interpretação e para a composição de textos. Muitos estudantes e profissionais têm dúvidas sobre o texto técnico. Equívocos de concordância, de regência e a elaboração de textos sem clareza e objetividade são as maiores deficiências apresentadas por quem redige tecnicamente um texto. Atualmente, as empresas investem cada vez mais nos treinamentos de seus funcionários. Investem em cursos de informática, atendimento ao cliente e técnicas de vendas, entretanto, se não houver domínio do idioma pátrio, o resultado final será pouco satisfatório.

Comunicar-se bem, tanto na expressão oral quanto na escrita, exige objetividade, clareza e coesão. Evitar modismos e gírias, além de cuidar da ortografia, correção e coerência das ideias apresentadas ajudam bastante na boa comunicação. Ainda não se deve esquecer de fazer boas leituras (livros literários, livros técnicos, revistas, jornais e artigos). Expressões como "vou esta transferindo" ou "Aonde você mora?", utilizadas na oralidade e na escrita, podem comprometer a credibilidade de seu texto, de seu argumento, ou até mesmo de seus negócios. Imagine, então, "erros" de português em um currículo. O candidato(a) pode ser eliminado(a) antecipadamente do processo seletivo.

Vivemos em uma era altamente tecnológica e que exige rapidez nas comunicações. Assim, as possibilidades de "erros", sejam elas por meio do correio eletrônico (e-mail), memorandos, cartas comerciais e outros aumentam. Se a agilidade é importante em plena era da "sociedade conectada", comunicar-se bem e de forma eficiente em língua portuguesa, tornou-se algo essencial.

PARÁGRAFO-PADRÃO: O CAMINHO PARA A BOA REDAÇÃO

A IMPORTÂNCIA DA FRASE NA CONSTRUÇÃO DO TEXTO

Quando nos vemos diante do desafio de escrever um texto, seja um texto descritivo, narrativo ou dissertativo, geralmente pensamos imediatamente que deveremos produzir uma Introdução, um Desenvolvimento e uma Conclusão. Não estamos pensando erradamente; um texto, para ser compreendido por quem o lê, segue uma sequência lógica de início, meio e fim. O problema está em não nos atermos mais detalhadamente na construção de cada uma dessas partes.

As “receitas” de redação não acabam com a nossa insegurança diante de um papel em branco. Ela é simples: a Introdução de um texto é a sua parte inicial, em que se apresenta uma ideia principal a ser desenvolvida e fundamentada; o Desenvolvimento é o desenvolvimento da ideia principal; e a Conclusão, a reiteração da ideia principal. E, por fim, um texto deverá ter de20 a 25 linhas. Masescrever um texto, partindo apenas dessas definições, não é suficiente para se escrever um bom texto. Essas orientações tão conhecidas não resolvem dois problemas que geralmente são observadosnum texto mal escrito: o primeiro diz respeito ao desconhecimento das normas cultas da línguaportuguesa (crase, concordância, regência, etc.), que comprometem sua qualidade.

Outro fator que nos leva a escrever um texto com pouca qualidade refere-se à construçãoinadequada de frases e parágrafos. Um texto pode estar repleto de frases sem nexo, que, ligadas umasàs outras, formam parágrafos sem sentido. O texto será, portanto:

a)repleto de erros linguísticos, de erros de concordância e regência, erros de pontuação, seseu autor não tiver o mínimo de domínio da norma culta da língua portuguesa;

b)elaborado de qualquer maneira;

c)um conjunto de frases que se ligam umas as outras sem qualquer nexo que, porconseguinte, formam parágrafos ligados uns aos outros de forma desconexa;

d)com nenhuma ou pouca clareza do tema proposto pelo autor, seu ponto de vista, osobjetivos;

e)um texto, enfim, desgovernado, ou seja, sem início, meio e fim.

FRASE

- Enunciado que por si só estabelece comunicação.
- Pode expressar um juízo de valor, indicar uma ação, estado ou fenômeno da natureza, transmitir um apelo, uma ordem ou exteriorizar emoções.
- Apresenta sujeito e predicado ou, em alguns casos, apenas o predicado.

A frase para Othon M. Garcia é, portanto, um enunciado que traduz uma ideia completa (um sentido) num processo de comunicação.

Fogo!

É uma frase, porque estabelece comunicação, ou seja, está-se fazendo uma afirmação. É uma **frase nominal**, porque não apresenta verbo.

A ESTRUTURA SINTÁTICA DA FRASE

As frases, formadas de palavras articuladas por um sistema que as regulam, estabelecem comunicação quando:

a)têm uma boa relação entre os seus termos;
b)têm uma ordem adequada.

Exemplo:

O curso de Segurança do Trabalho começará no segundo semestre de 2013.

Essa é uma frase possível na língua portuguesa, porque o verbo**começar**está relacionado ao sujeito **O curso de Segurança do Trabalho**, ou seja, está na forma singular, porque seu sujeito estáno singular (Este é um caso de concordância verbal). O substantivo no masculino e no singular**curso**está acompanhado de um artigo também nomasculino e no singular**o**(Este é um caso de concordância nominal). Atenção: uma frase não tem que ter obrigatoriamente a ordem sujeito-predicado. Podemos fazerinversões ou interpolações que não prejudicam sua integridade. Exemplo:Ao longo dos anos, quem trabalha acaba entendendo, na prática e a duras penas, aquela velhaestória que explica a valorização do ovo da galinha em detrimento ao ovo da pata.

GRAMATICALIDADE E INTELIGIBIDADE DA FRASE

Embora haja a liberdade própria da fala ou do discurso, a gramática impõe limites para seconstruir uma frase. Segundo Othon M. Garcia, uma frase, para ser compreensível, deve apresentar:

a) gramaticalidade: a frase tem que ter uma articulação sintática para estabelecer acomunicação. Isso significa que a frase deve apresentar sujeito e predicado ou apenas opredicado e que seus elementos têm que estar organizados dentro de certos critérios quepermitam a sua compreensão.

b) inteligibilidade: quando uma frase não apresenta gramaticalidade ou gramaticalidadeprecária, significa que a frase pode ser um enunciado incompreensível, ou seja, um conjuntode palavras que, embora isoladamente tenham sentido, no conjunto não têm.Vamos a alguns exemplos:

Frase sem gramaticalidade e sem inteligibilidade.

- Todos os perante iguais homens são a lei.
- A porque ordem social fator biológico é natural decorrem de uma.

Frase com gramaticalidade e com inteligibilidade.

- Todos os homens são iguais perante a lei.
- A ordem social é natural porque decorre de um fatorbiológico.

O QUE É UM PARÁGRAFO?

Um parágrafo é um conjunto de frases que se articulam adequadamente. Escrever um texto malelaborado, com frases desconexas e sem uma sequência lógica, é consequência da pouca atençãoque se dá ao parágrafo. O parágrafo é:

" uma unidade de composição constituída por um ou mais períodos, em que se desenvolve determinada ideiacentral, ou nuclear, a que se agregam outras, secundárias, intimamente relacionadas pelo sentido e logicamentedecorrentes dela" (Othon M. Garcia, p. 220). Vamos a algumas observações sobre o parágrafo:

a) A mudança de linha e o afastamento da margem esquerda indicam onde começa e onde termina um parágrafo.
b) O texto é o conjunto desses parágrafos: não é um bloco único de frases, mas blocos deparágrafos variados, dependendo do tema tratado e de como o autor deseja organizá-lo.
c)O parágrafo serve para dividir o texto: é importante compreender que essa divisão não éaleatória. Ela tem em vista os vários enfoques.
d) O uso adequado do parágrafo assegura a compreensão do texto, ajudando na organizaçãodo texto, ou seja, cada ideia poderá ser expressa e desenvolvida em cada parágrafo.
e) Parágrafo não tem tamanho. Sua extensão depende de como será feita a abordagem (OthonM. Garcia). Entretanto, se o autor do texto não organizar adequadamente as suas ideias, issoresultará numa paragrafação incorreta, como se observa no seguinte exemplo:

-Estávamos em plena seca.
-Amanhecia.
-Um crepúsculo fulvo alumiava a terra com a claridade de um incêndioao longe.
-A pretidão da noite esmaecia.
-Já começava a se individualizar o contorno dafloresta, a silhueta das montanhas ao longe.
-A luz foi pouco a pouco tornando-se mais viva.
-No oriente assomou o Sol, sem nuvens que lhe velassem o disco.
-Parecia uma brasa, uma esfera candente, suspensa no horizonte, vista através daramaria seca das árvores.
-A floresta completamente despida, nua, somente esqueletos negros, tendo nafímbria aceso o facho que a incendiou, era de uma eloquência trágica!
-Amanhecia, e não se ouvia o trinado de uma ave, o zumbir de um inseto!
-Reinava o silêncio das coisas mortas.
Como manifestação da vida percebiam-se os gemidos do gado, na agonia da fome,o crocitar dos urubus nas carniças.

Observações: Este é um texto descritivo.

- As dez primeiras linhas (10 parágrafos) podem ser reorganizadas em um único parágrafo.

Leia o texto com bastante atenção:

O dono da bola

Caloca morava na casa mais bonita da nossa rua. Os brinquedos que Caloca tinha, vocês não podem imaginar! Até um trem elétrico ele ganhou do avô.

E tinha bicicleta, com farol e buzina, e tinha tenda de índio, carrinhos de todos os tamanhos e uma bola de futebol, de verdade. Caloca só não tinha amigos. Porque ele brigava com todo mundo. Não deixava ninguém brincar com os brinquedos dele. Mas futebol ele tinha que jogar com a gente, porque futebol não se pode jogar sozinho.

O nosso time estava cheio de amigos. O que nós não tínhamos era bola de futebol. Só bola de meia, mas não é a mesma coisa.

Bom mesmo é bola de couro, como a do Caloca. Mas toda vez que a gente ia jogar com Caloca, acontecia a mesma coisa. Era só o juiz marcar qualquer falta do Caloca que ele gritava logo:

- Assim eu não jogo mais! Dá aqui a minha bola!

- Ah, Caloca, não vá embora, tenha espírito esportivo, jogo é jogo...

- Espírito esportivo, nada! - berrava Caloca. - E não me chame de Caloca, meu nome é Carlos Alberto!

E, assim, Carlos Alberto acabava com tudo que era jogo.

Ruth Rocha. *Marcelo, marmelo, martelo e outras histórias.* Rio de Janeiro: Salamandra, 1981 (fragmentos)

Discussão oral:

* Vocês acham que existem muitos Calocas na vida, meninos e meninas que vivem estragando as brincadeiras por pensarem só em si mesmos? Deem um exemplo.
* Se você fosse o dono da bola, como agiria?
* Você tem muitos amigos? O que faz para não perder a amizade deles?
*Explicar aos alunos que, para se fazer um debate, deve-se:
* primeiro escolher o tema a ser debatido (as atitudes do Caloca);
* entender que o debate só é possível quando há oposições de pontos de vista sobre um determinado assunto;
* escutar com respeito os outros pontos de vista e apresentar os seus também de modo respeitoso, para não ofender o outro. A oposição é de ideias, não de pessoas.

- ✓ A opinião sobre o assunto deve ser dada, assim como saber ouvir a opinião dos outros;
- ✓ Quem não concordar com alguma opinião, deverá aguardar sua vez de falar e expor seus argumentos.
- ✓ Pedir aos alunos que, após o debate, apresentem dicas que considerem importantes para que haja uma boa convivência.

LÍNGUA FALADA E LÍNGUA ESCRITA

Não devemos confundir **língua** com **escrita**, pois são dois meios de comunicação distintos. A escrita representa um estágio posterior de uma língua. A **língua falada** é mais espontânea, abrange a comunicação linguística em toda sua totalidade. Além disso, é acompanhada pelo tom de voz, algumas vezes por mímicas, incluindo-se fisionomias. A **língua escrita** não é apenas a representação da língua falada, mas sim um sistema mais disciplinado e rígido, uma vez que não conta com o jogo fisionômico, as mímicas e o tom de voz do falante. No Brasil, por exemplo, todos falam a língua portuguesa, mas existem usos diferentes da língua devido a diversos fatores. Dentre eles, destacam-se:

Fatores regionais: é possível notar a diferença do português falado por um habitante da região nordeste e outro da região sudeste do Brasil. Dentro de uma mesma região, também há variações no uso da língua. No estado do Rio Grande do Sul, por exemplo, há diferenças entre a língua utilizada por um cidadão que vive na capital e aquela utilizada por um cidadão do interior do estado.

Fatores culturais: o grau de escolarização e a formação cultural de um indivíduo também são fatores que colaboram para os diferentes usos da língua. Uma pessoa escolarizada utiliza a língua de uma maneira diferente da pessoa que não teve acesso à escola.

Fatores contextuais: nosso modo de falar varia de acordo com a situação em que nos encontramos: quando conversamos com nossos amigos, não usamos os termos que usaríamos se estivéssemos discursando em uma solenidade de formatura.

Fatores profissionais: o exercício de algumas atividades requer o domínio de certas formas de língua chamadas**línguas técnicas**. Abundantes em termos específicos, essas formas têm uso praticamente restrito ao intercâmbio técnico de engenheiros, químicos, profissionais da área de direito e da informática, biólogos, médicos, linguistas e outros especialistas.

Fatores naturais: o uso da língua pelos falantes sofre influência de fatores naturais, como idade e sexo. Uma criança não utiliza a língua da mesma maneira que um adulto, daí falar-se em linguagem infantil e linguagem adulta.

- **FALA**

É a utilização oral da língua pelo indivíduo. É um ato individual, pois cada indivíduo, para a manifestação da fala, pode escolher os elementos da língua que lhe convém, conforme seu gosto e sua necessidade, de acordo com a situação, o contexto, sua personalidade, o ambiente sociocultural em que vive, etc. Desse modo, dentro da unidade da língua, há uma grande diversificação nos mais variados **níveis da fala**. Cada indivíduo, além de conhecer o que fala, conhece também o que os outros falam; é por isso que somos capazes de dialogar com pessoas dos mais variados graus de cultura, embora nem sempre a linguagem delas seja exatamente como a nossa.

NÍVEIS DA FALA

Devido ao caráter individual da fala, é possível observar alguns níveis:

Nível coloquial-popular: é a fala que a maioria das pessoas utiliza no seu dia a dia, principalmente em situações informais. Esse nível da fala é mais espontâneo, ao utilizá-lo, não nos preocupamos em saber se falamos de acordo ou não com as regras formais estabelecidas pela língua.

Nível formal-culto: é o nível da fala normalmente utilizado pelas pessoas em situações formais. Caracteriza-se por um cuidado maior com o vocabulário e pela obediência às regras gramaticais estabelecidas pela língua.

ATENÇÃO:

Existem algumas palavras que possuem a mesma escrita (grafia), mas a pronúncia e o significado são sempre diferentes. Essas palavras são chamadas de **homógrafas** e são uma subclasse dos homônimos. **Observe os exemplos:**

Almoço (substantivo, nome da refeição)
almoço (forma do verbo **almoçar** na 1ª pessoa do sing. do tempo presente do modo indicativo)
gosto (substantivo)
gosto (forma do verbo **gostar** na 1ª pessoa do sing. do tempo presente do modo indicativo)

Qual a importância da comunicação oral e escrita no mundo atual?

Fundamental! Sempre foi e sempre será! Nós vivemos em um mundo cada vez mais competitivo, por conta do crescimento populacional e, especialmente nas grandes cidades, quem não estiver bem preparado está fadado ao insucesso. Expressão é tudo! Os meios de comunicação que utilizamos, este é um deles, exigem de nós o conhecimento da língua para que consigamos transmitir, com precisão, o que desejamos.

Os elementos textuais que organizam sua exposição oral

Saber falar em público é uma habilidade essencial para os profissionais de hoje. E vale ressaltar: ninguém nasce com um gene para essa habilidade. É preciso desenvolvê-la com muito treinamento. Para fazer uma boa exposição oral em público, é preciso que você domine formas que permitam construir ligar as suas ideias e guiar o seu ouvinte. Os principais elementos da exposição oral são os seguintes:

Coesão temática: elementos que asseguram a articulação das diferentes partes temáticas. EX: Então, falemos agora do orçamento do mês de janeiro [...]; é preciso agora contrastar os gastos do mês de novembro com os de dezembro.

SINALIZAÇÃO DO TEXTO:

por meio dela, distinguem-se:

· as ideias principais das ideias secundárias: ...sobretudo...

· as explicações das descrições: então esses dados isolados/ os lucros e as despesas (descrição) / não fazem sentido (questão principal)/ então precisamos estabelecer relações entre eles e compará-los aos dados de outros períodos (reposta).

· os desenvolvimentos das conclusões resumidas e das sínteses: portanto, os responsáveis pelo setor financeiro terão um mês para contabilizar as despesas e os lucros do mês, levantar no banco de dados a contabilidade do mês anterior e analisar todos os números, em resumo, comparar esses dados de maneira sistemática [...] bom, para concluir, eu gostaria de resumir...nós vimos, então, que...

Introdução de exemplos: ilustram, esclarecem ou dão legitimidade ao discurso.

Ex.: então, justamente, eu tenho o seguinte exemplo...

Reformulações: esclarecem termos percebidos como difíceis ou novos.

Ex.:um arcaísmo, o que é? É uma palavra ainda viva entre nós, embora em português esteja fora de moda.

Esses elementos devem ser aplicados em sua apresentação para que ela adquira uma estruturação consistente, coerente e eficaz à comunicação. Dessa forma, você enriquece sua apresentação ecolabora para que os objetivos da sua comunicação sejam atingidos.

APRENDA COMO ESCREVER BEM

Escrever é uma das formas mais eficazes para transmitir informação e conhecimento. Permitiu, por exemplo, que pessoas que viveram há muitos séculos pudessem passar o seu conhecimento para as gerações vindouras.

- **Dicas para escrever bem**

A primeira coisa que deve fazer é um esqueleto do texto que pretende escrever, com algumas notas que identificarão o que irá ser escrito. Por exemplo:

- Número de palavras
- Tema
- Estilo (formal, bloque, carta)
- Pesquisas a fazer
- Data limite para terminar

- **Organizar notas e rascunhos**

Uma das piores coisas que podem acontecer quando estamos a escrever é ter de parar para procurar uma ideia que colocamos não sabemos bem onde. Quebra totalmente o ritmo criativo do texto. Procure uma aplicação informática se costuma usar o computador para escrever ou anda com ele para todo o lado. Se for menos tecnológico, compre um bloco de notas e uma pasta para guardar documentos e ande sempre acompanhado.

- **Crie um hábito para escrever bem**

Podemos aprender a escrever bem se criarmos um hábito diário de escrever sempre na mesma hora e no mesmo local. Se para ser um escritor inesquecível é necessário algo mais (um dom) escrever corretamente pode ser alcançado por qualquer um, com esforço e dedicação. Compre um cronômetro e coloque-o na sua secretaria. Depois marque o tempo que planejou escrever e não saia de lá até o alarme tocar. Concentre-se no que está a fazer.

- **Delegue o que for possível**

Enquanto a parte de escrever não pode ser delegada, existem outras tarefas que podem ser. Por exemplo, para a edição do texto ou passar as notas para formato electrónico.

- **Concentre-se em produzir para escrever bem**

Apesar de estar sentado, escrever bem pode consumir muita energia. Por isso devemos tentar produzir o máximo no menor tempo possível, além de delegar tudo o resto (como já vimos). Se nos prepararmos corretamente, com organização, criando o ambiente e rituais corretos, estando mentalmente preparados para escrever, a qualidade dos textos será bastante boa. Por isso, siga estas dicas e comece a escrever bem.

NÃO SE FALA COMO SE ESCREVE

"Português é fácil de aprender porque é uma língua que se escreve exatamente como se fala." *Pois é. U purtuguêis é muintofáciudi aprender, purqui é uma língua qui a gentiiscreviixatamenticumu si fala. Num é cumuinglêisqui dá até vontadidi ri quandu a gentidiscobricumu é qui si iscrevi algumas palavras. Impurtuguêis não. É só prestátenção. U alemão purexemplu. Qué coisa mais doida? Num bate nada cum nada. Até nu espanhol qui é parecidu, si iscrevimuintodiferenti. Qui bom qui a minha língua é u purtuguêis. Quem soubéfalásabiiscrevê.*

O comentário é do humorista Jô Soares, para a revista Veja. Ele brinca com a diferença entre o português falado e escrito. Na verdade, em todas as línguas, as pessoas falam de um jeito e escrevem de outro. A fala e a escrita são duas modalidades diferentes da língua e é com esse fato que o Jô brincou. Na língua escrita há mais exigências, em relação às regras da gramática normativa. Isso acontece porque, ao falar, as pessoas podem ainda recorrer a outros recursos para que a comunicação ocorra - pode-se pedir que se repita o que foi dito, há os gestos, etc. Já na linguagem escrita, a interação é mais complicada, o que torna necessário assegurar que o texto escrito dê conta da comunicação.

A escrita não reflete a fala individual de ninguém e de nenhum grupo social. Por essa razão, a fala e a escrita exigem conhecimentos diferentes. A maioria de nós, brasileiros, falamos, por exemplo, "Eli me ensinô". O português na variante padrão exige, no entanto, que se escreva assim: "Ele me ensinou". Essas diferenças geram muitos conflitos. A leitura de um trecho do poema de Antonino Sales, "Malinculia", mostra as interferências da fala na escrita e como elas não anulam a expressividade poética de suas imagens.

Malinculia, Patrão, É um suspiro maguadoQuinace no coração! É o grito safucado Duma sodadeiscundidaQui nos fala do passado Sem se tornácunhicida! É aquilo qui se sente Sem se pudêispricá! Qui fala dentro da gente Mas qui não diz onde istá! (...)

(BAGNO, Marcos. "A Língua de Eulália: Uma Novela Sociolinguística)

A língua muda, ainda, conforme o grupo social, a região, e o contexto histórico. São as chamadas variações linguísticas. A gíria e o jargão são algumas dessas variações. A leitura é ato criativo, o que significa pensar nos diferentes modos de ler e nos mais surpreendentes objetivos por parte do leitor. Posso praticar a leitura como distração ou como tarefa vinculada a uma pesquisa acadêmica, como forma de aprender a escrever, como busca de soluções profissionais ou existenciais, ou como inspiração para conhecer a mim mesmo, ou como forma de preencher a solidão, ou como caminho de solidariedade.

Uma outra maneira de ler é a filosófica. Ler filosoficamente é ler para pensar. Não um pensar qualquer, exercício mental apenas. Filosofar é um pensar responsável, em busca de tudo aquilo que nos torne mais humanos. A leitura com espírito filosófico não teme inventar problemas. Tudo o que não inventamos é falso, repetindo o poeta Manoel de Barros. O encontro com as verdades humanas depende de nossa abertura para o inesperado. Ir ao encontro dessas verdades é um modo radical de estudar.

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA

As tecnologias do mundo moderno fizeram com que as pessoas deixassem a leitura de livros de lado, o que resultou em jovens cada vez mais desinteressados pelos livros, possuindo vocabulários cada vez mais pobres. A leitura é algo crucial para a aprendizagem do ser humano, pois é através dela que podemos enriquecer nosso vocabulário, obter conhecimento, dinamizar o raciocínio e a interpretação. Muitas pessoas dizem não ter paciência para ler um livro, no entanto isso acontece por falta de hábito, pois se a leitura fosse um hábito as pessoas saberiam apreciar uma boa obra literária, por exemplo.

Muitas coisas que aprendemos na escola são esquecidas com o tempo, pois não as praticamos. Através da leitura rotineira, tais conhecimentos se fixariam de forma a não serem esquecidos posteriormente. Dúvidas que temos ao escrever poderiam ser sanadas pelo hábito de ler; e talvez nem as teríamos, pois a leitura torna nosso conhecimento mais amplo e diversificado.

Durante a leitura descobrimos um mundo novo, cheio de coisas desconhecidas. O hábito de ler deve ser estimulado na infância, para que o indivíduo aprenda desde pequeno que ler é algo importante e prazeroso, assim ele será um adulto culto, dinâmico e perspicaz. Saber ler e compreender o que os outros dizem nos difere dos animais irracionais, pois comer, beber e dormir até eles sabem; é a leitura, no entanto, que proporciona a capacidade de interpretação. Toda escola, particular ou pública, deve fornecer uma educação de qualidade incentivando a leitura, pois dessa forma a população se torna mais informada e crítica.

A prática da leitura se faz presente em nossas vidas desde o momento em que começamos a "compreender" o mundo à nossa volta. No constante desejo de decifrar e interpretar o sentido das coisas que nos cercam, de perceber o mundo sob diversas perspectivas, de relacionar a realidade ficcional com a que vivemos, no contato com um livro, enfim, em todos estes casos estamos, de certa forma, lendo - embora, muitas vezes, não nos demos conta. A atividade de leitura não corresponde a uma simples decodificação de símbolos, mas significa, de fato, interpretar e compreender o que se lê. Segundo Ângela Kleiman, a leitura precisa permitir que o leitor apreenda o sentido do texto, não podendo transformar-se em mera decifração de signos linguísticos sem a compreensão semântica dos mesmos.

Nesse processamento do texto, tornam-se imprescindíveis também alguns conhecimentos prévios do leitor: os linguísticos, que correspondem ao vocabulário e regras da língua e seu uso; os textuais, que englobam o conjunto de noções e conceitos sobre o texto; e os de mundo, que correspondem ao acervo pessoal do leitor. Numa leitura satisfatória, ou seja, na qual a compreensão do que se lê é alcançada, esses diversos tipos de conhecimento estão em interação. Logo, percebemos que a leitura é um processo interativo. Quando citamos a necessidade do conhecimento prévio de mundo para a compreensão da leitura, podemos inferir o caráter subjetivo que essa atividade assume. Conforme afirma Leonardo Boff,

cada um lê com os olhos que tem. E interpreta onde os pés pisam. Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender o que alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é a sua visão de mundo. Isto faz da leitura sempre uma releitura. [...] Sendo assim, fica evidente que cada leitor é coautor.

A partir daí, podemos começar a refletir sobre o relacionamento leitor-texto. Já dissemos que ler é, acima de tudo, compreender. Para que isso aconteça, além dos já referidos processamento cognitivo da leitura e conhecimentos prévios necessários a ela, é preciso que o leitor esteja comprometido com sua leitura. Ele precisa manter um posicionamento crítico sobre o que lê, não apenas passivo. Quando atende a essa necessidade, o leitor se projeta no texto, levando para dentro dele toda sua vivência pessoal, com suas emoções, expectativas, seus preconceitos etc. É por isso que consegue ser tocado pela leitura. Assim, o leitor mergulha no texto e se confunde com ele, em busca de seu sentido. Isso é o que afirma Roland Barthes, quando compara o leitor a uma aranha:

> [...] o texto se faz, se trabalha através de um entrelaçamento perpétuo; perdido neste tecido - nessa textura -, o sujeito se desfaz nele, qual uma aranha que se dissolve ela mesma nas secreções construtivas de sua teia.

Dessa forma, o único limite para a amplidão da leitura é a imaginação do leitor; é ele mesmo quem constrói as imagens acerca do que está lendo. Por isso ela se revela como uma atividade extremamente frutífera e prazerosa. Por meio dela, além de adquirirmos mais conhecimentos e cultura - o que nos fornece maior capacidade de diálogo e nos prepara melhor para atingir às necessidades de um mercado de trabalho exigente -, experimentamos novas experiências, ao conhecermos mais do mundo em que vivemos e também sobre nós mesmos, já que ela nos leva à reflexão.

E refletir, sabemos, é o que permite ao homem abrir as portas de sua percepção. Quando movido por curiosidade, pelo desejo de crescer, o homem se renova constantemente, tornando-se cada dia mais apto a estar no mundo, capaz de compreender até as entrelinhas daquilo que ouve e vê, do sistema em que está inserido. Assim, tem ampliada sua visão de mundo e seu horizonte de expectativas.

Desse modo, a leitura se configura como um poderoso e essencial instrumento libertário para a sobrevivência do homem. Há, entretanto, uma condição para que a leitura seja de fato prazerosa e válida: o desejo do leitor. Como afirma Daniel Pennac, "o verbo ler não suporta o imperativo". Quando transformada em obrigação, a leitura se resume a simples enfado. Para suscitar esse desejo e garantir o prazer da leitura, Pennac prescreve alguns direitos do leitor, como o de escolher o que quer ler, o de reler, o de ler em qualquer lugar, ou, até mesmo, o de não ler. Respeitados esses direitos, o leitor, da mesma forma, passa a respeitar e valorizar a leitura. Está criado, então, um vínculo indissociável. A leitura passa a ser um imã que atrai e prende o leitor, numa relação de amor da qual ele, por sua vez, não deseja desprender-se.

LEITURA COMO ENCONTRO

A leitura inventiva não inventa do nada. O encontro filosófico com as palavras requer o cumprimento de algumas exigências. Uma delas é deixar que o texto de um autor entre pelos olhos e ouvidos. O trecho de um texto maior será saboreado sem desgastar-se. Vejamos, por exemplo, o primeiro parágrafo de Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra, do escritor moçambicano Mia Couto:

A morte é como o umbigo: o quanto nela existe é a sua cicatriz, a lembrança de uma anterior existência. A bordo do barco que me leva à Ilha de Luar-do-Chão não é senão a morte que me vai ditando suas ordens. Por motivo de falecimento, abandono a cidade e faço a viagem: vou ao enterro de meu Avô Dito Mariano. Primeiramente, deixar-se impregnar pelas palavras - sonoridade, sentidos, as imagens que evocam. O parágrafo a ser contemplado possui três períodos.

No primeiro período, a imagem do umbigo. O umbigo é uma cicatriz. Nasce de um corte. Antes do corte, o parto. Associando parto e morte, Mia Couto inicia sua história, uma viagem ao centro da vida. A morte, como o umbigo, lembra uma existência anterior. Na cicatriz, a ausência de algo diz tudo, nas entrelinhas. A morte, mais do que ausência de vida, é sinal de que houve vida. Estamos diante de uma permanência disfarçada de ausência.

Ler e reler o primeiro período faz a comparação cada vez mais nítida. A morte é como o umbigo. A cicatriz é lembrança da vida. Filosofar, como diziam os antigos, é aprender a morrer, o que nos ensina a viver melhor. A lembrança de uma existência anterior ao parto, associada à de uma existência anterior à morte, insinua um pós-morte em equivalência a um pós-parto. Aprender a morrer é, então, um aprender a nascer? Eis um problema inventado pela leitura filosófica.

O segundo período fala da morte como algo que atua e direciona os vivos. A morte vai ditando suas ordens. É um capitão - ou melhor, é capitã comandando o barco dos vivos. O narrador está a bordo do barco. Seu destino é uma ilha. A ilha, um lugar à parte, leva a pensar no além. Para além da terra firme, uma outra terra firme. Mas é preciso fazer a travessia, sob o comando da morte.

Para onde, então, a morte nos leva? Este é mais um problema inventado.

A morte volta a ser mencionada no terceiro período. O que não incomoda o espírito filosófico. Filosofar é abandonar a cidade, fazer a viagem, sair de si. O que há de habitual na cidade deve ser abandonado. O que há de conhecido e seguro na cidade deve ser substituído pela viagem. O enterro do avô é o motivo da viagem. O corpo ainda não foi enterrado. A viagem tem um destino. O viajante vai em direção ao morto, ao encontro do mistério. Se o enterro é ato sagrado, a viagem também.

Outro problema inventado - quando começarei a fazer a viagem decisiva?

ESTRATÉGIAS DE LEITURA

As estratégias de leitura dizem respeito às formas utilizadas pelo leitor para facilitar a compreensão dos dados informativos de um texto. Assim, os procedimentos adotados por cada um se diferenciam, uma vez que nem todos assimilam conhecimento da mesma forma. Algumas pessoas encontram dificuldades em ler, pois acham cansativo, monótono e difícil. Isso ocorre porque, na maioria das vezes, o indivíduo ainda não encontrou um meio estratégico para promover sua leitura de maneira prática. Então, vejamos algumas táticas de leitura que podem despertar interesse e ser um incentivo à leitura:

Leitura em voz alta – enquanto lê em voz alta, a concentração é facilitada, já que a leitura silenciosa pode sofrer interferências de pensamentos alheios ao assunto tratado no texto.

Exposição de pensamentos – é quando o leitor expõe, verbaliza o que está pensando a respeito do que lê. Esta prática desperta o interesse da pessoa por aquela leitura sem que perceba.

Identificação dos fatores chaves – o ledor identifica os elementos mais importantes da narrativa: os verbos, as personagens, as características e qualidades principais. Qual o objetivo do texto? E para qual tipo de leitor? Qual o posicionamento do autor: a favor ou contra? Perguntas como estas são feitas e respondidas pelo próprio leitor depois de analisadas novamente no texto.

Representação visual dos acontecimentos – à medida que lê, o indivíduo faz reproduções mentais acerca dos fatos. Dessa forma, o conteúdo é internalizado através das imagens obtidas através da leitura.

Antecipação das informações – diz respeito ao conhecimento prévio que o leitor possui a respeito do que lê. Assim, enquanto faz a leitura vai se lembrando do que já sabe sobre o tema abordado e presumindo o que virá a seguir. Este método causa tranquilidade e conforto.

Questionário – fazer perguntas sobre o texto torna a leitura fácil para algumas pessoas. Trata-se de elaborar um questionário sobre a leitura, o qual é respondido pelo próprio leitor, claro. Porém, há a possibilidade do mesmo tecer uma pergunta ao lado de cada parágrafo que julgar mais importante. Assim, quando ler a pergunta que fez, saberá do que se trata o parágrafo em questão.

Resumo – fazer uma síntese do texto à medida que lê. A cada período mais importante, o leitor escreve uma oração que o resume em um papel ou então no próprio livro, ao lado do parágrafo (faça isso, caso o livro seja seu).

Essas práticas produzem gosto pela leitura e aprimoramento, tornando-a mais prazerosa e satisfatória. Agora é só escolher uma ou algumas e ler bastante!

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

Interpretar um texto não é simplesmente saber o que se passa na cabeça do autor quando ele escreve seu texto. É, antes, inferir. Se eu disser: "Levei minha filha caçula ao parque.", pode-se inferir que tenho mais de uma filha. Ou seja, inferir é retirar informações implícitas e explícitas do texto. E será com essas informações que o candidato irá resolver as questões de interpretação na prova. Para ler e entender um texto é preciso atingir dois níveis de leitura: Informativa e de reconhecimento;

Interpretativa.

A primeira deve ser feita cuidadosamente por ser o primeiro contato com o texto, extraindo-se informações e se preparando para a leitura interpretativa. Durante a interpretação grife palavras-chave, passagens importantes; tente ligar uma palavra à ideia-central de cada parágrafo. A última fase de interpretação concentra-se nas perguntas e opções de respostas. Marque palavras com NÃO, EXCETO, RESPECTIVAMENTE, etc, pois fazem diferença na escolha adequada.

Retorne ao texto mesmo que pareça ser perda de tempo. Leia a frase anterior e posterior para ter ideia do sentido global proposto pelo autor.

ORGANIZAÇÃO DO TEXTO E IDEIA CENTRAL

Um texto para ser compreendido deve apresentar ideias seletas e organizadas, através dos parágrafos que é composto pela ideia central, argumentação e/ou desenvolvimento e a conclusão do texto. Podemos desenvolver um parágrafo de várias formas:

- ✓ Declaração inicial;
- ✓ Definição;
- ✓ Divisão;

- ✓ Alusão histórica.

Serve para dividir o texto em pontos menores, tendo em vista os diversos enfoques. Convencionalmente, o parágrafo é indicado através da mudança de linha e um espaçamento da margem esquerda. Uma das partes bem distintas do parágrafo é o tópico frasal, ou seja, a ideia central extraída de maneira clara e resumida. Atentando-se para a ideia principal de cada parágrafo, asseguramos um caminho que nos levará à compreensão do texto.

OS TIPOS DE TEXTO

Basicamente existem três tipos de texto:

- ✓ **Texto narrativo;**
- ✓ **Texto descritivo;**
- ✓ **Texto dissertativo.**

Cada um desses textos possui características próprias de construção.

- **DESCRIÇÃO**

Descrever é explicar com palavras o que se viu e se observou. A descrição é estática, sem movimento, desprovida de ação. Na descrição o ser, o objeto ou ambiente são importantes, ocupando lugar de destaque na frase o substantivo e o adjetivo. O emissor capta e transmite a realidade através de seus sentidos, fazendo uso de recursos linguísticos, tal que o receptor a identifique. A caracterização é indispensável, por isso existe uma grande quantidade de adjetivos no texto. **Há duas descrições:**

- ✓ Descrição denotativa
- ✓ Descrição conotativa.

- **DESCRIÇÃO DENOTATIVA**

Quando a linguagem representativa do objeto é objetiva, direta sem metáforas ou outras figuras literárias, chamamos de descrição denotativa. Na descrição denotativa as palavras são utilizadas no seu sentido real, único de acordo com a definição do dicionário.
Exemplo:

Saímos do campus universitário às 14 horas com destino ao agreste pernambucano. À esquerda fica a reitoria e alguns pontos comerciais. À direita o término da construção de um novo centro tecnológico. Seguiremos pela BR-232 onde encontraremos várias formas de relevo e vegetação.

No início da viagem observamos uma típica agricultura de subsistência bem à margem da BR-232. Isso provavelmente facilitará o transporte desse cultivo a um grande centro de distribuição de alimentos a CEAGEPE.

- **DESCRIÇÃO CONOTATIVA**

Em tal descrição as palavras são tomadas em sentido figurado, ricas em polivalência.
Exemplo:
- João estava tão gordo que as pernas da cadeira estavam bambas do peso que carregava. Era notório o sofrimento daquele pobre objeto.
-Hoje o sol amanheceu sorridente; brilhava incansável, no céu alegre, leve e repleto de nuvens brancas. Os pássaros felizes cantarolavam pelo ar.

NARRAÇÃO

Narrar é falar sobre os fatos. É contar. Consiste na elaboração de um texto inserindo episódios, acontecimentos. A narração difere da descrição. A primeira é totalmente dinâmica, enquanto a segunda é estática e sem movimento. Os verbos são predominantes num texto narrativo. O indispensável da ficção é a narrativa, respondendo os seus elementos a uma série de perguntas:
- Quem participa nos acontecimentos? (personagens);
-O que acontece? (enredo);
- Onde e como acontece? (ambiente e situação dos fatos).

Fazemos um texto narrativo com base em alguns elementos:

- ✓ O quê? - Fato narrado;
- ✓ Quem? – personagem principal e o anti-herói;
- ✓ Como? – o modo que os fatos aconteceram;
- ✓ Quando? – o tempo dos acontecimentos;
- ✓ Onde? – local onde se desenrolou o acontecimento;
- ✓ Por quê? – a razão, motivo do fato;
- ✓ Por isso: - a consequência dos fatos.

No texto narrativo, o fato é o ponto central da ação, sendo o verbo o elemento principal. É importante só uma ação centralizadora para envolver as personagens. Deve haver um centro de conflito, um núcleo do enredo. A seguir um exemplo de texto narrativo:

Toda a gente tinha achado estranha a maneira como o Capitão Rodrigo Camborá entrara na vida de Santa Fé. Um dia chegou a cavalo, vindo ninguém sabia de onde, com o chapéu de barbicacho puxado para a nuca, a bela cabeça de macho altivamente erguida e aquele seu olhar de gavião que irritava e ao mesmo tempo fascinava as pessoas. Devia andar lá pelo meio da casa dos trinta, montava num alazão, trazia bombachas claras, botas com chilenas de prata e o busto musculoso apertado num dólmã militar azul, com gola vermelha e botões de metal.

(Um certo capitão Rodrigo – Érico Veríssimo)

A relação verbal emissor – receptor efetiva-se por intermédio do que chamamos discurso. A narrativa se vale de tal recurso, efetivando o ponto de vista ou foco narrativo. Quando o narrador participa dos acontecimentos diz-se que é narrador-personagem. Isto constitui o foco narrativo da 1ª pessoa. Exemplo:
* Parei para conversar com o meu compadre que há muito não falava. Eu notei uma tristeza no seu olhar e perguntei:
- Compadre por que tanta tristeza?
Ele me respondeu:
- Compadre minha senhora morreu há pouco tempo. Por isso, estou tão triste.
Há tanto tempo sem nos falarmos e justamente num momento tão triste nos encontramos. Terá sido o destino?

Já o narrador-observador é aquele que serve de intermediário entre o fato e o leitor. É o foco narrativo de 3ª pessoa. Exemplo:
*O jogo estava empatado e os torcedores pulavam e torciam sem parar. Os minutos finais eram decisivos, ambos precisavam da vitória, quando de repente o juiz apitou uma penalidade máxima. O técnico chamou Neco para bater o pênalti, já que ele era considerado o melhor batedor do time. Neco dirigiu-se até a marca do pênalti e bateu com grande perfeição. O goleiro não teve chance. O estádio quase veio abaixo de tanta alegria da torcida. Aos quarenta e sete minutos do segundo tempo o juiz finalmente apontou para o centro do campo e encerrou a partida.

FORMAS DE DISCURSO

- ✓ Discurso direto;
- ✓ Discurso indireto;
- ✓ Discurso indireto livre.

DISCURSO DIRETO

É aquele que reproduz exatamente o que escutou ou leu de outra pessoa. Podemos enumerar algumas características do discurso direto:

- Emprego de verbos do tipo: afirmar, negar, perguntar, responder, entre outros;
- Usam-se os seguintes sinais de pontuação: dois-pontos, travessão e vírgula.

Exemplo:
O juiz disse:
- O réu é inocente.

DISCURSO INDIRETO

É aquele reproduzido pelo narrador com suas próprias palavras, aquilo que escutou ou leu de outra pessoa. No discurso indireto eliminamos os sinais de pontuação e usamos conjunções: que, se, como, etc. Exemplo:

O juiz disse que o réu era inocente.

DISCURSO INDIRETO LIVRE

É aquele em que o narrador reconstitui o que ouviu ou leu por conta própria, servindo-se de orações absolutas ou coordenadas sindéticas e assindéticas. Exemplo:
- Sinhá Vitória falou assim, mas Fabiano franziu a testa, achando a frase extravagante. Aves matarem bois e cavalos, que lembrança! Olhou a mulher, desconfiado, julgou que ela estivesse tresvariando”. (Graciliano Ramos).

- **DISSERTAÇÃO**

Dissertação é um texto que se caracteriza pela exposição, defesa de uma ideia que será analisada e discutida a partir de um ponto de vista. Para tal defesa o autor do texto dissertativo trabalha com argumentos, com fatos, com dados, os quais utiliza para reforçar ou justificar o desenvolvimento de suas idéias. Organiza-se, geralmente, em três partes:

- ✓ Introdução - onde você explicita o assunto a ser discutido, com a apresentação de uma ideia ou de um ponto de vista que pretende defender.
- ✓ Desenvolvimento ou argumentação - em que irá desenvolver seu ponto de vista. Para isso, deve argumentar, fornecer dados, trabalhar exemplos, se necessário.
- ✓ Conclusão - em que dará um fecho coerente com o desenvolvimento e com os argumentos apresentados. Em geral, a conclusão é uma retomada da ideia apresentada na introdução, agora

com mais ênfase, de forma mais conclusiva, onde não deve aparecer nenhuma ideia nova, uma vez que você está fechando o texto.

- ✓ O texto dissertativo argumentativo destina-se ao chamado "leitor universal", ou seja, a qualquer pessoa que tenha acesso a ele. Devem ser textos abrangendo conceitos amplos, genéricos, evitando particularizar situações. As construções mais adequadas, procurando evitar-se a 1ª pessoa do singular, seriam:
  "Notamos que grande parte dos brasileiros...”
  ”Observa-se que uma parcela da população”...

Exemplo:
Mais do que nunca a história é atualmente revista ou inventada por gente que não deseja o passado real, mas somente um passado que sirva a seus objetivos (...) Os negócios da humanidade são hoje conduzidos especialmente por tecnocratas, resolvedores de problemas, para quem a história é quase irrelevante; por isso, ela passou a ser mais importante para nosso entendimento do mundo do que anteriormente.

(Eric Hobsbawm, Tempos interessantes: uma vida no século XX)

DICAS PARA INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

Não só os alunos afirmam gratuitamente que a interpretação depende de cada um. Na realidade isto é para fugir a um problema que não é de difícil solução por meio de sofisma (=argumento aparentemente válido, mas, na realidade, não conclusivo, e que supõe má fé por parte de quem o apresenta). Podemos, tranquilamente, ser bem-sucedidos numa interpretação de texto. Para isso, devemos observar o seguinte:

01. Ler todo o texto, procurando ter uma visão geral do assunto;
02. Se encontrar palavras desconhecidas, não interrompa a leitura, vá até o fim, ininterruptamente;
03. Ler, ler bem, ler profundamente, ou seja, ler o texto pelo menos umas três vezes;
04. Ler com perspicácia, sutileza, malícia nas entrelinhas;
05. Voltar ao texto tantas quantas vezes precisar;
06. Não permitir que prevaleçam suas ideias sobre as do autor;
07. Partir o texto em pedaços (parágrafos, partes) para melhor compreensão;
08. Centralizar cada questão ao pedaço (parágrafo, parte) do texto correspondente;
09. Verificar, com atenção e cuidado, o enunciado de cada questão;
10. Cuidado com os vocábulos: destoa (=diferente de...), não, correta, incorreta, certa, errada, falsa, verdadeira, exceto, e outras; palavras que aparecem nas perguntas e que, às vezes, dificultam a entender o que se perguntou e o que se pediu;
11. Quando duas alternativas lhe parecem corretas, procurar a mais exata ou a mais completa;

12. Quando o autor apenas sugerir ideia, procurar um fundamento de lógica objetiva;
13. Cuidado com as questões voltadas para dados superficiais;
14. Não se deve procurar a verdade exata dentro daquela resposta, mas a opção que melhor se enquadre no sentido do texto;
15. Às vezes a etimologia ou a semelhança das palavras denuncia a resposta;
16. Procure estabelecer quais foram as opiniões expostas pelo autor, definindo o tema e a mensagem;
17. O autor defende ideias e você deve percebê-las;
18. Os adjuntos adverbiais e os predicativos do sujeito são importantíssimos na interpretação do texto.
Ex.: Ele morreu de fome.
de fome: adjunto adverbial de causa, determina a causa na realização do fato (= morte de "ele").
Ex.: Ele morreu faminto.
faminto: predicativo do sujeito, é o estado em que "ele" se encontrava quando morreu.;
19. As orações coordenadas não têm oração principal, apenas as ideias estão coordenadas entre si;
20. Os adjetivos ligados a um substantivo vão dar a ele maior clareza de expressão, aumentando-lhe ou determinando-lhe o significado.

Nota: Diante do que foi dito, espero que você mude o modo de pensar, pois a interpretação não depende de cada um, mas, sim, do que está escrito. "O que está escrito, escrito está."

PRODUÇÃO DE TEXTO

Todos sabemos que as atuais demandas sociais requerem cidadãos capazes de exercer plenamente a sua cidadania. Isso implica saber analisar criticamente as realidades sociais e organizar a ação para intervir nessa realidade. Ou seja, a sociedade atual precisa de cidadãos atuantes, que não se limitem a observar a realidade, mas que nela saibam agir, examinar os fatos, articular acontecimentos, prever suas possíveis consequências para a qualidade de vida das pessoas, da cidade, do país, do planeta.

No mundo da informação isso significa, por um lado, **saber lidar** com a informação, que tem várias naturezas — matemática, científica, filosófica, artística, religiosa, por exemplo —, e vem de várias fontes e por vários caminhos — mídia impressa, radiofônica e televisiva, meio acadêmico e Internet, entre outros. **Lidar com a informação significa apropriar-se de**:

- ✓ Formas de obtenção da informação para conhecer o real;
- ✓ Procedimentos que permitam o reconhecimento da pertinência e idoneidade da informação;
- ✓ Recursos que possibilitem a divulgação da informação;

Por outro lado, exercer plenamente a cidadania significa saber agir utilizando a informação. Em uma sociedade letrada, obter informações, analisá-las criticamente, saber divulgá-las e agir utilizando essas informações passam pelo domínio de um objeto social fundamental: a linguagem escrita. Quando se fala em domínio da linguagem escrita, fala-se em saber lidar de maneira proficiente com todos os conhecimentos com os quais se opera nas práticas de linguagem. Quer dizer, fala-se em ler e escrever utilizando os procedimentos e estratégias que conferem maior eficácia aos textos produzidos e às leituras realizadas.

PRODUZIR TEXTOS: UMA PRÁTICA SOCIAL

Assim como a leitura, **a produção de textos escritos é uma prática de linguagem** e, como tal, **uma prática social**. Quer dizer: em várias circunstâncias da vida escrevemos textos para diferentes interlocutores, com distintas finalidades, organizados nos mais diversos gêneros, para circularem em espaços sociais vários. Por exemplo: ao lermos um jornal, se o tratamento recebido por determinado assunto em uma determinada matéria nos causar indignação — ou mesmo admiração — podemos escrever uma carta para o jornal manifestando nossa forma de pensar a respeito.

Se quisermos divulgar um serviço que prestamos, podemos escrever um anúncio para uma revista, para um determinado site , para um jornal; ou podemos escrever um folheto de propaganda para ser distribuído na saída do metrô, ou, ainda, organizar um outdoor para veicular informação a respeito do serviço nos lugares que se espera que circulem potenciais interessados no serviço divulgado.

Se pretendermos divulgar dados organizados de determinada pesquisa que realizamos, por exemplo, a respeito da evasão dos alunos, escrevemos um artigo acadêmico-científico, para ser publicado em uma revista de educação — ou um livro — que circule no espaço no qual essa discussão interesse. Se quisermos ter notícias de um ente querido que se encontra distante de nós geograficamente, podemos escrever uma carta, ou enviar uma mensagem por e-mail. Se desejarmos informar um possível contratante sobre nossa formação e experiência profissional para que ele possa avaliar se correspondemos às expectativas que a empresa tem para um provável funcionário, elaboramos um currículo.

Como se pode ver, produzimos textos em diferentes circunstâncias. A cada circunstância correspondem:

a) **finalidades**diferentes: manifestar nossa forma de pensar a respeito de determinada matéria lida; divulgar determinados serviços buscando seduzir possíveis clientes; convencer a respeito de determinadas interpretações de dados; obter notícias sobre um ente querido; informar sobre sua qualificação profissional;

b) **interlocutores**diversos: leitores de um determinado veículo da mídia impressa (jornal, revista); transeuntes de determinados locais (vias de circulação, rodoviária etc.); colegas de trabalho, leitores de determinada revista acadêmico-científica ou de determinado tipo de livro; um parente próximo ou um amigo; um possível contratante;

c) **lugares de circulação** determinados: mídia impressa; academia; família ou círculo de amizades; determinada empresa (esfera profissional); vias públicas de grande circulação de veículos e pessoas;

d) **gêneros discursivos** específicos: carta de leitores; anúncio; folheto de propaganda; outdoor; artigo acadêmico-científico; carta pessoal; currículo.

Quer dizer: escrever um texto é uma atividade que nunca é a mesma nas diferentes circunstâncias em que ocorre, porque cada escrita se caracteriza por diferentes condições que determinam a produção dos discursos. Essas condições referem-se aos elementos apresentados acima. Mas não apenas a eles. Um aspecto a ser considerado ainda é o lugar do qual se escreve. Todos desempenhamos diferentes papéis na vida: o de mãe/pai, de filho/filha, de irmão/irmã, de associado de determinado clube, de consumidor de determinado produto, de cidadão brasileiro, o relativo à profissão que exercemos (professores, médicos, dentistas, vereadores, escritores, revisores, feirantes, digitadores, diretores de escola etc), entre outros. Cada um desses papéis estabelece entre nós e aqueles com quem nos relacionamos determinados vínculos, que implicam responsabilidades assumidas, pontos de vista a partir dos quais os acontecimentos são analisados, recomendações são feitas, atitudes são tomadas...

Ainda que esses papéis se articulem todo o tempo, uma vez que são todos constitutivos do sujeito e que, dessa forma, influenciam-se mutuamente, quando assumimos a palavra para dizer alguma coisa a alguém, um desses papéis predomina, em função das demais características do contexto de produção (sobretudo do lugar de circulação do discurso e do interlocutor presumido).

Por exemplo: um cineasta, quando em uma conferência ou mesa-redonda, ao analisar determinado filme, certamente produzirá um discurso permeado por análises técnicas e históricas. Isso ocorrerá não só porque o discurso será uma conferência, que poderá ter como interlocutores estudantes ou outros cineastas, ou porque circulará na esfera acadêmica, tendo, portanto, que se adequar a essas condições, mas também porque o cineasta não poderá, nessas condições enumeradas, produzir o discurso a partir do lugar de pai, por exemplo, ou de amigo de determinado empresário do ramo, sob pena de não ser eficaz. Se estiver conversando com amigos em um encontro casual, ao contrário, o contexto de produção dado lhe permitirá assumir o lugar de espectador/apreciador da arte do cinema e seu discurso, certamente, não terá a mesma organização, nem a mesma escolha lexical, podendo ser mais descontraído, menos comprometido com argumentações coerentes com determinadas posições teóricas. E isto por causa de todas as condições de produção citadas, incluindo-se nestas o papel social de onde fala o produtor.

Da mesma forma, se a uma pessoa for solicitado um discurso recomendando a redução do consumo de energia elétrica, este não será o mesmo, caso seja produzido a partir do lugar de deputado federal, de industrial do ramo da produção de lâmpadas, ou do lugar do pai que fala a seus filhos. Os argumentos serão diferentes porque, embora não apenas por este motivo, a relação entre os interlocutores instituiu compromissos diferenciados entre eles. Ser um escritor proficiente, portanto, significa saber lidar com todas as características do contexto de produção dos textos, de maneira a orientar a produção do seu discurso pelos parâmetros por elas estabelecido.

ESCRITA: UM PROCESSO INDIVIDUAL E DIALÓGICO

Assim como a leitura, o processo de escrita é tanto uma experiência **individual e única**, quanto **interpessoal e dialógica**. É individual e única porque o processo de produção de um texto implica escolhas pessoais quanto a **o que** dizer e a **como** dizer: a seleção de tópicos a serem apresentados, das palavras a serem utilizadas, dos enunciados a serem organizados são escolhas do produtor do texto, que refletirão seu estilo de dizer.

Escrever é um processo interpessoal e dialógico porque todo texto sempre se relaciona, de alguma forma, com os textos já produzidos anteriormente no que se refere a:

- ✓ O que se pode dizer por meio de determinados gêneros;
- ✓ À forma de dizer (escolhas lexicais típicas do gênero, expressões usuais que acabam por caracterizá-los, por exemplo;
- ✓ Os textos produzidos e seu conteúdo, que podem marcar época, constituindo-se como referências;
- ✓ Os gêneros, propriamente, que também são construções históricas, e, dessa forma, modificam-se, caem em desuso, são criados.

No século XVII, era comum quando se pretendia visitar um parente ou amigo — ainda que residente na mesma cidade — escrever-se uma carta e entregá-la em mão, com a finalidade de avisá-lo de sua visita. Hoje essa prática caiu em desuso — e com ela a situação de utilização do gênero — tendo sido substituída por um telefonema, por exemplo. As tecnologias digitais, por outro lado, acabam por criar novas possibilidades de interlocução escrita com pessoas distantes geograficamente umas das outras: por e-mail, enviando-se mensagens que ora se assemelham a bilhetes, ora a cartas, em tempo não-real, ou, ainda em chats, nos quais se pode conversar em tempo real com pessoas dos lugares mais longínquos do planeta. Criam-se, assim, se não novos gêneros, pelo menos modificações nos gêneros já existentes.

Uma carta de amor, por exemplo, possuía fórmula de iniciação e de conclusão muito diferentes no século XVII e atualmente. Dificilmente uma jovem hoje receberia uma carta que começasse com a expressão Estimada senhorita (ou Caríssima senhorita), ou que terminasse com a expressão Com votos de consideração e estima.

Na literatura, por exemplo, os poemas concretos passaram a existir a partir de determinada época, como resultado de necessidades estéticas historicamente construídas em um determinado período; por não corresponderem também às novas necessidades estéticas, gêneros como as cantigas de amigo, por exemplo, típicos da Idade Média, foram sendo preteridos pelos poetas e literatos. Como é possível perceber, os textos que produzimos são resultantes das escolhas que fazemos quanto a o que dizer e como dizer em função das condições de produção colocadas. Essas escolhas não são aleatórias, mas determinadas historicamente. Quer dizer, em um dado momento histórico há um conjunto de possibilidades disponíveis e é no interior desse conjunto que as nossas escolhas pessoais são feitas. Parte dessas possibilidades relacionam-se aos gêneros do discurso.

OS PROCEDIMENTOS DE ESCRITA

Além desse conhecimento, escrever pressupõe o domínio de determinados procedimentos: saber **planejar** o que vai ser escrito em função das características do contexto de produção colocado, saber **redigir** o que foi planejado, saber **revisar** o que foi escrito — durante o processo mesmo de escrita e depois de finalizado —, e saber **reescrever** o texto produzido e revisado.

Tais procedimentos precisam ser sempre articulados no processo de escrita, que é uma outra competência que também precisa ser constituída. Nesse processo, conhecimentos de várias naturezas entram em jogo:

a) **discursivos** (relativos às características do discurso, como características do gênero no qual o texto será organizado, do contexto de produção especificado, por exemplo);
b) **pragmáticos** (relativos às especificidades da situação de comunicação e às diferentes práticas sociais de escrita);
c) **textuais** (relativos à linearidade do texto em si: relativos à sintaxe, pontuação, coesão e coerência);
d) **gramaticais**;
e) **notacionais** (relativos ao sistema de escrita).

Para se produzir um bom texto é necessário que alguns aspectos sejam revistos:

O tema geral: é o assunto a ser tratado que normalmente abre espaço a outras vertentes, como por exemplo: a globalização. É proposto em praticamente toda produção de texto a ser realizada.
O tema específico: não é fornecido. Trata-se da delimitação do assunto proposto, como por exemplo: as consequências da globalização na economia. Quanto mais o escritor especificar o tema geral, mais focado em um objetivo estará e, portanto, mais seguro. Veja: As consequências da globalização na economia brasileira.

Em vestibulares há a coletânea, trechos de textos que abordam de formas diferentes o tema proposto. Escolha a abordagem da coletânea que mais o agrada, pois nunca escreva sobre algo que não sabe a respeito. Se não houver coletânea, faça conforme especificado no “tema específico”: delimite o assunto comum proposto em um assunto particular que você tenha conhecimento sobre.

Ambiente: se puder escolher, vá para o lugar da casa ou da escola onde você possa se desligar do mundo exterior, para se aprofundar no que irá escrever. Se não puder, busque na sala de aula esse lugar de conforto, de quietude. Além disso, o ambiente deve estar bastante iluminado e arejado.
Estrutura: Faça uma introdução de no máximo cinco linhas e aponte nesse momento o assunto a ser tratado, além de levantar seu ponto de vista. No caso da narração, introduza a personagem e o conflito a

ser solucionado. No desenvolvimento, esclareça seus argumentos, coloque exemplos, assinale fatos que estejam de acordo com seu ponto de vista sobre o tema. Se for uma narrativa, é o momento de expor os acontecimentos, as ações das personagens. Faça uma conclusão, também em poucas linhas, que reforce ainda mais sua visão sobre o assunto específico e mais ainda, dê uma sugestão, uma resolução. Na narrativa, exponha a solução do conflito.

Rascunho: Use o rascunho para que não rasure, para que tenha certeza do que irá escrever, para evitar erros de grafia, pontuação e concordância, pois é uma chance para rever o que escreveu. **Importante:** Sempre se coloque no papel de leitor, imaginando que aquele texto está em um jornal, revista ou em um livro. Dessa forma, você terá uma visão crítica a respeito de si mesmo enquanto escritor!

COMO PRODUZIR UM BOM TEXTO

Muitas pessoas sentem dificuldades ao escreverum texto, pois toda escrita exige certos detalhes que sempre devemos estar atentos. Mas esta dificuldade não existe, pois no momento em que vamos descobrindo os passos corretos para a produção textual, chegamos à conclusão de que esta é uma tarefa bem simples.

Antes de tudo, é preciso entendermos que um texto jamais poderá ser um amontoado de palavras, escritas sem organização e sem sentido. Tudo que planejamos escrever precisa ser colocado antes em um rascunho, onde as ideias serão reunidas, para depois serem transportadas para o papel.

É muito importante conhecermos sobre o assunto do qual iremos escrever, pois caso contrário, não teremos ideias suficientes para atingirmos um bom resultado. Essa nossa capacidade de desenvolver bem as ideias vai aumentando com o passar do tempo, de acordo com nossa leitura constante, com a troca de experiências, como por exemplo, o diálogo com pessoas estudiosas, entre outros. Outro detalhe é a pontuação. Você se lembra dos parágrafos, das vírgulas, da ortografia correta das palavras? Esses são elementos essenciais. Mas não se preocupe! Algumas dicas lhe ajudarão a se tornar um bom escritor:

Os parágrafos servem para evitar que as ideias fiquem desordenadas.

No caso de textos com diálogos entre personagens, devemos “acordar” nossa criatividade e imaginação e dar atenção especial aos seguintes sinais de pontuação:

- ✓ O travessão (-) – marca a mudança de fala dos personagens.
- ✓ Os dois pontos (:) – servem para indicar o momento em que um personagem irá falar.
- ✓ O ponto de interrogação (?) – indica uma pergunta.
- ✓ O ponto de exclamação (!) – revela algum sentimento vivido pelos personagens.

Aquilo que você pretende dizer precisa estar claro para que o leitor possa compreender sua mensagem, neste caso está incluso a questão da ortografia. Ela deverá ser legível em todas as ocasiões. E para não esquecer, é necessário que o texto contenha: começo, meio e fim.

COESÃO E COERÊNCIA TEXTUAL

O texto é produzido através da organização de palavras que se unem,adequadamente, umas às outras.Assim, os termos vão formando uma oração, e as orações vão constituir períodos.Essa união ou ligação entre os elementos de um texto deve apresentar um sentido lógico, coerente; para isso é necessário observar as relaçõessemânticas existentes entre eles. Na verdade, há uma relação dedependência entre os termos e as orações que se estabelece pelacoordenação ou subordinação das ideias.Um texto torna-se bem construído e coeso quando usamos os elementosgramaticais ou coesivos (conjunções, pronomes, preposições e advérbios),no interior das frases, de forma adequada. Se esses elementos de ligaçãoforem mal empregados, o texto não apresentará noção de conjunto, ouainda, sua linguagem se tornará ambígua e incoerente. Portanto, a coesão refere-se à forma ou à superfície de um texto. Ela émantida através de procedimentos gramaticais, isto é, pela escolha doconectivo adequado na conexão dos diversos enunciados que compõem umtexto.

A coerência resulta da relação harmoniosa entre os pensamentos ouideias apresentadas num texto sobre um determinado assunto. Refere-se, dessa forma, ao conteúdo, ou seja, à sequência ordenada das opiniões oufatos expostos. Não havendo o emprego correto dos elementos de ligação (conectivos)faltará a coesão e, logicamente, a coerência ao texto. Na construção de um texto, assim como na fala, usamos mecanismos para garantir ao interlocutor a compreensão do que se lê / diz.

Esses mecanismos linguísticos que estabelecem a conectividade e a retomada do que foi escrito / dito são os referentes textuais e buscam garantir a coesão textual para que haja coerência, não só entre os elementos que compõem a oração, como também entre a sequência de orações dentro do texto.

Essa coesão também pode muitas vezes se dar de modo implícito, baseado em conhecimentos anteriores que os participantes do processo têm com o tema. Por exemplo, o uso de uma determinada sigla, que para o público a quem se dirige deveria ser de conhecimento geral, evita que se lance mão de repetições inúteis.

Numa linguagem figurada, a coesão é uma linha imaginária - composta de termos e expressões - que une os diversos elementos do texto e busca estabelecer relações de sentido entre eles. Dessa forma, com o emprego de diferentes procedimentos, sejam lexicais (repetição, substituição, associação), sejam gramaticais (emprego de pronomes, conjunções, numerais, elipses), constroem-se frases, orações, períodos, que irão apresentar o contexto – decorre daí a coerência textual.

Um texto incoerente é o que carece de sentido ou o apresenta de forma contraditória. Muitas vezes essa incoerência é resultado do mau uso daqueles elementos de coesão textual. Na organização de períodos e de parágrafos, um erro no emprego dos mecanismos gramaticais e lexicais prejudica o entendimento do texto. Construído com os elementos corretos, confere-se a ele uma unidade formal.

Nas palavras do mestre Evanildo Bechara (1), “o enunciado não se constrói com um amontoado de palavras e orações. Elas se organizam segundo princípios gerais de dependência e independência sintática e semântica, recobertos por unidades melódicas e rítmicas que sedimentam estes princípios”.

Desta lição, extrai-se que não se deve escrever frases ou textos desconexos – é imprescindível que haja uma unidade, ou seja, que essas frases estejam coesas e coerentes formando o texto. Além disso, relembre-se que, por coesão, entende-se ligação, relação, nexo entre os elementos que compõem a estrutura textual.

VEJAMOS OS DEZ MANDAMENTOS PARA QUE SUA REDAÇÃO SURPREENDA O LEITOR:

1) Não escreva difícil, usando palavras para parecer que sabe de tudo! Prefira uma linguagem mais simples. Não falo aqui do uso de coloquialismo, sem restrições!
2) Críticas sem fundamento, sem objetivo não devem ser feitas. A análise sobre algo deve ser realizada baseada em fatos, acontecimentos reais. Sempre aponte soluções coerentes para os problemas levantados.
3) Uso de palavrões, jargões, gírias e coloquialismo é proibido!
4) A linguagem do msn ou orkut deve ficar em casa. Nunca abrevie palavras: vc, qdo, msm, dentre outras. Exceção: etc.
5) Não faça repetição desnecessária de palavras! O texto fica enfadonho e pobre, pois o leitor verá que você não tem muita leitura, uma vez que não tem muito vocabulário. Use sinônimos: menina, garota, criança, guria.
6) Não “encha linguiça”, como dizem! Uns dizem coisas sem sentido, outros falam a mesma coisa várias vezes, de vários modos. Seja objetivo, claro. Melhor qualidade do que quantidade. No entanto, processos seletivos exigem o mínimo de 15 linhas. Escreva sobre algo que você tenha conhecimento. Baseie-se (não copie) em um texto da coletânea, nas ideias expostas ali. Faça um parágrafo para introdução, um para o desenvolvimento e um para a conclusão, pelo menos!
7) Não esqueça a cedilha no “c”, o cortado do “t”, o pingo do “i”, as letras maiúsculas em nomes próprios!
8) Coloque ponto final! Começou um novo argumento, uma nova ideia? Coloque ponto final e não vírgula! Os períodos ficam tão confusos que o leitor não sabe nem mais qual é o assunto inicial ou quem é o sujeito do período!
9) Faça a concordância verbal. Se o sujeito está no plural, o verbo também deverá estar! Ficou em dúvida? Leia a oração e identifique o sujeito, quem pratica a ação.
10) Releia o texto! É impossível tentar organizar melhor o texto, corrigir os erros e tirar nota boa sem reler o que se escreveu! Detalhe: Coloque-se no lugar de um leitor que não sabe nada sobre o assunto abordado em seu texto e se pergunte: Será que ele entenderia sobre o que estou escrevendo e o meu ponto de vista?

Saiba que mandamentos foram feitos para serem seguidos, mas não como obrigação ou por imposição, mas para nosso bem! Pense nisso!

O que é redação técnica?

Primeiramente, vejamos esses dois termos em separado:

Redação é o ato de redigir, ou seja, de escrever, de exprimir pensamentos e ideias através da escrita.

Técnica é o conjunto de métodos para execução de um trabalho, a fim de se obter um resultado.

Logo, para que você escreva uma redação técnica é necessário que certos processos sejam seguidos, como o tipo de linguagem, a estrutura do texto, o espaçamento, a forma de iniciar e finalizar o texto, dentre outros. Dessa forma, a necessidade de certa habilidade e de se ter os conhecimentos prévios para se fazer uma redação técnica é imprescindível!

Por esse motivo, criamos esta seção, para que os internautas tenham material para servir de embasamento teórico, pois há carência desse tipo de conteúdo no universo virtual. A redação técnica engloba textos como: ata, circular, certificado, contrato, memorando, parecer, procuração, recibo, relatório, currículo.

- **PECULIARIDADES DA REDAÇÃO TÉCNICA**

Impessoalidade

A redação oficial deve ser isenta da interferência da individualidade. O tratamento impessoal que deve ser dado aos assuntos que constam das comunicações oficiais decorre:

a) da ausência de impressões individuais de quem comunica;

b) da impessoalidade de quem recebe a comunicação; e

c) do caráter impessoal do próprio assunto tratado.

Linguagem

O texto oficial requer o uso do *padrãoculto* da língua. Padrão culto é aquele em que:

a) se observam as regras da gramática formal,

b) se emprega um vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma.

A obrigatoriedade do uso do padrão culto na redação oficial procede do fato de que ele está acima das diferenças lexicais, morfológicas ou sintáticas regionais, dos modismos vocabulares, das idiossincrasias linguísticas, permitindo, por essa razão, que se atinja a pretendida compreensão por todos os cidadãos.
A linguagem técnica deve ser empregada apenas em situações que a exijam.

Formalidade

As comunicações oficiais devem ser sempre formais. Não só ao correto emprego deste ou daquele pronome de tratamento, mais do que isso, a formalidade diz respeito à polidez e à civilidade.

Padronização

A clareza de digitação, o uso de papéis uniformes e a correta diagramação do texto são indispensáveis à padronização.

Concisão

A ***concisão***é uma qualidade do texto, principalmente o do oficial. Conciso é o texto que consegue transmitir um máximo de informações com um mínimo de palavras. A concisão é, basicamente, ***economia linguística***. *Isso não quer dizer economia de pensamento*, isto é, não se devem eliminar passagens substanciais do texto no afã de reduzi-lo em tamanho. Trata-se exclusivamente de cortar palavras inúteis, redundâncias, passagens que nada acrescentem ao que já foi dito.

Deve-se perceber a hierarquia de ideias que existe em todo texto de alguma complexidade: ideias fundamentais e secundárias. Essas últimas podem esclarecer o sentido daquelas, detalhá-las, exemplificá-las; mas existem também ideias secundárias que não acrescentam informação alguma ao texto, nem têm maior relação com as fundamentais, podendo, por isso, ser dispensadas.

Clareza

A ***clareza***deve ser a qualidade básica de todo texto oficial. Claro é aquele texto que possibilita imediata compreensão pelo leitor. A clareza não é algo que se atinja por si só: ela depende estritamente das demais características da redação oficial. Para ela concorrem:

a) a impessoalidade, que evita a duplicidade de interpretações que poderia decorrer de um tratamento personalista dado ao texto;

b) o uso do padrão culto de linguagem, em princípio, de entendimento geral e por definição avessa a vocábulos de circulação restrita, como a gíria e o jargão;

c) a formalidade e a padronização, que possibilitam a imprescindível uniformidade dos textos;

d) a concisão, que faz desaparecer do texto os excessos linguísticos que nada lhe acrescentam.

É pela correta observação dessas características que se redige com clareza. Contribuirá, ainda, a indispensável releitura de todo texto redigido. A ocorrência, em textos oficiais, de trechos obscuros e de erros gramaticais provém principalmente da falta da releitura que torna possível sua correção.

A revisão atenta exige, necessariamente, tempo. A pressa com que são elaboradas certas comunicações quase sempre compromete sua clareza. Não se deve proceder à redação de um texto que não seja seguida por sua revisão. "*Não há assuntos urgentes, há assuntos atrasados*", diz a máxima. Evite-se, pois, o atraso, com sua indesejável repercussão no redigir.

TIPOS DE TEXTOS TÉCNICOS

A correspondência é uma forma de comunicação indispensável entre as pessoas, empresas e instituições públicas ou privadas. Por isso, deve ser sempre absolutamente correta.

Com o objetivo de tornar este tipo de comunicação mais organizado e de fácil entendimento para todos os envolvidos, as correspondências oficiais seguem determinados padrões de redação e formatação. Para ajudar quem precisar lançar mão dessa ferramenta, faremos um apanhado geral dos tipos de correspondências oficiais e empresariais existentes e suas principais características.

- **ATA**

  A ata é um documento no qual deve constar um resumo por escrito, detalhando os fatos e as soluções a que chegaram as pessoas convocadas a participar de uma assembleia, sessão ou reunião. A expressão correta para a redação de uma ata é "lavrar a ata". Uma das principais funções da ata é historiar, traçar um painel cronológico da vida de uma empresa, associação ou instituição. Serve como documento para consulta posterior, tendo em alguns casos caráter obrigatório pela legislação. Por tratar-se de um documento formal, a ata deve seguir algumas normas específicas de formatação:

- Devido a ter como requisito não permitir que haja qualquer modificação posterior, o seu formato renuncia a quebras de linha eletivas, espaçamentos verticais e paragrafação, ocupando virtualmente todo o espaço disponível na página;
- Números, valores, datas e outras expressões são sempre representados por extenso;
- Sem emprego de abreviaturas ou siglas;
- Sem emendas, rasuras ou uso de corretivo (quando a ata estiver sendo manuscrita e for necessária alguma correção, usar a expressão "digo" seguida do texto correto);
- Todos os verbos descritivos de ações da reunião usados no pretérito perfeito do indicativo (disse, declarou, decidiu…).

A estrutura básica para uma ata pode ser esta:

- Título da reunião;
- Cidade, dia, mês, ano, das h:min até h:min;
- Local da reunião;
- Introdução (Relatar sobre o título da reunião, local, data, hora e participantes);
- Participantes da reunião (Nome completo do participante e especificar de qual instituição ele é);
- Agenda (Relatar sobre a pauta da reunião, os temas a serem tratados e os respectivos responsáveis de cada tema);
- Desenvolvimento (Descrever sobre os temas principais citados na reunião);
- Conclusões (Descrever sobre as conclusões atingidas ao final da reunião e suas respectivas decisões);
- Recomendações (Descrever recomendações e observações feitas no decorrer da reunião);
- Distribuição (Relatar o nome de quem a ata será enviada).

Observação: A ata deverá ser assinada por todos os participantes.

ATESTADO OU CERTIFICADO

É um documento em que se faz fé de algo e que tem valor legal. Pode haver atestados ou certificados de serviços prestados, de estudos realizados, de pagamentos, etc. Para a sua elaboração, utiliza-se geralmente papel de tamanho A4, escrito em sentido vertical, como se mostra em seguida:

- Cabeçalho (Coloca-se na parte superior do certificado, com uma margem considerável. É constituído pelo nome da pessoa ou instituição que o envia, acompanhados dos seus dados de identificação. Costuma-se escrever em maiúsculas.);
- Corpo (Contém texto precedido pelo termo CERTIFICA ou ATESTA, em maiúsculas, seguido de dois pontos, onde se descreve o objeto da certificação.);
- Local e data;
- Assinatura e selo.

CIRCULAR

Quando, em sua empresa, você deseja dirigir-se a muitas pessoas ao mesmo tempo, para transmitir avisos, ordens ou instruções, deve optar por comunicar-se através de uma circular. Na verdade, a circular pode seguir o modelo de uma carta ou ofício, o que a caracteriza é conter um assunto de interesse geral. Muitas vezes, a circular é utilizada internamente nas empresas, com a finalidade de facilitar a comunicação entre diversas seções e departamentos. Muitas empresas, hoje em dia, têm preferido não destacar a ementa (assunto). Assim, é preciso verificar o modelo adotado na sua empresa. A linguagem utilizada em uma circular deve ser simples e direta para não dar margem a outras interpretações. Todos devem entender claramente o que está escrito.

Estrutura:

- Timbre da empresa;
- Número da circular;
- Data (por extenso);
- Assunto;
- Corpo da mensagem;
- Identificação / Assinatura do emissor da circular.

MEMORANDO

O memorando, estabelecendo uma comparação, é uma espécie de bilhete comercial de que as empresas ou órgãos oficiais se utilizam para estabelecer a correspondência interna entre seus setores e departamentos. Por ser um tipo de correspondência cotidiana, rápida e objetiva, o memorando segue uma forma fixa, sendo para isso utilizado um papel impresso. Observe a estrutura de um memorando, atentando para a ausência de saudações e finalizações:

- Timbre;
- Número do memorando;
- Data;
- De (Órgão e/ou responsável);
- Para (Órgão e/ou responsável);
- Corpo do texto;
- Assinatura.

OFÍCIO

Ofício é a correspondência de caráter oficial, equivalente à carta comercial. É dirigido por um funcionário a outro, da mesma ou de outra categoria, bem como por uma repartição a uma pessoa ou instituição particular, ou, ainda, por instituição particular ou pessoa a uma repartição pública. Por tratar-se, sobretudo, de comunicação de caráter público, o ofício requer certo grau de formalidade. A redação, tal como no caso da carta comercial, tem de ser breve e concisa.

PROCURAÇÃO

Através da procuração uma pessoa (física ou jurídica) autoriza alguém a agir e realizar negócios em seu nome. O indivíduo que concede a procuração é chamado de mandante, constituinte ou outorgante. Aquele que recebe a procuração é chamado de mandatário, procurador ou outorgado. A procuração deve ser lavrada em papel ofício, iniciando o texto com identificação e qualificação do outorgante e do outorgado. Os poderes, a finalidade e o prazo de validade da procuração são expressos de forma precisa. Após o texto, a localidade, a data e a assinatura são expressas.

Há dois tipos de procuração:

- **Pública** – aquela que é lavrada por tabelião em Livro de Notas. O translado (cópia autêntica do que consta no livro) fica em poder do procurador. É usada em casos de compra e venda de imóveis, em assuntos de maior peso.
- **Particular** – aquela que é datilografada ou manuscrita, sem registro no Livro de Notas. Digamos que você não possa fazer sua matrícula na escola. Então, você poderá passar uma procuração particular para alguém de sua confiança que resolverá esse, e apenas esse, assunto para você.

REQUERIMENTO

Se você precisar se dirigir a uma autoridade para fazer um pedido para o qual necessite ter amparo na lei, deve fazê-lo através de um requerimento. Serve para requerer ou pedir uma coisa específica à Administração ou aos organismos públicos. Os requerimentos recebem nomes diferentes, dependendo do organismo ao qual se dirigem:

- Conhece-se pelo nome de "Memorial" quando é dirigido a uma autoridade máxima, como, por exemplo, o chefe do Estado ou o papa;
- Chama-se "Exposição" quando se dirige ao Parlamento da nação ou a um órgão do Governo;
- Chama-se "Pedido" ao requerimento utilizado para o resto dos casos.

Em geral, podemos observar as seguintes partes:

- A autoridade destinatária (usa-se Excelentíssimo "Exmo." para Juiz, Promotor, Senadores, Deputados, Vereadores, Presidente da República, Governador, Prefeito e Ministros de Estado; usa-se Ilustríssimo "Ilmo." para as demais autoridades);
- Nome e qualificação do requerente;
- Exposição e solicitação;
- Pedido de deferimento;
- Localidade e data;

- Assinatura.

DECLARAÇÃO

A declaração é utilizada quando se quer atestar ou confirmar algum fato para garantir um direito a uma determinada pessoa.

Divide-se nas seguintes partes:

- Timbre (Impresso como cabeçalho, contendo o nome do órgão ou empresa. Atualmente a maioria das empresas possui um impresso com logotipo. Nas declarações particulares usa-se papel sem timbre.);
- Título (Deve-se colocá-lo no centro da folha, em caixa alta.);
- Texto (Deve-se iniciá-lo a cerca de quatro linhas do título.). Dele deve constar:
- Identificação do emissor. Se houver vários emissores, é aconselhável escrever, para facilitar: os abaixo assinados;
- O verbo atestar/declarar deve aparecer no presente do indicativo, terceira pessoa do singular ou do plural;
- Finalidade do documento, em geral costuma-se usar o termo “para os devidos fins”, mas também se pode especificar: “para fins de trabalho”, “para fins escolares”, etc.
- Nome e dados de identificação do interessado. Esse nome pode vir em caixa alta, para facilitar a visualização;
- Citação do fato a ser atestado.
- Local e data (Deve-se escrevê-los a cerca de três linhas do texto;
- Assinatura (Assina-se a cerca de três linhas abaixo do local e data).

TEXTOS TÉCNICOS

Uma das principais características de um texto técnico é a utilização de linguagem de especialidade, isto é, a linguagem utilizada numa dada área que engloba tanto a terminologia como as formas de expressão específicas da área em questão. A linguagem de especialidade não se limita apenas à terminologia; ela inclui termos funcionais (que descrevem operações ou processos), e propriedades sintáticas e gramaticais; adere a convenções próprias, tais como evitar a voz passiva (na maior parte dos textos técnicos) e o uso de terminologia consistente.

Texto científico/texto técnico: A distinção entre os dois tipos de texto em apreço não é fácil. São ambos tipos de texto em que prevalece a função referencial, ou informativa. Mas em que momento e a partir de que elementos podemos distinguir um texto técnico de um científico? Provavelmente temos de nos centrar um pouco na “cientificidade”, ou especialização, de um texto. Por exemplo, um artigo sobre uma nova cura para determinada doença que sai numa revista de grande tiragem é um texto científico? É, certamente, um texto de divulgação científica. Mas não é nem um texto técnico, nem um texto científico.

E se esse artigo estiver incluído num manual para estudantes de medicina ou de enfermagem? Antes de mais, terá a mesma linguagem? Estou certa de que não! Será um texto científico? Ou será um texto científico e, simultaneamente, técnico? Tem certamente muito de científico, mas deverá ter algo de técnico, com elementos que permitam ao aprendiz de médico ou de enfermeiro reconhecer a forma como a nova cura atua e evolui… E, já agora, se o artigo for apresentado numa conferência internacional dedicada à inovação no âmbito da medicina? Neste contexto, escrito por especialistas para especialistas, estaremos, certamente, perante o texto científico mais puro. A questão coloca-se se ainda será, ou se também será, um texto técnico. Do exposto poderá concluir-se que, mesmo tratando de áreas muito específicas do saber, nem todos os textos têm um cariz científico ou especializado, e essa especialização vai-se afunilando à medida que o destinatário se torna, também ele, mais especializado. Será que o percurso do texto técnico é semelhante? Será que é apenas um texto dito utilitário? Quando compramos um aparelho novo, as instruções que o acompanham são um texto técnico? Correspondem, sem dúvida, a um texto para o grande público, mas não me parece que, contrariamente ao que acontece com o texto científico com as características referidas acima, se possa dizer que se trata de um texto de divulgação.

Mas não haverá textos de divulgação sobre aquele aparelho? E o estudante que está a aprender a fazê-lo, ou o técnico que o pode arranjar, tem acesso a que tipo de textos? E o engenheiro que concebe e transforma os aparelhos, a que tipo de textos tem acesso, que tipo de textos produz? Voltando ao texto científico apresentado numa conferência internacional, que considerámos o mais científico dos textos que abordam uma área da ciência, não será também um texto técnico, dado que aborda, potencialmente, técnicas de cura? Em síntese, parece-me muito difícil distinguir, assim, “en passant”, texto técnico de texto científico. Creio mesmo que essa abordagem pode ser falaciosa. Há, porém, características que permitem identificá-los e isolá-los de outros tipos de textos: São ambos textos informativos; São ambos escritos por especialistas; Assumem ambos estilos e linguagens distintas consoante o público a que se destinam, sendo mais herméticos se o público-alvo é também especialista da área**.**

Geralmente utilizamos três tipos de textos: Narrativos, descritivos e dissertativos. Essa é a classificação tradicional, mas temos umainfinidade de gêneros textuais, tais como, manual de instrução,relatórios, resumos artigos,etc. O texto científico é o texto que revela pesquisa e rigos cientifico e tem como objetivo a publicação em revistas especializadas ou livros.

O texto cientifico é representado pelas monografias , pelas teses , resenhas e artigos científicos .

O texto técnico é o mais relativo àsprofissões.Éfundamental, nas atividades empresariais e é representado pelas atas, memorando,circulares, etc .

Redação técnica /cientifica: Apresentam características que são regidas pelos mesmos princípios básicos que orientam qualquer estruturação de qualquer texto escrito, ou seja;clareza, coesão e coerência, correção, obediência às normas gramaticais e objetividade.

O QUE É RESUMO?

Apresentação concisa dos pontos relevantes dos conteúdos e das conclusões do trabalho. Deve ser redigido na terceira pessoa do singular, com o verbo na voz ativa, compondo-se de uma sequência corrente de fases e não de uma enumeração de tópicos, não ultrapassando 1400 toques. Deve-se evitar o uso de parágrafos no meio do resumo, bem como de fórmulas, equações, diagramas e símbolos, optando-se, quando necessário, pela transcrição na forma extensa. Não deve incluir citações bibliográficas. Em geral é redigido no final, após o término do trabalho, pelo próprio autor, empregando termos geralmente aceitos e não os de uso particular.

Por que resumir um texto? Qual a finalidade?

Bom, a verdade é que se resumo não fosse bom, o professor não insistia em cobrar ou aconselhar que fosse feito!

Resumir é o ato de ler, analisar e traçar em poucas linhas o que de fato é essencial e mais importante para o leitor. Quando reescrevemos um texto, internalizamos melhor o assunto e não nos esquecemos dele. Afinal, não aprendemos com um simples passar de olhos pelas letras! Dessa forma, podemos até dizer que lemos o texto, mas quanto a assimilar... será difícil afirmar que sim!

O fato de sintetizar um texto ou capítulos longos pode se tornar um ótimo hábito e auxiliá-lo muito em todas as disciplinas, pois estará atento às ideias principais e se lembrará dos pontos chaves do conteúdo. Expor o texto em um número reduzido de linhas não parece ser fácil? Não se preocupe, a seguir estão alguns passos para se fazer um bom resumo e se dar bem:

- Faça uma primeira leitura atenciosa do texto, a fim de saber o assunto geral dele;
- Depois, leia o texto por parágrafos, sublinhando as palavras-chaves para serem a base do resumo;
- Logo após, faça o resumo dos parágrafos, baseando-se nas palavras-chaves já destacadas anteriormente;
- Releia o seu texto à medida que for escrevendo para verificar se as ideias estão claras e sequenciais, ou seja, coerentes e coesas.
- Ao final, faça um resumo geral deste primeiro resumo dos parágrafos e verifique se não está faltando nenhuma informação ou sobrando alguma;
- Por fim, analise se os conceitos apresentados estão de acordo com a opinião do autor, porque não cabem no resumo comentários pessoais.

Exemplo de Resumo(usar espaço simples)

Esta pesquisa tem por objetivo geral estudar as decisões relacionadas à atmosfera de lojas de varejo, à luz dos conceitos de marketing e da arquitetura, analisando a influência das variáveis atmosféricas sobre o comportamento do consumidor e nos objetivos específicos faz um detalhamento dos pontos pesquisados. No tocante à parte conceitual, faz considerações sobre a literatura específica relacionando os tópicos principais da teoria geral sobre o assunto. Para dar sustentação às teorias de base, buscou-se na psicologia a considerações pertinentes ao assunto, relacionando atmosfera de loja de varejo e comportamento do consumidor. Uma vez que a presente busca discutir estratégias de marketing para a configuração de espaços de lojas de varejo, tornou-se necessário, no campo da arquitetura, fazer um relacionamento das interfaces destas duas áreas. Seguiu-se à parte conceitual específica, disposição sobre os métodos de pesquisa utilizados, onde procurou-se mostrar o porque da pesquisa de campo, elaboração do protocolo, detalhes da coleta e análise dos dados, bem como a justificativa das empresas escolhidas. Neste ponto é feita a análise dos dois casos, explorando-se as constatações presentes nos relatórios das visitas aos casos selecionados. Este conclui-se com a conclusão e considerações finais feitas às empresas caso.

Conclusão

É importante ressaltar que, qualquer que seja o ramo da atividade, o profissional sabe que o êxito dele depende, além dos conhecimentos próprios da área, de sua habilidade na leitura, que resultará em competência quanto ao manejo da língua. Enfim, todo saber é adquirido e transmitido através desse instrumento primordial da comunicação humana na qual a leitura é uma das protagonistas.

Desta forma, para o nosso jovem, que vem em processo de formação constante, é papel primordial do educador e também dos responsáveis, criar interesses, orientar esforços e apontar caminhos em relação à prática de leitura, construindo-o como pessoa e cidadão esclarecido, crítico e exigente em relação à sociedade em que quer viver. Como diz Paulo Freire (p. 15, 1996): "Homens e mulheres são seres éticos, capazes de intervir no mundo, de comparar, de ajuizar, de decidir, de romper, de escolher, capazes de grandes ações...".

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o queé, como se faz**? São Paulo: edições Loyola, 1999.

BARTHES, Roland. *Mitologias*. São Paulo, Ática, 1985.

---------------------. et alii. *Análise estrutural da narrativa*. Petrópolis, Vozes, 1972.

BLIKSTEIN, Izidoro. *Técnicas de comunicação escrita*. 13 ed. São Paulo, Ática, 1995.

BELTRÃO, Odaci& BELTRÃO, Mariúsa. Correspondência: linguagem e comunicação: oficial comercial, bancária e particular. 21. ed. São Paulo: Altas, 2002.

FÁVERO, Leonor. *Coerência e coesão textuais*. 4. Ed. São Paulo, Ática, 1992.

FIORIN, Jose Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto: leitura e redação**. 16. ed. São Paulo: Atica, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996. POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na Escola?** Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil: 1996. PRETTI, Dino.

LIMA, Renira Lisboa de Moura. **Como se faz um resumo**. Maceió: EDUFAL, 1994.

MARTINS, Dileta Silveira; ZILBERKNOP, Lúbia Scliar. Português instrumental: de acordo com as atuais normas da ABNT. 25. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

MEDEIROS, João Bosco. **Português Instrumental**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

NEVES, Iara Conceição Bitencourt et al. (Org.). **Ler e escrever**: compromisso de todas as áreas. 2. Ed. Porto Alegre: Ed. Universidade, 1999.

SERAFIN, Maria Teresa. **Como escrever textos**. 3. Ed. São Paulo: Globo, 1989.

SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura. 6. Ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TRAVAGLIA, LUIZ CARLOS **A COERÊNCIA TEXTUAL**

Português – começando do ZERO

Verbo (definição):

Em sentido estrito, verbo é, pois, uma palavra variável capaz de exprimir "uma ação, um estado, um fenômeno da natureza ou um fato".

Ainda podemos dizer que verbo é a palavra que apresenta o maior número de flexões:

Elementos estruturais do verbo

São os seguintes os elementos mórficos formadores do verbo: radical, vogal temática, tema e desinências modo-temporal e número-pessoal.

Português – começando do ZERO

Verbo

Radical

É o elemento mórfico verbal principal, pois contém a significação do verbo. Nos verbos, o radical representa a parte imutável, que traz consigo a semântica verbal.

* cantar → **cant** – ar   * vender → **vend** – er

Português – começando do ZERO

Verbo:

Vogal temática

É o elemento mórfico vocálico que se junta ao radical para formar o tema verbal. Nos verbos, a vogal temática situa-se entre o radical e a desinência do infinitivo impessoal "-r".

* cant A r
* vend E r
* sa I r

Português – começando do ZERO

Verbo:

Tema

É o conjunto formado pelo radical mais a vogal temática. Nos verbos, basta a retirada da desinência do infinitivo impessoal "-r" para se obter o tema.

* falar → fala   * caber → cabe   * abrir → abri

Português – começando do ZERO

Verbo:

Desinências

São elementos mórficos que se acoplam ao tema ou à forma infinita do verbo para indicar as flexões de modo, tempo, número e pessoal. Há em português duas desinências verbais:

Português – começando do ZERO

Verbo:

Desinências

a) Desinência modo-temporal → Indica o modo (indicativo, subjuntivo ou imperativo) e o tempo (presente, passado ou futuro) em que se encontra o verbo.

* cantávamos → canta – **VA** – mos (desinência que indica o "pretérito imperfeito do indicativo")

Português – começando do ZERO

Verbo:

Desinências

b) Desinência número-pessoal → Indica o número (singular ou plural) e a pessoa (1ª, 2ª ou 3ª) em que o verbo se encontra.

* cantastes → cantas – **TES** (desinência que indica a 2ª pessoa do plural – vós)

Português – começando do ZERO

Verbo:

Desinências

b) Desinência número-pessoal → Indica o número (singular ou plural) e a pessoa (1ª, 2ª ou 3ª) em que o verbo se encontra.

* cantastes → cantas – **TES** (desinência que indica a 2ª pessoa do plural – vós)

Português – começando do ZERO

Verbo :

FLEXÕES:

1. Modo (indicativo, subjuntivo e imperativo)
2. Tempo (presente, pretérito e futuro)
3. Pessoa (1ª, 2ª e 3ª)
4. Número (singular e plural)
5. Voz (ativa, passiva e reflexiva)

Português – começando do ZERO

Flexões de modo:

I – INDICATIVO

O modo indicativo é o modo da realidade: serve para enunciar um fato ou um estado verdadeiros ou supostos verdadeiros, em orações independentes ou dependentes, declarativas, interrogativas ou exclamativas, quer afirmando, quer negando.

Português – começando do ZERO

Flexões de modo:

I – INDICATIVO

* "Quem **canta** seus males **espanta**." (Provérbio)

* "Em certos pontos não se **encontrava** viva alma na rua; (...) ;só os pretos **faziam** as compras para o jantar ou **andavam** no ganho."(Aluísio Azevedo)

Português – começando do ZERO

Flexões de modo:

II – SUBJUNTIVO

O modo subjuntivo (antigo "modo conjuntivo") é o modo próprio da incerteza, da possibilidade, da dúvida, da futuridade, da vontade, do desejo, da esperança, da suposição, da concessão.

Português – começando do ZERO

Flexões de modo:

II – SUBJUNTIVO

* "Eu vou para Coimbra logo que **esteja** bom, e a menina da cidade fica em sua casa." (Camilo Castelo Branco)

* "Não me parece bonito que o nosso Bentinho **ande** metido nos cantos com a filha do Tartaruga." (Machado de Assis)

Português – começando do ZERO

Flexões de modo:

III – IMPERATIVO

O modo imperativo serve para expressar uma ordem, um preceito, um conselho, uma exortação, um pedido, um convite.

Português – começando do ZERO

Flexões de modo:

III – IMPERATIVO

* "Agora **escutai** e **respondei** sinceramente às minhas perguntas." (A. Herculano)

* "**Guardai** o meu sábado, porque ele deve ser santo para vós." (Bíblia Sagrada)

Português – começando do ZERO

III – IMPERATIVO AFIRMATIVO (formação)

PRESENTE DO INDICATIVO		IMPERATIVO AFIRMATIVO		PRESENTE DO SUBJUNTIVO
vivo		–		viva
vives	➔	**VIVE (tu)**		vivas
vive		**VIVA (você)**	🡐	viva
vivemos		**VIVAMOS (nós)**	🡐	vivamos
viveis	➔	**VIVEI (vós)**		vivais
vivem		**VIVAM (vocês)**	🡐	vivam

Português – começando do ZERO

III – IMPERATIVO AFIRMATIVO (formação)

A) Comprar um livro

Imperativo 2ª pessoa → ____________________

Imperativo 3ª pessoa → ____________________

Português – começando do ZERO

III – IMPERATIVO NEGATIVO (formação)

PRESENTE DO SUBJUNTIVO		IMPERATIVO NEGATIVO
viva		–
vivas	→	**não VIVAS (tu)**
viva	→	**não VIVA (você)**
vivamos	→	**não VIVAMOS (nós)**
vivais	→	**não VIVAIS (vós)**
vivam	→	**não VIVAM (vocês)**

Português – começando do ZERO

III – IMPERATIVO NEGATIVO (formação)

A) Não comprar um livro

Imperativo negativo 2ª pessoa → ________________

Imperativo negativo 3ª pessoa → ________________

Português – começando do ZERO

Flexões de tempo:

*** Pretérito imperfeito do indicativo →falava, bebia, partia.**

*** Presente do subjuntivo → fale, beba, parta.**

*** Imperativo → fala, bebe, parte.**

*** Pretérito mais-que-perfeito do indicativo → falara, bebera, partira.**

Português – começando do ZERO

Flexões de tempo:

* **Pretérito imperfeito do subjuntivo → falasse, bebesse, partisse.**

* **Futuro do subjuntivo → partir, beber, partir.**

* **Futuro do presente do indicativo → falarei, beberei, partirei.**

* **Futuro do pretérito do indicativo → falaria, beberia, partiria.**

Português – começando do ZERO

Flexões de tempo:

* **Infinitivo pessoal → falarem, beberem, partirem**

* **Gerúndio → falando, bebendo, partindo.**

* **Particípio → falado, bebido, partido.**

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

1. Presente

Emprega-se o presente do indicativo para indicar um fato que se realiza no momento em que se fala:

* Ele *estuda* Português. A lição não *é* fácil.

Nem sempre, porém, indica fato ou ação contemporânea ao mo-mento em que se fala. Pode-se ainda empregá-lo para:

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

1. Presente

a) descrever um fato ou estado permanente: O Sol *aquece* a Terra. Maria *é* mãe de Jesus. As leis do Universo *são* imutáveis.

b) indicar ação habitual ou que se pratica constantemente: Maria *fuma* demais. *Vou* ao cinema todos os domingos.

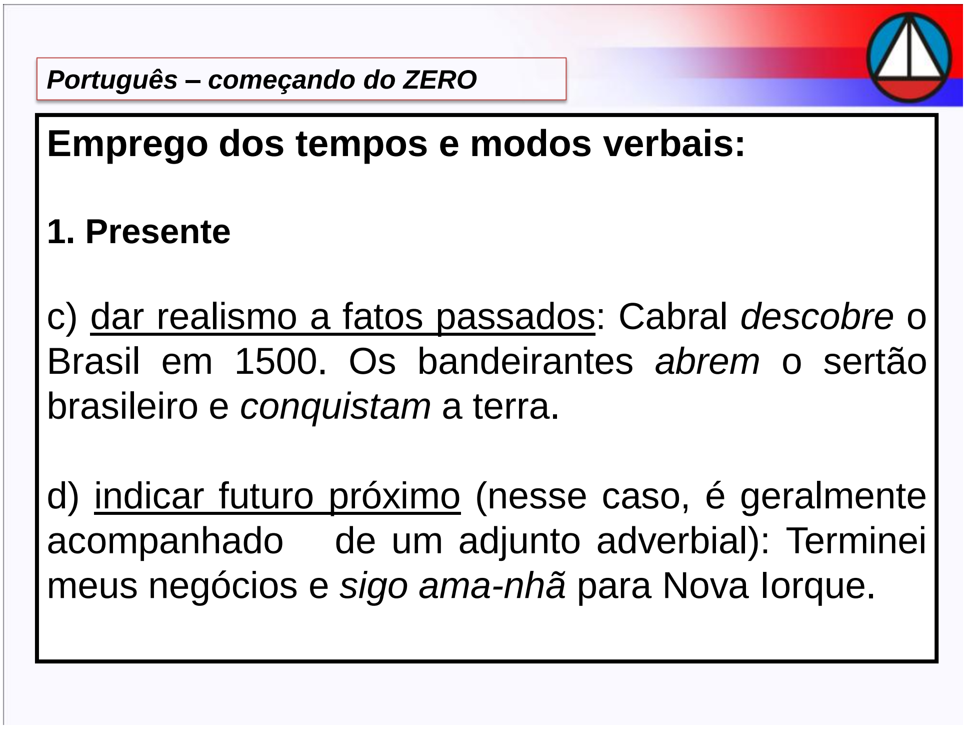

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

1. Presente

c) dar realismo a fatos passados: Cabral *descobre* o Brasil em 1500. Os bandeirantes *abrem* o sertão brasileiro e *conquistam* a terra.

d) indicar futuro próximo (nesse caso, é geralmente acompanhado de um adjunto adverbial): Terminei meus negócios e *sigo ama-nhã* para Nova Iorque.

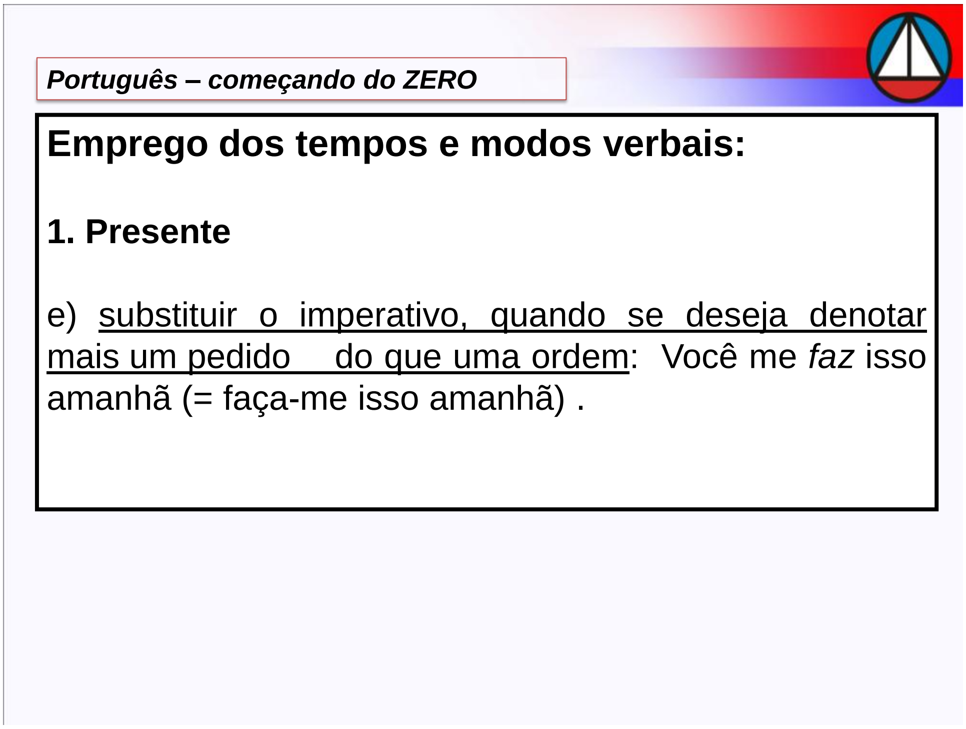

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

1. Presente

e) substituir o imperativo, quando se deseja denotar mais um pedido do que uma ordem: Você me *faz* isso amanhã (= faça-me isso amanhã) .

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

2. Pretérito imperfeito

O pretérito imperfeito indica uma ação passada em relação ao momento em que se fala, porém presente em relação a outro fato passado.

Emprega-se o pretérito imperfeito para:

a) descrever fatos freqüentes ou repetidos no passado: Quando *era* criança *ia* sempre à casa de vovó, onde *brincava* com Maria.

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

2. Pretérito imperfeito

b) designar fatos indicando continuidade no passado: As diversas tribos que *habitavam* o continente americano *eram* de cultura diferente; algumas *caçavam* e *pescavam,* ao passo que outras já *tinham* conhecimento de agricultura.

c) descrever pessoas, fatos ou coisas no passado: Ela *parecia* inteligente. O rio *fazia* uma pequena curva antes de cair em catarata.

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

2. Pretérito imperfeito

d) indicar época ou tempo no passado: *Era* época da seca quando José deixou o Nordeste. *Eram* seis horas da tarde quando Ana telefonou.

e) indicar, entre duas ou mais ações simultâneas, qual estava ocor-rendo quando sobreveio a outra (nesse caso, o segundo verbo é geralmente usado no pretérito perfeito simples): Pedro *entrava* quando eu *saí. Conversávamos* quando a criança *caiu.*

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

2. Pretérito imperfeito

f) expressar freqüência, repetição, causa e conseqüência (nesse caso, os verbos vêm ambos no pretérito imperfeito): Eu *saía* quando ele *entrava.*

g) descrever ação planejada e não realizada: Eu *ia* passear, mas começou a chover e desisti. *Pretendíamos* falar com ele, mas não tivemos tempo.

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

2. Pretérito imperfeito

h) narrar fábulas, lendas ou contos, situando-os no passado (nesse caso, usa-se o pretérito imperfeito do verbo *ser): Era* uma vez um príncipe. ..

i) indicar um só fato preciso no passado, quando a época ou a data em que ocorreu a ação vem claramente mencionada: Duas horas depois de receber o telegrama, Geraldo *partia* do aeroporto de Congonhas. Passado o tempo exigido por lei, João se *naturalizava.*

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

3. Pretérito perfeito simples

O pretérito perfeito simples indica uma ação, geralmente não habitual, concluída antes do ato de falar; o fato começou e terminou no passado, seja passado remoto ou próximo: *Fui* ao mercado hoje de manhã. *Estive* com ele em 1980.

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

4. Pretérito perfeito composto

O pretérito perfeito composto indica a repetição ou a continuidade de um fato iniciado no passado e que ainda se realiza no presente, vindo acompanhado de adjuntos adverbiais como *desde, ultimamente, esses dias* etc.:

* *Tenho feito* tudo por ele *desde* que quebrou o braço. Não *temos tido* sorte *ultimamente.*

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

5. Pretérito mais-que-perfeito simples

O pretérito mais-que-perfeito simples expressa um fato já concluído antes de outro também no passado.

a) em situações formais na língua escrita: *Viera* especialmente para o concerto.

b) para substituir o pretérito imperfeito do subjuntivo: Comportou-se como se *fora* (= fosse) senhora das terras.

c) em certas frases exclamativas: Quem me *dera* ser rico!

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

5. Pretérito mais-que-perfeito simples

O pretérito mais-que-perfeito composto é empregado, como o sim-ples, para expressar um fato já concluído antes de outro também no passado. É usado na língua falada e, em geral, também na escrita:

* *Tinha vindo* especialmente para o concerto.

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

6. Futuro do presente simples

O futuro do presente simples é usado para indicar um fato futuro em relação ao momento em que se fala: *Irei* à praia neste fim de semana. Emprega-se também para:

a) indicar fatos de realização provável, pois estão mediante certa condição: Se ele vier, *falarei* com ele.

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

6. Futuro do presente simples

b) indicar incerteza, dúvida, suposição: *Será* possível uma coisa des-sas? *Estarei* eu aqui pela providência divina?

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

Observação

O futuro do presente simples é comumente substituído, na língua falada, por locuções verbais (conjunto inseparável formado de um verbo auxiliar e de um principal usado no infinitivo, no particípio ou no gerúndio), como, por exemplo:

→ O presente do indicativo do verbo *haver,* mais preposição *de,* mais infinitivo impessoal do verbo principal para exprimir intenção:

* *Hei de falar* com ele antes do fim do mês.

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

8. Futuro do presente composto

O futuro do presente composto indica:

a) ação futura consumada antes de outra também futura:

* Já *teremos terminado* o trabalho quando eles chegarem.

b) possibilidade de uma ação já ter se consumado:

* Já *terão saído?*

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

9. Futuro do pretérito simples

Usa-se o futuro do pretérito simples:

a) para indicar um fato futuro em relação a um fato passado: Ele prometeu a Maria que *chegaria* antes das seis.

b) quando a oração subordinada revela um fato não realizado ou que talvez não se realize: *Iríamos* se ele permitisse.

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

9. Futuro do pretérito simples

c) para exprimir incerteza ou dúvida sobre fatos passados: Quem *estaria* lá? Ele *teria* uns vinte anos quando se casou.

d) em certas orações exclamativas ou interrogativas que denotam surpresa ou indignação: Nunca *agiríamos* dessa maneira! *Seria* possível uma calúnia dessas?

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

9. Futuro do pretérito simples

e) em tom polido, denotando desejo presente: *Gostariam* de ir conosco? *Poderia* emprestar-me esse livro?

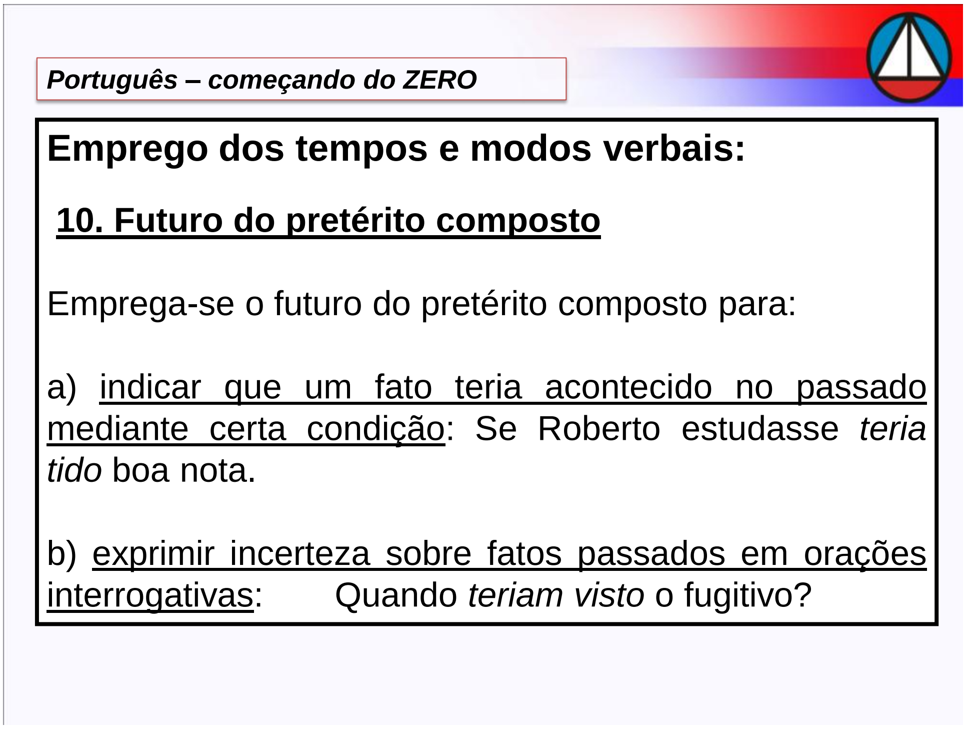

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

10. Futuro do pretérito composto

Emprega-se o futuro do pretérito composto para:

a) indicar que um fato teria acontecido no passado mediante certa condição: Se Roberto estudasse *teria tido* boa nota.

b) exprimir incerteza sobre fatos passados em orações interrogativas: Quando *teriam visto* o fugitivo?

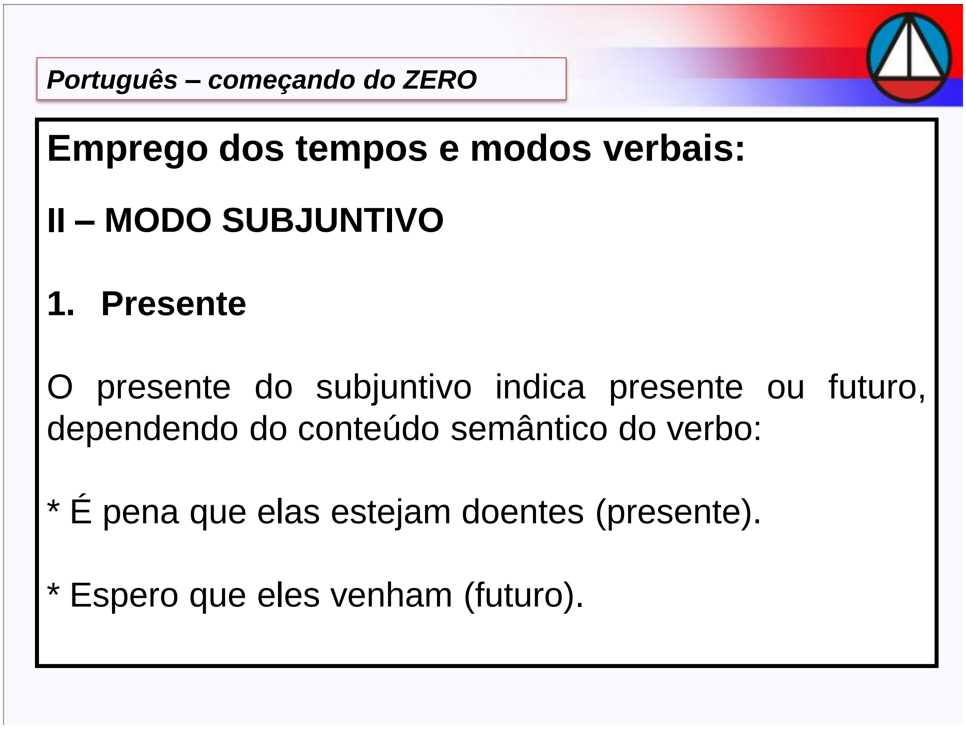

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

II – MODO SUBJUNTIVO

1. Presente

O presente do subjuntivo indica presente ou futuro, dependendo do conteúdo semântico do verbo:

* É pena que elas estejam doentes (presente).

* Espero que eles venham (futuro).

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

2. Pretérito imperfeito do subjuntivo

O pretérito imperfeito do subjuntivo indica uma ação simultânea ou futura em relação ao tempo do verbo da oração principal (que pode ser o pretérito perfeito simples, o pretérito imperfeito ou o futuro do pretérito do indicativo):

* Duvidei que ele terminasse o trabalho.

* Eu queria que ela fosse logo.

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

5. Futuro do subjuntivo

O futuro simples do subjuntivo indica eventualidade no futuro, sendo que o verbo da oração principal pode estar no presente ou no futuro do presente do indicativo:

* Posso levar o que *quiser.*

* Poderei levar o que *quiser.*

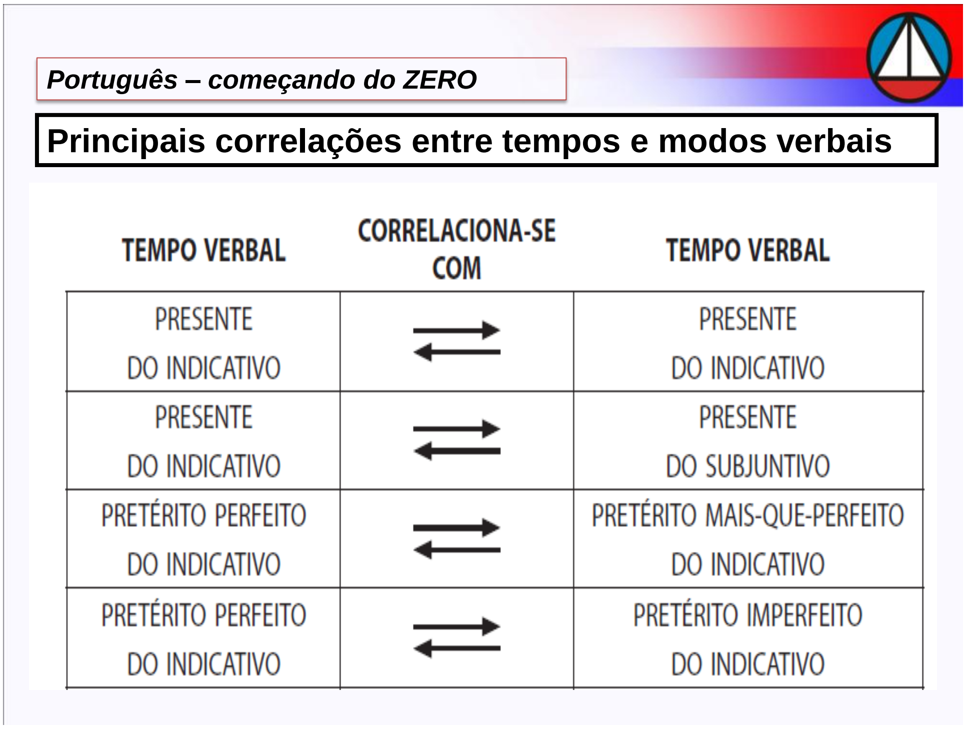

Português – começando do ZERO

Principais correlações entre tempos e modos verbais

TEMPO VERBAL	CORRELACIONA-SE COM	TEMPO VERBAL
PRESENTE DO INDICATIVO	⇄	PRESENTE DO INDICATIVO
PRESENTE DO INDICATIVO	⇄	PRESENTE DO SUBJUNTIVO
PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO
PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO

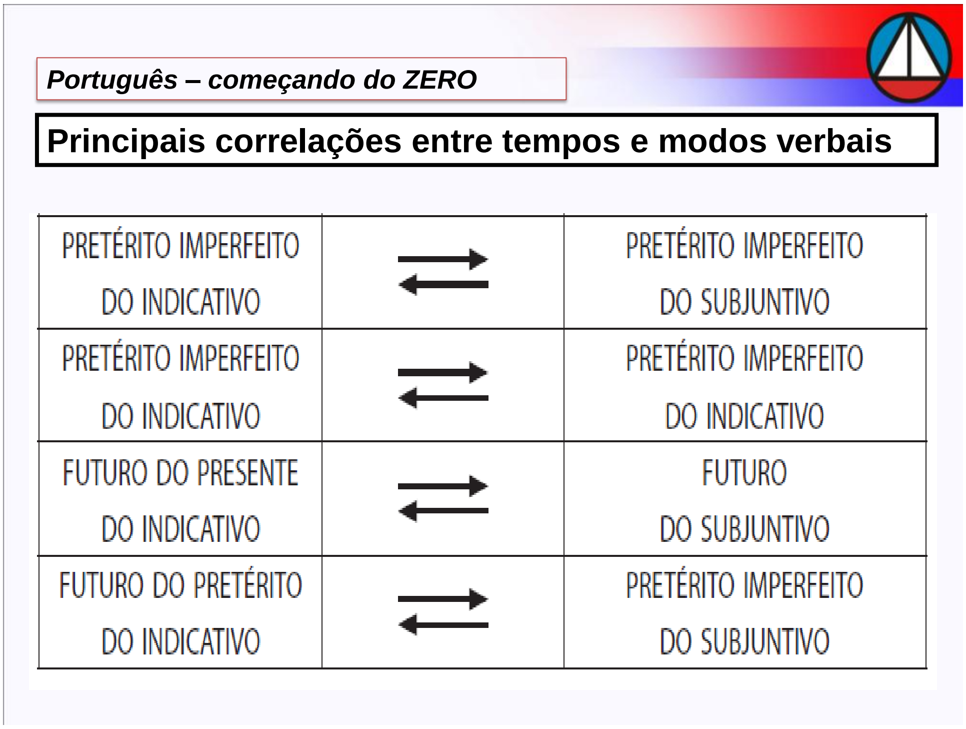

Português – começando do ZERO

Principais correlações entre tempos e modos verbais

PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO
PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO
FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO	⇄	FUTURO DO SUBJUNTIVO
FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO

Português – começando do ZERO

Correlações/articulações entre tempos e modos verbais (exemplos):

1. Sempre haverá quem preferirá ter-se omitido diante da violência de que venha a ser vítima.

2. Houve sempre quem preferisse omitir-se diante da violência de que tivesse sido vítima.

3. Há sempre quem prefere se omitir diante da violência de que venha a ser vítima.

Português – começando do ZERO

Correlações/articulações entre tempos e modos verbais (exemplos):

4. Havia sempre quem preferia se omitir diante da violência de que foi vítima.

5. Sempre há quem prefere se omitir diante da violência de que venha a ser vítima.

Português – começando do ZERO

Correlações/articulações entre tempos e modos verbais (corrija as estruturas abaixo):

1. A pesquisa de Johnson analisou um fenômeno que constituísse uma verdadeira obsessão que caracterize o homem moderno: o fascínio pela TV.

2. Se não variassem de cultura para cultura, as regras de convívio terão alcançado, efetivamente, a chamada validade universal.

Português – começando do ZERO

Correlações/articulações entre tempos e modos verbais (corrija as estruturas abaixo):

3. Sugere-se, nessa pesquisa, que o fato de nos aprisionarmos em nossa sala de TV fosse o responsável pela nossa predisposição a que cometêramos atos violentos.

4. Se de fato viéssemos a nos contentar com o que somos, as inúmeras janelas abertas pela TV não terão a mesma força de atração que as pesquisas demonstrassem.

Português – começando do ZERO

LOCUÇÕES VERBAIS

Também chamadas de "perífrases verbais", as locuções verbais servem para denotar ideias acessórias da ação verbal, frequentemente não contempladas pelos tempos simples e compostos.

a) Verbo auxiliar SER mais o PARTICÍPIO → formação de locuções verbais da voz passiva de ação;

* Eles **foram atacados** por várias abelhas enquanto caminhavam pela fazenda.

Português – começando do ZERO

LOCUÇÕES VERBAIS

b) Verbo auxiliar TER mais preposição DE mais INFINITIVO → formação de locução verbal que denota "obrigação, compromisso, fato infalível".

* O Brasil **tem de** ser um país menos desigual.

Português – começando do ZERO

LOCUÇÕES VERBAIS

c) Verbos auxiliares "COMEÇAR A, ENTRAR A, PASSAR A" mais INFINITIVO → formação de locuções verbais que indicam momento inicial de uma ação.

* O trem **começou a partir**, e todos, emocionados, despediam-se dos soldados.

Português – começando do ZERO

LOCUÇÕES VERBAIS

d) Verbos auxiliares "ANDAR, ESTAR, FICAR, IR, VIR" mais GERÚNDIO → formação de locuções verbais que indicam duração, continuação, progressão.

* Já **vem chegando** o inverno com seu frio, suas chuvas.

Português – começando do ZERO

LOCUÇÕES VERBAIS

e) Verbo auxiliar "DEVER" mais INFINITIVO → formação de locução verbal que indica necessidade, obrigação.

* " O almirante não **deve falar** assim... A pátria está logo abaixo da humanidade." (Lima Barreto)

Português – começando do ZERO

LOCUÇÕES VERBAIS

f) Verbo auxiliar IR mais GERÚNDIO → formação de locução verbal que indica uma ação em decurso, em ocorrência, em desenvolvimento gradual.

* " Meu coração é um almirante louco
que abandonou a profissão do mar
e que a **vai relembrando** pouco a pouco
em casa a passear, a passear ..." (Fernando Pessoa)

Classificação morfológica dos verbos

Quanto à terminação

Os verbos podem ser:

1ª CONJUGAÇÃO → ar
2ª CONJUGAÇÃO → er
3ª CONJUGAÇÃO → ir

Classificação morfológica dos verbos

Quanto à flexão ou à conjugação

Os verbos podem ser REGULARES, IRREGULARES, DEFECTIVOS, ABUNDANTES e PRONOMINAIS.

1) Verbo regular é aquele cujo tema permanece invariável.

Português – começando do ZERO

Classificação morfológica dos verbos

2) Verbo irregular é aquele que não segue o paradigma regular de sua conjugação.

3) Verbo defectivo é aquele que não apresenta todos os modos, tempos ou pessoas próprios dos verbos.

4) Verbo abundante é aquele que apresenta mais de uma forma de conjugação para certos tempos, modos ou pessoas.

Português – começando do ZERO

Classificação morfológica dos verbos

5. Verbo pronominal é aquele que só é conjugado com o auxilio de um pronome pessoal oblíquo, átono.

Português – começando do ZERO

Classificação morfológica dos verbos

Quanto à função

Os verbos são classificados em AUXILIARES e PRINCIPAIS.

1. Verbo auxiliar é aquele que, empregado ao lado de uma forma nominal do verbo (infinitivo, gerúndio ou particípio), formará as locuções verbais e os tempos compostos.

Português – começando do ZERO

Classificação morfológica dos verbos

Quanto à função

2. Verbo principal é, como o próprio nome já o diz, aquele de significação plena e que funciona como núcleo de uma oração.

Português – começando do ZERO

Classificação morfológica dos verbos

Quanto à formação

Os verbos são classificados em PRIMITIVOS e DERIVADOS.

1. Verbo primitivo é aquele que não foi formado por nenhum outro verbo pré-existente.

2. Verbo derivado é aquele que foi formado a partir de outro verbo pré-existente.

Português – começando do ZERO

PARADIGMAS ESPECIAIS PARA A CONJUGAÇÃO VERBAL

Português – começando do ZERO

Conjugação de verbos derivados

Regra:

A conjugação do verbo derivado segue a conjugação do seu verbo primitivo.

Ex.:

TER → deter, reter, entreter, ater-se etc.
PÔR → compor, interpor, supor, apor etc.

Português – começando do ZERO

Conjugação dos verbos terminados nos hiatos

-air** → **sair, cair, abstrair
-oer** → **roer, moer, doer
-uir** → **possuir, constituir, restituir

Regra:

A 3ª pessoa do singular do presente do indicativo apresenta a desinência "i" e jamais "e".

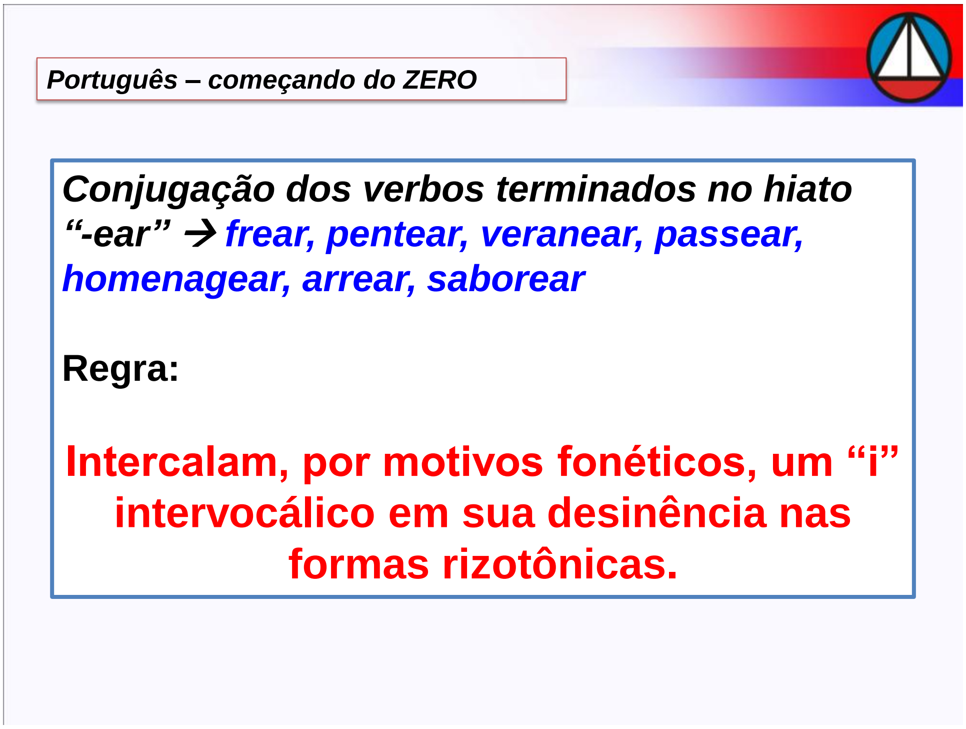

Português – começando do ZERO

Conjugação dos verbos terminados no hiato "-ear" → frear, pentear, veranear, passear, homenagear, arrear, saborear

Regra:

Intercalam, por motivos fonéticos, um "i" intervocálico em sua desinência nas formas rizotônicas.

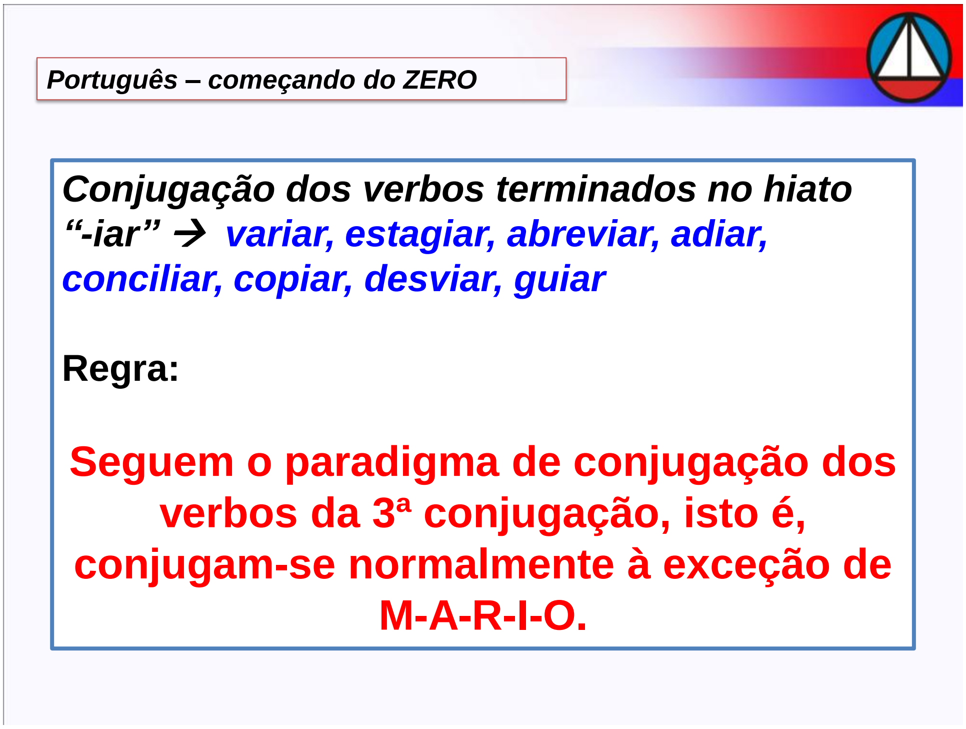

Português – começando do ZERO

Conjugação dos verbos terminados no hiato "-iar" → variar, estagiar, abreviar, adiar, conciliar, copiar, desviar, guiar

Regra:

Seguem o paradigma de conjugação dos verbos da 3ª conjugação, isto é, conjugam-se normalmente à exceção de M-A-R-I-O.

Português – começando do ZERO

M → mediar

A → ansiar

R → remediar

I → incendiar

O → odiar

Intercalam um “E” eufônico nas formas rizotônicas

Português – começando do ZERO

Verbo ANSIAR (presente do indicativo)

EU	***ANSEIO***
TU	***ANSEIAS***
ELE	***ANSEIA***
NÓS	***ANSIAMOS***
VÓS	***ANSIAIS***
ELES	***ANSEIAM***

Português – começando do ZERO

Verbo MEDIAR (presente do subjuntivo)

Que...

EU	*MEDEIE*
TU	*MEDEIES*
ELE	*MEDEIE*
NÓS	*MEDIEMOS*
VÓS	*MEDIEIS*
ELES	*MEDEIEM*

Português – começando do ZERO

Conjugação de verbos terminados nos hiatos "-oar" e "-uar" → abençoar, voar, leiloar, continuar, suar, atenuar

Regra:

Apresentam a letra "E" em todas as formas do presente do subjuntivo

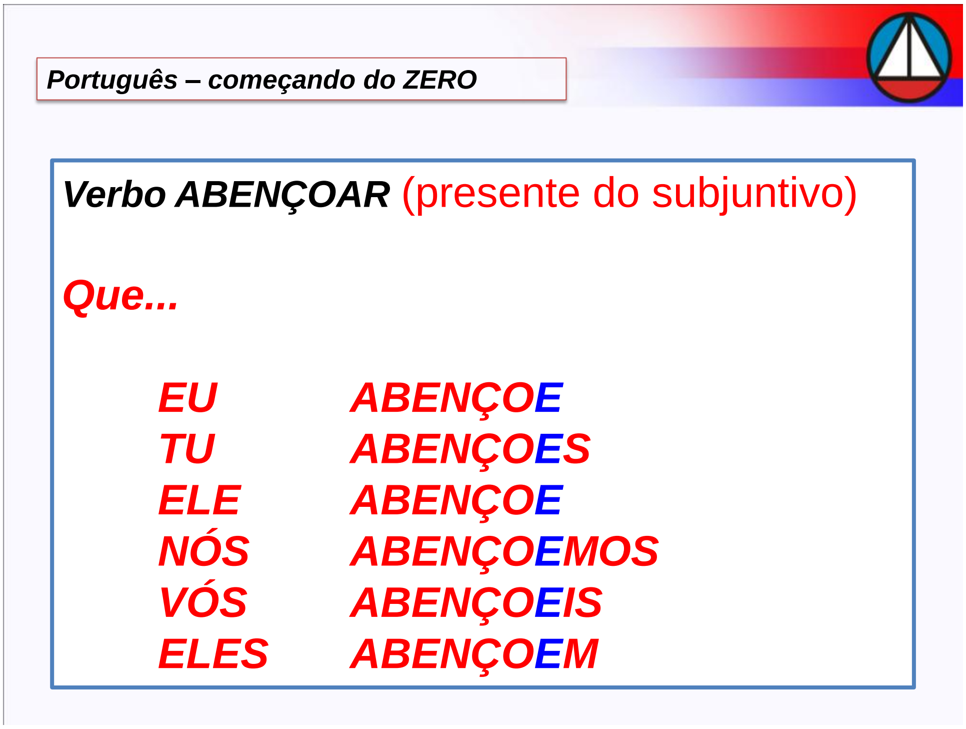

Português – começando do ZERO

Verbo ABENÇOAR (presente do subjuntivo)

Que...

EU	ABENÇOE
TU	ABENÇOES
ELE	ABENÇOE
NÓS	ABENÇOEMOS
VÓS	ABENÇOEIS
ELES	ABENÇOEM

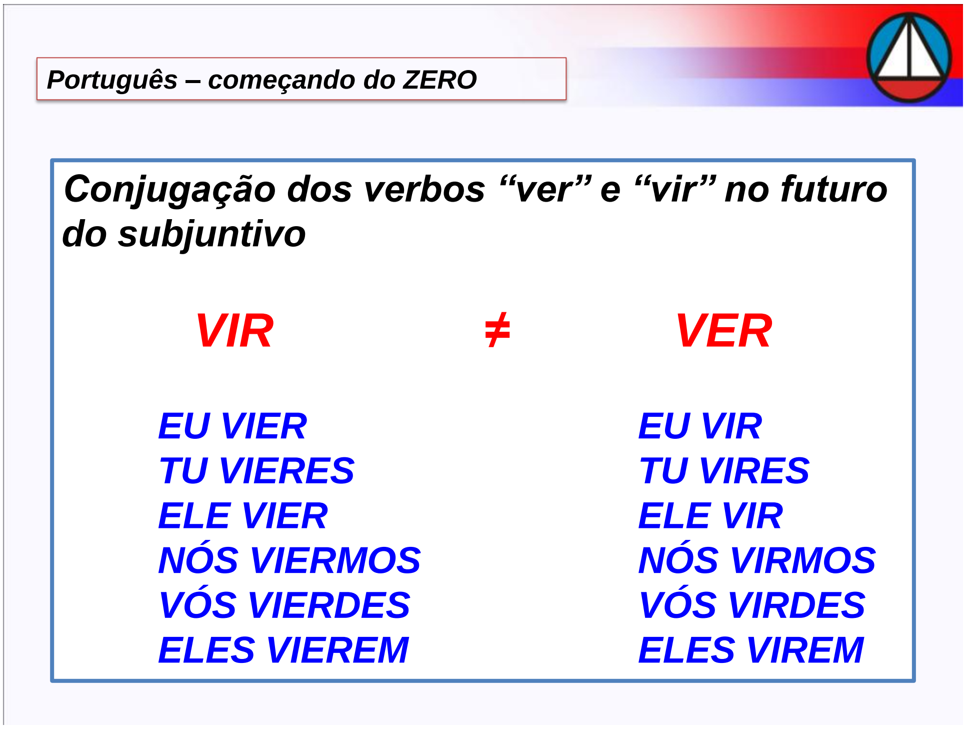

Português – começando do ZERO

Conjugação dos verbos “ver” e “vir” no futuro do subjuntivo

VIR	≠	VER
EU VIER		EU VIR
TU VIERES		TU VIRES
ELE VIER		ELE VIR
NÓS VIERMOS		NÓS VIRMOS
VÓS VIERDES		VÓS VIRDES
ELES VIEREM		ELES VIREM

Português – começando do ZERO

Conjugação de verbos defectivos (importantes para os concursos promovidos pela FCC):

1º GRUPO → Verbos que não possuem a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.

abolir, colorir, delinquir, demolir, exaurir (esgotar, acabar), extorquir, soer (costumar, acontecer com frequência), urgir (ser urgente), tinir (soar)”.

Português – começando do ZERO

Conjugação de verbos defectivos (importantes para os concursos promovidos pela FCC):

2º GRUPO → Verbos que, no presente do indicativo, só possuem as pessoas “nós” e “vós”.

reaver, precaver, aguerrir, adequar, empedernir (petrificar), remir (resgatar), fornir (abastecer, prover), falir, embair (iludir, seduzir), adir (acrescentar, adicionar), renhir (disputar, pleitear)

Português – começando do ZERO

01. (FCC – TRF 4ª - Analista Judiciário) Estão inteiramente corretas a forma e a flexão dos verbos na frase:

(A) A boa ficção não institue fantasias gratuitas; ela aprende o real por meio da mais fecunda imaginação.
(B) Embora muitos diverjam, não há por que não admitir que um romance policial reuna vários atributos estéticos.
(C) Embora não sejam propriamente ficções, os bons documentários propisciam a abertura de novos horizontes do real.

Português – começando do ZERO

01. (FCC – TRF 4ª - Analista Judiciário) Estão inteiramente corretas a forma e a flexão dos verbos na frase:

(D) Se achamos que a vida dos afegãos não tem nada haver com a nossa, o autor lembra que a história de Amir conflue para a de muita gente.
(E) Muitos autores entremeiam realidade e imaginação em suas narrativas para proverem a ficção dos mais estimulantes atrativos.

Português – começando do ZERO

02.(FCC – TJ/PE – Analista Judiciário) Estão adequados o emprego e a flexão de todas formas verbais na frase:

(A) Se as pesquisas bem realizadas sempre intervissem no comportamento das pessoas, o estudo ao qual se aplicou Johnson teria algum efeito sobre o público.
(B) Imergem da pesquisa de Johnson alguns dados reveladores quanto à ação da TV sobre nós, mas é possível que outros fatores hajam de modo determinante sobre o nosso comportamento.
(C) Quem revir as várias pesquisas sobre a relação entre TV e comportamento haverá de se deparar com resultados que talvez constituam motivo para algum alarme.

Português – começando do ZERO

02.(FCC – TJ/PE – Analista Judiciário) Estão adequados o emprego e a flexão de todas formas verbais na frase:

(D) Jamais conviu às emissoras de TV divulgar essas pesquisas, que quase sempre as encriminam como responsáveis pela multiplicação da violência social.
(E) Se as violências que provêem do hábito de assistir à TV se saneiassem por conta de alguma regulamentação governamental, seria o caso de pedir providências às autoridades.

Português – começando do ZERO

03. (FCC) A forma verbal que, além de corretamente flexionada, indica **fato passado anterior a outro, também passado**, está grifada na frase:

(A) Para que se precavissem os efeitos prejudiciais ao meio ambiente, interromperam-se as queimadas na região.
(B) Após a derrubada da mata, sobreviram alterações significativas no clima de toda a área, antes coberta por ela.
(C) O especialista ativera-se à análise dos dados obtidos, para defender o programa de responsabilidade ambiental.

Português – começando do ZERO

03. (FCC) A forma verbal que, além de corretamente flexionada, indica **fato passado anterior a outro, também passado**, está grifada na frase:

(D) Proporam-se medidas de combate à degradação da floresta, porém os resultados danosos já haviam se instalado em toda a área.
(E) Se não fosse imediatamente interrompido o corte das árvores, a região transformar-se-ia numa extensa área desertificada.

Português – começando do ZERO

04.(FCC) Estão corretos o emprego e a flexão de todas as formas verbais na frase:

(A) Se os homens dessem ouvido à consciência e contessem seus instintos, as relações sociais seriam mais harmoniosas.
(B) Aos homens nunca aprouve respeitar os princípios coletivos quando não prescrita uma punição para quem viesse a menosprezá-los.
(C) Se os cidadãos elegerem princípios e convirem que estes são justos, só os infligirá quem se valer de má fé.

Português – começando do ZERO

04.(FCC) Estão corretos o emprego e a flexão de todas as formas verbais na frase:

(D) No caso de evidente erro judiciário, deve-se ratificar a sanção aplicada para que a punição injusta não constitue um argumento a favor da impunidade.
(E) Quando todos revirmos o papel social que nos cabe e nos dispormos a exercê-lo de fato, nenhum caso de impunidade será tolerado.

Português – começando do ZERO

05.(FCC) Estão corretos o emprego e a flexão de todas as formas verbais na frase:

(A) Se os homens dessem ouvido à consciência e contessem seus instintos, as relações sociais seriam mais harmoniosas.
(B) Aos homens nunca aprouve respeitar os princípios coletivos quando não prescrita uma punição para quem viesse a menosprezá-los.
(C) Se os cidadãos elegerem princípios e convirem que estes são justos, só os infligirá quem se valer de má fé.

Português – começando do ZERO

05.(FCC) Estão corretos o emprego e a flexão de todas as formas verbais na frase:

(D) No caso de evidente erro judiciário, deve-se ratificar a sanção aplicada para que a punição injusta não constitue um argumento a favor da impunidade.
(E) Quando todos revirmos o papel social que nos cabe e nos dispormos a exercê-lo de fato, nenhum caso de impunidade será tolerado.

Português – começando do ZERO

06.(FCC) Está correta a flexão de todas as formas verbais na frase:

(A) Não é verdade que os portugueses do século XV engulissem as vogais ou chiassem nas consoantes.
(B) Sempre serão bem-vindos os imigrantes que chegarem ao Brasil, em qualquer época, e trazerem para nós as marcas de sua língua e de sua cultura.
(C) Caso a incorporação de termos estrangeiros não convisse aos falantes de um idioma, estes não haveriam de os aproveitar.

Português – começando do ZERO

06.(FCC) Está correta a flexão de todas as formas verbais na frase:

(D) Se alguém rever os textos do português arcaico, se espantará com a profusão de termos que ainda freqüentam a fala brasileira em muitas regiões do país.
(E) Foram-se somando ao português do Brasil, ao longo dos séculos, os traços que advieram das línguas dos que para cá emigraram.

Português – começando do ZERO

Verbo (definição):

Em sentido estrito, verbo é, pois, uma palavra variável capaz de exprimir "uma ação, um estado, um fenômeno da natureza ou um fato".

Ainda podemos dizer que verbo é a palavra que apresenta o maior número de flexões:

Elementos estruturais do verbo

São os seguintes os elementos mórficos formadores do verbo: radical, vogal temática, tema e desinências modo-temporal e número-pessoal.

Português – começando do ZERO

Verbo

Radical

É o elemento mórfico verbal principal, pois contém a significação do verbo. Nos verbos, o radical representa a parte imutável, que traz consigo a semântica verbal.

* cantar → **cant** – ar

* vender → **vend** – er

Português – começando do ZERO

Verbo:

Vogal temática

É o elemento mórfico vocálico que se junta ao radical para formar o tema verbal. Nos verbos, a vogal temática situa-se entre o radical e a desinência do infinitivo impessoal "-r".

* cant A r
* vend E r
* sa I r

Português – começando do ZERO

Verbo:

Tema

É o conjunto formado pelo radical mais a vogal temática. Nos verbos, basta a retirada da desinência do infinitivo impessoal "-r" para se obter o tema.

* falar → fala   * caber → cabe   * abrir → abri

Português – começando do ZERO

Verbo:

Desinências

São elementos mórficos que se acoplam ao tema ou à forma infinita do verbo para indicar as flexões de modo, tempo, número e pessoal. Há em português duas desinências verbais:

Português – começando do ZERO

Verbo:

Desinências

a) Desinência modo-temporal → Indica o modo (indicativo, subjuntivo ou imperativo) e o tempo (presente, passado ou futuro) em que se encontra o verbo.

* cantávamos → canta – **VA** – mos (desinência que indica o "pretérito imperfeito do indicativo")

Português – começando do ZERO

Verbo:

Desinências

b) Desinência número-pessoal → Indica o número (singular ou plural) e a pessoa (1ª, 2ª ou 3ª) em que o verbo se encontra.

* cantastes → cantas – **TES** (desinência que indica a 2ª pessoa do plural – vós)

Português – começando do ZERO

Verbo:

Desinências

b) Desinência número-pessoal → Indica o número (singular ou plural) e a pessoa (1ª, 2ª ou 3ª) em que o verbo se encontra.

* cantastes → cantas – **TES** (desinência que indica a 2ª pessoa do plural – vós)

Português – começando do ZERO

Verbo :

FLEXÕES:

1. Modo (indicativo, subjuntivo e imperativo)
2. Tempo (presente, pretérito e futuro)
3. Pessoa (1ª, 2ª e 3ª)
4. Número (singular e plural)
5. Voz (ativa, passiva e reflexiva)

Português – começando do ZERO

Flexões de modo:

I – INDICATIVO

O modo indicativo é o modo da realidade: serve para enunciar um fato ou um estado verdadeiros ou supostos verdadeiros, em orações independentes ou dependentes, declarativas, interrogativas ou exclamativas, quer afirmando, quer negando.

Português – começando do ZERO

Flexões de modo:

I – INDICATIVO

* "Quem **canta** seus males **espanta**." (Provérbio)

* "Em certos pontos não se **encontrava** viva alma na rua; (...) ;só os pretos **faziam** as compras para o jantar ou **andavam** no ganho."(Aluísio Azevedo)

Português – começando do ZERO

Flexões de modo:

II – SUBJUNTIVO

O modo subjuntivo (antigo "modo conjuntivo") é o modo próprio da incerteza, da possibilidade, da dúvida, da futuridade, da vontade, do desejo, da esperança, da suposição, da concessão.

Português – começando do ZERO

Flexões de modo:

II – SUBJUNTIVO

* "Eu vou para Coimbra logo que **esteja** bom, e a menina da cidade fica em sua casa." (Camilo Castelo Branco)

* "Não me parece bonito que o nosso Bentinho **ande** metido nos cantos com a filha do Tartaruga." (Machado de Assis)

Português – começando do ZERO

Flexões de modo:

III – IMPERATIVO

O modo imperativo serve para expressar uma ordem, um preceito, um conselho, uma exortação, um pedido, um convite.

Português – começando do ZERO

Flexões de modo:

III – IMPERATIVO

* "Agora **escutai** e **respondei** sinceramente às minhas perguntas." (A. Herculano)

* "**Guardai** o meu sábado, porque ele deve ser santo para vós." (Bíblia Sagrada)

Português – começando do ZERO

III – IMPERATIVO AFIRMATIVO (formação)

PRESENTE DO INDICATIVO		IMPERATIVO AFIRMATIVO		PRESENTE DO SUBJUNTIVO
vivo		–		viva
vives	➔	**VIVE (tu)**		vivas
vive		**VIVA (você)**	🡐	viva
vivemos		**VIVAMOS (nós)**	🡐	vivamos
viveis	➔	**VIVEI (vós)**		vivais
vivem		**VIVAM (vocês)**	🡐	vivam

Português – começando do ZERO

III – IMPERATIVO AFIRMATIVO (formação)

A) Comprar um livro

Imperativo 2ª pessoa → ____________________

Imperativo 3ª pessoa → ____________________

Português – começando do ZERO

III – IMPERATIVO NEGATIVO (formação)

PRESENTE DO SUBJUNTIVO		IMPERATIVO NEGATIVO
viva		–
vivas	→	**não VIVAS (tu)**
viva	→	**não VIVA (você)**
vivamos	→	**não VIVAMOS (nós)**
vivais	→	**não VIVAIS (vós)**
vivam	→	**não VIVAM (vocês)**

Português – começando do ZERO

III – IMPERATIVO NEGATIVO (formação)

A) Não comprar um livro

Imperativo negativo 2ª pessoa → ________________

Imperativo negativo 3ª pessoa → ________________

Português – começando do ZERO

Flexões de tempo:

*** Pretérito imperfeito do indicativo →falava, bebia, partia.**

*** Presente do subjuntivo → fale, beba, parta.**

*** Imperativo → fala, bebe, parte.**

*** Pretérito mais-que-perfeito do indicativo → falara, bebera, partira.**

Português – começando do ZERO

Flexões de tempo:

*** Pretérito imperfeito do subjuntivo → falasse, bebesse, partisse.**

*** Futuro do subjuntivo → partir, beber, partir.**

*** Futuro do presente do indicativo → falarei, beberei, partirei.**

*** Futuro do pretérito do indicativo → falaria, beberia, partiria.**

Português – começando do ZERO

Flexões de tempo:

*** Infinitivo pessoal → falarem, beberem, partirem**

*** Gerúndio → falando, bebendo, partindo.**

*** Particípio → falado, bebido, partido.**

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

1. Presente

Emprega-se o presente do indicativo para indicar um fato que se realiza no momento em que se fala:

* Ele *estuda* Português. A lição não *é* fácil.

Nem sempre, porém, indica fato ou ação contemporânea ao mo-mento em que se fala. Pode-se ainda empregá-lo para:

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

1. Presente

a) descrever um fato ou estado permanente: O Sol *aquece* a Terra. Maria *é* mãe de Jesus. As leis do Universo *são* imutáveis.

b) indicar ação habitual ou que se pratica constantemente: Maria *fuma* demais. *Vou* ao cinema todos os domingos.

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

1. Presente

c) dar realismo a fatos passados: Cabral *descobre* o Brasil em 1500. Os bandeirantes *abrem* o sertão brasileiro e *conquistam* a terra.

d) indicar futuro próximo (nesse caso, é geralmente acompanhado de um adjunto adverbial): Terminei meus negócios e *sigo ama-nhã* para Nova Iorque.

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

1. Presente

e) substituir o imperativo, quando se deseja denotar mais um pedido do que uma ordem: Você me *faz* isso amanhã (= faça-me isso amanhã) .

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

2. Pretérito imperfeito

O pretérito imperfeito indica uma ação passada em relação ao momento em que se fala, porém presente em relação a outro fato passado.

Emprega-se o pretérito imperfeito para:

a) descrever fatos freqüentes ou repetidos no passado: Quando *era* criança *ia* sempre à casa de vovó, onde *brincava* com Maria.

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

2. Pretérito imperfeito

b) designar fatos indicando continuidade no passado: As diversas tribos que *habitavam* o continente americano *eram* de cultura diferente; algumas *caçavam* e *pescavam,* ao passo que outras já *tinham* conhecimento de agricultura.

c) descrever pessoas, fatos ou coisas no passado: Ela *parecia* inteligente. O rio *fazia* uma pequena curva antes de cair em catarata.

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

2. Pretérito imperfeito

d) indicar época ou tempo no passado: *Era* época da seca quando José deixou o Nordeste. *Eram* seis horas da tarde quando Ana telefonou.

e) indicar, entre duas ou mais ações simultâneas, qual estava ocor-rendo quando sobreveio a outra (nesse caso, o segundo verbo é geralmente usado no pretérito perfeito simples): Pedro *entrava* quando eu *saí.* *Conversávamos* quando a criança *caiu.*

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

2. Pretérito imperfeito

f) expressar freqüência, repetição, causa e conseqüência (nesse caso, os verbos vêm ambos no pretérito imperfeito): Eu *saía* quando ele *entrava.*

g) descrever ação planejada e não realizada: Eu *ia* passear, mas começou a chover e desisti. *Pretendíamos* falar com ele, mas não tivemos tempo.

Emprego dos tempos e modos verbais:

2. Pretérito imperfeito

h) narrar fábulas, lendas ou contos, situando-os no passado (nesse caso, usa-se o pretérito imperfeito do verbo *ser): Era* uma vez um príncipe. ..

i) indicar um só fato preciso no passado, quando a época ou a data em que ocorreu a ação vem claramente mencionada: Duas horas depois de receber o telegrama, Geraldo *partia* do aeroporto de Congonhas. Passado o tempo exigido por lei, João se *naturalizava.*

Emprego dos tempos e modos verbais:

3. Pretérito perfeito simples

O pretérito perfeito simples indica uma ação, geralmente não habitual, concluída antes do ato de falar; o fato começou e terminou no passado, seja passado remoto ou próximo: *Fui* ao mercado hoje de manhã. *Estive* com ele em 1980.

Emprego dos tempos e modos verbais:

4. Pretérito perfeito composto

O pretérito perfeito composto indica a repetição ou a continuidade de um fato iniciado no passado e que ainda se realiza no presente, vindo acompanhado de adjuntos adverbiais como *desde, ultimamente, esses dias* etc.:

* *Tenho feito* tudo por ele *desde* que quebrou o braço. Não *temos tido* sorte *ultimamente.*

Emprego dos tempos e modos verbais:

5. Pretérito mais-que-perfeito simples

O pretérito mais-que-perfeito simples expressa um fato já concluído antes de outro também no passado.

a) em situações formais na língua escrita: *Viera* especialmente para o concerto.

b) para substituir o pretérito imperfeito do subjuntivo: Comportou-se como se *fora* (= fosse) senhora das terras.

c) em certas frases exclamativas: Quem me *dera* ser rico!

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

5. Pretérito mais-que-perfeito simples

O pretérito mais-que-perfeito composto é empregado, como o sim-ples, para expressar um fato já concluído antes de outro também no passado. É usado na língua falada e, em geral, também na escrita:

* *Tinha vindo* especialmente para o concerto.

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

6. Futuro do presente simples

O futuro do presente simples é usado para indicar um fato futuro em relação ao momento em que se fala: *Irei* à praia neste fim de semana. Emprega-se também para:

a) indicar fatos de realização provável, pois estão mediante certa condição: Se ele vier, *falarei* com ele.

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

6. Futuro do presente simples

b) indicar incerteza, dúvida, suposição: *Será* possível uma coisa des-sas? *Estarei* eu aqui pela providência divina?

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

Observação

O futuro do presente simples é comumente substituído, na língua falada, por locuções verbais (conjunto inseparável formado de um verbo auxiliar e de um principal usado no infinitivo, no particípio ou no gerúndio), como, por exemplo:

→ O presente do indicativo do verbo *haver,* mais preposição *de,* mais infinitivo impessoal do verbo principal para exprimir intenção:

* *Hei de falar* com ele antes do fim do mês.

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

8. Futuro do presente composto

O futuro do presente composto indica:

a) ação futura consumada antes de outra também futura:

* Já *teremos terminado* o trabalho quando eles chegarem.

b) possibilidade de uma ação já ter se consumado:

* Já *terão saído?*

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

9. Futuro do pretérito simples

Usa-se o futuro do pretérito simples:

a) para indicar um fato futuro em relação a um fato passado: Ele prometeu a Maria que *chegaria* antes das seis.

b) quando a oração subordinada revela um fato não realizado ou que talvez não se realize: *Iríamos* se ele permitisse.

Emprego dos tempos e modos verbais:

9. Futuro do pretérito simples

c) para exprimir incerteza ou dúvida sobre fatos passados: Quem *estaria* lá? Ele *teria* uns vinte anos quando se casou.

d) em certas orações exclamativas ou interrogativas que denotam surpresa ou indignação: Nunca *agiríamos* dessa maneira! *Seria* possível uma calúnia dessas?

Emprego dos tempos e modos verbais:

9. Futuro do pretérito simples

e) em tom polido, denotando desejo presente: *Gostariam* de ir conosco? *Poderia* emprestar-me esse livro?

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

10. Futuro do pretérito composto

Emprega-se o futuro do pretérito composto para:

a) indicar que um fato teria acontecido no passado mediante certa condição: Se Roberto estudasse *teria tido* boa nota.

b) exprimir incerteza sobre fatos passados em orações interrogativas: Quando *teriam visto* o fugitivo?

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

II – MODO SUBJUNTIVO

1. Presente

O presente do subjuntivo indica presente ou futuro, dependendo do conteúdo semântico do verbo:

* É pena que elas estejam doentes (presente).

* Espero que eles venham (futuro).

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

2. Pretérito imperfeito do subjuntivo

O pretérito imperfeito do subjuntivo indica uma ação simultânea ou futura em relação ao tempo do verbo da oração principal (que pode ser o pretérito perfeito simples, o pretérito imperfeito ou o futuro do pretérito do indicativo):

* Duvidei que ele terminasse o trabalho.

* Eu queria que ela fosse logo.

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

5. Futuro do subjuntivo

O futuro simples do subjuntivo indica eventualidade no futuro, sendo que o verbo da oração principal pode estar no presente ou no futuro do presente do indicativo:

* Posso levar o que *quiser.*

* Poderei levar o que *quiser.*

Português – começando do ZERO

Principais correlações entre tempos e modos verbais

TEMPO VERBAL	CORRELACIONA-SE COM	TEMPO VERBAL
PRESENTE DO INDICATIVO	⇄	PRESENTE DO INDICATIVO
PRESENTE DO INDICATIVO	⇄	PRESENTE DO SUBJUNTIVO
PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO
PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO

Português – começando do ZERO

Principais correlações entre tempos e modos verbais

PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO
PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO
FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO	⇄	FUTURO DO SUBJUNTIVO
FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO

Português – começando do ZERO

Correlações/articulações entre tempos e modos verbais (exemplos):

1. Sempre haverá quem preferirá ter-se omitido diante da violência de que venha a ser vítima.

2. Houve sempre quem preferisse omitir-se diante da violência de que tivesse sido vítima.

3. Há sempre quem prefere se omitir diante da violência de que venha a ser vítima.

Português – começando do ZERO

Correlações/articulações entre tempos e modos verbais (exemplos):

4. Havia sempre quem preferia se omitir diante da violência de que foi vítima.

5. Sempre há quem prefere se omitir diante da violência de que venha a ser vítima.

Português – começando do ZERO

Correlações/articulações entre tempos e modos verbais (corrija as estruturas abaixo):

1. A pesquisa de Johnson analisou um fenômeno que constituísse uma verdadeira obsessão que caracterize o homem moderno: o fascínio pela TV.

2. Se não variassem de cultura para cultura, as regras de convívio terão alcançado, efetivamente, a chamada validade universal.

Português – começando do ZERO

Correlações/articulações entre tempos e modos verbais (corrija as estruturas abaixo):

3. Sugere-se, nessa pesquisa, que o fato de nos aprisionarmos em nossa sala de TV fosse o responsável pela nossa predisposição a que cometêramos atos violentos.

4. Se de fato viéssemos a nos contentar com o que somos, as inúmeras janelas abertas pela TV não terão a mesma força de atração que as pesquisas demonstrassem.

Português – começando do ZERO

LOCUÇÕES VERBAIS

Também chamadas de "perífrases verbais", as locuções verbais servem para denotar ideias acessórias da ação verbal, frequentemente não contempladas pelos tempos simples e compostos.

a) Verbo auxiliar SER mais o PARTICÍPIO → formação de locuções verbais da voz passiva de ação;

* Eles **foram atacados** por várias abelhas enquanto caminhavam pela fazenda.

Português – começando do ZERO

LOCUÇÕES VERBAIS

b) Verbo auxiliar TER mais preposição DE mais INFINITIVO → formação de locução verbal que denota "obrigação, compromisso, fato infalível".

* O Brasil **tem de** ser um país menos desigual.

Português – começando do ZERO

LOCUÇÕES VERBAIS

c) Verbos auxiliares "COMEÇAR A, ENTRAR A, PASSAR A" mais INFINITIVO → formação de locuções verbais que indicam momento inicial de uma ação.

* O trem **começou a partir**, e todos, emocionados, despediam-se dos soldados.

Português – começando do ZERO

LOCUÇÕES VERBAIS

d) Verbos auxiliares "ANDAR, ESTAR, FICAR, IR, VIR" mais GERÚNDIO → formação de locuções verbais que indicam duração, continuação, progressão.

* Já **vem chegando** o inverno com seu frio, suas chuvas.

Português – começando do ZERO

LOCUÇÕES VERBAIS

e) Verbo auxiliar "DEVER" mais INFINITIVO → formação de locução verbal que indica necessidade, obrigação.

* " O almirante não **deve falar** assim... A pátria está logo abaixo da humanidade." (Lima Barreto)

Português – começando do ZERO

LOCUÇÕES VERBAIS

f) Verbo auxiliar IR mais GERÚNDIO → formação de locução verbal que indica uma ação em decurso, em ocorrência, em desenvolvimento gradual.

* " Meu coração é um almirante louco
que abandonou a profissão do mar
e que a **vai relembrando** pouco a pouco
em casa a passear, a passear ..." (Fernando Pessoa)

Português – começando do ZERO

Classificação morfológica dos verbos

Quanto à terminação

Os verbos podem ser:

1ª CONJUGAÇÃO → ar
2ª CONJUGAÇÃO → er
3ª CONJUGAÇÃO → ir

Português – começando do ZERO

Classificação morfológica dos verbos

Quanto à flexão ou à conjugação

Os verbos podem ser REGULARES, IRREGULARES, DEFECTIVOS, ABUNDANTES e PRONOMINAIS.

1) Verbo regular é aquele cujo tema permanece invariável.

Português – começando do ZERO

Classificação morfológica dos verbos

2) **Verbo irregular** é aquele que não segue o paradigma regular de sua conjugação.

3) **Verbo defectivo** é aquele que não apresenta todos os modos, tempos ou pessoas próprios dos verbos.

4) **Verbo abundante** é aquele que apresenta mais de uma forma de conjugação para certos tempos, modos ou pessoas.

Português – começando do ZERO

Classificação morfológica dos verbos

5. **Verbo pronominal** é aquele que só é conjugado com o auxilio de um pronome pessoal oblíquo, átono.

Português – começando do ZERO

Classificação morfológica dos verbos

Quanto à função

Os verbos são classificados em AUXILIARES e PRINCIPAIS.

1. Verbo auxiliar é aquele que, empregado ao lado de uma forma nominal do verbo (infinitivo, gerúndio ou particípio), formará as locuções verbais e os tempos compostos.

Português – começando do ZERO

Classificação morfológica dos verbos

Quanto à função

2. Verbo principal é, como o próprio nome já o diz, aquele de significação plena e que funciona como núcleo de uma oração.

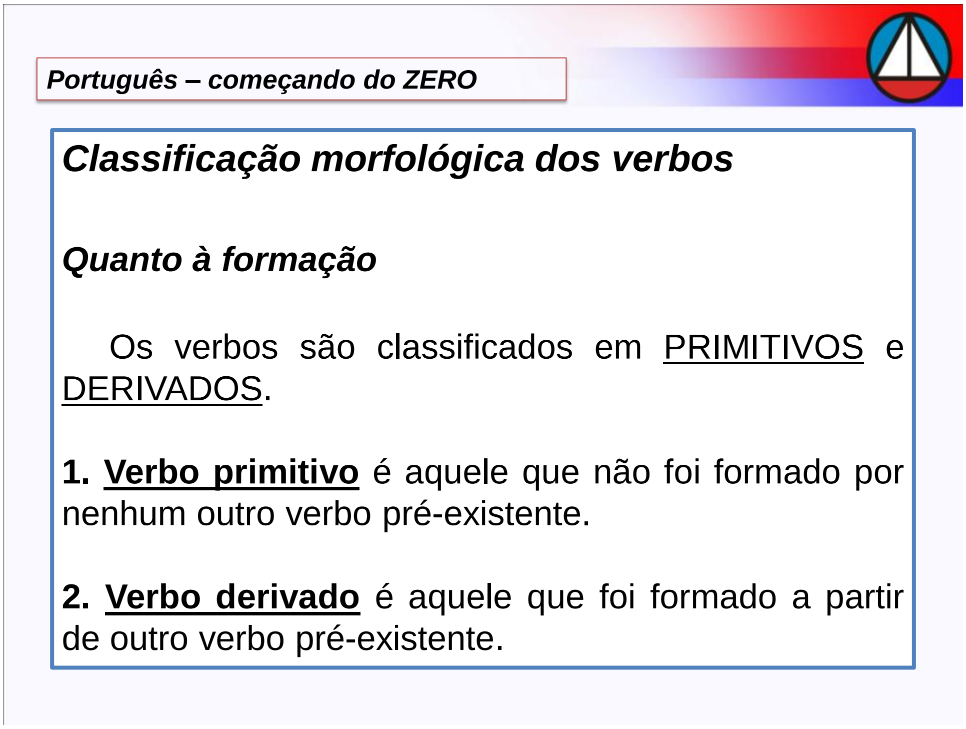

Português – começando do ZERO

Classificação morfológica dos verbos

Quanto à formação

Os verbos são classificados em PRIMITIVOS e DERIVADOS.

1. Verbo primitivo é aquele que não foi formado por nenhum outro verbo pré-existente.

2. Verbo derivado é aquele que foi formado a partir de outro verbo pré-existente.

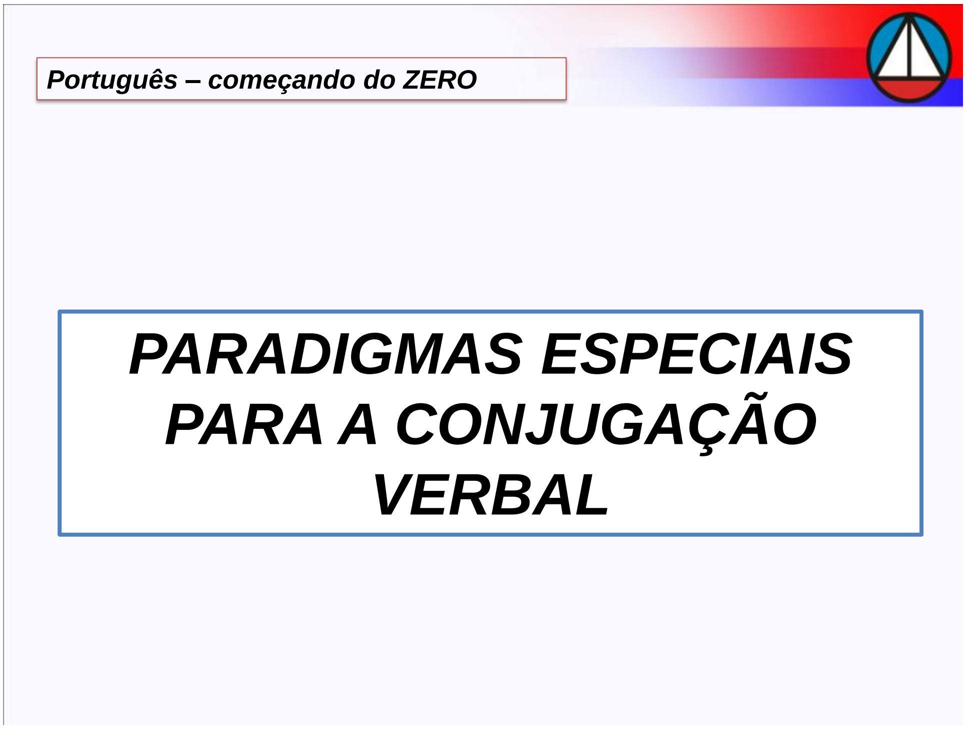

Português – começando do ZERO

PARADIGMAS ESPECIAIS PARA A CONJUGAÇÃO VERBAL

Português – começando do ZERO

Conjugação de verbos derivados

Regra:

A conjugação do verbo derivado segue a conjugação do seu verbo primitivo.

Ex.:

TER → deter, reter, entreter, ater-se etc.
PÔR → compor, interpor, supor, apor etc.

Português – começando do ZERO

Conjugação dos verbos terminados nos hiatos

***-air** → sair, cair, abstrair*
***-oer** → roer, moer, doer*
***-uir** → possuir, constituir, restituir*

Regra:

A 3ª pessoa do singular do presente do indicativo apresenta a desinência "i" e jamais "e".

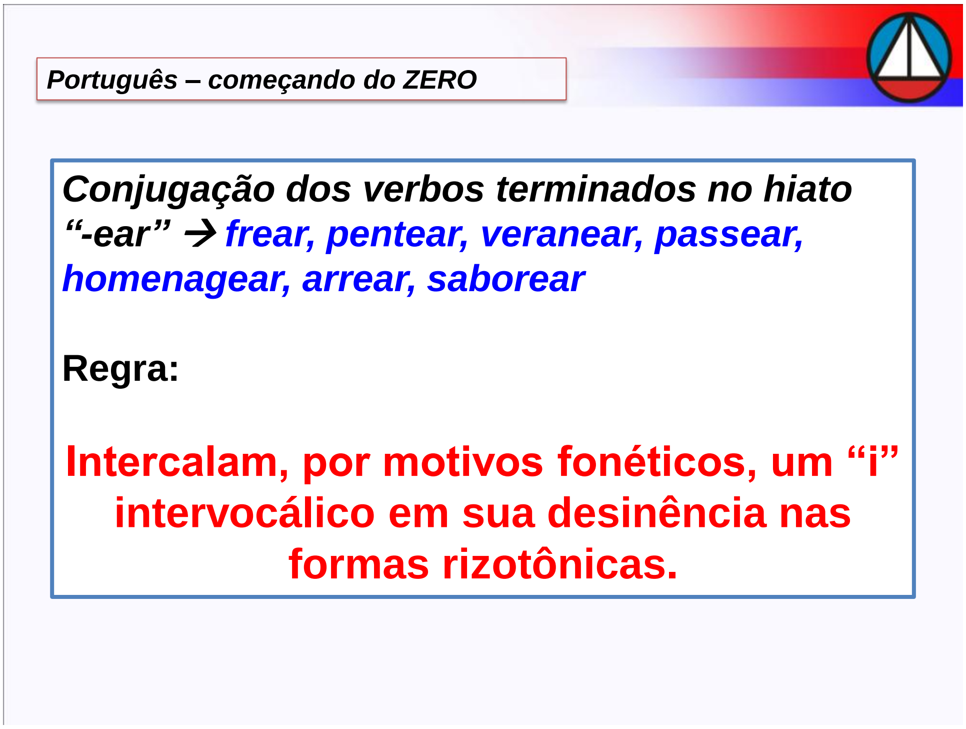

Português – começando do ZERO

Conjugação dos verbos terminados no hiato “-ear” → frear, pentear, veranear, passear, homenagear, arrear, saborear

Regra:

Intercalam, por motivos fonéticos, um “i” intervocálico em sua desinência nas formas rizotônicas.

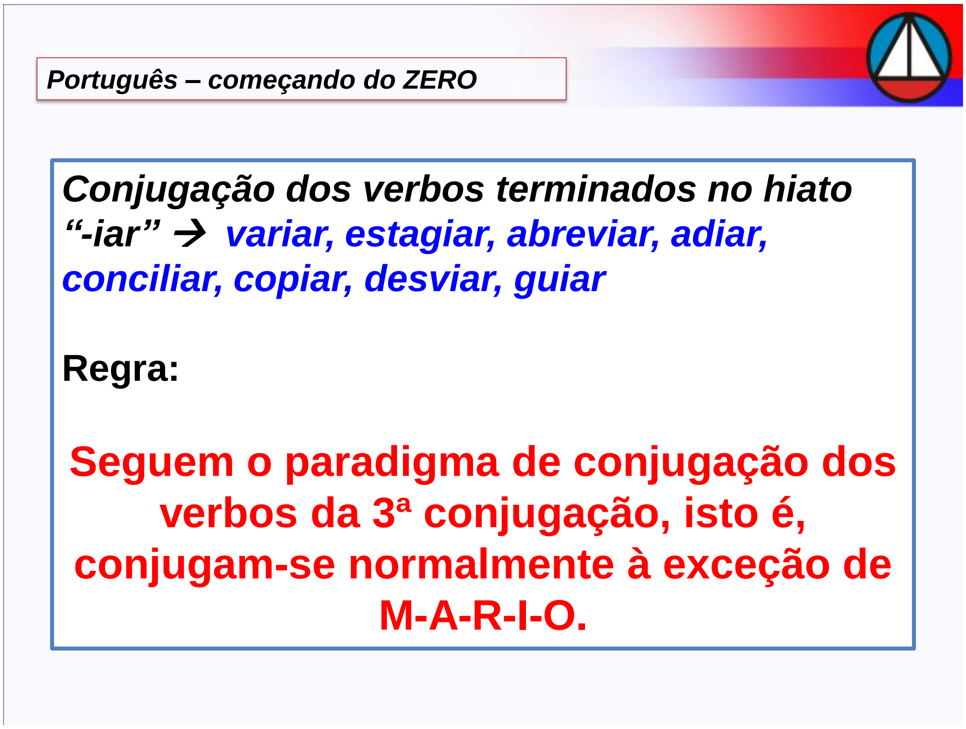

Português – começando do ZERO

Conjugação dos verbos terminados no hiato “-iar” → variar, estagiar, abreviar, adiar, conciliar, copiar, desviar, guiar

Regra:

Seguem o paradigma de conjugação dos verbos da 3ª conjugação, isto é, conjugam-se normalmente à exceção de M-A-R-I-O.

Português – começando do ZERO

M → mediar

A → ansiar

R → remediar

I → incendiar

O → odiar

Intercalam um “E” eufônico nas formas rizotônicas

Português – começando do ZERO

Verbo ANSIAR (presente do indicativo)

EU	***ANSEIO***
TU	***ANSEIAS***
ELE	***ANSEIA***
NÓS	***ANSIAMOS***
VÓS	***ANSIAIS***
ELES	***ANSEIAM***

Português – começando do ZERO

Verbo MEDIAR (presente do subjuntivo)

Que...

EU	***MEDEIE***
TU	***MEDEIES***
ELE	***MEDEIE***
NÓS	***MEDIEMOS***
VÓS	***MEDIEIS***
ELES	***MEDEIEM***

Português – começando do ZERO

Conjugação de verbos terminados nos hiatos "-oar" e "-uar" → abençoar, voar, leiloar, continuar, suar, atenuar

Regra:

Apresentam a letra "E" em todas as formas do presente do subjuntivo

Português – começando do ZERO

Verbo ABENÇOAR (presente do subjuntivo)

Que...

EU	***ABENÇOE***
TU	***ABENÇOES***
ELE	***ABENÇOE***
NÓS	***ABENÇOEMOS***
VÓS	***ABENÇOEIS***
ELES	***ABENÇOEM***

Português – começando do ZERO

Conjugação dos verbos "ver" e "vir" no futuro do subjuntivo

VIR	***≠***	***VER***
EU VIER		***EU VIR***
TU VIERES		***TU VIRES***
ELE VIER		***ELE VIR***
NÓS VIERMOS		***NÓS VIRMOS***
VÓS VIERDES		***VÓS VIRDES***
ELES VIEREM		***ELES VIREM***

Conjugação de verbos defectivos (importantes para os concursos promovidos pela FCC):

1º GRUPO → Verbos que não possuem a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.

abolir, colorir, delinquir, demolir, exaurir (esgotar, acabar), extorquir, soer (costumar, acontecer com frequência), urgir (ser urgente), tinir (soar)”.

Conjugação de verbos defectivos (importantes para os concursos promovidos pela FCC):

2º GRUPO → Verbos que, no presente do indicativo, só possuem as pessoas “nós” e “vós”.

reaver, precaver, aguerrir, adequar, empedernir (petrificar), remir (resgatar), fornir (abastecer, prover), falir, embair (iludir, seduzir), adir (acrescentar, adicionar), renhir (disputar, pleitear)

Português – começando do ZERO

01. (FCC – TRF 4ª - Analista Judiciário) Estão inteiramente corretas a forma e a flexão dos verbos na frase:

(A) A boa ficção não institue fantasias gratuitas; ela aprende o real por meio da mais fecunda imaginação.
(B) Embora muitos diverjam, não há por que não admitir que um romance policial reuna vários atributos estéticos.
(C) Embora não sejam propriamente ficções, os bons documentários propisciam a abertura de novos horizontes do real.

Português – começando do ZERO

01. (FCC – TRF 4ª - Analista Judiciário) Estão inteiramente corretas a forma e a flexão dos verbos na frase:

(D) Se achamos que a vida dos afegãos não tem nada haver com a nossa, o autor lembra que a história de Amir conflue para a de muita gente.
(E) Muitos autores entremeiam realidade e imaginação em suas narrativas para proverem a ficção dos mais estimulantes atrativos.

Português – começando do ZERO

02.(FCC – TJ/PE – Analista Judiciário) Estão adequados o emprego e a flexão de todas formas verbais na frase:

(A) Se as pesquisas bem realizadas sempre intervissem no comportamento das pessoas, o estudo ao qual se aplicou Johnson teria algum efeito sobre o público.
(B) Imergem da pesquisa de Johnson alguns dados reveladores quanto à ação da TV sobre nós, mas é possível que outros fatores hajam de modo determinante sobre o nosso comportamento.
(C) Quem revir as várias pesquisas sobre a relação entre TV e comportamento haverá de se deparar com resultados que talvez constituam motivo para algum alarme.

Português – começando do ZERO

02.(FCC – TJ/PE – Analista Judiciário) Estão adequados o emprego e a flexão de todas formas verbais na frase:

(D) Jamais conviu às emissoras de TV divulgar essas pesquisas, que quase sempre as encriminam como responsáveis pela multiplicação da violência social.
(E) Se as violências que provêem do hábito de assistir à TV se saneiassem por conta de alguma regulamentação governamental, seria o caso de pedir providências às autoridades.

Português – começando do ZERO

03. (FCC) A forma verbal que, além de corretamente flexionada, indica **fato passado anterior a outro, também passado**, está grifada na frase:

(A) Para que se precavissem os efeitos prejudiciais ao meio ambiente, interromperam-se as queimadas na região.
(B) Após a derrubada da mata, sobreviram alterações significativas no clima de toda a área, antes coberta por ela.
(C) O especialista ativera-se à análise dos dados obtidos, para defender o programa de responsabilidade ambiental.

Português – começando do ZERO

03. (FCC) A forma verbal que, além de corretamente flexionada, indica **fato passado anterior a outro, também passado**, está grifada na frase:

(D) Proporam-se medidas de combate à degradação da floresta, porém os resultados danosos já haviam se instalado em toda a área.
(E) Se não fosse imediatamente interrompido o corte das árvores, a região transformar-se-ia numa extensa área desertificada.

Português – começando do ZERO

04.(FCC) Estão corretos o emprego e a flexão de todas as formas verbais na frase:

(A) Se os homens dessem ouvido à consciência e contessem seus instintos, as relações sociais seriam mais harmoniosas.
(B) Aos homens nunca aprouve respeitar os princípios coletivos quando não prescrita uma punição para quem viesse a menosprezá-los.
(C) Se os cidadãos elegerem princípios e convirem que estes são justos, só os infligirá quem se valer de má fé.

Português – começando do ZERO

04.(FCC) Estão corretos o emprego e a flexão de todas as formas verbais na frase:

(D) No caso de evidente erro judiciário, deve-se ratificar a sanção aplicada para que a punição injusta não constitue um argumento a favor da impunidade.
(E) Quando todos revirmos o papel social que nos cabe e nos dispormos a exercê-lo de fato, nenhum caso de impunidade será tolerado.

Português – começando do ZERO

05.(FCC) Estão corretos o emprego e a flexão de todas as formas verbais na frase:

(A) Se os homens dessem ouvido à consciência e contessem seus instintos, as relações sociais seriam mais harmoniosas.
(B) Aos homens nunca aprouve respeitar os princípios coletivos quando não prescrita uma punição para quem viesse a menosprezá-los.
(C) Se os cidadãos elegerem princípios e convirem que estes são justos, só os infligirá quem se valer de má fé.

Português – começando do ZERO

05.(FCC) Estão corretos o emprego e a flexão de todas as formas verbais na frase:

(D) No caso de evidente erro judiciário, deve-se ratificar a sanção aplicada para que a punição injusta não constitue um argumento a favor da impunidade.
(E) Quando todos revirmos o papel social que nos cabe e nos dispormos a exercê-lo de fato, nenhum caso de impunidade será tolerado.

Português – começando do ZERO

06.(FCC) Está correta a flexão de todas as formas verbais na frase:

(A) Não é verdade que os portugueses do século XV engulissem as vogais ou chiassem nas consoantes.

(B) Sempre serão bem-vindos os imigrantes que chegarem ao Brasil, em qualquer época, e trazerem para nós as marcas de sua língua e de sua cultura.

(C) Caso a incorporação de termos estrangeiros não convisse aos falantes de um idioma, estes não haveriam de os aproveitar.

Português – começando do ZERO

06.(FCC) Está correta a flexão de todas as formas verbais na frase:

(D) Se alguém rever os textos do português arcaico, se espantará com a profusão de termos que ainda freqüentam a fala brasileira em muitas regiões do país.

(E) Foram-se somando ao português do Brasil, ao longo dos séculos, os traços que advieram das línguas dos que para cá emigraram.

Português – começando do ZERO

Verbo (definição):

Em sentido estrito, verbo é, pois, uma palavra variável capaz de exprimir "uma ação, um estado, um fenômeno da natureza ou um fato".

Ainda podemos dizer que verbo é a palavra que apresenta o maior número de flexões:

Elementos estruturais do verbo

São os seguintes os elementos mórficos formadores do verbo: radical, vogal temática, tema e desinências modo-temporal e número-pessoal.

Português – começando do ZERO

Verbo

Radical

É o elemento mórfico verbal principal, pois contém a significação do verbo. Nos verbos, o radical representa a parte imutável, que traz consigo a semântica verbal.

* cantar → **cant** – ar

* vender → **vend** – er

Português – começando do ZERO

Verbo:

Vogal temática

É o elemento mórfico vocálico que se junta ao radical para formar o tema verbal. Nos verbos, a vogal temática situa-se entre o radical e a desinência do infinitivo impessoal "-r".

* cant A r
* vend E r
* sa I r

Português – começando do ZERO

Verbo:

Tema

É o conjunto formado pelo radical mais a vogal temática. Nos verbos, basta a retirada da desinência do infinitivo impessoal "-r" para se obter o tema.

* falar → fala * caber → cabe * abrir → abri

Português – começando do ZERO

Verbo:

Desinências

São elementos mórficos que se acoplam ao tema ou à forma infinita do verbo para indicar as flexões de modo, tempo, número e pessoal. Há em português duas desinências verbais:

Português – começando do ZERO

Verbo:

Desinências

a) Desinência modo-temporal → Indica o modo (indicativo, subjuntivo ou imperativo) e o tempo (presente, passado ou futuro) em que se encontra o verbo.

* cantávamos → canta – **VA** – mos (desinência que indica o "pretérito imperfeito do indicativo")

Português – começando do ZERO

Verbo:

Desinências

b) Desinência número-pessoal → Indica o número (singular ou plural) e a pessoa (1ª, 2ª ou 3ª) em que o verbo se encontra.

* cantastes → cantas – **TES** (desinência que indica a 2ª pessoa do plural – vós)

Português – começando do ZERO

Verbo:

Desinências

b) Desinência número-pessoal → Indica o número (singular ou plural) e a pessoa (1ª, 2ª ou 3ª) em que o verbo se encontra.

* cantastes → cantas – **TES** (desinência que indica a 2ª pessoa do plural – vós)

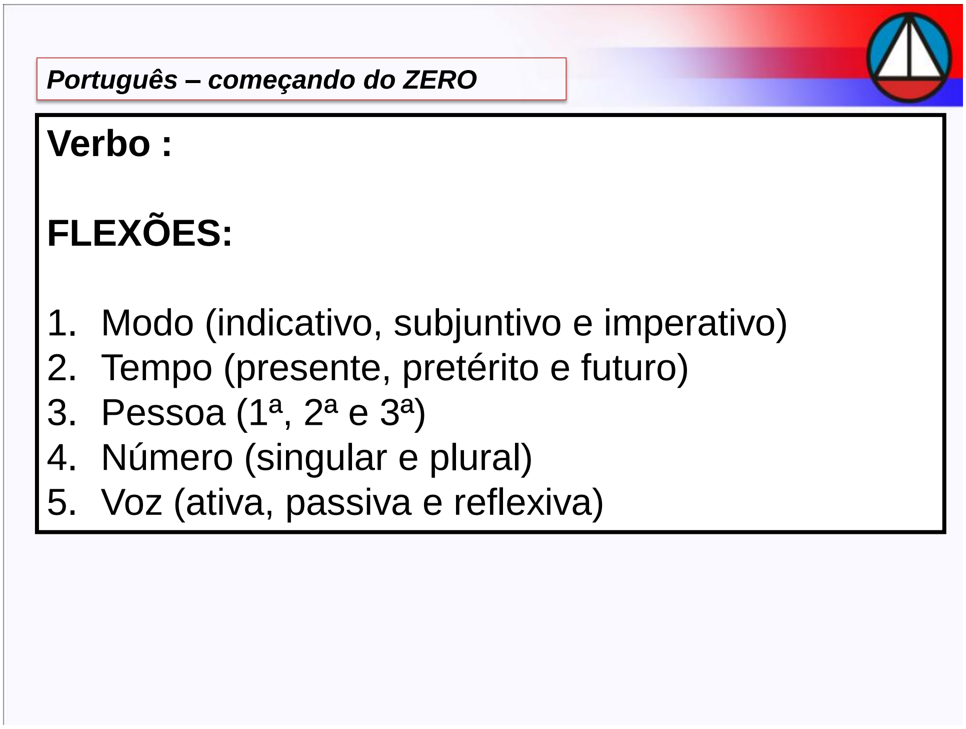

Português – começando do ZERO

Verbo :

FLEXÕES:

1. Modo (indicativo, subjuntivo e imperativo)
2. Tempo (presente, pretérito e futuro)
3. Pessoa (1ª, 2ª e 3ª)
4. Número (singular e plural)
5. Voz (ativa, passiva e reflexiva)

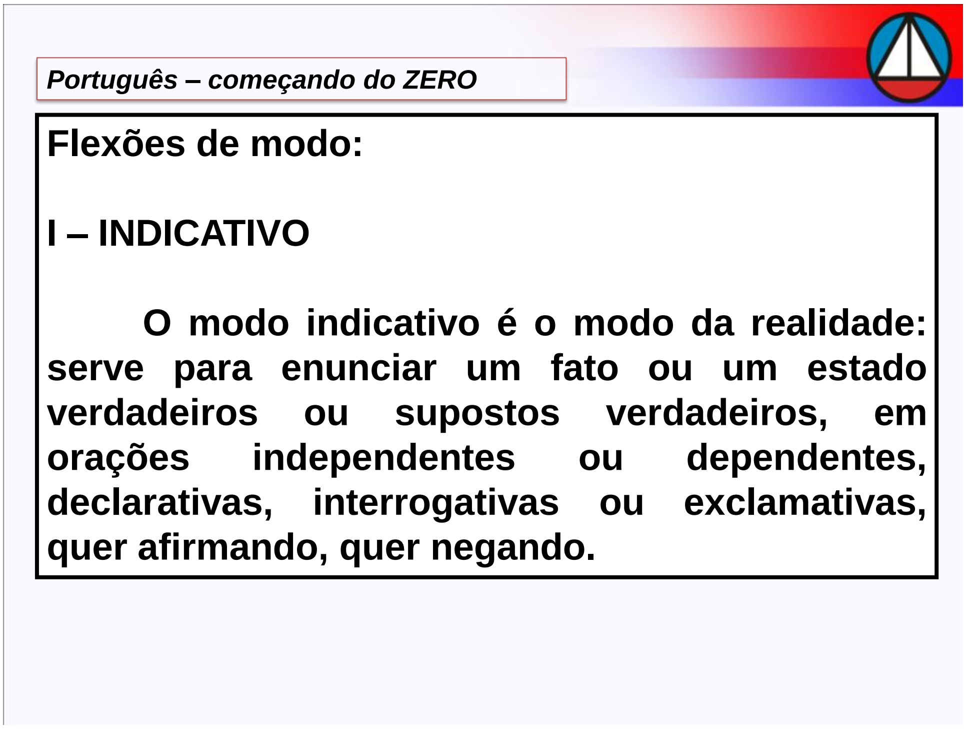

Português – começando do ZERO

Flexões de modo:

I – INDICATIVO

O modo indicativo é o modo da realidade: serve para enunciar um fato ou um estado verdadeiros ou supostos verdadeiros, em orações independentes ou dependentes, declarativas, interrogativas ou exclamativas, quer afirmando, quer negando.

Flexões de modo:

I – INDICATIVO

* "Quem **canta** seus males **espanta**." (Provérbio)

* "Em certos pontos não se **encontrava** viva alma na rua; (...) ;só os pretos **faziam** as compras para o jantar ou **andavam** no ganho."(Aluísio Azevedo)

Flexões de modo:

II – SUBJUNTIVO

O modo subjuntivo (antigo "modo conjuntivo") é o modo próprio da incerteza, da possibilidade, da dúvida, da futuridade, da vontade, do desejo, da esperança, da suposição, da concessão.

Português – começando do ZERO

Flexões de modo:

II – SUBJUNTIVO

* "Eu vou para Coimbra logo que **esteja** bom, e a menina da cidade fica em sua casa." (Camilo Castelo Branco)

* "Não me parece bonito que o nosso Bentinho **ande** metido nos cantos com a filha do Tartaruga." (Machado de Assis)

Português – começando do ZERO

Flexões de modo:

III – IMPERATIVO

O modo imperativo serve para expressar uma ordem, um preceito, um conselho, uma exortação, um pedido, um convite.

Português – começando do ZERO

Flexões de modo:

III – IMPERATIVO

* "Agora **escutai** e **respondei** sinceramente às minhas perguntas." (A. Herculano)

* "**Guardai** o meu sábado, porque ele deve ser santo para vós." (Bíblia Sagrada)

Português – começando do ZERO

III – IMPERATIVO AFIRMATIVO (formação)

PRESENTE DO INDICATIVO		IMPERATIVO AFIRMATIVO		PRESENTE DO SUBJUNTIVO
vivo		–		viva
vives	➔	**VIVE (tu)**		vivas
vive		**VIVA (você)**	🡐	viva
vivemos		**VIVAMOS (nós)**	🡐	vivamos
viveis	➔	**VIVEI (vós)**		vivais
vivem		**VIVAM (vocês)**	🡐	vivam

Português – começando do ZERO

III – IMPERATIVO AFIRMATIVO (formação)

A) Comprar um livro

Imperativo 2ª pessoa → ____________________

Imperativo 3ª pessoa → ____________________

Português – começando do ZERO

III – IMPERATIVO NEGATIVO (formação)

PRESENTE DO SUBJUNTIVO		**IMPERATIVO NEGATIVO**
viva		–
vivas	→	**não VIVAS (tu)**
viva	→	**não VIVA (você)**
vivamos	→	**não VIVAMOS (nós)**
vivais	→	**não VIVAIS (vós)**
vivam	→	**não VIVAM (vocês)**

Português – começando do ZERO

III – IMPERATIVO NEGATIVO (formação)

A) Não comprar um livro

Imperativo negativo 2ª pessoa → ________________

Imperativo negativo 3ª pessoa → ________________

Português – começando do ZERO

Flexões de tempo:

*** Pretérito imperfeito do indicativo →falava, bebia, partia.**

*** Presente do subjuntivo → fale, beba, parta.**

*** Imperativo → fala, bebe, parte.**

*** Pretérito mais-que-perfeito do indicativo → falara, bebera, partira.**

Português – começando do ZERO

Flexões de tempo:

* Pretérito imperfeito do subjuntivo → falasse, bebesse, partisse.

* Futuro do subjuntivo → partir, beber, partir.

* Futuro do presente do indicativo → falarei, beberei, partirei.

* Futuro do pretérito do indicativo → falaria, beberia, partiria.

Português – começando do ZERO

Flexões de tempo:

* Infinitivo pessoal → falarem, beberem, partirem

* Gerúndio → falando, bebendo, partindo.

* Particípio → falado, bebido, partido.

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

1. Presente

Emprega-se o presente do indicativo para indicar um fato que se realiza no momento em que se fala:

* Ele *estuda* Português. A lição não *é* fácil.

Nem sempre, porém, indica fato ou ação contemporânea ao mo-mento em que se fala. Pode-se ainda empregá-lo para:

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

1. Presente

a) descrever um fato ou estado permanente: O Sol *aquece* a Terra. Maria *é* mãe de Jesus. As leis do Universo *são* imutáveis.

b) indicar ação habitual ou que se pratica constantemente: Maria *fuma* demais. *Vou* ao cinema todos os domingos.

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

1. Presente

c) dar realismo a fatos passados: Cabral *descobre* o Brasil em 1500. Os bandeirantes *abrem* o sertão brasileiro e *conquistam* a terra.

d) indicar futuro próximo (nesse caso, é geralmente acompanhado de um adjunto adverbial): Terminei meus negócios e *sigo ama-nhã* para Nova Iorque.

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

1. Presente

e) substituir o imperativo, quando se deseja denotar mais um pedido do que uma ordem: Você me *faz* isso amanhã (= faça-me isso amanhã) .

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

2. Pretérito imperfeito

O pretérito imperfeito indica uma ação passada em relação ao momento em que se fala, porém presente em relação a outro fato passado.

Emprega-se o pretérito imperfeito para:

a) descrever fatos freqüentes ou repetidos no passado: Quando *era* criança *ia* sempre à casa de vovó, onde *brincava* com Maria.

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

2. Pretérito imperfeito

b) designar fatos indicando continuidade no passado: As diversas tribos que *habitavam* o continente americano *eram* de cultura diferente; algumas *caçavam* e *pescavam,* ao passo que outras já *tinham* conhecimento de agricultura.

c) descrever pessoas, fatos ou coisas no passado: Ela *parecia* inteligente. O rio *fazia* uma pequena curva antes de cair em catarata.

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

2. Pretérito imperfeito

d) indicar época ou tempo no passado: *Era* época da seca quando José deixou o Nordeste. *Eram* seis horas da tarde quando Ana telefonou.

e) indicar, entre duas ou mais ações simultâneas, qual estava ocor-rendo quando sobreveio a outra (nesse caso, o segundo verbo é geralmente usado no pretérito perfeito simples): Pedro *entrava* quando eu *saí. Conversávamos* quando a criança *caiu.*

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

2. Pretérito imperfeito

f) expressar freqüência, repetição, causa e conseqüência (nesse caso, os verbos vêm ambos no pretérito imperfeito): Eu *saía* quando ele *entrava.*

g) descrever ação planejada e não realizada: Eu *ia* passear, mas começou a chover e desisti. *Pretendíamos* falar com ele, mas não tivemos tempo.

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

2. Pretérito imperfeito

h) narrar fábulas, lendas ou contos, situando-os no passado (nesse caso, usa-se o pretérito imperfeito do verbo *ser): Era* uma vez um príncipe. ..

i) indicar um só fato preciso no passado, quando a época ou a data em que ocorreu a ação vem claramente mencionada: Duas horas depois de receber o telegrama, Geraldo *partia* do aeroporto de Congonhas. Passado o tempo exigido por lei, João se *naturalizava.*

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

3. Pretérito perfeito simples

O pretérito perfeito simples indica uma ação, geralmente não habitual, concluída antes do ato de falar; o fato começou e terminou no passado, seja passado remoto ou próximo: *Fui* ao mercado hoje de manhã. *Estive* com ele em 1980.

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

4. Pretérito perfeito composto

O pretérito perfeito composto indica a repetição ou a continuidade de um fato iniciado no passado e que ainda se realiza no presente, vindo acompanhado de adjuntos adverbiais como *desde, ultimamente, esses dias* etc.:

* *Tenho feito* tudo por ele *desde* que quebrou o braço. Não *temos tido* sorte *ultimamente.*

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

5. Pretérito mais-que-perfeito simples

O pretérito mais-que-perfeito simples expressa um fato já concluído antes de outro também no passado.

a) em situações formais na língua escrita: *Viera* especialmente para o concerto.

b) para substituir o pretérito imperfeito do subjuntivo: Comportou-se como se *fora* (= fosse) senhora das terras.

c) em certas frases exclamativas: Quem me *dera* ser rico!

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

5. Pretérito mais-que-perfeito simples

O pretérito mais-que-perfeito composto é empregado, como o sim-ples, para expressar um fato já concluído antes de outro também no passado. É usado na língua falada e, em geral, também na escrita:

* *Tinha vindo* especialmente para o concerto.

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

6. Futuro do presente simples

O futuro do presente simples é usado para indicar um fato futuro em relação ao momento em que se fala: *Irei* à praia neste fim de semana. Emprega-se também para:

a) indicar fatos de realização provável, pois estão mediante certa condição: Se ele vier, *falarei* com ele.

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

6. Futuro do presente simples

b) indicar incerteza, dúvida, suposição: *Será* possível uma coisa des-sas? *Estarei* eu aqui pela providência divina?

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

Observação

O futuro do presente simples é comumente substituído, na língua falada, por locuções verbais (conjunto inseparável formado de um verbo auxiliar e de um principal usado no infinitivo, no particípio ou no gerúndio), como, por exemplo:

→ O presente do indicativo do verbo *haver,* mais preposição *de,* mais infinitivo impessoal do verbo principal para exprimir intenção:

* *Hei de falar* com ele antes do fim do mês.

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

8. Futuro do presente composto

O futuro do presente composto indica:

a) ação futura consumada antes de outra também futura:

* Já *teremos terminado* o trabalho quando eles chegarem.

b) possibilidade de uma ação já ter se consumado:

* Já *terão saído?*

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

9. Futuro do pretérito simples

Usa-se o futuro do pretérito simples:

a) para indicar um fato futuro em relação a um fato passado: Ele prometeu a Maria que *chegaria* antes das seis.

b) quando a oração subordinada revela um fato não realizado ou que talvez não se realize: *Iríamos* se ele permitisse.

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

9. Futuro do pretérito simples

c) para exprimir incerteza ou dúvida sobre fatos passados: Quem *estaria* lá? Ele *teria* uns vinte anos quando se casou.

d) em certas orações exclamativas ou interrogativas que denotam surpresa ou indignação: Nunca *agiríamos* dessa maneira! *Seria* possível uma calúnia dessas?

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

9. Futuro do pretérito simples

e) em tom polido, denotando desejo presente: *Gostariam* de ir conosco? *Poderia* emprestar-me esse livro?

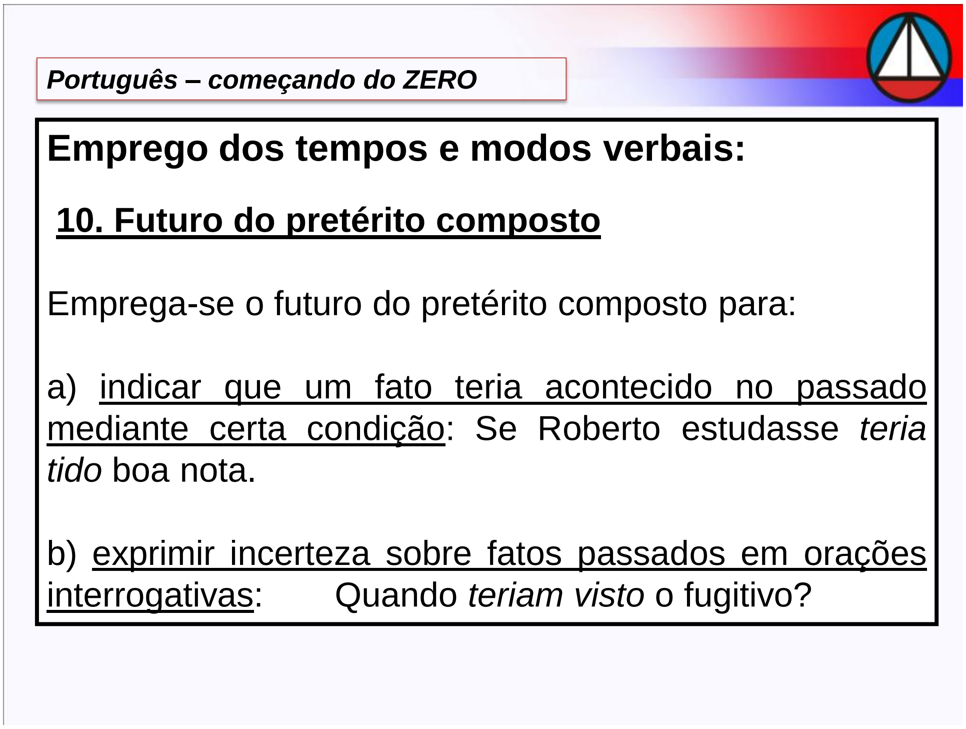

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

10. Futuro do pretérito composto

Emprega-se o futuro do pretérito composto para:

a) indicar que um fato teria acontecido no passado mediante certa condição: Se Roberto estudasse *teria tido* boa nota.

b) exprimir incerteza sobre fatos passados em orações interrogativas: Quando *teriam visto* o fugitivo?

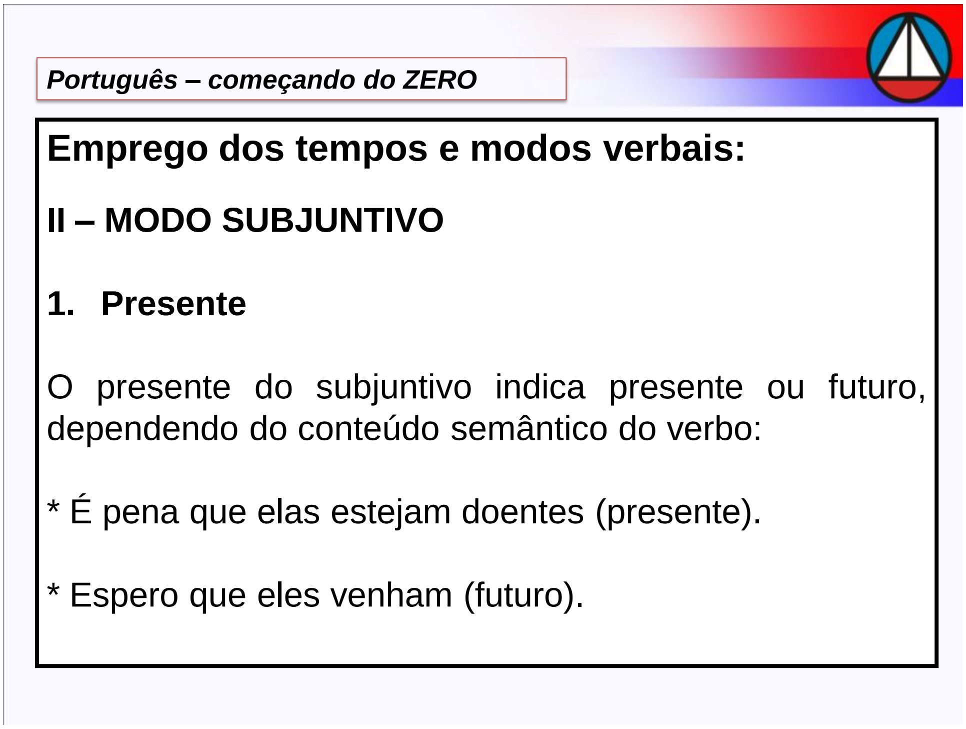

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

II – MODO SUBJUNTIVO

1. Presente

O presente do subjuntivo indica presente ou futuro, dependendo do conteúdo semântico do verbo:

* É pena que elas estejam doentes (presente).

* Espero que eles venham (futuro).

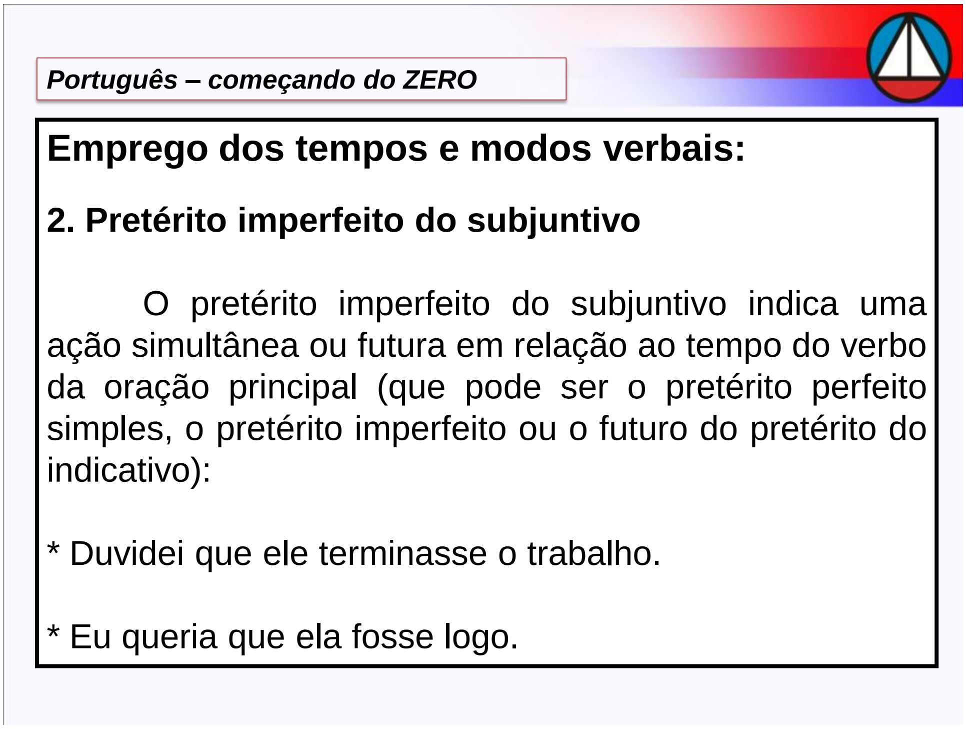

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

2. Pretérito imperfeito do subjuntivo

O pretérito imperfeito do subjuntivo indica uma ação simultânea ou futura em relação ao tempo do verbo da oração principal (que pode ser o pretérito perfeito simples, o pretérito imperfeito ou o futuro do pretérito do indicativo):

* Duvidei que ele terminasse o trabalho.

* Eu queria que ela fosse logo.

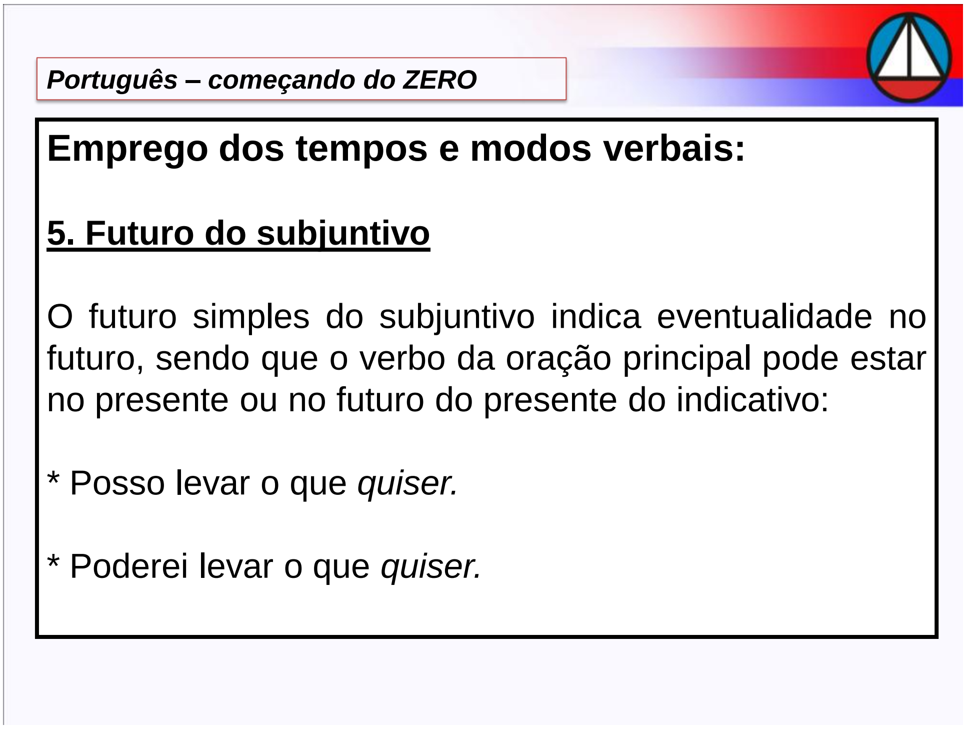

Português – começando do ZERO

Emprego dos tempos e modos verbais:

5. Futuro do subjuntivo

O futuro simples do subjuntivo indica eventualidade no futuro, sendo que o verbo da oração principal pode estar no presente ou no futuro do presente do indicativo:

* Posso levar o que *quiser.*

* Poderei levar o que *quiser.*

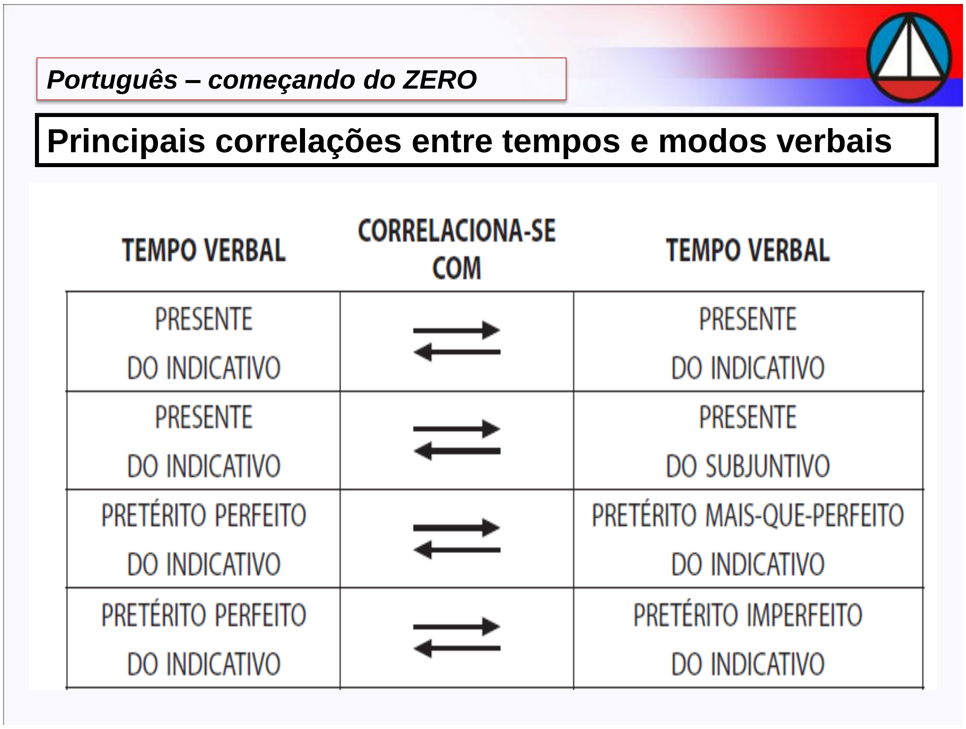

Português – começando do ZERO

Principais correlações entre tempos e modos verbais

TEMPO VERBAL	CORRELACIONA-SE COM	TEMPO VERBAL
PRESENTE DO INDICATIVO	⇄	PRESENTE DO INDICATIVO
PRESENTE DO INDICATIVO	⇄	PRESENTE DO SUBJUNTIVO
PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO
PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO

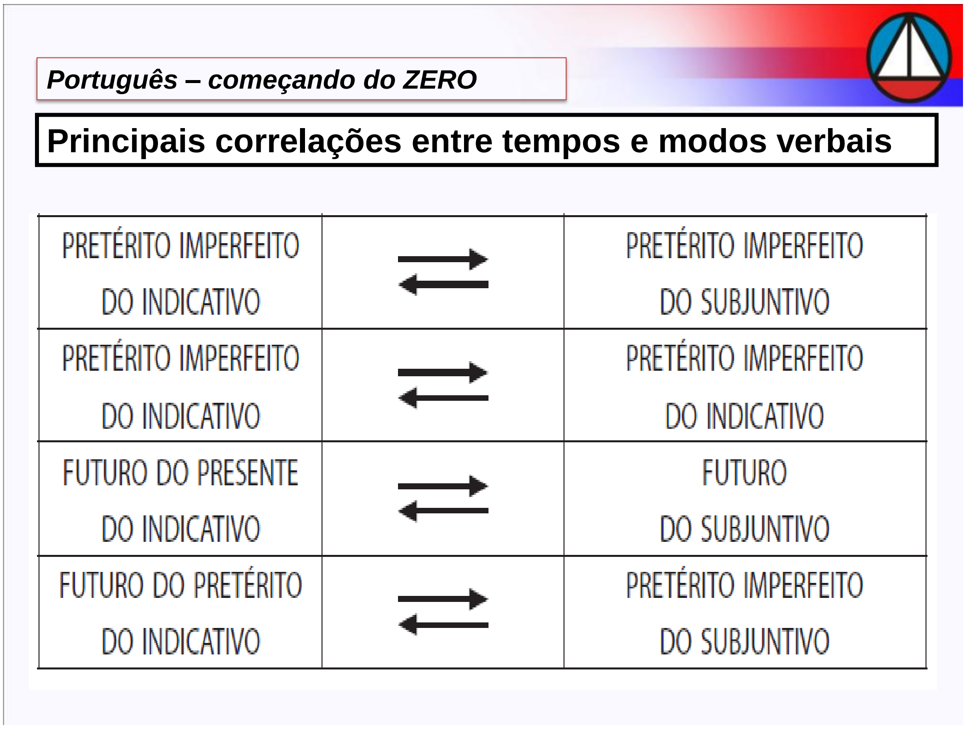

Português – começando do ZERO

Principais correlações entre tempos e modos verbais

PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO
PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO
FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO	⇄	FUTURO DO SUBJUNTIVO
FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO

Português – começando do ZERO

Correlações/articulações entre tempos e modos verbais (exemplos):

1. Sempre haverá quem preferirá ter-se omitido diante da violência de que venha a ser vítima.

2. Houve sempre quem preferisse omitir-se diante da violência de que tivesse sido vítima.

3. Há sempre quem prefere se omitir diante da violência de que venha a ser vítima.

Português – começando do ZERO

Correlações/articulações entre tempos e modos verbais (exemplos):

4. Havia sempre quem preferia se omitir diante da violência de que foi vítima.

5. Sempre há quem prefere se omitir diante da violência de que venha a ser vítima.

Português – começando do ZERO

Correlações/articulações entre tempos e modos verbais (corrija as estruturas abaixo):

1. A pesquisa de Johnson analisou um fenômeno que constituísse uma verdadeira obsessão que caracterize o homem moderno: o fascínio pela TV.

2. Se não variassem de cultura para cultura, as regras de convívio terão alcançado, efetivamente, a chamada validade universal.

Português – começando do ZERO

Correlações/articulações entre tempos e modos verbais (corrija as estruturas abaixo):

3. Sugere-se, nessa pesquisa, que o fato de nos aprisionarmos em nossa sala de TV fosse o responsável pela nossa predisposição a que cometêramos atos violentos.

4. Se de fato viéssemos a nos contentar com o que somos, as inúmeras janelas abertas pela TV não terão a mesma força de atração que as pesquisas demonstrassem.

Português – começando do ZERO

LOCUÇÕES VERBAIS

Também chamadas de "perífrases verbais", as locuções verbais servem para denotar ideias acessórias da ação verbal, frequentemente não contempladas pelos tempos simples e compostos.

a) Verbo auxiliar SER mais o PARTICÍPIO → formação de locuções verbais da voz passiva de ação;

* Eles **foram atacados** por várias abelhas enquanto caminhavam pela fazenda.

Português – começando do ZERO

LOCUÇÕES VERBAIS

b) Verbo auxiliar TER mais preposição DE mais INFINITIVO → formação de locução verbal que denota "obrigação, compromisso, fato infalível".

* O Brasil **tem de** ser um país menos desigual.

Português – começando do ZERO

LOCUÇÕES VERBAIS

c) Verbos auxiliares "COMEÇAR A, ENTRAR A, PASSAR A" mais INFINITIVO → formação de locuções verbais que indicam momento inicial de uma ação.

* O trem **começou a partir**, e todos, emocionados, despediam-se dos soldados.

Português – começando do ZERO

LOCUÇÕES VERBAIS

d) Verbos auxiliares "ANDAR, ESTAR, FICAR, IR, VIR" mais GERÚNDIO → formação de locuções verbais que indicam duração, continuação, progressão.

* Já **vem chegando** o inverno com seu frio, suas chuvas.

Português – começando do ZERO

LOCUÇÕES VERBAIS

e) Verbo auxiliar "DEVER" mais INFINITIVO → formação de locução verbal que indica necessidade, obrigação.

* " O almirante não **deve falar** assim... A pátria está logo abaixo da humanidade." (Lima Barreto)

Português – começando do ZERO

LOCUÇÕES VERBAIS

f) Verbo auxiliar IR mais GERÚNDIO → formação de locução verbal que indica uma ação em decurso, em ocorrência, em desenvolvimento gradual.

* " Meu coração é um almirante louco
que abandonou a profissão do mar
e que a **vai relembrando** pouco a pouco
em casa a passear, a passear ..." (Fernando Pessoa)

Português – começando do ZERO

Classificação morfológica dos verbos

Quanto à terminação

Os verbos podem ser:

1ª CONJUGAÇÃO → ar
2ª CONJUGAÇÃO → er
3ª CONJUGAÇÃO → ir

Português – começando do ZERO

Classificação morfológica dos verbos

Quanto à flexão ou à conjugação

Os verbos podem ser REGULARES, IRREGULARES, DEFECTIVOS, ABUNDANTES e PRONOMINAIS.

1) Verbo regular é aquele cujo tema permanece invariável.

Português – começando do ZERO

Classificação morfológica dos verbos

2) Verbo irregular é aquele que não segue o paradigma regular de sua conjugação.

3) Verbo defectivo é aquele que não apresenta todos os modos, tempos ou pessoas próprios dos verbos.

4) Verbo abundante é aquele que apresenta mais de uma forma de conjugação para certos tempos, modos ou pessoas.

Português – começando do ZERO

Classificação morfológica dos verbos

5. Verbo pronominal é aquele que só é conjugado com o auxilio de um pronome pessoal oblíquo, átono.

Português – começando do ZERO

Classificação morfológica dos verbos

Quanto à função

Os verbos são classificados em AUXILIARES e PRINCIPAIS.

1. **Verbo auxiliar** é aquele que, empregado ao lado de uma forma nominal do verbo (infinitivo, gerúndio ou particípio), formará as locuções verbais e os tempos compostos.

Português – começando do ZERO

Classificação morfológica dos verbos

Quanto à função

2. **Verbo principal** é, como o próprio nome já o diz, aquele de significação plena e que funciona como núcleo de uma oração.

Português – começando do ZERO

Classificação morfológica dos verbos

Quanto à formação

Os verbos são classificados em PRIMITIVOS e DERIVADOS.

1. Verbo primitivo é aquele que não foi formado por nenhum outro verbo pré-existente.

2. Verbo derivado é aquele que foi formado a partir de outro verbo pré-existente.

Português – começando do ZERO

PARADIGMAS ESPECIAIS PARA A CONJUGAÇÃO VERBAL

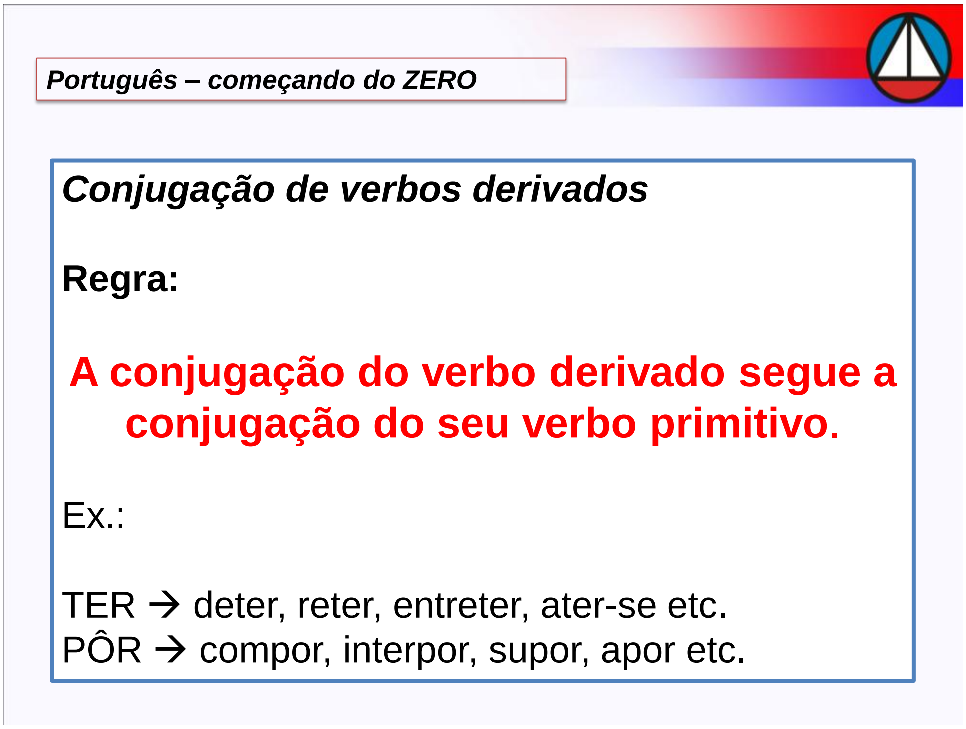

Português – começando do ZERO

Conjugação de verbos derivados

Regra:

A conjugação do verbo derivado segue a conjugação do seu verbo primitivo.

Ex.:

TER → deter, reter, entreter, ater-se etc.
PÔR → compor, interpor, supor, apor etc.

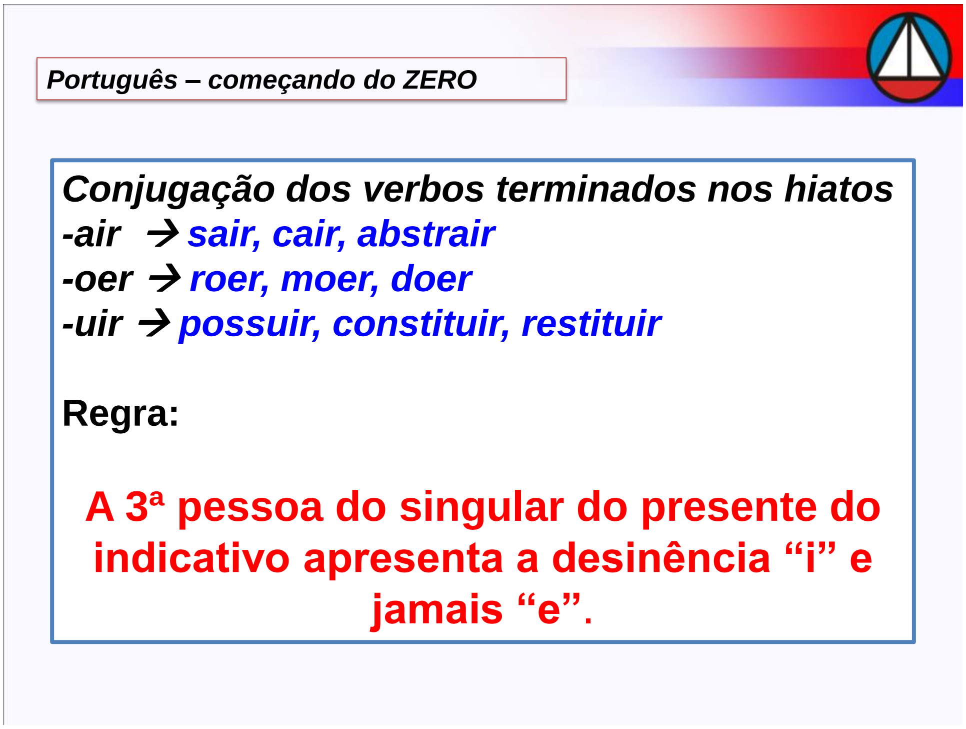

Português – começando do ZERO

Conjugação dos verbos terminados nos hiatos

***-air** → sair, cair, abstrair*
***-oer** → roer, moer, doer*
***-uir** → possuir, constituir, restituir*

Regra:

A 3ª pessoa do singular do presente do indicativo apresenta a desinência “i” e jamais “e”.

Português – começando do ZERO

Conjugação dos verbos terminados no hiato "-ear" → ***frear, pentear, veranear, passear, homenagear, arrear, saborear***

Regra:

Intercalam, por motivos fonéticos, um "i" intervocálico em sua desinência nas formas rizotônicas.

Português – começando do ZERO

Conjugação dos verbos terminados no hiato "-iar" → ***variar, estagiar, abreviar, adiar, conciliar, copiar, desviar, guiar***

Regra:

Seguem o paradigma de conjugação dos verbos da 3ª conjugação, isto é, conjugam-se normalmente à exceção de M-A-R-I-O.

Português – começando do ZERO

M → mediar

A → ansiar

R → remediar

I → incendiar

O → odiar

Intercalam um "E" eufônico nas formas rizotônicas

Português – começando do ZERO

Verbo ANSIAR (presente do indicativo)

EU	***ANSEIO***
TU	***ANSEIAS***
ELE	***ANSEIA***
NÓS	***ANSIAMOS***
VÓS	***ANSIAIS***
ELES	***ANSEIAM***

Português – começando do ZERO

Verbo MEDIAR (presente do subjuntivo)

Que...

EU	***MEDEIE***
TU	***MEDEIES***
ELE	***MEDEIE***
NÓS	***MEDIEMOS***
VÓS	***MEDIEIS***
ELES	***MEDEIEM***

Português – começando do ZERO

Conjugação de verbos terminados nos hiatos "-oar" e "-uar" → abençoar, voar, leiloar, continuar, suar, atenuar

Regra:

Apresentam a letra "E" em todas as formas do presente do subjuntivo

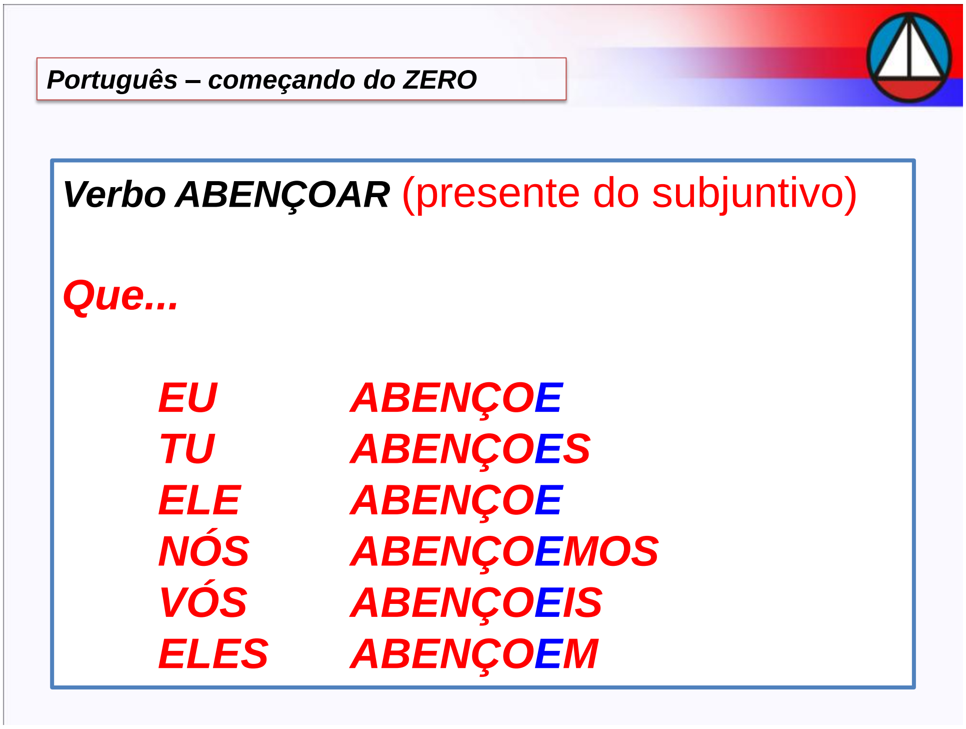

Português – começando do ZERO

***Verbo ABENÇOAR** (presente do subjuntivo)*

Que...

EU	***ABENÇOE***
TU	***ABENÇOES***
ELE	***ABENÇOE***
NÓS	***ABENÇOEMOS***
VÓS	***ABENÇOEIS***
ELES	***ABENÇOEM***

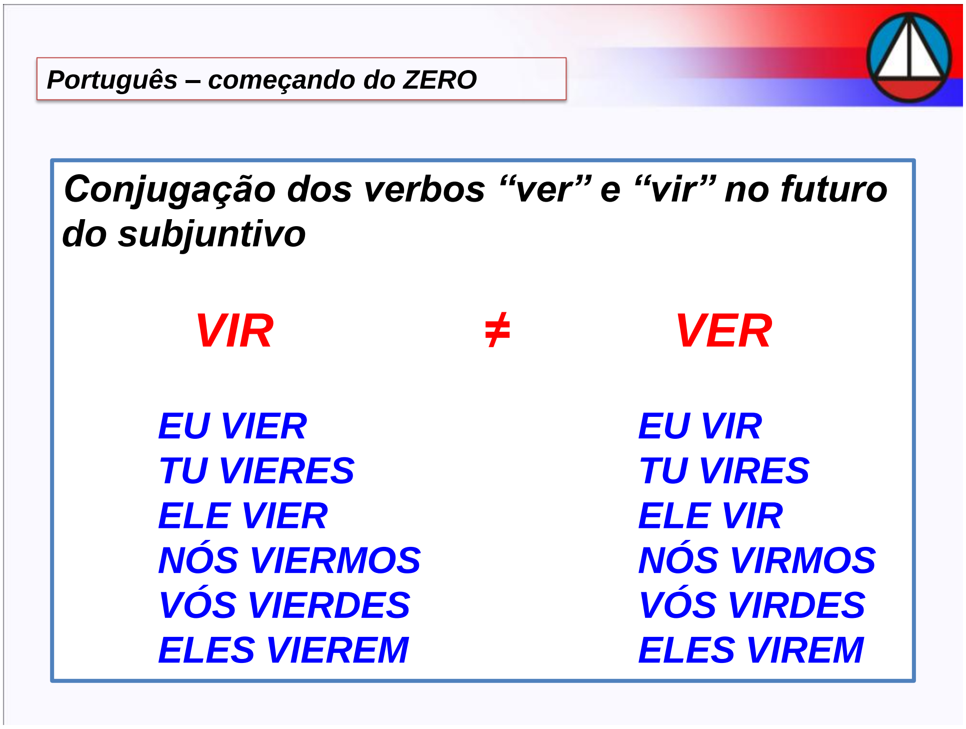

Português – começando do ZERO

Conjugação dos verbos “ver” e “vir” no futuro do subjuntivo

VIR	***≠***	***VER***
EU VIER		***EU VIR***
TU VIERES		***TU VIRES***
ELE VIER		***ELE VIR***
NÓS VIERMOS		***NÓS VIRMOS***
VÓS VIERDES		***VÓS VIRDES***
ELES VIEREM		***ELES VIREM***

Português – começando do ZERO

Conjugação de verbos defectivos (importantes para os concursos promovidos pela FCC):

1º GRUPO → Verbos que não possuem a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.

abolir, colorir, delinquir, demolir, exaurir (esgotar, acabar), extorquir, soer (costumar, acontecer com frequência), urgir (ser urgente), tinir (soar)".

Português – começando do ZERO

Conjugação de verbos defectivos (importantes para os concursos promovidos pela FCC):

2º GRUPO → Verbos que, no presente do indicativo, só possuem as pessoas "nós" e "vós".

reaver, precaver, aguerrir, adequar, empedernir (petrificar), remir (resgatar), fornir (abastecer, prover), falir, embair (iludir, seduzir), adir (acrescentar, adicionar), renhir (disputar, pleitear)

Português – começando do ZERO

01. (FCC – TRF 4ª - Analista Judiciário) Estão inteiramente corretas a forma e a flexão dos verbos na frase:

(A) A boa ficção não institue fantasias gratuitas; ela aprende o real por meio da mais fecunda imaginação.
(B) Embora muitos diverjam, não há por que não admitir que um romance policial reuna vários atributos estéticos.
(C) Embora não sejam propriamente ficções, os bons documentários propisciam a abertura de novos horizontes do real.

Português – começando do ZERO

01. (FCC – TRF 4ª - Analista Judiciário) Estão inteiramente corretas a forma e a flexão dos verbos na frase:

(D) Se achamos que a vida dos afegãos não tem nada haver com a nossa, o autor lembra que a história de Amir conflue para a de muita gente.
(E) Muitos autores entremeiam realidade e imaginação em suas narrativas para proverem a ficção dos mais estimulantes atrativos.

Português – começando do ZERO

02.(FCC – TJ/PE – Analista Judiciário) Estão adequados o emprego e a flexão de todas formas verbais na frase:

(A) Se as pesquisas bem realizadas sempre intervissem no comportamento das pessoas, o estudo ao qual se aplicou Johnson teria algum efeito sobre o público.
(B) Imergem da pesquisa de Johnson alguns dados reveladores quanto à ação da TV sobre nós, mas é possível que outros fatores hajam de modo determinante sobre o nosso comportamento.
(C) Quem revir as várias pesquisas sobre a relação entre TV e comportamento haverá de se deparar com resultados que talvez constituam motivo para algum alarme.

Português – começando do ZERO

02.(FCC – TJ/PE – Analista Judiciário) Estão adequados o emprego e a flexão de todas formas verbais na frase:

(D) Jamais conviu às emissoras de TV divulgar essas pesquisas, que quase sempre as encriminam como responsáveis pela multiplicação da violência social.
(E) Se as violências que provêem do hábito de assistir à TV se saneiassem por conta de alguma regulamentação governamental, seria o caso de pedir providências às autoridades.

Português – começando do ZERO

03. (FCC) A forma verbal que, além de corretamente flexionada, indica **fato passado anterior a outro, também passado**, está grifada na frase:

(A) Para que se precavissem os efeitos prejudiciais ao meio ambiente, interromperam-se as queimadas na região.

(B) Após a derrubada da mata, sobreviram alterações significativas no clima de toda a área, antes coberta por ela.

(C) O especialista ativera-se à análise dos dados obtidos, para defender o programa de responsabilidade ambiental.

Português – começando do ZERO

03. (FCC) A forma verbal que, além de corretamente flexionada, indica **fato passado anterior a outro, também passado**, está grifada na frase:

(D) Proporam-se medidas de combate à degradação da floresta, porém os resultados danosos já haviam se instalado em toda a área.

(E) Se não fosse imediatamente interrompido o corte das árvores, a região transformar-se-ia numa extensa área desertificada.

Português – começando do ZERO

04.(FCC) Estão corretos o emprego e a flexão de todas as formas verbais na frase:

(A) Se os homens dessem ouvido à consciência e contessem seus instintos, as relações sociais seriam mais harmoniosas.

(B) Aos homens nunca aprouve respeitar os princípios coletivos quando não prescrita uma punição para quem viesse a menosprezá-los.

(C) Se os cidadãos elegerem princípios e convirem que estes são justos, só os infligirá quem se valer de má fé.

Português – começando do ZERO

04.(FCC) Estão corretos o emprego e a flexão de todas as formas verbais na frase:

(D) No caso de evidente erro judiciário, deve-se ratificar a sanção aplicada para que a punição injusta não constitue um argumento a favor da impunidade.

(E) Quando todos revirmos o papel social que nos cabe e nos dispormos a exercê-lo de fato, nenhum caso de impunidade será tolerado.

Português – começando do ZERO

05.(FCC) Estão corretos o emprego e a flexão de todas as formas verbais na frase:

(A) Se os homens dessem ouvido à consciência e contessem seus instintos, as relações sociais seriam mais harmoniosas.
(B) Aos homens nunca aprouve respeitar os princípios coletivos quando não prescrita uma punição para quem viesse a menosprezá-los.
(C) Se os cidadãos elegerem princípios e convirem que estes são justos, só os infligirá quem se valer de má fé.

Português – começando do ZERO

05.(FCC) Estão corretos o emprego e a flexão de todas as formas verbais na frase:

(D) No caso de evidente erro judiciário, deve-se ratificar a sanção aplicada para que a punição injusta não constitue um argumento a favor da impunidade.
(E) Quando todos revirmos o papel social que nos cabe e nos dispormos a exercê-lo de fato, nenhum caso de impunidade será tolerado.

Português – começando do ZERO

06.(FCC) Está correta a flexão de todas as formas verbais na frase:

(A) Não é verdade que os portugueses do século XV engulissem as vogais ou chiassem nas consoantes.

(B) Sempre serão bem-vindos os imigrantes que chegarem ao Brasil, em qualquer época, e trazerem para nós as marcas de sua língua e de sua cultura.

(C) Caso a incorporação de termos estrangeiros não convisse aos falantes de um idioma, estes não haveriam de os aproveitar.

Português – começando do ZERO

06.(FCC) Está correta a flexão de todas as formas verbais na frase:

(D) Se alguém rever os textos do português arcaico, se espantará com a profusão de termos que ainda freqüentam a fala brasileira em muitas regiões do país.

(E) Foram-se somando ao português do Brasil, ao longo dos séculos, os traços que advieram das línguas dos que para cá emigraram.

Interpretação Textual

Português p/ TJ-PE (Com videoaulas)

Professores: Equipe Rafaela Freitas, Rafaela Freitas

AULA EXTRA

COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

E aí, queridos? Tranquilos até aqui?

Proponho aprofundarmos com esta aula EXTRA um pouco mais na interpretação textual! Sim, existem alguns conceitos e erros comuns que ainda precisam ser falados! Topam??

Vamos lá!!

SUMÁRIO

CONCEITOS....................................02
TABELA DE EXPRESSÕES....................................03
ERROS CLÁSSICOS SOBRE O ENTENDIMENTO DOS TEXTOS....................................04
DICAS PARA A PROVA....................................06
HORA DE PRATICAR....................................09
LISTA DE QUESTÕES COMENTADAS NESTA AULA....................................49
GABARITO....................................72
O MEU ATÉ BREVE....................................72

"Ouse, arrisque, não desista jamais e saiba valorizar quem te ama, esses sim merecem seu respeito. Quanto ao resto, bom, ninguém nunca precisou de restos para ser feliz".

(Clarice Lispector)

Primeiro, caros alunos, vejamos alguns conceitos:

1 – ***Texto***: é um conjunto de palavras e frases encadeadas que têm a finalidade de transmitir uma mensagem a partir de sua interpretação.

2 – ***Contexto***: MUITO IMPORTANTE!!! É a interligação das diversas frases que formam um texto. Cada uma delas é ligada à anterior e à posterior por uma relação semântica.

Se uma das frases é analisada isoladamente, fora de seu contexto original, poderá assumir significado diferente daquele inicial, por isso o contexto é tão importante. Precisamos sempre estar atentos ao contexto do enunciado da questão, ao que ela pede, e ao contexto do seu texto base.

3 – ***Compreensão de texto*** – consiste em analisar o que realmente está escrito, ou seja, coletar dados do texto.

4 – ***Interpretação de texto***: consiste em saber o que se infere (conclui) do que está escrito.

ESCLARECENDO

Para nos ajudar a entender a diferença entre compreensão e interpretação de texto na prova, montei uma tabelinha com expressões trazidas por questões, que nos ajudará a entender o que pedem os enunciados:

Expressões que solicitam compreensão do texto	Expressões que solicitam inferência a partir do texto
• Segundo o texto...	• Depreende-se/infere-se/conclui-se do texto que...
• O autor/narrador do texto diz que...	• O texto permite deduzir que...
• O texto informa que...	• É possível subentender-se a partir do texto que...
• Tendo em vista o texto...	• Qual a intenção do autor quando afirma que...
• De acordo com o texto...	• O texto possibilita o entendimento de que...
• O autor sugere ainda que...	• Com o apoio do texto, infere-se que...
• Na opinião do autor do texto...	• O texto encaminha o leitor para...
• No texto...	• Pretende o texto mostrar que o leitor...

A dificuldade na compreensão e na interpretação de textos deve-se à falta do hábito da leitura. Sim! Então, desenvolva o hábito da leitura. Que tal estabelecer agora uma meta de ler, pelo menos, um jornal todos os dias? Isso o(a) ajudará a fazer uma boa redação, uma vez que você irá ficar antenado(a) com o que está acontecendo com o Brasil e o mundo, e auxiliará na hora da prova! Crie o hábito da leitura e o gosto por ela. Quando passamos a gostar de algo, compreendemos melhor seu funcionamento. O negócio é ficar íntimo do texto por conhecê-lo muito bem. Aí as palavras irão se tornar familiares e, consequentemente, a ortografia delas não será mais tão difícil de memorizar. Pode acreditar, dá muito certo! Mas tem que começar agora!!! Se preferir, leia revistas ou livros, mas leia.

FIQUE
atento!

Erros clássicos de entendimento de textos

Extrapolação: ocorre quando fazemos associações que estão além dos limites do texto, quando acrescentamos ideias que não estão no texto analisado.

Redução: ocorre quando nos restringimos à significação de uma palavra ou passagem do texto. É o contrário da extrapolação. A redução consiste em privilegiarmos um elemento que é verdadeiro, mas não é suficiente diante do conjunto que é o texto.

Contradição: ocorre quando, por uma leitura desatenta, pela não percepção de algumas relações, pela incompreensão de um raciocínio, pelo esquecimento de uma ideia dita anteriormente ou pela perda de uma passagem no desenvolvimento do texto, chega-se a uma conclusão contrária à que o texto propõe.

Esse último erro é o mais perigoso. **Cuidado!**

A banca examinadora se apoia nele para “pegar” o candidato desatento. Daí é que saem as pegadinhas na maioria das vezes. Uma alternativa pode vir apresentando muitas palavras do texto, ou até expressões inteiras dele, mas com um sentido contrário. Aí, o candidato desatento ou ansioso faz o quê? Marca essa porque é a que apresenta mais “ao pé da letra” elementos presentes no texto.

- Mas conosco não! Nós estamos ligados... Não é isso galera?
- Sim, professora!
- É isso aí. Vamos em frente!

INDO
mais fundo

O mistério

O que podemos experimentar de mais belo é o mistério. Ele é a fonte de toda a arte e ciência verdadeira. Aquele que for alheio a essa emoção, aquele que não se detém a admirar as colinas, sentindo-se cheio de surpresa, esse já está, por assim dizer, morto e tem os olhos extintos. O que fez nascer a religião foi essa vivência do misterioso - embora mesclado de terror. Saber que existe algo insondável, sentir a presença de algo profundamente racional e radiantemente belo, algo que compreenderemos apenas em forma muito rudimentar - é esta a experiência que constitui a atitude genuinamente religiosa. Neste sentido, e unicamente neste sentido pertenço aos homens profundamente religiosos.

(Albert Einstein - Como vejo o mundo)

Seguem alguns exemplos de erros no entendimento do texto.

Conclusões extrapolativas:

- ✓ O texto fala sobre a importância de Deus e da religião, e sobre o mistério da criação do universo.
- ✓ O texto afirma que todo cientista precisa ser artista e religioso, para poder compreender a natureza.

Conclusões redutivas:

- ✓ O texto afirma que o terror fez nascer a religião.
- ✓ O texto afirma que a nossa compreensão dos fenômenos é ainda muito elementar.

Conclusão contraditória:

- ✓ O texto afirma que quem experimenta o mistério está com os olhos fechados e não consegue compreender a natureza.

Segundo a análise do Prof. Paulo Canedo de Magalhães, do Laboratório de Hidrologia da COPPE, UFRJ, o projeto de transposição das águas do Rio São Francisco envolve uma vazão de água modesta e não representa nenhum perigo para o Velho Chico, mas pode beneficiar milhões de pessoas. No entanto, o sucesso do empreendimento dependerá do aprimoramento da capacidade de gestão das águas nas regiões doadora e receptora, bem como no exercício cotidiano de operar e manter o sistema transportador.

Embora não seja contestado que o reforço hídrico poderá beneficiar o interior do Nordeste, um grupo de cientistas e técnicos, a convite da SBPC, numa análise isenta, aponta algumas incertezas no projeto de transposição das águas do Rio São Francisco. Afirma também que a água por si só não gera desenvolvimento e será preciso implantar sistemas de escoamento de produção, capacitar e educar pessoas, entre outras ações.

(Adaptado. Ciência Hoje, volume 37, número 217, julho de 2005)

Os diferentes pontos de vista sobre o megaprojeto de transposição das águas do Rio São Francisco quando confrontados indicam que

a) as perspectivas de sucesso dependem integralmente do desenvolvimento tecnológico prévio da região do semiárido nordestino.

b) o desenvolvimento sustentado da região receptora com a implantação do megaprojeto independe de ações sociais já existentes.

c) o projeto deve limitar-se às infraestruturas de transporte de água e evitar induzir ou incentivar a gestão participativa dos recursos hídricos.

d) o projeto deve ir além do aumento de recursos hídricos e remeter a um conjunto de ações para o desenvolvimento das regiões afetadas.

e) as perspectivas claras de insucesso do megaprojeto inviabilizam a sua aplicação, apesar da necessidade hídrica do semiárido.

Comentário: Olha que linda essa questão! Ela é ótima para ilustrar as dicas que acabamos de ver.

Preste atenção na alternativa A. A afirmação diz que o sucesso do projeto depende ***integralmente*** *do desenvolvimento* ***tecnológico*** *da região receptora. Cuidado! Ainda que houvesse alguma informação no texto sobre o desenvolvimento tecnológico, que não há, a palavra integralmente significa totalmente, isto é, condiciona totalmente o sucesso ao desenvolvimento tecnológico e a mais nenhum outro fator. Se não houver no texto palavra sinônima a essa (integralmente) que levante essa ideia de condição, não podemos marcar a opção como correta.*

A afirmação da letra B está errada porque ela própria já é incoerente devido à disposição dos tempos verbais. Veja: o desenvolvimento sustentado, quer dizer que ***já se sustenta****, com o projeto que* ***será implantado*** *(inferimos isso porque o texto fala das possibilidades do sucesso da implantação do projeto), independe de ações que* ***já existem****.*

Na alternativa C, há erro porque o texto afirma, na linha 5: "o sucesso do empreendimento dependerá do aprimoramento da capacidade de gestão das águas nas regiões doadora e receptora, bem como no exercício cotidiano de operar e manter o sistema transportador." Concluímos então, a partir do texto, que o projeto dependerá não só da manutenção das infraestruturas de transporte mas também do aprimoramento da capacidade de gestão participativa das águas.

A letra D está correta e pode ser confirmada na linha 4 do segundo parágrafo, no trecho "Afirma também que a água por si só não gera desenvolvimento e será preciso implantar sistemas de escoamento de produção, capacitar e educar pessoas, entre outras ações."

Em E, o erro principal está na palavra insucesso. O texto, como já concluímos, "fala" sobre as perspectivas de ***sucesso*** *da implantação do projeto, sobre o que é necessário para alcançá-lo.*

O que fica claro, pelo texto, é que o projeto precisa ser acompanhado de todo um procedimento que inclua sistemas de escoamento de produção e o preparo das populações que receberão a água, para que seu uso racional faça valer o esforço do projeto.

Gabarito: D

HORA DE
PRATICAR!

Para praticarmos mais um pouco, selecionei questões com diversos temas de provas de 2015 da FCC.

Treinar com questões anteriores da banca é essencial!!

Gramática e Interpretação de texto da Língua Portuguesa

Atenção: Para responder às questões de números 1 a 4, considere o texto abaixo.

Hoje, quando o mundo está em crise, parece mais importante que nunca aprender um pouco de economia. As notícias econômicas agora são o assunto principal em jornais e programas de TV. No entanto, será que realmente sabemos o que é economia?

A palavra vem do grego oikonomia*, que significa "administração da casa", e passou a significar o estudo das maneiras de gerir os recursos e, mais especificamente, a produção e a permuta de bens e serviços. A economia moderna surgiu como disciplina específica no século XVIII, sobretudo com a publicação em 1776 de* A riqueza das nações*, livro escrito pelo grande pensador escocês Adam Smith.* **Contudo***, o que motivou o interesse no assunto não foram os textos de economistas, mas as enormes mudanças na própria economia com o advento da Revolução Industrial. Os pensadores mais antigos haviam falado da gestão de bens e serviços nas sociedades, tratando de questões que surgiram como problemas da filosofia moral ou política. Mas, com o surgimento das fábricas e da produção de bens em massa, veio uma nova era de organização econômica que dava atenção ao todo. Aí começou a chamada economia de mercado.*

A análise de Smith do novo sistema definiu o padrão, com uma explicação abrangente do mercado competitivo. Ele afirmou que o mercado é guiado por uma "mão invisível", de modo que as ações racionais de indivíduos interesseiros acabam dando à sociedade exatamente o que ela necessita.

Smith era filósofo, e o tema de seu livro incluía política, história, filosofia e antropologia. Depois dele, surgiu uma nova geração de pensadores econômicos, que preferiu se concentrar totalmente na economia.

(Adaptado de: **O livro da economia**. Trad. Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo, Globo, 2013, p. 12-14)

1. **(TRE-PE – 2015 - TJAA – FCC)** De acordo com o texto, é correto afirmar que Adam Smith

(A) contribuiu para os estudos de economia ao fornecer uma análise ampla da economia de mercado.

(B) escreveu *A riqueza das nações* eximindo-se de abordar temas de ordem histórica ou antropológica.

(C) foi o primeiro pensador a tratar de assuntos relativos à gestão de bens e serviços na sociedade.

(D) percebeu que transformações econômicas e transformações sociais ocorrem de modo dissociado.

(E) revolucionou os estudos econômicos quando relacionou a gestão de bens e serviços à filosofia.

Comentário: A letra A está correta, sendo confirmada no primeiro período do último parágrafo do texto com a afirmação de que o autor definiu o padrão, explicando o mercado competitivo de forma abrangente. A opção B afirma que Adam Smith eximiu-se de abordar temas de ordem histórica ou antropológica em seu livro, o que é incorreto porque, no último parágrafo consta o seguinte trecho: "Smith era filósofo, e o tema de seu livro incluía política, história, filosofia e antropologia." A opção C está incorreta porque no final do segundo parágrafo afirma-se que o assunto já havia sido abordado por pensadores mais antigos. A opção D não condiz com a atualidade e muito menos com o período de surgimento da economia de mercado, uma vez que o texto afirma: "Mas, com o surgimento das fábricas e da produção de bens em massa, veio uma nova era de organização econômica que dava atenção ao todo. Aí começou a chamada economia de mercado." Na letra E, a afirmação de que o autor revolucionou os estudos da economia é errada porque o final do último parágrafo do texto afirma que os outros pensadores sobre o assunto após Smith preferiram concentrar-se totalmente na economia.

GABARITO: A

2. **(TRE-PE – 2015 - TJAA – FCC)** A frase escrita corretamente, no que se refere à norma-padrão da língua portuguesa, é:

(A) A economia está presente na vida prática de todos, desde a compra de ítens de consumo diário, como alimentos, até a aquizição de um imóvel.

(B) Os economistas despensam atenção ao comportamento humano no geral; os valores e as inquietações de um indivíduo está latente em seus hábitos de consumo.

(C) São cada vez mais recorrentes as discussões relativas a assuntos econômicos na TV; alguns programas conferem ao debate um enfoque sensacionalista.

(D) A economia tornou-se tema frequente nos telejornais, que, inclusive, têm seus proprios economistas respondendo a perguntas dos expectadores.

(E) Conhecer um pouco de questões econômicas permitem que os cidadãos procurem a acessoria adequada para poupar e investir seu dinheiro de modo a obtêr mais vantagens.

Comentário: na opção A, as palavras ítens e aquizição estão escritas incorretamente, sendo itens e aquisição as formas corretas de escrita dessas palavras. Na opção B, há erro ortográfico na escrita da palavra despensam, que seria dispensam, e erro de concordância no trecho: "...as inquietações de um indivíduo está latente...". Concordância correta: as inquietações de um indivíduo estão latentes, pois o verbo *estar* concorda com o núcleo do sujeito *inquietações*. A palavra proprios está ortograficamente incorreta na leta D, é uma paroxítona terminada em ditongo, escrita correta *próprios*. Na letra E há erro de concordância no verbo permitem, que deveria concordar com o sujeito oracional, que tem como núcleo o verbo *conhecer*, ficando, portanto, no singular. Também há erro ortográfico nas palavras acessoria e obtêr, que corretamente são escritas assessoria e obter.

GABARITO: C

3. **(TRE-PE – 2015 - TJAA – FCC)** O termo *Contudo*, em destaque no segundo parágrafo, tem valor

(A) adversativo, e equivale a *Porém*.

(B) conformativo, e equivale a *Conforme*.

(C) explicativo, e equivale a *Pois*.

(D) conclusivo, e equivale a *Então*.

(E) final, e equivale a *Para tanto*.

Comentário: *contudo*, nesse contexto, pode ser substituído apenas por conjunções adversativas, o que elimina todas as opções seguintes, que, se adotadas, alterariam o sentido do texto.

GABARITO: A

4. **(TRE-PE – 2015 - TJAA – FCC)** A partir da leitura do texto, conclui-se corretamente que

(A) a palavra *economia* surgiu no século XVIII para nomear os recursos oriundos das fábricas e da produção de bens em massa.

(B) a designação *gestão de bens e serviços* indica que o objeto de estudo da economia foi aos poucos se restringindo a questões de ordem moral.

(C) o livro *A riqueza das nações*, escrito por Adam Smith, despertou nas pessoas o interesse em economia durante a Revolução Industrial.

(D) o rótulo *administração da casa* é usado para descrever a economia moderna como um campo de estudo restrito ao âmbito doméstico.

(E) a expressão *mão invisível* associa-se ao modo como o mercado é comandado por indivíduos preocupados em obter vantagens pessoais.

Comentário: segundo o texto, a palavra economia (do grego – oikonomia), significando "administração da casa", passou posteriormente a significar o estudo de como gerir recursos, diferente do que consta na letra A. A opção B está incorreta porque o texto afirma que o termo gestão de bens e serviços começou a ser usado para tratar de questões provenientes de problemas da filosofia moral ou da política, passando, com a nova era de organização econômica, a dar atenção ao todo. O interesse em economia surgiu, segundo o texto, com as mudanças ocorridas nela própria após a

Revolução Industrial, portanto a opção C está incorreta. Administração da casa era o significado da palavra grega oikonomia, que passou a economia, significando o estudo das maneiras de gerir recursos, portanto a opção D está incorreta. Já a opção E está correta e se confirma no texto, no último parágrafo: "*Ele afirmou que o mercado é guiado por uma "mão invisível", de modo que as ações racionais de indivíduos interesseiros acabam dando à sociedade exatamente o que ela necessita.*"

GABARITO: E

Atenção: Considere a tira de André Dahmer para responder à questão de número 5.

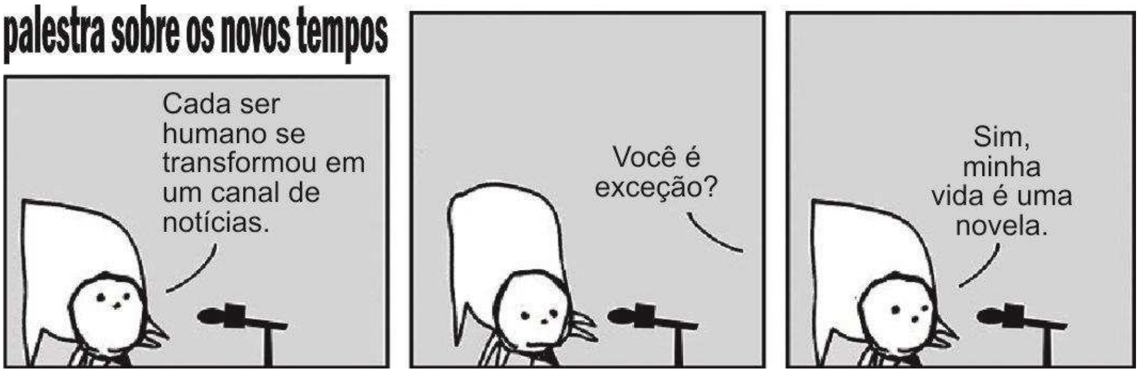
palestra sobre os novos tempos
Cada ser humano se transformou em um canal de notícias.
Você é exceção?
Sim, minha vida é uma novela.

5. **(TRE-PE – 2015 - TJAA – FCC)** Ao usar o termo *novela*, no terceiro quadrinho, a personagem

(A) confessa passar por um período de marasmo, em que nada acontece.

(B) revela estar plenamente satisfeita com suas experiências de vida.

(C) sugere que tem vivido situações complicadas e de difícil solução.

(D) conclui que sua conduta é irretocável e deveria servir de modelo.

(E) demonstra que tem presenciado fatos característicos de um noticiário.

Comentário: ao sugerir que sua vida é uma novela, a personagem declara que está passando por um período difícil e emaranhado como as novelas televisivas da atualidade, concordando então com a afirmativa letra C. Sendo assim, a opção A, que afirma que a personagem confessa que sua vida é um marasmo, não condiz com o que acontece em uma novela. A expressão "minha vida é uma novela" sugere uma afirmação com certa negatividade em que o sujeito que a profere não está satisfeito com o que está vivendo, o que torna incorreta a opção B. A opção D está errada ao sugerir que a personagem considera sua conduta irretocável, pois, numa novela, há sempre altos e baixos e várias situações que vão contra o senso moral da sociedade. A opção E estaria correta se relacionada ao primeiro quadrinho da tira apenas.

GABARITO: C

Atenção: Para responder às questões de números 6 a 9, considere o texto abaixo.

Cada um no seu *tablet*: conheça o perfil das crianças brasileiras na *web*

Há tempos a internet não é lugar frequentado apenas por adultos. As crianças aprendem a navegar na web *antes mesmo de amarrar os cadarços. Um levantamento da AVG Technologies comprova que 57% dos pequenos de até 5 anos sabem usar aplicativos em* smartphones, *mas só 14% são capazes de dar um laço nos cordões dos sapatos.*

Além de ter acesso a dispositivos eletrônicos cada vez mais cedo, o público infantil tem uma tendência ao uso privativo da internet. As informações são do relatório mais recente da ICT Kids Online Brazil. O estudo foi realizado com pessoas de 9 a 16 anos, e indica que meninos e meninas acessam a rede principalmente de casa. E o Brasil é onde as crianças mais acessam a internet por dispositivos móveis, como smartphones *e* tablets *– um terço delas estão conectadas.*

Apesar do amplo acesso à web *dentro de casa, a realidade não é a mesma no ambiente escolar. A pesquisa chama a atenção para o pouco uso da rede nas escolas brasileiras.*

(Adaptado de: **www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2015/09/04/interna_tecnologia,497349/cada-um-no-seutablet-conheca-o-perfil-das-criancas-brasileiras-na-we.shtml**. Acessado em: 05.09.2015)

6. **(TRE-PE – 2015 - TJAA – FCC)** A frase escrita com clareza e de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa é:

(A) É possível que ocorra alguns desencontros entre as gerações, mas muitos jovens estão consciente da importância de ajudar os mais velhos a usar as novas tecnologias.

(B) São úteis, nos dias de hoje, utilizar ferramentas de comunicação virtual para se manter bem informado e estar próximo de quem mora em lugares distantes.

(C) Já faz anos que as crianças vêm usando a internet, e é admirável a rapidez com que elas aprendem a lidar com os aplicativos que surgem a cada dia.

(D) Hoje parecem haver crianças que já nascem com uma predisposição para usar os recursos tecnológicos, que lhe atraem desde cedo.

(E) Muitos adultos que se mantém alheio à comunicação virtual são excluídos do diálogo com os mais novos, o que acarreta conflitos intergeracionais.

Comentário: na opção A há erro de concordância na palavra consciente que deveria concordar com o sujeito jovens, indo para o plural ‘conscientes’. Também há erro de concordância na opção B por haver dois sujeitos oracionais, com núcleo utilizar e outro com estar, que trazem o verbo para o singular; nesse caso, em lugar de *são úteis* deveria ter sido usado *é útil.* Uma locução verbal é formada por verbo auxiliar mais verbo principal, que estará sempre em uma forma nominal; na letra D tem-se a locução parecem haver, mas como o verbo haver no sentido de existir é impessoal, fica na terceira pessoa do singular, levando o verbo auxiliar também para o singular; o correto então é parece haver. Na opção E há erro ortográfico em *mantém alheio,* que deve concordar com o sujeito *muitos adultos*, indo para o plural, o correto é *muitos adultos que se mantêm alheios*.

GABARITO: C

7. **(TRE-PE – 2015 - TJAA – FCC)** A frase escrita com clareza e correção, quanto à norma-padrão da língua portuguesa, é:

(A) Muitas crianças brasileiras têm a possibilidade em se conectar na internet, um terço às quais já portam de dispositivos móveis, que se comunicam com eficácia.

(B) Além de averiguar ao comportamento domiciliar de adolescentes e crianças diante da internet, a pesquisa também deu enfoque no uso que os mesmos faziam da rede.

(C) O público infantil vem se apropriando a dispositivos eletrônicos cada vez mais recentemente, e estes têm dado preferência do uso privativo da internet.

(D) Enquanto muitas crianças demonstram destreza em usar aplicativos em celulares, uma pequena porcentagem delas estão aptas a dar um laço nos cordões dos sapatos.

(E) O estudo foi direcionado em pessoas de 9 a 16 anos, e se propôs de mostrar os hábitos que tais desenvolveram com a dedicação no uso de dispositivos eletrônicos.

Comentário: a alternativa A traz vários problemas de regência: a palavra possibilidade pede a preposição *de* e no texto foi usada a preposição *em*; um terço *de* determinado item é a expressão correta, a opção traz um terço *a*; o verbo portar é transitivo direto, portanto seu complemento não precisa de preposição, forma correta: *portam dispositivos*. Na alternativa B, o verbo averiguar também é transitivo direto e não necessita de preposição no seu complemento; a expressão *dar enfoque* exige a preposição *a*. Na letra C, há o uso incorreto da preposição *a* depois do verbo apropriar-se, que rege a preposição *de*; a expressão dar preferência rege preposição *a* e não *de*. O estudo foi direcionado *a e* não foi direcionado *em* como está incorretamente na opção E; o verbo propor-se exige preposição a e não de.

GABARITO: D

8. **(TRE-PE – 2015 - TJAA – FCC)** A frase redigida corretamente e em conformidade com as informações do texto é:

(A) As crianças brasileiras tendem a usar a internet em casa, ainda que as escolas ofereçam amplo acesso à rede.

(B) Muitas crianças brasileiras utilizam a internet em suas casas, ao passo que o acesso à rede é escasso nas escolas.

(C) Grande parte das crianças brasileiras aprende a usar a internet logo cedo, devido à falta de restrição do acesso à rede nas escolas.

(D) Um terço das crianças brasileiras têm acesso à internet em seu domicílio, enquanto não há computadores em suas escolas.

(E) A maioria das crianças brasileiras acessa a internet por dispositivos móveis, por isso ainda há pouco uso da rede nas escolas.

Comentário: na opção A há a afirmação incorreta de que as escolas oferecem amplo acesso à rede, enquanto que no texto consta o seguinte trecho: "Apesar do amplo acesso à web dentro de casa, a realidade não é a mesma no ambiente escolar." A opção C está incorreta porque no texto não há afirmação de que as crianças aprendem a navegar na internet cedo por causa da não restrição ao acesso nas escolas; pelo contrário, afirma que uma "pesquisa chama a atenção para o pouco uso da rede nas escolas brasileiras."

Segundo o texto, há pouco acesso à rede nas escolas e não há nele afirmação de que há poucos computadores, o que torna a opção D incorreta. No texto há as duas afirmações separadas: a maioria das crianças brasileiras acessa a internet por dispositivos móveis e que ainda há pouco uso da rede nas escolas, mas não há associação de causa e consequência entre as duas afirmações como ocorre na opção E, que está incorreta.

GABARITO: B

9. **(TRE-PE – 2015 - TJAA – FCC)** Ocorre o emprego da voz passiva na seguinte construção:

(A) ... *as crianças mais acessam a internet por dispositivos móveis* (segundo parágrafo).

(B) ... *57% dos pequenos de até 5 anos sabem usar aplicativos...* (primeiro parágrafo).

(C) *O estudo foi realizado com pessoas de 9 a 16 anos*... (segundo parágrafo).

(D) *As crianças aprendem a navegar na* web... (primeiro parágrafo).

(E) *As informações são do relatório mais recente*... (segundo parágrafo).

Comentário: o emprego da voz passiva ocorre quando o sujeito é paciente, recebendo a ação expressa pelo verbo. Nas opções A, B, C e D, que estão incorretas, o sujeito está realizando a ação expressa pelos verbos, sendo eles, respectivamente, acessam, sabem, aprendem e são.

GABARITO: C

Atenção: Para responder às questões de números 10 a 13, considere o texto abaixo.

Ô de casa!

Acredito que acabei me adaptando a esse mundo moderno. Esse mundo de Facebook, Instagram, WhatsApp*. Sinto saudade de quê? De um álbum de retratos com as folhas separadas por papel celofane, de um envelope verde e amarelo debaixo da porta? Talvez. Mas saudade de rebobinar uma fita K-7? Nenhuma.*

Custei a me adaptar a algumas coisas: escrever direto no computador, bater fotos sem filme, ter uma agenda eletrônica. Mas hoje acho tudo isso o máximo, ao ponto de não ter a mínima saudade da minha máquina de escrever Remington, dos filmes Ektachrome ou da minha agenda Pombo com capa de couro.

Hoje cedo eu me lembrei da minha mãe à beira do fogão separando os marinheiros do arroz e tirando as pedras do feijão. Quando a campainha tocava, ela sempre exclamava: – Quem será?

O mundo era assim. As pessoas iam à casa das outras sem avisar, sem hora nem dia marcado. Chegavam de repente, sem mais nem menos.

Por mais amigo que seja, quem hoje bate na porta do outro sem avisar? Há três semanas que estou combinando um almoço com um grande amigo. Quando eu posso, ele não pode. Quando ele pode, sou eu que não posso. Já trocamos uns cinco e-mails *e uns dez recados pelo celular. E o almoço ainda não aconteceu.*

Estou pensando seriamente em sair daqui uma hora dessas, chegar à casa dele e tocar a campainha. Se não tiver campainha, vou bater palmas e gritar:
– Ô de casa!

(Adaptado de: VILLAS, Alberto. Disponível em: **www.cartacapital.com.br/cultura/o-de-casa-8837.html**. Acessado em: 05.09.2015)

10. **(TRE-PE – 2015 - TJAA – FCC)** A partir da leitura do texto, conclui-se corretamente que, com relação ao mundo moderno, o autor demonstra ter

(A) um julgamento reprovador, pois considera que alguns hábitos são insubstituíveis, como receber cartas em envelope debaixo da porta.

(B) um sentimento ambivalente, pois aprecia alguns avanços tecnológicos, mas se mostra crítico quanto ao comportamento das pessoas.

(C) um comportamento indiferente, pois os benefícios advindos com a modernidade não alteraram sua rotina de maneira significativa.

(D) uma sensação de frustração, pois esperava que as transformações da modernidade fossem tornar sua vida profissional mais fácil.

(E) uma atitude de empolgação, pois percebe que as inovações tecnológicas permitiram um contato mais próximo entre as pessoas.

Comentário: na opção A há a afirmação de que o autor tem um julgamento reprovador em relação ao mundo moderno; tal afirmação é rebatida com os seguintes trechos do texto: "Acredito que acabei me adaptando a esse mundo moderno." e " Sinto saudade de quê? De um álbum de retratos com as folhas separadas por papel celofane, de um envelope verde e amarelo debaixo da porta? Talvez." O texto afirma exatamente o contrário do que consta na opção C, ou seja, o autor sofreu várias alterações significativas na sua rotina, o que pode ser confirmado no trecho: "Custei a me adaptar a algumas coisas: escrever direto no computador, bater fotos sem filme, ter uma agenda eletrônica. Mas hoje acho tudo isso o máximo, ao ponto de não ter a mínima saudade da minha máquina de escrever Remington, dos filmes Ektachrome ou da minha agenda Pombo com capa de couro." Não há, segundo o texto, nenhum registro de que o autor se sinta frustrado com relação a sua vida profissional como consta na opção D, em vez disso, ele afirma ter se adaptado ao uso de agenda eletrônica e a escrever direto no computador, ações que tanto podem ser da sua vida pessoal quanto da profissional. Segundo o texto, as inovações tecnológicas aproximam as pessoas pela facilidade de comunicação: "Já trocamos uns cinco e-mails e uns dez recados pelo celular.", mas também afasta: "O mundo era assim. As pessoas iam à casa das outras sem avisar, sem hora nem dia marcado. Chegavam de repente, sem mais nem menos. Por mais amigo que seja, quem hoje bate na porta do outro sem avisar? Há três semanas que estou combinando um almoço com um grande amigo. Quando eu posso, ele não pode. Quando ele pode, sou eu que não posso.", portanto a opção E está incorreta.

GABARITO: B

11. **(TRE-PE – 2015 - TJAA – FCC)** É correto afirmar que, na opinião do autor,

(A) a amizade deveria prescindir do encontro pessoal em uma sociedade civilizada.

(B) a troca de mensagens por celular e as redes sociais ampliam os laços de amizade.

(C) os amigos deixaram de se comunicar por causa do uso excessivo da tecnologia.

(D) o diálogo entre amigos e familiares passou a ser menos educado recentemente.

(E) os encontros entre amigos se tornaram mais escassos apesar das facilidades da tecnologia.

Comentário: a palavra prescindir tem como sinônimo dispensar, sendo assim, a opção A está incorreta ao afirmar que encontros pessoais devem ser dispensados, pois o autor declara que está há três semanas tentando um almoço com um amigo. A letra B está incorreta porque o autor, no último parágrafo, declara que está prestes a dispensar os meios de comunicação e bater na casa do amigo. Os amigos se comunicam mais através das inovações tecnológicas, ao contrário do que consta na alternativa C, o que pode ser confirmado através do trecho: "Já trocamos uns cinco e-mails e uns dez recados pelo celular." Segundo o texto, as pessoas antes chegavam na casa de outras sem avisar, como consta no trecho: "O mundo era assim. As pessoas iam à casa das outras sem avisar, sem hora nem dia marcado. Chegavam de repente, sem mais nem menos.", o que era comum, porém isso, no mundo moderno, é considerado pouco educado, ou seja, a opção D está incorreta por afirmar que as pessoas hoje são menos educadas que antes.

GABAITO: E

12. **(TRE-PE – 2015 - TJAA – FCC)** A frase citada do texto que permanece correta após o acréscimo das vírgulas é:

(A) Hoje cedo, eu me lembrei da minha mãe, à beira do fogão, separando os marinheiros do arroz e tirando as pedras do feijão. (terceiro parágrafo)

(B) Estou pensando, seriamente, em sair daqui uma hora dessas, chegar, à casa dele e tocar, a campainha. (sexto parágrafo)

(C) Já trocamos, uns cinco *e-mails* e uns dez recados, pelo celular. (quinto parágrafo)

(D) Acredito, que acabei me adaptando, a esse mundo moderno. (primeiro parágrafo)

(E) Há três semanas, que estou combinando, um almoço com um grande amigo. (quinto parágrafo)

Comentário: nas alternativas B, C, D e E, o uso excessivo de vírgulas compromete muito o ritmo da leitura além de estar incorreto gramaticalmente.

GABARITO: A

13. **(TRE-PE – 2015 - TJAA – FCC)** A frase em que a correlação entre tempos e modos verbais está correta, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, é:

(A) Uma visita de cortesia, atualmente, não ocorrerá antes que os amigos trocaram vários *e-mails* e mensagens de celular.

(B) O autor lembra-se das situações em que sua mãe se questionara a respeito de quem poderá estar tocando a campainha para visitá-los.

(C) *Facebook*, *Instagram*, *WhatsApp* possibilitaram que pessoas, nos lugares mais díspares, se comunicarem com mais agilidade.

(D) Hoje, com a tecnologia digital, podemos ouvir música com muito mais praticidade do que quando usávamos fitas K-7.

(E) Era comum, em um passado recente, que as pessoas prestassem visita aos amigos e parentes sem que lhes avisariam com antecedência.

Comentário: Na letra A, os verbos ocorrerá e trocaram, no futuro do indicativo e no pretérito perfeito do indicativo, respectivamente, estão incorretos para o contexto proposto, sendo ocorre e troquem as conjugações corretas. Os verbos questionara e poderá estão incorretos na opção B, a forma correta deles para esse contexto é questionou e poderia. Na opção C a forma correta do verbo comunicarem é comuniquem no presente do subjuntivo. Os verbos era e avisariam estão incorretos para o contexto da opção E; foi, no pretérito perfeito do indicativo, e avisassem, no pretérito imperfeito do subjuntivo, são as formas corretas.

GABARITO: D

Atenção: Para responder às questões de números 14 e 15, considere o poema de Santo Souza.

Baliza

Cravar a estrela no chão
e dizer à noite: agora,
afaste-se a escuridão,
que eu vou chegando com a aurora.
E fazer brotar da terra
– da terra que tudo faz –
não a treva e o ódio da guerra,
mas a luz e o amor da paz.

Que eu vim traçar nos caminhos
(em vez de dor e agonia)
a rota livre dos homens
com as tintas claras do dia.

(Adaptado de: SOUZA, Santo. Disponível em: **www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/sergipe/santos_souza.html**. Acessado em: 05.09.2015)

14. No poema, a *aurora* simboliza

(A) a ciência em oposição à arte.
(B) o período que antecede uma crise.
(C) a exploração inconsequente da terra.
(D) a hostilidade entre os povos.
(E) o início de um tempo de trégua.

Comentário: a única opção que se aproxima do significado da palavra aurora, primeira luz do amanhecer, é a letra E.

GABARITO: E

15. **(TRE-PE – 2015 - TJAA – FCC)** A frase redigida corretamente, conforme a norma-padrão da língua portuguesa, é:

(A) Santo Souza sempre identificou-se com a poesia, mas ainda garoto teve de abandonar os estudos e começou à trabalhar em uma farmácia.

(B) Segundo alguns críticos, a obra de Santo Souza destacaria-se devido à uma linguagem universal, com elementos da cultura clássica.

(C) Santo Souza começou a escrever cedo, mas foi com o livro *Ode Órfica*, vindo à público em 1955, que notabilizou-se entre os poetas brasileiros.

(D) O sergipano Santo Souza, natural de Riachuelo, dedicou-se à poesia e também à música, além de escrever crônicas e novelas para o rádio.

(E) Santo Souza, membro da Academia Sergipana de Letras, nunca esqueceu-se de sua cidade natal, Riachuelo, à 23 km de Aracaju.

Comentário: na alternativa A, está incorreto o uso da ênclise em *identificou--se*, aqui deveria ser usada próclise em função de o verbo ser antecedido de um advérbio; também está incorreto o uso do acento grave antes de um verbo em *começou à trabalhar.* Na letra B está incorreto o uso de ênclise quando se deveria usar mesóclise devido ao fato de o verbo estar conjugado no futuro do pretérito, a forma correta seria destacar-se-ia; também está incorreto o uso de acento grave antes de um artigo indefinido. O mesmo ocorre na opção C, em que há o uso incorreto de crase antes de palavra masculina e ênclise onde deveria haver próclise, diante do verbo notabilizou. Na alternativa E há crase usada de forma errada diante de um numeral e ênclise usada incorretamente em lugar de próclise, já que o verbo está precedido de advérbio de negação.

GABARITO: D

As palavras que nos exprimem

Há palavras estrangeiras absolutamente necessárias para nossa comunicação, como é o caso de termos técnicos ligados à computação ou de vocábulos cujo sentido muito específico na língua original torna muito difícil, ou quase impossível, encontrar tradução adequada.

Mas é um tanto ridículo o abuso pretensioso de palavras estrangeiras, como "off" em vez de desconto, ou "free" em vez de grátis. Nos programas de congressos, em vez de se ler "Intervalo para café" ou, mais simplesmente, "Cafezinho", lê-se "coffee break". Aqui, o ridículo pesa de um modo especial.

Tomar um cafezinho é um hábito brasileiro, é um momento de sociabilidade. Antes dos "shopping centers" (eis aqui uma expressão *estrangeira já integrada em nossa vida), havia no país incontáveis "cafés" de rua, pequenos estabelecimentos que eram pontos de conversa amiga.*

Desde o século XIX o Brasil teve boa parte de sua economia sustentada pelo café, exportou café para o mundo, criaram-se muitos postos de trabalho, fortunas se fizeram, exportamos, exportamos, exportamos – e de repente ele volta para nós importado, com sotaque americano, como prova de prestígio: "coffee break". É como se a matriz central devolvesse para a filial da periferia aquela banana importada que agora volta com selo de exportação para os que acham que em inglês tudo fica mais importante. Para aceitar aquilo que os estrangeiros possam ter de melhor não é preciso subestimar o que seja legitimamente nosso, e alimentar assim um tolo complexo de inferioridade.

(Adalberto Tolentino, inédito)

16. **(TRE-PE – 2015 – Analista Judiciário – FCC)** Quanto ao emprego de termos estrangeiros em nosso país, a posição do autor do texto consiste, resumidamente, em

(A) abolir toda e qualquer palavra ou expressão cujo sentido técnico esteja fora do alcance do brasileiro.

(B) discriminar esse uso, justificando em cada caso a razão pela qual devem ou não ser evitados.

(C) acatar esse uso, desde que a razão disso seja o fato de não haver expressão similar em nossa língua.

(D) tolerar essa prática, uma vez que ela já está arraigada no uso comum do falar brasileiro.

(E) acolher os vocábulos que constituírem uma espécie de apropriação de palavras do português.

Comentário: questão típica de interpretação de texto que pede a alternativa mais completa com relação ao que o autor quis passar com sua argumentação. O autor não acha que devemos extinguir da nossa língua os *estrangeirismos, mas assumir apenas aqueles vocábulos que não possuem correspondente similar em nosso idioma.*

GABARITO: C

17. **(TRE-PE – 2015 – Analista Judiciário – FCC)** Atente para as seguintes afirmações:

I. No 1º parágrafo, o autor sugere que sempre é possível encontrar numa determinada língua uma expressão cujo sentido seja equivalente ao de uma expressão de outra língua.

II. No 2º parágrafo, o emprego da palavra *cafezinho*, no lugar da expressão "*coffee break*", é apresentado como exemplo de uma forma de nacionalismo exacerbado e, até certo ponto, injustificável.

III. No 3º parágrafo, a importância histórica do café em nossa economia e em nossa cultura é ressaltada pelo autor do texto para mostrar o ridículo do emprego da expressão "*coffee break*".

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em

(A) I, II e III.

(B) I e II, apenas.

(C) II e III, apenas.

(D) I e III, apenas.

(E) III, apenas.

Comentário: apenas a afirmativa III está correta. Vejamos o erro das outras:

*I. No 1º parágrafo, o autor sugere que sempre é possível encontrar numa determinada língua uma expressão cujo sentido seja equivalente ao de uma expressão de outra língua. – O autor afirma no 1º parágrafo que **nem sempre é possível** encontrar tradução literal para determinadas palavras ou expressões estrangeiras em nossa língua, o que justifica certos usos.*

*II. No 2º parágrafo, o emprego da palavra cafezinho, no lugar da expressão "coffee break", é apresentado como exemplo de uma forma de nacionalismo exacerbado e, até certo ponto, injustificável. – na verdade, o uso do "coffee break" é criticado pelo autor como algo que **fere o nacionalismo** de uma nação que viveu de exportar café.*

GABARITO: E

18. **(TRE-PE – 2015 – Analista Judiciário – FCC)** As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:

(A) Vincula-se ao nosso antigo complexo de povo colonizado hábitos como o que nos leva ao emprego indiscriminado de termos estrangeiros.

(B) Somente no caso de haverem razões plenamente justificáveis admite-se, na opinião do autor do texto, o uso de vocábulos estrangeiros.

(C) Constam nos programas de congressos acadêmicos, como se fosse natural, chamamento em inglês para o nosso brasileiríssimo cafezinho.

(D) O emprego de termos estrangeiros cujas acepções originais não têm tradução adequada conta com o respaldo do autor do texto.

(E) Aquilo que os estrangeiros parecem dizer melhor, com palavras mais apropriadas, quase sempre encontram perfeita tradução em nosso idioma.

Comentário: na alternativa A, o verbo *vincula-se* não está concordando com o seu sujeito, que está no plural *hábitos*. O verbo haver, no sentido de existir, não sofre flexão de número como consta na opção B. O verbo *constam* está flexionado de maneira errada na alternativa C, ele deve concordar com o núcleo de seu sujeito *chamamento,* o correto seria *consta*. Na opção E, o verbo *encontram* não deve ser flexionado, uma vez que o núcleo de seu sujeito, *aquilo* está no singular.

GABARITO: D

19. **(TRE-PE – 2015 – Analista Judiciário – FCC)** Está plenamente adequado o emprego de **ambas** as expressões sublinhadas na frase:

(A) Há vocábulos estrangeiros em cujo emprego se faz desnecessário, uma vez que nossa língua conta com termos de que o sentido traduz plenamente o daqueles.

(B) O abuso no emprego de estrangeirismos, ao qual o autor se bate, é um mal em cujo reconhecimento pouca gente é capaz.

(C) Nossas exportações de café, às quais tanto devemos, levaram a outros países um hábito cujo cultivo tornou-se parte de nossa identidade.

(D) Um hábito ridículo, do qual muita gente se curva, está no emprego abusivo de palavras estrangeiras, nas quais se atribui um prestígio maior.

(E) Há expressões estrangeiras, como "shopping center", onde o uso se justifica plenamente, uma vez que nomeiam realidades em que o estabelecimento se deu em outros países.

Comentário: levando em conta que o pronome 'cujo' **somente é utilizado no sentido de posse, fazendo referência ao termo antecedente e ao substantivo subsequente e que ele deve aparecer antecedido de preposição sempre que a regência dos termos posteriores exigir; considerando também que o pronome 'qual' faz referência a pessoa ou coisa e que deve aparecer antecedido de preposição sempre que a regência dos termos posteriores exigir, prossigamos com os comentários. N**a opção A, o primeiro termo em cujo não está correto, nesse caso deveria ocorrer *de cujo*, pois o termo *emprego* exige a preposição *de*. Na alternativa B, os dois termos sublinhados estão incorretos, o primeiro, ao qual, deveria ser *no qual*, já que o verbo *bater,* nesse contexto*,* exige preposição *em*; também a expressão *em cujo* está errada, uma vez que o termo *reconhecimento* rege a preposição *de*. Ambos os termos sublinhados na opção D estão incorretos, ou seja, em lugar de *do qual* deveria haver *ao qual*, devido à expressão curvar-se, que exige a preposição *a*, nesse caso. O termo *onde*, na alternativa E, está adotado incorretamente, pois seu uso só é permitido para indicar local, lugar, nesse contexto deveria ocorrer *em que*; a expressão *em que* deveria ser substituída por *cujo*.

GABARITO: C

20. **(TRE-PE – 2015 – Analista Judiciário – FCC)** Está plenamente adequada a correlação entre os tempos e modos verbais na frase:

(A) A menos que sejam absolutamente indispensáveis, não se devia empregar palavras estrangeiras quando houver no vernáculo termos equivalentes.

(B) A menos que encontre forte justificativa, o emprego de palavras estrangeiras deve ser evitado, até porque é ridículo atribuir mecanicamente prestígio ao que vem de fora.

(C) Não fosse o café, nossa economia não terá se beneficiado com as volumosas exportações, e o nosso desenvolvimento social estaria ocorrendo em outro ritmo.

(D) Seria um tolo complexo de inferioridade a razão pela qual muitos de nós emprestássemos mais prestígio a termos estrangeiros do que aos que pertencessem ao nosso idioma.

(E) Muitos ainda julgam que a simplicidade de uma palavra como “cafezinho” não esteja à altura de eventos a que se pretendesse conferir grandeza e solenidade.

Comentário: o verbo *devia*, na opção A, está incorreto por estar no pretérito sendo que o contexto indica o tempo verbal presente, o correto aí seria *deve*. Na opção C, o verbo *terá* está incorreto, a forma correta é *teria* devido à carga semântica de condição que há no contexto. O uso das formas verbais *pertencessem*, na opção D, e *pretendesse*, na opção E, está errado, pois está incutindo ideia de condição em um lugar que deveria haver afirmação, então o correto é *pertencem* e *pretende*.

GABARITO: B

LISTA DE QUESTÕES QUE FORAM COMENTADAS NESTA AULA

Gramática e Interpretação de texto da Língua Portuguesa

Atenção: Para responder às questões de números 1 a 4, considere o texto abaixo.

Hoje, quando o mundo está em crise, parece mais importante que nunca aprender um pouco de economia. As notícias econômicas agora são o assunto principal em jornais e programas de TV. No entanto, será que realmente sabemos o que é economia?

A palavra vem do grego oikonomia*, que significa "administração da casa", e passou a significar o estudo das maneiras de gerir os recursos e, mais especificamente, a produção e a permuta de bens e serviços. A economia moderna surgiu como disciplina específica no século XVIII, sobretudo com a publicação em 1776 de* A riqueza das nações*, livro escrito pelo grande pensador escocês Adam Smith.* **Contudo***, o que motivou o interesse no assunto não foram os textos de economistas, mas as enormes mudanças na própria economia com o advento da Revolução Industrial. Os pensadores mais antigos haviam falado da gestão de bens e serviços nas sociedades, tratando de questões que surgiram como problemas da filosofia moral ou política. Mas, com o surgimento das fábricas e da produção de bens em massa, veio uma nova era de organização econômica que dava atenção ao todo. Aí começou a chamada economia de mercado.*

A análise de Smith do novo sistema definiu o padrão, com uma explicação abrangente do mercado competitivo. Ele afirmou que o mercado é guiado por uma "mão invisível", de modo que as ações racionais de indivíduos interesseiros acabam dando à sociedade exatamente o que ela necessita.

Smith era filósofo, e o tema de seu livro incluía política, história, filosofia e antropologia. Depois dele, surgiu uma nova geração de pensadores econômicos, que preferiu se concentrar totalmente na economia.

(Adaptado de: **O livro da economia**. Trad. Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo, Globo, 2013, p. 12-14)

1. **(TRE-PE – 2015 - TJAA – FCC)** De acordo com o texto, é correto afirmar que Adam Smith

(A) contribuiu para os estudos de economia ao fornecer uma análise ampla da economia de mercado.

(B) escreveu *A riqueza das nações* eximindo-se de abordar temas de ordem histórica ou antropológica.

(C) foi o primeiro pensador a tratar de assuntos relativos à gestão de bens e serviços na sociedade.

(D) percebeu que transformações econômicas e transformações sociais ocorrem de modo dissociado.

(E) revolucionou os estudos econômicos quando relacionou a gestão de bens e serviços à filosofia.

2. **(TRE-PE – 2015 - TJAA – FCC)** A frase escrita corretamente, no que se refere à norma-padrão da língua portuguesa, é:

(A) A economia está presente na vida prática de todos, desde a compra de ítens de consumo diário, como alimentos, até a aquizição de um imóvel.

(B) Os economistas despensam atenção ao comportamento humano no geral; os valores e as inquietações de um indivíduo está latente em seus hábitos de consumo.

(C) São cada vez mais recorrentes as discussões relativas a assuntos econômicos na TV; alguns programas conferem ao debate um enfoque sensacionalista.

(D) A economia tornou-se tema frequente nos telejornais, que, inclusive, têm seus proprios economistas respondendo a perguntas dos expectadores.

(E) Conhecer um pouco de questões econômicas permitem que os cidadãos procurem a acessoria adequada para poupar e investir seu dinheiro de modo a obtêr mais vantagens.

3. **(TRE-PE – 2015 - TJAA – FCC)** O termo *Contudo*, em destaque no segundo parágrafo, tem valor

(A) adversativo, e equivale a *Porém*.

(B) conformativo, e equivale a *Conforme*.

(C) explicativo, e equivale a *Pois*.

(D) conclusivo, e equivale a *Então*.

(E) final, e equivale a *Para tanto*.

4. **(TRE-PE – 2015 - TJAA – FCC)** A partir da leitura do texto, conclui-se corretamente que

(A) a palavra *economia* surgiu no século XVIII para nomear os recursos oriundos das fábricas e da produção de bens em massa.

(B) a designação *gestão de bens e serviços* indica que o objeto de estudo da economia foi aos poucos se restringindo a questões de ordem moral.

(C) o livro *A riqueza das nações*, escrito por Adam Smith, despertou nas pessoas o interesse em economia durante a Revolução Industrial.

(D) o rótulo *administração da casa* é usado para descrever a economia moderna como um campo de estudo restrito ao âmbito doméstico.

(E) a expressão *mão invisível* associa-se ao modo como o mercado é comandado por indivíduos preocupados em obter vantagens pessoais.

Atenção: Considere a tira de André Dahmer para responder à questão de número 5.

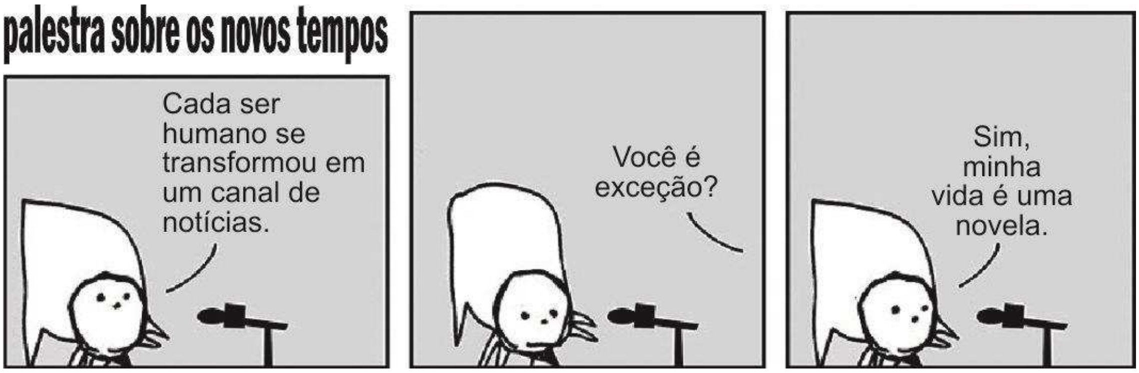
palestra sobre os novos tempos
Cada ser humano se transformou em um canal de notícias.
Você é exceção?
Sim, minha vida é uma novela.

5. **(TRE-PE – 2015 - TJAA – FCC)** Ao usar o termo *novela*, no terceiro quadrinho, a personagem

(A) confessa passar por um período de marasmo, em que nada acontece.

(B) revela estar plenamente satisfeita com suas experiências de vida.

(C) sugere que tem vivido situações complicadas e de difícil solução.

(D) conclui que sua conduta é irretocável e deveria servir de modelo.

(E) demonstra que tem presenciado fatos característicos de um noticiário.

Atenção: Para responder às questões de números 6 a 9, considere o texto abaixo.

Cada um no seu *tablet*: conheça o perfil das crianças brasileiras na *web*

Há tempos a internet não é lugar frequentado apenas por adultos. As crianças aprendem a navegar na web *antes mesmo de amarrar os cadarços. Um levantamento da AVG Technologies comprova que 57% dos pequenos de até 5 anos sabem usar aplicativos em* smartphones, *mas só 14% são capazes de dar um laço nos cordões dos sapatos.*

Além de ter acesso a dispositivos eletrônicos cada vez mais cedo, o público infantil tem uma tendência ao uso privativo da internet. As informações são do relatório mais recente da ICT Kids Online Brazil. O estudo foi realizado *com pessoas de 9 a 16 anos, e indica que meninos e meninas acessam a rede principalmente de casa. E o Brasil é onde as crianças mais acessam a internet por dispositivos móveis, como* smartphones *e* tablets *– um terço delas estão conectadas.*

Apesar do amplo acesso à web *dentro de casa, a realidade não é a mesma no ambiente escolar. A pesquisa chama a atenção para o pouco uso da rede nas escolas brasileiras.*

(Adaptado de: **www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2015/09/04/interna_tecnologia,497349/cada-um-no-seutablet-conheca-o-perfil-das-criancas-brasileiras-na-we.shtml**. Acessado em: 05.09.2015)

6. **(TRE-PE – 2015 - TJAA – FCC)** A frase escrita com clareza e de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa é:

(A) É possível que ocorra alguns desencontros entre as gerações, mas muitos jovens estão consciente da importância de ajudar os mais velhos a usar as novas tecnologias.

(B) São úteis, nos dias de hoje, utilizar ferramentas de comunicação virtual para se manter bem informado e estar próximo de quem mora em lugares distantes.

(C) Já faz anos que as crianças vêm usando a internet, e é admirável a rapidez com que elas aprendem a lidar com os aplicativos que surgem a cada dia.

(D) Hoje parecem haver crianças que já nascem com uma predisposição para usar os recursos tecnológicos, que lhe atraem desde cedo.

(E) Muitos adultos que se mantém alheio à comunicação virtual são excluídos do diálogo com os mais novos, o que acarreta conflitos intergeracionais.

7. **(TRE-PE – 2015 - TJAA – FCC)** A frase escrita com clareza e correção, quanto à norma-padrão da língua portuguesa, é:

(A) Muitas crianças brasileiras têm a possibilidade em se conectar na internet, um terço às quais já portam de dispositivos móveis, que se comunicam com eficácia.

(B) Além de averiguar ao comportamento domiciliar de adolescentes e crianças diante da internet, a pesquisa também deu enfoque no uso que os mesmos faziam da rede.

(C) O público infantil vem se apropriando a dispositivos eletrônicos cada vez mais recentemente, e estes têm dado preferência do uso privativo da internet.

(D) Enquanto muitas crianças demonstram destreza em usar aplicativos em celulares, uma pequena porcentagem delas estão aptas a dar um laço nos cordões dos sapatos.

(E) O estudo foi direcionado em pessoas de 9 a 16 anos, e se propôs de mostrar os hábitos que tais desenvolveram com a dedicação no uso de dispositivos eletrônicos.

8. **(TRE-PE – 2015 - TJAA – FCC)** A frase redigida corretamente e em conformidade com as informações do texto é:

(A) As crianças brasileiras tendem a usar a internet em casa, ainda que as escolas ofereçam amplo acesso à rede.

(B) Muitas crianças brasileiras utilizam a internet em suas casas, ao passo que o acesso à rede é escasso nas escolas.

(C) Grande parte das crianças brasileiras aprende a usar a internet logo cedo, devido à falta de restrição do acesso à rede nas escolas.

(D) Um terço das crianças brasileiras têm acesso à internet em seu domicílio, enquanto não há computadores em suas escolas.

(E) A maioria das crianças brasileiras acessa a internet por dispositivos móveis, por isso ainda há pouco uso da rede nas escolas.

9. **(TRE-PE – 2015 - TJAA – FCC)** Ocorre o emprego da voz passiva na seguinte construção:

(A) ... *as crianças mais acessam a internet por dispositivos móveis* (segundo parágrafo).

(B) ... *57% dos pequenos de até 5 anos sabem usar aplicativos...* (primeiro parágrafo).

(C) *O estudo foi realizado com pessoas de 9 a 16 anos*... (segundo parágrafo).

(D) *As crianças aprendem a navegar na* web... (primeiro parágrafo).

(E) *As informações são do relatório mais recente*... (segundo parágrafo).

Atenção: Para responder às questões de números 10 a 13, considere o texto abaixo.

Ô de casa!

Acredito que acabei me adaptando a esse mundo moderno. Esse mundo de Facebook*,* Instagram*,* WhatsApp*. Sinto saudade de quê? De um álbum de retratos com as folhas separadas por papel celofane, de um envelope verde e amarelo debaixo da porta? Talvez. Mas saudade de rebobinar uma fita K-7? Nenhuma.*

Custei a me adaptar a algumas coisas: escrever direto no computador, bater fotos sem filme, ter uma agenda eletrônica. Mas hoje acho tudo isso o máximo, ao ponto de não ter a mínima saudade da minha máquina de escrever Remington, dos filmes Ektachrome ou da minha agenda Pombo com capa de couro.

Hoje cedo eu me lembrei da minha mãe à beira do fogão separando os marinheiros do arroz e tirando as pedras do feijão. Quando a campainha tocava, ela sempre exclamava: – Quem será?

O mundo era assim. As pessoas iam à casa das outras sem avisar, sem hora nem dia marcado. Chegavam de repente, sem mais nem menos.

Por mais amigo que seja, quem hoje bate na porta do outro sem avisar? Há três semanas que estou combinando um almoço com um grande amigo. Quando eu posso, ele não pode. Quando ele pode, sou eu que não posso. Já trocamos uns cinco e-mails *e uns dez recados pelo celular. E o almoço ainda não aconteceu.*

Estou pensando seriamente em sair daqui uma hora dessas, chegar à casa dele e tocar a campainha. Se não tiver campainha, vou bater palmas e gritar:
– Ô de casa!

(Adaptado de: VILLAS, Alberto. Disponível em: **www.cartacapital.com.br/cultura/o-de-casa-8837.html**. Acessado em: 05.09.2015)

10. **(TRE-PE – 2015 - TJAA – FCC)** A partir da leitura do texto, conclui-se corretamente que, com relação ao mundo moderno, o autor demonstra ter

(A) um julgamento reprovador, pois considera que alguns hábitos são insubstituíveis, como receber cartas em envelope debaixo da porta.

(B) um sentimento ambivalente, pois aprecia alguns avanços tecnológicos, mas se mostra crítico quanto ao comportamento das pessoas.

(C) um comportamento indiferente, pois os benefícios advindos com a modernidade não alteraram sua rotina de maneira significativa.

(D) uma sensação de frustração, pois esperava que as transformações da modernidade fossem tornar sua vida profissional mais fácil.

(E) uma atitude de empolgação, pois percebe que as inovações tecnológicas permitiram um contato mais próximo entre as pessoas.

11. **(TRE-PE – 2015 - TJAA – FCC)** É correto afirmar que, na opinião do autor,

(A) a amizade deveria prescindir do encontro pessoal em uma sociedade civilizada.

(B) a troca de mensagens por celular e as redes sociais ampliam os laços de amizade.

(C) os amigos deixaram de se comunicar por causa do uso excessivo da tecnologia.

(D) o diálogo entre amigos e familiares passou a ser menos educado recentemente.

(E) os encontros entre amigos se tornaram mais escassos apesar das facilidades da tecnologia.

12. **(TRE-PE – 2015 - TJAA – FCC)** A frase citada do texto que permanece correta após o acréscimo das vírgulas é:

(A) Hoje cedo, eu me lembrei da minha mãe, à beira do fogão, separando os marinheiros do arroz e tirando as pedras do feijão. (terceiro parágrafo)

(B) Estou pensando, seriamente, em sair daqui uma hora dessas, chegar, à casa dele e tocar, a campainha. (sexto parágrafo)

(C) Já trocamos, uns cinco *e-mails* e uns dez recados, pelo celular. (quinto parágrafo)

(D) Acredito, que acabei me adaptando, a esse mundo moderno. (primeiro parágrafo)

(E) Há três semanas, que estou combinando, um almoço com um grande amigo. (quinto parágrafo)

13. **(TRE-PE – 2015 - TJAA – FCC)** A frase em que a correlação entre tempos e modos verbais está correta, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, é:

(A) Uma visita de cortesia, atualmente, não ocorrerá antes que os amigos trocaram vários *e-mails* e mensagens de celular.

(B) O autor lembra-se das situações em que sua mãe se questionara a respeito de quem poderá estar tocando a campainha para visitá-los.

(C) *Facebook*, *Instagram*, *WhatsApp* possibilitaram que pessoas, nos lugares mais díspares, se comunicarem com mais agilidade.

(D) Hoje, com a tecnologia digital, podemos ouvir música com muito mais praticidade do que quando usávamos fitas K-7.

(E) Era comum, em um passado recente, que as pessoas prestassem visita aos amigos e parentes sem que lhes avisariam com antecedência.

Atenção: Para responder às questões de números 14 e 15, considere o poema de Santo Souza.

Baliza

Cravar a estrela no chão
e dizer à noite: agora,
afaste-se a escuridão,
que eu vou chegando com a aurora.
E fazer brotar da terra
– da terra que tudo faz –
não a treva e o ódio da guerra,
mas a luz e o amor da paz.
Que eu vim traçar nos caminhos
(em vez de dor e agonia)
a rota livre dos homens
com as tintas claras do dia.

(Adaptado de: SOUZA, Santo. Disponível em: **www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/sergipe/santos_souza.html**. Acessado em: 05.09.2015)

14. No poema, a *aurora* simboliza

(A) a ciência em oposição à arte.

(B) o período que antecede uma crise.

(C) a exploração inconsequente da terra.

(D) a hostilidade entre os povos.

(E) o início de um tempo de trégua.

15. **(TRE-PE – 2015 - TJAA – FCC)** A frase redigida corretamente, conforme a norma-padrão da língua portuguesa, é:

(A) Santo Souza sempre identificou-se com a poesia, mas ainda garoto teve de abandonar os estudos e começou à trabalhar em uma farmácia.

(B) Segundo alguns críticos, a obra de Santo Souza destacaria-se devido à uma linguagem universal, com elementos da cultura clássica.

(C) Santo Souza começou a escrever cedo, mas foi com o livro *Ode Órfica*, vindo à público em 1955, que notabilizou-se entre os poetas brasileiros.

(D) O sergipano Santo Souza, natural de Riachuelo, dedicou-se à poesia e também à música, além de escrever crônicas e novelas para o rádio.

(E) Santo Souza, membro da Academia Sergipana de Letras, nunca esqueceu-se de sua cidade natal, Riachuelo, à 23 km de Aracaju.

As palavras que nos exprimem

Há palavras estrangeiras absolutamente necessárias para nossa comunicação, como é o caso de termos técnicos ligados à computação ou de vocábulos cujo sentido muito específico na língua original torna muito difícil, ou quase impossível, encontrar tradução adequada.

Mas é um tanto ridículo o abuso pretensioso de palavras estrangeiras, como "off" em vez de desconto, ou "free" em vez de grátis. Nos programas de congressos, em vez de se ler "Intervalo para café" ou, mais simplesmente, "Cafezinho", lê-se "coffee break". Aqui, o ridículo pesa de um modo especial.

Tomar um cafezinho é um hábito brasileiro, é um momento de sociabilidade. Antes dos "shopping centers" (eis aqui uma expressão estrangeira já integrada em nossa vida), havia no país incontáveis "cafés" de rua, pequenos estabelecimentos que eram pontos de conversa amiga.

Desde o século XIX o Brasil teve boa parte de sua economia sustentada pelo café, exportou café para o mundo, criaram-se muitos postos de trabalho, fortunas se fizeram, exportamos, exportamos, exportamos – e de repente ele volta para nós importado, com sotaque americano, como prova de prestígio: "coffee break". É como se a matriz central devolvesse para a filial da periferia aquela banana importada que agora volta com selo de exportação para os que acham que em inglês tudo fica mais importante. Para aceitar aquilo que os estrangeiros possam ter de melhor não é preciso subestimar o que seja legitimamente nosso, e alimentar assim um tolo complexo de inferioridade.

(Adalberto Tolentino, inédito)

16. **(TRE-PE – 2015 – Analista Judiciário – FCC)** Quanto ao emprego de termos estrangeiros em nosso país, a posição do autor do texto consiste, resumidamente, em

(A) abolir toda e qualquer palavra ou expressão cujo sentido técnico esteja fora do alcance do brasileiro.

(B) discriminar esse uso, justificando em cada caso a razão pela qual devem ou não ser evitados.

(C) acatar esse uso, desde que a razão disso seja o fato de não haver expressão similar em nossa língua.

(D) tolerar essa prática, uma vez que ela já está arraigada no uso comum do falar brasileiro.

(E) acolher os vocábulos que constituírem uma espécie de apropriação de palavras do português.

17. **(TRE-PE – 2015 – Analista Judiciário – FCC)** Atente para as seguintes afirmações:

I. No 1º parágrafo, o autor sugere que sempre é possível encontrar numa determinada língua uma expressão cujo sentido seja equivalente ao de uma expressão de outra língua.

II. No 2º parágrafo, o emprego da palavra *cafezinho*, no lugar da expressão "*coffee break*", é apresentado como exemplo de uma forma de nacionalismo exacerbado e, até certo ponto, injustificável.

III. No 3º parágrafo, a importância histórica do café em nossa economia e em nossa cultura é ressaltada pelo autor do texto para mostrar o ridículo do emprego da expressão "*coffee break*".

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em

(A) I, II e III.

(B) I e II, apenas.

(C) II e III, apenas.

(D) I e III, apenas.

(E) III, apenas.

18. **(TRE-PE – 2015 – Analista Judiciário – FCC)** As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:

(A) Vincula-se ao nosso antigo complexo de povo colonizado hábitos como o que nos leva ao emprego indiscriminado de termos estrangeiros.

(B) Somente no caso de haverem razões plenamente justificáveis admite-se, na opinião do autor do texto, o uso de vocábulos estrangeiros.

(C) Constam nos programas de congressos acadêmicos, como se fosse natural, chamamento em inglês para o nosso brasileiríssimo cafezinho.

(D) O emprego de termos estrangeiros cujas acepções originais não têm tradução adequada conta com o respaldo do autor do texto.

(E) Aquilo que os estrangeiros parecem dizer melhor, com palavras mais apropriadas, quase sempre encontram perfeita tradução em nosso idioma.

19. **(TRE-PE – 2015 – Analista Judiciário – FCC)** Está plenamente adequado o emprego de **ambas** as expressões sublinhadas na frase:

(A) Há vocábulos estrangeiros em cujo emprego se faz desnecessário, uma vez que nossa língua conta com termos de que o sentido traduz plenamente o daqueles.

(B) O abuso no emprego de estrangeirismos, ao qual o autor se bate, é um mal em cujo reconhecimento pouca gente é capaz.

(C) Nossas exportações de café, às quais tanto devemos, levaram a outros países um hábito cujo cultivo tornou-se parte de nossa identidade.

(D) Um hábito ridículo, do qual muita gente se curva, está no emprego abusivo de palavras estrangeiras, nas quais se atribui um prestígio maior.

(E) Há expressões estrangeiras, como "shopping center", onde o uso se justifica plenamente, uma vez que nomeiam realidades em que o estabelecimento se deu em outros países.

20. **(TRE-PE – 2015 – Analista Judiciário – FCC)** Está plenamente adequada a correlação entre os tempos e modos verbais na frase:

(A) A menos que sejam absolutamente indispensáveis, não se devia empregar palavras estrangeiras quando houver no vernáculo termos equivalentes.

(B) A menos que encontre forte justificativa, o emprego de palavras estrangeiras deve ser evitado, até porque é ridículo atribuir mecanicamente prestígio ao que vem de fora.

(C) Não fosse o café, nossa economia não terá se beneficiado com as volumosas exportações, e o nosso desenvolvimento social estaria ocorrendo em outro ritmo.

(D) Seria um tolo complexo de inferioridade a razão pela qual muitos de nós emprestássemos mais prestígio a termos estrangeiros do que aos que pertencessem ao nosso idioma.

(E) Muitos ainda julgam que a simplicidade de uma palavra como “cafezinho” não esteja à altura de eventos a que se pretendesse conferir grandeza e solenidade.

1)	A	8)	B	15)	D
2)	C	9)	C	16)	C
3)	A	10)	B	17)	E
4)	E	11)	E	18)	D
5)	C	12)	A	19)	C
6)	C	13)	D	20)	B
7)	D	14)	E		

Espero que tenham gostado!

Grande abraço a todos!

Rumo ao sucesso!!

Ah! Entrem em contato sempre que quiserem e/ou precisarem por e-mail ou fórum!

Abraço,

Rafaela Freitas.

Contato: professorarafaelafreitas@gmail.com

Facebook e Instagran: Palavreando com Rafa Freitas

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Verbete de Dicionário

Texto escrito, de caráter informativo, destinado a explicar uma palavra.

Características

- ⇨Destinado à consulta;
- ⇨Descrição sucinta dos significados;
- ⇨De acesso imediato;
- ⇨Organizado em ordem alfabética;
- ⇨Uso de linguagem formal e objetiva;
- ⇨Nível lexical elevado;

- ⇨Precisão na escolha dos termos;
- ⇨Ausência de subjetividade;
- ⇨Simplificação das construções sintáticas.

Entrada

Título do verbete, palavra que será explicada. Aparece sempre em destaque. Alguns dicionários a apresentam separada silabicamente.

Acepção

Abreviação da classe de palavras a qual está inserida a palavra em questão, bem como o significado nos vários contextos em que é inserida.

Número da Acepção

Cada número representa um significado diferente da palavra.

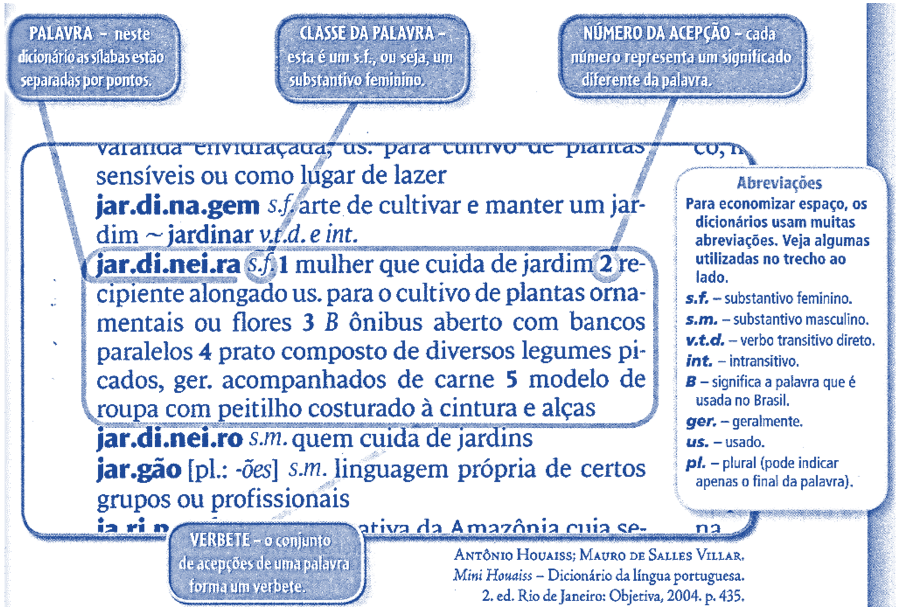

PALAVRA – neste dicionário as sílabas estão separadas por pontos.

CLASSE DA PALAVRA – esta é um s.f., ou seja, um substantivo feminino.

NÚMERO DA ACEPÇÃO – cada número representa um significado diferente da palavra.

varanda envidraçada, us. para cultivo de plantas sensíveis ou como lugar de lazer
jar.di.na.gem *s.f.* arte de cultivar e manter um jardim ~ **jardinar** *v.t.d. e int.*
jar.di.nei.ra *s.f.* **1** mulher que cuida de jardim **2** recipiente alongado us. para o cultivo de plantas ornamentais ou flores **3** *B* ônibus aberto com bancos paralelos **4** prato composto de diversos legumes picados, ger. acompanhados de carne **5** modelo de roupa com peitilho costurado à cintura e alças
jar.di.nei.ro *s.m.* quem cuida de jardins
jar.gão [pl.: *-ões*] *s.m.* linguagem própria de certos grupos ou profissionais

Abreviações

Para economizar espaço, os dicionários usam muitas abreviações. Veja algumas utilizadas no trecho ao lado.

- **s.f.** – substantivo feminino.
- **s.m.** – substantivo masculino.
- **v.t.d.** – verbo transitivo direto.
- **int.** – intransitivo.
- **B** – significa a palavra que é usada no Brasil.
- **ger.** – geralmente.
- **us.** – usado.
- **pl.** – plural (pode indicar apenas o final da palavra).

VERBETE – o conjunto de acepções de uma palavra forma um verbete.

Antônio Houaiss; Mauro de Salles Villar. *Mini Houaiss* – Dicionário da língua portuguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. p. 435.

MICHAELIS

mini Houaiss
Dicionário da Língua Portuguesa

DICIONÁRIO LAROUSSE
Língua Portuguesa

Dicionário Aurélio
da Língua Portuguesa

Verbete de Enciclopédia

Verbete de dicionário: Apresenta uma palavra de entrada, sua classe gramatical e vários significados para essa palavra.

≠

Verbete de enciclopédia: Traz informações gerais sobre a palavra de entrada, não informações gramaticais, apresentando significado para cada palavra destacada.

Texto escrito, de caráter informativo, destinado a consulta, o que lhe impõe uma construção discursiva sucinta e de acesso imediato.

Entrada

Palavra que fica em destaque e traz o assunto que será tratado no verbete.

Definição

Descrição do conceito trabalhado capaz de caracterizar o assunto do verbete.

Contextualização

Especialmente histórica, ou em termos do campo de conhecimento científico que fornece instrumentos à compreensão do tema; detalhamento do conceito abordado muitas vezes organizadas por subtítulos.

Linguagem

Verbal: formal, padrão, técnica, clara e acessível.

Não verbal: pode apresentar ilustrações e infográficos.

Suporte

Virtuais

Disponibilizadas em sites da internet. São compostas por hipertextos e pela presença de hiperlinks (ligam determinadas palavras de um documento a outro).

CD-rom

Com o avanço da tecnologia, passaram a ser disponibilizadas em formato digital.

In Folio

Enciclopédias de papel organizadas de forma a facilitar ao máximo a busca das entradas relevantes.

Claudenice Melo

Professora de Língua Portuguesa

Mini Gramática

Autor : NILC – USP/SP - pdf by: Praetoriani.da.ru

A Construção de uma Minigramática

A partir de agora você está convidado a percorrer o vasto mundo da gramática da língua portuguesa!

Trata-se de um conjunto de *normas* postuladas no decorrer da história da língua portuguesa do Brasil. Inúmeros gramáticos contribuíram, ao longo dos anos, para consagrar as formas e construções que hoje compõem as regras da norma *culta* da língua portuguesa. Os princípios estipulados em uma gramática visam, em primeiro lugar, a garantir uma boa utilização dos recursos da língua, em especial a língua escrita e, em segundo lugar, ser um material de referência para a explicação dos fenômenos lingüísticos. Portanto, para a boa construção em linguagem verbal, não basta o dicionário; é também importante o conhecimento da estrutura de cada língua, objeto da gramática.

Este material que estamos lhe apresentando denomina-se *minigramática*. Ele é "mini" por dois motivos fundamentais. O primeiro é que o conjunto de informações contido aqui ainda não cobre todos os fenômenos da nossa língua portuguesa. O segundo motivo é que tivemos como meta a apresentação de textos objetivos e sucintos.

A minigramática está em sua segunda versão. Na primeira fase, optamos pelo tratamento das inadequações gramaticais mais freqüentes, ou seja, momentos em que as normas gramaticais cultas são violadas com maior freqüência. Nessa segunda etapa de trabalho, ocupamo-nos de elaborar um material metalingüístico, isto é, uma fonte de informações definitórias de vários componentes da estrutura da língua: as classes gramaticais, as unidades menores do texto e os termos da oração.

Com a preocupação de lhe responder, em detalhes, sobre as inadequações cometidas sobre um texto escrito, criamos uma minigramática especialmente voltada ao fornecimento de explicações dos fenômenos da língua portuguesa, apresentando, inclusive e na forma de exemplos, as construções aceitáveis e inaceitáveis referentes a cada tópico gramatical. Você conhecerá, por exemplo, as especificidades do fenômeno da concordância, da crase e da regência de alguns verbos. Poderá esclarecer dúvidas sobre o emprego adequado da vírgula, do hífen e de alguns pronomes; terá acesso às particularidades do uso de várias locuções e de palavras como "*se*" e "*capaz*", por exemplo. É uma oportunidade de pesquisar sobre o porquê da expressão "*entre mim e ti*", em vez de "*entre eu e você*", do uso de "*em nível de*", em vez de "*a nível de*" e da construção "*Responda-me assim que puder*", em vez de "*Me responda assim que puder*".

Na maioria das vezes procuramos selecionar alguns tópicos relacionados ao tema de pesquisa (*Tópicos Relacionados)* que podem acrescentar informações sobre o tema que você estará acessando. A presença de vários *links* (destaque sublinhado nos textos) irá permitir que você alcance informações complementares de forma rápida e interativa. Ainda nesse sentido, procuramos evidenciar as informações mais relevantes de cada verbete através dos destaques em negrito. Isso permite que você faça a distinção dos vários usos dos recursos lingüísticos e guarde deles as suas particularidades.

Nosso esforço em fornecer a você um material alternativo, de fácil acesso e manipulação, além de sério com respeito às informações da nossa língua é um processo ainda em andamento. Em alguns momentos, contaremos com o seu conhecimento conceitual referente à gramática, tais como os tipos de orações, a noção de locução, contração, contexto, discurso, etc. Nossa perspectiva, no entanto, é atendê-lo nessas lacunas com as próximas versões da minigramática.

Da maneira como está hoje, este suporte lingüístico caminha para o abandono do seu status de "mini", dadas as informações que agora contemplam o plano conceitual da gramática e os processos que envolvem as estruturas da língua.

Mas, contrariando aqueles que advogam a favor da alta complexidade da língua portuguesa em relação às demais línguas do mundo, acreditamos ser possível assimilar com tranqüilidade a estrutura do português do Brasil e aplicá-la com habilidade. Temos plena certeza, então, que essa excursão pelo mundo da gramática será um enorme prazer para você. Sendo assim, vamos a ela...

Classes Gramaticais: tipos

As classes gramaticais da língua portuguesa são:

- substantivo
- adjetivo
- artigo
- pronome
- numeral
- verbo
- advérbio
- preposição
- conjunção
- interjeição

Substantivo

Substantivo é a palavra que designa seres em geral:

1. nomes de pessoas, coisas, lugares, gênero, espécie

Exemplos:

nomes	coisas	lugares	gênero	espécie
Maria	espelho	Sergipe	[o] visitante	jacarandá
Paulo	futebol	Canadá	[a] hóspede	homem
Castro	jóia	sapataria	[o] artista	hortaliça
Maia	lago	chácara		

2. nomes de estados ou qualidades, ações, sentimentos, noções que se destinam a denominação de seres:

Exemplos:

estado ou qualidade	ações	sentimentos	noção
juventude	nascimento	felicidade	tamanho
hipocrisia	colheita	hipocrisia	originalidade
médico	[o] pulo	medo	equilíbrio

Considera-se, ainda, substantivo qualquer palavra que ocupe a função sintática particular ao substantivo. Nessa perspectiva, a distribuição do substantivo é bastante ampla, pois pode-se estendê-la para a caracterização de vários termos e orações da nossa língua.

Dizemos que um termo *funciona* como substantivo, embora não se caracterize como tal sob outro ponto de vista. Ou seja, apesar de, em princípio, uma palavra pertencer a certa classe gramatical, essa determinação pode mudar dependendo do papel que a palavra esteja desempenhando na sentença. Dessa forma, qualquer palavra da língua é suscetível de várias categorizações, pois o que impera são suas funções vinculadas a um contexto específico.

Exemplos:

1. **O não é próprio do meu chefe**

   ...[*não* = advérbio]

   ...[*não* (nesta sentença): núcleo do sujeito = substantivo]

   ...[função do *não*: substantivo]

2. **O fazer parece ser mais importante que o pensar.**

   ...[*fazer*/*pensar* = verbo]

   ...[*fazer*/*pensar* (nesta sentença): núcleo do sujeito = substantivo]

   ...[função do *fazer*/*pensar*: substantivo]

Na esfera da classificação das orações esse mesmo critério está presente. Dizemos, por exemplo, que uma oração é substantiva, quando se comporta como um substantivo (em oposição à função de adjetivo ou advérbio).

Exemplo:

1. **"O pior é que eu não estava mentindo..."**

Adjetivo

Adjetivo é a palavra que qualifica os seres em termos de:

- expressão de uma qualidade

Exemplos:

chocolate *quente / gostoso / amargo*
...[*chocolate*: substantivo]

- expressão da aparência ou aspecto

Exemplos:

mesa *quadrada / preta / quebrada*
...[*mesa*: substantivo]

- apresentação do estado do ser

Exemplos:

ventilador *ligado / quebrado / emprestado*
...[*ventilador*: substantivo]

Na perspectiva *funcional*, considera-se *adjetivo* o termo que modifica um substantivo (ou qualquer palavra que exerça a função de substantivo) no sentido de lhe atribuir uma característica. Sob esse ponto de vista, qualquer palavra ou oração que funcione como um modificador deste tipo terá valor de adjetivo. Assim são, por exemplo, os pronomes que indicam propriedade (meu, dele, etc.) ou as orações subordinadas do tipo:

"Era ela mesma uma estrela que ofuscava a própria luz"

Há de se considerar, portanto, o contexto em que as palavras estão inseridas para se prosseguir na análise. As diversas situações da linguagem revelam que uma palavra, em princípio considerada adjetivo, pode funcionar como um substantivo. Observe:

1. **"Os parentes vegetarianos nunca tinham vez em casa!"**

   ...[*parentes*: substantivo]

   ...[*vegetarianos*: adjetivo]

2. **"Os vegetarianos nunca tinham vez em casa!"**

   ...[*vegetarianos*: substantivo]

Em termos sintáticos, os adjetivos, assim como qualquer outro termo determinante, devem estabelecer uma relação de concordância com o substantivo ao qual se referem. Desse modo, a grande maioria dos adjetivos sofre flexão em gênero (masculino ou feminino) e número (singular ou plural) de acordo com o termo ao qual está ligada.

Exemplos:

[o] teatro *reformado* **[a] encomenda *atrasada***

É importante conhecer as particularidades dos adjetivos:

- Adjetivo x advérbio
- Uso dos Adjetivos diante de Particípio
- O grau dos advérbios e os adjetivos particípios
- A formação do grau e os adjetivos e advérbios anômalos
- Formas analíticas dos adjetivos anômalos

Artigo

Artigo é a palavra que determina ou indetermina os seres ao qual está ligado.

Além dessa função de determinação, o *artigo* exerce outra função muito importante: a *substantivação*. A palavra ligada ao artigo, ou seja, aquela com a qual ele estabelece a concordância, torna-se um substantivo. Desse modo, podemos concluir desde já que o artigo é uma palavra extremamente dependente de outras na oração. Seu elo mais forte é com o substantivo.

Exemplos:

1. Com um número na cabeça, o rapaz tentava encontrar um lugar de apostas: hoje seria o dia do dragão.

2. Nem parecia que a faxina tinha sido feita: as plantas secas, o jantar ainda posto, uma intenção de viagem no ar.

   ...[em negrito: artigos]

   ...[palavras sublinhadas: substantivos]

Embora o artigo esteja sempre vinculado a um substantivo, a presença deste nem sempre é necessária. É o fenômeno chamado zeugma, bastante comum na nossa língua.

Exemplo:

1. Havia dias em que eu precisava do colo dele; outros muitos era ele quem procurava o meu.

   ...[*o meu*: zeugma = elipse do substantivo "colo"]

Os artigos são palavras variáveis, ou seja, sofrem variação em gênero (masculino ou feminino) e número (singular ou plural) em concordância com o substantivo que antecedem. Essa característica, aliás, é bastante importante em muitos casos. Por exemplo, os artigos são fundamentais para determinar o gênero de certos substantivos e, com isso, o seu significado.

Exemplos:

a cabeça [parte do corpo]	*o* cabeça [chefe]
a caixa [recipiente]	*o* caixa [resposável pelo caixa]
a grama [relva]	*o* grama [unidade de peso]
a moral [conjunto de regras]	*o* moral [brio, ânimo]

Uso de artigos e determinantes

Deve-se evitar o uso do artigo indefinido diante dos pronomes indefinidos por constituir caso de redundância.

Exemplo:

1. Era um belo pôr-do-sol, com uma certa cor que o casal jamais havia visto. [Inadequado]

   Era um belo pôr-do-sol, com certa cor que o casal jamais havia visto. [Adequado]

Deve-se evitar o uso do artigo definido diante de pronomes possessivos nos casos em que o possuído não puder pertencer senão ao possuidor.

Exemplo:

1. Lavei as minhas mãos. [Inadequado]

   Lavei minhas mãos. [Adequado]

   ...[Minhas mãos não podem pertencer senão a mim; o artigo torna-se, pois, redundante]

Os pronomes de tratamento não admitem o artigo. A única exceção é o pronome "senhor" e suas variações [senhores, senhora, senhoras].

Exemplos:

1. Não gosto da Vossa Excelência. [Inadequado]

   Não gosto de Vossa Excelência. [Adequado]

2. A senhora deseja alguma coisa? [Adequado]

O pronome relativo "cujo" e suas variações [cujos, cuja, cujas] não admitem o uso do artigo.

Exemplo:

1. O suor descia da cabeça, cujos os cabelos lisos e negros estavam duros. Andava pela velha vila, tão conhecida, por cujas as ruas passeiam assombrações. [Inadequado]

   O suor descia da cabeça, cujos cabelos lisos e negros estavam duros. Andava pela velha vila, tão conhecida, por cujas ruas passeiam assombrações. [Adequado]

Depois de "ambos", "ambas", "todos" e "todas", quando determinantes, é indispensável o uso do artigo definido.

Exemplos:

1. Ou fazia ambas coisas de qualquer maneira ou desistia de uma delas. [Inadequado]

   Ou fazia ambas as coisas de qualquer maneira ou desistia de uma delas. [Adequado]

2. Seu vasto coração abriga todos alunos. [Inadequado]

   Seu vasto coração abriga todos os alunos. [Adequado]

Pronome

Pronome é a palavra que se usa em lugar do nome, ou a ele se refere, ou ainda, que acompanha o nome qualificando-o de alguma forma.

Exemplos:

1. A moça era mesmo bonita. Ela morava nos meus sonhos!

   ...[substituição do nome]

2. A moça que morava nos meus sonhos era mesmo bonita!

   ...[referência ao nome]

3. Essa moça morava nos meus sonhos!

   ...[qualificação do nome]

Grande parte dos pronomes não possui significado fixo, isto é, essas palavras só adquirem significação dentro de um contexto, o qual nos permite recuperar a referência exata daquilo que está sendo colocado por meio dos pronomes no ato da comunicação. Com exceção dos pronomes interrogativos e indefinidos, os demais pronomes têm por função principal apontar para as pessoas do discurso ou a elas se relacionar, indicando-lhes sua situação no tempo ou no espaço. Em virtude dessa característica, os pronomes apresentam uma forma específica para cada pessoa do discurso.

Exemplos:

1. **Minha** carteira estava vazia, quando **eu** fui assaltada.

   ...[minha/eu: pronomes de 1ª pessoa = aquele que fala]

2. **Tua** carteira estava vazia, quando **você** foi assaltada?

   ...[tua/você: pronomes de 2ª pessoa = aquele a quem se fala]

3. A carteira **dela** estava vazia, quando **ela** foi assaltada.

   ...[dela/ela: pronomes de 3ª pessoa = aquele de quem se fala]

Em termos morfológicos, os pronomes são **palavras variáveis** em gênero (masculino ou feminino) e em número (singular ou plural). Assim, espera-se que a referência através do pronome seja coerente em termos de gênero e número (fenômeno da concordância) com o seu objeto, mesmo quando este se apresenta ausente no enunciado.

Exemplos:

1. [Fala-se de Roberta]
2. **Ele** quer participar do desfile da **nossa** escola **neste** ano.

   ...[*nossa*: pronome que qualifica "escola" = concordância adequada]

   ...[*neste*: pronome que determina "ano" = concordância adequada]

   ...[*ele*: pronome que faz referência à "Roberta" = concordância inadequada]

São muitos os tipos de pronomes e também diversos as suas funções e empregos. Por isso, é importante conhecer outras particularidades a seu respeito:

- Pronome reto
- Pronome oblíquo
- Pronome reflexivo
- O pronome em início de sentença
- A crase e os pronomes pessoais
- A crase e os pronomes demonstrativos
- A crase e os pronomes indefinidos

Além disso, alguns pronomes ocupam posições especiais na sentença. Essa característica dos pronomes é tratada como colocação pronominal.

Pronome substantivo

Pronome substantivo é aquele que substitui um substantivo na sentença. Como o pronome assume para si as características do nome ao qual substitui, ele segue, dessa forma, todas as suas características. São elas:

- *gênero* - ex: **ele**

- *número* - ex: **eles**

- a *pessoa do discurso* - ex: **ele** = aquele de *quem* se fala

- marca de *sujeito inanimado* - ex: **isso**

- marca de *situação no espaço* - ex: **aí**

Para identificar um pronome substantivo, portanto, basta substitui-lo por algum substantivo.

Exemplos:

1. O carteiro sempre me desafiava!

   Ele sempre me desafiava!

2. Os homens e as mulheres da paróquia foram convocados.

   Todos foram convocados

3. O presente que está perto de você é bastante grande.

   Esse presente aí é bastante grande.

Pronome reto

Pronome pessoal do caso reto é aquele que, na sentença, exerce a função de sujeito.

Sendo um *pronome* ele carrega consigo as características próprias a essa classe gramatical, ou seja, é uma palavra que pode:

- substituir um nome;
- qualificar um nome;
- determinar a *pessoa do discurso*.

Os pronomes retos apresentam flexão de número, gênero (apenas na 3ª pessoa) e pessoa, sendo essa última a principal flexão porque marca a pessoa do discurso. Dessa forma, o quadro dos pronomes retos é assim configurado:

- 1ª pessoa do singular (eu): *eu*

- 2ª pessoa do singular (tu): *tu*

- 3ª pessoa do singular (ele, ela): *ele, ela*

- 1ª pessoa do plural (nós): *nós*

- 2ª pessoa do plural (vós): *vós*

- 3ª pessoa do plural (eles, elas): *eles, elas*

Freqüentemente se observa a **omissão** do pronome reto em Língua Portuguesa. Isso se dá porque as formas verbais marcam, através de suas *desinências*, as pessoas do verbo indicadas pelo pronome reto (ex.: *Dormi cedo ontem*; *Fizemos boa viagem*).

É importante conhecer algumas outras particularidades dos pronomes retos, tais como:

- O pronome e o verbo no infinitivo
- A concordância e o pronome reto como predicativo do sujeito

Pronome oblíquo

Pronome pessoal do caso oblíquo é aquele que, na sentença, exerce a função de ***complemento verbal***, ou seja, objeto direto ou objeto indireto.

Sendo um *pronome* ele carrega consigo as características próprias a essa classe gramatical, ou seja, é uma palavra que pode:

- Substituir um nome
- Qualificar um nome
- Determinar a pessoa do discurso

Em verdade, o pronome oblíquo é uma forma variante do pronome pessoal do caso reto. Essa variação na forma do pronome indica tão somente a função diversa que eles desempenham na oração: pronome reto marca o sujeito da oração; pronome oblíquo marca o complemento verbal da oração.

Os pronomes oblíquos sofrem variação de acordo com a acentuação tônica que possuem. Dessa forma eles podem ser:

Pronomes oblíquos átonos

Pronomes oblíquos tônicos

É importante conhecer algumas particularidades dos pronomes:

- **Formas especiais do pronome oblíquo**
- **Colocação pronominal**
- **O pronome em início de sentença**
- **O pronome e o objeto direto**

Pronome oblíquo átono

São chamados átonos os pronomes oblíquos cuja acentuação tônica é fraca.

Os pronomes oblíquos apresentam flexão de número, gênero e pessoa, sendo essa última a principal flexão porque marca a *pessoa do discurso*. Dessa forma, o quadro dos pronomes oblíquos átonos é assim configurado:

- 1ª pessoa do singular (eu):*me*

- 2ª pessoa do singular (tu):*te*

- 3ª pessoa do singular (ele, ela): *o, a, lhe*

- 1ª pessoa do plural (nós):*nos*

- 2ª pessoa do plural (vós):*vos*

- 3ª pessoa do plural (eles, elas): *os, as, lhes*

O *lhe* é o único pronome oblíquo átono que já se apresenta na forma contraída, ou seja, houve a união entre o pronome *o* ou *a* e *preposição a* ou *para*. Por acompanhar diretamente uma preposição, o pronome *lhe* exerce sempre a função de objeto indireto na oração. Os demais pronomes átonos em geral funcionam como objeto direto.

É importante conhecer algumas particularidades dos pronomes oblíquos átonos:

- **Formas especiais do pronome oblíquo**
- **Colocação pronominal**
- **O pronome em início de sentença**
- **O pronome e o objeto direto**

Pronome oblíquo tônico

São chamados tônicos os pronomes oblíquos cuja acentuação tônica é forte.

Os pronomes oblíquos apresentam flexão de número, gênero (apenas na 3ª pessoa) e pessoa, sendo essa última a principal flexão porque marca a *pessoa do discurso*. Dessa forma, o quadro dos pronomes oblíquos tônicos é assim configurado:

- 1ª pessoa do singular (eu): *mim, comigo*

- 2ª pessoa do singular (tu): *ti, contigo*

- 3ª pessoa do singular (ele, ela): *ele, ela*

- 1ª pessoa do plural (nós): *nós, conosco*

- 2ª pessoa do plural (vós): *vós, convosco*

- 3ª pessoa do plural (eles, elas): *eles, elas*

Os pronomes oblíquos tônicos sempre acompanham uma *preposição*, em geral as preposições ***a***, ***para***, ***de*** e ***com***. Por esse motivo os pronomes tônicos exercem a função de objeto indireto da oração.

Observe que as únicas formas próprias do pronome tônico são a primeira pessoa (*mim*) e segunda pessoa (*ti*). As demais repetem a forma do pronome pessoal do caso reto.

A forma contraída dos pronomes tônicos (*comigo*, *contigo*, *conosco* e *convosco*) é obrigatória na construção dos pronomes de 1ª e 2ª pessoas do singular e do plural. As terceiras pessoas do singular e plural, por possuírem uma forma iniciada por vogal (*ele*, por exemplo), se apresentam separadas da preposição "com" (*com ele*, *com elas* e etc.).

Os pronomes oblíquos tônicos contraídos (*contigo*, por exemplo) freqüentemente exercem a função de *adjunto adverbial de companhia* (ex.: *Ele carregava este nome* ***consigo***).

Pronome reflexivo

São aqueles que expressam a igualdade entre o sujeito e o objeto da ação.

Os pronomes reflexivos, embora também apontem para o sujeito da oração, exercem sempre a função de *complemento verbal* (objeto direto ou indireto). Por esse motivo são associados aos pronomes pessoais do caso oblíquo, herdando as características desses.

O quadro dos pronomes reflexivos é assim configurado:

- 1ª pessoa do singular (eu): ***me***

- 2ª pessoa do singular (tu): ***ti***

- 3ª pessoa do singular (ele, ela): ***si, consigo***

- 1ª pessoa do plural (nós): ***nos***

- 2ª pessoa do plural (vós): ***vos***

- 3ª pessoa do plural (eles, elas): ***si, consigo***

Com exceção das terceiras pessoas do singular e plural, as demais formas dos pronomes reflexivos repetem as formas do pronome oblíquo átono. Como os pronomes átonos são fracos quanto à acentuação, há determinadas formas (ver formas especiais do pronome oblíquo átono) e posições (ver colocação pronominal) fixas para eles na oração.

A forma contraída dos pronomes reflexivo (*consigo*) é obrigatória na construção dos pronomes de 3ª pessoas do singular e do plural. Essa forma contraída freqüentemente exerce a função de *adjunto adverbial de companhia* (ex.: *Ela veio* ***comigo***).

É importante ainda conhecer algumas particularidades dos pronomes reflexivos:

- A concordância e os pronomes reflexivos
- Verbos com pronome "se"
- O "se" em início de sentença
- Os pronomes pessoais e algumas preposições

Numeral

Numeral é a palavra que qualifica os seres em termos numéricos, isto é, que atribui quantidade aos seres ou os situa em determinada seqüência.

Exemplos:

1. Os **quatro** últimos ingressos foram vendidos há pouco.

   [*quatro*: numeral = atributo numérico de "ingresso"]

2. Eu quero café **duplo**, e você?

   ...[*duplo*: numeral = atributo numérico de "café"]

3. A primeira pessoa da fila pode entrar, por favor!

   ...[*primeira*: numeral = situa o ser "pessoa" na seqüência de "fila"]

Os numerais podem ser: cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários.

Os numerais cardinais indicam a quantidade exata de seres: um, duas, trezentos, milhão.

Os numerais ordinais indicam a ordem dos seres numa determinada série: primeiro, quadragésima.

Os numerais multiplicativos indicam o aumento proporcional da quantidade: duplo, quádruplo.

Os numerais fracionários indicam a diminuição proporcional da quantidade: meio, quarto, dois quinze avos.

Outras palavras que também denotam quantidade, proporção ou ordenação também podem ser consideradas numerais: ***década***, ***dúzia***, ***par***, ***ambos(as)***, ***novena***, etc.

Uso e Grafia de Numerais

No interior do texto, prefira escrever os números de um a dez por extenso; a partir de 11, use algarismos:

> "O assassino matou quatro pessoas" deve ser preferível a "O assassino matou 4 pessoas".

Porém:

> "O assassino matou 22 pessoas" deve se usado em lugar de "O assassino matou vinte e duas pessoas".

Se o número estiver determinando uma unidade de medida ou uma grandeza, prefira o algarismo:

1. São oito horas. [Inadequado]

   São 8 horas. [Adequado]

No interior do texto, procure não iniciar períodos com algarismos.

> "Vinte e nove pessoas foram aprovados" é considerado mais adequado do que "29 pessoas foram aprovadas".

Não se deve usar ponto nas datas:

> "15 de abril de 2002" e não "15 de abril de 2.002"

Não use o algarismo 0 antes de números inteiros a menos que possa haver alguma ambigüidade:

1. Compramos 018 livros. [Inadequado]

   Compramos 18 livros. [Adequado]

O numeral utilizado para designar papas, soberanos, séculos ou partes em que se divide uma obra, deve ser lido como ordinal até o décimo, e como cardinal de onze em diante: *Paulo VI* (sexto), *Canto VIII* (oitavo).

Na numeração de artigos, leis, decretos, portarias e outros textos legais, utilizamos o numeral ordinal até nove e o cardinal a partir de dez: Artigo 9°. (nono), Decreto 12 (doze).

Verbo

Verbo é a palavra que expressa processos, ação, estado, mudança de estado, fenômeno da natureza, conveniência, desejo e existência. Desse modo, enquanto os nomes (substantivo, adjetivo) indicam propriedades estáticas dos seres, o verbo denota os seus movimentos, por isso sua característica de ***dinamicidade***.

Exemplos:

1. Um homem já escorregou neste chão molhado.

...[*escorregar*: verbo = ação que expressa a dinamicidade de "homem"]

2. Por enquanto as matas continuam indefesas.

   ...[*continuar*: verbo = estado que expressa a dinamicidade de "matas"]

3. Anoitecia rapidamente!

   ...[*anoitecer*: verbo = fenômeno dinâmico da natureza]

4. Convém aguardar mais alguns minutos.

   ...[*convir*: verbo = conveniência que expressa a dinamicidade de "aguardar..."]

5. Nossos estudantes anseiam um bom emprego.

   ...[*ansiar*: verbo = desejo que expressa a dinamicidade de "nossos estudantes"]

6. Houve tumulto no momento da votação.

   ...[*haver*: verbo = existência que expressa a dinamicidade de "tumulto..."]

Em termos sintáticos, os verbos exercem uma função fundamental: núcleo da predicação nos predicados verbais. Isto é, o verbo é o constituinte essencial do predicado verbal. Além disso, os verbos também são fundamentais para a constituição das orações. Ao contrário do sujeito, que pode estar ausente na oração, sem verbo *não há* oração. Aliás, classificam-se as orações conforme o número de núcleos verbais existentes.

Exemplos:

1. É comum, no interior do país, surpreender crianças com doenças graves.

   ...[*é*: verbo = núcleo do predicado "é comum"]

   ...[*surpreender*: verbo = núcleo do predicado "surpreender crianças..."]

2. Se você me esperar$_1$, vou até lá$_2$, procuro pelo endereço$_3$ e trago-o aqui$_4$.

   ...[número de orações: 4]

   ...[número de núcleos verbais: 4]

3. Vou entrar por esta porta$_1$ e quero encontrar tudo$_2$ como eu havia deixado$_3$.

   ...[número de orações: 3]

   ...[número de núcleos verbais: 3]

A classe gramatical dos verbos é bastante rica em flexões. Trata-se de uma classe que varia em número, pessoa, tempo, modo, aspecto e voz. Essas variações se agrupam em conjuntos flexionais chamados de conjugação. É importante, portanto, conhecer as outras particularidades do verbo:

- O subjuntivo e as orações subordinadas
- O subjuntivo e os verbos modais
- Tempo verbal e o emprego de pronomes
- Verbos com pronome "se"
- Os auxiliares e certos verbos abundantes
- A crase e os verbos
- As locuções verbais e o uso de preposições
- Uso do Particípio

Os verbos também exigem formas especiais de combinação com os outros elementos da oração. Esse mecanismo de combinação é compreendido nas chamadas:

- concordância verbal
- regência verbal

Uso do Particípio

Com os verbos auxiliares "ter" e "haver", que formam os tempos chamados compostos, da *voz ativa*, o particípio é invariável, devendo permanecer na forma do masculino singular.

Exemplo:

1. Havíamos pensado em outra solução para aquele problema comum. [Adequado]
2. Elas tinham pensado sobre o assunto, mas acabaram sem opção. [Adequado]

Com os verbos auxiliares "ser" e "estar", que formam os tempos da *voz passiva*, o particípio é variável, e deve concordar com o sujeito da oração.

Exemplo:

1. Já foram tomadas as providências necessárias para as eleições. [Adequado]
2. Todas nós estávamos cercadas pelo fogo. [Adequado]

Uso do Particípio dos Verbos Abundantes

Há verbos - chamados "abundantes" - que possuem mais de uma forma do particípio: a forma regular, terminada em -ado ou -ido, e a forma reduzida, ou irregular, que não obedece à regra geral de formação do particípio. Na maioria dos casos, os verbos auxiliares "ter" e "haver" requerem o uso da forma regular; e os auxiliares "ser" e "estar", o uso da forma irregular.

Exemplo:

1. Meu irmão tinha pego o dinheiro, mas o perdeu. [Inadequado]

   Meu irmão tinha pegado o dinheiro, mas o perdeu. [Adequado]

2. O aluno foi pegado colando na prova. [Inadequado]

   O aluno foi pego colando na prova. [Adequado]

Uso do Gerúndio

Em língua portuguesa, não é recomendado o uso do gerúndio para reforçar a idéia de progressividade no futuro. Este uso constitui *anglicismo* (interferência da língua inglesa) e vem sendo condenado pelos gramáticos contemporâneos como modismo a ser evitado.

Exemplo:

1. Eu vou estar estudando a matéria para a prova. [Inadequado]

   Eu vou estudar a matéria para a prova. [Adequado]

2. Amanhã estaremos indo viajar para Salvador. [Inadequado]

   Amanhã viajaremos para Salvador. [Adequado]

Advérbio

Advérbio é a palavra que se emprega como:

1. modificador do adjetivo ou do próprio advérbio;
2. determinante do verbo

Os *advérbios* são palavras heterogêneas, ou seja, podem exercer funções as mais diversas na oração. Por isso, a cada função exercida, alia-se um valor significativo. Como *modificador*, o advérbio expressa uma propriedade dos seres de modo a acrescentar-lhes um significado diferente, "modificado". Isso acontece em relação ao adjetivo, ao próprio advérbio, ou mesmo a uma oração inteira.

Exemplos:

1. Ela estava tão apressada que esqueceu sua bolsa comigo.

   ...[*apressada*: adjetivo]

   ...[*tão*: advérbio = modificador do adjetivo]

2. Todos passam muito bem, obrigado!

   ...[*bem*: advérbio]

   ...[*muito*: advérbio = modificador do advérbio]

3. Felizmente não houve feridos no acidente.

   ...[não houve feridos no acidente: oração]

   ...[*felizmente*: advérbio = modificador da oração]

4. Ninguém manda aqui!

   ...[mandar: verbo]

   ...[aqui: advérbio de lugar = determinante do verbo]

Os advérbios que se relacionam ao verbo são palavras que expressam circunstâncias do processo verbal, por isso considerá-los um *determinante*. Cada uma dessas circunstâncias indicadas pelos advérbios justifica os vários tipos de advérbios na nossa língua (circunstância de lugar, modo, tempo, etc.).

Outra característica dos advérbios se refere a sua organização morfológica. Os advérbios são palavras invariáveis. Isto é, essa classe gramatical não apresenta variação em gênero e número - tal como os nomes -, nem de pessoa, modo, tempo, aspecto e voz - tal como os verbos. Alguns advérbios, porém, admitem a variação em grau (ex.: *cedo* = advérbio de tempo em grau normal; *cedíssimo* = grau superlativo; *cedinho* = diminutivo com valor de grau superlativo do advérbio).

É importante, portanto, conhecer essas outras particularidades do advérbio:

- Adjetivo x advérbio
- O grau dos advérbios e os adjetivos particípios
- A formação do grau e os adjetivos e advérbios anômalos

Preposição

Preposição é a palavra que estabelece uma relação entre dois ou mais termos da oração. Essa relação é do tipo subordinativa, ou seja, entre os elementos ligados pela preposição não há sentido dissociado, separado, individualizado; ao contrário, o sentido da expressão é dependente da união de todos os elementos que a preposição vincula.

Exemplos:

1. Os amigos de João estranharam o seu modo de vestir.

   ...[*amigos de João / modo de vestir*: elementos ligados por preposição]

   ...[*de*: preposição]

2. Ela esperou com entusiasmo aquele breve passeio.

   ...[*esperou com entusiasmo*: elementos ligados por preposição]

   ...[*com*: preposição]

Esse tipo de relação é considerada uma *conexão*, em que os conectivos cumprem a função de ligar elementos. A preposição é um desses conectivos e se presta a ligar palavras entre si num processo de subordinação denominado regência.

Diz-se regência devido ao fato de que, na relação estabelecida pelas preposições, o primeiro elemento – chamado antecedente - é o termo que rege, que impõe um regime; o segundo elemento, por sua vez – chamado conseqüente – é o temo regido, aquele que cumpre o regime estabelecido pelo antecedente.

Exemplos:

1. **A hora das refeições é sagrada.**

   ...[*hora das refeições*: elementos ligados por preposição]

   ...[*de + as = das*: preposição]

   ...[*hora*: termo antecedente = rege a construção "das refeições"]

   ...[*refeições*: termo conseqüente = é regido pela construção "hora da"]

2. **Alguém passou por aqui.**

   ...[*passou por aqui*: elementos ligados por preposição]

   ...[*por*: preposição]

   ...[*passou*: termo antecedente = rege a construção "por aqui"]

   ...[*aqui*: termo conseqüente = é regido pela construção "passou por"]

As preposições são palavras invariáveis, pois não sofrem flexão de gênero, número ou variação em grau como os nomes, nem de pessoa, número, tempo, modo, aspecto e voz como os verbos. No entanto em diversas situações as preposições se combinam a outras palavras da língua (fenômeno da *contração*) e, assim, estabelecem uma relação de concordância em gênero e número com essas palavras às quais se liga. Mesmo assim, não se trata de uma variação própria da preposição, mas sim da palavra com a qual ela se funde (ex.: de + o = *do*; por + a = *pela*; em + um = *num*, etc.).

É importante conhecer essas outras particularidades da preposição:

- **Uso da preposicao**
- **A crase e as preposições**
- **Uso das locuções prepositivas**
- **A regência e o uso de preposições**

Uso da Preposição

Algumas particularidades no uso das preposições:

1. O sujeito das orações reduzidas de infinitivo não deve vir contraído com uma preposição.

Exemplo:

1. **A maneira dele estudar não é correta. [Inadequado]**

   A maneira de ele estudar não é correta. [Adequado]

   A maneira de nós estudarmos não é correta. [Adequado]

2. A preposição "a" não deve ser utilizada após a preposição "perante".

Exemplo:

1. **Quando o resultado das provas foi divulgado, ela chorou perante a todos. [Inadequado]**

   Quando o resultado das provas foi divulgado, ela chorou perante todos. [Adequado]

3. Do mesmo modo, não podemos utilizar a preposição "a" depois da preposição "após".

Exemplos:

1. **Todos nos reunimos após à reunião. [Inadequado]**

   Todos nos reunimos após a reunião. [Adequado]

2. O retorno dos alunos após ao intervalo é sempre tumultuado. [Inadequado]

   O retorno dos alunos após o intervalo é sempre tumultuado. [Adequado]

4. A preposição "desde" não admite em sua seqüência a preposição "de".

Exemplo:

1. Estamos esperando aqui desde das 12 h. [Inadequado]

   Estamos esperando aqui desde as 12 h. [Adequado]

5. Em vez de utilizar a preposição "após" antes de verbos no particípio, prefira a locução "depois de".

Exemplo:

1. O aluno partiu após difundida a notícia. [Inadequado]

   O aluno partiu depois de difundida a notícia. [Adequado]

Omissão das preposições

Antes de alguns advérbios de tempo, modo e lugar, a preposição pode ou não ser omitida.

Exemplos:

1. Chegarão domingo. [Adequado]

   Chegarão no domingo. [Adequado]

2. O filho, cabeça baixa, ouvia a reprimenda. [Adequado]

   O filho, de cabeça baixa, ouvia a reprimenda. [Adequado]

Conjunção

Conjunção é a palavra que estabelece uma relação:

- entre dois ou mais termos semelhantes da oração ou entre orações de mesma função gramatical.
- entre duas orações.

No primeiro caso, trata-se de uma relação de *coordenação*, em que os elementos ligados pela conjunção podem ser isolados um do outro. Esse isolamento, no entanto, não acarreta perda da unidade de sentido que cada um dos elementos possui. Já no segundo caso a relação é de *subordinação*, em que cada um dos elementos ligados pela conjunção depende da existência do outro.

Exemplos:

1. As crianças iam e vinham, demonstrando completo entusiasmo pela brincadeira.

   ...[*iam/vinham:* termos semelhantes da oração = verbo]

   ...[*e*: conjunção]

   ...[relação de coordenação]

2. As propostas pareciam um absurdo$_1$, mas eu concordava inteiramente com elas$_2$.

   ...[*segmentos 1 e 2*: orações independentes]

   ...[*mas*: conjunção]

   ...[relação de coordenação]

3. As preocupações só terminariam$_1$ quando Armando chegasse$_2$.

...[*segmentos 1 e 2*: orações dependentes]

...[*quando*: conjunção]

...[relação de subordinação]

Esse tipo de relação é considerada uma *conexão*, em que os conectivos cumprem a função de ligar elementos. A conjunção é um desses conectivos e se presta a ligar palavras ou orações entre si a fim de concatenar idéias e formar, com elas, um texto coeso. O encadeamento de idéias num texto (fenômeno da coesão) se deve em grande medida ao bom uso das conjunções, já que elas estabelecem os elos necessários entre palavras formando a oração, ou entre as orações formando o período.

Do ponto de vista morfológico, as conjunções são palavras invariáveis, pois não sofrem flexão de gênero, número ou grau como os nomes, nem de pessoa, número, tempo, modo, aspecto e voz como os verbos.

É importante conhecer, ainda, outras particularidades da conjunção:

- A crase e a conjunção "caso"
- Uso das locuções conjuncionais

Interjeição

Interjeição é a palavra que expressa emoções, sentimentos ou pensamentos súbitos.

Trata-se de um recurso da linguagem afetiva, em que não há uma idéia organizada de maneira lógica, como são as sentenças da língua, mas sim a manifestação de um suspiro, um estado da alma decorrente de uma situação particular, um momento ou um contexto específico.

Exemplos:

1. Ah, como eu queria voltar a ser criança!

   ...[*ah*: expressão de um estado emotivo = interjeição]

2. Hum! Esse cuscuz estava maravilhoso!

   ...[*hum*: expressão de um pensamento súbito = interjeição]

As sentenças da língua costumam se organizar de forma lógica: há uma sintaxe que estrutura seus elementos e os distribui em posições adequadas a cada um deles. As interjeições, por outro lado, são uma espécie de palavra-frase, ou seja, há uma idéia expressa por uma palavra (ou um conjunto de palavras - locução interjetiva) que poderia ser colocada em termos de uma sentença. Observe:

1. Bravo! Bravo! Bis!

   ...[*bravo* e *bis*: interjeição]

   ...[sentença [sugestão]: "Foi muito bom! Repitam!"]

2. Ai! Ai! Ai! Machuquei meu pé...

   ...[*ai*: interjeição]

   ...[sentença [sugestão]: "Isso está doendo!" ou "Estou com dor!"]

O significado das interjeições está vinculado à maneira como elas são proferidas. Desse modo, o tom da fala é que dita o sentido que a expressão vai adquirir em cada contexto de enunciação. Exemplos:

1. Psiu!

   ...[contexto: alguém pronunciando essa expressão na rua]

   ...[significado da interjeição [sugestão]: "Estou te chamando! Ei, espere!"]

2. Psiu!

   ...[contexto: alguém pronunciando essa expressão em um hospital]

...[significado da interjeição [sugestão]: "Por favor, faça silêncio!"]

3. **Puxa! Ganhei o maior prêmio do sorteio!**

   ...[*puxa*: interjeição]

   ...[tom da fala: euforia]

4. **Puxa! Hoje não foi meu dia de sorte!**

   ...[*puxa*: interjeição]

   ...[tom da fala: decepção]

As interjeições são palavras invariáveis, isto é, não sofrem variação em gênero, número e grau como os nomes, nem de número, pessoa, tempo, modo, aspecto e voz como os verbos. No entanto, em uso específico, algumas interjeições sofrem variação em grau. Deve-se ter claro, neste caso, que não se trata de um processo natural dessa classe de palavra, mas tão só uma variação que a linguagem afetiva permite. Exemplos: *oizinho*, *bravíssimo*, até *loguinho*.

Identificando particularidades

Sobre adjetivos:

- **Adjetivo x Advérbio**
- **Uso dos Adjetivo diante de Particípio**
- **A formação do grau e os adjetivos e advérbios anômalos**

Sobre advérbios

- **Adjetivo x Advérbio**
- **A formação do grau e os adjetivos e advérbios anômalos**
- **Locução prepositiva x Locução adverbial**

Sobre determinantes

- **Os determinantes e o núcleo composto**
- **Determinante antes do núcleo composto**
- **Determinantes depois do núcleo composto**

Sobre preposições:

- **Locução prepositiva x Locução adverbial**

Sobre pronomes:

- **Uso dos Pronomes**
- **Uso de Onde como Pronome Relativo**

Sobre substantivos:

- **Substantivo de gênero vascilante**

Sobre verbos:

- **Modo subjuntivo**
- **Verbos com pronome "se"**

Adjetivo x Advérbio

Embora os adjetivos e advérbios constituam *classes gramaticais* bastante distintas, freqüentemente se verifica certa confusão na construção e emprego de algumas palavras que se alternam na função de adjetivo e advérbio. Trata-se do problema da flexão dessas classes gramaticais: o adjetivo varia em gênero e número e o advérbio é invariável.

A seguir indicamos a flexão e o emprego adequados de algumas palavras da Língua Portuguesa que se apresentam ora como advérbios ora como adjetivos:

I. Bastantes/bastante

Exemplos:

1. **Os aniversariantes encomendaram bastantes salgadinhos para a festa. [Adjetivo]**
2. **Os salgadinhos estavam bastante frios. [Advérbio]**

Uma regra prática para empregar corretamente as palavras *bastante/bastantes* é tentar substituir esses termos pela palavra *muito*. Se a palavra *muito* flexionar em gênero e número, emprega-se bastantes, se a palavra *muito* não flexionar, emprega-se a palavra bastante.

II. Longes/longe

Exemplos:

1. **Eles planejavam a conquista de terras longes e objetos antigos. [Adjetivo]**
2. **Eles foram longe em busca de objetos antigos. [Advérbio]**

III. Sós/só

Exemplo:

1. **Meus irmãos estavam sós naquela cidade desconhecida. [Adjetivo]**
2. **Eles só deixaram meus irmãos saírem apresentando passaporte. [Advérbio]**

Uma regra prática para empregar corretamente as palavras *sós/só* é tentar substituir esses termos pelas palavras sozinho e apenas, respectivamente. Onde couber a palavra *sozinho*, emprega-se só flexionado; onde couber a palavra *apenas*, emprega-se só (sem flexão = advérbio).

IV. Meio/meia

Exemplos:

1. **Nós pedimos apenas meia garrafa de vinho. [Adjetivo]**
2. **Ela parecia meio brava hoje. [Advérbio]**

V. Alerta

Exemplo:

1. **Os pais estavam alerta para a situação do filho doente. [Advérbio]**

Observe que a palavra *alerta* só possui uma forma não flexionada. Isso se dá porque a palavra *alerta* é sempre advérbio.

Uso dos Adjetivos diante de Particípio

Não devemos utilizar os adjetivos em suas formas comparativa e superlativa sintética ("melhor", por exemplo) diante de verbos no particípio. Os gramáticos recomendam que, nestes casos, o uso dos adjetivos nas formas comparativa e superlativa analítica ("mais bem", por exemplo).

Exemplo:

1. **A professora é melhor informada do que imaginei. [Inadequado]**

   A professora é mais bem informada do que imaginei. [Adequado]

A formação do grau e os adjetivos e advérbios anômalos

Uma das propriedades dos advérbios é a *formação do grau* a partir de *um processo de derivação* que consiste no acréscimo de *sufixos* ao *radical* da palavra (advérbio) ou, ainda, no acréscimo de um *advérbio de intensidade* (*mais*, *tão... como*, *menos*). Em geral, estão sujeitos a esse tipo de comportamento os advérbios de modo, expressando, assim, uma intensidade maior ou menor em relação a outro(s) ser(es) (*grau comparativo*) ou uma intensidade maior ou menor em relação à totalidade dos seres (*grau superlativo*).

Cada um dos graus possui as formas absoluta – quando não existe outro elemento em referência - e relativa – quando se estabelece uma comparação entre os seres. Por sua vez, cada uma das formas indicativas dos graus pode ser representada sob as formas sintética – quando o grau é expressado através de *sufixos* -, e analítica – quando ao adjetivo/advérbio é acrescentada uma palavra intensificadora.

Em geral, todos os adjetivos e advérbios se apresentam, na forma *comparativa relativa*, através da estrutura:

- mais + ADJETIVO/ADVÉRBIO + *(do)* que (comparativo de superioridade);
- tão + ADJETIVO/ADVÉRBIO + como (ou quanto) (comparativo de igualdade);
- menos + ADJETIVO/ADVÉRBIO + *(do)* que (comparativo de inferioridade).

Já os adjetivos e advérbios que se apresentam na forma *superlativa relativa*, o fazem segundo a seguinte estrutura:

- mais + ADJETIVO/ADVÉRBIO + de (superlativo de superioridade);
- menos + ADJETIVO/ADVÉRBIO + de (superlativo de inferioridade).

Alguns adjetivos e advérbios, porém, possuem formas especiais quando apresentados nas formas dos graus *comparativo sintético* e *superlativo sintético*. São eles: *bom/bem*, *mau/mal*, *grande* e *pequeno*, para cuja apresentação, assumem as seguintes formas:

ADJETIVO	ADVÉRBIO	COMPARATIVO/SUPERLATIVO SINTÉTICO
bom	bem	melhor
mau	mal	pior
grande		maior
pequeno		menor

Essas formas especiais do comparativo e superlativo sintético são obrigatórias, especialmente porque é assumido em uma única palavra a idéia de intensidade do adjetivo e advérbio:

Exemplos:

Adjetivo

1. Ele é mais bom como vendedor do que como dentista. [Inadequado]

   Ele é melhor como vendedor do que como dentista. Adequado]

Advérbio

1. É mais bem andar do que correr. [Inadequado]

   É melhor andar do que correr. [Adequado]

Em geral, esses advérbios na forma sintética aparecem intensificados pelo acréscimo de outro advérbio de intensidade (*muito*, *bem*, *bastante* e etc.).

Exemplos:

1. Eu considerei bem melhor viajar à noite do que durante o dia.
2. Foi muito pior viajar durante o dia!

Locução prepositiva x Locução adverbial

Não raro, confunde-se *locução prepositiva* e *locução adverbial*, devido à utilização de palavras idênticas na formação da expressão.

Uma locução prepositiva exerce a função de preposição, ao passo que uma locução adverbial exerce a função de advérbio.

Uma regra prática para determinar essa distinção em nível formal é procurar pelo último elemento da locução. Se o último termo for uma preposição, trata-se de uma locução prepositiva; se esse último termo for um advérbio, estamos diante de uma locução adverbial.

Exemplos:

1. **Ele disse que entraria em contato dentro de poucos minutos. [locução prepositiva]**

   ...[dentro: advérbio]

   ...[de: preposição]

2. **O aspecto da casa era outro por dentro. [locução adverbial]**

   ...[por: preposição]

   ...[dentro: advérbio]

Os determinantes e o núcleo composto

Os termos determinantes da oração (artigos, adjetivos, numerais e pronomes) sempre acompanham o nome, em geral, um substantivo.

Em cada expressão em que ocorra a união entre o determinante e o substantivo, é obrigatória a concordância em gênero e número entre eles. Dessa forma, se a expressão contém mais de um elemento (núcleo composto) é importante verificar a concordância.

Há duas maneiras de se realizar a concordância entre um núcleo composto e os determinantes: concordância com o substantivo mais próximo, e concordância com o gênero e número comum. Para isso é preciso observar a posição ocupada pelo determinante, ou seja,

- **determinante antes do núcleo composto**
- **determinante depois do núcleo composto**

Determinante antes do núcleo composto

A posição dos determinantes é muito importante para se determinar o gênero e o número que eles devem assumir na oração. Como os determinantes sempre acompanham um nome, em geral um substantivo, a concordância entre os dois elementos é obrigatória.

A concordância se dará de acordo com o gênero e o número do substantivo mais próximo se:

- **determinante estiver ligado a um núcleo composto (mais de um elemento)**
- **determinante estiver antes do núcleo composto**

Exemplos:

1. **Algum atletas e treinadores se retiraram da competição. [Inadequado]**

   Alguns atletas e treinadores se retiraram da competição. [Adequado]

2. **Fantásticos fogueira e balões serão premiados na festa. [Inadequado]**

   Fantástica fogueira e balões serão premiados na festa. [Adequado]

Dentre os determinantes, o artigo é a única classe gramatical que ocupa sempre posição anterior ao substantivo (ex: a *casa* ao invés de *casa* a*;* um *sofá* ao invés de *sofá* um). Entre o artigo e o substantivo pode-

se incluir outras palavras, em geral um adjetivo. Mesmo distante, a concordância entre o artigo e o substantivo deve ser realizada.

É aconselhável, ainda, a repetição do determinante para cada um dos elementos do núcleo composto quando eles forem de gênero ou número diferentes (ex.: um *caderno e* umas *canetas* ao invés de uns *caderno e canetas*).

Determinante depois do núcleo composto

A posição dos determinantes é muito importante para se determinar o gênero e o número que eles devem assumir na oração. Como os determinantes sempre acompanham um nome, em geral um substantivo, a concordância entre os dois elementos é obrigatória.

Se o determinante estiver ligado a um núcleo composto (mais de um elemento) e vier depois desse núcleo, há duas maneiras de se realizar a concordância:

1. Com o substantivo mais próximo:

Exemplos:

1. As esperanças e o carinho minhas serão dedicadas aos pobres. [Inadequado]

   As esperanças e o carinho meu serão dedicadas aos pobres. [Adequado]

2. Os pôsteres e a revista masculinas foram vendidos. [Inadequado]

   Os pôsteres e a revista masculina foram vendidos. [Adequado]

2. Com o gênero e número comum:

Exemplos:

1. As esperanças e o carinho minhas serão dedicadas aos pobres. [Inadequado]

   As esperanças e o carinho meus serão dedicadas aos pobres. [Adequado]

2. Os pôsteres e a revista masculinas foram vendidos. [Inadequado]

   Os pôsteres e a revista masculinos foram vendidos. [Adequado]

Observe, portanto, que quando a concordância se dá pelo gênero e número comum, o número será sempre plural. O gênero, por sua vez, vai ser determinado pelos substantivos que compõem o núcleo. O determinante só será feminino plural se os substantivos do núcleo composto também forem femininos; do contrário, o gênero do determinante ligado a um núcleo composto será masculino (ex.: fábrica e escritório fechados; luz e lanterna acesas).

É aconselhável a repetição do determinante para cada um dos elementos do núcleo composto quando eles forem de gênero ou número diferentes (ex.: *o velho perdido e as crianças [também] perdid*as ao invés de *o velho e as crianças perdid*os).

Uso dos Pronomes

Os pronomes pessoais do caso reto "eu" e "tu" não podem exercer a função de complemento das preposições do português. Neste caso, devem ser usadas as formas pessoais oblíquas tônicas "mim" e "ti".

Exemplo:

1. Entre eu e ti existe apenas amizade. [Inadequado]

   Entre mim e ti existe apenas amizade. [Adequado]

O pronome pessoal "eu" não deve ser empregado depois da preposição "para", exceto quando seguido de verbo no infinitivo, ou seja, quando sujeito da oração subordinada adverbial final.

Exemplo:

1. Disseram para mim escrever uma carta. [Inadequado]

   Disseram para eu escrever uma carta. [Adequado]

O pronome pessoal do caso reto não pode funcionar como sujeito da oração subordinada substantiva reduzida de infinitivo. Neste caso, são usados os pronomes átonos do caso oblíquo ("me", "te", "o", etc.).

Exemplo:

1. Deixa eu sair. [Inadequado]

   Deixa-me sair. [Adequado]

Os pronomes reflexivos e os pronomes recíprocos devem concordar com a pessoa a que se referem.

Exemplos:

1. Ele vestiu-se rapidamente, pois estava atrasado.
2. Eu me feri com uma faca.
3. Carlos e eu nos abraçamos.
4. José e Antônio não se cumprimentam.

O pronome indefinido "ambos" já contém a idéia de "dois", sendo dispensável o numeral.

Exemplo:

1. Ambos os dois partiram ontem. [Inadequado]

   Ambos partiram ontem. [Adequado]

O pronome indefinido "cada" repele a forma "um", por isso, utilize apenas os numerais correspondentes a mais de uma unidade:

Exemplo:

1. O relógio soava a cada uma hora. [Inadequado]

   O relógio soava a cada hora. [Adequado]

   O relógio soava a cada duas horas. [Adequado]

O pronome indefinido "cada" não pode ser utilizado como determinante de formas do plural, a menos que venha modificando o numeral.

Exemplo:

1. A cada férias tudo se repetia. [Inadequado]

   Em todas as férias, tudo se repetia. [Adequado]

   A cada duas férias tudo se repetia. [Adequado]

Uso de Onde como Pronome Relativo

A palavra onde, como *pronome relativo*, somente pode ser utilizada para substituir um substantivo que exprima a idéia de lugar. Para a substituição de outros substantivos, utilize as formas "em que", "na qual" ou "no qual" em vez de "onde".

Exemplos:

1. Na rua onde ele mora não há muito movimento. [Adequado]
2. Na oração onde o fiel pedia perdão a Deus não havia sinceridade. [Inadequado]

Na oração em que o fiel pedia perdão a Deus não havia sinceridade. [Adequado]

Substantivo de gênero vascilante

Na língua portuguesa, alguns substantivos são palavras variáveis. Eles podem variar em gênero (masculino ou feminino) e número (singular ou plural).

Alguns substantivos, porém, têm gênero fixo. Nesse caso, eles são reconhecidos somente por esse gênero que está fixado, isto é, não há formas especiais para a apresentação do gênero oposto. Por conseqüência, os determinantes que se relacionam com esse substantivo devem respeitar o gênero do substantivo. A fixação de um gênero e não outro para esse substantivo é apenas um capricho da língua, mas torna-se problema de linguagem o emprego inadequado de suas formas.

Exemplos:

1. Vamos pedir uma champanhe para comemorar a vitória? [Inadequado]

   Vamos pedir um champanhe para comemorar a vitória? [Adequado]

2. Elas participavam de uma clã muito fechada. [Inadequado]

   Elas participavam de um clã muito fechado. [Adequado]

A seguir, os substantivos de gênero fixo mais freqüentemente utilizados na nossa língua e os seus gêneros:

MASCULINO	FEMININO
o agravante	*a usucapião*
o soprano	*a sentinela*
o diabete(s)	*a omoplata*

Modo subjuntivo

Subjuntivo é o *modo verbal* que expressa uma ação incerta, inacabada, uma ação que está para se realizar e, ainda, um fato imaginado. Nesse sentido, o subjuntivo opõe-se completamente ao *indicativo* que é o modo da certeza, do fato real.

Outra característica desse modo verbal advém da sua extrema dependência com outro verbo. Assim, o modo subjuntivo está sempre presente nos verbos de orações subordinadas.

A utilização do modo subjuntivo está ligada ao sentido que se pretende dar à ação verbal. Em geral, verificamos a sua presença em verbos que exprimem:

- *dúvida* (ex.: Talvez você possa me esclarecer isso.)
- *hipótese/condição* (ex.: Se todos chegassem mais cedo, faríamos a reunião)
- *ordem/pedido* (ex.: Pediria a todos que se dirigissem à recepção.)
- *desejo* (ex.: Espero que confiem na minha palavra.)

É importante que se conheçam as conjugações dos verbos no modo subjuntivo, pois o emprego adequado dessas formas implica a construção correta da concordância verbal. Além disso, outras particularidades desse modo verbal podem ser verificadas:

- O subjuntivo e as orações subordinadas
- O subjuntivo e os verbos modais

Verbos com pronome "se"

Certos verbos da Língua Portuguesa expressam, na sua forma infinitiva, a idéia de ação reflexiva. Para indicar que o objeto da ação é a mesma pessoa que o sujeito que a pratica, é obrigatória a concordância em pessoa entre o pronome reflexivo e a pessoa à qual se refere.

O pronome "*se*" torna-se, portanto, parte integrante dos verbos reflexivos. São esses os verbos indicativos de sentimentos ou mudança de estado, tais como *preocupar-se*, *queixar-se*, *indignar-se*, *admirar-se*, *comportar-se*, *congelar-se*, *derreter-se* e etc.

Os pronomes reflexivos (*me*, *te*, *se*, *nos* e etc.) possuem uma forma especial para cada *pessoa verbal*, com exceção da terceira pessoa, que possui uma única forma tanto para o singular quanto para o plural: *se*, *si* e *consigo*.

Exemplos:

1. Nós se atrevemos a ler seus manuscritos. [Inadequado]

   Nós nos atrevemos a ler seus manuscritos. [Adequado]

2. Eu teimava em suicidar-se em tempo breve. [Inadequado]

   Eu teimava em suicidar-me em tempo breve. [Adequado]

Análise sintática: definição

Análise sintática é uma técnica empregada no estudo da estrutura sintática de uma língua. Ela é útil quando se pretende:

1. *descrever* as estruturas sintáticas possíveis ou aceitáveis da língua; ou
2. *decompor* o texto em unidades sintáticas a fim de compreender a maneira pela qual os elementos sintáticos são organizados na sentença.

A compreensão dos vários mecanismos inerentes em uma língua é facilitada pelo procedimento analítico, através do qual buscam-se nas unidades menores (por exemplo, a sentença) as razões para certos fenômenos detectados nas unidades maiores (por exemplo, o texto). Dessa forma, a Gramática Normativa (aquela que prescreve as normas da língua culta) sempre se ocupou em decompor algumas unidades estruturais da língua para tornar didática a compreensão de certos fenômenos. No âmbito da *fonologia*, tem-se a *análise fonológica*, em que a estrutura sonora das palavras é decomposta em unidades mínimas do som (os *fonemas*); em *morfologia*, tem-se a análise *morfológica*, da qual se depreendem das palavras as suas unidades mínimas dotadas de significado (os *morfemas*).

A análise sintática ocupa um lugar de destaque em muitas gramáticas da língua portuguesa, porque grande parte das normas do bem dizer e do bem escrever recaem sobre a estrutura sintática, isto é, sobre a organização das palavras na sentença. Para compreender o uso dos pronomes relativos, a colocação pronominal, as várias relações de concordância, por exemplo, é importante, antes, promover uma análise adequada da sintaxe apresentada pela sentença em questão. Nenhuma regra de conduta da língua culta tem sentido sem uma análise sintática da sentença que se estuda. Por isso, antes que se aplique qualquer norma gramatical é preciso compreender de que forma os elementos sintáticos estão dispostos naquela sentença especial. Isso se dá porque os elementos sintáticos também não são fixos na língua. Por exemplo: uma palavra pode funcionar como sujeito em uma sentença e, em outra, funcionar como agente da passiva. Somente a análise sintática poderá determinar esse comportamento específico das palavras no contexto da sentença.

Sendo a análise sintática uma aplicação estritamente voltada para a sentença, parte-se dessa unidade maior para alcançar os seus constituintes - os sintagmas – que, por sua vez, são rotulados através das categorias sintáticas. Como se vê, é um exercício de decomposição da sentença. Vejamos um exemplo de análise sintática:

1. Teu pai quer que você estuda antes de brincar.

   ...[há três orações]

   ...[1ª oração: *teu pai quer* = oração principal]

   ...[na 1ª oração: sintagma nominal = *teu pai*; sintagma verbal = *quer*]

   ...[sintagma verbal da 1ª oração: formado por um verbo *modal*]

   ...[2ª oração: *que você estuda* = oração subordinada objetiva direta]

   ...[na 2ª oração: sintagma nominal = *você*; sintagma verbal = *estuda*]

   ...[2ª oração: introduzida pelo pronome relativo *que*]

...[3ª oração: *antes de brincar* = oração subordinada adverbial reduzida de infinitivo]

...[sintagma adverbial: locução adverbial de tempo: *antes de*]

...[sintagma verbal: *brincar*]

Através da análise que desenvolvemos pudemos depreender as várias unidades menores do período, isto é, as três orações (ou sentenças), e, além disso, identificamos as funções dos elementos sintáticos presentes em cada oração (tipo de verbo, qualidade do pronome, tipos de sintagmas, tipo de advérbio). A partir desses resultados é possível verificar um problema de concordância verbal existente na segunda oração. Trata-se da norma gramatical que nos informa o seguinte: "se houver uma oração subordinada objetiva direta introduzida pelo pronome *que* e, se essa oração complementa um verbo modal, então o verbo dessa oração subordinada deve estar no *modo subjuntivo*". Pela análise sintática vemos que esse é o caso do nosso período. Assim, conseguimos compreender a necessidade de alteração da forma verbal, derivando a sentença abaixo.

1. Teu pai quer que você estude antes de brincar.

Para promovermos essa análise, enfim, foi exigido que conhecêssemos alguns elementos fundamentais da sintaxe:

o período

a frase

a oração

os termos das orações

A análise sintática, assim como as outras referentes à língua, é um exercício muito próximo da matemática, pois envolve um raciocínio lógico do tipo: "se você encontrar tal elemento, então admita que esse elemento é um objeto tal". Promover esse tipo de raciocínio no estudo das sentenças é desenvolver uma análise formal, porque as categorias sintáticas são formas que não dependem do conteúdo que expressam. Em outros níveis de análise - a *análise semântica*, a *análise discursiva* e *análise estilística* - esse tipo de raciocínio lógico é bastante complicado, porque envolve elementos cuja representação e estrutura não são fixas. Em todo caso, grande parte das correções gramaticais se aplica ao nível de adequação sintática do texto, por isso a chamada revisão gramatical.

Frase

Frase é a menor unidade da comunicação lingüística. Tem como características básicas:

1. a apresentação de um sentido ou significado completo
2. ser acompanhada por uma *entonação*

Durante o uso cotidiano da língua, os falantes costumam produzir seus textos articulando enunciados. Esses enunciados, quando transmitem uma idéia acabada, isto é, um sentido comunicativo completo, se constituem na chamada *frase*. Não há um padrão definido de frase; contudo, podemos identificá-la em três tipos distintos de construção:

a. quando se compõe de apenas uma palavra.

   Exemplos:

   1. Perigo!

   2. Coragem!

b. quando se compõe de mais de uma palavra, dentre as quais não se verifica a presença de verbo.

   Exemplos:

   1. Que tempestade!

   2. Quanta ingenuidade!

c. quando se compõe de mais de uma palavra, dentre as quais, um verbo ou locução verbal.

Exemplos:

1. Infelizmente, *precisamos* seguir viagem! [presença de verbo]

2. A concorrência *deve determinar* a redução dos nossos preços. [presença de locução verbal]

A identificação de uma frase na situação de comunicação também se deve ao fato de que ela é um produto da entonação, ou seja, da melodia produzida na língua oral. Dessa forma, quando um falante constrói uma frase, ela só se realiza se houver marcas melódicas de início e fim do enunciado. Em geral, na fala essas pausas são expressadas através do silêncio; já no registro escrito as marcas de início são as iniciais maiúsculas das palavras e as marcas finais, os sinais de pontuação.

Exemplos:

1. **Jonas!**
2. **Que vexame!**
3. **Acordei hoje com fortes dores de cabeça.**

Observe-se que nos exemplos (1) e (2) os segmentos não apresentam verbos. No entanto, dada a entonação frasal, podemos extrair dessas construções um sentido comunicativo completo. O contexto da comunicação e a melodia empregada pelos falantes na produção do exemplo (1) são fundamentais para distingui-lo de uma simples palavra sem função comunicativa. Basta imaginarmos para isso um contexto em que alguém está chamando por uma pessoa cujo nome é "Jonas". Nesse caso, a frase (1) poderia expressar alguma coisa como "Ei, Jonas, estou lhe chamando."

Oração

Oração é um segmento lingüístico caracterizado basicamente:

1. pela presença obrigatória do verbo (ou locução verbal), e

2. pela propriedade de se tornar, ela mesma, um objeto de análise sintática

A maioria dos gramáticos da língua portuguesa costuma atribuir à oração uma qualidade discursiva bastante particular que é a de expressar um conteúdo informativo na forma de uma construção dotada de verbo. Independentemente de essa construção expressar um sentido acabado no discurso oral ou escrito, o verbo torna-se fundamental para caracterizar a oração; por isso, a determinação de que o verbo é o núcleo de uma oração. Vejamos alguns exemplos:

1. **Gabriel toca sanfona maravilhosamente.**

   ...[toca: verbo]

   ...[enunciado em forma de oração com sentido acabado]

2. **portanto, traz felicidade.**

   ...[traz: verbo]

   ...[enunciado em forma de oração sem sentido acabado]

Nesses dois exemplos observamos ora a expressão de um conteúdo comunicativo completo ora a ausência desse enunciado significativo. No entanto, em nenhum dos casos podemos notar a falta do verbo.

As orações são, além disso, construções que, por contarem com um esquema discursivo definido, podem ser analisadas sintaticamente. Isto é, existindo oração pressupõe-se também a existência de uma organização interna entre os seus elementos constituintes – os termos da oração – que se reúnem em torno do verbo. A esse tipo de exercício chamamos análise sintática, da qual a gramática da língua costuma abstrair as diversas classificações das orações.

É importante, portanto, conhecer outras particularidades das orações:

☐ termos da oração

Para os fins de análise ou, mais modernamente, no uso comum dos termos, costuma-se empregar equivocadamente a palavra sentença em lugar de oração e também de frase. Trata-se de uma tradução imperfeita da noção inglesa de período: no inglês o termo *phrase* refere-se em português a sintagma ; o termo *clause*, a "oração", e *sentence*, a "período".

Período

Período é a unidade lingüística composta por uma *ou mais* orações. Tem como características básicas:

1. **a apresentação de um sentido ou significado completo**
2. **encerrar-se por meio de certos símbolos de pontuação.**

Uma das propriedades da língua é expressar *enunciados articulados*. Essa articulação é evidenciada internamente pela verificação de uma qualidade comunicativa das informações contidas no período. Isto é, um período é bem articulado quando revela informações de sentido completo, uma idéia acabada. Esse atributo pode ser exibido em termos de um período constituído por uma única oração - *período simples* – ou constituído por mais de uma oração – *período composto*.

Exemplos:

1. **Sabrina tinha medo do brinquedo.**

   ...[período simples]

2. **Sabrina tinha medo do brinquedo, apesar de levá-lo consigo todo o tempo.**

   ...[período composto]

Não há uma forma definida para a constituição de períodos, pois se trata de uma liberdade do falante de elaborar seu discurso da maneira como quiser ou como julgar ser compreendido na situação discursiva. Porém a língua falada, mais freqüentemente, organiza-se em *períodos simples*, ao passo que a língua escrita costuma apresentar maior elaboração sintática, o que faz notarmos a presença maior de *períodos compostos*. Um dos aspectos mais notáveis dessa complexidade sintática nos períodos compostos é o uso dos vários recursos de coesão. Isso pode ser visualizado no exercício de transformação de alguns períodos simples em período composto fazendo uso dos chamados conectivos (elementos lingüísticos que marcam a coesão textual).

Exemplo:

1. ***Eu tenho um gatinho muito preguiçoso. Todo dia ele procura a minha cama para dormir. Minha mãe não gosta do meu gatinho. Então, eu o escondo para a minha mãe não ver que ele está dormindo comigo.***
2. ***Eu tenho um gatinho muito preguiçoso, que todo dia procura a minha cama para dormir. Como a minha mãe não gosta dele, eu o escondo e, assim, ela não vê que o gatinho está dormindo comigo.***

Notem que no exemplo (1) temos um parágrafo formado por quatro períodos. Já no exemplo (2) o parágrafo está organizado em apenas dois períodos. Isso é possível articulando as informações por meio de alguns conectivos (*que*, *como*, *assim*) e eliminando os elementos redundantes (*o gatinho*, *minha mãe* = *ele*, ela).

Finalmente, os períodos são definidos materialmente no registro escrito por meio de uma marca da pontuação, das quais se excluem a vírgula e o ponto-e-vírgula. O recurso da pontuação é uma forma de reproduzir na escrita uma longa pausa percebida na língua falada.

Termos da oração: tipos

Os termos da oração da língua portuguesa são classificados em três grandes níveis:

Termos essencias da oração:

- **sujeito**
- **predicado**

Termos integrantes da oração:

- **complemento nominal**
- **complementos verbais:**
  - **objeto direto**
  - **objeto indireto**
  - **predicativo do objeto**
  - **agente da passiva**

Termos acessórios da oração:

- adjunto adnominal
- adjunto adverbial
- aposto
- vocativo

Sujeito

Sujeito é um dos temos essenciais da oração. Tem por características básicas:

☐ estabelecer concordância com o núcleo do sintagma verbal

☐ apresentar-se como elemento determinante em relação ao predicado

☐ constituir-se de um substantivo, ou pronome substantivo ou, ainda, qualquer palavra substantivada

O sujeito só é considerado no âmbito da análise sintática, isto é, somente na organização da sentença é que uma palavra (ou um conjunto de palavras) pode constituir aquilo que chamamos *sujeito*. Nesse sentido, é equivocado dizer que o sujeito é *aquele que pratica uma ação* ou é *aquele (ou aquilo) do qual se diz alguma coisa*. Ao fazer tal afirmação estamos considerando o aspecto semântico do sujeito (agente de uma ação) ou o seu aspecto estilístico (o tópico da sentença). Já que o sujeito é depreendido de uma análise sintática, vamos restringir a definição apenas ao seu papel sintático na sentença: aquele que estabelece concordância com o núcleo do predicado. Quando se trata de predicado verbal, o núcleo é sempre um verbo; sendo um predicado nominal, o núcleo é sempre um nome.

Exemplos:

1. A padaria está fechada hoje.

   ...[*está fechada hoje*: predicado nominal]

   ...[*fechada*: nome adjetivo = núcleo do predicado]

   ...[*fechada*: nome feminino singular]

   ...[*a padaria*: sujeito]

   ...[*núcleo do sujeito*: nome feminino singular]

2. Nós mentimos sobre nossa idade para você.

   ...[mentimos sobre nossa idade para você: predicado verbal]

   ...[*mentimos*: verbo = núcleo do predicado]

   ...[*mentimos*: primeira pessoa do plural]

   ...[*nós*: sujeito]

   ...[*sujeito*: primeira pessoa do plural]

A relação de concordância é, por excelência, uma relação de dependência, na qual dois (ou mais) elementos se harmonizam. Um desses elementos é chamado *determinado* (ou principal) e o outro, *determinante* (subordinado). No interior de uma sentença, o sujeito é o termo determinante, ao passo que o predicado é o termo determinado. Essa posição de determinante do sujeito em relação ao predicado adquire sentido com o fato de ser possível, na língua portuguesa, uma sentença sem sujeito, mas *nunca* uma sentença sem predicado.

Exemplos:

1. As formigas invadiram minha casa.

   ...[*as formigas*: sujeito = termo determinante]

   ...[*invadiram minha casa*: predicado = termo determinado]

2. Há formigas na minha casa.

...[*há formigas na minha casa*: predicado = termo determinado]

...[*sujeito*: inexistente]

O sujeito sempre se manifesta em termos de sintagma nominal , isto é, seu núcleo é sempre um nome. Quando esse nome se refere a objetos das primeira e segunda pessoas, o sujeito é representado por um pronome pessoal do caso reto (*eu*, *tu*, *ele*, etc.). Se o sujeito se refere a um objeto da terceira pessoa, sua representação pode ser feita através de um substantivo, de um pronome substantivo ou de qualquer conjunto de palavras, cujo núcleo funcione, na sentença, como um substantivo.

Exemplos:

1. Eu acompanho você até o guichê.

   ...[*eu*: sujeito = pronome pessoal de primeira pessoa]

2. Vocês disseram alguma coisa?

   ...[*vocês*: sujeito = pronome pessoal de segunda pessoa]

3. Marcos tem um fã-clube no seu bairro.

   ...[Marcos: sujeito = substantivo próprio]

4. Ninguém entra na sala agora.

   ...[ninguém: sujeito = pronome substantivo]

5. O andar deve ser uma atividade diária.

   ...[o andar: sujeito = núcleo: verbo substantivado nessa oração]

Além dessas formas, o sujeito também pode se constituir de uma oração inteira. Nesse caso, a oração recebe o nome de oração substantiva subjetiva:

1. É difícil optar por esse ou aquele doce...

   ...[*É difícil*: oração principal]

   ...[*optar por esse ou aquele doce*: oração subjetiva = sujeito oracional]

É importante conhecer outras particularidades do sujeito:

sujeito posposto

Predicado

Predicado é um dos termos essenciais da oração. Tem por características básicas:

☐ apresentar-se como elemento determinado em relação ao sujeito

☐ apontar *um atributo* ou acrescentar *nova informação* ao sujeito

Assim como o sujeito, o *predicado* é um segmento extraído da estrutura interna das orações ou das frases, sendo, por isso, fruto de uma análise sintática. Isso implica dizer que a noção de *predicado* só é importante para a caracterização das palavras em termos sintáticos. Nesse sentido, o predicado é sintaticamente o segmento lingüístico que estabelece concordância com outro termo essencial da oração – o sujeito -, sendo este o *termo determinante* (ou subordinado) e o predicado o *termo determinado* (ou principal). Não se trata, portanto, de definir o predicado como "aquilo que se diz do sujeito" como fazem certas gramáticas da língua portuguesa, mas sim estabelecer a importância do fenômeno da concordância entre esses dois termos essenciais da oração.

Exemplos:

1. Carolina conhece os índios da Amazônia.

   ...[sujeito: *Carolina* = termo determinante]

...[predicado: *conhece os índios da Amazônia* = termo determinado]

...[*Carolina*: 3ª pessoa do singular = *conhece*: 3ª pessoa do singular]

2. Todos nós fazemos parte da quadrilha de São João.

    ...[sujeito: todos nós = termo determinante]

    ...[predicado: *fazemos parte da quadrilha de São João* = termo determinado]

    ...[*Todos nós*: 1ª pessoa do plural = *fazemos parte*: 1ª pessoa do plural]

Nesses exemplos podemos observar que a concordância é estabelecida entre algumas poucas palavras dos dois termos essenciais. Na frase (1), entre "Carolina" e "conhece"; na frase (2), entre "nós" e "fazemos". Isso se dá porque a concordância é centrada nas palavras que são núcleos, isto é, que são responsáveis pela principal informação naquele segmento. No predicado o núcleo pode ser de dois tipos: um nome, quase sempre um atributo que se refere ao sujeito da oração, ou um verbo (ou locução verbal). No primeiro caso, temos um predicado nominal e no segundo um predicado verbal. Quando, num mesmo segmento o nome e o verbo são de igual importância, ambos constituem o núcleo do predicado e resultam no tipo de predicado verbo-nominal.

Exemplos:

1. Minha empregada é desastrada.

    ...[predicado: *é desastrada*]

    ...[núcleo do predicado: *desastrada* = atributo do sujeito]

    ...[tipo de predicado: *nominal*]

2. A empreiteira demoliu nosso antigo prédio.

    ...[predicado: *demoliu nosso antigo prédio*]

    ...[núcleo do predicado: *demoliu* = nova informação sobre o sujeito]

    ...[tipo de predicado: *verbal*]

3. Os manifestantes desciam a rua desesperados.

    ...[predicado: *desciam a rua desesperados*]

    ...[núcleos do predicado: 1. *desciam* = nova informação sobre o sujeito; 2. *desesperados* = atributo do sujeito]

    ...[tipo de predicado: *verbo-nominal*]

Nos predicados verbais e verbo-nominais o verbo é responsável também por definir os tipos de elementos que aparecerão no segmento. Em alguns casos o verbo sozinho basta para compor o predicado (verbo intransitivo). Em outros casos é necessário um complemento que, juntamente com o verbo, constituem a nova informação sobre o sujeito. De qualquer forma, esses complementos do verbo não interferem na tipologia do predicado. São elementos que constituem os chamados termos integrantes da oração.

Complemento Nominal

Dá-se o nome de complemento nominal ao termo que complementa o sentido de um nome ou um advérbio, conferindo-lhe uma significação completa ou, ao menos, mais específica.

Como o complemento nominal vem integrar-se ao nome em busca de uma significação extensa para nome ao qual se liga, ele compõe os chamados termos integrantes da oração.

São duas as principais características do complemento nominal:

- sempre seguem um nome, em geral abstrato;

- ligam-se ao nome por meio de preposição, sempre obrigatória.

Os complementos nominais podem ser formados por substantivo, pronome, numeral ou oração subordinada completiva nominal.

Exemplos:

1. Meus filhos têm loucura por futebol.

   ...*[substantivo]*

2. O sonho dele era saltar de pára-quedas.

   ...*[pronome]*

3. A vitória de um é a conquista de todos.

   ...*[numeral]*

4. O medo de que lhe furtassem as jóias a mantinha afastada daqui.

   ...*[oração subordinada completiva nominal]*

Em geral os nomes que exigem complementos nominais possuem formas correspondentes a verbos transitivos, pois ambos completam o sentido de outro termo. São exemplos dessa correlação:

- *obedecer* aos pais ☐ *obediência* aos pais

- *chegar* em casa ☐ *chegada* em casa

- *entregar* a revista à amiga ☐ *entrega* da revista à amiga

- *protestar* contra a opressão ☐ *protesto* contra a opressão

É importante conhecer outras particularidades do complemento nominal, tais como:

- Complemento nominal X Adjunto adnominal

- A preposição e o complemento nominal

- Saiba mais sobre a preposição e o complemento nominal

Objeto Direto

Do ponto de vista da sintaxe, objeto direto é o termo que completa o sentido de um verbo transitivo direto, por isso, é complemento verbal, na grande maioria dos casos, não preposicionado. Do ponto de vista da semântica, o objeto direto é:

- o *resultado* da ação verbal, ou

- o ser *ao qual se dirige* a ação verbal, ou

- o *conteúdo* da ação verbal.

O *objeto direto* pode ser formado por um substantivo, pronome substantivo, ou mesmo qualquer palavra substantivada. Além disso, o objeto direto pode ser constituído por uma oração inteira que complemente o verbo transitivo direto da oração dita principal. Nesse caso, a oração recebe o nome de oração subordinada substantiva objetiva direta.

Exemplos:

1. O amor de Mariana transformava a minha vida.

   ...[*transformava*: verbo transitivo direto]

   ...[*a minha vida*: objeto direto]

   ...[*núcleo*: vida = substantivo]

2. Conserve isto na tua memória: vou partir em breve.

   ...[*conserve*: verbo transitivo direto]

   ...[*isso*: objeto direto = pronome substantivo]

3. Não prometa mais do que possa cumprir depois.

   ...[*prometa*: verbo transitivo direto]

   ...[*mais do que possa cumprir depois*: oração subordinada substantiva objetiva direta]

Os objetos diretos são constituídos por nomes como núcleos do segmento. A noção de núcleo torna-se importante porque, num processo de substituição de um nome por um pronome deve-se procurar por um pronome de igual função gramatical do núcleo. No exemplo (1) acima verificamos um conjunto de palavras formando o objeto direto (*a minha vida*), dentre as quais apenas uma é núcleo (*vida* = substantivo). Podemos transformar esse núcleo substantivo em objeto direto formado por pronome oblíquo, que é um tipo de pronome substantivo. Além disso, nesse processo de substituição, devemos ter claro que o pronome ocupará o lugar de todo o objeto direto e não só do núcleo do objeto. Vejamos um exemplo dessa representação:

O amor de Mariana transformava a minha vida.

O amor de Mariana a transformava.

Os pronomes oblíquos átonos (*me*, *te*, *o*, *a*, *se*, etc.) funcionam sintaticamente como objetos diretos. Isso implica dizer que somente podem figurar nessa função de objeto e não na função de sujeito, por exemplo . Porém algumas vezes os pronomes pessoais retos (*eu*, *tu*, *ele*, etc.) ou pronome oblíquo tônico (*mim*, *ti*, *ele*, etc.) são chamados a constituir o núcleo dos objetos diretos. Nesse caso, o uso da preposição se torna obrigatório e, por conseqüência, tem-se um objeto direto especial: *objeto direto preposicionado*.

Exemplos:

1. Ame ele que é teu irmão. [Inadequado]

   Ame-o que é teu irmão. [Adequado]

2. Você chamou eu ao teu encontro? [Inadequado]

   Você me chamou ao teu encontro? [Adequado]

   ...[me: pronome oblíquo átono = sem preposição]

   Você chamou a mim ao teu encontro? [Adequado]

   ...[a mim: pronome oblíquo tônico = com preposição]

Objeto Indireto

Do ponto de vista da *sintaxe*, objeto indireto é o termo que completa o sentido de um *verbo transitivo indireto* e vem sempre acompanhado de preposição. Do ponto de vista da *semântica*, o objeto indireto é o ser ao qual se destina a ação verbal.

O objeto indireto pode ser formado por substantivo, ou pronome substantivo, ou numeral, ou ainda, uma *oração substantiva objetiva indireta*. Em qualquer um desses casos, o traço mais importante e característico do objeto indireto é a presença da preposição.

Exemplo:

1. A cigana pedia dinheiro a moça. [Inadequado]

   A cigana pedia dinheiro à moça. [Adequado]

   ...[pedia = verbo transitivo direto e indireto]

   ...[dinheiro = objeto direto]

   ...[à moça = destinatário da ação verbal = objeto indireto]

O objeto indireto pode ser representado por um pronome. Como o núcleo do objeto é sempre um nome, é possível substituí-lo por um pronome. Nesse caso, um pronome oblíquo, já que se trata de uma posição de *complemento verbal* e não de sujeito da oração. O único pronome que representa o objeto indireto é o pronome oblíquo átono lhe(s) – pronome de terceira pessoa. Os pronomes indicativos das demais pessoas verbais são sempre acompanhados de preposição.

Exemplos:

1. Ela contava a seu pai como fora o seu dia na escola.
2. Ela lhe contava como fora o seu dia na escola.
3. Todos dariam ao padre a palavra final.
4. Todos dar-lhe-iam a palavra final.
5. Responderam a Fátima com delicadeza.
6. Responderam a mim com delicadeza.

Não é difícil confundir objeto indireto e adjunto adverbial, pois ambos os termos são construídos com preposição. Uma regra prática para se determinar o objeto indireto e até mesmo o identificar na oração é indagar ao verbo se ele necessita de algum complemento preposicionado. Esse complemento será:

1) Adjunto adverbial, se estiver expressando um significado adicional, como lugar, tempo, companhia, modo e etc.

2) Objeto indireto, se estiver apenas completando o sentido do verbo, sem acrescentar outra idéia à oração.

Exemplos:

1. Ele sabia a lição de cor. [Adjunto adverbial "de modo"]
2. Ele se encarregou do formulário. [Objeto indireto]

Predicativo do Objeto

É o termo ou expressão que complementa o objeto direto ou o objeto indireto, conferindo-lhe um atributo.

O predicativo do objeto apresenta duas características básicas:

- acompanha o *verbo de ligação* implícito;
- pertence ao predicado verbo-nominal.

A formação do predicativo do objeto é feita através de um substantivo ou um adjetivo.

Exemplos:

1. O vilarejo finalmente elegeu Otaviano prefeito.

   ...[objeto: *Otaviano*]

   ...[predicativo: substantivo]

2. Os policiais pediam calma absoluta.

   ...[objeto: calma]

   ...[predicativo: adjetivo]

3. Todos julgavam-no culpado.

   ...[objeto: no]

   ...[predicativo: adjetivo]

Alguns gramáticos admitem o predicativo do objeto em orações com *verbos transitivos indiretos* tais como *crer*, *estimar*, *julgar*, *nomear*, *eleger*. Em geral, porém, a ocorrência do predicativo do objeto em objetos indiretos se dá somente com o verbo *chamar*, com sentido de "atribuir um nome a".

Exemplo:

1. **Chamavam-lhe falsário, sem notar-lhe suas verdades.**

Agente da Passiva

É o termo da oração que complementa o sentido de um verbo na voz passiva, indicando-lhe o *ser que praticou a ação verbal*.

A característica fundamental do *agente da passiva* é, pois, o fato de somente existir se a oração estiver na voz passiva. Há três vozes verbais na nossa língua: a voz ativa, na qual a ênfase recai na ação verbal praticada pelo sujeito; a voz passiva, cuja ênfase é a ação verbal sofrida pelo sujeito; e a voz reflexiva, em que a ação verbal é praticada e sofrida pelo sujeito. Nota-se, com isso, que o papel do sujeito em relação à ação verbal está em evidência.

Na voz ativa o sujeito exerce a função de agente da ação e o agente da passiva não existe. Para completar o sentido do verbo na voz ativa, este verbo conta com outro elemento – o objeto (direto). Na voz passiva, o sujeito exerce a função de receptor de uma ação praticada pelo *agente da passiva*. Por conseqüência, é este mesmo agente da passiva que complementa o sentido do verbo neste tipo de oração, substituindo o objeto (direto).

Exemplo:

1. **O barulho acordou toda a vizinhança. [oração na voz ativa]**

   ...[*o barulho*: sujeito]

   ...[acordou: verbo transitivo direto = pede um complemento verbal]

   ...[*toda a vizinhança*: ser para o qual se dirigiu a ação verbal = objeto direto]

2. **Toda a vizinhança foi acordada pelo barulho. [oração na voz passiva]**

   ...[*toda a vizinhança*: sujeito]

   ...[*foi*: verbo auxiliar / acordada: verbo principal no particípio]

   ...[*pelo barulho*: ser que praticou a ação = agente da passiva]

O agente da passiva é um complemento exigido somente por verbos transitivos diretos (aqueles que pedem um complemento sem preposição). Esse tipo de verbo, em geral, indica uma ação (em oposição aos verbos que exprimem estado ou processo) que, do ponto de vista do significado, é complementada pelo auxílio de outro termo que é o seu objeto (em oposição aos verbos que não pedem complemento: os verbos intransitivos). Como vimos, na voz passiva o complemento do verbo transitivo direto é o *agente da passiva*; já na voz ativa esse complemento é o *objeto direto*. Nas orações com verbos intransitivos, então, não existe agente da passiva, porque não há como construir sentenças na voz passiva com verbos intransitivos.

Observe:

1. **Karina socorreu os feridos.**

   ...[verbo transitivo direto na voz ativa]

2. **Os feridos foram socorridos por Karina**

   ...[verbo transitivo direto na voz passiva]

3. **Karina gritou.**

   ...[verbo intransitivo na voz ativa]

4. **Karina foi gritada. (sentença inaceitável na língua)**

   ...[verbo intransitivo na voz passiva]

**Os feridos*: objeto direto em (1) e sujeito em (2)

Karina: sujeito em (1) e agente da passiva em (2)

A oração na voz passiva pode ser formada através do recurso de um verbo auxiliar (*ser*, *estar*). Nas construções com verbo auxiliar, costuma-se explicitar o agente da passiva, apesar de ser este um termo de presença facultativa na oração. Em orações cujo verbo está na terceira pessoa do plural, é muito comum ocultar-se o agente da passiva. Isso se justifica pelo fato de que, nessas situações, o sujeito pode ser indeterminado na voz ativa. Porém mesmo nesses casos, a ausência do agente é fruto da liberdade do falante.

Exemplos:

1. Os visitantes do zoológico foram atacados pelos bichos.

   ...[*foram*: verbo auxiliar / passado do verbo "ser"]

   ...[*pelos bichos*: agente da passiva]

2. Nossas reivindicações são simplesmente ignoradas.

   ...[*são*: verbo auxiliar / presente do verbo "ser"]

   ...[agente da passiva: ausente]

3. Cercaram a cidade. [voz ativa com sujeito indeterminado]

   A cidade está cercada.

   ...[*está*: verbo auxiliar / presente do verbo "estar"]

   ...[agente da passiva: ausente]

   A cidade está cercada pelos inimigos.

   ...[*pelos inimigos*: agente da passiva]

O agente da passiva é mais comumente introduzido pela preposição por (e suas variantes: pelo, pela, pelos, pelas). É possível, no entanto, encontrar construções em que o agente da passiva é introduzido pelas preposições de ou a.

Exemplos:

1. O hino será executado pela orquestra sinfônica.

   ...[pela orquestra sinfônica: agente da passiva]

2. O jantar foi regado a champanhe.

   ...[a champanhe: agente da passiva]

3. A sala está cheia de gente.

   ...[de gente: agente da passiva]

Adjunto Adnominal

É a palavra ou expressão que acompanha um ou mais nomes conferindo-lhe um atributo. Trata-se, portanto, de um termo de valor adjetivo que modificará o nome a que se refere.

Os adjuntos adnominais não determinam ou especificam o nome, tal qual os determinantes. Ao invés disso, eles conferem uma nova informação ao nome e por isso são chamados de modificadores.

Além disso, os adjuntos adnominais não interferem na compreensão do enunciado. Por esse motivo, eles pertencem aos chamados termos acessórios da oração.

Os adjuntos adnominais podem ser formados por artigo, adjetivo, locução adjetiva, pronome adjetivo, numeral e oração adjetiva.

Exemplos:

1. **Nosso velho mestre sempre nos voltava à mente.**

   ...[*nosso*: pronome adjetivo]

   ...[*velho*: adjetivo]

2. **Todos querem saber a música que cantarei na apresentação.**

   ...[*a*: artigo]

   ...[que cantarei na apresentação: oração adjetiva]

É importante conhecer algumas outras particularidades dos adjuntos adnominais, tais como:

Complemento nominal X Adjunto adnominal

A concordância e os adjuntos adnominais compostos

Os adjuntos adnominais e o núcleo composto

Adjunto Adverbial

É a palavra ou expressão que acompanha um verbo, um adjetivo ou um advérbio *modificando* a natureza das informações que esses elementos transmitem. Por esse seu caráter, o *adjunto adverbial* é tido como um modificador. Pelo fato de não ser um elemento essencial ao enunciado, insere-se no rol dos termos acessórios da oração.

A modificação que os adjuntos adverbiais conferem aos elementos aos quais se liga na sentença é de duas naturezas: a primeira, de modificação circunstancial, e a segunda, de intensidade.

Exemplos:

1. **Os candidatos foram selecionados aleatoriamente.**

   ...[*aleatoriamente*: modifica o segmento verbal "foram selecionados"]

   ...[natureza do adjunto adverbial: modificador]

2. **Os preços dos remédios aumentaram demais.**

   ...[*demais*: intensifica o segmento verbal "aumentaram"]

   ...[natureza do adjunto adverbial: intensificador]

Os adjuntos adverbiais podem ser representados por meio de um advérbio, uma locução adverbial ou uma oração inteira denominada oração subordinada adverbial.

Exemplos:

1. **Os ingressos para o espetáculo de dança esgotaram-se hoje.**

   ...[hoje: advérbio = adjunto adverbial]

2. **Acompanharemos de perto todos os teus passos!**

   ...[*de perto*: locução adverbial = adjunto adverbial]

3. **Eles sabiam que me magoavam com aquela maneira de falar.**

   ...[com aquela maneira de falar: oração subordinada adverbial]

Freqüentemente observa-se certa confusão estabelecida entre o adjunto adverbial expressado por uma locução adverbial e o objeto indireto. Isso se dá porque ambas as construções são introduzidas por uma preposição. Deve-se ter claro, no entanto, que o *objeto indireto* é essencial para *complementar o sentido* de um verbo transitivo indireto, ao passo que o *adjunto adverbial* é *elemento dispensável* para a compreensão do sentido

tanto de um verbo como de qualquer outro elemento ao qual se liga. Além disso, o objeto indireto é complemento verbal; já o adjunto adverbial pode ou não estar associado a verbos.

Exemplos:

1. Essa minha nota equivale a **um emprego**.

   ...[*a um emprego*: complementa o sentido do verbo transitivo indireto"equivaler"]

   ...[*a um emprego*: objeto indireto]

2. Estávamos todos reunidos à **mesa**.

   ...[à *mesa*: modifica a informação verbal "estávamos reunidos"]

   ...[à *mesa*: adjunto adverbial (de lugar)]

É importante conhecer outras particularidades dos adjuntos adverbiais:

- adjunto adverbial de lugar

Aposto

É o termo da oração que se associa a outro termo para especificá-lo ou explicá-lo. O *aposto* tem caráter nominal, ou seja, é representado por nomes e não por verbos ou advérbios. Seu emprego é tido como acessório na oração porque o enunciado sobrevive sem a informação veiculada através do aposto.

Exemplos:

1. Meu nome estava definitivamente fora da lista dos aprovados.

   ...[oração sem aposto]

   Meu nome, **Espedito**, estava definitivamente fora da lista dos aprovados.

   ...[*Espedito*: aposto / substantivo próprio = nome]

   ...[idéia expressada pelo aposto: especificação (do sujeito)]

2. Nas festas de Santo Antônio as pessoas faziam promessas.

   ...[oração sem aposto]

   Nas festas de Santo Antônio, **santo casamenteiro**, as pessoas faziam promessas.

   ...[*santo casamenteiro*: aposto / núcleo: substantivo = nome]

   ...[idéia expressada pelo aposto: explicação (do adjunto adnominal)]

Na língua portuguesa o aposto costuma vir acompanhado de uma pausa expressada através da vírgula ou do sinal de dois pontos. No entanto, o uso da pontuação para marcar a posição do aposto na sentença não é obrigatório. Trata-se de uma elegância textual, para a qual a utilização, especialmente das vírgulas, torna o aposto mais destacado.

Exemplos:

1. Aquela rodovia **de São Paulo a Campinas** foi ampliada recentemente.

   ...[aposto não separado por vírgulas]

2. Tua cunhada, **solteira e de muitas posses**, ainda quer se casar?

   ...[aposto separado por vírgulas]

3. Ninguém sabia informar sobre a prova: **data, horário e local**.

...[aposto introduzido pelos dois pontos]

É comum notarmos certa confusão entre aposto e adjunto adnominal, já que o aposto pode ser introduzido por meio da preposição *de*. Deve-se ter claro, no entanto, que o aposto tem sempre o *substantivo* como seu núcleo, ao passo que o adjunto adnominal pode ser representado por um adjetivo. Uma maneira prática de identificar um ou outro termo da oração é transformar o segmento num adjetivo. Se a operação tiver sucesso, tratar-se-á de um adjunto adnominal.

Exemplos:

1. As paredes de fora estão sendo pintadas agora.

   ...[de fora > externo = adjunto adnominal]

   As paredes *externas* estão sendo pintadas agora.

2. A praça da República foi invadida pelos turistas.

   ...[*da República*: aposto]

Uma oração inteira também pode exercer a função de aposto. Nesse caso ela recebe o nome de oração subordinada substantiva apositiva:

1. *Normalmente optamos pelo futebol*, o que é típico de brasileiro.

   ...[aposto associado ao núcleo do objeto indireto "futebol"]

Vocativo

É a palavra ou conjunto de palavras, de caráter nominal, que empregamos para expressar uma invocação ou chamado.

O *vocativo* é um elemento que, embora colocado pelos gramáticos dentre os termos da oração, isola-se dela. Isto é, o vocativo não se integra sintaticamente aos termos essenciais da oração (sujeito e predicado) e pode, sozinho, constituir-se uma frase. Essa propriedade advém do fato de que o vocativo insere, na oração, o interlocutor discursivo, ou seja, aquele a quem o falante se dirige na situação comunicativa.

Exemplos:

1. Por Deus, Amélia, vamos encerrar essa discussão!
2. Posso me retirar agora, senhor?
3. Meninos!

   ...[vocativo constituindo uma frase]

A *entonação melódica* da língua falada costuma acentuar os vocativos. Essa forma de expressão é reproduzida, na língua escrita, por meio de *sinais de pontuação*. Assim, o vocativo é obrigatoriamente acompanhado de uma pausa: curta, através do recurso da vírgula; longa, através do recurso da *exclamação* ou das *reticências*. Não há posição definida para o vocativo na sentença, porém, quando se apresenta no interior da oração, deve ser colocado entre vírgulas.

Além disso, é bastante comum encontrarmos o vocativo associado a alguma forma de ênfase. Se não através da pontuação, o recurso mais popular é vê-lo associado a uma interjeição.

Exemplos:

1. Ah, mãe! Deixe-me ir ao jogo hoje!
2. Ó, céus, para quê tanto espetáculo em dias tão desastrosos?

Há de atentarmos para uma distinção entre o vocativo e frases constituídas por um único substantivo. Nestas não se verifica qualquer invocação ao interlocutor do discurso, mas, antes, se dirigem a alguém expressando um aviso, um pedido ou um conselho. No vocativo, porém, o interlocutor é chamado a integrar o discurso do falante.

Exemplos:

1. **Perigo!**

   ...[frase constituída por um substantivo]

2. **Rebeca!**

   ...[vocativo]

Identificando particularidades

Sobre sujeito:

- **Sujeito posposto**

Sobre predicativos:

- **Predicativo do sujeito**
- **Predicativo do objeto**

Sobre complementos:

- **Complemento nominal x Adjunto adnominal**
- **Objeto Indireto**

Sobre adjuntos:

- **Adjunto adverbial de lugar**
- **Saiba mais sobre o adjunto adverbial de lugar**
- **Complemento nominal x Adjunto adnominal**

Sujeito posposto

Embora a Língua Portuguesa se apresente predominantemente pela ordem direta (sujeito + verbo + predicado), é comum encontrarmos alguns termos em posições variadas na oração. É o que se entende por ordem inversa, na qual alguns termos são encontrados em combinação contrária ao esperado (ex.: verbo + sujeito = *sujeito posposto*).

Exemplos:

1. **Vivendo sozinho o ancião, sua saúde se tornara precária.**
2. **Sobre esse assunto falo eu!**

O fato de se inverter a posição dos termos na oração é movido por fatores gramaticais (ex.: colocação pronominal) ou por fatores estilísticos. A construção de sentenças em que o sujeito é colocado após o verbo (sujeito posposto) surge em decorrência da ênfase que se pretende dar à idéia expressa pelo termo que ocupa a primeira posição na sentença. Trata-se da valorização de algum termo em detrimento de outro e, portanto, de uma alteração estilística.

O sujeito posposto pode ser encontrado:

- **nas orações interrogativas;**
- **em orações com verbos na forma passiva pronominal;**
- **em orações com verbos na forma imperativa;**
- **em orações reduzidas;**
- **em orações que expressem o *discurso direto*;**
- **em orações absolutas com verbos no subjuntivo;**
- **em orações subordinadas adverbiais condicionais sem conjunção;**

- **em orações com verbos unipessoais;**
- **em orações iniciadas pelos *complementos verbais*.**

É muito importante que se localize o sujeito e o verbo na oração. Mesmo em posição que não é a sua habitual, o verbo deve sempre concordar com o sujeito.

Predicativo do sujeito

É o termo ou expressão que complementa o sujeito, conferindo-lhe ou um atributo ou uma referência.

O predicativo do sujeito apresenta duas características básicas:

- **acompanha o verbo de ligação;**
- **pertence ao predicado nominal**

A formação do predicativo do sujeito pode ser feita através de um substantivo, ou adjetivo, ou pronome, ou numeral, ou ainda uma oração substantiva predicativa.

Exemplos:

1. **Paciência e respeito são virtudes ignoradas nos dias de hoje.**

   ...[predicativo: substantivo]

2. **As crianças pareciam envergonhadas aos olhos do viajante.**

   ...[predicativo: adjetivo]

3. **O meu medo sempre foi que ela me encontrasse aqui.**

   ...[predicativo: oração substantiva adjetiva]

A maneira mais prática de se identificar o predicativo do sujeito é excluir o verbo da oração e verificar se continua a existir uma unidade de sentido.

Exemplo:

1. **O verão foi chuvoso, o outono frio!**

   ...[houve a exclusão do verbo de ligação, mantendo a unidade significativa: "o outono foi frio"]

Complemento nominal x Adjunto adnominal

É comum confundirem-se duas categorias sintáticas da língua portuguesa. Isso se verifica em relação ao *complemento nominal* e *adjunto adnominal*, já que ambas as categorias seguem um nome e podem ser acompanhadas de preposição.

É importante lembrar, então, as suas principais funções:

☐ complemento nominal: complementa o sentido do nome, conferindo-lhe uma significação extensa e específica. Ex.: *Sua rapidez* nas respostas *é admirável*.

☐ adjunto adnominal: acrescenta uma informação ao nome. Essa informação tem valor de adjetivo e, em princípio, é desnecessária para a compreensão da expressão. Ex.: *Ela se dizia carioca* da gema.

Uma regra prática para distinguir essas duas categorias sintáticas é tentar transformar o termo relacionado ao nome em adjetivo ou oração adjetiva. Se for possível o emprego de uma dessas construções adjetivas, o termo selecionado será um adjunto adnominal. Do contrário, será um complemento nominal.

Exemplos:

1. **O menino tinha uma fome de leão.**

...[fome leonina = adjetivo]

...[fome que parecia ser de leão = oração adjetiva]

...[de leão: adjunto adnominal]

2. A leitura de jornais é aconselhável a um bom profissional.

   ...[de jornais: complemento nominal]

Adjunto adverbial de lugar

É aquele que expressa uma circunstância de lugar ligada ao verbo.

Sendo um adjunto adverbial, essa circunstância locativa pode vir expressa por um advérbio, uma *locução adverbial* ou uma *oração adverbial*. Em qualquer uma das três possibilidades de construção da circunstância locativa, é obrigatória a presença de preposição antecedendo o adjunto adverbial de lugar.

Exemplos:

1. Os convidados foram a festa vestidos a caráter. [Inadequado]

   Os convidados foram à festa vestidos a caráter. [Adequado]

2. As atividades desportivas são realizadas à escola. [Inadequado]

   As atividades desportivas são realizadas na escola. [Adequado]

Saiba mais sobre o adjunto adverbial de lugar

Os adjuntos adverbiais de lugar expressam noções diversas relacionadas ao local da ação verbal. Essas noções sempre são apresentadas por um tipo de *preposição*, a saber:

I. Lugar aonde: emprego da preposição "a" apontando para a idéia de movimento do verbo.

Exemplos:

1. Meus filhos iam na escola pela manhã. [Inadequado]

   Meus filhos iam à escola pela manhã. [Adequado]

II. Lugar onde: emprego da preposição "em" (ou sua forma contraída) apontando para o lugar da ação verbal.

Exemplos:

1. Meus filhos estavam à escola pela manhã. [Inadequado]

   Meus filhos estavam na escola pela manhã. [Adequado]

III. Lugar donde: emprego da preposição "de" (ou sua forma contraída) apontando para o lugar de onde partiu a ação verbal.

Exemplos:

1. Meus filhos voltaram na escola pela manhã. [Inadequado]

   Meus filhos voltaram da escola pela manhã. [Adequado]

IV. Lugar para onde: emprego da preposição "para" apontando para a idéia de movimento do verbo.

Exemplos:

1. Meus filhos voltaram em casa. [Inadequado]

Meus filhos voltaram para casa. [Adequado]

V. Lugar por onde: emprego da preposição "por" (ou sua forma contraída) apontando para o lugar por onde se passa a ação verbal.

Exemplos:

1. Meus filhos andam para ruas estreitas ao voltarem da escola. [Inadequado]

   Meus filhos andam por ruas estreitas ao voltarem da escola. [Adequado]

Uma regra prática para se determinar o emprego correto das formas dos adjuntos adverbiais de lugar é formular perguntas iniciadas pelos interrogativos "*Aonde*...?" "*Para onde*...?" e etc. (ex.: *Eu estive dormindo no sofá*. Onde? No sofá./ No sofá = adj. adv. de lugar)

Determinantes

São chamados de *determinantes* os elementos que especificam outro numa expressão lingüística.

Existe um elemento determinante quando se estabelece uma relação com outro elemento. Assim, o primeiro é o elemento *determinante* e o segundo, o elemento *determinado*. Isso justifica a inclusão dessas funções em estruturas de subordinação, ou seja, nos casos onde se observa que um elemento é dependente de outro. Em casos de coordenação, nos quais se verifica uma independência entre os elementos, não se fala em elementos determinante e determinado, mas sim em elementos seqüênciais.

Em um sintagma nominal, por um lado, são determinantes os artigos, adjetivos, pronomes adjetivos, numerais. Em um sintagma superoracional, por outro lado, são determinantes as *orações subordinadas*, já que dependem da oração principal.

Nome

São chamados de *nomes* o conjunto de palavras que constitui as classes abertas da língua portuguesa, mas que se opõe a verbo.

As classes abertas são aquelas em que são possíveis as alterações do falante ao longo da história da língua (neologismos) e as variações morfológicas (flexão de gênero e número). Por oposição, as classes fechadas são aquelas cuja forma se consagrou na língua e onde as mudanças são quase inexistentes.

São as classes abertas da língua portuguesa:

substantivo adjetivo verbo

São as classes fechadas:

artigo	pronome	numeral
advérbio	preposição	conjunção
interjeição		

Os elementos considerados *nomes*, na língua portuguesa, são apenas o *substantivo* e o *adjetivo*, pois são responsáveis pelas denominações dos seres. Os verbos, por sua vez, são elementos responsáveis pela expressão dos processos e dos estados. Dessa distinção derivam diversos termos da gramática do português: *sintagma nominal* x *sintagma verbal*, *complemento nominal* x *complemento verbal*, *pronome* (raiz: nome), *advérbio* (raiz: verbo).

Modificadores

São chamados de *modificadores* os elementos que estabelecem relação de modificação dentro de um sintagma.

Na língua portuguesa o modificador por excelência é o advérbio. Os elementos que exercem função de advérbio são, assim, classificados como modificadores.

É importante distinguir a noção de modificador da noção de determinante. Nesse sentido, a própria raiz das duas palavras expressa essa diferença. Vejamos um exemplo:

1. *As formigas são rápidas*.

2. *As formigas andam rapidamente*.

Na sentença (1) os determinantes "*as*" e "*rápidas*" estão especificando/determinando o nome "*formiga*": em primeiro lugar, não se trata de qualquer formiga e, em segundo lugar, essas formigas são rápidas e não lentas. Já na sentença (2) o modificador "*rapidamente*" não especifica a ação de andar, mas a modifica: não se trata de apenas andar, mas sim de "*andar rapidamente*".

Sintagma

Sintagma é um segmento lingüístico que expressa uma relação de dependência.

Nessa relação de dependência, diz-se que existe um elemento determinado e outro determinante (ou subordinado), estabelecendo um elo de subordinação entre ambos. Cada um desses elementos constitui um *sintagma*.

Na concepção original de sintagma, essa noção era utilizada para se referir a qualquer segmento lingüístico: a palavra, a sentença e o período. Mais recentemente, o temo *sintagma* é comumente empregado para se referir às partes da sentença. Dessa forma, o sintagma se caracteriza conforme o tipo gramatical dos seus elementos nucleares:

☐ sintagma nominal (SN): quando o núcleo do sintagma é um nome

☐ sintagma adjetival (SAdj): quando o núcleo do sintagma é um adjetivo

☐ sintagma verbal (SV): quando o núcleo do sintagma é um verbo

☐ sintagma preposicional (SP): quando o núcleo do sintagma é uma preposição

☐ sintagma adverbial (SAdv): quando o núcleo do sintagma é um advérbio

Numa análise sintática, a identificação dos sintagmas e seus tipos é bastante importante. Isso facilita a compreensão do papel sintático exercido pelas palavras na sentença que está em análise. Vejamos um exemplo:

1. Todos silenciosamente acompanhavam a romaria pela cidade.

   ...[*todos*: SN]

   ...[silenciosamente: SAdv]

   ...[acompanhavam: SV]

   ...[*a romaria*: SN]

   ...[pela cidade: SP]

Note que um sintagma pode ser formado por uma ou mais palavras. Por isso buscamos pelo elemento núcleo e classificamos o sintagma segundo a categoria sintática deste núcleo (ex.: *pela cidade*: núcleo: *pela* = preposição [*por* + *ela*]).

Além disso, numa sentença pode existir mais de um sintagma do mesmo tipo. Quando isso ocorre é preciso verificar qual a função sintática que os sintagmas desempenham. No nosso exemplo, o SN aparece duas vezes: uma desempenhando a função de sujeito (*todos*) e outra, a função de objeto direto (*a romaria*).

Núcleo

Dá-se o nome de núcleo à palavra que, em um conjunto, se destaca como a principal.

A noção de núcleo é bastante importante, sobretudo, para a análise sintática. Sendo um elemento destacado de um conjunto de palavras, o núcleo é responsável:

- por indicar a categoria gramatical de todo o segmento

- por apontar o elemento que estabelece relações de concordância e regência

Exemplos:

1. Todos os empréstimos foram bloqueados pelo banco.

...[todos os empréstimos: sintagma]

...[núcleo do sintagma: *empréstimos* = nome]

...[tipo do sintagma: nominal]

2. Apartamentos são, em geral, lugares muito apertados.

   ...[*lugares muito apertados*: predicativo do sujeito]

   ...[núcleo do predicativo: *lugares*]

   ...[*lugares* deve concordar com "apartamentos", seu sujeito]

   ...[*apertados* deve concordar com "lugares", seu determinante]

3. O lucro das vendas está sendo repassado aos funcionários.

   ...[*está sendo repassado*: sintagma verbal]

   ...[núcleo do sintagma verbal: *repassado*]

   ...[*repassado* deve reger a preposição "a" do seu objeto]

Concordância: definição

Os termos que constituem uma oração estabelecem entre si diversas relações, entre elas as relações sintáticas, quando esses termos se distribuem pela oração formando um organismo; e relações semânticas, quando esses termos se organizam na oração formando um todo significativo.

Dá-se o nome de concordância à harmonia que os termos da oração apresentam em nível sintático. Assim, algumas palavras, expressões ou mesmo orações, quando estabelecem uma relação de dependência entre si, devem demonstrar com quais elementos estão ligadas. E isso é evidenciado através das *flexões*: de número e gênero, para os nomes e de número e pessoa, para os verbos.

O fato de a concordância se expressar por meio de flexões pode nos levar a pensar numa série de repetições exigidas pela sintaxe (ex.: marcar o plural no substantivo e no adjetivo que o acompanha). Porém, é a concordância que permite a não repetição do sujeito numa certa construção verbal (ex.: sujeito oculto). De qualquer forma, a concordância é obrigatória nos casos supra-citados.

Em língua portuguesa há dois tipos de concordância:

- Concordância nominal

- Concordância verbal

Embora a concordância se revele um aspecto da sintaxe, como já dissemos, muitas vezes um tipo de construção é determinado pela influência semântica. É o caso de alguns verbos que, quando apresentam um significado específico, exigem que a relação de concordância se estabeleça de forma especial (ex.: verbo *importar*). Portanto, é importante conhecer as especificidades das relações de concordância.

Concordância nominal

É chamada de concordância nominal a relação de concordância que se estabelece entre:

- substantivos e adjetivos
- substantivos e artigos
- substantivos e pronomes
- substantivos e numerais

Os nomes se flexionam em gênero (masculino e feminino) e em número (singular e plural). São essas as características que um *termo determinante ou dependente* (artigo, adjetivo e etc.) deve manter em harmonia com as do *termo determinado ou principal* (substantivo, etc.).

Em língua portuguesa, as relações de concordância são obrigatórias nos casos supra-citados. Por isso, é importante saber de que forma os nomes e sintagmas nominais se relacionam para, assim, promover a concordância adequada.

É importante conhecer as particularidades da concordância nominal:

- A concordância e os determinantes
- A concordância e os determinantes compostos
- A concordância e os modificadores compostos
- A concordância e os substantivos genéricos
- A concordância e as contrações
- A concordância e o predicativo do sujeito
- A concordância e o predicativo do objeto
- A concordância e o predicativo "só"
- A concordância do predicativo e as orações adjetivas
- A concordância e os adjuntos adnominais compostos
- A concordância e o particípio
- A concordância e o pronome "cujo"
- A concordância e a palavra "quite"
- A concordância e a palavra "grama"

A concordância e os determinantes

Os termos determinantes da oração (artigos, adjetivos, numerais e pronomes) sempre acompanham um nome, em geral, um substantivo. Assim, os determinantes herdarão as mesmas características de gênero e número que os substantivos possuírem.

A concordância entre os determinantes e o substantivo (termo determinado) é obrigatória na nossa língua.

Exemplos:

1. Todos sonhavam com a milagre divino. [Inadequado]

   Todos sonhavam com o milagre divino. [Adequado]

2. Havia apenas dois vagas para o cargo. [Inadequado]

   Havia apenas duas vagas para o cargo. [Adequado]

3. Quem se importava com aquele situação? [Inadequado]

   Quem se importava com aquela situação? [Adequado]

A concordância e os determinantes compostos

Os termos determinantes da oração (artigos, adjetivos, numerais e pronomes) sempre acompanham o nome, em geral, um substantivo.

Um único substantivo pode vir acompanhado de mais de um termo determinante (determinante composto). Quando isso acontece, é obrigatória a concordância em gênero e número entre os determinantes e o substantivo a que eles se referem.

Exemplos:

1. Um cidade iluminadas e divertido era tudo o que ele precisava. [Inadequado]

   Uma cidade iluminada e divertida era tudo o que ele precisava. [Adequado]

Observe que não importa a posição dos adjuntos adnominais para que ocorra a concordância entre eles e o substantivo, senão vejamos:

1. Era generoso e fantásticas o dedicação que me ofereciam. [Inadequado]

   Era generosa e fantástica a dedicação que me ofereciam. [Adequado]

A concordância e os modificadores compostos

Os termos modificadores da oração (adjetivos, pronomes adjetivos e advérbios) acompanham um nome ou um verbo. Sempre que o modificador acompanha um nome, em geral um substantivo, ele deve concordar com este em gênero e número.

Um único substantivo pode vir acompanhado de mais de um termo modificador (modificador composto). Quando isso acontece, é obrigatória a concordância em gênero e número entre todos os modificadores e o substantivo a que eles se referem.

Exemplos:

1. **Os colecionadores velhos e astuto imaginavam-me uma fraude. [Inadequado]**

   Os colecionadores velhos e astutos imaginavam-me uma fraude. [Adequado]

2. **Esses e também aquela bonecas encantavam os olhares paternos. [Inadequado]**

   Essas e também aquelas bonecas encantavam os olhares paternos. [Adequado]

Os modificadores ligados a verbo são os advérbios, cuja principal característica é não se flexionarem em gênero e número. Dessa forma, como os advérbios não variam, não é requerida a concordância entre o modificador do verbo e o próprio verbo.

1. **Os bichos esperavam pacientementes a volta do verde perdido. [Inadequado]**

   Os bichos esperavam pacientemente a volta do verde perdido. [Adequado]

A concordância e os substantivos genéricos

O sujeito da oração é sempre formado por um nome, em geral um substantivo, ou um pronome substantivo. Quando esse sujeito é formado por um substantivo que expressa a idéia de generalidade, o predicativo do sujeito deve estar obrigatoriamente no masculino singular.

Exemplos:

1. **Cerveja é boa. [Inadequado]**

   Cerveja é bom.[Adequado]

   ...[idéia expressada: Cerveja, em geral, é bom.]

1. **Férias são gostosas quando se tem dinheiro. [Inadequado]**

   Férias é gostoso quando se tem dinheiro.[Adequado]

   ...[idéia expressada: Férias, em geral, é gostoso...]

O predicativo do sujeito, porém, será alterado conforme a *flexão* do sujeito (singular/plural; masculino/feminino) se esse sujeito vier determinado de alguma forma; ou seja, se antes do substantivo que compõe o sujeito houver algum artigo, pronome ou adjetivo determinando-o.

Exemplos:

1. **Aquela cerveja é bom. [Inadequado]**

   Aquela cerveja é boa.[Adequado]

2. **As minhas férias é gostoso quando eu tenho dinheiro. [Inadequado]**

   As minhas férias são gostosas quando eu tenho dinheiro.[Adequado]

A concordância e as contrações

Existe em Língua Portuguesa a possibilidade da união de algumas *classes gramaticais*, formando uma única palavra (*contração*). Isso se dá:

- **entre artigo e preposição:**

  Exemplos:

  ...o + em = *no*;

...a + de = *da*;

...a + a (preposição) = *à* (crase)

- **entre pronome e preposição:**

  Exemplos:

  ...isso + de = *disso*;

  ...aquele + em = *naquele*

As contrações, além de expressarem as idéias apontadas pelas preposições, são termos que sempre acompanham um nome, em geral um substantivo. Sendo assim, é obrigatória a concordância em gênero e número entre a contração e o substantivo ao qual se refere.

Exemplos:

1. **Eles cantaram ao vivo na parque. [Inadequado]**

   Eles cantaram ao vivo no parque.[Adequado]

2. **A pia do cozinha está quebrada. [Inadequado]**

   A pia da cozinha está quebrada.[Adequado]

A concordância e o predicativo do sujeito

O sujeito pode ser apresentado ou modificado por um atributo chamado predicativo do sujeito. Por se tratar de um termo que se refere ao sujeito, o predicativo deve sempre concordar com ele.

Tanto o sujeito quanto o predicativo do sujeito são formados por nomes. Dessa forma, os predicativos herdarão as mesmas características de gênero e número que os sujeitos possuírem.

O predicativo do sujeito somente aparecerá em sentenças em que o predicado seja formado por um verbo de ligação (*predicado nominal*).

Exemplos:

1. **Os recibos de pagamento eram falso. [Inadequado]**

   Os recibos de pagamento eram falsos. [Adequado]

2. **Eles eram apenas duas e já causavam tanta confusão. [Inadequado]**

   Eles eram apenas dois e já causavam tanta confusão. [Adequado]

A concordância e o predicativo do objeto

Tanto o objeto direto quanto o objeto indireto podem ser modificados por um *predicativo*. Por se tratar de um termo que acompanha os objetos, o predicativo deve sempre concordar com eles.

Os objetos direto e indireto são formados por nomes. Dessa forma, os predicativos que os acompanham herdarão as mesmas características de gênero e número que os objetos possuírem.

O predicativo do objeto somente aparecerá em sentenças em que o predicado é formado por um *verbo transitivo*, cujo *objeto* esteja qualificado por um atributo (*predicado verbo-nominal*).

Exemplos:

1. **O penteado deixou lindo a menina. [Inadequado]**

   O penteado deixou linda a menina. [Adequado]

2. **A mãe sempre o chamava preguiçosa e malcriada. [Inadequado]**

   A mãe sempre o chamava preguiçoso e malcriado. [Adequado]

A concordância e o predicativo "*só*"

Nas orações em que a palavra só for um predicativo do sujeito (portanto, um adjetivo), ela deve concordar em número com o sujeito ao qual se liga.

A concordância nominal, obrigatória em língua portuguesa, procura colocar em harmonia nomes que se relacionam (substantivo e adjetivo, substantivo e pronomes, etc.). Uma oração formada por *verbos de ligação* tem como predicado um predicativo do sujeito. Muitas vezes esse predicativo se compõe de adjetivos que predicam o sujeito.

A palavra só ora funciona como advérbio ora como adjetivo. No primeiro caso, é uma palavra invariável (não se flexiona); no segundo, é uma palavra que se flexiona de acordo com o termo determinado. Em posição de predicativo do sujeito, portanto, a palavra só sempre deve concordar com o seu sujeito.

Exemplos:

1. Os convidados estão só. [Inadequado]

   Os convidados estão sós. [Adequado]

2. Eventualmente Marisa permanecia sós em seu quarto. [Inadequado]

   Eventualmente Marisa permanecia só em seu quarto. [Adequado]

Apesar de a concordância nominal freqüentemente marcar flexões de número e gênero, no caso da palavra só ocorre simplesmente a flexão de número, já que não há uma forma específica para o masculino e o feminino dessa palavra na nossa língua.

A concordância do predicativo e as orações adjetivas

As *orações subordinadas adjetivas*, por qualificarem um termo da *oração principal,* possuem as características de um adjetivo; ou seja: estão ligadas a um nome, em geral um substantivo, ao qual conferem um atributo.

Dentre as características das orações subordinadas adjetivas destacamos:

- são introduzidas pela palavra *que*;
- podem possuir um predicativo do sujeito.

Independentemente da função que exerce na oração (se sujeito, objeto direto, complemento nominal, etc.) é obrigatória a concordância em gênero e número entre o predicativo do sujeito da oração subordinada adjetiva e o substantivo a que se refere representado pela palavra *que*.

Exemplos:

1. Eles, que nem eram tão próximo, conversaram por toda a noite. [Inadequado]

   Eles, que nem eram tão próximos, conversaram por toda a noite. [Adequado]

   ...[que se refere à palavra eles]

   ...[que = sujeito masculino plural]

2. O mercador sabia aquela língua que foi precioso para mim. [Inadequado]

   O mercador sabia aquela língua que foi preciosa para mim. [Adequado]

   ...[que se refere à palavra língua]

   ...[que = sujeito feminino singular]

A concordância e os adjuntos adnominais compostos

O *adjunto adnominal* (artigo, adjetivo, locução adjetiva, numeral, pronome adjetivo e oração adjetiva) sempre acompanha o nome, em geral um substantivo.

Um único substantivo pode vir acompanhado de mais de um adjunto adnominal (adjunto adnominal composto). Quando isso acontece, é obrigatória a concordância em gênero e número entre os adjuntos adnominais e o substantivo a que eles se referem.

Exemplo:

1. **Era realmente difícil se ocupar daquela criança travesso e teimosas. [Inadequado]**

   Era realmente difícil se ocupar daquela criança travessa e teimosa. [Adequado]

Observe que não importa a posição dos adjuntos adnominais para que ocorra a concordância entre eles e o substantivo, senão vejamos:

1. **Sendo travessas e teimosas aquela criança, era difícil ocupar-se dela. [Inadequado]**

   Sendo travessa e teimosa aquela criança, era difícil ocupar-se dela. [Adequado]

A concordância e o particípio

A concordância nominal, obrigatória em língua portuguesa, procura colocar em harmonia nomes e determinantes. Já a concordância verbal, também obrigatória na língua, busca a harmonia entre o verbo e o seu sujeito.

Existem algumas expressões que se formam a partir dos verbos SER, ESTAR ou FICAR + verbo no PARTICÍPIO. Nesse tipo de construção, ambos os verbos devem concordar com o núcleo do sujeito ao qual estão ligados.

Exemplos:

1. **Tuas sugestões de investimento será rejeitado. [Inadequado]**

   Tuas sugestões de investimento serão rejeitadas. [Adequado]

   ...[sujeito: *tuas sugestões de investimento*]

   ...[núcleo do sujeito: *sugestões*]

   ...[*sugestões*: palavra feminina plural]

2. **Infelizmente, aqui os juros está embutido nos preços. [Inadequado]**

   Infelizmente, aqui os juros estão embutidos nos preços. [Adequado]

   ...[sujeito: *os juros*]

   ...[núcleo do sujeito: *juros*]

   ...[*juros*: palavra masculina plural]

O *particípio* é uma forma nominal do verbo, por isso, se comporta como um adjetivo. Desse modo, os verbos no particípio flexionam-se em gênero e número. Em geral os verbos no particípio apresentam-se acompanhados de outros verbos (auxiliares), formando uma *locução verbal*. Os *verbos auxiliares* (*ser*, *estar*, *haver* e *ter*) e eventualmente o verbo "*ficar*", quando parceiros de verbos no particípio, flexionam-se em pessoa, número, tempo e modo.

Em síntese: nesse tipo de locução verbal, os verbos no particípio devem concordar com o sujeito em gênero e número, já os verbos auxiliares e o verbo "*ficar*" devem concordar com o sujeito em número e pessoa.

Isso se dá mesmo quando o sujeito aparece depois do verbo ou locução verbal (sujeito posposto).

Exemplos:

1. **Fica autorizado as visitas diurnas às praias desta região. [Inadequado]**

   Ficam autorizadas as visitas diurnas às praias desta região. [Adequado]

   ...[sujeito: *as visitas diurnas*]

...[núcleo do sujeito: *visitas*]

...[*visitas*: palavra feminina plural]

2. Foram corrigidos o valor das moedas locais. [Inadequado]

   Foi corrigido o valor das moedas locais [Adequado]

   ...[sujeito: *o valor das moedas locais*]

   ...[núcleo do sujeito: *valor*]

   ...[*valor*: palavra masculina plural]

A concordância e o pronome *"cujo"*

Os *pronomes relativos* são aqueles que estabelecem a ligação entre a oração principal e a oração subordinada, ao substituir, na oração subordinada, um termo presente na oração principal (termo antecedente). O pronome relativo cujo, que expressa a idéia posse, estabelece essa relação ligando dois elementos distintos: o *possuidor* (termo antecedente) e a *coisa possuída* (termo subseqüente).

Ao contrário de outros relativos, o pronome cujo estabelece a concordância com o termo subseqüente. Além disso, como o pronome cujo funciona também como determinante (função de especificar um elemento da oração), ele deve concordar em gênero e número com o nome ao qual está ligado (termo subseqüente).

Exemplos:

1. Trouxeram flores cujas cor me surpreendeu. [Inadequado]

   Trouxeram flores cuja cor me surpreendeu. [Adequado]

   ...[flores: termo antecedente = nome feminino plural]

   ...[cor: termo subseqüente = nome feminino singular]

   ...[cuja: pronome relativo à "cor", portanto, feminino singular]

2. O filme cujo cenas são indecentes foi censurado. [Inadequado]

   O filme cujas cenas são indecentes foi censurado. [Adequado]

   ...[filme: termo antecedente = nome masculino singular]

   ...[cenas: termo subseqüente = nome feminino plural]

   ...[cujas: pronome relativo a "cenas", portanto, feminino plural]

Para se determinar a relação de posse e, desse modo, promover a concordância nominal adequada, basta reduzir o período composto em um período simples.

Exemplo:

1. Trouxeram flores cuja cor me surpreendeu. (período composto)
2. A *cor* das *flores* me surpreendeu. (período simples)

   ...cor: coisa possuída

   ...flores: possuidor

A concordância e a palavra *"quite"*

Os adjetivos, quando são determinantes, devem concordar com o nome ao qual determinam. A palavra quite, sendo um adjetivo, torna obrigatória a concordância em gênero e número entre ela e o nome ao qual está ligada, mesmo que esse nome não esteja expresso na oração.

Exemplos:

1. **Depois daquela vitória estávamos quite em competições estaduais. [Inadequado]**

   Depois daquela vitória estávamos quites em competições estaduais. [Adequado]

2. **Enfim eu fui declarado quites com o serviço militar. [Inadequado]**

   Enfim eu fui declarado quite com o serviço militar. [Adequado]

A palavra quite é também a forma irregular do *particípio* do verbo "*quitar*". É importante lembrar, contudo, que essa forma irregular do verbo é empregada junto aos verbos *ser* e *estar*; junto ao verbo *ter*, emprega-se a forma regular: *quitado(a)*.

Exemplos:

1. **Ele está quite comigo. (forma irregular)**
2. **Ela tinha quitado a dívida atrasada. (forma regular)**

Em ambos as construções, porém, a concordância é obrigatória, já que o particípio, nesses casos, funciona como adjetivo.

A concordância e a palavra "grama"

Em língua portuguesa, alguns substantivos se flexionam em gênero e número. O gênero pode ser *masculino* ou *feminino* e, geralmente, o gênero se torna visível devido à terminação das palavras ou aos determinantes (artigo, pronome, numeral e adjetivo) que se vinculam a essas palavras. Isto é, substantivos terminados em "-o" ou que puderem ser acompanhadas por determinantes masculinos são consideradas substantivos masculinos. Aqueles substantivos que terminarem em "-a" ou puderem ser acompanhados por determinantes femininos, são considerados substantivos femininos.

Exemplos:

1. ***aluno* (substantivo terminado em "-o" = substantivo masculino)**
2. ***escola* (substantivo terminado em "-a" = substantivo feminino)**
3. ***boi* (substantivo acompanhado por determinante masculino = substantivo masculino)**
4. ***a rede* (substantivo acompanhado por determinante feminino = substantivo feminino)**

No entanto, essa forma de reconhecer o gênero dos substantivos nem sempre é produtiva. Alguns fatores implicam vincular um ou outro gênero aos substantivos. É o caso, por exemplo, dos substantivos comuns-de-dois gêneros, em que a uma única forma do substantivo vinculam-se os dois gêneros (exs.: o/a *artista*, o/a *estudante*).

Dentre os casos particulares do gênero dos substantivos, destaca-se aquele em que o gênero do substantivo varia segundo sua significação. A palavra grama é um substantivo que se encaixa nesse caso.

Quando grama tiver sentido de *gramínea cultivada em áreas como jardim*, tratar-se-á de um substantivo feminino. Quando grama tiver sentido de *unidade de medida de peso*, tratar-se-á de um substantivo masculino.

É importante guardarmos essa distinção de gênero ligada ao substantivo grama, pois dela decorre a concordância nominal. Ou seja, os determinantes que se destinam ao substantivo grama devem estar no feminino, se a palavra grama designar planta; em se tratando de unidade de medida, os determinantes de grama devem estar no masculino.

Exemplos:

1. **Admirávamos atônitos o grama que implantaram naquele jardim.[Inadequado]**

   Admirávamos atônitos a grama que implantaram naquele jardim. [Adequado]

2. **Por favor, dê-me trezentas gramas de azeitona! [Inadequado]**

   Por favor, dê-me trezentos gramas de azeitona! [Adequado]

Como o substantivo grama com sentido de medida de peso é masculino, todos os substantivos compostos que também expressem medida formados a partir dele também serão masculinos: *miligrama*, *quilograma*. A concordância entre os determinantes e os compostos segue as mesmas orientações do substantivo grama.

Exemplo:

1. Quantas miligramas de bicarbonato existem nesse produto? [Inadequado]

   Quantos miligramas de bicarbonato existem nesse produto? [Adequado]

A concordância e a expressão "o mais ... possível"

Dentre as formas de variação em grau que os adjetivos e os advérbios podem sofrer está o superlativo. O grau superlativo marca um aumento extremo de quantidade ou de intensidade dos adjetivos ou dos advérbios. Uma das formas de construção desse grau superlativo é através da expressão:

...o/a + mais + ______ + possível

...o/a + menos + ______ + possível

Nesses casos o aumento é relativo à intensidade e é dado por toda a expressão ao invés de conter o grau marcado na palavra-alvo (ex.: *claro* = grau normal; *claríssimo* = grau superlativo; marca de variação em grau: "-íssimo").

Quando essa expressão indicar aumento de intensidade de um *adjetivo*, alguns gramáticos costumam apontar para as seguintes possibilidades de concordância:

1. os artigos (o/a) que iniciam a expressão, assim como a palavra *possível*, devem concordar em gênero e número com a palavra que está sendo intensificada; ou
2. a expressão *o mais/menos ... possível* deve se manter fixa no masculino singular independentemente do número e do gênero da palavra intensificada.

Exemplos:

1. Somente discutíamos os trabalhos o mais claras possíveis. [Inadequado]

   Somente discutíamos os trabalhos os mais claros possíveis. [Adequado]

   Somente discutíamos os trabalhos o mais claro possível. [Adequado]

2. Entreguem estas encomendas as mais rápido possíveis.[Inadequado]

   Entreguem estas encomendas o mais rápido possível. [Adequado]

Notem que quando a palavra intensificada é um *advérbio* não há flexão em gênero ou em número. Como ela é uma palavra invariável, a expressão que indica grau superlativo permanece sempre no *masculino singular* (para os artigos) e *singular* (para a palavra "possível").

Os primeiros passos para o emprego correto da expressão de intensidade, nesse caso, são: 1) identificar a palavra intensificada como um adjetivo ou advérbio, e 2) promover a concordância correta entre o adjetivo e o substantivo, quando a palavra intensificada for um adjetivo.

Exemplos:

1. Gostaríamos de uma resposta *o mais* objetivo *possível*. [Inadequado]

   Gostaríamos de uma resposta *a mais* objetiva *possível* [Adequado]

   ...[*objetiva*: adjetivo = concorda em gênero com "resposta"]

   ...[*a*: artigo feminino = concorda com o adjetivo intensificado]

   ...[*possível*: palavra no singular = concorda com o artigo da expressão]

2. Vamos sair daqui *os mais* cedo *possível*. [Inadequado]

   Vamos sair daqui *o mais* cedo *possível*. [Adequado]

   ...[*cedo*: advérbio = palavra invariável = não há concordância]

   ...[*o ... possível*: expressão fixa]

A concordância e o aposto

O aposto é um termo que se liga a outros termos da oração com o objetivo de especificar esse elemento ao qual se refere. Trata-se de um termo de caráter nominal que se relaciona a substantivos ou pronomes substantivos para atribuir-lhes uma explicação ou um esclarecimento.

Como o aposto e o substantivo (ou outro termo com valor de substantivo) são elementos relacionados numa oração, a concordância em gênero e número é obrigatória entre eles.

Exemplos:

1. Os investidores, barulhento e insegura, retiravam-se do mercado. [Inadequado]

   Os investidores, barulhentos e inseguros, retiravam-se do mercado. [Adequado]

   ...[*barulhentos e inseguros*: aposto = refere-se ao substantivo "investidores"]

   ...[*investidores*: substantivo masculino plural]

2. Ela, mais sábio e oportunistas, também inventaria uma desculpa eficaz. [Inadequado]

   Ela, mais sábia e oportunista, também inventaria uma desculpa eficaz. [Adequado]

   ...[*mais sábia e oportunista*: aposto = refere-se ao pronome substantivo "ela"]

   ...[*ela*: pronome feminino singular]

Nos exemplos acima o aposto se apresenta na forma como mais freqüentemente é utilizado: entre vírgulas, imediatamente após o termo ao qual se refere. Há casos, porém, em que o aposto se une ao termo substantivo sem o recurso da pausa expresso pela vírgula:

"O tempo inverno quase não é lembrado no nordeste brasileiro."

Nesse exemplo, em que o aposto – "inverno" – é também um substantivo, não se exige dele a concordância em gênero e número com o substantivo ao qual se liga – "tempo". A obrigatoriedade da concordância nominal é apontada apenas quando o aposto se configura como um adjetivo, como nos exemplos (1) e (2).

Naqueles casos (1) e (2), além disso, observa-se a presença do conectivo "e" interligando os adjetivos que compõem o aposto. É importante lembrar, no entanto, que ainda que a vírgula seja dispensada da construção, a concordância nominal entre o aposto e o substantivo de referência deve ser estabelecida.

Exemplos:

1. As antigo renovada expectativas poderiam se confirmar hoje. [Inadequado]

   As antigas renovadas expectativas poderiam se confirmar hoje. [Adequado]

   ...[*as antigas renovadas*: adjunto adnominal de "expectativas"]

   ...[*renovadas*: adjetivo = núcleo do adjunto adnominal]

   ...[*antigas*: aposto = refere-se ao substantivo "expectativas"]

   ...[*expectativas*: substantivo feminino plural]

2. O velha gentis mensageiro abandonava suas caminhadas diárias. [Inadequado]

   O velho gentil mensageiro abandonava suas caminhadas diárias. [Adequado]

   ...[*o velho gentil*: adjunto adnominal de "mensageiro"]

   ...[*gentil*: adjetivo = núcleo do adjunto adnominal]

   ...[*velho*: aposto = refere-se ao substantivo "mensageiro"]

   ...[*mensageiro*: substantivo feminino plural]

A concordância nas locuções e expressões adjetivas

As locuções ou expressões adjetivas, diferentemente dos adjetivos, não concordam em gênero e número com os substantivos por elas modificados. Quando indicadoras dos elementos ("cigarro", "meia", "fósforo", etc.) de que é constituído o conjunto ("maço", "par", "caixa", etc.), acompanham a forma do plural.

Exemplos:

1. **Compramos somente um maço de cigarro. [Inadequado]**

   Compramos somente um maço de cigarros. [Adequado]

2. **Não acredito que você perdeu seu par de meia. [Inadequado]**

   Não acredito que você perdeu seu par de meias. [Adequado]

3. **Minha mãe faz economia até com uma caixa de fósforo. [Inadequado]**

   Minha mãe faz economia até com uma caixa de fósforos. [Adequado]

4. **Fomos a várias bancas de jornais até encontrarmos a revista. [Inadequado]**

   Fomos a várias bancas de jornal até encontrarmos a revista. [Adequado]

5. **Durante a liquidação compramos muitas toalhas de mesas. [Inadequado]**

   Durante a liquidação compramos muitas toalhas de mesa. [Adequado]

6. **Costumo guardar todas as páginas de jornais. [Inadequado]**

   Costumo guardar todas as páginas de jornal. [Adequado]

A concordância e o predicativo do objeto de alguns verbos

Alguns verbos da língua portuguesa exigem complementos. São os chamados verbos transitivos, cujos complementos podem vir acompanhados de preposição (objeto indireto) ou ser diretamente relacionados ao verbo (objeto direto).

Esses complementos verbais podem sofrer modificações de duas naturezas: uma que é própria ao objeto (adjunto adnominal) e outra que é imposta pelo verbo (predicativo do objeto). Isso quer dizer que, associados a um mesmo verbo, podem ocorrer dois termos da oração: um objeto e um predicativo.

O predicativo do objeto geralmente se vincula aos verbos transitivos diretos, atribuindo uma propriedade ao seu complemento verbal. No entanto, em uma mesma oração podem co-ocorrer um adjunto adnominal e um predicativo do objeto, confundindo a aplicação da concordância adequada entre esses elementos sintáticos. Trata-se de duas etapas de concordância nominal distintas: uma que relaciona o adjunto adnominal ao objeto e a segunda que associa o predicativo ao seu objeto. Vejamos sentenças com os dois termos sintáticos separados:

1. **A lua transforma a noite dos namorados.**

   ...[*transforma*: verbo transitivo direto]

   ...[*a noite*: objeto direto]

   ...[*dos namorados*: adjunto adnominal = atributo de "noite" livremente apontado]

2. **A lua torna a noite iluminada.**

   ...[*torna*: verbo transitivo direto]

   ...[*a noite*: objeto direto]

   ...[*iluminada*: predicativo do objeto = atributo de "noite" imposto pelo verbo]

O predicativo do objeto sempre concorda em gênero e número com o termo (o objeto) ao qual se liga, mesmo que junto ao seu objeto haja um adjunto adnominal associado. Exemplo:

1. **"A lua torna a noite iluminada dos namorados."**

...[*iluminada*: predicativo do objeto direto "noite"]

A posição do predicativo do objeto não é fixa na oração. Ele pode:

1. anteceder o objeto ☐ "... torna iluminada a noite dos namorados."
2. proceder imediatamente ao objeto ☐ "... *torna a noite iluminada dos namorados*."
3. vir ao final do adjunto adnominal ☐ "... *torna a noite dos namorados iluminada*."

A confusão na concordância que se observa freqüentemente acontece quando o predicativo está na posição (3) apontada acima, pois o raciocínio mais cômodo faria concordar o predicativo com a última palavra que o antecede. É importante lembrar, porém, que mesmo distante o predicativo deve *manter a concordância com o objeto* que é a sua referência na oração.

Exemplos:

1. A academia consagrou os trabalhos de biologia pioneira. [Inadequado]

   A academia consagrou os trabalhos de biologia pioneiros. [Adequado]

   ...[*os trabalhos*: objeto direto = masculino plural]

   ...[*de biologia*: adjunto adnominal]

   ...[*pioneiros*: predicativo do objeto = masculino plural]

2. A paz manteria a bandeira do Brasil vivo. [Inadequado]

   A paz manteria a bandeira do Brasil viva. [Adequado]

   ...[*a bandeira*: objeto direto = feminino singular]

   ...[*do Brasil*: adjunto adnominal]

   ...[*viva*: predicativo do objeto = feminino singular]

Note que em certas situações apenas a concordância é que deixará claro o termo que está sendo modificado, pois um adjetivo como no exemplo (2) pode se aplicar tanto ao objeto (no exemplo,"bandeira") como ao núcleo do adjunto adnominal (no exemplo, "Brasil"). É facultativo ao ouvinte/leitor, portanto, compreender a oração da forma como ele preferir se a concordância não esclarece os termos que estão relacionados na oração.

Concordância verbal

A relação de concordância, quando se dá entre o sujeito e o verbo principal de uma oração, é chamada de concordância verbal.

Os verbos flexionam-se em pessoa (primeira, segunda e terceira), em número (singular e plural), em tempo (presente, passado e futuro) e em modo (indicativo, subjuntivo e imperativo). Em geral, as características de número e pessoa são as que um *termo determinante ou dependente* (verbo) deve manter em harmonia com as do *termo determinado ou principal* (substantivo e etc.).

Em língua portuguesa, as relações de concordância são obrigatórias nos casos supra-citados. Por isso, é importante saber de que forma os verbos e sintagmas nominais se relacionam para, assim, promover a concordância adequada. Dê uma olhada nas particularidades da concordância verbal:

- A concordância e o sujeito simples
- A concordância e as desinências
- A concordância e o termo determinado
- A concordância e os pronomes indefinido e demonstrativo como sujeito
- A concordância e o pronome interrogativo como sujeito
- A concordância e o pronome reto com predicativo do sujeito
- A concordância e as orações adjetivas
- A concordância e o pronome relativo em orações adjetivas
- A concordância e os pronomes reflexivos
- A concordância e o pronome "que"
- A concordância e o pronome "quem"
- A concordância e os pronomes "o que"
- A concordância e expressões como "É necessário"
- A concordância e expressões como "É preciso"

- A concordância e os verbos indicativos de horas
- A concordância e expressões de quantidade
- A concordância e os verbos modais
- A concordância e o verbo "parecer"
- A concordância e o verbo "importar"

A concordância e o sujeito simples

Dentre os casos de concordância verbal, o que trata do sujeito e o verbo é o mais básico e geral da língua portuguesa.

Sintaticamente, o sujeito é o termo que se mantém em harmonia com o verbo. Esse sujeito ora pode estar expresso na oração através de um nome (substantivo, pronome e etc.) ou uma *oração subordinada substantiva*, ora pode estar implícito na oração, ou ainda, pode ser inexistente na oração. Mesmo que o sujeito seja um elemento não declarado na oração, a concordância de número e pessoa entre ele e o verbo é obrigatória (salvo a exceção da *concordância ideológica*).

Exemplos:

1. Nós quer falar assim! [Inadequado]

   Nós queremos falar assim! [Adequado]

2. As compras chegou ontem. [Inadequado]

   As compras chegaram ontem. [Adequado]

Quando o sujeito não está expresso na oração é preciso recuperá-lo no *contexto* e, então, promover a concordância .

Exemplo:

1. Elas disseram que vai ao jantar.

   ...Elas disseram que vão ao jantar

   ...[sujeito de "vão" = "que" retomando o nome "elas"]

   ...Elas disseram que ele vai ao jantar.

   ...[sujeito de "vão" = "ele"]

Há casos em que um sujeito simples representa não um único elemento, mas toda uma coletividade. Mesmo transmitindo essa idéia de pluralidade, a concordância deve respeitar o número e a pessoa representada pela palavra-sujeito.

Exemplos:

1. A gente não fizemos a lição. [Inadequado]

   A gente não fez a lição. [Adequado]

2. As gentes do Brasil espelha as várias raças. [Inadequado]

   As gentes do Brasil espelham as várias raças. [Adequado]

A concordância e as desinências

As *desinências* (*-s*, *-mos*, *-va* e etc.) são elementos essenciais para se determinar a flexão das palavras em Língua Portuguesa. Por esse motivo são, inclusive, denominadas *morfemas flexionais*.

Por indicarem, na *morfologia*, a *flexão nominal* (gênero, número) e a *flexão verbal* (pessoa, número, tempo, modo, aspecto e voz), é obrigatória a presença das desinências nas palavras. Esse fator é fundamental à construção adequada da concordância nominal e da concordância verbal

Freqüentemente se observa a ausência da desinência -s indicativa da segunda pessoa do singular. Esse comportamento, verificado particularmente na *língua falada*, acarreta problemas de concordância verbal, já que a forma vazia (sem o -s . Ex.: ama) é a forma representativa da terceira pessoa do singular.

Exemplos:

1. **Tu fala por experiência própria! [Inadequado]**

   Tu falas por experiência própria! [Adequado]

A concordância e o termo determinado

A concordância verbal, obrigatória em Língua Portuguesa, ocorre preferencialmente entre o verbo e o sujeito da oração.

Nas orações formadas por um *predicado nominal* (verbo de ligação + *predicativo do sujeito*) o verbo deve concordar não com o sujeito, mas sim com o predicativo do sujeito. Essa possibilidade de concordância ocorre, dentre outros casos, se:

- **sujeito for um nome no plural;**
- **predicativo do sujeito estiver determinado, isto é, se ele for formado por um nome + determinante (artigo, numeral e etc.).**

Exemplos:

1. **Carros roubados são uma coisa normal nesta rua. [Inadequado]**

   Carros roubados é uma coisa normal nesta rua. [Adequado]

2. **Falsas promessas foram a minha desgraça! [Inadequado]**

   Falsas promessas foi a minha desgraça! [Adequado]

A concordância e os pronomes indefinido e demonstrativo como sujeito

A concordância verbal, obrigatória em Língua Portuguesa, ocorre preferencialmente entre o verbo e o sujeito da oração.

Nas orações formadas por um *predicado nominal* (verbo de ligação + predicativo do sujeito) o verbo deve concordar não com o sujeito, mas sim com o predicativo do sujeito. Essa possibilidade de concordância ocorre, dentre outros casos, se o sujeito da oração for:

- **um *pronome indefinido* (*todo*, *tudo*, *nada* e etc.);**
- **um *pronome demonstrativo* neutro (*isto*, *isso* e *aquilo*).**

Exemplos:

1. **Nada é obstáculos para um bom vendedor. [Inadequado]**

   Nada são obstáculos para um bom vendedor. [Adequado]

2. **Tudo é flores! [Inadequado]**

   Tudo são flores! [Adequado]

3. **Para mim isso é histórias mal contadas. [Inadequado]**

   Para mim isso são histórias mal contadas. [Adequado]

4. **Aquilo é manobras sociais. [Inadequado]**

   Aquilo são manobras sociais. [Adequado]

A concordância e o pronome interrogativo como sujeito

A concordância verbal, obrigatória em Língua Portuguesa, ocorre preferencialmente entre o verbo e o sujeito da oração.

Nas orações formadas por um *predicado nominal* (verbo de ligação + predicativo do sujeito) o verbo deve concordar não com o sujeito, mas sim com o predicativo do sujeito. Essa possibilidade de concordância ocorre, dentre outros casos, se o sujeito for um *pronome interrogativo* (*qual*, *quem*, *que*, *quando* e etc.).

Exemplos:

1. **Quem é eles? [Inadequado]**

   Quem são eles? [Adequado]

2. **Quando será as provas? [Inadequado]**

   Quando serão as provas? [Adequado]

A concordância e o pronome reto como predicativo do sujeito

A concordância verbal, obrigatória em Língua Portuguesa, ocorre preferencialmente entre o verbo e o sujeito da oração.

Nas orações formadas por um *predicado nominal* (verbo de ligação + predicativo do sujeito) o verbo deve concordar não com o sujeito, mas sim com o predicativo do sujeito. Essa possibilidade de concordância ocorre, dentre outros casos, se o predicativo do sujeito for um pronome reto (*eu*, *tu*, *ele* e etc.).

Exemplos:

1. **O encarregado da obra é eu. [Inadequado]**

   O encarregado da obra sou eu. [Adequado]

2. **Neste caso continua nós... [Inadequado]**

   Neste caso continuamos nós... [Adequado]

A concordância e as orações adjetivas

As *orações subordinadas adjetivas* são aquelas que têm valor de adjetivo, ou seja, que qualificam ou determinam um nome que pertence à *oração principal*. Como elas estão ligadas a um termo da oração principal através de um pronome relativo, é obrigatório que entre o verbo da oração subordinada e o pronome haja concordância de pessoa e número.

Em geral as orações adjetivas são introduzidas por um *pronome relativo* (*que*, *qual* e etc.) que, substituindo o nome ao qual o verbo da oração subordinada está ligado, comanda a concordância verbal.

Exemplos:

1. **Os homens que mata os animais selvagens devem ser denunciados. [Inadequado]**

   Os homens que matam os animais selvagens devem ser denunciados. [Adequado]

   ...[Os homens devem ser denunciados: oração principal]

   ...[que matam os animais selvagens: oração subordinada adjetiva]

   ...[que: pronome relativo a "os homens"]

2. **As questões que era mais importante foram esquecidas. [Inadequado]**

   As questões que eram mais importantes foram esquecidas. [Adequado]

   ...[As questões foram esquecidas: oração principal]

   ...[que eram mais importantes: oração subordinada adjetiva]

   ...[que: pronome relativo a "as questões"]

Observe que no exemplo (2) não só o verbo, mas também o adjetivo da oração subordinada (*eram*, *importantes*) devem se manter em harmonia com o nome ao qual estão ligados.

Uma regra prática para identificar a oração subordinada adjetiva e, assim, promover a concordância verbal adequada, é substituir toda a oração subordinada pelo adjetivo a ela correspondente.

1. Os homens **matadores** de animais selvagens devem ser denunciados.
2. As questões mais **importantes** foram esquecidas.

A concordância e o pronome relativo em orações adjetivas

As *orações subordinadas adjetivas*, por qualificarem um termo da *oração principal*, possuem as características de um adjetivo; ou seja: estão ligadas a um nome , em geral um substantivo, ao qual conferem um **atributo**.

Dentre as características das orações subordinadas adjetivas destacamos o fato de serem introduzidas pelo *pronome relativo* ***que***.

Nas orações adjetivas o *que* faz referência a algum termo da oração principal (sujeito, objeto, complemento nominal). Desse modo, o *que* carrega consigo todas as marcas de flexão (número, gênero, pessoa) do termo ao qual se refere. Assim, é **obrigatória** a concordância em **número** e **pessoa** entre o verbo da oração subordinada adjetiva e o substantivo a que se refere representado pela palavra *que*.

Exemplos:

1. Os trabalhadores que **fez** greve serão convocados para a reunião. **[Inadequado]**

   Os trabalhadores que **fizeram** greve serão convocados para a reunião. **[Adequado]**

2. Os lustres da sala que **foram inaugurados** destacava-se em delicadeza. **[Inadequado]**

   Os lustres da sala que **foi inaugurada** destacavam-se em delicadeza. **[Adequado]**

A concordância e os pronomes reflexivos

Os pronomes reflexivos (*me*, *te*, *se*, *nos* e etc.) possuem uma forma especial para cada *pessoa verbal*.

Para indicar que o objeto da ação é a **mesma pessoa** que o sujeito que a pratica, é **obrigatória** a concordância em pessoa entre o pronome reflexivo e a pessoa a qual se refere.

É importante lembrar, ainda, que a **terceira pessoa** possui uma única forma tanto para o singular quanto para o plural: *se*, *si* e *consigo*.

Exemplos:

1. Eu se machuquei. **[Inadequado]**

   Eu **me** machuquei. **[Adequado]**

2. Ela foi embora e levou minha juventude **contigo**. **[Inadequado]**

   Ela foi embora e levou minha juventude **consigo**. **[Adequado]**

Observe que a concordância própria aos pronomes reflexivos respeitam **apenas** a pessoa verbal e **não** o gênero da pessoa a qual se refere, senão vejamos os exemplos de sentenças corretas:

Ela está fora de **si**. / Ele está fora de **si**.

Além disso, é comum acrescentar algumas expressões reforçativas junto aos pronomes reflexivos. Dessa forma, destaca-se a idéia de igualdade entre as pessoas que estão sujeitas à ação.

Exemplos:

1. Eu **me** machuquei.

   Eu **mesma me** machuquei.

2. Eles **se** julgavam.

   Eles julgavam-se **a si mesmos**.

A concordância e o pronome *"que"*

Os *pronomes relativos* são aqueles que estabelecem a ligação entre a oração principal e a oração subordinada, ao substituir, na oração subordinada, um termo presente na oração principal (termo antecedente). Dentre os pronomes relativos, o que é o mais comum, sendo empregado em construções diversas. Diferentemente de outros relativos (*qual*, *cujo*, por exemplo), o que não se flexiona em gênero e número. Por isso, muitas vezes é difícil saber a qual elemento o que se refere. Porém, como se trata de um relativo, o pronome que sempre retoma um nome anteriormente apontado e dele herda as características de flexão.

Em geral, o que introduz uma *oração subordinada*. A concordância de número e pessoa entre o verbo da oração subordinada e o elemento ao qual o que está ligado é obrigatória. É o que ocorre quando o termo antecedente for um pronome pessoal do caso reto (*eu*, *tu*, *ele* e etc.)

Exemplos:

1. Não fui eu que lhe vendeu fiado. [Inadequado]

   Não fui eu que lhe vendi fiado. [Adequado]

2. São eles que promete e não cumpre. [Inadequado]

   São eles que prometem e não cumprem. [Adequado]

É importante lembrar que, em *análise sintática*, o pronome reto que antecede o que é sujeito da oração principal. Já o sujeito da oração subordinada é o próprio que, por isso a necessidade de manter em harmonia os elementos da oração subordinada.

1. Fomos nós que antecipamos o resultado da pesquisa eleitoral.

   ...[fomos nós: oração principal]

   ...[que antecipamos o resultado da pesquisa eleitoral: oração subordinada]

   ...[nós: sujeito da oração principal]

   ...[que: sujeito da oração subordinada = pronome relativo a "nós"]

A concordância e o pronome *"quem"*

O *pronome relativo* substitui um nome que pertence à *oração principal*. Para evitar a repetição desse nome, utiliza-se um pronome que se torna "relativo" àquele nome o qual substitui.

Exemplo:

1. Esses são os anéis que eu dei a você?

   ...[oração principal: *esses são os anéis*]

   ...[oração dependente: *que eu dei a você*]

   ...[*anéis*: predicativo do sujeito da oração principal]

   ...[*que*: pronome relativo a *anéis* / objeto direto da oração dependente]

O pronome relativo *quem*, quando introduz uma *oração dependente*, se torna sujeito dessa oração. Logo é obrigatória a concordância em pessoa e número entre o verbo e o sujeito ao qual está ligado. Uma das possibilidades de concordância entre o *quem* e o verbo da oração dependente é manter este verbo na terceira pessoa do singular.

Exemplos:

1. Fui eu quem paguei a conta. [Inadequado]

   Fui eu quem pagou a conta. [Adequado]

2. São eles quem nos obrigaram a marchar. [Inadequado]

   São eles quem nos obrigou a marchar. [Adequado]

A concordância e os pronomes *"o que"*

Há, em língua portuguesa, um tipo de construção que reúne dois pronomes - demonstrativo e relativo - formando as expressões "*o(s) que*" e "*a(s) que*". Quando o termo *que* dessa expressão introduzir uma *oração subordinada*, o verbo dessa oração deve concordar em número e pessoa com o termo *o(s)/a(s)* que o antecede.

Exemplos:

1. **Não ouvi os que falava. [Inadequado]**

   Não ouvi os que falavam. [Adequado]

2. **São dois os que contribui para o time da empresa. [Inadequado]**

   São dois os que contribuem para o time da empresa.[Adequado]

O *pronome demonstrativo* pode ser representado pelas palavras *o(s), a(s)*, geralmente empregadas como artigos. Trata-se de uma forma especial de pronome neutro que pode ser substituída por "aquele(s)", "aquela(s)". Já o *pronome relativo que* retoma um elemento anterior (termo antecedente). A análise sintática da expressão o que, portanto, deve ser compreendida da seguinte forma:

1. **Cartas? Só lia as que chegavam em meu escritório.**

   ...[Só lia as: oração principal]

   ...[que chegavam em meu escritório: oração subordinada]

   ...[as: objeto direto da oração principal = substitui "cartas"]

   ...[que: sujeito da oração subordinada = substitui "as"]

A concordância e expressões como *"É necessário"*

A concordância nominal, obrigatória em Língua Portuguesa, procura colocar em harmonia dois ou mais nomes. Já a concordância verbal, também obrigatória na língua, busca a harmonia entre o verbo e o sujeito ao qual se liga.

Existem algumas expressões que se formam a partir do verbo SER + ADJETIVO (ou verbo no *particípio* funcionando como adjetivo). São exemplos desse tipo de estrutura:

É necessário...
É claro...
É proibido...
É importante...
É adequado...
É obrigatório..
É permitido...

Quando ocorre esse tipo de construção, o sujeito da oração aparece em posição final, exigindo as seguintes características para a oração:

- **a concordância em gênero e número entre o predicativo do sujeito (*necessário*, *adequado*, *claro*, *obrigatório* e etc.) e o sujeito ao qual se liga (concordância nominal);**
- **a concordância em número e pessoa entre o verbo e o sujeito (concordância verbal).**

Exemplos:

1. **É necessário a autorização para a visita. [Inadequado]**

   É necessária a autorização para a visita. [Adequado]

2. **É necessário as assinaturas nos documentos originais. [Inadequado]**

   São necessárias as assinaturas nos documentos originais. [Adequado]

Observe que o sujeito dessas orações acima estão determinados, ou seja, são formados por um nome e um determinante (no caso, um artigo).

Nas orações em que essas expressões antecederem um sujeito não determinado, não há variação da expressão. Isto é: as expressões devem sempre apresentar:

- verbo *ser* na terceira pessoa do singular;
- predicativo do sujeito no masculino singular.

Exemplos:

1. É proibida entrada de pessoas estranhas. [Inadequado]

   É proibido entrada de pessoas estranhas. [Adequado]

2. São permitidas fotos neste local. [Inadequado]

   É permitido fotos neste local. [Adequado]

A concordância e expressões como *"É preciso"*

A concordância nominal, obrigatória em Língua Portuguesa, procura colocar em harmonia dois ou mais nomes. Já a concordância verbal, também obrigatória na língua, busca a harmonia entre o verbo e o sujeito ao qual se liga.

Algumas expressões são formadas a partir do verbo SER + ADJETIVO (ou verbo no *particípio* funcionando como adjetivo) e apresentam o sujeito em posição final da oração.

Em geral esse tipo de construção estabelece a necessidade de concordância nominal e verbal entre o *sujeito* e o predicativo do sujeito e entre o sujeito e o verbo. No entanto, as expressões *É preciso...* e *É bom...* não sofrem qualquer variação conforme o sujeito que se apresente. Ou seja:

- verbo deve estar sempre na terceira pessoa do singular
- predicativo do sujeito deve estar sempre no masculino

Exemplos:

1. É precisa uma vendedora aqui. [Inadequado]

   É preciso uma vendedora aqui. [Adequado]

2. É boa uma vendedora aqui. [Inadequado]

   É bom uma vendedora aqui. [Adequado]

Esse tipo de construção ocorre porque se omitiu o verbo *ter* da oração. Assim, para se descobrir se há ou não variação de concordância na expressão, basta preencher o vazio deixado pelo verbo *ter*.

Exemplos:

1. É preciso (ter) uma vendedora aqui.
2. É bom (ter) uma vendedora aqui.

A concordância e os verbos indicativos de horas

A concordância nominal, obrigatória em língua portuguesa, procura colocar em harmonia nomes e determinantes. Já a concordância verbal, também obrigatória na língua, busca a harmonia entre o verbo e o seu sujeito.

As palavras ou expressões que indicam horas apresentam particularidades na sua construção. Geralmente esse tipo de construção é formado:

- por verbos como "SOAR", "BATER" ou "DAR"
- por uma omissão, quase sempre da palavra "*relógio*"

Nas orações em que a palavra "*relógio*" ou similares ("*sino*", por exemplo) estiver omitida, o verbo "soar", "bater" e "dar" deve concordar com o número das horas indicado na oração.

Exemplos:

1. Todos concordavam: soava duas horas da tarde. [Inadequado]

   Todos concordavam: soavam duas horas da tarde. [Adequado]

2. No meu relógio já **deu** quatro horas de atraso. [Inadequado]

   No meu relógio já **deram** quatro horas de atraso. [Adequado]

O sujeito dessas orações é a palavra "*horas*", embora a idéia do marcador de tempo (relógio, sineta, sino e etc.) esteja embutida na expressão. Por isso, no exemplo (2) não se deve confundir a palavra "*relógio*" que, nesse caso é um adjunto adverbial de lugar, com o sujeito do verbo "*dar*". Observe agora que, quando o marcador de tempo vem expresso na oração, os verbos tratados aqui devem concordar com a palavra que exprime esse marcador e não mais com a palavra "*horas*".

Exemplos:

1. Muito tempo depois meu relógio **deram** oito horas da manhã. [Inadequado]

   Muito tempo depois meu relógio **deu** oito horas da manhã. [Adequado]

2. Os sinos da igreja **bateu** uma hora certinha! [Inadequado]

   Os sinos da igreja **bateram** uma hora certinha! [Adequado]

A concordância e expressões de quantidade

A concordância verbal, obrigatória em língua portuguesa, procura colocar em harmonia sujeito e verbo. Assim, sempre que o sujeito estiver no plural, por exemplo, o verbo também deve se apresentar no plural. Porém certas construções da língua portuguesa rompem esse princípio de concordância verbal. É o caso de expressões que indicam quantidade.

A idéia de quantidade pode querer expressar cada uma das unidades ou a totalidade dos seres contados. Quando expressões de quantidade indicarem uma totalidade, o verbo deve se apresentar no singular, concordando com o conjunto dos seres.

Exemplos:

1. Creiam-me: três filhos são mais do que eu poderia imaginar! [Inadequado]

   Creiam-me: três filhos é mais do que eu poderia imaginar! [Adequado]

2. Duas semanas **seriam** muito pouco para o Ricardo se recuperar. [Inadequado]

   Duas semanas **seria** pouco para o Ricardo se recuperar. [Adequado]

Essa particularidade de concordância também pode ser determinada pelo tipo de verbo que ela possui.

O verbo "*ser*", comumente empregado na função de verbo de ligação, pode funcionar como *verbo intransitivo*. Nesse caso, esse verbo intransitivo pode se relacionar com um advérbio a ele posposto. Como os advérbios e locuções adverbiais são invariáveis (nunca se flexionam em número, gênero ou pessoa), o verbo deve se manter na terceira pessoa do singular, independentemente do número e da pessoa do sujeito da oração. Vejamos um exemplo:

1. Desculpe-me, mas três colheres de açúcar são muito. [Inadequado]

   Desculpe-me, mas três colheres de açúcar é muito. [Adequado]

   ...[sujeito: *três colheres de açúcar* = terceira pessoa do plural]

   ...[verbo intransitivo: *é* = terceira pessoa do singular]

   ...[*muito* = advérbio de intensidade]

É importante atentarmos para a formação desse predicado verbal. A concordância verbal só é fixa no singular quando o verbo "*ser*" for intransitivo associado a um advérbio. Nas orações em que esse predicado for um predicativo do sujeito acompanhado por um advérbio, a concordância verbal deve respeitar o número e a pessoa do seu sujeito. Conseqüentemente, o adjetivo que forma o predicativo do sujeito também deve ser flexionado de acordo com o sujeito. Vejamos o exemplo:

1. Sem dúvida, estas casas é bem maior! [Inadequado]

   Sem dúvida, estas casas são bem maiores! [Adequado]

...[*estas casas*: sujeito = terceira pessoa do plural]

...[*bem maiores*: predicativo do sujeito]

...[*bem*: advérbio = palavra invariável]

...[*maiores*: adjetivo plural]

A concordância e os verbos modais

Os *verbos modais* exprimem vontade, necessidade, proibição, enfim, idéias que atenuam ou enfatizam uma ação verbal. Como modais, esses verbos estão sempre associados a outros verbos formando uma *locução verbal* (verbo modal + verbo principal, nesse caso).

Numa locução verbal formada por verbos modais (*querer*, *precisar*, *poder*, *dever* e etc.) a concordância verbal ocorre obrigatoriamente entre o verbo modal e o sujeito ao qual está ligado. Nesse caso, somente o verbo modal deve concordar em número e pessoa com o seu sujeito.

Exemplo:

1. Nós não devemos assinarmos o documento antes de o ler. [Inadequado]

   Nós não devemos assinar o documento antes de o ler. [Adequado]

   ...[*nós*: sujeito = primeira pessoa do plural]

   ...[*devemos assinar*: locução verbal]

   ...[*devemos*: verbo modal]

   ...[*assinar*: verbo principal]

2. Na verdade, eles querem apoiarem a nossa candidatura. [Inadequado]

   Na verdade, eles querem apoiar a nossa candidatura. [Adequado]

   ...[*eles*: sujeito = terceira pessoa do plural]

   ...[*querem* apoiar: locução verbal]

   ...[*querer*: verbo modal]

   ...[*apoiar*: verbo principal]

Em geral, os problemas de concordância relacionados aos verbos modais numa locução verbal ocorrem quando o sujeito ou o objeto da oração se interpõe entre os dois verbos da locução. Mesmo que esse sujeito se apresente entre o verbo modal e o verbo principal, é importante lembrar que somente o *verbo modal* se flexiona em número e pessoa concordando com o sujeito. O verbo principal, por sua vez, permanece sempre na forma infinitiva.

Exemplos:

1. Podem as pessoas reclamarem, mas eu vou cantar agora. [Inadequado]

   Podem as pessoas reclamar, mas eu vou cantar agora. [Adequado]

   ...[*as pessoas*: sujeito = terceira pessoa do plural]

   ...[*podem reclamar*: locução verbal]

   ...[*podem*: verbo modal]

   ...[*reclamar*: verbo principal]

2. Precisamos nos orientarmos sobre os cursos oferecidos neste ano. [Inadequado]

   Precisamos nos orientar sobre os cursos oferecidos neste ano. [Adequado]

...["*nós*": sujeito = primeira pessoa do plural]

...[*nos*: objeto direto]

...[*precisamos orientar*: locução verbal]

...[*precisamos*: verbo modal]

...[*orientar*: verbo principal]

Em termos de concordância verbal, os verbos modais se comportam da mesma maneira que os *verbos auxiliares*. Ou seja, ambos carregam consigo a responsabilidade da flexão de acordo com o sujeito da oração, enquanto os verbos principais se mantêm fixos na forma do *infinitivo impessoal*.

A concordância e o verbo *"parecer"*

Dentre as *locuções verbais* (verbo auxiliar + verbo principal na forma nominal), aquela formada pelo verbo PARECER + INFINITIVO recebe tratamento especial quanto à concordância.

Numa locução verbal o verbo auxiliar marca a flexão verbal (pessoa, número, tempo e etc.), deixando para o verbo principal a idéia significativa da ação verbal. Exemplos: *está fazendo*; *foi feito*; *precisamos fazer* (verbos auxiliares: *estar*, *ser* e *precisar*; verbo principal: *fazer*). Nesse caso, a concordância verbal é centralizada no verbo auxiliar e somente nele.

Nas orações em que aparece a locução introduzida pelo verbo *parecer* a concordância pode ser realizada de duas maneiras:

- apenas o verbo auxiliar (*parecer*) se flexiona. O verbo principal permanece no *infinitivo impessoal*;

- o verbo auxiliar (*parecer*) mantém-se na terceira pessoa do singular. O verbo principal, como infinitivo pessoal, se flexiona em pessoa, número, tempo e modo.

Exemplos:

Os astronautas parece duvidar do que viram. [Inadequado]

1. Os astronautas parecem duvidar do que viram. [Adequado]

   ...[parecem duvidar: locução verbal]

   ...[parecem: verbo auxiliar flexionado]

   ...[duvidar: verbo principal no infinitivo impessoal]

2. Os astronautas parece duvidarem do que viram. [Adequado]

   ...[parece duvidarem: dois verbos distintos]

   ...[parece: verbo na terceira pessoa do singular]

   ...[duvidarem: verbo principal no infinitivo pessoal, portanto, flexionado]

A segunda alternativa de concordância se explica pela função que o verbo *parecer* exerce na oração. Trata-se de uma palavra que, sozinha, representa uma oração (oração principal) a qual uma outra é subordinada. Temos clara essa situação de oração do verbo *parecer* se:

- invertermos a ordem dos termos da oração subordinada e colocarmos a oração *parece* em início de período;
- acrescentarmos a palavra "que" junto ao verbo *parecer*.

Exemplos:

1. Os astronautas parece duvidarem do que viram.

   ...[parecem duvidar: locução verbal]

2. Parece duvidarem os astronautas do que viram.

   ...[parece: oração principal]

   ...[duvidarem os astronautas do que viram:- 1.oração subordinada; 2.sujeito da oração "parece"]

3. Parece que os astronautas duvidaram do que viram.

   ...[parece: oração principal]

   ...[duvidarem os astronautas do que viram:- 1.oração subordinada; 2. sujeito da oração "parece"]

A concordância e o verbo *"importar"*

Dentre as significações que o verbo importar possui, existe aquela que expressa *revelar interesse*, *ter importância*. Nesse caso, quando o verbo importar vier acompanhado de uma *oração subordinada subjetiva*, esse verbo deve se manter na 3ª pessoa do singular.

A oração subordinada subjetiva exerce a função de sujeito, ou seja, apresenta o sujeito em forma de oração. Em geral esse tipo de oração é introduzido pelo *pronome relativo* (*que*, *quem*, por exemplo) que deve estar em concordância com o termo ao qual está ligado.

Exemplos:

1. Não me importo que eles fujam. [Inadequado]

   Não me importa que eles fujam. [Adequado]

2. Quem vai ler estas cartas não importam. [Inadequado]

   Quem vai ler estas cartas não importa. [Adequado]

Veja agora como a concordância verbal é alterada quando o sujeito do verbo importar não é uma oração subjetiva, mas um sujeito simples.

1. As fugas não importam a mim.
2. A pessoa que vai ler estas cartas não importa.

Colocação pronominal: definição

Dá-se o nome de colocação pronominal ao emprego adequado dos pronomes oblíquos átonos.

O emprego desses pronomes é sempre observado em relação ao verbo. Dessa forma, os pronomes oblíquos átonos podem estar nas seguintes posições:

- Ênclise

- Próclise

- Mesóclise

Em geral, a posição mais adequada desses pronomes é a enclítica. Porém, as formas do particípio não admitem ênclise, ou seja, não é possível termos um pronome oblíquo átono após um particípio. Use, neste caso, a próclise.

Exemplo:

1. Ele tinha dado-me um presente. [Inadequado]

   Ele tinha me dado um presente. [Adequado]

Próclise

É o emprego dos pronomes oblíquos átonos antes do verbo.

O uso da próclise torna-se obrigatório:

- **junto a palavras negativas**
- **junto a palavras interrogativas**
- **em orações subordinativas**
- **junto a advérbios ou expressões adverbiais**
- **em determinados tempos verbais**
- **junto a pronomes indefinidos**

Em cada um desses casos acima relacionados observar-se-á *palavras atrativas* funcionando com condições para o correto emprego dos pronomes.

Advérbios e o uso da próclise

É obrigatório o emprego da próclise em orações que contenham advérbios ou locuções adverbiais antecedendo o verbo. Isso só se dá se não houver qualquer palavra entre o verbo e o advérbio.

São exemplos de advérbios: *aqui*, *lá*, *sempre*, *amanhã*, *assim*, *infelizmente*, *não*, *talvez*, etc. São exemplos de locuções adverbiais: *de vez em quando, com certeza, à direita*, etc.

Exemplos:

1. **Na verdade, *sempre* pediram-me o mesmo trabalho. [Inadequado]**

   Na verdade, *sempre* me pediram o mesmo trabalho. [Adequado]

2. ***De vez em quando* torturavam-nos aquelas lembranças! [Inadequado]**

   ***De vez em quando* nos torturavam aquelas lembranças! [Adequado]**

Palavras negativas e o uso da próclise

É obrigatório o emprego da próclise em orações que contenham palavras negativas (não, nada, jamais, nem, nunca, ninguém, nenhum, etc). Isso só se dá se não houver qualquer palavra entre o verbo e a palavra negativa.

Exemplos:

1. **Ninguém obrigava-o ao trabalho. [Inadequado]**

   Ninguém o obrigava ao trabalho. [Adequado]

2. **Jamais considerei-me singular. [Inadequado]**

   Jamais me considerei singular. [Adequado]

Palavras interrogativas e o uso da próclise

É obrigatório o emprego da próclise em orações que contenham *pronomes interrogativos* ou *advérbios interrogativos* em posição inicial da sentença.

Em geral, esse tipo de sentença é formada por uma locução verbal. Exs.: *posso garantir*, *foi descoberto*, *posso ser*, *quero agradecer*.

Exemplos:

COM PRONOME INTERROGATIVO

1. **Quem perturbava-nos tanto? [Inadequado]**

   Quem nos perturbava tanto? [Adequado]

2. **Em que posso lhe ser útil? [Inadequado]**

   Em que lhe posso ser útil? [Adequado]

COM ADVÉRBIO INTERROGATIVO

1. **Como poderíamos agradecer-lhe? [Inadequado]**

   Como poderíamos lhe agradecer?[Adequado]

2. **Por que ignoras-no dessa maneira? [Inadequado]]**

   Por que o ignoras dessa maneira? [Adequado]

Pronomes indefinidos e o uso da próclise

Se o sujeito da oração for um *pronome indefinido* ou a palavra "ambos", é obrigatório o uso da próclise. Isso só se dá se o sujeito vier antes do verbo.

Exemplos:

1. **Ambos tratavam-me com cortesia. [Inadequado]**

   Ambos me tratavam com cortesia. [Adequado]

2. **Tudo causava-nos cansaço. [Inadequado]**

   Tudo nos causava cansaço. [Adequado]

3. **Era fato: alguém atraía-lhe a atenção. [Inadequado]**

   Era fato: alguém lhe atraía a atenção. [Adequado]

Orações subordinadas e o uso da próclise

É obrigatório o emprego da próclise em *orações subordinadas*, apresentando ou não *conjunções subordinativas*. Em geral, essas orações são intercaladas, ou seja, aparecem no interior de outra oração. Ex.: *A menina* que você amava tanto *era minha filha.*

Exemplos:

COM CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA

1. **O edifício para onde mudei-me foi reformado. [Inadequado]**

   O edifício para onde me mudei foi reformado. [Adequado]

2. **Gostaríamos que avissasem-nos sobre a reunião. [Inadequado]**

   Gostaríamos que nos avisassem sobre a reunião. [Adequado]

3. **O envelope foi lacrado conforme informaram-lhe. [Inadequado]**

   O envelope foi lacrado conforme lhe informaram. [Adequado]

SEM CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA

1. **Ela preferia mandasse-lhe flores ao jantar. [Inadequado]**
2. **Ela preferia lhe mandasse flores ao jantar. [Adequado]**

Ênclise

- O pronome e as orações reduzidas de infinitivo

- O pronome e o objeto direto

- O pronome e o verbo no infinitivo

- O pronome em início de sentenças

- O pronome e as orações reduzidas de infinitivo

O pronome e as orações reduzidas de infinitivo

Em geral o pronome reto (*eu*, *tu*, *ele* e etc.) ocupa a posição de sujeito da oração. Essa regra, porém, não se aplica às *orações reduzidas de infinitivo*, onde o pronome oblíquo átono exerce a função de sujeito.

As orações reduzidas não possuem qualquer conectivo (pronome relativo ou conjunção) ligando-as à *oração principal*. Por esse motivo preserva-se a possibilidade do emprego do pronome reto apenas na oração principal. Conseqüentemente, o pronome oblíquo átono acumula para si duas funções na oração reduzida: função de sujeito e função de objeto.

Exemplos:

1. **Eu mandei as crianças sair.**

   Eu mandei elas sair. [Inadequado]

   Eu as mandei sair. [Adequado]

   ...[eu = sujeito da oração principal: "Eu mandei"]

   ...[as = sujeito de "sair" na oração reduzida; objeto direto de "mandei" na oração principal]

2. **Enfim deixaram Carina e José entrar.**

   Enfim deixaram eles entrar. [Inadequado]

   Enfim deixaram-nos entrar. [Adequado]

   ...[sujeito indeterminado na oração principal "Enfim deixaram"]

   ...[nos = sujeito de "entrar na oração reduzida; objeto direto de "deixaram" na oração principal]

O pronome e o objeto direto

O objeto direto é formado por um nome, em geral um substantivo. Esse nome pode vir substituído por um pronome. Quando isso ocorre, o pronome empregado deve ser o pronome oblíquo (*me*, *te*, *o*, *se* e etc.).

O pronome reto (*eu*, *tu*, *ele* e etc) ocupa sempre a posição de sujeito da oração. Cabe, portanto, ao pronome oblíquo exercer a função de objeto da oração, complementando o *verbo transitivo*.

Exemplos:

1. **Ela queria o prêmio para si.**

   Ela queria ele para si. [Inadequado]

   Ela o queria para si. [Adequado]

   ...[ela = pronome reto = sujeito da oração]

   ...[o = pronome oblíquo = objeto direto da oração]

2. **Chamaram Maria de santa.**

   Chamaram ela de santa. [Inadequado]

   Chamaram-na de santa. [Adequado]

   ...[sujeito indeterminado do verbo "chamar"]

   ...[na = pronome oblíquo = objeto direto da oração]

O pronome e o verbo no infinitivo

Nas orações formadas por verbos no *infinitivo*, o sujeito é sempre um nome, em geral um substantivo, que pode ser substituído por um pronome. Se essa oração com verbo no infinitivo não for *uma oração reduzida do infinitivo*, o pronome empregado deve ser obrigatoriamente um pronome reto (*eu*, *tu*, *ele* e etc.).

O pronome reto ocupa sempre a posição de *sujeito* da oração. Já o pronome oblíquo (*me*, *te*, *o*, *se* e etc.) exerce a função de *objeto* da oração, complementando o *verbo transitivo*.

Freqüentemente ocorre uma assimilação do emprego do pronome reto com o emprego do pronome oblíquo em orações com infinitivo. Vejamos os exemplos de duas sentenças corretas:

1. Nunca pediram para eu fazer esse tipo de comida.

2. Nunca pediram esse tipo de comida para mim.

Observe que no exemplo (1) temos duas orações, com dois verbos e, conseqüentemente, dois sujeitos. Já no exemplo (2) temos apenas uma oração e um sujeito. O sujeito do verbo "fazer" no exemplo (1) deve ser um pronome reto. O complemento do verbo "pediram" no exemplo (2) deve ser um pronome oblíquo.

Exemplo:

1. Talvez eles mandem o formulário para mim preencher. [Inadequado]

   Talvez eles mandem o formulário para eu preencher. [Adequado]

Uma regra prática para empregar corretamente o pronome reto nesse caso é observar se a oração termina com verbo (*para eu fazer*). Caso isso não ocorra, o pronome empregado deve ser oblíquo (*fazer para mim*)

O pronome em início de sentenças

O pronome reto (*eu*, *tu*, *ele* e etc.) ocupa sempre a posição de sujeito da oração. Já o pronome oblíquo (*me*, *te*, *o*, *se* e etc.) exerce a função de objeto da oração, complementando *o verbo transitivo*. Como é papel do sujeito iniciar uma sentença, o pronome oblíquo não deve ocupar essa posição inicial.

Embora seja correto o emprego do pronome oblíquo antes do verbo (próclise), se o verbo estiver iniciando sentença é aconselhável o emprego do pronome depois do verbo (ênclise).

Exemplos:

1. Te censuraram em público. [Inadequado]

   Censuraram-te em público. [Adequado]

2. Me passa o sal, por favor!. [Inadequado]

   Passa-me o sal, por favor!. [Adequado]

Crase: definição

Dá-se o nome de crase (*à*) à contração entre a preposição "a" e o *artigo definido* feminino singular "*a*".

Os artigos apresentam a propriedade de se contraírem a determinadas preposições (ex.: *de + o = do*; *em + uma = numa*). Na contração entre a preposição "*a*" e o artigo definido "*a*" a representação da forma "*aa*" é substituída pelo emprego do acento grave sobre um único "*a*". A esse fenômeno chamamos craseamento.

São condições básicas para a existência da crase:

- que o termo que exige complemento (*termo regente*) também exija a preposição "*a*";

- que a palavra seguinte à preposição "*a*" seja feminina;

- que a palavra seguinte à preposição "*a*" possa ser acompanhada de determinantes, especialmente o artigo definido feminino ("*a*").

Algumas particularidades sobre o uso da crase são tratadas de forma especial:

- A crase e os pronomes relativos
- A crase e os nomes no plural
- A crase e as palavras repetidas

- A crase e as locuções prepositivas
- A crase e as locuções adverbiais
- A crase e as locuções conjuncionais
- A crase e o objeto indireto
- A crase e os numerais
- A crase e as preposições
- A crase e os artigos
- A crase e os verbos
- A crase e os pronomes de tratamento
- A crase e os pronomes demonstrativos
- A crase e os pronomes indefinidos
- A crase e os pronomes pessoais
- A crase e a palavra terra
- A crase e a palavra casa
- A crase e a conjunção "caso"
- A crase e os nomes próprios
- A crase e as palavras masculinas
- A crase e as palavras no plural

A crase e os pronomes relativos

A crase não deve ser empregada junto aos *pronomes relativos QUE*, *QUEM* e *CUJO(A)*.

Nas orações em que aparece um *termo regido* pela preposição "a" acompanhado dos pronomes relativos acima apontados, não se verifica a contração da preposição e o artigo, portanto o acento grave indicativo da crase não é admitido.

Exemplos:

1. Havia qualquer problema com a tomada à que ligaram o aparelho. [Inadequado]

   Havia qualquer problema com a tomada a que ligaram o aparelho. [Adequado

   ...[termo regente: ligar a]

   ...[termo regido: (a) tomada]

2. Era geniosa a funcionária à quem se reportava. [Inadequado]

   Era geniosa a funcionária a quem se reportava. [Adequado]

   ...[termo regente: reportar-se a]

   ...[termo regido: (a) funcionária]

3. A mulher, à cuja filiação se unira, esgotava-se em lágrimas. [Inadequado]

   A mulher, a cuja filiação se unira, esgotava-se em lágrimas. [Adequado]

   ...[termo regente: unir-se a]

   ...[termo regido: (a) filiação]

A crase e os nomes no plural

A crase não deve ser empregada junto a nomes apresentados na forma plural.

Nas orações em que aparecem um *termo regido* pela preposição "a" acompanhado de nomes no plural, não se verifica a contração da preposição e o artigo, portanto o acento grave indicativo da crase não é admitido.

Exemplos:

1. Sempre que lembrava, dava contribuições à piadas grosseiras. [Inadequado]

   Sempre que lembrava, dava contribuições a piadas grosseiras. [Adequado]

...[termo regente: dar (contribuições) a]

...[termo regido: piadas]

2. **Quem ganhasse concorria à revistas em quadrinhos. [Inadequado]**

   Quem ganhasse concorria a revistas em quadrinhos. [Adequado]

   ...[termo regente: concorrer a]

   ...[termo regido: revistas]

Observe que esses nomes no plural não são determinados, porque a idéia indicada é de uma expressão genérica. Ao contrário, se os nomes no plural regidos pela preposição "a" são determinados (ou seja: especificados), o acento grave indicativo da crase deve ser empregado.

Exemplo:

1. **A freqüência dos alunos as aulas é facultativa. [Inadequado]**

   A freqüência dos alunos às aulas é facultativa. [Adequado]

   ...[termo regente: freqüência a]

   ...[termo regido: as aulas]

A crase e palavras repetidas

A crase não deve ser empregada entre palavras repetidas.

Nas orações em que aparecem palavras repetidas ligadas pelo "a", não se verifica a contração da preposição e o artigo, portanto o acento grave indicativo da crase não é admitido. Isso se dá porque esse "a" presente entre as palavras repetidas é uma preposição somente, e não uma fusão de preposição e artigo (crase).

Exemplos:

1. **O manual explica passo à passo os procedimentos com a ferramenta. [Inadequado]**

   O manual explica passo a passo os procedimentos com a ferramenta. [Adequado]

2. **Finalmente encontrávamos frente à frente na votação. [Inadequado]**

   Finalmente encontrávamos frente a frente na votação. [Adequado]

São exemplos de expressões ligadas pela preposição "a":

- **...passo a passo...**
- **...frente a frente...**
- **...gota a gota...**
- **...ponto a ponto...**
- **...de mais a mais...**

A crase e as locuções prepositivas

A crase deve ser empregada junto a algumas *locuções prepositivas*.

As locuções prepositivas seguidas de palavra feminina e que puderem vir acompanhadas por determinantes (artigo, por exemplo), exigem o acento grave indicativo da crase.

Exemplos:

1. **Requeremos o material junto a coordenadoria . [Inadequado]**

   Requeremos o material junto à coordenadoria. [Adequado]

2. **Não procurei por você devido a total falta de tempo. [Inadequado]**

Não procurei por você devido à total falta de tempo. [Adequado]

São exemplos de locuções prepositivas formadas pela preposição "a":

- **junto a**
- **devido a**
- **em frente a**
- **graças a**

Existem locuções prepositivas cuja preposição "*a*" aparece no início da locução e, em geral, terminam pela preposição "de". O emprego da crase junto a essas locuções é igualmente obrigatório, mesmo se a locução não vier expressa na oração.

Exemplos:

1. **Os gabinetes da empresa, diziam, estavam a beira do caos. [Inadequado]**

   Os gabinetes da empresa, diziam, estavam à beira do caos. [Adequado]

2. **E eu continuei a espera de uma vaga... [Inadequado]**

   E eu continuei à espera de uma vaga... [Adequado]

3. **Ele proclama a Carlos Gardel! [Inadequado]**

   Ele proclama à Carlos Gardel! [Adequado]

   ...[locução prepositiva implícita: à maneira de Carlos Gardel]

São exemplos de locuções prepositivas formadas pela preposição "a":

- **à beira de**
- **à espera de**
- **à maneira de**
- **à moda de**
- **à procura de**
- **à base de**

A crase e as locuções adverbiais

A crase deve ser empregada junto a *locuções adverbiais*.

Nas orações em que aparece um *termo regido* pela preposição "*a*" acompanhado de locuções adverbiais, o acento grave indicativo da crase é obrigatório. Isso, porém, só se dá se a palavra seguinte à locução for feminina e puder vir acompanhada por determinantes (artigo, por exemplo).

Exemplos:

1. **O segredo é sempre virar a direita... [Inadequado]**

   O segredo é sempre virar à direita... [Adequado]

2. **A tarde ela trabalha no hospital, mas a noite ela está em casa. [Inadequado]**

   À tarde ela trabalha no hospital, mas à noite ela está em casa. [Adequado]

Observe que as palavras femininas que podem ser determinadas participam da locução adverbial; ou seja, são as palavras "(a) direita", "(a) tarde" e "(a) noite".

São outros exemplos de locuções adverbiais formadas pela preposição "*a*":

- **à distância**
- **à toa**
- **à vontade**
- **às pressas**
- **às claras**

- **à mão**
- **às vezes**

A crase e as locuções conjuncionais

A crase deve ser empregada junto a algumas *locuções conjuncionais*.

Nas orações em que aparecem um *termo regido* pela preposição "*a*" acompanhado de locuções conjuncionais, o acento grave indicativo da crase é obrigatório. Isso, porém, só se dá se a palavra seguinte à locução for feminina e puder vir acompanhada por determinantes (artigo, por exemplo).

Na Língua Portuguesa somente duas locuções conjuncionais se enquadram nesse emprego da crase. São elas: *à medida que* e *à proporção que*.

Exemplos:

1. **A dose do remédio diminuirá a medida que o problema seja reduzido . [Inadequado]**

   A dose do remédio diminuirá à medida que o problema seja reduzido. [Adequado]

2. **O medo aumentava a proporção que a noite caía. [Inadequado]**

   O medo aumentava à proporção que a noite caía. [Adequado]

Observe que as palavras femininas que podem ser determinadas participam da locução conjuncional; ou seja, são as palavras "(a) medida" e "(a) proporção".

A crase e o objeto indireto

A crase deve ser empregada junto a alguns objetos indiretos.

Nas orações em que aparecem o *termo regido* pela preposição "*a*" introduzindo um objeto indireto, o acento grave indicativo da crase é obrigatório. Isso, porém, só se dá se a palavra seguinte à preposição "*a*" for feminina e puder vir acompanhada por determinantes (artigo, por exemplo).

O objeto indireto exerce a função sintática de complemento preposicionado de um verbo transitivo indireto. A preposição "*a*", portanto, pode introduzir o objeto indireto. Porém, é importante lembrar que a crase só deve ser empregada se essa preposição introduzir uma palavra feminina (determinada ou não).

Exemplos:

1. **O poeta dedicava aquela obra a esposa e aos filhos. [Inadequado]**

   O poeta dedicava aquela obra à esposa e aos filhos. [Adequado]

   ...[dedicar (a): verbo transitivo direto e indireto]

   ...[à esposa (e aos filhos): objeto indireto / (a) esposa = palavra feminina]

2. **Os foliões dariam fôlego a *festa* do carnaval. [Inadequado]**

   Os foliões dariam fôlego à *festa* do carnaval. [Adequado]

   ...[dar (a): verbo transitivo direto e indireto]

   ...[à festa: objeto indireto / (a) festa = palavra feminina]

A crase e os numerais

A crase não deve ser empregada junto a numerais cardinais ou ordinais, exceto em casos especiais.

Nas orações em que aparece um *termo regido* pela preposição "*a*" acompanhado de numerais, o acento grave indicativo da crase é dispensado.

Exemplos:

1. **Isso tudo foi explicado à três crianças desatentas. [Inadequado]**

   Isso tudo foi explicado a três crianças desatentas. [Adequado]

   ..[termo regente: explicar a]

   ..[três: numeral cardinal]

   ..[crianças: palavra feminina plural]

2. **Os informes chegavam à dois lugares distintos. [Inadequado]**

   Os informes chegavam a dois lugares distintos. [Adequado]

   ...[termo regente: chegavam a]

   ...[dois: numeral cardinal]

   ...[lugares: palavra masculina plural]

É importante assinalar, ainda, que o emprego da crase é dispensado quando a expressão composta pelo numeral for indicativa de datas.

Exemplos:

1. **De 03/04 à 20/05 estarão abertas as inscrições para o curso de extensão. [Inadequado]**

   De 03/04 a 20/05 estarão abertas as inscrições para o curso de extensão. [Adequado]

Caso especial:

***Indicação de horas*: se a expressão composta pelo numeral indicar horas o emprego da crase torna-se obrigatório.**

Exemplos:

1. **O vôo partirá as 13h00. [Inadequado]**

   O vôo partirá às 13h00. [Adequado]

A crase e as preposições

A crase não deve ser empregada junto a algumas preposições.

Dois casos, no entanto, devem ser observados quanto ao emprego da crase. Trata-se das preposições "a" e "até" empregadas antes de palavra feminina. Essas únicas exceções se devem ao fato de ambas indicarem, além de outras, a noção de movimento. Por isso, com relação à preposição "a" torna-se obrigatório o emprego da crase, já que haverá a fusão entre a preposição "*a*" e o artigo "*a*" (ou a simples possibilidade de emprego desse artigo). Já a preposição "até" admitirá a crase somente se a idéia expressa apontar para movimento.

Exemplos:

1. **A entrada será permitida mediante à entrega da passagem. [Inadequado]**

   A entrada será permitida mediante a entrega da passagem. [Adequado]

2. **Desde à assembléia os operários clamavam por greve. [Inadequado]**

   Desde a assembléia os operários clamavam por greve. [Adequado]

3. **Os médicos eram chamados a sala de cirurgia. [Inadequado]**

   Os médicos eram chamados à sala de cirurgia. [Adequado]

   ...[termo regente: chamar a / "a" = preposição indicativa de movimento]

...[termo regido: (a) sala / "a" = artigo]

...[sala: palavra feminina]

4. Os escravos eram levados vagarosamente até a senzala.

   Os escravos eram levados vagarosamente até à senzala.

   ...[termo regente: levar a / "a" = preposição indicativa de movimento]

   ...[termo regido: (a) senzala / "a" = artigo]

   ...[senzala: palavra feminina]

Observe que não foi apontado no exemplo (4) o uso inadequado e adequado das ocorrências de crase. Isso se dá porque atualmente no Brasil o emprego da crase diante da preposição "*até*" é facultativo.

A crase e os artigos

A crase não deve ser empregada junto a artigos, exceto junto ao artigo "*a*".

Os artigos (*o*, *a*, *um*, *uma* e suas flexões) são palavras que determinam um nome; por isso serem chamados de determinantes. Eles podem ser apresentados na forma de *contração*, sendo a crase uma dessas formas. Isto é, a crase é a contração, numa única palavra, entre o artigo definido feminino "*a*" e a preposição "*a*".

Antecedendo um artigo indefinido (*um*, *uma*, *uns*, *umas*) a crase não é admitida, uma vez que a palavra seguinte à preposição, mesmo que feminina, já está acompanhada de um determinante.

Exemplos:

1. A homenagem está sendo entregue a a pesquisadora neste momento. [Inadequado]

   A homenagem está sendo entregue à pesquisadora neste momento. [Adequado]

2. Você pode se dirigir à uma sala ao teu lado esquerdo. [Inadequado]

   Você pode se dirigir a uma sala ao teu lado esquerdo. [Adequado]

Quando o termo "*uma*" é associada à palavra hora, ele funciona como um numeral e, nesse caso, deve-se empregar a crase.

Exemplos:

1. Os ingressos esgotaram-se a uma hora do espetáculo. [Inadequado]

   Os ingresso esgotaram-se à uma hora do espetáculo. [Adequado]

A crase e os verbos

A crase não deve ser empregada junto a verbos.

O fenômeno da crase existe quando há uma fusão (ou *contração*) entre a preposição "*a*" e o artigo definido feminino "*a*". Logo, se a palavra seguinte à preposição "*a*" for um verbo, o acento grave indicativo da crase não é admitido.

Os verbos são palavras que não admitem determinantes (artigo, por exemplo). Como a condição básica da existência da crase é a referência (mesmo que implícita) do artigo definido feminino, diante de verbos a crase se torna absurda.

Exemplos:

1. Aquilo dava à entender que realmente havia conflitos em família. [Inadequado]

   Aquilo dava a entender que realmente havia conflitos em família. [Adequado]

2. O prefeito se propôs à estudar melhor o assunto. [Inadequado]

O prefeito se propôs a estudar melhor o assunto. [Adequado]

A crase e os pronomes de tratamento

A crase não deve ser empregada junto a *pronomes de tratamento*, exceto em alguns casos, como "*senhora*(*s*)".

Nas orações em que aparece um *termo regido* pela preposição "*a*" acompanhado de pronomes de tratamento, o acento grave indicativo da crase não é admitido.

Exemplos:

1. **Eu só empresto meu livro à você se for realmente necessário. [Inadequado]**

   Eu só empresto meu livro a você se for realmente necessário. [Adequado]

   ...[termo regente: emprestar (o livro) a]

   ...[termo regido: você]

2. **Essas homenagens são afetuosamente dedicadas à Vossa Excelência. [Inadequado]**

   Essas homenagens são afetuosamente dedicadas a Vossa Excelência. [Adequado]

   ...[termo regente: dedicar a]

   ...[termo regido: Vossa Excelência]

Os pronomes de tratamento em geral não admitem determinantes (artigo, por exemplo). Dessa forma, não é apresentada na oração a contração entre artigo e preposição, mas tão somente a preposição. Porém, alguns pronomes de tratamento, admitindo o determinante, exigem o acento grave indicativo da crase quando o termo regente pede a preposição "a". São esses pronomes: *senhora*(*s*), *senhorita*(*s*), *dona*(*s*), *madame*(*s*)

Exemplos:

1. **A correspondência é endereçada a madame. [Inadequado]**

   A correspondência é endereçada à madame. [Adequado]

   ...[termo regente: endereçar a]

   ...[termo regido: (a) madame]

2. **Alguém explicou a senhora o funcionamento do programa? [Inadequado]**

   Alguém explicou à senhora o funcionamento do programa? [Adequado]

   ...[termo regente: explicar (o funcionamento...) a]

   ...[termo regido: (a) senhora]

A crase e os pronomes demonstrativos

A crase não deve ser empregada junto a alguns *pronomes demonstrativos*.

Os pronomes demonstrativos não admitem determinantes (artigo, por exemplo). Dessa forma, não é apresentada na oração a contração entre artigo e preposição, mas tão somente a preposição.

Exemplos:

1. **Os estudos apontados levaram-nos à estas conclusões. [Inadequado]**

   Os estudos apontados levaram-nos a estas conclusões. [Adequado]

2. **Era exatamente à isso que a gente se referia. [Inadequado]**

Era exatamente a isso que a gente se referia. [Adequado]

Outros demonstrativos (*aquele* – e suas flexões –, *mesmo*, *tal* e, *próprio*) admitem a crase quando o *termo regido* pela preposição "*a*" é uma palavra feminina determinada por esses pronomes.

Exemplos:

1. Voltei, então, aquela estalagem dos sonhos de abril! [Inadequado]

   Voltei, então, àquela estalagem dos sonhos de abril! [Adequado]

   ...[termo regente: voltar a]

   ...[termo regido: (a) estalagem]

   ...[estalagem: palavra feminina]

2. As glórias dos garimpeiros vinculavam-se a tal mobilização do governo. [Inadequado]

   As glórias dos garimpeiros vinculavam-se à tal mobilização do governo. [Adequado]

   ...[termo regente: vincular-se a]

   ...[termo regido: (a) mobilização]

   ...[mobilização: palavra feminina]

A crase e os pronomes indefinidos

A crase não deve ser empregada junto a alguns *pronomes indefinidos*.

Os pronomes indefinidos são aqueles que apresentam, de um modo vago, os seres em terceira pessoa. (ex.: *alguém* falou; *qualquer* lugar; *certas* questões...). Tais quais os artigos, os pronomes indefinidos funcionam como determinantes, ou seja, apresentam, mesmo que indeterminadamente, um nome. Desta forma, eles não admitem um artigo antecedendo a palavra a qual acompanham (ex.: *a alguém* falou; *um alguém* falou).

Nas orações em que aparece o *termo regido* pela preposição "a" introduzindo um termo determinado por pronome indefinido, o acento grave indicativo da crase é dispensado.

Exemplos:

1. Preocupado com as crianças, dirigia-se agora à toda escola que conhecia. [Inadequado]

   Preocupado com as crianças, dirigia-se agora a toda escola que conhecia. [Adequado]

   ...[termo regente: dirigir-se a]

   ...[toda: pronome indefinido]

2. Sempre perguntava à outra enfermeira sobre qual o leito que lhe pertencia... [Inadequado]

   Sempre perguntava a outra enfermeira sobre qual o leito que lhe pertencia. [Adequado]

   ...[termo regente: perguntar a]

   ...[outra: pronome indefinido]

A crase e os pronomes pessoais

A crase não deve ser empregada junto a pronomes pessoais.

Os pronomes pessoais são aqueles que apontam para as *pessoas do discurso* ou a elas se referem. Eles podem ser pessoais do caso reto (*eu*, *tu*, *ele* e etc.) ou pessoais do caso oblíquo (*me*, *te*, *o*, *lhe*, *mim*, *ti* e etc.). Como a crase é formada por uma preposição ("*a*") que indica movimento e não pessoas do discurso, o emprego do acento grave junto aos pronomes pessoais é dispensado.

Os pronomes oblíquos exercem a função sintática de objeto indireto; ou seja, estão ligados a uma preposição e formam com ela o complemento de um verbo transitivo indireto. Mesmo assim, sempre que a preposição "*a*" acompanhar um pronome pessoal oblíquo ou reto, não deve vir craseado.

Exemplos:

1. **Todos diziam à ela que os votos confirmariam a sua candidatura. [Inadequado]**

   Todos diziam a ela que os votos confirmariam a sua candidatura. [Adequado]

   ...[dizer (a): verbo transitivo direto E indireto]

   ...[a ela: objeto indireto]

2. **As flores, pesadas de orvalho, foram oferecidas à mim somente! [Inadequado]**

   As flores, pesadas de orvalho, foram oferecidas a mim somente! [Adequado]

   ...[oferecer (a): verbo transitivo direto E indireto]

   ...[a mim: objeto indireto]

A crase e a palavra *"terra"*

A crase não deve ser empregada junto à palavra "*terra*".

Diversas construções com a palavra "*terra*" demonstram duas significações distintas para o mesmo termo. Em (1) "*Apesar dos esforços, tudo caiu por terra*", temos a palavra "*terra*" indicando o sentido de terra firme, chão. Já em (2) "*Anos luz separam a lua da Terra*", a palavra "*terra*" aponta para o sentido de planeta do sistema solar.

Quando "*terra*" encerrar o sentido de (1), não é possível empregar o artigo definido feminino ("... tudo caiu *por a (pela)* terra"). Dessa forma, o emprego da crase não é admitido.

Ao contrário, quando "*terra*" indicar o sentido apontado em (2), o emprego do artigo definido feminino é permitido ("... separam a lua *de a (da)* terra"). Nesse caso, o emprego da crase é obrigatório.

Note, porém, que a crase só é utilizada se houver um *termo regente* da preposição "a". Assim, se a palavra "*terra*" anteceder a preposição "*a*" e carregar consigo o sentido de (2), a crase deve ser empregada.

Exemplos:

1. **Vários meteoritos desceram a terra depois de tantos anos de silêncio. [Inadequado]**

   Vários meteoritos desceram à terra depois de tantos anos de silêncio. [Adequado]

   ...[termo regente: descer a / "a" preposição]

   ...[terra: sentido de planeta do sistema solar]

2. **Lançaram à terra os grãos tão esperados da safra deste inverno. [Inadequado]**

   Lançaram a terra os grãos tão esperados da safra deste inverno. [Adequado]

   ...[termo regente: lançar a / "a" preposição]

   ...[terra: sentido de solo, chão]

Na língua escrita costuma-se anotar a palavra "*terra*", com sentido de planeta terrestre, com a inicial maiúscula. Assim, temos:

1. **Os astronautas voltam à Terra com novas conquistas científicas.**

A crase e a palavra *"casa"*

A palavra casa admite diversas acepções e, por causa disso, estabelecem-se regras específicas para o uso da crase.

Quando casa for empregada no sentido de *lar*, *residência*, não se usa a crase.

Exemplos:

1. Voltarei à casa quando a tiverem reformado. [Inadequado]

   Voltarei a casa quando a tiverem reformado. [Adequado]

Note que nos exemplos acima a palavra casa funciona como direção do movimento expresso pelos verbos "*ir*" e "*voltar*". Como os dois verbos exigem a preposição "*a*" (quem vai, vai a algum lugar, quem volta, volta a algum lugar), e como casa é uma palavra feminina, era de esperar que acontecesse a contração da preposição "*a*" (pedida pelo verbo) com o artigo "*a*" (exigido por "*casa*"), o que levaria à ocorrência da crase. No entanto, não é o que se observa. A palavra casa, na acepção de "*lar*", é entendida como um substantivo que não admite artigo, porque se pressupõe que já esteja definida. Por esse mesmo motivo, quando casa é sinônimo de "*lar*", não se diz "Eu volto para a casa" ou "Eu cheguei na casa", mas "Eu volto para casa" e "Eu cheguei em casa".

Vejamos um exemplo em que casa assume o sentido de *construção*, *edifício*, *prédio*, admitindo o emprego da crase.

1. Por favor, queiram se dirigir à casa ao lado!

É importante apontar, ainda, para a associação da palavra casa aos *adjuntos adnominais*. Quando a palavra casa for especificada de algum modo (adjunto adnominal), o emprego da crase é obrigatório, mesmo com o sentido de *lar* ou *residência.*

Exemplo:

1. A proposta é que voltemos à *casa* de Tiago.

   ...[casa: lar, residência]

   ...[de Tiago: adjunto adnominal]

A crase e a conjunção *"caso"*

O fenômeno da crase existe quando há uma fusão (ou *contração*) entre a preposição "a" e o artigo definido feminino "*a*".

A crase não deve ser aplicada ao "*a*" que segue qualquer conjunção. Apesar disso, freqüentemente se observa o emprego da crase depois da conjunção caso. Provavelmente, isso se dá por analogia a outros termos da língua, como as expressões *"devido à"*..., *"relativo à"* que admitem a crase.

Exemplos:

1. Muitos ingressos irão faltar, caso à estréia seja adiada. [Inadequado]

   Muitos ingressos irão faltar, caso a estréia seja adiada. [Adequado]

2. Caso às promessas sejam falsas, outras revoltas acontecerão. [Inadequado]

   Caso as promessas sejam falsas, outras revoltas acontecerão. [Adequado]

É interessante notar, porém, que em casos de inversão dos termos de uma oração que contenha a conjunção caso, pode-se verificar o "*a*" craseado após a conjunção. Mesmo nesse caso, não se trata de a conjunção caso reger a preposição "*a*", mas sim de inversão dos termos, em que um objeto indireto, por exemplo, é antecipado na oração.

Exemplo:

1. Caso as ordens eu não me refira, lembrem-me, por favor. [Inadequado]

   Caso às ordens eu não me refira, lembrem-me, por favor. [Adequado]

   ...[ordem linear: "Caso eu não me refira às ordens"]

   ...[*às ordens*: objeto indireto de "*referir-se*"]

A conjunção caso pode ser substituída pela conjunção "*se*", pois ambas têm valor condicional. Por essa operação de substituição é possível ter clara a função da palavra caso e, conseqüentemente, confirmar o emprego inadequado da crase junto a essa palavra.

A crase e os nomes próprios

A crase não deve ser empregada junto a *nomes próprios*.

Os *nomes próprios* indicam um nome específico, em geral destinado a um ser em particular em oposição a um ser genérico – nome comum (ex: *cidade*: ser genérico = nome comum; *Campo Grande*: ser específico = nome próprio).

Os nomes próprios são empregados para designar, entre outros, pessoas (ex.: *Maria*), lugares (ex.: *Brasil*), instituições (*Senado*) e até nomes de santos (ex.: *São José*).

Quando houver um *termo regente* da preposição "*a*" antecedendo um nome próprio do tipo apontado acima o acento grave indicativo do fenômeno da crase não é admitido, exceto se houver alguma relação de proximidade como o mesmo.

O fato de não admitir o artigo como determinante é devido ao tipo de relação que se mantém com esses seres apontados através dos nomes próprios. O *artigo definido* estabelece uma relação de proximidade (ou intimidade) entre as *pessoas do discurso*. Dessa forma, entre um "tu" e "Maria", por exemplo, não há relação de intimidade se essa "Maria" for desconhecida daquele "tu", logo não empregamos o artigo definido ("*a* Maria veio aqui"), mas tão somente "Maria veio aqui".

Note, ainda, que a crase só deve ser empregada antes de palavras femininas. Desse modo, são os nomes próprios femininos que devem ser atentados quanto ao emprego do artigo feminino junto à preposição "a".

Exemplo:

1. **Ele se referia à São Paulo quando falava daquela arquitetura. [Inadequado]**

   Ele se referia a São Paulo quando falava daquela arquitetura. [Adequado]

   ...[termo regente: referir a / "a" preposição]

   ...[São Paulo: nome próprio]

Uma regra prática para se determinar o emprego correto da crase nesse caso é substituir o verbo utilizado na oração pelo verbo "voltar". Se o resultado da substituição for "voltar da" e não "voltar de", emprega-se a crase.

Exemplos:

1. **Ele se referia a Espanha quando falava daquela arquitetura. [Inadequado]**

   Ele se referia à Espanha quando falava daquela arquitetura. [Adequado]

   ...[voltar da Espanha e não de Espanha: emprego da crase]

2. **As decisões eram destinadas à Presidência e não ao Congresso. [Inadequado]**

   As decisões eram destinadas a Presidência e não ao Congresso. [Adequado]

   ...[termo regente: destinar a / "a" preposição]

   ...[Presidência: nome próprio feminino]

3. **A carmelita rogava à Santa Bárbara um olhar mais sereno aos pobres. [Inadequado]**

   A carmelita rogava a Santa Bárbara um olhar mais sereno aos pobres. [Adequado]

   ...[termo regente: rogar a / "a" preposição]

   ...[Santa Bárbara: nome próprio feminino]

A crase e as palavras masculinas

A crase não deve ser empregada junto a *palavras masculinas*.

O fenômeno da crase existe quando há uma fusão (ou *contração*) entre a preposição "*a*" e o artigo definido feminino "*a*". Logo, se a palavra seguinte à preposição "*a*" for masculina, o acento grave indicativo da crase não é admitido.

Exemplos:

1. **Os alunos seriam instruídos para escreverem à lápis. [Inadequado]**

   Os alunos seriam instruídos para escreverem a lápis. [Adequado]

2. **As bolas lançadas à gol foram rebatidas. [Inadequado]**

   As bolas lançadas a gol foram rebatidas. [Adequado]

Note que no exemplo (1) estamos diante de uma *locução adverbial*, o que faz com que apenas o acento grave referente à crase seja dispensado. Já em (2) é obrigatória a representação da contração *a* + *o* (*ao*: *a* = preposição; *o* = artigo definido masculino).

Uma das regras práticas para se determinar o emprego adequado da crase em Língua Portuguesa é substituir a palavra feminina seguinte à preposição "*a*" por uma palavra masculina. Se o resultado for a ocorrência da contração "*ao*" o emprego da crase é confirmado.

Exemplo:

1. **Todos os problemas se restringem à obtenção de verbos.**

   Todos os problemas se restringem ao tipo de recurso disponível.

   ...[(a) obtenção: palavra feminina]

   ...[o tipo: palavra masculina]

É importante lembrar ainda que a crase deve ser empregada antes de palavra feminina mesmo se essa palavra for antecedida de numeral.

Exemplo:

1. **Por enquanto a atleta se dedicava a primeira etapa do percurso. [Inadequado]**

   Por enquanto a atleta se dedicava à primeira etapa do percurso. [Adequado]

   ...[termo regente: dedicar a]

   ...[primeira: numeral ordinal]

   ...[etapa: palavra feminina singular]

A crase e as palavras no plural

A crase no singular não deve ser empregada junto a *palavras no plural*.

O fenômeno da crase existe quando há uma fusão (ou *contração*) entre a preposição "*a*" e o artigo definido feminino "*a*". Logo, se a palavra seguinte à preposição "*a*" for feminina, mas plural, o acento grave indicativo da crase é dispensado.

Outra opção de corretude da construção com a crase é apresentar a contração entre a preposição "*a*" e o artigo definido feminino plural "*as*" diante de palavras femininas no plural, resultando na forma "*às*".

Exemplos:

1. **As mudanças propostas são pertinentes às caderneta de poupança. [Inadequado]**

   As mudanças propostas são pertinentes a caderneta de poupança. [Adequado]

2. **Na verdade, as histórias de bruxas pertenciam a fantasias infantis. [Inadequado]**

Na verdade, as histórias de bruxas pertenciam às fantasias infantis. [Adequado]

Regência

- Regência Nominal
- Regência Verbal

Regência Nominal

Os substantivos, adjetivos e advérbios geralmente exigem que seus complementos venham precedidos por uma determinada preposição específica, prevista nos dicionários de regência. A utilização de outra preposição, não prevista, constitui erro de regência, e deve ser evitada.

À esquerda apresentamos alguns casos inadequados de regência nominal; à direita seguem as construções recomendadas:

"TV a cores"	"TV em cores"
"bacharel de direito"	"bacharel em direito"
"igual eu"	"igual a mim"
"alienado com"	"alienado de"
"curioso com"	"curioso de/por"

Regência verbal

- A regência e o verbo "assistir"
- A regência e o verbo "preferir"
- A regência e o verbo "visar"
- A regência e o verbo "aspirar"
- A regência e os verbos pronominais
- A regência e as orações subordinadas
- A regência e o uso de preposições
- A regência e o verbo "proceder"

A regência e o verbo *"assistir"*

O verbo "assistir" varia de significação conforme as relações que estabelece com as preposições. Trata-se da regência verbal, responsável, nesse caso, pela alteração de significado da expressão.

O verbo "assistir", dentre outras acepções, pode se apresentar como:

- verbo transitivo indireto: aponta para o sentido de *presenciar*, *ver*, *observar*; rege a preposição "*a*" e não admite a substituição do termo regido pelo pronome oblíquo "*lhe*", mas sim "*o*(*s*)" e "*a*(*s*)";

- verbo transitivo indireto: aponta para o sentido de *caber* (direito a alguém), *pertencer*; rege a preposição "*a*" e admite a substituição do termo regido pelo pronome oblíquo "*lhe*(*s*)";

- verbo transitivo direto: aponta para o sentido de *socorrer*, *prestar assistência* e não rege qualquer preposição.

A é determinante na construção correta de cada uma das expressões acima. Assim, quando o verbo "assistir" for empregado para indicar os sentidos apontados em (1) e (2), é obrigatória a presença da preposição regida.

Exemplos:

1. Os mais velhos insistiam em querer assistir o jogo em pé. [Inadequado]

   Os mais velhos insistiam em querer assistir ao jogo em pé. [Adequado]

   Os mais velhos insistiam em querer assisti-lo em pé. [Adequado]

   ...[termo regente: assistir a = ver, observar]

2. Assiste o médico o direito de solicitar as informações sobre seu cliente. [Inadequado]

Assiste ao médico o direito de solicitar as informações sobre seu cliente. [Adequado]

Assiste-lhe o direito de solicitar as informações sobre seu cliente. [Adequado]

...[termo regente: assistir a = caber, pertencer]

3. Tua equipe assistiu aos processos de forma brilhante e participativa. [Inadequado]

   Tua equipe assistiu os processos de forma brilhante e participativa. [Adequado]

   Tua equipe os assistiu de forma brilhante e participativa. [Adequado]

   ...[termo regente: assistir = prestar assistência, socorrer]

A regência e o verbo "preferir"

O verbo "preferir" é um *verbo transitivo direto e indireto*, portanto rege a preposição "*a*".

A regência verbal é determinante na construção correta de expressões formadas com o verbo "preferir". Embora na língua coloquial empregue-se o termo "*do que*" em lugar da preposição "*a*", quando há relação de comparação, a regência adequada da língua culta ainda exige a presença do "*a*" preposicional.

Exemplos:

1. Meus alunos preferem o brinquedo do que o livro. [Inadequado]

   Meus alunos preferem o brinquedo ao livro. [Adequado]

   ...[objeto direto: o brinquedo]

   ...[objeto indireto: ao livro]

2. O pequeno infante preferiu marchar do que esperar pelos ataques. [Inadequado]

   O pequeno infante preferiu marchar a esperar pelos ataques. [Adequado]

   ...[objeto direto: marchar]

   ...[objeto indireto: a esperar]

A razão do emprego inadequado do termo "*do que*" nesse tipo de construção se deve ao processo de assimilação de expressões comparativas do tipo:

1. Prefiro mais ler do que escrever!

A palavra "*mais*", nesse caso, caiu em desuso, porém o segundo termo da comparação ("*do que*") ainda permanece, gerando a confusão quanto à regência: o verbo preferir rege tão só a preposição "*a*" e não o termo "*do que*".

A regência e o verbo "visar"

O verbo "visar" varia de significação conforme as relações que estabelece com as preposições. Trata-se da regência verbal, responsável, nesse caso, pela alteração de significado da expressão.

O verbo "visar", dentre outras acepções, pode se apresentar como:

- verbo transitivo indireto: aponta para o sentido de *pretender*, *ter por objetivo*, *ter em vista*; rege a preposição "*a*" e não admite a substituição do termo regido pelo pronome oblíquo "*lhe*", mas sim "*o*(*s*)" e "*a*(*s*)";
- verbo transitivo direto: aponta para o sentido de *mirar*, *apontar* (arma de fogo) e não rege qualquer preposição.

A regência verbal é determinante na construção correta de cada uma das expressões acima. Assim, quando o verbo "visar" for empregado para indicar o sentido apontado em (1), é obrigatória a presença da preposição regida.

Exemplos:

1. **Os estudantes visam uma melhor colocação profissional. [Inadequado]**

   Os estudantes visam a uma melhor colocação profissional. [Adequado]

   Os estudantes visam-na. [Adequado]

   ...[termo regente: visar a = ter por objetivo]

2. **Os combatentes visavam aos territórios ocupados recentemente. [Inadequado]**

   Os combatentes visavam os territórios ocupados recentemente. [Adequado]

   Os combatentes visavam-nos. [Adequado]

   ...[termo regente: visar = mirar]

A regência e o verbo *"aspirar"*

O verbo "aspirar" varia de significação conforme as relações que estabelece com as preposições. Trata-se da regência verbal, responsável, nesse caso, pela alteração de significado da expressão.

O verbo "aspirar", dentre outras acepções, pode se apresentar como:

- **verbo transitivo indireto: aponta para o sentido de *almejar*, *desejar*; rege a preposição "*a*" e não admite a substituição do termo regido pelo pronome oblíquo "*lhe*", mas sim "*o*(*s*)" e "*a*(*s*)";**
- **verbo transitivo direto: aponta para o sentido de *respirar, cheirar, inalar* e não rege qualquer preposição.**

A regência verbal é determinante na construção correta de cada uma das expressões acima. Assim, quando o verbo "aspirar" for empregado para indicar o sentido apontado em (1) é obrigatória a presença da preposição regida.

Exemplos:

1. **Os quase mil candidatos aspiravam a única vaga disponível. [Inadequado]**

   Os quase mil candidatos aspiravam à única vaga disponível. [Adequado]

   Os quase mil candidatos aspiravam-na. [Adequado]

   ...[termo regente: aspirar a = desejar]

2. **E eu era obrigado a aspirar ao mau cheiro dos canaviais... [Inadequado]**

   E eu era obrigado a aspirar o mau cheiro dos canaviais... [Adequado]

   E eu era obrigado a aspirá-lo. [Adequado]

   ...[termo regente: aspirar = inalar]

A regência e os verbos pronominais

Os *verbos pronominais* são termos que, em geral, regem complementos preposicionados.

São considerados verbos pronominais aqueles que se apresentam sempre com um pronome oblíquo átono como parte integrante do verbo (ex.: *queixar-se*, *suicidar-se*). Alguns verbos pronominais, porém, podem requerer um complemento preposicionado. É o caso, por exemplo, do verbo "*queixar-se*" (queixar-se *de*) e não do verbo "*suicidar-se*".

Quando os verbos pronominais exigirem complemento, esse deve sempre vir acompanhado de preposição.

Exemplos:

1. **Naquele momento os fiéis arrependeram-se os seus pecados. [Inadequado]**

   Naquele momento os fiéis arrependeram-se dos seus pecados. [Adequado]

   ...[dos: de + os = dos / de = preposição]

   ...[dos seus pecados: objeto indireto]

2. Os biólogos do zoológico local dedicam-se as experiências genéticas. [Inadequado]

   Os biólogos do zoológico local dedicam-se às experiências genéticas. [Adequado]

   ...[às: a (preposição) + as (artigo) = às]

   ...[às experiências genéticas: objeto indireto]

Note que, no exemplo (2), o verbo "dedicar-se" não é essencialmente pronominal, mas sim acidentalmente pronominal. Isto é, esse verbo pode se apresentar sem o pronome oblíquo e, nesse caso, deixa de ser pronominal (ex.: *Ele dedicou sua vida ao pobres*). Casos como esse, porém, demonstram que, em princípio, qualquer verbo pode se tornar pronominal e, portanto, possuir um complemento preposicionado.

A regência e as orações subordinadas

Um período composto é aquele que apresenta uma *oração principal* e uma ou mais orações dependentes desta principal. As orações subordinadas são dependentes e, em geral, ligam-se à oração principal por meio de conectivos (pronomes, conjunções e etc.).

As *orações subordinadas adjetivas* e as *orações subordinadas adverbiais*, quando introduzidas por um *pronome relativo* (*que*, *qual*, *quem* e etc.), devem conservar a regência dos seus verbos.

Exemplo:

1. A vaga para o emprego o qual/que eu lhe falei continua aberta. [Inadequado]

   A vaga para o emprego do qual/de que eu lhe falei continua aberta. [Adequado]

   ...[A vaga para o emprego continua aberta: oração principal]

   ...[do qual eu lhe falei: oração subordinada]

   ...[falei de emprego a você = de que/do qual OU falei sobre o emprego a você = sobre o qual]

Notem que a preposição regida pelo verbo da oração subordinada vem antes do pronome relativo. Deve-se compreender, no entanto, que essa regência verbal é relativa ao verbo da oração subordinada (*falei de/ falei sobre*) e não ao verbo da oração principal (continua). Vejamos outro exemplo:

1. A pessoa que me casei é muito especial. [Inadequado]

   A pessoa com quem me casei é muito especial. [Adequado]

   ...[A pessoa é muito especial: oração principal]

   ...[com quem me casei: oração subordinada]

   ...[casei-me com a pessoa = com quem]

A regência e o uso de preposições

Na construção de uma unidade significativa, algumas palavras exigem o acompanhamento de outros elementos da língua. Essa relação de dependência com vistas à formação de um significado é chamada *regência*.

A regência pode ser direta, quando a relação de dependência é *imediata*, ou indireta, quando ela é *intermediada* por outros elementos da língua, como as preposições. A regência do substantivo sobre o adjetivo (como em "*a menina bonita*"), ou do *verbo transitivo direto* sobre seu complemento (ex.: "*Maria ama Pedro*") se dá de forma direta, enquanto a regência do substantivo sobre outro substantivo (como em "*a filha de Maria*") ou de um verbo transitivo indireto sobre seu complemento (ex.: "*Maria gosta de Pedro*") se faz necessariamente por meio de uma preposição.

Nos casos de regência indireta, é preciso observar que nem todas as preposições podem desempenhar o papel de ligar o regente ao regido. Além disso, o uso de uma ou outra preposição pode provocar alterações de significado bastante consideráveis (ex.: "*ir para casa*", "*ir de casa*", "*ir na casa*", etc.). Por isso, é preciso estar atento para o conjunto de preposições exigidas pelo regente, e para as implicações do seu uso.

A seguir alguns verbos da língua portuguesa que envolvem problemas freqüentes quanto à regência:

CONSTRUÇÃO INADEQUADA	CONSTRUÇÃO ADEQUADA
estar de (greve)	estar em (greve)
namorar com	namorar
arrasar com	arrasar
repetir de (ano)	repetir o (ano)

Exemplos:

1. Suzana continuava a dizer que namorava com Mário. [Inadequado]

   Suzana continuava a dizer que namorava Mário. [Adequado]

2. Meus pais não suportariam se eu repetisse de ano! [Inadequado]

   Meus pais não suportariam se eu repetisse o ano! [Adequado]

A regência e o verbo "proceder"

O verbo "proceder" é um verbo transitivo indireto, e rege a preposição "*a*".

Freqüentemente se observa na linguagem coloquial o emprego do verbo proceder sem a preposição. Essa é uma licença da língua falada que, por assimilar o sentido do verbo proceder ao sentido de outros verbos sinônimos como *realizar*, *efetuar*, etc., transfere para proceder a transitividade direta, ou seja, o não uso de preposição. No entanto, isso não deve ser aplicado na linguagem culta, que exige a presença da preposição "*a*" (ou a sua contração) junto ao verbo.

Exemplos:

1. Os apuradores procederam a contagem dos votos das escolas de samba. [Inadequado]

   Os apuradores procederam à contagem dos votos das escolas de samba. [Adequado]

   ...[objeto indireto: *à contagem*]

   ...[à: contração = a (artigo) + a (preposição) = crase]

2. O interrogatório que se procedeu foi decisivo. [Inadequado]

   O interrogatório a que se procedeu foi decisivo. [Adequado]

   ...[*a que se procedeu*: oração subordinada adjetiva]

No exemplo (2) temos a preposição regida pelo verbo proceder iniciando uma oração adjetiva, ou seja, uma oração que se relaciona a um termo da oração principal, indicando-lhe uma nova informação. Para ficar clara a regência do verbo, vamos inverter a ordem das orações:

1. "Procedeu-se ao interrogatório que foi decisivo."

   ...[*ao interrogatório*: objeto indireto]

   ...[*ao*: contração = a (preposição) + o (artigo)]

O verbo proceder também pode ser empregado na sua concepção de verbo intransitivo. Nesse caso ele tem sentido de *comportar-se*, *agir*. Como um verbo intransitivo, não há complemento ligado ao verbo, portanto, não há também o uso de preposição.

Exemplos:

1. De que maneira os turistas procederam?

2. Espantei-me com aquela mulher que procedeu com firmeza diante da acusação.

   ...[*procedeu*: verbo intransitivo = não exige complemento]

...[*com firmeza*: adjunto adverbial de modo]

...[*diante da acusação*: adjunto adverbial de tempo]

As funções do "se"

"se" (índice de indeterminação do sujeito) e a concordância

"se" (partícula apassivadora) e a concordância

"se" (partícula apassivadora) e o sujeito oracional

O "se" em início de sentença

"se" (índice de indeterminação do sujeito) e a concordância

A palavra "se", quando empregada junto a *verbos intransitivos ou transitivos indiretos*, não exerce qualquer função sintática na oração. A sua forma está sendo empregada tão somente para marcar um *sujeito indeterminado*.

Exemplos:

1. Morre-se de fome.

   ...[*morrer*: verbo intransitivo]

   ...[*se*: índice de indeterminação do sujeito = alguém morre]

2. Acreditava-se nas palavras do messias.

   ...[*acreditar*: verbo transitivo indireto]

   ...[*se*: índice de indeterminação do sujeito = alguém acreditava]

Nas orações em que aparece o índice de indeterminação do sujeito a concordância verbal é fixa: verbo na terceira pessoa do singular. Dessa forma, tem-se marcado o fato de não se poder identificar um sujeito exato.

1. Precisam-se de balconistas. [Inadequado]

   Precisa-se de balconistas. [Adequado]

2. Gritavam-se de dor! [Inadequado]

   Gritava-se de dor! [Adequado]

"se" (partícula apassivadora) e a concordância

A palavra "se", quando empregada junto a *verbo transitivo direto ou verbo transitivo direto e indireto*, não exerce qualquer função sintática na oração. A sua forma está sendo empregada tão somente para marcar uma *voz verbal*.

As vozes verbais são: voz ativa, voz passiva e voz reflexiva. A *voz passiva*, por sua vez, pode se apresentar ou na forma analítica (com verbo ser) ou na forma sintética (com a partícula apassivadora "se").

Exemplos:

1. Eles afiam alicates aqui. [voz ativa]

   ...[sujeito da oração: eles]

2. Alicates são afiados aqui. [voz passiva analítica]

   ...[sujeito da oração: alicates]

3. Afiam-se alicates aqui. [voz passiva sintética]

...[sujeito da oração: alicates]

Nas orações em que aparece a partícula apassivadora do verbo, o sujeito da oração está em posição posterior ao verbo. Mesmo assim, é obrigatória a concordância verbal (número e pessoa) entre o sujeito da oração e o verbo ao qual se liga.

Exemplos:

1. Embora seja inútil, pede-se as informações aos fabricantes. [Inadequado]

   Embora seja inútil, pedem-se as informações aos fabricantes. [Adequado]

2. Calculam-se o peso nessa máquina! [Inadequado]

   Calcula-se o peso nessa máquina! [Adequado]

3. Vende-se casas! [Inadequado]

   Vendem-se casas! [Adequado]

Uma regra prática para se identificar a palavra se como partícula apassivadora do verbo e, então, promover a concordância verbal adequada, é transformar a oração na voz passiva sintética em oração na voz passiva analítica.

Exemplos:

1. Embora seja inútil, pede-se as informações aos fabricantes. [voz passiva sintética]
2. Embora seja inútil, as informações são pedidas aos fabricantes. [voz passiva analítica]

"se" (partícula apassivadora) e o sujeito oracional

As *orações subordinadas* subjetivas exercem a função de sujeito do período. Trata-se de um sujeito formado por uma oração, portanto, sujeito oracional. As orações subjetivas podem ser introduzidas por algum conectivo (em geral uma conjunção, como "que", "se" e etc.) ou por um verbo no infinitivo.

Exemplos:

1. É importante que saibamos o valor da moeda comercial.

   ...[sujeito oracional: *que saibamos o valor da moeda comercial*]

   ...[conectivo: *que*]

2. Sabe-se que o valor da moeda comercial caiu.

   ...[sujeito oracional: *que o valor da moeda comercial caiu*]

   ...[conectivo: *que*]

As orações com sujeito oracional (oração subjetiva) podem se apresentar na *voz passiva sintética*. Ou seja, junto ao verbo emprega-se a palavra "se" (partícula apassivadora do verbo), como apontamos no exemplo (2).

Quando as orações subjetivas na voz passiva sintética são introduzidas por algum conectivo ou um verbo no infinitivo, o verbo da oração principal deve ser empregado sempre na terceira pessoa do singular.

Exemplos:

1. Costumam-se informar com antecedência os resultados. [Inadequado]

   Costuma-se informar com antecedência os resultados. [Adequado]

2. Cogitaram-se se os animais tentaram o ataque em sua própria defesa. [Inadequado]

   Cogitou-se se os animais tentaram o ataque em sua própria defesa. [Adequado]

3. Consideram-se que esses são os valores definitivos. [Inadequado]

Considera-se que esses são os valores definitivos. [Adequado]

O "se" em início de sentença

A palavra "se" desempenha diversas funções na língua portuguesa: partícula apassivadora, índice de indeterminação do sujeito, pronome, conjunção, palavra integrante, termo expletivo, etc.

Dentre essas várias funções do "se", a de *conjunção* é a única que permite o seu emprego em início de sentença. Enquanto conjunção, o "se" indica a idéia de *condição*, *possibilidade*; por isso, é uma *conjunção condicional*. É possível, portanto, iniciar uma sentença com uma oração condicional, ou seja, impondo-se uma condição para que um fato ocorra.

Por conseqüência dessas observações acima, é inaceitável o emprego da palavra "se" como pronome, por exemplo, em início de sentença. O pronome "se" é um pronome pessoal *reflexivo* ou *recíproco*. Dentre os *pronomes pessoais*, os únicos permitidos para figurarem em início de sentença são os pronomes pessoais do caso reto (*eu*, *tu*, *ele* e etc.). Os demais pronomes pessoais (os oblíquos: *me*, *te*, *o*, *a* e etc. e os reflexivos e recíprocos: *nos*, *se* e etc.), ocupam posição interna na sentença.

Exemplos:

1. Se ofendiam e se amavam compulsivamente. [Inadequado]

   Ofendiam-se e amavam-se compulsivamente. [Adequado]

2. Se aproximaram um do outro fingindo ignorarem-se. [Inadequado]

   Aproximaram-se um do outro fingindo ignorarem-se. [Adequado]

Como *partícula apassivadora,* o "se" mantém-se junto ao verbo, da mesma forma que o pronome. Sua ligação com o verbo é demonstrada pelo uso do hífen, que não permite que o "se" fique solto na sentença. É inadequado, portanto, o emprego do "se" - partícula apassivadora - em início de sentença.

Exemplos:

1. Se ouvem passos no corredor, aterrorizando a madrugada. [Inadequado]

   Ouvem-se passos no corredor, aterrorizando a madrugada. [Adequado]

2. Se calcula imposto de renda aqui. [Inadequado]

   Calcula-se imposto de renda aqui. [Adequado]

É interessante exemplificar, ainda, o emprego inadequado do "se" quando este exerce a função de *partícula integrante de verbos*. Nessa situação, o "se" é representado porque faz parte dos chamados *verbos pronominais* (ex.: *suicidar-se*, *arrepender-se*). Nesse caso, o "se" também é inaceitável em início de sentença, devendo se apresentar posterior ao verbo quando este verbo estiver em posição inicial.

Exemplos:

1. Se informe sobre as inscrições na secretaria da escola. [Inadequado]

   Informe-se sobre as inscrições na secretaria da escola. [Adequado]

2. Se comprometeu com a organização do baile, mas cometera um erro. [Inadequado]

   Comprometeu-se com a organização do baile, mas cometera um erro. [Adequado]

A seguir, algumas sentenças em que o "se" funciona como uma conjunção condicional e, por isso, pode se apresentar no início de sentenças:

Exemplos:

1. Se todos concordarem, faremos um novo sorteio.
2. Se você chegasse mais cedo, poderia assistir nosso show de mágica.
3. Se ele contar nosso segredo, jamais o perdoaremos.

Acentuação gráfica

Os acentos gráficos e os sinais diacríticos são utilizados para indicar, na escrita, a pronúncia correta de uma palavra. Em português, devem vir sobrepostos às vogais.

Para a colocação dos acentos gráficos, temos várias regras. Vejamos:

1. **Palavras Oxítonas**
2. **Palavras Paroxítonas**
3. **Palavras Proparoxítonas**
4. **Ditongos Abertos**
5. **Hiatos**
6. **Monossílabos**
7. **Acento Diferencial**
8. **Grupos gu e qu**
9. **Acento Grave**

Palavras Oxítonas

São as palavras nas quais a sílaba tônica é a última.

Devemos acentuar graficamente as palavras oxítonas terminadas em: a(s), e(s), o(s), em, ens.

Exemplos: tupã, café, propôs, alguém, parabéns.

Incluem-se nesta regra também as formas verbais seguidas dos pronomes lo(s) e la(s)

Exemplo: entregá-lo, fá-lo-á, pô-lo.

Não são acentuadas graficamente as palavras oxítonas terminadas em i(s) e u(s): parti-lo (e não partí-lo), saci (e não sací), Bauru (e não Baurú).

Palavras Paroxítonas

São as palavras nas quais a sílaba tônica é a penúltima.

Devemos acentuar graficamente as palavras paroxítonas terminadas em: l, i(s), n, us, um, uns, r, x, ã(s), ão(s), ps e ditongo oral seguido ou não de s.

Exemplo: fácil, júri, pólen, bônus, álbum, flúor, ímã, órfão, fórceps, intoleráveis.

Não são acentuadas graficamente as palavras paroxítonas terminadas em ns: hífen, mas hifens; pólen, mas polens.

Palavras Proparoxítonas

São as palavras nas quais a sílaba tônica é a antepenúltima.

Todas as palavras proparoxítonas são acentuadas.

Exemplo: óculos, psicológica.

Ditongos Abertos

Acentuam-se os ditongos tônicos abertos éi, éu e ói, seguidos ou não de s

Exemplo: papéis, céu, esferóides

Hiatos

Acentuam-se o i e o u, quando segunda vogal tônica dos hiatos, se formarem sílabas sozinhos ou acompanhados de s, e não vierem seguidos de nh na sílaba seguinte.

Exemplo: juízes, baú, egoísta, balaústre

Coloca-se acento circunflexo na primeira vogal tônica dos hiatos ôo e êe.

Exemplo: vôo, lêem

Monossílabos

Acentuam-se graficamente os monossílabos tônicos terminados em a(s), e(s), o(s).

Exemplo: pá, pé, pó

Acento Diferencial

Em algumas palavras utiliza-se o acento gráfico para diferenciar formas homógrafas:

Exemplos:

1. pára (verbo) – para (preposição)
2. pêlo (cabelo) – pelo (por +o) – pélo (verbo pelar)
3. têm (verbo no plural) – tem (verbo no singular)
4. pôde (verbo pretérito – som fechado) – pode (verbo presente – som aberto)
5. pôr (verbo) – por (preposição)
6. vêm (verbo no plural) – vem (verbo no singular)

Grupos gu e qu

Acentua-se, com acento agudo, o u tônico dos grupos gu e qu, sempre que seguido de e ou i.

Exemplo: argúi, averigúe.

Emprega-se o trema no u átono pronunciado dos grupos gu e qu, sempre que seguido de e ou i.

Exemplo: agüentar, argüição, eloqüente, tranqüilo.

Acento Grave

Utiliza-se o acento grave, indicativo da crase, para assinalar a contração da preposição a com o artigo a e com os pronomes demonstrativos aquele(s), aquela(s) e aquilo.

Exemplo: à, às, àquele(s), àquela(s), àquilo.

Uso de Siglas e Abreviaturas

As abreviaturas são formas convencionais que respeitam regras rígidas de formação, não podendo ser confundidas com a abreviação, que é somente a redução de uma palavra.

Exemplos:

- s. (substantivo) - abreviatura
- foto (fotografia) - abreviação

É importante, portanto, conhecer outras particularidades das siglas e abreviaturas:

- Uso de Abreviaturas
- Uso de Siglas

Uso de Abreviaturas

Nos textos escritos, em especial formais, evite ao máximo o uso de abreviaturas. Prefira escrever as palavras por extenso.

Lembre-se de que os acentos existentes nas palavras originais são mantidos nas abreviaturas.

Nem todos os substantivos masculinos aceitam o "o" sobrescrito em seu processo de abreviatura.

O "o" sobrescrito deve ser utilizado:

apenas para a redução dos numerais ordinais ("1°")

opcionalmente, em alguns substantivos masculinos terminados em "o", como: "eng°" (engenheiro) ou "Col°" (colégio).

Substantivos masculinos terminados em consoante (professor, por exemplo) devem ser reduzidos sem referência ao gênero ("prof.").

O "a" sobrescrito, por sua vez, deve ser obrigatoriamente utilizado sempre que indicar gênero feminino, como em: "2ª" ou "prof.ª" (professora).

Uso de Abreviaturas de Logradouros, Títulos Honoríficos e Nomes Próprios:

Recomenda-se que as abreviaturas de títulos honoríficos, profissões, cargos e logradouros como:

"Dr.", "Dra.", "Sr.", "Sra.", "D.", "prof.", "eng.", "gen.", "cap.", "R.", "Av.", "Pç.", "Lgo." e "Trav."

sejam utilizadas, somente se necessário, diante dos substantivos próprios por elas modificados. Em outros casos, é indicada a escrita da palavra por extenso.

Exemplos:

1. **A Dra. nos recomendou um bom remédio. [Inadequado]**

   A Dra. Henriqueta nos deu uma ótima notícia. [Adequado]

2. **O gen. viajou ontem. [Inadequado]**

   A Pç. Coronel Sales foi destruida. [Adequado]

Uso de Abreviaturas de Tempo:

A maior parte das gramáticas do português recomenda que a abreviatura de horários seja feita por referência explícita à unidade de tempo ("h" e "min").

A forma HH:MM, consagrada pelo uso, é considerada *anglicismo*, por isso deve ser evitada.

A indicação das horas deve ser feita por meio da abreviatura invariável "h" (15 h), e a unidade dos minutos pode ser omitida (14h48) ou expressa pelas abreviaturas, também invariáveis, "m" (14h48m) ou "min" (14h48min).

A unidade das horas, sempre que não houver referência aos minutos, deve vir separada do algarismo que a precede por um espaço em branco. Caso contrário, as unidades devem vir imediatamente após os algarismos.

Exemplo:

1. **São 2h, estou atrasada. [Inadequado]**

   São 2 h, vamos! [Adequado]

2. **Faltam 5hs34m para o início da prova. [Inadequado]**

   Faltam 5h34min para o fim da viagem. [Adequado]

Uso de Abreviatura de Unidade de Medida:

As abreviaturas das unidades de volume são:

"l" (litro), "ml" (mililitro), "cl" (centilitro) e "dl" (decilitro).

As abreviaturas das unidades de massa são:

"g" (grama), "mg" (miligrama), "kg" (quilograma) e "dg" (decigrama).

Exemplo:

1. Comprou 3kgs de carne no mercado ontem. [Inadequado]

   Comprou 3 kg de carne no mercado ontem. [Adequado]

2. Um galão americano tem 3,785 ls. [Inadequado]

   Um galão americano tem 3,785 l. [Adequado]

Estas abreviaturas também são invariáveis, devem ser escritas com letras minúsculas e devem vir separadas do algarismo que as precede por um espaço em branco.

Uso de Abreviatura de Distância:

As abreviaturas das unidades de distância são invariáveis e, são escritas da seguinte forma:

"m" (metro), "cm" (centímetro), "mm" (milímetro) e "km" (quilômetro).

Exemplo:

1. O carro rodou 243kms em apenas uma hora. [Inadequado]

   O carro rodou 243 km em apenas uma hora. [Adequado]

Uso de Abreviatura de nomes de santos:

A abreviatura recomendada para Santo e Santa é "S.", e não "Sto." ou "Sta.".

Exemplos:

1. Sou muito devota de Sta. Luzia. [Inadequado]

   Sou muito devota de S. Luzia. [Adequado]

2. Sto. Antônio é considerado casamenteiro. [Inadequado]

   S. Antônio é considerado casamenteiro. [Adequado]

Uso de Siglas

As siglas são reduções de locuções compostas por substantivos próprios. São consideradas um tipo especial de *abreviatura*.

As siglas podem ser formadas:

- pelas letras iniciais maiúsculas das palavras que formam o nome como:

  FGTS = Fundo de Garantia de Tempo de Serviço.

  ONU = Organização das Nações Unidas

- pelas sílabas iniciais de cada uma das palavras que formam o nome, como:

  EMBRATEL = EMpresa BRAsileira de TELecomunicações.

Quando possuírem mais de quatro letras e forem pronunciáveis, as siglas devem trazer apenas a inicial em letra maiúscula; nos demais casos, todas as letras devem ser grafadas com caracteres maiúsculos:

Exemplos:

1. **Unicamp = Universidade de Campinas**
2. **Senac = Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial**
3. **CNBB = Conselho Nacional dos Bispos do Brasil**

As abreviaturas ("Av.", por exemplo), mas não as siglas ("FMI", por exemplo), devem ser seguidas de ponto final. Unidades de medida ("km", "MHz",etc.), elementos químicos ("K" (potássio),etc.) e pontos cardeais e colaterais ("E" (Leste), "NE" (Nordeste), etc.) também dispensam o uso do ponto final.

Exemplo:

1. **Eu moro na Av São Carlos [Inadequado]**

   Eu moro na Av. São Carlos. [Adequado]

Vírgula

Dá-se o nome de vírgula ao sinal que, na língua escrita, representa uma pausa bastante breve. Além disso, a vírgula funciona como um organizador textual, ou seja, um elemento que auxilia na coesão do texto.

Na língua falada há diversas formas de imprimir ritmos e melodias, dentre as quais se destaca a entonação. Ela é responsável ora pela ênfase que se emprega a determinado segmento da fala ora pela pausa entre um e outro desses segmentos. Já a língua escrita vale-se de alguns sinais para reproduzir, no papel, esses efeitos próprios da língua falada.

Há pausas longas e breves na língua (ponto final e vírgula, por exemplo). Essas pausas são empregadas para separar um e outro elementos da oração e até mesmo uma e outra oração no período. Assim separados, tem-se o efeito de um elemento novo sendo introduzido na oração (caso do vocativo e aposto) ou o efeito de destaque de um termo dentro da oração (por exemplo, o deslocamento dos adjuntos adverbias para o início da oração).

O emprego adequado da vírgula é importante para a compreensão do enunciado, bem como para identificar os elementos isolados ou não no período. É aconselhável, portanto, conhecer algumas particularidades sobre a vírgula:

- **Palavras e expressões entre vírgulas**
- **A vírgula e as conjunções**
- **A vírgula e as palavras partitivas**
- **A vírgula, o sujeito e o verbo**
- **A vírgula, o determinante e a palavra determinada**

Palavras e expressões entre vírgulas

Dentre os empregos da vírgula destacam-se os casos em que certas palavras ou expressões indicam, por si só, uma idéia completa e distinta dos outros termos da oração da qual participam. Para isolar essas palavras ou expressões utilizamos o recurso da vírgula, obrigatória nesse caso.

Uma das funções da vírgula é marcar, na língua escrita, a separação de termos da oração, imprimindo uma pausa no período. A vírgula, então, é aplicada uma única vez antes ou depois de alguma palavra ou expressão.

Algumas palavras ou *locuções*, por expressarem sozinhas um sentido que independe dos outros elementos da oração, devem ser apresentadas entre vírgulas. Em geral, essas palavras ou locuções encerram em si mesmas uma pausa. As duas vírgulas, então, reforçam não só a pausa, mas também o destaque de uma unidade significativa dentro da oração.

Essas palavras ou locuções expressam diversos sentidos, podendo ser compreendidas da seguinte maneira:

1. explicativas: quando retomam o que foi dito anteriormente, apresentando-o de outra maneira.

isto é	**ou seja**	**a saber**	**por exemplo**
por outra	**por assim dizer**	**na verdade**	

Exemplos:

1. **Quem quer faz quem não quer manda ou seja eu mesma vou conferir o estoque. (Inadequado)**

Quem quer faz quem não quer manda, ou seja, eu mesma vou conferir o estoque. (Adequado)

2. continuativas: quando provocam a continuação do enunciado, acrescentando-lhe nova informação.

além disso	aliás
demais	então

Exemplos:

1. O dinheiro dos empréstimos começava a aparecer aliás tarde demais. (Inadequado)

   O dinheiro dos empréstimos começava a aparecer, aliás, tarde demais. (Adequado)

3. *corretivas*: quando se prestam a alterar o que havia sido dito anteriormente.

ou melhor	ou antes
digo	minto

Exemplos:

1. Os chocolates estão chegando digo o dia da Páscoa está próximo. (Inadequado)

   Os chocolates estão chegando, digo, o dia da Páscoa está próximo. (Adequado)

4. *conclusivas*: quando apresentam a finalização [conclusão] de uma idéia.

então	a meu ver	com efeito
outrossim	portanto	enfim

Exemplos:

1. Essa questão a meu ver está encerrada. (Inadequado)

   Essa questão, a meu ver, está encerrada. (Adequado)

A vírgula e as conjunções

Dentre os empregos da vírgula destacam-se os casos em que ela é utilizada para separar orações de um período.

Poucos são os tipos de orações que, dentro de um período, unem-se a outras sem uma pausa. A vírgula, além de indicar essa pausa breve, presta-se a marcar, na língua escrita, a separação de segmentos de um período.

Alguns tipos de orações são introduzidos por conjunções que exigem a vírgula. Nesse caso, a vírgula é colocada antes da conjunção. Assim, a vírgula indica a separação, e a conjunção, a união de dois segmentos do período (as orações).

A seguir, as conjunções que devem ser antecedidas pela vírgula:

1. adversativas

mas	porém	todavia	
contudo	no entanto	entretanto	... etc

Exemplo:

1. A conversa estava agradável mas já demorava demais. [Inadequado]

   A conversa estava agradável, mas já demorava demais. [Adequado]

2. conclusivas

logo	portanto	
pois	por conseguinte	... etc

Exemplo:

1. Eu estudei matemática logo posso lhe ajudar a entender os números. [Inadequado]

   Eu estudei matemática, logo posso lhe ajudar a entender os números. [Adequado]

Com exceção da conjunção "mas", as demais conjunções, tanto adversativas como conclusivas, podem aparecer no interior da oração da qual participam. Nesse caso, as conjunções devem vir entre vírgulas.

Exemplo:

1. Queremos ver o mar. Não será, porém nesta viagem. [Inadequado]

   Queremos ver o mar. Não será, porém, nesta viagem. [Adequado].

Há, ainda, duas particularidades relativas às conjunções "mas" e "pois":

- *mas*: essa conjunção sempre encabeça a oração da qual participa (*oração coordenada sindética adversativa*). Dessa forma, ela exclui a possibilidade de se apresentar entre vírgulas.
- *pois*: essa conjunção pode ser causal ou conclusiva. Quando ela tiver valor *conclusivo* sempre aparecerá entre vírgulas, já que nunca encabeça a oração da qual participa .

Exemplos:

1. Não veremos os animais e as árvores do parque, pois foram sacrificados.

   ...[conjunção causal]

2. Os animais e as árvores do parque foram, pois, sacrificados.

   ...[conjunção conclusiva]

A vírgula e as palavras denotativas de realce

Uma das funções da vírgula é isolar determinados termos da oração, imprimindo uma pausa no período. A vírgula, então, é aplicada duplamente: antes e depois do termo que quer se destacar.

Algumas palavras da língua portuguesa são utilizadas para designar algumas idéias. Não se trata propriamente de um advérbio, embora em diversas situações cumpram o papel desempenhado por ele: um modificador. Assim chamadas de palavras denotativas, elas podem expressar ênfase: palavras denotativas de realce.

As palavras denotativas de realce, já que isolam um termo dentro da oração, devem se apresentar entre vírgulas.

Exemplos:

1. As crianças principalmente devem ser vacinadas com urgência. [Inadequado]

   As crianças, principalmente, devem ser vacinadas com urgência. [Adequado]

2. Os peixes e mariscos especialmente compunham seu cardápio tradicional. [Inadequado]

   Os peixes e mariscos, especialmente, compunham seu cardápio tradicional. [Adequado]

Algumas palavras denotativas, além de indicarem realce, também apontam para a idéia de partição. Elas indicam que, dentro de um conjunto de seres, alguns foram selecionados e é sobre esses que, em geral, recai a ênfase do enunciado. A vírgula, da mesma forma, deve ser empregada duplamente junto a essas palavras.

Exemplo:

1. Aquelas festas eram sobretudo o reencontro anual da família. [Inadequado]

Aquelas festas eram, sobretudo, o reencontro anual da família. [Adequado]

São outros exemplos de palavras denotativas de realce:

- maiormente
- mormente

A vírgula, o sujeito e o verbo

A vírgula representa uma breve pausa na língua escrita. Além disso, ela também é comumente utilizada para separar termos da oração ou orações de um período.

Há, porém, elementos da oração que estabelecem uma ligação direta entre si. É o caso do sujeito e o verbo. Entre esses dois elementos, a vírgula não deve ser empregada.

Exemplos:

1. Os pandeiros, repicavam ao sabor do carnaval. [Inadequado]

   Os pandeiros repicavam ao sabor do carnaval. [Adequado].

O fato de não se aplicar a vírgula entre o sujeito e o verbo não implica a impossibilidade de esses dois elementos manterem-se distantes. Vários elementos podem interpor-se entre o sujeito e o verbo, inclusive uma oração inteira (oração adjetiva, por exemplo).

Quando algum elemento novo for introduzido entre o sujeito e o verbo (aposto, vocativo, *oração adjetiva* e etc.), esse elemento deve vir entre vírgulas. Dessa forma, isola-se o elemento extra que se interpôs entre o sujeito e o verbo.

Exemplo:

1. A paciência, muito rara em Otávio, foi decisiva naquele momento.

   ...[*a paciência foi decisiva naquele momento*: oração principal]

   ...[*muito rara em Otávio*: oração subordinada adjetiva explicativa]

A vírgula, o determinante e a palavra determinada

A vírgula representa uma breve pausa na língua escrita. Além disso, ela também é comumente utilizada para separar termos da oração ou orações de um período.

Há, porém, elementos da oração que estabelecem uma ligação direta entre si. É o caso do determinante e a palavra determinada. Entre esses dois elementos, a vírgula não deve ser empregada.

Exemplos:

1. A caneta, vermelha estourou dentro da bolsa. [Inadequado]

   A caneta vermelha estourou dentro da bolsa. [Adequado]

2. Nossa, rua está sendo asfaltada! [Inadequado]

   Nossa rua está sendo asfaltada! [Adequado]

Essa orientação também é válida para todos os termos da oração que funcionem como determinantes (complemento nominal, por exemplo). A vírgula, nesse caso, não deve ser empregada entre o nome e o determinante ou mesmo entre a preposição e a palavra que ela rege.

Exemplos:

1. Vera nunca ocultou seu apego, às crianças abandonadas. [Inadequado]

   Vera nunca ocultou seu apego às crianças abandonadas. [Adequado]

2. A partida de, futebol de campo será interrompida. [Inadequado]

A partida de futebol de campo será interrompida. [Adequado]

O emprego inadequado da vírgula nesses casos pode gerar uma ambigüidade. Por isso, a importância de nos mantermos atentos para os elementos que estão ligados diretamente na oração.

Exemplo:

1. **Um lavrador tinha um bezerro, e a mãe do lavrador era também o pai do bezerro.**
2. **Um lavrador tinha um bezerro e a mãe, do lavrador era também o pai do bezerro.**

Observe que no exemplo (1) houve a separação de termos da oração ligados diretamente entre si. A aplicação inadequada da vírgula nessa oração provoca uma ambigüidade na palavra "mãe", entendida como *mãe do lavrador*.

Já no exemplo (2) a sentença passa a ter sentido quando a aplicação da vírgula é aplicada adequadamente. A posição que a vírgula ocupa permite compreender a palavra "mãe" sendo relativa a "bezerro" e não a "lavrador".

Hífen

Dá-se o nome de hífen ao sinal (-) utilizado na escrita em diversas situações: ora para marcar separação de elementos, ora para marcar união de palavras que, por questões fonéticas e morfológicas, devem se manter isoladas graficamente.

A presença do hífen somente é notada na escrita, ou seja, o fato de haver a sinalização com hífen não implica uma pausa fonética.

Em língua portuguesa o hífen é obrigatório na:

- *partição de palavras* quando há mudança de linha

Exemplo:

O lanche tinha sido preparado somente para colegas da *mi-nha* turma. Não havia jeito de atender outras pessoas!

- separação de sílabas

Exemplo:

mó-veis, co-ber-tor, car-ro, le-van-ta-men-to

- união de pronomes átonos a verbos

Exemplo:

impor-se, comprá-lo, revelar-te-ei, encontramo-nos

Há ainda outro emprego do hífen na nossa língua. Trata-se da utilização desse sinal gráfico para ligar os elementos de uma *palavra composta*. Nesse caso, o hífen não se apresenta como obrigatório. A utilização do hífen nas palavras compostas formadas por dois vocábulos (ex.: *banho-maria*) e nas palavras compostas formadas por prefixo + radical (ex: *supra-renal*). Portanto, é importante conhecer algumas particularidades do emprego do hífen:

- **O hífen e os prefixos (I)**
- **O hífen e os prefixos (II)**
- **O hífen e os prefixos polissêmicos**

O hífen e os prefixos I

O hífen (-) é um sinal que, entre outros empregos, utilizamos para unir *prefixos* às palavras. Devido aos acentos tônicos desses prefixos, quando eles se juntam a outras elementos formando uma única palavra, em alguns casos o hífen é necessário. Isso se dá porque com o hífen evita-se a ocorrência de alguns problemas fonéticos (perda do som forte do "r" quando em posição intervocálica, por exemplo, *semireta* > *semi-reta*).

Alguns prefixos da nossa língua sempre são acompanhados de hífen para a formação de uma palavra. São exemplos desses prefixos:

Exemplos:

EX	PÓS	PRÓ	VICE	PRÉ
ex-prefeito	pós-graduação	pró-análise	vice-diretor	pré-adolescente
ex-casamento	pós-meridiano	pró-socialista	vice-campeonato	pré-ajustar
ex-aluno	pós-operatório	pró-memória	vice-líder	pré-aviso

O hífen e os prefixos II

O hífen (-) é um sinal que, dentre outros empregos, utilizamos para unir *prefixos* às palavras. Em geral esses prefixos indicam uma significação própria, devendo, portanto, manter-se separados da palavra a qual se ligam (ex.: *contra*, *extra*). Porém, a união do prefixo a uma determinada palavra forma uma unidade significativa. O hífen, então, é empregado para marcar a individualidade fonética de seus elementos.

Devido à grafia de certos prefixos, é possível que o hífen seja dispensado, já que a individualidade fonética dos elementos que compõem a palavra composta é mantida sem provocar conflitos fonéticos (ex.: *autodestruição*, *antiimperialismo*).

Vejamos quais os prefixos da língua portuguesa que exigem o hífen:

1. EXTRA-INFRA-INTRA-NEO-PROTO-PSEUDO-SEMI-ULTRA

Exigem o hífen antes de palavras iniciadas com VOGAL, H, R ou S

Exemplos:

COM HÍFEN	SEM HÍFEN
extra-oficial	extraconjugal
extra-humano	extralingüístico
extra-regulamentar	extraterrestre
extra-sensorial	extracurricular
infra-estrutura	infravermelho
intra-sistema	intramuscular
neo-republicano	neopositivismo
proto-histórico	protoplasma
pseudo-álibe	pseudomolecular
semi-analfabeto	semicírculo
ultra-humano	ultravioleta

Note que a não utilização do hífen nesses casos provocaria um conflito fônico:

- **duas vogais juntas**
- **vogal + "h": como o "h" não é pronunciado, novamente teremos duas vogais juntas;**
- **"r" entre vogais deve ser grafado duplamente para manter o som forte (ex.: carro) . Em oposição, temos o "r" fraco entre vogais grafado com um "r" simples (ex.: caro)**
- **"s" entre vogais deve ser grafado duplamente para manter o som forte (ex.: assado) . Em oposição, temos o "s" fraco entre vogais grafado com um "s" simples (ex.: asa)**

2. ANTI, ANTE e ARQUI

Exigem o hífen antes de palavras iniciadas com H, R ou S

Exemplos:

COM HÍFEN	SEM HÍFEN
ante-histórico	antevéspera
ante-sala	anteontem
ante-rosto	anteprojeto
anti-horário	antioxidante
anti-revolução	anticárie

anti-social	antiséptico
arqui-hierarquia	arquimilionário
arqui-rabino	arquicélebre
arqui-sucessão	arquidiocesano

*As observações do item (1) valem para esses prefixos acima, com exceção do tratamento voltado para as vogais.

3. SUPER e INTER

Exigem o hífen antes de palavras iniciadas com H ou R

Exemplos:

COM HÍFEN	SEM HÍFEN
super-herói	supercondutor
super-resfriado	superabundância
inter-hemisférico	interligação
arqui-racial	intermunicipal

*As observações do item (1) valem para esses prefixos acima, com exceção do tratamento voltado para as vogais e para a letra "*s*".

4. PAN

Exige o hífen antes de palavras iniciadas com VOGAL ou H

Exemplos:

COM HÍFEN	SEM HÍFEN
pan-africano	pansexual
pan-helenismo	panteologia

*As observações do item (1) valem para esses prefixos acima, com exceção do tratamento voltado para as letras "*r*" e "*s*".

5. SUB

Exige o hífen antes de palavras iniciadas com B OU R

Exemplos:

COM HÍFEN	SEM HÍFEN
sub-base	subseção
sub-rogado	subterminal

Note que a não utilização do hífen nesses casos provocaria um conflito fônico:

- duas consoantes iguais juntas (bb)
- "b" + "r": este par forma um som único na língua, de onde, inclusive, tem-se o "r" vibrante (ex.: *broche*, *brasa*). Para manter o som do "r" forte neste grupo, é necessário a separação do encontro consonantal através do hífen.

O hífen e os prefixos polissêmicos

O hífen (-) é um sinal que, dentre outros empregos, utilizamos para unir *prefixos* às palavras. Em geral esses prefixos indicam uma significação própria, devendo manter-se separados da palavra a qual se ligam (ex.: *contra*, *extra*).

Certos prefixos, porém, possuem mais de um significado quando estão isolados (são os chamados prefixos polissêmicos). O emprego ou não do hífen depende da significação que o prefixo adquire em cada construção de palavra composta.

Vejamos cada um dos prefixos polissêmicos, cuja significação exige o emprego do hífen.

1. AUTO com sentido de "por si próprio", "de si próprio"

Exige o hífen antes de palavras iniciadas com VOGAL, H, R ou S

Exemplos:

COM HÍFEN	SEM HÍFEN
auto-afirmação	autobiográfico
auto-hemoterapia	autodomínio
auto-retrato	automedicar-se
auto-suficiente	autopromoção

2. SUPRA com sentido de "excesso", "aumento", "superioridade"

Exige o hífen antes de palavras iniciadas com VOGAL, H, R ou S

Exemplos:

COM HÍFEN	SEM HÍFEN
supra-excitação	supracondutividade
supra-hepático	supranacional
supra-renal	suprapartidário
supra-sumo	extracurricular

Uso de Letras Maiúsculas e Minúsculas

- Uso de Iniciais Maiúsculas
- Uso de Iniciais Minúsculas

Uso de Iniciais Maiúsculas

As letras iniciais maiúsculas devem ser utilizadas nas seguintes situações:

1. No início de períodos, versos e citações diretas: “Tudo aqui no Brasil gira em torno dele, assim como em qualquer país capitalista.”;

2. Nos *nomes próprios*, de pessoas e de lugares, inclusive o de figuras e localidades mitológicas: "Pedro", "Machado de Assis", "Rio de Janeiro", "Zeus", "Inferno".

3. Nos nomes de vias e lugares públicos: “Rua Marechal Deodoro da Fonseca”, “Praça Getúlio Vargas”;

4. Nos nomes dos pontos cardeais, quando indicam regiões: "o Nordeste", "o Sudeste", etc. No entanto, se indicarem direções ou limites geográficos, deverão ser iniciados por letra minúscula: "o nordeste de Goiás", "o sudeste da Europa", "o metrô avança no rumo sul";

5. Nos nomes de regiões: "Baixada Santista", "Região Norte", "Zona Sul", "Recôncavo Baiano", "Vale do Paraíba";

6. Nos nomes de corpos celestes: "Lua", "Júpiter", "Marte";

7. Nos *nomes próprios* de eras históricas ou épocas notáveis: "Idade Média", "Era Cristã";

8. Nos nomes de atos históricos importantes, atos solenes e grandes empreendimentos públicos: "Dia do Trabalho", "Revolução Francesa", "Guerra do Golfo";

9. Nos nomes que designam conceitos religiosos, políticos, nacionalistas ou filosóficos importantes: "Igreja", "Estado", "Império", "Nação";

10. Nos nomes que designam artes, ciências, disciplinas e ramos do conhecimento humano, quando em sua dimensão mais ampla: "Ética", "Filosofia", "Cultura". Quando não houver necessidade de relevo especial, deve ser utilizada letra minúscula: "Estuda português", "Formou-se em agronomia";

11. Nos nomes que designam altos cargos, dignidades ou postos: "Papa","Presidente da República", "Ministro da Educação", "Secretário de Estado";

12. Nos nomes de instituições, órgãos, corporações, repartições, agremiações e unidades administrativas: "Grupo de Estudos Lingüísticos", "Câmara dos Deputados", "Assembléia Legislativa";

13. Nos nomes de edifícios e estabelecimentos públicos ou particulares: "Aeroporto Santos Dummont", "Cemitério Nossa Senhora do Carmo";

14. Nos títulos de livros, jornais, revistas, produções artísticas, literárias e científicas: "Jornal do Brasil", "Memórias Póstumas de Brás Cubas", "A Evolução das Espécies", "A Última Ceia";

15. Nos nomes, adjetivos, pronomes e expressões de tratamento ou reverência e suas respectivas abreviaturas: "Vossa Majestade", "Excelentíssimo", "Sr. Cosmo";

16. Nos qualificativos, epítetos, alcunhas ou apelidos de personalidades: "Ricardo Coração de Leão", "Ivã, o Terrível";

17. Nos nomes das leis ou normas econômicas e políticas que foram consagradas por sua importância: "Lei de Segurança Nacional", "Lei de Diretrizes e Bases";

18. Nos nomes das festas religiosas: "Natal", "Páscoa";

19. Nos nomes de entidades religiosas, santos, anjos e demônios: "Deus" e seus equivalentes de qualquer religião: "Santo Antônio", "Santa Clara";

20. Nos nomes de torneios e campeonatos: "Torneio Rio-São Paulo", "Campeonato Brasileiro", "Copa do Mundo".

21. Nos nomes comuns, quando personificados ou individualizados: "a Ira", "o Amor", "a Cigarra", "a Formiga".

Palavras compostas com hífen

No caso de nomes próprios compostos, ligados por hífen, todos os elementos deverão ser iniciados por letra maiúscula, à exceção dos artigos, preposições e partículas átonas:

"Grã-Bretanha";
"Trás-os-Montes";
"Avenida do Trabalhador São-Carlense".

Palavras compostas sem hífen

No caso de palavras compostas sem hífen, apenas os substantivos, adjetivos, pronomes, numerais e verbos devem ser escritos com inicial maiúscula. Artigos, preposições, locuções prepositivas, conjunções, locuções conjuncionais, advérbios e partículas átonas que ocorrerem no meio de expressões compostas deverão ser iniciados com letra minúscula, independentemente do número de sílabas que contenham:

"Retrato do Artista quando Jovem";
"Mulheres à beira de um Ataque de Nervos";
"Tudo que Você sempre Quis Saber sobre Medicina e Tinha Medo de Perguntar ao Seu Médico".

Uso de Iniciais Minúsculas

Devem ser usadas as letras iniciais minúsculas:

1. Nos nomes das estações do ano, dos meses e dos dias da semana: "primavera", "janeiro", "domingo";

2. Nos nomes de acidentes geográficos: "baía de Guanabara", "rio Amazonas", "ilha de Marajó";

3. Nos nomes de idioma: "português", "inglês";

4. Nos nomes das profissões, funções e cargos: "princesa", "diretor", "professor", "presidente". Nos nomes de altos cargos, devem ser usadas as iniciais maiúsculas: "o Presidente da República";

5. Nos nomes das festas pagãs: "carnaval", "bacanais", "saturnais";

6. Nos compostos em que o nome próprio é parte de um substantivo comum: "pau-brasil", "banho-maria", "castanha-do-pará";
7. Nos nomes próprios tratados como nomes comuns: "Foi escolhido para cristo", "Tornou-se um mecenas", "Sempre foi um caxias";
8. Nos adjetivos pátrios e gentílicos, e nos nomes de tribos indígenas: "astecas", "incas", "bretão", "catarinense";
9. Nos nomes de personagens ou entidades do folclore: "saci", "cuca", "mula-sem-cabeça";
10. Nas formas adjetivas que designam dinastias: "gales", "avis";

Uso de porquê, porque, por que e por quê

- Uso do Por que
- Uso do Por quê
- Uso do Porque
- Uso do Porquê

Uso do por que

Usa-se o por que nas perguntas.

Exemplos:

1. Por que você demorou?
2. Por que os países vivem em guerra, mas pregam a paz?

Usa-se por que quando as palavras "razão" e "motivo" estão expressas ou subtendidas.

Exemplos:

1. Não sei por que razão ele faltou.
2. Ninguém sabe por que motivo ele deixou o emprego.
3. Eis por que (razão) o trânsito está congestionado.
4. O Governo não explicou por que (motivo) construir Brasília.

Usa-se por que quando puder ser substituído por "para que", "pelo(a) qual", "pelos(as) quais".

Exemplos:

1. Eram os nomes de solteiras por que (pelos quais) as amigas sempre as haviam chamado.
2. Este é o caminho por que (pelo qual) seguiu.

Uso do por quê

Usa-se o por quê em perguntas, quando encerrar a frase.

Exemplos:

1. As torcidas nunca aceitam o resultado. Por quê?
2. Vocês brigaram? Mas por quê?

Usa-se o por quê quando este puder ser substituído pelas palavras "razão" e "motivo", em final de frase.

Exemplos:

1. Estava triste sem saber por quê. (motivo)
2. Muitos protestaram, mas não havia por quê. (motivo)
3. O diretor nos advertiu e perguntamos por quê. (razão)

Uso do porque

Usa-se o porque quando este equivale a: "pois", "porquanto", "uma vez que", "pelo fato de que" ou "pelo motivo de que".

Exemplos:

1. Não viajei porque perdi o avião.
2. O espetáculo foi cancelado porque não havia teatro disponível.

Usa-se o porque nas respostas ou em perguntas que proponham uma resposta.

Exemplos:

1. Por que você não foi à festa ontem? Porque estava doente.
2. Vamos reduzir o número de páginas da revista porque o papel está escasso?

Uso do porquê

Usa-se o porquê quando este, como substantivo, substitui as palavras: "motivo", "causa", "razão", "pergunta" ou "indagação".

Exemplos:

1. Não sei o porquê da sua recusa.
2. É uma criança cheia de porquês.
3. O diretor não quis explicar os porquês da decisão.

Inadequação Lexical

A língua portuguesa comporta um conjunto de locuções e expressões fixas que não admitem variação. Trata-se de expressões cujo sentido deriva, não das partes de que são feitas, mas do todo. Por este motivo, não poderiam sofrer alteração.

Não é de todo raro, porém, que os falantes, seja por efeito da analogia, seja pelo desconhecimento do significado ou da classe gramatical de suas componentes, introduzam, nessas expressões, alterações que são condenadas pelas autoridades gramaticais como vícios de linguagem.

Na tabela abaixo, na coluna da esquerda, temos formas que, embora muitas vezes consagradas pelo uso, são consideradas inadequadas por autoridades gramaticais da língua portuguesa. A coluna da direita traz a forma recomendada correspondente.

FORMA CONDENADA	FORMA RECOMENDADA
a dentro	adentro
a grosso modo	grosso modo
após + particípio passado: após realizado	depois de + particípio passado: depois de realizado
raio X	raios X
antes de mais nada	antes de tudo
antes que tudo	antes de tudo
departamento pessoal	departamento de pessoal
ou sejam	ou seja
enquanto a ele	quanto a ele
a nível de	em nível de
na surdina	à surdina
a longo prazo	em longo prazo
após ao	após o
para atrás	para trás

A palavra *"capaz"*

Freqüentemente observa-se o uso inadequado de determinadas palavras. Embora alcancem a compreensão do destinatário para aquilo que se pretende dizer, a inapropriação do sentido de uma palavra configura-se um caso de inadequação lexical.

A palavra "capaz" indica "que tem capacidade de" ou "que tem capacidade para". Quando usada para indicar a idéia que a palavra "provável" transmite, a palavra "capaz" torna-se inadequada e o seu emprego, um problema de linguagem.

Exemplos:

1. **É capaz que o leitor se surpreenda com isso! [Inadequado]**

   É provável que o leitor se surpreenda com isso! [Adequado]

Esse tipo de construção utilizando-se a palavra "capaz" evidencia, ainda, uma construção sintática inaceitável. O verbo "capaz" exige certa estrutura sintática (um objeto indireto, por exemplo: *ser capaz de alguma coisa*) que não se apresenta na sentença acima.

Em contrapartida, a estrutura em que o verbo "capaz" está inserido é justamente a estrutura da expressão "é provável que" / "é possível que", daí a adequação léxica de "provável" / "possível" e não de "capaz" nesse contexto.

Observe, agora, o emprego da palavra "capaz" em contexto adequado:

Exemplos:

1. **É muito capaz, este funcionário da portaria.**
2. **Você não seria capaz de repetir o que ouviu agora...**

Pleonasmo

Dá-se o nome de pleonasmo à figura de linguagem que caracteriza a superabundância de palavras para exprimir uma só idéia (ex: *sair para fora*, *ver com os olhos*).

Em geral, o pleonasmo ocorre movido por uma necessidade de enfatizar um elemento da oração. Quando a repetição presta-se a manter a *coesão gramatical* (*objeto pleonástico*, por exemplo) ou a valorizar uma idéia, o pleonasmo é aceitável em língua portuguesa.

Exemplos:

1. **Eu caminhava com meus próprios pés em busca da salvação.**

   ...[ênfase de uma idéia]

   ...[redundância: ninguém caminha com os pés alheios]

2. **Ao combatente deram-lhe a condecoração.**

   ...[objeto pleonástico]

   ...[redundância: repetição do objeto indireto]

Na nossa língua também é comum a repetição da negação, constituindo-se um caso de pleonasmo aceitável. Aconselha-se, porém, a negação simples, ou seja, nega-se apenas uma vez, geralmente com o emprego do "*não*". Se a palavra "*não*" foi empregada, a segunda negação pode ser substituída por uma palavra positiva (*qualquer*, *alguém*, *algo*/ *alguma coisa*) em vez de negativa (*nenhum(a)*, *ninguém*, *nada*).

Exemplos:

1. **Você não tem nada para me dizer? [construção comum e aceitável]**

   Você não tem algo para me dizer? [construção alternativa]

2. **Eu não encontrei ninguém em casa. [construção comum e aceitável]**

   Eu não encontrei qualquer pessoa em casa. [construção alternativa]

Ainda outro tipo de pleonasmo é aceitável em língua portuguesa. Trata-se dos epítetos da natureza, ou seja, expressões em que se atribui um adjetivo que naturalmente se vincularia ao substantivo ao qual se liga. É, portanto, um recurso literário que serve ou para dar destaque à expressão ou para conferir outro sentido a ela. Chama-se *epíteto da natureza* porque esses adjetivos estão ligados a palavras que representam os elementos da natureza. Exs.: *mar salgado*, *neve gelada*, *céu azul*.

Exemplos:

1. **A noite escura refletia meu coração em flagelo!**

   ...[*noite escura*: recurso literário]

2. **Ela passeava pela noite escura relembrando os acontecimentos do dia.**

   ...[*noite escura*: destaque para uma característica de noite]

3. **Depois da noite escura viria o amanhecer.**

   ...[*noite escura*: pleonasmo vicioso = redundância inaceitável]

Quando a repetição de idéias se transforma em redundância desnecessária constitui-se um desvio de linguagem. É o que chamamos de pleonasmo vicioso. Nesse caso, o pleonasmo é inaceitável na língua portuguesa. Convém, portanto, conhecer as especificidades do pleonasmo vicioso:

Pleonasmo vicioso em verbos e substantivos

Pleonasmo vicioso

Determinadas construções na língua são consideradas pleonasmo quando repetem, numa mesma expressão, uma só idéia. A redundância de sentido, quando não se presta a acentuar uma idéia dando-lhe ênfase, é considerada vício de linguagem.

Em geral a repetição de sentido é marcada por um complemento (nominal ou verbal). Por isso, diz-se que a redundância está na *periferia* da expressão, cujo núcleo já indicava todo o sentido que se pretendia apontar. É importante, então, atentarmos para a construção inadequada de certas expressões.

EMPREGO INADEQUADO	EMPREGO ADEQUADO
perante a	perante
após a	após
para a frente	para frente
cujo o / cuja a	cujo / cuja
antes de que	antes que

Nesses casos acima o pleonasmo está nas expressões formadas por preposições, advérbios e pronomes. Trata-se, pois, de um tipo de pleonasmo vicioso um tanto restrito na língua; mesmo assim é ainda uma construção inaceitável. Há casos, porém, que merecem atenção especial:

Pleonasmo vicioso em verbos e substantivos

Pleonasmo vicioso em verbos substantivos

O pleonasmo vicioso se dá quando a repetição da idéia não acrescenta qualquer informação nova à expressão.

Freqüentemente verificamos esse tipo de construção em expressões formadas por substantivos e verbos. Deve-se, no entanto, observar se há realmente redundância de sentido (pleonasmo vicioso), ou se a repetição serve à ênfase de uma idéia (construção aceitável na nossa língua e que não constitui vício de linguagem).

Exemplos:

1. **Eles viram com os olhos aquela tragédia popular. [Inadequado]**

   ...[ver já expressa a idéia de ação através dos olhos]

2. **Eles viram com os olhos aquilo que nós víamos com as mãos. [Adequado]**

   ...["ver" com os olhos está em oposição a "ver" com as mãos]

Apesar de existir essa possibilidade de destacar uma idéia por meio da repetição, é preciso estar alerta para os casos de redundância desnecessária. Vejamos alguns exemplos de pleonasmo vicioso:

EM SUBSTANTIVOS

CONSTRUÇÃO INADEQUADA	CONSTRUÇÃO ADEQUADA
Hemorragia de sangue	hemorragia
Monopólio exclusivo	monopólio

EM VERBOS

CONSTRUÇÃO INADEQUADA	CONSTRUÇÃO ADEQUADA
reincidir de novo	reincidir
subir para cima	subir
descer para baixo	descer
entrar para dentro	entrar
sair para fora	sair
subir para cima	subir
repetir outra vez / de novo	repetir
encarar de frente	encarar

Identificando problemas

Sobre adjetivos
Sobre adjuntos
Sobre advérbios
Sobre conjunções
Sobre preposições
Sobre pronomes
Sobre sujeito
Sobre verbos

Sobre adjetivos:

- Formas analíticas dos adjetivos anômalos

Sobre adjuntos:

- Os adjuntos adnominais e o núcleo composto
- O adjunto adnominal antes do núcleo composto
- O adjunto adnominal depois de núcleo composto
- O adjunto adnominal e expressões como "bancas de jornal"
- O adjunto adnominal e expressões como "caixa de fósforos"

Sobre advérbios

- Onde x Aonde
- Meio x Meia
- Mau x Mal
- O grau dos advérbios e os adjetivos particípios

Sobre conjunções

- Uso das locuções conjuncionais

Sobre preposições:

- A preposição e o objeto direto
- A preposição e o objeto indireto
- A preposição e o complemento nominal
- Saiba mais sobre a preposição e o complemento nominal
- Uso das locuções prepositivas

Sobre pronomes:

- Formas especiais do pronome oblíquo
- Saiba mais sobre as formas especiais do pronome oblíquo

- Os pronomes pessoais e algumas preposições

Sobre sujeito:

- O sujeito e as contrações
- O sujeito posposto em orações com verbos unipessoais
- O sujeito posposto em orações reduzidas

Sobre verbos:

- Tempo verbal e o emprego de pronomes
- O subjuntivo e as orações subordinadas
- O subjuntivo e os verbos modais
- Os auxiliares e certos verbos abundantes
- "a" x "há": a noção de tempo
- O verbo "haver" e a flexão
- O verbo "fazer" e a flexão
- O particípio e a expressão "haja vista"
- As preposições e formas verbais como "foi"
- As locuções verbais e o uso das preposições

Formas analíticas dos adjetivos anômalos

A forma dos *adjetivos anômalos* no grau comparativo é, por excelência, a forma sintética:

grande	maior	bom	melhor
pequeno	menor	mau	pior

Porém, quando a comparação é estabelecida entre atributos de um mesmo ser, não se emprega a forma sintética, mas sim a forma analítica do *grau dos adjetivos*:

mais *grande* que	menos *grande* que
mais *bom* que	menos *bom* que
mais *pequeno* que	menos *pequeno* que
mais *mau* que	menos *mau* que

Exemplos:

1. **Em sua arte, combinavam-se linhas de proporções diferentes. Na verdade, essas proporções eram maiores do que menores. [Inadequado]**

   Em sua arte, combinavam-se linhas de proporções diferentes. Na verdade, essas proporções eram mais grandes do que mais pequenas. [Adequado]

2. **No fundo, meu avô era melhor do que ingênuo. [Inadequado]**

   No fundo, meu avô era mais bom do que ingênuo. [Adequado]

Os graus dos adjetivos são organizados em *positivo*, *comparativo* e *superlativo*. No primeiro caso, a gradação do adjetivo não envolve mais que um único elemento (ex.: *Eu sou alto.*). No segundo caso, a gradação do adjetivo expressa inferioridade, igualdade ou superioridade através de uma relação de comparação (ex.: *Eu sou mais alto do que você.*). Finalmente, no terceiro caso, a gradação do adjetivo expressa aquelas mesmas idéias de igualdade, inferioridade ou superioridade, através de uma relação de supremacia (ex. *Eu sou altíssimo*; *Eu sou o aluno mais alto da turma.*).

Quanto ao grau, os adjetivos ainda podem ser considerados segundo suas formas *analítica* ou *sintética*. Na forma sintética, o grau é expressado pelas formas especiais de cada adjetivo (ex.: *menor*, *maior*, *preocupadíssimo*). Na forma analítica, o grau é formado pelo acréscimo de um advérbio que encabeça a expressão (ex.: ... *menos preocupado que*... / *menos* = advérbio de intensidade).

É interessante notar, ainda, certas construções inadequadas envolvendo os adjetivos anômalos. Não raro, confunde-se o adjetivo anômalo com parte de *palavras compostas* com adjetivo.

1. Este é realmente um bom vinho. [bom: adjetivo]
2. Hoje ela estava com bom-humor. [bom: parte de palavra composta]

Nesses casos, é importante ficar atento para a formação adequada do grau comparativo. Quando a gradação recair sobre o adjetivo, emprega-se a forma analítica. Do mesmo modo, quando se tratar de palavras compostas formadas por um adjetivo anômalo, é a forma analítica que deve ser empregada. Isso se dá porque não há possibilidade de somente uma parte da palavra composta isolar-se para formar o grau comparativo. Além disso, numa palavra composta é o grau comparativo do substantivo que está sendo formado (*bom-gosto*, por exemplo) e não do adjetivo que o compõe (*bom*).

Exemplos:

1. Célia tem melhor bom-gosto que seu marido. [Inadequado]

   Célia tem mais bom-gosto que seu marido [Adequado]

2. Queremos pessoas com maior boa-vontade do que você! [Inadequado]

   Queremos pessoas com mais boa-vontade do que você! [Adequado]

Os adjuntos adnominais e o núcleo composto

O *adjunto adnominal* (artigo, adjetivo, locução adjetiva, numeral, pronome adjetivo e oração adjetiva) sempre acompanha um nome, em geral um substantivo.

Independentemente da sua função (se sujeito ou objeto ou etc.) é obrigatória a concordância em gênero e número entre o adjunto adnominal e o substantivo a que se refere. Dessa forma, se a expressão contém mais de um elemento (núcleo composto) é importante verificar a concordância.

Há duas maneiras de se realizar a concordância entre um núcleo composto e os adjuntos adnominais: concordância com o substantivo mais próximo, e concordância com o gênero e número comum. Para isso é preciso observar a posição ocupada pelo adjunto adnominal, ou seja,

adjunto adnominal antes do núcleo composto

adjunto adnominal depois do núcleo composto

O adjunto adnominal antes do núcleo composto

A posição dos *adjuntos adnominais* é muito importante para se determinar o gênero e o número que eles devem assumir na oração. Como os adjuntos adnominais sempre acompanham um nome, em geral um substantivo, a concordância entre os dois elementos é obrigatória.

A concordância se dará de acordo com o gênero e o número do substantivo mais próximo se:

- adjunto adnominal estiver ligado a um núcleo composto (mais de um elemento)
- adjunto adnominal estiver antes do núcleo composto

Exemplos:

1. Extremos compaixão e vigor distinguia-o dentre os sacerdotes. [Inadequado]

   Extrema compaixão e vigor distinguia-o dentre os sacerdotes. [Adequado]

2. Minhas paciência e sonhos serão armas que usarei contra a vida. [Inadequado]

   Minha paciência e sonhos serão armas que usarei contra a vida. [Adequado]

O adjunto adnominal depois de núcleo composto

A posição dos *adjuntos adnominais* é muito importante para se determinar o gênero e o número que eles devem assumir na oração. Como os adjuntos adnominais sempre acompanham um nome, em geral um substantivo, a concordância entre os dois elementos é obrigatória.

Se o adjunto adnominal estiver ligado a um núcleo composto (mais de um elemento) e vier depois desse núcleo, há duas maneiras de se realizar a concordância:

COM O SUBSTANTIVO MAIS PRÓXIMO:

Exemplos:

1. Compaixão e *vigor* extrema distinguia-o dentre os sacerdotes. [Inadequado]

   Compaixão e *vigor* extremo distinguia-o dentre os sacerdotes. [Adequado]

2. Paciência e *sonhos* minhas serão armas que usarei contra a vida. [Inadequado]

   Paciência e *sonhos* meus serão armas que usarei contra a vida. [Adequado]

COM O GÊNERO E NÚMERO COMUM:

Exemplos:

1. Compaixão e *vigor* extrema distinguia-o dentre os sacerdotes. [Inadequado]

   Compaixão e vigor extremos distinguia-o dentre os sacerdotes. [Adequado]

2. Paciência e *sonhos* minhas serão armas que usarei contra a vida. [Inadequado]

   Paciência e sonhos meus serão armas que usarei contra a vida. [Adequado]

Observe, portanto, que quando a concordância se dá pelo gênero e número comum, o número será sempre plural. O gênero, por sua vez, vai ser determinado pelos substantivos que compõem o núcleo. O adjunto adnominal só será feminino plural se os substantivos do núcleo composto também forem femininos; do contrário, o gênero do adjunto adnominal ligado a um núcleo composto será masculino (ex.: casa e quarto pequenos; mesa e cadeira pequenas).

É aconselhável a repetição do adjunto adnominal para cada um dos elementos do núcleo composto quando eles forem de gênero ou número diferentes (ex.: *quadro escuro e gravuras escur*as ao invés de *quadro e gravuras escur*os).

O adjunto adnominal e expressões como "bancas de jornal"

Os *adjuntos adnominais* são termos que acompanham um nome, conferindo-lhe nova informação. Por atribuir essas informações adicionais sobre o nome, os adjuntos adnominais se caracterizam como modificadores em oposição aos determinantes, que restringem os nomes aos quais se referem.

Algumas expressões da língua portuguesa são formadas por um *substantivo comum* e um adjunto adnominal. É fácil identificá-las, pois entre ambos existe a preposição "*de*" unindo os dois elementos. Porém, nesse tipo de construção, a flexão de número é bastante particular.

Quando uma expressão desse tipo apresentar um adjunto adnominal genérico, a forma do plural deve ser marcada apenas no primeiro elemento, ou seja, no substantivo. O emprego do plural no adjunto adnominal resultaria entender a expressão como um conjunto de elementos *específicos*, ou mesmo um conjunto *contado* dos elementos da expressão. Por exemplo: em "*banca de jornal*", a palavra *jornal* expressa uma idéia genérica (não é este ou aquele jornal, mas uma banca que vende isso que nós chamamos "jornal"); o plural dessa expressão deve ser "*bancas de jornal*", mantendo, assim, o seu sentido de generalidade. A expressão "*bancas de jornais*" indicaria 1) um conjunto de *bancas* contendo determinados tipos *jornais,* ou 2) um conjunto de *bancas* contendo muitos *jornais*.

Vejamos outros exemplos:

1. As toalhas de mesas devem ser trocadas todos os dias. [Inadequado]

   As toalhas de mesa devem ser trocadas todos os dias. [Adequado]

É importante considerar as expressões cujo último elemento é um adjunto adnominal no plural. Mesmo nesse caso, o plural é marcado no primeiro elemento da expressão, mas mantém-se o plural do segundo elemento, pois trata-se de duas idéias distintas: no plural do primeiro elemento, é computado o número de seres, já no plural do segundo elemento é expressada a idéia de generalidade.

Exemplo:

1. Tragam-me essas caixa de ferramentas, por favor! [Inadequado]

   Tragam-me essas caixas de ferramentas, por favor! [Adequado]

A seguir, alguns exemplos de expressões formadas por substantivo + adjunto adnominal sendo empregadas no plural:

CONSTRUÇÃO INADEQUADA	CONSTRUÇÃO ADEQUADA
indústria de automóveis	indústrias de automóvel
página de jornais	páginas de jornal
casa de aluguéis	casas de aluguel
escova de dentes	escovas de dente
relógio de pulsos	relógios de pulso
cama de casais	camas de casal
casa de máquinas	casas de máquinas
banco de reservas	bancos de reservas

O adjunto adnominal e expressões como "caixa de fósforos"

Algumas expressões da língua portuguesa são formadas por um substantivo e um *adjunto adnominal*. É fácil identificá-las, pois entre ambos existe a preposição "*de*" unindo os dois elementos. Porém a ortografia dessas expressões obedece a um princípio ditado pelo tipo de substantivo que as compõe.

Quando uma expressão desse tipo tiver um substantivo que expresse coletividade ou mesmo abrigo ou recipiente de um conjunto de seres, o segundo elemento da expressão (adjunto adnominal) deve se apresentar no plural. É uma forma de expressar a existência de uma pluralidade de seres retidos numa idéia que é passível de ser contada. Por exemplo: escreve-se "par de meias", em vez de "par de meia". Dessa forma, estamos exprimindo o fato de "meias" ser um elemento coletivo ou genérico. Apesar disso, podemos contar mais de um "par de meias".

Vejamos outro exemplo:

1. Você sabe onde está a caixa de fósforo?. [Inadequado]

   Você sabe onde está a caixa de fósforos? [Adequado]

Deve-se atentar, ainda, para a formação do plural dessas expressões. Como o adjunto adnominal, na sua forma do singular, já se apresenta pluralizado, o plural da expressão deve ser marcado no substantivo. Assim, temos: "*pares de meias*", "*caixas de fósforos*".

A seguir, alguns exemplos de expressões formadas por substantivo genérico + adjunto adnominal:

CONSTRUÇÃO INADEQUADA	CONSTRUÇÃO ADEQUADA
maço de cigarro	maço de cigarros
carteira de cigarro	carteira de cigarros
porção de bala	porção de balas

Onde x Aonde

Freqüentemente se confunde o emprego correto das palavra *onde* e *aonde*. Embora signifique um preciosismo da gramática tradicional, na língua culta é aconselhável o emprego adequado de cada uma das formas.

A palavra onde, enquanto *advérbio de lugar*, é empregada para indicar o lugar em que ocorre a ação ou o estado verbal. Isso se dá, inclusive, em sentenças interrogativas:

Exemplos:

1. Eu lhe contava onde passei minha infância.

2. Onde você passou a tua infância?

A palavra **aonde**, enquanto advérbio de lugar, é empregada para indicar o lugar **para onde** aponta a ação verbal. Desse modo, o *aonde* sempre acompanha um **verbo de movimento** (ir, levar, entregar e etc.). Da mesma forma que o advérbio *onde*, o *aonde* também se apresenta em sentenças interrogativas:

Exemplos:

1. Eu vou **aonde** o trem me levar!
2. **Aonde** o trem pode me levar?

As palavras *onde* e *aonde* podem exercer a função de *pronome relativo*. O emprego de ambas as palavras deve respeitar essa noção verbal indicada acima. Além disso, deve ser observado o termo da oração ao qual o pronome relativo se refere. Os pronomes *onde/aonde* sempre substituem um termo indicativo de lugar.

Exemplos:

1. Essa é a piscina **onde** competi pela primeira vez.
2. Ela sabia o lugar **aonde** você iria mais tarde.

Meio x Meia

Uma regra prática para empregar corretamente o advérbio **meio** ou o adjetivo **meia** é tentar substituir esses termos pelas palavras *mais ou menos* e *metade*, respectivamente. Onde couber a palavra *mais ou menos*, emprega-se o termo **meio** (advérbio); onde couber a palavra *metade*, emprega-se o termo **meia** (adjetivo).

Exemplos:

1. Eles acrescentaram **meia** porção de frios ao pedido original. **[Adjetivo]**

   ...[meia porção = metade de uma porção]

2. Elas estavam **meio** preocupadas hoje. **[Advérbio]**

   ...[meio preocupadas = mais ou menos preocupadas]

Freqüentemente se confunde o emprego correto da palavra *meio* em sentenças indicativas de **período de tempo**. Vejamos, então, os exemplos:

1. São exatamente **meio-dia e meio**. **[Inadequado]**
2. São exatamente **meio-dia e meia**. **[Adequado]**

Nesse caso a palavra *meio* é empregada como **adjetivo** nos dois momentos: no primeiro caso está qualificando a palavra *dia* (metade de um dia; dia = substantivo masculino); no segundo caso está qualificando a palavra *hora*, (metade de uma hora = meia hora; hora = substantivo feminino).

Mau x Mal

Freqüentemente se confunde o emprego correto das palavras *mau* e *mal*. Embora na língua escrita haja uma distinção bastante clara entre essas duas palavras, na língua falada a pronúncia delas é a mesma, quando não se consideram certos regionalismos. Assim, costuma-se projetar na língua escrita essa semelhança entre *mau* e *mal*, não se observando, porém, o fato de se tratarem de termos distintos do vocabulário da língua portuguesa.

A palavra **mau** é um adjetivo. Como tal, flexiona-se em **gênero** e **número** (*má*: forma feminina singular; *más*: forma feminina plural; *mau*: forma masculina singular, e *maus*: forma masculina plural). Já a palavra **mal** é um advérbio. Enquanto advérbio, essa palavra **não se flexiona**, ou seja, ela possui a mesma forma seja qual for a sua relação com outros termos da oração.

Exemplos:

1. Eu tinha medo de estar fazendo um **mal** negócio. **[Inadequado]**

   Eu tinha medo de estar fazendo um **mau** negócio. **[Adequado]**

2. Sem dúvida, estávamos sendo muito **mau** representados! **[Inadequado]**

Sem dúvida, estávamos sendo muito mal representados! [Adequado]

Uma regra prática para se empregar corretamente as palavras mau e mal é guardar a distinção dos seus opostos. Opõe-se a mau a palavra bom, e a mal, a palavra bem. Ambas as palavras *bom* e *bem* obedecem aos mesmos princípios dos quais falamos a respeito de mau e mal. Isto é, *bom* é uma palavra variável, pois se trata de um adjetivo. *Bem*, por sua vez, é uma palavra invariável, já que se trata de um advérbio.

Exemplos:

1. Aquele mal cheiro constante já se tornara uma afronta. [Inadequado]

   Aquele mau cheiro constante já se tornara uma afronta. [Adequado]

   ...[mal cheiro > bem cheiro = inaceitável]

   ...[mau cheiro > bom cheiro = aceitável]

2. Sempre que podiam, aquelas senhoras falavam mau dos vizinhos. [Inadequado]

   Sempre que podiam, aquelas senhoras falavam mal dos vizinhos. [adequado]

   ...[falavam mau > falavam bom = inaceitável]

   ...[falavam mal > falavam bem = aceitável]

O grau dos advérbios e os adjetivos particípios

Em orações com adjetivos particípios, ou seja, adjetivos formados a partir da forma do *particípio* do verbo, os advérbios bem e mal são empregados na sua forma analítica. Isso implica dizer que as formas especiais desses advérbios são formadas não pelo acréscimo de sufixos, mas sim pela forma simples do advérbio acrescido do *advérbio de intensidade*: "*mais*" + *bem/mal*.

Exemplos:

1. Aquela rua era melhor iluminada que a rua central da cidade. [Inadequado]

   Aquela rua era mais bem iluminada que a rua central da cidade. [Adequado]

2. Os aparelhos de segurança eram pior fabricados por nós do que por eles. [Inadequado]

   Os aparelhos de segurança eram mais mal fabricados por nós do que por eles. [Adequado]

Em contraste com esse emprego, é obrigatório o uso da forma sintética desses advérbios quando eles estiverem em posição posterior ao adjetivo particípio.

Exemplos:

1. Aquela rua era iluminada mais bem que a rua central da cidade. [Inadequado]

   Aquela rua era iluminada melhor que a rua central da cidade. [Adequado]

2. Os aparelhos de segurança eram fabricados mais mal por nós do que por eles. [Inadequado]

   Os aparelhos de segurança eram fabricados pior por nós do que por eles. [Adequado]

Uso das locuções conjuncionais

As *conjunções subordinativas consecutivas* são empregadas em construções que indicam conseqüência. Essas conjunções se resumem unicamente à palavra *que*. Porém, unidas a uma preposição e um certo grupo de palavras, formam uma *locução conjuncional*, de mesma função que a conjunção simples.

As locuções conjuncionais consecutivas são expressões fixas na língua portuguesa. Isto é, não se deve flexionar o interior das locuções de acordo com o termo que as antecedem.

Exemplos:

1. Eram tantos os ruídos, de maneiras que eu não consegui te ouvir. [Inadequado]

   Eram tantos os ruídos, de maneira que eu não consegui te ouvir. [Adequado]

2. Elas falavam de tais modos que nos sentimos constrangidos! [Inadequado]

   Elas falavam de tal modo que nos sentimos constrangidos! [Adequado]

Em geral, os problemas com esse tipo de construção ocorrem quando se emprega o plural das palavras que estão no interior das locuções. Como se trata de substantivos e esses podem ser pluralizados, é comum aplicar o mesmo princípio quando esses substantivos são utilizados para a construção de uma locução. Deve-se, porém, atentar para o fato de que numa locução conjuncional todos os componentes tornam-se invariáveis, independentemente do contexto em que é inserida.

A seguir, alguns exemplos de locuções conjuncionais:

- *ao passo que*
- *de modo que / de tal modo que*
- *de maneira que / da mesma maneira que*
- *de sorte que / de tal sorte que*

A preposição e o objeto direto

Dentre as características do *verbo transitivo direto* destaca-se a exigência de um complemento não preposicionado (objeto direto).

Salvo algumas exceções (objeto direto preposicionado, por exemplo), a regra geral é que a preposição não deve ser empregada junto a objetos diretos, já que o sentido da expressão (composta pelo verbo + objeto direto) é indicado sem a necessidade de um elemento intermediador - a preposição. O contrário, por exemplo, se dá com o objeto indireto.

Exemplos:

1. O pai ainda tentava encontrar à filha desaparecida. [Inadequado]

   O pai ainda tentava encontrar a filha desaparecida. [Adequado]

   ...[encontrar: verbo transitivo direto]

   ...[a filha: objeto direto]

   ...[a: determinante (artigo definido feminino)]

2. Este remédio abaixa à febre rapidamente. [Inadequado]

   Este remédio abaixa a febre rapidamente. [Adequado]

   ...[abaixar: verbo transitivo direto]

   ...[a febre: objeto direto]

   ...[a: determinante (artigo definido feminino)]

A preposição e o objeto indireto

Dentre as características do objeto indireto destaca-se a presença obrigatória da preposição.

Por ser um complemento do verbo que indica o destinatário da ação verbal, a preposição é o termo que exprime, no interior do objeto, essa relação de destino da ação verbal.

Exemplos:

1. Tu, camarada, arcas a despesa! [Inadequado]

   Tu, camarada, arcas com a despesa! [Adequado]

...[arcas = verbo transitivo indireto]

...[com a despesa = destino da ação verbal = objeto indireto]

2. A funcionária apenas obedecia as ordens do seu chefe. [Inadequado]

   A funcionária apenas obedecia às ordens do seu chefe. [Adequado]

   ...[obedecia = verbo transitivo indireto]

   ...[às ordens = destinatário da ação verbal = objeto indireto]

Em geral, os problemas relacionados ao emprego da preposição no objeto indireto dizem respeito à regência verbal, tal qual se apresenta no exemplo (2), em que se verifica o verbo *obedecer* regendo a preposição *a* (dado o substantivo feminino "ordens", emprega-se a crase).

A preposição e o complemento nominal

Dentre as características do complemento nominal destaca-se a presença obrigatória da preposição.

A preposição tem por função relacionar dois ou mais termos de uma oração. Como o complemento nominal realiza a integração com o nome ou advérbio ao qual está ligado, a preposição torna-se indispensável.

Exemplo:

1. A riqueza raciocínio é sempre presente nos teus trabalhos, Roberta. [Inadequado]

   A riqueza de raciocínio é sempre presente nos teus trabalhos, Roberta. [Adequado]

Em geral, os problemas relativos a esse tema ocorrem com a preposição *"a"*. É importante lembrar: sempre que o complemento nominal tiver como preposição a palavra "a", deve-se observar se é possível empregar a crase, obrigatória nessa posição.

Exemplos:

1. A boa notícia é: você está apto a pesquisa! [Inadequado]

   A boa notícia é: você está apto à pesquisa! [Adequado]

2. Quero lembrar que todos aqui devem obediência a administração geral. [Inadequado]

   Quero lembrar que todos aqui devem obediência à administração geral. [Adequado]

Saiba mais sobre a preposição e o complemento nominal

DEPOIS DO ADVÉRBIO

Casos há em que o advérbio necessita de informações adicionais para que o sentido da expressão seja completo. Assim, o complemento nominal une-se ao advérbio fornecendo esse tipo de informação e, nessa ligação, a presença da preposição é obrigatória.

Exemplos:

1. É dispensável a tua presença, relativamente a prestação de contas da loja. [Inadequado]

   É dispensável a tua presença, relativamente à prestação de contas da loja. [Adequado]

NA VOZ PASSIVA

Os verbos na *voz passiva* apresentam o verbo principal no *particípio*. O particípio também representa uma forma de nome, já que pode ser empregado com valor de adjetivo (ex.: *iluminado*, *autenticado*).

Sempre que o verbo, no particípio, apresentar um complemento que acrescente informações à expressão, este será um complemento nominal e deve vir acompanhado de preposição.

Exemplos:

1. Esses meninos foram acostumados a desordem. [Inadequado]

   Esses meninos foram acostumados à desordem. [Adequado]

Uso das locuções prepositivas

Certas construções da língua portuguesa constituem casos em que determinados termos se combinam de tal forma que não é permitida a variação seja qual for o contexto em que estão inseridas. Normalmente, trata-se de *locuções* (conjunto de palavras que formam uma unidade expressiva).

As *locuções prepositivas* são elementos que não variam em *gênero* (feminino ou masculino) e *número* (singular ou plural). São, por isso, expressões fixas na língua portuguesa. A forma fixa dessas locuções, porém, não se resume à variação de gênero e número. No decorrer da história da língua portuguesa, determinadas formas se consagraram. Muitos gramáticos postulam a adequação de uma forma e não outra para a língua escrita. Por isso, o emprego inadequado dessas construções configura-se um problema de linguagem.

Vejamos alguns exemplos freqüentes de uso inadequado de locuções prepositivas:

Exemplos:

1. A nível de experiência, tudo é válido. [Inadequado]

   Em nível de experiência, tudo é válido. [Adequado]

2. Eles estavam em vias de cometer uma loucura. [Inadequado]

   Eles estavam em via de cometer uma loucura. [Adequado]

A seguir, alguns exemplos de locuções em uso inadequado:

EMPREGO INADEQUADO	EMPREGO ADEQUADO
a nível de	em nível de
à medida em que	na medida em que
ao mesmo tempo que	ao mesmo tempo em que
apesar que	apesar de que
de modo a	de modo que
a longo prazo	em longo prazo
em vias de	em via de
ao ponto de	a ponto de
de vez que	uma vez que / portanto

Note que o uso corrente das inadequações promove substituição ou supressão das preposições que compõem a expressão.

Além disso, é importante ressaltar que, embora estejamos nos referindo apenas às locuções prepositivas, o mesmo princípio pode ser aplicado às *locuções conjuncionais* ou *locuções adverbiais*. Vejamos, por exemplo, um caso em que a inadequação recai sobre uma locução adverbial:

1. Os amigos, na surdina, combinavam sobre tua festa. [Inadequado]

   Os amigos, à surdina, combinavam sobre tua festa. [Adequado]

Formas especiais do pronome oblíquo

O pronome oblíquo, quando exerce a função de objeto direto, adquire formas especiais conforme a posição que ocupa na sentença. Isso, porém, só é válido para os pronomes oblíquos de terceira pessoa do singular e do plural.

Quando o pronome oblíquo estiver antes do verbo (próclise, as formas utilizadas são as padrões: *o, a, os, as*.

Quando o pronome oblíquo estiver depois do verbo (ênclise), as formas do pronome variam de acordo com o verbo que acompanham. São duas as terminações verbais que comandam a forma do pronome oblíquo enclítico:

1. verbos terminados em -r, -s ou –z acrescenta-se "-l" antes da forma do pronome (-lo, -la, -los, -las).

Exemplo:

1. Todos podiam fazer o exercício em casa.

   Todos podiam fazer-o em casa. [Inadequado]

   Todos podiam fazê-lo em casa. [Adequado]

2. verbos terminados em *ditongo nasal* (-am, -em, -ão e -õe) acrescenta-se "-n" antes da forma do pronome (-no, -na, -nos, -nas).

Exemplo:

1. Eles tinham aquela criança como filha rebelde.

   Eles tinham-a como filha rebelde. [Inadequado]

   Eles tinham-na como filha rebelde. [Adequado]

Saiba mais sobre as formas especiais do pronome oblíquo

O pronome oblíquo acrescido de "-l" é também utilizado em construções com o designativo *eis* e os pronomes *nos* e *vos*, já que essas três palavras terminam em *–s* e podem ser acompanhadas de pronome oblíquo posposto.

Exemplos:

1. Eis o documento aqui!

   Eis-o aqui! [Inadequado]

   Eis-lo aqui. [Adequado]

2. O sindicato deu a vós cartilhas como presente.

   O sindicato deu vos-as como presente. [Inadequado]

   O sindicato vo-las deu como presente. [Adequado]

As formas especiais do pronome oblíquo são fundamentais na construção adequada da *mesóclise* (pronome no interior do verbo). Nesse caso, a terminação do verbo também comandará a forma que o pronome oblíquo deve possuir.

Os pronomes pessoais e algumas preposições

Os pronomes pessoais são classificados na língua portugesa em pronome reto (*eu*, *tu*, *ele*, etc.), pronome oblíquo (*me*, *te*, *lhe*, etc.) e pronome reflexivo (me, nos, se, etc.). O emprego de cada um dos pronomes é determinado pela função que desempenham na sentença. O pronome reto, por exemplo, desempenha função de sujeito, ao passo que o pronome oblíquo exerce a função de objeto (complemento verbal).

Apesar de associarmos o emprego dos pronomes pessoais às funções que eles exercem na oração, certas construções são determinadas pela presença de preposições que antecedem os pronomes. Trata-se de uma convenção da Gramática Tradicional. Porém, o emprego inadequado desses pronomes torna-se um problema de linguagem.

A seguir apresentamos algumas preposições que exigem ora o pronome reto ora o pronome oblíquo como complemento:

1. AFORA, MENOS, EXCETO: emprega-se pronome reto

Exemplo:

1. Todos trouxeram o almoço de casa, menos mim. [Inadequado]

   Todos trouxeram o almoço de casa, menos eu. [Adequado]

2. ENTRE: emprega-se pronome oblíquo tônico

Exemplo:

1. Não há vínculo algum entre eu e ela. [Inadequado]

   Não há vínculo algum entre mim e ti. [Adequado]

É importante lembrar que as formas plurais dos pronomes oblíquos tônicos são idênticas às formas plurais do pronome reto: *nós*, *vós*, *eles/elas*. Portanto, quando empregado após a preposição "*entre*", deve-se ter claro o fato de que não se trata de uso do pronome reto, mas sim de uso do pronome oblíquo.

Exemplo:

1. Eu gostaria que houvesse um acordo entre elas.

3. ATÉ: emprega-se pronome oblíquo tônico, quando expressa *movimento*

Exemplos:

1. Cláudio levou até ele os documentos que deveria assinar. [Inadequado]

   Cláudio levou até si os documentos que deveria assinar. [Adequado]

2. Tragam até eu aquela planilha de custo. [Inadequado]

   Tragam até mim aquela planilha de custo. [Adequado]

Quando a palavra "*até*" indicar *inclusão*, deve-se empregar o pronome reto. É importante salientar que, nesse tipo de construção, "*até*" não mais funciona como preposição, mas sim como uma palavra denotativa.

Exemplos:

1. Ninguém gostava daquele doce; até mim que não recusava essas coisas. [Inadequado]

   Ninguém gostava daquele doce; até eu que não recusava essas coisas. [Adequado]

O sujeito e as contrações

Quando as *contrações* entre pronome e preposição, especialmente aquelas constituídas pelas preposições *de* e *em* seguidas dos pronomes pessoais de terceira pessoa [ele(s), ela(s)], estiverem se referindo não ao pronome em si, mas ao verbo, é obrigatório manter separado cada um dos elementos da contração. Isso se dá, no entanto, somente em *orações subordinadas reduzidas de infinitivo*.

As orações reduzidas não possuem qualquer conectivo (pronome relativo ou conjunção) ligando-as à *oração principal*. Dessa forma, como o pronome da oração reduzida exerce a função de sujeito, deve-se mantê-lo na sua forma simples. As contrações entre pronome e preposição ocupam sempre a posição de *complementos*, nunca a de sujeitos da oração.

Exemplos:

1. O fato dele trabalhar não muda minha decisão sobre seu futuro. [Inadequado]

   O fato de ele trabalhar não muda minha decisão sobre seu futuro. [Adequado]

2. A maneira dele falar impressionava a todos. [Inadequado]

   A maneira de ele falar impressionava a todos. [Adequado]

Em contraste com esse emprego, temos a contração empregada adequadamente, por exemplo, como complemento nominal:

1. **Esse era o jeito dele. [Complemento Nominal]**
2. **Esse era o jeito de ele ver o mundo. [Sujeito de oração reduzida de infinitivo]**

O sujeito posposto em orações com verbos unipessoais

Embora a Língua Portuguesa se apresente predominantemente pela ordem direta (sujeito + verbo + predicado), é comum encontrarmos alguns termos em posições variadas na oração. É o que se entende por ordem inversa, na qual alguns termos são encontrados em combinação contrária ao esperado (ex.: verbo + sujeito = sujeito posposto).

Nas orações formadas por *verbos unipessoais* geralmente se constrói a oração invertendo-se a ordem entre sujeito e verbo, de onde o verbo passa a ocupar a primeira posição enquanto o sujeito é apresentado posteriormente ao verbo. Trata-se de um recurso estilístico, pois se pretende valorizar a noção expressa pelo verbo.

Os verbos unipessoais sempre se apresentam na terceira pessoa, variando o número (singular/plural) conforme a natureza do sujeito ao qual está ligado. Se o verbo não exigir um sujeito *(oração sem sujeito*), o verbo unipessoal sempre aparecerá na terceira pessoa do singular.

Se o verbo contar com um sujeito explícito na oração, esse sujeito pode ser posposto e deve manter a concordância com o verbo ao qual está ligado. São exemplos de verbos unipessoais: *bastar*, *faltar*, *restar*, *acontecer* e etc.

Exemplos:

ORAÇÃO COM SUJEITO EXPLÍCITO:

1. **Falta cinco dias para a Copa do Mundo! [Inadequado]**

   Faltam cinco dias para a Copa do Mundo! [Adequado]

ORAÇÃO SEM SUJEITO:

1. **Basta ao trabalho escravo!**

Observe que não foi apontado o uso inadequado da ordem do sujeito e verbo. Isso se dá porque é perfeitamente possível e aceitável a colocação desses termos na ordem direta da oração (ex.: *Cinco dias faltam para a Copa do Mundo*.).

O sujeito posposto em orações reduzidas

Embora a Língua Portuguesa se apresente predominantemente pela ordem direta (sujeito + verbo + predicado), é comum encontrarmos alguns termos em posições variadas na oração. É o que se entende por ordem inversa, na qual alguns termos são encontrados em combinação contrária ao esperado (ex.: verbo + sujeito = sujeito posposto).

Nas *orações subordinadas reduzidas* de infinitivo, particípio ou gerúndio geralmente se constrói a oração invertendo-se a ordem entre sujeito e verbo, de onde o verbo passa a ocupar a primeira posição enquanto o sujeito é apresentado posteriormente ao verbo. Trata-se de um recurso estilístico, pois se pretende valorizar a noção expressa pelo verbo.

As orações reduzidas são de três tipos: *reduzidas de infinitivo* – formadas por verbos no infinitivo pessoal ou impessoal -, *reduzidas de particípio* – formadas por verbos no particípio – e *reduzidas de gerúndio* – formadas por verbos no gerúndio.

Exemplos:

ORAÇÃO REDUZIDA DE INFINITIVO:

1. **É muito difícil acontecer isso.**

ORAÇÃO REDUZIDA DE PARTICÍPIO:

1. **Semeadas as sementes, iniciaremos novo trabalho no sítio.**

ORAÇÃO REDUZIDA DE GERÚNDIO:

1. **Faremos enfim aquela festa, sendo nós os escolhidos para a medalha.**

Observe que em nenhum dos casos foi apontado o uso inadequado da ordem dos sujeito e verbo. Isso se dá porque é perfeitamente possível e aceitável a colocação desses termos na ordem direta da oração (ex.: *É muito difícil isso acontecer.*).

Tempo verbal e o emprego de pronomes

Quando o verbo estiver no futuro do presente do indicativo ou no futuro do pretérito do indicativo, pode-se optar pelo uso da próclise ou da *mesóclise*. Nunca, porém, é permitido o uso da ênclise.

Exemplos:

Próclise

1. **E os sábios diriam-me: "ides sem volta"!. [Inadequado]**

   E os sábios me diriam: "ides sem volta"!. [Adequado]

2. **Eles darão-lhe o primeiro prêmio. [Inadequado]**

   Eles lhe darão o primeiro prêmio. [Adequado]

Mesóclise

1. **E os sábios diriam-me: "ides sem volta"! [Inadequado]**

   E os sábios dir-me-iam: "ides sem volta"! [Adequado]

2. **Eles darão-lhe o primeiro prêmio. [Inadequado]**

   Eles dar-lhe-ão o primeiro prêmio. [Adequado]

O subjuntivo e as orações subordinadas

O subjuntivo é o *modo verbal* que expressa o desejo, a hipótese, a condição, o pedido, a ordem, a proibição, o fato imaginado. Trata-se, portanto, de uma ação inacabada ou que está para se realizar. Por isso, em geral, o modo subjuntivo está presente nos verbos de *orações subordinadas*, já que na *oração principal* será apresentado o fato exato ou o fato real.

Exemplo:

1. **Quando eu voltar, trarei flores para ti.**

   ...[Quando eu voltar: oração subordinada = hipótese/condição; ação por se realizar]

   ...[trarei flores para ti: oração principal = resultado da hipótese; fato preciso]

Dentre as orações subordinadas, a *oração adverbial temporal* e a *oração adverbial condicional* são aquelas que exprimem especialmente as noções do modo subjuntivo. Assim, é obrigatório que os verbos dessas orações sejam construídos no modo subjuntivo.

Exemplos:

1. **Quando ele ver o lugar, saberá do que estou falando. [Inadequado]**

   Quando ele vir o lugar, saberá do que estou falando. [Adequado]

2. **Se eu lhe peço antes, você iria comigo à festa? [Inadequado]**

Se eu lhe pedisse antes, você iria comigo à festa? [Adequado]

O subjuntivo e os verbos modais

O subjuntivo é o *modo verbal* que expressa o desejo, a hipótese, a condição, o pedido, a ordem, a proibição, o fato imaginado. Alguns dos verbos chamados *modais*, exprimem essas noções, mas pedem um complemento para que o sentido da expressão seja completo.

As *orações subordinadas objetivas diretas* são o complemento desses verbos. Quando elas seguem os modais "*querer*", "*pedir*", "*esperar*", "*proibir*" e etc., em geral são introduzidas pelo conectivo "*que*". Nessas orações subordinadas, é obrigatória a construção dos verbos no modo subjuntivo, pois através dele reforça-se a idéia expressada pelo verbo da oração principal.

Exemplos:

1. Peço que se retiram! [Inadequado]

   Peço que se retirem! [Adequado]

   ...[peço: verbo modal/oração principal = expressão de desejo/pedido]

   ...[que se retirem: oração subordinada objetiva direta]

   ...[retirem: modo subjuntivo = expressão de desejo/pedido]

2. Tua família espera que você manda notícias. [Inadequado]

   Tua família espera que você mande notícias. [Adequado]

   ...[espera: verbo modal/oração principal = expressão de desejo]

   ...[que você mande notícias: oração subordinada objetiva direta]

   ...[mande: modo subjuntivo = expressão de desejo]

Os auxiliares e certos verbos abundantes

Os *verbos auxiliares* (ser, estar, ter e haver) são empregados em construções determinadas:

- ser: forma a *voz passiva*
- estar: forma o *aspecto verbal*
- ter e haver: formam *tempos compostos*

Os *verbos abundantes* são aqueles que se apresentam com mais de uma forma, especialmente no *particípio*. Essas duas formas são as chamadas forma regular, em que se verifica a presença dos *sufixos* característicos do particípio (-ado, -ido), e forma reduzida, em que se verifica a ausência de sufixo. Exemplos: *expressar – expressado* (forma regular) – *expresso* (forma reduzida).

A escolha de uma das formas do particípio é vinculada ao verbo auxiliar pretendido pelo usuário da Língua. Ou seja:

- auxiliares ser e estar: forma reduzida
- auxiliares ter e haver: forma regular

Exemplos:

1. Nossos vizinhos têm pego encomendas estranhas toda manhã. [Inadequado]

   Nossos vizinhos têm pegado encomendas estranhas toda manhã. [Adequado]

2. Nossos vizinhos foram pegados pela polícia. [Inadequado]

Nossos vizinhos foram pegos pela polícia. [Adequado]

"a" x "há": a noção de tempo

Um dos empregos do verbo *haver* é aquele que aponta para a noção de tempo decorrido. Quando expressa esse sentido, o verbo *haver* torna-se um *verbo impessoal*.

É importante anotar a grafia correta do verbo *haver* na construção de orações com as quais se pretenda expressar essa noção de tempo decorrido. Não raro, confunde-se a grafia da forma verbal *HÁ* com a preposição ou artigo *A*. Emprega-se a preposição *"a"*, em oposição a *"há"*, quando quer-se expressar a noção de tempo futuro. Dessa forma, o *"a"* anuncia um acontecimento vindouro, ao passo que *"há"* remete a um acontecimento passado.

Exemplos:

1. O mensageiro procurava por seu endereço a meses. [Inadequado]

   O mensageiro procurava por seu endereço há meses. [Adequado]

2. Posto de serviços há vinte minutos. [Inadequado]

   Posto de serviços a vinte minutos. [Adequado]

O verbo "haver" e a flexão

Os *verbos impessoais* – aqueles que apresentam *sujeito nulo* na oração – não se flexionam em número e pessoa verbal.

O verbo haver torna-se impessoal quando exprime o sentido de:

- *existir*. Exemplo: Há momentos de solidão necessária.
- *acontecer/ocorrer*. Exemplo: Há inaugurações mensais nessa galeria.
- *fazer* (indicando tempo decorrido). Exemplo: Há *anos ambiciono essa vaga*.

Sempre que o verbo *haver* for empregado com algum dos sentidos apontados acima, não ocorrerá a flexão verbal, já que não existe um sujeito gramatical na oração. Nesse caso, o verbo *haver* deve ser empregado sempre na terceira pessoa do singular.

Exemplos:

1. Haverão surpresas na festa. [Inadequado]

   Haverá surpresas na festa. [Adequado]

2. Houveram brigas durante o carnaval. [Inadequado]

   Houve reclamações junto à secretaria. [Adequado]

3. Hão dias que não te vejo! [Inadequado]

   Há dias que não te vejo! [Adequado]

O verbo "fazer" e a flexão

Os *verbos impessoais* – aqueles que apresentam *sujeito nulo* na oração – não se flexionam em número e pessoa verbal.

O verbo fazer torna-se impessoal quando exprime o sentido de tempo decorrido. Assim, sempre que o verbo *fazer* for empregado com sentido de tempo decorrido, não ocorrerá a flexão verbal, já que não existe um sujeito gramatical na oração. Nesse caso, o verbo *fazer* deve ser empregado sempre na terceira pessoa do singular.

Exemplos:

1. Fazem dias que você não dorme... [Inadequado]

   Faz dias que você não dorme... [Adequado]

2. Fizeram seis meses que o colegiado se reuniu. [Inadequado]

   Fez seis meses que o colegiado se reuniu. [Adequado]

O particípio e a expressão "haja vista"

Os verbos podem se apresentar nas chamadas *formas nominais*, que são três: *infinitivo*, *gerúndio* e *particípio*. Elas são consideradas nominais, pois, em determinados empregos, exercem a função de um nome. Algumas dessas formas nominais do verbo, tal qual o particípio, podem variar em gênero (masculino e feminino) e número (singular e plural) concordando com o nome ao qual se relaciona.

Na expressão haja vista o verbo "*ver*" está no *particípio*, portanto, na forma nominal. Assim, poderíamos supor que ele devesse variar segundo o gênero e o número do nome ao qual se liga. No entanto, a gramática da língua portuguesa consagrou a construção haja vista, independentemente dos elementos aos quais ela estaria vinculada.

Em uma *locução verbal* da qual faça parte um verbo no particípio (ex.: *tenho esperado*, *está feito*), a forma nominal é fixa: masculino singular. Por um capricho da língua portuguesa, na locução haja vista fixou-se a forma do particípio no feminino singular. Portanto, o emprego

- do verbo "*haver*" flexionado em número, e
- do verbo "*ver*" flexionado em gênero ou número

na locução haja vista constitui uma inadequação gramatical.

Exemplos:

1. Os problemas permaneceriam, hajam vistas as dúvidas que encontramos. [Inadequado]

   Os problemas permaneceriam, haja vista as dúvidas que encontramos. [Adequado]

2. Hoje sairei daqui mais tarde, haja visto o trabalho que ainda tenho de terminar. [Inadequado]

   Hoje sairei daqui mais tarde, haja vista o trabalho que ainda tenho de terminar. [Adequado]

A locução haja vista, como se observa nos exemplos acima, é usada como *conjunção subordinativa*. O seu valor equivale ao das locuções conjuncionais "*devido a*", "*por conta de*", "*por causa de*".

As preposições e formas verbais como "foi"

Na língua portuguesa algumas formas verbais são representadas da mesma maneira, embora indiquem tempos diferentes ou mesmo verbos distintos. Nesse sentido, os verbos *ir* e *ser* são freqüentemente alvo de problemas gramaticais devido ao fato de que ambos possuem a mesma forma nos tempos *pretérito perfeito* e *pretérito mais-que-perfeito* do modo *indicativo*. Observe:

Pretérito Perfeito	Pretérito Mais-que-Perfeito
VERBO "*IR*"	VERBO "*IR*"
eu fui	eu fora
tu foste	tu foras
ele foi	ele fora
nós fomos	nós fôramos
vós fostes	vós fôreis
eles foram	eles foram
Pretérito Perfeito	Pretérito Mais-que-Perfeito
VERBO "*SER*"	VERBO "*SER*"
eu fui	eu fora
tu foste	tu foras

ele foi	ele fora
nós fomos	nós fôramos
vós fostes	vós fôreis
eles foram	eles foram

Um dos problemas gerado pela forma idêntica desses dois verbos, sobretudo no tempo pretérito perfeito, se refere à regência verbal. Isto é, que tipo de preposição é exigida por cada verbo e em cada acepção que este possua.

As preposições, isoladamente, não possuem qualquer significado, mas expressam algumas noções definidas (espaço, situação, movimento, etc.). Os verbos selecionam uma e outra preposição na relação de regência verbal que estabelecem com elas. Assim, o sentido do verbo é reforçado pela noção expressada pela preposição que o acompanha.

O verbo *ir* com sentido de movimento rege a preposição "*a*" ou "*para*" que reforçam a idéia de deslocamento. Já o verbo *ser* com sentido de acontecer, ocorrer exige a preposição "*em*", expressando o momento *em que* ocorreu a ação. Quando a construção do enunciado envolver qualquer desses dois verbos no pretérito perfeito ou mais-que-perfeito, deve-se, portanto, atentar para o emprego adequado das preposições regidas por eles, respeitando o sentido do verbo que está sendo utilizado.

Exemplos:

1. Eu não fui em baile algum! [Inadequado]

   Eu não fui a baile algum! [Adequado]

   Eu não fui para baile algum! [Adequado]

   ...[verbo ir com sentido de *movimento*]

1. O sorteio dos prêmios foi a 28 de setembro. [Inadequado]

   O sorteio dos prêmios foi em 28 de setembro. [Adequado]

   ...[verbo ser com sentido de *acontecer*]

É importante lembrar, ainda, que:

- a preposição "*em*" pode se contrair com os artigos (*a*, *as*, *o, os*, *um*, *uns*, *uma*, *umas*). Mesmo na forma contraída, ela só deve ser empregada junto ao verbo ir com sentido de "*ocorrer*". Exemplo:

  Aquela tranqüilidade foi só nas férias!

- verbo ir com sentido de movimento seguido de palavra feminina determinada exige que a preposição "*a*" seja acentuada (crase). Exemplo:

  Sem oportunidade de escolha, todos fomos à inauguração do departamento.

As locuções verbais e o uso das preposições

Locuções são grupos de palavras que, unidas, formam uma unidade com um sentido próprio. Na língua portuguesa há vários tipos de locução: *locução verbal*, *locução adverbial*, *locução prepositiva*, etc.

Uma *locução verbal* se compõe de dois ou mais verbos (ex.: *tenho estado fazendo*). Na locução verbal composta de dois verbos, o primeiro deles é considerado um *verbo auxiliar* (*ser*, *estar*, *ter* e *haver*) ou *modal* (*poder*, *querer*, *precisar*, *dever*, etc.). O segundo verbo da locução é considerado o *verbo principal*. Independentemente do tipo, porém, é sempre o primeiro verbo da locução o responsável pela flexão (de número, tempo, modo e aspecto). O segundo verbo da locução apresenta-se sempre no infinitivo, no gerúndio ou no particípio.

As preposições são exigidas pela relação de *regência* que se estabelece entre elas e o verbo. Numa locução verbal, é o segundo verbo que rege a preposição. Portanto, mesmo se o primeiro verbo da locução reger uma preposição, ela deve ser abandonada nesse tipo de construção.

Exemplos:

1. Se ela precisar de viajar, não vou me opor. [Inadequado]

   Se ela precisar viajar, não vou me opor. [Adequado]

2. Ele deve de ser inteligente. [Inadequado]

   Ele deve ser inteligente. [Adequado]

É importante, no entanto, atentar para duas particularidades:

- os *verbos transitivos indiretos* (aqueles que exigem complemento preposicionado) podem apresentar como complemento um verbo no infinitivo. Nesse caso, não se trata de uma locução verbal, já que o primeiro verbo não é um auxiliar ou modal. Portanto, o emprego da preposição é obrigatório. Exemplo:

1. Cecília gosta de trabalhar no shopping.

   ...[*gostar*: verbo transitivo indireto = rege a preposição "*de*"]

- verbo "*ter*" com sentido de "*precisar*", "*ser obrigado*", "*ser necessário*" é acompanhado pela preposição "de". Como se trata de uma restrição semântica, o emprego da preposição é obrigatório, mesmo se o complemento deste verbo for um verbo no infinitivo. Do mesmo modo que os verbos transitivos indiretos, não se trata aqui de uma locução verbal. Exemplo:

1. Ele tem de cumprir a sua promessa.

   ...[*ter*: verbo preposicionado = é acompanhado pela preposição "*de*"]

Uso de Parônimos

Parônimos são palavras de sentido diferente e forma semelhante, que provocam, com alguma freqüência, confusão. A lista das formas parônimas do português é extensa. Abaixo alguns exemplos:

1. "ovos estalados" (que sofreram estalo) -> "ovos estrelados" (em forma de estrela)
2. "afim de" (semelhante a) -> "a fim de" (para)
3. "deferir" (aprovar) -> "diferir" (adiar)
4. "descrição" (ato de descrever) -> "discrição" (qualidade de discreto)
5. "espinho" (órgão das plantas) -> "espinha" (osso de peixe)
6. "emigrar" (migrar de) -> "imigrar" (migrar para)
7. "a cerca de" (a respeito de) -> "cerca de" (aproximadamente)
8. "listada" (incluída em uma lista) -> "listrada" (com listras)
9. "germinada" (que germinou) -> "geminada" (duplicada)
10. "súbita honra" (honra repentina) -> "subida honra" (alta honra)

Vejamos a seguir alguns desses casos:

- OVOS "ESTALADOS"

O uso corrente dessa expressão costuma colocar a palavra "estalado" no lugar da palavra "estrelado". A forma adequada - ovo(s) estrelado(s) - irá surtir o efeito que se queria produzir: situação do ovo que é frito (e não mexido) em que este se assemelha a uma estrela - o centro da estrela (a gema) e a irradiação da sua luz (a clara).

Exemplos:

1. Por favor, eu quero ovos estalados para o café da manhã! [Inadequado]

   Por favor, eu quero ovos estrelados para o café da manhã! [Adequado]

- "ESPINHO" DE PEIXE

Nessa expressão, a língua falada consagrou ao peixe uma propriedade que não lhe é própria: a de ter espinhos. Diferente das flores, como a rosa, que sabidamente possui espinhos, o peixe possui espinha, proveniente da sua espinha dorsal, na qualidade de animal vertebrado que é. A expressão adequada, portanto, é espinha de peixe.

Exemplos:

1. No prato só restaram os espinhos de peixe... [Inadequado]

   No prato só restaram as espinhas de peixe... [Adequado]

- MAL E "PORCAMENTE"

Nessa expressão estão combinadas duas palavras de sentido negativo. É natural, portanto, que o falante, inadvertido, empregue de maneira equivocada a palavra "porcamente" para reforçar o atributo negativo já expresso por "mal". Porém a palavra adequada nessa expressão é "parcamente", um advérbio que vem do adjetivo "parca", significando "escasso", "simples", "reduzido". Vê-se que, na correta acepção da expressão, o sentido pejorativo desaparece quase que totalmente, sendo reduzido a "algo que se faz de forma errada e muito simples".

Exemplos:

1. Mariana escreveu mal e porcamente sua redação sobre as férias. [Inadequado]

   Mariana escreveu mal e parcamente sua redação sobre as férias. [Adequado]

Uso do Clichê

Clichês são frases que se banalizaram pela repetição excessiva, transformando-se em um tipo de estereótipo que merece ser evitado. A lista de clichês e chavões nos textos em língua portuguesa é extensa. Abaixo alguns exemplos.

1. Fechar com chave de ouro
2. Ao apagar das luzes
3. Bater em retirada
4. Cair como uma luva
5. Chegar a um denominador comum
6. Colocar um ponto final na discussão

Uso de Arcaísmos

Há, na língua portuguesa, várias expressões e construções sintáticas que, embora comuns no passado, deixaram de participar da norma atual. Essas expressões - por comprometerem a clareza e atribuírem, ao texto, um tom excessivamente precioso - devem ser evitadas, sempre que possível.A lista de expressões arcaicas é extensa. Abaixo alguns exemplos:

FORMA ARCAICA	FORMA ATUAL
Alcaide	Prefeito
Nosocômio	Hospital
Outrossim	Também
Hum	Um
Cincoenta	Cinqüenta

Uso de Estrangeirismos

A palavra estrangeira deve ser evitada sempre que já existir, em língua portuguesa, expressão equivalente.

Exemplo:

whisky -> uísque

cognac -> conhaque

karatê -> caratê

tarot -> tarô

poker -> pôquer

menu -> cardápio

gentleman -> cavalheiro

lady -> senhora

FONTE: **http://www.nilc.icmc.usp.br/minigramatica/mini/usodeestrangeirismos.htm**

ADRIANA
FIGUEIREDO
CURSOS

REGÊNCIA

É a parte da gramática que estuda as relações de dependência dos termos na frase. Pode ser verbal ou nominal. Trataremos aqui da regência de verbos que exigem um estudo particular.

REGÊNCIA VERBAL

Apresentamos a seguir a regência dos verbos mais importantes.

- ABRAÇAR, ADORAR, ALMEJAR, AMAR, ATINGIR, CONVIDAR, ESPERAR, FAVORECER, NAMORAR, PISAR, VISITAR...: verbos transitivos diretos (T.D.).

Obs.: O verbo ESPERAR pode aparecer com ou sem a preposição POR:
Esperei (por) Adriana.

- ALUDIR, AGRADAR, ANUIR, OBEDECER, DESOBEDECER, REFERIR-SE (esses verbos regem preposição A); SIMPATIZAR, ANTIPATIZAR (preposição COM, não são pronominais): verbos transitivos indiretos (T.I.).

- AVISAR, COMUNICAR, CERTIFICAR, CIENTIFICAR, INFORMAR...: verbos que admitem dois complementos, um sem preposição, outro com preposição (T.D.I.)

Complete as lacunas com a(s) forma(s) adequada(s)

- AJUDAR {
  - T.D.
  - T.D.I. (com infinitivo)

1) Ajudei- __________ como pude. (o/lhe)

2) Ajudou __________ filho ___________ o trabalho de casa. (o/ao; fazer/a fazer)

- ASPIRAR {
  - T.D. (inspirar, sorver)
  - T.I. (almejar, desejar)

3) Naquela fazenda, aspirávamos ___________ puro. (o ar/ao ar)

4) Aspiro ___________ felicidade. Quem não aspira ___________? (a/à; lhe/a ela)

- ASSISTIR {
  - T.I. (ver, presenciar; caber, competir)
  - T.D. ou T.I. (dar assistência)
  - INTRANSITIVO (morar – forma desusada)

5) Assisti ___________ programa de entrevistas horrorizado. As crianças não podem assistir ___________. (o/ao; lhe/a ele)

6) Assiste ___________ trabalhadores o direito à greve. (o/aos)

7) Assistiu ___________ enfermo com dedicação. (o/ao)

8) Assisto ___________ Búzios. (a/em)

- ATENDER { T.D. ou T.I. (para coisa ou pessoa)

9) Atendia com paciência ___________ advogados. (o/aos)

10) Atendeu ___________ reivindicações dos médicos. (as/às)

- CHAMAR {
  - T.D. (pedir a presença, convocar)
  - T.I. (invocar ajuda, proteção)
  - T.D.I. (apelidar, qualificar)

11) Chamou- ___________ ao quarto. (o/lhe)

12) Chamava ___________ Deus. (a/por)

13) A dona da casa chamou- ___________ __________________. (o/lhe; curioso/de curioso)

- CHEGAR/IR INTRANSITIVO (preposição A + adjunto adverbial de lugar)

14) Cheguei ___________ estádio atrasado. (ao/no)

15) Fui ___________ supermercado. (ao/no)

- CUSTAR {
  - T.I. (ser difícil – nesta acepção, tem como sujeito aquilo que é difícil)
  - INTRANSITIVO (ideia de preço – sem preposição)
  - T.D.I. (acarretar)

16) Custou-___________ resolver o problema. (o/lhe)

17) Custou ___________ chegar cedo. (o aluno/ao aluno)

18) O ingresso custa cinquenta reais.

19) A indisciplina custou- ___________ o emprego. (o/lhe)

- DEPARAR
  - T.D. ou T.I. (encontrar de repente)
  - T.I. (pronominal)

20) Ao chegar deparei ___________________. (meu amigo/com meu amigo)

21) Ao chegar deparei-me ___________________. (um conhecido/com um conhecido)

- ESQUECER
  - T.D. (não pronominal)
  - T.I. (pronominal)
  - T.I. (quando o sujeito é a coisa esquecida – forma desusada)

22) Esqueci _________ livros. (os/dos)

23) Esqueci-me _________ livros. (os/dos)

24) Esqueceu-me _________ teu aniversário. (o/do)

Obs.: Aqui, o sujeito é “teu aniversário” e o “me” é o objeto indireto.

- IMPLICAR
  - T.D. (acarretar)
  - T.I. (ter implicância, perturbar; envolver-se – pronominal, com preposição EM)

25) Entre renunciar ao princípio da autoridade ou ir contra um desejo do grupo, qualquer escolha implicava _________ desgaste. (um/num)

26) Quando era pequeno todos implicavam _________. (com ele/nele)

27) O diretor implicou-se _________ negócios escusos. (em/por)

- LEMBRAR
  - T.D. (não pronominal)
  - T.I. (pronominal; com objeto indireto oracional)
  - T.D.I.

28) Lembrei _________ data de seu aniversário. (a/da)

29) Lembrei-me _________ data de seu aniversário. (a/da)

30) Lembre-se _________ estamos com você. (que/de que)

31) Lembrei os meus filhos _________ já passava da hora de dormir. (que/de que)

- MORAR, RESIDIR, SITUAR { preposição EM + adj.adv. de lugar

32) Moro/Resido _________ rua dez. (à/na)

33) O imóvel situado _________ rua dez está à venda. (à/na)

- PAGAR/PERDOAR {
  - T.D. (para coisa)
  - T.I. (para pessoa)
  - T.D.I. (direito para coisa e indireto para pessoa)

34) Paguei _________ impostos. (os/aos)

35) Perdoei _________ dívida. (a/à)

36) Paguei _________ funcionários. (os/aos)

37) Perdoei _________ funcionário. (o/ao)

38) Paguei _________ despesa _________ gerente. (a/à; o/ao)

- PEDIR {
  - T.D. (solicitar, exigir)
  - T.I. (implorar)
  - T.D.I.

39) Pedia _________ ajuda dos amigos. (a/à)

40) Ele pediu _________ viesse sozinha. (que/para que)

41) Pedi _________ meus filhos. (aos/pelos)

42) Pedia calma _________ mais alterados. (os/aos)

- PREFERIR { T.D.I. (com preposição A para o objeto indireto. Não se aceitam expressões como “mais”, “(do)que”, “antes”.

43) Prefiro a democracia _________ totalitarismo. (o/ao)

- PROCEDER
  - T.I. (dar início)
  - INTRANSITIVO (comportar-se; ter fundamento; originar-se)

44) Procedeu _________ chamada. (a/à)

45) Procedeu como se esperava.

46) O seu argumento não procede.

47) O avião procede de Brasília.

- QUERER
  - T.D. (desejar)
  - T.I. (gostar, querer bem)

48) Quero _________ pouco de tranquilidade. (um/a um)

49) Quero muito _________ amigos. (meus/a meus)

- REFERIR
  - T.D. (relatar, contar)

50) “É um grande homem, disse ele à mulher, referindo ________________ circunstância.” (aquela/àquela)

- RESPONDER
  - T.D. (objeto direto do que se responde)
  - T.I. (para coisa ou pessoa a que se responde)
  - T.D.I. (objeto direto para coisa e indireto para pessoa)

51) Respondi _________ não iria ao jogo. (que/de que)

52) Respondi _________ ataques. (os/aos)

53) Respondeu _________ pais. (os/aos)

54) Respondeu _________ filhos que não perturbasse. (os/aos)

- SUCEDER
  - T.I. (substituir; acontecer, ocorrer)
  - INTRANSITIVO (acontecer, ocorreu)

55) Sucedeu _________ irmão na arte de enganar. (o/ao)

56) O que _________ sucedeu? (o/lhe)

57) Sucederam cenas tristes. (verbo intransitivo)
suj.

- VISAR
  - T.D. (mirar, apontar; pôr o visto)
  - T.I. (desejar, aspirar

58) O policial visava _________ alvo. (o/ao)

59) Visou _________ passaporte. (o/ao)

60) Aquele candidato visava _________ aprovação. (a/à)

61) Eles só visam _________ lucro. (o/ao)

Observações finais

a) Os pronomes **o(s)**, **a(s)**, como complementos verbais, funcionam como objetos diretos (complementos de verbos transitivos diretos), enquanto os pronomes **lhe**, **lhes** como objetos indiretos (complementos de verbos transitivos indiretos).

Ex.: Não **o** visitamos já faz tempo. (visitar é verbo transitivo direto)
Obedeça-**lhe** sem discutir. (obedecer é verbo transitivo indireto)

b) Alguns verbos transitivos indiretos **não** admitem uso de **lhe**, empregando-se **a ele(s)**, **a ela(s)** como complemento. Os principais são: **aludir, aspirar, assistir** (= presenciar, ver), **anuir, desconfiar, gostar, recorrer, visar** etc.

c) Quando há verbos em coordenação de transitividades diferentes ou de mesma transitividade, mas que regem preposições distintas, não devemos usar um único complemento.

Ex.: Vi e gostei do filme. (forma inadequada)

Vi o filme e gostei dele. (forma adequada)

Assisti e gostei do filme. (forma inadequada)

Assisti ao filme e gostei dele. (forma adequada)

REGÊNCIA NOMINAL

Regência Nominal é o nome da relação existente entre um **nome** (substantivo, adjetivo ou advérbio) e os termos regidos por esse nome. Essa relação é sempre intermediada por uma **preposição**.

No estudo da regência nominal, é preciso levar em conta que vários nomes apresentam exatamente o mesmo regime dos verbos de que derivam. Conhecer o regime de um verbo significa, nesses casos, conhecer o regime dos nomes cognatos.

Observe o exemplo:

Verbo **obedecer** e os nomes correspondentes: todos regem complementos introduzidos pela preposição **"a"**.

Veja:
Obedecer **a** algo/ **a** alguém.
Obediente **a** algo/ **a** alguém.

SUBSTANTIVOS

Admiração a, por	Devoção a, para, com, por	Medo de
Aversão a, para, por	Doutor em	Obediência a
Atentado a, contra	Dúvida acerca de, em, sobre	Ojeriza a, por
Bacharel em	Horror a	Proeminência sobre
Capacidade de, para	Impaciência com	Respeito a, com, para com, por

ADVÉRBIOS

Longe de
Perto de

ADJETIVOS

Acessível a	Entendido em	Necessário a
Acostumado a, com	Equivalente a	Nocivo a
Agradável a	Escasso de	Paralelo a
Alheio a, de	Essencial a, para	Passível de
Análogo a	Fácil de	Preferível a
Ansioso de, para, por	Fanático por	Prejudicial a
Apto a, para	Favorável a	Prestes a
Ávido de	Generoso com	Propício a
Benéfico a	Grato a, por	Próximo a
Capaz de, para	Hábil em	Relacionado com
Compatível com	Habituado a	Relativo a
Contemporâneo a, de	Idêntico a	Satisfeito com, de, em, por
Contíguo a	Impróprio para	Semelhante a
Contrário a	Indeciso em	Sensível a
Descontente com	Insensível a	Sito em
Desejoso de	Liberal com	Suspeito de
Diferente de	Natural de	Vazio de

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. Assinale a frase que apresenta regência nominal incorreta.

a) O tabagismo é prejudicial à saúde.

b) Estava inclinado em aceitar o convite

c) Sempre foi muito tolerante com o irmão.

d) É lamentável sentir desprezo por alguém.

e) Em referência ao assunto, prefiro nada dizer.

2. Indique o trecho em que há erro de regência.

a) "Os rebeldes sem causa já haviam tomado de assalto as telas do cinema muito antes que a primeira guitarra roqueira fosse plugada na tomada."

b) "A exemplo das grandes sagas empresariais, „Um Sonho de Liberdade' prega a supremacia da perseverança sobre a adversidade, da paciência sobre a brutalidade, da frieza sobre o instinto”.

c) “Para lembrar o assassinato de Zumbi, muitos estarão somente dançando e tocando tambor - o que somente acontecerá em reforço aos estereótipos atiçados sobre seus descendentes”.

d) "Art. 3. São direitos de cada condômino: reclamar à Administração, exclusivamente por escrito, todas e quaisquer irregularidades que observe, ou que esteja sendo vítima”.

e) “4.1 - Este contrato é irrevogável e irretratável. Desejando o assinante cancelá-lo, deverá remeter à editora cópia xerográfica da face preenchida deste documento, acompanhada de carta explicativa dos motivos do cancelamento".

Não perca:

Estação Premonição.
Programa especial para o concurso do Metrô

PREMONIÇÃO

Dia 09/4
Quarta-feira
às 20 horas

LÍNGUA AFIADA
A Língua Portuguesa de forma descomplicada.

Um oferecimento: GRAN CURSOS ONLINE GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Transmissão **ao vivo** pelo Facebook e YouTube

www.grancursos.com.br

1. Prova: IADES - 2011 - PG-DF - Analista Jurídico - Arquitetura
No trecho “Nessa variabilidade e nesse dinamismo naturalmente se formam ‘padrões’ de uso, que, por sua vez, identificam grupos, e, numa apuração mais fina, identificam os próprios indivíduos.”,
assinale a alternativa correta em relação aos aspectos gramaticais.

a) A inserção da vírgula após o termo “dinamismo” alteraria, sintática e semanticamente, a estrutura do período.

b) Haveria erro de colocação pronominal caso se transpusesse a partícula “se” para depois do verbo “formam”.

c) O uso da forma verbal “se formam” no plural, atende às exigências de concordância com o termo “padrões” e seriam mantidas a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto se fosse usado o termo no singular.

d) As formas verbais presentes no trecho acima apresentam dois referentes: “padrões de uso” e “grupos”.

e) Ao se retirar a vírgula após o substantivo “uso”, não haverá alteração semântica na frase.

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

“Nessa variabilidade e nesse dinamismo naturalmente se formam ‘padrões’ de uso, que, por sua vez, identificam grupos, e, numa apuração mais fina, identificam os próprios indivíduos.”,
assinale a alternativa correta em relação aos aspectos gramaticais.

a) A inserção da vírgula após o termo “dinamismo” alteraria, sintática e semanticamente, a estrutura do período.

“Nessa variabilidade e nesse dinamismo naturalmente se formam ‘padrões’ de uso, que, por sua vez, identificam grupos, e, numa apuração mais fina, identificam os próprios indivíduos.”,
assinale a alternativa correta em relação aos aspectos gramaticais.

b) Haveria erro de colocação pronominal caso se transpusesse a partícula “se” para depois do verbo “formam”.

“Nessa variabilidade e nesse dinamismo naturalmente se formam ‘padrões’ de uso, que, por sua vez, identificam grupos, e, numa apuração mais fina, identificam os próprios indivíduos.”,
assinale a alternativa correta em relação aos aspectos gramaticais.

c) O uso da forma verbal “se formam” no plural, atende às exigências de concordância com o termo “padrões” e seriam mantidas a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto se fosse usado o termo no singular.

“Nessa variabilidade e nesse dinamismo naturalmente se formam ‘padrões’ de uso, que, por sua vez, identificam grupos, e, numa apuração mais fina, identificam os próprios indivíduos.”,
assinale a alternativa correta em relação aos aspectos gramaticais.

d) As formas verbais presentes no trecho acima apresentam dois referentes: “padrões de uso” e “grupos”.

“Nessa variabilidade e nesse dinamismo naturalmente se formam ‘padrões’ de uso, que, por sua vez, identificam grupos, e, numa apuração mais fina, identificam os próprios indivíduos.”,
assinale a alternativa correta em relação aos aspectos gramaticais.

.

e) Ao se retirar a vírgula após o substantivo “uso”, não haverá alteração semântica na frase.

2 IADES – 2013Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares Considerando a norma padrão da língua portuguesa, assinale a alternativa correta.

(A) No 1º parágrafo, o emprego da vírgula entre as orações que constituem o 2º período é facultativo.
(B) Em “assistência à saúde” (linha 4), o uso da crase é obrigatório; entretanto, seria facultativo caso o substantivo “saúde” estivesse posposto ao pronome sua.
(C) Outra redação possível para o trecho “Antes, o modelo adotado dividia os brasileiros entre” (linhas 4 e 5) é Antes, o modelo adotado dividia os brasileiros nas seguintes categorias, desde que fosse utilizada uma vírgula logo após categorias.
(D) No período “o cidadão pode exigir que seu direito seja cumprido.” (linhas 11 e 12), poderia ser inserida a preposição de no início da 2ª oração.
(E) Caso fosse necessário substituir o termo destacado, no período “é possível encontrar o endereço da instituição” (linhas 15 e 16), o correto seria empregar o pronome lhe em seu lugar.

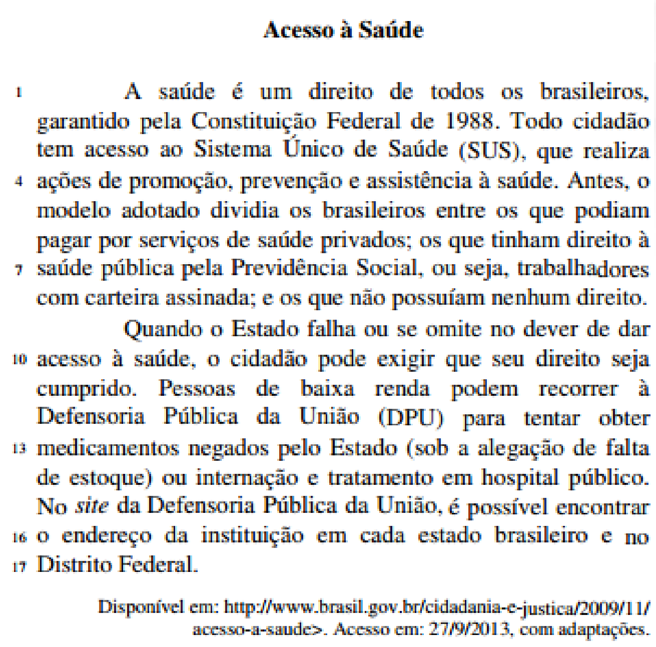

Acesso à Saúde

1 A saúde é um direito de todos os brasileiros,
garantido pela Constituição Federal de 1988. Todo cidadão
tem acesso ao Sistema Único de Saúde (SUS), que realiza
4 ações de promoção, prevenção e assistência à saúde. Antes, o
modelo adotado dividia os brasileiros entre os que podiam
pagar por serviços de saúde privados; os que tinham direito à
7 saúde pública pela Previdência Social, ou seja, trabalhadores
com carteira assinada; e os que não possuíam nenhum direito.
Quando o Estado falha ou se omite no dever de dar
10 acesso à saúde, o cidadão pode exigir que seu direito seja
cumprido. Pessoas de baixa renda podem recorrer à
Defensoria Pública da União (DPU) para tentar obter
13 medicamentos negados pelo Estado (sob a alegação de falta
de estoque) ou internação e tratamento em hospital público.
No *site* da Defensoria Pública da União, é possível encontrar
16 o endereço da instituição em cada estado brasileiro e no
17 Distrito Federal.

Disponível em: http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2009/11/acesso-a-saude>. Acesso em: 27/9/2013, com adaptações.

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

(A) No 1º parágrafo, o emprego da vírgula entre as orações que constituem o 2º período é facultativo.

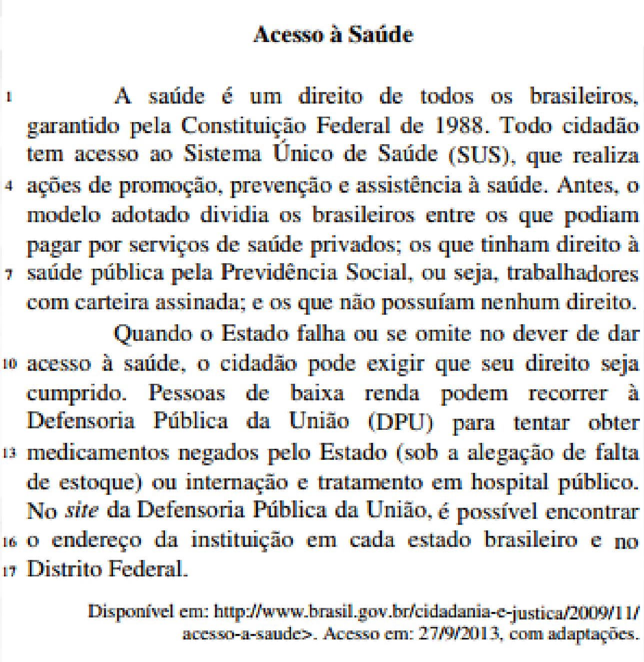

Acesso à Saúde

A saúde é um direito de todos os brasileiros, garantido pela Constituição Federal de 1988. Todo cidadão tem acesso ao Sistema Único de Saúde (SUS), que realiza ações de promoção, prevenção e assistência à saúde. Antes, o modelo adotado dividia os brasileiros entre os que podiam pagar por serviços de saúde privados; os que tinham direito à saúde pública pela Previdência Social, ou seja, trabalhadores com carteira assinada; e os que não possuíam nenhum direito.

Quando o Estado falha ou se omite no dever de dar acesso à saúde, o cidadão pode exigir que seu direito seja cumprido. Pessoas de baixa renda podem recorrer à Defensoria Pública da União (DPU) para tentar obter medicamentos negados pelo Estado (sob a alegação de falta de estoque) ou internação e tratamento em hospital público. No *site* da Defensoria Pública da União, é possível encontrar o endereço da instituição em cada estado brasileiro e no Distrito Federal.

Disponível em: http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2009/11/acesso-a-saude>. Acesso em: 27/9/2013, com adaptações.

B) Em “assistência à saúde” (linha 4), o uso da crase é obrigatório; entretanto, seria facultativo caso o substantivo “saúde” estivesse posposto ao pronome sua.

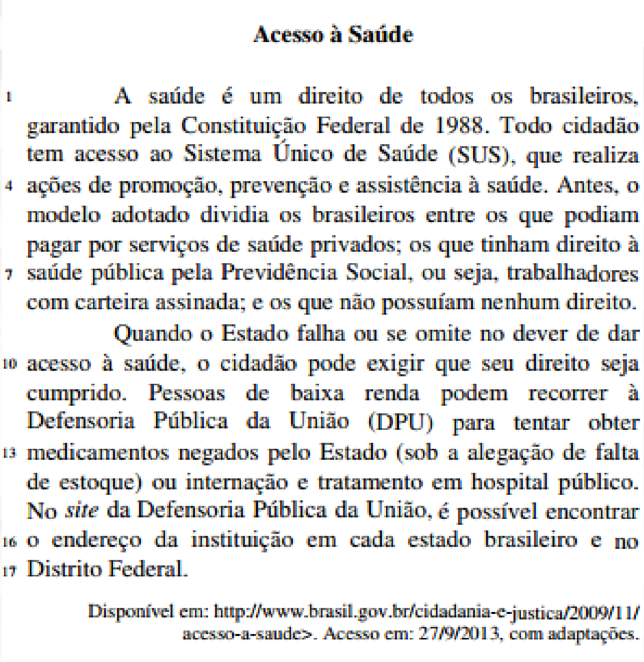

Acesso à Saúde

A saúde é um direito de todos os brasileiros, garantido pela Constituição Federal de 1988. Todo cidadão tem acesso ao Sistema Único de Saúde (SUS), que realiza ações de promoção, prevenção e assistência à saúde. Antes, o modelo adotado dividia os brasileiros entre os que podiam pagar por serviços de saúde privados; os que tinham direito à saúde pública pela Previdência Social, ou seja, trabalhadores com carteira assinada; e os que não possuíam nenhum direito.

Quando o Estado falha ou se omite no dever de dar acesso à saúde, o cidadão pode exigir que seu direito seja cumprido. Pessoas de baixa renda podem recorrer à Defensoria Pública da União (DPU) para tentar obter medicamentos negados pelo Estado (sob a alegação de falta de estoque) ou internação e tratamento em hospital público. No *site* da Defensoria Pública da União, é possível encontrar o endereço da instituição em cada estado brasileiro e no Distrito Federal.

Disponível em: http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2009/11/acesso-a-saude>. Acesso em: 27/9/2013, com adaptações.

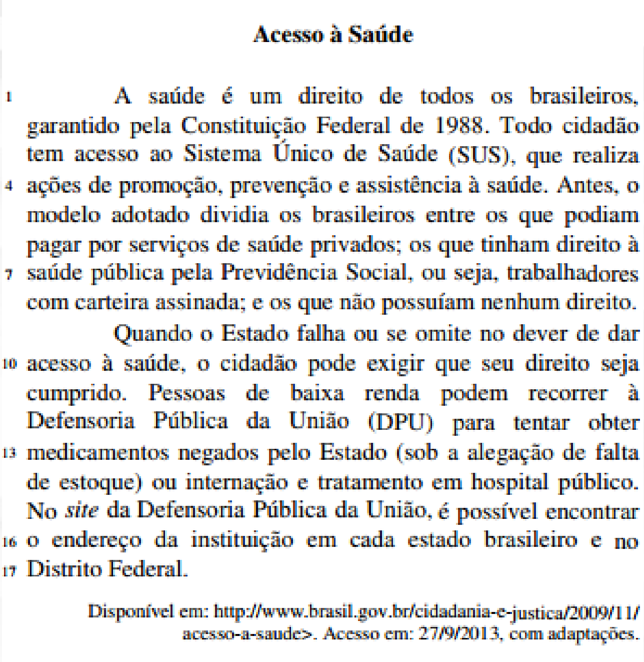

Acesso à Saúde

A saúde é um direito de todos os brasileiros, garantido pela Constituição Federal de 1988. Todo cidadão tem acesso ao Sistema Único de Saúde (SUS), que realiza ações de promoção, prevenção e assistência à saúde. Antes, o modelo adotado dividia os brasileiros entre os que podiam pagar por serviços de saúde privados; os que tinham direito à saúde pública pela Previdência Social, ou seja, trabalhadores com carteira assinada; e os que não possuíam nenhum direito.

Quando o Estado falha ou se omite no dever de dar acesso à saúde, o cidadão pode exigir que seu direito seja cumprido. Pessoas de baixa renda podem recorrer à Defensoria Pública da União (DPU) para tentar obter medicamentos negados pelo Estado (sob a alegação de falta de estoque) ou internação e tratamento em hospital público. No *site* da Defensoria Pública da União, é possível encontrar o endereço da instituição em cada estado brasileiro e no Distrito Federal.

Disponível em: http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2009/11/acesso-a-saude>. Acesso em: 27/9/2013, com adaptações.

C) Outra redação possível para o trecho “Antes, o modelo adotado dividia os brasileiros entre” (linhas 4 e 5) é Antes, o modelo adotado dividia os brasileiros nas seguintes categorias, desde que fosse utilizada uma vírgula logo após categorias

D) No período “o cidadão pode exigir que seu direito seja cumprido.” (linhas 11 e 12), poderia ser inserida
a preposição de no início da 2ª oração.

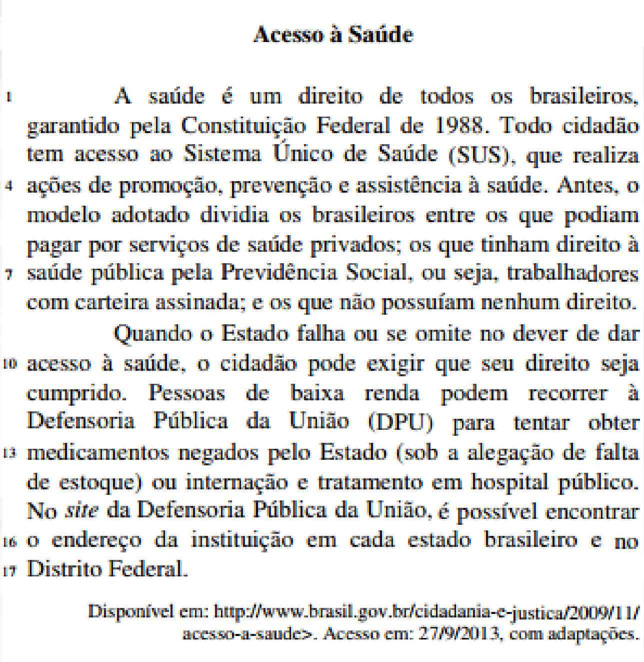

Acesso à Saúde

A saúde é um direito de todos os brasileiros, garantido pela Constituição Federal de 1988. Todo cidadão tem acesso ao Sistema Único de Saúde (SUS), que realiza ações de promoção, prevenção e assistência à saúde. Antes, o modelo adotado dividia os brasileiros entre os que podiam pagar por serviços de saúde privados; os que tinham direito à saúde pública pela Previdência Social, ou seja, trabalhadores com carteira assinada; e os que não possuíam nenhum direito.

Quando o Estado falha ou se omite no dever de dar acesso à saúde, o cidadão pode exigir que seu direito seja cumprido. Pessoas de baixa renda podem recorrer à Defensoria Pública da União (DPU) para tentar obter medicamentos negados pelo Estado (sob a alegação de falta de estoque) ou internação e tratamento em hospital público. No *site* da Defensoria Pública da União, é possível encontrar o endereço da instituição em cada estado brasileiro e no Distrito Federal.

Disponível em: http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2009/11/ acesso-a-saude>. Acesso em: 27/9/2013, com adaptações.

E) Caso fosse necessário substituir o termo destacado, no período “é possível encontrar o endereço da instituição” (linhas 15 e 16), o correto seria empregar o pronome lhe em seu lugar.

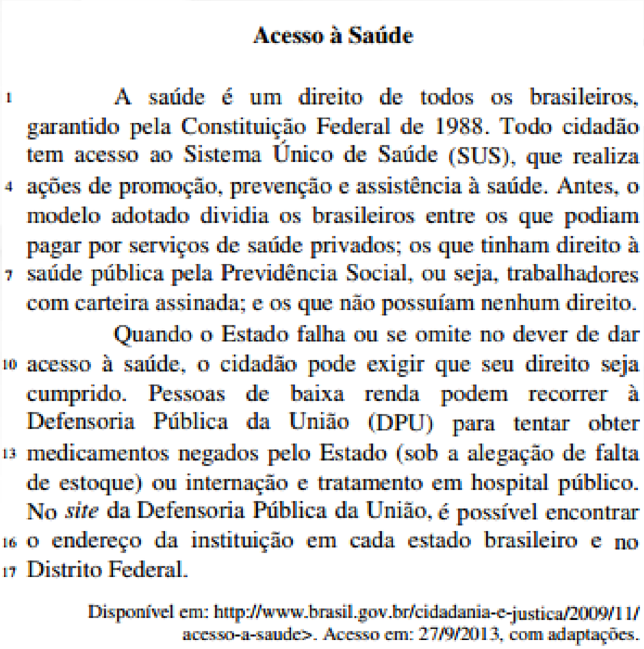

Acesso à Saúde

A saúde é um direito de todos os brasileiros, garantido pela Constituição Federal de 1988. Todo cidadão tem acesso ao Sistema Único de Saúde (SUS), que realiza ações de promoção, prevenção e assistência à saúde. Antes, o modelo adotado dividia os brasileiros entre os que podiam pagar por serviços de saúde privados; os que tinham direito à saúde pública pela Previdência Social, ou seja, trabalhadores com carteira assinada; e os que não possuíam nenhum direito.

Quando o Estado falha ou se omite no dever de dar acesso à saúde, o cidadão pode exigir que seu direito seja cumprido. Pessoas de baixa renda podem recorrer à Defensoria Pública da União (DPU) para tentar obter medicamentos negados pelo Estado (sob a alegação de falta de estoque) ou internação e tratamento em hospital público. No *site* da Defensoria Pública da União, é possível encontrar o endereço da instituição em cada estado brasileiro e no Distrito Federal.

Disponível em: http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2009/11/acesso-a-saude>. Acesso em: 27/9/2013, com adaptações.

3 IADES – SUDAM – 2013 MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL

Com relação à estruturação linguística do texto 3, analise as

afirmações e, em seguida, assinale a alternativa correta.

I - Apesar da presença do termo “respeito” (linha 5), que exige complemento introduzido por preposição “a”, não foi empregado acento indicativo de crase antes do termo “obras” (linha 5) por ser esse termo um nome feminino no plural empregado em sentido genérico.

II - Embora o termo “visa” (linha 5) exija complemento indireto, o termo “reduzir” (linha 5) não foi preposicionado por ser verbo.

III - Os termos “da cidade” (linha 6) e “do município” (linhas 7 e 8) retomam o termo “Belém” (linha 5).

IV - A última frase do texto ficaria gramaticalmente correta caso se substituísse “apesar de” (linha 14) por “porém”.

A quantidade de itens certos é igual a

(A) 0. (B) 1. (C) 2. (D) 3. (E) 4.

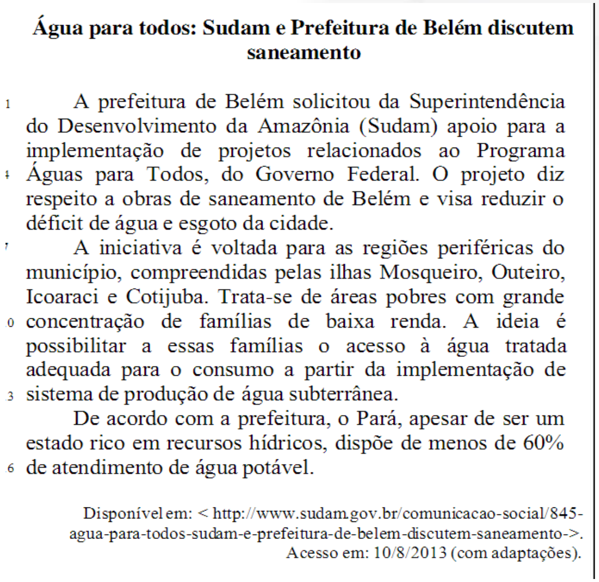

Água para todos: Sudam e Prefeitura de Belém discutem saneamento

A prefeitura de Belém solicitou da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam) apoio para a implementação de projetos relacionados ao Programa Águas para Todos, do Governo Federal. O projeto diz respeito a obras de saneamento de Belém e visa reduzir o déficit de água e esgoto da cidade.

A iniciativa é voltada para as regiões periféricas do município, compreendidas pelas ilhas Mosqueiro, Outeiro, Icoaraci e Cotijuba. Trata-se de áreas pobres com grande concentração de famílias de baixa renda. A ideia é possibilitar a essas famílias o acesso à água tratada adequada para o consumo a partir da implementação de sistema de produção de água subterrânea.

De acordo com a prefeitura, o Pará, apesar de ser um estado rico em recursos hídricos, dispõe de menos de 60% de atendimento de água potável.

Disponível em: < http://www.sudam.gov.br/comunicacao-social/845-agua-para-todos-sudam-e-prefeitura-de-belem-discutem-saneamento->. Acesso em: 10/8/2013 (com adaptações).

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

I - Apesar da presença do termo “respeito” (linha 5),
que exige complemento introduzido por preposição “a”, não foi empregado acento indicativo de crase antes do termo “obras” (linha 5) por ser esse termo um nome feminino no plural empregado em sentido genérico.

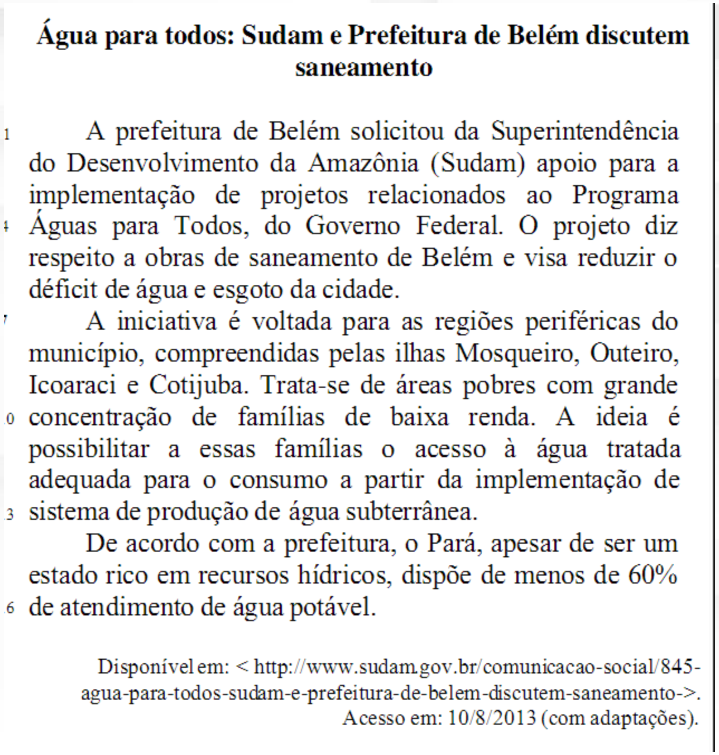

Água para todos: Sudam e Prefeitura de Belém discutem saneamento

A prefeitura de Belém solicitou da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam) apoio para a implementação de projetos relacionados ao Programa Águas para Todos, do Governo Federal. O projeto diz respeito a obras de saneamento de Belém e visa reduzir o déficit de água e esgoto da cidade.

A iniciativa é voltada para as regiões periféricas do município, compreendidas pelas ilhas Mosqueiro, Outeiro, Icoaraci e Cotijuba. Trata-se de áreas pobres com grande concentração de famílias de baixa renda. A ideia é possibilitar a essas famílias o acesso à água tratada adequada para o consumo a partir da implementação de sistema de produção de água subterrânea.

De acordo com a prefeitura, o Pará, apesar de ser um estado rico em recursos hídricos, dispõe de menos de 60% de atendimento de água potável.

Disponível em: < http://www.sudam.gov.br/comunicacao-social/845-agua-para-todos-sudam-e-prefeitura-de-belem-discutem-saneamento->. Acesso em: 10/8/2013 (com adaptações).

II - Embora o termo “visa” (linha 5) exija complemento indireto, o termo “reduzir” (linha 5) não foi preposicionado por ser verbo.

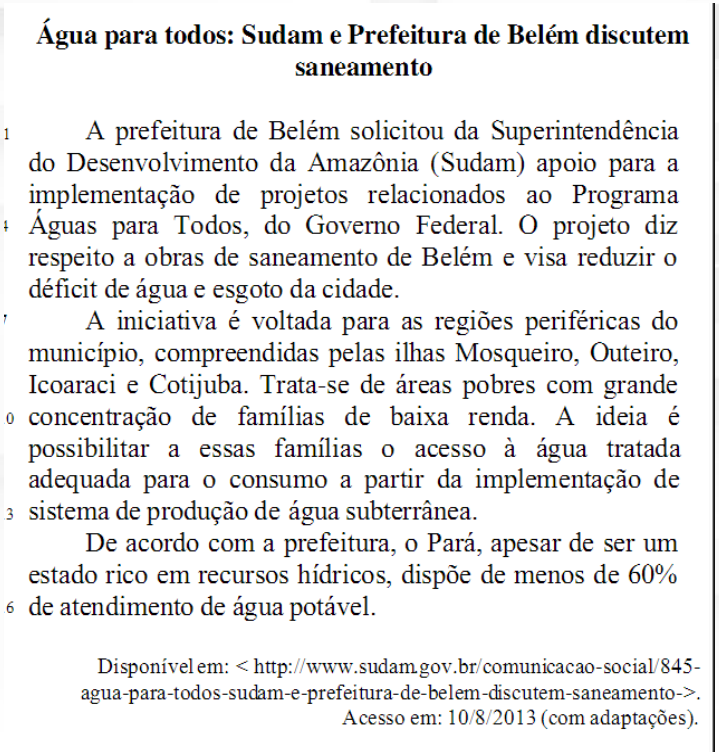

Água para todos: Sudam e Prefeitura de Belém discutem saneamento

A prefeitura de Belém solicitou da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam) apoio para a implementação de projetos relacionados ao Programa Águas para Todos, do Governo Federal. O projeto diz respeito a obras de saneamento de Belém e visa reduzir o déficit de água e esgoto da cidade.

A iniciativa é voltada para as regiões periféricas do município, compreendidas pelas ilhas Mosqueiro, Outeiro, Icoaraci e Cotijuba. Trata-se de áreas pobres com grande concentração de famílias de baixa renda. A ideia é possibilitar a essas famílias o acesso à água tratada adequada para o consumo a partir da implementação de sistema de produção de água subterrânea.

De acordo com a prefeitura, o Pará, apesar de ser um estado rico em recursos hídricos, dispõe de menos de 60% de atendimento de água potável.

Disponível em: < http://www.sudam.gov.br/comunicacao-social/845-agua-para-todos-sudam-e-prefeitura-de-belem-discutem-saneamento->. Acesso em: 10/8/2013 (com adaptações).

III - Os termos “da cidade” (linha 6) e “do município” (linhas 7 e 8) retomam o termo “Belém” (linha 5).

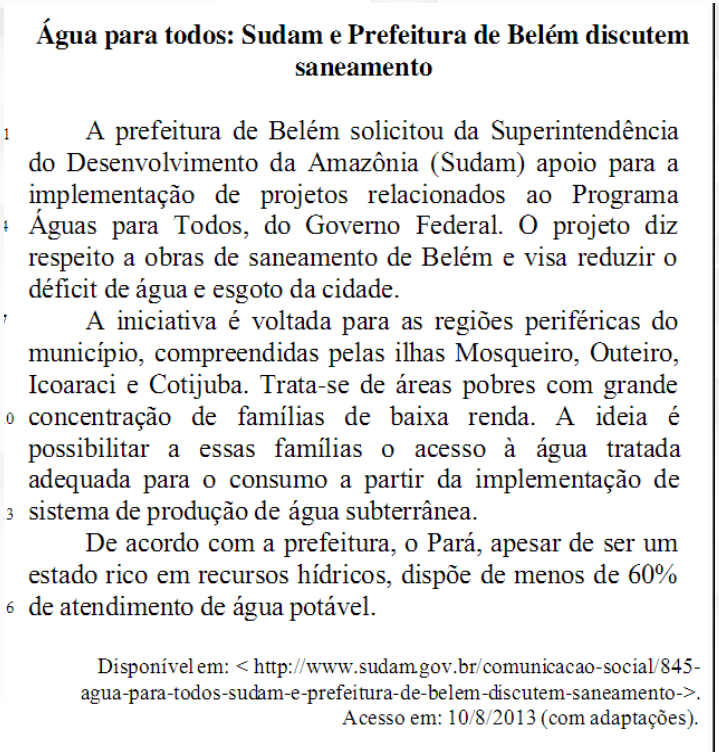

Água para todos: Sudam e Prefeitura de Belém discutem saneamento

A prefeitura de Belém solicitou da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam) apoio para a implementação de projetos relacionados ao Programa Águas para Todos, do Governo Federal. O projeto diz respeito a obras de saneamento de Belém e visa reduzir o déficit de água e esgoto da cidade.

A iniciativa é voltada para as regiões periféricas do município, compreendidas pelas ilhas Mosqueiro, Outeiro, Icoaraci e Cotijuba. Trata-se de áreas pobres com grande concentração de famílias de baixa renda. A ideia é possibilitar a essas famílias o acesso à água tratada adequada para o consumo a partir da implementação de sistema de produção de água subterrânea.

De acordo com a prefeitura, o Pará, apesar de ser um estado rico em recursos hídricos, dispõe de menos de 60% de atendimento de água potável.

Disponível em: < http://www.sudam.gov.br/comunicacao-social/845-agua-para-todos-sudam-e-prefeitura-de-belem-discutem-saneamento->. Acesso em: 10/8/2013 (com adaptações).

IV - A última frase do texto ficaria gramaticalmente correta caso se substituísse “apesar de” (linha 14) por “porém”.

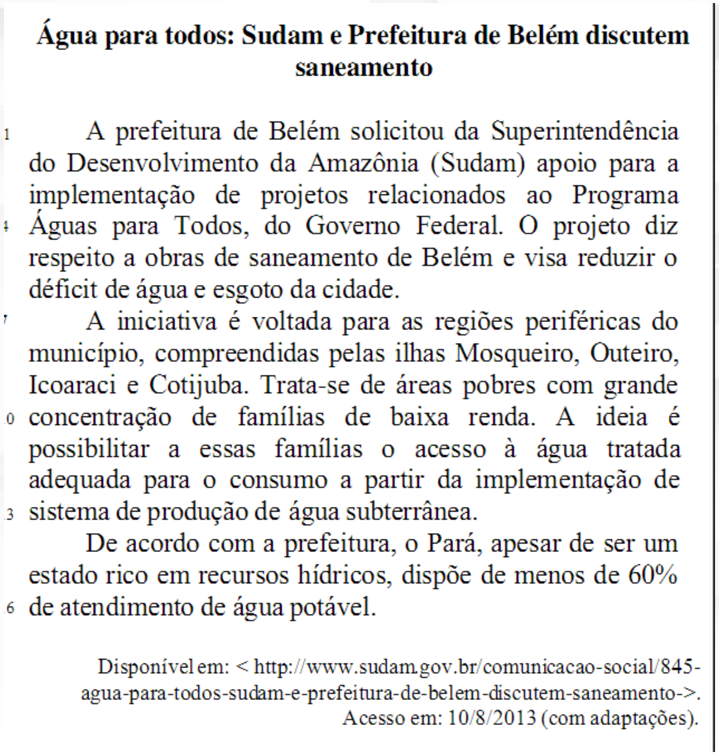

Água para todos: Sudam e Prefeitura de Belém discutem saneamento

A prefeitura de Belém solicitou da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam) apoio para a implementação de projetos relacionados ao Programa Águas para Todos, do Governo Federal. O projeto diz respeito a obras de saneamento de Belém e visa reduzir o déficit de água e esgoto da cidade.

A iniciativa é voltada para as regiões periféricas do município, compreendidas pelas ilhas Mosqueiro, Outeiro, Icoaraci e Cotijuba. Trata-se de áreas pobres com grande concentração de famílias de baixa renda. A ideia é possibilitar a essas famílias o acesso à água tratada adequada para o consumo a partir da implementação de sistema de produção de água subterrânea.

De acordo com a prefeitura, o Pará, apesar de ser um estado rico em recursos hídricos, dispõe de menos de 60% de atendimento de água potável.

Disponível em: < http://www.sudam.gov.br/comunicacao-social/845-agua-para-todos-sudam-e-prefeitura-de-belem-discutem-saneamento->. Acesso em: 10/8/2013 (com adaptações).

Com referência à estruturação linguística do texto 2, analise
as afirmações e, em seguida, assinale a alternativa correta.

I - O termo “da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam)” (linhas 1 e 2) complementa indiretamente a forma verbal “solicitou” (linha 1).
II - A construção “reduzir o déficit” (linhas 5 e 6) poderia ser substituída por “suprir a demanda” sem prejuízo sintático e semântico do texto.
III - O sujeito de “trata-se de” (linha 9) é indeterminado.
IV - Os acentos das palavras “famílias” (linha 10) e “subterrânea” (linha 13) obedecem a regras de acentuação gráfica distintas.

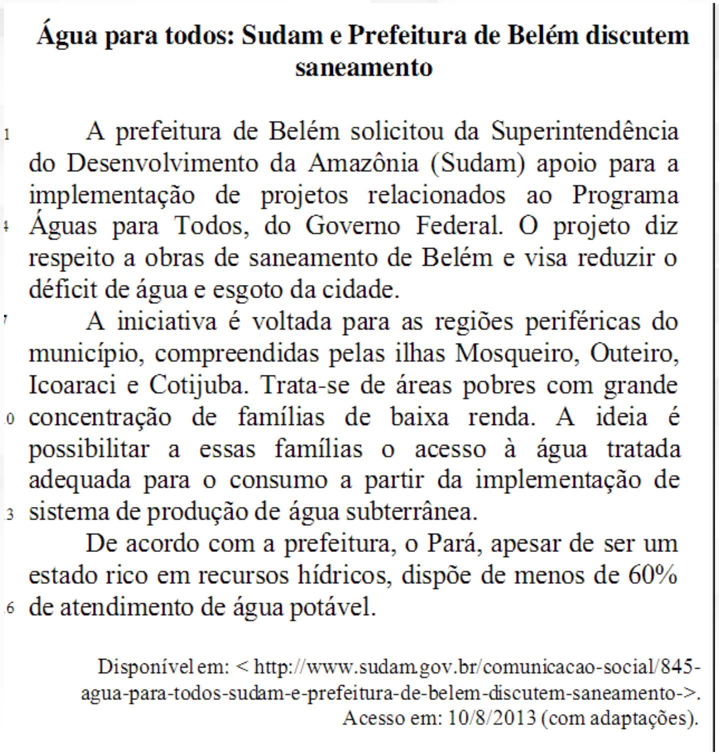

Água para todos: Sudam e Prefeitura de Belém discutem saneamento

A prefeitura de Belém solicitou da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam) apoio para a implementação de projetos relacionados ao Programa Águas para Todos, do Governo Federal. O projeto diz respeito a obras de saneamento de Belém e visa reduzir o déficit de água e esgoto da cidade.

A iniciativa é voltada para as regiões periféricas do município, compreendidas pelas ilhas Mosqueiro, Outeiro, Icoaraci e Cotijuba. Trata-se de áreas pobres com grande concentração de famílias de baixa renda. A ideia é possibilitar a essas famílias o acesso à água tratada adequada para o consumo a partir da implementação de sistema de produção de água subterrânea.

De acordo com a prefeitura, o Pará, apesar de ser um estado rico em recursos hídricos, dispõe de menos de 60% de atendimento de água potável.

Disponível em: < http://www.sudam.gov.br/comunicacao-social/845-agua-para-todos-sudam-e-prefeitura-de-belem-discutem-saneamento->. Acesso em: 10/8/2013 (com adaptações).

I - O termo “da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam)” (linhas 1 e 2) complementa indiretamente a forma verbal “solicitou” (linha 1).

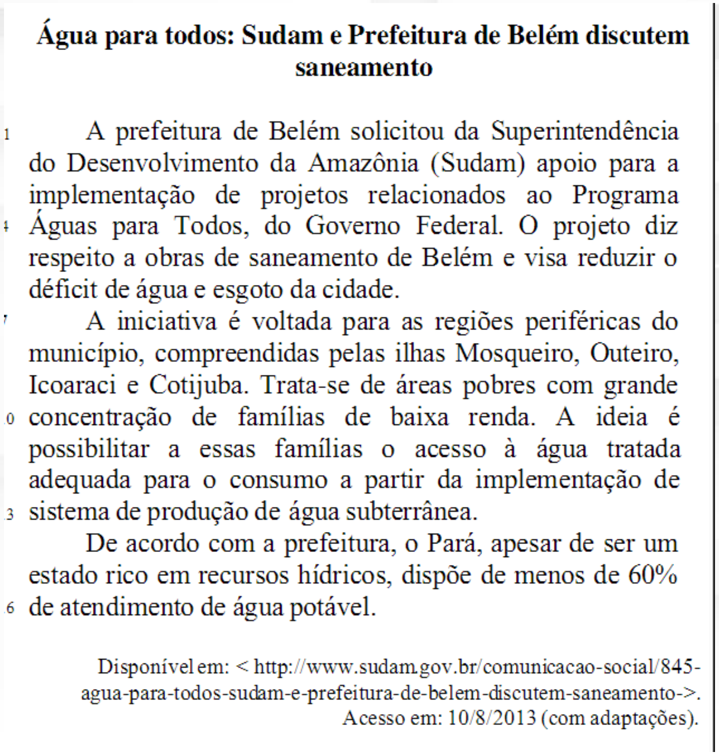

Água para todos: Sudam e Prefeitura de Belém discutem saneamento

A prefeitura de Belém solicitou da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam) apoio para a implementação de projetos relacionados ao Programa Águas para Todos, do Governo Federal. O projeto diz respeito a obras de saneamento de Belém e visa reduzir o déficit de água e esgoto da cidade.

A iniciativa é voltada para as regiões periféricas do município, compreendidas pelas ilhas Mosqueiro, Outeiro, Icoaraci e Cotijuba. Trata-se de áreas pobres com grande concentração de famílias de baixa renda. A ideia é possibilitar a essas famílias o acesso à água tratada adequada para o consumo a partir da implementação de sistema de produção de água subterrânea.

De acordo com a prefeitura, o Pará, apesar de ser um estado rico em recursos hídricos, dispõe de menos de 60% de atendimento de água potável.

Disponível em: < http://www.sudam.gov.br/comunicacao-social/845-agua-para-todos-sudam-e-prefeitura-de-belem-discutem-saneamento->. Acesso em: 10/8/2013 (com adaptações).

II - A construção “reduzir o déficit” (linhas 5 e 6) poderia ser substituída por “suprir a demanda” sem prejuízo sintático e semântico do texto.

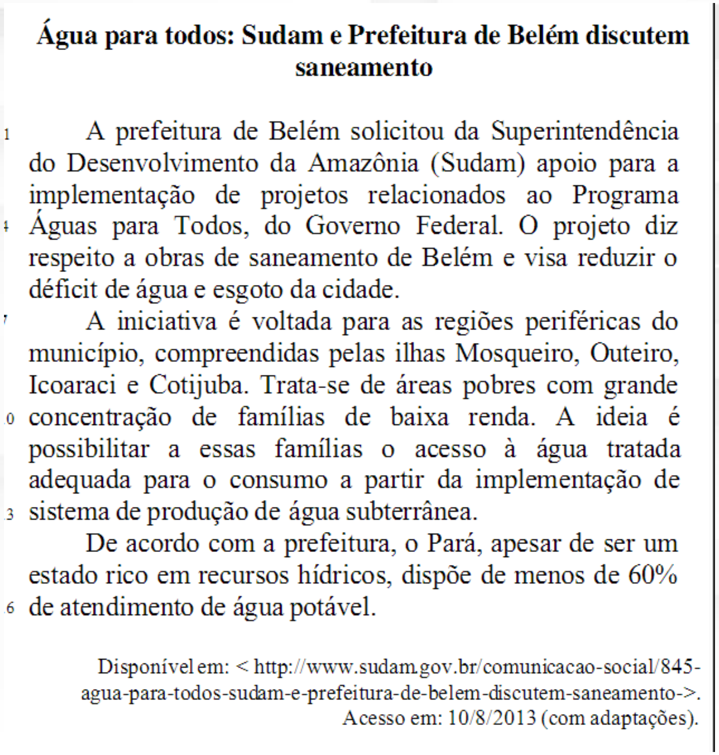

Água para todos: Sudam e Prefeitura de Belém discutem saneamento

A prefeitura de Belém solicitou da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam) apoio para a implementação de projetos relacionados ao Programa Águas para Todos, do Governo Federal. O projeto diz respeito a obras de saneamento de Belém e visa reduzir o déficit de água e esgoto da cidade.

A iniciativa é voltada para as regiões periféricas do município, compreendidas pelas ilhas Mosqueiro, Outeiro, Icoaraci e Cotijuba. Trata-se de áreas pobres com grande concentração de famílias de baixa renda. A ideia é possibilitar a essas famílias o acesso à água tratada adequada para o consumo a partir da implementação de sistema de produção de água subterrânea.

De acordo com a prefeitura, o Pará, apesar de ser um estado rico em recursos hídricos, dispõe de menos de 60% de atendimento de água potável.

Disponível em: < http://www.sudam.gov.br/comunicacao-social/845-agua-para-todos-sudam-e-prefeitura-de-belem-discutem-saneamento->. Acesso em: 10/8/2013 (com adaptações).

III - O sujeito de “trata-se de” (linha 9) é indeterminado.

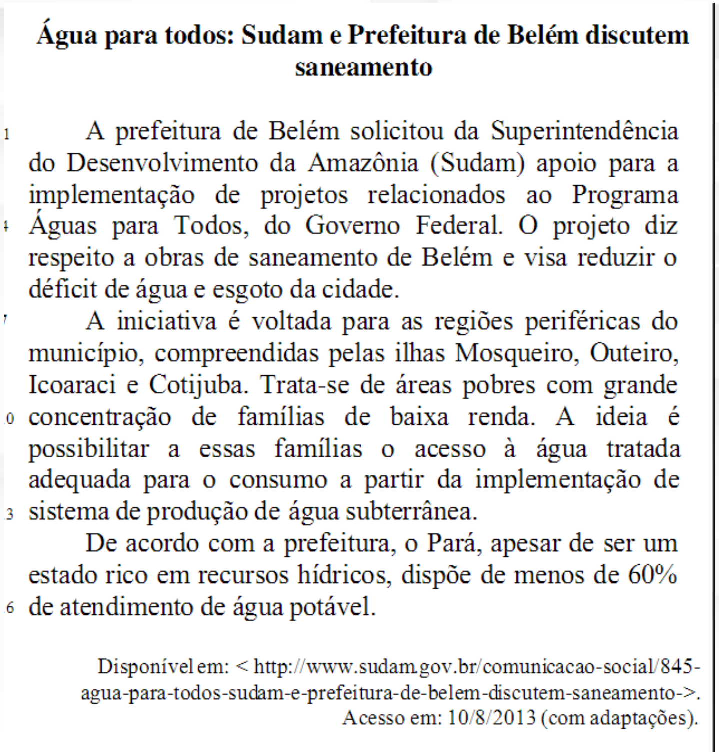

Água para todos: Sudam e Prefeitura de Belém discutem saneamento

A prefeitura de Belém solicitou da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam) apoio para a implementação de projetos relacionados ao Programa Águas para Todos, do Governo Federal. O projeto diz respeito a obras de saneamento de Belém e visa reduzir o déficit de água e esgoto da cidade.

A iniciativa é voltada para as regiões periféricas do município, compreendidas pelas ilhas Mosqueiro, Outeiro, Icoaraci e Cotijuba. Trata-se de áreas pobres com grande concentração de famílias de baixa renda. A ideia é possibilitar a essas famílias o acesso à água tratada adequada para o consumo a partir da implementação de sistema de produção de água subterrânea.

De acordo com a prefeitura, o Pará, apesar de ser um estado rico em recursos hídricos, dispõe de menos de 60% de atendimento de água potável.

Disponível em: < http://www.sudam.gov.br/comunicacao-social/845-agua-para-todos-sudam-e-prefeitura-de-belem-discutem-saneamento->. Acesso em: 10/8/2013 (com adaptações).

IV - Os acentos das palavras “famílias” (linha 10) e “subterrânea” (linha 13) obedecem a regras de acentuação gráfica distintas.

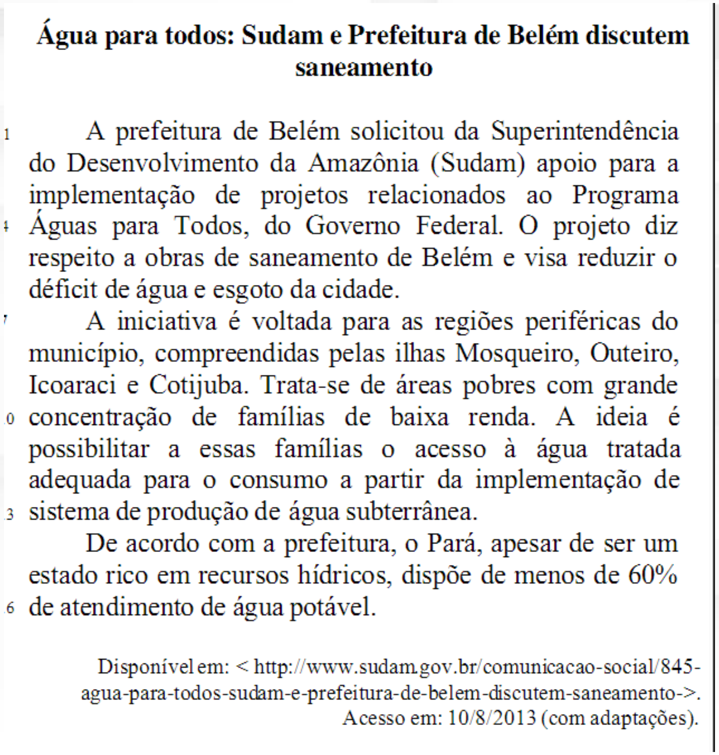

Água para todos: Sudam e Prefeitura de Belém discutem saneamento

A prefeitura de Belém solicitou da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam) apoio para a implementação de projetos relacionados ao Programa Águas para Todos, do Governo Federal. O projeto diz respeito a obras de saneamento de Belém e visa reduzir o déficit de água e esgoto da cidade.

A iniciativa é voltada para as regiões periféricas do município, compreendidas pelas ilhas Mosqueiro, Outeiro, Icoaraci e Cotijuba. Trata-se de áreas pobres com grande concentração de famílias de baixa renda. A ideia é possibilitar a essas famílias o acesso à água tratada adequada para o consumo a partir da implementação de sistema de produção de água subterrânea.

De acordo com a prefeitura, o Pará, apesar de ser um estado rico em recursos hídricos, dispõe de menos de 60% de atendimento de água potável.

Disponível em: < http://www.sudam.gov.br/comunicacao-social/845-agua-para-todos-sudam-e-prefeitura-de-belem-discutem-saneamento->. Acesso em: 10/8/2013 (com adaptações).

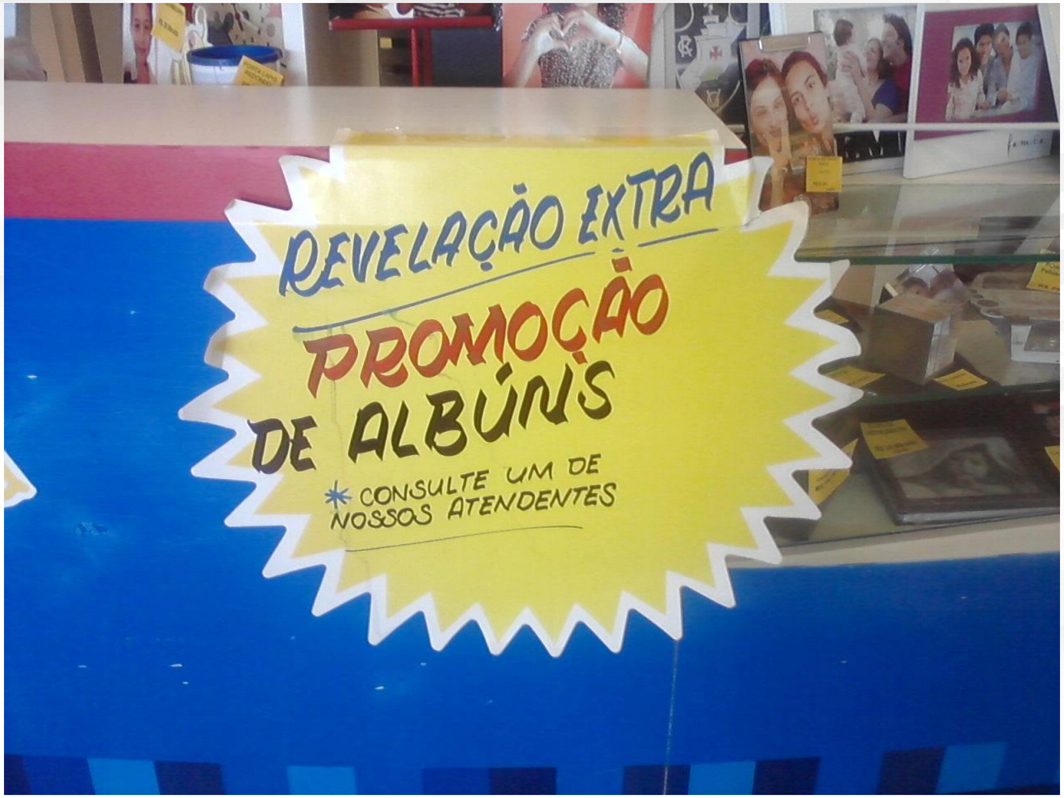
REVELAÇÃO EXTRA
PROMOÇÃO
DE ALBÚNS
* CONSULTE UM DE
NOSSOS ATENDENTES

#momentopraca
Tatiane Souza

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

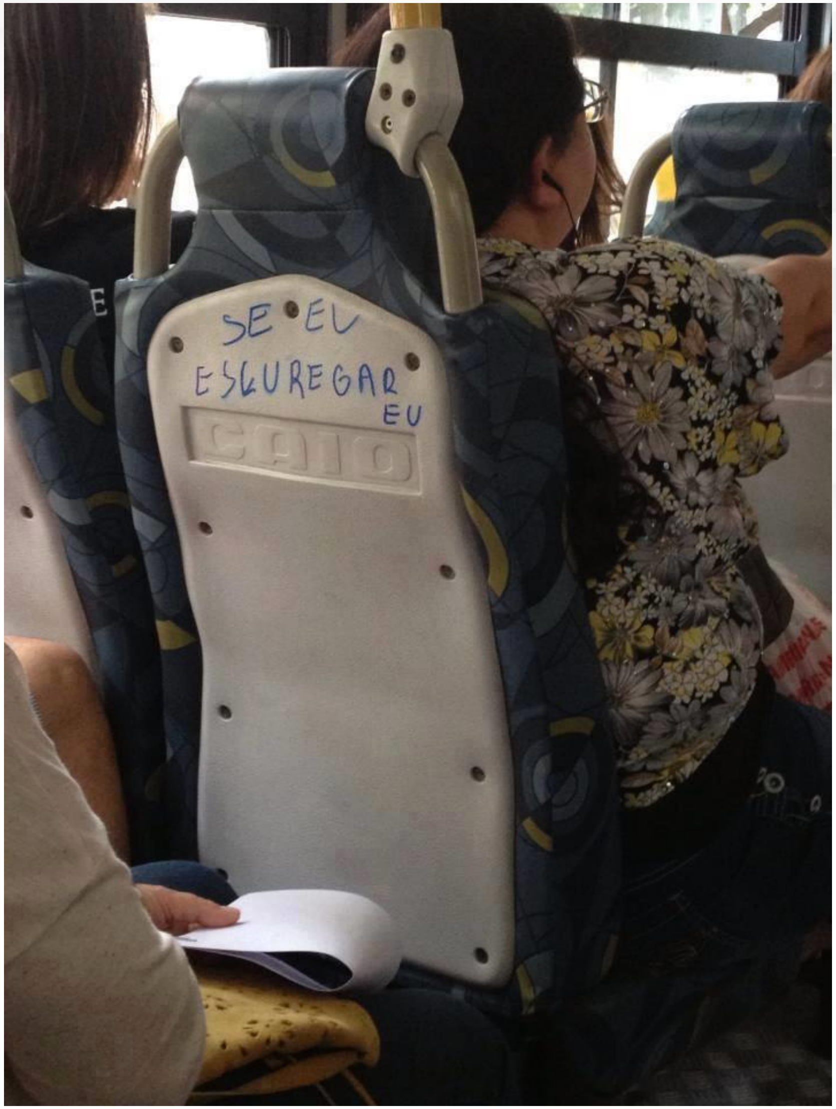
SE EU
ESKUREGAR
EU
CAIO

#momentopraca
Paulo Roberto Júnior

GRAN INSTITUTO
DE LÍNGUA
PORTUGUESA

Exercícios com Gabarito de Português Sintaxe - Regência

1) (ITA-2002) Leia com atenção a seguinte frase de um letreiro publicitário:

Esta é a escola que os pais confiam.

A) Identifique a preposição exigida pelo verbo e refaça a construção, obedecendo à norma gramatical.
B) Justifique a correção.

2) (ITA-2002) O Programa Mulheres está mudando. Novo cenário, novos apresentadores, muito charme, mais informação, moda, comportamento e prestação de serviços. Assista amanhã, a revista eletrônica feminina que é a referência do gênero na TV.

O verbo “assistir”, empregado em linguagem coloquial, está em desacordo com a norma gramatical.
a) Reescreva o último período de acordo com a norma.
b) Justifique a correção.

3) (Fuvest-2002) A frase que está de acordo com a norma escrita culta é:
a) O colégio onde estudei foi essencial na construção de grande parte dos valores que acredito.
b) Acho que esta acusação é uma das tantas coisas ridículas que sou obrigado a me defender.
c) Há uma sensação que tudo, ou quase tudo, vai ser diferente.
d) A boa escola seria a que submetesse seus alunos à maior quantidade de experimentações e pesquisas.
e) Nós já estamos próximos de um consenso que o atual modelo está falido.

4) (FGV-2002) Escolha a alternativa que preencha corretamente as lacunas das frases abaixo.

1. Por acaso, não é este o livro __________ o professor se refere?
2. As Olimpíadas ___________ abertura assistimos foram as de Tóquio.
3. Herdei de meus pais os princípios morais ____________ tanto luto.
4. É bom que você conheça antes as pessoas ____________ vai trabalhar.
5. A prefeita construirá uma estrada do centro ao morro __________ será construída a igreja.
6. Ainda não foi localizada a arca ____________ os piratas guardavam seus tesouros.

a) de que, cuja, para que, com os quais, sobre que, em que.
b) que, de cuja, com que, para quem, no qual, que.
c) em que, cuja, de que, para os quais, onde, na qual.
d) a que, a cuja, em que, com que, que, em que.
e) a que, a cuja, por que, com quem, sobre o qual, onde.

5) (FGV-2002) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas da frase:
“Eu _____ encontrei ontem, mas não _____ reconheci porque ________ anos que não _____ via.”
a) lhe, lhe, há, lhe.
b) o, o, haviam, o.
c) lhe, o, havia, lhe.
d) o, lhe, haviam, o.
e) o, o, havia, o.

6) (Fuvest-2001) A única frase que **NÃO** apresenta desvio em relação à regência (nominal e verbal) recomendada pela norma culta é:
a) O governador insistia em afirmar que o assunto principal seria “as grandes questões nacionais”, com o que discordavam líderes pefelistas.
b) Enquanto Cuba monopolizava as atenções de um clube, do qual nem sequer pediu para integrar, a situação dos outros países passou despercebida.
c) Em busca da realização pessoal, profissionais escolhem a dedo aonde trabalhar, priorizando à empresas com atuação social.
d) Uma família de sem-teto descobriu um sofá deixado por um morador não muito consciente com a limpeza da cidade.
e) O roteiro do filme oferece uma versão de como conseguimos um dia preferir a estrada à casa, a paixão e o sonho à regra, a aventura à repetição.

7) (ITA-1996) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas das frases a seguir:
I - Saíram daqui______ pouco, mas voltarão daqui______ pouco, pois moram apenas______dois quilômetros de distância.
II- _______foram suas amigas? _______ estarão agora?
a) há - a - a - Aonde - Onde
b) há - há - à - Onde - Onde
c) há - a - a - Aonde - Aonde
d) a - a - à - Para onde - Por onde
e) a - há - há - Por onde - Aonde

8) (Gama Filho-1997) A peça de teatro__________assistiremos é de um autor________ nome não me lembro, mas seu estilo é semelhante________ __________ aludimos ontem.
Preenche corretamente as lacunas acima a opção:
a) a que / de cujo / àquele / a que

b) a que / cujo / aquele / a que
c) à que / cujo / a aquele / de que
d) que / de cujo / àquele / que
e) que / cujo o / aquele / à que

9) (FGV-2001) Assinale, abaixo, a alternativa em que a ordem das preposições complete adequadamente as lacunas.
O automóvel _______ cujas rodas falei já foi vendido.
O terreno _______ cuja compra me referi foi vendido ontem.
É uma empresa _______ cujas reuniões participo.
A encomenda _______ cujo portador eu esperava, chegou atrasada.
Esta é uma firma _______ cujos produtos trabalho.
a) De / a / de / por / com.
b) Em / de / a / com / com.
c) De / a / a / por / com.
d) A / com / a / sobre / de.
e) Por / ante / contra / para / perante.

10) (Mack-2001) É preciso casar João,
é preciso suportar Antônio,
é preciso odiar Melquíades,
é preciso substituir nós todos.

É preciso salvar o país,
é preciso crer em Deus,
é preciso pagar as dívidas,
é preciso comprar um rádio,
é preciso esquecer fulana.

Assinale a alternativa correta.
a) É preciso introduz uma oração reduzida com função de sujeito em todos os versos.
b) O verbo no infinitivo rege objeto direto em todos os versos.
c) Substituindo-se as dívidas (verso 7) por os credores mantém-se corretamente a regência verbal.
d) Substituindo-se esquecer (verso 9) por esquecer-se mantém-se corretamente a regência verbal.
e) A oração salvar o país (verso 5) pode ser substituída corretamente por que o país seje salvo.

11) (Cesgranrio-1994) Indique a alternativa que completa, respectivamente, as lacunas das frases a seguir, de acordo com a norma culta.
I - É uma situação________nunca nos esqueceremos.
II - A situação______chegamos é ímpar.
III - A reportagem,________teor discordei, foi censurada.
IV - É uma revelação______os fatos merecem uma análise detalhada.
V - É uma situação_____se deve evitar.

a) que/ em que/ de cujos/ cujos/ que
b) da qual/ a que/ cujo/ que/ por que
c) de que/ a que/ cujo/ cujos/ que
d) da qual/ em que/ cujo/cujos/ a que
e) de que/ a que/ de cujo/em que/ que

12) (FEI-1994) Assinalar a alternativa que completa corretamente as lacunas das seguintes frases:

I. As flores______aroma tanto gosto, são efêmeras.
II. Este foi o motivo_____não lhe telefonei antes.
III. A pesquisa_____me refiro foi desenvolvida na Itália.
IV. São precários os meios_____dispomos.
V. Este é um fato_____não deve haver dúvidas.

a) de que; sobre o qual; por que; a que; de cujo.
b) a que; de que; sobre o qual; de cujo; por que.
c) por que; de cujo; de que; sobre o qual; a que.
d) de cujo; por que; a que; de que; sobre o qual.
e) de que; a que; de cujo; sobre o qual; por que.

13) (Mack-1996) Guilherme possui a revista. Nesta revista, foram publicados os artigos. Necessito dos artigos da revista. Falei ontem, por telefone, com o pai de Guilherme. Aponte a alternativa que apresenta a transformação correta dessa seqüência de frases em um período composto por subordinação.
a) Guilherme possui a revista onde foram publicados os artigos que necessito e falei ontem, por telefone, com o pai dele.
b) Guilherme possui a revista, na qual foram publicados os artigos que necessito, e falei ontem, por telefone, com o pai dele.
c) Guilherme possui a revista em que foram publicados os artigos os quais necessito e falei ontem, por telefone, com o pai dele.
d) Guilherme possui a revista onde foram publicados os artigos os quais necessito, por isso falei ontem, por telefone, com seu pai.
e) Guilherme, com cujo pai falei ontem, por telefone, possui a revista em que foram publicados os artigos de que necessito.

14) (PUC-SP-1995) Assinale a alternativa que preencha, pela ordem, corretamente, as lacunas:
1. A aurora é o terceiro tom .... fala o poeta.
2. A aurora é o terceiro tom .... se refere o poeta.
3. A aurora é o terceiro tom .... propõe o poeta.
4. A aurora é o terceiro tom .... faz menção o poeta.

a) de que, a que, a que, que.
b) que, a que, que, a que.
c) de que, a que, que, a que.
d) a que, a que, que, que.
e) de que, que, de que, a que.

15) (UEL-1994) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

Nosso amigo pleiteia um dos melhores cargos .... se tem em mira na cidade.
a) a que.
b) que.
c) de que.
d) no qual.
e) do qual.

16) (UEL-1994) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
A condição .... não abrimos mão é que .... todos se assegurem as mesmas vantagens.
a) em que - por.
b) pela qual - com.
c) da qual - a.
d) que - em.
e) com que - entre.

17) (UEL-1996) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
Essas são responsabilidades .... eles não podem se eximir, por isso afirmo................... comparecerão à reunião.
a) de que - de que.
b) de que - que.
c) que - que.
d) que - de que.
e) a que - de que.

18) (UEL-1996) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
O debate .... participaram os representantes dos trabalhadores foi muito interessante, motivo .... serão convidados para participar de uma mesa-redonda.
a) que - que.
b) que - pelo qual.
c) que - de que.
d) de que - pelo qual.
e) de que - que.

19) (UFPE-1996) Para o preenchimento das lacunas, observe os termos 1 e 2, nos parênteses:
1. _____ dois minutos para o final do jogo.
(1. Falta / 2. Faltam).
2. Não _____ jogos, porque o campo estava alagado.
(1. houve / 2. houveram).
3. - Você quer bem aos seus colegas?
- Sim, eu _____ quero bem.
(1. os / 2. lhes).
4. - Luís, observe que todos estão _____ .
(1. alerta / 2. alertas).
5. Chegou tarde _____ casa dos amigos.
(1. na / 2. à).

A seqüência correta é:
a) 1, 1, 2, 1 e 1;
b) 2, 1, 2, 1 e 2;
c) 1, 1, 2, 1 e 2;
d) 1, 2, 2, 1 e 2;
e) 2, 1, 1, 2 e 1.

20) (Fatec-1995) Assinale a alternativa que completa corretamente as três frases que se seguem.

O século ___________ vivemos tem trazido grandes transformações ao planeta.
O ministro reafirma a informação ________ o presidente se referiu em seu último pronunciamento.
Todos lamentavam a morte do editor________ publicou obras importantes do Modernismo.

a) onde - a que - que
b) onde - a que - cujo
c) em que - que - o cujo
d) em que - a que - que
e) em que - de que - o qual

21) (IME-1996) Nas frases a seguir há erros ou impropriedades. Reescreva-as e justifique a correção.
a) "Tome esse chope o quanto antes para que a gente possamos conhecer a Baía de Guanabara, que todos falam mil maravilhas."
b) "Todos visamos o exito dessa missão; porisso é que se obedeçam, a risca, as ordens superiores."

22) (IME-1996) Nas frases a seguir há erros ou impropriedades. Reescreva-as e justifique a correção.
a) "Esta é uma tarefa para mim fazer sozinho, não admito que se reparta as responsabilidades entre eu e outra pessoa."
b) "Ele tomou as decisões as mais oportunas."

23) (Mack-1997) I. Refiro-me àquilo e não a isto.
II. Sairemos bem cedo, para chegar à tempo de assistir a cerimônia.
III. Dirigiram-se à Sua Excelência e declararam que estão dispostos à cumprir o seu dever e a não permitir a violação da lei.

Quanto ao emprego da crase, assinale:
a) se todas as afirmações estão incorretas.
b) se todas estão corretas.
c) se apenas I está correta.
d) se apenas III está correta.
e) se apenas II está correta.

24) (ITA-1995) Indique a alternativa em que há erro gramatical:
a) Disse que daria o recado a ele e lho dei.
b) Prometeu a resposta a nós e no-la concedeu.
c) Já vo-los mostrarei, esperai.
d) Procuravam João, encontraram-no.
e) Quando lhe vi, espantei-me.

25) (ITA-1996) OS CÃES

- Lutar. Podes escachá-los ou não; o essencial* é que lutes. Vida é luta. Vida sem luta* é um mar morto no centro do organismo universal.
DAÍ A POUCO demos COM UMA BRIGA de cães¤; fato que AOS OLHOS DE UM HOMEM VULGAR não teria valor, Quincas Borba fez-me parar e observar os cães. Eram dois. Notou que ao pé deles* estava um osso, MOTIVO DA GUERRA, e não deixou de chamar a minha atenção para a circunstância de que o osso não tinha carne. Um simples osso nu. Os cães mordiam-se*, rosnavam, COM O FUROR NOS OLHOS... Quincas Borba meteu a bengala DEBAIXO DO BRAÇO, e parecia em êxtase.
- Que belo que isto é! dizia ele de quando em quando. Quis arrancá-lo dali, mas não pude; ele estava arraigado AO CHÃO, e só continuou A ANDAR, quando a briga cessou* INTEIRAMENTE, e um dos cães, MORDIDO e vencido, foi levar a sua fome A OUTRA PARTE. Notei que ficara sinceramente ALEGRE, posto* contivesse a ALEGRIA, segundo convinha a um grande filósofo. Fez-me observar a beleza do espetáculo, relembrou o objeto da luta, concluiu que os cães tinham fome; mas a privação do alimento era nada para os efeitos gerais da filosofia. Nem deixou de recordar que em algumas partes do globo o espetáculo é mais grandioso: as criaturas humanas é que disputam¤ aos cães os ossos e outros manjares menos APETECÍVEIS; luta que se complica muito, porque entra em ação a inteligência do homem, com todo o acúmulo de sagacidade que lhe deram os séculos etc.

Quanto à predicação, os verbos "mordiam, cessou, disputam"
classificam-se, no texto, respectivamente como:
a) t. direto e indireto, transitivo, t. direto.
b) t. direto e indireto, intransitivo, t. direto.
c) transitivo, ligação, t. direto e indireto
d) t. direto, intransitivo, t. direto e indireto.
e) intransitivo, intransitivo, transitivo.

26) (Mack-1996) I - Não te molestaram, portanto cale a boca.
II - Foi encontrado há seis anos atrás.
III - Vimos, agora, trazer-lhe nosso apoio.
IV - Os homens de bem, nada reclamaram.
V - Permitiu-se a alguns luxos.

Quanto à correção gramatical das frases anteriores, afirma-se que:
a) todas estão corretas, com exceção da III.
b) todas estão incorretas, com exceção da III.
c) todas estão corretas, com exceção da II.
d) todas estão incorretas, com exceção da V.
e) todas estão corretas, com exceção da V.

27) (PUCCamp-1995) MEU CARO DEPUTADO

O senhor nem pode imaginar o quanto eu e a minha família ficamos agradecidos. A gente imaginava que o senhor nem ia se lembrar de nós, quando saiu a nomeação do Otavinho meu filho. Ele agora está se sentindo outro. Só fala no senhor, diz que na próxima campanha vai trabalhar ainda mais para o senhor. No primeiro dia de serviço ele queria ir na repartição com a camiseta da campanha mas eu não deixei, não ia ficar bem, apesar que eu acho que o Otavinho tem muita capacidade e merecia o emprego. Pode mandar puxar por ele que ele da conta, é trabalhador, responsável, dedicado, a educação que ele recebeu de mim e da mãe foi sempre no caminho do bem. Faço questão que na próxima eleição o senhor mande mais material que eu procuro todos os amigos e os conhecidos. O Brasil precisa de gente como o senhor, homens de reputação despojada, com quem a gente pode contar. Meu vizinho Otacílio, a mulher, os parentes todos também votaram no senhor. Ele tem vergonha, mas eu peço por ele, que ele merece: ele tem uma sobrinha, Maria Lúcia Capistrano do Amara, que é professora em Capão da Serra e é muito adoentada, mas o serviço de saúde não quer dar aposentadoria. Posso lhe garantir que a moça está mesmo sem condições, passa a maior parte do tempo com dores no peito e na coluna que nenhum médico sabe o que é. Eu disse que ia falar com o senhor, meu caro deputado, não prometi nada, mas o Otavinho e a mulher tem esperanças que o senhor vai dar um jeitinho. É gente muito boa e amiga, o senhor não vai se arrepender.
Mais uma vez obrigado por tudo, Deus lhe pague. O Otavinho manda um abraço para o senhor. Aqui vai o nosso abraço também. O senhor pode contar sempre com a gente.

Miroel Ferreira
(Miré)

Identifique a alternativa em que NÃO haja incorreção gramatical ou má estruturação de período.
a) No primeiro dia de serviço ele queria ir na repartição com a camiseta da campanha mas eu não deixei.
b) Passa a maior parte do tempo com dores no peito e na coluna que nenhum médico sabe o que é. Eu disse que ia falar com o senhor.

c) Faço questão que na próxima eleição o senhor mande mais material que eu procuro todos os amigos e os conhecidos.
d) Mais uma vez obrigado por tudo, Deus lhe pague. O Otavinho manda um abraço para o senhor.
e) O Otavinho e a mulher tem esperanças que o senhor vai dar um jeitinho.

28) (UERJ-1997) OS SERTÕES

Preso o jagunço válido e capaz de agüentar o peso da espingarda, não havia malbaratar-se um segundo em consulta inútil. Degolava-se; estripava-se. Um ou outro comandante se dava ao trabalho de um gesto expressivo. Era uma redundância capaz de surpreender.

Dispensava-a o soldado atreito à tarefa.

Esta era, como vimos, simples. Enlear ao pescoço da vítima uma tira de couro, num cabresto ou numa ponta de chiqueirador; impeli-la por diante, atravessar entre as barracas, sem que ninguém se surpreendesse; e sem temer que se escapasse a presa, porque ao mínimo sinal de resistência ou fuga um puxão para trás faria que o laço se antecipasse à faca e o estrangulamento à degola. Avançar até à primeira covanca profunda, o que era um requinte de formalismo; e, ali chegados, esfaqueá-la. Nesse momento, conforme o humor dos carrascos, surgiam ligeiras variantes. Como se sabia, o supremo pavor dos sertanejos era morrer a ferro frio, não pelo temor da morte senão pelas suas conseqüências, porque acreditavam que, por tal forma, não se lhes salvaria a alma.

(...) Pronto. Sobre a tragédia anônima, obscura, desenrolando-se no cenário pobre e tristonho das encostas eriçadas de cactos e pedras, cascalhavam rinchavelhadas lúgubres, e os matadores volviam para o acampamento. Nem lhes inquiriam pelos incidentes da empresa. O fato descambara lastimavelmente à vulgaridade completa. Os próprios jagunços, ao serem prisioneiros, conheciam a sorte que os aguardava. Sabia-se no arraial daquele processo sumaríssimo e isto, em grande parte, contribui para a resistência doida que patentearam. Render-se-iam, certo, atenuando os estragos e o aspecto odioso da campanha, a outros adversários. Diante dos que lá estavam, porém, lutariam até à morte.
(CUNHA, Euclides da. Os Sertões. Rio de Janeiro, Ediouro, s/d)

VOCABULÁRIO:
malbaratar-se = desperdiçar
atreito = acostumado
rinchavelhadas = gargalhadas

Observe o emprego dos verbos conhecer e aguardar no trecho:
Os próprios jagunços conheciam a sorte que os aguardava.

Reescreva duas vezes (ambas integralmente) o período acima, fazendo, em cada uma das modificações pedidas, apenas as adaptações necessárias.
a) Transponha a oração principal para a voz passiva.
b) Substitua o verbo aguardar pela expressão estar reservado.

29) (Unitau-1995) "Vivemos numa época de tamanha insegurança externa e interna, e de tamanha carência de objetivos firmes, que a simples confissão de nossas convicções pode ser importante, mesmo que essas convicções, como todo julgamento de valor, não possam ser provadas por deduções lógicas.

Surge imediatamente a pergunta: podemos considerar a busca da verdade - ou, para dizer mais modestamente, nossos esforços para compreender o universo cognoscível através do pensamento lógico construtivo - como um objeto autônomo de nosso trabalho? Ou nossa busca da verdade deve ser subordinada a algum outro objetivo, de caráter prático, por exemplo? Essa questão não pode ser resolvida em bases lógicas. A decisão, contudo, terá considerável influência sobre nosso pensamento e nosso julgamento moral, desde que se origine numa convicção profunda e inabalável Permitam-me fazer uma confissão: para mim, o esforço no sentido de obter maior percepção e compreensão é um dos objetivos independentes sem os quais nenhum ser pensante é capaz de adotar uma atitude consciente e positiva ante a vida.

Na própria essência de nosso esforço para compreender o fato de, por um lado, tentar englobar a grande e complexa variedade das experiências humanas, e de, por outro lado, procurar a simplicidade e a economia nas hipóteses básicas. A crença de que esses dois objetivos podem existir paralelamente é, devido ao estágio primitivo de nosso conhecimento científico, uma questão de fé. Sem essa fé eu não poderia ter uma convicção firme e inabalável acerca do valor independente do conhecimento.

Essa atitude de certo modo religiosa de um homem engajado no trabalho científico tem influência sobre toda sua personalidade. Além do conhecimento proveniente da experiência acumulada, e além das regras do pensamento lógico, não existe, em princípio, nenhuma autoridade cujas confissões e declarações possam ser consideradas "Verdade " pelo cientista. Isso leva a uma situação paradoxal: uma pessoa que devota todo seu esforço a objetivos materiais se tornará, do ponto de vista social, alguém extremamente individualista, que, a princípio, só tem fé em seu próprio julgamento, e em nada mais. É possível afirmar que o individualismo intelectual e a sede de conhecimento científico apareceram simultaneamente na história e permaneceram inseparáveis desde então. "
(Einstein, in: O Pensamento Vivo de Einstein, p. 13 e 14, 5a. edição, Martin Claret Editores)

Na frase: "Permitam-me fazer uma confissão: para mim o esforço no sentido de obter...", o autor empregou o pronome "mim" no lugar de "eu", porque:
a) a preposição "para" rege o verbo "obter".
b) a preposição "para" rege o pronome oblíquo átono "mim".
c) a preposição "para" é regida pelo verbo "permitam".
d) o autor errou; o certo é usar "eu".
e) a preposição "para" rege o pronome oblíquo tônico "mim".

30) (FGV-1998) Em cada um dos períodos abaixo, há um espaço a ser preenchido. Conforme o
sentido da frase, preencha o espaço exclusivamente com um dos seguintes
pronomes:
que ou cujo ou cuja.

Quando for o caso, utilize antes do pronome a preposição adequada.

Exemplo:
Era uma informação ________ ela não confiava muito.
Era uma informação em que ela não confiava muito.

a) Chegou cedo. Aproximou-se da escrivaninha ___ havia feito alusão durante o encontro com Bentinha.
b) Laurita participa da reunião. Seu interlocutor é pessoa ___ ela desconfia, por isso não se põe a gosto.
c) O jovem doutor depositou calmamente o instrumento ____ trabalhara durante a breve cirurgia.
d) Apresse-se! Deixe a roupa aí mesmo, na mesa ____ se encontrava antes.
e) Manuela, ____ mãe o enteado sempre se referia com doces palavras, entrou a discorrer sobre outros assuntos.

31) (PUCCamp-1998) UMA FOTOGRAFIA DO ACIDENTE

Paparazzo é um tipo de mosquito que prolifera na costa italiana durante o verão. Seria o correspondente no Brasil ao borrachudo, pium ou maruim. Mas paparazzo se tornou palavra com sentido comum em todas as línguas do mundo depois que o cineasta Federico Fellini colocou um fotógrafo com este sobrenome no filme La dolce vita, de 1960. Sua missão era flagrar ricos e famosos. Desde então, invadindo praticamente todos os lugares do mundo, especialmente Hollywood e as praias mais nobres do verão europeu.

Há poucos meses, alguns paparazzi se tornaram objeto das lentes dos colegas, quando o foco das investigações sobre a causa do acidente que matou a princesa de Gales virou contra eles. É uma acusação que pode servir para os monarquistas ingleses compensarem a ira que têm dos tablóides sensacionalistas, para os republicanos franceses reafirmarem os dogmas da inviolabilidade da vida privada ou para os americanos criarem mais um espetáculo de mídia, o confronto entre artistas e jornalistas. Mas não serve para fazer justiça quando se sabe que ao volante havia um motorista embriagado (consumira o equivalente a uma garrafa e meia de vinho) e irresponsável (estava mais de 160 quilômetros por hora num lugar em que a velocidade máxima era de 50 quilômetros.

"Talvez o dinheiro pago hoje aos fotógrafos leve-os a cometerem excessos", sugeriu o fotógrafo que inspirou o personagem do filme de Fellini. "Mas não existem justificativas para culpá-los." Fotos de Diana valiam muito porque ela era sucesso de público, e suas aparições eram virtuosas perfomances para que se tirassem fotos e se tivesse uma história.

Se o motorista tivesse respeitado o limite de velocidade, a tragédia teria sido evitada. Em relação aos paparazzi, talvez seja prudente ficar com o escritor colombiano Gabriel García Márquez, que definiu o jornalismo como "uma profissão incompreensível e voraz, cuja obra termina depois de cada notícia, mas que não concede um instante de paz enquanto não torna a começar com mais ardor do que nunca no minuto seguinte." Os paparazzi certamente levam isso às últimas conseqüências.

(Adaptado da Isto É, n° 1458, 10/9/97)

A frase em que a regência do verbo tornar ou do adjetivo equivalente está incorreta é:

a) Para essa receita, a farinha de milho é equivalente com a farinha de mandioca.
b) Depois de seu sucesso na quadra, tornaram-no capitão do time.
c) Esses produtos são equivalentes entre si, use qualquer um.
d) Há vários cereais equivalentes na função de facilitar a digestão.
e) Depois de tanta estiagem, tornou a chover.

32) (PUCCamp-1998) A frase em que a relação entre os verbos e seu complemento está corretamente expressa é:

a) Ontem conhecemos e simpatizamos muito com seu amigo.
b) Ela comete e depois se arrepende dos desatinos.
c) Aprovo sua proposta, mas não concordo inteiramente.
d) Ele não se esqueceu nem perdoou a ofensa.
e) Presenciamos e deploramos a reação do atleta.

33) (UFAC-1997) O PRIMO
Primeira noite ele conheceu que Santina não era moça. Casado por amor, Bento se desesperou. Matar a noiva,

suicidar-se, e deixar o outro sem castigo? Ela revelou que, havia dois anos, o primo Euzébio lhe fizera mal, por mais que se defendesse. De vergonha, prometeu a Nossa Senhora ficar solteira. O próprio Bento não a deixava mentir, testemunha de sua aflição antes do casamento. Santina pediu perdão, ele respondeu que era tarde - noiva de grinalda sem ter direito.
(Cemitério de elefantes. Apud CARNEIRO, Agostinho Dias)

De acordo com a norma culta da língua, a única alternativa gramaticalmente correta é:
a) entre eu e tu não há segredos.
b) entre mim e ti não há segredos.
c) entre mim e tu não há segredos.
d) entre tu e mim não há segredos.
e) entre eu e ti não há segredos.

34) (Covest-1997) Em qual das frases seguintes a regência não está de acordo com a norma culta gramatical?
a) "O Sport joga contra o Santa Cruz pelo título de campeão pernambucano."
b) "Não foi por acaso que o presidente fez alusão ao que acontecera na noite anterior."
c) "Amava-lhe com um amor tal, que seria capaz de lhe dar a sua própria vida."
d) "Fizeram as pazes e logo esqueceram as desavenças antigas."
e) "Tenho certeza de que ele, se for consultado, preferirá pagar a multa a ficar devendo favores a quem quer que seja."

35) (Covest-1997) Excertos do Documento "Pacto pela Educação"
Marco Maciel

Um sistema político eficaz é aquele capaz de fazer dos postulados democráticos o compromisso cotidiano da cidadania, não apenas por sua garantia formal, mas por seu exercício efetivo. Uma sociedade democrática, por sua vez, não se esgota na proteção jurídica dos direitos e garantias individuais. Ela se consuma na efetivação dos direitos econômicos e sociais, sem os quais teremos sempre e fatalmente uma sociedade dualista.

Considerados sob este aspecto, Política e Educação estão submetidas aos mesmos princípios e exigem respeito à liberdade individual, acatamento à diversidade humana e preservação do pluralismo. Parodiando o velho dilema para saber se os países são ricos porque são educados, ou são educados porque são ricos, existe a convicção de que um bom sistema político depende essencialmente de um sistema educacional universalizando, eficiente e dinâmico.

Hoje, sabemos que não são apenas o crescimento material, o desenvolvimento econômico o aprimoramento social e o desfrute dos bens culturais e espirituais que levam uma sociedade adequadamente educada e apta a transformar em benefícios coletivos as conquistas da ciência e do conhecimento. Mais do que isso, temos consciência de que a própria sobrevivência humana está condicionada pela possibilidade de acesso a todas as formas de conhecimento produzidas pelo homem.

A manutenção e a expansão em todos os países do mundo, estão associadas à possibilidade de adquirirmos e aprimorarmos o conhecimento e as técnicas que vêm revolucionando formas tradicionais de produção industrial, de intensificação do comércio, de criação intelectual e do próprio lazer, Sociedades prósperas , portanto, são, necessáriamente, não apenas sociedades educadas, mas aquelas capazes de se educarem permanentemente. Nenhuma fragilidade, por isso mesmo, é mais cruel, nenhuma gera mais exclusão e injustiça do que a incapacidade de dar a todos a possibilidade de realização de suas próprias potencialidades, por meio do conhecimento, da educação e do acesso aos bens culturais. Este é o desafio que, neste fim de milênio, ainda estamos por vencer.

O dualismo que nos separa sobrevive, porque não fomos capazes de vencer o único problema estrutural brasileiro, que é o da educação.

Não me refiro aos aspectos formais, a que incluem a diminuição das taxas de evasão e repetência e a ampliação dos benefícios proporcionados pela qualidade de ensino, mas sim a algo mais abrangente e substantivo, que é a educação como instrumento vital da preparação para a vida.

Não basta alfabetizar. Educar é muito mais do que isso. É, sobretudo, instrumentalizar o ser humano como cidadão, proporcionando-lhe, por meio de sistema educacional universalizado, eficiente e de alto padrão de qualidade e rendimento, perspectivas de progresso pessoal e de mobilidade social. [...] A questão educacional é, efetivamente, o verdadeiro desafio estrutural que estamos sendo chamados a vencer neste fim de século. Certamente há muitas profundas razões para o nosso atraso. Uma de caráter histórico, cultural e sociológico, de que é exemplo a circunstância de termos sido o último país a abolir a chaga terrível da escravidão [...]. Da escravidão, decorrem, em grande parte, o dualismo e a exclusão social de que hoje somos uma das principais vítimas em todo o mundo, em razão da expressão política, econômica e demográfica que atingimos no conceito universal.

Outras razões são incontestavelmente políticas, como o modelo elitista que timbramos em não sepultar e que hesitamos muitas vezes em simplesmente reformar. Dele decorrem os males atávicos do Estado brasileiro, barreira e proteção para os privilégios que beneficiam a poucos em detrimento de quase todos.

É necessário [...] um pacto de Estado para termos uma sociedade mais justa, uma economia mais próspera e um sistema político que reflita as permanentes aspirações nacionais por democracia, desenvolvimento e solidariedade social.

Quanto à regência, estão corretas:

Assinale V ou F.

( ) Em relação a manutenção e a expansão do emprego, as soluções são viáveis.
( ) Obedecendo os padrões de ética, os bens culturais deverão ser para todos.
( ) A educação visa o acesso de todas as formas de conhecimento.
( ) O autor referiu-se aos erros do passado como sendo apenas de caráter histórico.
( ) Um sistema político eficaz deve preferir seguir postulados democráticos do que garantir o exercício efetivo da cidadania.

36) (FEI-1994) Assinalar a alternativa que apresenta incorreção na regência verbal:
a) Custou-lhe entender a explicação.
b) Toda mudança implica um novo comportamento.
c) Os paraquedistas precisaram o lugar da queda.
d) As autoridades não perdoaram aos grevistas a sua ousadia.
e) Informei-lhe sobre os novos planos da empresa.

37) (FEI-1995) Assinalar a alternativa que apresenta incorreção na regência verbal:
a) Ela custou muito a entender a explicação.
b) Não lhe assiste direito nenhum.
c) O pai ensinara-lhes a respeitar os mais velhos.
d) Respondeu com segurança todas as questões.
e) Informei-o da chegada do presidente.

38) (FEI-1997) Assinale a alternativa em que haja erro de regência verbal:
a) Deu-lhe um belo presente de aniversário.
b) Levei-o para o médico esta manhã.
c) Gostamos deste novo filme.
d) Fui no cinema ontem.
e) O lenço caiu no chão.

39) (PUCCamp-1995) A questão da descriminalização das drogas se presta a freqüentes simplificações de caráter maniqueísta, que acabam por estreitar um problema extremamente complexo, permanecendo a discussão quase sempre em torno da droga que está mais em evidência.

Vários aspectos relacionados ao problema (abuso das chamadas drogas lícitas, como medicamentos, inalação de solventes, etc.) ou não são discutidos, ou não merecem a devida atenção. A sociedade parece ser pouco sensível, por exemplo, aos problemas do alcoolismo, que representa a primeira causa de internação da população adulta masculina em hospitais psiquiátricos. Recente estudo epidemiológico realizado em São Paulo apontou que 8% a 10% da população adulta apresentavam problemas de abuso ou dependência de álcool. Por outro lado, a comunidade mostra-se extremamente sensível ao uso e abuso de drogas ilícitas, como maconha, cocaína, heroína, etc.

Dois grupos mantém acalorada discussão. O primeiro acredita que somente penalizando traficantes e usuários pode-se controlar o problema, atitude essa centrada, evidentemente, em aspectos repressivos.

Essa corrente atingiu o seu maior momento logo após o movimento militar de 1964. Seus representantes acreditam, por exemplo, que "no fim da linha" usuários fazem sempre um pequeno comércio, o que, no fundo, os igualaria aos traficantes, dificultando o papel da Justiça. Como solução, apontam, com freqüência, para os reconhecidamente muito dependentes, programas extensos a serem desenvolvidos em fazendas de recuperação, transformando o tratamento em um programa agrário.

Na outra ponta, um grupo "neoliberal" busca uma solução nas regras do mercado. Seus integrantes acreditam que, liberando e taxando essas drogas através de impostos, poderiam neutralizar seu comercio, seu uso e seu abuso. As experiências dessa natureza em curso em outros países não apresentam resultados animadores.

Como uma terceira opção, pode-se olhar a questão considerando diversos ângulos. O usuário eventual não necessita de tratamento, deve ser apenas alertado para os riscos. O dependente deve ser tratado, e, para isso, a descriminalização do usuário é fundamental, pois facilitaria muito seu pedido de ajuda. O traficante e o produtor devem ser penalizados. Quanto ao argumento de que usuários vendem parte do produto: é fruto de desconhecimento de como se dão as relações e as trocas entre eles.

Duplamente penalizados, pela doença (dependência) e pela lei, os usuários aguardam melhores projetos, que cuidem não só dos aspectos legais, mas também dos aspectos de saúde que são inerentes ao problema.
(Adaptado de Marcos P.T. Ferraz, Folha de São Paulo)

A questão da descriminalização das drogas se presta a freqüentes simplificações de caráter maniqueísta.

A regência verbal observada na frase anterior é idêntica à encontrada em:
a) ... a descriminalização do usuário é fundamental.
b) O usuário eventual não necessita de tratamento.
c) ... a comunidade mostra-se extremamente sensível ao uso e abuso de drogas ilícitas.
d) Vários aspectos relacionados ao problema não merecem a devida atenção.
e) ... que, no fundo, os igualaria aos traficantes.

40) (PUCCamp-1995) A frase em que a regência verbal está INCORRETA é:
a) Você e sua empresa devem e agora podem ter à sua disposição um consultor econômico experiente.

b) A homenageada, com muita emoção, deu as boas-vindas cedeu seu lugar de honra à veterana atriz.
c) Calendários com obra de arte: para cada mês, uma obra de arte, que você destaca, emoldura e decora sua residência ou escritório.
d) A nova imagem da grife é um rejuvenescimento que atrairá e modernizará as pessoas acostumadas ao guarda-roupa tradicional.
e) Contra todas as evidências e análises, os jovens de hoje mostram que estão preocupados, e sabendo lidar responsavelmente, com sua sexualidade.

41) (PUC-SP-1997) O período "Verdade é que se lembrava de que D. Maria podia com muito justa razão ..." apresenta regência verbal que obedece ao padrão culto da língua.
Escolha, entre as alternativas a seguir, aquela que, também, é aceita pelo padrão culto da língua.
a) Verdade é que lembrava de que D. Maria podia com muito justa razão...
b) Verdade é que lembrava que D. Maria podia com muito justa razão...
c) Verdade é que se lhe lembrava de que D. Maria podia com muito justa razão...
d) Verdade é que lhe lembrava de que D. Maria podia com muito justa razão...
e) Verdade é que o lembrava que D. Maria podia com muito justa razão...

42) (UECE-1996) Não ocorre erro de regência em:
a) A equipe aspirava o primeiro lugar.
b) Obedeça aos mais experientes.
c) Deu a luz a vizinha a três crianças sadias.
d) O verdadeiro amor sucede freqüentes contatos.

43) (FEI-1995) Assinalar a alternativa na qual o pronome pessoal está empregado de forma incorreta:

a) Estava aqui porque o mandaram visitar esta firma.
b) Lembrei-lhe de que devia comparecer ao julgamento.
c) Mandamos-lhe a encomenda pelo correio.
d) Por esta vez, perdôo-lhe a ausência.
e) Acuso-o de ambição desmedida.

44) (Fuvest-1994) "Não tenho dúvidas de que a reportagem esteja à procura da verdade, mas é preciso ressalvar de que a história não pode ser escrita com base exclusivamente em documentos da polícia política."
(O Estado de São Paulo, 30/08/93)

Das duas ocorrências de DE QUE, no excerto acima, uma está correta e a outra não.
a) Justifique a correta.
b) Corrija a incorreta, dizendo por quê.

45) (UEL-1995) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

Eis o professor .... méritos os alunos prestam homenagem.
a) cujos os.
b) em cujos.
c) cujos.
d) de cujos.
e) a cujos.

46) (UFAC-1998) Observe o seguinte diálogo entre um rigoroso professor de gramática e uma ex-aluna sua:

- "Professor, aonde o senhor andava, que eu nunca mais lhe vi?"
- "Nem a mim nem à gramática" - respondeu-lhe o mestre, deixando-a um tanto embaraçada por não haver entendido o porquê da resposta.

Com certeza, outra teria sido a resposta do professor, se a pergunta da aluna tivesse sido esta:
a) "Professor, por onde o senhor tem andado, que eu nunca mais lhe vi?"
b) "Professor, por onde o senhor tem andado, que eu nunca mais o vi?"
c) "Professor, por onde Vossa Senhoria tem andado, que eu nunca mais vos vi"?
d) "Professor, aonde o senhor tem andado, que eu nunca mais lhe vi?
e) "Professor, aonde o senhor tem andado, que eu nunca mais te vi?"

47) (UFF-2001) Acompanho com assombro o que andam dizendo sobre os primeiros 500 anos do brasileiro. Concordo com todas as opiniões emitidas e com as minhas em primeiríssimo lugar. Tenho para mim que há dois referenciais literários para nos definir. De um lado, o produto daquilo que Gilberto Freyre chamou de Casagrande e senzala, o homem miscigenado, potente e tendendo a ser feliz. De outro, o Macunaíma, herói sem nenhuma definição, ou sem nenhum caráter - como queria o próprio Mário de Andrade.
Fomos e seremos assim, em nossa essência, embora as circunstâncias mudem e nós mudemos com elas.
Retomando a imagem literária, citemos a Capitu menina - e teremos como sempre a intervenção soberana de Machado de Assis.
Um rapaz da platéia me perguntou onde ficaria o homem de Guimarães Rosa - outra coordenada que nos ajuda a definir o brasileiro. Evidente que o universo de Rosa é sobretudo verbal, mas o homem é causa e efeito do verbo. Por isso mesmo, o personagem rosiano tem a ver com o homem de Gilberto Freyre e de Mário de Andrade. É um refugo consciente da casa-grande e da senzala, o opositor de uma e de outra, criando a sua própria vereda mas sem

esquecer o ressentimento social do qual se afastou e contra o qual procura lutar.
É também macunaímico, pois sem definição catalogada na escala de valores culturais oriundos de sua formação racial. Nem por acaso um dos personagens mais importantes do mundo de Rosa é uma mulher que se faz passar por jagunço. Ou seja, um herói - ou heroína - sem nenhum caráter.
Tomando Gilberto Freyre como a linha vertical e Mário de Andrade como a linha horizontal de um ângulo reto, teríamos Guimarães Rosa como a hipotenusa fechando o triângulo. A imagem geométrica pode ser forçada, mas foi a que me veio na hora - e acho que fui entendido.
CONY, Carlos Heitor. Folha Ilustrada, 5º Caderno, São Paulo, 21/04/2000, p.12.

Os dois referenciais literários definidores de nossa identidade, de acordo com o texto, seriam:

"É um refugo consciente da casa-grande e da senzala, o opositor de uma e de outra, criando a sua própria vereda mas sem esquecer o ressentimento social do qual se afastou e contra o qual procura lutar".

A variação no emprego da preposição com o pronome **o qual** , no fragmento acima, deve-se a um
fato lingüístico de:

a) aspecto verbal
b) sintaxe de regência
c) flexão nominal
d) sintaxe de concordância
e) flexão verbal

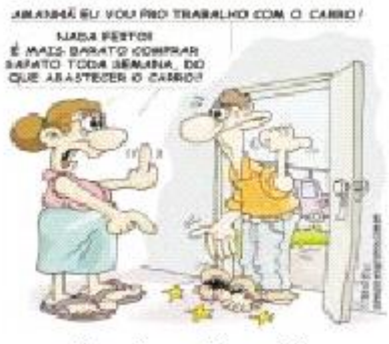
AMANHÃ EU VOU PRO TRABALHO COM O CARRO!
NADA FEITO! É MAIS BARATO COMPRAR SAPATO TODA SEMANA, DO QUE ABASTECER O CARRO!

(www.chargeonline.com.br)

48) (UFSCar-2003)
Obs: as falas da tira são:
- Amanhã eu vou pro trabalho com o carro!
- Nada feito! É mais barato comprar sapato toda semana do que abastecer o carro!

Na fala da mulher, substituindo *é mais barato* por *é preferível* e adequando a frase à norma culta, obtém-se:
a) É preferível comprar sapato toda semana a abastecer o carro.
b) É preferível comprar sapato toda semana do que abastecer o carro.
c) É preferível comprar sapato toda semana que abastecer o carro.
d) É preferível comprar sapato toda semana de que abastecer o carro.
e) É preferível comprar sapato toda semana ante a abastecer o carro.

49) (ENEM-2003) No ano passado, o governo promoveu uma campanha a fim de reduzir os índices de violência. Noticiando o fato, um jornal publicou a seguinte manchete:

CAMPANHA CONTRA A VIOLÊNCIA DO GOVERNO DO ESTADO ENTRA EM NOVA FASE

A manchete tem um duplo sentido, e isso dificulta o entendimento. Considerando o objetivo da notícia, esse problema poderia ter sido evitado com a seguinte redação:
a) Campanha contra o governo do Estado e a violência entram em nova fase.
b) A violência do governo do Estado entra em nova fase de Campanha.
c) Campanha contra o governo do Estado entra em nova fase de violência.
d) A violência da campanha do governo do Estado entra em nova fase.
e) Campanha do governo do Estado contra a violência entra em nova fase.

50) (Unifor-2003) O cronista trabalha com um instrumento de grande divulgação, influência e prestígio, que é a palavra impressa. Um jornal, por menos que seja, é um veículo de idéias que são lidas, meditadas e observadas por uma determinada corrente de pensamento formada à sua volta.
Um jornal é um pouco como um organismo humano. Se o editorial é o cérebro; os tópicos e notícias, as artérias e veias; as reportagens, os pulmões; o artigo de fundo, o fígado; e as seções, o aparelho digestivo - a crônica é o seu coração. A crônica é matéria tácita de leitura, que desafoga o leitor da tensão do jornal e lhe estimula um pouco a função do sonho e uma certa disponibilidade dentro de um cotidiano quase sempre "muito tido, muito visto, muito conhecido", como diria o poeta Rimbaud.
Daí a seriedade do ofício do cronista e a freqüência com que ele, sob a pressão de sua tirania diária, aplica-lhe balões de oxigênio. Os melhores cronistas do mundo, que foram os do século XVIII, na Inglaterra - os chamados **essayists** - praticaram o **essay**, isto de onde viria a sair a crônica moderna, com um zelo artesanal tão proficiente quanto o de um bom carpinteiro ou relojoeiro. Libertados da noção exclusivamente moral do primitivo **essay**, os oitocentistas ingleses deram à crônica suas primeiras lições de liberdade, casualidade e lirismo, sem perda do valor formal e da objetividade. Addison, Steele, Goldsmith e sobretudo Hazlitt e Lamb - estes os dois maiores, - fizeram da crônica, como um bom mestre carpinteiro o faria com

uma cadeira, um objeto leve mas sólido, sentável por pessoas gordas ou magras. (...)

Num mundo doente a lutar pela saúde, o cronista não se pode comprazer em ser também ele um doente; em cair na vaguidão dos neurastenizados pelo sofrimento físico; na falta de segurança e objetividade dos enfraquecidos por excessos de cama e carência de exercícios. Sua obrigação é ser leve, nunca vago; íntimo, nunca intimista; claro e preciso, nunca pessimista. Sua crônica é um copo d'água em que todos bebem, e a água há de ser fresca, limpa, luminosa, para satisfação real dos que nela matam a sede.

(Vinicius de Moraes. **Poesia Completa e Prosa.** Aguilar, 1974, p. 591-2)

Observe as frases seguintes:

I. O cronista trabalha com um instrumento de grande divulgação.

II. Para sobreviver, trabalhava de redator em dois jornais.

III. Ele sempre trabalhou com muito afinco.

Considerando-se a predicação do verbo *trabalhar*, seu emprego está correto em

a) I, somente.
b) III, somente.
c) I e II, somente.
d) II e III, somente.
e)I, II e III.

51) (FGV-2004) Assinale a alternativa que NÃO OBEDECE à norma culta em relação à REGÊNCIA.

a) Constava que o maestro, nos momentos em que mais dependia dos violinos, tinha um tique nervoso que denunciava sua preocupação.
b) As normas a que todos obedeciam chamavam-se Gerais. As Especiais eram aquelas a que poucos obedeciam.
c) Na história da cantora, desde criança, várias vezes apareciam referências a ela ser a menina que ninguém na escola gostava.
d) O salário que eles recebiam num mês mal dava para cobrir as despesas básicas da família. Costumava-se dizer que sobrava mês no final do salário.
e) Tinha esperanças de que o mensageiro trouxesse brevemente as notícias de que mais precisava.

52) (FGV-2004) Observe o fragmento:

"Era no tempo que ainda os portugueses não haviam sido por uma tempestade empurrados para a terra de Santa Cruz."

É possível acrescentar aí uma preposição. Transcreva o fragmento, mas inclua essa preposição.

53) (Fuvest-2005) O filme **Cazuza - O tempo não pára** me deixou numa espécie de felicidade pensativa. Tento explicar por quê.

Cazuza mordeu a vida com todos os dentes. A doença e a morte parecem ter-se vingado de sua paixão exagerada de viver. É impossível sair da sala de cinema sem se perguntar mais uma vez: o que vale mais, a preservação de nossas forças, que garantiria uma vida mais longa, ou a livre procura da máxima intensidade e variedade de experiências?

Digo que a pergunta se apresenta "mais uma vez" porque a questão é hoje trivial e, ao mesmo tempo, persecutória. (...) Obedecemos a uma proliferação de regras que são ditadas pelos progressos da prevenção. Ninguém imagina que comer banha, fumar, tomar pinga, transar sem camisinha e combinar, sei lá, nitratos com Viagra seja uma boa idéia. De fato não é. À primeira vista, parece lógico que concordemos sem hesitação sobre o seguinte: não há ou não deveria haver prazeres que valham um risco de vida ou, simplesmente, que valham o risco de encurtar a vida. De que adiantaria um prazer que, por assim dizer, cortasse o galho sobre o qual estou sentado?

Os jovens têm uma razão básica para desconfiar de uma moral prudente e um pouco avara que sugere que escolhamos sempre os tempos suplementares. É que a morte lhes parece distante, uma coisa com a qual a gente se preocupará mais tarde, muito mais tarde. Mas sua vontade de caminhar na corda bamba e sem rede não é apenas a inconsciência de quem pode esquecer que "o tempo não pára". É também (e talvez sobretudo) um questionamento que nos desafia: para disciplinar a experiência, será que temos outras razões que não sejam só a decisão de durar um pouco mais?

(Contardo Calligaris, **Folha de S. Paulo**)

Considere as seguintes frases:

I. O autor do texto assistiu ao filme sobre Cazuza.

II. O filme provocou-lhe uma viva e complexa reação.

III. Sua reação mereceu uma análise.

O período em que as frases anteriores estão articuladas de modo correto e coerente é:

a) Tendo assistido ao filme sobre Cazuza, este provocou o autor do texto numa reação tão viva e complexa que lhe mereceu uma análise.
b) Mereceu uma análise, a viva e complexa reação, provocadas pelo filme que o autor do texto assistiu sobre Cazuza.
c) A reação que provocou no autor do texto o filme sobre Cazuza foi tão viva e complexa que mereceu uma análise.
d) Foi viva e complexa a reação, que aliás mereceu uma análise, provocado pelo filme sobre Cazuza, que o autor assistiu.
e) O filme sobre Cazuza que foi assistido pelo autor provocou-lhe uma reação viva e complexa, que a sua análise foi merecida.

54) (FGV-2005) Estamos comemorando a entrega de mais de mil imóveis. São mais de 1000 sonhos realizados. Mais de oito imóveis são entregues todo dia. Quer ser o

próximo? Então vem para a X Consórcios. Entre você também para o consórcio que o Brasil inteiro confia.
(Texto de anúncio publicitário, editado.)
Na passagem - o consórcio que o Brasil inteiro confia - deve ser acrescentada uma preposição. Reescreva a passagem acrescentando essa preposição.

55) (FGV-2005) O artista Juan Diego Miguel apresenta a exposição "Arte e Sensibilidade", no Museu Brasileiro da Escultura (MUBE) de suas obras que acabam de chegar no país. Seu sentido de inovação tanto em temas como em materiais que elege é sempre de uma sensação extraordinária para o espectador. Juan Diego sensibiliza-se com os materiais que nos rodeam e lhes da vida com uma naturalidade impressionante, encontrando liberdade para buscar elementos no fauvismo de Henri Matisse, no cubismo de Pablo Picasso e do contemporâneo de Juan Gris. Uma arte que está reservada para poucos.
Exposição: de 03 de agosto à 02 de setembro, das 10 às 19h.

O primeiro período do texto deve ser reescrito, para apresentar maior clareza. Além disso, a regência do verbo chegar contraria a norma culta. Reescreva o parágrafo, com o objetivo de torná-lo mais claro e adequar a regência do verbo referido.

56) (FGV-2005) a) Na linha 19, o que justifica o uso de preposição após o verbo **lembrar**?
b) Transcreva a frase, mas utilize outra regência do verbo **lembrar** admitida pela norma culta.

1. HORA DA SESTA. Um grande silêncio no casarão.
2. Faz sol, depois de uma semana de dias sombrios e úmidos.
3. Clarissa abre um livro para ler. Mas o silêncio é tão grande que, inquieta, ela torna a pôr o
4. volume na prateleira, ergue-se e vai até a janela, para ver um pouco de vida.
5. Na frente da farmácia está um homem metido num grosso sobretudo cor de chumbo. Um
6. cachorro magro atravessa a rua. A mulher do coletor aparece à janela. Um rapaz de pés
7. descalços entra na Panificadora.
8. Clarissa olha para o céu, que é dum azul tímido e desbotado, olha para as sombras fracas
9. sobre a rua e depois se volta para dentro do quarto.
10. Aqui faz frio. Lá no fundo do espelho está uma Clarissa indecisa, parada, braços caídos,
11. esperando. Mas esperando quê?
12. Clarissa recorda. Foi no verão. Todos no casarão dormiam. As moscas dançavam no ar,
13. zumbindo. Fazia um solão terrível, amarelo e quente. No seu quarto, Clarissa não sabia que
14. fazer. De repente pensou numa travessura. Mamãe guardava no sótão as suas latas de
15. doce, os seus bolinhos e os seus pães que deviam durar toda a semana. Era proibido entrar
16. lá. Quem entrava, dos pequenos, corria o risco de levar palmadas no lugar de
17. costume.
18. Mas o silêncio da sesta estava cheio de convites traiçoeiros. Clarissa ficou pensando.
19. Lembrou-se de que a chave da porta da cozinha servia no quartinho do sótão.
20. Foi buscá-la na ponta dos pés. Encontrou-a no lugar. Subiu as escadas devagarinho. Os
21. degraus rangiam e a cada rangido ela levava um sustinho que a fazia estremecer.
22. Clarissa subia, com a grande chave na mão. Ninguém... Silêncio...
23. Diante da porta do sótão, parou, com o coração aos pulos. Experimentou a chave. A
24. princípio não entrava bem na fechadura. Depois entrou. Com muita cautela, abriu a porta e
25. se viu no meio duma escuridão perfumada, duma escuridão fresca que cheirava a doces,
26. bolinhos e pão.
27. Comeu muito. Desceu cheia de medo. No outro dia D. Clemência descobriu a violação, e
28. Clarissa levou meia dúzia de palmadas.
29. Agora ela recorda... E de repente se faz uma grande claridade, ela tem a grande idéia. "A
30. chave da cozinha serve na porta do quarto do sótão." O quarto de Vasco fica no sótão...
31. Vasco está no escritório... Todos dormem... Oh!
32. E se ela fosse buscar a chave da cozinha e subisse, entrasse no quarto de Vasco e
33. descobrisse o grande mistério?
34. Não. Não sou mais criança. Não. Não fica direito uma moça entrar no quarto dum rapaz.
35. Mas ele não está lá... que mal faz? Mesmo que estivesse, é teu primo. Sim, não sejas
36. medrosa. Vamos. Não. Não vou. Podem ver. Que é que vão pensar? Subo a escada,
37. alguém me vê, pergunta: "Aonde vais, Clarissa?" Ora, vou até o quartinho das malas.
38. Pronto. Ninguém pode desconfiar. Vou. Não, não vou. Vou, sim!

(Porto Alegre: Globo, 1981. pp. 132-133)

57) (FGV-2005) Observe a frase **Comeu muito**, na linha 27. Agora observe a frase **Comeu pipocas**. Que diferenças de sentido e de regência há entre as duas ocorrências do verbo **comer**?

1. HORA DA SESTA. Um grande silêncio no casarão.
2. Faz sol, depois de uma semana de dias sombrios e úmidos.

3. Clarissa abre um livro para ler. Mas o silêncio é tão grande que, inquieta, ela torna a pôr o
4. volume na prateleira, ergue-se e vai até a janela, para ver um pouco de vida.
5. Na frente da farmácia está um homem metido num grosso sobretudo cor de chumbo. Um
6. cachorro magro atravessa a rua. A mulher do coletor aparece à janela. Um rapaz de pés
7. descalços entra na Panificadora.
8. Clarissa olha para o céu, que é dum azul tímido e desbotado, olha para as sombras fracas
9. sobre a rua e depois se volta para dentro do quarto.
10. Aqui faz frio. Lá no fundo do espelho está uma Clarissa indecisa, parada, braços caídos,
11. esperando. Mas esperando quê?
12. Clarissa recorda. Foi no verão. Todos no casarão dormiam. As moscas dançavam no ar,
13. zumbindo. Fazia um solão terrível, amarelo e quente. No seu quarto, Clarissa não sabia que
14. fazer. De repente pensou numa travessura. Mamãe guardava no sótão as suas latas de
15. doce, os seus bolinhos e os seus pães que deviam durar toda a semana. Era proibido entrar
16. lá. Quem entrava, dos pequenos, corria o risco de levar palmadas no lugar de
17. costume.
18. Mas o silêncio da sesta estava cheio de convites traiçoeiros. Clarissa ficou pensando.
19. Lembrou-se de que a chave da porta da cozinha servia no quartinho do sótão.
20. Foi buscá-la na ponta dos pés. Encontrou-a no lugar. Subiu as escadas devagarinho. Os
21. degraus rangiam e a cada rangido ela levava um sustinho que a fazia estremecer.
22. Clarissa subia, com a grande chave na mão. Ninguém... Silêncio...
23. Diante da porta do sótão, parou, com o coração aos pulos. Experimentou a chave. A
24. princípio não entrava bem na fechadura. Depois entrou. Com muita cautela, abriu a porta e
25. se viu no meio duma escuridão perfumada, duma escuridão fresca que cheirava a doces,
26. bolinhos e pão.
27. Comeu muito. Desceu cheia de medo. No outro dia D. Clemência descobriu a violação, e
28. Clarissa levou meia dúzia de palmadas.
29. Agora ela recorda... E de repente se faz uma grande claridade, ela tem a grande idéia. “A
30. chave da cozinha serve na porta do quarto do sótão.” O quarto de Vasco fica no sótão...
31. Vasco está no escritório... Todos dormem... Oh!
32. E se ela fosse buscar a chave da cozinha e subisse, entrasse no quarto de Vasco e
33. descobrisse o grande mistério?
34. Não. Não sou mais criança. Não. Não fica direito uma moça entrar no quarto dum rapaz.
35. Mas ele não está lá... que mal faz? Mesmo que estivesse, é teu primo. Sim, não sejas
36. medrosa. Vamos. Não. Não vou. Podem ver. Que é que vão pensar? Subo a escada,
37. alguém me vê, pergunta: “Aonde vais, Clarissa?” Ora, vou até o quartinho das malas.
38. Pronto. Ninguém pode desconfiar. Vou. Não, não vou. Vou, sim!

(Porto Alegre: Globo, 1981. pp. 132-133)

58) (FGV-2005) Leia com atenção o poema de João Cabral de Melo Neto e responda

SOBRE O SENTAR-/ESTAR-NO-MUNDO
A Fanor Cumplido Jr.

1. Onde quer que certos homens se sentem
2. sentam poltrona, qualquer o assento.
3. Sentam poltrona: ou tábua-de-latrina,
4. assento além de anatômico, ecumênico,
5. exemplo único de concepção universal,
6. onde cabe qualquer homem e a contento.
*
1. Onde quer que certos homens se sentem
2. sentam bancos ferrenhos de colégio;
3. por afetuoso e diplomata o estofado,
4. os ferem nós debaixo, senão pregos,
5. e mesmo a tábua-de-latrina lhes nega
6. o abaulado amigo, as curvas de afeto.
7. A vida toda, se sentam mal sentados,
8. e mesmo de pé algum assento os fere:
9. eles levam em si os nós-senão-pregos,
10. nas nádegas da alma, em efes e erres.

Melo Neto, J.C.de. A educação pela pedra.
In:_______. Poesias completas. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968.

Nos versos 2 e 3 da primeira estrofe “sentam poltrona, qualquer o assento / Sentam poltrona: ou tábua-de-latrina,” e no verso 2 da segunda estrofe “sentam bancos ferrenhos de colégio;”a regência do verbo sentar é alterada bem como a natureza de seus complementos. Explique essa ocorrência sintática e os efeitos de sentido que geram no conjunto do poema.

59) (FGV-2005) O primeiro passo para aprender a pensar, curiosamente, é aprender a observar. Só que isso, infelizmente, não é ensinado. Hoje nossos alunos são proibidos de observar o mundo, trancafiados que ficam numa sala de aula, estrategicamente colocada bem longe do dia-a-dia e da realidade. Nossas escolas nos obrigam a estudar mais os livros de antigamente do que a realidade que nos cerca. Observar, para muitos professores, significa ler o que os grandes intelectuais do passado observaram -

gente como Rousseau, Platão ou Keynes. Só que esses grandes pensadores seriam os primeiros a dizer "esqueçam tudo o que escrevi", se estivessem vivos. Na época não existia internet nem computadores, o mundo era totalmente diferente. Eles ficariam chocados se soubessem que nossos alunos são impedidos de observar o mundo que os cerca e obrigados a ler teoria escrita 200 ou 2000 anos atrás - o que leva os jovens de hoje a se sentir alienados, confusos e sem respostas coerentes para explicar a realidade.
Não que eu seja contra livros, muito pelo contrário. Sou a favor de observar primeiro, ler depois. Os livros, se forem bons, confirmarão o que você já suspeitava. Ou porão tudo em ordem, de forma esclarecedora. Existem livros antigos maravilhosos, com fatos que não podem ser esquecidos, mas precisam ser dosados com o aprendizado da observação.
Ensinar a observar deveria ser a tarefa número 1 da educação. Quase metade das grandes descobertas científicas surgiu não da lógica, do raciocínio ou do uso de teoria, mas da simples observação, auxiliada talvez por novos instrumentos, como o telescópio, o microscópio, o tomógrafo, ou pelo uso de novos algoritmos matemáticos. Se você tem dificuldade de raciocínio, talvez seja porque não aprendeu a observar direito, e seu problema nada tem a ver com sua cabeça.
Ensinar a observar não é fácil. Primeiro você precisa eliminar os preconceitos, ou pré-conceitos, que são a carga de atitudes e visões incorretas que alguns nos ensinam e nos impedem de enxergar o verdadeiro mundo. Há tanta coisa que é escrita hoje simplesmente para defender os interesses do autor ou grupo que dissemina essa idéia, o que é assustador. Se você quer ter uma visão independente, aprenda correndo a observar você mesmo. Quantas vezes não participamos de uma reunião e alguém diz "vamos parar de discutir", no sentido de pensar e tentar "ver" o problema de outro ângulo? Quantas vezes a gente simplesmente não "enxerga" a questão? Se você realmente quiser ter idéias novas, ser criativo, ser inovador e ter uma opinião independente, aprimore primeiro os seus sentidos. Você estará no caminho certo para começar a pensar.
(Stephen Kanitz, Observar e pensar. Veja, 04.08.2004. Adaptado)

Assinale a alternativa em que a norma culta de regência verbal admite a preposição de antes da palavra que, no contexto da frase.
a) ...livros antigos maravilhosos, com fatos que não podem ser esquecidos.
b) Eles ficariam chocados se soubessem que nossos alunos são impedidos de observar o mundo que os cerca.
c) Os livros, se forem bons, confirmarão o que você já suspeitava.
d) Hoje nossos alunos são proibidos de observar o mundo, trancafiados que ficam numa sala de aula.
e) ...são a carga de atitudes e visões incorretas que alguns nos ensinam.

60) (UFV-2005) Cair no vestibular é muito mais do que um escritor menos-que-perfeito pode aspirar na vida. Escritores menos-que-perfeitos, caso você não saiba, são aqueles que se negam a usar a forma sintética do mais-que-perfeito. Um escritor menos-que-perfeito jamais "fizera", nunca "ouvira" e em hipótese nenhuma "falara". E no Brasil, se você é um sujeito que "escrevera", você é respeitado; mas, se você apenas "tinha escrito", então você não é nada, e só cai no vestibular por engano.
(FREIRE, Ricardo. Xongas. **Época**. São Paulo, 28 jun 2004.)

a) No texto, o autor distingue escritores menos-que-perfeitos de escritores mais-que-perfeitos. Por que o autor se define como um escritor menos-que-perfeito? Que justificativa o autor teria para optar por uma forma verbal coloquialmente mais simples?
b) "Cair no vestibular é muito mais do que um escritor menos-que-perfeito pode aspirar na vida."
Explique o emprego do termo **aspirar** no fragmento acima.

61) (UNIFESP-2004) Andar! Pero Marques seja!
Quero tomar por esposo
quem se tenha por ditoso
de cada vez que me veja.
Meu desejo eu retempero:
asno que me leve quero,
não cavalo valentão:
antes lebre que leão,
antes lavrador que Nero.

Os versos em destaque no texto, observadas as idéias e a regência, equivalem a
a) Convém asno a que me leve de que cavalo valentão.
b) Prefiro mais asno que me leve a cavalo valentão.
c) É preferível asno que me leve do que cavalo valentão.
d) Prefiro asno que me leve a cavalo valentão.
e) É melhor asno que me leve ante cavalo valentão.

62) (Mack-2004) E se baratas, ratos, moscas e mosquitos fossem exterminados? O mundo seria bem menos nojento - essa é a opinião de muita gente. Mas pense bem: as conseqüências ruins seriam maiores que as boas. Lembre-se das aulas na escola sobre equilíbrio ecológico. Baratas, ratos, moscas e mosquitos são elos fundamentais da cadeia alimentar da qual você também faz parte. Por mais estranha que a idéia possa parecer, sua vida depende dos pernilongos. Odair Correa Bueno dá um exemplo: "Larvas de mosquitos se alimentam de partículas em suspensão na água e também servem de comida para peixes. Sem essas larvas, muita matéria orgânica se acumularia nos rios e faltaria alimento para os peixes".

Cláudia de Castro Lima

Mosquitos são elos fundamentais da cadeia alimentar *da qual você também faz parte*.
O trecho destacado pode ser corretamente substituído por
a) na qual você também faz parte.
b) a qual você também faz parte.
c) onde você também faz parte.
d) que você também faz parte.
e) de que você também faz parte.

63) (FGV-2005) A última das três abordagens, entre as teorias idealistas, é a que considera cultura como sistemas. simbólicos. Esta posição foi desenvolvida nos Estados Unidos principalmente por dois antropólogos: o já conhecido Clifford Geertz e David Schneider. O primeiro deles busca uma definição de homem baseada na definição de cultura. Para isto, refuta a idéia de uma forma ideal de homem, decorrente do iluminismo e da antropologia clássica, perto da qual as demais eram distorções ou aproximações, e tenta resolver o paradoxo (...) de uma imensa variedade cultural que contrasta com a unidade da espécie humana. Para isto, a cultura deve ser considerada “não um complexo de comportamentos concretos mas um conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras, instruções (que os técnicos de computadores chamam programa) para governar o comportamento”. Assim, para Geertz, todos os homens são geneticamente aptos para receber um programa, e este programa é o que chamamos cultura. E esta formulação - que consideramos uma nova maneira de encarar a unidade da espécie - permitiu a Geertz afirmar que “um dos mais significativos fatos sobre nós pode se finalmente a constatação de que todos nascemos com um equipamento para viver mil vidas, mas terminamos no fim tendo vivido uma só!”
Roque de Barros Laraia. Cultura, um conceito antropológico. 16. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 62.

Assinale a alternativa que não é abonada pela norma culta, quanto à regência.
a) Tratou-o com fidalguia, como a um padre.
b) Não lhe perguntou nada, apenas concordou com o que ele dizia.
c) É claro que Jesus a ama!
d) José agradeceu o homem que lhe trouxera o presente e retirou-se.
e) O chefe não lhe permitiu atender o cliente.

64) (FGV-2005) A última das três abordagens, entre as teorias idealistas, é a que considera cultura como sistemas. simbólicos. Esta posição foi desenvolvida nos Estados Unidos principalmente por dois antropólogos: o já conhecido Clifford Geertz e David Schneider. O primeiro deles busca uma definição de homem baseada na definição de cultura. Para isto, refuta a idéia de uma forma ideal de homem, decorrente do iluminismo e da antropologia clássica, perto da qual as demais eram distorções ou aproximações, e tenta resolver o paradoxo (...) de uma imensa variedade cultural que contrasta com a unidade da espécie humana. Para isto, a cultura deve ser considerada “não um complexo de comportamentos concretos mas um conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras, instruções (que os técnicos de computadores chamam programa) para governar o comportamento”. Assim, para Geertz, todos os homens são geneticamente aptos para receber um programa, e este programa é o que chamamos cultura. E esta formulação - que consideramos uma nova maneira de encarar a unidade da espécie - permitiu a Geertz afirmar que “um dos mais significativos fatos sobre nós pode se finalmente a constatação de que todos nascemos com um equipamento para viver mil vidas, mas terminamos no fim tendo vivido uma só!”
Roque de Barros Laraia. Cultura, um conceito antropológico. 16. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 62.

Assinale a alternativa em que a ausência da preposição, antes do pronome relativo que, está de acordo com a norma culta.
a) É uma quantia vultosa, que o Estado não dispõe: falta-lhe numerário.
b) Vi claramente o bolso que você pôs o dinheiro nele.
c) Não interessava perguntar qual a agência que o remetente enviou a carta.
d) A garota que eu gosto não está namorando mais. Chegou a minha oportunidade.
e) Essa era a declaração que o alcaide insistia em fazer.

65) (FATEC-2006) A velha Sinhá não sabia mesmo o que se passava com o seu marido. Fora ele sempre de muito gênio, de palavras duras, de poucos agrados. Agora, porém, mudara de maneira esquisita. Via-o vociferar, crescer a voz para tudo, até para os bichos, até para as árvores. Não podia ser velhice, a idade abrandava o coração dos homens. Pobre da Marta que o pai não podia ver que não viesse com palavras de magoar até as pedras. Por ela não, que era um resto de gente só esperando a morte. Mas não podia se conformar com a sorte de sua filha. O que teria ela de menos que as outras? Não era uma moça feia, não era uma moça de fazer vergonha. E no entanto nunca apareceu rapaz algum que se engraçasse dela. Era triste, lá isso era. Desde pequena via aquela menina quieta para um canto e pensava que aquilo fosse até vantagem. A sua comadre Adriana lhe chamava a atenção:
- Comadre, esta menina precisa ter mais vida.

Não fazia questão. Moça era para viver dentro de casa, dar-se a respeito. E Marta foi crescendo e não mudou de gênio. Botara na escola do Pilar, aprendeu a ler, tinha um bom talhe de letra, sabia fazer o seu bordado, tirar o seu molde, coser um vestido. E não havia rapaz que parasse para puxar uma conversa. Havia moças mais feias, mais sem jeito, casadas desde que se puseram em ponto de casamento. Estava com mais de trinta anos e agora aparecera-lhe aquele nervoso, uma vontade desesperada de chorar que lhe metia medo. Coitada da filha. E depois ainda por cima o pai nem podia olhar para ela. Vinha com gritos, com despropósitos, com implicâncias. O que sucederia sua filha, por que Deus não lhe dera uma sina mais branda?, pensava assim a velha Sinhá enquanto na tenda o mestre José Amaro batia sola. Aquele ofício era doentio.
(José Lins do Rego, *Fogo morto*.)

Substituindo-se os termos sublinhados em - *Nunca apareceu rapaz nenhum que se engraçasse dela* -, assinale a alternativa na qual a regência nominal e/ou verbal se apresenta de acordo com a norma culta.
a) Nunca surgiu rapaz nenhum que com ela se encantasse.
b) Nunca soube de rapaz nenhum que se interessasse dela.
c) Nunca ouviu falar sobre rapaz nenhum que lhe admirasse.
d) Nunca a apresentaram rapaz nenhum que lhe amasse.
e) Nunca conheceu a rapaz algum que namorasse com ela.

66) (ESPM-2006) Embora de ocorrência freqüente no cotidiano, a gramática normativa não aceita o uso do mesmo complemento para verbos com **regências diferentes**. Esse tipo de transgressão só **não** ocorre na frase:
a) Pode-se concordar ou discordar, até radicalmente, de toda a política externa brasileira. (Clóvis Rossi)
b) Educador é todo aquele que confere e convive com esses conhecimentos. (J. Carlos de Sousa)
c) Vi e gostei muito do filme “O Jardineiro Fiel” cujo diretor é um brasileiro.
d) A sociedade brasileira quer a paz, anseia por ela e a ela aspira.
e) Interessei-me e desinteressei-me pelo assunto quase que simultaneamente.

67) (PUC-SP-2006) A animalização do país
Clóvis Rossi, Folha de São Paulo, 21 de fevereiro de 2006

SÃO PAULO - No sóbrio relato de Elvira Lobato, lia-se ontem, nesta Folha, a história de um Honda Fit abandonado em uma rua do Rio de Janeiro "com uma cabeça sobre o capô e os corpos de dois jovens negros, retalhados a machadadas, no interior do veículo".
Prossegue o relato: "A reação dos moradores foi tão chocante como as brutais mutilações. Vários moradores buscaram seus celulares para fotografar os corpos, e os mais jovens riram e fizeram troça dos corpos.
Os próprios moradores descreveram a algazarra à reportagem. "Eu gritei: Está nervoso e perdeu a cabeça?", relatou um motoboy que pediu para não ser identificado, enquanto um estudante admitiu ter rido e feito piada ao ver que o coração e os intestinos de uma das vítimas tinham sido retirados e expostos por seus algozes.
"Ri porque é engraçado ver um corpo todo picado", respondeu o estudante ao ser questionado sobre a causa de sua reação.
O crime em si já seria uma clara evidência de que bestas-feras estão à solta e à vontade no país. Mas ainda daria, num esforço de auto-engano, para dizer que crimes bestiais ocorrem em todas as partes do mundo.
Mas a reação dos moradores prova que não se trata de uma perversidade circunstancial e circunscrita. Não. O país perde, crescentemente, o respeito à vida, a valores básicos, ao convívio civilizado. O anormal, o patológico, o bestial, vira normal. "É engraçado", como diz o estudante.
O processo de animalização contamina a sociedade, a partir do topo, quando o presidente da
República diz que seu partido está desmoralizado, mas vai à festa dos desmoralizados e confraterniza com trambiqueiros confessos. Também deve achar "engraçado".
Alguma surpresa quando é declarado inocente o comandante do massacre de 111 pessoas, sob aplausos de parcela da sociedade para quem presos não têm direito à vida? São bestas-feras, e deve ser "engraçado" matá-los. É a lei da selva, no asfalto.

No trecho "O país perde, crescentemente, o respeito à vida, a valores básicos, ao convívio civilizado" apresenta uma clara obediência à regência do substantivo .respeito..
A alternativa que também apresenta esta mesma obediência é:
a) O país perde, crescentemente, o respeito à vida, à valorização do que é básico, à convivência civilizada.
b) O país perde, crescentemente, o respeito à vida, a valorizações básicas, a convivência civilizada.
c) O país perde, crescentemente, o respeito a vida, à valores básicos, à o convívio civilizado.
d) O país perde, crescentemente, o respeito à vida, a valores básicos, à conviver civilizadamente.
e) O país perde, crescentemente, o respeito a vida, aos valores básicos, a convivência civilizada.

68) (UEPB-2006) “Apesar de algumas preocupações do poder central pelo nordeste,ainda as duas regiões, nordeste e sul são como se fossem dois mundos, de costas um para o outro.” (Correio da Paraíba, 24/05/05)
Neste trecho, ocorrem duas falhas consideradas graves: uma de regência e outra de pontuação. Marque, entre as propostas abaixo, a única alternativa que atende à norma padrão:

a) “Apesar de algumas preocupações do poder central com o nordeste, ainda as duas regiões, nordeste e sul, são como se fossem dois mundos, de costas um para o outro.”
b) “Apesar de algumas preocupações do poder central pelo nordeste, ainda as duas regiões, nordeste e sul, são como se fossem dois mundos, de costas um para o outro.”
c) “Apesar de algumas preocupações do poder central com o nordeste, ainda as duas regiões nordeste e sul, são como se fossem dois mundos, de costas um para o outro.”
d) “Apesar de algumas preocupações do poder central pelo nordeste ainda as duas regiões nordeste e sul, são como se fossem dois mundos, de costas um para o outro.”
e) “Apesar de algumas preocupações do poder central com o nordeste, ainda as duas regiões, nordeste e sul são como se fossem dois mundos, de costas um para o outro.”

69) (UEPB-2006) “No momento em que você toma uma decisão e a coloca em marcha, procure rever mentalmente cada etapa que o levou a preparar seu passo. Mas faça isso sem tensão, porque é impossível ter todas as regras na cabeça: e com o espírito livre, à medida em que revê cada etapa, irá dar-se conta dos momentos mais difíceis, e de como os superou.” (CP, 08/05/05)
Neste excerto, o autor faz uso das expressões: “**no momento em que**” e “**à medida em que**”, para as quais a Gramática Normativa oferece explicações. Indique a alternativa que esclarece o uso dessas expressões:
a) A norma gramatical culta estabelece como corretas as expressões NO MOMENTO EM QUE e À MEDIDA QUE. Logo, no texto, não houve o uso correto da 2a expressão.
b) Conforme a norma gramatical culta, a expressão À MEDIDA QUE é uma locução equivalente a QUANDO, tal como ocorre com a expressão NO MOMENTO EM QUE, usada no texto.
c) A norma gramatical culta estabelece como corretas as expressões: NO MOMENTO QUE e À MEDIDA QUE. Logo, no texto, houve uso incorreto das duas expressões.
d) Segundo a norma gramatical culta, as expressões NO MOMENTO EM QUE e À MEDIDA EM QUE indicam noção de tempo, sendo ambas corretas.
e) Conforme a norma gramatical culta, a sinalização de crase não se justifica na expressão À MEDIDA QUE, como também não se justifica o emprego da preposição EM que antecede o QUE na expressão NO MOMENTO EM QUE.

70) (UFSCar-2007) Monsenhor Caldas interrompeu a narração do desconhecido:
— Dá licença? é só um instante.
Levantou-se, foi ao interior da casa, chamou o preto velho que o servia, e disse-lhe em voz baixa:
— João, vai ali à estação de urbanos, fala da minha parte ao comandante, e pede-lhe que venha cá com um ou dois homens, para livrar-me de um sujeito doido. Anda, vai depressa.
E, voltando à sala:
— Pronto, disse ele; podemos continuar.
— Como ia dizendo a Vossa Reverendíssima, morri no dia vinte de março de 1860, às cinco horas e quarenta e três minutos da manhã. Tinha então sessenta e oito anos de idade. Minha alma voou pelo espaço, até perder a terra de vista, deixando muito abaixo a lua, as estrelas e o Sol; penetrou finalmente num espaço em que não havia mais nada, e era clareado tão-somente por uma luz difusa. Continuei a subir, e comecei a ver um pontinho mais luminoso ao longe, muito longe. O ponto cresceu, fez-se sol. Fui por ali dentro, sem arder, porque as almas são incombustíveis.
A sua pegou fogo alguma vez?
— Não, senhor.
— São incombustíveis. Fui subindo, subindo; na distância de quarenta mil léguas, ouvi uma deliciosa música, e logo que cheguei a cinco mil léguas, desceu um enxame de almas, que me levaram num palanquim feito de éter e plumas.
(Machado de Assis, A segunda vida. Obras Completas, vol. II, p. 440-441.)

Assinale a alternativa em que o uso do acento grave da crase acontece, respectivamente, pelos mesmos motivos específicos presentes nas frases: E, voltando à sala; Morri no dia vinte de março de 1860, às cinco horas (...)
a) Não saio à noite.; Em 1968, fui à Brasília de JK.
b) Estava à toa ontem.; Foi à casa do desembargador.
c) Saiu à francesa.; Você deu a notícia à Maria?
d) Vamos à luta!; Vi o avião à distância de 150m.
e) Trouxe dinamismo à história.; Vive à custa do pai.

71) (UFSCar-2007) O valor do futuro depende do que se pode esperar dele. Portanto: se você acredita de fato em alguma forma de existência post mortem determinada pelo que fizermos em vida, então todo cuidado é pouco: os juros prospectivos são infinitos. O desafio é fazer o melhor de que se é capaz na vida mortal sem pôr em risco as incomensuráveis graças do porvir. Se você acredita, ao contrário, que a morte é o fim definitivo de tudo, então o valor do intervalo finito de duração indefinida da vida tal como a conhecemos aumenta. Ela é tudo o que nos resta, e o único desafio é fazer dela o melhor de que somos capazes. E, finalmente, se você duvida de qualquer conclusão humana sobre o após-a-morte e sua relação com a vida terrena, então você contesta o dogmatismo das crenças estabelecidas, não abdica da busca de um sentido transcendente para o mistério de existir e mantém uma janelinha aberta e bem arejada para o além. O desafio é fazer o melhor de que se é capaz da vida que conhecemos, mas sem descartar nenhuma hipótese, nem sequer a de que ela possa ser, de fato, tudo o que nos é dado para sempre.
(Eduardo Giannetti, O valor do amanhã, p. 123.)

A regência do verbo abdicar, que aparece no trecho — não abdica da busca de um sentido transcendente para o mistério de existir —, pode ser substituída, de modo compatível com a norma padrão e com o sentido do texto, pelo que está em:
a) não abdica na busca de um sentido transcendente para o mistério de existir.
b) não se abdica a busca de um sentido transcendente para o mistério de existir.
c) não se abdica pela busca de um sentido transcendente para o mistério de existir.
d) não abdica para a busca de um sentido transcendente para o mistério de existir.
e) não abdica a busca de um sentido transcendente para o mistério de existir.

72) (UFSCar-2007) Contemple a charge:

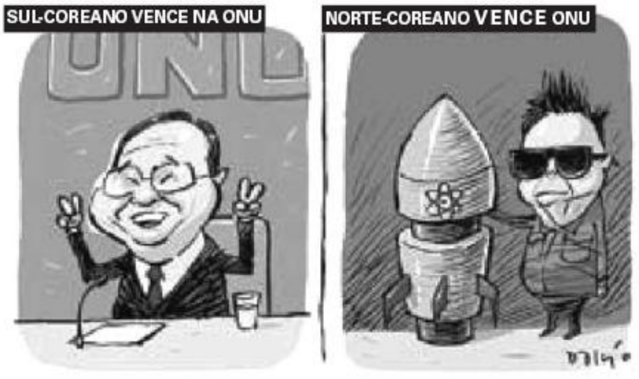

(Correio Popular, *10.10.2006.)*

Trata-se de uma charge publicada por um jornal brasileiro por ocasião da eleição do sul-coreano Ban Ki-Moon, como presidente da ONU, e da realização de um teste nuclear a mando do ditador norte-coreano Kim Jong-il.
a) Como a diferença de emprego sintático do verbo vencer modifica o sentido das duas frases?
b) “Reconstrua” as duas frases, de maneira que os sentidos sugeridos pelas imagens fiquem, também, explícitos no texto escrito.

73) (UNICAMP-2007) Matte a vontade. Matte Leão.
Este enunciado faz parte de uma propaganda afixada em lugares nos quais se vende o chá Matte Leão.
Observe as construções abaixo, feitas a partir do enunciado em questão:
Matte à vontade.
Mate a vontade.
Mate à vontade.
a) Complete cada uma das construções acima com palavras ou expressões que explicitem as leituras possíveis relacionadas à propaganda.
b) Retome a propaganda e explique o seu funcionamento, explicitando as relações morfológicas, sintáticas e semânticas envolvidas.

74) (FVG - SP-2007) Assinale a alternativa em que, INCORRETAMENTE, usou-se ou deixou-se de usar uma preposição antes do pronome relativo.
a) A rua que eu moro não é asfaltada
b) Ernesto, de cujos olhos parecia saírem raios de fogo, manifestou-se violentamente.
c) Soçobrou o navio que se dirigia a Barcelona.
d) O cachorro a que você deveria dar isso pertence ao vizinho do 43.
e) Era o repouso por que esperávamos quando regressamos de Roma.

75) (FVG - SP-2007) Assinale a alternativa em que a regência verbal está de acordo com a norma culta.
a) As crianças, obviamente, preferem mais os doces do que os legumes e verduras.
b) Assista uma TV de LCD pelo preço de uma de projeção e leve junto um Home Theater!
c) O jóquei Nélson de Sousa foi para Inglaterra visando títulos e euros.
d) Construir impérios a partir do nada implica inovação e paixão pelo risco.
e) A Caixa Econômica informou os mutuários que não haverá prorrogação de prazos.

76) (IBMEC-2007) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.
• Deu-me alguns motivos ________ me pareciam inconsistentes.
• As informações ________ dependo são sigilosas.
• Lembro-me ________ ele só usava camisas brancas.
• Feliz do pai ________ filhos são ajuizados.
• Vivemos um momento ________ os graves problemas econômicos impedem uma maior mobilidade social.
a) cujos, nas quais, de que, cujo os, no qual
b) que, das quais, de que, cujos, em que
c) os quais, de que, que, o qual, onde
d) que, de que, que, cujos, onde
e) dos quais, de que, que, de cujos, no qual

77) (IBMEC-2007) [...] Pus-me a ler o jornal, os anúncios de “precisa-se“. Dentre eles, um pareceu aceitável. Tratava-se de um rapaz de conduta afiançada para acompanhar um cesto de pão. Era nas Laranjeiras. Estava resolvido a aceitar; trabalharia um ano ou mais; guardaria dinheiro suficiente que me desse tempo para pleitear mais tarde um lugar melhor. Não havia nada que me impedisse: eu era desconhecido, sem família, sem origens... Que mal havia?
Mais tarde, se chegasse a alguma coisa, não me envergonharia, por certo?! Fui, contente até. Falei ao gordo proprietário do estabelecimento. Não me recordo

mais das suas feições, mas tenho na memória as grandes mãos com um enorme ”solitário“ e o seu alentado corpo de arrobas.

— Foi o senhor que anunciou um rapaz para...

— Foi; é o senhor? respondeu-me logo sem me dar tempo de acabar.

— Sou, pois não.

O gordo proprietário esteve um instante a considerar, agitou os pequenos olhos perdidos no grande rosto, examinou-me convenientemente e disse por fim, voltando-me as costas com mau humor:

— Não me serve.

— Por quê? atrevi-me eu.

— Porque não me serve.

E veio vagarosamente até uma das portas da rua, enquanto eu saía literalmente esmagado. Naquela recusa do padeiro em me admitir, eu descobria uma espécie de sítio posto à minha vida. Sendo obrigado a trabalhar, o trabalho era-me recusado em nome de sentimentos injustificáveis. Facilmente generalizei e convenci-me de que esse seria o preceder geral. Imaginei as longas marchas que teria que fazer para arranjar qualquer coisa com que viver; as humilhações que teria que tragar; e, de novo, me veio aquele ódio do bonde, quando de volta da casa do Deputado Castro. Revoltava-me que me obrigassem a despender tanta força de vontade, tanta energia, com

coisas em que os outros pouco gastavam. Era uma desigualdade absurda, estúpida, contra a qual se iam quebrar o meu pensamento angustiado e os meus sentimentos liberais que não podiam acusar particularmente o padeiro.

Que diabo! Eu oferecia-me, ele não queria! que havia nisso demais?

Era uma simples manifestação de um sentimento geral e era contra esse sentimento, aos poucos descoberto por mim, que eu me revoltava. Vim descendo a rua, e perdendo-me aos poucos no meu próprio raciocínio. Preliminarmente descobria-lhe absurdos, voltava ao interior, misturava os dois, embrulhava-me. No largo do Machado, contemplei durante momentos aquela igreja de frontão grego e colunas dóricas e tive a sensação de estar em país estrangeiro.

(Lima Barreto. Recordações do escrivão Isaías Caminha. *3. Ed. São Paulo: Ática, 1994, p. 69-70.)*

Assinale a alternativa que preenche as lacunas **corretamente**:

“Indaguei-lhe ______ não servia como seu funcionário, ______? Ele, desatento, não me respondeu o ______.“

a) porque, por que, porquê.

b) por que, por quê, porquê.

c) por que, porquê, por que.

d) porque, porque, por quê.

e) porquê, por quê, porque.

78) (PUC - RJ-2007) Texto 1

Trechos da entrevista de Jacob Needleman à Revista Superinteressante, Editora Abril, julho de 2001.

Jacob Needleman

O filósofo americano diz que dinheiro não traz felicidade e explica como é possível viver sem dar tanta importância à conta bancária.

SUPER – Por que é tão difícil lidar com dinheiro?

NEEDLEMAN – O dinheiro reflete nossa imaginação, nossos desejos, necessidades e temores. Ele é nossa principal tecnologia social, por meio da qual vivemos hoje. Se somos sugestionáveis e vulneráveis ao que dizem e pensam os outros, o dinheiro espelhará tudo isso. A angústia que sentimos em relação ao dinheiro é reflexo da angústia que sentimos em relação a nós mesmos.

SUPER – Por que ele tem esse poder?

NEEDLEMAN – O dinheiro foi inventado para facilitar trocas entre as pessoas. O detalhe é que muitas coisas que não podiam ser medidas em termos monetários hoje têm preço. É o caso do cuidado com os filhos. As pessoas saem pra trabalhar e deixam os filhos com profissionais. Outros não têm tempo nem para a amizade e, quando querem falar dos problemas, têm de pagar um terapeuta. O dinheiro virou instrumento para aferir até nosso amor-próprio. Aqui nos Estados Unidos dizemos:

“Quanto vale essa pessoa?” Há algum tempo, isso seria loucura. O dinheiro por si mesmo não proporciona felicidade. Ele dá prazer, alguma sensação de segurança. Mas, com o passar do tempo, percebe-se que ele não alimenta nossa alma. Temos de tratá-lo como um meio, não como um fim. Mas, para isso, temos de ter um fim, um objetivo. Só somos felizes quando a vida tem um significado. Transformar o dinheiro em nosso único objetivo é como comer comida com gosto de plástico.

SUPER – E por que tanta gente ainda acredita que o dinheiro traz felicidade?

NEEDLEMAN – As pessoas procuram algo que confira um significado a suas vidas. E muitas das coisas que antigamente se acreditava trazer felicidade perderam poder: religião, espiritualismo, filosofia ou mesmo arte. Todos precisamos de dinheiro, assim como de ar, de alimentos e convívio social. Sim, porque ninguém pode se mudar para uma floresta e viver sozinho. As forças da cultura são fortes demais. Não podemos simplesmente abandonar a sociedade, nem abrir mão do que temos, da tecnologia. [...]

SUPER – Qual a influência do dinheiro sobre as emoções?

NEEDLEMAN – Nossa cultura nos faz crer que coisas materiais podem nos fazer felizes, mas elas dão apenas um prazer superficial. Prazer é diversão, não perdura, é diferente de felicidade. Precisamos dessas coisas, mas a sociedade capitalista em que vivemos cria desejos para que haja sempre mais demanda. Pelos menos 75% dos produtos disponíveis hoje são dispensáveis.

a) Reescreva duas vezes a segunda oração do período abaixo, substituindo o verbo “**viver**” por cada um dos seguintes verbos:
i – lidar
ii – depender
“Ele é nossa principal tecnologia social, por meio da qual vivemos hoje.”
b) Pontue o período a seguir, empregando apenas um sinal de vírgula e um de dois pontos.
É aquela velha história se você coloca coisas caras em casa vai precisar pôr trancas nas portas e grades nas janelas.

79) (Fatec-2007)

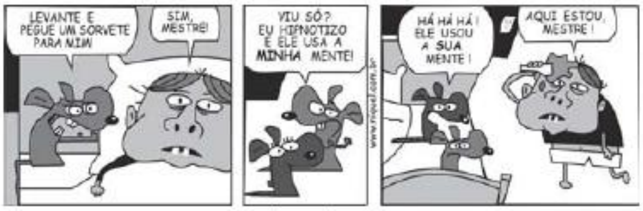
LEVANTE E PEGUE UM SORVETE PARA MIM
SIM, MESTRE!
VIU SÓ? EU HIPNOTIZO E ELE USA A MINHA MENTE!
HÁ HÁ HÁ! ELE USOU A SUA MENTE!
AQUI ESTOU, MESTRE!

(Fernando Gonsales, Níquel Náusea. Folha de S. Paulo, 13-09-2006)

Considere as seguintes afirmações sobre o texto dos quadrinhos.

I. A transposição das falas do primeiro quadrinho para o discurso indireto deve ser: “O rato ordenou ao menino que se levante e pegue um sorvete para ele, e ele respondeu que sim ao mestre”.

II. No segundo quadrinho, o acréscimo de um complemento para o verbo “hipnotizar” está de acordo com a norma culta em “Eu o hipnotizo”.

III. A relação de sentido entre as orações do período - *Eu hipnotizo e ele usa a minha mente* - é de causa e conseqüência.

IV. A frase “Levante e pegue um sorvete para mim me refrescar” apresenta redação de acordo com a norma culta.

Estão corretas apenas as afirmações
a) I e II.
b) I, II e III.
c) I e III.
d) II e III.
e) II, III e IV.

80) (Fatec-2007) LIBRA (23 set. a 22 out.)
Com a Lua transitando em Gêmeos, os librianos podem esperar mais clareza mental, acuidade, boa expressão e facilidade ambiente, porque o mundo irá girar num ritmo consoante com seu jeito de ser. Justamente porque tudo flui melhor você não precisa reagir com extremos. Segure essa impaciência.
(**Folha de S.Paulo**, 13-09-2006)
Considere as seguintes afirmações relacionadas a esse texto.

I. Na frase - *segure essa impaciência* - poderia ser empregado também o pronome *esta*, pois se trata de referência à pessoa a quem se dirige a sugestão contida no texto.

II. O texto mantém-se de acordo com a norma culta caso se empregue - *contém essa impaciência* - em lugar de - *segure essa impaciência*.

III. Pode-se interpretar como de causa a circunstância expressa por - *Com a Lua transitando em Gêmeos.*

IV. As palavras “acuidade” e “consoante” podem ser substituídas, no contexto, correta e respectivamente, por “agudeza” e “em harmonia”.

V. A relação sintática e de sentido expressa em - *porque tudo flui melhor* - tem equivalente em - *como tudo flui melhor*.

Estão corretas apenas as afirmações
a) I, II e III.
b) I, II e IV.
c) II, III e IV.
d) III, IV e V.
e) II, III, IV e V.

81) (FGV - SP-2007) Assinale a alternativa em que, CONTRARIANDO A NORMA CULTA, usou-se ou deixou-se de usar uma preposição antes do pronome relativo.
a) No momento que os gaúchos chegaram, os castelhanos soltaram vivas.
b) A moça, que os amigos generosamente acolheram, portou-se como uma verdadeira dama.
c) Era uma flor belíssima, de cujo olor extraíra o poeta sua inspiração.
d) Tinha mãos sujas da graxa em que a peça estivera mergulhada.
e) A linguagem era recheada de palavras pretensamente eruditas, que o condenavam.

82) (Fatecs-2007) TEXTO I
Em pé, no meio do espaço que formava a grande abóbada de árvores, encostado a um velho tronco decepado pelo raio, via-se um índio na flor da idade.
Uma simples túnica de algodão, a que os indígenas chamavam aimará, apertada à cintura por uma faixa de penas escarlates, caía-lhe dos ombros até ao meio da perna, e desenhava o talhe delgado e esbelto como um junco selvagem.
Sobre a alvura diáfana do algodão, a sua pele, cor de cobre, brilhava com reflexos dourados; os cabelos pretos cortados rentes, a tez lisa, os olhos grandes com os cantos exteriores erguidos para a fronte; a pupila negra, móbil, cintilante; a boca forte mas bem modelada e guarnecida de dentes alvos, davam ao rosto pouco oval a beleza inculta da graça, da força e da inteligência.

TEXTO II
Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o

murmurejo do Uraricoera, que a índia tapanhumas pariu uma criança feia.

Já na meninice fez coisas de sarapantar. De primeiro passou mais de seis anos não falando.

Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros. O divertimento dele era decepar cabeça de saúva. Vivia deitado mas si punha os olhos em dinheiro, dandava pra ganhar vintém. E também espertava quando a família ia tomar banho no rio, todos juntos e nus. Passava o tempo do banho dando mergulho, e as mulheres soltavam gritos gozados por causa dos guaimuns diz-que habitando a água doce por lá.

Nem bem teve seis anos deram água num chocalho pra ele e começou falando como todos. E pediu pra mãe que largasse a mandioca ralando na cevadeira e levasse ele passear no mato.A mãe não quis porque não podia largar da mandioca não. Ele choramingou dia inteiro.

(Texto com adaptações.)

Assinale a alternativa em que se encontra redação de acordo com a norma culta escrita.

a) E pediu à mãe que largasse a mandioca ralando na cevadeira e se dispusesse a levá-lo a passear no mato.
b) Se as mães não se proporem a ir, é por que não podem largar a mandioca, não. Ele choramingou, dia inteiro.
c) A boca forte mas bem modelada e guarnecida, de dentes alvos expunha no rosto pouco oval, a beleza inculta: da graça, da força e da inteligência.
d) Tratavam-se de alguns índios que viam-se, em pé, no meio do espaço que formava a grande abóbada de árvores.
e) Simples túnicas de algodão, onde os indígenas chamavam-nas de aimará, apertadas na cintura por uma faixa de penas escarlates, caíam-lhe dos ombros.

GABARITO

1) a) Preposição **em**.
Esta é a escola **em** que os pais confiam.
b) O verbo confiar exige a preposição **em**, antes de seu complemento. Como seu complemento é o pronome relativo **que**, este deve vir antecedido da preposição.

2) a)
Assista amanhã **à** revista eletrônica feminina que é a referência do gênero na TV.
b)
O verbo **assistir**, no sentido de ver, é Transitivo Indireto e exige a preposição **a** em seu complemento. A expressão **revista eletrônica** aceita o artigo **a**, ocorrendo, portanto, a fusão da preposição e do artigo.

3) Alternativa: D

4) Alternativa: A

5) Alternativa: A

6) Alternativa: A

7) Alternativa: A

8) Alternativa: A

9) Alternativa: A

10) Alternativa: A

11) Alternativa: A

12) Alternativa: D

13) Alternativa: A

14) Alternativa: C

15) Alternativa: B

16) Alternativa: C

17) Alternativa: B

18) Alternativa: B

19) Alternativa: B

20) Alternativa: D

21) a) "Tome esse chope o quanto antes para que nós possamos conhecer a Baía de Guanabara, de que todos falam mil maravilhas."
A gente é oralidade
Falar de - regência de falar pede preposição
b) "Todos visamos ao êxito dessa missão; por isso é que obedecemos, à risca, às ordens superiores."
Visar ao = ter em vista
Êxito = proparoxítonas são todas acentuadas
Por isso = a grafia é separada
Obedecemos = o mesmo sujeito (nós) e presente do indicativo, indicando ação habitual
Às ordens= termo regido pelo verbo obedecer
À risca = a locução adverbial tem crase

22) a) "Esta é uma tarefa para eu fazer sozinho, não admito que se repartam as responsabilidades entre mim e outra pessoa"".
Eu fazer - sujeito de verbo tem que ser pronome do caso reto
Se repartam - passiva sintética, o sujeito é responsabilidades
Entre mim e outra - com preposição entre usa-se a forma oblíqua do pronome eu

b) "Ele tomou as decisões mais oportunas."
Redundância na repetição do objeto direto.

23) Alternativa: B

24) Alternativa: E

25) Alternativa: D

26) Alternativa: B

27) Alternativa: D

28) a) A sorte que os aguardava era conhecida pelos próprios jagunços
b) Os próprios jagunços conheciam a sorte que lhes estava reservada.

29) Alternativa: E

30) a que
de que
com que
em que
cuja

31) Alternativa: A

32) Alternativa: E

33) Alternativa: B

34) Alternativa: C

35) FFFVF

36) Alternativa: E

37) Alternativa: D

38) Alternativa: D

39) Alternativa: C

40) Alternativa: C

41) Alternativa: B

42) Alternativa: B

43) Alternativa: B

44) a) Correta - Dúvidas de que. Dúvida tem sentido incompleto, exige a regência com a preposição *de*
b) Incorreta - ressalvar que a história - o verbo ressalvar é transitivo direto, rejeitando a preposição *de*

45) Alternativa: A

46) Alternativa: B

47) Alternativa: B

48) Alternativa: A

49) Alternativa: A

50) Alternativa: A

51) Alternativa: C

52) "Era no tempo **em** que ainda os portugueses não haviam sido por uma tempestade empurrados para a terra de Santa Cruz."

53) Alternativa: C

54) O verbo **confiar** na acepção de **crer**, **acreditar** é transitivo indireto e rege a preposição "**em**". Assim, temos:
- O consórcio **em** que o Brasil inteiro confia.

55) Questões desse tipo admitem mais de uma resposta, como, por exemplo:
- O artista Juan Diego Miguel apresenta suas obras que acabam de chegar ao país, na exposição "Arte e Sensibilidade", no Museu Brasileiro da Escultura (MUBE).
- O artista Juan Diego Miguel apresenta na exposição "Arte e Sensibilidade" suas obras que acabam de chegar ao país, no Museu Brasileiro da Escultura (MUBE).

56) a) O verbo "lembrar", quando pronominal ("lembrar-se"), é transitivo indireto com a preposição "de".
b) O verbo "lembrar", quando não-pronominal, é transitivo direto: Lembrou que a chave da porta da cozinha servia no quartinho do sótão.

57) O verbo "comer", no sentido de engolir para se alimentar, ingerir alimentos, pressupõe um sujeito agente e um complemento que especifica o tipo de alimento ingerido.
Esse sentido e essa regência do verbo ocorrem na frase: "comeu pipocas".
Na frase "comeu muito", o sentido básico é o mesmo (engolir alimentos) com uma diferença: com o apagamento do objeto, o verbo se torna intransitivo e o significado se concentra na ação verbal, não importando o objeto específico.

58) Os dicionários de regência registram o emprego do verbo **sentar** ou **sentar-se** (pronominal) como intransitivo. Em ambos os casos, pode vir acompanhado de adjunto adverbial que especifique o lugar da ação:
Sentou aqui.
Sentou-se à mesa.
No uso cotidiano, o adjunto adverbial normalmente é introduzido pela preposição em, como, por exemplo, verifica-se abaixo:
Sentou (-se) na poltrona.
Sentou (-se) no chão.
O poeta, intencionalmente, desvia-se desses usos e utiliza o verbo **sentar** acompanhado de um complemento não-preposicionado, que faz referência a lugar, mas que, no contexto do poema, acrescenta a essa noção locativa o traço de modo. Ou seja, "sentar poltrona" retém a idéia de realizar a ação em um lugar acolhedor, mas, sobretudo, indica uma maneira de realizar a ação, sentar-se confortavelmente. Em contrapartida, sentar "bancos ferrenhos" figurativiza o tema do desconforto, isto é, sentar-se desconfortavelmente. A maneira de sentar, assim, está associada ao modo de estar no mundo, caracterizando, portanto, dois modos de ser, dois tipos de sujeito: o lugar em que o sujeito se senta mostra como o sujeito se sente - adaptado ou desajustado, relaxado ou tenso, conformado ou inconformado.
Essa leitura é corroborada pelo verso inicial das duas estrofes "Onde quer que certos homens se sentem". Aí já se antecipa que não é o lugar da ação que determina o

estado do sujeito (conforto ou desconforto), mas sim o seu modo de ser e de estar no mundo. Há homens que em qualquer lugar estarão confortáveis, enquanto outros estarão desconfortáveis independentemente de onde se achem.

59) Alternativa: C

60) a) Porque não usa formas verbais menos comuns, como o mais-que-perfeito. Há várias possibilidades para o autor ter utilizado essa forma, mas, principalmente, o fato de ambas as formas serem equivalentes semanticamente e a forma composta ser mais comum e, portanto, de mais fácil entendimento, o que aproximaria o autor de seu público.
b) O verbo aspirar, no contexto, significa *desejar, querer, pretender, almejar*.

61) Alternativa: D

62) Alternativa: E

63) Alternativa: D

64) Alternativa: E

65) Alternativa: A

66) Alternativa: D

67) Alternativa: A

68) Alternativa: A

69) Alternativa: A

70) Alternativa: E

71) Alternativa: E

72) a) No primeiro caso, o verbo *vencer* está empregado como intransitivo e o termo a ele associado — "na ONU" — é adjunto adverbial de lugar. No segundo, o verbo é transitivo direto e o termo a ele associado — "ONU" — é objeto direto. Portanto, no primeiro exemplo, Ban Ki-Moon venceu uma eleição que ocorreu na ONU; no segundo, Kim Jong-il derrotou a ONU, pois realizou testes nucleares mesmo sem o aval da instituição.
b) Sul-coreano vence eleição na ONU.
Norte-coreano vence ONU na polêmica dos testes nucleares.

73) a) Beba Matte Leão à vontade; Temos Matte Leão à vontade.
Mate a vontade de beber Matte Leão.
Mate sua sede de beber Matte Leão à vontade.

b) Sob a perspectiva da morfologia,
• a forma verbal **mate** (imperativo afirmativo da 3ª-pessoa do singular) é pronunciada da mesma forma que o substantivo comum **mate** (derivado de erva mate) e o substantivo próprio **Matte** (que repete a marca registrada do Matte Leão);
• analogamente, a pronúncia da expressão **a vontade** admite a classificação de artigo definido feminino singular **a** seguido de substantivo **vontade** (formando um grupo nominal), ou a de preposição **a** seguida de substantivo **vontade**, formando uma locução adverbial.
Sintaticamente,
• a forma verbal **Mate** teria a função de núcleo do predicado, já o substantivo **mate** teria a função de complemento de um verbo implícito — possivelmente, beba;
• o grupo nominal **a vontade** teria a função sintática de objeto direto do verbo **mate**; a locução adverbial **à vontade**, a de adjunto adverbial desse verbo.
Semanticamente, o texto publicitário explora a ambigüidade, ou seja, as múltiplas possibilidades de interpretação da mensagem. Esta pode ser entendida como um convite para consumir o Matte Leão e saciar a sede de bebê-lo ou como uma oferta da quantidade de Matte Leão que o leitor queira consumir, sem nada que limite sua vontade.

74) Alternativa: A

75) Alternativa: D

76) Alternativa: B

77) Alternativa: B

78) Resposta:
a)
i – ..., com a qual lidamos hoje.
ii – ..., da qual dependemos hoje.
b) É aquela velha história: se você coloca coisas caras em casa, vai precisar pôr trancas nas portas e grades nas janelas.

79) Alternativa: D

80) Alternativa: D

81) Alternativa: A

82) Alternativa: A

PRONOMES

PROFESSOR André Guerra

Protegido por Eduzz.com

PRONOMES PESSOAIS

PROFESSOR
André
Guerra

Protegido por Eduzz.com

- PRONOMES PESSOAIS DO CASO RETO

- PRONOMES PESSOAIS DO CASO OBLÍQUO

- PRONOMES DE TRATAMENTO

PROFESSOR André Guerra

Protegido por Eduzz.com

CASO RETO

SINGULAR	1. EU	EU estudo todos os dias
	2. TU	TU estudas todos os dias
	3. ELE	ELE estuda todos os dias
PLURAL	1. NÓS	NÓS estudamos todos os dias
	2. VÓS	VÓS estudais todos os dias
	3. ELES	ELES estudam todos os dias

Protegido por Eduzz.com

CASO RETO

SINGULAR	1.	EU	EU estudo todos os dias
	2.	TU	TU estudas todos os dias
	3.	ELE	ELE estuda todos os dias
PLURAL	1.	NÓS	NÓS estudamos todos os dias
	2.	VÓS	VÓS estudais todos os dias
	3.	ELES	ELES estudam todos os dias

FUNÇÃO DE SUJEITO

PROFESSOR André Guerra

Protegido por Eduzz.com

CASO OBLÍQUO – PRONOMES ÁTONOS

SINGULAR	1. ME	Cuido-ME todos os dias
	2. TE	Cuida-TE todos os dias
	3. SE, O, A, LHE	Cuide-SE todos os dias
PLURAL	1. NOS	Cuidemo-NOS todos os dias
	2. VOS	Cuidai-VOS todos os dias
	3. SE, OS, AS, LHES	Cuidem-SE todos os dias

PROFESSOR André Guerra

Protegido por Eduzz.com

CASO OBLÍQUO – PRONOMES TÔNICOS

SINGULAR	1. MIM, COMIGO	Mande para MIM / Venha COMIGO
	2. TI, CONTIGO	Mando para TI / Vou CONTIGO
	3. SI, CONSIGO	Mando para SI / Vou CONSIGO
PLURAL	1. CONOSCO	Venha CONOSCO
	2. CONVOSCO	Vamos CONVOSCO
	3. SI, CONSIGO	Mando para SI / Vou CONSIGO

Protegido por Eduzz.com

PROFESSOR André Guerra

ATENÇÃO

ELE (S), ELA (S), NÓS é VÓS podem ser pronomes do caso RETO ou OBLÍQUO

ELE estuda muito (ELE é o sujeito = CASO RETO)
Conte a verdade para ELE. (ELE é complemento = OBLÍQUO TÔNICO)

NÓS estudamos muito (NÓS é o sujeito = CASO RETO)
Conte a verdade para NÓS. (NÓS é complemento = OBLÍQUO TÔNICO)

Protegido por Eduzz.com

DESAFIO!

Complete com **EU** ou **MIM**

- Faça a pergunta para ________.
- Pergunte para _______ responder.
- Para _______ , responder é ótimo.
- Isso fica entre _______ e você.
- Isso fica entre você e _______.

Protegido por Eduzz.com

PROFESSOR André Guerra

DESAFIO!

Complete com EU ou MIM

- Faça a pergunta para _MIM_.
- Pergunte para _EU_ responder.
- Para _MIM_ , responder é ótimo.
- Isso fica entre _MIM_ e você.
- Isso fica entre você e _MIM_.

PROFESSOR
André
Guerra

Protegido por Eduzz.com

PRONOMES DE TRATAMENTO

VOSSA MERCÊ
VOSSEMECÊ
VOSMICÊ
VASSUNCÊ
VANCÊ
VOCÊ
OCÊ
VC
V

VOSSA EXCELÊNCIA

VOCÊ

Vossa Excelência está cansado? (HOMEM)

ou

Vossa Excelência está cansada? (MULHER)

PROFESSOR André Guerra

Protegido por Eduzz.com

PRONOMES DE TRATAMENTO

Vossa Alteza	V. A.	príncipes, duques
Vossa Eminência	V. Ema.(s)	cardeais
Vossa Reverendíssima	V. Revma.(s)	sacerdotes e bispos
Vossa Excelência	V. Ex.ª (s)	altas autoridades e oficiais-generais
Vossa Magnificência	V. Mag.ª (s)	reitores de universidades
Vossa Majestade	V. M.	reis e rainhas
Vossa Majestade Imperial	V. M. I.	Imperadores
Vossa Santidade	V. S.	Papa
Vossa Senhoria	V. S.ª (s)	tratamento cerimonioso
Vossa Onipotência	V. O.	Deus

PROFESSOR
André
Guerra

Protegido por Eduzz.com

PRONOMES POSSESSIVOS

Protegido por Eduzz.com

PROFESSOR
André Guerra

Pronomes Possessivos

SINGULAR	1. MEU(S) / MINHA(S)	MEU livro é um romance.
	2. TEU(S) / TUA(S)	TEU livro é um romance.
	3. SEU(S) / SUA (S)	SEU livro é um romance.
PLURAL	1. NOSSO (AS)	NOSSO livro é um romance.
	2. VOSSO (AS)	VOSSO livro é um romance.
	3. SEU(S) / SUA (S)	SEUS livros são romances.

PROFESSOR André Guerra

Protegido por Eduzz.com

De olho no coloquial...

Em nível coloquial, a 3ª Pessoa (singular ou plural) pode ser representado por "DELE (AS)" (DE + ELE / ELA)

O livro DELE é um romance.

Protegido por Eduzz.com

Sentidos dos Possessivos

- Vamos estudar, MEUS amores! (afetividade)
- Ele tem seus 20 anos. (valor aproximado)
- Temos NOSSAS diferenças. (= algumas)

PROFESSOR André Guerra

Protegido por Eduzz.com

ATENÇÃO!!!

- Oblíquos átonos podem ter VALOR POSSESSIVO!

Tomaram-LHE os livros.

(Tomaram os livros DELE)

Protegido por Eduzz.com

PRONOMES INDEFINIDOS

PROFESSOR
André Guerra

Protegido por Eduzz.com

VARIÁVEIS	INVARIÁVEIS
algum, alguns, alguma, algumas	alguém
nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhumas	ninguém
todo, todos, toda, todas	tudo
outro, outros, outra, outras	outrem
muito, muitos, muita, muitas	nada
pouco, poucos, pouca, poucas	cada
certo, certos, certa, certas	algo
vário, vários, vária, várias	
tanto, tantos, tanta, tantas	
quanto, quantos, quanta, quantas	
qualquer, quaisquer	

PROFESSOR André Guerra

Protegido por Eduzz.com

PRONOMES INTERROGATIVOS

PROFESSOR
André
Guerra

Protegido por Eduzz.com

Pronomes Interrogativos

- QUE – **QUE** espetáculo é esse?
- QUEM – **QUEM** produziu o espetáculo?
- QUAL (IS) – ***QUAL** parte você gostou mais?*
- QUANTO (AS) – **QUANTAS** pessoas assistiram?

PROFESSOR
André
Guerra

Protegido por Eduzz.com

De olho no coloquial...

Você percebeu que a frase "QUAL parte você gostou mais?" está em nível coloquial?

Como seria essa frase conforme a Norma Padrão?

"De QUAL parte você gostou mais?"

PROFESSOR
André
Guerra

Protegido por Eduzz.com

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Protegido por Eduzz.com

PROFESSOR André Guerra

Pronomes Demonstrativos

SINGULAR	1. ESTE (A) / ISTO	ESTE livro está comigo.
	2. ESSE (A) / ISSO	ESSE livro está contigo.
	3. AQUELE (A) / AQUILO	AQUELE livro está com ele.
PLURAL	1. ESTES (AS)	ESTES livro estão comigo.
	2. ESSES (AS)	ESSES livro estão contigo.
	3. AQUELES (AS)	AQUELES livros estão com ele

PROFESSOR
André
Guerra

Protegido por Eduzz.com

ATENÇÃO!!!

O, A, OS, AS também podem ser DEMONSTRATIVOS

e são equivalentes a AQUILO

“Ninguém me diz **O** que tenho que fazer.”

“Ninguém me diz **AQUILO** que tenho que fazer.”

PROFESSOR
André
Guerra

Protegido por Eduzz.com

ATENÇÃO!!!

TAL / TAIS também podem ser DEMONSTRATIVOS e são equivalentes a ESSE (AS) / AQUELE (AS)

“TAL situação é preocupante”

“ESSA / AQUELA situação é preocupante”

PROFESSOR
André
Guerra

Protegido por Eduzz.com

Em relação ao TEMPO

PRESENTE - este(as) / isto

- ➢ Este ano está estranho. (ano em que estamos)

PASSADO PRÓXIMO - esse(as) / isso

- ➢ Esse ano foi ótimo. (ano passado, por exemplo)

PASSADO DISTANTE – aquele(as) / aquilo

- ➢ Aquele ano foi inesquecível. (ano mais distante)

PROFESSOR André Guerra

Protegido por Eduzz.com

Como REFERENTE do texto

ESTE(AS) / ISTO - catafórico

- ➢ ESTAS são as regras: estude e pratique.

ESSE(AS) / ISSO - anafórico

- ➢ Estudar e praticar: ESSE é o segredo.

ISTO e AQUILO - 2 termos anteriores

- ➢ Gramática e matemática são difíceis. ESTA pelos cálculos e AQUELA pelas exceções.

PROFESSOR André Guerra

Protegido por Eduzz.com

PRONOMES RELATIVOS

PROFESSOR
André
Guerra

Protegido por Eduzz.com

Pronomes Relativos

QUE - usado para todos os seres

Nós compramos os livros QUE estavam na lista.

- **Nós compramos os livros.**
- **OS LIVROS estavam na lista.**

QUEM - usado para pessoas

Esses são os alunos com QUEM falei.

- **Esses são os alunos.**
- **Falei com os alunos.**

PROFESSOR André Guerra

Protegido por Eduzz.com

Pronomes Relativos

ONDE - usado para LUGAR fixo

Essa é a casa ONDE moro.

- Essa é a casa.
- Moro na casa.

AONDE - usado para DESLOCAMENTO

Lembra da praia AONDE fomos nas férias?

- Lembra da praia?
- Fomos à praia nas férias.

Protegido por Eduzz.com

PROFESSOR
André
Guerra

Pronomes Relativos

CUJO (AS) – ideia de posse

Fizemos a prova cujas questões eram difíceis.

- Fizemos a **prova**
- As questões **da prova** eram difíceis.

O QUAL (A) (IS) – verificador de relativos

Fizemos a prova a qual ocorreu no domingo.

- Fizemos a **prova**
- A prova ocorreu no domingo.

Protegido por Eduzz.com

PROFESSOR André Guerra

Desafio

As professoras da escola que homenageamos chegaram.

Protegido por Eduzz.com

PROFESSOR André Guerra

Desafio

As professoras da escola que homenageamos chegaram.

- As professoras da escola a qual homenageamos chegaram.
- As professoras da escola as quais homenageamos chegaram.

PROFESSOR André Guerra

Protegido por Eduzz.com

ACESSE GRATUITAMENTE

E-BOOKS E MATERIAIS DE ESTUDO

na Central de Estudos Guerra

CLIQUE PARA ENTRAR

PROFESSOR
André
Guerra

Protegido por Eduzz.com

PORTUGUÊS

Sintaxe

Predicativo do sujeito e Predicativo do objeto

Prof.ª Isabel Vega

►Predicativos

São termos de base adjetiva que indicam características, estado ou juízo de valor em relação ao sujeito ou ao objeto.

a) Predicativo do sujeito – ocorre em predicados nominais e em predicados verbo-nominais.

Ex.1: João **é** **alto**.

Ex.2: João **está** **tímido**.

Ex. 3: João **tornou-se** **inconveniente**.

} Predicados nominais

Predicativo do sujeito e Predicativo do objeto

Ex.3: Maria **canta feliz**.

Ex.4: Maria **dorme sossegada**.

Ex.5: Maria, **nervosa**, **saiu correndo**.

Predicados Verbo-nominais

b) Predicativo do objeto – apenas ocorre em **predicados verbo-nominais**.

Ex.1: Maria **encontrou** seu irmão **assustado**.

Ex.2: Maria **acha** seu irmão **muito gentil**.

Ex.3: Maria **chamou** a seu irmão **bobo**.

LÍNGUA PORTUGUESA

Concordância, Regência e Colocação

PDF
GRAN
SISTEMA DE ENSINO
+
+
=

Livro Eletrônico

GRAN CURSOS ONLINE

BRUNO PILASTRE

Doutor em Linguística (teoria e análise gramatical) pela Universidade de Brasília. Atua na área de Concursos Públicos desde 2009, principalmente na elaboração de materiais didáticos. É autor das obras “Guia Prático de Língua Portuguesa” e “Guia de Redação Discursiva para Concursos”, ambas editadas pela editora Gran Cursos.

GRAN CURSOS ONLINE

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

SUMÁRIO

Concordância 4
Introdução 4
1. Concordância 4
1.1. Concordância Verbal 6
1.2. Concordância Nominal 6
2. Sintaxe de Regência 7
3. Colocação 17
3.1. Fatores de Próclise 19
3.2. Fatores de Mesóclise 19
3.3. Fatores de Ênclise 19
Resumo 20
Glossário 21
Questões de Concurso 22
Gabarito 30
Gabarito Comentado 31
Referências 46

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

CONCORDÂNCIA

INTRODUÇÃO

Muito do que será discutido nesta aula já foi abordado nas aulas anteriores. Por isso, na parte teórica, eu darei destaque a **pontos fundamentais** do que seja **concordância**, **regência e colocação**. Deixarei de lado aquelas minúcias e regras muito específicas. O importante é que você compreenda a essência desses fenômenos sintáticos.

Com isso em mente, peço a sua atenção para os meus comentários na seção **Gabarito Comentado**. É lá que discutirei os pormenores sobre concordância, regência e colocação.

Vamos à aula, então!

1. CONCORDÂNCIA

O fenômeno de **concordância** é uma harmonização de propriedades (traços). Em nossas aulas anteriores, principalmente a que trata das classes dos nomes e dos verbos, vimos que essas classes gramaticais manifestam certas categorias gramaticais:

VERBO: modo, tempo, número, pessoa.

NOME: gênero e número.

Chamarei essas categorias gramaticais de **traços**. Quando observamos o fenômeno de concordância (verbal ou nominal), estamos diante de uma harmonização desses traços, dessas categorias gramaticais. O verbo que é núcleo do predicado manifesta, em sua morfologia (flexão), os traços do sujeito.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Nós	chega**mos**.
1ª pessoa do plural	-mos (flexão de primeira pessoa do plural)

Assim dizemos que, na concordância verbal, o verbo concorda com o seu sujeito em pessoa e número. Essa é, portanto, a regra geral.

No caso dos nomes, o fenômeno de concordância ocorre entre um núcleo substantivo e seus adjuntos (e nos predicativos):

Os melhores **presidentes** americanos...

O núcleo substantivo **presidentes** manifesta as propriedades de gênero masculino e o número plural. Por isso, o artigo **os** e os adjetivos (**melhores** e **americanos**) também assumem esses traços (ou seja, são harmonizados), sendo flexionados no masculino e no plural. Como regra geral, na concordância nominal, os modificadores nominais (adjetivos, artigos e numerais) concordam com o núcleo substantivo.

Também podemos dizer que:

- O sujeito da oração desencadeia a concordância (de pessoa e número) no núcleo verbal do predicado.
- O núcleo substantivo desencadeia a concordância nominal (de gênero e número) nos modificadores nominais (adjetivos, artigos e numerais).

A tradição gramatical elenca uma série de casos de concordância verbal/nominal. Não há muita estratégia didática para expor esses casos, por isso vou apresentá-los diretamente. Lembro também que vimos muitos casos de concordância verbal e nominal nas aulas anteriores, por isso vou aos casos mais específicos. Vamos começar pelos casos de concordância verbal.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

1.1. CONCORDÂNCIA VERBAL

I – SUJEITO COMPOSTO: o verbo irá para o plural.
II – PRONOME DE TRATAMENTO: verbo sempre se flexiona na 3ª pessoa.
III – SÉRIE *nem... nem*: o verbo irá para o singular.
IV – SUJEITO LIGADO POR *ou*: o verbo irá para o singular se a conjunção *ou* indicar exclusão, retificação e identidade/equivalência.
V – EXPRESSÕES PARTITIVAS: *a maioria de/a maior parte*: o verbo irá para o singular se o núcleo do sujeito não se referir à ideia de número.
VI – EXPRESSÃO *cada um de* + plural: verbo sempre fica no singular.
VII – EXPRESSÃO *mais de um*: verbo tipicamente irá para o plural.
VIII – PORCENTAGEM: o verbo concorda com o termo preposicionado que especifica a porcentagem; na ausência desse termo, a concordância ocorre com o número presente na porcentagem.

1.2. CONCORDÂNCIA NOMINAL

I – Quando há mais de um núcleo substantivo: se forem do mesmo gênero, a palavra determinante irá para o plural e para o gênero comum. Também é possível que a palavra determinante concorde com o gênero e número do núcleo mais próximo.
II – Quando há mais de um determinante: a palavra determinada irá para o plural ou ficará no singular.
III – CASOS ESPECIAIS:

a) *anexo, incluso, leso*: como adjetivos, concordam com o substantivo em gênero e número;
b) *a olhos vistos*: é locução com função adverbial, invariável, portanto.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Direto do concurso

QUESTÃO 1 (CESPE/FUB/ASSISTENTE/2016) Dessa forma, Vossa Senhoria deverás comparecer à primeira reunião daquela comissão [...]

O emprego da forma verbal "deverás" está correto, uma vez que o termo com o qual concorda – "Vossa Senhoria" – corresponde à segunda pessoa do singular.

Comentário

Errado.

Vossa Senhoria é um pronome de tratamento. O verbo que se relaciona com o pronome de tratamento deve estar na terceira pessoa do singular – e, por isso, o emprego da forma verbal **deverás** (flexionado na segunda pessoa do singular) está incorreto.

2. SINTAXE DE REGÊNCIA

O fenômeno de **regência** ocorre entre dois ou mais elementos: um núcleo e seu(s) complemento(s). Esse núcleo pode ser nominal ou verbal. O núcleo que seleciona o complemento é denominado **regente (subordinante)**. O complemento selecionado pelo núcleo é chamado de termo **regido (subordinado)**.

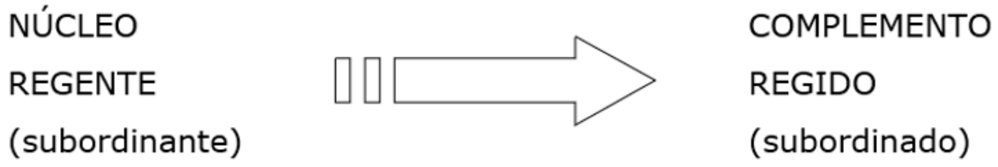

Exemplo:

1. O País inteiro assistiu aos jogos da Copa.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Onde está a regência na frase acima? O núcleo que seleciona algum complemento é o verbo **assistir**. Nessa construção (e segundo a norma padrão), o verbo **assistir** seleciona um complemento preposicionado (assistir **a algo**). Veja que a preposição é exigida pelo verbo, por isso ele será classificado como **transitivo indireto** (quer dizer, ele é transitivo, porque exige complemento, e o complemento é indireto, porque há preposição obrigatória).

Lembrando a nossa aula sobre o período simples, temos o seguinte:

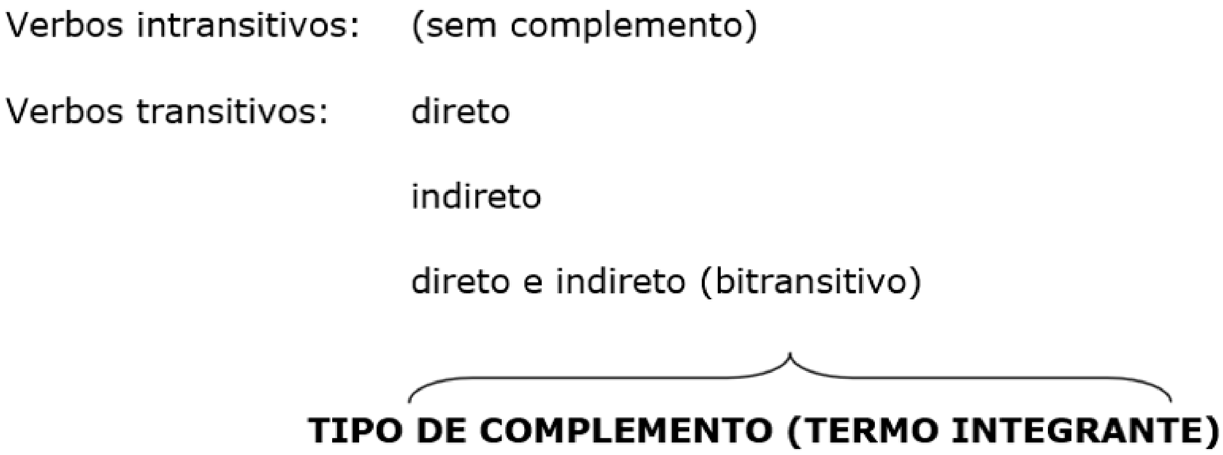

Verbos intransitivos: (sem complemento)

Verbos transitivos: direto

indireto

direto e indireto (bitransitivo)

TIPO DE COMPLEMENTO (TERMO INTEGRANTE)

A diferença entre verbos intransitivos e transitivos é a seguinte:

- os verbos **intransitivos não exigem um termo que os complete** (e esse "completar" é semântico e categorial);
- os verbos **transitivos** são aqueles que **exigem um termo que os complete** (e essa complementação é semântica e categorial). Esse termo é o que estamos chamando de **termo integrante**. Na tradição gramatical, os termos integrantes de verbos são chamados de **complementos verbais**.

A regência nominal não é diferente: certos nomes *exigem* **complemento**. Esse complemento nominal é preposicionado, como vimos em nossa aula sobre o período simples.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Atenção!

As bancas exigem o seu conhecimento sobre a semântica de cada regência. Assim, você deve saber que o verbo **assistir**, por exemplo, possui três regências – e cada regência possui um sentido diferente:

assistir algo (transitivo direto; "passar a bola");

assistir a algo (transitivo indireto; "ver e ouvir");

e assistir em algum lugar (transitivo indireto; "residir, morar").

Vamos então à regência dos principais **verbos** (recorrentes em concursos públicos).

Anuir

Com o sentido de *concordar*, *condescender*, é transitivo indireto com a preposição **a**:

a) Os presentes anuíram àquela proposta.

Aproveitar

É transitivo direto (aproveitar alguma coisa):

a) Aproveitou a oportunidade para manifestar contrariedade ao tratamento à questão.

ou

transitivo indireto (pronominal) (aproveitar-se **de** alguma coisa):

b) O relator aproveitou-se da oportunidade para emitir sua opinião sobre o assunto.

Aspirar

No sentido de *respirar*, é transitivo direto:

a) Aspiramos o ar puro da Graciosa.

No sentido de *desejar ardentemente*, de *pretender*, é transitivo indireto, regendo a preposição **a**:

b) O candidato aspira à estabilidade econômica do país.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Aspirar a um cargo na Universidade de Brasília.

Assistir

No sentido de *auxiliar*, *ajudar*, *socorrer*, é transitivo direto:

a) Procuraremos assistir os refugiados da Síria.

No sentido de *estar presente*, *comparecer*, *ver*, é transitivo indireto, regendo a preposição **a**:

b) Não assisti à Copa ontem.

Atender

Transitivo direto ou indireto:

a) O treinador atendeu ao pedido da torcida.

b) O jogador atendeu o juiz.

Avisar

Avisar alguém (avisá-lo) de alguma coisa (bitransitivo):

a) O professor avisou os alunos da necessidade do estudo.

Comparecer

Comparecer **a** (ou **em**) algum lugar ou evento:

a) Compareci ao/no local estabelecido pelo edital.

b) A maioria dos candidatos compareceu à/na prova.

Compartilhar

Compartilhar alguma (ou de alguma) coisa:

a) Os alunos compartilham os/dos ideais do professor.

Consistir

Consistir em alguma coisa:

a) O projeto consiste em ampliar o investimento em educação.

Custar

No sentido usual de ter valor, valer, é transitivo direto:

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

a) A casa custou um milhão de cruzeiros.

Declinar

No sentido de rejeitar, é transitivo indireto (declinar **de** alguma coisa):

Declinou do convite feito pelo Conselho.

Implicar

No sentido de *acarretar*, *produzir como consequência*, é transitivo direto:

a) A assinatura do contrato implica a aceitação de todos os termos

Incumbir

Incumbir alguém de alguma coisa:

a) Eu incumbi o assistente de fechar o escritório.

ou

Incumbir a alguém alguma coisa:

b) O auditor incumbiu ao contador preparar os documentos.

Informar

Informar alguém de alguma coisa:

a) Eu informei os vendedores de que a loja será aberta no feriado.

Informar a alguém alguma coisa:

b) Informarei à autoridade os dados do veículo roubado.

Obedecer

Obedecer a alguém ou a alguma coisa (obedecer-lhe):

a) A eleição obedece à Legislação Eleitoral.

Pedir

Pedir a alguém (pedir-lhe) alguma coisa:

a) Eu pedi à equipe o relatório de vendas.

Preferir

Preferir uma coisa (preferi-la) a outra:

a) Eu prefiro o cinema ao teatro.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título,
a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Referir

No sentido de *relatar*, é transitivo direto:

a) Ele referiu as informações ao chefe.

Visar

Com o sentido de ter por finalidade, a regência originária é transitiva indireta, com a preposição **a**:

a) O projeto visa ao bem das gestantes.

É possível, no entanto, o emprego desse verbo como transitivo direto com essa mesma acepção:

b) O projeto visa o bem das gestantes.

Vejamos também a regência de alguns **nomes**:

- Abuso **de**, **contra**
- Acatado **de**, **por**, **em**
- Acessível **a**
- Acostumado **a**, **com**
- Adesão **a**
- Aflito **com**, **por**
- Alheio **a**, **de**
- Alusão **a**
- Análogo **a**
- Ansioso **de**, **para**, **por**
- Assíduo **a**, **em**
- Atenção **a**, **para**
- Atencioso **com**, **para**
- Atento **a**, **em**

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

- Aversão **a**, **por**
- Ávido **de**, **por**
- Benéfico **a**
- Benefício **a**
- Bom **para**
- Capaz **de**, **para**
- Certeza **de**
- Coerente **com**
- Compatível **com**
- Cuidadoso **com**
- Compaixão **de**, **para com**, **por**
- Compatível **com**
- Concordância **a**, **com**, **de**, **entre**
- Conforme **a**, **com**
- Constituído **com**, **de**, **por**
- Constante **de**, **em**
- Contemporâneo **de**
- Contente **com**, **de**, **em**, **por**
- Contíguo **a**
- Cruel **com**, **para**
- Cuidadoso **com**
- Cúmplice **em**
- Curioso **de**
- Desacostumado **a**, **com**
- Desatento **a**
- Descontente **com**

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

- Desejoso **de**
- Desfavorável **a**
- Desgostoso **com**, **de**
- Desleal **a**
- Desprezo **a**, **de**, **por**
- Desrespeito **a**
- Devoção **a**, **por**, **para**, **com**
- Devoto **a**, **de**
- Diferente **de**
- Dificuldade **com**, **de**, **em**, **para**
- Digno **de**
- Discordância **com**, **de**, **sobre**
- Disposição **para**
- Dotado **de**
- Dúvida **sobre**, **em**, **acerca de**
- Dúvida **em**, **sobre**, **acerca de**
- Empenho **de**, **em**, **por**
- Escasso **de**
- Estranho **a**
- Essencial **para**
- Facilidade **de**, **em**, **para**
- Falho **de**, **em**
- Farto **de**
- Favorável **a**
- Fiel **a**
- Grato **a**

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

- Hábil **em**
- Habituado **a**
- Hostil **a**, **contra**, **para com**
- Imbuído **de**, **em**
- Impossibilidade **de**, **em**
- Impotente **para**, **contra**
- Impróprio **para**
- Imune **a**, **de**
- Inábil **para**
- Inacessível **a**
- Inclinação **a**, **para**, **por**
- Incompatível **com**
- Indeciso **em**
- Indiferente **a**
- Indulgente **com**, **para com**
- Inerente **a**
- Inofensivo **a**, **para**
- Inútil **para**
- Isento **de**
- Invasão **de**
- Junto **a**, de
- Leal **a**
- Maior **de**
- Medo **de**, **a**
- Natural **de**

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

- Necessário **a**
- Necessidade **de**
- Nocivo **a**
- Ódio **a ou contra**
- Posterior **a**
- Preferência **a**, **por**
- Propenso **a**, **para**
- Propício **a**
- Próprio **de**, **para**
- Próximo **a**, **de**
- Receio **de**
- Relacionado **com**
- Respeito **a**, **com**, **de**, **por**, **para**
- Sensível **a**
- Útil **a**, **para**
- Vazio **de**
- Versado **em**
- Visível **a**

Direto do concurso

QUESTÃO 2 (CESPE/TCE-PA/SUPERIOR/2016) A Constituição Federal prevê que cabe ao presidente prestar contas anualmente ao Poder Legislativo.

O termo "ao Poder Legislativo" exerce a função de complemento da forma verbal "prevê".

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Comentário

Errado.

Observe bem que a banca exige o seu conhecimento sobre **qual** verbo exige o complemento **ao Poder Legislativo**. O item está errado porque não é o verbo **prever** que exige o complemento preposicionado; na verdade, é o verbo **prestar** que exige o complemento **ao Poder Legislativo**.

A CF prevê [isso] [o verbo **prever** é transitivo direto]

O complemento direto do verbo **prever**, no trecho analisado, é uma oração subordinada. Essa subordinada é nucleada pelo verbo **caber**.

A CF prevê [que **cabe** ao presidente prestar contas ao Poder Legislativo]

Nessa subordinada, há outra subordinada (substantiva):

[*prestar contas ao Poder Legislativo* **cabe** ao presidente]

A estrutura em itálico tem como núcleo o verbo infinitivo **prestar**, o qual exige como complemento a forma preposicionada **ao Poder Legislativo**.

3. COLOCAÇÃO

Nesta parte da aula, falaremos sobre os pronomes pessoais oblíquos, os quais funcionam como complemento verbal. Esses pronomes têm a característica de precisarem estar próximos a uma forma tônica, tipicamente o verbo que os seleciona. Vamos lembrar novamente os pronomes pessoais oblíquos.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Oblíquos átonos	**Oblíquos tônicos**
me te o, a, lhe, se nos vos os, as, lhes, se	mim ti ele/ela/si nós vós, eles/elas/si

Os oblíquos átonos são aqueles que ocorrem contíguos aos verbos, sem a presença de uma preposição. Os oblíquos tônicos, por sua vez, ocorrem após uma preposição.

Essas formas pronominais (pessoais e oblíquas) podem estar em três posições em relação ao verbo: antes, no "meio" e depois.

RAIZ VERBAL + FLEXÃO		
ANTES	ENTRE RAIZ E FLEXÃO	DEPOIS

As gramáticas (e os gramáticos) dão nomes chiques para cada uma dessas posições: próclise, mesóclise e ênclise.

RAIZ VERBAL+FLEXÃO		
ANTES	ENTRE RAIZ E FLEXÃO	DEPOIS
PRÓCLISE	**MESÓCLISE**	**ÊNCLISE**
"lhe darei"	"dar-lhe-ei"	"dar-lhe"

O importante nesse conteúdo é identificar as razões que levam a forma pronominal (reta e oblíqua) a estar antes, no "meio" ou depois do verbo. A tradição gramatical justifica essas regras de colocação por razões de eufonia[1] e de clareza da organização sintática.

Na sequência final desta aula, eu apresento os principais fatores de próclise, mesóclise e ênclise em relação a **um só verbo**.

---

[1] Qualidade acústica favorável da emissão e/ou da audição de um significante pela articulação de certos fonemas. No domínio fônico, a eufonia procura evitar sons estranhos, contrastantes, discordantes, repetições desagradáveis.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

3.1. FATORES DE PRÓCLISE

O pronome pessoal oblíquo será atraído (deverá estar próximo) por:

i. advérbios (incluindo formas negativas *não*, *nunca*, *jamais*), desde que não haja pausa;

ii. conjunções subordinativas;

iii. pronomes (relativos, indefinidos, demonstrativos, interrogativos);

iv. com o gerúndio precedido da preposição *em*.

3.2. FATORES DE MESÓCLISE

Quando o verbo estiver conjugado **no futuro do presente** ou no **futuro do pretérito** (desde que não haja palavra atrativa).

3.3. FATORES DE ÊNCLISE

i. Em início de período ou após pausa intensa (com verbo no início tanto do período quanto após a pausa intensa);

ii. No imperativo afirmativo;

iii. Verbo no infinitivo não flexionado ou no gerúndio (sem palavra atrativa).

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

RESUMO

Regra geral de **concordância verbal**: o verbo concorda com o seu sujeito em pessoa e número.

Regra geral de **concordância nominal**: os modificadores nominais (adjetivos, artigos e numerais) concordam com o núcleo substantivo.

Colocação pronominal (fundamentos):

- **Próclise**: quando há formas atrativas.
- **Mesóclise**: futuro do presente e futuro do pretérito.
- **Ênclise**: início de período.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

GLOSSÁRIO

Concordância

Relação em que um termo impõe alterações formais a outro(s), resultando na adequação, entre eles, das marcas de pessoa, gênero, número etc.

Ênclise

Colocação do pronome pessoal átono depois do verbo.

Mesóclise

Colocação do pronome oblíquo átono entre o radical e a desinência das formas verbais do futuro do presente e do futuro do pretérito.

Oblíquo

Diz-se dos pronomes pessoais que exercem na frase a função de complemento ou adjunto.

Próclise

Incorporação de um vocábulo átono a outro acentuado que vem em seguida, formando uma unidade de acentuação, além dos artigos, pronomes oblíquos átonos e preposições, ficam em próclise certos monossílabos e mesmo dissílabos em determinadas construções.

Regência

Relação de dependência entre duas palavras numa construção, na qual uma (a regida) complementa a outra (a regente).

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

QUESTÕES DE CONCURSO

Questão 1 (CESPE/SEFAZ-RS/AUDITOR/2018)

8| Embora, infelizmente, tais metas não tenham sido
9| atingidas, ocorreram diversos avanços, como, por exemplo,
10| a diminuição da mortalidade infantil e do analfabetismo;

A correção gramatical e os sentidos do trecho acima seriam preservados caso a forma verbal "ocorreram" (l. 9) fosse substituída por **aconteceu**.

Questão 2 (CESPE/STM/ANALISTA/2018)

24| Ao buscar as causas da grandeza da Roma antiga,
25| Maquiavel acaba por encontrá-las na discórdia entre seus
26| cidadãos, naquilo que tradicionalmente era estigmatizado como
27| "tumultos". Trata-se de uma visão revolucionária, já que o
28| convencional era fazer o elogio da harmonia e da unidade.

Se a expressão "uma visão revolucionária" (l. 27) fosse substituída por **ideias revolucionárias**, seria necessário alterar a forma verbal "Trata-se" para Tratam-se, para se manter a correção gramatical do texto.

Questão 3 (CESPE/STM/ANALISTA/2018)

17| Grandes jornais seriam levados à falência por difamações
involuntárias, exércitos inteiros seriam imobilizados por
19| manuais de instrução militar sutilmente alterados, gerações de
estudantes seriam desencaminhadas por cartilhas ambíguas
e fórmulas de químicas incompletas.

A substituição da forma verbal "desencaminhadas" (l. 20) por desencaminhados manteria a correção gramatical e a coerência textual, caso em que passaria a concordar com "estudantes" (l. 20).

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Questão 4 (CESPE/TRF1/TÉCNICO JUDICIÁRIO/2017)

15| A Vale S.A. e o estado do Pará, por intermédio de
seus representantes, buscaram a rejeição dos argumentos das
comunidades indígenas [...]

No contexto em que foi empregada, a forma verbal "buscaram" (l. 16) poderia ter sido flexionada no singular, **buscou**, sem que houvesse prejuízo para a correção gramatical do texto.

Questão 5 (CESPE/TRF1/ANALISTA JUDICIÁRIO/2017)

1| O espaço urbano foi organizado de sorte a favorecer
as operações de circulação, compra e venda de mercadorias; e,
ao mesmo tempo, nele se oferece ao consumo uma diversidade
4| de localizações, paisagens, topografias físicas e simbólicas que
são de diferentes modos incorporadas à dinâmica mercantil.
Hoje, podemos talvez acrescentar que a cidade se torna o lugar
7| do consumismo e do consumismo de lugar. O que isso quer
dizer e que implicações isso tem para o compartilhamento da
cidade como espaço público?

Na linha 8, caso fosse suprimido o vocábulo "isso", seria necessário flexionar a forma verbal "tem" no plural — têm —, para que se mantivessem o sentido e a correção gramatical do texto.

Questão 6 (CESPE/PREFEITURA DE SÃO LUÍS-MA/MÉDIO/2017)

1| O reconhecimento e a proteção dos direitos humanos
estão na base das Constituições democráticas modernas.

A forma verbal "estão" (l. 2) está no plural para concordar com "direitos humanos" (l. 1).

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Questão 7 (CESPE/SEDF/PROFESSOR/2017) Seriam mantidos a correção gramatical e o sentido original do texto se o trecho “São duas gramáticas distintas” fosse reescrito da seguinte forma: Tratam-se de duas gramáticas diferentes.

Questão 8 (CESPE/FUB/AUXILIAR/2016)

A estrutura administrativa e financeira era amparada
19| por um conceito novo nos anos 60 e até hoje menina dos olhos
dos gestores universitários: a autonomia.

No último parágrafo do texto, a expressão “era amparada” está no singular para concordar com a palavra “estrutura”, que é núcleo do sujeito.

Questão 9 (CESPE/FUB/AUXILIAR/2016)

Darci e Anísio convidaram cientistas, artistas e
12| professores das mais tradicionais faculdades brasileiras para
assumir o comando das salas de aula da jovem UnB.

Nas linhas 11 e 12, a forma verbal “convidaram” está no plural porque concorda com os termos “cientistas”, “artistas” e “professores”.

Questão 10 (CESPE/FUB/AUXILIAR/2016)

13| Sua missão é ser uma instituição inovadora,
comprometida com a excelência acadêmica, científica e
tecnológica, e formar cidadãos conscientes do seu papel
16| transformador na sociedade, respeitadas a ética e a valorização
de identidades e culturas com responsabilidade social.

No parágrafo acima, o adjetivo “respeitadas” (l. 16) encontra-se no plural porque concorda com os termos “ética”, “valorização”, “identidades” e “culturas”.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Questão 11 (CESPE/SEDUC-AL/PROFESSOR/2018)

1| SEM DATA 1926

Carlos,

Tenho estado pensando todos estes dias em você e Dolores.

4| Como vai ela agora? Não tenho direito de exigir contínuas

porque imagino as preocupações de você porém assim que

ela melhorar me mande apenas uma nota avisando que ela

7| melhorou. Meu pensamento está aí com vocês e meus desejos

nem se fala!

Me lembre a Dolores e tenha a certeza deste abraço de

10| companhia

Mário

Aí vai o conto. Mando a primeira redação. Peço guardar recato.

13| Porque o livro **Histórias de Belasarte** não sai tão já.

O sentido do trecho "Me lembre a Dolores" (l. 9) seria alterado caso ele fosse reescrito como Me lembre da Dolores.

Questão 12 (CESPE/STM/ANALISTA/2018) Em "disse-o quem sabia" e em "Quem não sabe deve perguntar", o verbo **saber** é intransitivo.

Questão 13 (CESPE/STM/ANALISTA/2018)

Preferirá falar, gaguejando, uma língua estranha, mas

7| natural, do que falar, com relutante perfeição, uma língua

artificialmente construída.

A regência do verbo **preferir** observada no quarto período do texto é típica da variedade culta do português europeu, sendo pouco frequente na variedade brasileira do português, principalmente em textos informais.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Questão 14 (CESPE/STM/ANALISTA/2018) No trecho "estado de que meu coração precisava", a preposição "de" é regida pela formal verbal "precisava", não pela palavra "estado".

Questão 15 (CESPE/TRF1/TÉCNICO/2017)

14| O parasita, feliz por ver quanto o amigo aviltava a
mulher, concordava em tudo plenamente [...]

Seriam preservados os sentidos originais, bem como a correção gramatical do texto, caso a expressão "em tudo" (l. 15) fosse substituída por **com tudo**.

Questão 16 (CESPE/SEDF/PROFESSOR/2017) Considerando-se as regências do verbo esquecer prescritas para o português, estaria correta a seguinte reescrita para a oração "Já esqueci a língua" (l. 13): Já esqueci da língua.

Questão 17 (CESPE/INSS/ANALISTA/2016)

O Sr. Estêvão Soares levou sua amabilidade
23| ao ponto de pedir a comédia para ler segunda vez [...]

Na linha 23, o termo introduzido pela preposição "para" exerce a função de complemento do verbo "pedir".

Questão 18 (CESPE/INSS/TÉCNICO/2016) A correção gramatical e o sentido do texto seriam preservados, caso se substituísse o trecho "lembrei-me de que" por **lembrei que.**

Questão 19 (CESPE/TJDFT/SUPERIOR/2015)

Art. 1º Reeditar o Programa de Responsabilidade
Socioambiental do TJDFT Viver Direito, cuja base é a Agenda
Socioambiental do TJDFT que, em permanente revisão,

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

10| estabelece novas ações sociais e ambientais e as integra às
existentes no âmbito do Poder Judiciário do Distrito Federal e
Territórios, visando à preservação e à recuperação do meio
13| ambiente, por meio de ações sociais sustentáveis, a fim de
torná-lo e mantê-lo ambientalmente correto, socialmente justo
e economicamente viável.

O termo "à recuperação do meio ambiente" (l. 12 e 13) desempenha a função de complemento verbal na oração em que ocorre.

Questão 20 (CESPE/FUB/NÍVEL MÉDIO/2015) Mantém-se a correção gramatical do primeiro período do texto ao se substituir "agradar os superiores" por **agradar aos superiores**.

Questão 21 (CESPE/STJ/ANALISTA/2018) A correção do texto seria mantida caso o pronome "se", em "poder-se-ia falar", fosse deslocado para imediatamente após a forma verbal "falar", escrevendo-se **poderia falar-se**.

Questão 22 (CESPE/TCM-BA/AUDITOR/2018)

11| Temendo-se a naturalização da moral, moraliza-se a natureza.

Seriam mantidos os sentidos e a correção gramatical do texto caso se substituísse o trecho "Temendo-se" (l. 11) por **Se temendo**.

Questão 23 (CESPE/SEDUC-AL/PROFESSOR/2018)

1| Inicialmente me parece interessante reafirmar que
sempre vi a alfabetização de adultos como um ato político.

A correção gramatical do texto seria prejudicada caso o pronome "me", em "me parece" (l. 1), fosse deslocado para logo após "parece", da seguinte forma: **parece-me**.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Questão 24 (CESPE/TCE-PA/AUDITOR/2016)

13| Sendo tal prestação obrigação personalíssima,
não se pode admitir que seja executada por meio de pessoa interposta.

A correção gramatical do texto seria mantida caso, na linha 14, a partícula "se" fosse empregada imediatamente após a forma verbal "pode" – escrevendo-se da seguinte forma: **pode-se**.

Questão 25 (CESPE/TJDFT/NÍVEL MÉDIO/2015)

41| propiciando o resgate dos sentimentos que a mantêm coesa e saudável.

Em "que a mantêm coesa e saudável" (l. 41 e 42), o deslocamento do pronome "a" para logo após a forma verbal "mantêm" prejudicaria a correção gramatical do período.

Questão 26 (CESPE/STJ/ANALISTA/2015)

1| A ideia de solidariedade acompanha, desde os
primórdios, a evolução da humanidade. Aristóteles, por
exemplo, em clássica passagem, afirma que o homem não é um
4| ser que possa viver isolado; é, ao contrário, ordenado
teleologicamente a viver em sociedade. É um ser que vive, atua
e relaciona-se na comunidade, e sente-se vinculado aos seus
7| semelhantes. Não pode renunciar à sua condição inata de
membro do corpo social, porque apenas os animais e os deuses
podem prescindir da sociedade e da companhia de todos os
10| demais.

A correção gramatical e o sentido original do texto seriam preservados caso se inserisse o pronome **se** imediatamente antes da forma verbal "pode" (l. 7).

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Questão 27 CESPE/MEC/SUPERIOR/2015)

5| Amanda recusou-se e foi consagrada naquela que
seria a última tentativa de ser modelo.

Haveria prejuízo para a correção gramatical do texto caso o pronome "se", em "Amanda recusou-se" (l. 5), fosse deslocado para imediatamente antes da forma verbal "recusou": Amanda se recusou.

Questão 28 (CESPE/DEPEN/AGENTE/2015) A correção gramatical do texto seria preservada, caso o trecho "O que se constata", no início do segundo parágrafo, fosse reescrito da seguinte forma: **O que constata-se**.

Questão 29 (CESPE/MPU/ANALISTA/2015)

24| Evidencia-se, portanto, que é justamente na fase do
inquérito policial [...]

Em "Evidencia-se" (l. 24), o pronome "se" pode, facultativa e corretamente, ser tanto posposto — como aí foi empregado — quanto anteposto à forma verbal — **Se evidencia**.

Questão 30 (CESPE/TJ-SE/TÉCNICO/2014) No segmento "isso então nem se fala", a posição do pronome "se" justifica-se pela presença de palavra de sentido negativo.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

GABARITO

1. E
2. E
3. E
4. E
5. E
6. E
7. E
8. C
9. E
10. E
11. C
12. C
13. E
14. C
15. C
16. E
17. E
18. C
19. C
20. C
21. C
22. E
23. C
24. E
25. C
26. E
27. E
28. E
29. E
30. C

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

GABARITO COMENTADO

QUESTÃO 1 (CESPE/SEFAZ-RS/AUDITOR/2018)

8| Embora, infelizmente, tais metas não tenham sido
9| atingidas, ocorreram diversos avanços, como, por exemplo,
10| a diminuição da mortalidade infantil e do analfabetismo;

A correção gramatical e os sentidos do trecho acima seriam preservados caso a forma verbal "ocorreram" (l. 9) fosse substituída por **aconteceu**.

Errado.

O sujeito da forma verbal **ocorreram** está posposto. Se perguntarmos ao verbo "o que é que **ocorreram**?", a resposta será: **diversos avanços**. Assim, a substituição pela forma verbal **aconteceu**, flexionada na terceira pessoa do singular, não manteria a correção gramatical, dado que o sujeito (**diversos avanços**) manifesta traços de terceira pessoa do plural. A forma verbal correta, observando apenas a questão de adequação gramatical (concordância), deveria ser **aconteceram**.

QUESTÃO 2 (CESPE/STM/ANALISTA/2018)

24| Ao buscar as causas da grandeza da Roma antiga,
25| Maquiavel acaba por encontrá-las na discórdia entre seus
26| cidadãos, naquilo que tradicionalmente era estigmatizado como
27| "tumultos". Trata-se de uma visão revolucionária, já que o
28| convencional era fazer o elogio da harmonia e da unidade.

Se a expressão "uma visão revolucionária" (l. 27) fosse substituída por **ideias revolucionárias**, seria necessário alterar a forma verbal "Trata-se" para Tratam-se, para se manter a correção gramatical do texto.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Errado.

Lembra-se daquela aula em que destaquei que o sujeito de uma oração NUNCA pode ser preposicionado? Pois então: no trecho em análise, **uma visão revolucionária** é iniciado pela preposição **de**. Por esse motivo, não importa a forma (se singular ou plural) do que está após a preposição, pois a sequência **de uma visão revolucionária/ideias revolucionárias** nunca desencadeará concordância na forma verbal.

O sujeito da forma verbal **Trata-se** é classificado como indeterminado (verbo na terceira pessoa do singular + partícula apassivadora).

Questão 3 (CESPE/STM/ANALISTA/2018)

17| Grandes jornais seriam levados à falência por difamações
involuntárias, exércitos inteiros seriam imobilizados por
19| manuais de instrução militar sutilmente alterados, gerações de
estudantes seriam desencaminhadas por cartilhas ambíguas
e fórmulas de químicas incompletas.

A substituição da forma verbal "desencaminhadas" (l. 20) por desencaminhados manteria a correção gramatical e a coerência textual, caso em que passaria a concordar com "estudantes" (l. 20).

Errado.

A forma verbal **desencaminhadas** concorda com o núcleo **gerações** – e a predicação recai sobre esse núcleo. Caso a predicação recaia sobre o termo **estudantes**, a coerência textual sofre alteração.

Questão 4 (CESPE/TRF1/TÉCNICO JUDICIÁRIO/2017)

15| A Vale S.A. e o estado do Pará, por intermédio de

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

seus representantes, buscaram a rejeição dos argumentos das
comunidades indígenas [...]

No contexto em que foi empregada, a forma verbal "buscaram" (l. 16) poderia ter sido flexionada no singular, **buscou**, sem que houvesse prejuízo para a correção gramatical do texto.

Errado.

O verbo deve concordar obrigatoriamente com o sujeito composto → **A Vale S.A. e o estado do Pará**.

Questão 5 (CESPE/TRF1/ANALISTA JUDICIÁRIO/2017)

1| O espaço urbano foi organizado de sorte a favorecer
as operações de circulação, compra e venda de mercadorias; e,
ao mesmo tempo, nele se oferece ao consumo uma diversidade
4| de localizações, paisagens, topografias físicas e simbólicas que
são de diferentes modos incorporadas à dinâmica mercantil.
Hoje, podemos talvez acrescentar que a cidade se torna o lugar
7| do consumismo e do consumismo de lugar. O que isso quer
dizer e que implicações isso tem para o compartilhamento da
cidade como espaço público?

Na linha 8, caso fosse suprimido o vocábulo "isso", seria necessário flexionar a forma verbal "tem" no plural — têm —, para que se mantivessem o sentido e a correção gramatical do texto.

Errado.

A forma pronominal (neutra) **isso** na linha 7 faz referência à ideia expressa anteriormente. Na linha 8, esse pronome é novamente utilizado e possui o mesmo refe-

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

rente (a ideia expressa anteriormente). Com a retirada do pronome, temos ainda o mesmo referente para o verbo: a forma pronominal neutra singular **isso**, que agora está elíptica. É por esse motivo que o verbo NÃO pode ser flexionado no plural.

QUESTÃO 6 (CESPE/PREFEITURA DE SÃO LUÍS-MA/MÉDIO/2017)

1| O reconhecimento e a proteção dos direitos humanos

estão na base das Constituições democráticas modernas.

A forma verbal "estão" (l. 2) está no plural para concordar com "direitos humanos" (l. 1).

Errado.

A concordância ocorre porque o sujeito é composto:

[O reconhecimento]$_1$ **e** [a proteção dos direitos humanos]$_2$ **estão**

Observe que o termo **direitos humanos** está precedido de preposição, o que o impossibilita de ser sujeito da forma verbal **estão**.

QUESTÃO 7 (CESPE/SEDF/PROFESSOR/2017) Seriam mantidos a correção gramatical e o sentido original do texto se o trecho "São duas gramáticas distintas" fosse reescrito da seguinte forma: Tratam-se de duas gramáticas diferentes.

Errado.

Vemos um padrão na banca CE(BRA)SPE: basicamente, o examinador quer saber se você sabe quando um termo da frase é ou não o sujeito do predicado. A partir dessa identificação, o examinador pergunta se esse termo destacado desencadeia ou não concordância no núcleo do predicado.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Observe bem e me diga se "duas gramáticas diferentes" pode ser sujeito das formas verbais **são** ou **tratam-se**. É CLARO QUE NÃO! Olha a preposição **de** introduzindo a forma nominal! Assim, o verbo não pode concordar com **de duas gramáticas diferentes** pelo simples fato de esse termo ser preposicionado (novamente, para nunca mais esquecer: EM PORTUGUÊS, NÃO EXISTE SUJEITO PREPOSICIONADO).

Questão 8 (CESPE/FUB/AUXILIAR/2016)

A estrutura administrativa e financeira era amparada

19| por um conceito novo nos anos 60 e até hoje menina dos olhos

dos gestores universitários: a autonomia.

No último parágrafo do texto, a expressão "era amparada" está no singular para concordar com a palavra "estrutura", que é núcleo do sujeito.

Certo.

O trecho **administrativa e financeira** é adjunto do núcleo do sujeito **estrutura** (um substantivo). Observe que esse núcleo é precedido de um artigo definido (**A**). O predicado (verbo auxiliar + particípio) manifesta as propriedades desse núcleo substantivo, e por isso deve estar na terceira pessoa do singular (auxiliar) e no feminino singular (particípio).

Questão 9 (CESPE/FUB/AUXILIAR/2016)

Darci e Anísio convidaram cientistas, artistas e

12| professores das mais tradicionais faculdades brasileiras para

assumir o comando das salas de aula da jovem UnB.

Nas linhas 11 e 12, a forma verbal "convidaram" está no plural porque concorda com os termos "cientistas", "artistas" e "professores".

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Errado.

Vamos perguntar ao verbo: "quem é que **convidaram**?" A resposta será: Darci (Ribeiro) **e** Anísio (Teixeira). Assim, o verbo está no plural porque concorda com o sujeito composto **Darci e Anísio**. Os termos **cientistas, artistas e professores** formam o objeto direto da forma verbal **convidaram**.

Questão 10 (CESPE/FUB/AUXILIAR/2016)

13| Sua missão é ser uma instituição inovadora,
comprometida com a excelência acadêmica, científica e
tecnológica, e formar cidadãos conscientes do seu papel
16| transformador na sociedade, respeitadas a ética e a valorização
de identidades e culturas com responsabilidade social.

No parágrafo acima, o adjetivo "respeitadas" (l. 16) encontra-se no plural porque concorda com os termos "ética", "valorização", "identidades" e "culturas".

Errado.

Essa questão é interessante. Vamos à explicação.

O adjetivo **respeitadas** está no plural porque concorda com os núcleos **ética** e **valorização**. O termo **valorização**, por sua vez, é complementado pelas formas **de identidades e culturas**. Esse complemento nominal NÃO desencadeia concordância no adjetivo **respeitadas**. A representação da relação de concordância fica assim:

respeitadas [A] e [B]

respeitadas [a ética]$_A$ e [a valorização de identidades e culturas]$_B$

Questão 11 (CESPE/SEDUC-AL/PROFESSOR/2018)

1| SEM DATA 1926

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Carlos,

Tenho estado pensando todos estes dias em você e Dolores.

4| Como vai ela agora? Não tenho direito de exigir contínuas

porque imagino as preocupações de você porém assim que

ela melhorar me mande apenas uma nota avisando que ela

7| melhorou. Meu pensamento está aí com vocês e meus desejos

nem se fala!

Me lembre a Dolores e tenha a certeza deste abraço de

10| companhia

Mário

Aí vai o conto. Mando a primeira redação. Peço guardar recato.

13| Porque o livro **Histórias de Belasarte** não sai tão já.

O sentido do trecho "Me lembre a Dolores" (l. 9) seria alterado caso ele fosse reescrito como Me lembre da Dolores.

Certo.

O trecho "Me lembre a Dolores" é construído com o verbo transitivo direto **lembrar** (sentido de *sugerir*, *trazer à lembrança* – no caso, fazer a Dolores se lembrar dele). Na construção "Me lembre da Dolores", temos um objeto indireto (e o sentido é outro: fazer recordar – no caso, alguém deve lembrar o homem, Mário).

QUESTÃO 12 (CESPE/STM/ANALISTA/2018) Em "disse-o quem sabia" e em "Quem não sabe deve perguntar", o verbo **saber** é intransitivo.

Certo.

Não há complemento exigido pela forma verbal – há apenas o sujeito da oração. Por isso, o verbo nas construções é classificado como intransitivo.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Questão 13 (CESPE/STM/ANALISTA/2018)

Preferirá falar, gaguejando, uma língua estranha, mas
7| natural, do que falar, com relutante perfeição, uma língua
artificialmente construída.

A regência do verbo **preferir** observada no quarto período do texto é típica da variedade culta do português europeu, sendo pouco frequente na variedade brasileira do português, principalmente em textos informais.

Errado.

No texto, observamos a seguinte estrutura

[alguém] preferirá [algo] [**do** que alguma coisa]

A preposição utilizada no texto, então, é **de**.

Isso é diferente do que se estabelece na norma culta (brasileira e, consequentemente, europeia, dado que a nossa tradição assumiu como corretas as características dessa): o verbo preferir é transitivo direto e indireto, selecionando a preposição **a**.

Então o item está errado por afirmar que a construção *preferir algo do que alguma coisa* é pouco frequente – na verdade, ela é muito frequente!

Outro erro do item: a regência típica da variedade culta do português europeu é:

[alguém] preferirá [algo] [**a** alguma coisa]

Questão 14 (CESPE/STM/ANALISTA/2018) No trecho "estado de que meu coração precisava", a preposição "de" é regida pela formal verbal "precisava", não pela palavra "estado".

Certo.

Lembra-se da aula sobre as subordinadas adjetivas? Pois é, eu falei lá que o complemento indireto do verbo da subordinada pode estar à frente do sujeito (da subordinada). Assim, a ordem direta da subordinada é a seguinte:

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

meu coração precisava de que

Suj v Obj. Ind.

Assim, o item está certo ao afirmar que a preposição **de** é regida pela forma verbal **precisava**.

Questão 15 (CESPE/TRF1/TÉCNICO/2017)

14| O parasita, feliz por ver quanto o amigo aviltava a
mulher, concordava em tudo plenamente [...]

Seriam preservados os sentidos originais, bem como a correção gramatical do texto, caso a expressão "em tudo" (l. 15) fosse substituída por **com tudo**.

Certo.

Tanto a preposição **em** quanto a preposição **com** podem ser selecionadas pelo verbo **concordar**: o sentido será o mesmo (pôr de acordo).

Questão 16 (CESPE/SEDF/PROFESSOR/2017) Considerando-se as regências do verbo esquecer prescritas para o português, estaria correta a seguinte reescrita para a oração "Já esqueci a língua" (l. 13): Já esqueci da língua.

Errado.

Esquecer é transitivo direto (como no trecho). **Esquecer-se**, pronominal, é transitivo indireto (seleciona a preposição **de**). Assim, o trecho só estaria correto se houvesse o pronome **me**: *Já me esqueci da língua*.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

QUESTÃO 17 (CESPE/INSS/ANALISTA/2016)

O Sr. Estêvão Soares levou sua amabilidade

23| ao ponto de pedir a comédia para ler segunda vez [...]

Na linha 23, o termo introduzido pela preposição "para" exerce a função de complemento do verbo "pedir".

Errado.

O termo é mero adjunto, como se pode verificar por sua opcionalidade: *O homem pediu o livro.*

QUESTÃO 18 (CESPE/INSS/TÉCNICO/2016) A correção gramatical e o sentido do texto seriam preservados, caso se substituísse o trecho "lembrei-me de que" por **lembrei que.**

Certo.

No trecho original, a forma verbal **lembrei-me** é pronominal, selecionando complemento indireto (preposição **de**). Na substituição proposta pelo item, a forma verbal **lembrei** não é mais pronominal, selecionando agora complemento direto. Em ambos os casos, o sentido é o mesmo.

QUESTÃO 19 (CESPE/TJDFT/SUPERIOR/2015)

Art. 1º Reeditar o Programa de Responsabilidade

Socioambiental do TJDFT Viver Direito, cuja base é a Agenda

Socioambiental do TJDFT que, em permanente revisão,

10| estabelece novas ações sociais e ambientais e as integra às

existentes no âmbito do Poder Judiciário do Distrito Federal e

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Territórios, visando à preservação e à recuperação do meio
13| ambiente, por meio de ações sociais sustentáveis, a fim de
torná-lo e mantê-lo ambientalmente correto, socialmente justo
e economicamente viável.

O termo "à recuperação do meio ambiente" (l. 12 e 13) desempenha a função de complemento verbal na oração em que ocorre.

Certo.

O termo em destaque é complemento do verbo **visar**. Os complementos indiretos desse verbo são dois (e estão em coordenação).

visando [à preservação]$_1$ e [à recuperação do meio ambiente]$_2$

Questão 20 (CESPE/FUB/NÍVEL MÉDIO/2015) Mantém-se a correção gramatical do primeiro período do texto ao se substituir "agradar os superiores" por **agradar aos superiores**.

Certo.

No sentido de **causar agrado ou prazer/satisfazer**, o verbo **agradar** pode ser **transitivo direto ou indireto**.

Questão 21 (CESPE/STJ/ANALISTA/2018) A correção do texto seria mantida caso o pronome "se", em "poder-se-ia falar", fosse deslocado para imediatamente após a forma verbal "falar", escrevendo-se **poderia falar-se**.

Certo.

Não havendo palavra atrativa, a forma pronominal pode ocorrer após a forma infinitiva.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Questão 22 (CESPE/TCM-BA/AUDITOR/2018)

11| Temendo-se a naturalização da moral, moraliza-se a natureza.

Seriam mantidos os sentidos e a correção gramatical do texto caso se substituísse o trecho "Temendo-se" (l. 11) por **Se temendo**.

Errado.

Segundo a norma padrão, o período não pode ser iniciado por pronome oblíquo átono. Assim, a correção gramatical do trecho não se mantém com o pronome **se** deslocado para o início do período.

Questão 23 (CESPE/SEDUC-AL/PROFESSOR/2018)

1| Inicialmente me parece interessante reafirmar que

sempre vi a alfabetização de adultos como um ato político.

A correção gramatical do texto seria prejudicada caso o pronome "me", em "me parece" (l. 1), fosse deslocado para logo após "parece", da seguinte forma: **parece-me**.

Certo.

Como a forma adverbial (**Inicialmente**) é partícula atrativa, exige-se a próclise. Com isso, a ênclise (proposta pelo item) é incorreta.

Questão 24 (CESPE/TCE-PA/AUDITOR/2016)

13| Sendo tal prestação obrigação personalíssima,

não se pode admitir que seja executada por meio de pessoa interposta.

A correção gramatical do texto seria mantida caso, na linha 14, a partícula "se" fosse empregada imediatamente após a forma verbal "pode" – escrevendo-se da seguinte forma: **pode-se**.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Errado.

A presença da partícula atrativa (advérbio de negação **não**) força a próclise.

Questão 25 (CESPE/TJDFT/NÍVEL MÉDIO/2015)

41| propiciando o resgate dos sentimentos que a mantêm coesa e saudável.

Em "que a mantêm coesa e saudável" (l. 41 e 42), o deslocamento do pronome "a" para logo após a forma verbal "mantêm" prejudicaria a correção gramatical do período.

Certo.

O pronome relativo **que** é partícula atrativa. Com isso, a forma pronominal **a** ocorre antes do verbo (isto é, em posição proclítica).

Questão 26 (CESPE/STJ/ANALISTA/2015)

1| A ideia de solidariedade acompanha, desde os
primórdios, a evolução da humanidade. Aristóteles, por
exemplo, em clássica passagem, afirma que o homem não é um
4| ser que possa viver isolado; é, ao contrário, ordenado
teleologicamente a viver em sociedade. É um ser que vive, atua
e relaciona-se na comunidade, e sente-se vinculado aos seus
7| semelhantes. Não pode renunciar à sua condição inata de
membro do corpo social, porque apenas os animais e os deuses
podem prescindir da sociedade e da companhia de todos os
10| demais.

A correção gramatical e o sentido original do texto seriam preservados caso se inserisse o pronome **se** imediatamente antes da forma verbal "pode" (l. 7).

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Errado.

Gramaticalmente, a inserção do pronome na posição sugerida pela banca mantém o trecho correto (Não **se** pode [...]), dado que o advérbio de negação **não** é partícula atrativa.

No entanto, o sentido original do texto seria alterado: o verbo passaria a ser indeterminado (e, no texto original, esse verbo é determinado e tem como referente **o homem**).

Questão 27 (CESPE/MEC/SUPERIOR/2015)

5| Amanda recusou-se e foi consagrada naquela que
seria a última tentativa de ser modelo.

Haveria prejuízo para a correção gramatical do texto caso o pronome "se", em "Amanda recusou-se" (l. 5), fosse deslocado para imediatamente antes da forma verbal "recusou": Amanda se recusou.

Errado.

Estamos diante de um caso de colocação facultativa. Não há partícula atrativa (forçando a próclise) e não há fator de ênclise.

Questão 28 (CESPE/DEPEN/AGENTE/2015) A correção gramatical do texto seria preservada caso o trecho "O que se constata", no início do segundo parágrafo, fosse reescrito da seguinte forma: **O que constata-se**.

Errado.

A forma pronominal **que** é partícula atrativa, por isso o pronome deve estar em posição proclítica. Assim, a reescritura **O que constata-se** é gramaticalmente incorreta.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

Questão 29 (CESPE/MPU/ANALISTA/2015)

24| Evidencia-se, portanto, que é justamente na fase do

inquérito policial [...]

Em "Evidencia-se" (l. 24), o pronome "se" pode, facultativa e corretamente, ser tanto posposto – como aí foi empregado – quanto anteposto à forma verbal – **Se evidencia**.

Errado.

Segundo a norma padrão, o período não pode ser iniciado por pronome oblíquo átono. Assim, a correção gramatical do trecho não se mantém com o pronome **se** deslocado para o início do período (logo, não se trata de uma colocação facultativa).

Questão 30 (CESPE/TJ-SE/TÉCNICO/2014) No segmento "isso então nem se fala", a posição do pronome "se" justifica-se pela presença de palavra de sentido negativo.

Certo.

Como havíamos trabalhado em aula, palavra de sentido negativo é fator de atração: por isso a próclise é obrigatória.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

REFERÊNCIAS

BECHARA, E. **Lições de português pela análise sintática.** São Paulo: Padrão, 1988.

BRASIL. **Manual de Redação da Presidência da República**. 2. ed. Brasília: Presidência da República, 2002.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo.** 5. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Editora Objetiva. 2009.

HAUY, A. **Gramática da língua portuguesa padrão.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

ANOTAÇÕES

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

ANOTAÇÕES

O conteúdo deste livro eletrônico é licenciado para Nome do Concurseiro(a) - 000.000.000-00, vedada, por quaisquer meios e a qualquer título, a sua reprodução, cópia, divulgação ou distribuição, sujeitando-se aos infratores à responsabilização civil e criminal.

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

FUNÇÕES E NÍVEIS DA LINGUAGEM

Vânia Araújo

FUNÇÕES DA LINGUAGEM

PARA QUE A COMUNICAÇÃO ENTRE INTERLOCUTORES OCORRA, É NECESSÁRIO QUE OS SEIS ELEMENTOS ABAIXO ELENCADOS ESTEJAM PRESENTES.

- ✓ **EMISSOR:** é o remetente da mensagem – que elabora a ideia e a transforma em código para ser enviada ao receptor.
- ✓ **RECEPTOR:** é o destinatário da mensagem, aquele que, ao recebê-la, realiza o processo de decodificação.
- ✓ **MENSAGEM:** é o conteúdo e o objetivo da comunicação, o qual somente se concretiza, de forma plena, se houver a perfeita articulação de todos os outros elementos.
- ✓ **REFERENTE:** constitui o assunto do texto, aquilo sobre o que se fala.
- ✓ **CÓDIGO:** é o sistema de signos convencionados em cuja base o texto é construído. A comunicação somente se efetiva quando emissor e receptor possuem completo domínio do código.
- ✓ **CANAL:** é o meio que possibilita o contato entre o emissor e o receptor ou que leva a mensagem até ele.

o modo como a linguagem se organiza está diretamente ligado à função que se deseja dar a ela. assim, para os seis elementos da comunicação, há seis funções específicas, QUE SÃO:

- ✓ **EMOTIVA/EXPRESSIVA** – está centrada na expressão dos sentimentos, emoções e opiniões do **emissor**. Caracteriza-se pela acentuada subjetividade da mensagem, em que o locutor/narrador apresenta opiniões com as quais outras pessoas podem ou não concordar, além do uso exacerbado de sinais de pontuação (ponto de exclamação, interrogação e reticências), que ajudam a reforçar a entonação emotiva.

OBS.: As narrativas de teor dramático ou romântico e textos líricos têm predomínio dessa função, já que expressam o estado de alma do emissor.

- ✓ **CONATIVA/APELATIVA –** ocorre quando o **receptor** é posto em destaque e é estimulado pela mensagem. O objetivo, neste caso, é influenciar, convencer o receptor de algo, por meio de uma ordem, sugestão, convite ou apelo (vem daí o seu nome).

IMPORTANTE!

- Suas características principais são: o uso de vocativo e de verbos no imperativo (Compre! Faça!) ou conjugados na 2ª ou 3ª pessoa (Você não pode perder! Ele vai melhorar seu desempenho!).
- Esse tipo de função é muito comum em textos publicitários, em discursos políticos ou de autoridade.

- ✓ **REFERENCIAL/INFORMATIVA** - ocorre quando o **referente** (objeto da mensagem) é posto em destaque e a intenção principal do emissor é informar. Os textos cuja função é referencial destinam-se a transmitir informações precisas sobre o referente e, por isso, trazem uma linguagem clara e direta, procurando traduzir a realidade de forma objetiva. Os textos científicos e os didáticos são o melhor exemplo disso, além de alguns textos jornalísticos, como, por exemplo, o que está transcrito abaixo, no qual o emissor transmite sua mensagem ao receptor, buscando dar informação séria sobre a relação "lixo e consumo":

"Meio ambiente e ecologia são assuntos normalmente incômodos, pois colocam em evidência a difícil relação entre a sociedade de consumo e a natureza. Com o culto ao novo , ao tecnológico, produtos que poderiam durar anos passam a ser descartados em tempos curtíssimos e de modo irregular, acelerando a geração de lixo [...]"

Fragmento extraído de uma notícia do **Jornal O Globo**, 2013 (adaptado).

- ✓ **POÉTICA/ARTÍSTICA –** ocorre quando o emissor enfatiza a construção/elaboração da **mensagem** por meio da escolha de palavras que realcem a sonoridade, além de elaborar novas possibilidades de combinações dos signos linguísticos. Muitas vezes, o texto não é objetivo, traz uma fala cheia de rodeios e transmite pouca informação. A função poética ocorre tanto em prosa como em verso e por isso está presente em textos literários, publicitários e até em letras de música. Veja, como exemplo, um poema de Cassiano Ricardo:

Serenata sintética

Rua torta
Lua morta
Tua porta

- ✓ **METALINGUÍSTICA –** tem como função realçar o **código**: quando este é utilizado como assunto ou explica a si mesmo. Por exemplo, quando um poema tece reflexões sobre a criação poética, um filme tematiza o próprio cinema ou um programa de televisão debate o papel social da televisão. O poema de João Cabral de Melo Neto é um exemplo que revela as concepções do autor sobre o ato de escrever:

> “Catar feijão se limita com escrever
> Jogam-se os grãos na água do alguidar
> E as palavras na folha de papel:
> E depois, joga-se fora o que boiar.”

- ✓ **FÁTICA/DE CONTATO –** ocorre quando o **canal** é posto em destaque. A intenção é iniciar um contato e, por isso, materializa-se nos cumprimentos diários, conversas de elevador (com uma abordagem mais informal – objetiva e rápida) e, até mesmo, nas primeiras palavras de uma aula etc. Em textos escritos, têm muita importância os recursos gráficos. Por exemplo, a música de Paulinho da Viola:

SINAL FECHADO

Olá, como vai?
Eu vou indo, e você, tudo bem?
Tudo bem, eu vou indo ,correndo
pegar meu lugar no futuro. E você? [...]

IMPORTANTE!

É muito comum encontrar em um texto mais de uma função da linguagem. Portanto, cabe ao leitor identificar aquela que predomina e, por conseguinte, a intenção de seu autor.

NÍVEIS DE LINGUAGEM

A linguagem é um conjunto de sinais que nos permite realizar atos de comunicação e, dependendo dos sinais escolhidos, teremos uma comunicação verbal, visual, auditiva etc.

Damos o nome de fala à utilização que cada membro da comunidade faz da língua – tanto na forma oral quanto na escrita. Os níveis de linguagem dizem respeito ao uso da fala e da escrita em determinadas situações comunicativas. O locutor/emissor e o interlocutor/receptor devem estar em concordância para que haja entendimento. Isso mostra que cada ocasião exige uma linguagem diferente.

A norma que rege a língua escrita é a gramática. Entretanto, a fala não obedece a convenções. Ela é mais desprendida de regras, espontânea e expressiva e por isso é suscetível de transformações todos os dias. Assim, a mudança na escrita começa sempre a partir da língua falada. Cabe realçar, contudo, que nem toda alteração na fala é reconhecida na escrita, mas somente aquela que tenha significação relevante para a sociedade.

O que determina o nível de linguagem empregado é o meio social no qual o indivíduo se encontre – para cada ambiente sociocultural haverá uma medida de vocabulário, um modo de falar, uma entonação empregada, uma maneira de se fazer as combinações das palavras e assim por diante.

AS VARIAÇÕES EXTRALINGUÍSTICAS QUE INFLUENCIAM O NOSSO MODO DE FALAR, DE COMUNICAR, ESTÃO ASSOCIADAS, PRINCIPALMENTE, A ESSE TRÊS FATORES:

- ✓ **GEOGRÁFICOS:** determinados pelas variações regionais, modos de falar determinados pela localização geográfica dentro do País.
- ✓ **SOCIOLÓGICOS:** caracterizam-se pelas variações de idade, sexo, profissão, nível de estudos, classe social, localização dentro da mesma região, raça – as quais podem determinar traços bem originais dentro da linguagem individual.
- ✓ **CONTEXTUAIS:** consistem em tudo o que pode determinar influências na linguagem do locutor (por influências alheias a ele), como, por exemplo, o assunto, o tipo de ouvinte, o lugar em que o diálogo ocorre e até as relações que unem os interlocutores.

EM DECORRÊNCIA DO CARÁTER BASTANTE INDIVIDUAL DA LÍNGUA, PODEMOS DESTACAR ALGUNS NÍVEIS DE FALA OU REGISTROS

1. **FORMAL/CULTO:** usado em situações de formalidade, nas quais predomina a linguagem culta (que obedece à norma gramatical); é determinada por um comportamento linguístico mais refletido; pode, às vezes, empregar um vocabulário mais técnico. Este nível é predominante nos discursos acadêmico, didático e científico e pode ser encontrado em determinados textos do discurso jornalístico.

Observe o exemplo:

“(...) O mais forte e apreciável motivo para um estudo dos assuntos humanos é a curiosidade. Este é um dos traços distintivos da natureza humana. Ao que parece, nenhum ser humano é dele totalmente destituído, apesar de seu grau de intensidade variar enormemente de indivíduo para indivíduo. No campo dos assuntos humanos, a curiosidade nos leva a buscar uma óptica panorâmica, através da qual se possa chegar a uma visão da realidade, tão inteligível quanto possível para a mente humana.”

Arnold TOYNBEE. ***Um estudo da história.*** Brasília: EdUnB. 1987. Pág. 47. (com adaptações).

2. COLOQUIAL: utilizado em situações de menor formalidade, nas quais predomina a linguagem popular, uma linguagem mais afetiva e até mesmo o uso de gírias. Caracteriza-se pela espontaneidade, já que não existe uma preocupação com as normas estabelecidas. Embora seja mais informal, não é necessariamente inculto, pois a desobediência a certas normas gramaticais se deve à liberdade de expressão e à sensibilidade estilística do falante. Por isso, pode ser facilmente encontrado na correspondência pessoal (*facebook*, *msn*, *e-mail* etc.), na literatura, nas histórias em quadrinhos, nos jornais e revistas.

IMPORTANTE!

Este tipo de linguagem tem sido cobrado com relativa frequência nas provas e é considerado adequado (mas não correto) a determinados discursos - como o jornalístico e o literário, por exemplo. Os examinadores o têm denominado de “português contemporâneo efetivamente falado no Brasil”.

3. TÉCNICO: encontra-se no texto, escrito ou oral, que tenha conteúdo especializado, caracterizado pelo uso de palavras que estimulem a compreensão imediata da mensagem – com informações precisas e que sejam de imediata compreensão pelo interlocutor.

IMPORTANTE!

Não confunda linguagem técnica com jargão! O **jargão** é um modo muito particular de se comunicar (por meio de abreviaturas, chavões técnicos e construções complicadas), que pode, inclusive, dificultar a compreensão de conceitos que deveriam ser simples, mas o que fazem é deixar o interlocutor confuso. Ele é normalmente utilizado por alguns seguimentos profissionais (policiais, vendedores, advogados, economistas etc.) no exercício de suas atividades. *Observe que esse uso singular das palavras pode ser intencional por vários motivos. Um deles é o de aparentar superioridade, o que faz com que os jargões sejam considerados nocivos na comunicação do dia-a-dia.*

4. LITERÁRIO/ARTÍSTICO: tem uma função puramente estética/expressiva, como a que é feita pelos artistas da palavra (poetas e romancistas, por exemplo). É bastante comum tanto nos textos em prosa (nas narrativas de ficção, na crônica, no conto, na novela, no romance) como nos textos estruturados em poesia (poemas, letras de música, hinos). Observe o exemplo abaixo, extraído do livro "Memórias Sentimentais de João Miramar.", de Oswald de Andrade:

" *(...) O céu jogava tinas de água sobre o noturno que me devolvia a São Paulo. O comboio brecou, lento, para as ruas molhadas, furou a gare suntuosa e me jogou nos óculos menineiros de um grupo negro. Sentaram-me num automóvel de pêsames".*

IMPORTANTE!

Este nível de linguagem caracteriza-se pela liberdade na criação dos textos (como o uso de conotações e plurissignificação dos termos ou a subversão às regras gramaticais), já que a literatura deve ser compreendida como arte e não tem compromisso com a objetividade e a transparência na transmissão das ideias.

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

FUNÇÕES E NÍVEIS DA LINGUAGEM

Vânia Araújo

ENEM

1. (ENEM 2009)

Manuel Bandeira

Filho de engenheiro, Manuel Bandeira foi obrigado a abandonar os estudos de arquitetura por causa da tuberculose. Mas e iminência da morte não marcou de forma lúgubre sua obra, embora em seu humor lírico haja sempre um toque de funda melancolia, e na sua poesia haja sempre um toque de morbidez, até no erotismo. Tradutor de autores como Marcel Proust e William Shakespeare, esse nosso Manuel traduziu mesmo foi a nostalgia do paraíso cotidiano mal idealizado por nós, brasileiros, órfãos de um país imaginário, nossa Cocanha perdida, Pasárgada. Descrever seu retrato em palavras é uma tarefa impossível, depois que ele mesmo já o fez tão bem em versos.

Revista Língua Portuguesa, nº 40, fev. 2009.

A coesão do texto é construída principalmente a partir do(a)

a) Repetição de palavras e expressões que entrelaçam as informações apresentadas no texto.

b) Substituição de palavras por sinônimos como "lúgubre" e "morbidez", melancolia" e "nostalgia".

c) Emprego de pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos: "sua", "seu", "esse", "nosso", "ele".

d) Emprego de diversas conjunções subordinativas que articulam as orações e períodos que compõem o texto.

e) Emprego de expressões que indicam sequência progressividade, como "iminência", "sempre", "depois".

Opção correta: Letra C

2. Labaredas nas trevas Fragmentos do diário secreto de Teodor Konrad NaleczKorzeniowski:

- ✓ 20 DE JULHO [1912] Peter Sumerville pede-me que escreva um artigo sobre Crane. Envio-lhe uma carta "Acredite-me, prezado senhor, nenhum jornal ou revista se interessaria por qualquer coisa que eu, ou outra pessoa, escrevesse sobre Stephen Crane. Ririam da sugestão. [...] Dificilmente encontro alguém, agora, que saiba quem é Stephen Crane ou lembre-se de algo dele. Para os jovens escritores que estão surgindo ele simplesmente não existe."

- ✓ 20 DE DEZEMBRO [1919] Muito peixe foi embrulhado pelas folhas de jornal. Sou reconhecido como o maior escritor vivo da língua inglesa. Já se passaram dezenove anos desde que Crane morreu, mas eu não o esqueço. E parece que outros também não. The London Mercury resolveu celebrar os vinte e cinco anos de publicação de um livro que, segundo eles, foi "um fenômeno hoje esquecido" e me pediram um artigo.

FONSECA, R. Romance negro e outras histórias. São Paulo: Companhia das Letras, 1992 (fragmento).

Na construção de textos literários, os autores recorrem com frequência a expressões metafóricas. Ao empregar o enunciado metafórico "Muito peixe foi embrulhado pelas folhas de jornal", pretendeu-se estabelecer, entre os dois fragmentos do texto em questão, uma relação semântica de

a) Causalidade, segundo a qual se relacionam as partes de um texto, em que uma contém a causa e a outra, a consequência.
b) Temporalidade, segundo a qual se articulam as partes de um texto, situando no tempo o que é relatado nas partes em questão.
c) Condicionalidade, segundo a qual se combinam duas partes de um texto, em que uma resulta ou depende de circunstâncias apresentadas na outra.
d) Adversidade, segundo a qual se articulam duas partes de um texto em que uma apresenta uma orientação argumentativa distinta e oposta à outra.
e) Finalidade, segundo a qual se articulam duas partes de um texto em que uma apresenta o meio, por exemplo, para uma ação e a outra, o desfecho da mesma.

Opção correta: Letra B

3.

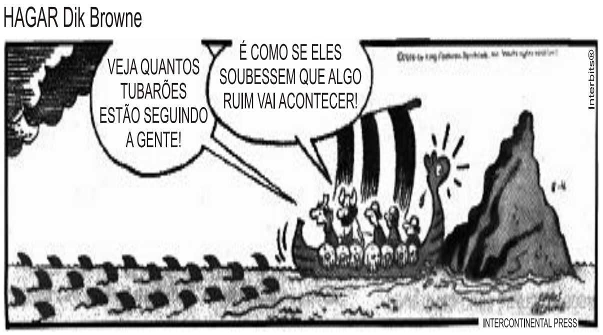
HAGAR Dik Browne
VEJA QUANTOS TUBARÕES ESTÃO SEGUINDO A GENTE!
É COMO SE ELES SOUBESSEM QUE ALGO RUIM VAI ACONTECER!
Interbits®
INTERCONTINENTAL PRESS

BROWNE, D. *Folha de S.Paulo*, 13 ago. 2011.

As palavras e as expressões são mediadoras dos sentidos produzidos nos textos. Na fala de Hagar, a expressão "é como se" ajuda a conduzir o conteúdo enunciado para o campo da

a) Conformidade, pois as condições meteorológicas evidenciam um acontecimento ruim.
b) Reflexibilidade, pois o personagem se refere aos tubarões usando um pronome reflexivo.
c) Condicionalidade, pois a atenção dos personagens é a condição necessária para a sua sobrevivência.
d) Possibilidade, pois a proximidade dos tubarões leva à suposição do perigo iminente para os homens.

e) Impessoalidade, pois o personagem usa a terceira pessoa para expressar o distanciamento dos fatos.

Opção correta: Letra D

Texto para a próxima questão

(Enem 2010) O Flamengo começou a partida no ataque, enquanto o Botafogo procurava fazer uma forte marcação nomeio campo e tentar lançamentos para Victor Simões,isolado entre os zagueiros rubro-negros. Mesmo com mais posse de bola, o time dirigido por Cuca tinha grande dificuldade de chegar à área alvinegra por causa do bloqueio montado pelo Botafogo na frente da sua área.

- No entanto, na primeira chance rubro-negra, saiu o gol. Após cruzamento da direita de Ibson, a zaga alvinegra rebateu a bola de cabeça para o meio da área. Kléberson apareceu na jogada e cabeceou por cima do goleiro Renan. Ronaldo Angelim apareceu nas costas da defesa e empurrou para o fundo da rede quase que em cima da linha: Flamengo 1 a 0.

Disponível em: http://momentodofutebol.blogspot.com (adaptado).

4. O texto, que narra uma parte do jogo final do Campeonato Carioca de futebol, realizado em 2009, contém vários conectivos, sendo que

a) **Após** é conectivo de causa, já que apresenta o motivo de a zaga alvinegra ter rebatido a bola de cabeça.

b) **Enquanto** tem um significado alternativo, porque conecta duas opções possíveis para serem aplicadas no jogo.

c) **No entanto** tem significado de tempo, porque ordena os fatos observados no jogo em ordem cronológica de ocorrência.

d) **Mesmo** traz ideia de concessão, já que “com mais posse de bola”, ter dificuldade não é algo naturalmente esperado.

e) **Por causa de** indica consequência, porque as tentativas de ataque do Flamengo motivaram o Botafogo a fazer um bloqueio.

Opção correta: Letra D

5. Cidade grande
Que beleza, Montes Claros.
Como cresceu Montes Claros.
Quanta indústria em Montes Claros.
Montes Claros cresceu tanto,
ficou urbe tão notória,
prima-rica do Rio de Janeiro,
que já tem cinco favelas
por enquanto, e mais promete.

(Carlos Drummond de Andrade)

(Enem 2004) No trecho "Montes Claros cresceu tanto, / (...),/ QUE já tem cinco favelas", a palavra QUE contribui para estabelecer uma relação de consequência. Dos seguintes versos, todos de Carlos Drummond de Andrade, apresentam esse mesmo tipo de relação:

a) "Meu Deus, por que me abandonaste / se sabias QUE eu não era Deus / se sabias que eu era fraco."
b) "No meio-dia branco de luz uma voz QUE aprendeu / a ninar nos longes da senzala - e nunca se esqueceu / chamava para o café."
c) "Teus ombros suportam o mundo / e ele não pesa mais QUE a mão de uma criança."
d) "A ausência é um estar em mim. / E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços, / QUE rio e danço e invento exclamações alegres."
e) "Penetra surdamente no reino das palavras. / Lá estão os poemas QUE esperam ser escritos."

Opção correta: Letra D

PORTUGUÊS

Morfologia - Verbos

Flexão de voz (ativa, passiva, reflexiva)

Prof.ª Isabel Vega

I – Noções de Agente e Paciente da ação

[Maria] [comprou] [um belo livro].
↳Agente ↳Ação ↳Paciente

[Um belo livro] [foi comprado] [por Maria].
↳Paciente ↳Ação ↳Agente

II – VOZ ATIVA – O sujeito é o agente da ação.

Ex.: [O menino] [viu] [uma flor] no jardim.
Sujeito = Agente
OD = Paciente

III – VOZ PASSIVA – O sujeito é o paciente da ação.

Ex.: [Uma flor] foi vista [pelo menino] no jardim.

↳ Suj.=Paciente ↳ Agente da passiva

OBS.: Apagamento do agente:

1) [Uma flor] foi vista. - VOZ PASSIVA ANALÍTICA (verbo ser + particípio)

↳ Suj. = Paciente

2) Viu-se [uma flor]. - VOZ PASSIVA SINTÉTICA (verbo principal + pronome apassivador)

↳ Suj. = Paciente

IV – VOZ REFLEXIVA – O sujeito (agente) e o objeto (paciente) representam a mesma pessoa.

Ex.1: [O menino] viu [ele mesmo] no espelho.
↳Suj = Agente ↳OD = Paciente

[O menino] viu-[se] no espelho.
↳Suj ↳OD → pronome reflexivo
mesma pessoa

Ex. 2: [Os namorados] beijaram- [se]. → Voz reflexiva, com
Sujeito OD sentido de reciprocidade

PORTUGUÊS

Problemas da língua culta

Por que / Porque / Porquê / Por quê

Prof.ª Isabel Vega

Por que / Porque / Porquê / Por quê

►Os porquês recebem várias classificações morfológicas e disso depende a forma de virem escritos.

I) Substantivo → porquê = razão, motivo

Ex.1: Não sei **o porquê** da sua irritação.

Ex.2: Ele veio justificar-se com **seus porquês**.

II) Conjunção → porque = pois, já que, visto que

Ex.1: João não foi à festa **porque** estava doente.

Ex.2: **Porque** acreditei na proposta, aceitei-a.

Por que / Porque / Porquê / Por quê

III) Preposição + pron. relativo → por que = pelo/pela qual

Ex.1: Já sei o **motivo por que** você se zangou.
↳antecedente

Ex.2: Desconheço a **razão por que** você desistiu de tudo.

IV) Preposição + pron. interrogativo → por que → usa-se em pergunta direta ou indireta, longe de sinais de pontuação.

Ex.1: **Por que** você não veio ontem**?** (pergunta direta)

Ex.2:Ignoro **por que** você não veio ontem**.** (pergunta indireta)

Ex.3: Gostaria de saber **por que** você não veio ontem**.** (idem)

Por que / Porque / Porquê / Por quê

V) Preposição + pron. interrogativo → por quê → usa-se em pergunta direta ou indireta, antes de sinal de pontuação.

Ex.1: Você não veio **por quê?** (pergunta direta)

Ex.2: Não sei **por quê,** mas gosto de João**.** (pergunta indireta)

Ex.3: Foram embora sem dizer **por quê.** (pergunta indireta)

ENEM

1. O trovador

Sentimentos em mim do asperamente
dos homens das primeiras eras...
As primaveras do sarcasmo
intermitentemente no meu coração arlequinal...
Intermitentemente...
Outras vezes é um doente, um frio
na minha alma doente como um longo som
redondo...
Cantabona! Cantabona!
Dlorom...
Sou um tupi tangendo um alaúde!

ANDRADE, M. In: MANFIO, D. Z. (Org.) Poesias completas de Mário de Andrade. Belo Horizonte: Itatiaia, 2005.

Cara ao Modernismo, a questão da identidade nacional é recorrente na prosa e na poesia de Mário de Andrade. Em O trovador, esse aspecto é:

a) abordado subliminarmente, por meio de expressões como “coração arlequinal” que, evocando o carnaval, remete à brasilidade.
b) verificado já no título, que remete aos repentistas nordestinos, estudados por Mário de Andrade em suas viagens e pesquisas folclóricas.
c) lamentado pelo eu lírico, tanto no uso de expressões como “Sentimentos em mim do asperamente” (v. 1), “frio” (v. 6), “alma doente” (v. 7), como pelo som triste do alaúde “Dlorom” (v. 9).
d) problematizado na oposição tupi (selvagem) x alaúde (civilizado), apontando a síntese nacional que seria proposta no Manifesto Antropófago, de Oswald de Andrade.
e) exaltado pelo eu lírico, que evoca os “sentimentos dos homens das primeiras eras” para mostrar o orgulho brasileiro por suas raízes indígenas.

Resposta correta: D

2. Confidência do Itabirano

Alguns anos vivi em Itabira.
Principalmente nasci em Itabira.
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.
Noventa por cento de ferro nas calçadas.
Oitenta por cento de ferro nas almas.
E esse alheamento do que na vida é porosidade
e [comunicação.

A vontade de amar, que me paralisa o
trabalho,
vem de Itabira, de suas noites brancas, sem
mulheres e
[sem horizontes.

E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,
é doce herança itabirana.

De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:
esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil,
este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;
este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas;
este orgulho, esta cabeça baixa...

Tive ouro, tive gado, tive fazendas.
Hoje sou funcionário público.
Itabira é apenas uma fotografia na parede.
Mas como dói!

ANDRADE, C. D. Poesia completa.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.

Carlos Drummond de Andrade é um dos expoentes do movimento modernista brasileiro. Com seus poemas, penetrou fundo na alma do Brasil e trabalhou poeticamente as inquietudes e os dilemas humanos. Sua poesia é feita de uma relação tensa entre o universal e o particular, como se percebe claramente na construção do poema Confidência do Itabirano. Tendo em vista os procedimentos de construção do texto literário e as concepções artísticas modernistas, conclui-se que o poema acima

a) Representa a fase heroica do modernismo, devido ao tom contestatório e à utilização de expressões e usos linguísticos típicos da oralidade.
b) Apresenta uma característica importante do gênero lírico, que é a apresentação objetiva de fatos e dados históricos.
c) Evidencia uma tensão histórica entre o "eu" e a sua comunidade, por intermédio de imagens que representam a forma como a sociedade e o mundo colaboram para a constituição do indivíduo.
d) Critica, por meio de um discurso irônico, a posição de inutilidade do poeta e da poesia em comparação com as prendas resgatadas de Itabira.
e) Apresenta influências românticas, uma vez que trata da individualidade, da saudade da infância e do amor pela terra natal, por meio de recursos retóricos pomposos.

Resposta correta: C

3. Texto I

Agora Fabiano conseguia arranjar as ideias. O que o segurava era a família. Vivia preso como um novilho amarrado ao mourão, suportando ferro quente. Se não fosse isso, um soldado amarelo não lhe pisava o pé não.
(...) Tinha aqueles cambões pendurados ao pescoço. Deveria continuar a arrastá-los?

Sinhá Vitória dormia mal na cama de varas. Os meninos eram uns brutos, como o pai. Quando crescessem, guardariam as reses de um patrão invisível, seriam pisados, maltratados, machucados por um soldado amarelo.

Graciliano Ramos. Vidas Secas. São Paulo: Martins, 23.ª ed., 1969, p. 75.

Texto II

Para Graciliano, o roceiro pobre é um outro, enigmático, impermeável. Não há solução fácil para uma tentativa de incorporação dessa figura no campo da ficção.
É lidando com o impasse, ao invés de fáceis soluções, que Graciliano vai criar Vidas Secas, elaborando uma linguagem, uma estrutura romanesca, uma constituição de narrador em que narrador e criaturas se tocam, mas não se identificam. Em grande medida, o debate acontece porque, para a intelectualidade brasileira naquele momento, o pobre, a despeito de aparecer idealizado em certos aspectos, ainda é visto como um ser humano de segunda categoria, simples demais, incapaz de ter pensamentos demasiadamente complexos. O que Vidas Secas faz é, com pretenso não envolvimento da voz que controla a narrativa, dar conta de uma riqueza humana de que essas pessoas seriam plenamente capazes.

Luís Bueno. Guimarães, Clarice e antes. In: Teresa. São Paulo: USP, n.º 2, 2001, p. 254.

A partir do trecho de **Vidas Secas** (texto I) e das informações do texto II, relativas às concepções artísticas do romance social de 1930, avalie as seguintes afirmativas.

I. O pobre, antes tratado de forma exótica e folclórica pelo regionalismo pitoresco, transforma-se em protagonista privilegiado do romance social de 30.
II. A incorporação do pobre e de outros marginalizados indica a tendência da ficção brasileira da década de 30 de tentar superar a grande distância entre o intelectual e as camadas populares.
III. Graciliano Ramos e os demais autores da década de 30 conseguiram, com suas obras, modificar a posição social do sertanejo na realidade nacional.

É correto apenas o que se afirma em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

Resposta correta: D

4. Um dia, os imigrantes aglomerados na amurada da proa chegavam à fedentina quente de um porto, num silêncio de mato e de febre amarela. Santos. - É aqui! Buenos Aires é aqui! - Tinham trocado o rótulo das bagagens, desciam em fila. Faziam suas necessidades nos trens dos animais onde iam. Jogavam-nos num pavilhão comum em São Paulo. - Buenos Aires é aqui! - Amontoados com trouxas, sanfonas e baús, num carro de bois, que pretos guiavam através do mato por estradas esburacadas, chegavam uma tarde nas senzalas donde acabava de sair o braço escravo. Formavam militarmente nas madrugadas do terreiro homens e mulheres, ante feitores de espingarda ao ombro.

Oswald de Andrade. "Marco Zero II - Chão".
Rio de Janeiro: Globo, 1991.

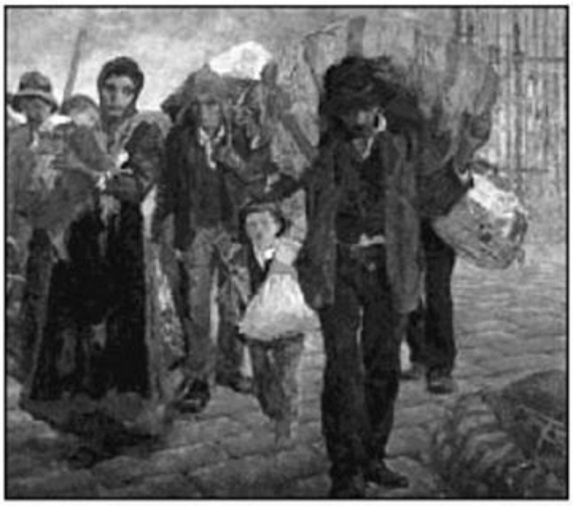

Antonio Rocco. *Os imigrantes*, 1910,
Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Levando-se em consideração o texto de Oswald de Andrade e a pintura de Antonio Rocco reproduzida acima, relativos à imigração europeia para o Brasil, é correto afirmar que

a) a visão da imigração presente na pintura é trágica e, no texto, otimista.
b) a pintura confirma a visão do texto quanto à imigração de argentinos para o Brasil.
c) os dois autores retratam dificuldades dos imigrantes na chegada ao Brasil.
d) Antonio Rocco retrata de forma otimista a imigração, destacando o pioneirismo do imigrante.
e) Oswald de Andrade mostra que a condição de vida do imigrante era melhor que a dos ex-escravos.

Resposta correta: C

ENEM

1. O trovador

Sentimentos em mim do asperamente
dos homens das primeiras eras...
As primaveras do sarcasmo
intermitentemente no meu coração arlequinal...
Intermitentemente...
Outras vezes é um doente, um frio
na minha alma doente como um longo som redondo...
Cantabona! Cantabona!
Dlorom...
Sou um tupi tangendo um alaúde!

ANDRADE, M. In: MANFIO, D. Z. (Org.) Poesias completas de Mário de Andrade. Belo Horizonte: Itatiaia, 2005.

Cara ao Modernismo, a questão da identidade nacional é recorrente na prosa e na poesia de Mário de Andrade. Em O trovador, esse aspecto é:

a) abordado subliminarmente, por meio de expressões como “coração arlequinal” que, evocando o carnaval, remete à brasilidade.
b) verificado já no título, que remete aos repentistas nordestinos, estudados por Mário de Andrade em suas viagens e pesquisas folclóricas.
c) lamentado pelo eu lírico, tanto no uso de expressões como “Sentimentos em mim do asperamente” (v. 1), “frio” (v. 6), “alma doente” (v. 7), como pelo som triste do alaúde “Dlorom” (v. 9).
d) problematizado na oposição tupi (selvagem) x alaúde (civilizado), apontando a síntese nacional que seria proposta no Manifesto Antropófago, de Oswald de Andrade.
e) exaltado pelo eu lírico, que evoca os “sentimentos dos homens das primeiras eras” para mostrar o orgulho brasileiro por suas raízes indígenas.

Resposta correta: D

2. Confidência do Itabirano

Alguns anos vivi em Itabira.
Principalmente nasci em Itabira.
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.
Noventa por cento de ferro nas calçadas.
Oitenta por cento de ferro nas almas.
E esse alheamento do que na vida é porosidade e [comunicação.

A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,
vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres e
[sem horizontes.

E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,
é doce herança itabirana.

De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:
esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil,
este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;
este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas;
este orgulho, esta cabeça baixa...

Tive ouro, tive gado, tive fazendas.
Hoje sou funcionário público.
Itabira é apenas uma fotografia na parede.
Mas como dói!

ANDRADE, C. D. Poesia completa.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.

Carlos Drummond de Andrade é um dos expoentes do movimento modernista brasileiro. Com seus poemas, penetrou fundo na alma do Brasil e trabalhou poeticamente as inquietudes e os dilemas humanos. Sua poesia é feita de uma relação tensa entre o universal e o particular, como se percebe claramente na construção do poema Confidência do Itabirano. Tendo em vista os procedimentos de construção do texto literário e as concepções artísticas modernistas, conclui-se que o poema acima

a) Representa a fase heroica do modernismo, devido ao tom contestatório e à utilização de expressões e usos linguísticos típicos da oralidade.
b) Apresenta uma característica importante do gênero lírico, que é a apresentação objetiva de fatos e dados históricos.
c) Evidencia uma tensão histórica entre o "eu" e a sua comunidade, por intermédio de imagens que representam a forma como a sociedade e o mundo colaboram para a constituição do indivíduo.
d) Critica, por meio de um discurso irônico, a posição de inutilidade do poeta e da poesia em comparação com as prendas resgatadas de Itabira.
e) Apresenta influências românticas, uma vez que trata da individualidade, da saudade da infância e do amor pela terra natal, por meio de recursos retóricos pomposos.

Resposta correta: C

3. Texto I

Agora Fabiano conseguia arranjar as ideias. O que o segurava era a família. Vivia preso como um novilho amarrado ao mourão, suportando ferro quente. Se não fosse isso, um soldado amarelo não lhe pisava o pé não.
(...) Tinha aqueles cambões pendurados ao pescoço. Deveria continuar a arrastá-los?

Sinhá Vitória dormia mal na cama de varas. Os meninos eram uns brutos, como o pai. Quando crescessem, guardariam as reses de um patrão invisível, seriam pisados, maltratados, machucados por um soldado amarelo.

Graciliano Ramos. Vidas Secas. São Paulo: Martins, 23.ª ed., 1969, p. 75.

Texto II

Para Graciliano, o roceiro pobre é um outro, enigmático, impermeável. Não há solução fácil para uma tentativa de incorporação dessa figura no campo da ficção.
É lidando com o impasse, ao invés de fáceis soluções, que Graciliano vai criar Vidas Secas, elaborando uma linguagem, uma estrutura romanesca, uma constituição de narrador em que narrador e criaturas se tocam, mas não se identificam. Em grande medida, o debate acontece porque, para a intelectualidade brasileira naquele momento, o pobre, a despeito de aparecer idealizado em certos aspectos, ainda é visto como um ser humano de segunda categoria, simples demais, incapaz de ter pensamentos demasiadamente complexos. O que Vidas Secas faz é, com pretenso não envolvimento da voz que controla a narrativa, dar conta de uma riqueza humana de que essas pessoas seriam plenamente capazes.

Luís Bueno. Guimarães, Clarice e antes. In: Teresa. São Paulo: USP, n.º 2, 2001, p. 254.

A partir do trecho de **Vidas Secas** (texto I) e das informações do texto II, relativas às concepções artísticas do romance social de 1930, avalie as seguintes afirmativas.

I. O pobre, antes tratado de forma exótica e folclórica pelo regionalismo pitoresco, transforma-se em protagonista privilegiado do romance social de 30.
II. A incorporação do pobre e de outros marginalizados indica a tendência da ficção brasileira da década de 30 de tentar superar a grande distância entre o intelectual e as camadas populares.
III. Graciliano Ramos e os demais autores da década de 30 conseguiram, com suas obras, modificar a posição social do sertanejo na realidade nacional.

É correto apenas o que se afirma em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

Resposta correta: D

4. Um dia, os imigrantes aglomerados na amurada da proa chegavam à fedentina quente de um porto, num silêncio de mato e de febre amarela. Santos. - É aqui! Buenos Aires é aqui! - Tinham trocado o rótulo das bagagens, desciam em fila. Faziam suas necessidades nos trens dos animais onde iam. Jogavam-nos num pavilhão comum em São Paulo. - Buenos Aires é aqui! - Amontoados com trouxas, sanfonas e baús, num carro de bois, que pretos guiavam através do mato por estradas esburacadas, chegavam uma tarde nas senzalas donde acabava de sair o braço escravo. Formavam militarmente nas madrugadas do terreiro homens e mulheres, ante feitores de espingarda ao ombro.

Oswald de Andrade. "Marco Zero II - Chão".
Rio de Janeiro: Globo, 1991.

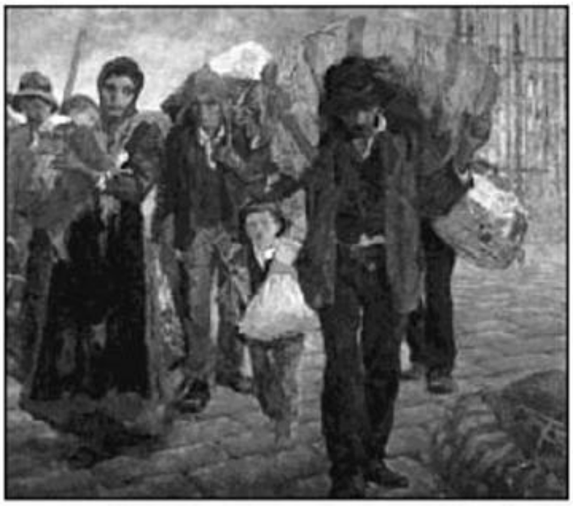

Antonio Rocco. *Os imigrantes*, 1910,
Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Levando-se em consideração o texto de Oswald de Andrade e a pintura de Antonio Rocco reproduzida acima, relativos à imigração europeia para o Brasil, é correto afirmar que

a) a visão da imigração presente na pintura é trágica e, no texto, otimista.
b) a pintura confirma a visão do texto quanto à imigração de argentinos para o Brasil.
c) os dois autores retratam dificuldades dos imigrantes na chegada ao Brasil.
d) Antonio Rocco retrata de forma otimista a imigração, destacando o pioneirismo do imigrante.
e) Oswald de Andrade mostra que a condição de vida do imigrante era melhor que a dos ex-escravos.

Resposta correta: C

Educação Superior a Distância:
experiências e contribuições

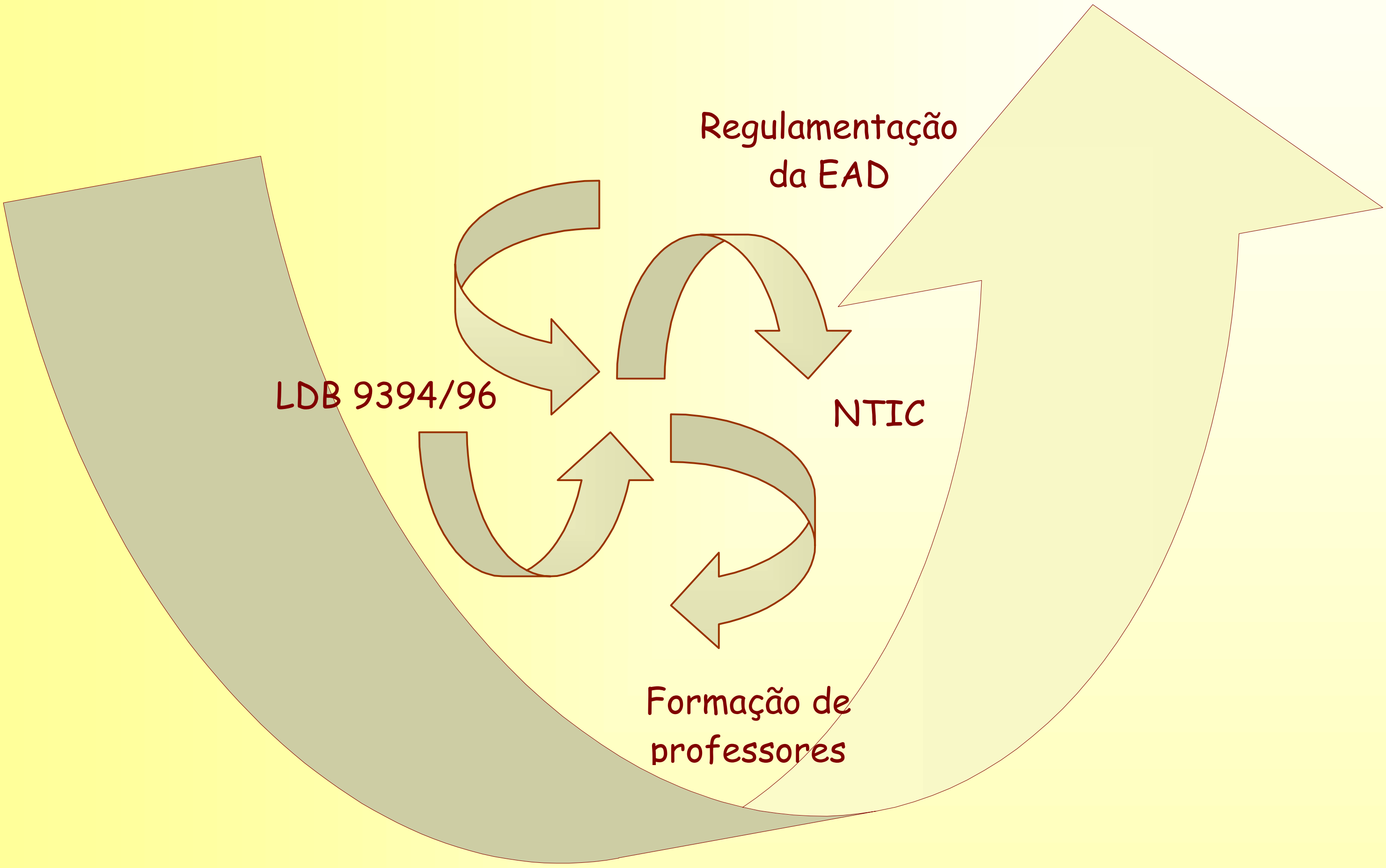
Regulamentação
da EAD
LDB 9394/96
NTIC
Formação de
professores

Mauro Schettino de Souza (org)
Paulo de Tarso Amorim Castro
Edina Setsuko Hojo
Catarina Barbosa Torres Gomes
Keila Deslandes

Educação Superior a Distância:
experiências e contribuições

Mauro Schettino de Souza
Paulo de Tarso Amorim Castro
Edina Setsuko Hojo
Catarina Barbosa Torres Gomes
Keila Deslandes

Belo Horizonte
2005

Revisão:
Elinor de Oliveira Carvalho

foto: Pico do Itacolomi – marco referencial de Ouro Preto - MG

Projeto Itacolomi
Formação de Professores para o Ensino
Fundamental e a Educação Infantil
modalidade a distância
CEAD/UFOP

Ficha Catalográfica

Schettino-Souza, Mauro
Educação Superior a Distância: experiências e contribuições. Belo Horizonte: 2005

102 p.

ISBN 85-905575-1-0

1. Educação a Distância 2. Formação de professores
3. Universidade Federal de Ouro Preto I. Título

CDD-370

Todos os direitos reservados aos autores.

Sumário

Prefácio **p. 04**
Dirceu do Nascimento

Apresentação **p. 06**

Capítulo 1: A EAD na Universidade pública: transições necessárias **p. 10**
Mauro Schettino de Souza e Edina Setsuko Hojo

Capítulo 2: A EAD na UFOP: construção e trajetória **p. 24**
Mauro Schettino de Souza

Capítulo 3: A formação de professores: relato de uma experiência na modalidade a distância **p. 43**
Catarina Barbosa Torres Gomes

Capítulo 4: O modelo de EAD baseado em Centros de Apoio **p. 58**
Mauro Schettino de Souza e Edina Setsuko Hojo

Capítulo 5: Tecnologias de Informação e Comunicação: possibilidades e desafios na formação de professores **p. 72**
Paulo de Tarso Amorim Castro

Capítulo 6: A construção da identidade: o processo imaginação-ação-interação **p. 94**
Keila Deslandes

Prefácio

A democratização do acesso ao ensino superior público torna-se, na atualidade, um objetivo a ser alcançado, dada a elevada demanda que se apresenta, em função da necessidade de formação de cidadãos aptos a enfrentar um mundo cada vez mais complexo e competitivo. Neste contexto, a formação em nível superior de professores do Ensino Básico faz-se necessária para responder aos desafios contemporâneos.

O elevado contingente de professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental em exercício que precisam se capacitar em nível superior estimulou algumas universidades públicas a investirem em Educação a Distância (EAD) como opção para atender a tal demanda.

A Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), buscando compatibilizar a oferta de vagas com a demanda apresentada no Estado de Minas Gerais, iniciou, em 2000, seu percurso na EAD, modalidade relativamente recente no ensino de graduação no Brasil.

Presente em 88 municípios mineiros com o curso de Licenciatura em Educação Básica - Anos Iniciais do Ensino Fundamental, modalidade a distância, a UFOP atende a cerca de 3.500 professores em exercício nas redes públicas municipais de ensino. Esses professores não podem cursar uma universidade pública nas condições vigentes, visto que não podem se afastar de suas atribuições nas escolas públicas e, além disso, dificilmente conseguiriam uma vaga numa Instituição Pública de Ensino Superior, em face da elevada competitividade. Outro fator de impedimento refere-se à localização dessas instituições que, em sua maioria, se concentram nas regiões mais desenvolvidas. A EAD possibilitou a “interiorização” da UFOP e permitiu que se levasse o curso de Licenciatura a municípios distantes da sede.

Desse modo, durante minha primeira gestão como Reitor (1997-2001) da UFOP, o apoio institucional oferecido à equipe de docentes envolvidos com a EAD resultou num trabalho de grande alcance social. Enfrentando resistências no interior da própria Universidade, porém com o devido apoio institucional, que dinamicamente proporcionou as condições necessárias para a implantação do Núcleo de Educação Aberta e a Distância (NEAD), foi possível inovar e expandir a oferta de vagas na UFOP.

Na minha segunda gestão (2001-2005), foi criado o Centro de Educação Aberta e a Distância da UFOP (CEAD/UFOP), uma Unidade Acadêmica Universitária destinada a desenvolver e fomentar ações nas áreas de graduação, pós-graduação e extensão, utilizando a modalidade a distância. A relevância dessa conquista reside no fato de que institucionalmente a EAD se consolida na UFOP e abre um caminho de possibilidades para oferta de cursos na modalidade a distância.

Convidado a prefaciar este livro, que retrata o trabalho desenvolvido de 2000-2004, tendo à frente o professor Mauro Schettino de Souza, posso afirmar que a EAD representa uma esperança para milhares de professores do Ensino Básico que necessitam de formação inicial e continuada, assim como uma perspectiva de melhoria na qualidade da educação desenvolvida nas escolas.

Atender a esse segmento que se apresenta, cujas oportunidades são restritas, instituindo o novo, passível de realização, exige abandonar a tradição elitista que sempre marcou a Universidade e descobrir caminhos socialmente mais justos.

Como gestor de uma instituição pública, procurei apoiar e viabilizar ações coerentes com as necessidades da sociedade, ainda que em meio a divergências políticas e contradições próprias do meio acadêmico. Unindo esforços e superando dificuldades, a EAD tornou-se realidade, sinalizando mais um avanço na trajetória da UFOP.

Prof. Dr. Dirceu do Nascimento
Reitor da UFOP
Gestão 1997-2005

Apresentação

As inovações e mudanças que caracterizam o tempo contemporâneo trazem como conseqüência a rapidez com que as coisas envelhecem. Muitas vezes, voltamos os olhares para o novo e descartamos o velho, que, sem nem mesmo ter adquirido as marcas do tempo, se torna obsoleto e inútil, sendo, por conseguinte, substituído. A sociedade conduzida pela economia de mercado desafia-nos continuamente a dela participar, sob pena de nos tornarmos desatualizados e descontextualizados e, portanto, descartáveis também.

A realidade acerca do tempo e da volatilidade das coisas leva-nos a refletir sobre a importância do registro, da documentação da história, construída com atos e fatos, marca de incessante luta para a emergência da Educação a Distância (EAD) numa universidade pública, a Universidade Federal de Ouro Preto, cujo ensino era estritamente presencial até 2000. Analisando-se a busca da identidade para a EAD, registram-se os marcos reveladores de nossas conquistas num espaço/tempo que poderá se tornar histórico. Assim pensando, optamos por escrever este livro, desejando que ele possa auxiliar a compreensão de um tempo novo.

Escrever sobre Educação a Distância como modalidade de ensino/aprendizagem possível nas instituições públicas brasileiras de Ensino Superior é motivador e, ao mesmo tempo, desafiador. É motivador porque é uma opção que faz parte de nossa crença; desafiador, porque as experiências estão em fase de construção e/ou consolidação. Trata-se de um processo inovador no Ensino Superior e, como tal, implica romper barreiras, mudar paradigmas, implementar ações, enfrentar contradições, construir história.

Na última década, as experiências em EAD têm sido bastante significativas no Brasil. Esses resultados levam a crer que, na entrada do século XXI, há um entendimento de que a EAD pode contribuir para democratizar o acesso à educação, inclusive a superior, assim como pode representar um caminho para a educação continuada.

As discussões sobre a EAD, muitas vezes, se concentram nas características desta modalidade em contraposição às da modalidade presencial, colocando em segundo plano o essencial da educação. Se ambas, embora por caminhos diferentes, são capazes de promover a educação com a qualidade desejada, desnecessário se faz estabelecer comparações acerca de qual é melhor ou pior, pois cada uma atende a um universo de pessoas com necessidades diferentes. Hoje, o contingente das que buscam a educação, tanto inicial como continuada, é muito elevado, de modo que as duas opções, presencial e a distância, são necessárias para que o país possa superar as atuais dificuldades de oferta de vagas diante da demanda que se apresenta.

No Brasil, a EAD apresenta-se como modelo capaz de superar os déficits na área educacional, de forma que aperfeiçoar os métodos, buscar opções, trocar experiências e relatar ações bem sucedidas pode dinamizar o trabalho dos educadores envolvidos no processo.

O número de publicações sobre a EAD aumentou consideravelmente nos últimos anos e muito temos aprendido a partir dessas contribuições. Ainda assim, acreditamos serem insuficientes, pois os relatos que atendem aos diferentes e variados contextos educacionais ainda são poucos, visto que as experiências são recentes.

A introdução da EAD na UFOP ocorreu com a implantação do curso de Licenciatura em Educação Básica – Anos Iniciais, em três pólos de atuação, Nova Era, Barão de Cocais e Paraopeba. Essa ação constituiu-se num marco referencial por representar a ousadia de romper com as estruturas vigentes na UFOP. Para aqueles que acreditaram na EAD como modelo capaz de permitir a formação de professores em serviço significou ainda a ousadia e a disposição de construir novos caminhos.

No Brasil, infelizmente, a realidade socioeconômica de grande parcela da população não permite viabilizar prioritariamente a EAD com novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC). Por isso, buscar modelos que atendam às diferentes realidades é uma necessidade para fazer da educação um processo não-excludente e, de fato, contribuir para formar cidadãos aptos a participar da sociedade contemporânea.

A aquisição de experiências a partir de nossas práticas permitiu-nos ousar escrever este livro, que retrata a contribuição do Centro de Educação Aberta e a Distância da Universidade Federal de Ouro Preto (CEAD/UFOP) na formação de professores das redes públicas municipais de ensino do Estado de Minas Gerais, assim como na expansão da EAD, de modo geral. Registrar nossa história, cujo projeto saiu do papel e se transformou em ação efetiva, parece-nos relevante, pois representa também a valorização de uma das atribuições da Universidade: a formação de professores para o Ensino Básico.

Acreditando que memórias revisitadas permitem novas reflexões e novas ações para a construção de possíveis caminhos diante dos desafios enfrentados na área educacional, desejamos que este livro seja útil àqueles que já trabalham em EAD. Àqueles que ainda não despertaram para o reconhecimento das verdadeiras potencialidades da EAD desejamos, pretensiosamente, que possa ser o ponto de partida para buscas e descobertas.

No capítulo 1, procura-se ressaltar a importância da EAD no contexto da Universidade pública, como modalidade capaz de democratizar o acesso à Educação Superior.

A experiência da UFOP, utilizando a EAD na formação de professores da redes pública de municípios mineiros, é relatada no Capítulo 2.

O Capítulo 3 retrata um fragmento de experiência em EAD no curso de Licenciatura em Educação Básica – Anos Iniciais, Pólo Nova Era II. Contextualizando os conteúdos de Geografia no processo ensino-aprendizagem, busca-se ressaltar a metodologia utilizada no curso viabilizado pela modalidade a distância.

O Capítulo 4 destaca o modelo de EAD baseado em Centros de Apoio, utilizado no curso de Licenciatura em Educação Básica – Anos Iniciais da UFOP e as contribuições concretas para a formação de uma comunidade acadêmica que se familiariza com as novas tecnologias de informação e comunicação.

O Capítulo 5 aborda os desafios relativos à infra-estrutura e habilidades necessárias para a viabilização de cursos pelas novas tecnologias de informação e comunicação com base no desenvolvimento da Internet, quando se trata da formação de professores para o Ensino Básico – Anos Iniciais, modalidade a distância.

Finalmente, no Capítulo 6, discute-se a construção da identidade do estudante da EAD e as contribuições institucionais necessárias para a concretização do processo.

Os autores

Sobre os autores

Mauro Schettino de Souza – Mestre em Ciências Biológicas pela UFMG. Pertence ao quadro docente do Instituto de Ciências Exatas e Biológicas da UFOP. Foi Coordenador e Diretor do Núcleo de Educação Aberta e a Distância da UFOP, no período de abril/2000 a fevereiro/2005. schettino@nead.ufop.br

Paulo de Tarso Amorim Castro – Doutor em Geologia pela UnB. Pertence ao quadro docente do Departamento de Geologia da Escola de Minas da UFOP. Foi Coordenador da Coordenadoria de Tecnologia da Informação e Comunicação do Núcleo de Educação Aberta e a Distância da UFOP, no período de março/2004 a fevereiro/2005. paulo_de_tarso@degeo.ufop.br

Edina Setsuko Hojo – Mestre em Fisiologia pela USP, ex-professora da UFOP, colaboradora no Núcleo de Educação Aberta e a Distância da UFOP, de fevereiro/2004 a fevereiro/2005. edina@intercampo.com.br

Catarina Barbosa Torres Gomes – Especialista em Filosofia pela UFOP. É Coordenadora do Pólo Nova Era II desde julho/2004 e professora-especialista (tutora) em Filosofia, desde fevereiro/2003, no Núcleo de Educação Aberta e a Distância da UFOP. catbtorres@hotmail.com.br

Keila Deslandes – Doutora em Psicologia pela Universidade de Paris -7. Pertence ao quadro docente do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFOP. É Coordenadora do Pólo Tocantins desde abril/2003 e professora-especialista (tutora) em Psicologia, desde abril/2000, no Núcleo de Educação Aberta e a Distância da UFOP. deslandes@uai.com.br

Elinor de Oliveira Carvalho – Mestre em Língua Portuguesa pela UFMG, professora aposentada da UFOP, professora-especialista (tutora) em Linguagem no Núcleo de Educação Aberta e a Distância da UFOP, desde 2001. Responsável pela revisão deste livro. elinor@prograd.ufop.br

CAPÍTULO 1

A EAD NA UNIVERSIDADE PÚBLICA: TRANSIÇÕES NECESSÁRIAS

Mauro Schettino de Souza
Edina Setsuko Hojo

Tradicionalmente, a Universidade pública consagrou-se pela oferta de ensino presencial de qualidade. No entanto o momento vivenciado pela comunidade acadêmica, especialmente importante, exige um repensar sobre os possíveis caminhos que podem levar à Universidade do futuro: a Universidade do século XXI.

A reforma universitária já se encontra na pauta das discussões nas esferas acadêmica, governamental e da sociedade. Embora exista consenso acerca de problemas enfrentados, como falta de investimentos, necessidade de expansão, democratização do acesso, melhoria da qualidade e eficiência de gestão, as propostas de soluções suscitam ainda muitas polêmicas.

Na atualidade, os problemas enfrentados são complexos e variados, alguns decorrentes das políticas públicas adotadas nos últimos anos, como déficit orçamentário, perda gradativa do quadro docente efetivo, da autonomia universitária e dos salários, que têm resultado em perda de qualidade de alguns cursos.

Ao tratar da educação como um dos direitos sociais, Chauí (2003) afirma que, para reverter o atual quadro em que se encontra a Universidade,

> (...) será preciso, antes de tudo, que o Estado não tome a Educação pelo prisma do gasto público e sim como investimento social e político, o que só será possível se ela for considerada um direito e não um privilégio ou um serviço. (...) É pela destinação do fundo público aos direitos sociais que é medida a democratização do estado e, com ela, a democratização da universidade. (p.6)

A falta de verbas e a redução do quadro docente efetivo constituem fatores primordiais que têm impedido expansão mais expressiva do número de vagas e conseqüente absorção de maior contingente de alunos no Ensino Superior.

Paralelamente a essas dificuldades, outro fator que merece destaque é a demanda crescente por vagas na graduação. Por um lado, a ampliação do Ensino Médio foi realizada sem a devida reestruturação do Ensino Superior, de forma a absorver os egressos desse nível de ensino. Por outro, o aumento da procura por formação superior deve-se à própria dinâmica da sociedade, que tem exigido cidadãos mais bem capacitados para enfrentar o mercado de trabalho, cada vez mais competitivo.

Neste cenário permeado de dificuldades, a expansão do ensino privado foi a alternativa política adotada pelo país, para sanar o problema de falta de vagas. Hoje, cerca de 70% das vagas no Ensino Superior são oferecidas pela iniciativa privada, responsável pela oferta de 10.791 cursos de graduação, de um total de 16.453 cursos existentes (INEP/MEC – 2004).

Analisando a evolução ocorrida entre 1998 e 2002 quanto ao crescimento da oferta de cursos de graduação, Dilvo Ristoff (2003), diretor da área de Estatísticas e Avaliação do Ensino Superior do INEP, considera que "melhorar os números sem investimentos públicos significou escancarar o Ensino Superior para o setor privado". De fato, entre 1998 e 2002 foram criados 7.449 novos cursos de nível superior[1], sendo 68% ofertados pela iniciativa privada e apenas 32% pela rede pública de ensino.

Entretanto, ainda segundo Ristoff, essa expansão irá se esgotar porque está condicionada à renda da população e já se observam, no setor privado, redução na relação candidato/vaga e aumento da inadimplência. Portanto, no momento, o fortalecimento do setor público parece ser um caminho necessário.

Partindo do pressuposto de que "educação é antes de tudo um bem público e não uma mercadoria", Araújo e Ristoff (2003) acreditam que a expansão da oferta de vagas nas Instituições Federais de Ensino Superior vai exigir um grande esforço do governo, da academia e da sociedade:

> do governo, porque este precisará colocar dinheiro ao lado do discurso, pois há sabidamente uma correlação direta entre o nível de recursos, a quantidade de vagas e a qualidade da educação;
> da academia, porque esta precisará repensar as suas atitudes, muitas vezes elitistas e excludentes;
> da sociedade, porque precisamos tornar cultura a idéia de que desperdiçar cérebros é eticamente condenável e socialmente inaceitável para uma nação que se queira soberana. (p.34)

Essas afirmativas remetem a uma reflexão mais aprofundada, pois apontam para mudanças não apenas na esfera governamental, mas em todos os setores.

---

[1] De acordo com o Censo 2003 (INEP/MEC), esse número passa para 9.503 cursos, representando 72% na iniciativa privada e 28% na pública.
Disponível em: www.inep.gov.br/superior/censosuperior/default.asp

Dentre as possíveis opções para elevar a oferta de vagas e permitir o acesso ao Ensino Superior, a Educação a Distância (EAD) mostra-se como alternativa viável para um país com características geográficas e socioeconômicas tão diversas como é o Brasil.

A expansão EAD, como modalidade viável para atender a um contingente maior de pessoas que desejam estudar, verifica-se principalmente a partir da criação da United Kingdon Open University (UKOU), na Grã-Bretanha, em 1969. De um modelo que se propunha a atender àqueles que se encontravam geograficamente distantes dos grandes centros educacionais, a EAD passa a ser uma opção de múltiplas possibilidades. Fazendo da educação um processo inclusivo, possibilita o ingresso daqueles que, por motivos variados, ficaram à margem dos sistemas educacionais. Além disso, viabiliza a educação para aqueles que, devido às atividades diárias, têm a falta de tempo como fator limitante para participação em cursos presenciais.

Nas últimas décadas, a EAD deu um salto tanto quantitativo quanto qualitativo. O crescimento quantitativo deve-se principalmente à incorporação de novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC) ao sistema educacional. Do ponto de vista qualitativo, verifica-se que a EAD também foi aprimorada pela introdução de novas metodologias de ensino, levando a modalidade a distância a proporcionar um ensino qualitativamente equiparável ao ensino presencial.

Entretanto, no Brasil, a educação viabilizada pelas novas tecnologias é um caminho difícil em face da realidade socioeconômica da população, em geral. Na busca de possibilidades, o sistema de tutoria presencial associada à tutoria a distância, utilizando impressos, TV, áudio e vídeocassetes e recursos de comunicação mais simples, como correio postal, telefone e fax, mostra-se efetivo, tornando, dessa forma, a educação um processo mais democrático.

Rompendo com o tradicionalismo do ensino estritamente presencial e rompendo também com o tradicionalismo dos “pacotes instrucionais”, a EAD, na entrada do novo milênio, compreende a educação como um processo que respeita o espaço/tempo de cada aprendiz e tem como premissa básica torná-lo autônomo, livre para buscar e construir seu conhecimento. Nessa jornada, o aprendiz contribui para a formação de uma sociedade que precisa cada vez mais de pessoas comprometidas com o futuro de si mesmas e de todos.

Em resumo, a EAD dos novos tempos constitui uma alternativa educacional, porém não apenas revestida com uma “roupagem nova”, ancorada pelas NTIC. Viabilizada por novas propostas de ensino, torna-se capaz de trazer mudanças significativas à área educacional.

No Brasil, a EAD ganhou grande impulso na última década. O crescimento pode ser atribuído a três fatores fundamentais: a promulgação da LDB 9394/96, a necessidade de formação, em nível superior, de professores para o Ensino Básico e a crescente introdução das NTIC no sistema educacional.

Após a promulgação da LDB 9394/96, a formação em nível superior de professores para o Ensino Básico passa a ser uma diretriz. As estatísticas revelam a existência de mais de 800 mil professores em exercício, só no Ensino Fundamental, que não possuem curso superior (INEP/MEC 2003). O prazo estipulado, nas disposições transitórias, para o cumprimento da LDB 9394/96 esgotar-se-ia em 2007, porém foi estendido para 2011 (PNE, 2001). Essas diretrizes fizeram surgir um novo segmento de demanda para as Instituições de Ensino Superior, pressionando ainda mais a necessidade por vagas.

Ao ser incluída na mais recente LDB (LDB 9394/96), a EAD foi promovida, pois, a modalidade de ensino amparada pela lei, passando a fazer parte do ensino formal do país. Esse reconhecimento legal (Art. 80 da LDB 9394/96) motivou e agilizou sua regulamentação por meio do Decreto N° 2494/98. No mesmo ano, a Portaria 301/98 veio complementar a legislação para a EAD, ao dispor sobre o credenciamento das instituições ofertantes de cursos na modalidade a distância. Ainda que a normatização seja incompleta e apresente falhas, pode-se afirmar que há uma legislação para essa modalidade de ensino (Fragale Filho, 2003). Tais conquistas foram fundamentais para motivar a oferta de cursos, incentivando a formação inicial e continuada.

Um segundo fator que contribuiu para a presença da EAD em cursos superiores é a exigência relativa à formação de professores para o Ensino Básico, como já foi dito. Nas disposições transitórias da LDB, o Art. 87 § 3°, III determina que “cada município e, supletivamente o Estado e a União deverá realizar programas de capacitação para todos os professores em exercício, utilizando também, para isto, os recursos da Educação a Distância".

Considerando o elevado número de professores do Ensino Básico que precisam se capacitar em nível superior, algumas instituições se propuseram a ofertar cursos de Licenciatura em Educação Básica – Anos Iniciais (também denominados Pedagogia ou Normal Superior) na modalidade a distância. É importante pontuar a iniciativa da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), que, antecipando-se à promulgação da LDB 9394/96, implantou o Curso de Licenciatura Plena em Educação Básica – 1ª a 4ª séries, modalidade a distância, em 1995. A UFMT tornou-se, assim, pioneira no Brasil na oferta da graduação a distância, estendendo suas ações a todo o Estado do Mato Grosso. Destacar esse marco histórico é reconhecer a importância que o fato representou para a implantação dessa modalidade nas Instituições de Ensino Superior.

Ainda hoje, os professores do Ensino Básico representam o maior contingente de alunos que estudam a distância, em cursos de graduação. O levantamento realizado por Vianney *et al* (2003), mostra que 80% dos alunos a distância estão matriculados em cursos de Licenciatura.

O terceiro aspecto importante que contribuiu para a expansão da EAD é a crescente introdução das NTIC no setor educacional. As possibilidades de oferta de cursos pela Internet (*on line*) já fazem parte da realidade educacional brasileira, atendendo a uma clientela diferenciada, cujo poder aquisitivo permite o acesso ao mundo digital.

Apesar de todas essas constatações, o crescimento da EAD no Brasil ainda é extremamente tímido, em vista de suas possibilidades e potencialidades. Assim, detectar as causas e entendê-las pode ajudar a buscar caminhos para romper a inércia e contribuir de forma efetiva para a inserção da EAD no sistema de ensino público.

Nas Instituições Públicas de Ensino Superior, as causas que impedem a expansão da EAD esbarram, em primeira instância, na falta de investimentos, seja de infra-estrutura, seja de quadro docente. Os cursos de Licenciatura oferecidos na modalidade a distância para professores em exercício nas redes públicas são viabilizados com a participação dos governos municipal e estadual, visto que não há incentivo federal[2] para o desenvolvimento desses projetos.

Em relação ao quadro docente que trabalha na modalidade a distância, em geral é constituído por docentes que atuam no ensino presencial e que se dispõem a trabalhar em ambas as modalidades. Na Universidade, a inexistência de políticas públicas nesse sentido gera dificuldades já que, no contexto tradicionalmente presencial, as atividades realizadas na modalidade a distância não são consideradas práticas docentes regulares.

Fruto de experiências desenvolvidas a partir de projetos implementados por grupos de docentes, a consolidação e legitimação da EAD resulta, assim, de um movimento que surge no interior das instituições e cria as condições necessárias para essa expansão. A incorporação definitiva da EAD ao ensino superior público requer, portanto, a formulação de políticas capazes de agilizar e convergir ações que propiciem a emergência de uma nova realidade, de convivência harmônica e mesclada entre os ensinos presencial e a distância.

Além desses problemas, um fator crítico é romper com os preconceitos ainda existentes em relação à modalidade a distância. Tradicionais em seu modo de ser e de fazer, a Universidade pública está sendo convocada a repensar o seu papel no contexto da sociedade, em função das novas demandas sociais. A reforma do Ensino Médio e as exigências impostas pelo mercado de trabalho são fatores que devem ser considerados. O contingente da população que necessita de Educação Superior aumentou e aumentará muito nos próximos anos. Hoje, apenas 9% da população de 18 a 24 anos têm acesso a esse nível de ensino. Segundo Araújo e Ristoff (2003), “desperdiçar cérebros é eticamente condenável e socialmente inaceitável”. Sendo assim, cabe à Universidade repensar seu papel e buscar paradigmas que a legitimem como instituição promotora do saber e difusora do conhecimento.

Lobo Neto (2001) afirma:

---

[2] Somente em 2004 a SEED/MEC iniciou o financiamento de projetos de cursos de graduação a distância para formação de professores do ensino Básico.

> A função social da educação é muito concreta e está necessariamente vinculada ao processo de conquista e exercício da cidadania plena por todos os membros de uma sociedade que se quer, intransigentemente democrática. Ora, a Educação a Distância é estratégia que amplia o acesso à educação e, como tal, pode e deve aprofundar o compromisso do projeto pedagógico com o projeto histórico, político e social de uma nação. (p.68)

Enfatizando, portanto, a importância do comprometimento do projeto pedagógico com o projeto de uma nação, o autor chama a atenção para a qualidade da educação que se deseja promover, aspecto fundamental para se atingirem os objetivos educacionais propostos, que vão além dos aspectos quantitativos.

Sem dúvida, o projeto pedagógico pautado em critérios e parâmetros de qualidade associado ao compromisso social é que fará da EAD uma modalidade equiparável à presencial.

Ainda segundo Lobo Neto,

> Para exercer esse papel, a educação a distância não pode ser concebida fora do projeto pedagógico e muito menos apresentada como um sucedâneo de segunda classe da educação presencial. Por isso é que não se pode admitir a concepção errônea que vê a função social da Educação a Distância restrita à ampliação do número dos que têm acesso à educação. (p.68).

Atualmente, analisando-se a EAD, dois fenômenos distintos podem ser observados: o crescimento ainda lento de cursos destinados à formação inicial e, em contraposição, o crescimento relativamente acelerado de cursos de atualização.

Estes, em sua maioria, são ofertados pela Internet e visam a atender a um público que tem necessidade de renovar suas competências profissionais. Geralmente são cursos de curta duração, relativamente caros, direcionados àqueles que já estão no mercado de trabalho, têm familiaridade com as NTIC e possuem renda suficiente para investir na própria formação.

Para esse público, realizar cursos pela Internet representa comodidade, seja por questões relacionadas ao pouco tempo de que dispõe, seja por problemas de locomoção até os centros em que são ofertados os cursos. São pessoas que possuem domínio e recursos tecnológicos necessários à realização de cursos *on-line*, o que representa uma forma econômica e confortável de estudar.

Esse perfil de “clientela” constitui o foco definidor de um segmento educacional capaz de movimentar elevado montante de recursos e de representar investimento de alta rentabilidade para instituições privadas de ensino.

Embora a EAD se constitua em modalidade capaz de atender a amplo universo de pessoas que, por diferentes razões, não podem freqüentar cursos tradicionais (presenciais), não é o modelo viabilizado por computador que tem proporcionado a democratização do acesso à educação superior.

Segundo Rumble (2003),

> (...) demandas não constituem necessariamente um mercado. Para tanto, seria necessário que existissem compradores, reais ou potenciais, de um produto ou serviço, e que considerassem essa compra como um modo de satisfazer suas necessidades (p. 24).

Sob a ótica exclusivamente mercadológica da educação, esse autor descreve a gestão dos sistemas de ensino a distância que usam o modelo capitalista de produção, em que os alunos seriam os consumidores de determinado produto e as instituições, os “fornecedores”.

Partindo dessas considerações e tecendo um paralelo em relação à formação superior de professores para o Ensino Básico, observa-se elevada demanda que não constitui um mercado. Professores em exercício nas redes públicas de ensino não são “compradores reais ou potenciais” de um produto ou serviço. Se assim fosse, certamente o Brasil estaria em vias de solucionar os graves problemas que afetam a educação brasileira .

Desse modo, a EAD caminha em duas vertentes diferenciadas. De um lado, estão aqueles que possuem condições financeiras para investir em sua formação continuada e optam por cursos a distância *on-line*; de outro, aqueles que dependem das instituições públicas de ensino para realizar sua formação.

É nesse contexto que a emergência da EAD, particularmente na Universidade pública, se torna especialmente relevante, pois possui o potencial necessário para democratizar o acesso à Educação Superior.

Entretanto romper com as tradições elitistas que marcam a história da Universidade não é tarefa fácil de se realizar.

Para Boaventura Santos (2003), a Universidade vive hoje uma tripla crise: a de hegemonia, a de legitimidade e a institucional. A crise de legitimidade coloca em causa o espectro social dos destinatários dos conhecimentos produzidos. Afirma o autor:

> Quando a procura de educação deixa de ser uma reivindicação utópica e passa a ser uma aspiração socialmente legitimada, a Universidade só pode legitimar-se satisfazendo-a. (p.211).

Resultado da luta pelos direitos sociais, econômicos e humanos, entre os quais o direito à educação, tal reivindicação pressiona a Universidade a buscar soluções para legitimar-se, como produtora e disseminadora de conhecimentos.

Para compatibilizar a democratização do acesso sem abrir mão do elitismo, a Universidade diferenciou-se e estratificou-se, segundo o tipo de conhecimentos produzidos e a origem social do corpo estudantil, entre a de elite e a de massas, entre cursos de grande prestígio e cursos desvalorizados, entre estudos sérios e cultura geral (Santos, 2003).

Caracterizando a Universidade pautada na ciência pós-moderna, Boaventura Santos destaca a necessidade de se promover dupla ruptura epistemológica, priorizando a racionalidade moral-prática e a racionalidade estético-expressiva sobre a racionalidade cognitivo-instrumental, hoje dominante no âmbito universitário:

> (...) a Universidade deve ser o ponto privilegiado de encontro de saberes. A hegemonia da Universidade deixa de residir no caráter único e exclusivo de saber que produz e transmite para passar a residir no caráter único e exclusivo da configuração de saberes que proporciona. (p.224)

Essas considerações sinalizam uma crise decorrente das contradições conjunturais, cuja solução só emergirá na medida da disposição de romper com os paradigmas vigentes e aceitar novos paradigmas.

A LDB 9394/96 introduz mudanças significativas no sistema educacional, ao permitir a diversificação, nela incluída a educação a distância.

A Universidade pública pode utilizar-se dessa modalidade de ensino para democratizar o acesso, mas sem diferenciação e sem estratificação, ao oferecer uma educação com a qualidade desejada, contribuindo para o restabelecimento de sua hegemonia pautada em novas racionalidades, prerrogativa básica para sua projeção na pós-modernidade.

Segundo Maculan (2004), a reforma universitária proposta pelo Ministério da Educação tem como pressuposto fundamental a concepção de que a produção de saberes deve estar democraticamente a serviço do desenvolvimento do país e da inclusão social. O autor afirma:

> Para nós, reinventar a Universidade é construir nela o espaço público de educação e formação de cidadãos que sejam capazes de responder aos desafios postos por nosso tempo. Essa Universidade reinventada será capaz de formar cidadãos em condições não só de atuar nas comunidades locais, mas também de compreender o contexto sócio-cultural no qual se inserem; uma universidade que se reinventa para a solidariedade e a partilha de saberes. (p.5)

Reportando-se ainda às condições atuais dessas instituições, Maculan considera que vivem “uma profunda crise de identidade, na medida em que perderam a sintonia com a realidade que as circunda e justifica”.

Assim, necessário se faz que a Universidade deixe o isolamento para responder às exigências da sociedade contemporânea, sintonizando-se com os novos tempos e atendendo aos ideais comunitários.

Na sociedade globalizada e centrada no conhecimento, a educação é um dos pilares de sustentação do desenvolvimento de qualquer nação que se queira projetar na pós-modernidade. Desse modo, a Universidade, como instituição social promotora da educação, precisa repensar o seu papel diante da sociedade que a mantém e a justifica. Detentora do conhecimento que produz, assume, ao colocar o poder de disseminação desse conhecimento a serviço da sociedade, responsabilidade e compromisso com as gerações atuais e futuras.

Como qualquer processo que se reveste do “novo”, a inserção da EAD na Universidade pública, tradicionalmente de ensino presencial, implica mudanças, gera contra-movimentos e impõe desafios. Os desafios são, portanto, de diversas ordens: os que implicam romper barreiras, promover mudanças e estabelecer novos paradigmas e os que são inerentes ao novo processo em construção. Essa árdua tarefa de ruptura e construção exige grande esforço dos protagonistas envolvidos com a EAD, que, movidos por suas aspirações e crenças, buscam por outros caminhos.

A introdução da EAD na Universidade pública não vem se fazendo de forma planejada, mas com base em iniciativas isoladas, como modalidade alternativa de educação. Esse fato tem gerado grandes dificuldades que precisam ser superadas. Hoje, o MEC já começa a conceder financiamento para programas de EAD cujo objetivo é a formação de professores para Educação Básica.

Para o Brasil, país continental de imensas distâncias geográficas e grandes diferenças socioeconômicas e regionais, adotar a EAD como modalidade educacional capaz de superar distâncias e aumentar a igualdade de oportunidades é um caminho inequívoco, tomando-se como base as experiências de países que foram capazes de superar suas dificuldades educacionais.

Belloni (1999) afirma o seguinte:

> A EaD tende doravante a se tornar cada vez mais um elemento regular dos sistemas educativos, necessário não apenas para atender a demandas e/ou grupos específicos, mas assumindo funções de crescente importância, especialmente no ensino pós-secundário, ou seja, na educação da população adulta, o que inclui o ensino superior regular e toda a grande e variada demanda de formação contínua gerada pela obsolescência acelerada da tecnologia e do conhecimento. (p.4)

Entretanto, após mais de uma década de discussões, a Universidade brasileira ainda se encontra em transição para um modelo misto de atuação, ou seja, continua discutindo a pertinência ou não da EAD nas instituições caracterizadas tradicionalmente pelo ensino presencial. Assim, embora as propostas já não possam ser consideradas novas, os desafios persistem.

Acreditando que os ensinos presencial e a distância representam modalidades complementares, ao atender alunos com necessidades distintas, as instituições que estão investindo em EAD podem ser consideradas instituições mistas ou integradas (Belloni, 1999). A multiplicidade de atendimento, característica de instituições mistas, proporciona o fortalecimento do processo educativo, democratizando e expandindo o Ensino Superior.

Entretanto é importante salientar que democratizar não significa solucionar uma questão simplesmente estatística da educação. Como bem aponta Luckesi (2001),

> Democratização da educação significa acesso, permanência e qualidade. Para que a educação intencional seja democratizada é preciso que todo cidadão efetivamente tenha acesso a ela; ter acesso é o início, importa permanecer e aprofundar no seio da cultura que se veicula através dessa educação. Por último, é preciso ter o acesso e permanência em algo de qualidade satisfatória. (p.42)

Por isso, romper com as forças conservadoras e instituir forças transformadoras permite à Universidade renovar-se e inovar, adequando-se às necessidades de um novo tempo. Portanto, a introdução da EAD provoca um momento de tensão e conflito, inerente a qualquer processo de mudança que, compreendido como momento de transições necessárias, remete à espera do tempo necessário, sem, contudo, impedir que novas ações sejam implementadas. Ao contrário: é esse contínuo caminhar que vem consolidar o novo tempo, tempo de desconstrução, reconstrução e transformação não só para atender às necessidades contemporâneas, mas também para contribuir na formação de uma sociedade mais justa e eqüitativa. A EAD, no sistema público de ensino, pode representar um projeto de grande alcance social, capaz de derrubar os “muros” que delimitam a Universidade, divisor entre aqueles poucos que estão do lado de dentro e a grande maioria que não consegue ultrapassá-los.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Luiz & RISTOF, Dilvo Missão inadiável. In: *Revista Universidade XXI*, ano I, Nº 2. Brasília: MEC, 2003

BELLONI, Maria Luiza *Educação a Distância*. Campinas, SP: autores Associados, 1999.

BRASIL, Congresso Nacional – Lei Nº 10.172, de 09 de janeiro de 2001. Plano Nacional de Educação.

CHAUÍ, Marilena Sociedade, Universidade e Estado: autonomia, dependência e compromisso social. In: *Seminário: Universidade: Por que e como reformar?* MEC/SESu, 2003.

FRAGALE FILHO, Roberto (org) *Educação a Distância: análise dos parâmetros legais e normativos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LOBO NETO, Francisco José da Silveira Educação a distância: função social. In: Lobo Neto, Francisco J.S. *Educação a Distância: referências & trajetórias*. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Tecnologia Educacional; Brasília: Plano Editora, 2001.

LUCKESI, Cipriano Carlos Democratização da Educação: Ensino a Distância como alternativa. In: Lobo Neto, Francisco J.S. *Educação a Distância: referências & trajetórias*. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Tecnologia Educacional; Brasília: Plano Editora, 2001.

MACULAN FILHO, Nelson O papel da Universidade. In: *Cadernos do MEC*. ano I, Nº 1. Brasília: MEC, 2004.

RISTOF, Dilvo Censo Universitário - Mais vagas no Sul e Sudeste. In: *Revista Universidade XXI*, ano I, Nº 2. Brasília: MEC, 2003

RUMBLE, Greville *A gestão dos sistemas de Ensino a Distância*. Tradução de Marília Fonseca. Brasília:Editora Universidade de Brasília: Unesco, 2003.

SANTOS, Boaventura de Souza *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

VIANNEY, João; TORRES, Patrícia Lupion & SILVA, Elizabeth Farias de *A Universidade Virtual do Brasil: o ensino superior a distância no país*. Tubarão, SC: Ed. Unisul, 2003.

CAPÍTULO 2

A EAD NA UFOP: construção e trajetória

Mauro Schettino de Souza

> *Con la educación a distancia ampliamos las oportunidades de aprendizaje, de capacitación, y en definitiva, de progreso de los pueblos. El efecto multiplicador que encierra en sí la educación a distancia, ayudará, sin duda, a que los habitantes que ahora coexistimos en la 'aldea global' podamos también convivir, porque habremos aumentado la capacidad individual de conocimiento, imprescindible y necesaria para llegar a la aspiración universal de un mejor conocimiento, comprensión y aceptación entre las diversas formas de interpretar la vida, de organizar la sociedad, o de manifestar la cultura. (Castillo Arredondo, p.16)*

O novo cenário em que se configura a sociedade com a globalização da economia, tem exigido cidadãos mais bem preparados para ingressar no mercado de trabalho, em virtude da elevada competitividade e da mudança nas relações de trabalho.

Conforme o veiculado e largamente difundido, na sociedade contemporânea "só haveria lugar para o trabalhador escolarizado, educado, preparado para trabalhar em equipe, com capacidade de iniciativa e de espírito crítico" (Facci, 2004). A aquisição e o desenvolvimento dessas habilidades e capacidades são exigidos da escola, como instituição social incumbida de promover a educação e "formadora por excelência".

No entanto a escola ganha visibilidade exatamente por não responder às funções que lhe têm sido outorgadas, sendo continuamente cobrada pela sociedade. Comungando com as críticas realizadas por diversos autores ao modelo neoliberal, Facci (2004) considera que não é a escola que irá resolver os múltiplos problemas da sociedade, como desemprego, desigualdades e exclusão social, ou seja, a educação por si só não resolverá esses problemas decorrentes de um modelo que privilegia a minoria que detém o poder econômico e político.

Sem dúvida, melhorar o acesso e a qualidade da educação que é desenvolvida em todos os níveis contribuirá para redução das desigualdades e aumento das chances de cada indivíduo, num contexto histórico marcado pela competitividade, não significando, porém, garantias de inserção no mercado de trabalho. Hoje é crescente o número de profissionais qualificados e experientes sem emprego e em busca de oportunidades. Como condicionante para se inserir na atual "sociedade da informação e/ou do conhecimento", a busca acelerada pela educação inicial e continuada coloca na pauta das discussões, dentre os múltiplos aspectos, as condições de acesso e a qualidade da educação oferecida pela escola, bem como a competência do professor.

Discutindo sobre o trabalho deste, Facci (2003) afirma:

> Numa sociedade em mudança constante, novas funções colocam-se para serem assumidas pelos professores, não só do ponto de vista de uma reflexão e análise pedagógica, como a partir de instâncias político-sociais. O professor, em muitas ocasiões é encarado como o 'vilão' de todas as mazelas que povoam o espaço intra-escolar, tais como: o descompasso entre os objetivos do ensino formalmente estipulados e a 'tarefa' realizada; o fracasso escolar; os problemas de indisciplina e mesmo a violência na escola; as dificuldades de aprendizagem e, ainda, outras problemáticas enfrentadas nas instituições educativas. (p.21)

Ao lado dessas questões, a sociedade cobra ainda a valorização da escola pública e a contribuição desta para a cidadania, além de garantias de acesso e permanência dos alunos.

Diante dessas demandas, as reformas introduzidas na Educação Básica tornaram-se abrangentes e passaram a exigir professores cada vez mais qualificados e aptos a responder aos desafios postos.

Segundo Oliveira (2004),

> (...) por força muitas vezes da legislação e dos programas de reforma, os trabalhadores docentes se vêem forçados a dominar práticas e saberes antes desnecessários ao exercício de suas funções. A pedagogia de projetos, a transversalidade dos currículos, as avaliações formativas, enfim, são muitas as novas exigências que esses profissionais se vêem compelidos a responder. Sendo apresentados sob o manto da novidade, essas exigências são tomadas como um imperativo por esses trabalhadores. (p.34)

Completando esse quadro problemático e desafiador, está a baixa remuneração da categoria e a ausência de um plano de carreira coerente, acentuando ainda mais as dificuldades do profissional docente, que se sente desvalorizado e desmotivado.

Nessas circunstâncias, o final da década de 90 pode ser considerado importante em relação à Educação Básica, trazendo à tona velhas questões e introduzindo novas, especialmente no que se refere à formação de professores.

A promulgação da nova legislação para a Educação Brasileira (LDB 9394/96) contemplando significativamente o Ensino Básico, estabelece exigências com relação à formação de professores (Art. 62) e estipula prazos (Art. 87) para a habilitação em nível superior.

As exigências contidas na LDB 9394/96 são consideradas pertinentes e coerentes com as demandas da sociedade contemporânea, porém a falta de planejamento associada à falta de investimentos governamentais ocasionou um grande desafio para as instituições públicas de Ensino Superior, que, embora capazes de promover a formação de professores, não encontravam maneira de viabilizar uma tarefa de tal dimensão.

Buscando encontrar soluções, algumas, seguindo o caminho iniciado pela Universidade Federal do Mato Grosso, começaram a ofertar o curso de Licenciatura em Educação Básica – Anos Iniciais (também denominados de Normal Superior ou Pedagogia) na modalidade a distância, para professores em exercício nas redes públicas de ensino.

Entretanto, apesar da legislação (LDB 9394/96, Decreto Nº 2494/98, Portaria 301/98, Portaria 2.253/01), a EAD ainda é considerada alternativa de educação, preconceituosamente entendida como de qualidade inferior à presencial, em função de sua história e das circunstâncias em que muitos projetos foram desenvolvidos. A ausência de políticas públicas para EAD, capazes de fomentar e permitir a continuidade de muitos programas, impediram a consolidação das experiências que se mostraram significativas nessa área, permanecendo assim apenas iniciativas isoladas.

Desse modo, mudar a representação social que se faz da EAD não é fácil, visto que mesmo uma parcela significativa de docentes das instituições ofertantes de cursos a distância tem idéias negativas pré-concebidas com relação à modalidade.

Apresentada como modalidade alternativa, longe de significar educação de qualidade inferior à tradicional, a EAD representa uma forma de se promover educação para uma população que, de outro modo, não poderia ter acesso a escola.

Segundo Gutierrez e Prieto (1994),

> Toda pergunta sobre o alternativo é uma pergunta sobre o futuro. De nada valeria dedicar uma análise aos objetivos de formas diferentes de educação, se esta não estivesse ligada a uma reflexão sobre as possibilidades num mundo como o nosso. O alternativo só é possível se houver perspectiva de futuro. É aí que encontramos o sentido para uma educação alternativa. (p.31)

Adequando essas palavras ao processo de inserção da EAD nas universidades públicas, como modalidade capaz de ampliar o acesso ao ensino superior, refletir sobre suas possibilidades numa perspectiva de futuro é dar-lhe o sentido necessário. E é neste contexto que as instituições que trabalham com EAD têm o compromisso de fazer de seus projetos referências para a construção de uma identidade para ela.

Neves (2003), em referência à EAD, afirma o seguinte:

> As técnicas, tecnologias e métodos de educação a distância têm sido incorporados pelas melhores Universidades do mundo em seus cursos presenciais. Essa forte tendência sinaliza, para um futuro próximo, o crescimento da educação combinada – a que harmoniza presença e distância – balanceando-as de acordo com a natureza do curso e as necessidades do alunado. Em outras palavras, em algum tempo, não mais usaremos essa distinção tão comum hoje em nosso vocabulário: falaremos em educação sabendo que ela incorpora atividades de aprendizagem presenciais e atividades de aprendizagem a distância. (documento sem paginação)

Nesse sentido, a Portaria 2.253 de 18 de outubro de 2001, que permite a oferta de disciplinas (em até 20%) utilizando método não-presencial (Art.1º §1º) vem incentivar a integração da modalidade, ainda hoje considerada alternativa ao ensino tradicionalmente presencial.

Se a emergência da EAD nas Instituições Públicas de Ensino Superior constitui um desafio, o outro é o modelo pautado nas novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC). Embora a EAD mediatizada pelas mais novas tecnologias seja idealizada por muitos , essa conquista ainda está longe de se tornar realidade, quando se fala em democratização da educação.

Reportando-se às dificuldades e "possibilidades técnicas e sociopolíticas" em relação à EAD, Lynn e Alves (2003) afirmam o seguinte:

> (...) somos conscientes de que todo esse processo de transformação tecnológica está estruturalmente atrelado às

> necessidades econômicas do sistema de produção e reprodução de capital de nossa época, sistema este que sobrevive também da exploração de boa parcela da população mundial e das desigualdades econômicas. Isso faz com que os avanços tecnológicos não sejam acompanhados de avanços sociais significativos. A tendência, portanto, é que as potencialidades trazidas pelas tecnologias sejam aplicadas a partir de um universo de contradição social já existente e estruturada, a menos que haja uma transformação (mesmo que parcial) do próprio sistema. O que não significa, por sua vez, que não possamos ter avanços diferenciados em diversas áreas. E a educação é uma das áreas que mais tem a lucrar. *(p.17)*

De fato, as tendências apontam para o uso intensivo das tecnologias no universo de contradição já estabelecido. Porém cabe pontuar que, se existe alguma expectativa de mudança, ela só se realizará na medida em que houver maiores e melhores oportunidades educacionais para uma população excluída e explorada, em detrimento da minoria que detém o poder econômico e as mais novas tecnologias. Por isso, tão relevante quanto democratizar o acesso à educação é promover a inclusão digital daqueles que ainda se encontram à margem do processo, reduzindo as desigualdades num mundo de tão acentuadas diferenças econômicas, sociais e culturais.

Buscando compreender um pouco mais da utilização das NTIC, é interessante atentar para os questionamentos realizados por Kenski (2003), acerca do uso que se faz delas. Para a autora, os educadores precisam ter posicionamento crítico diante do novo contexto social, econômico e cultural que se apresenta. Não se trata de ser contra ou a favor das tecnologias na educação, mas de saber utilizá-las de forma crítica, visando à “formação do cidadão brasileiro que também possa ser um cidadão do mundo, e não apenas preparar o trabalhador ou o consumidor das novas tecnologias”.

É nesse cenário permeado de contradições que se apresenta o trabalho realizado pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), modesto talvez, porém significativo no contexto do Estado de Minas Gerais, especialmente na formação de professores para o Ensino Básico.

Castillo Arredondo (2003) afirma o seguinte:

> Cuando la educación a distancia se hace presente en una institución o en una sociedad en general, debe saber responder

> a unas preguntas, cuyas respuestas sean su carta de presentación. Cada entidad o institución debe dar sus respuestas de forma individualizada, aunque en algunos aspectos se puedan considerar que son respuestas comunes o universales. (p.16)

Levando em consideração essas palavras e fazendo da experiência adquirida pelo Centro de Educação Aberta e a Distância da UFOP (CEAD/UFOP) sua “carta de apresentação”, neste capítulo pretende-se fazer o relato da implantação e desenvolvimento da EAD na UFOP. Ainda que aborde aspectos que podem ser considerados “comuns ou universais”, porém partindo do pressuposto de que cada experiência é única e pode contribuir para o fortalecimento da EAD no Brasil, em particular nas universidades públicas, o texto está organizado conforme as questões levantadas por Castillo Arredondo: para que, por que, para quem e como se organiza a EAD; com que meios e recursos financeiros, materiais e humanos se realiza a EAD.

Na UFOP, a EAD foi implantada a partir da iniciativa de um grupo de docentes que, diante do elevado número de professores do Ensino Fundamental do Estado de Minas Gerais que necessitavam de formação em nível superior para continuar atuando nas escolas, decidiu investir na modalidade a distância. Ao atender aos professores das redes municipais de ensino impedidos de freqüentar um curso estruturado nos moldes presenciais, a UFOP, adotando a modalidade a distância, poderia ampliar seu campo de atuação e promover sua interiorização.

Diante de um quadro pouco promissor em relação à melhoria da educação promovida nas escolas públicas, investir na formação de professores, resgatando uma antiga atribuição da Universidade, é reforçar seu papel e sua contribuição à sociedade.

A partir da promulgação da atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), a procura por cursos de capacitação de professores aumentou muito, tendo em vista o enorme contingente de professores que atuavam na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, sem a devida habilitação em nível superior. Preocupados em cumprir as determinações contidas na referida lei, gestores de municípios mineiros passaram a solicitar à UFOP a oferta de cursos de graduação para os professores pertencentes à rede de ensino de seus municípios.

Em convênio com a Prefeitura Municipal de Itabirito, em 1998, a UFOP iniciou os cursos de Licenciatura em Matemática e em Ciências Biológicas, para professores da rede pública, ambos desenvolvidos no período noturno e na modalidade presencial, no município conveniado, dada a proximidade geográfica com a UFOP. Essa iniciativa propiciou ainda a criação do curso de Licenciatura em Ciências da Natureza e Matemática, em 1999, ofertado aos municípios de Itabirito e Santa Bárbara, em período noturno e na modalidade presencial. Desse modo, permitiu-se aos professores do Ensino Básico realizar sua formação sem se afastar do trabalho nas escolas.

Considerando as poucas iniciativas das universidades públicas mineiras, no sentido de contribuir para a formação superior dos professores do Ensino Básico, essas ações preliminares da UFOP desencadearam uma grande demanda por parte das prefeituras municipais. Impossibilitada de atender a tal demanda, cada vez mais crescente, a UFOP encontrou na própria LDB 9394/96 uma possibilidade de solução para o problema: investir na EAD, como forma de capacitar esses professores.

Motivada pelas transformações que a EAD poderia proporcionar no sistema educacional, ao atender a uma parcela do grande contingente de professores de municípios mineiros que deveriam se capacitar em nível superior, a UFOP iniciou sua jornada nessa modalidade. Para viabilizar o processo, estabeleceu convênios com prefeituras municipais e também com a UFMT, em face das dificuldades financeiras que persistiam e ainda persistem nas universidades públicas, em geral.

Assim, compartilhando espaços, recursos e professores do ensino presencial, em 2000, foi criado o Núcleo de Educação Aberta e a Distância (NEAD/UFOP), vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da UFOP (Resolução CEPE Nº 1.705/2000). Juntamente com a institucionalização do Núcleo, foi aprovado o Curso de Licenciatura em Educação Básica – Anos Iniciais do Ensino Fundamental, modalidade a distância.

Em outubro de 2001, a Comissão nomeada pela SESu/MEC visitou o NEAD/UFOP para realizar a “Avaliação das condições iniciais para o credenciamento da Instituição, para a oferta do curso de Licenciatura em Educação Básica – Anos Iniciais, modalidade a distância”. Pela Portaria Nº 437 de 15 de fevereiro de 2002, o MEC credenciou a UFOP, pelo prazo de 5 anos, para a oferta do referido curso, com meta estimada em 8 mil vagas a serem preenchidas nesse prazo. Finalmente, pela Portaria N° 465 de 04 de fevereiro de 2005, o curso foi reconhecido pelo prazo de 5 anos pelo MEC.

Paralelamente, em 19 de dezembro de 2003, o NEAD foi transformado em Centro de Educação Aberta e a Distância (CEAD) pela Resolução CUNI Nº 625/03, passando a constituir uma unidade acadêmica universitária, com o objetivo central de articular e fomentar ações relativas à modalidade a distância na UFOP.

As diretrizes políticas que norteiam o CEAD/UFOP pautam-se nas atuais necessidades de se introduzirem mudanças na estrutura universitária, de modo a ampliar o número de vagas e democratizar o acesso à educação superior. Além disso, constitui objetivos da unidade contribuir para a introdução de disciplinas a distância nos cursos presenciais e ofertar cursos de aperfeiçoamento e especialização, pela modalidade a distância, incentivando a educação continuada.

Nessa perspectiva, o “Projeto Itacolomi” do CEAD/UFOP destina-se à formação inicial e continuada de professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental das redes públicas.

Partindo do princípio de que o sucesso de um programa de EAD depende não só da consistência dos projetos político-pedagógicos do curso mas também da infra-estrutura física, dos sistemas de informação e comunicação, dos recursos financeiros e educacionais, conforme está apontado nos Referenciais de Qualidade para Cursos a Distância (Neves, 2003), a equipe do CEAD/UFOP trabalha nas diversas frentes, visando à consolidação e ampliação.

Atualmente, o CEAD/UFOP, cuja sede está localizada no Campus Morro do Cruzeiro da UFOP, município de Ouro Preto, está organizado conforme o organograma apresentado na Figura 1, composto de uma diretoria, cinco coordenadorias e uma secretaria.

Diferentemente do ensino presencial, essa modalidade envolve uma complexa rede para “fazer a Universidade chegar até o aluno que estuda a distância”. Dessa rede participam coordenadores de pólo, professores especialistas de conteúdos específicos (tutores), orientadores acadêmicos tutores presenciais) e licenciandos. Os coordenadores de pólo e especialistas são professores que, em sua maioria, atuam também na modalidade presencial.

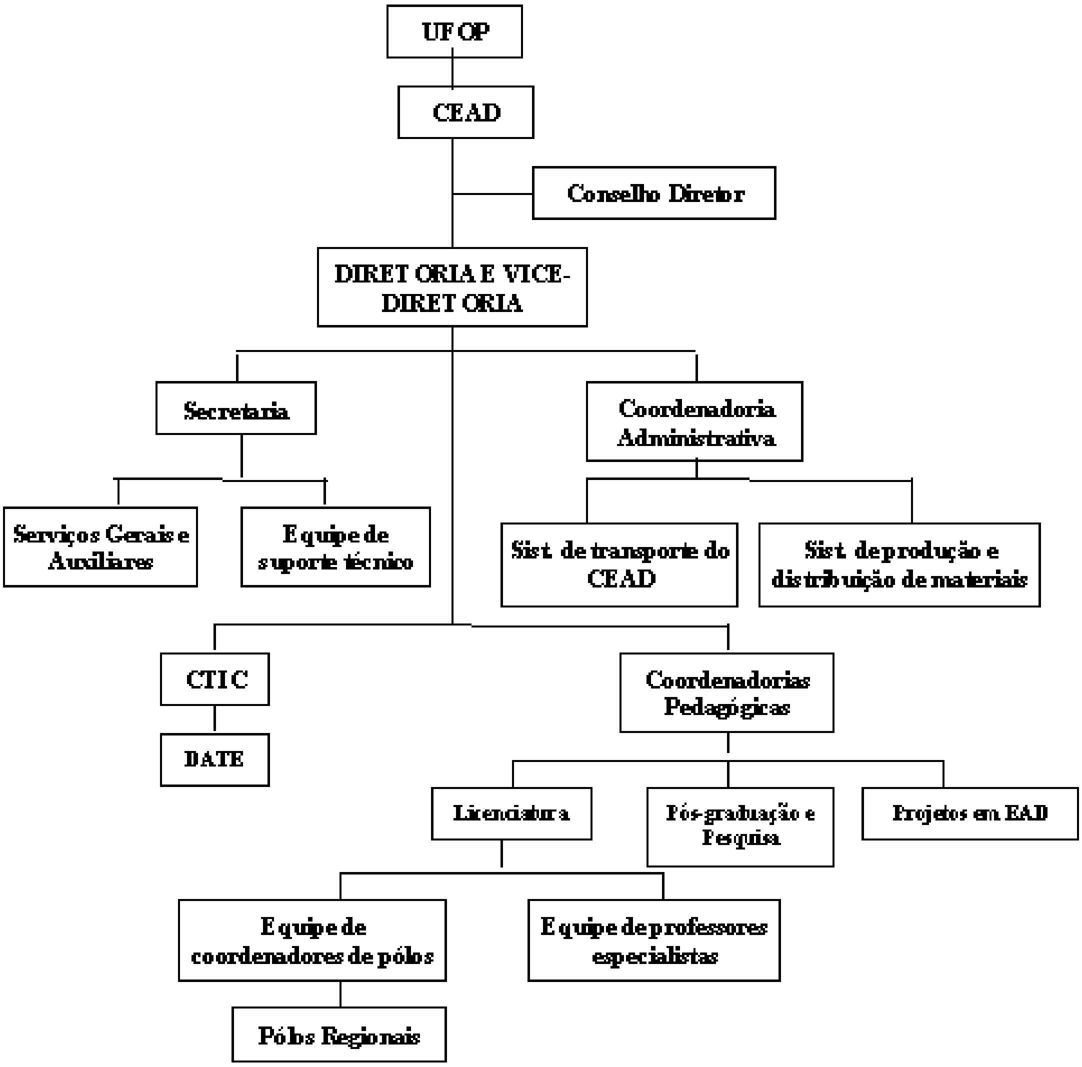
UFOP
CEAD
Conselho Diretor
DIRETORIA E VICE-DIRETORIA
Secretaria
Coordenadoria Administrativa
Serviços Gerais e Auxiliares
Equipe de suporte técnico
Sist. de transporte do CEAD
Sist. de produção e distribuição de materiais
CTIC
DATE
Coordenadorias Pedagógicas
Licenciatura
Pós-graduação e Pesquisa
Projetos em EAD
Equipe de coordenadores de pólos
Equipe de professores especialistas
Pólos Regionais

Figura 1: Estrutura organizacional e funcional do Centro de Educação Aberta e a Distância da Universidade Federal de Ouro Preto (CEAD/UFOP).

As coordenadorias de Tecnologia da Informação e Comunicação (CTIC), de Administração, de Licenciatura, de Pós-Graduação e Pesquisa e de Projetos em EAD dão o suporte necessário aos projetos desenvolvidos.

Os Pólos Regionais são constituídos por um conjunto de municípios próximos, tendo um centralizador (Município-Pólo), onde se localiza o Centro de Apoio (também denominado de Centro tutorial periférico ou Centro avançado). Em média, um pólo regional congrega um conjunto de 350 licenciandos provenientes de municípios próximos, devidamente conveniados com a UFOP.

Os Centros de Apoio, por sua vez, possuem a infra-estrutura necessária para atendimento aos estudantes, conforme está detalhado no Capítulo 4. Nos demais municípios, existem os Núcleos Municipais que, de modo geral, são organizados em espaços disponíveis nas escolas municipais e são constituídos de biblioteca e sala de estudos, oferecendo as condições necessárias para a realização da tutoria presencial.

Apesar da aparente estruturação hierárquica de organização, seguindo os atuais paradigmas de gestão, a equipe do CEAD procura desenvolver suas atividades pautando-se na visão participativa e cooperativa de atuação. Os membros do CEAD possuem a autonomia necessária para realização de suas tarefas, de modo que a responsabilidade atribuída a cada um torna a equipe dinâmica e altamente comprometida com o processo. Buscando soluções e superando os inevitáveis problemas que surgem, gestores e coordenadores preocupam-se em manter a harmonia e o equilíbrio interno da equipe, aspectos imprescindíveis para o trabalho.

A EAD, ao contrário do que se pode pensar, requer uma gestão democrática e participativa, sem abrir mão das normatizações e regras básicas estabelecidas. Desse modo, o CEAD/UFOP tem conseguido descentralizar as atividades administrativas e pedagógicas, sem perder a unidade.

Do mesmo modo, em relação aos estudantes, a equipe do CEAD tem o compromisso de atendê-los agilmente, em suas necessidades pedagógicas e acadêmicas, principalmente pelo fato de eles se encontrarem em municípios distantes da sede da UFOP.

Esses aspectos organizacionais e funcionais que estabelecem a rede de relações e interações entre a sede centralizadora, os Pólos Regionais e os Núcleos Municipais tornam a EAD uma modalidade capaz de suplantar distâncias geográficas e propiciar um processo de ensino-aprendizagem efetivo, presente no espaço/tempo do aprendiz.

O Curso de Licenciatura de Educação Básica – Anos Iniciais, modalidade a distância, da UFOP

A UFOP está presente em 88 municípios mineiros[1] com o curso de Licenciatura em Educação Básica – Anos Iniciais, modalidade a distância, agrupados em 13 pólos de atuação (Anexo 1) de quatro mesorregiões: Vale do Jequitinhonha, Vale do Rio Doce, Zona da Mata e Região Metropolitana (Figuras 2 e 3).

Cada Pólo é coordenado por um docente da UFOP, que, juntamente com os Professores Especialistas e Orientadores Acadêmicos, se responsabiliza por todas as atividades administrativas e pedagógicas.

No Município-Pólo são desenvolvidas as atividades de orientação pelos professores especialistas, as avaliações e os seminários temáticos. Em função do elevado número de licenciandos por Pólo, as avaliações presenciais e os seminários temáticos são realizados em escolas, disponibilizadas pelas prefeituras, nos finais de semana.

O materiais didáticos utilizados são fascículos (guias didáticos), livros disponíveis nas bibliotecas de cada núcleo municipal, vídeos e CD-ROM, além de materiais complementares selecionados pelos especialistas de conteúdos específicos.

Os meios de comunicação mais utilizados pelos Orientadores Acadêmicos e licenciandos ainda são telefone, fax e correio postal. O correio eletrônico é pouco utilizado, principalmente no nível dos licenciandos, que se encontram em municípios, em sua maioria, distantes da UFOP. As razões desse fato são discutidas nos capítulos 4 e 5.

Um aspecto importante no projeto do Curso de Licenciatura é a constituição de bibliotecas nos Núcleos Municipais. Inicialmente eram instaladas nos Municípios-Pólo, porém, em função das dificuldades geográficas para acesso de estudantes pertencentes aos municípios vizinhos, o CEAD/UFOP adotou a política de descentralizar o acervo. Partindo do princípio de que nenhum projeto pedagógico deve prescindir de um acervo para consulta e locação, cada município possui sua biblioteca, que vai sendo

---

[1] Em dezembro/2004 a UFOP diplomou 887 professores, pertencentes às redes públicas de 25 municípios agrupados em trêsPólos: Nova Era I, Barão de Cocais e Paraopeba,.

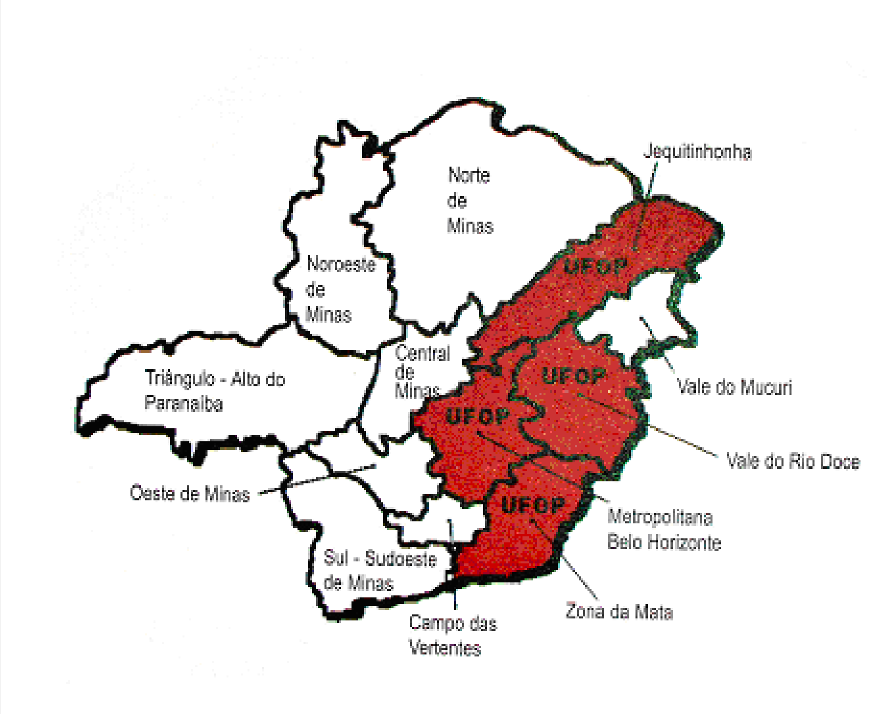
Jequitinhonha
Norte de Minas
Noroeste de Minas
UFOP
Central de Minas
Triângulo - Alto do Paranaíba
UFOP
Vale do Mucuri
UFOP
Vale do Rio Doce
Oeste de Minas
UFOP
Metropolitana Belo Horizonte
Sul - Sudoeste de Minas
Zona da Mata
Campo das Vertentes

Figura 2: Mesorregiões do Estado de Minas Gerais, onde a UFOP se encontra presente com o curso de Licenciatura em Educação Básica – Anos Iniciais, Modalidade a Distância.

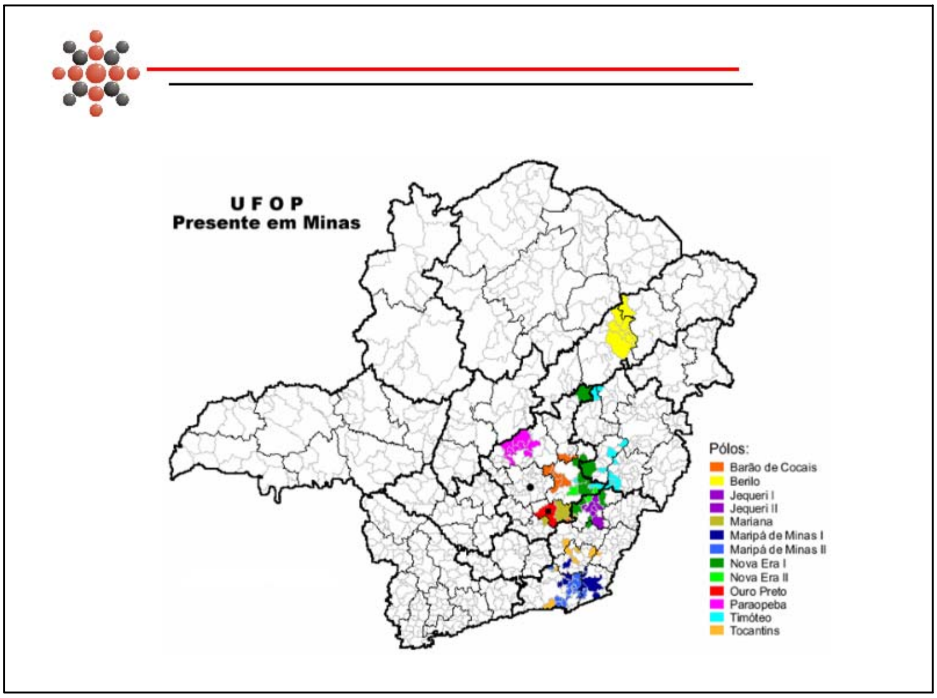
U F O P
Presente em Minas
Pólos:
Barão de Cocais
Berilo
Jequeri I
Jequeri II
Mariana
Maripá de Minas I
Maripá de Minas II
Nova Era I
Nova Era II
Ouro Preto
Paraopeba
Timóteo
Tocantins

Figura 3: Municípios mineiros agrupados em Pólos Regionais, onde a UFOP se encontra presente com o Curso de Licenciatura em Educação Básica – Anos Iniciais, modalidade a distância.

formada no decorrer do curso e que se completa com mais de 400 títulos, na proporção de um exemplar para cada dez estudantes.

Os Orientadores Acadêmicos (tutores presenciais) são professores das redes municipais de ensino que já possuem habilitação em nível superior e são incluídos no processo, a partir da preparação proporcionada pelo Curso de Especialização. Participam ainda de seis Cursos de Aperfeiçoamento: Fundamentos Antropológicos e Sociológicos da Educação, Fundamentos Psicológicos e Filosóficos da Educação, Matemática no Ensino Fundamental – Anos Iniciais, Estudos Sociais no Ensino Fundamental – Anos Iniciais, Ciências Naturais e Múltiplas Linguagens(cada um com a carga horária de 180h), ministrados pelos professores especialistas de conteúdos específicos do CEAD. Divididos em módulos, esses cursos têm a finalidade de capacitar os Orientadores Acadêmicos nos conteúdos do Curso de Licenciatura, de forma que possam prestar o atendimento necessário aos licenciandos nos Núcleos Municipais.

Atualmente estão envolvidos no processo 206 Orientadores Acadêmicos para atender a 3540 licenciandos (Anexo 2). Recente avaliação (dez/2004) realizada pelo CEAD/UFOP, com dados fornecidos pela Pró-Reitoria de Graduação, indicou a evasão de apenas 7,6% no curso de Licenciatura em Educação Básica – Anos Iniciais. Esse dado é de extrema relevância, visto que a modalidade a distância, de modo geral, apresenta índices de evasão bem mais elevados.

Cursos de Especialização do CEAD/UFOP

A experiência do CEAD/UFOP em relação a cursos de especialização, iniciou-se com o curso “Formação de Orientadores Acadêmicos para EAD”, semipresencial. Inicialmente era ofertado pela equipe da UFMT (2 turmas), mas, a partir de 2002, a equipe do CEAD/UFOP assumiu o curso. Até o momento, foi oferecido para quatro turmas de professores graduados das redes públicas, das regiões onde se localizam os Pólos do Curso de Licenciatura em Educação Básica – Anos Iniciais, que devem ter disponibilidade para exercer a atividade de Orientação Acadêmica.

Uma das exigências desse Curso de Especialização é a elaboração e apresentação da monografia para a obtenção do Certificado de Especialista em Orientação Acadêmica. Trata-se da tarefa mais difícil, visto que muitos deles são professores da redes públicas que deixaram o estudo formal há algum tempo. Apesar das dificuldades, a exigência de elaboração da monografia traz contribuições efetivas na formação dos Orientadores Acadêmicos, que, ao serem introduzidos na pesquisa, percebem a importância de se tornarem profissionais crítico-reflexivos sobre suas práticas.

O CEAD/UFOP encontra-se atualmente em condições de ofertar outros cursos de Especialização, ampliando, desse modo, suas ações na modalidade a distância.

Cursos de Extensão

Pautando-se na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, o CEAD/ UFOP também oferece um curso de aperfeiçoamento para professores das redes públicas: Curso de Capacitação de Professores da Educação Infantil - faixa etária 6 anos, que surgiu com a necessidade de se preparar o professor que trabalha com criança dessa faixa etária. A ampliação do Ensino Fundamental, de oito para nove anos, a partir de 2004, no Estado de Minas Gerais, passou a exigir uma formação teórico-metodológica direcionada a professores que trabalham com crianças na faixa etária de transição entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental.

Fazendo parte de um programa mais amplo, que inclui Brinquedoteca, Espaço Ludo-Cultural e produção de material didático, o Curso de Aperfeiçoamento “Oficinas” também está orientado para professores que trabalham na Educação Infantil.

Assim o “Projeto Itacolomi” do CEAD/UFOP, destinado à formação de professores e viabilizado pela modalidade a distância, tem contemplado três níveis de formação: a graduação, a pós-graduação (*lato sensu*) e a extensão.

Partindo de uma iniciativa modesta, a UFOP, sem perder de vista o potencial de transformação que a EAD pode proporcionar ao sistema educacional do país, continua buscando captar recursos do MEC e de convênios interinstitucionais para viabilizar suas ações. Uma delas resultou na constituição do Consórcio Pró-Formar para a oferta do Curso de Licenciatura em Pedagogia para Educação Infantil, modalidade a distância, constituído por sete universidades públicas (UFOP, UFMT, UNEMAT, UFSM, UFSJ, UFLA e UFES) para a oferta de 2.200 vagas de graduação para professores da Educação Infantil que ainda não possuem capacitação em nível superior.

A oferta do primeiro curso de graduação na modalidade a distância no Estado de Minas Gerais, pela UFOP, permitiu à instituição enveredar por “caminhos alternativos”, no sentido de democratizar a educação superior, desafiando os envolvidos a participar de novas formas de ensino-aprendizagem. Desse modo, na perspectiva de uma educação que se constrói pautada no paradigma emancipatório, reforça-se esse caráter, na medida em que se propicia a autonomia do estudante, distanciando-o da educação conservadora e proporcionando-lhe a oportunidade de ser o construtor de seu próprio conhecimento.

Em síntese: a EAD, na UFOP, constitui uma experiência nascida no seio de uma Universidade tradicionalmente presencial, sendo, nesse sentido, uma ação inovadora. Essa ação pode ser considerada pioneira no Estado de Minas Gerais, porque, na época da implantação da primeira turma de um curso na modalidade, poucas ainda eram as iniciativas. Além disso, é uma ação social, por priorizar ações no campo de formação de professores das redes públicas municipais de Ensino Básico, para os quais as oportunidades de acesso ao Ensino Superior são bastante restritas. É uma ação corajosa, por abranger municípios distantes da sede, como os localizados no Vale do Jequitinhonha, onde as necessidades são maiores. É uma ação comprometida, por conduzir o processo com qualidade e seriedade. É uma ação extensiva, por contribuir para melhoria do padrão educacional do Ensino Básico e para a promoção do direito do cidadão à educação de qualidade.

Referências Bibliográficas

CASTILLO ARREDONDO, Santiago *Formación/capacitación del profesorado para trabajar en EAD*. In: Educar em Revista Nº 21. Curitiba, PR: Editora UFPR, 2003.

FACCI, M.G.D. Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor?: um estudo crítico-comparativo da teoria do professor reflexivo, do construtivismo e da psicologia vigotskiana. Campinas (SP): Autores Associados, 2004. (Coleção Formação de Professores).

GUTIERREZ, Francisco & PRIETO, Daniel *A mediação pedagógica: educação a distância alternativa*. Campinas,SP: Papirus, 1994.

KENSKI, Vani M. Novas tecnologias na educação presencial e a distância. In: Alves, Lynn & Nova, Cristiane (orgs) *Educação a Distância: uma nova concepção de aprendizado e interatividade*. São Paulo: Futura, 2003.

NOVA, Cristiane & ALVES, Lynn Educação a Distância: limites e possibilidades. In: Alves , Lynn & Nova, Cristiane (orgs) *Educação a Distância: uma nova concepção de aprendizado e interatividade*. São Paulo: Futura, 2003.

OLIVEIRA, Dalila Andrade (org) *Reformas educacionais na América Latina e os trabalhadores docentes*. Belo horizonte: Autêntica, 2003.

ANEXO 1

NÚMERO DE LICENCIANDOS POR MUNICÍPIO E NÚMERO DE MUNICÍPIOS POR PÓLO – CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO BÁSICA - ANOS INICIAIS DA UFOP

PÓLO NOVA ERA I	
Município	**Licenciandos**
Nova Era	76
Amparo do Serra	24
Antônio Dias	45
Barra Longa	35
Dom Silvério	23
Oratórios	15
Rio Vermelho	42
Santa Maria de Itabira	23
São Domingos do Prata	28
São José do Goiabal	27
São Pedro dos Ferros	30
TOTAL	**368**

PÓLO NOVA ERA II	
Município	**Licenciandos**
Rio Piracicaba	26
Santa Maria de Itabira	10
São José do Goiabal	7
Sem Peixe	17
Timóteo	72
TOTAL	**132**

PÓLO PARAOPEBA	
Município	**Licenciandos**
Paraopeba	74
Araçaí	21
Caetanópolis	35
Cordisburgo	55
Funilândia	20
Jequitibá	24
TOTAL	**229**

PÓLO BARÃO DE COCAIS	
Município	**Licenciandos**
Barão de Cocais	145
Bom Jesus do Amparo	35
Diogo de Vasconcelos	21
Itambé de Mato Dentro	20
Nova União	32
Passabém	10
São Gonçalo do Rio Abaixo	20
Taquaraçu de Minas	24
TOTAL	**307**

PÓLO MARIANA	
Município	**Licenciandos**
Mariana	194
Acaiaca	12
Inhaúma	31
Ouro Branco	84
Paraopeba	7
TOTAL	**328**

PÓLO JEQUERI	
Município	**Licenciandos**
Acaiaca	1
Jequeri	66
Oratórios	5
Piedade de Ponte Nova	53
Raul Soares	73
Rio Casca	152
Rio Doce	14
Santa Cruz do Escalvado	35
Urucânia	66
TOTAL	**465**

PÓLO BERILO	
Município	**Licenciandos**
Berilo	73
Chapada do Norte	41
Francisco Badaró	66
Jenipapo de Minas	14
José Gonçalves de Minas	27
Minas Novas	59
Virgem da Lapa	45
TOTAL	**325**

PÓLO MARIPÁ DE MINAS	
Município	**Licenciandos**
Argirita	18
Bicas	24
Coronel Pacheco	12
Descoberto	17
Dona Euzébia	21
Goianá	19
Guarará	20
Itamarati de Minas	24
Leopoldina	70
Maripá de Minas	33
Matias Barbosa	48
Oliveira Fortes	11
Pequeri	19
Rio Novo	38
Rio Pomba	33
Rochedo de Minas	12
Santana do Deserto	8
Santo Antônio do Aventureiro	9
São João Nepomuceno	29
Senador Côrtes	14
Simão Pereira	11
Volta Grande	20
TOTAL	**510**

PÓLO OURO PRETO	
Município	**Licenciandos**
Ouro Preto	278
Acaiaca	44
Jequeri	9
Piedade de Ponte Nova	3
TOTAL	**334**

PÓLO TOCANTINS	
Município	**Licenciandos**
Antônio Carlos	40
Aracitaba	20
Belmiro Braga	18
Brás Pires	10
Divinésia	7
Dona Euzébia	7
Dores do Turvo	12
Guiricema	9
Oliveira Fortes	1
Pequeri	4
Tocantins	35
São Sebastião de Vargem Alegre	8
TOTAL	**171**

PÓLO TIMÓTEO	
Município	**Licenciandos**
Bela Vista	5
Belo Oriente	46
Bom Jesus do Galho	14
Coluna	63
Córrego Novo	11
Dionísio	13
Frei Lago Negro	27
Ipaba	11
Periquito	42
Pingo D'Água	9
Timóteo	130
TOTAL	**371**

FONTE: Pró-Reitoria de Graduação da UFOP, dezembro/2004

Capítulo 3

Formação de professores: relato de uma experiência na modalidade a distância

Catarina Barbosa Torres Gomes

Formação de professores

A formação de professores constitui temática constante na Universidade brasileira e deve ser eixo central das políticas públicas impulsionadas, sobretudo, após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), fortalecida pela publicação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores, em 2002, que, articulada às diretrizes institucional e político-pedagógica, deve regulamentar a organização dos cursos de Licenciatura.

O panorama está sendo modificado, quando se passa a incluir a Licenciatura para o Ensino Básico- Anos Iniciais, também denominada Normal Superior, que visa a formar professores para atuar nas quatro primeiras séries do Ensino Fundamental. Ao deixar de ser uma atribuição dos cursos de magistério de nível médio e se incorporar ao Ensino Superior, essa formação obtém conseqüente melhoria em sua matriz curricular, contribuindo para melhor formação dos professores.

Na Universidade Federal de Ouro Preto, a ampliação dos cursos de Licenciatura aconteceu em meados da década de 90, em sua maioria no horário noturno. No entanto, somente a partir de 2000 a UFOP passou a oferecer a Licenciatura em Educação Básica - Anos Iniciais, modalidade a distância. A realização desse curso simultaneamente ao exercício do magistério gera uma ambigüidade, visto que se trata de uma classe de profissionais que precisa se profissionalizar. No entanto, é preciso considerar que o professor é capaz de refletir sobre sua ação, o que, segundo Schön (1995), o torna um pesquisador no contexto prático. Considerando a vivência profissional, fato que aos poucos se alia à teoria da aprendizagem, o professor pode pensar sua prática, de acordo com princípios teorizados. Conforme Nóvoa (2004), não é possível haver práticas muito inovadoras, se não houver algum suporte político e teórico.

Corroborando com essa concepção, Zabala (1998) afirma o seguinte:

> O crescimento pessoal dos alunos e das alunas implica como objetivo último serem autônomos para atuar de maneira competente nos diversos contextos em que haverão de se desenvolver. Impulsionar esta autonomia significa tê-la presente em todas e cada uma das propostas educativas, para serem capazes de utilizar sem ajuda os conhecimentos adquiridos em situações diferentes da que foram aprendidos. (p.102)

Desse modo, a formação docente deve pautar-se no princípio da autonomia, no qual os licenciandos são considerados capazes de escolher como, de que forma, por que e para que estudar nessa ou naquela modalidade de ensino, acreditando na possibilidade de se desenvolver pessoal e profissionalmente e superando possíveis dificuldades.

Formação de Professores em Licenciatura em Educação Básica- Anos Iniciais: uma experiência da UFOP na modalidade a distância

A formação de professores, em nível superior, utilizando a modalidade a distância, na UFOP, nasceu como um compromisso inovador e desafiador quando se implantou o curso de Licenciatura em Educação Básica – Anos Iniciais. Tal iniciativa estabelece um diálogo aberto com a educação, que envolve o planejamento de alternativas de atendimento da Universidade pública a um importante contingente da população que, por muito tempo, não teve acesso ao Ensino Superior.

A UFOP, por meio de parcerias com os municípios, soma intenções que priorizam investimentos na educação e assume um papel social mais abrangente, na medida em que participa melhor do desenvolvimento social do país, destacando, ao lado do objetivo de formar professores, a melhoria dos indicadores educacionais.

Uma formação coerente com seu papel na sociedade vem corroborar a perspectiva democrática de educação que se conforma num plano político, sobretudo quando o profissional tem de ser pensado pelo seu potencial transformador, que unifica a dicotomia pensamento-ação.

Para a UFOP, a formação de professores se aprimora e se qualifica quando passa a contar com uma população de perfil heterogêneo, porém com experiências afins na área de atuação e inquietações pertinentes ao ensino, as quais inevitavelmente confluem num diálogo profícuo.

O modelo organizacional do processo pode ser explicado pelos princípios singulares da EAD, como aprendizagem autodirigida, disponibilidade de meios e materiais, programação da aprendizagem e interatividade entre estudantes e agentes de ensino, conforme aponta Trindade (1992), citado por Belloni (2001).

A EAD é definida por Trindade (1992: p.52) como uma metodologia desenhada para aprendentes adultos, baseada no postulado de que, havendo motivação para adquirir conhecimentos e qualificações e disponibilidade de materiais apropriados para aprender, eles estão aptos a ter êxito em um modo de auto-aprendizagem (Belloni 2001, p.33).

A experiência da UFOP está referenciada tanto na definição de Trindade quanto em princípios pioneiros. Esse pioneirismo pode ser representado pelo constante processo de interlocução estabelecido entre licenciandos, professores especialistas, coordenadores, orientadores acadêmicos, por diversos meios de comunicação disponíveis nos Núcleos Municipais, nos Centros de Apoio dos Pólos Regionais e no Centro de Educação Aberta e a Distância da UFOP (CEAD/UFOP). No entanto é a influência sociológica proporcionada pelo contato entre os diversos atores do processo, durante as atividades acadêmicas, que promove uma interação social capaz de ampliar a dimensão do processo educacional. Tal fator prevalece à utilização das Novas Tecnologias da Comunicação e Informação (NTIC), para muitos ainda um ideal, devido à estrutura técnica limitada de algumas regiões.

A EAD pode ser caracterizada por um processo de estruturação dialética e democrática, no qual cada elemento se norteia por princípios orientadores de uma ação pedagógica que valoriza a interação entre instâncias. O significativo papel de cada um de seus membros pauta-se no dever de manter a interlocução constante e necessária para uma modalidade que se estrutura no potencial da comunicação.

A equipe pedagógica é composta por dois níveis de tutoria: professores-especialistas de conteúdos específicos (tutores dos orientadores acadêmicos) e orientadores acadêmicos (tutores presenciais). Além desses, os coordenadores de Pólos Regionais e o coordenador de curso, que desenvolve uma atuação que coaduna tarefas administrativas e pedagógicas e se destaca como um dos eixos de grande relevância para o desenvolvimento de uma pedagogia diferenciada, pautada na interação e na motivação da autonomia da aprendizagem, sempre considerando o potencial de interlocução da modalidade EAD e orientando de modo a favorecer um processo dialógico efetivo.

Segundo Preti (2002), o orientador acadêmico destaca-se como aquele que indica caminhos e aponta os rumos colaborando com o licenciando de modo a contribuir com seu desenvolvimento. A dimensão pedagógica dessa função ocorre de modo a transgredir a simples “mediação” acadêmica com o material didático, até mesmo subvertendo a definição de “facilitador” de aprendizagem. O orientador acadêmico é, então, um partícipe ativo desse processo educativo, de modo a interagir e propiciar a interação entre os licenciandos para que busquem (re)significar e (re)construir concepções e práticas pedagógicas.

A UFOP situa-se como uma das precursoras da EAD no Estado de Minas Gerais, demonstrando envolvimento com o projeto político pedagógico do curso e com a formação de professores. Para isso, preocupa-se com a formação do orientador acadêmico, ministrando um curso de especialização que tem como enfoque estudos sobre a educação, educação a distância, pesquisa educacional e planejamento, incluindo o projeto político-pedagógico do curso. Realizado nas dependências do CEAD/UFOP, conta com a participação dos professores do núcleo pedagógico nas disciplinas. A monografia é uma exigência para a obtenção do título de Especialista em Tutoria em EAD e é realizada como trabalho final do curso de modo a despertar o interesse do orientador acadêmico, introduzindo-o na pesquisa.

A dialogicidade implica a formação de um contexto dialético em que os partícipes acompanham de modo efetivo a estruturação do processo, de forma a garantir a participação efetiva numa rede de relações que, de acordo com PRETI(2002), abarca “(re)construções, transgressões, afirmações e parcerias”, gerando responsabilidades e compromissos que favorecem o dinamismo para que modifiquem e sejam modificados. Fuehren, citado por Kowarzik, (1983) afirma:

> a teoria pedagógica se coloca a serviço da práxis educativa por perceber seu sentido de esclarecimento dialético do educador, que só com este esclarecimento pode chegar a um posicionamento da consciência do problema, sem que a teoria pedagógica pretenda lhe subtrair o conhecimento e a decisão das situações educacionais (p.124)

De acordo com o Projeto Político-Pedagógico do CEAD/UFOP, o orientador acadêmico representa um dos elementos do processo educativo que possibilita a (re)significação da educação a distância (2000, p.22). Esse profissional, que lida com individualidades, deve compreendê-las, como "condicionantes dos ritmos de aprendizagem", que, para Aretio, também se relaciona com as singularidades, concebendo necessidades e dificuldades particulares como contradições inerentes ao processo e, portanto, passíveis de mediação.

É fundamental que o planejamento das atividades dos orientadores acadêmicos contemple as discussões realizadas com os professores-especialistas do CEAD, responsáveis pelas áreas de conhecimento do curso, e com toda a equipe pedagógica, acerca dos conteúdos que serão desenvolvidos e dos materiais didáticos a serem utilizados. O planejamento pedagógico deve contemplar a proposta metodológica, o processo de acompanhamento e a avaliação de aprendizagem.

A experiência do CEAD/UFOP em relação ao orientador acadêmico é pensada como importante referencial para os alunos, considerando que suas atribuições os convertem, como assinala PRETI (1996), numa "vertente humana" da educação a distância e do processo de ensino-aprendizagem, sobretudo porque vão além das contribuições no processo de mediação acadêmica, promovendo a comunicação e o diálogo, fato que introduz a perspectiva humanizadora num processo mediado também pelos meios tecnológicos.

É nessa medida que o papel dos professores-especialistas se torna crucial pois é por meio das ações resultantes da orientação, previamente estruturadas num planejamento coerente com a organização didático-pedagógica, que transparecem os principais objetivos da formação do professor. Assim, de acordo com as diretrizes da disciplina que representa e a concepção de educação dinâmica é que a sua atuação escapa à linearidade das propostas diretivas de ensino.

É preciso acentuar que os professores-especialistas escapam dessa linearidade em decorrência da conformação dialética do sistema, que possibilita ao orientador acadêmico, ao coordenador de pólo e aos licenciandos, quando necessário, se manifestar em relação às metodologias de ensino, apontando falhas e/ou outras maneiras de lidar, de modo a proporcionar uma relação interacionista no ato de educar. Considera-se que os professores-especialistas não são porta-vozes do saber, mas educadores diretamente envolvidos com a formação de professores, com uma problemática desafiadora, em que é inerente a dicotomia teoria-prática. Assumem-se como aqueles que educam e refletem sobre sua atuação, e, devido a essa possibilidade reflexiva, torna-se possível planejar e (re)planejar a orientação. Sobre isso, afirma Belloni (2001):

> O desenvolvimento de pesquisa sobre metodologias de ensino mais ativas para a educação de adultos, centradas no estudante e tendo como princípio sua maior autonomia, passa a ser condição *sine qua non* para o sucesso de qualquer experiência de EAD que pretenda superar os modelos instrucionais e behaviouristas. (p.31)

A avaliação para um ensino de qualidade

No processo de avaliação realizado no desenvolvimento do curso, destaca-se a ficha de acompanhamento, as avaliações presenciais e os seminários temáticos. A primeira consiste num instrumento de análise processual da participação dos licenciandos nas atividades, pelo acompanhamento presencial na orientação, pela efetiva participação nas atividades em grupo e pela busca por orientação nas tarefas individuais.

A ficha de acompanhamento tem merecido destaque por englobar um dos objetivos da EAD, que é a motivação para o estudo independente, consistindo num meio eficaz de valorizar o esforço do licenciando pelo seu envolvimento com o curso.

O orientador acadêmico é responsável pelo planejamento da avaliação, de modo a contemplar alguns critérios para atribuição de pontos previamente estabelecidos pelo professor-especialista. Num total de 100% de pontuação a ser distribuído, a ficha de acompanhamento corresponde, no máximo a 40% e a avaliação presencial, no município-pólo, a outros 60%. O preenchimento da ficha de acompanhamento prevê a realização de leituras indicadas e suplementares, a confecção de resumos e resenhas críticas, os questionamentos e a manutenção do processo de interlocução permanente com o orientador acadêmico bem como com os colegas de estudo. A esses critérios associam-se, quando for necessário, a relação entre a prática docente e os pressupostos teóricos estabelecidos durante os procedimentos de estudo e a compreensão crítica dos conteúdos abordados.

Dessa forma, o licenciando que não desenvolver as atividades previstas na ficha de acompanhamento não consegue realizar a avaliação presencial, que, apesar de representar majoritariamente os valores quantitativos da distribuição de pontos, está vinculada àquelas.

É importante ressaltar que se aplica uma concepção interativa de avaliação, que, segundo Neder (1996), deve ser compreendida como uma atividade política, cuja função é propiciar subsídios para tomadas de decisões quanto ao direcionamento das ações em determinado contexto educacional.

Os procedimentos de avaliação são diversificados e a equipe pedagógica a concebe de modo a contemplar as especificidades de cada matéria, embora a interdiciplinaridade também aconteça como forma de propiciar melhor apreensão dos conteúdos.

O processo pedagógico-avaliativo é enriquecido com os seminários temáticos, concebidos, no Projeto Pedagógico do curso, como estudos e pesquisas realizadas com base nos subsídios teóricos desenvolvidos nas diferentes áreas. Os resultados desses seminários são socializados em sessões semestrais, com participação de colegas do curso, orientadores acadêmicos e professores, além da participação da comunidade externa, culminando num grande evento que propicia interatividade entre os licenciandos, que realizam intercâmbio de informações e conhecimentos. Nessa oportunidade, os seminários, que demandam um planejamento específico, incluem tipos diversos de trabalho: grupo de trabalho, oficinas, palestras, conferências, etc.

Os encontros como propostas interativas

A constante interação entre licenciandos viabilizada pelos grupos de estudos e desses com o orientador acadêmico favorece o fluxo dialógico por meio de atividades, leituras e debates, que imprimem à aprendizagem autônoma uma perspectiva sociológica do conhecimento, de modo a permitir a atitude de reflexão.

Os licenciandos são professores da rede pública e, quando estão em seus núcleos municipais, podem até mesmo formar grupos que trabalham na mesma escola. Quando os licenciandos do mesmo município ou da mesma região se reúnem para estudar e organizar seminários, muitas vezes encampam discussões sobre estratégias educacionais que se configuram numa rica troca de experiências.

Esses encontros, geralmente organizados em salas de aula ou em outros espaços, pelos orientadores acadêmicos, são realizados a cada três semanas ou com menor espaço, dependendo da necessidade e visando à orientação das atividades demandadas pelos professores-especialistas. Assim, os encontros entre licenciandos constituem momentos singulares nesta modalidade de ensino.

Por outro lado, mesmo durante os encontros, atividades isoladas podem ser direcionadas, quando o licenciando expressa sua concepção crítica sobre os conteúdos, fazendo resenhas, resumos ou outras sínteses. Nesse caso o encontro é mais importante porque se constitui num momento no qual as dúvidas e dificuldades podem ser compartilhadas tanto com o orientador acadêmico quanto com os colegas.

Pedagogicamente, pode-se dizer que essa organização proporciona o contato entre profissionais do ensino e representa uma estratégia de aprendizagem transcendente às metodologias convencionais. Discussões e estruturação das atividades que escapam à organização automática e diretiva do currículo, sobretudo da graduação, renovam o ato de aprender na perspectiva do pensamento sobre saberes docentes. Tardif (2002) aponta para a necessidade de superação de paradigmas de produtividade globalizada que subvertem os verdadeiros valores, como os saberes docentes, em função de um mundo pautado em paradigmas apócrifos que interferem na relação dos docentes com a sua prática e na sua relação com o conhecimento, de modo alienado e linear. Considera que o saber dos professores é um saber próprio, autêntico, intrínseco à sua identidade, abarcando a experiência de vida e a história profissional.

Em consonância, Fuehren, citado por Kowarzik (1983), afirma que

> o educador precisa, para sua ação em situações concretas, de um esclarecimento teórico sobre a práxis da educação que não apenas represente uma explicitação posterior de uma ação, mas cujos conhecimentos “atuem sobre a prática da educação, ofereçam ensinamentos, indiquem caminhos, apresentem objetivos à própria atividade do educador.” (p.85)

Biblioteca

Diferenciando-se de outras iniciativas, a UFOP assume um papel de destaque quando escapa do enfoque puramente tecnológico e estrutura, em cada pólo, biblioteca no Centro de Apoio e nos núcleos municipais, garantindo, de acordo com os convênios com as prefeituras municipais, que os alunos tenham acesso ao universo teórico abordado nos fascículos (guias didáticos) e referenciado pelos professores-especialistas. São esses os livros que compõem o acervo bibliográfico. Assim, fundamentados no projeto pedagógico do curso bem como em sua organização didática, os professores-especialistas usam metodologias que estimulam tanto o orientador acadêmico quanto os licenciandos a se envolver com o conteúdo das disciplinas, elaborando atividades que favoreçam o desenvolvimento da pesquisa, sobretudo direcionando-os a buscar outros referenciais.

O estímulo à construção do conhecimento deve acontecer de modo a aproveitar os recursos disponíveis. Nesse caso, a biblioteca representa significativa contribuição ao processo de ensino-aprendizagem, oferecendo aos licenciandos a oportunidade singular de compreender o caráter inesgotável de sua formação.

O acesso à leitura possibilita as condições necessárias para a desestabilização do saber, gerando o questionamento e a constante busca de embasamento teórico, conforme os princípios de uma educação dinamizadora, fundamental para aprendizagem autônoma. Ocorre, segundo Belloni (2001),

> um processo de ensino e aprendizagem centrado no aprendente, cujas experiências são aproveitadas como recurso, e no qual o professor deve assumir-se como um ser autônomo, gestor de seu próprio processo de aprendizagem, capaz de autodirigir e auto-regular este processo. (p.40)

Relato de Experiência

Neste relato pretende-se abordar uma experiência de coordenação, no Pólo de Nova Era II, durante a realização das atividades do módulo de Geografia IV. Nosso objetivo não se restringe a relatar as atividades, mas é captar a relação dos licenciandos com esta temática - o Estado de Minas Gerais e as características geográficas das regiões que formam o Pólo.

Os licenciandos, naquele momento, apontaram para uma diversidade de fatores que estariam relacionados à sua vivência pessoal no processo educacional, desvelando as implicações históricas inculcadas em sua formação, como sujeito ativo na sociedade. Essa percepção só foi possível por meio do intrincamento, demonstrado por eles, entre a regionalidade e a personalidade, ou seja, como o município participou da formação pessoal assim como esta se imbricou na municipalidade, coadunando com uma atitude reflexiva em relação à educação. É sobre essa relação de identidade, transcendente à condição de estudantes e professores, que pretendemos abordar.

O trabalho consistiu na confecção de um álbum seriado, um pôster, uma avaliação e um relatório sobre este tema - o Estado de Minas Gerais e as características geográficas das localidades de origem.

Na primeira etapa foi redigido um prospecto da região, considerando as dimensões geográficas em sua diversidade. Na segunda etapa, os licenciandos confeccionaram um painel ilustrando os elementos mais representativos do município, a partir de um álbum seriado, para apresentá-lo ao grupo de licenciandos e orientadores acadêmicos de outros municípios, momento que nos permitiu testemunhar o alto índice de comprometimento com a atividade a ser realizada. Na terceira e última etapa, os licenciandos fizeram um relatório e uma avaliação individual.

No aporte dado ao trabalho proposto, procuramos enfatizar a dimensão didática que a atividade alcançava em seu devido contexto, buscando descrever e tecer considerações acerca do que foi vivenciado durante a atividade coordenadora.

Desse modo, escutamos a exigência da construção teórica do conhecimento em interação com a ação pedagógica, com suporte de elementos do contexto de vida, sendo que pela percepção da interação dessa diversidade é que percebemos nossa relação com a escuta. Segundo Warat (2003), é a estratégia fundamental de consolidação da alteridade:

> Na educação para a alteridade as pessoas devem ser ajudadas, antes de mais nada, a aprender a escutar-se-a si mesmas como o passo necessário para poder escutar o outro. Escuta recíproca e a condição de constituição da subjetividade em estado de alteridade, o único estado possível para que essas subjetividades possam, em reciprocidade reconhecer-se autônomas. (p.131)

A metodologia de ensino utilizada pelo professor-especialista[1] e pelos orientadores acadêmicos constituiu-se como um dos principais eixos norteadores do trabalho, embora possamos considerar como aspecto de maior relevância, sob o nosso prisma, o envolvimento e a dedicação dos licenciandos, que demonstraram habilidade na confecção e na apresentação dos trabalhos, deixando transparecer a capacidade de reflexão pedagógica, absolutamente necessária ao processo de formação docente, como vivência. Segundo Tardif (1991), o trabalho do professor é, em si, “trabalho vivido”.

A contextualidade em que se imprime a relação reflexiva dos licenciandos com a sua práxis se amplia pela dimensão interativa estabelecida por meio do intercâmbio entre os grupos, revelando a incomensurabilidade do planejamento. A atividade acadêmica, quando desenvolvida de modo a se revelar transgressora da previsibilidade, demonstra a efetiva intervenção dos processos de formação no sujeito que a exerce. Na medida em que os licenciandos se tornam capazes do estranhamento necessário, lançam-se numa atitude de mudança.

Assim, percebemos que, na medida em que os licenciandos apresentam sua região e município (e o fazem como quem conhece), ilustrando sua gente, sua cultura e história, permitem-se a ousadia de (re)conhecer e (re)conhecer-se numa relação direta com sua identidade.

Esse (re)conhecimento que têm em si, posterior ao simples ato da constatação, é então concebido pelos ouvintes como um ato consagrado de conhecer e conhecer(se) de modo extraordinário, porque implica um conhecer para ensinar, um conhecer que é para si mas também para os outros, sobretudo para os professores. A geografia, desse modo, vem a ser uma totalidade em que a terra e a escrita reúnem mais que um étimo e mais que (u)topia, encontrando lugar para querer saber, saber de si, do lugar e das gentes.

Esse saber é, para Popper (1957), o racionalismo de Sócrates, é a consciência das próprias limitações, a modéstia intelectual dos que sabem quantas vezes erram e quanto dependem dos outros para esse conhecimento. Um saber que se sustém pela historicidade que encerra, sintetizando princípios teóricos e práticos que se transmudam para fundamentar o ato de educar.

Educar, então, é um remetimento transcendental ao ilimitado, transmudando-se na relação do sujeito com o planejamento, com os conteúdos, com as metodologias, de modo a perpetrar no conhecimento. já revelado, como na cartografia dos municípios, das regiões e do próprio Estado, algo ainda a ser revelado, de modo a confluir, na história das cidades e dos lugares, uma animação legítima do ser humano.

Esse *anima,* que é próprio dos homens, manifesta-se na voz do licenciando ao analisar cada foto do seu município e região, como se estivesse numa história em quadrinhos, no seu mergulho na história das regiões, explicando a expansão da área urbana sobre áreas de preservação natural, falando dos conflitos sociais oriundos dessa expansão, da marginalidade e da cidadania. Como uma polaridade conflitante é inegavelmente o reconhecimento do sujeito e do seu lugar, que também é o lugar do aluno, daquela escola e daquele bairro, lugar em que o seu saber é saber vivido e vivente.

Essa identidade com o contexto de atuação aparece quando se vê Minas no Sudeste do Brasil, Minas produtora de alimentos, exportadora de minérios e terra de Drummond, cujos poemas lêem. Fotos históricas mostram históricas relações da construção e (des)construção do lugar e da cidade, numa mutação permanente que leva a reportar às artes e culturas do povo e da gente que vieram ilustrar. Índios, africanos e lusitanos, afirmados nessas

---

[1] Marcelo Viana Ramos. Professor-especialista de Geografia, tutor que planejou e orientou estas atividades.

vozes, a miscigenação aparente da gente que tem na sala de aula, nada mais, nada menos do que crianças brasileiras. Brasileiros que estão para além dos morros de minas e de seus mapas e transcendem há muito o caleidoscópio visionário da colonização.

Nessa abordagem, os licenciandos apontaram, fazendo criticas pertinazes aos problemas sociais relacionados à sua localidade, mostrando a necessidade de investimento social, identificada com a precisão e ideologia necessárias a educadores.

No entanto, num saudosismo quase policarpiano, o professor-aluno falava com a sua voz, a voz de sua cultura, sua origem e sua vivência. É assim que encontramos, fazendo licenciatura, a “pessoa e a pessoalidade” do professor-aluno, no lugar de onde vêm, fazendo o que fazem e lutando para serem o que são.

Considerações Finais

Acreditamos que este tipo de formação docente não se resume na estreita palavra que mais aparece como sinônimo de EAD: distância. O que pensamos como educação remete a um processo que tem dimensões democráticas, pois a própria essência da democracia envolve, segundo Barbu, “uma nota fundamental que lhe é intrínseca - a mudança”. O que concebemos como distância certamente tem base no potencial de independência do aluno e no desejo de aprender que se evidencia naquele que assume participar do processo. A distância é, nessa concepção, uma subversão de si mesma, pois amplia e resignifica o próprio *status.* Por isso afirmamos que nossos alunos-professores se encontram para além da distância e comprometidamente ligados à educação, por estarem em comunhão com um processo de desenvolvimento mútuo, que supera digressões e integra desenvolvimento pessoal e desenvolvimento social.

Referências Bibliográficas

BELLONI, M. L. *Educação a distância*. Campinas: Autores Associados, 2001

KOWARZIK, S. W. :Trad: Wolfgang Leo Maar*. Pedagogia Dialética (de Aristóteles a Paulo Freire)* São Paulo, SP: Ed. Brasiliense.1983.

NEDER, M.L.C. Avaliação na Educação a Distância: significações para definições de percursos. In: Preti, O. (org) *Educação a Distância: inícios e indícios de um percurso*. NEAD/IE – UFMT. Cuiabá: UFMT, 1996.

NÓVOA, A. Educação: entre políticas e retóricas presença pedagógica. *Presença Pedagógica*. Belo Horizonte: v.10 n.60. pp. 5-13, nov/dez.2004

POPPER, K. *A sociedade aberta e seus inimigos*. 2 vols. Berna-Munique, 1957

PRETI, O. (org). *Educação a distância: inícios e indícios de um percurso*. Cuiabá, 1996.

PRETI, O. Apoio à aprendizagem: o orientador acadêmico. In: *Educação a Distância na formação de professores. Tutoria em EAD*. Disponível em: http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2002/ead/eadtxt4a.htm Acesso: novembro/2002.

SCHÖN, D. A. “Formar professores como profissionais reflexivos”. In: NÓVOA, A. (coord.) *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional.* Petrópolis (RJ): Vozes, 2002.

TARDIF, M.; Lessard, C. & Lahaye, L. Os professores face ao saber: esboço de uma problemática do saber docente. *Teoria e Educação*, no. 4, Porto Alegre: Pannonica, 1991.

TRINDADE, A.R. Distance Education For Europe. Lisboa: Universidade Aberta, 1992. In BELLONI, M L*. Educação a distância*. Campinas: Autores Associados, 2001.

WARAT, L. A. *Educação, Direitos Humanos, Cidadania e Exclusão social: fundamentos preliminares para uma tentativa de refundação*. Disponível em: portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/novoscaminhoseducacaosuperior.pdf Acesso: dezembro/2004.

ZEICNHER, K. “O professor como prático reflexivo”. In: ZEICNHER, K. *A formação reflexiva de professores: idéias e práticas*. Lisboa: Educa, 1993.

ZABALA. A. *A prática Educativa: como ensinar*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

CAPÍTULO 4

O modelo de EAD baseado em Centros de Apoio

Mauro Schettino de Souza
Edina Setsuko Hojo

> *O século XX será, no futuro, lembrado como o período da história da humanidade que representou a era das maiores conquistas tecnológicas que se reverteram num novo modus vivendi para parcelas privilegiadas da população e, paradoxalmente, na ausência dessas mesmas conquistas para a maior parte dos seres humanos. (Saviani, 2004, p.1)*

A necessidade de formação, em nível superior, de professores para Educação Básica, conforme a legislação em vigor (LDB 9394/96), constituiu-se em um dos fatores que estimularam a expansão da Educação a Distância (EAD) na Universidade pública.

O grande contingente de professores do Ensino Fundamental no exercício do magistério, sem a qualificação exigida, estimulou o desenvolvimento de um modelo de EAD baseado em Centros de Apoio para realização da tutoria presencial.

De modo geral, os Centros de Apoio, localizados em municípios denominados municípios-pólo, nas regiões de origem dos estudantes, possuem biblioteca, videoteca, salas de estudo, secretaria e são equipados com telefone, fax e computador ligado à Internet, quando possível. Eles constituem, portanto, Centros Avançados que representam a extensão da Universidade nos municípios e possuem a infra-estrutura necessária para o atendimento dos estudantes.

Denominado por Vianney et al (2003) de "modelo híbrido entre EAD e ensino semipresencial", esse modelo tem sido a opção encontrada por várias instituições para viabilizar a oferta de cursos de Licenciatura destinados a professores das redes públicas de ensino. Dentre as dificuldades encontradas estão a baixa conectividade e a falta de equipamentos para acesso à Internet, seja nas escolas onde os professores trabalham, seja em seus domicílios, determinando um modelo de EAD baseado prioritariamente em material impresso e tutoria presencial, complementado com comunicação por telefone, fax ou correio postal.

Ainda segundo Vianney *et al* (2003), as políticas públicas, na década de 90, acenavam para a intensificação do uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) na educação. A emergência da 3ª geração de EAD possibilitaria a inclusão digital de instituições e da população estudantil não contemplada com as novas tecnologias, representando uma “conquista social agregada”.

> Universalizar o acesso às NTIC com a oferta de infra-estrutura em máquinas e condição de acesso à Internet em Instituições Públicas, e estimular esta expansão nas Instituições particulares formavam a agenda consensual e os compromissos anunciados. (Vianney et al, 2003, p.70).

Longe de concretizar o ideal de democratização do acesso à Educação Superior com o modelo de 3ª geração de EAD, os cursos de Licenciatura a Distância ainda permanecerão, pelo menos por algum tempo, com o modelo misto apresentado. As razões para tal fato extrapolam o âmbito educativo e dependem das condições políticas, sociais, econômicas e mesmo culturais que permeiam os processos de implantação e desenvolvimento de programas de EAD.

Em estudo que enfoca os municípios de Minas Gerais, Silva *et al* (2004) observam que o acesso digital depende do nível educacional da população, da renda e da concentração de renda bem como da existência de infra-estrutura de comunicação (provedores) nos municípios. E os provedores de acesso estão em municípios que têm população maior, que são também aqueles que apresentam maior renda, melhor nível educacional e melhor infra-estrutura.

Afirmam os autores,

> O acesso aos microcomputadores (e à Internet) está limitado pelo elevado custo do bem vis-à-vis à renda per capita dos municípios, assim como pela elevada concentração de renda no país. A existência de infra-estrutura de comunicação adequada se apresentou também como um fator importante, especialmente [para efeitos da discussão aqui travada], a existência de serviços específicos de acesso à rede mundial de computadores (provedores), indicando que a dificuldade de acesso (seja por ausência de suporte local, seja pelo custo da ligação para fora do município) é um fator a ser considerado nas políticas públicas. (Silva et al, 2004. p.10)

Considerando que apenas 14% dos domicílios brasileiros possuem computador e apenas 10% têm acesso à Internet (PNAD/IBGE 2002)[1], os autores fazem as seguintes sugestões: criar mecanismos que facilitem o financiamento na compra do computador, influenciar nos preços praticados pelas empresas de telefonia e criar políticas de incentivo para a expansão geográfica do número de provedores. Essas ações viabilizariam o acesso à rede a uma parcela bem mais elevada da população, possibilitando o uso dos recursos públicos para a inclusão digital daqueles, de fato, mais carentes.

---

[1] Segundo o PNAD/IBGE 2003, 15,3% dos domicílios brasileiros possuem computador e 11,4% têm acesso à Internet.

Se, por um lado, a inclusão digital faz-se necessária para que ocorra a inclusão social, esta se apresenta como condição para a inclusão digital, considerada numa ótica ampliada, que ultrapassa os limites de simples acessibilidade. Desse modo, forma-se um círculo vicioso de difícil solução, que precisa ser vencido para se efetivarem ambos os processos.

Com o objetivo de verificar a situação dos 88 municípios mineiros agrupados em 13 pólos regionais, conveniados com a UFOP, para oferta do curso de Licenciatura em Educação Básica – Anos Iniciais, modalidade a distância (Anexo 1), foi realizada uma pesquisa sobre a existência de provedores e as formas de acesso à rede de Internet (dados coletados em 2004). Dos 88 municípios pesquisados, apenas 17 possuem provedor local, ficando 71 (80,7%) sem provedor local, em sua maioria dependentes de provedores existentes em localidades próximas. Dos 17 (19,3%) municípios que possuem provedor local, 14 (82,3%) dispõem de apenas um provedor (Tabela 1), predominando o acesso por discagem.

Um dado que deve ser levado em consideração, quando se trata de infra-estrutura de acesso à Internet, é o número de habitantes nos municípios pesquisados. A expansão dos serviços de informação e comunicação em municípios que têm população menor é lenta, tendo em vista que o número de usuários da rede é menor e, portanto, economicamente desinteressante para os investidores.

Dos 88 municípios conveniados com a UFOP, apenas 30 possuem população com mais de 10 mil habitantes e 17 desses possuem provedor local (Tabela 2).

Ouro Preto, município onde se localiza a sede da UFOP, Timóteo, no Vale do Aço, e Leopoldina, na Zona da Mata Mineira, possuem mais de 50 mil habitantes e, coerentemente com a análise feita por Silva *et al* (2004), são desenvolvidos, com maior renda, melhor índice educacional e mais opções de acesso à rede de Internet.

Tabela 1

Existência de provedores locais de acesso à Internet em municípios mineiros conveniados com a UFOP, para oferta do curso de Licenciatura em Educação Básica – Anos Iniciais, modalidade a distância (dados coletados em 2004).

Característica	***Nº de municípios***
Sem provedor local	71
Com provedor local	17
Somente um provedor	14
Com dois provedores	02
Com mais de dois provedores	01
Acesso	
Somente por linha telefônica	08
Linha telefônica + ondas de rádio	07
Linha telefônica+ondas de rádio+alta velocidade (ADSL)	02

Assim, considerando que a existência de provedores locais está também relacionada ao tamanho da população, é importante não desconsiderar esse fator, ao se pensar na oferta de cursos a distância viabilizados pela Internet.

A situação dos 88 municípios participantes do curso da UFOP reflete não apenas a realidade do Estado de Minas Gerais mas também a realidade nacional. De acordo com Vianney et al (2003), dos 5560 municípios brasileiros, apenas 850 (15%) possuem provedor local. Em Minas Gerais, apenas 152 (17,8%) dos 853 municípios contavam com pelo menos um provedor local em 2002 (Silva *et al*, 2004). Isso significa que na grande maioria dos municípios os usuários são obrigados a pagar tarifas telefônicas interurbanas se quiserem se conectar à rede, considerando-se que o acesso por rádio e satélite é de custo bem mais elevado.

Desse modo, é possível concluir que pensar na oferta de cursos a distância, utilizando os recursos tecnológicos de última geração, para atender aos estudantes de municípios distantes dos grandes centros, embora constitua um objetivo a ser perseguido, é ainda irrealizável.

Tabela 2

Municípios mineiros conveniados com a UFOP para oferta do curso de Licenciatura em Educação Básica – Anos Iniciais que possuem provedor local de acesso à Internet (dados coletados em 2004).

Município	Nº de habitantes*	Provedor Local	Acesso
Antônio Dias	10.101	01	Linha telef.
Barão de Cocais	23.391	01	Linha telef.
Belo Oriente	20.105	01	Linha telef. + Ondas de Rádio
Bicas	13.120	01	Linha telef. + Ondas de Rádio
Leopoldina	50.866	02	Linha telef. + Ondas de Rádio
Mariana	48.505	01	Linha telef.
Matias Barbosa	12.611	01	Linha telef.
Minas Novas	30.737	01	Linha telef.
Nova Era	17.785	01	Linha telef. + Ondas de Rádio
Ouro Branco	31.006	02	Linha telef.
Ouro Preto	67.069	04	Linha telef. + Ondas de Rádio + Alta Veloc.
Raul Soares	24.091	01	Linha telef. + Ondas de Rádio
Rio Piracicaba	13.676	01	Linha telef.
Rio Pomba	16.669	01	Linha telef.
São João Nepomuceno	24.281	01	Linha telef. + Ondas de Rádio
Timóteo	74.251	01	Linha telef. + Ondas de Rádio + Alta Veloc.
Tocantins	15.461	01	Linha telef.

* IBGE 2002 (dados preliminares) disponível em: www.almg.gov.br

Neste contexto, é importante salientar que, na elaboração do projeto pedagógico de um curso a distância, os meios didáticos e as tecnologias a serem utilizadas devem estar em estreita coerência com o público a que se destina. As NTIC, embora úteis e até imprescindíveis no mundo contemporâneo, infelizmente não estão acessíveis para a maioria da população brasileira. Além disso, é preciso lembrar também que mesmo nas universidades públicas, os problemas de ordem financeira têm impedido a implementação de infra-estrutura básica para a oferta de cursos a distância que envolvam as NTIC.

Reportando ao conceito de EAD, Nova e Alves (2003), considerando as novas tecnologias, afirmam:

> Nesse sentido, compreendemos a educação a distância como uma das modalidades de ensino-aprendizagem, possibilitada pela mediação dos suportes tecnológicos digitais e de rede, seja

> esta inserida em sistemas de ensino presenciais, mistos ou completamente realizada por meio da distância física (...) Em outro sentido, esse conceito diferencia-se também daquele apresentado no decreto N° 2494 de 10/02/1998 (da legislação educacional brasileira) que compreende essa possibilidade pedagógica como “uma forma de ensino que possibilita a auto-aprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados e veiculados pelos diversos meios de comunicação”, visto que não mais concebemos a EAD a partir da ênfase no autodidatismo, mas sim, como já assinalado, na construção coletiva do conhecimento, mediada pela tecnologia de rede.(Nova e Alves, 2003, p.03)

Essas considerações permitem uma reflexão mais ampla acerca da EAD e suas possibilidades. Se, tal como desejam as autoras, a conceituação se restringir ao modelo de 3ª geração (ou 4ª geração, segundo alguns autores), certamente se altera o sentido da EAD e dos modelos que o precederam e que ainda vigoram em muitos países, até os mais desenvolvidos. É, no entanto, necessário lembrar que historicamente a EAD nasceu e desenvolveu-se a partir do ensino por correspondência viabilizado por material impresso. Além disso, é importante salientar que a auto-aprendizagem (diferente de autodidatismo) pode ser desenvolvida com materiais didáticos adequadamente preparados de acordo com os meios e recursos com quais eles serão disponibilizados. A construção do conhecimento depende, em grande medida, dos conteúdos e das formas de apresentação, conforme a mídia a ser utilizada. As tecnologias são, portanto, apenas meios auxiliares no processo educativo .

Reportando-se às diferentes tecnologias utilizadas em EAD, Rumble (2000) afirma que não há evidências de que os novos meios sejam necessariamente mais eficientes:

> Na realidade, se os alunos puderem aprender a partir de qualquer meio, seria o caso de adotar sempre o meio mais barato, compatível com o que se quer ensinar e com o que os membros do grupo-alvo possam ter acesso. Consequentemente, não devemos nos desesperar com o fato de que nem todo projeto de ensino a distância possa adotar as mais recentes tecnologias e de que devemos continuar a ter diferentes gerações de sistemas de aprendizagem a distância coexistindo pelo mundo. (p.59)

Desse modo, considerando-se a variedade de meios e suportes de comunicação, a emergência da 3ª geração de EAD, com maior ênfase nas tecnologias digitais, não elimina as anteriores. Essa ampla possibilidade de promover a educação pela modalidade a distância com utilização de diversos meios e recursos é que amplia suas potencialidades e a torna uma modalidade capaz de democratizar o acesso à educação. As limitações relativas ao acesso às NTIC hoje existentes não podem restringir nem impedir o acesso à educação e ao conhecimento.

Trabalhando com professores das redes públicas de Ensino Básico de municípios mineiros, o CEAD/UFOP encontra-se em permanente contato com a realidade da escola pública. Pensar em cursos viabilizados pelas mais modernas tecnologias ainda é uma utopia, cuja realização demanda tempo, o tempo necessário para que ocorram as mudanças anunciadas no contexto político, social, econômico, educacional e mesmo cultural.

Segundo Eco (1996), na história da cultura, “alguma coisa mudou profundamente uma outra coisa”, porém não a destruiu. Por isso, a chegada de novos aparatos tecnológicos não torna necessariamente obsoletos os antigos.

Bellei (2004), reportando-se a Eco, diz:

> Não se trata, portanto, de afirmar apressadamente que uma tecnologia eliminará a outra, mas antes de pensar a coexistência das duas, com funções diferenciadas e especializadas. É isso, [de resto], que ocorreu freqüentemente com as tecnologias anteriores: a fotografia alterou o sentido da pintura, mas não a substituiu; a televisão ocupou certos espaços do cinema, mas não todos; o correio eletrônico criou uma nova forma de comunicação, mas as agências de correios e telégrafos continuam operando. (documento sem paginação).

Nesse sentido, é interessante lembrar que a tecnologia da impressão não permaneceu estática. A evolução alcançada pela indústria gráfica, com o advento das novas tecnologias computacionais, tem permitido a produção de materiais impressos de alta qualidade, dando novas formas e sentido aos conteúdos. O uso de recursos variados como tonalidades e matizes de cores, gráficos, figuras, fotografias, tipos de letras, permitem produções que dão um novo sentido à leitura e ao processo de aprendizagem.

Na atualidade, discute-se a inclusão das NTIC nos programas de EAD, buscando-se modelos pautados nas sociedades mais desenvolvidas. Na ânsia de solucionar os problemas emergentes busca-se o ideal, porém esse ideal merece algumas considerações. O ideal pode ser visto como modelo de perfeição no sentido absoluto do termo, mas pode ser encarado em seu sentido relativo, cabendo questionar, "ideal para quem?".

Se a EAD é um processo de ensino-aprendizagem que implica a existência de aprendizes para que possa existir e ter significação no contexto da realidade social em que é desenvolvida, então necessário se faz considerar a quem ela se destina. Retomando aqui questões relativas à formação de professores do Ensino Básico e a democratização do acesso à Educação Superior, o modelo de EAD viabilizado pelas NTIC não é o ideal, porque é ainda inviável.

Porém isso não impede a elaboração de propostas pedagógicas coerentes, baseadas em mídias mais simples e mais acessíveis, capazes de abrir caminhos àqueles que desejam estudar e àquelas universidades engajadas em projetos sociais mais amplos. Se os materiais impressos e o uso de TV, áudio e videocassete não se tornaram obsoletos nos países mais desenvolvidos, certamente não se tornarão no Brasil, quando se trata da universalização do acesso à educação.

Assim, longe de solucionar as questões educacionais do país, a EAD de 3ª geração (ou 4ª geração) caminha no sentido de acentuar as diferenças, perpetuar as desigualdades e reforçar a hegemonia do capitalismo. Privilegiando uma minoria que tem acesso às mais novas tecnologias e bens de consumo, a educação a distância, tal qual tem sido colocada, continuará inviabilizando a educação a grande maioria da população.

Assim, a EAD, ainda que viabilizada prioritariamente por material impresso e mídias complementares, representa o ideal, uma vez que possibilita o acesso à educação nas condições vigentes, fazendo da realidade o ponto de partida e buscando nas utopias realizáveis o ponto de chegada, um caminho que vai se construindo na medida do contínuo caminhar.

Desse modo, sem desconsiderar a importância das NTIC no setor educacional e na sociedade contemporânea, o CEAD/UFOP, embora tenha iniciado o percurso na formação de professores utilizando prioritariamente mídia impressa, tem buscado introduzir os estudantes no mundo das novas tecnologias. Essa ação representa aquilo que Vianney *et al* (2003) denominam de “conquista social agregada”.

Esse percurso adotado, subvertendo a ordem das políticas públicas anunciadas em planos e programas de EAD, tem permitido implementar projetos de formação de professores a distância, nas condições atualmente existentes. Considerando que segmentos diferenciados necessitam de tratamentos especiais, o CEAD/UFOP, partindo da realidade econômico-social e local (municípios) tem procurado atender às demandas de formação de professores no Estado de Minas Gerais.

Concomitante a essa ação, o CEAD/UFOP buscou captar recursos para a implantação de Laboratórios de Informática em seus pólos regionais. Contemplado pelo Ministério da Ciência e Tecnologia, Edital para Infra-estrutura (CTINFRA–2003), dez pólos regionais estão sendo informatizados. Cada Centro de Apoio foi contemplado com um Laboratório de Informática, equipado com 10 computadores ligados em rede, duas impressoras, um scanner e acesso à Internet. Os Laboratórios de Informática destinam-se particularmente aos estudantes do curso de Licenciatura e aos orientadores acadêmicos (tutores presenciais) participantes do processo.

Resultado de um trabalho em contínuo processo de construção, no nível dos Orientadores Acadêmicos, já se observa o interesse desse segmento em realizar novos cursos, pela Internet, dando prosseguimento à formação continuada, hoje considerada uma necessidade.

Em pesquisa realizada em três pólos de atuação da UFOP (Berilo, Maripá de Minas e Ouro Preto)[2], da qual participaram 62 orientadores acadêmicos (OAs), 87,1% (54 OAs) manifestaram o desejo de realizar outros cursos de pós-graduação pela Internet (Tabela 3). A pesquisa apontou também que 66,1% dos OAs possuem computador em seus domicílios, porém apenas 37,1% têm acesso à Internet. É relevante observar ainda que 54,8% (34 OAs) possuem domínio razoável em relação à utilização da Internet, porém 32,2% (20 OAs) afirmaram não ter domínio em sua utilização.

---

[2] Agradecimentos aos professores Rubens Dias Campos e Neide das Graças de Souza pela aplicação dos questionários nos Pólos Maripá de Minas e Berilo, respectivamente.

Isso demonstra que, além dos problemas relacionados à conexão, há aqueles relativos à utilização da Internet.

Tabela 3

Características e opiniões dos orientadores acadêmicos dos Pólos de Berilo, Maripá de Minas e Ouro Preto quanto às NTIC.

orientadores acadêmicos dos pólos Berilo, Maripá de Minas e Ouro Preto (62 OAs)	Índice de resposta (%)
Faixa etária:	
20-30 anos	21,0
31-40 anos	56,4
acima de 40 anos	22,6
Conclusão da graduação:	
até 1990	21,0
após 1990	77,4
não respondeu	1,6
Computador no domicílio:	
possui	66,1
não possui	33,9
Utiliza computador para tarefas gerais:	
com muita facilidade	25,8
com razoável facilidade	58,0
com muita dificuldade	9,7
não respondeu	6,4
Computador como ferramenta tecnológica:	
essencial para as atividades	62,9
útil, porém não essencial	37,1
desnecessário para as atividades	0,0
Acesso domiciliar à Internet:	
tem acesso	37,1
não tem acesso	62,9
Possibilidade de acesso extradomiciliar ao computador:	
sim	87,1
não	11,3
não respondeu	1,6
Permissão de acesso extradomicilar ao computador:	
diariamente	46,3
uma vez por semana	11,1
só de vez em quando	33,3
outra resposta	9,3
Grau de domínio em relação à utilização da Internet:	
tem excelente domínio	9,7
tem domínio razoável	54,8
não tem domínio	32,2
não respondeu	3,2
Interesse em realizar cursos pela Internet:	
tem interesse	87,1
não tem interesse	12,9
Estímulo pelas novas tecnologias provocado pelo curso:	
houve estímulo	85,5
não houve estímulo	14,5

Quanto à possibilidade de utilizar o computador em outro local, fora da residência, 87,1% (54 OAs) disseram existir a possibilidade, porém, quanto à freqüência de utilização, apenas 40,3% (25 OAs) podem ter acesso diário. Portanto, além das dificuldades de adquirir o equipamento (devido ao custo), há também dificuldades de acesso extradomiciliar ao computador.

Embora 33,9% dos 62 OAs não possuam computador, nenhum deles considerou o equipamento desnecessário para suas atividades. A maioria (62,9%) considerou o computador uma ferramenta tecnológica essencial para suas tarefas. Entretanto 37,1% (23 OAs) consideraram o computador útil, mas não essencial.

Possivelmente, o desconhecimento das facilidades propiciadas pelas múltiplas ferramentas disponíveis, associado às dificuldades em operar a máquina e acessar a Internet, justifique tal resultado, visto que apenas 25,8% disseram utilizar o computador com muita facilidade e somente 9,7% afirmaram ter excelente domínio em relação à utilização da Internet. Cabe lembrar ainda que esses professores se graduaram, em sua maioria (77,4%), após 1990, num contexto em que as NTIC já vinham se disseminando no país, no entanto existem dificuldades em relação à utilização.

Essas questões apontam para aspectos importantes a serem analisados quando se pensa na oferta de cursos a distância pela Internet, pois constituem pré-requisitos básicos para a viabilização, atentando-se para o fato de que os OAs são professores das redes públicas de ensino que já possuem graduação, em condições de realizar cursos de pós-graduação.

Desse modo, numa visão mais ampla da problemática, é possível enumerar os pré-requisitos básicos que o estudante deve possuir para realizar cursos pela Internet: ter o equipamento conectado à rede mundial de Internet (ou ter acesso a ele com freqüência), ter renda para pagar o acesso, saber buscar as informações disponíveis com criticidade e, ainda, saber participar, comunicar e interagir no mundo virtual para que a aprendizagem efetivamente possa ocorrer.

Apesar das dificuldades detectadas, os OAs manifestaram interesse em cursos *on-line* demonstrando que, ao participar do Curso de Especialização para Formação de Orientadores Acadêmicos para EAD, ainda que de forma semipresencial, foram introduzidos pelo CEAD/UFOP em nova realidade. As discussões acerca das NTIC e a necessidade criada pelo curso os despertaram para possibilidades que vão além dos impressos e de outros recursos complementares, abrindo novos caminhos de interação para esses professores, em grande parte, residentes em municípios distantes da UFOP. Dos OAs que responderam ao questionário, 85,5% afirmaram que o curso os estimulou a se interessar pelas novas tecnologias.

A proximidade com as NTIC e as exigências decorrentes do próprio curso, quanto à pesquisa, elaboração de textos, tabulação de dados, construção de monografia, favoreceram a familiaridade com a máquina e com a Internet. Os dez Laboratórios de Informática em instalação nos pólos regionais, adquiridos com recursos advindos do CTINFRA-2003, certamente propiciarão novas ações no campo da Educação Continuada, envolvendo professores das redes públicas de ensino.

Os estudantes que concluíram o curso de Licenciatura em Educação Básica - Anos Iniciais, modalidade a distância, da UFOP (887 professores provenientes de 25 municípios graduados em dezembro de 2004) também têm manifestado interesse por novos cursos, na modalidade a distância.

O elevado número de solicitações por novos cursos demonstra o comprometimento assumido pelo CEAD/UFOP com uma ação pioneira em Minas Gerais, permitindo concluir que superar preconceitos e desafios em relação à modalidade a distância, ainda que em condições de poucos recursos tecnológicos, é possível, viável e importante, até para o uso da Internet, como forma de acessar a informação, buscar ampliar os conhecimentos e, numa etapa seguinte, formar o participante ativo da ampla comunidade virtual.

Tal como qualquer outro processo de construção, o aprendiz precisa ter as oportunidades para se inserir neste novo mundo, o mundo das tecnologias da informação e da comunicação.

Concluindo: é importante salientar que, quando se trata de universalizar a educação no Brasil, as dificuldades de acesso às NTIC não devem se constituir em impedimento para a viabilização da educação pela modalidade a distância. Do contrário, a EAD, como modalidade de amplas potencialidades, servirá apenas para agravar as desigualdades sociais, favorecendo cada vez mais aqueles que têm mais, em detrimento daqueles que têm menos e terão cada vez menos.

Superar esses desafios tecnológicos, com projetos sociais mais amplos, que permitam também a inclusão digital como valor agregado, é possível, realizável e promissor.

Referências Bibliográficas

BELLEI, Sérgio Luiz Prado *O fim do livro e o livro sem fim*. Disponível em: http://members.tripod.com/~lfilipe/bellei.html Acesso: 11/05/2004.

ECO, Umberto *Da Internet a Gutenberg* – Conferência apresentada na The Italian Academy for Advanced Studies in America, em 12/11/96 - tradução de:João Bosco da Mota Alves. Disponível em: www.inf.ufsc.br/~jbosco/InternetPort.html Acesso: 11/05/2004.

NOVA, Cristiane & ALVES, Lynn Educação a Distância: limites e possibilidades. In: Alves , Lynn & Nova, Cristiane (orgs) *Educação a Distância: uma nova concepção de aprendizado e interatividade*. São Paulo: futura, 2003.

RUMBLE, Greville A tecnologia da Educação à Distância em cenário do terceiro mundo. In: Preti, Oreste (org). *Educação a Distância: construindo significados*. Brasília: Plano, 2000.

SAVIANI, Demerval e et al. *O legado educacional do século XX no Brasil.* Campinas, SP: autores associados, 2004 (Coleção Educação Contemporânea).

SILVA, Antônio B.O e *et al. Inclusão Digital, Política de Software Livre e outras Políticas de Inclusão*. Disponível em: www.cinform.ufba.br/v_anais/artigos/antonioboesilva.html Acesso: 21/12/2004.

VIANNEY, João; TORRES, Patrícia Lupion & SILVA, Elizabeth Farias de *A Universidade Virtual do Brasil: o ensino superior a distância no país*. Tubarão (SC): Ed. Unisul, 2003.

Capítulo 5

Tecnologias de informação e comunicação: possibilidades e desafios na formação de professores da Educação Básica

Paulo de Tarso Amorim Castro

O curso de Licenciatura em Educação Básica – Anos Iniciais, modalidade a distância, da UFOP, é oferecido a professores que não têm formação em curso superior, em cumprimento à LDB 9394/96. Atualmente, professores de 88 municípios mineiros participam do curso.

Neste capítulo serão analisadas as possibilidades de utilização de tecnologias de informação e comunicação, em especial aquelas que usam a rede mundial de computadores, em cursos de Licenciatura em Educação Básica. Toma-se como exemplo e base de discussão a experiência do CEAD/UFOP, ao longo dos quatro anos e meio de existência do curso de Licenciatura em Educação Básica – Anos Iniciais.

A realidade dos municípios atendidos pela Licenciatura em Educação Básica – quantas e como são as Minas Gerais

O modelo de educação a distância adotado neste curso de Licenciatura em Educação Básica – Anos Iniciais não faz uso de Tecnologias de Informação e Comunicação com base no desenvolvimento da Internet (TICs), como pode ser visto nos capítulos anteriores. Outros tipos de mídia, além da impressa, sobretudo os meios audiovisuais, são utilizados. Deve-se ter em mente que a escolha do modelo a ser adotado tem como pontos de fundamentação as características do público a que se destina e a infra-estrutura disponível. Conforme afirma Neves (2003), deve-se

> analisar o potencial de cada meio de comunicação e informação (impressos, televisão, Internet, teleconferência, computador, rádio, fitas de audiocassete, videocassete, momentos presenciais, dentre outros), compatibilizando-os com a natureza do curso a distância que deseja oferecer e as características de seus alunos.

A decisão sobre quais tecnologias devem ser utilizadas no curso, cujo objetivo é formar professores do Ensino Fundamental público, requer análise objetiva das condições socioculturais, das habilidades já desenvolvidas e das passíveis de serem adquiridas em um prazo adequado.

A análise dos Indicadores de Desenvolvimento Humano (IDH) dos municípios atendidos pelo curso pode mostrar em que direção e intensidade as Tecnologias de Informação e Comunicação com base na Internet (TICs) podem ser utilizadas no curso. Esses municípios, em sua grande maioria (88,5%), têm IDH abaixo do IDH de Minas Gerais e do Brasil (Anexo 1). Em relação ao IDH Municipal - Educação, 80,5% têm índice inferior ao de Minas Gerais. Os municípios que compõem o pólo de Berilo bem como os dos pólos de Jequeri e de Tocantins têm ambos os índices inferiores aos de Minas Gerais. Por outro lado, há municípios, como Leopoldina, Matias Barbosa, Rio Vermelho, Ouro Preto, Nova Era, Bicas, Ouro Branco e Timóteo, espalhados nos demais pólos, que apresentam os dois índices superiores aos de Minas Gerais. Os municípios de Ouro Branco e Timóteo possuem índices bem próximos aos mais altos de Minas Gerais.

Não se trata, pois, de um grupo de municípios com índices homogêneos. Dos 88 municípios atendidos pelo curso, 19 estão classificados no terço superior de IDH de municípios mineiros (21,6%), enquanto 28 (31,8%) estão no terço inferior do IDH. Em relação ao IDH Municipal-Educação, 28 municípios estão no terço superior (31,8%) e 22 municípios (25,0%) estão no terço inferior dos municípios de Minas Gerais.

Outro fator a ser considerado é a distribuição da população dos municípios nos núcleos urbanos (sede do município e distritos) e na zona rural. Municípios de concentração urbana acentuada, como é o caso de Timóteo, Rochedo de Minas e Ouro Branco, podem concentrar os recursos a serem aplicados em educação, ao passo que em municípios em que a maioria da população está no meio rural, como Itambé do Mato Dentro, Nova União e Berilo, a dispersão da população traz a necessidade de distribuição adequada das escolas no território municipal bem como deslocamento maior dos alunos e professores, com dispersão dos recursos disponíveis. Excetuando-se os municípios do Vale do Jequitinhonha, concentrados no pólo de Berilo, os dados dos municípios dos demais pólos, apresentados no Anexo 2, não mostram tendência de regionalização nos padrões de dispersão da população municipal.

A heterogeneidade dos municípios atendidos pelo curso de Licenciatura em Educação Básica – Anos Iniciais indica que há uma diferenciação na disponibilidade e distribuição de recursos e meios de comunicação passíveis de serem explorados em educação a distância. Mas, além disso, constata-se que há um enorme contingente de docentes do Ensino Fundamental sem formação superior distribuído em diversos municípios, mesmo naqueles de

IDH mais altos (Anexo 1 e Tabela 1). A questão que se coloca, dada a heterogeneidade constatada, é, sendo a Educação a Distância uma opção para aumentar a qualificação dos docentes do Ensino Básico, quais são as tecnologias mais adequadas?

Tabela 1

Número de alunos matriculados na Licenciatura em Educação Básica – Anos Iniciais em municípios agrupados por pólo.

Pólo	Número de alunos	**%**
Barão de Cocais	336	8,8
Berilo	335	8,8
Jequeri I, II	510	13,4
Mariana	329	8,6
Maripá de Minas I, II	553	14,5
Nova Era I, II	594	15,7
Ouro Preto	326	8,6
Paraopeba	252	6,6
Timóteo	401	10,5
Tocantins	172	4,5

As necessidades decorrentes da LDB 9394/96 devem ser supridas, necessariamente, pela oferta de cursos superiores aos professores em exercício, conforme foi comentado no Capítulo 1. Para o professor do Ensino Fundamental sem curso superior, isso implica a concomitância de ações, ser docente e ser discente.

O perfil do professor-aluno da Licenciatura em Educação Básica – Anos Iniciais deve ser analisado. As mulheres são quase a totalidade e, em sua maioria, na idade fértil, conforme mostra a Tabela 2. Para estas, os estudos são realizados após o horário de trabalho e divididos com as tarefas domésticas e o cuidado com os filhos.

Tabela 2

Características dos alunos de Licenciatura em Educação Básica – Anos Iniciais do CEAD/UFOP. Os dados apresentados se referem aos pólos em atividade já que os pólos de Barão de Cocais, Nova Era I e Paraopeba formaram os seus alunos em 12/2004.

Característica	**Aluno**
ocupação formal	Professor da rede pública municipal em exercício
escolaridade	Nível médio
período disponível ao estudo*	Fora do horário de trabalho (normalmente à noite)
sexo	
feminino	2567 (97,4%)
masculino	68 (2,6%)
*faixa etária (anos)***	
menos que 20	13 (0,5%)
20 a 29	878 (33,3%)
30 a 39	1172 (44,5%)
40 a 49	512 (19,4%)
50 a 59	54 (2,1%)
Mais que 60	6 (0,2%)

* além dos encontros presenciais

** dados referentes à época da matrícula no curso de Licenciatura em Educação Básica – Anos Iniciais.

Fonte: CEAD-UFOP (2005)

Um outro aspecto a ser considerado é a habilidade no uso de recursos tecnológicos disponíveis. A Tabela 3 mostra a freqüência de utilização de tecnologias por alunos de cursos de Licenciatura em Educação Básica em dois projetos, o Projeto Itacolomi e o Projeto Veredas, com características semelhantes. A amostragem não é representativa do universo de alunos distribuídos em seus municípios. Estes dados podem ser analisados sob dois pontos de vista: pelo conjunto de instrumentos disponíveis e pela preferência no uso de instrumentos por parte dos alunos. Conforme os dados anteriores, a disponibilidade de recursos e as habilidades no manuseio tendem a se equivaler, denotando clara preferência pelo uso de recursos de amplo domínio na população. Conclui-se que o esforço dos alunos, no parco tempo disponível, deve concentrar-se na análise, compreensão dos conceitos trabalhados na Licenciatura.

Tabela 3

Uso de tecnologias de comunicação e informação por alunos nos cursos de Curso de Formação Superior de Professores do projeto Veredas (SEE-MG) e Licenciatura em Educação Básica – Anos Iniciais do Projeto Itacolomi residentes em Ouro Preto (CEAD/UFOP), Gallisa Jr (2002).

Recursos utilizados investigados	**Projeto Itacolomi amostra = 50**		**Projeto Veredas amostra=49**	
	freqüência	%	freqüência	%
Televisão	49	100,0	46	92,0
Telefone	47	95,9	49	98,0
Videocassete	20	40,8	37	74,0
Microcomputador	6	12,2	15	30,0
Internet	3	6,1	7	14,0
Fax	0	0,0	0	0,0

O uso de Tecnologias de Informação e Comunicação no modelo adotado na UFOP para formação de professores. A adequação do modelo à realidade

A possibilidade de utilização de tecnologias de informação e comunicação com base no desenvolvimento da internet (TICs) no curso de Licenciatura em Educação Básica – Anos Iniciais deve ser analisada por diversos pontos de vista. Um deles, o mais importante em vista das necessidades urgentes da sociedade, é a infra-estrutura disponível, que condiciona fortemente o domínio e as habilidades de uso das tecnologias. Os dados presentes neste capítulo mostram que o aluno não tem infra-estrutura de acesso à internet compatível com a realização de cursos a distância que usam essa tecnologia. Os dados existentes (Anexo 2) mostram que, dos 88 municípios atendidos pelo curso de Licenciatura em Educação Básica – Anos Iniciais, dez têm acesso discado e vinte e cinco são atendidos por antenas do Programa GSAC (Governo Eletrônico - Serviço de Atendimento ao Cidadão) do governo federal. À exceção do pólo de Berilo, onde todos os municípios têm pelo menos uma antena instalada em um centro comunitário de acesso (telecentro), os demais pólos não têm todos os seus municípios com acesso à internet. Os dois tipos de acesso - o acesso discado, utilizando-se um computador ligado à rede por linha telefônica, e o acessado via antena captadora de sinais de satélite – requerem infra-estrutura diferenciada e têm custos diversos. O acesso discado necessita de linhas telefônicas e computadores conectados, podendo ser feito de uma instituição pública ou de residências, ao custo do tempo em termos de pulso telefônico local. A depender das características do servidor há maior possibilidade de acesso simultâneo por parte de diferentes usuários em comparação com a segunda modalidade. Nesta, a conexão se faz nos telecentros, instalados em prédios públicos nos municípios, com acesso livre e gratuito. Em alguns municípios, como os municípios de Chapada do Norte, Francisco Badaró, José Gonçalves de Minas, Minas Novas e Virgem da Lapa, municípios do pólo de Berilo, há duas antenas instaladas.

O Anexo 3 mostra o percentual de pessoas que vivem em domicílios onde há computadores e telefones fixos, por município atendido pela Licenciatura em Educação Básica – Anos Iniciais. Pode-se perceber que há heterogeneidade bem clara entre os municípios de cada pólo e entre alguns pólos, com destaque para os índices presentes nos municípios do pólo de Berilo.

Os alunos da Licenciatura em Educação Básica – Anos Iniciais são professores do ensino público municipal, com baixos salários e reduzida disponibilidade de tempo livre para estudo. Fazendo-se um paralelo entre os usos de tecnologias em amostragem restrita aos professores (Tabela 3) com os dados mostrados no Anexo 2, pode-se inferir que a utilização de tecnologias de informação e comunicação com base em Internet não se mostra viável, por falta de infra-estrutura disponível nos municípios envolvidos. Nas condições atuais de infra-estrutura e desigualdade de recursos, mesmo quando se enfoca um único pólo, muitos alunos ainda não têm acesso aos conhecimentos sobre tecnologias de educação com base na Internet.

Com intuito de minimizar as carências e preparar as condições de infra-estrutura mínima para prover habilidades no uso de TICs, o CEAD/UFOP instalou laboratórios de computação nos pólos, com recursos provenientes do Ministério da Ciência e Tecnologia (CT-Infra 2003). Nos dez pólos contemplados, quatro municípios não possuem acesso à internet. Os laboratórios, embora signifiquem um avanço nas condições computacionais nos municípios-sede, têm seu alcance restrito, uma vez que boa parte dos alunos se espalham pelos demais municípios de cada pólo, que, em sua maioria, não dispõem de condições necessárias ao provimento de habilidades em informática.

Além das limitações de ordem estrutural na aplicação de TICs no curso de Licenciatura em Educação Básica – Anos Iniciais, há as limitações de ordem humana, no que se refere às habilidades de manuseio e domínio das tecnologias e possibilidades de adquiri-las concomitantemente às tarefas do curso. Em uma situação de uso da Internet apenas para veicular os textos básicos do curso, é necessário que o aluno tenha o seguinte conjunto de habilidades mínimas para que haja um bom rendimento (Pallof & Pratt 2004):

> - conhecimento de mínimo de informática, como saber trabalhar com pastas de arquivos, salvar, procurar e abrir arquivos, usar redatores;
> - conhecimento de Internet, o que abrange saber como acessar o site com as informações do curso, fazer pesquisas de informações necessárias na Internet;
> - conhecimento sobre correio-eletrônico, como enviar, abrir e ler mensagens eletrônicas e arquivos anexados, salvar arquivos; obter ajuda necessária pela Internet.

Dominar estas habilidades demanda considerável tempo e, principalmente, determinação para enfrentar concepções e linguagens relativamente novas nas comunidades.

Além disso, há de ser considerado outro aspecto no processo de inserção de tecnologias de informação no curso de licenciatura. Trata-se da opção pelo tipo de software a ser utilizado, entre o software proprietário e o software livre. O governo federal tem diretrizes para a utilização de software e lançou recentemente documentação detalhada a respeito da migração para software livre, para guiar o processo de migração nas instituições públicas federais em consonância ao definido por legislação federal (Governo Brasileiro 2004).

Dentre as razões enumeradas para a utilização de software livre algumas têm especial importância para cursos desta natureza:

- nível de segurança proporcionado pelo software livre;
- eliminação de mudanças compulsórias que os modelos proprietários impõem periodicamente a seus usuários, face à descontinuidade de suporte a versões;
- independência de fornecedor único.
- despesas referentes a licenças de uso não são aplicáveis a soluções baseadas em software livre, resultam em economia progressiva para seus usuários.

Há vários aplicativos informáticos livres passíveis de utilização em educação a distância, alguns dos mais importantes foram desenvolvidos por instituições públicas brasileiras. Outros, ligados à comunicação com base na Internet, foram desenvolvidos por comunidades de software livres internacionais. A adoção de soluções que envolvam o uso de software livre por instituições públicas, como as universidades, sobretudo aquelas ações que promovam a interiorização de suas atividades, tem dupla importância. A principal delas é que fortalece o papel das instituições públicas no sentido de praticar ações respaldadas, e em observância às leis brasileiras e aos acordos internacionais dos quais o país é signatário, em especial a legislação sobre direito autoral. A outra é que o procedimento inibe a informalidade e ilegalidade na utilização de softwares proprietários, sobretudo nas localidades mais carentes, que não podem prescindir da aplicação eficiente dos recursos disponíveis.

O principal desafio a ser vencido com a adoção de softwares livres é a arraigada cultura de uso de softwares piratas, em especial de sistemas operacionais, redatores e planilhas digitais do tipo Office. Particularmente difundida nos computadores de uso doméstico, nos laboratórios de computação e nos pontos de acesso à internet nos municípios de pequeno a médio IDH, essa cultura gera influências financeiramente insustentáveis, se utilizadas respeitando a lei de direito autoral.

A inserção de tecnologias no modelo atual: limitações impostas pelo modelo

O modelo de educação a distância atualmente utilizado no curso de Licenciatura em Educação Básica – Anos Iniciais, conforme foi visto nos capítulos anteriores tem como base tecnológica a utilização de material impresso, vídeos e apoio suplementar de bibliotecas em cada sede municipal.

A comunicação com os corpos docente e administrativo envolvidos se dá nos encontros presenciais ou por meio de contatos telefônicos (Figura 1). De acordo com o exposto, o uso de telefone como principal meio de comunicação é justificado por ser de maior disponibilidade e de domínio amplo. As transformações, com a inserção de TICs, esbarram na falta de infra-estrutura disponível nos municípios atendidos e de domínio do conhecimento necessário à sua utilização. Essas limitações conferem ao modelo que adota o meio impresso a justa adequação às condições de infra-estrutura e socioculturais existentes. Enquanto forem mantidas, o modelo persistirá.

A ampliação do prazo para que o Ensino Fundamental se adapte às diretrizes da LDB9394/96, de 2007 para 2011, indica, ao mesmo tempo, não só a manutenção como também um marco no processo de transformação desse modelo. A transformação deverá se dar menos por ter o conhecimento de TICs se difundido, a ponto de atingir os professores da rede pública de Ensino Fundamental, e mais por haver ampliação do universo de professores do Ensino Básico atingidos pelos esforços públicos de proporcionar-lhes o Ensino Superior. Nessa perspectiva, mudar-se-á a clientela da Educação Superior a distância e, portanto, as habilidades em TICs serão de outra ordem. Mas, independentemente de como evoluirá a difusão da habilidade no emprego de TICs pela população, os modelos de educação superior a distância não devem abandonar o uso preponderante de material impresso. Atualmente cursos superiores a distância de países que estão em níveis bem mais avançados utilizam esse tipo de material como fonte principal de informação.

A utilização de TICs nas ações do CEAD/UFOP, para formação de professores do Ensino Básico, será admissível, em primeiro momento, se as condições de infra-estrutura e a habilidade no uso por parte dos docentes e discentes se tornarem mais favoráveis. Atendidas essas condições, há que se priorizar a inserção do uso da Internet no modelo adotado na Licenciatura em Educação Básica – Anos Iniciais.

A manutenção do modelo atual modificado pela utilização de TICs traz como vantagem fundamental a valorização da experiência acumulada pelo CEAD e não leva a rupturas nos processos em desenvolvimento.

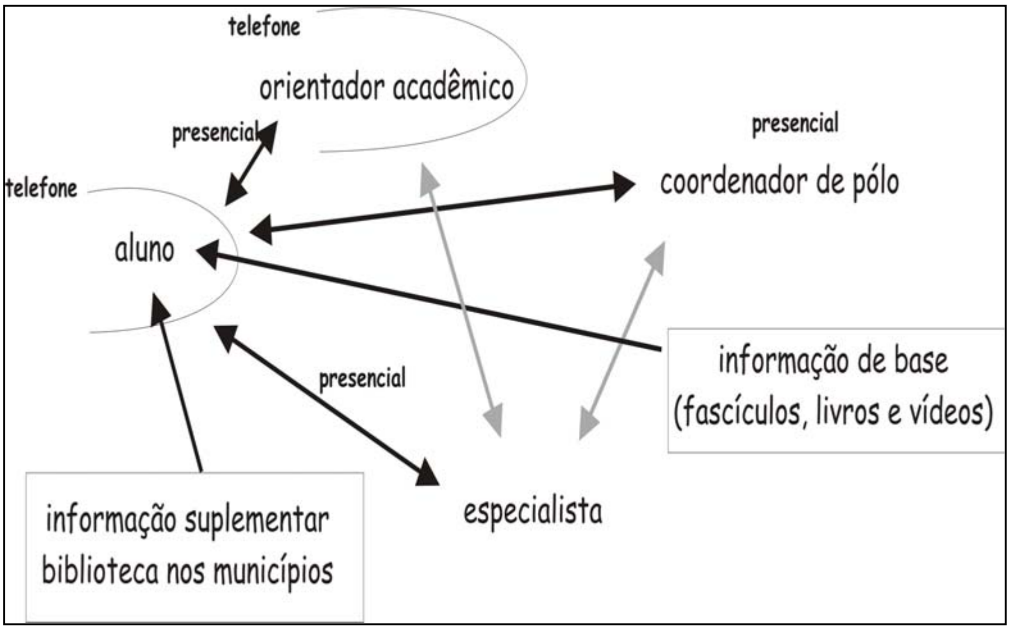
telefone
orientador acadêmico
presencial
presencial
telefone
coordenador de pólo
aluno
informação de base
(fascículos, livros e vídeos)
presencial
informação suplementar
biblioteca nos municípios
especialista

Figura 1 – Fluxo de informações e meios de comunicação utilizados no modelo de educação a distância utilizado na Licenciatura em Educação Básica – Anos Iniciais, ministrado pelo CEAD/UFOP.

A inserção de TICs no modelo utilizado pelo CEAD passa pela introdução do correio eletrônico como meio prioritário de comunicação remota, alternativa ao uso do telefone, e da distribuição da informação de base dos cursos pela Internet, em multimídia, ou, em condições menos favoráveis, por textos em html e figuras anexadas (Figura 2).

Para consolidar as modificações no modelo atual alguns aspectos da infra-estrutura, hoje restritivos, devem ser otimizados. O link de acesso da UFOP através da RNP é de 4Mbps para atender a todas as suas necessidades atuais e às demandas de crescimento futuras e já planejadas, em especial as referentes à pós-graduação. A utilização de recursos multimídia nos cursos representa aumento de tráfego, pois, nos números de hoje, significariam dois mil seiscentos e trinta e cinco usuários a mais. O número de pontos de acesso nos municípios deveria ser aumentado, conforme foi discutido. Além disso, deveria ser melhorada a infra-estrutura nos pontos de acesso com a instalação de impressoras e acrescidos custos aos estudantes, como os de impressão de textos e figuras.

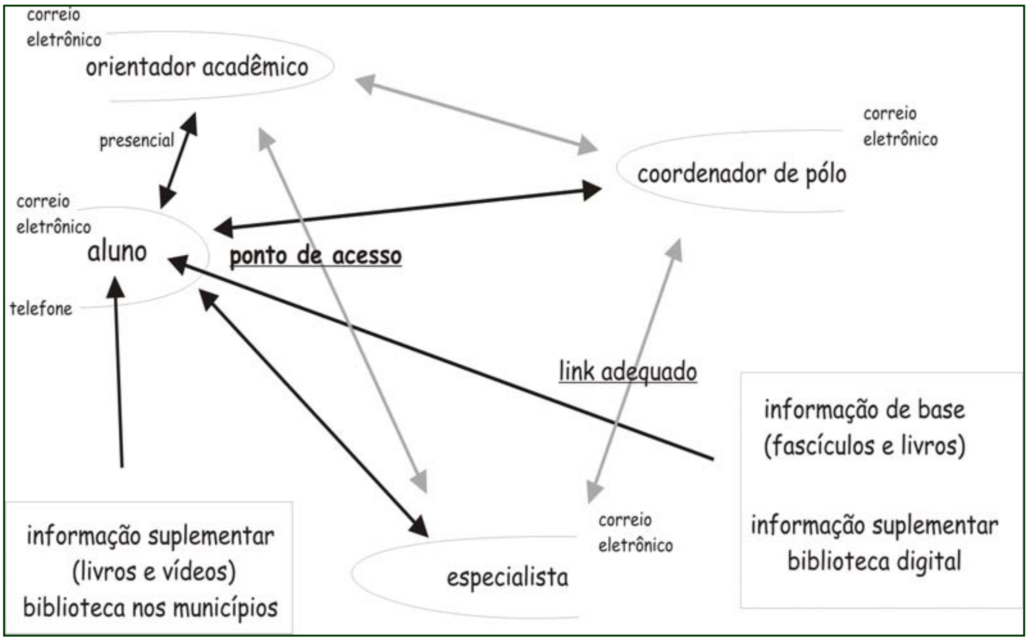
correio eletrônico
orientador acadêmico
correio eletrônico
presencial
coordenador de pólo
correio eletrônico
aluno
ponto de acesso
telefone
link adequado
informação de base (fascículos e livros)
informação suplementar biblioteca digital
correio eletrônico
informação suplementar (livros e vídeos) biblioteca nos municípios
especialista

Figura 2 – Fluxo de informações e meios de comunicação utilizados com a introdução da internet no modelo de educação a distância utilizado na Licenciatura em Educação Básica – Anos Iniciais, ministrado pelo CEAD/UFOP.

Ações realizadas em diversas instituições, inclusive na UFOP, têm mostrado que a utilização de plataformas de geração de cursos, ofertados como disciplinas na graduação, portanto atuando junto a um público com conhecimento de TICs presumidamente mais elevado, parecem estar longe de um desenvolvimento adequado. Há necessidade de ampliação do tempo adequado à compreensão das diferenças pedagógicas em relação ao modelo presencial por parte dos estudantes, além de maior assimilação e consolidação pedagógica por parte dos docentes (Castro, 2004) .

Referências Bibliográficas

CASTRO, P.T.A. *A oferta de disciplinas na modalidade a distância no curso de graduação em Geologia como autorizado pela Portaria MEC nº 2.253 de 18 de outubro de 2001: riscos e dificuldades*. Centro Experimental de Novas Tecnologias de Ensino em Geociências – CENTEG – Degeo – UFOP. Relatório interno. 2004.

CEAD/UFOP. INFOPED - *Informatização de pólos a distância.* Projeto aprovado pelo CT-Infra. 2003.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS MUNICÍPIOS. http://www.portalmunicipal.org.br Acessado em 7 de janeiro de 2005.

GALLISA Jr, R.C. *Os sistemas de gestão em EAD nos projetos Veredas e Nead/UFOP.* Anteprojeto submetido ao Curso de Especialização Formação de Orientadores Acadêmicos. CEAD – UFOP. 2002.

GOVERNO BRASILEIRO. *Guia Livre – Referência de migração para software livre do governo Federal*. www.governoeletronico.gov.br . Acessado em novembro de 2004.

NEVES, C.M.C. *Referenciais de Qualidade para a Educação a Distância*. 2003. http://www.mec.gov.br/seed/indicadores.shtm. Acessado em 7 de janeiro de 2005.

PALLOFF, R.M.; PRATT, K. *O aluno virtual. Um guia para trabalhar com estudantes on-line*. Porto Alegre. Artmed Editora. 2004.

PNUD – IPEA – Fundação João Pinheiro. *Atlas de desenvolvimento humano no Brasil*, versão 1.0.0. 2003

PROGRAMA GSAC - “*Governo Eletrônico - Serviço de Atendimento ao Cidadão – GESAC*”, http://www.idbrasil.gov.br . Acessado em 7 de janeiro de 2005.

Anexo 1

Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e Índice de Desenvolvimento Humano Municipal-Educação (IDH-Educação) dos municípios atendidos pela Licenciatura em Educação Básica – Anos Iniciais, distribuídas de acordo com os pólos. Os dados referentes às seis primeiras unidades aparecem para efeito de comparação.

Municípios, Estado, País	Número de alunos por município, 2004	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal, 2000	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal-Educação, 2000
Dados do país e de alguns municípios apresentados para comparação			
Brasil		0,766	0,849
Minas Gerais		0,773	0,85
Belo Horizonte *		0,839	0,929
Setubinha**		0,568	0,608
Poços de Caldas***		0,841	0,886
Ninheira+		0,604	0,573
Dados referentes aos municípios atendidos pelo curso de Licenciatura em Educação Básica – Anos Iniciais			
Pólo de Barão de Cocais	**307**		
Barão de Cocais	164	0,757	0,894
Bom Jesus do Amparo	35	0,711	0,808
Diogo de Vasconcelos	22	0,660	0,746
Itambé do Mato Dentro	21	0,674	0,755
Nova União	33	0,700	0,797
Passabém	10	0,694	0,772
São Gonçalo do Rio Abaixo	21	0,702	0,811
Taquaraçu de Minas	24	0,735	0,812
Pólo de Berilo	**325**		
Berilo	73	0,68	0,75
Chapada do Norte	41	0,641	0,672
Francisco Badaró	66	0,646	0,691
Jenipapo de Minas	14	0,618	0,685
José Gonçalves de Minas	27	0,646	0,711
Minas Novas	59	0,633	0,690
Virgem da Lapa	45	0,664	0,728
Pólo de Jequeri I e II	**465**		
Acaiaca	1		
Jequeri	66	0,662	0,745
Oratórios	5	0,663	0,784
Piedade de Ponte Nova	53	0,674	0,781
Raul Soares	73	0,729	0,795
Rio Casca	152	0,712	0,801
Rio Doce	14	0,702	0,805
Santa Cruz do Escalvado	35	0,670	0,771
Urucânia	66	0,693	0,791
Pólo de Mariana	**328**		
Acaiaca	12	0,678	0,803
Inhaúma	31	0,739	0,838
Mariana	194	0,772	0,890
Ouro Branco	84	0,801	0,91
Paraopeba	7		

Pólo de Maripá de Minas I e II	**510**		
Argirita	18	0,735	0,814
Bicas	24	0,799	0,87
Coronel Pacheco	12	0,736	0,81
Descoberto	17	0,748	0,800
Dona Euzébia	21	0,743	0,821
Goianá	19	0,741	0,844
Guarará	20	0,750	0,823
Itamarati de Minas	24	0,751	0,833
Leopoldina	70	0,778	0,854
Maripá de Minas	33	0,749	0,823
Matias Barbosa	48	0,782	0,860
Oliveira Fortes	11	0,695	0,758
Pequeri	19	0,746	0,858
Rio Novo	38	0,766	0,823
Rio Pomba	33	0,771	0,821
Rochedo de Minas	12	0,750	0,830
Santana do Deserto	8	0,744	0,828
Santo Antônio do Aventureiro	9	0,709	0,786
São João Nepomuceno	29	0,763	0,846
Senador Cortes	14	0,731	0,793
Simão Pereira	11	0,760	0,820
Volta Grande	20	0,732	0,821
Pólo de Ouro Preto	**334**		
Acaiaca	44	0,678	0,803
Jequeri	9	0,662	0,745
Ouro Preto	278	0,787	0,911
Piedade de Ponte Nova	3		
Pólo de Paraopeba	**229**		
Araçaí	21	0,748	0,875
Caetanópolis	35	0,77	0,881
Cordisburgo	55	0,733	0,832
Funilândia	20	0,706	0,82
Jequitibá	24	0,692	0,798
Paraopeba	74	0,767	0,873
Pólo de Nova Era I e II	**500**		
Amparo da Serra	24	0,675	0,748
Antônio Dias	45	0,661	0,765
Barra Longa	35	0,668	0,795
Dom Silvério	23	0,728	0,859
Nova Era	76	0,792	0,896
Oratórios	15	0,663	0,784
Rio Piracicaba	26	0,735	0,856
Rio Vermelho	42	0,783	0,874
Santa Maria de Itabira	33	0,7	0,805
São Domingos do Prata	28	0,751	0,844
São José do Goiabal	34	0,685	0,82
São Pedro dos Ferros	30	0,705	0,807
Sem-Peixe	17	0,677	0,781
Timóteo	72		
Pólo de Timóteo	**371**		
Bela Vista de Minas	5	0,738	0,885
Belo Oriente	46	0,697	0,81
Bom Jesus do Galho	14	0,657	0,744
Coluna	63	0,656	0,716
Córrego Novo	11	0,677	0,723
Dionísio	13	0,681	0,809
Frei Lagonegro	27	0,612	0,711
Ipaba	11	0,702	0,819
Periquito	42	0,647	0,713

Pingo d'Água	9	0,685	0,758
Timóteo	130	0,831	0,923
Pólo de Tocantins	**171**		
Antônio Carlos	40	0,733	0,805
Aracitaba	20	0,684	0,771
Belmiro Braga	18	0,735	0,812
Brás Pires	10	0,705	0,814
Divinésia	7	0,724	0,802
Dona Euzébia	7		
Dores do Turvo	12	0,711	0,769
Guiricema	9	0,735	0,794
Oliveira Fortes	1		
Pequeri	4	0,746	0,858
São Sebastião da Vargem Alegre	8	0,689	0,799
Tocantins	35	0,762	0,81

IDH- Municipal: é obtido pela média aritmética simples de três subíndices, referentes a Longevidade (IDH-Longevidade), Educação (IDH-Educação) e Renda (IDH-Renda).

IDH-Educação (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal-Educação): é obtido a partir da relação entre a taxa de alfabetização e da taxa bruta de freqüência à escola

- município de maior IDH – Educação; + - município de menor IDH – Educação; ** - município de maior IDH; *** - município maior IDH

Fontes:CEAD/UFOP e Atlas do desenvolvimento humano no Brasil (2004)

Anexo 2

Características da população dos municípios atendidos pela Licenciatura em Educação Básica – Anos Iniciais conforme o pólo e a presença de pontos de acesso à Internet.

Unidade	**População (censo 2000)**			**Acesso à Internet (modalidade)**	
(Municípios, Estado, País)	**total**	**urbana (%)**	**rural (%)**	**provedor no município (acesso discado)#**	**antenas do Programa GSAC[1] instaladas nos municípios***
Brasil	169.799.170	81,2	18,8		3200
Minas Gerais	17891494	82,0	18,0	**22,7% sim** **77,3% não**	431
Pólo de Barão de Cocais				**(0/8)**	**(1/8)**
Barão de Cocais	23391	91,1	8,9	não	
Bom Jesus do Amparo	4817	42,0	58,0	não	
Diogo de Vasconcelos	3972	21,2	78,8	não	
Itambé do Mato Dentro	2592	29,2	70,8	não	
Nova União	5427	26,3	73,7	não	sim
Passabém	1946	33,5	66,5	não	
São Gonçalo do Rio Abaixo	8462	44,4	55,6	não	
Taquaraçu de Minas	3491	39,5	60,5	não	
Pólo de Berilo				**(0/6)**	**(6/6)**
Berilo	12979	23,5	76,7	não	sim
Chapada do Norte	15225	32,0	68,0	não	sim
Francisco Badaró	10309	24,3	75,7	não	sim
Jenipapo de Minas	6490	31,1	68,9	não	sim
José Gonçalves de Minas	4706	16,4	83,4	não	sim
Minas Novas	30646	25,2	74,8	não	sim
Virgem da Lapa	13672	43,0	57,0	não	sim
Pólo de Jequeri I e II				**(1/8)**	**(2/8)**
Jequeri	13646	47,2	52,8	não	
Oratórios	4356	62,6	37,4	não	sim
Piedade de Ponte Nova	4016	66,5	33,5	não	
Raul Soares	24257	58,9	41,1	sim	
Rio Casca	15244	75,2	24,8	não**	sim
Rio Doce	2313	59,3	40,7	não	
Santa Cruz do Escalvado	5380	30,5	69,5	não	
Pólo de Mariana				**(2/4)**	**(1/4)**
Acaiaca	3889	61,3	38,7	não	
Inhaúma	5195	66,7	33,3	não	
Mariana	46565	82,9	17,1	sim	
Ouro Branco	30383	86,6	13,4	sim	sim
Pólo de Maripá de Minas I e II				**(4/22)**	**(4 /22)**
Argirita	4706	54,3	45,7	não	

Bicas	12791	89,9	10,1	sim	
Coronel Pacheco	2878	62,1	37,9	não	
Descoberto	4524	71,8	28,2	não	
Dona Euzébia	5150	89,6	10,4	não	
Goianá	3323	72,6	27,4	não	sim
Guarará	4152	83,5	16,5	não	sim
Itamarati de Minas	3789	74,0	26,0	não	
Leopoldina	50041	87,0	13,0	sim	
Maripá de Minas	2594	72,1	27,9	não	
Matias Barbosa	12293	94,0	6,0	não	
Oliveira Fortes	2141	49,8	50,2	não	
Pequeri	3375	88,5	11,5	não	
Rio Novo	8540	85,0	15,0	não	
Rio Pomba	16079	80,9	19,1	sim	
Rochedo de Minas	1908	89,3	10,7	não	
Santana do Deserto	3769	32,5	67,5	não	
Santo Antônio do Aventureiro	3501	57,8	42,2	não	
São João Nepomuceno	23714	93,9	6,1	sim	
Senador Cortes	2001	54,5	45,5	não	
Simão Pereira	2473	53,9	46,1	não	sim
Volta Grande	4918	70,7	29,3	não	sim
Pólo de Ouro Preto				**(1/4)**	**(0/4)**
Acaiaca	3879	61,2	38,8	não	
Jequeri	13646	47,2	52,8	não	
Ouro Preto	65731	84,9	15,1	sim	
Piedade de Ponte Nova	4016	66,5	33,5	não	
Pólo de Paraopeba				**(0/6)**	**(2/6)**
Araçaí	2132	79,2	20,8	não	
Caetanópolis	7227	83,6	16,4	não	sim
Cordisburgo	8865	62,8	37,2	não	
Funilândia	2616	42,9	57,1	não	
Jequitibá	5048	27,0	73,0	não	
Paraopeba	17015	81,2	18,8	não	sim
Pólo de Nova Era I e II				***(1/13)***	**(2/13)**
Amparo da Serra	5476	45,7	54,3	não	
Antônio Dias	10045	44,3	55,7	não	
Barra Longa	7553	29,7	70,3	não	
Dom Silvério	5166	74,2	25,8	não	
Nova Era	5166	86,3	13,7	sim	
Oratórios	4356	62,6	37,4	não	sim
Rio Piracicaba	13676	75,1	24,9	não	
Rio Vermelho	15862	21,4	78,6	não	sim
Santa Maria de Itabira	10433	48,0	52,0	não	
São Domingos do Prata	17606	51,7	48,3	não**	
São José do Goiabal	6007	57,4	42,6	não	
São Pedro dos Ferros	9251	76,1	23,9	não	
Sem-Peixe	3170	36,8	63,2	não	
Pólo de Timóteo				**(1/11)**	**(6/11)**
Bela Vista de Minas	9806	93,8	6,2	não	
Belo Oriente	19528	83,1	16,9	não	
Bom Jesus do Galho	16166	57,5	42,5	não	sim
Coluna	9993	36,3	63,7	não	sim
Córrego Novo	3638	58,9	41,1	não	
Dionísio	10184	55,4	44,6	não	sim

Frei Lagonegro	3188	12,4	87,6	não	
Ipaba	14527	90,5	9,5	não	sim
Periquito	7441	73,1	26,9	não	sim
Pingo d'Água	3.820	90,8	9,2	não	sim
Timóteo	71456	99,8	0,2	sim	
Pólo de Tocantins				**(0/11)**	**(1 /11)**
Antônio Carlos	10834	54,5	45,5	não	
Aracitaba	2202	66,0	34,0	não	sim
Belmiro Braga	3421	27,7	72,3	não	
Brás Pires	5108	35,3	64,7	não	
Dona Euzébia	5361	86,1	13,9	não	
Divinésia	3179	46,8	53,2	não	
Dores do Turvo	4797	39,1	60,9	não	
Guiricema	9238	42,6	57,4	não	
Pequeri	3375	88,5	11,5	não	
São Sebastião da Vargem Alegre	2568	47,4	52,6	não	
Tocantins	15004	75,6	24,4	não	

Confederação Nacional dos Municípios dados de 2001 http://www.portalmunicipal.org.br

[1] Programa GSAC - "Governo Eletrônico - Serviço de Atendimento ao Cidadão – GESAC", http://www.idbrasil.gov.br

*Localidades atendidas pelo CEAD e que possuem antenas GSAC instaladas. Total de antenas instaladas em MG: 431. (n/n) = (número de municípios com acesso/ número de municípios no pólo). ** Municícipios que não possuem acesso discado (CEAD2004)

Anexo 3

Percentual de pessoas que vivem em domicílios que tem computadores e telefones fixos por município atendido pela Licenciatura em Educação Básica – Anos Iniciais, e as possibilidades de acesso a internet.

Unidade Federativa	**Número de matriculas no curso de Licenciatura em Educação Básica – Anos iniciais**	**Percentual de pessoas que vivem em domicílio com computador (2000)**	**Percentual de pessoas que vivem em domicílio com telefone (2000)**	**Acesso a Internet (modalidade)**	
(Municípios, Estado, País)				provedor no município (acesso discado)#	**Antenas do Programa GSAC[1] instaladas nos municípios***
Brasil		**10,3**	**37,4**	-	3200
Minas Gerais		**9,2**	**40,3**	**22,7% sim** **77,3% não**	431
Belo Horizonte		24,5	81,4	sim	
Pólo de Barão de Cocais	**307**			**(0/8)**	**(1/8)**
Barão de Cocais	145	6,3	31,2	não	
Bom Jesus do Amparo	35	1,5	12,3	não	
Diogo de Vasconcelos	21	0,8	2,9	não	
Itambé do Mato Dentro	20	0,6	6,7	não	
Nova União	32	2,0	22,5	não	sim
Passabem	10	1,1	10,4	não	
São Gonçalo do Rio Abaixo	20	1,7	13,1	não	
Taquaraçu de Minas	24	1,6	15,2	não	
Pólo de Berilo	325			(0/7)	(7/7)
Berilo	73	1,7	4,0	não	sim
Chapada do Norte	41	0,7	1,6	não	sim
Francisco Badaró	66	0,8	5,9	não	sim
Jenipapo de Minas	14	0,2	6,5	não	sim
José Gonçalves de Minas	27	0,2	4,6	não	sim
Minas Novas	59	1,1	3,3	não	sim
Virgem da Lapa	45	0,9	7,0	não	sim
Pólo de Jequeri	**465**			**(2/8)**	**(2/8)**
Acaiaca	1				
Jequeri	66	1,7	7,4	não	
Oratórios	5	1,0	10,0	não	sim
Piedade de Ponte Nova	53	2,2	11,0	não	
Raul Soares	73	3,6	13,8	sim	
Rio Casca	152	4,4	20,8	sim	sim
Rio Doce	14	2,6	12,0	não	
Santa Cruz do Escalvado	35	0,8	6,8	não	
Urucânia	66	1,7	10,5	não	
Pólo de Mariana	328			(2/4)	(1/4)
Acaiaca	12	1,4	11,0	não	
Inhaúma	31	1,6	21,0	não	
Mariana	194	10,7	24,2	sim	
Ouro Branco	84	19,4	44,5	sim	sim
Paraopeba	7				
Pólo de Maripá de Minas	**510**			**(4/22)**	**(4 /22)**
Argirita	18	2,9	16,2	não	

Bicas	24	11,9	53,2	sim	
Coronel Pacheco	12	3,2	18,0	não	
Descoberto	17	2,2	22,9	não	
Dona Euzébia	21	4,1	20,2	não	
Goianá	19	4,4	22,0	não	sim
Guarará	20	3,5	22,9	não	sim
Itamarati de Minas	24	2,9	15,7	não	
Leopoldina	70	6,4	38,3	sim	
Maripá de Minas	33	3,1	21,8	não	
Matias Barbosa	48	5,9	36,3	não	
Oliveira Fortes	11	1,1	10,8	não	
Pequeri	19	4,7	35,7	não	
Rio Novo	38	6,4	32,0	não	
Rio Pomba	33	7,3	27,8	sim	
Rochedo de Minas	12	3,1	25,7	não	
Santana do Deserto	8	3,6	16,4	não	
Santo Antônio do Aventureiro	9	1,3	8,5	não	
São João Nepomuceno	29	6,3	31,6	sim	
Senador Cortes	14	2,0	11,8	não	
Simão Pereira	11	3,0	18,4	não	sim
Volta Grande	20	3,0	16,8	não	sim
Pólo de Ouro Preto	**334**			**(1/2)**	**(0/2)**
Acaiaca	44	1,4	11,1	não	
Jequeri	9				
Piedade de Ponte Nova	3				
Ouro Preto	278	10,9	31,2	sim	
Pólo de Paraopeba	**229**			**(0/6)**	**(2/6)**
Araçaí	21	2,9	31,3	não	
Caetanópolis	35	4,0	27,7	não	sim
Cordisburgo	55	3,1	19,7	não	
Funilândia	20	1,7	15,5	não	
Jequitibá	24	1,0	9,6	não	
Paraopeba	74	4,2	25,5	não	sim
Pólo de Nova Era	**500**			**(2/13)**	**(2/13)**
Amparo da Serra	24	1,6	6,4	não	
Antônio Dias	45	1,1	5,5	não	
Barra Longa	35	0,7	9,7	não	
Dom Silvério	23	3,2	21,8	não	
Nova Era	76	8,9	25,8	sim	
Oratórios	15	1,0	9,9	não	sim
Rio Piracicaba	26	3,5	17,5	não	
Rio Vermelho	42	1,2	5,4	não	sim
Santa Maria de Itabira	33	3,9	14,8	não	
São Domingos do Prata	28	2,9	12,8	sim	
São José do Goiabal	34	2,1	8,1	não	
São Pedro dos Ferros	30	2,1	15,5	não	
Sem-Peixe	17	0,9	6,1	não	
Timóteo	72				
Pólo de Timóteo	**371**			**(1/11)**	**(6/11)**
Bela Vista de Minas	5	4,7	19,2	não	
Belo Oriente	46	2,7	6,7	não	
Bom Jesus do Galho	14	0,8	5,8	não	sim
Coluna	63	1,4	6,3	não	sim
Córrego Novo	11	0,6	6,8	não	
Dionísio	13	2,8	9,6	não	sim
Frei Lagonegro	27	0,3	3,2	não	
Ipaba	11	1,3	5,1	não	sim
Periquito	42	1,0	7,5	não	sim
Pingo d'Água	9	2,0	12,4	não	sim

Timóteo	130	14,8	61,6	sim	
Pólo de Tocantins	**171**			**(0/9)**	**(1 /9)**
Antônio Carlos	40	3,9	14,3	não	
Aracitaba	20	1,4	12,7	não	sim
Belmiro Braga	18	2,9	12,3	não	
Brás Pires	10	1,2	7,5	não	
Divinésia	7	1,8	10,8	não	
Dona Euzébia	7				
Dores do Turvo	12	2,2	8,4	não	
Guiricema	9	2,2	11,6	não	
Oliveira Fortes	1				
Pequeri	4				
São Sebastião da Vargem Alegre	8	1,1	10,0	não	
Tocantins	35	4,7	19,8	não	

Confederação Nacional dos Municípios dados de 2001 http://www.portalmunicipal.org.br

[1] Programa GSAC - "Governo Eletrônico - Serviço de Atendimento ao Cidadão – GESAC", http://www.idbrasil.gov.br

*Localidades atendidas pelo CEAD e que possuem antenas GSAC instaladas. Total de antenas instaladas em MG: 431. (n/n) = (número de municípios com acesso/ número de municípios no pólo)

Fontes CEAD (2004) e Atlas do desenvolvimento humano no Brasil (2004)

Capítulo 6

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO UNIVERSITÁRIO NA MODALIDADE EAD

Keila Deslandes

Construção da Identidade: o processo “imaginação – ação – interação”

“Quem é você?” A iniciativa de responder a essa pergunta, básica e fundamental para cada um de nós, nada tem de simples. Na assertiva que se apresenta, encontra-se a própria essência da identidade do respondente. E aí começa um jogo complicado... De intenções, pretensões, projeções, conceitos, preconceitos, reciprocidades *etc*. Podemos nos lembrar do “Palácio de Risos”, de um parque de diversões onde espelhos e mais espelhos torcem e distorcem a percepção que cada um tem de si próprio, numa sucessão de imagens inesperadas e surpreendentes. O sujeito não pode mais continuar em-si-mesmado. A identidade não é mais a imagem de si com a qual a pessoa adentrou o palácio. Doravante, essa será necessariamente uma construção que percorre os caminhos da ação e da interação.

Postulamos ser o processo de construção da identidade configurado a partir de três momentos complementares, onde o primeiro é o da **imaginação**. “Eu sou...” A personagem imaginada é uma criação ficcional. As terapias de auto-ajuda, de ampla difusão popular, trabalham, prioritariamente, sobre esse eixo do ser. A pessoa pode acreditar que é alguém de tal e tal maneira, visualizar alguns ideais para seus comportamentos a partir dessa auto-imagem positiva e, assim, esperar que o mundo lhe responda convenientemente. É uma aposta importante que as pessoas fazem em suas vidas, mas os resultados favoráveis dependem do contexto e da possibilidade de se abranger ainda os dois outros momentos do conceito de identidade.

Cada um tem uma idéia fictícia de si, feita pelo próprio sujeito, a qual pode inclusive ser bastante ajustada à realidade. Porém essa invenção vai se concretizando gradualmente. Assim, a partir da imagem que tem de si, o sujeito passa a lidar consigo mesmo e com o mundo circundante, nisso incluídos os relacionamentos interpessoais. Como ele acredita que é carinhoso, ele oferece flores para a sua namorada. Ou, pensando que é parcimonioso, faz uma poupança.

A situação se complica um pouco quando o sujeito pratica ações, por assim dizer, negativas. Todo mundo quer ter uma ficção positiva de si, de forma que, quando uma pessoa pratica uma ação de vingança, por exemplo, seria difícil ela dizer que se pensa vingativa e, por isso, age de acordo com essa ficção. Mas, caso pedíssemos para essa pessoa listar seus defeitos e qualidades, ela certamente se lembraria de mencionar as características de um tipo que usa dos subterfúgios do revanchismo. Ou, nos testes projetivos de personalidade, quando as defesas da consciência são ultrapassadas, os traços psíquicos poderiam ser revelados.

O segundo momento do processo de construção da identidade está, portanto, delineado. Trata-se da **ação** da identidade, que é inspirada na crença daquilo que cada um é. Cada um de nós, intimamente, acredita saber o que é capaz de fazer ou não. A identidade fictícia passa, portanto, por uma materialização em ações concretas, que se desenrolam no cotidiano. Eu ajo tendo em vista aquilo que acredito que sou.

Finalmente, sendo seres sociais, toda a ação resulta em inter-ação. Mesmo só, numa floresta ou num deserto, eu interajo com as expectativas do contexto sobre mim. Desde o meu nascimento, sou um ser pensado, nomeado, com ancestrais, nacionalidade, gênero, cor de pele e tantos outros atributos que me inserem numa sociedade e numa cultura pré-determinadas. O sujeito não consegue escolher essas características do entorno original. E, assim, a ficção identitária, bem como a ação da identidade de cada um, interage com os limites do *a priori* do meio. Nesse sentido, a identidade assume o seu terceiro momento, de **interação**. Numa dinâmica cíclica e helicoidal, aquilo que antes era uma imaginação do ser passa a fundamentar as ações sociais que devem ser legitimadas por outros sujeitos e pelas instituições sociais que geraram o sentimento original de ser. Porém, mais que “cachorro mordendo o rabo”, temos aí um processo sistêmico, em que os diversos elementos só têm sentido em contexto e o conjunto funciona numa lógica particular e diferente daquela das partes constituintes isoladas.

O conceito de identidade faz referência, portanto, a uma materialização social daquilo que o sujeito acredita ser na sua intimidade. Esse processo, operacionalizado individualmente, vai ser refeito por diferentes indivíduos que, chegando eles mesmos a resultados finais semelhantes, se identificam mutuamente e formam os grupos de pertinência social. Como destaca CODO

(2002)[1], etimologicamente, identidade quer dizer a mesma entidade. Daí podermos falar de uma identidade masculina (sou igual aos homens, ou os homens somos iguais), de uma identidade nacional (sou igual aos brasileiros, ou os brasileiros somos iguais) *etc*. Estamos, portanto, perante a construção de igualdades: eu = professora, eu = brasileira, eu = mulher etc. E, por extensão, diante do surgimento das diferenças.

O sistema-universidade e suas identidades

Este texto tem por objetivo apresentar um conjunto de reflexões que temos feito a partir de nosso trabalho de formação de professores na Licenciatura em Educação Básica – Anos Iniciais, modalidade a distância, no Centro de Educação Aberta e a Distância da Universidade Federal de Ouro Preto (CEAD/ UFOP). Como foi amplamente discutido nos capítulos anteriores, trata-se de uma experiência iniciada em 2000, a partir do intercâmbio com a proposta pioneira da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Neste contexto, as parcerias com outros órgãos públicos, especialmente as prefeituras e secretarias municipais de educação, constituem-se como elementos importantes para o funcionamento do modelo. Os estudantes, sempre trabalhadores e predominantemente do sexo feminino, adentram o sistema-universidade por meio do Processo Isolado de Seleção - PIS. Quanto às matérias exigidas, as provas são diferenciadas em relação ao vestibular tradicional. Mesmo assim, o ritual de inserção institucional ocasiona todo tipo de ansiedade e expectativa, tendo em vista a representação da Universidade na mente dos ingressantes.

A identidade dos universitários a distância se inicia, portanto, nesse processo de seleção. Os professores do Ensino Fundamental, até então inseridos no mundo do trabalho, passam a criar para si mesmos uma imagem do ser estudante de uma universidade pública federal. A expectativa de ingresso, parece-nos, pouco difere daquela que usualmente se percebe entre os vestibulandos em geral, sejam eles de classes sociais abastadas ou não.

---

[1] CODO, Wanderley. **Identidade e economia (I): espelhamento, pertencimento, individualidade**. *Psic.: Teor. e Pesq.*, set./dez. 2002, vol.18, no.3, p.297-304. ISSN 0102-3772

Adentrar no sistema universitário, especialmente no federal, é sempre marcado por uma idéia de ascensão social a partir de melhorias nas condições de empregabilidade e salários para o futuro. A noção de realização pessoal, pelo desenvolvimento de uma carreira, também se faz sempre presente. Contudo, para os ingressantes no curso de Licenciatura a distância, que pressupõe o vínculo empregatício anterior, a permanência das condições materiais de trabalho se apresenta de maneira mais objetiva.

A primeira etapa do processo de construção identitária, portanto, constitui-se pela imaginação do devir universitário.

Com o resultado do processo seletivo, a instituição Universidade confere aos postulantes à Licenciatura o direito de efetivamente ingressar no sistema, como alunos regulares. Com isso, inicia-se um conjunto de ações de legalização da identidade imaginada, cuja principal é a matrícula institucional. O ingressante passa a ser um "calouro". Ele tem doravante um número de registro acadêmico, que lhe faculta potencialmente várias outras ações próprias da identidade universitária. Por exemplo, o uso das instalações de assistência estudantil (restaurantes, bibliotecas, repúblicas e serviços médicos e odontológicos).

No entanto a construção da identidade somente se completa com a realização de um terceiro momento do conceito, ao qual denominamos de momento da interação. É isso que pretendemos discutir no próximo item.

Emergência de novas identidades e crises identitárias: os "estudantes a distância"

Como apresentamos anteriormente, a construção da identidade se faz a partir de uma dinâmica "ficção - ação - interação", em que os elementos do sistema somente têm sentido quando espelhados entre si. Portanto não se pode falar numa identidade bem formada, quando algum desses itens estiver ausente ou enfraquecido.

Sendo assim, podemos postular a existência de crises identitárias de relativa importância no processo de formação do professor em exercício, pela modalidade a distância, no sistema público de ensino superior. Situações de extrema ambivalência, mais especialmente no momento da interação, podem ser apresentadas no sentido de ilustrar esse argumento. Tomada como uma minoria, no sentido sociológico do termo, a identidade coletiva dos estudantes a distância é freqüentemente submetida a marginalizações de toda ordem. Não se trata, no entanto, de um ataque pessoal a quem quer que seja, mas de uma exclusão institucionalizada em diferentes instâncias da vida universitária.

BARRENECHEA (2003)[2], discutindo a formação da identidade do aluno na EAD a partir de uma experiência numa universidade pública paranaense, aponta para aquilo que chama de falta de compromisso da instituição e "percepção política equivocada" em relação aos direitos e legitimidade dos estudantes que fazem curso superior nessa modalidade. Como exemplos, a autora apresenta o impedimento do empréstimo de livros nas bibliotecas, a ausência de um Centro Acadêmico representativo e a proibição de voto na eleição para reitor e vice-reitor, facultado somente ao corpo discente "presencial". Trata-se de procedimentos de exclusão que, destaca a autora, sendo arbitrários, não-verbalizados formalmente e situados no espaço ambíguo da subjetividade, impõem um vínculo de dominação de difícil superação. O estudante a distância não consegue visualizar claramente os obstáculos que precisaria transpor para conquistar autonomia e construir a identidade universitária.

O estudante universitário da EAD na UFOP e a construção de sua identidade

Ainda é modesta a reflexão sobre a dinâmica da construção da identidade no contexto do programa de formação de professores para os anos iniciais do Ensino Fundamental, na modalidade a distância, na experiência da Universidade Federal de Ouro Preto. Todavia consideramos importante fazer uma leitura das condições de fortalecimento desse processo, que permite que se ultrapasse a mentalidade intramuros das instituições universitárias e possibilita a transformação definitiva das formas do aprender a aprender. Com efeito, essa iniciativa reformula o conceito de formação acadêmica, mediante a constatação de que sucessivas conquistas tecnológicas levam ao estabelecimento de novos modelos e limites, bem como a uma maior complexidade das demandas colocadas pela sociedade. Ocorre uma mudança substancial, finalmente, da lógica pela qual os sujeitos ocupam lugares no espaço socioinstitucional, dos valores interiorizados e do sentimento de pertinência a um todo vivido concretamente na experiência da diversidade.

---

[2] BARRENECHEA C A, A formação da identidade do aluno na educação a distância: reflexões para um debate, **Educar, Curitiba**, n. 21, p- 99 – 116, 2003.

Diversos movimentos interagem no sentido de possibilitar a passagem da imaginação identitária à efetiva identidade dos estudantes a distância, inserida no jogo das relações objetivas e subjetivas da instituição e suas contradições. Por parte desses estudantes, manifesta-se uma franca afirmação do vínculo universitário, que é sinalizado por meio do uso de uniformes, camisetas e diversos objetos que estampam o logotipo da UFOP. Muitas vezes, eles próprios se encarregam da produção desses símbolos. Em todos os pólos, a alegria e a altivez dessas representações são mostradas com entusiasmo.

Ser universitário e poder identificar-se como tal é, para esses estudantes, motivo de incontestável distinção. Discursos em cerimônias públicas, produção de vídeos em seminários de curso, organização de comissões de formatura e, mesmo, a tensão e o estresse vividos nos momentos presenciais dão a dimensão da relevância dessa formação na história dos sujeitos e poderiam igualmente exemplificar a ação afirmativa na construção da identidade.

A contraparte institucional, com o estímulo do próprio Centro de Educação Aberta e a Distância, também interage no sentido de fortalecer a identidade do alunado. A Universidade se faz presente nos pólos com regularidade. O coordenador de pólo, sempre um professor, tem reuniões de trabalho nos municípios-sede a cada quinze dias, aproximadamente. Ele leva a Universidade consigo, apresentando regras, cronogramas e exigências. Com os deveres institucionais definidos, o que antes era apenas um sonho, passa a ser o esforço do cotidiano, o empenho continuado e a coroação da conquista. O caminho vai se fazendo no próprio percurso, mas sempre com as determinações que caracterizam qualquer curso de graduação. Afinal de contas, a educação a distância pode ser a educação que aproxima distâncias, aquela mais próxima para muitos cidadãos, antes eliminados das condições concretas de inserção universitária.

O especialista de cada matéria – Antropologia, Sociologia, Psicologia, Filosofia, Linguagem, Ciências, História-Geografia e Matemática – também interage com os estudantes de graduação, tanto de maneira direta quanto de maneira mediada pelos tutores. Momentos de avaliação presencial, geralmente com periodicidade mensal, completam o ciclo interativo do processo de ensino-aprendizagem e, por extensão, de construção identitária.

Proporcionado ao corpo discente universitário como um todo, o direito ao uso de benefícios, como bibliotecas, restaurantes e assistência médica-odontológica, é igualmente facultado aos estudantes a distância. No entanto, surgem zonas de tensão no transcorrer desse processo, como necessárias forças motrizes para contribuir decisivamente para a estrutura final, levando a ações mais firmes por parte de agentes que defendem o fortalecimento da EAD na Universidade. Foi o caso, por exemplo, da ação do CEAD no sentido de possibilitar o efetivo direito ao voto dos estudantes a distância nas eleições para os cargos de reitor e vice-reitor da UFOP. A superação da hegemonia do *modus operandi* presencial requer algum tempo de maturação institucional.

Conclusão

A emergência do novo tipo de estudante universitário – aquele que faz o curso na modalidade a distância -, no Brasil, requer maior objetividade das instituições ofertantes. É fundamental que discussões amplas e baseadas em dados esclarecedores possam traçar o real impacto da inserção do alunado a distância na vida universitária. Ampliar o número de estudantes e mesmo multiplicá-lo por duas ou mais vezes requer posicionamentos políticos e institucionais importantes. Somente uma política institucional legitimadora, conduzida com compromisso público e acadêmico, pode dar sentido ao ciclo “imaginação – ação – interação” da identidade estudantil na EAD. Nesse sentido, as ações de gerenciamento da EAD devem ser determinantes para oferecer bases mais sólidas de construção de sujeitos livres e pensantes, numa sociedade de saberes múltiplos e questionamentos constantes.

Referências Bibliográficas

BARRENECHEA C A, *A formação da identidade do aluno na educação a distância: reflexões para um debate*. In: Educar em Revista, p. 99 – 116, N° 21 Curitiba, PR: Editora UFPR, 2003.

CODO, Wanderley. *Identidade e economia (I): espelhamento, pertencimento, individualidade*. *Psic.: Teor. e Pesq.*, set./dez. 2002, vol.18, no.3, p.297-304. ISSN 0102-3772.

PORTUGUÊS

Morfologia
Numerais

Prof.ª Isabel Vega

Numerais

★Numeral cardinal → indica quantidade.
Ex.: três, ambos (= os dois), etc.

★Numeral ordinal → indica ordem numa série.
Ex.: primeiro, trigésimo, etc.
Obs.: último > adjetivo

★ Numeral multiplicativo → indica aumento proporcional de quantidade. Ex.: dobro, triplo, etc.

★Numeral fracionário → indica diminuição proporcional de quantidade. Ex.: metade, dois terços, etc.

Numerais

★ Numeral coletivo → designa um número exato de seres.

Ex.: dezena, centena, lustro, etc.

★Valor superlativo do numeral → indica quantidade exagerada.

Ex.: Já falei mil vezes sobre isso.

★ Numeração de artigos, leis, decretos e portarias → usa-se o ordinal até o nono e o cardinal de dez em diante.

Ex.: artigo nono, artigo 10 (dez).

Questão (2013): Na frase “No Brasil, apenas 8,8% das emissões de GEE são provenientes das atividades industriais.”, a forma verbal “são” está flexionada no plural porque deve concordar com o numeral “8,8”.

( ) Certo ( )Errado

Questão (2012): Se o numeral ordinal **“73.ª”** fosse escrito por extenso, a forma correta seria: seteptuagésima terceira.

( ) Certo ( ) Errado

Atividades Suzano de Adriana Silva

NOME: ____

Atividades Suzano

VÍRGULA

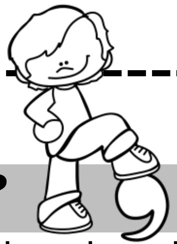

Vamos brincar com as palavras?

Reescreva as frases, incluindo os nomes dos desenhos e empregando a vírgula corretamente:

a)

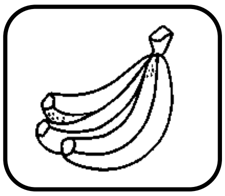

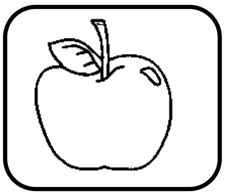

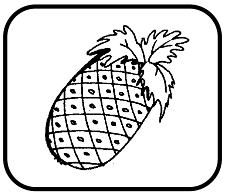

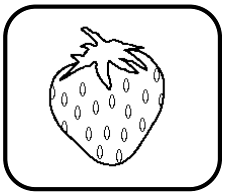

Fui ao mercado comprar frutas. Levei_______________________________
_________________________________e __________________________________.

b)

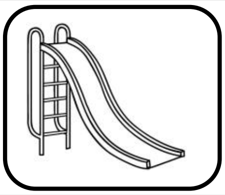

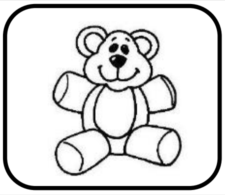

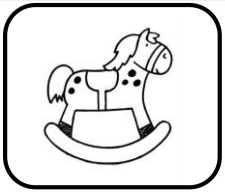

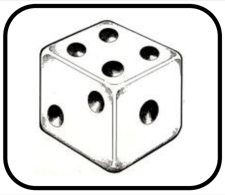

Tenho muitos brinquedos. Tenho____________________________________
____.

c)

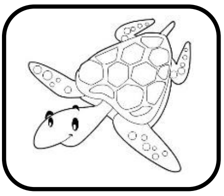

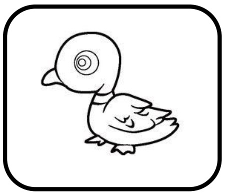

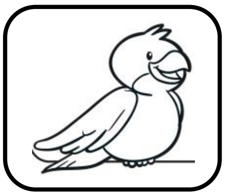

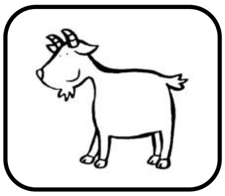

Avistei muitos animais. Avistei ______________________________________
____.

d)

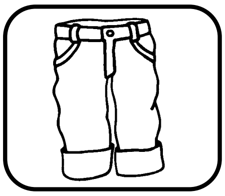

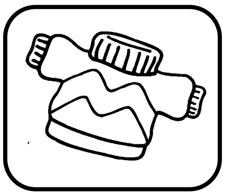

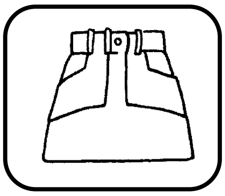

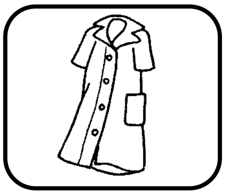

Lavei muito roupa. Lavei ____
____.

Atividades Suzano de Adriana Silva

NOME: ____

Atividades Suzano

ORDENANDO

Ordene as frases e utilize as pontuações necessárias!

homem não árvore cortou a O

____

____

kiwi sorvete baunilha morango comeu de Maria e

____

____

e camisa uma vermelha Comprei verde azul

____

____

carrinho ganhou Vicente um avião e de aniversário um

____

____

bota Mamãe vestido e um comprou uma

____

____

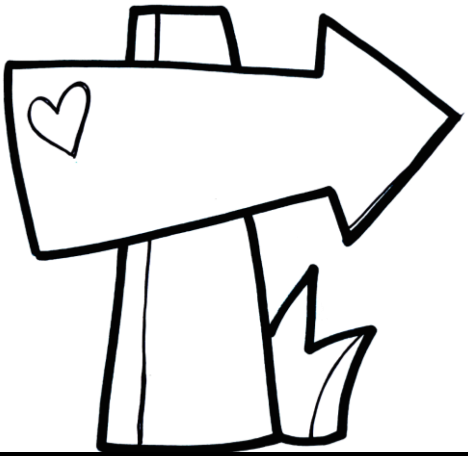

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

SEMÂNTICA I
(SIGNIFICAÇÃO DE PALAVRAS)

Vânia
Araújo

SEMÂNTICA

É o estudo da significação das palavras, seja no seu sentido mais estrito ou mesmo a mudança de sentido ocasionada pelo contexto.

A **palavra** (signo linguístico) é uma combinação da forma (escrita e falada) e do conteúdo (conceito, ideia), que se traduzem em:

- ✓ **SIGNIFICANTE:** é o elemento concreto, material e perceptível: os sons (fonemas) e as letras.
- ✓ **SIGNIFICADO:** é o elemento inteligível (o conceito) ou a imagem mental.

LÉXICO

- ✓ É o conjunto de palavras de uma língua, com os seus respectivos significados. Como a língua é um organismo vivo, que se atualiza de acordo com as necessidades sociais de seus usuários, não existe falante que domine por completo o léxico de uma língua. A cada dia, algumas palavras deixam de ser usadas e são substituídas por outras (neologismos) ou, ainda, podem perder um sentido e ganhar outro (recriação semântica).

- ✓ Faz parte da língua viva a criação de novas palavras, como os estrangeirismos aportuguesados, os neologismos populares, os termos que surgem nas comunicações eletrônicas, assim como novos termos técnicos ou neologismos científicos. E esses novos vocábulos vão se materializando paulatinamente nos textos escritos e falados.

- ✓ Ao conjunto de palavras usadas por um indivíduo damos o nome de **vocabulário**.

CAMPO LEXICAL

É formado por palavras que pertencem a uma mesma área de conhecimento que está dentro do léxico de alguma língua. As palavras formadas pelos processos de composição e derivação a partir de um mesmo radical também fazem parte do mesmo campo lexical. Daí termos as palavras que pertencem ao mesmo universo de significação (ou **cognatas**).

Observe os exemplos:

- ✓ **Terra:** a**terr**issar, des**terr**o, **terr**aplanagem, **térr**eo, **terr**estre, **terr**itório, **terr**áqueo, **terr**acota etc.
- ✓ **Luz:** aluno, iluminar, luminosidade, lustre, ilustre, ilustrado, iluminado, iluminismo etc.

CAMPO SEMÂNTICO

Organiza-se pelo sentido, ou seja, pelo valor semântico que a palavra ou expressão adquire no contexto em que acontece. Como o campo semântico nos remete aos significados circunstanciais de palavras ou expressões, as associações possíveis entre palavras que se relacionam por significado, símbolo, conotação ou mesmo um aspeto rítmico contribuem para a adequada intelecção dos sentidos do texto.

IMPORTANTE:

O conceito de **campo semântico** está intimamente associado ao de **polissemia**, pois um mesmo termo pode ter significados diferentes, dependendo de como seja empregado e de quais outras palavras o acompanham. Tomemos como exemplo o campo semântico de "**Guarda**", que engloba vocábulos como vigilante, sentinela, tutela, proteção, salvaguarda, preservação etc.

EM RELAÇÃO AO CAMPO SEMÂNTICO A QUE PERTENCEM, EXISTEM VOCÁBULOS QUE PODEM SE APRESENTAR COMO:

- **HIPERÔNIMOS** - os que apresentam um sentido mais abrangente. Por exemplo, os termos **economia**, **direito**, **internet**, **automóvel** etc. podem apresentar um sentido genérico, tornando-se *hiperônimos* de outros vocábulos.

- **HIPÔNIMOS** - os que possuem sentido mais restrito, mais específico. Como exemplo, temos os vocábulos "deflação, déficit, superávit, câmbio, balança" como *hipônimos* de **Economia**; "mandado, arrolamento, alçada, ementa, agravo" como *hipônimos* de **Direito**; e muitos mais.

IMPORTANTE:

- ✓ A relação entre hipônimos e hiperônimos não é absoluta, pois um mesmo vocábulo pode exercer as duas funções, dependendo do contexto: **Vertebrado** é um hipônimo de **animal,** mas é um hiperônimo de **mamífero**. Já, **mamífero** é um hipônimo de animal e de vertebrado, mas é um hiperônimo de roedor, de ruminante, por exemplo.

- ✓ As relações de **hiperonímia** e **hiponímia** são imprescindíveis para a coesão textual, já que a substituição de um termo por outro (mais abrangente ou mais específico) evita as repetições viciosas.

AS PALAVRAS PODEM SE APRESENTAR NOS TEXTOS COM OS SEGUINTES SENTIDOS:

DENOTATIVO (LITERAL): é o sentido convencional, real, que não permite mais de uma interpretação (é igual para todos os falantes da língua). Estes são considerados **vocábulos unívocos** - usados nos discursos científico, acadêmico, técnico, entre outros.

IMPORTANTE:
O sentido denotativo é a própria significação etimológica do termo, mas que também pode sofrer alterações no decorrer do tempo, devido à sua expansão ou generalização. Por exemplo, **carrasco** era o nome do algoz Belchior Nunes Carrasco e generalizou-se para todos os algozes e **anfitrião** era personagem de uma comédia de Plauto e se expandiu a todos aqueles que reúnem em sua casa os convidados e amigos.

- ✓ **CONOTATIVO (CONTEXTUAL/FIGURADO):** é o sentido diferente do convencional, que advém do contexto em que a palavra aparece. É apropriado à *linguagem literária*, cujas palavras mais sugerem do que informam. Veja os exemplos:

- ✓ No Direito, a palavra **sequestro** (relativamente inocente para um leigo): no campo do Direito Processual significa “apreender judicialmente bem em litígio”; e no campo do Direito Penal, quer dizer “privar alguém de sua liberdade de locomoção”.

- ✓ A palavra ***sentença*** pode ter sentido de “condenação” no **universo jurídico**; mas pode, ainda, significar “oração gramatical”, no **universo textual**.

IMPORTANTE:

No caso das questões da prova, esses significados tornam-se mais perigosos, pois o acerto dependerá de que se apreenda o sentido mais adequado ao termo utilizado na assertiva.

EBOOK INTERATIVO

PORTUGUÊS

erros mais comuns

KULTIVI

www.kultivi.com

PORTUGUÊS
erros mais comuns

Os ebooks interativos da **Kultivi** são uma boa ferramenta para aprofundar seus estudos com comodidade e garantia de **conteúdo gratuito de qualidade**.
Nos preocupamos em separar os **melhores materiais** para complementar o assunto tratado no ebook e, por isso, você terá indicação de artigos, vídeos, cursos e livros. Bastará clicar na área indicada para ter acesso.

Aproveite para estudar gratuitamente com os cursos online da Kultivi.
Basta acessar www.kultivi.com e se cadastrar.

Compartilhe o ebook com seus amigos e **#boraestudar** :)

tempo de leitura
30 a 45 min

praticando
5 questões

facilitando
indicações de livros

conteúdo interativo
além de botões comuns, um ícone avisará quando o conteúdo for interativo ◉

a kultivi

A **Kultivi** é um projeto que produz **conteúdo educacional gratuito** com rigoroso controle de qualidade nas mais variadas áreas.
Todas as aulas, dicas, reportagens, entrevistas, materiais de apoio, etc, postados na **Kultivi** são **100% gratuitos** e não há qualquer surpresa para o usuário durante o período de uso.

direitos de uso

Material para **distribuição gratuita**.
É expressamente proibida sua comercialização. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida integral ou parcialmente por qualquer meio ou forma sem a prévia
autorização da **Kultivi**. A violação dos direitos autorais é crime, de acordo com o previsto no **Código Penal** e na **Lei 9.610/98**.

acompanhe a kultivi

Não deixe de nos seguir nas redes sociais. Postamos diversos **conteúdos exclusivos**, além de avisar sobre **novos cursos e ferramentas de estudos.**
Compartilhe o projeto com pessoas que tenham interesse em **ensino gratuito e de qualidade**. Isso colabora para **existência do projeto :)**

seguir no youtube

seguir no instagram

seguir no facebook

seguir no twitter

ajude a manter a kultivi no ar

Você pode nos ajudar a **manter o projeto no ar** e contribuir para a **transformação na vida das pessoas** através do ensino. Todos os valores arrecadados serão destinados a manutenção e melhoria do projeto. Nada será revertido como lucro. Para mais informações, clique no botão abaixo.

quero colaborar

objetivos

pagar profissionais

manter estrutura física

manutenção do servidor

serviços básicos

melhorias de sistema
e tecnologia

restrições

nenhum valor será
revertido em lucro

cursos e certificações gratuitas

A **Kultivi** disponibiliza diversos conteúdos de ensino para quatro diferentes áreas. Além disso, todos os cursos da Kultivi contam com **certificação gratuita**. O estudante pode realizar **download** e/ou **impressão** do documento ao final do curso. Simples assim :)

cursos para concursos

cursos para oab

cursos para enem

cursos para idiomas

Para saber tudo sobre a certificação gratuita
da Kultivi, clique no botão abaixo

certificação gratuita

compartilhe ensino gratuito

O gesto simples de compartilhar conteúdo faz com que mais pessoas tenham acesso ao **ensino gratuito e de qualidade** e nos ajuda a divulgar o projeto :)

produção por

conteúdo	Andressa Almeida
design	Thomas Freitas
revisão	Ricardo Henrique

sumário

7 Introdução

8 Erros

67 Conteúdo extra

68 Praticando questões

73 Indicações

PORTUGUÊS
erros mais comuns

Escrever é de longe uma das habilidades mais difíceis para desenvolver, afinal, são vários detalhes e para quem não pratica constantemente, as regras gramaticais podem se tornar um grande desafio. Não é raro encontrar textos que, embora apresentem um bom nível de argumentação, pecam por erros.

Talvez isso aconteça porque pouco usamos a formalidade e/ou a norma culta na fala. Na maior parte do tempo, falamos ou escrevemos em contextos informais. E com o uso da língua dia a dia acabamos optando pela linguagem informal, ou seja, falamos e escrevemos diferente do que rege a gramática.

É importante deixar claro que você precisa adequar o uso da língua de acordo com o contexto e o seu público. Não está errado conversar com sua família sem seguir as regras gramaticais, porém, em situação de formalidade ou em um processo seletivo esteja ciente de que a norma culta será exigida.

Por isso, visando esclarecer algumas dúvidas comuns, as explicações a seguir irão te ajudar não só a escrever melhor, como interpretar textos e usar vocabulário adequado no contexto formal.

A / HÁ

errado

Estudo para concursos a anos.

certo

Estudo para concursos há anos.

dica

Quando indicar tempo passado, deve-se usar o verbo haver.
O ‘a’, é utilizado para indicar distância ou futuro.

exemplo

Farei a prova daqui a cinco dias.

5 dicas para estudar através da internet na era da hiperinformação.

ACEITA-SE / ACEITAM-SE

errado	certo
Aceita-se hóspedes para o feriado.	Aceitam-se hóspedes para o feriado.

dica

A partícula ‘se’ exige que o verbo transitivo direto concorde com o sujeito.
Logo, se o sujeito está no plural, o verbo deve estar também.

ACERCA DE / A CERCA DE

errado

Estavam conversando a cerca de futebol.

certo

Estavam conversando acerca de futebol.

dica

‘Acerca de’ significa ‘a respeito de’. Já ‘a cerca de’ indica aproximação, algo que está perto.

exemplo

Eu moro a cerca de 500 metros daqui.

A FIM / AFIM

errado	certo
Nós viemos afim de discutir o projeto.	Nós viemos a fim de discutir o projeto.

dica

A expressão ‘a fim de’ indica finalidade. Já a palavra ‘afim’ é um adjetivo e expressa semelhança.

exemplo

Elas têm gostos afins.

A GENTE / AGENTE

errado

Você viu agente na fila do cinema?

certo

Você viu a gente na fila do cinema?

dica

Quando for referente a 'nós', é separado.
Já quando for a profissão, é agente.

exemplo

James Bond é o agente secreto mais conhecido do cinema.

ANEXO / ANEXA

errado	**certo**
Seguem anexo os documentos assinados.	Seguem anexos os documentos assinados.

dica

‘Anexo’ é adjetivo! Sendo assim, deve sempre concordar em gênero e número com o substantivo a que se refere.

exemplo

Evite usar a locução ‘em anexo’. Prefira usá-la sem a preposição.

AO ENCONTRO DE / DE ENCONTRO A

errado

Os investidores estão contentes, porque o lucro obtido veio de encontro ao que esperavam.

certo

Os investidores estão contentes, porque o lucro obtido veio ao encontro do que esperavam.

dica

‘Ao encontro de’ traduz harmonia. Já ‘De encontro a’ tem significado de oposição.

AO MEU VER / A MEU VER

errado

Ao meu ver, o time está jogando bem.

certo

A meu ver, o time está jogando bem.

dica

A expressão ‘ao meu ver’ não existe na Língua Portuguesa.

A NÍVEL DE / EM NÍVEL DE

errado	certo
A pergunta foi feita a nível de curiosidade.	A pergunta foi feita em nível de curiosidade.

dica

A expressão ‘Em nível de’ é utilizada quando se refere a ‘âmbito’.
Já a expressão ‘a nível de’ significa ‘à mesma altura’.

exemplo

Estamos ao nível do mar.

Como usar a crase?

A PAR / AO PAR

errado

Ela já está ao par dos problemas que enfrentamos.

certo

Ela já está a par dos problemas que enfrentamos.

dica

Quando o sentido da expressão for o de estar ciente, o correto é usar a expressão ‘a par’.
Já a expressão ‘ao par’ é utilizada para equivalência cambial.

exemplo

‘Na década de 90, o dólar e o real estiveram quase ao par.’

A PRINCÍPIO / EM PRINCÍPIO

errado

Eu pensava, em princípio, que iríamos passar na prova.

certo

Eu pensava, a princípio, que iríamos passar na prova.

dica

A expressão ‘a princípio’ equivale a ‘no início’.
Já a expressão ‘em princípio’ tem como significado ‘em tese’.

exemplo

Em princípio, todos temos os mesmos direitos.

ASSISTIR A / ASSISTIR AO

errado

Thomas assistiu o filme ‘Pulp Fiction’.

certo

Thomas assistiu ao filme ‘Pulp Fiction’.

dica

O verbo assistir (no sentido de ver) exige a preposição ‘a’.

ATRAVÉS / POR MEIO

errado

Os alunos pensam que, através de um abaixo assinado, conseguirão cancelar a prova.

certo

Os alunos pensam que, por meio de um abaixo assinado, conseguirão cancelar a prova.

dica

A expressão ‘por meio” tem o significado ‘por intermédio’. Já a expressão ‘através de’ é utilizada para significar atravessar.

exemplo

Ela olhava todos os dias através da janela.

BEM / BOM

errado

Ele é um bem cantor.

certo

Ele é um bom cantor.

dica

‘Mal’ é o contrário de ‘bem’.
‘Mau’ é o contrário de ‘bom’.

exemplo

Ele canta bem. Ele é um bom cantor. Ele canta mal. Ele é um mau cantor.

CHEGAR EM / CHEGAR A

errado

Nossos filhos chegaram em Brasília na noite passada.

certo

Nossos filhos chegaram a Brasília na noite passada.

dica

Verbos de movimento exigem a preposição ‘a’.

CHEGA / CHEGADO

errado

O aluno havia chego atrasado para a prova do Enem.

certo

O aluno havia chegado atrasado para a prova do Enem.

dica

Alguns verbos tem dupla forma de particípio, como frito/fritado. Entretanto, o verbo chegar só admite a forma ‘chegado’.

COMPRIMENTO / CUMPRIMENTO

errado	certo
Essa mesa tem 4 metros de cumprimento.	Essa mesa tem 4 metros de comprimento.

dica

‘cumprimento’ é a saudação, como o aperto de mãos.
Já ‘comprimento’ é a medida.

DECERTO / DE CERTO

errado

Depois de tanto estudo, de certo você passará na prova.

certo

Depois de tanto estudo, decerto você passará na prova.

dica

Para saber qual usar, substitua pela palavra ‘certamente’. Se o sentido da frase continuar correto, o certo é usar ‘decerto’.

exemplo

Depois de tanto estudo, certamente você passará na prova.

DE MAIS / DEMAIS

errado	certo
O Murilo fala de mais!	O Murilo fala demais!

dica

Demais tem o significado de excesso. Pode também significar ‘os outros’.
Já ‘de mais’ é o oposto da expressão ‘de menos’.

DESCRIMINAR / DISCRIMINAR

errado

Os produtos comprados estão descriminados na Nota Fiscal.

certo

Os produtos comprados estão discriminados na Nota Fiscal.

dica

‘Discriminar’ significa diferenciar, separar.
Já ‘descriminar’ tem o significado absolver de um crime, inocentar.

exemplo

O juiz analisou as provas e descriminou o acusado.

Como devo usar a vírgula?

DESPERCEBIDO / DESAPERCEBIDO

errado

Seu novo corte de cabelo passou desapercebido.

certo

Errado: Seu novo corte de cabelo passou despercebido.

dica

‘Despercebido’ tem significado de ‘sem atenção’.
Já ‘desapercebido’ significa desprevenido.

exemplo

Rui não conseguiu responder a pergunta, pois foi pego totalmente desapercebido pelos alunos.

DE TRÁS / ATRÁS / DETRÁS

errado	certo
- Thiago saiu detrás da porta.	- Thiago saiu de trás da porta.
- Thiago está de trás da porta.	- Thiago está detrás da porta.
	- Thiago está atrás da porta.

dica

‘Detrás’ e ‘atrás’ são sinônimos. Quando estiver em dúvida, substitua um pelo outro.
Já ‘de trás’ deve ser utilizado quando a pergunta correspondente for ‘de onde’. Quando a pergunta for ‘onde’, utiliza-se ‘detrás’ ou ‘atrás’.

exemplo

De onde Thiago saiu? Thiago saiu de trás da porta.

Onde está Thiago? Thiago está detrás da porta.

faça uma pausa

É hora de parar por 5 minutos para levantar, tomar uma água e descansar. A pausa é importante para relaxar e aumentar sua concentração e produtividade :)

acompanhe a kultivi

seguir no youtube

seguir no instagram

seguir no facebook

seguir no twitter

ajude a manter a kultivi no ar

Apoie e compartilhe nossa campanha de financiamento coletivo :)

quero colaborar

DEU / DERAM

errado

Deu onze horas e ela ainda não chegou aqui.

certo

Deram onze horas e ela ainda não chegou aqui.

dica

Os verbos dar, bater e soar concordam com as horas.
A exceção ocorre nos casos em que há sujeito.

exemplo

O sino bateu quatro horas.

EM VEZ DE / AO INVÉS DE

errado

Ao invés de viajarmos de avião, fomos de ônibus.

certo

Em vez de viajarmos de avião, fomos de ônibus.

dica

‘Em vez de’ é usado como substituição.
Já ‘ao invés de’ é utilizado como oposição.

exemplo

Descemos, ao invés de subir.

5 dicas para uma boa redação.

ENTRE EU E VOCÊ / ENTRE MIM E VOCÊ

errado

Não há sentimentos entre eu e você.

certo

Não há sentimentos entre mim e você.

dica

‘Eu’ é um pronome pessoal do caso reto. Sendo assim, só pode ser usado na função de sujeito e antes de um verbo no infinitivo.

ESQUECER / ESQUECER-SE DE

errado

Eu esqueci do compromisso de amanhã à tarde.

certo

Há duas formas corretas:

- Eu me esqueci do compromisso de amanhã à tarde.

- Eu esqueci o compromisso de amanhã à tarde.

dica

Só utiliza-se o verbo esquecer com a preposição de (de – da – do) quando vier acompanhado de um pronome oblíquo (me, te, se, nos, vos).

EXISTE / EXISTEM

errado

Existe muitos assuntos pendentes nessa família.

certo

Existem muitos assuntos pendentes nessa família.

dica

Diferentemente do verbo ‘haver’, que é impessoal, o verbo ‘existir’ admite plural e deve concordar com o sujeito.

exemplo

Existe um assunto pendente nessa família. Existem muitos assuntos pendentes nessa família.

FAZ / FAZEM

errado	certo
Fazem doze anos que Nelson trabalha nesta empresa.	Faz doze anos que Nelson trabalha nesta empresa.

dica

Quando expressar tempo decorrido, o verbo ‘fazer’ é impessoal, ou seja, só deve ser usado no singular.

FIM DE SEMANA / FINAL DE SEMANA

errado	certo
Bom final de semana!	Bom fim de semana!

dica

‘Fim’ deve ser usado sempre como contrário de início.
Já ‘final’ é o contrário de inicial.

exemplo

Bom fim de semana! Você vai assistir a parte final do filme?

HORA / ORA

errado

Hora, não me venha com essa conversa novamente!

certo

Ora, não me venha com essa conversa novamente!

dica

‘Hora’ é sempre referente a tempo.
Exemplo: Isso é hora de estar acordado?

Quando tiver dúvidas entre ‘por hora’ e ‘por ora’, substitua a expressão por ‘por minuto’ e veja se o sentido da frase continua o mesmo. Se continuar, o correto é ‘por hora’. Se o sentido for alterado, o correto é ‘por ora’.

exemplo

Por ora, não tenho mais nada a falar. A frase ‘Por minuto, não tenho mais nada a falar’ não tem sentido. Então, utiliza-se ‘por ora’.

Angelica posta uma foto por hora nas redes sociais. A frase ‘Angelica posta uma foto por minuto nas redes sociais’ continua tendo sentido. Sendo assim, ‘por hora’ está correto. Lembre-se, ‘por hora’ sempre é referente a tempo.

IMPLICAR / IMPLICAR COM / IMPLICAR EM

errado

O acidente implicou em muitas vítimas.

certo

O acidente implicou muitas vítimas.

dica

Quando tem o sentido de acarretar, o verbo implicar não admite preposição.

Já no sentido de ter implicância, a preposição exigida é 'com'. Por fim, quando se refere a comprometimento, deve-se usar a preposição 'em'.

exemplo

Ele sempre implicava com a esposa.
Ela implicou-se na dieta e emagreceu 18 quilos.

HÁ ... ANOS / HÁ ... ANOS ATRÁS

errado

Há quatro anos atrás, terminei meu casamento.

certo

Há duas formas corretas:

Há quatro anos, terminei meu casamento.
Quatro anos atrás, terminei meu casamento.

dica

Evite ser redundante. Quando fala-se ‘há quatro anos’, já fica claro que refere-se ao passado. Assim como ‘quatro anos atrás’.

HAJA / AJA

errado

Mesmo que aja alguém na fila, não vou abrir o restaurante hoje.

certo

Mesmo que haja alguém na fila, não vou abrir o restaurante hoje.

dica

‘Haja’ refere-se ao verbo ‘haver’.

Já ‘aja’ refere-se ao verbo ‘agir’.

exemplo

É necessário que ele aja imediatamente.

MAL / MAU

errado

O time foi mau escalado.

certo

O time foi mal escalado.

dica

Substitua ‘mal’ por ‘bem’ e ‘mau’ por ‘bom’.

exemplo

Ele é um bom treinador. O time foi bem escalado.

MAS / MAIS

errado	certo
Gostaria de ter ido ao seu aniversário, mais fiquei doente.	Gostaria de ter ido ao seu aniversário, mas fiquei doente.

dica

‘Mais’ é advérbio de intensidade.

Já ‘mas’ tem o significado de ‘porém’. Se tiver dúvidas, substitua uma palavra pela outra.

exemplo

Claudio é mais alto do que João. Mas João é mais alto do que Mariana.

Quer saber mais sobre conjunções? Confira esta videoaula.

MEDIA / MEDEIA

errado

Thiago sempre media os debates.

certo

Thiago sempre medeia os debates.

dica

Lembre-se que existem quatro verbos irregulares com final –iar.

São eles: mediar, ansiar, incendiar e odiar.

Todos se conjugam da seguinte forma: medeio, anseio, incendeio e odeio.

MEIO / MEIA

errado

Thais estava meia nervosa na apresentação.

certo

Thais estava meio nervosa na apresentação.

dica

Quando significar ‘um pouco’, a palavra ‘meio’ é sempre Invariável.
Já quando for utilizada como numeral, deve concordar com o substantivo.

exemplo

Magda comeu meia banana.

MEIO-DIA E MEIO / MEIO-DIA E MEIA

errado	certo
Luiza chegou meio-dia e meio.	Luiza chegou meio-dia e meia.

dica

O significado da expressão é ‘meio-dia e meia-hora’. Sendo assim, o correto é sempre ‘meio-dia e meia’.

MENOS / MENAS

errado	certo
Victor gravou menas aulas hoje.	Victor gravou menos aulas hoje.

dica

A palavra 'menas' não existe. O correto é sempre 'menos', mesmo quando referir-se a palavras femininas.

NA MEDIDA EM QUE / À MEDIDA QUE

errado

É melhor nos apressarmos à medida que vai chover.

certo

É melhor nos apressarmos na medida em que vai chover.

dica

A expressão ‘na medida em que’ equivale a ‘porque’.
Já a expressão ‘à medida que’ tem significado de proporção.

exemplo

As atuações individuais melhoram à medida que a equipe fica entrosada.

NAMORAR ALGUÉM / NAMORAR COM ALGUÉM

errado	certo
Marcelo namora com Paula.	Marcelo namora Paula.

dica

O verbo namorar não admite preposição.

OBRIGADO / OBRIGADA

errado

Muito obrigado! – disse a atendente.

certo

Muito obrigada! – disse a atendente.

dica

Homens dizem ‘obrigado’. Mulheres dizem ‘obrigada’.

ONDE / AONDE

errado	certo
Aonde você colocou minha caneta?	Onde você colocou minha caneta?

dica

‘Onde’ é utilizado para referir-se a um lugar que algo ou alguém está.

Já ‘aonde’ refere-se a algum lugar para onde alguém ou alguma coisa vai.

exemplo

Ainda estou planejando aonde vou durante minhas férias.

Eu não sei onde está meu casaco.

PARA MIM / PARA EU

errado

Ele deixou a pior parte do trabalho para mim fazer.

certo

Ele deixou a pior parte do trabalho para eu fazer.

dica

‘Para eu’ deve ser sempre utilizado seguido de um verbo. ‘Para mim’ pode ser utilizado quando não houver verbo.

exemplo

Ele deixou a pior parte do trabalho para mim.

O que e como estudar para concurso sem edital publicado.

PERCA / PERDA

errado

Há muita perca de tempo com discussões.

certo

Há muita perda de tempo com discussões.

dica

‘Perca’ é usado como verbo.
Já ‘perda’ é utilizada como substantivo.

exemplo

Não perca suas chaves! A perda trará dor de cabeça.

PRECISA-SE / PRECISAM-SE

errado

Precisam-se de funcionários.

certo

Precisa-se de funcionários.

dica

A partícula 'se' é utilizada para tornar o sujeito indeterminado. Sendo assim, o verbo é usado somente no singular.

exemplo

Precisa-se de garçom.

PREFIRO... DO QUE / PREFIRO... A

errado	certo
Prefiro frango do que peixe.	Prefiro frango a peixe.

dica

A regência do verbo ‘preferir’ é: ‘Preferir algo a alguma coisa.’

exemplo

Prefiro ficar sozinho a ficar contigo.

QUITE / QUITES

errado

Murilo está quites com Thiago.

certo

Murilo está quite com Thiago.

dica

A palavra ‘quite’ deve sempre concordar com o substantivo a que se refere.

Murilo está quite com Thiago. Murilo e Thiago estão quites.

RESPONDER O / RESPONDE AO

errado

Ela não responde o meu e-mail.

certo

Ela não responde ao meu e-mail.

dica

A regência do verbo responder (quando expressar dar a resposta a alguém) é sempre indireta.

Sendo assim, exige a preposição ‘a’.

Saiba mais sobre Regência verbal.

RETIFICAR / RATIFICAR

errado	certo
Roberto estava correto. Os fatos retificaram sua versão.	Roberto estava correto. Os fatos ratificaram sua versão.

dica

‘Ratificar’ significa confirmar, comprovar.

Já ‘retificar’ significa corrigir.

exemplo

Carlos vai retificar os dados da planilha.

SEÇÃO / SESSÃO

errado

O artigo que você procura está na última sessão do regulamento.

certo

O artigo que você procura está na última seção do regulamento.

dica

‘Seção’ está relacionada a subdivisão.

Já ‘sessão’ refere-se sempre a um evento com tempo determinado.

exemplo

Não perca a última sessão do filme!

Achei uma roupa linda na seção infantil.

SENÃO / SE NÃO

errado

Pare se não chamarei a polícia.

certo

Pare senão chamarei a polícia.

dica

‘Senão’ significa ‘caso contrário’.

Já ‘se não’ deve ser usado em orações subordinadas condicionais.

exemplo

Se não esfriar, vamos fazer um piquenique amanhã.

SOMOS / SOMOS EM

errado

Somos em cinco homens nesta empresa.

certo

Somos cinco homens nesta empresa.

dica

Não usa-se a preposição ‘em’ neste caso.

TÃO POUCO / TAMPOUCO

errado

Não compareceu à reunião, tão pouco deu justificativa.

certo

Não compareceu à reunião, tampouco deu justificativa.

dica

‘Tampouco’ tem o significado de ‘nem sequer’.

Já ‘tão pouco’ é utilizado para referir-se a ‘muito pouco’.

exemplo

Não atendi sua ligação, tampouco respondi sua mensagem.

Não acho justo ganhar tão pouco por este trabalho.

TER HAVER / TER A VER

errado	**certo**
O que este problema tem haver comigo?	O que este problema tem a ver comigo?

dica

Quando o sentido da expressão for 'estar relacionado' a algo, usa-se sempre 'a ver'.

exemplo

Não sei como eles ainda estão juntos. Um não tem nada a ver com o outro.

TRAZ / TRÁS

errado

Ela olhou para traz e chorou.

certo

Ela olhou para trás e chorou.

dica

‘Trás’ significa parte posterior.

Já ‘traz’ é conjugação do verbo ‘trazer’.

exemplo

Nunca olhe para trás. O passado traz lembranças terríveis.

VIAGEM / VIAJEM

errado	certo
Ficou decidido que elas viagem amanhã.	Ficou decidido que elas viajem amanhã.

dica

‘Viajem’ é flexão do verbo ‘viajar’.

Já ‘viagem’ é substantivo.

exemplo

Boa viagem!

Deixe que seus filhos viajem!

VISAR / VISAR A

errado

Ele sempre visava o cargo de presidente.

certo

Ele sempre visava ao cargo de presidente.

dica

quem visa (no sentido de almejar), sempre ‘visa a’ algo.

Já quando anteceder um verbo, dispensa-se a preposição ‘a’.

exemplo

Ela visa ao posto mais alto da empresa.

Eles visam conseguir uma promoção.

conteúdo extra

EBOOK GRATUITO

Produção de Textos

CURSO GRATUITO

Português para concursos

CURSO GRATUITO

Redação para concursos

praticando

questão 1 (AL-RO/FGV 2018)

Assinale a frase em que a forma sublinhada está corretamente grafada.

○ "O que é a honestidade, se não o medo da prisão?"

○ "Nada é bom ou ruim se não for por comparação."

○ "Só obteremos a salvação senão pecarmos."

questão 2 (PC-SP/VUNESP 2018)

Por isso, há grupos especializados que promovem reuniões semanais com devedores com a finalidade de trocar experiências sobre consumo impulsivo e propensão a viver no vermelho.
É comum que, diante dos apuros, como a perda do emprego, algumas tentem manter o mesmo padrão de vida em lugar de cortar gastos para se encaixar na nova realidade.

Assinale a alternativa que substitui, correta e respectivamente, as expressões destacadas, sem alterar o sentido original.

○ afim de ... a cerca de ... ao invés de

○ a fim de ... acerca de ... em vez de

○ à fim de ... acerca de ... ao invés de

questão 3 (PC-SP/VUNESP 2018)

Complete o espaço de cada frase com o termo correto dos parênteses.

I- ___________ surgem os sonhos por vezes perturbadores? (De onde/Aonde)
II- Se durante o sonho ____ algo que fisicamente nos gera algum tipo de incomodo, isto pode manifestar-se sob a forma de pesadelo. (há/a)
III- Dependendo dos alimentos que consumimos no jantar, poderemos ter uma noite _____ dormida. (mal / mau)
IV- Ter pesadelos de vez em quando é algo normal, mas se por alguma razão tem estes sonhos regularmente, recomendamos-lhe que visite um especialista _________ de detectar a causa desse problema. (afim / a fim).

○ I. De onde – II. há – III. mal – IV. a fim

○ I. Onde – II. a – III. mau – IV. a fim

○ I. De onde – II. a – III. mau – IV. a fim

questão 4 (UFAL/COPEVE 2016)

[...] A busca da felicidade é uma epidemia mundial – em um estudo com _____ de 10 mil participantes de 48 países, os psicólogos Ed Diener, da Universidade de Illinois, e Shigehiro Oishi, da Universidade de Virginia, descobriram que pessoas de todos os cantos do mundo consideram a felicidade _____ importante do que outras realizações pessoais altamente desejáveis, tais como ter um objetivo na vida, ser rico ou ir para o céu. A febre da felicidade é estimulada em parte pelo crescente número de pesquisas que sugerem que, além de ser boa, a felicidade também faz bem – ela está ligada _____ muitos benefícios, desde maiores salários e um melhor sistema imunológico até estímulo à criatividade. [...]

Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/> .Acesso em: 28 jul. 2016.

Assinale a alternativa que corresponde às respectivas lacunas do texto.

○ mas / mais / a

○ mais / mais / há

○ mais / mais / a

questão 5 (CREF - 4ª Região (SP) /CETRO 2013)

De acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa e em relação à ortografia e ao contexto, assinale a alternativa que preenche correta e respectivamente as lacunas.

I. Esta é a casa _________ morei desde que nasci.
II. O coordenador já o conhecia _____ cinco anos.
III. Para obter a _________ dos direitos autorais, teve que recorrer ao tribunal.
IV. Não compareceu à reunião, ____________ seu chefe compareceu.

○ I. onde/ II. há/ III. cessão/ IV. Tampouco

○ I. onde/ II. a/ III. cessão/ IV. Tampouco

○ I. onde/ II. há/ III. seção/ IV. tão pouco

indicações

Nessa seção do ebook você terá acesso aos melhores livros e ebooks indicados por nossos professores e profissionais.
Ao adquirir materiais através dos links indicados pela Kultivi, uma parte pequena do valor investido é revertido para o projeto (através de programas de afiliados) e, dessa forma, você nos ajudará a realizar a manutenção dos servidores, da estrutura física e dos profissionais que participam do projeto :)

Para acessar a página dos materiais indicados, basta clicar imagem do livro.

O PORTUGUÊS
DO DIA A DIA
COMO FALAR
E ESCREVER
MELHOR
Prof. Sérgio Nogueira Duarte da Silva

O português do dia a dia

Claudia Kozlowski
PORTUGUÊS
CESPE

Série Questões Comentadas: português-Cespe

5
indicações

As 5 melhores indicações de livros

WWW.KULTIVI.COM

parceria +kultivi

editora aprovare

editora APROVARE

DIREITO DO TRABALHO

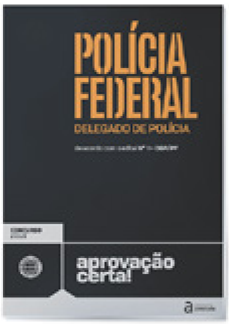
POLÍCIA FEDERAL
DELEGADO DE POLÍCIA
aprovação certa!

cupom #BORAESTUDAR20

Em parceria com a Kultivi, a Editora Aprovare disponibiliza **20% de desconto** em qualquer compra no site. Basta clicar no botão abaixo e utilizar o código “**BORAESTUDAR20**” (em maiúsculo, sem aspas).
Essa parceria visa contribuir para sua aprovação em concursos, complementando seus estudos com materiais escritos, além de colaborar para a manutenção da estrutura da Kultivi a fim de continuar disponibilizando ensino gratuito e de qualidade :)

acessar site

acompanhe a kultivi

Não deixe de nos seguir nas redes sociais. Postamos diversos **conteúdos exclusivos**, além de avisar sobre **novos cursos e ferramentas de estudos.**
Compartilhe o projeto com pessoas que tenham interesse em **ensino gratuito e de qualidade**. Isso colabora para **existência do projeto :)**

seguir no youtube

seguir no instagram

seguir no facebook

seguir no twitter

ajude a manter a kultivi no ar

Você pode nos ajudar a **manter o projeto no ar** e contribuir para a **transformação na vida das pessoas** através do ensino. Todos os valores arrecadados serão destinados a manutenção e melhoria do projeto. Nada será revertido como lucro. Para mais informações, clique no botão abaixo.

quero colaborar

objetivos

pagar profissionais

manter estrutura física

manutenção do servidor

serviços básicos

melhorias de sistema
e tecnologia

restrições

nenhum valor será
revertido em lucro

ensino **gratuito** de qualidade

www.kultivi.com

PORTUGUÊS

Interpretação de textos

Variação linguística

Prof.ª Isabel Vega

Variação linguística

I) A **língua** é um instrumento de **comunicação social**, maleável e **diversificado** em todos os seus aspectos; é um meio de expressão de indivíduos que vivem em sociedades também diversificadas **social**, **cultural** e **geograficamente** (Celso Cunha et al). Pode-se afirmar, portanto, que não existe uma **língua única** que todos falam, mas sim **inúmeras variantes** usadas pelos falantes dessa língua em situações distintas.

a) Variação diatópica → considera as diferenças geográficas (falares regionais, por exemplo).

b) Variação diastrática → considera as diferenças socioculturais (nível culto, nível popular, por exemplo).

Variação linguística

c) Variação diafásica → considera as diferenças entre os tipos de modalidade expressiva (registro formal e informal, por exemplo).

II) Norma (coletiva) e uso (individual)

Ex.: Eu já **tinha pegado** minhas coisas, quando você chegou.
↳ **norma culta (norma de maior prestígio social)**

Eu já **tinha pego** minhas coisas, quando você chegou.
↳ **uso → norma popular**

III) Arbitrariedade e convenção

Ex.: O verbo **pegar** é regular, ou seja, só tem o particípio regular: **pegado**. O verbo **pagar** apresenta dois particípios: **pagado e pago.**

IV) Economia linguística

Ex.: **Vo**ssa mer**cê** → **você**

V) Noção de erro

Ex.1: **Tu viu** o filme que passou ontem?

Ex.2: **Todos precisamos** pensar bem antes de votar.

Ex.3: **A gente somos** alegres.

MODALIZAÇÃO:
DA LÍNGUA AO DISCURSO

José Luiz FIORIN[1]

...l'instinct dite le devoir et l'intelligence
fournit le pretexte pour l'éluder.
(Proust)

Vous l'avez voulu, vous l'avez voulu,
Georges Dandin, vous l'avez voulu.
(Molière)

O que não puderes, seguramente te será
perdoado; mas o que não quiseres, jamais.
(Ibsen)

Ao Borba, que me ensinou para a vida e não para a escola.

■ RESUMO: A modalização tem o papel de exprimir a posição do enunciador em relação àquilo que diz. As modalidades são, então, definidas como predicados que sobredeterminam outros predicados. Como o inventário das modalidades nas línguas naturais é bastante confuso, porque os sentidos se superpõem, é preciso utilizar um procedimento hipotético-dedutivo, para estabelecer as modalidades de base, aquelas organizadas por procedimentos dedutivos independentemente dos lexemas modais das línguas naturais. Este trabalho, com base na Semiótica francesa, mostra os critérios para estabelecer as modalidades de base, verifica como elas se manifestam em português e analisa a modalização como procedimento discursivo, isto é, como

---

[*] Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP – 05508-900 – São Paulo – SP – Brasil – jolufi@uol.com.br.

o estabelecimento, no texto, de percursos modais, instituídos a partir de compatibilidades e incompatibilidades das modalidades.

- PALAVRAS-CHAVE: Modalização; modalidade; paixões.

Introdução

Os caminhos da constituição de uma teoria das modalidades na Semiótica francesa

A Semiótica é uma teoria gerativa, porque concebe o processo de produção do texto como um percurso gerativo, que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto, num processo de enriquecimento semântico. Isso significa que vê o texto como um conjunto de níveis de invariância crescente, cada um dos quais suscetível de uma representação metalingüística adequada. O percurso gerativo de sentido não tem um estatuto ontológico, ou seja, não se afirma que o falante, na produção do texto, passe de um patamar ao outro num processo de complexificação semântica. Constitui ele um simulacro metodológico, para explicar o processo de entendimento, em que o leitor precisa fazer abstrações, a partir da superfície do texto, para poder entendê-lo.

Por outro lado, a idéia do percurso gerativo de sentido parte da constatação de que é preciso explicar o fato de que o discurso é da ordem da estrutura e do acontecimento. Assim, é necessário detectar invariantes, mas também descrever a variabilidade histórica que reveste essas invariantes. O modelo não é genético, mas gerativo, ou seja, busca ser preditivo e explicativo.

O percurso gerativo é constituído de três patamares: as estruturas fundamentais, as estruturas narrativas e as estruturas discursivas. Vale relembrar que estamos no domínio do conteúdo. As estruturas discursivas serão manifestadas como texto, quando se unirem a um plano de expressão no nível da manifestação. Cada um dos níveis do percurso tem uma sintaxe e uma semântica.

Por razões históricas, o nível narrativo foi o mais bem explorado até hoje, o que não significa, porém, que os outros níveis não tenham tido desenvolvimento. Na primeira fase, a da constituição do percurso gerativo, a Semiótica aplica-se a estudar os simulacros da ação do homem no mundo presentes nas narrativas. Elabora assim uma teoria da *performance*. A narratividade é entendida como "uma transformação de estado, operada pelo fazer transformador de um sujeito que age sobre o mundo em busca de determinados valores investidos no objeto" (Barros, 1995, p.85). Analisa os conflitos entre sujeitos que buscam o mesmo objeto. Para desenvolver essa teoria da ação, transformou a noção proppiana de função na noção de enunciado narrativo (ibidem, p.82-5). O conceito de função em Propp diz respeito a unidades sintagmáticas constantes sob a multiforme superfície das narrativas. A sucessão dessas invariantes constitui o relato. Essa noção foi precisada com o conceito de enunciado narrativo. Há dois tipos de enunciados elementares, o de estado e o de fazer, que derivam da existência de duas relações-função: a junção (conjunção e disjunção) entre um sujeito e um objeto e a transformação, que é a mudança de uma relação de junção. Dessa noção de enunciado narrativo decorre o fato de que é possível prever organizações hierarquizadas de enunciados. Estes se organizam em programas narrativos (um enunciado de fazer regendo um enunciado de estado), em percursos narrativos (encadeamentos lógicos de programas narrativos em que um programa pressupõe outro) e em seqüências narrativas (em que se organizam os percursos narrativos). Com isso, constrói-se uma sintaxe narrativa hierarquicamente organizada e não uma simples sucessão de unidades sintagmáticas, como previa o modelo proppiano. Nessa sintaxe, vai-se do programa ao percurso e deste à seqüência, estabelecendo um modelo de previsibilidade da narrativa, que pode dar conta da especificidade de cada relato singular, dado que esses níveis são empregados recursivamente e que têm um desdobramento polêmico. De um lado, programas, percursos e seqüências podem ser repetidos indefinidamente, encaixando-se, sucedendo-se etc.; de outro, toda narrativa tem uma dimensão polêmica (cf. Barros, 1995, p.83): a um sujeito corresponde um anti-sujeito; a uma apropriação, um desapossamento. Isso quer dizer que um relato pode ser feito de dois pontos de vista: um roubo pode ser contado do ponto de vista do ladrão ou da vítima; a história da Gata Borralheira pode ser relatada do ponto de vista da órfã submetida a duros trabalhos e da madrasta e suas filhas, do príncipe que procurava uma esposa e da moça que perdeu o sapatinho. Essa sintaxe vai do mais simples ao mais complexo.

Apesar do salto dado pela teoria narrativa proposta pela Semiótica, esse modelo apresenta uma limitação muito grande. Seu âmbito de aplicação são as narrativas da chamada pequena literatura (ibidem, p.85). Com efeito, um modelo que considera a narrativa como a busca de valores, como ação do homem no mundo, só pode aplicar-se àqueles textos que apresentem um componente pragmático muito forte: por exemplo, as narrativas folclóricas.

Ao compreender a limitação dada pelo alcance das aplicações, a Semiótica vai passar para uma segunda fase, interessando-se pela competência modal do sujeito que realiza a transformação. Nessa fase, as investigações incidem menos sobre a ação e mais sobre a manipulação (Barros, 1995, p.85-8).

Parte-se da constatação de que só pode executar uma ação quem possuir pré-requisitos para isso, ou seja, de que o fazer exige condições prévias. Só pode realizar uma ação o sujeito que quer e/ou deve, sabe e pode fazer. É isso que se chama competência modal do sujeito. A modalização do fazer é a sobredeterminação de um predicado do fazer por outro predicado (querer/dever/saber/poder). Ao reconhecer isso, a Semiótica começa a realizar uma tipologia muito mais fina dos sujeitos. Pode haver sujeitos coagidos, que devem, mas não querem realizar uma ação; sujeitos que afrontam o sistema (heróis que agem sozinhos), que querem, mas não devem; sujeitos impotentes, que querem e/ou devem, mas não podem, e assim por diante. Com a modalização do sujeito, a Semiótica passa a analisar também seu modo de existência: sujeitos virtuais, os que querem e/ou devem fazer, sujeitos atualizados, os que sabem e podem fazer; sujeitos realizados, os que fazem. Uma gama muito grande de textos passa agora a ser explicada pela teoria: aqueles em que há personagens sonhadoras, mas que são incapazes de passar à ação; aqueles em que há personagens realizadoras etc.

Nessa fase, o estudo das modalizações está ainda muito ligado à ação, pois o que se investiga são as condições necessárias para sua realização. No entanto, isso representou um salto muito grande, pois, se se pensar não apenas no sujeito que tem sua competência modal alterada, mas também naquele que realiza essa alteração, passa-se do estudo da ação ao da manipulação, ou seja, do fazer ao do fazer fazer. Agora, não se procura mais apenas explicar as relações entre sujeito e objeto, mas entre sujeitos, o que leva a uma concepção de narrativa como uma sucessão de estabelecimentos e rupturas de contratos (ibidem, p.86). Aqui começa todo um exame dos procedimentos de manipulação. Estudam-se a provocação, o desafio, a tentação, a sedução, a intimidação etc. Por outro lado, começa-se a aprofundar o estudo dos mecanismos da sanção, seja ela cognitiva ou pragmática. Os percursos da manipulação e da sanção constituem a dimensão cognitiva da narrativa e enquadram sua dimensão pragmática.

Com o estudo da dimensão cognitiva, a Semiótica mostra que a organização da intersubjetividade é articulada por meio de estruturas polêmicas e contratuais. Por exemplo, enquanto a teoria marxista vê a História como uma estrutura polêmica (lembremo-nos de que o *Manifesto comunista* se inicia afirmando que a história da humanidade é a história da luta de classes), a concepção liberal enfatiza os aspectos contratuais da constituição do Estado. Além do exame dessas estruturas, o estudo da manipulação abre caminho para o estudo de sujeitos manipulados por sistemas de valores diferentes. Por exemplo, na tragédia clássica, o herói trágico sofre uma manipulação por valores contraditórios. Antígona deve optar entre a lei divina, que determinava que os mortos fossem sepultados, e a lei do Estado, que estatuía que quem morresse lutando contra a cidade deveria permanecer insepulto.

Apesar de o campo de textos abrangido por essa teoria narrativa ter aumentado, possuía ela ainda um problema em relação ao domínio de aplicação. A teoria narrativa explicava o que se poderiam chamar estados de coisas, mas não o que se denominaria estados de alma. Até esse ponto de seu desenvolvimento, a teoria trabalha com textos em que há transferência de objetos tesaurizáveis ou com textos em que há estruturas diversas de manipulação e de sanção. No entanto, há narrativas que operam com outros tipos de objetos. *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, não é um romance sobre a traição, mas sobre o estatuto veridictório dos fatos, sobre certezas e incertezas, sobre a criação do objeto e a atribuição subjetiva a ele de um valor de verdade; *Gobseck*, de Balzac, trata da avareza e dos prazeres proporcionados pela posse da riqueza; *Otelo*, de Shakespeare, aborda o ciúme e a manipulação dos estados de alma de outrem; *Il Gattopardo*, de Tommaso di Lampedusa, discute a recusa e a aceitação da mudança; o episódio do ferimento do príncipe Andrei, em *Guerra e paz*, de Tolstói, delineia o sutil problema da vergonha do medo e do medo da vergonha; o filme *Salò, os 120 dias de Sodoma*, de Pasolini, mostra como a exacerbação do medo faz ruírem as normas da vergonha. Poder-se-ia continuar a citar textos em que se trata de estados de alma, em que se discute o valor veridictório do objeto. Como operar com as "paixões de papel", os estados de alma narrados?

Para tratar dessa questão, a Semiótica passa por mais duas fases. A primeira examina as modalizações do ser (Barros, 1995, p.88-91). Foi mostrado acima que, para a Semiótica, existem dois tipos de enunciados elementares: o de estado e o de fazer. O exame das modalidades do fazer levou ao estudo das condições modais necessárias para a realização da ação. No entanto, é preciso verificar que o sujeito de estado (um enunciado de estado estabelece uma relação de conjunção ou de disjunção com um objeto) pode ser também modalizado. Não se tem, nesse caso, modalizações do fazer (querer fazer, dever fazer, saber fazer, poder fazer), mas modalizações do ser (querer ser, dever ser, saber ser e poder ser). O sujeito de estado, por exemplo, quer entrar em conjunção com um dado objeto. Nesse caso, o objeto é desejável para o sujeito, enquanto ele é um sujeito desejante. Por isso, poder-se-ia afirmar, com mais propriedade, que a modalização do estado incide sobre o objeto, ou, mais particularmente, sobre o valor nele investido e que isso repercute sobre a existência modal do sujeito. É o objeto desejável que faz o sujeito desejante; é o objeto impossível que faz o sujeito impotente, e assim por diante.

Por outro lado, há um outro tipo de modalização do ser, que se diferencia, pelo lugar em que incide, daquela até agora exposta. Enquanto, no caso anterior, a modalização recai sobre o objeto, neste caso, que passamos a expor, a modalização incide sobre a relação de conjunção ou de disjunção que liga sujeito e objeto. Trata-se de modalidades veridictórias e epistêmicas. As veridictórias articulam-se como estrutura modal em "ser" *versus* "parecer" e aplicam-se à função-junção. Mostra-se que um enunciado *é* ou *parece ser*. No entanto, essa modalização não diz respeito a nenhuma relação referencial, mas a algo criado pelo texto. *Ser* é o estatuto veridictório exposto pela própria narrativa ou, em outros termos, pelo narrador; *parecer* é o estatuto veridictório atribuído a um estado por uma personagem. Seixas, personagem de *Senhora*, de Alencar, é visto como um homem rico (parece ser rico), mas o narrador mostra ao leitor que ele é o filho de uma modesta costureira (ser). Temos, então, uma mentira: ele não é rico, mas parece sê-lo. As modalidades veridictórias permitem estabelecer o estatuto veridictório dos estados: verdade, falsidade, mentira, segredo. Os enunciados modalizados veridictoriamente podem ser sobredeterminados pelas modalidades epistêmicas do *crer*: um sujeito crê que um estado parece verdadeiro ou é verdadeiro etc. A modalização epistêmica resulta de uma interpretação, em que um sujeito atribui um estatuto veridictório a um dado enunciado. Nela, o sujeito compara o que lhe foi apresentado pelo manipulador com aquilo que sabe ou aquilo em que crê. O estatuto veridictório de um enunciado é dado por um julgamento epistêmico, em que o crer precede o saber, o que implica reconhecer o caráter ideológico da operação de interpretação. Para a Semiótica, crer e saber pertencem ao mesmo universo cognitivo e a distinção entre a adesão fiduciária, regida pelo crer, e a adesão lógica, comandada pelo saber, é o estabelecimento de uma separação entre dois tipos de racionalidade, que, na interpretação, quando aparecem situações, como em *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, de verdade ou falsidade das certezas, de dúvida da verdade etc., confundem-se, misturam-se, entrecruzam-se (Greimas, 1983, p.115-33).

O estudo da modalização do ser permite estabelecer tipologias de culturas (por exemplo, há culturas que valorizam mais o querer do que o dever e outras que fazem o contrário), dar representações mais adequadas da aplicação dos códigos sociais de caráter normativo, como regras gramaticais, regras de polidez etc. (nelas, combinam-se dever e saber: o excesso de zelo no código de polidez aproxima-se da hipercorreção em gramática, quando a um dever fazer não corresponde um saber fazer, mas um não saber fazer) (ibidem, p.88-90).

Todo esse estudo das modalizações do ser passa ainda pelo exame das compatibilidades e incompatibilidades entre as modalidades. Por exemplo, o dever ser é compatível com o poder ser, ao passo que é incompatível com o não poder ser. Com efeito, o que é necessário deve ser compatível com o que é possível, mas não com o impossível. No entanto, cabe lembrar que as compatibilidades e as incompatibilidades nada têm a ver com o aparecimento de certas combinatórias modais nos textos. Os sujeitos de estado podem ser modalizados por modalidades compatíveis ou incompatíveis entre si. Um sujeito pode querer o que pode ser, mas pode querer o que não pode ser. A percepção dessas compatibilidades e incompatibilidades abre caminho para o estudo das paixões.

Chega-se, então, à quarta fase da Semiótica. A paixão é entendida, inicialmente, pela Semiótica como efeitos de sentido de qualificações modais que alteram o sujeito de estado, o que significa que é vista como um arranjo das modalidades do ser, sejam elas compatíveis ou incompatíveis. Por exemplo, a obstinação define-se como um querer ser aliado a um não poder ser, enquanto a docilidade reúne um querer ser a um poder ser. O obstinado é aquele que quer, apesar da impossibilidade evidente, enquanto o dócil limita-se a desejar o que é possível.

A história modal do sujeito de estado (transformações modais que vai sofrendo) permite estudar outros tipos de textos narrativos, aqueles fundados sobre um processo de construção ou de transformação do ser do sujeito e não apenas do seu fazer. Os efeitos de sentido passionais derivam de arranjos provisórios de modalidades, de intersecções e combinações entre modalidades diferentes. Por exemplo, a vergonha define-se pela combinação do querer ser, não poder não ser e saber não ser. Os arranjos modais que têm um efeito de sentido passional são determinados pela cultura.

A noção de paixão como arranjo de modalidades permite estabelecer uma diferença entre o atualizado (apreensão de um predicado do ponto de vista das condições de realização) e o realizado. A distinção entre *querer morrer* e *morrer* reside no fato de que, no primeiro, uma série de roteiros é possível, enquanto no segundo, não. A diferença entre o atualizado e o realizado permite, pois, estabelecer potencializações, o que possibilita analisar fatos que parecem contrariar a lógica narrativa (cf. Fontanille, 1995, p.175-90). São exemplos disso o apego que perdura após a morte do ser amado, objeto de fina análise em *Memorial de Aires*, de Machado de Assis; o ciúme, sentimento indiferente ao fato de o outro ser fiel ou não.

Retomada dos pontos principais da teoria semiótica das modalidades

A Lingüística tem, hoje, uma abordagem enunciativa da modalização. Confere-lhe o papel de exprimir a posição do enunciador em relação àquilo que diz (Pottier, 1992, p.98). As modalidades são, então, definidas como predicados que sobredeterminam outros predicados. Como os tipos de predicados são dois, os de estado (ser) e os de transformação (fazer), há modalidades incidentes sobre os predicados de ser e de fazer. Dessa forma, os enunciados modais são hiperotáxicos em relação a enunciados descritivos.

Como o inventário das modalidades nas línguas naturais é bastante confuso, porque os sentidos se superpõem, é preciso utilizar um procedimento hipotético-dedutivo, para estabelecer as modalidades de base, ou seja, aquelas organizadas por procedimentos dedutivos independentemente dos lexemas modais das línguas naturais.

A definição das modalidades feita pela semiótica (Greimas, 1983; Greimas & Courtés, 1979; Fontanille & Zilberberg, 1998) é, ao mesmo tempo, paradigmática e sintagmática.

Pardigmaticamente, dois traços são levados em conta para a definição das modalidades de base: os modos de existência do sujeito e as relações entre o sujeito do predicado modal e o do predicado modalizado. A existência semiótica é dada pela relação do sujeito com um objeto. Em outras palavras, um sujeito só tem existência na medida em que está em relação com um objeto. Ora, um sujeito pode querer ou dever estar em relação com um objeto, poder ou saber estar em relação com um objeto ou estar em relação com um objeto. Ademais, deve ele preliminarmente crer na sua competência, ou seja, no seu desejo, nas suas obrigações, nas suas possibilidades etc. Assim, temos quatro modos de existência do sujeito: o potencial, o virtual, o atualizado e o realizado. Esses modos determinam a existência de quatro tipos de modalidades: as potencializantes (o crer), as virtualizantes (o querer e o dever), as atualizantes (o saber e o poder) e as realizantes (o ser e o fazer). O outro traço é a relação entre o sujeito do predicado modal e o do predicado modalizado. Temos aqui dois tipos de relações: transitiva, que liga enunciados que têm sujeitos distintos; reflexiva, que liga sujeitos idênticos. A partir desse critério, há modalidades endógenas (reflexivas) e exógenas (transitivas).

O quadro completo das modalidades de base seria (Fontanille & Zilberberg, 1998, p.190):

	Potencializantes	Virtualizantes	Atualizantes	Realizantes
Endógenas	Assumir	Querer	Saber	Ser
Exógenas	Aderir	Dever	Poder	Fazer
	Crenças	Motivações	Aptidões	Efetuações

É preciso entender bem o que está sendo considerado transitivo ou reflexivo. Nada tem a ver com os enunciados realizados nas língüas naturais, mas com o fato de que, do ponto de vista hipotético-dedutivo, assumir é um movimento de crença do interior; enquanto aderir é movimento para o exterior; querer é algo que diz respeito à autonomia do sujeito, enquanto o dever concerne à heteronomia, ou seja, a dois sujeitos distintos.

Sintagmaticamente, as modalidades podem incidir sobre os dois tipos de enunciado de base: o ser e o fazer. O predicado modal é definido por sua função táxica, por sua visada transitiva, suscetível de atingir um outro enunciado como objeto. Os enunciados do ser e do fazer podem, assim, assumir a função de enunciados modais ou descritivos, o que significa que esses enunciados elementares podem modalizar os enunciados elementares. Temos, assim, as seguintes possibilidades modais: fazer ser é a transformação narrativa de um estado em outro; ser do fazer são as condições requeridas para realização da ação; fazer fazer é o conjunto de modalidades factitivas que levam à ação; ser ser são as modalidades veridictórias que determinam a verdade, mentira, falsidade ou segredo de um estado. Sobre essas modalizações de base atuam sobremodalizações, quando o crer, o querer, o dever, o saber e o poder modalizam os enunciados elementares.

Uma categoria modal qualquer, por exemplo o dever fazer, é suscetível de ser projetada no quadrado semiótico, o que estabelece a seguinte estrutura modal: dever fazer, dever não fazer, não dever fazer e não dever não fazer. Essa estrutura modal torna-se um valor modal, quando recebe uma definição taxionômica. Tomemos, por exemplo, o dever ser: dever ser = necessidade; dever não ser = impossibilidade; não dever não ser = possibilidade; não dever ser = contingência. Esse procedimento de estruturação modal e de criação de valores modais pode ser aplicado a cada uma das categorias modais.

Temos, então, as seguintes modalidades simples: fazer fazer, modalidades factitivas; ser ser: modalidades veridictórias, que articulam o ser e o parecer, estabelecendo a seguinte estrutura modal: ser + parecer = verdade; não ser + não parecer = falsidade; não ser + parecer = mentira; não parecer + ser = segredo. As sobremodalizações são as que seguem: modalidades volitivas concernem seja ao querer fazer, seja ao querer ser; modalidades deônticas dizem respeito ao dever fazer e ao poder fazer; modalidades aléticas referem-se ao dever ser e ao poder ser; modalidades epistêmicas concernem ao saber fazer, ao crer fazer, ao saber ser, ao crer ser.

É preciso explicar por que dever fazer e poder ser constituem modalidades deônticas e dever ser e poder ser modalidades aléticas. Constituem necessidade tanto o dever ser quanto o não poder não ser; a possibilidade é indicada pelo poder ser e não dever não ser a impossibilidade, pelo dever não ser e o não poder ser; a contingência, pelo não dever ser e poder não ser. As mesmas homologações podem ser feitas em relação às modalidades deônticas. A prescrição é manifestada pelo dever fazer e não poder não fazer; a interdição, pelo dever não fazer e não poder fazer; a permissão, pelo não dever não fazer e poder fazer; a facultatividade, pelo não dever fazer e poder não fazer. Apesar dessas homologações, essas duas modalidades não expressam a mesma coisa. No que tange ao dever e ao poder ser, a diferença é que, no primeiro, temos como que um determinismo do espírito e, no segundo, um determinismo das coisas. A necessidade expressa pelo dever ser é proveniente do sujeito, enquanto a manifestada pelo poder é advinda do objeto (Greimas, 1983, p.85). Comparem-se, por exemplo: *Isso deve ser assim* e *Isso não pode não ser assim*. A mesma distinção poderia ser proposta para o dever e o poder fazer. *Você deve fazer isso* indica advinda do sujeito; enquanto *Você não pode não fazer isso* quer dizer que a prescrição deriva de uma resistência do mundo.

A manifestação lingüística das modalidades

As modalidades podem ser expressas por meios lexicais ou por meios gramaticais. Todas as palavras lexicais podem manifestar modalidades. Tomemos alguns exemplos:

a) substantivos:
crer ser: Tenho *certeza* de que ela não o teria deixado (AC);[2]
não crer ser: A *incerteza* pouco a pouco esmoreceu, convenci-me (MEC);
não dever fazer: A novidade está na *proibição* de exercer cargos públicos (CPO);
não dever não fazer: tinham *permissão* de transitar pela Avenida (ANA);
poder ser: nem sempre os hospitais têm *possibilidade* de realizar culturas e antibiogramas (ANT);
não poder ser: os industriais do açúcar alegaram a *impossibilidade* de conceder o aumento (AR-O);
dever ser: bastariam para evidenciar a *necessidade* de uma educação específica na adolescência (AE);

b) adjetivos, principalmente quando núcleos de uma oração principal de uma oração subordinada substantiva subjetiva:
dever ser: É *necessário* ser funcionário público para saber o quanto é difícil suportar tudo isso (AR-O);
não poder ser: os patrões dizem que é *impossível* pagar mais do que isso (AP);
poder ser: Esse tipo de regulação só é *possível* num sistema circulatório fechado (FIA);
poder não ser: O ponto crucial no modelo é que T3 é *contingente* e depende da condição posta em T2;
não poder fazer: Ao atleta *não* é *permitido* usar as mãos e os braços (BF);
não querer ser e dever ser: Essas medidas resultaram, inclusive, no aumento *indesejável*, mas *necessário*, das contribuições dos patrões (JK-O);
dever ser: É *indispensável* substituir um aminoglicosídeo (AM-O);
dever não ser: (Isso) é *irrealizável* (PRO);
não poder ser e não dever não ser: obrigando o presidente Figueiredo a entrar diretamente na disputa entre o *impossível* e o *realizável* (VEJ);
não dever ser: é *fortuito* o aparecimento de uma face especial;
não poder não ser: o resultado *inelutável* será a miséria;
saber não ser: É *ilusório* esperar uma ação convicta (JK-O);

---

[2] Todos os exemplos desta parte foram tirados do *corpus* do projeto do *Dicionário de usos do português*, coordenado por Francisco da Silva Borba.

saber ser: Assim, é *verdadeiro* o juízo confirmado pela sensação (MA);
crer ser: É *evidente* que não tendes nenhuma pretensão à Santidade (AM-O);

c) verbos, principalmente aqueles que, tendo um complemento infinitivo ou oracional, não são aspectualizadores como *começar, acabar de* etc.:
não saber fazer: *não saber* dançar é uma merda (OE);
crer não ser: Machado de Assis *recusa* a hipótese de Teófilo Braga (ESS);
não crer não ser: *admite* que viu o casaco (BF);
não crer ser: *Duvida-se* que os Estados Unidos terão os dez projéteis (CRU);
querer ser: É certo que *gosto* de cobras e de mulheres (BU);
não querer ser: *não quero* ser grosseira (AQ);
dever fazer: (a mensagem) *determina* que ninguém vai ganhar menos que o salário mínimo regional (CB);
não dever fazer: Ontem mesmo você me *proibiu* de lhe dirigir a palavra;
poder fazer: o Governo *facultou* aos industriais que se submetessem a certas exigências de capitalização própria e de nacionalização gradativa dos veículos (JK-O);
dever ser: Você me *tem de* ser grato! (A);
Uma outra classe de palavras que pode manifestar modalidades é a dos advérbios.
dever ser: Na Europa, Portugal será *necessariamente* o interlocutor mais próximo do Brasil (COL);
poder ser: *possivelmente* já tomara o vapor em Fortaleza (BH);
dever fazer: farmácias que não estiverem de plantão, *obrigatoriamente*, fecharão suas portas às 20 horas (FSP);
crer ser: *Talvez* ele venha (FSP).

Certos autores dizem que a interrogação, a afirmação etc. são modalidades (Charaudeau, 1992, p.591). Na verdade, a organização das frases em declarativas, interrogativas, imperativas e optativas são manifestações das modalidades básicas.

saber ser: Ele veio;
saber não ser: Ele não veio;
dever fazer: Venha aqui!;
não saber ser: Ele veio?;
querer ser: Oxalá ele venha!.

Não procede a afirmação de muitos autores de que a diferença básica entre uma pergunta real e uma pergunta retórica está no fato de que a primeira indica um desejo verdadeiro de saber, enquanto, na segunda, temos um artifício, porque o falante que pergunta já conhece a resposta. Essa distinção só tem sentido numa concepção empirista da linguagem. Do ponto de vista dos efeitos de sentido, há sempre um não saber ser, seja em relação ao conteúdo, seja ao conhecimento do ouvinte.

Uma outra forma gramatical de expressar as modalidades do saber e do crer é a utilização do indicativo e do subjuntivo. O primeiro indica um saber ser ou um crer ser, enquanto o segundo expressa um não saber ser, um não crer ser, um saber não ser ou um crer não ser. Nossas gramáticas dizem que o subjuntivo deve ser utilizado, principalmente, (cf. Cunha, 1972, p.318-22; Bechara, 1999, p.280-83), nas orações substantivas, depois de expressões que indicam modalidade (ordem, vontade, consentimento, aprovação, proibição, desejo, probabilidade etc.); nas orações adjetivas, depois de um predicado negativo; nas adverbiais causais introduzidas por *não que* ou *não porque*, nas concessivas, nas finais. Não foram mencionados os casos em que as próprias gramáticas dizem que se exprime uma hipótese e não um fato real, porque essa é a distinção entre o subjuntivo e o indicativo. Na verdade, esses casos são tendências gerais, pois, sempre, no português brasileiro, pode-se usar tanto o subjuntivo quanto o indicativo, como manifestações da modalidade do saber ou do crer:

> saber ser: Espero um carro que me *leva* para casa;
> não saber ser: Espero um carro que me *leve* para casa;
> saber ser: eles devem manter a liderança interzonal por muito tempo ainda, se bem que *se fala* com algum entusiasmo no futuro (ANB);
> crer ser: Se *queremos* reconhecimento, temos que trabalhar;
> não crer ser: Se os intelectuais *fossem* bons governantes, teríamos o melhor presidente do mundo.[3]

Alguns tempos verbais servem para expressar modalidades epistêmicas ou deônticas:

> dever fazer: *Honrarás* pai e mãe;
> não saber ser: *Moraria* ele em São Paulo há uns quatro anos.

---

[3] Evidentemente, o uso do subjuntivo merece um estudo mais detalhado, que não pode ser feito nos limites deste trabalho. A afirmação de que o subjuntivo não é categórico, mas opcional, precisa ser comprovada com mais exemplos reais.

Em oposição às demais modalidades, que são categóricas, as modalidades epistêmicas são graduais. Assim, há uma gradação que vai do certo ao excluído, passando pelo provável, pelo possível, pelo plausível, pelo duvidoso, pelo contestável, pelo improvável. Poder-se-ia objetar mostrando que dizemos *isso é mais ou menos possível*, o que indicaria que a gradualidade atinge também outras modalidades. No entanto, se observarmos com mais atenção esse fato, veremos que o que é atingido pela gradualidade é a modalidade epistêmica: o enunciador não sabe se é possível (poder ser). A explicação da diferença entre subjuntivo e indicativo não deve, assim, ser buscada, como pode ter dado impressão no que acabou de ser referido, na categorialidade epistêmica, mas em sua gradualidade.

A modalização pode atingir a enunciação ou o enunciado. Por exemplo, quando se diz *Lamentavelmente, você é um mau aluno*, o que está sendo modalizado pelo não querer fazer e pelo dever fazer é o ato de enunciação. Quando se diz *É possível que ele venha*, é o ato de vir expresso no enunciado é que está sendo modalizado pelo poder ser.

Diversas modalidades podem aparecer na mesma frase e mesmo pode haver uma sobremodalização de uma por outra.

Contudo, nesse nível, é preciso que se reconheça que ainda estamos no domínio do projeto, de um projeto certamente desejável e viável (IP).

Ser preciso modaliza pelo dever ser a oração subordinada substantiva subjetiva; o verbo *reconhecer* dá um estatuto epistêmico de não crer não ser à oração subordinada substantiva objetiva direta; *desejável* e *viável* modalizam projeto, respectivamente, pelo querer ser e pelo saber ser e a eles o advérbio *certamente* confere o estatuto epistêmico crer ser. A oração declarativa modaliza a totalidade do dizer pelo saber ser.

A modalidade como processo discursivo

As modalidades, quaisquer que elas sejam, podem apresentar compatibilidades e incompatibilidades combinatórias. Quando tomamos, por exemplo, o dever ser, veremos que corresponde ele ao não poder não ser; o dever não ser, ao não poder ser; o não dever não ser, ao poder ser; o não dever ser, ao poder não ser. A mesma correspondência pode ser estabelecida entre o dever fazer e o poder fazer. Temos outras compatibilidades: assim, se um dever fazer corresponde a um querer fazer, não há nenhum conflito. No entanto, os textos podem apresentar também incompatibilidades modais: por exemplo, combinar um querer fazer a um não poder fazer. A modalização como procedimento discursivo é o estabelecimento de percursos modais no texto, estabelecidos a partir dessas compatibilidades e de incompatibilidades.

As manifestações lingüísticas das modalidades servem de pistas para a compreensão da discursivização das modalidades. Tome-se, por exemplo, o poema *Belo Belo*, de Manuel Bandeira (1983, p.281):

> Belo Belo minha bela
> Tenho tudo que não quero
> Não tenho nada que quero
> Não quero óculos nem tosse
> Nem obrigação de voto
> Quero quero
> Quero a solidão dos píncaros
> A água da fonte escondida
> A rosa que floresceu
> Sobre a escarpa inacessível
> A luz da primeira estrela
> Piscando no lusco-fusco
> Quero quero
> Quero dar a volta ao mundo
> Só num navio de vela
> Quero ver Bagdá e Cusco
> Quero quero
> Quero o moreno de Estela
> Quero a brancura de Elisa
> Quero a saliva de Bela
> Quero as sardas de Adalgisa
> Quero quero tantas coisas
> Belo belo
> Mas basta de lero-lero
> Vida noves fora zero[4]

O poeta começa por declarar que tem o que não quer e não tem o que quer. É um sujeito modalizado, portanto, pelo não querer ser e não pelo querer ser. Mais ainda está – modalizado não pelo querer ser, mas pelo dever ser, pela necessidade, e não deseja essa modalização (Não quero óculos nem tosse/Nem obrigação de voto). O que deseja é o impossível, o que não pode ser: a solidão dos píncaros, a água da fonte escondida, a rosa que floresceu sobre a escarpa inacessível, a luz da primeira estrela, piscando no lusco-fusco, dar a volta ao mundo só num navio de vela, ver Bagdá e Cusco. Poder-se-ia dizer que não se pode pôr *rever Pernambuco* no paradigma das impossibilidades. No entanto, no espírito do querer ser o que não pode ser, deve-se entender rever Pernambuco, como rever o Pernambuco da infância. Continua o rol dos desejos impossíveis, quando deseja uma característica de cada uma das mulheres que teve. Mas o poema mostra que desejar o impossível não permite que se passe da virtualidade à realidade, é uma fixação na virtualidade (Mas basta de lero-lero/Vida noves fora zero). A discursivização das modalidades permite o aparecimento e a análise das paixões de papel. A título de exemplo das possibilidades a que chegou a Semiótica com o estudo das paixões, vamos analisar, de maneira ainda pouco formalizada, para que o entendimento seja maior, alguns percursos patêmicos do conto "Noite de almirante", de Machado de Assis (1979, p.446-51). O conto é bastante complexo do ponto de vista dos estados de alma nele desenvolvidos, porque entrelaça modalidades que incidem sobre o objeto com modalidades veridictórias e mostra que os sujeitos têm existência modal diferente.

---

[4] Agradeço a Diana Luz Pessoa de Barros a sugestão do texto.

O marinheiro Deolindo, ao voltar de uma longa viagem de instrução, "levava um grande ar de felicidade aos olhos", porque uma grande "noite de almirante" o esperava em terra. Três meses antes de começar a viagem, conhecera Genoveva, ambos apaixonaram-se perdidamente e ele partira em viagem, depois de um "juramento de fidelidade" recíproca. Há aqui uma situação de espera fiduciária. Deolindo quer estar em conjunção com a fidelidade e crê que Genoveva deve, por força do contrato, realizar a conjunção desejada. A espera não é tensa, pois o sujeito não apresenta o efeito patêmico da aflição. Ao contrário, é relaxada, pois Deolindo está feliz. A felicidade é um efeito de satisfação produzido pelo saber poder ser (possível) a conjunção desejada. Ao mesmo tempo, essa paixão indica que Deolindo tinha confiança (crer ser) em que Genoveva cumpriria o contrato.

O narrador modaliza o ato de celebração do contrato como verdadeiro. "Não havia descrer da sinceridade de ambos: ela chorava doidamente, ele mordia o beiço para dissimular."

Quando Deolindo, depois de descer a terra, chega à casa em que morava Genoveva, "a velha Inácia" diz-lhe que ela estava com outro, residindo na Praia Formosa. Altera-se, então, a existência modal de Deolindo. Agora, sabe que Genoveva não cumpriu o contrato de manter a fidelidade. O sujeito crédulo e confiante passa a ser um sujeito insatisfeito e decepcionado. Aparece o sentimento de falta. Adquire, então, uma outra competência modal: querer fazer o mal. Assim, começa o percurso da reparação da falta: o da vingança. "As idéias marinhavam-lhe no cérebro, como em hora de temporal, no meio da confusão de ventos e apitos. Entre elas, rutilou a faca de bordo, ensangüentada e vingadora."

Quando Deolindo chega à Praia Formosa, Genoveva recebe-o com maneiras francas. Novamente, entram em cena as modalidades veridictórias. Genoveva não tem o que esconder, está no domínio da verdade (ser + parecer). Deolindo volta a ter esperança, reassume a confiança. A velha poderia ter mentido ou ter-se enganado, relatando um parecer que não corresponde a um ser, fazendo uma interpretação não verdadeira dos fatos. Altera-se sua existência modal. Crê poder realizar a conjunção desejável. Mas Genoveva não manifesta "nenhuma comoção nem intimidade", ou seja, mantém-se indiferente e distante.

Diante desse estado passional, altera-se novamente a existência modal de Deolindo. Passa do crer ao não crer poder realizar a conjunção desejada. Com isso, ressurge o querer vingar-se. "Em falta de faca, bastavam-lhe as mãos para estrangular Genoveva, que era um pedacinho de gente, e durante os primeiros minutos não pensou em outra coisa." Contém seu desejo e diz-lhe que sabia tudo. Ela não mente. Deolindo tem um ímpeto, o querer vingar-se retorna novamente; ela fá-lo parar com a ação dos olhos; diz-lhe que, "se lhe abrira a porta, é porque contava que era homem de juízo", isto é, que não se deixava levar por estados patêmicos intensos. Em seguida, conta-lhe o amor que sentira por ele, mas diz que seu coração mudara. Mudara o objeto de seu querer. O narrador modaliza veridictoriamente suas palavras dizendo: "Não sorria de escárnio. A expressão das palavras é que era uma mescla de candura e cinismo, de insolência e simplicidade, que desisto de definir melhor. Creio até que insolência e cinismo são mal aplicados. Genoveva não se defendia de um erro ou de um perjúrio; não se defendia de nada; faltava-lhe o padrão moral das ações". O que ela diz é verdadeiro, pois ela crê não ser culpada de nada. Por isso, não quer criar um parecer que oculte o ser.

A questão da culpa distingue as duas personagens. Ambas vêem o contrato firmado entre elas de maneira diferente. Para Deolindo, o juramento é aspectualizado durativamente ("O pobre marujo citava o juramento de despedida, como uma obrigação eterna"). Ao rompê-lo, Genoveva fora perjura e ingrata, pois passara a querer não fazer o bem a quem devia obrigação. A gratidão é uma paixão de benevolência que se articula numa reciprocidade. Para Genoveva, o juramento é aspectualizado com a pontualidade. Não poderia ser perjura, porque "quando jurou era verdade". Não era ingrata, pois a gratidão implica que se esteja obrigado a alguém e ele, durante a viagem, não devia ter-se lembrado dela ("E ele que tanto enchia a boca de fidelidade, tinha-se lembrado dela por onde andou?"). Ela crê que ele pode não ter mantido o contrato, o que também a desobrigaria de cumpri-lo. A resposta dele foi dar-lhe um pacote de presentes onde estavam uns brincos. Ela ficou confusa por "receber um mimo a troco de um esquecimento". Está, então, modalizada por um saber que Deolindo não pode não ter mantido o juramento e por saber que ela não o manteve. Ao mesmo tempo, tem as paixões da satisfação (contentamento e deslumbramento) por saber que está em conjunção com a fidelidade de Deolindo, figurativizada pelos brincos.

Renasce a esperança em Deolindo. De novo, transforma-se sua existência modal. Passa do não crer ao crer poder realizar a conjunção desejada. As razões para esse ressurgir da esperança estão no fato de pensar que o juramento pode ser aspectualizado com a pontualidade e, nesse caso, se ele fora violado quando estava ausente, pode ser rompido, estando o outro ausente, ou com a duratividade e, então, não seria negado, dado que talvez ela não tivesse jurado nada ao outro.

Ela pede que Deolindo lhe conte as aventuras que vivera em terras longínquas. Demonstra um enorme interesse por elas. Está modalizada por um querer saber. Quando Deolindo percebe que o objeto de sua solicitude eram seus relatos e não ele, passa novamente a um estado de crer não poder ser ("A esperança ... começava a desampará-lo").

Ela mostra a uma amiga os brincos que ele lhe dera. Esta elogia muito o presente. Deolindo tem um momento de satisfação, sabe ter podido realizar uma conjunção desejada ("durante alguns segundos, saboreou o prazer exclusivo e superfino de haver dado um bom presente; mas foram só alguns segundos").

Sai cabisbaixo e lento, sem o ímpeto com que chegara. Estava tomado pelo estado patêmico da infelicidade, por um saber não poder ser. Mas que é que ele não podia ser? A resposta virá em seguida. Genoveva entrou em casa alegre e barulhenta, estava modalizada por um saber poder ser. Conta à amiga que ele dissera que iria suicidar-se. De certa forma, suicidar-se era realizar a vingança desejada, pois infligiria a Genoveva a dor do remorso, reequilibrando, assim, a situação patêmica. Diante do espanto da amiga, Genoveva mostra que sabe que ele não pode fazer o que prometera, pois não é dotado das paixões fortes e durativas que levam o sujeito a tornar-se competente para a vingança, aquelas que o modalizam com o poder fazer. Ao contrário, é apenas dotado das paixões fracas da malevolência, que instauram um sujeito operador com a modalidade do querer vingar-se, mas não o atualizam com o poder vingar-se ("Qual o quê! Não se mata, não. Deolindo é assim mesmo, diz as cousas, mas não faz. Você verá que não se mata. Coitado, são ciúmes"). No ciúme, há um não querer não ser, isto é, não querer não estar em conjunção com um objeto amado. Deolindo é modalizado pelo querer, mas não pelo poder, é aspectualizado pela pontualidade (ímpeto), mas não pela duratividade (persistência), é modulado pela baixa intensidade.

No dia seguinte, diante de seus colegas, Deolindo manifesta o estado patêmico da satisfação, derivado do saber estar em conjunção com o objeto desejado. Nota, no entanto, o narrador que se trata de uma mentira. Deolindo parece satisfeito, mas não está. Por que mentiu? Porque parece que tivera vergonha da realidade. Vergonha é "um sentimento penoso de sua inferioridade, de sua indignidade ou de sua humilhação diante de outrem, de seu rebaixamento na opinião dos outros". Deriva de uma sanção cognitiva negativa, a reprovação própria ou alheia. Essa reprovação gera a vergonha. A vergonha é, assim, um estado de alma da ordem do saber: o sujeito sabe que não possui a competência para um fazer exigido pelo simulacro de membro de um determinado grupo social ou que fez algo em desacordo com a deontologia grupal. Por outro lado, é preciso também que esse sujeito aceite esse simulacro ou essa deontologia como um ideal a ser seguido, pois, se não dá nenhuma importância a eles, não será atingido pelo sentimento de vergonha. Assim, é necessário, para que esse estado de alma ocorra, que o dever fazer e o dever ser se tornem também um querer fazer e um querer ser. Se o sujeito é modalizado por um não querer, age diferentemente do simulacro sem ser atingido pela vergonha. Aparecem, então, os comportamentos atrevidos e insolentes. O sintagma modal do efeito patêmico da vergonha é dever ser/fazer; querer ser/fazer; saber não poder ser/fazer ou saber (outro) saber que a competência requerida pelo simulacro não existe ou que a *performance* não corresponde ao dever.

Voltemos a Deolindo. Diz o narrador: "A verdade é que o marinheiro não se matou. No dia seguinte, alguns dos companheiros bateram-lhe no ombro, cumprimentando-o pela noite de almirante, e pediram-lhe notícias de Genoveva, se estava mais bonita, se chorara muito na ausência, etc. Ele respondia a tudo com um sorriso satisfeito e discreto, um sorriso de pessoa que viveu uma grande noite. Parece que teve vergonha da realidade e preferiu mentir". A vergonha de Deolindo opera sob o signo do segredo. Ele faz uma sanção negativa de sua *performance* de não se vingar. Não realiza a vingança, porque não possui a modalidade atualizante do poder fazer, que seu grupo social atribui ao homem. A traição da mulher deve implicar necessariamente a vingança realizada pelo homem.

Deolindo, porém, é dotado apenas das paixões fracas do querer. Para não permitir que sua vergonha seja exposta, opta pela mentira. No nível do parecer, mostra satisfação; no do ser, insatisfação e decepção. A decepção, entretanto, não é com Genoveva, mas consigo mesmo.

A análise de textos de diferentes épocas e culturas que pintam paixões de papel (o ciúme, a avareza, a cólera, a indiferença etc.) mostrou que as paixões variam de uma cultura para outra, de uma época para outra. Por exemplo, a configuração da avareza é distinta em Molière e Balzac. Enquanto, no primeiro, o avaro caracteriza-se pelo entesouramento, no segundo aparece algo que é próprio da formação social capitalista, a idéia de que o dinheiro produz dinheiro. Isso significa que, embora as paixões se caracterizem fundamentalmente pelo arranjo das modalidades, a modalização não é suficiente para produzir efeitos passionais, pois as mesmas organizações modais podem gerar ou não sentidos patêmicos. Ora, isso obriga a introduzir novos elementos teóricos. A dimensão passional permite analisar, por meio dos procedimentos da convocação enunciativa, a retomada do contínuo no discurso. As configurações modais estão sobredeterminadas por uma modulação, que gera efeitos de sentido patêmicos. Passa-se, no estudo do componente patêmico, da modalização à aspectualização e à intensidade. O conceito de aspectualização, entendida não apenas como processo lingüístico, mas como processo discursivo, não é somente uma sobredeterminação do tempo, mas uma sobredeterminação de todas as categorias de enunciação, o tempo, o espaço e a pessoa. Aparece também o conceito de foria, que, conjugando a intensidade e a extensão, produz, ao projetar-se no espaço e no tempo, efeitos de andamento e de ritmo discursivos. O estudo das paixões passa a convocar, simultaneamente, grandezas, em geral, discretas e categoriais (modalizações) e grandezas contínuas e articuladas (aspectualização e intensidade).

A aspectualização caracteriza tipos passionais: por exemplo, temos as paixões da duratividade, como o ressentimento; paixões da pontualidade, como a ira; paixões da perfectividade, como o remorso. Ao mesmo tempo, as paixões apresentam uma intensidade. A depressão exibe um andamento lento, enquanto a agitação tem um andamento acelerado. O avaro é modalizado por um querer ser, mas um querer ser que ultrapassa o simples querer não gastar. Distingue-se do econômico, porque a economia do avaro vai além do necessário. É uma economia excessiva, desnecessária, incoerente. A impulsividade define-se por um querer fazer, ao mesmo tempo que pela incoatividade e pela intensidade.

Estudada dessa maneira, a paixão não se opõe à razão, mas constitui uma forma de racionalidade discursiva, permitindo analisar, de maneira bastante fina, a aspectualização, a intensificação e a quantificação, consideradas não como categorias da língua, mas como procedimentos de discursivização. Na medida em que o contínuo e suas modulações passam a fazer parte da teoria, ultrapassa-se o estruturalismo, fundado no discreto e no categorial.

Finalmente, é preciso dizer que, no discurso, grandes blocos narrativos podem ser a manifestação das modalidades. Histórias de detetives, por exemplo, constituem basicamente uma narrativa do estabelecimento da modalidade veridictória da verdade. Temos um criminoso, que está modalizado veridictoriamente como secreto, e o detetive vai desvelar o segredo, transformando-o em verdade. Textos publicitários apresentam-se explicitamente como regidos pela modalidade factitiva. As narrativas de aprendizagem são manifestações da aquisição da modalidade do saber fazer e do saber ser. Toda a narrativa do filme *Os caçadores da arca perdida* constitui a busca de um poder fazer, dado que a posse da arca da aliança daria o poder vencer os inimigos.

Uma teoria do discurso precisa de uma teoria forte das modalidades, pois a modalidade é inerente ao ato de dizer e, portanto, um elemento indispensável para a compreensão da discursivização.

FIORIN, J. L. Modalization: from language to discourse. *Alfa (São Paulo)*, v.44, p.171-192, 2000.

- *ABSTRACT: The role of modalization is to express the enunciator's attitude towards what he says. Modalities are, then, defined as predicates that overdetermine other predicates. The inventory of the modalities in natural languages is quite puzzling, for the meanings overlap; therefore, it is necessary to use a hypothetical-deductive procedure, in order to establish the base modalities – those organized by deductive procedures independent of the modal lexemes of the natural languages. This paper, based on French Semiotics, shows the criteria used to establish the base modalities, observes their manifestation in Portuguese, and analyses modalization as a discourse procedure, i.e., as a way of establishing, inside the text, modal paths, from compatibilities and incompatibilities of the modalities.*

- *KEYWORDS: Modalization; modality; passions.*

Referências bibliográficas

BANDEIRA, M. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.

BARROS, D. L. P. de. Sintaxe narrativa. In: OLIVEIRA, A. C., LANDOWSKI, E. *Do inteligível ao sensível*. Em torno da obra de Algirdas Julien Greimas. São Paulo: Educ, 1995. p.81-97.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

CHARAUDEAU, P. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.

CUNHA, C. *Gramática do português contemporâneo*. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1972.

FONTANILLE, J. Le tournant modal en sémiotique: Organon. *Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, v.23, p.175-90, 1995.

FONTANILLE, J., ZILBERBERG, C . *Tension et signification*. Bruxelas: Mardaga, 1998.

GREIMAS, A. J . *Du Sens II*. Paris: Seuil, 1983.

________. *Sémiotique*: dictionnaire raisonné de la théorie du langage. Paris: Hachette, 1986. v.II.

GREIMAS, A. J., COURTÉS, J. *Sémiotique*: dictionnaire raisonné de la théorie du langage. Paris: Hachette, 1979. v.I.

GREIMAS A. J., FONTANILLE, J. *Semiótica das paixões*. Dos estados de coisas aos estados de alma. São Paulo: Ática, 1993.

MACHADO DE ASSIS, J. M. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979. v.II.

POTTIER, B. *Théorie et analyse en linguistique*. Paris: Hachette, 1992.

PORTUGUÊS

Sintaxe

Análise sintática

Prof.ª Isabel Vega

►Frase, período, oração

I – Frase → é o enunciado de sentido completo.

a) nominal: Bom dia! / Socorro!

b) verbal: O dia está maravilhoso!

II – Período → é a frase verbal, ou seja, tem sentido completo e verbo. Inicia com letra maiúscula e termina com ponto.

a) simples: [**Queria** um vestido novo].

b) composto: [**Queria**] [que você me **desse** um vestido novo].

III – Oração → é a frase ou parte da frase que contém verbo.

►Estrutura de base da oração

a) Ordem direta: [Sujeito] + [Verbo] + [Complemento]

[sujeito] + [verbo intransitivo]
[Maria] [viajou].

[sujeito] + [verbo transitivo] + [objeto]
[Maria] [comprou] [um livro].

[sujeito] + [verbo de ligação] + [predicativo do sujeito]
[Maria] [está] [satisfeita].

OBS.: Os adjuntos adverbiais são termos acessórios e têm seu lugar ao final da oração.

[Maria] [comprou] [um livro] [ontem].
[S] [V] [C] [Adj.Adv.]

b) Ordem indireta ou inversa: ocorre quando qualquer termo for deslocado em relação à ordem direta.

[Ontem] [Maria] [comprou] [um livro].

[Um livro] [Maria] [comprou] [ontem].

Introdução

Este trabalho surge da falta de qualquer outra publicação capaz de satisfazer a curiosidade inicial, do aprendiz de português como língua estrangeira ou materna, em descobrir como se deve conjugar verbos na língua portuguesa. Não sendo intenção minha criar uma edição bilingue (português/chinês), como tem sido regra nestes últimos anos de transição em Macau, até porque o utente poderá à partida ser de outra nacionalidade e não saber nenhuma destas duas línguas.

Verbos são as palavras que utilizamos para afirmar a existência, uma acção, um estado ou uma qualidade que atribuímos a uma coisa, uma pessoa ou a um animal.

Com esta publicação tenciono atingir três objectivos: O primeiro já atrás referido mas com um pormenor muitas vezes esquecido, o de conter o máximo de informação por um preço o mais reduzido possível, por isso, o custo deste livro será necessariamente inferior ao de efectuar fotocópias do mesmo, tentando assim combater a pirataria à propriedade intelectual. O segundo será o da sua portabilidade, isto porque os nossos filhos vêem-se diariamente confrontados com o dilema do excesso de peso dos livros e outro material didáctico, que facilmente atingem os 20 Kg, sob pena de lhes serem aplicado faltas, caso se esqueçam ou não tenham forças de os carregar. O terceiro que poderá parecer estranho foi o que deu vida a esta obra, trata-se dum programa de computador para conjugar verbos. Pois, é como acabo de referir, as páginas deste livro foram concebidas através dum programa desenvolvido por mim e que poderá ser adquirido separadamente…

Com o programa chamado VERBOS e na versão 2.00, para o ambiente Windows 95, faculto ao aprendiz de português a capacidade de conjugar qualquer verbo, bastando para tal escrever apenas a forma do infinitivo impessoal. Também, não seria inoportuno referir que o mesmo programa poderá ser utilizado em instituições terceárias para ensino de línguas, pois, está concebido com funções de Multimédia no tocando a ampliação “Zoom” em retroprojectores…

Quarto objectivo — Não havia dito que só eram três os objectivos. Ainda na fase de sonhos (este autor sonha bem acordado) dependerá totalmente do sucesso e da aceitação que esta publicação venha a ter, e consistirá num desafio à tecnologia informática no seu estágio actual, quero que o aprendiz de português para além de visualizar o verbo, isto é, de poder ler o seu conteúdo no ecrã do computador ou através duma página por ele impressa, seja também capaz de ouvir a sua pronunciação correcta.

O tempo necessário para realizar este sonho é o que o autor mais dispõe, tendo sido professor de português como língua estrangeira entre 1981 e 1987, e de neste período de docência terem ocorrido três reformas educativas para o ensino de português como língua estrangeira, só agora decidiu e teve condições para finalizar estes três objectivos iniciais, de que já outrora recorria para preparar as suas aulas.

Quanto ao quarto objectivo, é lhe muito agradável continuar a sonhar que existirá esperanças, mas, sem patrocínios ou bolsas de investigação para desenvolver a software audio indispensável, prevê que não será neste milénio que o aprendiz de português poderá usufruir deste instrumento audio/visual para aprendizagem…

Agradecimentos

Quero dum modo especial agradecer a todos que persistentemente me perguntavam quando é que este livro seria publicado, a esses amigos, os meus muitos sinceros agradecimentos...

A CONJUGAÇÃO

Há três grupos de verbos, ou seja, **três conjugações**.

1ª conjugação: de tema em **-a** (cant**a**r, fal**a**r...)
2ª conjugação: de tema em **-e** (com**e**r, diz**e**r...)
3ª conjugação: de tema em **-i** (fug**i**r, part**i**r...)

Para sabermos qual o **tema** de um verbo, retiramos ao seu infinitivo o **r** final. Encontramos, então, a **vogal temática** que nos indica a conjugação a que o verbo pertence.

verbo **andar**, tema **anda**, vogal temática **a**

Se retirarmos ao tema a vogal temática obtemos o **radical** do verbo.

radical **and**

Nota: O verbo **pôr** e os seus derivados pertencem à 2ª conjugação, conforme o justifica a sua etimologia:

ponere *(latim)* > poer *(arcaico)* > pôr

Os verbos que mantêm o radical em toda a flexão chamam-se **verbos regulares**.

Por exemplo: **cant**a, **cant**ava, **cant**aria, **cant**ando...
como, **com**ia, **com**eria, **com**endo...
parto, **part**ia, **part**iria, **part**indo...

Os verbos que não mantêm o radical em toda a flexão chamam-se **verbos irregulares**.

Por exemplo: caibo, **cab**ia, **cab**eria, **cab**endo...
faço, **faz**ia, faria, **faz**endo...
sei, **sab**ia, **sab**eria, **sab**endo...

VERBOS REGULARES TERMINADOS EM (—AR)

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu ¦¦¦ + o Tu ¦¦¦ + as Ele ¦¦¦ + a Nós ¦¦¦ + amos Vós ¦¦¦ + ais Eles ¦¦¦ + am	Que eu ¦¦¦ + e Que tu ¦¦¦ + es Que ele ¦¦¦ + e Que nós ¦¦¦ + emos Que vós ¦¦¦ + eis Que eles ¦¦¦ + em	Não ¦¦¦ + es (tu) Não ¦¦¦ + e (você) Não ¦¦¦ + emos (nós) Não ¦¦¦ + eis (vós) Não ¦¦¦ + em (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
Eu ¦¦¦ + ava Tu ¦¦¦ + avas Ele ¦¦¦ + ava Nós ¦¦¦ + ávamos Vós ¦¦¦ + áveis Eles ¦¦¦ + avam	Se eu ¦¦¦ + asse Se tu ¦¦¦ + asses Se ele ¦¦¦ + asse Se nós ¦¦¦ + ássemos Se vós ¦¦¦ + ásseis Se eles ¦¦¦ + assem	¦¦¦ + a (tu) ¦¦¦ + e (você) ¦¦¦ + emos (nós) ¦¦¦ + ai (vós) ¦¦¦ + em (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO	GERÚNDIO
Eu ¦¦¦ + ei Tu ¦¦¦ + aste Ele ¦¦¦ + ou Nós ¦¦¦ + ámos Vós ¦¦¦ + astes Eles ¦¦¦ + aram	Quando eu ¦¦¦ + ar Quando tu ¦¦¦ + ares Quando ele ¦¦¦ + ar Quando nós ¦¦¦ + armos Quando vós ¦¦¦ + ardes Quando eles ¦¦¦ + arem	¦¦¦ + ando PARTICÍPIO PASSADO ¦¦¦ + ado
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO	INFINITIVO IMPESSOAL
Eu ¦¦¦ + ara Tu ¦¦¦ + aras Ele ¦¦¦ + ara Nós ¦¦¦ + áramos Vós ¦¦¦ + áreis Eles ¦¦¦ + aram	Eu tinha ¦¦¦ + ado Tu tinhas ¦¦¦ + ado Ele tinha ¦¦¦ + ado Nós tínhamos ¦¦¦ + ado Vós tínheis ¦¦¦ + ado Eles tinham ¦¦¦ + ado	¦¦¦ + ar
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	CONDICIONAL PRESENTE	INFINITIVO PESSOAL
Eu ¦¦¦ + arei Tu ¦¦¦ + arás Ele ¦¦¦ + ará Nós ¦¦¦ + aremos Vós ¦¦¦ + areis Eles ¦¦¦ + arão	Eu ¦¦¦ + aria Tu ¦¦¦ + arias Ele ¦¦¦ + aria Nós ¦¦¦ + aríamos Vós ¦¦¦ + aríeis Eles ¦¦¦ + ariam	¦¦¦ + ar (eu) ¦¦¦ + ares (tu) ¦¦¦ + ar (ele) ¦¦¦ + armos (nós) ¦¦¦ + ardes (vós) ¦¦¦ + arem (eles)

Para sabermos qual o **tema** de um verbo, retiramos ao seu infinitivo o **r** final. Encontramos, então, a **vogal temática (a)** que nos indica a conjugação a que o verbo pertence. Se retirarmos ao tema a vogal temática obtemos o **radical (¦¦¦)** verbo.

Os verbos que mantêm o radical em toda a flexão chamam-se **verbos regulares**.

VERBOS REGULARES TERMINADOS EM (—ER)

PRESENTE INDICATIVO	**PRESENTE CONJUNTIVO**	**IMPERATIVO NEGATIVO**
Eu ¦¦¦ + o Tu ¦¦¦ + es Ele ¦¦¦ + e Nós ¦¦¦ + emos Vós ¦¦¦ + eis Eles ¦¦¦ + em	Que eu ¦¦¦ + a Que tu ¦¦¦ + as Que ele ¦¦¦ + a Que nós ¦¦¦ + amos Que vós ¦¦¦ + ais Que eles ¦¦¦ + am	Não ¦¦¦ + as (tu) Não ¦¦¦ + a (você) Não ¦¦¦ + amos (nós) Não ¦¦¦ + ais (vós) Não ¦¦¦ + am (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**IMPERATIVO AFIRMATIVO**
Eu ¦¦¦ + ia Tu ¦¦¦ + ias Ele ¦¦¦ + ia Nós ¦¦¦ + íamos Vós ¦¦¦ + íeis Eles ¦¦¦ + iam	Se eu ¦¦¦ + esse Se tu ¦¦¦ + esses Se ele ¦¦¦ + esse Se nós ¦¦¦ + êssemos Se vós ¦¦¦ + êsseis Se eles ¦¦¦ + essem	¦¦¦ + e (tu) ¦¦¦ + a (você) ¦¦¦ + amos (nós) ¦¦¦ + ei (vós) ¦¦¦ + am (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	**FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**GERÚNDIO**
Eu ¦¦¦ + i Tu ¦¦¦ + este Ele ¦¦¦ + eu Nós ¦¦¦ + emos Vós ¦¦¦ + estes Eles ¦¦¦ + eram	Quando eu ¦¦¦ + er Quando tu ¦¦¦ + eres Quando ele ¦¦¦ + er Quando nós ¦¦¦ + ermos Quando vós ¦¦¦ + erdes Quando eles ¦¦¦ + erem	¦¦¦ + endo **PARTICÍPIO PASSADO** ¦¦¦ + ido
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO**	**INFINITIVO IMPESSOAL**
Eu ¦¦¦ + era Tu ¦¦¦ + eras Ele ¦¦¦ + era Nós ¦¦¦ + êramos Vós ¦¦¦ + êreis Eles ¦¦¦ + eram	Eu tinha ¦¦¦ + ido Tu tinhas ¦¦¦ + ido Ele tinha ¦¦¦ + ido Nós tínhamos ¦¦¦ + ido Vós tínheis ¦¦¦ + ido Eles tinham ¦¦¦ + ido	¦¦¦ + er
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	**CONDICIONAL PRESENTE**	**INFINITIVO PESSOAL**
Eu ¦¦¦ + erei Tu ¦¦¦ + erás Ele ¦¦¦ + erá Nós ¦¦¦ + eremos Vós ¦¦¦ + ereis Eles ¦¦¦ + erão	Eu ¦¦¦ + eria Tu ¦¦¦ + erias Ele ¦¦¦ + eria Nós ¦¦¦ + eríamos Vós ¦¦¦ + eríeis Eles ¦¦¦ + eriam	¦¦¦ + er (eu) ¦¦¦ + eres (tu) ¦¦¦ + er (ele) ¦¦¦ + ermos (nós) ¦¦¦ + erdes (vós) ¦¦¦ + erem (eles)

Para sabermos qual o **tema** de um verbo, retiramos ao seu infinitivo o **r** final. Encontramos, então, a **vogal temática (e)** que nos indica a conjugação a que o verbo pertence. Se retirarmos ao tema a vogal temática obtemos o **radical (¦¦¦)** verbo.

Os verbos que mantêm o radical em toda a flexão chamam-se **verbos regulares**.

VERBOS REGULARES TERMINADOS EM (—IR)

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu ¦¦¦ + o Tu ¦¦¦ + es Ele ¦¦¦ + e Nós ¦¦¦ + imos Vós ¦¦¦ + is Eles ¦¦¦ + em	Que eu ¦¦¦ + a Que tu ¦¦¦ + as Que ele ¦¦¦ + a Que nós ¦¦¦ + amos Que vós ¦¦¦ + ais Que eles ¦¦¦ + am	Não ¦¦¦ + as (tu) Não ¦¦¦ + a (você) Não ¦¦¦ + amos (nós) Não ¦¦¦ + ais (vós) Não ¦¦¦ + am (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**IMPERATIVO AFIRMATIVO**
Eu ¦¦¦ + ia Tu ¦¦¦ + ias Ele ¦¦¦ + ia Nós ¦¦¦ + íamos Vós ¦¦¦ + íeis Eles ¦¦¦ + iam	Se eu ¦¦¦ + isse Se tu ¦¦¦ + isses Se ele ¦¦¦ + isse Se nós ¦¦¦ + íssemos Se vós ¦¦¦ + ísseis Se eles ¦¦¦ + issem	¦¦¦ + e (tu) ¦¦¦ + a (você) ¦¦¦ + amos (nós) ¦¦¦ + i (vós) ¦¦¦ + am (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	**FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**GERÚNDIO**
Eu ¦¦¦ + i Tu ¦¦¦ + iste Ele ¦¦¦ + iu Nós ¦¦¦ + imos Vós ¦¦¦ + istes Eles ¦¦¦ + iram	Quando eu ¦¦¦ + ir Quando tu ¦¦¦ + ires Quando ele ¦¦¦ + ir Quando nós ¦¦¦ + irmos Quando vós ¦¦¦ + irdes Quando eles ¦¦¦ + irem	¦¦¦ + indo **PARTICÍPIO PASSADO** ¦¦¦ + ido
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO**	**INFINITIVO IMPESSOAL**
Eu ¦¦¦ + ira Tu ¦¦¦ + iras Ele ¦¦¦ + ira Nós ¦¦¦ + íramos Vós ¦¦¦ + íreis Eles ¦¦¦ + iram	Eu tinha ¦¦¦ + ido Tu tinhas ¦¦¦ + ido Ele tinha ¦¦¦ + ido Nós tínhamos ¦¦¦ + ido Vós tínheis ¦¦¦ + ido Eles tinham ¦¦¦ + ido	¦¦¦ + ir
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	**CONDICIONAL PRESENTE**	**INFINITIVO PESSOAL**
Eu ¦¦¦ + irei Tu ¦¦¦ + irás Ele ¦¦¦ + irá Nós ¦¦¦ + iremos Vós ¦¦¦ + ireis Eles ¦¦¦ + irão	Eu ¦¦¦ + iria Tu ¦¦¦ + irias Ele ¦¦¦ + iria Nós ¦¦¦ + iríamos Vós ¦¦¦ + iríeis Eles ¦¦¦ + iriam	¦¦¦ + ir (eu) ¦¦¦ + ires (tu) ¦¦¦ + ir (ele) ¦¦¦ + irmos (nós) ¦¦¦ + irdes (vós) ¦¦¦ + irem (eles)

Para sabermos qual o **tema** de um verbo, retiramos ao seu infinitivo o **r** final. Encontramos, então, a **vogal temática (i)** que nos indica a conjugação a que o verbo pertence. Se retirarmos ao tema a vogal temática obtemos o **radical (¦¦¦)** verbo.

Os verbos que mantêm o radical em toda a flexão chamam-se **verbos regulares**.

CONJUGAÇÃO PRONOMINAL

Repara nas expressões:

“Levei-o […].”
“[…] os amigos levaram-no […].”

Em ambas, a forma verbal (levei, levaram) aparece acompanhada do pronome pessoal **o**, que lhe serve de complemento, constituindo com ela um todo.

> Chama-se **conjugação pronominal** aquela em que o verbo aparece **conjugado** com os pronomes **o**, **a**, **os**, **as**.

Nota:

> Quando estudámos os pronomes pessoais aprendemos que **o**, **a**, **os**, **as**, tomam as formas **lo**, **la**, **los**, **las**, depois de **r**, **s**, ou **z** e as formas **no**, **na**, **nos**, **nas**, depois de **ditongo** ou **vogal nasal (-m, -ão)**.

AMAR (AMÁ-LO)

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu amo-o Tu ama-lo Ele ama-o Nós amamo-lo Vós amai-lo Eles amam-no	Que eu o ame Que tu o ames Que ele o ame Que nós o amemos Que vós o ameis Que eles o amem	Não o ames (tu) Não o ame (você) Não o amemos (nós) Não o ameis (vós) Não o amem (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**IMPERATIVO AFIRMATIVO**
Eu amava-o Tu amava-lo Ele amava-o Nós amávamo-lo Vós amávei-lo Eles amavam-no	Se eu o amasse Se tu o amasses Se ele o amasse Se nós o amássemos Se vós o amásseis Se eles o amassem	ama-o (tu) ame-o (você) amemo-lo (nós) amai-o (vós) amem-no (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	**FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**GERÚNDIO**
Eu amei-o Tu amaste-o Ele amou-o Nós amámo-lo Vós amaste-lo Eles amaram-no	Quando eu o amar Quando tu o amares Quando ele o amar Quando nós o amarmos Quando vós o amardes Quando eles o amarem	amando-o **PARTICÍPIO PASSADO** - - -
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO**	**INFINITIVO IMPESSOAL**
Eu amara-o Tu amara-lo Ele amara-o Nós amáramo-lo Vós amárei-lo Eles amaram-no	Eu tinha-o amado Tu tinha-lo amado Ele tinha-o amado Nós tínhamo-lo amado Vós tínhei-lo amado Eles tinham-no amado	amá-lo
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	**CONDICIONAL PRESENTE**	**INFINITIVO PESSOAL**
Eu amá-lo-ei Tu amá-lo-ás Ele amá-lo-á Nós amá-lo-emos Vós amá-lo-eis Eles amá-lo-ão	Eu amá-lo-ia Tu amá-lo-ias Ele amá-lo-ia Nós amá-lo-íamos Vós amá-lo-íeis Eles amá-lo-iam	amá-lo (eu) amare-lo (tu) amá-lo (ele) amarmo-lo (nós) amarde-lo (vós) amarem-no (eles)

(COME-LO) COMER

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu como-o Tu come-lo Ele come-o Nós comemo-lo Vós comei-lo Eles comem-no	Que eu o coma Que tu o comas Que ele o coma Que nós o comamos Que vós o comais Que eles o comam	Não o comas (tu) Não o coma (você) Não o comamos (nós) Não o comais (vós) Não o comam (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
Eu comia-o Tu comia-lo Ele comia-o Nós comíamo-lo Vós comíei-lo Eles comiam-no	Se eu o comesse Se tu o comesses Se ele o comesse Se nós o comêssemos Se vós o comêsseis Se eles o comessem	come-o (tu) coma-o (você) comamo-lo (nós) comei-o (vós) comam-no (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO	GERÚNDIO
Eu comi-o Tu comeste-o Ele comeu-o Nós comemo-lo Vós comeste-lo Eles comeram-no	Quando eu o comer Quando tu o comeres Quando ele o comer Quando nós o comermos Quando vós o comerdes Quando eles o comerem	comendo-o PARTICÍPIO PASSADO - - -
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO	INFINITIVO IMPESSOAL
Eu comera-o Tu comera-lo Ele comera-o Nós comêramo-lo Vós comêrei-lo Eles comeram-no	Eu tinha-o comido Tu tinha-lo comido Ele tinha-o comido Nós tínhamo-lo comido Vós tínhei-lo comido Eles tinham-no comido	come-lo
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	CONDICIONAL PRESENTE	INFINITIVO PESSOAL
Eu come-lo-ei Tu come-lo-ás Ele come-lo-á Nós come-lo-emos Vós come-lo-eis Eles come-lo-ão	Eu come-lo-ia Tu come-lo-ias Ele come-lo-ia Nós come-lo-íamos Vós come-lo-íeis Eles come-lo-iam	o comer (eu) o comeres (tu) o comer (ele) o comermos (nós) o comerdes (vós) o comerem (eles)

PARTIR (PARTI-LO)

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu parto-o Tu parte-lo Ele parte-o Nós partimo-lo Vós parti-lo Eles partem-no	Que eu o parta Que tu o partas Que ele o parta Que nós o partamos Que vós o partais Que eles o partam	Não o partas (tu) Não o parta (você) Não o partamos (nós) Não o partais (vós) Não o partam (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**IMPERATIVO AFIRMATIVO**
Eu partia-o Tu partia-lo Ele partia-o Nós partíamo-lo Vós partíei-lo Eles partiam-no	Se eu o partisse Se tu o partisses Se ele o partisse Se nós o partíssemos Se vós o partísseis Se eles o partissem	parte-o (tu) parta-o (você) partamo-lo (nós) parti-o (vós) partam-no (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	**FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**GERÚNDIO**
Eu parti-o Tu partiste-o Ele partiu-o Nós partimo-lo Vós partiste-lo Eles partiram-no	Quando eu o partir Quando tu o partires Quando ele o partir Quando nós o partirmos Quando vós o partirdes Quando eles o partirem	partindo-o **PARTICÍPIO PASSADO** - - -
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO**	**INFINITIVO IMPESSOAL**
Eu partira-o Tu partira-lo Ele partira-o Nós partíramo-lo Vós partírei-lo Eles partiram-no	Eu tinha-o partido Tu tinha-lo partido Ele tinha-o partido Nós tínhamo-lo partido Vós tínhei-lo partido Eles tinham-no partido	parti-lo
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	**CONDICIONAL PRESENTE**	**INFINITIVO PESSOAL**
Eu parti-lo-ei Tu parti-lo-ás Ele parti-lo-á Nós parti-lo-emos Vós parti-lo-eis Eles parti-lo-ão	Eu parti-lo-ia Tu parti-lo-ias Ele parti-lo-ia Nós parti-lo-íamos Vós parti-lo-íeis Eles parti-lo-iam	o partir (eu) o partires (tu) o partir (ele) o partirmos (nós) o partirdes (vós) o partirem (eles)

CONJUGAÇÃO PRONOMINAL REFLEXA

Chama-se **conjugação pronominal reflexa** aquela em que o **verbo aparece conjugado** com os **pronomes pessoais reflexos (me, te, se, nos, vos** e **se)**.

SENTAR-SE

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu sento-me Tu sentas-te Ele senta-se Nós sentamo-nos Vós sentais-vos Eles sentam-se	Que eu me sente Que tu te sentes Que ele se sente Que nós nos sentemos Que vós vos senteis Que eles se sentem	Não te sentes (tu) Não se sente (você) Não nos sentemos (nós) Não vos senteis (vós) Não se sentem (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**IMPERATIVO AFIRMATIVO**
Eu sentava-me Tu sentavas-te Ele sentava-se Nós sentávamo-nos Vós sentáveis-vos Eles sentavam-se	Se eu me sentasse Se tu te sentasses Se ele se sentasse Se nós nos sentássemos Se vós vos sentásseis Se eles se sentassem	senta-te (tu) sente-se (você) sentemo-nos (nós) sentai-vos (vós) sentem-se (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	**FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**GERÚNDIO**
Eu sentei-me Tu sentaste-te Ele sentou-se Nós sentámo-nos Vós sentastes-vos Eles sentaram-se	Quando eu me sentar Quando tu te sentares Quando ele se sentar Quando nós nos sentarmos Quando vós vos sentardes Quando eles se sentarem	sentando-se **PARTICÍPIO PASSADO** - - -
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO**	**INFINITIVO IMPESSOAL**
Eu sentara-me Tu sentaras-te Ele sentara-se Nós sentáramo-nos Vós sentáreis-vos Eles sentaram-se	Eu tinha-me sentado Tu tinhas-te sentado Ele tinha-se sentado Nós tínhamo-nos sentado Vós tínheis-vos sentado Eles tinham-se sentado	sentar-se
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	**CONDICIONAL PRESENTE**	**INFINITIVO PESSOAL**
Eu sentar-me-ei Tu sentar-te-ás Ele sentar-se-á Nós sentar-nos-emos Vós sentar-vos-eis Eles sentar-se-ão	Eu sentar-me-ia Tu sentar-te-ias Ele sentar-se-ia Nós sentar-nos-íamos Vós sentar-vos-íeis Eles sentar-se-iam	sentar-me (eu) sentares-te (tu) sentar-se (ele) sentarmo-nos (nós) sentardes-vos (vós) sentarem-se (eles)

Na conjugação pronominal reflexa a acção do sujeito recai sobre ele próprio.

Nas frases sob forma do conjuntivo são utilizadas o **que**, o **se** e o **quando** que actuam de modo a que o pronome pessoal reflexo seja posicionado antes do verbo. O mesmo sucede com as formas do imperativo negativo onde o **não** actua de modo a que o pronome pessoal reflexo seja posicionado também antes do verbo.

Conjuntivo:

[…que eu **me** sente…] em vez de […que eu sente**-me**…]
[…se eu **me** sentasse…] em vez de […se eu sentasse**-me**…]
[…quando eu **me** sentar…] em vez de […quando eu sentar**-me**…]

Imperativo negativo:

[…não **te** sentes…] em vez de […não sentes**-te**…]

CONJUGAÇÃO PRONOMINAL RECÍPROCA

Na conjugação pronominal recíproca a acção de cada um dos sujeitos recai mutuamente sobre ambos; é formada com os pronomes pessoais do plural, exprimindo reprocidade na acção praticada.

Os namorados **beijavam-se** prolongadamente.

PARTICULARIDADES DOS VERBOS REGULARES

Verbos terminados em **ear** e **iar**:

Os verbos terminados em **ear** conservam o **e** em toda a conjugação, mas acrescenta-se-lhes um **i** a seguir ao **e** do tema quando ele é tónico, isto é, nas três pessoas do singular e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo e do presente do conjuntivo.

Os verbos terminados em **iar** conservam o **i** do tema em toda a conjugação.

Nota 1: Alguns verbos em **iar** conjuga-se como os terminados em **ear**: ansiar, insendiar, mediar, obsequiar, odiar, premiar, presenciar, remedir.

Nota 2: Alguns verbos em iar podem ser conjugados de ambas as formas: cadenciar, comerciar, diligenciar, licenciar, negociar, sentenciar.

Verbos terminados em **air**:

Mantêm o **i** em toda a conjugação, excepto na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, na qual é eliminado. Deste modo se conjugam os verbos **cair**, **sair**, **trair**.

Verbos terminados em **uir**:

Não têm **i** na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo e as 2ª e 3ª pessoas escrevem-se com **i**, ao contrário do que acontece com os verbos terminados em **oar** e **uar** no presente do conjuntivo.

Verbos terminados em **oer**:

Observam-se a regra já aplicada aos verbos terminados em **uir**, quanto à 3ª pessoa do plural do presente do indicativo e que nas 2ª e 3ª pessoas do singular do presente do indicativo passam ao ditongo **ói**.

Verbos terminados em **oar** e **uar**:

Ao contrário dos verbos terminados em **uir** e **oer**, escrevem-se com hiatos (respectivamente, **oe** e **ue** nas 1ª , 2ª e 3ª pessoas do singular do presente do conjuntivo).

Verbos terminados em **oiar**:

Conservam o ditongo **oi** em toda a conjugação, sendo acentuado graficamente nas formas em que é tónico e aberto.

Notas: O verbo **apoiar** conserva o ditongo **oi** fechado em toda a conjugação.

Verbos terminados em **car** e **gar**:

Transformam, respectivamente, o **c** em **qu** e o **g** em **gu**, antes de **e**, segundo as regras ortográficas.

Verbos terminados em **çar**, **cer** e **cir**:

A **cedilha** só se usa, antes de **a** e do **o**, segundo as regras ortográficas.

Verbos terminados em **guer** e **guir**:

Elimina-se o **u** quando ao **g** se segue **a** ou **o**, segundo as regras ortográficas.

Verbos terminados em **ger** e **gir**:

Mudam o **g** em **j** antes de **a** ou **o**, segundo as regras ortográficas.

Verbos terminados em **uzir**:

A 3ª pessoa do singular do presente do indicativo e 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo terminam em **z**.

Têm e **vêm**:

Para se distingir as formas do singular e do plural no presente do indicativo dos verbos **ter** e **vir** e seus derivados, acentuam-se com acento circunflexo as formas das 3as pessoas do plural.

Crêem, **dêem**, **lêem** e **vêem**:

As 3as pessoas do plural (presente do indicativo ou presente do conjuntivo) dos verbos **crer**, **dar**, **ler** e **ver** e seus derivados, mantêm por uma questão de clareza gráfica, o acento circunflexo que têm na 3ª pessoa do singular.

VERBOS DEFECTIVOS

Anoitecer, choveu, **chuviscar**, **relampejava**, **troveja**: estas formas verbais designam fenómenos da Natureza. Como tal, a acção não pode ser atribuída a qualquer das pessoas gramaticais: por isso, estes verbos se chamam **impessoais** e somente se conjugam na 3ª pessoa do singular.

Miou, **uiva** e **ladrava** indicam vozes de animais. Como tal, a acção é atribuída somente à 3ª pessoa (singular ou plural). Por isso, estes verbos se chamam **unipessoais**.

Existem outros verbos que não têm todas as formas, conjugando-se apenas em algumas pessoas. Estão neste caso os verbos **reaver**, **precaver**, **colorir**, etc. Por isso, estes verbos se chamam **pessoais**.

Os verbos **impessoais**, **unipessoais** e **pessoais** são verbos **defectivos**.

CHOVER

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
chove	chova	- - -
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**IMPERATIVO AFIRMATIVO**
chovia	chovesse	- - -
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	**FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**GERÚNDIO**
choveu	chover	chovendo
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO**	**PARTICÍPIO PASSADO**
chovera	tinha chovido	chovido
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	**CONDICIONAL PRESENTE**	**INFINITIVO IMPESSOAL**
choverá	choveria	chover

Nota: Os **verbos** que **não se conjugam** em todos os **modos**, **tempos** ou **pessoas** chamam-se **defectivos**.

MIAR

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
- - - - - - mia - - - - - - miam	- - - - - - mie - - - - - - miem	- - - não mie - - - - - - não miem
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**IMPERATIVO AFIRMATIVO**
- - - - - - miava - - - - - - miavam	- - - - - - miasse - - - - - - miassem	- - - mia - - - - - - miai
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	**FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**GERÚNDIO**
- - - - - - miou - - - - - - miaram	- - - - - - miar - - - - - - miarem	miando **PARTICÍPIO PASSADO** miado
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO**	**INFINITIVO IMPESSOAL**
- - - - - - miara - - - - - - miaram	- - - - - - tinha miado - - - - - - tinham miado	miar
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	**CONDICIONAL PRESENTE**	**INFINITIVO PESSOAL**
- - - - - - miará - - - - - - miarão	- - - - - - miaria - - - - - - miariam	- - - - - - miar - - - - - - miarem

Nota: Os **verbos** que **não se conjugam** em todos os **modos**, **tempos** ou **pessoas** chamam-se **defectivos**. Da mesma forma se conjuga somente nas 3as pessoas os verbos: arensar, arruar, arrulhar, atitar, balir, blaterar, bodejar, bramir, bufar, cacarejar, chiar, chilreiar, coaxar, crocitar, cucar, cucular, cucuricar, cucuritar, cuincar, cuinchar, fretenir, galopar, galpar, ganir, gasnar, gazeiar, gloterar, gorjear, grasnar, grassitar, grugulejar, grunhir, guinchar, ladrar, latir, miar, mugir, orneiar, ornejar, palrar, piar, pipillar pissitar, pupilar, regougar, relinchar, rinchar, ronronar, rosnar, rugir, sibilar, silvar, trilar, trinar, trinfar, trinsar, trotar, uivar, ulular, urrar, zoar, zumbir, zunir, zurrar, etc.

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA

Denomina-se **conjugação perifrástica** a conjugação formada por um **verbo auxiliar** (andar, ir, vir, estar, ter, haver) e o **infinitivo**, ou **gerúndio**, do verbo que se quer conjugar, ligados ou não por **preposição** (**de**, **a**, **para**).

Nota:

1 - A conjugação perifrástica exprime com mais exactidão o que queremos exprimir.

2 - A conjugação perifrástica é formada pelo verbo principal (no infinitivo ou gerúndio) e um verbo auxiliar (ter, haver, estar, começar, ir, vir, ficar, andar, etc., conjugado no tempo que se deseje), ligados pelas preposições “de”, “a”, “para” (com as formas do gerúndio não se usa preposição).

3 - A conjugação perifrástica serve para indicar:

início de acção — começou a dançar
continuidade de acção — estavam a dançar
fim da acção — acabou de dançar
obrigatoriedade da acção — tem de dançar
acção futura ou intenção — hei-de dançar
realização gradual — vou a dançar
proximidade da realização — estou para dançar

IMPERATIVO AFIRMATIVO

Apresenta o enunciado como **ordem**, **conselho** ou **pedido**:

Por favor! **Anda** depressa! / (**Andai**)

ANDAR

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
Tu anda(s)		anda (tu)
	Que ele ande	ande (você)
	Que nós andemos	andemos (nós)
Vós andai(s)		andai (vós)
	Que eles andem	andem (vocês)

Nota:

Utiliza-se as formas do **presente do conjuntivo** nas pessoas em que o imperativo não tem formas próprias.

IMPERATIVO NEGATIVO

ANDAR

PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Que eu ande	
Que tu andes	Não andes (tu)
Que ele ande	Não ande (você)
Que nós andemos	Não andemos (nós)
Que vós andeis	Não andeis (vós)
Que eles andem	Não andem (vocês)

Nota:

Obtém-se o **imperativo negativo** com as formas do **presente do conjuntivo**.

SUFIXOS VERBAIS

SENTIDO	SUFIXOS	EXEMPLOS
acção	-ar	telefonar, remar, aconselhar
começo de acção ou passagem a um estado ou qualidade (**verbos incoativos**)	-ecer (-escer)	anoitecer, embranquecer, florescer, entristecer, escurecer, envelhecer
repetição ou realização frequente de uma acção (**verbos frequentativos**)	-açar	espicaçar, escorraçar, escoaçar
	-ear	folhear, guerrear, cabecear
	-ejar	farejar, gotejar, pestanejar
	-icar	bebericar, depenicar, saltaricar
	-inhar	escrevinhar, cuspinhar, escoucinhar
	-ilhar	dedilhar, fervilhar
	-iscar	chuviscar, mordiscar, namoriscar
	-itar	dormitar, saltitar
acção pouco intensa ou diminuição (**verbos diminutivos**)	-icar	bebericar, depenicar, saltaricar
	-ilhar	dedilhar, fervilhar
	-inhar	escrevinhar, cuspinhar
	-iscar	chuviscar, mordiscar, namoriscar
	-itar	dormitar, saltitar
o sujeito promove a realização da acção — verbos derivados de adjectivos (**verbos causativos**)	-ear	branquear, aformosear, falsear
	-entar	amolentar, aformosentar
	-icar	adociar
	-itar	debilitar, facilitar, habilitar
	-izar	amenizar, civilizar, realizar

CONJUGAÇÃO PASSIVA

PAGAR (SER PAGO)

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu sou pago Tu és pago Ele é pago Nós somos pagos Vós sois pagos Eles são pagos	Que eu seja pago Que tu sejas pago Que ele seja pago Que nós sejamos pagos Que vós sejais pagos Que eles sejam pagos	Não sejas tu pago Não seja você pago Não sejamos nós pagos Não sejais vós pagos Não sejam vocês pagos
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
Eu era pago Tu eras pago Ele era pago Nós éramos pagos Vós éreis pagos Eles eram pagos	Se eu fosse pago Se tu fosses pago Se ele fosse pago Se nós fossemos pagos Se vós fosseis pagos Se eles fossem pagos	sê tu pago seja você pago sejamos nós pagos sede vós pagos sejam vocês pagos
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO	GERÚNDIO
Eu fui pago Tu foste pago Ele foi pago Nós fomos pagos Vós fostes pagos Eles foram pagos	Quando eu for pago Quando tu fores pago Quando ele for pago Quando nós formos pagos Quando vós fordes pagos Quando eles forem pagos	sendo pago PARTICÍPIO PASSADO sido pago
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO	INFINITIVO IMPESSOAL
Eu fora pago Tu foras pago Ele fora pago Nós fôramos pagos Vós fôreis pagos Eles foram pagos	Eu tinha sido pago Tu tinhas sido pago Ele tinha sido pago Nós tínhamos sido pagos Vós tínheis sido pagos Eles tinham sido pagos	ser pago
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	CONDICIONAL PRESENTE	INFINITIVO PESSOAL
Eu serei pago Tu serás pago Ele será pago Nós seremos pagos Vós sereis pagos Eles serão pagos	Eu seria pago Tu serias pago Ele seria pago Nós seríamos pagos Vós seríeis pagos Eles seriam pagos	ser eu pago seres tu pago ser ele pago sermos nós pagos serdes vós pagos serem eles pagos

O verbo **ser** usa-se como auxiliar da voz passiva.

ANDAR

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu ando Tu andas Ele anda Nós andamos Vós andais Eles andam	Que eu ande Que tu andes Que ele ande Que nós andemos Que vós andeis Que eles andem	Não andes (tu) Não ande (você) Não andemos (nós) Não andeis (vós) Não andem (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**IMPERATIVO AFIRMATIVO**
Eu andava Tu andavas Ele andava Nós andávamos Vós andáveis Eles andavam	Se eu andasse Se tu andasses Se ele andasse Se nós andássemos Se vós andásseis Se eles andassem	anda (tu) ande (você) andemos (nós) andai (vós) andem (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	**FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**GERÚNDIO**
Eu andei Tu andaste Ele andou Nós andámos Vós andastes Eles andaram	Quando eu andar Quando tu andares Quando ele andar Quando nós andarmos Quando vós andardes Quando eles andarem	andando **PARTICÍPIO PASSADO** andado
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO**	**INFINITIVO IMPESSOAL**
Eu andara Tu andaras Ele andara Nós andáramos Vós andáreis Eles andaram	Eu tinha andado Tu tinhas andado Ele tinha andado Nós tínhamos andado Vós tínheis andado Eles tinham andado	andar
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	**CONDICIONAL PRESENTE**	**INFINITIVO PESSOAL**
Eu andarei Tu andarás Ele andará Nós andaremos Vós andareis Eles andarão	Eu andaria Tu andarias Ele andaria Nós andaríamos Vós andaríeis Eles andariam	andar (eu) andares (tu) andar (ele) andarmos (nós) andardes (vós) andarem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE (Realização gradual)	 (Realização em breve)
Eu estou a andar Tu estás a andar Ele está a andar Nós estamos a andar Vós estais a andar Eles estão a andar	Eu vou andar Tu vais andar Ele vai andar Nós vamos andar Vós ides andar Eles vão andar

Nota: Salvo indicação em contrário a conjugação refere-se a formas simples.

COMER

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu como Tu comes Ele come Nós comemos Vós comeis Eles comem	Que eu coma Que tu comas Que ele coma Que nós comamos Que vós comais Que eles comam	Não comas (tu) Não coma (você) Não comamos (nós) Não comais (vós) Não comam (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**IMPERATIVO AFIRMATIVO**
Eu comia Tu comias Ele comia Nós comíamos Vós comíeis Eles comiam	Se eu comesse Se tu comesses Se ele comesse Se nós comêssemos Se vós comêsseis Se eles comessem	come (tu) coma (você) comamos (nós) comei (vós) comam (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	**FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**GERÚNDIO**
Eu comi Tu comeste Ele comeu Nós comemos Vós comestes Eles comeram	Quando eu comer Quando tu comeres Quando ele comer Quando nós comermos Quando vós comerdes Quando eles comerem	comendo **PARTICÍPIO PASSADO** comido
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO**	**INFINITIVO IMPESSOAL**
Eu comera Tu comeras Ele comera Nós comêramos Vós comêreis Eles comeram	Eu tinha comido Tu tinhas comido Ele tinha comido Nós tínhamos comido Vós tínheis comido Eles tinham comido	comer
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	**CONDICIONAL PRESENTE**	**INFINITIVO PESSOAL**
Eu comerei Tu comerás Ele comerá Nós comeremos Vós comereis Eles comerão	Eu comeria Tu comerias Ele comeria Nós comeríamos Vós comeríeis Eles comeriam	comer (eu) comeres (tu) comer (ele) comermos (nós) comerdes (vós) comerem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE	
(Realização gradual)	(Realização em breve)
Eu estou a comer Tu estás a comer Ele está a comer Nós estamos a comer Vós estais a comer Eles estão a comer	Eu vou comer Tu vais comer Ele vai comer Nós vamos comer Vós ides comer Eles vão comer

PARTIR

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu parto Tu partes Ele parte Nós partimos Vós partis Eles partem	Que eu parta Que tu partas Que ele parta Que nós partamos Que vós partais Que eles partam	Não partas (tu) Não parta (você) Não partamos (nós) Não partais (vós) Não partam (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
Eu partia Tu partias Ele partia Nós partíamos Vós partíeis Eles partiam	Se eu partisse Se tu partisses Se ele partisse Se nós partíssemos Se vós partísseis Se eles partissem	parte (tu) parta (você) partamos (nós) parti (vós) partam (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO	GERÚNDIO
Eu parti Tu partiste Ele partiu Nós partimos Vós partistes Eles partiram	Quando eu partir Quando tu partires Quando ele partir Quando nós partirmos Quando vós partirdes Quando eles partirem	partindo PARTICÍPIO PASSADO partido
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO	INFINITIVO IMPESSOAL
Eu partira Tu partiras Ele partira Nós partíramos Vós partíreis Eles partiram	Eu tinha partido Tu tinhas partido Ele tinha partido Nós tínhamos partido Vós tínheis partido Eles tinham partido	partir
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	CONDICIONAL PRESENTE	INFINITIVO PESSOAL
Eu partirei Tu partirás Ele partirá Nós partiremos Vós partireis Eles partirão	Eu partiria Tu partirias Ele partiria Nós partiríamos Vós partiríeis Eles partiriam	partir (eu) partires (tu) partir (ele) partirmos (nós) partirdes (vós) partirem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE	
(Realização gradual)	(Realização em breve)
Eu estou a partir Tu estás a partir Ele está a partir Nós estamos a partir Vós estais a partir Eles estão a partir	Eu vou partir Tu vais partir Ele vai partir Nós vamos partir Vós ides partir Eles vão partir

VERBOS IRREGULARES

Os verbos que não mantêm o radical em toda a flexão chamam-se **verbos irregulares**.

VERBOS AUXILIARES

Os mais importantes são os verbos: **ter**, **haver** e **ser**.

Os dois primeiros, **ter** e **haver**, auxiliam a formação dos tempos compostos (**tinha** ou **havia comido**).

O verbo **haver**, neste contexto, é hoje pouco usado.

O verbo **haver**, como sinónimo de **existir**, conjuga-se unicamente na 3ª pessoa do singular.

O verbo **ser** usa-se como auxiliar da voz passiva.

ACUDIR

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu acudo Tu acodes Ele acode Nós acudimos Vós acudis Eles acodem	Que eu acuda Que tu acudas Que ele acuda Que nós acudamos Que vós acudais Que eles acudam	Não acudas (tu) Não acuda (você) Não acudamos (nós) Não acudais (vós) Não acudam (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
Eu acudia Tu acudias Ele acudia Nós acudíamos Vós acudíeis Eles acudiam	Se eu acudisse Se tu acudisses Se ele acudisse Se nós acudíssemos Se vós acudísseis Se eles acudissem	acode (tu) acuda (você) acudamos (nós) acudi (vós) acudam (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO	GERÚNDIO
Eu acudi Tu acudiste Ele acudiu Nós acudimos Vós acudistes Eles acudiram	Quando eu acudir Quando tu acudires Quando ele acudir Quando nós acudirmos Quando vós acudirdes Quando eles acudirem	acudindo PARTICÍPIO PASSADO acudido
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO	INFINITIVO IMPESSOAL
Eu acudira Tu acudiras Ele acudira Nós acudíramos Vós acudíreis Eles acudiram	Eu tinha acudido Tu tinhas acudido Ele tinha acudido Nós tínhamos acudido Vós tínheis acudido Eles tinham acudido	acudir
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	CONDICIONAL PRESENTE	INFINITIVO PESSOAL
Eu acudirei Tu acudirás Ele acudirá Nós acudiremos Vós acudireis Eles acudirão	Eu acudiria Tu acudirias Ele acudiria Nós acudiríamos Vós acudiríeis Eles acudiriam	acudir (eu) acudires (tu) acudir (ele) acudirmos (nós) acudirdes (vós) acudirem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE (Realização gradual)	(Realização em breve)
Eu estou a acudir Tu estás a acudir Ele está a acudir Nós estamos a acudir Vós estais a acudir Eles estão a acudir	Eu vou acudir Tu vais acudir Ele vai acudir Nós vamos acudir Vós ides acudir Eles vão acudir

Nota: Do mesmo modo se conjuga o verbo **sacudir**, etc.

ADERIR

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu adiro Tu aderes Ele adere Nós aderimos Vós aderis Eles aderem	Que eu adira Que tu adiras Que ele adira Que nós adiramos Que vós adirais Que eles adiram	Não adiras (tu) Não adira (você) Não adiramos (nós) Não adirais (vós) Não adiram (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**IMPERATIVO AFIRMATIVO**
Eu aderia Tu aderias Ele aderia Nós aderíamos Vós aderíeis Eles aderiam	Se eu aderisse Se tu aderisses Se ele aderisse Se nós aderíssemos Se vós aderísseis Se eles aderissem	adere (tu) adira (você) adiramos (nós) aderi (vós) adiram (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	**FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**GERÚNDIO**
Eu aderi Tu aderiste Ele aderiu Nós aderimos Vós aderistes Eles aderiram	Quando eu aderir Quando tu aderires Quando ele aderir Quando nós aderirmos Quando vós aderirdes Quando eles aderirem	aderindo **PARTICÍPIO PASSADO** aderido
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO**	**INFINITIVO IMPESSOAL**
Eu aderira Tu aderiras Ele aderira Nós aderíramos Vós aderíreis Eles aderiram	Eu tinha aderido Tu tinhas aderido Ele tinha aderido Nós tínhamos aderido Vós tínheis aderido Eles tinham aderido	aderir
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	**CONDICIONAL PRESENTE**	**INFINITIVO PESSOAL**
Eu aderirei Tu aderirás Ele aderirá Nós aderiremos Vós aderireis Eles aderirão	Eu aderiria Tu aderirias Ele aderiria Nós aderiríamos Vós aderiríeis Eles adeririam	aderir (eu) aderires (tu) aderir (ele) aderirmos (nós) aderirdes (vós) aderirem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE	
(Realização gradual)	(Realização em breve)
Eu estou a aderir Tu estás a aderir Ele está a aderir Nós estamos a aderir Vós estais a aderir Eles estão a aderir	Eu vou aderir Tu vais aderir Ele vai aderir Nós vamos aderir Vós ides aderir Eles vão aderir

Nota: Do mesmo modo se conjugam os derivados do verbo **ferir** (aferir, conferir, desferir, preferir, referir, transferir), etc.

BOIAR

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu bóio Tu bóias Ele bóia Nós boiamos Vós boiais Eles bóiam	Que eu bóie Que tu bóies Que ele bóie Que nós boiemos Que vós boieis Que eles bóiem	Não bóies (tu) Não bóie (você) Não boiemos (nós) Não boieis (vós) Não bóiem (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**IMPERATIVO AFIRMATIVO**
Eu boiava Tu boiavas Ele boiava Nós boiávamos Vós boiáveis Eles boiavam	Se eu boiasse Se tu boiasses Se ele boiasse Se nós boiássemos Se vós boiásseis Se eles boiassem	bóia (tu) bóie (você) boiemos (nós) boiai (vós) bóiem (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	**FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**GERÚNDIO**
Eu boiei Tu boiaste Ele boiou Nós boiámos Vós boiastes Eles boiaram	Quando eu boiar Quando tu boiares Quando ele boiar Quando nós boiarmos Quando vós boiardes Quando eles boiarem	boiando **PARTICÍPIO PASSADO** boiado
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO**	**INFINITIVO IMPESSOAL**
Eu boiara Tu boiaras Ele boiara Nós boiáramos Vós boiáreis Eles boiaram	Eu tinha boiado Tu tinhas boiado Ele tinha boiado Nós tínhamos boiado Vós tínheis boiado Eles tinham boiado	boiar
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	**CONDICIONAL PRESENTE**	**INFINITIVO PESSOAL**
Eu boiarei Tu boiarás Ele boiará Nós boiaremos Vós boiareis Eles boiarão	Eu boiaria Tu boiarias Ele boiaria Nós boiaríamos Vós boiaríeis Eles boiariam	boiar (eu) boiares (tu) boiar (ele) boiarmos (nós) boiardes (vós) boiarem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE (Realização gradual)	 (Realização em breve)
Eu estou a boiar Tu estás a boiar Ele está a boiar Nós estamos a boiar Vós estais a boiar Eles estão a boiar	Eu vou boiar Tu vais boiar Ele vai boiar Nós vamos boiar Vós ides boiar Eles vão boiar

CABER

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu caibo	Que eu caiba	
Tu cabes	Que tu caibas	- - -
Ele cabe	Que ele caiba	- - -
Nós cabemos	Que nós caibamos	- - -
Vós cabeis	Que vós caibais	- - -
Eles cabem	Que eles caibam	- - -

PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
Eu cabia	Se eu coubesse	
Tu cabias	Se tu coubesses	- - -
Ele cabia	Se ele coubesse	- - -
Nós cabíamos	Se nós coubéssemos	- - -
Vós cabíeis	Se vós coubésseis	- - -
Eles cabiam	Se eles coubessem	- - -

PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO	GERÚNDIO
Eu coube	Quando eu couber	cabendo
Tu coubeste	Quando tu couberes	
Ele coube	Quando ele couber	**PARTICÍPIO PASSADO**
Nós coubemos	Quando nós coubermos	
Vós coubestes	Quando vós couberdes	
Eles couberam	Quando eles couberem	cabido

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO	INFINITIVO IMPESSOAL
Eu coubera	Eu tinha cabido	
Tu couberas	Tu tinhas cabido	
Ele coubera	Ele tinha cabido	caber
Nós coubéramos	Nós tínhamos cabido	
Vós coubéreis	Vós tínheis cabido	
Eles couberam	Eles tinham cabido	

FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	CONDICIONAL PRESENTE	INFINITIVO PESSOAL
Eu caberei	Eu caberia	caber (eu)
Tu caberás	Tu caberias	caberes (tu)
Ele caberá	Ele caberia	caber (ele)
Nós caberemos	Nós caberíamos	cabermos (nós)
Vós cabereis	Vós caberíeis	caberdes (vós)
Eles caberão	Eles caberiam	caberem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE	
(Realização gradual)	(Realização em breve)
Eu estou a caber	Eu vou caber
Tu estás a caber	Tu vais caber
Ele está a caber	Ele vai caber
Nós estamos a caber	Nós vamos caber
Vós estais a caber	Vós ides caber
Eles estão a caber	Eles vão caber

Nota: Há verbos cujo imperativo não se conjuga.

CAIR

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu caio Tu cais Ele cai Nós caímos Vós caís Eles caem	Que eu caia Que tu caias Que ele caia Que nós caiamos Que vós caiais Que eles caiam	Não caias (tu) Não caia (você) Não caiamos (nós) Não caiais (vós) Não caiam (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
Eu caía Tu caías Ele caía Nós caíamos Vós caíeis Eles caíam	Se eu caísse Se tu caísses Se ele caísse Se nós caíssemos Se vós caísseis Se eles caíssem	cai (tu) caia (você) caiamos (nós) caí (vós) caiam (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO	GERÚNDIO
Eu caí Tu caíste Ele caiu Nós caímos Vós caístes Eles caíram	Quando eu cair Quando tu caíres Quando ele cair Quando nós cairmos Quando vós cairdes Quando eles caírem	caindo PARTICÍPIO PASSADO caído
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO	INFINITIVO IMPESSOAL
Eu caíra Tu caíras Ele caíra Nós caíramos Vós caíreis Eles caíram	Eu tinha caído Tu tinhas caído Ele tinha caído Nós tínhamos caído Vós tínheis caído Eles tinham caído	cair
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	CONDICIONAL PRESENTE	INFINITIVO PESSOAL
Eu cairei Tu cairás Ele cairá Nós cairemos Vós caireis Eles cairão	Eu cairia Tu cairias Ele cairia Nós cairíamos Vós cairíeis Eles cairiam	cair (eu) caíres (tu) cair (ele) cairmos (nós) cairdes (vós) caírem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE (Realização gradual)	(Realização em breve)
Eu estou a cair Tu estás a cair Ele está a cair Nós estamos a cair Vós estais a cair Eles estão a cair	Eu vou cair Tu vais cair Ele vai cair Nós vamos cair Vós ides cair Eles vão cair

Nota: Do mesmo modo se conjugam os verbos **sair**, **trair**, **atrair**, etc.

CALÇAR

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu calço Tu calças Ele calça Nós calçamos Vós calçais Eles calçam	Que eu calce Que tu calces Que ele calce Que nós calcemos Que vós calceis Que eles calcem	Não calces (tu) Não calce (você) Não calcemos (nós) Não calceis (vós) Não calcem (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
Eu calçava Tu calçavas Ele calçava Nós calçávamos Vós calçáveis Eles calçavam	Se eu calçasse Se tu calçasses Se ele calçasse Se nós calçássemos Se vós calçásseis Se eles calçassem	calça (tu) calce (você) calcemos (nós) calçai (vós) calcem (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO	GERÚNDIO
Eu calcei Tu calçaste Ele calçou Nós calçámos Vós calçastes Eles calçaram	Quando eu calçar Quando tu calçares Quando ele calçar Quando nós calçarmos Quando vós calçardes Quando eles calçarem	calçando PARTICÍPIO PASSADO calçado
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO	INFINITIVO IMPESSOAL
Eu calçara Tu calçaras Ele calçara Nós calçáramos Vós calçáreis Eles calçaram	Eu tinha calçado Tu tinhas calçado Ele tinha calçado Nós tínhamos calçado Vós tínheis calçado Eles tinham calçado	calçar
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	CONDICIONAL PRESENTE	INFINITIVO PESSOAL
Eu calçarei Tu calçarás Ele calçará Nós calçaremos Vós calçareis Eles calçarão	Eu calçaria Tu calçarias Ele calçaria Nós calçaríamos Vós calçaríeis Eles calçariam	calçar (eu) calçares (tu) calçar (ele) calçarmos (nós) calçardes (vós) calçarem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE	
(Realização gradual)	(Realização em breve)
Eu estou a calçar Tu estás a calçar Ele está a calçar Nós estamos a calçar Vós estais a calçar Eles estão a calçar	Eu vou calçar Tu vais calçar Ele vai calçar Nós vamos calçar Vós ides calçar Eles vão calçar

COBRIR

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu cubro Tu cobres Ele cobre Nós cobrimos Vós cobris Eles cobrem	Que eu cubra Que tu cubras Que ele cubra Que nós cubramos Que vós cubrais Que eles cubram	Não cubras (tu) Não cubra (você) Não cubramos (nós) Não cubrais (vós) Não cubram (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
Eu cobria Tu cobrias Ele cobria Nós cobríamos Vós cobríeis Eles cobriam	Se eu cobrisse Se tu cobrisses Se ele cobrisse Se nós cobríssemos Se vós cobrísseis Se eles cobrissem	cobre (tu) cubra (você) cubramos (nós) cobri (vós) cubram (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO	GERÚNDIO
Eu cobri Tu cobriste Ele cobriu Nós cobrimos Vós cobristes Eles cobriram	Quando eu cobrir Quando tu cobrires Quando ele cobrir Quando nós cobrirmos Quando vós cobrirdes Quando eles cobrirem	cobrindo PARTICÍPIO PASSADO cobrido (coberto)
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO	INFINITIVO IMPESSOAL
Eu cobrira Tu cobriras Ele cobrira Nós cobríramos Vós cobríreis Eles cobriram	Eu tinha cobrido Tu tinhas cobrido Ele tinha cobrido Nós tínhamos cobrido Vós tínheis cobrido Eles tinham cobrido	cobrir
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	CONDICIONAL PRESENTE	INFINITIVO PESSOAL
Eu cobrirei Tu cobrirás Ele cobrirá Nós cobriremos Vós cobrireis Eles cobrirão	Eu cobriria Tu cobririas Ele cobriria Nós cobriríamos Vós cobriríeis Eles cobririam	cobrir (eu) cobrires (tu) cobrir (ele) cobrirmos (nós) cobrirdes (vós) cobrirem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE	
(Realização gradual)	(Realização em breve)
Eu estou a cobrir Tu estás a cobrir Ele está a cobrir Nós estamos a cobrir Vós estais a cobrir Eles estão a cobrir	Eu vou cobrir Tu vais cobrir Ele vai cobrir Nós vamos cobrir Vós ides cobrir Eles vão cobrir

Nota : Do mesmo modo se conjugam os verbos **descobrir**, **dormir**, **encobrir**, **engolir**, **recobrir**, **tossir**, etc.

CONDUZIR

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu conduzo Tu conduzes Ele conduz Nós conduzimos Vós conduzis Eles conduzem	Que eu conduza Que tu conduzas Que ele conduza Que nós conduzamos Que vós conduzais Que eles conduzam	Não conduzas (tu) Não conduza (você) Não conduzamos (nós) Não conduzais (vós) Não conduzam (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**IMPERATIVO AFIRMATIVO**
Eu conduzia Tu conduzias Ele conduzia Nós conduzíamos Vós conduzíeis Eles conduziam	Se eu conduzisse Se tu conduzisses Se ele conduzisse Se nós conduzíssemos Se vós conduzísseis Se eles conduzissem	conduz (tu) conduza (você) conduzamos (nós) conduzi (vós) conduzam (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	**FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**GERÚNDIO**
Eu conduzi Tu conduziste Ele conduziu Nós conduzimos Vós conduzistes Eles conduziram	Quando eu conduzir Quando tu conduzires Quando ele conduzir Quando nós conduzirmos Quando vós conduzirdes Quando eles conduzirem	conduzindo **PARTICÍPIO PASSADO** conduzido
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO**	**INFINITIVO IMPESSOAL**
Eu conduzira Tu conduziras Ele conduzira Nós conduzíramos Vós conduzíreis Eles conduziram	Eu tinha conduzido Tu tinhas conduzido Ele tinha conduzido Nós tínhamos conduzido Vós tínheis conduzido Eles tinham conduzido	conduzir
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	**CONDICIONAL PRESENTE**	**INFINITIVO PESSOAL**
Eu conduzirei Tu conduzirás Ele conduzirá Nós conduziremos Vós conduzireis Eles conduzirão	Eu conduziria Tu conduzirias Ele conduziria Nós conduziríamos Vós conduziríeis Eles conduziriam	conduzir (eu) conduzires (tu) conduzir (ele) conduzirmos (nós) conduzirdes (vós) conduzirem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE	
(Realização gradual)	(Realização em breve)
Eu estou a conduzir Tu estás a conduzir Ele está a conduzir Nós estamos a conduzir Vós estais a conduzir Eles estão a conduzir	Eu vou conduzir Tu vais conduzir Ele vai conduzir Nós vamos conduzir Vós ides conduzir Eles vão conduzir

Nota : Do mesmo modo se conjugam os verbos **aduzir**, **traduzir**, etc. A 3ª pessoa do singular do presente do ind. é **conduz** em vez de **conduze.** Imperativo **conduz**.

CONHECER

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu conheço	Que eu conheça	
Tu conheces	Que tu conheças	Não conheças (tu)
Ele conhece	Que ele conheça	Não conheça (você)
Nós conhecemos	Que nós conheçamos	Não conheçamos (nós)
Vós conheceis	Que vós conheçais	Não conheçais (vós)
Eles conhecem	Que eles conheçam	Não conheçam (vocês)

PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
Eu conhecia	Se eu conhecesse	
Tu conhecias	Se tu conhecesses	conhece (tu)
Ele conhecia	Se ele conhecesse	conheça (você)
Nós conhecíamos	Se nós conhecêssemos	conheçamos (nós)
Vós conhecíeis	Se vós conhecêsseis	conhecei (vós)
Eles conheciam	Se eles conhecessem	conheçam (vocês)

PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO	GERÚNDIO
Eu conheci	Quando eu conhecer	conhecendo
Tu conheceste	Quando tu conheceres	
Ele conheceu	Quando ele conhecer	**PARTICÍPIO PASSADO**
Nós conhecemos	Quando nós conhecermos	
Vós conhecestes	Quando vós conhecerdes	
Eles conheceram	Quando eles conhecerem	conhecido

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO	INFINITIVO IMPESSOAL
Eu conhecera	Eu tinha conhecido	
Tu conheceras	Tu tinhas conhecido	
Ele conhecera	Ele tinha conhecido	conhecer
Nós conhecêramos	Nós tínhamos conhecido	
Vós conhecêreis	Vós tínheis conhecido	
Eles conheceram	Eles tinham conhecido	

FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	CONDICIONAL PRESENTE	INFINITIVO PESSOAL
Eu conhecerei	Eu conheceria	conhecer (eu)
Tu conhecerás	Tu conhecerias	conheceres (tu)
Ele conhecerá	Ele conheceria	conhecer (ele)
Nós conheceremos	Nós conheceríamos	conhecermos (nós)
Vós conhecereis	Vós conheceríeis	conhecerdes (vós)
Eles conhecerão	Eles conheceriam	conhecerem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE

(Realização gradual)	(Realização em breve)
Eu estou a conhecer	Eu vou conhecer
Tu estás a conhecer	Tu vais conhecer
Ele está a conhecer	Ele vai conhecer
Nós estamos a conhecer	Nós vamos conhecer
Vós estais a conhecer	Vós ides conhecer
Eles estão a conhecer	Eles vão conhecer

CONSTRUIR

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu construo Tu construis (constróis) Ele construi (constrói) Nós construímos Vós construís Eles construem	Que eu construa Que tu construas Que ele construa Que nós construamos Que vós construais Que eles construam	Não construas (tu) Não construa (você) Não construamos (nós) Não construais (vós) Não construam (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
Eu construía Tu construías Ele construía Nós construíamos Vós construíeis Eles construíam	Se eu construísse Se tu construísses Se ele construísse Se nós construíssemos Se vós construísseis Se eles construíssem	construi (tu)(constrói tu) construa (você) construamos (nós) construí (vós) construam (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO	GERÚNDIO
Eu construí Tu construíste Ele construiu Nós construímos Vós construístes Eles construíram	Quando eu construir Quando tu construíres Quando ele construir Quando nós construirmos Quando vós construirdes Quando eles construírem	construindo PARTICÍPIO PASSADO construído
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO	INFINITIVO IMPESSOAL
Eu construíra Tu construíras Ele construíra Nós construíramos Vós construíreis Eles construíram	Eu tinha construído Tu tinhas construído Ele tinha construído Nós tínhamos construído Vós tínheis construído Eles tinham construído	construir
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	CONDICIONAL PRESENTE	INFINITIVO PESSOAL
Eu construirei Tu construirás Ele construirá Nós construiremos Vós construireis Eles construirão	Eu construiria Tu construirias Ele construiria Nós construiríamos Vós construiríeis Eles construiriam	construir (eu) construíres (tu) construir (ele) construirmos (nós) construirdes (vós) construírem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE (Realização gradual)	(Realização em breve)
Eu estou a construir Tu estás a construir Ele está a construir Nós estamos a construir Vós estais a construir Eles estão a construir	Eu vou construir Tu vais construir Ele vai construir Nós vamos construir Vós ides construir Eles vão construir

Nota : Do mesmo modo se conjugam os verbos **destruir**, **instruir**, **reconstruir**, etc.

CRER

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu creio Tu crês Ele crê Nós cremos Vós credes Eles crêem	Que eu creia Que tu creias Que ele creia Que nós creiamos Que vós creiais Que eles creiam	Não creias (tu) Não creia (você) Não creiamos (nós) Não creiais (vós) Não creiam (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**IMPERATIVO AFIRMATIVO**
Eu cria Tu crias Ele cria Nós críamos Vós críeis Eles criam	Se eu cresse Se tu cresses Se ele cresse Se nós crêssemos Se vós crêsseis Se eles cressem	crê (tu) creia (você) creiamos (nós) crede (vós) creiam (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	**FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**GERÚNDIO**
Eu cri Tu creste Ele creu Nós cremos Vós crestes Eles creram	Quando eu crer Quando tu creres Quando ele crer Quando nós crermos Quando vós crerdes Quando eles crerem	crendo **PARTICÍPIO PASSADO** crido
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO**	**INFINITIVO IMPESSOAL**
Eu crera Tu creras Ele crera Nós crêramos Vós crêreis Eles creram	Eu tinha crido Tu tinhas crido Ele tinha crido Nós tínhamos crido Vós tínheis crido Eles tinham crido	crer
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	**CONDICIONAL PRESENTE**	**INFINITIVO PESSOAL**
Eu crerei Tu crerás Ele crerá Nós creremos Vós crereis Eles crerão	Eu creria Tu crerias Ele creria Nós creríamos Vós creríeis Eles creriam	crer (eu) creres (tu) crer (ele) crermos (nós) crerdes (vós) crerem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE (Realização gradual)	 (Realização em breve)
Eu estou a crer Tu estás a crer Ele está a crer Nós estamos a crer Vós estais a crer Eles estão a crer	Eu vou crer Tu vais crer Ele vai crer Nós vamos crer Vós ides crer Eles vão crer

Nota : Do mesmo modo se conjuga o verbo **descrer** .

DAR

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu dou Tu dás Ele dá Nós damos Vós dais Eles dão	Que eu dê Que tu dês Que ele dê Que nós demos Que vós deis Que eles dêem	Não dês (tu) Não dê (você) Não demos (nós) Não deis (vós) Não dêem (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
Eu dava Tu davas Ele dava Nós dávamos Vós dáveis Eles davam	Se eu desse Se tu desses Se ele desse Se nós déssemos Se vós désseis Se eles dessem	dá (tu) dê (você) demos (nós) dai (vós) dêem (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO	GERÚNDIO
Eu dei Tu deste Ele deu Nós demos Vós destes Eles deram	Quando eu der Quando tu deres Quando ele der Quando nós dermos Quando vós derdes Quando eles derem	dando PARTICÍPIO PASSADO dado
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO	INFINITIVO IMPESSOAL
Eu dera Tu deras Ele dera Nós déramos Vós déreis Eles deram	Eu tinha dado Tu tinhas dado Ele tinha dado Nós tínhamos dado Vós tínheis dado Eles tinham dado	dar
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	CONDICIONAL PRESENTE	INFINITIVO PESSOAL
Eu darei Tu darás Ele dará Nós daremos Vós dareis Eles darão	Eu daria Tu darias Ele daria Nós daríamos Vós daríeis Eles dariam	dar (eu) dares (tu) dar (ele) darmos (nós) dardes (vós) darem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE	
(Realização gradual)	(Realização em breve)
Eu estou a dar Tu estás a dar Ele está a dar Nós estamos a dar Vós estais a dar Eles estão a dar	Eu vou dar Tu vais dar Ele vai dar Nós vamos dar Vós ides dar Eles vão dar

Nota : O verbo **circundar** é regular.

DESPIR

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu dispo Tu despes Ele despe Nós despimos Vós despis Eles despem	Que eu dispa Que tu dispas Que ele dispa Que nós dispamos Que vós dispais Que eles dispam	Não dispas (tu) Não dispa (você) Não dispamos (nós) Não dispais (vós) Não dispam (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**IMPERATIVO AFIRMATIVO**
Eu despia Tu despias Ele despia Nós despíamos Vós despíeis Eles despiam	Se eu despisse Se tu despisses Se ele despisse Se nós despíssemos Se vós despísseis Se eles despissem	despe (tu) dispa (você) dispamos (nós) despi (vós) dispam (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	**FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**GERÚNDIO**
Eu despi Tu despiste Ele despiu Nós despimos Vós despistes Eles despiram	Quando eu despir Quando tu despires Quando ele despir Quando nós despirmos Quando vós despirdes Quando eles despirem	despindo **PARTICÍPIO PASSADO** despido
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO**	**INFINITIVO IMPESSOAL**
Eu despira Tu despiras Ele despira Nós despíramos Vós despíreis Eles despiram	Eu tinha despido Tu tinhas despido Ele tinha despido Nós tínhamos despido Vós tínheis despido Eles tinham despido	despir
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	**CONDICIONAL PRESENTE**	**INFINITIVO PESSOAL**
Eu despirei Tu despirás Ele despirá Nós despiremos Vós despireis Eles despirão	Eu despiria Tu despirias Ele despiria Nós despiríamos Vós despiríeis Eles despiriam	despir (eu) despires (tu) despir (ele) despirmos (nós) despirdes (vós) despirem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE (Realização gradual)	 (Realização em breve)
Eu estou a despir Tu estás a despir Ele está a despir Nós estamos a despir Vós estais a despir Eles estão a despir	Eu vou despir Tu vais despir Ele vai despir Nós vamos despir Vós ides despir Eles vão despir

Nota : Nos verbos **despir**, **advertir**, etc. o **e** muda para **i,** na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, e em todas pessoas do presente do conjuntivo.

DIRIGIR

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu dirijo Tu diriges Ele dirige Nós dirigimos Vós dirigis Eles dirigem	Que eu dirija Que tu dirijas Que ele dirija Que nós dirijamos Que vós dirijais Que eles dirijam	Não dirijas (tu) Não dirija (você) Não dirijamos (nós) Não dirijais (vós) Não dirijam (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
Eu dirigia Tu dirigias Ele dirigia Nós dirigíamos Vós dirigíeis Eles dirigiam	Se eu dirigisse Se tu dirigisses Se ele dirigisse Se nós dirigíssemos Se vós dirigísseis Se eles dirigissem	dirige (tu) dirija (você) dirijamos (nós) dirigi (vós) dirijam (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO	GERÚNDIO
Eu dirigi Tu dirigiste Ele dirigiu Nós dirigimos Vós dirigistes Eles dirigiram	Quando eu dirigir Quando tu dirigires Quando ele dirigir Quando nós dirigirmos Quando vós dirigirdes Quando eles dirigirem	dirigindo PARTICÍPIO PASSADO dirigido
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO	INFINITIVO IMPESSOAL
Eu dirigira Tu dirigiras Ele dirigira Nós dirigíramos Vós dirigíreis Eles dirigiram	Eu tinha dirigido Tu tinhas dirigido Ele tinha dirigido Nós tínhamos dirigido Vós tínheis dirigido Eles tinham dirigido	dirigir
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	CONDICIONAL PRESENTE	INFINITIVO PESSOAL
Eu dirigirei Tu dirigirás Ele dirigirá Nós dirigiremos Vós dirigireis Eles dirigirão	Eu dirigiria Tu dirigirias Ele dirigiria Nós dirigiríamos Vós dirigiríeis Eles dirigiriam	dirigir (eu) dirigires (tu) dirigir (ele) dirigirmos (nós) dirigirdes (vós) dirigirem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE	
(Realização gradual)	(Realização em breve)
Eu estou a dirigir Tu estás a dirigir Ele está a dirigir Nós estamos a dirigir Vós estais a dirigir Eles estão a dirigir	Eu vou dirigir Tu vais dirigir Ele vai dirigir Nós vamos dirigir Vós ides dirigir Eles vão dirigir

DIZER

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu digo Tu dizes Ele diz Nós dizemos Vós dizeis Eles dizem	Que eu diga Que tu digas Que ele diga Que nós digamos Que vós digais Que eles digam	Não digas (tu) Não diga (você) Não digamos (nós) Não digais (vós) Não digam (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
Eu dizia Tu dizias Ele dizia Nós dizíamos Vós dizíeis Eles diziam	Se eu dissesse Se tu dissesses Se ele dissesse Se nós disséssemos Se vós dissésseis Se eles dissessem	diz (tu) diga (você) digamos (nós) dizei (vós) digam (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO	GERÚNDIO
Eu disse Tu disseste Ele disse Nós dissemos Vós dissestes Eles disseram	Quando eu disser Quando tu disseres Quando ele disser Quando nós dissermos Quando vós disserdes Quando eles disserem	dizendo PARTICÍPIO PASSADO dito
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO	INFINITIVO IMPESSOAL
Eu dissera Tu disseras Ele dissera Nós disséramos Vós disséreis Eles disseram	Eu tinha dito Tu tinhas dito Ele tinha dito Nós tínhamos dito Vós tínheis dito Eles tinham dito	dizer
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	CONDICIONAL PRESENTE	INFINITIVO PESSOAL
Eu direi Tu dirás Ele dirá Nós diremos Vós direis Eles dirão	Eu diria Tu dirias Ele diria Nós diríamos Vós diríeis Eles diriam	dizer (eu) dizeres (tu) dizer (ele) dizermos (nós) dizerdes (vós) dizerem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE	
(Realização gradual)	(Realização em breve)
Eu estou a dizer Tu estás a dizer Ele está a dizer Nós estamos a dizer Vós estais a dizer Eles estão a dizer	Eu vou dizer Tu vais dizer Ele vai dizer Nós vamos dizer Vós ides dizer Eles vão dizer

Nota : Do mesmo modo se conjugam os seus derivados **bendizer**, **condizer**, **contradizer**, **desdizer**, **maldizer**, etc.

DORMIR

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu durmo Tu dormes Ele dorme Nós dormimos Vós dormis Eles dormem	Que eu durma Que tu durmas Que ele durma Que nós durmamos Que vós durmais Que eles durmam	Não durmas (tu) Não durma (você) Não durmamos (nós) Não durmais (vós) Não durmam (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
Eu dormia Tu dormias Ele dormia Nós dormíamos Vós dormíeis Eles dormiam	Se eu dormisse Se tu dormisses Se ele dormisse Se nós dormíssemos Se vós dormísseis Se eles dormissem	dorme (tu) durma (você) durmamos (nós) dormi (vós) durmam (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO	GERÚNDIO
Eu dormi Tu dormiste Ele dormiu Nós dormimos Vós dormistes Eles dormiram	Quando eu dormir Quando tu dormires Quando ele dormir Quando nós dormirmos Quando vós dormirdes Quando eles dormirem	dormindo PARTICÍPIO PASSADO dormido
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO	INFINITIVO IMPESSOAL
Eu dormira Tu dormiras Ele dormira Nós dormíramos Vós dormíreis Eles dormiram	Eu tinha dormido Tu tinhas dormido Ele tinha dormido Nós tínhamos dormido Vós tínheis dormido Eles tinham dormido	dormir
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	CONDICIONAL PRESENTE	INFINITIVO PESSOAL
Eu dormirei Tu dormirás Ele dormirá Nós dormiremos Vós dormireis Eles dormirão	Eu dormiria Tu dormirias Ele dormiria Nós dormiríamos Vós dormiríeis Eles dormiriam	dormir (eu) dormires (tu) dormir (ele) dormirmos (nós) dormirdes (vós) dormirem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE	
(Realização gradual)	(Realização em breve)
Eu estou a dormir Tu estás a dormir Ele está a dormir Nós estamos a dormir Vós estais a dormir Eles estão a dormir	Eu vou dormir Tu vais dormir Ele vai dormir Nós vamos dormir Vós ides dormir Eles vão dormir

ELEGER

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu elejo Tu eleges Ele elege Nós elegemos Vós elegeis Eles elegem	Que eu eleja Que tu elejas Que ele eleja Que nós elejamos Que vós elejais Que eles elejam	Não elejas (tu) Não eleja (você) Não elejamos (nós) Não elejais (vós) Não elejam (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
Eu elegia Tu elegias Ele elegia Nós elegíamos Vós elegíeis Eles elegiam	Se eu elegesse Se tu elegesses Se ele elegesse Se nós elegêssemos Se vós elegêsseis Se eles elegessem	elege (tu) eleja (você) elejamos (nós) elegei (vós) elejam (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO	GERÚNDIO
Eu elegi Tu elegeste Ele elegeu Nós elegemos Vós elegestes Eles elegeram	Quando eu eleger Quando tu elegeres Quando ele eleger Quando nós elegermos Quando vós elegerdes Quando eles elegerem	elegendo PARTICÍPIO PASSADO elegido (eleito)
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO	INFINITIVO IMPESSOAL
Eu elegera Tu elegeras Ele elegera Nós elegêramos Vós elegêreis Eles elegeram	Eu tinha elegido Tu tinhas elegido Ele tinha elegido Nós tínhamos elegido Vós tínheis elegido Eles tinham elegido	eleger
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	CONDICIONAL PRESENTE	INFINITIVO PESSOAL
Eu elegerei Tu elegerás Ele elegerá Nós elegeremos Vós elegereis Eles elegerão	Eu elegeria Tu elegerias Ele elegeria Nós elegeríamos Vós elegeríeis Eles elegeriam	eleger (eu) elegeres (tu) eleger (ele) elegermos (nós) elegerdes (vós) elegerem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE	
(Realização gradual)	(Realização em breve)
Eu estou a eleger Tu estás a eleger Ele está a eleger Nós estamos a eleger Vós estais a eleger Eles estão a eleger	Eu vou eleger Tu vais eleger Ele vai eleger Nós vamos eleger Vós ides eleger Eles vão eleger

ERGUER

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu ergo Tu ergues Ele ergue Nós erguemos Vós ergueis Eles erguem	Que eu erga Que tu ergas Que ele erga Que nós ergamos Que vós ergais Que eles ergam	Não ergas (tu) Não erga (você) Não ergamos (nós) Não ergais (vós) Não ergam (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**IMPERATIVO AFIRMATIVO**
Eu erguia Tu erguias Ele erguia Nós erguíamos Vós erguíeis Eles erguiam	Se eu erguesse Se tu erguesses Se ele erguesse Se nós erguêssemos Se vós erguêsseis Se eles erguessem	ergue (tu) erga (você) ergamos (nós) erguei (vós) ergam (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	**FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**GERÚNDIO**
Eu ergui Tu ergueste Ele ergueu Nós erguemos Vós erguestes Eles ergueram	Quando eu erguer Quando tu ergueres Quando ele erguer Quando nós erguermos Quando vós erguerdes Quando eles erguerem	erguendo **PARTICÍPIO PASSADO** erguido
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO**	**INFINITIVO IMPESSOAL**
Eu erguera Tu ergueras Ele erguera Nós erguêramos Vós erguêreis Eles ergueram	Eu tinha erguido Tu tinhas erguido Ele tinha erguido Nós tínhamos erguido Vós tínheis erguido Eles tinham erguido	erguer
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	**CONDICIONAL PRESENTE**	**INFINITIVO PESSOAL**
Eu erguerei Tu erguerás Ele erguerá Nós ergueremos Vós erguereis Eles erguerão	Eu ergueria Tu erguerias Ele ergueria Nós ergueríamos Vós ergueríeis Eles ergueriam	erguer (eu) ergueres (tu) erguer (ele) erguermos (nós) erguerdes (vós) erguerem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE	
(Realização gradual)	(Realização em breve)
Eu estou a erguer Tu estás a erguer Ele está a erguer Nós estamos a erguer Vós estais a erguer Eles estão a erguer	Eu vou erguer Tu vais erguer Ele vai erguer Nós vamos erguer Vós ides erguer Eles vão erguer

ESTAR

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu estou Tu estás Ele está Nós estamos Vós estais Eles estão	Que eu esteja Que tu estejas Que ele esteja Que nós estejamos Que vós estejais Que eles estejam	Não estejas (tu) Não esteja (você) Não estejamos (nós) Não estejais (vós) Não estejam (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**IMPERATIVO AFIRMATIVO**
Eu estava Tu estavas Ele estava Nós estávamos Vós estáveis Eles estavam	Se eu estivesse Se tu estivesses Se ele estivesse Se nós estivéssemos Se vós estivésseis Se eles estivessem	está (tu) esteja (você) estejamos (nós) estai (vós) estejam (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	**FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**GERÚNDIO**
Eu estive Tu estiveste Ele esteve Nós estivemos Vós estivestes Eles estiveram	Quando eu estiver Quando tu estiveres Quando ele estiver Quando nós estivermos Quando vós estiverdes Quando eles estiverem	estando **PARTICÍPIO PASSADO** estado
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO**	**INFINITIVO IMPESSOAL**
Eu estivera Tu estiveras Ele estivera Nós estivéramos Vós estivéreis Eles estiveram	Eu tinha estado Tu tinhas estado Ele tinha estado Nós tínhamos estado Vós tínheis estado Eles tinham estado	estar
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	**CONDICIONAL PRESENTE**	**INFINITIVO PESSOAL**
Eu estarei Tu estarás Ele estará Nós estaremos Vós estareis Eles estarão	Eu estaria Tu estarias Ele estaria Nós estaríamos Vós estaríeis Eles estariam	estar (eu) estares (tu) estar (ele) estarmos (nós) estardes (vós) estarem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE	
(Realização gradual)	(Realização em breve)
	Eu vou estar Tu vais estar Ele vai estar Nós vamos estar Vós ides estar Eles vão estar

EXPLODIR

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu expludo Tu explodes Ele explode Nós explodimos Vós explodis Eles explodem	Que eu expluda Que tu expludas Que ele expluda Que nós expludamos Que vós expludais Que eles expludam	Não expludas (tu) Não expluda (você) Não expludamos (nós) Não expludais (vós) Não expludam (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**IMPERATIVO AFIRMATIVO**
Eu explodia Tu explodias Ele explodia Nós explodíamos Vós explodíeis Eles explodiam	Se eu explodisse Se tu explodisses Se ele explodisse Se nós explodíssemos Se vós explodísseis Se eles explodissem	explode (tu) expluda (você) expludamos (nós) explodi (vós) expludam (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	**FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**GERÚNDIO**
Eu explodi Tu explodiste Ele explodiu Nós explodimos Vós explodistes Eles explodiram	Quando eu explodir Quando tu explodires Quando ele explodir Quando nós explodirmos Quando vós explodirdes Quando eles explodirem	explodindo **PARTICÍPIO PASSADO** explodido
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO**	**INFINITIVO IMPESSOAL**
Eu explodira Tu explodiras Ele explodira Nós explodíramos Vós explodíreis Eles explodiram	Eu tinha explodido Tu tinhas explodido Ele tinha explodido Nós tínhamos explodido Vós tínheis explodido Eles tinham explodido	explodir
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	**CONDICIONAL PRESENTE**	**INFINITIVO PESSOAL**
Eu explodirei Tu explodirás Ele explodirá Nós explodiremos Vós explodireis Eles explodirão	Eu explodiria Tu explodirias Ele explodiria Nós explodiríamos Vós explodiríeis Eles explodiriam	explodir (eu) explodires (tu) explodir (ele) explodirmos (nós) explodirdes (vós) explodirem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE (Realização gradual)	(Realização em breve)
Eu estou a explodir Tu estás a explodir Ele está a explodir Nós estamos a explodir Vós estais a explodir Eles estão a explodir	Eu vou explodir Tu vais explodir Ele vai explodir Nós vamos explodir Vós ides explodir Eles vão explodir

Nota : Nos verbos como **explodir**, etc. o **o** muda para **u**, na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, e em todas pessoas do presente do conjuntivo.

EXTORQUIR

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu exturco Tu extorques Ele extorque Nós extorquimos Vós extorquis Eles extorquem	Que eu exturca Que tu exturcas Que ele exturca Que nós exturcamos Que vós exturcais Que eles exturcam	Não exturcas (tu) Não exturca (você) Não exturcamos (nós) Não exturcais (vós) Não exturcam (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**IMPERATIVO AFIRMATIVO**
Eu extorquia Tu extorquias Ele extorquia Nós extorquíamos Vós extorquíeis Eles extorquiam	Se eu extorquisse Se tu extorquisses Se ele extorquisse Se nós extorquíssemos Se vós extorquísseis Se eles extorquissem	extorque (tu) exturca (você) exturcamos (nós) extorqui (vós) exturcam (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	**FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**GERÚNDIO**
Eu extorqui Tu extorquiste Ele extorquiu Nós extorquimos Vós extorquistes Eles extorquiram	Quando eu extorquir Quando tu extorquires Quando ele extorquir Quando nós extorquirmos Quando vós extorquirdes Quando eles extorquirem	extorquindo **PARTICÍPIO PASSADO** extorquido
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO**	**INFINITIVO IMPESSOAL**
Eu extorquira Tu extorquiras Ele extorquira Nós extorquíramos Vós extorquíreis Eles extorquiram	Eu tinha extorquido Tu tinhas extorquido Ele tinha extorquido Nós tínhamos extorquido Vós tínheis extorquido Eles tinham extorquido	extorquir
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	**CONDICIONAL PRESENTE**	**INFINITIVO PESSOAL**
Eu extorquirei Tu extorquirás Ele extorquirá Nós extorquiremos Vós extorquireis Eles extorquirão	Eu extorquiria Tu extorquirias Ele extorquiria Nós extorquiríamos Vós extorquiríeis Eles extorquiriam	extorquir (eu) extorquires (tu) extorquir (ele) extorquirmos (nós) extorquirdes (vós) extorquirem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE (Realização gradual)	(Realização em breve)
Eu estou a extorquir Tu estás a extorquir Ele está a extorquir Nós estamos a extorquir Vós estais a extorquir Eles estão a extorquir	Eu vou extorquir Tu vais extorquir Ele vai extorquir Nós vamos extorquir Vós ides extorquir Eles vão extorquir

Nota : Nos verbos como **retorquir**, o **orqu** muda para **urc**, na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, e em todas pessoas do presente do conjuntivo.

FAZER

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu faço Tu fazes Ele faz Nós fazemos Vós fazeis Eles fazem	Que eu faça Que tu faças Que ele faça Que nós façamos Que vós façais Que eles façam	Não faças (tu) Não faça (você) Não façamos (nós) Não façais (vós) Não façam (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
Eu fazia Tu fazias Ele fazia Nós fazíamos Vós fazíeis Eles faziam	Se eu fizesse Se tu fizesses Se ele fizesse Se nós fizéssemos Se vós fizésseis Se eles fizessem	faz (tu) faça (você) façamos (nós) fazei (vós) façam (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO	GERÚNDIO
Eu fiz Tu fizeste Ele fez Nós fizemos Vós fizestes Eles fizeram	Quando eu fizer Quando tu fizeres Quando ele fizer Quando nós fizermos Quando vós fizerdes Quando eles fizerem	fazendo PARTICÍPIO PASSADO feito
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO	INFINITIVO IMPESSOAL
Eu fizera Tu fizeras Ele fizera Nós fizéramos Vós fizéreis Eles fizeram	Eu tinha feito Tu tinhas feito Ele tinha feito Nós tínhamos feito Vós tínheis feito Eles tinham feito	fazer
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	CONDICIONAL PRESENTE	INFINITIVO PESSOAL
Eu farei Tu farás Ele fará Nós faremos Vós fareis Eles farão	Eu faria Tu farias Ele faria Nós faríamos Vós faríeis Eles fariam	fazer (eu) fazeres (tu) fazer (ele) fazermos (nós) fazerdes (vós) fazerem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE	
(Realização gradual)	(Realização em breve)
Eu estou a fazer Tu estás a fazer Ele está a fazer Nós estamos a fazer Vós estais a fazer Eles estão a fazer	Eu vou fazer Tu vais fazer Ele vai fazer Nós vamos fazer Vós ides fazer Eles vão fazer

Nota : Do mesmo modo se conjugam os seus derivados **contrafazer**, **desfazer**, **perfazer**, **refazer**, **satisfazer**, etc.

FICAR

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu fico Tu ficas Ele fica Nós ficamos Vós ficais Eles ficam	Que eu fique Que tu fiques Que ele fique Que nós fiquemos Que vós fiqueis Que eles fiquem	Não fiques (tu) Não fique (você) Não fiquemos (nós) Não fiqueis (vós) Não fiquem (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
Eu ficava Tu ficavas Ele ficava Nós ficávamos Vós ficáveis Eles ficavam	Se eu ficasse Se tu ficasses Se ele ficasse Se nós ficássemos Se vós ficásseis Se eles ficassem	fica (tu) fique (você) fiquemos (nós) ficai (vós) fiquem (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO	GERÚNDIO
Eu fiquei Tu ficaste Ele ficou Nós ficámos Vós ficastes Eles ficaram	Quando eu ficar Quando tu ficares Quando ele ficar Quando nós ficarmos Quando vós ficardes Quando eles ficarem	ficando PARTICÍPIO PASSADO ficado
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO	INFINITIVO IMPESSOAL
Eu ficara Tu ficaras Ele ficara Nós ficáramos Vós ficáreis Eles ficaram	Eu tinha ficado Tu tinhas ficado Ele tinha ficado Nós tínhamos ficado Vós tínheis ficado Eles tinham ficado	ficar
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	CONDICIONAL PRESENTE	INFINITIVO PESSOAL
Eu ficarei Tu ficarás Ele ficará Nós ficaremos Vós ficareis Eles ficarão	Eu ficaria Tu ficarias Ele ficaria Nós ficaríamos Vós ficaríeis Eles ficariam	ficar (eu) ficares (tu) ficar (ele) ficarmos (nós) ficardes (vós) ficarem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE	
(Realização gradual)	(Realização em breve)
Eu estou a ficar Tu estás a ficar Ele está a ficar Nós estamos a ficar Vós estais a ficar Eles estão a ficar	Eu vou ficar Tu vais ficar Ele vai ficar Nós vamos ficar Vós ides ficar Eles vão ficar

Nota : Do mesmo modo se conjugam os verbos **arrancar**, **pecar**, etc., isto é, o **c** transforma-se em **qu**.

FUGIR

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu fujo Tu foges Ele foge Nós fugimos Vós fugis Eles fogem	Que eu fuja Que tu fujas Que ele fuja Que nós fujamos Que vós fujais Que eles fujam	Não fujas (tu) Não fuja (você) Não fujamos (nós) Não fujais (vós) Não fujam (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**IMPERATIVO AFIRMATIVO**
Eu fugia Tu fugias Ele fugia Nós fugíamos Vós fugíeis Eles fugiam	Se eu fugisse Se tu fugisses Se ele fugisse Se nós fugíssemos Se vós fugísseis Se eles fugissem	foge (tu) fuja (você) fujamos (nós) fugi (vós) fujam (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	**FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**GERÚNDIO**
Eu fugi Tu fugiste Ele fugiu Nós fugimos Vós fugistes Eles fugiram	Quando eu fugir Quando tu fugires Quando ele fugir Quando nós fugirmos Quando vós fugirdes Quando eles fugirem	fugindo **PARTICÍPIO PASSADO** fugido
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO**	**INFINITIVO IMPESSOAL**
Eu fugira Tu fugiras Ele fugira Nós fugíramos Vós fugíreis Eles fugiram	Eu tinha fugido Tu tinhas fugido Ele tinha fugido Nós tínhamos fugido Vós tínheis fugido Eles tinham fugido	fugir
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	**CONDICIONAL PRESENTE**	**INFINITIVO PESSOAL**
Eu fugirei Tu fugirás Ele fugirá Nós fugiremos Vós fugireis Eles fugirão	Eu fugiria Tu fugirias Ele fugiria Nós fugiríamos Vós fugiríeis Eles fugiriam	fugir (eu) fugires (tu) fugir (ele) fugirmos (nós) fugirdes (vós) fugirem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE (Realização gradual)	(Realização em breve)
Eu estou a fugir Tu estás a fugir Ele está a fugir Nós estamos a fugir Vós estais a fugir Eles estão a fugir	Eu vou fugir Tu vais fugir Ele vai fugir Nós vamos fugir Vós ides fugir Eles vão fugir

HAVER

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu hei Tu hás Ele há Nós havemos Vós haveis Eles hão	Que eu haja Que tu hajas Que ele haja Que nós hajamos Que vós hajais Que eles hajam	Não hajas (tu) Não haja (você) Não hajamos (nós) Não hajais (vós) Não hajam (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**IMPERATIVO AFIRMATIVO**
Eu havia Tu havias Ele havia Nós havíamos Vós havíeis Eles haviam	Se eu houvesse Se tu houvesses Se ele houvesse Se nós houvéssemos Se vós houvésseis Se eles houvessem	haja (tu) haja (você) hajamos (nós) havei (vós) hajam (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	**FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**GERÚNDIO**
Eu houve Tu houveste Ele houve Nós houvemos Vós houvestes Eles houveram	Quando eu houver Quando tu houveres Quando ele houver Quando nós houvermos Quando vós houverdes Quando eles houverem	havendo **PARTICÍPIO PASSADO** havido
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO**	**INFINITIVO IMPESSOAL**
Eu houvera Tu houveras Ele houvera Nós houvéramos Vós houvéreis Eles houveram	Eu tinha havido Tu tinhas havido Ele tinha havido Nós tínhamos havido Vós tínheis havido Eles tinham havido	haver
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	**CONDICIONAL PRESENTE**	**INFINITIVO PESSOAL**
Eu haverei Tu haverás Ele haverá Nós haveremos Vós havereis Eles haverão	Eu haveria Tu haverias Ele haveria Nós haveríamos Vós haveríeis Eles haveriam	haver (eu) haveres (tu) haver (ele) havermos (nós) haverdes (vós) haverem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE	
(Realização gradual)	**(Realização em breve)**
Eu estou a haver Tu estás a haver Ele está a haver Nós estamos a haver Vós estais a haver Eles estão a haver	Eu vou haver Tu vais haver Ele vai haver Nós vamos haver Vós ides haver Eles vão haver

Nota : O verbo **haver**, quando significa **existir**, conjuga-se apenas na 3ª pessoa do singular, e admite os tempos compostos: tem havido, tinha havido, terá havido, etc.

IR

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu vou Tu vais Ele vai Nós vamos (imos) Vós ides (vades) Eles vão	Que eu vá Que tu vás Que ele vá Que nós vamos Que vós vades Que eles vão	Não vás (tu) Não vá (você) Não vamos (nós) Não vades (vós) Não vão (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**IMPERATIVO AFIRMATIVO**
Eu ia Tu ias Ele ia Nós íamos Vós íeis Eles iam	Se eu fosse Se tu fosses Se ele fosse Se nós fôssemos Se vós fôsseis Se eles fossem	vai (tu) vá (você) vamos (nós) ide (vós) vão (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	**FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**GERÚNDIO**
Eu fui Tu foste Ele foi Nós fomos Vós fostes Eles foram	Quando eu for Quando tu fores Quando ele for Quando nós formos Quando vós fordes Quando eles forem	indo **PARTICÍPIO PASSADO** ido
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO**	**INFINITIVO IMPESSOAL**
Eu fora Tu foras Ele fora Nós fôramos Vós fôreis Eles foram	Eu tinha ido Tu tinhas ido Ele tinha ido Nós tínhamos ido Vós tínheis ido Eles tinham ido	ir
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	**CONDICIONAL PRESENTE**	**INFINITIVO PESSOAL**
Eu irei Tu irás Ele irá Nós iremos Vós ireis Eles irão	Eu iria Tu irias Ele iria Nós iríamos Vós iríeis Eles iriam	ir (eu) ires (tu) ir (ele) irmos (nós) irdes (vós) irem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE (Realização gradual)	(Realização em breve)
Eu estou a ir Tu estás a ir Ele está a ir Nós estamos a ir Vós estais a ir Eles estão a ir	

LER

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu leio Tu lês Ele lê Nós lemos Vós ledes Eles lêem	Que eu leia Que tu leias Que ele leia Que nós leiamos ou leamos Que vós leiais ou leais Que eles leiam	Não leias (tu) Não leia (você) Não leiamos (nós) Não leiais (vós) Não leiam (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**IMPERATIVO AFIRMATIVO**
Eu lia Tu lias Ele lia Nós líamos Vós líeis Eles liam	Se eu lesse Se tu lesses Se ele lesse Se nós lêssemos Se vós lêsseis Se eles lessem	lê (tu) leia (você) leiamos (nós) lede (vós) leiam (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	**FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**GERÚNDIO**
Eu li Tu leste Ele leu Nós lemos Vós lestes Eles leram	Quando eu ler Quando tu leres Quando ele ler Quando nós lermos Quando vós lerdes Quando eles lerem	lendo **PARTICÍPIO PASSADO** lido
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO**	**INFINITIVO IMPESSOAL**
Eu lera Tu leras Ele lera Nós lêramos Vós lêreis Eles leram	Eu tinha lido Tu tinhas lido Ele tinha lido Nós tínhamos lido Vós tínheis lido Eles tinham lido	ler
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	**CONDICIONAL PRESENTE**	**INFINITIVO PESSOAL**
Eu lerei Tu lerás Ele lerá Nós leremos Vós lereis Eles lerão	Eu leria Tu lerias Ele leria Nós leríamos Vós leríeis Eles leriam	ler (eu) leres (tu) ler (ele) lermos (nós) lerdes (vós) lerem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE	
(Realização gradual)	(Realização em breve)
Eu estou a ler Tu estás a ler Ele está a ler Nós estamos a ler Vós estais a ler Eles estão a ler	Eu vou ler Tu vais ler Ele vai ler Nós vamos ler Vós ides ler Eles vão ler

MEDIR

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu meço Tu medes Ele mede Nós medimos Vós medis Eles medem	Que eu meça Que tu meças Que ele meça Que nós meçamos Que vós meçais Que eles meçam	Não meças (tu) Não meça (você) Não meçamos (nós) Não meçais (vós) Não meçam (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**IMPERATIVO AFIRMATIVO**
Eu media Tu medias Ele media Nós medíamos Vós medíeis Eles mediam	Se eu medisse Se tu medisses Se ele medisse Se nós medíssemos Se vós medísseis Se eles medissem	mede (tu) meça (você) meçamos (nós) medi (vós) meçam (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	**FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**GERÚNDIO**
Eu medi Tu mediste Ele mediu Nós medimos Vós medistes Eles mediram	Quando eu medir Quando tu medires Quando ele medir Quando nós medirmos Quando vós medirdes Quando eles medirem	medindo **PARTICÍPIO PASSADO** medido
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO**	**INFINITIVO IMPESSOAL**
Eu medira Tu mediras Ele medira Nós medíramos Vós medíreis Eles mediram	Eu tinha medido Tu tinhas medido Ele tinha medido Nós tínhamos medido Vós tínheis medido Eles tinham medido	medir
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	**CONDICIONAL PRESENTE**	**INFINITIVO PESSOAL**
Eu medirei Tu medirás Ele medirá Nós mediremos Vós medireis Eles medirão	Eu mediria Tu medirias Ele mediria Nós mediríamos Vós mediríeis Eles mediriam	medir (eu) medires (tu) medir (ele) medirmos (nós) medirdes (vós) medirem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE	
(Realização gradual)	(Realização em breve)
Eu estou a medir Tu estás a medir Ele está a medir Nós estamos a medir Vós estais a medir Eles estão a medir	Eu vou medir Tu vais medir Ele vai medir Nós vamos medir Vós ides medir Eles vão medir

Nota : Do mesmo modo se conjugam os verbos **desimpedir**, **despedir**, **expedir**, **impedir**, **pedir**, etc.

MOER

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu moo Tu móis Ele mói Nós moemos Vós moeis Eles moem	Que eu moa Que tu moas Que ele moa Que nós moamos Que vós moais Que eles moam	Não moas (tu) Não moa (você) Não moamos (nós) Não moais (vós) Não moam (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
Eu moía Tu moías Ele moía Nós moíamos Vós moíeis Eles moíam	Se eu moesse Se tu moesses Se ele moesse Se nós moêssemos Se vós moêsseis Se eles moessem	mói (tu) moa (você) moamos (nós) moei (vós) moam (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO	GERÚNDIO
Eu moí Tu moeste Ele moeu Nós moemos Vós moestes Eles moeram	Quando eu moer Quando tu moeres Quando ele moer Quando nós moermos Quando vós moerdes Quando eles moerem	moendo PARTICÍPIO PASSADO moído
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO	INFINITIVO IMPESSOAL
Eu moera Tu moeras Ele moera Nós moêramos Vós moêreis Eles moeram	Eu tinha moído Tu tinhas moído Ele tinha moído Nós tínhamos moído Vós tínheis moído Eles tinham moído	moer
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	CONDICIONAL PRESENTE	INFINITIVO PESSOAL
Eu moerei Tu moerás Ele moerá Nós moeremos Vós moereis Eles moerão	Eu moeria Tu moerias Ele moeria Nós moeríamos Vós moeríeis Eles moeriam	moer (eu) moeres (tu) moer (ele) moermos (nós) moerdes (vós) moerem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE	
(Realização gradual)	(Realização em breve)
Eu estou a moer Tu estás a moer Ele está a moer Nós estamos a moer Vós estais a moer Eles estão a moer	Eu vou moer Tu vais moer Ele vai moer Nós vamos moer Vós ides moer Eles vão moer

Nota : Do mesmo modo se conjugam os verbos **doer**, **roer**,etc.(Presente do ind. **dóis**, **dói**, imperfeito ind. **doía**, etc**.** e particípio passado **doído** em lugar de **doido**).

ODIAR

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu odeio Tu odeias Ele odeia Nós odiamos Vós odiais Eles odeiam	Que eu odeie Que tu odeies Que ele odeie Que nós odiemos Que vós odieis Que eles odeiem	Não odeies (tu) Não odeie (você) Não odiemos (nós) Não odieis (vós) Não odeiem (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**IMPERATIVO AFIRMATIVO**
Eu odiava Tu odiavas Ele odiava Nós odiávamos Vós odiáveis Eles odiavam	Se eu odiasse Se tu odiasses Se ele odiasse Se nós odiássemos Se vós odiásseis Se eles odiassem	odeia (tu) odeie (você) odiemos (nós) odiai (vós) odeiem (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	**FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**GERÚNDIO**
Eu odiei Tu odiaste Ele odiou Nós odiámos Vós odiastes Eles odiaram	Quando eu odiar Quando tu odiares Quando ele odiar Quando nós odiarmos Quando vós odiardes Quando eles odiarem	odiando **PARTICÍPIO PASSADO** odiado
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO**	**INFINITIVO IMPESSOAL**
Eu odiara Tu odiaras Ele odiara Nós odiáramos Vós odiáreis Eles odiaram	Eu tinha odiado Tu tinhas odiado Ele tinha odiado Nós tínhamos odiado Vós tínheis odiado Eles tinham odiado	odiar
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	**CONDICIONAL PRESENTE**	**INFINITIVO PESSOAL**
Eu odiarei Tu odiarás Ele odiará Nós odiaremos Vós odiareis Eles odiarão	Eu odiaria Tu odiarias Ele odiaria Nós odiaríamos Vós odiaríeis Eles odiariam	odiar (eu) odiares (tu) odiar (ele) odiarmos (nós) odiardes (vós) odiarem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE	
(Realização gradual)	(Realização em breve)
Eu estou a odiar Tu estás a odiar Ele está a odiar Nós estamos a odiar Vós estais a odiar Eles estão a odiar	Eu vou odiar Tu vais odiar Ele vai odiar Nós vamos odiar Vós ides odiar Eles vão odiar

Nota: Do mesmo modo se conjugam os verbos **ansiar**, **incendiar**, **mediar**, **premiar**, **remediar**, etc.

OUVIR

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu ouço (oiço) Tu ouves Ele ouve Nós ouvimos Vós ouvis Eles ouvem	Que eu ouça (oiça) Que tu ouças (oiças) Que ele ouça (oiça) Que nós ouçamos (oiçamos) Que vós ouçais (oiçais) Que eles ouçam (oiçam)	Não ouças (tu) Não ouça (você) Não ouçamos (nós) Não ouçais (vós) Não ouçam (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**IMPERATIVO AFIRMATIVO**
Eu ouvia Tu ouvias Ele ouvia Nós ouvíamos Vós ouvíeis Eles ouviam	Se eu ouvisse Se tu ouvisses Se ele ouvisse Se nós ouvíssemos Se vós ouvísseis Se eles ouvissem	ouve (tu) ouça (você) ouçamos (nós) ouvi (vós) ouçam (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	**FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**GERÚNDIO**
Eu ouvi Tu ouviste Ele ouviu Nós ouvimos Vós ouvistes Eles ouviram	Quando eu ouvir Quando tu ouvires Quando ele ouvir Quando nós ouvirmos Quando vós ouvirdes Quando eles ouvirem	ouvindo **PARTICÍPIO PASSADO** ouvido
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO**	**INFINITIVO IMPESSOAL**
Eu ouvira Tu ouviras Ele ouvira Nós ouvíramos Vós ouvíreis Eles ouviram	Eu tinha ouvido Tu tinhas ouvido Ele tinha ouvido Nós tínhamos ouvido Vós tínheis ouvido Eles tinham ouvido	ouvir
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	**CONDICIONAL PRESENTE**	**INFINITIVO PESSOAL**
Eu ouvirei Tu ouvirás Ele ouvirá Nós ouviremos Vós ouvireis Eles ouvirão	Eu ouviria Tu ouvirias Ele ouviria Nós ouviríamos Vós ouviríeis Eles ouviriam	ouvir (eu) ouvires (tu) ouvir (ele) ouvirmos (nós) ouvirdes (vós) ouvirem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE (Realização gradual)	(Realização em breve)
Eu estou a ouvir Tu estás a ouvir Ele está a ouvir Nós estamos a ouvir Vós estais a ouvir Eles estão a ouvir	Eu vou ouvir Tu vais ouvir Ele vai ouvir Nós vamos ouvir Vós ides ouvir Eles vão ouvir

PAGAR

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu pago Tu pagas Ele paga Nós pagamos Vós pagais Eles pagam	Que eu pague Que tu pagues Que ele pague Que nós paguemos Que vós pagueis Que eles paguem	Não pagues (tu) Não pague (você) Não paguemos (nós) Não pagueis (vós) Não paguem (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**IMPERATIVO AFIRMATIVO**
Eu pagava Tu pagavas Ele pagava Nós pagávamos Vós pagáveis Eles pagavam	Se eu pagasse Se tu pagasses Se ele pagasse Se nós pagássemos Se vós pagásseis Se eles pagassem	paga (tu) pague (você) paguemos (nós) pagueis (vós) paguem (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	**FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**GERÚNDIO**
Eu paguei Tu pagaste Ele pagou Nós pagámos Vós pagastes Eles pagaram	Quando eu pagar Quando tu pagares Quando ele pagar Quando nós pagarmos Quando vós pagardes Quando eles pagarem	pagando **PARTICÍPIO PASSADO** pago
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO**	**INFINITIVO IMPESSOAL**
Eu pagara Tu pagaras Ele pagara Nós pagáramos Vós pagáreis Eles pagaram	Eu tinha pago Tu tinhas pago Ele tinha pago Nós tínhamos pago Vós tínheis pago Eles tinham pago	pagar
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	**CONDICIONAL PRESENTE**	**INFINITIVO PESSOAL**
Eu pagarei Tu pagarás Ele pagará Nós pagaremos Vós pagareis Eles pagarão	Eu pagaria Tu pagarias Ele pagaria Nós pagaríamos Vós pagaríeis Eles pagariam	pagar (eu) pagares (tu) pagar (ele) pagarmos (nós) pagardes (vós) pagarem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE	
(Realização gradual)	(Realização em breve)
Eu estou a pagar Tu estás a pagar Ele está a pagar Nós estamos a pagar Vós estais a pagar Eles estão a pagar	Eu vou pagar Tu vais pagar Ele vai pagar Nós vamos pagar Vós ides pagar Eles vão pagar

PASSEAR

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu passeio Tu passeias Ele passeia Nós passeamos Vós passeais Eles passeiam	Que eu passeie Que tu passeies Que ele passeie Que nós passeemos Que vós passeeis Que eles passeiem	Não passeies (tu) Não passeie (você) Não passeemos (nós) Não passeeis (vós) Não passeiem (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**IMPERATIVO AFIRMATIVO**
Eu passeava Tu passeavas Ele passeava Nós passeávamos Vós passeáveis Eles passeavam	Se eu passeasse Se tu passeasses Se ele passeasse Se nós passeássemos Se vós passeásseis Se eles passeassem	passeia (tu) passeie (você) passeemos (nós) passeai (vós) passeiem (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	**FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**GERÚNDIO**
Eu passeei Tu passeaste Ele passeou Nós passeámos Vós passeastes Eles passearam	Quando eu passear Quando tu passeares Quando ele passear Quando nós passearmos Quando vós passeardes Quando eles passearem	passeando **PARTICÍPIO PASSADO** passeado
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO**	**INFINITIVO IMPESSOAL**
Eu passeara Tu passearas Ele passeara Nós passeáramos Vós passeáreis Eles passearam	Eu tinha passeado Tu tinhas passeado Ele tinha passeado Nós tínhamos passeado Vós tínheis passeado Eles tinham passeado	passear
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	**CONDICIONAL PRESENTE**	**INFINITIVO PESSOAL**
Eu passearei Tu passearás Ele passeará Nós passearemos Vós passeareis Eles passearão	Eu passearia Tu passearias Ele passearia Nós passearíamos Vós passearíeis Eles passeariam	passear (eu) passeares (tu) passear (ele) passearmos (nós) passeardes (vós) passearem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE (Realização gradual)	 (Realização em breve)
Eu estou a passear Tu estás a passear Ele está a passear Nós estamos a passear Vós estais a passear Eles estão a passear	Eu vou passear Tu vais passear Ele vai passear Nós vamos passear Vós ides passear Eles vão passear

PEDIR

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu peço Tu pedes Ele pede Nós pedimos Vós pedis Eles pedem	Que eu peça Que tu peças Que ele peça Que nós peçamos Que vós peçais Que eles peçam	Não peças (tu) Não peça (você) Não peçamos (nós) Não peçais (vós) Não peçam (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
Eu pedia Tu pedias Ele pedia Nós pedíamos Vós pedíeis Eles pediam	Se eu pedisse Se tu pedisses Se ele pedisse Se nós pedíssemos Se vós pedísseis Se eles pedissem	pede (tu) peça (você) peçamos (nós) pedi (vós) peçam (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO	GERÚNDIO
Eu pedi Tu pediste Ele pediu Nós pedimos Vós pedistes Eles pediram	Quando eu pedir Quando tu pedires Quando ele pedir Quando nós pedirmos Quando vós pedirdes Quando eles pedirem	pedindo PARTICÍPIO PASSADO pedido
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO	INFINITIVO IMPESSOAL
Eu pedira Tu pediras Ele pedira Nós pedíramos Vós pedíreis Eles pediram	Eu tinha pedido Tu tinhas pedido Ele tinha pedido Nós tínhamos pedido Vós tínheis pedido Eles tinham pedido	pedir
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	CONDICIONAL PRESENTE	INFINITIVO PESSOAL
Eu pedirei Tu pedirás Ele pedirá Nós pediremos Vós pedireis Eles pedirão	Eu pediria Tu pedirias Ele pediria Nós pediríamos Vós pediríeis Eles pediriam	pedir (eu) pedires (tu) pedir (ele) pedirmos (nós) pedirdes (vós) pedirem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE (Realização gradual)	 (Realização em breve)
Eu estou a pedir Tu estás a pedir Ele está a pedir Nós estamos a pedir Vós estais a pedir Eles estão a pedir	Eu vou pedir Tu vais pedir Ele vai pedir Nós vamos pedir Vós ides pedir Eles vão pedir

PERDER

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu perco Tu perdes Ele perde Nós perdemos Vós perdeis Eles perdem	Que eu perca Que tu percas Que ele perca Que nós percamos Que vós percais Que eles percam	Não percas (tu) Não perca (você) Não percamos (nós) Não percais (vós) Não percam (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
Eu perdia Tu perdias Ele perdia Nós perdíamos Vós perdíeis Eles perdiam	Se eu perdesse Se tu perdesses Se ele perdesse Se nós perdêssemos Se vós perdêsseis Se eles perdessem	perde (tu) perca (você) percamos (nós) perdei (vós) percam (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO	GERÚNDIO
Eu perdi Tu perdeste Ele perdeu Nós perdemos Vós perdestes Eles perderam	Quando eu perder Quando tu perderes Quando ele perder Quando nós perdermos Quando vós perderdes Quando eles perderem	perdendo PARTICÍPIO PASSADO perdido
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO	INFINITIVO IMPESSOAL
Eu perdera Tu perderas Ele perdera Nós perdêramos Vós perdêreis Eles perderam	Eu tinha perdido Tu tinhas perdido Ele tinha perdido Nós tínhamos perdido Vós tínheis perdido Eles tinham perdido	perder
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	CONDICIONAL PRESENTE	INFINITIVO PESSOAL
Eu perderei Tu perderás Ele perderá Nós perderemos Vós perdereis Eles perderão	Eu perderia Tu perderias Ele perderia Nós perderíamos Vós perderíeis Eles perderiam	perder (eu) perderes (tu) perder (ele) perdermos (nós) perderdes (vós) perderem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE (Realização gradual)	(Realização em breve)
Eu estou a perder Tu estás a perder Ele está a perder Nós estamos a perder Vós estais a perder Eles estão a perder	Eu vou perder Tu vais perder Ele vai perder Nós vamos perder Vós ides perder Eles vão perder

PODER

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu posso	Que eu possa	
Tu podes	Que tu possas	- - -
Ele pode	Que ele possa	- - -
Nós podemos	Que nós possamos	- - -
Vós podeis	Que vós possais	- - -
Eles podem	Que eles possam	- - -
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**IMPERATIVO AFIRMATIVO**
Eu podia	Se eu pudesse	
Tu podias	Se tu pudesses	- - -
Ele podia	Se ele pudesse	- - -
Nós podíamos	Se nós pudéssemos	- - -
Vós podíeis	Se vós pudésseis	- - -
Eles podiam	Se eles pudessem	- - -
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	**FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**GERÚNDIO**
Eu pude	Quando eu puder	podendo
Tu pudeste	Quando tu puderes	
Ele pôde	Quando ele puder	**PARTICÍPIO PASSADO**
Nós pudemos	Quando nós pudermos	
Vós pudestes	Quando vós puderdes	
Eles puderam	Quando eles puderem	podido
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO**	**INFINITIVO IMPESSOAL**
Eu pudera	Eu tinha podido	
Tu puderas	Tu tinhas podido	
Ele pudera	Ele tinha podido	poder
Nós pudéramos	Nós tínhamos podido	
Vós pudéreis	Vós tínheis podido	
Eles puderam	Eles tinham podido	
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	**CONDICIONAL PRESENTE**	**INFINITIVO PESSOAL**
Eu poderei	Eu poderia	poder (eu)
Tu poderás	Tu poderias	poderes (tu)
Ele poderá	Ele poderia	poder (ele)
Nós poderemos	Nós poderíamos	podermos (nós)
Vós podereis	Vós poderíeis	poderdes (vós)
Eles poderão	Eles poderiam	poderem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE (Realização gradual)	 (Realização em breve)
Eu estou a poder	Eu vou poder
Tu estás a poder	Tu vais poder
Ele está a poder	Ele vai poder
Nós estamos a poder	Nós vamos poder
Vós estais a poder	Vós ides poder
Eles estão a poder	Eles vão poder

Nota : Há verbos cujo imperativo não se conjuga.

PÔR

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu ponho Tu pões Ele põe Nós pomos Vós pondes Eles põem	Que eu ponha Que tu ponhas Que ele ponha Que nós ponhamos Que vós ponhais Que eles ponham	Não ponhas (tu) Não ponha (você) Não ponhamos (nós) Não ponhais (vós) Não ponham (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
Eu punha Tu punhas Ele punha Nós púnhamos Vós púnheis Eles punham	Se eu pusesse Se tu pusesses Se ele pusesse Se nós puséssemos Se vós pusésseis Se eles pusessem	põe (tu) ponha (você) ponhamos (nós) ponde (vós) ponham (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO	GERÚNDIO
Eu pus Tu puseste Ele pôs Nós pusemos Vós pusestes Eles puseram	Quando eu puser Quando tu puseres Quando ele puser Quando nós pusermos Quando vós puserdes Quando eles puserem	pondo PARTICÍPIO PASSADO posto
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO	INFINITIVO IMPESSOAL
Eu pusera Tu puseras Ele pusera Nós puséramos Vós puséreis Eles puseram	Eu tinha posto Tu tinhas posto Ele tinha posto Nós tínhamos posto Vós tínheis posto Eles tinham posto	pôr
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	CONDICIONAL PRESENTE	INFINITIVO PESSOAL
Eu porei Tu porás Ele porá Nós poremos Vós poreis Eles porão	Eu poria Tu porias Ele poria Nós poríamos Vós poríeis Eles poriam	por (eu) pores (tu) por (ele) pormos (nós) pordes (vós) porem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE (Realização gradual)	PRESENTE (Realização em breve)
Eu estou a pôr Tu estás a pôr Ele está a pôr Nós estamos a pôr Vós estais a pôr Eles estão a pôr	Eu vou pôr Tu vais pôr Ele vai pôr Nós vamos pôr Vós ides pôr Eles vão pôr

Nota : Do mesmo modo se conjugam os seus derivados **contrapor**, **dispor**, **impor**, **propor**, etc.

POSSUIR

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu possuo Tu possuis Ele possui Nós possuímos Vós possuís Eles possuem	Que eu possua Que tu possuas Que ele possua Que nós possuamos Que vós possuais Que eles possuam	Não possuas (tu) Não possua (você) Não possuamos (nós) Não possuais (vós) Não possuam (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
Eu possuía Tu possuías Ele possuía Nós possuíamos Vós possuíeis Eles possuíam	Se eu possuísse Se tu possuísses Se ele possuísse Se nós possuíssemos Se vós possuísseis Se eles possuíssem	possui (tu) possua (você) possuamos (nós) possuí (vós) possuam (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO	GERÚNDIO
Eu possuí Tu possuíste Ele possuiu Nós possuímos Vós possuístes Eles possuíram	Quando eu possuir Quando tu possuíres Quando ele possuir Quando nós possuirmos Quando vós possuirdes Quando eles possuírem	possuindo PARTICÍPIO PASSADO possuído
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO	INFINITIVO IMPESSOAL
Eu possuíra Tu possuíras Ele possuíra Nós possuíramos Vós possuíreis Eles possuíram	Eu tinha possuído Tu tinhas possuído Ele tinha possuído Nós tínhamos possuído Vós tínheis possuído Eles tinham possuído	possuir
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	CONDICIONAL PRESENTE	INFINITIVO PESSOAL
Eu possuirei Tu possuirás Ele possuirá Nós possuiremos Vós possuireis Eles possuirão	Eu possuiria Tu possuirias Ele possuiria Nós possuiríamos Vós possuiríeis Eles possuiriam	possuir (eu) possuíres (tu) possuir (ele) possuirmos (nós) possuirdes (vós) possuírem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE (Realização gradual)	(Realização em breve)
Eu estou a possuir Tu estás a possuir Ele está a possuir Nós estamos a possuir Vós estais a possuir Eles estão a possuir	Eu vou possuir Tu vais possuir Ele vai possuir Nós vamos possuir Vós ides possuir Eles vão possuir

PRAZER

PRESENTE INDICATIVO		
Ele praz		
	PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO	
	Se ele prouvesse Se eles prouvessem	
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	**FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	
Ele prouve Eles prouveram	Quando ele prouver Quando eles prouverem	
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO		**INFINITIVO IMPESSOAL**
Ele prouvera		prazer

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE	
(Realização gradual)	**(Realização em breve)**

Nota : Há verbos em que algumas formas não se conjuga.

QUERER

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu quero Tu queres Ele quer Nós queremos Vós quereis Eles querem	Que eu queira Que tu queiras Que ele queira Que nós queiramos Que vós queirais Que eles queiram	- - - - - - - - - - - - - - -
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
Eu queria Tu querias Ele queria Nós queríamos Vós queríeis Eles queriam	Se eu quisesse Se tu quisesses Se ele quisesse Se nós quiséssemos Se vós quisésseis Se eles quisessem	- - - - - - - - - - - - - - -
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO	GERÚNDIO
Eu quis Tu quiseste Ele quis Nós quisemos Vós quisestes Eles quiseram	Quando eu quiser Quando tu quiseres Quando ele quiser Quando nós quisermos Quando vós quiserdes Quando eles quiserem	querendo PARTICÍPIO PASSADO querido
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO	INFINITIVO IMPESSOAL
Eu quisera Tu quiseras Ele quisera Nós quiséramos Vós quiséreis Eles quiseram	Eu tinha querido Tu tinhas querido Ele tinha querido Nós tínhamos querido Vós tínheis querido Eles tinham querido	querer
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	CONDICIONAL PRESENTE	INFINITIVO PESSOAL
Eu quererei Tu quererás Ele quererá Nós quereremos Vós querereis Eles quererão	Eu quereria Tu quererias Ele quereria Nós quereríamos Vós quereríeis Eles quereriam	querer (eu) quereres (tu) querer (ele) querermos (nós) quererdes (vós) quererem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE (Realização gradual)	(Realização em breve)
Eu estou a querer Tu estás a querer Ele está a querer Nós estamos a querer Vós estais a querer Eles estão a querer	Eu vou querer Tu vais querer Ele vai querer Nós vamos querer Vós ides querer Eles vão querer

Nota : Há verbos cujo imperativo não se conjuga.

RECUAR

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu recuo Tu recuas Ele recua Nós recuamos Vós recuais Eles recuam	Que eu recue Que tu recues Que ele recue Que nós recuemos Que vós recueis Que eles recuem	Não recues (tu) Não recue (você) Não recuemos (nós) Não recueis (vós) Não recuem (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**IMPERATIVO AFIRMATIVO**
Eu recuava Tu recuavas Ele recuava Nós recuávamos Vós recuáveis Eles recuavam	Se eu recuasse Se tu recuasses Se ele recuasse Se nós recuássemos Se vós recuásseis Se eles recuassem	recua (tu) recue (você) recuemos (nós) recuai (vós) recuem (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	**FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**GERÚNDIO**
Eu recuei Tu recuaste Ele recuou Nós recuámos Vós recuastes Eles recuaram	Quando eu recuar Quando tu recuares Quando ele recuar Quando nós recuarmos Quando vós recuardes Quando eles recuarem	recuando **PARTICÍPIO PASSADO** recuado
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO**	**INFINITIVO IMPESSOAL**
Eu recuara Tu recuaras Ele recuara Nós recuáramos Vós recuáreis Eles recuaram	Eu tinha recuado Tu tinhas recuado Ele tinha recuado Nós tínhamos recuado Vós tínheis recuado Eles tinham recuado	recuar
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	**CONDICIONAL PRESENTE**	**INFINITIVO PESSOAL**
Eu recuarei Tu recuarás Ele recuará Nós recuaremos Vós recuareis Eles recuarão	Eu recuaria Tu recuarias Ele recuaria Nós recuaríamos Vós recuaríeis Eles recuariam	recuar (eu) recuares (tu) recuar (ele) recuarmos (nós) recuardes (vós) recuarem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE (Realização gradual)	(Realização em breve)
Eu estou a recuar Tu estás a recuar Ele está a recuar Nós estamos a recuar Vós estais a recuar Eles estão a recuar	Eu vou recuar Tu vais recuar Ele vai recuar Nós vamos recuar Vós ides recuar Eles vão recuar

Nota : Da mesma forma se conjuga o verbo **habituar**, e seus derivados.

RESSARCIR

PRESENTE INDICATIVO	**PRESENTE CONJUNTIVO**	**IMPERATIVO NEGATIVO**
Eu ressarço Tu ressarces Ele ressarce Nós ressarcimos Vós ressarcis Eles ressarcem	Que eu ressarça Que tu ressarças Que ele ressarça Que nós ressarçamos Que vós ressarçais Que eles ressarçam	Não ressarças (tu) Não ressarça (você) Não ressarçamos (nós) Não ressarçais (vós) Não ressarçam (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**IMPERATIVO AFIRMATIVO**
Eu ressarcia Tu ressarcias Ele ressarcia Nós ressarcíamos Vós ressarcíeis Eles ressarciam	Se eu ressarcisse Se tu ressarcisses Se ele ressarcisse Se nós ressarcíssemos Se vós ressarcísseis Se eles ressarcissem	ressarce (tu) ressarça (você) ressarçamos (nós) ressarci (vós) ressarçam (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	**FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**GERÚNDIO**
Eu ressarci Tu ressarciste Ele ressarciu Nós ressarcimos Vós ressarcistes Eles ressarciram	Quando eu ressarcir Quando tu ressarcires Quando ele ressarcir Quando nós ressarcirmos Quando vós ressarcirdes Quando eles ressarcirem	ressarcindo **PARTICÍPIO PASSADO** ressarcido
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO**	**INFINITIVO IMPESSOAL**
Eu ressarcira Tu ressarciras Ele ressarcira Nós ressarcíramos Vós ressarcíreis Eles ressarciram	Eu tinha ressarcido Tu tinhas ressarcido Ele tinha ressarcido Nós tínhamos ressarcido Vós tínheis ressarcido Eles tinham ressarcido	ressarcir
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	**CONDICIONAL PRESENTE**	**INFINITIVO PESSOAL**
Eu ressarcirei Tu ressarcirás Ele ressarcirá Nós ressarciremos Vós ressarcireis Eles ressarcirão	Eu ressarciria Tu ressarcirias Ele ressarciria Nós ressarciríamos Vós ressarciríeis Eles ressarciriam	ressarcir (eu) ressarcires (tu) ressarcir (ele) ressarcirmos (nós) ressarcirdes (vós) ressarcirem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE	
(Realização gradual)	**(Realização em breve)**
Eu estou a ressarcir Tu estás a ressarcir Ele está a ressarcir Nós estamos a ressarcir Vós estais a ressarcir Eles estão a ressarcir	Eu vou ressarcir Tu vais ressarcir Ele vai ressarcir Nós vamos ressarcir Vós ides ressarcir Eles vão ressarcir

RIR

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu rio Tu ris Ele ri Nós rimos Vós rides Eles riem	Que eu ria Que tu rias Que ele ria Que nós riamos Que vós riais Que eles riam	Não rias (tu) Não ria (você) Não riamos (nós) Não riais (vós) Não riam (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**IMPERATIVO AFIRMATIVO**
Eu ria Tu rias Ele ria Nós ríamos Vós ríeis Eles riam	Se eu risse Se tu risses Se ele risse Se nós ríssemos Se vós rísseis Se eles rissem	ri (tu) ria (você) riamos (nós) ride (vós) riam (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	**FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**GERÚNDIO**
Eu ri Tu riste Ele riu Nós rimos Vós ristes Eles riram	Quando eu rir Quando tu rires Quando ele rir Quando nós rirmos Quando vós rirdes Quando eles rirem	rindo **PARTICÍPIO PASSADO** rido
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO**	**INFINITIVO IMPESSOAL**
Eu rira Tu riras Ele rira Nós ríramos Vós ríreis Eles riram	Eu tinha rido Tu tinhas rido Ele tinha rido Nós tínhamos rido Vós tínheis rido Eles tinham rido	rir
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	**CONDICIONAL PRESENTE**	**INFINITIVO PESSOAL**
Eu rirei Tu rirás Ele rirá Nós riremos Vós rireis Eles rirão	Eu riria Tu ririas Ele riria Nós riríamos Vós riríeis Eles ririam	rir (eu) rires (tu) rir (ele) rirmos (nós) rirdes (vós) rirem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE	
(Realização gradual)	(Realização em breve)
Eu estou a rir Tu estás a rir Ele está a rir Nós estamos a rir Vós estais a rir Eles estão a rir	Eu vou rir Tu vais rir Ele vai rir Nós vamos rir Vós ides rir Eles vão rir

Nota : Do mesmo modo se conjuga o verbo **sorrir**.

SABER

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu sei Tu sabes Ele sabe Nós sabemos Vós sabeis Eles sabem	Que eu saiba Que tu saibas Que ele saiba Que nós saibamos Que vós saibais Que eles saibam	Não saibas (tu) Não saiba (você) Não saibamos (nós) Não saibais (vós) Não saibam (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
Eu sabia Tu sabias Ele sabia Nós sabíamos Vós sabíeis Eles sabiam	Se eu soubesse Se tu soubesses Se ele soubesse Se nós soubéssemos Se vós soubésseis Se eles soubessem	sabe (tu) saiba (você) saibamos (nós) sabei (vós) saibam (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO	GERÚNDIO
Eu soube Tu soubeste Ele soube Nós soubemos Vós soubestes Eles souberam	Quando eu souber Quando tu souberes Quando ele souber Quando nós soubermos Quando vós souberdes Quando eles souberem	sabendo PARTICÍPIO PASSADO sabido
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO	INFINITIVO IMPESSOAL
Eu soubera Tu souberas Ele soubera Nós soubéramos Vós soubéreis Eles souberam	Eu tinha sabido Tu tinhas sabido Ele tinha sabido Nós tínhamos sabido Vós tínheis sabido Eles tinham sabido	saber
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	CONDICIONAL PRESENTE	INFINITIVO PESSOAL
Eu saberei Tu saberás Ele saberá Nós saberemos Vós sabereis Eles saberão	Eu saberia Tu saberias Ele saberia Nós saberíamos Vós saberíeis Eles saberiam	saber (eu) saberes (tu) saber (ele) sabermos (nós) saberdes (vós) saberem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE (Realização gradual)	(Realização em breve)
Eu estou a saber Tu estás a saber Ele está a saber Nós estamos a saber Vós estais a saber Eles estão a saber	Eu vou saber Tu vais saber Ele vai saber Nós vamos saber Vós ides saber Eles vão saber

SAIR

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu saio Tu sais Ele sai Nós saímos Vós saís Eles saem	Que eu saia Que tu saias Que ele saia Que nós saiamos Que vós saiais Que eles saiam	Não saias (tu) Não saia (você) Não saiamos (nós) Não saiais (vós) Não saiam (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
Eu saía Tu saías Ele saía Nós saíamos Vós saíeis Eles saíam	Se eu saísse Se tu saísses Se ele saísse Se nós saíssemos Se vós saísseis Se eles saíssem	sai (tu) saia (você) saiamos (nós) saí (vós) saiam (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO	GERÚNDIO
Eu saí Tu saíste Ele saiu Nós saímos Vós saístes Eles saíram	Quando eu sair Quando tu saíres Quando ele sair Quando nós sairmos Quando vós sairdes Quando eles saírem	saindo PARTICÍPIO PASSADO saído
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO	INFINITIVO IMPESSOAL
Eu saíra Tu saíras Ele saíra Nós saíramos Vós saíreis Eles saíram	Eu tinha saído Tu tinhas saído Ele tinha saído Nós tínhamos saído Vós tínheis saído Eles tinham saído	sair
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	CONDICIONAL PRESENTE	INFINITIVO PESSOAL
Eu sairei Tu sairás Ele sairá Nós sairemos Vós saireis Eles sairão	Eu sairia Tu sairias Ele sairia Nós sairíamos Vós sairíeis Eles sairiam	sair (eu) saíres (tu) sair (ele) sairmos (nós) sairdes (vós) saírem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE (Realização gradual)	 (Realização em breve)
Eu estou a sair Tu estás a sair Ele está a sair Nós estamos a sair Vós estais a sair Eles estão a sair	Eu vou sair Tu vais sair Ele vai sair Nós vamos sair Vós ides sair Eles vão sair

Nota : Do mesmo modo se conjugam os verbos **atrair**, **cair**, **contrair**, **distrair**, **esvair**, **retrair**, **trair**…

SEGUIR

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu sigo Tu segues Ele segue Nós seguimos Vós seguis Eles seguem	Que eu siga Que tu sigas Que ele siga Que nós sigamos Que vós sigais Que eles sigam	Não sigas (tu) Não siga (você) Não sigamos (nós) Não sigais (vós) Não sigam (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**IMPERATIVO AFIRMATIVO**
Eu seguia Tu seguias Ele seguia Nós seguíamos Vós seguíeis Eles seguiam	Se eu seguisse Se tu seguisses Se ele seguisse Se nós seguíssemos Se vós seguísseis Se eles seguissem	segue (tu) siga (você) sigamos (nós) segui (vós) sigam (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	**FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**GERÚNDIO**
Eu segui Tu seguiste Ele seguiu Nós seguimos Vós seguistes Eles seguiram	Quando eu seguir Quando tu seguires Quando ele seguir Quando nós seguirmos Quando vós seguirdes Quando eles seguirem	seguindo **PARTICÍPIO PASSADO** seguido
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO**	**INFINITIVO IMPESSOAL**
Eu seguira Tu seguiras Ele seguira Nós seguíramos Vós seguíreis Eles seguiram	Eu tinha seguido Tu tinhas seguido Ele tinha seguido Nós tínhamos seguido Vós tínheis seguido Eles tinham seguido	seguir
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	**CONDICIONAL PRESENTE**	**INFINITIVO PESSOAL**
Eu seguirei Tu seguirás Ele seguirá Nós seguiremos Vós seguireis Eles seguirão	Eu seguiria Tu seguirias Ele seguiria Nós seguiríamos Vós seguiríeis Eles seguiriam	seguir (eu) seguires (tu) seguir (ele) seguirmos (nós) seguirdes (vós) seguirem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE	
(Realização gradual)	**(Realização em breve)**
Eu estou a seguir Tu estás a seguir Ele está a seguir Nós estamos a seguir Vós estais a seguir Eles estão a seguir	Eu vou seguir Tu vais seguir Ele vai seguir Nós vamos seguir Vós ides seguir Eles vão seguir

SENTIR

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu sinto Tu sentes Ele sente Nós sentimos Vós sentis Eles sentem	Que eu sinta Que tu sintas Que ele sinta Que nós sintamos Que vós sintais Que eles sintam	Não sintas (tu) Não sinta (você) Não sintamos (nós) Não sintais (vós) Não sintam (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
Eu sentia Tu sentias Ele sentia Nós sentíamos Vós sentíeis Eles sentiam	Se eu sentisse Se tu sentisses Se ele sentisse Se nós sentíssemos Se vós sentísseis Se eles sentissem	sente (tu) sinta (você) sintamos (nós) senti (vós) sintam (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO	GERÚNDIO
Eu senti Tu sentiste Ele sentiu Nós sentimos Vós sentistes Eles sentiram	Quando eu sentir Quando tu sentires Quando ele sentir Quando nós sentirmos Quando vós sentirdes Quando eles sentirem	sentindo PARTICÍPIO PASSADO sentido
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO	INFINITIVO IMPESSOAL
Eu sentira Tu sentiras Ele sentira Nós sentíramos Vós sentíreis Eles sentiram	Eu tinha sentido Tu tinhas sentido Ele tinha sentido Nós tínhamos sentido Vós tínheis sentido Eles tinham sentido	sentir
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	CONDICIONAL PRESENTE	INFINITIVO PESSOAL
Eu sentirei Tu sentirás Ele sentirá Nós sentiremos Vós sentireis Eles sentirão	Eu sentiria Tu sentirias Ele sentiria Nós sentiríamos Vós sentiríeis Eles sentiriam	sentir (eu) sentires (tu) sentir (ele) sentirmos (nós) sentirdes (vós) sentirem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE	
(Realização gradual)	(Realização em breve)
Eu estou a sentir Tu estás a sentir Ele está a sentir Nós estamos a sentir Vós estais a sentir Eles estão a sentir	Eu vou sentir Tu vais sentir Ele vai sentir Nós vamos sentir Vós ides sentir Eles vão sentir

SER

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu sou Tu és Ele é Nós somos Vós sois Eles são	Que eu seja Que tu sejas Que ele seja Que nós sejamos Que vós sejais Que eles sejam	Não sejas (tu) Não seja (você) Não sejamos (nós) Não sejais (vós) Não sejam (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**IMPERATIVO AFIRMATIVO**
Eu era Tu eras Ele era Nós éramos Vós éreis Eles eram	Se eu fosse Se tu fosses Se ele fosse Se nós fossemos Se vós fosseis Se eles fossem	sê (tu) seja (você) sejamos (nós) sede (vós) sejam (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	**FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**GERÚNDIO**
Eu fui Tu foste Ele foi Nós fomos Vós fostes Eles foram	Quando eu for Quando tu fores Quando ele for Quando nós formos Quando vós fordes Quando eles forem	sendo **PARTICÍPIO PASSADO** sido
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO**	**INFINITIVO IMPESSOAL**
Eu fora Tu foras Ele fora Nós fôramos Vós fôreis Eles foram	Eu tinha sido Tu tinhas sido Ele tinha sido Nós tínhamos sido Vós tínheis sido Eles tinham sido	ser
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	**CONDICIONAL PRESENTE**	**INFINITIVO PESSOAL**
Eu serei Tu serás Ele será Nós seremos Vós sereis Eles serão	Eu seria Tu serias Ele seria Nós seríamos Vós seríeis Eles seriam	ser (eu) seres (tu) ser (ele) sermos (nós) serdes (vós) serem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE	
(Realização gradual)	(Realização em breve)
Eu estou a ser Tu estás a ser Ele está a ser Nós estamos a ser Vós estais a ser Eles estão a ser	Eu vou ser Tu vais ser Ele vai ser Nós vamos ser Vós ides ser Eles vão ser

SORTIR

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu surto Tu surtes Ele surte Nós sortimos Vós sortis Eu surtem	Que eu surta Que tu surtas Que ele surta Que nós surtamos Que vós surtais Que eles surtam	Não surtas (tu) Não surta (você) Não surtamos (nós) Não surtais (vós) Não surtam (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**IMPERATIVO AFIRMATIVO**
Eu sortia Tu sortias Ele sortia Nós sortíamos Vós sortíeis Eles sortiam	Se eu sortisse Se tu sortisses Se ele sortisse Se nós sortíssemos Se vós sortísseis Se eles sortissem	surte (tu) surta (você) surtamos (nós) surti (vós) surtam (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	**FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**GERÚNDIO**
Eu sorti Tu sortiste Ele sortiu Nós sortimos Vós sortistes Eles sortiram	Quando eu sortir Quando tu sortires Quando ele sortir Quando nós sortirmos Quando vós sortirdes Quando eles sortirem	sortindo **PARTICÍPIO PASSADO** sortido
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO**	**INFINITIVO IMPESSOAL**
Eu sortira Tu sortiras Ele sortira Nós sortíramos Vós sortíreis Eles sortiram	Eu tinha sortido Tu tinhas sortido Ele tinha sortido Nós tínhamos sortido Vós tínheis sortido Eles tinham sortido	sortir
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	**CONDICIONAL PRESENTE**	**INFINITIVO PESSOAL**
Eu sortirei Tu sortirás Ele sortirá Nós sortiremos Vós sortireis Eles sortirão	Eu sortiria Tu sortirias Ele sortiria Nós sortiríamos Vós sortiríeis Eles sortiriam	sortir (eu) sortires (tu) sortir (ele) sortirmos (nós) sortirdes (vós) sortirem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE (Realização gradual)	 (Realização em breve)
Eu estou a sortir Tu estás a sortir Ele está a sortir Nós estamos a sortir Vós estais a sortir Eles estão a sortir	Eu vou sortir Tu vais sortir Ele vai sortir Nós vamos sortir Vós ides sortir Eles vão sortir

SUBIR

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu subo Tu sobes Ele sobe Nós subimos Vós subis Eles sobem	Que eu suba Que tu subas Que ele suba Que nós subamos Que vós subais Que eles subam	Não subas (tu) Não suba (você) Não subamos (nós) Não subais (vós) Não subam (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**IMPERATIVO AFIRMATIVO**
Eu subia Tu subias Ele subia Nós subíamos Vós subíeis Eles subiam	Se eu subisse Se tu subisses Se ele subisse Se nós subíssemos Se vós subísseis Se eles subissem	sobe (tu) suba (você) subamos (nós) subi (vós) subam (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	**FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**GERÚNDIO**
Eu subi Tu subiste Ele subiu Nós subimos Vós subistes Eles subiram	Quando eu subir Quando tu subires Quando ele subir Quando nós subirmos Quando vós subirdes Quando eles subirem	subindo **PARTICÍPIO PASSADO** subido
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO**	**INFINITIVO IMPESSOAL**
Eu subira Tu subiras Ele subira Nós subíramos Vós subíreis Eles subiram	Eu tinha subido Tu tinhas subido Ele tinha subido Nós tínhamos subido Vós tínheis subido Eles tinham subido	subir
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	**CONDICIONAL PRESENTE**	**INFINITIVO PESSOAL**
Eu subirei Tu subirás Ele subirá Nós subiremos Vós subireis Eles subirão	Eu subiria Tu subirias Ele subiria Nós subiríamos Vós subiríeis Eles subiriam	subir (eu) subires (tu) subir (ele) subirmos (nós) subirdes (vós) subirem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE (Realização gradual)	 (Realização em breve)
Eu estou a subir Tu estás a subir Ele está a subir Nós estamos a subir Vós estais a subir Eles estão a subir	Eu vou subir Tu vais subir Ele vai subir Nós vamos subir Vós ides subir Eles vão subir

TER

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu tenho Tu tens Ele tem Nós temos Vós tendes Eles têm	Que eu tenha Que tu tenhas Que ele tenha Que nós tenhamos Que vós tenhais Que eles tenham	Não tenhas (tu) Não tenha (você) Não tenhamos (nós) Não tenhais (vós) Não tenham (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
Eu tinha Tu tinhas Ele tinha Nós tínhamos Vós tínheis Eles tinham	Se eu tivesse Se tu tivesses Se ele tivesse Se nós tivéssemos Se vós tivésseis Se eles tivessem	tem (tu) tenha (você) tenhamos (nós) tende (vós) tenham (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO	GERÚNDIO
Eu tive Tu tiveste Ele teve Nós tivemos Vós tivestes Eles tiveram	Quando eu tiver Quando tu tiveres Quando ele tiver Quando nós tivermos Quando vós tiverdes Quando eles tiverem	tendo PARTICÍPIO PASSADO tido
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO	INFINITIVO IMPESSOAL
Eu tivera Tu tiveras Ele tivera Nós tivéramos Vós tivéreis Eles tiveram	Eu tinha tido Tu tinhas tido Ele tinha tido Nós tínhamos tido Vós tínheis tido Eles tinham tido	ter
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	CONDICIONAL PRESENTE	INFINITIVO PESSOAL
Eu terei Tu terás Ele terá Nós teremos Vós tereis Eles terão	Eu teria Tu terias Ele teria Nós teríamos Vós teríeis Eles teriam	ter (eu) teres (tu) ter (ele) termos (nós) terdes (vós) terem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE	
(Realização gradual)	(Realização em breve)
Eu estou a ter Tu estás a ter Ele está a ter Nós estamos a ter Vós estais a ter Eles estão a ter	Eu vou ter Tu vais ter Ele vai ter Nós vamos ter Vós ides ter Eles vão ter

Nota : Do mesmo modo se conjugam os verbos **conter, deter, reter, manter etc**., mas os verbos tais como **cometer**, **meter**, **reverter** ou **verter** não se conjugam assim mas da mesma forma como o verbo **comer**.

TRAZER

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu trago Tu trazes Ele traz Nós trazemos Vós trazeis Eles trazem	Que eu traga Que tu tragas Que ele traga Que nós tragamos Que vós tragais Que eles tragam	Não tragas (tu) Não traga (você) Não tragamos (nós) Não tragais (vós) Não tragam (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
Eu trazia Tu trazias Ele trazia Nós trazíamos Vós trazíeis Eles traziam	Se eu trouxesse Se tu trouxesses Se ele trouxesse Se nós trouxéssemos Se vós trouxésseis Se eles trouxessem	traz (tu) traga (você) tragamos (nós) trazei (vós) tragam (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO	GERÚNDIO
Eu trouxe Tu trouxeste Ele trouxe Nós trouxemos Vós trouxestes Eles trouxeram	Quando eu trouxer Quando tu trouxeres Quando ele trouxer Quando nós trouxermos Quando vós trouxerdes Quando eles trouxerem	trazendo PARTICÍPIO PASSADO trazido
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO	INFINITIVO IMPESSOAL
Eu trouxera Tu trouxeras Ele trouxera Nós trouxéramos Vós trouxéreis Eles trouxeram	Eu tinha trazido Tu tinhas trazido Ele tinha trazido Nós tínhamos trazido Vós tínheis trazido Eles tinham trazido	trazer
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	CONDICIONAL PRESENTE	INFINITIVO PESSOAL
Eu trarei Tu trarás Ele trará Nós traremos Vós trareis Eles trarão	Eu traria Tu trarias Ele traria Nós traríamos Vós traríeis Eles trariam	trazer (eu) trazeres (tu) trazer (ele) trazermos (nós) trazerdes (vós) trazerem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE (Realização gradual)	(Realização em breve)
Eu estou a trazer Tu estás a trazer Ele está a trazer Nós estamos a trazer Vós estais a trazer Eles estão a trazer	Eu vou trazer Tu vais trazer Ele vai trazer Nós vamos trazer Vós ides trazer Eles vão trazer

VALER

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu valho Tu vales Ele vale Nós valemos Vós valeis Eles valem	Que eu valha Que tu valhas Que ele valha Que nós valhamos Que vós valhais Que eles valham	Não valhas (tu) Não valha (você) Não valhamos (nós) Não valhais (vós) Não valham (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
Eu valia Tu valias Ele valia Nós valíamos Vós valíeis Eles valiam	Se eu valesse Se tu valesses Se ele valesse Se nós valêssemos Se vós valêsseis Se eles valessem	vale (tu) valha (você) valhamos (nós) valei (vós) valham (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO	GERÚNDIO
Eu vali Tu valeste Ele valeu Nós valemos Vós valestes Eles valeram	Quando eu valer Quando tu valeres Quando ele valer Quando nós valermos Quando vós valerdes Quando eles valerem	valendo PARTICÍPIO PASSADO valido
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO	INFINITIVO IMPESSOAL
Eu valera Tu valeras Ele valera Nós valêramos Vós valêreis Eles valeram	Eu tinha valido Tu tinhas valido Ele tinha valido Nós tínhamos valido Vós tínheis valido Eles tinham valido	valer
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	CONDICIONAL PRESENTE	INFINITIVO PESSOAL
Eu valerei Tu valerás Ele valerá Nós valeremos Vós valereis Eles valerão	Eu valeria Tu valerias Ele valeria Nós valeríamos Vós valeríeis Eles valeriam	valer (eu) valeres (tu) valer (ele) valermos (nós) valerdes (vós) valerem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE (Realização gradual)	(Realização em breve)
Eu estou a valer Tu estás a valer Ele está a valer Nós estamos a valer Vós estais a valer Eles estão a valer	Eu vou valer Tu vais valer Ele vai valer Nós vamos valer Vós ides valer Eles vão valer

Nota : Do mesmo modo se conjuga o verbo **equivaler**.

VER

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu vejo Tu vês Ele vê Nós vemos Vós vedes Eles vêem	Que eu veja Que tu vejas Que ele veja Que nós vejamos Que vós vejais Que eles vejam	Não vejas (tu) Não veja (você) Não vejamos (nós) Não vejais (vós) Não vejam (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
Eu via Tu vias Ele via Nós víamos Vós víeis Eles viam	Se eu visse Se tu visses Se ele visse Se nós víssemos Se vós vísseis Se eles vissem	vê (tu) veja (você) vejamos (nós) vede (vós) vejam (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO	GERÚNDIO
Eu vi Tu viste Ele viu Nós vimos Vós vistes Eles viram	Quando eu vir Quando tu vires Quando ele vir Quando nós virmos Quando vós virdes Quando eles virem	vendo PARTICÍPIO PASSADO visto
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO	INFINITIVO IMPESSOAL
Eu vira Tu viras Ele vira Nós víramos Vós víreis Eles viram	Eu tinha visto Tu tinhas visto Ele tinha visto Nós tínhamos visto Vós tínheis visto Eles tinham visto	ver
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	CONDICIONAL PRESENTE	INFINITIVO PESSOAL
Eu verei Tu verás Ele verá Nós veremos Vós vereis Eles verão	Eu veria Tu verias Ele veria Nós veríamos Vós veríeis Eles veriam	ver (eu) veres (tu) ver (ele) vermos (nós) verdes (vós) verem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE (Realização gradual)	(Realização em breve)
Eu estou a ver Tu estás a ver Ele está a ver Nós estamos a ver Vós estais a ver Eles estão a ver	Eu vou ver Tu vais ver Ele vai ver Nós vamos ver Vós ides ver Eles vão ver

Nota : Do mesmo modo se conjugam os seus derivados **antever**, **entrever**, **prever**, **rever**, etc.

VIR

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu venho Tu vens Ele vem Nós vimos Vós vindes Eles vêm	Que eu venha Que tu venhas Que ele venha Que nós venhamos Que vós venhais Que eles venham	Não venhas (tu) Não venha (você) Não venhamos (nós) Não venhais (vós) Não venham (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**IMPERATIVO AFIRMATIVO**
Eu vinha Tu vinhas Ele vinha Nós vínhamos Vós vínheis Eles vinham	Se eu viesse Se tu viesses Se ele viesse Se nós viéssemos Se vós viésseis Se eles viessem	vem (tu) venha (você) venhamos (nós) vinde (vós) venham (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	**FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**GERÚNDIO**
Eu vim Tu vieste Ele veio Nós viemos Vós viestes Eles vieram	Quando eu vier Quando tu vieres Quando ele vier Quando nós viermos Quando vós vierdes Quando eles vierem	vindo **PARTICÍPIO PASSADO** vindo
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO**	**INFINITIVO IMPESSOAL**
Eu viera Tu vieras Ele viera Nós viéramos Vós viéreis Eles vieram	Eu tinha vindo Tu tinhas vindo Ele tinha vindo Nós tínhamos vindo Vós tínheis vindo Eles tinham vindo	vir
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	**CONDICIONAL PRESENTE**	**INFINITIVO PESSOAL**
Eu virei Tu virás Ele virá Nós viremos Vós vireis Eles virão	Eu viria Tu virias Ele viria Nós viríamos Vós viríeis Eles viriam	vir (eu) vires (tu) vir (ele) virmos (nós) virdes (vós) virem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE	
(Realização gradual)	(Realização em breve)
Eu estou a vir Tu estás a vir Ele está a vir Nós estamos a vir Vós estais a vir Eles estão a vir	

Nota : Do mesmo modo se conjugam os verbos **advir**, **avir-se**, **convir**, **intervir**, **provir**, **sobrevir**…

VOAR

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu voo Tu voas Ele voa Nós voamos Vós voais Eles voam	Que eu voe Que tu voes Que ele voe Que nós voemos Que vós voeis Que eles voem	Não voes (tu) Não voe (você) Não voemos (nós) Não voeis (vós) Não voem (vocês)
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
Eu voava Tu voavas Ele voava Nós voávamos Vós voáveis Eles voavam	Se eu voasse Se tu voasses Se ele voasse Se nós voássemos Se vós voásseis Se eles voassem	voa (tu) voe (você) voemos (nós) voai (vós) voem (vocês)
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO	GERÚNDIO
Eu voei Tu voaste Ele voou Nós voámos Vós voastes Eles voaram	Quando eu voar Quando tu voares Quando ele voar Quando nós voarmos Quando vós voardes Quando eles voarem	voando PARTICÍPIO PASSADO voado
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO	INFINITIVO IMPESSOAL
Eu voara Tu voaras Ele voara Nós voáramos Vós voáreis Eles voaram	Eu tinha voado Tu tinhas voado Ele tinha voado Nós tínhamos voado Vós tínheis voado Eles tinham voado	voar
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	CONDICIONAL PRESENTE	INFINITIVO PESSOAL
Eu voarei Tu voarás Ele voará Nós voaremos Vós voareis Eles voarão	Eu voaria Tu voarias Ele voaria Nós voaríamos Vós voaríeis Eles voariam	voar (eu) voares (tu) voar (ele) voarmos (nós) voardes (vós) voarem (eles)

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE	
(Realização gradual)	(Realização em breve)
Eu estou a voar Tu estás a voar Ele está a voar Nós estamos a voar Vós estais a voar Eles estão a voar	Eu vou voar Tu vais voar Ele vai voar Nós vamos voar Vós ides voar Eles vão voar

VERBO	PARTICÍPIO (FORMA REGULAR)	PARTICÍPIO (FORMA IRREGULAR)
abrir		aberto
abstrair	abstraído	abstracto
aceitar	aceitado	aceite ou aceito
acender	acendido	aceso
afeiçoar	afeiçoado	afecto
afligir	afligido	aflito
agradecer	agradecido	grato
anexar	anexado	anexo
assentar	assentado	assente
atender	atendido	atento
benzer	benzido	bento
cativar	cativado	cativo
cegar	cegado	cego
cobrir	cobrido	coberto
completar	completado	completo
concluir	concluído	concluso
confundir	confundido	confuso
convencer	convencido	convicto
corrigir	corrigido	correcto
corromper	corrompido	corrupto
cultivar	cultivado	culto
defender	defendido	defeso
descalçar	descalçado	descalço
dispersar	dispersado	disperso
dizer		dito
eleger	elegido	eleito
emergir	emergido	emerso
empregar	empregado	empregue
encarregar	encarregado	encarregue
encher	enchido	cheio
entregar	entregado	entregue
enxugar	enxugado	enxuto
envolver	envolvido	envolto
erigir	erigido	erecto
escrever		escrito
expressar	expressado	expresso
exprimir	exprimido	expresso
expulsar	expulsado	expulso
extinguir	extinguido	extinto

VERBOS	**PARTICÍPIO (FORMA REGULAR)**	**PARTICÍPIO (FORMA IRREGULAR)**
fartar	fartado	farto
fazer		feito
findar	findado	findo
fixar	fixado	fixo
frigir	frigido	frito
ganhar	ganhado	ganho
gastar	gastado	gasto
imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso
incluir	incluído	incluso
incorrer	incorrido	incurso
infectar	infectado	infecto
inquietar	inquietado	inquieto
inserir	inserido	inserto
inverter	invertido	inverso
isentar	isentado	isento
juntar	juntado	junto
libertar	libertado	liberto
limpar	limpado	limpo
manifestar	manifestado	manifesto
matar	matado	morto
morrer	morrido	morto
murchar	murchado	murcho
nascer	nascido	nato ou nado
ocultar	ocultado	oculto
omitir	omitido	omisso
oprimir	oprimido	opresso
pagar		pago
perverter	pervertido	perverso
pôr		posto
prender	prendido	preso
pretender	pretendido	pretenso
repelir	repelido	repulso
restringir	restringido	restrito
resolver	resolvido	resoluto
revolver	revolvido	revolto
romper	rompido	roto
salvar	salvado	salvo
secar	secado	seco

VERBOS	**PARTICÍPIO (FORMA REGULAR)**	**PARTICÍPIO (FORMA IRREGULAR)**
segurar	segurado	seguro
sepultar	sepultado	sepulto
situar	situado	sito
soltar	soltado	solto
submeter	submetido	submisso
submergir	submergido	submerso
sujeitar	sujeitado	sujeito
surgir	surgido	surto
surpreender	surpreendido	surpreso
suspeitar	suspeitado	suspeito
suspender	suspendido	suspenso
tingir	tingido	tinto
torcer	torcido	torto
vagar	vagado	vago
ver		visto
vir		vindo

Nota:

1 - Muitas destas formas, regulares e irregulares, **usam-se como simples adjectivos - pessoa submissa, campo revolvido, candidato eleito,** etc.

2 - **Daí a designação de adjectivos verbais**, pois **atribuem** ao substantivo uma **qualidade** resultante da **acção praticada pelo verbo**.

3 - Empregarás o **particípio regular** com o **verbos auxiliares ter** e **haver** e o **particípio irregular** com os **verbos auxiliares ser** e **estar**.

4 - Verbos que apresentam somente o particípio irregular, mantêm a mesma forma para os seus derivados, por exemplo: entre**aberto**, de entre**abrir**; des**dito**, de des**dizer**; re**escrito**, de re**escrever**; contra**feito**, de contra**fazer**; im**posto**, de im**por**; pre**visto**, de pre**ver**; etc.

PRESENTE INDICATIVO	**PRESENTE CONJUNTIVO**	**IMPERATIVO NEGATIVO**
陳述式 現在時	虛擬式 現在時	否定 命令式
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**IMPERATIVO AFIRMATIVO**
陳述式 過去未完成時	虛擬式 過去未完成時	命令式
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	**FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO**	**GERÚNDIO**
陳述式 簡單過去完成時	虛擬式 簡單將來時	副動詞簡單式 **PARTICÍPIO PASSADO** 過去分詞
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	**PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO**	**INFINITIVO IMPESSOAL**
陳述式 簡單先過去時	陳述式 复合先過去時	不定式 無人稱簡單式
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	**CONDICIONAL PRESENTE**	**INFINITIVO PESSOAL**
陳述式 簡單現在將來時	簡單過去將來時	不定式 有人稱簡單式

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE **(Realização gradual)**	**(Realização em breve)**
复合現在時 進行式	复合現在時 將來式

PRESENTE INDICATIVO	PRESENTE CONJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO IMPERFEITO CONJUNTIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO
PRETÉRITO PERFEITO INDICATIVO	FUTURO IMPERFEITO CONJUNTIVO	GERÚNDIO
		PARTICÍPIO PASSADO
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO INDICATIVO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO INDICATIVO	INFINITIVO IMPESSOAL
FUTURO IMPERFEITO INDICATIVO	CONDICIONAL PRESENTE	INFINITIVO PESSOAL

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA PRESENTE	
(Realização gradual)	(Realização em breve)

BIBLIOGRAFIAS

— Margarida Areias e Maria Isabel Saraiva, «Gramática da Língua Portuguesa», 3ª edição, 1978.

— Emídio Silva e António Tavares, «Dicionário dos Verbos Portugueses», Dicionário Editora - Porto Editora, Lda., 1988.

— «Dicionário Conciso Português-Chinês», Pequim, ISBN 7-100-01445-X, 1994.

— Cheng Ting Au (鄭定歐), «Gramática de Português», Edição da Direcção dos Serviços de Educação e Juventude, ISBN 972-8091-17-6, 1995.

— José Manuel de Castro Pinto, Manuela Parreira e Maria do Céu Vieira Lopes, «Gramática do Português Moderno», Plátano Editora, ISBN 972-621-822-5, 4ª edição, 1996.

— Wang Suoying (王鎖瑛) e Lu Yanbin (魯晏賓) , «Gramática da Língua Portuguesa», Edição do Institvto Portvgvês do Oriente, ISBN 972-8013-19-1, 1ª edição, 1996.

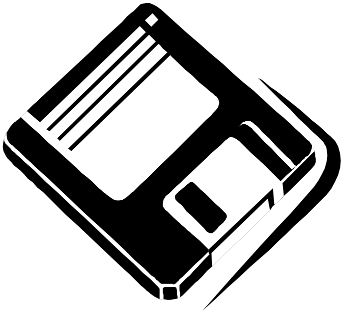

(Impresso válido até finais 1998)

VERBOS

PROGRAMA

Instruções para instalação em Windows 95:
1. *Insira o **Disco 1** na unidade de disco **A***
2. *Pressione o botão **Start***
3. *Selecione **Run***
4. *Digite **A:\Setup.exe** e pressione o botão **Ok***

© JVR, 1996. Todos direitos reservados.

IMPRESSO PARA ENCOMENDA

(PREENCHER COM LETRAS MAIÚSCULAS)

Nome ____________________________________

Morada ____________________________________

Código Postal ____________________________________

Cidade __________________ **País** __________________

☑ Sim, eu desejava encomendar ____ cópias de **VERBOS 2.00** para Windows 95, ao preço de Mop$80.00 cada, em disquete de tamanho ☐ 3½ ou ☐ 5¼". Para destinos fora de Macau, é necessário pagar adicionalmente para efeitos de embalagem e porte de correios a quantia de Mop$280.00 para cada cópia individual.

Favor preencher os seus dados pessoais e juntar o seu cheque pagável a **José Victor do Rosário Júnior**. Para informações adicionais, favor de escrever para **11,Caminho dos Artilheiros, D-1, Macau, (Sul da China).**

Telefone __________________ **Fax** __________________

Assinatura __________________________ **Data** ___/___/___

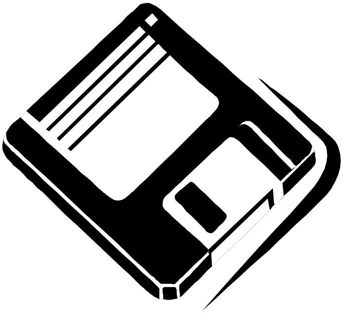

(Order form valid until end 1998)

VERBOS

SOFTWARE
葡文動詞軟件

Instruções para instalação em Windows 95:
1. *Insira o **Disco 1** na unidade de disco **A***
2. *Pressione o botão **Start***
3. *Selecione **Run***
4. *Digite **A:\Setup.exe** e pressione o botão **Ok***

© JVR, 1996. Todos direitos reservados.

SOFTWARE ORDER FORM

請以英文正楷填寫下列資料

姓名 ____________________

地址 ____________________

郵區編號 ____________________

城市 ____________ 國家 ____________

☑ 本人欲訂購 **Windows 95 VERBOS 2.0** ____ 份，每份價格爲 **$80.00** 澳門幣，磁碟爲□ **3½”** 或 □ **5¼”**。
倘送貨地點非爲本澳時，須另付 **$280.00** 澳門幣包裝費及郵費。

訂購者請於有關表格上填寫個人資料及在支票之抬頭人填寫 **José Victor do Rosário Júnior** 如欲查詢詳情，請致函 **11, Caminho dos Artilheiros, D-1, Macau, (Sul da China).**

電話 ____________ 圖文傳眞 ____________

簽名 ____________ 日期 ____________

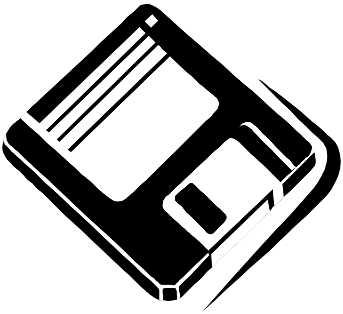

(Order form valid until end 1998)

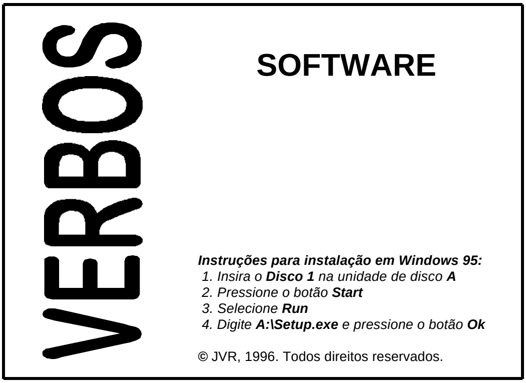

VERBOS

SOFTWARE

Instruções para instalação em Windows 95:
1. *Insira o **Disco 1** na unidade de disco **A***
2. *Pressione o botão **Start***
3. *Selecione **Run***
4. *Digite **A:\Setup.exe** e pressione o botão **Ok***

© JVR, 1996. Todos direitos reservados.

SOFTWARE ORDER FORM

(Please use ONLY BLOCK LETTERS)

Name ______________________________

Address ______________________________

Postal Code ______________________________

City ____________________ **Country** ____________________

☑ Yes, I would like to order ____ copies of **VERBOS 2.00** for Windows 95, at Mop$80.00 each, in ☐ 3½" size or ☐ 5¼" size diskettes. Outside Macau please include additional packing and postage fee at Mop$280.00 for each individual copy.

Please complete the order form above and make your cheque payable to **José Victor do Rosário Júnior**. For further information, please write to **11, Caminho dos Artilheiros, D-1, Macau, (South of China).**

Telephone ____________________ **Fax** ____________________

Signature ______________________________ **Date** ___/___/___

ÍNDICE

B

bibliografias, 88

C

conjugação, 5
    passiva, 22
    perifrástica, 19
    pronominal, 9
    pronominal (amar), 10
    pronominal (comer), 11
    pronominal (partir), 12
CONJUGAÇÃO
    pronominal recíproca, 14

D

definição
    conjugação pronominal, 9
    verbos, 1
    verbos irregulares, 5
    verbos regulares, 5

I

imperativo
    afirmativo, 20
    negativo, 20
introdução, 1

M

morfemas
    ar, 6
    er, 7
    ir, 8

P

particípio
    forma irregular, 83, 84, 85
    forma regular, 83, 84, 85

R

radical, 5

S

sufixos verbais, 21

T

tema, 5

V

verbos
    acudir, 27
    aderir, 28
    amar, 10
    andar, 23
    boiar, 29
    caber, 30
    cair, 31
    calçar, 32
    chover, 17
    cobrir, 33
    comer, 11, 24
    conduzir, 34
    conhecer, 35
    construir, 36
    crer, 37
    dar, 38
    despir, 39
    dirigir, 40
    dizer, 41

  dormir, 42
  eleger, 43
  erguer, 44
  estar, 45
  explodir, 46
  extorquir, 47
  fazer, 48
  ferir, 28
  ficar, 49
  fugir, 50
  haver, 26, 51
  ir, 52
  ler, 53
  medir, 54
  miar, 18
  moer, 55
  odiar, 56
  ouvir, 57
  pagar, 58
  partir, 12, 25
  passear, 59
  pedir, 60
  perder, 61
  poder, 62
  pôr, 5, 63
  possuir, 64
  prazer, 65
  querer, 66
  recuar, 67
  ressarcir, 68
  rir, 69
  saber, 70
  sair, 71
  seguir, 72
  sentir, 73
  ser, 22, 26, 74
  sortir, 75
  subir, 76
  ter, 26, 77
  trazer, 78
  valer, 79
  ver, 80
  vir, 81
  voar, 82
verbos auxiliares, 26
verbos causativos, 21
verbos defectivos, 17
verbos diminutivos, 21
verbos frequentativos, 21
verbos impessoais, 17
verbos incoativos, 21
verbos irregulares, 26
verbos pessoais, 17
verbos regulares terminados em
  (crêem, dêem, lêem e vêem), 16
  (têm e vêm), 16
  -air, 15, 31
  -car, 16, 49
  -çar, 16, 32
  -cer, 16, 34
  -cir, 16, 68
  -ear, 15, 59
  -gar, 16, 58
  -ger, 16, 43
  -gir, 16, 40
  -guer, 16, 44
  -guir, 16, 72
  -iar, 15, 56
  -oar, 15, 82
  -oer, 15, 55
  -oiar, 16, 29
  -uar, 15, 67
  -uir, 15, 36, 64
  -uzir, 16, 34
verbos terminados em ter
  cometer, 77
  conter, 77
  deter, 77
  manter, 77
  meter, 77
  reter, 77
  reverter, 77
  verter, 77
verbos unipessoais, 17
vogal temática, 5
voz passiva, 22

Dad Squarisi
Arlete Salvador

A ARTE DE ESCREVER BEM

um guia para jornalistas e profissionais do texto

editora contexto

Dad Squarisi
Arlete Salvador

A arte de escrever bem

um guia para jornalistas e profissionais do texto

editoracontexto

Copyright© 2004 Dad Squarisi e Arlete Salvador

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Contexto (Editora Pinsky Ltda.)

Projeto gráfico e diagramação
Gustavo S. Vilas Boas

Revisão
Luciana Salgado

Capa
Antonio Kehl

Foto Dad Squarisi
Aureliza Correa

Foto Arlete Salvador
Orlando Brito

Dados Internacionais de catalogação na publicação (CIP)
(câmara Brasileira do livro, SP, Brasil)

Squarisi, Dad
A arte de escrever bem : um guia para jornalistas e profissionais do texto / Dad Squarisi, Arlete Salvador. 7. ed., 2ª reimpressão. – São Paulo : Contexto, 2012.

Bibliografia
ISBN 978-85-7244-279-4

1. Arte de escrever 2. Jornalismo 3. Português - Estudo e ensino I. Salvador, Arlete. II. Título.

04-6760 CDD-808.0469

Índice para catálogo sistemático:
1. Arte de escrever : Português : Estudantes e jornalistas : Técnicas de redação 808.0469

EDITORA CONTEXTO
Diretor editorial: Jaime Pinsky

Rua Dr. José elias, 520 – Alto da Lapa
05083-030 – São Paulo – SP
PABX: (11) 3832 5838
contexto@editoracontexto.com.br
www.editoracontexto.com.br
2012

Proibida a reprodução total ou parcial.
Os infratores serão processados na forma da lei.

Para Augusto Marzagão,
mestre

Sumário

Apresentação
    É possível escrever bem

A garimpagem do óbvio

    A arte de pensar
    A pirâmide invertida
    O novo jornalismo

O texto jornalístico

    Dê passagem às frases curtas
    Prefira palavras curtas e simples
    Ponha as sentenças na forma positiva
    Opte pela voz ativa
    Escolha termos específicos
    Fique com as palavras concretas
    Restrinja a entrada de adjetivos
    Persiga a frase enxuta
    Seja conciso
    Corra atrás da frase harmoniosa
    Busque a clareza
    Teste a legibilidade do texto

Gêneros jornalísticos

    A força da notícia
        Reportagem factual
        A suíte

    - Reportagem especial
  - Declaração é notícia
    - A entrevista pingue-pongue
  - Gente é notícia
    - Perfil
    - Personagem
  - Opine, não ache
    - Editoriais
    - Artigos, colunas e análises
  - Quanto menor, melhor
  - Acessórios trabalhosos
    - Quente ou fria?

- Toque final
  - A ética das palavras
  - As penetras
  - Na boca do povo
  - Mesmeiros do texto
  - Lição do corpo
  - Samba da mistura doida
  - Mistérios do plural
  - Receita do cruz-credo
  - A ditadura da indústria
    - A faca dos editores
    - A pressão do fechamento

- Bibliografia

- As autoras

Apresentação

É possível escrever bem

Escrever está na moda. As novas tecnologias de comunicação, quem diria, ressuscitaram o valor da escrita. Já não se escrevem cartas como antigamente, mas concisas mensagens eletrônicas. Já não se admitem relatórios longos e complexos. Tempo é dinheiro. Relatórios devem ser objetivos e contundentes. E os vestibulares? Estudante não entra na faculdade se falhar na redação. Nunca se precisou tanto da escrita quanto agora.

Ensinar a escrever é tarefa para professores. Jornalistas podem contribuir para aprimorar a técnica de repórteres mais jovens. Profissionais da imprensa são forjados na prática. Trabalham com a experiência adquirida ao longo dos anos de atividade. Gerações deles foram educadas nos gritos das redações e na humilhação pública, quando suas matérias eram jogadas na lata do lixo.

Ajuda vale mais que gritos. Este livro se propõe ajudar estudantes a escrever bem. Temos clareza das limitações do desafio. Escrever é atividade complexa, resultado de boa alfabetização, hábito da leitura, formação intelectual, acesso a boas fontes de informação e muita, muita prática. Além, é claro, de algo que vem de Deus ou do DNA, quem sabe? – o talento individual.

Não temos o poder de distribuir talento. Nosso papel é contribuir para preencher os outros requisitos – os que dependem do esforço pessoal e da persistência dos interessados em desenvolver a habilidade de transformar objetivos em textos. Aqui estão orientações básicas para o manejo da língua usada na imprensa. Os leitores podem não se transformar em novos Machados de Assis, mas enfrentarão mais preparados o desafio de escrever. Os gênios, talentosos por natureza, não precisam de nós. Pelo contrário. Ensinam-nos.

Dad e Arlete

A garimpagem do óbvio

Separar alhos de bugalhos
é um longo caminho.
Sonia Racy

A literatura acadêmica é curta e grossa no capítulo em que ensina a escrever um texto jornalístico. O texto, pregam os teóricos, deve começar respondendo, logo de cara, a seis perguntas fundamentais:

O quê?
Quem?
Quando?
Onde?
Como?
Por quê?

E não é que é assim mesmo? Em jornais, rádios, televisões e na novíssima internet, as notícias são apresentadas nesse formato. Quando Willian Bonner abre o *Jornal Nacional* dizendo “uma bomba explodiu na Chechênia matando o presidente da província e 31 pessoas”, usa a estrutura mais simples e direta do jornalismo.

Trata-se de fórmula fácil de reconhecer. Ela está em todos os lugares e serve de esqueleto, por exemplo, para anúncios de missas de sétimo dia:

- *Familiares convidam para a missa de sétimo dia da morte de fulano de tal a se realizar no dia tal, igreja tal e horário tal.*

Ou para embalar notícias de crimes e acidentes:

- *Um motorista embriagado bateu de frente com outro veículo na avenida tal, ontem à noite, matando os quatro ocupantes. Entre eles estava uma criança de seis meses.*

Moleza? Não é. A maior dificuldade de repórteres e redatores é encontrar as respostas certas para as seis perguntas marotas. Eles se perdem no emaranhado de dados trazidos da rua. Sentem-se incapazes de dizer o que aconteceu. Enredados por informações às vezes conflitantes, mostram-se inaptos para reconhecer os fatos mais importantes.

Responder às seis perguntas básicas é exercício de garimpagem. Escondido embaixo de toneladas de dados secundários, coberto por montanhas de detalhes desnecessários e disfarçado sob camada fina de observações sofisticadas, jaz o diamante reluzente do óbvio. Sim, infelizmente, nada é mais difícil para o repórter do que identificar a obviedade de uma notícia.

Afinal, o que são as seis perguntas cruciais se não o reconhecimento da obviedade em qualquer evento? Preste atenção nas conversas do dia a dia, em especial naquelas sem grandes pretensões intelectuais, com amigos, marido, mulher e filhos sobre acontecimentos corriqueiros.

Você começa um papo com uma amiga. Conta que está namorando. Qual a primeira pergunta que a outra lhe fará? Óbvio: quem? À medida que você responde, outras questões virão: como é ele (o namorado)? Como você o conheceu? Onde se encontraram? Como decidiram namorar? Sem perceber, vocês estão seguindo o conteúdo e a estrutura necessária para a construção de pequena reportagem. Os teóricos do jornalismo sintetizaram a dinâmica das nossas conversas.

A arte de pensar

Penso, logo existo.
René Descartes

A receita para escrever texto jornalístico funciona bem porque ensina a pensar. Quem já passou horas diante de uma tela em branco do computador em dúvida sobre por onde começar sabe o que é angústia. Os mais velhos devem se lembrar das páginas arrancadas das máquinas de datilografia quando se instalava a tortura. O papel jogado na lata de lixo tinha a vantagem de materializar o peso do tormento na vida dos candidatos a Machado de Assis, Elio Gaspari ou Roberto Pompeu de Toledo. Com o computador, não há sinais visíveis do sofrimento, mas ele continua, firme e forte.

Tanta dor tem uma causa. O texto passa a existir muito antes de tomar corpo na tela. Nasce, primeiro, na cabeça do autor. A habilidade de escrever é resultado da habilidade de pensar – pensar de forma ordenada, lógica e prática. Sem esse exercício, não há como encher a tenebrosa tela branca.

Assim, gaste tempo pensando sobre o que você quer escrever e, só depois, com um roteiro à mão, sente-se à frente do traumatizante computador. Ele se transformará naquilo que é – valioso instrumento de trabalho. A fonte de onde brotarão ideias, frases inteligentes e conceitos consistentes está no cérebro. A máquina não substitui o maior e mais fascinante talento do homem, a capacidade de pensar. Graças a Deus.

Trace um plano de voo. Como? A seguir, daremos um roteiro. As regras não garantem o despertar de gênios, mas oferecem caminho seguro para chegar a texto informativo, sucinto e direto, características fundamentais no estilo jornalístico.

Faça um resumo da história como você faz quando um amigo lhe pergunta sobre a festa à qual ele não compareceu. Provavelmente, você diz: “A festa estava animada, cheia de gente bonita. A música era ótima e a comida, fabulosa”. Pronto, eis o resumo da sua história. Não o perca de vista. Seu objetivo será contar a narrativa em detalhes.

Responda às seis perguntas indicadas no início deste capítulo na ordem em que foram apresentadas. A primeira é o quê? A última, e mais difícil, é por quê? As respostas não devem ultrapassar duas linhas. Nunca, jamais, em tempo algum podem ser maiores do que duas linhas. Seja até avarento. Escreva menos ainda.

Enxugue o texto. Em jargão jornalístico, enxugar significa diminuir, cortar, mandar pras cucuias palavras e informações desnecessárias. Comece agora. Você ignorou a orientação para restringir-se a duas linhas? Passe a tesoura sem dó nem piedade.

Leia e releia o texto. Aproveite para checar as informações. Nome, cargos e títulos das pessoas estão corretos? Pode parecer bobagem, mas nada irrita mais os leitores e desacredita a informação que ver nomes publicados com a grafia errada. A recomendação vale para outros pormenores como localização de uma cidade, distâncias, número de leis.

Na dúvida, procure confirmação em dicionários, mapas, livros de referência e listas telefônicas. Se necessário, volte a telefonar para as fontes da matéria. Não se acanhe. Diga que não está seguro sobre um item e que não gostaria de publicá-lo de forma errada. Fontes sérias agradecerão o cuidado. Os leitores também.

Divida o texto em partes (retrancas). Cada uma aborda um tema referente à história principal e, claro, deve ter o próprio planejamento. Uma, por exemplo, pode descrever a mansão onde ocorreu a festa. Outra, dar destaque ao cozinheiro francês especialmente contratado para o evento.

A pirâmide invertida

O estilo nada mais é do que a ordem e o movimento postos em seu pensamento.
Conde de Buffon

O modelo de perguntas e respostas na construção do texto atende à estrutura clássica de apresentação de uma notícia – a pirâmide invertida. A técnica estreou em 1861 no jornal *The New York Times*, como forma de dar objetividade ao relato de um acontecimento. Consiste em pôr as informações mais importantes no primeiro parágrafo, respondendo “o quê? quem? quando? onde? como? por quê?”.

Nessa ordem, os pormenores essenciais aparecem primeiro. Na prática, conta-se a história do fim para o começo, daí o nome de pirâmide invertida. Nas duas últimas décadas, houve tentativas de mudança nos textos tradicionais, forçadas pelo fenômeno dos noticiários audiovisuais e pela internet. Os veículos

digitais, mais rápidos, divulgam as notícias em tempo real, comprometendo o papel dos veículos impressos.

No passado, além do rádio, os jornais eram as únicas fontes de informação disponíveis. Hoje, não é assim, mas eles continuam a ser produzidos como se fossem. Um exemplar de hoje apenas com notícias de ontem chega às bancas desatualizado. O leitor foi bombardeado pelas informações do rádio e da tevê. Muitos acompanharam a notícia na internet.

Tomemos como exemplo o aumento dos combustíveis. Quatro jornais nacionais publicaram a notícia na terça-feira – o fato foi manchete de todos eles – mas o anúncio foi feito no dia anterior. A decisão da estatal, portanto, estava no ar na própria segunda-feira, por meio dos noticiários on line, televisivos e radiofônicos. Motoristas mais atentos tiveram tempo de completar o tanque do carro para escapar do reajuste. Os jornais ignoraram essa realidade e trataram o reajuste como grande novidade. Não era. Era assunto de conhecimento amplo.

Veja os exemplos:

- *O primeiro aumento de preços da gasolina e do óleo diesel no governo de Luiz Inácio Lula da Silva entrou em vigor hoje. Depois de ter ficado um ano e meio sem aumento – em abril do ano passado houve queda – o preço da gasolina vendida pela Petrobras em suas refinarias subiu 10,8% e o do diesel, 10,6%, sem considerar os impostos. De acordo com o presidente da Petrobras, José Eduardo Dutra, o aumento médio para os consumidores deverá ficar em torno de 4,5%, no caso da gasolina, e de 6,4% para o óleo diesel, caso nenhum setor da cadeia aumente também suas margens de lucro. (O Globo)*

- *A Petrobras não resistiu à pressão e anunciou ontem o reajuste nos preços dos combustíveis nas refinarias. A gasolina aumenta 10,8% e o óleo diesel, 10,6%. O presidente da estatal, José Eduardo Dutra, explicou que a estabilização do preço internacional do petróleo acima dos US$ 35 por barril tornou insustentável a manutenção dos preços. Para o consumidor, segundo cálculos da empresa, a alta deve chegar a 4,5% no caso da gasolina e 6,4% no diesel. O aumento vale a partir de hoje. (O Estado de S. Paulo)*

- *A Petrobras anunciou ontem o primeiro aumento no preço dos combustíveis no governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva: a gasolina nas refinarias da estatal ficou 10,8% mais cara a partir da 0h de hoje. O diesel subiu 10,6%. A companhia calcula que o impacto para o consumidor será menor devido a questões tributárias e, no caso da gasolina, à mistura com o álcool (25%). A previsão da Petrobras é que a gasolina suba 4,5% nas bombas dos postos e o diesel, 6,4%, se as margens de lucro das distribuidoras forem mantidas. (Folha de S. Paulo)*

- *A Petrobras anunciou ontem o reajuste dos preços da gasolina e do diesel nas refinarias, a partir da zero hora de hoje, em 10,8% e 10,6%, respectivamente. Os postos deverão repassar aos consumidores um aumento de 4,5% a 5% na gasolina e de 6,5% no diesel, segundo estimativas da Federação Nacional do*

Comércio de Combustíveis (Fecombustíveis). (Jornal do Brasil)

Com pequenas alterações, as matérias são quase idênticas. Seguem o modelo de resposta às seis perguntas básicas do jornalista – o que, quem, quando, onde, como e por quê – sustentáculo da pirâmide invertida. Conclusão: apesar da resistência de muitos profissionais, o formato consagrado impera nas redações.

No livro *A arte de fazer um jornal diário*, o jornalista pernambucano radicado em Brasília Ricardo Noblat abomina matéria puramente factual. “Por favor, não me contem o que já sei”, diz ele. “Topo ler o que já sei se vocês acrescentarem informações que desconheço ou se me explicarem o que não entendi direito. Até topo ler sobre o que já sei se vocês anteciparem o que está por vir. Mas só nesses casos. As seções de horóscopo dos jornais não fazem tanto sucesso? Quantas pessoas não consultam cartomantes, videntes e toda sorte de gente que se diz apta a adivinhar o futuro? Não acredito nesse tipo de gente. Mas acredito que o sonho de todo mundo é ler hoje o jornal de amanhã. E acredito na possibilidade de profissionais competentes anteciparem fatos”.

Noblat tem sido defensor ardoroso de novo modelo de jornalismo diário capaz de ir além da apresentação dos acontecimentos de ontem. Mas também ele sofria do pavor das redações em apostar em matérias exclusivas e, com isso, comprometer a cobertura diária a que os leitores estão acostumados. Durante os dez anos em que dirigiu o *Correio Braziliense*, seguindo o modelo de jornalismo pouco dado ao factual, Noblat viveu essa contradição.

Ele exigia criatividade da equipe nas reuniões de pauta, mas cobrava notícias do dia no horário de fechamento. Viraram folclóricas suas visitas à redação às 8h da noite, quando não dá mais tempo para acrescentar nada. Os editores viviam em estado de alerta, tensos e inseguros sobre a edição. O que mais temiam era ouvir Noblat gritar:

– Temos isso?

Isso era um acontecimento do dia que ele lera nas edições dos jornais na internet ou ouvira no *Jornal Nacional*. Se não tivesse, o editor que tratasse de conseguir. E mais. E melhor, com recursos gráficos, artigos, interpretações e análises. Às 8h da noite! A cena era tão comum que um grupo de repórteres bem-humorados da editoria de Cidades criou uma banda de música chamada *Temos isso?*

O novo jornalismo

Uma boa reportagem se faz com
precisão, rigor e correção,
mas também e sobretudo com emoção.
Zuenir Ventura

A contestação ao modelo de pirâmide invertida não é recente. Nos anos 60, jornalistas como Tom Wolfe, Truman Capote, Gay Talese e Norman Mailler inovaram. Abandonaram a estrutura clássica de texto factual, acrescentando elementos literários. Criaram o Novo Jornalismo. Um dos textos mais conhecidos desse período é *A sangue frio*, de Truman Capote. Conta o assassinato de uma família de fazendeiros do Kansas, ocorrido em 1959. Capote investigou a história para um artigo da revista *The New Yorker*, mas o trabalho transformou-se em romance. Foi publicado em capítulos, virou livro e filme de cinema.

O Novo Jornalismo também desembarcou no Brasil na década de 60. O *Jornal da Tarde* e a revista *Realidade*, lançados nesse período, em São Paulo, chegaram ao mercado com a cara da novidade. O fenômeno durou pouco, mas ainda há quem reclame de saudades daquelas velhas e boas reportagens. A verdade é que, séculos e muita discussão teórica depois, a pirâmide invertida resiste na imprensa. Ainda é a técnica de redação mais usada nos meios de comunicação.

O texto jornalístico

A frase jornalística tem de estar construída de tal forma que não só se entenda bem, mas que não se possa entender de outra forma.

Íñigo Dominguez

Existe texto jornalístico? Existe. Ele se enquadra entre as redações profissionais. É feito para ser lido, entendido e, se possível, apreciado. O jornalista, como o empresário, o advogado, o economista, escreve de olho no destinatário. E aí reside a diferença.

O advogado, o economista e o empresário escrevem para um público conhecido. A petição do advogado destina-se ao juiz. A análise do economista, a economistas. O relatório do diretor, ao presidente da empresa. A matéria do jornal, aos leitores do jornal.

Quem são eles? A resposta engloba de A a Z. São pessoas de variados níveis de escolaridade. De variadas profissões. De variadas faixas etárias. De variados interesses. O desafio do repórter é se fazer entender por todos. Quem – apesar das diferenças – se aventurar a ler uma reportagem, entrevista ou comentário deve ter a impressão de que o texto foi escrito para ele.

Como chegar lá? Os ingredientes são três – linguagem clara, informações precisas e estilo atraente. Há técnicas simples e práticas capazes de orientar o redator. Nasceram do bom senso e da experiência de jornalistas e escritores que, provocados, encontraram respostas para o grande desafio: escrever para o leitor.

Para ser lido, entendido e apreciado, certo talento se impõe. Mas não é suficiente. Outros quesitos precisam ser contemplados. Entre eles, domínio do idioma, familiaridade com o assunto tratado, capacidade de leitura, disposição e coragem para enfrentar duras batalhas.

Os dados, o objetivo e o plano são os ingredientes. A forma de prepará-los é que dá o toque especial ao prato. Uma frase particularmente elegante, capaz de veicular com clareza e simplicidade a mensagem que você quer transmitir, é conquista pessoal, exercício diário de desapego, humildade e vontade de melhorar.

Com os dados à mão, objetivo definido e plano traçado, é hora de redigir. Como? Sem perder de vista o leitor. Lembre-se de duas dicas:

Seja natural – Imagine que o leitor esteja à sua frente ou ao telefone conversando com você. Fique à vontade. Espaceje as frases com pausas e, sempre que couber, com perguntas diretas. Confira a seus textos um toque humano. Você está escrevendo para as pessoas.

Seduza – Vá direto ao assunto. Comece pelo mais importante. E comece bem, com uma frase atraente, que lhe desperte o interesse e o estimule a prosseguir a leitura. No final, dê-lhe o prêmio: um fecho de ouro, como inesquecível sobremesa a coroar um lauto jantar.

William Strunk Jr, professor de altos estudos da língua inglesa, costumava dizer: “A prosa vigorosa é concisa. A frase não deve ter palavras desnecessárias nem o parágrafo frases desnecessárias, pela mesma razão que o desenho não deve ter linhas desnecessárias nem a máquina partes desnecessárias. Isso não quer dizer que o autor faça breves todas as suas frases, nem que evite todos os detalhes, nem que trate seus temas só na superfície: apenas que cada palavra conta”.

Os segredos do estilo mais eficiente podem ser resumidos em doze preceitos, relacionados a seguir.

Dê passagem às frases curtas

Uma frase longa não é nada mais que duas curtas.
Vinicius de Moraes

O leitor só consegue dominar determinado número de palavras antes que seus olhos peçam uma pausa. Se a frase for muito longa, ele se sentirá perdido, sem capacidade de compreender-lhe o completo significado. Prefira, por isso, sentenças de, no máximo, 150 toques.

A frase curta tem duas vantagens. Uma: diminui o número de erros. Com ela, tropeçamos menos nas conjunções, nas vírgulas e nas concordâncias. A outra: torna o texto mais claro. Clareza é, disparado, a maior qualidade do estilo. Montaigne, há quatrocentos anos, ensinou: “O estilo deve ter três qualidades – clareza, clareza, clareza”.

Como chegar lá? Vinicius de Moraes deu a dica. “Uma frase longa”, disse ele, “não é nada mais que duas curtas”. O *Manual de estilo da Editora Abril* abriu o jogo: “Na dúvida, use ponto”. O jeito, então, é desmembrar as compridonas. Eis algumas dicas:

a) Substitua o gerúndio por ponto:

- *Alunos recém-aprovados no vestibular chegarão à universidade no segundo semestre podendo, se forem estudiosos, concluir o curso em quatro anos, fazendo em seguida um curso de pós-graduação.*

Sem o gerúndio, o ar entra livre nos pulmões e, de quebra, o período ganha charme:

- *Alunos recém-aprovados no vestibular chegarão à universidade no segundo semestre do ano. Se forem estudiosos, poderão concluir o curso em quatro anos e, em seguida, fazer uma pós-graduação.*

b) Transforme a oração coordenada em novo período:

- *Pensei em construir uma rodoviária maior e mais moderna, pois a que temos dentro em pouco será insuficiente, mas os trabalhos a que me aventurei, necessários ao conforto dos viajantes, não me permitiram a execução de uma obra, embora útil, prorrogável.*

Com o ponto, dá pra respirar fundo:

- *Pensei em construir uma rodoviária maior e mais moderna, pois a que temos dentro em pouco será insuficiente. Mas os trabalhos a que me aventurei, necessários ao conforto dos viajantes, não me permitiram a execução de uma obra, embora útil, prorrogável.*

c) Livre-se do já que:

- *Os líderes europeus tiveram de falar em Ronald Reagan, já que a morte do cowboy presidente os surpreendeu reunidos em Paris na comemoração da passagem dos 60 anos do Dia D.*

Sem a duplinha:

- *Os líderes europeus tiveram de falar em Ronald Reagan. A morte do cowboy presidente os surpreendeu reunidos em Paris na comemoração da passagem dos 60 anos do Dia* D*.*

d) Isole as orações:

- *A visita-surpresa do presidente George W. Bush ao Iraque foi o fecho de ouro de uma semana farta de boas notícias e grandes golpes de marketing político do atual chefe de governo americano em busca da reeleição do ano que vem, pois o número revisado do crescimento do* PIB *dos Estados Unidos no terceiro trimestre e a aprovação de audacioso projeto de lei do Executivo para transformar o benefício de auxílio a aposentados na compra de medicamentos foram dois outros excelentes fatos políticos para Bush, que se somam à eleição de Arnold Schwarzenegger para o governo da Califórnia e de mais dois republicanos para os estados de Mississipi e Kentucky, antes sob o comando do Partido Democrata, de oposição ao presidente.*

Ufa! Venham, pontos:

- *A visita-surpresa do presidente George W. Bush ao Iraque foi o fecho de ouro de uma semana farta de boas notícias e grandes golpes de marketing político do atual chefe de governo americano em busca da reeleição. O número revisado do crescimento do* PIB *dos Estados Unidos no terceiro trimestre e a aprovação pelo Senado de audacioso projeto de lei do Executivo para transformar o benefício de auxílio a aposentados na compra de medicamentos foram dois outros excelentes fatos políticos para Bush. Eles se somam à eleição neste mês de Arnold Schwarzenegger para o governo da Califórnia e de mais dois republicanos para os estados do Mississipi e Kentucky, antes sob o comando do Partido Democrata, de oposição ao presidente.*

Moral da história: homem é homem. Mulher é mulher. Ponto é ponto.

e) Seja sovina:

- *Troque a oração adjetiva por adjetivo: Quem escreve animal que se alimenta de carne quer dizer animal carnívoro; pessoa que planta café, cafeicultor; criança que não tem educação, criança mal-educada.*

Substitua a oração pelo termo nominal:

Compare:

- *A comunidade exige que o criminoso seja punido.*
  A comunidade exige a punição do criminoso.

- *Ninguém duvidava de que o plano tivesse êxito.*
  Ninguém duvidava do êxito do plano.

Lembrete: perdoar é o grande vício de Deus. Mas o Senhor tem especial

predileção por absolver os inimigos do quê. Candidate-se.

Prefira palavras curtas e simples

Mãe é mãe. Genitora é a tua. Progenitora é a vó.
Carlos Lacerda

Um assessor de Tancredo Neves queria fazer bonito. Num discurso, escreveu: “Esforçar-nos-emos para viabilizar uma sociedade mais inclusiva”. O presidente leu-a em voz alta. Achou-a pretensiosa e oca. Substituiu-a por: “Vamos construir um país em que ninguém fique de fora”.

É isso. Palavras longas e pomposas funcionam como uma cortina de fumaça entre quem escreve e quem lê. Seja simples. Entre dois vocábulos, prefira o mais curto. Entre dois curtos, o mais expressivo.

Só ou *somente*? Só. Com ela, poupam-se duas sílabas. *Féretro* ou *caixão*? *Caixão*. É mais simples e mais curta. *Óbito* ou *morte*? *Morte*. Deixe óbito para os escrivães. Eles adoram empolação. Em vez de *falecer*, prefira *morrer*. Substitua *obviamente* por *é claro*. *Morosidade* por *lentidão*. *Ósculo* por *beijo*. *Matrimônio* por *casamento*. *Causídico* por *advogado*. *Colocar* por *pôr*. *Genitor* e *genitora* por *pai* e *mãe*. *Data natalícia* por *aniversário*. *Esposo* e *esposa* por *marido* e *mulher*.

Que tal? Ser simples é a melhor receita. Sem aviá-la, prepare-se. Você corre risco de dar bom-dia a cavalo.

Ponha as sentenças na forma positiva

Ser simples é complicado.
Amália Rodrigues

A regra é dizer o que é, não o que não é. *Não ser honesto é ser desonesto. Não lembrar é esquecer. Não dar atenção é ignorar. Não comparecer é faltar. Não pagar em dia é atrasar o pagamento. Emprego que não paga bem paga mal.*

Dizer o que não é em geral soa hesitante, impreciso. Pode sugerir malandragem, tentativa de fugir do compromisso de afirmar.

Compare as frases:

- *Ele não acredita que o ministro chegue a tempo.*
  Ele duvida que o ministro chegue a tempo.
- *O presidente diz que não fará alterações na política econômica.*
  O presidente nega alterações na política econômica.
- *Vargas Llosa não chegará hoje.*
  Vargas Llosa chegará no sábado.

É isso. O *não* causa arrepios. Ninguém o ama, ninguém o quer. Mostre-lhe o cartão vermelho.

Opte pela voz ativa

> *“Preciso fazer algo” resolverá mais problemas que “algo precisa ser feito”.*
> Glennvan Ekeren

O verbo tem voz. Mas precisa de alguém que fale por ele. Às vezes é o sujeito. Com ele, a frase fica esperta. Torna-se vigorosa. Enche-se de poder. Daí o nome *voz ativa*.

Outras vezes, o sujeito é boa-vida. Preguiçoso, não pratica a ação. A oração fica mole. Parece medrosa. Dá a impressão de que o autor, sem assumir a autoria, transfere a responsabilidade de declarar para o agente da passiva.

Compare:

Voz ativa: O ministro escreveu a carta ao presidente.

Voz passiva: A carta ao presidente foi escrita pelo ministro.

Percebeu a diferença? A voz ativa tem três vantagens. Uma: é mais curta. Duas: dispensa a praga do verbo ser. A última: soa mais direta, vigorosa e concisa que a passiva. Dê-lhe preferência sempre que puder.

Escolha termos específicos

Dê nome aos bois.
Voz do povo

A clareza das ideias está intimamente relacionada com a precisão das palavras que as traduzem. Buscar o vocábulo certo para o contexto exige atenção, paciência e pesquisa. Consultar dicionários, textos especializados e profissionais da área deve fazer parte da rotina do repórter.

Quem escreve um texto de economia, por exemplo, tem de distinguir o significado de salário, vencimento, provento, pensão, subsídio ou verba de representação. Uma reportagem sobre política cai no descrédito se disser que os deputados vetaram um projeto. Quem veta é o presidente da República. A Câmara rejeita. Uma notícia sobre o Judiciário tropeça se afirmar que o juiz deu parecer. Ele ordena, determina, profere sentença.

“Lutar com palavras”, escreveu Drummond, “é a luta mais vã. Entanto lutamos mal chega a manhã”. O poeta sabia das coisas. As palavras são enganosas por natureza e vocação. Armam ciladas. *Tempestivo e intempestivo* nada têm com temperamental. *Inclusive* não é sinônimo de *até*. *Espectador* não se confunde com expectador.

Falar e *dizer* não são sinônimos. Daí o comentário pouco lisonjeiro “falou, falou, mas não disse nada”. Ou, ao contrário, “falou e disse”.

Falar não equivale a dizer, afirmar, declarar. Mas a dizer palavras, expressar-se por meio de palavras: *Ele fala várias línguas. Falou com o prefeito. Não falará no assunto. O apelo da criança fala ao coração.*

Dizer é verbo declarativo. Equivale a declarar, afirmar:

- *Lula disse que aumentaria o valor do salário mínimo. Nenhum candidato diz toda a verdade.*

- *São Pedro disse:*
  – Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.
  Manuel Bandeira

Na dúvida, substitua o *falar*pelo *dizer*. Se der certo, o lugar é do verbo dizer. Mande o falar pras cucuias: *Ministro fala*(diz) *na TV que o dólar vai baixar. O professor falou*(disse) *que vai aderir à greve. Quem falou*(disse) *isso?*

O *falar* tem arrepios quando acompanhado da conjunção *que*. Os dois são inimigos desde que nasceram. Na presença do *falar que*, não duvide. Você está diante de um usurpador. Ele fala, fala e nada diz. A gente tem de falar e dizer. Devolva o posto ao *dizer*

Acontecer é outra vítima da pobreza vocabular. Ele parece, mas não é panaceia. Acontecer é cheio de caprichos. Elitista, tem poucos empregos. Mas, por culpa do destino, os colunistas sociais o adotaram. A moda se espalhou. O verbo virou praga. Tudo acontece. Até pessoas. Frases como estas aparecem a torto e a direito: *Ronaldinho está acontecendo na Seleção. O casamento acontece na catedral. O show acontece às 22h.*

Acontecer deve ser empregado na acepção de suceder de repente. Dá ideia do inesperado, desconhecido: *Caso acontecesse a explosão, muitas mortes poderiam ocorrer*. Ele é muito bem-vindo na companhia dos pronomes indefinidos (tudo, nada, todos), demonstrativos (este, esse, aquele, isto, isso, aquilo) e o interrogativo que: *Tudo acontece no feriado. Aquilo não aconteceu por acaso. Que aconteceu?* Não o use no lugar do *ser, haver, realizar-se, ocorrer, suceder, existir, verificar-se, dar-se, estar marcado para*. Busque saídas.

Uma delas é substituir o verbo: *O show acontece* (está marcado para) *às 22 horas*. *O festival aconteceu* (realizou-se) *no ano passado*. *O crime não aconteceu* (ocorreu). *Não aconteceu* (houve) *o rigoroso inverno*. Outra é mudar a frase: *A prisão aconteceu ontem*. (A polícia prendeu o ladrão ontem.) *O show de Roberto Carlos acontece no Teatro Nacional*. (Roberto Carlos faz show no Teatro Nacional). *A divulgação do resultado acontece logo mais*. (O resultado será divulgado logo mais).

Na língua, há palavras-ônibus. Parecem-se com o transporte coletivo. Com montões de significados, podem ser empregadas em muitos contextos. *Coisa*, por exemplo, é um minhocão. Assemelhase a ônibus papa-fila. As cinco letrinhas comportam todo o dicionário. “Comprei uma coisa pra você” pode ser... qualquer coisa.

Há verbos que se confundem com chiclete. Encaixam-se em todos os contextos. São os verbos-ônibus. É o caso de *fazer, pôr, dizer, ter e ver*. Genéricos e incolores, tornam a frase vaga e imprecisa. Com paciência, a gente pode se livrar deles sem apelar para o pedantismo, a afetação ou o rebuscamento. Quer ver?

- Fazer
  Fazer uma fossa (cavar). *Fazer a estátua de mármore* (esculpir). *Fazer o trajeto de carro* (percorrer). *Fazer jornalismo* (cursar). *Fazer artigo para o jornal* (redigir ou escrever). *Fazer discursos* (proferir).
- Pôr
  Pôr uma palavra no parágrafo (acrescentar). *Pôr a sonda na ferida* (introduzir). *Pôr o futuro do subjuntivo na frase* (empregar). *Pôr a roupa no armário* (guardar). *Pôr dinheiro no banco* (depositar).
- Dizer
  Dizer poemas (declamar). *Dizer o segredo* (revelar). *Dizer exemplos* (citar). *Dizer a história* (contar).
- Ter
  Ter boa reputação (gozar). *Ter o respeito dos subordinados* (conquistar). *Ter dor de cabeça* (sentir). *Ter dez metros* (medir). *Ter cinquenta quilos* (pesar).
- Ver
  Ver a beleza do quadro (admirar). *Ver os menores detalhes* (observar). *Ver pela fechadura* (espiar).

Que ouça quem tem ouvidos de ouvir: empregar a palavra certa para o contexto é exercício difícil. Dá trabalho. Exige atenção, cuidado, paciência. E pesquisa. Consultar o dicionário ajuda. E como!

Fique com as palavras concretas

> *Minha terra tem palmeiras/Onde canta o sabiá.*
> Gonçalves Dias

Há palavras mais específicas que outras. *Gato siamês* é mais singular do que *gato; homem,* mais do que animal; laranjeira, mais do que *árvore; árvore,* mais do que *planta*ou *vegetal*. *Trabalhador* é termo de sentido geral, muito amplo (engloba todas as criaturas que trabalham). *Jornalista* tem sentido mais restrito.*Jornalista do SBT*, mais ainda. Ao descrever uma cena de rua, você pode referir-se genericamente a transeuntes ou particularizar: homens, jovens, estudantes, alunos da escola normal.

Escrever *foi um período difícil* constitui vagueza. *Estive desempregado durante três meses* é mais preciso, bem melhor.

Não foi por acidente que Gonçalves Dias compôs: “Minha terra tem palmeiras / Onde canta o sabiá”. Se tivesse dito “Minha terra tem árvores / Onde canta o pássaro”, seus versos estariam enterrados com ele, ignorados de todos.

Há jeitos de tornar concretos termos genéricos:

> *O desempenho do Produto Interno Bruto no primeiro trimestre de 2004 pode ser comparado ao enfermo cuja febre baixou. A temperatura, que ultrapassava os quarenta graus, ameaçava provocar convulsões. Agora, chegou aos 39º. O quadro ainda é grave, mas vislumbra-se um começo de recuperação. Em 2003, o* PIB *encolheu 0,2%. Significa que o país andou para trás. Produziu menos riquezas, restringiu investimentos, diminuiu a oferta de postos de trabalho. A renda despencou e, com ela, o consumo de bens e serviços. Indústria e comércio amargaram o ano no vermelho”.*
>
> *(Correio Braziliense).*

Viu? A comparação (desempenho do PIB à febre) e a citação de exemplos baixaram o nível de abstração do texto. O que significa andar pra trás? Significa produzir menos riquezas, restringir investimentos, diminuir a oferta de postos de trabalho.

Há quem diga que jornalista não sabe fazer conta. Se soubesse, não seria jornalista. Por isso não se exige de quem escreve para jornal, revista, rádio ou tevê especialização em matemática, estatística ou economia. Basta o domínio das quatro operações algébricas. E, de quebra, uma dose de atenção e algum bom senso.

Antes de cravar que um milhão de pessoas compareceram à Praça dos Três Poderes em Brasília, convém ligar o “desconfiômetro”. O Plano Piloto tem 400 mil moradores. O Distrito Federal –- incluído Plano Piloto e cidades satélites -– abriga dois milhões de habitantes. Conclusão: um milhão de pessoas na Praça dos Três Poderes corresponde a dois Planos Pilotos e meio. Ou a meio Distrito Federal. É um despropósito.

Números são conceitos abstratos. Tenha pena do leitor. Torne-os compreensíveis. Explique-os de modo a que tenham significado real para quem lê. Boa receita é fazer comparações. Prêmio de R$ 42 milhões? Corresponde a 176.923 salários mínimos de R$ 260. Ou 840 carros Vectra Elegance Sedan. Em Johanesburgo, na África do Sul, ocorrem 225.600 estupros por ano. O número significa um estupro a cada três minutos.

Siga a regra: o específico é preferível ao genérico; o definido, ao vago; o concreto, ao abstrato. Busque variedade, propriedade e riqueza. Recuse monotonia, vagueza e indigência.

Restrinja a entrada de adjetivos

Corto adjetivos, advérbios e todo tipo de palavra
que está lá só para fazer efeito.
Georges Simenon

Você sabia? Substantivo e adjetivo são quase sempre inimigos mortais. Um quer distância do outro. Para aproximá-los, só há um jeito. O adjetivo deve ser capaz de especificar melhor o substantivo. Em outras palavras: tornar o nome menos abrangente, mais preciso.

Observe:

- *Os alunos tiram boas notas.*

A frase diz que todos os alunos tiram boas notas. Não é isso? O adjetivo se encarrega de restringir o substantivo:

- *Os alunos estudiosos tiram boas notas.*

Veja outros exemplos de adjetivos bem-vindos. Eles particularizam o objeto. Dão validade à informação:

- *Comprei uma mesa redonda.*
  Gostamos de paredes brancas.
  João Marcelo tem cabelos loiros.
  Dois atletas canadenses se destacaram nos Jogos Pan-Americanos.

Por que redonda, brancas, loiro e canadenses mereceram banda de música e tapete vermelho? Porque prestam um senhor serviço à frase. Tornam o nome mais particular. Eu não comprei qualquer mesa, mas a mesa redonda. Não é de qualquer cor de parede que nós gostamos, mas da branca.

O cabelo do João Marcelo poderia ser preto, castanho, ruivo, vermelho, verde. O adjetivo *loiro* manda as especulações plantar batata no asfalto. Os atletas poderiam ser brasileiros, cubanos, chilenos ou argentinos. *Canadenses* elimina as demais possibilidades.

Há adjetivos que causam urticária ao substantivo. São os adjetivos-ônibus. Vazios, não acrescentam nenhuma informação ao substantivo. Ao contrário. Exprimem a opinião de quem escreve. São tão genéricos que podem se juntar a qualquer substantivo.

É o caso de *maravilhoso*. João pode ser maravilhoso. A casa pode ser maravilhosa. O clima pode ser maravilhoso. A noite pode ser maravilhosa. Tudo pode ser maravilhoso.

Conclusão: maravilhoso não informa nada.

Mais exemplos de indesejados: Pessoa *formidável*, lição *fantástica*, *Vestido bonito*.

Os adjetivos nada informam sobre o objeto. O que é clima maravilhoso? Quente? Chuvoso? Nublado? Depende do gosto do freguês. E pessoa formidável? E lição fantástica? Vestido bonito? Sei lá.

Certos adjetivos associados a determinados substantivos formam chavões pela insistência do uso. Mas é fácil romper o casamento. Alguns exemplos:

- *Calorosa recepção, caloroso abraço* (recepção, abraço)
  Fortuna incalculável (valor aproximado?)
  Inflação galopante (índice?)
  Monstruoso congestionamento (quantos quilômetros?)
  Perda irreparável (perda)
  Prejuízos incalculáveis (valor aproximado?)

Sonora vaia (vaia)
Vitória esmagadora (diga o número de votos ou a percentagem)

Com os adjetivos, seja econômico como os mineiros. Moradores das Alterosas dão o seguinte conselho aos filhos:

– Não saia. Se sair, não gaste. Se gastar, não pague. Se pagar, pague só a sua.

Vale a adaptação:

– Não use adjetivo. Se usar, use só os que particularizam o substantivo.

É isso. Escreva com a convicção de que no idioma só existem substantivos e verbos. As demais classes de palavras devem ser usadas com o cuidado do ourives e o pão-durismo do Tio Patinhas.

Persiga a frase enxuta

A era das belas frases acabou.
Theodor Fontane

A língua se parece com as pessoas. É vaidosa que só. Adora ser enxutinha e ter tudo no lugar. Gordurinhas aqui e ali? Nem pensar. Bisturi nelas. O cirurgião plástico manda os excessos bater em retirada.

Artigos indefinidos, pronomes possessivos, demonstrativos e indefinidos são alguns bicões que engrossam a fila dos candidatos à faca. Vamos a eles:

a) Artigos indefinidos

Um, uma, uns, umas devem ser usados com muito cuidado. Sabe por quê? Eles são inimigos do substantivo. Tiram-lhe a força. Tornam-no vago, impreciso, desmaiado.

Ora, como as palavras mais importantes do texto são o substantivo e o verbo, não se pode maltratá-las. Manda o bom senso eliminar o inimigo. Fora, artigo indefinido!

- *O Ministério da Justiça aguarda (uma) verba suplementar para saldar a dívida.*
  Na avaliação do governo, a greve contra a reforma da Previdência não terá fôlego para prosseguir por (um) longo período. Ciro Gomes deu (uma) entrevista agressiva à revista Época. Lula queria implantar (um) novo capitalismo no Brasil. Haverá (uma) renovação de 60% no Congresso.

É isso. As palavras, como os remédios, podem matar. O artigo indefinido é medicamento de tarja preta. Causa dependência. Erva daninha, em 99% das frases é gordura pura. Corte-o. Mas não pare nele. Há outros inimigos a serem eliminados sem piedade.

b) Pronome possessivo

Georges Simenon escrevia romances policiais pra lá de bons. O segredo: “Livro-me dos vocábulos que estão na frase só para enfeitar ou atrapalhar”. Um deles são os pronomes *seu, sua*. Eles parecem inofensivos. Mas tornam o enunciado ambíguo. A história a seguir exemplifica o estrago:

- *O presidente do banco estava preocupado com um jovem diretor que, depois de ter trabalhado algum tempo junto dele sem parar nem para almoçar, começou a ausentar-se ao meio-dia. Desconfiado, o chefão chamou um detetive privado e lhe ordenou:*
  – Siga o diretor Duarte durante uma semana para ver se ele está fazendo algo errado.
  O detetive, depois de cumprir o que lhe havia sido pedido, informou:
  – O diretor Duarte sai normalmente ao meio-dia, pega o seu carro, vai à sua casa almoçar, namora a sua mulher, fuma um dos seus excelentes cubanos e regressa ao trabalho.
  O presidente respirou aliviado e respondeu:
  – Ah, bom, antes assim. Não há nada de mal nisso. Incomodado, o detetive perguntou:
  – Desculpe-me, senhor, mas posso tratá-lo por tu?
  – Sim, claro.
  – Então vou contar tudo de novo. O diretor Duarte sai normalmente ao meio-dia, pega o teu carro, vai à tua casa almoçar, namora a tua mulher, fuma um dos teus excelentes cubanos e volta ao trabalho.

Seu e *sua* referem-se a *ele* e a *você*. Daí a confusão. A mesma ambiguidade ocorre nesta passagem:

- *O subprocurador-geral José Roberto Santoro encontrou-se com a senadora Roseana Sarney no aeroporto de Brasília. Durante o encontro, Santoro, que é um dos procuradores do caso Lunus, chegou a ensinar Roseana a utilizar alguns recursos do seu celular.*

De que celular? Da senadora? Do subprocurador-geral? Pode ser de uma ou de outro. O *seu* provocou a confusão. Sem ele, a frase ganha clareza:

- *Durante o encontro, Santoro, que é um dos procuradores do caso Lunus, chegou a ensinar Roseana a utilizar alguns recursos do celular.*

Se quiser especificar de quem é o celular, os pronomes *dele* e *dela* resolvem:

- *Durante o encontro, Santoro, que é um dos procuradores do caso Lunus, chegou a ensinar Roseana a utilizar alguns recursos do celular dele (ou dela).*

Há vezes em que o pronome, sem função, vira um belo Antônio. Pau nele!

- *No acidente, quebrou a sua perna direita, fraturou os seus dedos da mão esquerda, arranhou o seu rosto.*

Antes das partes do corpo, o possessivo não tem vez. Sem ele, a frase respira aliviada:

- *No acidente, quebrou a perna direita, fraturou os dedos da mão esquerda, arranhou o rosto.*

Mais exemplos de inutilidade? Ei-los:

- *No (seu) pronunciamento, Bush apoiou Israel. Antes de sair, calçou os (seus) sapatos, vestiu a (sua) blusa e pôs os (seus) óculos.*

c) Pronome demonstrativo

Pegue o jornal. Abra-o em qualquer página. Leia artigos, reportagens, editoriais. Lápis na mão, assinale os *aqueles*, *aquelas* e *aquilos* que aparecerem no caminho. A conclusão é inevitável. O artigo (o, a) e o demonstrativo (o, a), caíram em desuso. A turma os esqueceu. Em vez do discreto monossílabo, empanturra a frase com o trissílabo peso-pesado:

- *Garotinho condena aqueles que o criticam.*
  Garotinho condena os que o criticam.
  Garotinho condena quem o critica.

- *Aquilo que é escrito sem esforço é lido sem prazer.*
  O que é escrito sem esforço é lido sem prazer.

d) Pronome *todos*

Ser claro é obrigação de quem escreve. O artigo definido se presta à confusão de significados. Dobre a atenção quando for usá-lo. Ao dizer “os candidatos fazem campanha”, englobam-se todos os candidatos. Se não são todos, o pequenino não tem vez: candidatos fazem campanha.

Para quem sabe ler, pingo é letra. Se o artigo engloba, o pronome *todos* sobra em muitas situações. Corte-o sem pena:

- *Vou ao teatro todas as terças-feiras.*
  Vou ao teatro às terças-feiras.

- *Todos os alunos que saíram perderam a explicação.*
  Os alunos que saíram perderam a explicação.

Conclusão: o texto é louquinho por lipoaspiração. Ao escrever, leia a obra com cuidado. Depois, passe o motorzinho nas gorduras. Mande-as arder no mármore do inferno.

Seja conciso

Escrever é cortar.
Marques Rebelo

Cultivar a economia verbal sem prejuízo da completa e eficaz expressão do pensamento tem dupla vantagem. Uma: respeita a paciência do leitor. A outra: poupa tempo e espaço (bens pra lá de escassos no jornal, rádio e tevê).Conciso não significa lacônico, mas denso. Opõe-se a vago, impreciso, verborrágico. No estilo denso, cada palavra, cada frase, cada parágrafo devem estar impregnados de sentido.

Eis algumas sugestões que contribuem para a concisão:

- Dispense, nas datas, os substantivos dia, mês e ano: em 20 de janeiro (não no dia 20 de janeiro); em dezembro (não no mês de dezembro); em 1995 (não no ano de 1995).

Substitua a locução adjetiva por adjetivo: *material de guerra* (material bélico); *pessoa sem discrição* (pessoa indiscreta); *criança sem educação* (criança mal-educada).

Troque a oração adjetiva por nome: *pessoa que se alimenta de verduras e legumes* (vegetariana); *homem que planta arroz* (arrozicultor); *criança que não sabe ler nem escrever* (criança analfabeta).

Corte *que é, que foi, que era* & Cia: *A maior parte da população de Washington*, que é *a capital dos Estados Unidos, tem origem negra.* A maior parte da população de Washington, a capital dos Estados Unidos, tem origem negra.
Juscelino Kubitschek, que foi *presidente do Brasil de 1956 a 1960, construiu Brasília*, que é *a capital do país.*
Juscelino Kubitschek, presidente do Brasil de 1956 a 1960, construiu Brasília, a capital do país.

Reduza orações:
Agora que expliquei o título, passo a escrever o livro.
Explicado o título, passo a escrever o livro.

Depois de redigir o texto, pensarei na legenda.
Redigido o texto, pensarei na legenda.

Elimine palavras ou expressões desnecessárias: *decisão tomada no âmbito da diretoria* (decisão da diretoria); *trabalho de natureza temporária* (trabalho temporário); *problema de ordem emocional* (problema emocional); *curso em nível de pósgraduação* (curso de pós-graduação); *lei de alcance federal* (lei federal); *doença de característica sexual* (doença sexual); *casos de ocorrência* (ocorrências); *casos de atraso* (atrasos).

Substitua a locução verbo + substantivo pelo verbo: *Fazer uma viagem* (viajar). *Fazer música* (compor). *Pôr as ideias em ordem* (ordenar as idéias). *Pôr moedas em circulação* (emitir moedas).

Quer exercitar-se? Então divirta-se com a última moda. É a LUT. As três letrinhas são as iniciais de *Lição de Um Tema*. Trata-se de grande desafio. Os profissionais da empresa devem ser capazes de explicar qualquer tarefa em um minuto. Não há discriminação. Todo assunto pode ser descrito em uma folha de papel. Entre texto e imagem, o recado deve ser dado em sessenta segundos.

Os temas variam. Vão da instrução de como tirar papel embolado da impressora à técnica de manusear um equipamento. Passam pelas formas de preencher um formulário, redigir uma carta ou configurar um software. E chegam à apresentação de relatórios e reportagens.

A tarefa exige poder de síntese, muiiito treino e enorme pãodurismo. É como escrever um telegrama. A gente paga por palavra. Como o bolso é a parte mais sensível do corpo, a regra número 1 é cultivar a economia verbal. Prepare a tesoura.

Eis o texto:

- *Como todo mundo sabe, o estudante sempre deve tentar escrever suas redações diárias com substantivos fortes e verbos precisos.*

Se todo mundo sabe, não precisa dizer. Sem dizer, o texto fica assim:

- *O estudante sempre deve tentar escrever suas redações diárias com substantivos fortes e verbos precisos.*

Os psicólogos são claros. Quem tenta não faz. Para ser afirmativo, deixe o verbinho pra lá. Cassado o murista, eis o resultado:

- *O estudante sempre deve escrever suas redações diárias com substantivos fortes e verbos precisos.*

Seguindo o conselho de Simenon, adjetivos e advérbios vão pras cucuias:

- *O estudante deve escrever suas redações com substantivos e verbos.*

Dá pra economizar mais uns trocados? Dá. Dizendo a frase de outra forma, ganha-se um chopinho:

-

Estudante, escreva redações com substantivos e verbos.

É isso. Prolixo designa verbosidade. Pronuncia-se prolikso. Aqui, é pro lixo mesmo.

Corra atrás da frase harmoniosa

> *Uma palavra posta fora do lugar*
> *estraga o pensamento mais bonito.*
> Voltaire

Não basta ser correto. O enunciado tem de agradar aos ouvidos. Um dos segredos está na combinação de palavras e frases. Umas devem conversar com as outras sem tropeços, ecos ou repetições. O resultado precisa soar bem. Descer redondo. É a harmonia.

A harmonia não cai do céu nem salta do inferno. Há truques que permitem chegar a ela. Um deles: evitar as frases mancas. A oração tem sujeito, objeto, adjuntos e toda a parafernália que você conhece. A colocação deles é a chave do estilo harmonioso. Eis a receita: o termo mais curto – com menor número de sílabas – deve vir na frente do mais longo.

Leia este período em voz alta:

- *No sábado, fui ao shopping. Depois de borboletear de loja em loja, entrei na livraria. Lá, comprei vários livros de geografia e história do Brasil e um CD.*

Reparou? O enunciado parece manco. Dá a impressão de que lhe falta alguma coisa. Mas não falta. Ele está certinho da silva. A sensação de incompletude tem tudo que ver com o tamanho dos termos:

- *Na livraria, comprei duas coisas. Uma: um CD. A outra: livros de geografia e história do Brasil.*

Na lei da harmonia, o curto vem na frente. No exemplo, vem atrás. Compare:

- *No sábado, fui ao shopping. Depois de borboletear de loja em loja, entrei na livraria. Lá, comprei um CD e vários livros de geografia e história do Brasil.*

Leia outro período em voz alta:

- *O Congresso Nacional votará na próxima semana em regime de urgência urgentíssima o projeto.*

Manco, não? Compare-o com este:

- *O Congresso Nacional votará o projeto na próxima semana em regime de urgência urgentíssima.*

Outro truque da harmonia é o mistério do três. Três é o número da Santíssima Trindade. Três são os lados do triângulo. Três são os poderes da República. Três é também técnica de estilo. Por alguma razão que nem Deus explica, o grupo de três itens exerce impressão poderosa sobre a mente. A ele ninguém resiste.

“Cheguei, vi e venci”, gabou-se Júlio César. Abraham Lincoln seguiu a regra: “Governo do povo, pelo povo, para o povo”. Por isso, Montaigne não deixou por menos: “O estilo”, disse ele, “deve ter três virtudes: clareza, clareza, clareza”.

Ao escrever, pense na mágica do três. Imagine três itens para agrupar. Não importa o assunto. Você vai descrever Brasília? A capital de JK é uma cidade planejada, moderna e com alto poder aquisitivo.

A harmonia abomina os ecos. A rima, qualidade da poesia, constitui defeito da prosa. Releia seus textos, de preferência em voz alta, para verificar se ocorre repetição de sons iguais ou semelhantes:

- *Houve muita confusão e provocação na reunião de representantes do Ceará e do Maranhão.*

Cruz-credo! Com tantos ãos, dá pra fazer uma feijoada. Sem eco, a frase fica assim, pra lá de agradável:

- *Houve muita provocação e tumulto no encontro de representantes de Fortaleza e São Luís.*

Outro exemplo:

- *O Plano Real acabou com a inflação mortal.*

O ouvido da gente não é lixeira. Vamos ao troca-troca:

- *O Plano Real acabou com a inflação que mata a economia do trabalhador.*

Mais um:

- *O rigor do calor de Salvador lhe causava mais pavor.*

Pra fora, eco!

- *O forte calor da capital baiana lhe causava pânico.*

O último:

- *O crescimento sem desenvolvimento pode implicar incremento do subdesenvolvimento.*

Xô, coisa feia:

- *Crescer sem preocupação com o desenvolvimento pode implicar mais atraso.*

Cuidado com as cacofonias. Às vezes, a última sílaba de uma palavra se junta à primeira de outra e forma novo vocábulo, soando mal aos ouvidos do leitor atento ou desavisado: *por cada; uma mão; por razões, boca dela, por tal, por tais, por tão.*

“O que é escrito sem esforço é lido sem prazer”, dizia Samuel Johnson. O escritor inglês se referia sobretudo às repetições. O texto se parece à comida. Comer o mesmo prato todos os dias em todas as refeições é enjoativo. Há que variar os ingredientes e o preparo para manter o apetite.

Existem repetições e repetições. Algumas se restringem à palavra. Outras, à estrutura. Ambas – se não forem propositais – causam um senhor estrago ao texto. Tornam-no monótono. Como sonífero, dão um sono...

Variedade opõe-se a monotonia. Substantivos, verbos, conjunções, preposições, pronomes, aumentativos, diminutivos, superlativos escritos mais de uma vez no parágrafo (às vezes no texto) exigem providências. Uma delas: cortar vocábulos. Outra: usar sinônimos. Mais uma: mudar a frase.

A propósito, vale o alerta do jornalista Eduardo Martins, autor do *Manual de redação e estilo* do jornal *O Estado de S. Paulo*: “Não transforme em preocupação obsessiva o receio de repetir palavras. Se você já usou *hospital* e *estabelecimento*, por exemplo, recorra novamente a um deles, caso o texto exija, nunca *nosocômio*”.

Mais: cuidado com as repetições sofisticadas. Não inicie frases e parágrafos com estruturas iguais. Incluem-se aí os artigos, flexionados ou não.

Veja exemplos:

- ***A*** *escola pública deve, sem dúvida, ser laica.* ***A*** *integração secular é um valor a perseguir.* ***As*** *metas não podem, porém, ser buscadas com o sacrifício da mais elementar das liberdades individuais – a de possuir uma individualidade e exprimi-la de forma pacífica.*

- ***Fica*** *a sensação de que islamismo é sinônimo de extremismo e deve, portanto, ser extirpado.* ***Subjaz*** *aí uma visão problemática de democracia, na qual a tolerância e o respeito à diversidade se tornam valores menos importantes.* ***Existe*** *até o risco de a proposta produzir efeitos inversos aos desejados.* ***Privar*** *muçulmanos de demonstrar sua identidade cultural nos espaços públicos pode levá-los a buscá-la em grupos que atuem à sombra do Estado, com maiores chances de pregações radicais.*

- *Um tema de grande relevância para a Embrapa e para a sociedade trata da quantidade de novos tipos de plantas lançadas pela empresa.* ***Esse*** *número passou de 55, em 2002, para 85, em 2003.* ***Essas*** *plantas, fruto de anos de pesquisa, são valorizadas por características como: maior produtividade, adaptação a condições específicas de clima e solo, resistência a doenças e pragas.*

Compare-os com parágrafos sem monotonia:

- ***A*** *polêmica está instalada.* ***Tudo*** *indica que a França poderá acatar a recomendação de uma comissão governamental de banir os símbolos religiosos nas escolas públicas.* ***Embora*** *abarque ícones de todas as religiões, a medida foi concebida para evitar que garotas muçulmanas utilizem o véu. (Folha de S.Paulo)*

- ***Esta*** *é uma história curiosa, mas excepcional no Brasil.* ***Aqui****, no caso dos imigrantes, o choque cultural foi historicamente muito menor, o que não quer dizer que não tenham existido grupos estrangeiros dispostos a garantir sua autonomia no meio brasileiro, nem violências governamentais contra eles.* ***Basta*** *lembrar o caso das colônias alemãs no sul do país durante a década de 30, e as medidas tomadas contra os súditos do eixo, no curso da Segunda Guerra Mundial. (Boris Fausto)*

- *A China é tão boa assim para o Brasil? **Então** por que Lula não toma coragem e assina um acordo de livre-comércio entre os dois países? **Poderíamos** vender ainda mais soja para lá. **A** soja brasileira é empregada pelos chineses sobretudo como ração para porcos e frangos. **Em** matéria de ração para porcos e frangos, não tememos a competição de ninguém. (Diogo Mainardi)*

A intercalação de frases longas e curtas afasta a soneira:

- *Na semana passada, em companhia dos ministros, governadores, parlamentares e empresários que compunham a comitiva do presidente Lula à China, lá estava ela, de novo Isaura, em pessoa. Ou melhor, Lucélia Santos. Talvez ela não cause mais nas ruas, depois de tantas visitas ao país, o mesmo tumulto que provocava vinte anos atrás. Mas o mito continua vivo a ponto de justificar nova empreitada no ramo da teledramaturgia, uma série com uma história de amor entre uma brasileira e um chinês. A série será filmada no Brasil e na China, e à Lucélia, claro, caberá o papel principal. Ela continua a namoradinha da China. (Roberto Pompeu de Toledo)*

A harmonia suplica: varie a estrutura de cada parágrafo do texto. Não inicie todos eles com a mesma classe gramatical. Vale o exemplo do artigo de Sílvio Queiroz publicado no *Correio Braziliense* de 1º.6.04:

- *As Farc sob fogo*

  Silvio Queiroz

  A dois meses de completar metade do mandato de quatro anos, o presidente da Colômbia, Álvaro Uribe, joga rodada de fogo em três frentes simultâneas. Nas matas do sul do país, 17 mil homens do exército, com treinamento e assessoria direta dos Estados Unidos, avançam contra a retaguarda da guerrilha das Farc. No extremo oposto do território, o governo estabelece zona de segurança para negociar o desarmamento de esquadrões paramilitares de direita, surgidos para combater os rebeldes à margem do exército. Na capital, Bogotá, Uribe batalha no Congresso por emenda constitucional que permita sua reeleição.

A ofensiva militar, conduzida há dois meses sob pesado sigilo, é apresentada como a maior em quatro décadas de guerra. Tem como alvo o alto comando da guerrilha, encabeçado pelo lendário Manuel Marulanda, Tirofijo (tiro certo) para os amigos. Fundador das Farc, em 1964, guerrilheiro há meio século, Marulanda vive desmentindo a morte repetidamente anunciada, como aconteceu de novo esta semana. Como as próprias Farc, Tirofijo continua duro na queda.

Neutralizar as Farc é um dos passos da estratégia de Uribe. O outro é desmobilizar efetivamente os dez mil paramilitares, ou o maior número possível. Uma vez desmontado o conflito — esse é o raciocínio do governo —, o caminho estaria aberto para erradicar as plantações de coca e a rede do tráfico, associada nos últimos anos aos grupos armados num comércio triangular que envolve drogas e armas. Mas dois anos parece pouco tempo para concluir o processo, daí a ofensiva política pela reeleição.

> *Nas três frentes, porém, há armadilhas. O próprio governo americano, aliado de Uribe, receia que um acordo de paz dê impunidade aos paramilitares. Alguns são acusados de massacrar civis, outros de narcotráfico, inclusive com extradição pedida aos EUA. A ofensiva contra as Farc, batizada de Plano Patriota, custa caro e requer resultados visíveis o quanto antes. De preferência a captura ou morte de Marulanda e do alto comando rebelde. No Congresso, o perigo é uma tradição secular de politicagem e caciquismo que tem sufocado ou pervertido as tentativas de reforma política.*
>
> *Jogando no tudo-ou-nada, Uribe se arrisca a ficar com a parte pior de cada aposta: guerra em escalada, esquadrões da morte impunes e legalizados e a metade final do mandato a ser cumprida sem horizonte político à vista.*

Busque a clareza

O estilo deve ter três virtudes: clareza, clareza, clareza.
Montaigne

Escrever é verbo transitivo direto. O repórter escreve para o leitor. Quer que ele o entenda sem ambiguidades. Como diz Íñigo Dominguez, “uma frase jornalística tem de estar construída de tal forma que não só se entenda bem, mas que não se possa entender de outra forma”. Há jeitos de chegar lá.

Aproxime termos e orações que se relacionem pelo sentido. A liberdade de colocação de termos na frase e orações no período encontra limites nas exigências da clareza e da coerência. A boa norma manda “amarrar” cada termo determinante ao respectivo termo determinado.

● *Haverá um seminário internacional sobre Aids na Câmara dos Deputados.*

O seminário se realizará na Câmara, mas a colocação do adjunto adverbial “na Câmara dos Deputados” junto do termo “Aids” leva a outra leitura: o seminário tratará da ocorrência de Aids na Câmara dos Deputados. Evita-se a ambiguidade aproximando o adjunto adverbial do termo a que se refere:

● *Na Câmara dos Deputados, haverá um seminário internacional sobre Aids.*

● *Haverá, na Câmara dos Deputados, um seminário internacional sobre Aids.*

Faça declarações claras. Dificultar a compreensão do texto é pôr uma pedra no caminho do leitor. Para que obrigá-lo a gastar tempo e energia na transposição do obstáculo? Facilite-lhe a passagem. Nas declarações longas, não o deixe ansioso. Identifique o autor sem demora – antes da citação ou depois da primeira frase:

- *Veuillot ensina: “É preciso escrever com a convicção de que só há duas palavras no idioma: o substantivo e o verbo. Ponhamo-nos em guarda contra as outras palavras”.*

- *“É preciso”, ensina Veuillot, “escrever com a convicção de que só existem duas palavras no idioma: o substantivo e o verbo. Ponhamo-nos em guarda contra as outras palavras.”*

Nas declarações curtas, a identificação do autor deve ser feita no começo ou no fim da fala:

- *“Toda questão tem dois lados”, escreveu Pitágoras.*

- *Pitágoras escreveu: “Toda questão tem dois lados”.*

Olho no verbo declarativo. Ele é tão importante que, em caso de troca, pode mudar a informação. Compare:

- *Não mandei dinheiro pra Suíça, disse Maluf.*
  Não mandei dinheiro pra Suíça, insistiu Maluf.
  Não mandei dinheiro pra Suíça, alertou Maluf.
  Não mandei dinheiro pra Suíça, ironizou Maluf.
  Não mandei dinheiro pra Suíça, protestou Maluf.
  Não mandei dinheiro pra Suíça, mentiu Maluf.

O verbo declarativo tem uma função: indica o interlocutor que está com a palavra. *Dizer* – neutro, simples e direto –, costuma ser escolha acertada na maioria dos casos. Mas abusar dele, como de qualquer outra palavra, torna o texto frio e monótono.

Generosa, a língua oferece pelo menos nove áreas semânticas de verbos que se prestam a mostrar quem disse o quê. São elas:

- de dizer: afirmar, declarar
- de perguntar: indagar, interrogar

- de responder: retrucar, replicar
- de contestar: negar, objetar
- de concordar: assentir, anuir
- de exclamar: gritar, bradar
- de pedir: solicitar, rogar
- de exortar: animar, aconselhar
- de ordenar: mandar, determinar

Esses são os mais comuns, de sentido geral. Existem outros, muito explorados pela literatura. Além de indicar o falante, traduzem emoção e sentidos conotativos. É o caso de *alertar, sussurrar, murmurar, balbuciar, estranhar, comentar, apelar, arriscar, consentir, aprovar, intervir, mentir, jurar, rosnar, berrar, propor, sugerir.*

Atenção ao queísmo. Há verbos alérgicos ao quê. É o caso de *alertar* (alerta-se alguém, mas não se alerta que); *sussurrar* (sussurra-se alguma coisa, mas não se sussurra que), *apelar* (apela-se para alguém ou alguma coisa, mas não se apela que), *definir* (define-se alguma coisa, mas não se define que), *indicar* (indica-se alguma coisa ou alguém, mas não se indica que).

Na dúvida, consulte o dicionário de regência. Indiscreto, ele revela os segredos do verbo.

Teste a legibilidade do texto

Se lemos algo com dificuldade, o autor fracassou.
Jorge Luis Borges

Em grego, é *hedone*. Em português, hedonismo. Numa e noutra língua, o significado se mantém. É prazer. A sensação gostosa virou doutrina da filosofia. Segundo ela, o prazer deve ser considerado o objetivo principal dos atos humanos.

Alguns concordam. Outros não. Mas uma coisa é certa. Ninguém gosta de sofrer. A regra vale para a leitura. Texto difícil não tem vez. E não é de hoje. Montaigne, no século XVI, disse com todas as letras: "Ao encontrar um trecho difícil, deixo o livro de lado". Por quê? "A leitura é forma de felicidade", respondeu ele.

A observação não se restringe a livros. Engloba jornais, revistas, cartas comerciais, redações escolares, receitas de comida gostosa. Sem fisgar o leitor, adeus, emprego! Adeus, nota boa! Adeus, sobremesa dos deuses! Por isso, roguemos ao Senhor. Que Ele ilumine mentes, penas e teclados. E cada um faça a sua parte.

Como avaliar o índice de dificuldade do escrito? O assunto começou a preocupar os americanos há uns sessenta anos. Pesquisas sobre a leitura do texto jornalístico despertaram o interesse de professores e alunos de várias universidades. Um dos resultados dos estudos foi o teste de legibilidade. Alberto Dines, então do *Jornal do Brasil*, adaptou-o para o português.

Eis a receita:

1. Conte as palavras do parágrafo.
2. Conte as frases (cada frase termina por ponto).
3. Divida o número de palavras pelo número de frases. Assim, você terá a média da palavra/frase do texto.
4. Some a média da palavra/frase do texto com o número de polissílabos.
5. Multiplique o resultado por 0,4 (média de letras da palavra na frase de língua portuguesa).
6. O produto da multiplicação é o índice de legibilidade.

Possíveis resultados:

1 a 7: história em quadrinhos
8 a 10: excepcional
11 a 15: ótimo
16 a 19: pequena dificuldade
20 a 30: muito difícil
31 a 40: linguagem técnica
acima de 41: nebulosidade

Testemos o parágrafo abaixo:

- *"Em boca fechada não entra mosca", diz a vovó repressora. "Quem não erra perde a chance de acertar", responde o neto sabido. Ele aprendeu que, nas organizações modernas, a competição é o primeiro mandamento. E, cada vez mais, impõe-se a necessidade de falar em público. Muitos servidores, porém,*

> *concordam com a vovó. Estremecem só de imaginar a hipótese de abrir a boca diante de uma plateia. Dizem que não nasceram para os refletores. Falta-lhes vocação. A ciência prova o contrário. Falar bem não é dom divino. Falar bem – como nadar bem, escrever bem, saltar bem – é habilidade. Exige treino.*

Confira:

1. Palavras do parágrafo: 101
2. Número de frases: 12
3. Média da palavra-frase (101 dividido por 12): 8,41
4. 8,41 + 12 (número de polissílabos) = 20,41
5. 20,41 x 0,4 = 8,16

Resultado: legibilidade excepcional

Agora, avalie um texto seu. Pode ser uma carta, um artigo, uma reportagem. Antes de começar, lembre-se: aplique a receita de parágrafo em parágrafo. Se o resultado ficou acima de 15, abra o olho. Facilite a vida do leitor. Você tem dois caminhos. Um: diminua o tamanho das frases. O outro: mande algumas proparoxítonas dar umas voltinhas por aí. O melhor: abuse de ambos.

Gêneros jornalísticos

Há quem fale do prazer da escrita. Confesso que não tenho nenhum prazer. Para mim escrever é trabalho.
José Saramago

Poetas escrevem sonetos, haikais, redondilhas. Prosadores criam novelas, romances, contos. Na escrita, o conteúdo subordina-se à forma. O jornalismo não foge à regra. Existem estruturas consagradas para jornais, revistas, rádio e tevê. Longas reportagens e pequenas notas exigem estilos diferentes. As primeiras dão passagem a textos mais elaborados. As segundas, ao contrário, costumam ser diretas. Embora se originem do mesmo material bruto – a apuração do repórter – são distintas na apresentação. Cada uma tem lá as próprias especificidades.

Conhecer de antemão o gênero que se vai produzir é meio caminho para escrever bem. Funciona como forma de bolo onde as informações assam e crescem. Pode parecer cruel para os corações dos que sonham com a independência da escrita, mas é real no mundo das redações. Os veículos impõem limitações. Nem sempre são restrições de mérito. Mas são sempre físicas – de tamanho e gênero.

Há formas e formas de apresentação de textos. O nome com que são designados varia. Às vezes ganham apelidos irônicos. Reco, por exemplo, significa matéria com QI (“quem indica”) – recomendada pela direção. Sim, elas existem. Os repórteres as odeiam, mas, vira e mexe, alguém é escalado para uma delas.

A forma define o tom do conteúdo. Perfis abrem espaço para linguagem casual e intimista. Reportagens sobre descobrimentos científicos exigem precisão e sobriedade. Artigo requer argumento para a defesa de um ponto de vista. Enfim, cada gênero pede um jeitinho de produção. Quer ver?

A força da notícia

Quando um cachorro morde uma pessoa, isso não é notícia.
Quando uma pessoa morde um cachorro, isso é notícia.
Charles A. Dana

Afinal, o que é notícia? Reúna mais de um jornalista para discutir o assunto e perceberá que não existe resposta consensual para a pergunta. Mas todos concordam que notícia é fato importante e inusitado. A avaliação sobre a importância esbarra na subjetividade dos editores. Não há como negar que, apesar da tão propalada objetividade da imprensa, a seleção e publicação das matérias seguem os critérios definidos pelos mandachuvas.

Alguns teóricos fazem distinção entre notícia e reportagem. Notícia, para eles, é o fato que se esgota em si mesmo. Em geral, aparece em forma de pirâmide invertida porque a preocupação do repórter é reproduzir com fidelidade um acontecimento. Reportagem, ao contrário, apresenta várias faces do mesmo assunto. O texto abre espaço à criatividade do autor.

Aqui, não se faz diferença entre notícia e reportagem. Reportagem sempre é notícia. O que varia é o tipo de reportagem – factual, especial ou em série. São formas diferentes de apresentar um fato.

Reportagem factual

O nome diz tudo – são textos que relatam um fato. Estão lá pormenores da notícia, declarações de entrevistados, dados estatísticos. Em essência, constituem trabalho descritivo. A maior parte do material publicado pelos jornais diários aparece nesse formato. Refere-se a acontecimentos do dia anterior ou a eventos prestes a vir à luz.

Analise estes textos:

- *Protesto deixa três ônibus queimados em SC Três ônibus queimados durante a madrugada de ontem, outros dez com vidros estilhaçados no final da tarde, trânsito complicado, terminais urbanos fechados, acessos interrompidos. Esse foi o saldo do terceiro dia de protestos de centenas de estudantes e usuários de transporte coletivo contra o reajuste médio de 15,6% nas tarifas dos coletivos em Florianópolis.*

  Por volta das 19h30 de ontem, a Polícia Militar teve o primeiro confronto com os estudantes no que definiu como empurra-empurra. Os manifestantes tentavam fechar, mais uma vez, um dos terminais urbanos que *ficam no centro da cidade, e os policiais reagiram. Um estudante foi detido e liberado em seguida. (Folha de S. Paulo, 1.7.2004).*

- *Agressão familiar em debate*
  A violência contra a mulher será um dos principais temas da primeira Conferência Nacional de Políticas para Mulheres, que começa na próxima quinta-feira, no Clube do Exército, em Brasília. Delegados e representantes de grupos feministas de todo o país vão discutir formas de combate à agressão doméstica e familiar. Os debates servirão para fechar o texto de um projeto de lei, que chegará ao Congresso até o fim do ano.

  O principal avanço da proposta, debatida desde abril pelos ministérios e organizações não-governamentais (ONGs), é a mudança de conceito do agressor doméstico, que deixa de ser somente o companheiro e passa a ser toda pessoa que mora na casa. (Correio Braziliense, 1.7.2004).

Ambos os exemplos seguem o modelo factual de reportagem. Descrevem um fato em detalhes. O primeiro trata de acontecimento do dia anterior. O segundo, de evento futuro. Os dois respondem, logo na abertura, às seis perguntas essenciais do texto jornalístico. Seguem a estrutura de pirâmide invertida, em que as informações mais importantes aparecem primeiro.

Na matéria da *Folha*, o repórter deixa muito clara a escolha ao explicar que ônibus incendiados e depredados, trânsito congestionado e terminais fechados são o “saldo” do conflito entre policiais e manifestantes. O resultado da notícia está no lead. O *Correio Braziliense* também se preocupou em destacar o assunto mais importante a ser debatido. Ambos os exemplos detalham, ao longo da reportagem, o conteúdo do lead.

Veja, agora, este exemplo:

- *Infies, mas nem tanto*
  A deputada Maria Lúcia (PMDB-RJ) é da base do governo. Mas ela é também candidata a prefeita de Belford Roxo, município da Baixada Fluminense. Maria Lúcia não votou a favor do salário mínimo de R$ 260. Nem esteve com o governo que seu partido apoia nos temas relativos à reforma da Previdência. Na verdade, em 145 votações de interesse do governo Lula na Câmara, Maria Lúcia só esteve ao lado do presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 14,3% dos casos. “É complicado mesmo para candidatos a cargos eletivos estar com o governo em temas antipáticos como o do salário mínimo. A eleição torna-se uma dificuldade adicional”, observa o analista político Cristiano Noronha, da consultoria de análise política Arko Advice.

  Cristiano observou o comportamento dos deputados e senadores que disputarão prefeituras municipais em outubro em 14 votações na Câmara e sete no Senado sobre temas da agenda de interesse do governo. O trabalho leva a algumas conclusões. Foram pouquíssimos os candidatos inteiramente fiéis ao governo, principalmente nas votações menos populares. Mas também não há nenhum candidato, mesmo nos partidos de oposição, que tenha sido inteiramente contrário aos interesses do governo Lula. (Correio Braziliense, 13.7.2004).

Viu? O repórter recorreu à apresentação de um personagem (a deputada Maria Lúcia) para resumir a reportagem. Estratégia semelhante se observa nesta matéria:

> ● *Os dois quarteirões mais luxuosos de SP*
> *O painel na avenida República do Líbano dá o tom do que será erguido no terreno de 3 mil metros quadrados: "Mansões suspensas", diz o anúncio. Os 26 andares terão um apartamento cada um – a R$ 5 milhões, o mais baratinho. Do outro lado, o edifício Altana, de 22 andares, mal saiu do chão e tem reservados os dúplex do 15. Até a cobertura, cujo preço é mantido em segredo, mas se estima chegar a R$ 10 milhões.*
>
> *Separados pela avenida Hélio Pellegrino, os empreendimentos fazem esquina com a avenida República do Líbano, um do lado de Moema e outro do lado da Vila Nova Conceição, dois dos bairros mais nobres da cidade, e têm o Parque do Ibirapuera a seus pés, do outro lado da avenida. Essa combinação fez das esquinas as mais luxuosas da cidade – para o mercado imobiliário, duas pérolas num mar de concreto. (O Estado de S. Paulo, 13.7.2004)*

Em vez de personagem, o jornalista optou por descrever os prédios que ocupam os quarteirões mais luxuosos de São Paulo. O que seria reportagem árida e chata, pois aborda nova tendência no mercado imobiliário paulistano, virou texto atraente sobre como vive a parcela endinheirada da cidade. Criativo, o repórter respondeu às seis perguntas fundamentais de uma reportagem sem apoiar-se no padrão clássico de lead.

Conclusão: reportagens factuais também podem ser interessantes.

A suíte

Coberturas do dia a dia, as reportagens factuais dependem do desenrolar dos acontecimentos. As investigações sobre um crime que chamou a atenção da sociedade, por exemplo, podem demorar semanas para ser concluídas. Os jornais costumam acompanhar os detalhes do trabalho policial, publicando matérias diárias sobre assunto. Aí entra em cena figurinha carimbada nas redações – a suíte, nome das matérias que são sequências de outras. Elas trazem as consequências da primeira, desdobramentos, descobertas, repercussão pública.

As suítes atualizam a notícia, mas também relembram o fato original. Muitas pessoas são leitoras esporádicas de jornais. Podem não estar familiarizadas com o novo escândalo da política ou com o último assassinato de gente famosa. O texto, portanto, precisa incluir informações do acontecimento-mãe.

Observe este exemplo:

> ◉ *STF liberta acusado de ter mandado matar Daniel*
> *O presidente do STF (Supremo Tribunal Federal), ministro Nelson Jobim, livrou ontem da prisão o empresário Sérgio Gomes da Silva, que responde a processo criminal sob acusação de ser o mandante do assassinato do prefeito de Santo André, Celso Daniel (PT), em janeiro de 2002.*
>
> *Jobim concedeu liminar em habeas corpus movido pelo advogado de Gomes da Silva ao STF. Ele considerou que não havia razão jurídica para a prisão preventiva, decretada pela Justiça de Itapecerica da Serra (SP) em 10 de dezembro do ano passado. O empresário e ex-segurança foi denunciado por homicídio triplamente qualificado e estava preso desde 11 de dezembro de 2003. Ele nega ter praticado o crime.*

O primeiro parágrafo relata a notícia do dia anterior – a decisão do STF de libertar Sérgio Gomes da Silva. Ao mesmo tempo, relembra a história do crime do qual ele é acusado. O fato original, o assassinato do prefeito de Santo André Celso Daniel, ocorreu há mais de dois anos. A matéria trouxe o passado de volta para explicar ao leitor a importância dada à liberação do empresário. Sem os detalhes, seria difícil saber quem é Sérgio Gomes da Silva.

Antes de começar, responda à pergunta: o que aconteceu? Essa é a informação mais importante, a notícia. É por ela que você deve abrir o texto. Encontrada a notícia, responda às demais perguntas – quem, como, quando, onde e por que, nessa ordem. Elas são o núcleo do lead.

- Use o recurso da pirâmide invertida, resumindo nas primeiras frases os acontecimentos centrais da história.
- Busque aberturas criativas, sem esquecer o caráter informativo da reportagem.
- Não encha linguiça. Você corre o risco de pôr o lead no pé. Em matéria factual, a demora em entrar no assunto afugenta o leitor nas primeiras linhas. Ele quer saber logo o que aconteceu.
- Nos parágrafos seguintes, conte os pormenores das informações dadas no começo. Inclua declarações das pessoas envolvidas.
- No final, mantenha alguma conexão com o início da matéria. É como fechar um círculo, com o leitor no epicentro da notícia outra vez.

Reportagem especial

Algumas notícias, pela importância, dimensão ou impacto, requerem tratamento especial. Costumam ser mais longas que as factuais e extrapolam os acontecimentos do dia anterior. Uma especial objetiva tratar com profundidade assunto específico, relevante e atemporal. Exige muita transpiração pelas horas consumidas na busca das melhores fontes, entrevistas e, não raro, o repórter tem de fazer viagens. E muito esforço na construção de texto capaz de apresentar as informações de tal forma que mantenha a atenção do leitor até o fim.

A especial pede redação elaborada, fora dos padrões utilizados nas coberturas do dia a dia. De preferência, com descrições minuciosas e boa dose de emoção. No caso, o modelito o que-quemquando-onde-como-por que não tem vez. Pior: não há modelo pronto. Abre-se campo para talentos. Mas, como tudo em que o céu é o limite, apresenta riscos.

Erros gramaticais doem nos ouvidos, informações incompletas ganham dimensão de catástrofe e a falta de encadeamento lógico das ideias desanima o leitor. Boas reportagens especiais são resultado da conjunção de apuração rigorosa e texto bem cuidado. Uma depende do outro. O volume de informações pode levar o repórter a perder o fio condutor da história, atrapalhar-se em detalhes irrelevantes e deixar a notícia escapar pelos dedos.

A recíproca é verdadeira. Sem saber aonde chegar, o repórter perde tempo em apurações infrutíferas, ouve fontes erradas e até se excede nos personagens repetitivos. Ter claro o objetivo é o segredo para sair ileso do labirinto.

Veja esta matéria, publicada na edição de 14.10.2003 do *Correio Braziliense*:

> ◉ *Quarta-feira da semana passada, 18h12. Sentados em uma das mesas do badalado Bar Bedrock, na comercial da 204 Norte, dois rapazes de 26 anos tomam cerveja e batem papo. Dois clientes como tantos outros que, ao fim do expediente, aproveitam o final da tarde para curtir um happy hour, não fossem os nomes e os CPFs: Antonio Novely Cardoso de Vilanova e Max Rogério Alves. Dois dos quatro rapazes de classe média e alta condenados a 14 anos de prisão em regime integralmente fechado por terem incendiado vivo o índio pataxó Galdino Jesus dos Santos, em abril de 1997.*
>
> *Os quatro rapazes receberam a sentença do Tribunal do Júri de Brasília em novembro de 2001. Meses depois, também por decisão da Justiça brasiliense, ganharam autorização para trabalhar e estudar fora das dependências do presídio da Papuda. Agraciados com um benefício raro entre presos condenados, os assassinos de Galdino acharam pouco. E se esbaldaram.*

Nos dois primeiros parágrafos, a repórter Ana D´Ângelo apresentou a história – denúncia de que os assassinos do índio Galdino, crime que horrorizou o país, gozavam de tratamento privilegiado na prisão. “Quando se escreve uma reportagem especial, com muitas informações”, ensina Ana, “não se pode perder a pauta de vista”. No caso, o objetivo era mostrar os privilégios que os rapazes recebiam na prisão. O resto era acessório.

Ao longo do texto, dividido em várias retrancas, Ana descreveu de forma minuciosa a rotina de três dos assassinos do índio Galdino. Acompanhe este trecho:

> ◉ *Na quarta-feira passada, Antonio Novely e Max Rogério chegaram ao Bar Bedrock dirigindo os próprios carros. Max estava em um Astra preto 1999, registrado em nome do padrasto. Novely guiava um Uno azul escuro, comprado em seu nome. Novely também foi flagrado na noite seguinte falando em um telefone celular enquanto dirigia. Outro condenado, Eron Chaves, foi visto guiando um Golf 2.0 GLX vermelho, de placa JIZ 1998 e ano 1998. Tomás de Oliveira tirou recentemente carteira para guiar moto.*
>
> *Max e Eron ficaram até às 19h30 no Bedrock, na 204 Norte. Beberam pelo menos quatro cervejas. Depois foram embora guiando os carros. Max deveria ir para a faculdade, cujas aulas começam às 19h. No mínimo, chegou atrasado.*
>
> *Os quatro condenados pela morte do índio Galdino trabalham em órgãos públicos, em funções administrativas. Eron e Tomás despacham no prédio anexo do Ministério do Trabalho, na Esplanada dos Ministérios, na Coordenação de Documentação e Informação. Max está lotado na Companhia de Abastecimento de Água e Esgoto de Brasília (Caesb). A Antonio Novely foi oferecida uma vaga no Hospital Regional da Asa Norte (Hran), especializado no tratamento de vítimas de queimaduras.*

A repórter fez um retrato sem adjetivos ou julgamentos, só apresentou fatos da realidade carcerária brasileira. “Quis mostrar que, no Brasil, ricos e pobres recebem tratamento diferenciado da Justiça”, diz ela.

Ana D´Ângelo é especialista em reportagens investigativas, espécie de subdivisão das reportagens especiais. Esse tipo de trabalho exige apuração delicada e longa. Objetiva escancarar algo que alguém – em geral, do poder público – gostaria de manter em segredo. Enquadram-se nessa categoria as denúncia de corrupção na distribuição e uso de verbas públicas, por exemplo. Concluída com êxito, a reportagem investigativa traz prestígio ao profissional, dá credibilidade aos veículos de comunicação e contribui para o aprimoramento da democracia.

Tão valorizadas quanto as reportagens investigativas são as de caráter humano, nas quais se descrevem os acontecimentos sob o prisma das pessoas que os viveram. Aí, a sensibilidade do autor substitui a frieza da apuração. A emoção sobrepõe-se aos dados. O jornalista não conta uma história. Os personagens o fazem. Em agosto de 1995, quando a explosão da primeira bomba atômica do mundo completou cinquenta anos, *Veja* publicou reportagem de dezenove páginas assinada pelo jornalista Roberto Pompeu de Toledo chamada “Memórias dos filhos do clarão”, relato pungente dos sobreviventes dos ataques a Hiroshima e Nagasaki sobre aqueles dias de inferno.

Vale a pena ler este trecho:

> *Um flash de luz, um monumental flash, e depois um estrondo, eis, em resumo, o que é a explosão de uma bomba atômica. O jovem oficial militar Takashi Morita descera havia cinco minutos de um bonde, em Hiroshima, e caminhava pela rua, naquela manhã, quando sentiu um calor nas costas. Foi jogado longe, acredita que a uns 10 metros, e perdeu o quepe. O que será que acontecera? O Exército mantinha ali perto uma fábrica de pólvora, e ele pensou: "A fábrica deve ter explodido". O menino Noboru Shigemichi, de 10 anos, estava na escola. O prédio desabou. Ele ficou soterrado entre os escombros e achou que ia morrer. Pensou: "Como é que um homem morre? Em que ordem acontecem as coisas?"*
>
> *A senhora Fumiko Furuya, de 23 anos, estava sozinha em casa, deitada na cama, e de repente notou – coisa extraordinária – que o "shoji" de seu quarto, a divisória de papel que os japoneses usam para separar ambientes internos, estava pegando fogo. Pensou: "Preciso apagar esse fogo" e foi à cozinha apanhar um balde com água.*
>
> *Os 50 anos de Hiroshima marcam também os 50 anos da era atômica no mundo. Esta nasce no momento mesmo em que explode sobre a cidade aquela bomba de formato cilíndrico, medindo três metros de comprimento por 70 centímetros de diâmetro, pesando quatro toneladas e apelidada de "Little Boy". Então temos que, na casa da senhora Fumiko, no momento zero da era atômica, uma pessoa tenta contornar o novo problema tendo como arma um balde d'água. Foi inútil. Quando ela voltou ao quarto, o shoji tinha virado cinza.*

Enquanto Ana D'Ângelo optou por estrutura de texto clássica, Roberto Pompeu de Toledo seguiu caminho inverso, enveredando pela literatura. Assuntos diferentes requerem tratamentos diferentes. Assim são as especiais: especiais. Não têm modelo pronto, não seguem padrões linguísticos nem obedecem a regras de estilo.

Como escrever uma reportagem especial?

- Tenha sempre em mente o objetivo principal da matéria. Ele é o fio condutor da apresentação das informações.
- Planeje o texto, prevendo a divisão do conteúdo em retrancas. Cada uma deve abordar tema específico.
- Detenha-se na abertura. A apresentação da reportagem deve ser ampla o suficiente para fazer referência aos assuntos das demais retrancas.
- Capriche no lead. Ele deve ser um resumo da matéria, impactante e forte, para que o leitor não abandone o texto em seguida.
- Escolha uma forma de condução da narrativa. Você pode contar a história por meio de personagens. Ou seguir a ordem cronológica dos acontecimentos. Há ainda o artifício de começar pelo fim.
- Crie subtítulos para dividir os assuntos, introduzir novos temas e dar tempo para respirar.

- Defina o final antes de começar. Conclua com uma informação tão forte quanto a do início. O leitor ficará com a sensação de que valeu a pena ter lido todo o texto.

Declaração é notícia

Uma pergunta pode ser mais importante do que qualquer resposta.
Walcyr Carrasco

A entrevista pingue-pongue

O exemplo brasileiro mais famoso de entrevista pingue-pongue é o da revista *Veja*, chamado de *amarelas* – referência à cor das páginas em que é publicada. À primeira vista, o trabalho parece fácil. Basta ligar o gravador, fazer as perguntas e degravar a fita depois. Grande engano. Trata-se de um dos gêneros mais difíceis de produzir e escrever.

Quem?

A primeira dificuldade é a escolha do entrevistado. A lista de empecilhos equivale à distância entre a Terra e a Lua. Não pode ser uma personalidade óbvia, que fala a torto e a direito. O arroz de festa enfraquece a reportagem. Quanto menos aparecer em público, o que dará caráter de exclusividade à matéria, melhor. As declarações também não podem ser óbvias. Um ministro de Lula defenderia o presidente da República. Não vale. Pareceria release de assessoria de imprensa do Palácio do Planalto. Ministros e aliados só devem ser considerados se forem capazes de fazer análises e emitir opiniões isentas de paixões sobre o governo que representam. Nunca se espera que critiquem o chefe, mas não custa nada ao repórter esforçar-se por arrancar opiniões sinceras. Aí a entrevista vale mais ainda. Como se diz nas redações, ficaria “saborosa”. Por se tratar de perguntas e respostas, o filé mignon das entrevistas são as declarações. O entrevistado deve ter o que dizer e suas opiniões precisam da força do inusitado ou da surpresa. Devem conter revelações ou abordagens inéditas de um assunto recorrente. Entrevistados evasivos, escorregadios, que falam sem dar nome aos bois, resultam chatos e inócuos. Publicá-los não faz falta nenhuma no jornal. Gastam-se papel e espaço precioso à toa.

O quê?

Preparar as perguntas certas desafia qualquer repórter. Só se conseguem bons resultados somando-se dois elementos – conhecimento prévio da fonte e intuição aguçada. O primeiro está nos arquivos de jornais e bibliotecas. Já o segundo... bem, o segundo requer talento natural para deixar o entrevistado tão à vontade a ponto de esquecer que há um gravador ligado na escrivaninha do escritório ou na mesinha de centro da sala. Requer coragem e sensibilidade para fazer perguntas constrangedoras sem constranger o interlocutor. Exige concentração absoluta nas respostas e habilidade mental para formular questões cada vez mais intensas e intimistas. É exaustivo.

Não confie no gravador. Nem mesmo nos modernos, digitais. Anote as declarações. Esteja preparado para a possibilidade de a gravação estar comprometida, com ruídos ou inaudível. Trapezistas experientes trabalham com rede de proteção. Jornalistas também.

Vá com calma na hora do tome lá dá cá. Prepare pauta escrita com as perguntas. Comece pelos temas mais amenos. Sentindo-se seguro em tratar de temas de pouca relevância, o entrevistado se solta e relaxa as defesas preparados antes do encontro com o jornalista. Sim, a fonte chegará com respostas na ponta da língua e a definição clara dos limites sobre o que pode e o que não pode revelar. Cabe ao repórter, com jeitinho, desmontar a barreira. Portanto, apesar da pauta, não se atenha a ela. Abandone-a se perceber espaço para investidas ousadas. Boas perguntas estão embutidas nas próprias respostas. Aproveite as oportunidades.

Às vezes, não dá tempo para preparação. No mundo dos jornais diários, o repórter pode ser deslocado para entrevistar alguém de uma hora para outra. Plantões de fim de semana e feriados são propícios para isso. Os jornalistas costumam estar à disposição para cobertura de qualquer tema, mesmo os pouco relacionados com sua área de atuação. Bate o desespero. Adeus, pesquisa aos arquivos e à biografia do dito-cujo. É o que se chama cair de paraquedas num assunto sem conhecimento prévio. Tremenda saia justa. Fazer o quê?

Como?

Edite o texto. Quem disse que entrevista de pergunta e resposta não exige esforço na hora de escrever? Metade da qualidade do trabalho está na edição. O que se obtém com a conversa entre jornalista e fonte é material bruto, carente de lapidação. A entrevista foi e voltou sobre vários assuntos, pulou de um tema para outro sem conexão aparente e abordou questões alheias à pauta. Organizar o material, dando-lhe forma lógica sem alterar o sentido das palavras da fonte, demanda horas de suor.

Nunca haverá espaço suficiente para publicar uma entrevista de duas horas na íntegra. Muita coisa será excluída. Que sobre o melhor. Não se acanhe em editar as declarações. A fonte tende a ser coloquial, comete erros linguísticos e repete-se. Acerte a construção gramatical, tire exageros e observações paralelas ao assunto principal. Encurte as frases, deixando-as diretas e incisivas. Crie perguntas e divida as respostas para dar clareza às ideias. Sobretudo, enxugue o texto. Fique apenas com o coração das informações. A fonte agradecerá. O leitor também.

Ao escrever as perguntas, use tratamento formal para se dirigir ao entrevistado. Senhor ou senhora basta.

A transcrição das declarações na íntegra deve ser feita com parcimônia. Serve para mostrar ao leitor o estilo de linguagem do entrevistado, cacoetes, sotaques ou ironias. Dosada, acrescenta sonoridade à expressão e personalidade ao entrevistado. O repórter Ricardo Valladares acertou a mão na entrevista com Suzana Vieira, publicada pela revista *Veja* em maio de 2003. Ele incluiu três vezes, em três páginas, a expressão “meu bem”, utilizada pela atriz para encerrar as falas. Ficou assim:

> *Veja* – A idéia de seu marido vir a se interessar por uma mulher mais jovem a preocupa?
> *Suzana* – Ele se interessou por mim, meu bem. Acho que, se um dia meu casamento entrar em crise, não vai ser pela diferença de idade (...)

> (...)
> *Veja* – É mal-humorada no trabalho? Suzana – Não. Aliás, dificilmente fico mal-humorada (...). Eu me faço respeitar, mas não sou louca, meu bem.
> (...)
> *Veja* – Um salário como o seu garante um ótimo padrão de vida. Como usa o seu dinheiro?
> *Suzana* – Eu tenho um belo apartamento em Botafogo, no Rio de Janeiro, uma bela casa de verão, um belo carro importado. Mas não sou de ostentar. Também faço um pouco de caridade (...) Assim como existem os invejosos, existem aquelas pessoas que acham que os artistas têm de ser santos. Nunca fui santa, meu bem.

A expressão coloquial, espalhada pelo texto, reproduz o jeito de Suzana Vieira falar. Faz o leitor “ouvir” as declarações, associando o texto à imagem da atriz na televisão. Recursos como esse enriquecem a entrevista. Usados em demasia, porém, sujam o texto e atrapalham a leitura.

Gente é notícia

Para aparecerem nos jornais,
há assassinos que assassinam.
Eça de Queiroz

Perfil

Ao contrário das pingue-pongue, perfis tratam da personalidade de alguém. Contam histórias de vida, preferências pessoais, hobbies e idiossincrasias. Preocupam-se com a intimidade do entrevistado e com aspectos pouco conhecidos de sua trajetória profissional. Opiniões são importantes, mas não constituem o núcleo do trabalho. Perfis até prescindem de longas entrevistas. Declarações de outras pessoas sobre o personagem ganham destaque. Amigos, adversários, inimigos, concorrentes, parentes, filhos, pais, chefes, subordinados, todos podem acrescentar detalhes esquecidos ou despercebidos, revelar manias e contar bastidores das passagens relevantes dos perfilados. Perfis não servem para agradar, mas para revelar.

Há os perfis biográficos, apresentados pelos jornais quando alguém toma posse em um cargo ou recebe prêmio importante. Nesses casos, assessorias de imprensa se encarregam de divulgar dados sobre a vida profissional do personagem. Incluem lugar de nascimento, postos ocupados anteriormente, outros prêmios recebidos, projetos realizados. Trabalho burocrático, objetiva apresentar a pessoa com quem o leitor conviverá dali pra frente.

Mais: na reportagem-perfil, entra em campo o olhar do repórter. Ele ocupa a maior parte do tempo de apuração vendo e ouvindo. De perto, poderá constatar as reações do personagem em momentos de tensão, de nervosismo. Presenciar cenas emocionantes. Ou anotar expressões de linguagem usadas com frequência – palavrões, tratamentos carinhosos, erros gramaticais, regionalismos. Ou assistir a reuniões decisivas, acompanhar a chegada de notícias inesperadas e detectar frustrações. Testemunha privilegiada, dará ao leitor informações de primeiríssima mão.

Perfis não são biografias autorizadas. Aliás, não são nem biografias. Ao contrário. Biografias encontram-se em documentos oficiais e narrativas curriculares. Numa reportagem-perfil espera-se encontrar as informações que as biografias escondem. Na entrevista pingue-pongue, o fio condutor é o próprio entrevistado. No perfil, é o repórter. Ele deve passar semanas – meses, se possível – acompanhando o personagem.

A jornalista Neuza Sanches gastou um mês e meio de trabalho para construir um perfil da apresentadora Xuxa, publicado pela revista *Veja* em 1997. Durante vinte dias, quase morou na casa da apresentadora, no Rio de Janeiro. Nos primeiros encontros, chegava de manhã e só ia embora de madrugada. Depois, passou algumas noites por lá. Na época, Xuxa era o maior fenômeno de público na televisão brasileira entre crianças e adolescentes.

Xuxa concordou em abrir as portas da casa e do coração. Mas há exemplos em que o perfilado odeia a imprensa. Nesses casos extremos, come-se pelas bordas. Ou seja, acompanha-se a criatura à distância. O repórter poderá assistir ao show de um artista na plateia, frequentar o mesmo restaurante – e checar com o garçom, mais tarde, o valor da gorjeta – esperá-lo na saída de casa, entrevistar o cabeleireiro, conversar com a camareira do hotel, falar com ex-namoradas. A apuração dará mais trabalho, mas o resultado surpreende. É provável que seja mais interessante que uma conversa com o próprio personagem.

Evite usar o gravador. Em perfis, não há a necessidade de transcrição literal de declarações. O gravador mais atrapalha do que ajuda. Inibe o personagem. Tira-lhe a espontaneidade para fazer confidências. Anote o que viu e ouviu assim que tiver um momento de solidão.

Parte dos profissionais entende que um bom perfil dispensa entrevista com o personagem. Foi o jornalista norte-americano Gay Talese, hoje com 71 anos, que tornou popular a reportagem-perfil sem ouvir a vedete do trabalho. Em 1966, publicou um perfil do cantor Frank Sinatra na revista *Esquire*. Passou meses tentando falar com ele, mas o astro sempre tinha uma desculpa para escapar. Gay Talese desistiu e passou a assistir a todos os shows do cantor, a persegui-lo em restaurantes e festas depois das apresentações e a falar com pessoas a seu redor. A matéria, “Sinatra está gripado”, conta o desespero, atordoamento e confusão que se instalava na equipe do cantor a cada espirro seu.

Eis os três primeiros parágrafos:

> ◉ *Frank Sinatra, segurando um copo de Bourbon numa mão e um cigarro na outra, estava num canto escuro do balcão entre duas loiras atraentes, mas já um tanto passadas, que esperavam ouvir alguma palavra dele. Mas ele não dizia nada; passara boa parte da noite calado; só que agora, naquele clube particular em Beverly Hills, parecia ainda mais distante, fitando, através da fumaça e da meia-luz, um largo salão depois do balcão, onde dezenas de casais se espremiam em volta de pequenas mesas ou dançavam no meio da pista ao som trepidante do folk rock que vinha do estéreo. As duas loiras sabiam, como também sabiam os quatro amigos de Sinatra que estavam por perto, que não era boa ideia forçar uma conversa com ele quando ele mergulhava num silêncio soturno, disposição nada rara em Sinatra naquela primeira semana de novembro, um mês antes de seu quinquagésimo aniversário.*

> *Sinatra estava fazendo um filme que agora o aborrecia e não via a hora de terminá-lo; estava cansado de toda a falação da imprensa sobre seu namoro com Mia Farrow, então com vinte anos, que aliás não deu as caras naquela noite; estava furioso com um documentário da rede de televisão CBS sobre a vida dele, que iria ao ar dentro de duas semanas e que, segundo se dizia, invadia a sua privacidade e chegava a especular sobre suas ligações com os chefes da máfia; estava preocupado com sua atuação num especial da NBC intitulado Sinatra – um homem e sua música, no qual ele teria de cantar dezoito canções com uma voz que, naquela ocasião, poucas noites antes do início das gravações, estava debilitada, dolorida e insegura. Sinatra estava doente. Padecia de uma doença tão comum que a maioria das pessoas a considerava banal. Mas quando acontece com Sinatra, ela o mergulha num estado de angústia, de profunda depressão, pânico e até fúria. Frank Sinatra está resfriado.*

> *Sinatra resfriado é Picasso sem tinta, Ferrari sem combustível – só que pior. Porque um resfriado comum despoja Sinatra de uma jóia que não dá para pôr no seguro – a voz dele – , mina as bases de sua confiança e afeta não apenas seu estado psicológico, mas parece provocar também uma espécie de contaminação psicossomática que alcança dezenas de pessoas que trabalham para ele, bebem com ele, gostam dele, pessoas cujo bem-estar e estabilidade dependem dele. Um Sinatra resfriado pode, em pequena escala, emitir vibrações que interferem na indústria do entretenimento e mais além, da mesma forma que a súbita doença de um presidente dos Estados Unidos pode abalar a economia do país.*

O trabalho tornou-se um marco na história da imprensa. Identificado com o Novo Jornalismo norte-americano, corrente na qual se misturam notícias e literatura e da qual faz parte também o escritor Tom Wolf, Gay Talese escreveu, no final da década de 80, outra reportagem contando os bastidores da apuração do perfil histórico de Frank Sinatra. Publicado pela revista *New Yorker*, chamava-se “Como não entrevistar Sinatra”. Desde o trabalho original de 1966, as redações perceberam que bons perfis dependem mais do repórter que do personagem. Gay Talese criou paradigmas para reportagensperfis que estão em vigor até hoje.

Para escrever perfis:

- Evite adjetivos. Use descrições minuciosas da pessoa, do local onde vive, das roupas. O próprio leitor construirá a imagem do personagem mentalmente.
- Prefira linguagem coloquial, o mais próximo possível da maneira de falar do personagem. Palavras sofisticadas na boca de pessoas humildes soam falso.
- Corrija erros gramaticais, a não ser nos casos em que o texto reproduz a linguagem incorreta dos personagens. No caso, escolha estruturas muito simples. Se alguém disser “nóis vai”, não há mal algum em escrever “nós vamos” ou “a gente vai”. Mas passar o original para “nós consideramos ir” é demais.

Personagem

Na virada do ano de 1988 para 1989, *Veja* incumbiu uma repórter de encontrar uma agulha num palheiro. Era o primeiro ano em vigor da nova Constituição. Como nenhuma outra antes, a Carta garantia muitos direitos sociais, e a revista pretendia mostrar o início de uma fase na história brasileira. Para ilustrar o momento, ela teria de encontrar um bebê nascido no dia 1º de janeiro, já sob as garantias da nova Constituição. Se fosse só isso, seria fácil. Mas a mãe deveria estar em licença-maternidade de quatro meses, e o pai, em licençapaternidade – duas novidades incluídas na vida brasileira.

A repórter e o fotógrafo foram a um dos hospitais públicos de São Paulo. Muitos bebês haviam nascido ali no primeiro dia do ano, mas apenas um com as características exigidas pela revista. Família pobre, a mãe estava sozinha com o filho no hospital. A hora de visita, quando o pai chegaria, estava distante. Iam produzir a foto assim mesmo, quando o fotógrafo chamou a repórter num cantinho do quarto coletivo, com quatro camas. Mais experiente e conhecedor da forma de pensar e trabalhar em *Veja*, ele alertou:

– Não dá. É tudo muito feio, o hospital, as roupas, a família. A mãe está com cara de sofrimento, nem sabe direito se vai ter licençamaternidade. A revista quer uma coisa pra cima, com gente bonita e feliz. Vamos procurar em outro lugar.

O outro lugar era um hospital privado. É sempre mais difícil entrar nesses lugares e fotografar as pessoas. Gente rica não gosta de se expor e sabe que pode se recusar a dar entrevista e não deixar-se fotografar. Pobres não costumam reclamar, não perguntam as razões da foto, não têm noção dos direitos. Por isso, são usados com frequência pelos jornalistas quando precisam de personagens complicados para ilustrar as matérias.

Mas, naquele dia, como se tratava de acontecimento feliz para qualquer família, encontraram os personagens ideais para a reportagem. Gêmeos! Papai e mamãe, orgulhosos, desfrutando dos direitos que a Constituição lhes garantia, concordaram em falar e posar para a foto com os pimpolhos no colo. A foto abriu a edição de Brasil daquela semana e toda a apuração da jornalista ficou resumida à legenda.

Personagens de matérias são assim – exemplos concretos do que está escrito na reportagem. Incluí-los no texto humaniza uma descrição fria, dá nome, endereço e identidade a um acontecimento.

Para chegar a bons personagens, é preciso encontrar muitos e descartar a metade. Apure os detalhes das histórias de todos como se fossem imprescindíveis. Mas inclua na matéria só os mais representativos.

Em algumas reportagens, os personagens assumem papel tão central que os depoimentos são apresentados em primeira pessoa. Na edição de 26.4.2004, a revista *Época* publicou matéria sobre as acusações de estupro de sete meninas menores de 14 anos contra o prefeito da cidade de Goiás, Boadyr Veloso. O prefeito escapou da condenação, diz a notícia, ao apresentar as sete certidões de casamento das vítimas. Uma delas, Rosilma dos Santos, deu este depoimento à *Época:*

- *Foi ele, Boadyr Veloso, que tirou a minha virgindade. Eu tinha 11 anos. A gente chamava ele de tio. Eu era pequena. Me sentia suja. Fiz só pelo dinheiro mesmo. Na hora, no motel, eu falei que queria ir embora, mas ele falou que eu tinha de fazer o meu serviço. Senão, eu não ganhava dinheiro. Eu era criança ainda. Comprava roupa. Fui muitas vezes com ele. Mas depois que eu perdi a minha virgindade com ele, aí ele não quis sair mais comigo. Não posso falar nada, né?*

  Tenho medo. Peço muito a Deus que minha filha não seja como eu fui. Essa coisa de chegar um homem, oferecer dinheiro a ela, jamais. Eu só fui mesmo porque não tinha cabeça e tava precisando muito de dinheiro. Eu acho que um cara igual a ele é um monstro, né?

O texto em primeira pessoa, com o próprio personagem contando a história, trouxe maior impacto à reportagem. A revista preservou a linguagem simples da personagem para mostrar sua origem humilde e vulnerabilidade diante de um político importante da cidade. Não está escrito em nenhum lugar, mas o quadro apresentado pela garota reforça as acusações contra o prefeito e deixa claro que ele se aproveitava da condição socioeconômica das vítimas para obter favores sexuais.

Há outros formatos para a apresentação dos personagens. Tratamento diferente foi dado pela mesma revista na mesma edição aos personagens de uma reportagem sobre o boom de nascimentos de gêmeos e trigêmeos no Brasil, resultado da popularização das técnicas de reprodução assistida. Sob o título “A safra dos múltiplos”, *Época* contou a história de várias famílias que tiveram gêmeos ou trigêmeos, todas acompanhadas de fotos.

Veja este exemplo:

- *Organização é a alma da família*
  No apartamento de dois quartos no bairro do Jardim Botânico, zona sul do Rio, a palavra de ordem é organização. Após o nascimento de Eduardo, Ana e João, atualmente com 3 meses, o casal Gustavo, de 34 anos, e Viviane Kruer, de 32, tem na ponta do lápis o dia a dia dos bebês. Literalmente. Tudo o que se passa com cada um dos trigêmeos é anotado numa planilha desenvolvida sob orientação médica. A família já testou mais de cinco modelos. Na folha de papel são registrados os medicamentos prescritos para as crianças, com hora e dosagem, todas as 30 mamadas, com horário e quantidade ingerida por bebê. “Se a gente não fizer assim, no meio da confusão corremos o risco de dar o remédio errado para um dos bebês, sem contar que um pode ser mais alimentado do que o outro”, explica Viviane.

  Além do registro fiel da rotina dos trigêmeos, o casal teve de criar técnicas para reconhecer as chupetas e distinguir os bicos das mamadeiras que agradam a um e desagradam aos outros. As chupetas, por exemplo, *são guardadas em potinhos que ficam estrategicamente ao lado de cada berço, para não haver trocas.*

Os exemplos dão a ideia do tipo de texto utilizado para apresentação de personagens. Na prática, eles seguem as mesmas regrinhas dos perfis. Com uma diferença: são mais curtos.

Opine, não ache

Quem exagera o argumento prejudica a causa.
Friedrich Hegel

Matérias de opinião ocupam cada vez mais espaço em jornais e revistas. O excesso de informação despejado sobre os leitores pelos meios eletrônicos de comunicação, mais ágeis e instantâneos, obrigou os veículos tradicionais a buscar saídas para ir além da notícia. Hoje, estar informado não basta. É preciso estar *bem* informado – entender as notícias, conhecer-lhes as causas e consequências, contextualizá-las e, acima de tudo, ter opinião sobre elas. Esse é o papel das matérias de opinião. Elas trazem pontos de vista diferentes sobre um tema, às vezes contraditórios, para que o leitor possa tirar as próprias conclusões.

Existem dois tipos principais de opinião nos jornais – editoriais e artigos. Os primeiros apresentam a posição da empresa sobre um fato. Os segundos, o pensamento de colaboradores: cientistas políticos, parlamentares, economistas, jornalistas, especialistas em áreas técnicas e quem tiver pontos de vista a apresentar.

Editoriais

Os editoriais expressam a opinião da empresa. Os veículos de comunicação têm editorialistas dedicados a esse trabalho. De forma pejorativa, são chamados de “pena de aluguel”, referência ao fato de defenderem teses de terceiros. Eles, na prática, fazem o mesmo trabalho dos repórteres – ouvir e transmitir a opinião de suas fontes. No caso, as empresas para as quais trabalham.

Os meios de comunicação defendem interesses, cobram providências, criticam instituições. Posicionam-se diante dos leitores e das autoridades. Dada a importância de que se revestem, são escritos em linguagem cuidada, em língua de terno e gravata. Erros podem custar a cabeça do autor. Não por acaso, profissionais mais velhos e experientes, conhecedores da política interna da casa, respondem pela editoria de Opinião.

Artigos, colunas e análises

Artigos e análises representam a opinião de quem assina o texto. Os jornais publicam pequenas notas de rodapé com informações sobre o autor, para dar credibilidade ao escrito e ajudar a compreender as intenções por trás dos pontos de vista apresentados. A crítica ao programa de governo do presidente Lula feita por um adversário tem menos força do que outra, no mesmo sentido, feita por um aliado. Espera-se, claro, oposição da oposição.

Há ainda outro tipo de matéria opinativa nos jornais e revistas – as colunas assinadas. Elas aparecem em todos os cadernos dos jornais, conforme o assunto tratado. Os autores, sempre os mesmos, se tornam donos do espaço e, às vezes, lhe dão o próprio nome.

Nos últimos anos, novo recurso tornou-se corriqueiro. Tratase das análises, que complementam reportagens ou grandes coberturas. No caso, convoca-se um especialista ou repórter da redação para avaliar o acontecimento, explicar suas causas e consequências. Há duas formas consagradas de escrever editoriais, artigos e análises. Uma: apresenta, no primeiro parágrafo, o assunto a ser tratado, dando ao leitor o contexto e as informações necessárias para entender a opinião que virá a seguir. É o modelo mais usado. A tese aparece, em geral, a partir do terceiro parágrafo. A outra: segue roteiro inverso. Apresenta ao leitor a tese logo de cara, no início do texto. Em ambos os formatos, o miolo destina-se aos argumentos que sustentam a opinião.

Eis um editorial extraído da *Folha de S. Paulo* de 24.6.2004:

> *A apenas seis dias da transferência da soberania para o governo provisório iraquiano, uma série de ataques concentrados em cinco cidades produziu cerca de uma centena de mortes e mais de 300 feridos. A previsão é que novas ações em grande escala se repitam nos próximos dias.*
>
> *A nova administração iraquiana já assume sob o signo de um dilema que parece insolúvel. Sem legitimidade popular, o governo sustenta-se principalmente na força militar da coalizão de tropas estrangeiras lideradas pelos* EUA*. E é justamente a presença desses soldados a principal motivação da resistência para lançar ataques contra a administração. Se as tropas saem do país, é quase certo que o governo provisório cai; se ficam, não há nenhuma razão para que cessem os atentados que vêm desestabilizando o país, provocando*

> *centenas de mortes e minando a já combalida infraestrutura iraquiana.*
>
> *Ao que tudo indica, os soldados estrangeiros permanecerão ainda por muitos anos no Iraque. A estratégia de estabilização passa por eleições que confeririam legitimidade e aceitação aos governantes. É claro que as possibilidades de erro são inúmeras. Para começar, o atual governo, ao qual caberá organizar os pleitos, é visto como um fantoche de Washington, o que poderá lançar dúvidas sobre os resultados eleitorais. De resto, parece bastante improvável que os* EUA*, com cerca de 130 mil homens no Iraque, aceitem um eventual governo islâmico hostil à Casa Branca.*
>
> *O que parece mais certo nessa história toda é que o presidente George W. Bush cometeu um formidável erro ao invadir o Iraque e agora não sabe como livrar-se da encrenca.*

Três quartos do texto são dedicados a contar a situação conflituosa do Iraque, pano de fundo para os atentados aos quais o jornal se refere, que foram manchete naquele dia – ataques matam ao menos 89 no Iraque. A opinião está expressa no parágrafo final. A *Folha* atribuiu ao presidente George W. Bush a responsabilidade pelo conflito ao invadir o país. Considera a atitude de Bush "erro formidável".

Agora, acompanhe este exemplo, reprodução de outro editorial da mesma edição da *Folha*:

> ◉ *No que já configura uma verdadeira gincana de populismo, o governador do Estado de São Paulo, Geraldo Alckmin, acaba de lançar seu programa de distribuição de medicamentos. Às vésperas da convenção tucana que indicará José Serra para concorrer à Prefeitura de São Paulo, o correligionário Alckmin criou, na capital, o Farmácia Dose Certa. Serão dez postos em estações do metrô que dispensarão gratuitamente 40 tipos de remédio a usuários do sistema público de saúde.*
>
> *O Farmácia Dose Certa vem apenas duas semanas depois do Farmácia Popular, que é o nome do programa federal de venda subsidiada de medicamentos. Não por acaso, a rede criada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva se concentra em São Paulo, onde a prefeita petista Marta Suplicy tentará a reeleição.*
>
> *Em comum, ambos os projetos partilham, além do caráter demagógico, a total inconveniência. No contexto do* SUS*, remédios devem ser distribuídos gratuitamente nas farmácias de postos de saúde e de hospitais nos quais o paciente é atendido. Fora daí, entra-se no território do marketing eleitoral. Prova-o a própria escolha do local onde o governo do Estado pretende montar suas bancas: o metrô. Não se trata tanto de facilitar a vida do doente, que, para obter a receita médica, necessariamente passa por um posto de saúde ou hospital, mas de mostrar serviço para as centenas de milhares de pessoas que se utilizam diariamente da malha metroviária.*
>
> *A essa altura, a população já se acostumou a ser regalada com benfeitorias de diversos calibres às vésperas de eleições. Em algum grau, isso faz parte da própria dinâmica das democracias. Todo administrador tende a mostrar realizações perto e não longe dos pleitos. A fronteira entre*

> *a iniciativa legítima e a apenas populista pode ser traçada a partir dos rudimentos da lógica. Quando a proposta encerra algum sentido econômico ou social, é aceitável, mas não quando ela nada acrescenta além da visibilidade para o governante. No caso das farmácias eleitorais, infelizmente nenhuma delas passa pelo teste da consistência.*

Nesse caso, a *Folha* abriu o editorial criticando as iniciativas populistas dos governantes. “No que já configura uma verdadeira gincana de populismo...” constitui opinião enfática. O leitor soube, em poucas palavras, que o jornal ataca o novo sistema de distribuição de medicamentos. O argumento que justifica a ideia de que as tais farmácias sejam apenas recurso de marketing eleitoral ficou para o final.

Para escrever textos opinativos:

- Antes de mais nada, tenha uma opinião sobre determinado assunto.
- Tenha claro o ponto de vista a ser defendido. É fundamental saber se o texto vai defender uma ideia, criticá-la ou sustentar posição intermediária, de apoio com ressalvas.
- Faça pequena introdução para que o leitor se familiarize com o assunto a ser tratado. Ou apresente a opinião logo no início.
- A partir daí, desfile os argumentos em defesa da tese. Apresente pelo menos três justificativas. Menos do que isso enfraquece o texto.
- Ao sustentar a opinião, use argumentos concretos, como números de pesquisas e referências históricas. Cite especialistas renomados que corroborem sua posição.
- Sobretudo, nunca ache nada. Achismo não é opinião.

Quanto menor, melhor

O bom, se conciso, é duas vezes bom.
Baltasar Gracián

Colunas de notas se popularizaram nos últimos anos, quando os jornais começaram a reduzir o tamanho das matérias para atender à alegada falta de tempo da vida moderna. Para quem tem preguiça de ler o jornal, são mesmo o gênero ideal de notícias – diretas, enxutas, rápidas. As novas colunas tomaram emprestada a linguagem coloquial das antigas colunas sociais e incorporaram notícias de outras áreas “mais sérias” do jornalismo, como política, economia e esportes. Coluna de notas que se preza, hoje, precisa de informação exclusiva, além de fofocas, brincadeiras e bom humor.

Ao contrário do que pode parecer à primeira vista, escrever notas é tão difícil quanto escrever uma reportagem especial. Ou mais difícil, porque exige a aplicação máxima das regras do texto jornalístico. Nelas, clareza, concisão e objetividade são elevadas à décima potência, com pitadas de ironia, descontração e leveza. Na prática, cada nota equivale a um lead de reportagem.

Uma das colunas mais prestigiadas da imprensa brasileira é a de Ancelmo Góis, publicada diariamente em *O Globo*. Eis as duas primeiras notas do dia 1.7.2004:

> ◉ ***BNDES vai às compras***
> *Carlos Lessa pensa em comprar uma pequena participação nas usinas de Tubarão (agora em poder da européia Arcelor) e de Volta Redonda (controlada por Benjamin Steinbruch). Seria operação estratégica igual àquela que levou o BNDES, em novembro, a adquirir, por R$ 1,5 bi, 8,5% da Vale.*

> ◉ ***A bolada de Milene***
> *Pelo acordo de separação assinado ontem entre Ronaldo Fenômeno e Milene Domingues na corte de Alcobendas, na Espanha, a ex-mulher do craque vai receber, por mês, 23 mil euros. São R$ 86.454,89.*

Nos dois exemplos, os textos são curtos e grossos. Sem floreios ou meias-palavras. O modelito para escrevê-los é o clássico do texto jornalístico – o que, quem, quando, onde, como e por quê. Funciona tão bem quanto o vestido tubinho preto, acessório indispensável no guarda-roupa das mulheres. Não admite nenhum enfeite. O charme das colunas de notas reside na oferta apenas e tão somente da notícia nua e crua. Mais básico, impossível.

Acessórios trabalhosos

> *A palavra, como se sabe, é um ser vivo.*
> Victor Hugo

Nos bons tempos da imprensa, havia os copidesques, profissionais contratados para reescrever textos, dar título às matérias e legenda às fotos. Eles sumiram das redações. As novas tecnologias obrigam o repórter a escrever na tela do computador, obedecendo ao tamanho da matéria definido pela diagramação, e a fazer (no mínimo, sugerir) legendas, títulos e subtítulos.

Os três elementos da edição (título, subtítulo, e legendas) são inseparáveis.

Falam a mesma língua. Completam-se um ao outro. Páginas bem editadas, diz-se nas redações, são aquelas em que basta ler os “penduricalhos” para saber o conteúdo inteiro da matéria. Não por acaso, a distribuição dos acessórios nas páginas segue o movimento dos olhos durante a leitura. No mundo ocidental, lemos de forma horizontal, de cima para baixo e da esquerda para a direita. Japoneses lêem da direita para a esquerda e de cima para baixo, mas no sentido vertical.

Assim, é natural e automático que, ao abrir jornais e revistas, os olhos do leitor recaiam sobre a parte superior das páginas, em que estão os títulos. Eles são o começo de tudo, a cenoura que conduzirá o leitor até o último ponto do texto, o elemento de sedução. No rádio e na tevê, as chamadas para as reportagens garantem que o telespectador esteja de volta ao sofá depois dos comerciais. Fátima Bernardes e Willian Bonner encerram os blocos de notícias do *Jornal Nacional* dizendo “A seguir...”. A apresentação das notícias seguintes precisa ser tão forte quanto a própria notícia – ou mais.

A principal característica de um título (e das chamadas de tevê e rádio, suas similares nas mídias eletrônicas) é apresentar o fato – o que aconteceu. O subtítulo acrescenta informações – como aconteceu, quem esteve envolvido e como. Legendas são um pouco mais complicadas. Elas servem para explicar uma foto e localizá-la no contexto da reportagem. Não devem descrever a imagem (o leitor está olhando para ela), mas identificar pessoas e lugares.

Os acessórios variam de formato. Reportagens factuais “pedem” títulos objetivos. Perfis, entrevistas e reportagens especiais admitem títulos abrangentes, conotativos. Nesse caso, aumenta a responsabilidade do subtítulo. É ele que cumprirá a função de apresentar o teor da reportagem ao leitor. Em suma: os três elementos da página formam um conjunto perfeito.

Veja estes exemplos, extraídos da edição de 8.7.2004 de O Globo:

- ***Ataque à fraude nos combustíveis***
  Polícia Federal fecha depósito clandestino que vendia gasolina adulterada

- *Eleições 2004*
  Comércio ambulante de votos
  No primeiro dia da campanha, Crivella, Bittar e Jandira criticam ação da Guarda contra camelôs

No primeiro caso, título factual. No segundo, trocadilho com a caça aos votos dos principais candidatos a prefeito do Rio de Janeiro e suas críticas à ação das autoridades contra o comércio ambulante nas ruas da cidade. Note que, no segundo exemplo, a frase não tem verbo. Entrou em ação aí outro componente – a retranca. No caso, “eleições 2004”, identificação de uma série de reportagens sobre o início da campanha municipal em todo o país que se repetia em três páginas da editoria de Política. A retranca deu a ideia de continuidade à reportagem, mantendo a unidade de estilo e tratamento.

O *Correio Braziliense* é um dos jornais mais criativos nos títulos. No desenho das páginas, o subtítulo aparece acima do título. Portanto, o leitor recebe primeiro um resumo do conteúdo da matéria e, em seguida, um título forte, que funciona como conclusão da história. Veja estes exemplos:

● *ORIENTE MÉDIO*
Para os israelenses, ele é uma obra essencial contra os terroristas. Para os palestinos, é uma forma de o governo Sharon confiscar terras. Tribunal Internacional de Justiça anuncia sua decisão hoje

Esse muro é legal?
(edição de 9.7.2004)

● *MEMÓRIA*
Espanha comemora com grande exposição no Museu Rainha Sofia o centenário de Salvador Dali, pintor que renovou a linguagem artística em todos os campos em que atuou

Surreal ao alcance do povo
(edição de 11.7.2004)

Nos dois exemplos, a edição de títulos e subtítulos (se é que podem ser chamados assim, pela posição ocupada na página) vem amparada pela retranca explicativa do assunto tratado na matéria – *Oriente Médio* e *Memória*. Ela ajuda a contextualizar a reportagem, facilitando a leitura e a compreensão. Também compensam os títulos vagos, interpretativos.

O uso do ponto de interrogação nos acessórios das páginas é proibido em vários manuais de redação, mas o *Correio* provou que há exceções. Usou o recurso de forma apropriada no caso da construção, pelo governo israelense, do muro que deve separar o país dos territórios palestinos da Cisjordânia. *Esse muro é legal*? resume a questão a ser respondida pelo Tribunal Internacional de Justiça.

Na matéria sobre Salvador Dali, o título *Surreal ao alcance do povo* explica o objetivo da exposição, fugindo do tratamento convencional dado às reportagens factuais.

Quente ou fria?

Palavras têm temperatura – você sabia? Como elas são a base dos títulos, a simples troca de sinônimos muda tudo, o contexto, o tom, a interpretação. Veja este exemplo, de O Estado de S.Paulo, edição de 11.7.2004:

- *Justiça manda Estácio indenizar aluna baleada*

A matéria conta a decisão da Justiça de condenar a Universidade Estácio de Sá a pagar indenização de R$ 950 mil a uma vítima de bala perdida no campus da escola. O assunto é polêmico, mas o título o transformou em matéria de segunda categoria. O problema está na palavra *indenizar*. Trata-se de linguagem técnica dos tribunais e advogados. O que seria uma matéria humana virou registro de decisão judicial. O resultado foi um título frio, distante das pessoas e da sociedade.

O título ficaria mais atraente assim:

- *Aluna baleada receberá R$ 950 mil da escola*

Essa é mais quente – dispensa termos técnicos, inclui elementos humanos e apresenta a notícia sob o ponto de vista da vítima, não da Justiça. O que era uma informação burocrática tomou forma de história de vida, mais próxima das pessoas a que se destina o jornal. Moral da história: em títulos, dê preferência às palavras quentes, em geral mais curtas do que as frias.

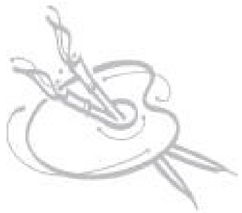

Toque final

Não gosto de escrever. Gosto de ter escrito.
Armando Nogueira

As palavras são a ferramenta do jornalista. Conhecê-las é o primeiro requisito de quem quer escrever para ser entendido. O mau português compromete o esforço de pesquisa e redação, mutila as informações e prejudica a clareza. O emprego do termo adequado é uma das regras fundamentais do estilo.

Não se concebe um pintor que desconheça as cores, um compositor que ignore as notas musicais ou um escritor sem familiaridade com a língua. O jornalista precisa manejar o idioma com desenvoltura. Não raras vezes, porém, cai em pequenas armadilhas que põem abaixo sério e penoso trabalho. Algumas, relacionadas à norma gramatical; outras, afinadas mais com o bom gosto e o bom senso que com o certo e o errado.

A ética das palavras

Não existem palavras inocentes.
Frase inspirada em Freud

A socialite Carmem Mayrink Veiga ficou pobre. Precisou arregaçar as mangas e partir pra luta. Para provar que daria conta do recado, disse em entrevista que sempre trabalhara como uma negra. Tradução: trabalho pesado é coisa de negro.

Fernando Henrique estava em campanha eleitoral. Num laivo de humildade, confessou que tinha um pé na senzala. Para os bons entendedores, ficou claro. O homem não era tão perfeito quanto parecia. Tinha nódoas de origem.

“Tenho aquilo roxo”, vociferou Fernando Collor de Melo. Delfim Netto se encarregou de pôr os pontos nos is. “Os brancos”, ironizou ele, “têm aquilo rosa.

Se você tem roxo, branco não é”. Conclusão: o não ser branco constitui defeito que as pessoas precisam esconder.

As três histórias têm a cara do racismo brasileiro. É disfarçado. Freqüenta com tanta naturalidade o dia a dia que raramente nos damos conta de que estamos reforçando preconceitos.

Por causa do preconceito, temos dificuldade de dizer que alguém é negro. Parece ofensivo. Criativos, inventamos um montão de palavras para designar afrodescendentes. É o caso de mulato, moreno, escurinho, sarará, cabo verde, neguinho.

E por aí vai.

Muitas delas são eufemísticas. Constituem forma de adocicar o preconceito e torná-lo convenientemente invisível. “Desenvolvemos o preconceito de ter preconceito”, disse Florestan Fernandes. A razão é simples. A legislação é pra lá de rigorosa. Crime de racismo figura entre os inafiançáveis. Qualquer bobeira, o jornalista responde nos tribunais.

Aconteceu com o colunista social Cláudio Cabral Ferreira, do jornal *Tribuna do Ceará*. Ele escreveu: “Feijoada é comida de músico baiano, negros e índios – sub-raças, evidente”. O caso acabou no Tribunal de Justiça do estado. “Foi só uma brincadeira”, defendeu-se ele. O juiz aceitou a desculpa. Absolveu o acusado por entender que tudo não passara de galhofa. O promotor recorreu. O gozador pode pegar seis anos de xilindró.

Ser racista explícito tornou-se, além de arriscado, politicamente incorreto. Pega mal. A sociedade patrulha, o movimento negro está atento. Mas a discriminação continua presente.

As palavras, como frisou Camilo José Cela, são mais duradouras que as pedras. Não são, porém, criação da imprensa. A mídia apenas as reproduz.

Expressões impregnadas de preconceitos usadas aqui e ali recorrem ao adjetivo negro. Todas têm conotação negativa. Valem os exemplos de *câmbio negro, mercado negro, buraco negro, dia negro, lista negra, humor negro, magia negra*, *peste negra, ovelha negra*, *nuvens negras*.

Cortar negro do dicionário? Claro que não. A palavra é muito bem-vinda para designar africanos ou afrodescendentes. Zezé Mota é negra. Não é escurinha, crioula, negrinha, morena, negrona, de cor. Afora isso, xô! Quer indicar cor? Use preto.

O politicamente correto não se restringe a questões raciais. Não é politicamente correto pôr em risco o meio ambiente. Não é politicamente correto contar piadinhas sobre mulher. Não é politicamente correto usar termos que, de uma forma ou de outra, reforçam preconceitos.

Homossexual é homossexual ou gay. Bissexual é bissexual. Travesti é travesti. Lésbica é lésbica. Nada de bicha, veado, fresco, boneca, traveco, gilete, sapatão, sapato 45. Cego é cego. Surdo é surdo. Mudo é mudo. Às vezes, portador de necessidades especiais. Nunca aleijado, aleijão, defeituoso, deformado, retardado, mongolóide, débil mental.

Pobre é pobre ou pessoa de baixa renda, se possível, dizer a renda. Sem essa de pé-rapado, salário mínimo, roto, pobretão. Idoso é idoso (melhor informar a idade da pessoa). Deixe de fora vovô, velho, decrépito, senil, gagá, velhote, titio, mais pra lá do que pra cá, esclerosado, pé na cova, hora extra no mundo. Nordestino é nordestino. Paraibano é paraibano. Piauiense é piauiense. Esqueça nortista, paraíba, piauizeiro, retirante, cabeça-chata, pau de arara, baiano cansado.

Pessoa baixa é baixa (dizer a altura). Nanica, pigmeu, pintor de rodapé, gabiru, anão de jardim, salva-vidas de aquário? Tranque as gozações no cofre e jogue a chave fora. Maltratar é maltratar. Desacreditar é desacreditar. Nada de judiar, que lembra judeu. Ou denegrir, que remete a negro.

É isso. Policie a linguagem. E não peque pela omissão. Fale mais, cobre mais. Faça barulho quando autoridades, que servem de modelo, recorrerem, mesmo inconscientemente, a expressões preconceituosas. É jeito de dar visibilidade ao preconceito envergonhado.

A luta é difícil porque se trava contra fantasmas. Vale, aí, a receita de Leonel Brizola: para lutar contra o diabo, é preciso recorrer a todos os demônios. Afinal, o diabo nunca tira férias. Se necessário, faz hora extra. Quando não pode comparecer, manda a sogra. Resistir a ele? Só há uma receita. É a eterna vigilância.

As penetras

Minha pátria é minha língua.
Fernando Pessoa

Um banco oficial patrocinou um espetáculo de música popular brasileira. Teatro lotado, o apresentador, de smoking e gravata borboleta, cumprimentou a plateia, pediu que desligassem os celulares e anunciou:

– Vamos estartar o show.

Uma hora depois voltou e informou ao distinto público:

– Teremos um brake de quinze minutos.

Passado o tempo, as luzes se acenderam e se apagaram três vezes. Ele, de novo:

– É hora de reestartar o show.

Ensurdecedora vaia se ouviu. O pobre não entendeu a injustiça. Na cabeça dele, pegava bem usar os nobres estartar, brake e reestartar no lugar dos vira-latas iniciar, intervalo e recomeçar. Pensou mal. Alguns não entenderam. Quem entendeu achou desaforo. Daí a reação.

Um fato é indiscutível. A língua está impregnada de palavras estrangeiras. Nos shopping centers, nas comunicações bancárias, nos nomes de lojas, só o inglês tem vez. Bairros emergentes dão a impressão de que vivemos em Nova Iorque. Não falta nem estátua da liberdade.

É da natureza da língua ser flexível, viva, dinâmica, adaptável. Logo, livre pra sofrer influências e receber contribuições. A língua é como fogo morro acima e água morro abaixo. Ninguém controla.

Bater papo é o seu vício. O diálogo se dá, claro, com as línguas de mais contato. Se hoje o português tem mais proximidade com o inglês – graças à internet, ao cinema, à música americana – é natural que sofra mais influência do inglês. Como antes sofreu do francês.

Fofoqueira, a língua fala de nós. Denuncia-nos. Mostra o que somos. Ora, se temos orgulho e amor por nossas coisas, cuidamos delas, ajudamo-las a crescer, frutificar, ter sucesso. Se, ao contrário, tratamo-las com indiferença, alienação e desprezo, o resultado é o empobrecimento e a morte. Em outras palavras: a entrega ao outro.

Se a língua fala de nós, o que diz a nosso respeito?

Revela um povo que usa poucos dos inumeráveis recursos de que dispõe. O português tem cerca de 400 mil palavras. Guimarães Rosa utilizou nove mil. Um adulto escolarizado se recorre de duas mil. Quem só frequentou o ensino fundamental fica pelos mil vocábulos. Quanto menos recursos se usam, mais pobre a língua fica. Uma palavra passa a traduzir muitas significações. Vira curinga.

Revela um povo com baixa autoestima. Dar nome inglês a estabelecimentos comerciais, anunciar em inglês a liquidação ou a entrega em domicílio denuncia falta de amor próprio, preguiça de criar e tendência à cópia. Denuncia, também, o produto que o consumidor deseja. O comércio oferece cardápio em inglês porque o consumidor quer. Valoriza o prato.

Os dois itens anteriores revelam, sobretudo, subdesenvolvimento. Somos subdesenvolvidos porque nos faltam educação e ciência. Usamos poucos recursos da língua porque não nos são exigidos. Embalamos nosso produto em inglês porque vende melhor. Se houvesse resistência, o quadro seria diferente.

Como lidar com os estrangeirismos na imprensa? Eça de Queirós escreveu: “Um homem só deve falar, com impecável segurança e pureza, a língua da sua terra. Todas as outras as deve falar mal, orgulhosamente mal, com aquele acento chato e falso que denuncia logo o estrangeiro”.

Há empréstimos incorporados. Esses praticamente conquistaram nacionalidade camoniana. É o caso de show, shopping, marketing. Alguns ganharam grafia portuguesa. Fiquemos com ela: abajur, gangue, uísque, estresse, xampu.

E, sempre que houver uma palavra portuguesa, vamos dar-lhe primazia. Prefira apagar a deletar; imprimir a printar; camiseta a t-shirt; participação no mercado a marquet share.

Na boca do povo

A coisa mais difícil do mundo é dizer pensando
o que todos dizem sem pensar.
Émile Auguste Chartier Alain

Paulo formou-se em comunicação. Em bate-papo com os colegas, soube que a uma emissora de tevê estava contratando repórteres. Informaram-no que o primeiro passo era apresentar o currículo. Ele preparou cuidadosamente o texto. Ao entregá-lo, vários conhecidos faziam o mesmo.

Na hora da avaliação, lá estava o título em negrito – experiência anterior. Baita redundância. Toda experiência é anterior. Assim como todo elo é de ligação, todo hábitat é natural, todo amigo é pessoal. O pleonasmo, como excesso de sobremesa, enjoa. Nós brincamos com alguns pra lá de conhecidos. É o subir pra cima, descer pra baixo, entrar pra dentro, sair pra fora. Mas existem os engenhosos, que passam despercebidos. Nós, ingênuos, caímos na armadilha.

Sem corar, dizemos *manter o mesmo, ainda continua, ganhar grátis*. Ora, se mantemos, só pode ser o mesmo. Se não for, manter não é. Pode ser mudar, trocar, substituir. *Ainda continua?* As duas palavras falam de continuidade. Melhor ficar com uma ou outra (ele continua gripado, ele ainda está gripado). *Ganhar grátis?* Só pode. Se o presenteador for adepto da oração de São Francisco de Assis “é dando que se recebe”, o presenteado não ganha. Compra, troca, negocia.

Há pleonasmos tão familiares que parecem gente boa, que nada mais faz que cumprir a obrigação. Não caia na deles. Os redundantes comprometem reputações, adiam a esperada promoção, afugentam amores.

Olho vivo. Todo general é do Exército. Todo brigadeiro, da Aeronáutica. Todo almirante, da Marinha. Todo país, do mundo. Toda viúva, do falecido.

Só há labaredas de fogo. Só existem estrelas no céu. Sorriso, nos lábios. Goteira, no teto. Monopólio, exclusivo. Erário, público. Planos ou projetos, para o futuro.

Criar? Só pode ser algo novo. Detalhes? São sempre pequenos. Encarar? Só de frente. Exultar? Só de alegria. Calar? Só a boca.

Todos são unânimes? Todos são todos. Unânimes são todos. Escolha um ou outro: *Todos concordaram. A decisão foi unânime.*

Além de fazer frio, também chove? Nem pensar. Decida-se. Fique com o *além*. Ou com o também: *Além de fazer frio, chove. Faz frio e também chove.*

Mesmeiros do texto

Nas palavras e nas modas, observe a mesma regra:
sendo novas ou antigas demais, são igualmente grotescas.
Pope

Imagine alguém que use a mesma roupa dia após dia, mês após mês, ano após ano. A criatura deixa de surpreender. Monótona, não chama a atenção. Ao contrário. É altamente previsível.

Com a língua ocorre o mesmo. Certas palavras e expressões foram originais um dia. Despertaram comentário. Depois, de tanto repeti-las, viraram modismos, chavões ou lugares-comuns. Supérfluas, são pobres de valor informativo.

É o caso de pontapé inicial. Alguém aproveitou o termo da linguagem futebolística e o usou num texto de política. Ótimo. Outros gostaram do resultado. Imitaram o primeirão. Hoje, quando bate o olho na mesmeira, o leitor sente cheiro de mofo.

Sobram exemplos:

- *A cada dia que passa; a duras penas; a olho nu; a olhos vistos; a ordem é se divertir; à saciedade; a sete chaves; a todo vapor; a toque de caixa; abertura da contagem; abrir com chave de ouro; acertar os ponteiros; agarrar-se à certeza de; agradar a gregos e troianos; alto e bom som; alimentar a esperança; amanhecer do dia; antes de mais nada; ao apagar das luzes; aparar as arestas; apertar os cintos; arregaçar as mangas; ataque fulminante; atingir em cheio; atirar farpas; baixar a guarda; barril de pólvora; bater em retirada; cair como uma bomba; cair como uma luva; caixinha de surpresas; caloroso abraço; campanha orquestrada; cantar vitória; cardápio da reunião; carta branca; chegar a um denominador comum; chover no molhado; chumbo grosso; colocar um ponto final; com direito a; comédia de erros; como manda a tradição; como se sabe; como já é conhecido; como todos sabem; comprar briga; conjugar esforços; corações e mentes; coroar-se de êxito; correr por fora; cortina de fumaça.*

Mais: dar o último adeus; de mão beijada; deitar raízes; debelar as chamas; depois de longo e tenebroso inverno; desbaratar a quadrilha; detonar um processo; erro gritante; de quebra; dispensa apresentação; divisor de águas; do Oiapoque ao Chuí; efeito dominó; em compasso de espera; em pé de igualdade; em polvorosa; em ponto de bala; em sã consciência; em última análise; eminência parda; empanar o brilho; encostar contra a parede; esgoto a céu aberto; estar no páreo; faca de dois gumes; familiares inconsoláveis; fazer as pazes com a vitória; fazer das tripas coração; fazer uma colocação; fazer vistas grossas; fez por merecer; fonte inesgotável; fugir da raia; gerar polêmica; hora da verdade; importância vital; inflação galopante; inserido no contexto; jogo de vida ou morte; lavar a alma; lavrar um tento; leque de opções; levar à barra dos tribunais; líder carismático; literalmente tomado; lugar ao sol; luz no fim do túnel; maltraçadas linhas; menina dos olhos; morto prematuramente.

Ainda mais: na ordem do dia; na vida real; no fundo do poço; óbvio ululante; ovelha-negra; página virada; parece que foi ontem; passar em brancas nuvens; pelo andar da carruagem;

perder o bonde da história; perder um ponto precioso; perdidamente apaixonado; perfeita sintonia; petição de miséria; poder de fogo; pomo da discórdia; pôr a casa em ordem; prendas domésticas; preencher uma lacuna; procurar chifre em cabeça de cavalo; propriamente dito; requinte de crueldade; respirar aliviado; reta final; rota de colisão; ruído ensurdecedor; sair de mãos abanando; sagrar-se campeão; saraivada de golpes; sentir na pele; separar o joio do trigo; sério candidato; ser o azarão; sorriso amarelo; tecer comentários; ter boas razões para; tirar do bolso do colete; tirar o cavalo da chuva; tirar uma conclusão; tiro de misericórdia; trair-se pela emoção; trazer à tona; trocar farpas; via de regra; via de fato; voltar à estaca zero.

Ufa!

Lição do corpo

Só fala e escreve bem quem pensa bem.
Fialho de Almeida

O corpo fala. E dá lições. Uma delas: as partes que exercem função igual têm estrutura igual. No rosto, temos dois olhos, dois ouvidos, duas narinas. Um par exerce o mesmo papel que o outro. Os olhos veem. Os ouvidos ouvem. As narinas cheiram.

Por exercerem a mesma função, o casalzinho tem a mesma forma. Um olho é do tamanho e da cor do outro. Um ouvido é do tamanho e formato do outro. Uma narina tem a cara e o focinho da outra.

No resto do corpo, a história se repete. Temos duas mãos, dois braços, dois pés e duas pernas. Um e outro exercem a mesma função. As mãos seguram. Os braços abraçam. Os pés pisam. As pernas andam. Por isso, têm a mesma forma. Um braço é gêmeo univitelino do outro. Pés, pernas e dedos também.

A língua é boa aluna. Aprende a lição rapidinho. Termos e orações com funções iguais ganham estruturas iguais. Por exemplo: se o verbo pede dois objetos diretos, há dois caminhos. Um deles é darlhes a forma de nome. O outro, de oração.

Veja:

- *O presidente negou interesse na reeleição e que o governo esteja sem rumo.*

O verbo *negar* é transitivo direto. Pede objeto direto. No caso, são dois objetos. Um: o interesse na reeleição. O outro: que o governo esteja sem rumo. Reparou? Houve desrespeito à lei do paralelismo. Os dois – *interesse na reeleição e que o governo esteja sem rumo* – são objetos diretos de *negar*. Mas têm estruturas diferentes. Um é nominal. O outro, oracional.

Em suma: misturaram-se alhos com bugalhos. Para corrigir o aleijão só há uma saída – dar a mesma estrutura aos dois objetos:

- Estrutura nominal: *O presidente negou* ***interesse*** *na reeleição e* ***falta*** *de rumo no governo.*
- Estrutura verbal: *O presidente negou* ***que tivesse*** *interesse na reeleição e* ***que*** *o governo* ***estivesse*** *sem rumo.*

Cuidado com o ***e que***. A duplinha só tem vez quando houver o primeiro *quê*. Na falta dele, tenha uma certeza: o paralelismo foi esnobado.

Veja:

- *As pesquisas revelam grande número de indecisos* ***e que*** *pode haver segundo turno na eleição presidencial.*

Cadê o primeiro quê? O gato comeu. Que coma então o e que:

- *As pesquisas revelam grande número de indecisos e a possibilidade de segundo turno nas eleições presidenciais.*

Às vezes, os termos paralelos aparecem em forma de casaizinhos. São os pares da língua. Eles são fiéis uns aos outros: o que acontece com um acontece com o companheiro. Trocando em miúdos: se um dos parceiros se apresenta sem artigo, o outro segue o mesmo caminho. Se, ao contrário, se exibe devidamente acompanhado, o outro vai atrás.

Difícil? O exemplo deixa clara a fidelidade entre os membros de expressões escritas aos pares. Examine:

- *Estudo* ***de*** *segunda* ***a*** *sexta-feira.*

A preposição de é pura. Não vem acompanhada de artigo. O parzinho dela não pode ser diferente. A é, também, preposição pura. Artigo não tem vez com ela. Por isso não ocorre a crase.

Compare:

- *Trabalho **das** 8h **às** 22h.*

O primeiro par é das. As três letrinhas são a combinação da preposição de com o artigo as. O primeiro par é casado? O segundo também. Às é contração da preposição a com o artigo a.

Mais exemplos:

- *Li o livro **da** página 5 **à** página 18.*
  *Viajei **da** França **à** Alemanha de trem.*
  *Fui de avião **de** Miami **a** Madri.*
  *Corri **da** Rua Azul **à** Rua Verde.*

Samba da mistura doida

Lé com lé, cré com cré, cada sapato no seu pé.
Dito popular

Imagine a cena. Paulo tem na mão meio copo de Coca Cola. Luís tem meio copo de guaraná. Eles resolvem fazer uma combinação. Misturam a Coca com o guaraná. Dá uma bebida estranha. Ninguém sabe o que é. A única certeza é esta: não é Coca Cola. Nem guaraná.

Na língua também ocorrem misturas heterodoxas. São os cruzamentos. Distraídos, nós pegamos parte de uma estrutura. Juntamola com parte de outra. O resultado é um ser muito estranho. Parece filhote de jacaré com tartaruga.

Vale um exemplo. O português tem as locuções *à medida que* e *na medida em que*. Cada uma tem seu significado.

- *À medida que = à proporção que Minha pronúncia melhora à medida que pratico a língua.*

- *Na medida em que = porque, tendo em vista A mortalidade infantil continua alta na medida em que não se resolveu o problema do saneamento básico.*

Atenção, muita atenção. Volta e meia, a gente vê a locução *à medida em que*. Esse mostrengo equivale à mistura de guaraná com Coca Cola. Ou ao filhote de jacaré com tartaruga. Fuja dele.

Existem outras construções louquinhas por cruzamentos. Ao menor descuido, lá vaaaaamos nós. Juntamos lé com cré. E o sapato perde o pé. Com elas, todo o cuidado é pouco. Mantenha estas duplinhas sempre juntas:

- ***seja...seja**: Seja no inverno, seja no verão, Maria está sempre bem-agasalhada.*
  ***ou...ou**: (ou) No inverno ou no verão, Maria toma sorvete todos os dias.*
  ***quer...quer**: Quer no inverno, quer no verão, Paulo usa terno e gravata.*
  ***de...a**: Estudo inglês de segunda a quinta-feira.*
  ***das...às**: Trabalho das 14h às 19 horas.*
  ***não...mas**: Não moro em São Paulo, mas em Brasília.*

O casalzinho é inseparável. Mas há gente que teima em levá-lo ao adultério. Eis o resultado desmoralizador:

- *Seja no inverno ou no verão, Maria está sempre bem-agasalhada. Quer no inverno ou no verão, Paulo usa terno e gravata. Estudo inglês de segunda à quinta. Trabalho de 14h às 19 horas.*

Xô, união pornô!

Mistérios do plural

Liberdade completa ninguém desfruta:
começamos oprimidos pela sintaxe
e acabamos às voltas com o Dops.
Graciliano Ramos

Em 9 de julho de 2004, o *Correio Braziliense* criou um monstro. Na página 20, escreveu: “O grupo avisa a todos que defendem Saddam que irá cortar seus pescoços antes de chegarem a Bagdá”. Depois do susto, a conclusão: os advogados são descendentes da Hidra de Lerna, que tinha nove cabeças. Se não forem, o singular se impõe:

- *O grupo avisa a todos que defendem Saddam que lhes iremos cortar o pescoço antes de chegarem a Bagdá.*

As palavras são cheias de manhas. Algumas têm plural. Mas, em certas construções, só se usam no singular. É o caso das partes do corpo. Dizemos que os presentes balançaram a cabeça (não as cabeças) porque cada um só tem uma cabeça. Pela mesma razão escrevemos: *Os tiros pegaram no coração dos manifestantes. Os presentes levantaram a mão.*

Atenção: a regra não vale para as partes plurais (olhos, pernas, orelhas, braços): *Levantaram os olhos* (os dois) *para o céu. Ergueram os braços* (os dois) *em sinal de aprovação. A mãe puxou-lhes as orelhas* (as duas).

Se for só um olho, um braço, uma orelha, o singular pede passagem: *Ergueram o braço* (um só) *na votação da proposta. A mãe puxou-lhes a orelha* (uma só). *O bebê agitou a perna* (uma só) *em sinal de impaciência.*

A propriedade que se refere a dois ou mais sujeitos também abomina o plural: *A polícia gaúcha procura três meninos com idade* (não idades) *entre 8 e 9 anos. A USP divulga nome* (não nomes) *dos classificados no vestibular. A festa contou com a presença* (não presenças) *de cantores e repentistas. A polícia apura a identidade* (não identidades) *dos acusados. O técnico anunciou a escalação* (não escalações) *dos jogadores. Cerca de três mil pessoas perderam o emprego* (não empregos).

Por que o singular? Pela mesma razão do singular nas partes do corpo. Se você bobear e escrever que a USP divulga nomes dos aprovados, dará a impressão de que cada aprovado tem mais de um nome. Falso, não?

Receita do cruz-credo

Não basta escrever certo. Elegância e fluência também contam.
Josué Machado

Agudização, prestigiamento, obstacularizar, tecnologizar & Cia. têm um ponto em comum: irritam o receptor. Denunciam profissional descuidado com a língua, presa fácil de modismos e vocábulos malformados que entram no idioma pela porta das traduções malfeitas. Antijornalísticas, figuram na lista de palavras vetadas em quase todos os manuais de redação.

As novidadeiras, porém, não se fazem de rogadas. Aparecem desenvoltas em títulos, sutiãs, legendas e textos. Com razão tornaram-se motivo de chacota, frequentadoras do programa humorístico *Casseta e Planeta*. Ricardo Freire, incomodado com o abuso, escreveu o artigo "Complicabilizando" para a Revista *Época*. Eis trecho do desabafo:

> *Sim, estou me associando à campanha nacional contra os verbos que acabam em "ilizar". Se nada for feito, daqui a pouco eles serão mais numerosos do que os terminados simplesmente em "ar". Todos os dias os maus tradutores de livros de marketing e administração disponibilizam mais e mais termos infelizes, que imediatamente são operacionalizados pela mídia, reinicializando palavras que já existiam e eram perfeitamente claras e eufônicas. (...)*
> *Precisamos reparabilizar nessas palavras que o pessoal inventabiliza só para complicabilizar. Caso contrário, daqui a pouco nossos filhos vão pensabilizar que o certo é ficar se expressabilizando dessa maneira. Já posso até ouvir as reclamações: "Você não vai me impedibilizar de falabilizar do jeito que eu bem quilibiliser". Problema seu. Me inclua fora dessa.*

O gerundismo é outra praga. Chegou tímido, trazido pelas más traduções do inglês. Adotado por secretárias, telefonistas e, sobretudo serviços de telemarketings, criou asas e voou. Ganhou intimidade com as salas de aulas, as páginas de jornais e revistas, e dos bem cuidados telejornais.

O que quer o intruso? Quer tomar o lugar do simpático futuro da nossa língua. "Vou estar anotando", "vou estar encaminhando", "vai estar lendo"? É a receita do deus nos acuda. Para não afugentar o cliente, mandam o bom senso e a boa norma dar o recado no futuro simples *(anotarei, encaminharei, lerá)*. Ou no composto (vou anotar, vou encaminhar, vai ler).

O gerúndio não pára aí. Se deixar, invade outros territórios. É o caso do presente contínuo. A forma *estar* + *gerúndio* indica ação em curso, transitoriedade: *Neste momento, você* ***está lendo*** *a receita do cruzcredo. Eu* ***estava saindo*** *quando o telefone tocou*.

Fora desses limites estreitos, o casadinho não tem vez. *Eu estou sofrendo do coração?* Nem pensar. A doença tem duração maior que o momento em que se fala. Eu sofro do coração. *Maria está morando em São Paulo há dez anos?* Sem essa. Maria mora em São Paulo. *Nós estamos estudando inglês na Cultura Inglesa?* Não. Nós estudamos inglês na Cultura Inglesa. *Em Brasília, estamos sempre falando com autoridades?* Engano. Em Brasília, falamos sempre com autoridades.

E as duplinhas? As más línguas juram que elas ajudam a construir nosso jeitinho de ser. O que torna o brasileiro brasileiro? Uns dizem que é o gosto por caipirinha. Outros, a paixão por feijoada. Há quem fale em tendência a adiar compromissos. Muitos lembram o falar bonito. Todos concordam na quedinha por esconder o pensamento. No fundo, trememos na base ante a hipótese de assumir responsabilidade.

"Como vai?", perguntamos. Há mais de cinquenta respostas para a questão: tudo bem, vou indo, mais ou menos, assim-assim, navegando, flutuando, do jeito que Deus manda, não tão bem quanto você, melhor do que mereço, conforme sopra o vento, se melhorar estraga. E por aí vai. Todas têm uma característica. Fazem de conta que respondem, mas não respondem.

Recorremos a mil estratégias de falar sem dizer. Uma delas: espichar os verbos. Poucos resistem à tentação. Ao menor cochilo, lá estão dois infinitivos juntos. Em 99% dos casos, sobra gordura.

Poder, querer, tentar & gangue se prestam como ninguém ao papel sujo. Como quem não quer nada, juntam-se a outro infinitivo. Não dá outra. Viram parasitas – roubam a força do verbo principal. Deixam-no frouxo, obscuro, sem charme.

Exemplos pululam por aí:

● *Ele fez tudo para **poder salvar** o casamento.*
*Ele fez tudo para **salvar** o casamento.*

● *Gastou as economias para **poder estudar** na Europa.*
*Gastou as economias para **estudar** na Europa.*

● *Chegou cedo para **poder pegar** um bom lugar.*
*Chegou cedo para **pegar** um bom lugar.*

- *No afã de* ***querer parecer*** *bonita, Vera Fisher gasta horas nos salões de beleza? Falso.*
  No afã de ***parecer*** *bonita, Vera Fischer gasta horas nos salões de beleza.*

- *Lula não medirá esforços no empenho de* ***querer acabar*** *com a fome no Brasil? Desista.*
  Lula não medirá esforços no empenho de ***acabar*** *com a fome no Brasil.*

Fale sério. O sentido mudou? Não. *Poder e querer* ficam implícitos na frase. Rua pra eles.

Outro recurso para fugir da responsabilidade é esconder-se atrás do *tentar*. Abra o olho. Ao dizer “vou tentar resolver meu problema de pontuação”, você dá razão aos psicólogos. Eles explicam: Quem quer faz. Quem não quer tenta.

Para ser convincente, seja corajoso. Afirme. Mande o *tentar* pras cucuias:

- *Vou resolver meu problema de pontuação.*

É isso. E não é pouco.

A ditadura da indústria

Escrevi o livro para tirar o pé da lama.
Adriane Galisteu

Quando você pensou que tinha aprendido tudo sobre escrever bem, aqui vai uma má notícia. Não basta escrever bem. É preciso ser rápido e preciso. Pouco adianta apresentar uma reportagem fabulosa se estiver maior do que o espaço (ou o tempo, no caso de rádio e tevê) reservado a ela. Também terá pouca serventia se o autor estourar o horário de fechamento. O repórter corre o risco de ver um calhau publicado no lugar da preciosa obra.

Curiosidade 1: calhau é anúncio usado para completar uma página quando termina o horário de fechamento sem que as matérias estejam prontas.

Curiosidade 2: com propriedade, o horário limite para o fechamento é chamado de *dead line* – linha da morte. Ultrapassá-la significa a morte da matéria ou do emprego do jornalista.

Os repórteres detestam a comparação, mas o trabalho deles assemelha-se à produção de salsichas. Há um buraco a ser preenchido. E é preciso preenchê-lo até determinado horário. Atrasos comprometem as estratégias de distribuição em bancas e a venda. A venda influencia o preço dos espaços publicitários. É bom lembrar: jornais, revistas, telejornais são produtos de uma indústria, que visa a lucro.

A faca dos editores

Dos dois maiores fantasmas da vida nas redações, o tamanho do texto e o prazo de fechamento, o primeiro é aterrador porque toca no ego do autor. Texto jornalístico é concreto, passível de ser medido em centímetros ou em tempo de leitura. Se não couber no espaço reservado para ele, entra na faca dos editores. “Corta pelo pé”, gritavam editores dos anos 70. A ordem tinha uma lógica. Esperava-se que as informações mais importantes estivessem no início do texto. Assim, se estava grande demais, cortavam-se as linhas finais – o pé da matéria.

Hoje, nem sempre se corta pelo pé, porque a organização dos textos mudou, mas ainda se corta sem a menor consideração pelos talentos literários de que o repórter se julga depositário. Entregar a matéria no tamanho pedido é tão importante quanto descobrir um furo de reportagem. Não adianta reclamar. Os diagramadores, responsáveis pelo desenho das páginas, mandam nos jornais. O espaço, limitado assim como o tempo dos telejornais e dos programas de rádio, é uma das maiores fontes de insatisfação nas redações.

A ditadura do espaço, como toda ditadura, é danosa também quando tem efeito contrário. Há situações – raras, é verdade – nas quais o jornalista precisa aumentar o texto em vez de reduzi-lo. Acredite: encher linguiça é a pior praga do trabalho. Na falta do que dizer, repórteres publicam declarações das fontes na íntegra, incluem descrições pouco importantes e cedem à tentação literária. Tomam o tempo do leitor, irritam-no e ocupam espaço precioso com informações de quinta categoria. Mas não há nada a fazer. O jeito é caprichar na apuração para a eventualidade.

A pressão do fechamento

O processo industrial também funciona sob rigoroso controle de horários. Atrasos no fechamento causam efeito dominó desastroso e caro. As empresas pagam horas extras aos trabalhadores das gráficas e comprometem todo o sistema de logística para a distribuição dos exemplares às bancas. Os prejuízos são altos para os veículos de circulação nacional, dependentes de horários de voos. Se os jornais desembarcarem nas bancas depois das 7h30, os compradores avulsos terão seguido para o trabalho sem o exemplar do dia debaixo do braço.

O resultado do atraso é trágico. Assinantes telefonam raivosos. Cobram o cumprimento do horário de entrega e ameaçam cancelar a assinatura. Os leitores eventuais comprarão o jornal do concorrente. Há ainda perda de credibilidade. Autoridades, empresários e outros profissionais, leitores diários por dever de ofício, iniciarão a jornada de trabalho sem as informações do veículo. Resultado: as matérias não serão lidas nem trarão repercussão pública.

Em suma: pouco adianta escrever bem se o tempo gasto ameaçar o fechamento. Entre a qualidade do trabalho e a precisão do horário, opte pelo segundo. Além do talento para apurar informações e redigir bons textos, jornalistas precisam ser rápidos no teclado. Reportagens especiais, em geral, podem ser produzidas em tempo maior, sem tanta pressão. Mas é impressionante como há repórteres condicionados a trabalhar sob pressão. Muitos acabam deixando tudo para a última hora. Enrolam uma semana e acabam estressados, varando madrugadas para concluir a tarefa na linha da morte.

Situação idêntica se vive nas redações dos telejornais e noticiários de rádio. Lá se obedece a grades fixas de programação, cujos espaços publicitários são preenchidos segundo a segundo. Atrasos causam prejuízo e perda de audiência. O horário de fechamento é sentença inapelável.

A ditadura dos prazos industriais cria eterno conflito entre dar bem uma matéria e fechar no horário. No corre-corre, os repórteres se empenham em incluir informações atualizadas (ou “quentes”, no jargão jornalístico) nas matérias do dia. Alguns eventos começam pela manhã e só terminam na hora de ir pra casa. Essa situação exige rapidez do profissional na apuração e, principalmente, na hora de escrever. Não há tempo para revisões cuidadosas nem para reescrever o texto. A margem de risco para ocorrência de erros aumenta à medida que o prazo final se aproxima.

Resultado: jornais e revistas estão cheinhos de pérolas. Os leitores atentos as anotam. Depois, não deixam por menos. Soltam relações na internet. Eis algumas preciosidades:

- *Depois de algum tempo, a água corrente foi instalada no cemitério para satisfação dos habitantes.*
  A nova terapia traz esperanças a todos os que morrem de câncer a cada ano.
  Apesar da meteorologia estar em greve, o tempo esfriou ontem intensamente.

Mais:

- *Os sete artistas compõem um trio de talento.*
  A vítima foi estrangulada a golpes de facão.
  Os nossos leitores nos desculparão por esse erro indesculpável.
  Há muitos redatores que, para quem veio do nada, são muito fiéis a suas origens.
  No corredor do hospital psiquiátrico, os doentes corriam como loucos.
  Ela contraiu a doença na época em que ainda estava viva.

Mais ainda:

- *O aumento do desemprego foi de 0% em novembro.*
  As circunstâncias da morte do chefe de iluminação permanecem rigorosamente obscuras.
  O presidente de honra é um jovem septuagenário de 81 anos.
  Parece que ela foi morta pelo assassino.
  Ferido no joelho, ele perdeu a cabeça.
  A polícia e a justiça são as duas mãos de um mesmo braço.
  O acidente foi no tristemente célebre Retângulo das Bermudas.

Um pouco mais:

- *Este ano, as festas do 4 de setembro coincidem exatamente com a data de 4 de setembro, que é a data exata, pois o 4 de setembro é um domingo.*
  O tribunal, após breve deliberação, foi condenado a um mês de prisão.
  Quatro hectares de trigo foram queimados. A princípio, trata-se de um incêndio.
  O velho reformado, antes de apertar o pescoço da mulher até a morte, se suicidou.
  Um surdo-mudo foi morto por um mal-entendido.
  À chegada da polícia, o cadáver se encontrava rigorosamente imóvel.

Quer mais? Leia o jornal que está a seu lado. E acredite: na disputa entre fechamento e boa edição, a qualidade sai perdendo.

Bibliografia

CONTI, Mario Sergio. *Notícias do Planalto*: a imprensa e Fernando Collor. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

DUAILIBI, Roberto. *Duailibi das citações*. São Paulo: ARX, 2000.

FERRARI, Pollyana. *Jornalismo digital*. São Paulo: Contexto, 2004.

GRIJELMO, Áex. *El estilo del periodista*. Madri: AS Taurus, 1997.

KUSHNER, Malcom. *Como falar em público para dummies*. Rio de Janeiro: Campus, 2004.

Manual de estilo da Editora Abril. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

MARTINS, Eduardo. *Manual de redação e estilo de O Estado de São Paulo*. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1997.

MELO, Luiz Antonio. *Manual de sobrevivência na selva do Jornalismo*. Rio de Janeiro: Casa Jorge Editorial, 1996.

NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*. São Paulo: Contexto, 2002.

RÓNAI, Paulo. *Dicionário universal Nova Fronteira de citações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

SQUARISI, Dad. *Mais dicas da Dad*: português com humor. São Paulo: Contexto, 2003.

SQUARISI, Dad; SALVADOR, Arlete. *Escrever melhor*: guia para passar os textos a limpo. São Paulo: Contexto, 2008.

TALESE, Gay. *Fama e anonimato*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VIVALDI, G. Martins. *Curso de redacción*: del pensamiento a la palabra. Madri: Paraninfo, 1981.

As autoras

Dad Squarisi tem o dom e o prazer de ensinar. Em palestras ou consultas feitas por leitores do *Correio Braziliense*, onde é editora de Opinião e escreve a coluna *Dicas de Português*, não para de tirar dúvidas. A saída para democratizar mais as lições foi publicar livros. Desde o primeiro, *Dicas da Dad – português com humor*, não parou. O sucesso editorial rendeu *Mais dicas da Dad* (ambos publicados pela Contexto). Formada em letras pela UnB, com especialização em linguística e mestrado em teoria da literatura, Dad Squarisi deu aulas de língua portuguesa e literatura brasileira nos três níveis de ensino e no Instituto Rio Branco (MRE). É coautora de *Escrever melhor e Redação para vestibulares e concursos*.

Arlete Salvador é jornalista desde 1980 e trabalhou em alguns dos mais importantes veículos de comunicação do país, como os jornais *O Estado de São Paulo e Correio Braziliense* e a revista *Veja*. Nesse tempo, Arlete ocupou quase todos os cargos de uma redação. Foi repórter, editora, editora-executiva, chefe de sucursal e colunista de política. Em todos esses postos, deixou como marca principal a qualidade do texto – preciso e elegante. Sua contribuição para este livro vem da experiência prática como jornalista. Arlete mostra aos leitores os bastidores das redações e oferece dicas sobre como escrever bem num ambiente pressionado pelo tempo e pelas limitações de espaço nas páginas dos jornais.

Dad Squarisi
Arlete Salvador

A ARTE DE ESCREVER BEM

um guia para jornalistas e profissionais do texto

editora contexto

Dad Squarisi
Arlete Salvador

A arte de escrever bem

um guia para jornalistas e profissionais do texto

editoracontexto

Copyright© 2004 Dad Squarisi e Arlete Salvador

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Contexto (Editora Pinsky Ltda.)

Projeto gráfico e diagramação
Gustavo S. Vilas Boas

Revisão
Luciana Salgado

Capa
Antonio Kehl

Foto Dad Squarisi
Aureliza Correa

Foto Arlete Salvador
Orlando Brito

Dados Internacionais de catalogação na publicação (CIP)
(câmara Brasileira do livro, SP, Brasil)

Squarisi, Dad
A arte de escrever bem : um guia para
jornalistas e profissionais do texto / Dad
Squarisi, Arlete Salvador. 7. ed., 2ª reimpressão. –
São Paulo : Contexto, 2012.

Bibliografia
ISBN 978-85-7244-279-4

1. Arte de escrever 2. Jornalismo 3. Português -
Estudo e ensino I. Salvador, Arlete. II. Título.

04-6760 CDD-808.0469

Índice para catálogo sistemático:
1. Arte de escrever : Português : Estudantes e
jornalistas : Técnicas de redação 808.0469

EDITORA CONTEXTO
Diretor editorial: Jaime Pinsky

Rua Dr. José elias, 520 – Alto da Lapa
05083-030 – São Paulo – SP
PABX: (11) 3832 5838
contexto@editoracontexto.com.br
www.editoracontexto.com.br
2012

Proibida a reprodução total ou parcial.
Os infratores serão processados na forma da lei.

Para Augusto Marzagão,
mestre

Sumário

Apresentação
    É possível escrever bem

A garimpagem do óbvio
    A arte de pensar
    A pirâmide invertida
    O novo jornalismo

O texto jornalístico
    Dê passagem às frases curtas
    Prefira palavras curtas e simples
    Ponha as sentenças na forma positiva
    Opte pela voz ativa
    Escolha termos específicos
    Fique com as palavras concretas
    Restrinja a entrada de adjetivos
    Persiga a frase enxuta
    Seja conciso
    Corra atrás da frase harmoniosa
    Busque a clareza
    Teste a legibilidade do texto

Gêneros jornalísticos
    A força da notícia
        Reportagem factual
        A suíte

    - Reportagem especial
  - Declaração é notícia
    - A entrevista pingue-pongue
  - Gente é notícia
    - Perfil
    - Personagem
  - Opine, não ache
    - Editoriais
    - Artigos, colunas e análises
  - Quanto menor, melhor
  - Acessórios trabalhosos
    - Quente ou fria?

- Toque final

  - A ética das palavras
  - As penetras
  - Na boca do povo
  - Mesmeiros do texto
  - Lição do corpo
  - Samba da mistura doida
  - Mistérios do plural
  - Receita do cruz-credo
  - A ditadura da indústria
    - A faca dos editores
    - A pressão do fechamento

- Bibliografia

- As autoras

Apresentação

É possível escrever bem

Escrever está na moda. As novas tecnologias de comunicação, quem diria, ressuscitaram o valor da escrita. Já não se escrevem cartas como antigamente, mas concisas mensagens eletrônicas. Já não se admitem relatórios longos e complexos. Tempo é dinheiro. Relatórios devem ser objetivos e contundentes. E os vestibulares? Estudante não entra na faculdade se falhar na redação. Nunca se precisou tanto da escrita quanto agora.

Ensinar a escrever é tarefa para professores. Jornalistas podem contribuir para aprimorar a técnica de repórteres mais jovens. Profissionais da imprensa são forjados na prática. Trabalham com a experiência adquirida ao longo dos anos de atividade. Gerações deles foram educadas nos gritos das redações e na humilhação pública, quando suas matérias eram jogadas na lata do lixo.

Ajuda vale mais que gritos. Este livro se propõe ajudar estudantes a escrever bem. Temos clareza das limitações do desafio. Escrever é atividade complexa, resultado de boa alfabetização, hábito da leitura, formação intelectual, acesso a boas fontes de informação e muita, muita prática. Além, é claro, de algo que vem de Deus ou do DNA, quem sabe? – o talento individual.

Não temos o poder de distribuir talento. Nosso papel é contribuir para preencher os outros requisitos – os que dependem do esforço pessoal e da persistência dos interessados em desenvolver a habilidade de transformar objetivos em textos. Aqui estão orientações básicas para o manejo da língua usada na imprensa. Os leitores podem não se transformar em novos Machados de Assis, mas enfrentarão mais preparados o desafio de escrever. Os gênios, talentosos por natureza, não precisam de nós. Pelo contrário. Ensinam-nos.

Dad e Arlete

A garimpagem do óbvio

Separar alhos de bugalhos
é um longo caminho.
Sonia Racy

A literatura acadêmica é curta e grossa no capítulo em que ensina a escrever um texto jornalístico. O texto, pregam os teóricos, deve começar respondendo, logo de cara, a seis perguntas fundamentais:

O quê?
Quem?
Quando?
Onde?
Como?
Por quê?

E não é que é assim mesmo? Em jornais, rádios, televisões e na novíssima internet, as notícias são apresentadas nesse formato. Quando Willian Bonner abre o *Jornal Nacional* dizendo “uma bomba explodiu na Chechênia matando o presidente da província e 31 pessoas”, usa a estrutura mais simples e direta do jornalismo.

Trata-se de fórmula fácil de reconhecer. Ela está em todos os lugares e serve de esqueleto, por exemplo, para anúncios de missas de sétimo dia:

- *Familiares convidam para a missa de sétimo dia da morte de fulano de tal a se realizar no dia tal, igreja tal e horário tal.*

Ou para embalar notícias de crimes e acidentes:

- *Um motorista embriagado bateu de frente com outro veículo na avenida tal, ontem à noite, matando os quatro ocupantes. Entre eles estava uma criança de seis meses.*

Moleza? Não é. A maior dificuldade de repórteres e redatores é encontrar as respostas certas para as seis perguntas marotas. Eles se perdem no emaranhado de dados trazidos da rua. Sentem-se incapazes de dizer o que aconteceu. Enredados por informações às vezes conflitantes, mostram-se inaptos para reconhecer os fatos mais importantes.

Responder às seis perguntas básicas é exercício de garimpagem. Escondido embaixo de toneladas de dados secundários, coberto por montanhas de detalhes desnecessários e disfarçado sob camada fina de observações sofisticadas, jaz o diamante reluzente do óbvio. Sim, infelizmente, nada é mais difícil para o repórter do que identificar a obviedade de uma notícia.

Afinal, o que são as seis perguntas cruciais se não o reconhecimento da obviedade em qualquer evento? Preste atenção nas conversas do dia a dia, em especial naquelas sem grandes pretensões intelectuais, com amigos, marido, mulher e filhos sobre acontecimentos corriqueiros.

Você começa um papo com uma amiga. Conta que está namorando. Qual a primeira pergunta que a outra lhe fará? Óbvio: quem? À medida que você responde, outras questões virão: como é ele (o namorado)? Como você o conheceu? Onde se encontraram? Como decidiram namorar? Sem perceber, vocês estão seguindo o conteúdo e a estrutura necessária para a construção de pequena reportagem. Os teóricos do jornalismo sintetizaram a dinâmica das nossas conversas.

A arte de pensar

Penso, logo existo.
René Descartes

A receita para escrever texto jornalístico funciona bem porque ensina a pensar. Quem já passou horas diante de uma tela em branco do computador em dúvida sobre por onde começar sabe o que é angústia. Os mais velhos devem se lembrar das páginas arrancadas das máquinas de datilografia quando se instalava a tortura. O papel jogado na lata de lixo tinha a vantagem de materializar o peso do tormento na vida dos candidatos a Machado de Assis, Elio Gaspari ou Roberto Pompeu de Toledo. Com o computador, não há sinais visíveis do sofrimento, mas ele continua, firme e forte.

Tanta dor tem uma causa. O texto passa a existir muito antes de tomar corpo na tela. Nasce, primeiro, na cabeça do autor. A habilidade de escrever é resultado da habilidade de pensar – pensar de forma ordenada, lógica e prática. Sem esse exercício, não há como encher a tenebrosa tela branca.

Assim, gaste tempo pensando sobre o que você quer escrever e, só depois, com um roteiro à mão, sente-se à frente do traumatizante computador. Ele se transformará naquilo que é – valioso instrumento de trabalho. A fonte de onde brotarão ideias, frases inteligentes e conceitos consistentes está no cérebro. A máquina não substitui o maior e mais fascinante talento do homem, a capacidade de pensar. Graças a Deus.

Trace um plano de voo. Como? A seguir, daremos um roteiro. As regras não garantem o despertar de gênios, mas oferecem caminho seguro para chegar a texto informativo, sucinto e direto, características fundamentais no estilo jornalístico.

Faça um resumo da história como você faz quando um amigo lhe pergunta sobre a festa à qual ele não compareceu. Provavelmente, você diz: “A festa estava animada, cheia de gente bonita. A música era ótima e a comida, fabulosa”. Pronto, eis o resumo da sua história. Não o perca de vista. Seu objetivo será contar a narrativa em detalhes.

Responda às seis perguntas indicadas no início deste capítulo na ordem em que foram apresentadas. A primeira é o quê? A última, e mais difícil, é por quê? As respostas não devem ultrapassar duas linhas. Nunca, jamais, em tempo algum podem ser maiores do que duas linhas. Seja até avarento. Escreva menos ainda.

Enxugue o texto. Em jargão jornalístico, enxugar significa diminuir, cortar, mandar pras cucuias palavras e informações desnecessárias. Comece agora. Você ignorou a orientação para restringir-se a duas linhas? Passe a tesoura sem dó nem piedade.

Leia e releia o texto. Aproveite para checar as informações. Nome, cargos e títulos das pessoas estão corretos? Pode parecer bobagem, mas nada irrita mais os leitores e desacredita a informação que ver nomes publicados com a grafia errada. A recomendação vale para outros pormenores como localização de uma cidade, distâncias, número de leis.

Na dúvida, procure confirmação em dicionários, mapas, livros de referência e listas telefônicas. Se necessário, volte a telefonar para as fontes da matéria. Não se acanhe. Diga que não está seguro sobre um item e que não gostaria de publicá-lo de forma errada. Fontes sérias agradecerão o cuidado. Os leitores também.

Divida o texto em partes (retrancas). Cada uma aborda um tema referente à história principal e, claro, deve ter o próprio planejamento. Uma, por exemplo, pode descrever a mansão onde ocorreu a festa. Outra, dar destaque ao cozinheiro francês especialmente contratado para o evento.

A pirâmide invertida

O estilo nada mais é do que a ordem e o movimento postos em seu pensamento.
Conde de Buffon

O modelo de perguntas e respostas na construção do texto atende à estrutura clássica de apresentação de uma notícia – a pirâmide invertida. A técnica estreou em 1861 no jornal *The New York Times*, como forma de dar objetividade ao relato de um acontecimento. Consiste em pôr as informações mais importantes no primeiro parágrafo, respondendo “o quê? quem? quando? onde? como? por quê?”.

Nessa ordem, os pormenores essenciais aparecem primeiro. Na prática, conta-se a história do fim para o começo, daí o nome de pirâmide invertida. Nas duas últimas décadas, houve tentativas de mudança nos textos tradicionais, forçadas pelo fenômeno dos noticiários audiovisuais e pela internet. Os veículos

digitais, mais rápidos, divulgam as notícias em tempo real, comprometendo o papel dos veículos impressos.

No passado, além do rádio, os jornais eram as únicas fontes de informação disponíveis. Hoje, não é assim, mas eles continuam a ser produzidos como se fossem. Um exemplar de hoje apenas com notícias de ontem chega às bancas desatualizado. O leitor foi bombardeado pelas informações do rádio e da tevê. Muitos acompanharam a notícia na internet.

Tomemos como exemplo o aumento dos combustíveis. Quatro jornais nacionais publicaram a notícia na terça-feira – o fato foi manchete de todos eles – mas o anúncio foi feito no dia anterior. A decisão da estatal, portanto, estava no ar na própria segunda-feira, por meio dos noticiários on line, televisivos e radiofônicos. Motoristas mais atentos tiveram tempo de completar o tanque do carro para escapar do reajuste. Os jornais ignoraram essa realidade e trataram o reajuste como grande novidade. Não era. Era assunto de conhecimento amplo.

Veja os exemplos:

- *O primeiro aumento de preços da gasolina e do óleo diesel no governo de Luiz Inácio Lula da Silva entrou em vigor hoje. Depois de ter ficado um ano e meio sem aumento – em abril do ano passado houve queda – o preço da gasolina vendida pela Petrobras em suas refinarias subiu 10,8% e o do diesel, 10,6%, sem considerar os impostos. De acordo com o presidente da Petrobras, José Eduardo Dutra, o aumento médio para os consumidores deverá ficar em torno de 4,5%, no caso da gasolina, e de 6,4% para o óleo diesel, caso nenhum setor da cadeia aumente também suas margens de lucro. (O Globo)*

- *A Petrobras não resistiu à pressão e anunciou ontem o reajuste nos preços dos combustíveis nas refinarias. A gasolina aumenta 10,8% e o óleo diesel, 10,6%. O presidente da estatal, José Eduardo Dutra, explicou que a estabilização do preço internacional do petróleo acima dos US$ 35 por barril tornou insustentável a manutenção dos preços. Para o consumidor, segundo cálculos da empresa, a alta deve chegar a 4,5% no caso da gasolina e 6,4% no diesel. O aumento vale a partir de hoje. (O Estado de S. Paulo)*

- *A Petrobras anunciou ontem o primeiro aumento no preço dos combustíveis no governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva: a gasolina nas refinarias da estatal ficou 10,8% mais cara a partir da 0h de hoje. O diesel subiu 10,6%. A companhia calcula que o impacto para o consumidor será menor devido a questões tributárias e, no caso da gasolina, à mistura com o álcool (25%). A previsão da Petrobras é que a gasolina suba 4,5% nas bombas dos postos e o diesel, 6,4%, se as margens de lucro das distribuidoras forem mantidas. (Folha de S. Paulo)*

- *A Petrobras anunciou ontem o reajuste dos preços da gasolina e do diesel nas refinarias, a partir da zero hora de hoje, em 10,8% e 10,6%, respectivamente. Os postos deverão repassar aos consumidores um aumento de 4,5% a 5% na gasolina e de 6,5% no diesel, segundo estimativas da Federação Nacional do*

Comércio de Combustíveis (Fecombustíveis). (Jornal do Brasil)

Com pequenas alterações, as matérias são quase idênticas. Seguem o modelo de resposta às seis perguntas básicas do jornalista – o que, quem, quando, onde, como e por quê – sustentáculo da pirâmide invertida. Conclusão: apesar da resistência de muitos profissionais, o formato consagrado impera nas redações.

No livro *A arte de fazer um jornal diário*, o jornalista pernambucano radicado em Brasília Ricardo Noblat abomina matéria puramente factual. “Por favor, não me contem o que já sei”, diz ele. “Topo ler o que já sei se vocês acrescentarem informações que desconheço ou se me explicarem o que não entendi direito. Até topo ler sobre o que já sei se vocês anteciparem o que está por vir. Mas só nesses casos. As seções de horóscopo dos jornais não fazem tanto sucesso? Quantas pessoas não consultam cartomantes, videntes e toda sorte de gente que se diz apta a adivinhar o futuro? Não acredito nesse tipo de gente. Mas acredito que o sonho de todo mundo é ler hoje o jornal de amanhã. E acredito na possibilidade de profissionais competentes anteciparem fatos”.

Noblat tem sido defensor ardoroso de novo modelo de jornalismo diário capaz de ir além da apresentação dos acontecimentos de ontem. Mas também ele sofria do pavor das redações em apostar em matérias exclusivas e, com isso, comprometer a cobertura diária a que os leitores estão acostumados. Durante os dez anos em que dirigiu o *Correio Braziliense*, seguindo o modelo de jornalismo pouco dado ao factual, Noblat viveu essa contradição.

Ele exigia criatividade da equipe nas reuniões de pauta, mas cobrava notícias do dia no horário de fechamento. Viraram folclóricas suas visitas à redação às 8h da noite, quando não dá mais tempo para acrescentar nada. Os editores viviam em estado de alerta, tensos e inseguros sobre a edição. O que mais temiam era ouvir Noblat gritar:

– Temos isso?

Isso era um acontecimento do dia que ele lera nas edições dos jornais na internet ou ouvira no *Jornal Nacional*. Se não tivesse, o editor que tratasse de conseguir. E mais. E melhor, com recursos gráficos, artigos, interpretações e análises. Às 8h da noite! A cena era tão comum que um grupo de repórteres bem-humorados da editoria de Cidades criou uma banda de música chamada *Temos isso?*

O novo jornalismo

Uma boa reportagem se faz com
precisão, rigor e correção,
mas também e sobretudo com emoção.
Zuenir Ventura

A contestação ao modelo de pirâmide invertida não é recente. Nos anos 60, jornalistas como Tom Wolfe, Truman Capote, Gay Talese e Norman Mailler inovaram. Abandonaram a estrutura clássica de texto factual, acrescentando elementos literários. Criaram o Novo Jornalismo. Um dos textos mais conhecidos desse período é *A sangue frio*, de Truman Capote. Conta o assassinato de uma família de fazendeiros do Kansas, ocorrido em 1959. Capote investigou a história para um artigo da revista *The New Yorker*, mas o trabalho transformou-se em romance. Foi publicado em capítulos, virou livro e filme de cinema.

O Novo Jornalismo também desembarcou no Brasil na década de 60. O *Jornal da Tarde* e a revista *Realidade*, lançados nesse período, em São Paulo, chegaram ao mercado com a cara da novidade. O fenômeno durou pouco, mas ainda há quem reclame de saudades daquelas velhas e boas reportagens. A verdade é que, séculos e muita discussão teórica depois, a pirâmide invertida resiste na imprensa. Ainda é a técnica de redação mais usada nos meios de comunicação.

O texto jornalístico

A frase jornalística tem de estar construída de tal forma que não só se entenda bem, mas que não se possa entender de outra forma.

Íñigo Dominguez

Existe texto jornalístico? Existe. Ele se enquadra entre as redações profissionais. É feito para ser lido, entendido e, se possível, apreciado. O jornalista, como o empresário, o advogado, o economista, escreve de olho no destinatário. E aí reside a diferença.

O advogado, o economista e o empresário escrevem para um público conhecido. A petição do advogado destina-se ao juiz. A análise do economista, a economistas. O relatório do diretor, ao presidente da empresa. A matéria do jornal, aos leitores do jornal.

Quem são eles? A resposta engloba de A a Z. São pessoas de variados níveis de escolaridade. De variadas profissões. De variadas faixas etárias. De variados interesses. O desafio do repórter é se fazer entender por todos. Quem – apesar das diferenças – se aventurar a ler uma reportagem, entrevista ou comentário deve ter a impressão de que o texto foi escrito para ele.

Como chegar lá? Os ingredientes são três – linguagem clara, informações precisas e estilo atraente. Há técnicas simples e práticas capazes de orientar o redator. Nasceram do bom senso e da experiência de jornalistas e escritores que, provocados, encontraram respostas para o grande desafio: escrever para o leitor.

Para ser lido, entendido e apreciado, certo talento se impõe. Mas não é suficiente. Outros quesitos precisam ser contemplados. Entre eles, domínio do idioma, familiaridade com o assunto tratado, capacidade de leitura, disposição e coragem para enfrentar duras batalhas.

Os dados, o objetivo e o plano são os ingredientes. A forma de prepará-los é que dá o toque especial ao prato. Uma frase particularmente elegante, capaz de veicular com clareza e simplicidade a mensagem que você quer transmitir, é conquista pessoal, exercício diário de desapego, humildade e vontade de melhorar.

Com os dados à mão, objetivo definido e plano traçado, é hora de redigir. Como? Sem perder de vista o leitor. Lembre-se de duas dicas:

Seja natural – Imagine que o leitor esteja à sua frente ou ao telefone conversando com você. Fique à vontade. Espaceje as frases com pausas e, sempre que couber, com perguntas diretas. Confira a seus textos um toque humano. Você está escrevendo para as pessoas.

Seduza – Vá direto ao assunto. Comece pelo mais importante. E comece bem, com uma frase atraente, que lhe desperte o interesse e o estimule a prosseguir a leitura. No final, dê-lhe o prêmio: um fecho de ouro, como inesquecível sobremesa a coroar um lauto jantar.

William Strunk Jr, professor de altos estudos da língua inglesa, costumava dizer: “A prosa vigorosa é concisa. A frase não deve ter palavras desnecessárias nem o parágrafo frases desnecessárias, pela mesma razão que o desenho não deve ter linhas desnecessárias nem a máquina partes desnecessárias. Isso não quer dizer que o autor faça breves todas as suas frases, nem que evite todos os detalhes, nem que trate seus temas só na superfície: apenas que cada palavra conta”.

Os segredos do estilo mais eficiente podem ser resumidos em doze preceitos, relacionados a seguir.

Dê passagem às frases curtas

Uma frase longa não é nada mais que duas curtas.
Vinicius de Moraes

O leitor só consegue dominar determinado número de palavras antes que seus olhos peçam uma pausa. Se a frase for muito longa, ele se sentirá perdido, sem capacidade de compreender-lhe o completo significado. Prefira, por isso, sentenças de, no máximo, 150 toques.

A frase curta tem duas vantagens. Uma: diminui o número de erros. Com ela, tropeçamos menos nas conjunções, nas vírgulas e nas concordâncias. A outra: torna o texto mais claro. Clareza é, disparado, a maior qualidade do estilo. Montaigne, há quatrocentos anos, ensinou: “O estilo deve ter três qualidades – clareza, clareza, clareza”.

Como chegar lá? Vinicius de Moraes deu a dica. “Uma frase longa”, disse ele, “não é nada mais que duas curtas”. O *Manual de estilo da Editora Abril* abriu o jogo: “Na dúvida, use ponto”. O jeito, então, é desmembrar as compridonas. Eis algumas dicas:

a) Substitua o gerúndio por ponto:

- *Alunos recém-aprovados no vestibular chegarão à universidade no segundo semestre podendo, se forem estudiosos, concluir o curso em quatro anos, fazendo em seguida um curso de pós-graduação.*

Sem o gerúndio, o ar entra livre nos pulmões e, de quebra, o período ganha charme:

- *Alunos recém-aprovados no vestibular chegarão à universidade no segundo semestre do ano. Se forem estudiosos, poderão concluir o curso em quatro anos e, em seguida, fazer uma pós-graduação.*

b) Transforme a oração coordenada em novo período:

- *Pensei em construir uma rodoviária maior e mais moderna, pois a que temos dentro em pouco será insuficiente, mas os trabalhos a que me aventurei, necessários ao conforto dos viajantes, não me permitiram a execução de uma obra, embora útil, prorrogável.*

Com o ponto, dá pra respirar fundo:

- *Pensei em construir uma rodoviária maior e mais moderna, pois a que temos dentro em pouco será insuficiente. Mas os trabalhos a que me aventurei, necessários ao conforto dos viajantes, não me permitiram a execução de uma obra, embora útil, prorrogável.*

c) Livre-se do já que:

- *Os líderes europeus tiveram de falar em Ronald Reagan, já que a morte do cowboy presidente os surpreendeu reunidos em Paris na comemoração da passagem dos 60 anos do Dia D.*

Sem a duplinha:

- *Os líderes europeus tiveram de falar em Ronald Reagan. A morte do cowboy presidente os surpreendeu reunidos em Paris na comemoração da passagem dos 60 anos do Dia* D.

d) Isole as orações:

- *A visita-surpresa do presidente George W. Bush ao Iraque foi o fecho de ouro de uma semana farta de boas notícias e grandes golpes de marketing político do atual chefe de governo americano em busca da reeleição do ano que vem, pois o número revisado do crescimento do* PIB *dos Estados Unidos no terceiro trimestre e a aprovação de audacioso projeto de lei do Executivo para transformar o benefício de auxílio a aposentados na compra de medicamentos foram dois outros excelentes fatos políticos para Bush, que se somam à eleição de Arnold Schwarzenegger para o governo da Califórnia e de mais dois republicanos para os estados de Mississipi e Kentucky, antes sob o comando do Partido Democrata, de oposição ao presidente.*

Ufa! Venham, pontos:

- *A visita-surpresa do presidente George W. Bush ao Iraque foi o fecho de ouro de uma semana farta de boas notícias e grandes golpes de marketing político do atual chefe de governo americano em busca da reeleição. O número revisado do crescimento do* PIB *dos Estados Unidos no terceiro trimestre e a aprovação pelo Senado de audacioso projeto de lei do Executivo para transformar o benefício de auxílio a aposentados na compra de medicamentos foram dois outros excelentes fatos políticos para Bush. Eles se somam à eleição neste mês de Arnold Schwarzenegger para o governo da Califórnia e de mais dois republicanos para os estados do Mississipi e Kentucky, antes sob o comando do Partido Democrata, de oposição ao presidente.*

Moral da história: homem é homem. Mulher é mulher. Ponto é ponto.

e) Seja sovina:

- *Troque a oração adjetiva por adjetivo: Quem escreve animal que se alimenta de carne quer dizer animal carnívoro; pessoa que planta café, cafeicultor; criança que não tem educação, criança mal-educada.*

Substitua a oração pelo termo nominal:

Compare:

- *A comunidade exige que o criminoso seja punido.*
  A comunidade exige a punição do criminoso.

- *Ninguém duvidava de que o plano tivesse êxito.*
  Ninguém duvidava do êxito do plano.

Lembrete: perdoar é o grande vício de Deus. Mas o Senhor tem especial

predileção por absolver os inimigos do quê. Candidate-se.

Prefira palavras curtas e simples

Mãe é mãe. Genitora é a tua. Progenitora é a vó.
Carlos Lacerda

Um assessor de Tancredo Neves queria fazer bonito. Num discurso, escreveu: “Esforçar-nos-emos para viabilizar uma sociedade mais inclusiva”. O presidente leu-a em voz alta. Achou-a pretensiosa e oca. Substituiu-a por: “Vamos construir um país em que ninguém fique de fora”.

É isso. Palavras longas e pomposas funcionam como uma cortina de fumaça entre quem escreve e quem lê. Seja simples. Entre dois vocábulos, prefira o mais curto. Entre dois curtos, o mais expressivo.

Só ou *somente*? Só. Com ela, poupam-se duas sílabas. *Féretro* ou *caixão*? *Caixão*. É mais simples e mais curta. *Óbito* ou *morte*? *Morte*. Deixe óbito para os escrivães. Eles adoram empolação. Em vez de *falecer*, prefira *morrer*. Substitua *obviamente* por *é claro*. *Morosidade* por *lentidão*. *Ósculo* por *beijo*. *Matrimônio* por *casamento*. *Causídico* por *advogado*. *Colocar* por *pôr*. *Genitor* e *genitora* por *pai* e *mãe*. *Data natalícia* por *aniversário*. *Esposo* e *esposa* por *marido* e *mulher*.

Que tal? Ser simples é a melhor receita. Sem aviá-la, prepare-se. Você corre risco de dar bom-dia a cavalo.

Ponha as sentenças na forma positiva

Ser simples é complicado.
Amália Rodrigues

A regra é dizer o que é, não o que não é. *Não ser honesto é ser desonesto. Não lembrar é esquecer. Não dar atenção é ignorar. Não comparecer é faltar. Não pagar em dia é atrasar o pagamento. Emprego que não paga bem paga mal.*

Dizer o que não é em geral soa hesitante, impreciso. Pode sugerir malandragem, tentativa de fugir do compromisso de afirmar.

Compare as frases:

- *Ele não acredita que o ministro chegue a tempo.*
  Ele duvida que o ministro chegue a tempo.

- *O presidente diz que não fará alterações na política econômica.*
  O presidente nega alterações na política econômica.

- *Vargas Llosa não chegará hoje.*
  Vargas Llosa chegará no sábado.

É isso. O *não* causa arrepios. Ninguém o ama, ninguém o quer. Mostre-lhe o cartão vermelho.

Opte pela voz ativa

“Preciso fazer algo” resolverá mais problemas que “algo precisa ser feito”.
Glennvan Ekeren

O verbo tem voz. Mas precisa de alguém que fale por ele. Às vezes é o sujeito. Com ele, a frase fica esperta. Torna-se vigorosa. Enche-se de poder. Daí o nome *voz ativa*.

Outras vezes, o sujeito é boa-vida. Preguiçoso, não pratica a ação. A oração fica mole. Parece medrosa. Dá a impressão de que o autor, sem assumir a autoria, transfere a responsabilidade de declarar para o agente da passiva.

Compare:

Voz ativa: O ministro escreveu a carta ao presidente.

Voz passiva: A carta ao presidente foi escrita pelo ministro.

Percebeu a diferença? A voz ativa tem três vantagens. Uma: é mais curta. Duas: dispensa a praga do verbo ser. A última: soa mais direta, vigorosa e concisa que a passiva. Dê-lhe preferência sempre que puder.

Escolha termos específicos

Dê nome aos bois.
Voz do povo

A clareza das ideias está intimamente relacionada com a precisão das palavras que as traduzem. Buscar o vocábulo certo para o contexto exige atenção, paciência e pesquisa. Consultar dicionários, textos especializados e profissionais da área deve fazer parte da rotina do repórter.

Quem escreve um texto de economia, por exemplo, tem de distinguir o significado de salário, vencimento, provento, pensão, subsídio ou verba de representação. Uma reportagem sobre política cai no descrédito se disser que os deputados vetaram um projeto. Quem veta é o presidente da República. A Câmara rejeita. Uma notícia sobre o Judiciário tropeça se afirmar que o juiz deu parecer. Ele ordena, determina, profere sentença.

“Lutar com palavras”, escreveu Drummond, “é a luta mais vã. Entanto lutamos mal chega a manhã”. O poeta sabia das coisas. As palavras são enganosas por natureza e vocação. Armam ciladas. *Tempestivo e intempestivo* nada têm com temperamental. *Inclusive* não é sinônimo de *até*. *Espectador* não se confunde com expectador.

Falar e *dizer* não são sinônimos. Daí o comentário pouco lisonjeiro “falou, falou, mas não disse nada”. Ou, ao contrário, “falou e disse”.

Falar não equivale a dizer, afirmar, declarar. Mas a dizer palavras, expressar-se por meio de palavras: *Ele fala várias línguas. Falou com o prefeito. Não falará no assunto. O apelo da criança fala ao coração.*

Dizer é verbo declarativo. Equivale a declarar, afirmar:

- *Lula disse que aumentaria o valor do salário mínimo. Nenhum candidato diz toda a verdade.*

- *São Pedro disse:*
  – Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.
  Manuel Bandeira

Na dúvida, substitua o *falar*pelo *dizer*. Se der certo, o lugar é do verbo dizer. Mande o falar pras cucuias: *Ministro fala*(diz) *na TV que o dólar vai baixar. O professor falou*(disse) *que vai aderir à greve. Quem falou*(disse) *isso?*

O *falar* tem arrepios quando acompanhado da conjunção *que*. Os dois são inimigos desde que nasceram. Na presença do *falar que*, não duvide. Você está diante de um usurpador. Ele fala, fala e nada diz. A gente tem de falar e dizer. Devolva o posto ao *dizer*

Acontecer é outra vítima da pobreza vocabular. Ele parece, mas não é panaceia. Acontecer é cheio de caprichos. Elitista, tem poucos empregos. Mas, por culpa do destino, os colunistas sociais o adotaram. A moda se espalhou. O verbo virou praga. Tudo acontece. Até pessoas. Frases como estas aparecem a torto e a direito: *Ronaldinho está acontecendo na Seleção. O casamento acontece na catedral. O show acontece às 22h.*

Acontecer deve ser empregado na acepção de suceder de repente. Dá ideia do inesperado, desconhecido: *Caso acontecesse a explosão, muitas mortes poderiam ocorrer*. Ele é muito bem-vindo na companhia dos pronomes indefinidos (tudo, nada, todos), demonstrativos (este, esse, aquele, isto, isso, aquilo) e o interrogativo que: *Tudo acontece no feriado. Aquilo não aconteceu por acaso. Que aconteceu?* Não o use no lugar do *ser, haver, realizar-se, ocorrer, suceder, existir, verificar-se, dar-se, estar marcado para*. Busque saídas.

Uma delas é substituir o verbo: *O show acontece* (está marcado para) *às 22 horas*. *O festival aconteceu* (realizou-se) *no ano passado*. *O crime não aconteceu* (ocorreu). *Não aconteceu* (houve) *o rigoroso inverno*. Outra é mudar a frase: *A prisão aconteceu ontem*. (A polícia prendeu o ladrão ontem.) *O show de Roberto Carlos acontece no Teatro Nacional*. (Roberto Carlos faz show no Teatro Nacional). *A divulgação do resultado acontece logo mais*. (O resultado será divulgado logo mais).

Na língua, há palavras-ônibus. Parecem-se com o transporte coletivo. Com montões de significados, podem ser empregadas em muitos contextos. *Coisa*, por exemplo, é um minhocão. Assemelhase a ônibus papa-fila. As cinco letrinhas comportam todo o dicionário. “Comprei uma coisa pra você” pode ser... qualquer coisa.

Há verbos que se confundem com chiclete. Encaixam-se em todos os contextos. São os verbos-ônibus. É o caso de *fazer, pôr, dizer, ter e ver*. Genéricos e incolores, tornam a frase vaga e imprecisa. Com paciência, a gente pode se livrar deles sem apelar para o pedantismo, a afetação ou o rebuscamento. Quer ver?

- Fazer
  Fazer uma fossa (cavar). *Fazer a estátua de mármore* (esculpir). *Fazer o trajeto de carro* (percorrer). *Fazer jornalismo* (cursar). *Fazer artigo para o jornal* (redigir ou escrever). *Fazer discursos* (proferir).
- Pôr
  Pôr uma palavra no parágrafo (acrescentar). *Pôr a sonda na ferida* (introduzir). *Pôr o futuro do subjuntivo na frase* (empregar). *Pôr a roupa no armário* (guardar). *Pôr dinheiro no banco* (depositar).
- Dizer
  Dizer poemas (declamar). *Dizer o segredo* (revelar). *Dizer exemplos* (citar). *Dizer a história* (contar).
- Ter
  Ter boa reputação (gozar). *Ter o respeito dos subordinados* (conquistar). *Ter dor de cabeça* (sentir). *Ter dez metros* (medir). *Ter cinquenta quilos* (pesar).
- Ver
  Ver a beleza do quadro (admirar). *Ver os menores detalhes* (observar). *Ver pela fechadura* (espiar).

Que ouça quem tem ouvidos de ouvir: empregar a palavra certa para o contexto é exercício difícil. Dá trabalho. Exige atenção, cuidado, paciência. E pesquisa. Consultar o dicionário ajuda. E como!

Fique com as palavras concretas

Minha terra tem palmeiras/Onde canta o sabiá.
Gonçalves Dias

Há palavras mais específicas que outras. *Gato siamês* é mais singular do que *gato; homem,* mais do que animal; laranjeira, mais do que *árvore; árvore,* mais do que *planta*ou *vegetal*. *Trabalhador* é termo de sentido geral, muito amplo (engloba todas as criaturas que trabalham). *Jornalista* tem sentido mais restrito.*Jornalista do SBT*, mais ainda. Ao descrever uma cena de rua, você pode referir-se genericamente a transeuntes ou particularizar: homens, jovens, estudantes, alunos da escola normal.

Escrever *foi um período difícil* constitui vagueza. *Estive desempregado durante três meses* é mais preciso, bem melhor.

Não foi por acidente que Gonçalves Dias compôs: “Minha terra tem palmeiras / Onde canta o sabiá”. Se tivesse dito “Minha terra tem árvores / Onde canta o pássaro”, seus versos estariam enterrados com ele, ignorados de todos.

Há jeitos de tornar concretos termos genéricos:

> *O desempenho do Produto Interno Bruto no primeiro trimestre de 2004 pode ser comparado ao enfermo cuja febre baixou. A temperatura, que ultrapassava os quarenta graus, ameaçava provocar convulsões. Agora, chegou aos 39º. O quadro ainda é grave, mas vislumbra-se um começo de recuperação. Em 2003, o PIB encolheu 0,2%. Significa que o país andou para trás. Produziu menos riquezas, restringiu investimentos, diminuiu a oferta de postos de trabalho. A renda despencou e, com ela, o consumo de bens e serviços. Indústria e comércio amargaram o ano no vermelho”.*
>
> *(Correio Braziliense).*

Viu? A comparação (desempenho do PIB à febre) e a citação de exemplos baixaram o nível de abstração do texto. O que significa andar pra trás? Significa produzir menos riquezas, restringir investimentos, diminuir a oferta de postos de trabalho.

Há quem diga que jornalista não sabe fazer conta. Se soubesse, não seria jornalista. Por isso não se exige de quem escreve para jornal, revista, rádio ou tevê especialização em matemática, estatística ou economia. Basta o domínio das quatro operações algébricas. E, de quebra, uma dose de atenção e algum bom senso.

Antes de cravar que um milhão de pessoas compareceram à Praça dos Três Poderes em Brasília, convém ligar o “desconfiômetro”. O Plano Piloto tem 400 mil moradores. O Distrito Federal –- incluído Plano Piloto e cidades satélites -– abriga dois milhões de habitantes. Conclusão: um milhão de pessoas na Praça dos Três Poderes corresponde a dois Planos Pilotos e meio. Ou a meio Distrito Federal. É um despropósito.

Números são conceitos abstratos. Tenha pena do leitor. Torne-os compreensíveis. Explique-os de modo a que tenham significado real para quem lê. Boa receita é fazer comparações. Prêmio de R$ 42 milhões? Corresponde a 176.923 salários mínimos de R$ 260. Ou 840 carros Vectra Elegance Sedan. Em Johanesburgo, na África do Sul, ocorrem 225.600 estupros por ano. O número significa um estupro a cada três minutos.

Siga a regra: o específico é preferível ao genérico; o definido, ao vago; o concreto, ao abstrato. Busque variedade, propriedade e riqueza. Recuse monotonia, vagueza e indigência.

Restrinja a entrada de adjetivos

> *Corto adjetivos, advérbios e todo tipo de palavra*
> *que está lá só para fazer efeito.*
> Georges Simenon

Você sabia? Substantivo e adjetivo são quase sempre inimigos mortais. Um quer distância do outro. Para aproximá-los, só há um jeito. O adjetivo deve ser capaz de especificar melhor o substantivo. Em outras palavras: tornar o nome menos abrangente, mais preciso.

Observe:

- *Os alunos tiram boas notas.*

A frase diz que todos os alunos tiram boas notas. Não é isso? O adjetivo se encarrega de restringir o substantivo:

- *Os alunos estudiosos tiram boas notas.*

Veja outros exemplos de adjetivos bem-vindos. Eles particularizam o objeto. Dão validade à informação:

- *Comprei uma mesa redonda.*
  Gostamos de paredes brancas.
  João Marcelo tem cabelos loiros.
  Dois atletas canadenses se destacaram nos Jogos Pan-Americanos.

Por que redonda, brancas, loiro e canadenses mereceram banda de música e tapete vermelho? Porque prestam um senhor serviço à frase. Tornam o nome mais particular. Eu não comprei qualquer mesa, mas a mesa redonda. Não é de qualquer cor de parede que nós gostamos, mas da branca.

O cabelo do João Marcelo poderia ser preto, castanho, ruivo, vermelho, verde. O adjetivo *loiro* manda as especulações plantar batata no asfalto. Os atletas poderiam ser brasileiros, cubanos, chilenos ou argentinos. *Canadenses* elimina as demais possibilidades.

Há adjetivos que causam urticária ao substantivo. São os adjetivos-ônibus. Vazios, não acrescentam nenhuma informação ao substantivo. Ao contrário. Exprimem a opinião de quem escreve. São tão genéricos que podem se juntar a qualquer substantivo.

É o caso de *maravilhoso*. João pode ser maravilhoso. A casa pode ser maravilhosa. O clima pode ser maravilhoso. A noite pode ser maravilhosa. Tudo pode ser maravilhoso.

Conclusão: maravilhoso não informa nada.

Mais exemplos de indesejados: Pessoa *formidável*, lição *fantástica*, *Vestido bonito*.

Os adjetivos nada informam sobre o objeto. O que é clima maravilhoso? Quente? Chuvoso? Nublado? Depende do gosto do freguês. E pessoa formidável? E lição fantástica? Vestido bonito? Sei lá.

Certos adjetivos associados a determinados substantivos formam chavões pela insistência do uso. Mas é fácil romper o casamento. Alguns exemplos:

- *Calorosa recepção, caloroso abraço* (recepção, abraço)
  Fortuna incalculável (valor aproximado?)
  Inflação galopante (índice?)
  Monstruoso congestionamento (quantos quilômetros?)
  Perda irreparável (perda)
  Prejuízos incalculáveis (valor aproximado?)

Sonora vaia (vaia)
Vitória esmagadora (diga o número de votos ou a percentagem)

Com os adjetivos, seja econômico como os mineiros. Moradores das Alterosas dão o seguinte conselho aos filhos:

– Não saia. Se sair, não gaste. Se gastar, não pague. Se pagar, pague só a sua.

Vale a adaptação:

– Não use adjetivo. Se usar, use só os que particularizam o substantivo.

É isso. Escreva com a convicção de que no idioma só existem substantivos e verbos. As demais classes de palavras devem ser usadas com o cuidado do ourives e o pão-durismo do Tio Patinhas.

Persiga a frase enxuta

A era das belas frases acabou.
Theodor Fontane

A língua se parece com as pessoas. É vaidosa que só. Adora ser enxutinha e ter tudo no lugar. Gordurinhas aqui e ali? Nem pensar. Bisturi nelas. O cirurgião plástico manda os excessos bater em retirada.

Artigos indefinidos, pronomes possessivos, demonstrativos e indefinidos são alguns bicões que engrossam a fila dos candidatos à faca. Vamos a eles:

a) Artigos indefinidos

Um, uma, uns, umas devem ser usados com muito cuidado. Sabe por quê? Eles são inimigos do substantivo. Tiram-lhe a força. Tornam-no vago, impreciso, desmaiado.

Ora, como as palavras mais importantes do texto são o substantivo e o verbo, não se pode maltratá-las. Manda o bom senso eliminar o inimigo. Fora, artigo indefinido!

- *O Ministério da Justiça aguarda (uma) verba suplementar para saldar a dívida.*
  Na avaliação do governo, a greve contra a reforma da Previdência não terá fôlego para prosseguir por (um) longo período. Ciro Gomes deu (uma) entrevista agressiva à revista Época. Lula queria implantar (um) novo capitalismo no Brasil. Haverá (uma) renovação de 60% no Congresso.

É isso. As palavras, como os remédios, podem matar. O artigo indefinido é medicamento de tarja preta. Causa dependência. Erva daninha, em 99% das frases é gordura pura. Corte-o. Mas não pare nele. Há outros inimigos a serem eliminados sem piedade.

b) Pronome possessivo

Georges Simenon escrevia romances policiais pra lá de bons. O segredo: “Livro-me dos vocábulos que estão na frase só para enfeitar ou atrapalhar”. Um deles são os pronomes *seu, sua*. Eles parecem inofensivos. Mas tornam o enunciado ambíguo. A história a seguir exemplifica o estrago:

- *O presidente do banco estava preocupado com um jovem diretor que, depois de ter trabalhado algum tempo junto dele sem parar nem para almoçar, começou a ausentar-se ao meio-dia. Desconfiado, o chefão chamou um detetive privado e lhe ordenou:*
  – Siga o diretor Duarte durante uma semana para ver se ele está fazendo algo errado.
  O detetive, depois de cumprir o que lhe havia sido pedido, informou:
  – O diretor Duarte sai normalmente ao meio-dia, pega o seu carro, vai à sua casa almoçar, namora a sua mulher, fuma um dos seus excelentes cubanos e regressa ao trabalho.
  O presidente respirou aliviado e respondeu:
  – Ah, bom, antes assim. Não há nada de mal nisso. Incomodado, o detetive perguntou:
  – Desculpe-me, senhor, mas posso tratá-lo por tu?
  – Sim, claro.
  – Então vou contar tudo de novo. O diretor Duarte sai normalmente ao meio-dia, pega o teu carro, vai à tua casa almoçar, namora a tua mulher, fuma um dos teus excelentes cubanos e volta ao trabalho.

Seu e *sua* referem-se a *ele* e a *você*. Daí a confusão. A mesma ambiguidade ocorre nesta passagem:

- *O subprocurador-geral José Roberto Santoro encontrou-se com a senadora Roseana Sarney no aeroporto de Brasília. Durante o encontro, Santoro, que é um dos procuradores do caso Lunus, chegou a ensinar Roseana a utilizar alguns recursos do seu celular.*

De que celular? Da senadora? Do subprocurador-geral? Pode ser de uma ou de outro. O *seu* provocou a confusão. Sem ele, a frase ganha clareza:

- *Durante o encontro, Santoro, que é um dos procuradores do caso Lunus, chegou a ensinar Roseana a utilizar alguns recursos do celular.*

Se quiser especificar de quem é o celular, os pronomes *dele* e *dela* resolvem:

- *Durante o encontro, Santoro, que é um dos procuradores do caso Lunus, chegou a ensinar Roseana a utilizar alguns recursos do celular dele (ou dela).*

Há vezes em que o pronome, sem função, vira um belo Antônio. Pau nele!

- *No acidente, quebrou a sua perna direita, fraturou os seus dedos da mão esquerda, arranhou o seu rosto.*

Antes das partes do corpo, o possessivo não tem vez. Sem ele, a frase respira aliviada:

- *No acidente, quebrou a perna direita, fraturou os dedos da mão esquerda, arranhou o rosto.*

Mais exemplos de inutilidade? Ei-los:

- *No (seu) pronunciamento, Bush apoiou Israel. Antes de sair, calçou os (seus) sapatos, vestiu a (sua) blusa e pôs os (seus) óculos.*

c) Pronome demonstrativo

Pegue o jornal. Abra-o em qualquer página. Leia artigos, reportagens, editoriais. Lápis na mão, assinale os *aqueles*, *aquelas* e *aquilos* que aparecerem no caminho. A conclusão é inevitável. O artigo (o, a) e o demonstrativo (o, a), caíram em desuso. A turma os esqueceu. Em vez do discreto monossílabo, empanturra a frase com o trissílabo peso-pesado:

- *Garotinho condena aqueles que o criticam.*
  Garotinho condena os que o criticam.
  Garotinho condena quem o critica.

- *Aquilo que é escrito sem esforço é lido sem prazer.*
  O que é escrito sem esforço é lido sem prazer.

d) Pronome *todos*

Ser claro é obrigação de quem escreve. O artigo definido se presta à confusão de significados. Dobre a atenção quando for usá-lo. Ao dizer “os candidatos fazem campanha”, englobam-se todos os candidatos. Se não são todos, o pequenino não tem vez: candidatos fazem campanha.

Para quem sabe ler, pingo é letra. Se o artigo engloba, o pronome *todos* sobra em muitas situações. Corte-o sem pena:

- *Vou ao teatro todas as terças-feiras.*
  Vou ao teatro às terças-feiras.

- *Todos os alunos que saíram perderam a explicação.*
  Os alunos que saíram perderam a explicação.

Conclusão: o texto é louquinho por lipoaspiração. Ao escrever, leia a obra com cuidado. Depois, passe o motorzinho nas gorduras. Mande-as arder no mármore do inferno.

Seja conciso

Escrever é cortar.
Marques Rebelo

Cultivar a economia verbal sem prejuízo da completa e eficaz expressão do pensamento tem dupla vantagem. Uma: respeita a paciência do leitor. A outra: poupa tempo e espaço (bens pra lá de escassos no jornal, rádio e tevê).Conciso não significa lacônico, mas denso. Opõe-se a vago, impreciso, verborrágico. No estilo denso, cada palavra, cada frase, cada parágrafo devem estar impregnados de sentido.

Eis algumas sugestões que contribuem para a concisão:

- Dispense, nas datas, os substantivos dia, mês e ano: em 20 de janeiro (não no dia 20 de janeiro); em dezembro (não no mês de dezembro); em 1995 (não no ano de 1995).

Substitua a locução adjetiva por adjetivo: *material de guerra* (material bélico); *pessoa sem discrição* (pessoa indiscreta); *criança sem educação* (criança mal-educada).

Troque a oração adjetiva por nome: *pessoa que se alimenta de verduras e legumes* (vegetariana); *homem que planta arroz* (arrozicultor); *criança que não sabe ler nem escrever* (criança analfabeta).

Corte *que é, que foi, que era* & Cia: *A maior parte da população de Washington*, que é *a capital dos Estados Unidos, tem origem negra.* A maior parte da população de Washington, a capital dos Estados Unidos, tem origem negra.

Juscelino Kubitschek, que foi *presidente do Brasil de 1956 a 1960, construiu Brasília*, que é *a capital do país.*

Juscelino Kubitschek, presidente do Brasil de 1956 a 1960, construiu Brasília, a capital do país.

Reduza orações:

Agora que expliquei o título, passo a escrever o livro.

Explicado o título, passo a escrever o livro.

Depois de redigir o texto, pensarei na legenda.

Redigido o texto, pensarei na legenda.

Elimine palavras ou expressões desnecessárias: *decisão tomada no âmbito da diretoria* (decisão da diretoria); *trabalho de natureza temporária* (trabalho temporário); *problema de ordem emocional* (problema emocional); *curso em nível de pósgraduação* (curso de pós-graduação); *lei de alcance federal* (lei federal); *doença de característica sexual* (doença sexual); *casos de ocorrência* (ocorrências); *casos de atraso* (atrasos).

Substitua a locução verbo + substantivo pelo verbo: *Fazer uma viagem* (viajar). *Fazer música* (compor). *Pôr as ideias em ordem* (ordenar as idéias). *Pôr moedas em circulação* (emitir moedas).

Quer exercitar-se? Então divirta-se com a última moda. É a LUT. As três letrinhas são as iniciais de *Lição de Um Tema*. Trata-se de grande desafio. Os profissionais da empresa devem ser capazes de explicar qualquer tarefa em um minuto. Não há discriminação. Todo assunto pode ser descrito em uma folha de papel. Entre texto e imagem, o recado deve ser dado em sessenta segundos.

Os temas variam. Vão da instrução de como tirar papel embolado da impressora à técnica de manusear um equipamento. Passam pelas formas de preencher um formulário, redigir uma carta ou configurar um software. E chegam à apresentação de relatórios e reportagens.

A tarefa exige poder de síntese, muiiito treino e enorme pãodurismo. É como escrever um telegrama. A gente paga por palavra. Como o bolso é a parte mais sensível do corpo, a regra número 1 é cultivar a economia verbal. Prepare a tesoura.

Eis o texto:

- *Como todo mundo sabe, o estudante sempre deve tentar escrever suas redações diárias com substantivos fortes e verbos precisos.*

Se todo mundo sabe, não precisa dizer. Sem dizer, o texto fica assim:

- *O estudante sempre deve tentar escrever suas redações diárias com substantivos fortes e verbos precisos.*

Os psicólogos são claros. Quem tenta não faz. Para ser afirmativo, deixe o verbinho pra lá. Cassado o murista, eis o resultado:

- *O estudante sempre deve escrever suas redações diárias com substantivos fortes e verbos precisos.*

Seguindo o conselho de Simenon, adjetivos e advérbios vão pras cucuias:

- *O estudante deve escrever suas redações com substantivos e verbos.*

Dá pra economizar mais uns trocados? Dá. Dizendo a frase de outra forma, ganha-se um chopinho:

-

Estudante, escreva redações com substantivos e verbos.

É isso. Prolixo designa verbosidade. Pronuncia-se prolikso. Aqui, é pro lixo mesmo.

Corra atrás da frase harmoniosa

Uma palavra posta fora do lugar
estraga o pensamento mais bonito.
Voltaire

Não basta ser correto. O enunciado tem de agradar aos ouvidos. Um dos segredos está na combinação de palavras e frases. Umas devem conversar com as outras sem tropeços, ecos ou repetições. O resultado precisa soar bem. Descer redondo. É a harmonia.

A harmonia não cai do céu nem salta do inferno. Há truques que permitem chegar a ela. Um deles: evitar as frases mancas. A oração tem sujeito, objeto, adjuntos e toda a parafernália que você conhece. A colocação deles é a chave do estilo harmonioso. Eis a receita: o termo mais curto – com menor número de sílabas – deve vir na frente do mais longo.

Leia este período em voz alta:

- *No sábado, fui ao shopping. Depois de borboletear de loja em loja, entrei na livraria. Lá, comprei vários livros de geografia e história do Brasil e um CD.*

Reparou? O enunciado parece manco. Dá a impressão de que lhe falta alguma coisa. Mas não falta. Ele está certinho da silva. A sensação de incompletude tem tudo que ver com o tamanho dos termos:

- *Na livraria, comprei duas coisas. Uma: um CD. A outra: livros de geografia e história do Brasil.*

Na lei da harmonia, o curto vem na frente. No exemplo, vem atrás. Compare:

- *No sábado, fui ao shopping. Depois de borboletear de loja em loja, entrei na livraria. Lá, comprei um CD e vários livros de geografia e história do Brasil.*

Leia outro período em voz alta:

- *O Congresso Nacional votará na próxima semana em regime de urgência urgentíssima o projeto.*

Manco, não? Compare-o com este:

- *O Congresso Nacional votará o projeto na próxima semana em regime de urgência urgentíssima.*

Outro truque da harmonia é o mistério do três. Três é o número da Santíssima Trindade. Três são os lados do triângulo. Três são os poderes da República. Três é também técnica de estilo. Por alguma razão que nem Deus explica, o grupo de três itens exerce impressão poderosa sobre a mente. A ele ninguém resiste.

“Cheguei, vi e venci”, gabou-se Júlio César. Abraham Lincoln seguiu a regra: “Governo do povo, pelo povo, para o povo”. Por isso, Montaigne não deixou por menos: “O estilo”, disse ele, “deve ter três virtudes: clareza, clareza, clareza”.

Ao escrever, pense na mágica do três. Imagine três itens para agrupar. Não importa o assunto. Você vai descrever Brasília? A capital de JK é uma cidade planejada, moderna e com alto poder aquisitivo.

A harmonia abomina os ecos. A rima, qualidade da poesia, constitui defeito da prosa. Releia seus textos, de preferência em voz alta, para verificar se ocorre repetição de sons iguais ou semelhantes:

- *Houve muita confusão e provocação na reunião de representantes do Ceará e do Maranhão.*

Cruz-credo! Com tantos ãos, dá pra fazer uma feijoada. Sem eco, a frase fica assim, pra lá de agradável:

- *Houve muita provocação e tumulto no encontro de representantes de Fortaleza e São Luís.*

Outro exemplo:

- *O Plano Real acabou com a inflação mortal.*

O ouvido da gente não é lixeira. Vamos ao troca-troca:

- *O Plano Real acabou com a inflação que mata a economia do trabalhador.*

Mais um:

- *O rigor do calor de Salvador lhe causava mais pavor.*

Pra fora, eco!

- *O forte calor da capital baiana lhe causava pânico.*

O último:

- *O crescimento sem desenvolvimento pode implicar incremento do subdesenvolvimento.*

Xô, coisa feia:

- *Crescer sem preocupação com o desenvolvimento pode implicar mais atraso.*

Cuidado com as cacofonias. Às vezes, a última sílaba de uma palavra se junta à primeira de outra e forma novo vocábulo, soando mal aos ouvidos do leitor atento ou desavisado: *por cada; uma mão; por razões, boca dela, por tal, por tais, por tão.*

"O que é escrito sem esforço é lido sem prazer", dizia Samuel Johnson. O escritor inglês se referia sobretudo às repetições. O texto se parece à comida. Comer o mesmo prato todos os dias em todas as refeições é enjoativo. Há que variar os ingredientes e o preparo para manter o apetite.

Existem repetições e repetições. Algumas se restringem à palavra. Outras, à estrutura. Ambas – se não forem propositais – causam um senhor estrago ao texto. Tornam-no monótono. Como sonífero, dão um sono...

Variedade opõe-se a monotonia. Substantivos, verbos, conjunções, preposições, pronomes, aumentativos, diminutivos, superlativos escritos mais de uma vez no parágrafo (às vezes no texto) exigem providências. Uma delas: cortar vocábulos. Outra: usar sinônimos. Mais uma: mudar a frase.

A propósito, vale o alerta do jornalista Eduardo Martins, autor do *Manual de redação e estilo* do jornal *O Estado de S. Paulo*: "Não transforme em preocupação obsessiva o receio de repetir palavras. Se você já usou *hospital* e *estabelecimento*, por exemplo, recorra novamente a um deles, caso o texto exija, nunca *nosocômio*".

Mais: cuidado com as repetições sofisticadas. Não inicie frases e parágrafos com estruturas iguais. Incluem-se aí os artigos, flexionados ou não.

Veja exemplos:

- ***A*** *escola pública deve, sem dúvida, ser laica.* ***A*** *integração secular é um valor a perseguir.* ***As*** *metas não podem, porém, ser buscadas com o sacrifício da mais elementar das liberdades individuais – a de possuir uma individualidade e exprimi-la de forma pacífica.*

- ***Fica*** *a sensação de que islamismo é sinônimo de extremismo e deve, portanto, ser extirpado.* ***Subjaz*** *aí uma visão problemática de democracia, na qual a tolerância e o respeito à diversidade se tornam valores menos importantes.* ***Existe*** *até o risco de a proposta produzir efeitos inversos aos desejados.* ***Privar*** *muçulmanos de demonstrar sua identidade cultural nos espaços públicos pode levá-los a buscá-la em grupos que atuem à sombra do Estado, com maiores chances de pregações radicais.*

- *Um tema de grande relevância para a Embrapa e para a sociedade trata da quantidade de novos tipos de plantas lançadas pela empresa.* ***Esse*** *número passou de 55, em 2002, para 85, em 2003.* ***Essas*** *plantas, fruto de anos de pesquisa, são valorizadas por características como: maior produtividade, adaptação a condições específicas de clima e solo, resistência a doenças e pragas.*

Compare-os com parágrafos sem monotonia:

- ***A*** *polêmica está instalada.* ***Tudo*** *indica que a França poderá acatar a recomendação de uma comissão governamental de banir os símbolos religiosos nas escolas públicas.* ***Embora*** *abarque ícones de todas as religiões, a medida foi concebida para evitar que garotas muçulmanas utilizem o véu. (Folha de S.Paulo)*

- ***Esta*** *é uma história curiosa, mas excepcional no Brasil.* ***Aqui****, no caso dos imigrantes, o choque cultural foi historicamente muito menor, o que não quer dizer que não tenham existido grupos estrangeiros dispostos a garantir sua autonomia no meio brasileiro, nem violências governamentais contra eles.* ***Basta*** *lembrar o caso das colônias alemãs no sul do país durante a década de 30, e as medidas tomadas contra os súditos do eixo, no curso da Segunda Guerra Mundial. (Boris Fausto)*

- *A China é tão boa assim para o Brasil? **Então** por que Lula não toma coragem e assina um acordo de livre-comércio entre os dois países? **Poderíamos** vender ainda mais soja para lá. **A** soja brasileira é empregada pelos chineses sobretudo como ração para porcos e frangos. **Em** matéria de ração para porcos e frangos, não tememos a competição de ninguém. (Diogo Mainardi)*

A intercalação de frases longas e curtas afasta a soneira:

- *Na semana passada, em companhia dos ministros, governadores, parlamentares e empresários que compunham a comitiva do presidente Lula à China, lá estava ela, de novo Isaura, em pessoa. Ou melhor, Lucélia Santos. Talvez ela não cause mais nas ruas, depois de tantas visitas ao país, o mesmo tumulto que provocava vinte anos atrás. Mas o mito continua vivo a ponto de justificar nova empreitada no ramo da teledramaturgia, uma série com uma história de amor entre uma brasileira e um chinês. A série será filmada no Brasil e na China, e à Lucélia, claro, caberá o papel principal. Ela continua a namoradinha da China. (Roberto Pompeu de Toledo)*

A harmonia suplica: varie a estrutura de cada parágrafo do texto. Não inicie todos eles com a mesma classe gramatical. Vale o exemplo do artigo de Sílvio Queiroz publicado no *Correio Braziliense* de 1º.6.04:

- *As Farc sob fogo*

  Silvio Queiroz

  A dois meses de completar metade do mandato de quatro anos, o presidente da Colômbia, Álvaro Uribe, joga rodada de fogo em três frentes simultâneas. Nas matas do sul do país, 17 mil homens do exército, com treinamento e assessoria direta dos Estados Unidos, avançam contra a retaguarda da guerrilha das Farc. No extremo oposto do território, o governo estabelece zona de segurança para negociar o desarmamento de esquadrões paramilitares de direita, surgidos para combater os rebeldes à margem do exército. Na capital, Bogotá, Uribe batalha no Congresso por emenda constitucional que permita sua reeleição.

A ofensiva militar, conduzida há dois meses sob pesado sigilo, é apresentada como a maior em quatro décadas de guerra. Tem como alvo o alto comando da guerrilha, encabeçado pelo lendário Manuel Marulanda, Tirofijo (tiro certo) para os amigos. Fundador das Farc, em 1964, guerrilheiro há meio século, Marulanda vive desmentindo a morte repetidamente anunciada, como aconteceu de novo esta semana. Como as próprias Farc, Tirofijo continua duro na queda.

Neutralizar as Farc é um dos passos da estratégia de Uribe. O outro é desmobilizar efetivamente os dez mil paramilitares, ou o maior número possível. Uma vez desmontado o conflito — esse é o raciocínio do governo —, o caminho estaria aberto para erradicar as plantações de coca e a rede do tráfico, associada nos últimos anos aos grupos armados num comércio triangular que envolve drogas e armas. Mas dois anos parece pouco tempo para concluir o processo, daí a ofensiva política pela reeleição.

Nas três frentes, porém, há armadilhas. O próprio governo americano, aliado de Uribe, receia que um acordo de paz dê impunidade aos paramilitares. Alguns são acusados de massacrar civis, outros de narcotráfico, inclusive com extradição pedida aos EUA. A ofensiva contra as Farc, batizada de Plano Patriota, custa caro e requer resultados visíveis o quanto antes. De preferência a captura ou morte de Marulanda e do alto comando rebelde. No Congresso, o perigo é uma tradição secular de politicagem e caciquismo que tem sufocado ou pervertido as tentativas de reforma política.

Jogando no tudo-ou-nada, Uribe se arrisca a ficar com a parte pior de cada aposta: guerra em escalada, esquadrões da morte impunes e legalizados e a metade final do mandato a ser cumprida sem horizonte político à vista.

Busque a clareza

O estilo deve ter três virtudes: clareza, clareza, clareza.
Montaigne

Escrever é verbo transitivo direto. O repórter escreve para o leitor. Quer que ele o entenda sem ambiguidades. Como diz Íñigo Dominguez, "uma frase jornalística tem de estar construída de tal forma que não só se entenda bem, mas que não se possa entender de outra forma". Há jeitos de chegar lá.

Aproxime termos e orações que se relacionem pelo sentido. A liberdade de colocação de termos na frase e orações no período encontra limites nas exigências da clareza e da coerência. A boa norma manda "amarrar" cada termo determinante ao respectivo termo determinado.

◉ *Haverá um seminário internacional sobre Aids na Câmara dos Deputados.*

O seminário se realizará na Câmara, mas a colocação do adjunto adverbial "na Câmara dos Deputados" junto do termo "Aids" leva a outra leitura: o seminário tratará da ocorrência de Aids na Câmara dos Deputados. Evita-se a ambiguidade aproximando o adjunto adverbial do termo a que se refere:

◉ *Na Câmara dos Deputados, haverá um seminário internacional sobre Aids.*

◉ *Haverá, na Câmara dos Deputados, um seminário internacional sobre Aids.*

Faça declarações claras. Dificultar a compreensão do texto é pôr uma pedra no caminho do leitor. Para que obrigá-lo a gastar tempo e energia na transposição do obstáculo? Facilite-lhe a passagem. Nas declarações longas, não o deixe ansioso. Identifique o autor sem demora – antes da citação ou depois da primeira frase:

- *Veuillot ensina: "É preciso escrever com a convicção de que só há duas palavras no idioma: o substantivo e o verbo. Ponhamo-nos em guarda contra as outras palavras".*

- *"É preciso", ensina Veuillot, "escrever com a convicção de que só existem duas palavras no idioma: o substantivo e o verbo. Ponhamo-nos em guarda contra as outras palavras."*

Nas declarações curtas, a identificação do autor deve ser feita no começo ou no fim da fala:

- *"Toda questão tem dois lados", escreveu Pitágoras.*

- *Pitágoras escreveu: "Toda questão tem dois lados".*

Olho no verbo declarativo. Ele é tão importante que, em caso de troca, pode mudar a informação. Compare:

- *Não mandei dinheiro pra Suíça, disse Maluf.*
  Não mandei dinheiro pra Suíça, insistiu Maluf.
  Não mandei dinheiro pra Suíça, alertou Maluf.
  Não mandei dinheiro pra Suíça, ironizou Maluf.
  Não mandei dinheiro pra Suíça, protestou Maluf.
  Não mandei dinheiro pra Suíça, mentiu Maluf.

O verbo declarativo tem uma função: indica o interlocutor que está com a palavra. *Dizer* – neutro, simples e direto –, costuma ser escolha acertada na maioria dos casos. Mas abusar dele, como de qualquer outra palavra, torna o texto frio e monótono.

Generosa, a língua oferece pelo menos nove áreas semânticas de verbos que se prestam a mostrar quem disse o quê. São elas:

- de dizer: afirmar, declarar
- de perguntar: indagar, interrogar

- de responder: retrucar, replicar
- de contestar: negar, objetar
- de concordar: assentir, anuir
- de exclamar: gritar, bradar
- de pedir: solicitar, rogar
- de exortar: animar, aconselhar
- de ordenar: mandar, determinar

Esses são os mais comuns, de sentido geral. Existem outros, muito explorados pela literatura. Além de indicar o falante, traduzem emoção e sentidos conotativos. É o caso de *alertar, sussurrar, murmurar, balbuciar, estranhar, comentar, apelar, arriscar, consentir, aprovar, intervir, mentir, jurar, rosnar, berrar, propor, sugerir.*

Atenção ao queísmo. Há verbos alérgicos ao quê. É o caso de *alertar* (alerta-se alguém, mas não se alerta que); *sussurrar* (sussurra-se alguma coisa, mas não se sussurra que), *apelar* (apela-se para alguém ou alguma coisa, mas não se apela que), *definir* (define-se alguma coisa, mas não se define que), *indicar* (indica-se alguma coisa ou alguém, mas não se indica que).

Na dúvida, consulte o dicionário de regência. Indiscreto, ele revela os segredos do verbo.

Teste a legibilidade do texto

Se lemos algo com dificuldade, o autor fracassou.
Jorge Luis Borges

Em grego, é *hedone*. Em português, hedonismo. Numa e noutra língua, o significado se mantém. É prazer. A sensação gostosa virou doutrina da filosofia. Segundo ela, o prazer deve ser considerado o objetivo principal dos atos humanos.

Alguns concordam. Outros não. Mas uma coisa é certa. Ninguém gosta de sofrer. A regra vale para a leitura. Texto difícil não tem vez. E não é de hoje. Montaigne, no século XVI, disse com todas as letras: “Ao encontrar um trecho difícil, deixo o livro de lado”. Por quê? “A leitura é forma de felicidade”, respondeu ele.

A observação não se restringe a livros. Engloba jornais, revistas, cartas comerciais, redações escolares, receitas de comida gostosa. Sem fisgar o leitor, adeus, emprego! Adeus, nota boa! Adeus, sobremesa dos deuses! Por isso, roguemos ao Senhor. Que Ele ilumine mentes, penas e teclados. E cada um faça a sua parte.

Como avaliar o índice de dificuldade do escrito? O assunto começou a preocupar os americanos há uns sessenta anos. Pesquisas sobre a leitura do texto jornalístico despertaram o interesse de professores e alunos de várias universidades. Um dos resultados dos estudos foi o teste de legibilidade. Alberto Dines, então do *Jornal do Brasil*, adaptou-o para o português.

Eis a receita:

1. Conte as palavras do parágrafo.
2. Conte as frases (cada frase termina por ponto).
3. Divida o número de palavras pelo número de frases. Assim, você terá a média da palavra/frase do texto.
4. Some a média da palavra/frase do texto com o número de polissílabos.
5. Multiplique o resultado por 0,4 (média de letras da palavra na frase de língua portuguesa).
6. O produto da multiplicação é o índice de legibilidade.

Possíveis resultados:

1 a 7: história em quadrinhos
8 a 10: excepcional
11 a 15: ótimo
16 a 19: pequena dificuldade
20 a 30: muito difícil
31 a 40: linguagem técnica
acima de 41: nebulosidade

Testemos o parágrafo abaixo:

- *“Em boca fechada não entra mosca”, diz a vovó repressora. “Quem não erra perde a chance de acertar”, responde o neto sabido. Ele aprendeu que, nas organizações modernas, a competição é o primeiro mandamento. E, cada vez mais, impõe-se a necessidade de falar em público. Muitos servidores, porém,*

> *concordam com a vovó. Estremecem só de imaginar a hipótese de abrir a boca diante de uma plateia. Dizem que não nasceram para os refletores. Falta-lhes vocação. A ciência prova o contrário. Falar bem não é dom divino. Falar bem – como nadar bem, escrever bem, saltar bem – é habilidade. Exige treino.*

Confira:

1. Palavras do parágrafo: 101
2. Número de frases: 12
3. Média da palavra-frase (101 dividido por 12): 8,41
4. 8,41 + 12 (número de polissílabos) = 20,41
5. 20,41 x 0,4 = 8,16

Resultado: legibilidade excepcional

Agora, avalie um texto seu. Pode ser uma carta, um artigo, uma reportagem. Antes de começar, lembre-se: aplique a receita de parágrafo em parágrafo. Se o resultado ficou acima de 15, abra o olho. Facilite a vida do leitor. Você tem dois caminhos. Um: diminua o tamanho das frases. O outro: mande algumas proparoxítonas dar umas voltinhas por aí. O melhor: abuse de ambos.

Gêneros jornalísticos

Há quem fale do prazer da escrita. Confesso que não tenho nenhum prazer. Para mim escrever é trabalho.
José Saramago

Poetas escrevem sonetos, haikais, redondilhas. Prosadores criam novelas, romances, contos. Na escrita, o conteúdo subordina-se à forma. O jornalismo não foge à regra. Existem estruturas consagradas para jornais, revistas, rádio e tevê. Longas reportagens e pequenas notas exigem estilos diferentes. As primeiras dão passagem a textos mais elaborados. As segundas, ao contrário, costumam ser diretas. Embora se originem do mesmo material bruto – a apuração do repórter – são distintas na apresentação. Cada uma tem lá as próprias especificidades.

Conhecer de antemão o gênero que se vai produzir é meio caminho para escrever bem. Funciona como forma de bolo onde as informações assam e crescem. Pode parecer cruel para os corações dos que sonham com a independência da escrita, mas é real no mundo das redações. Os veículos impõem limitações. Nem sempre são restrições de mérito. Mas são sempre físicas – de tamanho e gênero.

Há formas e formas de apresentação de textos. O nome com que são designados varia. Às vezes ganham apelidos irônicos. Reco, por exemplo, significa matéria com QI (“quem indica”) – recomendada pela direção. Sim, elas existem. Os repórteres as odeiam, mas, vira e mexe, alguém é escalado para uma delas.

A forma define o tom do conteúdo. Perfis abrem espaço para linguagem casual e intimista. Reportagens sobre descobrimentos científicos exigem precisão e sobriedade. Artigo requer argumento para a defesa de um ponto de vista. Enfim, cada gênero pede um jeitinho de produção. Quer ver?

A força da notícia

> *Quando um cachorro morde uma pessoa, isso não é notícia.*
> *Quando uma pessoa morde um cachorro, isso é notícia.*
> Charles A. Dana

Afinal, o que é notícia? Reúna mais de um jornalista para discutir o assunto e perceberá que não existe resposta consensual para a pergunta. Mas todos concordam que notícia é fato importante e inusitado. A avaliação sobre a importância esbarra na subjetividade dos editores. Não há como negar que, apesar da tão propalada objetividade da imprensa, a seleção e publicação das matérias seguem os critérios definidos pelos mandachuvas.

Alguns teóricos fazem distinção entre notícia e reportagem. Notícia, para eles, é o fato que se esgota em si mesmo. Em geral, aparece em forma de pirâmide invertida porque a preocupação do repórter é reproduzir com fidelidade um acontecimento. Reportagem, ao contrário, apresenta várias faces do mesmo assunto. O texto abre espaço à criatividade do autor.

Aqui, não se faz diferença entre notícia e reportagem. Reportagem sempre é notícia. O que varia é o tipo de reportagem – factual, especial ou em série. São formas diferentes de apresentar um fato.

Reportagem factual

O nome diz tudo – são textos que relatam um fato. Estão lá pormenores da notícia, declarações de entrevistados, dados estatísticos. Em essência, constituem trabalho descritivo. A maior parte do material publicado pelos jornais diários aparece nesse formato. Refere-se a acontecimentos do dia anterior ou a eventos prestes a vir à luz.

Analise estes textos:

- *Protesto deixa três ônibus queimados em SC Três ônibus queimados durante a madrugada de ontem, outros dez com vidros estilhaçados no final da tarde, trânsito complicado, terminais urbanos fechados, acessos interrompidos. Esse foi o saldo do terceiro dia de protestos de centenas de estudantes e usuários de transporte coletivo contra o reajuste médio de 15,6% nas tarifas dos coletivos em Florianópolis.*

  Por volta das 19h30 de ontem, a Polícia Militar teve o primeiro confronto com os estudantes no que definiu como empurra-empurra. Os manifestantes tentavam fechar, mais uma vez, um dos terminais urbanos que *ficam no centro da cidade, e os policiais reagiram. Um estudante foi detido e liberado em seguida. (Folha de S. Paulo, 1.7.2004).*

- *Agressão familiar em debate*
  A violência contra a mulher será um dos principais temas da primeira Conferência Nacional de Políticas para Mulheres, que começa na próxima quinta-feira, no Clube do Exército, em Brasília. Delegados e representantes de grupos feministas de todo o país vão discutir formas de combate à agressão doméstica e familiar. Os debates servirão para fechar o texto de um projeto de lei, que chegará ao Congresso até o fim do ano.

  O principal avanço da proposta, debatida desde abril pelos ministérios e organizações não-governamentais (ONGS), é a mudança de conceito do agressor doméstico, que deixa de ser somente o companheiro e passa a ser toda pessoa que mora na casa. (Correio Braziliense, 1.7.2004).

Ambos os exemplos seguem o modelo factual de reportagem. Descrevem um fato em detalhes. O primeiro trata de acontecimento do dia anterior. O segundo, de evento futuro. Os dois respondem, logo na abertura, às seis perguntas essenciais do texto jornalístico. Seguem a estrutura de pirâmide invertida, em que as informações mais importantes aparecem primeiro.

Na matéria da *Folha*, o repórter deixa muito clara a escolha ao explicar que ônibus incendiados e depredados, trânsito congestionado e terminais fechados são o “saldo” do conflito entre policiais e manifestantes. O resultado da notícia está no lead. O *Correio Braziliense* também se preocupou em destacar o assunto mais importante a ser debatido. Ambos os exemplos detalham, ao longo da reportagem, o conteúdo do lead.

Veja, agora, este exemplo:

- *Infies, mas nem tanto*
  A deputada Maria Lúcia (PMDB-RJ) é da base do governo. Mas ela é também candidata a prefeita de Belford Roxo, município da Baixada Fluminense. Maria Lúcia não votou a favor do salário mínimo de R$ 260. Nem esteve com o governo que seu partido apoia nos temas relativos à reforma da Previdência. Na verdade, em 145 votações de interesse do governo Lula na Câmara, Maria Lúcia só esteve ao lado do presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 14,3% dos casos. “É complicado mesmo para candidatos a cargos eletivos estar com o governo em temas antipáticos como o do salário mínimo. A eleição torna-se uma dificuldade adicional”, observa o analista político Cristiano Noronha, da consultoria de análise política Arko Advice.

  Cristiano observou o comportamento dos deputados e senadores que disputarão prefeituras municipais em outubro em 14 votações na Câmara e sete no Senado sobre temas da agenda de interesse do governo. O trabalho leva a algumas conclusões. Foram pouquíssimos os candidatos inteiramente fiéis ao governo, principalmente nas votações menos populares. Mas também não há nenhum candidato, mesmo nos partidos de oposição, que tenha sido inteiramente contrário aos interesses do governo Lula. (Correio Braziliense, 13.7.2004).

Viu? O repórter recorreu à apresentação de um personagem (a deputada Maria Lúcia) para resumir a reportagem. Estratégia semelhante se observa nesta matéria:

> ● *Os dois quarteirões mais luxuosos de SP*
> *O painel na avenida República do Líbano dá o tom do que será erguido no terreno de 3 mil metros quadrados: "Mansões suspensas", diz o anúncio. Os 26 andares terão um apartamento cada um – a R$ 5 milhões, o mais baratinho. Do outro lado, o edifício Altana, de 22 andares, mal saiu do chão e tem reservados os dúplex do 15. Até a cobertura, cujo preço é mantido em segredo, mas se estima chegar a R$ 10 milhões.*
>
> *Separados pela avenida Hélio Pellegrino, os empreendimentos fazem esquina com a avenida República do Líbano, um do lado de Moema e outro do lado da Vila Nova Conceição, dois dos bairros mais nobres da cidade, e têm o Parque do Ibirapuera a seus pés, do outro lado da avenida. Essa combinação fez das esquinas as mais luxuosas da cidade – para o mercado imobiliário, duas pérolas num mar de concreto. (O Estado de S. Paulo, 13.7.2004)*

Em vez de personagem, o jornalista optou por descrever os prédios que ocupam os quarteirões mais luxuosos de São Paulo. O que seria reportagem árida e chata, pois aborda nova tendência no mercado imobiliário paulistano, virou texto atraente sobre como vive a parcela endinheirada da cidade. Criativo, o repórter respondeu às seis perguntas fundamentais de uma reportagem sem apoiar-se no padrão clássico de lead.

Conclusão: reportagens factuais também podem ser interessantes.

A suíte

Coberturas do dia a dia, as reportagens factuais dependem do desenrolar dos acontecimentos. As investigações sobre um crime que chamou a atenção da sociedade, por exemplo, podem demorar semanas para ser concluídas. Os jornais costumam acompanhar os detalhes do trabalho policial, publicando matérias diárias sobre assunto. Aí entra em cena figurinha carimbada nas redações – a suíte, nome das matérias que são sequências de outras. Elas trazem as consequências da primeira, desdobramentos, descobertas, repercussão pública.

As suítes atualizam a notícia, mas também relembram o fato original. Muitas pessoas são leitoras esporádicas de jornais. Podem não estar familiarizadas com o novo escândalo da política ou com o último assassinato de gente famosa. O texto, portanto, precisa incluir informações do acontecimento-mãe.

Observe este exemplo:

◉ *STF liberta acusado de ter mandado matar Daniel*

O presidente do STF (Supremo Tribunal Federal), ministro Nelson Jobim, livrou ontem da prisão o empresário Sérgio Gomes da Silva, que responde a processo criminal sob acusação de ser o mandante do assassinato do prefeito de Santo André, Celso Daniel (PT), em janeiro de 2002.

Jobim concedeu liminar em habeas corpus movido pelo advogado de Gomes da Silva ao STF. Ele considerou que não havia razão jurídica para a prisão preventiva, decretada pela Justiça de Itapecerica da Serra (SP) em 10 de dezembro do ano passado. O empresário e ex-segurança foi denunciado por homicídio triplamente qualificado e estava preso desde 11 de dezembro de 2003. Ele nega ter praticado o crime.

O primeiro parágrafo relata a notícia do dia anterior – a decisão do STF de libertar Sérgio Gomes da Silva. Ao mesmo tempo, relembra a história do crime do qual ele é acusado. O fato original, o assassinato do prefeito de Santo André Celso Daniel, ocorreu há mais de dois anos. A matéria trouxe o passado de volta para explicar ao leitor a importância dada à liberação do empresário. Sem os detalhes, seria difícil saber quem é Sérgio Gomes da Silva.

Antes de começar, responda à pergunta: o que aconteceu? Essa é a informação mais importante, a notícia. É por ela que você deve abrir o texto. Encontrada a notícia, responda às demais perguntas – quem, como, quando, onde e por que, nessa ordem. Elas são o núcleo do lead.

- Use o recurso da pirâmide invertida, resumindo nas primeiras frases os acontecimentos centrais da história.
- Busque aberturas criativas, sem esquecer o caráter informativo da reportagem.
- Não encha linguiça. Você corre o risco de pôr o lead no pé. Em matéria factual, a demora em entrar no assunto afugenta o leitor nas primeiras linhas. Ele quer saber logo o que aconteceu.
- Nos parágrafos seguintes, conte os pormenores das informações dadas no começo. Inclua declarações das pessoas envolvidas.
- No final, mantenha alguma conexão com o início da matéria. É como fechar um círculo, com o leitor no epicentro da notícia outra vez.

Reportagem especial

Algumas notícias, pela importância, dimensão ou impacto, requerem tratamento especial. Costumam ser mais longas que as factuais e extrapolam os acontecimentos do dia anterior. Uma especial objetiva tratar com profundidade assunto específico, relevante e atemporal. Exige muita transpiração pelas horas consumidas na busca das melhores fontes, entrevistas e, não raro, o repórter tem de fazer viagens. E muito esforço na construção de texto capaz de apresentar as informações de tal forma que mantenha a atenção do leitor até o fim.

A especial pede redação elaborada, fora dos padrões utilizados nas coberturas do dia a dia. De preferência, com descrições minuciosas e boa dose de emoção. No caso, o modelito o que-quemquando-onde-como-por que não tem vez. Pior: não há modelo pronto. Abre-se campo para talentos. Mas, como tudo em que o céu é o limite, apresenta riscos.

Erros gramaticais doem nos ouvidos, informações incompletas ganham dimensão de catástrofe e a falta de encadeamento lógico das ideias desanima o leitor. Boas reportagens especiais são resultado da conjunção de apuração rigorosa e texto bem cuidado. Uma depende do outro. O volume de informações pode levar o repórter a perder o fio condutor da história, atrapalhar-se em detalhes irrelevantes e deixar a notícia escapar pelos dedos.

A recíproca é verdadeira. Sem saber aonde chegar, o repórter perde tempo em apurações infrutíferas, ouve fontes erradas e até se excede nos personagens repetitivos. Ter claro o objetivo é o segredo para sair ileso do labirinto.

Veja esta matéria, publicada na edição de 14.10.2003 do *Correio Braziliense*:

> ◉ *Quarta-feira da semana passada, 18h12. Sentados em uma das mesas do badalado Bar Bedrock, na comercial da 204 Norte, dois rapazes de 26 anos tomam cerveja e batem papo. Dois clientes como tantos outros que, ao fim do expediente, aproveitam o final da tarde para curtir um happy hour, não fossem os nomes e os CPFs: Antonio Novely Cardoso de Vilanova e Max Rogério Alves. Dois dos quatro rapazes de classe média e alta condenados a 14 anos de prisão em regime integralmente fechado por terem incendiado vivo o índio pataxó Galdino Jesus dos Santos, em abril de 1997.*
>
> *Os quatro rapazes receberam a sentença do Tribunal do Júri de Brasília em novembro de 2001. Meses depois, também por decisão da Justiça brasiliense, ganharam autorização para trabalhar e estudar fora das dependências do presídio da Papuda. Agraciados com um benefício raro entre presos condenados, os assassinos de Galdino acharam pouco. E se esbaldaram.*

Nos dois primeiros parágrafos, a repórter Ana D´Ângelo apresentou a história – denúncia de que os assassinos do índio Galdino, crime que horrorizou o país, gozavam de tratamento privilegiado na prisão. “Quando se escreve uma reportagem especial, com muitas informações”, ensina Ana, “não se pode perder a pauta de vista”. No caso, o objetivo era mostrar os privilégios que os rapazes recebiam na prisão. O resto era acessório.

Ao longo do texto, dividido em várias retrancas, Ana descreveu de forma minuciosa a rotina de três dos assassinos do índio Galdino. Acompanhe este trecho:

> ◉ *Na quarta-feira passada, Antonio Novely e Max Rogério chegaram ao Bar Bedrock dirigindo os próprios carros. Max estava em um Astra preto 1999, registrado em nome do padrasto. Novely guiava um Uno azul escuro, comprado em seu nome. Novely também foi flagrado na noite seguinte falando em um telefone celular enquanto dirigia. Outro condenado, Eron Chaves, foi visto guiando um Golf 2.0 GLX vermelho, de placa JIZ 1998 e ano 1998. Tomás de Oliveira tirou recentemente carteira para guiar moto.*
>
> *Max e Eron ficaram até às 19h30 no Bedrock, na 204 Norte. Beberam pelo menos quatro cervejas. Depois foram embora guiando os carros. Max deveria ir para a faculdade, cujas aulas começam às 19h. No mínimo, chegou atrasado.*
>
> *Os quatro condenados pela morte do índio Galdino trabalham em órgãos públicos, em funções administrativas. Eron e Tomás despacham no prédio anexo do Ministério do Trabalho, na Esplanada dos Ministérios, na Coordenação de Documentação e Informação. Max está lotado na Companhia de Abastecimento de Água e Esgoto de Brasília (Caesb). A Antonio Novely foi oferecida uma vaga no Hospital Regional da Asa Norte (Hran), especializado no tratamento de vítimas de queimaduras.*

A repórter fez um retrato sem adjetivos ou julgamentos, só apresentou fatos da realidade carcerária brasileira. “Quis mostrar que, no Brasil, ricos e pobres recebem tratamento diferenciado da Justiça”, diz ela.

Ana D´Ângelo é especialista em reportagens investigativas, espécie de subdivisão das reportagens especiais. Esse tipo de trabalho exige apuração delicada e longa. Objetiva escancarar algo que alguém – em geral, do poder público – gostaria de manter em segredo. Enquadram-se nessa categoria as denúncia de corrupção na distribuição e uso de verbas públicas, por exemplo. Concluída com êxito, a reportagem investigativa traz prestígio ao profissional, dá credibilidade aos veículos de comunicação e contribui para o aprimoramento da democracia.

Tão valorizadas quanto as reportagens investigativas são as de caráter humano, nas quais se descrevem os acontecimentos sob o prisma das pessoas que os viveram. Aí, a sensibilidade do autor substitui a frieza da apuração. A emoção sobrepõe-se aos dados. O jornalista não conta uma história. Os personagens o fazem. Em agosto de 1995, quando a explosão da primeira bomba atômica do mundo completou cinquenta anos, *Veja* publicou reportagem de dezenove páginas assinada pelo jornalista Roberto Pompeu de Toledo chamada “Memórias dos filhos do clarão”, relato pungente dos sobreviventes dos ataques a Hiroshima e Nagasaki sobre aqueles dias de inferno.

Vale a pena ler este trecho:

> ◉ *Um flash de luz, um monumental flash, e depois um estrondo, eis, em resumo, o que é a explosão de uma bomba atômica. O jovem oficial militar Takashi Morita descera havia cinco minutos de um bonde, em Hiroshima, e caminhava pela rua, naquela manhã, quando sentiu um calor nas costas. Foi jogado longe, acredita que a uns 10 metros, e perdeu o quepe. O que será que acontecera? O Exército mantinha ali perto uma fábrica de pólvora, e ele pensou: “A fábrica deve ter explodido”. O menino Noboru Shigemichi, de 10 anos, estava na escola. O prédio desabou. Ele ficou soterrado entre os escombros e achou que ia morrer. Pensou: “Como é que um homem morre? Em que ordem acontecem as coisas?”*
>
> *A senhora Fumiko Furuya, de 23 anos, estava sozinha em casa, deitada na cama, e de repente notou – coisa extraordinária – que o “shoji” de seu quarto, a divisória de papel que os japoneses usam para separar ambientes internos, estava pegando fogo. Pensou: “Preciso apagar esse fogo” e foi à cozinha apanhar um balde com água.*
>
> *Os 50 anos de Hiroshima marcam também os 50 anos da era atômica no mundo. Esta nasce no momento mesmo em que explode sobre a cidade aquela bomba de formato cilíndrico, medindo três metros de comprimento por 70 centímetros de diâmetro, pesando quatro toneladas e apelidada de “Little Boy”. Então temos que, na casa da senhora Fumiko, no momento zero da era atômica, uma pessoa tenta contornar o novo problema tendo como arma um balde d’água. Foi inútil. Quando ela voltou ao quarto, o shoji tinha virado cinza.*

Enquanto Ana D’Ângelo optou por estrutura de texto clássica, Roberto Pompeu de Toledo seguiu caminho inverso, enveredando pela literatura. Assuntos diferentes requerem tratamentos diferentes. Assim são as especiais: especiais. Não têm modelo pronto, não seguem padrões linguísticos nem obedecem a regras de estilo.

Como escrever uma reportagem especial?

- Tenha sempre em mente o objetivo principal da matéria. Ele é o fio condutor da apresentação das informações.
- Planeje o texto, prevendo a divisão do conteúdo em retrancas. Cada uma deve abordar tema específico.
- Detenha-se na abertura. A apresentação da reportagem deve ser ampla o suficiente para fazer referência aos assuntos das demais retrancas.
- Capriche no lead. Ele deve ser um resumo da matéria, impactante e forte, para que o leitor não abandone o texto em seguida.
- Escolha uma forma de condução da narrativa. Você pode contar a história por meio de personagens. Ou seguir a ordem cronológica dos acontecimentos. Há ainda o artifício de começar pelo fim.
- Crie subtítulos para dividir os assuntos, introduzir novos temas e dar tempo para respirar.

- Defina o final antes de começar. Conclua com uma informação tão forte quanto a do início. O leitor ficará com a sensação de que valeu a pena ter lido todo o texto.

Declaração é notícia

Uma pergunta pode ser mais importante do que qualquer resposta.
Walcyr Carrasco

A entrevista pingue-pongue

O exemplo brasileiro mais famoso de entrevista pingue-pongue é o da revista *Veja*, chamado de *amarelas* – referência à cor das páginas em que é publicada. À primeira vista, o trabalho parece fácil. Basta ligar o gravador, fazer as perguntas e degravar a fita depois. Grande engano. Trata-se de um dos gêneros mais difíceis de produzir e escrever.

Quem?

A primeira dificuldade é a escolha do entrevistado. A lista de empecilhos equivale à distância entre a Terra e a Lua. Não pode ser uma personalidade óbvia, que fala a torto e a direito. O arroz de festa enfraquece a reportagem. Quanto menos aparecer em público, o que dará caráter de exclusividade à matéria, melhor. As declarações também não podem ser óbvias. Um ministro de Lula defenderia o presidente da República. Não vale. Pareceria release de assessoria de imprensa do Palácio do Planalto. Ministros e aliados só devem ser considerados se forem capazes de fazer análises e emitir opiniões isentas de paixões sobre o governo que representam. Nunca se espera que critiquem o chefe, mas não custa nada ao repórter esforçar-se por arrancar opiniões sinceras. Aí a entrevista vale mais ainda. Como se diz nas redações, ficaria “saborosa”. Por se tratar de perguntas e respostas, o filé mignon das entrevistas são as declarações. O entrevistado deve ter o que dizer e suas opiniões precisam da força do inusitado ou da surpresa. Devem conter revelações ou abordagens inéditas de um assunto recorrente. Entrevistados evasivos, escorregadios, que falam sem dar nome aos bois, resultam chatos e inócuos. Publicá-los não faz falta nenhuma no jornal. Gastam-se papel e espaço precioso à toa.

O quê?

Preparar as perguntas certas desafia qualquer repórter. Só se conseguem bons resultados somando-se dois elementos – conhecimento prévio da fonte e intuição aguçada. O primeiro está nos arquivos de jornais e bibliotecas. Já o segundo... bem, o segundo requer talento natural para deixar o entrevistado tão à vontade a ponto de esquecer que há um gravador ligado na escrivaninha do escritório ou na mesinha de centro da sala. Requer coragem e sensibilidade para fazer perguntas constrangedoras sem constranger o interlocutor. Exige concentração absoluta nas respostas e habilidade mental para formular questões cada vez mais intensas e intimistas. É exaustivo.

> Não confie no gravador. Nem mesmo nos modernos, digitais. Anote as declarações. Esteja preparado para a possibilidade de a gravação estar comprometida, com ruídos ou inaudível. Trapezistas experientes trabalham com rede de proteção. Jornalistas também.

Vá com calma na hora do tome lá dá cá. Prepare pauta escrita com as perguntas. Comece pelos temas mais amenos. Sentindo-se seguro em tratar de temas de pouca relevância, o entrevistado se solta e relaxa as defesas preparados antes do encontro com o jornalista. Sim, a fonte chegará com respostas na ponta da língua e a definição clara dos limites sobre o que pode e o que não pode revelar. Cabe ao repórter, com jeitinho, desmontar a barreira. Portanto, apesar da pauta, não se atenha a ela. Abandone-a se perceber espaço para investidas ousadas. Boas perguntas estão embutidas nas próprias respostas. Aproveite as oportunidades.

Às vezes, não dá tempo para preparação. No mundo dos jornais diários, o repórter pode ser deslocado para entrevistar alguém de uma hora para outra. Plantões de fim de semana e feriados são propícios para isso. Os jornalistas costumam estar à disposição para cobertura de qualquer tema, mesmo os pouco relacionados com sua área de atuação. Bate o desespero. Adeus, pesquisa aos arquivos e à biografia do dito-cujo. É o que se chama cair de paraquedas num assunto sem conhecimento prévio. Tremenda saia justa. Fazer o quê?

Como?

Edite o texto. Quem disse que entrevista de pergunta e resposta não exige esforço na hora de escrever? Metade da qualidade do trabalho está na edição. O que se obtém com a conversa entre jornalista e fonte é material bruto, carente de lapidação. A entrevista foi e voltou sobre vários assuntos, pulou de um tema para outro sem conexão aparente e abordou questões alheias à pauta. Organizar o material, dando-lhe forma lógica sem alterar o sentido das palavras da fonte, demanda horas de suor.

Nunca haverá espaço suficiente para publicar uma entrevista de duas horas na íntegra. Muita coisa será excluída. Que sobre o melhor. Não se acanhe em editar as declarações. A fonte tende a ser coloquial, comete erros linguísticos e repete-se. Acerte a construção gramatical, tire exageros e observações paralelas ao assunto principal. Encurte as frases, deixando-as diretas e incisivas. Crie perguntas e divida as respostas para dar clareza às ideias. Sobretudo, enxugue o texto. Fique apenas com o coração das informações. A fonte agradecerá. O leitor também.

Ao escrever as perguntas, use tratamento formal para se dirigir ao entrevistado. Senhor ou senhora basta.

A transcrição das declarações na íntegra deve ser feita com parcimônia. Serve para mostrar ao leitor o estilo de linguagem do entrevistado, cacoetes, sotaques ou ironias. Dosada, acrescenta sonoridade à expressão e personalidade ao entrevistado. O repórter Ricardo Valladares acertou a mão na entrevista com Suzana Vieira, publicada pela revista *Veja* em maio de 2003. Ele incluiu três vezes, em três páginas, a expressão “meu bem”, utilizada pela atriz para encerrar as falas. Ficou assim:

> *Veja* – A idéia de seu marido vir a se interessar por uma mulher mais jovem a preocupa?
> *Suzana* – Ele se interessou por mim, meu bem. Acho que, se um dia meu casamento entrar em crise, não vai ser pela diferença de idade (...)

> (...)
> *Veja* – É mal-humorada no trabalho? Suzana – Não. Aliás, dificilmente fico mal-humorada (...). Eu me faço respeitar, mas não sou louca, meu bem.
> (...)
> *Veja* – Um salário como o seu garante um ótimo padrão de vida. Como usa o seu dinheiro?
> *Suzana* – Eu tenho um belo apartamento em Botafogo, no Rio de Janeiro, uma bela casa de verão, um belo carro importado. Mas não sou de ostentar. Também faço um pouco de caridade (...) Assim como existem os invejosos, existem aquelas pessoas que acham que os artistas têm de ser santos. Nunca fui santa, meu bem.

A expressão coloquial, espalhada pelo texto, reproduz o jeito de Suzana Vieira falar. Faz o leitor “ouvir” as declarações, associando o texto à imagem da atriz na televisão. Recursos como esse enriquecem a entrevista. Usados em demasia, porém, sujam o texto e atrapalham a leitura.

Gente é notícia

Para aparecerem nos jornais,
há assassinos que assassinam.
Eça de Queiroz

Perfil

Ao contrário das pingue-pongue, perfis tratam da personalidade de alguém. Contam histórias de vida, preferências pessoais, hobbies e idiossincrasias. Preocupam-se com a intimidade do entrevistado e com aspectos pouco conhecidos de sua trajetória profissional. Opiniões são importantes, mas não constituem o núcleo do trabalho. Perfis até prescindem de longas entrevistas. Declarações de outras pessoas sobre o personagem ganham destaque. Amigos, adversários, inimigos, concorrentes, parentes, filhos, pais, chefes, subordinados, todos podem acrescentar detalhes esquecidos ou despercebidos, revelar manias e contar bastidores das passagens relevantes dos perfilados. Perfis não servem para agradar, mas para revelar.

Há os perfis biográficos, apresentados pelos jornais quando alguém toma posse em um cargo ou recebe prêmio importante. Nesses casos, assessorias de imprensa se encarregam de divulgar dados sobre a vida profissional do personagem. Incluem lugar de nascimento, postos ocupados anteriormente, outros prêmios recebidos, projetos realizados. Trabalho burocrático, objetiva apresentar a pessoa com quem o leitor conviverá dali pra frente.

Mais: na reportagem-perfil, entra em campo o olhar do repórter. Ele ocupa a maior parte do tempo de apuração vendo e ouvindo. De perto, poderá constatar as reações do personagem em momentos de tensão, de nervosismo. Presenciar cenas emocionantes. Ou anotar expressões de linguagem usadas com frequência – palavrões, tratamentos carinhosos, erros gramaticais, regionalismos. Ou assistir a reuniões decisivas, acompanhar a chegada de notícias inesperadas e detectar frustrações. Testemunha privilegiada, dará ao leitor informações de primeiríssima mão.

Perfis não são biografias autorizadas. Aliás, não são nem biografias. Ao contrário. Biografias encontram-se em documentos oficiais e narrativas curriculares. Numa reportagem-perfil espera-se encontrar as informações que as biografias escondem. Na entrevista pingue-pongue, o fio condutor é o próprio entrevistado. No perfil, é o repórter. Ele deve passar semanas – meses, se possível – acompanhando o personagem.

A jornalista Neuza Sanches gastou um mês e meio de trabalho para construir um perfil da apresentadora Xuxa, publicado pela revista *Veja* em 1997. Durante vinte dias, quase morou na casa da apresentadora, no Rio de Janeiro. Nos primeiros encontros, chegava de manhã e só ia embora de madrugada. Depois, passou algumas noites por lá. Na época, Xuxa era o maior fenômeno de público na televisão brasileira entre crianças e adolescentes.

Xuxa concordou em abrir as portas da casa e do coração. Mas há exemplos em que o perfilado odeia a imprensa. Nesses casos extremos, come-se pelas bordas. Ou seja, acompanha-se a criatura à distância. O repórter poderá assistir ao show de um artista na plateia, frequentar o mesmo restaurante – e checar com o garçom, mais tarde, o valor da gorjeta – esperá-lo na saída de casa, entrevistar o cabeleireiro, conversar com a camareira do hotel, falar com ex-namoradas. A apuração dará mais trabalho, mas o resultado surpreende. É provável que seja mais interessante que uma conversa com o próprio personagem.

> Evite usar o gravador. Em perfis, não há a necessidade de transcrição literal de declarações. O gravador mais atrapalha do que ajuda. Inibe o personagem. Tira-lhe a espontaneidade para fazer confidências. Anote o que viu e ouviu assim que tiver um momento de solidão.

Parte dos profissionais entende que um bom perfil dispensa entrevista com o personagem. Foi o jornalista norte-americano Gay Talese, hoje com 71 anos, que tornou popular a reportagem-perfil sem ouvir a vedete do trabalho. Em 1966, publicou um perfil do cantor Frank Sinatra na revista *Esquire*. Passou meses tentando falar com ele, mas o astro sempre tinha uma desculpa para escapar. Gay Talese desistiu e passou a assistir a todos os shows do cantor, a persegui-lo em restaurantes e festas depois das apresentações e a falar com pessoas a seu redor. A matéria, "Sinatra está gripado", conta o desespero, atordoamento e confusão que se instalava na equipe do cantor a cada espirro seu.

Eis os três primeiros parágrafos:

> *Frank Sinatra, segurando um copo de Bourbon numa mão e um cigarro na outra, estava num canto escuro do balcão entre duas loiras atraentes, mas já um tanto passadas, que esperavam ouvir alguma palavra dele. Mas ele não dizia nada; passara boa parte da noite calado; só que agora, naquele clube particular em Beverly Hills, parecia ainda mais distante, fitando, através da fumaça e da meia-luz, um largo salão depois do balcão, onde dezenas de casais se espremiam em volta de pequenas mesas ou dançavam no meio da pista ao som trepidante do folk rock que vinha do estéreo. As duas loiras sabiam, como também sabiam os quatro amigos de Sinatra que estavam por perto, que não era boa ideia forçar uma conversa com ele quando ele mergulhava num silêncio soturno, disposição nada rara em Sinatra naquela primeira semana de novembro, um mês antes de seu quinquagésimo aniversário.*
>
> *Sinatra estava fazendo um filme que agora o aborrecia e não via a hora de terminá-lo; estava cansado de toda a falação da imprensa sobre seu namoro com Mia Farrow, então com vinte anos, que aliás não deu as caras naquela noite; estava furioso com um documentário da rede de televisão CBS sobre a vida dele, que iria ao ar dentro de duas semanas e que, segundo se dizia, invadia a sua privacidade e chegava a especular sobre suas ligações com os chefes da máfia; estava preocupado com sua atuação num especial da NBC intitulado Sinatra – um homem e sua música, no qual ele teria de cantar dezoito canções com uma voz que, naquela ocasião, poucas noites antes do início das gravações, estava debilitada, dolorida e insegura. Sinatra estava doente. Padecia de uma doença tão comum que a maioria das pessoas a considerava banal. Mas quando acontece com Sinatra, ela o mergulha num estado de angústia, de profunda depressão, pânico e até fúria. Frank Sinatra está resfriado.*

> *Sinatra resfriado é Picasso sem tinta, Ferrari sem combustível – só que pior. Porque um resfriado comum despoja Sinatra de uma jóia que não dá para pôr no seguro – a voz dele – , mina as bases de sua confiança e afeta não apenas seu estado psicológico, mas parece provocar também uma espécie de contaminação psicossomática que alcança dezenas de pessoas que trabalham para ele, bebem com ele, gostam dele, pessoas cujo bem-estar e estabilidade dependem dele. Um Sinatra resfriado pode, em pequena escala, emitir vibrações que interferem na indústria do entretenimento e mais além, da mesma forma que a súbita doença de um presidente dos Estados Unidos pode abalar a economia do país.*

O trabalho tornou-se um marco na história da imprensa. Identificado com o Novo Jornalismo norte-americano, corrente na qual se misturam notícias e literatura e da qual faz parte também o escritor Tom Wolf, Gay Talese escreveu, no final da década de 80, outra reportagem contando os bastidores da apuração do perfil histórico de Frank Sinatra. Publicado pela revista *New Yorker*, chamava-se “Como não entrevistar Sinatra”. Desde o trabalho original de 1966, as redações perceberam que bons perfis dependem mais do repórter que do personagem. Gay Talese criou paradigmas para reportagensperfis que estão em vigor até hoje.

Para escrever perfis:

- Evite adjetivos. Use descrições minuciosas da pessoa, do local onde vive, das roupas. O próprio leitor construirá a imagem do personagem mentalmente.
- Prefira linguagem coloquial, o mais próximo possível da maneira de falar do personagem. Palavras sofisticadas na boca de pessoas humildes soam falso.
- Corrija erros gramaticais, a não ser nos casos em que o texto reproduz a linguagem incorreta dos personagens. No caso, escolha estruturas muito simples. Se alguém disser “nóis vai”, não há mal algum em escrever “nós vamos” ou “a gente vai”. Mas passar o original para “nós consideramos ir” é demais.

Personagem

Na virada do ano de 1988 para 1989, *Veja* incumbiu uma repórter de encontrar uma agulha num palheiro. Era o primeiro ano em vigor da nova Constituição. Como nenhuma outra antes, a Carta garantia muitos direitos sociais, e a revista pretendia mostrar o início de uma fase na história brasileira. Para ilustrar o momento, ela teria de encontrar um bebê nascido no dia 1º de janeiro, já sob as garantias da nova Constituição. Se fosse só isso, seria fácil. Mas a mãe deveria estar em licença-maternidade de quatro meses, e o pai, em licençapaternidade – duas novidades incluídas na vida brasileira.

A repórter e o fotógrafo foram a um dos hospitais públicos de São Paulo. Muitos bebês haviam nascido ali no primeiro dia do ano, mas apenas um com as características exigidas pela revista. Família pobre, a mãe estava sozinha com o filho no hospital. A hora de visita, quando o pai chegaria, estava distante. Iam produzir a foto assim mesmo, quando o fotógrafo chamou a repórter num cantinho do quarto coletivo, com quatro camas. Mais experiente e conhecedor da forma de pensar e trabalhar em *Veja*, ele alertou:

– Não dá. É tudo muito feio, o hospital, as roupas, a família. A mãe está com cara de sofrimento, nem sabe direito se vai ter licençamaternidade. A revista quer uma coisa pra cima, com gente bonita e feliz. Vamos procurar em outro lugar.

O outro lugar era um hospital privado. É sempre mais difícil entrar nesses lugares e fotografar as pessoas. Gente rica não gosta de se expor e sabe que pode se recusar a dar entrevista e não deixar-se fotografar. Pobres não costumam reclamar, não perguntam as razões da foto, não têm noção dos direitos. Por isso, são usados com frequência pelos jornalistas quando precisam de personagens complicados para ilustrar as matérias.

Mas, naquele dia, como se tratava de acontecimento feliz para qualquer família, encontraram os personagens ideais para a reportagem. Gêmeos! Papai e mamãe, orgulhosos, desfrutando dos direitos que a Constituição lhes garantia, concordaram em falar e posar para a foto com os pimpolhos no colo. A foto abriu a edição de Brasil daquela semana e toda a apuração da jornalista ficou resumida à legenda.

Personagens de matérias são assim – exemplos concretos do que está escrito na reportagem. Incluí-los no texto humaniza uma descrição fria, dá nome, endereço e identidade a um acontecimento.

Para chegar a bons personagens, é preciso encontrar muitos e descartar a metade. Apure os detalhes das histórias de todos como se fossem imprescindíveis. Mas inclua na matéria só os mais representativos.

Em algumas reportagens, os personagens assumem papel tão central que os depoimentos são apresentados em primeira pessoa. Na edição de 26.4.2004, a revista *Época* publicou matéria sobre as acusações de estupro de sete meninas menores de 14 anos contra o prefeito da cidade de Goiás, Boadyr Veloso. O prefeito escapou da condenação, diz a notícia, ao apresentar as sete certidões de casamento das vítimas. Uma delas, Rosilma dos Santos, deu este depoimento à *Época:*

> ● *Foi ele, Boadyr Veloso, que tirou a minha virgindade. Eu tinha 11 anos. A gente chamava ele de tio. Eu era pequena. Me sentia suja. Fiz só pelo dinheiro mesmo. Na hora, no motel, eu falei que queria ir embora, mas ele falou que eu tinha de fazer o meu serviço. Senão, eu não ganhava dinheiro. Eu era criança ainda. Comprava roupa. Fui muitas vezes com ele. Mas depois que eu perdi a minha virgindade com ele, aí ele não quis sair mais comigo. Não posso falar nada, né?*
>
> *Tenho medo. Peço muito a Deus que minha filha não seja como eu fui. Essa coisa de chegar um homem, oferecer dinheiro a ela, jamais. Eu só fui mesmo porque não tinha cabeça e tava precisando muito de dinheiro. Eu acho que um cara igual a ele é um monstro, né?*

O texto em primeira pessoa, com o próprio personagem contando a história, trouxe maior impacto à reportagem. A revista preservou a linguagem simples da personagem para mostrar sua origem humilde e vulnerabilidade diante de um político importante da cidade. Não está escrito em nenhum lugar, mas o quadro apresentado pela garota reforça as acusações contra o prefeito e deixa claro que ele se aproveitava da condição socioeconômica das vítimas para obter favores sexuais.

Há outros formatos para a apresentação dos personagens. Tratamento diferente foi dado pela mesma revista na mesma edição aos personagens de uma reportagem sobre o boom de nascimentos de gêmeos e trigêmeos no Brasil, resultado da popularização das técnicas de reprodução assistida. Sob o título “A safra dos múltiplos”, *Época* contou a história de várias famílias que tiveram gêmeos ou trigêmeos, todas acompanhadas de fotos.

Veja este exemplo:

> ● *Organização é a alma da família*
> *No apartamento de dois quartos no bairro do Jardim Botânico, zona sul do Rio, a palavra de ordem é organização. Após o nascimento de Eduardo, Ana e João, atualmente com 3 meses, o casal Gustavo, de 34 anos, e Viviane Kruer, de 32, tem na ponta do lápis o dia a dia dos bebês. Literalmente. Tudo o que se passa com cada um dos trigêmeos é anotado numa planilha desenvolvida sob orientação médica. A família já testou mais de cinco modelos. Na folha de papel são registrados os medicamentos prescritos para as crianças, com hora e dosagem, todas as 30 mamadas, com horário e quantidade ingerida por bebê. “Se a gente não fizer assim, no meio da confusão corremos o risco de dar o remédio errado para um dos bebês, sem contar que um pode ser mais alimentado do que o outro”, explica Viviane.*
>
> *Além do registro fiel da rotina dos trigêmeos, o casal teve de criar técnicas para reconhecer as chupetas e distinguir os bicos das mamadeiras que agradam a um e desagradam aos outros. As chupetas, por exemplo,*

são guardadas em potinhos que ficam estrategicamente ao lado de cada berço, para não haver trocas.

Os exemplos dão a ideia do tipo de texto utilizado para apresentação de personagens. Na prática, eles seguem as mesmas regrinhas dos perfis. Com uma diferença: são mais curtos.

Opine, não ache

Quem exagera o argumento prejudica a causa.
Friedrich Hegel

Matérias de opinião ocupam cada vez mais espaço em jornais e revistas. O excesso de informação despejado sobre os leitores pelos meios eletrônicos de comunicação, mais ágeis e instantâneos, obrigou os veículos tradicionais a buscar saídas para ir além da notícia. Hoje, estar informado não basta. É preciso estar *bem* informado – entender as notícias, conhecer-lhes as causas e consequências, contextualizá-las e, acima de tudo, ter opinião sobre elas. Esse é o papel das matérias de opinião. Elas trazem pontos de vista diferentes sobre um tema, às vezes contraditórios, para que o leitor possa tirar as próprias conclusões.

Existem dois tipos principais de opinião nos jornais – editoriais e artigos. Os primeiros apresentam a posição da empresa sobre um fato. Os segundos, o pensamento de colaboradores: cientistas políticos, parlamentares, economistas, jornalistas, especialistas em áreas técnicas e quem tiver pontos de vista a apresentar.

Editoriais

Os editoriais expressam a opinião da empresa. Os veículos de comunicação têm editorialistas dedicados a esse trabalho. De forma pejorativa, são chamados de “pena de aluguel”, referência ao fato de defenderem teses de terceiros. Eles, na prática, fazem o mesmo trabalho dos repórteres – ouvir e transmitir a opinião de suas fontes. No caso, as empresas para as quais trabalham.

Os meios de comunicação defendem interesses, cobram providências, criticam instituições. Posicionam-se diante dos leitores e das autoridades. Dada a importância de que se revestem, são escritos em linguagem cuidada, em língua de terno e gravata. Erros podem custar a cabeça do autor. Não por acaso, profissionais mais velhos e experientes, conhecedores da política interna da casa, respondem pela editoria de Opinião.

Artigos, colunas e análises

Artigos e análises representam a opinião de quem assina o texto. Os jornais publicam pequenas notas de rodapé com informações sobre o autor, para dar credibilidade ao escrito e ajudar a compreender as intenções por trás dos pontos de vista apresentados. A crítica ao programa de governo do presidente Lula feita por um adversário tem menos força do que outra, no mesmo sentido, feita por um aliado. Espera-se, claro, oposição da oposição.

Há ainda outro tipo de matéria opinativa nos jornais e revistas – as colunas assinadas. Elas aparecem em todos os cadernos dos jornais, conforme o assunto tratado. Os autores, sempre os mesmos, se tornam donos do espaço e, às vezes, lhe dão o próprio nome.

Nos últimos anos, novo recurso tornou-se corriqueiro. Tratase das análises, que complementam reportagens ou grandes coberturas. No caso, convoca-se um especialista ou repórter da redação para avaliar o acontecimento, explicar suas causas e consequências. Há duas formas consagradas de escrever editoriais, artigos e análises. Uma: apresenta, no primeiro parágrafo, o assunto a ser tratado, dando ao leitor o contexto e as informações necessárias para entender a opinião que virá a seguir. É o modelo mais usado. A tese aparece, em geral, a partir do terceiro parágrafo. A outra: segue roteiro inverso. Apresenta ao leitor a tese logo de cara, no início do texto. Em ambos os formatos, o miolo destina-se aos argumentos que sustentam a opinião.

Eis um editorial extraído da *Folha de S. Paulo* de 24.6.2004:

> ● *A apenas seis dias da transferência da soberania para o governo provisório iraquiano, uma série de ataques concentrados em cinco cidades produziu cerca de uma centena de mortes e mais de 300 feridos. A previsão é que novas ações em grande escala se repitam nos próximos dias.*
>
> *A nova administração iraquiana já assume sob o signo de um dilema que parece insolúvel. Sem legitimidade popular, o governo sustenta-se principalmente na força militar da coalizão de tropas estrangeiras lideradas pelos* EUA*. E é justamente a presença desses soldados a principal motivação da resistência para lançar ataques contra a administração. Se as tropas saem do país, é quase certo que o governo provisório cai; se ficam, não há nenhuma razão para que cessem os atentados que vêm desestabilizando o país, provocando*

> *centenas de mortes e minando a já combalida infraestrutura iraquiana.*
>
> *Ao que tudo indica, os soldados estrangeiros permanecerão ainda por muitos anos no Iraque. A estratégia de estabilização passa por eleições que confeririam legitimidade e aceitação aos governantes. É claro que as possibilidades de erro são inúmeras. Para começar, o atual governo, ao qual caberá organizar os pleitos, é visto como um fantoche de Washington, o que poderá lançar dúvidas sobre os resultados eleitorais. De resto, parece bastante improvável que os EUA, com cerca de 130 mil homens no Iraque, aceitem um eventual governo islâmico hostil à Casa Branca.*
>
> *O que parece mais certo nessa história toda é que o presidente George W. Bush cometeu um formidável erro ao invadir o Iraque e agora não sabe como livrar-se da encrenca.*

Três quartos do texto são dedicados a contar a situação conflituosa do Iraque, pano de fundo para os atentados aos quais o jornal se refere, que foram manchete naquele dia – ataques matam ao menos 89 no Iraque. A opinião está expressa no parágrafo final. A *Folha* atribuiu ao presidente George W. Bush a responsabilidade pelo conflito ao invadir o país. Considera a atitude de Bush "erro formidável".

Agora, acompanhe este exemplo, reprodução de outro editorial da mesma edição da *Folha*:

> ● *No que já configura uma verdadeira gincana de populismo, o governador do Estado de São Paulo, Geraldo Alckmin, acaba de lançar seu programa de distribuição de medicamentos. Às vésperas da convenção tucana que indicará José Serra para concorrer à Prefeitura de São Paulo, o correligionário Alckmin criou, na capital, o Farmácia Dose Certa. Serão dez postos em estações do metrô que dispensarão gratuitamente 40 tipos de remédio a usuários do sistema público de saúde.*

> *O Farmácia Dose Certa vem apenas duas semanas depois do Farmácia Popular, que é o nome do programa federal de venda subsidiada de medicamentos. Não por acaso, a rede criada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva se concentra em São Paulo, onde a prefeita petista Marta Suplicy tentará a reeleição.*
>
> *Em comum, ambos os projetos partilham, além do caráter demagógico, a total inconveniência. No contexto do SUS, remédios devem ser distribuídos gratuitamente nas farmácias de postos de saúde e de hospitais nos quais o paciente é atendido. Fora daí, entra-se no território do marketing eleitoral. Prova-o a própria escolha do local onde o governo do Estado pretende montar suas bancas: o metrô. Não se trata tanto de facilitar a vida do doente, que, para obter a receita médica, necessariamente passa por um posto de saúde ou hospital, mas de mostrar serviço para as centenas de milhares de pessoas que se utilizam diariamente da malha metroviária.*
>
> *A essa altura, a população já se acostumou a ser regalada com benfeitorias de diversos calibres às vésperas de eleições. Em algum grau, isso faz parte da própria dinâmica das democracias. Todo administrador tende a mostrar realizações perto e não longe dos pleitos. A fronteira entre*

> *a iniciativa legítima e a apenas populista pode ser traçada a partir dos rudimentos da lógica. Quando a proposta encerra algum sentido econômico ou social, é aceitável, mas não quando ela nada acrescenta além da visibilidade para o governante. No caso das farmácias eleitorais, infelizmente nenhuma delas passa pelo teste da consistência.*

Nesse caso, a *Folha* abriu o editorial criticando as iniciativas populistas dos governantes. “No que já configura uma verdadeira gincana de populismo...” constitui opinião enfática. O leitor soube, em poucas palavras, que o jornal ataca o novo sistema de distribuição de medicamentos. O argumento que justifica a ideia de que as tais farmácias sejam apenas recurso de marketing eleitoral ficou para o final.

Para escrever textos opinativos:

- Antes de mais nada, tenha uma opinião sobre determinado assunto.
- Tenha claro o ponto de vista a ser defendido. É fundamental saber se o texto vai defender uma ideia, criticá-la ou sustentar posição intermediária, de apoio com ressalvas.
- Faça pequena introdução para que o leitor se familiarize com o assunto a ser tratado. Ou apresente a opinião logo no início.
- A partir daí, desfile os argumentos em defesa da tese. Apresente pelo menos três justificativas. Menos do que isso enfraquece o texto.
- Ao sustentar a opinião, use argumentos concretos, como números de pesquisas e referências históricas. Cite especialistas renomados que corroborem sua posição.
- Sobretudo, nunca ache nada. Achismo não é opinião.

Quanto menor, melhor

O bom, se conciso, é duas vezes bom.
Baltasar Gracián

Colunas de notas se popularizaram nos últimos anos, quando os jornais começaram a reduzir o tamanho das matérias para atender à alegada falta de tempo da vida moderna. Para quem tem preguiça de ler o jornal, são mesmo o gênero ideal de notícias – diretas, enxutas, rápidas. As novas colunas tomaram emprestada a linguagem coloquial das antigas colunas sociais e incorporaram notícias de outras áreas “mais sérias” do jornalismo, como política, economia e esportes. Coluna de notas que se preza, hoje, precisa de informação exclusiva, além de fofocas, brincadeiras e bom humor.

Ao contrário do que pode parecer à primeira vista, escrever notas é tão difícil quanto escrever uma reportagem especial. Ou mais difícil, porque exige a aplicação máxima das regras do texto jornalístico. Nelas, clareza, concisão e objetividade são elevadas à décima potência, com pitadas de ironia, descontração e leveza. Na prática, cada nota equivale a um lead de reportagem.

Uma das colunas mais prestigiadas da imprensa brasileira é a de Ancelmo Góis, publicada diariamente em *O Globo*. Eis as duas primeiras notas do dia 1.7.2004:

◉ ***BNDES vai às compras***
Carlos Lessa pensa em comprar uma pequena participação nas usinas de Tubarão (agora em poder da européia Arcelor) e de Volta Redonda (controlada por Benjamin Steinbruch). Seria operação estratégica igual àquela que levou o BNDES, em novembro, a adquirir, por R$ 1,5 bi, 8,5% da Vale.

◉ ***A bolada de Milene***
Pelo acordo de separação assinado ontem entre Ronaldo Fenômeno e Milene Domingues na corte de Alcobendas, na Espanha, a ex-mulher do craque vai receber, por mês, 23 mil euros. São R$ 86.454,89.

Nos dois exemplos, os textos são curtos e grossos. Sem floreios ou meias-palavras. O modelito para escrevê-los é o clássico do texto jornalístico – o que, quem, quando, onde, como e por quê. Funciona tão bem quanto o vestido tubinho preto, acessório indispensável no guarda-roupa das mulheres. Não admite nenhum enfeite. O charme das colunas de notas reside na oferta apenas e tão somente da notícia nua e crua. Mais básico, impossível.

Acessórios trabalhosos

A palavra, como se sabe, é um ser vivo.
Victor Hugo

Nos bons tempos da imprensa, havia os copidesques, profissionais contratados para reescrever textos, dar título às matérias e legenda às fotos. Eles sumiram das redações. As novas tecnologias obrigam o repórter a escrever na tela do computador, obedecendo ao tamanho da matéria definido pela diagramação, e a fazer (no mínimo, sugerir) legendas, títulos e subtítulos.

Os três elementos da edição (título, subtítulo, e legendas) são inseparáveis.

Falam a mesma língua. Completam-se um ao outro. Páginas bem editadas, diz-se nas redações, são aquelas em que basta ler os “penduricalhos” para saber o conteúdo inteiro da matéria. Não por acaso, a distribuição dos acessórios nas páginas segue o movimento dos olhos durante a leitura. No mundo ocidental, lemos de forma horizontal, de cima para baixo e da esquerda para a direita. Japoneses lêem da direita para a esquerda e de cima para baixo, mas no sentido vertical.

Assim, é natural e automático que, ao abrir jornais e revistas, os olhos do leitor recaiam sobre a parte superior das páginas, em que estão os títulos. Eles são o começo de tudo, a cenoura que conduzirá o leitor até o último ponto do texto, o elemento de sedução. No rádio e na tevê, as chamadas para as reportagens garantem que o telespectador esteja de volta ao sofá depois dos comerciais. Fátima Bernardes e Willian Bonner encerram os blocos de notícias do *Jornal Nacional* dizendo “A seguir...”. A apresentação das notícias seguintes precisa ser tão forte quanto a própria notícia – ou mais.

A principal característica de um título (e das chamadas de tevê e rádio, suas similares nas mídias eletrônicas) é apresentar o fato – o que aconteceu. O subtítulo acrescenta informações – como aconteceu, quem esteve envolvido e como. Legendas são um pouco mais complicadas. Elas servem para explicar uma foto e localizá-la no contexto da reportagem. Não devem descrever a imagem (o leitor está olhando para ela), mas identificar pessoas e lugares.

Os acessórios variam de formato. Reportagens factuais “pedem” títulos objetivos. Perfis, entrevistas e reportagens especiais admitem títulos abrangentes, conotativos. Nesse caso, aumenta a responsabilidade do subtítulo. É ele que cumprirá a função de apresentar o teor da reportagem ao leitor. Em suma: os três elementos da página formam um conjunto perfeito.

Veja estes exemplos, extraídos da edição de 8.7.2004 de O Globo:

- ***Ataque à fraude nos combustíveis***
  Polícia Federal fecha depósito clandestino que vendia gasolina adulterada

- *Eleições 2004*
  Comércio ambulante de votos
  No primeiro dia da campanha, Crivella, Bittar e Jandira criticam ação da Guarda contra camelôs

No primeiro caso, título factual. No segundo, trocadilho com a caça aos votos dos principais candidatos a prefeito do Rio de Janeiro e suas críticas à ação das autoridades contra o comércio ambulante nas ruas da cidade. Note que, no segundo exemplo, a frase não tem verbo. Entrou em ação aí outro componente – a retranca. No caso, “eleições 2004”, identificação de uma série de reportagens sobre o início da campanha municipal em todo o país que se repetia em três páginas da editoria de Política. A retranca deu a ideia de continuidade à reportagem, mantendo a unidade de estilo e tratamento.

O *Correio Braziliense* é um dos jornais mais criativos nos títulos. No desenho das páginas, o subtítulo aparece acima do título. Portanto, o leitor recebe primeiro um resumo do conteúdo da matéria e, em seguida, um título forte, que funciona como conclusão da história. Veja estes exemplos:

- *ORIENTE MÉDIO*
  Para os israelenses, ele é uma obra essencial contra os terroristas. Para os palestinos, é uma forma de o governo Sharon confiscar terras. Tribunal Internacional de Justiça anuncia sua decisão hoje

  Esse muro é legal?
  (edição de 9.7.2004)

- *MEMÓRIA*
  Espanha comemora com grande exposição no Museu Rainha Sofia o centenário de Salvador Dali, pintor que renovou a linguagem artística em todos os campos em que atuou

  Surreal ao alcance do povo
  (edição de 11.7.2004)

Nos dois exemplos, a edição de títulos e subtítulos (se é que podem ser chamados assim, pela posição ocupada na página) vem amparada pela retranca explicativa do assunto tratado na matéria – *Oriente Médio* e *Memória*. Ela ajuda a contextualizar a reportagem, facilitando a leitura e a compreensão. Também compensam os títulos vagos, interpretativos.

O uso do ponto de interrogação nos acessórios das páginas é proibido em vários manuais de redação, mas o *Correio* provou que há exceções. Usou o recurso de forma apropriada no caso da construção, pelo governo israelense, do muro que deve separar o país dos territórios palestinos da Cisjordânia. *Esse muro é legal*? resume a questão a ser respondida pelo Tribunal Internacional de Justiça.

Na matéria sobre Salvador Dali, o título *Surreal ao alcance do povo* explica o objetivo da exposição, fugindo do tratamento convencional dado às reportagens factuais.

Quente ou fria?

Palavras têm temperatura – você sabia? Como elas são a base dos títulos, a simples troca de sinônimos muda tudo, o contexto, o tom, a interpretação. Veja este exemplo, de O Estado de S.Paulo, edição de 11.7.2004:

- *Justiça manda Estácio indenizar aluna baleada*

A matéria conta a decisão da Justiça de condenar a Universidade Estácio de Sá a pagar indenização de R$ 950 mil a uma vítima de bala perdida no campus da escola. O assunto é polêmico, mas o título o transformou em matéria de segunda categoria. O problema está na palavra *indenizar*. Trata-se de linguagem técnica dos tribunais e advogados. O que seria uma matéria humana virou registro de decisão judicial. O resultado foi um título frio, distante das pessoas e da sociedade.

O título ficaria mais atraente assim:

- *Aluna baleada receberá R$ 950 mil da escola*

Essa é mais quente – dispensa termos técnicos, inclui elementos humanos e apresenta a notícia sob o ponto de vista da vítima, não da Justiça. O que era uma informação burocrática tomou forma de história de vida, mais próxima das pessoas a que se destina o jornal. Moral da história: em títulos, dê preferência às palavras quentes, em geral mais curtas do que as frias.

Toque final

Não gosto de escrever. Gosto de ter escrito.
Armando Nogueira

As palavras são a ferramenta do jornalista. Conhecê-las é o primeiro requisito de quem quer escrever para ser entendido. O mau português compromete o esforço de pesquisa e redação, mutila as informações e prejudica a clareza. O emprego do termo adequado é uma das regras fundamentais do estilo.

Não se concebe um pintor que desconheça as cores, um compositor que ignore as notas musicais ou um escritor sem familiaridade com a língua. O jornalista precisa manejar o idioma com desenvoltura. Não raras vezes, porém, cai em pequenas armadilhas que põem abaixo sério e penoso trabalho. Algumas, relacionadas à norma gramatical; outras, afinadas mais com o bom gosto e o bom senso que com o certo e o errado.

A ética das palavras

Não existem palavras inocentes.
Frase inspirada em Freud

A socialite Carmem Mayrink Veiga ficou pobre. Precisou arregaçar as mangas e partir pra luta. Para provar que daria conta do recado, disse em entrevista que sempre trabalhara como uma negra. Tradução: trabalho pesado é coisa de negro.

Fernando Henrique estava em campanha eleitoral. Num laivo de humildade, confessou que tinha um pé na senzala. Para os bons entendedores, ficou claro. O homem não era tão perfeito quanto parecia. Tinha nódoas de origem.

“Tenho aquilo roxo”, vociferou Fernando Collor de Melo. Delfim Netto se encarregou de pôr os pontos nos is. “Os brancos”, ironizou ele, “têm aquilo rosa.

Se você tem roxo, branco não é”. Conclusão: o não ser branco constitui defeito que as pessoas precisam esconder.

As três histórias têm a cara do racismo brasileiro. É disfarçado. Freqüenta com tanta naturalidade o dia a dia que raramente nos damos conta de que estamos reforçando preconceitos.

Por causa do preconceito, temos dificuldade de dizer que alguém é negro. Parece ofensivo. Criativos, inventamos um montão de palavras para designar afrodescendentes. É o caso de mulato, moreno, escurinho, sarará, cabo verde, neguinho.

E por aí vai.

Muitas delas são eufemísticas. Constituem forma de adocicar o preconceito e torná-lo convenientemente invisível. “Desenvolvemos o preconceito de ter preconceito”, disse Florestan Fernandes. A razão é simples. A legislação é pra lá de rigorosa. Crime de racismo figura entre os inafiançáveis. Qualquer bobeira, o jornalista responde nos tribunais.

Aconteceu com o colunista social Cláudio Cabral Ferreira, do jornal *Tribuna do Ceará*. Ele escreveu: “Feijoada é comida de músico baiano, negros e índios – sub-raças, evidente”. O caso acabou no Tribunal de Justiça do estado. “Foi só uma brincadeira”, defendeu-se ele. O juiz aceitou a desculpa. Absolveu o acusado por entender que tudo não passara de galhofa. O promotor recorreu. O gozador pode pegar seis anos de xilindró.

Ser racista explícito tornou-se, além de arriscado, politicamente incorreto. Pega mal. A sociedade patrulha, o movimento negro está atento. Mas a discriminação continua presente.

As palavras, como frisou Camilo José Cela, são mais duradouras que as pedras. Não são, porém, criação da imprensa. A mídia apenas as reproduz.

Expressões impregnadas de preconceitos usadas aqui e ali recorrem ao adjetivo negro. Todas têm conotação negativa. Valem os exemplos de *câmbio negro, mercado negro, buraco negro, dia negro, lista negra, humor negro, magia negra*, *peste negra, ovelha negra*, *nuvens negras*.

Cortar negro do dicionário? Claro que não. A palavra é muito bem-vinda para designar africanos ou afrodescendentes. Zezé Mota é negra. Não é escurinha, crioula, negrinha, morena, negrona, de cor. Afora isso, xô! Quer indicar cor? Use preto.

O politicamente correto não se restringe a questões raciais. Não é politicamente correto pôr em risco o meio ambiente. Não é politicamente correto contar piadinhas sobre mulher. Não é politicamente correto usar termos que, de uma forma ou de outra, reforçam preconceitos.

Homossexual é homossexual ou gay. Bissexual é bissexual. Travesti é travesti. Lésbica é lésbica. Nada de bicha, veado, fresco, boneca, traveco, gilete, sapatão, sapato 45. Cego é cego. Surdo é surdo. Mudo é mudo. Às vezes, portador de necessidades especiais. Nunca aleijado, aleijão, defeituoso, deformado, retardado, mongolóide, débil mental.

Pobre é pobre ou pessoa de baixa renda, se possível, dizer a renda. Sem essa de pé-rapado, salário mínimo, roto, pobretão. Idoso é idoso (melhor informar a idade da pessoa). Deixe de fora vovô, velho, decrépito, senil, gagá, velhote, titio, mais pra lá do que pra cá, esclerosado, pé na cova, hora extra no mundo. Nordestino é nordestino. Paraibano é paraibano. Piauiense é piauiense. Esqueça nortista, paraíba, piauizeiro, retirante, cabeça-chata, pau de arara, baiano cansado.

Pessoa baixa é baixa (dizer a altura). Nanica, pigmeu, pintor de rodapé, gabiru, anão de jardim, salva-vidas de aquário? Tranque as gozações no cofre e jogue a chave fora. Maltratar é maltratar. Desacreditar é desacreditar. Nada de judiar, que lembra judeu. Ou denegrir, que remete a negro.

É isso. Policie a linguagem. E não peque pela omissão. Fale mais, cobre mais. Faça barulho quando autoridades, que servem de modelo, recorrerem, mesmo inconscientemente, a expressões preconceituosas. É jeito de dar visibilidade ao preconceito envergonhado.

A luta é difícil porque se trava contra fantasmas. Vale, aí, a receita de Leonel Brizola: para lutar contra o diabo, é preciso recorrer a todos os demônios. Afinal, o diabo nunca tira férias. Se necessário, faz hora extra. Quando não pode comparecer, manda a sogra. Resistir a ele? Só há uma receita. É a eterna vigilância.

As penetras

Minha pátria é minha língua.
Fernando Pessoa

Um banco oficial patrocinou um espetáculo de música popular brasileira. Teatro lotado, o apresentador, de smoking e gravata borboleta, cumprimentou a plateia, pediu que desligassem os celulares e anunciou:

– Vamos estartar o show.

Uma hora depois voltou e informou ao distinto público:

– Teremos um brake de quinze minutos.

Passado o tempo, as luzes se acenderam e se apagaram três vezes. Ele, de novo:

– É hora de reestartar o show.

Ensurdecedora vaia se ouviu. O pobre não entendeu a injustiça. Na cabeça dele, pegava bem usar os nobres estartar, brake e reestartar no lugar dos vira-latas iniciar, intervalo e recomeçar. Pensou mal. Alguns não entenderam. Quem entendeu achou desaforo. Daí a reação.

Um fato é indiscutível. A língua está impregnada de palavras estrangeiras. Nos shopping centers, nas comunicações bancárias, nos nomes de lojas, só o inglês tem vez. Bairros emergentes dão a impressão de que vivemos em Nova Iorque. Não falta nem estátua da liberdade.

É da natureza da língua ser flexível, viva, dinâmica, adaptável. Logo, livre pra sofrer influências e receber contribuições. A língua é como fogo morro acima e água morro abaixo. Ninguém controla.

Bater papo é o seu vício. O diálogo se dá, claro, com as línguas de mais contato. Se hoje o português tem mais proximidade com o inglês – graças à internet, ao cinema, à música americana – é natural que sofra mais influência do inglês. Como antes sofreu do francês.

Fofoqueira, a língua fala de nós. Denuncia-nos. Mostra o que somos. Ora, se temos orgulho e amor por nossas coisas, cuidamos delas, ajudamo-las a crescer, frutificar, ter sucesso. Se, ao contrário, tratamo-las com indiferença, alienação e desprezo, o resultado é o empobrecimento e a morte. Em outras palavras: a entrega ao outro.

Se a língua fala de nós, o que diz a nosso respeito?

Revela um povo que usa poucos dos inumeráveis recursos de que dispõe. O português tem cerca de 400 mil palavras. Guimarães Rosa utilizou nove mil. Um adulto escolarizado se recorre de duas mil. Quem só frequentou o ensino fundamental fica pelos mil vocábulos. Quanto menos recursos se usam, mais pobre a língua fica. Uma palavra passa a traduzir muitas significações. Vira curinga.

- Revela um povo com baixa autoestima. Dar nome inglês a estabelecimentos comerciais, anunciar em inglês a liquidação ou a entrega em domicílio denuncia falta de amor próprio, preguiça de criar e tendência à cópia. Denuncia, também, o produto que o consumidor deseja. O comércio oferece cardápio em inglês porque o consumidor quer. Valoriza o prato.

- Os dois itens anteriores revelam, sobretudo, subdesenvolvimento. Somos subdesenvolvidos porque nos faltam educação e ciência. Usamos poucos recursos da língua porque não nos são exigidos. Embalamos nosso produto em inglês porque vende melhor. Se houvesse resistência, o quadro seria diferente.

Como lidar com os estrangeirismos na imprensa? Eça de Queirós escreveu: “Um homem só deve falar, com impecável segurança e pureza, a língua da sua terra. Todas as outras as deve falar mal, orgulhosamente mal, com aquele acento chato e falso que denuncia logo o estrangeiro”.

Há empréstimos incorporados. Esses praticamente conquistaram nacionalidade camoniana. É o caso de show, shopping, marketing. Alguns ganharam grafia portuguesa. Fiquemos com ela: abajur, gangue, uísque, estresse, xampu.

E, sempre que houver uma palavra portuguesa, vamos dar-lhe primazia. Prefira apagar a deletar; imprimir a printar; camiseta a t-shirt; participação no mercado a marquet share.

Na boca do povo

A coisa mais difícil do mundo é dizer pensando
o que todos dizem sem pensar.
Émile Auguste Chartier Alain

Paulo formou-se em comunicação. Em bate-papo com os colegas, soube que a uma emissora de tevê estava contratando repórteres. Informaram-no que o primeiro passo era apresentar o currículo. Ele preparou cuidadosamente o texto. Ao entregá-lo, vários conhecidos faziam o mesmo.

Na hora da avaliação, lá estava o título em negrito – experiência anterior. Baita redundância. Toda experiência é anterior. Assim como todo elo é de ligação, todo hábitat é natural, todo amigo é pessoal. O pleonasmo, como excesso de sobremesa, enjoa. Nós brincamos com alguns pra lá de conhecidos. É o subir pra cima, descer pra baixo, entrar pra dentro, sair pra fora. Mas existem os engenhosos, que passam despercebidos. Nós, ingênuos, caímos na armadilha.

Sem corar, dizemos *manter o mesmo, ainda continua, ganhar grátis*. Ora, se mantemos, só pode ser o mesmo. Se não for, manter não é. Pode ser mudar, trocar, substituir. *Ainda continua?* As duas palavras falam de continuidade. Melhor ficar com uma ou outra (ele continua gripado, ele ainda está gripado). *Ganhar grátis?* Só pode. Se o presenteador for adepto da oração de São Francisco de Assis “é dando que se recebe”, o presenteado não ganha. Compra, troca, negocia.

Há pleonasmos tão familiares que parecem gente boa, que nada mais faz que cumprir a obrigação. Não caia na deles. Os redundantes comprometem reputações, adiam a esperada promoção, afugentam amores.

Olho vivo. Todo general é do Exército. Todo brigadeiro, da Aeronáutica. Todo almirante, da Marinha. Todo país, do mundo. Toda viúva, do falecido.

Só há labaredas de fogo. Só existem estrelas no céu. Sorriso, nos lábios. Goteira, no teto. Monopólio, exclusivo. Erário, público. Planos ou projetos, para o futuro.

Criar? Só pode ser algo novo. Detalhes? São sempre pequenos. Encarar? Só de frente. Exultar? Só de alegria. Calar? Só a boca.

Todos são unânimes? Todos são todos. Unânimes são todos. Escolha um ou outro: *Todos concordaram. A decisão foi unânime*.

Além de fazer frio, também chove? Nem pensar. Decida-se. Fique com o *além*. Ou com o também: *Além de fazer frio, chove. Faz frio e também chove*.

Mesmeiros do texto

Nas palavras e nas modas, observe a mesma regra:
sendo novas ou antigas demais, são igualmente grotescas.
Pope

Imagine alguém que use a mesma roupa dia após dia, mês após mês, ano após ano. A criatura deixa de surpreender. Monótona, não chama a atenção. Ao contrário. É altamente previsível.

Com a língua ocorre o mesmo. Certas palavras e expressões foram originais um dia. Despertaram comentário. Depois, de tanto repeti-las, viraram modismos, chavões ou lugares-comuns. Supérfluas, são pobres de valor informativo.

É o caso de pontapé inicial. Alguém aproveitou o termo da linguagem futebolística e o usou num texto de política. Ótimo. Outros gostaram do resultado. Imitaram o primeirão. Hoje, quando bate o olho na mesmeira, o leitor sente cheiro de mofo.

Sobram exemplos:

- *A cada dia que passa; a duras penas; a olho nu; a olhos vistos; a ordem é se divertir; à saciedade; a sete chaves; a todo vapor; a toque de caixa; abertura da contagem; abrir com chave de ouro; acertar os ponteiros; agarrar-se à certeza de; agradar a gregos e troianos; alto e bom som; alimentar a esperança; amanhecer do dia; antes de mais nada; ao apagar das luzes; aparar as arestas; apertar os cintos; arregaçar as mangas; ataque fulminante; atingir em cheio; atirar farpas; baixar a guarda; barril de pólvora; bater em retirada; cair como uma bomba; cair como uma luva; caixinha de surpresas; caloroso abraço; campanha orquestrada; cantar vitória; cardápio da reunião; carta branca; chegar a um denominador comum; chover no molhado; chumbo grosso; colocar um ponto final; com direito a; comédia de erros; como manda a tradição; como se sabe; como já é conhecido; como todos sabem; comprar briga; conjugar esforços; corações e mentes; coroar-se de êxito; correr por fora; cortina de fumaça.*

Mais: dar o último adeus; de mão beijada; deitar raízes; debelar as chamas; depois de longo e tenebroso inverno; desbaratar a quadrilha; detonar um processo; erro gritante; de quebra; dispensa apresentação; divisor de águas; do Oiapoque ao Chuí; efeito dominó; em compasso de espera; em pé de igualdade; em polvorosa; em ponto de bala; em sã consciência; em última análise; eminência parda; empanar o brilho; encostar contra a parede; esgoto a céu aberto; estar no páreo; faca de dois gumes; familiares inconsoláveis; fazer as pazes com a vitória; fazer das tripas coração; fazer uma colocação; fazer vistas grossas; fez por merecer; fonte inesgotável; fugir da raia; gerar polêmica; hora da verdade; importância vital; inflação galopante; inserido no contexto; jogo de vida ou morte; lavar a alma; lavrar um tento; leque de opções; levar à barra dos tribunais; líder carismático; literalmente tomado; lugar ao sol; luz no fim do túnel; maltraçadas linhas; menina dos olhos; morto prematuramente.

Ainda mais: na ordem do dia; na vida real; no fundo do poço; óbvio ululante; ovelha-negra; página virada; parece que foi ontem; passar em brancas nuvens; pelo andar da carruagem;

> *perder o bonde da história; perder um ponto precioso; perdidamente apaixonado; perfeita sintonia; petição de miséria; poder de fogo; pomo da discórdia; pôr a casa em ordem; prendas domésticas; preencher uma lacuna; procurar chifre em cabeça de cavalo; propriamente dito; requinte de crueldade; respirar aliviado; reta final; rota de colisão; ruído ensurdecedor; sair de mãos abanando; sagrar-se campeão; saraivada de golpes; sentir na pele; separar o joio do trigo; sério candidato; ser o azarão; sorriso amarelo; tecer comentários; ter boas razões para; tirar do bolso do colete; tirar o cavalo da chuva; tirar uma conclusão; tiro de misericórdia; trair-se pela emoção; trazer à tona; trocar farpas; via de regra; via de fato; voltar à estaca zero.*

Ufa!

Lição do corpo

Só fala e escreve bem quem pensa bem.
Fialho de Almeida

O corpo fala. E dá lições. Uma delas: as partes que exercem função igual têm estrutura igual. No rosto, temos dois olhos, dois ouvidos, duas narinas. Um par exerce o mesmo papel que o outro. Os olhos veem. Os ouvidos ouvem. As narinas cheiram.

Por exercerem a mesma função, o casalzinho tem a mesma forma. Um olho é do tamanho e da cor do outro. Um ouvido é do tamanho e formato do outro. Uma narina tem a cara e o focinho da outra.

No resto do corpo, a história se repete. Temos duas mãos, dois braços, dois pés e duas pernas. Um e outro exercem a mesma função. As mãos seguram. Os braços abraçam. Os pés pisam. As pernas andam. Por isso, têm a mesma forma. Um braço é gêmeo univitelino do outro. Pés, pernas e dedos também.

A língua é boa aluna. Aprende a lição rapidinho. Termos e orações com funções iguais ganham estruturas iguais. Por exemplo: se o verbo pede dois objetos diretos, há dois caminhos. Um deles é darlhes a forma de nome. O outro, de oração.

Veja:

- *O presidente negou interesse na reeleição e que o governo esteja sem rumo.*

O verbo *negar* é transitivo direto. Pede objeto direto. No caso, são dois objetos. Um: o interesse na reeleição. O outro: que o governo esteja sem rumo. Reparou? Houve desrespeito à lei do paralelismo. Os dois – *interesse na reeleição e que o governo esteja sem rumo* – são objetos diretos de *negar*. Mas têm estruturas diferentes. Um é nominal. O outro, oracional.

Em suma: misturaram-se alhos com bugalhos. Para corrigir o aleijão só há uma saída – dar a mesma estrutura aos dois objetos:

- Estrutura nominal: *O presidente negou* ***interesse*** *na reeleição e* ***falta*** *de rumo no governo.*

- Estrutura verbal: *O presidente negou* ***que tivesse*** *interesse na reeleição e* ***que*** *o governo* ***estivesse*** *sem rumo.*

Cuidado com o ***e que***. A duplinha só tem vez quando houver o primeiro *quê*. Na falta dele, tenha uma certeza: o paralelismo foi esnobado.

Veja:

- *As pesquisas revelam grande número de indecisos* ***e que*** *pode haver segundo turno na eleição presidencial.*

Cadê o primeiro quê? O gato comeu. Que coma então o e que:

- *As pesquisas revelam grande número de indecisos e a possibilidade de segundo turno nas eleições presidenciais.*

Às vezes, os termos paralelos aparecem em forma de casaizinhos. São os pares da língua. Eles são fiéis uns aos outros: o que acontece com um acontece com o companheiro. Trocando em miúdos: se um dos parceiros se apresenta sem artigo, o outro segue o mesmo caminho. Se, ao contrário, se exibe devidamente acompanhado, o outro vai atrás.

Difícil? O exemplo deixa clara a fidelidade entre os membros de expressões escritas aos pares. Examine:

- *Estudo* ***de*** *segunda* ***a*** *sexta-feira.*

A preposição de é pura. Não vem acompanhada de artigo. O parzinho dela não pode ser diferente. A é, também, preposição pura. Artigo não tem vez com ela. Por isso não ocorre a crase.

Compare:

- *Trabalho **das** 8h **às** 22h.*

O primeiro par é das. As três letrinhas são a combinação da preposição de com o artigo as. O primeiro par é casado? O segundo também. Às é contração da preposição a com o artigo a.

Mais exemplos:

- *Li o livro **da** página 5 **à** página 18.*
  *Viajei **da** França **à** Alemanha de trem.*
  *Fui de avião **de** Miami **a** Madri.*
  *Corri **da** Rua Azul **à** Rua Verde.*

Samba da mistura doida

Lé com lé, cré com cré, cada sapato no seu pé.
Dito popular

Imagine a cena. Paulo tem na mão meio copo de Coca Cola. Luís tem meio copo de guaraná. Eles resolvem fazer uma combinação. Misturam a Coca com o guaraná. Dá uma bebida estranha. Ninguém sabe o que é. A única certeza é esta: não é Coca Cola. Nem guaraná.

Na língua também ocorrem misturas heterodoxas. São os cruzamentos. Distraídos, nós pegamos parte de uma estrutura. Juntamola com parte de outra. O resultado é um ser muito estranho. Parece filhote de jacaré com tartaruga.

Vale um exemplo. O português tem as locuções *à medida que* e *na medida em que*. Cada uma tem seu significado.

- *À medida que = à proporção que Minha pronúncia melhora à medida que pratico a língua.*

- *Na medida em que = porque, tendo em vista A mortalidade infantil continua alta na medida em que não se resolveu o problema do saneamento básico.*

Atenção, muita atenção. Volta e meia, a gente vê a locução *à medida em que*. Esse mostrengo equivale à mistura de guaraná com Coca Cola. Ou ao filhote de jacaré com tartaruga. Fuja dele.

Existem outras construções louquinhas por cruzamentos. Ao menor descuido, lá vaaaaamos nós. Juntamos lé com cré. E o sapato perde o pé. Com elas, todo o cuidado é pouco. Mantenha estas duplinhas sempre juntas:

- ***seja...seja***: *Seja no inverno, seja no verão, Maria está sempre bem-agasalhada.*
  ou...ou: *(ou) No inverno ou no verão, Maria toma sorvete todos os dias.*
  quer...quer: *Quer no inverno, quer no verão, Paulo usa terno e gravata.*
  de...a: *Estudo inglês de segunda a quinta-feira.*
  das...às: *Trabalho das 14h às 19 horas.*
  não...mas: *Não moro em São Paulo, mas em Brasília.*

O casalzinho é inseparável. Mas há gente que teima em levá-lo ao adultério. Eis o resultado desmoralizador:

- *Seja no inverno ou no verão, Maria está sempre bem-agasalhada. Quer no inverno ou no verão, Paulo usa terno e gravata. Estudo inglês de segunda à quinta. Trabalho de 14h às 19 horas.*

Xô, união pornô!

Mistérios do plural

Liberdade completa ninguém desfruta:
começamos oprimidos pela sintaxe
e acabamos às voltas com o Dops.
Graciliano Ramos

Em 9 de julho de 2004, o *Correio Braziliense* criou um monstro. Na página 20, escreveu: “O grupo avisa a todos que defendem Saddam que irá cortar seus pescoços antes de chegarem a Bagdá”. Depois do susto, a conclusão: os advogados são descendentes da Hidra de Lerna, que tinha nove cabeças. Se não forem, o singular se impõe:

- ◉ *O grupo avisa a todos que defendem Saddam que lhes iremos cortar o pescoço antes de chegarem a Bagdá.*

As palavras são cheias de manhas. Algumas têm plural. Mas, em certas construções, só se usam no singular. É o caso das partes do corpo. Dizemos que os presentes balançaram a cabeça (não as cabeças) porque cada um só tem uma cabeça. Pela mesma razão escrevemos: *Os tiros pegaram no coração dos manifestantes. Os presentes levantaram a mão.*

Atenção: a regra não vale para as partes plurais (olhos, pernas, orelhas, braços): *Levantaram os olhos* (os dois) *para o céu. Ergueram os braços* (os dois) *em sinal de aprovação. A mãe puxou-lhes as orelhas* (as duas).

Se for só um olho, um braço, uma orelha, o singular pede passagem: *Ergueram o braço* (um só) *na votação da proposta. A mãe puxou-lhes a orelha* (uma só). *O bebê agitou a perna* (uma só) *em sinal de impaciência.*

A propriedade que se refere a dois ou mais sujeitos também abomina o plural: *A polícia gaúcha procura três meninos com idade* (não idades) *entre 8 e 9 anos. A USP divulga nome* (não nomes) *dos classificados no vestibular. A festa contou com a presença* (não presenças) *de cantores e repentistas. A polícia apura a identidade* (não identidades) *dos acusados. O técnico anunciou a escalação* (não escalações) *dos jogadores. Cerca de três mil pessoas perderam o emprego* (não empregos).

Por que o singular? Pela mesma razão do singular nas partes do corpo. Se você bobear e escrever que a USP divulga nomes dos aprovados, dará a impressão de que cada aprovado tem mais de um nome. Falso, não?

Receita do cruz-credo

Não basta escrever certo. Elegância e fluência também contam.
Josué Machado

Agudização, prestigiamento, obstacularizar, tecnologizar & Cia. têm um ponto em comum: irritam o receptor. Denunciam profissional descuidado com a língua, presa fácil de modismos e vocábulos malformados que entram no idioma pela porta das traduções malfeitas. Antijornalísticas, figuram na lista de palavras vetadas em quase todos os manuais de redação.

As novidadeiras, porém, não se fazem de rogadas. Aparecem desenvoltas em títulos, sutiãs, legendas e textos. Com razão tornaram-se motivo de chacota, frequentadoras do programa humorístico *Casseta e Planeta*. Ricardo Freire, incomodado com o abuso, escreveu o artigo "Complicabilizando" para a Revista *Época*. Eis trecho do desabafo:

> *Sim, estou me associando à campanha nacional contra os verbos que acabam em "ilizar". Se nada for feito, daqui a pouco eles serão mais numerosos do que os terminados simplesmente em "ar". Todos os dias os maus tradutores de livros de marketing e administração disponibilizam mais e mais termos infelizes, que imediatamente são operacionalizados pela mídia, reinicializando palavras que já existiam e eram perfeitamente claras e eufônicas. (...)*
>
> *Precisamos reparabilizar nessas palavras que o pessoal inventabiliza só para complicabilizar. Caso contrário, daqui a pouco nossos filhos vão pensabilizar que o certo é ficar se expressabilizando dessa maneira. Já posso até ouvir as reclamações: "Você não vai me impedibilizar de falabilizar do jeito que eu bem quilibiliser". Problema seu. Me inclua fora dessa.*

O gerundismo é outra praga. Chegou tímido, trazido pelas más traduções do inglês. Adotado por secretárias, telefonistas e, sobretudo serviços de telemarketings, criou asas e voou. Ganhou intimidade com as salas de aulas, as páginas de jornais e revistas, e dos bem cuidados telejornais.

O que quer o intruso? Quer tomar o lugar do simpático futuro da nossa língua. "Vou estar anotando", "vou estar encaminhando", "vai estar lendo"? É a receita do deus nos acuda. Para não afugentar o cliente, mandam o bom senso e a boa norma dar o recado no futuro simples *(anotarei, encaminharei, lerá)*. Ou no composto (vou anotar, vou encaminhar, vai ler).

O gerúndio não pára aí. Se deixar, invade outros territórios. É o caso do presente contínuo. A forma *estar* + *gerúndio* indica ação em curso, transitoriedade: *Neste momento, você* ***está lendo*** *a receita do cruzcredo. Eu* ***estava saindo*** *quando o telefone tocou*.

Fora desses limites estreitos, o casadinho não tem vez. *Eu estou sofrendo do coração?* Nem pensar. A doença tem duração maior que o momento em que se fala. Eu sofro do coração. *Maria está morando em São Paulo há dez anos?* Sem essa. Maria mora em São Paulo. *Nós estamos estudando inglês na Cultura Inglesa?* Não. Nós estudamos inglês na Cultura Inglesa. *Em Brasília, estamos sempre falando com autoridades?* Engano. Em Brasília, falamos sempre com autoridades.

> E as duplinhas? As más línguas juram que elas ajudam a construir nosso jeitinho de ser. O que torna o brasileiro brasileiro? Uns dizem que é o gosto por caipirinha. Outros, a paixão por feijoada. Há quem fale em tendência a adiar compromissos. Muitos lembram o falar bonito. Todos concordam na quedinha por esconder o pensamento. No fundo, trememos na base ante a hipótese de assumir responsabilidade.

“Como vai?”, perguntamos. Há mais de cinquenta respostas para a questão: tudo bem, vou indo, mais ou menos, assim-assim, navegando, flutuando, do jeito que Deus manda, não tão bem quanto você, melhor do que mereço, conforme sopra o vento, se melhorar estraga. E por aí vai. Todas têm uma característica. Fazem de conta que respondem, mas não respondem.

Recorremos a mil estratégias de falar sem dizer. Uma delas: espichar os verbos. Poucos resistem à tentação. Ao menor cochilo, lá estão dois infinitivos juntos. Em 99% dos casos, sobra gordura.

Poder, querer, tentar & gangue se prestam como ninguém ao papel sujo. Como quem não quer nada, juntam-se a outro infinitivo. Não dá outra. Viram parasitas – roubam a força do verbo principal. Deixam-no frouxo, obscuro, sem charme.

Exemplos pululam por aí:

- *Ele fez tudo para **poder salvar** o casamento.*
  *Ele fez tudo para **salvar** o casamento.*

- *Gastou as economias para **poder estudar** na Europa.*
  *Gastou as economias para **estudar** na Europa.*

- *Chegou cedo para **poder pegar** um bom lugar.*
  *Chegou cedo para **pegar** um bom lugar.*

- *No afã de **querer parecer** bonita, Vera Fisher gasta horas nos salões de beleza? Falso.*
  *No afã de **parecer** bonita, Vera Fischer gasta horas nos salões de beleza.*

- *Lula não medirá esforços no empenho de **querer acabar** com a fome no Brasil? Desista.*
  *Lula não medirá esforços no empenho de **acabar** com a fome no Brasil.*

Fale sério. O sentido mudou? Não. *Poder e querer* ficam implícitos na frase. Rua pra eles.

> Outro recurso para fugir da responsabilidade é esconder-se atrás do *tentar*. Abra o olho. Ao dizer “vou tentar resolver meu problema de pontuação”, você dá razão aos psicólogos. Eles explicam: Quem quer faz. Quem não quer tenta.

Para ser convincente, seja corajoso. Afirme. Mande o *tentar* pras cucuias:

- *Vou resolver meu problema de pontuação.*

É isso. E não é pouco.

A ditadura da indústria

Escrevi o livro para tirar o pé da lama.
Adriane Galisteu

Quando você pensou que tinha aprendido tudo sobre escrever bem, aqui vai uma má notícia. Não basta escrever bem. É preciso ser rápido e preciso. Pouco adianta apresentar uma reportagem fabulosa se estiver maior do que o espaço (ou o tempo, no caso de rádio e tevê) reservado a ela. Também terá pouca serventia se o autor estourar o horário de fechamento. O repórter corre o risco de ver um calhau publicado no lugar da preciosa obra.

Curiosidade 1: calhau é anúncio usado para completar uma página quando termina o horário de fechamento sem que as matérias estejam prontas.

Curiosidade 2: com propriedade, o horário limite para o fechamento é chamado de *dead line* – linha da morte. Ultrapassá-la significa a morte da matéria ou do emprego do jornalista.

Os repórteres detestam a comparação, mas o trabalho deles assemelha-se à produção de salsichas. Há um buraco a ser preenchido. E é preciso preenchê-lo até determinado horário. Atrasos comprometem as estratégias de distribuição em bancas e a venda. A venda influencia o preço dos espaços publicitários. É bom lembrar: jornais, revistas, telejornais são produtos de uma indústria, que visa a lucro.

A faca dos editores

Dos dois maiores fantasmas da vida nas redações, o tamanho do texto e o prazo de fechamento, o primeiro é aterrador porque toca no ego do autor. Texto jornalístico é concreto, passível de ser medido em centímetros ou em tempo de leitura. Se não couber no espaço reservado para ele, entra na faca dos editores. “Corta pelo pé”, gritavam editores dos anos 70. A ordem tinha uma lógica. Esperava-se que as informações mais importantes estivessem no início do texto. Assim, se estava grande demais, cortavam-se as linhas finais – o pé da matéria.

Hoje, nem sempre se corta pelo pé, porque a organização dos textos mudou, mas ainda se corta sem a menor consideração pelos talentos literários de que o repórter se julga depositário. Entregar a matéria no tamanho pedido é tão importante quanto descobrir um furo de reportagem. Não adianta reclamar. Os diagramadores, responsáveis pelo desenho das páginas, mandam nos jornais. O espaço, limitado assim como o tempo dos telejornais e dos programas de rádio, é uma das maiores fontes de insatisfação nas redações.

A ditadura do espaço, como toda ditadura, é danosa também quando tem efeito contrário. Há situações – raras, é verdade – nas quais o jornalista precisa aumentar o texto em vez de reduzi-lo. Acredite: encher linguiça é a pior praga do trabalho. Na falta do que dizer, repórteres publicam declarações das fontes na íntegra, incluem descrições pouco importantes e cedem à tentação literária. Tomam o tempo do leitor, irritam-no e ocupam espaço precioso com informações de quinta categoria. Mas não há nada a fazer. O jeito é caprichar na apuração para a eventualidade.

A pressão do fechamento

O processo industrial também funciona sob rigoroso controle de horários. Atrasos no fechamento causam efeito dominó desastroso e caro. As empresas pagam horas extras aos trabalhadores das gráficas e comprometem todo o sistema de logística para a distribuição dos exemplares às bancas. Os prejuízos são altos para os veículos de circulação nacional, dependentes de horários de voos. Se os jornais desembarcarem nas bancas depois das 7h30, os compradores avulsos terão seguido para o trabalho sem o exemplar do dia debaixo do braço.

O resultado do atraso é trágico. Assinantes telefonam raivosos. Cobram o cumprimento do horário de entrega e ameaçam cancelar a assinatura. Os leitores eventuais comprarão o jornal do concorrente. Há ainda perda de credibilidade. Autoridades, empresários e outros profissionais, leitores diários por dever de ofício, iniciarão a jornada de trabalho sem as informações do veículo. Resultado: as matérias não serão lidas nem trarão repercussão pública.

Em suma: pouco adianta escrever bem se o tempo gasto ameaçar o fechamento. Entre a qualidade do trabalho e a precisão do horário, opte pelo segundo. Além do talento para apurar informações e redigir bons textos, jornalistas precisam ser rápidos no teclado. Reportagens especiais, em geral, podem ser produzidas em tempo maior, sem tanta pressão. Mas é impressionante como há repórteres condicionados a trabalhar sob pressão. Muitos acabam deixando tudo para a última hora. Enrolam uma semana e acabam estressados, varando madrugadas para concluir a tarefa na linha da morte.

Situação idêntica se vive nas redações dos telejornais e noticiários de rádio. Lá se obedece a grades fixas de programação, cujos espaços publicitários são preenchidos segundo a segundo. Atrasos causam prejuízo e perda de audiência. O horário de fechamento é sentença inapelável.

A ditadura dos prazos industriais cria eterno conflito entre dar bem uma matéria e fechar no horário. No corre-corre, os repórteres se empenham em incluir informações atualizadas (ou “quentes”, no jargão jornalístico) nas matérias do dia. Alguns eventos começam pela manhã e só terminam na hora de ir pra casa. Essa situação exige rapidez do profissional na apuração e, principalmente, na hora de escrever. Não há tempo para revisões cuidadosas nem para reescrever o texto. A margem de risco para ocorrência de erros aumenta à medida que o prazo final se aproxima.

Resultado: jornais e revistas estão cheinhos de pérolas. Os leitores atentos as anotam. Depois, não deixam por menos. Soltam relações na internet. Eis algumas preciosidades:

- *Depois de algum tempo, a água corrente foi instalada no cemitério para satisfação dos habitantes.*
  A nova terapia traz esperanças a todos os que morrem de câncer a cada ano.
  Apesar da meteorologia estar em greve, o tempo esfriou ontem intensamente.

Mais:

- *Os sete artistas compõem um trio de talento.*
  A vítima foi estrangulada a golpes de facão.
  Os nossos leitores nos desculparão por esse erro indesculpável.
  Há muitos redatores que, para quem veio do nada, são muito fiéis a suas origens.
  No corredor do hospital psiquiátrico, os doentes corriam como loucos.
  Ela contraiu a doença na época em que ainda estava viva.

Mais ainda:

- *O aumento do desemprego foi de 0% em novembro.*
  As circunstâncias da morte do chefe de iluminação permanecem rigorosamente obscuras.
  O presidente de honra é um jovem septuagenário de 81 anos.
  Parece que ela foi morta pelo assassino.
  Ferido no joelho, ele perdeu a cabeça.
  A polícia e a justiça são as duas mãos de um mesmo braço.
  O acidente foi no tristemente célebre Retângulo das Bermudas.

Um pouco mais:

- *Este ano, as festas do 4 de setembro coincidem exatamente com a data de 4 de setembro, que é a data exata, pois o 4 de setembro é um domingo.*
  O tribunal, após breve deliberação, foi condenado a um mês de prisão.
  Quatro hectares de trigo foram queimados. A princípio, trata-se de um incêndio.
  O velho reformado, antes de apertar o pescoço da mulher até a morte, se suicidou.
  Um surdo-mudo foi morto por um mal-entendido.
  À chegada da polícia, o cadáver se encontrava rigorosamente imóvel.

Quer mais? Leia o jornal que está a seu lado. E acredite: na disputa entre fechamento e boa edição, a qualidade sai perdendo.

Bibliografia

CONTI, Mario Sergio. *Notícias do Planalto*: a imprensa e Fernando Collor. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

DUAILIBI, Roberto. *Duailibi das citações*. São Paulo: ARX, 2000.

FERRARI, Pollyana. *Jornalismo digital*. São Paulo: Contexto, 2004.

GRIJELMO, Áex. *El estilo del periodista*. Madri: AS Taurus, 1997.

KUSHNER, Malcom. *Como falar em público para dummies*. Rio de Janeiro: Campus, 2004.

Manual de estilo da Editora Abril. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

MARTINS, Eduardo. *Manual de redação e estilo de O Estado de São Paulo*. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1997.

MELO, Luiz Antonio. *Manual de sobrevivência na selva do Jornalismo*. Rio de Janeiro: Casa Jorge Editorial, 1996.

NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*. São Paulo: Contexto, 2002.

RÓNAI, Paulo. *Dicionário universal Nova Fronteira de citações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

SQUARISI, Dad. *Mais dicas da Dad*: português com humor. São Paulo: Contexto, 2003.

SQUARISI, Dad; SALVADOR, Arlete. *Escrever melhor*: guia para passar os textos a limpo. São Paulo: Contexto, 2008.

TALESE, Gay. *Fama e anonimato*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VIVALDI, G. Martins. *Curso de redacción*: del pensamiento a la palabra. Madri: Paraninfo, 1981.

As autoras

Dad Squarisi tem o dom e o prazer de ensinar. Em palestras ou consultas feitas por leitores do *Correio Braziliense*, onde é editora de Opinião e escreve a coluna *Dicas de Português*, não para de tirar dúvidas. A saída para democratizar mais as lições foi publicar livros. Desde o primeiro, *Dicas da Dad – português com humor*, não parou. O sucesso editorial rendeu *Mais dicas da Dad* (ambos publicados pela Contexto). Formada em letras pela UnB, com especialização em linguística e mestrado em teoria da literatura, Dad Squarisi deu aulas de língua portuguesa e literatura brasileira nos três níveis de ensino e no Instituto Rio Branco (MRE). É coautora de *Escrever melhor e Redação para vestibulares e concursos*.

Arlete Salvador é jornalista desde 1980 e trabalhou em alguns dos mais importantes veículos de comunicação do país, como os jornais *O Estado de São Paulo e Correio Braziliense* e a revista *Veja*. Nesse tempo, Arlete ocupou quase todos os cargos de uma redação. Foi repórter, editora, editora-executiva, chefe de sucursal e colunista de política. Em todos esses postos, deixou como marca principal a qualidade do texto – preciso e elegante. Sua contribuição para este livro vem da experiência prática como jornalista. Arlete mostra aos leitores os bastidores das redações e oferece dicas sobre como escrever bem num ambiente pressionado pelo tempo e pelas limitações de espaço nas páginas dos jornais.

Dad Squarisi
Arlete Salvador

A ARTE DE ESCREVER BEM

um guia para jornalistas e profissionais do texto

editora contexto

Dad Squarisi
Arlete Salvador

A arte de
escrever bem

um guia para jornalistas e profissionais do texto

Copyright© 2004 Dad Squarisi e Arlete Salvador
Todos os direitos desta edição reservados à Editora Contexto (Editora Pinsky Ltda.)
Projeto gráfico e diagramação Gustavo S. Vilas Boas

Revisão
Luciana Salgado

Capa
Antonio Kehl

Foto Dad Squarisi
Aureliza Correa

Foto Arlete Salvador
Orlando Brito

Dados Internacionais de catalogação na publicação (CIP) (câmara Brasileira do livro, SP, Brasil)

Squarisi, Dad
A arte de escrever bem : um guia para jornalistas e profissionais do texto / Dad Squarisi, Arlete Salvador. 7. ed., 2ª reimpressão. – São Paulo : Contexto, 2012.

Bibliografia
ISBN 978-85-7244-279-4

1. Arte de escrever 2. Jornalismo 3. Português - Estudo e ensino I. Salvador, Arlete. II. Título.

04-6760 CDD-808.0469

Índice para catálogo sistemático: 1. Arte de escrever : Português : Estudantes e jornalistas : Técnicas de redação 808.0469

EDITORA CONTEXTO
Diretor editorial: Jaime Pinsky
Rua Dr. José elias, 520 – Alto da Lapa 05083-030 – São Paulo – SP
PABX: (11) 3832 5838
contexto@editoracontexto.com.br www.editoracontexto.com.br

2012

Proibida a reprodução total ou parcial.
Os infratores serão processados na forma da lei.

Para Augusto Marzagão,
mestre

Sumário

Apresentação
    É possível escrever bem

A garimpagem do óbvio
    A arte de pensar
    A pirâmide invertida
    O novo jornalismo

O texto jornalístico
    Dê passagem às frases curtas
    Prefira palavras curtas e simples
    Ponha as sentenças na forma positiva
    Opte pela voz ativa
    Escolha termos específicos
    Fique com as palavras concretas
    Restrinja a entrada de adjetivos
    Persiga a frase enxuta
    Seja conciso
    Corra atrás da frase harmoniosa
    Busque a clareza
    Teste a legibilidade do texto

Gêneros jornalísticos
    A força da notícia
        Reportagem factual
        A suíte

    - Reportagem especial
  - Declaração é notícia
    - A entrevista pingue-pongue
  - Gente é notícia
    - Perfil
    - Personagem
  - Opine, não ache
    - Editoriais
    - Artigos, colunas e análises
  - Quanto menor, melhor
  - Acessórios trabalhosos
    - Quente ou fria?

- Toque final

  - A ética das palavras
  - As penetras
  - Na boca do povo
  - Mesmeiros do texto
  - Lição do corpo
  - Samba da mistura doida
  - Mistérios do plural
  - Receita do cruz-credo
  - A ditadura da indústria
    - A faca dos editores
    - A pressão do fechamento

- Bibliografia

- As autoras

Apresentação

É possível escrever bem

Escrever está na moda. As novas tecnologias de comunicação, quem diria, ressuscitaram o valor da escrita. Já não se escrevem cartas como antigamente, mas concisas mensagens eletrônicas. Já não se admitem relatórios longos e complexos. Tempo é dinheiro. Relatórios devem ser objetivos e contundentes. E os vestibulares? Estudante não entra na faculdade se falhar na redação. Nunca se precisou tanto da escrita quanto agora.

Ensinar a escrever é tarefa para professores. Jornalistas podem contribuir para aprimorar a técnica de repórteres mais jovens. Profissionais da imprensa são forjados na prática. Trabalham com a experiência adquirida ao longo dos anos de atividade. Gerações deles foram educadas nos gritos das redações e na humilhação pública, quando suas matérias eram jogadas na lata do lixo.

Ajuda vale mais que gritos. Este livro se propõe ajudar estudantes a escrever bem. Temos clareza das limitações do desafio. Escrever é atividade complexa, resultado de boa alfabetização, hábito da leitura, formação intelectual, acesso a boas fontes de informação e muita, muita prática. Além, é claro, de algo que vem de Deus ou do DNA, quem sabe? – o talento individual.

Não temos o poder de distribuir talento. Nosso papel é contribuir para preencher os outros requisitos – os que dependem do esforço pessoal e da persistência dos interessados em desenvolver a habilidade de transformar objetivos em textos. Aqui estão orientações básicas para o manejo da língua usada na imprensa. Os leitores podem não se transformar em novos Machados de Assis, mas enfrentarão mais preparados o desafio de escrever. Os gênios, talentosos por natureza, não precisam de nós. Pelo contrário. Ensinam-nos.

Dad e Arlete

A garimpagem do óbvio

Separar alhos de bugalhos
é um longo caminho.
Sonia Racy

A literatura acadêmica é curta e grossa no capítulo em que ensina a escrever um texto jornalístico. O texto, pregam os teóricos, deve começar respondendo, logo de cara, a seis perguntas fundamentais:

O quê?
Quem?
Quando?
Onde?
Como?
Por quê?

E não é que é assim mesmo? Em jornais, rádios, televisões e na novíssima internet, as notícias são apresentadas nesse formato. Quando Willian Bonner abre o *Jornal Nacional* dizendo “uma bomba explodiu na Chechênia matando o presidente da província e 31 pessoas”, usa a estrutura mais simples e direta do jornalismo.

Trata-se de fórmula fácil de reconhecer. Ela está em todos os lugares e serve de esqueleto, por exemplo, para anúncios de missas de sétimo dia:

◉ *Familiares convidam para a missa de sétimo dia da morte de fulano de tal a se realizar no dia tal, igreja tal e horário tal.*

Ou para embalar notícias de crimes e acidentes:

- *Um motorista embriagado bateu de frente com outro veículo na avenida tal, ontem à noite, matando os quatro ocupantes. Entre eles estava uma criança de seis meses.*

Moleza? Não é. A maior dificuldade de repórteres e redatores é encontrar as respostas certas para as seis perguntas marotas. Eles se perdem no emaranhado de dados trazidos da rua. Sentem-se incapazes de dizer o que aconteceu. Enredados por informações às vezes conflitantes, mostram-se inaptos para reconhecer os fatos mais importantes.

Responder às seis perguntas básicas é exercício de garimpagem. Escondido embaixo de toneladas de dados secundários, coberto por montanhas de detalhes desnecessários e disfarçado sob camada fina de observações sofisticadas, jaz o diamante reluzente do óbvio. Sim, infelizmente, nada é mais difícil para o repórter do que identificar a obviedade de uma notícia.

Afinal, o que são as seis perguntas cruciais se não o reconhecimento da obviedade em qualquer evento? Preste atenção nas conversas do dia a dia, em especial naquelas sem grandes pretensões intelectuais, com amigos, marido, mulher e filhos sobre acontecimentos corriqueiros.

Você começa um papo com uma amiga. Conta que está namorando. Qual a primeira pergunta que a outra lhe fará? Óbvio: quem? À medida que você responde, outras questões virão: como é ele (o namorado)? Como você o conheceu? Onde se encontraram? Como decidiram namorar? Sem perceber, vocês estão seguindo o conteúdo e a estrutura necessária para a construção de pequena reportagem. Os teóricos do jornalismo sintetizaram a dinâmica das nossas conversas.

A arte de pensar

Penso, logo existo.
René Descartes

A receita para escrever texto jornalístico funciona bem porque ensina a pensar. Quem já passou horas diante de uma tela em branco do computador em dúvida sobre por onde começar sabe o que é angústia. Os mais velhos devem se lembrar das páginas arrancadas das máquinas de datilografia quando se instalava a tortura. O papel jogado na lata de lixo tinha a vantagem de materializar o peso do tormento na vida dos candidatos a Machado de Assis, Elio Gaspari ou Roberto Pompeu de Toledo. Com o computador, não há sinais visíveis do sofrimento, mas ele continua, firme e forte.

Tanta dor tem uma causa. O texto passa a existir muito antes de tomar corpo na tela. Nasce, primeiro, na cabeça do autor. A habilidade de escrever é resultado da habilidade de pensar – pensar de forma ordenada, lógica e prática. Sem esse exercício, não há como encher a tenebrosa tela branca.

Assim, gaste tempo pensando sobre o que você quer escrever e, só depois, com um roteiro à mão, sente-se à frente do traumatizante computador. Ele se transformará naquilo que é – valioso instrumento de trabalho. A fonte de onde brotarão ideias, frases inteligentes e conceitos consistentes está no cérebro. A máquina não substitui o maior e mais fascinante talento do homem, a capacidade de pensar. Graças a Deus.

Trace um plano de voo. Como? A seguir, daremos um roteiro. As regras não garantem o despertar de gênios, mas oferecem caminho seguro para chegar a texto informativo, sucinto e direto, características fundamentais no estilo jornalístico.

- Faça um resumo da história como você faz quando um amigo lhe pergunta sobre a festa à qual ele não compareceu. Provavelmente, você diz: “A festa estava animada, cheia de gente bonita. A música era ótima e a comida, fabulosa”. Pronto, eis o resumo da sua história. Não o perca de vista. Seu objetivo será contar a narrativa em detalhes.

- Responda às seis perguntas indicadas no início deste capítulo na ordem em que foram apresentadas. A primeira é o quê? A última, e mais difícil, é por quê? As respostas não devem ultrapassar duas linhas. Nunca, jamais, em tempo algum podem ser maiores do que duas linhas. Seja até avarento. Escreva menos ainda.

- Enxugue o texto. Em jargão jornalístico, enxugar significa diminuir, cortar, mandar pras cucuias palavras e informações desnecessárias. Comece agora.

Você ignorou a orientação para restringir-se a duas linhas? Passe a tesoura sem dó nem piedade.

Leia e releia o texto. Aproveite para checar as informações. Nome, cargos e títulos das pessoas estão corretos? Pode parecer bobagem, mas nada irrita mais os leitores e desacredita a informação que ver nomes publicados com a grafia errada. A recomendação vale para outros pormenores como localização de uma cidade, distâncias, número de leis.

Na dúvida, procure confirmação em dicionários, mapas, livros de referência e listas telefônicas. Se necessário, volte a telefonar para as fontes da matéria. Não se acanhe. Diga que não está seguro sobre um item e que não gostaria de publicá-lo de forma errada. Fontes sérias agradecerão o cuidado. Os leitores também.

Divida o texto em partes (retrancas). Cada uma aborda um tema referente à história principal e, claro, deve ter o próprio planejamento. Uma, por exemplo, pode descrever a mansão onde ocorreu a festa. Outra, dar destaque ao cozinheiro francês especialmente contratado para o evento.

A pirâmide invertida

> *O estilo nada mais é do que a ordem e o movimento postos em seu pensamento.*
> Conde de Buffon

O modelo de perguntas e respostas na construção do texto atende à estrutura clássica de apresentação de uma notícia – a pirâmide invertida. A técnica estreou em 1861 no jornal *The New York Times*, como forma de dar objetividade ao relato de um acontecimento. Consiste em pôr as informações mais importantes no primeiro parágrafo, respondendo “o quê? quem? quando? onde? como? por quê?”.

Nessa ordem, os pormenores essenciais aparecem primeiro. Na prática, conta-se a história do fim para o começo, daí o nome de pirâmide invertida. Nas duas últimas décadas, houve tentativas de mudança nos textos tradicionais, forçadas pelo fenômeno dos noticiários audiovisuais e pela internet. Os veículos

digitais, mais rápidos, divulgam as notícias em tempo real, comprometendo o papel dos veículos impressos.

No passado, além do rádio, os jornais eram as únicas fontes de informação disponíveis. Hoje, não é assim, mas eles continuam a ser produzidos como se fossem. Um exemplar de hoje apenas com notícias de ontem chega às bancas desatualizado. O leitor foi bombardeado pelas informações do rádio e da tevê. Muitos acompanharam a notícia na internet.

Tomemos como exemplo o aumento dos combustíveis. Quatro jornais nacionais publicaram a notícia na terça-feira – o fato foi manchete de todos eles – mas o anúncio foi feito no dia anterior. A decisão da estatal, portanto, estava no ar na própria segunda-feira, por meio dos noticiários on line, televisivos e radiofônicos. Motoristas mais atentos tiveram tempo de completar o tanque do carro para escapar do reajuste. Os jornais ignoraram essa realidade e trataram o reajuste como grande novidade. Não era. Era assunto de conhecimento amplo.

Veja os exemplos:

- *O primeiro aumento de preços da gasolina e do óleo diesel no governo de Luiz Inácio Lula da Silva entrou em vigor hoje. Depois de ter ficado um ano e meio sem aumento – em abril do ano passado houve queda – o preço da gasolina vendida pela Petrobras em suas refinarias subiu 10,8% e o do diesel, 10,6%, sem considerar os impostos. De acordo com o presidente da Petrobras, José Eduardo Dutra, o aumento médio para os consumidores deverá ficar em torno de 4,5%, no caso da gasolina, e de 6,4% para o óleo diesel, caso nenhum setor da cadeia aumente também suas margens de lucro. (O Globo)*

- *A Petrobras não resistiu à pressão e anunciou ontem o reajuste nos preços dos combustíveis nas refinarias. A gasolina aumenta 10,8% e o óleo diesel, 10,6%. O presidente da estatal, José Eduardo Dutra, explicou que a estabilização do preço internacional do petróleo acima dos US$ 35 por barril tornou insustentável a manutenção dos preços. Para o consumidor, segundo cálculos da empresa, a alta deve chegar a 4,5% no caso da gasolina e 6,4% no diesel. O aumento vale a partir de hoje. (O Estado de S. Paulo)*

- *A Petrobras anunciou ontem o primeiro aumento no preço dos combustíveis no governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva: a gasolina nas refinarias da estatal ficou 10,8% mais cara a partir da 0h de hoje. O diesel subiu 10,6%. A companhia calcula que o impacto para o consumidor será menor devido a questões tributárias e, no caso da gasolina, à mistura com o álcool (25%). A previsão da Petrobras é que a gasolina suba 4,5% nas bombas dos postos e o diesel, 6,4%, se as margens de lucro das distribuidoras forem mantidas. (Folha de S. Paulo)*

- *A Petrobras anunciou ontem o reajuste dos preços da gasolina e do diesel nas refinarias, a partir da zero hora de hoje, em 10,8% e 10,6%, respectivamente. Os postos deverão repassar aos consumidores um aumento de 4,5% a 5% na gasolina e de 6,5% no diesel, segundo estimativas da Federação Nacional do*

Comércio de Combustíveis (Fecombustíveis). (Jornal do Brasil)

Com pequenas alterações, as matérias são quase idênticas. Seguem o modelo de resposta às seis perguntas básicas do jornalista – o que, quem, quando, onde, como e por quê – sustentáculo da pirâmide invertida. Conclusão: apesar da resistência de muitos profissionais, o formato consagrado impera nas redações.

No livro *A arte de fazer um jornal diário*, o jornalista pernambucano radicado em Brasília Ricardo Noblat abomina matéria puramente factual. “Por favor, não me contem o que já sei”, diz ele. “Topo ler o que já sei se vocês acrescentarem informações que desconheço ou se me explicarem o que não entendi direito. Até topo ler sobre o que já sei se vocês anteciparem o que está por vir. Mas só nesses casos. As seções de horóscopo dos jornais não fazem tanto sucesso? Quantas pessoas não consultam cartomantes, videntes e toda sorte de gente que se diz apta a adivinhar o futuro? Não acredito nesse tipo de gente. Mas acredito que o sonho de todo mundo é ler hoje o jornal de amanhã. E acredito na possibilidade de profissionais competentes anteciparem fatos”.

Noblat tem sido defensor ardoroso de novo modelo de jornalismo diário capaz de ir além da apresentação dos acontecimentos de ontem. Mas também ele sofria do pavor das redações em apostar em matérias exclusivas e, com isso, comprometer a cobertura diária a que os leitores estão acostumados. Durante os dez anos em que dirigiu o *Correio Braziliense*, seguindo o modelo de jornalismo pouco dado ao factual, Noblat viveu essa contradição.

Ele exigia criatividade da equipe nas reuniões de pauta, mas cobrava notícias do dia no horário de fechamento. Viraram folclóricas suas visitas à redação às 8h da noite, quando não dá mais tempo para acrescentar nada. Os editores viviam em estado de alerta, tensos e inseguros sobre a edição. O que mais temiam era ouvir Noblat gritar:

– Temos isso?

Isso era um acontecimento do dia que ele lera nas edições dos jornais na internet ou ouvira no *Jornal Nacional*. Se não tivesse, o editor que tratasse de conseguir. E mais. E melhor, com recursos gráficos, artigos, interpretações e análises. Às 8h da noite! A cena era tão comum que um grupo de repórteres bem-humorados da editoria de Cidades criou uma banda de música chamada *Temos isso?*

O novo jornalismo

Uma boa reportagem se faz com
precisão, rigor e correção,
mas também e sobretudo com emoção.
Zuenir Ventura

A contestação ao modelo de pirâmide invertida não é recente. Nos anos 60, jornalistas como Tom Wolfe, Truman Capote, Gay Talese e Norman Mailler inovaram. Abandonaram a estrutura clássica de texto factual, acrescentando elementos literários. Criaram o Novo Jornalismo. Um dos textos mais conhecidos desse período é *A sangue frio*, de Truman Capote. Conta o assassinato de uma família de fazendeiros do Kansas, ocorrido em 1959. Capote investigou a história para um artigo da revista *The New Yorker*, mas o trabalho transformou-se em romance. Foi publicado em capítulos, virou livro e filme de cinema.

O Novo Jornalismo também desembarcou no Brasil na década de 60. O *Jornal da Tarde* e a revista *Realidade*, lançados nesse período, em São Paulo, chegaram ao mercado com a cara da novidade. O fenômeno durou pouco, mas ainda há quem reclame de saudades daquelas velhas e boas reportagens. A verdade é que, séculos e muita discussão teórica depois, a pirâmide invertida resiste na imprensa. Ainda é a técnica de redação mais usada nos meios de comunicação.

O texto jornalístico

A frase jornalística tem de estar construída de tal forma que não só se entenda bem, mas que não se possa entender de outra forma.
Íñigo Dominguez

Existe texto jornalístico? Existe. Ele se enquadra entre as redações profissionais. É feito para ser lido, entendido e, se possível, apreciado. O jornalista, como o empresário, o advogado, o economista, escreve de olho no destinatário. E aí reside a diferença.

O advogado, o economista e o empresário escrevem para um público conhecido. A petição do advogado destina-se ao juiz. A análise do economista, a economistas. O relatório do diretor, ao presidente da empresa. A matéria do jornal, aos leitores do jornal.

Quem são eles? A resposta engloba de A a Z. São pessoas de variados níveis de escolaridade. De variadas profissões. De variadas faixas etárias. De variados interesses. O desafio do repórter é se fazer entender por todos. Quem – apesar das diferenças – se aventurar a ler uma reportagem, entrevista ou comentário deve ter a impressão de que o texto foi escrito para ele.

Como chegar lá? Os ingredientes são três – linguagem clara, informações precisas e estilo atraente. Há técnicas simples e práticas capazes de orientar o redator. Nasceram do bom senso e da experiência de jornalistas e escritores que, provocados, encontraram respostas para o grande desafio: escrever para o leitor.

Para ser lido, entendido e apreciado, certo talento se impõe. Mas não é suficiente. Outros quesitos precisam ser contemplados. Entre eles, domínio do idioma, familiaridade com o assunto tratado, capacidade de leitura, disposição e coragem para enfrentar duras batalhas.

Os dados, o objetivo e o plano são os ingredientes. A forma de prepará-los é que dá o toque especial ao prato. Uma frase particularmente elegante, capaz de veicular com clareza e simplicidade a mensagem que você quer transmitir, é conquista pessoal, exercício diário de desapego, humildade e vontade de melhorar.

Com os dados à mão, objetivo definido e plano traçado, é hora de redigir. Como? Sem perder de vista o leitor. Lembre-se de duas dicas:

Seja natural – Imagine que o leitor esteja à sua frente ou ao telefone conversando com você. Fique à vontade. Espaceje as frases com pausas e, sempre que couber, com perguntas diretas. Confira a seus textos um toque humano. Você está escrevendo para as pessoas.

Seduza – Vá direto ao assunto. Comece pelo mais importante. E comece bem, com uma frase atraente, que lhe desperte o interesse e o estimule a prosseguir a leitura. No final, dê-lhe o prêmio: um fecho de ouro, como inesquecível sobremesa a coroar um lauto jantar.

William Strunk Jr, professor de altos estudos da língua inglesa, costumava dizer: “A prosa vigorosa é concisa. A frase não deve ter palavras desnecessárias nem o parágrafo frases desnecessárias, pela mesma razão que o desenho não deve ter linhas desnecessárias nem a máquina partes desnecessárias. Isso não quer dizer que o autor faça breves todas as suas frases, nem que evite todos os detalhes, nem que trate seus temas só na superfície: apenas que cada palavra conta”.

Os segredos do estilo mais eficiente podem ser resumidos em doze preceitos, relacionados a seguir.

Dê passagem às frases curtas

Uma frase longa não é nada mais que duas curtas.
Vinicius de Moraes

O leitor só consegue dominar determinado número de palavras antes que seus olhos peçam uma pausa. Se a frase for muito longa, ele se sentirá perdido, sem capacidade de compreender-lhe o completo significado. Prefira, por isso, sentenças de, no máximo, 150 toques.

A frase curta tem duas vantagens. Uma: diminui o número de erros. Com ela, tropeçamos menos nas conjunções, nas vírgulas e nas concordâncias. A outra: torna o texto mais claro. Clareza é, disparado, a maior qualidade do estilo. Montaigne, há quatrocentos anos, ensinou: “O estilo deve ter três qualidades – clareza, clareza, clareza”.

Como chegar lá? Vinicius de Moraes deu a dica. “Uma frase longa”, disse ele, “não é nada mais que duas curtas”. O *Manual de estilo da Editora Abril* abriu o jogo: “Na dúvida, use ponto”. O jeito, então, é desmembrar as compridonas. Eis algumas dicas:

a) Substitua o gerúndio por ponto:

- *Alunos recém-aprovados no vestibular chegarão à universidade no segundo semestre podendo, se forem estudiosos, concluir o curso em quatro anos, fazendo em seguida um curso de pósgraduação.*

Sem o gerúndio, o ar entra livre nos pulmões e, de quebra, o período ganha charme:

- *Alunos recém-aprovados no vestibular chegarão à universidade no segundo semestre do ano. Se forem estudiosos, poderão concluir o curso em quatro anos e, em seguida, fazer uma pósgraduação.*

b) Transforme a oração coordenada em novo período:

- *Pensei em construir uma rodoviária maior e mais moderna, pois a que temos dentro em pouco será insuficiente, mas os trabalhos a que me aventurei, necessários ao conforto dos viajantes, não me permitiram a execução de uma obra, embora útil, prorrogável.*

Com o ponto, dá pra respirar fundo:

- *Pensei em construir uma rodoviária maior e mais moderna, pois a que temos dentro em pouco será insuficiente. Mas os trabalhos a que me aventurei, necessários ao conforto dos viajantes, não me permitiram a execução de uma obra, embora útil, prorrogável.*

c) Livre-se do já que:

- *Os líderes europeus tiveram de falar em Ronald Reagan, já que a morte do cowboy presidente os surpreendeu reunidos em Paris na comemoração da passagem dos 60 anos do Dia D.*

Sem a duplinha:

- *Os líderes europeus tiveram de falar em Ronald Reagan. A morte do cowboy presidente os surpreendeu reunidos em Paris na comemoração da passagem dos 60 anos do Dia D.*

d) Isole as orações:

- *A visita-surpresa do presidente George W. Bush ao Iraque foi o fecho de ouro de uma semana farta de boas notícias e grandes golpes de marketing político do atual chefe de governo americano em busca da reeleição do ano que vem, pois o número revisado do crescimento do PIB dos Estados Unidos no terceiro trimestre e a aprovação de audacioso projeto de lei do Executivo para transformar o benefício de auxílio a aposentados na compra de medicamentos foram dois outros excelentes fatos políticos para Bush, que se somam à eleição de Arnold Schwarzenegger para o governo da Califórnia e de mais dois republicanos para os estados de Mississipi e Kentucky, antes sob o comando do Partido Democrata, de oposição ao presidente.*

Ufa! Venham, pontos:

- *A visita-surpresa do presidente George W. Bush ao Iraque foi o fecho de ouro de uma semana farta de boas notícias e grandes golpes de marketing político do atual chefe de governo americano em busca da reeleição. O número revisado do crescimento do PIB dos Estados Unidos no terceiro trimestre e a aprovação pelo Senado de audacioso projeto de lei do Executivo para transformar o benefício de auxílio a aposentados na compra de medicamentos foram dois outros excelentes fatos políticos para Bush. Eles se somam à eleição neste mês de Arnold Schwarzenegger para o governo da Califórnia e de mais dois republicanos para os estados do Mississipi e Kentucky, antes sob o comando do Partido Democrata, de oposição ao presidente.*

Moral da história: homem é homem. Mulher é mulher. Ponto é ponto.

e) Seja sovina:

- *Troque a oração adjetiva por adjetivo: Quem escreve animal que se alimenta de carne quer dizer animal carnívoro; pessoa que planta café, cafeicultor; criança que não tem educação, criança mal-educada.*

Substitua a oração pelo termo nominal:

Compare:

- *A comunidade exige que o criminoso seja punido.*
  A comunidade exige a punição do criminoso.

- *Ninguém duvidava de que o plano tivesse êxito.*
  Ninguém duvidava do êxito do plano.

Lembrete: perdoar é o grande vício de Deus. Mas o Senhor tem especial

predileção por absolver os inimigos do quê. Candidate-se.

Prefira palavras curtas e simples

Mãe é mãe. Genitora é a tua. Progenitora é a vó.
Carlos Lacerda

Um assessor de Tancredo Neves queria fazer bonito. Num discurso, escreveu: "Esforçar-nos-emos para viabilizar uma sociedade mais inclusiva". O presidente leu-a em voz alta. Achou-a pretensiosa e oca. Substituiu-a por: "Vamos construir um país em que ninguém fique de fora".

É isso. Palavras longas e pomposas funcionam como uma cortina de fumaça entre quem escreve e quem lê. Seja simples. Entre dois vocábulos, prefira o mais curto. Entre dois curtos, o mais expressivo.

Só ou *somente*? Só. Com ela, poupam-se duas sílabas. *Féretro* ou *caixão*? *Caixão*. É mais simples e mais curta. *Óbito* ou *morte*? *Morte*. Deixe óbito para os escrivães. Eles adoram empolação. Em vez de *falecer*, prefira *morrer*. Substitua *obviamente* por *é claro*. *Morosidade* por *lentidão*. *Ósculo* por *beijo*. *Matrimônio* por *casamento*. *Causídico* por *advogado*. *Colocar* por *pôr*. *Genitor* e *genitora* por *pai* e *mãe*. *Data natalícia* por *aniversário*. *Esposo* e *esposa* por *marido* e *mulher*.

Que tal? Ser simples é a melhor receita. Sem aviá-la, prepare-se. Você corre risco de dar bom-dia a cavalo.

Ponha as sentenças na forma positiva

Ser simples é complicado.
Amália Rodrigues

A regra é dizer o que é, não o que não é. *Não ser honesto é ser desonesto.*

Não lembrar é esquecer. Não dar atenção é ignorar. Não comparecer é faltar. Não pagar em dia é atrasar o pagamento. Emprego que não paga bem paga mal.

Dizer o que não é em geral soa hesitante, impreciso. Pode sugerir malandragem, tentativa de fugir do compromisso de afirmar.

Compare as frases:

- *Ele não acredita que o ministro chegue a tempo.*
  Ele duvida que o ministro chegue a tempo.
- *O presidente diz que não fará alterações na política econômica.*
  O presidente nega alterações na política econômica.
- *Vargas Llosa não chegará hoje.*
  Vargas Llosa chegará no sábado.

É isso. O *não* causa arrepios. Ninguém o ama, ninguém o quer. Mostre-lhe o cartão vermelho.

Opte pela voz ativa

> *"Preciso fazer algo" resolverá mais problemas que "algo precisa ser feito".*
> Glennvan Ekeren

O verbo tem voz. Mas precisa de alguém que fale por ele. Às vezes é o sujeito. Com ele, a frase fica esperta. Torna-se vigorosa. Enche-se de poder. Daí o nome *voz ativa*.

Outras vezes, o sujeito é boa-vida. Preguiçoso, não pratica a ação. A oração fica mole. Parece medrosa. Dá a impressão de que o autor, sem assumir a autoria, transfere a responsabilidade de declarar para o agente da passiva.

Compare:

Voz ativa: O ministro escreveu a carta ao presidente.
Voz passiva: A carta ao presidente foi escrita pelo ministro.

Percebeu a diferença? A voz ativa tem três vantagens. Uma: é mais curta. Duas: dispensa a praga do verbo ser. A última: soa mais direta, vigorosa e concisa que a passiva. Dê-lhe preferência sempre que puder.

Escolha
termos específicos

Dê nome aos bois.
Voz do povo

A clareza das ideias está intimamente relacionada com a precisão das palavras que as traduzem. Buscar o vocábulo certo para o contexto exige atenção, paciência e pesquisa. Consultar dicionários, textos especializados e profissionais da área deve fazer parte da rotina do repórter.

Quem escreve um texto de economia, por exemplo, tem de distinguir o significado de salário, vencimento, provento, pensão, subsídio ou verba de representação. Uma reportagem sobre política cai no descrédito se disser que os deputados vetaram um projeto. Quem veta é o presidente da República. A Câmara rejeita. Uma notícia sobre o Judiciário tropeça se afirmar que o juiz deu parecer. Ele ordena, determina, profere sentença.

“Lutar com palavras”, escreveu Drummond, “é a luta mais vã. Entanto lutamos mal chega a manhã”. O poeta sabia das coisas. As palavras são enganosas por natureza e vocação. Armam ciladas. *Tempestivo e intempestivo* nada têm com temperamental. *Inclusive* não é sinônimo de *até*. *Espectador* não se confunde com expectador.

Falar e *dizer* não são sinônimos. Daí o comentário pouco lisonjeiro “falou, falou, mas não disse nada”. Ou, ao contrário, “falou e disse”.

Falar não equivale a dizer, afirmar, declarar. Mas a dizer palavras, expressar-se por meio de palavras: *Ele fala várias línguas. Falou com o prefeito. Não falará no assunto. O apelo da criança fala ao coração.*

Dizer é verbo declarativo. Equivale a declarar, afirmar:

- *Lula disse que aumentaria o valor do salário mínimo. Nenhum candidato diz toda a verdade.*

● *São Pedro disse:*
– Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.
Manuel Bandeira

Na dúvida, substitua o *falar*pelo *dizer*. Se der certo, o lugar é do verbo dizer. Mande o falar pras cucuias: *Ministro fala*(diz) *na TV que o dólar vai baixar. O professor falou*(disse) *que vai aderir à greve. Quem falou*(disse) *isso?*

O *falar* tem arrepios quando acompanhado da conjunção *que*. Os dois são inimigos desde que nasceram. Na presença do *falar que*, não duvide. Você está diante de um usurpador. Ele fala, fala e nada diz. A gente tem de falar e dizer. Devolva o posto ao *dizer*

Acontecer é outra vítima da pobreza vocabular. Ele parece, mas não é panaceia. Acontecer é cheio de caprichos. Elitista, tem poucos empregos. Mas, por culpa do destino, os colunistas sociais o adotaram. A moda se espalhou. O verbo virou praga. Tudo acontece. Até pessoas. Frases como estas aparecem a torto e a direito: *Ronaldinho está acontecendo na Seleção. O casamento acontece na catedral. O show acontece às 22h.*

Acontecer deve ser empregado na acepção de suceder de repente. Dá ideia do inesperado, desconhecido: *Caso acontecesse a explosão, muitas mortes poderiam ocorrer*. Ele é muito bem-vindo na companhia dos pronomes indefinidos (tudo, nada, todos), demonstrativos (este, esse, aquele, isto, isso, aquilo) e o interrogativo que: *Tudo acontece no feriado. Aquilo não aconteceu por acaso. Que aconteceu?* Não o use no lugar do *ser, haver, realizar-se, ocorrer, suceder, existir, verificar-se, dar-se, estar marcado para*. Busque saídas.

Uma delas é substituir o verbo: *O show acontece* (está marcado para) *às 22 horas*. *O festival aconteceu* (realizou-se) *no ano passado*. *O crime não aconteceu* (ocorreu). *Não aconteceu* (houve) *o rigoroso inverno*. Outra é mudar a frase: *A prisão aconteceu ontem*. (A polícia prendeu o ladrão ontem.) *O show de Roberto Carlos acontece no Teatro Nacional*. (Roberto Carlos faz show no Teatro Nacional). *A divulgação do resultado acontece logo mais*. (O resultado será divulgado logo mais).

Na língua, há palavras-ônibus. Parecem-se com o transporte coletivo. Com montões de significados, podem ser empregadas em muitos contextos. *Coisa*, por exemplo, é um minhocão. Assemelhase a ônibus papa-fila. As cinco letrinhas comportam todo o dicionário. “Comprei uma coisa pra você” pode ser...

qualquer coisa.

Há verbos que se confundem com chiclete. Encaixam-se em todos os contextos. São os verbos-ônibus. É o caso de *fazer, pôr, dizer, ter e ver*. Genéricos e incolores, tornam a frase vaga e imprecisa. Com paciência, a gente pode se livrar deles sem apelar para o pedantismo, a afetação ou o rebuscamento. Quer ver?

- Fazer
  Fazer uma fossa (cavar). *Fazer a estátua de mármore* (esculpir). *Fazer o trajeto de carro* (percorrer). *Fazer jornalismo* (cursar). *Fazer artigo para o jornal* (redigir ou escrever). *Fazer discursos* (proferir).
- Pôr
  Pôr uma palavra no parágrafo (acrescentar). *Pôr a sonda na ferida* (introduzir). *Pôr o futuro do subjuntivo na frase* (empregar). *Pôr a roupa no armário* (guardar). *Pôr dinheiro no banco* (depositar).
- Dizer
  Dizer poemas (declamar). *Dizer o segredo* (revelar). *Dizer exemplos* (citar). *Dizer a história* (contar).
- Ter
  Ter boa reputação (gozar). *Ter o respeito dos subordinados* (conquistar). *Ter dor de cabeça* (sentir). *Ter dez metros* (medir). *Ter cinquenta quilos* (pesar).
- Ver
  Ver a beleza do quadro (admirar). *Ver os menores detalhes* (observar). *Ver pela fechadura* (espiar).

Que ouça quem tem ouvidos de ouvir: empregar a palavra certa para o contexto é exercício difícil. Dá trabalho. Exige atenção, cuidado, paciência. E pesquisa. Consultar o dicionário ajuda. E como!

Fique com as palavras concretas

Minha terra tem palmeiras/Onde canta o sabiá.
Gonçalves Dias

Há palavras mais específicas que outras. *Gato siamês* é mais singular do que *gato; homem*, mais do que animal; laranjeira, mais do que *árvore; árvore*, mais do que *planta*ou *vegetal*. *Trabalhador* é termo de sentido geral, muito amplo (engloba todas as criaturas que trabalham). *Jornalista* tem sentido mais restrito.*Jornalista do SBT*, mais ainda. Ao descrever uma cena de rua, você pode referir-se genericamente a transeuntes ou particularizar: homens, jovens, estudantes, alunos da escola normal.

Escrever *foi um período difícil* constitui vagueza. *Estive desempregado durante três meses* é mais preciso, bem melhor.

Não foi por acidente que Gonçalves Dias compôs: “Minha terra tem palmeiras *Onde canta o sabiá”. Se tivesse dito “Minha terra tem árvores* Onde canta o pássaro”, seus versos estariam enterrados com ele, ignorados de todos.

Há jeitos de tornar concretos termos genéricos:

> *O desempenho do Produto Interno Bruto no primeiro trimestre de 2004 pode ser comparado ao enfermo cuja febre baixou. A temperatura, que ultrapassava os quarenta graus, ameaçava provocar convulsões. Agora, chegou aos 39º. O quadro ainda é grave, mas vislumbra-se um começo de recuperação. Em 2003, o* PIB *encolheu 0,2%. Significa que o país andou para trás. Produziu menos riquezas, restringiu investimentos, diminuiu a oferta de postos de trabalho. A renda despencou e, com ela, o consumo de bens e serviços. Indústria e comércio amargaram o ano no vermelho”.*
>
> *(Correio Braziliense).*

Viu? A comparação (desempenho do PIB à febre) e a citação de exemplos baixaram o nível de abstração do texto. O que significa andar pra trás? Significa produzir menos riquezas, restringir investimentos, diminuir a oferta de postos de trabalho.

Há quem diga que jornalista não sabe fazer conta. Se soubesse, não seria jornalista. Por isso não se exige de quem escreve para jornal, revista, rádio ou tevê especialização em matemática, estatística ou economia. Basta o domínio das quatro operações algébricas. E, de quebra, uma dose de atenção e algum bom senso.

Antes de cravar que um milhão de pessoas compareceram à Praça dos Três Poderes em Brasília, convém ligar o “desconfiômetro”. O Plano Piloto tem 400 mil moradores. O Distrito Federal –- incluído Plano Piloto e cidades satélites –- abriga dois milhões de habitantes. Conclusão: um milhão de pessoas na Praça dos Três Poderes corresponde a dois Planos Pilotos e meio. Ou a meio Distrito Federal. É um despropósito.

Números são conceitos abstratos. Tenha pena do leitor. Torne-os compreensíveis. Explique-os de modo a que tenham significado real para quem lê. Boa receita é fazer comparações. Prêmio de R$ 42 milhões? Corresponde a

176.923 salários mínimos de R$ 260. Ou 840 carros Vectra Elegance Sedan. Em Johanesburgo, na África do Sul, ocorrem 225.600 estupros por ano. O número significa um estupro a cada três minutos.

Siga a regra: o específico é preferível ao genérico; o definido, ao vago; o concreto, ao abstrato. Busque variedade, propriedade e riqueza. Recuse monotonia, vagueza e indigência.

Restrinja a entrada de adjetivos

> *Corto adjetivos, advérbios e todo tipo de palavra*
> *que está lá só para fazer efeito.*
> Georges Simenon

Você sabia? Substantivo e adjetivo são quase sempre inimigos mortais. Um quer distância do outro. Para aproximá-los, só há um jeito. O adjetivo deve ser capaz de especificar melhor o substantivo. Em outras palavras: tornar o nome menos abrangente, mais preciso.

Observe:

- *Os alunos tiram boas notas.*

A frase diz que todos os alunos tiram boas notas. Não é isso? O adjetivo se encarrega de restringir o substantivo:

- *Os alunos estudiosos tiram boas notas.*

Veja outros exemplos de adjetivos bem-vindos. Eles particularizam o objeto. Dão validade à informação:

- *Comprei uma mesa redonda.*
  Gostamos de paredes brancas.
  João Marcelo tem cabelos loiros.
  Dois atletas canadenses se destacaram nos Jogos Pan-Americanos.

Por que redonda, brancas, loiro e canadenses mereceram banda de música e tapete vermelho? Porque prestam um senhor serviço à frase. Tornam o nome mais particular. Eu não comprei qualquer mesa, mas a mesa redonda. Não é de qualquer cor de parede que nós gostamos, mas da branca.

O cabelo do João Marcelo poderia ser preto, castanho, ruivo, vermelho, verde. O adjetivo *loiro* manda as especulações plantar batata no asfalto. Os atletas poderiam ser brasileiros, cubanos, chilenos ou argentinos. *Canadenses* elimina as demais possibilidades.

Há adjetivos que causam urticária ao substantivo. São os adjetivos-ônibus. Vazios, não acrescentam nenhuma informação ao substantivo. Ao contrário. Exprimem a opinião de quem escreve. São tão genéricos que podem se juntar a qualquer substantivo.

É o caso de *maravilhoso*. João pode ser maravilhoso. A casa pode ser maravilhosa. O clima pode ser maravilhoso. A noite pode ser maravilhosa. Tudo pode ser maravilhoso.

Conclusão: maravilhoso não informa nada.

Mais exemplos de indesejados: Pessoa *formidável*, lição *fantástica, Vestido bonito*.

Os adjetivos nada informam sobre o objeto. O que é clima maravilhoso? Quente? Chuvoso? Nublado? Depende do gosto do freguês. E pessoa formidável? E lição fantástica? Vestido bonito? Sei lá.

Certos adjetivos associados a determinados substantivos formam chavões pela insistência do uso. Mas é fácil romper o casamento. Alguns exemplos:

- *Calorosa recepção, caloroso abraço* (recepção, abraço)
  Fortuna incalculável (valor aproximado?)
  Inflação galopante (índice?)
  Monstruoso congestionamento (quantos quilômetros?)
  Perda irreparável (perda)
  Prejuízos incalculáveis (valor aproximado?)
  Sonora vaia (vaia)
  Vitória esmagadora (diga o número de votos ou a percentagem)

Com os adjetivos, seja econômico como os mineiros. Moradores das Alterosas dão o seguinte conselho aos filhos:

– Não saia. Se sair, não gaste. Se gastar, não pague. Se pagar, pague só a sua.

Vale a adaptação:

– Não use adjetivo. Se usar, use só os que particularizam o substantivo.

É isso. Escreva com a convicção de que no idioma só existem substantivos e verbos. As demais classes de palavras devem ser usadas com o cuidado do ourives e o pãodurismo do Tio Patinhas.

Persiga a frase enxuta

A era das belas frases acabou.
Theodor Fontane

A língua se parece com as pessoas. É vaidosa que só. Adora ser enxutinha e ter tudo no lugar. Gordurinhas aqui e ali? Nem pensar. Bisturi nelas. O cirurgião plástico manda os excessos bater em retirada.

Artigos indefinidos, pronomes possessivos, demonstrativos e indefinidos são alguns bicões que engrossam a fila dos candidatos à faca. Vamos a eles:

a) Artigos indefinidos

Um, uma, uns, umas devem ser usados com muito cuidado. Sabe por quê? Eles são inimigos do substantivo. Tiram-lhe a força. Tornam-no vago, impreciso, desmaiado.

Ora, como as palavras mais importantes do texto são o substantivo e o verbo, não se pode maltratá-las. Manda o bom senso eliminar o inimigo. Fora, artigo indefinido!

● *O Ministério da Justiça aguarda (uma) verba suplementar para saldar a dívida.*
Na avaliação do governo, a greve contra a reforma da Previdência não terá fôlego para prosseguir por (um) longo período. Ciro Gomes deu (uma) entrevista agressiva à revista Época. Lula queria implantar (um) novo capitalismo no Brasil. Haverá (uma) renovação de 60% no Congresso.

É isso. As palavras, como os remédios, podem matar. O artigo indefinido é medicamento de tarja preta. Causa dependência. Erva daninha, em 99% das frases é gordura pura. Corte-o. Mas não pare nele. Há outros inimigos a serem eliminados sem piedade.

b) Pronome possessivo

Georges Simenon escrevia romances policiais pra lá de bons. O segredo: “Livro-me dos vocábulos que estão na frase só para enfeitar ou atrapalhar”. Um deles são os pronomes *seu, sua*. Eles parecem inofensivos. Mas tornam o enunciado ambíguo. A história a seguir exemplifica o estrago:

- *O presidente do banco estava preocupado com um jovem diretor que, depois de ter trabalhado algum tempo junto dele sem parar nem para almoçar, começou a ausentar-se ao meio-dia. Desconfiado, o chefão chamou um detetive privado e lhe ordenou:*
  – Siga o diretor Duarte durante uma semana para ver se ele está fazendo algo errado.
  O detetive, depois de cumprir o que lhe havia sido pedido, informou:
  – O diretor Duarte sai normalmente ao meio-dia, pega o seu carro, vai à sua casa almoçar, namora a sua mulher, fuma um dos seus excelentes cubanos e regressa ao trabalho.
  O presidente respirou aliviado e respondeu:
  – Ah, bom, antes assim. Não há nada de mal nisso. Incomodado, o detetive perguntou:
  – Desculpe-me, senhor, mas posso tratá-lo por tu?
  – Sim, claro.
  – Então vou contar tudo de novo. O diretor Duarte sai normalmente ao meio-dia, pega o teu carro, vai à tua casa almoçar, namora a tua mulher, fuma um dos teus excelentes cubanos e volta ao trabalho.

Seu e *sua* referem-se a *ele* e a *você*. Daí a confusão. A mesma ambiguidade ocorre nesta passagem:

- *O subprocurador-geral José Roberto Santoro encontrou-se com a senadora Roseana Sarney no aeroporto de Brasília. Durante o encontro, Santoro, que é um dos procuradores do caso Lunus, chegou a ensinar Roseana a utilizar alguns recursos do seu celular.*

De que celular? Da senadora? Do subprocurador-geral? Pode ser de uma ou de outro. O *seu* provocou a confusão. Sem ele, a frase ganha clareza:

- *Durante o encontro, Santoro, que é um dos procuradores do caso Lunus, chegou a ensinar Roseana a utilizar alguns recursos do celular.*

Se quiser especificar de quem é o celular, os pronomes *dele* e *dela* resolvem:

- *Durante o encontro, Santoro, que é um dos procuradores do caso Lunus, chegou a ensinar Roseana a utilizar alguns recursos do celular dele (ou dela).*

Há vezes em que o pronome, sem função, vira um belo Antônio. Pau nele!

- *No acidente, quebrou a sua perna direita, fraturou os seus dedos da mão esquerda, arranhou o seu rosto.*

Antes das partes do corpo, o possessivo não tem vez. Sem ele, a frase respira aliviada:

- *No acidente, quebrou a perna direita, fraturou os dedos da mão esquerda, arranhou o rosto.*

Mais exemplos de inutilidade? Ei-los:

- *No (seu) pronunciamento, Bush apoiou Israel. Antes de sair, calçou os (seus) sapatos, vestiu a (sua) blusa e pôs os (seus) óculos.*

c) Pronome demonstrativo

Pegue o jornal. Abra-o em qualquer página. Leia artigos, reportagens, editoriais. Lápis na mão, assinale os *aqueles*, *aquelas* e *aquilos* que aparecerem no caminho. A conclusão é inevitável. O artigo (o, a) e o demonstrativo (o, a), caíram em desuso. A turma os esqueceu. Em vez do discreto monossílabo, empanturra a frase com o trissílabo peso-pesado:

- *Garotinho condena aqueles que o criticam.*
  Garotinho condena os que o criticam.
  Garotinho condena quem o critica.

- *Aquilo que é escrito sem esforço é lido sem prazer.*
  O que é escrito sem esforço é lido sem prazer.

d) Pronome *todos*

Ser claro é obrigação de quem escreve. O artigo definido se presta à confusão de significados. Dobre a atenção quando for usá-lo. Ao dizer “os candidatos fazem campanha”, englobam-se todos os candidatos. Se não são todos, o pequenino não tem vez: candidatos fazem campanha.

Para quem sabe ler, pingo é letra. Se o artigo engloba, o pronome *todos* sobra em muitas situações. Corte-o sem pena:

- *Vou ao teatro todas as terças-feiras.*
  Vou ao teatro às terças-feiras.

- *Todos os alunos que saíram perderam a explicação.*
  Os alunos que saíram perderam a explicação.

Conclusão: o texto é louquinho por lipoaspiração. Ao escrever, leia a obra com cuidado. Depois, passe o motorzinho nas gorduras. Mande-as arder no mármore do inferno.

Seja conciso

Escrever é cortar.
Marques Rebelo

Cultivar a economia verbal sem prejuízo da completa e eficaz expressão do pensamento tem dupla vantagem. Uma: respeita a paciência do leitor. A outra: poupa tempo e espaço (bens pra lá de escassos no jornal, rádio e tevê).Conciso não significa lacônico, mas denso. Opõe-se a vago, impreciso, verborrágico. No estilo denso, cada palavra, cada frase, cada parágrafo devem estar impregnados de sentido.

Eis algumas sugestões que contribuem para a concisão:

- Dispense, nas datas, os substantivos dia, mês e ano: em 20 de janeiro (não no dia 20 de janeiro); em dezembro (não no mês de dezembro); em 1995 (não no ano de 1995).

  Substitua a locução adjetiva por adjetivo: *material de guerra* (material bélico); *pessoa sem discrição* (pessoa indiscreta); *criança sem educação* (criança mal-educada).

Troque a oração adjetiva por nome: *pessoa que se alimenta de verduras e legumes* (vegetariana); *homem que planta arroz* (arrozicultor); *criança que não sabe ler nem escrever* (criança analfabeta).

Corte *que é, que foi, que era* & Cia: *A maior parte da população de Washington,* que é *a capital dos Estados Unidos, tem origem negra.* A maior parte da população de Washington, a capital dos Estados Unidos, tem origem negra.

Juscelino Kubitschek, que foi *presidente do Brasil de 1956 a 1960, construiu Brasília,* que é *a capital do país.*

Juscelino Kubitschek, presidente do Brasil de 1956 a 1960, construiu Brasília, a capital do país.

Reduza orações:

Agora que expliquei o título, passo a escrever o livro.

Explicado o título, passo a escrever o livro.

Depois de redigir o texto, pensarei na legenda.

Redigido o texto, pensarei na legenda.

Elimine palavras ou expressões desnecessárias: *decisão tomada no âmbito da diretoria* (decisão da diretoria); *trabalho de natureza temporária* (trabalho temporário); *problema de ordem emocional* (problema emocional); *curso em nível de pósgraduação* (curso de pósgraduação); *lei de alcance federal* (lei federal); *doença de característica sexual* (doença sexual); *casos de ocorrência* (ocorrências); *casos de atraso* (atrasos).

Substitua a locução verbo + substantivo pelo verbo: *Fazer uma viagem* (viajar). *Fazer música* (compor). *Pôr as ideias em ordem* (ordenar as idéias). *Pôr moedas em circulação* (emitir moedas).

Quer exercitar-se? Então divirta-se com a última moda. É a LUT. As três letrinhas são as iniciais de *Lição de Um Tema*. Trata-se de grande desafio. Os profissionais da empresa devem ser capazes de explicar qualquer tarefa em um minuto. Não há discriminação. Todo assunto pode ser descrito em uma folha de papel. Entre texto e imagem, o recado deve ser dado em sessenta segundos.

Os temas variam. Vão da instrução de como tirar papel embolado da impressora à técnica de manusear um equipamento. Passam pelas formas de preencher um formulário, redigir uma carta ou configurar um software. E chegam à apresentação de relatórios e reportagens.

A tarefa exige poder de síntese, muiiito treino e enorme pãodurismo. É como escrever um telegrama. A gente paga por palavra. Como o bolso é a parte mais sensível do corpo, a regra número 1 é cultivar a economia verbal. Prepare a tesoura.

Eis o texto:

- *Como todo mundo sabe, o estudante sempre deve tentar escrever suas redações diárias com substantivos fortes e verbos precisos.*

Se todo mundo sabe, não precisa dizer. Sem dizer, o texto fica assim:

- *O estudante sempre deve tentar escrever suas redações diárias com substantivos fortes e verbos precisos.*

Os psicólogos são claros. Quem tenta não faz. Para ser afirmativo, deixe o verbinho pra lá. Cassado o murista, eis o resultado:

- *O estudante sempre deve escrever suas redações diárias com substantivos fortes e verbos precisos.*

Seguindo o conselho de Simenon, adjetivos e advérbios vão pras cucuias:

- *O estudante deve escrever suas redações com substantivos e verbos.*

Dá pra economizar mais uns trocados? Dá. Dizendo a frase de outra forma, ganha-se um chopinho:

- *Estudante, escreva redações com substantivos e verbos.*

É isso. Prolixo designa verbosidade. Pronuncia-se prolikso. Aqui, é pro lixo mesmo.

Corra atrás da frase harmoniosa

> *Uma palavra posta fora do lugar*
> *estraga o pensamento mais bonito.*
> Voltaire

Não basta ser correto. O enunciado tem de agradar aos ouvidos. Um dos segredos está na combinação de palavras e frases. Umas devem conversar com as outras sem tropeços, ecos ou repetições. O resultado precisa soar bem. Descer redondo. É a harmonia.

A harmonia não cai do céu nem salta do inferno. Há truques que permitem chegar a ela. Um deles: evitar as frases mancas. A oração tem sujeito, objeto, adjuntos e toda a parafernália que você conhece. A colocação deles é a chave do estilo harmonioso. Eis a receita: o termo mais curto – com menor número de sílabas – deve vir na frente do mais longo.

Leia este período em voz alta:

- *No sábado, fui ao shopping. Depois de borboletear de loja em loja, entrei na livraria. Lá, comprei vários livros de geografia e história do Brasil e um CD.*

Reparou? O enunciado parece manco. Dá a impressão de que lhe falta alguma coisa. Mas não falta. Ele está certinho da silva. A sensação de incompletude tem tudo que ver com o tamanho dos termos:

- *Na livraria, comprei duas coisas. Uma: um CD. A outra: livros de geografia e história do Brasil.*

Na lei da harmonia, o curto vem na frente. No exemplo, vem atrás. Compare:

- *No sábado, fui ao shopping. Depois de borboletear de loja em loja, entrei na livraria. Lá, comprei um CD e* *vários livros de geografia e história do Brasil.*

Leia outro período em voz alta:

- *O Congresso Nacional votará na próxima semana em regime de urgência urgentíssima o projeto.*

Manco, não? Compare-o com este:

- *O Congresso Nacional votará o projeto na próxima semana em regime de urgência urgentíssima.*

Outro truque da harmonia é o mistério do três. Três é o número da Santíssima Trindade. Três são os lados do triângulo. Três são os poderes da República. Três é também técnica de estilo. Por alguma razão que nem Deus explica, o grupo de três itens exerce impressão poderosa sobre a mente. A ele ninguém resiste.

“Cheguei, vi e venci”, gabou-se Júlio César. Abraham Lincoln seguiu a regra: “Governo do povo, pelo povo, para o povo”. Por isso, Montaigne não deixou por menos: “O estilo”, disse ele, “deve ter três virtudes: clareza, clareza, clareza”.

Ao escrever, pense na mágica do três. Imagine três itens para agrupar. Não importa o assunto. Você vai descrever Brasília? A capital de JK é uma cidade planejada, moderna e com alto poder aquisitivo.

A harmonia abomina os ecos. A rima, qualidade da poesia, constitui defeito da prosa. Releia seus textos, de preferência em voz alta, para verificar se ocorre repetição de sons iguais ou semelhantes:

- *Houve muita confusão e provocação na reunião de representantes do Ceará e do Maranhão.*

Cruz-credo! Com tantos ãos, dá pra fazer uma feijoada. Sem eco, a frase fica assim, pra lá de agradável:

- *Houve muita provocação e tumulto no encontro de representantes de Fortaleza e São Luís.*

Outro exemplo:

- *O Plano Real acabou com a inflação mortal.*

O ouvido da gente não é lixeira. Vamos ao troca-troca:

- *O Plano Real acabou com a inflação que mata a economia do trabalhador.*

Mais um:

- *O rigor do calor de Salvador lhe causava mais pavor.*

Pra fora, eco!

- *O forte calor da capital baiana lhe causava pânico.*

O último:

- *O crescimento sem desenvolvimento pode implicar incremento do subdesenvolvimento.*

Xô, coisa feia:

- *Crescer sem preocupação com o desenvolvimento pode implicar mais atraso.*

Cuidado com as cacofonias. Às vezes, a última sílaba de uma palavra se junta à primeira de outra e forma novo vocábulo, soando mal aos ouvidos do leitor atento ou desavisado: *por cada; uma mão; por razões, boca dela, por tal, por tais, por tão.*

"O que é escrito sem esforço é lido sem prazer", dizia Samuel Johnson. O escritor inglês se referia sobretudo às repetições. O texto se parece à comida. Comer o mesmo prato todos os dias em todas as refeições é enjoativo. Há que variar os ingredientes e o preparo para manter o apetite.

Existem repetições e repetições. Algumas se restringem à palavra. Outras, à estrutura. Ambas – se não forem propositais – causam um senhor estrago ao texto. Tornam-no monótono. Como sonífero, dão um sono...

Variedade opõe-se a monotonia. Substantivos, verbos, conjunções, preposições, pronomes, aumentativos, diminutivos, superlativos escritos mais de uma vez no parágrafo (às vezes no texto) exigem providências. Uma delas: cortar vocábulos. Outra: usar sinônimos. Mais uma: mudar a frase.

A propósito, vale o alerta do jornalista Eduardo Martins, autor do *Manual de redação e estilo* do jornal *O Estado de S. Paulo*: “Não transforme em preocupação obsessiva o receio de repetir palavras. Se você já usou *hospital* e *estabelecimento*, por exemplo, recorra novamente a um deles, caso o texto exija, nunca *nosocômio*”.

Mais: cuidado com as repetições sofisticadas. Não inicie frases e parágrafos com estruturas iguais. Incluem-se aí os artigos, flexionados ou não.

Veja exemplos:

- ***A*** *escola pública deve, sem dúvida, ser laica.* ***A*** *integração secular é um valor a perseguir.* ***As*** *metas não podem, porém, ser buscadas com o sacrifício da mais elementar das liberdades individuais – a de possuir uma individualidade e exprimi-la de forma pacífica.*

- ***Fica*** *a sensação de que islamismo é sinônimo de extremismo e deve, portanto, ser extirpado.* ***Subjaz*** *aí uma visão problemática de democracia, na qual a tolerância e o respeito à diversidade se tornam valores menos importantes.* ***Existe*** *até o risco de a proposta produzir efeitos inversos aos desejados.* ***Privar*** *muçulmanos de demonstrar sua identidade cultural nos espaços públicos pode levá-los a buscá-la em grupos que atuem à sombra do Estado, com maiores chances de pregações radicais.*

- *Um tema de grande relevância para a Embrapa e para a sociedade trata da quantidade de novos tipos de plantas lançadas pela empresa.* ***Esse*** *número passou de 55, em 2002, para 85, em 2003.* ***Essas*** *plantas, fruto de anos de pesquisa, são valorizadas por características como: maior produtividade, adaptação a condições específicas de clima e solo, resistência a doenças e pragas.*

Compare-os com parágrafos sem monotonia:

- ***A*** *polêmica está instalada.* ***Tudo*** *indica que a França poderá acatar a recomendação de uma comissão governamental de banir os símbolos religiosos nas escolas públicas.* ***Embora*** *abarque ícones de todas as religiões, a medida foi concebida para evitar que garotas muçulmanas utilizem o véu. (Folha de S.Paulo)*

- ***Esta*** *é uma história curiosa, mas excepcional no Brasil.* ***Aqui****, no caso dos imigrantes, o choque cultural foi historicamente muito menor, o que não quer dizer que não tenham existido grupos estrangeiros dispostos a garantir sua autonomia no meio brasileiro, nem violências governamentais contra eles.* ***Basta*** *lembrar o caso das colônias alemãs no sul do país durante a década de 30, e as medidas tomadas contra os súditos do eixo, no curso da Segunda Guerra Mundial. (Boris Fausto)*

- *A China é tão boa assim para o Brasil?* ***Então*** *por que Lula não toma coragem e assina um acordo de livre-comércio entre os dois países?* ***Poderíamos*** *vender ainda mais soja para lá.* ***A*** *soja brasileira é empregada* *pelos chineses sobretudo como ração para porcos e frangos.* ***Em*** *matéria de ração para porcos e frangos, não tememos a competição de ninguém. (Diogo Mainardi)*

A intercalação de frases longas e curtas afasta a soneira:

- *Na semana passada, em companhia dos ministros, governadores, parlamentares e empresários que compunham a comitiva do presidente Lula à China, lá estava ela, de novo Isaura, em pessoa. Ou melhor, Lucélia Santos. Talvez ela não cause mais nas ruas, depois de tantas visitas ao país, o mesmo tumulto que provocava vinte anos atrás. Mas o mito continua vivo a ponto de justificar nova empreitada no ramo da teledramaturgia, uma série com uma história de amor entre uma brasileira e um chinês. A série será filmada no Brasil e na China, e à Lucélia, claro, caberá o papel principal. Ela continua a namoradinha da China. (Roberto Pompeu de Toledo)*

A harmonia suplica: varie a estrutura de cada parágrafo do texto. Não inicie todos eles com a mesma classe gramatical. Vale o exemplo do artigo de Sílvio Queiroz publicado no *Correio Braziliense* de 1º.6.04:

- *As Farc sob fogo*

  Silvio Queiroz

  A dois meses de completar metade do mandato de quatro anos, o presidente da Colômbia, Álvaro Uribe, joga rodada de fogo em três frentes simultâneas. Nas matas do sul do país, 17 mil homens do exército, com treinamento e assessoria direta dos Estados Unidos, avançam contra a retaguarda da guerrilha das Farc. No extremo oposto do território, o governo estabelece zona de segurança para negociar o desarmamento de esquadrões paramilitares de direita, surgidos para combater os rebeldes à margem do exército. Na capital, Bogotá, Uribe batalha no Congresso por emenda constitucional que permita sua reeleição.

A ofensiva militar, conduzida há dois meses sob pesado sigilo, é apresentada como a maior em quatro décadas de guerra. Tem como alvo o alto comando da guerrilha, encabeçado pelo lendário Manuel Marulanda, Tirofijo (tiro certo) para os amigos. Fundador das Farc, em 1964, guerrilheiro há meio século, Marulanda vive desmentindo a morte repetidamente anunciada, como aconteceu de novo esta semana. Como as próprias Farc, Tirofijo continua duro na queda.

Neutralizar as Farc é um dos passos da estratégia de Uribe. O outro é desmobilizar efetivamente os dez mil paramilitares, ou o maior número possível. Uma vez desmontado o conflito — esse é o raciocínio do governo —, o caminho estaria aberto para erradicar as plantações de coca e a rede do tráfico, associada nos últimos anos aos grupos armados num comércio triangular que envolve drogas e armas. Mas dois anos parece pouco tempo para concluir o processo, daí a ofensiva política pela reeleição.

Nas três frentes, porém, há armadilhas. O próprio governo americano, aliado de Uribe, receia que um acordo de paz dê impunidade aos paramilitares. Alguns são acusados de massacrar civis, outros de narcotráfico, inclusive com extradição pedida aos EUA. A ofensiva contra as

Farc, batizada de Plano Patriota, custa caro e requer resultados visíveis o quanto antes. De preferência a captura ou morte de Marulanda e do alto comando rebelde. No Congresso, o perigo é uma tradição secular de politicagem e caciquismo que tem sufocado ou pervertido as tentativas de reforma política.

Jogando no tudo-ou-nada, Uribe se arrisca a ficar com a parte pior de cada aposta: guerra em escalada, esquadrões da morte impunes e legalizados e a metade final do mandato a ser cumprida sem horizonte político à vista.

Busque a clareza

O estilo deve ter três virtudes: clareza, clareza, clareza.
Montaigne

Escrever é verbo transitivo direto. O repórter escreve para o leitor. Quer que ele o entenda sem ambiguidades. Como diz Íñigo Dominguez, “uma frase jornalística tem de estar construída de tal forma que não só se entenda bem, mas que não se possa entender de outra forma”. Há jeitos de chegar lá.

Aproxime termos e orações que se relacionem pelo sentido. A liberdade de colocação de termos na frase e orações no período encontra limites nas exigências da clareza e da coerência. A boa norma manda “amarrar” cada termo determinante ao respectivo termo determinado.

● *Haverá um seminário internacional sobre Aids na Câmara dos Deputados.*

O seminário se realizará na Câmara, mas a colocação do adjunto adverbial “na Câmara dos Deputados” junto do termo “Aids” leva a outra leitura: o seminário tratará da ocorrência de Aids na Câmara dos Deputados. Evita-se a ambiguidade aproximando o adjunto adverbial do termo a que se refere:

● *Na Câmara dos Deputados, haverá um seminário internacional sobre Aids.*

● *Haverá, na Câmara dos Deputados, um seminário internacional sobre Aids.*

Faça declarações claras. Dificultar a compreensão do texto é pôr uma pedra no caminho do leitor. Para que obrigá-lo a gastar tempo e energia na transposição do obstáculo? Facilite-lhe a passagem. Nas declarações longas, não o deixe ansioso. Identifique o autor sem demora – antes da citação ou depois da primeira frase:

- *Veuillot ensina: “É preciso escrever com a convicção de que só há duas palavras no idioma: o substantivo e o verbo. Ponhamo-nos em guarda contra as outras palavras”.*

- *“É preciso”, ensina Veuillot, “escrever com a convicção de que só existem duas palavras no idioma: o substantivo e o verbo. Ponhamo-nos em guarda contra as outras palavras.”*

Nas declarações curtas, a identificação do autor deve ser feita no começo ou no fim da fala:

- *“Toda questão tem dois lados”, escreveu Pitágoras.*

- *Pitágoras escreveu: “Toda questão tem dois lados”.*

Olho no verbo declarativo. Ele é tão importante que, em caso de troca, pode mudar a informação. Compare:

- *Não mandei dinheiro pra Suíça, disse Maluf.*
  Não mandei dinheiro pra Suíça, insistiu Maluf.
  Não mandei dinheiro pra Suíça, alertou Maluf.
  Não mandei dinheiro pra Suíça, ironizou Maluf.
  Não mandei dinheiro pra Suíça, protestou Maluf.
  Não mandei dinheiro pra Suíça, mentiu Maluf.

O verbo declarativo tem uma função: indica o interlocutor que está com a palavra. *Dizer* – neutro, simples e direto –, costuma ser escolha acertada na maioria dos casos. Mas abusar dele, como de qualquer outra palavra, torna o texto frio e monótono.

Generosa, a língua oferece pelo menos nove áreas semânticas de verbos que se prestam a mostrar quem disse o quê. São elas:

- de dizer: afirmar, declarar
- de perguntar: indagar, interrogar
- de responder: retrucar, replicar
- de contestar: negar, objetar
- de concordar: assentir, anuir

- de exclamar: gritar, bradar
- de pedir: solicitar, rogar
- de exortar: animar, aconselhar
- de ordenar: mandar, determinar

Esses são os mais comuns, de sentido geral. Existem outros, muito explorados pela literatura. Além de indicar o falante, traduzem emoção e sentidos conotativos. É o caso de *alertar, sussurrar, murmurar, balbuciar, estranhar, comentar, apelar, arriscar, consentir, aprovar, intervir, mentir, jurar, rosnar, berrar, propor, sugerir.*

Atenção ao queísmo. Há verbos alérgicos ao quê. É o caso de *alertar* (alerta-se alguém, mas não se alerta que); *sussurrar* (sussurra-se alguma coisa, mas não se sussurra que), *apelar* (apela-se para alguém ou alguma coisa, mas não se apela que), *definir* (define-se alguma coisa, mas não se define que), *indicar* (indica-se alguma coisa ou alguém, mas não se indica que).

Na dúvida, consulte o dicionário de regência. Indiscreto, ele revela os segredos do verbo.

Teste a legibilidade do texto

Se lemos algo com dificuldade, o autor fracassou.
Jorge Luis Borges

Em grego, é *hedone*. Em português, hedonismo. Numa e noutra língua, o significado se mantém. É prazer. A sensação gostosa virou doutrina da filosofia. Segundo ela, o prazer deve ser considerado o objetivo principal dos atos humanos.

Alguns concordam. Outros não. Mas uma coisa é certa. Ninguém gosta de sofrer. A regra vale para a leitura. Texto difícil não tem vez. E não é de hoje. Montaigne, no século XVI, disse com todas as letras: “Ao encontrar um trecho difícil, deixo o livro de lado”. Por quê? “A leitura é forma de felicidade”, respondeu ele.

A observação não se restringe a livros. Engloba jornais, revistas, cartas comerciais, redações escolares, receitas de comida gostosa. Sem fisgar o leitor, adeus, emprego! Adeus, nota boa! Adeus, sobremesa dos deuses! Por isso, roguemos ao Senhor. Que Ele ilumine mentes, penas e teclados. E cada um faça a sua parte.

Como avaliar o índice de dificuldade do escrito? O assunto começou a preocupar os americanos há uns sessenta anos. Pesquisas sobre a leitura do texto jornalístico despertaram o interesse de professores e alunos de várias universidades. Um dos resultados dos estudos foi o teste de legibilidade. Alberto Dines, então do *Jornal do Brasil*, adaptou-o para o português.

Eis a receita:

1. Conte as palavras do parágrafo.
2. Conte as frases (cada frase termina por ponto).
3. Divida o número de palavras pelo número de frases. Assim, você terá a média da palavra/frase do texto.
4. Some a média da palavra/frase do texto com o número de polissílabos.
5. Multiplique o resultado por 0,4 (média de letras da palavra na frase de língua portuguesa).
6. O produto da multiplicação é o índice de legibilidade.

Possíveis resultados:

1 a 7: história em quadrinhos

8 a 10: excepcional

11 a 15: ótimo

16 a 19: pequena dificuldade

20 a 30: muito difícil
31 a 40: linguagem técnica
acima de 41: nebulosidade

Testemos o parágrafo abaixo:

- *“Em boca fechada não entra mosca”, diz a vovó repressora. “Quem não erra perde a chance de acertar”, responde o neto sabido. Ele aprendeu que, nas organizações modernas, a competição é o primeiro mandamento. E, cada vez mais, impõe-se a necessidade de falar em público. Muitos servidores, porém, concordam com a vovó. Estremecem só de imaginar a hipótese de abrir a boca diante de uma plateia. Dizem que não nasceram para os refletores. Falta-lhes vocação. A ciência prova o contrário. Falar bem não é dom divino. Falar bem – como nadar bem, escrever bem, saltar bem – é habilidade. Exige treino.*

Confira:

1. Palavras do parágrafo: 101
2. Número de frases: 12
3. Média da palavra-frase (101 dividido por 12): 8,41
4. 8,41 + 12 (número de polissílabos) = 20,41
5. 20,41 x 0,4 = 8,16

Resultado: legibilidade excepcional

Agora, avalie um texto seu. Pode ser uma carta, um artigo, uma reportagem. Antes de começar, lembre-se: aplique a receita de parágrafo em parágrafo. Se o resultado ficou acima de 15, abra o olho. Facilite a vida do leitor. Você tem dois caminhos. Um: diminua o tamanho das frases. O outro: mande algumas proparoxítonas dar umas voltinhas por aí. O melhor: abuse de ambos.

Gêneros jornalísticos

Há quem fale do prazer da escrita. Confesso que não tenho nenhum prazer. Para mim escrever é trabalho.
José Saramago

Poetas escrevem sonetos, haikais, redondilhas. Prosadores criam novelas, romances, contos. Na escrita, o conteúdo subordina-se à forma. O jornalismo não foge à regra. Existem estruturas consagradas para jornais, revistas, rádio e tevê. Longas reportagens e pequenas notas exigem estilos diferentes. As primeiras dão passagem a textos mais elaborados. As segundas, ao contrário, costumam ser diretas. Embora se originem do mesmo material bruto – a apuração do repórter – são distintas na apresentação. Cada uma tem lá as próprias especificidades.

Conhecer de antemão o gênero que se vai produzir é meio caminho para escrever bem. Funciona como forma de bolo onde as informações assam e crescem. Pode parecer cruel para os corações dos que sonham com a independência da escrita, mas é real no mundo das redações. Os veículos impõem limitações. Nem sempre são restrições de mérito. Mas são sempre físicas – de tamanho e gênero.

Há formas e formas de apresentação de textos. O nome com que são designados varia. Às vezes ganham apelidos irônicos. Reco, por exemplo, significa matéria com QI (“quem indica”) – recomendada pela direção. Sim, elas existem. Os repórteres as odeiam, mas, vira e mexe, alguém é escalado para uma delas.

A forma define o tom do conteúdo. Perfis abrem espaço para linguagem casual e intimista. Reportagens sobre descobrimentos científicos exigem precisão e sobriedade. Artigo requer argumento para a defesa de um ponto de vista. Enfim, cada gênero pede um jeitinho de produção. Quer ver?

A força da notícia

Quando um cachorro morde uma pessoa, isso não é notícia.
Quando uma pessoa morde um cachorro, isso é notícia.
Charles A. Dana

Afinal, o que é notícia? Reúna mais de um jornalista para discutir o assunto e perceberá que não existe resposta consensual para a pergunta. Mas todos concordam que notícia é fato importante e inusitado. A avaliação sobre a importância esbarra na subjetividade dos editores. Não há como negar que, apesar da tão propalada objetividade da imprensa, a seleção e publicação das matérias seguem os critérios definidos pelos mandachuvas.

Alguns teóricos fazem distinção entre notícia e reportagem. Notícia, para eles, é o fato que se esgota em si mesmo. Em geral, aparece em forma de pirâmide invertida porque a preocupação do repórter é reproduzir com fidelidade um acontecimento. Reportagem, ao contrário, apresenta várias faces do mesmo assunto. O texto abre espaço à criatividade do autor.

Aqui, não se faz diferença entre notícia e reportagem. Reportagem sempre é notícia. O que varia é o tipo de reportagem – factual, especial ou em série. São formas diferentes de apresentar um fato.

Reportagem factual

O nome diz tudo – são textos que relatam um fato. Estão lá pormenores da notícia, declarações de entrevistados, dados estatísticos. Em essência, constituem trabalho descritivo. A maior parte do material publicado pelos jornais diários aparece nesse formato. Refere-se a acontecimentos do dia anterior ou a eventos prestes a vir à luz.

Analise estes textos:

- *Protesto deixa três ônibus queimados em SC Três ônibus queimados durante a madrugada de ontem, outros dez com vidros estilhaçados no final da tarde, trânsito complicado, terminais urbanos fechados, acessos interrompidos. Esse foi o saldo do terceiro dia de protestos de centenas de estudantes e usuários de transporte coletivo contra o reajuste médio de 15,6% nas tarifas dos coletivos em Florianópolis.*

  Por volta das 19h30 de ontem, a Polícia Militar teve o primeiro confronto com os estudantes no que definiu como empurra-empurra. Os manifestantes tentavam fechar, mais uma vez, um dos terminais urbanos que ficam no centro da cidade, e os policiais reagiram. Um estudante foi detido e liberado em seguida. (Folha de S. Paulo, 1.7.2004).

- *Agressão familiar em debate*
  A violência contra a mulher será um dos principais temas da primeira Conferência Nacional de Políticas para Mulheres, que começa na próxima quinta-feira, no Clube do Exército, em Brasília. Delegados e representantes de grupos feministas de todo o país vão discutir formas de combate à agressão doméstica e familiar. Os debates servirão para fechar o texto de um projeto de lei, que chegará ao Congresso até o fim do ano.

  O principal avanço da proposta, debatida desde abril pelos ministérios e organizações não-governamentais (ONGS), é a mudança de conceito do agressor doméstico, que deixa de ser somente o companheiro e passa a ser toda pessoa que mora na casa. (Correio Braziliense, 1.7.2004).

Ambos os exemplos seguem o modelo factual de reportagem. Descrevem um fato em detalhes. O primeiro trata de acontecimento do dia anterior. O segundo, de evento futuro. Os dois respondem, logo na abertura, às seis perguntas essenciais do texto jornalístico. Seguem a estrutura de pirâmide invertida, em que as informações mais importantes aparecem primeiro.

Na matéria da *Folha*, o repórter deixa muito clara a escolha ao explicar que ônibus incendiados e depredados, trânsito congestionado e terminais fechados são o “saldo” do conflito entre policiais e manifestantes. O resultado da notícia está no lead. O *Correio Braziliense* também se preocupou em destacar o assunto mais importante a ser debatido. Ambos os exemplos detalham, ao longo da reportagem, o conteúdo do lead.

Veja, agora, este exemplo:

> ● *Infies, mas nem tanto*
>
> *A deputada Maria Lúcia (PMDB-RJ) é da base do governo. Mas ela é também candidata a prefeita de Belford Roxo, município da Baixada Fluminense. Maria Lúcia não votou a favor do salário mínimo de R$ 260. Nem esteve com o governo que seu partido apoia nos temas relativos à reforma da Previdência. Na verdade, em 145 votações de interesse do governo Lula na Câmara, Maria Lúcia só esteve ao lado do presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 14,3% dos casos. "É complicado mesmo para candidatos a cargos eletivos estar com o governo em temas antipáticos como o do salário mínimo. A eleição torna-se uma dificuldade adicional", observa o analista político Cristiano Noronha, da consultoria de análise política Arko Advice.*
>
> *Cristiano observou o comportamento dos deputados e senadores que disputarão prefeituras municipais em outubro em 14 votações na Câmara e sete no Senado sobre temas da agenda de interesse do governo. O trabalho leva a algumas conclusões. Foram pouquíssimos os candidatos inteiramente fiéis ao governo, principalmente nas votações menos populares. Mas também não há nenhum candidato, mesmo nos partidos de oposição, que tenha sido inteiramente contrário aos interesses do governo Lula. (Correio Braziliense, 13.7.2004).*

Viu? O repórter recorreu à apresentação de um personagem (a deputada Maria Lúcia) para resumir a reportagem. Estratégia semelhante se observa nesta matéria:

> ● *Os dois quarteirões mais luxuosos de SP*
>
> *O painel na avenida República do Líbano dá o tom do que será erguido no terreno de 3 mil metros quadrados: "Mansões suspensas", diz o anúncio. Os 26 andares terão um apartamento cada um – a R$ 5 milhões, o mais baratinho. Do outro lado, o edifício Altana, de 22 andares, mal saiu do chão e tem reservados os dúplex do 15. Até a cobertura, cujo preço é mantido em segredo, mas se estima chegar a R$ 10 milhões.*
>
> *Separados pela avenida Hélio Pellegrino, os empreendimentos fazem esquina com a avenida República do Líbano, um do lado de Moema e outro do lado da Vila Nova Conceição, dois dos bairros mais nobres da cidade, e têm o Parque do Ibirapuera a seus pés, do outro lado da avenida. Essa combinação fez das esquinas as mais luxuosas da cidade – para o mercado imobiliário, duas pérolas num mar de concreto. (O Estado de S. Paulo, 13.7.2004)*

Em vez de personagem, o jornalista optou por descrever os prédios que ocupam os quarteirões mais luxuosos de São Paulo. O que seria reportagem árida e chata, pois aborda nova tendência no mercado imobiliário paulistano, virou texto atraente sobre como vive a parcela endinheirada da cidade. Criativo, o repórter respondeu às seis perguntas fundamentais de uma reportagem sem apoiar-se no padrão clássico de lead.

Conclusão: reportagens factuais também podem ser interessantes.

A suíte

Coberturas do dia a dia, as reportagens factuais dependem do desenrolar dos acontecimentos. As investigações sobre um crime que chamou a atenção da sociedade, por exemplo, podem demorar semanas para ser concluídas. Os jornais costumam acompanhar os detalhes do trabalho policial, publicando matérias diárias sobre assunto. Aí entra em cena figurinha carimbada nas redações – a suíte, nome das matérias que são sequências de outras. Elas trazem as consequências da primeira, desdobramentos, descobertas, repercussão pública.

As suítes atualizam a notícia, mas também relembram o fato original. Muitas pessoas são leitoras esporádicas de jornais. Podem não estar familiarizadas com o novo escândalo da política ou com o último assassinato de gente famosa. O texto, portanto, precisa incluir informações do acontecimento-mãe.

Observe este exemplo:

> ◉ *STF liberta acusado de ter mandado matar Daniel*
> *O presidente do STF (Supremo Tribunal Federal), ministro Nelson Jobim, livrou ontem da prisão o empresário Sérgio Gomes da Silva, que responde a processo criminal sob acusação de ser o mandante do assassinato do prefeito de Santo André, Celso Daniel (PT), em janeiro de 2002.*
>
> *Jobim concedeu liminar em habeas corpus movido pelo advogado de Gomes da Silva ao STF. Ele considerou que não havia razão jurídica para a prisão preventiva, decretada pela Justiça de Itapecerica da Serra (SP) em 10 de dezembro do ano passado. O empresário e ex-segurança foi denunciado por homicídio triplamente qualificado e estava preso desde 11 de dezembro de 2003. Ele nega ter praticado o crime.*

O primeiro parágrafo relata a notícia do dia anterior – a decisão do STF de libertar Sérgio Gomes da Silva. Ao mesmo tempo, relembra a história do crime do qual ele é acusado. O fato original, o assassinato do prefeito de Santo André Celso Daniel, ocorreu há mais de dois anos. A matéria trouxe o passado de volta para explicar ao leitor a importância dada à liberação do empresário. Sem os detalhes, seria difícil saber quem é Sérgio Gomes da Silva.

Antes de começar, responda à pergunta: o que aconteceu? Essa é a informação mais importante, a notícia. É por ela que você deve abrir o texto. Encontrada a notícia, responda às demais perguntas – quem, como, quando, onde e por que, nessa ordem. Elas são o núcleo do lead.

- Use o recurso da pirâmide invertida, resumindo nas primeiras frases os acontecimentos centrais da história.

- Busque aberturas criativas, sem esquecer o caráter informativo da reportagem.
- Não encha linguiça. Você corre o risco de pôr o lead no pé. Em matéria factual, a demora em entrar no assunto afugenta o leitor nas primeiras linhas. Ele quer saber logo o que aconteceu.
- Nos parágrafos seguintes, conte os pormenores das informações dadas no começo. Inclua declarações das pessoas envolvidas.
- No final, mantenha alguma conexão com o início da matéria. É como fechar um círculo, com o leitor no epicentro da notícia outra vez.

Reportagem especial

Algumas notícias, pela importância, dimensão ou impacto, requerem tratamento especial. Costumam ser mais longas que as factuais e extrapolam os acontecimentos do dia anterior. Uma especial objetiva tratar com profundidade assunto específico, relevante e atemporal. Exige muita transpiração pelas horas consumidas na busca das melhores fontes, entrevistas e, não raro, o repórter tem de fazer viagens. E muito esforço na construção de texto capaz de apresentar as informações de tal forma que mantenha a atenção do leitor até o fim.

A especial pede redação elaborada, fora dos padrões utilizados nas coberturas do dia a dia. De preferência, com descrições minuciosas e boa dose de emoção. No caso, o modelito o que-quemquando-onde-como-por que não tem vez. Pior: não há modelo pronto. Abre-se campo para talentos. Mas, como tudo em que o céu é o limite, apresenta riscos.

Erros gramaticais doem nos ouvidos, informações incompletas ganham dimensão de catástrofe e a falta de encadeamento lógico das ideias desanima o leitor. Boas reportagens especiais são resultado da conjunção de apuração rigorosa e texto bem cuidado. Uma depende do outro. O volume de informações pode levar o repórter a perder o fio condutor da história, atrapalhar-se em detalhes irrelevantes e deixar a notícia escapar pelos dedos.

A recíproca é verdadeira. Sem saber aonde chegar, o repórter perde tempo em apurações infrutíferas, ouve fontes erradas e até se excede nos personagens repetitivos. Ter claro o objetivo é o segredo para sair ileso do labirinto.

Veja esta matéria, publicada na edição de 14.10.2003 do *Correio Braziliense*:

> ◉ *Quarta-feira da semana passada, 18h12. Sentados em uma das mesas do badalado Bar Bedrock, na comercial da 204 Norte, dois rapazes de 26 anos tomam cerveja e batem papo. Dois clientes como tantos outros que, ao fim do expediente, aproveitam o final da tarde para curtir um happy hour, não fossem os nomes e os CPFs: Antonio Novely Cardoso de Vilanova e Max Rogério Alves. Dois dos quatro rapazes de classe média e alta condenados a 14 anos de prisão em regime integralmente fechado por terem incendiado vivo o índio pataxó Galdino Jesus dos Santos, em abril de 1997.*
>
> *Os quatro rapazes receberam a sentença do Tribunal do Júri de Brasília em novembro de 2001. Meses depois, também por decisão da Justiça brasiliense, ganharam autorização para trabalhar e estudar fora das dependências do presídio da Papuda. Agraciados com um benefício raro entre presos condenados, os assassinos de Galdino acharam pouco. E se esbaldaram.*

Nos dois primeiros parágrafos, a repórter Ana D´Ângelo apresentou a história – denúncia de que os assassinos do índio Galdino, crime que horrorizou o país, gozavam de tratamento privilegiado na prisão. “Quando se escreve uma reportagem especial, com muitas informações”, ensina Ana, “não se pode perder a pauta de vista”. No caso, o objetivo era mostrar os privilégios que os rapazes recebiam na prisão. O resto era acessório.

Ao longo do texto, dividido em várias retrancas, Ana descreveu de forma minuciosa a rotina de três dos assassinos do índio Galdino. Acompanhe este trecho:

> ◉ *Na quarta-feira passada, Antonio Novely e Max Rogério chegaram ao Bar Bedrock dirigindo os próprios carros. Max estava em um Astra preto 1999, registrado em nome do padrasto. Novely guiava um Uno azul escuro, comprado em seu nome. Novely também foi flagrado na noite seguinte falando em um telefone celular enquanto dirigia. Outro condenado, Eron Chaves, foi visto guiando um Golf 2.0 GLX vermelho, de placa JIZ 1998 e ano 1998. Tomás de Oliveira tirou recentemente carteira para guiar moto.*
>
> *Max e Eron ficaram até às 19h30 no Bedrock, na 204 Norte. Beberam pelo menos quatro cervejas. Depois foram embora guiando os carros. Max deveria ir para a faculdade, cujas aulas começam às 19h. No mínimo, chegou atrasado.*
>
> *Os quatro condenados pela morte do índio Galdino trabalham em órgãos públicos, em funções administrativas. Eron e Tomás despacham no prédio anexo do Ministério do Trabalho, na Esplanada dos Ministérios, na Coordenação de Documentação e Informação. Max está lotado na Companhia de Abastecimento de Água e Esgoto de Brasília (Caesb). A Antonio Novely foi oferecida uma vaga no Hospital Regional da Asa Norte (Hran), especializado no tratamento de vítimas de queimaduras.*

A repórter fez um retrato sem adjetivos ou julgamentos, só apresentou fatos da realidade carcerária brasileira. “Quis mostrar que, no Brasil, ricos e pobres recebem tratamento diferenciado da Justiça”, diz ela.

Ana D´Ângelo é especialista em reportagens investigativas, espécie de subdivisão das reportagens especiais. Esse tipo de trabalho exige apuração delicada e longa. Objetiva escancarar algo que alguém – em geral, do poder público – gostaria de manter em segredo. Enquadram-se nessa categoria as denúncia de corrupção na distribuição e uso de verbas públicas, por exemplo. Concluída com êxito, a reportagem investigativa traz prestígio ao profissional, dá credibilidade aos veículos de comunicação e contribui para o aprimoramento da democracia.

Tão valorizadas quanto as reportagens investigativas são as de caráter humano, nas quais se descrevem os acontecimentos sob o prisma das pessoas que os viveram. Aí, a sensibilidade do autor substitui a frieza da apuração. A emoção sobrepõe-se aos dados. O jornalista não conta uma história. Os personagens o fazem. Em agosto de 1995, quando a explosão da primeira bomba atômica do mundo completou cinquenta anos, *Veja* publicou reportagem de dezenove páginas assinada pelo jornalista Roberto Pompeu de Toledo chamada “Memórias dos filhos do clarão”, relato pungente dos sobreviventes dos ataques a Hiroshima e Nagasaki sobre aqueles dias de inferno.

Vale a pena ler este trecho:

> *Um flash de luz, um monumental flash, e depois um estrondo, eis, em resumo, o que é a explosão de uma bomba atômica. O jovem oficial militar Takashi Morita descera havia cinco minutos de um bonde, em Hiroshima, e caminhava pela rua, naquela manhã, quando sentiu um calor nas costas. Foi jogado longe, acredita que a uns 10 metros, e perdeu o quepe. O que será que acontecera? O Exército mantinha ali perto uma fábrica de pólvora, e ele pensou: “A fábrica deve ter explodido”. O menino Noboru Shigemichi, de 10 anos, estava na escola. O prédio desabou. Ele ficou soterrado entre os escombros e achou que ia morrer. Pensou: “Como é que um homem morre? Em que ordem acontecem as coisas?”*
>
> *A senhora Fumiko Furuya, de 23 anos, estava sozinha em casa, deitada na cama, e de repente notou – coisa extraordinária – que o “shoji” de seu quarto, a divisória de papel que os japoneses usam para separar ambientes internos, estava pegando fogo. Pensou: “Preciso apagar esse fogo” e foi à cozinha apanhar um balde com água.*
>
> *Os 50 anos de Hiroshima marcam também os 50 anos da era atômica no mundo. Esta nasce no momento mesmo em que explode sobre a cidade aquela bomba de formato cilíndrico, medindo três metros de comprimento por 70 centímetros de diâmetro, pesando quatro toneladas e apelidada de “Little Boy”. Então temos que, na casa da senhora Fumiko, no momento zero da era atômica, uma pessoa tenta contornar o novo problema tendo como arma um balde d’água. Foi inútil. Quando ela voltou ao quarto, o shoji tinha virado cinza.*

Enquanto Ana D’Ângelo optou por estrutura de texto clássica, Roberto Pompeu de Toledo seguiu caminho inverso, enveredando pela literatura. Assuntos diferentes requerem tratamentos diferentes. Assim são as especiais: especiais. Não têm modelo pronto, não seguem padrões linguísticos nem obedecem a regras de estilo.

Como escrever uma reportagem especial?

- Tenha sempre em mente o objetivo principal da matéria. Ele é o fio condutor da apresentação das informações.
- Planeje o texto, prevendo a divisão do conteúdo em retrancas. Cada uma deve abordar tema específico.
- Detenha-se na abertura. A apresentação da reportagem deve ser ampla o suficiente para

fazer referência aos assuntos das demais retrancas.

- Capriche no lead. Ele deve ser um resumo da matéria, impactante e forte, para que o leitor não abandone o texto em seguida.
- Escolha uma forma de condução da narrativa. Você pode contar a história por meio de personagens. Ou seguir a ordem cronológica dos acontecimentos. Há ainda o artifício de começar pelo fim.
- Crie subtítulos para dividir os assuntos, introduzir novos temas e dar tempo para respirar.
- Defina o final antes de começar. Conclua com uma informação tão forte quanto a do início. O leitor ficará com a sensação de que valeu a pena ter lido todo o texto.

Declaração é notícia

Uma pergunta pode ser mais importante do que qualquer resposta.

A entrevista pingue-pongue

O exemplo brasileiro mais famoso de entrevista pingue-pongue é o da revista *Veja*, chamado de *amarelas* – referência à cor das páginas em que é publicada. À primeira vista, o trabalho parece fácil. Basta ligar o gravador, fazer as perguntas e degravar a fita depois. Grande engano. Tratase de um dos gêneros mais difíceis de produzir e escrever.

Quem?

A primeira dificuldade é a escolha do entrevistado. A lista de empecilhos equivale à distância entre a Terra e a Lua. Não pode ser uma personalidade óbvia, que fala a torto e a direito. O arroz de festa enfraquece a reportagem. Quanto menos aparecer em público, o que dará caráter de exclusividade à matéria, melhor. As declarações também não podem ser óbvias. Um ministro de Lula defenderia o presidente da República. Não vale. Pareceria release de assessoria de imprensa do Palácio do Planalto. Ministros e aliados só devem ser considerados se forem capazes de fazer análises e emitir opiniões isentas de paixões sobre o governo que representam. Nunca se espera que critiquem o chefe, mas não custa nada ao repórter esforçar-se por arrancar opiniões sinceras. Aí a entrevista vale mais ainda. Como se diz nas redações, ficaria “saborosa”. Por se tratar de perguntas e respostas, o filé mignon das entrevistas são as declarações. O entrevistado deve ter o que dizer e suas opiniões precisam da força do inusitado ou da surpresa. Devem conter revelações ou abordagens inéditas de um assunto recorrente. Entrevistados evasivos, escorregadios, que falam sem dar nome aos bois, resultam chatos e inócuos. Publicá-los não faz falta nenhuma no jornal. Gastam-se papel e espaço precioso à toa.

O quê?

Preparar as perguntas certas desafia qualquer repórter. Só se conseguem bons resultados somando-se dois elementos – conhecimento prévio da fonte e intuição aguçada. O primeiro está nos arquivos de jornais e bibliotecas. Já o segundo... bem, o segundo requer talento natural para deixar o entrevistado tão à vontade a ponto de esquecer que há um gravador ligado na escrivaninha do escritório ou na mesinha de centro da sala. Requer coragem e sensibilidade para fazer perguntas constrangedoras sem constranger o interlocutor. Exige concentração absoluta nas respostas e habilidade mental para formular questões cada vez mais intensas e intimistas. É exaustivo.

Não confie no gravador. Nem mesmo nos modernos, digitais. Anote as declarações. Esteja preparado para a possibilidade de a gravação estar comprometida, com ruídos ou inaudível. Trapezistas experientes trabalham com rede de proteção. Jornalistas também.

Vá com calma na hora do tome lá dá cá. Prepare pauta escrita com as perguntas. Comece pelos temas mais amenos. Sentindo-se seguro em tratar de temas de pouca relevância, o entrevistado se solta e relaxa as defesas preparados antes do encontro com o jornalista. Sim, a fonte chegará com respostas na ponta da língua e a definição clara dos limites sobre o que pode e o que não pode revelar. Cabe ao repórter, com jeitinho, desmontar a barreira. Portanto, apesar da pauta, não se atenha a ela. Abandone-a se perceber espaço para investidas ousadas. Boas perguntas estão embutidas nas próprias respostas. Aproveite as oportunidades.

Às vezes, não dá tempo para preparação. No mundo dos jornais diários, o repórter pode ser deslocado para entrevistar alguém de uma hora para outra. Plantões de fim de semana e feriados são propícios para isso. Os jornalistas costumam estar à disposição para cobertura de qualquer tema, mesmo os pouco relacionados com sua área de atuação. Bate o desespero. Adeus, pesquisa aos arquivos e à biografia do dito-cujo. É o que se chama cair de paraquedas num assunto sem conhecimento prévio. Tremenda saia justa. Fazer o quê?

Como?

Edite o texto. Quem disse que entrevista de pergunta e resposta não exige esforço na hora de escrever? Metade da qualidade do trabalho está na edição. O que se obtém com a conversa entre jornalista e fonte é material bruto, carente de lapidação. A entrevista foi e voltou sobre vários assuntos, pulou de um tema para outro sem conexão aparente e abordou questões alheias à pauta. Organizar o material, dando-lhe forma lógica sem alterar o sentido das palavras da fonte, demanda horas de suor.

Nunca haverá espaço suficiente para publicar uma entrevista de duas horas na íntegra. Muita coisa será excluída. Que sobre o melhor. Não se acanhe em editar as declarações. A fonte tende a ser coloquial, comete erros linguísticos e repete-se. Acerte a construção gramatical, tire exageros e observações paralelas ao assunto principal. Encurte as frases, deixando-as diretas e incisivas. Crie perguntas e divida as respostas para dar clareza às ideias. Sobretudo, enxugue o texto. Fique apenas com o coração das informações. A fonte agradecerá. O leitor também.

Ao escrever as perguntas, use tratamento formal para se dirigir ao entrevistado. Senhor ou senhora basta.

A transcrição das declarações na íntegra deve ser feita com parcimônia. Serve para mostrar ao leitor o estilo de linguagem do entrevistado, cacoetes, sotaques ou ironias. Dosada, acrescenta sonoridade à expressão e personalidade ao entrevistado. O repórter Ricardo Valladares acertou a mão na entrevista com Suzana Vieira, publicada pela revista *Veja* em maio de 2003. Ele incluiu três vezes, em três páginas, a expressão “meu bem”, utilizada pela atriz para encerrar as falas. Ficou assim:

> *Veja* – A idéia de seu marido vir a se interessar por uma mulher mais jovem a preocupa?
> *Suzana* – Ele se interessou por mim, meu bem. Acho que, se um dia meu casamento entrar em crise, não vai ser pela diferença de idade (...)
> (...)
> *Veja* – É mal-humorada no trabalho? Suzana – Não. Aliás, dificilmente fico mal-humorada (...). Eu me faço respeitar, mas não sou louca, meu bem.
> (...)
> *Veja* – Um salário como o seu garante um ótimo padrão de vida. Como usa o seu dinheiro?
> *Suzana* – Eu tenho um belo apartamento em Botafogo, no Rio de

> Janeiro, uma bela casa de verão, um belo carro importado. Mas não sou de ostentar. Também faço um pouco de caridade (...) Assim como existem os invejosos, existem aquelas pessoas que acham que os artistas têm de ser santos. Nunca fui santa, meu bem.

A expressão coloquial, espalhada pelo texto, reproduz o jeito de Suzana Vieira falar. Faz o leitor "ouvir" as declarações, associando o texto à imagem da atriz na televisão. Recursos como esse enriquecem a entrevista. Usados em demasia, porém, sujam o texto e atrapalham a leitura.

Gente é notícia

Para aparecerem nos jornais,
há assassinos que assassinam.
Eça de Queiroz

Perfil

Ao contrário das pingue-pongue, perfis tratam da personalidade de alguém. Contam histórias de vida, preferências pessoais, hobbies e idiossincrasias. Preocupam-se com a intimidade do entrevistado e com aspectos pouco conhecidos de sua trajetória profissional. Opiniões são importantes, mas não constituem o núcleo do trabalho. Perfis até prescindem de longas entrevistas. Declarações de outras pessoas sobre o personagem ganham destaque. Amigos, adversários, inimigos, concorrentes, parentes, filhos, pais, chefes, subordinados, todos podem acrescentar detalhes esquecidos ou despercebidos, revelar manias e contar bastidores das passagens relevantes dos perfilados. Perfis não servem para agradar, mas para revelar.

Há os perfis biográficos, apresentados pelos jornais quando alguém toma posse em um cargo ou recebe prêmio importante. Nesses casos, assessorias de imprensa se encarregam de divulgar dados sobre a vida profissional do personagem. Incluem lugar de nascimento, postos ocupados anteriormente, outros prêmios recebidos, projetos realizados. Trabalho burocrático, objetiva apresentar a pessoa com quem o leitor conviverá dali pra frente.

Mais: na reportagem-perfil, entra em campo o olhar do repórter. Ele ocupa a maior parte do tempo de apuração vendo e ouvindo. De perto, poderá constatar as reações do personagem em momentos de tensão, de nervosismo. Presenciar cenas emocionantes. Ou anotar expressões de linguagem usadas com frequência – palavrões, tratamentos carinhosos, erros gramaticais, regionalismos. Ou assistir a reuniões decisivas, acompanhar a chegada de notícias inesperadas e detectar frustrações. Testemunha privilegiada, dará ao leitor informações de primeiríssima mão.

Perfis não são biografias autorizadas. Aliás, não são nem biografias. Ao contrário. Biografias encontram-se em documentos oficiais e narrativas curriculares. Numa reportagem-perfil espera-se encontrar as informações que as biografias escondem. Na entrevista pingue-pongue, o fio condutor é o próprio entrevistado. No perfil, é o repórter. Ele deve passar semanas – meses, se possível – acompanhando o personagem.

A jornalista Neuza Sanches gastou um mês e meio de trabalho para construir um perfil da apresentadora Xuxa, publicado pela revista *Veja* em 1997. Durante vinte dias, quase morou na casa da apresentadora, no Rio de Janeiro. Nos primeiros encontros, chegava de manhã e só ia embora de madrugada. Depois, passou algumas noites por lá. Na época, Xuxa era o maior fenômeno de público na televisão brasileira entre crianças e adolescentes.

Xuxa concordou em abrir as portas da casa e do coração. Mas há exemplos em que o perfilado odeia a imprensa. Nesses casos extremos, come-se pelas bordas. Ou seja, acompanha-se a criatura à distância. O repórter poderá assistir ao show de um artista na plateia, frequentar o mesmo restaurante – e checar com o garçom, mais tarde, o valor da gorjeta – esperá-lo na saída de casa, entrevistar o cabeleireiro, conversar com a camareira do hotel, falar com ex-namoradas. A apuração dará mais trabalho, mas o resultado surpreende. É provável que seja mais interessante que uma conversa com o próprio personagem.

Evite usar o gravador. Em perfis, não há a necessidade de transcrição literal de declarações. O gravador mais atrapalha do que ajuda. Inibe o personagem. Tira-lhe a espontaneidade para fazer confidências. Anote o que viu e ouviu assim que tiver um momento de solidão.

Parte dos profissionais entende que um bom perfil dispensa entrevista com o personagem. Foi o jornalista norte-americano Gay Talese, hoje com 71 anos, que tornou popular a reportagem-perfil sem ouvir a vedete do trabalho. Em 1966, publicou um perfil do cantor Frank Sinatra na revista *Esquire*. Passou meses tentando falar com ele, mas o astro sempre tinha uma desculpa para escapar. Gay Talese desistiu e passou a assistir a todos os shows do cantor, a persegui-lo em restaurantes e festas depois das apresentações e a falar com pessoas a seu redor. A matéria, “Sinatra está gripado”, conta o desespero, atordoamento e confusão que se instalava na equipe do cantor a cada espirro seu.

Eis os três primeiros parágrafos:

> ◉ *Frank Sinatra, segurando um copo de Bourbon numa mão e um cigarro na outra, estava num canto escuro do balcão entre duas loiras atraentes, mas já um tanto passadas, que esperavam ouvir alguma palavra dele. Mas ele não dizia nada; passara boa parte da noite calado; só que agora, naquele clube particular em Beverly Hills, parecia ainda mais distante, fitando, através da fumaça e da meia-luz, um largo salão depois do balcão, onde dezenas de casais se espremiam em volta de pequenas mesas ou dançavam no meio da pista ao som trepidante do folk rock que vinha do estéreo. As duas loiras sabiam, como também sabiam os quatro amigos de Sinatra que estavam por perto, que não era boa ideia forçar uma conversa com ele quando ele mergulhava num silêncio soturno, disposição nada rara em Sinatra naquela primeira semana de novembro, um mês antes de seu quinquagésimo aniversário.*

> *Sinatra estava fazendo um filme que agora o aborrecia e não via a hora de terminá-lo; estava cansado de toda a falação da imprensa sobre seu namoro com Mia Farrow, então com vinte anos, que aliás não deu as caras naquela noite; estava furioso com um documentário da rede de televisão CBS sobre a vida dele, que iria ao ar dentro de duas semanas e que, segundo se dizia, invadia a sua privacidade e chegava a especular sobre suas ligações com os chefes da máfia; estava preocupado com sua atuação num especial da NBC intitulado Sinatra – um homem e sua música, no qual ele teria de cantar dezoito canções com uma voz que, naquela ocasião, poucas noites antes do início das gravações, estava debilitada, dolorida e insegura. Sinatra estava doente. Padecia de uma doença tão comum que a maioria das pessoas a considerava banal. Mas quando acontece com Sinatra, ela o mergulha num estado de angústia, de profunda depressão, pânico e até fúria. Frank Sinatra está resfriado.*
>
> *Sinatra resfriado é Picasso sem tinta, Ferrari sem combustível – só que pior. Porque um resfriado comum despoja Sinatra de uma jóia que não dá para pôr no seguro – a voz dele – , mina as bases de sua confiança e afeta não apenas seu estado psicológico, mas parece provocar também uma espécie de contaminação psicossomática que alcança dezenas de pessoas que trabalham para ele, bebem com ele, gostam dele, pessoas cujo bem-estar e estabilidade dependem dele. Um Sinatra resfriado pode, em pequena escala, emitir vibrações que interferem na indústria do entretenimento e mais além, da mesma forma que a súbita doença de um presidente dos Estados Unidos pode abalar a economia do país.*

O trabalho tornou-se um marco na história da imprensa. Identificado com o Novo Jornalismo norte-americano, corrente na qual se misturam notícias e literatura e da qual faz parte também o escritor Tom Wolf, Gay Talese escreveu, no final da década de 80, outra reportagem contando os bastidores da apuração do perfil histórico de Frank Sinatra. Publicado pela revista *New Yorker*, chamava-se “Como não entrevistar Sinatra”. Desde o trabalho original de 1966, as redações perceberam que bons perfis dependem mais do repórter que do personagem. Gay Talese criou paradigmas para reportagensperfis que estão em vigor até hoje.

Para escrever perfis:

- Evite adjetivos. Use descrições minuciosas da pessoa, do local onde vive, das roupas. O próprio leitor construirá a imagem do personagem mentalmente.
- Prefira linguagem coloquial, o mais próximo possível da maneira de falar do personagem. Palavras sofisticadas na boca de pessoas humildes soam falso.
- Corrija erros gramaticais, a não ser nos casos em que o texto reproduz a linguagem incorreta dos personagens. No caso, escolha estruturas muito simples. Se alguém disser “nóis vai”, não há mal algum em escrever “nós vamos” ou “a gente vai”. Mas passar o original para “nós consideramos ir” é demais.

Personagem

Na virada do ano de 1988 para 1989, *Veja* incumbiu uma repórter de encontrar uma agulha num palheiro. Era o primeiro ano em vigor da nova Constituição. Como nenhuma outra antes, a Carta garantia muitos direitos sociais, e a revista pretendia mostrar o início de uma fase na história brasileira. Para ilustrar o momento, ela teria de encontrar um bebê nascido no dia 1º de janeiro, já sob as garantias da nova Constituição. Se fosse só isso, seria fácil. Mas a mãe deveria estar em licençamaternidade de quatro meses, e o pai, em licençapaternidade – duas novidades incluídas na vida brasileira.

A repórter e o fotógrafo foram a um dos hospitais públicos de São Paulo. Muitos bebês haviam nascido ali no primeiro dia do ano, mas apenas um com as características exigidas pela revista. Família pobre, a mãe estava sozinha com o filho no hospital. A hora de visita, quando o pai chegaria, estava distante. Iam produzir a foto assim mesmo, quando o fotógrafo chamou a repórter num cantinho do quarto coletivo, com quatro camas. Mais experiente e conhecedor da forma de pensar e trabalhar em *Veja*, ele alertou:

– Não dá. É tudo muito feio, o hospital, as roupas, a família. A mãe está com cara de sofrimento, nem sabe direito se vai ter licençamaternidade. A revista quer uma coisa pra cima, com gente bonita e feliz. Vamos procurar em outro lugar.

O outro lugar era um hospital privado. É sempre mais difícil entrar nesses lugares e fotografar as pessoas. Gente rica não gosta de se expor e sabe que pode se recusar a dar entrevista e não deixar-se fotografar. Pobres não costumam reclamar, não perguntam as razões da foto, não têm noção dos direitos. Por isso, são usados com frequência pelos jornalistas quando precisam de personagens complicados para ilustrar as matérias.

Mas, naquele dia, como se tratava de acontecimento feliz para qualquer família, encontraram os personagens ideais para a reportagem. Gêmeos! Papai e mamãe, orgulhosos, desfrutando dos direitos que a Constituição lhes garantia, concordaram em falar e posar para a foto com os pimpolhos no colo. A foto abriu a edição de Brasil daquela semana e toda a apuração da jornalista ficou resumida à legenda.

Personagens de matérias são assim – exemplos concretos do que está escrito na reportagem. Incluí-los no texto humaniza uma descrição fria, dá nome, endereço e identidade a um acontecimento.

Para chegar a bons personagens, é preciso encontrar muitos e descartar a metade. Apure os detalhes das histórias de todos como se fossem imprescindíveis. Mas inclua na matéria só os mais representativos.

Em algumas reportagens, os personagens assumem papel tão central que os depoimentos são apresentados em primeira pessoa. Na edição de 26.4.2004, a revista *Época* publicou matéria sobre as acusações de estupro de sete meninas menores de 14 anos contra o prefeito da cidade de Goiás, Boadyr Veloso. O prefeito escapou da condenação, diz a notícia, ao apresentar as sete certidões de casamento das vítimas. Uma delas, Rosilma dos Santos, deu este depoimento à *Época:*

> ◉ *Foi ele, Boadyr Veloso, que tirou a minha virgindade. Eu tinha 11 anos. A gente chamava ele de tio. Eu era pequena. Me sentia suja. Fiz só pelo dinheiro mesmo. Na hora, no motel, eu falei que queria ir embora, mas ele falou que eu tinha de fazer o meu serviço. Senão, eu não ganhava dinheiro. Eu era criança ainda. Comprava roupa. Fui muitas vezes com ele. Mas depois que eu perdi a minha virgindade com ele, aí ele não quis sair mais comigo. Não posso falar nada, né?*
>
> *Tenho medo. Peço muito a Deus que minha filha não seja como eu fui. Essa coisa de chegar um homem, oferecer dinheiro a ela, jamais. Eu só fui mesmo porque não tinha cabeça e tava precisando muito de dinheiro. Eu acho que um cara igual a ele é um monstro, né?*

O texto em primeira pessoa, com o próprio personagem contando a história, trouxe maior impacto à reportagem. A revista preservou a linguagem simples da personagem para mostrar sua origem humilde e vulnerabilidade diante de um político importante da cidade. Não está escrito em nenhum lugar, mas o quadro apresentado pela garota reforça as acusações contra o prefeito e deixa claro que ele se aproveitava da condição socioeconômica das vítimas para obter favores sexuais.

Há outros formatos para a apresentação dos personagens. Tratamento diferente foi dado pela mesma revista na mesma edição aos personagens de uma reportagem sobre o boom de nascimentos de gêmeos e trigêmeos no Brasil, resultado da popularização das técnicas de reprodução assistida. Sob o título “A safra dos múltiplos”, *Época* contou a história de várias famílias que tiveram gêmeos ou trigêmeos, todas acompanhadas de fotos.

Veja este exemplo:

- *Organização é a alma da família*
  No apartamento de dois quartos no bairro do Jardim Botânico, zona sul do Rio, a palavra de ordem é organização. Após o nascimento de Eduardo, Ana e João, atualmente com 3 meses, o casal Gustavo, de 34 anos, e Viviane Kruer, de 32, tem na ponta do lápis o dia a dia dos bebês. Literalmente. Tudo o que se passa com cada um dos trigêmeos é anotado numa planilha desenvolvida sob orientação médica. A família já testou mais de cinco modelos. Na folha de papel são registrados os medicamentos prescritos para as crianças, com hora e dosagem, todas as 30 mamadas, com horário e quantidade ingerida por bebê. “Se a gente não fizer assim, no meio da confusão corremos o risco de dar o remédio errado para um dos bebês, sem contar que um pode ser mais alimentado do que o outro”, explica Viviane.

  Além do registro fiel da rotina dos trigêmeos, o casal teve de criar técnicas para reconhecer as chupetas e distinguir os bicos das mamadeiras que agradam a um e desagradam aos outros. As chupetas, por exemplo, são guardadas em potinhos que ficam estrategicamente ao lado de cada berço, para não haver trocas.

Os exemplos dão a ideia do tipo de texto utilizado para apresentação de personagens. Na prática, eles seguem as mesmas regrinhas dos perfis. Com uma diferença: são mais curtos.

Opine, não ache

Quem exagera o argumento prejudica a causa.

Friedrich Hegel

Matérias de opinião ocupam cada vez mais espaço em jornais e revistas. O excesso de informação despejado sobre os leitores pelos meios eletrônicos de comunicação, mais ágeis e instantâneos, obrigou os veículos tradicionais a buscar saídas para ir além da notícia. Hoje, estar informado não basta. É preciso estar *bem* informado – entender as notícias, conhecer-lhes as causas e consequências, contextualizá-las e, acima de tudo, ter opinião sobre elas. Esse é o papel das matérias de opinião. Elas trazem pontos de vista diferentes sobre um tema, às vezes contraditórios, para que o leitor possa tirar as próprias conclusões.

Existem dois tipos principais de opinião nos jornais – editoriais e artigos. Os primeiros apresentam a posição da empresa sobre um fato. Os segundos, o pensamento de colaboradores: cientistas políticos, parlamentares, economistas, jornalistas, especialistas em áreas técnicas e quem tiver pontos de vista a apresentar.

Editoriais

Os editoriais expressam a opinião da empresa. Os veículos de comunicação têm editorialistas dedicados a esse trabalho. De forma pejorativa, são chamados de “pena de aluguel”, referência ao fato de defenderem teses de terceiros. Eles, na prática, fazem o mesmo trabalho dos repórteres – ouvir e transmitir a opinião de suas fontes. No caso, as empresas para as quais trabalham.

Os meios de comunicação defendem interesses, cobram providências, criticam instituições. Posicionam-se diante dos leitores e das autoridades. Dada a importância de que se revestem, são escritos em linguagem cuidada, em língua de terno e gravata. Erros podem custar a cabeça do autor. Não por acaso, profissionais mais velhos e experientes, conhecedores da política interna da casa, respondem pela editoria de Opinião.

Artigos, colunas e análises

Artigos e análises representam a opinião de quem assina o texto. Os jornais publicam pequenas notas de rodapé com informações sobre o autor, para dar credibilidade ao escrito e ajudar a compreender as intenções por trás dos pontos de vista apresentados. A crítica ao programa de governo do presidente Lula feita por um adversário tem menos força do que outra, no mesmo sentido, feita por um aliado. Espera-se, claro, oposição da oposição.

Há ainda outro tipo de matéria opinativa nos jornais e revistas – as colunas assinadas. Elas aparecem em todos os cadernos dos jornais, conforme o assunto tratado. Os autores, sempre os mesmos, se tornam donos do espaço e, às vezes, lhe dão o próprio nome.

Nos últimos anos, novo recurso tornou-se corriqueiro. Tratase das análises, que complementam reportagens ou grandes coberturas. No caso, convoca-se um especialista ou repórter da redação para avaliar o acontecimento, explicar suas causas e consequências. Há duas formas consagradas de escrever editoriais, artigos e análises. Uma: apresenta, no primeiro parágrafo, o assunto a ser tratado, dando ao leitor o contexto e as informações necessárias para entender a opinião que virá a seguir. É o modelo mais usado. A tese aparece, em geral, a partir do terceiro parágrafo. A outra: segue roteiro inverso. Apresenta ao leitor a tese logo de cara, no início do texto. Em ambos os formatos, o miolo destina-se aos argumentos que sustentam a opinião.

Eis um editorial extraído da *Folha de S. Paulo* de 24.6.2004:

> ◉ *A apenas seis dias da transferência da soberania para o governo provisório iraquiano, uma série de ataques concentrados em cinco cidades produziu cerca de uma centena de mortes e mais de 300 feridos. A previsão é que novas ações em grande escala se repitam nos próximos dias.*
>
> *A nova administração iraquiana já assume sob o signo de um dilema que parece insolúvel. Sem legitimidade popular, o governo sustenta-se principalmente na força militar da coalizão de tropas estrangeiras lideradas pelos EUA. E é justamente a presença desses soldados a principal motivação da resistência para lançar ataques contra a administração. Se as tropas saem do país, é quase certo que o governo provisório cai; se ficam, não há nenhuma razão para que cessem os atentados que vêm desestabilizando o país, provocando centenas de mortes e minando a já combalida infraestrutura iraquiana.*
>
> *Ao que tudo indica, os soldados estrangeiros permanecerão ainda por muitos anos no Iraque. A estratégia de estabilização passa por eleições que confeririam legitimidade e aceitação aos governantes. É claro que as possibilidades de erro são inúmeras. Para começar, o atual governo, ao qual caberá organizar os pleitos, é visto como um fantoche de Washington, o que poderá lançar dúvidas sobre os resultados eleitorais. De resto, parece bastante improvável que os EUA, com cerca de 130 mil homens no Iraque, aceitem um eventual governo islâmico hostil à Casa Branca.*
>
> *O que parece mais certo nessa história toda é que o presidente George W. Bush cometeu um formidável erro ao invadir o Iraque e agora não sabe como livrar-se da encrenca.*

Três quartos do texto são dedicados a contar a situação conflituosa do Iraque, pano de fundo para os atentados aos quais o jornal se refere, que foram manchete naquele dia – ataques matam ao menos 89 no Iraque. A opinião está expressa no parágrafo final. A *Folha* atribuiu ao presidente George W. Bush a responsabilidade pelo conflito ao invadir o país. Considera a atitude de Bush “erro formidável”.

Agora, acompanhe este exemplo, reprodução de outro editorial da mesma edição da *Folha*:

> ◉ *No que já configura uma verdadeira gincana de populismo, o governador do Estado de São Paulo, Geraldo Alckmin, acaba de lançar seu programa de distribuição de medicamentos. Às vésperas da convenção tucana que indicará José Serra para concorrer à Prefeitura de São Paulo, o correligionário Alckmin criou, na capital, o Farmácia Dose Certa. Serão dez postos em estações do metrô que dispensarão gratuitamente 40 tipos de remédio a usuários do sistema público de saúde.*
>
> *O Farmácia Dose Certa vem apenas duas semanas depois do Farmácia Popular, que é o nome do programa federal de venda subsidiada de medicamentos. Não por acaso, a rede criada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva se concentra em São Paulo, onde a prefeita petista Marta Suplicy tentará a reeleição.*

> *Em comum, ambos os projetos partilham, além do caráter demagógico, a total inconveniência. No contexto do SUS, remédios devem ser distribuídos gratuitamente nas farmácias de postos de saúde e de hospitais nos quais o paciente é atendido. Fora daí, entra-se no território do marketing eleitoral. Prova-o a própria escolha do local onde o governo do Estado pretende montar suas bancas: o metrô. Não se trata tanto de facilitar a vida do doente, que, para obter a receita médica, necessariamente passa por um posto de saúde ou hospital, mas de mostrar serviço para as centenas de milhares de pessoas que se utilizam diariamente da malha metroviária.*
>
> *A essa altura, a população já se acostumou a ser regalada com benfeitorias de diversos calibres às vésperas de eleições. Em algum grau, isso faz parte da própria dinâmica das democracias. Todo administrador tende a mostrar realizações perto e não longe dos pleitos. A fronteira entre a iniciativa legítima e a apenas populista pode ser traçada a partir dos rudimentos da lógica. Quando a proposta encerra algum sentido econômico ou social, é aceitável, mas não quando ela nada acrescenta além da visibilidade para o governante. No caso das farmácias eleitorais, infelizmente nenhuma delas passa pelo teste da consistência.*

Nesse caso, a *Folha* abriu o editorial criticando as iniciativas populistas dos governantes. “No que já configura uma verdadeira gincana de populismo...” constitui opinião enfática. O leitor soube, em poucas palavras, que o jornal ataca o novo sistema de distribuição de medicamentos. O argumento que justifica a ideia de que as tais farmácias sejam apenas recurso de marketing eleitoral ficou para o final.

Para escrever textos opinativos:
- Antes de mais nada, tenha uma opinião sobre determinado assunto.
- Tenha claro o ponto de vista a ser defendido. É fundamental saber se o texto vai defender uma ideia, criticá-la ou sustentar posição intermediária, de apoio com ressalvas.
- Faça pequena introdução para que o leitor se familiarize com o assunto a ser tratado. Ou apresente a opinião logo no início.
- A partir daí, desfile os argumentos em defesa da tese. Apresente pelo menos três justificativas. Menos do que isso enfraquece o texto.
- Ao sustentar a opinião, use argumentos concretos, como números de pesquisas e referências históricas. Cite especialistas renomados que corroborem sua posição.
- Sobretudo, nunca ache nada. Achismo não é opinião.

Quanto menor, melhor

O bom, se conciso, é duas vezes bom.
Baltasar Gracián

Colunas de notas se popularizaram nos últimos anos, quando os jornais começaram a reduzir o tamanho das matérias para atender à alegada falta de tempo da vida moderna. Para quem tem preguiça de ler o jornal, são mesmo o gênero ideal de notícias – diretas, enxutas, rápidas. As novas colunas tomaram emprestada a linguagem coloquial das antigas colunas sociais e incorporaram notícias de outras áreas “mais sérias” do jornalismo, como política, economia e esportes. Coluna de notas que se preza, hoje, precisa de informação exclusiva, além de fofocas, brincadeiras e bom humor.

Ao contrário do que pode parecer à primeira vista, escrever notas é tão difícil quanto escrever uma reportagem especial. Ou mais difícil, porque exige a aplicação máxima das regras do texto jornalístico. Nelas, clareza, concisão e objetividade são elevadas à décima potência, com pitadas de ironia, descontração e leveza. Na prática, cada nota equivale a um lead de reportagem.

Uma das colunas mais prestigiadas da imprensa brasileira é a de Ancelmo Góis, publicada diariamente em *O Globo*. Eis as duas primeiras notas do dia 1.7.2004:

> ● ***BNDES vai às compras***
> *Carlos Lessa pensa em comprar uma pequena participação nas usinas de Tubarão (agora em poder da européia Arcelor) e de Volta Redonda (controlada por Benjamin Steinbruch). Seria operação estratégica igual àquela que levou o BNDES, em novembro, a adquirir, por R$ 1,5 bi, 8,5% da Vale.*

> ● ***A bolada de Milene***
> *Pelo acordo de separação assinado ontem entre Ronaldo Fenômeno e Milene Domingues na corte de Alcobendas, na Espanha, a ex-mulher do craque vai receber, por mês, 23 mil euros. São R$ 86.454,89.*

Nos dois exemplos, os textos são curtos e grossos. Sem floreios ou meias-palavras. O modelito para escrevê-los é o clássico do texto jornalístico – o que, quem, quando, onde, como e por quê. Funciona tão bem quanto o vestido tubinho preto, acessório indispensável no guarda-roupa das mulheres. Não admite nenhum enfeite. O charme das colunas de notas reside na oferta apenas e tão somente da notícia nua e crua. Mais básico, impossível.

Acessórios trabalhosos

A palavra, como se sabe, é um ser vivo.

Nos bons tempos da imprensa, havia os copidesques, profissionais contratados para reescrever textos, dar título às matérias e legenda às fotos. Eles sumiram das redações. As novas tecnologias obrigam o repórter a escrever na tela do computador, obedecendo ao tamanho da matéria definido pela diagramação, e a fazer (no mínimo, sugerir) legendas, títulos e subtítulos.

Os três elementos da edição (título, subtítulo, e legendas) são inseparáveis. Falam a mesma língua. Completam-se um ao outro. Páginas bem editadas, diz-se nas redações, são aquelas em que basta ler os “penduricalhos” para saber o conteúdo inteiro da matéria. Não por acaso, a distribuição dos acessórios nas páginas segue o movimento dos olhos durante a leitura. No mundo ocidental, lemos de forma horizontal, de cima para baixo e da esquerda para a direita. Japoneses lêem da direita para a esquerda e de cima para baixo, mas no sentido vertical.

Assim, é natural e automático que, ao abrir jornais e revistas, os olhos do leitor recaiam sobre a parte superior das páginas, em que estão os títulos. Eles são o começo de tudo, a cenoura que conduzirá o leitor até o último ponto do texto, o elemento de sedução. No rádio e na tevê, as chamadas para as reportagens garantem que o telespectador esteja de volta ao sofá depois dos comerciais. Fátima Bernardes e Willian Bonner encerram os blocos de notícias do *Jornal Nacional* dizendo “A seguir...”. A apresentação das notícias seguintes precisa ser tão forte quanto a própria notícia – ou mais.

A principal característica de um título (e das chamadas de tevê e rádio, suas similares nas mídias eletrônicas) é apresentar o fato – o que aconteceu. O subtítulo acrescenta informações – como aconteceu, quem esteve envolvido e como. Legendas são um pouco mais complicadas. Elas servem para explicar uma foto e localizá-la no contexto da reportagem. Não devem descrever a imagem (o leitor está olhando para ela), mas identificar pessoas e lugares.

Os acessórios variam de formato. Reportagens factuais “pedem” títulos objetivos. Perfis, entrevistas e reportagens especiais admitem títulos abrangentes, conotativos. Nesse caso, aumenta a responsabilidade do subtítulo. É ele que cumprirá a função de apresentar o teor da reportagem ao leitor. Em suma: os três elementos da página formam um conjunto perfeito.

Veja estes exemplos, extraídos da edição de 8.7.2004 de O Globo:

- ***Ataque à fraude nos combustíveis***
  Polícia Federal fecha depósito clandestino que vendia gasolina adulterada

- *Eleições 2004*
  Comércio ambulante de votos
  No primeiro dia da campanha, Crivella, Bittar e Jandira criticam ação da Guarda contra camelôs

No primeiro caso, título factual. No segundo, trocadilho com a caça aos votos dos principais candidatos a prefeito do Rio de Janeiro e suas críticas à ação das autoridades contra o comércio ambulante nas ruas da cidade. Note que, no segundo exemplo, a frase não tem verbo. Entrou em ação aí outro componente – a retranca. No caso, “eleições 2004”, identificação de uma série de reportagens sobre o início da campanha municipal em todo o país que se repetia em três páginas da editoria de Política. A retranca deu a ideia de continuidade à reportagem, mantendo a unidade de estilo e tratamento.

O *Correio Braziliense* é um dos jornais mais criativos nos títulos. No desenho das páginas, o subtítulo aparece acima do título. Portanto, o leitor recebe primeiro um resumo do conteúdo da matéria e, em seguida, um título forte, que funciona como conclusão da história. Veja estes exemplos:

- *ORIENTE MÉDIO*
  Para os israelenses, ele é uma obra essencial contra os terroristas. Para os palestinos, é uma forma de o governo Sharon confiscar terras. Tribunal Internacional de Justiça anuncia sua decisão hoje

  Esse muro é legal?
  (edição de 9.7.2004)

- *MEMÓRIA*
  Espanha comemora com grande exposição no Museu Rainha Sofia o centenário de Salvador Dali, pintor que renovou a linguagem artística em todos os campos em que atuou

  Surreal ao alcance do povo
  (edição de 11.7.2004)

Nos dois exemplos, a edição de títulos e subtítulos (se é que podem ser chamados assim, pela posição ocupada na página) vem amparada pela retranca explicativa do assunto tratado na matéria – *Oriente Médio* e *Memória*. Ela ajuda a contextualizar a reportagem, facilitando a leitura e a compreensão. Também compensam os títulos vagos, interpretativos.

O uso do ponto de interrogação nos acessórios das páginas é proibido em vários manuais de redação, mas o *Correio* provou que há exceções. Usou o recurso de forma apropriada no caso da construção, pelo governo israelense, do muro que deve separar o país dos territórios palestinos da Cisjordânia. *Esse muro é legal*? resume a questão a ser respondida pelo Tribunal Internacional de Justiça.

Na matéria sobre Salvador Dali, o título *Surreal ao alcance do povo* explica o objetivo da exposição, fugindo do tratamento convencional dado às reportagens factuais.

Quente ou fria?

Palavras têm temperatura – você sabia? Como elas são a base dos títulos, a simples troca de sinônimos muda tudo, o contexto, o tom, a interpretação. Veja este exemplo, de O Estado de S.Paulo, edição de 11.7.2004:

- *Justiça manda Estácio indenizar aluna baleada*

A matéria conta a decisão da Justiça de condenar a Universidade Estácio de Sá a pagar indenização de R$ 950 mil a uma vítima de bala perdida no campus da escola. O assunto é polêmico, mas o título o transformou em matéria de segunda categoria. O problema está na palavra *indenizar*. Tratase de linguagem técnica dos tribunais e advogados. O que seria uma matéria humana virou registro de decisão judicial. O resultado foi um título frio, distante das pessoas e da sociedade.

O título ficaria mais atraente assim:

- *Aluna baleada receberá R$ 950 mil da escola*

Essa é mais quente – dispensa termos técnicos, inclui elementos humanos e apresenta a notícia sob o ponto de vista da vítima, não da Justiça. O que era uma informação burocrática tomou forma de história de vida, mais próxima das pessoas a que se destina o jornal. Moral da história: em títulos, dê preferência às palavras quentes, em geral mais curtas do que as frias.

Toque final

Não gosto de escrever. Gosto de ter escrito.
Armando Nogueira

As palavras são a ferramenta do jornalista. Conhecê-las é o primeiro requisito de quem quer escrever para ser entendido. O mau português compromete o esforço de pesquisa e redação, mutila as informações e prejudica a clareza. O emprego do termo adequado é uma das regras fundamentais do estilo.

Não se concebe um pintor que desconheça as cores, um compositor que ignore as notas musicais ou um escritor sem familiaridade com a língua. O jornalista precisa manejar o idioma com desenvoltura. Não raras vezes, porém, cai em pequenas armadilhas que põem abaixo sério e penoso trabalho. Algumas, relacionadas à norma gramatical; outras, afinadas mais com o bom gosto e o bom senso que com o certo e o errado.

A ética das palavras

Não existem palavras inocentes.
Frase inspirada em Freud

A socialite Carmem Mayrink Veiga ficou pobre. Precisou arregaçar as mangas e partir pra luta. Para provar que daria conta do recado, disse em entrevista que sempre trabalhara como uma negra. Tradução: trabalho pesado é coisa de negro.

Fernando Henrique estava em campanha eleitoral. Num laivo de humildade, confessou que tinha um pé na senzala. Para os bons entendedores, ficou claro. O homem não era tão perfeito quanto parecia. Tinha nódoas de origem.

“Tenho aquilo roxo”, vociferou Fernando Collor de Melo. Delfim Netto se encarregou de pôr os pontos nos is. “Os brancos”, ironizou ele, “têm aquilo rosa. Se você tem roxo, branco não é”. Conclusão: o não ser branco constitui defeito que as pessoas precisam esconder.

As três histórias têm a cara do racismo brasileiro. É disfarçado. Freqüenta com tanta naturalidade o dia a dia que raramente nos damos conta de que estamos reforçando preconceitos.

Por causa do preconceito, temos dificuldade de dizer que alguém é negro. Parece ofensivo. Criativos, inventamos um montão de palavras para designar afrodescendentes. É o caso de mulato, moreno, escurinho, sarará, cabo verde, neguinho.

E por aí vai.

Muitas delas são eufemísticas. Constituem forma de adocicar o preconceito e torná-lo convenientemente invisível. “Desenvolvemos o preconceito de ter preconceito”, disse Florestan Fernandes. A razão é simples. A legislação é pra lá de rigorosa. Crime de racismo figura entre os inafiançáveis. Qualquer bobeira, o jornalista responde nos tribunais.

Aconteceu com o colunista social Cláudio Cabral Ferreira, do jornal *Tribuna do Ceará*. Ele escreveu: “Feijoada é comida de músico baiano, negros e índios – sub-raças, evidente”. O caso acabou no Tribunal de Justiça do estado. “Foi só uma brincadeira”, defendeu-se ele. O juiz aceitou a desculpa. Absolveu o acusado por entender que tudo não passara de galhofa. O promotor recorreu. O gozador pode pegar seis anos de xilindró.

Ser racista explícito tornou-se, além de arriscado, politicamente incorreto. Pega mal. A sociedade patrulha, o movimento negro está atento. Mas a discriminação continua presente.

As palavras, como frisou Camilo José Cela, são mais duradouras que as pedras. Não são, porém, criação da imprensa. A mídia apenas as reproduz.

Expressões impregnadas de preconceitos usadas aqui e ali recorrem ao adjetivo negro. Todas têm conotação negativa. Valem os exemplos de *câmbio negro, mercado negro, buraco negro, dia negro, lista negra, humor negro, magia negra, peste negra, ovelha negra, nuvens negras*.

Cortar negro do dicionário? Claro que não. A palavra é muito bem-vinda para designar africanos ou afrodescendentes. Zezé Mota é negra. Não é escurinha, crioula, negrinha, morena, negrona, de cor. Afora isso, xô! Quer indicar cor? Use preto.

O politicamente correto não se restringe a questões raciais. Não é politicamente correto pôr em risco o meio ambiente. Não é politicamente correto contar piadinhas sobre mulher. Não é politicamente correto usar termos que, de uma forma ou de outra, reforçam preconceitos.

Homossexual é homossexual ou gay. Bissexual é bissexual. Travesti é travesti. Lésbica é lésbica. Nada de bicha, veado, fresco, boneca, traveco, gilete, sapatão, sapato 45. Cego é cego. Surdo é surdo. Mudo é mudo. Às vezes, portador de necessidades especiais. Nunca aleijado, aleijão, defeituoso, deformado, retardado, mongolóide, débil mental.

Pobre é pobre ou pessoa de baixa renda, se possível, dizer a renda. Sem essa de pé-rapado, salário mínimo, roto, pobretão. Idoso é idoso (melhor informar a idade da pessoa). Deixe de fora vovô, velho, decrépito, senil, gagá, velhote, titio, mais pra lá do que pra cá, esclerosado, pé na cova, hora extra no mundo. Nordestino é nordestino. Paraibano é paraibano. Piauiense é piauiense. Esqueça nortista, paraíba, piauizeiro, retirante, cabeça-chata, pau de arara, baiano cansado.

Pessoa baixa é baixa (dizer a altura). Nanica, pigmeu, pintor de rodapé, gabiru, anão de jardim, salva-vidas de aquário? Tranque as gozações no cofre e jogue a chave fora. Maltratar é maltratar. Desacreditar é desacreditar. Nada de judiar, que lembra judeu. Ou denegrir, que remete a negro.

É isso. Policie a linguagem. E não peque pela omissão. Fale mais, cobre mais. Faça barulho quando autoridades, que servem de modelo, recorrerem, mesmo inconscientemente, a expressões preconceituosas. É jeito de dar visibilidade ao preconceito envergonhado.

A luta é difícil porque se trava contra fantasmas. Vale, aí, a receita de Leonel Brizola: para lutar contra o diabo, é preciso recorrer a todos os demônios. Afinal, o diabo nunca tira férias. Se necessário, faz hora extra. Quando não pode comparecer, manda a sogra. Resistir a ele? Só há uma receita. É a eterna vigilância.

As penetras

Minha pátria é minha língua.

Um banco oficial patrocinou um espetáculo de música popular brasileira. Teatro lotado, o apresentador, de smoking e gravata borboleta, cumprimentou a plateia, pediu que desligassem os celulares e anunciou:

– Vamos estartar o show.

Uma hora depois voltou e informou ao distinto público:

– Teremos um brake de quinze minutos.

Passado o tempo, as luzes se acenderam e se apagaram três vezes. Ele, de novo:

– É hora de reestartar o show.

Ensurdecedora vaia se ouviu. O pobre não entendeu a injustiça. Na cabeça dele, pegava bem usar os nobres estartar, brake e reestartar no lugar dos vira-latas iniciar, intervalo e recomeçar. Pensou mal. Alguns não entenderam. Quem entendeu achou desaforo. Daí a reação.

Um fato é indiscutível. A língua está impregnada de palavras estrangeiras. Nos shopping centers, nas comunicações bancárias, nos nomes de lojas, só o inglês tem vez. Bairros emergentes dão a impressão de que vivemos em Nova Iorque. Não falta nem estátua da liberdade.

É da natureza da língua ser flexível, viva, dinâmica, adaptável. Logo, livre pra sofrer influências e receber contribuições. A língua é como fogo morro acima e água morro abaixo. Ninguém controla.

Bater papo é o seu vício. O diálogo se dá, claro, com as línguas de mais contato. Se hoje o português tem mais proximidade com o inglês – graças à internet, ao cinema, à música americana – é natural que sofra mais influência do inglês. Como antes sofreu do francês.

Fofoqueira, a língua fala de nós. Denuncia-nos. Mostra o que somos. Ora, se temos orgulho e amor por nossas coisas, cuidamos delas, ajudamo-las a crescer, frutificar, ter sucesso. Se, ao contrário, tratamo-las com indiferença, alienação e desprezo, o resultado é o empobrecimento e a morte. Em outras palavras: a entrega ao outro.

Se a língua fala de nós, o que diz a nosso respeito?

Revela um povo que usa poucos dos inumeráveis recursos de que dispõe. O português tem cerca de 400 mil palavras. Guimarães Rosa utilizou nove mil. Um adulto escolarizado se recorre de duas mil. Quem só frequentou o ensino fundamental fica pelos mil vocábulos. Quanto menos recursos se usam, mais pobre a língua fica. Uma palavra passa a traduzir muitas significações. Vira curinga.

Revela um povo com baixa autoestima. Dar nome inglês a estabelecimentos comerciais, anunciar em inglês a liquidação ou a entrega em domicílio denuncia falta de amor próprio, preguiça de criar e tendência à cópia. Denuncia, também, o produto que o consumidor deseja. O comércio oferece cardápio em inglês porque o consumidor quer. Valoriza o prato.

Os dois itens anteriores revelam, sobretudo, subdesenvolvimento. Somos subdesenvolvidos porque nos faltam educação e ciência. Usamos poucos recursos da língua porque não nos são exigidos. Embalamos nosso produto em inglês porque vende melhor. Se houvesse resistência, o quadro seria diferente.

Como lidar com os estrangeirismos na imprensa? Eça de Queirós escreveu: “Um homem só deve falar, com impecável segurança e pureza, a língua da sua terra. Todas as outras as deve falar mal, orgulhosamente mal, com aquele acento chato e falso que denuncia logo o estrangeiro”.

Há empréstimos incorporados. Esses praticamente conquistaram nacionalidade camoniana. É o caso de show, shopping, marketing. Alguns ganharam grafia portuguesa. Fiquemos com ela: abajur, gangue, uísque, estresse, xampu.

E, sempre que houver uma palavra portuguesa, vamos dar-lhe primazia. Prefira apagar a deletar; imprimir a printar; camiseta a t-shirt; participação no mercado a marquet share.

Na boca do povo

A coisa mais difícil do mundo é dizer pensando
o que todos dizem sem pensar.
Émile Auguste Chartier Alain

Paulo formou-se em comunicação. Em bate-papo com os colegas, soube que a uma emissora de tevê estava contratando repórteres. Informaram-no que o primeiro passo era apresentar o currículo. Ele preparou cuidadosamente o texto. Ao entregá-lo, vários conhecidos faziam o mesmo.

Na hora da avaliação, lá estava o título em negrito – experiência anterior. Baita redundância. Toda experiência é anterior. Assim como todo elo é de ligação, todo hábitat é natural, todo amigo é pessoal. O pleonasmo, como excesso de sobremesa, enjoa. Nós brincamos com alguns pra lá de conhecidos. É o subir pra cima, descer pra baixo, entrar pra dentro, sair pra fora. Mas existem os engenhosos, que passam despercebidos. Nós, ingênuos, caímos na armadilha.

Sem corar, dizemos *manter o mesmo, ainda continua, ganhar grátis*. Ora, se mantemos, só pode ser o mesmo. Se não for, manter não é. Pode ser mudar, trocar, substituir. *Ainda continua?* As duas palavras falam de continuidade. Melhor ficar com uma ou outra (ele continua gripado, ele ainda está gripado). *Ganhar grátis?* Só pode. Se o presenteador for adepto da oração de São Francisco de Assis "é dando que se recebe", o presenteado não ganha. Compra, troca, negocia.

Há pleonasmos tão familiares que parecem gente boa, que nada mais faz que cumprir a obrigação. Não caia na deles. Os redundantes comprometem reputações, adiam a esperada promoção, afugentam amores.

Olho vivo. Todo general é do Exército. Todo brigadeiro, da Aeronáutica. Todo almirante, da Marinha. Todo país, do mundo. Toda viúva, do falecido.

Só há labaredas de fogo. Só existem estrelas no céu. Sorriso, nos lábios. Goteira, no teto. Monopólio, exclusivo. Erário, público. Planos ou projetos, para o futuro.

Criar? Só pode ser algo novo. Detalhes? São sempre pequenos. Encarar? Só de frente. Exultar? Só de alegria. Calar? Só a boca.

Todos são unânimes? Todos são todos. Unânimes são todos. Escolha um ou outro: *Todos concordaram. A decisão foi unânime*.

Além de fazer frio, também chove? Nem pensar. Decida-se. Fique com o *além*. Ou com o também: *Além de fazer frio, chove. Faz frio e também chove*.

Mesmeiros do texto

Nas palavras e nas modas, observe a mesma regra:
sendo novas ou antigas demais, são igualmente grotescas.
Pope

Imagine alguém que use a mesma roupa dia após dia, mês após mês, ano após ano. A criatura deixa de surpreender. Monótona, não chama a atenção. Ao contrário. É altamente previsível.

Com a língua ocorre o mesmo. Certas palavras e expressões foram originais um dia. Despertaram comentário. Depois, de tanto repeti-las, viraram modismos, chavões ou lugares-comuns. Supérfluas, são pobres de valor informativo.

É o caso de pontapé inicial. Alguém aproveitou o termo da linguagem futebolística e o usou num texto de política. Ótimo. Outros gostaram do resultado. Imitaram o primeirão. Hoje, quando bate o olho na mesmeira, o leitor sente cheiro de mofo.

Sobram exemplos:

- *A cada dia que passa; a duras penas; a olho nu; a olhos vistos; a ordem é se divertir; à saciedade; a sete chaves; a todo vapor; a toque de caixa; abertura da contagem; abrir com chave de ouro; acertar os ponteiros; agarrar-se à certeza de; agradar a gregos e troianos; alto e bom som; alimentar a esperança; amanhecer do dia; antes de mais nada; ao apagar das luzes; aparar as arestas; apertar os cintos; arregaçar as mangas; ataque fulminante; atingir em cheio; atirar farpas; baixar a guarda; barril de pólvora; bater em retirada; cair como uma bomba; cair como uma luva; caixinha de surpresas; caloroso abraço; campanha orquestrada; cantar vitória; cardápio da reunião; carta branca; chegar a um denominador comum; chover no molhado; chumbo grosso; colocar um ponto final; com direito a; comédia de erros; como manda a tradição; como se sabe; como já é conhecido; como todos sabem; comprar briga; conjugar esforços; corações e mentes; coroar-se de êxito; correr por fora; cortina de fumaça.*

Mais: dar o último adeus; de mão beijada; deitar raízes; debelar as chamas; depois de longo e tenebroso inverno; desbaratar a quadrilha; detonar um processo; erro gritante; de quebra; dispensa apresentação; divisor de águas; do Oiapoque ao Chuí; efeito dominó; em compasso de espera; em pé de igualdade; em polvorosa; em ponto de bala; em sã consciência; em última análise; eminência parda; empanar o brilho; encostar contra a parede; esgoto a céu aberto; estar no páreo; faca de dois gumes; familiares inconsoláveis; fazer as pazes com a vitória; fazer das tripas coração; fazer uma colocação; fazer vistas grossas; fez por merecer; fonte inesgotável; fugir da raia; gerar polêmica; hora da verdade; importância vital; inflação galopante; inserido no contexto; jogo de vida ou morte; lavar a alma; lavrar um tento; leque de opções; levar à barra dos tribunais; líder carismático; literalmente tomado; lugar ao sol; luz no fim do túnel; maltraçadas linhas; menina dos olhos; morto prematuramente.

> *Ainda mais: na ordem do dia; na vida real; no fundo do poço; óbvio ululante; ovelha-negra; página virada; parece que foi ontem; passar em brancas nuvens; pelo andar da carruagem; perder o bonde da história; perder um ponto precioso; perdidamente apaixonado; perfeita sintonia; petição de miséria; poder de fogo; pomo da discórdia; pôr a casa em ordem; prendas domésticas; preencher uma lacuna; procurar chifre em cabeça de cavalo; propriamente dito; requinte de crueldade; respirar aliviado; reta final; rota de colisão; ruído ensurdecedor; sair de mãos abanando; sagrar-se campeão; saraivada de golpes; sentir na pele; separar o joio do trigo; sério candidato; ser o azarão; sorriso amarelo; tecer comentários; ter boas razões para; tirar do bolso do colete; tirar o cavalo da chuva; tirar uma conclusão; tiro de misericórdia; trair-se pela emoção; trazer à tona; trocar farpas; via de regra; via de fato; voltar à estaca zero.*

Ufa!

Lição do corpo

Só fala e escreve bem quem pensa bem.
Fialho de Almeida

O corpo fala. E dá lições. Uma delas: as partes que exercem função igual têm estrutura igual. No rosto, temos dois olhos, dois ouvidos, duas narinas. Um par exerce o mesmo papel que o outro. Os olhos veem. Os ouvidos ouvem. As narinas cheiram.

Por exercerem a mesma função, o casalzinho tem a mesma forma. Um olho é do tamanho e da cor do outro. Um ouvido é do tamanho e formato do outro. Uma narina tem a cara e o focinho da outra.

No resto do corpo, a história se repete. Temos duas mãos, dois braços, dois pés e duas pernas. Um e outro exercem a mesma função. As mãos seguram. Os braços abraçam. Os pés pisam. As pernas andam. Por isso, têm a mesma forma. Um braço é gêmeo univitelino do outro. Pés, pernas e dedos também.

A língua é boa aluna. Aprende a lição rapidinho. Termos e orações com funções iguais ganham estruturas iguais. Por exemplo: se o verbo pede dois objetos diretos, há dois caminhos. Um deles é darlhes a forma de nome. O outro, de oração.

Veja:

- *O presidente negou interesse na reeleição e que o governo esteja sem rumo.*

O verbo *negar* é transitivo direto. Pede objeto direto. No caso, são dois objetos. Um: o interesse na reeleição. O outro: que o governo esteja sem rumo. Reparou? Houve desrespeito à lei do paralelismo. Os dois – *interesse na reeleição e que o governo esteja sem rumo* – são objetos diretos de *negar*. Mas têm estruturas diferentes. Um é nominal. O outro, oracional.

Em suma: misturaram-se alhos com bugalhos. Para corrigir o aleijão só há uma saída – dar a mesma estrutura aos dois objetos:

- Estrutura nominal: *O presidente negou* ***interesse*** *na reeleição e* ***falta*** *de rumo no governo.*
- Estrutura verbal: *O presidente negou* ***que tivesse*** *interesse na reeleição e* ***que*** *o governo* ***estivesse*** *sem rumo.*

> Cuidado com o ***e que***. A duplinha só tem vez quando houver o primeiro *quê*. Na falta dele, tenha uma certeza: o paralelismo foi esnobado.

Veja:

- *As pesquisas revelam grande número de indecisos* ***e que*** *pode haver segundo turno na eleição presidencial.*

Cadê o primeiro quê? O gato comeu. Que coma então o e que:

- *As pesquisas revelam grande número de indecisos e a possibilidade de segundo turno nas eleições presidenciais.*

Às vezes, os termos paralelos aparecem em forma de casaizinhos. São os pares da língua. Eles são fiéis uns aos outros: o que acontece com um acontece com o companheiro. Trocando em miúdos: se um dos parceiros se apresenta sem artigo, o outro segue o mesmo caminho. Se, ao contrário, se exibe devidamente acompanhado, o outro vai atrás.

Difícil? O exemplo deixa clara a fidelidade entre os membros de expressões escritas aos pares. Examine:

- *Estudo* ***de*** *segunda* ***a*** *sexta-feira.*

A preposição de é pura. Não vem acompanhada de artigo. O parzinho dela não pode ser diferente. A é, também, preposição pura. Artigo não tem vez com ela. Por isso não ocorre a crase.

Compare:

- *Trabalho **das** 8h **às** 22h.*

O primeiro par é das. As três letrinhas são a combinação da preposição de com o artigo as. O primeiro par é casado? O segundo também. Às é contração da preposição a com o artigo a.

Mais exemplos:

- *Li o livro **da** página 5 **à** página 18.*
  *Viajei **da** França **à** Alemanha de trem.*
  *Fui de avião **de** Miami **a** Madri.*
  *Corri **da** Rua Azul **à** Rua Verde.*

Samba da mistura doida

Lé com lé, cré com cré, cada sapato no seu pé.
Dito popular

Imagine a cena. Paulo tem na mão meio copo de Coca Cola. Luís tem meio copo de guaraná. Eles resolvem fazer uma combinação. Misturam a Coca com o guaraná. Dá uma bebida estranha. Ninguém sabe o que é. A única certeza é esta: não é Coca Cola. Nem guaraná.

Na língua também ocorrem misturas heterodoxas. São os cruzamentos. Distraídos, nós pegamos parte de uma estrutura. Juntamola com parte de outra. O resultado é um ser muito estranho. Parece filhote de jacaré com tartaruga.

Vale um exemplo. O português tem as locuções *à medida que* e *na medida em que*. Cada uma tem seu significado.

- *À medida que = à proporção que Minha pronúncia melhora à medida que pratico a língua.*

- *Na medida em que = porque, tendo em vista A mortalidade infantil continua alta na medida em que não se* *resolveu o problema do saneamento básico.*

Atenção, muita atenção. Volta e meia, a gente vê a locução *à medida em que*. Esse mostrengo equivale à mistura de guaraná com Coca Cola. Ou ao filhote de jacaré com tartaruga. Fuja dele.

Existem outras construções louquinhas por cruzamentos. Ao menor descuido, lá vaaaaamos nós. Juntamos lé com cré. E o sapato perde o pé. Com elas, todo o cuidado é pouco. Mantenha estas duplinhas sempre juntas:

- ***seja...seja**: Seja no inverno, seja no verão, Maria está sempre bem-agasalhada.*
  ***ou...ou**: (ou) No inverno ou no verão, Maria toma sorvete todos os dias.*
  ***quer...quer**: Quer no inverno, quer no verão, Paulo usa terno e gravata.*
  ***de...a**: Estudo inglês de segunda a quinta-feira.*
  ***das...às**: Trabalho das 14h às 19 horas.*
  ***não...mas**: Não moro em São Paulo, mas em Brasília.*

O casalzinho é inseparável. Mas há gente que teima em levá-lo ao adultério. Eis o resultado desmoralizador:

- *Seja no inverno ou no verão, Maria está sempre bem-agasalhada. Quer no inverno ou no verão, Paulo usa terno e gravata. Estudo inglês de segunda à quinta. Trabalho de 14h às 19 horas.*

Xô, união pornô!

Mistérios do plural

Liberdade completa ninguém desfruta:
começamos oprimidos pela sintaxe
e acabamos às voltas com o Dops.
Graciliano Ramos

Em 9 de julho de 2004, o *Correio Braziliense* criou um monstro. Na página 20, escreveu: “O grupo avisa a todos que defendem Saddam que irá cortar seus pescoços antes de chegarem a Bagdá”. Depois do susto, a conclusão: os advogados são descendentes da Hidra de Lerna, que tinha nove cabeças. Se não forem, o singular se impõe:

● *O grupo avisa a todos que defendem Saddam que lhes iremos cortar o pescoço antes de chegarem a Bagdá.*

As palavras são cheias de manhas. Algumas têm plural. Mas, em certas construções, só se usam no singular. É o caso das partes do corpo. Dizemos que os presentes balançaram a cabeça (não as cabeças) porque cada um só tem uma cabeça. Pela mesma razão escrevemos: *Os tiros pegaram no coração dos manifestantes. Os presentes levantaram a mão.*

Atenção: a regra não vale para as partes plurais (olhos, pernas, orelhas, braços): *Levantaram os olhos* (os dois) *para o céu. Ergueram os braços* (os dois) *em sinal de aprovação. A mãe puxou-lhes as orelhas* (as duas).

Se for só um olho, um braço, uma orelha, o singular pede passagem: *Ergueram o braço* (um só) *na votação da proposta. A mãe puxou-lhes a orelha* (uma só). *O bebê agitou a perna* (uma só) *em sinal de impaciência.*

A propriedade que se refere a dois ou mais sujeitos também abomina o plural: *A polícia gaúcha procura três meninos com idade* (não idades) *entre 8 e 9 anos. A USP divulga nome* (não nomes) *dos classificados no vestibular. A festa contou com a presença* (não presenças) *de cantores e repentistas. A polícia apura a identidade* (não identidades) *dos acusados. O técnico anunciou a escalação* (não escalações) *dos jogadores. Cerca de três mil pessoas perderam o emprego* (não empregos).

Por que o singular? Pela mesma razão do singular nas partes do corpo. Se você bobear e escrever que a USP divulga nomes dos aprovados, dará a impressão de que cada aprovado tem mais de um nome. Falso, não?

Receita do cruzcredo

Não basta escrever certo. Elegância e fluência também contam.

Josué Machado

Agudização, prestigiamento, obstacularizar, tecnologizar & Cia. têm um ponto em comum: irritam o receptor. Denunciam profissional descuidado com a língua, presa fácil de modismos e vocábulos malformados que entram no idioma pela porta das traduções malfeitas. Antijornalísticas, figuram na lista de palavras vetadas em quase todos os manuais de redação.

As novidadeiras, porém, não se fazem de rogadas. Aparecem desenvoltas em títulos, sutiãs, legendas e textos. Com razão tornaram-se motivo de chacota, frequentadoras do programa humorístico *Casseta e Planeta*. Ricardo Freire, incomodado com o abuso, escreveu o artigo “Complicabilizando” para a Revista *Época*. Eis trecho do desabafo:

> *Sim, estou me associando à campanha nacional contra os verbos que acabam em “ilizar”. Se nada for feito, daqui a pouco eles serão mais numerosos do que os terminados simplesmente em “ar”. Todos os dias os maus tradutores de livros de marketing e administração disponibilizam mais e mais termos infelizes, que imediatamente são operacionalizados pela mídia, reinicializando palavras que já existiam e eram perfeitamente claras e eufônicas. (...)*
>
> *Precisamos reparabilizar nessas palavras que o pessoal inventabiliza só para complicabilizar. Caso contrário, daqui a pouco nossos filhos vão pensabilizar que o certo é ficar se expressabilizando dessa maneira. Já posso até ouvir as reclamações: “Você não vai me impedibilizar de falabilizar do jeito que eu bem quilibiliser”. Problema seu. Me inclua fora dessa.*

> O gerundismo é outra praga. Chegou tímido, trazido pelas más traduções do inglês. Adotado por secretárias, telefonistas e, sobretudo serviços de telemarketings, criou asas e voou. Ganhou intimidade com as salas de aulas, as páginas de jornais e revistas, e dos bem cuidados telejornais.

O que quer o intruso? Quer tomar o lugar do simpático futuro da nossa língua. “Vou estar anotando”, “vou estar encaminhando”, “vai estar lendo”? É a receita do deus nos acuda. Para não afugentar o cliente, mandam o bom senso e a boa norma dar o recado no futuro simples *(anotarei, encaminharei, lerá)*. Ou no composto (vou anotar, vou encaminhar, vai ler).

O gerúndio não pára aí. Se deixar, invade outros territórios. É o caso do presente contínuo. A forma *estar* + *gerúndio* indica ação em curso, transitoriedade: *Neste momento, você* ***está lendo*** *a receita do cruzcredo. Eu* ***estava saindo*** *quando o telefone tocou.*

Fora desses limites estreitos, o casadinho não tem vez. *Eu estou sofrendo do coração?* Nem pensar. A doença tem duração maior que o momento em que se fala. Eu sofro do coração. *Maria está morando em São Paulo há dez anos?* Sem essa. Maria mora em São Paulo. *Nós estamos estudando inglês na Cultura Inglesa?* Não. Nós estudamos inglês na Cultura Inglesa. *Em Brasília, estamos sempre falando com autoridades?* Engano. Em Brasília, falamos sempre com autoridades.

E as duplinhas? As más línguas juram que elas ajudam a construir nosso jeitinho de ser. O que torna o brasileiro brasileiro? Uns dizem que é o gosto por caipirinha. Outros, a paixão por feijoada. Há quem fale em tendência a adiar compromissos. Muitos lembram o falar bonito. Todos concordam na quedinha por esconder o pensamento. No fundo, trememos na base ante a hipótese de assumir responsabilidade.

"Como vai?", perguntamos. Há mais de cinquenta respostas para a questão: tudo bem, vou indo, mais ou menos, assim-assim, navegando, flutuando, do jeito que Deus manda, não tão bem quanto você, melhor do que mereço, conforme sopra o vento, se melhorar estraga. E por aí vai. Todas têm uma característica. Fazem de conta que respondem, mas não respondem.

Recorremos a mil estratégias de falar sem dizer. Uma delas: espichar os verbos. Poucos resistem à tentação. Ao menor cochilo, lá estão dois infinitivos juntos. Em 99% dos casos, sobra gordura.

Poder, querer, tentar & gangue se prestam como ninguém ao papel sujo. Como quem não quer nada, juntam-se a outro infinitivo. Não dá outra. Viram parasitas – roubam a força do verbo principal. Deixam-no frouxo, obscuro, sem charme.

Exemplos pululam por aí:

- *Ele fez tudo para **poder salvar** o casamento.*
  *Ele fez tudo para **salvar** o casamento.*

- *Gastou as economias para **poder estudar** na Europa.*
  *Gastou as economias para **estudar** na Europa.*

- *Chegou cedo para **poder pegar** um bom lugar.*
  *Chegou cedo para **pegar** um bom lugar.*

- *No afã de **querer parecer** bonita, Vera Fisher gasta horas nos salões de beleza? Falso.*

*No afã de **parecer** bonita, Vera Fischer gasta horas nos salões de beleza.*

◉ *Lula não medirá esforços no empenho de **querer acabar** com a fome no Brasil? Desista.*
*Lula não medirá esforços no empenho de **acabar** com a fome no Brasil.*

Fale sério. O sentido mudou? Não. *Poder e querer* ficam implícitos na frase. Rua pra eles.

> Outro recurso para fugir da responsabilidade é esconder-se atrás do *tentar*. Abra o olho. Ao dizer “vou tentar resolver meu problema de pontuação”, você dá razão aos psicólogos. Eles explicam: Quem quer faz. Quem não quer tenta.

Para ser convincente, seja corajoso. Afirme. Mande o *tentar* pras cucuias:

◉ *Vou resolver meu problema de pontuação.*

É isso. E não é pouco.

A ditadura da indústria

Escrevi o livro para tirar o pé da lama.
Adriane Galisteu

Quando você pensou que tinha aprendido tudo sobre escrever bem, aqui vai uma má notícia. Não basta escrever bem. É preciso ser rápido e preciso. Pouco adianta apresentar uma reportagem fabulosa se estiver maior do que o espaço (ou o tempo, no caso de rádio e tevê) reservado a ela. Também terá pouca serventia se o autor estourar o horário de fechamento. O repórter corre o risco de ver um calhau publicado no lugar da preciosa obra.

Curiosidade 1: calhau é anúncio usado para completar uma página quando termina o horário de fechamento sem que as matérias estejam prontas.

Curiosidade 2: com propriedade, o horário limite para o fechamento é chamado de *dead line* – linha da morte. Ultrapassá-la significa a morte da matéria ou do emprego do jornalista.

Os repórteres detestam a comparação, mas o trabalho deles assemelha-se à produção de salsichas. Há um buraco a ser preenchido. E é preciso preenchê-lo até determinado horário. Atrasos comprometem as estratégias de distribuição em bancas e a venda. A venda influencia o preço dos espaços publicitários. É bom lembrar: jornais, revistas, telejornais são produtos de uma indústria, que visa a lucro.

A faca dos editores

Dos dois maiores fantasmas da vida nas redações, o tamanho do texto e o prazo de fechamento, o primeiro é aterrador porque toca no ego do autor. Texto jornalístico é concreto, passível de ser medido em centímetros ou em tempo de leitura. Se não couber no espaço reservado para ele, entra na faca dos editores. “Corta pelo pé”, gritavam editores dos anos 70. A ordem tinha uma lógica. Esperava-se que as informações mais importantes estivessem no início do texto. Assim, se estava grande demais, cortavam-se as linhas finais – o pé da matéria.

Hoje, nem sempre se corta pelo pé, porque a organização dos textos mudou, mas ainda se corta sem a menor consideração pelos talentos literários de que o repórter se julga depositário. Entregar a matéria no tamanho pedido é tão importante quanto descobrir um furo de reportagem. Não adianta reclamar. Os diagramadores, responsáveis pelo desenho das páginas, mandam nos jornais. O espaço, limitado assim como o tempo dos telejornais e dos programas de rádio, é uma das maiores fontes de insatisfação nas redações.

A ditadura do espaço, como toda ditadura, é danosa também quando tem efeito contrário. Há situações – raras, é verdade – nas quais o jornalista precisa aumentar o texto em vez de reduzi-lo. Acredite: encher linguiça é a pior praga do trabalho. Na falta do que dizer, repórteres publicam declarações das fontes na íntegra, incluem descrições pouco importantes e cedem à tentação literária. Tomam o tempo do leitor, irritam-no e ocupam espaço precioso com informações de quinta categoria. Mas não há nada a fazer. O jeito é caprichar na apuração para a eventualidade.

A pressão do fechamento

O processo industrial também funciona sob rigoroso controle de horários.

Atrasos no fechamento causam efeito dominó desastroso e caro. As empresas pagam horas extras aos trabalhadores das gráficas e comprometem todo o sistema de logística para a distribuição dos exemplares às bancas. Os prejuízos são altos para os veículos de circulação nacional, dependentes de horários de voos. Se os jornais desembarcarem nas bancas depois das 7h30, os compradores avulsos terão seguido para o trabalho sem o exemplar do dia debaixo do braço.

O resultado do atraso é trágico. Assinantes telefonam raivosos. Cobram o cumprimento do horário de entrega e ameaçam cancelar a assinatura. Os leitores eventuais comprarão o jornal do concorrente. Há ainda perda de credibilidade. Autoridades, empresários e outros profissionais, leitores diários por dever de ofício, iniciarão a jornada de trabalho sem as informações do veículo. Resultado: as matérias não serão lidas nem trarão repercussão pública.

Em suma: pouco adianta escrever bem se o tempo gasto ameaçar o fechamento. Entre a qualidade do trabalho e a precisão do horário, opte pelo segundo. Além do talento para apurar informações e redigir bons textos, jornalistas precisam ser rápidos no teclado. Reportagens especiais, em geral, podem ser produzidas em tempo maior, sem tanta pressão. Mas é impressionante como há repórteres condicionados a trabalhar sob pressão. Muitos acabam deixando tudo para a última hora. Enrolam uma semana e acabam estressados, varando madrugadas para concluir a tarefa na linha da morte.

Situação idêntica se vive nas redações dos telejornais e noticiários de rádio. Lá se obedece a grades fixas de programação, cujos espaços publicitários são preenchidos segundo a segundo. Atrasos causam prejuízo e perda de audiência. O horário de fechamento é sentença inapelável.

A ditadura dos prazos industriais cria eterno conflito entre dar bem uma matéria e fechar no horário. No corre-corre, os repórteres se empenham em incluir informações atualizadas (ou “quentes”, no jargão jornalístico) nas matérias do dia. Alguns eventos começam pela manhã e só terminam na hora de ir pra casa. Essa situação exige rapidez do profissional na apuração e, principalmente, na hora de escrever. Não há tempo para revisões cuidadosas nem para reescrever o texto. A margem de risco para ocorrência de erros aumenta à medida que o prazo final se aproxima.

Resultado: jornais e revistas estão cheinhos de pérolas. Os leitores atentos as anotam. Depois, não deixam por menos. Soltam relações na internet. Eis algumas preciosidades:

- *Depois de algum tempo, a água corrente foi instalada no cemitério para satisfação dos habitantes.*
  A nova terapia traz esperanças a todos os que morrem de câncer a cada ano.
  Apesar da meteorologia estar em greve, o tempo esfriou ontem intensamente.

Mais:

- *Os sete artistas compõem um trio de talento.*
  A vítima foi estrangulada a golpes de facão.
  Os nossos leitores nos desculparão por esse erro indesculpável.
  Há muitos redatores que, para quem veio do nada, são muito fiéis a suas origens.
  No corredor do hospital psiquiátrico, os doentes corriam como loucos.
  Ela contraiu a doença na época em que ainda estava viva.

Mais ainda:

- *O aumento do desemprego foi de 0% em novembro.*
  As circunstâncias da morte do chefe de iluminação permanecem rigorosamente obscuras.
  O presidente de honra é um jovem septuagenário de 81 anos.
  Parece que ela foi morta pelo assassino.
  Ferido no joelho, ele perdeu a cabeça.
  A polícia e a justiça são as duas mãos de um mesmo braço.
  O acidente foi no tristemente célebre Retângulo das Bermudas.

Um pouco mais:

- *Este ano, as festas do 4 de setembro coincidem exatamente com a data de 4 de setembro, que é a data exata, pois o 4 de setembro é um domingo.*
  O tribunal, após breve deliberação, foi condenado a um mês de prisão.
  Quatro hectares de trigo foram queimados. A princípio, trata-se de um incêndio.
  O velho reformado, antes de apertar o pescoço da mulher até a morte, se suicidou.
  Um surdo-mudo foi morto por um mal-entendido.
  À chegada da polícia, o cadáver se encontrava rigorosamente imóvel.

Quer mais? Leia o jornal que está a seu lado. E acredite: na disputa entre fechamento e boa edição, a qualidade sai perdendo.

Bibliografia

CONTI, Mario Sergio. *Notícias do Planalto*: a imprensa e Fernando Collor. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

DUAILIBI, Roberto. *Duailibi das citações*. São Paulo: ARX, 2000.

FERRARI, Pollyana. *Jornalismo digital*. São Paulo: Contexto, 2004.

GRIJELMO, Áex. *El estilo del periodista*. Madri: AS Taurus, 1997.

KUSHNER, Malcom. *Como falar em público para dummies*. Rio de Janeiro: Campus, 2004.

Manual de estilo da Editora Abril. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

MARTINS, Eduardo. *Manual de redação e estilo de O Estado de São Paulo*. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1997.

MELO, Luiz Antonio. *Manual de sobrevivência na selva do Jornalismo*. Rio de Janeiro: Casa Jorge Editorial, 1996.

NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*. São Paulo: Contexto, 2002.

RÓNAI, Paulo. *Dicionário universal Nova Fronteira de citações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

SQUARISI, Dad. *Mais dicas da Dad*: português com humor. São Paulo: Contexto, 2003.

SQUARISI, Dad; SALVADOR, Arlete. *Escrever melhor*: guia para passar os textos a limpo. São Paulo: Contexto, 2008.

TALESE, Gay. *Fama e anonimato*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VIVALDI, G. Martins. *Curso de redacción*: del pensamiento a la palabra. Madri: Paraninfo, 1981.

As autoras

Dad Squarisi tem o dom e o prazer de ensinar. Em palestras ou consultas feitas por leitores do *Correio Braziliense*, onde é editora de Opinião e escreve a coluna *Dicas de Português*, não para de tirar dúvidas. A saída para democratizar mais as lições foi publicar livros. Desde o primeiro, *Dicas da Dad – português com humor*, não parou. O sucesso editorial rendeu *Mais dicas da Dad* (ambos publicados pela Contexto). Formada em letras pela UnB, com especialização em linguística e mestrado em teoria da literatura, Dad Squarisi deu aulas de língua portuguesa e literatura brasileira nos três níveis de ensino e no Instituto Rio Branco (MRE). É coautora de *Escrever melhor e Redação para vestibulares e concursos*.

Arlete Salvador é jornalista desde 1980 e trabalhou em alguns dos mais importantes veículos de comunicação do país, como os jornais *O Estado de São Paulo e Correio Braziliense* e a revista *Veja*. Nesse tempo, Arlete ocupou quase todos os cargos de uma redação. Foi repórter, editora, editora-executiva, chefe de sucursal e colunista de política. Em todos esses postos, deixou como marca principal a qualidade do texto – preciso e elegante. Sua contribuição para este livro vem da experiência prática como jornalista. Arlete mostra aos leitores os bastidores das redações e oferece dicas sobre como escrever bem num ambiente pressionado pelo tempo e pelas limitações de espaço nas páginas dos jornais.

Dad Squarisi
Arlete Salvador

A ARTE DE ESCREVER BEM

um guia para jornalistas e profissionais do texto

editora contexto

Dad Squarisi
Arlete Salvador

A arte de
escrever bem

um guia para jornalistas e profissionais do texto

Copyright© 2004 Dad Squarisi e Arlete Salvador
Todos os direitos desta edição reservados à Editora Contexto (Editora Pinsky Ltda.)
Projeto gráfico e diagramação Gustavo S. Vilas Boas

Revisão
Luciana Salgado

Capa
Antonio Kehl

Foto Dad Squarisi
Aureliza Correa

Foto Arlete Salvador
Orlando Brito

Dados Internacionais de catalogação na publicação (CIP) (câmara Brasileira do livro, SP, Brasil)

Squarisi, Dad
A arte de escrever bem : um guia para jornalistas e profissionais do texto / Dad Squarisi, Arlete Salvador. 7. ed., 2ª reimpressão. – São Paulo : Contexto, 2012.

Bibliografia
ISBN 978-85-7244-279-4

1. Arte de escrever 2. Jornalismo 3. Português - Estudo e ensino I. Salvador, Arlete. II. Título.

04-6760 CDD-808.0469

Índice para catálogo sistemático: 1. Arte de escrever : Português : Estudantes e jornalistas : Técnicas de redação 808.0469

EDITORA CONTEXTO
Diretor editorial: Jaime Pinsky
Rua Dr. José elias, 520 – Alto da Lapa 05083-030 – São Paulo – SP
PABX: (11) 3832 5838
contexto@editoracontexto.com.br www.editoracontexto.com.br

2012

Proibida a reprodução total ou parcial.
Os infratores serão processados na forma da lei.

Para Augusto Marzagão,
mestre

Sumário

Apresentação
    É possível escrever bem

A garimpagem do óbvio

    A arte de pensar
    A pirâmide invertida
    O novo jornalismo

O texto jornalístico

    Dê passagem às frases curtas
    Prefira palavras curtas e simples
    Ponha as sentenças na forma positiva
    Opte pela voz ativa
    Escolha termos específicos
    Fique com as palavras concretas
    Restrinja a entrada de adjetivos
    Persiga a frase enxuta
    Seja conciso
    Corra atrás da frase harmoniosa
    Busque a clareza
    Teste a legibilidade do texto

Gêneros jornalísticos

    A força da notícia
        Reportagem factual
        A suíte

    - Reportagem especial
- Declaração é notícia
    - A entrevista pingue-pongue
- Gente é notícia
    - Perfil
    - Personagem
- Opine, não ache
    - Editoriais
    - Artigos, colunas e análises
- Quanto menor, melhor
- Acessórios trabalhosos
    - Quente ou fria?

Toque final

- A ética das palavras
- As penetras
- Na boca do povo
- Mesmeiros do texto
- Lição do corpo
- Samba da mistura doida
- Mistérios do plural
- Receita do cruz-credo
- A ditadura da indústria
    - A faca dos editores
    - A pressão do fechamento

Bibliografia

As autoras

Apresentação

É possível escrever bem

Escrever está na moda. As novas tecnologias de comunicação, quem diria, ressuscitaram o valor da escrita. Já não se escrevem cartas como antigamente, mas concisas mensagens eletrônicas. Já não se admitem relatórios longos e complexos. Tempo é dinheiro. Relatórios devem ser objetivos e contundentes. E os vestibulares? Estudante não entra na faculdade se falhar na redação. Nunca se precisou tanto da escrita quanto agora.

Ensinar a escrever é tarefa para professores. Jornalistas podem contribuir para aprimorar a técnica de repórteres mais jovens. Profissionais da imprensa são forjados na prática. Trabalham com a experiência adquirida ao longo dos anos de atividade. Gerações deles foram educadas nos gritos das redações e na humilhação pública, quando suas matérias eram jogadas na lata do lixo.

Ajuda vale mais que gritos. Este livro se propõe ajudar estudantes a escrever bem. Temos clareza das limitações do desafio. Escrever é atividade complexa, resultado de boa alfabetização, hábito da leitura, formação intelectual, acesso a boas fontes de informação e muita, muita prática. Além, é claro, de algo que vem de Deus ou do DNA, quem sabe? – o talento individual.

Não temos o poder de distribuir talento. Nosso papel é contribuir para preencher os outros requisitos – os que dependem do esforço pessoal e da persistência dos interessados em desenvolver a habilidade de transformar objetivos em textos. Aqui estão orientações básicas para o manejo da língua usada na imprensa. Os leitores podem não se transformar em novos Machados de Assis, mas enfrentarão mais preparados o desafio de escrever. Os gênios, talentosos por natureza, não precisam de nós. Pelo contrário. Ensinam-nos.

Dad e Arlete

A garimpagem do óbvio

Separar alhos de bugalhos
é um longo caminho.
Sonia Racy

A literatura acadêmica é curta e grossa no capítulo em que ensina a escrever um texto jornalístico. O texto, pregam os teóricos, deve começar respondendo, logo de cara, a seis perguntas fundamentais:

O quê?
Quem?
Quando?
Onde?
Como?
Por quê?

E não é que é assim mesmo? Em jornais, rádios, televisões e na novíssima internet, as notícias são apresentadas nesse formato. Quando Willian Bonner abre o *Jornal Nacional* dizendo “uma bomba explodiu na Chechênia matando o presidente da província e 31 pessoas”, usa a estrutura mais simples e direta do jornalismo.

Trata-se de fórmula fácil de reconhecer. Ela está em todos os lugares e serve de esqueleto, por exemplo, para anúncios de missas de sétimo dia:

● *Familiares convidam para a missa de sétimo dia da morte de fulano de tal a se realizar no dia tal, igreja tal e horário tal.*

Ou para embalar notícias de crimes e acidentes:

- *Um motorista embriagado bateu de frente com outro veículo na avenida tal, ontem à noite, matando os quatro ocupantes. Entre eles estava uma criança de seis meses.*

Moleza? Não é. A maior dificuldade de repórteres e redatores é encontrar as respostas certas para as seis perguntas marotas. Eles se perdem no emaranhado de dados trazidos da rua. Sentem-se incapazes de dizer o que aconteceu. Enredados por informações às vezes conflitantes, mostram-se inaptos para reconhecer os fatos mais importantes.

Responder às seis perguntas básicas é exercício de garimpagem. Escondido embaixo de toneladas de dados secundários, coberto por montanhas de detalhes desnecessários e disfarçado sob camada fina de observações sofisticadas, jaz o diamante reluzente do óbvio. Sim, infelizmente, nada é mais difícil para o repórter do que identificar a obviedade de uma notícia.

Afinal, o que são as seis perguntas cruciais se não o reconhecimento da obviedade em qualquer evento? Preste atenção nas conversas do dia a dia, em especial naquelas sem grandes pretensões intelectuais, com amigos, marido, mulher e filhos sobre acontecimentos corriqueiros.

Você começa um papo com uma amiga. Conta que está namorando. Qual a primeira pergunta que a outra lhe fará? Óbvio: quem? À medida que você responde, outras questões virão: como é ele (o namorado)? Como você o conheceu? Onde se encontraram? Como decidiram namorar? Sem perceber, vocês estão seguindo o conteúdo e a estrutura necessária para a construção de pequena reportagem. Os teóricos do jornalismo sintetizaram a dinâmica das nossas conversas.

A arte de pensar

Penso, logo existo.
René Descartes

A receita para escrever texto jornalístico funciona bem porque ensina a pensar. Quem já passou horas diante de uma tela em branco do computador em dúvida sobre por onde começar sabe o que é angústia. Os mais velhos devem se lembrar das páginas arrancadas das máquinas de datilografia quando se instalava a tortura. O papel jogado na lata de lixo tinha a vantagem de materializar o peso do tormento na vida dos candidatos a Machado de Assis, Elio Gaspari ou Roberto Pompeu de Toledo. Com o computador, não há sinais visíveis do sofrimento, mas ele continua, firme e forte.

Tanta dor tem uma causa. O texto passa a existir muito antes de tomar corpo na tela. Nasce, primeiro, na cabeça do autor. A habilidade de escrever é resultado da habilidade de pensar – pensar de forma ordenada, lógica e prática. Sem esse exercício, não há como encher a tenebrosa tela branca.

Assim, gaste tempo pensando sobre o que você quer escrever e, só depois, com um roteiro à mão, sente-se à frente do traumatizante computador. Ele se transformará naquilo que é – valioso instrumento de trabalho. A fonte de onde brotarão ideias, frases inteligentes e conceitos consistentes está no cérebro. A máquina não substitui o maior e mais fascinante talento do homem, a capacidade de pensar. Graças a Deus.

Trace um plano de voo. Como? A seguir, daremos um roteiro. As regras não garantem o despertar de gênios, mas oferecem caminho seguro para chegar a texto informativo, sucinto e direto, características fundamentais no estilo jornalístico.

- Faça um resumo da história como você faz quando um amigo lhe pergunta sobre a festa à qual ele não compareceu. Provavelmente, você diz: “A festa estava animada, cheia de gente bonita. A música era ótima e a comida, fabulosa”. Pronto, eis o resumo da sua história. Não o perca de vista. Seu objetivo será contar a narrativa em detalhes.

- Responda às seis perguntas indicadas no início deste capítulo na ordem em que foram apresentadas. A primeira é o quê? A última, e mais difícil, é por quê? As respostas não devem ultrapassar duas linhas. Nunca, jamais, em tempo algum podem ser maiores do que duas linhas. Seja até avarento. Escreva menos ainda.

- Enxugue o texto. Em jargão jornalístico, enxugar significa diminuir, cortar, mandar pras cucuias palavras e informações desnecessárias. Comece agora.

Você ignorou a orientação para restringir-se a duas linhas? Passe a tesoura sem dó nem piedade.

Leia e releia o texto. Aproveite para checar as informações. Nome, cargos e títulos das pessoas estão corretos? Pode parecer bobagem, mas nada irrita mais os leitores e desacredita a informação que ver nomes publicados com a grafia errada. A recomendação vale para outros pormenores como localização de uma cidade, distâncias, número de leis.

Na dúvida, procure confirmação em dicionários, mapas, livros de referência e listas telefônicas. Se necessário, volte a telefonar para as fontes da matéria. Não se acanhe. Diga que não está seguro sobre um item e que não gostaria de publicá-lo de forma errada. Fontes sérias agradecerão o cuidado. Os leitores também.

Divida o texto em partes (retrancas). Cada uma aborda um tema referente à história principal e, claro, deve ter o próprio planejamento. Uma, por exemplo, pode descrever a mansão onde ocorreu a festa. Outra, dar destaque ao cozinheiro francês especialmente contratado para o evento.

A pirâmide invertida

> *O estilo nada mais é do que a ordem e o movimento postos em seu pensamento.*
> Conde de Buffon

O modelo de perguntas e respostas na construção do texto atende à estrutura clássica de apresentação de uma notícia – a pirâmide invertida. A técnica estreou em 1861 no jornal *The New York Times*, como forma de dar objetividade ao relato de um acontecimento. Consiste em pôr as informações mais importantes no primeiro parágrafo, respondendo “o quê? quem? quando? onde? como? por quê?”.

Nessa ordem, os pormenores essenciais aparecem primeiro. Na prática, conta-se a história do fim para o começo, daí o nome de pirâmide invertida. Nas duas últimas décadas, houve tentativas de mudança nos textos tradicionais, forçadas pelo fenômeno dos noticiários audiovisuais e pela internet. Os veículos

digitais, mais rápidos, divulgam as notícias em tempo real, comprometendo o papel dos veículos impressos.

No passado, além do rádio, os jornais eram as únicas fontes de informação disponíveis. Hoje, não é assim, mas eles continuam a ser produzidos como se fossem. Um exemplar de hoje apenas com notícias de ontem chega às bancas desatualizado. O leitor foi bombardeado pelas informações do rádio e da tevê. Muitos acompanharam a notícia na internet.

Tomemos como exemplo o aumento dos combustíveis. Quatro jornais nacionais publicaram a notícia na terça-feira – o fato foi manchete de todos eles – mas o anúncio foi feito no dia anterior. A decisão da estatal, portanto, estava no ar na própria segunda-feira, por meio dos noticiários on line, televisivos e radiofônicos. Motoristas mais atentos tiveram tempo de completar o tanque do carro para escapar do reajuste. Os jornais ignoraram essa realidade e trataram o reajuste como grande novidade. Não era. Era assunto de conhecimento amplo.

Veja os exemplos:

- *O primeiro aumento de preços da gasolina e do óleo diesel no governo de Luiz Inácio Lula da Silva entrou em vigor hoje. Depois de ter ficado um ano e meio sem aumento – em abril do ano passado houve queda – o preço da gasolina vendida pela Petrobras em suas refinarias subiu 10,8% e o do diesel, 10,6%, sem considerar os impostos. De acordo com o presidente da Petrobras, José Eduardo Dutra, o aumento médio para os consumidores deverá ficar em torno de 4,5%, no caso da gasolina, e de 6,4% para o óleo diesel, caso nenhum setor da cadeia aumente também suas margens de lucro. (O Globo)*

- *A Petrobras não resistiu à pressão e anunciou ontem o reajuste nos preços dos combustíveis nas refinarias. A gasolina aumenta 10,8% e o óleo diesel, 10,6%. O presidente da estatal, José Eduardo Dutra, explicou que a estabilização do preço internacional do petróleo acima dos US$ 35 por barril tornou insustentável a manutenção dos preços. Para o consumidor, segundo cálculos da empresa, a alta deve chegar a 4,5% no caso da gasolina e 6,4% no diesel. O aumento vale a partir de hoje. (O Estado de S. Paulo)*

- *A Petrobras anunciou ontem o primeiro aumento no preço dos combustíveis no governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva: a gasolina nas refinarias da estatal ficou 10,8% mais cara a partir da 0h de hoje. O diesel subiu 10,6%. A companhia calcula que o impacto para o consumidor será menor devido a questões tributárias e, no caso da gasolina, à mistura com o álcool (25%). A previsão da Petrobras é que a gasolina suba 4,5% nas bombas dos postos e o diesel, 6,4%, se as margens de lucro das distribuidoras forem mantidas. (Folha de S. Paulo)*

- *A Petrobras anunciou ontem o reajuste dos preços da gasolina e do diesel nas refinarias, a partir da zero hora de hoje, em 10,8% e 10,6%, respectivamente. Os postos deverão repassar aos consumidores um aumento de 4,5% a 5% na gasolina e de 6,5% no diesel, segundo estimativas da Federação Nacional do*

Comércio de Combustíveis (Fecombustíveis). (Jornal do Brasil)

Com pequenas alterações, as matérias são quase idênticas. Seguem o modelo de resposta às seis perguntas básicas do jornalista – o que, quem, quando, onde, como e por quê – sustentáculo da pirâmide invertida. Conclusão: apesar da resistência de muitos profissionais, o formato consagrado impera nas redações.

No livro *A arte de fazer um jornal diário*, o jornalista pernambucano radicado em Brasília Ricardo Noblat abomina matéria puramente factual. “Por favor, não me contem o que já sei”, diz ele. “Topo ler o que já sei se vocês acrescentarem informações que desconheço ou se me explicarem o que não entendi direito. Até topo ler sobre o que já sei se vocês anteciparem o que está por vir. Mas só nesses casos. As seções de horóscopo dos jornais não fazem tanto sucesso? Quantas pessoas não consultam cartomantes, videntes e toda sorte de gente que se diz apta a adivinhar o futuro? Não acredito nesse tipo de gente. Mas acredito que o sonho de todo mundo é ler hoje o jornal de amanhã. E acredito na possibilidade de profissionais competentes anteciparem fatos”.

Noblat tem sido defensor ardoroso de novo modelo de jornalismo diário capaz de ir além da apresentação dos acontecimentos de ontem. Mas também ele sofria do pavor das redações em apostar em matérias exclusivas e, com isso, comprometer a cobertura diária a que os leitores estão acostumados. Durante os dez anos em que dirigiu o *Correio Braziliense*, seguindo o modelo de jornalismo pouco dado ao factual, Noblat viveu essa contradição.

Ele exigia criatividade da equipe nas reuniões de pauta, mas cobrava notícias do dia no horário de fechamento. Viraram folclóricas suas visitas à redação às 8h da noite, quando não dá mais tempo para acrescentar nada. Os editores viviam em estado de alerta, tensos e inseguros sobre a edição. O que mais temiam era ouvir Noblat gritar:

– Temos isso?

Isso era um acontecimento do dia que ele lera nas edições dos jornais na internet ou ouvira no *Jornal Nacional*. Se não tivesse, o editor que tratasse de conseguir. E mais. E melhor, com recursos gráficos, artigos, interpretações e análises. Às 8h da noite! A cena era tão comum que um grupo de repórteres bem-humorados da editoria de Cidades criou uma banda de música chamada *Temos isso?*

O novo jornalismo

Uma boa reportagem se faz com
precisão, rigor e correção,
mas também e sobretudo com emoção.
Zuenir Ventura

A contestação ao modelo de pirâmide invertida não é recente. Nos anos 60, jornalistas como Tom Wolfe, Truman Capote, Gay Talese e Norman Mailler inovaram. Abandonaram a estrutura clássica de texto factual, acrescentando elementos literários. Criaram o Novo Jornalismo. Um dos textos mais conhecidos desse período é *A sangue frio*, de Truman Capote. Conta o assassinato de uma família de fazendeiros do Kansas, ocorrido em 1959. Capote investigou a história para um artigo da revista *The New Yorker*, mas o trabalho transformou-se em romance. Foi publicado em capítulos, virou livro e filme de cinema.

O Novo Jornalismo também desembarcou no Brasil na década de 60. O *Jornal da Tarde* e a revista *Realidade*, lançados nesse período, em São Paulo, chegaram ao mercado com a cara da novidade. O fenômeno durou pouco, mas ainda há quem reclame de saudades daquelas velhas e boas reportagens. A verdade é que, séculos e muita discussão teórica depois, a pirâmide invertida resiste na imprensa. Ainda é a técnica de redação mais usada nos meios de comunicação.

O texto jornalístico

> *A frase jornalística tem de estar construída de tal forma que não só se entenda bem, mas que não se possa entender de outra forma.*
>
> Íñigo Dominguez

Existe texto jornalístico? Existe. Ele se enquadra entre as redações profissionais. É feito para ser lido, entendido e, se possível, apreciado. O jornalista, como o empresário, o advogado, o economista, escreve de olho no destinatário. E aí reside a diferença.

O advogado, o economista e o empresário escrevem para um público conhecido. A petição do advogado destina-se ao juiz. A análise do economista, a economistas. O relatório do diretor, ao presidente da empresa. A matéria do jornal, aos leitores do jornal.

Quem são eles? A resposta engloba de A a Z. São pessoas de variados níveis de escolaridade. De variadas profissões. De variadas faixas etárias. De variados interesses. O desafio do repórter é se fazer entender por todos. Quem – apesar das diferenças – se aventurar a ler uma reportagem, entrevista ou comentário deve ter a impressão de que o texto foi escrito para ele.

Como chegar lá? Os ingredientes são três – linguagem clara, informações precisas e estilo atraente. Há técnicas simples e práticas capazes de orientar o redator. Nasceram do bom senso e da experiência de jornalistas e escritores que, provocados, encontraram respostas para o grande desafio: escrever para o leitor.

Para ser lido, entendido e apreciado, certo talento se impõe. Mas não é suficiente. Outros quesitos precisam ser contemplados. Entre eles, domínio do idioma, familiaridade com o assunto tratado, capacidade de leitura, disposição e coragem para enfrentar duras batalhas.

Os dados, o objetivo e o plano são os ingredientes. A forma de prepará-los é que dá o toque especial ao prato. Uma frase particularmente elegante, capaz de veicular com clareza e simplicidade a mensagem que você quer transmitir, é conquista pessoal, exercício diário de desapego, humildade e vontade de melhorar.

Com os dados à mão, objetivo definido e plano traçado, é hora de redigir. Como? Sem perder de vista o leitor. Lembre-se de duas dicas:

Seja natural – Imagine que o leitor esteja à sua frente ou ao telefone conversando com você. Fique à vontade. Espaceje as frases com pausas e, sempre que couber, com perguntas diretas. Confira a seus textos um toque humano. Você está escrevendo para as pessoas.

Seduza – Vá direto ao assunto. Comece pelo mais importante. E comece bem, com uma frase atraente, que lhe desperte o interesse e o estimule a prosseguir a leitura. No final, dê-lhe o prêmio: um fecho de ouro, como inesquecível sobremesa a coroar um lauto jantar.

William Strunk Jr, professor de altos estudos da língua inglesa, costumava dizer: “A prosa vigorosa é concisa. A frase não deve ter palavras desnecessárias nem o parágrafo frases desnecessárias, pela mesma razão que o desenho não deve ter linhas desnecessárias nem a máquina partes desnecessárias. Isso não quer dizer que o autor faça breves todas as suas frases, nem que evite todos os detalhes, nem que trate seus temas só na superfície: apenas que cada palavra conta”.

Os segredos do estilo mais eficiente podem ser resumidos em doze preceitos, relacionados a seguir.

Dê passagem às frases curtas

Uma frase longa não é nada mais que duas curtas.
Vinicius de Moraes

O leitor só consegue dominar determinado número de palavras antes que seus olhos peçam uma pausa. Se a frase for muito longa, ele se sentirá perdido, sem capacidade de compreender-lhe o completo significado. Prefira, por isso, sentenças de, no máximo, 150 toques.

A frase curta tem duas vantagens. Uma: diminui o número de erros. Com ela, tropeçamos menos nas conjunções, nas vírgulas e nas concordâncias. A outra: torna o texto mais claro. Clareza é, disparado, a maior qualidade do estilo. Montaigne, há quatrocentos anos, ensinou: “O estilo deve ter três qualidades – clareza, clareza, clareza”.

Como chegar lá? Vinicius de Moraes deu a dica. “Uma frase longa”, disse ele, “não é nada mais que duas curtas”. O *Manual de estilo da Editora Abril* abriu o jogo: “Na dúvida, use ponto”. O jeito, então, é desmembrar as compridonas. Eis algumas dicas:

a) Substitua o gerúndio por ponto:

- *Alunos recém-aprovados no vestibular chegarão à universidade no segundo semestre podendo, se forem estudiosos, concluir o curso em quatro anos, fazendo em seguida um curso de pósgraduação.*

Sem o gerúndio, o ar entra livre nos pulmões e, de quebra, o período ganha charme:

- *Alunos recém-aprovados no vestibular chegarão à universidade no segundo semestre do ano. Se forem estudiosos, poderão concluir o curso em quatro anos e, em seguida, fazer uma pósgraduação.*

b) Transforme a oração coordenada em novo período:

- *Pensei em construir uma rodoviária maior e mais moderna, pois a que temos dentro em pouco será insuficiente, mas os trabalhos a que me aventurei, necessários ao conforto dos viajantes, não me permitiram a execução de uma obra, embora útil, prorrogável.*

Com o ponto, dá pra respirar fundo:

- *Pensei em construir uma rodoviária maior e mais moderna, pois a que temos dentro em pouco será insuficiente. Mas os trabalhos a que me aventurei, necessários ao conforto dos viajantes, não me permitiram a execução de uma obra, embora útil, prorrogável.*

c) Livre-se do já que:

- *Os líderes europeus tiveram de falar em Ronald Reagan, já que a morte do cowboy presidente os surpreendeu reunidos em Paris na comemoração da passagem dos 60 anos do Dia D.*

Sem a duplinha:

- *Os líderes europeus tiveram de falar em Ronald Reagan. A morte do cowboy presidente os surpreendeu reunidos em Paris na comemoração da passagem dos 60 anos do Dia D.*

d) Isole as orações:

- *A visita-surpresa do presidente George W. Bush ao Iraque foi o fecho de ouro de uma semana farta de boas notícias e grandes golpes de marketing político do atual chefe de governo americano em busca da reeleição do ano que vem, pois o número revisado do crescimento do PIB dos Estados Unidos no terceiro trimestre e a aprovação de audacioso projeto de lei do Executivo para transformar o benefício de auxílio a aposentados na compra de medicamentos foram dois outros excelentes fatos políticos para Bush, que se somam à eleição de Arnold Schwarzenegger para o governo da Califórnia e de mais dois republicanos para os estados de Mississipi e Kentucky, antes sob o comando do Partido Democrata, de oposição ao presidente.*

Ufa! Venham, pontos:

- *A visita-surpresa do presidente George W. Bush ao Iraque foi o fecho de ouro de uma semana farta de boas notícias e grandes golpes de marketing político do atual chefe de governo americano em busca da reeleição. O número revisado do crescimento do PIB dos Estados Unidos no terceiro trimestre e a aprovação pelo Senado de audacioso projeto de lei do Executivo para transformar o benefício de auxílio a aposentados na compra de medicamentos foram dois outros excelentes fatos políticos para Bush. Eles se somam à eleição neste mês de Arnold Schwarzenegger para o governo da Califórnia e de mais dois republicanos para os estados do Mississipi e Kentucky, antes sob o comando do Partido Democrata, de oposição ao presidente.*

Moral da história: homem é homem. Mulher é mulher. Ponto é ponto.

e) Seja sovina:

- *Troque a oração adjetiva por adjetivo: Quem escreve animal que se alimenta de carne quer dizer animal carnívoro; pessoa que planta café, cafeicultor; criança que não tem educação, criança mal-educada.*

Substitua a oração pelo termo nominal:

Compare:

- *A comunidade exige que o criminoso seja punido.*
  A comunidade exige a punição do criminoso.

- *Ninguém duvidava de que o plano tivesse êxito.*
  Ninguém duvidava do êxito do plano.

Lembrete: perdoar é o grande vício de Deus. Mas o Senhor tem especial

predileção por absolver os inimigos do quê. Candidate-se.

Prefira palavras curtas e simples

Mãe é mãe. Genitora é a tua. Progenitora é a vó.
Carlos Lacerda

Um assessor de Tancredo Neves queria fazer bonito. Num discurso, escreveu: “Esforçar-nos-emos para viabilizar uma sociedade mais inclusiva”. O presidente leu-a em voz alta. Achou-a pretensiosa e oca. Substituiu-a por: “Vamos construir um país em que ninguém fique de fora”.

É isso. Palavras longas e pomposas funcionam como uma cortina de fumaça entre quem escreve e quem lê. Seja simples. Entre dois vocábulos, prefira o mais curto. Entre dois curtos, o mais expressivo.

Só ou *somente*? Só. Com ela, poupam-se duas sílabas. *Féretro* ou *caixão*? *Caixão*. É mais simples e mais curta. *Óbito* ou *morte*? *Morte*. Deixe óbito para os escrivães. Eles adoram empolação. Em vez de *falecer*, prefira *morrer*. Substitua *obviamente* por *é claro*. *Morosidade* por *lentidão*. *Ósculo* por *beijo*. *Matrimônio* por *casamento*. *Causídico* por *advogado*. *Colocar* por *pôr*. *Genitor* e *genitora* por *pai* e *mãe*. *Data natalícia* por *aniversário*. *Esposo* e *esposa* por *marido* e *mulher*.

Que tal? Ser simples é a melhor receita. Sem aviá-la, prepare-se. Você corre risco de dar bom-dia a cavalo.

Ponha as sentenças na forma positiva

Ser simples é complicado.
Amália Rodrigues

A regra é dizer o que é, não o que não é. *Não ser honesto é ser desonesto.*

Não lembrar é esquecer. Não dar atenção é ignorar. Não comparecer é faltar. Não pagar em dia é atrasar o pagamento. Emprego que não paga bem paga mal.

Dizer o que não é em geral soa hesitante, impreciso. Pode sugerir malandragem, tentativa de fugir do compromisso de afirmar.

Compare as frases:

- *Ele não acredita que o ministro chegue a tempo.*
  Ele duvida que o ministro chegue a tempo.
- *O presidente diz que não fará alterações na política econômica.*
  O presidente nega alterações na política econômica.
- *Vargas Llosa não chegará hoje.*
  Vargas Llosa chegará no sábado.

É isso. O *não* causa arrepios. Ninguém o ama, ninguém o quer. Mostre-lhe o cartão vermelho.

Opte pela voz ativa

> *“Preciso fazer algo” resolverá mais problemas que “algo precisa ser feito”.*
> Glennvan Ekeren

O verbo tem voz. Mas precisa de alguém que fale por ele. Às vezes é o sujeito. Com ele, a frase fica esperta. Torna-se vigorosa. Enche-se de poder. Daí o nome *voz ativa*.

Outras vezes, o sujeito é boa-vida. Preguiçoso, não pratica a ação. A oração fica mole. Parece medrosa. Dá a impressão de que o autor, sem assumir a autoria, transfere a responsabilidade de declarar para o agente da passiva.

Compare:

Voz ativa: O ministro escreveu a carta ao presidente.
Voz passiva: A carta ao presidente foi escrita pelo ministro.

Percebeu a diferença? A voz ativa tem três vantagens. Uma: é mais curta. Duas: dispensa a praga do verbo ser. A última: soa mais direta, vigorosa e concisa que a passiva. Dê-lhe preferência sempre que puder.

Escolha termos específicos

Dê nome aos bois.
Voz do povo

A clareza das ideias está intimamente relacionada com a precisão das palavras que as traduzem. Buscar o vocábulo certo para o contexto exige atenção, paciência e pesquisa. Consultar dicionários, textos especializados e profissionais da área deve fazer parte da rotina do repórter.

Quem escreve um texto de economia, por exemplo, tem de distinguir o significado de salário, vencimento, provento, pensão, subsídio ou verba de representação. Uma reportagem sobre política cai no descrédito se disser que os deputados vetaram um projeto. Quem veta é o presidente da República. A Câmara rejeita. Uma notícia sobre o Judiciário tropeça se afirmar que o juiz deu parecer. Ele ordena, determina, profere sentença.

"Lutar com palavras", escreveu Drummond, "é a luta mais vã. Entanto lutamos mal chega a manhã". O poeta sabia das coisas. As palavras são enganosas por natureza e vocação. Armam ciladas. *Tempestivo e intempestivo* nada têm com temperamental. *Inclusive* não é sinônimo de *até*. *Espectador* não se confunde com expectador.

Falar e *dizer* não são sinônimos. Daí o comentário pouco lisonjeiro "falou, falou, mas não disse nada". Ou, ao contrário, "falou e disse".

Falar não equivale a dizer, afirmar, declarar. Mas a dizer palavras, expressar-se por meio de palavras: *Ele fala várias línguas. Falou com o prefeito. Não falará no assunto. O apelo da criança fala ao coração.*

Dizer é verbo declarativo. Equivale a declarar, afirmar:

- *Lula disse que aumentaria o valor do salário mínimo. Nenhum candidato diz toda a verdade.*

● *São Pedro disse:*
– Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.
Manuel Bandeira

Na dúvida, substitua o *falar*pelo *dizer*. Se der certo, o lugar é do verbo dizer. Mande o falar pras cucuias: *Ministro fala*(diz) *na TV que o dólar vai baixar. O professor falou*(disse) *que vai aderir à greve. Quem falou*(disse) *isso?*

O *falar* tem arrepios quando acompanhado da conjunção *que*. Os dois são inimigos desde que nasceram. Na presença do *falar que*, não duvide. Você está diante de um usurpador. Ele fala, fala e nada diz. A gente tem de falar e dizer. Devolva o posto ao *dizer*

Acontecer é outra vítima da pobreza vocabular. Ele parece, mas não é panaceia. Acontecer é cheio de caprichos. Elitista, tem poucos empregos. Mas, por culpa do destino, os colunistas sociais o adotaram. A moda se espalhou. O verbo virou praga. Tudo acontece. Até pessoas. Frases como estas aparecem a torto e a direito: *Ronaldinho está acontecendo na Seleção. O casamento acontece na catedral. O show acontece às 22h.*

Acontecer deve ser empregado na acepção de suceder de repente. Dá ideia do inesperado, desconhecido: *Caso acontecesse a explosão, muitas mortes poderiam ocorrer*. Ele é muito bem-vindo na companhia dos pronomes indefinidos (tudo, nada, todos), demonstrativos (este, esse, aquele, isto, isso, aquilo) e o interrogativo que: *Tudo acontece no feriado. Aquilo não aconteceu por acaso. Que aconteceu?* Não o use no lugar do *ser, haver, realizar-se, ocorrer, suceder, existir, verificar-se, dar-se, estar marcado para*. Busque saídas.

Uma delas é substituir o verbo: *O show acontece* (está marcado para) *às 22 horas*. *O festival aconteceu* (realizou-se) *no ano passado*. *O crime não aconteceu* (ocorreu). *Não aconteceu* (houve) *o rigoroso inverno*. Outra é mudar a frase: *A prisão aconteceu ontem*. (A polícia prendeu o ladrão ontem.) *O show de Roberto Carlos acontece no Teatro Nacional*. (Roberto Carlos faz show no Teatro Nacional). *A divulgação do resultado acontece logo mais*. (O resultado será divulgado logo mais).

Na língua, há palavras-ônibus. Parecem-se com o transporte coletivo. Com montões de significados, podem ser empregadas em muitos contextos. *Coisa*, por exemplo, é um minhocão. Assemelhase a ônibus papa-fila. As cinco letrinhas comportam todo o dicionário. “Comprei uma coisa pra você” pode ser...

qualquer coisa.

Há verbos que se confundem com chiclete. Encaixam-se em todos os contextos. São os verbos-ônibus. É o caso de *fazer, pôr, dizer, ter e ver*. Genéricos e incolores, tornam a frase vaga e imprecisa. Com paciência, a gente pode se livrar deles sem apelar para o pedantismo, a afetação ou o rebuscamento. Quer ver?

- Fazer
  Fazer uma fossa (cavar). *Fazer a estátua de mármore* (esculpir). *Fazer o trajeto de carro* (percorrer). *Fazer jornalismo* (cursar). *Fazer artigo para o jornal* (redigir ou escrever). *Fazer discursos* (proferir).
- Pôr
  Pôr uma palavra no parágrafo (acrescentar). *Pôr a sonda na ferida* (introduzir). *Pôr o futuro do subjuntivo na frase* (empregar). *Pôr a roupa no armário* (guardar). *Pôr dinheiro no banco* (depositar).
- Dizer
  Dizer poemas (declamar). *Dizer o segredo* (revelar). *Dizer exemplos* (citar). *Dizer a história* (contar).
- Ter
  Ter boa reputação (gozar). *Ter o respeito dos subordinados* (conquistar). *Ter dor de cabeça* (sentir). *Ter dez metros* (medir). *Ter cinquenta quilos* (pesar).
- Ver
  Ver a beleza do quadro (admirar). *Ver os menores detalhes* (observar). *Ver pela fechadura* (espiar).

Que ouça quem tem ouvidos de ouvir: empregar a palavra certa para o contexto é exercício difícil. Dá trabalho. Exige atenção, cuidado, paciência. E pesquisa. Consultar o dicionário ajuda. E como!

Fique com as palavras concretas

> *Minha terra tem palmeiras/Onde canta o sabiá.*
> Gonçalves Dias

Há palavras mais específicas que outras. *Gato siamês* é mais singular do que *gato; homem*, mais do que animal; laranjeira, mais do que *árvore; árvore,* mais do que *planta*ou *vegetal*. *Trabalhador* é termo de sentido geral, muito amplo (engloba todas as criaturas que trabalham). *Jornalista* tem sentido mais restrito.*Jornalista do SBT*, mais ainda. Ao descrever uma cena de rua, você pode referir-se genericamente a transeuntes ou particularizar: homens, jovens, estudantes, alunos da escola normal.

Escrever *foi um período difícil* constitui vagueza. *Estive desempregado durante três meses* é mais preciso, bem melhor.

Não foi por acidente que Gonçalves Dias compôs: “Minha terra tem palmeiras *Onde canta o sabiá”. Se tivesse dito “Minha terra tem árvores* Onde canta o pássaro”, seus versos estariam enterrados com ele, ignorados de todos.

Há jeitos de tornar concretos termos genéricos:

> *O desempenho do Produto Interno Bruto no primeiro trimestre de 2004 pode ser comparado ao enfermo cuja febre baixou. A temperatura, que ultrapassava os quarenta graus, ameaçava provocar convulsões. Agora, chegou aos 39º. O quadro ainda é grave, mas vislumbra-se um começo de recuperação. Em 2003, o* PIB *encolheu 0,2%. Significa que o país andou para trás. Produziu menos riquezas, restringiu investimentos, diminuiu a oferta de postos de trabalho. A renda despencou e, com ela, o consumo de bens e serviços. Indústria e comércio amargaram o ano no vermelho”.*
>
> *(Correio Braziliense).*

Viu? A comparação (desempenho do PIB à febre) e a citação de exemplos baixaram o nível de abstração do texto. O que significa andar pra trás? Significa produzir menos riquezas, restringir investimentos, diminuir a oferta de postos de trabalho.

Há quem diga que jornalista não sabe fazer conta. Se soubesse, não seria jornalista. Por isso não se exige de quem escreve para jornal, revista, rádio ou tevê especialização em matemática, estatística ou economia. Basta o domínio das quatro operações algébricas. E, de quebra, uma dose de atenção e algum bom senso.

Antes de cravar que um milhão de pessoas compareceram à Praça dos Três Poderes em Brasília, convém ligar o “desconfiômetro”. O Plano Piloto tem 400 mil moradores. O Distrito Federal –- incluído Plano Piloto e cidades satélites –- abriga dois milhões de habitantes. Conclusão: um milhão de pessoas na Praça dos Três Poderes corresponde a dois Planos Pilotos e meio. Ou a meio Distrito Federal. É um despropósito.

Números são conceitos abstratos. Tenha pena do leitor. Torne-os compreensíveis. Explique-os de modo a que tenham significado real para quem lê. Boa receita é fazer comparações. Prêmio de R$ 42 milhões? Corresponde a

176.923 salários mínimos de R$ 260. Ou 840 carros Vectra Elegance Sedan. Em Johanesburgo, na África do Sul, ocorrem 225.600 estupros por ano. O número significa um estupro a cada três minutos.

Siga a regra: o específico é preferível ao genérico; o definido, ao vago; o concreto, ao abstrato. Busque variedade, propriedade e riqueza. Recuse monotonia, vagueza e indigência.

Restrinja a entrada de adjetivos

> *Corto adjetivos, advérbios e todo tipo de palavra*
> *que está lá só para fazer efeito.*
> Georges Simenon

Você sabia? Substantivo e adjetivo são quase sempre inimigos mortais. Um quer distância do outro. Para aproximá-los, só há um jeito. O adjetivo deve ser capaz de especificar melhor o substantivo. Em outras palavras: tornar o nome menos abrangente, mais preciso.

Observe:

- *Os alunos tiram boas notas.*

A frase diz que todos os alunos tiram boas notas. Não é isso? O adjetivo se encarrega de restringir o substantivo:

- *Os alunos estudiosos tiram boas notas.*

Veja outros exemplos de adjetivos bem-vindos. Eles particularizam o objeto. Dão validade à informação:

- *Comprei uma mesa redonda.*
  Gostamos de paredes brancas.
  João Marcelo tem cabelos loiros.
  Dois atletas canadenses se destacaram nos Jogos Pan-Americanos.

Por que redonda, brancas, loiro e canadenses mereceram banda de música e tapete vermelho? Porque prestam um senhor serviço à frase. Tornam o nome mais particular. Eu não comprei qualquer mesa, mas a mesa redonda. Não é de qualquer cor de parede que nós gostamos, mas da branca.

O cabelo do João Marcelo poderia ser preto, castanho, ruivo, vermelho, verde. O adjetivo *loiro* manda as especulações plantar batata no asfalto. Os atletas poderiam ser brasileiros, cubanos, chilenos ou argentinos. *Canadenses* elimina as demais possibilidades.

Há adjetivos que causam urticária ao substantivo. São os adjetivos-ônibus. Vazios, não acrescentam nenhuma informação ao substantivo. Ao contrário. Exprimem a opinião de quem escreve. São tão genéricos que podem se juntar a qualquer substantivo.

É o caso de *maravilhoso*. João pode ser maravilhoso. A casa pode ser maravilhosa. O clima pode ser maravilhoso. A noite pode ser maravilhosa. Tudo pode ser maravilhoso.

Conclusão: maravilhoso não informa nada.

Mais exemplos de indesejados: Pessoa *formidável*, lição *fantástica, Vestido bonito*.

Os adjetivos nada informam sobre o objeto. O que é clima maravilhoso? Quente? Chuvoso? Nublado? Depende do gosto do freguês. E pessoa formidável? E lição fantástica? Vestido bonito? Sei lá.

Certos adjetivos associados a determinados substantivos formam chavões pela insistência do uso. Mas é fácil romper o casamento. Alguns exemplos:

◉ *Calorosa recepção, caloroso abraço* (recepção, abraço)
Fortuna incalculável (valor aproximado?)
Inflação galopante (índice?)
Monstruoso congestionamento (quantos quilômetros?)
Perda irreparável (perda)
Prejuízos incalculáveis (valor aproximado?)
Sonora vaia (vaia)
Vitória esmagadora (diga o número de votos ou a percentagem)

Com os adjetivos, seja econômico como os mineiros. Moradores das Alterosas dão o seguinte conselho aos filhos:

– Não saia. Se sair, não gaste. Se gastar, não pague. Se pagar, pague só a sua.

Vale a adaptação:

– Não use adjetivo. Se usar, use só os que particularizam o substantivo.

É isso. Escreva com a convicção de que no idioma só existem substantivos e verbos. As demais classes de palavras devem ser usadas com o cuidado do ourives e o pãodurismo do Tio Patinhas.

Persiga a frase enxuta

A era das belas frases acabou.
Theodor Fontane

A língua se parece com as pessoas. É vaidosa que só. Adora ser enxutinha e ter tudo no lugar. Gordurinhas aqui e ali? Nem pensar. Bisturi nelas. O cirurgião plástico manda os excessos bater em retirada.

Artigos indefinidos, pronomes possessivos, demonstrativos e indefinidos são alguns bicões que engrossam a fila dos candidatos à faca. Vamos a eles:

a) Artigos indefinidos

Um, uma, uns, umas devem ser usados com muito cuidado. Sabe por quê? Eles são inimigos do substantivo. Tiram-lhe a força. Tornam-no vago, impreciso, desmaiado.

Ora, como as palavras mais importantes do texto são o substantivo e o verbo, não se pode maltratá-las. Manda o bom senso eliminar o inimigo. Fora, artigo indefinido!

◉ *O Ministério da Justiça aguarda (uma) verba suplementar para saldar a dívida.*
Na avaliação do governo, a greve contra a reforma da Previdência não terá fôlego para prosseguir por (um) longo período. Ciro Gomes deu (uma) entrevista agressiva à revista Época. Lula queria implantar (um) novo capitalismo no Brasil. Haverá (uma) renovação de 60% no Congresso.

É isso. As palavras, como os remédios, podem matar. O artigo indefinido é medicamento de tarja preta. Causa dependência. Erva daninha, em 99% das frases é gordura pura. Corte-o. Mas não pare nele. Há outros inimigos a serem eliminados sem piedade.

b) Pronome possessivo

Georges Simenon escrevia romances policiais pra lá de bons. O segredo: “Livro-me dos vocábulos que estão na frase só para enfeitar ou atrapalhar”. Um deles são os pronomes *seu, sua*. Eles parecem inofensivos. Mas tornam o enunciado ambíguo. A história a seguir exemplifica o estrago:

- *O presidente do banco estava preocupado com um jovem diretor que, depois de ter trabalhado algum tempo junto dele sem parar nem para almoçar, começou a ausentar-se ao meio-dia. Desconfiado, o chefão chamou um detetive privado e lhe ordenou:*
  – Siga o diretor Duarte durante uma semana para ver se ele está fazendo algo errado.
  O detetive, depois de cumprir o que lhe havia sido pedido, informou:
  – O diretor Duarte sai normalmente ao meio-dia, pega o seu carro, vai à sua casa almoçar, namora a sua mulher, fuma um dos seus excelentes cubanos e regressa ao trabalho.
  O presidente respirou aliviado e respondeu:
  – Ah, bom, antes assim. Não há nada de mal nisso. Incomodado, o detetive perguntou:
  – Desculpe-me, senhor, mas posso tratá-lo por tu?
  – Sim, claro.
  – Então vou contar tudo de novo. O diretor Duarte sai normalmente ao meio-dia, pega o teu carro, vai à tua casa almoçar, namora a tua mulher, fuma um dos teus excelentes cubanos e volta ao trabalho.

Seu e *sua* referem-se a *ele* e a *você*. Daí a confusão. A mesma ambiguidade ocorre nesta passagem:

- *O subprocurador-geral José Roberto Santoro encontrou-se com a senadora Roseana Sarney no aeroporto de Brasília. Durante o encontro, Santoro, que é um dos procuradores do caso Lunus, chegou a ensinar Roseana a utilizar alguns recursos do seu celular.*

De que celular? Da senadora? Do subprocurador-geral? Pode ser de uma ou de outro. O *seu* provocou a confusão. Sem ele, a frase ganha clareza:

- *Durante o encontro, Santoro, que é um dos procuradores do caso Lunus, chegou a ensinar Roseana a utilizar alguns recursos do celular.*

Se quiser especificar de quem é o celular, os pronomes *dele* e *dela* resolvem:

- *Durante o encontro, Santoro, que é um dos procuradores do caso Lunus, chegou a ensinar Roseana a utilizar alguns recursos do celular dele (ou dela).*

Há vezes em que o pronome, sem função, vira um belo Antônio. Pau nele!

- *No acidente, quebrou a sua perna direita, fraturou os seus dedos da mão esquerda, arranhou o seu rosto.*

Antes das partes do corpo, o possessivo não tem vez. Sem ele, a frase respira aliviada:

- *No acidente, quebrou a perna direita, fraturou os dedos da mão esquerda, arranhou o rosto.*

Mais exemplos de inutilidade? Ei-los:

- *No (seu) pronunciamento, Bush apoiou Israel. Antes de sair, calçou os (seus) sapatos, vestiu a (sua) blusa e pôs os (seus) óculos.*

c) Pronome demonstrativo

Pegue o jornal. Abra-o em qualquer página. Leia artigos, reportagens, editoriais. Lápis na mão, assinale os *aqueles*, *aquelas* e *aquilos* que aparecerem no caminho. A conclusão é inevitável. O artigo (o, a) e o demonstrativo (o, a), caíram em desuso. A turma os esqueceu. Em vez do discreto monossílabo, empanturra a frase com o trissílabo peso-pesado:

- *Garotinho condena aqueles que o criticam.*
  Garotinho condena os que o criticam.
  Garotinho condena quem o critica.

- *Aquilo que é escrito sem esforço é lido sem prazer.*
  O que é escrito sem esforço é lido sem prazer.

d) Pronome *todos*

Ser claro é obrigação de quem escreve. O artigo definido se presta à confusão de significados. Dobre a atenção quando for usá-lo. Ao dizer “os candidatos fazem campanha”, englobam-se todos os candidatos. Se não são todos, o pequenino não tem vez: candidatos fazem campanha.

Para quem sabe ler, pingo é letra. Se o artigo engloba, o pronome *todos* sobra em muitas situações. Corte-o sem pena:

● *Vou ao teatro todas as terças-feiras.*
Vou ao teatro às terças-feiras.

● *Todos os alunos que saíram perderam a explicação.*
Os alunos que saíram perderam a explicação.

Conclusão: o texto é louquinho por lipoaspiração. Ao escrever, leia a obra com cuidado. Depois, passe o motorzinho nas gorduras. Mande-as arder no mármore do inferno.

Seja conciso

Escrever é cortar.
Marques Rebelo

Cultivar a economia verbal sem prejuízo da completa e eficaz expressão do pensamento tem dupla vantagem. Uma: respeita a paciência do leitor. A outra: poupa tempo e espaço (bens pra lá de escassos no jornal, rádio e tevê).Conciso não significa lacônico, mas denso. Opõe-se a vago, impreciso, verborrágico. No estilo denso, cada palavra, cada frase, cada parágrafo devem estar impregnados de sentido.

Eis algumas sugestões que contribuem para a concisão:

Dispense, nas datas, os substantivos dia, mês e ano: em 20 de janeiro (não no dia 20 de janeiro); em dezembro (não no mês de dezembro); em 1995 (não no ano de 1995).

Substitua a locução adjetiva por adjetivo: *material de guerra* (material bélico); *pessoa sem discrição* (pessoa indiscreta); *criança sem educação* (criança mal-educada).

Troque a oração adjetiva por nome: *pessoa que se alimenta de verduras e legumes* (vegetariana); *homem que planta arroz* (arrozicultor); *criança que não sabe ler nem escrever* (criança analfabeta).

Corte *que é, que foi, que era* & Cia: *A maior parte da população de Washington,* que é *a capital dos Estados Unidos, tem origem negra.* A maior parte da população de Washington, a capital dos Estados Unidos, tem origem negra.
Juscelino Kubitschek, que foi *presidente do Brasil de 1956 a 1960, construiu Brasília,* que é *a capital do país.*
Juscelino Kubitschek, presidente do Brasil de 1956 a 1960, construiu Brasília, a capital do país.

Reduza orações:
Agora que expliquei o título, passo a escrever o livro.
Explicado o título, passo a escrever o livro.

Depois de redigir o texto, pensarei na legenda.
Redigido o texto, pensarei na legenda.

Elimine palavras ou expressões desnecessárias: *decisão tomada no âmbito da diretoria* (decisão da diretoria); *trabalho de natureza temporária* (trabalho temporário); *problema de ordem emocional* (problema emocional); *curso em nível de pósgraduação* (curso de pósgraduação); *lei de alcance federal* (lei federal); *doença de característica sexual* (doença sexual); *casos de ocorrência* (ocorrências); *casos de atraso* (atrasos).

Substitua a locução verbo + substantivo pelo verbo: *Fazer uma viagem* (viajar). *Fazer música* (compor). *Pôr as ideias em ordem* (ordenar as idéias). *Pôr moedas em circulação* (emitir moedas).

Quer exercitar-se? Então divirta-se com a última moda. É a LUT. As três letrinhas são as iniciais de *Lição de Um Tema*. Trata-se de grande desafio. Os profissionais da empresa devem ser capazes de explicar qualquer tarefa em um minuto. Não há discriminação. Todo assunto pode ser descrito em uma folha de papel. Entre texto e imagem, o recado deve ser dado em sessenta segundos.

Os temas variam. Vão da instrução de como tirar papel embolado da impressora à técnica de manusear um equipamento. Passam pelas formas de preencher um formulário, redigir uma carta ou configurar um software. E chegam à apresentação de relatórios e reportagens.

A tarefa exige poder de síntese, muiiito treino e enorme pãodurismo. É como escrever um telegrama. A gente paga por palavra. Como o bolso é a parte mais sensível do corpo, a regra número 1 é cultivar a economia verbal. Prepare a tesoura.

Eis o texto:

- *Como todo mundo sabe, o estudante sempre deve tentar escrever suas redações diárias com substantivos fortes e verbos precisos.*

Se todo mundo sabe, não precisa dizer. Sem dizer, o texto fica assim:

- *O estudante sempre deve tentar escrever suas redações diárias com substantivos fortes e verbos precisos.*

Os psicólogos são claros. Quem tenta não faz. Para ser afirmativo, deixe o verbinho pra lá. Cassado o murista, eis o resultado:

- *O estudante sempre deve escrever suas redações diárias com substantivos fortes e verbos precisos.*

Seguindo o conselho de Simenon, adjetivos e advérbios vão pras cucuias:

- *O estudante deve escrever suas redações com substantivos e verbos.*

Dá pra economizar mais uns trocados? Dá. Dizendo a frase de outra forma, ganha-se um chopinho:

- *Estudante, escreva redações com substantivos e verbos.*

É isso. Prolixo designa verbosidade. Pronuncia-se prolikso. Aqui, é pro lixo mesmo.

Corra atrás da frase harmoniosa

Uma palavra posta fora do lugar
estraga o pensamento mais bonito.
Voltaire

Não basta ser correto. O enunciado tem de agradar aos ouvidos. Um dos segredos está na combinação de palavras e frases. Umas devem conversar com as outras sem tropeços, ecos ou repetições. O resultado precisa soar bem. Descer redondo. É a harmonia.

A harmonia não cai do céu nem salta do inferno. Há truques que permitem chegar a ela. Um deles: evitar as frases mancas. A oração tem sujeito, objeto, adjuntos e toda a parafernália que você conhece. A colocação deles é a chave do estilo harmonioso. Eis a receita: o termo mais curto – com menor número de sílabas – deve vir na frente do mais longo.

Leia este período em voz alta:

- *No sábado, fui ao shopping. Depois de borboletear de loja em loja, entrei na livraria. Lá, comprei vários livros de geografia e história do Brasil e um CD.*

Reparou? O enunciado parece manco. Dá a impressão de que lhe falta alguma coisa. Mas não falta. Ele está certinho da silva. A sensação de incompletude tem tudo que ver com o tamanho dos termos:

- *Na livraria, comprei duas coisas. Uma: um CD. A outra: livros de geografia e história do Brasil.*

Na lei da harmonia, o curto vem na frente. No exemplo, vem atrás. Compare:

- *No sábado, fui ao shopping. Depois de borboletear de loja em loja, entrei na livraria. Lá, comprei um CD e* *vários livros de geografia e história do Brasil.*

Leia outro período em voz alta:

- *O Congresso Nacional votará na próxima semana em regime de urgência urgentíssima o projeto.*

Manco, não? Compare-o com este:

- *O Congresso Nacional votará o projeto na próxima semana em regime de urgência urgentíssima.*

Outro truque da harmonia é o mistério do três. Três é o número da Santíssima Trindade. Três são os lados do triângulo. Três são os poderes da República. Três é também técnica de estilo. Por alguma razão que nem Deus explica, o grupo de três itens exerce impressão poderosa sobre a mente. A ele ninguém resiste.

"Cheguei, vi e venci", gabou-se Júlio César. Abraham Lincoln seguiu a regra: "Governo do povo, pelo povo, para o povo". Por isso, Montaigne não deixou por menos: "O estilo", disse ele, "deve ter três virtudes: clareza, clareza, clareza".

Ao escrever, pense na mágica do três. Imagine três itens para agrupar. Não importa o assunto. Você vai descrever Brasília? A capital de JK é uma cidade planejada, moderna e com alto poder aquisitivo.

A harmonia abomina os ecos. A rima, qualidade da poesia, constitui defeito da prosa. Releia seus textos, de preferência em voz alta, para verificar se ocorre repetição de sons iguais ou semelhantes:

- *Houve muita confusão e provocação na reunião de representantes do Ceará e do Maranhão.*

Cruz-credo! Com tantos ãos, dá pra fazer uma feijoada. Sem eco, a frase fica assim, pra lá de agradável:

- *Houve muita provocação e tumulto no encontro de representantes de Fortaleza e São Luís.*

Outro exemplo:

- *O Plano Real acabou com a inflação mortal.*

O ouvido da gente não é lixeira. Vamos ao troca-troca:

- *O Plano Real acabou com a inflação que mata a economia do trabalhador.*

Mais um:

- *O rigor do calor de Salvador lhe causava mais pavor.*

Pra fora, eco!

- *O forte calor da capital baiana lhe causava pânico.*

O último:

- *O crescimento sem desenvolvimento pode implicar incremento do subdesenvolvimento.*

Xô, coisa feia:

- *Crescer sem preocupação com o desenvolvimento pode implicar mais atraso.*

Cuidado com as cacofonias. Às vezes, a última sílaba de uma palavra se junta à primeira de outra e forma novo vocábulo, soando mal aos ouvidos do leitor atento ou desavisado: *por cada; uma mão; por razões, boca dela, por tal, por tais, por tão.*

“O que é escrito sem esforço é lido sem prazer”, dizia Samuel Johnson. O escritor inglês se referia sobretudo às repetições. O texto se parece à comida. Comer o mesmo prato todos os dias em todas as refeições é enjoativo. Há que variar os ingredientes e o preparo para manter o apetite.

Existem repetições e repetições. Algumas se restringem à palavra. Outras, à estrutura. Ambas – se não forem propositais – causam um senhor estrago ao texto. Tornam-no monótono. Como sonífero, dão um sono...

Variedade opõe-se a monotonia. Substantivos, verbos, conjunções, preposições, pronomes, aumentativos, diminutivos, superlativos escritos mais de uma vez no parágrafo (às vezes no texto) exigem providências. Uma delas: cortar vocábulos. Outra: usar sinônimos. Mais uma: mudar a frase.

A propósito, vale o alerta do jornalista Eduardo Martins, autor do *Manual de redação e estilo* do jornal *O Estado de S. Paulo*: "Não transforme em preocupação obsessiva o receio de repetir palavras. Se você já usou *hospital* e *estabelecimento*, por exemplo, recorra novamente a um deles, caso o texto exija, nunca *nosocômio*".

Mais: cuidado com as repetições sofisticadas. Não inicie frases e parágrafos com estruturas iguais. Incluem-se aí os artigos, flexionados ou não.

Veja exemplos:

- ***A*** *escola pública deve, sem dúvida, ser laica.* ***A*** *integração secular é um valor a perseguir.* ***As*** *metas não podem, porém, ser buscadas com o sacrifício da mais elementar das liberdades individuais – a de possuir uma individualidade e exprimi-la de forma pacífica.*

- ***Fica*** *a sensação de que islamismo é sinônimo de extremismo e deve, portanto, ser extirpado.* ***Subjaz*** *aí uma visão problemática de democracia, na qual a tolerância e o respeito à diversidade se tornam valores menos importantes.* ***Existe*** *até o risco de a proposta produzir efeitos inversos aos desejados.* ***Privar*** *muçulmanos de demonstrar sua identidade cultural nos espaços públicos pode levá-los a buscá-la em grupos que atuem à sombra do Estado, com maiores chances de pregações radicais.*

- *Um tema de grande relevância para a Embrapa e para a sociedade trata da quantidade de novos tipos de plantas lançadas pela empresa.* ***Esse*** *número passou de 55, em 2002, para 85, em 2003.* ***Essas*** *plantas, fruto de anos de pesquisa, são valorizadas por características como: maior produtividade, adaptação a condições específicas de clima e solo, resistência a doenças e pragas.*

Compare-os com parágrafos sem monotonia:

- ***A*** *polêmica está instalada.* ***Tudo*** *indica que a França poderá acatar a recomendação de uma comissão governamental de banir os símbolos religiosos nas escolas públicas.* ***Embora*** *abarque ícones de todas as religiões, a medida foi concebida para evitar que garotas muçulmanas utilizem o véu. (Folha de S.Paulo)*

- ***Esta*** *é uma história curiosa, mas excepcional no Brasil.* ***Aqui****, no caso dos imigrantes, o choque cultural foi historicamente muito menor, o que não quer dizer que não tenham existido grupos estrangeiros dispostos a garantir sua autonomia no meio brasileiro, nem violências governamentais contra eles.* ***Basta*** *lembrar o caso das colônias alemãs no sul do país durante a década de 30, e as medidas tomadas contra os súditos do eixo, no curso da Segunda Guerra Mundial. (Boris Fausto)*

- *A China é tão boa assim para o Brasil?* ***Então*** *por que Lula não toma coragem e assina um acordo de livre-comércio entre os dois países?* ***Poderíamos*** *vender ainda mais soja para lá.* ***A*** *soja brasileira é empregada*

> *pelos chineses sobretudo como ração para porcos e frangos.* ***Em*** *matéria de ração para porcos e frangos, não tememos a competição de ninguém. (Diogo Mainardi)*

A intercalação de frases longas e curtas afasta a soneira:

- *Na semana passada, em companhia dos ministros, governadores, parlamentares e empresários que compunham a comitiva do presidente Lula à China, lá estava ela, de novo Isaura, em pessoa. Ou melhor, Lucélia Santos. Talvez ela não cause mais nas ruas, depois de tantas visitas ao país, o mesmo tumulto que provocava vinte anos atrás. Mas o mito continua vivo a ponto de justificar nova empreitada no ramo da teledramaturgia, uma série com uma história de amor entre uma brasileira e um chinês. A série será filmada no Brasil e na China, e à Lucélia, claro, caberá o papel principal. Ela continua a namoradinha da China. (Roberto Pompeu de Toledo)*

A harmonia suplica: varie a estrutura de cada parágrafo do texto. Não inicie todos eles com a mesma classe gramatical. Vale o exemplo do artigo de Sílvio Queiroz publicado no *Correio Braziliense* de 1º.6.04:

- *As Farc sob fogo*

  Silvio Queiroz

  A dois meses de completar metade do mandato de quatro anos, o presidente da Colômbia, Álvaro Uribe, joga rodada de fogo em três frentes simultâneas. Nas matas do sul do país, 17 mil homens do exército, com treinamento e assessoria direta dos Estados Unidos, avançam contra a retaguarda da guerrilha das Farc. No extremo oposto do território, o governo estabelece zona de segurança para negociar o desarmamento de esquadrões paramilitares de direita, surgidos para combater os rebeldes à margem do exército. Na capital, Bogotá, Uribe batalha no Congresso por emenda constitucional que permita sua reeleição.

> *A ofensiva militar, conduzida há dois meses sob pesado sigilo, é apresentada como a maior em quatro décadas de guerra. Tem como alvo o alto comando da guerrilha, encabeçado pelo lendário Manuel Marulanda, Tirofijo (tiro certo) para os amigos. Fundador das Farc, em 1964, guerrilheiro há meio século, Marulanda vive desmentindo a morte repetidamente anunciada, como aconteceu de novo esta semana. Como as próprias Farc, Tirofijo continua duro na queda.*
>
> *Neutralizar as Farc é um dos passos da estratégia de Uribe. O outro é desmobilizar efetivamente os dez mil paramilitares, ou o maior número possível. Uma vez desmontado o conflito — esse é o raciocínio do governo —, o caminho estaria aberto para erradicar as plantações de coca e a rede do tráfico, associada nos últimos anos aos grupos armados num comércio triangular que envolve drogas e armas. Mas dois anos parece pouco tempo para concluir o processo, daí a ofensiva política pela reeleição.*
>
> *Nas três frentes, porém, há armadilhas. O próprio governo americano, aliado de Uribe, receia que um acordo de paz dê impunidade aos paramilitares. Alguns são acusados de massacrar civis, outros de narcotráfico, inclusive com extradição pedida aos EUA. A ofensiva contra as*

Farc, batizada de Plano Patriota, custa caro e requer resultados visíveis o quanto antes. De preferência a captura ou morte de Marulanda e do alto comando rebelde. No Congresso, o perigo é uma tradição secular de politicagem e caciquismo que tem sufocado ou pervertido as tentativas de reforma política.

Jogando no tudo-ou-nada, Uribe se arrisca a ficar com a parte pior de cada aposta: guerra em escalada, esquadrões da morte impunes e legalizados e a metade final do mandato a ser cumprida sem horizonte político à vista.

Busque a clareza

O estilo deve ter três virtudes: clareza, clareza, clareza.
Montaigne

Escrever é verbo transitivo direto. O repórter escreve para o leitor. Quer que ele o entenda sem ambiguidades. Como diz Íñigo Dominguez, "uma frase jornalística tem de estar construída de tal forma que não só se entenda bem, mas que não se possa entender de outra forma". Há jeitos de chegar lá.

Aproxime termos e orações que se relacionem pelo sentido. A liberdade de colocação de termos na frase e orações no período encontra limites nas exigências da clareza e da coerência. A boa norma manda "amarrar" cada termo determinante ao respectivo termo determinado.

◉ *Haverá um seminário internacional sobre Aids na Câmara dos Deputados.*

O seminário se realizará na Câmara, mas a colocação do adjunto adverbial "na Câmara dos Deputados" junto do termo "Aids" leva a outra leitura: o seminário tratará da ocorrência de Aids na Câmara dos Deputados. Evita-se a ambiguidade aproximando o adjunto adverbial do termo a que se refere:

◉ *Na Câmara dos Deputados, haverá um seminário internacional sobre Aids.*

◉ *Haverá, na Câmara dos Deputados, um seminário internacional sobre Aids.*

Faça declarações claras. Dificultar a compreensão do texto é pôr uma pedra no caminho do leitor. Para que obrigá-lo a gastar tempo e energia na transposição do obstáculo? Facilite-lhe a passagem. Nas declarações longas, não o deixe ansioso. Identifique o autor sem demora – antes da citação ou depois da primeira frase:

- *Veuillot ensina: “É preciso escrever com a convicção de que só há duas palavras no idioma: o substantivo e o verbo. Ponhamo-nos em guarda contra as outras palavras”.*

- *“É preciso”, ensina Veuillot, “escrever com a convicção de que só existem duas palavras no idioma: o substantivo e o verbo. Ponhamo-nos em guarda contra as outras palavras.”*

Nas declarações curtas, a identificação do autor deve ser feita no começo ou no fim da fala:

- *“Toda questão tem dois lados”, escreveu Pitágoras.*

- *Pitágoras escreveu: “Toda questão tem dois lados”.*

Olho no verbo declarativo. Ele é tão importante que, em caso de troca, pode mudar a informação. Compare:

- *Não mandei dinheiro pra Suíça, disse Maluf.*
Não mandei dinheiro pra Suíça, insistiu Maluf.
Não mandei dinheiro pra Suíça, alertou Maluf.
Não mandei dinheiro pra Suíça, ironizou Maluf.
Não mandei dinheiro pra Suíça, protestou Maluf.
Não mandei dinheiro pra Suíça, mentiu Maluf.

O verbo declarativo tem uma função: indica o interlocutor que está com a palavra. *Dizer* – neutro, simples e direto –, costuma ser escolha acertada na maioria dos casos. Mas abusar dele, como de qualquer outra palavra, torna o texto frio e monótono.

Generosa, a língua oferece pelo menos nove áreas semânticas de verbos que se prestam a mostrar quem disse o quê. São elas:

- de dizer: afirmar, declarar
- de perguntar: indagar, interrogar
- de responder: retrucar, replicar
- de contestar: negar, objetar
- de concordar: assentir, anuir

- de exclamar: gritar, bradar
- de pedir: solicitar, rogar
- de exortar: animar, aconselhar
- de ordenar: mandar, determinar

Esses são os mais comuns, de sentido geral. Existem outros, muito explorados pela literatura. Além de indicar o falante, traduzem emoção e sentidos conotativos. É o caso de *alertar, sussurrar, murmurar, balbuciar, estranhar, comentar, apelar, arriscar, consentir, aprovar, intervir, mentir, jurar, rosnar, berrar, propor, sugerir.*

Atenção ao queísmo. Há verbos alérgicos ao quê. É o caso de *alertar* (alerta-se alguém, mas não se alerta que); *sussurrar* (sussurra-se alguma coisa, mas não se sussurra que), *apelar* (apela-se para alguém ou alguma coisa, mas não se apela que), *definir* (define-se alguma coisa, mas não se define que), *indicar* (indica-se alguma coisa ou alguém, mas não se indica que).

Na dúvida, consulte o dicionário de regência. Indiscreto, ele revela os segredos do verbo.

Teste a legibilidade do texto

Se lemos algo com dificuldade, o autor fracassou.
Jorge Luis Borges

Em grego, é *hedone*. Em português, hedonismo. Numa e noutra língua, o significado se mantém. É prazer. A sensação gostosa virou doutrina da filosofia. Segundo ela, o prazer deve ser considerado o objetivo principal dos atos humanos.

Alguns concordam. Outros não. Mas uma coisa é certa. Ninguém gosta de sofrer. A regra vale para a leitura. Texto difícil não tem vez. E não é de hoje. Montaigne, no século XVI, disse com todas as letras: “Ao encontrar um trecho difícil, deixo o livro de lado”. Por quê? “A leitura é forma de felicidade”, respondeu ele.

A observação não se restringe a livros. Engloba jornais, revistas, cartas comerciais, redações escolares, receitas de comida gostosa. Sem fisgar o leitor, adeus, emprego! Adeus, nota boa! Adeus, sobremesa dos deuses! Por isso, roguemos ao Senhor. Que Ele ilumine mentes, penas e teclados. E cada um faça a sua parte.

Como avaliar o índice de dificuldade do escrito? O assunto começou a preocupar os americanos há uns sessenta anos. Pesquisas sobre a leitura do texto jornalístico despertaram o interesse de professores e alunos de várias universidades. Um dos resultados dos estudos foi o teste de legibilidade. Alberto Dines, então do *Jornal do Brasil*, adaptou-o para o português.

Eis a receita:

1. Conte as palavras do parágrafo.
2. Conte as frases (cada frase termina por ponto).
3. Divida o número de palavras pelo número de frases. Assim, você terá a média da palavra/frase do texto.
4. Some a média da palavra/frase do texto com o número de polissílabos.
5. Multiplique o resultado por 0,4 (média de letras da palavra na frase de língua portuguesa).
6. O produto da multiplicação é o índice de legibilidade.

Possíveis resultados:

1 a 7: história em quadrinhos

8 a 10: excepcional

11 a 15: ótimo

16 a 19: pequena dificuldade

20 a 30: muito difícil
31 a 40: linguagem técnica
acima de 41: nebulosidade

Testemos o parágrafo abaixo:

- *“Em boca fechada não entra mosca”, diz a vovó repressora. “Quem não erra perde a chance de acertar”, responde o neto sabido. Ele aprendeu que, nas organizações modernas, a competição é o primeiro mandamento. E, cada vez mais, impõe-se a necessidade de falar em público. Muitos servidores, porém, concordam com a vovó. Estremecem só de imaginar a hipótese de abrir a boca diante de uma plateia. Dizem que não nasceram para os refletores. Falta-lhes vocação. A ciência prova o contrário. Falar bem não é dom divino. Falar bem – como nadar bem, escrever bem, saltar bem – é habilidade. Exige treino.*

Confira:

1. Palavras do parágrafo: 101
2. Número de frases: 12
3. Média da palavra-frase (101 dividido por 12): 8,41
4. 8,41 + 12 (número de polissílabos) = 20,41
5. 20,41 x 0,4 = 8,16

Resultado: legibilidade excepcional

Agora, avalie um texto seu. Pode ser uma carta, um artigo, uma reportagem. Antes de começar, lembre-se: aplique a receita de parágrafo em parágrafo. Se o resultado ficou acima de 15, abra o olho. Facilite a vida do leitor. Você tem dois caminhos. Um: diminua o tamanho das frases. O outro: mande algumas proparoxítonas dar umas voltinhas por aí. O melhor: abuse de ambos.

Gêneros jornalísticos

Há quem fale do prazer da escrita. Confesso que não tenho nenhum prazer. Para mim escrever é trabalho.
José Saramago

Poetas escrevem sonetos, haikais, redondilhas. Prosadores criam novelas, romances, contos. Na escrita, o conteúdo subordina-se à forma. O jornalismo não foge à regra. Existem estruturas consagradas para jornais, revistas, rádio e tevê. Longas reportagens e pequenas notas exigem estilos diferentes. As primeiras dão passagem a textos mais elaborados. As segundas, ao contrário, costumam ser diretas. Embora se originem do mesmo material bruto – a apuração do repórter – são distintas na apresentação. Cada uma tem lá as próprias especificidades.

Conhecer de antemão o gênero que se vai produzir é meio caminho para escrever bem. Funciona como forma de bolo onde as informações assam e crescem. Pode parecer cruel para os corações dos que sonham com a independência da escrita, mas é real no mundo das redações. Os veículos impõem limitações. Nem sempre são restrições de mérito. Mas são sempre físicas – de tamanho e gênero.

Há formas e formas de apresentação de textos. O nome com que são designados varia. Às vezes ganham apelidos irônicos. Reco, por exemplo, significa matéria com QI (“quem indica”) – recomendada pela direção. Sim, elas existem. Os repórteres as odeiam, mas, vira e mexe, alguém é escalado para uma delas.

A forma define o tom do conteúdo. Perfis abrem espaço para linguagem casual e intimista. Reportagens sobre descobrimentos científicos exigem precisão e sobriedade. Artigo requer argumento para a defesa de um ponto de vista. Enfim, cada gênero pede um jeitinho de produção. Quer ver?

A força da notícia

Quando um cachorro morde uma pessoa, isso não é notícia.
Quando uma pessoa morde um cachorro, isso é notícia.
Charles A. Dana

Afinal, o que é notícia? Reúna mais de um jornalista para discutir o assunto e perceberá que não existe resposta consensual para a pergunta. Mas todos concordam que notícia é fato importante e inusitado. A avaliação sobre a importância esbarra na subjetividade dos editores. Não há como negar que, apesar da tão propalada objetividade da imprensa, a seleção e publicação das matérias seguem os critérios definidos pelos mandachuvas.

Alguns teóricos fazem distinção entre notícia e reportagem. Notícia, para eles, é o fato que se esgota em si mesmo. Em geral, aparece em forma de pirâmide invertida porque a preocupação do repórter é reproduzir com fidelidade um acontecimento. Reportagem, ao contrário, apresenta várias faces do mesmo assunto. O texto abre espaço à criatividade do autor.

Aqui, não se faz diferença entre notícia e reportagem. Reportagem sempre é notícia. O que varia é o tipo de reportagem – factual, especial ou em série. São formas diferentes de apresentar um fato.

Reportagem factual

O nome diz tudo – são textos que relatam um fato. Estão lá pormenores da notícia, declarações de entrevistados, dados estatísticos. Em essência, constituem trabalho descritivo. A maior parte do material publicado pelos jornais diários aparece nesse formato. Refere-se a acontecimentos do dia anterior ou a eventos prestes a vir à luz.

Analise estes textos:

- *Protesto deixa três ônibus queimados em SC Três ônibus queimados durante a madrugada de ontem, outros dez com vidros estilhaçados no final da tarde, trânsito complicado, terminais urbanos fechados, acessos interrompidos. Esse foi o saldo do terceiro dia de protestos de centenas de estudantes e usuários de transporte coletivo contra o reajuste médio de 15,6% nas tarifas dos coletivos em Florianópolis.*

  Por volta das 19h30 de ontem, a Polícia Militar teve o primeiro confronto com os estudantes no que definiu como empurra-empurra. Os manifestantes tentavam fechar, mais uma vez, um dos terminais urbanos que ficam no centro da cidade, e os policiais reagiram. Um estudante foi detido e liberado em seguida. (Folha de S. Paulo, 1.7.2004).

- *Agressão familiar em debate*
  A violência contra a mulher será um dos principais temas da primeira Conferência Nacional de Políticas para Mulheres, que começa na próxima quinta-feira, no Clube do Exército, em Brasília. Delegados e representantes de grupos feministas de todo o país vão discutir formas de combate à agressão doméstica e familiar. Os debates servirão para fechar o texto de um projeto de lei, que chegará ao Congresso até o fim do ano.

  O principal avanço da proposta, debatida desde abril pelos ministérios e organizações não-governamentais (ONGS), é a mudança de conceito do agressor doméstico, que deixa de ser somente o companheiro e passa a ser toda pessoa que mora na casa. (Correio Braziliense, 1.7.2004).

Ambos os exemplos seguem o modelo factual de reportagem. Descrevem um fato em detalhes. O primeiro trata de acontecimento do dia anterior. O segundo, de evento futuro. Os dois respondem, logo na abertura, às seis perguntas essenciais do texto jornalístico. Seguem a estrutura de pirâmide invertida, em que as informações mais importantes aparecem primeiro.

Na matéria da *Folha*, o repórter deixa muito clara a escolha ao explicar que ônibus incendiados e depredados, trânsito congestionado e terminais fechados são o “saldo” do conflito entre policiais e manifestantes. O resultado da notícia está no lead. O *Correio Braziliense* também se preocupou em destacar o assunto mais importante a ser debatido. Ambos os exemplos detalham, ao longo da reportagem, o conteúdo do lead.

Veja, agora, este exemplo:

> ● *Infies, mas nem tanto*
> *A deputada Maria Lúcia (PMDB-RJ) é da base do governo. Mas ela é também candidata a prefeita de Belford Roxo, município da Baixada Fluminense. Maria Lúcia não votou a favor do salário mínimo de R$ 260. Nem esteve com o governo que seu partido apoia nos temas relativos à reforma da Previdência. Na verdade, em 145 votações de interesse do governo Lula na Câmara, Maria Lúcia só esteve ao lado do presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 14,3% dos casos. "É complicado mesmo para candidatos a cargos eletivos estar com o governo em temas antipáticos como o do salário mínimo. A eleição torna-se uma dificuldade adicional", observa o analista político Cristiano Noronha, da consultoria de análise política Arko Advice.*
>
> *Cristiano observou o comportamento dos deputados e senadores que disputarão prefeituras municipais em outubro em 14 votações na Câmara e sete no Senado sobre temas da agenda de interesse do governo. O trabalho leva a algumas conclusões. Foram pouquíssimos os candidatos inteiramente fiéis ao governo, principalmente nas votações menos populares. Mas também não há nenhum candidato, mesmo nos partidos de oposição, que tenha sido inteiramente contrário aos interesses do governo Lula. (Correio Braziliense, 13.7.2004).*

Viu? O repórter recorreu à apresentação de um personagem (a deputada Maria Lúcia) para resumir a reportagem. Estratégia semelhante se observa nesta matéria:

> ● *Os dois quarteirões mais luxuosos de SP*
> *O painel na avenida República do Líbano dá o tom do que será erguido no terreno de 3 mil metros quadrados: "Mansões suspensas", diz o anúncio. Os 26 andares terão um apartamento cada um – a R$ 5 milhões, o mais baratinho. Do outro lado, o edifício Altana, de 22 andares, mal saiu do chão e tem reservados os dúplex do 15. Até a cobertura, cujo preço é mantido em segredo, mas se estima chegar a R$ 10 milhões.*
>
> *Separados pela avenida Hélio Pellegrino, os empreendimentos fazem esquina com a avenida República do Líbano, um do lado de Moema e outro do lado da Vila Nova Conceição, dois dos bairros mais nobres da cidade, e têm o Parque do Ibirapuera a seus pés, do outro lado da avenida. Essa combinação fez das esquinas as mais luxuosas da cidade – para o mercado imobiliário, duas pérolas num mar de concreto. (O Estado de S. Paulo, 13.7.2004)*

Em vez de personagem, o jornalista optou por descrever os prédios que ocupam os quarteirões mais luxuosos de São Paulo. O que seria reportagem árida e chata, pois aborda nova tendência no mercado imobiliário paulistano, virou texto atraente sobre como vive a parcela endinheirada da cidade. Criativo, o repórter respondeu às seis perguntas fundamentais de uma reportagem sem apoiar-se no padrão clássico de lead.

Conclusão: reportagens factuais também podem ser interessantes.

A suíte

Coberturas do dia a dia, as reportagens factuais dependem do desenrolar dos acontecimentos. As investigações sobre um crime que chamou a atenção da sociedade, por exemplo, podem demorar semanas para ser concluídas. Os jornais costumam acompanhar os detalhes do trabalho policial, publicando matérias diárias sobre assunto. Aí entra em cena figurinha carimbada nas redações – a suíte, nome das matérias que são sequências de outras. Elas trazem as consequências da primeira, desdobramentos, descobertas, repercussão pública.

As suítes atualizam a notícia, mas também relembram o fato original. Muitas pessoas são leitoras esporádicas de jornais. Podem não estar familiarizadas com o novo escândalo da política ou com o último assassinato de gente famosa. O texto, portanto, precisa incluir informações do acontecimento-mãe.

Observe este exemplo:

> ◉ *STF liberta acusado de ter mandado matar Daniel*
> *O presidente do STF (Supremo Tribunal Federal), ministro Nelson Jobim, livrou ontem da prisão o empresário Sérgio Gomes da Silva, que responde a processo criminal sob acusação de ser o mandante do assassinato do prefeito de Santo André, Celso Daniel (PT), em janeiro de 2002.*
>
> *Jobim concedeu liminar em habeas corpus movido pelo advogado de Gomes da Silva ao STF. Ele considerou que não havia razão jurídica para a prisão preventiva, decretada pela Justiça de Itapecerica da Serra (SP) em 10 de dezembro do ano passado. O empresário e ex-segurança foi denunciado por homicídio triplamente qualificado e estava preso desde 11 de dezembro de 2003. Ele nega ter praticado o crime.*

O primeiro parágrafo relata a notícia do dia anterior – a decisão do STF de libertar Sérgio Gomes da Silva. Ao mesmo tempo, relembra a história do crime do qual ele é acusado. O fato original, o assassinato do prefeito de Santo André Celso Daniel, ocorreu há mais de dois anos. A matéria trouxe o passado de volta para explicar ao leitor a importância dada à liberação do empresário. Sem os detalhes, seria difícil saber quem é Sérgio Gomes da Silva.

Antes de começar, responda à pergunta: o que aconteceu? Essa é a informação mais importante, a notícia. É por ela que você deve abrir o texto. Encontrada a notícia, responda às demais perguntas – quem, como, quando, onde e por que, nessa ordem. Elas são o núcleo do lead.

- Use o recurso da pirâmide invertida, resumindo nas primeiras frases os acontecimentos centrais da história.

- Busque aberturas criativas, sem esquecer o caráter informativo da reportagem.
- Não encha linguiça. Você corre o risco de pôr o lead no pé. Em matéria factual, a demora em entrar no assunto afugenta o leitor nas primeiras linhas. Ele quer saber logo o que aconteceu.
- Nos parágrafos seguintes, conte os pormenores das informações dadas no começo. Inclua declarações das pessoas envolvidas.
- No final, mantenha alguma conexão com o início da matéria. É como fechar um círculo, com o leitor no epicentro da notícia outra vez.

Reportagem especial

Algumas notícias, pela importância, dimensão ou impacto, requerem tratamento especial. Costumam ser mais longas que as factuais e extrapolam os acontecimentos do dia anterior. Uma especial objetiva tratar com profundidade assunto específico, relevante e atemporal. Exige muita transpiração pelas horas consumidas na busca das melhores fontes, entrevistas e, não raro, o repórter tem de fazer viagens. E muito esforço na construção de texto capaz de apresentar as informações de tal forma que mantenha a atenção do leitor até o fim.

A especial pede redação elaborada, fora dos padrões utilizados nas coberturas do dia a dia. De preferência, com descrições minuciosas e boa dose de emoção. No caso, o modelito o que-quemquando-onde-como-por que não tem vez. Pior: não há modelo pronto. Abre-se campo para talentos. Mas, como tudo em que o céu é o limite, apresenta riscos.

Erros gramaticais doem nos ouvidos, informações incompletas ganham dimensão de catástrofe e a falta de encadeamento lógico das ideias desanima o leitor. Boas reportagens especiais são resultado da conjunção de apuração rigorosa e texto bem cuidado. Uma depende do outro. O volume de informações pode levar o repórter a perder o fio condutor da história, atrapalhar-se em detalhes irrelevantes e deixar a notícia escapar pelos dedos.

A recíproca é verdadeira. Sem saber aonde chegar, o repórter perde tempo em apurações infrutíferas, ouve fontes erradas e até se excede nos personagens repetitivos. Ter claro o objetivo é o segredo para sair ileso do labirinto.

Veja esta matéria, publicada na edição de 14.10.2003 do *Correio Braziliense*:

> ● *Quarta-feira da semana passada, 18h12. Sentados em uma das mesas do badalado Bar Bedrock, na comercial da 204 Norte, dois rapazes de 26 anos tomam cerveja e batem papo. Dois clientes como tantos outros que, ao fim do expediente, aproveitam o final da tarde para curtir um happy hour, não fossem os nomes e os CPFs: Antonio Novely Cardoso de Vilanova e Max Rogério Alves. Dois dos quatro rapazes de classe média e alta condenados a 14 anos de prisão em regime integralmente fechado por terem incendiado vivo o índio pataxó Galdino Jesus dos Santos, em abril de 1997.*
>
> *Os quatro rapazes receberam a sentença do Tribunal do Júri de Brasília em novembro de 2001. Meses depois, também por decisão da Justiça brasiliense, ganharam autorização para trabalhar e estudar fora das dependências do presídio da Papuda. Agraciados com um benefício raro entre presos condenados, os assassinos de Galdino acharam pouco. E se esbaldaram.*

Nos dois primeiros parágrafos, a repórter Ana D´Ângelo apresentou a história – denúncia de que os assassinos do índio Galdino, crime que horrorizou o país, gozavam de tratamento privilegiado na prisão. “Quando se escreve uma reportagem especial, com muitas informações”, ensina Ana, “não se pode perder a pauta de vista”. No caso, o objetivo era mostrar os privilégios que os rapazes recebiam na prisão. O resto era acessório.

Ao longo do texto, dividido em várias retrancas, Ana descreveu de forma minuciosa a rotina de três dos assassinos do índio Galdino. Acompanhe este trecho:

> ◉ *Na quarta-feira passada, Antonio Novely e Max Rogério chegaram ao Bar Bedrock dirigindo os próprios carros. Max estava em um Astra preto 1999, registrado em nome do padrasto. Novely guiava um Uno azul escuro, comprado em seu nome. Novely também foi flagrado na noite seguinte falando em um telefone celular enquanto dirigia. Outro condenado, Eron Chaves, foi visto guiando um Golf 2.0 GLX vermelho, de placa JIZ 1998 e ano 1998. Tomás de Oliveira tirou recentemente carteira para guiar moto.*
>
> *Max e Eron ficaram até às 19h30 no Bedrock, na 204 Norte. Beberam pelo menos quatro cervejas. Depois foram embora guiando os carros. Max deveria ir para a faculdade, cujas aulas começam às 19h. No mínimo, chegou atrasado.*
>
> *Os quatro condenados pela morte do índio Galdino trabalham em órgãos públicos, em funções administrativas. Eron e Tomás despacham no prédio anexo do Ministério do Trabalho, na Esplanada dos Ministérios, na Coordenação de Documentação e Informação. Max está lotado na Companhia de Abastecimento de Água e Esgoto de Brasília (Caesb). A Antonio Novely foi oferecida uma vaga no Hospital Regional da Asa Norte (Hran), especializado no tratamento de vítimas de queimaduras.*

A repórter fez um retrato sem adjetivos ou julgamentos, só apresentou fatos da realidade carcerária brasileira. “Quis mostrar que, no Brasil, ricos e pobres recebem tratamento diferenciado da Justiça”, diz ela.

Ana D´Ângelo é especialista em reportagens investigativas, espécie de subdivisão das reportagens especiais. Esse tipo de trabalho exige apuração delicada e longa. Objetiva escancarar algo que alguém – em geral, do poder público – gostaria de manter em segredo. Enquadram-se nessa categoria as denúncia de corrupção na distribuição e uso de verbas públicas, por exemplo. Concluída com êxito, a reportagem investigativa traz prestígio ao profissional, dá credibilidade aos veículos de comunicação e contribui para o aprimoramento da democracia.

Tão valorizadas quanto as reportagens investigativas são as de caráter humano, nas quais se descrevem os acontecimentos sob o prisma das pessoas que os viveram. Aí, a sensibilidade do autor substitui a frieza da apuração. A emoção sobrepõe-se aos dados. O jornalista não conta uma história. Os personagens o fazem. Em agosto de 1995, quando a explosão da primeira bomba atômica do mundo completou cinquenta anos, *Veja* publicou reportagem de dezenove páginas assinada pelo jornalista Roberto Pompeu de Toledo chamada “Memórias dos filhos do clarão”, relato pungente dos sobreviventes dos ataques a Hiroshima e Nagasaki sobre aqueles dias de inferno.

Vale a pena ler este trecho:

> *Um flash de luz, um monumental flash, e depois um estrondo, eis, em resumo, o que é a explosão de uma bomba atômica. O jovem oficial militar Takashi Morita descera havia cinco minutos de um bonde, em Hiroshima, e caminhava pela rua, naquela manhã, quando sentiu um calor nas costas. Foi jogado longe, acredita que a uns 10 metros, e perdeu o quepe. O que será que acontecera? O Exército mantinha ali perto uma fábrica de pólvora, e ele pensou: “A fábrica deve ter explodido”. O menino Noboru Shigemichi, de 10 anos, estava na escola. O prédio desabou. Ele ficou soterrado entre os escombros e achou que ia morrer. Pensou: “Como é que um homem morre? Em que ordem acontecem as coisas?”*
>
> *A senhora Fumiko Furuya, de 23 anos, estava sozinha em casa, deitada na cama, e de repente notou – coisa extraordinária – que o “shoji” de seu quarto, a divisória de papel que os japoneses usam para separar ambientes internos, estava pegando fogo. Pensou: “Preciso apagar esse fogo” e foi à cozinha apanhar um balde com água.*
>
> *Os 50 anos de Hiroshima marcam também os 50 anos da era atômica no mundo. Esta nasce no momento mesmo em que explode sobre a cidade aquela bomba de formato cilíndrico, medindo três metros de comprimento por 70 centímetros de diâmetro, pesando quatro toneladas e apelidada de “Little Boy”. Então temos que, na casa da senhora Fumiko, no momento zero da era atômica, uma pessoa tenta contornar o novo problema tendo como arma um balde d’água. Foi inútil. Quando ela voltou ao quarto, o shoji tinha virado cinza.*

Enquanto Ana D’Ângelo optou por estrutura de texto clássica, Roberto Pompeu de Toledo seguiu caminho inverso, enveredando pela literatura. Assuntos diferentes requerem tratamentos diferentes. Assim são as especiais: especiais. Não têm modelo pronto, não seguem padrões linguísticos nem obedecem a regras de estilo.

Como escrever uma reportagem especial?

- Tenha sempre em mente o objetivo principal da matéria. Ele é o fio condutor da apresentação das informações.
- Planeje o texto, prevendo a divisão do conteúdo em retrancas. Cada uma deve abordar tema específico.
- Detenha-se na abertura. A apresentação da reportagem deve ser ampla o suficiente para

fazer referência aos assuntos das demais retrancas.

- Capriche no lead. Ele deve ser um resumo da matéria, impactante e forte, para que o leitor não abandone o texto em seguida.
- Escolha uma forma de condução da narrativa. Você pode contar a história por meio de personagens. Ou seguir a ordem cronológica dos acontecimentos. Há ainda o artifício de começar pelo fim.
- Crie subtítulos para dividir os assuntos, introduzir novos temas e dar tempo para respirar.
- Defina o final antes de começar. Conclua com uma informação tão forte quanto a do início. O leitor ficará com a sensação de que valeu a pena ter lido todo o texto.

Declaração é notícia

Uma pergunta pode ser mais importante do que qualquer resposta.

A entrevista pingue-pongue

O exemplo brasileiro mais famoso de entrevista pingue-pongue é o da revista *Veja*, chamado de *amarelas* – referência à cor das páginas em que é publicada. À primeira vista, o trabalho parece fácil. Basta ligar o gravador, fazer as perguntas e degravar a fita depois. Grande engano. Tratase de um dos gêneros mais difíceis de produzir e escrever.

Quem?

A primeira dificuldade é a escolha do entrevistado. A lista de empecilhos equivale à distância entre a Terra e a Lua. Não pode ser uma personalidade óbvia, que fala a torto e a direito. O arroz de festa enfraquece a reportagem. Quanto menos aparecer em público, o que dará caráter de exclusividade à matéria, melhor. As declarações também não podem ser óbvias. Um ministro de Lula defenderia o presidente da República. Não vale. Pareceria release de assessoria de imprensa do Palácio do Planalto. Ministros e aliados só devem ser considerados se forem capazes de fazer análises e emitir opiniões isentas de paixões sobre o governo que representam. Nunca se espera que critiquem o chefe, mas não custa nada ao repórter esforçar-se por arrancar opiniões sinceras. Aí a entrevista vale mais ainda. Como se diz nas redações, ficaria “saborosa”. Por se tratar de perguntas e respostas, o filé mignon das entrevistas são as declarações. O entrevistado deve ter o que dizer e suas opiniões precisam da força do inusitado ou da surpresa. Devem conter revelações ou abordagens inéditas de um assunto recorrente. Entrevistados evasivos, escorregadios, que falam sem dar nome aos bois, resultam chatos e inócuos. Publicá-los não faz falta nenhuma no jornal. Gastam-se papel e espaço precioso à toa.

O quê?

Preparar as perguntas certas desafia qualquer repórter. Só se conseguem bons resultados somando-se dois elementos – conhecimento prévio da fonte e intuição aguçada. O primeiro está nos arquivos de jornais e bibliotecas. Já o segundo... bem, o segundo requer talento natural para deixar o entrevistado tão à vontade a ponto de esquecer que há um gravador ligado na escrivaninha do escritório ou na mesinha de centro da sala. Requer coragem e sensibilidade para fazer perguntas constrangedoras sem constranger o interlocutor. Exige concentração absoluta nas respostas e habilidade mental para formular questões cada vez mais intensas e intimistas. É exaustivo.

Não confie no gravador. Nem mesmo nos modernos, digitais. Anote as declarações. Esteja preparado para a possibilidade de a gravação estar comprometida, com ruídos ou inaudível. Trapezistas experientes trabalham com rede de proteção. Jornalistas também.

Vá com calma na hora do tome lá dá cá. Prepare pauta escrita com as perguntas. Comece pelos temas mais amenos. Sentindo-se seguro em tratar de temas de pouca relevância, o entrevistado se solta e relaxa as defesas preparados antes do encontro com o jornalista. Sim, a fonte chegará com respostas na ponta da língua e a definição clara dos limites sobre o que pode e o que não pode revelar. Cabe ao repórter, com jeitinho, desmontar a barreira. Portanto, apesar da pauta, não se atenha a ela. Abandone-a se perceber espaço para investidas ousadas. Boas perguntas estão embutidas nas próprias respostas. Aproveite as oportunidades.

Às vezes, não dá tempo para preparação. No mundo dos jornais diários, o repórter pode ser deslocado para entrevistar alguém de uma hora para outra. Plantões de fim de semana e feriados são propícios para isso. Os jornalistas costumam estar à disposição para cobertura de qualquer tema, mesmo os pouco relacionados com sua área de atuação. Bate o desespero. Adeus, pesquisa aos arquivos e à biografia do dito-cujo. É o que se chama cair de paraquedas num assunto sem conhecimento prévio. Tremenda saia justa. Fazer o quê?

Como?

Edite o texto. Quem disse que entrevista de pergunta e resposta não exige esforço na hora de escrever? Metade da qualidade do trabalho está na edição. O que se obtém com a conversa entre jornalista e fonte é material bruto, carente de lapidação. A entrevista foi e voltou sobre vários assuntos, pulou de um tema para outro sem conexão aparente e abordou questões alheias à pauta. Organizar o material, dando-lhe forma lógica sem alterar o sentido das palavras da fonte, demanda horas de suor.

Nunca haverá espaço suficiente para publicar uma entrevista de duas horas na íntegra. Muita coisa será excluída. Que sobre o melhor. Não se acanhe em editar as declarações. A fonte tende a ser coloquial, comete erros linguísticos e repete-se. Acerte a construção gramatical, tire exageros e observações paralelas ao assunto principal. Encurte as frases, deixando-as diretas e incisivas. Crie perguntas e divida as respostas para dar clareza às ideias. Sobretudo, enxugue o texto. Fique apenas com o coração das informações. A fonte agradecerá. O leitor também.

Ao escrever as perguntas, use tratamento formal para se dirigir ao entrevistado. Senhor ou senhora basta.

A transcrição das declarações na íntegra deve ser feita com parcimônia. Serve para mostrar ao leitor o estilo de linguagem do entrevistado, cacoetes, sotaques ou ironias. Dosada, acrescenta sonoridade à expressão e personalidade ao entrevistado. O repórter Ricardo Valladares acertou a mão na entrevista com Suzana Vieira, publicada pela revista *Veja* em maio de 2003. Ele incluiu três vezes, em três páginas, a expressão “meu bem”, utilizada pela atriz para encerrar as falas. Ficou assim:

> *Veja* – A idéia de seu marido vir a se interessar por uma mulher mais jovem a preocupa?
> *Suzana* – Ele se interessou por mim, meu bem. Acho que, se um dia meu casamento entrar em crise, não vai ser pela diferença de idade (...)
> (...)
> *Veja* – É mal-humorada no trabalho? Suzana – Não. Aliás, dificilmente fico mal-humorada (...). Eu me faço respeitar, mas não sou louca, meu bem.
> (...)
> *Veja* – Um salário como o seu garante um ótimo padrão de vida. Como usa o seu dinheiro?
> *Suzana* – Eu tenho um belo apartamento em Botafogo, no Rio de

> Janeiro, uma bela casa de verão, um belo carro importado. Mas não sou de ostentar. Também faço um pouco de caridade (...) Assim como existem os invejosos, existem aquelas pessoas que acham que os artistas têm de ser santos. Nunca fui santa, meu bem.

A expressão coloquial, espalhada pelo texto, reproduz o jeito de Suzana Vieira falar. Faz o leitor “ouvir” as declarações, associando o texto à imagem da atriz na televisão. Recursos como esse enriquecem a entrevista. Usados em demasia, porém, sujam o texto e atrapalham a leitura.

Gente é notícia

Para aparecerem nos jornais,
há assassinos que assassinam.
Eça de Queiroz

Perfil

Ao contrário das pingue-pongue, perfis tratam da personalidade de alguém. Contam histórias de vida, preferências pessoais, hobbies e idiossincrasias. Preocupam-se com a intimidade do entrevistado e com aspectos pouco conhecidos de sua trajetória profissional. Opiniões são importantes, mas não constituem o núcleo do trabalho. Perfis até prescindem de longas entrevistas. Declarações de outras pessoas sobre o personagem ganham destaque. Amigos, adversários, inimigos, concorrentes, parentes, filhos, pais, chefes, subordinados, todos podem acrescentar detalhes esquecidos ou despercebidos, revelar manias e contar bastidores das passagens relevantes dos perfilados. Perfis não servem para agradar, mas para revelar.

Há os perfis biográficos, apresentados pelos jornais quando alguém toma posse em um cargo ou recebe prêmio importante. Nesses casos, assessorias de imprensa se encarregam de divulgar dados sobre a vida profissional do personagem. Incluem lugar de nascimento, postos ocupados anteriormente, outros prêmios recebidos, projetos realizados. Trabalho burocrático, objetiva apresentar a pessoa com quem o leitor conviverá dali pra frente.

Mais: na reportagem-perfil, entra em campo o olhar do repórter. Ele ocupa a maior parte do tempo de apuração vendo e ouvindo. De perto, poderá constatar as reações do personagem em momentos de tensão, de nervosismo. Presenciar cenas emocionantes. Ou anotar expressões de linguagem usadas com frequência – palavrões, tratamentos carinhosos, erros gramaticais, regionalismos. Ou assistir a reuniões decisivas, acompanhar a chegada de notícias inesperadas e detectar frustrações. Testemunha privilegiada, dará ao leitor informações de primeiríssima mão.

Perfis não são biografias autorizadas. Aliás, não são nem biografias. Ao contrário. Biografias encontram-se em documentos oficiais e narrativas curriculares. Numa reportagem-perfil espera-se encontrar as informações que as biografias escondem. Na entrevista pingue-pongue, o fio condutor é o próprio entrevistado. No perfil, é o repórter. Ele deve passar semanas – meses, se possível – acompanhando o personagem.

A jornalista Neuza Sanches gastou um mês e meio de trabalho para construir um perfil da apresentadora Xuxa, publicado pela revista *Veja* em 1997. Durante vinte dias, quase morou na casa da apresentadora, no Rio de Janeiro. Nos primeiros encontros, chegava de manhã e só ia embora de madrugada. Depois, passou algumas noites por lá. Na época, Xuxa era o maior fenômeno de público na televisão brasileira entre crianças e adolescentes.

Xuxa concordou em abrir as portas da casa e do coração. Mas há exemplos em que o perfilado odeia a imprensa. Nesses casos extremos, come-se pelas bordas. Ou seja, acompanha-se a criatura à distância. O repórter poderá assistir ao show de um artista na plateia, frequentar o mesmo restaurante – e checar com o garçom, mais tarde, o valor da gorjeta – esperá-lo na saída de casa, entrevistar o cabeleireiro, conversar com a camareira do hotel, falar com ex-namoradas. A apuração dará mais trabalho, mas o resultado surpreende. É provável que seja mais interessante que uma conversa com o próprio personagem.

Evite usar o gravador. Em perfis, não há a necessidade de transcrição literal de declarações. O gravador mais atrapalha do que ajuda. Inibe o personagem. Tira-lhe a espontaneidade para fazer confidências. Anote o que viu e ouviu assim que tiver um momento de solidão.

Parte dos profissionais entende que um bom perfil dispensa entrevista com o personagem. Foi o jornalista norte-americano Gay Talese, hoje com 71 anos, que tornou popular a reportagem-perfil sem ouvir a vedete do trabalho. Em 1966, publicou um perfil do cantor Frank Sinatra na revista *Esquire*. Passou meses tentando falar com ele, mas o astro sempre tinha uma desculpa para escapar. Gay Talese desistiu e passou a assistir a todos os shows do cantor, a persegui-lo em restaurantes e festas depois das apresentações e a falar com pessoas a seu redor. A matéria, “Sinatra está gripado”, conta o desespero, atordoamento e confusão que se instalava na equipe do cantor a cada espirro seu.

Eis os três primeiros parágrafos:

> *Frank Sinatra, segurando um copo de Bourbon numa mão e um cigarro na outra, estava num canto escuro do balcão entre duas loiras atraentes, mas já um tanto passadas, que esperavam ouvir alguma palavra dele. Mas ele não dizia nada; passara boa parte da noite calado; só que agora, naquele clube particular em Beverly Hills, parecia ainda mais distante, fitando, através da fumaça e da meia-luz, um largo salão depois do balcão, onde dezenas de casais se espremiam em volta de pequenas mesas ou dançavam no meio da pista ao som trepidante do folk rock que vinha do estéreo. As duas loiras sabiam, como também sabiam os quatro amigos de Sinatra que estavam por perto, que não era boa ideia forçar uma conversa com ele quando ele mergulhava num silêncio soturno, disposição nada rara em Sinatra naquela primeira semana de novembro, um mês antes de seu quinquagésimo aniversário.*

> *Sinatra estava fazendo um filme que agora o aborrecia e não via a hora de terminá-lo; estava cansado de toda a falação da imprensa sobre seu namoro com Mia Farrow, então com vinte anos, que aliás não deu as caras naquela noite; estava furioso com um documentário da rede de televisão CBS sobre a vida dele, que iria ao ar dentro de duas semanas e que, segundo se dizia, invadia a sua privacidade e chegava a especular sobre suas ligações com os chefes da máfia; estava preocupado com sua atuação num especial da NBC intitulado Sinatra – um homem e sua música, no qual ele teria de cantar dezoito canções com uma voz que, naquela ocasião, poucas noites antes do início das gravações, estava debilitada, dolorida e insegura. Sinatra estava doente. Padecia de uma doença tão comum que a maioria das pessoas a considerava banal. Mas quando acontece com Sinatra, ela o mergulha num estado de angústia, de profunda depressão, pânico e até fúria. Frank Sinatra está resfriado.*
>
> *Sinatra resfriado é Picasso sem tinta, Ferrari sem combustível – só que pior. Porque um resfriado comum despoja Sinatra de uma jóia que não dá para pôr no seguro – a voz dele – , mina as bases de sua confiança e afeta não apenas seu estado psicológico, mas parece provocar também uma espécie de contaminação psicossomática que alcança dezenas de pessoas que trabalham para ele, bebem com ele, gostam dele, pessoas cujo bem-estar e estabilidade dependem dele. Um Sinatra resfriado pode, em pequena escala, emitir vibrações que interferem na indústria do entretenimento e mais além, da mesma forma que a súbita doença de um presidente dos Estados Unidos pode abalar a economia do país.*

O trabalho tornou-se um marco na história da imprensa. Identificado com o Novo Jornalismo norte-americano, corrente na qual se misturam notícias e literatura e da qual faz parte também o escritor Tom Wolf, Gay Talese escreveu, no final da década de 80, outra reportagem contando os bastidores da apuração do perfil histórico de Frank Sinatra. Publicado pela revista *New Yorker*, chamava-se "Como não entrevistar Sinatra". Desde o trabalho original de 1966, as redações perceberam que bons perfis dependem mais do repórter que do personagem. Gay Talese criou paradigmas para reportagensperfis que estão em vigor até hoje.

Para escrever perfis:

- Evite adjetivos. Use descrições minuciosas da pessoa, do local onde vive, das roupas. O próprio leitor construirá a imagem do personagem mentalmente.
- Prefira linguagem coloquial, o mais próximo possível da maneira de falar do personagem. Palavras sofisticadas na boca de pessoas humildes soam falso.
- Corrija erros gramaticais, a não ser nos casos em que o texto reproduz a linguagem incorreta dos personagens. No caso, escolha estruturas muito simples. Se alguém disser "nóis vai", não há mal algum em escrever "nós vamos" ou "a gente vai". Mas passar o original para "nós consideramos ir" é demais.

Personagem

Na virada do ano de 1988 para 1989, *Veja* incumbiu uma repórter de encontrar uma agulha num palheiro. Era o primeiro ano em vigor da nova Constituição. Como nenhuma outra antes, a Carta garantia muitos direitos sociais, e a revista pretendia mostrar o início de uma fase na história brasileira. Para ilustrar o momento, ela teria de encontrar um bebê nascido no dia 1º de janeiro, já sob as garantias da nova Constituição. Se fosse só isso, seria fácil. Mas a mãe deveria estar em licençamaternidade de quatro meses, e o pai, em licençapaternidade – duas novidades incluídas na vida brasileira.

A repórter e o fotógrafo foram a um dos hospitais públicos de São Paulo. Muitos bebês haviam nascido ali no primeiro dia do ano, mas apenas um com as características exigidas pela revista. Família pobre, a mãe estava sozinha com o filho no hospital. A hora de visita, quando o pai chegaria, estava distante. Iam produzir a foto assim mesmo, quando o fotógrafo chamou a repórter num cantinho do quarto coletivo, com quatro camas. Mais experiente e conhecedor da forma de pensar e trabalhar em *Veja*, ele alertou:

– Não dá. É tudo muito feio, o hospital, as roupas, a família. A mãe está com cara de sofrimento, nem sabe direito se vai ter licençamaternidade. A revista quer uma coisa pra cima, com gente bonita e feliz. Vamos procurar em outro lugar.

O outro lugar era um hospital privado. É sempre mais difícil entrar nesses lugares e fotografar as pessoas. Gente rica não gosta de se expor e sabe que pode se recusar a dar entrevista e não deixar-se fotografar. Pobres não costumam reclamar, não perguntam as razões da foto, não têm noção dos direitos. Por isso, são usados com frequência pelos jornalistas quando precisam de personagens complicados para ilustrar as matérias.

Mas, naquele dia, como se tratava de acontecimento feliz para qualquer família, encontraram os personagens ideais para a reportagem. Gêmeos! Papai e mamãe, orgulhosos, desfrutando dos direitos que a Constituição lhes garantia, concordaram em falar e posar para a foto com os pimpolhos no colo. A foto abriu a edição de Brasil daquela semana e toda a apuração da jornalista ficou resumida à legenda.

Personagens de matérias são assim – exemplos concretos do que está escrito na reportagem. Incluí-los no texto humaniza uma descrição fria, dá nome, endereço e identidade a um acontecimento.

> Para chegar a bons personagens, é preciso encontrar muitos e descartar a metade. Apure os detalhes das histórias de todos como se fossem imprescindíveis. Mas inclua na matéria só os mais representativos.

Em algumas reportagens, os personagens assumem papel tão central que os depoimentos são apresentados em primeira pessoa. Na edição de 26.4.2004, a revista *Época* publicou matéria sobre as acusações de estupro de sete meninas menores de 14 anos contra o prefeito da cidade de Goiás, Boadyr Veloso. O prefeito escapou da condenação, diz a notícia, ao apresentar as sete certidões de casamento das vítimas. Uma delas, Rosilma dos Santos, deu este depoimento à *Época:*

> *Foi ele, Boadyr Veloso, que tirou a minha virgindade. Eu tinha 11 anos. A gente chamava ele de tio. Eu era pequena. Me sentia suja. Fiz só pelo dinheiro mesmo. Na hora, no motel, eu falei que queria ir embora, mas ele falou que eu tinha de fazer o meu serviço. Senão, eu não ganhava dinheiro. Eu era criança ainda. Comprava roupa. Fui muitas vezes com ele. Mas depois que eu perdi a minha virgindade com ele, aí ele não quis sair mais comigo. Não posso falar nada, né?*
>
> *Tenho medo. Peço muito a Deus que minha filha não seja como eu fui. Essa coisa de chegar um homem, oferecer dinheiro a ela, jamais. Eu só fui mesmo porque não tinha cabeça e tava precisando muito de dinheiro. Eu acho que um cara igual a ele é um monstro, né?*

O texto em primeira pessoa, com o próprio personagem contando a história, trouxe maior impacto à reportagem. A revista preservou a linguagem simples da personagem para mostrar sua origem humilde e vulnerabilidade diante de um político importante da cidade. Não está escrito em nenhum lugar, mas o quadro apresentado pela garota reforça as acusações contra o prefeito e deixa claro que ele se aproveitava da condição socioeconômica das vítimas para obter favores sexuais.

Há outros formatos para a apresentação dos personagens. Tratamento diferente foi dado pela mesma revista na mesma edição aos personagens de uma reportagem sobre o boom de nascimentos de gêmeos e trigêmeos no Brasil, resultado da popularização das técnicas de reprodução assistida. Sob o título “A safra dos múltiplos”, *Época* contou a história de várias famílias que tiveram gêmeos ou trigêmeos, todas acompanhadas de fotos.

Veja este exemplo:

- *Organização é a alma da família*
  No apartamento de dois quartos no bairro do Jardim Botânico, zona sul do Rio, a palavra de ordem é organização. Após o nascimento de Eduardo, Ana e João, atualmente com 3 meses, o casal Gustavo, de 34 anos, e Viviane Kruer, de 32, tem na ponta do lápis o dia a dia dos bebês. Literalmente. Tudo o que se passa com cada um dos trigêmeos é anotado numa planilha desenvolvida sob orientação médica. A família já testou mais de cinco modelos. Na folha de papel são registrados os medicamentos prescritos para as crianças, com hora e dosagem, todas as 30 mamadas, com horário e quantidade ingerida por bebê. “Se a gente não fizer assim, no meio da confusão corremos o risco de dar o remédio errado para um dos bebês, sem contar que um pode ser mais alimentado do que o outro”, explica Viviane.

  Além do registro fiel da rotina dos trigêmeos, o casal teve de criar técnicas para reconhecer as chupetas e distinguir os bicos das mamadeiras que agradam a um e desagradam aos outros. As chupetas, por exemplo, são guardadas em potinhos que ficam estrategicamente ao lado de cada berço, para não haver trocas.

Os exemplos dão a ideia do tipo de texto utilizado para apresentação de personagens. Na prática, eles seguem as mesmas regrinhas dos perfis. Com uma diferença: são mais curtos.

Opine, não ache

Quem exagera o argumento prejudica a causa.

Friedrich Hegel

Matérias de opinião ocupam cada vez mais espaço em jornais e revistas. O excesso de informação despejado sobre os leitores pelos meios eletrônicos de comunicação, mais ágeis e instantâneos, obrigou os veículos tradicionais a buscar saídas para ir além da notícia. Hoje, estar informado não basta. É preciso estar *bem* informado – entender as notícias, conhecer-lhes as causas e consequências, contextualizá-las e, acima de tudo, ter opinião sobre elas. Esse é o papel das matérias de opinião. Elas trazem pontos de vista diferentes sobre um tema, às vezes contraditórios, para que o leitor possa tirar as próprias conclusões.

Existem dois tipos principais de opinião nos jornais – editoriais e artigos. Os primeiros apresentam a posição da empresa sobre um fato. Os segundos, o pensamento de colaboradores: cientistas políticos, parlamentares, economistas, jornalistas, especialistas em áreas técnicas e quem tiver pontos de vista a apresentar.

Editoriais

Os editoriais expressam a opinião da empresa. Os veículos de comunicação têm editorialistas dedicados a esse trabalho. De forma pejorativa, são chamados de “pena de aluguel”, referência ao fato de defenderem teses de terceiros. Eles, na prática, fazem o mesmo trabalho dos repórteres – ouvir e transmitir a opinião de suas fontes. No caso, as empresas para as quais trabalham.

Os meios de comunicação defendem interesses, cobram providências, criticam instituições. Posicionam-se diante dos leitores e das autoridades. Dada a importância de que se revestem, são escritos em linguagem cuidada, em língua de terno e gravata. Erros podem custar a cabeça do autor. Não por acaso, profissionais mais velhos e experientes, conhecedores da política interna da casa, respondem pela editoria de Opinião.

Artigos, colunas e análises

Artigos e análises representam a opinião de quem assina o texto. Os jornais publicam pequenas notas de rodapé com informações sobre o autor, para dar credibilidade ao escrito e ajudar a compreender as intenções por trás dos pontos de vista apresentados. A crítica ao programa de governo do presidente Lula feita por um adversário tem menos força do que outra, no mesmo sentido, feita por um aliado. Espera-se, claro, oposição da oposição.

Há ainda outro tipo de matéria opinativa nos jornais e revistas – as colunas assinadas. Elas aparecem em todos os cadernos dos jornais, conforme o assunto tratado. Os autores, sempre os mesmos, se tornam donos do espaço e, às vezes, lhe dão o próprio nome.

Nos últimos anos, novo recurso tornou-se corriqueiro. Tratase das análises, que complementam reportagens ou grandes coberturas. No caso, convoca-se um especialista ou repórter da redação para avaliar o acontecimento, explicar suas causas e consequências. Há duas formas consagradas de escrever editoriais, artigos e análises. Uma: apresenta, no primeiro parágrafo, o assunto a ser tratado, dando ao leitor o contexto e as informações necessárias para entender a opinião que virá a seguir. É o modelo mais usado. A tese aparece, em geral, a partir do terceiro parágrafo. A outra: segue roteiro inverso. Apresenta ao leitor a tese logo de cara, no início do texto. Em ambos os formatos, o miolo destina-se aos argumentos que sustentam a opinião.

Eis um editorial extraído da *Folha de S. Paulo* de 24.6.2004:

> ◉ *A apenas seis dias da transferência da soberania para o governo provisório iraquiano, uma série de ataques concentrados em cinco cidades produziu cerca de uma centena de mortes e mais de 300 feridos. A previsão é que novas ações em grande escala se repitam nos próximos dias.*
>
> *A nova administração iraquiana já assume sob o signo de um dilema que parece insolúvel. Sem legitimidade popular, o governo sustenta-se principalmente na força militar da coalizão de tropas estrangeiras lideradas pelos EUA. E é justamente a presença desses soldados a principal motivação da resistência para lançar ataques contra a administração. Se as tropas saem do país, é quase certo que o governo provisório cai; se ficam, não há nenhuma razão para que cessem os atentados que vêm desestabilizando o país, provocando centenas de mortes e minando a já combalida infraestrutura iraquiana.*
>
> *Ao que tudo indica, os soldados estrangeiros permanecerão ainda por muitos anos no Iraque. A estratégia de estabilização passa por eleições que confeririam legitimidade e aceitação aos governantes. É claro que as possibilidades de erro são inúmeras. Para começar, o atual governo, ao qual caberá organizar os pleitos, é visto como um fantoche de Washington, o que poderá lançar dúvidas sobre os resultados eleitorais. De resto, parece bastante improvável que os EUA, com cerca de 130 mil homens no Iraque, aceitem um eventual governo islâmico hostil à Casa Branca.*
>
> *O que parece mais certo nessa história toda é que o presidente George W. Bush cometeu um formidável erro ao invadir o Iraque e agora não sabe como livrar-se da encrenca.*

Três quartos do texto são dedicados a contar a situação conflituosa do Iraque, pano de fundo para os atentados aos quais o jornal se refere, que foram manchete naquele dia – ataques matam ao menos 89 no Iraque. A opinião está expressa no parágrafo final. A *Folha* atribuiu ao presidente George W. Bush a responsabilidade pelo conflito ao invadir o país. Considera a atitude de Bush “erro formidável”.

Agora, acompanhe este exemplo, reprodução de outro editorial da mesma edição da *Folha*:

> ◉ *No que já configura uma verdadeira gincana de populismo, o governador do Estado de São Paulo, Geraldo Alckmin, acaba de lançar seu programa de distribuição de medicamentos. Às vésperas da convenção tucana que indicará José Serra para concorrer à Prefeitura de São Paulo, o correligionário Alckmin criou, na capital, o Farmácia Dose Certa. Serão dez postos em estações do metrô que dispensarão gratuitamente 40 tipos de remédio a usuários do sistema público de saúde.*
>
> *O Farmácia Dose Certa vem apenas duas semanas depois do Farmácia Popular, que é o nome do programa federal de venda subsidiada de medicamentos. Não por acaso, a rede criada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva se concentra em São Paulo, onde a prefeita petista Marta Suplicy tentará a reeleição.*

> *Em comum, ambos os projetos partilham, além do caráter demagógico, a total inconveniência. No contexto do SUS, remédios devem ser distribuídos gratuitamente nas farmácias de postos de saúde e de hospitais nos quais o paciente é atendido. Fora daí, entra-se no território do marketing eleitoral. Prova-o a própria escolha do local onde o governo do Estado pretende montar suas bancas: o metrô. Não se trata tanto de facilitar a vida do doente, que, para obter a receita médica, necessariamente passa por um posto de saúde ou hospital, mas de mostrar serviço para as centenas de milhares de pessoas que se utilizam diariamente da malha metroviária.*
>
> *A essa altura, a população já se acostumou a ser regalada com benfeitorias de diversos calibres às vésperas de eleições. Em algum grau, isso faz parte da própria dinâmica das democracias. Todo administrador tende a mostrar realizações perto e não longe dos pleitos. A fronteira entre a iniciativa legítima e a apenas populista pode ser traçada a partir dos rudimentos da lógica. Quando a proposta encerra algum sentido econômico ou social, é aceitável, mas não quando ela nada acrescenta além da visibilidade para o governante. No caso das farmácias eleitorais, infelizmente nenhuma delas passa pelo teste da consistência.*

Nesse caso, a *Folha* abriu o editorial criticando as iniciativas populistas dos governantes. “No que já configura uma verdadeira gincana de populismo...” constitui opinião enfática. O leitor soube, em poucas palavras, que o jornal ataca o novo sistema de distribuição de medicamentos. O argumento que justifica a ideia de que as tais farmácias sejam apenas recurso de marketing eleitoral ficou para o final.

Para escrever textos opinativos:

- Antes de mais nada, tenha uma opinião sobre determinado assunto.
- Tenha claro o ponto de vista a ser defendido. É fundamental saber se o texto vai defender uma ideia, criticá-la ou sustentar posição intermediária, de apoio com ressalvas.
- Faça pequena introdução para que o leitor se familiarize com o assunto a ser tratado. Ou apresente a opinião logo no início.
- A partir daí, desfile os argumentos em defesa da tese. Apresente pelo menos três justificativas. Menos do que isso enfraquece o texto.
- Ao sustentar a opinião, use argumentos concretos, como números de pesquisas e referências históricas. Cite especialistas renomados que corroborem sua posição.
- Sobretudo, nunca ache nada. Achismo não é opinião.

Quanto menor, melhor

O bom, se conciso, é duas vezes bom.
Baltasar Gracián

Colunas de notas se popularizaram nos últimos anos, quando os jornais começaram a reduzir o tamanho das matérias para atender à alegada falta de tempo da vida moderna. Para quem tem preguiça de ler o jornal, são mesmo o gênero ideal de notícias – diretas, enxutas, rápidas. As novas colunas tomaram emprestada a linguagem coloquial das antigas colunas sociais e incorporaram notícias de outras áreas “mais sérias” do jornalismo, como política, economia e esportes. Coluna de notas que se preza, hoje, precisa de informação exclusiva, além de fofocas, brincadeiras e bom humor.

Ao contrário do que pode parecer à primeira vista, escrever notas é tão difícil quanto escrever uma reportagem especial. Ou mais difícil, porque exige a aplicação máxima das regras do texto jornalístico. Nelas, clareza, concisão e objetividade são elevadas à décima potência, com pitadas de ironia, descontração e leveza. Na prática, cada nota equivale a um lead de reportagem.

Uma das colunas mais prestigiadas da imprensa brasileira é a de Ancelmo Góis, publicada diariamente em *O Globo*. Eis as duas primeiras notas do dia 1.7.2004:

> ● ***BNDES vai às compras***
> *Carlos Lessa pensa em comprar uma pequena participação nas usinas de Tubarão (agora em poder da européia Arcelor) e de Volta Redonda (controlada por Benjamin Steinbruch). Seria operação estratégica igual àquela que levou o BNDES, em novembro, a adquirir, por R$ 1,5 bi, 8,5% da Vale.*

> ● ***A bolada de Milene***
> *Pelo acordo de separação assinado ontem entre Ronaldo Fenômeno e Milene Domingues na corte de Alcobendas, na Espanha, a ex-mulher do craque vai receber, por mês, 23 mil euros. São R$ 86.454,89.*

Nos dois exemplos, os textos são curtos e grossos. Sem floreios ou meias-palavras. O modelito para escrevê-los é o clássico do texto jornalístico – o que, quem, quando, onde, como e por quê. Funciona tão bem quanto o vestido tubinho preto, acessório indispensável no guarda-roupa das mulheres. Não admite nenhum enfeite. O charme das colunas de notas reside na oferta apenas e tão somente da notícia nua e crua. Mais básico, impossível.

Acessórios trabalhosos

A palavra, como se sabe, é um ser vivo.

Nos bons tempos da imprensa, havia os copidesques, profissionais contratados para reescrever textos, dar título às matérias e legenda às fotos. Eles sumiram das redações. As novas tecnologias obrigam o repórter a escrever na tela do computador, obedecendo ao tamanho da matéria definido pela diagramação, e a fazer (no mínimo, sugerir) legendas, títulos e subtítulos.

Os três elementos da edição (título, subtítulo, e legendas) são inseparáveis. Falam a mesma língua. Completam-se um ao outro. Páginas bem editadas, diz-se nas redações, são aquelas em que basta ler os “penduricalhos” para saber o conteúdo inteiro da matéria. Não por acaso, a distribuição dos acessórios nas páginas segue o movimento dos olhos durante a leitura. No mundo ocidental, lemos de forma horizontal, de cima para baixo e da esquerda para a direita. Japoneses lêem da direita para a esquerda e de cima para baixo, mas no sentido vertical.

Assim, é natural e automático que, ao abrir jornais e revistas, os olhos do leitor recaiam sobre a parte superior das páginas, em que estão os títulos. Eles são o começo de tudo, a cenoura que conduzirá o leitor até o último ponto do texto, o elemento de sedução. No rádio e na tevê, as chamadas para as reportagens garantem que o telespectador esteja de volta ao sofá depois dos comerciais. Fátima Bernardes e Willian Bonner encerram os blocos de notícias do *Jornal Nacional* dizendo “A seguir...”. A apresentação das notícias seguintes precisa ser tão forte quanto a própria notícia – ou mais.

A principal característica de um título (e das chamadas de tevê e rádio, suas similares nas mídias eletrônicas) é apresentar o fato – o que aconteceu. O subtítulo acrescenta informações – como aconteceu, quem esteve envolvido e como. Legendas são um pouco mais complicadas. Elas servem para explicar uma foto e localizá-la no contexto da reportagem. Não devem descrever a imagem (o leitor está olhando para ela), mas identificar pessoas e lugares.

Os acessórios variam de formato. Reportagens factuais “pedem” títulos objetivos. Perfis, entrevistas e reportagens especiais admitem títulos abrangentes, conotativos. Nesse caso, aumenta a responsabilidade do subtítulo. É ele que cumprirá a função de apresentar o teor da reportagem ao leitor. Em suma: os três elementos da página formam um conjunto perfeito.

Veja estes exemplos, extraídos da edição de 8.7.2004 de O Globo:

- ***Ataque à fraude nos combustíveis***
  Polícia Federal fecha depósito clandestino que vendia gasolina adulterada

- *Eleições 2004*
  Comércio ambulante de votos
  No primeiro dia da campanha, Crivella, Bittar e Jandira criticam ação da Guarda contra camelôs

No primeiro caso, título factual. No segundo, trocadilho com a caça aos votos dos principais candidatos a prefeito do Rio de Janeiro e suas críticas à ação das autoridades contra o comércio ambulante nas ruas da cidade. Note que, no segundo exemplo, a frase não tem verbo. Entrou em ação aí outro componente – a retranca. No caso, “eleições 2004”, identificação de uma série de reportagens sobre o início da campanha municipal em todo o país que se repetia em três páginas da editoria de Política. A retranca deu a ideia de continuidade à reportagem, mantendo a unidade de estilo e tratamento.

O *Correio Braziliense* é um dos jornais mais criativos nos títulos. No desenho das páginas, o subtítulo aparece acima do título. Portanto, o leitor recebe primeiro um resumo do conteúdo da matéria e, em seguida, um título forte, que funciona como conclusão da história. Veja estes exemplos:

- *ORIENTE MÉDIO*
  Para os israelenses, ele é uma obra essencial contra os terroristas. Para os palestinos, é uma forma de o governo Sharon confiscar terras. Tribunal Internacional de Justiça anuncia sua decisão hoje

  Esse muro é legal?
  (edição de 9.7.2004)

- *MEMÓRIA*
  Espanha comemora com grande exposição no Museu Rainha Sofia o centenário de Salvador Dali, pintor que renovou a linguagem artística em todos os campos em que atuou

  Surreal ao alcance do povo
  (edição de 11.7.2004)

Nos dois exemplos, a edição de títulos e subtítulos (se é que podem ser chamados assim, pela posição ocupada na página) vem amparada pela retranca explicativa do assunto tratado na matéria – *Oriente Médio* e *Memória*. Ela ajuda a contextualizar a reportagem, facilitando a leitura e a compreensão. Também compensam os títulos vagos, interpretativos.

O uso do ponto de interrogação nos acessórios das páginas é proibido em vários manuais de redação, mas o *Correio* provou que há exceções. Usou o recurso de forma apropriada no caso da construção, pelo governo israelense, do muro que deve separar o país dos territórios palestinos da Cisjordânia. *Esse muro é legal*? resume a questão a ser respondida pelo Tribunal Internacional de Justiça.

Na matéria sobre Salvador Dali, o título *Surreal ao alcance do povo* explica o objetivo da exposição, fugindo do tratamento convencional dado às reportagens factuais.

Quente ou fria?

Palavras têm temperatura – você sabia? Como elas são a base dos títulos, a simples troca de sinônimos muda tudo, o contexto, o tom, a interpretação. Veja este exemplo, de O Estado de S.Paulo, edição de 11.7.2004:

- *Justiça manda Estácio indenizar aluna baleada*

A matéria conta a decisão da Justiça de condenar a Universidade Estácio de Sá a pagar indenização de R$ 950 mil a uma vítima de bala perdida no campus da escola. O assunto é polêmico, mas o título o transformou em matéria de segunda categoria. O problema está na palavra *indenizar*. Tratase de linguagem técnica dos tribunais e advogados. O que seria uma matéria humana virou registro de decisão judicial. O resultado foi um título frio, distante das pessoas e da sociedade.

O título ficaria mais atraente assim:

- *Aluna baleada receberá R$ 950 mil da escola*

Essa é mais quente – dispensa termos técnicos, inclui elementos humanos e apresenta a notícia sob o ponto de vista da vítima, não da Justiça. O que era uma informação burocrática tomou forma de história de vida, mais próxima das pessoas a que se destina o jornal. Moral da história: em títulos, dê preferência às palavras quentes, em geral mais curtas do que as frias.

Toque final

Não gosto de escrever. Gosto de ter escrito.
Armando Nogueira

As palavras são a ferramenta do jornalista. Conhecê-las é o primeiro requisito de quem quer escrever para ser entendido. O mau português compromete o esforço de pesquisa e redação, mutila as informações e prejudica a clareza. O emprego do termo adequado é uma das regras fundamentais do estilo.

Não se concebe um pintor que desconheça as cores, um compositor que ignore as notas musicais ou um escritor sem familiaridade com a língua. O jornalista precisa manejar o idioma com desenvoltura. Não raras vezes, porém, cai em pequenas armadilhas que põem abaixo sério e penoso trabalho. Algumas, relacionadas à norma gramatical; outras, afinadas mais com o bom gosto e o bom senso que com o certo e o errado.

A ética das palavras

Não existem palavras inocentes.
Frase inspirada em Freud

A socialite Carmem Mayrink Veiga ficou pobre. Precisou arregaçar as mangas e partir pra luta. Para provar que daria conta do recado, disse em entrevista que sempre trabalhara como uma negra. Tradução: trabalho pesado é coisa de negro.

Fernando Henrique estava em campanha eleitoral. Num laivo de humildade, confessou que tinha um pé na senzala. Para os bons entendedores, ficou claro. O homem não era tão perfeito quanto parecia. Tinha nódoas de origem.

“Tenho aquilo roxo”, vociferou Fernando Collor de Melo. Delfim Netto se encarregou de pôr os pontos nos is. “Os brancos”, ironizou ele, “têm aquilo rosa. Se você tem roxo, branco não é”. Conclusão: o não ser branco constitui defeito que as pessoas precisam esconder.

As três histórias têm a cara do racismo brasileiro. É disfarçado. Freqüenta com tanta naturalidade o dia a dia que raramente nos damos conta de que estamos reforçando preconceitos.

Por causa do preconceito, temos dificuldade de dizer que alguém é negro. Parece ofensivo. Criativos, inventamos um montão de palavras para designar afrodescendentes. É o caso de mulato, moreno, escurinho, sarará, cabo verde, neguinho.

E por aí vai.

Muitas delas são eufemísticas. Constituem forma de adocicar o preconceito e torná-lo convenientemente invisível. “Desenvolvemos o preconceito de ter preconceito”, disse Florestan Fernandes. A razão é simples. A legislação é pra lá de rigorosa. Crime de racismo figura entre os inafiançáveis. Qualquer bobeira, o jornalista responde nos tribunais.

Aconteceu com o colunista social Cláudio Cabral Ferreira, do jornal *Tribuna do Ceará*. Ele escreveu: “Feijoada é comida de músico baiano, negros e índios – sub-raças, evidente”. O caso acabou no Tribunal de Justiça do estado. “Foi só uma brincadeira”, defendeu-se ele. O juiz aceitou a desculpa. Absolveu o acusado por entender que tudo não passara de galhofa. O promotor recorreu. O gozador pode pegar seis anos de xilindró.

Ser racista explícito tornou-se, além de arriscado, politicamente incorreto. Pega mal. A sociedade patrulha, o movimento negro está atento. Mas a discriminação continua presente.

As palavras, como frisou Camilo José Cela, são mais duradouras que as pedras. Não são, porém, criação da imprensa. A mídia apenas as reproduz.

Expressões impregnadas de preconceitos usadas aqui e ali recorrem ao adjetivo negro. Todas têm conotação negativa. Valem os exemplos de *câmbio negro, mercado negro, buraco negro, dia negro, lista negra, humor negro, magia negra, peste negra, ovelha negra, nuvens negras*.

Cortar negro do dicionário? Claro que não. A palavra é muito bem-vinda para designar africanos ou afrodescendentes. Zezé Mota é negra. Não é escurinha, crioula, negrinha, morena, negrona, de cor. Afora isso, xô! Quer indicar cor? Use preto.

O politicamente correto não se restringe a questões raciais. Não é politicamente correto pôr em risco o meio ambiente. Não é politicamente correto contar piadinhas sobre mulher. Não é politicamente correto usar termos que, de uma forma ou de outra, reforçam preconceitos.

Homossexual é homossexual ou gay. Bissexual é bissexual. Travesti é travesti. Lésbica é lésbica. Nada de bicha, veado, fresco, boneca, traveco, gilete, sapatão, sapato 45. Cego é cego. Surdo é surdo. Mudo é mudo. Às vezes, portador de necessidades especiais. Nunca aleijado, aleijão, defeituoso, deformado, retardado, mongolóide, débil mental.

Pobre é pobre ou pessoa de baixa renda, se possível, dizer a renda. Sem essa de pé-rapado, salário mínimo, roto, pobretão. Idoso é idoso (melhor informar a idade da pessoa). Deixe de fora vovô, velho, decrépito, senil, gagá, velhote, titio, mais pra lá do que pra cá, esclerosado, pé na cova, hora extra no mundo. Nordestino é nordestino. Paraibano é paraibano. Piauiense é piauiense. Esqueça nortista, paraíba, piauizeiro, retirante, cabeça-chata, pau de arara, baiano cansado.

Pessoa baixa é baixa (dizer a altura). Nanica, pigmeu, pintor de rodapé, gabiru, anão de jardim, salva-vidas de aquário? Tranque as gozações no cofre e jogue a chave fora. Maltratar é maltratar. Desacreditar é desacreditar. Nada de judiar, que lembra judeu. Ou denegrir, que remete a negro.

É isso. Policie a linguagem. E não peque pela omissão. Fale mais, cobre mais. Faça barulho quando autoridades, que servem de modelo, recorrerem, mesmo inconscientemente, a expressões preconceituosas. É jeito de dar visibilidade ao preconceito envergonhado.

A luta é difícil porque se trava contra fantasmas. Vale, aí, a receita de Leonel Brizola: para lutar contra o diabo, é preciso recorrer a todos os demônios. Afinal, o diabo nunca tira férias. Se necessário, faz hora extra. Quando não pode comparecer, manda a sogra. Resistir a ele? Só há uma receita. É a eterna vigilância.

As penetras

Um banco oficial patrocinou um espetáculo de música popular brasileira. Teatro lotado, o apresentador, de smoking e gravata borboleta, cumprimentou a plateia, pediu que desligassem os celulares e anunciou:

– Vamos estartar o show.

Uma hora depois voltou e informou ao distinto público:

– Teremos um brake de quinze minutos.

Passado o tempo, as luzes se acenderam e se apagaram três vezes. Ele, de novo:

– É hora de reestartar o show.

Ensurdecedora vaia se ouviu. O pobre não entendeu a injustiça. Na cabeça dele, pegava bem usar os nobres estartar, brake e reestartar no lugar dos vira-latas iniciar, intervalo e recomeçar. Pensou mal. Alguns não entenderam. Quem entendeu achou desaforo. Daí a reação.

Um fato é indiscutível. A língua está impregnada de palavras estrangeiras. Nos shopping centers, nas comunicações bancárias, nos nomes de lojas, só o inglês tem vez. Bairros emergentes dão a impressão de que vivemos em Nova Iorque. Não falta nem estátua da liberdade.

É da natureza da língua ser flexível, viva, dinâmica, adaptável. Logo, livre pra sofrer influências e receber contribuições. A língua é como fogo morro acima e água morro abaixo. Ninguém controla.

Bater papo é o seu vício. O diálogo se dá, claro, com as línguas de mais contato. Se hoje o português tem mais proximidade com o inglês – graças à internet, ao cinema, à música americana – é natural que sofra mais influência do inglês. Como antes sofreu do francês.

Fofoqueira, a língua fala de nós. Denuncia-nos. Mostra o que somos. Ora, se temos orgulho e amor por nossas coisas, cuidamos delas, ajudamo-las a crescer, frutificar, ter sucesso. Se, ao contrário, tratamo-las com indiferença, alienação e desprezo, o resultado é o empobrecimento e a morte. Em outras palavras: a entrega ao outro.

Se a língua fala de nós, o que diz a nosso respeito?

Revela um povo que usa poucos dos inumeráveis recursos de que dispõe. O português tem cerca de 400 mil palavras. Guimarães Rosa utilizou nove mil. Um adulto escolarizado se recorre de duas mil. Quem só frequentou o ensino fundamental fica pelos mil vocábulos. Quanto menos recursos se usam, mais pobre a língua fica. Uma palavra passa a traduzir muitas significações. Vira curinga.

Revela um povo com baixa autoestima. Dar nome inglês a estabelecimentos comerciais, anunciar em inglês a liquidação ou a entrega em domicílio denuncia falta de amor próprio, preguiça de criar e tendência à cópia. Denuncia, também, o produto que o consumidor deseja. O comércio oferece cardápio em inglês porque o consumidor quer. Valoriza o prato.

Os dois itens anteriores revelam, sobretudo, subdesenvolvimento. Somos subdesenvolvidos porque nos faltam educação e ciência. Usamos poucos recursos da língua porque não nos são exigidos. Embalamos nosso produto em inglês porque vende melhor. Se houvesse resistência, o quadro seria diferente.

Como lidar com os estrangeirismos na imprensa? Eça de Queirós escreveu: “Um homem só deve falar, com impecável segurança e pureza, a língua da sua terra. Todas as outras as deve falar mal, orgulhosamente mal, com aquele acento chato e falso que denuncia logo o estrangeiro”.

Há empréstimos incorporados. Esses praticamente conquistaram nacionalidade camoniana. É o caso de show, shopping, marketing. Alguns ganharam grafia portuguesa. Fiquemos com ela: abajur, gangue, uísque, estresse, xampu.

E, sempre que houver uma palavra portuguesa, vamos dar-lhe primazia. Prefira apagar a deletar; imprimir a printar; camiseta a t-shirt; participação no mercado a marquet share.

Na boca do povo

A coisa mais difícil do mundo é dizer pensando
o que todos dizem sem pensar.
Émile Auguste Chartier Alain

Paulo formou-se em comunicação. Em bate-papo com os colegas, soube que a uma emissora de tevê estava contratando repórteres. Informaram-no que o primeiro passo era apresentar o currículo. Ele preparou cuidadosamente o texto. Ao entregá-lo, vários conhecidos faziam o mesmo.

Na hora da avaliação, lá estava o título em negrito – experiência anterior. Baita redundância. Toda experiência é anterior. Assim como todo elo é de ligação, todo hábitat é natural, todo amigo é pessoal. O pleonasmo, como excesso de sobremesa, enjoa. Nós brincamos com alguns pra lá de conhecidos. É o subir pra cima, descer pra baixo, entrar pra dentro, sair pra fora. Mas existem os engenhosos, que passam despercebidos. Nós, ingênuos, caímos na armadilha.

Sem corar, dizemos *manter o mesmo, ainda continua, ganhar grátis*. Ora, se mantemos, só pode ser o mesmo. Se não for, manter não é. Pode ser mudar, trocar, substituir. *Ainda continua?* As duas palavras falam de continuidade. Melhor ficar com uma ou outra (ele continua gripado, ele ainda está gripado). *Ganhar grátis?* Só pode. Se o presenteador for adepto da oração de São Francisco de Assis “é dando que se recebe”, o presenteado não ganha. Compra, troca, negocia.

Há pleonasmos tão familiares que parecem gente boa, que nada mais faz que cumprir a obrigação. Não caia na deles. Os redundantes comprometem reputações, adiam a esperada promoção, afugentam amores.

Olho vivo. Todo general é do Exército. Todo brigadeiro, da Aeronáutica. Todo almirante, da Marinha. Todo país, do mundo. Toda viúva, do falecido.

Só há labaredas de fogo. Só existem estrelas no céu. Sorriso, nos lábios. Goteira, no teto. Monopólio, exclusivo. Erário, público. Planos ou projetos, para o futuro.

Criar? Só pode ser algo novo. Detalhes? São sempre pequenos. Encarar? Só de frente. Exultar? Só de alegria. Calar? Só a boca.

Todos são unânimes? Todos são todos. Unânimes são todos. Escolha um ou outro: *Todos concordaram. A decisão foi unânime*.

Além de fazer frio, também chove? Nem pensar. Decida-se. Fique com o *além*. Ou com o também: *Além de fazer frio, chove. Faz frio e também chove*.

Mesmeiros do texto

Nas palavras e nas modas, observe a mesma regra:
sendo novas ou antigas demais, são igualmente grotescas.
Pope

Imagine alguém que use a mesma roupa dia após dia, mês após mês, ano após ano. A criatura deixa de surpreender. Monótona, não chama a atenção. Ao contrário. É altamente previsível.

Com a língua ocorre o mesmo. Certas palavras e expressões foram originais um dia. Despertaram comentário. Depois, de tanto repeti-las, viraram modismos, chavões ou lugares-comuns. Supérfluas, são pobres de valor informativo.

É o caso de pontapé inicial. Alguém aproveitou o termo da linguagem futebolística e o usou num texto de política. Ótimo. Outros gostaram do resultado. Imitaram o primeirão. Hoje, quando bate o olho na mesmeira, o leitor sente cheiro de mofo.

Sobram exemplos:

- *A cada dia que passa; a duras penas; a olho nu; a olhos vistos; a ordem é se divertir; à saciedade; a sete chaves; a todo vapor; a toque de caixa; abertura da contagem; abrir com chave de ouro; acertar os ponteiros; agarrar-se à certeza de; agradar a gregos e troianos; alto e bom som; alimentar a esperança; amanhecer do dia; antes de mais nada; ao apagar das luzes; aparar as arestas; apertar os cintos; arregaçar as mangas; ataque fulminante; atingir em cheio; atirar farpas; baixar a guarda; barril de pólvora; bater em retirada; cair como uma bomba; cair como uma luva; caixinha de surpresas; caloroso abraço; campanha orquestrada; cantar vitória; cardápio da reunião; carta branca; chegar a um denominador comum; chover no molhado; chumbo grosso; colocar um ponto final; com direito a; comédia de erros; como manda a tradição; como se sabe; como já é conhecido; como todos sabem; comprar briga; conjugar esforços; corações e mentes; coroar-se de êxito; correr por fora; cortina de fumaça.*

Mais: dar o último adeus; de mão beijada; deitar raízes; debelar as chamas; depois de longo e tenebroso inverno; desbaratar a quadrilha; detonar um processo; erro gritante; de quebra; dispensa apresentação; divisor de águas; do Oiapoque ao Chuí; efeito dominó; em compasso de espera; em pé de igualdade; em polvorosa; em ponto de bala; em sã consciência; em última análise; eminência parda; empanar o brilho; encostar contra a parede; esgoto a céu aberto; estar no páreo; faca de dois gumes; familiares inconsoláveis; fazer as pazes com a vitória; fazer das tripas coração; fazer uma colocação; fazer vistas grossas; fez por merecer; fonte inesgotável; fugir da raia; gerar polêmica; hora da verdade; importância vital; inflação galopante; inserido no contexto; jogo de vida ou morte; lavar a alma; lavrar um tento; leque de opções; levar à barra dos tribunais; líder carismático; literalmente tomado; lugar ao sol; luz no fim do túnel; maltraçadas linhas; menina dos olhos; morto prematuramente.

> *Ainda mais: na ordem do dia; na vida real; no fundo do poço; óbvio ululante; ovelha-negra; página virada; parece que foi ontem; passar em brancas nuvens; pelo andar da carruagem; perder o bonde da história; perder um ponto precioso; perdidamente apaixonado; perfeita sintonia; petição de miséria; poder de fogo; pomo da discórdia; pôr a casa em ordem; prendas domésticas; preencher uma lacuna; procurar chifre em cabeça de cavalo; propriamente dito; requinte de crueldade; respirar aliviado; reta final; rota de colisão; ruído ensurdecedor; sair de mãos abanando; sagrar-se campeão; saraivada de golpes; sentir na pele; separar o joio do trigo; sério candidato; ser o azarão; sorriso amarelo; tecer comentários; ter boas razões para; tirar do bolso do colete; tirar o cavalo da chuva; tirar uma conclusão; tiro de misericórdia; trair-se pela emoção; trazer à tona; trocar farpas; via de regra; via de fato; voltar à estaca zero.*

Ufa!

Lição do corpo

Só fala e escreve bem quem pensa bem.
Fialho de Almeida

O corpo fala. E dá lições. Uma delas: as partes que exercem função igual têm estrutura igual. No rosto, temos dois olhos, dois ouvidos, duas narinas. Um par exerce o mesmo papel que o outro. Os olhos veem. Os ouvidos ouvem. As narinas cheiram.

Por exercerem a mesma função, o casalzinho tem a mesma forma. Um olho é do tamanho e da cor do outro. Um ouvido é do tamanho e formato do outro. Uma narina tem a cara e o focinho da outra.

No resto do corpo, a história se repete. Temos duas mãos, dois braços, dois pés e duas pernas. Um e outro exercem a mesma função. As mãos seguram. Os braços abraçam. Os pés pisam. As pernas andam. Por isso, têm a mesma forma. Um braço é gêmeo univitelino do outro. Pés, pernas e dedos também.

A língua é boa aluna. Aprende a lição rapidinho. Termos e orações com funções iguais ganham estruturas iguais. Por exemplo: se o verbo pede dois objetos diretos, há dois caminhos. Um deles é darlhes a forma de nome. O outro, de oração.

Veja:

- ◉ *O presidente negou interesse na reeleição e que o governo esteja sem rumo.*

O verbo *negar* é transitivo direto. Pede objeto direto. No caso, são dois objetos. Um: o interesse na reeleição. O outro: que o governo esteja sem rumo. Reparou? Houve desrespeito à lei do paralelismo. Os dois – *interesse na reeleição e que o governo esteja sem rumo* – são objetos diretos de *negar*. Mas têm estruturas diferentes. Um é nominal. O outro, oracional.

Em suma: misturaram-se alhos com bugalhos. Para corrigir o aleijão só há uma saída – dar a mesma estrutura aos dois objetos:

- Estrutura nominal: *O presidente negou **interesse** na reeleição e **falta** de rumo no governo.*
- Estrutura verbal: *O presidente negou **que tivesse** interesse na reeleição e **que** o governo **estivesse** sem rumo.*

Cuidado com o ***e que***. A duplinha só tem vez quando houver o primeiro *quê*. Na falta dele, tenha uma certeza: o paralelismo foi esnobado.

Veja:

- *As pesquisas revelam grande número de indecisos **e que** pode haver segundo turno na eleição presidencial.*

Cadê o primeiro quê? O gato comeu. Que coma então o e que:

- *As pesquisas revelam grande número de indecisos e a possibilidade de segundo turno nas eleições presidenciais.*

Às vezes, os termos paralelos aparecem em forma de casaizinhos. São os pares da língua. Eles são fiéis uns aos outros: o que acontece com um acontece com o companheiro. Trocando em miúdos: se um dos parceiros se apresenta sem artigo, o outro segue o mesmo caminho. Se, ao contrário, se exibe devidamente acompanhado, o outro vai atrás.

Difícil? O exemplo deixa clara a fidelidade entre os membros de expressões escritas aos pares. Examine:

- *Estudo **de** segunda **a** sexta-feira.*

A preposição de é pura. Não vem acompanhada de artigo. O parzinho dela não pode ser diferente. A é, também, preposição pura. Artigo não tem vez com ela. Por isso não ocorre a crase.

Compare:

- *Trabalho **das** 8h **às** 22h.*

O primeiro par é das. As três letrinhas são a combinação da preposição de com o artigo as. O primeiro par é casado? O segundo também. Às é contração da preposição a com o artigo a.

Mais exemplos:

- *Li o livro **da** página 5 **à** página 18.*
  *Viajei **da** França **à** Alemanha de trem.*
  *Fui de avião **de** Miami **a** Madri.*
  *Corri **da** Rua Azul **à** Rua Verde.*

Samba da mistura doida

> *Lé com lé, cré com cré, cada sapato no seu pé.*
> Dito popular

Imagine a cena. Paulo tem na mão meio copo de Coca Cola. Luís tem meio copo de guaraná. Eles resolvem fazer uma combinação. Misturam a Coca com o guaraná. Dá uma bebida estranha. Ninguém sabe o que é. A única certeza é esta: não é Coca Cola. Nem guaraná.

Na língua também ocorrem misturas heterodoxas. São os cruzamentos. Distraídos, nós pegamos parte de uma estrutura. Juntamola com parte de outra. O resultado é um ser muito estranho. Parece filhote de jacaré com tartaruga.

Vale um exemplo. O português tem as locuções *à medida que* e *na medida em que*. Cada uma tem seu significado.

- *À medida que = à proporção que Minha pronúncia melhora à medida que pratico a língua.*

- *Na medida em que = porque, tendo em vista A mortalidade infantil continua alta na medida em que não se* *resolveu o problema do saneamento básico.*

Atenção, muita atenção. Volta e meia, a gente vê a locução *à medida em que*. Esse mostrengo equivale à mistura de guaraná com Coca Cola. Ou ao filhote de jacaré com tartaruga. Fuja dele.

Existem outras construções louquinhas por cruzamentos. Ao menor descuido, lá vaaaaamos nós. Juntamos lé com cré. E o sapato perde o pé. Com elas, todo o cuidado é pouco. Mantenha estas duplinhas sempre juntas:

- ***seja...seja**: Seja no inverno, seja no verão, Maria está sempre bem-agasalhada.*
  ***ou...ou**: (ou) No inverno ou no verão, Maria toma sorvete todos os dias.*
  ***quer...quer**: Quer no inverno, quer no verão, Paulo usa terno e gravata.*
  ***de...a**: Estudo inglês de segunda a quinta-feira.*
  ***das...às**: Trabalho das 14h às 19 horas.*
  ***não...mas**: Não moro em São Paulo, mas em Brasília.*

O casalzinho é inseparável. Mas há gente que teima em levá-lo ao adultério. Eis o resultado desmoralizador:

- *Seja no inverno ou no verão, Maria está sempre bem-agasalhada. Quer no inverno ou no verão, Paulo usa terno e gravata. Estudo inglês de segunda à quinta. Trabalho de 14h às 19 horas.*

Xô, união pornô!

Mistérios do plural

> *Liberdade completa ninguém desfruta:*
> *começamos oprimidos pela sintaxe*
> *e acabamos às voltas com o Dops.*
> Graciliano Ramos

Em 9 de julho de 2004, o *Correio Braziliense* criou um monstro. Na página 20, escreveu: “O grupo avisa a todos que defendem Saddam que irá cortar seus pescoços antes de chegarem a Bagdá”. Depois do susto, a conclusão: os advogados são descendentes da Hidra de Lerna, que tinha nove cabeças. Se não forem, o singular se impõe:

◉ *O grupo avisa a todos que defendem Saddam que lhes iremos cortar o pescoço antes de chegarem a Bagdá.*

As palavras são cheias de manhas. Algumas têm plural. Mas, em certas construções, só se usam no singular. É o caso das partes do corpo. Dizemos que os presentes balançaram a cabeça (não as cabeças) porque cada um só tem uma cabeça. Pela mesma razão escrevemos: *Os tiros pegaram no coração dos manifestantes. Os presentes levantaram a mão.*

Atenção: a regra não vale para as partes plurais (olhos, pernas, orelhas, braços): *Levantaram os olhos* (os dois) *para o céu. Ergueram os braços* (os dois) *em sinal de aprovação. A mãe puxou-lhes as orelhas* (as duas).

Se for só um olho, um braço, uma orelha, o singular pede passagem: *Ergueram o braço* (um só) *na votação da proposta. A mãe puxou-lhes a orelha* (uma só). *O bebê agitou a perna* (uma só) *em sinal de impaciência.*

A propriedade que se refere a dois ou mais sujeitos também abomina o plural: *A polícia gaúcha procura três meninos com idade* (não idades) *entre 8 e 9 anos. A USP divulga nome* (não nomes) *dos classificados no vestibular. A festa contou com a presença* (não presenças) *de cantores e repentistas. A polícia apura a identidade* (não identidades) *dos acusados. O técnico anunciou a escalação* (não escalações) *dos jogadores. Cerca de três mil pessoas perderam o emprego* (não empregos).

Por que o singular? Pela mesma razão do singular nas partes do corpo. Se você bobear e escrever que a USP divulga nomes dos aprovados, dará a impressão de que cada aprovado tem mais de um nome. Falso, não?

Receita do cruzcredo

Não basta escrever certo. Elegância e fluência também contam.
Josué Machado

Agudização, prestigiamento, obstacularizar, tecnologizar & Cia. têm um ponto em comum: irritam o receptor. Denunciam profissional descuidado com a língua, presa fácil de modismos e vocábulos malformados que entram no idioma pela porta das traduções malfeitas. Antijornalísticas, figuram na lista de palavras vetadas em quase todos os manuais de redação.

As novidadeiras, porém, não se fazem de rogadas. Aparecem desenvoltas em títulos, sutiãs, legendas e textos. Com razão tornaram-se motivo de chacota, frequentadoras do programa humorístico *Casseta e Planeta*. Ricardo Freire, incomodado com o abuso, escreveu o artigo "Complicabilizando" para a Revista *Época*. Eis trecho do desabafo:

> *Sim, estou me associando à campanha nacional contra os verbos que acabam em "ilizar". Se nada for feito, daqui a pouco eles serão mais numerosos do que os terminados simplesmente em "ar". Todos os dias os maus tradutores de livros de marketing e administração disponibilizam mais e mais termos infelizes, que imediatamente são operacionalizados pela mídia, reinicializando palavras que já existiam e eram perfeitamente claras e eufônicas. (...)*
>
> *Precisamos reparabilizar nessas palavras que o pessoal inventabiliza só para complicabilizar. Caso contrário, daqui a pouco nossos filhos vão pensabilizar que o certo é ficar se expressabilizando dessa maneira. Já posso até ouvir as reclamações: "Você não vai me impedibilizar de falabilizar do jeito que eu bem quilibiliser". Problema seu. Me inclua fora dessa.*

O gerundismo é outra praga. Chegou tímido, trazido pelas más traduções do inglês. Adotado por secretárias, telefonistas e, sobretudo serviços de telemarketings, criou asas e voou. Ganhou intimidade com as salas de aulas, as páginas de jornais e revistas, e dos bem cuidados telejornais.

O que quer o intruso? Quer tomar o lugar do simpático futuro da nossa língua. "Vou estar anotando", "vou estar encaminhando", "vai estar lendo"? É a receita do deus nos acuda. Para não afugentar o cliente, mandam o bom senso e a boa norma dar o recado no futuro simples *(anotarei, encaminharei, lerá)*. Ou no composto (vou anotar, vou encaminhar, vai ler).

O gerúndio não pára aí. Se deixar, invade outros territórios. É o caso do presente contínuo. A forma *estar* + *gerúndio* indica ação em curso, transitoriedade: *Neste momento, você* ***está lendo*** *a receita do cruzcredo. Eu* ***estava saindo*** *quando o telefone tocou.*

Fora desses limites estreitos, o casadinho não tem vez. *Eu estou sofrendo do coração?* Nem pensar. A doença tem duração maior que o momento em que se fala. Eu sofro do coração. *Maria está morando em São Paulo há dez anos?* Sem essa. Maria mora em São Paulo. *Nós estamos estudando inglês na Cultura Inglesa?* Não. Nós estudamos inglês na Cultura Inglesa. *Em Brasília, estamos sempre falando com autoridades?* Engano. Em Brasília, falamos sempre com autoridades.

> E as duplinhas? As más línguas juram que elas ajudam a construir nosso jeitinho de ser. O que torna o brasileiro brasileiro? Uns dizem que é o gosto por caipirinha. Outros, a paixão por feijoada. Há quem fale em tendência a adiar compromissos. Muitos lembram o falar bonito. Todos concordam na quedinha por esconder o pensamento. No fundo, trememos na base ante a hipótese de assumir responsabilidade.

“Como vai?”, perguntamos. Há mais de cinquenta respostas para a questão: tudo bem, vou indo, mais ou menos, assim-assim, navegando, flutuando, do jeito que Deus manda, não tão bem quanto você, melhor do que mereço, conforme sopra o vento, se melhorar estraga. E por aí vai. Todas têm uma característica. Fazem de conta que respondem, mas não respondem.

Recorremos a mil estratégias de falar sem dizer. Uma delas: espichar os verbos. Poucos resistem à tentação. Ao menor cochilo, lá estão dois infinitivos juntos. Em 99% dos casos, sobra gordura.

Poder, querer, tentar & gangue se prestam como ninguém ao papel sujo. Como quem não quer nada, juntam-se a outro infinitivo. Não dá outra. Viram parasitas – roubam a força do verbo principal. Deixam-no frouxo, obscuro, sem charme.

Exemplos pululam por aí:

- *Ele fez tudo para* ***poder salvar*** *o casamento.*
  Ele fez tudo para ***salvar*** *o casamento.*

- *Gastou as economias para* ***poder estudar*** *na Europa.*
  Gastou as economias para ***estudar*** *na Europa.*

- *Chegou cedo para* ***poder pegar*** *um bom lugar.*
  Chegou cedo para ***pegar*** *um bom lugar.*

- *No afã de* ***querer parecer*** *bonita, Vera Fisher gasta horas nos salões de beleza? Falso.*

*No afã de **parecer** bonita, Vera Fischer gasta horas nos salões de beleza.*

◉ *Lula não medirá esforços no empenho de **querer acabar** com a fome no Brasil? Desista.*
*Lula não medirá esforços no empenho de **acabar** com a fome no Brasil.*

Fale sério. O sentido mudou? Não. *Poder e querer* ficam implícitos na frase. Rua pra eles.

Outro recurso para fugir da responsabilidade é esconder-se atrás do *tentar*. Abra o olho. Ao dizer "vou tentar resolver meu problema de pontuação", você dá razão aos psicólogos. Eles explicam: Quem quer faz. Quem não quer tenta.

Para ser convincente, seja corajoso. Afirme. Mande o *tentar* pras cucuias:

◉ *Vou resolver meu problema de pontuação.*

É isso. E não é pouco.

A ditadura da indústria

Escrevi o livro para tirar o pé da lama.
Adriane Galisteu

Quando você pensou que tinha aprendido tudo sobre escrever bem, aqui vai uma má notícia. Não basta escrever bem. É preciso ser rápido e preciso. Pouco adianta apresentar uma reportagem fabulosa se estiver maior do que o espaço (ou o tempo, no caso de rádio e tevê) reservado a ela. Também terá pouca serventia se o autor estourar o horário de fechamento. O repórter corre o risco de ver um calhau publicado no lugar da preciosa obra.

Curiosidade 1: calhau é anúncio usado para completar uma página quando termina o horário de fechamento sem que as matérias estejam prontas.

Curiosidade 2: com propriedade, o horário limite para o fechamento é chamado de *dead line* – linha da morte. Ultrapassá-la significa a morte da matéria ou do emprego do jornalista.

Os repórteres detestam a comparação, mas o trabalho deles assemelha-se à produção de salsichas. Há um buraco a ser preenchido. E é preciso preenchê-lo até determinado horário. Atrasos comprometem as estratégias de distribuição em bancas e a venda. A venda influencia o preço dos espaços publicitários. É bom lembrar: jornais, revistas, telejornais são produtos de uma indústria, que visa a lucro.

A faca dos editores

Dos dois maiores fantasmas da vida nas redações, o tamanho do texto e o prazo de fechamento, o primeiro é aterrador porque toca no ego do autor. Texto jornalístico é concreto, passível de ser medido em centímetros ou em tempo de leitura. Se não couber no espaço reservado para ele, entra na faca dos editores. “Corta pelo pé”, gritavam editores dos anos 70. A ordem tinha uma lógica. Esperava-se que as informações mais importantes estivessem no início do texto. Assim, se estava grande demais, cortavam-se as linhas finais – o pé da matéria.

Hoje, nem sempre se corta pelo pé, porque a organização dos textos mudou, mas ainda se corta sem a menor consideração pelos talentos literários de que o repórter se julga depositário. Entregar a matéria no tamanho pedido é tão importante quanto descobrir um furo de reportagem. Não adianta reclamar. Os diagramadores, responsáveis pelo desenho das páginas, mandam nos jornais. O espaço, limitado assim como o tempo dos telejornais e dos programas de rádio, é uma das maiores fontes de insatisfação nas redações.

A ditadura do espaço, como toda ditadura, é danosa também quando tem efeito contrário. Há situações – raras, é verdade – nas quais o jornalista precisa aumentar o texto em vez de reduzi-lo. Acredite: encher linguiça é a pior praga do trabalho. Na falta do que dizer, repórteres publicam declarações das fontes na íntegra, incluem descrições pouco importantes e cedem à tentação literária. Tomam o tempo do leitor, irritam-no e ocupam espaço precioso com informações de quinta categoria. Mas não há nada a fazer. O jeito é caprichar na apuração para a eventualidade.

A pressão do fechamento

O processo industrial também funciona sob rigoroso controle de horários.

Atrasos no fechamento causam efeito dominó desastroso e caro. As empresas pagam horas extras aos trabalhadores das gráficas e comprometem todo o sistema de logística para a distribuição dos exemplares às bancas. Os prejuízos são altos para os veículos de circulação nacional, dependentes de horários de voos. Se os jornais desembarcarem nas bancas depois das 7h30, os compradores avulsos terão seguido para o trabalho sem o exemplar do dia debaixo do braço.

O resultado do atraso é trágico. Assinantes telefonam raivosos. Cobram o cumprimento do horário de entrega e ameaçam cancelar a assinatura. Os leitores eventuais comprarão o jornal do concorrente. Há ainda perda de credibilidade. Autoridades, empresários e outros profissionais, leitores diários por dever de ofício, iniciarão a jornada de trabalho sem as informações do veículo. Resultado: as matérias não serão lidas nem trarão repercussão pública.

Em suma: pouco adianta escrever bem se o tempo gasto ameaçar o fechamento. Entre a qualidade do trabalho e a precisão do horário, opte pelo segundo. Além do talento para apurar informações e redigir bons textos, jornalistas precisam ser rápidos no teclado. Reportagens especiais, em geral, podem ser produzidas em tempo maior, sem tanta pressão. Mas é impressionante como há repórteres condicionados a trabalhar sob pressão. Muitos acabam deixando tudo para a última hora. Enrolam uma semana e acabam estressados, varando madrugadas para concluir a tarefa na linha da morte.

Situação idêntica se vive nas redações dos telejornais e noticiários de rádio. Lá se obedece a grades fixas de programação, cujos espaços publicitários são preenchidos segundo a segundo. Atrasos causam prejuízo e perda de audiência. O horário de fechamento é sentença inapelável.

A ditadura dos prazos industriais cria eterno conflito entre dar bem uma matéria e fechar no horário. No corre-corre, os repórteres se empenham em incluir informações atualizadas (ou “quentes”, no jargão jornalístico) nas matérias do dia. Alguns eventos começam pela manhã e só terminam na hora de ir pra casa. Essa situação exige rapidez do profissional na apuração e, principalmente, na hora de escrever. Não há tempo para revisões cuidadosas nem para reescrever o texto. A margem de risco para ocorrência de erros aumenta à medida que o prazo final se aproxima.

Resultado: jornais e revistas estão cheinhos de pérolas. Os leitores atentos as anotam. Depois, não deixam por menos. Soltam relações na internet. Eis algumas preciosidades:

- *Depois de algum tempo, a água corrente foi instalada no cemitério para satisfação dos habitantes.*
  A nova terapia traz esperanças a todos os que morrem de câncer a cada ano.
  Apesar da meteorologia estar em greve, o tempo esfriou ontem intensamente.

Mais:

- *Os sete artistas compõem um trio de talento.*
  A vítima foi estrangulada a golpes de facão.
  Os nossos leitores nos desculparão por esse erro indesculpável.
  Há muitos redatores que, para quem veio do nada, são muito fiéis a suas origens.
  No corredor do hospital psiquiátrico, os doentes corriam como loucos.
  Ela contraiu a doença na época em que ainda estava viva.

Mais ainda:

- *O aumento do desemprego foi de 0% em novembro.*
  As circunstâncias da morte do chefe de iluminação permanecem rigorosamente obscuras.
  O presidente de honra é um jovem septuagenário de 81 anos.
  Parece que ela foi morta pelo assassino.
  Ferido no joelho, ele perdeu a cabeça.
  A polícia e a justiça são as duas mãos de um mesmo braço.
  O acidente foi no tristemente célebre Retângulo das Bermudas.

Um pouco mais:

- *Este ano, as festas do 4 de setembro coincidem exatamente com a data de 4 de setembro, que é a data exata, pois o 4 de setembro é um domingo.*
  O tribunal, após breve deliberação, foi condenado a um mês de prisão.
  Quatro hectares de trigo foram queimados. A princípio, trata-se de um incêndio.
  O velho reformado, antes de apertar o pescoço da mulher até a morte, se suicidou.
  Um surdo-mudo foi morto por um mal-entendido.
  À chegada da polícia, o cadáver se encontrava rigorosamente imóvel.

Quer mais? Leia o jornal que está a seu lado. E acredite: na disputa entre fechamento e boa edição, a qualidade sai perdendo.

Bibliografia

CONTI, Mario Sergio. *Notícias do Planalto*: a imprensa e Fernando Collor. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

DUAILIBI, Roberto. *Duailibi das citações*. São Paulo: ARX, 2000.

FERRARI, Pollyana. *Jornalismo digital*. São Paulo: Contexto, 2004.

GRIJELMO, Áex. *El estilo del periodista*. Madri: AS Taurus, 1997.

KUSHNER, Malcom. *Como falar em público para dummies*. Rio de Janeiro: Campus, 2004.

Manual de estilo da Editora Abril. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

MARTINS, Eduardo. *Manual de redação e estilo de O Estado de São Paulo*. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1997.

MELO, Luiz Antonio. *Manual de sobrevivência na selva do Jornalismo*. Rio de Janeiro: Casa Jorge Editorial, 1996.

NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*. São Paulo: Contexto, 2002.

RÓNAI, Paulo. *Dicionário universal Nova Fronteira de citações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

SQUARISI, Dad. *Mais dicas da Dad*: português com humor. São Paulo: Contexto, 2003.

SQUARISI, Dad; SALVADOR, Arlete. *Escrever melhor*: guia para passar os textos a limpo. São Paulo: Contexto, 2008.

TALESE, Gay. *Fama e anonimato*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VIVALDI, G. Martins. *Curso de redacción*: del pensamiento a la palabra. Madri: Paraninfo, 1981.

As autoras

Dad Squarisi tem o dom e o prazer de ensinar. Em palestras ou consultas feitas por leitores do *Correio Braziliense*, onde é editora de Opinião e escreve a coluna *Dicas de Português*, não para de tirar dúvidas. A saída para democratizar mais as lições foi publicar livros. Desde o primeiro, *Dicas da Dad – português com humor*, não parou. O sucesso editorial rendeu *Mais dicas da Dad* (ambos publicados pela Contexto). Formada em letras pela UnB, com especialização em linguística e mestrado em teoria da literatura, Dad Squarisi deu aulas de língua portuguesa e literatura brasileira nos três níveis de ensino e no Instituto Rio Branco (MRE). É coautora de *Escrever melhor e Redação para vestibulares e concursos*.

Arlete Salvador é jornalista desde 1980 e trabalhou em alguns dos mais importantes veículos de comunicação do país, como os jornais *O Estado de São Paulo e Correio Braziliense* e a revista *Veja*. Nesse tempo, Arlete ocupou quase todos os cargos de uma redação. Foi repórter, editora, editora-executiva, chefe de sucursal e colunista de política. Em todos esses postos, deixou como marca principal a qualidade do texto – preciso e elegante. Sua contribuição para este livro vem da experiência prática como jornalista. Arlete mostra aos leitores os bastidores das redações e oferece dicas sobre como escrever bem num ambiente pressionado pelo tempo e pelas limitações de espaço nas páginas dos jornais.

colocação pronominal

Soneto do amor total

Amo-te tanto, meu amor... não cante
O humano coração com mais verdade...
Amo-te como amigo e como amante
Numa sempre diversa realidade.

Amo-te enfim, de um calmo amor prestante
E te amo além, presente na saudade.
Amo-te, enfim, com grande liberdade
Dentro da eternidade e a cada instante.

Amo-te como um bicho, simplesmente
De um amor sem mistério e sem virtude
Com um desejo maciço e permanente.

E de te amar assim, muito e amiúde
É que um dia em teu corpo de repente
Hei de morrer de amar mais do que pude.

Vinícius de Moraes

Colocação pronominal ou topologia pronominal diz respeito à posição que os pronomes oblíquos átonos ocupam em relação aos verbos. De acordo com essa posição, têm-se os casos de próclise, mesóclise e ênclise. A colocação dos pronomes pessoais átonos é questão de fonética sintática. Isso quer dizer que a posição, a ordem dos pronomes na oração (sintaxe) obedece a critérios
de sonoridade, pronúncia.

PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS ÁTONOS (sem preposição)
me
te
se, o, a, lhe
nos
vos
se, os, as, lhes

A posição desses pronomes em relação ao verbo recebe a denominação de:

1) próclise: pronome antes do verbo

2) ênclise: pronome depois do verbo

3) mesóclise: pronome no meio do verbo

Amo-**te** tanto, meu amor
pronome oblíquo enclítico

E **te** amo além, presente na saudade.
pronome oblíquo proclítico

E qual dentre vós é o homem que, pedindo-**lhe** pão o seu filho, **lhe**
dar á

uma pedra?[1]

pronome oblíquo enclítico *pronome oblíquo proclítico*

Pedi e dar-$\underbrace{\textbf{se}\text{-}\textbf{vos}}_{\textit{pronomes oblíquos mesoclíticos}}$-á; buscai e encontrareis; batei, e abrir-$\underbrace{\textbf{se}\text{-}\textbf{vos}}_{\textit{pronomes oblíquos mesoclíticos}}$-á.[2]

PRÓCLISE OBRIGATÓRIA

Ocorre quando houver um fator de atração, ou seja, uma palavra ou expressão que atraia o pronome oblíquo para antes do verbo.Vejam-se tais expressões:

1) Palavras negativas.

Não nos abandonem!

2) Advérbios.

Amanhã se estudará esse assunto.

3) Pronomes indefinidos.

No último momento, **alguém** o ajudou.

4) Pronomes relativos.

Aqueles **que** se sentirem lesados devem procurar a Justiça.

5) Pronomes demonstrativos.

Aquilo me convenceu a ficar.

6) Conjunções subordinativas.

Creio **que** me trarão boas notícias.

7) Orações exclamativas.

Deus nos ajudará!

8) Orações interrogativas.

Os convidados se serviram?

9) Orações optativas.

Que Deus o abençoe!

Dimp

Orações optativas são aquelas que exprimem desejo, vontade do locutor em relação ao interlocutor ou a si mesmo.

10) Em + gerúndio.

Em se tratando de política, tudo é possível.

ÊNCLISE OBRIGATÓRIA

O uso do pronome em posição enclítica será obrigatório em três casos:

1) **Verbos em início de oração.**

Soneto do amor total

Amo-te tanto, meu amor... não cante
O humano coração com mais verdade...
Amo-te como amigo e como amante
Numa sempre diversa realidade.

Amo-te enfim, de um calmo amor prestante
E te amo além, presente na saudade.
Amo-te, enfim, com grande liberdade
Dentro da eternidade e a cada
instante.

Amo-te como um bicho, simplesmente
De um amor sem mistério e sem virtude

Com um desejo maciço e permanente.

E de te amar assim, muito e amiúde
É que um dia em teu corpo de repente
Hei de morrer de amar mais do que pude.

Vinícius de Moraes

Dimp

Observe-se que no sexto verso o pronome "te" foi usado em posição proclítica. Tal colocação é possível porque a oração é iniciada por uma palavra que não exige a próclise nem obriga a ênclise.

2) **Verbos no imperativo.**

Beija-**me** com os beijos de tua boca; porque melhor é o teu amor do que o vinho.[3]

Dimp

Embora contrarie um hábito da fala brasileira, não se deve utilizar pronome átono em início de orações.

Me leva! (incorreta)

Me chama que eu vou! (incorreta)

3) **Após pausa marcada por vírgula ou ponto e vírgula.**

Hoje, recuso-**me** a aceitar tudo o que me falam.

Dimp

Observe que a intercalação de termos não interfere nas regras de colocação pronominal. Veja:

E qual dentre vós é o homem que, pedindo-**lhe** pão o seu filho, **lhe** dará uma pedra?

E, pedindo-**lhe** peixe, **lhe** dará uma serpente?[4]

Nos dois casos, o que exige a próclise é a oração interrogativa. Sendo que, no primeiro período, há também o pronome relativo como fator de atração.

AprofunDAnDo

Deve-se empregar a ênclise também nos seguintes casos:

1) **Com verbo no infinitivo impessoal (não flexionado).**

É preciso afastar-**se** de pessoas desonestas.

Passou muito tempo a observá-**la.**

Observação

a) Caso ocorra infinitivo flexionado, precedido de preposição, a próclise será de rigor.

Foram punidos por **me** tratarem mal.

b) Se o infinitivo não flexionado vier precedido de palavra atrativa, o pronome átono poderá estar enclítico ou proclítico.

Irei para não **te** contrariar.

Irei para não contrariar-**te**.

As pessoas deixam de **nos** interessar quando descobrimos suas limitações. O único pecado é a limitação.[5]

2) **Com verbo no gerúndio.**

a) Não se antepõe pronome átono a verbo no gerúndio inicial de oração reduzida.

Encontrei-o na condução, cumprimentando-**o** cordialmente.

b) Se o gerúndio não estiver iniciando a oração reduzida, pode ocorrer também a próclise, a qual será obrigatória se estiver precedido da preposição **em**.

Saí feliz, ela **me** dizendo que não esquecera a infância feliz.

Ela veio a mim, em **me** dizendo novidades que eu desconhecia.

MESÓCLISE

1) **Verbos no futuro do presente.**

Buscar-**me**-eis e me encontrareis, quando me buscardes de todo o coração.[6]

2) **Verbos no futuro do pretérito.**

Realizar-**se**-ia a reunião às 22h. Entretanto houve vários inconvenientes e ela foi adiada.

Dimp

A mesóclise é pouco utilizada na linguagem contemporânea. Note-se, também, que ela só será obrigatória se o verbo estiver num dos tempos anteriormente citados e iniciar a oração. Agora, vejam-se casos em que isso não ocorre:

a) Se houver **fator de atração**, prevalece a PRÓCLISE.

Amanhã **te** devolverei os livros. (advérbio)

b) Não havendo fator de atração, se o verbo não iniciar a oração, pode haver próclise ou mesóclise.

A Receita Federal { **nos** devolverá os valores pagos a mais.
devolver-**nos**-á.

PRÓCLISE OU ÊNCLISE FACULTATIVA

Geralmente ocorre quando há um sujeito explícito que não seja fator de atração.

{

a) absoluto **se** jogou da janela do quinto
andar. jogou-**se**.

b) O governo brasileiro
se responsabilizou pelo acidente.
responsabilizou-se pelo acidente.

c) Os senadores
se tornaram indiferentes à opinião pública.
tornaram-**se** indiferentes à opinião pública.

COLOCAÇÃO NAS LOCUÇÕES VERBAIS

1) **Verbo princip**al no infinitivo ou no gerúndio:

a) Sem fator de atração:

O governo
nos quis enganar.
quis-**nos** enganar.
quis enganar-**nos**.

b) Com fator de atração:

O governo
não **nos** quer enganar.
não quer enganar-**nos**.

2) Verbo principal no particípio: NUNCA poderá haver ÊNCLISE ao **verbo principal.**

a) Sem fator de atração:

As pessoas
nos haviam ajudado.
haviam-**nos** ajudado.

b) Com fator de atração:

As pessoas não **nos** haviam ajudado.

1) Veja a colocação pronominal nas locuções verbais de uma forma mais analítica:

Com o verbo principal no infinitivo ou no gerúndio:

- Se não houver palavra atrativa, o pronome oblíquo pode ficar proclítico ou enclítico ao verbo auxiliar ou, ainda, enclítico ao principal.

- Se houver palavra que motive a próclise, o pronome ficará proclítico ao auxiliar ou enclítico ao principal.

  Ninguém **se** pode tornar uma força, na comunidade em que vive, nem conseguir triunfo duradouro em qualquer empreendimento valioso, antes de se tornar bastante grande para culpar-se pelos seus próprios erros e fracassos.[7]

Dimp

Com mais frequência ocorre entre os brasileiros, na linguagem falada ou escrita, o pronome átono proclítico ao verbo principal, sem hífen:
Eu quero **lhe** falar. / Eu estou **lhe** falando.

---

2) Apossínclise

Segundo alguns gramáticos, consiste na colocação do pronome oblíquo átono entre duas palavras atrativas. Outros consideram também que ocorre apossínclise na anteposição do pronome à palavra atrativa, mesmo que não haja outro fator de atração:

Se **me** não engano, chegou a dizê-lo com os olhos. (Machado de Assis)[8]

Se **me** isto o céu concede.[9]

Diante de negação, o pronome átono pode vir antes ou depois do advérbio **não**:

Ele não **me** disse. Ele **me** não disse.

(Esta última colocação é rara entre brasileiros, mas não é impossível em texto literário.)

Questões Comentadas – Cespe/UnB

Além disso, para reter e desenvolver bons profissionais, é preciso estimulá-los, dar-lhes condições de aperfeiçoamento, avaliá-los e premiá-los por desempenho. Nesse sentido, a avaliação deve ser continuada, e seus resultados, utilizados como apoio ao desenvolvimento profissional e não como fator de constrangimento.

1. Nas linhas 2 e 3, a grafia das formas verbais “estimulá-los”, “avaliá-los” e “premiá-los” justifica-se porque, na ênclise de verbos terminados em “vogal a+r”, suprime-se o “r” e acentua-se o “a”, o pronome toma a letra “l” e une-se à forma verbal por um hífen.

Diante de Crash, resta-nos debruçar sobre essas questões dolorosas, sem álibis, para assistir a um filme que não foge das feridas do mundo contemporâneo. Pelo contrário, expõe ao espectador a perplexidade e a ausência de respostas.

2. Na linha 1, a inserção de mais um pronome **nos** – resta-nos debruçarmo-nos – imprimiria rigor gramatical ao texto, dado que se atenderia à regência normatizada do verbo debruçar.

3. Em cada opção abaixo, apresenta-se uma oração e uma proposta de reescritura empregando-se o pronome oblíquo átono. Assinale a opção em que esse emprego é feito corretamente.

a. O aquecimento global está produzindo efeitos devastadores no Ártico – O aquecimento global os está produzindo no Ártico.

b. O derretimento do gelo vai permitir a exploração de reservas de petróleo e gás natural – O derretimento do gelo vai permiti-las.

c. Os interesses econômicos estão provocando outro tipo de corrida – Os interesses econômicos estão lhe provocando.

d. As fronteiras das zonas econômicas nacionais acompanham o limite da plataforma continental de cada país – As fronteiras das zonas econômicas nacionais acompanham-na.

4. No trecho “Necessitamos sempre ambicionar alguma coisa que, alcança- da, não nos torne sem ambição”, o pronome “nos” pode ocorrer depois de “torne”, sem provocar erro de colocação pronominal.

> A mudança climática coloca em questão os padrões de produção e consumo hoje vigentes. Atualmente fala-se muito em descarbo- nizar a matriz energética mundial, isto é, em aumentar a participação das energias renováveis em detrimento de combustíveis fósseis.

5. A mudança de posição do pronome átono em “fala-se” (**l**.2) para antes do verbo desrespeitaria as regras de colocação pronominal da norma culta brasileira.

> Em cada um dos itens abaixo é apresentada uma alternativa de colocação pronominal. Com base na prescrição gramatical, julgue (C ou E) cada proposta apresentada.

6. “Ambos se creem marcados” / Ambos creem-se marcados

7. “que os apartaria” / que apartá-los-ia

8. Não se pode separar’ / Não pode-se separar

9. “um e outro se irão fechando” / um e outro irão-se fechando

10. Assinale a opção correta no que se refere ao emprego de forma pronomi- nal em substituição ao termo “diplomas” na oração “Os demais eleitos receberão diplomas assinados pelo presidente do respectivo TRE ”.

a. Os demais eleitos vão receber-lhes assinados pelo presidente do respectivo TRE.

b. Os demais eleitos receber-lhes-ão assinados pelo presidente do respectivo TRE.

c. Os demais eleitos lhes receberão assinados pelo presidente do respectivo TRE.

d. Os demais eleitos recebê-los-ão assinados pelo presidente do respectivo TRE.

e. Os demais eleitos receberão-nos pelo presidente do respectivo TRE.

Os acontecimentos traumáticos vividos por um grupo minoritário não podem ser excluídos da experiência coletiva da sociedade em que esse grupo se insere. No Brasil, nosso compromisso com a alegria, a festa, a irresponsabilidade nos faz rejeitar a memória e abandonar os projetos de reparação de injustiças passadas.

11. O segmento “nos faz rejeitar” (**l**.4) poderia corretamente ser expresso de duas outras formas: **faz-nos rejeitar** e **faz rejeitar-nos.**

O médico e cientista Oswaldo Gonçalves Cruz se tornou diretor geral de saúde pública numa época em que o país era assolado por doenças endêmicas, causadas pela falta de higienização e saneamento nas cidades.

12. A correção gramatical é mantida com o deslocamento do pronome “se” (**l**.1) para depois do verbo, escrevendo: **tornou-se**.

Baseando-se unicamente nessa perspectiva, pode-se supor que a sociedade tecnológica seria caracterizada por um contexto no qual o trabalho passaria a ser uma necessidade exclusiva da classe trabalhadora.

13. Mantém-se a noção de voz passiva, assim como a correção gramatical, ao se substituir “seria caracterizada” por **caracterizaria-se**.

> [...] se eu puder solucioná-los com um remédio ou uma cirurgia, não preciso responsabilizar-me a fundo por eles. Tratarei a mim mesmo como um objeto.

14. A função sintática exercida por “a mim mesmo” (**I**.2) corresponde a **me** e, por essa razão, também seria gramaticalmente correta a seguinte redação: **Tratarei-me**.

Questão de Fixação

15. (Universa) “Se lhe tivessem dado tempo, ele teria explicado tudo direitinho.”

Com relação à frase acima, assinale a alternativa **incorreta**.

a. A conjunção “Se” inicia uma oração subordinada que indica uma hipótese.

b. A vírgula separa a oração que antecede a principal.

c. O emprego de “tivessem” e “teria” evidencia uma correlação adequada entre os modos subjuntivo e indicativo.

d. O termo “direitinho” exerce uma função adverbial.

e. O pronome “lhe” poderia ser posposto à locução verbal sem ferir as regras gramaticais.

PORTUGUÊS

Morfologia – Verbos

Verbos auxiliares

Prof.ª Isabel Vega

I – TER e HAVER - FORMAÇÃO DOS TEMPOS COMPOSTOS – VOZ ATIVA → Empregados com o particípio regular, ou seja, com os particípios terminados em **–do**.

Ex.: Os moradores têm pagado as taxas em dia.

Todos haviam gastado mais que o necessário.

Aqueles que tinham ganhado o prêmio sorriram.

Verbos auxiliares

II – SER e ESTAR – FORMAÇÃO DA VOZ PASSIVA → Empregados com o particípio irregular.

Ex.: As taxas foram pagas em dia.

O dinheiro todo foi gasto em bobagem.

O prêmio será ganho por quem vencer a disputa.

ISBN 978-85-909417-4-3

Sérgio Simões

Concordância nominal e verbal sem segredo

Série Palavra Final, v. 4

UNINOVE
Universidade Nove de Julho
A UNINOVE É SEMPRE 10

ISBN 978-85-909417-4-3

Sérgio Simões

Concordância nominal e verbal sem segredo

Série Palavra Final, v. 4

UNINOVE
Universidade Nove de Julho
A UNINOVE É SEMPRE 10

© 2010 – Universidade Nove de Julho (Uninove)

Capa e projeto gráfico: João Ricardo M. Oliveira

SIMÕES, Sérgio Lourenço. Concordância Nominal e verbal
sem segredo.
São Paulo : UNINOVE, 2010. (Série Palavra final,
v. 4)

ISBN 978-85-909417-4-3

1. Língua portuguesa – Concondância nominal e
verbal

CDU 811.134.3’367

Autorizada a reprodução desde que citada a fonte.

Sumário

Apresentação 5

Concordância nominal 5
- Adjetivo na referência a um substantivo 5
- Adjetivo na referência a dois ou mais substantivos 6
  - O plural se imporá se o adjetivo 7
- Um substantivo com dois ou mais adjetivos a referenciá-lo 9
- Concordância com numerais ordinais 10
- Concordância dos adjetivos compostos de dois ou mais elementos 11
  - Exceção 11
- Adjetivo na indicação de cor 11
- Casos especiais 12
  - Bastante 12
  - Alerta 13
  - Melhor 13
  - Mesmo e próprio 13
  - Só 14
  - Extra e quite 14
  - Junto 14
  - Pseudo (prefixo) 16
  - De forma que, de maneira que, de modo que 16
  - Um e outro, um ou outro, nem um nem outro 16
  - Todo 17
  - Caro e barato 17
  - Meio e meia 17
  - Adjetivos na função de advérbios 18
  - É bom, é necessário, é preciso, é proibido e assemelhados 18
  - Anexo 19
  - Obrigado 19
  - Menos e **menas** 19
  - Milhão e milhar 20
  - Possível 20

CONCORDÂNCIA VERBAL 20
- Um dos que 21
- Mais de um 23
- Menos de, cerca de, perto de e assemelhados 23
- Nem um nem outro 23
- Um e outro 24
- Um ou outro 24

Que 24
Quem 25
Coletivos partitivos 25
Porcentagem 26
Um milhão, um bilhão, um trilhão etc. 26
Sujeito formado por pronome interrogativo ou indefinido acompanhado pelas expressões de nós, de vós, de vocês 27
Pronomes de tratamento 27
Como, inclusive, exceto, menos, bem como, assim como e assemelhados 28
Bater, dar, soar 28
Ser 28
É bastante, é muito, é pouco, é suficiente, é tudo, é nada, é mais, é menos e assemelhados 29
Sujeito no singular e predicativo no plural 29
Predicativo é o pronome demonstrativo **O** 30
Substantivos próprios ou comuns terminados em **S** 30
Títulos de obras terminados em **S** 31
Sujeito oracional ou constituído de verbos no infinitivo 32
Sujeito composto resumido por pronome indefinido 32
Sujeitos precedidos de **cada** ou **nenhum** 32
Sujeitos ligados por não só...mas também; tanto...como; tanto...quanto 33
Verbo acompanhado do pronome SE 33

VERBOS IMPESSOAIS 36
Haver 36
Estar, fazer, ser 37

INFINITIVO 38
Impessoal (sem flexão) 38
Pessoal (flexionado) 40

VERBO SER NO INFINITIVO 42

ESTUDO COMPLEMENTAR 42
Haver 42
HÁ e A 43
Há menos de, a menos de 44
Haja vista 44
Fazer 45

Apresentação

Neste volume, apresentamos os principais casos de concordância nominal e verbal para auxiliar nossos amigos a redigir um texto sem erros banais que, por falta de domínio dos rudimentos da língua, tiram o brilho da comunicação.

Não é nossa pretensão esgotar o assunto, mas, sim, facilitar a vida de quem faz da Língua Portuguesa seu instrumento de trabalho.

Boa leitura!

Concordância nominal

Dá-se em gênero – feminino e masculino – e em número – singular e plural – entre nomes e pares nominais (substantivos, adjetivos, artigos, pronomes e palavras que pertençam, na relação semântica, ao universo nominal).

Adjetivo na referência a um substantivo

Faça-o concordar em gênero e número com o substantivo:

Os jurados indicados pelas partes tomaram assento no tribunal.

As mães aflitas devem ser **consoladas**.

A punição dada ao réu foi **merecida**.

Os argumentos fortes e **coerentes** acarretam **bons resultados** e satisfazem **as partes envolvidas**.

Alguns homens justos e **generosos** granjeiam **a admiração** de **todos os** (indivíduos) que se dedicam ao bem-estar da comunidade.

O centro velho de São Paulo carece de **reformas substanciais**.

A beleza feminina é **ditada** pela sensibilidade.

Inconformado com os últimos acontecimentos, **um grupo** de moradores exigiu providências do governo.

Inconformadas com a falta de segurança, **várias mães** exigiram providências do governo.

Adjetivo na referência a dois ou mais substantivos

Acerte sempre, pondo-o no plural e no gênero dos substantivos:

Gostamos de **mamão** e **abacate** **maduros**.

A **porta** e a **janela** da sala estão **emperradas**.

Obs.: com substantivos de gêneros diferentes, o adjetivo fica no masculino:
Paulo e **Cláudia**, **comprometidos** com o projeto, apresentaram soluções para a construção do viaduto.
Homens e **mulheres** **honestos**.
Comprei **uma moto** e **dois carros** **novos**.
Comprei **dois carros** e **uma moto** **novos**.
Indignados, **promotor** e **juíza** deixaram o tribunal.
Prezados **diretor** e **assistente**, …

Importante

Se o adjetivo vier anteposto aos substantivos, poderá concordar com o mais próximo (atração):

Trabalhamos numa **ótima** **instituição** e curso.

Temos **ótima** **direção**, coordenação e professores nesta universidade.

Quando o mais próximo estiver no plural masculino, a concordância passará a ser lógica:

Nesta universidade, temos **excelentes** **professores, direção** e **coordenação**.

Se o adjetivo vier posposto aos substantivos, poderá também concordar com o mais próximo (atração):

Naquele antiquário, encontramos uma escultura, um vaso e uma **tela** **valiosa**.

Naquele antiquário, encontramos uma escultura, uma tela e **um vaso valioso**.

Naquele antiquário, encontramos telas, vasos e **esculturas valiosas**.

Obs.: Mas não se esqueça de que, ao fazê-lo concordar com o grupo de substantivos, no plural e no gênero prevalente, você acertará sempre.

No entanto, quando o sentido exigir, será obrigatório fazer o adjetivo concordar com o mais próximo:

Comi arroz, feijão e **mamão maduro**.

Analisemos os mapas e **a área cultivada**.

Se os substantivos forem sinônimos ou indicarem gradação, a concordância se fará preferencialmente (mas não exclusivamente como querem alguns gramáticos) com o mais próximo:

Meu amigo, para ficarmos convencidos de sua cumplicidade, uma palavra, um gesto, **um olhar carinhoso** basta.

Seu esforço, empenho e **dedicação extrema** é suficiente para o sucesso de nossa parceria.

O plural se imporá se o adjetivo

1. for predicativo do objeto:

O juiz considerou **culpados o chefe** e **o subchefe** da quadrilha.

Quem considerou?

O juiz (sujeito).

O juiz considerou a quem?

O chefe e **o subchefe** da quadrilha (objeto de considerar).

Qual a situação imputada a eles?

A culpa (representada pelo adjetivo **culpados**, que passa a caracterizar a situação imposta pelo juiz, sendo, portanto, predicativo do objeto).

2. caracterizar nomes próprios:

Os **preguiçosos Alex** e **Gumercindo** não concluíram o trabalho a eles confiado.

Os **amigos Carla** e **Mauro** estavam dispostos a colaborar.

Assim se procederá também com relação aos pronomes de tratamento:

Os **senhores Manuel** e **José** devem permanecer calados.

Cabe ressaltar que o adjetivo na função de predicativo (seja ele do sujeito ou do objeto) deve sempre concordar em gênero e número com os substantivos a que se refere:

Portanto,

O quadro e **a sala** estavam **sujos**.

O deputado ameaçou tornar **públicos o nome** e **o endereço** dos desafetos.

São **insuportáveis o calor** e **o frio** nesta cidade.

Andavam **tristes o cunhado** e **a mulher** do falecido.

Foram **conclusivos o laudo pericial** e **os depoimentos das testemunhas.**

O promotor e **o advogado de defesa** mantiveram-se **calados** durante a leitura da sentença.

Obs.: O adjetivo predicativo permanecerá no singular (invariável) se estiver representado por substantivo abstrato ou tratado de forma genérica:
Os alunos são **o alvo** principal de nosso trabalho.
Os resultados do Enade foram **o ponto chave** da discussão.
Os traficantes são **a escória** da sociedade.

Um substantivo com dois ou mais adjetivos a referenciá-lo

Admitem-se as seguintes concordâncias:

Os setores público e **privado** devem ser parceiros nas causas sociais.

Os governos paraguaio e **brasileiro** assinaram acordo para geração de energia elétrica.

As bandeiras brasileira e **francesa** tremularam durante as comemorações.

As polícias civil e **militar** contiveram os manifestantes.

O setor público e **o privado** devem ser parceiros nas causas sociais.

O governo paraguaio e **o brasileiro** assinaram acordo para geração de energia elétrica.

A bandeira brasileira e **a francesa** tremularam durante as comemorações.

A polícia civil e **a militar** contiveram os manifestantes.

Obs.: Prefira esta construção, que apresenta o segundo adjetivo precedido de **o** ou **a** – por soar melhor em alguns contextos:
O setor público e **o privado** devem ser parceiros nas causas sociais.
O governo paraguaio e **o brasileiro** assinaram acordo para geração de energia elétrica.
A bandeira brasileira e **a francesa** tremularam durante as comemorações.
A polícia civil e **a militar** contiveram os manifestantes.

Atenção!

Embora alguns gramáticos defendam também como correta a concordância com o substantivo no singular sem a anteposição de **o** ou **a** ao segundo adjetivo, **EVITE**-a:

O setor público e privado devem ser parceiros nas causas sociais.

O governo paraguaio e brasileiro assinaram acordo para geração de energia elétrica.

A bandeira brasileira e francesa tremularam durante as comemorações.

A polícia civil e militar contiveram os manifestantes.

Cuidado com algumas construções

Os governos estaduais, municipais e **federal** não pouparão esforços para a realização da Copa em 2014.

Note que **federal** é um só governo; por isso, não deve fazer parte do grupo cujo referente é **governos**. Para resolver o problema, anteponha o artigo ao adjetivo:

Os governos estaduais, municipais e **o federal** não pouparão esforços para a realização da Copa em 2014.

Concordância com numerais ordinais

Embora se admitam as seguintes construções:

Primeiro e **segundo graus**...

O primeiro e **o segundo grau**...

O primeiro e **segundo graus**...

O primeiro e **segundo grau**...

O primeiro e **o segundo graus**...

Obs.: Prefira estas:
Primeiro e **segundo graus**...
O primeiro e **o segundo grau**...
O primeiro e **segundo graus**...

Concordância dos adjetivos compostos de dois ou mais elementos

Só há variação do último elemento, que concorda com o substantivo a que se refere:

Os **acordos** luso-**brasileiros** trouxeram benefícios à população.

As **festividades** teuto-franco-**libanesas** agradaram a todos.

Ele goza de boas **condições** socio**econômicas**.

Os jovens devem ler **publicações** infanto-**juvenis**.

Gosto de participar das **discussões** histórico-**filosóficas**.

O **acordo** franco-**brasileiro** envolve produção e compra de aviões.

Exceção

Surdo-mudo (os dois elementos variam):

Ela é **surda-muda**.

Paulo e **Priscila** são **surdos-mudos**.

A meningite deixou-**os surdos-mudos**.

Adjetivo na indicação de cor

O adjetivo também colore nossa vida, o ambiente, as coisas:

Compramos **calças verdes** e **camisas amarelas**.

Quando tivermos um substantivo a indicar a cor, não haverá variação. Neste caso, subentende-se **cor de**:

Sobre a cama havia **anáguas** (cor de) **manga**, **sutiãs rosa**, **lençóis creme** e **travesseiros turquesa**.

Compramos dois **carros vinho** e três **motos cinza**.

Para indicar **a cor**, quando composto de:

Adjetivo+adjetivo

Só o último elemento varia (concorda com o substantivo):

Teus **olhos** azul-**escuros** me seduzem.

Você fica bem de **camisa** verde-**amarela**.

Obs.: Os adjetivos azul-celeste, azul-marinho e furta-cor são invariáveis.

Adjetivo+substantivo

Não há variação dos elementos:

Os militares usam **calças** **verde-oliva**, e você, **vestidos** **amarelo-canário**.

Cor+de+substantivo

Será sempre invariável:

Nossa vida é e sempre será **cor-de-rosa**.

Casos especiais

Bastante

Quando tiver valor de advérbio de intensidade (equivalente a **muito**, **suficientemente**), será invariável:

Comi **bastante** (muito).

Estes exercícios são **bastante** fáceis. (Neste caso, prefira **muito** fáceis).

Ele é **bastante** inteligente para aceitar propostas sem fundamento. (Dê preferência a **muito** inteligente…)

Como pronome indefinido (acompanhando o substantivo), deverá concordar com ele:

Comemos **bastantes** **frutas**. Entretanto, devemos evitar o uso.

Será melhor escrever "**muitas** **frutas**".

Nesta sala, cabem **bastantes** **alunos**. (Prefira **muitos** **alunos**)

Alerta

Mantenha-o invariável:

As sentinelas estão sempre **alerta**.

As pessoas devem manter-se sempre **alerta** às decisões do governo.

Melhor

Só se pluraliza como adjetivo (equivale a **mais bom**):

Ronaldo e **Felipe** são, atualmente, os **melhores** jogadores do Corinthians.

Com muita luta, vocês conseguirão **melhores resultados**.

Como advérbio, torna-se invariável (equivale a **mais bem**):

Os deputados devem analisar **melhor** os projetos.

Os computadores nos permitem conhecer **melhor** os fatos.

Obs.: com particípios verbais, o uso de melhor é proibido. Em seu lugar, deve-se empregar mais bem:

Os suprimentos devem ser **mais bem distribuídos**.

(o advérbio **bem** indica **modo**, **maneira de**, e o **mais** funciona como intensificador.)

As avaliações deveriam ser mais **bem analisadas**.

As argumentações (mais) **bem fundamentadas** serão aceitas pela promotoria.

Mesmo e próprio

Como demonstrativos, concordam com o termo (substantivo ou pronome) a que se referem:

Eu mesma (própria) comprei o barco, disse **Esmeralda**.

“A cidade ainda está em uma UTI”, disse a prefeita, apesar de **ela mesma** (própria) ter mencionado…

A ré mesma desistiu de enfrentar o júri.

Aenção!

Mesmo é invariável:

a) como advérbio – equivale a **de fato**, **realmente**:

Eles vão **mesmo** (de fato, realmente) à praia?

Paula e Márcia gostam **mesmo** (de fato, realmente) de mim?

b) **como conjunção subordinativa** – equivale a **embora**:

Mesmo que faça sol, ficarei em casa.

Só

É variável quando significa **sozinho** ou equivale ao demonstrativo **mesmo**:

Eles vivem **sós** (sozinhos)

As imagens não falam por si **sós** (mesmas).

Como advérbio, o **só** não sofre variação (equivale a **somente**, **apenas**):

Só (somente, apenas) ele votou no deputado.

O juiz **só** (somente, apenas) deferiu o processo após ouvir as alegações das partes.

Extra e quite

Sempre concordarão em número (singular e plural) com o substantivo:

Nesta empresa, não se pagam **horas extras**.

Peço-lhe que faça **atividade extra**.

(**Nós**) Estamos **quites** com nossas obrigações militares.

Os sócios estão quites com a Receita Federal.

Junto

Como adjetivo, concorda com o substantivo ou com o pronome substantivo:

As meninas almoçaram **juntas**.

Todos estavam **juntos**.

Sentamo-**nos** **juntos** à mesa.

Como advérbio, fica invariável (modifica o verbo):

Junto encaminho os cálculos que você me pediu.

Observação

As locuções **junto a** e **junto de** significam **perto de** e são invariáveis:

Estavam **junto ao** poste.

Durante a discussão, a advogada ficou **junto do** cliente.

Cuidado!

Não utilize **junto a** indevidamente:

Errado: Exigiu providências **junto à** polícia.

Correto: Exigiu providências **da** polícia.

Errado: Pediu dinheiro emprestado **junto ao** Banco Real.

Correto: Pediu dinheiro emprestado **no** Banco Real.

Errado: O vereador quer promover atividades **junto à** comunidade.

Correto: O vereador quer promover atividades **com a** comunidade.

Evite o uso de **junto com**, pois é redundante:

O advogado de defesa entrou no tribunal **junto com** o cliente.

Ele foi **junto com** o pai ao hospital.

Diga ou escreva:

O advogado de defesa entrou no tribunal **com** o cliente.

O advogado e seu cliente entraram **juntos** no tribunal.

Advogado e cliente entraram **juntos** no tribunal.

Ele foi **com** o pai ao hospital.

Pai e filho foram **juntos** ao hospital.

Pseudo (prefixo)

É sempre invariável. É elemento de composição de palavras:

As **pseudoverdades** destroem a boa argumentação.

A **pseudoeducação** deforma o desenvolvimento dos jovens.

Observação

O prefixo **pseudo** liga-se com hífen a palavras iniciadas pela mesma **vogal** ou por **h**:

Pseudo-hérnia; pseudo-hipertrofia; pseudo-hiperparatireoidismo; pseudo-história; pseudo-organização; pseudo-orgasmo; pseudo-osteose.

Nos demais casos, o hífen desaparece:

Pseudoconformismo; pseudodemocracia; pseudofilosofia; pseudointeligência; pseudorrepública; pseudossindicato.

De forma que, de maneira que, de modo que

São sempre invariáveis:

Preparou o projeto **de modo que** atendesse às exigências da banca examinadora.

Ronaldo posicionou-se na grande área **de forma que** pudesse cabecear a bola com precisão.

Responda às questões **de maneira que** fiquem bem claros seus argumentos.

Evite de forma a, **de maneira a**, **de modo a**.

Um e outro, um ou outro, nem um nem outro

Com estas expressões, se houver substantivo posposto, este ficará no singular:

Um e outro deputado abstiveram-se de votar no plenário.

Um e outro amigo confraternizaram no Ano Novo.

Um ou outro caso de quebra de decoro parlamentar foi analisado pela Comissão de Ética.

Nem um nem outro ato de corrupção foram punidos exemplarmente.

Todo

Pode ter função adverbial, modificando um adjetivo (equivale a completamente, inteiramente, totalmente). Como tal, mantém-se invariável:

Os manifestantes ficaram **todo** (totalmente) **interessados** no resultado do discurso do governador.

As chuvas deixaram-nos **todo** (completamente) **molhados**.

Ou pode funcionar como pronome indefinido, concordando, por atração, com o substantivo ou pronome:

Os manifestantes ficaram **todos** interessados no resultado do discurso do governador.

As chuvas deixaram-**nos todos** molhados.

Caro e barato

Como advérbios, não variam (modificam o verbo):

A energia elétrica custa **caro**.

As frutas natalinas custam **barato**.

Como adjetivos, concordam com o substantivo:

A energia elétrica é **cara**.

As frutas natalinas são **baratas**.

Meio e meia

MEIO, significando **um tanto**, **um pouco**, **mais ou menos**, mantém-se invariável. Acompanha particípio adjetivado ou adjetivo:

Carla anda **meio** triste.

A porta está **meio** aberta.

As professorinhas continuam **meio** insatisfeitas.

Patricinha está **meio** cansada.

MEIO, significando **metade**, é variável.
Concorda com o substantivo a que se refere.
Assim,

É meio-dia e **meia** (**hora**).

Tomaram **meia** **dose** de uísque.

Compramos **meio** **quilo** de farinha.

Adjetivos na função de advérbios

Modificam o verbo e não variam:

A Skol desce **redondo** (redondamente).

Você fala **gostoso** (gostosamente).

"Doutor fala **bonito**."

O medo o fez suar **frio**.

Andem **rápido** (rapidamente).

É bom, é necessário, é preciso, é proibido e assemelhados

Quando se referem a substantivo (sujeito) tomado no sentido genérico, indeterminado, ficam invariáveis:

Água **é bom** para evitar doenças.

Entrada **é proibido**.

Calma ao volante **é necessário**.

É permitido saída.

Se o substantivo (sujeito) estiver determinado por artigo ou pronome, a concordância se fará com o determinante:

Esta água é **boa** para consumo.

A entrada é **proibida**.

A calma ao volante é **necessária**.

É **permitida a** saída.

Anexo

É apenas adjetivo e, como tal, concorda com o substantivo a que se refere:

Seguem **anexas as cartas**.

Seguem **anexos os documentos**.

Evite o uso da expressão invariável **em anexo.**

Obrigado

Concorda com o termo a que se refere:

Quando agradece, **ela** diz muito **obrigada**, e **ele**, muito **obrigado**.

Quando o agradecimento é coletivo, **elas** dizem muito **obrigadas**, e **eles**, muito **obrigados**.

Obs.: Quando se mesclam os elementos que agradecem, a concordância se faz no masculino:
Elas e **ele** dizem muito **obrigados**.

Menos e menas

Em hipótese alguma use **menas**, pois esta palavra não existe em Língua Portuguesa.

Em qualquer situação, utilize **MENOS**:

Estou cansado; por isso, darei **menos** aulas hoje.

Mais amor e **menos** confiança.

Quero comer **menos** verdura.

Milhão e milhar

São substantivos masculinos; por isso, os elementos que os determinam devem permanecer no mesmo gênero, concordando com essas palavras:

Dois milhões de pessoas compareceram à passeata.

Foram **vendidos** seis **milhões** de revistas.

Foram **destruídos os** três **milhões** de cópias piratas que estavam no depósito da Polícia Federal.

Recuperamos **dois dos** sete **milhões** de libras esterlinas.

Dois milhões de crianças desapareceram.

Possível

Fica invariável nas expressões compostas de **o menos**, **o mais**, **o melhor**, **o pior**:

O programa social atingiu **o maior** número de pessoas **possível**.

As instruções devem ser **o mais** legíveis **possível**.

Com o artigo no plural, o adjetivo também vai para o plural:

Nos últimos jogos, os resultados do Palmeiras foram **os** piores **possíveis**, e os do Flamengo, **os** melhores.

Obs.: Prefira a construção invariável.

CONCORDÂNCIA VERBAL

Relação de número (singular e plural) e pessoa (1ª, 2ª e 3ª) que se estabelece entre verbo e sujeito na frase:

Siga sempre o esquema:

a) Sujeito simples no singular, verbo no singular;
b) Sujeito simples no plural, verbo no plural;
c) Sujeito composto, verbo sempre no plural.

Obs.: o que está entre parênteses, nos exemplos abaixo, não deve aparecer na frase. Foi posto apenas para orientar o leitor.

Márcia se **comunica** muito bem com **todas as pessoas** que **conversam** com ela.

O amor e a virtude (**eles**) **são** essenciais para as boas relações humanas.

Eu e você (**nós**) **concordamos** com a necessidade de escrever bem.

A humildade e a boa ignorância são os primeiros passos para alcançar a sabedoria.

Nunca **nos esqueçamos** (**nós**) de que **a boa comunicação contribui** para o sucesso do indivíduo.

Você encontrará, a seguir, todos os exemplos de que (**você**) **precisa** para falar e escrever corretamente.

Um dos que

Carlos é **um dos que defendem** (ou defende) a ética nas empresas.

Embora alguns gramáticos defendam, com a expressão **um dos que**, o uso do verbo no singular ou no plural, indiferentemente, justificando o singular pelo destaque que se quer dar a **um**, **aconselhamos seja empregado o verbo apenas no plural**. Assim,

Carlos é **um dos que defendem** a ética nas empresas.

João foi **um dos que enfrentaram** todos os problemas, vencendo-os com dignidade.

Obs.: Um dos motivos que nos levam a justificar a concordância no plural é a construção com expressões de sentido contrário. Nestes casos, é impossível deixar o verbo no singular:
Nenhum dos que defendem a ética nas empresas esteve

presente à reunião.
Nem um dos que defendem a ética nas empresas compareceu à reunião.
Nenhum dos que enfrentaram todos os problemas soube vencê-los com dignidade.
Nem um dos que enfrentaram todos os problemas soube vencê-los com dignidade.

Se você quiser enfatizar apenas o elemento, atribuindo-lhe a ideia, utilize-se dos mecanismos que a língua lhe oferece:

Carlos é que **defende** a ética nas empresas.

Quem defende a ética nas empresas **é Carlos**.

Importante

Se antes **do que** vier um substantivo e a ideia expressa pelo verbo for atribuída a um ser apenas, o verbo ficará, obrigatoriamente, no singular:

A Lua é um dos corpos celestes que desperta o suspiro dos namorados.

(Neste caso, só a Lua tem essa característica.)

Caso a ideia se refira a dois ou mais seres, o verbo vai para o plural:

A Lua é **um dos corpos celestes que circundam** a Terra.

(Neste caso, há outros corpos celestes que circundam a Terra, e não só a Lua.)

Obs.: No entanto, para evitar estranheza na concordância, sugerimos que se altere a frase (o primeiro exemplo) para:
A Lua é o corpo celeste que **desperta** o suspiro dos namorados.
Entre os corpos celestes, **a Lua** é que **desperta** o suspiro dos namorados.
A Lua, um dos corpos celestes, **desperta** o suspiro dos namorados.

Mais de um

Com a expressão **mais de um**, mantenha o verbo no singular:

Mais de um concorrente **abandonou** a prova.

Mais de um policial **conteve** a fúria dos torcedores.

Obs.: Deve-se usar o plural se houver reciprocidade de ideias (ação recíproca):
Mais de um concorrente **se cumprimentaram** antes da competição.
(A ideia expressa pelo verbo exige, no mínimo, duas pessoas.)
Mais de um oponente **bateram-se** em duelo.

Menos de, cerca de, perto de e assemelhados

Com estas expressões, o verbo concorda com o numeral que as acompanha:

Menos de **dez** profissionais **compareceram** à cerimônia.

Cerca de **cinquenta** carros **ficaram destruídos**.

Nem um nem outro

Dê preferência ao verbo no plural:

Nem um nem outro contribuíram para a concretização do plano.

Estenda a observação para:

Nem seu pai nem seu irmão irão ao congresso.

Singular só se o contexto determinar a exclusão de um dos elementos:

Nem um nem outro será considerado vencedor da maratona.

Nem um nem outro parlamentar acusado de corrupção **assumirá** a presidência da Casa.

Um e outro

Dê preferência ao verbo no plural:

Um e outro merecem nossa consideração.

Um e outro estavam discutindo o assunto,…

Um e outro jornalista **receberão** o prêmio.

Um ou outro

Deixe o verbo no singular:

Meu caro amigo, **um ou outro** advogado **defenderá** nossa causa.

Um ou outro amigo **saberá** recompensá-lo.

Que

Com o relativo **que**, a concordância com o antecedente se impõe:

Fomos **nós que pagamos** a conta.

São **eles que se entregam** a tais propósitos.

Sou **eu que preciso** de carinho.

Obs.: a expressão de realce (enfática) **é que** é invariável. A concordância se mantém entre os elementos que se relacionam na frase:

Nós é que pagamos a conta.
Eles é que se entregam a tais propósitos.
Eu é que preciso de carinho.

Quem

Com o pronome quem, aconselhamos que se faça a concordância com ele:

Sou eu **quem aprecia** os bons momentos.

És tu **quem usufrui** as delícias da cidade.

É ele **quem goza** os prazeres da vida.

Lembre-se de que o **quem** significa **aquele que.** Por isso, a concordância se justifica.

Coletivos partitivos

Com expressões partitivas seguidas de adjunto no plural, **aconselha-se a concordância no singular**, embora os gramáticos aceitem, indiferentemente, singular e plural:

A maioria dos acadêmicos **deixou** (deixaram) o recinto.

A minoria dos cientistas **concordou** (concordaram) com as novas diretrizes do CNPq.

Grande parte dos acadêmicos **compareceu** (compareceram) ao debate.

A maior parte dos espectadores **assistiu** (assistiram) às comemorações.

A menor parte dos cientistas **concordou** (concordaram) com as novas diretrizes do CNPq.

Parte dos pesquisadores **saiu** (saíram) do laboratório.

Metade dos deputados **absteve**-se (abstiveram-se) de votar.

Um grupo de torcedores do Coritiba, além de **depredar** (depredarem) o estádio, **agrediu** (agrediram) juiz, bandeirinhas, policiais e jogadores depois do jogo.

O cardume de piranhas **tem** (têm) provocado grandes prejuízos aos pecuaristas.

Porcentagem

Quando se trata de porcentagem seguida de elemento no plural, a concordância se faz com ela:

35% dos recursos **se destinam** a projetos sociais.

2% dos acadêmicos **compareceram** ao debate.

1% dos acadêmicos **compareceu** à conferência.

50% dos jovens **estão trabalhando** em projetos sociais, **mas a metade** deles não **colabora** com os mais necessitados.

Se o elemento a que a porcentagem se refere estiver no singular, será melhor concordar com ele:

30% **do povo rejeitou** a proposta do governo.

50% **do viaduto precisa** de reparos.

Caso se particularize (determine) a porcentagem, a concordância se faz com ela:

Os 20% da dívida **serão pagos** no dia 15 de janeiro.

Aqueles 30% da comissão **foram descontados** do preço total do imóvel?

Se o nome vier anteposto à porcentagem, o verbo concordará com ela:

Da população, **30% rejeitaram** a proposta do governo.

Dos candidatos, apenas **1%** não **foi aprovado**.

Se o verbo estiver antes do número da porcentagem, concordará com ele:

Foram destruídos 35% da plantação de café.

Estão alagados 25% dos municípios gaúchos.

Um milhão, um bilhão, um trilhão etc.

Embora a ideia seja plural, conservam o verbo no singular:

Um milhão de pessoas **compareceu** ao evento.

Um bilhão de dólares **foi gasto** na construção do metrô.

No entanto, se a um milhão, um bilhão, um trilhão seguir-se um termo para indicar quantidade exata, levaremos o verbo para o plural:

Um milhão e trezentas mil pessoas **compareceram** ao evento.

Um bilhão, duzentos e cinquenta milhões e trezentos mil dólares **foram gastos** na construção do metrô.

Sujeito formado por pronome interrogativo ou indefinido acompanhado pelas expressões de nós, de vós, de vocês

Com o pronome no singular, o verbo deve concordar no mesmo número:

Qual de nós será eleito presidente?

Qual de vocês deixará o tribunal?

Com o pronome no plural, o verbo deve ir para o plural e concordar, preferencialmente, com o pronome ou com a expressão:

Quais de vocês permanecerão nesta sala?

Quais de vós preferem que o julgamento seja adiado?

Quais **de vós preferis** que o julgamento seja adiado?

Quantos de nós estarão dispostos a abraçar a causa?

Quantos **de nós** estaremos dispostos a abraçar a causa?

Pronomes de tratamento

Verbo sempre na terceira pessoa:

Vossa Senhoria deve acompanhar-me.

Sua Santidade esteve no Brasil.

Vossa alteza comportou-se como um verdadeiro líder.

Como, inclusive, exceto, menos, bem como, assim como e assemelhados

Com estas expressões entre o sujeito e o verbo, faça a concordância com o primeiro elemento (sujeito-núcleo):

A primeira dama, assim como seus assistentes, **deixou** a reunião.

Vocês, como eu, **precisam** de paz.

Os integrantes da mesa, menos (exceto) o presidente, **votaram** a favor da emenda.

Os policiais, bem como nós, **ficaram indignados** com a perversidade do meliante.

Bater, dar, soar

Na indicação de horas, concordam normalmente com o sujeito:

Bateram três horas no relógio da catedral.

Deram duas horas no relógio da catedral.

Soaram cinco horas no relógio da catedral.

O relógio bateu 23 horas.

O relógio deu 24 horas.

O relógio soou 22 horas.

Ser

Na indicação de horas, datas e distância, o verbo concorda com a expressão numérica:

– Que horas **são?**

– **São dez** horas.

– **É uma** hora.

De São Paulo ao Rio de Janeiro **são 420** km.

Hoje **são 25** de dezembro de 2009.

Obs.: Se houver a palavra **dia**, o verbo ficará no singular:
Hoje **é dia** 25 de janeiro de 2010.

É bastante, é muito, é pouco, é suficiente, é tudo, é nada, é mais, é menos e assemelhados

São expressões invariáveis em frases como:

Dez milhões **é muito** (é bastante).

Cinquenta metros de cetim **é pouco** para revestir a parede.

Seiscentos reais **é suficiente** para cobrir as despesas.

Vinte dias **é mais** do que precisamos para completar o trabalho.

Amores de infância **é tudo** que nos resta na vida.

Sujeito no singular e predicativo no plural

Independentemente de o sujeito ser oração, pronome demonstrativo, indefinido ou um substantivo, a concordância se faz por atração com o predicativo:

O que me seduziu **foram os gestos de afeição daqueles seres**.

O apoio mais importante **são as palavras de nossos amigos**.

A maior alegria dos pais **são os filhos bem criados**.

Sua maior decepção **continuam sendo as contradições de seus familiares**.

Tudo **são delícias** em nossa vida.

Aquilo **foram brincadeiras** de mau gosto.

Isto **são histórias** interessantes.

Caso o sujeito seja pessoa ou nome de pessoa, a concordância se faz com ele:

Cláudia é as delícias de sua família.

O garoto é só travessuras.

Obs.: Se quisermos fazer prevalecer o sujeito sobre o predicativo, o verbo ficará no singular:
O Senado é tudo, **é** só desmandos.
Minha vida é as alegrias infantis.

Predicativo é o pronome demonstrativo O

Amores **é o** que tem de sobra.

Mais empregos **é o** que o povo mais deseja em 2010.

Substantivos próprios ou comuns terminados em S

Se vierem sem determinante (artigo ou pronome), o verbo ficará no singular:

Vassouras é uma bela cidade fluminense.

Alagoas fica no Nordeste.

Minas Gerais é um dos maiores colégios eleitorais do País.

Santos está localizado no litoral sul de São Paulo.

Hifens não **deve** ser acentuado.

Pires acompanha a xícara.

Pelos perdeu o acento.

Armazéns está no plural.

Caso haja determinante no singular, o verbo permanece no singular:

O Amazonas é o maior estado do Brasil.

O pires acompanha a xícara.

Aquele lápis foi usado indevidamente; por isso,…

Se vierem acompanhados de determinante no plural, o verbo irá, obrigatoriamente, para o plural:

Os Estados Unidos discutiram a crise palestina.

Os Estados Unidos são um grande país.

Os Alpes ficam na Suíça.

Os Andes formam uma das mais belas paisagens da América do Sul.

Aqueles ônibus não **circularão** hoje.

E mais, mesmo que você encontre nos jornais:

EUA se **mobilizam** para guerra", não estranhe. Lembre-se de que o nome **EUA** traz embutido o artigo **OS**, o que justifica o plural.

Atenção!

Títulos de obras terminados em S

Mesmo que antecedidos de determinante no plural, prefira o verbo no singular:

Os Lusíadas é uma das obras mais importantes da literatura.

Os Sertões trata da batalha de Canudos.

Os pensadores foi publicado pela editora Abril. (nome da coleção)

Os três mosqueteiros é um clássico da literatura.

Os imigrantes foi ao ar pela TV Bandeirantes. (título de novela)

Para justificar o verbo no singular e evitar o estranhamento e a crítica de alguns autores que preferem a concordância no plural com os títulos de obras que trazem o artigo **OS**, apresentamos estes exemplos com a obra de Dionélio Machado, utilizando o verbo no plural:

Os ratos são de Dionélio Machado.

Os ratos não **podem** faltar na biblioteca dos apreciadores da literatura brasileira.

(Soa estranho, não? Talvez precisemos de alguns gatos para espantar esses bichinhos da biblioteca!)

Sujeito oracional ou constituído de verbos no infinitivo

O verbo deve fica no singular:

Quem permanecer no recinto participará do sorteio.

Beber e comer nos **satisfaz**.

Ser feliz e compreender o semelhante é inerente ao ser humano.

Obs.: Se os infinitivos estiverem substantivados ou indicarem contraste, o verbo irá para o plural:
O viver e **o sonhar bastam** a uma vida feliz.
Subir e descer fazem parte da caminhada.
Nascer e **morrer compõem** o ciclo existencial.

Sujeito composto resumido por pronome indefinido

Ponha sempre o verbo no singular:

Verduras, legumes e frutas, **tudo contribui** para a saúde do homem.

Jogadores, técnico e preparador físico, **ninguém seguiu** a determinação do juiz.

Móveis, eletrodomésticos, roupas, carros, **nada sobrou** depois do temporal.

Sujeitos precedidos de cada ou nenhum

O verbo fica no singular:

Cada senador, **cada** deputado, **cada** vereador, no exercício do cargo, **deveria** cuidar da coisa pública com honestidade e esmero.

Nenhum padre, **nenhum** pastor, **nenhum** pai de santo **pode** fazer uso da fé em benefício próprio.

Sujeitos ligados por não só...mas também; tanto...como; tanto... quanto

Levam o verbo para o plural:

Não só eu, **mas também** você **participaremos** das comemorações.

Tanto a teoria **como a prática são** essenciais ao conhecimento.

Tanto a promotoria **quanto** o advogado de defesa **mostraram** inabilidade na condução do caso.

Verbo acompanhado do pronome SE

Para não errar a concordância, é necessário conhecer a regência verbal.

Explicação:

Sempre que, na voz ativa, tivermos

Sujeito agente (SA) **+ verbo transitivo direto** (VTD) **+ objeto direto** (OD**)**

Paulo e Roberto **compraram carros novos**

(SA) (VTD) (OD)

Na voz passiva analítica (verbo principal no particípio acompanhado pelo auxiliar **ser**), o sujeito passará a agente da passiva (AP), e o objeto, a sujeito paciente (SP), com o qual o verbo sempre concordará:

Carros novos foram comprados por Paulo e Roberto.

(**SP**) **(AP)**

Por isso,

Na voz passiva sintética (verbo acompanhado de **SE**), o verbo concorda obrigatoriamente com o sujeito paciente (aquele que recebe a ação expressa pelo verbo). A única diferença é a posição do sujeito, que, agora, aparece posposto à forma verbal:

Compram-se carros novos. (**Carros novos são comprados**.)

Observe mais estes exemplos:

Aluga-se quarto. (**Quarto é alugado.**)

Alugam-se quartos. (**Quartos são alugados.**)

Vendem-se apartamentos. (**Apartamentos são vendidos.**)

Deram-se muitos conselhos. (**Muitos conselhos foram dados.**)

Quando tivermos uma frase com
Sujeito (S) + **verbo intransitivo** (VI) + **adjunto adverbial** (AA)

Paulo **morreu** de inanição **no sertão pernambucano**.

(S) (VI) (AA) (AA)

Se o sujeito desaparecer e o verbo vier acompanhado de **SE**, este será índice de indeterminação do sujeito, o que deixará obrigatoriamente o verbo no singular:

Morre-se de inanição no sertão pernambucano.
(Não se pode precisar o sujeito.)

O mesmo processo se dá com verbo de ligação (VL):

As pessoas **são** felizes na infância.

(VL)

Quem é feliz na infância?
As pessoas (sujeito).

Se eliminarmos o sujeito e acrescentarmos o **SE** ao verbo, teremos, na frase, apenas a ideia de felicidade na infância sem o conhecimento da pessoa a quem se atribui tal fato, o que caracterizará a indeterminação do sujeito. Por isso, o verbo ficará obrigatoriamente no singular:

É-se feliz na infância.
(Quem é feliz na infância? Alguém o é, mas não podemos precisá-lo.)

Se o verbo for transitivo indireto (VTI), vier acompanhado de seu objeto indireto (OI) e não houver sujeito expresso, em aparecendo o **SE** (índice de indeterminação do sujeito) ao lado do verbo, o singular se imporá:

Vejamos a transformação:

As empresas **precisam** de bons colaboradores.

(VTI) **(OI)**

Para você relembrar:

Quem precisa de bons colaboradores?

As empresas (sujeito).

Quem precisa, precisa **de**… (verbo transitivo indireto).

(Observe a necessidade da preposição **de**)

Portanto,

Elas precisam de quê?

De bons colaboradores (objeto indireto).

Se retirarmos o sujeito e acrescentarmos o **SE** ao verbo, teremos a indeterminação caracterizada; por isso, o verbo ficará no singular:

Precisa-se de bons colaboradores.

(Quem precisa? Alguém, mas não podemos defini-lo.)

Observe mais estes exemplos:

Assiste-se a bons filmes.

Trata-se de doentes mentais.

Cuida-se de crianças.

Comprometeu-se com os organizadores do evento.

VERBOS IMPESSOAIS

Não se referem a uma pessoa específica, em razão do sentido expresso por eles na frase, e devem ficar na 3ª pessoa do singular. Neste caso, a oração é sem sujeito.

São exemplos de verbos impessoais os que expressam fenômeno da natureza:

Chove torrencialmente em São Paulo.

Trovejou muito na noite passada.

Ventou durante a madrugada.

Geia durante o inverno em São Joaquim.

No verão, **escurece** mais tarde.

Obs.: Quando se usa o verbo no sentido figurado, pode-se fazê-lo concordar com o sujeito:
Amanheci de bom humor. (sujeito EU)

Outros verbos impessoais

Haver

Como sinônimo de acontecer, existir, ocorrer, realizar-se:

Houve grandes conflitos no Irã. (= Aconteceram, ocorreram)

Havia muitas pessoas no desfile. (= Existiam)

Há muitas inconsistências nas declarações no réu. (= Existem)

Haverá muitas comemorações na passagem do ano. (= Realizar-se-ão)

Atenção!

Com verbo no imperfeito ou no mais-que-perfeito do indicativo a acompanhar **haver**, deve-se usar **havia** (= fazia):

Os jurados **estavam** no tribunal **havia** (fazia) duas horas.

Paulo **estivera** ali **havia** (fazia) muito tempo.

Havia (Fazia) anos os réus não **se envolviam** com os crimes a eles imputados.

O advogado **entregara** o cargo **havia** (fazia) dois meses, quando…

O avião **tinha aterrissado havia** (fazia) duas horas.

Na indicação de tempo:

Iniciei o tratamento **há** duas semanas. (= faz)

Obs.: Na oralidade, é comum o uso de **ter** como impessoal em lugar de **haver**:
Tinha muitas pessoas no desfile.
Tem muitas inconsistências na declaração do réu.
Terá muitas comemorações na passagem do ano.
Porém, **na linguagem escrita**, **é condenável.**

Estar, fazer, ser

Na indicação de tempo:

Está muito frio aqui.

Chegamos à França **faz** dez dias.

Era tarde quando chegamos à praia.

Obs.: Não se esgota aqui o assunto impessoalidade dos verbos, pois frases há em que o sentido de alguns verbos transforma-os em impessoais. Se você tiver interesse em aprofundar o estudo, entre em contato com o autor pelo endereço eletrônico professorsimoes@uninove.br ou professorsimoes@uol.com.br.

INFINITIVO

Há séculos, o infinitivo vem despertando o interesse de estudiosos. No entanto, o assunto continua a tirar o sono daqueles que se veem às voltas com seu emprego. Para colaborar, comentaremos, de forma simplificada, o seu uso.

Impessoal (sem flexão)

a) Nas locuções verbais (verbo auxiliar + principal), mesmo que distanciado do auxiliar:

Devemos apreciar um bom vinho.

Eles **costumam comparecer** aos encontros.

Os senadores **querem vetar** a proposta do governo.

Devemos, sempre que nos for pedido, **fornecer** os dados para análise da diretoria.

Eles **podem**, se assim o desejarem, **ajudar** os menos favorecidos.

b) Como sujeito ou predicativo do sujeito:

Viver é **ter** a oportunidade de amar.

É proibido **fumar**.

É importante **sanar** os problemas.

Amar é **respeitar** o outro.

c) Com valor de imperativo:

"Não **roubar**."

"Não **cobiçar** a mulher do próximo."

"**Amar** a Deus sobre todas as coisas."

"Meia-volta, **volver**!"

d) Com preposição (funciona como complemento de substantivo, adjetivo ou verbo.):

Exercício difícil **de fazer**.

Foram convidados **a se retirar**.

Batatas gostosas **de comer**.

Ossos duros **de roer**.

Temos o dever **de comunicar** que…

Internacional e São Paulo perderam a chance **de ganhar** o campeonato.

e) Posposto a verbo na voz passiva:

Os brasileiros foram forçados **a deixar** o Suriname.

Os manifestantes foram convencidos **a desistir** de seus propósitos.

Fomos impedidos **de entrar** no tribunal.

f) Com valor de gerúndio:

Os deputados estavam **a colaborar** com o líder do governo na Câmara. (colaborando)

As crianças estão **a encantar** o público. (encantando)

g) Com valor de adjetivo (vem regido da preposição **de**.):

Estes fatos são **de desanimar**. (desanimadores)

Tais argumentos eram **de louvar**. (louváveis)

h) Com os verbos **deixar**, **fazer**, **mandar**, **ouvir**, **sentir** e **ver** acompanhados de pronome oblíquo que funciona como sujeito do infinitivo:

"Não **nos** deixeis **cair** em tentação."

Os senadores fizeram-**nos** **desacreditar** na política brasileira.

Mandei-**os** **calar** a boca.

Não **as** ouça **lamentar** o resultado, pois motivos elas não têm.

Sinta-**os** **vibrar** pela conquista, meu amigo!

Vê-**los** **receber** o prêmio foi compensador.

Obs.: Se o sujeito do infinitivo for um substantivo, pode-se flexioná-lo ou não:
Mandei **os estudantes** **calarem** (**calar**) a boca.
Não ouça **as atletas** **lamentarem** (**lamentar**) o resultado, pois motivos elas não têm.
Sinta **os atletas** **vibrarem** (**vibrar**) pela conquista, meu amigo!
Ver **os alunos** **receberem** (**receber**) o prêmio foi compensador.

---

i) Nas orações reduzidas de infinitivo pospostas à principal, prefira a forma não flexionada quando houver um único sujeito:

Estamos aqui para **dar** nossa opinião.

(**Nós** é o sujeito de ambas as orações.)

Eles vieram para **comemorar** o Natal conosco.

(**Eles** é o sujeito de ambas as orações.)

Paulo e Márcia aceitaram nosso convite sem **hesitar**.

(**Paulo e Márcia** é o sujeito de ambas as orações.)

Os suspeitos fugiram para **sair** do flagrante.

(**Os suspeitos** é o sujeito de ambas as orações.)

Pessoal (flexionado)

a) Com sujeito diferente do da principal:

Não é conveniente **contestarem** a decisão do juiz.

Explicação:

Oração principal: Não é conveniente.

O que não é conveniente?

Contestarem a decisão do juiz. (sujeito da principal)

Qual é o sujeito de **contestar**?

Eles ou **elas**. (indeterminado)

Pedimos-lhes a gentileza **de permanecerem** sentados.

(Sujeito da primeira oração – **nós** –, e da segunda, **vocês**.)

O juiz sugeriu **estarem** os réus mentindo.

(**O juiz** é o sujeito da primeira oração, e **os réus**, o da segunda.)

O promotor utilizou-se de argumentos irrefutáveis para os réus **confessarem** o crime.

(Em que **o promotor** é o sujeito de "utilizou-se", e **os réus**, o de "confessarem".)

b) Nas orações reduzidas de infinitivo (regido de preposição) antepostas à principal, quando o sujeito for o mesmo nas duas orações e estiver no plural, prefira a forma flexionada:

Para **conseguirem** bons resultados, os atletas treinaram intensamente.

(**Os atletas** é o sujeito de ambas as orações.)

Para **comemorarem** o Natal conosco, eles chegaram cedo.

(**Eles** é o sujeito de ambas as orações.)

Para **saírem** do flagrante, os suspeitos deixaram o local do crime.

(**Os suspeitos** é o sujeito de ambas as orações.)

Por **desrespeitarem** as leis, foram punidos com severidade.

(**Eles** é o sujeito de ambas as orações.)

c) Nas orações reduzidas de infinitivo (regido de preposição) intercaladas entre o sujeito e o verbo da principal, quando o sujeito for o mesmo e estiver no plural, prefira a forma flexionada:

Os atletas, para **conseguirem** bons resultados, treinaram intensamente.

Eles, para **comemorarem** o Natal conosco, chegaram cedo.

Os suspeitos, para **saírem** do flagrante, deixaram o local do crime.

Os torcedores, por **desrespeitarem** as leis, foram punidos com severidade.

VERBO SER NO INFINITIVO

Sempre que vier acompanhado da preposição **A**, poderemos usar **a ser** e **a serem**. No entanto, sugerimos que você se valha da coerência para utilizá-lo:

> O caixa separou os produtos **a ser** (**a serem**) substituídos.
>
> Os filmes **a ser** (**a serem**) exibidos foram retirados da programação.
>
> Levou as obras **a ser** (**a serem**) utilizadas no exame da OAB.

ESTUDO COMPLEMENTAR

Haver

Observe esta frase retirada de um texto publicado em jornal de grande circulação em São Paulo (1º de dezembro de 2001):

> "Quando **haviam** vários textos de um autor, a escolha se baseava na importância do assunto ou no inusitado da abordagem".

Apesar de a matéria tratar do lançamento de um livro que "reúne textos de expoentes da cultura brasileira", houve descuido de quem a revisou. Para que isso não aconteça com você, observe, com atenção, as informações a seguir sobre o emprego de **HAVER**:

Se você utilizá-lo como sinônimo de **existir**, **acontecer**, **ocorrer**, **suceder**, **fazer**, deixe-o na 3ª pessoa do singular (é o que o revisor do texto deveria ter feito):

> "Quando **havia** (e não **haviam**) vários textos de um autor [...]"
>
> **Houve** (e não **houveram**) muitas brigas na Câmara.
>
> Não **há** (e não **hão**) vagas na construção civil.
>
> Nunca **houve** (e não **houveram**) tantos crimes como agora.
>
> Se **houvesse** (e não **houvessem**) mais pessoas comprometidas ética e moralmente, todos lucrariam.
>
> **Havia** (e não **haviam**) tantas coisas a dizer; no entanto, ninguém lhe deu crédito.

Obs.: Se **haver** estiver acompanhado de outro **verbo** (locução verbal), este também ficará no singular:
Deveria (e não deveriam) haver muitas mensagens em sua caixa postal.
Pode (e não podem) haver muitas razões para tal atitude, mas isso não justifica o desrespeito às regras de nossa sociedade.

Agora, vamos apreciar outros empregos de **haver** para que você possa analisá-los.

Se, na frase, o verbo **haver** estiver auxiliando outro verbo (neste caso pode ser substituído por **ter**), caberá a você manter a concordância normal:

Eles ainda **haverão** (terão) de cumprir o que prometeram à população.

Os presidentes haviam (tinham) concordado com a proposta de paz.

Os orientais hão (terão) de seguir os ensinamentos de Buda.

HÁ e A

Há - indica tempo transcorrido (você pode substituí-lo por **faz**):

Há (Faz) dez anos, tudo era diferente.

Isso aconteceu **há** (faz) meses.

Obs.: Evite redundância: **há** dez anos **atrás**, **há** muito tempo **atrás**.

Diga, apenas, **há** dez anos; dez anos **atrás**; **há** muito tempo ou muito tempo **atrás**.

A - Você deverá usá-lo para exprimir tempo futuro ou distância:

Daqui **a** dez minutos, sairemos.

João estava **a** um passo do abismo.

Colocou-se **a** dois metros do inimigo.

Estamos **a** 230 km de Belo Horizonte.

Ou na referência a um espaço temporal que nos separa de um fato, de um acontecimento:

Estamos **a** dez minutos do início da sessão.

Estamos **a** cinco anos da realização da Copa do Mundo no Brasil.

Há menos de, a menos de

Seguem a regra de **HÁ** e **A**.

Compare os exemplos abaixo:

O Brasil tornou-se independente **há** (faz) **menos de** dois séculos.

Partiram **há** (faz) **menos de** quatro horas.

Estava **a menos de** duas horas da cidade.

Encontrava-se **a menos de** vinte metros dos assaltantes.

Estamos **a menos de** cinco minutos do início da competição.

Haja vista

É invariável (equivale a **veja**):

Haja vista o resultado das eleições…

Haja vista os meus amores de infância…

Obs.: Embora haja quem pluralize o verbo **haver**, fazendo-o concordar com o elemento que vem depois da expressão: **Hajam** vista **os problemas** gerados pela burocracia…, aconselha-se o uso da forma invariável, pois estará correta em qualquer circunstância.

Fazer

E para reforçar, nada melhor do que voltar ao verbo **FAZER,** que estará presente nas expressões de tempo, mantendo-se no singular tal como **haver**:

Fez (e não fizeram) dez anos que nos conhecemos.

Vai fazer (e não vão fazer) dez anos que ele se despediu do mundo.

Nos demais casos, concordará com o sujeito:

As meninas farão dez anos amanhã.

Para o Natal, **faremos** compras pela internet. (**nós**).

Façam os exercícios com atenção. (**vocês**).

ISBN 978-85-909417-4-3

Sérgio Simões

Concordância nominal e verbal sem segredo

Série Palavra Final, v. 4

UNINOVE
Universidade Nove de Julho
A UNINOVE É SEMPRE 10

ISBN 978-85-909417-4-3

Sérgio Simões

Concordância nominal e verbal sem segredo

Série Palavra Final, v. 4

UNINOVE
Universidade Nove de Julho
A UNINOVE É SEMPRE 10

© 2010 – Universidade Nove de Julho (Uninove)

Capa e projeto gráfico: João Ricardo M. Oliveira

SIMÕES, Sérgio Lourenço. Concordância Nominal e verbal
sem segredo.
São Paulo : UNINOVE, 2010. (Série Palavra final,
v. 4)

ISBN 978-85-909417-4-3

1. Língua portuguesa – Concondância nominal e
verbal
CDU 811.134.3’367

Autorizada a reprodução desde que citada a fonte.

Sumário

Apresentação........5

Concordância nominal........5
  Adjetivo na referência a um substantivo........5
  Adjetivo na referência a dois ou mais substantivos........6
    O plural se imporá se o adjetivo........7
  Um substantivo com dois ou mais adjetivos a referenciá-lo........9
  Concordância com numerais ordinais........10
  Concordância dos adjetivos compostos de dois ou mais elementos........11
    Exceção........11
  Adjetivo na indicação de cor........11
  Casos especiais........12
    Bastante........12
    Alerta........13
    Melhor........13
    Mesmo e próprio........13
    Só........14
    Extra e quite........14
    Junto........14
    Pseudo (prefixo)........16
    De forma que, de maneira que, de modo que........16
    Um e outro, um ou outro, nem um nem outro........16
    Todo........17
    Caro e barato........17
    Meio e meia........17
    Adjetivos na função de advérbios........18
    É bom, é necessário, é preciso, é proibido e assemelhados........18
    Anexo........19
    Obrigado........19
    Menos e **menas**........19
    Milhão e milhar........20
    Possível........20

CONCORDÂNCIA VERBAL........20
  Um dos que........21
  Mais de um........23
  Menos de, cerca de, perto de e assemelhados........23
  Nem um nem outro........23
  Um e outro........24
  Um ou outro........24

Que ... 24
Quem ... 25
Coletivos partitivos ... 25
Porcentagem ... 26
Um milhão, um bilhão, um trilhão etc. ... 26
Sujeito formado por pronome interrogativo ou indefinido acompanhado pelas expressões de nós, de vós, de vocês ... 27
Pronomes de tratamento ... 27
Como, inclusive, exceto, menos, bem como, assim como e assemelhados ... 28
Bater, dar, soar ... 28
Ser ... 28
É bastante, é muito, é pouco, é suficiente, é tudo, é nada, é mais, é menos e assemelhados ... 29
Sujeito no singular e predicativo no plural ... 29
Predicativo é o pronome demonstrativo **O** ... 30
Substantivos próprios ou comuns terminados em **S** ... 30
Títulos de obras terminados em **S** ... 31
Sujeito oracional ou constituído de verbos no infinitivo ... 32
Sujeito composto resumido por pronome indefinido ... 32
Sujeitos precedidos de **cada** ou **nenhum** ... 32
Sujeitos ligados por não só...mas também; tanto...como; tanto...quanto ... 33
Verbo acompanhado do pronome SE ... 33

VERBOS IMPESSOAIS ... 36
Haver ... 36
Estar, fazer, ser ... 37

INFINITIVO ... 38
Impessoal (sem flexão) ... 38
Pessoal (flexionado) ... 40

VERBO SER NO INFINITIVO ... 42

ESTUDO COMPLEMENTAR ... 42
Haver ... 42
HÁ e A ... 43
Há menos de, a menos de ... 44
Haja vista ... 44
Fazer ... 45

Apresentação

Neste volume, apresentamos os principais casos de concordância nominal e verbal para auxiliar nossos amigos a redigir um texto sem erros banais que, por falta de domínio dos rudimentos da língua, tiram o brilho da comunicação.

Não é nossa pretensão esgotar o assunto, mas, sim, facilitar a vida de quem faz da Língua Portuguesa seu instrumento de trabalho.

Boa leitura!

Concordância nominal

Dá-se em gênero – feminino e masculino – e em número – singular e plural – entre nomes e pares nominais (substantivos, adjetivos, artigos, pronomes e palavras que pertençam, na relação semântica, ao universo nominal).

Adjetivo na referência a um substantivo

Faça-o concordar em gênero e número com o substantivo:

Os jurados indicados pelas partes tomaram assento no tribunal.

As mães aflitas devem ser **consoladas**.

A punição dada ao réu foi **merecida**.

Os argumentos fortes e **coerentes** acarretam **bons resultados** e satisfazem **as partes envolvidas**.

Alguns homens justos e **generosos** granjeiam **a admiração** de **todos os** (indivíduos) que se dedicam ao bem-estar da comunidade.

O centro velho de São Paulo carece de **reformas substanciais**.

A beleza feminina é **ditada** pela sensibilidade.

Inconformado com os últimos acontecimentos, **um grupo** de moradores exigiu providências do governo.

Inconformadas com a falta de segurança, **várias mães** exigiram providências do governo.

Adjetivo na referência a dois ou mais substantivos

Acerte sempre, pondo-o no plural e no gênero dos substantivos:

Gostamos de **mamão** e **abacate** **maduros**.

A **porta** e a **janela** da sala estão **emperradas**.

Obs.: com substantivos de gêneros diferentes, o adjetivo fica no masculino:

Paulo e **Cláudia**, **comprometidos** com o projeto, apresentaram soluções para a construção do viaduto.
Homens e **mulheres** **honestos**.
Comprei **uma moto** e **dois carros** **novos**.
Comprei **dois carros** e **uma moto** **novos**.
Indignados, **promotor** e **juíza** deixaram o tribunal.
Prezados **diretor** e **assistente**, …

Importante

Se o adjetivo vier anteposto aos substantivos, poderá concordar com o mais próximo (atração):

Trabalhamos numa **ótima** **instituição** e curso.

Temos **ótima** **direção**, coordenação e professores nesta universidade.

Quando o mais próximo estiver no plural masculino, a concordância passará a ser lógica:

Nesta universidade, temos **excelentes** **professores, direção** e **coordenação**.

Se o adjetivo vier posposto aos substantivos, poderá também concordar com o mais próximo (atração):

Naquele antiquário, encontramos uma escultura, um vaso e uma **tela** **valiosa**.

Naquele antiquário, encontramos uma escultura, uma tela e **um vaso valioso**.

Naquele antiquário, encontramos telas, vasos e **esculturas valiosas**.

Obs.: Mas não se esqueça de que, ao fazê-lo concordar com o grupo de substantivos, no plural e no gênero prevalente, você acertará sempre.

No entanto, quando o sentido exigir, será obrigatório fazer o adjetivo concordar com o mais próximo:

Comi arroz, feijão e **mamão maduro**.

Analisemos os mapas e **a área cultivada**.

Se os substantivos forem sinônimos ou indicarem gradação, a concordância se fará preferencialmente (mas não exclusivamente como querem alguns gramáticos) com o mais próximo:

Meu amigo, para ficarmos convencidos de sua cumplicidade, uma palavra, um gesto, **um olhar carinhoso** basta.

Seu esforço, empenho e **dedicação extrema** é suficiente para o sucesso de nossa parceria.

O plural se imporá se o adjetivo

1. for predicativo do objeto:

O juiz considerou **culpados o chefe** e **o subchefe** da quadrilha.

Quem considerou?

O juiz (sujeito).

O juiz considerou a quem?

O chefe e **o subchefe** da quadrilha (objeto de considerar).

Qual a situação imputada a eles?

A culpa (representada pelo adjetivo **culpados**, que passa a caracterizar a situação imposta pelo juiz, sendo, portanto, predicativo do objeto).

2. **caracterizar nomes próprios**:

Os preguiçosos Alex e **Gumercindo** não concluíram o trabalho a eles confiado.

Os amigos Carla e **Mauro** estavam dispostos a colaborar.

Assim se procederá também com relação aos pronomes de tratamento:

Os senhores Manuel e **José** devem permanecer calados.

Cabe ressaltar que o adjetivo na função de predicativo (seja ele do sujeito ou do objeto) deve sempre concordar em gênero e número com os substantivos a que se refere:

Portanto,

O quadro e **a sala** estavam **sujos**.

O deputado ameaçou tornar **públicos o nome** e **o endereço** dos desafetos.

São **insuportáveis o calor** e **o frio** nesta cidade.

Andavam **tristes o cunhado** e **a mulher** do falecido.

Foram **conclusivos o laudo pericial** e **os depoimentos das testemunhas.**

O promotor e **o advogado de defesa** mantiveram-se **calados** durante a leitura da sentença.

Obs.: O adjetivo predicativo permanecerá no singular (invariável) se estiver representado por substantivo abstrato ou tratado de forma genérica:
Os alunos são **o alvo** principal de nosso trabalho.
Os resultados do Enade foram **o ponto chave** da discussão.
Os traficantes são **a escória** da sociedade.

Um substantivo com dois ou mais adjetivos a referenciá-lo

Admitem-se as seguintes concordâncias:

Os setores público e **privado** devem ser parceiros nas causas sociais.

Os governos paraguaio e **brasileiro** assinaram acordo para geração de energia elétrica.

As bandeiras brasileira e **francesa** tremularam durante as comemorações.

As polícias civil e **militar** contiveram os manifestantes.

O setor público e **o privado** devem ser parceiros nas causas sociais.

O governo paraguaio e **o brasileiro** assinaram acordo para geração de energia elétrica.

A bandeira brasileira e **a francesa** tremularam durante as comemorações.

A polícia civil e **a militar** contiveram os manifestantes.

Obs.: Prefira esta construção, que apresenta o segundo adjetivo precedido de **o** ou **a** – por soar melhor em alguns contextos:
O setor público e **o privado** devem ser parceiros nas causas sociais.
O governo paraguaio e **o brasileiro** assinaram acordo para geração de energia elétrica.
A bandeira brasileira e **a francesa** tremularam durante as comemorações.
A polícia civil e **a militar** contiveram os manifestantes.

Atenção!

Embora alguns gramáticos defendam também como correta a concordância com o substantivo no singular sem a anteposição de **o** ou **a** ao segundo adjetivo, **EVITE**-a:

O setor público e privado devem ser parceiros nas causas sociais.

O governo paraguaio e brasileiro assinaram acordo para geração de energia elétrica.

A bandeira brasileira e francesa tremularam durante as comemorações.

A polícia civil e militar contiveram os manifestantes.

Cuidado com algumas construções

Os governos estaduais, municipais e **federal** não pouparão esforços para a realização da Copa em 2014.

Note que **federal** é um só governo; por isso, não deve fazer parte do grupo cujo referente é **governos**. Para resolver o problema, anteponha o artigo ao adjetivo:

Os governos estaduais, municipais e **o federal** não pouparão esforços para a realização da Copa em 2014.

Concordância com numerais ordinais

Embora se admitam as seguintes construções:

Primeiro e **segundo graus**...

O primeiro e **o segundo grau**...

O primeiro e **segundo graus**...

O primeiro e **segundo grau**...

O primeiro e **o segundo graus**...

Obs.: Prefira estas:
Primeiro e **segundo graus**...
O primeiro e **o segundo grau**...
O primeiro e **segundo graus**...

Concordância dos adjetivos compostos de dois ou mais elementos

Só há variação do último elemento, que concorda com o substantivo a que se refere:

Os **acordos** luso-**brasileiros** trouxeram benefícios à população.

As **festividades** teuto-franco-**libanesas** agradaram a todos.

Ele goza de boas **condições** socio**econômicas**.

Os jovens devem ler **publicações** infanto-**juvenis**.

Gosto de participar das **discussões** histórico-**filosóficas**.

O **acordo** franco-**brasileiro** envolve produção e compra de aviões.

Exceção

Surdo-mudo (os dois elementos variam):

Ela é **surda-muda**.

Paulo e **Priscila** são **surdos-mudos**.

A meningite deixou-**os** **surdos-mudos**.

Adjetivo na indicação de cor

O adjetivo também colore nossa vida, o ambiente, as coisas:

Compramos **calças** **verdes** e **camisas** **amarelas**.

Quando tivermos um substantivo a indicar a cor, não haverá variação. Neste caso, subentende-se **cor de**:

Sobre a cama havia **anáguas** (cor de) **manga**, **sutiãs** **rosa**, **lençóis** **creme** e **travesseiros** **turquesa**.

Compramos dois **carros** **vinho** e três **motos** **cinza**.

Para indicar **a cor**, quando composto de:

Adjetivo+adjetivo

Só o último elemento varia (concorda com o substantivo):

Teus **olhos** azul-**escuros** me seduzem.

Você fica bem de **camisa** verde-**amarela**.

Obs.: Os adjetivos azul-celeste, azul-marinho e furta-cor são invariáveis.

Adjetivo+substantivo

Não há variação dos elementos:

Os militares usam **calças verde-oliva**, e você, **vestidos amarelo-canário**.

Cor+de+substantivo

Será sempre invariável:

Nossa vida é e sempre será **cor-de-rosa**.

Casos especiais

Bastante

Quando tiver valor de advérbio de intensidade (equivalente a **muito**, **suficientemente**), será invariável:

Comi **bastante** (muito).

Estes exercícios são **bastante** fáceis. (Neste caso, prefira **muito** fáceis).

Ele é **bastante** inteligente para aceitar propostas sem fundamento. (Dê preferência a **muito** inteligente…)

Como pronome indefinido (acompanhando o substantivo), deverá concordar com ele:

Comemos **bastantes frutas**. Entretanto, devemos evitar o uso.

Será melhor escrever “**muitas frutas**”.

Nesta sala, cabem **bastantes alunos**. (Prefira **muitos alunos**)

Alerta

Mantenha-o invariável:

As sentinelas estão sempre **alerta**.

As pessoas devem manter-se sempre **alerta** às decisões do governo.

Melhor

Só se pluraliza como adjetivo (equivale a **mais bom**):

Ronaldo e **Felipe** são, atualmente, os **melhores** jogadores do Corinthians.

Com muita luta, vocês conseguirão **melhores resultados**.

Como advérbio, torna-se invariável (equivale a **mais bem**):

Os deputados devem analisar **melhor** os projetos.

Os computadores nos permitem conhecer **melhor** os fatos.

Obs.: com particípios verbais, o uso de melhor é proibido.
Em seu lugar, deve-se empregar mais bem:
Os suprimentos devem ser **mais bem distribuídos**.
(o advérbio **bem** indica **modo**, **maneira de**, e o **mais** funciona como intensificador.)
As avaliações deveriam ser mais **bem analisadas**.
As argumentações (mais) **bem fundamentadas** serão aceitas pela promotoria.

Mesmo e próprio

Como demonstrativos, concordam com o termo (substantivo ou pronome) a que se referem:

Eu mesma (própria) comprei o barco, disse **Esmeralda**.

"A cidade ainda está em uma UTI", disse a prefeita, apesar de **ela mesma** (própria) ter mencionado...

A ré mesma desistiu de enfrentar o júri.

Aenção!

Mesmo é invariável:

a) como advérbio – equivale a **de fato**, **realmente**:

Eles vão **mesmo** (de fato, realmente) à praia?

Paula e Márcia gostam **mesmo** (de fato, realmente) de mim?

b) **como conjunção subordinativa** – equivale a **embora**:

Mesmo que faça sol, ficarei em casa.

Só

É variável quando significa **sozinho** ou equivale ao demonstrativo **mesmo**:

Eles vivem **sós** (sozinhos)

As imagens não falam por si **sós** (mesmas).

Como advérbio, o **só** não sofre variação (equivale a **somente**, **apenas**):

Só (somente, apenas) ele votou no deputado.

O juiz **só** (somente, apenas) deferiu o processo após ouvir as alegações das partes.

Extra e quite

Sempre concordarão em número (singular e plural) com o substantivo:

Nesta empresa, não se pagam **horas extras**.

Peço-lhe que faça **atividade extra**.

(**Nós**) Estamos **quites** com nossas obrigações militares.

Os sócios estão quites com a Receita Federal.

Junto

Como adjetivo, concorda com o substantivo ou com o pronome substantivo:

As meninas almoçaram **juntas**.

Todos estavam **juntos**.

Sentamo-**nos** **juntos** à mesa.

Como advérbio, fica invariável (modifica o verbo):

Junto encaminho os cálculos que você me pediu.

Observação

As locuções **junto a** e **junto de** significam **perto de** e são invariáveis:

Estavam **junto ao** poste.

Durante a discussão, a advogada ficou **junto do** cliente.

Cuidado!

Não utilize **junto a** indevidamente:

Errado: Exigiu providências **junto à** polícia.

Correto: Exigiu providências **da** polícia.

Errado: Pediu dinheiro emprestado **junto ao** Banco Real.

Correto: Pediu dinheiro emprestado **no** Banco Real.

Errado: O vereador quer promover atividades **junto à** comunidade.

Correto: O vereador quer promover atividades **com a** comunidade.

Evite o uso de **junto com**, pois é redundante:

O advogado de defesa entrou no tribunal **junto com** o cliente.

Ele foi **junto com** o pai ao hospital.

Diga ou escreva:

O advogado de defesa entrou no tribunal **com** o cliente.

O advogado e seu cliente entraram **juntos** no tribunal.

Advogado e cliente entraram **juntos** no tribunal.

Ele foi **com** o pai ao hospital.

Pai e filho foram **juntos** ao hospital.

Pseudo (prefixo)

É sempre invariável. É elemento de composição de palavras:

As **pseudoverdades** destroem a boa argumentação.

A **pseudoeducação** deforma o desenvolvimento dos jovens.

Observação

O prefixo **pseudo** liga-se com hífen a palavras iniciadas pela mesma **vogal** ou por **h**:

Pseudo-hérnia; pseudo-hipertrofia; pseudo-hiperparatireoidismo; pseudo-história; pseudo-organização; pseudo-orgasmo; pseudo-osteose.

Nos demais casos, o hífen desaparece:

Pseudoconformismo; pseudodemocracia; pseudofilosofia; pseudointeligência; pseudorrepública; pseudossindicato.

De forma que, de maneira que, de modo que

São sempre invariáveis:

Preparou o projeto **de modo que** atendesse às exigências da banca examinadora.

Ronaldo posicionou-se na grande área **de forma que** pudesse cabecear a bola com precisão.

Responda às questões **de maneira que** fiquem bem claros seus argumentos.

Evite de forma a, de maneira a, de modo a.

Um e outro, um ou outro, nem um nem outro

Com estas expressões, se houver substantivo posposto, este ficará no singular:

Um e outro deputado abstiveram-se de votar no plenário.

Um e outro amigo confraternizaram no Ano Novo.

Um ou outro caso de quebra de decoro parlamentar foi analisado pela Comissão de Ética.

Nem um nem outro ato de corrupção foram punidos exemplarmente.

Todo

Pode ter função adverbial, modificando um adjetivo (equivale a completamente, inteiramente, totalmente). Como tal, mantém-se invariável:

Os manifestantes ficaram **todo** (totalmente) **interessados** no resultado do discurso do governador.

As chuvas deixaram-nos **todo** (completamente) **molhados**.

Ou pode funcionar como pronome indefinido, concordando, por atração, com o substantivo ou pronome:

Os manifestantes ficaram **todos** interessados no resultado do discurso do governador.

As chuvas deixaram-**nos todos** molhados.

Caro e barato

Como advérbios, não variam (modificam o verbo):

A energia elétrica custa **caro**.

As frutas natalinas custam **barato**.

Como adjetivos, concordam com o substantivo:

A energia elétrica é **cara**.

As frutas natalinas são **baratas**.

Meio e meia

MEIO, significando **um tanto**, **um pouco**, **mais ou menos**, mantém-se invariável. Acompanha particípio adjetivado ou adjetivo:

Carla anda **meio** triste.

A porta está **meio** aberta.

As professorinhas continuam **meio** insatisfeitas.

Patricinha está **meio** cansada.

MEIO, significando **metade**, é variável.
Concorda com o substantivo a que se refere.
Assim,

É meio-dia e **meia** (**hora**).

Tomaram **meia** **dose** de uísque.

Compramos **meio** **quilo** de farinha.

Adjetivos na função de advérbios

Modificam o verbo e não variam:

A Skol desce **redondo** (redondamente).

Você fala **gostoso** (gostosamente).

"Doutor fala **bonito**."

O medo o fez suar **frio**.

Andem **rápido** (rapidamente).

É bom, é necessário, é preciso, é proibido e assemelhados

Quando se referem a substantivo (sujeito) tomado no sentido genérico, indeterminado, ficam invariáveis:

Água **é bom** para evitar doenças.

Entrada **é proibido**.

Calma ao volante **é necessário**.

É permitido saída.

Se o substantivo (sujeito) estiver determinado por artigo ou pronome, a concordância se fará com o determinante:

Esta água é **boa** para consumo.

A entrada é **proibida**.

A calma ao volante é **necessária**.

É **permitida a** saída.

Anexo

É apenas adjetivo e, como tal, concorda com o substantivo a que se refere:

Seguem **anexas as cartas**.

Seguem **anexos os documentos**.

Evite o uso da expressão invariável **em anexo.**

Obrigado

Concorda com o termo a que se refere:

Quando agradece, **ela** diz muito **obrigada**, e **ele**, muito **obrigado**.

Quando o agradecimento é coletivo, **elas** dizem muito **obrigadas**, e **eles**, muito **obrigados**.

Obs.: Quando se mesclam os elementos que agradecem, a concordância se faz no masculino:
Elas e **ele** dizem muito **obrigados**.

Menos e **menas**

Em hipótese alguma use **menas**, pois esta palavra não existe em Língua Portuguesa.

Em qualquer situação, utilize **MENOS**:

Estou cansado; por isso, darei **menos** aulas hoje.

Mais amor e **menos** confiança.

Quero comer **menos** verdura.

Milhão e milhar

São substantivos masculinos; por isso, os elementos que os determinam devem permanecer no mesmo gênero, concordando com essas palavras:

Dois milhões de pessoas compareceram à passeata.

Foram **vendidos** seis **milhões** de revistas.

Foram **destruídos os** três **milhões** de cópias piratas que estavam no depósito da Polícia Federal.

Recuperamos **dois dos** sete **milhões** de libras esterlinas.

Dois milhões de crianças desapareceram.

Possível

Fica invariável nas expressões compostas de **o menos**, **o mais**, **o melhor**, **o pior**:

O programa social atingiu **o maior** número de pessoas **possível**.

As instruções devem ser **o mais** legíveis **possível**.

Com o artigo no plural, o adjetivo também vai para o plural:

Nos últimos jogos, os resultados do Palmeiras foram **os** piores **possíveis**, e os do Flamengo, **os** melhores.

Obs.: Prefira a construção invariável.

CONCORDÂNCIA VERBAL

Relação de número (singular e plural) e pessoa (1ª, 2ª e 3ª) que se estabelece entre verbo e sujeito na frase:

Siga sempre o esquema:

a) Sujeito simples no singular, verbo no singular;
b) Sujeito simples no plural, verbo no plural;
c) Sujeito composto, verbo sempre no plural.

Obs.: o que está entre parênteses, nos exemplos abaixo, não deve aparecer na frase. Foi posto apenas para orientar o leitor.

Márcia se **comunica** muito bem com **todas as pessoas** que **conversam** com ela.

O amor e a virtude (**eles**) **são** essenciais para as boas relações humanas.

Eu e você (**nós**) **concordamos** com a necessidade de escrever bem.

A humildade e a boa ignorância são os primeiros passos para alcançar a sabedoria.

Nunca **nos esqueçamos** (**nós**) de que **a boa comunicação contribui** para o sucesso do indivíduo.

Você encontrará, a seguir, todos os exemplos de que (**você**) **precisa** para falar e escrever corretamente.

Um dos que

Carlos é **um dos que defendem** (ou defende) a ética nas empresas.

Embora alguns gramáticos defendam, com a expressão **um dos que**, o uso do verbo no singular ou no plural, indiferentemente, justificando o singular pelo destaque que se quer dar a **um**, **aconselhamos seja empregado o verbo apenas no plural**. Assim,

Carlos é **um dos que defendem** a ética nas empresas.

João foi **um dos que enfrentaram** todos os problemas, vencendo-os com dignidade.

Obs.: Um dos motivos que nos levam a justificar a concordância no plural é a construção com expressões de sentido contrário. Nestes casos, é impossível deixar o verbo no singular:
Nenhum dos que defendem a ética nas empresas esteve

presente à reunião.
Nem um dos que defendem a ética nas empresas compareceu à reunião.
Nenhum dos que enfrentaram todos os problemas soube vencê-los com dignidade.
Nem um dos que enfrentaram todos os problemas soube vencê-los com dignidade.

Se você quiser enfatizar apenas o elemento, atribuindo-lhe a ideia, utilize-se dos mecanismos que a língua lhe oferece:

Carlos é que **defende** a ética nas empresas.

Quem defende a ética nas empresas **é Carlos**.

Importante

Se antes **do que** vier um substantivo e a ideia expressa pelo verbo for atribuída a um ser apenas, o verbo ficará, obrigatoriamente, no singular:

A Lua é um dos corpos celestes que desperta o suspiro dos namorados.

(Neste caso, só a Lua tem essa característica.)

Caso a ideia se refira a dois ou mais seres, o verbo vai para o plural:

A Lua é **um dos corpos celestes que circundam** a Terra.

(Neste caso, há outros corpos celestes que circundam a Terra, e não só a Lua.)

Obs.: No entanto, para evitar estranheza na concordância, sugerimos que se altere a frase (o primeiro exemplo) para:
A Lua é o corpo celeste que **desperta** o suspiro dos namorados.
Entre os corpos celestes, **a Lua** é que **desperta** o suspiro dos namorados.
A Lua, um dos corpos celestes, **desperta** o suspiro dos namorados.

Mais de um

Com a expressão **mais de um**, mantenha o verbo no singular:

Mais de um concorrente **abandonou** a prova.

Mais de um policial **conteve** a fúria dos torcedores.

Obs.: Deve-se usar o plural se houver reciprocidade de ideias (ação recíproca):

Mais de um concorrente **se cumprimentaram** antes da competição.
(A ideia expressa pelo verbo exige, no mínimo, duas pessoas.)

Mais de um oponente **bateram-se** em duelo.

Menos de, cerca de, perto de e assemelhados

Com estas expressões, o verbo concorda com o numeral que as acompanha:

Menos de **dez** profissionais **compareceram** à cerimônia.

Cerca de **cinquenta** carros **ficaram destruídos**.

Nem um nem outro

Dê preferência ao verbo no plural:

Nem um nem outro contribuíram para a concretização do plano.

Estenda a observação para:

Nem seu pai nem seu irmão irão ao congresso.

Singular só se o contexto determinar a exclusão de um dos elementos:

Nem um nem outro será considerado vencedor da maratona.

Nem um nem outro parlamentar acusado de corrupção **assumirá** a presidência da Casa.

Um e outro

Dê preferência ao verbo no plural:

Um e outro merecem nossa consideração.

Um e outro estavam discutindo o assunto,…

Um e outro jornalista **receberão** o prêmio.

Um ou outro

Deixe o verbo no singular:

Meu caro amigo, **um ou outro** advogado **defenderá** nossa causa.

Um ou outro amigo **saberá** recompensá-lo.

Que

Com o relativo **que**, a concordância com o antecedente se impõe:

Fomos **nós que pagamos** a conta.

São **eles que se entregam** a tais propósitos.

Sou **eu que preciso** de carinho.

Obs.: a expressão de realce (enfática) **é que** é invariável. A concordância se mantém entre os elementos que se relacionam na frase:

Nós é que pagamos a conta.
Eles é que se entregam a tais propósitos.
Eu é que preciso de carinho.

Quem

Com o pronome quem, aconselhamos que se faça a concordância com ele:

Sou eu **quem aprecia** os bons momentos.

És tu **quem usufrui** as delícias da cidade.

É ele **quem goza** os prazeres da vida.

Lembre-se de que o **quem** significa **aquele que.** Por isso, a concordância se justifica.

Coletivos partitivos

Com expressões partitivas seguidas de adjunto no plural, **aconselha-se a concordância no singular**, embora os gramáticos aceitem, indiferentemente, singular e plural:

A maioria dos acadêmicos **deixou** (deixaram) o recinto.

A minoria dos cientistas **concordou** (concordaram) com as novas diretrizes do CNPq.

Grande parte dos acadêmicos **compareceu** (compareceram) ao debate.

A maior parte dos espectadores **assistiu** (assistiram) às comemorações.

A menor parte dos cientistas **concordou** (concordaram) com as novas diretrizes do CNPq.

Parte dos pesquisadores **saiu** (saíram) do laboratório.

Metade dos deputados **absteve**-se (abstiveram-se) de votar.

Um grupo de torcedores do Coritiba, além de **depredar** (depredarem) o estádio, **agrediu** (agrediram) juiz, bandeirinhas, policiais e jogadores depois do jogo.

O cardume de piranhas **tem** (têm) provocado grandes prejuízos aos pecuaristas.

Porcentagem

Quando se trata de porcentagem seguida de elemento no plural, a concordância se faz com ela:

35% dos recursos **se destinam** a projetos sociais.

2% dos acadêmicos **compareceram** ao debate.

1% dos acadêmicos **compareceu** à conferência.

50% dos jovens **estão trabalhando** em projetos sociais, **mas a metade** deles não **colabora** com os mais necessitados.

Se o elemento a que a porcentagem se refere estiver no singular, será melhor concordar com ele:

30% **do povo rejeitou** a proposta do governo.

50% **do viaduto precisa** de reparos.

Caso se particularize (determine) a porcentagem, a concordância se faz com ela:

Os 20% da dívida **serão pagos** no dia 15 de janeiro.

Aqueles 30% da comissão **foram descontados** do preço total do imóvel?

Se o nome vier anteposto à porcentagem, o verbo concordará com ela:

Da população, **30% rejeitaram** a proposta do governo.

Dos candidatos, apenas **1%** não **foi aprovado**.

Se o verbo estiver antes do número da porcentagem, concordará com ele:

Foram destruídos 35% da plantação de café.

Estão alagados 25% dos municípios gaúchos.

Um milhão, um bilhão, um trilhão etc.

Embora a ideia seja plural, conservam o verbo no singular:

Um milhão de pessoas **compareceu** ao evento.

Um bilhão de dólares **foi gasto** na construção do metrô.

No entanto, se a um milhão, um bilhão, um trilhão seguir-se um termo para indicar quantidade exata, levaremos o verbo para o plural:

Um milhão e trezentas mil pessoas **compareceram** ao evento.

Um bilhão, duzentos e cinquenta milhões e trezentos mil dólares **foram gastos** na construção do metrô.

Sujeito formado por pronome interrogativo ou indefinido acompanhado pelas expressões de nós, de vós, de vocês

Com o pronome no singular, o verbo deve concordar no mesmo número:

Qual de nós será eleito presidente?

Qual de vocês deixará o tribunal?

Com o pronome no plural, o verbo deve ir para o plural e concordar, preferencialmente, com o pronome ou com a expressão:

Quais de vocês permanecerão nesta sala?

Quais de vós preferem que o julgamento seja adiado?

Quais **de vós preferis** que o julgamento seja adiado?

Quantos de nós estarão dispostos a abraçar a causa?

Quantos **de nós** estaremos dispostos a abraçar a causa?

Pronomes de tratamento

Verbo sempre na terceira pessoa:

Vossa Senhoria deve acompanhar-me.

Sua Santidade esteve no Brasil.

Vossa alteza comportou-se como um verdadeiro líder.

Como, inclusive, exceto, menos, bem como, assim como e assemelhados

Com estas expressões entre o sujeito e o verbo, faça a concordância com o primeiro elemento (sujeito-núcleo):

A primeira dama, assim como seus assistentes, **deixou** a reunião.

Vocês, como eu, **precisam** de paz.

Os integrantes da mesa, menos (exceto) o presidente, **votaram** a favor da emenda.

Os policiais, bem como nós, **ficaram indignados** com a perversidade do meliante.

Bater, dar, soar

Na indicação de horas, concordam normalmente com o sujeito:

Bateram três horas no relógio da catedral.

Deram duas horas no relógio da catedral.

Soaram cinco horas no relógio da catedral.

O relógio bateu 23 horas.

O relógio deu 24 horas.

O relógio soou 22 horas.

Ser

Na indicação de horas, datas e distância, o verbo concorda com a expressão numérica:

– Que horas **são?**

– **São dez** horas.

– **É uma** hora.

De São Paulo ao Rio de Janeiro **são 420** km.

Hoje **são 25** de dezembro de 2009.

Obs.: Se houver a palavra **dia**, o verbo ficará no singular: Hoje **é dia** 25 de janeiro de 2010.

É bastante, é muito, é pouco, é suficiente, é tudo, é nada, é mais, é menos e assemelhados

São expressões invariáveis em frases como:

Dez milhões **é muito** (é bastante).

Cinquenta metros de cetim **é pouco** para revestir a parede.

Seiscentos reais **é suficiente** para cobrir as despesas.

Vinte dias **é mais** do que precisamos para completar o trabalho.

Amores de infância **é tudo** que nos resta na vida.

Sujeito no singular e predicativo no plural

Independentemente de o sujeito ser oração, pronome demonstrativo, indefinido ou um substantivo, a concordância se faz por atração com o predicativo:

O que me seduziu **foram os gestos de afeição daqueles seres**.

O apoio mais importante **são as palavras de nossos amigos**.

A maior alegria dos pais **são os filhos bem criados**.

Sua maior decepção **continuam sendo as contradições de seus familiares**.

Tudo **são delícias** em nossa vida.

Aquilo **foram brincadeiras** de mau gosto.

Isto **são histórias** interessantes.

Caso o sujeito seja pessoa ou nome de pessoa, a concordância se faz com ele:

Cláudia é as delícias de sua família.

O garoto é só travessuras.

Obs.: Se quisermos fazer prevalecer o sujeito sobre o predicativo, o verbo ficará no singular:
O Senado é tudo, **é** só desmandos.
Minha vida é as alegrias infantis.

Predicativo é o pronome demonstrativo O

Amores **é o** que tem de sobra.

Mais empregos **é o** que o povo mais deseja em 2010.

Substantivos próprios ou comuns terminados em S

Se vierem sem determinante (artigo ou pronome), o verbo ficará no singular:

Vassouras é uma bela cidade fluminense.

Alagoas fica no Nordeste.

Minas Gerais é um dos maiores colégios eleitorais do País.

Santos está localizado no litoral sul de São Paulo.

Hifens não **deve** ser acentuado.

Pires acompanha a xícara.

Pelos perdeu o acento.

Armazéns está no plural.

Caso haja determinante no singular, o verbo permanece no singular:

O Amazonas é o maior estado do Brasil.

O pires acompanha a xícara.

Aquele lápis foi usado indevidamente; por isso,…

Se vierem acompanhados de determinante no plural, o verbo irá, obrigatoriamente, para o plural:

Os Estados Unidos discutiram a crise palestina.

Os Estados Unidos são um grande país.

Os Alpes ficam na Suíça.

Os Andes formam uma das mais belas paisagens da América do Sul.

Aqueles ônibus não **circularão** hoje.

E mais, mesmo que você encontre nos jornais:

EUA se **mobilizam** para guerra", não estranhe. Lembre-se de que o nome **EUA** traz embutido o artigo **OS**, o que justifica o plural.

Atenção!

Títulos de obras terminados em S

Mesmo que antecedidos de determinante no plural, prefira o verbo no singular:

Os Lusíadas é uma das obras mais importantes da literatura.

Os Sertões trata da batalha de Canudos.

Os pensadores foi publicado pela editora Abril. (nome da coleção)

Os três mosqueteiros é um clássico da literatura.

Os imigrantes foi ao ar pela TV Bandeirantes. (título de novela)

Para justificar o verbo no singular e evitar o estranhamento e a crítica de alguns autores que preferem a concordância no plural com os títulos de obras que trazem o artigo **OS**, apresentamos estes exemplos com a obra de Dionélio Machado, utilizando o verbo no plural:

Os ratos são de Dionélio Machado.

Os ratos não **podem** faltar na biblioteca dos apreciadores da literatura brasileira.

(Soa estranho, não? Talvez precisemos de alguns gatos para espantar esses bichinhos da biblioteca!)

Sujeito oracional ou constituído de verbos no infinitivo

O verbo deve fica no singular:

Quem permanecer no recinto participará do sorteio.

Beber e comer nos **satisfaz**.

Ser feliz e compreender o semelhante é inerente ao ser humano.

Obs.: Se os infinitivos estiverem substantivados ou indicarem contraste, o verbo irá para o plural:
O viver e **o sonhar bastam** a uma vida feliz.
Subir e descer fazem parte da caminhada.
Nascer e **morrer compõem** o ciclo existencial.

Sujeito composto resumido por pronome indefinido

Ponha sempre o verbo no singular:

Verduras, legumes e frutas, **tudo contribui** para a saúde do homem.

Jogadores, técnico e preparador físico, **ninguém seguiu** a determinação do juiz.

Móveis, eletrodomésticos, roupas, carros, **nada sobrou** depois do temporal.

Sujeitos precedidos de cada ou nenhum

O verbo fica no singular:

Cada senador, **cada** deputado, **cada** vereador, no exercício do cargo, **deveria** cuidar da coisa pública com honestidade e esmero.

Nenhum padre, **nenhum** pastor, **nenhum** pai de santo **pode** fazer uso da fé em benefício próprio.

Sujeitos ligados por não só...mas também; tanto...como; tanto... quanto

Levam o verbo para o plural:

Não só eu, **mas também** você **participaremos** das comemorações.

Tanto a teoria **como a prática são** essenciais ao conhecimento.

Tanto a promotoria **quanto** o advogado de defesa **mostraram** inabilidade na condução do caso.

Verbo acompanhado do pronome SE

Para não errar a concordância, é necessário conhecer a regência verbal.

Explicação:

Sempre que, na voz ativa, tivermos

Sujeito agente (SA) **+ verbo transitivo direto** (VTD) **+ objeto direto** (OD**)**

Paulo e Roberto **compraram** **carros novos**

(SA) **(VTD)** **(OD)**

Na voz passiva analítica (verbo principal no particípio acompanhado pelo auxiliar **ser**), o sujeito passará a agente da passiva (AP), e o objeto, a sujeito paciente (SP), com o qual o verbo sempre concordará:

Carros novos foram comprados por Paulo e Roberto.

(**SP**) **(AP)**

Por isso,

Na voz passiva sintética (verbo acompanhado de **SE**), o verbo concorda obrigatoriamente com o sujeito paciente (aquele que recebe a ação expressa pelo verbo). A única diferença é a posição do sujeito, que, agora, aparece posposto à forma verbal:

Compram-se carros novos. (**Carros novos são comprados**.)

Observe mais estes exemplos:

Aluga-se quarto. (**Quarto é alugado.**)

Alugam-se quartos. (**Quartos são alugados.**)

Vendem-se apartamentos. (**Apartamentos são vendidos.**)

Deram-se muitos conselhos. (**Muitos conselhos foram dados.**)

Quando tivermos uma frase com

Sujeito (S) + **verbo intransitivo** (VI) + **adjunto adverbial** (AA)

Paulo **morreu** de inanição **no sertão pernambucano**.

(S) (VI) (AA) (AA)

Se o sujeito desaparecer e o verbo vier acompanhado de **SE**, este será índice de indeterminação do sujeito, o que deixará obrigatoriamente o verbo no singular:

Morre-se de inanição no sertão pernambucano.

(Não se pode precisar o sujeito.)

O mesmo processo se dá com verbo de ligação (VL):

As pessoas **são** felizes na infância.

(VL)

Quem é feliz na infância?

As pessoas (sujeito).

Se eliminarmos o sujeito e acrescentarmos o **SE** ao verbo, teremos, na frase, apenas a ideia de felicidade na infância sem o conhecimento da pessoa a quem se atribui tal fato, o que caracterizará a indeterminação do sujeito. Por isso, o verbo ficará obrigatoriamente no singular:

É-se feliz na infância.

(Quem é feliz na infância? Alguém o é, mas não podemos precisá-lo.)

Se o verbo for transitivo indireto (VTI), vier acompanhado de seu objeto indireto (OI) e não houver sujeito expresso, em aparecendo o **SE** (índice de indeterminação do sujeito) ao lado do verbo, o singular se imporá:

Vejamos a transformação:

As empresas **precisam** de bons colaboradores.

(VTI) **(OI)**

Para você relembrar:

Quem precisa de bons colaboradores?

As empresas (sujeito).

Quem precisa, precisa **de**… (verbo transitivo indireto).

(Observe a necessidade da preposição **de**)

Portanto,

Elas precisam de quê?

De bons colaboradores (objeto indireto).

Se retirarmos o sujeito e acrescentarmos o **SE** ao verbo, teremos a indeterminação caracterizada; por isso, o verbo ficará no singular:

Precisa-se de bons colaboradores.

(Quem precisa? Alguém, mas não podemos defini-lo.)

Observe mais estes exemplos:

Assiste-se a bons filmes.

Trata-se de doentes mentais.

Cuida-se de crianças.

Comprometeu-se com os organizadores do evento.

VERBOS IMPESSOAIS

Não se referem a uma pessoa específica, em razão do sentido expresso por eles na frase, e devem ficar na 3ª pessoa do singular. Neste caso, a oração é sem sujeito.

São exemplos de verbos impessoais os que expressam fenômeno da natureza:

Chove torrencialmente em São Paulo.

Trovejou muito na noite passada.

Ventou durante a madrugada.

Geia durante o inverno em São Joaquim.

No verão, **escurece** mais tarde.

Obs.: Quando se usa o verbo no sentido figurado, pode-se fazê-lo concordar com o sujeito:
Amanheci de bom humor. (sujeito EU)

Outros verbos impessoais

Haver

Como sinônimo de acontecer, existir, ocorrer, realizar-se:

Houve grandes conflitos no Irã. (= Aconteceram, ocorreram)

Havia muitas pessoas no desfile. (= Existiam)

Há muitas inconsistências nas declarações no réu. (= Existem)

Haverá muitas comemorações na passagem do ano. (= Realizar-se-ão)

Atenção!

Com verbo no imperfeito ou no mais-que-perfeito do indicativo a acompanhar **haver**, deve-se usar **havia** (= fazia):

Os jurados **estavam** no tribunal **havia** (fazia) duas horas.

Paulo **estivera** ali **havia** (fazia) muito tempo.

Havia (Fazia) anos os réus não **se envolviam** com os crimes a eles imputados.

O advogado **entregara** o cargo **havia** (fazia) dois meses, quando…

O avião **tinha aterrissado** **havia** (fazia) duas horas.

Na indicação de tempo:

Iniciei o tratamento **há** duas semanas. (= faz)

Obs.: Na oralidade, é comum o uso de **ter** como impessoal em lugar de **haver**:
Tinha muitas pessoas no desfile.
Tem muitas inconsistências na declaração do réu.
Terá muitas comemorações na passagem do ano.
Porém, **na linguagem escrita**, **é condenável**.

Estar, fazer, ser

Na indicação de tempo:

Está muito frio aqui.

Chegamos à França **faz** dez dias.

Era tarde quando chegamos à praia.

Obs.: Não se esgota aqui o assunto impessoalidade dos verbos, pois frases há em que o sentido de alguns verbos transforma-os em impessoais. Se você tiver interesse em aprofundar o estudo, entre em contato com o autor pelo endereço eletrônico professorsimoes@uninove.br ou professorsimoes@uol.com.br.

INFINITIVO

Há séculos, o infinitivo vem despertando o interesse de estudiosos. No entanto, o assunto continua a tirar o sono daqueles que se veem às voltas com seu emprego. Para colaborar, comentaremos, de forma simplificada, o seu uso.

Impessoal (sem flexão)

a) Nas locuções verbais (verbo auxiliar + principal), mesmo que distanciado do auxiliar:

Devemos apreciar um bom vinho.

Eles **costumam comparecer** aos encontros.

Os senadores **querem vetar** a proposta do governo.

Devemos, sempre que nos for pedido, **fornecer** os dados para análise da diretoria.

Eles **podem**, se assim o desejarem, **ajudar** os menos favorecidos.

b) Como sujeito ou predicativo do sujeito:

Viver é **ter** a oportunidade de amar.

É proibido **fumar**.

É importante **sanar** os problemas.

Amar é **respeitar** o outro.

c) Com valor de imperativo:

“Não **roubar**.”

“Não **cobiçar** a mulher do próximo.”

“**Amar** a Deus sobre todas as coisas.”

“Meia-volta, **volver**!”

d) Com preposição (funciona como complemento de substantivo, adjetivo ou verbo.):

Exercício difícil **de fazer**.

Foram convidados **a se retirar**.

Batatas gostosas **de comer**.

Ossos duros **de roer**.

Temos o dever **de comunicar** que…

Internacional e São Paulo perderam a chance **de ganhar** o campeonato.

e) Posposto a verbo na voz passiva:

Os brasileiros foram forçados **a deixar** o Suriname.

Os manifestantes foram convencidos **a desistir** de seus propósitos.

Fomos impedidos **de entrar** no tribunal.

f) Com valor de gerúndio:

Os deputados estavam **a colaborar** com o líder do governo na Câmara. (colaborando)

As crianças estão **a encantar** o público. (encantando)

g) Com valor de adjetivo (vem regido da preposição **de**.):

Estes fatos são **de desanimar**. (desanimadores)

Tais argumentos eram **de louvar**. (louváveis)

h) Com os verbos **deixar**, **fazer**, **mandar**, **ouvir**, **sentir** e **ver** acompanhados de pronome oblíquo que funciona como sujeito do infinitivo:

"Não **nos** deixeis **cair** em tentação."

Os senadores fizeram-**nos desacreditar** na política brasileira.

Mandei-**os calar** a boca.

Não **as** ouça **lamentar** o resultado, pois motivos elas não têm.

Sinta-**os vibrar** pela conquista, meu amigo!

Vê-**los** **receber** o prêmio foi compensador.

Obs.: Se o sujeito do infinitivo for um substantivo, pode-se flexioná-lo ou não:
Mandei **os estudantes** **calarem** (**calar**) a boca.
Não ouça **as atletas** **lamentarem** (**lamentar**) o resultado, pois motivos elas não têm.
Sinta **os atletas** **vibrarem** (**vibrar**) pela conquista, meu amigo!
Ver **os alunos** **receberem** (**receber**) o prêmio foi compensador.

---

i) Nas orações reduzidas de infinitivo pospostas à principal, prefira a forma não flexionada quando houver um único sujeito:

Estamos aqui para **dar** nossa opinião.
(**Nós** é o sujeito de ambas as orações.)

Eles vieram para **comemorar** o Natal conosco.
(**Eles** é o sujeito de ambas as orações.)

Paulo e Márcia aceitaram nosso convite sem **hesitar**.
(**Paulo e Márcia** é o sujeito de ambas as orações.)

Os suspeitos fugiram para **sair** do flagrante.
(**Os suspeitos** é o sujeito de ambas as orações.)

Pessoal (flexionado)

a) Com sujeito diferente do da principal:

Não é conveniente **contestarem** a decisão do juiz.

Explicação:

Oração principal: Não é conveniente.
O que não é conveniente?
Contestarem a decisão do juiz. (sujeito da principal)
Qual é o sujeito de **contestar**?
Eles ou **elas**. (indeterminado)

Pedimos-lhes a gentileza **de permanecerem** sentados.

(Sujeito da primeira oração – **nós** –, e da segunda, **vocês**.)

O juiz sugeriu **estarem** os réus mentindo.

(**O juiz** é o sujeito da primeira oração, e **os réus**, o da segunda.)

O promotor utilizou-se de argumentos irrefutáveis para os réus **confessarem** o crime.

(Em que **o promotor** é o sujeito de "utilizou-se", e **os réus**, o de "confessarem".)

b) Nas orações reduzidas de infinitivo (regido de preposição) antepostas à principal, quando o sujeito for o mesmo nas duas orações e estiver no plural, prefira a forma flexionada:

Para **conseguirem** bons resultados, os atletas treinaram intensamente.

(**Os atletas** é o sujeito de ambas as orações.)

Para **comemorarem** o Natal conosco, eles chegaram cedo.

(**Eles** é o sujeito de ambas as orações.)

Para **saírem** do flagrante, os suspeitos deixaram o local do crime.

(**Os suspeitos** é o sujeito de ambas as orações.)

Por **desrespeitarem** as leis, foram punidos com severidade.

(**Eles** é o sujeito de ambas as orações.)

c) Nas orações reduzidas de infinitivo (regido de preposição) intercaladas entre o sujeito e o verbo da principal, quando o sujeito for o mesmo e estiver no plural, prefira a forma flexionada:

Os atletas, para **conseguirem** bons resultados, treinaram intensamente.

Eles, para **comemorarem** o Natal conosco, chegaram cedo.

Os suspeitos, para **saírem** do flagrante, deixaram o local do crime.

Os torcedores, por **desrespeitarem** as leis, foram punidos com severidade.

VERBO SER NO INFINITIVO

Sempre que vier acompanhado da preposição **A**, poderemos usar **a ser** e **a serem**. No entanto, sugerimos que você se valha da coerência para utilizá-lo:

> O caixa separou os produtos **a ser** (**a serem**) substituídos.
>
> Os filmes **a ser** (**a serem**) exibidos foram retirados da programação.
>
> Levou as obras **a ser** (**a serem**) utilizadas no exame da OAB.

ESTUDO COMPLEMENTAR

Haver

Observe esta frase retirada de um texto publicado em jornal de grande circulação em São Paulo (1º de dezembro de 2001):

> "Quando **haviam** vários textos de um autor, a escolha se baseava na importância do assunto ou no inusitado da abordagem".

Apesar de a matéria tratar do lançamento de um livro que "reúne textos de expoentes da cultura brasileira", houve descuido de quem a revisou. Para que isso não aconteça com você, observe, com atenção, as informações a seguir sobre o emprego de **HAVER**:

Se você utilizá-lo como sinônimo de **existir**, **acontecer**, **ocorrer**, **suceder**, **fazer**, deixe-o na 3ª pessoa do singular (é o que o revisor do texto deveria ter feito):

> "Quando **havia** (e não **haviam**) vários textos de um autor [...]"
>
> **Houve** (e não **houveram**) muitas brigas na Câmara.
>
> Não **há** (e não **hão**) vagas na construção civil.
>
> Nunca **houve** (e não **houveram**) tantos crimes como agora.
>
> Se **houvesse** (e não **houvessem**) mais pessoas comprometidas ética e moralmente, todos lucrariam.
>
> **Havia** (e não **haviam**) tantas coisas a dizer; no entanto, ninguém lhe deu crédito.

Obs.: Se **haver** estiver acompanhado de outro **verbo** (locução verbal), este também ficará no singular:

Deveria (e não deveriam) haver muitas mensagens em sua caixa postal.

Pode (e não podem) haver muitas razões para tal atitude, mas isso não justifica o desrespeito às regras de nossa sociedade.

Agora, vamos apreciar outros empregos de **haver** para que você possa analisá-los.

Se, na frase, o verbo **haver** estiver auxiliando outro verbo (neste caso pode ser substituído por **ter**), caberá a você manter a concordância normal:

Eles ainda **haverão** (terão) de cumprir o que prometeram à população.

Os presidentes haviam (tinham) concordado com a proposta de paz.

Os orientais hão (terão) de seguir os ensinamentos de Buda.

HÁ e A

Há - indica tempo transcorrido (você pode substituí-lo por **faz**):

Há (Faz) dez anos, tudo era diferente.

Isso aconteceu **há** (faz) meses.

Obs.: Evite redundância: **há** dez anos **atrás**, **há** muito tempo **atrás**.

Diga, apenas, **há** dez anos; dez anos **atrás**; **há** muito tempo ou muito tempo **atrás**.

A - Você deverá usá-lo para exprimir tempo futuro ou distância:

Daqui **a** dez minutos, sairemos.

João estava **a** um passo do abismo.

Colocou-se **a** dois metros do inimigo.

Estamos **a** 230 km de Belo Horizonte.

Ou na referência a um espaço temporal que nos separa de um fato, de um acontecimento:

Estamos **a** dez minutos do início da sessão.

Estamos **a** cinco anos da realização da Copa do Mundo no Brasil.

Há menos de, a menos de

Seguem a regra de **HÁ** e **A**.

Compare os exemplos abaixo:

O Brasil tornou-se independente **há** (faz) **menos de** dois séculos.

Partiram **há** (faz) **menos de** quatro horas.

Estava **a menos de** duas horas da cidade.

Encontrava-se **a menos de** vinte metros dos assaltantes.

Estamos **a menos de** cinco minutos do início da competição.

Haja vista

É invariável (equivale a **veja**):

Haja vista o resultado das eleições…

Haja vista os meus amores de infância…

Obs.: Embora haja quem pluralize o verbo **haver**, fazendo-o concordar com o elemento que vem depois da expressão: **Hajam** vista **os problemas** gerados pela burocracia…, aconselha-se o uso da forma invariável, pois estará correta em qualquer circunstância.

Fazer

E para reforçar, nada melhor do que voltar ao verbo **FAZER,** que estará presente nas expressões de tempo, mantendo-se no singular tal como **haver**:

Fez (e não fizeram) dez anos que nos conhecemos.

Vai fazer (e não vão fazer) dez anos que ele se despediu do mundo.

Nos demais casos, concordará com o sujeito:

As meninas farão dez anos amanhã.

Para o Natal, **faremos** compras pela internet. (**nós**).

Façam os exercícios com atenção. (**vocês**).

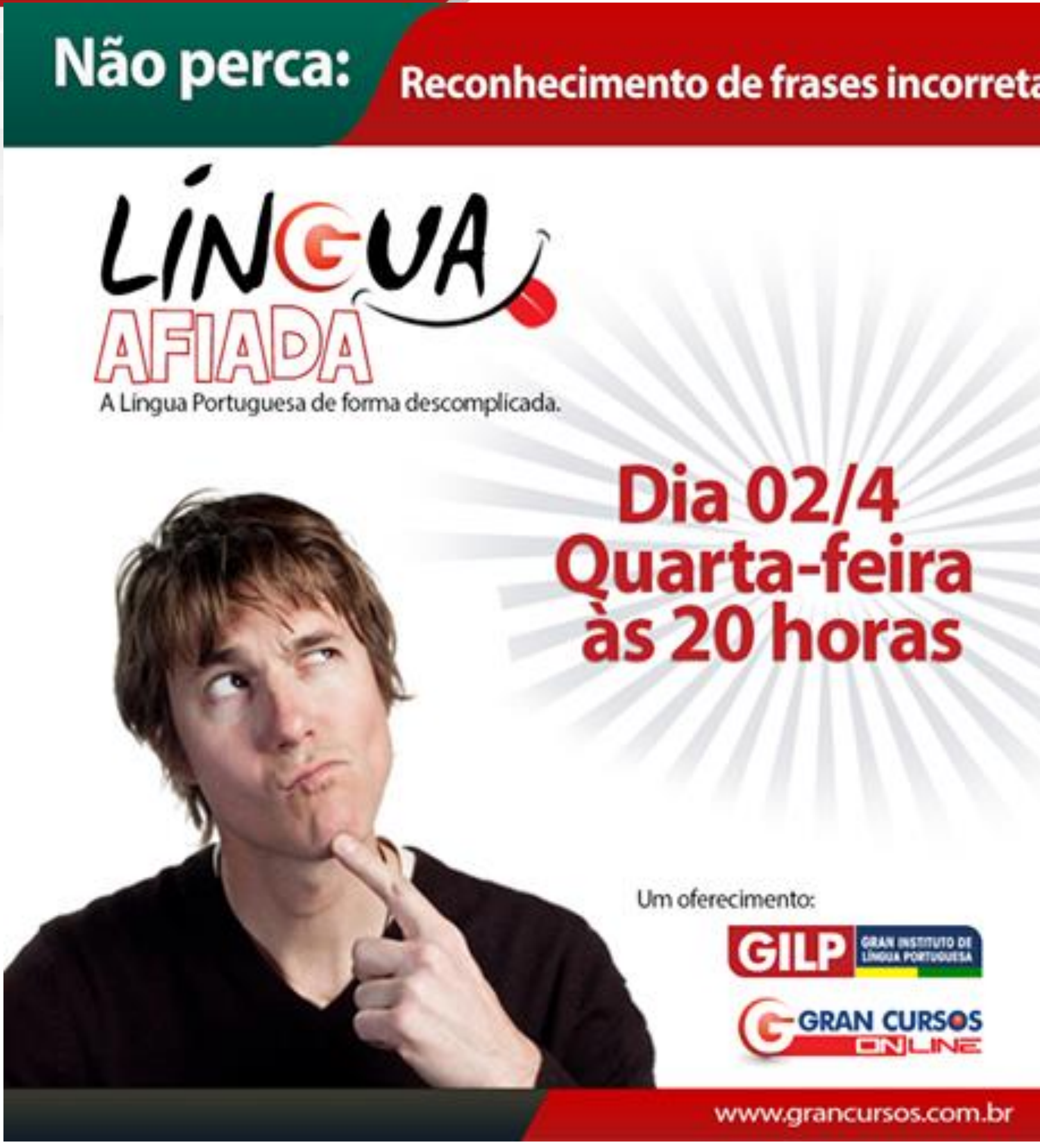

Não perca: Reconhecimento de frases incorreta

LÍNGUA AFIADA

A Língua Portuguesa de forma descomplicada.

Dia 02/4
Quarta-feira
às 20 horas

Um oferecimento:

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

GRAN CURSOS ONLINE

www.grancursos.com.br

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

ACADEMIA
da
GRAMÁTICA

GILP
GRAN INSTITUTO
DE LÍNGUA
PORTUGUESA

LÍNGUA
AFIADA

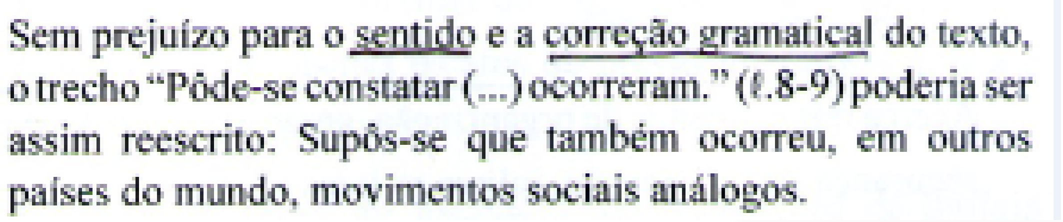

Sem prejuízo para o sentido e a correção gramatical do texto, o trecho "Pôde-se constatar (...) ocorreram." (ℓ.8-9) poderia ser assim reescrito: Supôs-se que também ocorreu, em outros países do mundo, movimentos sociais análogos.

A substituição de “fazê-lo pensar” (L.13) por **fazer ele pensar** estaria de acordo com a modalidade escrita e as normas do registro formal culto da língua portuguesa.

Prova: FJG - RIO - 2013 - SMA-RJ - Contador

Obedece às regras da gramática normativa, tendo em vista a língua escrita padrão, a seguinte construção:

a) Está na hora dos funcionários multiplicarem esforços para cumprir seu dever.
b) O funcionário chegou até mim e narrou outra versão do incidente
c) Senti grande frustração, pois o colega me viu e deu as costas
d) O pronunciamento do presidente da empresa foi assistido por todos os funcionários.

Prova: FCC - 2013 - AL-RN - Analista Legislativo - Analista de Sistemas
A frase corretamente escrita, de acordo com as normas gramaticais da língua portuguesa, é:

a) Neste início de século, as atividades extrativistas podem ser ainda adequadas à sobrevivência dos povos da floresta, desde que eles respeitem a sua biodiversidade, sem exaurirem seu potencial.

b) Nos dias de hoje, as atividades de estração tanto da madeira quanto dos minérios deve ser efetuada com extrema cautela para que as novas gerações não sejam privadas das riquezas da floresta.

c) Na atualidade, as políticas governamentais tem se voltado para a atualização de técnicas de exploração que respeitam os biomas; assim, as futuras gerações poderão desfrutar das benesses da floresta.

d) No momento atual, quando todos os olhares do mundo se voltam a floresta amazônica, pode-se ter certeza de que as futuras gerações poderão de usufruir das benesses desse “pulmão do mundo”.

e) Nestes dias tão conturbados, vários países voltam seus olhares cobiçosos a floresta amazônica, mas é inegável que ela pertence as nações em cujo território ela se encontra encravada.

Prova: CESPE - 2013 - Polícia Federal - Escrivão da Polícia Federal

Não haveria prejuízo para a correção gramatical do texto nem para seu sentido caso o trecho “A fim de solucionar o litígio” (l.1) fosse substituído por Afim de dar solução à demanda e o trecho “tomem conhecimento dos atos acontecidos no correr do procedimento” (l.4-5) fosse, por sua vez, substituído por conheçam os atos havidos no transcurso do acontecimento

Prova: VUNESP - 2013 - PC-SP - Auxiliar de Papiloscopista Policial

a) O rapaz e seu amigo foram detido no Terminal Rodoviário.
b) Anexas aos documentos estavam as notas fiscais.
c) A bolsa do falsário estava meia aberta.
d) É proibido a prática de reprodução de documentos falsos.
e) Foram encontradas menas carteiras de trabalho que cédulas de identidade..

Prova: VUNESP - 2013 - PC-SP - Investigador de Polícia

Assinale a alternativa em que o trecho, reescrito com base nas informações textuais, está de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

a) Já tinha dado duas horas da manhã e, às sete, eu devia estar no aeroporto. Lembrei-me, então, de que estava sem creme dental, pois, na pressa daquela manhã, ao sair do hotel, tinha deixado-o no banheiro.

b) Já era duas horas da manhã e, às sete, eu devia estar no aeroporto. Me lembrei, então, de que estava sem creme dental, pois, na pressa daquela manhã, ao sair do hotel, o tinha deixado no banheiro.

c) Já era duas horas da manhã e, às sete, eu devia estar no aeroporto. Lembrei, então, de que estava sem creme dental, pois, na pressa daquela manhã, ao sair do hotel, tinha lhe deixado no banheiro.

d) Já eram duas horas da manhã e, às sete, eu devia estar no aeroporto. Lembrei, então, que estava sem creme dental, pois, na pressa daquela manhã, ao sair do hotel, tinha-o deixado no banheiro.

e) Já tinham dado duas horas da manhã e, às sete, eu devia estar no aeroporto. Me lembrei, então, que estava sem creme dental, pois, na pressa daquela manhã, ao sair do hotel, tinha-o deixado no banheiro

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

Prova: VUNESP - 2013 - SAP-SP - Agente de Segurança Penitenciária

Assinale a alternativa em que o trecho do primeiro parágrafo – ... tem mais gente morrendo que nascendo. – está reescrito em conformidade com a concordância da norma padrão.

a) Há mais pessoas que morre do que pessoas que nasce
b) Estão havendo mais pessoas morrendo que nascendo.
c) Mais pessoas morrem do que nascem.
d) Está morrendo mais pessoas que nascendo.
e) Existe mais pessoas morrendo que nascendo.

Prova: CESPE - 2012 - TJ-AC - Técnico Judiciário - Conhecimentos Básicos - Cargos 10 e 11

O trecho “Sendo o Brasil (...) aprovação da lei” (L.9-11) pode ser reescrito, com correção gramatical e sem prejuízo de seu sentido original, da seguinte forma: Dadas as tradições positivistas brasileiras e à vedação analógica de criação de tipos penais, não há dúvida a respeito da necessidade de aprovação da lei

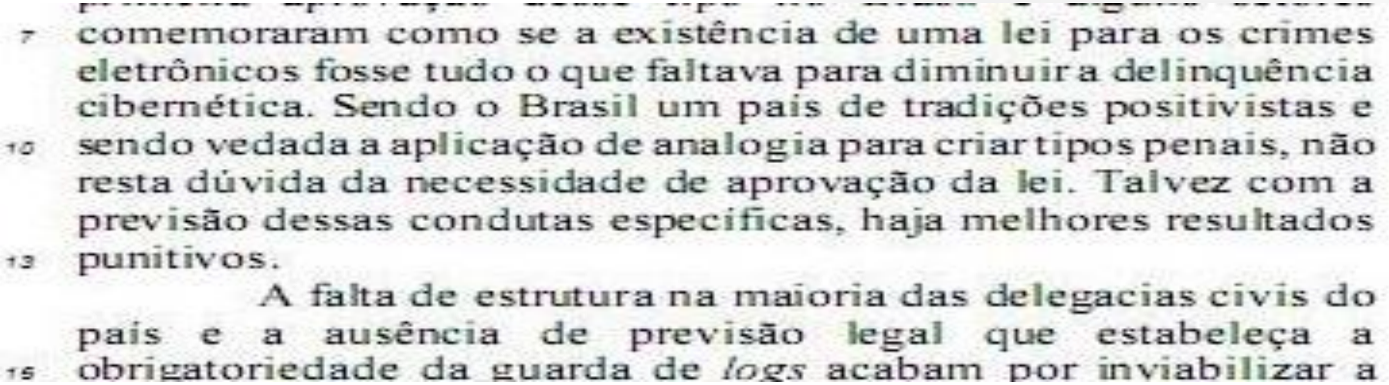

comemoraram como se a existência de uma lei para os crimes eletrônicos fosse tudo o que faltava para diminuir a delinquência cibernética. Sendo o Brasil um país de tradições positivistas e sendo vedada a aplicação de analogia para criar tipos penais, não resta dúvida da necessidade de aprovação da lei. Talvez com a previsão dessas condutas específicas, haja melhores resultados punitivos.

A falta de estrutura na maioria das delegacias civis do país e a ausência de previsão legal que estabeleça a obrigatoriedade da guarda de *logs* acabam por inviabilizar a

Prova: FCC - 2012 - TJ-RJ - Analista Judiciário - Assistência Social

É preciso corrigir, por falhas diversas, a seguinte frase:

a) Quem ouve mal não tem necessariamente mau ouvido; pode ter sido afetado pelo desconhecimento de um contexto determinado.

b) Quem não destorce o que ouviu de modo torto acaba por permanecer longe do caminho reto da compreensão.

c) Pelos sons exóticos das palavras, impregnamo-nos da melodia poética a cujo encanto se rendem, imantados, os nossos ouvidos.

d) Há sons indiscrimináveis, como os que se apanha do rádio mau sintonizado ou de uma conversa aliatória, entre terceiros.

e) É possível elaborar-se uma longa lista de palavras e expressões em cuja recepção sonora verificam-se os mais curiosos equívocos.

Prova: CESPE - 2013 - SERPRO - Analista - Advocacia
A correção gramatical e o sentido do texto seriam mantidos se o segmento “Por contribuir para a elevação do valor agregado” (L.5-6), fosse assim reescrito: Por contribuir, juntamente com a elevação do valor agregado

Prova: CESPE - 2013 - TJ-DF - Técnico Judiciário - Área Administrativa

A correção gramatical e o sentido do texto seriam preservados caso o trecho “Nesse caso (...) a loja” (L.8-9) fosse reescrito da seguinte forma: Nesse caso, são necessários enviar os dados pessoais do comprador e também o número do cartão de crédito à loja.

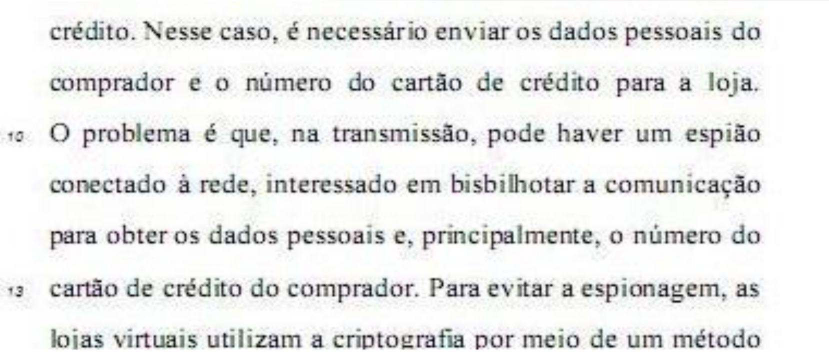

crédito. Nesse caso, é necessário enviar os dados pessoais do comprador e o número do cartão de crédito para a loja. O problema é que, na transmissão, pode haver um espião conectado à rede, interessado em bisbilhotar a comunicação para obter os dados pessoais e, principalmente, o número do cartão de crédito do comprador. Para evitar a espionagem, as lojas virtuais utilizam a criptografia por meio de um método

Prova: FCC - 2014 - TRT - 2ª REGIÃO (SP) - Analista Judiciário - Área Administrativa
Disciplina: Português | Assuntos: Pontuação; Uso da Vírgula;
Texto associado à questão Ver texto associado à questão

Quanto à colocação das vírgulas, a frase inteiramente correta é:

a) Num de seus textos, a que deu o título de “Do justo e do injusto”, Voltaire aborda, com a propriedade de sempre, a questão da natureza mesma do sentimento da justiça, que, segundo ele, foi-nos concedido por Deus, que também nos deu um cérebro para contrabalançar os impulsos do coração.

b) Num de seus textos, a que deu o título de “Do justo e do injusto” Voltaire aborda, com a propriedade de sempre a questão da natureza mesma do sentimento da justiça, que segundo ele foi-nos concedido por Deus que, também, nos deu um cérebro para contrabalançar os impulsos do coração.

c) Num de seus textos a que deu o título de “Do justo e do injusto”, Voltaire aborda com a propriedade de sempre, a questão da natureza mesma do sentimento da justiça, que segundo ele foi-nos concedido por Deus, que também nos deu um cérebro, para contrabalançar, os impulsos do coração.

d) Num de seus textos, a que deu o título de “Do justo e do injusto”, Voltaire aborda, com a propriedade de sempre, a questão da natureza mesma, do sentimento da justiça, que segundo ele foi-nos concedido por Deus que, também nos deu um cérebro, para contrabalançar os impulsos do coração.

e) Num de seus textos a que deu o título de “Do justo e do injusto”, Voltaire aborda com a propriedade de sempre, a questão da natureza mesma do sentimento da justiça que, segundo ele, foi-nos concedido por Deus que ta

Prova: FCC - 2013 - TRT - 15ª Região - Analista Judiciário - Oficial de Justiça Avaliador
I. Os problemas advindos da exploração indiscriminada dos recursos naturais e das práticas predatórias em determinadas culturas; pode em muito pouco tempo, inviabilizar o uso de terras e a extração desses recursos naturais.
II. O aquecimento global e o desequilíbrio que provocam, a aparição de pragas e de catástrofes climáticas passa, com toda certeza pelo desrespeito e por más práticas, em relação ao meio ambiente e aos processos adotados em nossas lavouras e criações.
III. O efeito estufa, potencializado pela queima de combustíveis fósseis, tem colaborado com o aumento da temperatura no globo terrestre nas últimas décadas. Pesquisas recentes indicaram que o século XX foi o mais quente dos últimos 500 anos.

Tanto a concordância quanto a pontuação estão corretas APENAS em

a) II.
b) III.
c) I e III.
d) I e II.
e) II e III.mbém nos deu um cérebro para contrabalançar os impulsos do coração.

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

#FALANERD!

Paul Edward
Prof, pode nos ajudar no recurso da CEF na questão de crase? Gabarito errado: Seria mantida a correção gramatical do texto caso fosse empregado o sinal indicativo de crase no “a” em “ligados a computação, informática, TI e análise de sistemas” (R.30-31

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

VIRANDO À PÁGINA

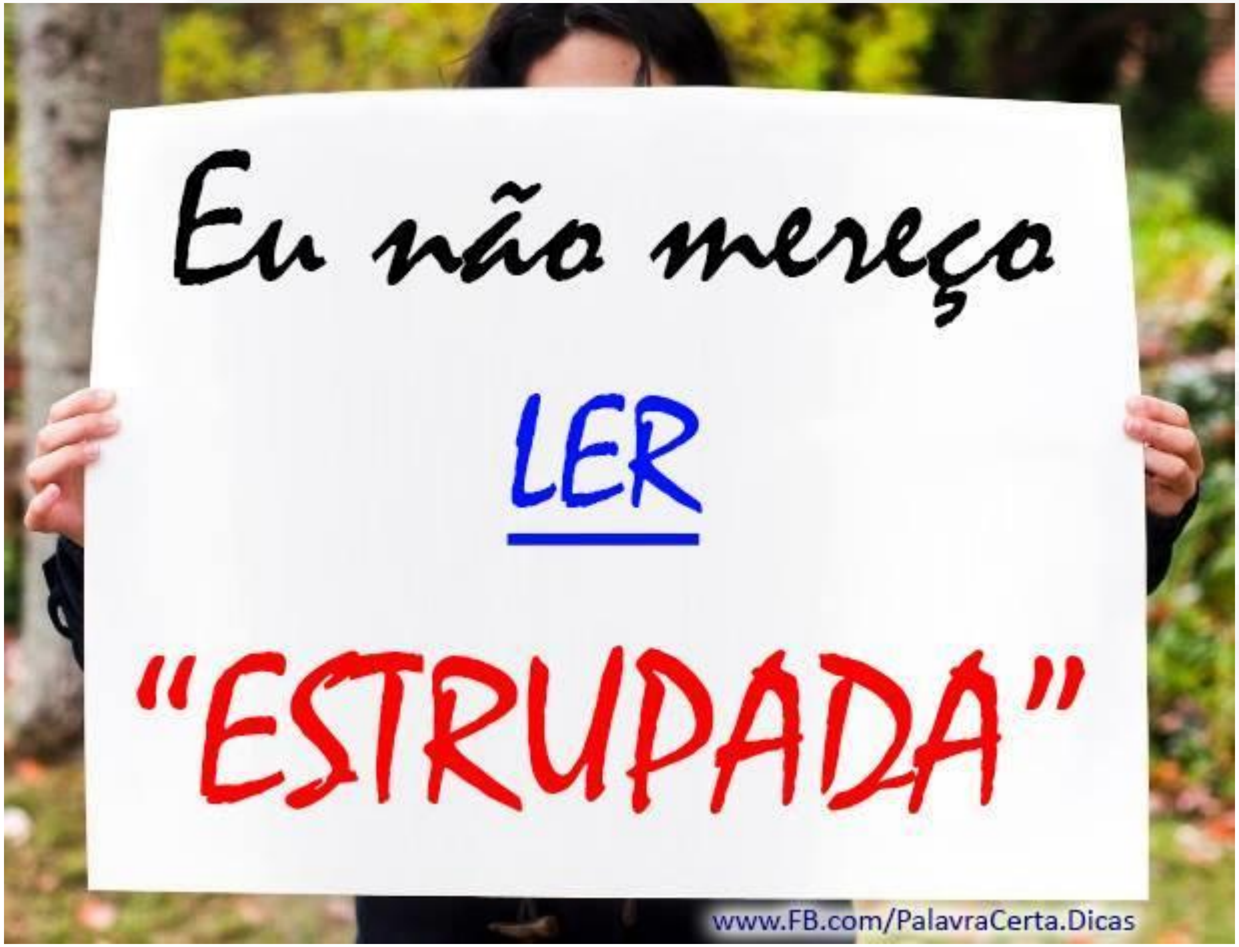
Eu não mereço
LER
"ESTRUPADA"
www.FB.com/PalavraCerta.Dicas

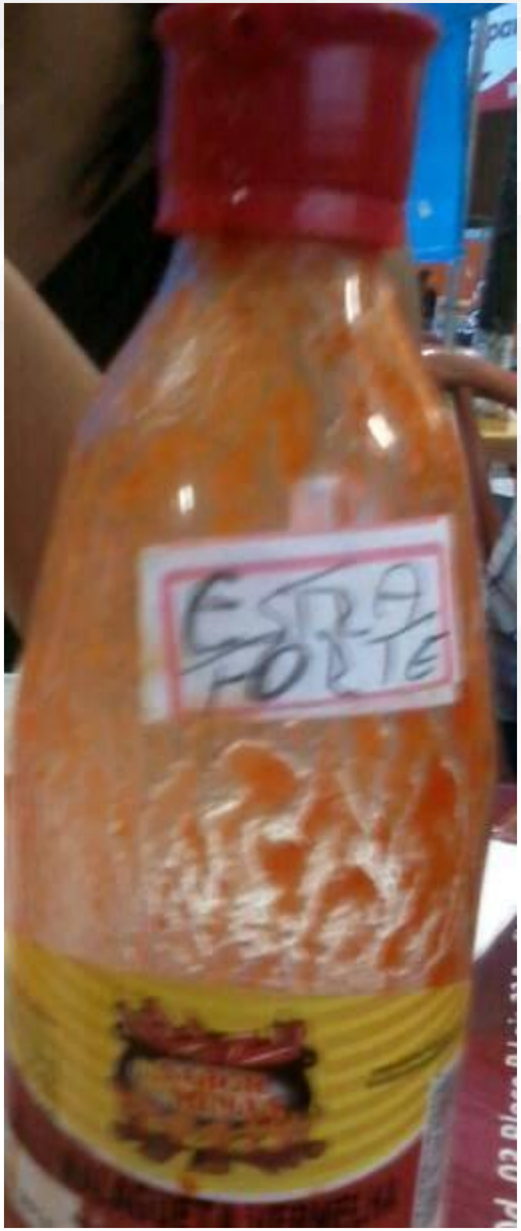
ESTRA
FORTE

Claudenice Melo

Professora de Língua Portuguesa

Adjetivo

Classe de palavras que atribui características ao substantivo, isto é, indica qualidades e estados.

Formação

Simples

É aquele formado por um único elemento. Ex.: pobre, rico, magro, triste, bonito, etc.

Primitivo

É aquele que não deriva de nenhuma outra palavra da língua portuguesa. Ex.: fácil, pequena, puro, alegre, etc.

Derivado

É aquele formado a partir de um substantivo, de um verbo ou de outro adjetivo. Ex.: formoso (formosura), visível (ver), infeliz (feliz) etc.

Pátrio

Indica o local de origem ou a nacionalidade da pessoa. É também chamado de adjetivo *gentilício* Ex.: brasileiro, mineiro, carioca, manauara, etc.

Composto

É aquele formado por dois ou mais elementos. Ex.: rosa-claro, amarelo-ouro, luso-brasileiro, etc.

Adjetivo

Gênero

Uniforme

Apresentam uma forma para os dois gêneros: menino feliz, menina feliz.

Biforme

Apresentam uma forma para o masculino e outra para o feminino: homem carinhoso, mulher carinhosa.

Obs.: a maioria forma-se conforme a regra dos substantivos.

Número

Simples

Os adjetivos simples fazem o plural de acordo com as regras dos substantivos simples.

Compostos

⇨ Varia apenas o último elemento: escolas médico-cirúrgicas, olhos verde-claros.

⇨ Não há flexão: último elemento for um substantivo: carros azul-bebê.

Exceções:

⇨ Ambos variam: surdos-mudos.

⇨ Invariáveis: azul-marinho; azul-celeste

Claudenice Melo

Professora de Língua Portuguesa

Adjetivo

Grau

Comparativo

de Igualdade

Tão/tanto... como/quanto(a): Ana é tão bela quanto Beatriz.

de Superioridade

Analítico

Mais... (do) que: Ana é mais alta do que Beatriz.

Sintético

Maior... (do) que: O Sol é maior do que a Terra.

de Inferioridade

Menos... (do) que: Sou menos alto do que você.

Superlativo

Absoluto

Analítico

Com advérbios (muito, bastante, etc.): O secretário é muito inteligente.

Sintético

Com sufixos (-íssimo, -ílimo, -érrimo): O secretário é inteligentíssimo.

Relativo

de Superioridade

O mais: Este é o mais interessante dos livros que li..

de Inferioridade

O menos: Ele é o menos egoísta de todos.

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

FICA A DICA

As formas **menor** e **pior** são comparativos de superioridade, pois equivalem a *mais pequeno e mais mau*, respectivamente.

Bom, mau, grande e pequeno têm formas sintéticas (melhor, pior, maior, menor), porém em comparações feitas entre duas qualidades de um **mesmo** elemento, deve-se usar as formas analíticas: ***mais bom, mais mau, mais grande, mais pequeno***.

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

FALÁCIAS ARGUMENTATIVAS

(PARTE I)

Todo texto argumentativo tem como objetivo **convencer** o leitor. E, para isso, existem várias estratégias argumentativas (exemplos, testemunhos autorizados, citação de fontes, refutação, etc.).

Entretanto, também é possível encontrar as **falácias argumentativas**, as quais se manifestam em um texto sempre que um raciocínio errado (ou mentiroso) é apresentado como verdadeiro. Alguns argumentos, embora pareçam muito convincentes para os interlocutores, podem ser na verdade totalmente falsos – quando são articulados por meio de falácias. Por isso é tão importante conhecer os tipos de falácia, tanto para evitar armadilhas lógicas na própria argumentação como para analisar a argumentação alheia.

A SEGUIR, CONHEÇA ALGUMAS **FALÁCIAS ARGUMENTATIVAS**

1. ATAQUE PESSOAL DIRETO (Ad Hominem)

É o argumento que desqualifica, que desmoraliza a própria pessoa e não os seus argumentos. Neste caso, a impressão é de que, com o ataque direto à pessoa, é possível enfraquecer ou anular a sua argumentação. Veja:

"Os ecologistas sempre alertam sobre a escassez de energia, mas todos sabemos que eles costumam exagerar em suas previsões."

(O fato de os ecologistas serem exagerados ou não em suas previsões não afeta em nada sua credibilidade nem tem relação alguma com a aceitação do ponto de vista que defendem).

OBSERVAÇÃO:

Uma variação do argumento "Ad homimem" é o **"tu quoque"** (tu também), que consiste em atribuir o fato a quem faz a acusação. Ou seja, quando alguém é acusado de algo, devolve a acusação ao acusador usando a frase "Mas tu também". E isso evidentemente não prova nada.

2. ARGUMENTO DE AUTORIDADE

É uma falácia lógica que apela para a palavra de alguma autoridade a fim de validar o argumento. As autoridades em cada campo do conhecimento podem muito bem ter argumentos válidos e não se deve desconsiderar sua experiência e *expertise*. Entretanto, para formar um argumento, é necessário saber por que a pessoa em posição de autoridade está mesmo naquela posição.

O raciocínio falacioso configura-se quando a conclusão baseia-se exclusivamente na credibilidade da autoridade mencionada e não no valor de sua afirmação ou nas razões que ela apresenta para sustentar essa afirmação. Observe o exemplo abaixo:

- ✓ Ora, como afirmava Einstein, tudo é relativo!

  (Faz-se um apelo à credibilidade do cientista para autenticar a declaração de que tudo é relativo, mas não se comprova a relatividade do assunto que está em discussão).

3. ARGUMENTO DE AUTORIDADE ANÔNIMA

Ocorre quando se faz menção a uma autoridade que não é (ou não pode ser) nomeada. Constitui uma falácia argumentativa porque, como a autoridade não é nomeada, é impossível confirmar se se trata de um especialista no assunto e torna-se impossível, também, avaliar a fiabilidade/veracidade da informação. Observe os exemplos abaixo:

- ✓ *“Um membro do governo afirmou que o presidente vai destituir o novo ministro da justiça amanhã.”*
- ✓ *“Peritos afirmam que os documentos encontrados na casa do senador são verdadeiros.”*
- ✓ *“Sabe-se que muitas operações desnecessárias são realizadas pela polícia federal todos os anos.”*.

OBSERVAÇÃO:

Esta é uma das falácias mais comuns na argumentação cotidiana. Às vezes, até no discurso jornalístico.

OBSERVAÇÃO:

Não se deve desconsiderar que é perfeitamente possível que a opinião de uma pessoa ou instituição de autoridade esteja errada; assim, a autoridade de que tal pessoa ou instituição goza não tem nenhuma relação intrínseca com a veracidade e validade das suas colocações.

- ✓ *Isso ocorre quando um professor se vê questionado, de maneira insistente, por um aluno após cometer um deslize em sua fala. Ele pode argumentar que tem mestrado, doutorado, pós-doutorado e que só isso já é suficiente para que o aluno possa confiar nele.*

4. AMBIGUIDADE (ANFIBOLOGIA)

Ocorre quando as premissas usadas no argumento são ambíguas devido a uma redação descuidada (má elaboração gramatical). A premissa é falsa em um sentido e no outro, não. Observe o exemplo:

- ✓ *Os assassinos de crianças são desumanos. Portanto, os humanos não matam crianças.*

  (O argumento joga com os significados moral e descritivo de ‘humano’. Esse tipo aparece com frequência nas manchetes de jornais, às vezes, em razão do estilo do autor, às vezes, para causar sensacionalismo).

OBSERVAÇÃO:

A **acentuação** pode ser uma forma de falácia, quando a entonação da voz provoca uma mudança de ênfase em relação ao elemento que é posto em questão. Observe a diferença da ênfase dada aos termos:

- ✓ "Não devemos falar **mal** dos políticos" e "Não devemos falar mal dos **políticos**”.

5. APELO À IGNORÂNCIA

É o argumento que consiste em defender a verdade (ou a falsidade) de um enunciado baseando-se apenas na ideia de que ninguém conseguiu provar o contrário. Ou seja, que algo é verdadeiro somente por não ter sido provado que é falso, ou que é falso apenas porque ninguém conseguiu provar que é verdadeiro.

- ✓ Um bom exemplo de apelo à ignorância é a afirmação de que “duendes ou discos voadores existem, tendo em vista que ninguém conseguiu, ainda, provar o contrário”. Ou, ainda, a afirmação de que Deus não existe.

6. PREMISSA CONTRADITÓRIA

Ocorre quando uma afirmação usada como apoio ao argumento é incompatível com aquilo que se afirma em outra expressão (que é, também, utilizada como apoio). Assim, são utilizados argumentos válidos para se chegar a uma conclusão, que não tem relação alguma com os argumentos (válidos) utilizados. Observe o exemplo abaixo:

- ✓ *"É certo que os alunos têm todo o direito de escolher livremente os seus representantes na universidade. Entretanto, estou plenamente de acordo com o regulamento estabelecido pela UnB, por meio do qual somente os alunos que obtiverem as melhores notas no semestre poderão se candidatar a eleição."*.

7. TAUTOLOGIA (CIRCULARIDADE)

Constitui-se uma falácia na argumentação quando o argumento se explica, por ele próprio, de forma redundante ou falaciosa. Ocorre quando o interlocutor, para consubstanciar seu argumento, emprega uma razão que é equivalente ao mesmo argumento (redundante). Observe:

- ✓ Quando todos esses problemas do Brasil acabarem, a paz reinará!

OBSERVAÇÃO:

A palavra **tautologia** tem origem grega: t*autó* (o mesmo) e *logos* (assunto). Então, ela ocorre quando usamos diferentes expressões para transmitir um mesmo pensamento.

OBSERVAÇÃO:

Uma forma bastante corriqueira de **tautologia**, se dá quando determinadas afirmações não apresentam uma saída em sua própria lógica.

Observe dois bons exemplos:

- ✓ quando um anúncio de emprego exige que o futuro empregado tenha curso universitário e algumas especializações. Ora, para pagar por eles, a pessoa precisará, primeiro, ter o emprego.
- ✓ quando se exige comprovada experiência de um candidato a emprego. Sabe-se que este precisará de um primeiro emprego para comprovar essa experiência.

8. MÉTODO DEDUTIVO (REGRA GERAL PARA CASO PARTICULAR)

Uma regra geral é um enunciado **normalmente** verdadeiro (**nem sempre** será estritamente verdadeiro). Assim, configura-se como falácia a aplicação de uma regra geral como se fosse sempre verdadeira.

A falácia se materializa nos textos em que é aplicada a regra geral quando as circunstâncias sugerem que seja adotada uma exceção. Observe:

- ✓ Se a lei brasileira não nos permite dirigir a uma velocidade superior a 60 Km/h nas vias urbanas, ainda que uma pessoa esteja quase morrendo não será possível conduzi-la ao hospital em velocidade superior a essa marca.
- ✓ "É bom devolver as coisas que nos emprestaram. Portanto, deves devolver uma arma a um louco que te a emprestou". *(Adaptação do texto de Platão, em* "A República"*)*

EXERCÍCIOS - REFORMA ORTOGRÁFICA

1. A acentuação do vocábulo **país** é justificada
   A. porque é paroxítono terminado em ditongo.
   B. é acentuado para distinguir-se de “pais”.
   C. apresenta “i” tônico que não forma ditongo com a vogal anterior.
   D. apresenta acento agudo por ser oxítona.
   E. ditongo decrescente no final do vocábulo.

2. A palavra que deve ser acentuada pela mesma razão de **pássaro** é
   A. cafe
   B. benção
   C. automovel
   D. raizes
   E. lampada

3. As palavras **três, literário e autônomo** são assinaladas com acento gráfico em face das mesmas regras que justificam o acento, respectivamente em
   A. mês, contrário, caído
   B. pá, íeis, átimo
   C. lês, temerário, pôquer
   D. só, mútuo, ímpar
   E. véu, início, cômodo

4. Quanto à acentuação, assinale a alternativa em que as palavras seguem, **respectivamente**, as mesmas regras das palavras **ônibus, Itália e caju**.
   A. várzea – cerâmica – tabu
   B. corrói – zebu – pânico
   C. avô – tórax – caracóis
   D. pássaro – róseo – guri
   E. juízes – Bauru – ímpar

5. Assinale a alternativa em que **não há erros** quanto à acentuação das palavras:
   A. Itália – rubrica – vintém – júri – hífens
   B. Hamburger – saíram – mártir – tórax – guianês
   C. Índigo – jurisprudência – júbilo – juá – ludíbrio
   D. Lotus – maieutica – pequenez – periélio – pitéu
   E. Preá – urgência – número – viés – xérox

6. Segue a mesma acentuação de **país** a palavra:
   A. saúde
   B. grêmios
   C. aliás
   D. heróis
   E. táxi

7. Assinale a alternativa que contém a **única palavra acentuada** corretamente:
   A. caractéres, júniores
   B. condôr, aváro
   C. recórde, circúito
   D. ibéro, circúito
   E. diabete, ínterim

8. Em apenas uma das opções que **todas as palavras** devem receber acento gráfico. Assinale-a:
   A. gratis – taxi – caruru
   B. fenomeno – refens – juiz
   C. ima – tenis – monetario
   D. inclui – poluido – bainha
   E. fregueses – niquel – insônia

9. Assinale a alternativa em que **todas as palavras** estão corretamente acentuadas.
   A. ítem, júri, lápis, técnico, flúor
   B. mérito, juízes, cafézinho, útil, céu

C. heroísmo, bambú, íbero, cipó, vitória
D. rúbrica, pó, fluído, convém, hífen
E. caráter, éden, saída, órgão, amêndoa

10. Em "... **Só** sabem contar mesmo a **última** do papagaio."
Considerando a acentuação dos termos destacados na citação acima, podemos deduzir que devem receber acento gráfico:
A. Os monossílabos tônicos e as palavras paroxítonas.
B. As palavras oxítonas e as palavras proparoxítonas terminadas em a.
C. Os monossílabos tônicos e as palavras proparoxítonas.
D. As palavras oxítonas e as palavras paroxítonas.
E. Os monossílabos tônicos e as paroxítonas terminadas em a.

11. Nenhum vocábulo deve receber acento gráfico, exceto:
A. abacaxi
B. ideia
C. assembleia
D. heroi
E. voo

12. Identifique a alternativa em que **um** dos vocábulos, segundo o Acordo Ortográfico, recebeu indevidamente acento gráfico:
A. céu – réu – véu.
B. chapéu – ilhéu, herói.
C. anéis – fiéis – réis.
D. mói – herói – jóia.
E. anzóis – faróis – lençóis.

13. Analisando as palavras: 1. assembleia, 2. bainha, 3. abençoo, notamos que está/estão corretamente grafada(s):
A. apenas a palavra n.º 1
B. apenas a palavra n.º 2
C. apenas a palavra n.º 3
D. todas as palavras
E. nenhuma palavra

14. Num dos itens abaixo, a acentuação gráfica NÃO está devidamente justificada. Assinale este item:
A. círculo: vocábulo paroxítono.
B. além: vocábulo oxítono terminado em **-em.**
C. órgão: vocábulo paroxítono terminado em til.
D. dócil: vocábulo paroxítono terminado em -l.
E. pôde: acento diferencial.

15. As sequências abaixo contêm paroxítonas que, segundo determinada regra do Acordo Ortográfico, não são acentuadas.Deduza qual é essa regra e assinale a alternativa a que ela não se aplica:
A. aldeia – baleia – lampreia – sereia.
B. flavonoide – heroico – reumatoide – prosopopeia.
C. apoia – corticoide – jiboia – tipoia.
D. Assembleia – joia – onomatopeia – boleia.
E. Crimeia – Eneias – Leia – Cleia.

Avalie se as palavras em negrito nas sentenças abaixo estão corretas ou incorretas, segundo as novas regras ortográficas.

16. A crise financeira dos EUA pode trazer **conseqüências** para o Brasil.

(   ) certo (   ) errado

17. Quando ele **para** para pensar, desiste.

(   ) certo (   ) errado

18. Livro de **auto-ajuda** permanece no topo da lista dos mais vendidos.

(   ) certo (   ) errado

19. A sonda Phoenix realizou um pouso histórico no **pólo** Norte de Marte.

(   ) certo (   ) errado

20. O consumo **frequente** de álcool durante a juventude causa danos ao cérebro.

(   ) certo (   ) errado

21. A **idéia** do presidente é que todos os países se unam contra o aquecimento.

(   ) certo (   ) errado

22. O empresário deve cumprir pena por roubo em regime **semiaberto**.

(   ) certo (   ) errado

23. Avião permitirá que passageiros fumem durante o **vôo**.

(   ) certo (   ) errado

24. O síndico marcou uma **assembleia** para decidir sobre a reforma do prédio.

(   ) certo (   ) errado

25. Pesquisa revela que 97% dos brasileiros **crêem** em Deus.

(   ) certo (   ) errado

26. A **estréia** de Katie Holmes foi marcada por protestos.

(   ) certo (   ) errado

27. O **coautor** do estudo explicou que a descoberta ajuda no tratamento do câncer.

(   ) certo (   ) errado

28. Os homens mais vaidosos já encontram no mercado tipos de creme **antirrugas**.

(   ) certo (   ) errado

29. Ela perdeu tudo que estava dentro da caixa de **joias**.

(   ) certo (   ) errado

30. Cerca de 5% da população mundial têm comportamento **anti-social**.

(   ) certo (   ) errado

31. O ex-vereador participou da reunião **extraoficial** durante a madrugada.

(   ) certo (   ) errado

32. No momento decisivo, ele recuou e desistiu de saltar de **pára-quedas**.

(   ) certo (   ) errado

33. Eu **apoio** qualquer acordo entre os países.

(   ) certo (   ) errado

34. Ele achou a nova estátua uma **feiura**.

(   ) certo (   ) errado

35. O **pêlo** do gato pode causar danos à saúde.

(   ) certo (   ) errado

BIBLIOGRAFIA

ZANOTTO, Normélio. A nova ortografia explicada. 5.ed. Caxias do Sul, RS: Ibral, 2012.

Org. Neusa Moro

www.mapasmentais.com.br

Português: Figuras de linguagem (A-E)

- **Aliteração**
  - Repetição de som consonantal
    - não da letra
  - "Ficou esPerando, Parada, Pregada na Pedra do Porto."
  - "Toda Gente homenaGeia Januária na Janela."
- **Anacoluto**
  - Mudança repentina na estrutura da frase
  - "Eu, poucas coisas me assustam."
  - "Políticos, quem acredita cegamente neles?"
- **Anáfora**
  - Repetição de palavra ou expressão no início de frases
  - "TODO DIA eu vivo.
    TODO DIA eu sinto.
    TODO DIA eu sinto que estou vivo."
- **Antítese**
  - Duas idéias opostas
  - "ALTA qualidade, preços BAIXOS."
  - "Tecidos que valem OURO a preços NANICOS."
  - "JOVEM de idade e VELHO de espírito"
- **Assíndeto**
  - Omissão de uma conjunção que poderia ligar duas orações
  - (contrário do polissíndeto)
  - "Acordo para a morte. Barbeio-me, visto-me, calço-me."
- **Catacrese**
  - Novo sentido a uma palavra
  - "Os BRAÇOS da poltrona são macios."
  - "O PÉ da mesa está quebrado."
  - "barriga da perna"
  - "árvore genealógica"
  - (é uma metáfora incorporada à linguagem)
- **Comparação**
  - Liga dois elementos com conectivo subordinativo
    - como
    - tal e qual
    - que nem
  - "Ela trabalha como uma formiga"
  - "bondosa como um anjo"
- **Elipse**
  - Omissão de termo identificável pelo contexto
  - "Fui! (Eu)
  - "Sobre a mesa, apenas uma cesta." (há, havia)
  - "Esperamos se faça justiça" (que)
  - Caso particular: Zeugma
    - Termo foi mencionado anteriormente
    - "O galo come milho, o urubu, esterco" (come)
    - "Meus primos conheciam todos. Eu, poucos." (conhecia)
- **Eufemismo**
  - Substituição de palavra ou expressão para abrandar impacto desagradável
  - "Passou desta para melhor" (morreu)
  - "Faltou com a verdade" (mentiu)

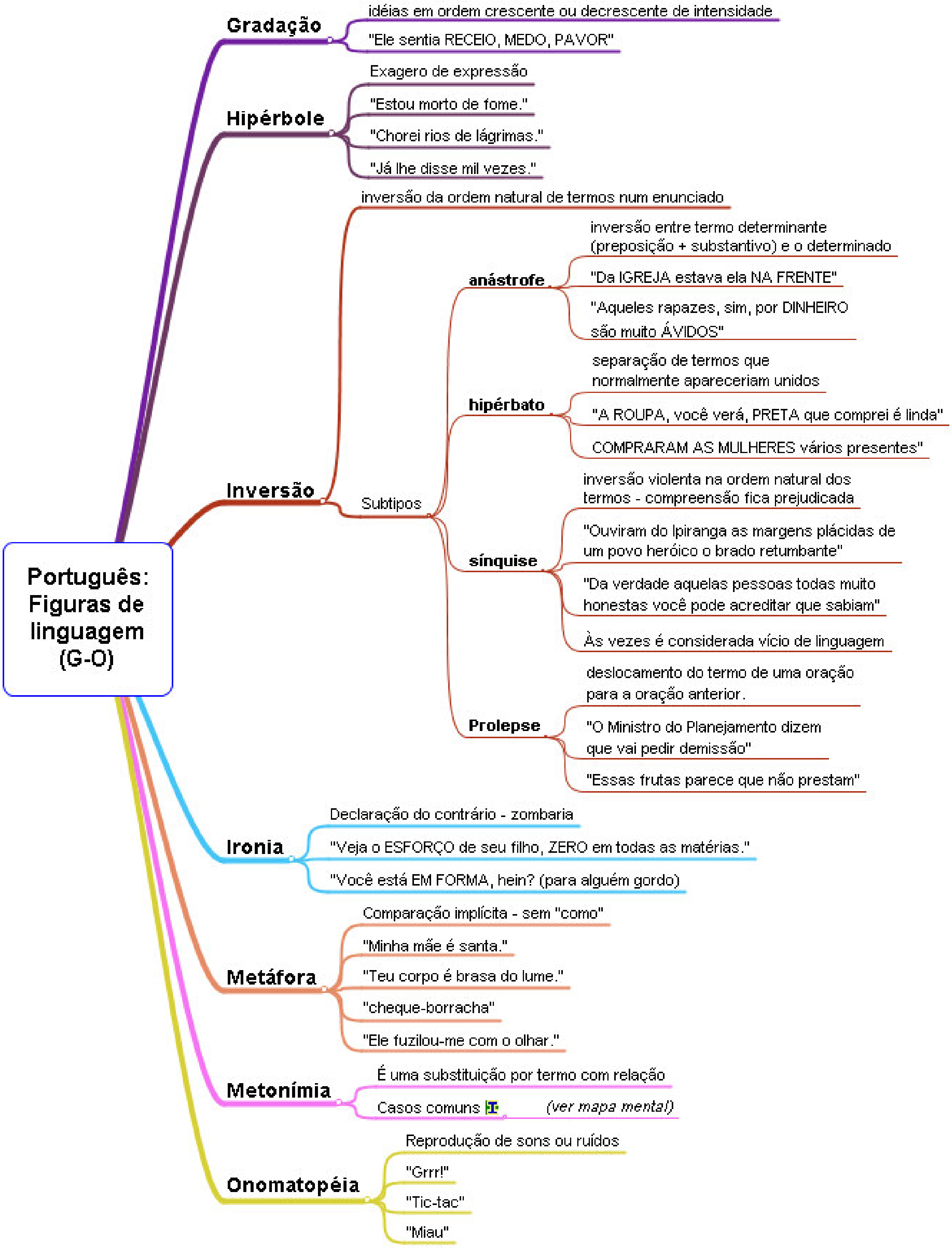

Português: Figuras de linguagem (G-O)

- **Gradação**
  - idéias em ordem crescente ou decrescente de intensidade
  - "Ele sentia RECEIO, MEDO, PAVOR"
- **Hipérbole**
  - Exagero de expressão
  - "Estou morto de fome."
  - "Chorei rios de lágrimas."
  - "Já lhe disse mil vezes."
- **Inversão**
  - inversão da ordem natural de termos num enunciado
  - Subtipos
    - **anástrofe**
      - inversão entre termo determinante (preposição + substantivo) e o determinado
      - "Da IGREJA estava ela NA FRENTE"
      - "Aqueles rapazes, sim, por DINHEIRO são muito ÁVIDOS"
    - **hipérbato**
      - separação de termos que normalmente apareceriam unidos
      - "A ROUPA, você verá, PRETA que comprei é linda"
      - COMPRARAM AS MULHERES vários presentes"
    - **sínquise**
      - inversão violenta na ordem natural dos termos - compreensão fica prejudicada
      - "Ouviram do Ipiranga as margens plácidas de um povo heróico o brado retumbante"
      - "Da verdade aquelas pessoas todas muito honestas você pode acreditar que sabiam"
      - Às vezes é considerada vício de linguagem
    - **Prolepse**
      - deslocamento do termo de uma oração para a oração anterior.
      - "O Ministro do Planejamento dizem que vai pedir demissão"
      - "Essas frutas parece que não prestam"
- **Ironia**
  - Declaração do contrário - zombaria
  - "Veja o ESFORÇO de seu filho, ZERO em todas as matérias."
  - "Você está EM FORMA, hein? (para alguém gordo)
- **Metáfora**
  - Comparação implícita - sem "como"
  - "Minha mãe é santa."
  - "Teu corpo é brasa do lume."
  - "cheque-borracha"
  - "Ele fuzilou-me com o olhar."
- **Metonímia**
  - É uma substituição por termo com relação
  - Casos comuns *(ver mapa mental)*
- **Onomatopéia**
  - Reprodução de sons ou ruídos
  - "Grrr!"
  - "Tic-tac"
  - "Miau"

www.mapasmentais.com.br

Português: Figuras de linguagem (P-Z)

- **Perífrase (Antonomásia)**
  - Apelido de algo ou alguém valorizando seus grandes feitos ou atributos
  - "Poeta dos Escravos" (Castro Alves)
  - "O Rei do Futebol" (Pelé)
  - "Terra da Garoa" (São Paulo)
- **Polissíndeto**
  - Repetição de conjunção
  - "E NEM piratas, NEM borrascas, NEM dragões vão me impedir de ser feliz."
  - "Ela me olhava, E lavava, E olhava novamente, E espirrava, E voltava a trabalhar"
- **Prosopopéia (personificação)**
  - Características humanas a seres inanimados
  - "A mangueira CONVERSA com as crianças."
  - "O fogareiro CANTA com o relógio."
  - "O meio ambiente pede socorro."
- **Pleonasmo**
  - Repetição de termos semelhantes para dar ênfase
  - "E RIR meu RISO e derramar meu pranto..."
  - "Eu nasci HÁ dez mil anos ATRÁS"
  - Eles têm o MONOPÓLIO EXCLUSIVO da banana
  - Se dito por ignorância, chama-se vicioso
    - "Teimou em SUBIR PARA CIMA."
    - "Por favor, REPITA DE NOVO."
  - Variação: epíteto de natureza
    - "céu azul"
    - "pedra dura"
    - considerado recurso de estilo, não pleonasmo
- **Reticência**
  - Suspensão de uma idéia ou de um pensamento
  - "Eu fiz o que deveria. Já você..."
  - "Não tenho dinherio agora, mas amanhã..."
- **Retificação**
  - conserto de uma afirmação anterior
  - "Eu disse, ou melhor, gritei..."
  - "Ele, aliás, todos eles foram excelentes"
- **Silepse**
  - Concordância de idéias e não sintática
  - Tipos
    - de gênero (masculino/feminino)
      - "Vossa EXCELÊNCIA, senhor prefeito, está PREOCUPADO."
    - de número (singular/plural)
      - "A TORCIDA ficou furiosa e INVADIRAM o campo."
      - "E esse PESSOAL? QUEREM o quê?"
    - de pessoa
      - "Os BRASILEIROS PRECISAMOS defender a Amazônia."
- **Sinédoque**
  - hoje incluída na metonímia
- **Sinestesia**
  - Vinculação de sentidos
  - "Esse perfume tem um cheiro doce."
  - "imagem macia"
  - cheiro-verde
  - "olhos quentes e doces"

www.mapasmentais.com.br

Figuras de linguagem: Casos da metonímia

- **Uma coisa ou ser por uma de suas características**
  - "Lento, o BRONZE soa." (sino)
  - "As chaminés serão substituídas pelo VERDE." (árvores)
  - "Respeite meus CABELOS BRANCOS." (velhice)
- **A causa pelo efeito**
  - "Ganharás o pão com o SUOR do teu rosto." (trabalho, atividade física)
  - "Os aviões despejaram VIDA.' (mantimentos)
- **O todo por um de seus componentes**
  - "Ficou sem TETO." (casa)
  - "O bonde passou cheio de PERNAS." (pessoas)
  - "Completou 15 PRIMAVERAS." (anos)
- **Pessoa por instrumento que utiliza**
  - "Ele é um bom GARFO." (comer)
  - "Viu-se cercado por MICROFONES." (repórteres)
- **Singular pelo plural**
  - "O HOMEM foi à lua." (alguns homens)
  - "O IMIGRANTE povoou toda a costa."
- **Conteúdo pelo recipiente**
  - "Tomei um PRATO de sopa."
    - (prato: continente)
    - (sopa: conteúdo)
  - "Todo o TEATRO aplaudiu."
    - (teatro: continente)
    - (pessoas: conteúdo)
- **A obra pelo autor ou inventor**
  - "EDSON iluminou o mundo." (lâmpada elétrica)
  - "Comprei um PICASSO." (quadro)
  - "Você já leu Camões?"
- **A coisa simbolizada pelo símbolo**
  - "Ela agia completamente sem MÁSCARAS." (sem falsidade)
  - "Os revolucionários queriam a COROA." (o poder)
- **O agente pela sua instituição**
  - "Segundo a EMPRESA, o caso foi resolvido." (um funcionário)
  - "O CORPO DE BOMBEIROS controlou a situação rapidamente." (bombeiros)
  - "A IGREJA tem importante papel social." (pessoas ligadas à igreja)

Versão 1 - Setembro/2004 - Autor: Virgílio Vasconcelos Vilela – Confeccionado com o InteliMap (www.intelimap.com.br)
Fonte principal: www.gramaticaonline.com.br/gramatica/gramatica.asp (com adaptações).
Veja ótima matéria sobre metonímia em http://sites.uol.com.br/radamesm/metonimia.htm

PORTUGUÊS

Morfologia

Interjeições

Prof.ª Isabel Vega

Interjeições

► **“INTERJEIÇÃO** é uma espécie de grito com que traduzimos de modo vivo nossas emoções. As interjeições **não constituem uma classe de palavras**, pois, na verdade são **vocábulos-frase**, ou seja, traduzem sentimentos súbitos e espontâneos equivalendo a frases emocionais. Na escrita, as interjeições vêm de regra acompanhadas do ponto de exclamação.”(Celso Cunha. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*)

Ex.: Ai! (surpresa / medo / dor)

OBS.: LOCUÇÃO INTERJECTIVA → Ai de mim! Ora, bolas! Raios te partam! Valha-me Deus! Deus me livre! Puxa vida! Macacos me mordam! Nossa Senhora!

SUJEITO
X
OBJETO

S V C

Caim matou Abel

→ O bolo comeu Maria.
→ Na última década surgiu a comunicação digital.
→ Comemoraram todos as glórias do time.
→ Predominam os talentosos em diversas áreas da cultura.
→ Intervêm neles importantes fatores políticos.
→ Ninguém é obrigado a aceitar essa afirmativa.
→ Preencheu todo o formulário o recenseador.
→ A Gramática e suas complicadas regras domina o professor.
→ Percebiam os eleitores os escândalos do antigo governo.

Na voz ativa

Os alunos esperavam os gabaritos das provas

Na voz passiva analítica

Na voz passiva sintética

“Hoje eu acordei, me veio a falta de você
Saudade de você, saudade de você
Lembrei que me acordava de manhã só pra dizer
Bom dia, meu bebê!
Te amo, meu bebê!”

GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

1. Prova: FCC - 2012 - MPE-AP - Analista Ministerial - Ciências Contábeis

... intervêm nele importantes fatores políticos.

O segmento em destaque exerce na frase acima a mesma função sintática que o elemento grifado exerce em:

a) A partir desse momento a ocupação da América deixa de ser um problema exclusivamente comercial...

b) A ocupação econômica das terras americanas constitui um episódio da expansão comercial da Europa.

c) A legenda de riquezas inapreciáveis por descobrir corre a Europa...

d) O comércio interno europeu [...] havia alcançado um elevado grau de desenvolvimento no século XV...

e) Outros países tentarão estabelecer-se em posições fortes.

#momentopraca

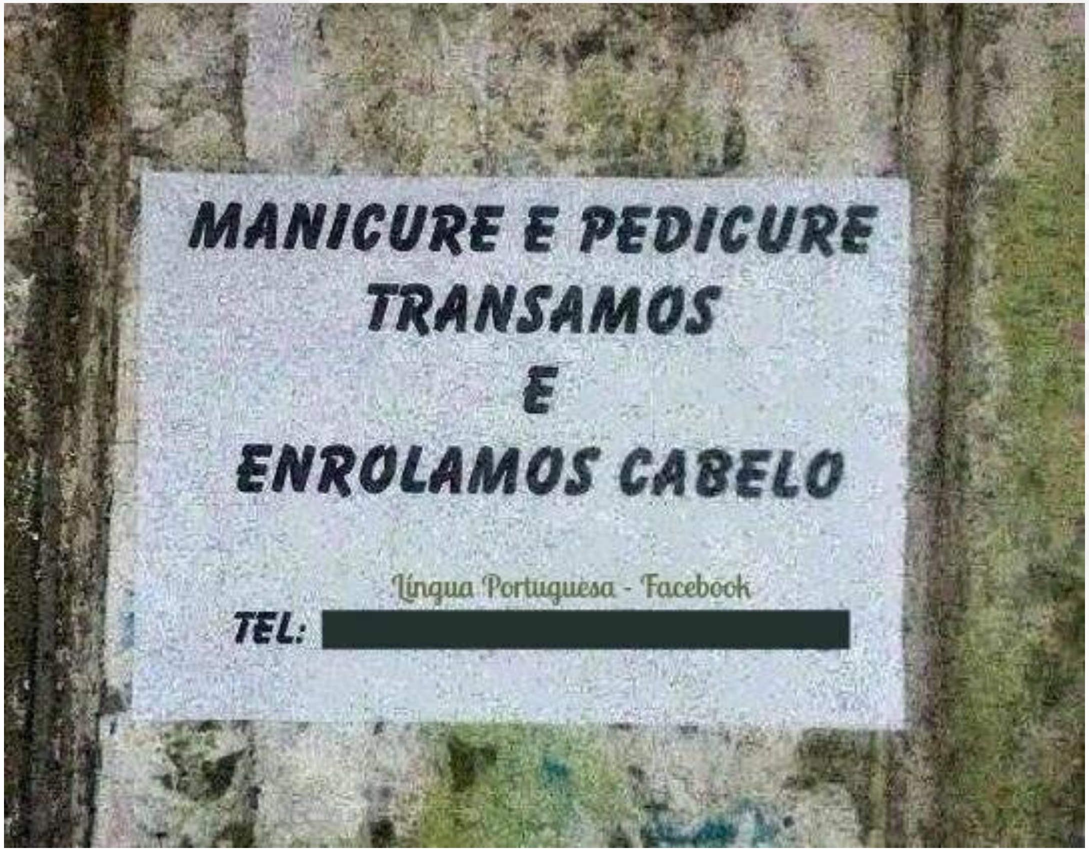

MANICURE E PEDICURE
TRANSAMOS
E
ENROLAMOS CABELO

Língua Portuguesa - Facebook

TEL: [redacted]

#momentopraca

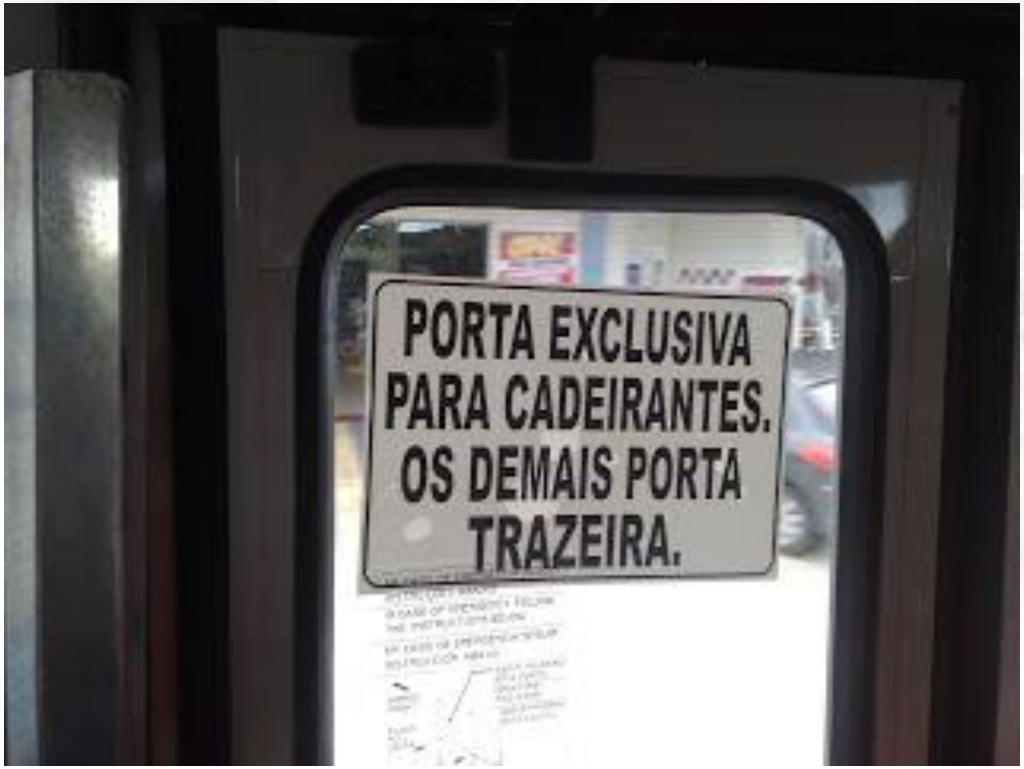

PORTA EXCLUSIVA
PARA CADEIRANTES.
OS DEMAIS PORTA
TRAZEIRA.

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

#momentopraca

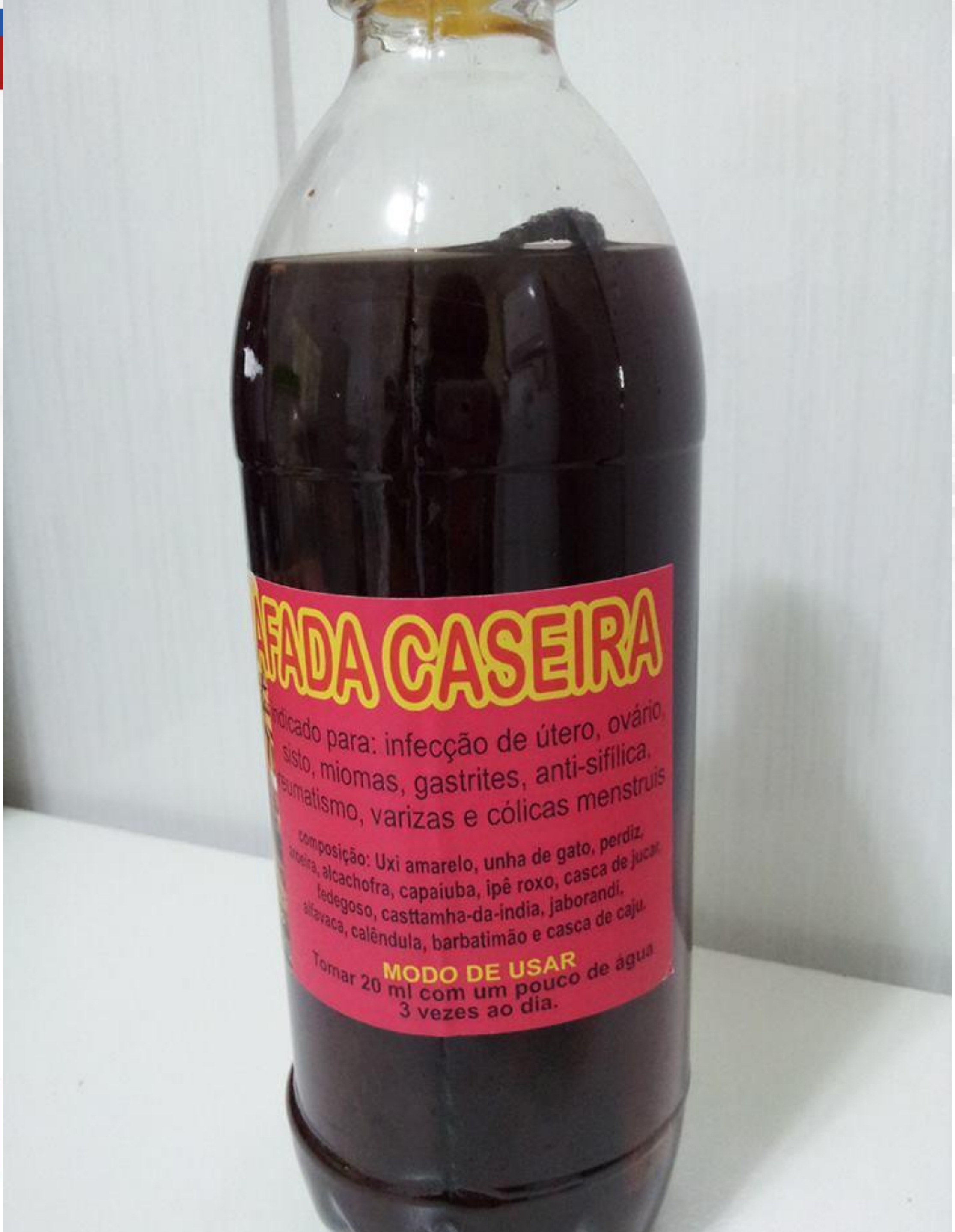

AFADA CASEIRA

ndicado para: infecção de útero, ovário sisto, miomas, gastrites, anti-sifílica, eumatismo, varizas e cólicas menstruis

composição: Uxi amarelo, unha de gato, perdiz, aroeira, alcachofra, capaiuba, ipê roxo, casca de jucar fedegoso, casttamha-da-india, jaborandi, alfavaca, calêndula, barbatimão e casca de caju.

MODO DE USAR

Tomar 20 ml com um pouco de água 3 vezes ao dia.

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

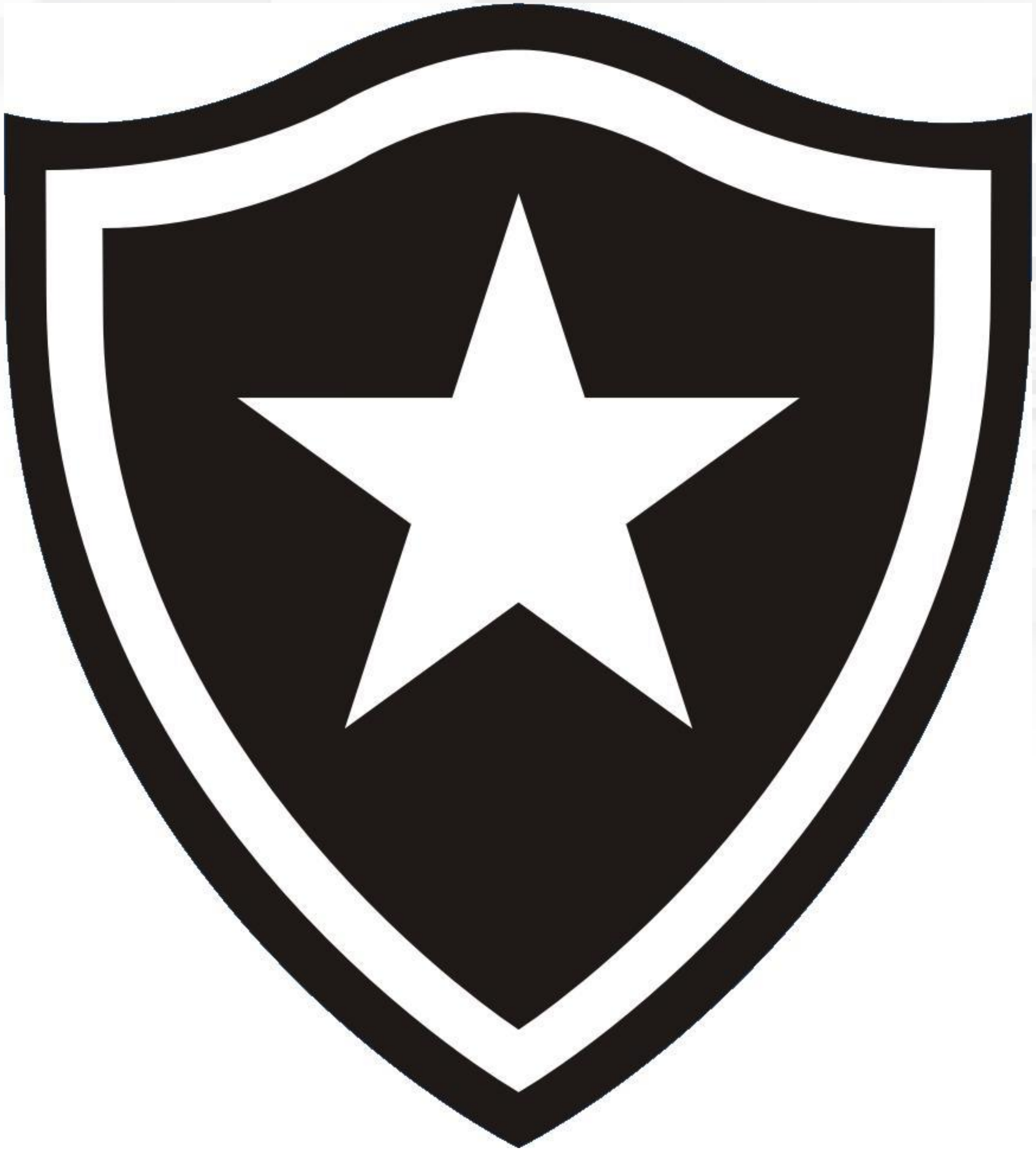

LÍNGUA PORTUGUESA

1.000 Exercícios
Questões simuladas e questões de concursos anteriores com os gabaritos

Central de Concursos / Degrau Cultural

RIO DE JANEIRO

CINELÂNDIA: Praça Mahatma Gandhi, 2 / 2° andar * (21) 2279-8257

CENTRO: Rua da Alfândega, 80 / 2° andar * (21) 3970-1015

COPACABANA: Av. N. Sra. Copacabana, 807 / 2° andar * (21) 3816-1142

MADUREIRA: Shopping Tem-Tudo / Slj 18 * (21) 3390-8887

MEIÉR: Rua Manuela Barbosa, 23 / 2° andar * (21) 3296-8857

NITERÓI: Rua São Pedro, 151 / Sobreloja * (21) 3604-6234

SÃO PAULO

SÃO PAULO: Rua Barão de Itapetininga, 163 / 6° andar * (11) 3017-8800

SANTO ANDRÉ: Av. José Cabalero, 257 * (11) 4438-8777

SANTO AMARO: Av. Santo Amaro, 5860* (11) 5181-2221

1.000 Exercícios de Língua Portuguesa

TESTES

Editora Executiva
Andréa Martins

Supervisão Didática e Pedagógica
Marcia Nogueira

Diagramação e Revisão
Sônia Oliveira
Rodrigo Nascimento

Revisão Final
Priscila Oliveira

DEGRAU CULTURAL

Proibida a reprodução no todo ou em partes, por qualquer meio ou processo, sem autorização expressa. A violação dos direitos autorais é punida como crime: Código Penal, Art nº 184 e seus parágrafos e Art nº 186 e seus incisos. (Ambos atualizados pela Lei nº 10.695/2003) e Lei nº 9.610/98 - Lei dos Direitos Autorais.

Prezado(a) candidato(a),

A recomendação básica a todos os candidatos que estão se preparando para prestar concurso é uma só: realizar muitos exercícios para melhor fixação dos conteúdos estudados.

Partindo deste princípio, a equipe pedagógica da Central de Concursos / Degrau Cultural preparou esta apostila digital, contendo uma bateria de testes focados nos principais tópicos solicitados nos programas de Língua Portuguesa.

Além das questões simuladas, elaboradas por experientes profissionais, você encontrará também questões de vários concursos anteriores.

Esperamos, sinceramente, que este trabalho cumpra com o seu objetivo, permitindo que você reforce seus conhecimentos através de um paciente e rotineiro exercício de resposta aos testes propostos.

Desde já desejamos-lhe boa sorte nesta empreitada e sucesso na conquista da tão sonhada vaga.

Atenciosamente,

Os Editores

ÍNDICE

ASSUNTO: **PÁGINA**
Estrutura da Palavra - Processos de Formação de Palavras 05
Classe das Palavras 09
Classes de Palavras Substantivo: 18
Classes de Palavras Adjetivo: 19
Classes de Palavras Pronome: 20
Classes de Palavras Verbo: 22
Colocação dos Pronomes Oblíquos Átonos 25
Regência, Crase, Emprego da Preposição 26
Concordância: Nominal e Verbal 31
Termos da Oração / Valor Semântico das Conjunções / Classif.Orações 38
Ortografia: Acentuação Gráfica, Emprego das Letras 44
Pontuação 51
Divisão Silábica 52
Emprego de Vocabulário / Valor Semântico das Palavras 54
Encontros Vocálicos e Consonantais 56
Contagem de Fonemas 57
Sintaxe 58
Questões Gerais 62
Questões de Provas Anteriores 66
Gabarito 100

PORTUGUÊS

ESTRUTURA DA PALAVRA PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

01. Assinale a opção em que nem todas as palavras possuem o mesmo radical:
a) noite, anoitecer, noitada;
b) luz, luzeiro, alumiar;
c) incrível, crente, crer;
d) festa, festeiro, festejar;
e) riqueza, ricaço, enriquecer.

02. A série em que os vocábulos enumerados se relacionam porque provêm da mesma raiz é:
a) florescer, flandres, florear;
b) pousada, aposentado, cômodo;
c) reger; regulamento; regra;
d) corte; percurso; correr;
e) angústia; ângulo; anjo.

03. Assinale oca única opção em que ocorre variante do radical:
a) dizer, dizes, dizia;
b) faço, fazes, façamos;
c) amaria, amavas, amou;
d) quero, queres, querias;
e) vência, venceste, vence.

04. Assinale a opção em que há erro na identificação do elemento mórfico grifado:
a) compost**a**s: desinência de feminino;
b) **quadr**ar: radical;
c) adot**ei** vogal temática;
d) parec**e**ram: vogal temática;
e) influênci**a**: desinência de feminino.

05. Vocábulo onde existe desinência de gênero:
a) segredo;
b) curiosidade;
c) força;
d) verbo;
e) alheia.

06. Assinale a alternativa sem desinência modo-temporal:
a) aplaudias;
b) acordou;
c) faltarás;
d) vendam;
e) cobrasses.

07. Assinale a opção em que o processo de formação de palavras está indevidamente caracterizado:
a) vaga-lume: composição;
b) cruzeiro: sufixação;
c) palmeira: sufixação;
d) irritação: sufixação;
e) baunilha: sufixação.

08. Indique a palavra que foge ao processo de formação de chape-chape:
a) zunzum;
b) reco-reco;
c) toque-toque;
d) tlim-tlim;
e) vivido.

09. Assinale a letra em que as palavras são formadas por **derivação regressiva, derivação parassintética e composição por aglutinação**, respectivamente.
a) neurose, infelizmente, pseudônimo;
b) ajuste, aguardente, arco-íris;
c) amostra, alinhar, girassol;
d) corte, emudecer, outrora;
e) pesca, deslealdade, vinagre.

10. Grupo de três palavras formadas por **DERIVAÇÃO:**
a) pesaroso, apelo (subst.), refazer;
b) pontapé, introduzir, cipoal;
c) decímetro, casamento, namoro (subst.);
d) cine, guarda-roupa, infiel;
e) infelizmente, amolecer,varapau.

11. Indique a opção em que foram utilizados processos de formação de palavras idênticos aos dos vocábulos **plenilúncio / burocracia:**
a) vaivém / saca-rolhas;
b) surdo-mudo / corre-corre;
c) aguardente / alcoômetro;
d) vaivém / automóvel;
e) planalto / vinagre.

12. Assinale a opção onde se indica erroneamente o processo de formação:
a) encontrável: **derivação sufixal;**
b) inesperado: **derivação prefixal;**
c) emudecer: **derivação sufixal;**
d) inaudível: **derivação prefixal;**
e) canto: **derivação regressiva.**

13. Assinale o vocábulo que apresenta o mesmo processo de formação de yaga-lume:
a) descobriu;
b) lembrança;
c) encantamento;
d) doçura;
e) fios-de-ovos.

14. Numere as palavras da primeira coluna conforme os processos de formação numerados à direita. Em seguida, marque a alternativa que corresponde à seqüência numérica encontrada:
( ) outrora (1) justaposição
( ) a caça (2) aglutinação
( ) pontapé (3) parassíntese
( ) planalto (4) derivação prefixal
( ) anoitecer (5) derivação regressiva.
( ) transcontinental

a) 4, 5, 2, 1, 4, 3;
b) 2, 3, 1, 2, 3, 4;
c) 1, 5, 2, 1, 4, 3;
d) 1, 5, 2, 1, 3, 4;
e) 2, 5, 1, 2, 3, 4.

15. Assinale o par de vocábulos cujos prefixos possuem valor locativo, indicando, respectivamente, as idéias de **por cima e por baixo.**
a) hipertrofia / hipotensão;
b) hipérbole / perímetro;
c) exotérmico / hemisférico;
d) epiderme / prólogo;
e) introduzir / decrescer.

16. Observe, nos vocábulos que se seguem, que o mesmo sufixo pode ser escrito de formas diferentes: com **c** (aplicação), **s** (expansão) e **ss** (intromissão). Assinale a serie em que um dos substantivos apresenta o sufixo grafado de modo incorreto
a) rendição, presunção, fixação;
b) discussão, excessão, admissão.
c) diversão, compreensão, distensão;
d) paralisação, pulsação, cassação;
e) submissão, sucessão, concessão.

17. Assinale a opção em que todos os verbos formam substantivos designativos da ação ou do resultado dela – por meio de sufixos distintos entre si:
a) apreender, pressintir, converter;
b) descrever, crer, dedicar;
c) confessar, lembrar, transmitir;
d) suprimir, esquecer, tolerar
e) iniciar, prever, aceitar.

18. Assinale o par de vocábulos cujos sufixos possuem valor semântico idêntico ao dos sufixos de **brasileiro e escureza**, respectivamente:
a) espanhol / mansidão;
b) laranjeira / honradez;
c) cearense / dentista;
d) budismo / venenoso;
e) francês / leitura.

19. Assinale o par de vocábulos cujos sufixos possuem valor semântico idêntico ao dos sufixos de brasileiro e altura, respectivamente:
a) budismo / leitura;
b) espanhol / beleza;
c) paraense / dentista;
d) coqueiro / formatura;
e) sulista / nomeação.

20. Assinale o vocábulo cujo sufixo traduz a mesma idéia que o sufixo de **bebedouro:**
a) duradouro;
b) inibitório;
c) satisfatório;
d) vindouro;
e) dormitório.

21. Assinale o par de vocábulos cujos prefixos guardam entre si oposição semântica:
a) inconsciente / anormal;
b) antevisão / predestinação;
c) contracultura / anticorpo;
d) interplanetário / entrelinha;
e) importado / exposto.

22. Assinale o par de vocábulos cujos prefixos possuem valor locativo, indicando, respectivamente, as idéias de **por cima e por baixo:**
a) supracitar / hipotenso;
b) sobrevir / subnutrido;
c) superposição / subseqüente;
d) hipersensibilidade / subcutâneo;
e) sobrevoar / hipodérmico.

23. Assinale o par de vocábulos que não guardam entre si a relação existente entre **vernáculo / vernaculizar:**
a) falso / falsificar;
b) suave / suavizador;
c) verniz / envernizar;
d) puro / purificar;
e) universal / universalizar.

24. Assinale o par de vocábulos que guardam entre si a mesma relação significativa existente entre **considerar / consideração:**
a) desenvolver / desenvolvimento;
b) realizar / realizável;
c) opor / oponente;
d) criar / criativo;
e) matar / matadouro.

25. Vocábulo cujo prefixo se distingue semanticamente do de **imprevisto:**
a) impor;
b) inútil;
c) legível;
d) imperfeito;
e) incompetência.

26. O sufixo do vocábulo habilidade e o sufixo do vocábulo **transferência** são usados para derivar, respectivamente, nomes das seguintes formas:
a) íntimo / revelar;
b) sutil / surgiu;
c) efêmero / ocorrer;
d) pobre / advertir;
e) intenso / comprometer.

27. O par de vocábulos formados com prefixos de significados diferentes é:
a) euforia, benefício;
b) percorrer, recorrer;
c) predizer, programar;
d) ultrapassar, transpor;
e) anfiteatro, perimetral;

28. Assinale o par de vocábulos que não guardam entre si a mesma relação semântica existente entre **regular / regularizar.**
a) diverso / diversificar;
b) caráter / caracterizar;
c) brasileiro / abrasileirar;
d) geral / geralizar;
e) forte / fortalecer.

29. Relacione os sinônimos nas duas colunas abaixo, e assinale a reposta correta:
1 - translúcido ( ) contraveneno.
2 - antídoto ( ) metamorfose.
3 - transforma ( ) diáfano.
4 - adversário ( ) antítese.
5 - oposição ( ) antagonista.
a) 1, 3, 4, 2, 5;
b) 2, 3, 4, 5, 1;
c) 2, 3, 1, 5, 4;
d) 1, 4, 5, 2, 3;
e) 4, 3, 1, 5, 2.

30. Assinale a opção em que nem todas as palavras têm o mesmo radical.
a) dizendo, indizível, diríamos;
b) batida, batedeira, combater;
c) legalidade, ilegalizar, inelegibilidade;
d) caracterização, descaracterizar,caracterizava;
e) embrutecer, bruto, brutal.

31. A opção em que não se verifica variação de radical é:
a) valho - valeria - valêsse-mos;
b) coubeste - cabes - caibas;
c) brincam - brinques -brincávamos;
d) sentíeis - sinta - sentiram;
e) servistes - sirvo - servira.

32. Assinale a opção em que todas as palavras possuem um mesmo radical.
a) favo - favor - favorável;
b) luz - luzeiro - aluminar;
c) perfumado - fumaça - fumo;
d) virgem - virginal - viavem;
e) as letras “b” e “d” estão corretas.

33. Assinale o **INCORRETO** quanto à análise mórfica da forma verbal DEIXARA:
a) deix - radical;
b) a - (o primeiro) - vogal temática;
c) deixa - tema;
d) ra - desinência / sufixo modo temporal;
e) a - (o segundo) - desinência / sufixo número-pessoal.

34. Não é **COMPOSIÇÃO** por **AGLUTINAÇÃO**:
a) fidalgo;
b) petróleo;
c) manda-chuva;
d) aguardente;
e) horticultura.

35. O processo que gerou o substantivo brilhante, a partir do adjetivo brilhante, é chamado:
a) reduplicação;
b) regressão;
c) conversão;
d) parassíntese;
e) aglutinação.

36. Assinale a opção em que todas as palavras obedecem ao mesmo processo de formação:
a) aguardente - girassol - reco-reco;
b) boiada - garotada - aterro;
c) sociologia - burocracia - televisão;
d) passatempo - fidalgo - decímetro;
e) descobrir - infeliz - planalto.

37. Incorreta a caracterização do processo de formação:
a) meio-dia: composição por justaposição;
b) fortalecer: derivação sufixal;
c) demora (substantivo): derivação regressiva;
d) fonseca: derivação sufixal;
e) pneu: abreviação.

38. Em “. . . Dádiva ao Senhor . . .”
A palavra Senhor é um exemplo de:
a) derivação regressiva;
b) aglutinação;
c) conversão;
d) reduplicação;
e) derivação sufixial.

39. Assinale a série de vocábulos em que todos os sufixos exprimem noção de qualidade:
a) sensibilidade - delicadeza - docemente;
b) decoração - bronzeado - selvagem;
c) fraqueza - doçura - ferocidade;
d) sentimento - rapidamente - majestosa;
e) dourado - vegetação - beleza.

40. Assinale. a opção em que o afixo da palavra tenha o mesmo sentido que o encontrado na palavra **ESCORRER:**
a) introduzir;
b) importar;
c) exportar;
d) decair;
e) soterrar.

41. Assinale o par de vocábulos que guardam entre si a mesma relação significativa existente entre **EXPORTAR / EXPORTAÇÃO**:
a) importar / importador;
b) estudar / estudante;
c) descobrir / descobrimento;
d) opor / oponente;
e) ouvir / audível.

42. Assinale a opção em que as palavras obedecem aos mesmos processos de formação que os das palavras: **INÚTIL, QUERO-QUERO e ATUANTE:**
a) supercílio / decreto-lei /estudante;
b) dissecar / reco-reco / destoante;
c) soterrar / toque-toque / loucura;
d) desfolhar / tico-tico / fidalgo;
e) ilegal / couve-flor / navegante.

43. Assinale a alternativa em que o par de vocábulos apresenta prefixos de mesma significação :
a) imposição – impossível;
b) adjunto – abstar;
c) desfazer – decair;
d) hipótese – supor;
e) subserviente – subseqüente.

44. As palavras preferência e rotação: são formadas com sufixos -ncia e -ção, também formadores, respectivamente, de substantivos derivados dos seguintes verbos:
a) repetir - estabelecer
b) concordar - objetar
c) cumpir - cassar
d) surgir - atuar
e) abstrair - aferir.

45. Assinale a opção em que o elemento mórfico está devidamente caracterizado.
a) Emprestaste: -STES é desinência de segunda pessoa do singular;
b) Emprestas: -A é a vogal temática;
c) Venderíamos: -RIA é DMT de mais-que-perfeito;
d) Explicavas: -VA é DMT de mais-que-perfeito;
e) Aprendas: -A é vogal temática.

46. Assinale o item em que o elemento mórfico foi analisado incorretamente.
a) Interessem-DMT: SSEM:
b) Pegassem-VT: A;
c) Produzido-radical: PRODUZ;
d) Contivemos-DMT: E;
e) as letras “A” e “B” apresentam erro na classificação dos elementos mórfico.

47. Nos prefixos das palavras:
RENOVO, INSENSÍVEL e CONCORRER, há, respectivamente, as idéias de:
a) repetição, concomitância, afastamento;
b) repetição, negação, concomitância;
c) repetição, aproximação, concomitância;
d) concomitância, negação, aproximação;
e) repetição, negação, aproximação.

48. Assinale o par em que os prefixos, um grego e outro latino, não são sinônimos:
a) HIPO / SUB (posição inferior);
b) DI / DIS (duplicidade);
c) HEMI / SEMI (metade);
d) PERI / CIRCUN (movimento em torno de);
e) A / IN (negação).

49. Incorreta a correlação de prefixos em:
a) infiel - antítese;
b) sublingual - hipótese;
c) decapitar - catarata;
d) semideus - hemisfério;
e) heneplácito - eutanásia.

50. Par de vocábulos com sufixos de valor correspondente ao das palavras CAÇADOR e BANANAL:
a) amor - natural;
b) ardor - atual;
c) pendor - cipoal;
d) amante - folhagem;
e) pianista - antiquário.

51. Identifique os vocábulos que foram formados por prefixos latinos e gregos, respectivamente e que guardam a mesma significação:
a) reler / hemisférios;
b) compor / apogeu;
c) reatar / refazer;
d) decair / catarata;
e) pospor / exôdo.

52. Assinale a palavra cujo prefixo grego significa afastamento:
a) eufemismo;
b) disfagia;
c) apogeu;
d) ateu;
e) anemia.

53. Idem para separação:
a) eufonia;
b) afonia;
c) protagonista;
d) anatomia;
e) hipogeu.

54. Idem para através de:
a) periferia;
b) diálogo;
c) epidemia;
d) mesóclise;
e) prólogo.

55. Assinale a opção em que todos os verbos formam substantivos designativos da ação ou do resultado dela – por meio de sufixos entre si:
a) violar - apresentar - optar;
b) vingar - estacionamento - plantar;
c) separar - obedecer - viver;
d) aceitar - romper - alargar;
e) ouvir - reunir - determinar.

56. O sufixo do vocábulo habilidade e o sufixo do vocábulo transferência são usados para derivar, respectivamente, nomes das formas:
a) íntimo - revelar;
b) sutil - surgir;
c) efêmero - ocorrer;
d) pobre - advertir;
e) intenso - comprometer.

57. “As velhas casas da encosta cederam lugar à construções modernas”.
Tendo em vista o tempo em que foi empregada neste trecho a forma verbal cederam, assinale a correta divisão e classificação de seus elementos mórficos:
a) CED=radical; E=variante da vogal temática; CEDE=tema, RAM=desinência acumulativa;
b) CEDER=radical; A=vogal temática; CEDERA=tema; M=desinência acumulativa;
c) CED=radical; E=variante de vogal temática; CEDE=tema; RA=desinência modo-temporal; M=desinência número-pessoal;
d) CE=radical; E=vogal temática; CEDE=tema; RA=desinência modo-temporal; M=desinência número-pessoal;
e) CED=radical; E=vogal temática; CED=tema; RAM=desinência acumulativa.

CLASSE DAS PALAVRAS

58. Assinale a opção em que a inversão da ordem dos termos altera o sentido fundamental do enunciado:
a) era uma poesia simples / era uma simples poesia;
b) possuía um sentimento vago / possuía um vago sentimento;
c) olhava uma parasita mimosa / olhava uma mimosa parasita;
d) havia um contraste incrível / havia um incrível contraste;

59. Qual a palavra ou expressão grifada que **não** tem valor adjetivo:
a) “Vontade de mudar as cores do vestido tão _feias_”.
b) “De minha pátria, de minha pátria _sem sapatos_”.
c) “Vi minha humilde morte _cara a cara_”.
d) “Fiquei simples, _sem fontes_”
e) “Em longas lágrimas _amargas_”.

60. A expressão sublinhada em “Há um _quer que seja_ de satânico na pupila da onça” funciona como:
a) substantivo;
b) adjetivo;
c) advérbio;
d) pronome;
e) verbo.

61. Em algumas gramáticas, o adjetivo vem definido como sendo “a palavra que modifica o substantivo”. Assinale a alternativa em que o adjetivo sublinhado CONTRARIA a definição:
a) encontrei a linda _moça_;
b) ali só vi gente _feliz_;
c) quarto _limpo_ é outra coisa;
d) tomar sorvete é _gostoso_;
e) ele é um homem _cruel_.

62. Em “Os **brasileiros** marinheiros têm ocasião de conhecer o mundo todo”, a classe da palavra grifada é:
a) adjetivo;
b) locução adjetiva;
c) pronome adjetivo;
d) substantivo;
e) adjetivo pátrio.

63. Assinale a opção em que a locução destacada tem valor adjetivo:
a) comprou papel **de seda;**
b) cortou-o **com amor;**
c) mudava **de cor;**
d) gritava **com maldade;**
e) salteou-o **com atiradeiras.**

64. Aponte a dupla de adjetivos uniformes:
a) comum - incolor;
b) impostor - inferior;
c) são - cortês;
d) hebreu - palerma;
e) feliz - ancião.

65. Assinale a opção em que ambos os termos não admitem flexão de gênero:
a) inglesa pálida;
b) jovem leitor;
c) alguns mestres;
d) semelhante criatura;
e) moça ideal.

66. Assinale o substantivo sobre-comum:
a) mártir;
b) cliente;
c) lápis;
d) garoto;
e) cônjuge.

67. Substantivo que admite dois plurais:
a) verão;
b) cristão;
c) desvão;
d) demão;
e) irmão.

68. Assinale a alternativa em que ocorre o emprego adequado do artigo antes dos substantivos:
a) o sósia, o elipse, a omoplata
b) a champanha, o telefonema, a motocicleta;
c) o anátema, o diabete, o saca-rolhas;
d) o cal, o formicida, a libido;
e) o lança-perfume, a cataplasma, a dó.

69. O par de vocábulos que pertencem ao gênero masculino é:
a) telefonema, champanha;
b) aguardente, elipse;
c) testemunha, clã;
d) sósia, dinamite;
e) cal, guaraná.

70. Indique o grupo de vocábulos que só admitem “o”:
a) cal, dó, sentinela;
b) contralto, eczema, aluvião;
c) hosana, apêndice, apendicite;
d) telefonema, eclipse, afã;
e) trama, elipse, omoplata.

71. Assinale o par de vocábulos que formam o plural como _bênção_ e _povo_, respectivamente (no segundo vocábulo, considere também a ocorrência ou não de mudança de timbre da vogal tônica):
a) irmão / osso;
b) alemão / ovo;
c) balão / fogo;
d) órgão / piloto;
e) botão / cachorro.

72. Assinale o par de vocábulos que formam o plural como **balão** e **caneta-tinteiro,** respectivamente:
a) vulcão / abaixo-assinado;
b) questão / manga-rosa;
c) razão / guarda-chuva;
d) irmão / salário-família;
e) bênção / papel-moeda.

73. Assinale a alternativa em que as formas do plural de todos os substantivos se apresentam de maneira **CORRETA:**
a) animalzinhos, vaivéns, salvos-condutos, vai-voltas;

b) afazeres, frutas-pão, pé-de-moleques, peixe-bois;
c) bens-amados, cidadãos, barris, cachorro-quentes;
d) alto-falantes, coraçãozinhos, espadas, víveres;
e) vai-volta, pasteizinhos, salvo-condutos, beija-flores.

74. Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas da frase:
Os _______ anunciaram que os JOGOS DE OUTUBRO foram ______ bem sucedidos, evidenciando, também, a presença de _______ atletas nas competições.
a) alto-falantes - muito - bastantes;
b) alto-falantes - muito - bastante;
c) altos-falantes - muitos - bastantes;
d) altos-falante - muito - bastante;
e) alto-falante - muito - bastante.

75. Marque a alternativa formada de vocábulos compostos cujo último elemento é o único a flexionar-se:
a) saca-rolha, surdo-mudo, azul-escuro;
b) guarda-florestal, pára-raio, abaixo-assinado;
c) beija-flor, segunda-feira, todo-poderoso;
d) guarda-civil, pró-reitor, agro-pastoril;
e) guarda-roupa, anglo-americano, verde-claro.

76. Assinale a opção que caracteriza corretamente o plural de **copo-d'água, obra-prima e Decreto-Lei.**
a) copos-d'água, obra-primas, decreto-leis;
b) copos-d'água, obras-prima, decretos-lei;
c) copo-d'águas, obras-primas, decretos-leis;
d) copos-d'água, obras-primas, decretos-lei;
e) copos-d'águas,obras-primas, decretos-leis.

77. Assinale a única alternativa em que há plural mal formado:
a) anão - anões;
b) júnior - júniors;
c) açúcar - açúcares;
d) espécimen - especímenes;
e) cidadão - cidadãos.

78. Assinale a série de nomes masculino, feminino e masculino.
a) tribo, eclipse, tabu;
b) telefonema, alvará, elipse;
c) bílis, rês, ágape;
d) fibroma, poema, perdiz;
e) anátema, cal, estratagema.

79. A palavra **caminhãozinho**, no grau diminutivo, nos recorda, a propósito, que são válidas todas as considerações abaixo sobre esse assunto (diminutivo) **menos uma**. Aponte a exceção:
a) O plural de **caminhãozinho** é **caminhõezinhos**, como o de **anelzinho** é **aneizinhos;**
b) além de expressar o "tamanho diminuído" do ser, pode a forma diminutiva expressar emoções ou sentimentos de diversas naturezas: carinho (mãezinha), ironia (santinho), depreciação (padreco), etc.
c) em certos adjetivos, sufixos característicos do diminutivo podem expressar verdadeiro superlativo (certinho);
d) encontramos, em português, diversos sufixos caracterizadores do diminutivo. Entre eles, a forma **ote (frangote, saiote, rapazote; etc);**
e) têm sentido pejorativo os diminutivos **corpúsculo, livreco.**

80. Eu "vou-me **embora** pra Pasárgada", a palavra grifada é:
a) palavra de realce;
b) palavra de inclusão;
c) conjunção subordinativa;
d) advérbio;
e) preposição.

81. As expressões sublinhadas correspondem a um advérbio, **EXCETO** em:
a) aparecia aqui vez por outra;
b) durante o discurso, manteve-se em silêncio;
c) não disse com certeza se virá.
d) afirmo-lhe que não o vi frente a frente;
e) as ações do homem são imprevisíveis.

82. Empregue **mal** ou **mau**:
1. Ele não é um sujeito tão ____ assim.
2. Acontece, porém, que ela se acostumou ______ .
3. Ele é um _____ elemento.
4. Ela vai se dar _____ .
5. O aluno foi _____ nos exames.

A alternativa que preenche adequadamente as lacunas é:
a) mau, mau, mal, mal, mau;
b) mal, mau, mau, mal, mal;
c) mal, mal, mau, mal, mal;
d) mau, mal, mau, mal, mal;
e) mau, mau, mau, mal, mal.

83. O adjetivo da expressão "mau destino" está corretamente empregado, **EXCETO** em:
a) falar no mau, preparar o pau;
b) desde cedo revelou-se um mau elemento;
c) durante a festa, ele teve um mau proceder;
d) não desejes mau a quem é teu amigo;
e) escorregou e caiu de mau jeito.

84. No trecho - "e usei deles **como** me pareceram quadrar **melhor** com o que eu pretendia exprimir", os vocábulos sublinhados se classificam respectivamente como:
a) conjunção / advérbio;
b) conjunção / adjetivo;
c) advérbio / adjetivo;
d) preposição / advérbio;
e) preposição / adjetivo.

85. As palavras que vêm sublinhadas estão corretamente classificadas, **EXCETO** na alternativa:
a) os que protestarem, serão presos (pronome demonstrativo);
b) muitos choravam de alegria (pronome indefinido);
c) provavelmente irei a tua casa (advérbio de modo);
d) não sabemos se haverá exames (conjunção integrante);
e) ainda que se desculpe, não lhe perdoarei (conjunção concessiva).

86. Assinale a opção em que houve **erro**, ao se substituir a expressão sublinhada pelo pronome pessoal oblíquo:
a) "e faziam coisas incríveis" = e faziam-nas;
b) "onde as pessoas deveriam guardar seu dinheiro" = onde as pessoas deveriam guardá-lo;
c) "teci cobertor com canto de canarinho" = teci-o com canto de canarinho;
d) "dei poderes aos sapateiros" = dei-lhes poderes;
e) "visitou cada menino" = visitou-lhe.

87. Assinale a opção em que houve **erro**, ao se substituir a expressão sublinhada pelo pronome oblíquo:
a) "antecederam a Segunda Guerra Mundial" / antecederam-lhe;
b) "iniciando a série de **science-fiction"** / iniciando-a;
c) "procuraram descrever a sociedade do futuro" / procuram descrevê-la;
d) "presenciava todos os atos individuais" / presenciava-os;
e) "caracterizam as modificações / caracterizam-nas

88. Preencha as lacunas das frases abaixo com os respectivos pronomes, assinalando a opção certa:
1. De presente, deu-lhe um livro para ____ ler.
2. De presente, deu um livro para _______ .
3. Nada mais há entre ______ e você.
4. Sempre houve entendimento entre _____ e ti.
5. José, espere, vou _____ .

a) ele, mim, eu, eu, comigo;
b) ela, eu, mim, mim, eu, consigo;
c) ela, mim, mim, mim, com você;
d) ela, mim, eu, eu, com você;
e) ela, mim, eu, mim,consigo.

89. Assinale a frase incorreta:
a) espero que você leve consigo o passaporte:
b) já houve discussões graves entre ti e mim;
c) cada um faça por si mesmo a redação;
d) sem ti e mim poucas coisas se fariam nesta casa;
e) Carlos, desejo falar consigo um instante.

90. Assinale a alternativa que completa corretamente as frases abaixo, respectivamente:
1. Os gritos chegaram até _____ .
2. Entre você e ______ há grande diferença de idade.
3. Entregou as fotografias para ______ selecionar as melhores.
4. É muito difícil para ______ ler durante a noite.
5. Minha irmã deixou a louça para _____ lavar.

a) mim, mim, eu, mim, eu:
b) eu, eu, mim, mim, eu;
c) mim, mim, eu, mim, eu:
d) eu, mim, eu, eu, eu:
e) mim, eu, mim, eu, mim.

91. Use **LHE** e não **O** :
a) vigiava ___ durante muitas horas;
b) desejo ___ tudo de bom;
c) encarreguei ____ de apanhar o livro;
d) incumbi ___ de informar aos alunos;
e) proibi ___ de sair da sala..

92. Assinale o item em que há erro quanto ao emprego dos pronomes **SE**, **SI** ou **CONSIGO** :
a) feriu-se, quando brincava com o revólver e o virou para si;
b) ela só cuida de si;
c) quando V.Sª. vier, traga consigo a informação;
d) ele se arroga o direito de vetar tais artigos;
e) espere um momento, pois tenho de falar consigo.

93. Marque a frase que **NÃO** apresenta erro de regência verbal:
a) não lhe amo mais;
b) prefiro andar do que ficar parado;
c) a verdade é que eu lhe quero muito bem;
d) não irei onde me mandares;
e) sempre lhe vejo no mesmo lugar.

94. Assinale o item que indica as palavras que completam as lacunas:
Se você _______ o gato, meu filho, _______ mais cauteloso
a) rever - sê;
b) rever - seja;
c) revir - sê;
d) revir -seja;
e) revir - sejai.

95. Em todos os versos, o pronome sublinhado está corretamente classificado, **EXCETO** em:
a) estavam todos dormindo / estavam todos deitados / dormindo profundamente": demonstrativo;
b) "ela, a vida, a respondeu / com sua presença viva": possessivo;
c) " - Severino retirante, / deixe agora que lhe diga": pessoal;
d) "há uma água clara que cai sobre pedras escuras / e que pelo som, deixa ver como é fria.": relativo;
e) "onde, estava o teu perfume? Ninguém soube.": indefinido.

96. Em **"vários** milhões de crianças" a classe da palavra grifada encontra correspondência em:
a) **isto** é demonstração de força;
b) não diga **semelhante** coisa;

c) **minhas** amigas sabem das coisas;
d) **que** maravilhosa !
e) **que** problema !

97. Em "... ajudou alguém a se reconciliar consigo **mesmo** ..." a palavra sublinhada é:
a) palavra de repetição;
b) pronome de reforço;
c) pronome reflexivo;
d) palavra expletiva;
e) adjetivo.

98. Em "Tenho uma amiga que **certa** vez ..." a palavra sublinhada é:
a) advérbio de tempo;
b) pronome adjetivo indefinido;
c) pronome adjetivo relativo;
d) pronome substantivo indefinido;
e) pronome adjetivo demonstrativo.

99. Assinale a opção em que a palavra **só NÃO** se classifica como em" ... só os pretos faziam as compras para o jantar ou andavam no ganho."
a) o preto só queria passear pela cidade;
b) desejávamos só que os pretos ficassem concentrados;
c) os pretos viviam só para jantar ou para dormir;
d) só havia pretos na cidade de São Luís do Maranhão;
e) o preto iria só, apesar do calor.

100. Em "... a folha permanece meio escrita ..." **meio** é:
a) advérbio;
b) numeral;
c) substantivo;
d) pronome indefinido;
e) adjetivo.

101. Na oração **"certos** amigos não chegam a ser jamais amigos **certos"**, o termo grifado é sucessivamente:
a) adjetivo e pronome;
b) pronome pessoal e pronome relativo;
c) pronome indefinido e adjetivo;
d) pronome adjetivo e pronome indefinido;
e) adjetivo anteposto e adjetivo posposto.

102. Assinale a opção que preenche corretamente os espaços no enunciado: "Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz e Carlos Drummond de Andrade são expoentes máximos em vossas letras, porém ______ dedicaram-se ao romance e ______ à poesia".
a) aquelas - esse;
b) aquelas - este;
c) aqueles - este;
d) aqueles - esse;
e) esses - este.

103. Assinale, entre as frases abaixo, o exemplo que mostra construção errada no emprego de "este / esta / isto"; "esse / essa / isso" e "aquele / aquela / aquilo" :
a) passe-me **esse** livro que está perto de você;
b) já lhe darei **este** livro que estou folheando;
c) são **esses** dias que estamos atravessando;
d) aos cinco anos entrei para a escola; desde **esse** tempo vivo estudando sem parar;
e) **Naquele** tempo contava apenas uns quinze anos . . .

104. Assinale, entre os exemplos abaixo, aquele em que se deveria usar **este** ou **neste**, em vez de **esse** ou **nesse:**
a) ouvi-o atentamente. E, nesse instante, compreendi-me melhor;
b) Inda palpita aqui, nesse peito, o coração, naquele meigo abraço;
c) a serpente extravasara a peçonha. E contra esse comum inimigo se ajudaram mutuamente o homem e o cão;
d) se conhecêsseis melhor esse caminho, não teríeis errado tanto;
e) tira-me esse livro daí onde estás.

105. "Este é o teatro ________ inauguração assisti e ________ me referia na nossa conversa de ontem". A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:
a) a cuja, ao qual;
b) cuja, ao qual;
c) de cuja, à qual;
d) à qual, sobre que;
e) cuja a, na qual.

106. Assinale a única opção cuja lacuna se preenche com a preposição entre parênteses:
a) trouxe os livros _______ que precisamos (de);
b) trouxe os livros _______ que precisamos ler (de);
c) trouxe os livros _______ que eu me revoltei (de);
d) trouxe os livros _______ que nós discutimos bastante (sobre);
e) trouxe os livros _______ que não se deve prescindir (a).

107. Assinale a alternativa cuja construção contém erro gramatical:
a) estas são as regiões onde vivíamos;
b) quais são os lugares a que vamos?
c) eis o lugar onde vou;
d) onde pensa que estamos?
e) eis o lugar donde saí.

108. Assinale a opção que completa corretamente a lacuna da frase:
"Agora publico as poesias ________ dei o nome de PRIMEIROS CANTOS".
a) às quais;
b) que;
c) as que;
d) à que;
e) a que.

109. Assinale o único exemplo que não pode ser completado com **cujo, cuja ou cujos:**
a) a dama em __________ casa estivemos é poetisa;
b) o funcionário por __________ intermédio obtive isso é meu parente;

c) o ídolo ante ___________ altares nos prostamos é de mármore;
d) vamos falar com a pessoa _________ filhos são nossos colegas;
e) eis os recibos de ________ lhes falei ontem.

110. Assinale a alternativa que preenche adequadamente as lacunas:
“O pai, apegado _________ moral familiar, condenou as argumentações _________ se valeu o filho, porque _________ desagradavam profundamente”.
a) com a - a que - o;
b) a - com que - lhe;
c) à - de que - lhe:
d) a - de que - o;
e) na - a que - lhe.

111. Assinale a forma verbal inaceitável em relação à norma culta da língua:
a) países que revêem o conhecimento tecnológico;
b) países que preveram o conhecimento tecnológico;
c) países que impuseram o conhecimento tecnológico;
d) países que obtém o conhecimento tecnológico;
e) países que detiveram o conhecimento tecnológico.

112. Assinale a frase que não se completa adequadamente com a forma colocada entre parênteses:
a) trata-se de condições especiais, ________ convém a sociologia da ciência estudar (que);
b) trata-se de condições especiais, ________ estudo será feito pela sociologia da ciência (cujo);
c) trata-se de condições especiais, ________ deve cuidar a sociologia da ciência (de que).
d) trata-se de condições especiais, _________ devem ser investigadas pela sociologia da ciência (que);
e) trata-se de condições especiais, _________ a sociologia da ciência decerto fará referência (que).

113. Das transformações a que se submeteu a frase - ”dá-lhes o brilho necessário”
- assinale o único caso em que não houve processo de passivação:
a) deu-se-lhes o brilho necessário;
b) o brilho necessário lhes será dado;
c) tem-lhes dado o brilho necessário;
d) seja-lhes dado o brilho necessário;
e) o brilho necessário lhes teria sido dado.

114. Há emprego da voz passiva, **EXCETO** em:
a) vende-se uma casa;
b) foi batizado na igreja de são Pedro, pelo capelão;
c) a resposta foi dada por João, prontamente;
d) ele teve sua residência visitada por ladrões;
e) os amigos abraçaram-se cordialmente em seu reencontro.

115. Na frase **“Deram-lhe** receita para fazer o canário cantar ...”, passando o verbo sublinhado para a mesma pessoa do pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo, teremos:
a) têm dado;
b) teriam dado;
c) tiveram dado;
d) tivessem dado;
e) tinham dado.

116. Em “Tanto que tenho falado ... ” , a forma verbal sublinhada está no:
a) pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo;
b) presente composto do indicativo;
c) pretérito imperfeito composto do indicativo;
d) pretérito perfeito composto do indicativo;
e) particípio passado.

117. Assinale a flexão verbal **incorreta:**
a) se vir o tal colega, falar-lhe-ei;
b) se eu pôr o verbo no plural, erro de novo;
c) se eu vier cedo, aguardo-o;
d) se a duplicata estiver certa, paguem-na;
e) se eu for tarde, esperem-me.

118. Marque o item que complete corretamente a frase:
“Aqueles que ________ do interior ________ a cidade grande como um mundo que lhes ________”.
a) vêem - vêm - convêm;
b) vêm - vêem - convém;
c) vem - vêm - convem;
d) vêem - vêem - convêm;
e) vêm - vem - convem.

119. Textos: **“Traze-me** um pouco de **tua** lembrança, aroma perdido, “saudade, da flor !
- Vê que nem te digo – esperança !
Substituindo-se a 2ª pessoa do singular pela 2ª pessoa do plural, teremos:
a) trazeis, vossa / vedes, vos;
b) trazei, vossa / vede, vos;
c) traga, tua / vejas, te;
d) tragas, tua / vejais, te;
e) tragas, vossa / vejais,vos.

120. As formas verbais sublinhadas estão corretas, **EXCETO** em:
a) **cri** no que me disseste;
b) **valho** apenas pela minha aparência?
c) Antônio **reouve** o relógio perdido;
d) se teu irmão te **contradizer,** escuta-o;
e) as pessoas presentes **intervieram** para evitar brigas.

121. Texto: “Seja bendito, ó céu, aquele que ama. Maldito seja, ó inferno, quem **odeia !”**
Pelo verbo sublinhado flexionam-se os relacionados abaixo, **EXCETO:**
a) incendiar;
b) variar;
c) remediar;
d) ansiar;
e) intermediar.

122. Assinale a opção que preencha corretamente as lacunas:
O técnico _______ junto aos jogadores que se ______ tranqüilos.
a) interveio – mantessem;
b) interveio – mantivessem;
c) interveio - mantesse;
d) interviu - mantessem;
e) interviu - mantivessem.

123. Assinale a opção que preencha corretamente as lacunas:
"As autoridades ________ as diligências para que se __________, primeiro, certas exigências processuais".
a) susteram - satisfizessem;
b) sustaram - satisfizessem;
c) sustiveram - satisfizesse;
d) susteram - satisfizesse;
e) sustaram - satisfaça.

124. Assinale a opção que preencha corretamente as lacunas:
"Não _________ os olhos à contrário __________ lucidamente e ________ teu mundo interior luz de sua verdade".
a) vendes - aprende-a - recompõe;
b) vende - aprende-a - recomponha;
c) venda - aprenda-a - recomponha;
d) venda - aprenda-a - recompõe;
e) vendas - aprenda-a - recompõe.

125. Assinale o item que apresenta o par contendo forma rizotônica / forma arizotônica:
a) quero / vendido; d) queremos / fizemos;
b) canto / canta; e) direi / faria.
c) vendem / fazem;

126. Assinale a opção em que a forma verbal não tem valor imperativo:
a) "Lança teu grito ao vento da procela";
b) "Bandeira - talvez rasgue-se a metralha";
c) "Ergue-te,ó luz! - estrela para o povo";
d) "Traze a bênção de Deus ao cativeiro";
e) "Levanta a Deus do cativeiro o grito !".

127. Assinale a opção que **não** completa corretamente as lacunas da frase abaixo:
Se um dia ________ o Capitão Antônio Silvino _________ um homem feliz.
a) conseguir ver / vai ser;
b) tivesse visto / teria sido;
c) viesse a ver / iria ser;
d) puder ver / tinha sido;
e) chegasse a ver / ia ser.

128. **"Acesas"** é particípio adjetivo de "**acender**", verbo chamado "abundante", porque possui dupla forma no particípio ("acendido" e "aceso").
Essa redundância, que é geralmente no particípio, em alguns verbos ocorre em outras formas.
Assim, por exemplo, é o caso de:
a) coser; d) vir;
b) olhar; e) dançar.
c) haver;

129. Dos verbos arrolados abaixo, assinale o único que, em relação à norma culta, não apresenta duplo, particípio:
a) abrir; d) enxugar;
b) morrer; e) eleger.
c) imprimir;

130. Complete corretamente o texto:
"Enquanto uns trabalhavam, outros _______ televisão".
a) se entretiam na;
b) entretiam na;
c) entretinham na;
d) entretinham com a;
e) entretinham-se com a.

131. Em "Se quiséssemos rever, ________ porém, se eles quisessem "intervir _________" as formas verbais que completam corretamente a frase são:
a) reveríamos - interviriam;
b) reveremos -interviessem;
c) reveria - intervissem;
d) revíamos - interviam;
e) revia - intervinham;

132. Há uma frase com a forma errada de imperativo. Assinale-a.
a) não imponhais vossa opinião sem ouvirdes primeiro a dos outros;
b) envie hoje mesmo o que lhe peço, através deste menino;
c) viva eu sempre contente e nada de mal me aconteça;
d) fala primeiro com o teu chefe;
e) não aceita essa incumbência, Joana, pois tirará a tua liberdade.

133. A correspondência está correta, **EXCETO** em:
a) fez (pretérito perfeito - modo indicativo);
b) quis (pretérito imperfeito - modo indicativo);
c) veio (pretérito perfeito - modo indicativo);
d) sou (presente - modo indicativo);
e) fui (pretérito perfeito - modo indicativo).

134. "Todos **tinham escutado** aquelas palavras". Grifou-se na frase:
a) imperfeito simples (indicativo);
b) imperfeito composto (indicativo);
c) mais-que-perfeito simples (indicativo);
d) mais-que-perfeito composto (indicativo);
e) imperfeito do subjuntivo;

135. A frase negativa que corresponderia a "Põe nelas, todo o incêndio das auroras" é:
a) não põem nela todo o incêndio das auroras;
b) não ponhas nela todo o incêndio das auroras;

c) não põe nela todo o incêndio das auroras;
d) não ponha nela todo o incêndio das auroras;
e) não pondes nela todo o incêndio das auroras.

136. Em que frase apareceu um verbo **anômalo?**
a) várias pessoas irão ao jogo pela primeira vez.
b) anseio por um pouco de paz;
c) impugnou-se a partida;
d) aconteceram coisas incríveis;
e) perco os anéis, mas não os dedos.

137. Assinale a alternativa que possa preencher corretamente as lacunas abaixo:
Certamente _________ (haver) muitas mulheres na reunião que tentarão, de todas as formas possíveis, _________ (pressionar) os que se _________ (opor) ao projeto da creche comunitária.
a) haverão / pressionar / opuserem;
b) haverá / pressionar / opuserem;
c) haverão / pressionar / oporem;
d) haverá / pressionarem / oporem;
e) haverá / pressionarem / opuserem.

138. Indique a sentença em que, de acordo com a norma culta, o particípio passado está empregado inadequadamente:
a) a nuvem tinha envolvido a montanha;
b) haviam envolto tudo em papel, para não quebrar;
c) eles tinham prendido o ladrão, mas ele escapou depois;
d) todos foram presos, irremediavelmente;
e) eles foram eleitos por unanimidade.

139. Indique a oração que não está na voz ativa:
a) comeram toda a salada;
b) comeu-se toda a salada;
c) comeram tudo;
d) comeu tudo;
e) comeu-se muito.

140. Em “Pra cantar uma cantiga / Que faça você dormir”, as formas verbais são respectivamente de:
a) infinitivo / presente do subjuntivo / infinitivo;
b) infinitivo / imperativo / futuro do subjuntivo;
c) futuro do subjuntivo / imperativo / futuro do subjuntivo;
d) futuro do subjuntivo / presente do subjuntivo / infinitivo;
e) infinitivo / imperativo / infinitivo;

141. Forma verbal correta:
a) interviu;
b) reavenha;
c) precavesse;
d) entretesse;
e) manteram.

142. Se você ________ e o seu amigo, __________ talvez você _________ esses bens.
a) requisesse - intervisse - reavesse;
b) requeresse -intervisse - reavesse;
c) requeresse - interviesse - reouvesse;
d) requeresse - interviesse - reavesse;
e) requisesse - intervisse - reouvesse.

143. Alternativa com uma forma verbal incorreta:
a) propusera - intervim - requereram;
b) reouvemos - havia descoberto - tinha intervido;
c) tendo jogado - será aceito - foi pago;
d) anseia - ceara - receamos;
e) creu - entreténs - argúi.

144. Assinale a opção em que a substituição da forma verbal grifada altera sensivelmente o sentido do enunciado do texto:
a) “não agradece: Peri nada te fez”/agradeças;
b) se tu morreres, a senhoria havia de “chorar” / haveria;
c) “onde é que este selvagem sem cultura aprendera a poesia simples, mas grandiosa / havia aprendido;
d) onde bebera a beleza de sensibilidade” / tinha bebido;
e) “Beta primitivo, canta a natureza na mesma linguagem da natureza” / cante

145. Aponte a alternativa incorreta quanto à correspondência entre a locução e o adjetivo:
a) glacial (de gelo); ósseo (de osso);
b) fraternal (de irmão); argênteo (de prata);
c) farináceo (de farinha); pétreo (de pedra);
d) viperino (de vespa); ocular (de olhos);
e) ebúrneo (de marfim); insípido (sem sabor);

146. Assinale a opção em que a palavra grifada não tem valor de adjetivo:
a) um branco, velho, pedia esmolas;
b) um velho, branco, pedia esmolas;
c) era um dia cinzento;
d) o sabão usado desbotou o verde da camisa;
e) os viajantes dormiam tranqüilos.

147. Assinale a opção em que os dois termos admitem flexão de número:
a) bastante caminhada;
b) muito importante;
c) mais ritmo;
d) pouco considerável;
e) menos eficaz.

148. Assinale a opção em que a inversão da ordem dos termos altera o sentido fundamental do enunciado:
a) havia qualquer método / havia método qualquer;
b) outra importante característica / outra característica importante;
c) não é o único músculo / não é o músculo único;
d) impelem algum sangue / impelem sangue algum;
e) como as de um regime severo / como as de um severo regime.

149. Assinale o composto cujo plural se faz como o de sempre-viva:
a) beijo-de-moça;
b) carta-bilhete;
c) corre-corre;
d) perde-ganha;
e) alto-falante.

150. Assinale o composto cujo plural se faz como o de ALTO-FALANTE:
a) abaixo-assinado;
b) quinta-feira;
c) obra-prima;
d) guarda-florestal;
e) cirurgião-dentista.

151. Assinale o par de vocábulos que formam o plural como cristão e corpo, respectivamente, (no segundo vocábulo, considere também a ocorrência ou não de mudanças de timbre da vogal tônica):
a) pagão / acordo;
b) ancião / esgoto;
c) espertalhão / tijolo;
d) corrimão / bolso;
e) cidadão / imposto.

152. Assinale a opção em que todos os substantivos, quando no plural, apresentam mudança de timbre da vogal tônica, conforme acontece com POVO (Ô) POVOS (Ó):
a) tijolo, piloto, adorno;
b) ovo, pescoço, olho;
c) globo, posto, bolo;
d) esforço; imposto, jogo;
e) osso, cachorro, transtorno.

153. Numere a segunda coluna de acordo com o significado das expressões da primeira coluna e assinale a alternativa que contém a seqüência correta dos algarismos:
1) o óleo santo;
2) a relva;
3) um sacramento;
4) a ética;
5) a unidade de massa;
6) o ânimo.

( ) a moral;
( ) a crisma;
( ) o moral;
( ) o crisma;
( ) a grama;
( ) o grama.

a) 6, 1, 4, 3, 5, 2;
b) 6, 3, 4, 1, 2, 5;
c) 4, 1, 6, 3, 5, 2;
d) 4, 3, 6, 1, 2, 5;
e) 6, 1, 4, 3, 2, 5.

154. Assinale a opção em que houve **erro** no uso do pronome oblíquo:
a) romperam o tratado – romperam-no;
b) recuperarei meu dinheiro – recuperá-lo-ei;
c) aspiro à felicidade – aspiro-lhe;
d) queria pagar tudo – a você – queria-lhe pagar tudo;
e) tenho que contar a ele verdade – tenho que contá-la a ele.

155. Assinale a opção em que houve **erro**, ao se substituir a expressão sublinhada pelo pronome oblíquo:
a) afinal, não modela o corpo / afinal, não o modela;
b) . . . pode receber suprimento / pode recebê-lo;
c) se você contrair a musculatura / se você a contrair;
d) viu o acúmulo de sangue / viu-lhe o acúmulo;
e) sempre afetam nocivamente o sistema circulatório / sempre lhe afetam nocivamente.

156. Assinale a frase que não pode ser completada com o pronome indicado entre parênteses:
a) levem- ___ daqui (no);
b) põe- ___ no lugar próprio (nas);
c) vi- ___ na cidade, há dias (lhe);
d) tem- ___ contigo? (lo);
e) perdoei- ___ imediatamente (lhe).

157. Assinale a construção que fere a **NORMA CULTA:**
a) trouxe a prova para mim;
b) trouxe a prova para eu fazer;
c) nada houve entre mim e você;
d) para mim fazer isto, foi necessária muita convicção;
e) por não estar satisfeito, nada se resolveu.

158. Assinale a construção que fere a **NORMA CULTA:**
a) o problema é conosco;
b) o problema é com nós dois;
c) falam mal de si mesmos;
d) quero falar consigo;
e) somos gratos a você.

159. “Que isto fique só entre _____ :
ela disse que falaria _________ hoje, mas não _______ asseguro que seja verdade”.
A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:
a) mim e ti, contigo, lhe;
b) eu e tu, consigo, lhe;
c) mim e ti, contigo, te;
d) eu e tu, contigo, te;
e) mim e ti, com você, lhe.

160.
I. Pusemos o livro na estante.
II. Põe o livro na gaveta.
III. Demos o livro a ele.

Substituindo as palavras grifadas por um pronome oblíquo, temos:
a) I - Pusemos-lo; II - Põe-lo; III - Demos-lhe;
b) I - Pusemos-lo; II - Põe-no III - Demos-lhe;
c) I - Pusemo-o; II - Põe-no;III - Demo-lhe;
d) I - Pusemos-o; II - Põe-o; III - Demo-lhe;
e) I - Pusemo-lo; II - Põe-no; III - Demos-lhe.

161. Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase abaixo:
O movimento do sangue depende do coração e da parede dos vasos, enquanto ________, pela contração do ventrículo esquerdo, impulsiona o líquido sanguíneo, _______ se contrai, complementando o impulso.

a) esta - aquela;
b) esta - aqueles;
b) aqueles - estas;
c) aquele - este;
e) aquele - esta.

162. Em “O que Eduarda perdeu neste desastrado começo de ano, percebe-se logo...”, a palavra sublinhada é:
a) pronome relativo;
b) conjunção comparativa;
c) advérbio de intensidade;
d) substantivo;
e) pronome indefinido.

163. Escolha o item em que a forma apontada preenche a lacuna da seguinte frase:
A refinaria __________ proprietário trabalhei, aumentou em 50% a sua produção este ano.
a) a cujo;
b) para cujo;
c) a quem;
d) cujo;
e) de cujo.

164. Assinale a opção que completa corretamente o período “Envio as tarefas do mês de janeiro ________ você deve dedicar-se ao máximo”.
a) às cujas;
b) as quais;
c) à que;
d) às quais;
e) à qual.

165. Assinale a opção que preenche corretamente os espaços do enunciado: O Brasil, ______ seio se extraem homens Ilustres, caminha decididamente para o progresso, _________ tanto aspiramos e _______ tanto lutamos a fim de torná-lo uma nação _________ seja rica e forte.
a) cujo - que - porque - a que;
b) a cujo - a que - a que - a que;
c) por cujo - por que - por que - que;
d) de cujo - a que - por que - que;
e) em cujo - a que - por que - que.

166. “Pisas alheia terra”
Reconstruindo-se a oração acima com o verbo na forma imperativa, a opção que contraria a disciplina gramatical seria:
a) pise alheia terra;
b) não pisemos alheia terra;
c) não pises alheia terra;
d) não pisai alheia terra;
e) pisa alheia terra.

167. “As aves têm penas”, a forma têm encontra-se com acento diferencial de número, pois marca o plural. Isso também ocorre nas seguintes formas verbais:
a) dêem - convém;
b) vem - revêem;
c) convêm - detêm;
d) crêem - retém;
e) lêem - mantém.

168. Erro de conjugação verbal:
a) requeiro-lhe um atestado de bons antecedentes;
b) ele interviu na questão;
c) eles foram pegos de surpresa;
d) o vendeiro proveu o seu armazém do necessário;
e) os meninos desavieram-se por causa do jogo.

169. Assinale a opção em que só ocorrem formas **RIZOTÔNICAS:**
a) passeamos / estréio / ponteias;
b) estreias / passeio / ponteie;
c) proporíamos / cantas / levem;
d) canto / vendesse / vença;
e) mobílio / mobiliemos / odiáramos.

170. Aponte a alínea onde há uma forma verbal incorreta:
a) proveu (v. prover) – provejam (v. prover) – reviu (v. rever);
b) provieram (v. provir) – interveio (v. intervir) – detivestes (v. deter);
c) pulo (v. polir) – sorríamos (v. sorrir) – precavenhas (v. precaver);
d) reouveste (v. reaver) – compusera (v. compor) – cri (v. crer);
e) creu (v. crer) – remedeio (v. remediar) – águo (v. aguar).

171. Colocando-se na voz ativa a frase “Eles terão sido nomeados”, teremos:
a) eles serão nomeados;
b) eles terão nomeado;
c) eles nomearão;
d) nomeá-los-ão;
e) tê-los-ão nomeado.

172. Acredito que todos estejam vendendo as casas. Passando-se a oração grifada para a voz passiva, o verbo ficará assim:
a) foram vendidas;
b) tenham sido vendidas;
c) sejam vendidas;
d) estejam sendo vendidas;
e) tenham estado vendidas.

173. Há, na conjugação dos seguintes verbos, um tempo errado. Assinale-o:
a) **CRER –** pretérito perfeito do indicativo: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram;
b) **ENTUPIR –** presente do subjuntivo: entupa, entupas, entupa, entupamos, entupais, entupam;
c) **POLIR –** presente do indicativo: pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem.
d) **RETER –** mais-que-perfeito do indicativo: retera, reteras, retera, reteramos, retereis, reteram;
e) **SAUDAR –** imperativo afirmativo: saúda tu, saúde você, saudemos nós, saudai vós, saúdem vocês.

174. “Soldado ! ______ a cabeça, _______ teu fuzil ________ o que lá vês.
Mas não te _______ !
a) levanta, ergue, destrua, firas;
b) levante, ergue, destrua, fira;

c) levanta, ergue, destrói, firas;
d) levantai, erguei,destruí, firais;
e) levanteis, ergueis, destruas, firais.

175. "Se você _____ João, diga-lhe que Paulo já ______ o livro que havia sido roubado".
A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:
a) ver, reouve;
b) vir, reauveu;
c) ver, re-houve;
d) vir, re-hauveu;
e) vir, reouve.

176. Assinale a opção em que não há erro de imperativo:
a) não ofenda os escravos pois não será feliz;
b) ouça os gritos dos teus escravos;
c) prende, nos elos da vossa -cadeia, os escravos;
d) não permiti, senhores, que os escravos vos ofendam;
e) não odeie os seus senhores.

177. Assinale a alternativa que não caracteriza corretamente a forma verbal da oração.
a) "Era uma velha sequinha" – pretérito imperfeito do indicativo;
b) "que estava só no mundo" – pretérito imperfeito do indicativo;
c) "tivesse sido alta e clara" – futuro do pretérito composto;
d) "teria sido alta e clara" – pretérito mais-que-perfeito composto;
e) "tinha sido alta e clara" – pretérito mais-que-perfeito composto.

178. Assinale a única alternativa em que há erro de flexão verbal:
a) quando eu o vir, acertarei as contas;
b) se ele propor um aumento de verba, direi que nós temos recursos;
c) o governo interveio na região;
d) os funcionários vêm aqui hoje;
e) na tentativa de solucionar o problema, eles se desavieram.

179. Assinale a forma **CORRETA** do verbo **VIR** no presente do indicativo:
a) chefe, viemos mostrar a todos este trabalho;
b) vim comunicar ao amigo minha decisão;
c) vimos, Pedro, abraçá-lo;
d) viesse ele, ora, tudo estaria bem;
e) vindo Paulo, não há mais nada.

180. Assinale a forma **ERRADA** do verbo **PONTEAR**:
a) ponteias;
b) ponteiamos;
c) pontearei;
d) ponteiam;
e) ponteie.

181. Assinale a opção que **NÃO** completa corretamente a lacuna da seguinte frase:
Se você ___________ aprovado, ________ uma grande festa.
a) fosse / íamos fazer;
b) for / vamos fazer;
c) fosse / iríamos fazer;
d) for / iremos fazer;
e) fosse / deveremos fazer.

CLASSES DE PALAVRAS SUBSTANTIVO:

182. Numa das seguintes frases, há uma flexão de plural grafada erradamente:
a) os escrivães serão beneficiados por esta lei.
b) o número mais importante é o dos anõezinhos.
c) faltam os hifens nesta relação de palavras.
d) Fulano e Beltrano são dois grandes caráteres.
e) os répteis são animais ovíparos.

183. Assinale o par de vocábulos que fazem o plural da mesma forma que "balão" e "caneta-tinteiro":
a) vulcão, abaixo-assinado;
b) irmão, salário-família;
c) questão, manga-rosa;
d) bênção, papel-moeda;
e) razão, guarda-chuva.

184. Assinale a alternativa em que está correta a formação do plural:
a) cadáver – cadáveis;
b) gavião – gaviães;
c) fuzil – fuzíveis;
d) mal – maus;
e) atlas – os atlas.

185. Indique a alternativa em que todos os substantivos são abstratos:
a) tempo – angústia – saudade – ausência – esperança – imagem;
b) angústia – sorriso – luz – ausência – esperança – inimizade;
c) inimigo – luz – esperança – espaço – tempo;
d) angústia – saudade – ausência – esperança – inimizade;
e) espaço – olhos – luz – lábios – ausência – esperança.

186. Assinale a alternativa em que todos os substantivos são masculinos:
a) enigma – idioma – cal;
b) pianista – presidente – planta;
c) champanha – dó(pena) – telefonema;
d) estudante – cal – alface;
e) edema – diabete – alface.

187. Sabendo-se que há substantivos que no masculino têm um significado; e no feminino têm outro, diferente. Marque a alternativa em que há um substantivo que não corresponde ao seu significado:
a) O capital = dinheiro;
A capital = cidade principal;
b) O grama = unidade de medida;
A grama = vegetação rasteira;
c) O rádio = aparelho transmissor;
A rádio = estação geradora;

d) O cabeça = o chefe;
A cabeça = parte do corpo;
e) A cura = o médico.
O cura = ato de curar.

188. Marque a alternativa em que haja somente substantivos sobrecomuns:
a) pianista – estudante – criança;
b) dentista – borboleta – comentarista;
c) crocodilo – sabiá – testemunha;
d) vítima – cadáver – testemunha;
e) criança – desportista – cônjuge.

189. Aponte a seqüência de substantivos que, sendo originalmente diminutivos ou aumentativos, perderam essa acepção e se constituem em formas normais, independentes do termo derivante:
a) pratinho – papelinho – livreco – barraca;
b) tampinha – cigarrilha – estantezinha – elefantão;
c) cartão – flautim – lingüeta – cavalete;
d) chapelão – bocarra – cidrinho – portão;
e) palhacinho – narigão – beiçola – boquinha.

190. Dados os substantivos “caroço”, “imposto”, “coco” e “ovo”, conclui-se que, indo para o plural a vogal tônica soará aberta em:
a) apenas na palavra nº 1;
b) apenas na palavra nº 2;
c) apenas na palavra nº 3;
d) em todas as palavras;
e) N.R.A.

191. Marque a alternativa que apresenta os femininos de “Monge”, “Duque”, “Papa” e “Profeta”:
a) monja – duqueza – papisa – profetisa;
b) freira – duqueza – papiza – profetisa;
c) freira – duquesa – papisa – profetisa;
d) monja – duquesa – papiza – profetiza;
e) monja – duquesa – papisa – profetisa.

192. O plural dos substantivos “couve-flor”, “pão-de-ló” e “amor-perfeito”, é:
a) couve-flores; pães-de-ló; amores-perfeitos;
b) couves-flores; pães-de-ló; amores-perfeitos;
c) couves-flores; pão-de-ló; amor-perfeitos;
d) couves-flores; pão-de-lós; amores-perfeitos;
e) couves-flores; pães-de-ló; amor-perfeitos.

193. Indique o grupo de substantivo que só admite o artigo **“o”** :
a) cal, dó, sentinela;
b) contralto, eczema, aluvião;
c) hosana, apêndice, apendicite;
d) telefonema, eclipse, afã;
e) trama, elipse, omoplata.

194. Indique a alternativa que apresenta erro na forma do plural:
a) sol: sóis; fúsil: fúseis; anão: anões;
b) peão: peões; guardião: guardiãos; caráter: caracteres;
c) órgão: órgãos;corrimão: corrimãos; mel: méis;
d) sótão: sótãos; álcool: álcoois; cônsul: cônsules;
e) faisão: faisães; anil: anis; capitão: capitães.

195. Assinale a alternativa que contiver todos os termos com plural correto:
a) luso-brasileiras; rosas-chá; sapatos-areia; decretos-lei;
b) guardas-marinha; prócers; procônsules; totens;
c) grã-cruzes; chefes-de-seção; surdo-mudos; primas-donas;
d) saias-calças; ouvidores-mor; baixos-relevos; gatos-pingados;
e) sapatos-de-cristais; coronéis-de-barrancos; olhos-de-gatos.

196. Entre os substantivos aqui relacionados, há um que é do masculino qual?
a) hóstia; d) Antífona;
b) Anátema; e) Estenia.
c) Ráfia;

CLASSES DE PALAVRAS ADJETIVO:

197. Assinale a alternativa em que o adjetivo que qualifica o substantivo seja explicativo:
a) dia chuvoso; d) fogo quente;
b) água morna; e) lua cheia.
c) moça bonita;

198. Assinale a alternativa que contém o grupo de adjetivos gentílicos, relativos a “Japão”, “Três Corações” e “Moscou”:
a) Oriental, Tricardíaco, Moscovita;
b) Nipônico,Tricordiano, Soviético;
c) Japonês, Trêscoraçoense, Moscovita;
d) Nipônico, Tricordiano, Moscovita;
e) Oriental, Tricardíaco, Soviético.

199. Ainda sobre os adjetivos gentílicos, diz-se que quem nasce em “Lima”, “Buenos Aires” e “Jerusalém” é:
a) Limalho-Portenho-Jerusalense;
b) Limenho-Bonaerense-Hierosolimita;
c) Límio-Portenho-Jerusalita;
d) Limenho-Bonaerense-Jerusalita;
e) Limeiro-Bonaerense-Judeu;

200. No trecho “os jovens estão mais ágeis que seus pais”, temos:
a) um superlativo relativo de superioridade;
b) um comparativo de superioridade;
c) um superlativo absoluto;
d) um comparativo de igualdade.
e) um superlativo analítico de ágil.

201. Relacione a 1ª coluna à 2ª:
1 - água de chuva ( ) Fluvial
2 - olho de gato ( ) Angelical
3 - água de rio ( ) Felino
4 - Cara-de-anjo ( ) Pluvial

Assim temos:
a) 1 – 4 – 2 – 3;
b) 3 – 2 – 1 – 4;
c) 3 – 1 – 2 – 4;
d) 3 – 4 – 2 – 1;
e) 4 – 3 – 1 – 2.

202. Nas orações “Esse livro é melhor que aquele” e “Este livro é mais lindo que aquele”, Há os graus comparativos:
a) de superioridade, respectivamente sintético e analítico;
b) de superioridade, ambos analíticos;
c) de superioridade, ambos sintéticos;
d) relativos;
e) superlativos.

203. Selecione a alternativa que completa corretamente as lacunas da frase apresentada:
“Os acidentados foram encaminhados a diferentes clínicas ____________________” .
a) médicas-cirúrgicas;
b) médica-cirúrgicas;
c) médico-cirúrgicas;
d) médicos-cirúrgicas;
e) médica-cirúrgicos.

204. Sabe-se que a posição do adjetivo, em relação ao substantivo, pode ou não mudar o sentido do enunciado. Assim, nas frases “Ele é um homem pobre” e “Ele é um pobre homem”.
a) 1ª fala de um sem recursos materiais; a 2ª fala de um homem infeliz;
b) a 1ª fala de um homem infeliz; a 2ª fala de um homem sem recursos materiais;
c) em ambos os casos, o homem é apenas infeliz, sem fazer referência a questões materiais;
d) em ambos os casos o homem é apenas desprovido de recursos;
e) o homem é infeliz e desprovido de recursos materiais, em ambas.

205. O item em que a locução adjetiva não corresponde ao adjetivo dado é:
a) hibernal - de inverno;
b) filatélico - de folhas;
c) discente - de alunos;
d) docente - de professor;
e) onírico - de sonho.

206. Assinale a alternativa em que todos os adjetivos têm uma só forma para os dois gêneros:
a) andaluz, hindu, comum;
b) europeu, cortês, feliz;
c) fofo, incolor, cru;
d) superior, agrícola, namorador;
e) exemplar, fácil, simples.

CLASSES DE PALAVRAS PRONOME:

207. Complete com **“eu”** ou “**mim**”:
- eles chegaram antes de ____ .
- há algum trabalho para _____ fazer?
- há algum trabalho para _____ ?
- ele pediu para _____ elaborar alguns exercícios;
- para _____, viajar de trem é uma aventura deliciosa;
a) mim – mim – mim – mim – mim;
b) mim – eu – eu – eu – mim;
c) eu – eu – mim –mim – eu;
d) eu – mim –eu – mim – eu;
e) mim – eu – mim – eu – mim.

208. Assinale a única frase correta quanto ao uso dos pronomes pessoais:
a) você não pode ir sem eu;
b) meu amigo, o diretor quer falar consigo;
c) entre eu e tu não pode haver romance;
d) era para mim encontrar a solução do problema;
e) para mim, jogador de futebol tem que ter raça.

209. Assinale o exemplo que contém mau emprego de pronome pessoal:
a) nada mais há entre mim e ti;
b) nada mais há entre eu e ti;
c) nada mais há entre mim e ela;
d) nada mais há entre ele e você;
e) nada mais há entre ele e ela.

210. Era para _________ falar ________ ontem, mas não __________ encontrei em parte alguma.
a) mim – consigo – o;
b) eu – com ele – lhe;
c) mim – consigo – lhe;
d) mim – contigo – te
e) eu – com ele – o .

211. Assinale a alternativa em que o pronome grifado foi empregado corretamente:
a) aguarde um instante. Quero falar consigo.
b) é lamentável, mas isso sempre ocorre com nós dois;
c) o processo está aí para mim examinar.
d) Vossa Senhoria preocupa-se com problemas cuja solução foge a vossa alçada;
e) Já se tornou impossível haver novos entendimentos entre eu e você.

212. Leia atentamente as seguintes frases:
I - João deu o livro para mim ler.
II - João deu o livro para eu ler.

A respeito das frases anteriores, assinale a afirmação correta:
a) a frase I está certa, pois a preposição para exige o pronome oblíquo mim.
b) a frase II está certa¸ pois o sujeito de ler deve ser o pronome do caso reto eu.
c) a frase I está certa, pois mim é objeto direito de deu.
d) a frase II está certa, pois para exige o pronome do caso reto eu.
e) ambas as frases estão corretas, pois a preposição para pode exigir a forma mim quanto a forma eu.

213. Assinale o item que não aparece o pronome relativo:
a) o que queres não está aqui;
b) temos que estudar mais;
c) a estrada por que passei é estreita;
d) a prova que passo não é difícil;
e) a festa a que assisti foi ótima.

214. Assinale a alternativa em que a palavra onde funciona como pronome relativo:
a) não sei onde eles estão;
b) onde está que não respondes;
c) a instituição onde estudo é a UFP;
d) ele me deixou onde está a catedral;
e) pergunto onde ele conheceu esta teoria.

215. Assinale a alternativa que completa a frase:
“ O garoto ______ cobra picou, passa bem.”
a) a quem;
b) cuja;
c) o qual;
d) em quem;
e) cuja a;

216. Assinale a alternativa em que o adjetivo ou pronome adjetivo não sofre mudança de sentido, conforme venha antes ou depois do substantivo:
a) ainda não fui apresentado ao novo diretor da empresa;
b) já não há dúvidas: por mais poderoso que possa parecer, ele é um vereador simples;
c) algumas questões de pouca relevância foram suficientes para retardar o andamento dos trabalhos;
d) foi amplamente noticiado que um falso advogado estava envolvido com os criminosos;
e) paisagens lindas iam-se sucedendo durante a viagem.

217. Visitei o sítio da amiga de Paula, o qual muito me encantou. Usou-se o qual em vez de que:
a) por uma questão de estilo;
b) pois só o qual é conectivo;
c) pois a segunda oração é adjetiva;
d) pois ali só caberia um pronome relativo;
e) para evitar-se ambigüidade.

218. Vossa Excelência _____ arrependerá de ter traído ______ povo !
a) vos – vosso;
b) se – vosso;
c) vos – seu;
d) se – seu;
e) te – teu.

219. O pronome de tratamento usado para Reitores é:
a) Vossa Excelência;
b) Vossa Magnificência;
c) Vossa Eminência;
d) Vossa Reverendíssima;
e) N. R. A .

220. Complete as lacunas com o pronome adequado:
“Este encargo é para _________ assumir sozinho, sem que se repartam as responsabilidades entre __________ .”
a) mim - eu e ti;
b) mim - mim e tu;
c) mim - mim e ti;
d) eu - eu e ti;
e) eu - mim e ti.

221. Complete as lacunas:
I - de presente, deu-lhe, um livro para _____ ler.
II - de presente, deu um livro para _______ .
III - nada mais há entre _______ e você .
IV - sempre houve entendimentos entre _______ e ti.
V - José, espere, vou _______ .

a) ela – mim – eu – eu – consigo;
b) ela – eu – mim – eu – consigo;
c) ela – mim – mim – mim – com você;
d) ela – mim – eu – eu – consigo;
e) ela – mim – eu – mim – consigo.

222. Indique a alternativa em que o pronome oblíquo é reflexivo:
a) todos me ajudaram muito;
b) eu me machuquei com a faca;
c) assim tu o prejudicas;
d) eu te direi toda a verdade;
e) eu te darei o céu, meu bem, e o meu amor também.

223. Indique a alternativa que completa corretamente as lacunas:
1) É mui difícil para ______ escrever-lhe diariamente.
2) Eles chegaram a discutir entre ______, mas não brigaram.
3) Percebi que o plano era para _______ desistir do jogo.
4) Passeando pelo jardim, o velho falava ________, murmurando frases confusas.

a) mim – eles – mim – consigo;
b) mim – si – eu – consigo
c) eu – eles – eu – contigo;
d) eu – si – eu – consigo.
e) mim – si – mim – contigo

224. Complete as lacunas com o pronome adequado:
1) “_____ documento que tens à mão é importante, Pedrinho?
2) “A estrada do mar, larga e oscilante _______ sim, o tentava.”
3) “Na traseira do caminhão lia-se ________ frase: Tristeza não paga dívida”.
4) “Cuidado, mergulhador, ________ animais são venenosos: a arraia miúda, o peixe-escorpião, a medusa, o mangangá.”
a) Esse – essa – esta – estes;
b) este – esta – esta – estes;
c) este – esta – essa – esses;
d) esse – essa – essa – esses;
e) este – esta – essa – estes.

225. Em "________ Somente as do Fé-em-Deus (. . .) sairiam ao largo ______". Nesta construção a palavra **"as"** é:
a) pronome pessoal oblíquo átono;
b) pronome demonstrativo;
c) artigo definido feminino no plural;
d) preposição simples, essencial;
e) pronome pessoal com função de sujeito.

226. Dadas as sentenças:
1) Ela comprou um livro para mim ler.
2) Nada há entre mim e ti.
3) Avilmar, gostaria de falar consigo.
Verificamos que está (estão) correta (s):
a) apenas a sentença nº 1;
b) apenas a sentença nº 2;
c) apenas a sentença nº 3;
d) apenas a sentença nº 1 e nº 2;
e) todas as sentenças.

CLASSES DE PALAVRAS VERBO:

227. Há verbos chamados abundantes, porque têm mais de uma forma, especialmente para o particípio, como expulso e expulsado. Assinale o par em que os dois verbos não têm os dois particípios no uso corrente da língua:
a) aceitar – acender;
b) fazer – ver;
c) emitir – incorrer;
d) soltar – romper;
e) prender – extinguir.

228. Os períodos que possuem verbos auxiliares:
I - É mister trabalharmos mais.
II - Já vem raiando a madrugada.
III. Ela ficava filosofando, ao contemplar as estrelas.

a) I e II;
b) II e III;
c) I e III;
d) I, II e III;
e) nenhum possui verbo auxiliar.

229. Em " _____ como se tivéssemos vivido sempre juntos", a forma verbal está no:
a) imperfeito do subjuntivo;
b) futuro do presente composto;
c) mais-que-perfeito composto do indicativo;
d) mais-que-perfeito composto do subjuntivo;
e) futuro composto do subjuntivo.

230. Assinale a alternativa correta quanto ao uso de verbos abundantes:
a) foi elegido pelas mulheres, apesar de haver eleito a maioria dos homens;
b) por haver aceitado as condições do acordo, seus documentos foram entregues ao escrivão;
c) antes de chover, ele tinha cobrido o carro;
d) tem fazido muito calor ultimamente;
e) por ter morto um animal indefeso, o caçador foi matado pelos índios.

231. "Acredito que Maria tenha feito a lição", passando-se a oração sublinhada para a voz passiva, o verbo ficará assim:
a) foi feita;
b) tenha sido feita;
c) esteja sendo feita;
d) tenha estado feita;
e) seja feita.

232. Transportando para a voz passiva a frase "eu estava revendo, naquele momento, as provas tipográficas do livro", obtém-se a forma verbal . . .
a) ia revendo;
b) estava sendo revisto;
c) seriam revistas;
d) comecei a rever;
e) estavam sendo revistas.

233. Assinale a alternativa que contém voz passiva:
a) tínhamos apresentado diversas opções;
b) dorme-se bem naquele hotel;
c) precisa-se de gerentes de vendas;
d) difundia-se o boato de que haveria racionamento;
e) N. R. A

234. Transportando para a voz ativa a oração "os sócios foram convocados para uma reunião". Obtém-se a forma verbal:
a) convocaram-se;
b) convocaram;
c) convocar-se-ia;
d) haviam sido convocados;
e) haverão de ser convocados.

235. Transpondo para a voz ativa a frase "O processo deve ser revisto pelos dois funcionários", obtém-se a forma verbal:
a) deve-se rever;
b) devem rever;
c) será revisto;
d) reverão;
e) rever-se-á.

236. Complete as frases abaixo com o presente do subjuntivo dos verbos indicados entre parênteses:
A) Como os preços baixaram, é necessário que nós ________ o orçamentos (refaz);
B) É importante que nossa tentativa _______ o esforço (valer);
C) Convém que ele ______ um novo acordo (propor);
D) Para que não nomeemos é necessário que nós _________ o que elas pensam (saber);
E) Espero que todos os responsáveis _________ a culpa (assumir).
a) refaçamos - valha - proponha - saibamos - assumam;
b) refazemos - valha - proponham - sabemos - assumam;
c) refaçamos - valham - proponha - soubemos - assumem;
d) refazemos - valha - proponha - saibamos - assumam;
e) N.D.A.

237. Assinale a alternativa em que todas as formas verbais pedidas estejam certas:
Haver (presente subjuntivo, 1ª pessoa do singular);
Crer (presente indicativo, 3ª pessoa do plural);
Passear (presente subjuntivo, 2ª pessoa do plural).
a) haja – crêem – passeeis;
b) haje – crêm – passeieis;
c) haje – creem – passeais;
d) hajai – creim – passeiais;
e) haja – creiem – passeies.

238. "As linhas ______ para um ponto e depois se ______ no infinito".
a) convergem – esvão;
b) convirgem – esvaem;
c) convergem – esvaiem;
d) convergem – esvaem;
e) convirgem – esvão.

239. Assinale a alternativa que completa corretamente os espaços em branco:
"É preciso que _______ novidades interessantes que _____ e ______ ao mesmo tempo".
a) surjam – divertem – instruam;
b) surjam – divirtam – instruam;
c) surjam – divirtam – instruem;
d) surgem – divertem – instruem;
e) surgem – divirtam – instruam.

240. Considere as frases:
1) "Eles querem que nós (fazer) o trabalho".
2) "Fazemos esforços para que todos (caber) na sala".
Flexionando corretamente os verbos indicados, teremos:
a) façamos – cabem;
b) fazemos – caibam;
c) fazemos – coubessem;
d) façamos – caberem;
e) façamos – caibam.

241. Assinale a frase em que há erro de conjugação verbal:
a) os esportes entretêm a quem os pratica;
b) ele antevira o desastre;
c) só ficarei tranqüilo quando vir o resultado;
d) eles se desavinham freqüentemente;
e) ainda hoje requero o atestado de bons antecedentes.

242. Das frases que seguem, uma traz errado emprego da forma verbal. Assinale-a:
a) cumpre teus deveres, e terás a consciência tranqüila;
b) suporta-se com paciência a cólera do próximo;
c) nada do que se possui com gosto se perde sem desconsolação;
d) não voltes atrás, pois é fraqueza desistir-se da coisa começada;
e) dizia Rui Barbosa: "Fazeis o que vos manda a consciência, e não fazeis o que convém ao apetites.

243. Assinale o item que contém as formas verbais corretas:
a) reouve – intervi;
b) reouve – intervim;
c) rehouve – intervim;
d) reavi – intervi;
e) rehavi – intervim.

244. Que alternativa contém as palavras adequadas para o preenchimento das lacunas?
"Do lugar de onde eles ________, _______ diversas romarias".
a) provém – afluem;
b) provém – aflue;
c) provém – aflui;
d) provêem – afluem;
e) provêm – afluem.

245. A frase "Procure compreender seus pais" está na 3ª pessoa do singular. Passando-a à 2ª pessoa do singular, teremos:
a) procuras compreender vossos pais;
b) procurai compreender teus pais;
c) procura compreender seus pais;
d) procura compreender teus pais;
e) N.R.A.

246. Assinale a alternativa que completa corretamente a frase abaixo. Observe que na primeira lacuna a forma verbal é do imperativo afirmativo e, na segunda, a forma verbal é do imperativo negativo. Além disso, note que é a forma verbal "Vencerás" que determina a pessoa gramatical a ser usada nas duas formas do imperativo.
"________, não _________ e vencerás"
a) lute – desista;
b) lutai – desisti;
c) luta – desistas;
d) lutas – desiste;
e) lutai – desista.

247. A relação dos verbos que completam, convenientemente e em correspondência com as frases, as respectivas com lacunas:
1 - "eles ______ melhor, sentados aqui"
2 - "todos ainda ______ nisso"
3 - "este produto ______ os mesmos fatores"

a) vêm – creêm – contém;
b) vêem – crêm – contém;
c) vêem – crêem – contém;
d) vêm – crêem – contém;
e) vêem – crêem – contêm.

248. "Se você _________ e o seu amigo ________ talvez você __________ os seus bens".
a) requisesse – intervisse – reavesse;
b) requeresse – intervisse – reavessse;
c) requeresse – interviesse – reouvesse;
d) requeresse – interviesse – reavesse;
e) requisesse – intervisse – reouvesse.

249. “No desempenho de tuas funções, ________ atencioso com todos, _________ ser útil sempre e não _________ as tuas responsabilidades”.
a) sê – procure – negue;
b) seja – procura – negue;
c) seja – procure – negues;
d) sê – procura – negues;
e) seja – procura – negues.

250. “Caso __________ realmente interessado, ele não ___________ de falar”.
a) estiver – haja;
b) esteja – houvesse;
c) estivesse – haveria;
d) estivesse – havia;
e) estiver – houver.

251. Assinale a alternativa que completa corretamente a seguinte frase: “Quando _________ mais aperfeiçoado, o computador certamente ___________ um eficiente meio de controle de toda a vida social”.
a) estivesse – será;
b) estiver – seria;
c) esteja – era;
d) estivesse – era;
e) estiver – será.

252. O modo verbal que expressa uma atitude duvidosa, incerta é o:
a) indicativo;
b) imperativo;
c) subjuntivo;
d) imperativo e subjuntivo;
e) N. D. A.

253. Aponte a alternativa, em que a segunda forma está incorreta como plural da primeira:
a) tu ris – vós rides;
b) ele lê – eles lêem;
c) ele tem – eles têm;
d) ele vem – eles vêem;
e) eu ceio – nós ceamos.

254. Assinale a alternativa que completa adequadamente a frase: “__________ em ti, mas nem sempre ___________ dos outros”.
a) creias - duvides;
b) crê - duvidas;
c) creais - duvidas;
d) creia - duvide;
e) crê - duvides.

255. Se ele ________ (ver) o nosso trabalho __________ (fazer) um elogio
a) ver – fará;
b) visse – fará;
c) ver – fazerá;
d) vir – fará;
e) vir – faria.

256. É importante que vocês ____________ se eles não se _______________ durante o depoimento”.
a) averigüem – contradisseram;
b) averigüem – contradizeram;
c) averigúem – contradisseram;
d) averíguem – contradisseram;
e) averigúem – contradizeram,

257. “Não me tragam estéticas !” – As formas da 2ª pessoa do imperativo negativo e afirmativo de trazer são:
a) não traze, não trazei – treze – trazei;
b) não traga, não tragai-traga – trazei;
c) não tragas, não tragais – traze-trazei;
d) não tragas, não tragais – traga-tragai;
e) não traze, não trazei – traga – tragais.

258. Observando a correlação temporal entre a forma verbal destacada na frase e a forma verbal que você iria colocar no espaço, complete as frases abaixo:

A - teremos amigos quando nós _______ ricos (ficar)
B - teríamos amigos, se nós __________ ricos (ficar)
C - tínhamos amigos quando nós ________ ricos (ser)
D - tivemos amigos quando nós _________ ricos (ser)
E - temos amigos enquanto __________ ricos (ser)

a) ficamos – ficássemos – seremos – seremos – somos;
b) ficamos – ficarmos – fomos – somos – fomos;
c) fiquemos – ficássemos – éramos – somos – somos;
d) ficarmos – ficamos – somos – fumos – samos;
e) ficarmos – ficássemos – éramos – fomos – samos.

259. Observando a correlação temporal, assinale a alternativa que completa a frase:
“Era provável que eles ______ hoje”.
a) virão;
b) venham;
c) viessem;
d) vêem;
e) vinham.

260. Assinale a frase em que está correta a correlação verbal:
a) se você interferisse, ele faria o trabalho sozinho;
b) se você não interferir, ele fazia o trabalho sozinho;
c) se você não interferir, ele faria o trabalho sozinho;
d) se você não interfere, ele fazia o trabalho sozinho;
e) se você não interferisse ele faz o trabalho sozinho.

261. Diz a regra: “exprimindo embora o resultado de uma ação acabada, o particípio não indica por si próprio se a ação em causa é presente, passada ou futura. Só o contexto a que pertence pode precisar sua relação temporal”.
Nos exemplos seguintes:

I - desenterrada a batata, só nos restava assá-la.
II - desenterrada a batata, só nos resta assá-la.
III - desenterrada á batata, só nos restará assá-la.

A mesma forma expressa ação passada, presente e futura, respectivamente em:
a) I, II, III;
b) II, III, I;
c) III, II, I;
d) I, III, II;
e) II, I, III.

COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS:

262. A frase que admite outra colocação, igualmente correta, do pronome oblíquo sem acréscimo de outra palavra:
a) tenho-te procurado há várias semanas;
b) pedir-lhe-ia um favor;
c) os candidatos se retiraram;
d) nada nos detém;
e) nenhuma das alternativas.

263. Admirou-me a despesa porque não __________ que o presente ____________ tão caro.
a) me havias dito - iria custar-te;
b) havias-me dito - iria te custar;
c) me havias dito - iria-te custar;
d) havias me dito - te iria custar;
e) havias me dito -iria-te custar.

264. Indique a sentença em que o pronome deveria estar proclítico, de acordo com as normas gramaticais de colocação de pronomes átonos.
a) eu pedi-lhe uma ajuda;
b) nós todos reunimo-nos na confeitaria;
c) eles chamá-lo-iam de líder, se pudessem;
d) compramos a escultura que assemelha-se a uma ave;
e) ouça-me bem antes de agir.

265. A norma culta da língua repudia a colocação do pronome átono, tal como ocorre na opção:
a) engolfou-se de novo nas cismas que estavam lhe afagando a mente;
b) engolfou-se de novo nas cismas que estavam afagando-lhe a mente;
c) novas cismas lhe tinham engolfado a mente;
d) novas cismas tinham-lhe engolfado a mente;
e) novas cismas tinham engolfado-lhe a mente.

266. O pronome pessoal oblíquo átono está corretamente empregado, **EXCETO** em:
a) pretendemos enviá-lo para um estágio no exterior;
b) o livro não está aqui: repõe-no antes que o percebam;
c) solicitamos-lhe a remessa imediata do pagamento;
d) não se aplaudirão absurdos nem desacordos;
e) quando avisaram-me, nada mais pude fazer.

267. Assinale a frase incorreta quanto à colocação do pronome oblíquo:
a) reduzir-se-ão as despesas extraordinárias por medida de economia;
b) tu o tens censurado sem razão;
c) como te aplaudem;
d) ninguém contou-lhe a verdade;
e) confesso que tudo aquilo me pareceu absurdo.

268. Assinale a frase com erro quanto à colocação pronominal:
a) fique por perto, porque pode-se precisar de você;
b) não deixarei que se façam estes comentários;
c) podem-se perdoar aos faltosos;
d) tem-se assistido a bons programas na televisão;
e) critica-se, critica-se, mas não se constrói.

269. Marque a opção em que ocorre erro na colocação do pronome átono.
a) nunca me deterás, tenho certeza;
b) tratando-se de dinheiro, ele era eufórico;
c) os acontecimentos trar-me-ão a razão;
d) todos cumprimentavam-me pela descoberta;
e) em se considerando homem, saiu de casa.

270. Assinale a única opção em que o pronome átono dos parênteses admite apenas uma colocação.
a) devia contar a verdade; (TE)
b) a cidade havia conquistado; (ME)
c) a sorte não abandonará; (TE)
d) estávamos procurando desde ontem; (TE)
e) a felicidade tinha dado uma rica história. (LHE)

271. Assinale a opção cuja colocação pronominal esteja correta:
a) o assunto que me não agradou, foi revisto;
b) a vida me sorriria se você voltasse;
c) o problema de que falei-te não tem solução;
d) não desejamos que façam-te um covarde;
e) bons ares tragam-no para nós.

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

272. “Esses são os livros que _______ à disposição do público, mas _______ que poucos _______”:
a) se acham; se acredita; procurá-los-ão;
b) acham-se; acredita-se; procurá-los-ão;
c) se acham; acredita-se; os procurarão;
d) acham-se; se acredita; procurarão-os;
e) acham-se; acreditam-se; procurá-lo-ãos.

273. Os projetos que ________ estão em ordem; ____________ ainda hoje, conforme _________”:
a) enviaram-me; devolvê-los-ei; lhes prometi;
b) enviaram-me; os devolverei; lhes prometi;
c) enviaram-me; os devolverei; prometi-lhes;
d) me enviaram; os devolverei; prometi-lhes;
e) me enviaram; devolvê-los-ei; lhes prometi.

274. “Nada ______ como eu ________, mas sequer _______ atenção”.
a) se passou, dissera-lhe; deu-lhe;
b) passou-se; lhe dissera; deu-me;
c) se passou; lhe dissera; me deu;
d) passou-se; lhe dissera; me deu;
e) se passou; dissera-lhe; me deu.

275. Assinale a alternativa em que ocorre erro de colocação pronominal:
a) preocupei-me demais com suas loucuras;
b) contar-te-ia toda a verdade;
c) hoje se arrepende do que fez;
d) não te contaria toda a verdade.

e) hoje, se arrepende do que fez.

276. Considere a colocação do pronome “Te” nas três frases:
I - Eu te havia contado a história;
II - Eu havia-te contado a história;
III - Eu havia contado-te a história.
Estão corretas:

a) I, II e III;
b) apenas I e II;
c) apenas I e III;
d) apenas II e III;
e) apenas III.

277. Se _________, creio que _________ com prazer:
a) tivessem me pedido – teria-os recebido;
b) me tivessem pedido – os teria recebido;
c) tivessem – pedido-me – têlos-ia recebido;
d) tivessem me pedido – teria os recebido;
e) me tivessem pedido – teria recebido-os

278. Indique onde há erro de colocação pronominal
a) se não me contasse tudo, iria embora;
b) se me não contasse tudo, iria embora;
c) nunca se encontraria o culpado;
d) nunca encontra-se-ia o culpado;
e) todas estão incorretas.

279. Assinale a alternativa que completa a frase:
“Não _________ atitudes que __________ como uma forma de crítica ao trabalho do grupo”.
a) se admitirão, caracterizam-se;
b) admitir-se-ão; se caracterizem;
c) se admitirá; se caracterizem;
d) se admitirão; se caracterizem;
e) “c” e “d” estão corretas.

280. “Entre eles e ________ existe um compromisso que só ________ se ________ ao sacrifício”:
a) eu – se cumprirá – dispusermo-nos;
b) mim – cumprir-se-á – nos dispusermos;
c) mim – se cumprirá – nos dispusermos;
d) eu – cumprir-se-á – dispusermo-nos;
e) eu – se cumprirá – dispuser-mo-nos.

281. Complete convenientemente as lacunas:
“Logo que, ________, __________ cientes de que não ____________ “
a) os vir – os farei – os poderemos contratar;
b) os ver – fá-los-ei poderemo-los contratar;
c) vê-los – fá-los-ei – poderemos contratá-los;
d) os vir – fá-los-ei – podemos contratá-los;
e) os ver – far-lhes-ei – poderemos contratá-los.

REGÊNCIA. CRASE. EMPREGO DA PREPOSIÇÃO.

282. O sinal da crase foi empregado indevidamente na seguinte alternativa:
a) à servidora gestante será concedida licença de três meses;
b) o funcionário foi chamado à presença da Diretora para justificar-se;
c) à nova regulamentação não se refere às pessoas aposentadas;
d) recusou-se a obedecer às determinações do juiz;
e) prefiro redigir cartas à datilografá-las.

283. Preencha corretamente as lacunas e assinale a alternativa correspondente:
Chegou-se _______ ela e segredou-lhe algo _______ pressas, atento _______ qualquer manifestação face ________ ousadia.
a) à, às, a, aquela;
b) a, as, à, aquela;
c) a, às, a, àquela;
d) à, às, à, aquela.

284. Assinale a relação cujas palavras, em correspondência com as frases, preenchem convenientemente as respectivas lacunas:
não perguntei ___ essa funcionária mas ___ que usa óculos se daqui ____ pouco poderei vir retirar o salário que me devem ____ muito.
a) a - a - há – a;
b) à - a - a – há;
c) à - à - à – a;
d) a - a - há - há;
e) a - á - a – há.

285. A crase deverá ser empregada na seguinte alternativa:
a) as cidades as quais me refiro são estâncias turísticas;
b) os alunos a quem me dirijo são inteligentes;
c) encaminharei o discurso a Vossa Senhoria;
d) o documento visava a elucidar dúvidas;
e) trata-se de pintura a óleo.

286. O acento grave – denotador de crase – deve ser colocado em todas as frases. **EXCETO:**
a) a rua em que você mora é paralela **a** que vai dar no viaduto;
b) **a** distância de quinhentos metros, via-se um vulto rastejando;
c) cheguei **as** duas horas e não encontrei a sala, aberta;
d) após a festa, voltamos sonolentas **a** casa:
e) quando chegamos, ela já falava **a** vontade.

287. Crase correta:
a) ao voltar à terra, o marinheiro estranhou o ambiente;
b) tais dados são necessários à minhas teses;
c) o dirigente deu força às suas palavras;
d) estavam, afinal, frente à frente;
e) esqueceu o material, e foi à casa buscá-lo.

288. Assinale a opção onde há erro em relação à crase.
a) referiu-se à cadelinha de pintinhas acinzentadas;
b) dê notícias à menina Eduarda;
c) não se aludiu à cadelinha alguma;
d) o amor à Fofoca era muito grande;

e) disse à menina que encontraria Fofoca.

289. Assinale a única alternativa que está de acordo com as normas de regência da língua culta.
a) avisei-o de que não desejava substituí-lo na presidência, pois apesar de ter sempre servido à instituição, jamais aspirei a tal cargo;
b) avisei-lhe de que não desejava substituí-lo na presidência, pois apesar de ter sempre servido a instituição, jamais aspirei a tal cargo;
c) avisei-o de que não desejava substituir- lhe na presidência, pois apesar de ter sempre servido à instituição, jamais aspirei tal cargo;
d) avisei-lhe de que não desejava substituir-lhe na presidência, pois apesar de ter sempre servido à instituição, jamais aspirei a tal cargo;
e) avisei-o de que não desejava substituí-lo na presidência, pois apesar de ter sempre servido a instituição, jamais aspirei tal cargo.

290. Assinale a opção em que o verbo **chamar** é empregado com o mesmo sentido que apresenta em ________ "No dia em que o chamaram de Ubirajara, Quaresma ficou reservado, taciturno e mudo":
a) pelos seus feitos, chamaram-lhe o salvador da pátria;
b) bateram à porta, chamando Rodrigo;
c) naquele momento difícil, chamou por Deus e pelo Diabo;
d) o chefe chamou-os para um diálogo franco;
e) mandou chamar o médico com urgência.

291. Assinale a opção em que o verbo **assistir** é empregado com o mesmo sentido que apresenta em "não direi que assisti às alvoradas do romantismo".
a) não assiste a você o direito de me julgar;
b) é dever do médico assistir a todos os enfermos;
c) em sua administração, sempre foi assistido por bons conselheiros;
d) não se pode assistir indiferente a um ato de injustiça;
e) o padre lhe assistiu nos derradeiros momentos.

292. Em todas as alternativas, o verbo grifado foi empregado com regência certa, **EXCETO** em:
a) a vista de José Dias lembrou-me o que ele me dissera.
b) estou deserto e noite, e aspiro sociedade e luz.
c) custa-me dizer isto, mas antes peque por excesso;
d) redobrou de intensidade, como se obedecesse a voz do mágico;
e) quando ela morresse, eu lhe perdoaria os defeitos.

293. O verbo **chamar** está com a regência **INCORRETA** em:
a) chamo-o de burguês, pois você legitima a submissão das mulheres;
b) como ninguém assumia, chamei-lhes de discriminadores;
c) de repente, houve um nervosismo geral e chamaram-nas de feministas;
d) apesar de a hora ter chegado, o chefe não chamou às feministas a sua seção;
e) as mulheres foram para o local do movimento, que elas chamaram de maternidade.

294. Assinale o exemplo, em que está bem empregada a construção com o verbo **preferir:**
a) preferia ir ao cinema do que ficar vendo televisão;
b) preferia sair a ficar em casa;
c) preferia antes sair a ficar em casa;
d) preferia mais sair do que ficar em casa;
e) antes preferia sair do que ficar em casa.

295. Assinale a opção em que o verbo **lembrar** está empregado de maneira inaceitável em relação à norma culta da língua:
a) pediu-me que o lembrasse a meus familiares;
b) é preciso lembrá-lo o compromisso que assumiu conosco;
c) lembrou-se mais tarde que havia deixado as chaves em casa;
d) não me lembrava de ter marcado médico para hoje;
e) na hora das promoções, lembre-se de mim.

296. O verbo sublinhado foi empregado corretamente, **EXCETO** em:
a) aspiro à carreira militar desde criança;
b) dado o sinal, procedemos à leitura do texto.
c) a atitude tomada implicou descontentamento;
d) prefiro estudar Português a estudar Matemática;
e) àquela hora, custei a encontrar um táxi disponível.

297. Em qual das opções abaixo" o uso da preposição acarreta mudança total no sentido do verbo?
a) usei todos os ritmos da metrificação portuguesa. / usei de todos os ritmos da metrificação portuguesa
b) cuidado, não bebas esta água./ cuidado, não bebas desta água;
c) enraivecido, pegou a vara e bateu no animal./ enraivecido, pegou da vara e bateu no animal;
d) precisou a quantia que gastaria nas férias./ precisou da quantia que gastaria nas férias;
e) a enfermeira tratou a ferida com cuidado. / a enfermeira tratou da ferida com cuidado.

298. Assinale o mau emprego o vocábulo **"onde":**
a) todas as ocasiões onde nos vimos às voltas com problemas no trabalho, o superintendente nos ajudou;
b) por toda parte, onde quer que fôssemos, encontrávamos colegas;
c) não sei bem onde foi publicado o edital;
d) onde encontraremos quem nos forneça as informações de que necessitamos;
e) os processos onde podemos encontrar dados para o relatório estão arquivados

299. Assinale o item que preenche convenientemente as lacunas na sentença:
a) Não ____ conheço o suficiente para entender seus motivos, mas aviso ____ de que não ____ perdôo a traição.
a) lhe, lhe, lhe;
b) o, o, o;
c) o, lhe, o;
d) lhe, lhe, o;
e) o, o, lhe.

300. Assinale a frase em que há erro de regência verbal:
a) a notícia carece de fundamento;
b) o chefe procedeu ao levantamento das necessidades da seção;
c) os médicos assistiram o simpósio e acharam-no muito interessante;
d) é necessário que todos obedeçam às diretrizes estabelecidas;
e) daqui posso ver-lhe o passo oblíquo e trôpego.

301. Uma das opções apresenta erro quanto a regência verbal. Assinale-a:
a) na sala do superintendente aspirava sempre fumaça de um legítimo havana.
b) chegando na repartição, encontrou as portas cerradas;
c) todos obedeceram às determinações superiores;
d) informei-o de que no dia 15 não haverá expediente;
e) o gerente visou todas as folhas do ofício.

302. De acordo com a norma culta, a frase em que se teve o cuidado de obedecer à regência é:
a) o Colégio São Geraldo, sito a Rua da União, encerrou suas atividades;
b) o preço fixado tornou-se compatível de minhas posses;
c) as regras do jogo não são passíveis por mudanças;
d) sua decisão implica uma mudança radical;
e) prefiro o cinema mais do que o teatro.

303. Assinale a alternativa correta em relação às frases:
- Dar atenção ___ aulas é indispensável ___ aprovação.
- Isto não se relaciona apenas ___ você, mas ___ todas às pessoas.

a) as, a, a, a;
b) às, a, a, a;
c) às, à, a, a;
d) às, à, à, a;
e) às, à, à, à.

304. Marque a opção em que o emprego do acento grave indicativo da crase é optativo:
a) darei a vida um sabor maior;
b) dedicaremos a esta página bons artigos;
c) entregariam a tua consciência esta decisão;
d) a você não devo nada;
e) chegaremos a hospitaleira Santa Catarina ao anoitecer.

305. Assinale a única opção em que o emprego do acento indicativo da crase se faz obrigatório:
a) dedicarei o meu carinho a mulher amada;
b) agradecemos a Fátima a gentileza;
c) refiro-me a ela, mulher vaidosa;
d) dirijo-me a Paris;
e) entregaremos apenas o cartão resposta a essa linda fiscal.

306. Assinale o exemplo em que se usou erradamente **a** por **há** ou vice-versa:
a) daqui a tempos, haverá novas provas;
b) de hoje há três dias sairão os resultados;
c) está no Rio, há três dias aproximadamente;
d) a cidade ficava a poucos quilômetros daqui;
e) há cerca de vinte pessoas à sua espera.

307. Assinale o exemplo em que se usou erradamente **a** por **há** ou vice-versa:
a) a loja fica a dois metros;
b) apresentaram-se a falar ao diretor;
c) há cerca de mil processos à espera de solução;
d) daqui a uma semana terão notícias minhas;
e) de hoje há uma semana serão chamados os novos candidatos.

308. Assinale a única frase que só pode ser completada com **"A"** .
a) daqui ___ duas horas estarei em São Paulo;
b) convém fazer o exercício ___ lápis;
c) o barco estava agora ____ mercê das ondas;
d) não poderei ir ___ festa alguma nesta semana;
e) era ainda muito cedo quando cheguei ___ casa.

309. Assinale a frase cujo **"A"** ou **"AS"** deve levar acento grave indicativo da crase:
a) chamamos neolatina a toda língua originária do latim;
b) chamamos neolatinas a línguas originárias do latim;
c) chamam-se neolatinas as línguas originárias do latim;
d) chama-se neolatina as línguas originárias do latim;
e) chama-se neolatinas a línguas originárias do latim.

310. Marque a opção que completa corretamente a frase:
Esta situação é semelhante __________ você viveu.
a) à que;
b) à cuja;
c) a qual;
d) a que;
e) aquela que.

311. Há um só exemplo do **"A".** Assinale-o:
a) andamos à cavalo o dia inteiro, até chegarmos à fazenda;
b) costumo andar à chuva e ao vento;
c) fomos a Santa Catarina e depois à Bahia;
d) trace duas linhas paralelas à do vento:
e) mataram o cão à foice e fugiram.

312. Somente (...) longo prazo será possível ajustar-se esse mecanismo (...) qualidade (...) que se destina.
a) a – à – a;   d) à – a – a;
b) à – a – à;   e) à – à – a.
c) à – à – à;

313. Qual a regência verbal **INCORRETA?**
a) obedeça a sinalização;
b) perdoei-lhe a antiga dívida;
c) paguei aos funcionários o ordenado;
d) o filme é bom, pois todos já assistiram a ele;
e) sempre aspirou à felicidade.

314. Assinale a opção em que há **ERRO.**
a) ela deu um livro para mim;
b) Pedro jogou bola comigo;
c) pensei muito em ti;
d) ela viajou com nós;
e) meu irmão sabe cuidar de si.

315. Assinale a frase com **ERRO:**
a) para mim, ver o escravo sofrer é ruim;
b) nada de bom há entre mim e o senhor, disse o escravo;
c) antes de o escravo ser chicoteado, ouvia-se grito;
d) os escravos entravam e saía das casas de São Luíz;
e) os escravos guardavam consigo ânsia e mágoas.

316. Assinale a opção em que o verbo lembrar está empregado de maneira inaceitável em relação à norma culta da língua:
a) lembrou-lhe aquela imagem de servidão, aquele espetáculo de extrema miséria;
b) era necessário lembrá-lo da multidão faminta que cambaleava, chorava e dançava ali;
c) lembrou-se, naquele instante, de que só os pretos faziam compras ou andavam no ganho;
d) só me lembrava de ter visto a invasão das casas para encher as banheiras e os potes;
e) queria que lhe lembrasse, ao sair à rua, naquelas tardes entorpecidas pelo calor, das carroças d'água.

317. Assinale o item que apresenta o emprego inadequado de pronome relativo:
a) os moços com quem falamos são estudantes de Direito;
b) eis a terra donde se colhem tão bons frutos;
c) são empresas para as quais aparecem muitos candidatos;
d) mostra-lhe-ei as canetas de que me sirvo;
e) refiro-me a esse aluno, cujo aluno já nos tem causado dissabores.

318. Assinale o item em que se omitiu uma preposição obrigatória:
a) o pretexto era a apresentação dos uniformes que iam estrear no próximo campeonato;
b) o pretexto era a apresentação dos uniformes que haviam comprado;
c) o pretexto era a apresentação dos uniformes de que precisam;
d) o pretexto era a apresentação dos uniformes por que tanto trabalharam;
e) o pretexto era a apresentação dos uniformes que tanto se referiram os cronistas esportivos.

319. Erro de regência verbal:
a) esta autora tem idéias com que todos simpatizamos;
b) eis a ordem de que nos insurgimos;
c) aludiram a incidentes de que já ninguém se lembrava;
d) qual o cargo a que aspiras;
e) há fatos que nunca esquecemos.

320. Regência verbal correta:
a) prefiro mais a cidade que o campo;
b) chegamos finalmente em Santo André;
c) esta é a cidade que mais gosto;
d) assisti ao concerto de que você tanto gostou;
e) ainda não paguei o médico.

321. Marque a frase que contém incorreção quanto à regência verbal:
a) o trabalho a que aludi será publicado no próximo mês;
b) assistiu-se a um grande espetáculo;
c) paguei o médico no tempo previsto;
d) a mudança no projeto implica despesas maiores;
e) apressou-se em desfazer o equívoco.

322. Assinale a opção em que há erro de regência.
a) prefiro a cadelinha a todos os presentes;
b) gosta mais da cadelinha do que todos os presentes;
c) Eduarda não vai esquecer mais do episódio;
d) chamou a garota de dona;
e) vou à rua procurar a cadelinha.

323. Assinale a opção gramaticalmente incorreta:
a) há cerca de vinte dias promete voltar;
b) daqui a pouco ele mudará de idéia;
c) partiu há três dias;
d) não o vejo há dez dias;
e) de hoje há dez dias sairão os resultados.

324. Assinale o certo:
a) chamamo-lo inteligente;
b) chamamo-lo de inteligente;
c) chamamos-lhe inteligente;
d) chamamos-lhe de inteligente;
e) todas as regências acima estão corretas.

325. No caso de você faltar (___) prometido, incorrerá (___) reprovação de todos.
a) pelo – na;   d) com o – para a;
b) ao – a;   e) com o – na.
c) ao – da;

326. Agradeço (_) Vossa Senhoria (_) oportunidade para manifestar minha opinião (_) respeito.
a) a – a – a;
b) à – à – a;
c) à – a – a;
d) a – à – a;
e) à – a – à.

327. Assinale a frase com erro de regência:
a) o deputado presidiu a reunião até o fim;
b) proibimos os alunos de usar os cadernos para fazer a prova;
c) certificamos nossa família de vossa decisão;
d) paguei os operários no sábado;
e) atendemos ao seu desejo.

328. “Peço __ senhora que estude, uma __ uma, as questões submetidas __ aprovação”:
a) à - a - à;
b) a - a - à;
c) a - à - à;
d) à - à - à;
e) à - à - a.

329. Há uma opção em que não se atendeu ao emprego da crase. Indique-a:
a) a cem milhas horárias você encontrará um posto à direita, a meia hora daqui;
b) às brutas entrou porta a dentro;
c) responda à sua senhoria com a consideração a que está acostumado;
d) saiu-se à mãe, esta se parece à avó;
e) dispostas a ouvi-la, postaram-se à porta de sua casa.

330. “Dê ciência ___ todos de que não mais se atenderá ___ pedidos que não forem dirigidos ___ diretoria”:
a) a - a - a;
b) a - à - a;
c) a - a - à;
d) à - à - a;
e) à - a - a.

331. Marque a frase em que o **“a”** deva ser craseado:
a) ele atacou o adversário a tiro;
b) Maria não foi a aula hoje;
c) João fez uma viagem a Mato Grosso;
d) Conversei com a diretoria do colégio sobre esse assunto;
e) o adversário atacou a cacetadas.

332. “ ___ hora prevista, todos se dirigiram ___ sala principal para assistir ___ cerimônia”.
a) a - a - a;
b) a - à - a;
c) à - à - à;
d) há - à - à;
e) há – a – a .

333. Assinale a frase em que o **“a”** sublinhado deve receber o acento de crase:
a) obedeça as regras de trânsito;
b) encontraram-se face a face;
c) dirijo-me agora a vossa excelência;
d) é uma campanha digna, a cuja disposição me ponho;
e) peço a você que não deponha o candidato.

334. “Para ganhar mais dinheiro, Manoel passou ___ entregar compras ___ domicilio ___ segundas-feiras”.
a) a - a - as;
b) a - a - às;
c) a - à - às;
d) à - a - as;
e) à - à - às.

335. Que expressões completariam as lacunas?
“Não me refiro _____ estava sentada, mas sim ______ pessoa ______ tu também te referias”.
a) a que - à - que;
b) aquela que - à - que;
c) àquela que - à - à que;
d) à que - a - à que;
e) à que - à - a que.

336. “Foi obrigado ____ embarcar no trem que saia ____ onze horas, mas mostrou ____ todos seu descontentamento”.
a) a - as - à;
b) às - as - a;
c) a - às - a;
d) à - às - a;
e) a - às - à.

337. “A disciplina naquela escola podia ser comparada ___ dos militares, mas nem por isso permitia tranqüilidade ____ professoras”.
a) a - a;
b) à - às;
c) a - as;
d) a - às;
e) a - as.

338. Aponte a frase em que o **“a”** ou **“as”** não deve levar sinal indicativo de crase:
a) dirijo-me apressado àquela farmácia;
b) refiro-me àquele rapaz que foi teu colega;
c) àquela hora todos já se tinham recolhido;
d) quero agradecer àquele rapaz as atenções que me dispensou;
e) fui para aquela praça, mas não à encontrei !

339. Na frase: “Tende a satisfazer as exigências do mercado”, substituindo-se “satisfazer” por “satisfação”, tem-se a forma correta:
a) tende à satisfação as exigências do mercado;
b) tende a satisfação as exigências do mercado;
c) tende a satisfação das exigências do mercado;
d) tende a satisfação às exigências do mercado;
e) tende à satisfação das exigências do mercado.

340. “ ______ tarde, diriji-me ______ casa, embora ______ hora todos já estivessem ____ dormir”:
a) À - à - àquela - a;
b) A - a - aquela - à;
c) À - a - àquela - a;
d) À - a - aquela - à;
e) À - a - àquela - a.

341. Marque o caso em que não houve erro, quanto a omissão ou presença de crase:
a) veio à toda, quando se pôs a frear, já era tarde;
b) a proposta, à cuja aceitação estamos presos, nem foi estudada;

c) uma à uma, gota à gota, ingeriu todo o conteúdo;
d) perspicácia a toda prova, resposta às pressas, era exigido;
e) a assistência às aulas é de lei.

342. "ainda ____ pouco, eu ____ vi atravessando aquela rua, ali ___ direita":
a) há – a – à;
b) há – a – a;
c) a – a – a;
d) a – à – à;
e) à – a – a .

343. Assinale a frase em que há o uso errado da crase:
a) quando o navio chegou, ele desceu logo à terra;
b) vou à cidade hoje;
c) vou à reunião contigo;
d) pagou tudo à vendedora;
e) chegou tarde à missa.

344. "Descendo ___ rua ___ noite, o marinheiro viu um homem que vinha ___ pé.
a) à – à – à;
b) a – à – à;
c) a – à – a;
d) à – a – a;
e) a – a – a.

CONCORDANCIA: NOMINAL E VERBAL

345. Há concordância inadequada em:
a) clima e terras desconhecidas;
b) clima e terra desconhecidos;
c) terras e clima desconhecidas;
d) terras e clima desconhecido;
e) terras e clima desconhecidos.

346. Há **erro** de concordância na opção:
a) calças e chapéus surradas;
b) poder e força mágica;
c) arreios e sela velhos;
d) rifles e alpercata nova;
e) cangaceiros e capitão temidos.

347. A concordância nominal está correta, **EXCETO** em:
a) o vento agitou as flores lilases da paineira;
b) esperança é necessário para viver;
c) a candidata estava meio nervosa;
d) os filhos são tais qual o pai;
e) as crianças estavam alerta.

348. Assinale a opção que preenche as lacunas:
Vão _________ aos processos várias fotografias.
Paisagens as mais belas ________ .
Ela estava _________ narcotizada.

a) anexas-possíveis - meio;
b) anexas-possível - meio;
c) anexo-possíveis - meia;
d) anexo-possível - meio;
e) anexo-possível - meia.

349. Assinale a opção que preenche as lacunas:
Vai _________ à carta minha fotografia. Essas pessoas cometeram crime de ________ patriotismo. Elas __________ não quiseram colaborar.
a) incluso – leso – mesmo;
b) inclusa – leso – mesmas;
c) inclusa – lesa – mesmas;
d) incluso – leso – mesmas;
e) inclusa – lesa – mesmo.

350. Assinale a opção com erro de construção:
a) vocês próprios entenderão a matéria;
b) há bastantes exemplos nesta lição;
c) ela adora pérola;
d) vocês vieram só ou acompanhados ?
e) nenhuns obstáculos conseguirão impedir nossa vitória.

351. Assinale a opção com erro de construção:
a) um e outro aluno desistiu de terminar a prova;
b) estas crianças eram as mais espertas possíveis;
c) cerveja pode ser mau para a saúde;
d) a aluna regredia olhos vistos;
e) as literaturas francesa e a inglesa são vastíssimas.

352. Assinale a opção com erro de construção:
a) água é bom para a saúde;
b) achamos estas paisagens as mais belas possível;
c) suas forças definhavam a olhos vistas;
d) é proibido entrada a pessoas estranhas ao serviço;
e) deve ser um bom livro, haja vista as suas edições sucessivas.

353. Assinale a opção com erro de construção:
a) nem um nem outro aluno conseguiram aprovação;
b) não conheço nem uma nem outra hipótese;
c) acredito que um e outro funcionário serão promovidos;
d) é claro que sou seu amigo; hajam vista das minhas declarações;
e) foi acusado de grave crime: lesa-pátria.

354. Assinale a opção com erro de construção:
a) estes alunos são os mais estudiosos possível;
b) sua aplicação ao estudo crescia a olhos vistos;
c) suas blusas rosas eram "chiquérrimas" ;
d) suas virtudes cresciam a olhos vistos;
e) ele não sabe raciocinar, haja vista os argumentos apresentados.

355. Assinale a opção com erro de construção:
a) os filhos são tal qual os pais;
b) julgo inverídicas estas notícias;
c) estas foram as sós palavras que ele disse;
d) colhemos bastantes exemplos neste livro;
e) só alunos são admitidos na reunião.

356. Assinale a opção com erro de construção:
a) as meias verdades são piores que as mentiras;
b) o professor combinou algumas aulas extras;

c) minha irmã tem verdadeira obsessão por vestidos cinza;
d) os raios ultravioleta têm larga aplicação na Medicina;
e) vocês estão só ou acompanhados ?

357. Assinale a opção com erro de construção:
a) ele comprou livros e revistas bastante antigos;
b) os filhos são tais qual a mãe;
c) todos os soldados do quartel estavam alertas;
d) sua opinião é um crime de lesa-inteligência;
e) estudamos profundamente a língua inglesa e a francesa.

358. Assinale a opção com erro de construção:
a) são duas nações todo poderosas;
b) é vedado cópia deste livro;
c) mais trabalho e menas palavras;
d) alguns cientistas dizem que cebola é ótimo para o sangue;
e) a literatura provençal e a portuguesa apresentaram alguns pontos de contato.

359. Tendo em vista as regras de concordância, assinale a opção em que a forma entre parêntese **NÃO** completa corretamente a lacuna da frase:
a) devem ser bem ________ engenho e habilidades daqueles que integram uma mesma comunidade. (coordenadas) ;
b) os países pobres e os países ricos possuem recursos e necessidades muito _______ ; (diversos);
c) é preciso que Ciência e Tecnologia estejam __________ às aspirações da comunidade; (subordinadas);
d) em muitos países, estão intimamente _________ o fenômeno científico e o social; (ligados);
e) os mecanismos e intenções que determinam a pesquisa nos países ricos são erroneamente __________ , para os países pobres. (transferidos);

360. Assinale a alternativa que apresenta silepse de pessoa.
a) ele foi recompensado e os demais esquecidos;
b) os alunos da Universidade fomos informados que as aulas recomeçarão em março;
c) Vossa Excelência, senhor bispo, é muito generoso;
d) o povo, mesmo considerando os riscos em estar ali, não se afastaram enquanto não chegava o seu líder.

361. Assinale a opção em que há erro de concordância:
a) não eram caras a canetinha e o balãozinho que o camelô vendia;
b) o camelô vendia barato canetas e balões coloridos;
c) o camelô vendia, baratos, os balõezinhos e as canetinhas;
d) os balões e as canetas vendidos pelo camelô eram baratíssimos;
e) os pequeninos balões e canetas, que o camelô vendia, não eram caros.

362. Assinale a alternativa que preenche adequadamente as lacunas.
Já _______ oito anos, que não _________ as peças de seu diário e ______ pessoas, naquela casa, que não se preocupavam com isso.
a) iam fazer - se consertavam - havia;
b) ia fazer - se consertavam - havia;
c) ia fazer - se consertavam - haviam;
d) ia fazer - consertavam-se - haviam;
e) iam fazer - consertavam-se - havia.

363. Assinale a opção em que há erro de concordância em relação a norma culta da língua:
a) o trabalho do cientista é um dos que mais merece o reconhecimento da sociedade;
b) um grande número de cientistas trabalha em condições precárias;
c) deve existir condições especiais para o trabalho do cientista;
d) valorizem-se os cientistas, oferecendo-lhes condições especiais de trabalho;
e) quer-se criar condições especiais para o trabalho do cientista.

364. Assinale a opção em que o uso do verbo **haver** se faz de acordo com a norma culta da língua.
a) haverão anos sem que o veja novamente;
b) não deveriam haver condições melhores para o Romantismo senão após nossa emancipação política;
c) houveram protestos contra a reforma de Lutero;
d) não poderiam haver alunos mais estudiosos que os desta turma;
e) não se houveram bem aqueles rapazes.

365. Assinale a opção em que a lacuna pode ser preenchida por qualquer das duas formas verbais indicadas entre parênteses.
a) um dos seus sonhos ________ morrer na terra natal (era / eram);
b) aqui não _________ os sítios onde eu brincava. (existe / existem);
c) uma porção de sabiás ________ na laranjeira; (cantava / cantavam);
d) não _______ em minha terra belezas naturais; (falta / faltam);
e) sou eu que _______ morrer ouvindo o canto do sabiá. (quero / quer).

366. Assinale a opção que se completa com a segunda forma dos parênteses.
a) Creio que _________ existir pessoas honestas; (deve / devem)
b) amanhã ________ fazer cinco anos que voltaste; (vai / vão)
c) pensamos que _________ muitos pretendentes a este cargo; (haverá / haverão)
d) todos crêem que __________ ocorrer um empate; (pode / podem)
e) pelos meus cálculos __________ fazer três dias que ela não aparece. (vai / vão)

367. Tendo em vista as regras de concordância assinale a única oração em que a forma entre parênteses completa corretamente a lacuna da frase:
a) _________, na verdade, diferentes motivos responsáveis pela nossa dependência tecnológica (existe);
b) é indispensável que se _________ entre pesquisas científicas e aspirações da comunidade uma estreita vinculação (mantenham);
c) a força de certos mecanismos _________ com que as pesquisas nos países pobres girem em torno de interesses dos países ricos (fazem);
d) _________ combinar-se engenho e habilidades dos homens para a resolução dos problemas específicos da comunidade (devem);
e) é preciso que tanto o desenvolvimento científico quanto o tecnológico __________ primeiramente em conta o fator cultural (leve).

368. Assinale a opção em que a lacuna pode ser preenchida por qualquer das duas formas verbais colocadas entre parênteses:
a) não ________ motivos para acreditarmos que o computador constitui séria ameaça contra os direitos individuais (falta / faltam);
b) grande parte das previsões de alguns escritores _________ assumindo feição de realidade no mundo atual (está / estão);
c) o computador certamente _________ profundas modificações na estrutura da sociedade moderna (introduzirá / introduzirão);
d) no futuro, __________ desaparecer certos direitos de que hoje todos os indivíduos compartilham (poderá / poderão);
e) é provável que futuramente ________ sob o controle do computador todos os nossos negócios e a nossa vida privada (fique / fiquem).

369. Em todas as frases a concordância verbal realizada é a única possível, **EXCETO** em:
a) cada um de nós mentiu-lhe estupidamente;
b) quando se acabariam aqueles serviços moles;
c) tinha havido alguns minutos de silêncio;
d) tudo era matéria às curiosidades de Capitu;
e) a causa eram provavelmente os seus projetos.

370. A concordância é facultativa em:
a) quantos de vós estais preparados;
b) “a gente de nossa família trabalha nas plantações”;
c) bateram seis horas no relógio da igreja;
d) mais de um dos convidados se cumprimentaram efusivamente;
e) mais de um banhista se afogou nessa praia no ano passado.

371. Observando a concordância nominal dos períodos abaixo, assinale a única alternativa indefensável:
a) será boa toda cautela na resolução desse problema;
b) duas garfadas foram suficientes para fazê-la calar;
c) a senhora é professora? Sou-o !
d) quem a julga sábia só pode ser míope;
e) achei-a, meia estragada !

372. Assinale a opção cujo adjetivo **NÃO** se flexiona como **latino-americano** (“países latino-americanos”) :
a) sócio-cultural;
b) histórico-geográfico;
c) herói-cômico;
d) cívico-religioso;
e) vermelho-sangue.

373. Assinale a frase que apresenta, em relação à norma culta da língua, erro de concordância:
a) deu-se às poesias o nome de **PRIMEIROS CANTOS;**
b) grande parte das poesias não têm uniformidade nas estrofes;
c) pode as regras de mera convenção ser menosprezadas;
d) adotaram-se todos os ritmos da metrificação portuguesa;
e) os ritmos utilizados me pareceu quadrarem melhor com o que eu pretendia exprimir.

374. Assinale a opção em que, de acordo com as normas da língua culta, ambas as formas verbais entre parênteses podem ser empregadas:
a) faria alpercatas fortes que um dia (romperia / romperiam) a terra dura das caatingas;
b) (cantava / cantavam) os canários da biqueira, acompanhando a alegria de José Amaro;
c) só (havia / haviam) dois homens no mundo que ele podia ajudar, disse ao aguardenteiro;
d) (trabalharia / trabalhariam) para o capitão, dali por diante, mestre José Amaro e o aguardenteiro;
e) não queria que José Paulino e os outros o (visse / vissem) assim como estava.

375. Assinale a concordância verbal inaceitável em relação à norma culta.
a) Deve haver ainda estrelas no céu;
b) hão de existir outros sistemas planetários;
c) há de haver outros sistemas planetários;
d) podem existir dificuldades intransponíveis;
e) podem haver novos exames.

376. O infinitivo está flexionado corretamente, **EXCETO** em:
a) encontrei seus cartões, amáveis de ler, cheios de ternura;
b) para venceres a disputa, é preciso que treines muito;
c) mandei-os saírem tão logo chegaram;
d) ontem, ninguém os viu chegar;
e) costumamos sair bem cedo.

377. A concordância verbal está correta, **EXCETO** em:
a) as estrelas parecem piscar;
b) tudo isso foram suposições;
c) davam cinco horas quando ele chegou;
d) escutava-se uma ou outra voz sussurrante;

e) fazem dois anos que ele daqui se mudou.

378. Assinale a opção que apresenta **erro** de concordância:
a) palavras e exemplos dignos;
b) palavra e exemplo digno;
c) exemplo e palavra dignos;
d) exemplo e palavra dignas;
e) dignas palavras e exemplos.

379. Assinale o **erro** de concordância nominal:
a) desertos estavam a casa, a vila e o templo;
b) desertos estavam o templo, a casa e a vila;
c) desertas a casa, a vila e o templo;
d) deserto o templo, a casa e a vila;
e) deserta a vila, o templo e a casa.

380. Assinale o **erro** de concordância nominal:
a) anexos vão o recibo e a fatura;
b) anexo vão o recibo e a fatura;
c) anexa vai a fatura e o recibo;
d) anexo vai o recibo e a fatura;
e) anexos vão a fatura e o recibo.

381. Assinale o **erro** de concordância nominal:
a) a própria aluna confessou o erro;
b) eles mesmos trouxeram as sementes;
c) estamos conforme com tua opinião;
d) usava sapatos areia e luvas pérolas;
e) as crianças feriram-se a si mesmas.

382. Assinale o **erro** de concordância nominal:
a) vazios estavam a casa, a vila e o templo;
b) vazios estavam o templo, a casa e a vila;
c) vazias a casa, a vila e o templo;
d) vazio o templo, a casa e a vila;
e) vazia a casa, o templo e a vila.

383. Assinale o **erro** de concordância nominal:
a) anexos vão o bilhete e a carta;
b) anexo vai o bilhete e a carta;
c) anexo vão o bilhete e a carta;
d) anexa vai a carta e o bilhete;
e) anexos vão a carta e o bilhete;

384. Assinale o **erro** de concordância nominal:
a) tempo por mentirosos o réu e seu cúmplice;
b) marido e mulher caminhavam amuados, lado a lado;
c) diante do estranho homem, meninos e meninas ficaram desconfiados;
d) julgamos o aluno e a aluna mentirosos;
e) tenho o aluno e seu companheiro como mentiroso.

385. Assinale o **erro** de concordância nominal:
a) sós, Pedro e Paulo abriram o cofre;
b) só Pedro e Paulo conhecem o segredo do cofre;
c) definitivamente fiquei quites com o serviço militar;
d) a própria diretora afirmou que viria: sim, ela mesma;
e) comprei dois ternos azul-marinho.

386. Assinale o **erro** de concordância nominal:
a) estavam abertos a porta e as janelas;
b) vivemos tormento e martírio contínuo;
c) o rapaz era tal qual a mãe;
d) eu quero mais trabalho e menos palavras;
e) não conheço nem uma nem outra hipótese.

387. Assinale o **erro** de concordância nominal:
a) a sociedade torna-se mais agressiva a olhos vista;
b) estavam as portas meio abertas;
c) estudava a literatura francesa e inglesa;
d) os soldados estavam alertas;
e) as crianças feriram-se a si mesmas.

388. Assinale o **erro** de concordância nominal:
a) um e outro aluno desistiu de terminar a prova;
b) cerveja é bom para a saúde;
c) nesta cidade, há paisagens as mais belas possível;
d) Estados Unidos e Inglaterra são duas nações todo poderosas;
e) estudamos a cultura grega e latina.

389. Assinale a frase em que **não** se permite a concordância variante colocada entre parênteses:
a) entre os animais domésticos, mencione-se o cachorro, o gato, o cavalo, o boi. (mencionem-se);
b) iremos à festa eu, tu e minha irmã; (irei)
c) quantos de nós poderemos atirar a primeira pedra? (poderão)
d) metade das mercadorias importadas estava imprestável; (estavam)
e) qual de vós seguirá o Magistério. (seguireis)

390. Assinale a frase em que **não** se permite a concordância variante colocada entre parênteses:
a) cada um de nós recebeu sua parte; (recebemos)
b) um grupo de alunos se perdeu nas matas da Tijuca; (perderam)
c) muitos de nós conseguiram conquistar o ideal pretendido; (conseguimos)
d) resolvi que iríamos eu e ele; (iria)
e) “obriga-nos a terra e o brio”. (obrigam-nos)

391. Assinale a única frase em que há **erro** de concordância verbal:
a) o engenheiro com a mulher e os filhos foram para o interior a fim de construir algumas estradas para o D.N.E.R;
b) eu com minha mulher chegamos ontem de Paquetá;
c) o general com seus soldados defendeu até a morte a posição;
d) o policial e “leão de chácara” foi autuado por desacato;
e) era um “cabeça-dura”; medos, ameaças, castigos, nada o convenceu.

392. Assinale a única frase em que há **erro** de concordância verbal:
a) "dar aula e manter disciplina é dever do professor";
b) o diretor assim como o professor concordaram com a reunião;
c) irei à praia todos os dias enquanto durar as férias e o calor;
d) acredito que o Pedro ou João será eleito Presidente do Grêmio;
e) o ladrão ou ladrões conseguiram fugir sem deixar pista.

393. Assinale a opção com **erro** de construção:
a) será que tudo isso são "fofocas";
b) o que seriam desses meninos se lhes faltassem os pais;
c) que hão de ser estas crianças ao crescerem;
d) que seriam aqueles homens vestidos estranhamente;
e) quem são os faltosos.

394. Assinale a opção com **erro** de construção:
a) Sócrates foi condenado por crime de lesão-moral;
b) os escoteiros estão sempre alerta;
c) a mulher corria meio louca pela rua;
d) a menina ficou toda encabulada com o elogio;
e) os raios infravermelhos não são percebidos pela nossa vista.

395. Assinale a opção com **erro** de construção:
a) o aluno só entra no colégio se estiver quites;
b) estes livros já estão meio usados;
c) é preciso que se liguem os alto-falantes;
d) "estes homens combatiam meios nus ..." (A. Herculano).
e) houve uma reunião na sede do Sindicato de Professores de Ensino Primário e Médio.

396. Observe com atenção a concordância das frases e marque a resposta certa.
1 - Creio que o relógio deu agora mesmo cinco horas.
2 - Ele é um dos que deveriam falar na reunião.
3 - Acabou de dar as quatro horas no relógio da Central.
4 - Os homens parece que tarde ou nunca se emendam.
5 - Não vale a pena falar nas lutas que poderiam haver entre eles.
6 - Cada vez mais precisa-se de trabalhadores especializados.
7 - Havia de existir outras razões tão fortes quanto estas.
8 - Tudo são obstáculos que devem ser vencidos.
9 - Cinco anos vão fazer que esses diplomas foram expedidos.
10 - Uma e outra razões não me convenceram.

a) todas certas;
b) certas as pares.
c) cinco erradas;
d) erradas as ímpares;
e) apenas a 9 está errada.

397. Marque o emprego **incorreto** do verbo **"VER":**
a) eles houveram por bem usar a via férrea;
b) tudo leva a crer que houve feridos no acidente;
c) havia meses que não se falava em futebol;
d) não podem haver dúvidas quanto ao aproveitamento do oleoduto;
e) espero que todos se hajam bem no concurso.

398. Marque o item **incorreto** quanto à concordância verbal:
a) deu quatro horas no relógio da igreja;
b) fez três dias que não o encontro;
c) as estrelas parece brilharem no céu;
d) quer-se mudar os sistemas de transportes;
e) vendem-se relógios nesta loja.

399. Marque o item em que **se** é símbolo de indeterminação do sujeito.
a) transportavam-se grandes quantidades de petróleo;
b) assiste-se ao processo da indústria petrolífera brasileira;
c) não sei se eles virão hoje;
d) foi-se embora sem nos avisar;
e) deixou-se abraçar pelo adversário.

400. Assinale a frase com **erro** de concordância do verbo **SER:**
a) já são horas de dormir, meu filho;
b) neste exato momento, são oito horas;
c) creio que eram nestas horas que eles deviam mostrar seu altruísmo;
d) daqui a São Paulo são 500 quilômetros;
e) eram as Aves-Marias.

401. Assinale a opção em que a lacuna pode ser preenchida por qualquer das duas formas verbais colocadas entre parênteses.
a) fui eu que mais ________ contra o poder burguês; (lutei / lutou)
b) grande parte do grupo feminista __________ a submissão das mulheres; (legitima / legitimam)
c) futuramente, __________ aparecer movimentos feministas que enfraqueçam o poder burguês (poderá / poderão)
d) _________ que todos os movimento feministas deixem de se submeter aos homens; (convém / convêm)
e) nem o movimento feminista nem o machista ________ legitimam o poder burguês. (deverá / deverão)

402. Tendo em vista as regras de concordância, assinale a única opção em que a forma entre parênteses não completa corretamente a lacuna da frase:
a) ficam ______ o movimento do sangue e as veias; (deslocados)
b) foram ______ as válvulas venosas como pequenas conchas; (definidas)

c) é preciso que sejam _______ os braços e as pernas; (movimentadas)
d) o coração e os pulmões possuem recursos e necessidades _________ ; (diversos)
e) devem ficar _________ naquela posição, com as pernas balançando, os pés, provocando um maior sofrimento; (pendurados)

Tendo em vista as regras de concordância, assinale a única opção em que a forma entre parênteses completa corretamente a lacuna da frase.
a) _____ muitas coisas a se pretender para melhorar o ritmo das batidas do coração; (existe)
b) _____ contrair-se, por exemplo, todos os músculos: (pode)
c) a parede dos vasos sangüíneos _____ muito, porque são contráteis; (dilatam)
d) ______, no entanto, haver muitos recursos quanto ao prolongamento da resistência física; (deve)
e) as alterações de peso _________ problemas sérios. (acarreta)

403. Assinale a opção em que, de acordo com as normas da língua culta, ambas as formas verbais entre parênteses podem ser empregadas:
a) apenas (havia / haviam) três clientes na sala;
b) só queria que o pai e outros se (recuperasse / recuperassem);
c) (ficaria / ficariam), naquele lugar, os membros da delegação e os recepcionistas;
d) (existiria / existiriam) o vigário e padrinho do menino;
e) (faltava / faltavam) somente dez segundos para o início da festa.

404. É provável que _______ vagas na Academia, mas não ______ pessoas interessadas: são muitas as formalidades a ______ cumpridas.
a) hajam - existem - ser;
b) hajam - existe-ser;
c) haja - existem - serem;
d) haja - existe - ser;
e) hajam - existem - serem.

CONCORDÂNCIA

405. Assinale a alternativa onde o verbo haver não admite plural e, por isso, está errado:
a) os soldados se houveram como herói;
b) os condenados houveram o perdão para seus erros;
c) se eles não vierem, eles se haverão comigo;
d) será que haverão vagas no estacionamento?
e) os jogadores já haviam deixado o campo.

406. Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal:
a) sou eu que primeiro saio;
b) é cinco horas da tarde;
c) da cidade à praia é dois quilômetros;
d) dois metros de tecidos são pouco para o terno;
e) nenhuma das alternativas anteriores esta correta.

407. Quantas semanas ________ para elas ________ o trabalho?
a) é necessário – terminassem;
b) é necessário – terminar;
c) são necessários – terminarem;
d) são necessárias – terminem;
e) são necessárias – terminarem.

408. No período “Não fui eu que fiz a prova”, explica-se a concordância correta na segunda oração porque:
a) o verbo concorda em gênero e número com o sujeito;
b) o verbo concorda em número com o sujeito;
c) o sujeito sendo o relativo **que** o verbo terá o número e a pessoa do antecedente;
d) o relativo sendo sujeito, o verbo concorda com o antecedente em número;
e) o sujeito sendo o relativo **que** o verbo fica na 3ª pessoa do singular.

409. Leia atentamente “A letra das composições musicais contemporâneas refletem, com nitidez os problemas sociais que o Brasil está enfrentando”. O período acima apresenta uma incorreção gramatical, pois há uma falta de concordância entre os termos:
a) problemas e enfrentando;
b) Brasil e está enfrentando;
c) composições e refletem;
d) composições e está enfrentando;
e) letra e refletem.

410. Para que não ________ equívocos quanto ao funcionamento da biblioteca, _________ no quadro mural, além de outros avisos, todos os horários de atendimento.
a) continuassem ocorrer, foi afixado;
b) continuassem a ocorrer, foi afixado;
c) continuasse a ocorrer, foi afixado;
d) continuassem a ocorrer, foram afixados;
e) continuasse a ocorrer foram afixados.

411. Assinale a alternativa que completa as frases:
I - Grande parte dos alunos _________ hoje;
II - Não serão vocês quem ________ o problema;
III - Os Estados Unidos ________ da reunião.
a) faltou – resolverão – participará;
b) faltaram – resolverá – participará;
c) faltaram – resolverá – participarão;
d) faltou – resolverá – participarão;
e) a alternativa “c” e “d” estão corretas.

412. Indique a alternativa correta:
“Fomos nós que o __________ , porque a maioria dos rapazes __________ dar-lhe uma surra. Quais de vós _________ isso também ?”
a) defendemos – queria – faria;
b) defendeu – queriam – faríes;
c) defendemos – queriam – faria;

d) defendeu – queria – fariam;
e) defendemos – queriam – fariam.

413. Indique a alternativa que completa as frases:
I - Não se _______ tais acordos;
II - A família, os amigos, os vizinhos, ninguém ________ ajudá-lo;
III - ________ -se de auxiliares.
a) farão – pode – precisam;
b) fará – podem – precisa;
c) farão – podem – precisa;
d) farão – pode – precisa;
e) n. d. a .

414. Assinale a alternativa cuja lacuna pode ser preenchida com as duas formas verbais que estão sugeridas entre parênteses:
a) a praça, as ruas, as casas, tudo ________ com o temporal (acabou - acabaram);
b) ________ - se casas novas (vende - vendem);
c) à tarde, __________ o advogado e seu cliente (chegou -chegaram);
d) Não se ________ em suas propostas (confiou - confiaram);
e) o médico e sua família _______ (viajou-viajaram).

415. “Tais coisas não se ________ mesmo que _______ a favor dela, seu pai e seus amigos”:
a) faz - seja;
b) faz - sejam;
c) fazem - seja;
d) fazem - sejam;
e) as alternativas “c” e”d” estão corretas.

416. É ________ organização para que ________ atividades que _______ para hoje saiam a contento:
a) necessária – as inúmeras – foi programadas;
b) necessário – a inúmera – foi programado;
c) necessário – as inúmeras – foram programadas;
d) necessária – as inúmeras – foi programado;
e) as alternativas “a” e”d” estão corretas.

417. “Vossa Excelência ___ que eu ___ traga o ___ jornal”:
a) quer – lhe – vosso;
b) quer – vos – seu;
c) quereis – vos – vosso;
d) quer – lhe – seu;
e) queres – lhe – vosso.

418. Assinale a alternativa com regência correta:
a) prefiro mais a liberdade do que o cativeiro;
b) prefiro mais a liberdade que o cativeiro;
c) prefiro a liberdade ao cativeiro;
d) prefiro a liberdade mais que o cativeiro;
e) n.r.a.

419. Com referência à regência do verbo assistir, todas as alternativas estão corretas, exceto:
a) assistimos ontem um belo filme na televisão;
b) os médicos assistiram os feridos durante a guerra;
c) o técnico assistiu os jogadores no treino;
d) assistiremos amanhã a uma missa de 7º dia;
e) Machado de Assis assistia em Botafogo.

420. A alternativa incorreta de acordo com a gramática culta é:
a) obedeça o regulamento;
b) custa a crer que eles brigaram;
c) aspiro o ar da manhã;
d) prefiro passear a ver televisão;
e) o caçador visou o alvo.

421. Complete a frase abaixo:
“assisti ____ filme que você indicou, pois preferi ir ao cinema _______ ficar em casa”.
a) o - do que;
b) o - a;
c) ao - que;
d) ao - a;
e) o - que.

422.
I - “A arma ____ se feriu desapareceu”;
II - “Estas são as pessoas ____ lhe falei”;
III - “Aqui está o foro ______ me referi”;
IV - “Encontrei um amigo de infância _____ nome não me lembrava”;
V - “Passamos por uma fazenda ________ se criam búfalos”.
a) que - de que - à que - cujo - que onde;
b) com que - que - a que - cujo qual-onde;
c) com que - das quais-a que -de cujo -onde;
d) com o qual - de que -que -do qual - onde;
e) que - cujas - as quais - do cujo - na cuja.

423. “São excelentes técnicos _______ colaboração não podemos prescindir”:
a) cuja;
b) de cuja;
c) que a;
d) de que a;
e) dos quais a.

424. Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase:
“O controle biológico de pragas, ______ o texto faz referência, é certamente o mais eficiente e adequado recurso _______ os lavradores dispõem para proteger o solo”:
a) do qual - com que;
b) de que - que;
c) que - o qual;
d) ao qual - cujos;
e) a que - de que.

425. Eu não _____informei ____ o jogo foi cancelado”:
a) o - que;
b) lhe - de que;
c) o - de que;
d) lhe - que;
e) as alternativas “c” e “d” estão corretas.

426. “O candidato, _______ méritos não duvidamos,não se apercebeu _______ seria derrotado”.
a) de cujos - de que;

b) cujo os - em que;
c) dos quais - que;
d) cujos seus - que;
e) que seus - em que.

TERMOS DA ORAÇÃO. VALOR SEMÂNTICO DAS CONJUNÇÕES. CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES.

427. Qual a expressão grifada, que **NÃO** funciona como sujeito:
a) “piam perto, na sombra, **as aves agoureiras**”;
b) “morre ! morrem-te **às mãos** as pedras desejadas”;
c) “hão - de frutificar **as fomes e as vigílias**”;
d) “quando, aos beijos do sol, sobrarem **as colheitas**”;
e) “dorme de novo **tudo**”.

428. Assinale a opção em que a mudança feita acarreta alteração de função sintática:
a) seringueiro, dorme na escureza da floresta;
b) dorme, seringueiro, na escureza da floresta;
c) na escureza, seringueiro, da floresta, dorme;
d) na escureza da floresta, seringueiro dorme;
e) dorme na escureza da floresta, seringueiro.

429. O termo sublinhado exerce a função de objeto indireto, **EXCETO** em:
a) lembrei-lhe a data de aniversário de sua mãe;
b) perdi a cabeça durante a discussão e dei-lhe na cara;
c) devido a problemas de saúde, proibiram-lhe que fumasse;
d) incumbiram-lhe que entregasse a encomenda;
e) com certeza, pagou-lhe com bastante atraso

430. O elemento grifado está corretamente classificado, **EXCETO** em:
a) o filme é impróprio para menores; (complemento nominal)
b) ignoro onde estão seus conhecimentos; (adjunto adverbial de lugar)
c) deve-se ser tolerante com o próximo; (adjunto adnominal)
d) em teu pensamento, serei apenas lembrança; (predicativo do sujeito)
e) há acontecimentos em minha vida de que não gosto. (objeto indireto)

431. Todas as alternativas contêm predicado nominal, **EXCETO** em:
a) a casa, de longe, parecia um monstro;
b) aquele amor deixava-o insensível:
c) ultimamente andava muito nervoso;
d) fique certo: eu não sou você;
e) o tempo está chuvoso, sombrio.

432. Assinale a única frase com predicado nominal:
a) os alunos permaneceram em sala;
b) estavam todos na praça assistindo ao concerto;
c) o tempo parece que vai melhorar;
d) o menino continuou a leitura;
e) infelizmente, o professor continua doente.

433. Assinale a frase com predicado verbal:
a) o colega acusou-o de covarde;
b) gostei do passeio marítimo;
c) o professor entrou preocupado em sala;
d) os amigos ficaram surpresos com sua reação;
e) estavas com saudades de teus irmãos.

434. Assinale a opção com predicado verbo-nominal:
a) os alunos estudiosos normalmente são aprovados;
b) todos ficaram estáticos diante da paisagem;
c) o espetáculo está anunciado há cerca de dois meses;
d) nunca o julgamos de tal atitude;
e) a ciência não é moral nem imoral; é amoral.

435. Assinale a frase com sujeito indeterminado:
a) consertam-se relógios;
b) falaram na sessão todos os oradores inscritos;
c) disseram que o Concurso não será fácil;
d) os beija-flores pairam no ar e sugam o pólen das flores;
e) construíram-se muitas estradas no interior do Brasil.

436. Assinale a única frase com verbo de ligação:
a) continuamos em silêncio durante muito tempo;
b) apesar da chuva, fiquei no meu posto;
c) vivi em Itabira alguns anos;
d) andei longes terras à procura de solução;
e) permanecemos no colégio a manhã inteira.

437. Assinale a opção em que o termo grifado **NÃO** apresenta o valor circunstancial indicado entre parênteses:
a) “ia pelo corredor que o velho José Paulino fizera” (lugar);
b) “no outro dia não voltou mais para trabalhar” (tempo) ;
c) “o mestre estremeceu com a palavra do homem” (instrumento) ;
d) “faria alpercatas fortes para romper a terra dura das caatingas” (fim);
e) “lá para fora José Passarinho cantava baixinho” (modo) .

438. Assinale a opção em que a preposição de manifesta o mesmo valor que apresenta em “ (....) e corou da alusão que havia em suas palavras.”
a) as crianças sorriam de frio;
b) vieram hoje de Recife;
c) tinha no dedo um anel de ouro;
d) sempre trabalhei de noite;
e) alimentava-se apenas de pão e água.

439. Assinale a opção em que a preposição **de** exprime a mesma idéia que possui em “... a cair de fome.”
a) de tanto chorar, os seus olhos ficaram inchados;

b) de noite todos os gatos são pardos;
c) chegaram hoje cedo de Pernambuco;
d) devemos nutrir o espírito de boas leituras;
e) carregava no bolso um relógio de ouro.

440. Assinale o item em que o verbo deve ir obrigatoriamente para a 3ª pessoa do plural:
a) vive-se bem no Nordeste;
b) necessita-se de datilógrafos;
c) procura-se secretárias estenógrafas;
d) admite-se secretária bilíngüe;
e) dispõe-se de incentivos estrangeiros.

441. Na passagem ". . . um cego que me puxava as orelhas...", o pronome me indica posse (por isso podendo ser analisado como adjunto adnominal). Da mesma forma ocorre com o pronome grifado em:
a) tenho-lhe ódio;
b) escuto-lhe a voz;
c) ela me tratava bem;
d) este é o presente que me deste;
e) não lhe quero mal.

442. Assinale o item em que o elemento sublinhando não é adjunto adverbial:
a) ele sempre agiu comigo às direitas;
b) esta noite haverá jogo no Maracanã;
c) tremiam de frio as pobres crianças;
d) colhemos bastantes exemplos em Castro Alves;
e) as árvores se conhecem pelos frutos.

443. Assinale o item em que o elemento sublinhado não é agente da passiva:
a) Desejaria que os exercícios fossem feitos por todos;
b) eras amado de teus pais:
c) foi oferecido um prêmio ao melhor aluno da turma;
d) a América teria sido descoberta pelos "vikings"?
e) fui reprovado por quem não esperava.

444. Assinale o único item em que o elemento sublinhado não é aposto:
a) só desejo uma coisa que vocês sejam aprovados;
b) nada impedia seus planos: tristeza, dores, sofrimentos;
c) Rui Barbosa, a Águia de Haia, elevou bem alto o nome do Brasil;
d) ele conseguiu ser aprovado, o que alegrou muito a seus pais;
e) entre políticos não se perdoam duas coisas: a neutralidade e a apostasia.

445. Assinale o item em que o elemento sublinhado não é vocativo:
a) "eu, que a pobreza dos meus pobres cantos / dei aos heróis..."(C.Alves);
b) "estavas, linda Inês, posta em sossego . . . " (Camões);
c) "ó tu, que tens de humano o gesto e o peito . . . . " (Camões);
d) "boa noite ! - formosa Consuelo ! . . . " (C. Alves);
e) "Deus, ó Deus, onde estás que não respondes?"

446. Assinale o item em que o termo sublinhado não é complemento nominal:
a) a invenção da imprensa abriu novos horizontes ao homem;
b) todos estamos confiantes em tua vitória;
c) gorou minha ida à Bahia;
d) algumas tribos foram hostis aos portugueses;
e) a obediência dos cidadãos às leis é um imperativo social.

447. Assinale a opção em que o termo sublinhado desempenha função sintática distinta da dos demais, em relação aos textos:
a) imagens vilíssimas da servidão;
b) espetáculos de extrema miséria;
c) legiões de homens;
d) reverberações de prata polida;
e) as folhas das árvores.

448. Assinale a opção em que as preposições **POR** e **COM** exprimem as mesmas idéias que possuem em: POR displicência, machucou-se COM a faca.
a) por hoje, eu diria com vocês: basta;
b) por mais que estude, não é aprovado com destaque;
c) por caminhos estranhos, andava a maluca com fome;
d) por nosso esforço, conseguimos a aprovação com méritos;
e) por ironia do destino, o policial matou-se com sua arma.

449. Assinale a única opção que não se completa adequadamente com a preposição entre parênteses.
a) O caminho ______ onde vamos é muito; (por)
b) caminharemos _____ o mar; (até)
c) falava-se ______ a reforma eleitoral; (sobre)
d) casa _____ cujo teto morávamos; (sob)
e) o aluno ______ que todos maltratavam era meu amigo. (a)

450. Assinale a alternativa que contém um objeto indireto.
a) o bom filho é obediente aos pais;
b) a festa decepcionou a todos;
c) o bom filho obedece aos pais;
d) os pais são obedecidos pelo bom filho;
e) a obediência aos pais é dever do bom filho.

451. O amor não só traz alegria como também alimenta. Neste período, a conjunção é:
a) subordinativa causal;
b) coordenativa aditiva;
c) coordenativa conclusiva;
d) subordinativa comparativa;
e) conformativa.

452. "O mais certo é não dirigir veículo sem carta de habilitação", a oração sublinhada é reduzida de infinitivo com valor de subordinada:
a) adverbial;

b) coordenada:
c) adjetiva;
d) substantiva;
e) reduzida.

453. Qual dos períodos abaixo não apresenta oração substantiva?
a) pensei estar bem informado;
b) conclui estarmos enganados;
c) prepara-te, para não decepcionares;
d) Paulo era incapaz de cumprir a promessa;
e) é proibido fumar.

454. Assinale a opção em que a troca do termo extraído do trecho abaixo pela forma colocada entre parênteses implicaria sensível alteração de sentido: "Uma observação mais cuidadosa revela, porém (A), que Ciência e Tecnologia não se comportam como (B) mercadorias, mas (C) como bens culturais: é por isso, talvez, que toda tentativa de transferência de tecnologia fracassa e resulta no (D) que não passa de alguma (E) forma efêmera de prestação de serviço."
a) "porém" / (portanto);
b) "como" / (do mesmo modo que);
c) "mas" / (e sim);
d) "no" / (naquilo);
e) "alguma" / (uma).

455. Numa das frases abaixo, não se encontra exemplo da conjunção anunciada. Assinale-a:
a) subordinativa concessiva -" Conquanto estivesse cansado, concordou em prosseguir";
b) subordinativa condicional - "Digam o que quiserem contanto que não me ofendam";
c) subordinativa temporal - "mal anoiteceu, iniciou-se a festa com grande entusiasmo" ;
d) subordinativa final - "saiu sem que ninguém percebesse" ;
e) subordinativa causal - "como estou doente, não comparecerei".

456. "O destino do réu depende do juiz. O processo está com o juiz". Utilizando-se um só período para reconstruir o que está sendo afirmado, teremos:
a) o processo está com o juiz, embora o réu dependa do seu destino;
b) o processo está com o juiz, de quem depende o destino do réu;
c) o processo está com o juiz, cujo réu depende do seu destino;
d) o processo está com o juiz, a quem depende o destino do réu;
e) o processo está com o juiz, que dependa o destino do réu.

457. Assinale o período em que ocorre a mesma relação significativa existente entre os termos grifados em: "a atividade científica é tão importante quanto qualquer outra atividade econômica":
a) o rapaz era tão aplicado, que em pouco tempo foi promovido;
b) quanto mais estuda, menos aprende;
c) tenho tudo quanto quero;
d) sabia a lição tão bem como eu;
e) todos estavam exaustos, tanto que se recolheram logo.

458. No período - "Torna-se, portanto, imperativa uma revisão conceitual do modelo presente do processo de desenvolvimento tecnológico de modo a levar em conta o fator cultural como dominante" - a oração grifada traduz:
a) concessão;
b) conseqüência;
c) comparação;
d) condição;
e) proporção.

459. Assinale a opção em que as orações do período enunciado se relacionam por coordenação e subordinação e não apenas por coordenação:
a) no aconchego / do claustro, na paciência e no sossego / trabalha e teima, e lima, e sofre, e sua;
b) os camelôs ensinam nas ruas os mitos heróicos da meninice e dão aos homens que passam uma lição de infância;
c) entre os camelôs das ruas, uns falam pelos cotovelos e outros, coitados, têm a língua atada;
d) os camelôs vendem canetinhas-tinteiro por quase nada, mas elas jamais escrevem coisa alguma;
e) o camelô dos brinquedos de tostão oferece balõezinhos de cor, mostra bonequinhos jogadores de box, exibe no chão da calçada pererecas verdes.

460. Assinale o item com oração sub. adjetiva explicativa:
a) nem tudo que reluz é ouro;
b) O aluno que estuda é aprovado;
c) meu irmão, que mora em Petrópolis, está doente;
d) meu irmão que mora em Petrópolis está doente;
e) os cachorros que latem não mordem.

461. Assinale a oração em que a substituição da expressão grifada altera sensivelmente o sentido do enunciado:
a) "em lugar de nos conduzirem a desejável autonomia." / em vez de;
b) "eliminando, assim, seus talentos de processo . ..." / com isso;
c) "embora muitos estudiosos defendam que a característica ..." / conquanto;
d) "pois toda preocupação intelectual do homem não deixa de ser... " / logo;
e) "no entanto, por causa da situação de dependência cultural ... " / todavia.

462. No período - “E quanto mais andava mais tinha vontade”, ocorre idéia de proporção.
Assinale a opção em que tal idéia **NÃO** ocorre:
a) quanto mais leio este autor menos o entendo;
b) choveu tanto, que não pudemos sair;
c) à medida que corria o ano, o nosso trabalho era maior;
d) quanto menos vontade, mais negligência;
e) quanto mais se lê, mais se aprende.

463. No trecho - “A lua deitava-se pelo mundo. Era um mar de leite por cima das coisas” -, o segundo período estabelece com o primeiro uma relação de:
a) contraste;
b) comparação;
c) condição;
d) explicação;
e) conclusão.

464. No trecho - “Poeta primitivo, canta a natureza na mesma linguagem da natureza” - a expressão grifada corresponde a:
a) mesmo sendo poeta primitivo;
b) até sendo poeta primitivo;
c) além de ser poeta primitivo;
d) antes de ser poeta primitivo;
e) por ser poeta primitivo.

465. Passada a tempestade, recolheu as velas”, a oração grifada é reduzida do particípio com valor de:
a) adverbial temporal;
b) adverbial condicional;
c) substantiva apositiva;
d) substantiva predicativa;
e) adverbial causal.

466. “Choveu, portanto haverá boas colheitas”.
Em qual das orações abaixo, a conjunção tem o mesmo valor do exemplo acima?
a) saiu, logo que ela entrou;
b) apressa-te, pois o tempo é pouco;
c) vives mentindo; logo, não mereces fé:
d) leve-lhe flores, pois ela aniversaria amanhã;
e) não veio, que estava indisposto.

467. “Estudando sem método, seremos reprovados.”, é oração reduzida de gerúndio, com valor de subordinada:
a) final;
b) concessiva:
c) consecutiva;
d) condicional;
e) conformativa.

468.
01. Todos os períodos são compostos por subordinação **EXCETO**:
a) não se preocupe que logo a trarei;
b) dei-lhe sinal que saísse logo;
c) todos sabem que o homem é mortal;
d) ele afirmou que não a vira;
e) é tão feio que assusta.

02. A oração sublinhada está corretamente classificada, **EXCETO** em:
a) “se Madalena me visse assim, com certeza me achava extraordinariamente feio.”
(oração subordinada adverbial condicional)
b) “levanto-me, procuro uma vela, que a luz vai apagar-se”;
(oração coordenada sindética explicativa)
c) “de longe em longe sento-me fatigado e escrevo uma linha”;
(oração coordenada sindética aditiva)
d) “e falando assim, compreendo que perco o tempo”;
(oração subordinada substantiva objetiva direta) .
e) “foi este o modo de vida que me inutilizou.”
(oração subordinada substantiva predicativa)

469. No seguinte grupo de orações sublinhadas:
1) é bom que você venha;
2) não esqueças que és fiel;
Temos orações subordinadas respectivamente:
a) objetiva direta, subjetiva:
b) subjetiva, objetiva direta:
c) objetiva direta, adverbial temporal:
d) subjetiva, predicativa:
e) predicativa, objetiva direta.

470. Assinale a construção que pode substituir, sem provocar alteração fundamental de sentido, o tempo grifado em “e viu a esperança balançando.”
a) que balançou;
b) que teria balançado;
c) que havia de balançar;
d) que tinha balançado;
e) que balançava.

471. A oração “Não se verificou, todavia, uma transplantação integral de gosto e de estilo” tem valor:
a) conclusivo;
b) adversativo;
c) concessivo;
d) explicativo;
e) alternativo.

472. Em “Embora ela tivesse sido alta e clara”, a oração exprime:
a) causa;
b) condição;
c) concessão;
d) finalidade;
e) conseqüência.

473. Assinale a oração com o sujeito composto.
a) o aluno e a aluna o professor elogiou;
b) todos os homens são mortais;
c) o professor com a família foi lecionar em Brasília;
d) o ladrão e o assassino evadiu-se da prisão;
e) passará o céu e a terra.

474. Assinale a única frase com verbo transitivo direto:
a) nunca fora nada na vida;
b) acusaram o pobre homem de irresponsável;
c) todos respiraram aliviados;
d) todos precisam de Deus;
e) Cristo perdoou o bom ladrão arrependido.

475. A opção em que não se verifica a presença de Predicado Verbo-Nominal é:
a) acusei-o de covarde;
b) a menina encontrou morto o seu namorado;
c) ficavam absorvidos os homens diante de tanta beleza: o recém-nascido;
d) apelidaram o rapaz de boneca;
e) as aves, diante do terrível caçador, gritavam desesperadas.

476. Assinale a opção com Predicado Verbo-Nominal.
a) as autoridades chamam ao momento histórico atual de abertura;
b) gostamos de sua presença aqui;
c) não há dúvidas a respeito da crise econômica do país;
d) após vários anos de Mobral uma pergunta: o analfabetismo diminuiu;
e) uma parte de população protesta contra a pornografia nos meios de comunicação.

477. Ainda a propósito do assunto da questão anterior, assinale o único caso que **não** apresenta, grifado, um complemento nominal:
a) o respeito às leis é dever do cidadão consciente;
b) o surgimento da lua provocou reações românticas;
c) o descobrimento de petróleo animou os brasileiros;
d) o almoço com a namorada foi um sucesso;
e) a representação contra o governador agitou o plenário:

478. O termo grifado está corretamente classificado, **EXCETO** em:
a) minha mãe era temente a Deus; / complemento nominal
b) a afeição crescente era manifestada por atos extraordinários / passiva
c) poucos teriam ânimo de confessar aquele pensamento; /sujeito
d) expus a Capitu a idéia de José Dias; / objeto indireto
e) há poucos que não se ajustam nem combinam./ objeto direto.

479. Assinale o item em que o elemento sublinhado não é adjunto adnominal:
a) a vida é um álbum de retratos;
b) a aluna estava excessivamente nervosa;
c) mais amor menos confiança;
d) quantas aulas ainda teremos até o dia da prova;
e) o aparecimento da Virgem aos pastores em Fátima comoveu o mundo.

480. Marque a opção em que há **erro** de análise:
a) o convite para o cinema supreendeu-a; / complemento nominal.
b) o amor, não o temos como imoral ; adjunto adverbial de modo.
c) o amor, nós o temos como imortal; / objeto indireto pleonástico.
d) a mim não pegam, com essa mentira; / objeto direto preposicionado.
e) a mim não disseram coisas mentirosas. / objeto indireto.

481. Correlacione a segunda coluna de acordo com a primeira tendo em vista as circunstâncias indicadas pelas ações subordinadas:
1) causa;
2) condição;
3) lugar;
4) concessão;
5) conseqüência;
6) modo;
7) tempo.

( ) a verdade não está onde colocamos;
( ) tanta era a sua pureza, que o mal não a tocava;
( ) chegando o momento propício, agiremos juntos;
( ) agiu sem consultar ninguém;
( ) como não estava preparado, não quis fazer a prova;
( ) sem ser propriamente bonita, ainda assim era uma mulher interessante;
( ) sem observar tais cuidados, cometeria muitos erros;

Indique a ordem correta:
a) 1 – 3 – 5 – 6 – 7 – 2 – 4;
b) 2 – 4 – 3 – 7 – 6 – 5 – 1;
c) 6 – 1 – 2 – 7 – 4 – 3 – 5;
d) 3 – 5 – 7 – 6 – 1 – 4 – 2;
e) 3 – 1 – 7 – 6 – 5 – 4 – 2.

482. Assinale o item em que a função não corresponde ao termo sublinhado:
a) comer demais é prejudicial à saúde – complemento nominal
b) jamais me esquecerei de ti – objeto indireto;
c) a vida da cidade é muito agitada – complemento nominal;
d) ele foi cercado de amigos sinceros – agente da passiva;
e) não tens interesse pelos estudos – complemento nominal.

483. Assinale a opção em que a preposição por manifesta o mesmo valor que apresenta em "O acúmulo de sangue (estase) bastará para causar a morte por insuficiência cardíaca ..."
a) ele andava por aí;
b) comunicava-se por mímica;
c) trocou um lápis por uma caneta;
d) lutou por você;
e) chorou por tirar pouca nota.

484. "Quem cola sobre teu corpo consente na tua morte talhada a ferro e fogo nas profundezas do corte que a bala riscou no peito",
Concluímos que:
a) quem-pronome relativo: sujeito; que-pronome relativo: sujeito;
b) quem-pronome relativo: sujeito; que-pronome relativo: objeto direto;
c) quem-pronome indefinido objeto direto de cala; que

pronome indefinido: sujeito de riscou;
d) quem-pronome indefinido sujeito de cala; que-pronome relativo: objeto direto de riscou;
e) quem-pronome indefinido sujeito de cala; que-pronome relativo: sujeito de riscou.

485. Em “A elaboração das questões pelo professor nos deu tranqüilidade”. Os termos grifados são:
a) sujeito - objeto direto - agente da passiva - objeto indireto;
b) complemento nominal - agente da passiva - objeto direto - objeto direto;
c) adjunto nominal - agente da passiva - objeto direto - objeto indireto;
d) complemento nominal - agente da passiva - objeto indireto - objeto direto;
e) não há função sintática para o termo tranqüilidade.

486. Assinale a opção em que a preposição **POR** exprime a mesma idéia que possui em: “vivemos por um mundo melhor”:
a) estou aqui novamente por te amar:
b) a notícia chegou-me por telegrama:
c) lutamos por um lindo ideal:
d) todos foram acusados por ti:
e) sairemos por São Paulo.

487. Assinale a opção em que o pronome “Os” não desempenha, a mesma função do que em “... os escravos adorando-os e temendo-os”.
a) ouviram-nos na dança:
b) escravos, sempre os serão:
c) os escravos os viram no chão:
d) os pretos não os encontravam na rua:
e) quero mostrá-los aos senhores:

488. Assinale o item em que a oração grifada está classificada indevidamente:
a) “naquela noite, o silêncio não deixou Maria dormir”; oração subordinada substantiva adjetiva direta.
b) “eles diziam onde as pessoas deveriam guardar seu dinheiro”; oração subordinada substantiva objetiva direta.
c) “onde o povo parava para pensar a esperança”; oração subordinada adverbial final.
d) “dos chuveiros caíam fios de ovos ou eram cheias de mel as piscinas”; oração principal.
e) “como a casa foi construída se ninguém me pediu dinheiro emprestado”; oração subordinada adverbial condicional.

489. A oração grifada esta corretamente classificada, **EXCETO** em:
a) agora eu lhe mostro com quantos paus se faz uma canoa / oração subordinada substantiva objetiva direta;
b) tudo quanto possuímos vem desses cem mil réis;/ oração subordinada adjetiva restritiva.
c) Casimiro Lopes pergunta se me falta alguma coisa; / oração subordinada adverbial condicional.
d) via-se muito bem que D. Glória era alcoviteira;/ oração subordinada substantiva subjetiva.
e) a idéia é tão santa que não está mal no santuário; / oração subordinada adverbial consecutiva.

490. Assinale a opção em que o termo grifado **NÃO** apresenta o valor circunstancial indicado entre parênteses:
a) “ah ! quantos homens de juízo não andarão por aí ...” (lugar);
b) “eu não creio, não posso mais acreditar na bondade ou na virtude de homem algum...” (intensidade);
c) “... mais nocivos aos outros, e para produzir maior danos... “ (fim);
d) “... declara sem cerimônia ...” (modo);
e) “... antes estar na casa de correção por terem enriquecido com abusos escandalosos e crimes ... “ (causa).

Assinale o item que indica corretamente a relação dos elementos sublinhadas dentro dos grupos de **491** a **499.**

491. O técnico berrou tanto, que ficou rouco:
a) causa;
b) conseqüência;
c) modo;
d) finalidade;
e) concessão.

492. No meu quarto, estudo sem que ninguém me atrapalhe.
a) lugar;
b) conseqüência;
c) finalidade;
d) condição;
e) modo.

493. Parece que quanto mais estudo menos sei:
a) proporção;
b) modo;
c) explicação;
d) tempo;
e) alternativa.

494. Ela, sobre ser feia, é néscia e burra:
a) causa;
b) exceção;
c) acréscimo;
d) conclusão;
e) explicação.

495. Ora ria, ora chorava o menino acidentado:
a) adição;
b) intensidade;
c) condição;
d) alternativa;
e) conclusão.

496. Não posso ouvir esta música, que não chore:
a) conseqüência;
b) conformidade;
c) adição;
d) modo;
e) condição.

497. Corre, saveiro, corre, que já brilham as luzes da Bahía.
a) concessão;
b) explicação;
c) modo;
d) causa;
e) condição.

498. Ele pode sair, desde que termine a prova:
a) causa;
b) modo;
c) condição;
d) tempo;
e) meio.

499. Onde me espetam, fico:
a) modo;
b) causa;
c) conseqüência;
d) lugar;
e) meio.

500. Assinale a opção em que se altera sensivelmente o sentido de “Eduarda vai esquecer o episódio. Não pode passar a vida a lamentar a perda de Fofoca”.
a) Eduarda vai esquecer o episódio, já que não pode passar a vida a lamentar a perda de Fofoca;
b) Eduarda vai esquecer o episódio, visto que não pode passar a vida a lamentar a perda de Fofoca;
c) como Eduarda vai esquecer o episódio, não pode passar a vida a lamentar a perda de Fofoca;
d) não podendo passar a vida a lamentar a perda de Fofoca, Eduarda vai esquecer o episódio;
e) por não poder passar a vida a lamentar a perda de Fofoca, Eduarda vai esquecer o episódio.

501. No período - “Quanto mais procurava mais sofria” - ocorre idéia de proporção. Assinale a opção em que tal idéia **NÃO** ocorre.
a) quanto mais oferecia gratificação mais havia cooperação;
b) à medida que passavam os dias mais ficava triste;
c) procurou tanto que ficou doente;
d) à proporção que os presentes chegavam mais ficava perplexa;
e) quanto mais oferecia menos cooperação existia.

502. No trecho - “Perdemos tudo. Mas Eduarda . . . perdeu mais do que nós ...”, o segundo período estabelece com o primeiro uma relação de:
a) contraste;
b) condição;
c) explicação;
d) conclusão;
e) causa.

503. A oração sublinhada no período “Maltratado pela civilização branca, o índio refugiou-se nos mais distantes pontos do país”. Pode ser substituída, sem alteração fundamental de sentido, por:
a) mesmo tendo sido maltratado pela civilização branca;
b) por ter sido maltratado pela civilização branca;
c) apesar de ter sido maltratado pela civilização branca;
d) antes de ser maltratado pela civilização branca;
e) até sendo maltratado pela civilização branca.

504. Assinale a opção em que se altera sensivelmente o sentido de: “Asseveram que estou doido. Sinto-me no pleno e perfeito gozo de minhas faculdades mentais”.
a) asseveram que estou doido, mas sinto-me no pleno e perfeito gozo de minhas faculdades mentais;
b) embora me sinta no pleno gozo de minhas faculdades mentais, asseveram que estou doido;
c) mesmo que me sinta no pleno gozo de minhas faculdades mentais, asseveram que estou doido;
d) asseveram que estou doido, sinto-me, no entanto, no pleno e perfeito gozo de minhas faculdades mentais;
e) asseveram que estou doido, enquanto me sinto no pleno e perfeito gozo de minhas faculdades mentais.

505. Assinale a opção em que a palavra como é usada com o mesmo sentido que apresenta em: “Legiões de homens negros como a noite . . .”
a) como estivesse quente, só os pretos saíram à rua;
b) os pretos são tidos como trabalhadores;
c) nada aconteceu como os senhores decidiram sobre os escravos;
d) nunca se soube como não se ouviam os gritos;
e) as folhas das árvores estavam tão imóveis como as estátuas.

ORTOGRAFIA: ACENTUAÇÃO GRÁFICA. EMPREGO DE LETRAS.

506. Assinale a alternativa que contém vocábulos que obedecem à mesma regra de acentuação da palavra **TÊNUE**:
a) agrônomo, índex, fóssil, dispar;
b) boêmia, herói, amáveis, imundice;
c) amêndoa, mágoas, supérfluo, bilíngüe;
d) míope, ímã, médiuns, volúvel;
e) argênteo, viúvo, baía, esferóide.

507. Indique o vocábulo de grafia incorreta:
a) gratuíto;
b) avaro;
c) alibi;
d) rubrica;
e) crisântemo.

508. O grupo em que ambas as palavras devem ser acentuadas é:
a) rubrica - maquinaria;
b) interim - prototipo;
c) gratuito - fuido;
d) totem - item;
e) açai - ruim.

509. Nas séries abaixo, assinale a alternativa em que todas as palavras são acentuadas pelo mesmo motivo:
a) saí - egoísmo - daí;
b) epitáfio – aliás - inconsolável;
c) anônima - epitáfio - daí;
d) egoísmo - inconsolável - anônima;
e) saí - aliás - egoísmo.

510. Há **erro** (s) de acentuação gráfica em:
a) recém-vindo, decano, refrega;
b) pudico, bímano, gratuito;
c) inaudito, pegada, zênite;
d) ibero, ávaro, levedo;

e) filantropo, opimo, aziago

511. Assinale a opção em que os vocábulos obedecem à mesma regra de acentuação gráfica:
a) pés / hóspedes;
b) sulfúrea / distância;
c) fosforescência / provém;
d) últimos / terrível;
e) satânico / porém.

512. Assinale a opção em que os vocábulos obedecem à mesma regra de acentuação gráfica:
a) terás / límpida;
b) necessário / verás;
c) dá-lhes / necessário;
d) incêndio / também;
e) extraordinário / incêndio.

513. O acento gráfico justifica-se apenas por ser diferencial em todas as palavras da seqüência:
a) fósseis, pêlo, saía;
b) pára, pêlo, pera;
c) pôde, caía, país;
d) pólo, apóio, fósseis;
e) pôr, pôde, sábia.

514. Em qual opção há uma palavra que não deve receber acentuação gráfica?
a) index – sobressaiam – biquini;
b) juízes – tramóia – Antonio;
c) humus – ponies – atraí-lo;
d) mas (adj.) – para (v.) – da-lo-ieis;
e) faisca – polens – reporter.

515. Indique se o **QUE**, nas frases abaixo, deve levar acento (1) ou não (2); assinale depois a resposta correta:
( ) está pensando o que;
( ) não tenho nada que fazer;
( ) ele tem um que digno de nota;
( ) que adianta lamentar-se?

a) 1 – 2 – 1 – 1;
b) 1 – 1 – 2 – 2;
c) 2 – 2 – 2 – 1;
d) 1 – 2 – 1 – 2;
e) 2 – 2 – 2 – 2.

516. Guiando-se pelas indicações entre parênteses, assinale o par cuja acentuação está trocada (acento agudo sobre vocábulo átono):
a) pára (verbo) – pára (preposição) ;
b) péla (verbo) – pela (contração) ;
c) pélo (verbo) – pelo (contração) ;
d) péra (prep.) – pera (substantivo) ;
e) póla (subst.) – pola (contração).

517. Assinale a alternativa que contém **erro** de ortografia:
a) detenção;
b) exceção;
c) aborígene;
d) esterilisar;
e) irrequieto;

518. Para completar corretamente as palavras "búss __ la", "aterri __ agem, "catali __ ar", "tre __ eito" e "pu __ ar", você utiliza, respectivamente:
a) o – ss – s -j – x;
b) u – s – z – j – x;
c) o – ss – s – g – ch;
d) u – ss – z – j – x;
e) o – s – s – g – ch.

519. Assinale a alternativa em que ocorre um termo grafado de modo incorreto:
a) úmido - ojeriza - Teresinha;
b) Luís - hélice - pesaroso;
c) albatroz - aéreo - fusível;
d) altivez - tragetória - extremidade;
e) fuzil - concessão - hesitar.

520. As associações que seguem estão corretas, **EXCETO** em:
a) seção = corte; divisão
sessão = reunião;
b) espiar = espreitar
expiar = sofrer pena ou castigo;
c) cinemático = relativo aos estames;
sistemático = relativo ao movimento mecânico;
d) concertar = harmonizar; combinar
consertar = remendar; reparar;
e) incipiente = principiante
insipiente = ignorante.

521. Em cada série há um erro ortográfico. **EXCETO**:
a) excessão, essencial, presunção, pretensão, intenção;
b) falange, ginete, herege, monge, gibóia;
c) lojista, gorjeta, majestade, alforje, seje;
d) seção, socegar , Iguaçu, dança, açucena;
e) ânsia, pêssego,cansaço, soçobrar, açúcar.

522. Em cada série há um erro ortográfico. **EXCETO:**
a) engolir, epístola, embora, gôndola, boeiro;
b) cumbuca, engulimos, cutucar, curtume,curinga;
c) camundongo, industão, embutir, cutia, elucubração;
d) funeral, hindustão, bruxulear, cumprido, bulício;
e) orangotango, polir, lúpolo, romeno, sortir.

523. Em cada série há um erro ortográfico. **EXCETO:**
a) muçulmano, supetão, urtiga, concurrência, Manuel;
b) sinusite, tabuleta, urticária, óbulo, légua;
c) averigüe, areento, candeeiro, cardeal,digladiar;
d) aborígene, crânio, discrição, imergir, sinão;
e) despensa, emigrar, terebentina, pexote.

524. Em cada série há um erro ortográfico. **EXCETO**:
a) quepe, magoe, previlégio, seringueiro, páreo;
b) elucidar, remedear, irrequieto, obelisco, mimeógrafo;
c) balça, beça, bocal, distensão, açafrão;
d) almoço, açambarcar, caçange, obcessão, dança;
e) segar, sebe, perversão, sipreste, pretensão;

525. Em cada série há um erro ortográfico. **EXCETO**:
a) sisudo, sigla,seviciar, sisterna, sílfide;
b) alvíssaras, antisséptico, possessão,obsecação;
c) bexiga, enxarcar, enxoval, caxixe, dervixe;
d) cachola, charrua, michordia, deboche, charque;
e) chafariz, chácara, faxina, pachorra, quícha.

526. Em cada série há um erro ortográfico. **EXCETO:**
a) estranho, pretesto, esquisito, hesitar, esgotar;
b) espontâneo, êxito, êxtase, exaurir, extensão;
c) piche, chuchu, flecha, feixe, charque;
d) graxa, pexinxa, enxergar, muxoxo, caxumba;
e) Bahia, bahiano, hibernal, haste, harmonia.

527. Em cada série há um erro ortográfico. **EXCETO:**
a) camundongo, jabuticaba, burburinho, tábua, mágua;
b) hispânico, hodierno, hemisfério, hexagonal, húmido;
c) atrás, retrós, revés, talvês, através;
d) evangelizar, fiscalizar, catalizar, sintionizar, civilizar;
e) improvisar, hidrolisar, divisar, dialisar, vulcanizar.

528. Em cada série há um erro ortográfico. **EXCETO:**
a) acidez, baixeza, pureza, pequenez, fluidez;
b) cortês, maltês, pedrês, altivês, montês;
c) reizinhos, resinhas, rezinhas, aneizinhos, caracoisinhos;
d) Teresinha, adeusinho, asinha, Luisinho, urubusinho;
e) puseste, quisesse, fizesse, repuzesse, refizesse.

529. Indique a série em que todas as palavras estão grafadas corretamente:
a) deserção,distorção, ecitado;
b) exceção, recender, prezunção;
c) missanga, cansado, cizão;
d) circuncisão, intercessão, pretensão;
e) cansado, maçom, mormasso.

530. Devem ser grafados com “o” e “u”, respectivamente, os seguintes vocábulos:
a) ent __ pimento; táb __ a;
b) ch__visco; ac __ dir;
c) b__bina; búss__la;
d) eng__lir; b__eiro;
e) c__rtiça; trib__.

531. Apenas numa das séries abaixo há **erro** no que se refere às normas de acentuação gráfica em vigor. Assinale a:
a) mandá-lo-ás / miosótis;
b) jóquei / dêem;
c) distribuí-lo / atrás;
d) atraiu / faiscazinha;
e) dividí-lo / abençôo.

532. Assinale a opção em que os vocábulos não obedecem à mesma regra de acentuação gráfica:
a) pé / júri
b) estátuas / miséria;
c) espetáculo / irônica;
d) Luís / saído;
e) só / atrás

533. Assinale a opção em que todas as palavras obedecem a mesma regra de acentuação gráfica:
a) postônico / difícil / através;
b) tênue / constrói / lívido;
c) série / água / contínuo;
d) hífen / ônibus / éden;
e) papéis / espécie / jóia.

534. Assinale a opção em que todas as palavras são acentuadas graficamente:
a) regua / iberos / atraves;
b) pudico / idolatra / interim;
c) interim / maquinar / bigamo;
d) arquetipo / exodo / omega;
e) rubrica / iberos / pudico.

535. Existem, em português, acentos diferenciais de timbre (som fechado x som aberto) e de intensidade (vocábulos tônicos x vocábulos átonos), sendo o primeiro uma exceção. Aponte a dupla de palavras que registram, pela ordem, exemplos dos dois tipos de acordos:
a) pôde - pêras;
b) póde - pêlo;
c) pôde - pôr;
d) pôr - pólo;
e) côr- côa.

536. As palavras: número, aniversário e mês, são acentuadas em razão das mesmas regras que justificam os acentos, respectivamente em:
a) verídico – mágoa – lá;
b) fósseis – história – côa;
c) beribéri – concórdia – vê;
d) falássemos – tênue – pôr;
e) antevíamos – bônus – só.

537. Tranqüila é palavra que apresenta o trema para assinalar a pronúncia átona do u, exatamente como ocorre em:
a) extinguir;
b) distinguir;
c) inquerito;
d) aquático;
e) equestre.

538. Ainda sobre acentuação gráfica, destaque o item onde todas as palavras estão incorretamente acentuadas:
a) degráu – corôa – talvêz;
b) órgão – ítem – modêlo;
c) fortuito – hífens – tórax;
d) hífen – enjôo – fútil;
e) vírus – camponês – êle.

539. Assinale o vocábulo que, no plural, embora tônico, deixa de ser acentuado:
a) pêlo;
b) pêra;
c) pôla:
d) pólo;
e) pôlo.

540. Numere com (1) as formas verbais do presente do indicativo do verbo **ARGÜIR** que receberem acento agudo, e com (2) às que não o devam receber, assinale depois, abaixo, a resposta correta:
( ) arguo
( ) arguimos
( ) arguis
( ) arguis
( ) argui
( ) arguem

a) 1 – 2 – 1 – 1 – 2 – 1;
b) 2 – 1 – 2 – 2 – 1 – 2;
c) 2 – 1 – 1 – 2 – 2 – 1;
d) 1 – 1 – 2 – 1 – 1 – 2;
e) 2 – 2 – 2 – 1 – 1 – 1.

541. Assinale a série em que há um vocábulo indevidamente acentuado:
a) aí (adv.), baía (golfo), caírem;
b) ensaísta, faísca, fluído (subst.);
c) genuíno, influí (pret. perf.), influímos;
d) influíram, juízes, juízo;
e) país (subs. sing.), países, prejuízo.

542. Assinale a série em que há um vocábulo indevidamente acentuado:
a) proíbem, ruído, ruína;
b) altruísmo, arcaísmo, beduíno;
c) cafeína, caseína, cocaína;
d) egoísmo, gratuíto, heróina;
e) jesuíta, paraíso, proteína.

543. Assinale o item onde há frase com vocábulo indevidamente acentuado (porque tenha ou não circunflexo):
a) seguiu para Lisboa pelo vôo 703 da VARIG;
b) não perdôo a quem me magoa;
c) soam os sinos: Deus vos abençoe;
d) dôo todos os meus bens à minha boa filha;
e) entoem louvores à coroa das virtudes - a paciência.

544. Aponte a frase onde não há erro de acentuação:
a) chamou os para-quedistas e saiu por aí;
b) faltaram vários ítens neste programa;
c) a vida é um conjunto de hífens;
d) vós atrai-lo-íeis a uma cilada;
e) aquele homem pela os poucos pelos que tem.

545. Marque a relação em que todas as palavras se escrevem com **ch** e não com **x:**
a) ___ ampanha / ca __ umba / re ___ eio / en ___ urrada;
b) ca ___ imbo / fa ___ o / ___ afariz / pe ___ a;
c) en ____ ertar / frou ___ o / pu ___ ar / ca ___ o;
d) en ____ oval / ri ___ a / _ u _ u / ___ oro;
e) bu ___ o(planta) / cai ___ eiro / ___ arope.

546. Marque a seqüência em que todas as palavras estão grafadas corretamente:
a) prazeirosamente / pesquisar / ascensão / crescer;
b) ânsia / extremoso / sacerdotiza / obcessão;
c) jeito / magestade / jibóia / gesto;
d) analisar / muçulmano / exceção / esplêndido;
e) expectativa / imprescíndivel / infecção / puzerem.

ORTOGRAFIA:

547. Complete as lacunas com **"X"** ou **"S":**
e __ tender, e __ tensão, e __ tenso, mi __ to, ju __ tapor.
a) s, s, s, x, x; d) s, x, x, s, s;
b) s, s, s, x, s; e) s, x, x, s, s;
c) s, x, x, x, x;

548. Assinale o vocábulo em que está incorreto o emprego do "z":
a) natureza; d) frizar;
b) catequizar; e) deslizar.
c) rezar;

549. Em um dos casos abaixo, todas as palavras são grafadas com **"s"**, qual?
a) anali __ ar, fregue __ ia, e __ oneração, camur __ a.
b) parali __ ia, ga __ o __ o, fu __ elagem, e __ ílio.
c) an __ ia, e __ pontâneo, ab__ o, repre __ a .
d) e __ tranho, ê __ odo, ân __ ia, e __ umar.
e) fu __ ível, ga __ eteiro, gui __ ado, ca __ amento.

550. Assinale a alternativa em que todas as palavras estão corretamente grafadas:
a) sarjeta - babaçu - praxe - raposa;
b) caramanchão - córtex - vírus - mixto - caos;
c) ultraje - discussão - mochila - flexa.;
d) enxerto - represa - sossobrar - barbárie;
e) acesso - assessoria - pôde - selvícola.

551. Marque a frase em que deve ser empregada a primeira das duas palavras que aparecem entre parênteses:
a) Essas hipóteses _________ das circunstâncias (emergem - imergem) ;
b) Nunca o encontro na _________ em que trabalha (sessão - seção);
c) Já era decorrido um _______ que ela havia partido, (lustre - lustro);
d) O prazo já estava _______ (prescrito - proscrito);
e) O fato passou completamente ________ (desapercebido - despercebido).

552. Marque a frase que se completa com o segundo elemento do parênteses:
a) A recessão econômica do país faz com que muitos _________ (emigrem - imigrem);
b) Antes de ser promulgada, a Constituição já pedia muitos ________ (consertos - concertos);
c) A ditadura _________ muitos políticos de oposição; (caçou - cassou);
d) Ao sair do barco, o assaltante foi preso em ___________ (flagrante - fragrante);
e) O juiz _________ expulsou o atleta violento (incontinenti - incontinente).

553. Marque a alternativa que se completa corretamente com o segundo elemento do parênteses:
a) O sapato velho foi restaurado com a aplicação de algumas ________ (tachas-taxas);
b) Sílvio _________ na floresta para caçar macacos (imergiu-emergiu);
c) Para impedir a corrente de ar, Luís _______ a porta (cerrou-serrou);
d) Bonifácio ________ pelo buraco da fechadura (expiava-espiava);
e) Quando foi realizado o último ________ ? (censo-senso).

554. Marque a alternativa que se completa com o primeiro elemento do parênteses:
a) A polícia federal combate o _________ de cocaína (tráfego-tráfico);
b) No Brasil é vedada a ________ racial; embora haja quem a pratique (discriminação-descriminação);
c) Você precisa melhorar seu __________ de humor (censo-senso);
d) O presidente _________ antecipou a queda do muro de Berlim (ruço-russo);
e) O balão, tremelizindo _________ para o céu estrelado (acendeu-ascendeu).

555. Em "o prefeito deferiu o requerimento do contribuinte", o termo grifado poderia perfeitamente ser substituído por:
a) apreciou;
b) arquivou;
c) despachou favoravelmente;
d) invalidou;
e) despachou negativamente.

556. As idéias liberais saíram incólumes, ainda que se pensasse que seriam dilapidadas, completamente. Os termos grifados são antônimos, respectivamente de:
a) arrasadas - dilaceradas;
b) intactas - arrasadas;
c) intactas - dilaceradas;
d) depauperadas - prestigiadas;
e) N.R.A.

557. Complete as lacunas com a expressão correta (entre parênteses):
"O _______ (cervo - servo) prendia-se nos arbustos, fugindo dos _______ (cartuchos - cartuxos) que pipocavam por toda a _______ (área - aria);
a) cervo – cartuxos – área;
b) servo – cartuchos – aria;
c) cervo – cartuchos – área;
d) servo – cartuchos – área;
e) servo – cartuchos – aria.

558. Complete as lacunas, com a expressão necessária, que consta nos parênteses:
É necessário ________ (cegar-segar) os galhos salientes do _______ (bucho-buxo), de modo a que se possa fazer _____ (xá-chá) com as folhas mais novas."
a) segar – buxo – chá;
b) segar – bucho – xá;
c) cegar – buxo – xá;
d) cegar – bucha – chá;
e) segar – bucha – xá.

559. O __________ (emérito-imérito) causídico ____________ (dilatou-delatou) o plano de fuga do meliante, que se encontrava na __________ (eminência-iminência) de escapar da prisão:
a) emérito – delatou – iminência;
b) imérito – dilatou – eminência;
c) emérito – dilatou – iminência;
d) imérito – delatou – iminência;
e) emérito – dilatou – eminência.

560. O ________ (extrato-estrato) da conta bancária é, por si só, insuficiente para cobrir o _________ (cheque-xeque), ainda que haja algum capital (incerto-inserto).
a) extrato – xeque – inserto;
b) estrato – cheque – incerto;
c) extrato – cheque – inserto;
d) estrato – xeque – incerto;
e) extrato – xeque – incerto.

561. Complete as lacunas usando adequadamente (mas / mais / mal / mau):
"Pedro e João ____ entraram em casa, perceberam que as coisas não iam bem,pois sua irmã caçula escolhera um ____ momento para comunicar aos pais que iria viajar nas férias; _____ seus, dois irmãos deixaram os pais _____ sossegados quando disseram que a jovem iria com os primos e a tia."
a) mau - mal - mais - mas;
b) mal - mal - mais - mais;
c) mal - mau - mas - mais;
d) mal - mau -mas - mas;
e) mau - mau - mas - mais.

562. Marque a alternativa que completa corretamente as lacunas:
"Estou ________ de que tais _______ deveriam ser _______ a bem da moralidade do serviço público."
a) cônscio – privilégios – extintos;
b) côncio – privilégios – estintos;
c) cônscio – privilégios – estintos;
d) côncio – previlégios – estintos;
e) cônscio – previlégios – extintos.

563. Observe as orações seguintes:
I - Por que não apontas a vendedora por que foste ludibriado?
II - A secretária não informa por que linha, de ônibus chega-se ao escritório.
III - Por que será que o governo não divulga o porquê da inflação.

Há **erro** na grafia:
a) na **I** apenas;
b) em duas apenas;
c) na **II** apenas;
d) na **III** apenas;
e) em nenhuma.

564. Complete as lacunas com (estada / estadia / onde / aonde):
"_______ quer que eu me hospede, procuro logo saber o preço da _______, quanto custa a _______ de um carro alugado, bem como _______ se possa ir à noite."
a) aonde – estadia – estada – onde;
b) onde – estada – estadia – aonde;
c) onde – estadia – estada – aonde;
d) aonde – estada – estadia – onde;
e) onde – estadia – estadia – aonde.

565. Leia as frases abaixo:
1 - Assisti ao ________ do balé Bolshoi;
2 - Daqui ______ pouco vão dizer que ______ vida em Marte.
3 - As _________ da câmara são verdadeiros programas de humor.
4 - ___________ dias que não falo com Alfredo.

Escolha a alternativa que oferece a seqüência correta de vocábulos para as lacunas existentes:
a) concerto – há – a – cessões – há;
b) conserto – a – há – sessões – há;
c) concerto – a – há – seções – a;
d) concerto – a – há – sessões – há;
e) conserto – há – a – sessões – a .

566. Indique a alternativa que contém a seqüência necessária para completar as lacunas abaixo:
"A ______ de uma guerra nuclear provoca uma grande _______ na humanidade e a deixa _______ com relação ao futuro da vida na terra."
a) espectativa – tensão – exitante;
b) espectativa – tenção – hesitante;
c) expectativa – tensão – hesitante;
d) expectativa – tensão – hezitante;
e) espectativa – tenção – exitante.

567. Complete corretamente as lacunas:
"O _______ de veículos de grande porte, em vias urbanas, provoca ________ no trânsito; forçando a que os motoristas dos carros menores ________, muitas delas, completamente sem _________ ;
a) tráfico – infrações – inflijam – concerto;
b) tráfego – infrações – inflijam – conserto;
c) tráfego – inflações – infrinjam – conserto;
d) tráfego – infrações – infrações – conserto;
e) tráfico – infrações – infrações – concerto.

568. Marque a alternativa correta quanto à grafia:
a) harém – hangar – harpa – haste – hombro;
b) hontem – hebreu – hediendo – hematoma – hemograma;
c) hemorragia – hepatite – herdar – herege – herói;
d) hexágono – hiato – híbrido – húmido – hidrogênio;
e) hiena – higiene – hérnia – herva – hidráulico.

569. Examinando as palavras: viajens - gorjeta - maizena - chícara", conclui-se que:
a) apenas uma está escrita corretamente;
b) apenas duas estão escritas corretamente;
c) três estão escritas corretamente;
d) todas estão escritas corretamente;
e) nenhuma está escrita corretamente.

570. Reescreva, preenchendo as lacunas com (por que / porque / porquê / por quê).
- _________ é que você disse pra ele?
- Pra falar a verdade, eu nem sei bem ________ .
- Não será _______ tem inveja dele?
- Acho que não, até ________ eu nem guardo rancor dele.
- Ora, deve haver um ________ para esse tipo de comportamento. Concorda?
- Pode ser, acho _______ tenho sido imaturo.
a) por que – por quê – por que – porque – porquê – porque;
b) por quê – por que – por quê – por quê – porquê – por que;
c) por que – por que – por que – porque – por quê – porque;
d) porque – porque – porque – porque – por quê – por que;
e) porquê – por quê – por quê – por quê – porquê – porque.

571. Complete as lacunas usando adequadamente (incipiente / insipiente / imergir / emergir / surtir / sortir).
"Alguns comerciantes __________ conseguem _________ no ramo do varejo, exclusivamente por conseguirem ________ melhor os seus estoques; outros porém, talvez por serem _________, acabam por ________ em dívidas impagáveis, que podem __________ efeitos indesejáveis, que podem ir desde um simples prejuízo, até a concordata."
a) incipientes – imergir – sortir – insipientes – emergir – sortir;
b) insipientes – emergir – surtir – incipientes – imergir – sortir;
c) incipientes – emergir – sortir – insipientes – imergir – surtir;
d) insipientes – imergir – surtir – insipientes – emergir – sortir;
e) insipientes – imergir – surtir – incipientes – emergir – sortir.

572. Preencha as lacunas, usando corretamente (expiar / espiar / eminentes / iminentes):
"Na época do arbítrio, era comum a prática de ________ a conduta pessoal de _______ figuras da esquerda resistente; instalavam-se câmaras secretas ou grampos telefônicos, de modo a prender, torturar e quase sempre executar barbaramen-

te os “pseudo-subversivos”, como forma de ________ todas as formas de oposição ao regime, que via em tudo, tramas para _______ conspirações.

a) expiar – iminentes – expiar – eminentes;
b) expiar – eminentes – espiar – iminentes;
c) espiar – iminentes – expiar – eminentes;
d) expiar – eminentes – expiar – iminentes;
e) espiar – eminentes – expiar – iminentes.

573. Complete as lacunas,usando corretamente (infringir / inflingir / retificar / ratificar / absolver / absorver):

“A aplicação da pena de morte, como forma de punir aqueles que costumam _______ as leis, não parece ser a melhor forma de ________ a aplicação da penalidade.

Até por que executando-se o condenado, fica impossível __________ uma possível falha judicial que possa ter havido. Agindo dessa forma, só iríamos ________ as falhas irreparáveis, cometidas em outros países, onde a tal pena capital é adotada.

Melhor seria se decidíssemos ________ os erros que os outros já cometeram e deixar o réu com vida, para que os advogados tenham como o ________ caso seja inocente.”

a) infringir – infligir – retificar – ratificar – absorver – absolver;
b) infligir – infringir – ratificar – retificar – absorver – absolver;
c) infringir – infligir – retificar – ratificar – absolver – absorver;
d) infligir – infringir – retificar – ratificar – absorver – absolver;
e) infringir – infligir – ratificar – retificar – absolver – absorver.

574. Todas as palavras estão corretamente grafadas em:

a) O agiota agiu rápido: dirigiu-se ao monge e ajoelhou-se.
b) Pedro está rabujento, pois não tinha vajens na tijela.
c) Sinto vertigem quando herejes têm a coragem de se dizerem anjelicais.
d) O vajidos da mejera assustaram o pajem e o pajé.
e) Ele é um cafajeste; além do que, tem um jeito de gibóia.

575. Com _______, não rara ________, ele persegue a fama.

a) tenacidade – obscecado;
b) tenacidade – obcecada;
c) tenascidade – obscecada;
d) tenascidade – obcecada;
e) tenacidade – obsecada.

576. A guerra entre Irã e Iraque recrudesceu neste fim de semana. Faz nos saber que:

a) a guerra aumentou;
b) a guerra diminuiu;
c) a guerra paralisou;
d) a guerra recomeçou;
e) n. d. a.

577. Na expressão “O candidato possuía extraordinária loquacidade”, conclui-se que:

a) o candidato falava fluentemente;
b) o candidato era desinibido;
c) o candidato mostrava-se insensato;
d) o candidato demonstrava incrível versatilidade;
e) o candidato demonstrava grande insegurança.

578. Em “a vida é cheia de vicissitudes”, o termo grifado é sinônimo de:

a) tristezas;
b) transformações;
c) revezes;
d) artimanhas;
e) traições.

579. Em “o projeto de regularização do funcionalismo, continua a ser procrastinado pelos parlamentares governistas”, conclui-se que o tal projeto:

a) continua sendo estudado;
b) continua a ser emendado;
c) continua a ser adiado;
d) continua a ser aguardado;
e) continua a ser sugerido.

ACENTUAÇAO GRÁFICA

580. O conhecimento da classificação dos ditongos é fundamental para a observância das regras de acentuação. Assim assinale a alternativa onde todas as palavras apresentam ditongos crescentes. (Nenhuma das palavras leva acento, nesta questão, mesmo que deva, para não ficar prejudicada a resposta).

a) vaidade - enfeitar - trofeu - calvice;
b) saudade - psiu - teime - mutuo;
c) açoite - gloria - lingua - lençois;
d) espontaneo - lirio - amendoa - assiduo;
e) viveu - estourar - circuito - fieis.

581. Em que seqüência, todas as palavras estão corretamente acentuadas:

a) aziago - refém - xenômano - pudico;
b) gárrulo - estálidos - datilógrafas - impávido;
c) antonimia - alopata - aerólito - alcoolatra;
d) nitrido - ínterim - monólito - polissindeto;
e) antonomasia - gratuito - textil - rubiácea.

582. Indique a alternativa em que uma única palavra não deve ser acentuada graficamente:

a) graudo - nucleo - febril - paraiso - invio;
b) etiope - cadaver - lepido - estrategia - pindaiba;
c) refem - pubere - covado - apoteose - chavena;
d) rutilo - estencil - egide - azafama - bilis;
e) nenhuma das anteriores.

583. A única série de palavras corretamente acentuadas, é:

a) rubi - Luis – querê-la - chuchu;
b) baú - jóvem - partí-la - César;

c) tatú -fácil - através - Nélson;
d) possui -pô-la - Eugênio - bíceps;
e) álbum - inocência - gráu - benção;

584. Aponte o único conjunto em que há **erro** de acentuação:
a) tu tens - ela detém - pô-lo-íamos - hífens;
b) eloqüência - que eu arguasozinho - Bauru;
c) influíram - Sérgio - atraí-lo - dizíamos;
d) pântano - Madagáscar - ibero - rubrica;
e) constrói - véu - flúor - bisturi;

585. Assinale a alternativa em que contém um vocábulo acentuado indevidamente:
a) séssil - fossilífero - massapê;
b) estôrvo - sílex - tórax;
c) indígena - catalético - araxá;
d) irrisório - isopor - isócrono;
e) eqüídeo - qüinqüídio-míngua.

586. Assinale a alternativa em que nenhuma palavra deveria receber acento gráfico:
a) dissídio - adultério - Grajaú;
b) ônix - oxalúrico - inoxidável;
c) baurú - Marapendí - hífens;
d) flácido - híper - súper;
e) ossário - reversível - urânio.

587. Marque a alternativa em que todos os vocábulos são acentuados em obediência à mesma regra:
a) glossário - presságio - clímax.
b) fogaréu - geléia - estóico;
c) alcatéia - magistério - hendecassílabo;
d) fóssil - pólo - pêlo;
e) dossiê - emissário - fórceps.

588. Na oração “A bênção do criador incidirá sobre os órfãos”, a acentuação se justifica aos termos grifados, por:
a) serem ambas oxítonas terminadas por vogal fechada;
b) necessidade de diferenciação de seus homônimos;
c) por serem 2 paroxítonas terminadas em ditongo decrescente;
d) por serem ambas paroxítonas terminadas por vogal tônica;
e) nenhuma das respostas anteriores.

589. Na expressão “o solo do Para é propicio para a cultura do açai”, os termos grifados carecem de acento agudo por:
a) 1ª palavra oxítona terminada em “a”, 2ª palavra paroxítona terminada em “o”, 3ª palavra oxítona terminada em “i”.
b) 1ª palavra oxítona terminada em “a”, 2ª palavra paroxítona terminada em ditongo decrescente; 3ª palavra oxítona terminada em hiato
c) 1ª palavra homônima de uma preposição; 2ª palavra paroxítona terminada em ditongo crescente; 3ª palavra oxítona terminada em “i”.
d) porque todas são oxítonas terminadas em vogal;
e) nenhuma das respostas anteriores.

590. Quanto aos vocábulos “Araguarí” e Bisturí”, podemos dizer, em relação à acentuação gráfica:
a) ambas são oxítonas;
b) ambas terminam em vogal;
c) apenas a segunda está corretamente acentuada;
d) apenas a segunda não deve ser acentuada;
e) ambas estão incorretamente acentuadas.

PONTUAÇÃO

591. Assinale a opção em que a supressão das vírgulas alteraria o sentido do anunciado:
a) os países menos desenvolvidos vêm buscando, ultimamente, soluções para seus problemas no acervo cultural dos mais avançados;
b) alguns pesquisadores,que se encontram comprometidos com as culturas dos países avançados, acabam se tornando menos criativos;
c) torna-se, portanto, imperativa uma revisão modelo presente do processo de desenvolvimento tecnológico;
d) a atividade científica, nos países desenvolvidos, é tão natural quanto qualquer outra atividade econômica;
e) por duas razões diferentes podem surgir, da interação de uma comunidade com outra, mecanismos de dependência.

592. Assinale a opção em que está corretamente indicada a ordem dos sinais de pontuação que devem preencher as lacunas da frase abaixo:
“Quando se trata de trabalho científico ___ duas coisas devem ser consideradas ____ uma é a contribuição teórica que o trabalho oferece ___ a outra é o valor prático que possa ter.
a) dois pontos, ponto e vírgula, ponto e vírgula
b) dois pontos, vírgula, ponto e vírgula;
c) vírgula, dois pontos, ponto e vírgula;
d) pontos vírgula, dois pontos, ponto e vírgula;
e) ponto e vírgula, vírgula, vírgula.

593. Assinale o exemplo em que há emprego incorreto da vírgula:
a) como está chovendo, transferi o passeio;
b) não sabia, por que todos lhe viravam o rosto;
c) ele, caso queira, poderá vir hoje;
d) não sabia, por que não estudou;
e) o livro, comprei-o por conselho do professor.

594. Assinale o trecho sem erro de pontuação:
a) vimos pela presente solicitar de V.Sas., que nos informe a situação econômica da firma em questão;
b) cientificamo-lo de que na marcha do processo de restituição de suas contribuições, verificou-se a ausência da declaração de beneficiários;
c) o Instituto de Previdência do Estado, vem solicitar de V.Sa. o preenchimento da declaração;

d) encaminhamos a V.Sa., para o devido preenchimento, o formulário em anexo;
e) estamos remetendo em anexo, o formulário.

595. Assinale as frases em que as vírgulas estão incorretas:
a) ora ríamos, ora chorávamos;
b) amigos sinceros, já não os tinha;
c) a parede da casa, era branquinha branquinha;
d) Paulo, diga-me o que sabe a respeito do caso;
e) João, o advogado, comprou, ontem, uma casa.

596. Observe:
1) depois de muito pedir ( ) obteve o que desejava;
2) se fosse em outras circunstâncias ( ) teria dado tudo certo;
3) exigiam-me o que eu nunca tivera ( ) uma boa educação;
4) fez primeiramente seus deveres ( ) depois foi brincar;

Assinale a alternativa que preencha mais adequadamente os parênteses:
a) (;) (,) (:) (;);
b) (,) (;) (:) (;);
c) (,) (,) (:) (;);
d) (?) (,) (,) (:);
e) (,) (;) (.) (;).

597. Assinale o item em que as vírgulas estão empregadas corretamente:
I - Foi ao fundo da farmácia, abriu um vidro, fez um pequeno embrulho e entregou ao homem.
II - A sua fisionomia estava serena, o seu aspecto tranqüilo.
III - E o farmacêutico, sentindo-se aliviado do seu gesto, sentira-se feliz diante de suas lembranças.
IV - Quando, vi que não servia, dei às formigas, e nenhuma morreu.
a) I - IV;
b) II - III;
c) II - IV;
d) I - II;
e) I - III.

598. A frase:
“O assunto desta reunião - voltou a afirmar o presidente - é sigiloso”.
Qual das alternativas apresenta as possibilidades corretas dentre as numeradas de I a V?
I - O assunto desta reunião (voltou a afirmar o presidente ...) é sigiloso.
II - O assunto desta reunião (voltou a afirmar o presidente) é sigiloso.
III - O assunto desta reunião, voltou a afirmar o presidente, é sigiloso.
V - O assunto desta reunião: voltou a afirmar o presidente: é sigiloso.
a) I, II, III, IV, V;
b) II, IV;
c) I, III, V;
d) I, IV, V;
e) II, IV, V.

599. Em seguida vai um pequeno trecho de Machado de Assis, pontuado de diversos modos. Só uma vez a pontuação estará de acordo com as normas gramaticais. Assinale-a:
a) homem gordo, não faz revolução. O abdômem, é naturalmente amigo da ordem. O estômago pode destruir, um império: mas há de ser antes do jantar;
b) homem gordo não faz revolução. O abdômem é naturalmente amigo da ordem; o estômago pode destruir um império: mas há de ser antes do jantar;
c) homem gordo não faz revolucão, o abdômem é, naturalmente, amigo da ordem. O estômago, pode destruir um império: mas há de ser antes do jantar;
d) homem gordo não faz revolução: o abdômen e naturalmente, amigo da ordem. O estômago pode destruir um império: mas há de ser antes do jantar;
e) homem gordo não faz revolução: o abdômem é naturalmente amigo da ordem. O estômago pode destruir um império mas há de ser, antes do jantar.

600. Assinale a opção em que está corretamente indicada a ordem dos sinais de pontuação que devem preencher as lacunas da frase abaixo:
“Como amanhã será o nosso grande dia ___ duas coisas serão importantes ___ uma é a tranqüilidade ___ a outra é a observação minunciosa do que esta sendo solicitado”.
a) dois pontos, ponto e vírgula, ponto e vírgula;
b) vírgula, vírgula,vírgula;
c) vírgula, dois pontos, ponto e vírgula;
d) dois pontos, vírgula, ponto e vírgula;
e) ponto e vírgula, dois pontos, vírgula.

601. Assinale a série de sinais cujo emprego corresponde, na mesma ordem, aos parênteses indicados no texto:
“Pergunta-se ( ) qual é a idéia principal desse parágrafo ( ) A chegada de reforços ( ) a condecoração ( ) o escândalo da opinião pública ou a renúncia do presidente ( ) Se é a chegada de reforços ( ) que relação há ( ) ou mostrou seu autor haver ( ) entre esse fato e os restantes ( )”.
a) , , ? ? ? , , , .
b) : ? , , ? , ___ ___ ?
c) ___ ? , , . ___ ___ ___ .
d) : ? , . ___ , , , ?
e) : . , , ? , , , .

DIVISÃO SILÁBICA

602. Os vocábulos abaixo aparecem separados em sílabas.
Assinale aquele em que a separação **não** obedece às normas do sistema ortográfico vigente:
a) car-re-ga-dos;
b) es-tá-tuas;
c) cam-ba-lei-a;
d) es-pi-ra-is;
e) es-cal-da-vam.

603. Há erro de divisão silábica em uma das séries. Assinale-a:
a) ist-mo, á-gua, pror-ro-gar, trans-a-tlân-ti-co, cai-ais;
b) pneu, nup-ci-al, bi-sa-vô, flu-iu, sub-o-fi-ci-al;

c) ne-crop-si-a, ru-a, sa-is, prai-a, cou-sa;
d) ap-to, de-sá-gua, jói-a, mne-mô-ni-ca, dor;
e) ad-li-ga-ção, sub-lin-gual, a-ven-tu-ra, sa-ir, ca-í-da.

604. A divisão silábica só **não** está correta em:
a) cor-rup-ção;
b) su-bli-nhar;
c) subs-cri-ção;
d) sé-rie;
e) a-ve-ri-güeis.

605. Assinale a única opção em que há, um vocábulo cuja separação silábica não esta feita de acordo com a norma ortográfica vigente:
a) es-cor-re-gou / in-crí-veis;
b) in-fân-cia / cres-ci-a;
c) i-dei-a / lé-guas;
d) des-o-be-de-ceu / cons-tru-í-da;
e) vo-ou / sor-ri-em.

606. Assinale as alternativas em que as palavras “Averiguou”, “desiguais” e “Feldspato” encontram-se corretamente divididas em sílabas:
a) A-ve-ri-guou, de-si-gu-ais, Fel-ds-pa-to;
b) A-ve-ri-gu-ou, de-sig-u-ais, Felds-pa-to;
c) A-ve-ri-gu-ou, des-igua-is, Felds-pa-to;
d) A-ve-ri-guou, de-si-guais, Feds-pa-to;
e) A-ve-ri-guou, des-igu-ais, Fel-dsp-a-to.

607. Proceda da mesma forma em relação às palavras “subscrever”, “substantivo” e “Amnésia”.
a) su-bs-cre-ver, subs-tan-ti-vo, A-mné-si-a;
b) subs-cre-ver, subs-tan-ti-vo, Am-né-sia;
c) su-bs-cre-ver, su-bs-tan-ti-vo, A-m-né-si-a;
d) subs-cre-ver, subs-tan-ti-vo, Amné-si-a;
e) subs-cre-ver, subs-tan-ti-vo, A-mné-sia.

608. Na expressão “A icterícia nada tem a ver com hemodiálise ou disenteria” , as palavras grifadas apresentam-se corretamente divididas em sílabas na alternativa:
a) i-cte-rí-cia, he-mo-di-á-li-se, di-sen-te-ria;
b) ic-te-rí-ci-a, he-mo-diá-li-se, dis-en-te-ria;
c) i-c-te-rí-cia, he-mo-di-á-li-se, di-sen-te-ria;
d) ic-te-rí-cia, he-mo-di-á-li-se, di-sen-te-ri-a;
e) ic-te-rí-cia, he-mo-di-á-li-se, di-sen-te-ria.

609. Em “Quaisquer pneumáticos arrebentam, quando expostos a tratamentos adversos”. As palavras grifadas estão corretamente divididas, em:
a) qua-is-quer, p-neu-má-ti-cos, ar-re-ben-tam;
b) quais-quer, pneu-má-ti-cos, ar-re-ben-tam;
c) quais-quer, p-neu-má-ti-cos, arre-ben-tam;
d) qua-is-quer, p-neu-má-ti-cos, ar-re-ben-tam;
e) quai-squer, pneu-má-ti-cos, ar-re-ben-tam.

610. Em “o boato da reestruturação da monarquia no país, reeditou a lembrança dos grandes saraus imperiais”, assinale a alternativa em que os termos grifados estão corretamente separados:
a) boa-to; re-es-tru-tu-ra-ção, ree-di-tou;
b) bo-a-to, re-es-tru-tu-ra-ção, re-e-di-tou;
c) bo-ato, rees-tru-tu-ra-ção, re-e-di-tou;
d) bo-a-to, rees-tru-tu-ra-ção, re-e-di-tou;
e) boa-to, re-es-tru-tu-ra-ção, ree-di-tou.

611. Assinale o quadro de palavras em que não houve erro na separação de sílabas:
a) in-a-pto, trans-se-pto, des-or-dem;
b) né-ctar, fia-do, cri-an-ça;
c) des-u-nhar, ad-je-ti-va, ve-e-men-ci-a;
d) gi-ras-sóis, mag-nó-lia, a-dá-lia;
e) ins-cien-te, ân-sia, né-scio.

612. Em “enxágüem a memória daquele horrível despautério”, assinale a seqüência em que as palavras grifadas se separam corretamente divididas em sílabas:
a) en - xá - güem, hor - rí - vel, des - pau - té - rio;
b) en - xá - gü - em, horr - í - vel, des - pau - té - rio;
c) e - nxá - güem, ho - rrível, des - pa - u - té - rio;
d) en - xá - güem, hor - rrí - vel, des - pau - té - ri - o;
e) en - xá - gü - em, ho - rrí - vel, des - pa - u - té - rio.

613. “O Guaitacá delinqüiu após a idade adulta”, assinale a alternativa em que os termos grifados estão acertadamente divididos:
a) Gu - ai - ta - cá, de - lin - qüiu, adul - ta;
b) Guai - ta - cá, de - lin - qüi - u, a - du - l - ta;
c) Guai - ta - cá, del - in - qüi - u, a - dul - ta;
d) Guai - ta - cá, de - lin - qüiu, adul - ta;
e) Gu - ai - ta - cá, del - in - qüiu, adu - l - ta.

614. As palavras “inexcedível”, “desobstruiu” e “dispepsia” estão corretamente divididas em:
a) i - nex - ce - dí - vel, de - sobs - tru - iu, dis - pep - si - a;
b) in - ex - ce - dí - vel, des - obs - tru - iu, di - spe - psia;
c) inex - ce - dí - vel, de - so - bs - tru - iu, dis - pep - sai;
d) i - nex - ce - dí - vel, de - so - bs - tru - iu, dis - pep - si - a;
e) i - ne - xce - dí - vel, de - sobs - tru - iu, dis - pep - sai.

615. Indique a alternativa em que as palavras “sussurro”,”iguaizinhos” e “gnomo”, estão corretamente divididas em sílabas:
a) sus - su - rro, igu - ai - zi - nhos, g - no - mo;
b) su - ssu - rro, i - guai - zi - nhos, gno - mo;
c) sus - su - rro, i - guai - zi - nhos, gno - mo;
d) su - ssur - ro, i - gu - ai - zi - nhos, gn - omo;
e) sus - sur - ro, i - guai - zi - nhos, gno - mo.

616. Dadas as palavras “ignóbil”, “perspectiva” e “psicodélico” assinale a alternativa em que todas estão corretamente divididas em sílabas:
a) i - gnó - bil, pers - pec - ti - va, psi - co - dé - li - co;
b) ig - nó - bil, per - spec - ti - va, p - si - co - dé - li - co;
c) i - g - nó - bil, pers - pe - cti - va, ps - ico - dé - li - co;
d) ig - nó - bil, pers - pec - ti - va, psi - co - dé - li - co;
e) i - gnó - bil, pers - pec - ti - va, p - si - co - dél - ico.

EMPREGO DE VOCABULÁRIO. VALOR SEMÂNTICO DAS PALAVRAS

617. Assinale a frase em que se completa com o primeiro dos parônimos entre parênteses:
a) casou-se com um juiz _________ ; (eminente, iminente);
b) seu gesto não passou __________ ; (desapercebido, despercebido);
c) tal comportamento _________ o país; (degrega, degrada);
d) em vista dos pulmões estarem em péssimo estado, o médico ___________ o uso de cigarros; (prescreveu, proscreveu);
e) no momento da cena, o artista não pode ___________ o riso. (sustar, suster)

618. Marque a sentença que apresenta falha de significado; por confusão vocabular:
a) o perigo era iminente;
b) o tráfico de veículos de grande porte pelo túnel é proibido;
c) foi ratificada a data de chegada do nosso convidado;
d) a discrição de José tem-lhe sido muito útil;
e) se você agir desta maneira, estará infringindo as normas da casa.

619. Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase abaixo:
Certas transformações __________ passou a nossa arquitetura não teriam ocorrido, _________ houvesse a intervenção de certos fatores como a diferença de clima e de condições de vida.
a) por que/ se não;
b) porquê/ senão;
c) porque/ se não;
d) porque/ senão;
e) por que / senão.

620.
01) Assinale a única opção em que aparece uma palavra que não é sinônima das demais.
a) títere, fantoche, palhaço;
b) vendaval, temporal, ventania;
c) íntegro, intemerato, puro
d) venenoso, venéfico, tóxico;
e) abatido, definhado, enfraquecido.

02) Assinale a única opção em que aparece uma palavra que não é antônima das demais, considerando-se o termo grifado da série.
a) sossego: agitação, preocupação;
b) notório: desconhecido, ignoto;
c) negligente: aplicado, diligente;
d) livre: preso, medroso;
e) meritório: indigno, desprezível.

621. Assinale a opção em que os dois enunciados não têm basicamente o mesmo significado:
a) “o oceano do povo se encapela / encapela-se o oceano do povo;
b) “ruge o clarim tremendo da batalha” / ruge o tremendo clarim da batalha;
c) “águia - talvez as asas te espedacem” / talvez as asas da águia te espedacem;
d) “que a mão dos séculos no futuro talha...” / que no futuro a mão dos séculos talha;
e) “levanta a Deus do cativeiro o grito !” / levanta a Deus o grito do cativeiro.

622. No enunciado - “Nesse caso por não se preservar na comunidade dependende a correlação natural entre soluções e habilidades disponíveis, surgirão deformações . . .” -, a preposição grifada pode ser substituída, sem alteração fundamental de sentido por:
a) apesar de;
b) a fim de;
c) a despeito de;
d) em virtude de;
e) depois de.

623. Assinale a opção em que o verbo **contar** é empregado com o mesmo sentido que apresenta em - “ainda não se podiam contar”.
a) comece a contar até dez e depois trate de correr;
b) mesmo sem contar que somos amigos, eu lhe daria o emprego;
c) ao morrer, Castro Alves contava menos de vinte e cinco anos;
d) não tenho condições de contar toda a história detalhadamente;
e) contava nunca mais tornar a vê-lo.

624. Assinale a opção em que o elemento **auto** apresenta significação diferente da que tem em auto-estima:
a) autodidata;
b) autopeça;
c) auto-suficiente;
d) autobiografia;
e) auto-sugestão.

625. Assinale a opção em que a preposição **por** exprime a mesma idéia que possui em **“Falo por palavras tortas”.**
a) reze por todos nós;
b) mandou notícias por telegrama;
c) lutamos por um mesmo ideal;
d) um homem prevenido vale por dois;
e) todos o têm por sábio.

626. Transformados os dois períodos abaixo em um único, assinale a alternativa em que a relação de sentido existente entre os dois foi corretamente expressa:
a) o português não se poderia preocupar, a princípio, com os problemas estéticos da arquitetura, uma vez que o preocupavam os da habitação;
b) o português não se poderia preocupar, a princípio com os problemas estéticos da arquitetura, embora o preocupassem de habitação;
c) o português não se poderia preocupar, a princípio, com os problemas estéticos da arquitetura, apesar de o preocuparem os de habitação;

d) o português não se poderia preocupar, a princípio, com os problemas estéticos da arquitetura, conquanto o preocupassem os de habitação:
e) o português não se poderia preocupar, a princípio, com os problemas estéticos da arquitetura, não obstante o preocuparem os de habitação.

627. A frase que se completa com a primeira forma colocada entre parênteses é:
a) até hoje não se abriu nenhum _________ quanto ao assunto; (procedente-precedente).
b) se enganos houve, que sejam prontamente __________ ; (ratificados - retificados).
c) os bombeiros andavam às voltas com o __________ perigo; (eminente - iminente).
d) as rosas deixaram uma suave __________ no ar; (flagrância - fragrância).
e) a atitude do aluno ________ o regulamento. (infringiu - inflingiu).

628. Assinale a opção em que não se verifica correspondência de sentido entre a expressão sublinhada e o advérbio.
a) “talhei de avanço, em minha história” - posteriormente;
b) “não sei contar direito”;- corretamente.
c) “mas ele quer saber tudo diverso”; - diferentemente.
d) “miúdo e miúdo, caso o senhor quiser, dou descrição”; - pormenorizadamente.
e) “mas principal quero contar é o que eu não sei ser”. - fundamentalmente.

629. Assinale a opção em que a troca da expressão grifada pela que está entre parênteses altera sensivelmente o sentido do enunciado:
a) “andou de rota batida uma meia hora” (cerca de);
b) “que o velho José Paulino fizera” (tinha feito);
c) “não vou para o bando dele por causa da minha mãe” (devido a);
d) “era como uma camarinha no meia noite” (que nem);
e) “era um mar de leite por cima das coisas” (sob as).

630. Assinale a opção em que o vocábulo **mais** equivale a “outra vez “ou “de novo”:
a) “no outro dia não voltou mais para trabalhar para aquele homem;
b) “desceu mais, não queria que o vissem assim como estava” ;
c) “e quanto mais andava mais tinha vontade”;
d) “quis correr para que não o visse, mas não o fez, chegou-se mais para perto:”
e) “não era um pobre seleiro de beira de estrada, era mais que um oficial, de bagaceira de engenho”

631. Assinale a opção em que a mudança na ordem dos termos altera sensivelmente o sentido do enunciado:
a) a luz da lua ainda não clareava o escuro da cajazeira;
a luz da lua não clareava ainda o escuro da cajazeira;
b) no outro dia não voltou mais para trabalhar
no noutro dia não mais voltou para trabalhar;
c) mas estou aqui a mando do Capitão Antonio Silvino;
mas aqui estou a mando do Capitão Antonio Silvino;
d) não queria que o vissem assim como estava;
não queria assim que o vissem como estava;
e) não deixaria de fazer o que fazia agora por preço nenhum.
não deixaria de fazer o que fazia agora por nenhum preço.

632. No trecho - “Embora muitos estudiosos defendam que a característica da verdadeira pesquisa científica é a de não estar comprometida senão consigo mesma . . .”- o vocábulo senão pode ser substituído, sem alteração de “- sentido, por:
a) apenas;
b) nem;
c) tão - só;
d) exclusivamente;
e) exceto.

633. Assinale o único exemplo cuja lacuna deve ser preenchida com a primeira alternativa da série dada nos parênteses:
a) estou aqui _______ de ajudar os flagelados das enchentes; (afim-a fim).
b) a bandeira está ________ ; (arreada - arriada).
c) serão punidos os que ________ o regulamento. (inflingirem-infringirem).
d) são sempre valiosos os ________ dos mais velhos; (concelhos-conselhos).
e) moro ________ cem metros da praça principal. (a cerca de - acerca de).

634. Assinale a opção em que se altera sensivelmente o sentido de: Desceu mais, não queria que o vissem assim como estava”.
a) desceu mais, já que não queria que o vissem assim como estava;
b) desceu mais, por isso não queria que o vissem assim como estava;
c) como não queria que o vissem assim como estava, desceu mais;
d) por não querer que o vissem assim, desceu mais;
e) não querendo que o vissem assim como estava, desceu mais.

635. Assinale a opção em que se altera sensivelmente o sentido de - “Era trabalho para o bando. Deixou tudo de lado para o serviço que fazia com toda a sua alma”:
a) era trabalho para o bando, porquanto deixou tudo de lado para o serviço que fazia com toda à sua alma;
b) era trabalho para o bando, por conseguinte deixou tudo de lado para o serviço que fazia com toda a sua alma;
c) era trabalho para o bando; deixou, pois, tudo de lado para o serviço que fazia com toda a sua alma;
d) como era trabalho para o bando, deixou tudo de lado para o serviço que fazia com toda a sua alma;

e) porque era trabalho para o bando, deixou tudo de lado para o serviço que fazia com toda a sua alma.

636. Assinalar a alternativa correta quanto ao uso do **porque**:
a) daí porque não aceitar tuas desculpas;
b) saiu por que quis;
c) todo crime tem o seu por que;
d) isso dói e não sei por quê;
e) eis porque não vim.

637. A frase que tem sentido duplo é:
a) o guarda ouviu o barulho da janela;
b) o barulho da janela, ouviu-o o guarda;
c) o guarda ouviu o barulho que era da janela;
d) foi o barulho da janela que o guarda ouviu;
e) o barulho da janela foi ouvido pelo guarda.

638. Na frase "O fio da idéia cresceu, engrossou e partiu-se" ocorre processo de gradação.
Não há gradação em:
a) o carro arrancou, ganhou velocidade e capotou;
b) o avião decolou, ganhou altura e caiu;
c) o balão inflou, começou a subir e apagou;
d) a inspiração surgiu, tomou conta de sua mente e frustou-se;
e) João pegou um livro e ouviu um disco e saiu.

639. Assinale a opção em que a mudança na ordem dos termos altera substancialmente o conteúdo semântico do enunciado:
a) algum valor deve ser atribuído a este tipo de trabalho; / a este tipo de trabalho, valor algum deve ser atribuído;
b) são duas estas condições especiais; / estas condições especiais são duas;
c) qualidades que são pelos seus próprios pares reconhecidas; / qualidades que são reconhecidas pelos seus próprios pares;
d) é isto que permite ao cientista adquirir prestígio social; / isto é que permite ao cientista adquirir prestígio social;
e) esta qualidade intelectual pode traduzir-se em produtos; / pode esta qualidade intelectual traduzir-se em produtos.

640. Na frase - "Esta qualidade intelectual e técnica se traduz, eventualmente, em produtos que podem trazer prestígio, dinheiro e poder" - o termo sublinhado equivale a:
a) acidentalmente;
b) conseqüentemente;
c) materialmente;
d) necessariamente;
e) igualmente.

641. Assinale o único exemplo em que ocorre erradamente **mal** por **mau** ou vice-versa:
a) tudo para ele fazia mau;
b) não há mal que sempre dure;
c) mal me viu, escapou-se;
d) o seu malgrado é visível;
e) isso aconteceu, mau grado meu.

642. Assinale o único exemplo em que ocorre erradamente **mal** por **mau** ou vice-versa:
a) fora um mal súbito;
b) não há mal que sempre dure;
c) mau me quer, bem me quer:
d) isso ocorreu, mau grado meu;
e) mal terminou a revisão, retirou-se.

643. "Este galego é que teve a culpa de tudo".
Assinale a passagem em que há construção semelhante a da frase acima:
a) aquela verdade é que o mentiroso não disse;
b) a verdade é que mentirosos não devem ser poupados;
c) verdade é que nunca chegaremos a um acordo;
d) verdade é que o mentiroso não disse nada;
e) ele disse tudo, mas verdade é que ele não disse.

644. Assinale a opção em que o termo entre parênteses **NÃO** significa fundamentalmente o mesmo que o termo sublinhado:
a) forma efêmera de prestação de serviço (transitória);
b) desejável autonomia tecnológica (independência);
c) interação de uma comunidade com outra (conflito);
d) atrofia da atividade inventiva (redução);
e) percepção de um contemplador inadvertido (desatento).

645. Assinale o item em que a relação expressa pela preposição **não** está corretamente indicada:
a) perecendo à fome (referência);
b) apontando para o açoite (direção);
c) prostrados com as mãos atadas (modo);
d) no chão resvala (lugar);
e) folhas da árvore (posse).

ENCONTROS VOCÁLICOS E CONSONANTAIS:

646. Assinale a alternativa cujos vocábulos contenham os seguintes tipos de encontros vocálicos: tritongo, ditongo nasal decrescente e ditongo oral crescente:
a) veio - cantam - água;
b) averigüei - ninguém - gratuito;
c) verifiquei - mamão - vitória;
d) enxagüem - muito - quase;
e) saguão - quando - oblíquo.

647. Nas palavras "unha", "guerra" e "quilombo":
a) há dígrafo na primeira, mas não há nas seguintes;
b) há dígrafo nas duas primeiras, mas não há na última;
c) não há dígrafo na primeira, mas há nas seguintes;
d) não há dígrafos em nenhuma delas;
e) há cinco dígrafos no total.

648. Na frase “nossa verdadeira imagem não é construída de favores”, há:
a) um ditongo oral, um ditongo nasal e um hiato;
b) um ditongo oral, um tritongo e dois hiatos;
c) um ditongo oral e dois ditongos nasais, e um hiato;
d) dois ditongos orais, e dois ditongos nasais;
e) um ditongo oral, dois ditongos nasais e um hiato.

649. Na frase “Aurélio não delinqüiu” temos, respectivamente:
a) ditongo decrescente oral, ditongo crescente oral, ditongo decrescente nasal, dígrafo e tritongo;
b) ditongo decrescente oral, ditongo crescente nasal, ditongo decrescente nasal,hiato e tritongo;
c) ditongo crescente oral, ditongo decrescente nasal, ditongo decrescente nasal, hiato e ditongo decrescente oral;
d) ditongo crescente nasal, ditongo crescente oral, ditongo crescente nasal, dígrafo e tritongo;
e) ditongo crescente oral, ditongo crescente oral, ditongo decrescente oral e ditongo crescente oral.

650. Na frase “o esqueleto quebrou o esquema”, temos:
a) três hiatos;
b) dois dígrafos e um ditongo;
c) três dígrafos e um ditongo;
d) um dígrafo e um ditongo;
e) um dígrafo, um ditongo e um hiato.

651. Em “o inquérito sumiu de repente” temos:
a) três dígrafos e um ditongo crescente;
b) dois dígrafos, um ditongo decrescente e um encontro consonantal;
c) três dígrafos e um ditongo decrescente;
d) um dígrafo, dois ditongos decrescentes e um encontro consonantal;
e) um hiato, um dígrafo, um ditongo decrescente e um consonantal.

652. Em “o clube percorreu um caminho espinhoso”, temos:
a) 03 encontros consonantais, 04 dígrafos e 01 ditongo;
b) 02 encontros consonantais, 02 ditongos e 04 dígrafos;
c) 03 encontros consonantais, 02 dígrafos e 02 ditongos;
d) 02 encontros consonantais, 04 dígrafos e 02 ditongos;
e) 03 encontros consonantais, 02 ditongos e 04 dígrafos.

653. A palavra “Fluorescência” apresenta; respectivamente:
a) 01 encontro consonantal, 01 ditongo crescente, 01 ditongo crescente, 01 dígrafo;
b) 01 dígrafo, 01 encontro consonantal, 01 ditongo decrescente, 01 ditongo crescente;
c) 01 encontro consonantal, 01 ditongo decrescente, 01 dígrafo, 01 ditongo crescente;
d) 01 encontro consonantal, 01 ditongo crescente, 02 dígrafos; 01 ditongo crescente;
e) 02 encontros consonantais, 01 hiato, 02 ditongos crescentes; 01 ditongo decrescente.

654. A palavra “coincidência” apresenta, respectivamente:
a) 01 dígrafo nasal, 01 dígrafo nasal, 01 ditongo oral;
b) 01 ditongo oral, 01 dígrafo, 01 ditongo oral;
c) 01 ditongo oral, 01 ditongo oral, 01 dígrafo;
d) 01 ditongo nasal, 01 ditongo oral, 01 dígrafo;
e) 01 ditongo oral, 01 dígrafo, 01 dígrafo.

655. A palavra “caraoquê” apresenta respectivamente:
a) 01 hiato, 01 ditongo crescente;
b) 01 hiato, 01 dígrafo;
c) 01 ditongo crescente, 01 ditongo crescente;
d) 01 hiato, 01 hiato;
e) 01 dígrafo, 01 hiato.

656. Aponte o único conjunto onde não há erro de divisão silábica:
a) flui-do, sa-guão, di-gno;
b) cir-cu-ns-cre-ver, trans-cen-den-tal, tran-sal-pi-no;
c) con-vic-ção, tung-stê-nio, rit-mo;
d) ins-tru-ir, an-te-pas-sa-do;
e) coo-pe-rar, dis-tân-cia; bi-sa-vô.

CONTAGEM DE FONEMAS:

657. As palavras “cambalacho”, “carretilha”, “circunferência”, apresentam, respectivamente:
a) oito, nove e doze fonemas
b) oito, oito e onze fonemas;
c) oito, sete e treze fonemas;
d) sete, oito e doze fonemas;
e) oito, oito e doze fonemas.

658. As palavras “pandemônio”, “derreado” e “oxalá” apresentam, respectivamente:
a) nove, sete e cinco fonemas;
b) nove, sete e seis fonemas;
c) oito, seis e cinco fonemas;
d) nove, oito e seis fonemas;
e) oito, oito e cinco fonemas.

659. As palavras “bilíngüe”, “derradeiro” e “complexo” apresentam respectivamente:
a) sete, oito e oito fonemas;
b) sete, nove e sete fonemas;
c) oito, oito e oito fonemas;
d) sete, nove e oito fonemas;
e) oito, oito e sete fonemas.

660. Assinale a alternativa em que todos os vocábulos apresentam o mesmo número de fonemas de “carreata”:
a) elíptico - sexagenário - retângulo;
b) exagero - girassol - amígdala;
c) ovelheiro - exceder - enxaqueca;
d) miserando - excluso - fantasia;
e) groselha - brinquedo - misantropa.

661. Que alternativa apresenta compostos com o mesmo número de fonemas de "esquisitice"?
a) irresoluto - framboesa - basilicão;
b) gargalhada - supressão - hamburguer;
c) pampulha - onomatopáico - hinduísta;
d) consangüíneo - apropinquar - farisaísmo;
e) heterogênio - sortilégio - ostensório.

662. As palavras "qüinqüênio", "batráquio" e "miscelânea", apresentam respectivamente:
a) nove, nove e nove fonemas;
b) nove, oito e nove fonemas;
c) oito, nove e oito fonemas;
d) oito, oito e nove fonemas;
e) nove, nove e nove fonemas.

663. As palavras "profilaxia", "translineação" e "cavalheiro" apresentam respectivamente:
a) onze, doze e nove fonemas;
b) doze, doze e treze fonemas;
c) doze, onze e doze fonemas;
d) onze, dez e doze fonemas;
e) onze, onze e doze fonemas.

664. As palavras "putrescência", "oscilógrafo" e "vitrescibilidade" apresentam, respectivamente:
a) onze, onze e quinze fonemas;
b) dez, onze e quatorze fonemas;
c) dez, dez e quinze fonemas;
d) onze, onze e quinze fonemas;
e) dez, doze e treze fonemas.

665. As palavras "discussão", "fissilíngüe" e "sanguessuga", têm respectivamente:
a) oito, oito e oito fonemas;
b) oito, oito e nove fonemas;
c) nove, oito e nove fonemas;
d) nove, nove e nove fonemas;
e) oito, nove e oito fonemas.

SINTAXE:

666. Na oração: "Foram chamados às pressas todos os vaqueiros da fazenda vizinha", o núcleo do sujeito é:
a) todos;
b) fazenda;
c) vizinha;
d) vaqueiros;
e) pressas.

667. Assinale a alternativa em que o sujeito está incorretamente classificado:
a) chegaram, de manhã, o mensageiro e o guia (sujeito composto);
b) fala-se muito neste assunto (sujeito indeterminado);
c) vai fazer frio à noite (sujeito inexistente);
d) haverá oportunidade para todos (sujeito inexistente);
e) não existem flores no vaso (sujeito inexistente).

668. Em "Éramos três velhos amigos, na praia quase deserta", o sujeito desta oração é:
a) subentendido;
b) claro, composto e determinado;
c) indeterminado;
d) inexistente;
e) claro, simples e determinado.

669. Marque a oração em que o termo destacado é sujeito:
a) houve muitas brigas no jogo;
b) Ia haver mortes, se a polícia não interviesse;
c) faz dois anos que há bons espetáculos;
d) existem muitas pessoas desonestas;
e) há muitas pessoas desonestas.

670. Indique a única frase que não tem verbo de ligação:
a) o sol estava muito quente;
b) nossa amizade continua firme;
c) suas palavras pareciam sinceras;
d) ele andava triste;
e) ele andava rapidamente.

671. Considere a frase: "Ele andava triste porque não encontrava a companheira", os verbos grifados são respectivamente:
a) transitivo direto - de ligação;
b) de ligação - intransitivo;
c) de ligação - transitivo - indireto;
d) transitivo direto - transitivo indireto;
e) de ligação - transitivo direto.

672. Na praça deserta um homem caminhava - o sujeito é:
a) indeterminado;
b) inexistente;
c) simples;
d) oculto por elipse;
e) composto.

673. Na oração:"Anunciaram grandes novidades" - o sujeito é:
a) simples;
b) composto;
c) indeterminado;
d) elíptico;
e) inexistente.

674. "O toque dos sinos ao cair da noite era trazido lá da cidade pelo vento". O termo grifado é:
a) sujeito;
b) objeto direto;
c) objeto indireto;
d) complemento nominal;
e) agente da passiva.

675. "Eu andava satisfeito com o mundo e comigo mesmo", o período é:
a) simples;
b) composto por coordenação;
c) composto por subordinação;
d) composto por coordenação e subordinação;
e) composto de duas orações.

676. Na oração “Mestre Reginaldo, o impoluto, é uma sumidade no campo das ciências” - o termo grifado é:
a) adjunto adnominal;
b) vocativo;
c) predicativo;
d) aposto;
e) sujeito simples.

677. Na expressão: “por todos era apedrejado o Luizinho”, o termo grifado é:
a) objeto direto;
b) objeto indireto;
c) sujeito;
d) complemento nominal;
e) agente da passiva.

678. Dentre as orações abaixo, uma contém complemento nominal. Qual?
a) Meu pensamento é subordinado ao seu.
b) Você não deve faltar ao encontro.
c) Irei à sua casa amanhã.
d) Venho da cidade às três horas.
e) Voltaremos pela rua escura ...

679. Assinale a alternativa em que o termo grifado é adjunto adnominal:
a) Sua falta aos encontros sufocava o nosso amor.
b) Ela é uma fera maluca.
c) Ela é maluca por lambada nacional.
d) Não tenho medo da louca.
e) O amor de Deus é o primeiro mandamento.

680. Em “a linguagem do amor está nos olhos” – os termos grifados são respectivamente:
a) complemento nominal e predicativo do sujeito;
b) adjunto adnominal e predicativo do sujeito;
c) adjunto adnominal e objeto direto;
d) complemento nominal e adjunto adverbial;
e) adjunto adnominal e adjunto adverbial.

681. “Diga ao povo que fico” é um período:
a) simples;
b) composto por coordenação;
c) composto por subordinação;
d) composto por coordenação e subordinação;
e) composto de três orações.

682. “Saúde e felicidade são as minhas aspirações na vida” – nessa expressão o sujeito é:
a) simples;
b) composto;
c) indeterminado;
d) oculto;
e) oração sem sujeito.

683. Na expressão: “Ordem e progresso, esse é o nosso lema” – o sujeito é:
a) simples;
b) composto;
c) indeterminado;
d) oculto;
e) inexistente.

684. Já na expressão “O prefeito Odorico nomeou Dirceu Borboleta ajudante de ordens” – as palavras grifadas funcionam como:
a) objeto direto;
b) objeto indireto;
c) predicativo do sujeito;
d) aposto;
e) predicativo do objeto

685. O verbo de “confio este carro à distinção dos senhores passageiros” é:
a) transitivo direto;
b) transitivo indireto;
c) transitivo direto e indireto;
d) intransitivo;
e) de ligação.

686. Em: “Era inverno e fazia frio” – há duas orações cujos sujeitos são respectivamente:
a) inexistente e indeterminado;
b) indeterminado e inexistente;
c) inexistente e inexistente;
d) indeterminado e indeterminado;
e) N. R. A. porque ambos são compostos.

687. Qual o período simples?
a) Encontrará, talvez, no caminho da vida, asperezas, ingratidões, grosserias, injustiças, brutalidades . . .;
b) Quem sabe se não encontrará inimigos cruéis e “amigos” pérfidos;
c) Dorme, dorme meu anjinho, que a “Mamã” vela por ti . . .;
d) Ela defende-o e protege-o;
e) Faz cinco anos que o procuro.

688. Confiamos no futuro
Desconhecemos as coisas do futuro.
Temos confiança no futuro

- Nas expressões acima, os termos grifados funcionam respectivamente, como:
a) objeto indireto; adjunto adnominal; complemento nominal;
b) objeto indireto; complemento nominal; objeto indireto;
c) objeto indireto; objeto indireto; complemento nominal;
d) objeto direto; adjunto adnominal; objeto indireto;
e) objeto direto; sujeito; complemento nominal.

689. Em: “faz anos que não chove no sertão” – há duas orações com sujeito:
a) simples;
b) composto;
c) indeterminado;
d) inexistente;
e) elíptico.

690. Em: “pediram-me papai e mamãe que eu fosse mais audacioso”:
a) o sujeito da primeira oração é simples e o da segunda é inexistente;

b) o sujeito da primeira oração é composto e o da segunda, é simples;
c) o sujeito da primeira oração é indeterminado e o da segunda, inexistente;
d) o sujeito da primeira oração é inexistente e o da segunda indeterminado;
e) o sujeito da primeira oração é composto e o da segunda inexistente.

691. Em: “À boca da noite a cata-piolhos rezava baixinho . . .” , o sujeito é:
a) simples; d) inexistente;
b) composto; e) oculto.
c) indeterminado;

692. Em qual das alternativas o verbo grifado é de ligação?
a) Quando você pára, eu continuo.
b) Amélia continua mulher de verdade.
c) Esta “droga” de relógio não anda.
d) Andei dois quilômetros a pé.
e) Nos primeiros dias aprendi as notas musicais.

693. O predicado é nominal em:
I - Você acha Cristina bonita, mamãe?
II - O mundo podia ser tranqüilo.
III - “Zé Mané” não estava embriagado.
IV - O guarda noturno permanece atento a todos os perigos.
V - Os transeuntes ficaram assustados.
a) I - II - III; d) III - IV - V - II;
b) II - III; e) I - II - IV.
c) II - IV;

694. Dentre as orações abaixo, uma tem sujeito indeterminado. Qual?
a) A nossa casa parecia uma arca de Noé.
b) Não iria além de um vice-campeonato.
c) As águas trafegam furiosas.
d) Atropelaram um boi lá na gentil.
e) No lugar só ficou a surpresa.

695. Na oração: “Diziam que ele era igualzinho a meu pai”, o sujeito da primeira oração é:
a) simples; d) inexistente;
b) composto; e) oculto.
c) indeterminado;

696. Dê a função sintática do elemento grifado: “Mestre Cupijó, ouviu-se há dias a sua grande obra”.
a) adjunto adnominal; d) aposto;
b) sujeito; e) objeto direto.
c) vocativo;

697. Em: “o homem não gosta de reconhecer a inevitabilidade de uma morte natural . . .”, a expressão grifada é:
a) adjunto adnominal;
b) adjunto adverbial;
c) complemento nominal;
d) agente da passiva;
e) sujeito.

698. “Ué, gente: vocês ainda não foram pra sala? !” – o sujeito:
a) simples; d) inexistente;
b) composto; e) oculto.
c) indeterminado;

699. Em: “Bebe que é doce, papai” – a palavra grifada funciona como:
a) sujeito; d) adjunto adverbial;
b) aposto; e) adjunto adnominal.
c) vocativo;

700. No período: “O vento é morno, faz carícias, brinca nas árvores e foge para as montanhas.” – encontramos:
a) 4 orações coordenadas assindéticas;
b) 4 orações subordinadas substantivas;
c) 4 orações coordenadas sindéticas;
d) 3 orações coordenadas assindéticas e 1 sindética;
e) 3 orações coordenadas assindéticas e 1 subordinada.

701. No período:”Arrumarei uma namorada ou beberei três litros de mel de abelha”.
A segunda oração é coordenada sindética:
a) aditiva; d) explicativa;
b) adversativa; e) conclusiva.
c) alternativa;

702. Em “o paquerador inveterado teria de correr ou seria estrangulado pelo namorado ciumento” - a segunda oração é coordenada:
a) assindética;
b) sindética aditiva;
c) sindética adversativa;
d) sindética explicativa;
e) sindética alternativa.

703. Na Manchete de Jornal “Motorista vira porco no telégrafo -a palavra motorista funciona, respectivamente, como:
a) sujeito e aposto;
b) núcleo do sujeito e vocativo;
c) sujeito e núcleo do sujeito;
d) sujeito e agente da passiva;
e) N.R.A.

704. Até o Diabo, quando está satisfeito, é boa pessoa.
Quanto mais próxima está a Europa, mais negra é a noite.
A proporção que os alunos entregavam as provas, o professor as ia corrigindo.
As orações grifadas nos períodos acima classificam-se, respectivamente como orações subordinadas:
a) adverbial temporal – adverbial proporcional – adverbial proporcional;

b) adjetiva restritiva – adverbial proporcional – adverbial proporcional;
c) adjetiva restritiva – adverbial temporal – adverbial proporcional;
d) adverbial temporal – adverbial final – adverbial proporcional;
e) adverbial temporal – adverbial final – adverbial proporcional.

705. Considere a frase "Ele andava triste porque não encontrava a companheira" – os verbos grifados são respectivamente:
a) transitivo direto - de ligação;
b) de ligação - intransitivo;
c) de ligação - transitivo indireto;
d) transitivo direto - transitivo indireto;
e) de ligação - transitivo direto.

706. Indique a única alternativa que não apresenta agente da passiva:
a) A casa foi construída por nós.
b) O presidente será eleito pelo povo.
c) Ela será coroada por ti.
d) O avô era querido por todos.
e) Ele foi eleito por acaso.

707. Em: "A terra era povoada de selvagens", o termo grifado é:
a) objeto direto;
b) objeto indireto;
c) agente da passiva;
d) complemento nominal;
e) adjunto adverbial.

708. Em: "Dulce considerou calada, por um momento, aquele horrível delírio", os termos grifados são respectivamente:
a) objeto direto – objeto direto;
b) predicativo do sujeito – adjunto adnominal;
c) adjunto adverbial – objeto direto;
d) adjunto adverbial – adjunto adnominal;
e) objeto indireto – objeto direto.

709. Assinale a alternativa correta: "para todos os males, há dois remédios: o tempo e o silêncio", os termos grifados são respectivamente:
a) sujeito – objeto direto;
b) sujeito – aposto;
c) objeto direto – aposto;
d) objeto direto – objeto direto;
e) objeto direto – complemento nominal.

710. "Usando do direito que lhe confere a Constituição", as palavras grifadas exercem a função respectivamente de:
a) objeto direto – objeto direto;
b) sujeito – objeto direto;
c) objeto direto – sujeito;
d) sujeito – sujeito;
e) objeto direto – objeto indireto.

711. "Recebeu o prêmio o jogador que fez o gol". Nessa frase o sujeito de "fez" ?
a) o prêmio;
b) o jogador;
c) que;
d) o gol;
e) recebeu.

712. Assinale a alternativa correspondente ao período onde há predicativo do sujeito:
a) como o povo anda tristonho !
b) agradou ao chefe o novo funcionário;
c) ele nos garantiu que viria;
d) no Rio não faltam diversões;
e) o aluno ficou sabendo hoje cedo de sua aprovação.

713. Em: "Cravei-lhe os dentes na carne, com toda a força que eu tinha", a palavra "que" tem função morfo-sintática de:
a) pronome relativo – sujeito;
b) conjunção subordinada – conectivo;
c) conjunção subordinada – complemento verbal;
d) pronome relativo – objeto direto;
e) conjunção subordinada – objeto direto.

714. Assinale a alternativa em que a expressão grifada tem a função de complemento nominal:
a) a curiosidade do homem incentiva-o a pesquisa;
b) a cidade de Londres merece ser conhecida por todos;
c) o respeito ao próximo é dever de todos;
d) o coitado do velho mendigava pela cidade;
e) o receio de errar dificultava o aprendizado das línguas.

715. Amanhã, sábado, não sairei de casa", a palavra grifada, funciona como:
a) objeto direto;
b) objeto indireto;
c) agente da passiva;
d) complemento nominal;
e) aposto.

716. "E não se diga que Mário Quintana haja sido insensível às legítimas exigências da poética contemporânea".
O termo grifado desempenha a função de:
a) objeto direto;
b) sujeito;
c) adjunto adnominal;
d) complemento nominal;
e) objeto indireto.

717. "O sol entra cada dia mais tarde, pálido, fraco, oblíquo"
"O sol brilhou um pouquinho pela manhã"
Pela ordem, os predicados das orações acima classificam-se como:
a) nominal – verbo nominal;
b) verbal – nominal;

c) verbal – verbo-nominal;
d) verbo-nominal – nominal;
e) verbo-nominal – verbal.

718. É exemplo de predicado verbo-nominal:
a) cuspi no chão com um nojo desgraçado;
b) o corpo me doía todo;
c) Estela se sentou na cama assustada;
d) E ele saiu correndo com os pés descalços;
e) Chico Sena morreu.

719. Em: “o professor entrou atrasado”
a) o verbo é intransitivo e o predicado é nominal;
b) o verbo é transitivo direto e o predicado é verbal;
c) o verbo é de ligação e o predicado é nominal;
d) o verbo é intransitivo e o predicado é verbo-nominal;
e) o verbo é transitivo indireto e o predicado é verbal.

720. Na expressão “. . . chamei Armando Nogueira de carioca . . .” encontramos no predicado pela ordem:
a) objeto direto e objeto indireto;
b) objeto direto e predicativo;
c) objeto indireto e adjunto adnominal;
d) objeto indireto e predicativo;
e) objeto direto e adjunto adverbial.

721. “Minha terra é pindorama, de Palmares sempre em flor !
a) o predicado é nominal e o verbo é de ligação;
b) o predicado é verbal e o verbo é intransitivo;
c) o predicado é verbal e o verbo é de ligação;
d) o predicado é verbo-nominal e o verbo é transitivo direto e indireto;
e) o predicado é nominal e o verbo é intransitivo.

722. Assinale a frase em que há sujeito inexistente:
a) compram-se jornais velhos;
b) nada se entendeu de suas palavras;
c) chama-se José o sacerdote;
d) choveu muito tomate aqui;
e) é noite.

723. “Em o Brasil foi descoberto pelos portugueses”, o termo grifado é:
a) objeto direto;
b) sujeito;
c) agente da passiva;
d) adjunto adverbial;
e) aposto

724. Em “Nunca, respondeu ela abanando a cabeça”, o termo grifado é:
a) objeto direto;
b) sujeito;
c) agente da passiva;
d) adjunto adverbial;
e) aposto.

725. “Amo essas montanhas, uma a uma, com exceção apenas do morro do Cantagalo, cujo volume é desagradável e pesado”, o termo grifado é:
a) aposto;
b) objeto indireto;
c) objeto direto;
d) adjunto adverbial;
e) predicativo do objeto.

726. Em “Meu maior desejo é que ela volte logo”, a oração grifada exerce a função sintática de:
a) sujeito;
b) objeto direto;
c) objeto indireto;
d) predicativo;
e) complemento nominal.

727. Assinale a alternativa em que apareça predicado verbo-nominal:
a) a chuva permanecia calma;
b) a tempestade assustou os habitantes da vila;
c) Paulo ficou satisfeito;
d) os meninos saíram do cinema calados;
e) os alunos estavam preocupados.

728. Na oração “Você ficará tuberculoso, de tuberculose morrerá”, as palavras grifadas são, respectivamente:
a) adjunto adverbial de modo, adjunto adverbial de causa;
b) objeto direto, objeto indireto;
c) predicativo do sujeito, adjunto adverbial;
d) ambas predicativas;
e) n.d.a.

729. Em: “O Presidente corrupto saiu cedo”.
a) o verbo é de ligação, e o termo grifado é núcleo do predicado;
b) o verbo é intransitivo e o termo grifado é adjunto adverbial;
c) o verbo é transitivo direto e o termo grifado é objeto direto;
d) o verbo é intransitivo e o termo grifado é objeto indireto;
e) o verbo é de ligação e o termo grifado é objeto indireto.

730. Na oração “a situação continua indefinida”:
a) o verbo é de ligação e o predicado é nominal;
b) o verbo é intransitivo e o predicado é verbo-nominal;
c) o verbo é transitivo direto e o predicado é verbal;
d) o verbo é bitransitivo e o predicado é verbo-nominal
e) o verbo é transitivo direto e o predicado é verbal.

QUESTÕES GERAIS

731.
01. Assinale a opção em que há erro na explicação da palavra grifada.
a) heliofobia - horror a luz do sol;
b) rinalgia - dor no nariz;
c) xilografia - arte de gravar em pedra;
d) etnologia.- estudo das raças;
e) misantropia - aversão à sociedade.

02. O prefixo latino da palavra “desanimado” equivale, pelo sentido, ao prefixo grego da palavra:
a) anfíbio; d) apótata;
b) antítese; e) anacrônico.
c) anarquia;

732. A correspondência masculino / feminino está correta, **EXCETO** em:
a) o abade era irmão do maestro. / a abadessa era irmã da maestrina;
b) o píton era uma criatura curiosa. / a pitonisa era uma criatura curiosa;
c) o cônjuge era muito devotado ao filho. /a cônjuge era muito devotada à filha;
d) fez do parente um paspalhão; / fez da parenta uma paspalhona;
e) a vítima era surdo-mudo; / a vítima era surda-muda.

733. O verbo haver está empregado corretamente, **EXCETO** em:
a) há muito anos não se via chuva assim;
b) como podia haver tantos erros em tão pequeno texto:
c) se não der certo, quem vai haver-se comigo é você;
d) tempos houveram em que as pessoas eram mais solidárias;
e) havemos de chegar ao objetivo proposto.

734. Em qual das alterações processadas em - porque espero que não serão as últimas - há inadequação no relacionamento dos tempos verbais?
a) dei o nome de PRIMEIROS CANTOS às poesias que agora publico, porque espero que não sejam as últimas;
b) dei o nome de PRIMEIROS CANTOS às poesias que agora publico, porque espero que não hão de ser as últimas;
c) dei o nome de PRIMEIROS CANTOS às poesias que agora publico, porque espero que não tenham sido as últimas;
d) dei o nome de PRIMEIROS CANTOS às poesias que agora publico, porque espero que não fosses as últimas;
e) dei o nome de PRIMEIROS CANTOS às poesias que agora publico, porque espero que não serem as últimas.

735.
1) Acredito que terá, no máximo trinta anos.
2) Gostaria que me telefonasse, se possível.
3) 1944, junho: as tropas aliadas desembarcam na Normandia.
4) Não se preocupe: Deus é Pai.

A seqüência dos empregos dos tempos verbais sublinhados corresponde, respectivamente à opção:
a) polidez; probabilidade; presente durativo; presente histórico;
b) presente durativo; polidez; presente histórico; probabilidade;
c) presente histórico; presente durativo; probabilidade; polidez;
d) probabilidade; presente durativo; polidez; presente histórico;
e) probabilidade: polidez; presente histórico: presente durativo.

736. “A gente à crença antiga se acostuma”.
Assinale a oração subordinada que apresente equivalência com o termo grifado no fragmento acima:
a) consta que ela foi responsável pelo tumulto;
b) ofereceu flores a quem não merecia:
c) finalmente se conheceu a verdade:
d) disse ela que à tarefa se costuma facilmente:
e) estamos conscientes de que a coisa não anda bem.

737. Assinale a concordância inaceitável em relação a norma culta.
a) sou eu que pago;
b) sou eu quem pago;
c) somos nós quem paga;
d) sou eu que paga;
e) sou eu quem paga.

738. Assinale o item em que a expressão grifada apresenta função sintática distinta dos demais.
a) não vimos sair o garotinho:
b) agrediram o jovem os torcedores fanáticos:
c) invadia o nosso lar a luz suave da lua;
d) chamaram tolo o pobrezinho:
e) surpreendeu todos nós a sua ousadia.

739. O pronome **SE** que encontramos em “Foram-se os deuses . . .” tem correspondência em:
a) continuou-se triste por muito tempo;
b) morreram-se todos os sonhos;
c) olharam-se comovidos;
d) só se queixa dela;
e) julgavam-se infelizes.

740. Foi corretamente analisado o elemento sublinhado em:
a) denuncia - DMT presente do subjuntivo;
b) produzissem - radical;
c) surgiam - DNP terceira pessoa do plural;
d) permitem - VT de segunda conjugação;
e) completariam – DMT futuro do pretérito.

741. Assinale a concordância condenada:
a) a maior parte dos escritores escrevem mal;
b) senhor diretor, Vossa Senhoria é muito ilustrada;
c) estávamos com o braço direito e a cabeça imóveis;
d) aqui, o ouro e as fazendas de gado são desejadas;
e) um e outro cão lhe desagrada.

742. Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase:
Quando _____ mais aperfeiçoado, o computador

certamente ____ um eficiente meio de controle de toda a vida social.

a) estivesse / será;
b) estiver / seria;
c) esteja / era;
d) estivesse / era;
e) estiver / será.

743. Assinale a única alternativa em que há erro de concordância verbal:

a) a maioria das pessoas permaneceu no local;
b) os Estados Unidos reatou relações diplomáticas aquele país;
c) mais de um funcionário conseguiu promoção;
d) ele é um dos alunos que mais se aplicam aos estudos;
e) bastam alguns conselhos para ele desistir do intento.

744. Quando V.Sª. ____ o que _____, todos ____ escutam.

a) diz - pensa - vos;
b) dizeis - pensais - vos;
c) diz - pensa - o;
d) dizeis - pensa - vos;
e) diz - pensais-o.

745. Não contém LOCUÇÃO ADJETIVA:

a) só há tristezas na guerra;
b) vede a majestade do mar;
c) admirai a grandeza do Universo;
d) olha a beleza do céu;
e) fala da situação da economia.

746. DISCURSOU DE IMPROVISO.
O termo grifado é LOCUÇÃO: ______________

a) adverbial;
b) conjuntiva;
c) expletiva;
d) adjetiva;
e) prepositiva.

747. Marque a alternativa que indica as posições a serem ocupadas pelos pronomes entre parênteses:

1) Não ____ enviar ___ ao ___ tais mercadorias. (ME)
2) Em ___ tratando ___ de neuróticos, esta deve ser a solução. (SE)
3) Já de pé, ____ banhando ____; ouço a campainha. (ME)
4) Não ____ tinhas falado ____ disto. (ME)
5) ___ vais contar ________ o que se passou. (ME)

a) 1, 1, 2, 1, 2;
b) 1, 1, 1, 1, 1;
c) 3, 1, 2, 2, 1;
d) 1, 2, 1, 1, 2;
e) 2, 1, 2, 2, 2.

748. Assinale a opção em que sujeito e predicado têm uma única possibilidade de concordância, sendo incorreta, portanto, a troca da pessoa ou do número do verbo:

a) a maioria deles vinha devagar;
b) o gesto e as palavras comovem-nos;
c) comovem-nos o gesto e as palavras;
d) quais de nós vínhamos mais devagar;
e) quais de nós vinham mais devagar.

749. Indique o item em que todas as formas estão corretas:

I. Florezinhas, animaizinhos, caracteres, cidadãos, juniores.
II. Coraçõezinhos, capitães, cidadões, cônsules, projeteis.
III. Guarda-civis, guarda-chuvas, difíceis, escrivães, cristãos.
IV. Pãozinhos, revólveres, funis, itens, móveis;
V. Júniors, órgãos, cães, tribunais, tabeliães;

a) I;
b) II;
c) III;
d) IV;
e) V.

750. Assinale a alternativa que contém erro no emprego de pronome:

a) as divergências neste Conselho sempre ocorrem entre mim e ti;
b) os homens sempre levaram consigo a esperança da ressurreição;
c) depois desta prova, quero falar consigo, professor;
d) ele, por bem, tiravam-lhe até as calças;
e) as notas promissórias, entregue-mas assinadas com o contrato.

751. Escolha a alternativa que completa adequadamente os espaços abaixo:
Você não vai conosco? ______ ?
.____ ele não veio?
Não descubro o _______ da atitude do meu pai.
Explique _________ .
Não compreendo _______ motivo não vieram ainda.
Não saia, _________ preciso falar-lhe.

a) por quê, por que, porquê por quê, por que, porque;
b) por que, por quê, porque por quê, por quê, porquê
c) por quê, por quê, porque, porquê, por quê, por quê;
d) por que, porquê, por que, porque, por que, por quê;
e) porque, porque, por quê, por que, por que, porque.

752. Assinale a única alternativa em que há erro quanto ao gênero do substantivo:

a) a cal;
b) o telefonema;
c) a dinamite;
d) a eclipse;
e) o champanhe.

753. Apenas uma das seguintes opções apresenta palavra acentuada graficamente pela mesma razão que a palavra côa:

a) pôde;
b) pólo;
c) pólen;
d) vôo;
e) lêem.

754.
01. Assinale o item que **não** possui o mesmo significado dos demais:

a) o Governo poderá, consoante declaração do Ministro, alterar sua política externa;
b) o Governo poderá em face da declaração do Ministro, alterar sua política externa;

c) o Governo poderá, conforme declaração do Ministro, alterar sua política externa;
d) o Governo poderá, segundo declaração do Ministro, alterar sua política externa;
e) o Governo poderá, em conformidade com declaração do Ministro, alterar sua política externa.

02. Assinale a opção em que a mudança de posição do adjetivo sublinhado acarreta necessariamente alteração de sentido:
a) a boa moça saiu do hospital; / a moça saiu boa do hospital;
b) consideramos exeqüível a tua proposta; / consideramos a tua proposta exeqüível;
c) deixem aberto o portão; / deixem o portão aberto:
d) tudo está diferente; / diferente está tudo;
e) cansado, dirigi-me ao trabalho, / dirigi-me cansado ao trabalho.

03. Assinale a sentença cujo sentido difere substancialmente do das demais:
a) o carro derrapou em razão do estado dos pneus;
b) o carro derrapou em decorrência do estado dos pneus;
c) o carro derrapou a despeito do estado dos pneus;
d) o carro derrapou devido ao estado dos pneus;
e) o carro derrapou em conseqüência do estado dos pneus.

755. Cumpre diferenciar as palavras que indicam quantidade ou intensidade. Umas, de natureza adjetiva (modificam substantivo), são analisáveis como adjuntos adnominais; outras de natureza adverbial (modificam verbo ou adjetivo), são adjuntos adverbiais de intensidade. Aponte, nas alíneas abaixo, onde se grife um adjunto adnominal:
a) falava mais alto, para espantar o próprio medo;
b) tinha bastante tempo para pensar;
c) não quero mais você... ;
d) falou-se muito sobre a conjunto econômico;
e) ela é, certamente, a mais lúcida das mulheres.

756. Assinale a frase que não se completa com a palavra entre parênteses:
a) confio na sua ________ para guardar um segredo; (DISCRIÇÃO)
b) os noivos receberam os _________ na igreja; (COMPRIMENTOS)
c) ele achou melhor __________ o prazo de pagamento; (DILATAR)
d) o __________ ficou engarrafado quase duas horas; (TRÁFEGO)
e) atualmente, chegam muitos ___________ italianos a São Paulo. (IMIGRANTES)

757. Assinale a opção em que ocorre uma forma verbal **INACEITÁVEL.**
a) o cientista não interveio nos debates;
b) disseram-me que vários cientistas tinham intervindo nos debates;
c) se o cientista se detiver a observar os fatos, chegará a alguma conclusão;
d) os cientistas só serão compreendidos se exporem suas idéias com clareza;
e) os cientistas requerem condições especiais de trabalho.

758. A separação silábica de: cooperar, caieis, tainha, feldspato, é, respectivamente:
a) coo - pe - rar, caí - eis, tai - nha, feld - spa - to;
b) co - o - pe - rar, ca - í - eis, ta - i - nha; felds - pa - to;
c) coo - pe - rar, ca - í - eis, ta - i - nha, fel - dspa - to;
d) coo - pe - rar, ca - í - eis, tai - nha, fel - dspa - to;
e) co - o - pe - rar, caí - eis, tai - nha, feld - spa - to.

759. Assinale a alternativa em que os três vocábulos, têm o **X** pronunciado, respectivamente como nas palavras: êxito, expectativa, remexe:
a) axortar, êxodo, fluxo;
b) exame, expender, bruxa;
c) asfixia,extirpar, fuxico;
d) exótico, nóxio, exonerar;
e) buxo, exegético, paradoxo.

760. Observe o plural dos compostos:
1) os guardas-chuvas estavam quebrados;
2) foram feitos muitos abaixo-assinados;
3) houve rápidos bate-bocas;
4) as obras-primas do autor estavam expostas;
5) os últimos vice-presidentes foram homens desconhecidos;

a) estão corretos 1 e 3;
b) estão corretos 2 e 4;
c) estão corretos 1, 3 e 5;
d) nenhum está correto;
e) todos estão corretos.

761. A _________ a ser desenvolvida visava à ________ de objetivos bastante ________
a) pesquisa - consecução - pretensiosos;
b) pesquisa - consecussão - pretenciosos;
c) pesquisa - consecucão - pretenciosos;
d) pesquiza - consecução - pretenciosos;
e) pesquiza - consecussão - pretenciosos.

762. A série de palavras, acentuadas por serem paroxítonas, e:
a) cútis, álbuns, caísse, cobrá-lo, fúria;
b) geléia, Áurea, indomável, saída, excluído;
c) comprá-lo, fácil, graúdo, raízes, angústia;
d) grátis, cônsul, estéril, hífen, açúcar;
e) César, moído, ímã, júri, estridência;

763. Assinale o item em que todos os vocábulos estão corretamente grafados:
a) delinqüe - argui - chucro;
b) obsecar - dansa - passoca;
c) ascensão - miçanga - misto;
d) xuxu - briza - prazo;
e) guela - páteo - gorjeta.

764. Substituir o vocábulo sublinhado por (1) ESTE, (2) ESSE ou (3) AQUELE (ou os respectivos femininos).

1) Joaquim e Luís são ótimos estudantes; mas Luís sempre consegue o primeiro lugar;
2) Joaquim e Luís são ótimos estudante mas é Joaquim que sempre consegue o primeiro lugar.
3) Tenho uma fruta comigo. Dou-lhe a fruta.
4) Você tem uma laranja consigo: pode me dar a laranja.

a) 1, 2, 1, 2;
b) 1, 2, 1, 3;
c) 1, 3, 1, 2;
d) 2, 1, 1, 2;
e) 3, 1, 2, 1.

765. Assinale a única alternativa em que há **erro** no emprego das formas **SI / CONSIGO**:
a) Pedro, vá ao gabinete porque o chefe quer falar consigo;
b) ele trazia consigo um mapa da região;
c) ela pensava consigo no que iria fazer;
d) queria a vaga para si;
e) dava tudo de si para o êxito da missão.

766. Os superlativos absolutos sintéticos de: comum, soberbo, fiel, miúdo, são, respectivamente:
a) comuníssimo, super, fielíssimo, minúsculo;
b) comuníssimo, sobérrimo, fidelíssimo, minúsculo;
c) comuníssimo, superbíssimo, fidelíssimo, minutíssimo;
d) comunérrimo, sobérrimo, filíssimo, miudérrimo;
e) comunérrimo, sobérrimo, filíssimo, minutíssimo.

767. Assinale a alternativa na qual todos os pontilhados possam ser preenchidos pela letra **O:**
a) trib __ , mág __ a, búss __ la, p __ eira;
b) tab __ ada, brux __ lear, lég __ a, c __ biçar;
c) eng __ lir, ming __ a; b __ lir, c __ alhada;
d) ab __ lir, b __ urb __ lhar, m __ leque, c __ chilo;
e) ent __ pir, epíst __ la, caç __ ada, g __ l __ dice .

768. Indique a alternativa em que todos os pontilhados devem ser preenchidos com a letra **J :**
a) o __ eriza, cafa __ este, __ ente, gara __ em;
b) gor __ eta, ultra __ e, la __ es, laran __ eira;
c) man __ ericão, __ eito, here __ e, verti __ em;
d) ti __ ela, en __ eitar, ma __ estade, vir __ em;
e) mon __ e, lambu __ em, boba __ em, can __ ica.

769. Em todas as alternativas as palavras têm o **“O”** pronunciado fechado no plural, **EXCETO** em:
a) esposo – pescoço;
b) estojo – bolso;
c) rogo – esforço;
d) gosto – sogro;
e) adorno – almoço.

PROVAS ANTERIORES:

TÉCNICO DO TESOURO NACIONAL
AGOSTO DE 1992 – 2º GRAU
ÁREA A – RJ

Leia com atenção o texto abaixo para responder às questões **770** a **772.**

De acordo com dados internacionais, o Brasil, que é a oitava economia mundial, apresenta-se no sexagésimo quarto posto em indicadores sociais, nos quais os índices de saúde têm peso fundamental. Assim, a idéia do Brasil Grande traz embutido também o tamanho de seus problemas sociais e, em especial, os de saúde, afastando qualquer hipótese de ufanismo e obrigando a uma profunda reflexão sobre a iniqüidade em que vive a maioria da população.

É bem verdade que a mortalidade infantil baixou nos últimos anos, estando ao redor de setenta óbitos para cada mil crianças nascidas vivas. no entanto, isso não revela as imensas disparidades regionais, onde esses valores variam de vinte e cinco a quase duzentos, aproximando polarmente o país de outros em extremos de desenvolvimento e de atraso.

Em termos de América do Sul, apenas a Bolívia e o Paraguai apresentam valores piores que o Brasil.

... Outro indicador dramático é a esperança de vida ao nascer. Se a chance média de viver de um habitante da região Sul é de sessenta anos, a de um nordestino é de apenas quarenta e cinco.

A par dessas indignas e inaceitáveis diferenças regionais e sociais, outras questões ainda afligem os brasileiros. Sem que as doenças infecciosas tenham saído das primeiras causas de morte, já lhes fazem companhia doenças cardiovasculares, os cânceres e os acidentes. Isto é, além de ser campeão nas chamadas “doenças da pobreza”, o Brasil já disputa espaço entre os países com elevados índices de doenças consideradas “do desenvolvimento”, da urbanização.

(Eleutério Rodriguez Neto,“O lucro perverso da doença”, publicado em HUMANIDADES, nº 15, 87/88)

770. Aponte o item que apresenta afirmação **falsa** em relação ao correto entendimento do texto.
a) Existe uma situação de desigualdade social no Brasil que penaliza a maior parte de sua população.
b) As estatísticas de saúde no Brasil são compatíveis com a posição que o país ocupa, segundo dados internacionais, na economia mundial.
c) A dimensão grandiosa dos problemas brasileiros na área de saúde inibe qualquer sentimento ou atitude de jactância.
d) O adjetivo da expressão “Brasil Grande” é aplicável à mensuração dos problemas de saúde que cabe ao país solucionar.
e) A idéia de que existem “dois Brasis, um desenvolvido e outro subdesenvolvido” encontra comprovação nas taxas de mortalidade infantil encontradas ao longo do país.

771. Nesta questão, propõe-se a substituição de algumas expressões do texto por outras, em que o sentido original fique prejudicado. Aponte a única substituição que prejudica o sentido original do texto.

	SUBSTITUIR	POR:
a)	esperança de vida (l. 24 e 25)	expectativa de vida
b)	hipótese de ufanismo (l. 8 e 9)	perspectiva de orgulho
c)	iniqüidade em que vive a maioria da população (l. 10 e 11)	pauperismo em que vive a maior parte dos brasileiros
d)	imensas disparidades regionais (l.16)	dessemelhanças gritantes existentes de uma região para outra
e)	elevados índices de doenças consideradas “do desenvolvimento” (l. 37, 38 e 39)	alto número de moléstias tidas como “da riqueza”

772. Baseie-se na compreensão do texto para indicar a afirmativa **falsa**.
a) Em “os de saúde” (l. 08), há elipse da palavra problemas.
b) isso (l.15) se refere ao fato de a média da mortalidade infantil estar ao redor de setenta óbitos por cada mil crianças nascidas vivas.
c) A expressão a par (l. 29) é equivalente semanticamente a de par com.
d) O sujeito de afligem (l. 31) é “os brasileiros” (l.31).
e) lhes (l. 33) refere-se a “doenças infecciosas (l. 32).

773. Assinale o único trecho inteiramente **correto**.
a) As regiões de um país funcionam como os jogadores de um time de futebol. Sempre há um que aparece mais; porém, ele não é nada sem os outros.
b) O país está doente e os sinais confirmam que a cada dia: a fome, a miséria, a corrupção estão cada vez mais piores em todos os setores.
c) O Brasil é um país muito grande, não só em extensão territorial mas em diversidade étinico-cultural.
d) O que seria da música brasileira sem Gil, Caetano, Milton Nascimento, e tantos outros grandes compositores espalhados pelo país à fora?
e) A crise política, econômica e social, afeta interesses de desenvolvimento cultural, de forma à variar as conotações e denotações da linguagem falada e escrita.

774. Assinale o trecho que apresenta sintaxe de regência **correta**.
a) A rigorosa seca que assola os estados do Nordeste impede que essa região desenvolva e atinja os níveis de crescimento sócio-econômico desejados.
b) Se o Brasil tornasse independente dos empréstimos externos, poderia voltar a crescer no mesmo ritmo de desenvolvimento das décadas anteriores.
c) Surpreende-nos o fato de o Estado de São Paulo, que muito se difere do sul do país ter engrossado as estatísticas favoráveis à criação de um Brasil do Sul.
d) É reducionista atribuirmos apenas à seca a razão que leva a população do norte e nordeste a se migrar para o sul.
e) A pretendida separação que pleiteiam os estados do sul acarretará, se vier a se concretizar, a perda da identidade nacional.

775. Assinale o segmento que apresenta defeito de estruturação sintática.
a) Ligadas ou não ao mundo oficial, as pessoas envolvidas com a cultura têm de capacitar-se de que lhes cumpre atuar na divulgação das produções literárias mais expressivas.
b) Os escritores têm a consciência de um compromisso com a palavra, com a língua e também com o povo a que estão ligados, que procuram entender e cujo destino preocupa a todos.
c) Tem-se visto que os parlamentares mais ativos, devido à própria evidência a que os expõe a sua produção, atraem incumbências paralelas, como presidências de comissões, lideranças e outras.
d) A escolha da profissão, para os jovens, não é um ato simples, o qual se possa chegar sem hesitações e dúvidas.

e) Os promotores da nossa cultura devem levar a outros povos o Brasil imaginário, elaborado através de seus poetas, dos seus narradores, e sem o qual o país chamado real é quase como se não existisse.

776. Marque o trecho que contém **erro** quanto à sintaxe de concordância.

a) O projeto de integração que vêm realizando as frágeis democracias uruguaia, argentina e brasileira é um esforço inegavelmente significativo para o cone sul.
b) Há registros de um sistema de exames competitivos elaborado pelos chineses, há mais de 2.000 anos antes de Cristo, para selecionar crianças superdotadas.
c) Grande número de programas têm sido direcionados , nos EUA, para áreas consideradas prioritárias pelo Estado, como matemática e ciências.
d) Ignorância, preconceito e tradição mantêm vivas uma série de idéias que dificultam a implementação de programas direcionados às crianças superdotadas.
e) São extremamente importantes, para se criar um ambiente favorável ao desenvolvimento dos superdotados, a criação de uma variedade de experiências de aprendizagem enriquecedoras e estimulantes.

777. Assinale a sentença que contém **erro** na forma verbal.

a) “Examinai todas as coisas e retende o que for melhor.” (Extraído de um marcador de páginas).
b) Detenhamo-nos nos aspectos centrais do pensamento marxista para que saibamos extrair dele o que melhor se aproveita para os dias atuais.
c) Para que elaboremos propostas inovadoras, é preciso que ponhamos nossa criatividade a serviço da geração de idéias inusitadas.
d) Mas não caiamos na tentação de julgar todos os dirigentes políticos como se fossem uns aproveitadores, que usam os cargos apenas para se locupletarem.
e) Se almejardes o saber, vades aos livros e conviveis com os sábios.

778. Marque o conjunto de palavras que completam da forma mais adequada as lacunas do texto.

Levo – nesta Meca _______ dos seringueiros – vida _______ e fatigante. Foi um ______ esta parada obrigatória, que não sei até quando se prolongará. Mas resigno-me, bem certo de que a minha boa vontade não afrouxará com ________ e confiante na minha abstinência _______ no reagir ao clima.
(Euclides da Cunha).

a) tumultuária; plácida; mau; tampouco; espartana.
b) movimentada, tormentosa; mau; tampouco; mosástica.
c) tumultuária; perturbada; mal; tão pouco; espartana.
d) tumultuada; tranqüila; erro; tampouco; religiosa.
e) deserta; estática; equívoco; tampouco; monástico.

779. Marque o texto onde ocorre **erro** de pontuação.

a) Os estabelecimentos fundados por portugueses, lá pelos anos de 1618, começavam no Pará, quase sob o Equador, e terminavam em Cananéia, além do trópico.
b) Entre uma e outra capitania havia longos espaços desertos, de dezenas de léguas de extensão. A população de língua européia, cabia folgadamente em cinco algarismos.
c) A camada ínfima da população era formada por escravos, filhos da terra, africanos ou seus descendentes.
d) Os filhos da terra eram menos numerosos pela pouca densidade originária da população indígena, pelos grandes êxodos que os afastaram da costa, pelas constantes epidemias que os dizimaram, pelos embaraços, nem sempre inúteis, opostos ao seu escravizamento.
e) Acima desta população, sem terra e sem liberdade, seguiam-se os portugueses do nascimento ou origem, sem terra, porém livres: feitores, mestres-de-açúcar, oficiais mecânicos, vivendo dos seus salários ou do feitio de obras encomendadas. (Capistrano de Abreu com adaptações).

TRE / RJ - OPERADOR DE COMPUTAÇÃO
NOVEMBRO DE 1995 – 2º GRAU

Texto

O REINADO DO TERROR

Sérgio Charlab

Tenho pena do *Unabomber*.

Falo do norte-americano - que já matou três pessoas e feriu outras 26 com cartas-bomba em 17 anos de terror - e não desta tosca versão brasileira. No dia 21 de setembro, os jornais *The New York Times e Washington Post* publicaram 35 mil palavras de um enorme manifesto do *Unabomber* (disponível na Internet a partir de **http;// www.paranoia.com/ coe/resources/fc/fc.html)**, chamado "*Industrial Society and Its Future*". A publicação foi *exigência* dele, que assim se comprometeu a pôr fim às suas bombas.

O *Unabomber* condena a sociedade tecnológica. Para entender sua filosofia, é preciso voltar à Inglaterra do Século 19, entre 1811 e 1816, quando artesãos, especialmente em *Nottingham*, se reuniram e destruíram máquinas têxteis, num movimento que ficou conhecido como *Luddite*. Assim, combatiam a então nascente Revolução Industrial. O*s Luddites* temiam que as máquinas fossem substituir seus empregos.

Como você e eu sabemos, eles estavam certos.

(. . .)

Os argumentos do *Unabomber* são os principais existentes hoje contra a Revolução da Informação que estamos vivendo. É o medo de que a tecnologia apagará algo de fundamental da humanidade. Nossa sociedade está se dividindo em duas classes: a dos que têm habilidade com a tecnologia e a dos que não têm. Os primeiros poderiam transformar-se na classe dominante, mas representam apenas 1%. A maioria, portanto, poderá acabar com este 1% antes que seja dominada. E os *Luddites* de hoje poderão ter mais sucesso do que os do passado.

Eu estaria muito assustado com estas reflexões se não acreditasse que é possível sair desse impasse educando os *Luddites*. Temos feito muito pouco para ensinar as novidades tecnológicas. Usamos jargão, escrevemos sobre Informática em cadernos separados dentro dos jornais e publicamos revistas que são colocadas nas bancas lado a lado com outras da mesma área. Segregamos a informação tecnológica.

É hora de ensinar. Do contrário, corremos o risco de ver cada vez mais bombas explodirem por aí.

(Jornal do Brasil - 10/10/95.)

780. Os jornais “*The New York Times*” e *“Washington Post”* aceitaram publicar o manifesto de *Unabomber*, porque queriam:
a) satisfazer a curiosidade de seus leitores.
b) contribuir para a cessação dos ataques dos terroristas.
c) assumir o risco de serem os destinatários de cartas-bomba.
d) continuar a ser os dois jornais mais importantes dos Estados Unidos.
e) atender às pressões do governo americano na sua tentativa de isolar o terrorista.

781. Pelo texto, pode-se concluir que os *Luddites* de hoje caracteriza-se por:
a) serem opositores à Revolução Industrial.
b) terem fracassado, nessa nova luta reacionária.
c) desistirem de lutar contra a Revolução da Informação.
d) temerem a perda de características humanas por causa da tecnologia recente.
e) quererem evitar a divulgação dos recentes progressos tecnológicos nos órgãos da mídia.

782. O “reinado do terror” faz referência:
a) ao medo da violência da sociedade atual.
b) à sociedade do século 19 e às máquinas modernas.
c) à certeza de que outros *Luddites* não surgirão na sociedade.
d) ao medo de bombas e ao receio de que a tecnologia apague fundamentos da humanidade.
e) ao receio sentido por aqueles que não têm habilidade com a tecnologia diante dos que a têm.

783. Pela leitura do texto conclui-se que:
a) o *Unabomber* ficou conhecido como *Luddite*.
b) os artesãos ingleses queriam preservar suas empresas.
c) as máquinas substituíram os empregos dos *Luddites* do passado.
d) os jornais publicaram um manifesto combatendo tendo a Revolução Industrial.
e) os que têm habilidade com a tecnologia são maioria, na sociedade atual.

784. Para o problema dos *Luddites* de hoje, o autor do artigo crê que a solução é:
a) segregação das informações tecnológicas.
b) uso de um jargão próprio para a nova ciência.
c) ensino, para todos, das novidades tecnológicas.
d) combate aos terroristas mais agressivos, como o *Unabomber*.
e) aparecimento, na sociedade, de outras classes em oposição aos *Luddites*.

785. Das frases abaixo, a que apresenta os pronomes empregados corretamente, de acordo com a regência verbal, é:
a) Já recuperei o material de que você aludiu. Veja o romance de que sempre gosto de ler.
b) Já recuperei o material a que você aludiu. Veja o romance de que sempre gosto de ler.
c) Já recuperei o material cujo você aludiu. Veja o romance de que sempre gosto de ler.
d) Já recuperei o material que você aludiu. Veja o romance a que sempre gosto de ler.
e) Já recuperei o material a que você aludiu. Veja o romance que sempre gosto de ler.

786. Nas frases abaixo, os termos sublinhados foram substituídos por um pronome pessoal. A substituição está **incorreta** na seguinte alternativa:
a) Vou buscar o livro. / Vou buscá-lo.
b) Esqueci o dia do seu aniversário. / Esqueci-o.
c) Eles perderam nossos cartões de inscrição. Eles os perderam.
d) Os operários solicitaram aumento ao diretor . / Os operários solicitaram-no aumento.
e) As autoridades vão manter aquele advogado no cargo. / As autoridades vão mantê-lo no cargo.

787. No último parágrafo do texto a forma verbal *explodirem* (L. 28) está no:
a) infinitivo flexionado;
b) futuro do indicativo;
c) futuro do subjuntivo;
d) imperativo afirmativo;
e) presente do indicativo.

788. O pronome sublinhado **se** indica reprocidade de ação na seguinte frase:
a) Necessita-se de pedreiros.
b) O menino se feriu na mão esquerda.
c) Eles se queixaram ao diretor da escola.
d) Alugam-se apartamentos por temporada.
e) As duas senhoras se abraçaram, alegremente.

789. A alternativa que apresenta **erro** quanto à flexão de número é:
a) mal – males.
b) troféu – troféis.
c) cidadão – cidadãos.
d) charlatão – charlatães.
e) transistor – transistores.

790. Há **erro** no uso das vírgulas, segundo os padrões da língua culta, em:
a) Os primeiros obstáculos, apesar de tudo, foram superados.
b) Ele pertence à classe dominante, mas não partilha de sua ideologia.
c) Escrever programas para computadores, é uma atividade complexa.
d) *Unabomber*, terrorista perigoso, sabe utilizar-se bem dos progressos tecnológicos.
e) Os operários combatiam a Revolução Industrial, embora ela já estivesse vitoriosa.

791. No nosso meio, existem alguns que não se intimidam diante das dificuldades que devam existir em nossa vida.

A alternativa que pode substituir, corretamente, os verbos sublinhados, na frase acima, é:
a) há – possa.
b) hão – possa.
c) há – possam.
d) hão – possam.
e) haverem – podem.

792. Das orações abaixo, aquela em que o verbo pode assumir a forma da voz passiva é:
a) Falo do norte-americano.
b) A publicação foi exigência dele.
c) Eu estaria muito assustado com estas reflexões.
d) O *Unabomber* condena a sociedade tecnológica.
e) Os argumentos do *Unabomber* são os principais existentes hoje contra a Revolução da Informação.

793. A concordância nominal das palavras sublinhadas está correta no seguinte período:
a) Ela mesma não sabia se as cópias deveriam ir anexa ou não ao processo.
b) Ela mesmo não sabia se as cópias deveriam ir anexas ou não ao processo.
c) Ela mesmo não sabia se as cópias deveriam ir anexo ou não ao processo.
d) Ela mesma não sabia se as cópias deveriam ir anexas ou não ao processo.
e) Ela mesma não sabia se as cópias deveriam ir anexos ou não ao processo.

794. Há **erro** uso do pronome relativo sublinhado (preposicionado ou não) na seguinte frase:
a) Eis os computadores de cujos programas dependem de técnicos especializados.
b) Existem pessoas a cujos defeitos todos obedecem.
c) A casa onde moras fica num bairro distante
d) Todos já conhecem a pessoa a quem amas.
e) Quem não quer ajudar não precisa vir.

795. “Se você gostar do espetáculo, bate palmas, grita e faz de conta que ninguém o viu”.
Em relação ao emprego correto dos verbos no imperativo afirmativo, pode-se afirmar que se deve usá-los do seguinte modo na frase acima:
a) batam – gritam – façam.
b) bata – grite – faça.
c) bate – grite – faça.
d) bata – grite – faze.
e) bata – grita – faz.

796. De acordo com a norma culta, há **erro** de colocação do pronome oblíquo sublinhado em:
a) Não lhe devo nada.
b) Ele não queria que o vissem.
c) Eles podiam contar-me o segredo.
d) Fizeram-no sair da sala, imediatamente.
e) A carta, ele tinha dado-a ao irmão ontem.

797. Seguem a mesma regra de acentuação gráfica todos os vocábulos da seguinte alternativa:
a) é – aí – até.
b) século – assembléia – café.
c) apagará – têxtil – exigência.
d) destruíram – baía – heroísmo.
e) moléculas – máquinas – órfãos.

798. A alternativa que apresenta **erro** quanto ao emprego da letra **“X”**, em todas as palavras, é:
a) exato, exílio, xícara
b) expiar, expoente, têxtil
c) sexteto, auxiliar, explícito
d) mixto, explêndido, excasso
e) explorar, máximo, extremidade

799. A alternativa em que o a (sublinhado) **não** leva acento grave, indicador de crase, é:
a) Nossos amigos franceses foram a Bahia.
b) O roubo das jóias atribuiu-se a empregada.
c) Próximo a janela, Maria aguardava o carteiro.
d) Escreveu a irmã desejando-lhe um Feliz Natal.
e) Quando fomos a São Paulo os nossos ônibus andaram, rapidamente.

PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA IGUAÇU – RJ (TÉCNICO AGRÍCOLA) - 1990 – 2º GRAU

TEXTO: “O Quinze” Raquel de Queiroz

“Chegou a desolação da primeira fome. Vinha seca e trágica, surgindo no fundo sujo dos sacos vazios, na descarnada nudez das latas raspadas.

- Mãezinha, cadê a janta?

- Cala a boca, menino! Já vem !

- Vem lá o quê !...

Angustiado, Chico Bento apalpava os bolsos... nem um triste vintém azinhavrado...

Lembrou-se da rede nova, grande e de listras que comprara em Quixadá por conta do vale de Vicente.

Tinha sido para a viagem. Mas antes dormir no chão do que ver os meninos chorando, com a barriga roncando de fome.

Estavam já na estrada do Castro. E se arrancharam debaixo dum velho pau-branco seco, nu e retorcido, a bem dizer ao tempo, porque aqueles cepos apontados para o céu não tinham nada de abrigo.

O vaqueiro saiu com a rede, resoluto:

- Vou ali naquela bodega, ver se dou um jeito...

Voltou mais tarde, sem a rede, trazendo uma rapadura e um litro de farinha:

- Tá aqui. O homem disse que a rede estava velha, só deu isso, e ainda por cima se fazendo de compadecido...

Faminta, a meninada avançou; e até Mocinha, sempre mais ou menos calada e indiferente, estendeu a mão com avidez.

Contudo, que representava aquilo para tanta gente?

Horas depois, os meninos gemiam:

- Mãe, tou com fome de novo...

- Vai dormir, dianho! Parece que tá espritado! Soca um quarto de rapadura no bucho e ainda fala em fome! Vai dormir!

E Cordulina deu o exemplo, deitando-se com o Duquinha na tipóia muito velha e remendada.

A redinha estalou, gemendo.

Cordulina se ajeitou, macia, e ficou quieta, as pernas de fora, dando ao menino o peito rechupado.

Chico Bento estirou-se no chão. Logo, porém, uma pedra aguda lhe machucou as costelas.

Ele ergueu-se, limpou uma cama na terra, deitou-se de novo.

- Ah! minha rede! Ó chão duro dos diabos! E que fome!

Levantou-se, bebeu um gole na cabaça. A água fria, batendo no estômago limpo, deu-lhe uma pancada dolorosa. E novamente estendido de ilharga, inutilmente procurou dormir.

A rede de Cordulina que tentava um balanço, para enganar o menino – pobrezinho! o peito estava seco como uma sola velha! - gemia, estalando mais, nos rasgões.

E o intestino vazio se enroscava como uma cobra faminta, e em roncos surdos resfolegava furioso: *rum, rum, rum...*

De manhã cedo, Mocinha foi ao Castro, ver se arranjava algum serviço, uma lavagem de roupa, qualquer coisa que lhe desse para ganhar uns vinténs.

Chico Bento também já não estava no rancho. Vagueava à toa, diante das bodegas, à frente das casas, enganando a fome e enganando a lembrança que lhe vinha, constante e impertinente, da meninada chorando, do Duquinha gemendo:

(Tô tum fome! dá tumê!)

Parou. Num quintalejo, um homem tirava o leite a uma vaquinha-magra.

Chico Bento estendeu o olhar faminto para a lata onde o leite subia, branco e fofo como um capucho...

E a mão servil, acostumada à sujeição do trabalho, estendeu-se maquinamente num pedido... mas a língua ainda orgulhosa endureceu na boca e não articulou a palavra humilhante.

A vergonha da atitude nova o cobriu todo: o gesto esboçado se retraiu, passadas nervosas o afastaram.

Sentiu a cara ardendo e um engasgo angustioso na garganta.

Mas dentro da sua turbação lhe zunia ainda aos ouvidos:

‘Mãe, dá tumê !...’

E o homenzinho ficou, espichando os peitos secos de sua vaca, sem ter a menor idéia daquela miséria que passara tão perto, e fugira, quase correndo...”

(OUEIROZ, Rachel de. O Quinze. 25. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1879. p. 33-5).

800. Chico Bento apalpava os bolsos porque...
a) lembrou-se da rede nova, grande e de listras;
b) ia sair para a viagem;
c) procurava algum dinheiro;
d) queria comprar uma rede nova em Quixadá;
e) nenhuma das alternativas.

801. No texto existem diferenças entre as falas das personagens e do narrador porque:
a) o autor quis mostrar que alguns deles não sabem falar;
b) a fome faz com que eles mudem seu jeito de falar;
c) o autor quis, através da reprodução da fala, dar mais realismo à história;
d) os personagens estavam cansados;
e) nenhuma das alternativas.

802. No texto existem expressões que nos remetem a uma região de seca. Assinale a alternativa em que todas as palavras possuam relação com estiagem:
a) vaquinha magra, miséria, peito seco, fome;
b) rapadura, rede, litro, leite;
c) meninada, fome, dormir, casas;
d) macia, roncos, surdos, vaca;
e) nenhuma das alternativas.

803. São características mais marcantes de Chico Bento:
a) sujeição e preguiça;
b) preguiça e fome;
c) persistência e orgulho;
d) falsidade e dinamismo;
e) nenhuma das alternativas.

804. Assinale a alternativa em que nenhum vocábulo possua hiato:
a) avançou, raiz, lembrou, diabos;
b) zunia, rasgões, deitou, ficou;
c) peitos, parou, estirou, serviu;
d) rainha, retraiu, sujeição, quase;
e) nenhuma das alternativas.

805. Assinale a alternativa em que todos os vocábulos possuam encontro consonantal:
a) isso, homenzinho, turbação;
b) língua, Cordulina, novamente;
c) branco, Castro, sempre;
d) ardendo, arrancharam, trágica;
e) nenhuma das alternativas.

806. Assinale a alternativa em que todos os vocábulos possuam dígrafos:
a) passara, avançou, mocinha, lhe, enroscava;
b) velha, avidez, trazendo, chão, vintém;
c) correndo, que, resoluto, bolsos, nem;
d) vaqueiro, estrada, antes, apalpava, mãe;
e) nenhuma das alternativas.

807. Em que alternativa todos os vocábulos são paroxítonos?
a) condor, Gibraltar, Nobel, ureter;
b) rubrica, recorde, pudico, tulipa;
c) Gibraltar, ruim, novel, condor;
d) obus, primata, libido, edito;
e) nenhuma das alternativas.

808. Assinale a seqüência que preencha corretamente os vocábulos abaixo:
dis__nteria, mim__ógrafo, qui__eram, ascen__ão, né__io,
a) i, i, z, ç, sc;
b) e, e, s, s, sc;
c) i, e, z, s, ss;
d) e, i, z, s, ss;
e) nenhuma das alternativas.

809. Em que alternativa todos os vocábulos estão acentuados corretamente?
a) eles provêm, eles contém;
b) ele intervém, eles sobrevêm;
c) ele contêm, tu conténs;
d) cortá-lo, partí-lo, vendê-lo;
e) nenhuma das alternativas.

810. Assinale a alternativa em que nenhum vocábulo deva ser acentuado:
a) puni-los, bambus, itens, recorde;
b) misantropo, pudico, dispar, flores;
c) levedo, maquinaria, ruim, refem;
d) bimano, aerolito, eletrodo, pleiade;
e) Madagascar, pudico, polipo, austero.

811. Está correta a seguinte abreviatura:
a) 6h30m (Seis horas e trinta minutos);
b) g (gênero);
c) h (hectare);
d) sr. (senhora);
e) nenhuma das alternativas.

812. Em que alternativa a separação silábica está correta?
a) de-lin-qüi-u;
b) cir-cu-i-to;
c) gua-i-ta-cá;
d) tran-sa-tlân-ti-co;
e) nenhuma das alternativas.

813. Assinale a alternativa em que o emprego do hífen esteja correto:
a) ante-véspera, arqui-diocese, sobre-carta;
b) supra-renal, auto-retrato, extra-terreno;
c) pré-nupcial, extra-oficial, infra-som;
d) pseudo-profeta, semi-deus, proto-mártir;
e) nenhuma das alternativas.

814. Assinale a alternativa correta:
a) nas palavras pobretão e rodovia existem vogais de ligação;
b) a palavra jogador é formada por derivação por sufixação;
c) a palavra alistar é formada por derivação sufixal;
d) a palavra bolada é formada por derivação parassintética;
e) nenhuma das alternativas.

815. Estão flexionados corretamente os seguintes vocábulos:
a) pães, mamões, tecelões, abelhas-mestras;
b) cidadões, mamãos, tabeliães, curta-metragens;
c) verões, alemãos, capitãos, obra-primas;
d) vulcãos, falcãos, índices, cachorros-quentes;
e) nenhuma das alternativas.

816. Obedece às normas gramaticais a frase abaixo:
a) Me Informaram sobre o caminho.
b) Ele não se lembrou das flores.
c) Ele não lembrou-se das flores.
d) Esperamos que cuide-se.
e) nenhuma das alternativas.

817. Assinale a alternativa correta quanto à regência verbal.
a) Não lhe vi no parque.
b) Lembro-me de você.
c) Lembro de você.
d) Júlia aspirava o emprego citado no anúncio.
e) Nenhuma das alternativas.

818. Qual dos períodos obedece às normas gramaticais?
a) Tenho medo que você não volte.
b) Deixe ela fazer as compras sozinha.
c) Faça ela comprar as flores.
d) Não há dúvida de que João virá.
e) Nenhuma das alternativas.

819. Observe o seguinte período:
"Ele voltou cansado, mas estava feliz". No período citado encontramos:
a) sujeito indeterminado;
b) adjunto adverbial de modo;
c) um predicado verbo-nominal;
d) um predicado verbal;
e) nenhuma das alternativas.

TRE / RJ – ATENDENTE JUDICIÁRIO
NOVEMBRO DE 1995 – 2º GRAU

Texto

VELHOS VÍCIOS

Está anunciada para hoje na Câmara a votação de mais uma Lei Eleitoral. Ainda não é a definitiva, mas outra para atender às conveniências do casuísmo político que o autoritarismo exacerbou. Além do retrocesso, o que se prenuncia como disposição de espírito é assustador. Entre outras barbaridades, fala-se em garantir o anonimato dos doadores de dinheiro para a campanha eleitoral. Reconhecimento legal da corrupção, claro. No primeiro semestre, ninguém acreditaria que a representação política se sentisse mal na eficiência que conquistou com a aprovação das emendas constitucionais e se lançasse de volta aos braços da imagem desacreditada. Deve ter sido por distração.

Tudo que se sabe a respeito da Lei Eleitoral é que as melhores intenções perderam-se no percurso legislativo da matéria. A chegada do projeto ao plenário foi precedida de vozes que trombeteiam exatamente o oposto do indispensável para dotar o país de normas moralizadoras cujo coroamento seria a informatização nacional do pleito e da apuração. Compreende-se que os velhos vícios políticos tenham arautos, mas o entranhável é a ausência de desautorizações frontais a essas provocações.

O presidente do Tribunal Superior Eleitoral, ministro Carlos Velloso, é de opinião que a nova lei eleitoral, como está, desacredita os políticos. Cita como exemplo deplorável a iniciativa de transferir para os partidos políticos a indicação dos mesários, retirando da Justiça Eleitoral que a exerce há meio século a prerrogativa de compor com cidadãos as mesas de votação. Falar ao mesmo tempo em informatizar eleições e de ferir aos partidos a escolha dos mesários é fazer pouco dos cidadãos e da consciência política brasileira. Indicação de partidos equivale, na comparação do presidente do TSE, a usar cabritos para tomar conta da horta.

Não há justificativa para o retrocesso eleitoral que ameaça, por dentro, a democracia no Brasil; nos últimos anos a Justiça Eleitoral vem estudando o aperfeiçoamento das normas que regulam os pleitos, com o objetivo de reduzir a margem de fraudes de difícil apuração e, sobretudo, com mínima punição. A comissão de juristas e cientistas políticos, com o que de melhor existe no país, preparou um levantamento completo e fez sugestões animadoras. O Congresso recebeu o material e desconversou. Sabe-se agora, às vésperas da votação, que foi em vão: o desejo de oficializar a corrupção tomou conta da cena política.

Fica difícil acreditar que, depois de tudo que se viu na última eleição (no Rio o pleito para deputado estadual e federal foi anulado), seja considerada digna de debate a proposta para que dinheiro grosso circule por baixo da lei, sem que o candidato ou o doador tenham que declarar a quantia e a procedência. Ou seja: a eleição será uma lavagem de dinheiro da contravenção, da sonegação e do narcotráfico. Pior, em nome da democracia, que ficaria em débito.

(Editorial do **Jornal do Brasil**, setembro 1995.)

820. Segundo o texto, o ponto alto da adoção de normas moralizadoras seria:
a) a votação de mais de uma Lei Eleitoral.
b) a informatização das eleições e da apuração.
c) a indicação dos mesários de forma aleatória.
d) a participação efetiva dos partidos na apuração.
e) a aprovação de diversas emendas constitucionais.

821. De acordo com o texto, o “ministro Carlos Velloso” (L. 15) acredita que a nova Lei se caracteriza por:
a) ser nociva à imagem dos políticos.
b) dotar o país de normas moralizadoras.
c) trombetear o oposto do indispensável.
d) atender às conveniências do casuísmo político.
e) extinguir a corrupção ocupada pela cena política.

822. Ao empregar, como crítica, a imagem “usar cabritos para tomar conta da horta” (L. 22), o editorial traduz, na prática, a seguinte idéia:
a) corruptos podem reabilitar-se, desde que incentivados.
b) os políticos precisam entender melhor os problemas eleitorais.
c) os homens mal-educados não podem ser tomados como modelo.
d) os partidos políticos costumam prejudicar o que já está organizado.
e) pessoas desonestas não devem ser escolhidas para guarda de valores.

823. Os avanços e os velhos vícios na Legislação Eleitoral são o tema do texto. A seqüência que evidencia essa dicotomia é:
a) democracia no Brasil / retrocesso eleitoral.
b) eficiência conquistada / imagem desacreditada.
c) normas moralizadoras / desautorizações frontais.
d) respeito à lei eleitoral / oficialização da corrupção.
e) informatização das eleições / deferimento aos partidos da escolha dos mesários.

824. A frase que fecha o primeiro parágrafo do texto tem, de toda evidência, um caráter do tipo:
a) critico e irônico.
b) político e alienado.
c) normativo e ferino.
d) imparcial e reacionário.
e) assustador e jornalístico.

825. A alternativa que apresenta **erro** quanto à acentuação em um dos vocábulos é:
a) lápis - júri.
b) bônus - hífen.
c) ânsia - série.
d) raízes - amável.
e) Anhangabaú - bambú.

826. Alguns tempos do modo indicativo podem ser utilizados com valor imperativo. Está neste caso o verbo sublinhado na seguinte alternativa:
a) Não matarás, diz a Bíblia.
b) Faça logo esse serviço!
c) Saiam logo depois do sinal.
d) Prestem atenção ao que foi dito.
e) Não desçam correndo a escada.

827. A frase em que há **erro** quanto ao emprego do pronomes lhe é:
a) Nunca lhe diria mentira.
b) Ter-lhe-iam falado a meu respeito?
c) Louvemos-lhe, porque ele o merece.
d) De Fernando só lhe conhecia a fama.
e) Sei que não lhe agrada essa conversa.

828. Com relação ao adjetivo sublinhado, há **erro** de concordância nominal em:
a) Estavam atrasados a irmã e o irmão.
b) A loja vendera carros e moto usadas.
c) Ele comprou mamões e mangas maduras.
d) As listas de preços seguiam anexas a esta carta.
e) Os trabalhadores não quiseram fazer horas extras.

829. A frase que apresenta **erro** quanto à conjugação do verbo é:
a) A Justiça Eleitoral compôs com cidadãos as mesas de votação.
b) A Justiça Eleitoral comporia com cidadãos as mesas de votação.
c) A Justiça Eleitoral compusera com cidadãos as mesas de votação.
d) A Justiça se fará quando a Justiça Eleitoral compor com cidadãos as mesas de votação.
e) A Justiça se fará quando a Justiça Eleitoral compuser com cidadãos as mesas de votação.

830. O “a” (sublinhado) que deverá levar o acento grave indicativo de crase está na seguinte alternativa:
a) Eles entregam “pizza” a domicílio.
b) O menino não quis ir a casa dos tios.
c) A encomenda foi entregue a uma pessoa estranha.
d) As moças começaram a gritar logo no início do filme.
e) O fiscal não se referia a candidatas, mas a candidatos.

831. A alternativa que **não** apresenta perfeita concordância quanto à conversão da voz ativa para passiva é:
a) Viram-me / Fui visto.
b) Vamos fazer a lição / A lição vai ser feita por nós.
c) Abri o caderno / O caderno tem sido aberto por mim.
d) Devemos preparar tudo / Tudo deve ser preparado por nós.
e) Meu amigo fazia os trabalhos / Os trabalhos eram feitos por meus amigos.

832. O conectivo sublinhado estabelece uma ligação mal feita (coesão inadequada), quanto ao sentido, em:
a) Li este livro, mas não o entendi.
b) Como chegou atrasado, proibiram-no de entrar.
c) Ainda que ele queira, ninguém o ajudará em suas tarefas.
d) Estudou muito pouco para o concurso, pois conseguiu passar.
e) Tudo terminará bem, desde que o chefe permita a saída de todos.

833. A alternativa correta quanto à conjugação do verbo sublinhado é:
a) A chegada do projeto detive os políticos.
b) Os políticos desaviram-se por causa das emendas.
c) A comissão de juristas antevira as sugestões animadoras.
d) A emenda contêm margem de fraudes de difícil apuração.
e) O ministro solicitou que o Congresso proposse na decisão.

834. Há **erro** de concordância em relação ao verbo sublinhado em:
a) Grande parte dos jovens desaprovou o orador.
b) Fui eu que joguei o jornal para que ele o pegasse.
c) Choviam reclamações de todos os lados do salão.
d) Ficaremos os alunos e eu à espera do sinal combinado.
e) Embora ninguém notasse, haviam vários erros na tradução.

835. A alternativa em que há **erro** no uso da vírgula é:
a) Fui à Faculdade, não o encontrei, porém.
b) Depois falaram, o professor, os pais, os alunos e o diretor.
c) No dia 15 de novembro, feriado nacional, foi proclamada a República.
d) Pelé, Ministro dos Esportes, está preocupado com a violência nos estádios.
e) Chirac, que é Presidente da França, ainda não suspendeu as experiências nucleares.

836. Está correta a forma verbal grifada na seguinte frase:
a) Só poderemos opinar sobre o filme, se o vermos.
b) Os guardas intervieram na luta entre os assistentes.
c) Os policiais mantiam os ladrões sob a mira dos revólveres.
d) Nós passeiávamos diariamente pelas principais praças da cidade.
e) Embora ele seje considerado inteligente raramente faz boas provas.

837. A letra **"i"** está faltando no seguinte vocábulo:
a) istmo
b) leamos
c) passeata
d) caranguejo
e) passeamos

838. Segue a mesma regra de formação do plural de **cidadão** o seguinte substantivo:
a) botão
b) vulcão
c) cristão
d) tabelião
e) escrivão

839. A grafia da palavra sublinhada está **incorreta** em:
a) O deputado defendeu a descriminação da maconha.
b) Sua ascensão à presidência da firma surpreendeu a todos.
c) Todos o julgavam, com razão, demasiadamente pretensioso.
d) Os deputados não queriam acabar com os próprios previlégios.
e) A disputa entre os cônjuges só poderia ser resolvida nos tribunais.

TRT – 17ª REGIÃO – ES
AUXILIAR JUDICIÁRIO-1990 (2º GRAU)

840. Assinale a letra em que aparecem sinônimos das palavras sublinhadas na seguinte frase:
Na entrevista, o empresário ratificou as incongruências do depoimento.
a) retificou – coerências;
b) confirmou – improp riedades;
c) rateou – congriedades;
d) reatou – inconveniências;
e) reabilitou – desproporções.

841. Nas frases abaixo, escreva (1) para sentido próprio e (2) para sentido figurado.
( ) As casa são navios que, enquanto mergulhamos no sono, levantam âncora para a travessia da noite.
( ) Em seus primórdios históricos,os meios de comunicação social apresentavam características elitistas.
( ) Nenhum homem pode assumir completamente a sua modernidade, se primeiro não conhece a tradição de seu passado.
( ) A voracidade envenenou a alma dos homens, apertou o mundo num círculo de ódio e os obrigou a entrar a passos de gansos na miséria.
( ) Os mitos condensam experiências vividas repetidamente durante milênios, experiências típicas pelas quais passaram e ainda passam os homens.

A seqüência correta dos números nos parêntese é:
a) 1, 2, 2, 1, 2
b) 2, 1, 1, 2, 1
c) 2, 2, 2, 1, 1
d) 1, 1, 1, 2, 2
e) 2, 1, 2, 1, 2

842. Assinale a frase que expressa as mesmas idéias apresentadas no trecho abaixo.
Embora o lixo gerado pelo homem ameace engolfá-lo, outras mudanças, menos drásticas mas igualmente perigosas ao ambiente, são provocadas pelos esforços de produção de alimentos e exploração de recursos naturais.
a) Apesar de o homem estar sujeito a ameaçar o lixo que ele mesmo fabrica, outras mudanças menos decisivas mas igualmente perigosas ao ambiente, são realizadas pelos esforços de produção de alimentos e exploração de recursos naturais.
b) Porque o homem está empenhado em gerar mais lixo do que o quantitativo atual, outras mudanças, menos fortes mas igualmente perigosas ao ambiente, são ocasionadas pelos esforços de produção de alimentos e exploração de recursos naturais.
c) Conquanto o homem esteja ameaçado de sufocar-se no lixo que ele próprio produz, outras mudanças, menos violentas mas que oferecem igual perigo ao ambiente, são causadas pelos esforços de produção de alimentos e exploração de recursos naturais.
d) Ainda que o homem esteja no auge da ameaça contra o lixo, outras mudanças, menos ativas mas igualmente perigosas ao ambiente, são promovidas pelos esforços de produção de alimentos e exploração de recursos naturais.
e) Como o homem encontra-se no apogeu da campanha contra a desintegração do lixo, outras mudanças, menos eficazes mas igualmente perigosas ao ambiente, são desencorajadas pelos esforços de produção de alimentos e exploração de recursos naturais.

843. Assinale as palavras que preenchem, corretamente, as lacunas da seguinte frase:
A tua _________ é sempre um ________ na conquista de novas amizades.
a) indiscreção – impecilho;
b) indiscrição – empecilho;
c) indescrição – empecílio;
d) endiscrição – impercílio;
e) endiscreção – empercilho.

844. Assinale a frase em que as duas palavras sublinhadas apresentam, respectivamente, o seguinte:
- grafia incorreta
- emprego incorreto quanto ao significado.
a) O pretensioso senhor esbanjava vultosas quantias em dólar.
b) Todos sabiam que o reflorescimento do matagal era iminente.
c) Endossou as opiniões do amigo para expiar sua desconsideração.
d) Promover a ascenção a altos cargos é a intensão da nova diretoria.
e) Com exceção dos secretários, todos infringiram as ordens do diretor.

845. Leia o texto e assinale o item que apresenta correta divisão silábica.
Atualmente, as plantas medicinais voltam a suscitar grande interesse, tanto na área dos profissionais da saúde como na própria sociedade.
a) mui-to / su-sci-tar
b) saú-de / so-cie-da-de
c) me-di-ci-na-is / sa-ú-de
d) sus-ci-tar / me-di-ci-nais
e) in-te-res-se / a-tual-men-te

846. Assinale o item no qual os prefixos sublinhados não têm o mesmo sentido.
a) carta anônima – homem incapaz
b) hemisfério sul – raiz semimorta
c) nuvem diáfana – película translúcida
d) rua paralela – autor contemporâneo
e) perímetro urbano – área circunvizinha

847. Nas frases abaixo, escreva (1) para as formas verbais corretas e (2) para as incorretas.
( ) Nós vimos ontem do pantanal.
( ) Vós rides de mim sem motivo.
( ) Mesmo assim tu me respondestes.
( ) Sempre requeiro os meus direitos.
( ) Esteje pronto às vinte e duas horas.

A seqüência correta dos números nos parênteses é.
a) 2, 2, 2, 1, 1
b) 1, 2, 1, 2, 1
c) 2, 1, 2, 1, 2
d) 1, 2, 2, 1, 2
e) 2, 1, 1, 2, 1

848. Assinale a frase que expressa a afirmativa verdadeira sobre os verbos do seguinte texto:
Sabíamos ser alegres, mas não tanto que ofendêssemos os tristes; e em nossa tristeza havia suavidade, porque éramos pacientes e compreensivos. Acreditávamos nos valores do espírito; e neles fundávamos a nossa grandeza é o nosso respeito. Mesmo quando não tínhamos muito, sabíamos partilhar o que tivéssemos.
a) Todos os verbos estão em formas nominais.
b) Todos os verbos estão em tempo do pretérito do indicativo.
c) Há verbos em tempo do pretérito e do presente do indicativo.
d) Há verbos em tempo do pretérito e do presente do subjuntivo.
e) Há verbos em formas nominais e formas flexionadas do tempo pretérito.

849. Assinale a frase em que o pronome possessivo foi usado **incorretamente**.
a) Vossa Senhoria trouxe seu discurso e os documentos indeferidos?
b) Vossa Reverendíssima queira desculpar-me se interrompo vosso trabalho.
c) Voltando ao Vaticano, Sua Santidade falará a fiéis de várias nacionalidades
d) Informamos que Vossa Excelência e seus auxiliares conseguiram muitas adesões.

e) Sua Excelência, o Sr. Ministro da Justiça, considerou a medida inconstitucional.

850. Assinale a opção em que a palavra sublinhada está empregada **incorretamente**.
a) Durma cedo, senão acordará tarde amanhã.
b) Mal começou a chover, o barraco deslizou.
c) Disse que há cinco anos ganhou na loteria.
d) Estava mau informado, por isso equivocou-se.
e) De hoje a dois meses pedirei novo empréstimo.

851. Assinale a opção que completa, corretamente, as lacunas das seguintes frases:
Neste carro _______ dezesseis latas de tinta.
Poucos dias antes, ________ de três empregados.
Certamente, ________ muitas reclamações na reunião.
Qual de vocês _________ coragem para isto?
a) couberam / precisava-se / haverá / tem;
b) coube / precisava-se / haverão / têm;
c) couberam / precisavam-se / haverão / tem;
d) coube / precisa-se / haverá / têm;
e) couberam / precisavam-se / haverá / têm;

852. Quanto à concordância verbal escreva (1) nas orações corretas e (2) nas incorretas.
( ) Aquele romance foi um dos que mais me agradaram.
( ) Não se ouvia murmúrios no salão de festas.
( ) Se não me engano, faz dois anos hoje que fui contratado.
( ) Durante a reunião, falou o diretor, o secretário e o motorista.
( ) Que seria de nós se não fosse os amigos?

A seqüência correta dos números nos parênteses é
a) 1, 2, 1, 1, 2
b) 1, 2, 2, 2, 1
c) 2, 1, 2, 2, 1
d) 1, 1, 1, 2, 2
e) 2, 2, 2, 1, 1

853. Assinale a oração que apresenta regência nominal **incorreta**.
a) O tabagismo é prejudicial à saúde.
b) Estava inclinado em aceitar o convite.
c) Sempre foi muito tolerante com o irmão.
d) É lamentável sentir desprezo por alguém.
e) Em referência ao assunto, prefiro nada dizer.

854. Quanto à regência verbal, escreva (1) nas orações corretas e (2) nas incorretas.
( ) Logo que chegou, eu o ajudei como pude.
( ) Preferia remar do que voar de asa delta.
( ) Naquela época, eu não visava o cargo de diretor.
( ) Sem esperar, deparei com ela bem perto de mim.
( ) Nós tentamos convencê-lo que tudo era imaginação.

A seqüência correta dos números nos parênteses é:
a) 1, 1, 1, 2, 2
b) 2, 2, 2, 1, 1
c) 2, 1, 1, 2, 1
d) 1, 2, 2, 1, 2
e) 1, 2, 1, 2, 1

855. Assinale o período em que a oração sublinhada indica a conseqüência do que foi declarado na oração anterior.
a) Compareceram ao encontro, conforme haviam combinado.
b) Esperamos o resultado dos exames, embora nos pareça muito demorado.
c) Falou mais alto, afim de que todos o ouvissem melhor.
d) As casas ficaram alagadas, porque a chuva foi muito intensa.
e) trabalha tanto, que não dispõe de tempo para o lazer.

856. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas da seguinte frase:
Um homem condenado __ ignorância é alguém ___ quem foi roubada uma parte do seu direito ___ vida.
a) à – a – à
b) a – à – a
c) à – a – a
d) a – à – à
e) a – a – à

857. Assinale a frase em que o acento indicador da crase foi usado **incorretamente**.
a) A obstinação à qual sacrificou a juventude não o persegue mais.
b) Sentavam-se nas pedras do caminho à espera da comitiva do peão.
c) Na imaginação, porém, ele voltava àquele mundo de sonho e fantasia.
d) Depois de refletir, dirigi-me, decididamente, à casa do meu amigo.
e) Tenho certeza de que os documentos não fazem referência à nada do que dizes.

858. Assinale a frase em que faltam vírgulas.
a) Quem sabe se os dois tinham uma receita de felicidade?
b) Seria inútil explicar-lhe que um celeiro de brejo não tem preço.
c) Boa distração a gente sonhar construir castelos arquitetar episódios romances.
d) As pessoas distantes atingiram essa altura desolada em que papel e tinta nada significam.
e) A lembrança dele é grata aos que conheceram os últimos dias de glória dos teatros do interior.

859. Assinale a frase em que a pontuação está **incorreta.**
a) E ficou de olhos abertos, concentrado esperando, que o dia nascesse e seus mortos, partissem.
b) Tomado de surpresa, fico imóvel, e somos como um feliz, ainda que insólido, casal de namorados.
c) O escuro da garagem reteve-as por alguns momentos, até que a vencedora emergiu,vagarosa, arquejante.
d) É bom que um homem, vez por outra, deixe o litoral misterioso e grande, querendo contemplar uma lagoa.

e) Pegou o telefone, deu instruções à companhia, acrescentando com meio desprezo: o que tem mais aqui é livro.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CONCEIÇÃO DE MACABU
TÉCNICO AGRÍCOLA / ABRIL DE 1995 – 2º GRAU

Texto
DECADÊNCIA E ESPLENDOR DA ESPÉCIE

Não sei o que terá acontecido com a espécie humana.

Esta ausência de pêlos... Para os outros mamíferos a nossa nudez pode parecer repugnante como, para nós, a nudez dos vermes.

E, depois, a nossa verticalidade é antinatural. Estas mãos pendendo, inúteis, são ridículas como as dos cangurus sentados.

Se fôssemos veludos e quadrúpedes, ganharíamos muito em beleza e, sem a atual tendência à adiposidade, poderíamos ser quase tão belos como cavalos.

Felizmente, inventou-se a tempo o vestuário, que, pela variedade e beleza (a par de sua utilidade em vista do fatal desabrigo em que ficamos), redime um pouco esta degenerescência.

E acontece que inventamos também o mobiliário, os utensílios: no caso vigente, esta cadeira em que escrevo sentado a esta mesa, à luz artificial desta lâmpada.

E ainda este ato de escrever, isto é, de expressar-me por meio de sinais gráficos, é mais uma prova da nossa artificialidade.

Mas quem foi que disse que eu estou amesquinhando a espécie? Quero apenas significar que, em face das suas miseráveis contingências, o homem criou, além do mundo natural, um mundo artificial, um mundo todo seu, uma segunda natureza, enfim.

O homem, esse mascarado ...

(Mário Quintana. Caderno H, Porto Alegre, Globo, 1977.)

860. A alternativa que mostra o homem como um animal especial é a:
a) “ausência de pêlos” (L. 3), a “nudez” como a “dos vermes” (L. 4)
b) inutilidade das mãos, tal “como as dos cangurus” (L. 9)
c) “variedade e beleza” do vestuário por ele inventado (L. 15)
d) comunicação e expressão “por meio de sinais gráficos” (L. 24)

861. ... “o homem criou, além do seu mundo natural, um mundo artificial, um mundo todo seu, uma segunda natureza, enfim”. O que provocou isto foi sua:
a) miserável contingência.
b) antinatural verticalidade.
c) repugnante degenerescência.
d) atual tendência à adiposidade

862. Segundo o texto, a segunda natureza do homem é a:
a) transmissão da cultura;
b) utilidade do mobiliário;
c) variedade do vestuário;
d) invenção dos utensílios.

863. O autor diz: “O homem, esse mascarado ...”
A alternativa que sintetiza, no texto, esta colocação é:
a) ...“um mundo artificial, um mundo todo seu ...”
b) “E, depois, a nossa verticalidade é antinatural.”
c) ...“escrevo sentado a esta mesa, à luz artificial desta lâmpada.”
d) “E, acontece que inventamos também o mobiliário, os utensílios”...

864. A norma culta da língua dá uma classificação para pêlos/pelos. Esta classificação também é aceita para:
a) emigrar / imigrar;
b) apreçar / apressar;
c) despensa / dispensa;
d) cavaleiro / cavalheiro.

865. A acentuação da palavra “degenerescência” (L. 18) segue a mesma regra de acentuação da seguinte palavra:
a) poderíamos;
b) espécie;
c) gráfico;
d) pêlos.

866. “Se fôssemos veludos e quadrúpedes, ganharíamos muito em beleza ...” (L. 10 e 11)
O período que passa a mesma idéia é:
a) Embora fôssemos veludos e quadrúpedes, ganharíamos muito em beleza.
b) Para que fôssemos veludos e quadrúpedes, ganharíamos muito em beleza.
c) Enquanto fôssemos veludos e quadrúpedes, ganharíamos muito em beleza.
d) Contanto que fôssemos veludos e quadrúpedes, ganharíamos muito em beleza.

867. “Não sei o que terá acontecido com a espécie humana” (L. 1)
O tempo verbal grifado no período acima expressa o fato como:
a) ordem atenuada;
b) verdade universal;
c) possibilidade no passado;
d) tomado como certo posteriormente.

868. "Não sei o que terá acontecido com a espécie humana" (L. 1)

No período acima a oração grifada tem como sujeito:

a) eu;
b) que;
c) a espécie;
d) com a espécie humana.

869. "E ainda este ato de escrever, isto é, de expressar-me por meio de sinais gráficos, é mais uma prova da nossa artificialidade".
Neste trecho, os termos sublinhados são reconhecidos, respectivamente, como:

a) pronome demonstrativo / pronome demonstrativo / conjunção.
b) pronome possessivo / pronome relativo / conjunção.
c) pronome demonstrativo / pronome pessoal / advérbio.
d) pronome possessivo / pronome pessoal / advérbio.

PREFEITURA MUNICIPAL DE DUQUE DE CAXIAS
ASSESSOR ADMINISTRATIVO - JUNHO DE 1995 – 2º GRAU

Texto

VOCAÇÕES

Todos diziam que a Leninha, quando crescesse, ia ser médica. Passava horas brincando de médico com as bonecas. Só que, ao contrário de outras crianças, quando largou as bonecas não perdeu a mania. A primeira vez que tocou no rosto do namorado foi para ver se estava com febre. Só na segunda é que foi carinho. Ia porque ia ser médica. Só tinha uma coisa. Não podia ver sangue.

"Mas, Leninha, como é que . . ."

"Deixa, que eu me arranjo."

Não é que ela tivesse nojo de sangue. Desmaiava. Não podia ver carne malpassada. Ou ketchup. Um arranhãozinho era o bastante para derrubá-la. Se o arranhão fosse em outra pessoa ela corria para socorrê-la – era o instinto médico –, mas botava o curativo com o rosto virado.

"Acertei ? Acertei ?"

"Acertou o joelho. Só que é na outra perna !"

Mas fez o vestibular para a medicina, passou e preparou-se para começar o curso.

"E as aulas de Anatomia, Leninha? Os cadáveres ?"

"Deixa que eu me arranjo."

Fez um trato com a Olga, colega desde o secundário. Quando abrissem um cadáver, fecharia os olhos. A Olga descreveria tudo para ela.

"Agora estão tirando o fígado. Tem uma cor meio ..."

"Por favor. Sem detalhes."

Conseguiu fazer todo o curso de medicina sem ver uma gota de sangue. Houve momentos em que precisou explicar os olhos fechados.

"É concentração, professor."

Mas se formou. Hoje é médica, de sucesso. Não na cirurgia, claro. Se bem que chegou a pensar em convidar a Olga para fazerem uma dupla cirúrgica, ela operando com o rosto virado e a Olga dando as coordenadas.

"Mais para à esquerda... Aí. Agora corta !"

Está feliz. Inclusive se casou, pois encontrou uma alma gêmea. Foi num aeroporto. No bar onde foi tomar um cafezinho enquanto esperava a chamada para o embarque puxou conversa com um homem que parecia muito nervoso.

"Algum problema?" – perguntou, pronta para medicá-lo.

"Não" – tentou sorrir o homem. "É o avião..."

"Você tem medo de voar?"

"Pavor. Sempre tive."

"Então por que voa?"

"Na minha profissão é preciso"

"Qual é a sua profissão?"

"Piloto."

Casaram-se uma semana depois.

(Luís Fernando Veríssimo)

870. O par de palavras que serve para caracterizar Leninha é:
a) dedicada / fútil
b) frívola / piedosa
c) violenta / ansiosa
d) ingênua / revoltada
e) consciente / solidária

871. Leninha difere dos outros médicos por **não** possuir:
a) frieza;
b) destreza;
c) inteligência;
d) descontrole;
e) complacência;

872. Apesar dos problemas que Leninha apresentava, pode-se afirmar que, realmente, a medicina era a sua prioridade. Isto pode ser confirmado quando:
a) despreocupa-se com os cadáveres, dizendo que se arranjaria.
b) corre para socorrer uma pessoa apenas arranhada.
c) toca no rosto do namorado para ver se tem febre.
d) sabe que qualquer arranhãozinho a derrubava.
e) pensa em fazer dupla cirúrgica com Olga.

873. Na situação em que Leninha se encontrava, a explicação para os olhos fechados pareceu:
a) inútil, pois o professor já percebera tudo;
b) infrutífera, pois ficaria sem solução o problema;
c) deboche, a fim de se mostrar para Olga e a turma;
d) proveitosa, porque assim deixaria de assistir à aula;
e) revolta, por desconhecer o que estava sendo explicado.

874. “Carne malpassada / /ketchup/ arranhão /cadáveres”. Esta série de palavras, em relação à Leninha pode ser traduzida como:
a) temor exagerado;
b) perda da consciência;
c) descontrole emocional;
d) materialização dos temores;
e) valorização dos dados emocionais.

875. Na vida acadêmica de Leninha, o papel de Olga foi ser:
a) simples coadjuvante;
b) apenas porta-voz das ocorrências;
c) de grande importância como orientadora;
d) portadora dos sentidos que a amiga se negava a usar;
e) assessora dos mestres, acrescentando o necessário para ajudá-la.

876. No campo conotativo do comportamento de Leninha, o inaceitável é:
a) o despistamento na aula;
b) a visão da gota de sangue;
c) o encontro do aeroporto;
d) o homem muito nervoso;
e) o trato feito com Olga.

877. Leninha, como médica, **não** deve entender de:
a) pneumonia
b) paraplegia
c) hemofilia
d) filologia
e) epilepsia

878. O texto, com o final feliz de Leninha, prova que, no fundo, a vida dela constituiu-se de:
a) certezas;
b) tristezas;
c) virtudes;
d) dúvidas;
e) angústias.

879. Nas passagens do texto listadas abaixo, a identificação do falante, está correta em:
a) “Mas Leninha, como é que . . .” - (L. 6) - namorado de Leninha.
b) “Acertou o joelho. Só que é na outra perna!” - (L. 12) - Leninha.
c) “Por favor. Sem detalhes” - (L. 19) - professor.
d) “Mais para a esquerda ... Aí. Agora corta!” - (L. 26) – Olga.
e) “Qual é a sua profissão?” - (L 36) - homem do bar, futuro marido de Leninha.

880. O vocábulo um/uma pertence à mesma classe de palavras no seguinte par:
a) Um arranhãozinho (L. 9) / um cafezinho (L. 28);
b) Fez um trato (L. 16) / Só tinha uma coisa (L. 4);
c) uma alma gêmea (L. 27) / uma semana depois (L. 38);
d) um cafezinho (L. 28) / uma semana depois (L. 38);
e) um homem (L. 29) / Só tinha uma coisa (L. 4).

881. Os parônimos abaixo foram empregados corretamente em:
a) Tome acento na sala / Use este assento na palavra
b) Usa de descrição em suas perguntas / Descreva-me sua casa.
c) O fuzível do assassino é importado / Este fuzil não agüenta a carga.
d) É bom imergir logo daí / Vai emergir a uma profundidade pequena.
e) É um motivo justo de um incipiente / Só um insipiente usaria tal argumento.

882. Por causa do uso do cachimbo parecia um aleijado.
A função sintática da palavra sublinhada no período acima é:
a) complemento nominal
b) adjunto adnominal
c) adjunto adverbial
d) objeto indireto
e) sujeito

883. A alternativa em que há erro na análise mórfica do elemento sublinhado é:
a) sentávamos (desinência modo-temporal)
b) partiam (desinência número-pessoal)
c) cafeteira (consoante de ligação)
d) cantos (desinência de número)
e) gasômetro (vogal temática)

884. O emprego da crase é desnecessário em:
a) Seu descuido foi atribuído a fadiga que o acompanha nesta excursão.
b) Era favorável as pesquisas de campo feitas pela universidade.
c) Ficou bom tempo a espera de recursos para sua empresa.
d) Perguntei a Sua Alteza quando abdicaria do trono.
e) Fará um filme a moda de Carlitos.

885. A palavra que **não** apresenta mudança de vogal tônica na formação de seu plural é:
a) osso;
b) tijolo;
c) bolso;
d) posto;
e) miolo.

886. A palavra sublinhada está **incorretamente** usada em:
a) É evidente, sabemos por que ele falou.
b) Deixou o time porquê perdeu o jogo.
c) Decida-se porque o ano vai acabar.
d) Por que razão ela se alegrou tanto?
e) Não me disse o porquê do filme.

887. O mapa-múndi ficará exposto na sala. A palavra que faz o plural da mesma forma que o substantivo composto da frase é:
a) A salve-rainha é sua oração preferida.
b) O banho-maria cozinhará os legumes.
c) Por pouco-caso isto não irá adiante.
d) Este bem-te-vi é de difícil trato.
e) Com guarda-chuva não sairei.

888. A concordância verbal que a norma culta da língua **não** aceita está na seguinte frase:
a) As Minas Gerais geram conflitos.
b) Mais de um político foi escolhido.
c) Deu seis horas no relógio da sala.
d) Faz muitos meses que ela viajou.
e) Fui eu quem sentiu a dúvida.

889. Em: Decidi que não seria justo que o resultado saísse hoje, as orações subordinadas substantivas do período são, respectivamente, classificadas como:
a) completiva nominal / predicativa.
b) objetiva indireta / objetiva direta.
c) subjetiva / completiva nominal.
d) predicativa / objetiva indireta.
e) objetiva direta / subjetiva.

TRE / RJ - AGENTE DE SEGURANÇA JUDICIÁRIA
NOVEMBRO DE 1995 – 2º GRAU

Texto
HISTÓRIA DO RIO DE JANEIRO
(Fragmento)

Stanislaw Ponte Preta

A coisa começou no século XVI, pouco depois que Pedro Álvares Cabral, rapaz que estava fugindo da calmaria, encontrou a confusão, isto é, encontrou o Brasil. Até aí não havia Rio de Janeiro.

Depois em 1512 – segundo o testemunho ocular de Brício de Abreu – rapazes lusitanos que estavam esquiando fora da Barra, descobriram uma baía muito bonita e, distraídos que estavam, não perceberam que era baía. Pensaram que era um rio e, como fosse janeiro, apelidaram a baía de Rio de Janeiro. Eis, portanto, que o Rio já começou errado.

Passaram-se os anos, os portugueses não deram muita bola pra descoberta, e vieram uns franceses intrusos e se alojaram na baía. Foi então que os portugueses abriram os olhos e, ao mesmo tempo, abriram fogo contra o invasor, chefiados por um destemido cavalheiro que atendia pelo nome de Estácio de Sá (onde mais tarde se fundaria a primeira escola de samba, mas isso foi depois). Estácio era sobrinho de Mem de Sá, ex-governador geral e primo de Salvador de Sá, que mais tarde viria a governar a cidade. É interessante notar que, muito tempo depois, quem descer pela Rua Mem de Sá, vai dar na Rua Salvador de Sá que, por sua vez, passa pelo Largo do Estácio, também de Sá.

Quando os comandados de Estácio de Sá iniciaram a batalha contra os franceses, a coisa foi dura e só se resolveu numa derradeira batalha travada na Praia de Uruçumirim. Para vencer tiveram de suar a camisa e é por isso que, mais tarde, a Praia de Uruçumirim ficou sendo a Praia do Flamengo, o célebre Flamengo que, por tradição, sua a camisa até hoje. Isso aconteceu aí pelo ano de 1567 e estava fundada a cidade do Rio de Janeiro, a mesma que viria a ser, em 1763, capital do vice-reinado, e depois capital da República dos Estados Unidos do Brasil.

A cidade foi construída sobre alagadiços e a brava gente, que a construiu, secou tão bem os alagadiços que até hoje está faltando água. Quando, em 1763, foi considerada capital do vice-reinado, a cidade tinha somente 30 mil habitantes natos e mais, naturalmente, o Brício de Abreu, que não nasceu aqui, mas em Paris, de onde veio ainda pequenino no vapor "Provence".

Daí por diante o Rio de Janeiro foi crescendo, foi crescendo, foi crescendo e ... pimba! estourou. E, como tudo que estoura, abriu buraco pra todo o lado.

890. Segundo o texto, o Rio de Janeiro já "*começou errado*" (L. 8), devido ao seguinte fato:
a) Os franceses não souberam manter a cidade sob seu domínio.
b) Desde o início os portugueses não queriam colonizar o Brasil.
c) Os "rapazes lusitanos" vieram ao país para praticar esportes aquáticos.
d) O nome da cidade se originou de um engano na classificação do acidente geográfico.
e) Pedro Álvares Cabral queria descobrir minas de ouro e prata e não acidentes geográficos.

891. O autor se refere ao cavalheiro Estácio de Sá como:
a) visitante nada corajoso, que combateu os portugueses.
b) fundador da primeira escola de samba com seus comandados.
c) fugitivo, junto aos portugueses, que eram espertos e lutadores.
d) Governador Geral, primo de Mem de Sá e sobrinho de Salvador de Sá.
e) chefe dos portugueses que, suando a camisa, venceram os franceses.

892. A expressão "testemunho ocular" (L. 4), indica o depoimento ou a declaração de alguém que:
a) estudou bastante a História do Brasil.
b) resolveu participar da exploração das terras brasileiras.
c) observou o episódio descrito no texto com os próprios olhos.
d) espreitava as crueldades praticadas pelos invasores estrangeiros.
e) pesquisou tudo o que foi escrito sobre os primeiros portugueses no país.

893. Pela leitura do texto, conclui-se que a cidade do Rio de Janeiro foi fundada quando:
a) os franceses se alojaram na baía.
b) os lusitanos esquiavam fora da Barra, em 1512.
c) a calmaria e a confusão afugentaram Cabral.
d) os portugueses venceram os invasores franceses.
e) os portugueses abriram os olhos para as advertências de Estácio de Sá.

894. De acordo com o texto, o Rio de Janeiro tem "buraco pra todo lado". A razão desse fato é que:
a) a cidade cresceu, cresceu, cresceu e estourou.
b) a água existente nos alagadiços ainda é procurada.
c) a culpa é dos alagados onde a cidade foi construída.
d) a batalha ocorrida na praia de Uruçumirim provocou essa situação.
e) as obras para preparar a fundação da cidade, em 1567, geraram esse problema.

895. Várias relações são estabelecidas no texto, isto é, certas palavras estão associadas a outras de um modo evidente. A relação que o texto **não** comprova é:
a) Salvador de Sá - governo da cidade.
b) Praia do Flamengo - clube Flamengo.
c) Praia de Uruçumirim - Praia do Flamengo.
d) Estácio de Sá - comandante dos franceses.
e) Largo Estácio de Sá - fundação da 1ª escola de samba.

896. No seu sentido figurado, a expressão "suar a camisa" (L. 21) exprime a seguinte idéia:
a) valorizar o trabalho e não o lazer.
b) transpirar muito durante o trabalho.
c) obter algo à custa de grande esforço.
d) criar dificuldades na obtenção de prêmios.
e) enfatizar o valor ético das atividades esportivas.

897. A alternativa que apresenta **erro** quanto à acentuação gráfica, em um dos vocábulos, é:
a) céu - jóia.
b) juíz - país.
c) abençôo - vôo.
d) ótimo - máximo.
e) também - parabéns.

898. A concordância do verbo sublinhado está **incorreta** em:
a) Amanhã eu e você iremos ao Maracanã.
b) O rapaz era um dos que mais reclamavam.
c) Houve muitas dúvidas sobre aquela questão.
d) Falta cinco minutos para o começo da prova.
e) Mais de um candidato tinha chance de obter o emprego.

899. Das frases abaixo, a que apresenta os dois verbos empregados corretamente é:
a) Se ele pôr o curativo, ficará bom.
b) Se eu vir João, entregar-lhe-ei o cheque.
c) Se Pedra ir pela sombra, não ficará suado.
d) Se você manter a palavra, seu filho o respeitará.
e) Se o médico vir hoje ao consultório, entregue os exames.

900. Em relação à flexão verbal, há **erro** na forma sublinhada na seguinte alternativa:
a) Quem quiser poderá concorrer.
b) Eu não poderia fazer mais nada.
c) Se eles forem ao cinema, me chamarão.
d) Até prova em contrário, eles crêm em tudo.
e) Os candidatos trouxeram os documentos necessários para a inscrição.

901. A alternativa que apresenta **erro** em relação à regência verbal é:
a) Filhos, nós amamos-lhes muito.
b) Nós aspiramos a um bom cargo.
c) Eu lhe darei toda minha herança.
d) Faz três anos que não vejo você.
e) Ontem, assistimos a um belo espetáculo.

902. A grafia da palavra sublinhada esta **incorreta** em:
a) O time jogou mal no primeiro tempo.
b) Ele não tem jeito para essa profissão.
c) Temos de analisar a nova política salarial.
d) O pai estava preucupado com a conduta do filho.
e) Hoje não haverá sessão na Assembléia Legislativa.

903. A alternativa que está em desacordo com a norma culta, em relação à concordância nominal, é:
a) As concordâncias verbal e nominal já estão inclusas no programa.
b) A Manchete publicará duas edições extras sobre o carnaval.
c) Não estava registrada na agenda sua viagem.
d) As candidatas chegaram juntas ao trabalho.
e) O professor enviou anexo a pauta final.

904. “Os jogadores da seleção brasileira fizeram um treino tático ontem.”
Se na frase acima a palavra ontem for substituída pela expressão na próxima semana, a forma verbal correta será:

a) faria.
b) farão.
c) fazerem.
d) têm feito.
e) tinham feito.

905. A alternativa que apresenta **erro** quanto à conversão da voz ativa para a passiva é:
a) Condenaram-me / Fui condenado.
b) Li o jornal / O jornal tem sido lido por mim.
c) Fizemos as compras / As compras foram feitas por nós.
d) Papai consertou o relógio / O relógio foi consertado por papai.
e) Bernardo já fez os deveres / Os deveres já foram feitos por Bernardo.

906. Há **erro** no emprego do acento grave indicativo da crase no a (sublinhado) da seguinte frase:
a) Nas férias irei à Portugal.
b) O carro se dirigia à Tijuca.
c) Eles só vão à missa aos domingos.
d) Depois fizeram referência à filha do vizinho.
e) Graças à ajuda de todos, ela conseguiu superar a crise.

907. Em relação à colocação do pronome oblíquo, a alternativa correta, segundo a norma culta, é:
a) Colocarei-te na primeira fila.
b) Os alunos não viram-no, ainda.
c) O resultado do exame agradou-me.
d) Ninguém deu-me notícias da operação do João.
e) Quem visitou-me quando eu estava dormindo?

908. Há **erro** na flexão do plural do seguinte substantivo:

a) vulcões
b) revólveres
c) corrimãos
d) toca-discos
e) pés-de-moleques

909. De acordo com as normas de pontuação, a alternativa que apresenta **erro** é:
a) Durante a viagem, dormi o tempo todo.
b) Fui ao banco, mas não pude sacar dinheiro.
c) Fumar, é proibido em qualquer lugar da escola.
d) Verifiquei, então, que não iria concluir o trabalho.
e) Tiradentes, o Mártir da Independência, morreu em 1792.

BANCO CENTRAL DO BRASIL
CARREIRA TÉCNICA

MAIO DE 1994 – 3º GRAU

Texto:

O Imposto Provisório sobre Movimentação Financeira (IPMF), com alíquota de 0,25%, já está sendo cobrado novamente. Mesmo os cheques emitidos antes de 1º de janeiro, mas ainda não compensados, estão sujeitos ao IPMF. A Receita espera recolher com o tributo pelo menos US$ 5 bilhões em 1994. Até a economia informal será alcançada pelo imposto, porque o dinheiro acaba entrando na rede bancária.

O Secretário da Receita Federal, Osíris Lopes Filho, quer usar o IPMF para aperfeiçoar o combate à sonegação. Mas reconhece que, por ser uma experiência completamente nova, poderão surgir problemas nas cobranças e no aproveitamento das informações para fechar o cerco aos sonegadores:

- É preciso tempo para identificarmos os problemas na cobrança do Imposto e resolvê-los.

(Adaptado de O Globo, 02/01/1994)

910. Assinale a opção que classifica corretamente cada uma das afirmações acerca do texto como **VERDADEIRA** (V) ou **FALSA** (F):

I - A Receita espere arrecadar um total de US$ 5 bilhões em 1994.

II - Quaisquer cheques descontados depois de 1º de janeiro estão sujeitos ao IPMF.

III - Os cheques emitidos para pagamento de transações informais serão tributados em 0,25%

IV - As pessoas que passaram cheques antes do dia 1º de janeiro receberão uma compensação.

V - O dinheiro que entra na rede bancária é proveniente da economia informal.

a) F – V – V – V – F
b) V – F – F – V – F
c) F – V – V – F – F
d) F – F – F – V – V
e) V – V – V – F – V

911. Qual a afirmação que **NÃO** encerra uma idéia contida no texto?

a) O IPMF foi criado para combater a sonegação.
b) A identificação dos problemas decorrentes da cobrança do IPMF é uma tarefa que demanda tempo.
c) Poderão ocorrer problemas na cobrança do IPMF devido à inexperiência dos funcionários da Receita com este tipo de imposto.
d) O Secretário da Receita Federal acredita que o IPMF ajudará a evitar a sonegação.
e) As informações relativas à cobrança do IPMF serão usadas para a identificação dos sonegadores.

912. Assinale a opção que indica a ordem apropriada para que os períodos abaixo formem um parágrafo coerente.

I - Seguro-desemprego, depósitos em poupança com rendimentos trimestrais e saques do FGTS também estão isentos.

II - O mesmo ocorrerá com os assalariados que ganham até dez salários mínimos.

III - Para facilitar a cobrança, o governo procurou restringir as isenções.

IV - No caso dos aposentados, a Previdência depositará os benefícios com um adicional equivalente ao que será descontado na hora do saque.

a) III - I - II - IV.
b) IV - II - III - I.
c) III - IV - II - I.
d) I - IV - II - III.
e) IV - I - II -III.

913. Assinale a única opção em que **NÃO** há erro de ortografia.

a) A fiscalização do IPMF é um desafio para a Receita, pois os contribuintes ainda não se conscientizaram de que o tributo é inevitável.
b) Osíris Lopes Filho admite que os bancos encontrarão muitas dificuldades.
c) A entidade filantrópica que quizer ter direito à isenção deverá preencher certos requisitos.
d) Nenhuma aplicação financeira receberá concessão especial quanto ao pagamento do Imposto, com exceção da poupança trimestral.
e) Para a Receita Federal, vantagens concedidas a executivos também devem ser tributadas.

914. Selecione a opção cujas palavras preenchem de forma correta as lacunas do parágrafo abaixo.

___ muitos meses do término da cobrança do imposto - em 31 de dezembro de 1994, ainda existem algumas providências ___ serem tomadas. Os técnicos preparam, ___ alguns meses, uma instrução normativa para obrigar as entidades filantrópicas ___ se identificarem junto ___ Receita.

a) Há – à – a – à – à;
b) A – há – há – à – a
c) A – à – há – à – à
d) A – a – há – a – à
e) Há – a – à – a – à

915. Assinale a opção que **NÃO** apresenta erro gramatical:

a) Se houverem muitos endossos em um mesmo cheque, este não será aceito pelos bancos.
b) Caso uma empresa esteje trabalhando com impressão de livros e jornais, ela poderá ter isenção do IPMF
c) Se o Secretário da Receita Federal propor novas medidas de combate à sonegação, elas terão de ser amplamente divulgadas.
d) As empresas também pagarão IPMF, a menos que trabalhem com impressão de livros e jornais.
e) Caso o dinheiro ficar depositado três meses na poupança, haverá um adicional de 0,25%.

916. Indique a afirmação que **NÃO** tem o mesmo sentido das demais:

a) A troca de mercadorias, em vez de compra e venda, pode ser uma solução para evitar o IPMF, já que qualquer pagamento em dinheiro acaba entrando no sistema financeiro.
b) Uma solução para evitar o IPMF pode ser a troca de mercadorias, ao invés de compra e venda, uma vez que qualquer pagamento em dinheiro acaba entrando no sistema financeiro.
c) Uma solução para evitar o IPMF pode ser a troca de mercadorias, em vez de compra e venda, porque qualquer pagamento em dinheiro acaba entrando no sistema financeiro.
d) Como qualquer pagamento em dinheiro acaba entrando no sistema financeiro, a troca de mercadorias, em vez de compra e venda, pode ser uma solução para evitar o IPMF.
e) Desde que qualquer pagamento em dinheiro acabe entrando no sistema financeiro, a troca de mercadorias, em vez de compra e venda, pode ser uma solução para evitar o IPMF.

917. Indique a opção cujas palavras substituem adequadamente as grifadas, tanto em termos de sentido quanto de estilo.

Há uma aplicação financeira que permite ao contribuinte não pagar o IPMF basta ele colocar o seu dinheiro na caderneta de poupança trimestral.

a) Tem – pôr – o seu capital
b) Surgiu – inserir – a sua grana

c) Existe – pôr - o seu capital
d) Tem – botar – o seu investimento
e) Tem – inserir – o seu investimento

918. Indique a única afirmação que apresenta coerência e correção gramatical.

a) Este ano, a Receita Federal, empenhada em combater a sonegação, tem uma boa notícia, diante de tantas cobranças novas e ameaças velhas, para os consumidores que não se furtam a pagar aquilo que devem.
b) O Presidente Itamar Franco assina, ainda esta semana, a nova regulamentação do Imposto de Renda simplifica a vida de todos.
c) Apesar de ainda ter 1042 artigos, a nova regulamentação consolida com bom aproveitamento das contribuições recebidas, as milhares de normas e portarias existente.
d) Tendo sido elaborado em 1980, o último regulamento relativo ao Imposto de Renda é muito antigo, onde está a ponto de ficar obsoleto.
e) A nova regulamentação traz vantagens Porque aproveita 10% das mais de 500 contribuições recebidas nos três meses de audiência pública.

919. Assinale o grupo de palavras que completa adequadamente as lacunas do período,

Os contribuintes aos quais ______ fazer transferências de suas contas para as de outros, devem preferir, nessas oportunidades, contas conjuntas _____ individuais. Tais operações, _______ aludimos aqui, são realizadas através de documento ______ preparação é específica.

a) convêm – que – que – de cuja.
b) convêm – do que – em que – a cuja.
c) convem – do que – que – em cuja.
d) convém – a – que – cuja.
e) convém – a – a que – cuja.

TRE / RJ - ANALISTA DE SUPORTE
NOVEMBRO DE 1995 – 3º GRAU

Texto

VERGONHA

Será que a gente somos corrupto? De nascença? Por natureza? Alguma coisa na água, ou no leite da mãe? Em Paris nos aconselhavam a não dizer que éramos brésiliens, pegava mal. Lá é quase sinônimo de travesti. Devíamos dizer *du Brésil* – para não acabar dizendo “brasileiros, mas no bom sentido”. Nos Estados Unidos, o Brasil é o Grande Caloteiro. No cinema americano, é tradicionalmente para o Brasil que vêm os bandidos, pelo menos os que conseguem escapar com a grana. Muito do nosso folclore é baseado no autodesprezo: somos a terra do malandro, do indolente, do encostado. Somos, paradoxalmente, a raça do jeito pra tudo e a raça que não tem jeito mesmo. Existiria, no brasileiro, uma falha estrutural que frustraria todas as tentativas de reformá-lo. Uma maldição mais forte que o remorso, mais forte, até, do que a informatização Os computadores, feitos para evitar o contágio da esperteza humana, da esperteza da caneta e do papel carbono, sucumbiriam à maldição assim que um dedo brasileiro os tocasse Misteriosamente, só pelo convívio. Todas as nossas tentativas de regeneração acabariam na frase terrível, no epíteto fatal: sabe como é brasileiro . . .

Ou então há uma certa faceirice na nossa autocondenação Uma certa gabolice. Não somos menos morais do que outros povos mas gostamos de dizer que somos. Tem algo a ver com o nosso tamanho. Nosso mar de lama não é maior que outros, a extensão da nossa costa é que nos dá delírios de baixeza. Nossa alma amazônica não se satisfaz com pequenas falcatruas, queremos pororocas de sujeira, dilúvios de canalhice. O rombo é de trilhões ! O escândalo da Previdência seria apenas mais uma prova de que não temos jeito mesmo. Mas o escândalo da Previdência é antigo, é um escândalo institucionalizado, é o escândalo do descaso histórico do Estado com o cidadão no Brasil, da classe dominante com a classe ludibriada. Todas as sociedades deste lado do mundo são, de um jeito ou de outro, cleptocracias, construídas pelos mais espertos. Nas que deram certo o proveito deste pioneirismo dos canalhas foi distribuído, nas que continuam dando errado só uma minoria aproveita seus próprios crimes, enquanto convence a maioria de que seu caráter é que a derrota. Resolvida a atual crise no sistema – ou, o que é mais provável, não resolvida a crise mas terminado o barulho – continuará o escândalo maior. Vergonhosas não são as listas de benefícios adulteradas, são as listas que estão certas.

(LUIS FERNANDO VERÍSSIMO – “Comédias da Vida Pública”- p. 240/241.)

920. Segundo o texto, a frase que apresenta (ao contrário das outras) um aspecto aparentemente positivo em relação ao homem brasileiro é:
a) “ ... somos a terra do malandro, do indolente, do encostado ... (L. 7)
b) “... Somos, paradoxalmente, a raça do jeito pra tudo ...” (L. 8)
c) “... Os computadores [...] sucumbiriam à maldição assim que um dedo brasileiro os tocasse ...” (L. 11/13)
d) “ ... sabe como é brasileiro ...” (L. 14)
e) “ ... O escândalo da Previdência seria apenas mais uma prova de que não temos jeito mesmo ...” (L. 20/21)

921. Segundo o texto, a maldição que faz malograr todas as tentativas de recuperação do brasileiro é devida, fundamentalmente:
a) à sua raça inferior
b) a uma falha de sua estrutura
c) ao seu folclórico autodesprezo
d) à esperteza da natureza humana
e) ao convívio com os modernos computadores

922. Veríssimo usa várias imagens (substantivos e/ou adjetivos) que indicam “grande quantidade” ou “exagero”. Faz exceção, entretanto, o termo sublinhado, em:
a) “... Nosso mar de lama não é maior que outros ...” (L. 17)
b) “... queremos pororocas de sujeira ...” (L. 19)
c) “... queremos (...) dilúvios de canalhice...” (L.19)
d) “... Nossa alma amazônica não se satisfaz com pequenas falcatruas ... (L. 18/19)
e) “... O rombo é de trilhões ! ...” (L. 20)

923. No texto, os vocábulos “gabolice” (L. 15) e “cleptocracias” (L. 24) podem ser substituídos por:
a) clepsidra / basófias;
b) tolice / clopemanias;
c) baixeza / cleptomanias;
d) modéstia / governos nobres;
e) fanfarronice / governos do roubo.

924. O **erro** grosseiro de concordância da primeira frase do texto pode ter várias interpretações possíveis. Uma delas - já que esse erro seria inadmissível para um escritor como Luis Fernando Veríssimo – é que ele:
a) buscou, descuidadamente, deixar em sua obra um forte exemplo de silepse de número.
b) tentou, eventualmente, criticar alguns dos “mortais” da Academia Brasileira de Letras.
c) procurou, visivelmente, mudar as regras mais banais de concordância verbal.
d) quis, possivelmente, patentear a idéia de corrupção no próprio erro lingüístico.
e) desejou, delicadamente, enfatizar as incoerências da língua portuguesa.

925. Das alternativas abaixo, a que apresenta a forma “por que” – preposição + pronome relativo – empregada corretamente é:
a) Por quê você vai sair ?
b) Ele saiu por que teve necessidade.
c) A causa por que lutamos é inglória.
d) Diga-me o por que desse problema.
e) Preciso ir ao banco por que não tenho dinheiro.

926. Há **erro** no emprego do acento grave indicativo da crase na palavra sublinhada em:
a) Graças à professora, todos sabiam escrever bem.
b) Parece que todos nós vamos à Copacabana.
c) Em seguida, o orador fez alusão àquele pedido.
d) Os funcionários se referiam à decisão do diretor.
e) Não queremos ir àquela reunião do clube.

927. A frase em que a colocação do pronome está de acordo com a tradição gramatical é:
a) Tu não ajudas-me.
b) Não vê-lo-ei mais.
c) Eu amarei-te sempre.
d) Hoje, não te aguardarei.
e) Dada-me a solução poderemos sair.

928. Há **erro** de concordância em relação ao verbo sublinhado na seguinte frase:
a) Quantos de nós saíram desta faculdade?
b) Os Estados Unidos deverão sediar a próxima olimpíada.
c) Apesar de tudo não estavam satisfeitos o procurador e eu.
d) A maioria dos habitantes ficou na cidade durante os feriados.
e) Aquele deputado era um dos que não perdiam nenhuma sessão.

929. A alternativa que apresenta **erro** quanto ao uso do pronome relativo regido ou não de preposição é:
a) Já li o texto de cujas opiniões necessitaste.
b) Conheço as moças a quem você se refere.
c) Apanhei os livros que esqueci na Faculdade.
d) Já redigi a história de cujo enredo extraí a poesia.
e) Você ainda não me falou dos alunos a quem tanto gosta.

930. “Em Paris nos aconselhavam a não dizer que éramos *brésiliens*, pegava mal”
Nesta frase, o verbo sublinhado indica uma indicação que:
a) aconteceu ou não;
b) ocorre habitualmente no passado;
c) é anterior a outra também passada;
d) é posterior à época de que se fala;
e) acontece no momento em que se fala;

931. A alternativa que apresenta **erro** quanto ao emprego do pronome é:
a) Comprei livros para eu os ler
b) Entre eu e você nunca houve discórdia.

c) Em você querer e eu atender, há um limite.
d) Há muita semelhança entre você e nossa filha.
e) Nasceu uma grande amizade entre mim e meus irmãos.

932. O substantivo que só se emprega em um gênero gramatical é:
a) artista;
b) mártir;
c) intérprete;
d) selvagem;
e) testemunha;

933. A alternativa em que todas as palavras são acentuadas por obedecerem à mesma regra é:
a) raízes – baú – baía;
b) você – paletó – aí;
c) Grajaú – saúde – júri;
d) úmido – último – saída;
e) âmago – revólver – protótipo;

934. Das frases abaixo, a que apresenta as duas formas verbais empregadas, corretamente, é:
a) Os juízes não interviram na briga se ele mantivesse a palavra.
b) Os juízes não intervieram na briga se ele mantesse a palavra.
c) Os juízes não interviriam na briga se ele mantivesse a palavra.
d) Os juízes não interviram na briga se ele mantesse a palavra.
e) Os juízes não intervirão na briga se ele manter a palavra.

935. A frase que infringe a regência verbal é:
a) Hoje, já assistimos à missa.
b) Eles hão de passar de ano.
c) Ele não lhe viu na reunião.
d) Todos nós visamos a um bom emprego.
e) Mediante esse concurso, aspiro a um bom emprego.

936. A grafia do vocábulo sublinhado está **incorreta** na seguinte frase:
a) O tribunal pesquisou a vida dos réus.
b) As águas deslizavam mansamente pelo canal.
c) É necessário que os jogadores viajem cedo.
d) A censura é um impecilho à criação artística.
e) O Presidente era a figura mais eminente da reunião.

937. Em relação à concordância verbal, a alternativa que contraria a norma culta da Língua Portuguesa é:
a) Quem eram os convidados?
b) Eram um padre e uma freira.
c) Era uma vez um gato e um rato.
d) Fui eu o primeiro que terminou a prova.
e) Éramos dois perdidos que encontraram o retorno.

938. O conectivo sublinhado estabelece uma relação **inadequada** (coesão mal feita) na seguinte alternativa:
a) Saí da sala quando ouvi o sinal.
b) Embora o time tenha jogado bem, ele venceu.
c) Como estava viajando, deixou de comparecer à reunião.
d) A violência impera na cidade, mas iremos assim mesmo.
e) A estréia da peça foi adiada, foi adiada, pois o ator principal está doente.

939. A oração que admite a passagem para a voz passiva está na seguinte frase:
a) Essa minoria aproveita os próprios crimes.
b) O escândalo maior continuará sempre.
c) Há uma certa faceirice na nossa auto-condenação.
d) Todas as sociedades deste lado do mundo são cleptocracias.
e) No cinema americano, os bandidos vêm sempre para o Brasil.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – (ECONOMISTA) OUTUBRO DE 1989 – 3º GRAU

Texto

Leia o texto abaixo e responda às questões que se seguem:

Embora mais aproximado o português que qualquer colonizador europeu da América do clima e das condições tropicais, foi, ainda assim, uma rude mudança a que ele sofreu transportando-se ao Brasil. (. . .)

O português vinha encontrar na América tropical uma terra de vida aparentemente fácil; na verdade dificílima para quem quisesse aqui organizar qualquer forma permanente ou adiantada de economia e sociedade. Se é certo que nos países de clima quente o homem pode viver sem esforço da abundância de produtos espontâneos, convém, por outro lado, não esquecer que igualmente exuberantes são, nesses países, as formas perniciosas de vida vegetal e animal, inimigas de toda cultura agrícola organizada e de todo trabalho regular e sistemático.

No homem e nas sementes que ele planta, nas casas que edifica, nos animais que cria para seu uso ou subsistência, nos arquivos e bibliotecas que organiza para sua cultura intelectual, nos produtos úteis ou de beleza – em tudo se metem larvas, vermes, insetos, roendo, esfuracando, corrompendo. Semente, fruta, madeira, papel, carne, músculos, vasos linfáticos, intestinos, branco do olho, os dedos dos pés, tudo fica à mercê do inimigo.

Foi dentro de condições físicas assim adversas que se exerceu o esforço civilizador dos portugueses nos trópicos. Tivessem sido aquelas condições as fáceis e doces de que falam os panegiristas da nossa natureza e teriam razão os sociólogos e economistas que, contrastando o difícil triunfo lusitano no Brasil com o rápido e sensacional dos ingleses naquela parte da América de clima estimulante, flora equilibrada, fauna antes auxiliar que inimiga do homem, condições agrológicas e geológicas favoráveis, onde hoje esplende a formidável civilização dos Estados Unidos, concluem pela superioridade do colonizador louro sobre o moreno.

(Gilberto Freyre - "Casa-grande & senzala; Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1981)

940. Em relação ao que se lê no 1º parágrafo do texto, o 2º constitui uma:
a) comparação;
b) concessão;
c) explicação;
d) conseqüência;
e) finalidade.

941. Considerados os dois primeiros parágrafos do texto, verifica-se que o Autor:
a) parte da generalização para a especificação.
b) parte da especificação para a generalização.
c) apresenta especificações em ambos os parágrafos.
d) apresenta generalizações nos dois parágrafos.
e) configura generalizações e especificações nos dois parágrafos.

942. Assinale a informação que o 2º parágrafo **NÃO** contém:
a) Exigia grande esforço, na América tropical, a implantação de uma estrutura social e agrícola ordenada e metódica.
b) O extrativismo espontâneo constitui um meio seguro de subsistência para o homem que vive em regiões quentes.
c) Em países de clima quente, o homem tem de lutar contra condições adversas, representadas principalmente por animais e vegetais nocivos.
d) O português que veio para o Brasil encontrou uma terra fértil e fácil de dominar, na qual, "em se plantando, tudo dá."
e) Diante de uma natureza exuberante, o esforço colonizador do português se defrontou; contudo,com obstáculos decorrentes de facilidades apenas aparentes.

943. No 3º parágrafo, o Autor apresenta:
a) um desenvolvimento exemplificativo dos argumentos dados no parágrafo anterior.
b) as características climáticas, que pendulam entre frio extremo e calor sufocante.
c) uma relação completa dos males causados por vermes e insetos em países de clima tropical.
d) a perplexidade do homem diante de condições favoráveis à colonização da terra.
e) os animais, os vegetais e os seres humanos que constituíram verdadeiros obstáculos à permanência aqui do colonizador português.

944. O Autor assim resume sua argumentação:
a) Segundo os sociólogos e economistas, as condições adversas encontradas pelos portugueses obstaculizaram o rápido desenvolvimento da Colônia.
b) A extraordinária civilização dos Estados Unidos se deveu, primordialmente, à origem saxônica de seus colonizadores, incapazes de explorar a exuberância da natureza.
c) Os portugueses optaram por colonizar um território situado em região tropical, cujo clima, mais ameno, se aproxima do de sua terra de origem.
d) Se as condições encontradas em nossa terra pelos colonizadores portugueses fossem as mesmas oferecidas aos ingleses, não haveria tamanho desequilíbrio entre o progresso norte-americano e o brasileiro.
e) O esforço colonizador dos portugueses foi responsável pelas condições adversas que só uma vasta área tropical poderia proporcionar.

945. Constitui a idéia central do texto, como um todo:
a) A abundância de produtos naturais em países de clima quente.
b) A impassibilidade do homem diante dos caprichos da natureza.
c) A ação destruidora de vermes e insetos.
d) A riqueza inigualável do solo brasileiro.
e) O clima como fator de progresso.

946. "Criança ! Não verás nenhum país como este !
Olha que céu ! que mar ! que rios e que florestas !
A natureza aqui, perpetuamente em festa,
É um seio de mãe a transbordar carinho!"
(Olavo Bilac)

O texto de Gilberto Freyre e os versos de Olavo Bilac vêem o Brasil sob prismas diferentes. Assinale o único ponto em que os dois autores concordam;
a) A importância da criança na construção do futuro do Brasil.
b) A prodigalidade e opulência da natureza brasileira.
c) A natureza brasileira, sempre mãe, nunca madrasta.
d) A natureza brasileira, ora mãe, ora madrasta.
e) A invejável superioridade do Brasil sobre os outros países.

947. Na questão anterior em relação ao Brasil, os versos de Olavo Bilac revelam uma atitude;
a) irônica;
b) pessimista;
c) realista;
d) ambígua;
e) ufanista.

948. Assinale a opção em que a palavra sublinhada **NÃO** pertence à classe gramatical dada entre parênteses:
a) Embora mais aproximado o português ... (conjunção subordinativa)
b) ... foi, ainda assim, uma rude mudança a que ele sofreu. (pronome demonstrativo).
c) ... para quem aqui quisesse organizar qualquer forma permanente ... (pronome indefinido)
d) Foi dentro de condições físicas assim adversas ... (locução conjuntiva)
e) ... condições agrológicas e geológicas favoráveis, onde hoje esplende a formidável civilização ... (pronome relativo)

949. Assinale a opção em que se **ERROU** na classificação do elemento mórfico em destaque:
a) aproximadO – O – desinência de gênero;

b) meteM - M - desinência número-pessoal.
c) difíciL - L - sufixo.
d) TRANSportando - TRANS - prefixo.
e) exercEu - E - vogal temática.

950. Assinale a opção em que houve **ERRO** na classificação da oração sublinhada:
a) Embora a natureza fosse exuberante, havia aqui obstáculos quase intransponíveis. (oração subordinada adverbial concessiva)
b) Larvas se metem nas sementes que os homens plantam. (oração subordinada adjetiva restritiva)
c) O colonizador português tinha certeza de que encontraria terras férteis e clima ameno. (oração subordinada substantiva objetiva indireta)
d) Tivessem sido outras as condições climáticas, o colonizador português se teria equiparado ao inglês. (oração subordinada adverbial condicional)
e) Convém não esquecer as riquezas do Brasil. (oração subordinada substantiva subjetiva)

951. Assinale opção em que houve **ERRO** de pontuação:
a) Eduardo, estuda a tua lição.
b) Estude a sua lição, Eduardo.
c) A lição, Eduardo a estuda.
d) Eduardo, estuda a sua lição.
e) Estuda a tua lição, Eduardo.

952. Assinale a opção em que houve **ERRO** de conjugação verbal:
a) Se ele repor a quantia devida, tudo estará resolvido.
b) Quando eu vir o filme, darei minha opinião.
c) Os candidatos se houveram bem na prova.
d) O rapaz se desaveio com os colegas.
e) Quando refizeres o trabalho, poderás sair.

953. Assinale a opção cuja lacuna se preenche corretamente com a preposição A:
a) Este é o local ____ cujas belezas o povo tanto se orgulha.
b) Este é o local ____ cuja riqueza os historiadores se referem.
c) Este é o local ____ cuja preservação todos concordam.
d) Este é o local ____ cujas praças se realizam concertos sinfônicos.
e) Este é o local ____ cujo tombamento todos lutam.

954. Assinale a opção em que houve **ERRO** de concordância verbal:
a) Cerca de trinta pessoas visitaram a cidade.
b) Freqüentemente, realizam-se festas naquela fazenda.
c) Precisa-se de costureiras com experiência.
d) Tu e ela cantais multo bem.
e) Existia, antigamente, bondes puxados a burro.

955. Assinale a opção em que o A deve receber o acento grave indicativo de crase:
a) Contarei a ela tudo o que ouvi.
b) Um barco a vela cortava o mar tranqüilo.
c) A que tipo de civilização você se refere?
d) Só a partir de então ele concordou conosco.
e) Bernardo se submeteu a ordem da professora.

956. Assinale a opção em que os prefixos se opõem pelo sentido:
a) abjurar / adjunto.
b) ilegal / ateu.
c) circunscrever / perímetro.
d) prefácio / prólogo.
e) introduzir / endovenoso.

957. Assinale a opção em que a colocação do pronome pessoal átono é **INACEITÁVEL** em relação à norma culta:
a) Vê-lo-ei assim que puder.
b) Pretendia dizer-lhe um segredo.
c) Podes-me emprestar um lápis?
d) O povo tinha dado-lhe um voto de confiança.
e) Nunca o vimos tio abatido como agora.

958. Assinale a opção em que a alteração processada na frase “Embora as condições fossem desfavoráveis, o colonizador português não desanimou” altera sensivelmente o seu sentido:
a) Apesar de as condições serem desfavoráveis, o colonizador português não desanimou.
b) Desfavoráveis que fossem as condições, o colonizador português não desanimou.
c) Por serem desfavoráveis as condições, o colonizador português não desanimou.
d) Ainda que as condições fossem desfavoráveis, o colonizador português não desanimou.
e) Mesmo sendo as condições desfavoráveis, o colonizador português não desanimou.

959. Em redação oficial, num ofício, ementa é:
a) a indicação do assunto a ser tratado.
b) a saudação inicial.
c) uma espécie de errata.
d) o desenvolvimento do texto.
e) a confirmação a um ofício interior.

TRE / RJ - TÉCNICO JUDICIÁRIO (ÁREA FIM)
NOVEMBRO DE 1995 – 3º GRAU

Texto
O JOVEM E A DROGA

Vera Malaguti Batista

A economia liberal é a força motriz do desenvolvimento do mercado de drogas legais e ilegais. O consumo delas é regulado pela lei da oferta e da demanda. Mas, além disso, há uma carga ideológica e emocional em torno do assunto, que criou o mito da droga, disseminado pela mídia e acolhida pelo imaginário social, a partir de uma estratégia dos países capitalistas, responsáveis pela demanda por drogas no mercado internacional.

(...)

Na verdade, o problema da droga é econômico e ideológico. Com a transnacionalização da economia, materializam-se novas formas de controle. Foi criado um sistema jurídico-penal com o fim de criminalizar e penalizar determinadas drogas. É curioso observar que se penaliza sobretudo aquelas vindas das economias periféricas (maconha e cocaína produzidas na América Latina) enquanto se permite as ligadas à grande indústria (álcool e anfetaminas).

O sistema neoliberal produz uma visão esquizofrênica das drogas, especialmente a cocaína. Por um lado, estimula a produção e circulação dela; e por outro lado constrói um arsenal jurídico e ideológico de demonização e criminalização desta mercadoria.

Para compreender o impacto da cocaína dos anos 70 em diante, é importante mencionar a crise mundial a partir de 1967 e o modelo recessivo que se segue até 1982, com o aumento de inflação e desemprego gerando uma reestruturação da economia mundial.

A rentável cocaína passa a contar com um sistema de divisão de trabalho. Algumas regiões da América Latina se especializam na produção de folhas, outras na fabricação da pasta e refino, outras na comercialização.

No Rio de Janeiro, que não produz cocaína, a partir dos anos 70 houve o fortalecimento gradual do seu consumo. A disseminação traz como contrapartida a especialização da mão-de-obra das comunidades periféricas na venda ilegal. Começam a aumentar nas delegacias, no juizado de menores, nas unidades de atendimento ao jovem as infrações relacionadas à sua posse, consumo ou venda.

São criados juridicamente dois estereótipos. Aos jovens de classe média que a consomem aplica-se o estereótipo médico, e aos jovens pobres que a comercializam, o estereótipo criminal.

(...)

Num contexto de aprofundamento de uma economia recessiva e de enfraquecimento das políticas sociais básicas, um contingente cada vez maior de jovens pobres vai sendo recrutado a cumprir sua triste sina, seu papel trágico na nova divisão internacional do trabalho. A cocaína - a droga neoliberal, símbolo de êxito e de *status* entre seus consumidores *(yuppies high-tech*, jovens empresários, executivos de bolsa de valores) tem como contrapartida a destruição da juventude pobre das nossas favelas, lançada pela lei de mercado, à criminalização e ao círculo viciado da violência urbana.

(Cadernos do Terceiro Mundo nº 178 - Editora Terceiro Mundo.)

960. De acordo com o texto, do ponto de vista jurídico foram criadas duas matrizes. A primeira para aquele que se serve da droga e a segunda para o que a negocia. Essa dicotomia é, respectivamente:
a) rico / pobre.
b) crime / pena.
c) médico / crime.
d) neoliberal / liberal.
e) consumo / comércio.

961. Segundo a autora, uma das causas de participação dos jovens pobres no mercado ilegal das drogas é:
a) a violência urbana.
b) a economia recessiva.
c) uma busca de “status”.
d) a existência de favelas.
e) a ausência de política cultural.

962. Segundo o texto, a reestruturação da economia mundial deve ser levada em conta para:
a) criminalizar e penalizar determinadas drogas.
b) estimular a produção e circulação da cocaína.
c) compreender o impacto da cocaína dos anos 70 em diante.
d) construir um arsenal jurídico e ideológico de demonização da droga.
e) liberar a força motriz do desenvolvimento do mercado de drogas legais e ilegais.

963. No texto, a autora estabelece várias relações de causa e conseqüência. Esta relação (mantida a ordem causa-conseqüência) está presente em:
a) consumo de cocaína – crise mundial.
b) aumento da inflação – novas técnicas de comercialização.
c) criação de novas delegacias – aumento de infrações jurídicas.
d) sistema neoliberal – demonização e criminalização da cocaína.
e) disseminação da cocaína – desenvolvimento da grande indústria.

964. De acordo com o primeiro parágrafo do texto, depreende-se o conceito de que:
a) a economia neoliberal tem como subproduto permanente uma carga ideológica e emocional.
b) o mercado das drogas também está sujeito às regras da lei de oferta e procura.
c) a estratégia dos países capitalistas no combate às drogas foi criada pela mídia.
d) a relação entre o mito da droga e o imaginário das pessoas inexiste.
e) os países subdesenvolvidos são os maiores consumidores de droga.

965. “... que não produz cocaína ...” (L. 24)
No texto, a oração acima, está separada por vírgulas. Esta mesma regra do uso da vírgula foi empregada na seguinte frase:
a) “Meu canto de morte, guerreiros, ouvi !”.
b) Este projeto, embora seja bom, não será aprovado.
c) Ela falou com um homem de quarenta anos, bem magro, baixo.
d) “Iracema”, cujo autor é José de Alencar, narra o amor infeliz da heroína.
e) “Grande Sertão: Veredas”, a obra-prima de Guimarães Rosa, apresenta grandes inovações lingüísticas.

966. O pronome lhe tem valor possessivo na seguinte alternativa:
a) João lhe pediu desculpas.
b) Admiro-lhe a inteligência penetrante.
c) O porteiro entregou-lhe as cartas do inquilino.
d) Depois da ameaça, o funcionário obedeceu-lhe.
e) O chefe deu-lhe instruções precisas sobre o projeto.

967. A frase em que há **erro** quanto à flexão do verbo sublinhado é:
a Eles vêm para que eu meça suas alturas.
b) Ele sempre se precaveu diante dos fatos duvidosos.
c) Eles têm que pagar a multa antes que dêem queixa à polícia.
d) Você há de convir que ele não interviu na resolução do problema.
e) É necessário que você requeira um atestado para justificar suas faltas.

968. A série em que há **erro** de grafia no emprego das letras “j”, “x” e” “z” é:
a) monje, xarque, juz.
b) jeito, xale, destreza.
c) jibóia, xarope, atroz.
d) jeca, xodó, prazer.
e) pajé, xícara, abalizado.

969. A frase em que a concordância nominal está **incorreta** é:
a) Sempre digo que nós não estamos só.
b) É meio-dia e meia, disse o professor.
c) A menina estava com sapatos e bolsa escuros.
d) Choveu no quarto embora a janela estivesse meio aberta.
e) Durante meu curso de Direito, pude adquirir bastantes conhecimentos.

970. De acordo com a norma culta, a regência do verbo sublinhado está **incorreta** em:
a) O sucesso, quem não o aspira?
b) Ele prefere ser preso a ir para a guerra.
c) Os objetivos a que eles visam são torpes.
d) Você assistiu a todos os jogos do Flamengo?
e) Ninguém tinha coragem de desobedecer a ele.

971. A alternativa em que a concordância do verbo sublinhado está **incorreta** é:
a) Nem um nem outro candidato a presidente do clube merece crédito.

b) Deveria haver muitas dúvidas em relação àquela pergunta.
c) Mulheres, crianças, soldados, ninguém escapou com vida.
d) Os Estados Unidos são um país bastante desenvolvido.
e) Fazem três anos que aquele corretor faleceu.

972. O verbo sublinhado que está na voz passiva com pronome apassivador (voz passiva sintética) é:
a) O carro ficou cercado pela multidão.
b) O homem se ferira ao descascar a laranja.
c) Elas se odeiam por razões misteriosas.
d) Lavam-se cortinas e tapetes por preços módicos.
e) Todos se queixaram da nova exigência eleitoral.

973. A alternativa em que a forma verbal grifada **não** corresponde à indicação entre parênteses é:
a) Telefone-me para eu saber do resultado. (futuro do subjuntivo)
b) Comprei o jornal para que nós o leiamos. (presente do subjuntivo)
c) Quando viermos do trabalho, passaremos na sua casa. (futuro do subjuntivo)
d) Se você requeresse o processo, poderia ganhar a causa. (imperfeito do subjuntivo)
e) Eu tinha feito todos os exercícios de Português. (pretérito-mais-que-perfeito composto do indicativo)

974. De acordo com a norma culta, há **erro** na colocação do pronome sublinhado na seguinte alternativa:
a) A paz lhes seja concedida.
b) O júri vai entregar-lhe o prêmio amanhã.
c) Não lembrarei-me nunca do que você disse.
d) Eu já tinha lido aqueles livros que me derram.
e) O professor disse-nos que não haveria mais tempo.

975. A frase em que há **erro** no que se refere ao emprego do acento grave, indicador de crase, é:
a) Já chegamos à Bahia.
b) O professor falara àquele aluno.
c) Comi bacalhau à Gomes de Sá.
d) É importante obedecer às regras do jogo.
e) Dirijo-me à Vossa Eminência para pedir-lhe desculpas.

976. Há **erro** no emprego do pronome sublinhado, de acordo com a regência verbal, em:
a) Os cheques que ele visava eram de outra agência.
b) Os prêmios a que ele aspirava não serão concedidos.
c) São várias as cláusulas do contrato das quais ele desconfia.
d) Os programas a cuja elaboração ele assistira foram elogiados.
e) As propostas que o advogado se refere não explicitam as condições de venda.

977. A forma imperativa que **não** se relaciona com a pessoa indicada nos parênteses, é:
a) Olhai os lírios do campo. (Vós)
b) Trabalharemos com amor. (Nós)
c) Mostre logo seu dever. (Você)
d) Queiram sentar-se. (Senhores)
e) Sentai-vos. (Vossa Rceverendíssima)

978. A alternativa em que todas as palavras seguem a mesma norma de acentuação é:
a) mídia – régua – lírio.
b) cocaína – cafeína – êxito.
c) países – responsáveis – álbum.
d) heroína – estratégia – estereótipo.
e) periféricas – econômico – rentável.

979. A frase que possui a flexão **errada** do substantivo sublinhado é:
a) Juninho marcou dois gols.
b) Os cristãos tinham tudo em comum.
c) Os escrivães já entregaram as atas.
d) Chegaram cedo os cônsules brasileiros.
e) Reconhecemos as firmas nos tabeliões.

MINISTÉRIO DA SAÚDE
(ÁREA MÉDICA) – 1995 – 3º GRAU

Texto

A LISTA DO BETINHO

Jurandir Freire Costa

Betinho recebeu dinheiro da contravenção. A notícia explodiu como uma bomba. De um lado, cínicos, delinqüentes, enfim, todo coro de ratos e vermes bate palmas e pede bis. Dia de festa na sarjeta! Do outro lado, surpresa e consternação. Os brasileiros honrados perguntam-se: será que ninguém, neste triste país, escapou impune da lama? É a estes que me dirijo; aos que acreditam num país melhor, mais justo e mais livre. Aos primeiros, aos imorais, Biscaia, Frossard e Bangu I, II, III ... ou quantas existirem. Em dose dupla, de preferência.

Um erro político? Certamente. O próprio Betinho, com a honestidade que lhe é característica, afirmou. Um erro moral? Isto merece discussão. Um ato moralmente errado é aquele que contradiz princípios éticos universalmente válidos para uma dada tradição. Aceitar dinheiro espúrio, vindo do mais baixo banditismo, suspeito inclusive de financiar o tráfico de drogas, é contra nossos princípios morais. Fora do contexto histórico, a sentença é perfeita. Acontece que o dinheiro recebido foi transferido para a ABIA. Isto não é justificativa, pode-se dizer. Ele cedeu à facilidade;

os fins não Justificam os meios! De fato, a afirmação é justa, salvo em casos excepcionais. Mas existem exceções à ética; isto não é casuísmo moral? Replico, não existem exceções à ética; existem decisões que não são reconhecidas de imediato como éticas, dadas as circunstâncias em que são tomadas. Estas circunstâncias são aquelas em que *o fim visado é a preservação da vida ou da mais elementar dignidade da pessoa humana*. Falemos em português claro. Betinho – será preciso gritar! – não recebeu dinheiro para construir casas em Angra dos Reis ou Búzios; para mandar os filhos esquiar em Courchevel, Gstaad ou St. Moritz; para importar BMW ou Mercedes; para ser fotografado em colunas sociais ou para engordar os cofres de Zurique ou Nova York, prevendo o possível estouro da "roubalheira". O dinheiro da contravenção foi usado na ajuda ao tratamento e à prevenção da Aids. Alguém sabe o que é Aids no Brasil? Aids no Brasil não é feita xde Tom Hanks, Antonio Banderas, óperas cantadas por Maria Callas, baladas de Bruce Springsteen, amigos carinhosos e famílias moralmente perfeitas, como em *Filadélfia*. Aids no Brasil é mais feio, sujo e degradante do que a mágica hollywoodiana dos bons sentimentos em busca do Oscar. É uma praga de milhares de "Zés da Silva", portadores de uma doença epidêmica e letal e, em muitos casos, da etiqueta infame e preconceituosa de "homossexualidade", que os condena a morrer à míngua, em meio à indiferença das "boas consciências éticas".

Aids no Brasil quer dizer morte ao relento pela carência de assistência pública ou *pela recusa freqüente da medicina privada em assistir doentes que não dão lucro*. Tem mais, o caso da Aids, da ABIA e do dinheiro recebido pelo Betinho é o retrato mesquinho de uma nação cuja elite apodreceu e arrasta tudo ao redor para o dilema sórdido de "a bolsa ou a vida" ou "sem bolsa nada de vida" !

(...)

("A Ética e o Espelho da Cultura".
Ed. Rocco - 1994 - pág. 98).

980. A menção a Biscaia e Frossard (l. 10), no 1º parágrafo, serve como exemplo de brasileiros que
a) recebem dinheiro da contravenção.
b) combatem o crime organizado através da lei.
c) ficaram surpresos e consternados com a atitude de Betinho.
d) também não escaparam do mar de lama da corrupção.
e) buscam uma solução para a violência por meio da intervenção militar.

981. Segundo o autor, em sua conclusão o ato de Betinho **NÃO** deve ser considerado moralmente **ERRADO** porque:
a) os fins justificam os meios.
b) as exceções à ética constituem um casuísmo moral
c) receber dinheiro de marginais não chega a ferir nossos princípios morais
d) as circunstâncias do seu ato impediram que sua decisão fosse classificada como ética (ou não ética)
e) é um princípio ético, de acordo com a nossa tradição, receber dinheiro da marginalidade para fins beneficentes.

982. Ao mencionar "os cofres de Zurique ou Nova York" (l. 40/41), o autor faz claras referências a todos aqueles que:
a) se homiziam nessas cidades para fugir à ação da justiça.
b) pensam estar, nessas cidades, livres de situações politicamente adversas.
c) escondem seu dinheiro sujo em bancos estrangeiros.
d) admiram os países tipicamente capitalistas do Primeiro Mundo.
e) vêem essas duas cidades como símbolos maiores da nossa civilização ocidental capitalista.

983. O autor caracteriza a AIDS no Brasil de vários modos. **EXCETUA-SE**, por não estar no texto, a característica:
a) Essa doença está, preconceituosamente, ligada à homossexualidade.
b) As pessoas humildes freqüentemente não tem recursos para se tratarem.
c) Os aidéticos, em geral, não dispõem de hospitais públicos aparelhados para o seu tratamento.
d) Os "planos de saúde" (privados), com freqüência, negam assistência médica aos aidéticos.
e) Essa doença tem servido como tema de filmes de denúncia.

984. De acordo com o texto, podemos estabelecer várias correlações. Faz **EXCEÇÃO**, por incoerente e inexistente no texto, a correlação da alternativa:
a) ABIA – comércio de drogas.
b) AIDS - filme hollywoodiano.
c) elite brasileira – fascínio por dinheiro.
d) Bangu I, II, III – delinqüentes.
e) BMW ou Mercedes - símbolos de riqueza.

985. Em relação à regência do verbo **ASSISTIR** a única afirmação **INCORRETA** é:
a) No texto (l. 60) a regência está correta (transitivo direto) porque ele significa *ajudar, socorrer*.
b) No sentido de *presenciar, estar presente* a norma culta determina a regência com a preposição a (transitivo indireto)

c) Embora o uso prescrito pela gramática, na linguagem popular esse verbo, no sentido de *presenciar, estar presente* é transitivo direto, usado sem preposição.
d) Num emprego praticamente em desuso, o verbo é intransitivo, significando *morar, residir.*
e) Houve erro do autor ao empregar no texto (I. 60) o complemento do verbo sem preposição.

986. Um dos empregos da vírgula é separar termos coordenados, isto é, termos que exercem a mesma função sintática. **O ÚNICO** exemplo do uso da vírgula que **NÃO** corresponde a esse caso está na alternativa:
a) "... para mandar os filhos esquiar em Courchevel, Gstaad ou St. Moritz ..." (I. 37/38).
b) "Aids no Brasil não é feita de Tom Hanks, Antonio Banderas, óperas cantadas por Maria Callas ..." (I. 44/45/46).
c) "... ou para engordar os cofres de Zurique ou Nova York, prevendo o possível estouro da 'roubalheira'." (l. 40/41/42).
d) "... o caso da Aids, da ABIA e do dinheiro recebido pelo Betinho ..." (I. 61/62).
e) "... aos que acreditam num pais melhor, mais justo e mais livre", (I. 8/9).

987. Segundo a norma culta, a substituição do termo sublinhado por um pronome está **INCORRETA** (pelo uso ou colocação) na alternativa:
a) Ele não vai aceitar dinheiro espúrio.
Ele não vai aceitá-lo.
b) O deputado recebeu dinheiro da contravenção.
O deputado recebeu-o .
c) Os brasileiros honrados condenam essas acusações.
Os brasileiros honrados condenam-nas.
d) Ele nunca fez tal declaração.
Ele nunca fê-la.
e) A Polícia dava proteção aos traficantes.
A Polícia lhes dava proteção.

988. A alternativa em que **TODAS** as palavras estão grafadas **CORRETAMENTE** é:
a) ascensão – privilégio – hospitalizar – acessível.
b) sinusite – pretenção – ressuscitar – dançar.
c) conciência – discípulo – lascivo – pichar.
d) analizar – deslizamento – cateter – assessor.
e) intertício – coonestar – empecilho – propensão.

989. O termo sublinhado exerce a função de **SUJEITO** em:
a) Isto não é justificativa.
b) Os fins não justificam os meios.
c) O dinheiro foi recebido pelo senador.
d) Aceitar dinheiro espúrio, é contra nossos princípios morais.
e) Não existem exceções à ética.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA,
FAZENDA E PLANEJAMENTO
ANALISTA DE FINANÇAS E CONTROLE
ABRIL DE 1992 (3º GRAU)

Texto:

"Na Idade Média, ao contrário da festa oficial, o carnaval era o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante e do regime vigente, da abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios e tabus." M. Bakhtin, A Cultural popular na Idade Média e Renascimento, São Paulo, Hucitec Brasília, Ed. da UnB, 1987.

990. Indique o item em que as festas oficiais da Idade Média são caracterizadas de acordo com o que se depreende do texto acima.
a) Nessas festas, elaboravam-se formas especiais de comunicação, francas e irrestritas, impregnadas de uma simbologia da alegre relatividade das verdades e autoridades no poder.
b) Essas festas tinham por finalidade a consagração da desigualdade; nelas, as distinções hierárquicas destacavam-se intencionalmente.
c) Eram autênticas festas do tempo futuro, das alternâncias e renovações.
d) Essas festas opunham-se a toda perpetuação, a toda regulamentação e aperfeiçoamento, apontavam para um ideal utópico.
e) Contrastando com a excepcional segmentação em estados e corporações da vida diária, essas festividades sustavam a aplicação dos códigos correntes de etiqueta e comportamento.

Nas questões de nº **991** a **994** identifique o item sublinhado que contém erro de natureza ortográfica ou gramatical ou de impropriedade vocabular, e marque a letra correspondente.

991. Se bem que a Lei Suprema remeta à (A) lei ordinária estabelecer (B) as condições de capacidade para o exercício de profissões, nada impede, muito ao contrário recomenda, que o comando constitucional seja elastecido (C) no sentido de conferir ao profissional meios necessários ao exercício, atribuindo garantias, vantagens, certos direitos, prerrogativas e privilégios (D) não discriminatórios, como privacidade ou exclusividade, ou gozo (E) de situações ou "status"especiais.
a) A .
b) B .
c) C.
d) D.
e) E.

992. Certamente é boa política na administração dos imóveis federais evitar permaneçam (A) improdutivos. Todavia, qualquer prática a eles relacionadas (B) deve observar as prescrições legais com o necessário rigor. No caso presente, não se recusa a cessão pela forma encaminhada e não

acolhida até agora. Pode ser efetivada desde que venha ao processo a (C) prova de satisfação dos requisitos e condições necessárias (D) para essa modalidade de cessão. Ate que assim se faça inteirar (E) a proposta, não haverá condições de se opinar favoravelmente.

a) A. d) D.
b) B. e) E.
c) C.

993. A Secretaria de Finanças da Prefeitura do Município de são Paulo torna público (A) que, impreterivelmente, no próximo dia 15.10.91, no horário das 9 (nove) às (B) 18 (dezoito) horas, na (C) Av. Senador Queiroz nº 312,10º andar, Assessoria Financeira, acolherá propostas de instituições financeiras interessadas em adquirir Letras Financeiras do Tesouro do Município de São Paulo. A oferta em questão refere-se à (D) Edital nº 07/91. O Edital, em sua íntegra, será fornecido (E) aos interessados na sede da Assessoria Financeira nos dias 11, 14 e 15 de outubro de 1991.

a) A ; d) D;
b) B; e) E;
c) C;

994. Abramos ao acaso o Código Civil e levemos (A) um susto, por conta do primeiro funcionário brasileiro, ao qual se impõe, como aos simples cidadãos (B), o conhecimento da lei: Ninguém, diz o texto obrigatório, "se escusa (C) de cumprir a lei, alegando que não a conhece." Soletremos, neste jogo cego e perigoso de mexer em livros, o artigo 674. Lá se diz que são direitos reais, além da propriedade, a enfiteuse, as servidões etc. Na enumeração e nas disposições gerais não se alude (D) nenhum dever, em consonância com tais direitos. Da letra da lei civil concluir-se-á que a propriedade, a enfiteuse e o usufruto (E) não acarretam ou sugerem deveres? Basta um pequeno e sumário curso de cidadania - de cidadania e não de leitura – para se saber que o direito, esse e os outros, importam, pela sua essência, simultaneamente em deveres.

(Raymundo Faoro, com modificações).

a) A. d) D.
b) B. e) E.
c) C.

995. Marque o item que substitui a palavra sublinhada por um sinônimo, sem prejuízo do sentido do enunciado.

No mesmo momento em que a lavoura cafeeira alcança o zênite da sua prosperidade (primeiro decênio do século), uma outra atividade vem quase emparelhar-se a ela no balanço da produção brasileira: a extração da borracha. (Caio Prado Júnior)

a) declínio. d) índice.
b) aclive. e) ocaso.
c) ápice.

Nas questões de números **996** a **1003** marque o texto que contém defeito na estruturação sintática.

996.

a) Essa distinção - puramente de grau – decorre de uma maior ou menor valoração dos bens protegidos, razão pela qual um mesmo comportamento pode ensejar uma penalidade de natureza patrimonial, ao lado de outra privativa da liberdade, ou submeter o sujeito ativo a uma única sanção, o que se deve a questões de política legislativa.
b) Nesta análise cabe toda espécie de ilícito, seja civil, seja criminal. Não se aponta, em verdade, uma diferença ontológica entre um e outro. Há em ambos o mesmo fundamento ético: a infração de um dever preexistente e a impugnação do resultado à consciência do agente.
c) No exercício das atribuições que lhes são próprias, o Serviço de Patrimônio da União procede diligentemente por seu Órgão Central e Delegacias regionais, em cada um dos Estados da Federação, sempre com o sentido de defesa dos interesses da Fazenda Nacional.
d) Talvez quanto à conveniência administrativa, não seja essa a melhor solução. Mas aí o problema é outro. A uniformidade de trato da política bancária é desejável e, como tal, constitui solução de conveniência, assunto de política legislativa.
e) A comparação entre os dispositivos estatutários e os da lei regulamentada demonstra nitidamente que o Estatuto se situou estritamente dentro dos limites do poder regulamentar, inexistindo qualquer exorbitância.

997.

a) O nome BCCI não era muito conhecido até poucos meses, mas tornou-se um dos maiores pesadelos para cerca de três milhões de depositantes nos 69 países que o banco tinha agências.
b) Neste patamar, a Taxa Referencial reflete o cenário mais otimista para o comportamento dos preços no mês em curso: o de estabilidade.
c) No acumulado do ano, a evolução do índice de preços do setor atinge 96,61%, segundo dados divulgados pela Associação Brasileira do Vestuário (Abravest).
d) A entidade pretende embargar os portos e entrar com processo junto à Procuradoria-Geral da República, pedindo investigação sobre o que considera concorrência desleal.
e) O expediente de atrasar o pagamento de impostos tem sido usado por muitas empresas como recurso para obter capital de giro sem recorrer aos elevados juros bancários.

998.

a) O Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia do Estado de São Paulo CREA - SP avisa que expediu guias para pagamento da anuidade de 1991 aos profissionais que se encontram em débito, segundo seus cadastros.

b) O valor da cobrança está de acordo com a Resolução nº 355, do Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia - CONFEA publicado no Diário Oficial do Estado de São Paulo de 14/05/91.
c) O pagamento da anuidade deverá ser feito em Banco, em parcela única até o dia 12/08/91 como consta da guia de pagamento, ou de forma parcelada, com vencimentos nos dias 13/08/91 e 12/09/91.
d) Para pagamento de forma parcelada, o profissional deverá dirigir-se à sede do CREA-SP, situada na Rua Nestor Pestana, nº 87, São Paulo-SP, ou ao Posto de Atendimento de sua cidade.
e) Cumpre-nos alertar que, de acordo com as normas do Banco Central, se for escolhido o pagamento parcelado, incidirão sobre as parcelas pagas em agências bancárias taxa de expediente.

999.
a) Comunico o recebimento do oficio nº 987 D/RJ, por meio do qual Vossa Senhoria solicita a manifestação da Prefeitura a respeito do pedido de aforamento formulado por Fulano de Tal, relativo ao terreno de marinha situado na Ilha do Ipê, na Barra da Tijuca.
b) Esclareço à Vossa Senhoria que o Decreto nº 345, de 3/6/82, definiu as ilhas da Baixada de Jacarepaguá como áreas de preservação ecológica e paisagística.
c) Posteriormente, a Lei nº 241, de 4/8/86, destinou tais ilhas à atividade de lazer, desde que mantida a citada preservação.
d) Assim, a construção existente no terreno é ilegalizável.
e) Informo Vossa Senhoria ainda que se encontra em fase adiantada o estudo de macrodrenagem da Bacia de Jacarepaguá, que definirá os contornos das margens dos lagos e das ilhas, determinando as alterações que forem julgadas necessárias.

1000.
a) Na linguagem comum o vocábulo “infração” significa a “ação de infringir”, portanto, quebramento, violação, transgressão.
b) O Direito, possuindo vocabulário próprio, a palavra sanção é equivoca, possuindo dois sentidos distintos: de um lado, exprime penalidade como coação legal sobre os individuos; de outro, significa a aprovação pela qual a autoridade competente transforma em lei os projetos elaborados pelo órgão legislativo.
c) A palavra “multa”, na linguagem comum, também está intimamente ligada à penalidade; representa a pena pecuniária, portanto uma sanção típica.
d) A multa é uma sanção que decorre de um comportamento em face da regra jurídica, não importando a província jurídica em que se situe tal conduta.
e) O conceito de sanção é genérico, pois se trata de providência inerente às normas jurídicas das mais diversas espécies.

1001.
a) Assino esta revista especializada há muitos anos, mas este mês ela chamou a minha atenção de modo especial, e vocês vão logo entender por quê.
b) A decisão final sobre os reajustes das prestações do SFH sairá ainda este mês. Persistem algumas dúvidas porque a indexação voltou só para a parcela do salário até três mínimos.
c) Conforme informação da Caixa Econômica Federal, os mutuários desejam saber porque aqueles que têm data-base em setembro e repasse em sessenta dias terão, em novembro, correção mais elevada.
d) Muitos desconhecem também os motivos por que se aplicarão a todos os mutuários com contratos de equivalência salarial plena as antecipações bimestrais e quadrimestrais pelo INPC.
e) Por que se aplica o índice da poupança de setembro/90 a agosto/91 mais 3% de ganho real, descontando as antecipações?

1002.
a) A drástica queda nas vendas e a alta dos custos financeiros obrigaram os empresários e seus executivos a inovar seus métodos administrativos e a recorrer a fórmulas ousadas que, na maioria dos casos, se mostraram eficientes.
b) O baixo índice de insolvência de empresas, diante do aprofundamento da crise de conjutura econômica nos últimos 60 dias, serve também como indicação da agilidade e da capacidade das empresas brasileiras de reagir diante das situações novas.
c) Cada centavo aplicado no processo da produção merece longa reflexão por parte de alguns executivos. A sua eliminação é motivo de comemoração na empresa.
d) A maior batalha é travada contra os custos dos estoques, pois o tempo de permanência das matérias-primas e componentes nos armazéns representam despesas que, no final do processo, consomem o lucro ou ampliam o prejuízo.
e) Quando se mesclam recessão e inflação, o aumento da carga tributária, sobre gerar aumento de custos para aqueles que produzem e pagam tributos, desorganiza ainda mais a economia.

1003.
a) A crise que acompanhou a transição do trabalho industrial, aqui assinalada, pode dar uma idéia pálida das dificuldades que se opõe à abolição da velha ordem familiar por outra, em que as instituições e as relações sociais, fundadas em princípios abstratos tendem a substituir-se aos laços de afeto e de sangue.
b) Ainda hoje persistem, aqui e ali, mesmo nas grandes cidades, algumas dessas famílias “retardatárias”, concentradas em si mesmas e obedientes ao velho ideal que mandava educarem-se os filhos apenas para o círculo doméstico.

c) Mas essas mesmas tendem a desaparecer ante as exigências imperativas das novas condições de vida.
d) Segundo alguns pedagogos e psicólogos de nossos dias, a educação familiar deve ser apenas uma espécie de propedêutica da vida na sociedade, fora da família.
e) E se bem considerarmos as teorias modernas, veremos que elas tendem, cada vez mais, a separar o indivíduo da comunidade doméstica, a libertá-lo, por assim dizer, das “virtudes” familiares. Dir-se-á que essa separação e essa libertação representam as condições primárias e obrigatórias de qualquer adaptação à “vida prática”.
(Sérgio Buarque de Holanda, com adaptações)

1004.
Indique o item onde o trecho sublinhado **não** representa seqüência coerente do trecho que o antecede.
a) O processo da aceleração constante da inflação provocou a hipertrofia do sistema financeiro brasileiro: entre 1970 e 1985, setor ampliou sua participação no PIB de 6,4% para 12,4%.
b) o problema crucial que se coloca para o mercado financeiro é visualizar qual será seu perfil quando o país atingir níveis baixos e estáveis de inflação, de forma tal que a sua estratégia de ajuste possa começar a ser montada com o menor custo.
c) A maior implicação da prática de saques a descoberto sobre as reservas, como forma de financiar gastos, é que os bancos estaduais passaram a ser virtuais emissores de moeda, comprometendo sensivelmente a execução de metas monetárias.
d) A primeira descontinuidade importante no processo de inchaço do setor financeiro ocorreu em 1986, com a queda da taxa de inflação. Neste período, o sistema bancário passou por uma primeira fase de encolhimento, que não trouxe efeitos traumáticos dado o forte crescimento dos demais setores da economia.
e) O reaparecimento do redesconto de créditos privados deverá envolver uma mudança neste conceito. O acesso ao redesconto, presentemente, é sinônimo de graves problemas de liquidez. Portanto, o redesconto é normal em qualquer sistema financeiro com inflação estável e baixa.
(Mendonça, J. R., M.C. Pinotti, e M. C. Barros, com adaptações)

1005.
Assinale a opção correta.
a) Essa medida é aquela que, ainda ontem, nos pediram para implementá-la.
b) Se eu não mais o vir, espero que você saiba convencê-lo de que suas reivindicações nada têm de sensatas.
c) Todas as questões que tinham na prova reduziam-se a algumas poucas excessões.
d) Não o comunicamos antes o ocorrido devido às modificações que foram introduzidas.
e) Não se cogitou de assunto tão delicado que, como se observou, muitos de nós sequer conhecíamos o seu significado.

1006.
Assinale a opção que constitui seqüência lógica e coesa para o texto abaixo e possa aparecer como sua seqüência imediata.

“A escola desempenha a função social de reprodutora da estrutura de classes, mas de tal modo que a discriminação dentro dela não seja percebida como tal, mas como algo natural.”
a) Assim, os padrões culturais expressos no vocabulário, nas estruturas das frases e nas maneiras de relacionamento vigentes nas classes dominantes são aceitos, sem questionamentos, como os mais “corretos” e “adequados”, pela escola.
b) Logo, podemos concluir que o fracasso dos estudantes oriundos das classes trabalhadoras se deve, primordialmente, à sua própria incapacidade de origem.
c) Portanto, só o acesso dos filhos das classes operárias à escola poderá ocasionar a diminuição das diferenças sociais, em nosso país.
d) Esse o motivo a justificar a distribuição dos estudantes em turmas, de acordo com suas classes sociais de origem.
e) Essa dissimulação da discriminação tem como objetivo, antes de mais nada, proporcionar aos estudantes uma interação mais livre e igualitária.

Nas questões de nº **1007** a **1009** indique o item em que os sinais de pontuação **não** foram corretamente empregados.

1007.
a) No campo dos dissídios coletivos, o fracasso na negociação direta transfere para os juizes dos TRTs e ministros do TST uma responsabilidade gigantesca que, muitas vezes, as próprias diretorias das empresas evitam enfrentar - especialmente as estatais.
b) Não são raros os casos em que os dirigentes fazem o papel de bonzinhos, deixando o desempenho de algoz para o Poder Judiciário. Como reverter este quadro? Como forçar as partes a negociar com todo o empenho? Penso que o “método da oferta final” pode ajudar.
c) Por esse método, o julgador só pode optar por uma das duas propostas finais das partes. Digamos que uma pede 100% de aumento e a outra insiste em conceder apenas 10%. O juiz só poderá escolher 100% ou 10%, ficando impedido de escolher qualquer valor intermediário.
d) Esse é um exemplo pouco realista e aqui usado, simplesmente, para acentuar que a restri-

ção aludida constitui uma poderosíssima pressão para as partes negociarem à exaustão.

e) Ela eleva extraordinariamente, o risco para as partes. Se o juiz decidir pelos 100%, arrasa a empresa; se decidir pelos 10%, arrasa os trabalhadores.

(José Pastore, com adaptações)

1008.

a) Os trabalhadores com datas-base em fevereiro, junho e outubro (Grupo 2) podem receber antecipação bimestral de 18%, e mais o INPC de setembro, 15,62%, o que corresponderia a um aumento total de 36,43% este mês.

b) O saque do Programa de Formação do Patrimônio do Servidor Público (Pasep), é permitido no caso de aposentadoria, invalidez, transferência para a reserva remunerada, inatividade ou falecimento.

c) Quem vai às compras, para atender necessidades básicas ou satisfazer desejos de consumo, não pode dispensar a pesquisa de preços.

d) Tanto os que têm como os que não têm cruzados retidos e vivem o aperto da estagflação, a recessão combinada com a inflação, estão compulsoriamente obrigados a prestar mais atenção nos atos do Executivo e do Legislativo, direito e dever da cidadania e salva-guarda do bolso.

e) Tributaristas já cansaram de dizer: é preciso estar atento e, mais do que isso, agir.

(Jorge Zappia, com adaptações)

1009.

a) Nem mesmo um Cecil B. DeMille com poderes divinos – e orçamento ilimitado – seria capaz de reunir um elenco tão monumental, complexo, diferenciado e demente quanto o elenco de europeus que “descobriu” e “conquistou” a América.

b) A lista de aventureiros sem escrúpulos, navegantes destemidos, soldados gananciosos, cartógrafos visionários, náufragos abandonados, militares sangüinários, padres sem fé e religiosos devotos, desertores conscientes e traidores contumazes, pilotos virtuosos e líderes com uma missão é virtualmente interminável.

c) Houve gente como o desmiolado Lope de Aguirre, que se finou na busca de uma miragem: o mito do El Dorado.

d) Francisco Pizarro foi o criador de porcos analfabeto que conquistou o Peru e matou o inca Atahualpa no garrote vil, depois de tê-lo feito pagar aquele que talvez tenha sido o maior resgate da história: uma sala repleta de ouro.

e) Menos lembrado é o italiano Pigafetta, o aventureiro e escritor que inventou que a Patagônia era habitada por gigantes, ou Cristóvão de Acuna, o padre que inventou que o Rio Amazonas era patrulhado por guerreiras amazonas, ou o inglês sir Walter Raleigh, que conquistou as Guianas. (E. Bueno, com adapt.)

GABARITO

01. B	02. C	03. B	04. E	05. E
06. B	07. E	08. E	09. D	10. A
11. C	12. C	13. E	14. E	15. A
16. B	17. D	18. A	19. B	20. E
21. E	22. E	23. C	24. A	25. A
26. C	27. B	28. B	29. C	30. C
31. C	32. C	33. E	34. C	35. C
36. C	37. D	38. C	39. C	40. C
41. C	42. C	43. D	44. B	45. B
46. A	47. B	48. B	49. A	50. D
51. D	52. C	53. D	54. B	55. B
56. C	57. D	58. A	59. C	60. A
61. D	62. D	63. A	64. A	65. D
66. E	67. A	68. C	69. A	70. D
71. A	72. B	73. E	74. A	75. E
76. D	77. B	78. E	79. E	80. A
81. E	82. D	83. D	84. A	85. C
86. A	87. E	88. C	89. E	90. C
91. B	92. E	93. C	94. D	95. A
96. E	97. B	98. B	99. E	100. A
101. C	102. C	103. D	104. B	105. A
106. A	107. C	108. A	109. E	110. C
111. B	112. E	113. C	114. E	115. E
116. D	117. B	118. B	119. B	120. D
121. B	122. B	123. B	124. E	125. A
126. B	127. D	128. C	129. A	130. E
131. A	132. E	133. B	134. D	135. B
136. A	137. B	138. B	139. B	140. A

141. C
142. C
143. B
144. A
145. D
146. D
147. A
148. D
149. E
150. A
151. E
152. D
153. D
154. C
155. E
156. C
157. D
158. D
159. C
160. E
161. E
162. A
163. B
164. D
165. D
166. D
167. C
168. B
169. B
170. C
171. E
172. D
173. D
174. C
175. E
176. A
177. A
178. B
179. C
180. B
181. E
182. D
183. C
184. E
185. D
186. C
187. E
188. D
189. C
190. E
191. E
192. B
193. D
194. B
195. A
196. B
197. D
198. D
199. B
200. B
201. D
202. A
203. C
204. A
205. B
206. E
207. E
208. E
209. B
210. E
211. B
212. B
213. B
214. C
215. A
216. E
217. E
218. D
219. B
220. E
221. C
222. B
223. B
224. A
225. B
226. B
227. C
228. B
229. D
230. B
231. B
232. E
233. D
234. B
235. B
236. A
237. A
238. D
239. B
240. E
241. E
242. E
243. B
244. E
245. D
246. C
247. C
248. C
249. D
250. C
251. E
252. C
253. D
254. E
255. D
256. C
257. C
258. E
259. C
260. A
261. A
262. C
263. A
264. D
265. E
266. E
267. D
268. A
269. D
270. C
271. B
272. C
273. E
274. C
275. E
276. B
277. B
278. D
279. D
280. C
281. D
282. E
283. C
284. E
285. A
286. D
287. C
288. C
289. A
290. A

291. D
292. B
293. D
294. B
295. B
296. E
297. D
298. B
299. E
300. C
301. B
302. D
303. C
304. C
305. A
306. B
307. E
308. C
309. D
310. A
311. A
312. A
313. A
314. D
315. D
316. E
317. E
318. E
319. B
320. D
321. C
322. C
323. E
324. E
325. E
326. A
327. D
328. A
329. C
330. C
331. B
332. C
333. A
334. B
335. E
336. C
337. B
338. E
339. E
340. E
341. D
342. A
343. A
344. C
345. C
346. A
347. C
348. A
349. B
350. D
351. E
352. B
353. D
354. C
355. A
356. E
357. C
358. C
359. A
360. B
361. A
362. B
363. C
364. E
365. C
366. A
367. D
368. B
369. E
370. A
371. A
372. E
373. C
374. D
375. E
376. C
377. E
378. D
379. C
380. B
381. D
382. C
383. C
384. E
385. C
386. A
387. D
388. C
389. E
390. A
391. C
392. C
393. B
394. E
395. A
396. C
397. D
398. A
399. B
400. C
401. B
402. C/D
403. D
404. C
405. D
406. A
407. E
408. C
409. E
410. D
411. E
412. E
413. D
414. C
415. C
416. C
417. D
418. C
419. A
420. A
421. D
422. C
423. B
424. E
425. E
426. C
427. B
428. D
429. B
430. C
431. B
432. E
433. B
434. D
435. C
436. A
437. C
438. A
439. A
440. C

441. B	442. D	443. C	444. E	445. A
446. E	447. D	448. E	449. E	450. C
451. B	452. D	453. C	454. A	455. D
456. B	457. D	458. B	459. B	460. C
461. E	462. B	463. D	464. E	465. A
466. C	467. D	468. 1.A/2.E	469. B	470. E
471. B	472. C	473. E	474. B	475. C
476. A	477. B	478. B	479. B	480. C
481. D	482. C	483. E	484. D	485. D
486. C	487. B	488. A	489. C	490. C
491. B	492. D	493. A	494. C	495. D
496. A	497. B	498. C	499. D	500. C
501. C	502. A	503. B	504. E	505. B
506. C	507. A	508. B	509. A	510. D
511. B	512. E	513. B	514. E	515. D
516. D	517. D	518. A	519. D	520. C
521. E	522. C	523. C	524. C	525. E
526. B	527. E	528. A	529. D	530. D
531. E	532. A	533. C	534. D	535. A
536. A	537. E	538. A	539. B	540. E
541. B	542. D	543. B	544. C	545. B
546. D	547. D	548. D	549. C	550. A
551. A	552. A	553. D	554. B	555. C
556. B	557. C	558. A	559. A	560. C
561. C	562. A	563. E	564. B	565. D
566. C	567. D	568. C	569. B	570. A
571. C	572. E	573. A	574. A	575. B
576. A	577. A	578. B	579. C	580. D
581. A	582. A	583. D	584. A	585. B
586. C	587. B	588. C	589. E	590. E

591. B
592. C
593. D
594. D
595. C
596. C
597. E
598. B
599. B
600. C
601. B
602. D
603. A
604. B
605. D
606. D
607. B
608. D
609. B
610. B
611. D
612. A
613. D
614. A
615. E
616. D
617. A
618. B
619. A
620. 1.B/ 2.D
621. C
622. D
623. A
624. B
625. B
626. D
627. E
628. A
629. E
630. A
631. D
632. C
633. E
634. B
635. C
636. D
637. A
638. E
639. A
640. A
641. A
642. C
643. E
644. C
645. A
646. D
647. E
648. E
649. A
650. C
651. C
652. A
653. D
654. A
655. B
656. D
657. E
658. A
659. D
660. B
661. D
662. B
663. A
664. C
665. E
666. D
667. E
668. A
669. D
670. E
671. E
672. C
673. C
674. E
675. A
676. D
677. E
678. A
679. C
680. E
681. C
682. B
683. B
684. E
685. C
686. C
687. A
688. A
689. D
690. B
691. A
692. B
693. D
694. D
695. C
696. C
697. C
698. A
699. C
700. D
701. C
702. E
703. C
704. A
705. E
706. E
707. C
708. C
709. C
710. A
711. C
712. A
713. D
714. C
715. E
716. D
717. E
718. C
719. D
720. B
721. A
722. E
723. C
724. B
725. D
726. D
727. D
728. C
729. B
730. A
731. 1.C/2.C
732. C
733. D
734. E
735. E
736. B
737. D
738. A
739. B
740. E

741. B	742. E	743. B	744. C	745. A
746. A	747. A	748. B	749. A	750. C
751. A	752. D	753. A	754. 1.B/2.A/3.C	755. B
756. B	757. D	758. B	759. B	760. B
761. A	762. D	763. C	764. A	765. A
766. C	767. A	768. B	769. C	770. B
771. C	772. D	773. A	774. E	775. D
776. E	777. E	778. C	779. B	780. B
781. D	782. D	783. C	784. C	785. E
786. D	787. A	788. E	789. B	790. C
791. C	792. D	793. D	794. A	795. B
796. E	797. D	798. D	799. E	800. C
801. C	802. A	803. C	804. C	805. C
806. A	807. B	808. B	809. B	810. A
811. A	812. D	813. C	814. B	815. A
816. B	817. B	818. D	819. C	820. B
821. A	822. E	823. E	824. E	825. E
826. A	827. C	828. B	829. D	830. B
831. NULA	832. D	833. C	834. E	835. B
836. B	837. B	838. C	839. D	840. B
841. B	842. C	843. B	844. D	845. D
846. D	847. C	848. E	849. B	850. D
851. A	852. A	853. B	854. D	855. E
856. A	857. E	858 C	859. A	860. D
861. A	862. A	863. A	864. B	865. B
866. D	867. C	868. B	869. C	870. E
871. A	872. C	873. B	874. D	875. D
876. C	877. D	878. A	879. D	880. A
881. E	882. A	883. E	884. D	885. C
886. B	887. B	888. C	889. E	890. D

891. E 892. C 893. D 894. A 895. D
896. C 897. B 898. D 899. B 900. D
901. A 902. D 903. E 904. B 905. B
906. A 907. C 908. E 909. C 910. C
911. A 912. C 913. D 914. D 915. D
916. E 917. C 918. A 919. E 920. B
921. B 922. E 923. E 924. D 925. C
926. B 927. D 928. C 929. E 930. B
931. B 932. E 933. A 934. C 935. C
936. D 937. NULA 938. B 939. A 940. C
941. A 942. D 943. A 944. D 945. E
946. B 947. E 948. D 949. C 950. C
951. D 952. A 953. B 954. E 955. E
956. A 957. D 958. C 959. A 960. C
961. B 962. C 963. D 964. B 965. D
966. B 967. D 968. A 969. A 970. A
971. E 972. D 973. A 974. C 975. E
976. E 977. E 978. A 979. E 980. B
981. D 982. C 983. E 984. A 985. E
986. C 987. D 988. A 989. E 990. B
991. D 992. B 993. D 994. D 995. C
996. C 997. A 998. E 999. E 1000. B
1001. C 1002. D 1003. A 1004. E 1005. B
1006. A 1007. E 1008. B 1009. C

PORTUGUÊS

Problemas da língua culta

Cessão / Sessão / Secção / Seção

Prof.ª Isabel Vega

Cessão / Sessão / Secção / Seção

I) Cessão → ato ou efeito de ceder

Sinônimos: transferência de posse ou direito; empréstimo; desistência, renúncia.

Ex.1:João fez a **cessão** de seus direitos autorais para a causa.
Ex.2: Maria fez a **cessão** de seus livros para a biblioteca.
Ex.3:Pressionado, o deputado procedeu à **cessão** do mandato.

II) Sessão → período de tempo em que ocorre uma reunião, um espetáculo ou uma exibição.

Ex.1: Fui assistir à **sessão** de dança da minha filha.
Ex.2: Muitos vereadores faltaram à última **sessão**.
Ex.3: A **sessão** de terapia durou vinte minutos.

Cessão / Sessão / Secção / Seção

III) Secção = Seção → corte, divisão, segmento.

OBS.1: A forma “secção” é a grafia usada em Portugal, embora o acordo ortográfico indique o emprego facultativo de “seção”, como já ocorre no Brasil.

Ex.1: A **seção** eleitoral em que fui estava cheia.
Ex.2: Maria trabalha na **seção** de perfumaria.
Ex.3: No jornal, João adora ler a **seção** de esportes.

OBS.2: O novo acordo também indica como facultativo o emprego da forma verbal “secionar” ou “seccionar”.

Ex.: O médico secionou/seccionou o fígado do paciente.

Enem

1. Leia o texto e examine a ilustração:

ÓBITO DO AUTOR

(....) expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos! Verdade é que não houve cartas nem anúncios. Acresce que chovia - peneirava - uma chuvinha miúda, triste e constante, tão constante e tão triste, que levou um daqueles fiéis da última hora a intercalar esta engenhosa idéia no discurso que proferiu à beira de minha cova: -"Vós, que o conhecestes, meus senhores, vós podeis dizer comigo que a natureza parece estar chorando a perda irreparável de um dos mais belos caracteres que tem honrado a humanidade. Este ar sombrio, estas gotas do céu, aquelas nuvens escuras que cobrem o azul como um crepe funéreo, tudo isto é a dor crua e má que lhe rói à natureza as mais íntimas entranhas; tudo isso é um sublime louvor ao nosso ilustre finado." (....)

(Adaptado. Machado de Assis. "Memórias póstumas de Brás Cubas". Ilustrado por Cândido Portinari. Rio de Janeiro: Cem Bibliófilos do Brasil, 1943. p.1.)

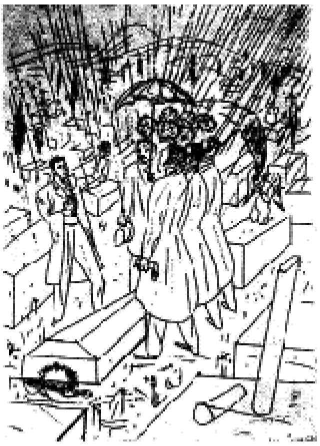

Compare o texto de Machado de Assis com a ilustração de Portinari.

É correto afirmar que a ilustração do pintor

a) Apresenta detalhes ausentes na cena descrita no texto verbal.
b) Retrata fielmente a cena descrita por Machado de Assis.
c) Distorce a cena descrita no romance.
d) Expressa um sentimento inadequado à situação.
e) Contraria o que descreve Machado de Assis.
suas mãos: o de moldar a realidade segundo

Opção correta: letra A

2. Mal secreto

Se a cóiera que espuma, a dor que mora
N'alma, e destrói cada ilusão que nasce,
Tudo o que punge, tudo o que devora
O coração, no rosto se estampasse;
Se se pudesse, o espírito que chora,
Ver através da máscara da face,
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse!
Quanta gente que ri, talvez, consigo
Guarda um atroz, recôndito inimigo,
Como invisível chaga cancerosa!
Quanta gente que ri, talvez existe,
Cuja ventura única consiste
Em parecer aos outros venturosa!

CORREIA. R In: PATRIOTA, M Para compreender Raimundo Correia. Brasilia: AFhambra, 1995.

Coerente com a proposta parnasiana de cuidado formal e racionalidade na condução temática, o soneto de Raimundo Correia reflete sobre a forma como as emoções do indivíduo são julgadas em sociedade. Na concepção do eu lírico, esse julgamento revela que

a) A necessidade de ser socialmente aceito leva o indivíduo a agir de forma dissimulada.
b) O sofrimento íntimo torna-se mais ameno quando compartilhado por um grupo social.

c) A capacidade de perdoar e aceitar as diferenças neutraliza o sentimento de inveja.
d) O instinto de solidariedade conduz o indivíduo a apiedar-se do próximo.
e) A transfiguração da angústia em alegria é um artifício nocivo ao convívio social.

Opção correta: letra A

3. "Ele era o inimigo do rei", nas palavras de seu biógrafo, Lira Neto. Ou, ainda, "um romancista que colecionava desafetos, azucrinava D. Pedro II e acabou inventando o Brasil". Assim era José de Alencar (1829-1877), o conhecido autor de O guarani e Iracema, tido como o pai do romance no Brasil. Além de criar clássicos da literatura brasileira com temas nativistas, indianistas e históricos, ele foi também folhetinista, diretor de jornal, autor de peças de teatro, advogado, deputado federal e até ministro da Justiça. Para ajudar na descoberta das múltiplas facetas desse personagem do século XIX, parte de seu acervo inédito será digitalizada.

História Viva, n. 99, 2011.

Com base no texto, que trata do papel do escritor José de Alencar e da futura digitalização de sua obra, depreende-se que

a) A digitalização dos textos é importante para que os leitores possam compreender seus romances.
b) O conhecido autor de O guarani e Iracema foi importante porque deixou uma vasta obra literária com temática atemporal.
c) A divulgação das obras de José de Alencar, por meio da digitalização, demonstra sua importância para a história do Brasil Imperial.
d) A digitalização dos textos de José de Alencar terá importante papel na preservação da memória linguística e da identidade nacional.
e) O grande romancista José de Alencar é importante porque se destacou por sua temática indianista.

Opção correta: letra D

4. Lépida e leve
Língua do meu Amor velosa e doce,
que me convences de que sou frase,
que me contornas, que me vestes quase,
como se o corpo meu de ti vindo me fosse.
Língua que me cativas, que me enleias
os surtos de ave estranha,
em linhas longas de invisíveis teias,
de que és, há tanto, habilidosa aranha...
[...]
Amo-te as sugestões gloriosas e funestas,
amo-te como todas as mulheres
te amam, ó língua-lama, ó língua-resplendor,
pela carne de som que à ideia emprestas
e pelas frases mudas que proferes
nos silêncios de Amor!...

MACHADO, G. In: MORICONI, I. (org.).
Os cem melhores poemas brasileiros do século.
Rio de Janeiro: Objetiva, 2001 (fragmento).

A poesia de Gilka Machado identifica-se com as concepções artísticas simbolistas. Entretanto, o texto selecionado incorpora referências temáticas e formais modernistas, já que, nele, a poeta

a) Procura desconstruir a visão metafórica do amor e abandona o cuidado formal.
b) Concebe a mulher como um ser sem linguagem e questiona o poder da palavra.
c) Questiona o trabalho intelectual da mulher e antecipa a construção do verso livre.
d) Propõe um modelo novo de erotização na lírica amorosa e propõe a simplificação verbal.
e) Explora a construção da essência feminina, a partir da polissemia de "língua", e inova o léxico

Opção correta: letra E

5. No trecho abaixo, o narrador, ao descrever a personagem, critica sutilmente um outro estilo de época: o romantismo.

"Naquele tempo contava apenas uns quinze ou dezesseis anos; era talvez a mais atrevida criatura da nossa raça, e, com certeza, a mais voluntariosa. Não digo que já lhe coubesse a primazia da beleza, entre as mocinhas do tempo, porque isto não é romance, em que o autor sobredoura a realidade e fecha os olhos às sardas e espinhas; mas também não digo que lhe maculasse o rosto nenhuma sarda ou espinha, não. Era bonita, fresca, saía das mãos da natureza, cheia daquele feitiço, precário e eterno, que o indivíduo passa a outro indivíduo, para os fins secretos da criação."

(ASSIS, Machado de. Memórias Póstumas de Brás Cubas. Rio de Janeiro: Jackson, 1957.)

A frase do texto em que se percebe a crítica do narrador ao romantismo está transcrita na alternativa:

a) ... o autor sobredoura a realidade e fecha os olhos às sardas e espinhas...
b) era talvez a mais atrevida criatura da nossa raça...
c) Era bonita, fresca, saía das mãos da natureza, cheia daquele feitiço, precário e eterno,...
d) Naquele tempo contava apenas uns quinze ou dezesseis anos...
e) ... o indivíduo passa a outro indivíduo, para os fins secretos da criação.

Opção correta: letra A

VERBOS

POR e VER

E OS SEUS DERIVADOS

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

Presente do Indicativo
eu ponho
tu pões
ele põe
nós pomos
vós pondes
eles põem

Presente (Indicativo)
eu vejo
tu vês
ele/ela vê
nós vemos
vós vedes
eles/elas vêem

PROPOR e REVER

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

POR

antepor, dispor, entrepor, interpor, justapor, pospor, prepor, propor, repor, sobpor, sobrepor, sotopor, subpor, superpor

VER

antever, entrever, prever, rever, interver

O subjuntivo!

Futuro do Subjuntivo
quando eu puser
quando tu puseres
quando ele puser
quando nós pusermos
quando vós puserdes
quando eles puserem

Futuro (Subjuntivo)
eu vir
tu vires
ele/ela vir
nós virmos
vós virdes
eles/elas virem

1. Depois que o sol se __________, haverão de __________ as atividades.

a) pôr - suspender
b) por - suspenderem
c) puser - suspender
d) puser - suspenderem

2. (UF SÃO CARLOS) Indique a alternativa que completa corretamente as lacunas das frases:
I - Se nos .... a fazer um esforço conjunto, teremos um país sério.
II - .... o televisor ligado, para te informares dos últimos acontecimentos.
III - Não havia programa que .... o povo, após o último noticiário.

a)propormos - Mantenha - entretesse
b)propusermos - Mantém - entretesse
c)propormos - Mantém - entretivesse
d)propormos - Mantém - entretesse
e)propusermos - Mantém – entretivesse

3. (CESCEM) Se ao menos .... a confusão que aquilo ia dar! Mas não pensou, não se ...., e .... na briga que não era sua.

a)prevesse - continha - interveio
b)previsse - conteve - interveio
c)prevesse - continha - interviu
d)previsse - conteve - interviu
e)prevesse - conteve – interveio

4. (UC-PR) Transforme pelo modelo: Procurei o livro / Procura-o também.

1. Pus o carro na garagem / ...., também2. Trouxe o livro / ...., também3. Medi as conseqüências / ...., também4. Ouvi suas queixas / ...., também5. Mandei um presente ao nosso filho / ...., também

A alternativa correta é:

a)Põe-no, Traze-o, Mede-as, Ouve-as, Mande-o
b)Põe-lo, Traze-o, Mede-as, Ouve-as, Mande-o
c)Ponha-o, Traga-o, Meça-as, Ouça-as, Mande-o
d)Põe-no, Traze-o, Mede-as, Ouve-as, Manda-o
e)Ponha-o, Traga-o, Meça-as, Ouça-as, Manda-o

5. (FURG-RS) A alternativa em que todas as formas correspondem ao exemplo: Pagar - paga, é:Verbos: manter - ir - ser - pôr – rir

a)mantém - vá - sê - põe - ria
b)manténs - vá - seja - pões - ri
c)mantenha - vai - seja - ponha - ris
d)mantém - vai - sê - ponha – ris
e)mantém - vai - sê - põe - ri

#momentopraca

Danilo Santos

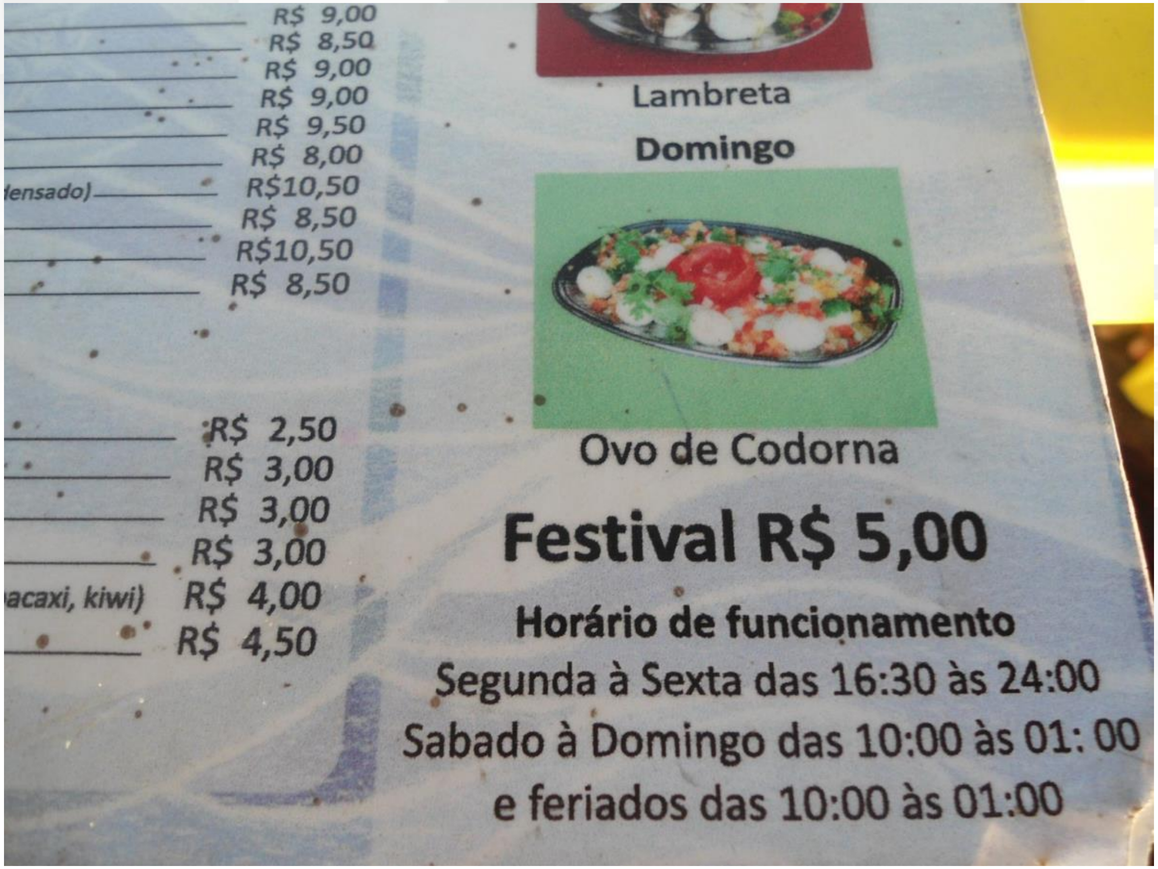

R$ 9,00
R$ 8,50
R$ 9,00
R$ 9,00
R$ 9,50
R$ 8,00
densado) R$10,50
R$ 8,50
R$10,50
R$ 8,50

R$ 2,50
R$ 3,00
R$ 3,00
R$ 3,00
acaxi, kiwi) R$ 4,00
R$ 4,50

Lambreta

Domingo

Ovo de Codorna

Festival R$ 5,00

Horário de funcionamento
Segunda à Sexta das 16:30 às 24:00
Sabado à Domingo das 10:00 às 01: 00
e feriados das 10:00 às 01:00

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

#momentopraca

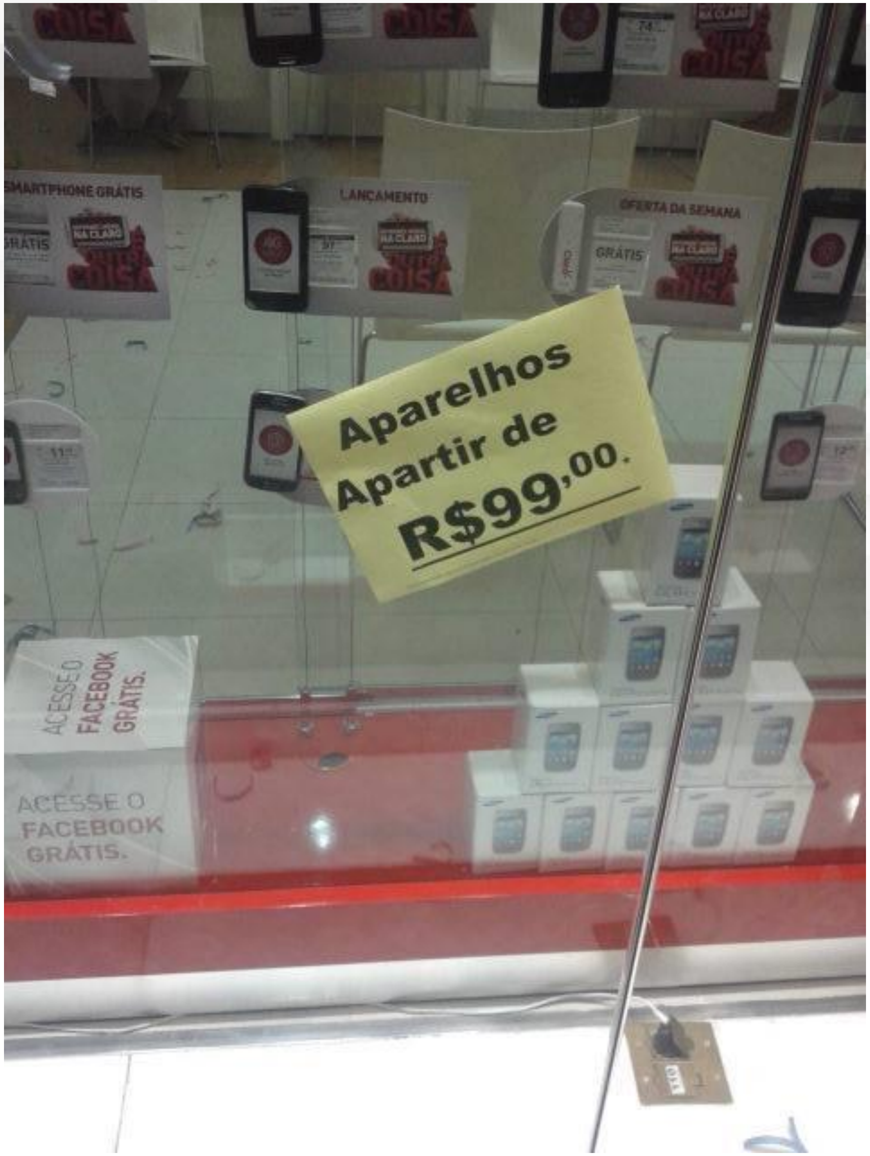
SMARTPHONE GRÁTIS
LANÇAMENTO
OFERTA DA SEMANA
Aparelhos
Apartir de
R$99,00.
ACESSE O FACEBOOK GRÁTIS.
ACESSE O FACEBOOK GRÁTIS.

#momentopraca

Silvana Santana

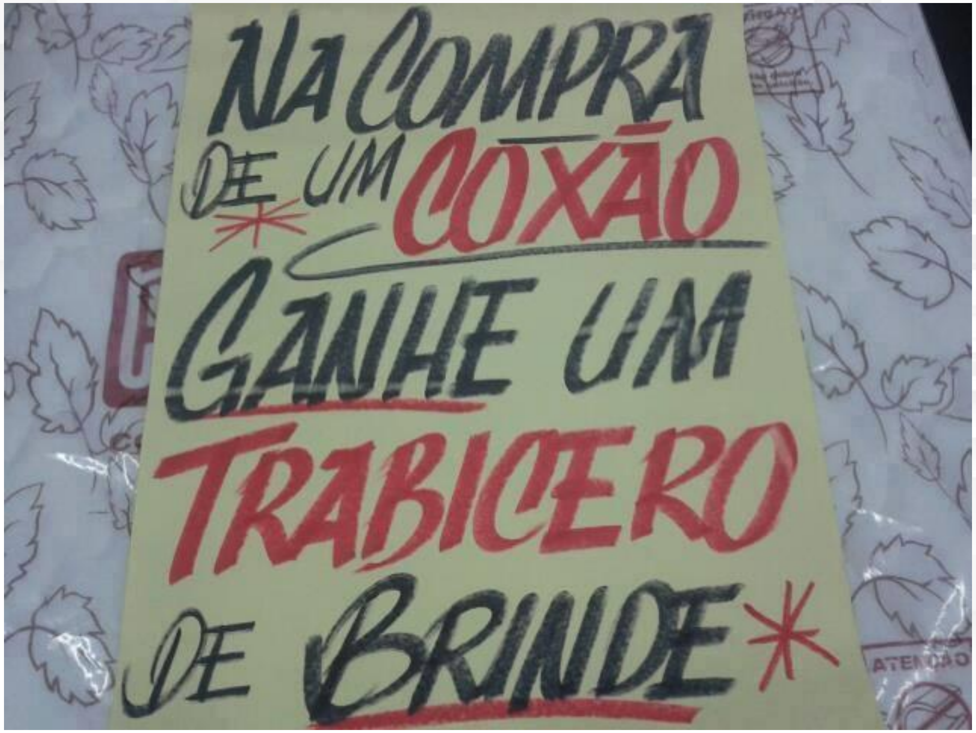
NA COMPRA
DE UM COXÃO*
GANHE UM
TRABICERO
DE BRINDE*

Exercícios Interpretação de Textos Dissertativos – Lista 1 – Com Gabarito

1) (FGV-2005)
A última das três abordagens, entre as teorias idealistas, é a que considera cultura como sistemas. simbólicos. Esta posição foi desenvolvida nos Estados Unidos principalmente por dois antropólogos: o já conhecido Clifford Geertz e David Schneider. O primeiro deles busca uma definição de homem baseada na definição de cultura. Para isto, refuta a idéia de uma forma ideal de homem, decorrente do iluminismo e da antropologia clássica, perto da qual as demais eram distorções ou aproximações, e tenta resolver o paradoxo (...) de uma imensa variedade cultural que contrasta com a unidade da espécie humana. Para isto, a cultura deve ser considerada "não um complexo de comportamentos concretos mas um conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras, instruções (que os técnicos de computadores chamam programa) para governar o comportamento". Assim, para Geertz, todos os homens são geneticamente aptos para receber um programa, e este programa é o que chamamos cultura. E esta formulação - que consideramos uma nova maneira de encarar a unidade da espécie - permitiu a Geertz afirmar que "um dos mais significativos fatos sobre nós pode se finalmente a constatação de que todos nascemos com um equipamento para viver mil vidas, mas terminamos no fim tendo vivido uma só!"
Roque de Barros Laraia. Cultura, um conceito antropológico. 16. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 62.

O texto introduz parágrafos duas vezes com a expressão "Para isto" . Assinale a alternativa correta em relação a essa expressão no texto.
a) Na primeira ocorrência, isto significa definição de cultura.
b) Na primeira ocorrência, isto significa cultura.
c) Na segunda ocorrência, isto significa resolver o paradoxo.
d) Na segunda ocorrência, isto significa refutar uma forma ideal de homem.
e) Na segunda ocorrência, isto significa a cultura deve ser considerada um programa.

2) (Fuvest-2002) - Mandaram ler este livro...
Se o tal do livro for fraquinho, o desprazer pode significar um precipitado mas decisivo adeus à literatura; se for estimulante, outros virão sem o peso da obrigação.
As experiências com que o leitor se identifica não são necessariamente as mais familiares, mas as que mostram o quanto é vivo um repertório de novas questões. Uma leitura proveitosa leva à convicção de que as palavras podem constituir um movimento profundamente revelador do próximo, do mundo, de nós mesmos. Tal convicção faz caminhar para uma outra, mais ampla, que um antigo pensador romano assim formulou: Nada do que é humano me é alheio.
(Cláudio Ferraretti, inédito)

De acordo com o texto, a identificação do leitor com o que lê ocorre sobretudo quando
a) ele sabe reconhecer na obra o valor consagrado pela tradição da crítica literária.
b) ele já conhece, com alguma intimidade, as experiências representadas numa obra.
c) a obra expressa, em fórmulas sintéticas, a sabedoria dos antigos humanistas.
d) a obra o introduz num campo de questões cuja vitalidade ele pode reconhecer.
e) a obra expressa convicções tão verdadeiras que se furtam à discussão.

3) (Fuvest-2002) - Mandaram ler este livro...
Se o tal do livro for fraquinho, o desprazer pode significar um precipitado mas decisivo adeus à literatura; se for estimulante, outros virão sem o peso da obrigação.
As experiências com que o leitor se identifica não são necessariamente as mais familiares, mas as que mostram o quanto é vivo um repertório de novas questões. Uma leitura proveitosa leva à convicção de que as palavras podem constituir um movimento profundamente revelador do próximo, do mundo, de nós mesmos. Tal convicção faz caminhar para uma outra, mais ampla, que um antigo pensador romano assim formulou: Nada do que é humano me é alheio.
(Cláudio Ferraretti, inédito)

O sentido da frase *Nada do que é humano me é alheio* é equivalente ao desta outra construção:
a) O que não diz respeito ao Homem não deixa de me interessar.
b) Tudo o que se refere ao Homem diz respeito a mim.
c) Como sou humano, não me alheio a nada.
d) Para ser humano, mantenho interesse por tudo.
e) A nada me sinto alheio que não seja humano.

4) (Fuvest-2002) - Mandaram ler este livro...
Se o tal do livro for fraquinho, o desprazer pode significar um precipitado mas decisivo adeus à literatura; se for estimulante, outros virão sem o peso da obrigação.
As experiências com que o leitor se identifica não são necessariamente as mais familiares, mas as que mostram o quanto é vivo um repertório de novas questões. Uma leitura proveitosa leva à convicção de que as palavras podem constituir um movimento profundamente revelador do próximo, do mundo, de nós mesmos. Tal convicção faz caminhar para uma outra, mais ampla, que um antigo pensador romano assim formulou: Nada do que é humano me é alheio.
(Cláudio Ferraretti, inédito)

De acordo com o texto, a convicção despertada por uma leitura proveitosa é, precisamente, a de que
a) sempre existe a possibilidade de as palavras serem profundamente reveladoras.
b) as palavras constituem sempre um movimento de profunda revelação.

c) é muito fácil encontrar palavras que sejam profundamente reveladoras.
d) as palavras sempre caminham na direção do outro, do mundo, de cada um de nós.
e) nenhuma palavra será viva se não provocar o imediato prazer do leitor.

5) (UFSCar-2004) As pessoas que admitem, por razões que consideram moralmente justificáveis, a eutanásia, o fato de acelerar ou mesmo de provocar a morte de um ente querido, para lhe abreviar os sofrimentos causados por uma doença incurável ou para terminar a existência miserável de uma criança monstruosa, ficam escandalizadas com o fato de que, do ponto de vista jurídico, a eutanásia seja assimilada, pura e simplesmente, a um homicídio. Supondo-se que, do ponto de vista moral, se admita a eutanásia, não se atribuindo um valor absoluto à vida humana, sejam quais forem as condições miseráveis em que ela se prolonga, devem-se pôr os textos legais em paralelismo com o juízo moral? Seria uma solução perigosíssima, pois, em direito, como a dúvida normalmente intervém em favor do acusado, corre-se o risco de graves abusos, promulgando uma legislação indulgente nessa questão de vida ou de morte. Mas constatou- se que, quando o caso julgado reclama mais a piedade do que o castigo, o júri não hesita em recorrer a uma ficção, qualificando os fatos de uma forma contrária à realidade, declarando que o réu não cometeu homicídio, e isto para evitar a aplicação da lei. Parece-me que esse recurso à ficção, que possibilita em casos excepcionais evitar a aplicação da lei - procedimento inconcebível em moral -, vale mais do que o fato de prever expressamente, na lei, que a eutanásia constitui um caso de escusa ou de justificação.

(Perelman, *Ética e Direito*.)

A partir do texto, pode-se concluir que:
a) admitir a eutanásia é atribuir um valor absoluto à vida humana.
b) as pessoas ficam escandalizadas com a eutanásia.
c) o comportamento do júri prevê, sempre, o cumprimento da lei.
d) no caso de uma criança monstruosa, a lei pode prever a eutanásia.
e) a moral exige, sempre, a aplicação da lei.

6) (UFMG-1998) Já não basta ficarem mexendo toda hora no valor e no nome do dinheiro? Nos juros, no crédito, nas alíquotas de importação, no câmbio, na Ufir e nas regras do imposto de renda?

Já não basta mudarem as formas da Lua, as marés, a direção dos ventos e o mapa da Europa? E as regras das campanhas eleitorais, o ministério, o comprimento das saias, a largura das gravatas? Não basta os deputados mudarem de partido, homens virarem mulher, mulheres virarem homem e os economistas virarem lobisomen, quando saem do Banco Central e ingressam na banca privada?

Já não basta os prefeitos, como imperadores romanos, tentarem mudar o nome de avenidas cruciais como a Vieira Souto, no Rio de Janeiro, ou se lançarem à aventura maluca de destruir largos pedaços da cidade para rasgar avenidas, como em São Paulo? Já não basta mudarem toda hora as teorias sobre o que engorda e o que emagrece? Não basta mudarem a capital federal, o número de estados, o número de municípios e até o nome do país, que já foi Estados Unidos do Brasil e depois virou República Federativa do Brasil?

Não, não basta. Lá vêm eles de novo, querendo mudar as regras de escrever o idioma.

"Minha pátria é a língua portuguesa", escreveu Fernando Pessoa pela pena de um de seus heterônimos, Bernardo Soares, autor do Livro do Desassossego. Desassossegados estamos. Querem mexer na pátria. Quando mexem no modo de escrever o idioma, põem a mão num espaço íntimo e sagrado como a terra de onde se vem, o clima a que se acostumou, o pão que se come.

Aprovou-se recentemente no Senado mais uma reforma ortográfica da Língua Portuguesa. É a terceira nos últimos 52 anos, depois das de 1943 e 1971 - muita reforma, para pouco tempo. Uma pessoa hoje com 60 anos aprendeu a escrever "idéa", depois, em 1943, mudou para "idéia", ficou feliz em 1971 porque "idéia" passou incólume, mas agora vai escrever "ideia", sem acento.

Reformas ortográficas são quase sempre um exercício vão, por dois motivos. Primeiro, porque tentam banhar de lógica o que, por natureza, possui extensas zonas infensas à lógica, como é o caso de um idioma. Escreve-se "Egito", e não "Egipto", mas "egípcio", e não "egício", e daí? Escreve-se "muito", mas em geral se fala "muinto". Segundo, porque, quando as reformas se regem pela obsessão de fazer coincidir a fala com a escrita, como é o caso das reformas da Língua Portuguesa, estão correndo atrás do inalcançável. A pronúncia muda no tempo e no espaço. A flor que já foi "azálea" está virando "azaléa" e não se pode dizer que esteja errado o que todo o povo vem consagrando. "Poder" se pronuncia "poder" no Sul do Brasil e "puder" no Brasil do Nordeste. Querer que a grafia coincida sempre com a pronúncia é como correr atrás do arco-íris, e a comparação não é fortuita, pois uma língua é uma coisa bela, mutável e misteriosa como um arco-íris.

Acresce que a atual reforma, além de vã, é frívola. Sua justificativa é unificar as grafias do Português do Brasil e de Portugal. Ora, no meio do caminho percebeu-se que seria uma violência fazer um português escrever "fato" quando fala "facto", brasileiro escrever "facto" ou "receção" (que ele só conhece, e bem, com dois ss, no sentido inferno astral da economia). Deixou-se, então, que cada um continuasse a escrever como está acostumado, no que se fez bem, mas, se a reforma era para unificar e não unifica, para que então fazê-la? Unifica um pouco, responderão os defensores da reforma. Mas, se é só um pouco, o que adianta? Aliás, para que unificar? O último argumento dos propugnadores da reforma é que, afinal, ela é pequena - mexe com a grafia de 600, entre as cerca de 110.000 palavras da Língua Portuguesa, ou apenas 0,54% do total. Se é tão pequena, volta a pergunta: para que fazê-la?

Fala-se que a reforma simplifica o idioma e, assim, torna mais fácil seu ensino. Engano. A representação escrita da língua é um bem que percorre as gerações, passando de uma à outra, e será tão mais bem transmitida quanto mais estável for, ou, pelo menos, quanto menos interferências arbitrárias sofrer. Não se mexa assim na língua. O preço disso é banalizá-la como já fizeram com a moeda, no Brasil.

Roberto Pompeu de Toledo - Veja, 24.05.95.
Texto adaptado pela equipe de Língua Portuguesa da COPEVE/UFMG

O título que melhor sintetiza o texto é:
a) Reforma ortográfica: alterações no tempo e no espaço.
b) Reforma ortográfica: ação inútil e frívola.
c) Reforma ortográfica: obsessão dos gramáticos.
d) Reforma ortográfica: necessidade recorrente.

7) (UFMG-1998) Já não basta ficarem mexendo toda hora no valor e no nome do dinheiro? Nos juros, no crédito, nas alíquotas de importação, no câmbio, na Ufir e nas regras do imposto de renda?

Já não basta mudarem as formas da Lua, as marés, a direção dos ventos e o mapa da Europa? E as regras das campanhas eleitorais, o ministério, o comprimento das saias, a largura das gravatas? Não basta os deputados mudarem de partido, homens virarem mulher, mulheres virarem homem e os economistas virarem lobisomen, quando saem do Banco Central e ingressam na banca privada?

Já não basta os prefeitos, como imperadores romanos, tentarem mudar o nome de avenidas cruciais como a Vieira Souto, no Rio de Janeiro, ou se lançarem à aventura maluca de destruir largos pedaços da cidade para rasgar avenidas, como em São Paulo? Já não basta mudarem toda hora as teorias sobre o que engorda e o que emagrece? Não basta mudarem a capital federal, o número de estados, o número de municípios e até o nome do país, que já foi Estados Unidos do Brasil e depois virou República Federativa do Brasil?

Não, não basta. Lá vêm eles de novo, querendo mudar as regras de escrever o idioma.

"Minha pátria é a língua portuguesa", escreveu Fernando Pessoa pela pena de um de seus heterônimos, Bernardo Soares, autor do Livro do Desassossego. Desassossegados estamos. Querem mexer na pátria. Quando mexem no modo de escrever o idioma, põem a mão num espaço íntimo e sagrado como a terra de onde se vem, o clima a que se acostumou, o pão que se come.

Aprovou-se recentemente no Senado mais uma reforma ortográfica da Língua Portuguesa. É a terceira nos últimos 52 anos, depois das de 1943 e 1971 - muita reforma, para pouco tempo. Uma pessoa hoje com 60 anos aprendeu a escrever "idéa", depois, em 1943, mudou para "idéia", ficou feliz em 1971 porque "idéia" passou incólume, mas agora vai escrever "ideia", sem acento.

Reformas ortográficas são quase sempre um exercício vão, por dois motivos. Primeiro, porque tentam banhar de lógica o que, por natureza, possui extensas zonas infensas à lógica, como é o caso de um idioma. Escreve-se "Egito", e não "Egipto", mas "egípcio", e não "egício", e daí? Escreve-se "muito", mas em geral se fala "muinto". Segundo, porque, quando as reformas se regem pela obsessão de fazer coincidir a fala com a escrita, como é o caso das reformas da Língua Portuguesa, estão correndo atrás do inalcançável. A pronúncia muda no tempo e no espaço. A flor que já foi "azálea" está virando "azaléa" e não se pode dizer que esteja errado o que todo o povo vem consagrando. "Poder" se pronuncia "poder" no Sul do Brasil e "puder" no Brasil do Nordeste. Querer que a grafia coincida sempre com a pronúncia é como correr atrás do arco-íris, e a comparação não é fortuita, pois uma língua é uma coisa bela, mutável e misteriosa como um arco-íris.

Acresce que a atual reforma, além de vã, é frívola. Sua justificativa é unificar as grafias do Português do Brasil e de Portugal. Ora, no meio do caminho percebeu-se que seria uma violência fazer um português escrever "fato" quando fala "facto", brasileiro escrever "facto" ou "receção" (que ele só conhece, e bem, com dois ss, no sentido inferno astral da economia). Deixou-se, então, que cada um continuasse a escrever como está acostumado, no que se fez bem, mas, se a reforma era para unificar e não unifica, para que então fazê-la? Unifica um pouco, responderão os defensores da reforma. Mas, se é só um pouco, o que adianta? Aliás, para que unificar? O último argumento dos propugnadores da reforma é que, afinal, ela é pequena - mexe com a grafia de 600, entre as cerca de 110.000 palavras da Língua Portuguesa, ou apenas 0,54% do total. Se é tão pequena, volta a pergunta: para que fazê-la?

Fala-se que a reforma simplifica o idioma e, assim, torna mais fácil seu ensino. Engano. A representação escrita da língua é um bem que percorre as gerações, passando de uma à outra, e será tão mais bem transmitida quanto mais estável for, ou, pelo menos, quanto menos interferências arbitrárias sofrer. Não se mexa assim na língua. O preço disso é banalizá-la como já fizeram com a moeda, no Brasil.

Roberto Pompeu de Toledo - Veja, 24.05.95.
Texto adaptado pela equipe de Língua Portuguesa da COPEVE/UFMG

O objetivo da reforma ortográfica aprovada pelo Senado Federal é:
a) Dinamizar o ensino do Português.
b) Aproximar as grafias do Português do Brasil e de Portugal.
c) Simplificar a Língua Portuguesa.
d) Fazer coincidir a fala com a escrita.

8) (UFSCar-2004) O pregar há-de ser como quem semeia, e não como quem ladrilha ou azuleja. Ordenado, mas como as estrelas. (...) Todas as estrelas estão por sua ordem; mas é ordem que faz influência, não é ordem que faça lavor. Não fez Deus o céu em xadrez de estrelas, como os pregadores fazem o sermão em xadrez de palavras. Se de uma parte há-de estar branco, da outra há-de estar negro; se de uma parte está dia, da outra há-de estar noite; se de uma parte dizem luz, da outra hão-de dizer sombra; se de uma parte dizem desceu, da outra hão-de dizer subiu. Basta que não havemos de ver num sermão duas palavras em paz? Todas hão-de estar sempre em fronteira com o seu contrário? Aprendamos do céu o estilo da disposição, e também o das palavras.

(Vieira, Sermão da Sexagésima.)

No texto, Vieira critica um certo estilo de fazer sermão, que era comum na arte de pregar dos padres dominicanos da época. O uso da palavra xadrez tem o objetivo de
a) defender a ordenação das idéias em um sermão.
b) fazer alusão metafórica a um certo tipo de tecido.
c) comparar o sermão de certos pregadores a uma verdadeira prisão.
d) mostrar que o xadrez se assemelha ao semear.
e) criticar a preocupação com a simetria do sermão.

9) (UFSCar-2004) Precisamos de um novo “software” para acessar o mundo. As soluções que serviam há 30 anos já não valem mais. Os jovens atuais não copiam nada, pelo contrário: são filhos da era pós-industrial e estão criando uma nova cultura. Os toques foram dados pelo psicanalista lacaniano Jorge Forbes, durante a palestra Édipo, adeus: o enfraquecimento do pai.

Há uma nova ordem social no mundo. Muitos pais, educadores, psicanalistas, pensadores, todos ainda apresentam velhas soluções para novos problemas, mas é o momento de observar as mudanças, de agir de acordo com elas. Forbes lembrou que, antigamente, o jovem reclamava por não ter liberdade de escolha. Hoje, ele tem essa liberdade e se sente completamente perdido. Isso leva, entre outras coisas, às drogas e à depressão.

O jovem moderno é diferente daquele da geração de 68, que levantava bandeiras e pregava planos de reforma da educação e da sociedade. A globalização provocou mudanças. Antes, as pessoas queriam pertencer a grandes corporações ou ter profissões reconhecidas. Não é mais uma honra ficar no mesmo emprego por mais de cinco anos e acabou essa história de “sujar a carteira”, termo usado para quem ficava pouco tempo num só trabalho. A globalização pulverizou os ideais e exige de cada pessoa uma escolha meio angustiante: será que realmente queremos o que desejamos? No lugar do papel contestador da geração 68, temos hoje uma geração jovem que exibe fracasso escolar, menosprezo e desinteresse pelo saber orientado. O jovem não vê razão em se formar; em ser doutor, bússola da geração dos seus pais. Vivemos uma vida que foi despadronizada. “Somos passageiros de um novo mundo”, acrescentou o psicanalista.

(Adaptado de Janete Trevisan, Jornal do Cambuí.)

a) Explique a relação entre a expressão o enfraquecimento do pai, utilizada pelo psicanalista no título de sua palestra, e o conteúdo apresentado pela autora do texto.
b) O que quer dizer a expressão saber orientado, presente no último parágrafo do texto?

10) (UFSCar-2004) Precisamos de um novo “software” para acessar o mundo. As soluções que serviam há 30 anos já não valem mais. Os jovens atuais não copiam nada, pelo contrário: são filhos da era pós-industrial e estão criando uma nova cultura. Os toques foram dados pelo psicanalista lacaniano Jorge Forbes, durante a palestra Édipo, adeus: o enfraquecimento do pai.

Há uma nova ordem social no mundo. Muitos pais, educadores, psicanalistas, pensadores, todos ainda apresentam velhas soluções para novos problemas, mas é o momento de observar as mudanças, de agir de acordo com elas. Forbes lembrou que, antigamente, o jovem reclamava por não ter liberdade de escolha. Hoje, ele tem essa liberdade e se sente completamente perdido. Isso leva, entre outras coisas, às drogas e à depressão.

O jovem moderno é diferente daquele da geração de 68, que levantava bandeiras e pregava planos de reforma da educação e da sociedade. A globalização provocou mudanças. Antes, as pessoas queriam pertencer a grandes corporações ou ter profissões reconhecidas. Não é mais uma honra ficar no mesmo emprego por mais de cinco anos e acabou essa história de “sujar a carteira”, termo usado para quem ficava pouco tempo num só trabalho. A globalização pulverizou os ideais e exige de cada pessoa uma escolha meio angustiante: será que realmente queremos o que desejamos? No lugar do papel contestador da geração 68, temos hoje uma geração jovem que exibe fracasso escolar, menosprezo e desinteresse pelo saber orientado. O jovem não vê razão em se formar; em ser doutor, bússola da geração dos seus pais. Vivemos uma vida que foi despadronizada. “Somos passageiros de um novo mundo”, acrescentou o psicanalista.

(Adaptado de Janete Trevisan, Jornal do Cambuí.)

A autora utiliza alguns elementos da tecnologia para traduzir seu pensamento no texto.
a) Transcreva um trecho em que isso acontece.
b) Qual o sentido, no último parágrafo do texto, da frase *Vivemos uma vida que foi despadronizada*?

11) (UFSCar-2004) Se você quer construir um navio, não peça às pessoas que consigam madeira, não dê a elas tarefas e trabalhos. Fale, antes, a elas, longamente, sobre a grandeza e a imensidão do mar.

(Saint-Exupéry)

No texto apresentado, Saint-Exupéry defende
a) o esclarecimento das tarefas a serem realizadas.
b) a posição de que aquele que manda não precisa saber fazer.
c) a delegação de tarefas, sem demasiadas explicações.
d) a motivação das pessoas para fazer seu trabalho.
e) o planejamento estratégico na elaboração de um trabalho.

12) (FEI-1997) "Não é o homem um mundo pequeno que está dentro do mundo grande, mas é um mundo grande que está dentro do pequeno. Baste por prova o coração humano, que sendo uma pequena parte do homem, excede na capacidade a toda a grandeza do mundo. (...) O mar, com ser um monstro indômito, chegando às areias, pára; as árvores, onde as põem, não se mudam; os peixes contentam-se com o mar, as aves com o ar, os outros animais com a terra. Pelo contrário, o homem, monstro ou quimera de todos os elementos, em nenhum lugar pára, com nenhuma fortuna se contenta, nenhuma ambição ou apetite o falta: tudo confunde e como é maior que o mundo, não cabe nele".

Assinale a alternativa que proponha uma interpretação adequada ao texto:
a) O autor critica os colonizadores portugueses que, graças a sua ganância e ambição, escravizava negros e índios.
b) O homem é, como os outros elementos da natureza, um eterno aprendiz.
c) O homem é o centro do mundo e, por isso, deve comandá-lo.
d) O homem nunca consegue sentir-se plenamente realizado, ainda que tenha boas condições de vida.
e) É uma crítica à destruição ambiental.

13) (PUC - PR-2007)

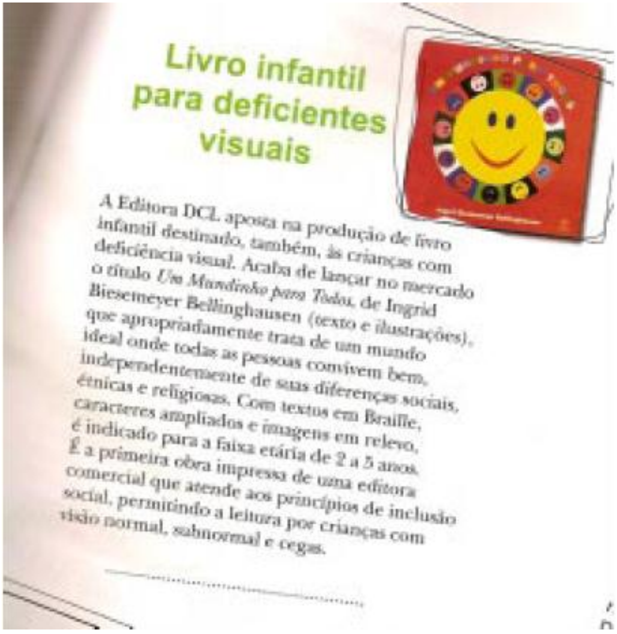

Livro infantil para deficientes visuais

A Editora DCL aposta na produção de livro infantil destinado, também, às crianças com deficiência visual. Acaba de lançar no mercado o título *Um Mundinho para Todos*, de Ingrid Biesemeyer Bellinghausen (texto e ilustrações), que apropriadamente trata de um mundo ideal onde todas as pessoas convivem bem, independentemente de suas diferenças sociais, étnicas e religiosas. Com textos em Braille, caracteres ampliados e imagens em relevo, é indicado para a faixa etária de 2 a 5 anos. É a primeira obra impressa de uma editora comercial que atende aos princípios de inclusão social, permitindo a leitura por crianças com visão normal, subnormal e cegas.

(Panorama Editorial (junho/2006).)
Indique a alternativa em que a afirmação NÃO corresponde aos fatos contidos no texto II.
a) A DCL é uma editora que produz exclusivamente livros infantis para deficientes visuais.
b) Pelo tom do texto, percebe-se que seu autor considera o livro Um mundinho para todos uma obra de boa qualidade.
c) O propósito do texto é divulgar o lançamento de um livro infantil.
d) O livro é escrito em dois sistemas: Braille e escrita alfabética.
e) Crianças com visão subnormal conseguem ler o livro porque nele as letras do texto estão em tamanho maior que o convencional.

14) (ENEM-2002) “A palavra tatuagem é relativamente recente. Toda a gente sabe que foi o navegador Cook que a introduziu no Ocidente, e esse escrevia tattou, termo da Polinésia de tatou ou tu tahou, ‘desenho´.
(...) Desde os mais remotos tempos, vemo-la a transformar-se: distintivo honorífico entre uns homens, ferrete de ignomínia entre outros, meio de assustar o adversário para os bretões, marca de uma classe de selvagens das ilhas marquesas (...) sinal de amor, de desprezo, de ódio (...). Há três casos de tatuagem no Rio, completamente diversos na sua significação moral: os negros,os turcos com o fundo religioso e o bando de meretrizes, dos rufiões e dos humildes, que se marcam por crime ou por ociosidade.”
RIO, João do. Os Tatuadores. Revista Kosmos. 1904, apud: A alma encantadora das ruas, SP: Cia das Letras, 1999.

Com base no texto são feitas as seguintes afirmações:

I. João do Rio revela como a tatuagem já estava presente na cidade do Rio de Janeiro, pelo menos desde o início do século XX, e era mais utilizada por alguns setores da população.
II. A tatuagem, de origem polinésia, difundiu-se no ocidente com a característica que permanece até hoje: utilização entre os jovens com função estritamente estética.
III. O texto mostra como a tatuagem é uma prática que se transforma no tempo e que alcança inúmeros sentidos nos diversos setores das sociedades e para as diferentes culturas.

Está correto o que se afirma apenas em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) I e III.

15) (Mack-2004) “De aorcdo com uma pqsieusa de uma uinrvesiddae ignlsea, não ipomtra em qaul odrem as lrteas de uma plravaa etãso, a úncia csoia iprotmatne é que a piremria e a úlmlia lrteas etejasm no lgaur crteo. O rseto pdoe ser uma ttaol bçguana que vcoê pdoe anida ler sem pobrlmea. Itso é poqrue nós não lmeos cdaa lrtea isladoa, mas a plaravaa cmoo um tdoo.” Não, o trecho acima não foi publicado por descuido. Trata-se de uma brincadeira que está circulando na internet, mas que é baseada em princípios científicos: “O cérebro aplica um sistema de inferência nos processo de leitura. Esse sistema, chamado ‘sistema de preenchimento’, se baseia em pontos nodais ou relevantes, a partir dos quais o cérebro completa o que falta ou coloca as partes corretas nos seus devidos lugares”, explica o neurologista Benito Damasceno. Esse mecanismo não funciona apenas com a leitura: “Quando vemos apenas uma ponta de caneta, por exemplo, somos capazes de inferir que aquilo é uma caneta inteira”, diz Damasceno.

A reprodução de explicações do neurologista tem, no texto, o intuito de:

a) assegurar marcas de oralidade, necessárias ao texto jornalístico atual.
b) separar claramente as opiniões conflitantes - do jornalista e do especialista consultado - acerca do tema.
c) validar, por meio das palavras de um especialista, as informações divulgadas no texto.
d) evidenciar a discordância entre o discurso do leigo, presente no texto da internet, e o do cientista.
e) explicitar o caráter abstrato e tecnicista das descrições médicas, sempre distantes do uso coloquial da língua.

16) (Mack-2004) “De aorcdo com uma pqsieusa de uma uinrvesiddae ignlsea, não ipomtra em qaul odrem as lrteas de uma plravaa etãso, a úncia csoia iprotmatne é que a piremria e a úlmlia lrteas etejasm no lgaur crteo. O rseto pdoe ser uma ttaol bçguana que vcoê pdoe anida ler sem pobrlmea. Itso é poqrue nós não lmeos cdaa lrtea isladoa, mas a plaravaa cmoo um tdoo.” Não, o trecho acima não foi publicado por descuido. Trata-se de uma brincadeira que está circulando na internet, mas que é baseada em princípios científicos: “O cérebro aplica um sistema de inferência nos processo de leitura. Esse sistema, chamado ‘sistema de preenchimento’, se baseia em pontos nodais ou relevantes, a partir dos quais o cérebro completa o que falta ou coloca as partes corretas nos seus devidos lugares”, explica o neurologista Benito Damasceno. Esse mecanismo não funciona apenas com a leitura: “Quando vemos apenas uma ponta de caneta, por exemplo, somos capazes de inferir que aquilo é uma caneta inteira”, diz Damasceno.

Assinale a alternativa correta sobre o primeiro parágrafo do texto.
a) É rigoroso na separação entre a exposição e a forma de exemplificação de um conceito.
b) Opera com um mecanismo que permite a demonstração prática da idéia defendida.
c) Divulga, com precisão técnica, uma descoberta científica recente, ao mesmo tempo em que indica formas de testá-la.
d) Corresponde a um teste científico, que não inclui a exposição das hipóteses que o fundamentam.
e) Desenvolve um conceito teórico que tem sua aplicação exemplificada nos outros parágrafos.

17) (Mack-2004) “De aorcdo com uma pqsieusa de uma uinrvesiddae ignlsea, não ipomtra em qaul odrem as lrteas de uma plravaa etãso, a úncia csoia iprotmatne é que a piremria e a úlmlia lrteas etejasm no lgaur crteo. O rseto pdoe ser uma ttaol bçguana que vcoê pdoe anida ler sem pobrlmea. Itso é poqrue nós não lmeos cdaa lrtea isladoa, mas a plaravaa cmoo um tdoo.” Não, o trecho acima não foi publicado por descuido. Trata-se de uma brincadeira que está circulando na internet, mas que é baseada em princípios científicos: “O cérebro aplica um sistema de inferência nos processo de leitura. Esse sistema, chamado ‘sistema de preenchimento’, se baseia em pontos nodais ou relevantes, a partir dos quais o cérebro completa o que falta ou coloca as partes corretas nos seus devidos lugares”, explica o neurologista Benito Damasceno. Esse mecanismo não funciona apenas com a leitura: “Quando vemos apenas uma ponta de caneta, por exemplo, somos capazes de inferir que aquilo é uma caneta inteira”, diz Damasceno.

Considere as seguintes afirmações sobre o segundo parágrafo.
I. A conjunção “mas” permite pressupor que conhecimentos científicos, geralmente, não se manifestam em brincadeiras.
II. A negativa com que é iniciado tem a função de simular um diálogo com o leitor.
III. Os dois-pontos introduzem trecho que fundamenta a informação enunciada anteriormente.
Assinale
a) se todas as afirmativas estiverem corretas.
b) se todas as afirmativas estiverem incorretas.
c) se apenas I e II estiverem corretas.
d) se apenas I e III estiverem corretas.
e) se apenas II e III estiverem corretas.

18) (UEPB-2006) “Eu ouço de várias empregadas domésticas que é comuníssimo aqui no Rio de Janeiro que responsáveis pela merenda escolar retirem substancial quantidade de víveres e alimentos das crianças para levar para casa, distribuir entre parentes e até montar quitandas.” (João Ubaldo Ribeiro, Veja, n. 20, ano 38, 18/05/05)
Assinale, entre as afirmações relativas a esse excerto, a única correta:
a) Há uma impropriedade sintática, pois o verbo OUVIR foi construído com complemento preposicionado.
b) VÍVERES é uma palavra substantivada, derivada do infinitivo flexionado.
c) Depreende-se que as empregadas domésticas dizem que os responsáveis pela merenda escolar são socialistas.
d) Pode-se concluir que o comunismo no Rio de Janeiro é responsável pela merenda escolar.
e) Os QUÊS têm a mesma função, sem referência e sem significado.

19) (UEPB-2006) “Nas mulheres heterossexuais, os dedos indicador e anular têm praticamente o mesmo tamanho. Já as lésbicas, segundo o psicólogo Marc Breedlove, autor da pesquisa, têm o dedo indicador mais curto, como os homens.”
(Veja, n. 20, ano 38, 18/05/05)
Pode-se inferir, do trecho, que:
a) As lésbicas têm, como os homens, todos os dedos desiguais.
b) Os homens heterossexuais têm o “fura-bolo” maior que o “senhor vizinho”.
c) As mulheres homossexuais têm o “o senhor vizinho” menor que o “fura-bolo”.
d) Os homens homossexuais devem ter os dedos indicador e anular praticamente iguais.
e) Marc Breedlove é preconceituoso, a ponto de ver, nos dedos, diferenças entre gays e machos.

20) (UEPB-2006) “Os anos de 70 exigiriam um discurso à parte sobre a poesia mais nova que vem sendo escrita. De um modo geral as chamadas vanguardas mais pragmáticas de 1950- 60 vivem a sua estação outonal de recolha das antigas riquezas [...] Outras parecem ser as tendências que ora prevalecem e sensibilizam os poetas. Limito-me a mencionar três delas:

a) Ressurge o *discurso poético* e, com ele, o *verso*, livre ou metrificado;

b) Dá-se nova e grande margem à *fala autobiográfica*, com toda a sua ênfase na livre, se não anárquica, expressão do desejo e da memória;

c) Repropõe-se com ardor o *caráter público e político* da fala poética [...] Dois poetas que, desaparecidos em plena juventude, se converteram em emblemas dessa geração: Ana Cristina Cesar e Cacaso, pseudônimo de Antônio Carlos Brito. Em ambos, o lirismo do cotidiano e a garra crítica, a confissão e a metalinguagem se cruzavam em zonas de convívio em que a dissonância vinha a ser um efeito inerente ao gesto da escrita”.

(Alfredo Bosi)

Analise as proposições e marque a alternativa correta:

I. A poesia de Ana Cristina Cesar traduz o pensamento de renovação da escrita literária, em seu tempo, porque se propõe a condensar várias características desta *nova vertente de pensamento*, pois a autobiografia, o cotidiano, o verso prosaico e outros expedientes poéticos são incorporados à linguagem de suas obras, especificamente de *A teus pés*.

II. A poesia de Ana Cristina Cesar traduz o pensamento de renovação da escrita literária, em seu tempo, porque se propõe a condensar características desta *nova vertente de pensamento*, pois a autobiografia, o cotidiano, o verso prosaico e outros expedientes poéticos não são incorporados à linguagem de suas obras, especificamente de *A teus pés*.

III. A poesia de Ana Cristina Cesar traduz o pensamento de renovação da escrita literária, em seu tempo, porque se propõe a condensar características desta *nova vertente de pensamento*, pois a autobiografia, o cotidiano, o verso prosaico e outros expedientes poéticos são incorporados à linguagem de suas obras como *acidente político*, ou seja, o momento em que vive exige da poeta uma certa *resistência* no âmbito da linguagem; logo, a sua poesia só é assim caracterizada porque *localizada*, porque restrita a apenas atitudes políticas momentâneas, especificamente em *A teus pés*.

a) Todas as proposições estão corretas
b) Somente a proposição II está correta
c) Somente a proposição III está correta
d) Somente a proposição I está correta
e) Nenhuma proposição está correta

21) (UEPB-2006) “VENCE MAIS UMA, BRASIL.

Em relação ao texto acima, podemos afirmar:

NO CAMPO DA VACINAÇÃO,
CADA VEZ MAIS SÓ DÁ BRASIL.
ESTE ANO, VAMOS JUNTOS
BATER MAIS UM RECORDE.

O Brasil não registra mais nenhum caso de paralisia infantil.

Graças ao trabalho de mais de 400 mil servidores de saúde e voluntários e de milhões de famílias, ano passado conseguimos bater mais um recorde histórico: 16,5 milhões de crianças foram vacinadas. Este ano, a vacinação do idoso também bateu recorde de cobertura. Mais que motivos de orgulho, estas marcas colocam o Brasil como campeão da vacinação.

Agora não vamos dar chance, porque o jogo continua.

Dia 11 de junho, leve seus filhos menores de 5 anos ao posto de vacinação mais próximo. É de graça e não se esqueça de levar o cartão da criança. Vamos continuar ganhando esse jogo.”

(Propaganda, Veja, n. 23, ano 38, 08 de junho/05)

I. Implicitamente às frases: “O Brasil não registra mais nenhum caso de paralisia infantil” e “Este ano, a vacinação do idoso também bateu recorde de cobertura.”, temos as seguintes informações - “O Brasil registrava, antes, casos de paralisia infantil.”, na primeira, e “o número de vacinação de idosos era menor.”, na segunda.

II. A expressão MAIS deixa o mesmo conteúdo implícito nas 3 (três) ocorrências abaixo:
“Vence MAIS uma, Brasil”,
“MAIS que motivos de orgulho, estas marcas colocam o Brasil como campeão”
“Graças ao trabalho de MAIS de 440 mil servidores de saúde e voluntários”.

III. Em “o jogo continua” e “Vamos continuar ganhando”, inferimos a informação de que o Brasil ganhou pelo menos uma vez, devido ao emprego da expressão GANHANDO.

IV. O recurso da intertextualidade, presente no emprego de palavras como JOGO, CAMPO, GOLEADA, RECORDE,CAMPEÃO, BATER E VENCER, da esfera futebolística, empresta ao texto um caráter metafórico.

Assinale a alternativa (de a a e) que se adequa ao texto:

a) Apenas a proposição II está correta.
b) As proposições II e IV estão corretas.
c) Apenas a proposição III está correta.
d) Apenas a proposição IV está correta.
e) As proposições I e IV estão corretas.

22) (FGV-2004) 1. Uma afirmação verdadeira feita fora do
2. adequado contexto pode ser tão perniciosa
3. quanto uma alegação falsa. É o que tem
4. ocorrido com a nova ofensiva hegemônica que
5. tenta atribuir ao baixo nível educacional da
6. América Latina a origem de todos os males, da
7. estagnação à péssima distribuição de renda.
8. Nestes últimos dois anos tive algumas
9. oportunidades de discutir esse tema com
10. representantes de instituições internacionais e
11. acadêmicos do exterior e mantive divergências
12. com vários deles. Aliás, num desses
13. encontros, a tese - defendida com vigor pelo
14. diretor de uma dessas instituições - ampliava

15. o conceito e definia a dobradinha
“educação/corrupção”
16. como a única causadora do
17. desemprego e da paralisia econômica nessas
18. plagas.
19. Esse novo argumento se sobrepõe ao
20. malsucedido “abram, privatizem e estabilizem
21. que tudo mais lhes será dado por acréscimo”
22. predominante nos anos 1980 e 1990 e, mais
23. uma vez, atribui a nossas misérias causas
24. unicamente endógenas. Nada de dividir
25. responsabilidades - por exemplo - com os
26. efeitos perversos da globalização ou da
27. automação sobre os empregos; ou com as
28. políticas protecionistas dos países centrais
29. sobre o comércio dos periféricos.
30. Incompetentes congênitos, seríamos os únicos
31. responsáveis. No entanto, fôssemos nós
32. capazes de formar mais 50 mil engenheiros e
33. outros tantos advogados e médicos, estariam
34. eles todos empregados e contribuiriam
35. imediatamente para a retomada do
36. desenvolvimento auto-sustentado de que tanto
37. necessitamos. Caricaturas à parte, é
38. interessante observar os números recentes do
39. Brasil para tirarmos algumas conclusões. No
40. período 1994-2001, a escolaridade nos níveis
41. médio e superior aumentou significantemente
42. no País; as matrículas do ciclo médio
43. cresceram 70% e o número de jovens que
44. concluíram essa etapa dobrou; no nível
45. superior as matrículas aumentaram 62%,
46. crescendo 32% a quantidade dos que
47. concluíram, com êxito, faculdade; finalmente,
48. em programas de pós-graduação o aumento
49. de cursos foi de 40% e as matrículas na pós-
50. graduação federal evoluíram 146%.
51. No entanto, apesar de um aumento
52. importante - em alguns casos,
53. impressionante - da escolaridade e do
54. “padrão” educacional, o País teve, entre 1995
55. e 2003, uma estagnação do PIB per capita
56. (0,6% anuais). Por outro lado, em matéria de
57. concentração de renda, o quadro geral
58. manteve-se com mínimas variações durante
59. todo o período: enquanto os 10% mais ricos
60. continuam a se apropriar de 41% da renda
61. total metropolitana, os 10% mais pobres
62. também mantêm seu irrisório 1%. Se
63. somarmos os 30% mais ricos, sua participação
64. na renda total metropolitana caiu ligeiramente,
65. de 70% para 68%, enquanto a dos 30% mais
66. pobres subiu de 6% para 7%. Portanto, quase
67. nada se alterou. Quanto ao mercado de
68. trabalho, houve uma grande escalada do
69. desemprego e da informalidade, com
70. simultânea forte queda da renda das famílias.
71. Movidas principalmente por necessidade de
72. complementação da renda familiar, mulheres
73. deixaram os cuidados com os filhos e suas
74. casas e correram ao mercado, causando um
75. significativo aumento do emprego doméstico,
76. com e sem carteira assinada. Com o aumento
77. da escolaridade, reduziu-se a taxa de
78. participação dos mais jovens (10 até 17 anos)
79. na população economicamente ativa, ou seja,
80. aquela que trabalha ou precisa trabalhar; mas
81. foi nessa faixa etária que mais o desemprego
82. subiu, passando a taxa de 35% para 51%.

Gilberto. O Estado de S. Paulo, 6 de arço de 2004, p. A2.

Encontra-se no texto, nas linhas 24 a 29, o seguinte período:
“Nada de dividir responsabilidades - por exemplo - com os efeitos perversos da globalização ou da automação sobre os empregos; ou com as políticas protecionistas dos países centrais sobre o comércio dos periféricos.”
A respeito dele, com base nas notícias de jornais e revistas, podemos entender que:

a) As políticas protecionistas dos países centrais sobre o comércio dos periféricos referem-se, principalmente, ao fato de os países mais desenvolvidos imporem taxas sobre o preço dos produtos importados de países menos desenvolvidos.
b) Os países centrais são todos aqueles localizados no hemisfério norte.
c) Os países centrais são aqueles localizados ao longo do Equador.
d) Os efeitos perversos da automação sobre os empregos correspondem mais imediatamente à gradual redução da capacidade de compra que a renda da classe média vem sofrendo nos últimos anos.
e) As políticas protecionistas dos países centrais sobre o comércio dos periféricos referem-se, principalmente, ao fato de os países mais desenvolvidos imporem taxas sobre o preço de produtos relacionados com microcomputadores.

23) (FGV-2004) 1. Uma afirmação verdadeira feita fora do
2. adequado contexto pode ser tão perniciosa
3. quanto uma alegação falsa. É o que tem
4. ocorrido com a nova ofensiva hegemônica que
5. tenta atribuir ao baixo nível educacional da
6. América Latina a origem de todos os males, da
7. estagnação à péssima distribuição de renda.
8. Nestes últimos dois anos tive algumas
9. oportunidades de discutir esse tema com
10. representantes de instituições internacionais e
11. acadêmicos do exterior e mantive divergências
12. com vários deles. Aliás, num desses
13. encontros, a tese - defendida com vigor pelo
14. diretor de uma dessas instituições - ampliava
15. o conceito e definia a dobradinha
“educaçãocorrupção”
16. como a única causadora do
17. desemprego e da paralisia econômica nessas
18. plagas.
19. Esse novo argumento se sobrepõe ao

malsucedido “abram, privatizem e estabilizem que tudo mais lhes será dado por acréscimo” predominante nos anos 1980 e 1990 e, mais uma vez, atribui a nossas misérias causas unicamente endógenas. Nada de dividir responsabilidades - por exemplo - com os efeitos perversos da globalização ou da automação sobre os empregos; ou com as políticas protecionistas dos países centrais sobre o comércio dos periféricos. Incompetentes congênitos, seríamos os únicos responsáveis. No entanto, fôssemos nós capazes de formar mais 50 mil engenheiros e outros tantos advogados e médicos, estariam eles todos empregados e contribuiriam imediatamente para a retomada do desenvolvimento auto-sustentado de que tanto necessitamos. Caricaturas à parte, é interessante observar os números recentes do Brasil para tirarmos algumas conclusões. No período 1994-2001, a escolaridade nos níveis médio e superior aumentou significantemente no País; as matrículas do ciclo médio cresceram 70% e o número de jovens que concluíram essa etapa dobrou; no nível superior as matrículas aumentaram 62%, crescendo 32% a quantidade dos que concluíram, com êxito, faculdade; finalmente, em programas de pós-graduação o aumento de cursos foi de 40% e as matrículas na pós-graduação federal evoluíram 146%. No entanto, apesar de um aumento importante - em alguns casos, impressionante - da escolaridade e do “padrão” educacional, o País teve, entre 1995 e 2003, uma estagnação do PIB per capita (0,6% anuais). Por outro lado, em matéria de concentração de renda, o quadro geral manteve-se com mínimas variações durante todo o período: enquanto os 10% mais ricos continuam a se apropriar de 41% da renda total metropolitana, os 10% mais pobres também mantêm seu irrisório 1%. Se somarmos os 30% mais ricos, sua participação na renda total metropolitana caiu ligeiramente, de 70% para 68%, enquanto a dos 30% mais pobres subiu de 6% para 7%. Portanto, quase nada se alterou. Quanto ao mercado de trabalho, houve uma grande escalada do desemprego e da informalidade, com simultânea forte queda da renda das famílias. Movidas principalmente por necessidade de complementação da renda familiar, mulheres deixaram os cuidados com os filhos e suas casas e correram ao mercado, causando um significativo aumento do emprego doméstico, com e sem carteira assinada. Com o aumento da escolaridade, reduziu-se a taxa de participação dos mais jovens (10 até 17 anos) na população economicamente ativa, ou seja, aquela que trabalha ou precisa trabalhar; mas foi nessa faixa etária que mais o desemprego subiu, passando a taxa de 35% para 51%.

Gilberto. O Estado de S. Paulo, 6 de arço de 2004, p. A2.

De acordo com o autor do texto:

a) Grupos dominantes da América Latina consideram o baixo nível escolar como a causa do subdesenvolvimento regional e tentam impor essa idéia aos demais.

b) O autor defende a idéia de que a causa da má distribuição de renda nos países da América Latina seja o baixo nível de escolaridade de sua população, aliado ao alto nível de corrupção.

c) O autor defende uma frase fora de contexto, mais perniciosa que uma afirmação falsa.

d) O baixo nível educacional da população e a corrupção não são as únicas causas da má distribuição de renda nem da estagnação na América Latina.

e) Diretores de algumas instituições internacionais de renome defendem a idéia de que a educação, combinada com a corrupção, produz desemprego na América Latina.

24) (FGV-2004) Uma afirmação verdadeira feita fora do adequado contexto pode ser tão perniciosa quanto uma alegação falsa. É o que tem ocorrido com a nova ofensiva hegemônica que tenta atribuir ao baixo nível educacional da América Latina a origem de todos os males, da estagnação à péssima distribuição de renda. Nestes últimos dois anos tive algumas oportunidades de discutir esse tema com representantes de instituições internacionais e acadêmicos do exterior e mantive divergências com vários deles. Aliás, num desses encontros, a tese - defendida com vigor pelo diretor de uma dessas instituições - ampliava o conceito e definia a dobradinha “educaçãocorrupção” como a única causadora do desemprego e da paralisia econômica nessas plagas. Esse novo argumento se sobrepõe ao malsucedido “abram, privatizem e estabilizem que tudo mais lhes será dado por acréscimo” predominante nos anos 1980 e 1990 e, mais uma vez, atribui a nossas misérias causas unicamente endógenas. Nada de dividir responsabilidades - por exemplo - com os efeitos perversos da globalização ou da automação sobre os empregos; ou com as políticas protecionistas dos países centrais sobre o comércio dos periféricos. Incompetentes congênitos, seríamos os únicos responsáveis. No entanto, fôssemos nós capazes de formar mais 50 mil engenheiros e outros tantos advogados e médicos, estariam eles todos empregados e contribuiriam imediatamente para a retomada do desenvolvimento auto-sustentado de que tanto necessitamos. Caricaturas à parte, é interessante observar os números recentes do Brasil para tirarmos algumas conclusões. No período 1994-2001, a escolaridade nos níveis médio e superior aumentou significantemente no País; as matrículas do ciclo médio cresceram 70% e o número de jovens que concluíram essa etapa dobrou; no nível superior as matrículas aumentaram 62%, crescendo 32% a quantidade dos que concluíram, com êxito, faculdade; finalmente, em programas de pós-graduação o aumento de cursos foi de 40% e as matrículas na pós-graduação federal evoluíram 146%.

No entanto, apesar de um aumento importante - em alguns casos, impressionante - da escolaridade e do “padrão” educacional, o País teve, entre 1995 e 2003, uma estagnação do PIB per capita (0,6% anuais). Por outro lado, em matéria de concentração de renda, o quadro geral manteve-se com mínimas variações durante todo o período: enquanto os 10% mais ricos continuam a se apropriar de 41% da renda total metropolitana, os 10% mais pobres também mantêm seu irrisório 1%. Se somarmos os 30% mais ricos, sua participação na renda total metropolitana caiu ligeiramente, de 70% para 68%, enquanto a dos 30% mais pobres subiu de 6% para 7%. Portanto, quase nada se alterou. Quanto ao mercado de trabalho, houve uma grande escalada do desemprego e da informalidade, com simultânea forte queda da renda das famílias.

Movidas principalmente por necessidade de complementação da renda familiar, mulheres deixaram os cuidados com os filhos e suas casas e correram ao mercado, causando um significativo aumento do emprego doméstico, com e sem carteira assinada. Com o aumento da escolaridade, reduziu-se a taxa de participação dos mais jovens (10 até 17 anos) na população economicamente ativa, ou seja, aquela que trabalha ou precisa trabalhar; mas foi nessa faixa etária que mais o desemprego subiu, passando a taxa de 35% para 51%.

Gilberto. O Estado de S. Paulo, 6 de arço de 2004, p. A2.

No texto, o autor sugere que:

a) Somos incompetentes congênitos; por isso temos a responsabilidade de encontrar alternativas para resolver nossos problemas sociais e econômicos.

b) Não somos incompetentes congênitos; por isso temos a responsabilidade de encontrar alternativas para resolver nossos problemas sociais e econômicos.

c) As pessoas que argumentam sermos incompetentes inatos pretendem esconder as verdadeiras causas de nossos problemas sociais e econômicos

d) Não somos incompetentes congênitos: as causas de nossos males econômicos e sociais são complexas

e) Não somos incompetentes congênitos: as causas de nossos males econômicos e sociais são simples.

25) (FGV-2004) Uma afirmação verdadeira feita fora do adequado contexto pode ser tão perniciosa quanto uma alegação falsa. É o que tem ocorrido com a nova ofensiva hegemônica que tenta atribuir ao baixo nível educacional da América Latina a origem de todos os males, da estagnação à péssima distribuição de renda. Nestes últimos dois anos tive algumas oportunidades de discutir esse tema com representantes de instituições internacionais e acadêmicos do exterior e mantive divergências com vários deles. Aliás, num desses encontros, a tese - defendida com vigor pelo diretor de uma dessas instituições - ampliava o conceito e definia a dobradinha “educaçãocorrupção” como a única causadora do desemprego e da paralisia econômica nessas plagas.

Esse novo argumento se sobrepõe ao malsucedido “abram, privatizem e estabilizem que tudo mais lhes será dado por acréscimo” predominante nos anos 1980 e 1990 e, mais uma vez, atribui a nossas misérias causas unicamente endógenas. Nada de dividir responsabilidades - por exemplo - com os efeitos perversos da globalização ou da automação sobre os empregos; ou com as políticas protecionistas dos países centrais sobre o comércio dos periféricos.

Incompetentes congênitos, seríamos os únicos responsáveis. No entanto, fôssemos nós capazes de formar mais 50 mil engenheiros e outros tantos advogados e médicos, estariam eles todos empregados e contribuiriam imediatamente para a retomada do desenvolvimento auto-sustentado de que tanto necessitamos. Caricaturas à parte, é interessante observar os números recentes do Brasil para tirarmos algumas conclusões. No período 1994-2001, a escolaridade nos níveis médio e superior aumentou significantemente no País; as matrículas do ciclo médio cresceram 70% e o número de jovens que concluíram essa etapa dobrou; no nível superior as matrículas aumentaram 62%, crescendo 32% a quantidade dos que concluíram, com êxito, faculdade; finalmente, em programas de pós-graduação o aumento de cursos foi de 40% e as matrículas na pós-graduação federal evoluíram 146%.

No entanto, apesar de um aumento importante - em alguns casos, impressionante - da escolaridade e do

"padrão" educacional, o País teve, entre 1995 e 2003, uma estagnação do PIB per capita (0,6% anuais). Por outro lado, em matéria de concentração de renda, o quadro geral manteve-se com mínimas variações durante todo o período: enquanto os 10% mais ricos continuam a se apropriar de 41% da renda total metropolitana, os 10% mais pobres também mantêm seu irrisório 1%. Se somarmos os 30% mais ricos, sua participação na renda total metropolitana caiu ligeiramente, de 70% para 68%, enquanto a dos 30% mais pobres subiu de 6% para 7%. Portanto, quase nada se alterou. Quanto ao mercado de trabalho, houve uma grande escalada do desemprego e da informalidade, com simultânea forte queda da renda das famílias. Movidas principalmente por necessidade de complementação da renda familiar, mulheres deixaram os cuidados com os filhos e suas casas e correram ao mercado, causando um significativo aumento do emprego doméstico, com e sem carteira assinada. Com o aumento da escolaridade, reduziu-se a taxa de participação dos mais jovens (10 até 17 anos) na população economicamente ativa, ou seja, aquela que trabalha ou precisa trabalhar; mas foi nessa faixa etária que mais o desemprego subiu, passando a taxa de 35% para 51%.

Gilberto. O Estado de S. Paulo, 6 de arço de 2004, p. A2.

No texto, um dos principais argumentos do autor é:
a) Não há relação imediata de causa e conseqüência entre o número de alunos formados e o desenvolvimento auto-sustentado de um país periférico.
b) Se os países periféricos pudessem investir mais na educação de sua população, estaria pelo menos facilitado o caminho para o desenvolvimento auto-sustentado.
c) O número de alunos do Ensino Médio e do Ensino Superior aumentou no período considerado; por isso foi mínima a variação na concentração de renda da população.
d) Há relação imediata de causa e conseqüência entre o número de alunos formados, em um país periférico, e o nível de concentração de renda desse país.
e) Quando varia pouco o nível de concentração de renda de um país, o número de alunos matriculados no Ensino Médio aumenta.

26) (PUC-SP-2006) A animalização do país
Clóvis Rossi, Folha de São Paulo, 21 de fevereiro de 2006

SÃO PAULO - No sóbrio relato de Elvira Lobato, lia-se ontem, nesta Folha, a história de um Honda Fit abandonado em uma rua do Rio de Janeiro "com uma cabeça sobre o capô e os corpos de dois jovens negros, retalhados a machadadas, no interior do veículo". Prossegue o relato: "A reação dos moradores foi tão chocante como as brutais mutilações. Vários moradores buscaram seus celulares para fotografar os corpos, e os mais jovens riram e fizeram troça dos corpos.
Os próprios moradores descreveram a algazarra à reportagem. "Eu gritei: Está nervoso e perdeu a cabeça?", relatou um motoboy que pediu para não ser identificado, enquanto um estudante admitiu ter rido e feito piada ao ver que o coração e os intestinos de uma das vítimas tinham sido retirados e expostos por seus algozes.
"Ri porque é engraçado ver um corpo todo picado", respondeu o estudante ao ser questionado sobre a causa de sua reação.
O crime em si já seria uma clara evidência de que bestas-feras estão à solta e à vontade no país. Mas ainda daria, num esforço de auto-engano, para dizer que crimes bestiais ocorrem em todas as partes do mundo.
Mas a reação dos moradores prova que não se trata de uma perversidade circunstancial e circunscrita. Não. O país perde, crescentemente, o respeito à vida, a valores básicos, ao convívio civilizado. O anormal, o patológico, o bestial, vira normal. "É engraçado", como diz o estudante.
O processo de animalização contamina a sociedade, a partir do topo, quando o presidente da
República diz que seu partido está desmoralizado, mas vai à festa dos desmoralizados e confraterniza com trambiqueiros confessos. Também deve achar "engraçado".
Alguma surpresa quando é declarado inocente o comandante do massacre de 111 pessoas, sob aplausos de parcela da sociedade para quem presos não têm direito à vida? São bestas-feras, e deve ser "engraçado" matá-los. É a lei da selva, no asfalto.

Acerca do uso da vírgula no trecho: "Vários moradores buscaram seus celulares para fotografar os
corpos, e os mais jovens riram e fizeram troça dos corpos", pode-se afirmar que

a) é inteiramente desnecessário, pois o sujeito das duas orações é o mesmo e, por essa razão, não provocaria ambigüidade alguma.
b) é necessário, na medida em que evita uma possível ambigüidade entre fotografar os corpos e fotografar os mais jovens.
c) é apenas uma questão estilística, pois o uso da vírgula não é uma questão normatizada na língua e representa apenas uma pausa na respiração.
d) é totalmente necessário para poder separar o sujeito "corpos" de seu objeto direto, no caso,
representado por "os mais jovens".
e) é facultativo, primeiro, porque não se separam dois objetos diretos com vírgula e, segundo, porque não se usa vírgula antes de "e".

27) (PUC-SP-2006) A animalização do país
Clóvis Rossi, Folha de São Paulo, 21 de fevereiro de 2006

SÃO PAULO - No sóbrio relato de Elvira Lobato, lia-se ontem, nesta Folha, a história de um Honda Fit abandonado em uma rua do Rio de Janeiro "com uma cabeça sobre o capô e os corpos de dois jovens negros, retalhados a machadadas, no interior do veículo". Prossegue o relato: "A reação dos moradores foi tão chocante como as brutais mutilações. Vários moradores buscaram seus celulares para fotografar os corpos, e os mais jovens riram e fizeram troça dos corpos.

Os próprios moradores descreveram a algazarra à reportagem. "Eu gritei: Está nervoso e perdeu a cabeça?", relatou um motoboy que pediu para não ser identificado, enquanto um estudante admitiu ter rido e feito piada ao ver que o coração e os intestinos de uma das vítimas tinham sido retirados e expostos por seus algozes.

"Ri porque é engraçado ver um corpo todo picado", respondeu o estudante ao ser questionado sobre a causa de sua reação.

O crime em si já seria uma clara evidência de que bestas-feras estão à solta e à vontade no país. Mas ainda daria, num esforço de auto-engano, para dizer que crimes bestiais ocorrem em todas as partes do mundo.

Mas a reação dos moradores prova que não se trata de uma perversidade circunstancial e circunscrita. Não. O país perde, crescentemente, o respeito à vida, a valores básicos, ao convívio civilizado. O anormal, o patológico, o bestial, vira normal. "É engraçado", como diz o estudante.

O processo de animalização contamina a sociedade, a partir do topo, quando o presidente da

República diz que seu partido está desmoralizado, mas vai à festa dos desmoralizados e confraterniza com trambiqueiros confessos. Também deve achar "engraçado".

Alguma surpresa quando é declarado inocente o comandante do massacre de 111 pessoas, sob aplausos de parcela da sociedade para quem presos não têm direito à vida? São bestas-feras, e deve ser "engraçado" matá-los. É a lei da selva, no asfalto.

Em relação ao terceiro parágrafo do texto, a expressão SEUS ALGOZES faz o leitor compreender
que se trata dos algozes
a) dos próprios moradores que descreveram a cena.
b) da algazarra.
c) da reportagem.
d) do motoboy.
e) de uma das vítimas.

28) (PUC-SP-2006) A animalização do país
Clóvis Rossi, Folha de São Paulo, 21 de fevereiro de 2006

SÃO PAULO - No sóbrio relato de Elvira Lobato, lia-se ontem, nesta Folha, a história de um Honda Fit abandonado em uma rua do Rio de Janeiro "com uma cabeça sobre o capô e os corpos de dois jovens negros, retalhados a machadadas, no interior do veículo". Prossegue o relato: "A reação dos moradores foi tão chocante como as brutais mutilações. Vários moradores buscaram seus celulares para fotografar os corpos, e os mais jovens riram e fizeram troça dos corpos.

Os próprios moradores descreveram a algazarra à reportagem. "Eu gritei: Está nervoso e perdeu a cabeça?", relatou um motoboy que pediu para não ser identificado, enquanto um estudante admitiu ter rido e feito piada ao ver que o coração e os intestinos de uma das vítimas tinham sido retirados e expostos por seus algozes.

"Ri porque é engraçado ver um corpo todo picado", respondeu o estudante ao ser questionado sobre a causa de sua reação.

O crime em si já seria uma clara evidência de que bestas-feras estão à solta e à vontade no país. Mas ainda daria, num esforço de auto-engano, para dizer que crimes bestiais ocorrem em todas as partes do mundo.

Mas a reação dos moradores prova que não se trata de uma perversidade circunstancial e circunscrita. Não. O país perde, crescentemente, o respeito à vida, a valores básicos, ao convívio civilizado. O anormal, o patológico, o bestial, vira normal. "É engraçado", como diz o estudante.

O processo de animalização contamina a sociedade, a partir do topo, quando o presidente da

República diz que seu partido está desmoralizado, mas vai à festa dos desmoralizados e confraterniza com trambiqueiros confessos. Também deve achar "engraçado".

Alguma surpresa quando é declarado inocente o comandante do massacre de 111 pessoas, sob aplausos de parcela da sociedade para quem presos não têm direito à vida? São bestas-feras, e deve ser "engraçado" matá-los. É a lei da selva, no asfalto.

No primeiro parágrafo do texto, lê-se o seguinte trecho: "No sóbrio relato de Elvira Lobato, lia-se ontem, nesta Folha, a história de um Honda Fit abandonado...". Em relação a esse trecho, a ação de ler expressa em "lia-se. tem como agente:
a) Um grupo generalizado de leitores.
b) Apenas Elvira Lobato, uma vez que ela é a autora do artigo referido pelo autor.
c) Apenas o relato de Elvira Lobato, pois é ele que exerce a ação expressa pelo verbo.
d) Exclusivamente o próprio autor deste artigo (Clóvis Rossi), porque só ele pôde ter acesso ao texto.
e) Somente os jovens negros referidos no artigo, pois o que aconteceu com eles é o centro deste artigo.

29) (PUC-SP-2006) A animalização do país
Clóvis Rossi, Folha de São Paulo, 21 de fevereiro de 2006

SÃO PAULO - No sóbrio relato de Elvira Lobato, lia-se ontem, nesta Folha, a história de um Honda Fit abandonado em uma rua do Rio de Janeiro "com uma cabeça sobre o capô e os corpos de dois jovens negros, retalhados a machadadas, no interior do veículo". Prossegue o relato: "A reação dos moradores foi tão chocante como as brutais mutilações. Vários moradores buscaram seus celulares para fotografar os corpos, e os mais jovens riram e fizeram troça dos corpos.

Os próprios moradores descreveram a algazarra à reportagem. "Eu gritei: Está nervoso e perdeu a cabeça?", relatou um motoboy que pediu para não ser identificado, enquanto um estudante admitiu ter rido e feito piada ao ver que o coração e os intestinos de uma das vítimas tinham sido retirados e expostos por seus algozes.

"Ri porque é engraçado ver um corpo todo picado", respondeu o estudante ao ser questionado sobre a causa de sua reação.

O crime em si já seria uma clara evidência de que bestas-feras estão à solta e à vontade no país. Mas ainda daria, num esforço de auto-engano, para dizer que crimes bestiais ocorrem em todas as partes do mundo.

Mas a reação dos moradores prova que não se trata de uma perversidade circunstancial e circunscrita. Não. O país perde, crescentemente, o respeito à vida, a valores básicos, ao convívio civilizado. O anormal, o patológico, o bestial, vira normal. "É engraçado", como diz o estudante.

O processo de animalização contamina a sociedade, a partir do topo, quando o presidente da República diz que seu partido está desmoralizado, mas vai à festa dos desmoralizados e confraterniza com trambiqueiros confessos. Também deve achar "engraçado".

Alguma surpresa quando é declarado inocente o comandante do massacre de 111 pessoas, sob aplausos de parcela da sociedade para quem presos não têm direito à vida? São bestas-feras, e deve ser "engraçado" matá-los. É a lei da selva, no asfalto.

Em relação ao trecho "A reação dos moradores foi tão chocante como as brutais mutilações", é possível afirmar que a conjunção COMO estabelece o sentido de

a) causa.

b) comparação.

c) conseqüência.

d) concessão.

e) conformidade.

30) (ENEM-2003) A biodiversidade diz respeito tanto a genes, espécies, ecossistemas, como a funções, e coloca problemas de gestão muito diferenciados. É carregada de normas de valor. Proteger a biodiversidade pode significar:

- a eliminação da ação humana, como é a proposta da ecologia radical;
- a proteção das populações cujos sistemas de produção e cultura repousam num dado ecossistema;
- a defesa dos interesses comerciais de firmas que utilizam a biodiversidade como matéria-prima, para produzir mercadorias.

(Adaptado de GARAY, I. & DIAS, B. Conservação da biodiversidade em ecossistemas tropicais)

De acordo com o texto, no tratamento da questão da biodiversidade no Planeta,

a) o principal desafio é conhecer todos problemas dos ecossistemas, para conseguir protegê-los da ação humana.

b) os direitos e os interesses comerciais dos produtores devem ser defendidos, independentemente do equilíbrio ecológico.

c) deve-se valorizar o equilíbrio do meio ambiente, ignorando-se os conflitos gerados pelo uso da terra e seus recursos.

d) o enfoque ecológico é mais importante do que o social, pois as necessidades das populações não devem constituir preocupação para ninguém.

e) há diferentes visões em jogo, tanto as que só consideram aspectos ecológicos, quanto as que levam em conta aspectos sociais e econômicos.

31) (IBMEC-2006) A busca da felicidade

Ser feliz é provavelmente o maior desejo de todo ser humano. Na prática, ninguém sabe definir direito a palavra felicidade. Mas todos sabem exatamente o que ela significa. Nos últimos tempos, psicólogos, neurocientistas e filósofos têm voltado sua atenção de modo sistemático para esse tema que sempre fascinou, intrigou e desafiou a humanidade.

As últimas conclusões a que eles chegaram são o tema de uma densa reportagem escrita pelo redator-chefe de ÉPOCA, David Cohen, em parceria com a editora Aida Veiga. O texto, conduzido com uma dose incomum de bom humor, inteligência e perspicácia, contradiz várias noções normalmente tidas como verdade pela maior parte das pessoas. A felicidade, ao contrário do que parece, não é mais fácil para os belos e ricos.

A maioria dos prazeres ao alcance daqueles que possuem mais beleza ou riqueza tem, segundo as pesquisas, um impacto de curtíssima duração. Depois de usufruí-los, as pessoas retornam a seu nível básico de satisfação com a vida. Por isso, tanta gente parece feliz à toa, enquanto tantos outros não perdem uma oportunidade de reclamar da existência.

Mesmo quem passa por experiências de impacto decisivo, como ganhar na loteria ou perder uma perna, costuma voltar a seu estado natural de satisfação. Seria então a felicidade um dado da natureza, determinado exclusivamente pelo que vem inscrito na carga genética? De acordo com os estudos, não é bem assim. Muitas práticas vêm tendo sua eficácia comprovada para tornar a vida mais feliz: ter amigos, ter atividades que exijam concentração e dedicação completas, exercer o controle sobre a própria vida, ter um sentido de gratidão para com as coisas ou pessoas boas que apareçam, cuidar da saúde, amar e ser amado. Uma das descobertas mais fascinantes dos pesquisadores é que parece não adiantar nada ir atrás de todas as conquistas que, segundo julgamos, nos farão mais felizes. Pelo contrário, é o fato de sermos mais felizes que nos ajuda a conquistar o que desejamos.

Nada disso quer dizer que os cientistas tenham descoberto a fórmula mágica nem que tenha se tornado fácil descobrir a própria felicidade. Olhando aqui de fora, até que David e Aida parecem felizes com o resultado do trabalho que fizeram. Agora, é esperar que esse resultado também ajude você a se tornar mais feliz.

(Gurovitz, Hélio. Revista ÉPOCA. Editora Globo, São Paulo. Número 412, 10 de abril de 2006, p. 6)

Assinale a alternativa **correta** de acordo com o texto.

a) Para saber o significado de alguma coisa é imprescindível que se saiba sua definição.

b) É óbvio que beleza e dinheiro estão aliados às conquistas que o ser humano pode alcançar na sua batalha diária.

c) As pessoas que não têm atividade que exija concentração e dedicação dificilmente não conseguirão se realizar plenamente.

d) O estado natural de satisfação de uma pessoa pode ser alterado em virtude de bons ou maus acontecimentos.
e) A felicidade está diretamente relacionada à carga genética do ser humano.

32) (Fuvest-2002) A característica da relação do adulto com o velho é a falta de reciprocidade que se pode traduzir numa tolerância sem o calor da sinceridade.Não se discute com o velho, não se confrontam opiniões com as dele, negando-lhe a oportunidade de desenvolver o que só se permite aos amigos: a alteridade, a contradição, o afrontamento e mesmo o conflito. Quantas relações humanas são pobres e banais porque deixamos que o outro se expresse de modo repetitivo e porque nos desviamos das áreas de atrito, dos pontos vitais, de tudo o que em nosso confronto pudesse causar o crescimento e a dor! Se a tolerância com os velhos é entendida assim, como uma abdicação do diálogo, melhor seria dar-lhe o nome de banimento ou discriminação.
(Ecléa Bosi, Memória e sociedade - Lembranças de velhos)

Na avaliação da autora, o que habitualmente caracteriza a relação do adulto com o velho é
a) o desinteresse do adulto pelo confronto de idéias, expressando uma tolerância que atua como discriminação do velho.
b) uma sucessão de conflitos, motivada pela baixa tolerância e pela insinceridade recíprocas.
c) a inconseqüência dos diálogos, já que a um e a outro interessa apenas a reiteração de seus pontos de vista.
d) o equívoco do adulto, que trata o velho sem considerar as diferenças entre a condição deste e a de um amigo mais próximo.
e) a insinceridade das opiniões do adulto, nas quais se manifestam sua divergência e sua impaciência.

33) (Fuvest-2002) A característica da relação do adulto com o velho é a falta de reciprocidade que se pode traduzir numa tolerância sem o calor da sinceridade.Não se discute com o velho, não se confrontam opiniões com as dele, negando-lhe a oportunidade de desenvolver o que só se permite aos amigos: a alteridade, a contradição, o afrontamento e mesmo o conflito. Quantas relações humanas são pobres e banais porque deixamos que o outro se expresse de modo repetitivo e porque nos desviamos das áreas de atrito, dos pontos vitais, de tudo o que em nosso confronto pudesse causar o crescimento e a dor! Se a tolerância com os velhos é entendida assim, como uma abdicação do diálogo, melhor seria dar-lhe o nome de banimento ou discriminação.
(Ecléa Bosi, Memória e sociedade - Lembranças de velhos)

Considerando-se o sentido do conjunto do texto, é correto afirmar que
a) as palavras “crescimento” e “dor” são utilizadas de modo a constituírem um paradoxo.
b) as palavras “alteridade”, “contradição”, “afrontamento” e “conflito” encadeiam-se numa progressão semântica.
c) a expressão “abdicação do diálogo” tem significação oposta à da expressão “tolerância sem o calor da sinceridade”.
d) a expressão “o que só se permite” está empregada com o sentido de “o que nunca se faculta”.
e) a expressão “nos desviamos das áreas de atrito” está empregada com o sentido oposto ao da expressão “aparamos todas as arestas”.

34) (Fuvest-2002) A característica da relação do adulto com o velho é a falta de reciprocidade que se pode traduzir numa tolerância sem o calor da sinceridade.Não se discute com o velho, não se confrontam opiniões com as dele, negando-lhe a oportunidade de desenvolver o que só se permite aos amigos: a alteridade, a contradição, o afrontamento e mesmo o conflito. Quantas relações humanas são pobres e banais porque deixamos que o outro se expresse de modo repetitivo e porque nos desviamos das áreas de atrito, dos pontos vitais, de tudo o que em nosso confronto pudesse causar o crescimento e a dor! Se a tolerância com os velhos é entendida assim, como uma abdicação do diálogo, melhor seria dar-lhe o nome de banimento ou discriminação.
(Ecléa Bosi, Memória e sociedade - Lembranças de velhos)

A frase em que a palavra sublinhada preserva o sentido com que foi empregada no texto é:
a) Na mais sumária **relação** das virtudes humanas não deixará de constar a sinceridade.
b) Sobretudo os **pobres** sentem o peso do que seja banimento ou discriminação.
c) É por vezes difícil a **discriminação** entre tolerância e menosprezo.
d) Enfrentar a **contradição** é sempre um grande passo para o nosso crescimento.
e) Se **traduzir** é difícil, mais difícil é o diálogo entre pessoas que se mascaram na mesma língua.

35) (ESPM-2007) A dança das palavras
O professor [e crítico] Antonio Candido contou há vários anos, numa roda de amigos, uma curiosa história. Se não estou enganado, o protagonista era um português, dono de uma pensão no Rio de Janeiro, chamada de “Península Fernandes”.
Intrigado e ao mesmo tempo curioso, Antonio Candido perguntou ao homem qual a razão daquele título. “É que eu me chamo Fernandes”, foi a resposta. “Bom, mas e ‘península’”?. “‘Península’ é porque eu acho a palavra bonita.”
[...]
Palavras feias, aliás, não são necessariamente os chamados “palavrões”, alguns até, se não bonitos, certamente bem expressivos.
Deixo as questões estéticas, para lembrar que os signos têm vida e, portanto, nascem, vivem, alguns morrem, ficam congelados ou se transfiguram. Embora tenha atração por seu nascimento, deixo de lado a etimologia e me fixo no congelamento e na transfiguração.
[...]
Vamos aos signos congelados.
Como continuamos a ler pelos anos afora o maior nome das nossas letras, Machado de Assis é uma boa referência.
O que era Escobar para Bentinho, no romance “Dom Casmurro”? Seu comborço, diz Machado, ou seja, o amante

de sua mulher, a acreditar-se na versão de uma "pecaminosa"
Capitu. Pois bem, ninguém usa hoje essa palavra, seja na fala cotidiana, seja na escrita, mesmo a mais observadora da norma culta.
Mas a palavra não morreu, está nos dicionários, congelada, praticamente sem esperanças de ressurreição, lutando para permanecer o mais possível nesse estado.
De qualquer forma, vinga-se de nós, contemporâneos, que a desprezaram, ao obrigar-nos a ir buscar seu significado, quando lemos "Dom Casmurro".
[...]
A transfiguração se distingue do congelamento. Nesse caso, estamos diante de um signo que designa um objeto, uma qualidade, um determinado sentimento, e que vai mudando de significado, ao longo do tempo.
Muito me atrai a transfiguração da palavra "bonde" e sua aplicação concomitante a diferentes sentidos. Típica do português do Brasil, ela se originou da palavra inglesa "bond" (título, obrigação), impressa, a princípio, nos "bilhetes de passagem" de uma empresa do Rio de Janeiro - a "Botanical Garden Railway", por volta de 1870.
Foi tal o impacto do signo que ele serviu para compor diversas frases.
[...]
O fim do bonde como transporte coletivo não correspondeu ao fim do signo, como se poderia supor. Se ele já designava várias coisas, passou a designar outras mais, como o "bonde" da cadeia, que leva e traz presos, ou um conjunto artístico, um grupo literário etc.
Volto à história do dono da pensão. Para ele, península não era uma "insípida porção de terra cercada de água por todos os lados, menos por um que a liga ao continente", como ensinavam os antigos professores de geografia.
(BORIS FAUSTO, Folha de S. Paulo, Caderno Mais, 15/04/2007)

Sobre o texto, a afirmação correta é:
a) Não mais se aplica à palavra "península" a acepção dada pelos "antigos professores de geografia".
b) O "congelamento" das palavras representa para o enunciador o anúncio da "morte" indubitável dessas.
c) O enunciador afirma que "pecaminosa", atribuída a Capitu, está praticamente "congelada nos dicionários".
d) A etimologia (casta) das palavras não é garantia de sua permanência no vocabulário da "fala cotidiana".
e) O "fim" de um objeto implica, quase sempre, o desaparecimento, também, da palavra que o designa.

36) (ESPM-2007) A dança das palavras
O professor [e crítico] Antonio Candido contou há vários anos, numa roda de amigos, uma curiosa história. Se não estou enganado, o protagonista era um português, dono de uma pensão no Rio de Janeiro, chamada de "Península Fernandes".
Intrigado e ao mesmo tempo curioso, Antonio Candido perguntou ao homem qual a razão daquele título. "É que eu me chamo Fernandes", foi a resposta. "Bom, mas e 'península'"?. "'Península' é porque eu acho a palavra bonita."
[...]
Palavras feias, aliás, não são necessariamente os chamados "palavrões", alguns até, se não bonitos, certamente bem expressivos.
Deixo as questões estéticas, para lembrar que os signos têm vida e, portanto, nascem, vivem, alguns morrem, ficam congelados ou se transfiguram. Embora tenha atração por seu nascimento, deixo de lado a etimologia e me fixo no congelamento e na transfiguração.
[...]
Vamos aos signos congelados.
Como continuamos a ler pelos anos afora o maior nome das nossas letras, Machado de Assis é uma boa referência.
O que era Escobar para Bentinho, no romance "Dom Casmurro"? Seu comborço, diz Machado, ou seja, o amante
de sua mulher, a acreditar-se na versão de uma "pecaminosa"
Capitu. Pois bem, ninguém usa hoje essa palavra, seja na fala cotidiana, seja na escrita, mesmo a mais observadora da norma culta.
Mas a palavra não morreu, está nos dicionários, congelada, praticamente sem esperanças de ressurreição, lutando para permanecer o mais possível nesse estado.
De qualquer forma, vinga-se de nós, contemporâneos, que a desprezaram, ao obrigar-nos a ir buscar seu significado, quando lemos "Dom Casmurro".
[...]
A transfiguração se distingue do congelamento. Nesse caso, estamos diante de um signo que designa um objeto, uma qualidade, um determinado sentimento, e que vai mudando de significado, ao longo do tempo.
Muito me atrai a transfiguração da palavra "bonde" e sua aplicação concomitante a diferentes sentidos. Típica do português do Brasil, ela se originou da palavra inglesa "bond" (título, obrigação), impressa, a princípio, nos "bilhetes de passagem" de uma empresa do Rio de Janeiro - a "Botanical Garden Railway", por volta de 1870.
Foi tal o impacto do signo que ele serviu para compor diversas frases.
[...]
O fim do bonde como transporte coletivo não correspondeu ao fim do signo, como se poderia supor. Se ele já designava várias coisas, passou a designar outras mais, como o "bonde" da cadeia, que leva e traz presos, ou um conjunto artístico, um grupo literário etc.
Volto à história do dono da pensão. Para ele, península não era uma "insípida porção de terra cercada de água por todos os lados, menos por um que a liga ao continente", como ensinavam os antigos professores de geografia.
(BORIS FAUSTO, Folha de S. Paulo, Caderno Mais, 15/04/2007)

Ainda sobre "A dança das palavras", é incorreto afirmar que:
a) Apesar de aparentemente deslocada, a história do dono da pensão é o fio condutor das especulações do enunciador.
b) Apesar de não explicitar a expressão "variação lingüística", pode-se dizer que este é um dos assuntos do texto.

c) Em seu relato, Antonio Candido já supunha que há uma distinção entre a "transfiguração" e o "congelamento" das palavras.
d) Ao falar de palavras "feias" e "bonitas", o enunciador estabelece uma distinção entre beleza fonética e significação.
e) Em diferentes contextos culturais ou históricos, uma mesma palavra pode designar "várias coisas".

37) (ESPM-2007) A dança das palavras
O professor [e crítico] Antonio Candido contou há vários anos, numa roda de amigos, uma curiosa história. Se não estou enganado, o protagonista era um português, dono de uma pensão no Rio de Janeiro, chamada de "Península Fernandes".
Intrigado e ao mesmo tempo curioso, Antonio Candido perguntou ao homem qual a razão daquele título. "É que eu me chamo Fernandes", foi a resposta. "Bom, mas e 'península'"?. "'Península' é porque eu acho a palavra bonita."
[...]
Palavras feias, aliás, não são necessariamente os chamados "palavrões", alguns até, se não bonitos, certamente bem expressivos.
Deixo as questões estéticas, para lembrar que os signos têm vida e, portanto, nascem, vivem, alguns morrem, ficam congelados ou se transfiguram. Embora tenha atração por seu nascimento, deixo de lado a etimologia e me fixo no congelamento e na transfiguração.
[...]
Vamos aos signos congelados.
Como continuamos a ler pelos anos afora o maior nome das nossas letras, Machado de Assis é uma boa referência.
O que era Escobar para Bentinho, no romance "Dom Casmurro"? Seu comborço, diz Machado, ou seja, o amante de sua mulher, a acreditar-se na versão de uma "pecaminosa"
Capitu. Pois bem, ninguém usa hoje essa palavra, seja na fala cotidiana, seja na escrita, mesmo a mais observadora da norma culta.
Mas a palavra não morreu, está nos dicionários, congelada, praticamente sem esperanças de ressurreição, lutando para permanecer o mais possível nesse estado.
De qualquer forma, vinga-se de nós, contemporâneos, que a desprezaram, ao obrigar-nos a ir buscar seu significado, quando lemos "Dom Casmurro".
[...]
A transfiguração se distingue do congelamento. Nesse caso, estamos diante de um signo que designa um objeto, uma qualidade, um determinado sentimento, e que vai mudando de significado, ao longo do tempo.
Muito me atrai a transfiguração da palavra "bonde" e sua aplicação concomitante a diferentes sentidos. Típica do português do Brasil, ela se originou da palavra inglesa "bond" (título, obrigação), impressa, a princípio, nos "bilhetes de passagem" de uma empresa do Rio de Janeiro - a "Botanical Garden Railway", por volta de 1870.
Foi tal o impacto do signo que ele serviu para compor diversas frases.
[...]
O fim do bonde como transporte coletivo não correspondeu ao fim do signo, como se poderia supor. Se ele já designava várias coisas, passou a designar outras mais, como o "bonde" da cadeia, que leva e traz presos, ou um conjunto artístico, um grupo literário etc.
Volto à história do dono da pensão. Para ele, península não era uma "insípida porção de terra cercada de água por todos os lados, menos por um que a liga ao continente", como ensinavam os antigos professores de geografia.
(BORIS FAUSTO, Folha de S. Paulo, Caderno Mais, 15/04/2007)

Nos trechos:
"Como continuamos a ler pelos anos afora o maior nome das nossas letras, Machado de Assis é uma boa referência.(...) O fim do bonde como transporte coletivo não correspondeu ao fim do signo, como se poderia supor."
Os vocábulos em negrito podem ser substituídos, sem prejuízo de sentido, respectivamente por:
a) Porque, tal qual, conforme.
b) Tal qual, conforme, porque.
c) Porque, tal qual, de modo que.
d) Conforme, tal qual, segundo.
e) Porque, conforme, tal qual.

38) (Vunesp-2003) A economia argentina já está respirando sem aparelhos. Um dado eloqüente dessa recuperação: o Brasil aumentou em 100% suas exportações para lá em março, em comparação com o mesmo período do ano passado.
(Revista Veja, 02.04.2003.)

Nas tempestades de areia do nosso destino, nas cavernas mais profundas da nossa ancestralidade, nos subterrâneos da nossa aventura, escondem-se delatores e terroristas, carcereiros e torturadores, cassandras* e patriotas, usurpadores e fanáticos, predadores e corruptos, seqüestradores e sociopatas. As guerras são a hora da sua plena liberação.
*Cassandra era uma profetiza troiana que anunciava desgraças e era desacreditada por todos.
(Rodolfo Konder, Folha de S.Paulo, 07.04.2003.)

Os dois textos foram escritos com o emprego de linguagem figurada. Para efetivamente compreendê-los, é necessário "decodificar" as figuras que são, nesse caso, metáforas.
Depois de fazer isso, explique:
a) Qual o sentido da frase:
A *economia argentina está respirando sem aparelhos.*
b) Qual a tese defendida pelo autor no segundo texto?

39) (Enem Cancelado-2009) A ética nasceu na polis grega com a pergunta pelos critérios que pudessem tornar possível o enfrentamento da vida com dignidade. Isto significa dizer que o ponto de partida da ética é a vida, a realidade humana, que, em nosso caso, é uma realidade de fome e miséria, de exploração e exclusão, de desespero e desencanto frente a um sentido da vida. É neste ponto que

somos remetidos diretamente à questão da democracia, um projeto que se realiza nas relações da sociabilidade humana.
Disponível em: http://www.jornaldeopiniao.com.br. Acesso em: 03 maio 2009.
O texto pretende que o leitor se convença de que a
a) ética é a vivência da realidade das classes pobres, como mostra o fragmento "é uma realidade de fome e miséria".
b) ética é o cultivo dos valores morais para encontrar sentido na vida, como mostra o fragmento "de desespero e desencanto frente a um sentido da vida".
c) experiência democrática deve ser um projeto vivido na coletividade, como mostra o fragmento "um projeto que se realiza nas relações da sociabilidade humana".
d) experiência democrática precisa ser exercitada em benefício dos mais pobres, com base no fragmento "tornar possível o enfrentamento da vida com dignidade".
e) democracia é a melhor forma de governo para as classes menos favorecidas, como mostra o fragmento "É neste ponto que somos remetidos diretamente à questão da democracia".

40) (Fuvest-2000) A explosão dos computadores pessoais, as “infovias”, as grandes redes - a Internet e a World Wide Web - atropelaram o mundo. Tornaram as leis antiquadas, reformularam a economia, reordenaram prioridades, redefiniram os locais de trabalho, desafiaram constituições, mudaram o conceito de realidade e obrigaram as pessoas a ficar sentadas, durante longos períodos de tempo, diante de telas de computadores, enquanto o CD-Rom trabalha. Não há dúvida de que vivemos a revolução da informação e, diz o professor do MIT, Nicholas Negroponte, revoluções não são sutis.
(Jornal do Brasil, 13/02/96)

No texto, a expressão que sintetiza os efeitos da revolução operada pela informática é
a) “atropelaram o mundo”.
b) “tornaram as leis antiquadas”.
c) “reformularam a economia”.
d) “redefiniram os locais de trabalho”.
e) “desafiaram constituições”.

41) (Fuvest-2000) A explosão dos computadores pessoais, as “infovias”, as grandes redes - a Internet e a World Wide Web - atropelaram o mundo. Tornaram as leis antiquadas, reformularam a economia, reordenaram prioridades, redefiniram os locais de trabalho, desafiaram constituições, mudaram o conceito de realidade e obrigaram as pessoas a ficar sentadas, durante longos períodos de tempo, diante de telas de computadores, enquanto o CD-Rom trabalha. Não há dúvida de que vivemos a revolução da informação e, diz o professor do MIT, Nicholas Negroponte, revoluções não são sutis.
(Jornal do Brasil, 13/02/96)

A expressão “revoluções não são sutis” indica
a) a natureza efêmera das revoluções.
b) a negação dos benefícios decorrentes das revoluções.
c) a natureza precária das revoluções.
d) o caráter radical das revoluções.
e) o traço progressista das revoluções.

42) (Enem Cancelado-2009) A falta de espaço para brincar é um problema muito comum nos grandes centros urbanos. Diversas brincadeiras de rua tal como o pular corda, o pique pega e outros têm desaparecido do cotidiano das crianças. As brincadeiras são importantes para o crescimento e desenvolvimento das crianças, pois desenvolvem tanto habilidades perceptivo-motoras quanto habilidades sociais. Considerando a brincadeira e o jogo como um importante instrumento de interação social, pois por meio deles a criança aprende sobre si, sobre o outro e sobre o mundo ao seu redor, entende-se que
a) o jogo possibilita a participação de crianças de diferentes idades e níveis de habilidade motora.
b) o jogo desenvolve habilidades competitivas centradas na busca da excelência na execução de atividades do cotidiano.
c) o jogo gera um espaço para vivenciar situações de exclusão que serão negativas para a aprendizagem social.
d) através do jogo é possível entender que as regras são construídas socialmente e que não podemos modificá-las.
e) no jogo, a participação está sempre vinculada à necessidade de aprender um conteúdo novo e de desenvolver habilidades motoras especializadas.

43) (UDESC-1996) A inteligência é o atributo de que o ser humano mais se orgulha. Graças a essa habilidade, foi possível uma civilização repleta de conforto e prazeres. Até hoje, porém, não se sabe exatamente como essa qualidade surgiu e seu conceito é bastante amplo e polêmico. Conforme cientistas, se resume na capacidade de estabelecer relações e resolver problemas. Isso significa, por exemplo, olhar uma maçã e entender que é uma fruta saudável e a forma criativa de utilizar essa informação é transformá-la em tortas, doces, sucos, geléias.
ISTO É, n. 1381, p. 38-42, 1996.

De acordo com o texto como uma pessoa poderia ser considerada inteligente?

44) (UFPR-2006) A linguagem politicamente correta
A expressão “politicamente correto” (ou incorreto) aplica-se não apenas à linguagem, embora esta seja a candidata mais constante àquela qualificação, mas a variados campos. Por exemplo, num recente dia dos namorados, um jornal afirma que “casais entram na era do politicamente correto, são fiéis, trocam anéis e fazem sexo responsável”. Uma revista de variedades informou, há pouco tempo, que as redes inglesas de TV BBC e Channel 4 tiraram do ar algumas mímicas (p. ex. o dedo em forma de gancho para significar “judeu”, puxar os cantos dos olhos para representar um chinês), que eram utilizadas em programas para surdos-mudos, por julgá-las politicamente incorretas. O movimento em defesa de um comportamento, inclusive lingüístico, que seja politicamente correto inclui em especial o combate ao racismo e ao machismo, à pretensa superioridade do homem branco ocidental e a sua cultura pretensamente racional.

Estas são, digamos, as grandes questões. Mas o movimento vai além, tentando tornar não marcado o vocabulário (e o comportamento) relativo a qualquer grupo discriminado, dos velhos aos canhotos, dos carecas aos baixinhos, dos fanhos aos gagos, passando por diversos tipos de "doenças" (lepra, aids etc.). As formas lingüísticas estão entre os elementos de combate que mais se destacam, na medida que o movimento acredita (com muita justiça, em princípio) que reproduzem uma ideologia que segrega em termos de classe, sexo, raça e outras características físicas e sociais que são objeto de discriminação, o que equivale a afirmar que há formas lingüísticas que veiculam sentidos que evidentemente discriminam (preto, gata, bicha), ao lado de outros que talvez discriminem, mas menos claramente (*mula*to, de*negr*ir, *judi*ar etc.).
Para alguns, este movimento é basicamente um efeito do relativismo e da crise da racionalidade, em especial quando ele ataca valores ligados à cultura clássica. Para outros, é um dos resultados da organização das minorias. É um movimento confuso, com altos e baixos, e comporta algumas teses relevantes, outras extremamente discutíveis e outras francamente risíveis. O exemplo seguinte é interessante para discutir os limites do movimento. Veja-se a carta abaixo, publicada na revista
ISTOÉ 1208, de 25.11.92, e a resposta da revista:
Sr. Diretor,
Sou assíduo leitor desta revista, sempre a tive como grande veículo de comunicação sério e de grande responsabilidade. Porém, na edição 1206, assunto religião, onde vocês comentam a grande importância de Galileu Galilei na história, há um trecho onde lê-se "um dos períodos mais negro (sic) da história". Devido a essa frase, venho expor meu repúdio e questionamento. No momento em que isso é referido, não há afirmação de que negro é sinônimo de desgraça histórica?
(Robson Carlos Almeida, Salvador-BA)
ISTOÉ explica: No sentido em que a palavra negro foi usada, ela é tão ofensiva quanto dizer que houve um golpe branco em um determinado país, por exemplo.
(Adaptado de POSSENTI, Sírio. Os limites do discurso. Curitiba: Criar, 2002, p. 37-48.)

Para Sírio Possenti, o movimento em defesa de um comportamento, inclusive lingüístico, que seja politicamente correto é:
a) basicamente um efeito do relativismo.
b) controverso.
c) extremamente discutível.
d) resultado da organização das minorias.
e) francamente risível.

45) (UFPR-2006) A linguagem politicamente correta
A expressão "politicamente correto" (ou incorreto) aplica-se não apenas à linguagem, embora esta seja a candidata mais constante àquela qualificação, mas a variados campos. Por exemplo, num recente dia dos namorados, um jornal afirma que "casais entram na era do politicamente correto, são fiéis, trocam anéis e fazem sexo responsável". Uma revista de variedades informou, há pouco tempo, que as redes inglesas de TV BBC e Channel 4 tiraram do ar algumas mímicas (p. ex. o dedo em forma de gancho para significar "judeu", puxar os cantos dos olhos para representar um chinês), que eram utilizadas em programas para surdos-mudos, por julgá-las politicamente incorretas.
O movimento em defesa de um comportamento, inclusive lingüístico, que seja politicamente correto inclui em especial o combate ao racismo e ao machismo, à pretensa superioridade do homem branco ocidental e a sua cultura pretensamente racional.

Estas são, digamos, as grandes questões. Mas o movimento vai além, tentando tornar não marcado o vocabulário (e o comportamento) relativo a qualquer grupo discriminado, dos velhos aos canhotos, dos carecas aos baixinhos, dos fanhos aos gagos, passando por diversos tipos de "doenças" (lepra, aids etc.). As formas lingüísticas estão entre os elementos de combate que mais se destacam, na medida que o movimento acredita (com muita justiça, em princípio) que reproduzem uma ideologia que segrega em termos de classe, sexo, raça e outras características físicas e sociais que são objeto de discriminação, o que equivale a afirmar que há formas lingüísticas que veiculam sentidos que evidentemente discriminam (preto, gata, bicha), ao lado de outros que talvez discriminem, mas menos claramente (*mula*to, de*negr*ir, *judi*ar etc.).
Para alguns, este movimento é basicamente um efeito do relativismo e da crise da racionalidade, em especial quando ele ataca valores ligados à cultura clássica. Para outros, é um dos resultados da organização das minorias. É um movimento confuso, com altos e baixos, e comporta algumas teses relevantes, outras extremamente discutíveis e outras francamente risíveis. O exemplo seguinte é interessante para discutir os limites do movimento. Veja-se a carta abaixo, publicada na revista
ISTOÉ 1208, de 25.11.92, e a resposta da revista:
Sr. Diretor,
Sou assíduo leitor desta revista, sempre a tive como grande veículo de comunicação sério e de grande responsabilidade. Porém, na edição 1206, assunto religião, onde vocês comentam a grande importância de Galileu Galilei na história, há um trecho onde lê-se "um dos períodos mais negro (sic) da história". Devido a essa frase, venho expor meu repúdio e questionamento. No momento em que isso é referido, não há afirmação de que negro é sinônimo de desgraça histórica?
(Robson Carlos Almeida, Salvador-BA)
ISTOÉ explica: No sentido em que a palavra negro foi usada, ela é tão ofensiva quanto dizer que houve um golpe branco em um determinado país, por exemplo.
(Adaptado de POSSENTI, Sírio. Os limites do discurso. Curitiba: Criar, 2002, p. 37-48.)

A carta do leitor à *ISTOÉ* e a resposta da revista revelam:
a) a preocupação da revista em apresentar uma resposta politicamente correta ao questionamento do leitor.
b) a atitude politicamente incorreta da revista tanto em relação às minorias discriminadas quanto aos grupos cuja cultura é socialmente valorizada.

c) o reconhecimento da revista de que o uso da palavra "negro" na matéria sobre Galileu Galilei pode ser ofensivo a um grupo social.
d) a divergência entre o leitor e a revista sobre os contextos e sentidos em que o uso de uma palavra é politicamente incorreto.
e) o reconhecimento, pela revista, da validade do comentário do leitor, a partir do acréscimo da forma "sic" (com o sentido de "exatamente assim") à carta publicada.

46) (UFPR-2006) A linguagem politicamente correta
A expressão "politicamente correto" (ou incorreto) aplica-se não apenas à linguagem, embora esta seja a candidata mais constante àquela qualificação, mas a variados campos. Por exemplo, num recente dia dos namorados, um jornal afirma que "casais entram na era do politicamente correto, são fiéis, trocam anéis e fazem sexo responsável". Uma revista de variedades informou, há pouco tempo, que as redes inglesas de TV BBC e Channel 4 tiraram do ar algumas mímicas (p. ex. o dedo em forma de gancho para significar "judeu", puxar os cantos dos olhos para representar um chinês), que eram utilizadas em programas para surdos-mudos, por julgá-las politicamente incorretas.
O movimento em defesa de um comportamento, inclusive lingüístico, que seja politicamente correto inclui em especial o combate ao racismo e ao machismo, à pretensa superioridade do homem branco ocidental e a sua cultura pretensamente racional.
Estas são, digamos, as grandes questões. Mas o movimento vai além, tentando tornar não marcado o vocabulário (e o comportamento) relativo a qualquer grupo discriminado, dos velhos aos canhotos, dos carecas aos baixinhos, dos fanhos aos gagos, passando por diversos tipos de "doenças" (lepra, aids etc.). As formas lingüísticas estão entre os elementos de combate que mais se destacam, na medida que o movimento acredita (com muita justiça, em princípio) que reproduzem uma ideologia que segrega em termos de classe, sexo, raça e outras características físicas e sociais que são objeto de discriminação, o que equivale a afirmar que há formas lingüísticas que veiculam sentidos que evidentemente discriminam (preto, gata, bicha), ao lado de outros que talvez discriminem, mas menos claramente (*mula*to, de*negr*ir, *judi*ar etc.).
Para alguns, este movimento é basicamente um efeito do relativismo e da crise da racionalidade, em especial quando ele ataca valores ligados à cultura clássica. Para outros, é um dos resultados da organização das minorias. É um movimento confuso, com altos e baixos, e comporta algumas teses relevantes, outras extremamente discutíveis e outras francamente risíveis. O exemplo seguinte é interessante para discutir os limites do movimento. Veja-se a carta abaixo, publicada na revista
ISTOÉ 1208, de 25.11.92, e a resposta da revista:
Sr. Diretor,
Sou assíduo leitor desta revista, sempre a tive como grande veículo de comunicação sério e de grande responsabilidade. Porém, na edição 1206, assunto religião, onde vocês comentam a grande importância de Galileu Galilei na história, há um trecho onde lê-se "um dos períodos mais negro (sic) da história". Devido a essa frase, venho expor meu repúdio e questionamento. No momento em que isso é referido, não há afirmação de que negro é sinônimo de desgraça histórica?
(Robson Carlos Almeida, Salvador-BA)
ISTOÉ explica: No sentido em que a palavra negro foi usada, ela é tão ofensiva quanto dizer que houve um golpe branco em um determinado país, por exemplo.
(Adaptado de POSSENTI, Sírio. Os limites do discurso. Curitiba: Criar, 2002, p. 37-48.)

Em outra passagem do mesmo texto, Sírio Possenti reproduz alguns comentários veiculados na imprensa em 1994, a propósito de uma afirmação do então candidato à presidência da República Fernando Henrique Cardoso, que se declarou "mulato":
"Só se ele é filho de mula. Mulatinho é cruzamento com mula, não com negro." (militante negro)
"... atribuir a todo uso da palavra 'mulato' um sentido ofensivo ou discriminatório, como tantos estão fazendo, é negar a natureza dinâmica da linguagem, com sua permanente modificação de formas e sentidos. Mesmo que a procedência etimológica de 'mulato' tenha a incomprovada relação com 'mula', seu sentido não guarda sequer vestígio desta suposta origem". (Jânio de Freitas)
Relacionando os comentários acima com o texto de Possenti, é correto afirmar:
a) Para Jânio de Freitas, o uso da palavra "mulato" só poderá ser considerado ofensivo se for comprovada sua origem etimológica.
b) Para o militante negro, a palavra "mulato" é ofensiva em qualquer circunstância, por associar o negro a um animal.
c) Para Possenti, o uso da palavra "mulato" é discriminatório, uma vez que se pode reconhecer em sua forma a palavra que lhe deu origem: "mula".
d) Tanto para o militante negro quanto para Jânio de Freitas o uso da palavra "mulato" deveria ser abolido em qualquer contexto.
e) Sírio Possenti e Jânio de Freitas defendem as propostas do movimento pelo uso de uma linguagem politicamente correta.

47) (UFPR-2006) A linguagem politicamente correta
A expressão "politicamente correto" (ou incorreto) aplica-se não apenas à linguagem, embora esta seja a candidata mais constante àquela qualificação, mas a variados campos. Por exemplo, num recente dia dos namorados, um jornal afirma que "casais entram na era do politicamente correto, são fiéis, trocam anéis e fazem sexo responsável". Uma revista de variedades informou, há pouco tempo, que as redes inglesas de TV BBC e Channel 4 tiraram do ar algumas mímicas (p. ex. o dedo em forma de gancho para significar "judeu", puxar os cantos dos olhos para representar um chinês), que eram utilizadas em programas para surdos-mudos, por julgá-las politicamente incorretas.
O movimento em defesa de um comportamento, inclusive lingüístico, que seja politicamente correto inclui em especial o combate ao racismo e ao machismo, à pretensa

superioridade do homem branco ocidental e a sua cultura pretensamente racional.

Estas são, digamos, as grandes questões. Mas o movimento vai além, tentando tornar não marcado o vocabulário (e o comportamento) relativo a qualquer grupo discriminado, dos velhos aos canhotos, dos carecas aos baixinhos, dos fanhos aos gagos, passando por diversos tipos de “doenças” (lepra, aids etc.). As formas lingüísticas estão entre os elementos de combate que mais se destacam, na medida que o movimento acredita (com muita justiça, em princípio) que reproduzem uma ideologia que segrega em termos de classe, sexo, raça e outras características físicas e sociais que são objeto de discriminação, o que equivale a afirmar que há formas lingüísticas que veiculam sentidos que evidentemente discriminam (preto, gata, bicha), ao lado de outros que talvez discriminem, mas menos claramente (*mula*to, de*negr*ir, *judi*ar etc.).

Para alguns, este movimento é basicamente um efeito do relativismo e da crise da racionalidade, em especial quando ele ataca valores ligados à cultura clássica. Para outros, é um dos resultados da organização das minorias. É um movimento confuso, com altos e baixos, e comporta algumas teses relevantes, outras extremamente discutíveis e outras francamente risíveis. O exemplo seguinte é interessante para discutir os limites do movimento. Veja-se a carta abaixo, publicada na revista

ISTOÉ 1208, de 25.11.92, e a resposta da revista:

Sr. Diretor,

Sou assíduo leitor desta revista, sempre a tive como grande veículo de comunicação sério e de grande responsabilidade. Porém, na edição 1206, assunto religião, onde vocês comentam a grande importância de Galileu Galilei na história, há um trecho onde lê-se “um dos períodos mais negro (sic) da história”. Devido a essa frase, venho expor meu repúdio e questionamento. No momento em que isso é referido, não há afirmação de que negro é sinônimo de desgraça histórica?

(Robson Carlos Almeida, Salvador-BA)

ISTOÉ explica: No sentido em que a palavra negro foi usada, ela é tão ofensiva quanto dizer que houve um golpe branco em um determinado país, por exemplo.

(Adaptado de POSSENTI, Sírio. Os limites do discurso. Curitiba: Criar, 2002, p. 37-48.)

Num mundo dominado pela noção do politicamente correto, um autor como o Marquês de Sade não teria ambiente para aparecer à luz do dia. Afinal, o nobre e devasso parisiense contemporâneo da Revolução Francesa fazia a apologia de um conceito um tanto peculiar de liberdade. Para ele, gozá-la em sua plenitude é privilégio para aqueles poucos que derivam prazer da escravização do outro. Nada mais atentatório ao princípio básico da civilização. E no entanto Sade está de novo entre nós: num ciclo de filmes, numa montagem teatral, em ensaios recentes e numa nova tradução de seu primeiro e mais maldito romance: *Os 120 dias de Sodoma*. [...]

(PILAGALLO, Oscar. *Entre Livros*, Ano 1, nº 12.)

Segundo o texto, é correto afirmar:

a) A obra do Marquês de Sade não é hoje compreendida por seu autor ter vivido num mundo politicamente correto.
b) No período da Revolução Francesa defendia-se, como se pode ver na obra do Marquês de Sade, a escravização do outro.
c) O mundo atual, apesar de politicamente correto, não faz uso do conceito de liberdade.
d) A noção de liberdade do Marquês de Sade, em termos atuais, é politicamente incorreta.
e) A recuperação da obra do Marquês Sade corrige o que ela tem de politicamente incorreto.

48) (UFPR-2006) A linguagem politicamente correta

A expressão “politicamente correto” (ou incorreto) aplica-se não apenas à linguagem, embora esta seja a candidata mais constante àquela qualificação, mas a variados campos. Por exemplo, num recente dia dos namorados, um jornal afirma que “casais entram na era do politicamente correto, são fiéis, trocam anéis e fazem sexo responsável”. Uma revista de variedades informou, há pouco tempo, que as redes inglesas de TV BBC e Channel 4 tiraram do ar algumas mímicas (p. ex. o dedo em forma de gancho para significar “judeu”, puxar os cantos dos olhos para representar um chinês), que eram utilizadas em programas para surdos-mudos, por julgá-las politicamente incorretas.

O movimento em defesa de um comportamento, inclusive lingüístico, que seja politicamente correto inclui em especial o combate ao racismo e ao machismo, à pretensa superioridade do homem branco ocidental e a sua cultura pretensamente racional.

Estas são, digamos, as grandes questões. Mas o movimento vai além, tentando tornar não marcado o vocabulário (e o comportamento) relativo a qualquer grupo discriminado, dos velhos aos canhotos, dos carecas aos baixinhos, dos fanhos aos gagos, passando por diversos tipos de “doenças” (lepra, aids etc.). As formas lingüísticas estão entre os elementos de combate que mais se destacam, na medida que o movimento acredita (com muita justiça, em princípio) que reproduzem uma ideologia que segrega em termos de classe, sexo, raça e outras características físicas e sociais que são objeto de discriminação, o que equivale a afirmar que há formas lingüísticas que veiculam sentidos que evidentemente discriminam (preto, gata, bicha), ao lado de outros que talvez discriminem, mas menos claramente (*mula*to, de*negr*ir, *judi*ar etc.).

Para alguns, este movimento é basicamente um efeito do relativismo e da crise da racionalidade, em especial quando ele ataca valores ligados à cultura clássica. Para outros, é um dos resultados da organização das minorias. É um movimento confuso, com altos e baixos, e comporta algumas teses relevantes, outras extremamente discutíveis e outras francamente risíveis. O exemplo seguinte é interessante para discutir os limites do movimento. Veja-se a carta abaixo, publicada na revista

ISTOÉ 1208, de 25.11.92, e a resposta da revista:

Sr. Diretor,

Sou assíduo leitor desta revista, sempre a tive como grande veículo de comunicação sério e de grande responsabilidade.

Porém, na edição 1206, assunto religião, onde vocês comentam a grande importância de Galileu Galilei na história, há um trecho onde lê-se "um dos períodos mais negro (sic) da história". Devido a essa frase, venho expor meu repúdio e questionamento. No momento em que isso é referido, não há afirmação de que negro é sinônimo de desgraça histórica?
(Robson Carlos Almeida, Salvador-BA)
ISTOÉ explica: No sentido em que a palavra negro foi usada, ela é tão ofensiva quanto dizer que houve um golpe branco em um determinado país, por exemplo.
(Adaptado de POSSENTI, Sírio. Os limites do discurso. Curitiba: Criar, 2002, p. 37-48.)

Num mundo dominado pela noção do politicamente correto, um autor como o Marquês de Sade não teria ambiente para aparecer à luz do dia. Afinal, o nobre e devasso parisiense contemporâneo da Revolução Francesa fazia a apologia de um conceito um tanto peculiar de liberdade. Para ele, gozá-la em sua plenitude é privilégio para aqueles poucos que derivam prazer da escravização do outro. Nada mais atentatório ao princípio básico da civilização. E no entanto Sade está de novo entre nós: num ciclo de filmes, numa montagem teatral, em ensaios recentes e numa nova tradução de seu primeiro e mais maldito romance: *Os 120 dias de Sodoma*. [...]
(PILAGALLO, Oscar. *Entre Livros*, Ano 1, no 12.)

Para Possenti, a defesa da linguagem e comportamento politicamente corretos "é um movimento confuso, com altos e baixos, e comporta algumas teses relevantes, outras extremamente discutíveis e outras francamente risíveis". A partir dessa afirmação, classificar de politicamente incorreto o conceito de liberdade do Marquês de Sade seria:
a) risível.
b) equivocado.
c) relevante.
d) discutível.
e) confuso.

49) (ESPM-2006) A morte do livro
FERREIRA GULLAR
A morte do livro como veículo da literatura já foi profetizada várias vezes na chamada época moderna. E não por inimigos da literatura, mas pelos escritores mesmos. Até onde me lembro, o primeiro a fazer essa profecia foi nada menos que o poeta Guillaume Apollinaire, no começo do século 20.
Entusiasmado com a invenção do gramofone (ou vitrola), acreditou que os poetas em breve deixariam de imprimir seus poemas em livros para gravá-los em discos, com a vantagem - segundo ele, indiscutível - de o antigo leitor, tornado ouvinte, ouvi-los na voz do próprio poeta. [...]
De qualquer modo, Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas enquanto o disco veio servir mesmo foi aos cantores e compositores de canções populares, [...].
O mais recente profeta do fim do livro é o romancista norte-americano Philip Roth, que, numa entrevista, fez o prenúncio. Na verdade, ele anunciou o fim da própria literatura e não por falta de escritores, mas de leitores. Certamente, referia-se a certo tipo de literatura, pois obras de ficção como "O Código Da Vinci" e "Harry Potter" alcançam tiragens de milhões de exemplares em todos os idiomas.
Outro fenômeno que contradiz a tese de que as pessoas lêem cada vez menos é o crescente tamanho dos "best-sellers": ultimamente, os volumes ultrapassam as 400 ou 500 páginas, havendo os que atingem mais de 800. Tais dados põem em dúvida, mais uma vez, as previsões da morte do livro e da literatura. [...]
A visão simplificadora consiste em não levar em conta alguns fatores que estão ocultos, mas atuantes na sociedade de massa: fatores qualitativos que a avaliação meramente quantitativa ignora. Começa pelo fato de que são as obras literárias de qualidade, e não as que constituem mero passatempo, que influem na construção do universo imaginário da época. É indiscutível que tais obras atingem, inicialmente, um número reduzido de leitores, mas é verdade também que, através deles, com o passar do tempo, influem sobre um número cada vez maior de indivíduos - e especialmente sobre aqueles que constituem o núcleo social irradiador das idéias.
Costumo, a propósito desta discussão, citar o exemplo de um livro de poemas que nasceu maldito: "As Flores do Mal", de Charles Baudelaire, cuja primeira edição, em reduzida tiragem, data de 1857. Naquela mesma época havia autores cujos livros alcançavam tiragens consideráveis, que às vezes chegavam a mais de 30 mil exemplares. Esses livros cumpriram sua missão, divertiram os leitores e depois foram esquecidos, como muitos "best-sellers" de nossa época. Enquanto isso, o livro de poemas de Baudelaire - cuja venda quase foi proibida pela Justiça -, que vem sendo reeditado e traduzido em todas as línguas, já deve ter atingido, no total das tiragens, muitos milhões de exemplares. O verdadeiro "best-seller" é ele ou não é? [...]
*(*Folha de São Paulo*, 19/03/2006)*

O título "A morte do livro" anuncia apenas um dos pontos abordados pelo autor no texto. Tendo isso em vista, pode-se afirmar que outro assunto, no qual está incluída a morte do livro, é:
a) A substituição do livro pelo gramofone e da literatura pela música.
b) A visão simplificadora e simplista da literatura mundial.
c) A longevidade de livros como "O Código da Vinci" e "Harry Potter".
d) O fim de determinado tipo de literatura pela suposta falta de público-leitor.
e) A qualidade literária de "As Flores do Mal", de Charles Baudelaire.

50) (ESPM-2006) A morte do livro
FERREIRA GULLAR
A morte do livro como veículo da literatura já foi profetizada várias vezes na chamada época moderna. E não

por inimigos da literatura, mas pelos escritores mesmos.
Até onde me lembro, o primeiro a fazer essa profecia foi nada menos que o poeta Guillaume Apollinaire, no começo do século 20.
Entusiasmado com a invenção do gramofone (ou vitrola), acreditou que os poetas em breve deixariam de imprimir seus poemas em livros para gravá-los em discos, com a vantagem — segundo ele, indiscutível — de o antigo leitor, tornado ouvinte, ouvi-los na voz do próprio poeta. [...]
De qualquer modo, Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas enquanto o disco veio servir mesmo foi aos cantores e compositores de canções populares, [...].
O mais recente profeta do fim do livro é o romancista norte-americano Philip Roth, que, numa entrevista, fez o prenúncio. Na verdade, ele anunciou o fim da própria literatura e não por falta de escritores, mas de leitores. Certamente, referia-se a certo tipo de literatura, pois obras de ficção como “O Código Da Vinci” e “Harry Potter” alcançam tiragens de milhões de exemplares em todos os idiomas.
Outro fenômeno que contradiz a tese de que as pessoas lêem cada vez menos é o crescente tamanho dos “best-sellers”: ultimamente, os volumes ultrapassam as 400 ou 500 páginas, havendo os que atingem mais de 800. Tais dados põem em dúvida, mais uma vez, as previsões da morte do livro e da literatura. [...]
A visão simplificadora consiste em não levar em conta alguns fatores que estão ocultos, mas atuantes na sociedade de massa: fatores qualitativos que a avaliação meramente quantitativa ignora. Começa pelo fato de que são as obras literárias de qualidade, e não as que constituem mero passatempo, que influem na construção do universo imaginário da época. É indiscutível que tais obras atingem, inicialmente, um número reduzido de leitores, mas é verdade também que, através deles, com o passar do tempo, influem sobre um número cada vez maior de indivíduos — e especialmente sobre aqueles que constituem o núcleo social irradiador das idéias.
Costumo, a propósito desta discussão, citar o exemplo de um livro de poemas que nasceu maldito: “As Flores do Mal”, de Charles Baudelaire, cuja primeira edição, em reduzida tiragem, data de 1857. Naquela mesma época havia autores cujos livros alcançavam tiragens consideráveis, que às vezes chegavam a mais de 30 mil exemplares. Esses livros cumpriram sua missão, divertiram os leitores e depois foram esquecidos, como muitos “best-sellers” de nossa época. Enquanto isso, o livro de poemas de Baudelaire — cuja venda quase foi proibida pela Justiça —, que vem sendo reeditado e traduzido em todas as línguas, já deve ter atingido, no total das tiragens, muitos milhões de exemplares. O verdadeiro “best-seller” é ele ou não é? [...]
(Folha de São Paulo, *19/03/2006)*

Em seu texto, Ferreira Gullar utiliza vários argumentos para refutar a possível morte do livro. Tendo isso em vista, assinale o item cujo argumento não reforce seu ponto-de-vista:

a) O número de páginas dos best-sellers está cada vez maior.
b) Os best-sellers, como “O Código da Vinci” e “Harry Potter”, vendem cada vez mais.
c) A profecia do poeta Guillaume Apollinaire que afirmava que o livro deixaria de ser veículo de literatura.
d) Os best-sellers alcançam grandes tiragens em vários idiomas.
e) Alguns dos livros mais vendidos chegam a ter 800 páginas.

51) (ESPM-2006) A morte do livro
FERREIRA GULLAR
A morte do livro como veículo da literatura já foi profetizada várias vezes na chamada época moderna. E não
por inimigos da literatura, mas pelos escritores mesmos.
Até onde me lembro, o primeiro a fazer essa profecia foi nada menos que o poeta Guillaume Apollinaire, no começo do século 20.
Entusiasmado com a invenção do gramofone (ou vitrola), acreditou que os poetas em breve deixariam de imprimir seus poemas em livros para gravá-los em discos, com a vantagem — segundo ele, indiscutível — de o antigo leitor, tornado ouvinte, ouvi-los na voz do próprio poeta. [...]
De qualquer modo, Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas enquanto o disco veio servir mesmo foi aos cantores e compositores de canções populares, [...].
O mais recente profeta do fim do livro é o romancista norte-americano Philip Roth, que, numa entrevista, fez o prenúncio. Na verdade, ele anunciou o fim da própria literatura e não por falta de escritores, mas de leitores. Certamente, referia-se a certo tipo de literatura, pois obras de ficção como “O Código Da Vinci” e “Harry Potter” alcançam tiragens de milhões de exemplares em todos os idiomas.
Outro fenômeno que contradiz a tese de que as pessoas lêem cada vez menos é o crescente tamanho dos “best-sellers”: ultimamente, os volumes ultrapassam as 400 ou 500 páginas, havendo os que atingem mais de 800. Tais dados põem em dúvida, mais uma vez, as previsões da morte do livro e da literatura. [...]
A visão simplificadora consiste em não levar em conta alguns fatores que estão ocultos, mas atuantes na sociedade de massa: fatores qualitativos que a avaliação meramente quantitativa ignora. Começa pelo fato de que são as obras literárias de qualidade, e não as que constituem mero passatempo, que influem na construção do universo imaginário da época. É indiscutível que tais obras atingem, inicialmente, um número reduzido de leitores, mas é verdade também que, através deles, com o passar do tempo, influem sobre um número cada vez maior de indivíduos — e especialmente sobre aqueles que constituem o núcleo social irradiador das idéias.
Costumo, a propósito desta discussão, citar o exemplo de um livro de poemas que nasceu maldito: “As Flores do Mal”, de Charles Baudelaire, cuja primeira edição, em reduzida tiragem, data de 1857. Naquela mesma época

havia autores cujos livros alcançavam tiragens consideráveis, que às vezes chegavam a mais de 30 mil exemplares. Esses livros cumpriram sua missão, divertiram os leitores e depois foram esquecidos, como muitos "best-sellers" de nossa época. Enquanto isso, o livro de poemas de Baudelaire — cuja venda quase foi proibida pela Justiça —, que vem sendo reeditado e traduzido em todas as línguas, já deve ter atingido, no total das tiragens, muitos milhões de exemplares. O verdadeiro "best-seller" é ele ou não é? [...]

*(*Folha de São Paulo*, 19/03/2006)*

Sobre a relação estabelecida pelo autor entre as obras "Flores do Mal", "Harry Potter" e "O Código da Vinci", é correto afirmar que:

a) "Flores do Mal", sucesso comercial de primeira edição, assim como "Harry Potter" e "O Código da Vinci", pode ser considerado, ao longo do tempo, um verdadeiro "best-seller".

b) "Flores do Mal", ao contrário de "Harry Potter" e "Código Da Vinci", foi fracasso comercial de primeira edição, mas pode ser considerado, ao longo do tempo, um verdadeiro "best-seller".

c) "Flores do Mal", ao contrário de "Harry Potter" e "O Código da Vinci", não pode ser considerado, ao longo do tempo, um verdadeiro "best-seller".

d) "Flores do Mal", fracasso comercial ao longo do tempo, ao contrário de "Harry Potter" e "O Código da Vinci", pode ser considerado, hoje, um verdadeiro "best-seller".

e) "Flores do Mal", sucesso comercial ao longo do tempo, ao contrário de "Harry Potter" e "O Código da Vinci", não pode ser considerado um verdadeiro "best-seller".

52) (ESPM-2006) A morte do livro

FERREIRA GULLAR

A morte do livro como veículo da literatura já foi profetizada várias vezes na chamada época moderna. E não por inimigos da literatura, mas pelos escritores mesmos. Até onde me lembro, o primeiro a fazer essa profecia foi nada menos que o poeta Guillaume Apollinaire, no começo do século 20.

Entusiasmado com a invenção do gramofone (ou vitrola), acreditou que os poetas em breve deixariam de imprimir seus poemas em livros para gravá-los em discos, com a vantagem — segundo ele, indiscutível — de o antigo leitor, tornado ouvinte, ouvi-los na voz do próprio poeta. [...]

De qualquer modo, Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas enquanto o disco veio servir mesmo foi aos cantores e compositores de canções populares, [...].

O mais recente profeta do fim do livro é o romancista norte-americano Philip Roth, que, numa entrevista, fez o prenúncio. Na verdade, ele anunciou o fim da própria literatura e não por falta de escritores, mas de leitores. Certamente, referia-se a certo tipo de literatura, pois obras de ficção como "O Código Da Vinci" e "Harry Potter" alcançam tiragens de milhões de exemplares em todos os idiomas.

Outro fenômeno que contradiz a tese de que as pessoas lêem cada vez menos é o crescente tamanho dos "best-sellers": ultimamente, os volumes ultrapassam as 400 ou 500 páginas, havendo os que atingem mais de 800. Tais dados põem em dúvida, mais uma vez, as previsões da morte do livro e da literatura. [...]

A visão simplificadora consiste em não levar em conta alguns fatores que estão ocultos, mas atuantes na sociedade de massa: fatores qualitativos que a avaliação meramente quantitativa ignora. Começa pelo fato de que são as obras literárias de qualidade, e não as que constituem mero passatempo, que influem na construção do universo imaginário da época. É indiscutível que tais obras atingem, inicialmente, um número reduzido de leitores, mas é verdade também que, através deles, com o passar do tempo, influem sobre um número cada vez maior de indivíduos — e especialmente sobre aqueles que constituem o núcleo social irradiador das idéias.

Costumo, a propósito desta discussão, citar o exemplo de um livro de poemas que nasceu maldito: "As Flores do Mal", de Charles Baudelaire, cuja primeira edição, em reduzida tiragem, data de 1857. Naquela mesma época havia autores cujos livros alcançavam tiragens consideráveis, que às vezes chegavam a mais de 30 mil exemplares. Esses livros cumpriram sua missão, divertiram os leitores e depois foram esquecidos, como muitos "best-sellers" de nossa época. Enquanto isso, o livro de poemas de Baudelaire — cuja venda quase foi proibida pela Justiça —, que vem sendo reeditado e traduzido em todas as línguas, já deve ter atingido, no total das tiragens, muitos milhões de exemplares. O verdadeiro "best-seller" é ele ou não é? [...]

*(*Folha de São Paulo*, 19/03/2006)*

A partir da leitura, sobretudo dos dois últimos parágrafos, pode-se dizer que as "obras literárias de qualidade" são aquelas que resistem no imaginário coletivo, mesmo com o passar do tempo. Idéia similar a essa pode ser lida em:

a) "[Literatura] é toda escrita imaginativa no sentido de ficção, escrita que não é literalmente verídica." (EAGLETON, Terry. Teoria da Literatura: uma introdução)

b) "Tudo é, não é e pode ser que seja literatura. Depende do ponto de vista, do significado que a palavra tem para cada um, da situação na qual se discute o que é literatura." (LAJOLO, Marisa. Literatura: Leitores e Leitura)

c) "A arte [por extensão, a literatura] é visão ou intuição. O artista produz uma imagem ou fantasma; e quem aprecia a arte dirige o olhar para o ponto que o artista lhe apontou, olha pela fresta que ele lhe abriu e reproduz em si aquela imagem."

(CROCE, Benedetto. Breviário de Estética)

d) "Erudição, ciência, notícia das boas letras, e humanidades. Conjunto das produções literárias de uma nação, de um país, de uma época."

(SILVA, Antonio de Moraes. Dicionário da Língua Portuguesa)

e) "Os clássicos [literários] são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes)."

(CALVINO, Ítalo. Por que ler os clássicos)

53) (ESPM-2006) A morte do livro

FERREIRA GULLAR

A morte do livro como veículo da literatura já foi profetizada várias vezes na chamada época moderna. E não por inimigos da literatura, mas pelos escritores mesmos. Até onde me lembro, o primeiro a fazer essa profecia foi nada menos que o poeta Guillaume Apollinaire, no começo do século 20.

Entusiasmado com a invenção do gramofone (ou vitrola), acreditou que os poetas em breve deixariam de imprimir seus poemas em livros para gravá-los em discos, com a vantagem — segundo ele, indiscutível — de o antigo leitor, tornado ouvinte, ouvi-los na voz do próprio poeta. [...]

De qualquer modo, Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas enquanto o disco veio servir mesmo foi aos cantores e compositores de canções populares, [...].

O mais recente profeta do fim do livro é o romancista norte-americano Philip Roth, que, numa entrevista, fez o prenúncio. Na verdade, ele anunciou o fim da própria literatura e não por falta de escritores, mas de leitores. Certamente, referia-se a certo tipo de literatura, pois obras de ficção como "O Código Da Vinci" e "Harry Potter" alcançam tiragens de milhões de exemplares em todos os idiomas.

Outro fenômeno que contradiz a tese de que as pessoas lêem cada vez menos é o crescente tamanho dos "best-sellers": ultimamente, os volumes ultrapassam as 400 ou 500 páginas, havendo os que atingem mais de 800. Tais dados põem em dúvida, mais uma vez, as previsões da morte do livro e da literatura. [...]

A visão simplificadora consiste em não levar em conta alguns fatores que estão ocultos, mas atuantes na sociedade de massa: fatores qualitativos que a avaliação meramente quantitativa ignora. Começa pelo fato de que são as obras literárias de qualidade, e não as que constituem mero passatempo, que influem na construção do universo imaginário da época. É indiscutível que tais obras atingem, inicialmente, um número reduzido de leitores, mas é verdade também que, através deles, com o passar do tempo, influem sobre um número cada vez maior de indivíduos — e especialmente sobre aqueles que constituem o núcleo social irradiador das idéias.

Costumo, a propósito desta discussão, citar o exemplo de um livro de poemas que nasceu maldito: "As Flores do Mal", de Charles Baudelaire, cuja primeira edição, em reduzida tiragem, data de 1857. Naquela mesma época havia autores cujos livros alcançavam tiragens consideráveis, que às vezes chegavam a mais de 30 mil exemplares. Esses livros cumpriram sua missão, divertiram os leitores e depois foram esquecidos, como muitos "best-sellers" de nossa época. Enquanto isso, o livro de poemas de Baudelaire — cuja venda quase foi proibida pela Justiça —, que vem sendo reeditado e traduzido em todas as línguas, já deve ter atingido, no total das tiragens, muitos milhões de exemplares. O verdadeiro "best-seller" é ele ou não é? [...]

*(*Folha de São Paulo, *19/03/2006)*

[...] será possível medir a literariedade (o poder, o prestígio, o volume de capital lingüístico-literário) de uma língua não pelo número de escritores ou de leitores dessa língua, mas pelo número de poliglotas literários (ou protagonistas do espaço literário, editores, intermediários cosmopolitas, descobridores cultos...) que a praticam pelo número de tradutores literários [...] que fazem os textos circularem a partir dessa língua literária ou em sua direção.

(CASANOVA, Pascale. A República Mundial das Letras*)*

Comparando o excerto acima ao texto "A morte do livro", seria possível afirmar que a expressão "poliglotas literários" encontra seu correspondente, no texto de Ferreira Gullar, na seguinte opção:

a) "veículo da literatura" (1º- parágrafo).
b) "núcleo social irradiador de idéias" (6º- parágrafo).
c) "visão simplificadora" (6º- parágrafo).
d) "fatores que estão ocultos" (6º- parágrafo).
e) "best-sellers de nossa época" (7º- parágrafo).

54) (ESPM-2006) A morte do livro

FERREIRA GULLAR

A morte do livro como veículo da literatura já foi profetizada várias vezes na chamada época moderna. E não por inimigos da literatura, mas pelos escritores mesmos. Até onde me lembro, o primeiro a fazer essa profecia foi nada menos que o poeta Guillaume Apollinaire, no começo do século 20.

Entusiasmado com a invenção do gramofone (ou vitrola), acreditou que os poetas em breve deixariam de imprimir seus poemas em livros para gravá-los em discos, com a vantagem — segundo ele, indiscutível — de o antigo leitor, tornado ouvinte, ouvi-los na voz do próprio poeta. [...]

De qualquer modo, Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas enquanto o disco veio servir mesmo foi aos cantores e compositores de canções populares, [...].

O mais recente profeta do fim do livro é o romancista norte-americano Philip Roth, que, numa entrevista, fez o prenúncio. Na verdade, ele anunciou o fim da própria literatura e não por falta de escritores, mas de leitores. Certamente, referia-se a certo tipo de literatura, pois obras de ficção como "O Código Da Vinci" e "Harry Potter" alcançam tiragens de milhões de exemplares em todos os idiomas.

Outro fenômeno que contradiz a tese de que as pessoas lêem cada vez menos é o crescente tamanho dos "best-sellers": ultimamente, os volumes ultrapassam as 400 ou 500 páginas, havendo os que atingem mais de 800. Tais dados põem em dúvida, mais uma vez, as previsões da morte do livro e da literatura. [...]

A visão simplificadora consiste em não levar em conta alguns fatores que estão ocultos, mas atuantes na sociedade de massa: fatores qualitativos que a avaliação meramente quantitativa ignora. Começa pelo fato de que são as obras literárias de qualidade, e não as que constituem mero passatempo, que influem na construção do universo imaginário da época. É indiscutível que tais obras atingem, inicialmente, um número reduzido de leitores, mas é verdade também que, através deles, com o passar do tempo, influem sobre um número cada vez maior de indivíduos — e especialmente sobre aqueles que constituem o núcleo social irradiador das idéias.

Costumo, a propósito desta discussão, citar o exemplo de um livro de poemas que nasceu maldito: “As Flores do Mal”, de Charles Baudelaire, cuja primeira edição, em reduzida tiragem, data de 1857. Naquela mesma época havia autores cujos livros alcançavam tiragens consideráveis, que às vezes chegavam a mais de 30 mil exemplares. Esses livros cumpriram sua missão, divertiram os leitores e depois foram esquecidos, como muitos “best-sellers” de nossa época. Enquanto isso, o livro de poemas de Baudelaire — cuja venda quase foi proibida pela Justiça —, que vem sendo reeditado e traduzido em todas as línguas, já deve ter atingido, no total das tiragens, muitos milhões de exemplares. O verdadeiro “best-seller” é ele ou não é? [...]

*(*Folha de São Paulo, *19/03/2006)*

De qualquer modo, Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas enquanto o disco veio servir mesmo foi aos cantores e compositores de canções populares [...].

Sobre a relação semântica dos tempos verbais no trecho acima e sua integração no texto, é correto afirmar que:

a) “Revelara-se” se refere a um momento posterior a “veio servir”.

b) “Difundir” se refere a um momento anterior a “revelara-se”.

c) “Revelara-se” se refere a um momento anterior a “foi”.

d) “Continuaram” se refere a um mesmo momento que “difundir”.

e) “Foi” se refere a um momento atemporal.

55) (ESPM-2006) A morte do livro

FERREIRA GULLAR

A morte do livro como veículo da literatura já foi profetizada várias vezes na chamada época moderna. E não por inimigos da literatura, mas pelos escritores mesmos.

Até onde me lembro, o primeiro a fazer essa profecia foi nada menos que o poeta Guillaume Apollinaire, no começo do século 20.

Entusiasmado com a invenção do gramofone (ou vitrola), acreditou que os poetas em breve deixariam de imprimir seus poemas em livros para gravá-los em discos, com a vantagem — segundo ele, indiscutível — de o antigo leitor, tornado ouvinte, ouvi-los na voz do próprio poeta. [...]

De qualquer modo, Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas enquanto o disco veio servir mesmo foi aos cantores e compositores de canções populares, [...].

O mais recente profeta do fim do livro é o romancista norte-americano Philip Roth, que, numa entrevista, fez o prenúncio. Na verdade, ele anunciou o fim da própria literatura e não por falta de escritores, mas de leitores. Certamente, referia-se a certo tipo de literatura, pois obras de ficção como “O Código Da Vinci” e “Harry Potter” alcançam tiragens de milhões de exemplares em todos os idiomas.

Outro fenômeno que contradiz a tese de que as pessoas lêem cada vez menos é o crescente tamanho dos “best-sellers”: ultimamente, os volumes ultrapassam as 400 ou 500 páginas, havendo os que atingem mais de 800. Tais dados põem em dúvida, mais uma vez, as previsões da morte do livro e da literatura. [...]

A visão simplificadora consiste em não levar em conta alguns fatores que estão ocultos, mas atuantes na sociedade de massa: fatores qualitativos que a avaliação meramente quantitativa ignora. Começa pelo fato de que são as obras literárias de qualidade, e não as que constituem mero passatempo, que influem na construção do universo imaginário da época. É indiscutível que tais obras atingem, inicialmente, um número reduzido de leitores, mas é verdade também que, através deles, com o passar do tempo, influem sobre um número cada vez maior de indivíduos — e especialmente sobre aqueles que constituem o núcleo social irradiador das idéias.

Costumo, a propósito desta discussão, citar o exemplo de um livro de poemas que nasceu maldito: “As Flores do Mal”, de Charles Baudelaire, cuja primeira edição, em reduzida tiragem, data de 1857. Naquela mesma época havia autores cujos livros alcançavam tiragens consideráveis, que às vezes chegavam a mais de 30 mil exemplares. Esses livros cumpriram sua missão, divertiram os leitores e depois foram esquecidos, como muitos “best-sellers” de nossa época. Enquanto isso, o livro de poemas de Baudelaire — cuja venda quase foi proibida pela Justiça —, que vem sendo reeditado e traduzido em todas as línguas, já deve ter atingido, no total das tiragens, muitos milhões de exemplares. O verdadeiro “best-seller” é ele ou não é? [...]

*(*Folha de São Paulo, *19/03/2006)*

No trecho: “...Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas...”, o conector em negrito só não possui o mesmo valor semântico de:

a) porque.

b) conquanto.

c) visto que.

d) uma vez que.

e) como.

Gabarito

1) Alternativa: C

2) Alternativa: D

3) Alternativa: B

4) Alternativa: A

5) Alternativa: A

6) Alternativa: B

7) Alternativa: B

8) Alternativa: E

9) a) A expressão “enfraquecimento do pai” indica, fundamentalmente, a perda de padrões, pois “os jovens atuais não copiam nada” (não se submetem a modelos) e pretendem criar “uma nova cultura”, segundo o espírito do tempo em que “vivemos uma vida que foi despadronizada”. A figura do pai, nesse contexto, simboliza os valores tradicionais.
b) “Saber orientado” é o conhecimento consagrado, presente nos currículos escolares e resultante da tradição.

10) a) “Precisamos de um novo ‘software’ para acessar o mundo.” (Este é o único trecho em que “a autora utiliza alguns elementos da tecnologia para traduzir seu pensamento”, embora a formulação da pergunta - “transcreva um trecho” - implique a existência de outros trechos.)
b) No mundo presente, a vida não mais é moldada por valores e modelos (“padrões”) tradicionais.

11) Alternativa: D

12) Alternativa: D

13) Alternativa: A

14) Alternativa: A

15) Alternativa: C

16) Alternativa: B

17) Alternativa: A

18) Alternativa: E

19) Alternativa: D

20) Alternativa: D

21) Alternativa: E

22) Alternativa: A

23) Alternativa: D

24) Alternativa: D

25) Alternativa: A

26) Alternativa: B

27) Alternativa: E

28) Alternativa: A

29) Alternativa: B

30) Alternativa: A

31) Alternativa: D

32) Alternativa: A

33) Alternativa: B

34) Alternativa: D

35) Alternativa: D

36) Alternativa: C

37) Alternativa: A

38) a) Embora ainda passe por dificuldades, a economia argentina está superando momentos de grandes dificuldades.
b) Na guerra o homem liberta seu lado mais condenável (criminoso, traidor, assassino...) escondido no dia-a-dia.

39) Alternativa: C

40) Alternativa: A

41) Alternativa: D

42) Alternativa: A

43) Pelo fato de conseguir estabelecer relações entre as informações recebidas e a partir delas resolver problemas.

44) Alternativa: B

45) Alternativa: D

46) Alternativa: B

47) Alternativa: D
48) Alternativa: C
49) Alternativa: D
50) Alternativa: C
51) Alternativa: B
52) Alternativa: E
53) Alternativa: D
54) Alternativa: sem resposta
55) Alternativa: B

ENEM

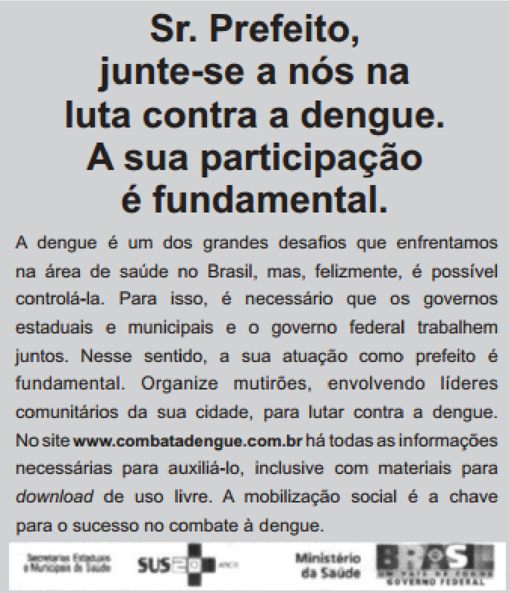

**Sr. Prefeito,
junte-se a nós na
luta contra a dengue.
A sua participação
é fundamental.**

A dengue é um dos grandes desafios que enfrentamos na área de saúde no Brasil, mas, felizmente, é possível controlá-la. Para isso, é necessário que os governos estaduais e municipais e o governo federal trabalhem juntos. Nesse sentido, a sua atuação como prefeito é fundamental. Organize mutirões, envolvendo líderes comunitários da sua cidade, para lutar contra a dengue. No site **www.combatadengue.com.br** há todas as informações necessárias para auxiliá-lo, inclusive com materiais para *download* de uso livre. A mobilização social é a chave para o sucesso no combate à dengue.

1. O texto exemplifica um gênero textual híbrido entre carta e publicidade oficial. Em seu conteúdo, é possível perceber aspectos relacionados a gêneros digitais.

Considerando-se a função social das informações geradas nos sistemas de comunicação e informação presentes no texto, infere-se que:

a) a utilização do termo download indica restrição de leitura de informações a respeito de formas de combate à dengue.
b) a diversidade dos sistemas de comunicação empregados e mencionados reduz a possibilidade de acesso às informações a respeito do combate à dengue.
c) a utilização do material disponibilizado para download no site www.combatadengue.com.br restringe-se ao receptor da publicidade.
d) a necessidade de atingir públicos distintos se revela por meio da estratégia de disponibilização de informações empregadas pelo emissor.
e) a utilização desse gênero textual compreende, no próprio texto, o detalhamento de informações a respeito de formas de combate à dengue.

Resposta correta: D

2. Diante dos recursos argumentativos utilizados, depreende-se que o texto apresentado:

a) se dirige aos líderes comunitários para tomarem a iniciativa de combater a dengue.
b) conclama toda a população a participar das estratégias de combate ao mosquito da dengue.
c) se dirige aos prefeitos, conclamando-os a organizarem iniciativas de combate à dengue.
d) tem como objetivo ensinar os procedimentos técnicos necessários para o combate ao mosquito da dengue.
e) apela ao governo federal, para que dê apoio aos governos estaduais e municipais no combate ao mosquito da dengue.

Resposta correta: C

3.

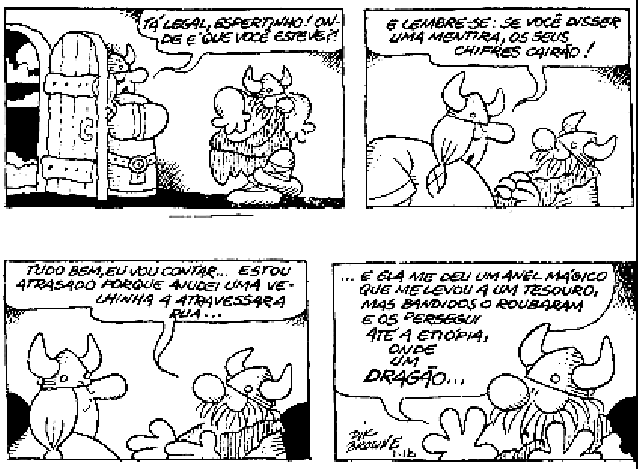
TÁ LEGAL, ESPERTINHO! ONDE É QUE VOCÊ ESTEVE?!
E LEMBRE-SE: SE VOCÊ DISSER UMA MENTIRA, OS SEUS CHIFRES CAIRÃO!
TUDO BEM, EU VOU CONTAR... ESTOU ATRASADO PORQUE AJUDEI UMA VELHINHA A ATRAVESSAR A RUA...
... E ELA ME DEU UM ANEL MÁGICO QUE ME LEVOU A UM TESOURO, MAS BANDIDOS O ROUBARAM E OS PERSEGUI ATÉ A ETIÓPIA, ONDE UM DRAGÃO...
DIK BROWNE

Assinale o trecho do diálogo que apresenta um registro informal, ou coloquial, da linguagem:

a) “Tá legal, espertinho! Onde é que você esteve?!”
b) “E lembre-se: se você disser uma mentira, os seus chifres cairão!”
c) “Estou atrasado porque ajudei uma velhinha a atravessar a rua...”
d) “... e ela me deu um anel mágico que me levou a um tesouro”
e) “mas bandidos o roubaram e os persegui até a Etiópia, onde um dragão...”

Resposta correta: A

4. A crônica muitas vezes constitui um espaço para reflexão sobre aspectos da sociedade em que vivemos.

"Eu, na rua, com pressa, e o menino segurou no meu braço, falou qualquer coisa que não entendi. Fui logo dizendo que não tinha, certa de que ele estava pedindo dinheiro. Não estava. Queria saber a hora.

Talvez não fosse um Menino De Família, mas também não era um Menino De Rua. É assim que a gente divide. Menino De Família é aquele bem-vestido com tênis da moda e camiseta de marca, que usa relógio e a mãe dá outro se o dele for roubado por um Menino De Rua.

Menino De Rua é aquele que quando a gente passa perto segura a bolsa com força porque pensa que ele é pivete, trombadinha, ladrão. (...) Na verdade não existem meninos De rua. Existem meninos NA rua. E toda vez que um menino está NA rua é porque alguém o botou lá. Os meninos não vão sozinhos aos lugares. Assim como são postos no mundo, durante muitos anos também são postos onde quer que estejam. Resta ver quem os põe na rua. E por quê."

(COLASSANTI, Marina. In: "Eu sei, mas não devia". Rio de Janeiro: Rocco, 1999.)

No terceiro parágrafo em "... não existem meninos De rua. Existem meninos NA rua.", a troca de De pelo Na determina que a relação de sentido entre "menino" e "rua" seja

a) de localização e não de qualidade.
b) de origem e não de posse.
c) de origem e não de localização.
d) de qualidade e não de origem.
e) de posse e não de localização.

Resposta correta: A

5.

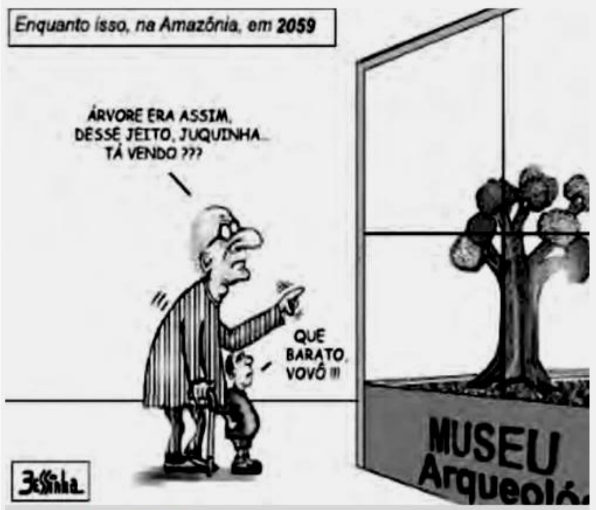
Enquanto isso, na Amazônia, em 2059
ÁRVORE ERA ASSIM, DESSE JEITO, JUQUINHA... TÁ VENDO ???
QUE BARATO, VOVÔ !!!
MUSEU Arqueoló
Bessinha

BESSINHA. Disponível em: http://pattindica.files.wordpress.com/2009/06bessinha458904- jpg-image_1245119001858.jpeg (adaptado). (Foto: Reprodução/Enem)

As diferentes esferas sociais de uso da língua obrigam o falante a adaptá-la às variadas situações de comunicação. Uma das marcas linguísticas que configuram a linguagem oral informal usada entre avô e neto neste texto é

a) a opção pelo emprego da forma verbal "era" em lugar de "foi".
b) a ausência de artigo antes da palavra "árvore".
c) o emprego da redução "tá" em lugar da forma verbal "está".
d) o uso da contração "desse" em lugar da expressão "de esse".
e) a utilização do pronome "que" em início de frase exclamativa

Resposta correta: C

6.

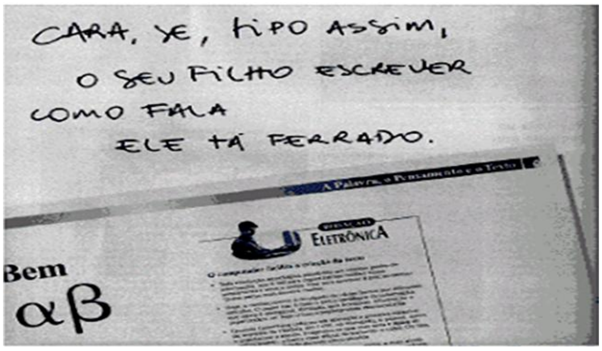
CARA, SE, TIPO ASSIM,
O SEU FILHO ESCREVER
COMO FALA
ELE TÁ FERRADO.
A Palavra, o Pensamento e o Texto
ELETRÔNICA
Bem
αβ

Na parte superior do anúncio, há um comentário escrito à mão que aborda a questão das atividades linguísticas e sua relação com as modalidades oral e escrita da língua.
Esse comentário deixa evidente uma posição crítica quanto a usos que se fazem da linguagem, enfatizando ser necessário:

a) implementar a fala, tendo em vista maior desenvoltura, naturalidade e segurança no uso da língua.
b) conhecer gêneros mais formais da modalidade oral para a obtenção de clareza na comunicação oral e escrita.

c) dominar as diferentes variedades do registro oral da língua portuguesa para escrever com adequação, eficiência e correção.

d) empregar vocabulário adequado e usar regras da norma padrão da língua em se tratando da modalidade escrita.

e) utilizar recursos mais expressivos e menos desgastados da variedade padrão da língua para se expressar com alguma segurança e sucesso.

Resposta correta: D

CAIXA

1. INFERE-SE, DEPREENDE-SE X AFIRMA-SE

Quando vim da minha terra,
não vim, perdi-me no espaço,
na ilusão de ter saído.
Ai de mim, nunca saí.

Infere-se do texto que o autor pretende voltar logo para sua terra.

2. Que – pronome relativo
Que – conjunção integrante

Eles necessitavam de que houvesse mais sossego.

O livro de que eles necessitavam estava à venda.

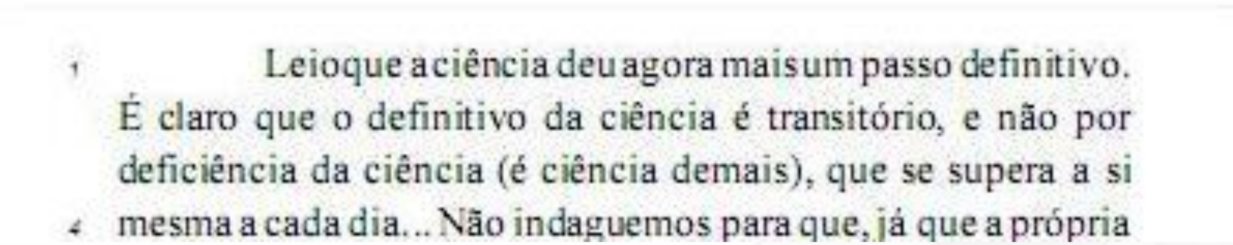

Leio que a ciência deu agora mais um passo definitivo. É claro que o definitivo da ciência é transitório, e não por deficiência da ciência (é ciência demais), que se supera a si mesma a cada dia... Não indaguemos para que, já que a própria

Tendo a oração “que se supera a si mesma a cada dia” (L.3-4) caráter explicativo, o vocábulo “que” poderia ser corretamente substituído por**pois** ou **porque**, sem prejuízo do sentido original do período.

3. CONJUNÇÕES

Porque, já que, visto que, uma vez que, porquanto, pois.

Logo, por conseguinte, portanto, pois (após o verbo).

Mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto.

Embora, apesar de, mesmo que, ainda que, conquanto.

Mantêm-se a correção gramatical do período e suas relações sintáticas originais ao se substituir o termo “Entretanto” (L.24) por qualquer um dos seguintes: Porém, Contudo, Todavia, Conquanto.

O termo “contudo” (L.32) estabelece entre as orações do período relação sintática adversativa, por isso, poderia ser corretamente substituído por qualquer um dos seguintes vocábulos: **entretanto, todavia, no entanto, porém, embora, conquanto**.

13 relevantes e decisivas. É, pois, nesse momento, verdadeiro assessor, função que exige competências básicas bem específicas e formação voltada essencialmente para questões

Mantêm-se as informações originais e a correção gramatical do texto ao se substituir "pois" (R.2) por qualquer um dos seguintes termos: já que, visto que, uma vez que, porquanto

4. COLOCAÇÃO PRONOMINAL

VER BO

PRÓCLISE MESÓCLISE ÊNCLISE

O pronome “se”, em “que se formaram” (L.7), poderia ser corretamente deslocado para logo após a forma verbal “formaram”, escrevendo-se**que formaram-se**

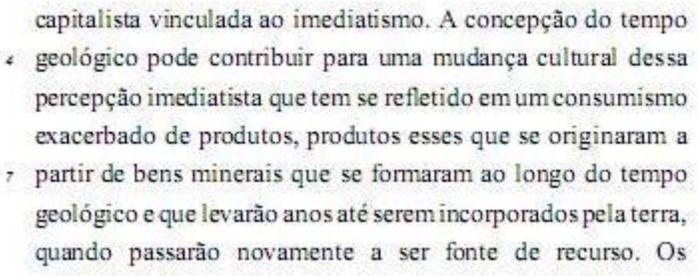

capitalista vinculada ao imediatismo. A concepção do tempo geológico pode contribuir para uma mudança cultural dessa percepção imediatista que tem se refletido em um consumismo exacerbado de produtos, produtos esses que se originaram a partir de bens minerais que se formaram ao longo do tempo geológico e que levarão anos até serem incorporados pela terra, quando passarão novamente a ser fonte de recurso. Os

5. PONTUAÇÃO

S V C

Em 1996, as famílias com menos de dois salários mínimos gastavam 26% de sua renda para pagar impostos; em 2002, esse percentual chegou a 46%.

Feitas as necessárias adaptações de maiúsculas e minúsculas, o trecho “em 1996” poderia ser deslocado, sem prejuízo semântico e gramatical para logo após o verbo gastavam, desde que fosse isolado por vírgulas.

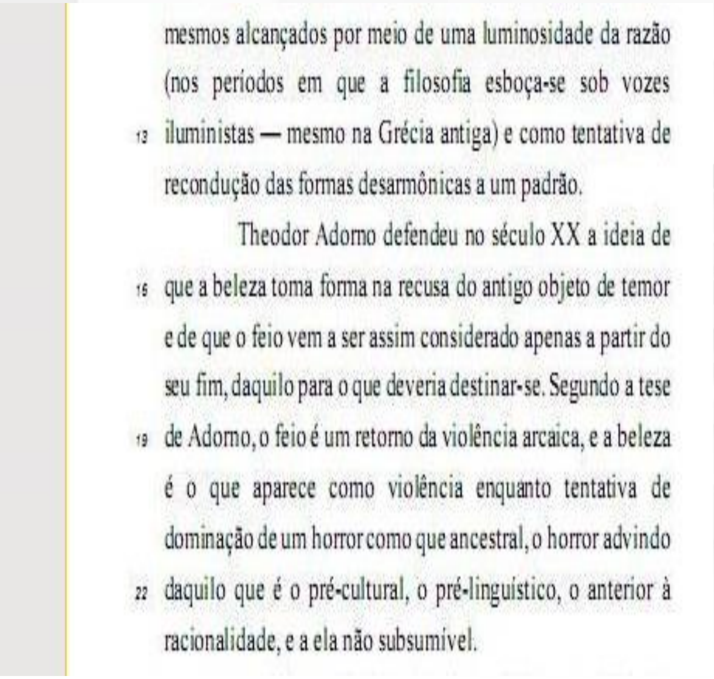

mesmos alcançados por meio de uma luminosidade da razão (nos períodos em que a filosofia esboça-se sob vozes iluministas — mesmo na Grécia antiga) e como tentativa de recondução das formas desarmônicas a um padrão.

Theodor Adorno defendeu no século XX a ideia de que a beleza toma forma na recusa do antigo objeto de temor e de que o feio vem a ser assim considerado apenas a partir do seu fim, daquilo para o que deveria destinar-se. Segundo a tese de Adorno, o feio é um retorno da violência arcaica, e a beleza é o que aparece como violência enquanto tentativa de dominação de um horror como que ancestral, o horror advindo daquilo que é o pré-cultural, o pré-linguístico, o anterior à racionalidade, e a ela não subsumível.

O emprego de vírgula logo após “Adorno” (L.19) é facultativo e justificado, no texto, pela intenção da autora de enfatizar a menção desse filósofo.

O segmento “a primeira republicana” (L.16) está entre vírgulas por ser um vocativo.

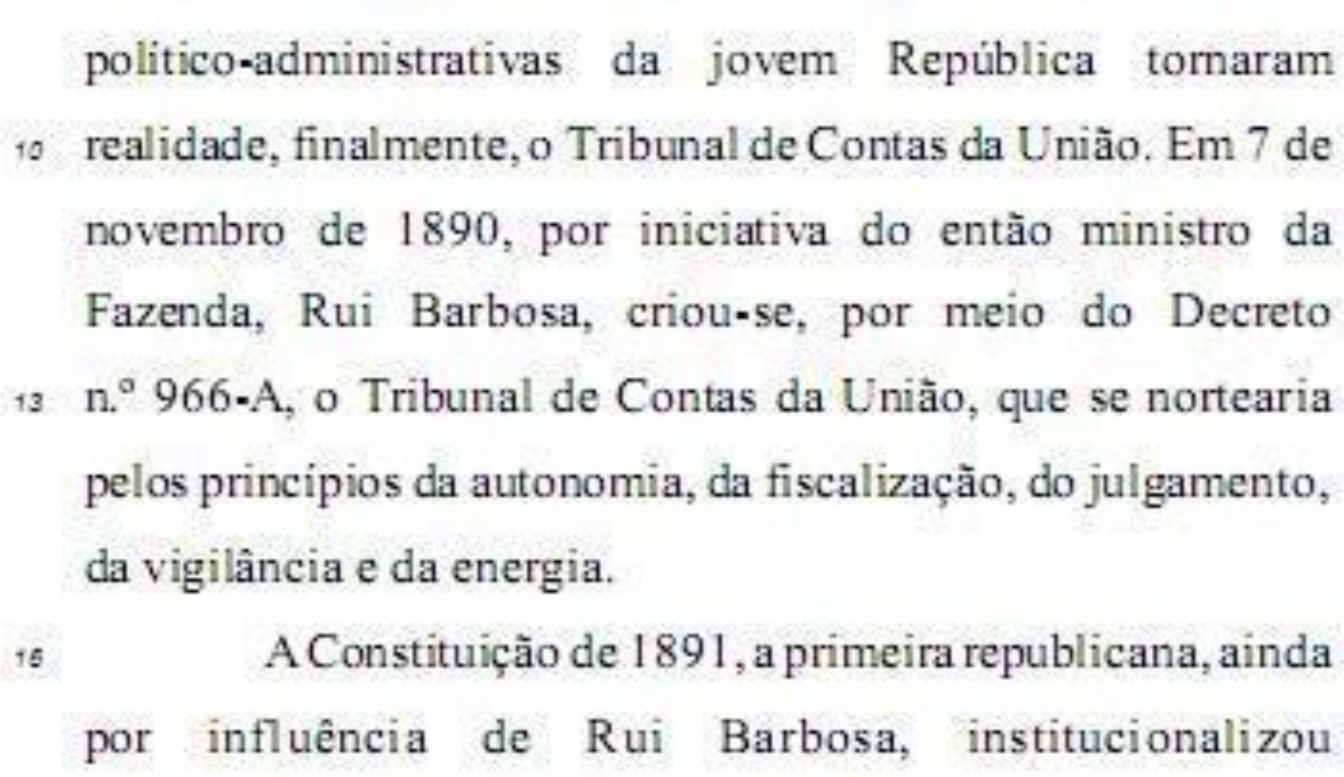

politico-administrativas da jovem República tornaram
10 realidade, finalmente, o Tribunal de Contas da União. Em 7 de
novembro de 1890, por iniciativa do então ministro da
Fazenda, Rui Barbosa, criou-se, por meio do Decreto
13 n.º 966-A, o Tribunal de Contas da União, que se nortearia
pelos princípios da autonomia, da fiscalização, do julgamento,
da vigilância e da energia.

16 A Constituição de 1891, a primeira republicana, ainda
por influência de Rui Barbosa, institucionalizou

Prova: CESPE - 2011 - EBC - Cargos de Nível Médio - Conhecimentos Básicos

6. CRASE

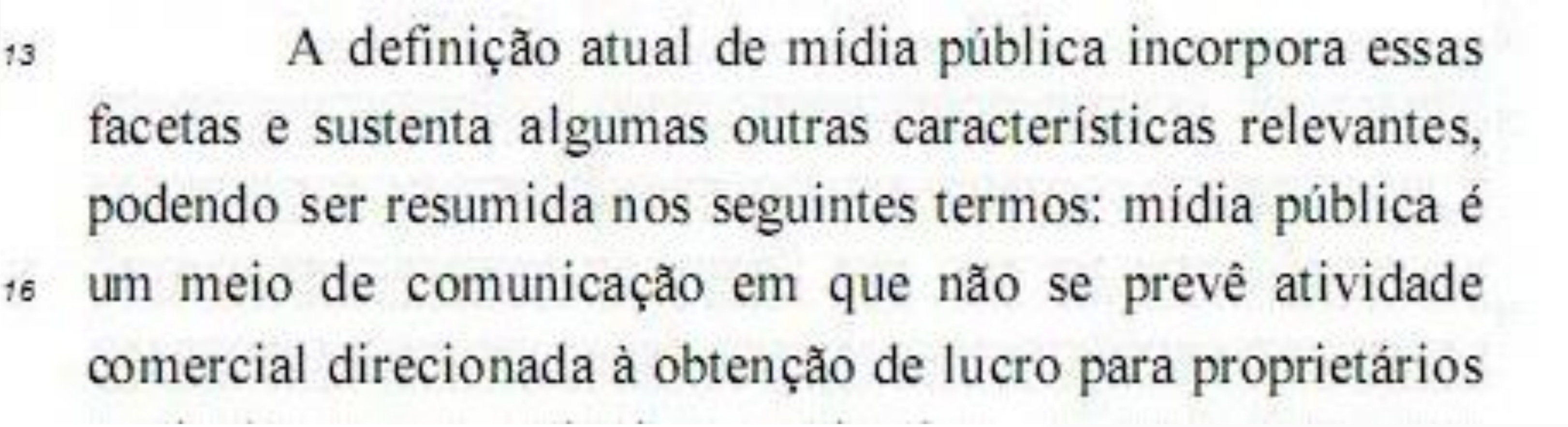

13 A definição atual de mídia pública incorpora essas
facetas e sustenta algumas outras características relevantes,
podendo ser resumida nos seguintes termos: mídia pública é
16 um meio de comunicação em que não se prevê atividade
comercial direcionada à obtenção de lucro para proprietários

Na linha 17, o emprego do sinal indicativo de crase em “à obtenção” justifica-se porque a palavra “direcionada” exige complemento regido por preposição a e a palavra “obtenção” está precedida por artigo definido feminino.

Há contradições entre o mundo universitário tradicional e as aspirações dos estudantes e de seus familiares quanto a possibilidades finais de inserção profissional no mundo real. O emprego do sinal indicativo de crase (à) em —quanto a possibilidades dispensaria outras transformações no texto e manteria a correção gramatical do período.

7. CONCORDÂNCIA

A flexão no plural da forma verbal “atrapalham” (l.3) deve-se ao emprego de “limites” (l.2).

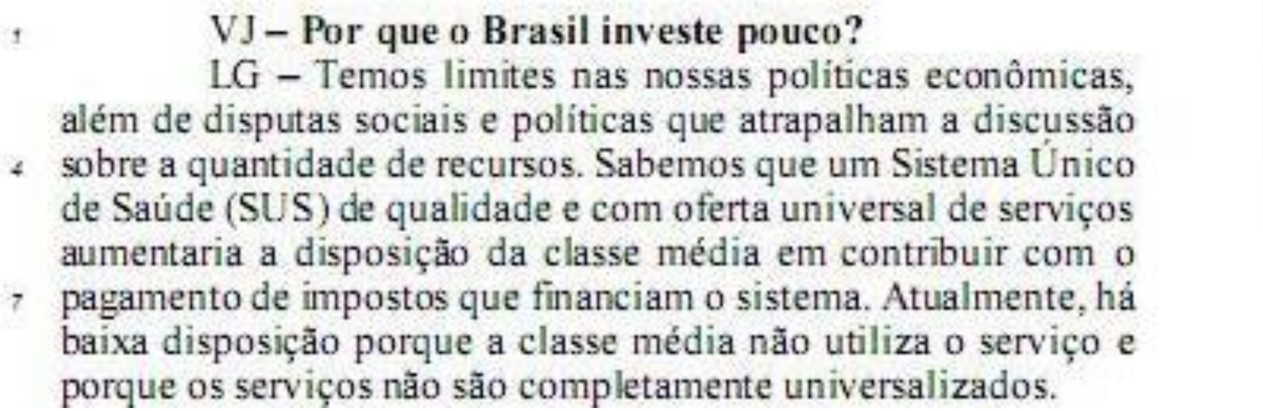

VJ – Por que o Brasil investe pouco?

LG – Temos limites nas nossas políticas econômicas, além de disputas sociais e políticas que atrapalham a discussão sobre a quantidade de recursos. Sabemos que um Sistema Único de Saúde (SUS) de qualidade e com oferta universal de serviços aumentaria a disposição da classe média em contribuir com o pagamento de impostos que financiam o sistema. Atualmente, há baixa disposição porque a classe média não utiliza o serviço e porque os serviços não são completamente universalizados.

8. ACENTUAÇÃO

Os vocábulos “juízes” e “país” são acentuados de acordo com regras de acentuação gráfica distintas.

O emprego do acento gráfico nos vocábulos “próprio” e “decorrência” atende à mesma regra de acentuação gráfica

PORTUGUÊS

Problemas da língua culta

Se não / Senão

Prof.ª Isabel Vega

Se não / Senão

I) Se não → a palavra "**se**" é uma conjunção que pode assumir sentido de condição, de causa ou de tempo; a palavra "**não**" é advérbio de negação. Essas palavras são usadas em orações subordinadas negativas e podem ser substituídas por "**caso não**", "**já que não**" ou "**quando não**".

Ex.1: **Se não** vierem todos, como faremos? (condição)
Caso não venham todos, como faremos?

Ex.2: **Se não** respeitam, não podem exigir respeito. (causa)
Já que não respeitam, não podem exigir respeito.

Ex.3: **Se não** for chegar a tempo, avise sempre.
Quando não for chegar a tempo, avise sempre.

II) Senão

a) Conjunção = do contrário

Ex.: Não me aborreça, **senão** você ficará de castigo.

b) Preposição = exceto, salvo, com exceção de.

Ex.: Você nada faz **senão** reclamar.

c) Substantivo = defeito, imperfeição

Ex.: No artigo que ele escreveu, não havia um **senão**.

MARCO AURÉLIO DE P. RIBEIRO

Técnicas de aprender

Conteúdos e habilidades

EDITORA
VOZES

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Marco Aurélio de Patrício Ribeiro

Técnicas de aprender

Conteúdos e habilidades

EDITORA VOZES

Petrópolis

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ribeiro, Marco Aurélio de Patrício
Técnicas de aprender : conteúdos e habilidades /
Marco Aurélio de Patrício Ribeiro. – Petrópolis,
RJ : Vozes, 2012.

Bibliografia
ISBN 978-85-326-4478-7 – Edição digital

1. Ensino 2. Estudo dirigido 3. Métodos de
estudo 4. Metodologia 5. Pesquisa I. Título.

12-09481 CDD-371.30281

Índices para catálogo sistemático:
1. Métodos de estudo : Educação 371.30281

© 2012, Editora Vozes Ltda.
Rua Frei Luís, 100
25689-900 Petrópolis, RJ
Internet: http://www.vozes.com.br
Brasil

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Diretor editorial
Frei Antônio Moser

Editores
Aline dos Santos Carneiro
José Maria da Silva
Lídio Peretti
Marilac Loraine Oleniki

Secretário executivo
João Batista Kreuch

Editoração: Elaine Mayworm
Projeto gráfico: Sheilandre Desenv. Gráfico
Capa: WM design

ISBN 978-85-326-4478-7 – Edição digital

Editado conforme o novo acordo ortográfico.

Prefácio

Prof.-Dr. Luís Távora Furtado Ribeiro[*]

Este livro parte dos erros mais comuns de alunos tanto nos seus métodos de estudo como no desenvolvimento de habilidades necessárias para a vida e ao futuro profissional. Tenta oferecer de forma prática soluções concretas para garantir o desenvolvimento de aprendizagens mais eficazes. Mostra ao aluno como estudar melhor e aumentar suas habilidades. Oferece ainda a pais e educadores recomendações úteis para orientar o trabalho educativo na escola e em casa.

Processos de aprendizagem exigem concentração, paciência, compreensão, persistência e memorização. Devido a isso muitos jovens não gostam de estudar. Estão equivocados, pois a aquisição de conhecimentos é algo gratificante, dinâmico e nos torna pessoas melhores.

O conhecimento amplia nossa qualidade de vida, permite que sejamos mais autônomos em nossa maneira de pensar o mundo, possibilita que sejamos mais críticos e criativos. Sobre a importância do conhecimento adquirido pelo estudo, o educador Paulo Freire nos disse: “Estudar é relacionar conteúdos, dimensões. É uma forma de reinventar, reescrever, recriar – tarefa de quem é sujeito e não objeto”.

Estudar é, portanto, ter uma postura desafiadora, é apropriar-se de sua significação criticando, é ser curioso – ter espírito científico; é buscar. Estudar não é uma memorização mecânica, e sim, sobretudo, pensar a prática – é pensar certo.

O ato de estudar pode ser algo divertido, prazeroso e compensador ao ser transformado em um hábito de vida e fruto de um estado de curiosidade permanente; esta obra nos mostra isso.

Ao contrário de outros livros sobre o assunto, que se destinam exclusivamente aos alunos, este se preocupa em oferecer auxílio a crianças e adolescentes dos mais diversos níveis escolares, pais e professores. As questões tratadas pelo autor dizem respeito às exigências da vida escolar em geral e às habilidades que a escola pode ajudar a desenvolver no aluno, as quais o ajudarão no seu futuro profissional.

A necessidade de reconhecer o duplo papel da escola de formar para a cultura universal, mas também de preparar para o trabalho, leva ao reconhecimento e à ampliação da importância da instituição escola na sociedade do conhecimento.

Técnicas de aprender, tal como são tratadas aqui, significam a possibilidade de aprender a aprender, desenvolver o autodidatismo, a autonomia. Estes são desafios urgentes dos nossos tempos.

O enfoque prático do texto revela o profissional que o escreveu. Marco Aurélio de Patrício Ribeiro é um profissional com vida acadêmica de longa data e um educador atuante nas redes privada e pública de educação, sempre colocando o conhecimento adquirido na psicologia e na psicanálise a serviço da educação. Gestou ideias e projetos educacionais que formaram gerações de educadores no Brasil e fora dele.

Provavelmente pela combinação da Psicologia com a educação a leitura deste livro seja tão agradável e útil.

Em tempo, os capítulos podem ser lidos na ordem que interessar e convier ao leitor. Resta-nos agora o prazer da leitura e o calor do debate. Bom proveito.

[*]. Presidente Nacional do Forumdir.

Unidade I
Técnicas de aprender conteúdos

Motivação para estudar

Estudar não é bom, no sentido de que não é algo gostoso. Pela maioria dos alunos é visto como algo chato, em especial pelo fato de a maior parte dos conteúdos não ter vínculo direto com sua vida, parecendo a eles pouco úteis. Da forma como nossos estudantes estudam, pesquisas revelam que em geral somente 20% dos conteúdos escolares são verdadeiramente aprendidos, 80% caem no esquecimento.

O estudo é verdadeiramente algo importante. Ao estudarmos, melhoramos nosso desempenho como um todo. O estudo passa a ter em nossa sociedade seu valor redobrado devido à seletividade cada vez maior do mercado de trabalho e à crescente demanda por novos conhecimentos, novas aprendizagens.

Estudar não é simplesmente assumir uma postura de "consumidor de ideias", mas sim de quem dialoga com o autor; é ser crítico, mas manter a humildade de perceber que quanto mais sabemos, mas há o que aprender. Estudar é criar e recriar, inferir (operacionalizar o aprendido); só assim o conhecimento terá real valor.

Estudar é saber que educação é o que há de mais importante na vida. É a educação que nos ensina a viver em nosso país e no mundo, quem somos e aonde queremos ir; é ela que nos possibilita construir uma nação melhor. Acima de tudo, educação é um processo constante, sem fim, um permanente devir para um futuro melhor.

Saber estudar com eficiência não é algo natural, que nasce com a pessoa; é algo que se adquire. Mesmo os estudantes que têm vontade de aprender e ser bons alunos nem sempre sabem como fazê-lo. Muitas vezes não têm ideia sequer de quanto devem estudar e como dividir adequadamente o tempo de que dispõem.

Atualmente, constitui um fato inegável a falta de motivação dos discentes para o discurso dos professores e, consequentemente, para o estudo. Essa desmotivação tem causado preocupação entre os docentes, pois muitos estudantes não se sentem interessados por nenhuma das disciplinas que estudam. Sentem-se mal com isso, sentem culpa, o que só piora as coisas. A falta de motivação tem sido responsável por um enorme número de fracassos acadêmicos. Sentir-se desmotivado é algo sério.

A motivação humana é algo pessoal, intrínseco, é dentro de cada um de nós que devemos buscá-la. No caso dos estudos, devemos associar nossos projetos de vida à necessidade de dedicação ao conhecimento; assim encontraremos um sentimento de desejo e paixão pelo saber que se transformará em vontade, determinação, escolha, garra e prazer em estudar.

Ver o estudo como uma atividade importante é algo que tem que partir do próprio aluno, pois ninguém motiva ninguém, as pessoas é que se automotivam. O papel de pais e professores na motivação é o de serem espaços motivacionais, ou seja, agentes externos que por conta de sua atuação no meio social podem facilitar ao estudante se motivar.

O perfil do aluno hoje, devido aos avanços tecnológicos, é diferente; o estudante tornou-se mais exigente, é impaciente, não aceita apenas assistir as aulas, reproduzir e memorizar conhecimentos. Este novo aluno requer um novo estilo de professor e uma nova modalidade de ensino; enfim, um jeito novo de ensinar e aprender.

A forma de criarmos na escola um novo “espaço motivacional” é mostrando aos alunos que a seletividade da sociedade atual exige de nós todos uma capacitação crescente, e que isso deve ser encarado como um desafio. Caso o estudante compre essa ideia, como é próprio da criança e do jovem serem atraídos por desafios, com certeza haverá um interesse crescente por sua formação.

A motivação está ligada aos diversos aspectos das cognições humanas, em especial à emoção e à atenção, possibilitando que o indivíduo motivado fique mais atento e perceptivo aos estímulos do meio, inclusive armazenando em sua memória uma maior quantidade de fatos e informações.

Nunca se concretizou nada grandioso sem entusiasmo, essa verdade vale para quase 100% das grandes realizações. Homem nenhum jamais adquiriu posses ou sabedorias extraordinárias sem entusiasmo por isso. Todos os grandes vendedores têm em comum o entusiasmo por seu produto.

Para se adquirir especialização, ser perito em algo ou dominar uma arte, enfim, para fazer algo que valha a pena é preciso motivação. O entusiasmo torna tudo e qualquer coisa mais fácil de realizar.

Mesmo as coisas mais fáceis tornam-se difíceis quando feitas de má vontade (Terêncio, filósofo).

Sempre que encaramos um trabalho como um encargo, ele se torna difícil, monótono, enfadonho ou estressante. Caso nos motivemos para a tarefa, ela parece nos dar menos desgaste, podendo ficar até agradável. O “interesse entusiástico e motivacional” é, portanto, um dos segredos para evoluirmos em nosso modo de estudar e no desenvolvimento de potenciais.

Motivação e metas

Sem a motivação não nos mobilizamos para o sucesso. Um dos problemas é que algumas pessoas se propõem metas que não estão de acordo com suas possibilidades, aptidões ou interesses. Outra coisa que ocorre muito é a pessoa não se propor meta alguma. Os chamados "quase sucessos" estão associados a um conceito ou desculpa de que "fiz o meu melhor". Caso façamos o nosso melhor e o sucesso não apareça, paciência. O que vemos comumente é que o conceito de estar fazendo o melhor, na maioria das vezes, cria uma barreira mental que vai se tornando uma "forma de ser e de se ver", impedindo a pessoa de conhecer seu verdadeiro potencial por não tentar transpô-la, contentando-se com as capacidades presentes e evitando metas para mais além.

> Tenha firmeza em suas atitudes e persistência em seu ideal, mas seja paciente, há tempo para tudo (Genuíno Sales).

Esqueça-se do "não posso", "não sei" e "não consigo", e você atingirá objetivos jamais pensados. A negativa em buscar novas metas está atrelada muitas vezes à baixa autoconfiança, à baixa autoestima, à dependência psicológica de outros e a uma "acomodação resignante". Creia, não existe nada impossível.

Muitas vezes não nos tornamos melhores ou, ainda, deixamos de alcançar o sucesso devido à nossa própria "vista curta", nossa pouca ambição (objetivos fáceis) e à atitude de "não posso".

Você pode, sim, lidar com qualquer situação que se deparar, caso se force sinceramente e acredite nisso. Mais vale a obstinação do que possíveis genialidades para resolver problemas na vida, essa é a verdade. Diante das dificuldades e das grandes solicitações, se aceitarmos os desafios sem temor, expandimos nossa força e com confiança crescente todos os riscos tornam-se menos perigosos.

O entusiasmo, a motivação e a iniciativa são os fatores que dão ímpeto para ações concretas que levem ao sucesso ou nos afastem de situações de fracasso iminente. Ao incentivar esses três fatores em nosso modo de ser automaticamente eles virarão hábitos, diminuindo nossas preocupações e tormentos com os problemas. Passaremos a acreditar cada vez mais em nossas capacidades.

Acreditar que você é capaz de fazer alguma coisa é o primeiro passo para realizá-la. Não me refiro a "fazer milagres", mas há muita coisa razoável em nossa vida cotidiana a ser feita, e pensar proativamente é um bom exemplo disso. A autossugestão faz com que o indivíduo acredite implicitamente ser capaz de realizar muitas coisas. O pensar positivamente age sobre cada um de nós e influencia os outros. Somos frequentemente abalados por sugestões de nossa parte ou dos outros, portanto, esforçar-se, ter entusiasmo e acreditar que podemos realizar certas coisas realmente ajudará.

Pare de ter medo do fracasso, acredite em você, proponha-se metas mais difíceis e busque incansavelmente alcançá-las. Não desanime com erros ou crises. Aprenda com eles.

Resolva-se a vencer, trabalhe para isso, estude e desenvolva-se sempre e com entusiasmo. Não conte com a sorte. Se a sua meta é só evitar o fracasso, ficará pelo caminho. Ou se contentará com pouco, nunca descobrindo o quanto pode ir mais longe. Evite a atitude de sempre deixar uma "saída" para si, isso facilita a desistência, pois ela estará sempre em sua mente como uma possibilidade cômoda de fuga do objetivo que você deseja atingir. Alguns pilotos japoneses na Segunda Guerra Mundial voavam sem levar o paraquedas a fim de não pensarem em saltar, desistindo da meta que se propunham ao tornarem-se kamicases. Esse é um exemplo de fixação de metas e anulação dos mecanismos de fuga; creio que em nossa vida cotidiana não precisamos de tanto, mas fica o exemplo.

Motive-se e desenvolva suas capacidades

- Acredite em si mesmo.
- Relembre, sempre, suas conquistas e vitórias na vida.
- Perceba o belo e o harmônico que existe em sua volta.
- Estimule pensamentos e atitudes positivas em você.
- Foque nos fatos positivos, crie um ambiente de alegria dentro de si.
- Elogie os outros e a si mesmo.
- Renove-se constantemente, seja aberto ao novo, não tema mudanças.
- Aproveite as oportunidades que o rodeiam, reclame menos.
- Descubra o que o motiva, descubra suas aptidões (no que você é bom) e seus interesses.
- Inove e seja criativo.
- Pratique; a prática leva à perfeição.
- Seja empático, dialógico e proativo.
- Abra horizontes, aprenda a aprender, aperfeiçoe-se e desenvolva seus conhecimentos e capacidades. Aprenda sempre, em todo lugar, a toda hora e com todos.

- Fuja das mesmices, crie desafios, busque a autossuperação.

- Aproveite a vida; harmonize trabalho, lazer, ócio e tempo para conviver com as pessoas que ama.

- Tenha tempo para você, inclusive para a prática de atividades físicas.

- Faça autocríticas constantes.

- Tenha objetivos, sonhe, mas saiba aonde quer chegar.

- Ouse, não tema rever seus projetos.

- Planeje-se, aprenda a ter um plano de ação.

- Amplie sua autoconsciência.

- Controle suas emoções, em especial a ira.

- Aprenda a se automotivar.

- Viva o tempo presente, conheça o passado, planeje o futuro, mas não esqueça nunca o *carpem dien*.

- Afaste-se de pessoas que lhe jogam para baixo, que se vitimizam, que vivem cansadas, desanimadas, irritadas ou estressadas.

- Seja uma alavanca de otimismo, trabalhe-se para isso.

- Sinta-se pertencente à família universal dos seres humanos; independente do que lhe digam, lembre-se que você tem direito a uma vida digna, que você merece estar aqui e ser feliz.

- Cultue sua espiritualidade, como quer que você a conceba.

Objetive o autoconhecimento

A capacidade de sermos autodidatas é uma necessidade cada vez mais presente em um mundo onde as informações estão ficando sempre mais acessíveis. A escola e os cursos, inclusive os universitários, são instrumentos que vão ajudá-lo a se construir e a se realizar, a aprender a aprender.

Ser o dirigente de seu próprio conhecimento o levará a progredir, conhecer suas aptidões e personalidade, podendo fazer seu potencial frutificar. Trará prazer em aprender, pesquisar, descobrir e compreender o mundo. O autodidatismo levará você a uma maior autonomia intelectual e emocional.

A motivação verdadeira tem que provir do próprio estudante; é preciso ver o autodesenvolvimento como uma necessidade, e isso não se refere a negar a importância da escola ou dos professores, ao contrário, o aluno ficará mais convencido ainda da importância da escola e do estudo (conhecimento) para o desenvolvimento pessoal.

Cabe aos pais, educadores e à sociedade em geral serem agentes de “espaços motivacionais” ao valorizarem a partir do acompanhamento do processo de aprendizagem as vitórias, mesmo que pequenas, como conquista de autossuperação. Valorizar a autossuperação, quando ela se faz presente, promove sua repetição e sua ampliação.

É preciso parar de se enfatizar nos processos educacionais e de ensino o fracasso; é importante se colocar ênfase no processo de crescimento para que o aprendente tenha confiança em suas próprias capacidades, descobertas e explorações, motivando-se a desenvolver em si um espírito científico – chamado por Paulo Freire de “curiosidade epistemológica”.

2

Como organizar o tempo do estudo

Existe uma coisa que pode ajudá-lo a evitar o caos nos estudos, a organização, e sem ela tudo se desmantelaria; não haveria conhecimentos, nem ciência, nem sabedoria, nem escrita, nem criatividade, nem sucesso em avaliações e concursos – nada mesmo!

O mundo em que vivemos tem uma organização, todas as atividades, desde as acadêmicas, as profissionais e até as lúdicas e de lazer funcionam melhor se forem planejadas e organizadas.

Quando a criança vai à escola, encontra mais ordem, planejamento e organização. E assim vai percebendo que deve ter uma organização mental para ajudar a tornar o processo de aprendizagem menos trabalhoso e mais eficiente.

Você deve ter organização em sua vida como um todo, embora isso nos estudos seja algo imprescindível, levando você ao sucesso e ao desenvolvimento de suas habilidades de forma muito melhor. Organizar a mente é controlá-la, e esta é uma das mais altas habilidades humanas. Seus estudos, com certeza, já comprovaram que a organização é basicamente uma questão de sistematização. Nos momentos em que conseguiu desenvolver um estudo bem-sistematizado, alcançou maior aprendizagem, ou seja, apreendeu mais conhecimentos e obteve sucesso nas avaliações a que se submeteu; o inverso deve ter ocorrido quando estudou de forma caótica para alguma situação de testagem.

Organizar sua mente também significa dirigir-se a uma meta. Se o seu pensamento não sai de devaneios, você não irá a lugar algum. É necessário que se desenvolva um hábito de estudo que lhe levará a concentrar-se mais, tornando o conteúdo estudado mais fácil de ser aprendido e o tempo de estudo mais eficaz.

É muito comum encontrarmos jovens que não sabem distinguir adequadamente o tempo de que dispõem para o estudo. A prática mais corrente consiste em ir acumulando tudo e estudar próximo às provas. Dependendo do aluno, isto talvez seja suficiente para passar de ano, mas não o será para produzir a fixação adequada do conteúdo e este será esquecido pouco tempo após as provas.

A prática correta está em estudar um pouco todos os dias. Mesmo que não seja um estudante do tipo "fera", daqueles que cumprem outro expediente de estudo em casa, valerá muito mais distribuir o número de horas que estuda às vésperas das provas pelos dias de estudo da etapa; o resultado é que isto dá uma margem de tempo de estudo diário razoavelmente pequena. Em outras palavras, o jovem não estará "se matando" de estudar e sua aprendizagem se dará de maneira mais sólida e com maior consistência.

Para realizar isso com sucesso, aconselhamos que o educando organize cuidadosamente seu mapa de estudo. Ele pode iniciar colocando uma hora de estudo por semana para cada disciplina. Assim, se é aluno do turno da manhã e na segunda-feira teve aulas de Matemática, Física, Química, História e Biologia, e, se dispuser de cinco horas à tarde ou à noite para estudar, fica simples: é só colocar um tempo para cada disciplina de que teve aula pela manhã e está tudo bem.

Admitamos, entretanto, que o jovem disponha apenas de duas horas e meia naquela tarde para estudar; então ele deverá colocar meia hora para cada disciplina. Não é muito, mas é melhor do que nada. O educando deve seguir fazendo a mesma distribuição para os dias subsequentes e assim estará realizando um valioso trabalho de fixação do que aprendeu naquele dia. Quem estuda à tarde ou à noite o que aprendeu pela manhã está fazendo o que chamamos de aprofundamento vertical da aprendizagem.

Há, não obstante, alunos que preferem estudar no turno ou no dia anterior àquele em que determinada aula ocorrerá. Este processo é igualmente válido, sendo que o melhor de todos os métodos é aquele que consiste em o aluno rever, fixar e fazer os exercícios indicados em sala logo após ter assistido à explicação do professor e "dar uma olhada", mesmo que breve, às vésperas de cada aula. Para este repasse no dia anterior à aula, uma breve revisão será o suficiente, não sendo necessário reservar horários específicos em seu mapa de estudo para tal.

Ao estabelecer seu horário de estudos, leve em consideração que deve tentar ao máximo estudar dentro do horário que programou, pois se descumprir constantemente uma regra que foi autoimposta ela se descaracterizará e será descartada. Além disso, o fato de uma atividade ter hora para começar e terminar nos facilita a concentração. Outra coisa importante é que ao término de sua sessão de estudos você deve procurar realizar atividades prazerosas para a mente e para o corpo (esportes, ver filmes, ler, entre outras).

Como tornar mais produtivo o estudo

Para tornar o estudo mais produtivo observe as seguintes orientações:

a) Reserve sempre um mesmo período do dia para realizar as tarefas escolares, evitando consumir o tempo reservado ao estudo.

b) Procure um lugar sossegado para estudar, verificando se todo o material que precisa está à mão. Esse lugar deve ser gostoso, arejado e silencioso – deve ser um cantinho isolado do mundo.

c) Estude mais a disciplina de que mais gosta. Isso lhe tornará imbatível nesta matéria, mas lembre-se de também estudar as disciplinas em que tem dificuldades ou que não gosta; vai dar trabalho, mas deve-se fazer um esforço para aprendê-las.

d) Distinga "não gostar do professor" com "não gostar da matéria".

e) O medo de tirar má nota atrapalha o estudo. Não estude por nota, estude porque ficará diferente e melhor.

f) Ninguém aprende nada sem se interessar. Procure criar interesse. Uma pessoa inteligente descobre interesse nas tarefas mais enfadonhas.

g) Caso esteja com problemas pessoais, não se culpe por não conseguir estudar. Procure aconselhar-se com alguém.

h) Não estudar em sequência as matérias parecidas, uma pode atrapalhar a outra. Intercalar Português com Matemática, Física com História *etc.* A mudança de método é uma forma de descanso mental.

i) Faça da escola apenas um lugar de orientação. Estudo mesmo é o que se faz por conta própria. Não espere que o professor "meta a matéria na cabeça" do aluno. O máximo que ele pode fazer é orientar.

j) Organize um horário não só para estudos, mas para todas as suas atividades.

k) Cuide também do ambiente de estudo, não deixar que as circunstâncias atrapalhem o trabalho.

l) Fixe o lugar e as horas em que estuda, isto o ajudará a obter concentração e transformar-se-á em hábito.

Horário de estudo

A maior parte dos nossos alunos acredita que deve estudar mais do que faz atualmente. Muitos chegam a ficar com sentimento de culpa quando interrompem o estudo para bater um papo ou assistir televisão. Mas o que desconhecem é que aqueles que tiram notas altas não estudam necessariamente mais tempo do que aqueles que não tiram; simplesmente sabem estudar de maneira mais eficiente. O segredo está em descobrir qual é essa forma eficiente de estudar, e não em estudar mais tempo.

Em geral, o aluno acha que o tempo passa muito depressa e, no fim do dia, tem a sensação de que não realizou quase nada. Isto acontece devido a uma falta de planejamento do que fazer. Se não há um plano, tudo parece importante.

Saber utilizar o tempo eficientemente deve-se mais a uma repetição contínua de uma sequência de atividades (hábito) do que ter uma grande força de vontade, como acredita a maioria das pessoas. Em outras palavras, basta acostumar-se a realizar as mesmas tarefas no mesmo local, à mesma hora e, ao se criar uma rotina, tudo transcorre de forma natural e facilmente, como o comer, o dormir *etc*.

É preciso estabelecer um horário certo para o estudo. Eis algumas dicas para uma melhor elaboração desse horário: a) Colocar no mapa de estudo todas as atividades que já são habituais e que obedecem a um horário. Ex.: almoço, jantar, inglês, computação, ginástica *etc*.

b) Especificar o horário de aulas do colégio.

c) Reservar pelo menos quatro horas de estudo diários.

d) Procurar estudar as matérias dadas pelo professor o mais cedo possível após a aula.

e) Fazer um intervalo de 10 minutos a cada 50 minutos de estudo.

f) Estudar primeiramente as matérias mais difíceis.

g) Ao estudar uma matéria, centre sua atenção nela e esqueça por completo as demais.

h) Não esperar sentir vontade para começar a estudar na hora marcada.

i) Só terminar de estudar quando esgotar o tempo estabelecido, mesmo que aparentemente tenha aprendido tudo.

j) Seguir o plano de estudo até formar hábito.

k) Não estudar em sequência as matérias com raciocínio semelhante.

l) Procurar estudar alternadamente matérias onde você tenha maior e menor dificuldade.

m) Utilizar o domingo como dia de descanso; no máximo usá-lo para leitura ou para produzir uma redação.

Curioso é observarmos que, à medida que o estudante vai sistematizando seu estudo, isto é, fixando metodicamente cada conteúdo visto em sala e rememorando cada assunto às vésperas das aulas, ele vai, aos poucos, diminuindo o tempo de que necessita para estudar cada disciplina. Desse modo, com a regularidade da prática, o jovem observa, dentro de pouco tempo, que não mais necessita de uma hora de fixação diária para cada componente curricular. Depois de algum tempo com a matéria em dia e tendo assistido com a devida atenção as aulas, ele necessitará dedicar algo em torno de meia hora, apenas, para cada disciplina no dia em que teve contato com a mesma.

Um equívoco muito frequente em jovens desavisados consiste em estudar somente as matérias das quais gostam. Caso estudemos apenas as matérias com que temos mais afinidade, vamos aumentar cada vez mais a distância entre nós e as disciplinas com que não nos afinamos.

Ao organizar seu horário de estudos, o educando não deve esquecer de colocar tempo para leitura de revistas e jornais; é aconselhável reservar também uma faixa de horário para assistir a um telejornal.

Julgamos desnecessário insistir na importância de seguir à risca a programação de estudo estabelecida pelo próprio jovem. Caso ele comece a relaxar no cumprimento do mapa de estudos, a tendência será desrespeitá-lo sempre.

Lembre-se de que é preciso deixar espaço de tempo para o lazer. Algumas atividades lúdicas, como passeios e jogos, são importantes para manter o equilíbrio físico e mental necessário ao nosso intelecto. O cumprimento dessas práticas de estudos produz resultados saudáveis e já em curto prazo.

Seguindo estas orientações, preencha o quadro que se segue registrando nele as previsões para o estudo semanal, incluindo sábados. Registre em cada dia os intervalos destinados às atividades fixas que tem como despertar, higiene, refeição, horário das aulas, deslocamentos, descanso, cursos, esportes *etc*.

Assim você conhecerá o tempo que lhe resta para o estudo e determinará os horários para estudar cada disciplina, levando em conta a proximidade com a aula dada em sala, seu maior ou menor grau de dificuldade e as diferentes formas de raciocínio exigidas, evitando associar matérias com raciocínios iguais.

É necessário ter muita força de vontade para seguir o plano de estudo e você deve se esforçar para isso, mas sinta-se livre para alterá-lo quando necessário à melhoria da aprendizagem. Lembre-se de que o quadro de horário de estudos é um balizador dos seus procedimentos, mas não é um gesso – portanto, não engesse o processo; mude seu quadro quando for preciso e esforce-se para segui-lo.

Horário de estudo

Hora/dia

Segunda	**Terça**

Quarta

Quinta

Sexta	**Sábado**						
Manhã	(07:00h)						

Tarde	(13:00h)						
Manhã	(08:00h)						

Tarde	(14:00h)						
Manhã	(09:00h)						

Tarde	(15:00h)						
Manhã	(10:00h)						

Tarde	(16:00h)						
Manhã	(11:00h)						

Tarde	(17:00h)						
Manhã	(12:00h)						

Tarde	(18:00h)						

Noite	(19:00h)						

Noite	(20:00h)						

Noite	(21:00h)						

Noite	(22:00h)						

Noite	(23:00h)						

Noite	(24:00h)						

O autoconhecimento é muito importante para podermos pensar novas estratégias para nossa vida e nosso ato de estudar. O teste a seguir foi elaborado com a intenção de que você possa avaliar-se como aluno em seus atos de estudo e modificá-los, quando necessário.

Responda às questões com sinceridade, assinalando com um (x) a resposta que melhor se aplique ao seu caso. No final, some os pontos obtidos e veja que tipo de estudante você é. Caso necessário, volte ao seu plano de estudo e mude-o, adequando-o à sua forma de ser estudante.

a) Técnica para ler e tomar apontamento	**Sim**	**Não**	**Às vezes**
1) Tenho que reler um texto várias vezes			

para entendê-lo?			
2) É difícil perceber os pontos mais importantes?			
3) Procuro no dicionário as palavras que desconheço?			
4) Reviso a matéria estudada?			
5) Quando anoto o que o			

professor disse, perco algo que ele está dizendo?			

b) Hábitos de concentração	**Sim**	**Não**	**Às vezes**
1) É difícil concentrar-me no que estou estudando? Depois que termino não sei o que li?			

2) Tenho a tendência de "sonhar" quando estou estudando?			
3) Demoro muito para acordar e estar pronto para o estudo?			
4) Tenho que estar inspirado para poder começar a			

estudar e, por conta disso, perco muito tempo?			
5) Assisto TV ou uso o computador antes de começar a estudar?			

c) Distribuição de tempo e relações	**Sim**	**Não**	**Às vezes**

sociais durante o estudo			
1) As horas parecem curtas para concentrar-me ou sentir-me com vontade de estudar?			
2) Meu tempo não está bem-distribuído? Dedico muito tempo para			

algumas coisas e pouco para outras?			
3) Minhas horas de estudo são interrompidas por telefonemas, visitas e barulhos que me distraem?			
4) Tenho dificuldades em concluir			

um trabalho no prazo certo? por isso fica por terminar ou malfeito ou em atraso?			
5) Não consigo estudar sozinho, só com os outros?			
6) Gosto muito de "ficar sem			

fazer nada” e isso perturba meus estudos?			
7) Antes de estudar em grupo, procuro estudar a matéria sozinho?			
8) Ocupo muito do meu tempo vendo TV, lendo ou dormindo?			

9) Minha vida social é muito intensa: festas, passeios e encontros? Tenho pouco tempo para estudar?			

d) Hábitos e atitudes gerais do estudo	**Sim**	**Não**	**Às veze**
1) Fico nervoso			

nas provas: “dá um branco”, esqueço tudo e não consigo dizer ou escrever o que aprendi?			
2) Antes de começar a escrever uma redação ou prova subjetiva, preparo mentalmente o que vou			

responder?			
3) Termino minhas provas escritas rapidamente e entrego-as sem revisar o que fiz?			
4) Procuro entender cada ponto da matéria à medida que vou estudando, para não ter que voltar atrás a			

fim de esclarecer pontos duvidosos?			
5) Trato de relacionar os assuntos que se estudam em uma matéria com os outros de diferentes matérias?			
6) Procuro resumir, classificar e sistematizar os			

fatos aprendidos, associando-os com matérias e fatos que estudei anteriormente?			
7) Trato de estudar apenas o indispensável para o teste?			
8) Quando preciso de conhecimento das matérias básicas que já			

estudei, tenho a impressão de que não sei mais nada?			
9) Antes de começar a fazer as provas, leio cuidadosamente as instruções?			
10) Quando não gosto de uma matéria ou de um professor, não consigo estudar o assunto?			

11) Sinto-me sempre cansado, com sono ou indiferente para assimilar os assuntos?			
12) Deixo para estudar na véspera da prova e me sinto sufocado com a quantidade de assuntos?			

Analisando cada aspecto descrito (A, B, C, D). Que tipo de estudante você é? (Veja quantos pontos você fez de acordo com a tabela.)

	(A)			
Questões	Sim	Não	Às Vezes	Sim

01	1

3	2

1	3

21

3	2

1 | 3

2
02

1	3

3	**2**

13

2	**3**

1	2

03	**3**

1	2

13

2	1

3	**2**

1	3

2
04

3	1

2	1

3	2

1	**3**

2	3

1	**2**

05	**1**

3	**2**

1	**3**

2	**1**

32

31

2
06

3	1

2	1

3	2

1	3

2	3

12

07							**3**

1	2

1	3

2						
08						

1 | 3

21

3	2

09							**1**

3	2

3	1

2									
10									

13

2									
11									

1	**3**

2									
12									

1	**3**

De 32 a 64 pontos Você precisa reorganizar seu horário e sua forma de estudar. Deve estar distribuindo de forma inadequada seu tempo para cada matéria e/ou errando na metodologia de estudo.

De 65 a 80 pontos Você tem pontos positivos em sua forma de estudar, mas ainda apresenta falhas em seus hábitos que poderão prejudicar seus resultados. Analise os pontos negativos.

De 81 em diante Parabéns! Você está desenvolvendo ótimos hábitos de estudo. Continue assim.

Analisando seu perfil como aluno O autoconhecimento é necessário para que possamos encontrar em nós mesmos aquilo que nos motiva. Responda às perguntas a seguir refletindo sobre você em cada aspecto questionado. Não é um teste, é apenas um roteiro para que você reflita acerca de aspectos facilitadores ou complicadores de sua aprendizagem.

1) Como você costuma ser em relação às leituras que devem ser realizadas?

( ) Gostaria de ler mais rapidamente.

( ) Leio todos os livros na mesma velocidade.

( ) Costumo deixar as leituras pela metade.

( ) Geralmente, ao terminar a leitura, tenho dificuldade de lembrar o que li.

( ) Odeio ler.

2) Como você costuma ser em sala de aula?

( ) Inquieto.

( ) Brincalhão.

( ) Disperso.

( ) Participativo.

( ) Calado.

( ) Curioso.

( ) Questionador.

3) Na hora das explicações:

( ) Não presto atenção.

( ) Converso muito.

( ) Fico atento.

( ) Sou disperso.

( ) Fico em silêncio.

( ) Me desinteresso.

( ) Entendo a explicação.

4) Quanto às tarefas:

a) Costumo concluir as tarefas iniciadas?

( ) sim ( ) não ( ) às vezes b) Ao realizar as tarefas, costumo ser:

( ) lento ( ) rápido para terminar logo ( ) rápido e eficiente ( ) preguiçoso ( ) acho que não sei fazer.

c) Costumo ter em mãos o material necessário?

( ) sim ( ) não ( ) às vezes d) Sou organizado e zeloso com o material?

( ) sim ( ) não ( ) às vezes 5) Você tem amigos em sala de aula?

( ) sim ( ) não

6) Você conversa com seus amigos durante as aulas?

( ) sim ( ) não ( ) às vezes 7) Costuma manifestar sua opinião em sala de aula?

( ) sim ( ) não ( ) às vezes 8) Sente vergonha de falar em público?

( ) sim ( ) não ( ) às vezes 9) Você tem conduta de liderança junto a seus amigos da escola?

( ) sim ( ) não ( ) às vezes 10) Costuma apresentar problemas disciplinares em sala de aula?

( ) sim ( ) não ( ) às vezes 11) Está satisfeito com seu rendimento escolar?

( ) sim ( ) não ( ) às vezes 12) Por que você estuda?

( ) não sei
( ) detesto estudar
( ) sou obrigado
( ) para atingir minhas metas
( ) para ter uma profissão digna
( ) gosto de estudar 13) Está com dificuldades nos estudos?

( ) sim ( ) não

14) O que causa estas dificuldades?

( ) falta de dedicação aos estudos
( ) não assistir bem às aulas
( ) problemas em casa
( ) o sistema de ensino
( ) os professores
( ) não me adaptei à escola em que estudo ( ) a culpa é da escola
( ) necessito de ajuda nas tarefas e não tenho 15) Você estuda sistematicamente?

( ) sim ( ) não

Agora que você refletiu sobre suas características como aluno, procure superar aqueles aspectos nos quais você não vai bem. As orientações do próximo capítulo poderão ajudá-lo, mas lembre-se: estude todo dia para não ter que estudar o dia todo.

Como estudar

Aprendendo com método

Para aprendermos algo é necessário compreender, reter e recuperar os novos conceitos. Caso tenham sido bem aprendidos, facilmente iremos aplicá-los nas mais variadas situações para chegarmos a uma aprendizagem melhor. Porém, com frequência aplicam-se técnicas de estudo desorganizadas e centradas na memorização.

Um processo de estudo, para ser eficiente e eficaz, precisa ser realizado de forma sequencial e organizada, ou seja, realizar de forma planejada uma série de tarefas ou ações que facilitem a compreensão, a recordação e a aplicação dos conhecimentos adquiridos.

É evidente que o uso de um método de estudo torna mais eficaz e rápida a aprendizagem acadêmica; no entanto, além do hábito e do método, outro fator que influencia é a capacidade intelectual. Esta, todavia, não é imutável; é um potencial que pode ser desenvolvido por aqueles que se atrevem a pensar e se apaixonam pelo conhecimento. Saber aprender termina por nos tornar mais inteligentes.

Outro aspecto a ser observado é qual o melhor momento para estudar. Para algumas pessoas, este período é à noite, para outras é pela manhã e, para alguns, na madrugada. A resposta para a pergunta sobre qual é o melhor momento para estudar é muito pessoal e deve respeitar o ritmo biológico e psicológico de cada um, bem como as questões ambientais, por exemplo, o momento em que consegue ser menos interrompido ou em que a casa está mais silenciosa.

Um estudo eficaz passa necessariamente por cinco etapas que, articuladas, levarão o educando a atingir com mais eficiência a aprendizagem desejada.

Primeira etapa: antecipar o conteúdo geral do texto

Antes de iniciar o estudo de uma matéria procure informar-se, de uma forma geral, dos conteúdos que vão ser estudados. Uma olhada nos títulos, na introdução e na conclusão (quando existirem no material), nos tópicos usados para separar os assuntos, nas imagens e nos desenhos, faz com que fiquemos sabendo mais sobre o assunto que será estudado, e isso facilitará muito a aprendizagem futura. Caso existam notas de rodapé, lê-las somente após realizada uma primeira leitura geral do material.

A atenção e a aprendizagem eficazes dependem em grande parte da articulação que fazemos entre o que já sabemos e o novo conhecimento que está se operando; por isso, ao observar os aspectos citados anteriormente do conteúdo que se estudará recordaremos coisas que já conhecemos, e criamos uma relação mental mais dinâmica entre o aprendente e o material em estudo.

Uma boa ideia é elaborar perguntas prévias sobre o que se vai estudar e ir procurando as respostas no texto durante sua leitura. Essa primeira etapa deve ser rápida, sob pena de desconcentrar o estudante.

Segunda etapa: leitura do texto (síncrese)

Após dar uma olhada geral no material a ser estudado, passamos à etapa seguinte, que é a primeira leitura do texto ou etapa sincrética (global). Nela buscamos apreender as informações mais gerais e localizar os aspectos, ou as ideias, mais importantes apresentadas pelo tema.

No início do estudo, para superar a dispersão psicológica e eliminar interesses outros, fazer algo decisivo: ler alto, escrever, resolver exercícios, a começar pelos mais fáceis, até “esquentar o motor” (obter concentração). Antes de começar o trabalho, marcar o objetivo, dizer a si mesmo até onde vai chegar, realizar pequenos objetivos de cada vez. Os planos muito arrojados terminam por desencorajar.

Começar o estudo por uma “visão de conjunto” sincrética ou global, como quem lê uma carta de um fôlego. Vá até o fim da lição. Não pare no meio. Fazer depois um resumo do que ficou. Não pensar, porém, que isto foi aprendizagem! Quem aprende assim será sempre um superficial. Apanhar, primeiro, o sentido estrutural do todo, para depois atentar para os detalhes das partes. Agora podemos começar a separar – detalhadamente – o que já se sabia do que não se sabia. Verifique se relembra fatos que confirmem ou contradigam o que está lendo. Isto é o que se chama “amarrar o novo no antigo”. Se não fizer isso, a nova aprendizagem fica “boiando” na mente e facilmente se perde. Todo trabalho que não é um encadeamento facilmente se perde; por isso, comparar o novo com o que já se sabe. Consulte o dicionário para que não fique uma única palavra do texto ou do problema cujo significado não seja, absolutamente, claro.

Muitas dificuldades em aprender advêm do fato de o aluno não ter clareza sobre o significado das palavras usadas. A primeira condição do estudo é codificar a mensagem: a enciclopédia ou alguns textos extraídos da internet nos dão um resumo completo e claro de todos os assuntos. Poupa-se ler um livro inteiro.

Não usar recursos como técnicas de memorização. Estas servem apenas para fazer prova. Quando se perdem, arrastam consigo tudo que seguravam. Aprender para a vida e na forma como a vida exige a aprendizagem. Aprender mediante uma esquematização lógica. A inteligência é o verdadeiro instrumento de aprendizagem. Não aprender nada sem usar a inteligência. A inteligência, pois esta é também um instrumento de estruturação: tudo que se estrutura conserva-se na mente como "quadro mental".

Às vezes, se a temática estudada é muito nova ou o assunto é complexo para você, serão necessárias pelo menos duas leituras do material durante a etapa sincrética, a fim de se adquirir uma visão global dos conteúdos; somente depois é que se passará à próxima etapa, bem mais detalhada e analítica.

Terceira etapa: análise do texto (analítica)

Na fase analítica, procurar ver e compreender todos os detalhes. Mas ficando nisto não há aprendizagem. São apenas informações. Não se deve perder, contudo, a noção de conjunto adquirida na fase de síncrese.

Faça agora um esquema analítico, isto é, um esquema no qual entrem todos os detalhes. Compreender é dividir e organizar. Contar, por exemplo, quantas informações são fornecidas pelo texto, fazer diagramas e esboços do assunto, pois a visualização facilita a compreensão e a fixação. Faça também desenhos esquemáticos: flechas, círculos, quadros etc., geometrizando as ideias principais.

Além disso, crie enumerações: transforme o texto em itens. Isto é uma forma de esquematizar. Ponha os itens em determinada ordem crescente ou decrescente e dê um valor a cada um.

Grife, sublinhe e ponha sinais à margem do livro. Um texto ou livro "estudado" fica todo riscado, como um campo trabalhado pelo arado... Deixe o rastro da atividade nas páginas estudadas. Através desses sinais, mede-se a compreensão.

Não procure decorar nesta fase. Mesmo sem querer, num estudo assim, quase tudo vai ficando decorado. Se você garantir a perfeita compreensão, verá como desaparece o fantasma da "decoreba". O ato de decorar é um "subproduto" da compreensão perfeita. Tudo que entra num sistema conserva-se porque é sistemático. O todo garante a presença das partes.

Não se surpreenda se a aprendizagem, à medida que caminha, torna-se mais difícil. No começo tudo é mais fácil, pois as noções são mais simples e muitas delas já se sabem. Veja a subida de uma escada: os últimos degraus são os mais difíceis, mas comprovam que já está quase no topo. É verdade que, transpostas as dificuldades finais, haverá um *insight* e você ficará dono do assunto.

O objetivo desta etapa é analisar e identificar os conceitos-chave e as informações mais relevantes.

Faça o seguinte: Leia todo o tópico procurando descobrir os conceitos e as informações mais relevantes; em seguida, procure elucidar a informação principal de cada parágrafo, pois normalmente em cada parágrafo o autor desenvolve uma ideia ou um conceito; busque um título no parágrafo, curto e objetivo, que sintetize a ideia nele contida – escreva na margem –, isso facilitará o repasse das ideias.

Fazer anotações nas margens do texto é fundamental nesta fase de estudo chamada analítica – use setas, indicações, esclarecimentos, informações, pois elas ajudam a esclarecer e relembrar o que foi estudado.

Sublinhar é um grande recurso. Procure sublinhar as informações mais importantes, mas não faça isso na primeira leitura. É recomendável sublinhar com lápis, pois após outras leituras você poderá optar por grifar uma outra parte do texto.

Quarta etapa: síntese das informações (etapa de síntese)

Chegou a hora da síntese. A hora de procurar as leis que regem os fenômenos, os princípios, as causas, estabelecer finalmente os pontos-chave. Conclusões, regras, definições, princípios, esquemas, diagramas, tudo são sínteses. Elimine da investigação tudo que não for fundamental. Retire os exemplos, as repetições, fique com as orações principais. Obter um conceito é retirar dele, por abstração, tudo que for acessório e conservar o fundamental.

Os professores, geralmente, usam a síntese para ensinar. Poupam o aluno da análise. Mas só a síntese feita pelo próprio aluno (partindo de uma pesquisa analítica) faz com que ele aprenda. Não permita que o professor faça a síntese pelo aluno: é o mesmo que roubar a este o direito de aprender. A síntese é o prêmio que se dá a um longo esforço, depois de muito "quebrar a cabeça". Estudar é, pois, ir do sincrético (global) pelo analítico (pesquisa e investigação) para o sintético. Ninguém pode fazer isso por ninguém. Se o fizer, estará traindo a boa-fé do estudante. Só a pessoa pode aprender. Ninguém aprende por ninguém. Bom professor não é o que trabalha pelo aluno, mas o que o estimula a trabalhar.

Agora faça o controle: veja se sabe aplicar o que pensa que aprendeu. Não se trata de repetir (que é outra coisa). Trata-se de aplicar em novas situações por generalização (um caso mais difícil) ou por transferência (um caso diferente). Se souber isso, a aprendizagem incorpora-se nos "quadros mentais". Se não é capaz de aplicar em situações novas (mais difíceis e diferentes) o que pensa que aprendeu, realmente não houve aprendizagem. Não se enganar, pois. Fazer o controle honesto e corajoso do trabalho. Aprender é modificar as estratégias de comportamento. Às vezes, pensa-se que não está aprendendo, apesar do esforço que faz. Pura ilusão. Quando menos se espera, o conhecimento jorra como uma fonte.

Para saber realmente um assunto, o aluno deve ser capaz de aplicar os conhecimentos adquiridos. Os exemplos e exercícios encontrados no texto servem para permitir a compreensão, e os exercícios têm um triplo sentido:

- permitem o controle da compreensão do conteúdo estudado;
- indicam o ponto onde ainda restam dúvidas;
- completam e enriquecem o conhecimento, tornando-o mais sólido.

O esquema

Após a etapa analítica, você está preparado para traduzir o texto em um estilo de esquema. Esquematizar é uma forma de representar graficamente ideias. O esquema deve conter todas as informações mais importantes de forma organizada: deve ter um título; deve ser elaborado com frases objetivas e curtas, fazendo uso de palavras-chave; deve ser curto e estar visualmente montado de tal forma que possa ser relido com um rápido olhar. Há várias formas de se fazer um esquema, mas a melhor de todas é aquela que se adapta à sua forma de resumir ideias.

Resumo

Vários estudantes, logo após a etapa analítica, conseguem melhorar sua aprendizagem fazendo uso de resumos dos textos. É uma excelente forma de estudo, por ser uma síntese do texto organizada de forma simples e concisa, com as próprias palavras do estudante. Um resumo é algo que só deve ser feito após a compreensão do texto; é uma das últimas tarefas a ser realizada durante o estudo, pois facilitará a revisão do conteúdo e a memorização.

No resumo, procure usar frases curtas; utilize seu próprio vocabulário; sintetize as ideias principais; use a regra de colocar uma ideia para cada parágrafo; transcreva as fórmulas, os princípios e as leis apresentadas no texto; cuide para que ele não fique extenso.

Ao fazer um resumo para se preparar para uma prova, lembre-se de que você deve utilizar três tipos diferentes de memória: a visual, quando você lê e relê o texto; a auditiva, quando você lê em voz alta o resumo; e a mecânica, quando você escreve ou reescreve o resumo.

Ensine alguém

Uma das melhores estratégias para aprendermos um conteúdo novo é ensinar o que aprendemos a alguém. Logo após a etapa da síntese, você já pode auxiliar um colega da escola em dificuldade com o assunto a aprender.

Lembre-se de que ao ensinar você estará desenvolvendo a capacidade didática de estruturar o conteúdo aprendido para transmiti-lo a outro. Esse exercício trará grandes benefícios a você, pois tornará a memorização do conteúdo um processo quase natural e fará com que consiga transmitir o aprendido com suas próprias palavras. Como a maior parte das avaliações são escritas, você não terá dificuldades em respondê-las.

Memorização

Para confirmarmos que uma aprendizagem aconteceu temos que ter a possibilidade de conservar e recuperar o que foi adquirido. É aí que entra a memória.

Diferente do que se pensa, memorizar é um processo bem mais complexo do que simplesmente repetir algo até decorar.

Memorizar implica analisar e sintetizar os conteúdos estudados; recorrer ao texto para fixar as informações mais fundamentais; associar o que está estudando a conteúdos já aprendidos.

Estão envolvidos no processo de memorização a percepção, a atenção, a criatividade, a linguagem e o pensamento lógico. As sensações perceptivas (imagens, sons, odores, formas etc.) contribuem muito para a melhor memorização. Uma associação de ideias pode ser desenvolvida por técnicas mnemônicas e recuperar o conhecimento.

Em alguns indivíduos a memorização pode ser facilitada quando associada a um campo sensorial mais desenvolvido. Existem pessoas que têm uma memória auditiva mais aguçada que outras, há algumas que têm uma memória visual mais desenvolvida. Descubra em você seus recursos sensoriais e os utilize a seu favor.

Quinta etapa: revisão

Fazer revisões é necessário sempre em razão da grande quantidade de informações que os estudantes têm que reter e da tendência que temos em esquecer por conta do desuso.

Como diminuirmos o nosso esquecimento:

- Ao término do estudo, revise tudo a partir do esquema que você montou.
- Use seus esquemas sempre que possível para relembrar os conteúdos já estudados.
- Comece sua sessão de estudos revisando o que estudou antes.
- Repasse os pontos dos esquemas que montou toda semana, a cada mês e a cada três meses.
- Revise seus esquemas às vésperas de provas.
- Ler os esquemas antes de dormir facilita a memorização.

Uma revisão de qualidade deve ser feita a partir da leitura das sínteses que você produziu. Ao olhar o esquema você deverá facilmente recordar a matéria. Caso sinta dificuldade em algum conteúdo, retorne aos livros e refaça seus esquemas ou suas sínteses. Sabemos que repassar a matéria a partir de sínteses, resumos ou esquemas reduz em 2/3 o tempo necessário para a revisão.

Caso sinta que a aprendizagem não está ocorrendo e a memorização está falha, recomece o processo do estudo e busque ajuda, uma dica, peça a um colega para estudar com você.

Para que ocorra uma boa revisão é importante aguçar a concentração; para isso, estude em um local adequado e livre de estímulos que distraiam sua atenção; o lugar deve ser silencioso, arejado, iluminado e confortável.

Como proceder em sala de aula

A primeira coisa é ser assíduo e pontual em suas aulas; um bom estudante respeita rigorosamente o horário de início e término das aulas. Ao chegar em sala, desliga celulares e aparelhos eletrônicos, a não ser que façam parte do trabalho a ser realizado em aula.

A maioria dos professores utiliza a aula para enriquecer e interpretar o material que consta nos livros; se você for capaz de ler este material antes, poderá aproveitar bem mais as explicações, já retirando suas possíveis dúvidas.

Prestando atenção às explicações do professor, você terá andado metade do caminho para fixar a matéria. Caso contrário, você terá que estudar em casa duas vezes mais.

Em aulas com debates, dinâmicas, uso de recursos técnicos ou trabalhos em grupos, procure ser participativo. Como esse modelo de ensino é muito prazeroso, você provavelmente não terá dificuldade em engajar-se com maior interesse e isto lhe trará uma aprendizagem mais eficiente.

Quando o professor adotar a forma de aula expositiva, tome apontamentos durante a exposição. Tomar apontamentos não é meramente copiar. Só os tópicos principais devem ser anotados; depois você reconstituirá a aula consultando os livros. Ao fazer anotações, faça-as do modo mais resumido possível. Pule os enfeites usados pelo professor, bem como o excesso de exemplos. Procure anotar os fatos importantes; estes podem ser detectados pela ênfase que o professor dá à informação. Use sinais para simbolizar palavras que você sabe que são muito usadas, tais como: ñ – não / tb = também, entre outras.

Lembre-se de que boas anotações exigem cinco ações:

- ouvir atentamente;
- selecionar as informações importantes;
- condensar as informações;
- escolher e organizá-las;

- interpretá-las.

Em casa, passe a limpo suas anotações, deixando o texto mais fácil de ser compreendido por você no futuro. Complemente suas anotações com informações de livros e apostilas.

Minimize as distrações sentando-se o mais próximo possível do professor; quanto mais longe, mais difícil de ouvi-lo; quanto mais no fundo da sala, mais fácil será se distrair.

Sentar-se na frente tem benefícios, causa boa impressão ao professor, será mais atendido em suas dúvidas e poderá perceber expressões corporais que facilitam o entendimento do que é dito por ele.

Não seja tímido; a timidez atrapalha o desempenho. Não há razão pra temer o professor ou seus colegas. Na sala, faça perguntas, mesmo que o professor pareça não gostar.

Peça a seu educador para só apresentar regras depois de resolver muitos casos em que elas se apliquem. A regra, vindo primeiro, torna a aprendizagem mecanizada e de fácil esquecimento.

Para assistir uma aula é preciso esforço consciente. Escute como quem discute com o professor; desse modo você melhora sua concentração. Ouça como quem vai perguntar. Adote a “dúvida metódica”. Duvide de tudo até obter provas.

Um dos problemas da sala de aula é o individualismo. Ninguém quer ceder um pouco seu espaço. Há a necessidade de superar esta postura e, portanto, debata com alguns colegas; o debate é uma excelente forma de aprendizagem, mas, primeiramente, estude sozinho; apenas após ter noções do conteúdo é que você poderá debater com profundidade.

Caso não aprenda, não culpe seus colegas. Será mera desculpa de suas próprias falhas. Quase sempre o defeito está em nós. Enfrente os obstáculos.

Ensinar a um colega é a melhor forma de aprender. Consiga um colega mais fraco para você ensinar, aprenda de um que saiba mais que você; todos serão beneficiados com essa prática.

Esteja atento às explicações, procure interessar-se. Questione as informações dadas e elabore mentalmente uma síntese do que foi ensinado. Evite conversar ou ficar disperso durante a fase em que o professor estiver transmitindo o conteúdo.

Fique longe de problemas disciplinares, pois estes, além de serem falta de respeito ao espaço acadêmico, ao professor e aos seus colegas, poderão acarretar seu afastamento da aula e a consequente perda das explicações, o que, sem dúvida, prejudicará sua aprendizagem futura.

Procure exercitar ao máximo os conteúdos estudados; exercitar não é apenas resolver tarefas, mas usar o que foi aprendido em sua vida, incorporando esse conhecimento ao seu processo mental e usando-o para ler com maior clareza o mundo.

Não esqueça que ser um bom estudante pode ser uma carga. Os medíocres farão tudo para que você não estude. Na sala de aula não se intimide diante de zombarias. Lembre-se de que o espaço é seu. Portanto participe, dê sua opinião. Acima de tudo, você tem o direito de tirar suas dúvidas.

Depois da aula

Assim que possível, depois da aula, reveja tudo o que você anotou, preencha os "vazios", marque as perguntas que ficaram sem respostas e pesquise em seus livros ou na internet; lembre-se de resolver as tarefas passadas pelo professor, pois elas são um tipo de estudo dirigido.

Reveja suas anotações feitas em sala; caso as tenha escrito de forma rápida e ilegível, corrija-as e aproveite para resumir as ideias. Lembre-se que quanto melhores forem suas anotações, mais eficientes serão os minutos gastos em revisões.

Saber ouvir é uma arte de ouro para quem tem que aprender. Com essa habilidade desenvolvida o aluno avalia melhor os conteúdos ministrados e avalia com maior eficácia as ideias propostas pelo professor. Dizem que Deus nos deu dois ouvidos e uma boca para que ouvíssemos mais do que falássemos; em sala de aula isso deveria ocorrer.

Nem sempre, no entanto, esta capacidade é praticada pelo aluno, resultando em prejuízos na aprendizagem que tendem a se acumular, e essa perda proveniente da falta de atenção recai diretamente sobre os resultados da aprendizagem. O fato é que o ato de prestar atenção e ouvir implica uma ação consciente e intencional, pois a velocidade do cérebro do ouvinte é capaz de processar mais de 400 palavras por minuto, daí a necessidade de uma ação de inferência, ativando ao máximo os canais cerebrais "em paralelo" para processarem as informações e os pensamentos que estão sendo ouvidos.

Avalie-se como ouvinte

1) Você é capaz de ouvir seu professor sem interrompê-lo, durante as explicações de conteúdos?

( ) sempre ( ) quase sempre ( ) raramente ( ) nunca

2) Você consegue perceber aspectos subliminares (entrelinhas), entendendo o sentido oculto das palavras, durante as explicações em aula?

( ) sempre ( ) quase sempre ( ) raramente ( ) nunca

3) Você aproveita as oportunidades dadas pelo professor para tirar suas dúvidas, dar opiniões, enfim, posicionar-se em relação aos conteúdos ministrados?

( ) sempre ( ) quase sempre ( ) raramente ( ) nunca

4) Você procura concentrar-se na explicação do professor, tentando aproveitar o espaço da aula para reter ao máximo as informações importantes?

( ) sempre ( ) quase sempre ( ) raramente ( ) nunca

5) Quando o professor abre debates com os alunos em sala, você procura registrar os aspectos mais importantes da conversação?

( ) sempre ( ) quase sempre ( ) raramente ( ) nunca

6) Ao rever os conteúdos estudados em sala, em suas tarefas e nos estudos em casa, você consegue localizar e lembrar os fatos mais importantes e as ideias-chave utilizadas pelo professor?

( ) sempre ( ) quase sempre ( ) raramente ( ) nunca

7) Você consegue ouvir a ideia que está sendo exposta a fim de, na sequência, tirar suas conclusões e só depois participar dos debates?

( ) sempre ( ) quase sempre ( ) raramente ( ) nunca

8) Você evita ser hostil ou excitado negativamente quando o ponto de vista do professor é muito diferente do seu?

( ) sempre ( ) quase sempre ( ) raramente ( ) nunca

9) Você evita fazer trabalhos paralelos durante a explicação do professor?

( ) sempre ( ) quase sempre ( ) raramente ( ) nunca

10) Você desliga os aparelhos eletrônicos durante a permanência em sala de aula e, em especial, nas explicações dos conteúdos?

( ) sempre ( ) quase sempre ( ) raramente ( ) nunca

11) Você consegue ignorar outros fatores, em especial as conversas paralelas, durante as explicações dos professores?

( ) sempre ( ) quase sempre ( ) raramente ( ) nunca

12) Você sente e demonstra interesse genuíno pelas explicações dos professores em aula?

( ) sempre ( ) quase sempre ( ) raramente ( ) nunca

13) Você evita ausentar-se de sala para realizar atividades outras, quando o professor está explicando conteúdos?

( ) sempre ( ) quase sempre ( ) raramente ( ) nunca

Avaliação

Some os itens onde as respostas forem SEMPRE (atribuindo a cada resposta 4 pontos). Some os itens com respostas QUASE SEMPRE (atribuindo a cada um deles 3 pontos). Some os itens com respostas RARAMENTE e atribua a cada um deles 2 pontos. Aos itens com resposta NUNCA atribua 1 ponto.

A sua performace como aluno “bom ouvinte” será a seguinte:

- Caso alcance 44 pontos ou mais, você é um excelente aluno ouvinte.
- Caso alcance de 35 a 43 pontos, você é um “bom aluno ouvinte”.
- Caso alcance de 30 a 34 pontos, você precisa melhorar sua capacidade de atenção e escuta das aulas (ouvinte regular).
- Caso fique abaixo de 29 pontos, significa que boa parte do que você escuta em sala de aula pode estar deturpado, exigindo de você um esforço muito maior de dedicação ao estudo individual em casa. Aproveite mais seu tempo em sala de aula.

Como ser um bom ouvinte

Ser um bom ouvinte é uma habilidade que pode ser desenvolvida. Nunca é tarde, no entanto, para desenvolvê-la, mas é necessário começar; a prática consciente e o esforço lhe levarão a ser um bom ouvinte.

1) Assuma o compromisso consigo de treinar diariamente a concentração, inicie com períodos curtos (10 minutos) e vá ampliando gradualmente.

2) Escolha as aulas em que tem mais facilidade de aprender ou de que gosta mais dos assuntos, como “aulas-piloto”, pois fica mais fácil reter sua atenção; depois estenda para as demais matérias.

3) Procure sentar nas carteiras próximas ao professor; isso vai diminuir bastante possíveis dispersões.

4) Evite sentar próximo aos seus amigos, com quem mais se afina; dessa forma reduzirá a tentação em realizar conversas paralelas às explicações.

5) Exercite o ato de ouvir as ideias do professor por completo antes de interrompê-lo com perguntas ou opiniões.

6) Vigie-se em relação ao seu comportamento de escuta, veja se sente ansiedades, impaciências, sonolências ou devaneios – mecanismos inconscientes de fuga da aula. Trabalhe-se em relação a isso, procure ajuda. Os orientadores educacionais e os psicólogos escolares podem ajudá-lo.

Com as condutas citadas, você ampliará sua capacidade de vivenciar a arte da escuta, passando a ouvir mais conscientemente, com um ouvido mais treinado e com a habilidade de tornar sua aprendizagem visual e auditiva mais aguçada. Não precisa nem dizer as repercussões, em curto prazo, que trará à sua aprendizagem.

Algumas atitudes suas em sala de aula demonstrarão ao professor seu desejo de ouvi-lo melhor, com ganhos em sua imagem como aluno que se interessa em aprender. Manter contato visual com o professor, sentar em posição frontal e demonstrar estar com a mente aberta para aprender, são importantes, bem como fornecer *feedbacks* oportunamente, perguntando e confirmando que as ideias foram captadas, além de manter o silêncio durante as explicações.

Saber fazer provas é tão importante, nos dias de hoje, quanto saber o conteúdo cobrado; portanto, sua preparação deve incluir o conhecimento prévio do tipo de prova a ser realizada e também uma preparação emocional com técnicas de relaxamento para a redução do mau estresse. Ter uma programação de estudos lhe dará a segurança de conhecimento e emocional para evitar o excesso de tensão durante a avaliação, livrando-o do risco de "brancos" que ocorrem com alguns na hora da prova.

Antes da prova

Não deixe tudo para a véspera; faça uma programação que lhe permita revisar todo o programa um pouco a cada dia. Assim você terá tempo para perceber os pontos que não entendeu e dedicar-se mais a eles. A preparação não deve ser feita na última hora, varando madrugadas; isso só acentuará seu cansaço. Procure distribuir racionalmente o tempo de que dispõe.

Estude a matéria na sequência que o professor ensinou; não realize a tarefa de forma desordenada, pulando capítulos, indo e vindo, isso só irá confundi-lo. Refaça os exercícios principais; caso tenha dificuldades em alguns, peça ajuda ao seu professor.

Procure preparar-se tranquila e conscientemente, cultive o desejo de ir bem e adote o pensamento positivo. Caso fique nervoso, perto da prova, aceite-o como natural; o nervosismo bem-canalizado irá torná-lo mais atento e sua memória funcionará melhor.

Estude com técnica, interesse e paciência. O bom resultado é uma consequência natural de sua preparação. Trabalhe com persistência, mas também com calma.

Uma preparação intensiva próxima à prova é também útil; como o programa da prova já foi estudado e aprendido, a revisão de véspera ajuda bastante, principalmente se for realizada por meio da resolução de questões.

Estudar com colegas também é bom, mas cuidado para a sessão não se transformar em reunião social.

No dia e durante a prova

Encare a prova com calma e otimismo. Nada de ansiedade; ela provoca tensão e diminui suas possibilidades de sucesso. Concentre-se, esteja atento a tudo e seja cuidadoso nas resoluções das questões. Ouça atentamente qualquer orientação que seja dada pelo fiscal e leia com toda a atenção as instruções constantes da prova. Obtenha informação antecipada sobre o tipo de prova a ser aplicado.

Verifique se você está levando todo o material de que vai precisar para a prova. A falta de uma borracha ou de um lápis poderá lhe prejudicar.

Leia a prova como um todo. Avalie as questões. Veja as que você conhece bem, as que conhece parcialmente e as consideradas “difíceis”. Inicie a resolução pelas questões mais fáceis; passe para as de dificuldade média e só então volte-se para as mais difíceis.

Concentre-se em uma questão de cada vez, procure calcular bem o tempo da prova, reservando alguns minutos para uma revisão final antes de entregá-la. Lembre-se: use todo o tempo disponível. Não tenha pressa em concluir sua avaliação.

Não use recursos proibidos na prova; além de não ser uma atitude ética, a tensão gerada por atos como “colar” pode provocar esquecimentos. Lembre-se ainda de que os alunos eventualmente flagrados com “pescas” de qualquer espécie são eliminados do concurso.

Mesmo quando não souber uma questão, sempre procure tentar respondê-la. Muitos professores dão parte da pontuação total da questão quando percebem que o aluno fez um esforço para acertar.

Em provas objetivas, seja metódico ao responder, fique atento aos termos usados pelo professor na pergunta; é comum as palavras-chave usadas ao perguntar lhe conduzirem à resposta correta. Nas provas subjetivas, procure responder apenas o que foi perguntado; mostre seus conhecimentos de forma segura, mas evite devaneios, não seja prolixo, evite tentar mostrar que sabe mais do que a pergunta exige.

Reserve um tempo para preencher o gabarito com calma e, antes de entregá-lo, revise-o. Lembre-se: a pressa nesse momento pode acarretar danos irreparáveis.

Faça sua redação com letra legível; isso ajuda a não tirar o humor de quem for corrigi-la. Faça uma revisão cuidadosa antes de entregá-la; é possível que tenha deixado de colocar uma vírgula valiosa, e isso pode prejudicá-lo.

No dia da prova, procure consumir alimentos com açúcar e fósforo, mas numa alimentação equilibrada; cuidado para não exagerar e passar mal.

Confie também em sua intuição; quando não tiver certeza da resposta (em questões objetivas), fique com a opção que primeiro veio à sua mente; isso aumenta a possibilidade de acertos. Lembre-se ainda de que as provas de múltipla escolha têm seus itens balanceados, ou seja, ocorre mais ou menos o mesmo número de quesitos certos em cada item; isso serve como uma dica para que, caso você precise “chutar” uma questão, “chute” com certa lógica.

A arte de relaxar

As pressões constantes da vida cotidiana, como também provas e exames, causam grande prejuízo ao bem-estar físico e mental do indivíduo, podendo levar ao esgotamento. É surpreendente que tão poucas pessoas conheçam a arte de relaxar, a qual é mais do que a ausência do estresse. É algo positivo e agradável.

Não tenha medo de tentar algo novo e diferente. Escolha atividades que realmente gosta de praticar: a leitura de um bom livro, ouvir uma boa música, banhar-se no mar, caminhar, correr, andar de bicicleta, admirar o nascer e o pôr do sol, um bom papo, uma peça de teatro, um bom filme e deixar-se transcender. Aprender técnicas de relaxamento também pode ajudar.

Para descansar, relaxe com regularidade as tensões de seu corpo, mas também as da sua mente. O segredo no relaxamento está em descobrir as atividades que lhe dão prazer e, quando você as praticar, empenhe sua energia em obter total bem-estar físico e mental.

8

Condições físicas

As condições físicas do aluno e as de seu ambiente de estudo devem ser favoráveis, possibilitando o trabalho atento e tranquilo para a formação do hábito de estudar. O desenvolvimento do hábito vai levá-lo a uma maior concentração, podendo assim dedicar mais tempo ao estudo sem tanto sofrimento.

Criar melhores condições saudáveis de estudo é melhorar o rendimento e possibilitar a criação do hábito. Para tanto, conservar suas boas condições de saúde é fundamental, por isso, observe o seguinte: • Sua alimentação deve ser pautada por comidas sadias em horários regulares; procure ingerir leite, frutas e verduras em abundância. Evite estudar de barriga vazia. Evite beliscar, especialmente docinhos e salgadinhos, o excesso de açúcar, e tente fazer as refeições com tranquilidade, lentamente, saboreando o alimento. Após as refeições, descanse pelo menos 20 minutos.

- Faça diariamente exercícios físicos, fuja do sedentarismo; 20 minutos diários de exercício já são o suficiente para isso.

- Sente-se de forma adequada ao estudar, nada de se deitar sobre a coluna, o ideal é ficar com a coluna ereta e a 30 centímetros do livro que estiver lendo.

- Cuidado com a TV; na maioria das vezes ela serve apenas para entretenimento e lhe rouba preciosas horas de estudo. Use a TV para ver jornais ou documentários.

- Cuide dos problemas físicos existentes e que dificultam o estudo: visão e audição deficientes, adenoides, respiração nasal obstruída, problemas dentários *etc*.

- Cuide da higiene pessoal para manter a boa saúde.

- Durma pelo menos oito horas por noite; durante o sono nosso cérebro se reprograma evitando que em vigília você sinta perdas de memória, dificuldades de atenção, distração e perda do dinamismo mental.

- Aprenda a respirar, para relaxar.

- Capte a energia solar com regularidade; banhos de sol moderados fornecem vitaminas ao seu corpo.
- Evite tomar medicamentos, tanto tranquilizantes quanto estimulantes; eles cobrarão um alto custo na abstinência.
- Evite o fumo e o álcool.
- Procure fazer um alongamento antes de estudar; isso ajudará você a se sentir com mais disposição para a atividade que vai realizar.

Seu corpo e seu cérebro agem juntos, e ambos contribuem para seu equilíbrio psicofísico. Conheça-se bem, conheça seus limites e os sinais de alarme, nunca espere demais para agir; evite problemas mantendo uma vida saudável sempre, fuja de abusos.

Em relação ao seu local de estudo, observe para que ele tenha as seguintes características:

- Ser tranquilo, agradável, sem ruídos. Caso em sua casa este espaço não seja possível, use a biblioteca de sua escola.
- Ter temperatura agradável, ser um local arejado.
- Ter iluminação adequada e de preferência entrando pelo lado oposto à mão a qual você usa para escrever.
- Sem ruídos externos; evite colocar músicas durante o estudo.
- Uma mesa espaçosa é importante para que você possa espalhar seu material de pesquisa.
- Tenha atenção especial à cadeira que usa; ela deve ser confortável e proporcional à mesa e à sua altura.

A tarefa de casa

Até mesmo os alunos que não gostam de atividades para realizar em casa concordam que as tarefas de casa têm importância como uma estratégia pedagógica para facilitar a revisão dos conteúdos ministrados em aula, a fixação das informações e o desenvolvimento do hábito de resolver problemas sozinhos e pesquisar.

Apesar do reconhecimento da importância, na verdade o que ocorre com frequência é uma execução ruim de sua prática por parte do aluno, gerando conflitos com seus familiares. Os estudantes resistem em fazer as tarefas, considerando-as como perda de tempo e alegam, inclusive, que seus professores na maioria das vezes deixam de cobrá-las ou corrigi-las.

A realização das tarefas de casa é de grande utilidade na aprendizagem; incluídas na rotina diária, contribuem para o desenvolvimento do hábito de estudo e para a ampliação do conhecimento pelo estudante. Para que isso ocorra, torna-se necessário que estejam integradas ao conjunto de atividades de estudo diário e serão ainda mais produtivas quanto mais seu conteúdo estiver vinculado aos conteúdos das disciplinas que estiverem sendo trabalhadas naquele período pelo professor em aula.

Tarefas de casa podem ser utilizadas pelos professores como uma forma de avaliar seus alunos, pois possibilitam um acompanhamento mais contínuo da aprendizagem do que o que se obtém por meio das avaliações pontuais (provas). O professor pode ainda reorientar a condução de suas aulas ao constatar, pelas tarefas passadas, as dificuldades dos alunos em alguns conteúdos.

O aluno deve realizar as tarefas propostas o mais próximo possível da explicação do conteúdo feito em aula pelo professor. Deve resolver primeiramente aquelas tarefas cujos conteúdos estão disponíveis (nas anotações feitas em sala ou nos livros didáticos) e depois as tarefas que implicam pesquisas virtuais na internet ou em enciclopédias.

Caso tenha dificuldade em realizar suas tarefas, nada de “chutes”; procure ajuda, troque ideias com seus pais e com colegas. Caso a dúvida persista, deixe a questão em branco e discuta-a com seu professor.

Nos casos de tarefas para casa em equipes, envolva-se ao máximo no trabalho com os conteúdos, cuidado para não “se escorar” nos colegas, em especial naquele amigo mais estudioso, pois assim você perderá uma grande chance de aprender novos conhecimentos.

Efeitos positivos das tarefas de casa na aprendizagem

1) Melhora a memorização dos conteúdos em estudo, sem a necessidade da famosa “decoreba”. A memorização ocorre pelo exercício prático da aplicação da teoria em problemas propostos.

2) Melhora a compreensão dos temas debatidos em aula e presentes nos livros didáticos.

3) Aperfeiçoa a capacidade do professor em avaliar o crescimento da aprendizagem do aluno.

4) Desenvolve o pensamento crítico e a maneira com que o aluno infere (pensa) sobre as informações em estudo.

5) Torna o aprendizado menos enfadonho e mais gratificante. Caso os exercícios tragam questões ligadas ao dia a dia do aluno, o processo de despertar o interesse pela tarefa fica ainda mais facilitado.

6) Torna o estudo menos disperso; a tarefa direciona o que é mais importante que o aluno aprenda.

7) Contribui para o desenvolvimento do hábito de estudo.

8) Desenvolve o autodidatismo e aumenta a autonomia no estudo.

9) Melhora a capacidade de administrar e organizar o tempo do estudo.

10) Desenvolve a “curiosidade epistemológica”, ou seja, amplia o espírito científico, pesquisador, do estudante.

É importante que o aluno encare a tarefa de casa como uma obrigação sua, não delegável. Quando assim não o faz, é comum o conflito com seus pais, em casa, e, na escola, com professores e coordenadores.

A importância de desenvolver o hábito de fazer as tarefas, quando realizadas desde o início da vida escolar, evita esses conflitos, gratifica e impede os efeitos negativos, inversos aos citados anteriormente, que acontecem associados à recusa em valorizar as tarefas de casa.

10

Como manter a concentração

O estudo requer uma boa capacidade de ler e compreender o que lê, uma boa capacidade de memorização e uma capacidade desenvolvida de concentração. Uma concentração bem-adequada possibilitará uma melhor assimilação do conhecimento e uma melhor recordação dos conteúdos estudados.

A habilidade de concentrar-se é um recurso que abre caminho para aprender melhor e mais facilmente. Concentração requer vontade consciente e forte determinação para iniciar as sessões de estudo. Superada a "preguiça" inicial, põe-se em marcha um processo de estudo que só poderá dar certo se for sustentado num crescente interesse e na capacidade de manter-se concentrado.

A concentração se torna mais fácil quando o plano de estudos já está rotinizado ou sistematizado, daí estudar no mesmo lugar e no mesmo horário diariamente ajuda bastante. Ter uma forma sequenciada de estudo também facilitará a permanência da concentração; por exemplo, ler, em seguida grifar o que leu de mais importante, depois sintetizar o que grifou, procurar as palavras desconhecidas no dicionário, dentre outras estratégias de estudo.

Ajuda também na manutenção da concentração variar os temas em estudo e as tarefas a serem realizadas. Como se estudam várias matérias, deve-se mesclar as diversas ciências, o que possibilita menor cansaço mental (por exemplo, matemática e literatura, física e inglês etc.).

Evite situações que podem gerar distrações; algumas delas aparecerão em sua mente como situações inadiáveis. Para evitar as distrações, deve-se: saber as prioridades e ser determinado em cumpri-las, ter clareza na meta que se quer alcançar e realizar um estudo por vez, e pensar só nele. Deve-se ainda descansar após algum tempo de estudo, mas sem sair do local.

A capacidade de concentração pode ser desenvolvida ainda com o uso de alguns jogos que mexem com essa habilidade, como jogar xadrez, fazer palavras-cruzadas, entre outros fatores que estimulam nossa atenção.

Cuidado com os desconfortos que seu corpo pode sentir durante o estudo;

dores no pescoço, nas costas e em outras partes do corpo podem ser consequência de fadiga muscular. Quando isso ocorrer, repense o conforto de seu local de estudo, dê uma parada e realize alguns exercícios de alongamento para a parte do corpo que estiver em desconforto. Lembre-se de que toda rotina precisa de "recreios"; aproveite o momento da fadiga muscular para dar uma parada de uns dez minutos e depois retorne ao estudo. Recomendamos que estudantes que estejam cumprindo muitas horas de estudo pratiquem exercícios físicos, pois isso ajudará até na manutenção da concentração quando for estudar.

Sem dúvida alguma, o estudante necessita ter uma atitude mental positiva em relação à sua capacidade de aprender; confiar em si e pensar que é capaz de realizar seus projetos vão ajudá-lo a resolver os problemas que apareçam e manter-se atento e concentrado em suas metas. Invista em sua autoestima.

Caso você esteja passando por problemas de ordem emocional ficará mais difícil manter a concentração em algo que exige esforço, como é o caso do estudo, pois a emoção tende a se sobrepor à cognição. Tente resolvê-los e, caso não consiga sozinho, procure ajuda. Nessas horas os amigos, os familiares e um bom psicólogo podem vir a ser necessários.

Diga a você mesmo o que quer atingir com o estudo e com o conhecimento que está adquirindo, treine sua mente para habituar-se com suas rotinas, seja otimista e creia no seu sucesso.

Existem atividades que podem ampliar sua capacidade de manter a atenção e a concentração, tais como:

- Escrever um diário sobre o que ocorreu no dia.
- Fazer exercícios que testam a inteligência, tais como cubo mágico.
- Responder a exercícios, nas diversas áreas que exijam respostas não convencionais, ou seja, que exijam que você use a criatividade.
- Responder a jogos que precisam de raciocínio matemático.
- Procure ler sobre opiniões distintas sobre um mesmo assunto e depois escreva sobre sua própria opinião.
- Debater ideias.
- Fazer uso de atividades recreativas que sejam mentalmente estimulantes.
- Procurar ler sobre assuntos novos, que você jamais se interessou; por exemplo, mitologia grega ou viagens espaciais *etc*.
- Assistir telejornais tentando entender as nuances das matérias veiculadas.
- Ler revistas sobre temas atuais, posicionando-se em cada tema.
- Assistir debates e entrevistas na TV.
- Assistir documentários.

- Ir ao cinema e ao teatro, concentrando-se na história ou no tema que está sendo veiculado.

Lembre-se: para evitar o cansaço mental necessitamos mais de variedade do que de descanso ou do ócio. É por esse motivo que assistir um debate de um tema instigador nos descansa mais que um filme de ação. Faça o teste.

Unidade II
Técnicas de aprender habilidades

Como trabalhar e estudar em grupo

Estudar em grupos é uma forma de conjugar os talentos de todos, propiciando o aprendizado de uma forma mais rápida e profunda.

Trabalhar em grupo é uma atividade de grande proveito para a aprendizagem e é, hoje em dia, requisito fundamental para o bom desempenho profissional. O trabalho em equipe nos ensina a dividir tarefas, dialogar, respeitar prazos e abrir mão de nossos pontos de vista quando a maioria pensa diferente. Provoca ainda questionamentos, debates, trocas de ideias e a formação do pensamento crítico.

É necessário lembrar, quando se está trabalhando em grupo, que o todo é diferente da soma das partes, portanto, mesmo que as missões de cada um tenham sido divididas, é necessário que todos conheçam o conjunto das ideias que o grupo pesquisou.

Uma equipe, para funcionar bem, não deverá ser muito numerosa; na escola, possivelmente não deverá superar cinco estudantes por grupo. É necessário que alguém assuma o papel de líder, controlando o cumprimento dos prazos, a marcação das reuniões, a cobrança para que cada um tenha feito sua parte do trabalho, e a definição de modelos de apresentação do mesmo.

O líder do grupo não deverá marcar muitas reuniões; o ideal é no máximo três, podendo variar de acordo com a complexidade do trabalho. O líder deverá estar em contato com todos, assim, se houver algum problema com algum participante, redefinirá a pauta de trabalho.

Na primeira reunião de trabalho os membros deverão organizar e programar o que será realizado, discutir e definir os temas a serem estudados, determinar as fontes de pesquisa (virtuais e materiais), distribuir as tarefas e definir local e data da próxima reunião.

O estudo em grupo é proveitoso pelas seguintes razões:

- Permite treinar a comunicação; em pequenos grupos a timidez atrapalha menos e o estudante pode se desbloquear.

- O grupo promove sinergia, dá motivação, afasta o tédio e faz com que consigamos resolver questões complexas, as quais não resolveríamos sozinhos.
- Facilita a compreensão dos conteúdos pela troca de informações entre os seus membros.
- Facilita a memorização pela aplicação prática dos conteúdos teóricos estudados.
- Desenvolve a capacidade de esquematizar e estruturar ideias para transmissão.
- É um bom treinamento para a comunicação.

Existem algumas condições fundamentais para que o trabalho em grupos seja produtivo:

- Selecionar bem seus parceiros.
- Os grupos devem ter um número de parceiros condizente com o trabalho.
- Escolher bem o local para as reuniões.
- Reunir-se apenas as vezes necessárias.
- Preparar previamente o conteúdo que lhe cabe apresentar; não deixar para estudar no momento das reuniões.
- Os membros têm que ser ativos e estar engajados no trabalho; nada de ficar brincando durante o mesmo.
- Todos devem respeitar o plano de trabalho.
- Todos devem respeitar o horário das reuniões.

Caso o trabalho tenha que ser apresentado na sala de aula, é desejável que todos apresentem uma parte dele; isso ajudará a desenvolver outra importante capacidade: a de falar em público.

Falar bem em público é um dos requisitos pessoais e profissionais que mais facilmente podem alavancar sua carreira devido ao destaque que lhe impõe diante dos colegas. Esta habilidade pode ser muito trabalhada na escola e desenvolver os alunos na arte da oratória; para tanto, existem alguns requisitos fundamentais que não podem ser esquecidos, sob pena de surtir o efeito inverso e constranger o orador.

Conheça bem o assunto de que vai falar, não se arrisque a ir a público sem ter convicção de que domina o assunto; isso lhe dará mais segurança e evitará que venha a ser testado por alguém da plateia.

Procure conhecer com antecedência o tipo de audiência que você vai ter; isso possibilitará dosar o vocabulário, bem como conhecer eventuais problemas que envolvam a plateia, por exemplo: conflitos de ordem política, religiosa, étnica, entre outros.

Tenha noção exata do tempo que vai dispor para falar, procure distribuí-lo segundo a importância de cada item a ser desenvolvido. Jamais ultrapasse o tempo proposto; por melhor que seja sua apresentação, poderá cansar a plateia. O ideal é terminar alguns poucos minutos antes do esperado.

Seja sempre incisivo no que vai dizer, procure ter objetividade também, dar exemplos pode facilitar bastante a compreensão dos itens mais profundos. Mas cuidado para não exagerar e perder-se pelo excesso. Emposte a voz naqueles tópicos que você quiser destacar, elevar um pouco o tom da voz ajuda bastante.

Não conclua sua palestra com expressões orais que pareçam suscitar aplausos, tais como “era isso que eu tinha a dizer”. Resuma-se a agradecer a atenção de todos.

Postura

Coloque-se em frente à plateia (ouvintes) numa posição equidistante, ou seja, nem próximo demais, nem friamente distante. No caso de fazer uso de microfone, evite pendurar-se nele, mesmo que tenha um tripé. O microfone deve ter seu som modulado de tal maneira que não fique incômodo aos ouvidos, mas que consiga abafar pequenas conversas paralelas durante a exposição. Use-o a uma distância de uma polegada da sua boca.

Jamais inicie sua apresentação justificando alguma falha técnica ou de conteúdo; isso desmotiva o público. Evite ainda testar o microfone, fato que deverá ter sido feito antes. Procure durante toda a exposição manter contato visual com a audiência.

Vista-se de forma discreta e corretamente adequada segundo os padrões e hábitos gerais da audiência. Evite sempre roupas excessivamente coladas ao corpo, que podem desviar a atenção da plateia.

Movimente-se de forma não uniforme (pois repetindo movimentos irá cansar o público) e com moderação. Evite afastar ou remover objetos, atitude que também poderá distrair os ouvintes. Caso haja um quadro na sala, este deverá ser limpo antes do início da exposição; caso faça uso dele, use sempre letra legível e escreva ideias curtas.

Gesticule de forma discreta, fazendo sempre ações moderadas com as mãos. Evite gesticular com a cabeça. Para destacar uma ideia é aceito gesto incisivo com a mão, mas faça pouco uso e procure fazer com que não pareça um golpe de arte marcial. Não se deve usar as mãos para visualizar formas geométricas nem sinais gráficos: “aspas”, por exemplo. Jamais apontar, em especial para a plateia. Evite ao máximo demonstrações motoras de uma ideia, seja por meio de mímicas, danças *etc*.

Conteúdo

Além de dominar o conteúdo que irá apresentar, você deve trazê-lo organizado em fichas com os tópicos dos assuntos a serem desenvolvidos, mesmo que você tenha preparado um Power point (que não funcionará em caso de falta de energia – deixando-o na mão). As fichas oferecem a vantagem de não assustar a audiência, permitem o fácil manuseio do esquema a ser seguido e, se o orador tremer, não dará na vista.

Procure encontrar uma fórmula que prenda a atenção dos ouvintes desde o início: um pequeno filme de no máximo cinco minutos, fazer uma pergunta, contar uma história, uma expressão lúdica bem-humorada ou frases contundentes e polêmicas podem ser boas estratégias.

Dispense saudações pomposas, formais e cerimoniais, ressalvadas as situações muito solenes. Evite linguagem vulgar, lugares-comuns, adágios e clichês. Evite ainda usar palavras difíceis, pomposas ou pouco comuns. Seja breve ao falar, coloque-se sempre de forma adequada ao público e seja original, surpreenda.

Quando for fazer uso de exemplos, estes têm que ser didáticos, curtos e atraentes. Cuidado com tentativas de usar humor; muitas vezes somente o orador ri e cria um clima ruim na relação com a plateia, mas é bem-vindo para relaxar o público e remotivá-lo a manter a atenção.

Durante sua apresentação procure estar preparado para cada um dos passos seguintes:

1) Saudação.

2) Proposição inicial.

3) Argumentação (apresentação das ideias).

4) Conclusão.

5) Fechamento.

6) Agradecimento.

A conclusão de sua fala é algo importante e existem diversas formas de fazê-la: você pode produzir um resumo do que expôs; pode concluir apresentando sugestões de ações, ou deixando ao grupo uma frase para reflexão; pode concluir também respondendo a uma pergunta inicial que tenha proposto no início de sua fala.

Caso ao final da palestra haja espaço para responder a perguntas, deixe que o moderador do debate encerre o momento.

Recursos disponíveis

Todos os recursos disponíveis devem ser testados antes, para evitar que algo saia errado e atrapalhe sua apresentação. Confira o microfone, a qualidade do som, a acústica, os aparelhos a serem usados, retroprojetores, DVDs, projetores multimídias, computadores *etc.*

Caso use Power point, lembre-se de que neste tipo de recurso não se deve escrever demais; coloque apenas as ideias centrais que você irá desenvolver. Este recurso possibilita que você leve imagens para sua exposição; faça uso disso, quando possível.

O uso do DVD está em moda ultimamente, é um excelente recurso. Permite trazer para a palestra cenas ou falas de outras pessoas; a partir daí debatem-se ideias. O perigoso do uso do DVD é que a apresentação se alongue e não haja tempo para que sua exposição ocorra de forma tranquila.

3

A importância do ato de ler bem

A leitura nos permite acessar as mais variadas fontes de informações, além da seleção do que mais nos interessa aprender.

Definir leitura parece algo simples; no entanto, dificilmente na literatura especializada se encontrará uma definição que consiga satisfazer plenamente. Podemos tentar conceituar o ato de ler como a capacidade de atribuir diretamente um sentido a algo escrito. Tal sentido é composto pelo que está literalmente escrito e pela nossa história de vida, que influencia na interpretação que damos ao que lemos.

Uma outra definição para o que é ler passa pelo entendimento da leitura como o ato de questionar ideias representadas por símbolos de escrita. Nesta concepção do ato de ler entra necessariamente a postura crítica por parte do leitor, o qual deverá ler como quem questiona.

Podemos ainda ver o ato de ler como algo que se aprende fazendo, pois não é possível primeiro aprender a ler para depois fazê-lo. Isto é, ler escritos no momento em que se precisa realmente da informação.

Ler é, no entanto, muito mais do que isso. A leitura é o ato de poder perceber o mundo, conhecer e compreender seu entorno social. O homem precisa ser motivado a ler o mundo; a partir daí, ele se motivará a fazer uso da leitura e da escrita para viver melhor num universo onde conhecerá cada vez mais.

A falta de leitura é responsável pela ausência de criatividade e pelo pouco conhecimento dos saberes existentes no mundo, além da dificuldade em fazer uso da linguagem escrita.

A grande maioria dos brasileiros não tem o hábito de ler. As justificativas são muitas: a falta de tempo; o alto custo dos livros; a falta do hábito, o que torna o ato de ler lento e cansativo; o fato de os livros serem instrumentos obsoletos e pouco interessantes diante da tecnologia da televisão e da informática.

A falta de tempo está diretamente ligada à falta de prioridade dada ao ato de ler; pessoas que ficam quatro horas por dia diante da televisão, que é a média nacional, não podem dizer que não têm tempo para ler.

O alto custo dos livros e revistas no Brasil é real; no entanto, a competição entre editoras e livrarias vem baixando os preços em alguns segmentos de produção escrita. As bibliotecas também estão se aperfeiçoando e possibilitando o acesso gratuito a uma grande variedade de livros. A falta de hábito não é causa, mas consequência do desestímulo de uma cultura de leitores no Brasil.

As publicações de livros em linguagem mais acessível e direcionada para públicos específicos tende a criar uma nova geração de leitores. Dizer que o computador e a TV podem substituir o livro é um erro; na TV o tempo é caro, o que torna as abordagens das temáticas superficiais e restritas; já o computador é um instrumento excelente para realização de pesquisas, mas de uma leitura que cansa os olhos e dá pouco prazer. Leitura não é bem a “praia” dos computadores; é este um dos motivos de os jovens, ao se comunicarem via computador, abreviam as palavras.

> Meus filhos terão computadores sim, mas primeiramente terão livros (Bill Gates).

A verdade é que não basta apenas ler, é necessário querer e saber ler bem, o que implica assumirmos uma nova postura diante da leitura. A tomada da decisão de transformar o desejo em realidade é imprescindível; precisa haver empenho. Sem o esforço da busca é impossível alcançar os seus projetos.

Se você quer aprender a ler bem, desenvolver o hábito da leitura, só a vontade não é suficiente. É necessária uma ação direcionada e organizada. Ir aos livros e começar a ler sem desenvolver o hábito de tal atitude pode deixá-lo frustrado; é por esse motivo que conhecer algumas técnicas pode ajudá-lo. Os dois primeiros passos a serem dados são não ter pressa ao ler e não ter pressa em desenvolver o hábito da leitura.

Desenvolver um caminho para adquirir o hábito de ler requer manter as atitudes adequadas, ou seja: ter um propósito e um objetivo definido para a leitura que realizará; ir aumentando gradativamente o tempo de leitura; descobrir leituras prazerosas para auxiliar na manutenção de sua atenção durante o ato de ler.

Saber ler bem também possui um *know-how* que implica conseguir captar uma maior quantidade de informações, fixando-as de forma eficaz, em um tempo otimizado. Não significa ler rápido. Algumas leituras, como a de um poema, devem ser realizadas lentamente.

Para cada motivação de uma leitura deve-se ter um ritmo. Ao estudarmos é necessário harmonizar tempo com fixação de conteúdos. Para a leitura lúdica ou que visa o relaxamento, o tempo é uma preocupação que não deve existir; o mais importante é compreender o texto e poder pensar sobre ele. Quando é necessária a leitura de muitos livros, como no caso de uma pesquisa acerca da literatura existente sobre um determinado tema, para a posterior escrita de um trabalho científico, torna-se necessária uma leitura rápida, mas com boa capacidade de compreensão da essência das ideias dos autores. Nesse caso, deve-se usar o método da leitura dinâmica, uma leitura rápida e seletiva, que não é milagrosa, mas é eficiente. Acople à leitura um resumo literal e um resumo esquemático e ficará fácil revisar o conteúdo lido e memorizá-lo.

A carência de vocabulário é um obstáculo para muitos leitores, pois torna o ato de ler lento, pouco eficiente e de difícil concentração. Uma boa maneira de resolver esse problema é mudarmos o hábito de olharmos o dicionário como o "pai dos burros" e passarmos a vê-lo como o "amigo dos sábios". Recorra sempre ao dicionário; para isso, tenha ciência de que para cada nova palavra aprendida seu mundo se amplia. Como nos diz o educador Ziraldo:

a palavra é o átomo da alma.

Um outro obstáculo a que possamos desenvolver o hábito de ler é a pressa; a preocupação em ler rápido domina nossa mente, dificultando a possibilidade de captarmos as ideias expressas pelo autor. Devemos ler respeitando a pontuação existente no texto; esse procedimento facilita a compreensão da mensagem transmitida.

Durante a leitura devemos focar nossa atenção no texto e evitar devaneios ou pensamentos paralelos que dificultarão a compreensão textual. Evitemos também ler quando houver algum incômodo físico: dor, fome, sono, sede ou outros fenômenos que nos deixem ansiosos. Cuidado ainda com problemas sensoriais, barulhos em excesso ou problemas de visão, principalmente, os quais afetam nossa leitura. Busque solucionar essas questões o quanto antes e só então invista numa leitura mais densa.

Evite se tornar um leitor superficial; este é um hábito muito comum nos tempos atuais devido à ansiedade de ler tudo. Este tipo de leitor muitas vezes lê bastante, mas sua capacidade de compreensão do texto lido fica severamente prejudicada. Não deseje ler tudo, nem sobre tudo; decida temáticas que lhe interessem selecionando o que lerá a partir delas.

Procure ler sempre em ambientes agradáveis, onde você possa estar relaxado para, posteriormente, concentrar-se de forma intensa.

Crie o hábito de grifar os textos; os livros são importantes e devem ser respeitados, mas não devem ser tratados como seres divinos. Fazer grifos e anotações ao lado das páginas é sempre positivo para enfatizar as ideias principais do texto.

Quando for ler livros ou textos em situação de estudo, procure realizar três leituras. Na primeira, tente captar a ideia geral que o texto lhe propõe; este momento é chamado de síncrese ou visão global. Na segunda leitura, procure ler como quem questiona, fazendo mentalmente perguntas ao texto e grifando os pontos onde se localizam as possíveis respostas; é o momento da análise. Na terceira leitura, tente fixar o conteúdo e elaborar resumos e esquemas, pois eles são úteis na revisão das ideias do texto; é o momento da síntese.

Um bom mecanismo para uma leitura ser fixada de forma crítica é, após o processo das três leituras, elaborarmos um novo texto, nosso, sobre o tema. Nele você pode acrescentar suas ideias e seus sentimentos, e a essa estratégia chamamos "elaboração de texto-sentido", a qual vem sendo utilizada com bons resultados.

A Língua Portuguesa na excelência profissional

Recentemente, uma notícia veiculada pela mídia surpreendeu muita gente: na cidade de São Paulo – onde se situam algumas das melhores faculdades brasileiras e se costuma dizer que as pessoas levam tudo muito a sério –, no exame anual da Ordem dos Advogados do Brasil, apenas 5% dos inscritos lograram aprovação.

Em entrevista às redes de televisão, a coordenadora do exame comentou o fato esclarecendo que os 95% dos candidatos reprovados não o foram por falta de conhecimento do conteúdo específico do exame, mas pela incapacidade em redigir e expressar com lógica e coerência suas ideias. Os textos redigidos eram ininteligíveis; havia premissas sem conclusão, conclusões sem argumentações, falta de nexo na linha de raciocínio e desconhecimento do que há de mais básico na Língua Portuguesa.

O mau desempenho dos bacharéis em Direito foi consequência do fato de terem deixado de lado o nosso idioma pátrio, como vem sendo há muito tempo deixado por nossos estudantes. O estudo da língua materna tornou-se secundário a quase tudo na vida moderna: à informática, às matérias específicas para cada profissão, ao tecnicismo aplicado às novas linguagens.

As pessoas, hoje, pouco ou quase nada leem além do que está resumido na internet, nas apostilas dos cursos ou nos resumos feitos pelos professores. Todos esses recursos têm sua validade diante do objetivo imediato de aprovação em algum concurso, mas não são suficientes para dar ao futuro profissional o embasamento seguro que lhe permita argumentar com solidez e expressar-se de maneira clara e persuasiva, necessários em todo e qualquer ramo que o profissional venha a atuar. Tudo isso só se adquire com a leitura; a prova disso é que mesmo aqueles profissionais bem-informados pela mídia visual (em especial a televisão), se não tiverem em si o hábito da leitura, terão sua capacidade de comunicação fragilizada.

O mercado de trabalho atualmente vem exigindo uma série de novas capacitações dos profissionais: postura ética, criatividade, habilidade em trabalhar em grupos, pensamento autônomo e uma liderança natural no lidar com os outros. Falar bem em público e escrever com clareza são requisitos prioritários.

Pessoas com apurado sentido de observação e sensibilidade podem conseguir desenvolver estes “dons” e outras vão aprendendo pela via mais sofrida do erro e acerto. O fato inconteste é que o profissional moderno tem que fazer uso correto do idioma pátrio, uma vez que ele é o veículo que vai comunicar a um receptor – provavelmente a seu futuro patrão, a um potencial cliente ou a um promissor parceiro comercial – todo o seu cabedal profissional acumulado.

É bom lembrar que a expressão escrita ou falada tem que ser anteriormente bem-pensada, esquematizada e roteirizada mentalmente. O ato de pensar é profundamente facilitado para aqueles profissionais que têm na leitura um hábito. Na linguagem escrita o problema se acentua, pois se tornam mais visíveis os aspectos plástico-organizacionais do trabalho, a correção gramatical e a riqueza do conteúdo.

Na vida moderna, vemos a todo instante o profissional sendo convidado a defender seus interesses e os do seu negócio, ou ainda a “advogar” as qualidades da empresa que representa. Para ser bem-sucedido, o profissional tem que se expressar com correção e com objetividade. Somente a leitura sistemática, constante e regular pode nos levar a isso.

Quando lemos, mergulhamos no pensamento do autor, refletimos sobre o que nos apresenta, questionamos seus argumentos, desenvolvemos nossa consciência crítica – deixamos de ser meros repassadores das ideias dos outros. A leitura nos eleva ao patamar dos que são fadados ao sucesso: pessoas ecléticas, versáteis, diferenciadas, para quem a comunicação adequada deixa de ser um obstáculo e passa a ser um instrumento de ascensão pessoal, profissional e social.

4

Desenvolvendo a capacidade de liderar

A habilidade de liderar pessoas é requisito cada vez mais importante para alavancar carreiras numa sociedade onde o fator humano vem sendo o diferencial.

O líder servidor e o líder *coach* (treinador) ainda são os perfis apresentados como referência do tipo de liderança que se deseja nas organizações.

Para enquadrar-se nesse perfil, algumas características devem ser desenvolvidas. A primeira delas é a maturidade emocional, pois num mundo instável e cheio de surpresas ter equilíbrio emocional diante das sucessivas crises é primordial; portanto trabalhe-se, busque experiência de vida e equilíbrio psicológico, visto que ambos ajudarão bastante a alcançar a maturidade para lidar com situações de aparente caos.

Trabalhe sua inteligência lógica, mas também sua criatividade e intuição. Experiência no ramo que atua, somada a uma forma lógica de se posicionar (bom-senso) diante dos problemas, ajudará na solução da maior parte deles; o pensamento divergente (criatividade) lhe auxiliará na solução ao “intuir” os demais. Portanto, não tema tomar decisões baseadas em reflexões intuitivas quando a experiência e a razão pareçam não bastar. Para tanto, tenha confiança em si e acredite no que faz. Somente líderes agem dessa forma.

Quem lidera precisa ter uma visão clara de onde quer chegar e ser incansável na conquista. Precisa ter uma expectativa elevada de si e da sua equipe, daí a capacidade de comunicação (saber ouvir e dialogar) virar requisito importante.

O líder está sempre criando novos desafios e influenciando seus colaboradores a trabalhar juntos para vencê-los. Conhecer a equipe com perfeição ajuda a manter a liderança em relação às novas metas.

Investir na constante melhoria da equipe com capacitações e incentivos, reconhecendo sempre o mérito e usando-o como referência para promoções são ações que devem ser cultuadas. Paralelo a isso, ter tolerância com possíveis erros é necessário, pois “só erra quem faz”. Diante das falhas, demonstrar otimismo, energia positiva, ser assertivo e ajudar o grupo a voltar a acertar.

Diante de grandes crises o líder tem que ter a coragem de tomar decisões, mesmo que sejam impopulares. Para tanto, precisa ter calma, ser franco, definir diretrizes e cobrar para que sejam cumpridas.

O líder necessário no século XXI:

- Avalia as pessoas para colocá-las no lugar certo no momento preciso.
- Empenha-se em fazer com que as pessoas vivenciem os ideais das organizações.
- É aberto a mudanças e ensina sua equipe a ser assim.
- Vê a diversidade como algo que traz força e criatividade para a equipe.
- É aberto à gestão feminina.
- Está em permanente formação pessoal, incentiva e cobra a mesma coisa de sua equipe.
- Conhece o sistema como um todo e consegue visualizar cenários futuros.
- Conhece muito bem sua área de atuação e a organização que atua ou dirige.
- Tem rede de contatos.
- Desenvolve visão política: social e organizacional.
- É competente.
- Aprende com os erros e acertos, seus e dos concorrentes.

Em relação às suas características pessoais, o líder deve buscar desenvolver autoconsciência, autodisciplina, motivação constante, empatia e habilidade social.

Deve, junto à sua equipe, comemorar os sucessos e dividir os fracassos. Deve ainda desenvolver uma capacidade empática (colocar-se no lugar do outro) para melhor sentir como pensa e sente cada um deles, liderando-os de forma mais coerente.

5

Como ser um empreendedor

Estudos realizados no Brasil e no exterior, pelas mais diferentes instituições de Ensino Superior com empresários bem-sucedidos, apontam o empreendedorismo como o grande caminho a ser seguido pelos jovens na atualidade. Dessa forma, fugirão de empregos públicos e de serem funcionários de empresas privadas. Serão assim seus próprios patrões.

Os empresários pesquisados apontam algumas das características necessárias para ser um empreendedor; selecionamos as dez mais citadas:

1) **Ter energia:** impulso, iniciativa, coragem de avançar e arriscar, responsabilidade e persistência. Juntamente saúde, vigor e comando. Tudo isso somado torna você uma pessoa com energia para empreender.

2) **Pensar como empreendedor:** ter originalidade, ousadia, criatividade e senso crítico, harmonizados com um pensamento lógico temperado com bom-senso.

3) **Habilidade em lidar com pessoas:** essa é talvez a característica mais importante. Envolve sociabilidade, rede de contatos, capacidade de desenvolver cooperação, bom humor, sabedoria e humildade. Não há como empreender sem ter saudáveis relações pessoais e condutas éticas com as pessoas.

4) **Ser comunicativo:** comunicação que vai desde a oral (falar de forma clara), passando pela habilidade de ouvir, aceitar ideias e desenvolver confiabilidade.

5) **Conhecer o ramo em que atua:** ser um pesquisador constante na área que está atuando. Usar a aprendizagem do dia a dia mesclada com o conhecimento científico-administrativo desenvolvido pelos estudiosos da administração de empresas.

6) **Saber planejar:** o empreendedor necessita ter metas claras (saber planejar aonde quer chegar). Ser contundente em atingir as metas estabelecidas, mas ter a sensibilidade para reavaliá-las e modificá-las no

tempo certo.

7) **Saber delegar**: o empreendedor precisa ter a capacidade e a coragem de delegar poderes. Precisa ainda saber escolher e não temer fazer parcerias e sociedades, bem como desfazê-las. Delegar ou fazer parcerias não implicam deixar de cobrar ou fiscalizar os resultados acertados e pactuados.

8) **Ter um marketing eficaz:** investir em marketing, nos dias de hoje, é requisito imprescindível. Para alguns parece jogar dinheiro fora, mas pensar assim é um engano. Um bom marketing traz muitos benefícios internos (com a crescente motivação dos seus colaboradores) e externos com o aumento da credibilidade social da empresa. Cuidado! O marketing tem que ser verdadeiro, senão, no momento da verdade (contato do cliente com o serviço que sua empresa presta), caso não se confirme, fará efeito inverso.

9) **Ficar de olho na concorrência:** não há empreendedor que não aprenda com os erros e acertos seus e dos concorrentes. Um fica de olho no outro, essa é a realidade; portanto, tenha cuidado com a chamada "zona de conforto". Lembre-se de que a qualquer momento outro empreendedor pode fazer o mesmo que você faz a um custo menor. Por isso, fique sempre ligado no mercado e inove, evitando ser superado.

10) **Dividir os lucros de sua empresa:** pagar um salário acima do mercado traz benefícios à sua empresa pela redução da rotatividade de pessoal e a motivação que gera; no entanto, nada faz mais diferença no trabalho dos seus colaboradores como quando eles se sentem participantes de uma parte dos lucros da organização. Não é à toa que as grandes corporações que conhecemos fazem uso desta prática.

Todas essas características podem ser desenvolvidas e estão, de alguma forma, ligadas à capacidade gerencial daquele que se propõe a empreender em um ramo. Junte-se a elas as características pessoais do gestor, em especial a capacidade de liderar e motivar pessoas.

Fazer uma previsão sobre as profissões que estarão em alta nas próximas décadas é um exercício de futurologia, visto que a dinâmica da sociedade atual é tão intensa que fica difícil sabermos, por exemplo, que produto será o mais vendido em 2030. Ele possivelmente ainda nem foi inventado. Que país será o líder do comércio no mundo, na próxima década? Que aptidões e interesses serão necessários aos profissionais que atuarão neste mercado em constantes mudanças?

Com certeza, o profissional do futuro terá que ter um espírito empreendedor, ser criativo, competente e gostar do trabalho que faz. Terá que atualizar-se sempre, para não ficar obsoleto, o que hoje já ocorre de forma muito rápida.

O profissional do futuro terá que ser um líder em sua área, deve ser ético e saber trabalhar em equipe, conseguindo uni-la em torno de causas que sejam importantes à empresa. O ato de falar bem em público, o domínio de idiomas estrangeiros – pelo menos o inglês ou o espanhol –, saber usar a tecnologia da comunicação e da informação com facilidade também serão atributos cobrados.

Ter a capacidade de desenvolver novas habilidades e competências, bem como ter autonomia e autodidatismo, ser empático e, em especial, saber inferir diante de problemas novos (pensar e intuir) são habilidades cada vez mais necessárias.

O mercado futuro

Além das habilidades citadas, é necessário um olhar profético sobre os rumos que o mercado toma. Aponto algumas ideias norteadoras desta mirada para o futuro.

Em alta

1) Estarão em alta no futuro as áreas ligadas às necessidades humanas, pois o fator humano vai tornar-se imperioso (alimentação, saúde, educação e saneamento básico).

2) Em alta também Nanotecnologia atrelada a Biotecnologia (tecnologia das coisas pequenas (nano) e, em especial, atrelada às novas descobertas na área da saúde).

3) Haverá mercado para tudo que se relaciona ao idoso (Gerontologia), principalmente se realizar atendimento domiciliar (Terapia Ocupacional, Fisioterapia, Enfermagem e Odontologia).

4) Área do entretenimento (Cinema, TV e Turismo) – experiências de lazer estarão em alta (parques temáticos, acampamentos, esportes coletivos, entre outros).

5) Utilitarismo e pragmatismo – haverá um número crescente de cursos rápidos – tecnológicos – voltados para as práticas profissionais que têm carência no mercado (cuidado, são mercados passageiros, mas podem gerar um bom ganho por algum tempo e têm formação mais rápida).

6) Os cursos tradicionais permanecerão em alta (especialmente Medicina, Direito, Odontologia, Engenharia Civil e Psicologia).

7) Valorização crescente do profissional de Sistemas de Informação e de todos os ramos ligados à Informática – Ciências da Computação, Analistas de Sistemas, Redes, Tecnologia da Informação, *Design* Gráfico, planejador de games, entre outros.

8) O ramo de tecnologia das comunicações (Telemática e engenharias afins) deve permanecer em alta.

9) Devido à crescente preocupação ambiental, devem estar em alta as profissões que trabalham com reaproveitamento de resíduos, gestão de estações de reciclagem, meio ambiente e recursos naturais (Ecorrelação).

10) Crescimento das ONGs, tornando o trabalho social junto ao chamado Terceiro Setor Atraente. Atualmente, entre 5% e 6% do PIB mundial já se encontram nas mãos das ONGs.

11) Área de pesquisas, em todos os níveis.

Em baixa

1) Cursos que apresentam queda na demanda do mercado (Estatística, Artes, Economia). Lembro que excelentes profissionais nestas áreas sempre terão mercado.

2) Cursos com excesso de profissionais no mercado, mesmo que sejam cursos considerados socialmente nobres – Arquitetura, Jornalismo (situação agravada pela não exigência de diploma para desempenhar a profissão), Marketing, Administração e até Direito, Psicologia e Odontologia podem ser afetados pela grande demanda de profissionais no mercado urbano.

3) Cursos nas áreas sociais pela pouca demanda das instituições privadas e pela ausência de uma política social clara em nosso país – Serviço Social, Ciências Sociais, Filosofia, Ciências Políticas, entre outros. Para os profissionais destas áreas, um bom espaço que permanecerá é o acadêmico.

Cursos que poderão estar em alta

- Formação de atletas (Esporte, Educação Física e Fisioterapia).
- Agroecologia (produzir alimentos sem degradar o ambiente – pode estar associado a Agronomia, Zootecnia, Engenharia de Alimentos, Engenharia Ambiental, Química Industrial, Aquicultura e Gastronomia).
- Engenharia de Energia.
- Engenharia de Petróleo.
- Engenharia Química.
- Engenharia de Produção.
- Engenharia Hídrica.
- Engenharia Aeroespacial.
- Manutenção de Aeronaves.
- Engenharia Civil (resgatada pelo crescimento econômico do Brasil e pela necessidade de moradia e saneamento básico para a população).
- Engenharia Ambiental.
- Gestor de resíduos (lixólogo).
- Nanotecnólogos.
- Engenharia Genética.

• Especialista em Epidemias Contemporâneas (Biologia, Biotecnologia, Biomedicina e Farmácia).

• Administração (em especial, Comércio Exterior e Relações Internacionais – além das áreas da Administração que se associam com o ramo de Segurança Privada e com o ramo de Direito Empresarial.

• Administração Financeira e Administração de Recursos Humanos devem permanecer atraentes.

• Economia (em seu ramo de Economia Internacional).

• Direito Internacional.

• Profissionais de Educação em geral, tanto as licenciaturas como a Pedagogia em si. Especialistas em Educação Inclusiva, Alfabetizadores e em Ensino a Distância tendem a ser os profissionais mais buscados pelo mercado.

• Profissionais formados em Letras (em especial aqueles com especialização em Língua Inglesa) estarão muito valorizados não apenas para a docência, mas como tradutores atuantes no comércio exterior.

• Profissionais da área de Comunicação Social que se especializem em Comunicação Empresarial.

• Profissionais com capacitação em Libras.

A questão profissional merece ser muito bem refletida atualmente, já que a expectativa, mesmo com a atual crise global, é que o Brasil, além dos seus empreendedores – que são seus próprios patrões – deverá gerar cerca de 20 milhões de novos empregos nos próximos 10 anos, especialmente nas áreas de serviços com 62% e na indústria com 22% (Fonte: Departamento de Estatística do Instituto José Pastore, 2010).

7

Domine idiomas estrangeiros

A crescente competitividade do mercado de trabalho torna o ato de se profissionalizar uma necessidade premente para a obtenção de espaço e sucesso na carreira. Falar um idioma estrangeiro, em especial o inglês, mas não somente ele, tornou-se uma necessidade imprescindível, pois a comunicação em outras línguas está presente no comércio, no esporte, na informática, nas comunicações em geral, na ciência e no cotidiano como um todo.

O domínio de um idioma estrangeiro está presente em concursos, vestibulares, Enem e em outras formas de seleção acadêmica ou profissional, como meio de testar seu conhecimento. Sempre, com certeza, ganha pontos substanciais e faz a diferença quem consegue demonstrar bom domínio de outros idiomas. No caso de viagens internacionais, o domínio do inglês e do espanhol, em especial, sem desvalorizar os demais, possibilitará que você não vivencie a sensação de ficar “sem capacidade de comunicação”, visto que em vários países esses idiomas são utilizados como primeira ou segunda língua.

Nosso idioma, o português, é um dos mais difíceis de ser aprendido, graças a sua ortografia, pronúncia, gramática e vocabulário. O inglês e o espanhol tornam-se comparativamente bem mais fáceis de serem assimilados, e uma grande vantagem profissional para quem os adquire, pois passa a “vender” a ideia de uma “mentalidade internacional” que é muito admirada e valorizada no mercado.

Para aprender um idioma estrangeiro você pode seguir algumas dicas com o intuito de superar as dificuldades naturais em aprender algo novo, em especial outro idioma:

1) Procure aprender o idioma não apenas por necessidade profissional, mas pelo prazer do conhecimento.

2) Procure ao máximo ter contato diário com o idioma por meio de sites, filmes, *shows* e jornais.

3) Busque fazer um bom curso com, pelo menos, quatro horas semanais de aula e que se adéque à sua necessidade e urgência, ou não, do domínio da

língua. Interesse-se e participe ativamente das aulas.

4) Procure usar ao máximo o novo idioma, crie situações para isso.

5) Procure manter contato com nativos do idioma em estudo; isso permitirá evitar vícios de linguagem e melhorará bastante seu vocabulário.

6) Leia livros e revistas do idioma em estudo.

7) Não supervalorize o estudo gramatical. Em provas de concursos, a gramática é sim muito cobrada, mas no cotidiano do uso do idioma estrangeiro você necessitará pouco do conhecimento das regras gramaticais.

8) Concentre-se em aprender o sentido das frases, mais do que de palavras isoladas.

9) Evite traduzir mentalmente as palavras e as frases, pois o sentido e a ordem das palavras são diferentes. Procure aprender expressões e frases. Traduzir e pensar para criar frases complica mais do que ajuda.

10) Procure falar o idioma; apenas ler e escrever não lhe darão fluência.

11) Procure realizar imersões no idioma; caso possa, viaje a países que usam a língua em estudo, passe férias lá.

Estas dicas vão ajudá-lo a atingir sua meta de falar fluentemente um idioma estrangeiro, mas é importante destacar que toda nova aprendizagem exige esforço e dedicação, e aprender um idioma estrangeiro não foge à regra; portanto, dedique-se, e quando menos esperar se surpreenderá com seus avanços.

Unidade III
O papel dos pais e dos educadores

O papel dos pais na formação do hábito de estudo

As contribuições que os pais podem dar em relação ao processo educacional dos filhos são as mais variadas; vão desde o desenvolvimento do hábito de que têm hora e lugar para estudar, até um processo mais profundo de incentivo e desenvolvimento da autonomia do discente em relação aos seus estudos (autodidatismo), ou seja, até a conquista da capacidade de autodesenvolver-se e automotivar-se para administrar seu próprio processo de aprendizagem acadêmica.

Não se esqueça de que se aprende melhor num ambiente onde há harmonia emocional. Um lar onde exista estabilidade afetiva, onde os filhos sintam-se acolhidos recebendo atenção, carinho, apoio moral e uma postura de escuta por parte de seus pais gerará um equilíbrio emocional no estudante, além de um sentimento de confiança que serão fundamentais como alicerce psicológico para o surgimento de uma motivação consistente e a criação de um projeto pessoal de vida. Os estudos entrarão como elemento necessário para atingir essas metas.

Os pais devem tentar ser para seus filhos um modelo a ser seguido, devem mostrar os benefícios de estudar e aprender, apresentar uma visão otimista das portas que se abrirão com os novos conhecimentos adquiridos e, principalmente, procurar valorizar o conhecimento acima de tudo. Estas posturas ajudarão bastante para que o jovem se conscientize de que o processo educacional pode ser vivenciado de forma natural e prazerosa. Reforço a questão do modelo. É bom ter em mente que, em educação, o ditado “casa de ferreiro, espeto de pau” não funciona. Não se deve esquecer que em educação a casa do ferreiro tem que ter espeto de ferro, pois o modelo tem mais força que a palavra. É hora de falar menos e agir mais.

Fundamental se faz que pai e mãe adotem atitudes semelhantes, sugerindo juntos uma mesma direção, a qual deve ser a do esforço e da dedicação, a fim de que o aluno adquira bons hábitos de estudo. Fica mais fácil de ocorrer essa sintonia quando os pais apresentam estabilidade e segurança emocionais; devem ter muito cuidado para não transmitir aos filhos suas próprias angústias e ansiedades. Devem procurar ser estimulantes e flexíveis.

Quando o aluno apresenta rendimento ruim, deve ser cobrado e solicitado a se explicar; nesse momento, algum conflito pode ocorrer, alertando-o para a necessidade de uma melhora em seu desempenho como estudante. Esses pequenos conflitos são benéficos se foram raros e merecidos, podendo ter efeito desestruturador caso se tornem constantes e se forem ocasionados por uma postura de superexigência dos pais. Convém lembrar que expressões adjetivas negativas, como “incompetente” ou “vagabundo”, se ditas repetidas vezes como forma de enfatizar seus defeitos, terminam sendo incorporadas como autoimagem, contribuindo para dificultar o desenvolvimento da autonomia.

Os pais nunca devem deixar de destacar os aspectos positivos e aproveitáveis existentes: a pequena melhora, o ser bom em alguma disciplina ou simplesmente o desejo de mudar. A esperança é motivadora para o jovem; desprezá-la só dificultará a solução das problemáticas pessoais e escolares. Acredite sempre na pessoa humana, principalmente se esta for seu filho.

Ter conversas com seu filho sobre profissões pode não trazer motivação a curto prazo, mas servirá como forma de contribuir para a formação de um projeto de vida. Servirá ainda para ajudá-lo na definição profissional e, além disso, para que ele conheça um pouco mais da sociedade em que vive. Seu filho fica feliz ao sentir que seus pais desejam transmitir-lhe suas experiências, mesmo que faça questão de demonstrar o inverso.

Criem em casa um ambiente de curiosidade em relação à cultura geral e ao mundo que os cerca; assim, com certeza o jovem desenvolverá uma curiosidade científica em relação à aquisição de conhecimentos.

É prudente que seu filho estude em uma excelente escola e que tenha valores que se ajustem aos da família. Também é fundamental que a família tenha sintonia com a filosofia educacional da escola. Caso haja incompatibilidade na visão que têm do mundo e nos valores ensinados, a criança pode sentir-se insegura e ocorrer prejuízos em sua aprendizagem.

Atitudes a serem evitadas

Evitem a permissividade; é função dos pais dar limites aos filhos. A ausência destes passa ao jovem a sensação de desnorteio, de falta de referência. Lembre-se de que necessitamos de balizas que nos mostrem o caminho. Corre-se ainda o risco de a permissividade ser vista pelo filho como descaso ou desamor, provocando sentimentos negativos em relação a si e a seu futuro. Exigências exageradas também fazem mal, podem baixar a autoestima.

Procurem encontrar o ponto ótimo de cobrança; nem todos têm a obrigação de ser nota dez. Pais perfeccionistas são os que mais devem ter cuidado para não incorrer no excesso de cobranças.

A instabilidade financeira também pode atrapalhar o estudante. Como a solução para este problema não depende exclusivamente da vontade dos pais, deve-se tentar compensar um pouco o problema transmitindo ao filho a confiança de que a situação poderá melhorar.

Existem pais que, por conta de suas experiências passadas, desenvolveram um espírito derrotista. É bom lembrar que eventuais fracassos (se ocorreram) não podem influenciar na forma de seu filho olhar o mundo e o futuro que o espera. Ele precisa ver um mundo com esperança e “bom astral”. Ensine otimismo.

Por melhor que seja a escola de seu filho, mesmo que tenha excelentes professores, boa biblioteca e computadores de qualidade, somente terá sucesso nos estudos quem se esforçar, se dedicar e investir no aprendizado. Só é um aluno de sucesso aquele que estuda sistematicamente e investe no aprendizado. Portanto, evite sobrecarregar seu filho com atividades extras. Há um tempo para se fazer tudo, mas deve haver uma programação no sentido de analisar o melhor momento para cada tipo de aprendizagem adicional.

O processo de aprendizagem formal (escolar) no início da vida depende muito da dedicação dos pais; é importante que gradativamente o aluno vá assumindo a responsabilidade pelo seu processo de aprendizagem. O estudo tem que ser visto como um compromisso do estudante, daí ele vai aos poucos conquistando sua autonomia em relação a seus projetos acadêmicos. Atitudes de excesso de proteção terminam por dificultar ao aluno alcançar sua autonomia, retardando o autodesenvolvimento e o autodidatismo, podendo até comprometer uma formação acadêmica mais completa.

Cuidado! Muitas vezes, temendo superproteger ou apressar a conquista da autonomia dos filhos, alguns pais cometem o erro oposto: deixam de amparar os filhos na necessidade. Essa postura é igualmente prejudicial.

Escola e família no trabalho educativo

A criança, o adolescente e o jovem apresentam características próprias em suas personalidades e isso se expressa também em seu perfil na vida estudantil. Entre elas, destacam-se negativamente as dificuldades de concentração, a hostilidade aos deveres de classe, e em especial aos de casa, crescente uso e até dependência da internet com seus sites e comunidades virtuais, relacionamento agressivo com professores e educadores como também com seus pais, pouca valorização pelo esforço dos pais em garantir-lhes uma educação de qualidade e resistência em aprender com a experiência dos adultos.

A educação acontece neste cenário, o que a torna uma tarefa árdua e desafiadora, sendo sentida como algo até certo ponto caótico, visto que seus resultados são muitas vezes surpreendentes e imprevisíveis.

O educador, diante desse quadro, não pode temer o fracasso e, em consequência, omitir-se ou duvidar do poder da educação. Isto seria um verdadeiro desastre e comprometeria toda uma geração. É importante que ele continue vendo o processo educativo com esperança, assumindo para si a missão de educar, com presença, exemplo, solidariedade e acolhimento, colaborando de maneira decisiva para a construção de cada aluno.

O compromisso que o educador assume passa necessariamente por sua permanente qualificação, pela inovação constante da escola e pela presença construtiva dos pais junto à instituição.

Aos pais cabe o indispensável papel de ser um espelho para seus filhos. É verdade que nas relações com os filhos é sempre mais fácil concordar do que discordar, mais cômodo ceder do que estabelecer limite, menos desgastante a ausência do que a presença. É um grave erro não lutarmos para enfrentar o desejo de optar pelo que é mais fácil na educação de nossas crianças e jovens. Quando cedemos, com certeza isso repercutirá no comportamento social e no desempenho escolar, criando problemas inclusive na formação da personalidade.

A coerência entre os valores promovidos pela escola e os vividos na família tem papel importante no processo de formação de cada pessoa. É fundamental ainda que, quando os resultados esperados não foram atingidos, a família evite sentimentos de desesperança. Situações que inspirem cuidados especiais implicam uma busca maior ainda da família à escola, e vice-versa, para o encontro de um caminho que leve o aluno a um processo de desenvolvimento mais harmônico.

A educação se faz em via de mão dupla, iniciando com a legitimação, dos pais, da proposta educativa da escola escolhida como parceira no processo de educação dos filhos. Como primeiros responsáveis por esse processo, os pais são os grandes parceiros da escola. São eles também incentivadores dos filhos no cumprimento dos deveres de estudante.

Se por um lado os pais são os maiores amigos dos filhos no decorrer do processo educativo, o que vai envolver amor, diálogo, dedicação, limites, discordâncias; por outro lado, escola e pais, mesmo admitindo eventuais divergências, precisam andar em via dupla na perspectiva do encontro, pois só assim se conseguirá atingir os objetivos comuns, isto é, a formação de homens e mulheres que têm um projeto de vida e se sentem capazes de realizá-lo, a formação de pessoas felizes e que amam a vida, pessoas que a pautam no bem comum e na construção de uma sociedade mais justa e solidária, pessoas que são competentes igualmente no aspecto acadêmico e humano.

Escola e família não podem, nunca, abdicar da renovação permanente de seu compromisso de educar juntos seus filhos e alunos; a sociedade precisa disso.

Buscar uma boa relação entre a família e a escola deve fazer parte do trabalho educativo, em benefício da criança. Os novos arranjos da família atual trouxeram novas exigências em relação à escola. A esta não cabe mais apenas o ato de ensinar, mas também a formação de cidadãos críticos e atuantes na sociedade, papel anteriormente de responsabilidade da família. O fato de a escola hoje assumir parte das funções de responsabilidade dos pais não exime sua participação, que é fundamental. Daí a necessidade de uma relação de parceria tendo em vista a fusão de papéis que vem ocorrendo.

Toda parceria supõe diálogo e, para que ela se estabeleça, é preciso que os pais confiem e respeitem a escola, acreditando que o educador tem competência para executar suas tarefas e estimular seus alunos a se envolverem no processo de ensino. A escola, por sua vez, precisa abrir espaço para as contribuições que a família pode oferecer. A troca de ideias e informações só tem a somar no desenvolvimento dos alunos, tanto nos aspectos intelectual, social e emocional.

As instituições escola e família são inseparáveis e imprescindíveis na formação saudável de crianças e jovens, principalmente quando se quer formar para a vida e seus desafios, ensinando valores morais e éticos. A relação é de complementaridade.

Tanto a escola como a família são pontos de sustentação do ser humano e marcos de referência existencial. Quanto melhor for a relação entre elas, mais significativos serão os resultados.

Rendimento escolar

A participação da família conta ponto no aproveitamento escolar do estudante. A começar por uma confiança que deve ser demonstrada à criança em relação à escolha da escola; mostre que você confia no ensino ministrado, pois assim a criança poderá se colocar mais aberta a aprender o que é ensinado.

Os pais, demonstrando interesse pelo que se passa na escola, novidades, histórias, notas e boletins também, estão incentivando em seus filhos um “bem-querer” que poderá se transformar em paixão pela escola e, em consequência, pelo conhecimento. Quem tem paixão pelo saber não desiste diante das dificuldades.

Em termos práticos, os pais podem prestar uma grande ajuda ensinando seus filhos a se organizarem. Arrumar um canto para estudar onde possam fazer seus deveres de casa, no mesmo local e na mesma hora, é um importante passo. Assim, eles desenvolverão hábitos de estudar que são fundamentais para a evolução acadêmica. A questão do horário pode ser planejada e negociada; duas ou três horas de estudo por dia, de acordo com a necessidade, mas pode-se não provocar conflitos evitando, por exemplo, obrigá-los a perder seu filme predileto.

Uma dúvida que costuma passar pela cabeça dos pais é se devem ajudar a criança na tarefa de casa. Explicar um ponto, ajudar em pesquisas, repassar a explicação do professor fazem parte dos limites de atração da família. No entanto, a tarefa é da criança e é bom que ela vá se acostumando a se virar sozinha, desenvolvendo autonomia.

Diante da falta de tempo e do excesso de compromissos que caracterizam a vida dos pais fica difícil a comunicação real com a escola; no entanto, isso é fundamental. Procure frequentar as reuniões escolares, além de esforçar-se para estar presente aos eventos promovidos pelos colégios. Demonstre a seus filhos que estes são momentos importantes para você também.

Procure atender com presteza um convite recebido para ir à escola falar com os profissionais que trabalham com seu filho. Ouça a opinião deles acerca do comportamento e da evolução acadêmica da criança.

Determinadas situações para a criança, como separação dos pais, a chegada de um irmão ou a morte de uma pessoa querida, entre outras, podem confundir sua cabeça. A equipe da escola, se estiver informada, pode ajudar bastante na superação do problema pela criança.

O adolescente e a disciplina escolar

A complexidade do ser humano é tal que podemos dizer que há tantas personalidades quantos são os homens. Se a dificuldade para lidarmos com essa complexidade é tão grande no adulto, muito maior o é nos adolescentes. Durante muito tempo se imaginou que as causas dessa complexidade eram devidas apenas às mudanças biológicas que ocorrem nessa fase da vida. Atualmente, acredita-se que a origem desta complexidade se encontra na interação dos fatores biológico, psicológico e social.

Durante a transição para a adolescência são inevitáveis novas atitudes para consigo mesmo, para com seus pais e com os companheiros. Surgem novas aspirações e são assimiladas novas formas de comportamento. A falta de um *status* claramente definido provoca em muitos adolescentes uma grande ansiedade, de onde se originarão comportamentos dos mais diversos, de acordo com a personalidade ainda escorregadia de cada um; daí termos as reações agressivas, de revolta, isolamentos, dentre outras.

Uma das instituições que muito influenciam o conceito que o adolescente tem de si é a escola. Durante o período que passa no colégio ele tem a chance de conhecer sua potencialidade e testar seus limites, tendo, inclusive, a oportunidade para vivenciar sentimentos de vitória e derrota. À medida que o adolescente vai crescendo em habilidades e capacidades, passa a sentir-se mais seguro no enfrentamento do mundo e no contato com o outro. As escolas influenciam muito para tal através do relacionamento educador/educando e educando/educando, além do próprio ensino formal. Nesse aspecto, a escola é um espaço seguro para evoluir e experienciar a nova realidade que o mundo lhe oferece.

A escola é de grande utilidade na organização da personalidade do adolescente, principalmente no campo social, pois, além de pôr o jovem em contato com adultos, propicia, através dele, a quebra do tabu da infalibilidade dos pais. A escola ajuda, ainda, o jovem a adquirir consciência de seu próprio valor e possibilita a ele, ao mesmo tempo em que areja a mente a partir do contato com outros adolescentes, equacionar certos problemas por meio de seu relacionamento com educadores.

Apesar de ter sua utilidade reconhecida pelos adolescentes, uma queixa em relação às escolas permanece: são as exigências disciplinares realizadas. Entre elas estão: assistir a todas as aulas, sem conversas e brincadeiras; respeitar e obedecer a professores e funcionários; não danificar objetos da escola; respeitar os horários; usar fardamentos; cumprir as normas do regimento da instituição.

Nas punições pelo não cumprimento das regras é onde se encontram as maiores críticas e insatisfações. Nessa fase parece que a liberdade é o princípio que norteia o jovem, e esta se apresenta a partir do desejo de transgredir, reformular e transformar a realidade.

Quando a escola apresenta a disciplina como uma necessidade social e esta é tratada de forma dialogada, respeitando a opinião do adolescente e explicando o porquê da norma, muitos dos choques e do mal-estar entre a escola e seus educandos podem ser evitados, tendo a disciplina escolar o benéfico efeito de balizador do jovem na formação de seus valores.

A internet é uma grande rede, sem fronteiras, que permite que saibamos o que se passa no mundo em tempo real. Pais e educadores vêm demonstrando preocupação com os possíveis malefícios que a informática, em especial a internet e os jogos eletrônicos, podem trazer na formação de nossas crianças, além dos riscos já conhecidos de assédio sexual e isolamento social.

O que mais preocupa é o tipo de prejuízo emocional, social ou cognitivo que seus filhos possam ter ao passar horas ligados on-line e, possivelmente, tendo acesso a conteúdos "proibidos". Alguns pais chegam a se utilizar de restrições para barrar o acesso das crianças a conteúdos impróprios, mas esta prática tem se mostrado pouco eficiente.

Em relação aos games, as crianças podem absorver momentaneamente características dos personagens, bem como sua linguagem, a qual é muitas vezes agressiva ou preconceituosa. Percebe-se que aquelas que têm tendência a serem mais agitadas e impacientes ficam muitas vezes mais agressivas após o uso prolongado de jogos eletrônicos. Outra questão importante é a parte física das crianças, que fica esquecida, e, além da coluna, a visão também pode ser muito afetada devido à grande exposição diante do computador. Obesidade e sedentarismo podem começar aí, e propiciar o surgimento de problemas futuros.

A criança no mundo virtual tem também alguns ganhos em seu desenvolvimento cognitivo; é inegável que a internet permite à criança a sensação verdadeira de pertencer a algo maior, o mundo. Permite ter acesso fácil às informações, encontrar recursos educativos, pesquisar temas de interesse específico, jogar, brincar e comprar. Ao contrário do que muitos pensam, o acesso à internet tem levado nossas crianças e jovens a lerem mais. No lazer a criança, permanecendo em casa, pode evitar a violência cotidiana das grandes cidades, e mesmo assim ter acesso a um leque de oportunidades de entretenimento, humor e jogos. O erro está em a criança fazer uso exclusivo do lazer virtual, deixando de conviver com outras crianças, perdendo a oportunidade de ter contato real com o mundo. Nesse aspecto, cabe aos pais administrarem o tempo de lazer dos filhos, controlando o período de permanência ao computador e possibilitando espaços seguros para um lazer social.

Os jogos eletrônicos, quando estruturados por profissionais zelosos e éticos, podem auxiliar nossas crianças no desenvolvimento da capacidade de rapidez no pensar e no agir, assim como aumentar a capacidade de concentração. Pesquisas mostram que crianças com baixa autoestima tendem a melhorar a percepção de si ao fazerem uso de jogos e identificarem-se com o personagem principal do *game*; como o ator principal é normalmente capaz de muitas proezas, a criança tem em sua identificação um alívio da sensação de incapacidade ou medo.

Assim como não podemos impedir que nossas crianças viagem, de irem à escola, a *shoppings*, a *shows*, entre outros programas que compõem a vida, não podemos e não devemos impedi-las de ter acesso à tecnologia, em especial à internet. O que devemos fazer é orientá-las para o uso saudável da rede. Entendemos como desejável um treinamento cotidiano da criança – pais por perto e de olho, orientando, além de manterem uma postura de incentivo e motivação ao uso da internet, para que o filho se construa como pessoa, intelectual, social e afetivamente.

Uma das questões mais levantadas pelos pais ao refletirem sobre as novas tecnologias é o porquê de estas despertarem tanto interesse nas crianças e nos jovens. É inegável o grande acesso às informações e ao conhecimento que tais tecnologias e, em especial a internet, possibilitam. O gosto pelo saber, sem o esforço exigido no estudo tradicionalmente cobrado pelas escolas, é sem sombra de dúvidas um atrativo especial. Existe ainda o fato de ser a internet um facilitador em trabalhos e pesquisas escolares; lá se encontram facilmente as informações por meio de sites de "busca", sem necessitar da enfadonha procura em livros e enciclopédias. Pesquisar na internet facilita-nos a vida.

Um aspecto atraente da internet é a aparente proteção ou segurança sentida pelas crianças e pelos jovens, já que as pessoas com quem mantêm contato não têm, muitas vezes, como identificá-las. Essa sensação de "anonimato" faz com que o usuário da rede exponha com mais extroversão suas ideias. Imagine você poder experienciar e testar o mundo, sem riscos – sentem assim os internautas. Acompanha essa sensação um sentimento de autonomia e liberdade interpretado, muitas vezes, como liderança ou controle da situação; esses sentimentos são bastante desejados pelas crianças e jovens, em especial durante a adolescência. E esse atrativo torna-se mais intenso ainda em pessoas que apresentam em si o sentimento de baixa autoestima.

A internet tem também algo que lembra uma grande cidade; nesse espaço virtual podemos encontrar tudo: comunicação, jogos, espaços de lazer, bibliotecas, acesso a universidades, compras, leituras, negócios, entre outros. Através da rede podemos ainda realizar o intercâmbio de mensagens de forma rápida e ágil durante todo o dia. Esses aspectos se sintonizam de forma intensa com os anseios e os desejos das crianças e dos jovens.

As tecnologias sempre despertaram nas pessoas um sentimento meio "místico"; todas elas, não apenas as formas mais simples como o telefone ou o celular, mas também as mais sofisticadas, como a internet. Esse misticismo gira em torno do fato de que as pessoas estão, aparentemente, sempre à espera daquela comunicação que vai mudar suas vidas, daí a necessidade de estar sempre que possível conectado e disponível ao contato. Pensam assim os jovens – "e se essa mensagem chegar quando eu não estiver 'plugado' e daí eu perder a oportunidade oferecida?" Esse é um dos motivos pelo qual os jovens têm tanta dificuldade de se desligarem da internet, ficando cada vez mais tempo conectados à rede.

As novas tecnologias da comunicação vêm repletas de aspectos positivos para as pessoas e a sociedade em geral. É inegável a agilidade com que há socialização de saberes, trocas de informações por meio desse que é um suporte "facilitador" para a resolução de diversos tipos de problemas. A internet, assim como outros meios de comunicação, possibilita-nos saber o que acontece no mundo em tempo real; nunca os fatos foram conhecidos pelo planeta com tamanha rapidez como são atualmente.

A internet trouxe também uma novidade para a sociedade: a capacidade de termos um novo tipo de socialização, a socialização virtual. A partir dela as pessoas podem fugir um pouco da tensão existente no início de um novo contato pessoal na sociedade, presente principalmente naqueles indivíduos mais tímidos e nos adolescentes, e fazer novos amigos pela rede antes destes passarem à convivência real. Nesse contato virtual o jovem pode aprender com menos "temor" a expor suas ideias e exprimir seus pensamentos, sem temer tanto o retorno ou a "rebordosa" que receberá.

O acesso ao mundo através da internet cria nas pessoas a ideia de pertencer a uma grande comunidade planetária, uma grande família global, com todos os benefícios que o sentimento de "pertença" nos traz. É por meio da rede virtual que também podemos aprender sobre temas diversos sem precisarmos nos deslocar de casa, acessar sites lúdicos e divertidos, fazer compras, realizar pesquisas, e tudo isso com um baixíssimo custo.

Um aspecto que devemos destacar sobre a internet é que ela vem aumentando a capacidade de leitura das pessoas, já que a comunicação mais usada se dá pela da linguagem escrita; além disso, ao mesmo tempo em que nos aproxima das novas tecnologias, também nos ensina mecanismos de familiaridade com os aspectos tecnológicos, o que terminará sendo de muita valia à vida profissional.

Os jogos nos computadores são normalmente alvo de muitas críticas; no entanto, os *games* têm uma influência positiva nas crianças e nos jovens ao aumentar a rapidez e agilidade sensorial, além de melhorar a capacidade de concentração. Um dado importante descoberto por psicólogos é que os *videogames* parecem melhorar a autoestima de crianças que apresentam uma timidez acentuada ou uma autoimagem negativa (baixa autoestima). Nos jogos eles desempenham o papel do personagem principal, e esse fato termina por auxiliar tais crianças a desenvolver mais confiança em suas capacidades.

Atualmente, muito se fala dos aspectos negativos dos novos meios de comunicação usados em especial por crianças e jovens. Assim como em tudo na sociedade real há um lado certo e outro errado, o mundo virtual tem que ser tratado como um meio sujeito a “zelo” por parte dos responsáveis pelas crianças, pois nele há sempre algo a ser cuidado.

A aparente segurança do anonimato que a internet proporciona leva muitos a usarem-na para propagar diversos tipos de perversões e agressões morais contra outras pessoas. A ideia de que tudo pode ser feito na rede, sem limites, ainda existe. Essa forma de ver a internet tem ocasionado problemas graves envolvendo principalmente a erotização exagerada das crianças e a possibilidade de agressão moral, e muitas vezes até física, onde a rede tenha sido um espaço de facilitação do contato indesejado.

A incerteza de quem está verdadeiramente em contato com você na internet é real; não se tem como saber se a pessoa com quem você conversa está identificando-se de forma verdadeira ou usando pseudônimos para “passar por quem não é”.

Nossos filhos também podem passar por situações semelhantes, realizando atividades equivocadas por meio da rede por sentirem-se incógnitos; devem ser orientados a não realizarem através da internet aquilo que não realizariam se estivessem em contato real com o interlocutor.

Uma preocupação presente nos pais é o fato de a criança ou o jovem, fazendo uso da internet, “optar” por um isolamento social, recusando outras formas de contato e comunicação que não sejam as on-line. Este indício deve ser alvo da preocupação dos pais quando o jovem já tem uma tendência a isolar-se dos outros; essa forma de ser aparece primeiramente em casa e na escola e deve ser combatida a partir de um processo de incentivo à socialização. A internet poderá até acentuar este aspecto da personalidade do jovem, mas não é o fator determinante dessa conduta.

Através da rede de comunicação virtual as pessoas têm contato com todo tipo de pensamento e precisam ter capacidade de discernir o que deve ser aceito e o que deve ser rejeitado. Desenvolver um pensamento autônomo e crítico nos filhos torna-se imprescindível, pois eles estarão em contato, muitas vezes, com ideias que defendem valores diferentes dos ensinados em casa.

Na internet encontramos também espaços extremamente erotizantes, espaços que incentivam a violência e sítios que desvalorizam os valores éticos, inclusive por permitirem burlar o direito autoral ao incentivarem o desrespeito às propriedades on-line. É comum usar-se a internet para fazer cópias de livros, músicas, jogos e trabalhos acadêmicos. O ato ilegal é tratado muitas vezes com “certo” clima de normalidade, incentivada pela ausência de uma legislação clara que impeça tal comportamento.

A dificuldade em abrir mão do instrumento tecnológico afeta igualmente crianças e jovens, e esse fato ocasiona uma crescente dificuldade em harmonizar o uso do computador com os demais compromissos da pessoa. Em consequência, passa a atrasar seus compromissos, reduzir horas de estudo e leitura, comprometendo seu sono passando a ter uma vida mais sedentária.

A criação de uma cultura exageradamente visual tem acarretado em nossas crianças e jovens uma redução na capacidade criativa. Um instrumento para recuperar essa capacidade pode ser encontrado na leitura e na escrita sistemática.

O que falar (e fazer) com seu filho em relação às novas tecnologias

Incentive seu filho a partilhar as experiências na internet com você e consultá-lo sempre que surgirem dúvidas sobre condutas dele ou de outros internautas; procure utilizar a rede juntamente com ele e, sempre que possível, comuniquem-se entre si de forma virtual.

Coloque o computador residencial em um local por onde todos transitem; essa conduta garante a possibilidade de os pais acompanharem o tipo de uso que os filhos fazem da rede e quebra um pouco a ideia do isolamento homem/máquina.

Ensine seu filho a confiar na intuição; caso sinta dúvida ou exitação em alguma coisa que se passa on-line, deve informá-lo disso e encerrar o contato suspeito. Oriente-o que, em atividades na internet que necessitam de um nome de início da sessão para identificar o utilizador, deve-se usar um pseudônimo – ajude seu filho a escolher o nome e certifique-se de que ele não revele nada pessoal sobre si mesmo.

Deixe bem claro aos seus filhos que jamais devem revelar dados pessoais, o endereço residencial e os locais que frequenta, estuda ou brinca. Justifique essa orientação esclarecendo que, na internet, a diferença entre certo e errado, bem e mal é a mesma que no mundo real.

Ensine-as a respeitar as pessoas on-line, e jamais aceitar ser desrespeitado. Caso isso ocorra, oriente-o que mude a área virtual ou desligue o computador. Insista com seus filhos a jamais desrespeitar as propriedades on-line, mostre a eles que fazer cópias ilegais de trabalhos, músicas, videojogos e outros programas é roubo – o exemplo dos pais é fundamental para que aceitem essa orientação.

Diga a seu filho que nunca deverá encontrar-se pessoalmente com alguém que conheceu na rede; os amigos on-line podem não ser quem dizem. Além disso, ensine que nem tudo que leem ou veem na internet é verdade; há muitas mentiras repletas de maldade sendo veiculadas.

Não tema disciplinar o uso da tecnologia por seu filho; as crianças e os jovens precisam de balizadores para pautarem suas condutas e poderem assim, de forma segura, usufruir do mundo que os cercam. Portanto, dialogue incansavelmente com seu filho inicialmente sobre o tempo do uso do computador, que não pode ser maior que o tempo dedicado aos estudos escolares, posteriormente acerca dos sites que devem ser evitados por conterem conteúdos inadequados.

Normalmente, limites acordados a partir da prática dialogal são suficientes para a harmonização da relação da criança e do jovem com as novas tecnologias da comunicação. Caso o jovem demonstre estar perdendo o controle do instrumento, tornando-se escravo dele, a busca de uma ajuda profissional pode vir a ser necessária.

Existem muitas tentativas de democratizar o espaço escolar e, principalmente, as relações no interior da sala de aula. Isso normalmente fica só na teoria; pois, apesar do empenho de alguns professores, a relação que se estabelece termina sendo a imposição da autoridade.

Para que haja uma postura nova e construtiva no tocante ao processo educacional é necessário que o educador tenha clareza da filosofia educacional que norteia seu trabalho. Ensinar é um gesto de amor expresso a partir dos atos de instruir, transmitir conhecimentos, guiar e orientar. Para que o processo funcione é necessário que se considere o desejo da autodescoberta do aluno como importante fator para uma aprendizagem significativa.

A pessoa humana é capaz de autodirigir-se e tomar decisões. Faz parte desta o potencial natural de aprender. Há uma curiosidade inata que a leva a uma busca constante de novas aprendizagens. Algumas características dos professores podem facilitar para que esta curiosidade seja canalizada em direção à educação formal, tornando-a mais efetiva. Para que isso ocorra é necessário que o professor procure ser autêntico, expressando claramente o que pensa, sente e quer, mostrando-se transparente, com qualidades e limitações.

Mostre pelos seus alunos aceitação e consideração. Aprecie o estudante, seus sentimentos, opiniões e desejos. Seja compreensivo em relação às características da fase em que o aluno está em sua vida (infância, pré-adolescência, adolescência e juventude). Acima de tudo, exercite a "compreensão empática", que é a capacidade do professor em colocar-se no lugar do aluno, sentir-se como se fosse ele, podendo assim compreendê-lo, não o avaliando ou julgando exclusivamente de seu ponto de vista de professor.

Para adquirir a compreensão empática é necessário ao professor conviver efetivamente com seus alunos. Busque o contato e todos ganharão com isso. O professor é um modelo; mesmo que o aluno não demonstre sempre ter admiração e afeto por ele, as pesquisas mostram que ele é uma presença estruturante na personalidade do jovem.

Tenha regras de conduta claras em sua aula; ter compreensão empática não é aceitar tudo. Dê limites aceitáveis e faça valer. Respeitar limites é importante para que o jovem perceba o espaço do outro na sociedade.

Não tema discutir com seus alunos os objetivos de sua disciplina, isto é, da área do saber que está ensinando; o diálogo nesse caso pode ser eficaz, pois gera compromisso do aluno com o andamento do conteúdo a ser ministrado.

Crie um clima de otimismo em sua aula, mostre como aprender pode ser uma aventura estimulante. Você verá que o otimismo é um ótimo instrumento para construir processos, principalmente com crianças e adolescentes.

Faça um paralelo entre o conhecimento estudado em sua aula e aspectos que envolvam a vida dos estudantes. Dessa forma, estará aumentando o repertório de conhecimentos de seus alunos; o essencial é que eles vejam que, além de ser uma grande aventura, aprender também ajuda a viver melhor e é importante para planejar sua vida futura (projetar sua história). Mostre ao jovem que vive melhor quem sabe mais.

Esforce-se para conhecer seus alunos e tente acompanhar seu desenvolvimento; dessa forma, estará sabendo se a aprendizagem está ocorrendo. Não faça uso apenas das notas como referencial de desenvolvimento. Procure ouvir seus alunos, pergunte o que aprenderam de novo e como usaram o conhecimento aprendido.

Confie na capacidade de seus discípulos, mesmo que as condições de ensino não sejam as ideais. Viva com eles o ensino que ministra, use a emotividade, vibre com o que ensina, ensine como quem partilha algo de bom. Apresente a matéria de forma convidativa.

Domine o conteúdo que ministra. É responsabilidade do professor conhecê-lo com profundidade; não que apenas o conhecimento do conteúdo faça um profissional, mas até para relativizar parte do assunto o profissional necessita de um bom conhecimento da matéria.

Aproveite ao máximo o tempo de sua aula; este horário pertence aos alunos. Um bom planejamento e o uso de recursos técnicos como: retroprojetores, computadores, vídeos, TVs, dinâmicas, Power points, entre outros, podem fazer o tempo ser aproveitado em sua quase totalidade. O professor que esbanja minutos por acomodação ou preguiça está causando aos seus alunos perdas irrecuperáveis, além de estar dando um péssimo exemplo.

Procure ser justo na correção de tarefas e provas; evite colocar “armadilhas” que sejam vistas como uma forma de enganar o educando. É o momento de levar o aluno a perceber o grau de aprendizagem que obteve. Invista tempo elaborando suas avaliações.

Caso haja tempo, comente suas provas em sala de aula; tais comentários possibilitarão ao estudante compreender onde ele errou e servirão como uma nova revisão de conteúdos.

A forma de cobrança do conhecimento está defasada em nosso sistema de ensino. O professor que ainda avalia o aluno exclusivamente por notas mensais ou bimestrais caducou. É forçoso que se criem novos mecanismos de avaliação que cobrem menos a “decoreba” e mais o que foi efetivamente aprendido.

Avaliações mais constantes, sem longo espaço de tempo entre uma e outra, além da utilização de formas diferentes de avaliar (orais, equipes, debates etc.), facilitariam a análise do conhecimento adquirido pelo aluno. Valorize tudo que o aluno fizer e confie em sua capacidade como educador de avaliar não apenas de forma objetiva, mas também subjetivamente um estudante, tendo coragem até de, quando possível e merecido, avaliá-lo sem fazer uso de um documento escrito ou até mesmo dispensá-lo da avaliação.

Um exemplo interessante é o de um professor de inglês que, na última etapa do ano, realiza peças teatrais em inglês com seus alunos. Aqueles que se engajam no processo têm uma aprendizagem prazerosa, pois é lúdica e eficiente. Nesse período os alunos são dispensados de provas escritas e avaliados por sua participação no trabalho e domínio do idioma durante a peça. O evento é um sucesso em todos os aspectos.

Como vai sua comunicação em sala de aula?

Um bom comunicador é aquele que consegue despertar e prender a atenção das pessoas. Você, professor, consegue?

Para prender a atenção dos alunos deve-se pensar primeiramente no que faz o educando aprender e, a partir daí, refletir sobre como ajudá-lo. A palavra-chave é motivação. Ao compreender esse fato, o professor deve procurar criar em sua sala um clima motivacional para seus alunos.

Os alunos aprendem melhor quando são estimulados pelos professores a construir seu próprio conhecimento; portanto, procure não apenas “falar aos estudantes”, mas mostre a eles a utilidade que podem dar ao conhecimento. Lembre-se: aprender é adquirir novas formas de ação; é evoluir.

Seja entusiasta no que diz, procure fugir da monotonia, ser dinâmico. O entusiasmo é contagioso. Procure ser sincero em sua mensagem. Mostre interesse pessoal pelo progresso do grupo. A sinceridade e o interesse nunca são mal-interpretados pelos alunos; ao contrário, geram confiança.

Use seu espírito criador na comunicação para comentar curiosidades. Estimular o raciocínio a partir de “perguntas-desafio” é sempre bem-vindo. A criatividade é uma característica respeitada pelos alunos quando presente nos professores.

Procure aprender algumas técnicas modernas de expressão oral; este recurso poderá evitar que o professor cometa erros de comunicação que tornem a concentração em sua aula mais difícil. Um exemplo disso é a repetição de uma mesma palavra insistentemente (né, tá, pois, e outros vícios). Esses vícios de comunicação acabam por distrair o aluno. Por meio de treinamentos, vícios como esses podem ser superados. O excesso ou a ausência de gesticulação também é problema que pode prejudicar o envio da mensagem passada pelo professor.

Tenha flexibilidade em seu programa, embora sem sacrificar pontos essenciais da matéria; aceite e inclua as sugestões dos estudantes em seu planejamento de ensino. Ter flexibilidade é uma característica de pessoas que são profissionalmente jovens. Em seu planejamento evite excesso de aulas expositivas; deixe tempo para discussões, perguntas e novas ideias.

Mostre a seus alunos a necessidade do estudo sistemático e da prática em casa para a fixação do assunto estudado. É necessário, portanto, que motive seus estudantes para fazer o dever de casa, sendo que este deve ser constante, motivador e desafiante. De preferência, valorize mais a qualidade do que a quantidade de questões em cada tarefa.

Evite situações que possam embaraçar seus alunos: apelidos ou alusões a uma característica física dos mesmos, brincadeira de teor malicioso e, em especial, com alusões sexuais, também são prejudiciais.

Tenha uma preocupação permanente em clarificar sua filosofia de educação. Conheça as diferentes filosofias educacionais das escolas e tente trabalhar naquelas identificadas com sua forma de pensar.

Lembre-se: você é humano; aja como tal, tornando natural o ato de ser agradável e disponível para quem convive com você. Assim, você será um daqueles professores que marcam de forma construtiva os alunos que tiverem a satisfação de tê-lo como mestre.

Atitudes a serem evitadas
Pouco preparo nos conteúdos programáticos.
Falta de clareza na transmissão da matéria (didática).
Excesso de exigências.
Postura permissiva, evitando cobrar responsabilidades dos alunos.
Falta de uniformidade de conduta entre os professores.
Aulas sem motivação.

Provas desorganizadas ou mal-elaboradas.
Abandono do processo de ensino antes do final do ano.
Ausência de liderança para colocar disciplina na sala.
Falta às aulas.

A ética na relação professor/aluno

No livro *Pedagogia da autonomia*, sua última obra antes de falecer, Paulo Freire cita um encontro de organizações não governamentais onde um dos participantes diz ser cada vez mais comum ouvir nos congressos de que participa em diversos países a afirmação de que as crianças nascidas no chamado "terceiro mundo", em situação de pobreza e que fossem acometidas de doenças graves, não deveriam ser salvas, pois isso representaria apenas prolongar uma vida destinada à miséria.

Ao analisar esta afirmação, Paulo Freire coloca que durante muito tempo a grande crítica que se fez ao saber humano era o fato deste negar alguns valores tidos como transcendentes e importantes para a sociedade, tais como a família, a pátria e a religião. O que se constata atualmente é que a razão e a ciência têm como principal característica o atrelamento ao poder, tornando-se uma forma de pensar tecnicista e manipulatória, servindo ao dominante, respaldando um conceito de ética pragmática e confirmando as desigualdades sociais.

Diante desse quadro, dois caminhos são possíveis ao educador e vão influenciar diretamente em sua relação com seus alunos. No primeiro caminho, por meio de sua postura e posicionamento crítico, o professor pode simplesmente confirmar a concepção vigente evitando levar à sala de aula temáticas do dia a dia com o pretexto de que sua função é dar aulas e não falar de assuntos outros. Um outro caminho é a busca de uma nova forma de pensar o mundo; uma nova razão que seja solidária, dialogada e intersubjetiva. Nela, o "eu" e o "outro" merecem ser igualmente respeitados.

Para que esta última ocorra é necessário que haja uma ruptura em relação às amarras que nos impedem de sonhar um mundo diferente. É imprescindível haver uma utopia de uma sociedade melhor que possibilite o pleno uso do pensamento que leve educador e educando à conquista da emancipação de suas ideias; enfim, à conquista da autonomia.

Deve haver preocupação com cada aluno em si, com todo o processo e não apenas com produtos de aprendizagem acadêmica padronizados. O diálogo deve ser desenvolvido ao mesmo tempo em que são incentivadas a cooperação, a união e a organização para a resolução de problemas.

Em sala de aula é imprescindível que o professor acredite na necessidade de a partir do seu discurso e da sua prática levar uma mensagem de resgate da pessoa humana como valor fundamental, acreditando que, por meio da educação, pode-se levar as pessoas à conquista de um processo de autonomia que nos encaminhará a uma sociedade melhor, na qual as pessoas possam ter projetos pessoais de vida e acreditar que, por meio de seu esforço pessoal, poderão atingi-los.

Paulo Freire propõe uma ética universal da pessoa humana intrinsecamente ligada à prática educativa. Esta deveria ser trabalhada pelos educadores em suas aulas e nos processos educacionais em geral, enfatizando a necessidade da conquista da autonomia que só será atingida no domínio da liberdade, da responsabilidade e da consciência crítica.

Ao professor cabe contribuir para que o educando descubra sua posição no mundo, tenha seu projeto pessoal de vida e, a partir de uma opção consciente, desenvolva abertura para o "outro", fugindo do egocentrismo e do consumismo tão difundidos e incentivados pela sociedade em que vivemos. Incentivar o esforço criador, a criatividade, a autoconfiança, são atributos fundamentais. Em especial, caro professor, jamais tire de seus alunos o direito de acreditar em um mundo melhor, pois ninguém tem o direito de retirar do jovem a esperança; ela é fruto da motivação. É tão importante para a vida quanto o ar que respiramos; sem esperança, restaria apenas a resignação.

A escolha da escola dos filhos

A escolha da escola é uma ação que poderá ser determinante na aprendizagem diferenciada que todos desejamos para nossos filhos. Dedicar um tempo significativo para garantir que a escola escolhida seja a melhor opção é garantir ao seu filho um ensino de qualidade.

Ao procurar um bom colégio, verifique a proposta pedagógica, converse com pessoas que tenham seus filhos matriculados na instituição e converse sobre a escola com elas, visite-a junto com seu filho e busque informações sobre os índices de repetência e de evasão.

Observe se o colégio trabalha com tempo integral, que poderá vir a ser uma necessidade futura de seu filho; verifique se existe atendimento individualizado para as crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem e aulas de aprofundamento para aquelas que queiram aprofundar conhecimentos para participar de olimpíadas escolares.

Procure conhecer o nível de formação dos professores que lecionam na escola e a política de formação continuada dos mesmos; veja se eles são valorizados e bem-remunerados.

Não se deixe impressionar pelas instalações físicas da escola; observe com um olhar crítico, perceba se a criança aprenderá os conteúdos propostos para sua série e se a instituição trabalha uma formação humanista com valores que facilitem o convívio social.

Observe se a escola propõe avaliações diferenciadas e semanais, se é exigente na cobrança das tarefas, se tem uma disciplina rígida coerentemente centrada na responsabilidade e no diálogo.

A escola desejada para os tempos atuais deve visar a formação de um aluno autônomo e com autodidatismo; veja como ela trabalha esses aspectos em seus alunos. A formação cultural, esportiva e artística de maneira lúdica deve ser também valorizada, pois dialoga com a cultura e com a autoestima do aluno.

As escolas que apresentam aos alunos a possibilidade de vivenciarem projetos sociais, desenvolvendo assim a consciência crítica de seus discentes, são sempre uma boa opção.

Propostas pedagógicas

A escolha da escola dos filhos sempre traz preocupação aos pais. É muito importante que a filosofia educacional da instituição esteja em sintonia com a visão que os pais têm de educação; é bom lembrar que a escola tem como principal função o ensino, mas ela termina envolvendo a formação total do aluno, da socialização aos valores morais, por exemplo, os quais são fortemente influenciados pela educação escolar.

Um aspecto fundamental a ser observado é a linha pedagógica que norteia os processos de ensino na escola, e existem várias:

- As escolas CONSTRUTIVISTAS centram seu processo educacional na Epistemologia Genética, teoria criada pelo suíço Jean Piaget. Nesta concepção educacional, a criança é que constrói seu conhecimento, levantando hipóteses e buscando a confirmação ou não das mesmas. O professor seria então um facilitador do processo de aprendizagem, que é conduzido pela criança, em seu ritmo, no contato com os desafios colocados e a realidade que vive.

- As escolas ANTROPOSÓFICAS, baseadas na teoria do alemão Rudolf Steiner, buscam integrar o desenvolvimento físico, social e individual durante o processo educativo. Organiza os alunos por idade e formam espaços educacionais extremamente inclusivos. Essas escolas têm como característica o uso das artes vinculado aos conteúdos programáticos estudados.

- As escolas MONTESSORIANAS, criadas pela educadora italiana Maria Montessori, enfocam no processo de ensino a concentração individual e a autonomia. O professor é um guia do processo pedagógico que levará a criança a aprendizagens motivadoras.

- As escolas TRADICIONAIS enfocam no ensino o conteúdo programático. Voltam o processo educativo para a aprovação dos alunos em concursos e para o que a sociedade exige como competência para o futuro profissional (informática, línguas, expressão oral, por exemplo). O professor é visto nesse modelo de ensino como um transmissor de conhecimentos.

- As escolas SOCIOINTERACIONISTAS baseiam-se nos estudos do russo Vygotsky; vinculam o processo educacional a uma profunda compreensão das relações sociais. O educador interacionista procura vincular a vida do aluno e da sociedade com os conteúdos a serem estudados. É uma educação crítica e reflexiva.

- PEDAGOGIA POR PROJETOS, inspirada no construtivismo e nos pesquisadores da motivação, procura trabalhar o conhecimento a partir das temáticas escolhidas pelos alunos, mantendo-os, assim, motivados para investigar e aprender. Os alunos escolhem os assuntos que desejam pesquisar e cabe aos professores vincular as competências e os conteúdos a serem desenvolvidos a estes temas.

Além da linha pedagógica, os pais devem estar atentos à forma como a escola trabalha as questões de: estímulo à leitura, atendimento individualizado aos alunos, interdisciplinaridade, ensino de língua estrangeira, aulas práticas e em campo e a filosofia disciplinar.

Os pais podem ainda contribuir bastante com a educação de seus filhos indo à escola com certa frequência, inclusive às reuniões de pais, conhecendo as regras da instituição e ajudando a passá-las aos filhos, valorizando a escola e os professores diante dos filhos, perguntando ao seu filho o que vem aprendendo na escola e valorizando o conhecimento que ele demonstrar, além de criticar, elogiar e fazer sugestões ao colégio, quando necessário.

O papel dos pais nas tarefas de casa

A formação de hábitos de estudo em casa e as realizações das tarefas têm pouca participação da escola; isso quer dizer que ensinar o seu filho a aprender é uma função que necessita muito da participação da família. Os pais podem contribuir tendo as seguintes posturas: 1) Defina um local silencioso, arejado e bem-iluminado para que seus filhos façam as tarefas de casa.

2) Estabeleça uma rotina, determine quando fazer a lição, se possível no mesmo horário e no mesmo local.

3) Trate a tarefa de casa como prioridade diária, mesmo diante de compromissos importantes, como, por exemplo, ir ao médico.

4) Seja um exemplo para seu filho; caso realize trabalhos em casa, mostre a ele sua rotina. Seja também um exemplo de leitor, lendo diante de seus filhos.

5) Estabeleça limites para o uso da televisão; ela é um poderoso instrumento de entretenimento.

6) Determine a seu filho que o uso do computador só será liberado após a realização das tarefas e do estudo diário. Exceção se ele realizará uma pesquisa com o uso da internet.

7) Converse com os professores sobre a aprendizagem de seu filho.

8) Desenvolva a habilidade de encorajar e motivar mais do que ficar "no pé".

9) Não tema supervisionar o estudo de seu filho e cobrar resultados.

10) Elogie-o todas as vezes que melhorar em alguma disciplina ou nota.

11) Tenha em casa enciclopédias, dicionários e computador – ensine seu filho a pesquisar neles.

A participação na educação de seu filho é fundamental para o sucesso dele; pesquisas realizadas mostram isso. Leia o texto abaixo e comprove.

Família... a escola de todos os tempos

A família, mãe das instituições que compõem a sociedade, precisa resgatar o compromisso com o crescimento dos seus filhos no processo de escolarização. A sociedade norte-americana, preocupada com a eficácia de seu sistema educacional, encomendou uma pesquisa que apontou seu sistema em 13° lugar entre os de 15 países analisados, aguçando a ideia de crise. A escola estava sendo responsabilizada, quando o problema não era exclusivamente dela, e sim de toda a sociedade. O sistema educacional não perdeu sua capacidade de ensinar, apenas está sobrecarregado com outras demandas, que caberiam à sociedade atender em parceria com a escola.

Para chegar à conclusão de que o sucesso escolar estava vinculado à qualidade do acompanhamento dispensado aos alunos, a Universidade de Michigan partiu da observação dos resultados escolares de crianças que pertencem a famílias da Indochina (em especial, vietnamitas) que se refugiaram nos Estados Unidos. O êxito dessas crianças no estudo, principalmente no domínio da matemática e das ciências, em geral, já é bem conhecido nos Estados Unidos, a ponto de levar educadores ao Oriente em busca de explicações.

Os pesquisadores, entretanto, preferiram pesquisar nas próprias escolas e nas famílias das crianças de origem indochinesa, muitas das quais haviam permanecido anos em campos de refugiados e tinham pouco conhecimento da nova língua. Escolheram, para seu estudo, 1.400 famílias em cinco estados diferentes. Dessas, 200 famílias e suas 356 crianças em idade escolar foram selecionadas para a pesquisa ainda mais aprofundada. Todos estavam nos Estados Unidos havia uns três anos, e as crianças frequentavam igualmente escolas públicas em áreas metropolitanas de baixa renda – um ambiente considerado não muito favorável ao bom desempenho escolar. Apesar disso, 27% das crianças se situavam no grupo de mais alto desempenho pelos padrões nacionais; 52% no nível seguinte; e 17% num terceiro patamar. Apenas 4% estavam no nível mais baixo.

Quando examinaram o desempenho específico em matemática e ciências, metade desses filhos de refugiados conseguiu nível superior e um terço ficou no segundo nível. Ou seja, quatro ou cinco dessas crianças se situavam nos níveis mais altos. Mesmo nas disciplinas mais relacionadas com o conhecimento da língua nacional, o desempenho das crianças estava praticamente na média nacional. Os pesquisadores foram então verificar que padrões familiares poderiam influenciar esse rendimento escolar.

Os filhos de refugiados – constataram os pesquisadores – consumiam em média três horas e dez minutos diários em suas tarefas escolares domésticas, quando frequentadores do nível colegial, e duas horas e meia nos níveis inferiores – enquanto nos lares americanos a média é de uma hora e meia por dia para tarefas domésticas em todos os níveis. O cumprimento das tarefas escolares torna-se o centro das atividades da casa indochinesa nas primeiras horas da noite. Toda a família se concentra nelas. Os mais velhos ajudam os mais novos. Os pais leem em voz alta para os filhos. E assim por diante, tudo medido e quantificado rigorosamente pelos pesquisadores, como é da tradição norte-americana. São indicações importantes para a escola e a família, que hoje buscam na parceria a força para o crescimento de seus filhos. Todo acompanhamento revela interesse e afeto que reforçam a motivação. Assim, garantimos a família como a escola de todos os tempos (Texto extraído do *Jornal da Educação* – Confenen).

Referências

ARAÚJO, P.H. *Motivando o talento humano*. Blumenau: Eko, 1999.

COEFFE, M. *Guia dos métodos de estudo*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DOUGLAS, W. *Como passar em provas e concursos*. São Paulo: Ímpetus, 2004.

FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, C. *Aprender a estudar* – Como superar as dificuldades nos estudos. São Paulo: Scipione, 2001.

FLY, R. *Como estudar melhor*. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

GONZÁLEZ, A. *Técnicas de estudo para adolescentes*. Petrópolis: Vozes, 2009.

LORAYNE, H. *Segredos do poder da mente*. Rio de Janeiro: Record, 1976.

MOREIRA, E. *Cómo estudiar*. Buenos Aires: Longseller, 2006.

POLITI, R. *Como preparar boas palestras e apresentações*. São Paulo: Saraiva, 1995.

RIBEIRO, M.A.P. *Como estudar e aprender* – Guia para pais, educadores e estudantes. Petrópolis: Vozes, 2010.

______. *A técnica de estudar*. Petrópolis: Vozes, 1997.

Textos de capa

Contracapa

Como podemos melhorar nossos resultados acadêmicos e crescer na aquisição de conhecimentos? Como desenvolver nosso potencial nos aspectos acadêmicos e pessoais necessários à prática profissional?

Técnicas de aprender: conteúdos e habilidades não propõe mágicas, mas caminhos, valorizando um método para balizar o esforço de cada um no processo de aprendizagem envolvido.

São trabalhados diversos aspectos da metodologia científica de es-tudo, tão importantes para o sucesso acadêmico, devido à evolução acelerada das ciências naturais e humanas, e do processo de globalização do conhecimento. O desenvolvimento das habilidades educativo-pro-fissionais mais importantes para o estudante é alcançado mediante a superação de algumas dificuldades decorrentes da falta de uma adequada metodologia de estudo.

Orelhas

Como educador, constatei que o aproveitamento escolar depende do sistema escolar e do estudante, como também do apoio e da motivação da família. Mas outro aspecto relevante é o domínio de uma metodologia de estudo adequada para alcançar o tão almejado sucesso escolar.

Técnicas de estudo não são a única solução para todos os fracassos escolares ou para a melhoria de seu rendimento, mas constituem ferramenta muito importante para os estudantes que desejam desenvolver estratégias que tornem seu tempo de estudo mais produtivo.

Numa época em que a aquisição de competências e habilidades múltiplas, que dependem da escolarização, tornam-se necessidades cada vez mais importantes para o desempenho profissional, numa sociedade em constante mudança e em crescente especialização e sofisticação, este livro vem oferecer mecanismos para a melhoria do ato de estudar e para o desenvolvimento de habilidades imprescindíveis ao profissional do século XXI.

Com linguagem fácil e sem perder o rigor científico das temáticas trabalhadas, esta obra se divide em unidades: a primeira trabalha técnicas de aprender conteúdos; a segunda, técnicas de aprender habilidades voltadas para a formação ao trabalho; e a terceira sugere orientações sobre como pais e educadores podem ajudar seus filhos e alunos na formação de hábitos de estudo e no desenvolvimento de habilidades.

Marco Aurélio de Patrício Ribeiro é professor e coordenador-geral de Pós-graduação da Faculdade 7 de Setembro – FA7; psicólogo clínico pela Unifor; mestre em Educação pela Universidade de São Marcos, SP; doutorando em Psicologia pela Unifor; foi diretor escolar e secretário de educação do Município de Sobral, CE; estudou metodologias de ensino no Chile e investigação sobre o fenômeno das drogas em El Salvador e no Panamá; é autor de oito livros publicados pelas editoras Vozes e Brasil Tropical; trabalha com formação de professores em nível de graduação e pós-graduação *lato sensu*; é consultor do Cicad, da Organização dos Estados Americanos (OEA), para assuntos ligados a projetos educacionais nas áreas de prevenção ao uso e abuso de drogas.

PORTUGUÊS

Pontuação

Orações intercaladas

Prof.ª Isabel Vega

Orações intercaladas

►**Orações intercaladas** → são aquelas que, como o próprio nome já diz, são inseridas em outra oração, sem que haja necessariamente vínculo sintático entre elas. Muitas vezes, a oração intercalada é um comentário de natureza particular ou um juízo de valor do narrador em relação ao que está sendo narrado. Essas orações vêm sempre isoladas por pontuação da outra na qual se insere; podem ser empregadas vírgulas e, mais comumente travessões e parênteses.

Ex.1: — Vem cá, Eugênia, **disse ela**, cumprimenta o Doutor Brás Cubas (...).

↳ Fala do narrador inserida na fala do personagem.

Orações intercaladas

Ex.2: “Entrei a desconfiar **que** não padecera nenhum desastre **(salvo** a **moléstia)**, **que** tinha o dinheiro a bom recado, e **que** negociava com o único fim de acudir à paixão do lucro.”

que = conjunção integrante

OBS.: “Entrei a desconfiar que não padecera nenhum desastre, **salvo a moléstia**, **que** tinha o dinheiro a bom recado, e que negociava com o único fim de acudir à paixão do lucro.”

que = pronome relativo

Ex.3: — Acho **— e retomou o discurso —** que já assustamos demais o nosso jovem amigo.

SUBSTANTIVOS

PROFESSOR
André
Guerra

Protegido por Eduzz.com

- **SIMPLES X COMPOSTOS**
- **COMUNS X PRÓPRIOS**
- **PRIMITIVOS X DERIVADOS**
- **COLETIVOS**
- **CONCRETOS X ABSTRATOS**

PROFESSOR André Guerra

Protegido por Eduzz.com

Gênero dos Substantivos

UNIFORME – criança, vítima

BIFORME – garoto/garota, menino/menina

Protegido por Eduzz.com

PROFESSOR André Guerra

Gênero dos Substantivos

COMUM DE DOIS GÊNEROS – o estudante / a estudante

EPICENOS – jacaré macho/fêmea, cobra macho/fêmea

SOBRECOMUNS – a criança, a testemunha

PROFESSOR
André Guerra

Protegido por Eduzz.com

Número dos Substantivos

AL, EL, OL = IS	Azul - azuis
M = ENS	Garagem - garagens
R, Z = ES	Raiz - raízes
X = X	Tórax - tórax

PROFESSOR André Guerra

Protegido por Eduzz.com

Número dos Substantivos

COMPOSTOS

- Substantivos, adjetivos e numerais flexionam

Ex. Carro-forte (carros-fortes) , Primeira-dama (Primeiras-damas)

- Verbos e advérbios não flexionam

Ex. bota-fora, saca-rolhas

PROFESSOR
André
Guerra

Protegido por Eduzz.com

ADJETIVOS

PROFESSOR
André
Guerra

Protegido por Eduzz.com

Gênero dos Adjetivos

UNIFORME – amável, importante

BIFORME – bonito/bonita, novo/nova

PROFESSOR André Guerra

Protegido por Eduzz.com

Grau dos Adjetivos

COMPARATIVO

- Igualdade – Eu sou tão alto quanto João
- Superioridade - Eu sou mais alto que João
- Inferioridade - Eu sou menos alto que João

PROFESSOR André Guerra

Protegido por Eduzz.com

Grau dos Adjetivos

SUPERLATIVO

- Absoluto Analítico – Ela é muito alta.
- Absoluto Sintético – Ela é altíssima

- Relativo de superioridade – Ela é a mais alta de todas.
- Relativo de inferioridade – Ela é a menos alta de todas.

PROFESSOR
André
Guerra

Protegido por Eduzz.com

Locução Adjetiva

EXPRESSÃO PREPOSICIONADA = ADJETIVO

De homem – masculino

De criança – Infantil

Do Brasil – Brasileiro

Aula de português

Sala de televisão

Laboratório de física

Protegido por Eduzz.com

PROFESSOR André Guerra

ACESSE GRATUITAMENTE
E-BOOKS E MATERIAIS DE ESTUDO
na Central de Estudos Guerra

CLIQUE PARA ENTRAR

PROFESSOR André Guerra

Protegido por Eduzz.com

A GRAMÁTICA
E
AS REDES SOCIAIS

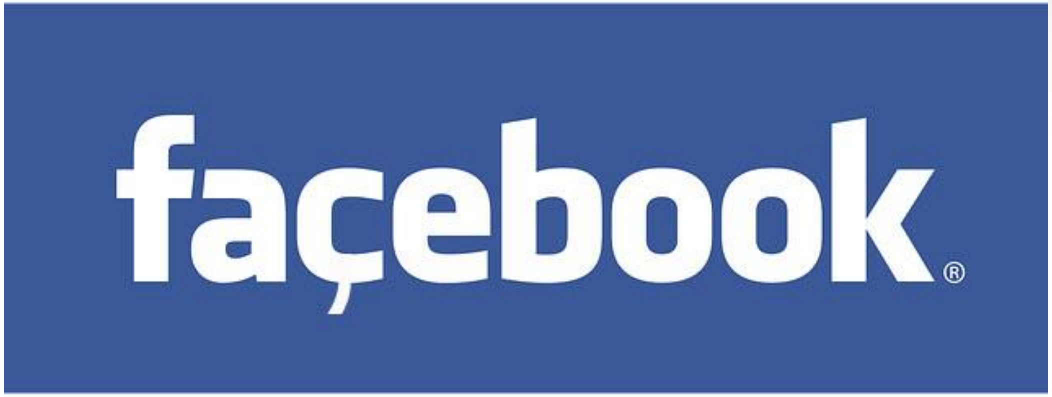

GILP
GRAN INSTITUTO
DE LÍNGUA
PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

1. ÃO X AM

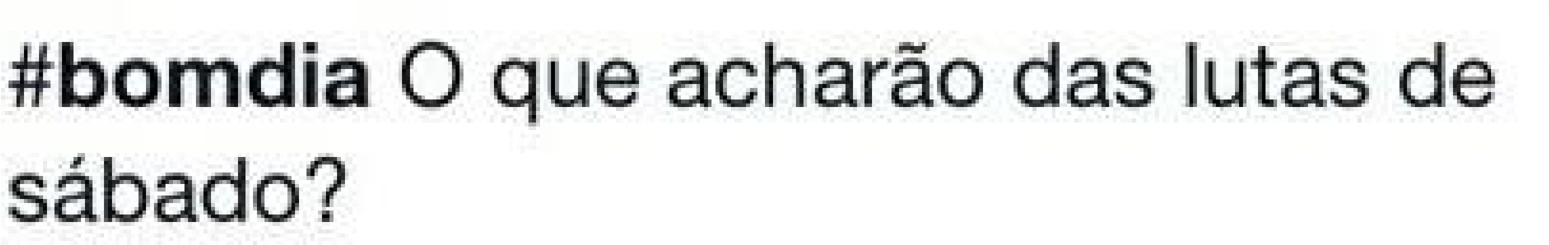

#bomdia O que acharão das lutas de sábado?

2. “Encima, em baixo”

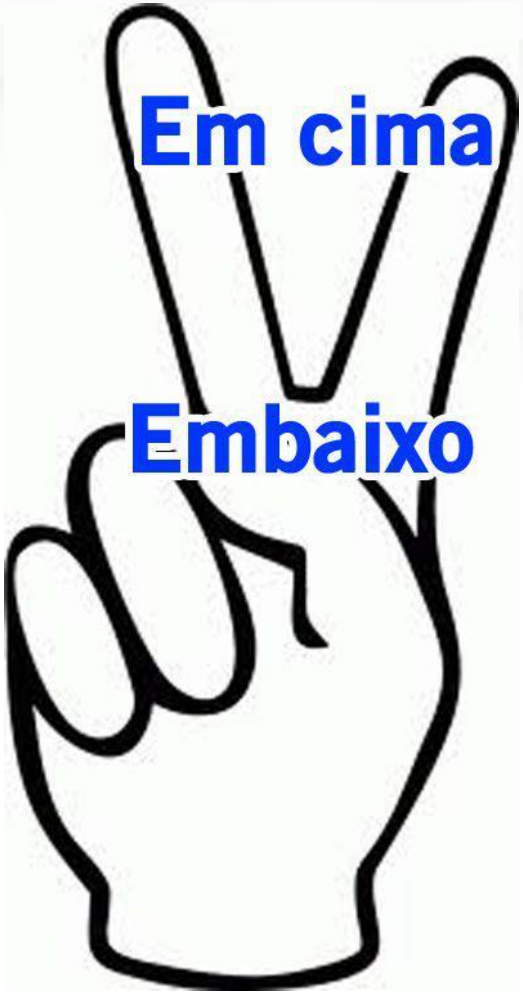
Em cima
Embaixo

3. “Concerteza, derrepente, denovo”

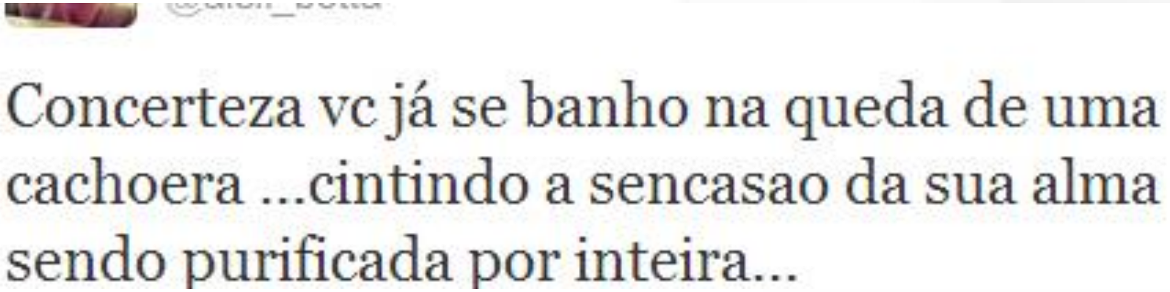

Concerteza vc já se banho na queda de uma cachoera ...cintindo a sencasao da sua alma sendo purificada por inteira...

4. Agente x A gente

A gente entendeu tudo aquilo que o professor ensinou.

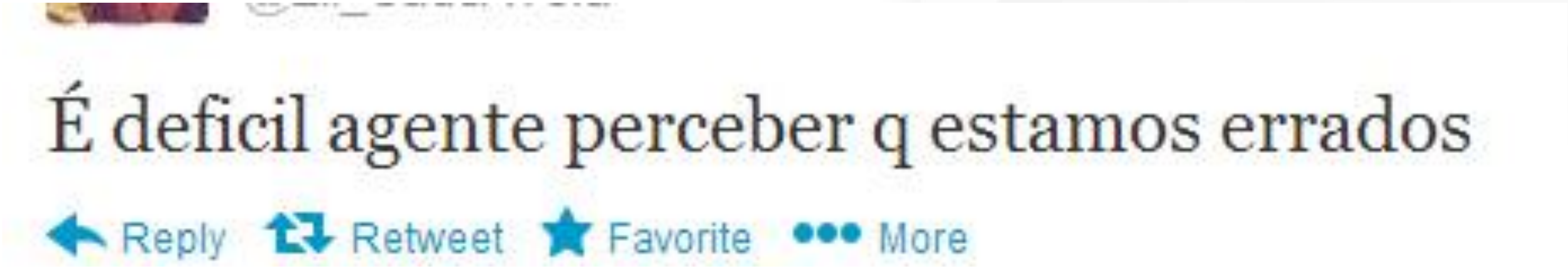

É deficil agente perceber q estamos errados

Reply
Retweet
Favorite
More

5. mas x mais

Mas → Conector que expressa adversidade
Mais → Advérbio de intensidade ou pronome indefinido.

Estudamos com seriedades, mas sempre há dúvidas.
Comprei mais cerveja para a churrasco.
Ele está mais preparado do que antes.

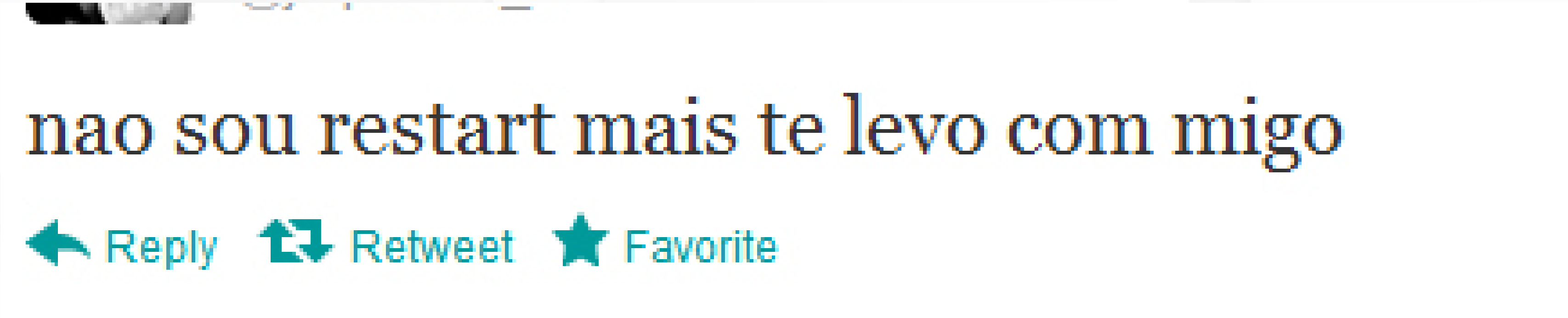
nao sou restart mais te levo com migo

Reply
Retweet
Favorite

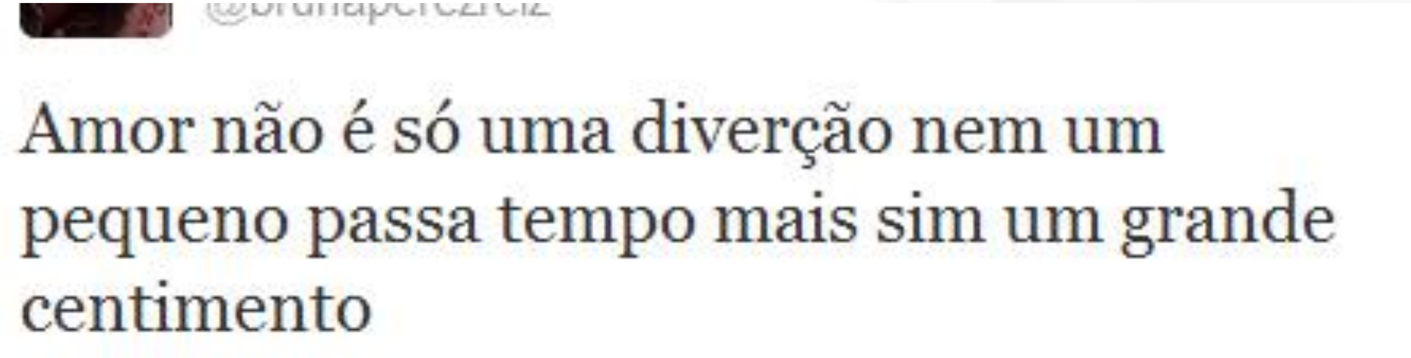
Amor não é só uma diverção nem um pequeno passa tempo mais sim um grande centimento

6. O uso do infinitivo.

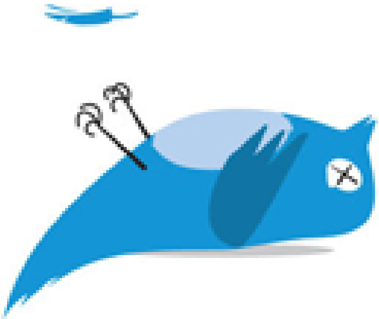

“TwiTENSO”

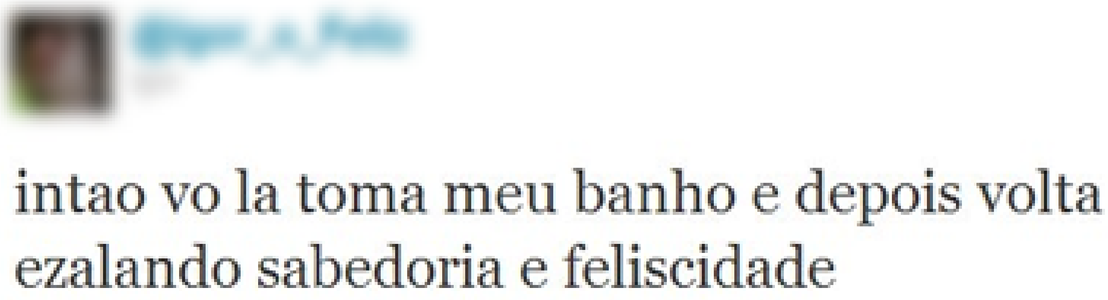

intao vo la toma meu banho e depois volta ezalando sabedoria e feliscidade

6. O uso do infinitivo.

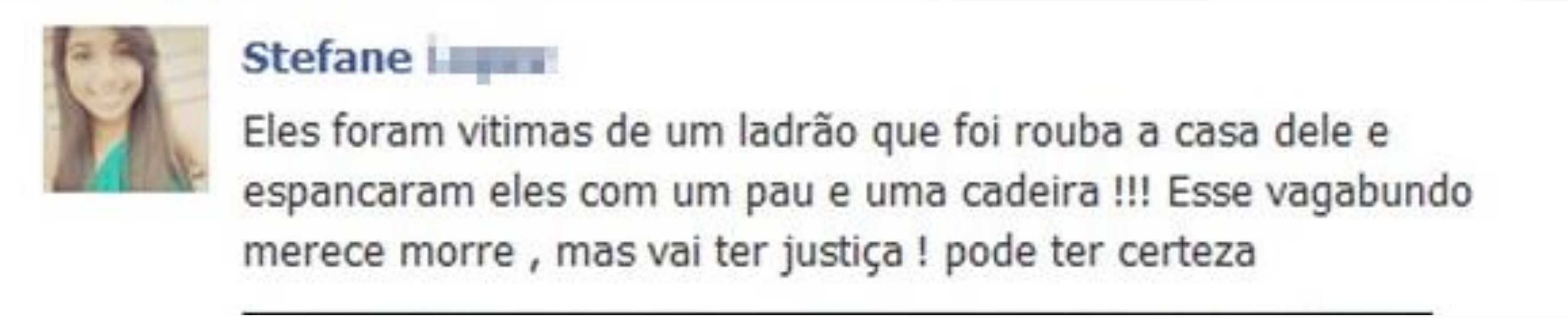

Stefane [redacted]

Eles foram vitimas de um ladrão que foi rouba a casa dele e espancaram eles com um pau e uma cadeira !!! Esse vagabundo merece morre , mas vai ter justiça ! pode ter certeza

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

INFINITIVO	VERBO CONJUGADO
DAR ESTUDAR COMER DORMIR PARTIR	DÁ ESTUDA COME DORMI PARTI

Ele pretende DAR um ajudar aos familiares
Ele não DÁ um beijo na mãe há dias.
Pretendo ESTUDAR até o fim da minha vida.
Ele ESTUDA sempre que pode.
COMER macarrão à noite faz mal.
Ele COME macarrão todos os dias.
Vou PARTIR às dez horas.
Eu PARTI logo cedo, a fim de evitar o trânsito intenso.

7. “Quizer”

Quiser x quizer

Se você quiser, se não quiser tudo bem, meu bem.

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

8. Senão x Se não

Se você quiser, se não quiser tudo bem, meu bem.

Você tem de comer toda a comida do prato, senão é desperdício. (de outro modo)

Se o clima estiver bom você vai, senão não vai. (do contrário)

Se não fosse o trânsito, não teria me atrasado. (caso não)

9. demais x de mais

O café tem açúcar **de mais** para o meu gosto.

Gabriela dorme **demais.**

João e os **demais** alunos se esconderam no banheiro.

Não vimos nada **de mais** em sua atitude.

Havia candidatos **de mais** para o número de vagas oferecido.

10. Menos e meio

Elas estavam ___________ tensas do que da última vez.

Elas ficaram _________ preocupadas após a prova.

Bebi ___________ garrafa.

Já é uma e ___________.

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

11. Mau x mal

Sempre que fico de _____ humor, tranco-me no quarto.

Ele tem andado muito _______ humorado.

Tem medo do lobo _______?

A criança se comportou muito _________.

12. “Ancioso” e “anciedade”

HENRIQUE
DIESEL
(28) 3521-3180
9945-4903 24hs
SUPORTE REI
DIFERENCIAL - FREIOS
SCANIA - VOLKSWAGEN

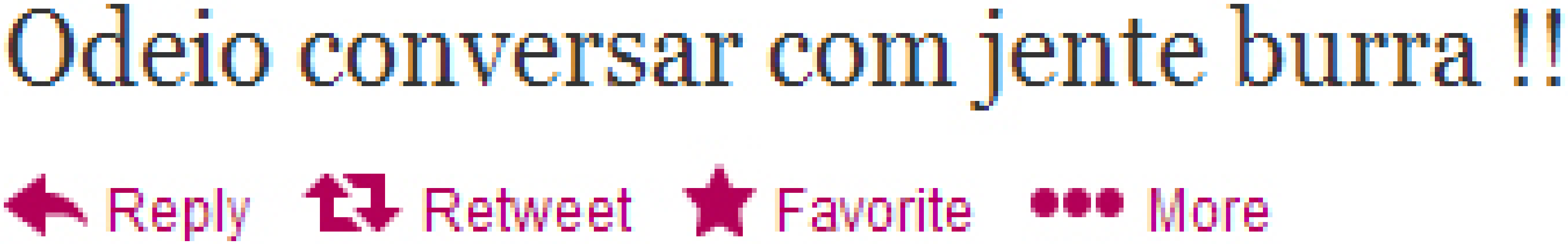

Odeio conversar com jente burra !!

Reply
Retweet
Favorite
More

info.grancursos.com.br/lingua-afiada

Fernando Pestana – Português

Curso de Gramática Completo

Desafio da banca CQIP!!!

I- Marque a frase que está de acordo com a norma culta.

(A) Alunos da rede estadual que se sobressaíram na prova do ENEM poderão retirar gratuitamente a carteira de habilitação, desde que se inscrevam no site responsável pelo benefício.

(B) Convêm que todos os brasileiros participem ativamente dos grandes eventos que fortalecerão ainda mais o nome do Brasil no mundo.

(C) Não desesperar-se diante de dificuldades torna fácil o difícil, portanto cultive coragem e eleve tua autoestima.

(D) O grande poeta mineiro, cujo centenário será comemorado em breve, será presenteado com uma festa com tudo o que tem direito.

(E) Os alunos que realmente desejam aprender a língua portuguesa e passar em concursos públicos não podem ficar presos a resuminhos e esqueminhas; é preciso estudá-la com profundidade e conhecer o perfil das bancas.

Desafio da banca **CQIP!!!**

SOBRESSAIR-~~SE~~

CQIP

I- Marque a frase que está de acordo com a norma culta.

(A) Alunos da rede estadual que ~~se~~ sobressaíram na prova do ENEM poderão retirar gratuitamente a carteira de habilitação, desde que se inscrevam no site responsável pelo benefício.

isso (SUJ. OR.)

3ª P.S.

(B) Convém que todos os brasileiros participem ativamente dos grandes eventos que fortalecerão ainda mais o nome do Brasil no mundo.

CONVIR ← VIR/TEM 3ª P. PL.

SUA 3ª P.

CQIP

3ª P.

v.i.

(C) Não desesperar-se diante de dificuldades torna fácil o difícil, portanto cultive coragem e eleve tua autoestima.

VC VC 2ª P.

PR. DEM. (AQUILO)

(D) O grande poeta mineiro, cujo centenário será comemorado em breve, será presenteado com uma festa com tudo o que tem direito.

A (A) VTD

(E) Os alunos que realmente desejam aprender a língua portuguesa e passar em concursos públicos não podem ficar presos a resuminhos e esqueminhas; é preciso estudá-la com profundidade e conhecer o perfil das bancas.

OD

PARNASIANISMO

O Parnasianismo foi contemporâneo do Realismo-Naturalismo, estando, portanto, marcado pelos ideais cientificistas e revolucionários do período. Diz respeito, especialmente, à poesia da época, opondo-se ao subjetivismo e ao descuido com a forma do Romantismo. Os poetas parnasianos, desejando restaurar a poesia clássica, propõem, então, uma poesia mais objetiva, de elevado nível vocabular, racionalista, perfeita do ponto de vista formal e voltada a temas universais.

A origem da palavra Parnasianismo associa-se ao Parnaso grego, segundo a lenda, um monte da Fócia, na Grécia central, consagrado a Apolo e às musas.

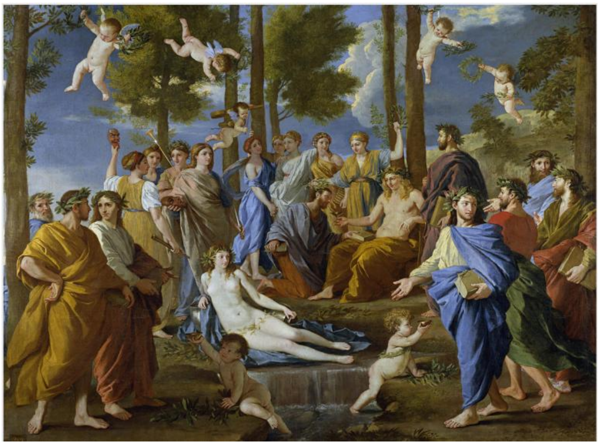

Parnaso, Nicholas Poussin.

A escolha do nome já comprova o interesse dos parnasianos pela tradição clássica. Contudo, pode-se afirmar que essa referência não passava de um verniz que revestiu artificialmente essa arte, como forma de garantir-lhe prestígio entre as camadas letradas do público brasileiro.

Apesar de contemporâneos, o Parnasianismo difere profundamente do Realismo e do Naturalismo. Enquanto esses movimentos se propunham a analisar e compreender a realidade social e humana, o parnasianismo se distancia da realidade e se volta para si mesmo, o objetivo maior da arte não é tratar dos problemas humanos e sociais, mas alcançar a "perfeição" em sua construção.

Características:

- ✓ Arte pela Arte
- ✓ Culto à Forma
- ✓ Temática greco-romana
- ✓ Objetivismo / Racionalismo
- ✓ Descritivismo

Olavo Bilac (1865 – 1918)

Foi o mais popular dos poetas parnasianos brasileiros, sendo eleito em 1913 o primeiro "Príncipe dos Poetas Brasileiros". Seus poemas foram decorados e declamados por toda parte, tanto nas ruas como em saraus e salões literários. Mas a concepção excessivamente formalista defendida pelo movimento, nem o próprio Bilac seguiu à risca. Vez por outra, pode-se depreender de seus textos certa valorização os sentimentos que lembra o Romantismo.

Embora sua poesia nem sempre alcançasse uma visão profunda sobre o homem e sua condição, foi o mais jovem e mais bem-acabado poeta parnasiano brasileiro. Seus poemas, principalmente os sonetos, apresentam perfeita elaboração formal. É, também, autor do Hino à Bandeira Nacional.

Temas: Fazer Poético; Mitologia; Amor – platônico e sensual; Pátria.
Obras: Via-Láctea, Sarças de Fogo, O caçador de Esmeraldas (tentativa épica).

A um Poeta

Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino, escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego.
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!

Mas que na forma se disfarce o emprego
Do esforço; e a trama viva se construa
De tal modo, que a imagem fique nua
Rica, mas sóbria, como um templo grego.

Não se mostre na fábrica o suplício
Do mestre. E natural, o efeito agrade.
Sem lembrar os andaimes do edifício:

Porque a beleza, gêmea da verdade,
Arte pura, inimiga do artifício,
É a força e a graça na simplicidade

Satânia

Nua, de pé, solto o cabelo às costas
Sorri, na alcova perfumada e quente,
Pela janela, como um rio enorme
Profusamente a luz do meio-dia

Entre e se espalha, palpitante e viva.
Como uma vaga preguiçosa e lente
Vem lhe beijar a pequenina ponta
Do pequenino pé macio e branco

Sobe... Cinge-lhe a perna longamente;
Sobe... e que volta sensual descreve
Para abranger todo o quadril – prossegue
Lambe-lhe o ventre, abraça-lhe a cintura

Morde-lhe os bicos túmidos dos seios
Corre-lhe a espádua, espia-lhe o recôncavo
Da axila, acende-lhe o coral da boca.

E aos mornos beijos, às carícias ternas
Da luz, cerrando levemente os cílios,
Satânia... abre um curto sorriso de volúpia.

Via-Láctea – XIII

Ora (direi) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso! E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto
A Via-Láctea, como um pálio aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Direi agora: “Tresloucado amigo!
Que conversas com ela? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?”

E eu vos direi: “Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e entender as estrelas.”

ALBERTO DE OLIVEIRA

(1857 – 1937)

Considerado o mais parnasiano dos parnasianos pelo rigor formal apresentado em seus versos, além da absoluta contenção emocional.

Temas: natureza e objetos, mitologia
Obras: Meridionais, Versos e Rimas

Poemas mais conhecidos: “Vaso Grego”, “Vaso Chinês”, “A Estátua”

Raimundo Correia (1859 – 1911)

Sua poesia possui tom filosófico e melancólico, quase pessimista.
Poemas mais conhecidos: “As Pombas” e “Mal secreto”

As Pombas

Vai-se a primeira pomba despertada...
Vai-se outra mais... mais outra ... enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombais, apenas
Raia a sanguínea e fresca madrugada...

E à tarde, quando a rígida nortada
Sopra, aos pombais, de novo, elas, serenas,
Ruflando as asas, sacudindo as penas,
Voltam todas em bando e em revoada

Também dos corações onde abotoam,
Os sonhos, um por um, céleres voam,
Como voam as pombas dos pombais;

No azul da adolescência as asas soltam,
Fogem... Mas aos pombais as pombas voltam,
E eles aos corações não voltam mais...

Romantismo em Portugal

Contexto Histórico

Na Europa

- ☆ Queda dos sistemas de governo tirânicos;
- ☆ Ideais de liberdade e igualdade;
- ☆ Formação de uma mentalidade nacionalista;
- ☆ Consolidação do pensamento liberal;
- ☆ Revolução francesa;
- ☆ Revolução industrial inglesa;
- ☆ Declaração universal dos Direitos Humanos.

Romântico – do francês *romaunt* designava as expressões artísticas que contivessem aspectos da cavalaria e da Idade Média.

Início 1836 – publicação da obra "A voz do profeta" de Alexandre Herculano.

1837 – criação da primeira revista romântica portuguesa – "O Panorama".

Características

Subjetivismo – valorização de opiniões e expressões de pensamento individual.

Sentimentalismo – forte expressão de tristeza, melancolia e saudade.

Idealização – visão ideal das coisas perfeitas.

Patriotismo – visa recuperar o orgulho português e os valores da pátria.

Culto ao fantástico – tendência à fantasia e sonhos.

Culto à natureza – situa-se em ambientes naturais.

Saudosismo – refugia-se no passado.

Manifestações

1ª Geração

Apresenta influências neoclássicas e certa preocupação com questões históricas.

Produções tendem ao subjetivismo extremado, ao medievalismo, ao nacionalismo e à idealização da mulher.

Destacam-se: João de Almeida Garret (teatro, novelas e poesias) – *Viagens na Minha Terra; Folhas Caídas*. Alexandre Herculano (poesias, romances, lendas e narrativas e historiografia) – *A volta do proscrito; Eurico, o presbítero.*

2ª Geração

Consolida o movimento romântico em Portugal.

Mal do século: negativismo, morbidez e sentimentalismo exagerado.

Destaca-se: Camilo Castelo Branco – *Amor de Perdição; Amor de Salvação; Queda de um Anjo, A Bruxa do Monte Córdova; A Mulher Fatal.*

3ª Geração

Livre dos exageros ultrarromânticos.

Produções apresentam espontaneidade lírica e musical.

Destaca-se: Júlio Diniz – *As pupilas do senhor Reitor; Os fidalgos da casa mourisca.*

C.Melo2020

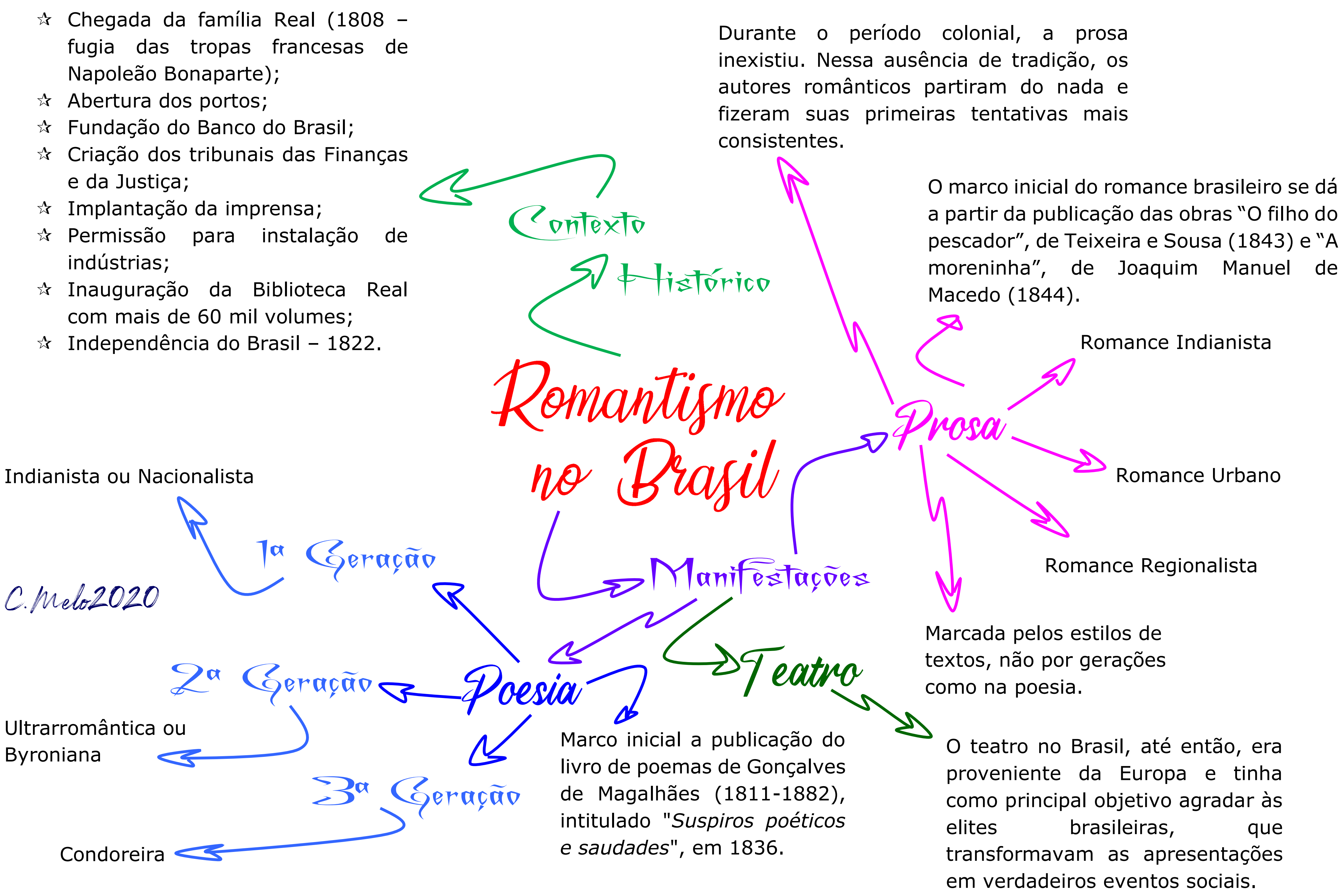

Romantismo no Brasil

Contexto Histórico

- ☆ Chegada da família Real (1808 – fugia das tropas francesas de Napoleão Bonaparte);
- ☆ Abertura dos portos;
- ☆ Fundação do Banco do Brasil;
- ☆ Criação dos tribunais das Finanças e da Justiça;
- ☆ Implantação da imprensa;
- ☆ Permissão para instalação de indústrias;
- ☆ Inauguração da Biblioteca Real com mais de 60 mil volumes;
- ☆ Independência do Brasil – 1822.

Manifestações

Prosa

Durante o período colonial, a prosa inexistiu. Nessa ausência de tradição, os autores românticos partiram do nada e fizeram suas primeiras tentativas mais consistentes.

O marco inicial do romance brasileiro se dá a partir da publicação das obras “O filho do pescador”, de Teixeira e Sousa (1843) e “A moreninha”, de Joaquim Manuel de Macedo (1844).

Romance Indianista

Romance Urbano

Romance Regionalista

Marcada pelos estilos de textos, não por gerações como na poesia.

Poesia

Marco inicial a publicação do livro de poemas de Gonçalves de Magalhães (1811-1882), intitulado "*Suspiros poéticos e saudades*", em 1836.

1ª Geração

Indianista ou Nacionalista

2ª Geração

Ultrarromântica ou Byroniana

3ª Geração

Condoreira

Teatro

O teatro no Brasil, até então, era proveniente da Europa e tinha como principal objetivo agradar às elites brasileiras, que transformavam as apresentações em verdadeiros eventos sociais.

C.Melo2020

Poesia Romântica

Indianista

Panorama Geral

Marcada pelo teor patriótico, de afirmação nacional, de compreensão do que era ser brasileiro, pela expressão dos sentimentos mais íntimos e dos desejos mais pessoais. Utiliza uma linguagem poética que passou a buscar uma proximidade com o cotidiano das pessoas, com a linguagem do dia a dia.

Características

→ Influência direta da Independência do Brasil;
→ Nacionalismo – criação da identidade nacional (anticolonialista);
→ Ufanismo (orgulho exacerbado pelo país em que nasceu);
→ Exaltação à natureza e à pátria;
→ O índio (primeiro brasileiro) como grande herói nacional;
→ Sentimentalismo;

Representantes

→ *Domingos José Gonçalves de Magalhães* (1811-1882) – autor de *Suspiros poéticos e Saudades*, obra que dá início ao Romantismo no Brasil (1836);
→ *Antônio Gonçalves Dias* (1823-1864) – *Canção do Exílio* e *Os timbiras*.

Condoreira

Panorama Geral

Condor – ave que simboliza a liberdade. Os poetas criticavam e refletiam sobre as condições sociais dos escravos.

Representante

Castro Alves (1847 – 1871) – o "poeta dos escravos": *Espumas Flutuantes* e *Navio Negreiro.*

Características

→ Discursa sobre liberdade, questões sociais, abolicionismo;
→ Uso de exclamações, exageros, apóstrofes;
→ Mulher presente, carnal;
→ Volta-se para o futuro, progresso;
→ Ainda fala sobre o amor.

Byroniana

Panorama Geral

Byronismo – atitude amplamente cultivada entre os poetas da segunda geração romântica e relacionada ao poeta inglês Lord Byron.

Representantes

Álvares de Azevedo (1831-1852): *Lira dos vinte anos*;
Casimiro de Abreu (1837-1860): *Meus oito anos;*
Fagundes Varela (1841-1875): *Cântico do Calvário* (para o filho falecido prematuramente)

Características

→ Aspecto doentio (depressivo) – mal do século;
→ Satanismo – referência o demônio, cerimônias demoníacas proibidas e obscuras.
→ Inferno – prolongamento das dores e das orgias da Terra.
→ Egocentrismo; Individualismo;
→ Excesso de subjetivismo e do emocionalismo românticos;

→ Irracionalidade;
→ Escapismo, fantasia, culto da morte; Pessimismo;
→ Noturnismo: ambientes fúnebres, noturnos, misteriosos, apropriados aos rituais satânicos e à reflexão sobre a morte, depressão e solidão.
→ Morbidez (desejo de morrer).

C.Melo2020

Prosa Romântica

Indianista

Panorama Geral

Considerando que o branco era tido como colonizador europeu, e o negro, como escravo africano, o índio foi considerado como o único legítimo representante da América, sendo ele a expressão da nacionalidade autêntica, de amor exacerbado à terra e defesa do território.

Representantes

José Martiniano de Alencar (1829-1877) – autor de *Iracema, O Guarani* e *Ubirajara.*

Características

→ Traz à tona a vida, cultura, crença e costumes indígenas;

→ Índio surgiu como herói, representando o Brasil e os brasileiros, sendo corajoso, heroico, forte e idealizado;

→ Valorização da natureza;

→ O espeço onde ocorre a narrativa remete ao natural, à paisagem brasileira.

Regionalista

Características

→ Passado em ambientes rurais, mostrando costumes, valores e cultura típica de uma região.

→ Apresenta as especificidades do clima, costumes e língua diferentes entre si em um país que tem impressa a diversidade.

→ Herói do campo, sertanejo, alguém que pertence à sua terra e é o retrato dela. É bravo e honrado, preza a moral e os costumes de seu ambiente.

Panorama Geral

Marcado pela busca do redescobrimento do Brasil e sua diversidade regional e cultural.

Representantes

José Martiniano de Alencar (1829-1877) – autor de *O tronco de ipê, Til* e *O Gaúcho.*

Alfredo Maria Adriano d'Escragnolle Taunay - "Visconde de Taunay" (1843-1899) – *Inocência; Ouro sobre azul; Lágrimas do coração.*

Bernardo Joaquim da Silva Guimarães (1825-1884) – *O Seminarista; A escrava Isaura; O garimpeiro.*

Urbano

Características

→ Grande maioria narrava uma história que ocorria nas capitais, na alta sociedade;

→ Fazia críticas aos costumes;

→ Heróis e heroínas desse período faziam ou não parte dessa alta sociedade e tinham que superar várias barreiras para a felicidade e a realização do amor e do casamento.

Representantes

José Martiniano de Alencar (1829-1877) – autor de *Lucíola, Senhora, Diva, A viuvinha, Helena.*

Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882) – *A moreninha, O moço loiro, O forasteiro, A luneta mágica.*

Manuel Antônio de Almeida (1830-1861) – *Memórias de um sargento de milícias.*

Panorama Geral

Retratou as experiências do cotidiano e a vida social dos habitantes da cidade. São os mais lidos até hoje.

C.Melo2020

Teatro Romântico

Panorama Geral

O teatro no Brasil, até então, era proveniente da Europa e tinha como principal objetivo agradar às elites brasileiras, que transformavam as apresentações em verdadeiros eventos sociais.

Representante

Luís Carlos Martins Pena (1815-1848): *A família e a festa na roça; O caixeiro da Taverna; O Judas em sábado de aleluia; Quem casa quer casa.*

Características

→ Escreveu quase 30 peças, dentre comédias, sátiras, farsas e dramas.
→ Imprimiu um caráter brasileiro, fundando o gênero comédia de costumes no Brasil.
→ No geral, produziu peças curtas e superficiais, contidas em um único ato, apenas esboçando a natureza das personagens e criando tramas, por vezes com pouca verossimilhança e coerência.
→ É constantemente elogiado pela espontaneidade dos diálogos e pela perspicácia no registro dos costumes.

C.Melo2020

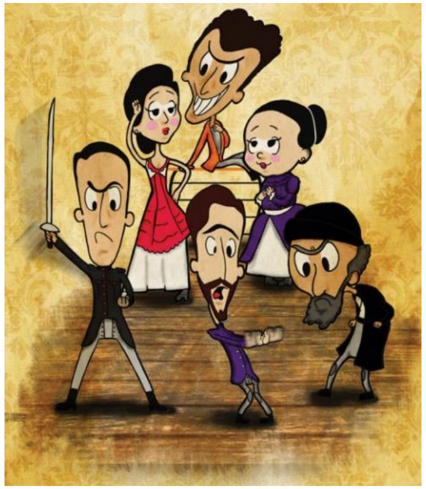

PORTUGUÊS

Pontuação

Uso das aspas

Prof.ª Isabel Vega

Uso das aspas

►As aspas são empregadas nos seguintes casos:

a) isolar palavras alheias que se estejam citando.

Ex.: Como dizia Vinicius de Moraes, “A vida é a arte do encontro, embora haja tantos desencontros pela vida”.

b) para realçar termos, expressões, conceitos, definições.

Ex.: “Desde cedo merecera eu a alcunha de ‘menino diabo’.”

c) para salientar palavras e expressões que se deseja pôr em evidência (irônicas, em sentido figurado, termos populares ou de gíria, etc.)

Ex.: João era um “anjinho” na frente dos pais.

d) para isolar do contexto falas ou pensamentos dos personagens.

Ex.:Maria sempre se lembrava da fala de João:"Cuide-se muito!".

e) para destacar títulos de artigos de periódicos e de capítulos ou partes de livros, bem como de títulos de poemas, contos e crônicas.

Ex.: É importante a leitura do capítulo "Pontuação", no livro de Celso Cunha.

OBS.: A norma tradicional e oficial manda, em lugar de aspear, sublinhar (ou colocar em itálico) os termos em língua estrangeira, os nomes de livros, jornais, revistas, de obras de arte, de navios, etc.

PORTUGUÊS

Problemas da língua culta

A fim de / Afim

Prof.ª Isabel Vega

Qconcursos.com

A fim de / Afim

I) A fim de → locução conjuntiva (*finis* = final, limite), com sentido de finalidade, equivalendo a “para”, “com o objetivo de”, “com intenção de”.

Ex.1: João estuda **para** passar num concurso público.
João estuda **a fim de** passar num concurso público.

Ex.2: João está **a fim de** (conquistar) Maria.

II) Afim → adjetivo (*affinis* = vizinho, próximo), com sentido de “ter afinidade”, “ter semelhança” ou “ter ligação”.

OBS.: Geralmente, a preposição regida por esse adjetivo é “com”.

Ex.: João e Maria têm profissões **afins com** a minha.

PORTUGUÊS

Sintaxe

Uso dos conectivos

Prof.ª Isabel Vega

Uso dos conectivos

►**Conectivos** → são os termos que estabelecem ligação entre dois termos de uma oração (**preposições**), ou entre orações num período (geralmente **pronomes relativos** ou **conjunções**).

Ex.1: [As crianças gostam **de** bolo **de** chocolate].
↳ prep. ↳ preposição

a) **de** bolo → relaciona verbo e complemento
b) **de** chocolate → relaciona substantivo e o modificador

Ex.2: [As crianças] [**que** gostaram do bolo] [pediram mais].
↳ pronome relativo

Uso dos conectivos

Ex.3: [As crianças foram à festa] [**e** comeram bolo].
↳ conjunção coordenativa

Ex.4: [**Quando** as crianças pedem], [faço bolo de chocolate].
↳ conjunção subordinativa adverbial

Ex.5: [**Sempre que** posso], [faço bolo para as crianças].
↳ locução conjuntiva subordinativa adverbial

Ex.6: [As crianças pedem] [**que** eu faça bolo de chocolate].
↳ conjunção integrante

TRANSITIVIDADE

VERBAL

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

Panorama geral de Transitividade Verbal

Foco: o movimento do significado do verbo em
direção a um complemento, objeto direto, indireto

O aluno comprou as apostilas referentes a seu concurso.

Os filhos necessitam do apoio dos pais.

As alunas compraram bastante.

As fãs aguardam na fila.

O jornal dedicou uma página ao episódio.

O livro está desatualizado.

Sua reclamação não procede.

Sobe a névoa, a sombra desce.

Cheguei de Curitiba hoje.

Meus amigos gostam muito de peixe.

Apareceram , um dia, os meus primeiros livros.

O hipocondríaco morreu, mas ninguém acreditou.

De lá você enxergará o horizonte.

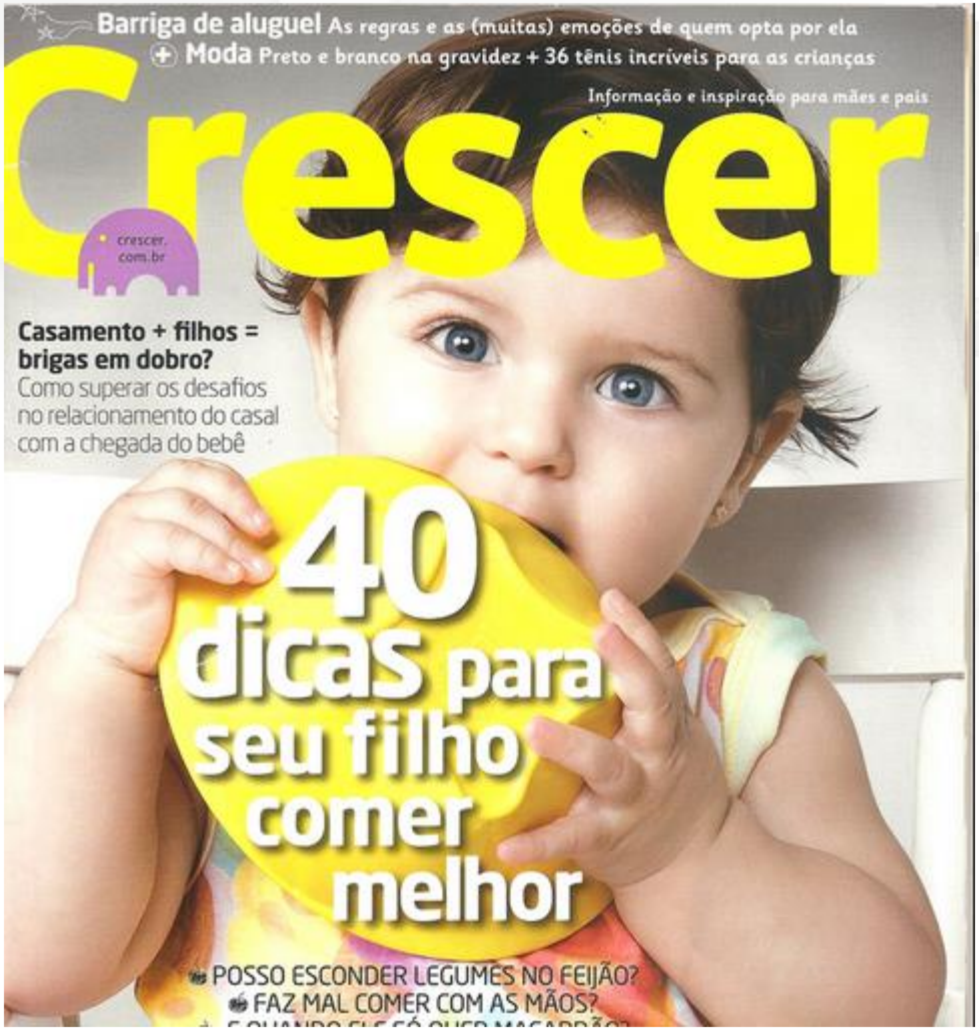

Barriga de aluguel As regras e as (muitas) emoções de quem opta por ela

+ **Moda** Preto e branco na gravidez + 36 tênis incríveis para as crianças

Informação e inspiração para mães e pais

Crescer

crescer.com.br

Casamento + filhos = brigas em dobro?
Como superar os desafios no relacionamento do casal com a chegada do bebê

40 dicas para seu filho comer melhor

- POSSO ESCONDER LEGUMES NO FEIJÃO?
- FAZ MAL COMER COM AS MÃOS?

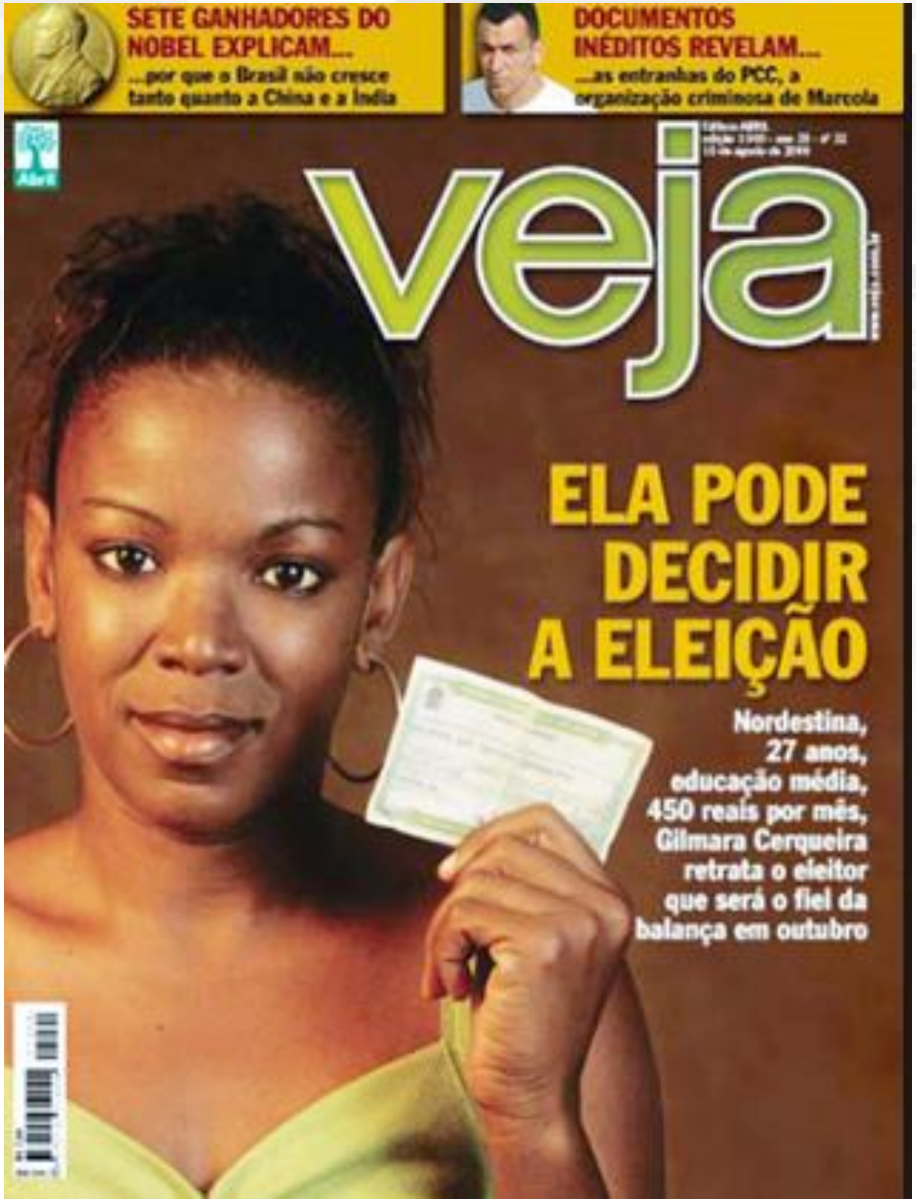

SETE GANHADORES DO NOBEL EXPLICAM...
...por que o Brasil não cresce tanto quanto a China e a Índia

DOCUMENTOS INÉDITOS REVELAM...
...as entranhas do PCC, a organização criminosa de Marcola

veja

ELA PODE DECIDIR A ELEIÇÃO

Nordestina,
27 anos,
educação média,
450 reais por mês,
Gilmara Cerqueira
retrata o eleitor
que será o fiel da
balança em outubro

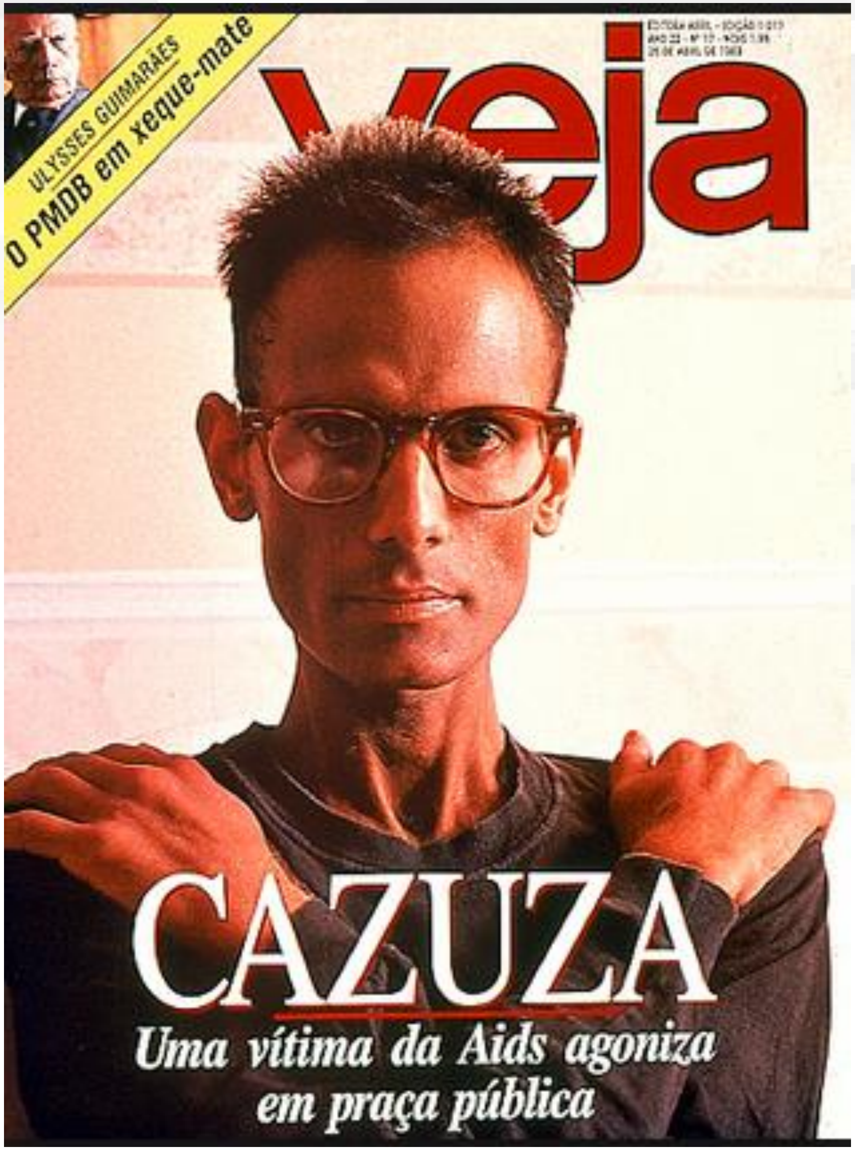

veja
ULYSSES GUIMARÃES
O PMDB em xeque-mate

CAZUZA

Uma vítima da Aids agoniza em praça pública

GRAN INSTITUTO
DE LÍNGUA
PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

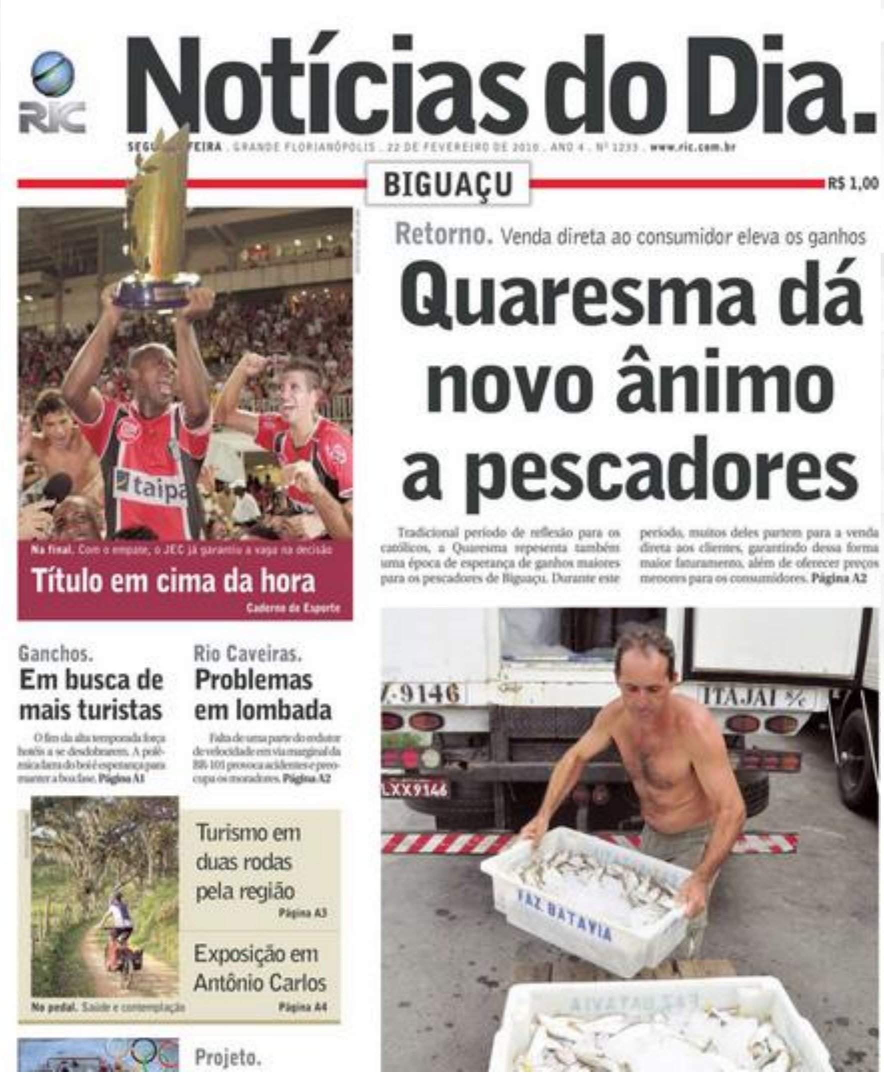

RIC

Notícias do Dia.

SEGU FEIRA . GRANDE FLORIANÓPOLIS . 22 DE FEVEREIRO DE 2010 . ANO 4 . Nº 1233 . www.ric.com.br

BIGUAÇU

R$ 1,00

Retorno. Venda direta ao consumidor eleva os ganhos

Quaresma dá novo ânimo a pescadores

Tradicional período de reflexão para os católicos, a Quaresma repesenta também uma época de esperança de ganhos maiores para os pescadores de Biguaçu. Durante este período, muitos deles partem para a venda direta aos clientes, garantindo dessa forma maior faturamento, além de oferecer preços menores para os consumidores. **Página A2**

Na final. Com o empate, o JEC já garantiu a vaga na decisão

Título em cima da hora

Caderno de Esporte

Ganchos.

Em busca de mais turistas

O fim da alta temporada força hotéis a se desdobrarem. A polêmica farra do boi é esperança para manter a boa fase. **Página A1**

Rio Caveiras.

Problemas em lombada

Falta de uma parte do redutor de velocidade em via marginal da BR-101 provoca acidentes e preocupa os moradores. **Página A2**

No pedal. Saúde e contemplação

Turismo em duas rodas pela região

Página A3

Exposição em Antônio Carlos

Página A4

Projeto.

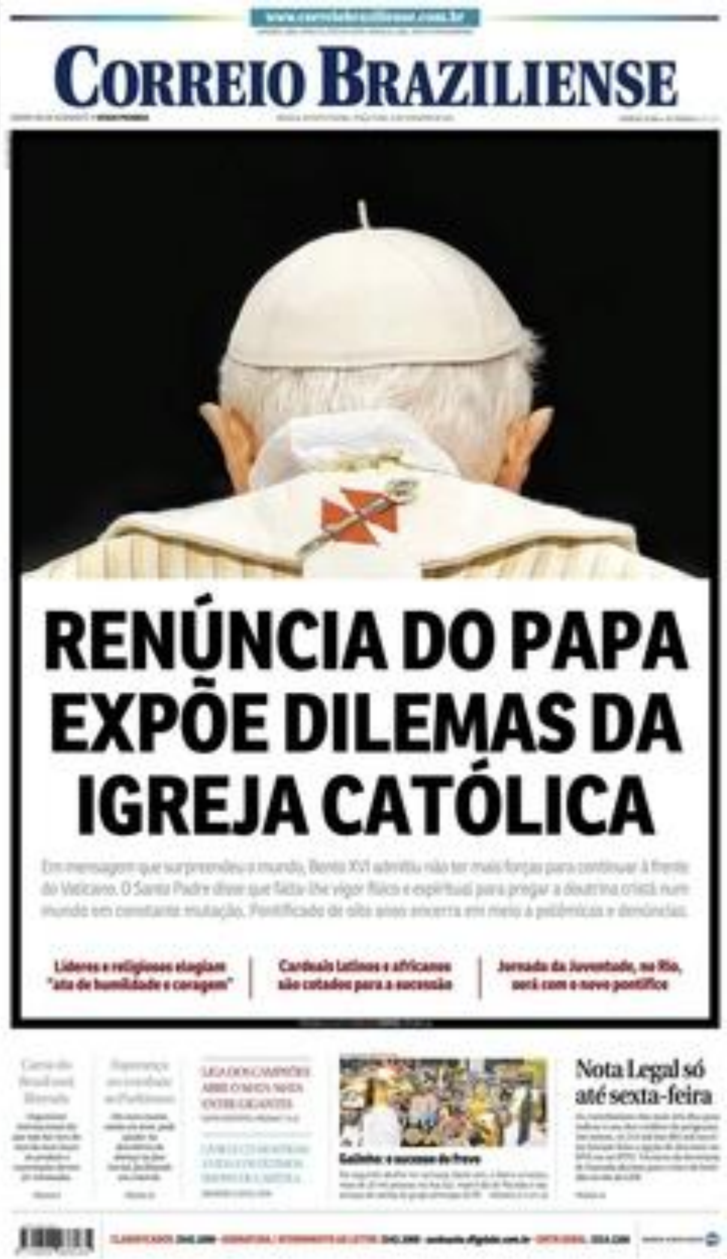

www.correiobraziliense.com.br

CORREIO BRAZILIENSE

RENÚNCIA DO PAPA EXPÕE DILEMAS DA IGREJA CATÓLICA

Em mensagem que surpreendeu o mundo, Bento XVI admitiu não ter mais forças para continuar à frente do Vaticano. O Santo Padre disse que falta-lhe vigor físico e espiritual para pregar a doutrina cristã num mundo em constante mutação. Pontificado de oito anos encerra em meio a polêmicas e denúncias.

Líderes e religiosos elogiam "ato de humildade e coragem"

Cardeais latinos e africanos são cotados para a sucessão

Jornada da Juventude, no Rio, será com o novo pontífice

Galinho: o sucesso do frevo

Nota Legal só até sexta-feira

GRAN INSTITUTO
DE LÍNGUA
PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

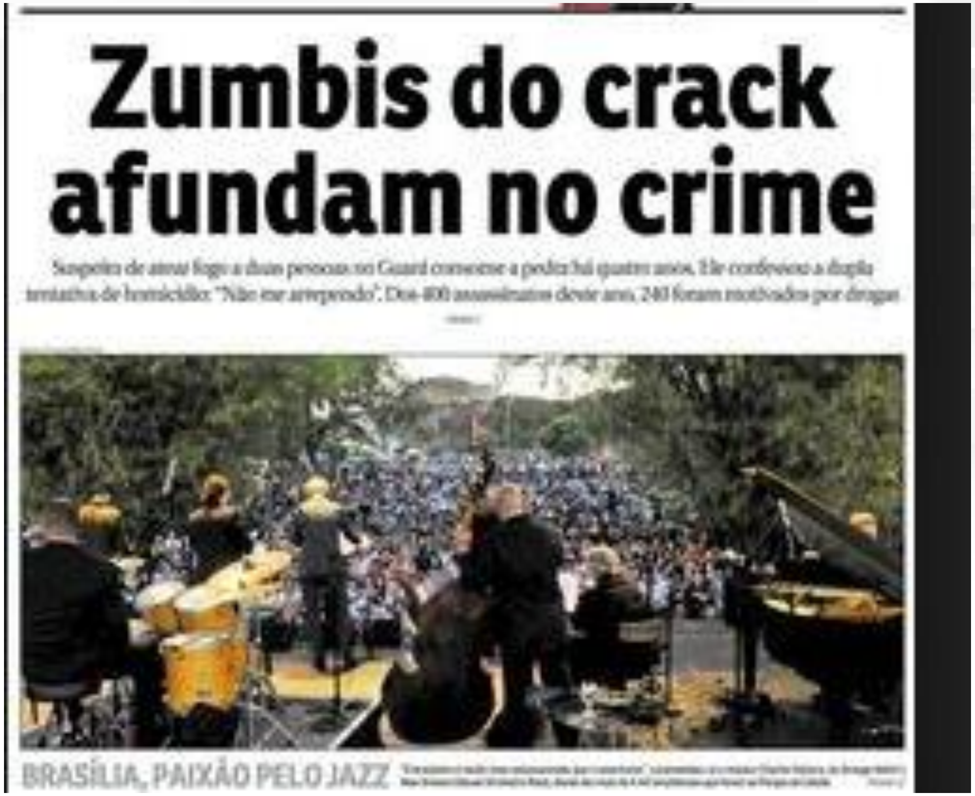

Zumbis do crack afundam no crime

Suspeito de atear fogo a duas pessoas no Guará consome a pedra há quatro anos. Ele confessou a dupla tentativa de homicídio: "Não me arrependo". Dos 400 assassinatos deste ano, 240 foram motivados por drogas

BRASÍLIA, PAIXÃO PELO JAZZ

S	V	C
	VTD	OD
	VTI	OI
	VTDI	OD e OI
	VI	Adj. Adv.
	VL	Predicativo

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

Eu escrevi uma carta.
Eu escrevi para ela.
Eu escrevi uma carta para ela.
Eu escrevi bastante.

Todos estavam cansados.
Todos estavam fora de sala.

FALA, NERD!

"Prova de **QUE** a tecnologia pode ser mais poderosa **QUE** o crime." O elemento “que” à linha 34 e o “que” à linha 35 pertencem à mesma classe de palavras.

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

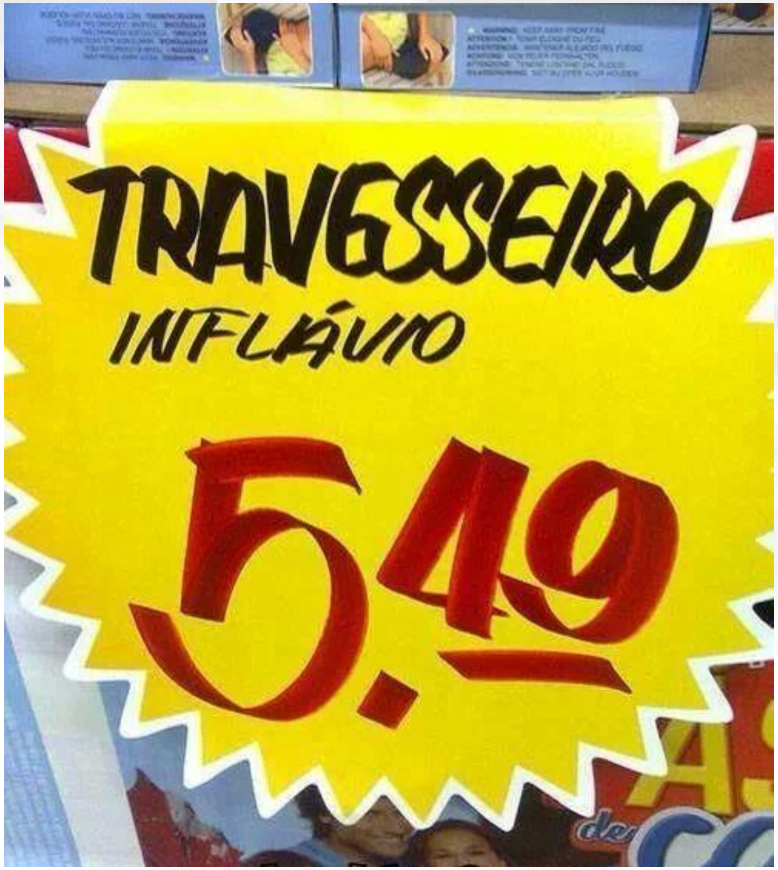
TRAVESSEIRO
INFLÁVIO
5,49

CONSTRUINDO A ESCRITA

GRAMÁTICA
ORTOGRAFIA

2

Manual do Professor

Carmen Silvia C. Torres de Carvalho
Déborah Panachão
Sarina Bacellar Kutnikas
Silvia Maria de Almeida Salmaso

Índice

Distribuição das atividades do *Livro do Aluno* em Módulos 5
Carta ao Professor 8
Apresentação da coleção 9
Dinâmica do trabalho 10

Módulo I — Letra, sílaba, palavra (revisão) e divisão silábica

Revisão 11
Divisão silábica 12
    Como introduzir a divisão silábica 12
    Divisão de sílabas de estrutura pouco comum 13
    Como introduzir a nomenclatura 14
    Como trabalhar a divisão silábica irregular (rr, ss) 16
    Relação divisão silábica x divisão em final de linha 17
    Problemas em relação à divisão silábica 17
Respostas das atividades do Módulo I 18

Módulo II — O significado do espaço na escrita

Trabalhando com o espaço — revisão 20
Aglutinação x segmentação de palavras 22
Respostas das atividades do Módulo II 23

Módulo III — Pontuação

Pontuação lógica e expressiva 25
    Pontuação expressiva 25
    Pontuação lógica 25
Marcas de oral idade e repetição de palavras 28
O discurso direto 29
A repetição de palavras 31
Respostas das atividades do Módulo III 32

Módulo IV — Paragrafação

Reflexões sobre o parágrafo 35
Como paragrafar? 35
Respostas das atividades do Módulo IV 37

Módulo V — Letras maiúsculas

Estratégia 38
Respostas das atividades do Módulo V 39

Módulo VI — Tonicidade e acentuação

Tonicidade 40
Acentuação 43
Respostas das atividades do Módulo VI 46

Módulo VII — As letras G e J

A letra **G** 48
    Estratégia 49
    G + consoante 49
    G + vogal 49
    GA - GO - GU 49
    GE - GI 50
    GUA - GUE - GUI 50
A letra **J** 51
Sugestões de atividades de sistematização das letras **G - J** 52
Respostas das atividades do Módulo VII 53

MóduloVIII — As letras C, G e Q

Que letra usar? 56
Respostas das atividades do Módulo VIII 60

Módulo IX — As letras M e N em final de sílaba

Reflexões 60
Atividades de sistematização 61
Respostas das atividades do Módulo IX 66

Módulo X — L, O, U em final de palavra

Cá entre nós... 68
A Letra **L** em final de palavra 69
A letra **U** em final de palavra 69
    Palavras com **consoante + U** 69
    Palavras com **vogal + U** 70

L, O, U ... 71
  Palavras com **consoante + O** ... 71
  Palavras com **vogal + O** ... 72
Atividades de sistematização ... 73
Respostas das atividades do Módulo X ... 73

Módulo XI — As letras E e I em final de palavra

Algumas considerações ... 75
Estratégia ... 76
  Palavras terminadas por **E** ... 76
  Palavras terminadas por **I** ... 76
Atividades de sistematização ... 76
Respostas das atividades do Módulo XI ... 79

Módulo XII — As letras S e Z em final de palavra

Estratégia ... 81
  Descobertas sobre o **S** ... 81
  Descobertas sobre o **Z** ... 81
Atividades de sistematização ... 81
Respostas das atividades do Módulo XII ... 83

Apêndice

Usando o dicionário ... 84
  Sugestões de como lidar com a dificuldade de compreensão da explicação dada no dicionário ... 85
  Sugestões de como lidar com a dificuldade de encontrar palavras que estão no plural, feminino, ou grau aumentativo e diminutivo ... 85
  Sugestões de como lidar com a dificuldade de compreender expressões encontradas no texto ... 86
Palavras variáveis e invariáveis — Uma introdução ao trabalho com classes gramaticais ... 86
Sugestões de jogos ortográficos para sistematização ... 88
  Jogos de *Stop* ... 88
  Bingo ortográfico ... 91
  Jogo das dicas ... 92
  Palavras cruzadas ... 93
  Soletrando ... 93
  Jogo dos animais ... 94
Bibliografia ... 95

Distribuição das atividades do *Livro do Aluno* em Módulos

GRAMÁTICA

Livro do Aluno		*Módulos*
Figuras diretas	7	**MÓDULO I** Letra, sílaba, palavra (revisão) e divisão silábica
Qual é o número?	9	
Bilhete chinês	10	
Bingo!	11	
O mistério do livro sem mistério	12	
Colorindo	13	
Que estranhas!!!	14	
Ignorante?	15	
Qual é o próximo?	16	
Adivinhe o que é...	17	
Quem pode ficar com quem?	18	
Recriando	19	
Brincando de não-me-olhe	21	
Transformação	23	
Quebra-cabeça I	24	
Salada de frutas maluca	25	
Quebra-cabeça II	26	
Libélulas	27	
Borboleta de qualidade	28	
O jogo do contrário	30	
Se tivesse algo escrito, seria um...	33	**MÓDULO II** O significado do espaço na escrita
Velhos conhecidos...	34	
E este agora?	35	
Adivinhe este agora!	36	
Café com nosco???	37	
“Panheiro”?!?	38	
Pi-co-ta-das	39	
Indo e vindo	40	
Desvendando mistérios	41	
Leia num repente!!	43	
Separadas ou se paradas??	45	
Pontos extintos?!? — 1ª parte	46	**MÓDULO III** Pontuação
Pontos extintos?!? – 2ª parte	47	
Não! Só deslocados!!!	48	
Maluquinho	49	
Pontuando	50	
Ai... Ui... Que picada...	54	
Pé-com-salto, pé-sem-salto??? – 1ª parte	55	
Pé-com-salto, pé-sem-salto – 2ª parte	56	

Pé-com-salto, pé-sem-salto – 3ª parte ... 57
Que história?!? 59
A lenda dos diamantes – 1ª parte 60
A lenda dos diamantes – 2ª parte 61
A lenda dos diamantes – 3ª parte 62
Escafandristas 63
Algumas coisas sobre o gato... 64
A abobrinha 65
Um real entardecer... 68

MÓDULO IV
Paragrafação

O fazendeiro, seu filho e o burro 70
Pára e grafa... O parágrafo 71
Pedrinho. Esqueleto?! 73
Quebre a cabeça 74

MÓDULO V
Letras
maiúsculas

Aprendendo a escolher 79
O que está esquisito? 83
O que continua esquisito? 84
O que estava esquisito? 85

MÓDULO VI
Tonicidade e
acentuação

Labirinto 86
Preste atenção!!! 88
Inventando... 89
Fogo! Fogo! 90
Festival das cores 92
Jogo-da-velha 93
Jogo de *Stop* 97
Descubra o segredo 98
Stop de lacunas 99
Jogo dos nove erros 100
Você sabe explicar? 101
Resta uma 102
Estranha no ninho 104

ORTOGRAFIA

MÓDULO VII
As letras G e J

Cruzes!!! 105
Corre... Corre! 106
Quem faz o quê? 108
Cruzadinha 110
Silabando 112
Quem mais é da família? 113
Agora!!! 114
Ajeitando... 115
Caça-palavras 117
O jeitinho da Quitéria 119
Ligue e se ligue... 121

MÓDULO VIII
As letras
C, G e Q

Com qual deles? 122
Aumente e invente 123
Descubra o caminho 124
Quem faz mais? 126
Caminhando 128
Bingo! 129
Jogo do cai-não-cai 131
Três em um 133

MÓDULO IX
As letras M e N
em final de sílaba

Completando... 134
Fundindo a cuca... 136
De par em par 137
Tirando de letra! 138
Salada de letras 139
Letras cruzadas 140
Experimentando... 142
Qual a letra que falta? 143
Os esquecidos 144
História enrolada 145
Cruzadinha 146
E o vento levou 148

MODULO X
L, O, U
em final de palavra

Pirando com a pirâmide 149
O aniversário de _____ 151
Edificiolouco.... 153
Passando para o passado 154
Piu... Pio?! Pil?!! 156
Cruzadinha do oa oirártnoc 157
Jogo-da-velha 158
Desentorte estas! 160

MÓDULO XI
As letras E e I
em final de palavra

I ou **E**? 161
O rango da vovó... 162
Parece, mas não é... 165
Que bicho deu? 166
Sapeando informações... 168
Stop! 170

MÓDULO XII
As letras S e Z
em final de palavra

Caracol 171
Jogo dos sete erros 173
Bingo 174
Quem nasce lá é...? 176
Recortando... 178
Cata-vento 180
Referências bibliográficas 183

Carta ao Professor

Este material é o produto de catorze anos de trabalho experimental. Nestes anos todos tenho buscado compreender de que forma uma pessoa se apropria de um objeto de conhecimento para, através deste saber, pensar um meio de ajudar professores e alunos a realizarem uma apropriação da língua que seja efetiva e gratificante.

Algumas idéias nortearam o trabalho. Em primeiro lugar, a consciência de que todo conteúdo, qualquer que seja ele, nunca é um fim em si mesmo. Ele é, sim, apenas um pretexto para se aprender a pensar o próprio conhecimento, para se compreender que aprender não é reproduzir verdades alheias, mas sim aprender a olhar para o mundo colhendo dados, transformando-os e tirando conclusões. Enfim, conhecer é produzir, e não reproduzir conhecimento. Esta descoberta da própria capacidade de produção de conhecimento tem sido fonte de energia interna para as pessoas olharem o mundo através de seus próprios olhos (e não através dos olhos de outrem...), acreditando no valor daquilo que vêem e pensam. Só desta forma acredito que possamos formar gente crítica e forte o bastante para saber-se capaz de ser agente transformador de sua própria vida e da realidade que a cerca.

Para que este objetivo pudesse ser atingido era necessário que a língua fosse vista como um objeto a ser descoberto, analisado nas suas múltiplas possibilidades de recortes, organizações e relações. Não mais como um conjunto de modelos e regras a serem introjetados, mas um sistema articulado a ser desvendado. Como uma teia

Onde o aluno pudesse ir se apropriando de cada fio e gradativamente tecendo a trama das relações e significações. Para tal seria necessário agir sobre a língua e não se submeter a ela. Seria preciso reinventá-la a todo instante para descobri-la.

Esta postura de investigar o conhecimento em geral e a língua em particular só seria possível de acontecer se houvesse uma forma diferenciada de transformar em ação todos estes ideais dentro da sala de aula. E transformar idéias em realidade não é uma tarefa nada simples. (Vocês, professores, bem o sabem!!!)

Para empreendê-la, ao longo destes anos pude contar com uma equipe enorme de trabalho a quem agradeço muito. Teoricamente, fundamentando-me, ensinando-me a pensar e olhar pela perspectiva da teoria de Jean Piaget, pude ter o orgulho e o prazer de ter sido formada por meu grande mestre, Prof. Lino de Macedo, que mais do que uma perspectiva teórica ensinou-me um modo de olhar para a vida. Na prática, fui auxiliada por um número grande de professores de várias escolas onde trabalhei ou trabalho como assessora e que foram pesquisadores ao meu lado, experimentando estratégias, ajudando-me a conhecer a realidade das crianças, a analisar sucessos e fracassos para que o trabalho pudesse ser aperfeiçoado. Contei também com centenas de crianças que, investigadores inatos do mundo, ajudaram-me a enxergar coisas que não via e que, através de seu entusiasmo, iam me apontando a direção a seguir.

Hoje, finalmente, um antigo sonho — o de partilhar com um número maior de pessoas toda minha reflexão — está se tornando realidade. Sonhos são coisas muito sérias e por isso vê-los acontecer é sempre muito emocionante. O primeiro impulso para escrever deu-me minha amiga Guila, cuja fé na possibilidade do meu trabalho vir a se tornar um livro foi decisiva. Meus agradecimentos também à Déborah, à Sarina e à Silvia, minhas co-autoras, que partilharam comigo este sonho e ajudaram-me a fazer dele realidade.

Espero que esta coleção possa ajudá-los a manter o prazer de aprender sempre vivo dentro da sala de aula.

Carmen

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO

Esta coleção de 1^a a 4ª série é formada de 8 volumes. Apresenta para cada série:

a) 1 livro com a proposta de leitura e análise de textos de livros publicados; e

b) 1 livro com as atividades de sistematização da Gramática e da Ortografia.

Em relação ao livro de Gramática e Ortografia, o *Livro do Professor* corresponde perfeitamente ao *Livro do Aluno*, que virá acompanhado deste **Manual do Professor**, com as orientações, reflexões e sugestões de estratégias para a melhor utilização do *Livro do Aluno*. É de extrema importância que o professor acompanhe, paralelamente a seu trabalho em sala de aula, a leitura das orientações do *Manual do Professo*r, a fim de compreender os objetivos e a postura de trabalho propostos.

Esta coleção tem como pressuposto teórico uma perspectiva construtivista de aprendizagem. Portanto, o conhecimento não é visto como algo posto para dentro do aprendiz em doses controladas, mas sim como algo a ser produzido, construído por ele enquanto sujeito e não enquanto objeto da aprendizagem.

Assim sendo, as atividades propostas são vistas como desencadeadoras de reflexões sobre a forma como a língua escrita se organiza e se articula para produzir diferentes significados e emoções.

A idéia central do trabalho é a compreensão de que a língua escrita é um outro sistema de representação em relação à língua falada. Falar e escrever são objetos de conhecimento diferentes, que exigem que o sujeito se aproxime de cada um de forma diferenciada. Assim sendo, aprender a escrever é compreender as leis de composição do sistema de representação da escrita.

A Gramática e a Ortografia são, assim, vistas como sistemas a serem desvendados e compreendidos como um conjunto de leis e **articulações possíveis**, i**mpossíveis**, **prováveis** ou **pouco prováveis**. Aprendê-las não é memorizar regras arbitrárias às quais o sujeito deve se submeter, mas é agir sobre a língua, pensar suas propriedades, recortá-la em suas múltiplas facetas para ir gradativamente construindo sua teia de relações.

Por termos neste trabalho buscado um olhar diferenciado sobre a língua, o *Manual do Professor* traz toda uma discussão teórica de como a compreendemos, e estratégias para desenvolver em sala de aula que possam propiciar esta reflexão e suas descobertas.

Em relação à Ortografia, nossa postura se mantém a mesma que em relação à Gramática. A Ortografia tem sido analisada e trabalhada pela maior parte dos educadores como uma questão de imitação, memorização ou introjeção de um modelo. O erro ortográfico tem sido visto, dentro desta linha, como mera falta de memória e de atenção por parte da criança e, em conseqüência, o trabalho baseia-se apenas na repetição exaustiva de um modelo ortográfico.

Mas, se a questão da Ortografia fosse apenas uma questão de memória, não deveria haver erro, uma vez que a criança se depara a primeira vez e inúmeras vezes depois, com essa mesma palavra, escrita corretamente. No entanto, ela erra. Erra porque reflete, busca regularidades, trabalha sobre hipóteses de como se constituiria esse sistema ortográfico.

Na coleção **Construindo a escrita**, o trabalho com Ortografia se propõe a discutir com os alunos como se organiza este sistema, levando-os a operar sobre a grafia das palavras, observar identidades, classificar e relacionar as informações da língua em busca de maior compreensão do sistema.

A estrutura do trabalho compõe-se de atividades de descoberta e da sistematização através de jogos lógicos. As atividades de descoberta estão descritas no *Manual do Professor* e devem ser realizadas antes das atividades de sistematização, que são apresentadas no *Livro do Aluno.*

Nossa escolha por uma sistematização através de jogos lógicos fundamenta-se no trabalho desenvolvido no LaPp (Laboratório de Psicopedagogia do Instituto de Psicologia da USP) coordenado pelo Prof. Lino de Macedo, que pesquisa a influência da utilização de jogos lógicos (em sala de aula e em clínica) como elementos de desenvolvimento da inteligência e estruturação do pensamento, além de propiciarem um trabalho de relacionamento humano. A utilização de jogos lógicos lingüísticos tem possibilitado aos alunos uma relação mais ativa com o sistema da língua, além da ampliação do universo vocabular e uma relação afetiva com um conteúdo geralmente tão árido.

Além dos jogos e atividades já contidos no *Livro do Aluno*, no *Manual do Professor* há a descrição de mais jogos, todos de sistema aberto, ou seja, jogos cuja estrutura o professor pode adaptar ao universo vocabular e ao assunto que estiver desenvolvendo. Podem ser auxiliares no trabalho de sistematização das descobertas dos alunos. Vivendo a Ortografia e a Gramática sob este outro enfoque, esperamos que você e seus alunos possam redescobrir o prazer de aprendê-las.

Dinâmica do trabalho

Para que o material possa proporcionar um trabalho mais rico e eficiente é importante que algumas posturas sejam garantidas. Desta maneira, observe:

1 - **As atividades estão agrupadas pelo assunto da Gramática ou da Ortografia a ser trabalhado e não por ordem de uso**. Portanto, não devem ser utilizadas na seqüência em que aparecem. É acompanhando o ritmo e o interesse da classe que o professor vai construindo a prática proposta nesta coleção.

2 - Nosso objetivo não foi esgotar os assuntos com as atividades propostas. Cabe ao professor, a partir das características e necessidades de sua classe, criar outras atividades que preencham essas lacunas propositadamente deixadas por nós. Este material pretende ser uma espinha dorsal que norteia o trabalho, devendo o professor, através da observação das necessidades específicas da classe, ampliá-lo, completá-lo, adequá-lo. Apresentamos, no final deste livro, um apêndice com sugestões de jogos que podem ser adaptados ao assunto a ser trabalhado.

3 - **As atividades foram pensadas como desencadeadoras de discussão sobre propriedades do sistema da língua e devem ser tratadas como tal**, ou seja, nosso grande objetivo é a discussão em si mesma, a reflexão que emerge dela, a possibilidade de se fazer generalizações, e não simplesmente a obtenção de uma resposta correta. Para que isto aconteça efetivamente, é necessário que o professor mantenha uma postura coerente com esta proposta:

   a) **postura de investigação através de perguntas abertas**. Através destas perguntas o professor dirige o olhar do aluno para aspectos relevantes do objeto de investigação, mas não dá as respostas. Estas, o aluno deve buscar dentro de si, na troca com a língua.

   b) **diante de uma hipótese levantada por uma criança, pedir confirmação do grupo ou da própria língua**. Colocações do tipo: "O que você observou para chegar a esta conclusão?" ou "Como você pensou para concluir isso?" ou "Alguém mais também observa isto em suas palavras?" são procedimentos que levam as crianças a desenvolverem uma postura de investigação de conhecimento, que logo é ampliada em extensão a outros conteúdos, escolares e de vida.

4 - **As descobertas devem ser registradas para que não se percam.** Por esta razão, sugerimos que as crianças tenham um caderno de registro das descobertas, em que possam organizar o conhecimento e que depois possa ser utilizado como fonte de pesquisa. As descobertas devem ser redigidas pelo grupo-classe juntamente com o professor.

5 - **A maior parte das atividades deve ser desenvolvida em duplas ou em pequenos grupos.** A troca resultante do trabalho em equipe permite a ampliação de perspectiva e o desenvolvimento da capacidade de argumentação do aluno, além de dinamizar o processo de aprendizagem.

6 - **O trabalho de investigação pode ser organizado parte em sala de aula e parte em casa.** Esta dinâmica agiliza o trabalho e vem descrita em seus passos ao longo desse *Manual*.

7 - **As perguntas feitas pelas crianças devem ser objeto de reflexão do professor.** Ouça-os com atenção, pois é através delas que em geral o aluno revela seu pensamento. Ao "saber ouvi-los" o professor descobre qual o caminho de interferência que pode ser tomado. Gostaríamos que o professor tivesse também, dentro de si, a clareza de que a construção de um conhecimento é um processo e, enquanto tal, que há um caminho de aquisição onde o objeto, parcialmente construído, ainda não se mostra em sua totalidade. Isto não significa que não tenha havido aprendizagem ou evolução. Não temos a intenção de que, através deste trabalho, o aluno termine o ano sem errar. Nosso objetivo é que, ao tratar a Gramática e a Ortografia desta forma, eles aprendam a pensar o conhecimento específico e a própria vida como conjunto de possíveis, e que saibam que é através da reflexão e da ação sobre o mundo que ele é apropriado e transformado.

MÓDULO I — Letra, sílaba, palavra (revisão) e divisão silábica

Revisão

As atividades iniciais do Módulo I têm o objetivo de fazer a revisão dos conceitos de letra, vogal, consoante, sílaba e palavra, agora já com o intuito de prepará-los para o trabalho de divisão silábica. São adivinhações, cruzadinhas e charadas, em que a aplicação destes conceitos se faz necessária. Os exercícios exploram também a importância do valor posicional das letras, a fim de preparar os alunos para a observação das séries de letras, condição necessária para o trabalho de divisão silábica.

Ao longo da 1ª série, os alunos já terão trabalhado com os conceitos de **letra**; **vogal**; **consoante**; **sílaba** e **palavra**. Além de utilizar estes conceitos, terão feito análises de estruturas silábicas e observado que há uma variação muito grande de possibilidades de estruturas de sílabas. Assim sendo, o trabalho da 2ª série vai ter início através de uma revisão dos conceitos citados para que se possa proceder à ampliação e ao aprofundamento do conteúdo.

Sugerimos para esta revisão atividades do tipo:

1) **Jogo de dicas**: utilizando os conceitos, o professor pede que encontrem no parágrafo X do texto uma palavra que seja formada por um número X de letras, sendo X vogais e X consoantes; que tenha número X de sílabas; uma sílaba formada por vogal — consoante; outra por consoante — consoante — vogal, etc.
2) **Diagramas** de sílabas para completar. Veja um exemplo na atividade do Livro do Aluno **Adivinhe o que é**.
3) **Jogo da transformação**: o professor dá uma palavra inicial e o aluno deve descobrir uma nova palavra alterando apenas uma letra ou uma sílaba, dependendo do objetivo do jogo naquele momento. Pode ser jogado em grupo na sala de aula e feito como lição de casa depois. Exemplo do jogo: O professor dá a palavra **carta**. O primeiro aluno do grupo transforma em **Carla**, o segundo, em **fala**, o terceiro, em **fama** e assim por diante. O grau de dificuldade amplia-se conforme aumenta o número de sílabas da palavra geradora.
4) Atividades do tipo: Qual a primeira sílaba de tal palavra? Qual a terceira palavra da segunda linha do texto? Quantas sílabas têm tais palavras?

Esses tipos de atividades têm como objetivo buscar o limite de certos conceitos para que se possa preparar o momento seguinte. É importante lembrar que as crianças desta faixa com freqüência acham que uma letra não pode ser uma sílaba ou uma palavra. Assim sendo, o professor deve estar atento a situações como, por exemplo: " Aquele homem era a única esperança que os meninos tinham de salvação naquele momento". Quando se pergunta qual a quarta palavra da frase, caso eles digam que é *única*, observamos que há aí um erro conceitual, e que é necessário ser revisto o pensamento das crianças sobre o que uma palavra precisa ter para ser **palavra**.

Veja, no *Livro do Aluno*:
Figuras diretas
Qual é o número?
Bilhete chinês
Bingo!

Analisemos os objetivos das atividades do *Livro do Aluno*:

Figuras diretas

Completar as palavras cruzadas é tarefa simples para as crianças. O desafio está em descobrir as respostas às perguntas feitas depois. Cada uma delas foi cuidadosamente escolhida para desenvolver a acuidade da interpretação de texto, por isso fazem um certo jogo de palavras. Por exemplo, entre as questões 3 e 4 temos apenas uma diferença: palavra formada por apenas uma sílaba de três letras (*sol*) e palavra que tenha uma das sílabas formada por três letras (e aí podem ser *milho*, *máscara*, *regador, óculos*). Aproveite bem esta situação para ajudá-los a observar estes detalhes, pois são eles que atrapalham as crianças na compreensão de problemas de Matemática, experiências de Ciências, etc.

Qual é o número?

Para descobrir qual o número de cada palavra, o aluno deve saber diferenciar letras, sílabas, vogais, consoantes, trabalhando com a idéia de exclusão: se tem 4 sílabas, as que não têm 4 sílabas caem fora; se são 4 vogais e 5 consoantes, a palavra tem que ter nove letras, e assim por diante.

Bilhete chinês

Esta atividade sempre fascina as crianças. Descobrir que as palavras estão escritas em coluna, como escrevem os chineses, costuma ser uma alegria entre eles. Aproveite para que observem que cada sílaba pode ser pronunciada individualmente, não podendo separar, por exemplo, *chineses* em ch-in-es-es. Para escrever um bilhete em chinês para o amigo terão necessariamente que dividir as palavras em sílabas...

Bingo!

Este jogo de bingo pede que as crianças pensem as palavras dadas em número de letras, sílabas, vogais e consoantes. A novidade dele está na segunda parte, quando criarão uma nova tabela. O desafio está em aplicar os conceitos em uma situação em que devem pensar simultaneamente no certo e no errado para realizar o preenchimento.

Divisão silábica

Como introduzir a divisão silábica

Problematizando

O objetivo da estratégia a seguir é criar uma situação de conflito para que os alunos possam refletir sobre a divisão silábica.

O professor apresenta uma lista de palavras e pede que pintem cada sílaba de uma cor.

Veja, no *Livro do Aluno*, a atividade **Colorindo**.

Esta atividade traz situações que as crianças possivelmente não conseguirão resolver, e é na discussão dessas situações que o professor vai levantando as regras.

É importante que eles percebam que:

— há certas letras que podem aparecer como a última letra de uma sílaba, ou como a primeira letra da sílaba seguinte,

— para decidir onde a sílaba termina é preciso analisar a letra seguinte.

Exemplo: *carta* e *careta*. Em *carta*, o **R** fica na sílaba do **ca** porque depois dele vem consoante. Em *careta*, o **R** forma sílaba com o **e** porque depois do **R** vem vogal.

A partir deste exercício e sua discussão, os alunos poderão perceber que:

a) a maior parte das sílabas termina por vogal;

b) as consoantes que aparecem em final de sílaba com maior freqüência são: **r**, **l**, **s**, **m**, **n** e que depois delas sempre vem uma outra consoante.

Se quiser se aprofundar no assunto, pergunte para as crianças se pode ser qualquer consoante ou apenas algumas. Ajude-os a pensar em palavras com **mp**, **mc**, etc. e poderão verificar que depois do **m** só aparecerão **p** e **b**, que depois do **n** podem aparecer **c**, **d**, **f**, **g**, **h**, **l**, **q**, **r**, **s**, **t**, **v**, **x**, **z** (o **b**, **m**, **n**, **h**, **p** não aparecerão). Ajude-os a observar que depois do **n** às vezes aparece o **s** na mesma sílaba (*transporte*), às vezes em outra sílaba (*ensaboar*). Para saber quando é na mesma sílaba ou não, observa-se que quando o **s** está na sílaba do **n**, depois dele vem consoante; quando está na sílaba seguinte, depois vem vogal. Após o **l** podem aparecer **b**, **c**, **d**, **f**, **g**, **m**, **n**, **p**, **q**, **r** (raras palavras), **s**, **t**, **v**, **x**, **z**. Ajude-os a descobrir que depois do **l** o **j** não costuma aparecer (existem algumas poucas palavras na maioria de origem árabe e de sentido pouco comum. Em geral estas palavras são desconhecidas das crianças). Ao saberem disto, em caso de dúvida, escolher sempre **g** depois de **l**, pois a chance de acertar é maior!!! Depois do **r** podem aparecer **b**, **c**, **d**, **f**, **g**, **j** (raras palavras!), **l**, **m**, **n**, **p**, **q**, **r**, **s**, **t**, **v**, **x**, **z**. A única que não é possível é o **h**. Após o **s** podem aparecer **b**, **c**, **d**, **f**, **g**, **j**, **l**, **m**, **n**, **p**, **r**, **s**, **t**, **v**, **x**, **z**. Só o **h** não é possível.

Divisão de sílabas de estrutura pouco comum

Para a descoberta de separações silábicas envolvendo estruturas de sílabas terminadas por outras consoantes, é preciso trabalhar antes a grafia dessas palavras, pois por não reconhecer este tipo de sílaba, as crianças procuram regularizar a grafia. É o que acontece quando escrevem *"adivogado", "iguinorante",* etc. Assim sendo, propomos que o professor faça um ditado de algumas dessas palavras para que as crianças escrevam "como acham que deve ser". Ditado feito, o professor pede que escrevam na lousa todas as formas que apareceram na classe, discute por que acharam que era daquele jeito e pede que olhem no dicionário para verificar a grafia correta. Se você puser pontos para os que acertarem, a atividade transforma-se em jogo: ganha quem acertar mais palavras.

Depois de trabalhada a grafia das palavras do ditado, pode-se pedir que dividam-nas em sílabas. Discuta essa divisão com os alunos, que poderão, neste momento, retirar algumas regras como as que seguem abaixo:

a) Em algumas palavras também podem aparecer sílabas terminadas por **b**, **c**, **d**, **f**, **g**, **p**, **t**, **x** (*obturação*; *occipital*; *advogado*; *oftalmologista*; *ignorar*; *optar*; *ritmo*; *excelente*).

b) Depois dessas consoantes sempre vem uma outra consoante, nunca uma vogal.

c) Essas sílabas sempre aparecem no meio de palavra, nunca na última sílaba da palavra.

É através da discussão e das perguntas que o professor vai fazendo com que os alunos observem as propriedades das sílabas e retirem as regras dessas análises.

Ao longo de todo o trabalho o professor deve ir solicitando a contagem do número de sílabas das palavras.

No *Livro do Aluno* encontramos as atividades:

Que estranhas!!!

Ignorante?

Qual é o próximo?

Adivinhe o que é...

Quem pode ficar com quem?

Que estranhas!!!

Na questão 1 pretendemos levá-los a entrar em contato com estas palavras de "grafia estranha". Há crianças que nunca repararam que elas eram escritas assim, apesar de já telas visto inúmeras vezes. Afinal, quem não lê por aí as palavras *advogado*, *substitua*, *gnomos*, *ignorante*, *observe*, *psicóloga* e outras? Vêem, mas não reparam na grafia delas 1 e continuam errando...

Na questão 2 procuramos ajudá-los a tomar consciência do que podem ter aprendido. Ao lerem uns para os outros o que aprenderam, amplia-se a atividade. Podem ter descoberto muitas coisas, entre elas que essas consoantes podiam ser escritas sem vogal depois delas; que essas letras podiam ser final de sílaba; e outras coisas mais.

Ao pedirmos na questão 3 que digam a diferença entre *apito* e *apto*, brincamos com eles, pois essas diferenças podem ser no sentido, no som, na presença ou ausência da letra **i**. Nosso objetivo, afinal, é que concluam que colocar ou não uma letra muda tudo: você diz outra coisa!

Ignorante?

Neste exercício sistematizamos as descobertas feitas na atividade anterior. Em Gramática vamos trabalhar sempre buscando descobrir o que é **possível** e **provável**, o que é **possível** e **pouco provável**, e o que é **impossível** dentro do sistema da língua. Nesta atividade destacamos **o que é possível mas pouco provável**.

Chamamos também a atenção para a diferença entre letras que podem ser final de sílaba e de palavra e letras que podem ser final de sílaba mas não de palavra (como **b**, por exemplo).

O título da atividade é uma brincadeira com tudo isso. Explore-o com as crianças; é uma interessante situação de interpretação de texto.

Qual é o próximo?

Para escolher a sílaba que deverá criar o nome do próximo animal a criança deverá necessariamente saber dividir a palavra em sílabas e depois criar uma nova, aplicando-a. Surgirão inúmeros animais a partir desta brincadeira. Corrija na lousa e amplie o universo de vocabulário deles. Não se esqueça de aproveitar todos os erros dos alunos para compreender como estão pensando e, com isso, poder ajudá-los a evoluir qualitativamente.

Adivinhe o que é...

Esta atividade pode ser o pretexto para começar a discutir a nomenclatura. As crianças devem encaixar as palavras em destaque nos retângulos, colocando uma sílaba em cada um. Depois peça que contem quantas sílabas uma palavra pode ter. Deixe que investiguem onde quiserem. A cada quantidade de sílaba sugerida peça que digam uma palavra que tenha a mesma quantidade.

Quem pode ficar com quem?

Pedimos agrupamento de palavras pelo número de sílabas. As crianças podem ir se acostumando com a idéia de que esta é mais uma forma de organização da língua. Estamos preparando o grupo para vir a conhecer a nomenclatura. Terminado o exercício, proceda como está descrito a seguir, para introduzir a nomenclatura.

Como introduzir a nomenclatura

É muito importante que os alunos possam relacionar-se com a nomenclatura de forma inteligente e significativa, pois ela normalmente traz o próprio conceito encerrado. Para tanto, o professor deve tentar resgatar os sentidos, no mundo, dos prefixos utilizados nas palavras *monossílabo*, *dissílabo*, *trissílabo*.

Estratégia

O professor oferece aos alunos um conjunto de palavras e pede que eles organizem as que podem ficar juntas porque têm o mesmo número de sílabas. Arrumação feita, pede que eles façam de conta que são os gramáticos e que dêem um nome que seja significativo para cada conjunto de palavras. Nomes dados, o professor ouve a criação de cada grupo e aproveita para observar a partir de quais referenciais eles partiram para criá-los, e conversa com eles sobre isso.

Caso não surjam os nomes oficiais, o professor vai pedindo para as crianças irem dizendo o que é um time campeão, bicampeão, tricampeão; avô, bisavô, trisavô. A partir daí, pede que observem o que mudou na palavra para saber se o time foi campeão uma vez, duas ou três vezes. Faz-se a generalização. Depois do trabalho oral, os alunos realizam em grupo a atividade do livro que se chama **Recriando**, para que possam perceber os prefixos *mono*, *di*, *tri* e *poli*.

Depois que os prefixos foram descobertos, o professor pergunta se, depois de tantas dicas, eles adivinham quais os nomes que os gramáticos deram para as palavras com os diferentes tipos de sílabas. Uma vez que os nomes passaram a ter sentido para as crianças, fica mais fácil para decorar, o que acabará acontecendo pelo uso da nomenclatura.

Para sistematização, aplicar exercícios em que eles tenham que usar e reconhecer a nomenclatura.

No *Livro do Aluno*:
Brincando de não-me-olhe
Quebra-cabeça I
Salada de frutas maluca
Quebra-cabeça II
Libélulas
Borboleta de qualidade
O jogo do contrário

Brincando de não-me-olhe

Este exercício é muito importante, pois seu procedimento vai preparar o trabalho com tonicidade, que será desenvolvido posteriormente. A colocação das sílabas organizadas do final para o começo da tabela é algo que os alunos devem realizar inúmeras vezes. Aplique este tipo de atividade muitas vezes como lição de casa.

Transformação

Nesta atividade solicitamos que as crianças transformem uma das sílabas da palavra criando uma nova palavra. É uma brincadeira riquíssima, que os alunos costumam adorar! Pode ser realizada em classe ou como lição de casa. O número de palavras possíveis de ser formadas supera o número de linhas deixado no livro. Quem quiser pode continuar numa folha ou no caderno.

Você pode sugerir também campeonatos de transformações: vence quem conseguir formar o maior número de palavras. Realize o campeonato em duplas, trios ou individualmente.

Na questão 2 pedimos que descubram palavras mono, di, tri ou polissílabas a partir das sílabas dadas. É um grande desafio, estão todos convidados a participar!

Quebra-cabeça I

A proposta é a mesma da questão 2 do exercício anterior. Dado este universo de sílabas, descubra as palavras pedidas. Vamos ver quem acha primeiro?

Salada de frutas maluca

Para fazer a salada a criança tem que conseguir separar os nomes trissílabos dos outros. Pronto, já teve que aplicar a nomenclatura e o conceito para resolver a situação!

Quebra-cabeça II

Assim como no primeiro, fica aqui o desafio!

Libélulas

É um interessante texto de Roberto Muylaert Tinoco para que conheçam um pouco sobre libélulas e classifiquem palavras pelo número de sílabas.

Tomamos o cuidado de elaborar as questões de forma a desenvolver neles a acuidade da interpretação de texto. Através da questão 4 começamos a introduzir a separação de sílabas com algumas dificuldades como **rr**/**ss**, descritas no item *Como trabalhar a divisão silábica irregular (rr/ss).*

Paralelamente o professor pode continuar desenvolvendo as atividades a seguir:

Borboleta de qualidade

Ao pedir que enfoquem os monossílabos formados por uma, duas, três ou quatro letras confrontamos os conceitos de sílaba e letra e chamamos a atenção deles para este tipo de palavra. Isto é importante porque estas palavras de poucas letras são, com freqüência, escritas com erro de grafia ou grafadas grudadas em outras. Destacá-las abre o espaço da consciência lingüística dos alunos e cria o pretexto para discuti-las em sala de aula.

Pedir que passem o poema para o aumentativo ou diminutivo é uma brincadeira engraçada (você já verificou como ele fica?) e que propicia descobrir: a) que nem todas as palavras são alteradas; b) que o **ão** do aumentativo é com til; c) que o **ç** de *cabeça* no diminutivo fica **c** sem cedilha; etc.

O jogo do contrário

É um delicioso poema que abre um campo imenso para a imaginação. Quem já não passou horas sonhando com um mundo diferente? Brincando com imagens completamente inusitadas, procuramos levá-los a visualizar este mundo tão original, concretizando-o através de desenhos. Aproveitamos também para que verifiquem que palavras mono, di, tri e polissílabas eles podem encontrar em qualquer lugar!

Depois de todas as atividades, eles devem estar craques em classificação por número de sílabas. Caso ainda não estejam, dê asas à imaginação e crie novas situações para sua classe.

Como trabalhar a divisão silábica irregular (rr, ss)

A divisão do **rr** e do **ss** guardando uma das letras em cada sílaba parece ter razões vindas do latim, mas que trazem, hoje, muitos problemas conceituais.

Uma citação do livro *Comunicação* em *Prosa Moderna*, de Othon Maria Garcia, diz que em latim as consoantes duplas dobradas eram pronunciadas cada uma em uma sílaba separada. Daí teríamos a razão, por dedução, desse procedimento na divisão silábica. Acontece que essa ação entra em contradição com os conceitos de sílaba e, mais tarde, de dígrafo. Torna-se, assim, um procedimento sem sentido para as crianças e para nós, adultos. Mas, como regra, há que ser convencionalmente mantido.

Para trabalhar melhor esta convenção, sugerimos ao professor oferecer aos alunos palavras que tenham **rr** e **ss** e discutir quais as formas possíveis de dividi-las em sílabas. A partir das possibilidades, o professor apresenta a convenção e passa a aplicar exercícios de fixação. São sugestões de atividades de fixação:

— escrever uma carta “chinesa”;

— diagramas de sílabas;

— palavras cruzadas de sílabas;

— diagramas e palavras cruzadas que cada aluno monta e depois troca com um colega para resolver em classe;

— exercícios de "dicas" em que a nomenclatura é utilizada. Exemplos: *Qual a palavra dissílaba que é encontrada em tal linha do texto? Retire do primeiro parágrafo todas as palavras polissílabas que houver. Qual o monossílabo com maior número de letras que você conhece?* etc.

Escolha nestes momentos, de preferência, palavras que tenham **ss** ou **rr**.

Relação divisão silábica x divisão em final de linha

A relação entre divisão silábica e divisão em final de linha não é direta, tanto que os professores costumam ficar perplexos com o fato de os alunos apresentarem uma proporção grande de acertos nas atividades específicas de divisão silábica, mas fazerem divisões "absurdas" em final de linha. Para que essa relação fique mais evidenciada, podemos interferir através dos seguintes procedimentos:

— Conversar com os alunos comparando as duas situações, analisando quais as semelhanças e as diferenças. Por exemplo: não se deixa uma letra sozinha em início de linha, mas em divisão silábica sim: divide-se **ba – ú**, mas quando estivermos escrevendo um texto, não se deve colocar **ba** em uma linha e **ú** na outra.

— Trabalhar com atividades específicas para divisão em final de linha. Algumas sugestões são:

a) textos com lacunas no final das linhas que, para serem completadas, o aluno precisa necessariamente dividir palavras.

b) brincadeira da máquina de escrever: pedir que escrevam o mesmo parágrafo várias vezes, começando com um espaço de parágrafo cada vez maior, o que os obriga a partir a última palavra do texto de várias maneiras;

c) pedir que dividam a mesma palavra em dois pedaços de todas as maneiras possíveis.

Exemplo: mamadeira: ma-madeira, mama-deira, mamadei-ra;

d) ditado com a folha de papel dobrada de comprido, de forma que tenham que partir as palavras com freqüência.

Veja, no *Livro do Aluno*, a atividade **O mistério do livro sem mistério**.

O mistério do livro sem mistério

Este texto, retirado do saboroso livro de Cristina Agostinho, apresenta em branco, em várias partes, o espaço correspondente à última palavra da linha. O professor dita essas palavras e os alunos preenchem as lacunas, sempre dividindo-as em duas partes. Ao corrigir a atividade, explore com eles todas as formas possíveis de se dividir uma palavra em duas partes.

Problemas em relação à divisão silábica

A questão da divisão silábica, que parece tão simples se olhada de forma superficial, encerra alguns problemas de difícil solução neste nível de escolaridade: como proceder em relação aos ditongos, hiatos, e tritongos? E em relação a certos conteúdos a respeito dos quais os próprios gramáticos divergem, como em relação aos ditongos orais crescentes em final de sílaba, que alguns autores admitem a possibilidade de serem considerados como hiatos?

Desenvolver este conteúdo com os alunos implica conhecer Fonética, trabalhar com os conceitos de vogal e semivogal, o que consideramos prematuro. Por esta razão, quando surgem palavras com ditongos, tritongos e hiatos, colocamos a existência da divergência entre eles e combinamos nossa preferência por considerá-las como ditongos, como procedimento a ser adotado daqui por diante. Além disso, procuramos não insistir neste tipo de palavras, pois há outros aspectos do trabalho que são mais relevantes para serem desenvolvidos neste momento.

Respostas das atividades do Módulo I

Figuras diretas

Horizontais: apito, máscara, sapo, cama, uvas, sol
Verticais: espiga de milho, ovo, regador, peteca

1. a) máscara, espiga, regador, peteca, óculos, apito
   b) máscara, regador, espiga, óculos

2. Ovo, óculos, uvas, apito
3. Sol
4. Máscara, milho, uvas, óculos ou regador
5. Máscara, regador

Qual é o número?

1. apontador; 2. lapiseira; 3. lápis; 4. mochila; 5. estojo; 6. borracha; 7. caneta; 8. cola; 9. tesoura

Bilhete chinês

Você sabia que os chineses escrevem em colunas como eu estou escrevendo para você aqui?

Agora que você descobriu, escreva também um bilhete chinês para seu amigo e boa sorte!

Bingo!

4ª coluna: 3 vogais, 3 sílabas, Renata, 3 consoantes, 6 letras

O mistério do livro sem mistério

Palavras que faltam: porque, jeito, imaginou, interessante, conseguir, falar.

Colorindo

2. Há mais sílabas terminadas por vogais.
3. **m**, **n**, **l**, **s**, **r**
4. Peça que observem a letra seguinte e poderão concluir que quando o **m**, **n**, **l**, **s**, **r** são a última letra da sílaba, depois sempre vem outra consoante.

Que estranhas!!!

1. ad-vo-ga-do; sub-tra-çã,o; gno-mo; op-ção; ob-tu-ra-ção; ig-no-ran-te; at-mos-fe-ra; af-ta; ex-pec-ta-ti-va; ad-ml-ra-vel; ob-ser-var; fe-roz-men-te.
2. O que esperamos é que os alunos observem que estas letras podem ser final de sílaba e que depois delas sempre virá outra consoante. Além destas descobertas, outras poderão surgir. Verifique com eles se elas são válidas e registre-as também se forem.
3. Há várias diferenças possíveis: *apito* tem uma letra a mais; o sentido é diferente de apto. É possível que eles achem que *apto* (que quer dizer capaz) seja a abreviatura de apartamento. Caso façam essa relação, ajude-os a descobrir os vários sentidos de cada uma das palavras.

Ignorante?

1. a, b, c, d, e, f, g, i, l, m, n, o, p, r, s, t, u, x, z.
2. São: a, e, i, o, u, l, r, m, n, s, x, z.
3. São as mesmas que aparecem com freqüência no final das sílabas.
4. São: b, c, d, f, g, p, t.
5. As palavras serão dadas pelas crianças. Aproveite na correção para ampliar o vocabulário ortográfico e dê o significado delas.

6. Não dê simplesmente a resposta. Discuta com eles todas as formas que eles tiverem usado para fazer a divisão em sílabas de forma que possam refletir sobre este tipo de palavra.

Qual é o próximo?

Aqui estão alguns animais possíveis:
galinha: ga-gavião, gato; li-libélula, javali; nha-sardinha
lagosta: la-lagarto, lagartixa, lagarta; ta-tatu
cachorro: ca-cachorra, camarão, caranguejo, capivara, cavalo, jacaré
pulga: pul-pulgão; ga-gata, cágado
borboleta: bo-boto; le-lebre, elefante; ta-tapir
tartaruga: ta-tamanduá; ru-urubu, pirarucu, coruja, peru, canguru; ga-gamo
rinoceronte: ri-siri, maritaca, lambari, gorila; no-tucano; ce-cegonha, morcego; texugo, pantera

Adivinhe o que é...

pé de jabuticaba
den-ti-nho
chu-pan-do
nas-cem
a-gar-ra-di-nhas
bran-qui-nho
a-ca-ba
pa-re-ci-das
bas-tan-te
pon-ta
can-sar

Aproveite a situação para discutir os casos particulares de **ns** (nascem), **rr** (agarradinhas) e **ss**, que pode surgir por extensão.

Quem pode ficar com quem?

2 sílabas	**3 sílabas**	**4 sílabas**
sabão	pimenta	mortadela
arroz	macarrão	margarina
ovo	açúcar	detergente
massa	escova	
feijão	farinha	
molho	vinagre	
suco		

Recriando

quin-tal
on-de
plan-tas
hou-ver
ga-fa-nho-to
um
jar-dim
es-tar
com
po-de-rá
um
al-gu-mas
ou
Quebra-cabeça: Onde houver um quintal ou jardim com algumas plantas poderá estar um com algumas plantas poderá gafanhoto.

1. Uma palavra monossílaba é a que possui apenas uma sílaba. Escreva a resposta com as palavras das crianças, a partir da discussão feita em classe.
2. jardim, estar
3. Ouça as sugestões das crianças e aceite outros nomes. Mostre, porém, que **tri** quer dizer três e, portanto, o próprio nome já diz o conceito — trissílaba = 3 sílabas.

Brincando de não-me-olhe

1.

o-lhe
me-la-do
qui-tan-da
pa-ren-te
sa-ta-nas
não
pa-ne-la
tor-ta
ca-o-lho
ma-mão
es-pe-lho
chu-lé
ri-a-cho
ri-ma

2.

monossílaba: não
dissílabas: olhe, torta, mamão, chulé, rima
trissílabas: melado, quitanda, parente, Satanás, panela, coelho, espelho, riacho

Transformação

Incentivar os alunos a criarem suas próprias palavras. Ao término da atividade, propor a troca entre a classe.

Quebra-cabeça I

monossílabas: bar, em, cá
dissílabas: barca, barra, cação, cara, caem, ração
trissílabas: barraca, embarca
polissílaba: embarcação

Salada de frutas maluca

trissílabas: banana, ameixa, morango, laranja, amora

Quebra-cabeça II

monossílabas: pá, ré, de, dê
dissílabas: pato, reto, rede, Saci, sapa, topa, sare, cito, pare, tosa
trissílabas: cimento, sapato, remende, parede, recito
polissílabas: padecimento, desaparecimento

Libélulas

1. libélulas, carnívoras, alimentam
2. As, são, e, se, de, o, tal, um, ao, a
3. moscas, frente, formam
4. a-pa-nha-dos; cap-tu-ram; pas-sa-ri-nhos

Com freqüência as crianças acham que *a*, *o*, *de*, *se* não são palavras. Aproveite a ocasião para discutir com eles a questão de espaço que dá identidade às palavras. (Veja o *Manual do Professor*, 1ª série, Significação do espaço na escrita.)

Borboleta de qualidade

1. palavras de 1 letra: a; de 2 letras: um, vi, em, eu, de; de 3 letras: não, que, mas, mão, pus; de 4 letras: quis.

   É possível que as crianças achem que as palavras *uma* e *era* pertençam ao conjunto. Ajude-os a observar que elas têm 3 letras, mas não têm apenas uma sílaba, e por isso não cumprem o pedido.
2. palavras dissílabas: dia, quando, ganhei, uma, sair, tia, minha, era, como, era
3. palavras polissílabas: borboleta, povoada, enganada, qualidade, parecia

O jogo do contrário

1. contrário, conhecer, menino, podiam
2. polissílabas: Manequinho, igualzinho, acontecendo monossílabas: se, de, é, e, que, o, não, do, faz, a, em, só, quem, vai
3. dissílabas: bichos, estão, entram, coisas, vendo, meio, gente, porque, está, muito, grama, zebra
4. trissílabas: incrível, camelo, afogar, preguiça, dançando
5. tranqüilo

MÓDULO II — O significado do espaço na escrita

Trabalhando com o espaço — revisão

Ao longo da 1ª série foi iniciado um trabalho para a descoberta dos diferentes significados do espaço, no qual procurou-se conscientizá-los de que os espaços na folha traduzem uma informação para o leitor. Conseqüentemente, para se tornarem autores e leitores plenos, é necessário que saibam compreender os diferentes significados do espaço.

Esta compreensão não é nem simples nem imediata, uma vez que conferir significado a uma marca negativa, considerar como informação o fato de não ter nada escrito (ser espaço em branco), é algo complicado para a criança.

Na 1ª série demos atenção especial a alguns espaços:

1) O espaço que isola e dá identidade às palavras (para que, vendo sua função, pudessem desaglutiná-las).
2) O espaço de utilização da linha do início ao final, na prosa (isto é, a utilização da linha entre as margens), em oposição à utilização da linha só no centro da folha, no caso da poesia — para que pudessem diagramar seus textos sem "dentear" como costumam fazer!
3) A localização do título no alto da folha, no centro da linha — para que pudessem colocá-lo sem "grudar" no texto, ou colocarem o título iniciando a história na mesma linha.
4) A colocação do nome do autor logo abaixo do título, ligeiramente à direita dele — para que a idéia de "autoria", objetivo do trabalho da 1ª série, ficasse bem evidenciada.
5) O espaço do parágrafo, como um elemento sempre presente nos textos.

Procurou-se, também, discutir quando o professor muda de linha na lousa e o aluno também muda, e quando o professor muda de linha e o aluno não. Nossa expectativa é que, depois de todo o trabalho desenvolvido, as crianças estejam organizando o texto no espaço da folha de forma razoavelmente adequada em relação a estes itens.

O trabalho de significação do espaço continua na 2ª série como revisão do trabalho da 1ª (para sistematizá-lo) e desloca a atenção para a diagramação (organização espacial na página) de textos de receita, de propaganda e de manuais. O núcleo do trabalho concentra-se na descoberta das diferentes modalidades de textos a partir da sua diagramação, e, numa etapa posterior, a tomada de consciência pelo aluno de como descobriu a modalidade do texto a partir do significado dos espaços.

A discussão que tem início neste módulo estende-se ao longo do ano relacionando-se com outros conteúdos: a organização do texto em parágrafos, em discurso direto e o uso da letra maiúscula.

Veja, a seguir, as orientações específicas sobre as atividades do *Livro do Aluno* sobre este assunto:

Se tivesse algo escrito, seria um...

Nosso objetivo é a identificação do poema pela forma. Optamos pela estrutura clássica como norma para que pudessem compreender como ruptura as outras formas de diagramar um poema. Sugerimos para isso que o professor leve para a classe, e peça para as crianças também procurarem, poemas que sejam diagramados de outras maneiras. Este é um bom motivo para fazer uma visita a uma biblioteca, em busca de livros de poesia. Ao encontrá-las, não se esqueça de conversar com as crianças sobre as razões e sentidos conferidos por estas organizações especiais. Iremos discutir nas séries posteriores algumas destas poesias modernas.

Velhos conhecidos...

Por serem as crianças e os textos em prosa velhos conhecidos, sugerimos que o professor aproveite o espaço aberto pela atividade para discutir com eles os vários elementos do texto: apontando o espaço correspondente ao título, ao nome do autor, perguntar o que estaria escrito ali; pedir que contem o número de palavras da primeira linha, o número de parágrafos; perguntar se há diálogo, etc. Relembre-os da importância de deixar um espaço razoável para iniciar o parágrafo e de continuar o texto bem grudadinho na margem. Seria interessante que, depois desta discussão, os alunos pegassem suas redações e observassem se respeitaram corretamente cada um dos espaços.

A pergunta sobre o tipo de texto, literário ou informativo, pretende que observem a presença de diálogo. Os textos informativos não apresentam diálogo, portanto, este deveria ser um texto literário.

E este agora?

Retomados os sentidos dos espaços mais comuns da folha, queremos que observem a possibilidade de utilizar o espaço das formas as mais variadas e inovadoras, como o que acontece nas propagandas. Peça-lhes que observem os *out-doors* nas ruas e as propagandas nas revistas. Escolha algumas com eles e conversem sobre a forma como o espaço está sendo usado. *Onde há letras maiores? O que está em destaque? Há muitos espaços em branco? Onde estão concentradas as letras? Por que será que o espaço está sendo usado daquela forma?*

Este trabalho já é uma preparação para a análise da estrutura do jornal, que está proposta no *Construindo a escrita — Leitura e interpretação de textos* desta mesma série.

Para finalizar o trabalho, sugerimos que os alunos façam uma propaganda oferecendo um produto qualquer de sua escolha e que procurem usar o espaço da folha de forma significativa e original. Faça depois uma exposição dos trabalhos.

Adivinhe este agora!

Textos de receita, de manuais de instrução de jogos ou orientações para execução de experiências freqüentemente são diagramados desta forma: primeiro a enumeração dos ingredientes, das peças ou dos materiais necessários, e depois a explicação de como executar. Pergunte-lhes o que estes tipos de textos têm em comum e poderão descobrir que são todos textos informativos e que pretendem ensinar alguém a fazer algo. Diagramá-los desta forma ajuda o texto a cumprir seu objetivo: que a pessoa consiga executar a tarefa.

Aglutinação X segmentação de palavras

Na 2ª série a maior parte das palavras já está devidamente segmentada, mas algumas aglutinações e segmentações indevidas ainda permanecem, como “derepente”, “com nosco”, “oque”, “de vagar”, etc. Foi por isso que montamos as atividades abaixo, apresentadas no *Livro do Aluno*, nas quais procuramos levá-los a observar que é necessário pensar no sentido das palavras para se saber onde fazer ou não uma segmentação.

Café com nosco???

Nosso objetivo ao montar a atividade é que, brincando, eles percebam que se escreverem “com nosco, com migo”, separados, as palavras “nosco” e “migo” têm que ter significado. Aproveite a ocasião para mostrar a relação que fazem para errar: é que associam por exemplo, café com leite, café com açúcar, café com canela, então café “com nosco”. Ajude-os a verificar que “conosco” é equivalente a nós e “portanto” tem que ser uma palavra só.

“Panheiro”?!?

Nesta atividade destacamos o sentido de com para que possam saber como pensar para separar ou não as palavras. Discuta com eles qual a graça da piada, pois é uma deliciosa piada ortográfica.

Pi-co-ta-das

Nesta atividade trabalhamos com palavras que, segmentadas ou não, mudam o significado. As duas formas, junta e separada, existem, mas o sentido é diferente. Esta é a conclusão que pretendemos que tirem.

Em algumas das frases uma das palavras pode não ser conhecida das crianças, mas isso pode ser superado por dedução e exclusão: se não é esta, só pode ser aquela. Depois, na correção, o professor garante o significado.

Indo e vindo

Deixar que os alunos descubram sozinhos a forma de decifrar o bilhete.

Propor que leiam o que descobriram e contem aos colegas como chegaram a essa descoberta. Nosso objetivo é que comprovem a importância da segmentação das palavras.

Se houver dificuldade por parte dos alunos, proponha a leitura da direita para a esquerda e da esquerda para a direita, que é a dica dada pelo texto.

Discuta com eles por que a escolha de Sr. Ibraim, do Marrocos, e não uma outra pessoa qualquer: em árabe as palavras são escritas da direita para a esquerda! É um dado cultural que vale a pena ser resgatado.

Desvendando mistérios

Nosso objetivo nessa atividade é destacar a existência de palavras pequenas, que nem sempre querem dizer algo que existe no mundo, mas que estão presentes nos textos e que podem existir sozinhas ou separadas. Tomando consciência da existência delas, esperamos que tenham instrumentos para decidir quando juntar ou não as palavras.

Para atingir esse objetivo usamos o recurso das lacunas das palavras com os códigos das letras como caminho para a decifração. É um interessante jogo, que pode ser realizado individualmente ou em grupo.

A questão 4 pede que usem as palavras descobertas unindo-as a outras que existem e formando, assim, novas palavras. O objetivo é o mesmo de sempre: prestem atenção para a importância dos espaços entre as palavras, pois sua presença ou ausência muda o sentido.

Leia num repente!!!

Como na maior parte das vezes aparece a expressão “de repente”, as crianças acham que a palavra repente não existe. Através da piada queremos conferir-lhe existência própria para que, de repente, passem a escrever de *repente*!!!

Aproveite a situação e debata com seus alunos o repente apresentado pelo músico, analisando o seu conteúdo e o porquê da alegria do candidato. Discuta a importância do repente dentro do folclore brasileiro. Questione o significado da palavra *repente.*

Se você tiver oportunidade, traga repentes gravados para que ouçam e depois, reunidos em grupos, façam um semelhante. É uma produção cultural típica do Nordeste do Brasil, e que merece ser conhecida por todos.

Esta atividade também pode ser utilizada para trabalhar com questões ortográficas como *já sinto* e *Jacinto*.

Separadas ou se paradas??

Esta é uma charada montada sobre a segmentação. Se divididas em palavras maiores, são 4, se divididas em palavras menores, são 8. As palavras menores que encontrarão são justamente as que costumam aglutinar: *com*, *a*, *em*.

Peça que procurem outras situações de palavras que existem juntas ou separadas, à semelhança das propostas por nós.

Respostas das atividades do Módulo II

Se tivesse algo escrito, seria um...

1. Seria uma poesia.
2. Esperamos que observem a organização espacial em versos e estrofes.

Velhos conhecidos...

É chamado prosa.

E este agora?

É uma propaganda.

Adivinhe este agora!

Uma receita culinária ou um manual de instruções.

Café com nosco???

1. Incentivar os alunos a formularem a resposta com suas próprias palavras. O importante é que consigam compreender por que houve esse mal-entendido: a segmentação indevida da palavra *conosco*: com *"nosco"*.
2. É o caso de com *migo*, de *umbigo* (que para eles é "um bigo"), *declaro* (de claro) e outros. Pense nas palavras que costumam segmentar indevidamente, e terá uma lista!
3.

Mãe,

Fui até a casa do Rodrigo pedir para a mãe dele deixá-lo ir **comigo** ao cinema. **A gente** vai pagar as entradas com o dinheiro que achei **embaixo** do telefone. Espero que não seja **aquele** dinheiro que você deixa sempre para a faxineira.

Um beijo

Pedrinho

"Panheiro"?!?

1. Considerar as respostas dos alunos.
2. Comente com os alunos as várias respostas dadas, pois cada um poderá exprimir sua opinião de uma forma. Nosso objetivo é que percebam que *com* traz a idéia de *mais*.

Pi-co-ta-das

1. Quando o **agente** da cantora disse que podíamos entrar no camarim, **a gente** mal se agüentava de tanta ansiedade.
2. **A cor do** meu olho varia dependendo do meu humor quando eu **acordo** pela manhã.
3. Zé Matias **acorda** bem cedinho e já sai com **a corda** no ombro para laçar seu alazão no pasto.
4. Os pãezinhos **de leite** da vovó são um **deleite** para os netinhos.
5. A **sala da** casa da vó Marieta tem uma tigela bem no meio da mesa. No domingo ela enche a tigela de **salada** de frutas.

Indo e vindo

Socorram-me. Subi no ônibus em Marrocos.

Desvendando mistérios

1. e 2.

Quando eu **era** menino **e** morava **na** fazenda, nós dormíamos assim **que a** luz **do** dia **ia** embora, **e** começávamos **o** dia seguinte quando **ela** voltava. **Na** hora **de** dormir, mamãe contava histórias **de** pessoas **e** terras distantes, **com** nomes estranhos **e** bonitos **dos** livros **que** ela lia **para** nós. Éramos oito irmãos **que**, **com o** coração **aos** saltos, acompanhávamos **a** interpretação **dos** personagens **de quem** mamãe imitava **as** vozes.

O resto fazia **a** nossa imaginação, **que** criava **as** roupas, **os** cavalos, **o** cenário **e a** emoção.

Como fazia minha mãe, **de** vez **em** quando faço **eu com os** meus filhos, **que** não dormem quando **a** luz **se** vai, **mas** ainda curtem **as** histórias **de** Tarzan, **dos** índios e **de** seres extraterrestres **que** descem **de** naves prateadas **para** salvar **a** natureza.

3. Nosso objetivo é que percebam que todas estas palavras, formadas de uma ou até quatro letras, existem sozinhas ou como parte de outras.

4.

secara (v.secar/mascara/máscara;	demora/namora/amora;	asfalto;
queremos/oremos pararemos/seremos	afina/parafina;	abaixo/debaixo/embaixo;
compor/apor/opor/depor;	demente/semente;	degrau

5. O objetivo da pergunta é que percebam que a presença ou ausência do espaço transforma o significado do que está sendo dito. Assim sendo, cuidado ao escrever!

Leia num repente!!

1. e 2. Queremos que eles percebam que a palavra *repente* existe, tem significado próprio, para que possam aceitar que se escreve de *repente* separado. Verifique o significado da palavra *repente*, encontrado pelos alunos. Debata com a classe, buscando a melhor significação para o texto.

3. Tudo estava silencioso e sombrio, quando de repente um grito ecoou pelos corredores.

Separadas ou se paradas??

Somos 8: compara/acorda/emprego/éramos/agente/compadre/empata/embaixo

Somos o dobro:

com/para/a/corda/em/prego/eram/os/agente/com/padre/em/pata/em/baixo

MÓDULO III — Pontuação

Pontuação lógica e expressiva

Pontuação expressiva

Ao longo da 1ª série foi desenvolvido um trabalho com pontuação expressiva que buscou:

a) tornar a pontuação algo que a criança enxergue, conferindo-lhe significação;

b) a descoberta dos pontos de exclamação, interrogação, final, reticências, sós ou combinados, como grandes tradutores da emoção na escrita.

No *Livro do Aluno* encontramos duas atividades que retomam o trabalho desenvolvido na 1ª série. São elas: **Maluquinho** e **Pontuando**

Maluquinho

Nosso objetivo é que as crianças observem o texto, o rosto dos personagens e as emoções traduzidas e consigam expressá-las através da pontuação. Voltamos a insistir que não daremos a solução do autor, pois nosso objetivo não é que descubram a pontuação certa, mas que reflitam sobre as pontuações possíveis.

Pontuando

A proposta para esta atividade é exatamente a mesma da anterior, só que agora com um texto de maior fôlego. Todos os comentários de Maluquinho valem aqui.

Pontuação lógica

A pontuação lógica, que costuma estar representada pelas vírgulas e pontos, é responsável pela organização das idéias do texto. As crianças passam por um longo caminho de descoberta até conseguir conquistá-la.

Neste caminho de busca, os alunos passam por diversos momentos, tais como:

1º) não utilizam nenhuma pontuação;

2º) a pontuação aparece ligada ao espaço e não ao sentido;

3º) gradativamente vão investigando a relação entre vírgulas e o ponto final e o sentido da frase. Nesta investigação passam por duas etapas:

   a) conseguem observar onde colocar a pontuação, mas não sabem decidir qual delas usar;

   b) integram o **onde** com o **qual** e começam a colocar o ponto certo no lugar certo.

O que se observa é que a compreensão dessa relação envolve muitas dificuldades: em primeiro lugar, decidir onde colocar a pontuação; depois, se é um ponto, uma vírgula ou outra pontuação. Por isso, durante um longo tempo, eles utilizam os sinais, especialmente as vírgulas e pontos de uma maneira instável, ora não colocando onde deveria haver um, ora trocando um pelo outro.

Este procedimento de não utilização do ponto interno pode ser mantido porque a separação entre as idéias e as relações estabelecidas pela pontuação são efetivadas pelas marcas de oralidade. Onde deveria haver um ponto, há um *e*, *daí*, *então*, *aí*. Assim sendo, trabalhar com pontuação interna é também trabalhar a substituição da marca de oralidade (evice-versa?)

Como estratégia para que comecem a perceber as pontuações internas, pode-se sugerir algumas atividades:

1) Pintar com caneta colorida todas as pontuações que aparecem nos textos e depois discutir: por que o autor teria colocado naquele lugar? a pontuação não poderia ter sido colocada em outro lugar? Neste momento, o importante não é que os alunos acertem as razões, mas que pensem sobre elas.

2) Oferecer pequenos trechos sem pontuação para que, em grupo, tentem pontuar.

Veja, no *Livro do Aluno*, a atividade **Pontos extintos?!?** — 1ª parte

Pontos extintos?!? — 1ª parte

Retiramos toda a pontuação do trecho para que os alunos pudessem sentir a dificuldade de compreensão que a falta de pontuação traz. Em seguida, pedimos que pontuem o trecho, em grupo, espontaneamente, para que o professor possa observar a forma como eles estão pensando. No momento da correção, colocar as crianças em confronto para que um argumente com o outro, enriquecendo as idéias de cada um. Não se preocupe com certo e errado neste momento.

Depois que os alunos puderam relacionar-se mais espontaneamente com a pontuação e buscar suas razões internas para justificá-la, o professor pode ajudá-los a descobrir como pensar para decidir quando colocar uma pontuação.

Gostaríamos de deixar claro que vemos a pontuação como o elemento da língua escrita que é responsável por separar as informações de um texto, e não como “pausa para respirar”, como freqüentemente é trabalhado. Aliás, gostaríamos que esta relação com a respiração não fosse feita em nenhum momento.

Para trabalhar a pontuação desta forma sugerimos a seguinte estratégia: pedir que em um texto de autor publicado, discutam, em grupo, e façam uma barra separando cada informação que ele dá. Neste primeiro momento, é interessante que se utilize um texto informativo, pois as informações são mais objetivas do que no literário. Também é relevante que a atividade seja realizada em grupo, uma vez que as divergências sobre quando começa e quando termina cada informação são riquíssimas.

Veja, no *Livro do Aluno*, a atividade **Ai...Ui... Que picada...**

Ai... Ui... Que picada...

Reuna os alunos em grupos a fim de que confrontem suas hipóteses. Identificar cada informação do texto não é uma tarefa simples e vale a pena o professor ajudá-los a reconhecer as informações no primeiro parágrafo. Destaque para eles que uma informação deve dizer algo com sentido para o leitor, pois muitas vezes as crianças tendem a partir as informações em unidades muito pequenas.

Por exemplo, no primeiro parágrafo encontramos: "Enquanto as farpas do ferrão vão se enterrando, uma de cada vez..."

Imagine que uma criança pense que "enquanto as farpas do ferrão" é uma informação e "vão se enterrando" outra. O professor pede que observe o que se está informando ao se dizer "enquanto as farpas do ferrão", para que comece a perceber que é preciso haver uma relação de significação.

Depois que os grupos fizeram as marcações, o professor vai fazer a correção na lousa, discutindo com eles e ouvindo como cada grupo solucionou o problema. Terminada a correção, o professor pede que eles observem que coisas, na escrita, marcam a separação entre as informações. Descobrirão, neste momento, que onde colocaram barrinhas, há sempre uma pontuação ou uma palavra que "não quer dizer nada no mundo" (esta é a maneira que costumam falar quando se referem às conjunções e preposições).

Ao perceberem isso, o professor pode registrar no Caderno de Descobertas que **as pontuações servem para traduzir as emoções e para separar as informações umas das outras.** Temos aí uma primeira ampliação do conceito de pontuação. Caso tenham feito outras descobertas que queiram registrar, sem dúvida, garanta esse espaço. O que para nós, adultos, parece simples e óbvio, nem sempre o é para eles.

A partir desse momento, a sistematização segue basicamente três caminhos:

1) textos sem pontuação para discutirem onde colocá-las;
2) análise das pontuações utilizadas pelos autores dos textos analisados e seus jogos de efeitos (este aspecto já está desenvolvido no *Construindo a escrita – Leitura e interpretação de textos* — 2ª série, e, sempre que possível, deve ser ampliado pelo professor oralmente, em sala de aula);
3) nos momentos de redação de textos coletivos e de reestruturação de textos, utilizar ou não determinada pontuação passa a ser motivo de discussão com toda a importância que lhe é devida.

Feita a descoberta de como pensar para saber onde colocar a pontuação, volte à atividade **Pontos extintos** — 2ª parte. Agora eles têm um recurso de pensamento para realizá-la. Observe pelos erros o que já compreenderam e o que não entenderam ainda e, se necessário, repita a atividade das barrinhas, agora com outro texto.

Retomada a pontuação, pode-se fazer o jogo proposto em:

Não! Só deslocados!!!

Reúna os alunos em grupos e peça que cada grupo pontue o texto da melhor forma que achar possível. Não se esqueça de avisá-los que as letras maiúsculas foram retiradas, senão eles acham que não é possível colocar pontos. Depois, comece a correção. É possível realizar o jogo de duas formas:

1) O professor oferece a solução do autor e os grupos vão observando e discutindo. Se o grupo colocou a solução do autor, ganha 2 pontos, se colocou uma solução possível, mas diferente da do autor, ganha 1 ponto. Vence a equipe que obtiver o maior número de pontos.
2) O professor escreve o texto na lousa sem pontuação e um membro da primeira equipe vai e coloca a primeira pontuação que deveria aparecer. Se correta no lugar e igual à do autor, ganha 2 pontos e a equipe seguinte vai para a lousa pôr a segunda pontuação. Se a equipe colocar uma pontuação possível, mas diferente da do autor, ganha 1 ponto. Caso uma equipe coloque uma pontuação errada, que não seria possível, não ganha

nenhum ponto e outra equipe pode se oferecer para dar a solução e ficar com o ponto da equipe que errou. Vence quem obtiver o maior número de pontos.

Este tipo de jogo mobiliza as crianças a terem que argumentar para justificar suas escolhas de pontuação. Assim, o professor pode conhecer melhor seu pensamento e a criança é levada a tomar consciência de suas razões e a desenvolver seu poder argumentativo. Repita-o com outros textos de sua escolha sempre que possível.

Este trabalho deve repetir-se ao longo do tempo. Não é algo que, feito uma vez, garanta de imediato a utilização da pontuação, pois ela implica uma série enorme de aspectos a serem descobertos.

Marcas de oralidade e repetição de palavras

Depois de algum tempo que os alunos tiverem vivenciado situações de reflexão e utilização de pontuação interna, aliá-la à retirada das marcas de oralidade. Para isso, ofereça um texto de autor publicado, reescrito da forma como os alunos costumam escrevê-los neste momento: as marcas de oralidade ocupando o lugar das pontuações, dos adjuntos adverbiais, dos parágrafos e conjunções. Ou seja, os elementos progressivos, próprios da escrita, estão substituídos por essas marcas. Diga-lhes que o texto foi reescrito e que você gostaria de saber se "ficou bom".

Veja, no *Livro do Aluno*, as atividades com o texto: **A lenda dos diamantes**

A lenda dos diamantes

Esta atividade tem a função de gerar conhecimento. Para realizá-la é importante que primeiramente eles tenham trabalhado com boa parte da pontuação e da paragrafação, pois sem estes elementos não há como substituir a marca de oralidade. Se você observa que já é o momento, leia o texto para eles e pergunte se ficou bom ou não. Se acharem que daquele jeito está bem escrito, discuta o conteúdo do texto com eles, não faça a atividade e aguarde um momento melhor.

Caso protestem — eles costumam dizer que tem "daí" demais, que está "escrito de soquinho", ou qualquer outra forma de expressão que indique o desagrado em relação à forma — concorde com eles e pergunte-lhes: *Se não está legal dessa forma, de que outra forma poderiam escrever para que não tivesse tanto "daí"?*

Às vezes, a primeira sugestão das crianças é que se substitua uma marca de oralidade por várias. Eles dizem: "Em vez de escrever sempre *daí*, uma hora põe *daí*, outra *e*, outra *então*. Diante dessa colocação, o professor lê novamente o texto em voz alta fazendo as substituições e pergunta se ficou bom. Via de regra eles acham que ainda não ficou bom, e o professor propõe que, então, pensem juntos e reescrevam o texto sem utilizar "daís". Inicia-se, assim, uma escrita coletiva, na qual o que não precisa ser modificado é mantido e altera-se apenas o necessário.

É claro que nem sempre as sugestões das crianças são as melhores do ponto de vista gramatical ou de estilo. Isto não importa, por enquanto, pois a intenção da atividade é ser um momento de geração de conhecimento e reflexão sobre o assunto.

Terminada a reescrita na lousa, o professor apresenta a solução do autor (o texto original) e compara as duas soluções, não como certo e errado, mas como soluções possíveis. Nesse levantamento de semelhanças e diferenças, algumas soluções em que as crianças não haviam pensado aparecem e tornam-se presentes. Outras, eles não conseguem ainda perceber, mas isto não é problema, pois mais tarde terão essa oportunidade. É interessante ressaltar que, às vezes, eles consideram as soluções dadas por eles melhores do que as do próprio autor, o que apenas expressa o limite de sua visão.

A atividade de reestrutura deve ser depois repetida em grupos e, por fim, individualmente. No *Livro do Aluno* as propostas *A lenda dos diamantes* — 2ª e 3ª partes cumprem esses objetivos.

A intensidade e o tempo de permanência no trabalho com marcas de oralidade no texto pode ser medido pelo professor através da modificação na escrita espontânea, que deve mostrar, gradativamente, a diminuição da presença dessas marcas, e o aumento de uso da pontuação, de parágrafos e de adjuntos adverbiais. As conjunções são o último elemento a ser substituído.

Na 2ª série, o trabalho com pontuação interna não precisa aprofundar-se mais, pois será aprofundado na 3ª série, com novos recortes.

O discurso direto

O trabalho com o discurso direto envolve várias etapas, observadas como níveis na evolução das crianças na conquista do discurso direto. São elas:

1) A criança não observa a presença de elementos próprios do DD (discurso direto) e, por isso, não faz distinção alguma entre narrador e fala de personagem.
2) Começa a diferenciá-los, mas não observa a significação do espaço nessa organização, e por isso põe travessão ou dois-pontos, mas continua na mesma linha.
3) Observa o espaço inicial, e põe parágrafo e travessão no início da fala do personagem, mas não sabe ainda como pensar para decidir quando continua com o narrador na mesma linha e quando muda de linha.
4) O significado da organização espacial e o uso de outras marcas textuais como alternância, vocabulário, etc. ainda não estão totalmente claros, por isso a criança acha que toda fala de personagem deve ser introduzida por “E ele disse”, “E ele falou”.
5) A criança descobre outros elementos textuais, como o vocativo, a alternância de falas, e outros, e passa a utilizá-los.

Na 1ª série, o trabalho proposto tinha como objetivo que eles percebessem a clareza proporcionada por uma organização própria do discurso direto, e a existência de marcas específicas para ele. Normalmente eles apresentam na 2ª série um discurso direto de nível 2, ou seja, já aparecem os dois-pontos e o travessão, mas tudo na mesma linha. Para continuar o trabalho, propomos atividades como:

1) um texto onde haja parágrafos de narração e diálogos e propor aos alunos que façam uma “leitura dramatizada”, ou seja, que cada aluno leia o correspondente a um personagem e outro ao narrador. Terminada a leitura, pedir que digam o que observaram para saber quando cada um começava a falar e quando tinha que parar. Resgatadas oralmente as propriedades do discurso direto, escrevê-las no Caderno de Descobertas;
2) outro texto onde haja parágrafos de narração e diálogos e pedir que pintem com cores diferentes o que é do narrador e o que é dos personagens, usando uma cor para cada personagem;
3) textos sem palavras (só com seqüências de letras imitando palavras), com discurso direto, para saberem o que é de cada personagem;
4) textos onde haja narração intercalada com personagem, e pedir que pintem o que é de cada um. Discutir o que observaram para saber como responder.
5) textos com pontuação do discurso direto, mas sem organização espacial, para que reescrevam os parágrafos.

No *Livro do Aluno* encontramos algumas atividades com estes objetivos. São elas:

A abobrinha

Proceda à leitura do texto da forma como pede o enunciado da questão 1. Depois, peça que façam a questão 2. Ela pode parecer simples à primeira vista, mas conseguir identificar quem fala no ato da leitura não significa que a criança saiba o que observou para identificar de quem era a fala. É esta consciência que buscamos.

Na questão 3 queremos que observem que o fato de o discurso direto ser organizado por uma pontuação específica (travessão) e uma organização espacial (parágrafo a cada mudança de fala de personagem) permite uma compreensão de quem fala em cada momento, facilitando para o leitor.

Um real entardecer

Este texto apresenta uma organização de discurso direto mais simples: sempre uma introdução da fala do personagem pelo narrador antes, compondo a estrutura clássica: narrador, dois-pontos, parágrafo, travessão, fala do personagem. Faça-os observar esta forma de estruturação e compare com outras, como a que aparece no texto anterior, *A abobrinha*.

Pé-com-salto, pé-sem-salto??? — 1ª, 2ª e 3ª partes

Em todas elas retiramos toda a pontuação expressiva, interna e do diálogo. Os alunos devem ler o texto e descobri-la. Use a situação para discutir e ajudá-los a ampliar a compreensão sobre a pontuação. Nosso objetivo não é o certo e o errado, mas a reflexão. Em vários momentos há mais de uma solução possível. Aceite-as.

Ao realizar a 3ª parte, leia o final da história para os alunos e peça que façam os desenhos solicitados. Aproveite a situação para analisar os jogos de humor produzidos pela brincadeira do salto, a-saltado, des-saltado.

No caso de discurso direto de nível 3, o parágrafo aparece, mas a criança só faz a organização espacial correta no início do discurso direto. Como interferir nestes casos? O que é preciso que eles compreendam?

É preciso que eles tomem consciência da natureza da informação que vem depois da fala do personagem:

a) Quando o que o narrador diz é uma explicação ou se refere ao personagem, aparece na mesma linha. Exemplo:

— Tata! Lela! Ana! Aaaai, minha perninha! — *gemia Quito esfregando a canela.* — Venham cá, depressa!

— Venham ver o que está escrito na parede, venham — *avisava Quito, assustado*.

b) Quando o que se segue à fala do personagem é um novo momento dentro da narração, não se referindo ou explicando aquilo que o personagem disse, deve-se fazer parágrafo. Exemplo:

Foi quando da saia da frente, vovó gritou:

— Socorro!

Os três correram pra lá. A cadeira de balanço tinha agarrado Tata com os braços de madeira, e ela não podia se levantar.

Para que os alunos percebam esta distinção, ler com eles um texto que tenha esta variedade toda de combinações, perguntando por que eles acham que às vezes fica na mesma linha, às vezes muda.

Feita a descoberta, registrá-la no Caderno de Descobertas e partir para as atividades de sistematização:

1) Oferecer textos com discurso direto, escritos todos em seguida, para que reescrevam organizando em parágrafos. Neste momento, a pontuação é dada, apenas a organização espacial é que não.

2) Quebra-cabeça de texto para organizarem em grupo.

3) Jogo dos sete erros, incluindo erros de organização de discurso direto.

Após a sistematização, caso você sinta que sua classe está organizando o texto com tranqüilidade, passe para a etapa seguinte. Se você sentir que eles precisam trabalhar mais para se soltar na escrita, deixe esta etapa para a 3ª série, sem problemas.

A 4ª etapa desse trabalho corresponde à descoberta dos outros elementos que podem substituir a introdução da fala do personagem pelo narrador através do famoso "E ele disse". Esta etapa será trabalho da 3ª série. A utilização do narrador intercalado à fala do personagem pode ser trabalhada na discussão de quando o narrador fica na mesma linha e quando muda de linha. O restante pode ser desenvolvido apenas na 3ª série.

Que história?!?

Esta atividade é uma síntese de tudo o que foi trabalhado até agora em pontuação expressiva, interna, discurso direto e paragrafação. Para ser realizada com sucesso é necessário que o professor siga cuidadosamente os passos sugeridos. São eles:

Peça que observem o texto e tentem descobrir tudo o que as marcas presentes podem indicar. É um exercício de dedução. Vá fazendo perguntas que dirija-lhes o olhar, tais como: *Vocês imaginam que seja um texto literário ou informativo?* (Só pode ser literário, pois os informativos não apresentam diálogo); *Quantos personagens podem estar presentes?* (dois, no máximo três, pois não há interferência de narrador o tempo todo); *O que os personagens poderiam estar conversando? Observem a progressão da pontuação, como os pontos vão crescendo e indicando uma intensidade. Que assuntos poderiam levar as pessoas a estes sentimentos?* Ouça-os, faça uma listagem de situações possíveis sugeridas por eles e, por fim, peça que redijam um texto que siga o mesmo caminho, que tenha diálogos e narrador e no qual as pessoas conversem de tal forma que haja uma progressão na discussão. Não é para seguirem linha a linha, só o "espírito do texto".

Textos concluídos, faça uma sessão de leitura em voz alta e troque as soluções entre eles. É muito divertido ver a diversidade de criação!

A repetição de palavras

Freqüentemente as crianças utilizam a repetição de palavras (do nome do personagem ou o pronome pessoal) como forma de manter a unidade das idéias ao longo do texto. É um recurso que encerra sabedoria: para fazer isso a criança precisa ter descoberto que é preciso que algo se mantenha para que o fio textual não se perca. Mas, por outro lado, um texto com repetição de palavras é linguisticamente fraco. Há soluções melhores para se manter este fio textual e é isto que queremos que eles descubram com o trabalho.

Substituir o nome ou pronome pessoal por outros elementos não é nada simples. Reconhecer que a elipse (não ter nada escrito quando digo *Comi* e saber que isto já quer dizer *Eu comi*), que *seu, dele, nosso*, ou um sinônimo do nome possa significar a mesma coisa que *ele*, nada tem de óbvio para a criança. Por tudo isso é que a substituição da repetição pelos elementos próprios da escrita é uma conquista gradativa e cheia de conflitos cognitivos a serem superados.

Para ajudá-los a refletir sugerimos a atividade do *Livro do Aluno*:

Escafandristas

Leia o texto para a classe como está escrito no *Livro do Aluno*, e pergunte se acham que está bom daquele jeito. Geralmente eles protestam. Caso não protestem, deixe por isso mesmo, converse sobre o conteúdo do texto e retorne à atividade em um momento posterior. Se protestarem, sugira-lhes que reescrevam em grupo evitando que a palavra *escafandristas* seja repetida tantas vezes. No momento da correção permaneça voltado para o pensamento das crianças, buscando compreender como pensaram para solucionar o problema e não só para o certo e o errado. Normalmente eles não conseguem resolver de forma ideal todas as situações, mas não se preocupe, pois será apresentada a solução do autor para confronto.

Ao apresentar a solução do autor, vá confrontando com a deles como duas soluções possíveis e não como acerta e a errada. Neste momento, muitas possibilidades passam a ser observadas. Vá escrevendo com eles tudo o que descobriram, para registro no Caderno de Descobertas. Esta síntese é essencial para que o conhecimento se organize internamente. Peça depois que, em outro dia, façam a atividade:

Algumas coisas sobre o gato...

Esta atividade pode ser realizada em grupo ou individualmente. Seu objetivo é o emprego de todo o conhecimento adquirido na atividade dos Escafandristas. Caso ache necessário, além destas duas sugeridas por nós, crie outras semelhantes.

Respostas das atividades do Módulo III

Pontos extintos?!?

Colocamos esta atividade para que percebam a importância da pontuação e para que o professor observe como eles estão pensando. Nosso objetivo não é o de que aceitem, mas o de que reflitam. Para atingi-lo, discuta com eles. Aqui estão algumas soluções possíveis:

Tudo ia muito bem(, ou;) o povo já estava até se acostumando(,) quando um dia o relógio deu pra falhar(.) Mas não era por falta de corda(,) não(.)

Rouquidão ficou encarregado de dar corda todos os dias(: ou) E era a primeira coisa que ele fazia quando acordava(.) Também não era por excesso de corda(: ou, ou.) Feito gente chata(,) que a gente dá muita corda e ela acaba tomando conta da festa. Era uma falha normal, como acontece com toda máquina.

Ao discutir com os alunos as soluções, verifique com eles qual a que vai deixar mais claras as idéias e ao mesmo tempo traduzir melhor as emoções. Esta é, provavelmente, a melhor solução.

Pontos extintos?!? — 2ª parte

Promova a leitura dos textos pontuados, verificando a pontuação e entendimento da história. Dar ênfase à discussão das possibilidades de pontuação e sua importância para um bom entendimento do texto.

Quando o povo levantava para trabalhar(,) o relógio batia a hora do almoço(ou !) Dona Queridinha abria sua quitanda bem cedo(,) para vender pão(,) leite e manteiga ao povo do reino (ou.) Mas o relógio marcava meio-dia(... ou, ou!) Fernandinho acordava cedinho todos os dias (, ou sem nada) para ir à escola(, ou.) E o relógio marcava 11 horas.

Não! Só deslocados!!!

Os soldados nem ligavam. Eles estavam até se divertindo com toda aquela confusão.

Toda vez que o rei queria saber as horas, os soldados diziam que eram tantas horas só para o rei pensar que estava tudo em ordem e quando o rei chegava perto da torre do castelo, os soldados cobriam o relógio com um pano preto.

— É para proteger o relógio do sol, Majestade. Está um dia muito quente.

E o rei acreditava, mesmo que fosse noite e estivesse fazendo um frio de bater queixo.

Pra falar a verdade, o rei era muito bobo. Ele acreditava em tudo o que os soldados diziam. Se os soldados dissessem que os peixes beberam toda a água do rio que passava em frente ao castelo, o rei acreditava. Se. dissessem que aquele dragão malvado, que cuspia fogo pra todo lado, ameaçou botar fogo na chuva, o rei acreditava.

Ai... Ui... Que picada...

Queremos que percebam que a pontuação separa cada uma das informações do texto. Esta atividade costuma gerar muita polêmica entre eles, mas ela é necessária para que os pontos de vista fiquem claros. **Poderão, depois, verificar que onde puseram uma barrinha há uma pontuação**. É este o critério que usarão, de agora em diante, para pontuar. Registre esta descoberta com eles no Caderno de Descobertas.

Pé-com-salto, pé-sem-salto??? — 1ª parte

Faça a leitura do texto com a classe, dando destaque aos sentimentos do sapato, para que os alunos percebam a importância da pontuação para a sua tradução. Aproveite para discutir o jogo feito pela autora com as palavras assaltado, o salto, a-saltado e des-saltado, retomando a discussão da importância do espaço e, no caso deste texto, a chance de produzir humor.

Retiramos as letras maiúsculas propositadamente, para evitar que sejam pistas da solução da pontuação.

Pé-com-salto, pé-sem-salto — Laís Carr Ribeiro

O sapato estava andando pela cidade.

Quando voltou para o armário, se queixou para o cabide:

— Veja só! Fui assaltado, me roubaram o salto e agora fiquei a-saltado. Não se pode mais andar pela cidade hoje em dia!

O cabide entortou o pescoço e curvou os ombros para ver o pé de sapato des-saltado.

— Santo boi, amigo sapato! Você ficou sem um pedaço! Precisa de cuidados urgentes. Que tal um transplante de salto?

Pé-com-salto, pé-sem-salto — 2ª parte

Continue a leitura atenta do texto, dando destaque aos diálogos e aos sentimentos do sapato naquela busca interminável, para que os alunos percebam a necessidade de pontuá-los de forma a traduzir a emoção.

O sapato saiu mancando e foi bater na porta do sapateiro:

— Nada feito, vizinho. O estoque de saltos acabou. Por que você não procura a fábrica?

O sapato então foi até a fábrica:

— Nada feito, meu filho. Não temos mais nada aqui, já mandamos tudo para as lojas.

O sapato tentou o supermercado:

— Nada feito, freguês. Aqui só tem sapato completo. Por que você não procura um sapateiro?

Pé-com-salto, pé-sem-salto — 3ª parte

É importante que, na leitura feita, os alunos percebam a falta da vírgula e sua importância para o entendimento do texto.

Promover a leitura dos trabalhos, analisando e discutindo os vários finais apresentados.

O sapato já estava desanimado. Foi aí que apareceu o cavalo:

— Que é isso, compadre sapato? Você está mancando?

— Eu fui assaltado na cidade e me levaram o salto. O cabide me mandou para o sapateiro, que me mandou para a fábrica, que me mandou para o supermercado, que me mandou de volta para o sapateiro. E o diabo é que salto, sozinho, ninguém tem!

— Não fique triste, compadre sapato. Eu também já perdi meu salto. Manquei uma semana, mas descobri onde tinha. Acho que posso ajudar você.

Final da história:

No fim da tarde, o sapato voltou para o armário, saltando de alegria e fazendo um barulho danado!

— Que é isso, amigo sapato? Moda nova? — perguntou o cabide.

O sapato virou de costas e mostrou orgulhosíssimo o novo salto: uma ferradura brilhando, novinha em folha!

A lenda dos diamantes — 1ª parte

1. Resposta pessoal dos alunos. Eles costumam dizer que não está bem escrito porque há muitos *daí*. Este é nosso objetivo

2. Aceite as soluções dos alunos depois de discuti-las. Não adianta oferecer uma solução ideal se eles não conseguem compreendê-la.

3. Peça que eles observem, na prática, quais os recursos que utilizaram. Observarão que em alguns momentos houve a elipse (não se pôs nada), em outros usouse uma pon-

tuação (pontos ou vírgulas), em outro ainda colocou-se uma expressão, por exemexemplo, *um dia*.

A lenda dos diamantes — 2ª parte

Seguir as mesmas orientações da 1ª parte. Continuar fazendo a atividade em grupo.

A lenda dos diamantes — 3ª parte

Seguir as mesmas orientações da 1ª e 2ª partes, só que, agora, o trabalho deverá realizar-se individualmente.

Texto original

A história aconteceu há muito tempo, numa taba de índios que ficava perto de um rio. Lá morava um casal muito feliz. O nome do marido era Itagibá, que quer dizer *braço forte*. Ele era um guerreiro forte e corajoso. A mulher chamava-se Potira. Potira quer dizer *flor* e ela era mesmo bonita como uma flor.

Um dia começou uma guerra contra outra tribo de índios.

Itagibá teve que partir para a guerra, junto com os outros guerreiros de sua tribo. Ele ficou muito triste quando teve que se despedir e deixar a sua mulher.

Potira ficou na margem do rio acompanhando com os olhos a canoa em que ia Itagibá. Potira quase não agüentava sua tristeza, mas não derramou uma só lágrima.

Passaram-se muitos dias e Itagibá não voltava.

Todos os dias a índia Potira ia para a margem do rio esperar a volta do marido. Ela estava com muitas saudades dele.

Até que um dia alguns índios voltaram para a taba e contaram para Potira que Itagibá tinha morrido.

A índia Potira chorou muito. Ela passou o resto da vida na beira do rio, chorando de saudade.

As lágrimas brilhantes de Porita foram se misturando com a areia do rio.

O sofrimento da índia foi tão grande, que o deus Tupã ficou impressionado. E para que todos se lembrassem do grande amor de Potira, Tupã transformou suas lágrimas em diamantes.

É por isso que os mineiros encontram os diamantes misturados no cascalho dos rios. O brilho dessas pedras faz lembrar as lágrimas de saudade da índia Potira.

Escafandristas

Os escafandristas são mergulhadores que salvam embarcações e náufragos, vistoriam cascos de navios, retiram hélices e lemes para consertos, fazem montagens de canalizações submarinas. Só colocar o equipamento que eles usam já é uma aventura: roupa de mergulho à prova d'água, uma bomba de ar, um capacete que os protege contra as variações de pressão no fundo do mar, um par de pesadas botas (para mantê-los na posição vertical) e um cabo-guia para fornecer oxigênio ou para caso de emergência, puxando o mergulhador à superfície.

Algumas coisas sobre o gato...

Poderão observar que a simples omissão é uma solução, ou o uso de certas palavras como *ele*, *seu*, o, ou o uso de sinônimos. Compare a solução deles e a da autora como alternativas possíveis.

O gato foi domesticado há cerca de 4 000 anos, no Egito, onde era adorado como um Deus.

Todos dizem que ele tem sete vidas, porque é tão ágil que, embora caia de grandes alturas, quase nunca lhe acontece nada porque cai de pé.

Os gatos são curiosos e brincalhões. Quando se zangam, sopram e se arqueiam. São muito limpos: passam horas se lambendo. À noite movimentam-se perfeitamente bem, sem bater em nada, porque seus olhos, ouvidos e bigodes formam uma espécie de radar.

As pupilas do gato são verticais e dilatam-se muito mais do que as do homem. Por isso o gato vê à noite, mesmo que só haja uma luzinha bem fraca. Tem uma espécie de almofadinha nas patas. Quando está quieto, deixa as unhas escondidas, metidas para dentro.

A mãe cuida muito dos filhotes enquanto eles são pequenos.

Também lhes ensina a caçar (se não houver um rato, pode usar uma barata). Quando os filhotes crescem, a mãe começa a afastá-los para que aprendam a ser virar sozinhos.

A abobrinha

Esperamos que observem que:

1. há travessão antes da fala do personagem em oposição à ausência de travessão antes da fala de narrador;
2. ao passar de um personagem para outro, ou para o narrador, há mudança de parágrafo.

Um real entardecer...

1. Pontuações do diálogo: dois-pontos, parágrafo e travessão.
2. O texto é formado por 17 parágrafos.
3. Os dois-pontos.
4. Promova a leitura dos trabalhos executados para que os alunos percebam os vários finais que cada um pôde dar à mesma história.

MÓDULO IV — Paragrafação

Reflexões sobre o parágrafo

O parágrafo é uma longa e difícil conquista do jovem escritor, encerrando uma série de dificuldades. Normalmente, ensina-se às crianças que se muda de parágrafo quando "vai-se mudar de assunto" e sua sistematização costuma ser trabalhada através da correção, ou seja, no texto escrito pela criança, assinala-se de alguma forma a ausência do parágrafo, ou seu uso inadequado, mostrando a forma correta. Ao dar uma explicação para a correção, repete-se a mesma frase de sempre: "Tinha que ter parágrafo porque mudou de assunto".

Consideramos que este tipo de intervenção apresenta alguns problemas, além de ser insuficiente para a criança dar conta de todos os aspectos envolvidos na questão.

Como já foi exposto no *Manual do Professor* da 1ª série, a criança passa por vários momentos durante a investigação deste elemento textual:

1) Há um momento de indiferenciação, quando a criança não enxerga o parágrafo, e, portanto, escreve em um único bloco.
2) Ao começar a observá-lo, fragmenta o texto em grandes blocos, geralmente dois ou três.
3) Freqüentemente, ao momento dos grandes blocos, sucede-se o parágrafo simples, quando a criança "escreve uma idéia em cada parágrafo".
4) A próxima conquista costuma ser a possibilidade do parágrafo complexo, que surge primeiramente de forma inadequada.
5) Conquista-se o parágrafo formal.

Todo este longo processo leva tempo. O trabalho proposto para a 1ª série pretende transformar o parágrafo em algo observável para a criança em sua dimensão espacial, e iniciar uma reflexão assistemática sobre as razões da paragrafação.

Com o trabalho proposto no ano anterior, as crianças costumam iniciar a 2ª série utilizando grandes blocos e alguns parágrafos simples. Como dar agora um referencial para decidirem como pensar para paragrafar?

Como paragrafar?

O trabalho que será proposto pede algumas explicações prévias.

A imagem é uma forma de comunicação muito forte em nossa sociedade e tem uma linguagem de compreensão quase direta para as crianças. O texto imagético apresenta elementos e uma organização, enquanto sistema, bastante semelhantes à linguagem escrita. Para compreender melhor, faça o seguinte:

1) Pegue uma folha de papel meio grosso, tipo sulfite, e com ele faça um cone, deixando um pequeno orifício na ponta. Coloque-o sobre um dos olhos e deixe o outro fechado.
2) Experimente, agora, explorar o mundo a partir deste pequeno orifício, movimentando o papel de tal forma que o pequeno orifício ora se abra, ora se feche, como se fosse o movimento das lentes de uma máquina de filmar.

3) Experimente mudanças de plano, abrindo e fechando o orifício, olhando o mesmo objeto por diferentes ângulos. Saiba que cada mudança de plano de sua máquina de filmar corresponde a uma mudança de parágrafo na escrita!

Peça a seus alunos que façam “máquinas de filmar” e que brinquem de *camera men*. Eles costumam entrar na brincadeira com muito desejo. Faça uma dramatização para os alunos “filmarem”, peça-lhes que façam um documentário da escola, por exemplo, deixando-os brincar e explorar à vontade, para que façam todas as descobertas possíveis.

Descobertas feitas, chame-os de volta e converse com eles sobre o que descobriram.

Deixe-os falar livremente e, através de perguntas, faça-os observar que o mesmo objeto ou pessoa, quando observados por ângulos diversos, mostram-se diferentes.

Proponha em seguida que assistam à televisão e observem quando e como a câmera vai se movimentando. Amplie as descobertas que fizeram através da troca das observações.

Após a discussão, proponha-lhes o seguinte: faça um desenho grande na lousa, ou pendure uma gravura grande e diga-lhes que você vai ser o narrador de uma história que você vai inventar sobre ela, e que eles serão os cineastas que irão filmar a história que está sendo contada. Todos devem pegar suas “câmeras”, imaginar a história que está sendo contada e fazer a filmagem.

Após esta atividade, escolha um texto, de preferência informativo, pois apresenta uma paragrafação mais gramatical e de fácil observação, e peça para irem transformando em “filme na cabeça” enquanto você o lê para a classe em voz alta. As crianças devem olhar para o texto e mexer a “câmera” ao longo da leitura. Terminada a atividade, o professor pergunta para os alunos o que acontecia na escrita quando eles mudavam o foco da “câmera”. Poderão observar, então, que cada mudança de foco correspondia a um novo parágrafo.

Às vezes a relação entre a mudança de foco e a paragrafação não é observada pelas crianças. Quando isto acontece, é interessante que o texto seja relido e, a cada mudança de câmera que alguém fizer, a classe deve discutir se mudou e por quê. Esta atividade, além de facilitar o trabalho de descoberta do parágrafo, permite que a criança compreenda que o prazer de ler vem da possibilidade de se transformar palavras em imagens, de se fazer “filme na cabeça”, descobrindo assim um novo plano de relação textual.

Observem que o trabalho começa de uma forma livre e lúdica, relaciona as linguagens em um trabalho mais concreto (filmagem—imagem) e depois em um plano mais abstrato (filmagem—texto escrito). Esta gradação é importante para que as relações estabelecidas construam-se de forma significativa para as crianças.

Para sistematizar a paragrafação, propomos atividades de discussão dos parágrafos em textos de autores publicados. Atenção especial durante a escrita de textos coletivos e reestruturas são formas importantes e eficientes de sistematização.

Além dessas situações, há no *Livro do Aluno* atividades com textos sem paragrafação ou com parágrafos indevidos, para que os alunos organizem e reescrevam, em grupos ou individualmente. São elas:

O fazendeiro, seu filho e o burro
Pára e grafa... O parágrafo
Pedrinho. Esqueleto?!
Quebra a cabeça

O fazendeiro, seu filho e o burro

Ao organizar o texto parte em parágrafos, parte sem eles, queremos que sintam a falta que fazem para o leitor. Escolhemos um trecho com discurso direto e parágrafos de narração misturados para que possam aplicar todos os conhecimentos em jogo.

Pára e grafa... O parágrafo

Debata com seus alunos qual das quatro versões está mais adequada. Para isso, proponha a análise atenta e minuciosa de cada uma das versões, a fim de que eles percebam que a forma como se parágrafo um texto provoca transformações no olhar do leitor. Não trabalharemos com a idéia de certo ou errado, mas com as mudanças que cada escolha provoca.

Na versão 1, sem nenhum parágrafo, a sensação provocada é a de devaneio. É como se tudo fosse um fluxo só de pensamento.

Na versão 2, os parágrafos organizam as informações em blocos de idéias, como se fossem momentos. Ao fazer isso diminuem a velocidade do texto, diminuem a idéia de devaneio livre, ficando um texto mais racional.

Na versão 3, há um misto das sensações das versões 1 e 2. A idéia de devaneio fica marcada no primeiro parágrafo e é rompida ao se iniciar o segundo parágrafo.

A versão 4 é, a nosso ver, a única inadequada. A divisão do texto de forma a se colocar uma informação em cada parágrafo desintegra as idéias.

Mais do que saber qual é a solução do autor, discutir as diferenças de sensação produzidas é, para nós, o essencial.

Pedrinho. Esqueleto?!

Nesta atividade pedimos um exercício de adaptação da criança a um pensamento externo ao dela: descobrir como a autora paragrafou para organizar o texto em cinco parágrafos. É interessante que seja feito em equipe para que haja contraposição de idéias e, na correção, centrar-se no debate e não na oferta simplesmente de uma solução correta.

Quebre a cabeça

Esta atividade envolve uma série de objetivos: raciocínio lógico para pensar a ordem das tirinhas; interpretação de texto para compreender bem a mensagem e organizar as tiras; conhecimento lingüístico elaborado para levar em consideração a presença ou a ausência de letra maiúscula, parágrafo, pontuação, etc.

Há uma solução do autor dada nas respostas no fim desse módulo, mas o professor deve aceitar outras soluções que as crianças tragam e que também tenham sentido.

Ao pedirmos que copiem o texto depois de montado, eles terão que marcar na forma de escrever tudo o que consideraram para organizar as tirinhas, ou seja, quando está na outra tira e eu ponho na mesma linha e quando está na outra tira e eu também mudo de linha. Para realizar essa tarefa terão que aplicar todo o conhecimento adquirido. Aproveite a correção da atividade para discutir e rever estas questões que são práticas, mas encerram problemas conceituais para serem resolvidos.

Respostas das atividades do Módulo IV

Pára e grafa... O parágrafo

Aversão 3 é a solução do autor, mas não se esqueça de ler as instruções para a realização da atividade, pois a resposta correta não é nosso principal objetivo.

Pedrinho. Esqueleto?!

A gente tem fama de menino levado, mas nada disso é verdade. Nós somos até bem comportados e tudo o que aconteceu foi por puro acaso.

A confusão foi porque a gente teve que esconder o Pedrinho, depois que ele virou esqueleto, pra não assustar a faxineira. Mas é melhor começar a estória do começo.

Na Escola tem laboratório de física, pra ensinar os meninos grandes. De manhã, nas aulas dos pequenos, nós descobrimos que ninguém vai lá.

Era divertido ver aquele monte de aparelhos, botõezinhos, ponteiros, vidrões e vidrinhos.

No começo, ninguém mexeu em nada. A gente só olhou.

Quebre a cabeça

— Tudo pronto para a viagem! — desabafou o Lambari, dono do Circo Bagunça Bem-Feita.

Depois de três dias de viagem por uma estrada de terra seca, engolindo muita poeira, os dois velhos caminhões chegaram em Flor do Mato.

Flor do Mato era tão pequena que nem aparecia no mapa. Apesar do tamanho pequenino da cidade, seus moradores receberam os artistas do circo com muito carinho, festa e alegria. Era a primeira vez que um circo de verdade, com palhaço e mágico, ia dar espetáculos naquela cidade.

Nos dias seguintes foi aquele alvoroço, todo mundo ajudando, erguendo mastros, fincando estacas, esticando a lona, instalando cadeiras e arquibancadas.

O palhaço Mocotó lavou sua roupa de algodão colorida e pendurou num varal para secar. Escovou a peruca e lustrou o nariz de bola vermelha.

A Mulher Barbada alisou e penteou a barba, depois de lavá-la com xampu de babosa.

Enquanto os artistas cuidavam de suas coisas, o circo ia sendo instalado, com a ajuda dos moradores.

— Bate estaca aqui!

— Ui, ui... ai meu dedo.

Com toda essa ajuda tudo ficou pronto para a estréia do circo em menos de uma semana.

— Tudo pronto para a estréia! — gritou satisfeito o Lambari.

MÓDULO V — Letras maiúsculas

Durante a 1ª série foi apresentado o uso da letra maiúscula em nomes próprios. Não insistimos em sua sistematização por acharmos que ela só teria significado após terem trabalhado com pontuação interna e paragrafação, que são assuntos da 2ª série.

É chegado portanto o momento.

Nosso objetivo no trabalho é que percebam que ela deve ser utilizada:

1) no início do parágrafo;

2) depois de determinadas pontuações;

Ï3) em nomes próprios.

Estratégia

Este trabalho deve ser realizado depois que os alunos já tiverem concluído parte do trabalho de pontuação e paragrafação. Peça-lhes que, reunidos em grupo, façam a atividade **Aprendendo a escolher** do *Livro do Aluno*.

Aprendendo a escolher

Nosso objetivo é que observem os casos em que a letra maiúscula aparece de forma sistemática e não sistemática. Seu uso, que parece tão simples para o adulto, encerra uma série de dificuldades conceituais e relação com outros conceitos. São especialmente estas relações que pretendemos ajudá-los a estabelecer.

Com as questões de 1 a 4, queremos que observem que:

1) depois do espaço do parágrafo sempre virá uma letra maiúscula;

2) depois de ponto final sempre virá letra maiúscula;

3) depois de travessão pode vir letra maiúscula ou minúscula. Ao fazerem esta constatação, pergunte-lhes se descobrem o que vai indicar para eles quando usar maiúscula ou minúscula. Poderão observar que, quando for início da fala do personagem, é sempre maiúscula, quando for travessão para separar a fala do narrador da do personagem, aparece a letra minúscula.

4) depois da vírgula costuma aparecer a letra minúscula, mas também pode aparecer a maiúscula. Peça novamente que eles analisem quando aparece uma ou outra. Poderão constatar que normalmente é minúscula, mas se depois da vírgula for nome próprio, será maiúscula.

A questão 5 cria o espaço para o registro das descobertas feitas na questão anterior. As respostas são objetivas.

Na questão 6, queremos que as crianças tenham a certeza de que é o contexto em que a palavra está inserida que vai determinar se a letra é maiúscula ou não.

De lição de casa o professor pode pedir que os alunos recortem um trecho qualquer de jornal ou revista, pintem as maiúsculas todas que aparecerem e digam por que foram usadas em cada um dos casos.

No *Livro do Aluno* também encontramos as atividades:

O que está esquisito?

É um jogo de correção de erros para ser feito em duplas. Seu objetivo é que analisem o uso das maiúsculas. A maiúscula deveria estar presente no título, no início do parágrafo, depois de ponto interno, e nos nomes próprios *Antigüidade* e *Pré-história*. Acreditamos que estes dois últimos sejam de difícil descoberta para as crianças, mas podem propiciar uma interessante discussão sobre o uso da maiúscula no nome das matérias escolares, e nas épocas da História.

O que continua esquisito?

É a mesma proposta do exercício anterior, mas agora não damos a quantidade de pontos a serem corrigidos, o que permite ao professor observar com maior nitidez quais os aspectos que eles já observam ou não. É sempre possível neste tipo de situação algumas crianças corrigirem ortografia de palavras que estão corretas, pontuação ou outra coisa qualquer. O erro deles deve ser lido como pista para o professor saber o que estão pensando e sabendo, para criar uma atividade que os ajude a progredir.

Convide-os a ler seus primeiros textos analisando se utilizaram letra maiúscula de modo impróprio ou mesmo se deixaram de utilizá-la. Proponha a troca dos textos entre a classe para a leitura e correção.

O que estava esquisito?

Continuando o mesmo texto e pensamento, damos agora as letras maiúsculas e pedimos que agrupem as que foram colocadas pela mesma razão. Pretendemos aqui fechar esta discussão sobre maiúsculas.

Acreditamos que a ultrapassagem deste nível de conhecimento se dê apenas por usos discursivos da letra maiúscula, quando seriam usadas para produzir algo especial para o leitor, como traduzir que o personagem está gritando, ou destacar as letras de um cartaz, etc. Estes usos serão gradativamente desvendados nos trabalhos de análise de texto ao longo dos anos.

Respostas das atividades do Módulo V

Aprendendo a escolher

1. a 4.

	maiúscula	minúscula
no início do parágrafo	X	
depois de ponto final	X	
depois de vírgula	X	X
depois de travessão	X	X

5. a) Só aparece letra maiúscula em início de parágrafo e depois de ponto final.
   b) Depois da vírgula aparecem letras minúscula e maiúscula.
   c) Depois da vírgula costuma aparecer a letra minúscula, mas quando depois dela vem nome próprio, aparece a maiúscula.

d) Depois o travessão aparecem letras maiúscula e minúscula.

Depois do travessão apareceu letra minúscula quando depois dele vinha uma fala do narrador.

Depois do travessão apareceu letra maiúscula quando vinha no início do parágrafo, iniciando a fala do personagem.

6. A palavra *um* aparece com maiúscula quando vem depois de um ponto e com minúscula quando está no meio da frase.

O que está esquisito?

A prata

A prata é um metal de cor branca brilhante que reflete intensamente a luz. **P**elo brilho e pela facilidade com que pode ser manipulada, a prata tem sido utilizada desde a **A**ntigüidade na manufatura de jóias, objetos de adorno e utensílios. **C**alcula-se que, desde a **P**ré-história até hoje, foram extraídas e trabalhadas cerca de 700 mil toneladas de prata.

1. Os parágrafos não começam com letra maiúscula. Os substantivos próprios não estão escritos com letras maiúsculas. Após os pontos não aparecem maiúsculas. Estas são as respostas esperadas por nós. Pode ser que as crianças não achem nada esquisito, ou que achem outras coisas. Ouça-as e ajude-as a compreender a relação entre pontuação, parágrafo e letra maiúscula.
2. As palavras já estão destacadas no texto acima.
3. Pede-se uma cópia do texto para corrigi-lo. Fazer as crianças observarem que em uma cópia não se altera nada do essencial, deve-se ter o modelo como base o tempo todo.

O que continua esquisito?

1.

No estado de pureza ela é mole e pouco resistente. **P**ara utilizá-la é preciso que esteja ligada a outros metais como o cobre, chumbo e ouro.

Sendo um metal precioso, a prata foi muito empregada na confecção de moedas. **P**or isso a prata ficou sendo um dos sinônimos de dinheiro na linguagem popular.

2. As palavras foram alteradas pois estavam iniciando parágrafo com letra minúscula e também apresentavam minúsculas depois do ponto final.

O que estava esquisito?

3. Iniciando período: É.

Depois de ponto final: As, E.

Em nomes próprios: Américas, Montanhas Rochosas, América do Norte, Andes, América do Sul, México, Canadá, Peru, Estados Unidos, Austrália, Alemanha, Japão.

4. Em minúscula porque no meio do período e em maiúscula porque, em um momento, ela está iniciando período e, em outro momento, está depois do ponto final.

MÓDULO VI — Tonicidade e acentuação

Tonicidade

O trabalho com tonicidade pode ser desencadeado a partir da música “Meu Caro Barão”, de Chico Buarque de Holanda, escrita para o filme dos Trapalhões, e que consta do *Construindo a escrita — Leitura e interpretação de textos – 2ª série*. Nesta música, várias palavras que são proparoxítonas estão como paroxítonas e aparecem no texto sublinhadas.

Toque a música para os alunos ouvirem e cantarem juntos e depois discuta oralmente sua significação.

Caso nenhum deles demonstre estranhamento em relação às palavras que são pronunciadas de forma errada, o professor pergunta o que acham que elas têm em comum. Espera-se que eles digam: "elas são faladas errado", "tinha que ser assim", "a sílaba forte é a outra e não a que eles falam na música". A partir dessas colocações, o professor desencadeia uma discussão:

1) *Vocês estão dizendo que a sílaba forte está no lugar errado. Será que só essas palavras têm sílaba forte ou outras também têm?* Peça que verifiquem nas palavras do próprio texto, e vão constatar que todas as palavras de mais de uma sílaba têm uma sílaba forte. Neste momento, registra-se essa descoberta no Caderno de Descobertas e nomeia-se a sílaba forte como sílaba tônica.
2) *Será que uma palavra pode ter mais de uma sílaba tônica?* Peça que verifiquem. Vão constatar que não.
3) Nomeie as sílabas fracas como sílabas átonas e pergunte se é possível haver mais de uma sílaba átona na palavra. Nova constatação, novo registro no Caderno de Descobertas.
4) Trabalhe, então, a sistematização dos conceitos de sílaba tônica e átona em algumas palavras e comece a preparar a ampliação do conceito de tonicidade. Realize uma pesquisa em outro texto que não seja o "Meu caro barão", pois o fato de haver palavras grafadas com erro atrapalha a atividade. Peça que organizem as palavras de um trecho de texto em um quadriculado, colocando cada sílaba em uma coluna, começando da última sílaba para a primeira. É o mesmo procedimento que já foi pedido na atividade *Brincando de não me olhe,* no trabalho de divisão silábica. Peça depois que, sem que você dê nenhuma "dica" de como fazer, marquem a sílaba tônica de todas as palavras que arrumaram na tabela. Poderão constatar que todas as palavras têm a tônica sempre nas três últimas sílabas. Não se preocupe se eles acertaram ou erraram a posição da tônica neste momento.

Nesse momento, conte para a classe que um dia os gramáticos também fizeram essa constatação e organizaram as palavras da língua pelo critério da posição da sílaba tônica. Depois deram um nome para cada posição: oxítona, paroxítona e proparoxítona. Peça que coloquem o nome correspondente no início de cada coluna e, oralmente, peça que expliquem cada uma dessas classificações, para depois registrarem o conceito no Caderno de Descobertas.

5) que verbalizem todas as descobertas que fizeram até agora. Poderão descobrir que:
   a) a sílaba tônica sempre cai nas três últimas sílabas da palavra;
   b) quando tem acento na palavra, a tônica é na sílaba acentuada;
   c) todas as proparoxítonas têm acento;
   d) quando a palavra não tem acento é difícil saber qual é a tônica.
6) Peça-lhes que observem quais os tipos de acentos que existem. Poderão constatar que existem os acentos agudo, circunflexo e grave. As crianças observarão que eles têm posição diferente acima da letra. Peça que vejam se eles podem aparecer sobre qualquer letra. Constatarão que não, que apenas sobre vogais. Peça que observem quando se usa um ou outro e ajude-os a descobrir as diferenças no som produzidas por cada um deles.
7) Provavelmente marcarão o til (˜) como acento. Aproveite a ocasião para discutir com eles e mostrar que o til não é acento, é marca de nasalização. Palavra com til é considerada palavra **sem** acento.

Como é difícil saber qual a sílaba tônica das palavras não acentuadas, proponha-lhes que façam uma pesquisa para ver se descobrem algo que facilite a localização da tônica das palavras sem acento.

Peça, então, como lição de casa, que classifiquem pela tonicidade todas as palavras de duas ou mais sílabas não acentuadas de um trecho de algum texto à escolha deles. É importante que este texto seja diferente para cada aluno, pois precisaremos trabalhar com uma amostragem da língua ampla o suficiente para podermos tirar as conclusões que serão pedidas a seguir.

A correção dessa atividade deverá ser feita na lousa e, depois que o professor houver organizado nas três colunas as palavras classificadas pelos alunos, poderá pedir que eles observem as listas e tirem conclusões.

Conclusões esperadas:

a) nenhuma palavra proparoxítona é não acentuada;

b) o maior número de palavras não acentuadas é paroxítona.

8) Peça, a seguir, que observem as terminações das palavras que são oxítonas e paroxítonas. Marque com giz colorido as terminações de tal forma que, ao concluir o exercício, os alunos constatarão que as paroxítonas terminam em **a**(s), **e**(s), **o**(s), **em** (ens), **am** e as oxítonas terminam em **r**, **l**, **x**, **z**, **ã** (s), **ão** (ãos, ões, ães), **i** (s), **u** (s), **im** (ins), **om** (ons), **um** (uns).

Às vezes, mesmo trabalhando com uma amostragem grande da língua, algumas terminações não aparecem. Neste caso, o professor deve sugerir: *E as palavras terminadas por tal letra serão oxítonas ou paroxítonas? Quem se lembra de alguma palavra que termine por tal letra e que não tenha acento?* Procedendo desta forma, garantir-se-á o trabalho com todas as terminações.

É muito importante que o professor saiba que ao trabalhar desta forma ele está colocando o aluno como um investigador da língua, que: está lhe oferecendo algo mais do que um recurso perceptivo (como normalmente se faz); está lhe proporcionando a possibilidade de se relacionar com a língua como um sistema, que possui leis de composição interna que organizam o que é ou não possível na língua.

É interessante trabalhar, neste momento, com atividades de sistematização que utilizam a terminação das palavras como recurso de decisão na classificação pela tonicidade, e não os tradicionais recursos perceptivos, ligados à pronúncia das palavras, como o truque de "falar a palavra como se estivesse perguntando", "modificar a posição da sílaba tônica na palavra, pronunciando como se fosse oxítona, depois paroxítona, depois proparoxítona, para verificar qual das pronúncias soa melhor", etc.

Ver no *Livro do Aluno* as atividades:

Labirinto

Preste atenção!!!

Inventando...

Fogo! Fogo"!

Festival das cores

Jogo-da-velha

Jogo de Stop

Labirinto

Organizar as palavras pelas quais passou e analisar o que têm em comum faz com que apliquem as descobertas feitas em tonicidade. É importante que o pensamento deles seja claro, pois a tonicidade será o recurso de decisão ortográfica de inúmeras questões trabalhadas neste e em outros anos.

Preste atenção!!!

É uma charada dentro do texto. Descobri-la implica trabalhar com raciocínio dedutivo e aplicar conceitos gramaticais trabalhados até então.

Inventando...

Nosso objetivo ao trabalhar com palavras inventadas é que os alunos percebam que mesmo de uma palavra que não existe, e portanto que nunca ouviram, é possível saber qual é a sílaba tônica, pela observação da letra final.

Fogo! Fogo!

Para descobrir a solução da atividade é preciso pensar simultaneamente em tonicidade e número de sílabas. Pensar assim, em duas variáveis simultâneas, desenvolve a inteligência e amplia a compreensão de texto!

O jogo de forca proposto na questão 5 é um desafio e tanto. Caso você observe que as crianças estão tendo excesso de dificuldade, vá dando dicas sobre o tipo de animal, alimentação, onde vive, etc. para facilitar. Nosso objetivo é o trabalho de dedução, a aplicação de conhecimentos de língua e a observação da posição da sílaba tônica. Todos eles se mantêm mesmo você dando algumas dicas.

Festival das cores

Para localizar as cores na cruzadinha o aluno deverá trabalhar por número de letras e cruzamento de uma letra com a outra nas colunas. Depois, observar a tonicidade. Bom divertimento!

Jogo-da-velha

Para resolvê-lo é preciso pensar simultaneamente em tonicidade e número de sílabas. Resolvendo o jogo-da-velha o aluno se diverte e fica mais inteligente. Fizemos várias tabelas para que possam brincar várias vezes e depois criar uma sozinho ou em grupo. Tabelas feitas, trocam entre si e um aluno resolve a do outro.

Jogo de *Stop*

Jogos de *Stop* já são velhos conhecidos das crianças. Dê as ordens a serem colocadas apenas na hora do jogo para que não possam resolvê-lo antes. O universo de palavras pode ser escolhido por você ou pela classe. Algumas sugestões são: nomes de comidas, cores, animais, cidades, objetos de uma casa, partes do corpo humano, etc.

A partir dessa sistematização, encontramo-nos em condições de iniciar nova ampliação conceitual, que será a acentuação.

Acentuação

Às vezes é difícil para o professor perceber que é possível compreender a acentuação em vez de se defrontar com ela como um conjunto de regras arbitrárias. Para ajudar os alunos a organizá-la, faça a si mesmo e para eles algumas perguntas:

— *Peguem qualquer livro, abram em qualquer página e observem as palavras. Há mais palavras acentuadas ou palavras não acentuadas?* Eles verificarão que há mais palavras não acentuadas.

— *Observem agora se essa diferença é grande ou pequena.* Eles verificarão que o número de palavras não acentuadas é muito superior ao de acentuadas.

— *Podemos dizer, então, que o "natural" da língua é a palavra não ser acentuada?* Sim.

— *Por que vocês acham, então, que algumas palavras são acentuadas? O que vocês acham que é o acento?* Nesse momento, trabalhe com as hipóteses que os alunos levantarem, procurando verificar com eles se são verdadeiras ou não. A partir das colocações feitas, ajude-os a perceber que, se o natural das palavras é não ter acento, o acento vai ser uma **marca de irregularidade** nesse **sistema** de tonicidade.

Parta em seguida para a verificação empírica, através da seguinte estratégia:

1) *Vocês se lembram como se comportam as palavras não acentuadas?* Recuperar o quadro das não acentuadas com os alunos e lançar a seguinte pergunta: *E se eu tiver uma palavra terminada em* ***e****, por exemplo, que deveria ser paroxítona, mas*

é oxítona? Por exemplo: escrevo Pele mas a palavra é oxítona (Pelé). Como posso avisar ao leitor que aquela palavra saiu da regularidade?

2) A partir desse momento, analisando as terminações naturais, os alunos podem deduzir as regras de acentuação.

É importante que o professor tenha consciência das conseqüências positivas desse procedimento:

a) As regras deixam de ser arbitrárias, ilógicas, para serem produto da análise e compreensão de um sistema de tonicidade que é próprio da língua.

b) A decisão do que é certo e do que é errado passa a ser definida pela própria língua e não pelo professor.

c) O conhecimento que se constitui em sistema pode ser resgatado a qualquer instante, prescindindo-se da memória, pois pode-se reconstruí-lo no instante que for necessário.

d) O aluno passa a pensar a partir da regra ou por dedução. Diante de uma palavra, por exemplo "caráter", para saber se ela tem acento ou não, é só pensar em outra com a mesma terminação e que se tenha certeza de que não tem acento. Por exemplo: comer é oxítona, *caráter* não, então marco a irregularidade com o acento.

Lidando com o sistema da língua, aos poucos eles vão descobrindo que:

a) todas as palavras proparoxítonas são acentuadas porque todas as terminações da língua já estão presentes nas oxítonas e paroxítonas;
b) quando o verbo se combina com o pronome oblíquo, para saber quais ficam acentuados ou não, é só pensar pelo mesmo princípio: *parti-lo* não tem acento porque é oxítono terminado em **i**, portanto está dentro da regularidade; *cantá-lo* tem acento porque a palavra terminada em **a** é naturalmente paroxítona, mas canta é oxítona, portanto, devemos marcar a irregularidade acentuando.

Feitas as descobertas, parte-se para as atividades de sistematização.

Veja, no *Livro do aluno*:
Descubra o segredo
Stop de lacunas
Jogo dos nove erros
Você sabe explicar?
Resta um
Estranha no ninho

Para a sistematização da acentuação, o professor deve preocupar-se em dar situações curtas e freqüentes. Não costuma produzir bom resultado aplicar exercícios estafantes e, depois de algum tempo, deixar o assunto de lado.

Alguns jogos ortográficos citados no **Apêndice** deste *Manual,* no item *Sugestões de jogos ortográficos para sistematização,* podem ser utilizados para sistematizar o trabalho de tonicidade e acentuação, fazendo-se apenas algumas modificações. São eles:

1) *Stop* no texto — alterar o pedido para oxítonas, ou paroxítonas acentuadas, ou paroxítonas irregulares, etc.
2) Soletrando — acrescentar a exigência de que as palavras tenham seu acento soletrado, pois caso contrário não valerá ponto.
3) *Stop* ortográfico — pode-se colocar na coluna de pedidos que a palavra seja "oxítona" ou "paroxítona" ou "proparoxítona", ou que seja acentuada.
4) Bingo de acentuação — fazer a escolha das palavras levando-se em consideração o aspecto de tonicidade.

No *Livro do Aluno* há algumas atividades destinadas à sistematização da acentuação:

Descubra o segredo

Nosso objetivo não é trabalhar o acento diferencial, mas que os alunos percebam que a presença ou ausência do acento pode mudar o sentido da palavra. Portanto, colocá-lo é muito importante. Este é o segredo mais importante que queremos que descubram!

Verifique se as crianças conhecem o significado de todas as palavras da atividade. Caso haja palavras que não conhecem, discuta o significado com elas.

Stop de lacunas

É um jogo do *Stop* como todos os outros já propostos no livro 1. Gostamos deste jogo porque a cada vez que se joga as palavras são outras, e portanto, ele nunca se repete. Essa estrutura aberta garante que se trabalhe com o vocabulário do grupo e a cada jogada é enorme o número de palavras possíveis de serem postas em questão.

Pode-se completar cada lacuna com uma letra ou com uma ou mais sílabas. Assim, por exemplo, na primeira linha podemos ter *pássaro*, *cárie*, *amável*, *ananás*. Como ganha mais pontos o grupo que não teve sua palavra repetida por nenhum outro, os alunos buscam as mais originais, saindo daquele universo cotidiano.

A pontuação do jogo segue as regras de sempre do *stop*:

1. Só você preencheu = 15 pontos
2. Sua palavra é diferente das outras = 10 pontos
3. Dois ou mais grupos puseram a mesma palavra = 5 pontos
4. Deixou em branco, ou tem erro de grafia = 0 ponto

Concluído o jogo, sugira que utilizem este universo de palavras em outras atividades ou jogos que você pode criar.

Sugestão: Convide os alunos a partilharem as palavras feitas. Proponha a cópia e a classificação pela sílaba tônica. Caso o número de palavras formadas pela classe tenha sido muito grande, divida a turma em fileiras e peça que uma turma copie as oxítonas, outra as paroxítonas e outra as proparoxítonas.

Jogo dos nove erros

É um exercício de revisão, postura importante de ser desenvolvida para que aprendam a rever seus próprios trabalhos. Procuramos cometer os mesmos erros que costumam cometer, para exigir deles uma consciência maior.

Você sabe explicar?

Nessa atividade retomamos as regras. Eles podem optar por responder pela regra tradicional ou pela irregularidade, pois demos os dois caminhos de pensamento ao longo do trabalho. Assim sendo, por exemplo, na primeira questão, "Você sabe explicar por que a palavra *caracol* não tem acento?", eles podem responder: Porque as palavras terminadas em **l** são oxítonas, *caracol*/também é, portanto não tem por que ter acento"; ou podem explicar assim: Só as paroxítonas terminadas em **l** é que têm acento"; ou algo semelhante. Aproveite para ajudá-los a aprimorar a formulação da explicação, pois todas as matérias exigirão isso deles.

Resta uma

Esse jogo, inspirado no tradicional jogo do mesmo nome, exige um raciocínio de exclusão elaborado e importantíssimo de ser desenvolvido nas pessoas. Esse é nosso objetivo, aproveitando os conceitos gramaticais como instrumento para desenvolvê-lo.

Oriente seus alunos a seguirem atentamente as regras do jogo, obedecendo aos critérios de eliminação. **Deixe que eles descubram o que deve ser eliminado**.

1. Eliminar as palavras que não são trissílabas.
2. Eliminar as que terminam com vogais.
3. Eliminar as paroxítonas.
4. Eliminar as não acentuadas.

Através das sucessivas eliminações, o aluno chegará à palavra-chave.

Através das perguntas que seguem o jogo, retomamos as reflexões feitas até então.

Estranha no ninho

Utilizando um universo menor de palavras, este jogo trabalha com os mesmos princípios e objetivos do anterior. Ao responder as questões, especialmente a questão 4, o aluno pode optar pela regra tradicional: As outras palavras têm acento porque toda oxítona terminada em **o** é acentuada; ou pode responder pela forma não convencional: Porque são oxítonas irregulares; ou o normal das palavras terminadas em **o** é ser paroxítona, essas são oxítonas, portanto marco a irregularidade.

A acentuação é um capítulo que inclui alguns aspectos que, através do trabalho proposto até então, ainda não foram desvendados. Há outras regras além das três principais, que incluem os hiatos acentuados, os ditongos abertos **éu**, **ói**, **éi** e os acentos diferenciais de certas formas verbais. Apesar da acentuação dos hiatos e dos ditongos abertos também poder ser pensada como irregularidade, reservaremos esta ampliação de extensão conceitual para mais tarde.

Respostas das atividades do Módulo VI

Labirinto

2. Frutas que ele comprou	Frutas que não comprou
abacaxi - limão - melão	laranja - mexerica - abacate
caqui - maçã - cajá	pêra - uva - pêssego - damasco
maracujá - mamão	morango - graviola - nectarina
	banana

3. Todas são oxítonas.

Preste atenção!!!

A palavra é: ATENÇÃO.

Inventando...

1.

oxítonas: bolaqueijão, alfaçudim, tortuchu, paçadoim, sanduichastel, bolocaxi, que jocarrão, milhorroz.

paroxtonas: lasanhoque, chocolanana, aboboralho, camarãoquinha, rocambonete, sopiros, maçuva, reporvilha e beterravagem.

2. exceção: picoléssego (proparoxítona).

Trabalhe a criatividade, questionando como as palavras foram formadas, que elementos se uniram para formá-la. Solicite que os alunos formem outras palavras, unindo dois ou mais nomes de animais.

Fogo! Fogo!

ja-ca-**ré**, le-**ão**, hi-po-**pó**-ta-mo, ta-man-du-**á**, tu-**ca**-no, chi-pan-**zé**.

1. Polissílabo e oxítono: tamanduá.
2. Trissílabo e paroxítono: tucano.
3. Oissílabo e oxítono: leão.
4. Polissílabo e proparoxítono: hipopótamo.
5. 1º quadro: formiga, gorila, pantera, onça, minhoca — paroxítonas

2º quadro: javali, canguru, gavião, rouxinol, escorpião — oxítonas

Festival das cores

1.

Horizontais: laranja, vermelho, roxo

Verticais: caramelo, preto, branco, lilás, rosa

2. Palavra diferente: lilás.
3. As outras palavras são paroxítonas.

Jogo-da-velha

Página 93:

1º quadro: 2ª coluna: oxítona — dissílaba — café

2º quadro: diagonal: lâmpada — proparoxítona — trissílaba

Página 94:

1º quadro: diagonal: paroxítona — Ricardo — trissílaba

2º quadro: 3º coluna: Anita — trissílaba — paroxítona

Página 95:

1ª quadro: 3ª linha: oxítona — feroz — dissílaba

2ª quadro: diagonal: cheirássemos — proparoxítona — polissílaba

Jogo de *Stop*

Retiramos os grupos semânticos para que os alunos não possam resolver o jogo antecipadamente.

Você pode colocar os grupos que quiser. Aqui vão algumas sugestões: nomes de pessoa, animal, fruta, sentimento, etc.

Aproveite a correção para ampliar o universo vocabular deles.

Descubra o segredo

1. bebe - bebê
   pele - Pelé
   medico - médico
   e - é
   esta - está
   incomoda - incômoda
   circulo - círculo
   camelo - camelô
   serio - sério
   pais - país
   duvida - dúvida
   pelo - pêlo
2. Outro dia, uma sábia mulher me perguntou:
   — Você sabia que o sabiá sabia assobiar?

***Stop* de lacunas**

Exemplos: na primeira lacuna, podemos ter palavras como: pás, ananás, caráter e outras.

Jogo dos nove erros

Era uma vez.../magro **e** barrigudinho/Você **aí**/**Ela** não vai.../**nós** é que vamos **nela**./Como **você** se chama?/os outros **é** que me chamam de **Zé**.

Você sabe explicar?

O objetivo, nesta atividade, é que saibam recorrer às regras para justificar suas ações. Eles podem fazer esta justificativa de duas formas:

1. A palavra *caracol* não tem acento porque é oxítona e termina em **l**, portanto não precisa de acento. Ou: a palavra caracol não tem acento porque é uma oxítona regular.
2. A palavra *pele* não tem acento porque as palavras terminadas por **e** são naturalmente paroxítonas, e pele é paroxítona, portanto não há nenhuma irregularidade a ser marcada. A palavra Pelé, termina por **e**, deveria ser paroxítona mas não é, portanto marca-se a irregularidade com o acento. Pode-se também justificar pela regra: *Pelé* tem acento, porque acentuam-se as oxítonas terminadas em **e**, e *pele* não tem acento, porque não se acentuam as paroxítonas terminadas em **e**. Com certeza as crianças não dirão desta forma, ouça-as e ajude-as a formular a resposta, sempre usando as palavras das crianças e não esta forma adulta que expressamos aqui.
3. e 4. Estas são só brincadeiras com as crianças. As respostas: piolho e nariz.

Resta uma

1. A palavra que restou é: *armazém*.

2. proparoxítonas: sílaba, máscara, quilômetro, ângulo;

   paroxítonas: dedo, amável; caráter, quente, menina, parede, pólen, massagem, amarra, feitiço, cama;

   oxítonas: dominó, Guarani, armazém, avental, vatapá, bambu, comitê, café, você.

3. Terminam em: a(s), e(s), o(s), em

4. Terminam em: e, a, o, em

5. Os alunos deverão perceber que as terminações são as mesmas.

6. A palavra vatapá é acentuada porque é uma oxítona irregular, ou porque acentuam-se as palavras oxítonas terminadas por **a**.

7. Pode-se perceber que todas são acentuadas.

Estranha no ninho

1. e 2. Palavra a ser circulada: cabelo.

3. Porque ela não é oxítona e não tem acento como as demais.

4. Incentive o aluno a redigir com suas palavras. Nosso objetivo é que observe que todas as outras são oxítonas terminadas em **o**, portanto irregulares. Assim sendo, devem ser acentuadas para marcar a irregularidade da tonicidade.

MÓDULO VII — As letras G e J

A letra G

A razão de termos escolhido a letra **G** para investigação deve-se ao fato de muitas crianças na 2ª série ainda apresentarem dúvidas entre o **G** e o **GUE**; o **GE-GI** e o **JE-JI**. O princípio de investigação mantém o espírito das atividades realizadas ao longo da 1ª série:

1) Colhe-se uma amostra aleatória de palavras na língua e pensa-se estas palavras em suas múltiplas possibilidades de classificação e relação, buscando compreender de que maneira o sistema ortográfico se organiza em seus possíveis.
2) A partir desta análise levantam-se regras ou reflexões que possam ajudar o aluno a tomar decisões ortográficas em seus momentos de dúvida.

É importante considerar que as conclusões apresentadas por nós devem-se à análise de **nossa amostra e não devem ser transmitidas às crianças**, pois o que importa é que elas mesmas investiguem o sistema e tirem suas conclusões.

Para que este trabalho possa ser realizado plenamente é preciso que o professor esteja consciente de alguns princípios:

1) É importante que os alunos possam sentir-se capazes de investigar e produzir conhecimentos, o que implica que o professor não lhes dê as conclusões, mas que os coloque frente ao sistema da língua para desvendá-lo.
2) A amostra deve ser aleatória, ou seja, o professor não deve oferecer listas de palavras, (mas sim pedir que eles façam pesquisas em jornais, livros, revistas, para que se trabalhe com uma amostragem grande da língua.
3) O papel do professor será o do desequilibrador, ou seja, aquele que faz perguntas para que o olhar deles seja dirigido para determinados aspectos do sistema, mas sempre no sentido de perguntar, nunca dando as respostas, que devem ser buscadas na interação entre a criança e o objeto língua.
4) As observações feitas por cada aluno devem ser submetidas ao grupo para verificação, afim de evitar falsas generalizações.
5) As conclusões e regras tiradas devem ser registradas num caderno reservado para tal, o Caderno de Descobertas.

6) Caso ao longo do trabalho surjam novas conclusões ou alguma se apresente como parcial ou incorreta, deve-se acrescentá-las ou modificá-las, pois o objetivo de nosso trabalho é o da investigação científica, da discussão dos possíveis do sistema da língua e não o estabelecimento de verdades absolutas reveladas por uma autoridade suprema.

Estratégia

1) Peça aos alunos que pesquisem palavras que tenham a letra **G** em jornais e revistas e tragam para a classe o máximo de palavras que encontrarem.
2) No dia seguinte, reuna-os em pequenos grupos, peça que juntem todas as palavras encontradas e pintem com caneta de uma cor a letra **G** e com caneta de outra cor a letra seguinte ao **G**. Observarão que a letra **G** pode vir seguida de vogal ou consoante. Registre a as descobertas.
3) Peça, então, que organizem as palavras em dois grupos: as que apresentam **G + vogal** e as que apresentam **G + consoante.**

G + consoante

Diga-lhes que observem apenas as palavras que têm **G + consoante**, e que acionem "seu lado detetive" tentando descobrir o máximo de características que aquelas palavras têm em comum e que poderão ajudá-los a decidir alguma dúvida na hora de escrever.

Poderão, então, observar que:

a) O **G** seguido de consoante pode ser a primeira letra da sílaba (*grito*) ou a última letra da sílaba (*ignorante*).
b) Quando o **G** for a primeira letra da sílaba, depois dele só aparece **r** ou **l** (*glicose* ou *grito*), nunca outra consoante.
c) Quando o **G** for a última letra da sílaba, depois dele aparece quase sempre n (*repugnante*), ou às vezes **m** (*segmento*), ou **d** (*Magda*).
d) O **G** nunca é a última letra da palavra.
e) Há poucas palavras com **G** como última letra da sílaba.
f) Em nossa amostra apareceram mais palavras com **gr** do que com **gl**.
g) O **G + consoante** pode aparecer em qualquer sílaba da palavra.

Caso as observações não surjam espontaneamente das crianças, o professor pode dirigir-lhes o olhar através de perguntas como: *Vocês disseram que pode aparecer uma consoante depois do **G**. Pode ser qualquer uma ou apenas determinadas consoantes? Quais as posições na sílaba em que o **G** pode aparecer?,* e outras do tipo.

G + vogal

Peça em seguida que eles observem as palavras organizadas com **G + vogal** e descubram o que puderem. Poderão, então, observar que:

a) Há muitas palavras com **G + vogal**
b) Dependendo da vogal que vem depois, muda o som do **G** (GA-GO-GU) X (GUA-GUE-GUI) X (GE-GI)
c) O **G + vogal** pode aparecer em qualquer sílaba da palavra.
d) Depois da vogal pode aparecer tanto vogal como consoante.

Pedir em seguida que façam nova classificação, arrumando agora a partir do som. Pedem-se novas descobertas.

GA-GO-GU

a) É o grupo que tem mais palavras.
b) Não se confunde com nenhuma outra letra.
c) É sempre a primeira letra da sílaba.

d) Depois do GA-GO-GU pode aparecer uma consoante (*gosta*) ou uma vogal (*goela*).

e) Depois do GA-GO-GU pode aparecer qualquer vogal, sendo raro aparecer outra que seja igual (que dobre letra como **aa**, **oo**, etc.)

f) Quando depois do **u** vier o **a** ou **e** ou **i**, fica GUA, GUE, GUI.

GE-GI

a) O som do GE-GI é igual ao do JE-JI.

b) Pode aparecer em qualquer sílaba da palavra.

c) Depois do GE-GI pode aparecer vogal ou consoante. Se aparecer consoante, ela pode estar na mesma sílaba (gente) ou em outra sílaba (*geral)*.

d) Há menos palavras com GE-GI seguidos de vogal do que seguidos de consoante.

e) A maior parte das palavras em que depois do GE-GI vem vogal, a vogal está na outra sílaba (*contagiaram*).

GUA-GUE-GUI

a) Há um número pequeno de palavras com GUA-GUE-GUI.

b) Podem aparecer em qualquer sílaba.

c) O **G** sempre é a primeira letra da sílaba.

d) Em algumas palavras podem aparecer dois pontinhos em cima do **u** (trema) e o **u** passa a ser pronunciado.

e) Quando o trema aparece, sempre depois vem **e** ou **i**.

f) Há poucas palavras com GUO (águo, enxáguo).

g) Não existe “guu”.

Terminadas as descobertas, peça que guardem as palavras que usaram na investigação em envelopes separados, pois serão usadas posteriormente.

No *Livro do Aluno* encontramos algumas atividades para a sistematização destas descobertas:

Cruzes!!!

É uma cruzadinha de palavras com **G**. As palavras são lacunadas e o aluno deve deduzi-las pelo contexto da frase e o número de letras disponível no espaço em que devem ser encaixadas. Pode ser feita como lição de casa.

Corre... Corre!

É um labirinto onde os carros de corrida devem encontrar o caminho passando apenas por placas que tenham GE-GI em seus nomes. Também é uma atividade simples, que pode servir de lição de casa.

Quem faz o quê?

No caça-palavras há dezesseis nomes de profissionais. Depois de encontrá-los os alunos deverão observar as letras posteriores ao **G** para organizar as palavras nas colunas. Vale a pena neste momento o professor retomar as descobertas e verificar se elas são confirmadas pelas palavras do jogo.

Além do uso do **G**, chamamos a atenção para as terminações (sufixos) formadores de profissões. Procuramos aliar aqui o conteúdo de formação de palavras que será objeto de análise neste e nos próximos anos.

Cruzadinha

É uma cruzadinha de palavras com **G**. Pode ser feita como lição de casa.

Na 2ª questão, ao pedirmos que encaixem apenas as palavras que tenham a letra **G** nas casas corretas, estamos desenvolvendo um pensamento de classificação por dois atributos: tem que ter **g** e ser simultaneamente um instrumento musical, ou um alimento, etc.

Silabando

É uma cruzadinha diferente da tradicional. Nos quadradinhos vazios o aluno deve preencher com a **sílaba** que está faltando. Escolhemos **ga**, **ge**, **gi**, **go**, **gu**, **gua**, **gue**, **gui** por termos observado em nossa pesquisa de erros que as crianças de início de 2ª série ainda fazem muita confusão entre elas.

Caso queira transformar em jogo, proponha um tempo para a elaboração da atividade. Terminado o tempo proposto, o vencedor deverá fazer a leitura das palavras para a classe.

Utilize as palavras formadas para a elaboração de frases, separação de sílabas e a sua classificação, formação de palavras derivadas (ex.: gaveta — gaveteiro — engavetar — gavetinha), etc.

Quem mais é da família?

Perceber que umas palavras são formadas de outras, ou seja, pertencem à mesma família, é importante para que:

a) compreendam mais um elemento do sistema da língua,

b) descubram o significado de palavras, e

c) possam perceber a utilidade desse conceito em Ortografia: se a palavra é da mesma família, deve ser escrita com a mesma letra. Este é o objetivo desta atividade.

Não se esqueça de partilhar com a classe todas as descobertas de cada criança, ampliando o universo das famílias de palavras. Freqüentemente as crianças fazem falsas generalizações e começam a pensar que qualquer palavra parecida é da mesma família. Podem achar, por exemplo, que *gemer* e *gemada* são da mesma família. Não se assuste, isto é natural. Caso isso aconteça, peça que verifiquem o significado de uma e outra. Para ser da mesma família tem que haver algo comum no sentido. Com esse raciocínio eles poderão gradativamente ir ajustando seu pensamento.

Agora!!!

É mais um jogo de *Stop*. Marque um tempo para realizarem a tarefa e dê as instruções: os espaços devem ser preenchidos por uma ou mais letras, ou por uma ou várias sílabas. Por exemplo, a partir do 1ª espaço com **ga**, podemos formar *Gal*, *galo*, *galinha*, etc.

Concluído o jogo, aproveite o universo de palavras que obteve e monte outras atividades. Podem montar um caça-palavras utilizando algumas da lista para o colega resolver, podem fazer jogo das dicas, soletrando, ou criarem algo novo que não foi ainda sugerido neste livro!

A letra J

Uma vez que as crianças confundem GE-GI X JE-JI, vale a pena propor uma atividade de comparação entre as duas letras, em busca de reflexões que possam ajudá-las. Para tanto, peça que peguem as palavras que encontraram com GE-GI, e que pesquisem em casa palavras com a letra **J**.

Ao fazerem a lição de casa já poderão fazer a primeira e mais importante descoberta: 1) O número de palavras com **J** é muito pequeno.

Pede-se então que pintem a letra seguinte ao **J** e farão a segunda descoberta:

2) Depois do **J** só aparecem vogais, nunca uma consoante. O professor pede que observem se todas as vogais aparecem com a mesma freqüência, e poderão observar que as vogais que aparecem com maior freqüência são **a**, **o** e **u**. O número de palavras com JE-JI é muito pequeno. Ora, observar isto é muito importante, pois em momento de dúvida, arrisca-se **G**!

Comparando GE-GI X JE-JI, poderão observar que:

a) Há muitas palavras com GI "no meio" da palavra, enquanto com JI, há poucas, muito poucas e com significados estranhos (são palavras de origem indígena e pouco usuais).

b) Enquanto o JI quase nunca aparece no meio da palavra, o JE aparece em qualquer sílaba (*jeito — ajeitado — hoje*).

c) Em nossa amostra encontramos um grande número de palavras com GEM-GEN-GIN (*margem — agência — gincana*) enquanto não encontramos nenhuma palavra com JEMJEN-JIM-JIN. Ampliamos nossa pesquisa e vimos que existem algumas poucas (como *Jingas* — tribo de raça conguesa), mas que são palavras muito pouco usuais. Assim sendo, é válido que as crianças, em momento de dúvida, arrisquem **G** e não **J** ao escreverem palavras com **em-en**/**im-in**

d) Quando a palavra primitiva é com **J** como **nojo**, sua derivada mantém o **J** (*nojento*).

Terminada a investigação, guarde as palavras encontradas para utilizar nos jogos que sugerimos a seguir.

Sugestões de atividades de sistematização das letras G-J

Depois de realizadas as atividades de descoberta das letras **G-J**, o professor pode recolher todas as palavras encontradas pelas crianças e fazer os jogos que seguem:

Bingo ambulante

Objetivo pedagógico: observar as letras e séries em que as letras **G-J** podem aparecer.

Objetivo do jogo: que uma das duplas ou trios consiga preencher dez palavras sorteadas com aquelas letras.

1) Reúna a classe em duplas ou trios de forma a ter treze equipes.
2) Entregue uma folha de papel para cada equipe, tendo em cima de cada uma escrita sua ordem (só palavras com GA em uma; com GUA em outra; com GE; GUE; GI; GUI; GO; GU; JA; JE; JI; JO; JU, sucessivamente).
3) Explique para a classe que você irá sortear as palavras encontradas por eles na pesquisa e que só irá escrevê-la a dupla que estiver com aquela folha na hora em que a palavra estiver sendo ditada. Por exemplo, se a palavra ditada for *agüenta*, só a dupla que estiver com a folha do GUE é que irá escrevê-la.
4) A cada três palavras ditadas, todas as equipes trocam de folha, de forma que ao longo do ditado todas terão passado por todas as folhas.
5) Vence a dupla que preencher a décima palavra da folha que estiver com ela no momento do ditado.

Soletrando

Este é um jogo interessante para se trabalhar com a imagem mental das palavras e o nome das letras, tantas vezes confundido com as sílabas!

Objetivo do jogo: Que um dos alunos da equipe consiga fazer o maior número de pontos em palavras soletradas corretamente.

1) Reúna a classe em equipes de três ou quatro alunos.
2) Cada aluno deverá ter já pesquisado uma série de palavras com **G** ou **J** que usará para ditar para os colegas.
3) O primeiro aluno dita sua palavra para o segundo que deverá "escrevê-la na cabeça" e ir soletrando para o colega. O que ditou a palavra irá escrevendo as letras soletradas de forma a confirmar ou não a grafia dela.
4) Caso o segundo aluno acerte, ganha o ponto e é o próximo a ditar para o jogador de número três, que irá soletrar.
5) Se um dos alunos soletrar a palavra com erro, o que ditou deve dizer apenas "tem erro" sem apontar onde, e o seguinte é quem irá tentar soletrá-la. Caso acerte, o ponto é dele.

6) Um vai ditando para o outro as palavras até que o jogo seja encerrado e saiba-se qual é o vencedor.
7) O término pode ser estipulado tanto por tempo quanto por número de palavras, conforme combinação do professor com a classe.

No *Livro do Aluno* há algumas atividades para a sistematização do GE-GI-JE-JI. São elas:

Ajeitando...

Ao formar palavras organizando as sílabas trabalhamos com a divisão silábica e a confusão **G-J**. Pode ser feita individualmente ou em duplas.

Esta atividade é uma aplicação das descobertas já feitas na pesquisa da letra **J**. Ela, por si só, não pode gerar todas as conclusões que são pedidas, por falta de amostragem, portanto **não** deve ser realizada de forma alguma antes da pesquisa.

Depois de montadas as palavras, procuramos criar uma situação na qual as crianças possam confrontar suas descobertas com a realidade das palavras dadas, para verificação.

Caça-palavras

Acreditamos que esta atividade vá trazer algum estranhamento para os alunos pois, ao colocar as palavras do caça-palavras nos quadros, os de **jen**/**jem** e **jin**/**jim** terão poucas ou nenhuma palavra. Não se preocupe, pois é justamente este o nosso objetivo: confirmar a descoberta feita por eles na pesquisa de que o número de palavras com **jem**/**jim** é muito menor do que com **gem**/**gim**. Esta é a confirmação que esperamos na questão 1.

Na questão 2, queremos que percebam que:

1) será difícil encontrá-las;

2) as encontradas por todos, o que se verificará no momento da correção, serão aproximadamente as mesmas.

Estas duas constatações confirmarão mais uma vez as descobertas feitas por eles.

A conclusão esperada na questão 3 é a de que, se o aluno tiver dúvida entre **gim** ou **jim**, poderá arriscar escrever a palavra com **G**, caso a palavra não seja estranha.

O jeitinho da Quitéria

Nesta atividade pretendemos ampliar os horizontes das crianças para que não façam falsas generalizações. Nas descobertas eles constataram que há poucas palavras com **ji** como sílaba interna da palavra. Acontece que quando a palavra tem **j** na última sílaba, ao passar para o diminutivo o **j** permanece, ou seja, passa-se a ter **ji** em sílaba interna. Esta é a constatação que pretendemos que façam ao descobrir o jeitinho da Quitéria!

Na questão 5 queremos que observem que também as sílabas **ga** e **go**, em final de palavra, sofrem alteração quando se constrói o diminutivo. Exs.: lago — laguinho, tanga-tanguinha, ou seja, acrescenta-se o **u** e o **ga** vira **gui**, o **go** vira **gui**. Observar este detalhe é importante, pois inúmeras crianças omitem o **u** nos diminutivos.

Ligue e se ligue...

Este jogo, conhecido como Torto, encerra um grande desafio lingüístico e cognitivo. É um jogo instigante, para ser feito em duplas ou trios. Para realizá-lo a criança necessita acionar todo o seu conhecimento de língua, de relações espaciais, de vocabulário e muito raciocínio.

Explore também com as crianças o título do jogo, pois ele possibilita um trabalho gostoso de vários significados para uma mesma expressão. Bom jogo!!!

Respostas das atividades do Módulo VII

Cruzes!!!

1. ligar; 2. guardo; 3. jogar; 4. corrigir; 5. guincho; 6. garagem; 7. margem

Corre... Corre!

2. Palavras que deveriam seguir: gente, ágil, agitar, longe, reportagem. Palavras que não deveriam seguir: segura, amigo, lago, galo, agulha.

3. As palavras são escritas com **ge** e **gi.**

Quem faz o quê?

1. Horizontais: açougueiro, engraxate, engenheiro, odontólogo, agricultor, segurança, empregada, figurinista, carregador
   Verticais: coreógrafo, massagista, metalúrgico, garimpeiro, gerente, mágico, guitarrista

2. G + consoante: engraxate, agricultor, coreógrafo

   GA-GO-GU: odontólogo, segurança, empregada, figurinista, carregador, garimpeir

   GE-GI: engenheiro, massagista, metalúrgico, gerente, mágico

   GUE-GUI: açougueiro, guitarrista

3. De acordo com as terminações das palavras, podemos agrupá-las assim:

   agricultor
   carregador

   engraxate
   gerente
   metalúrgico
   mágico

   figurinista
   massagista
   guitarrista
   coreógrafo
   odontólogo

   garimpeiro
   engenheiro
   açougueiro
   segurança
   empregada

4. Promova a leitura do nome dos profissionais encontrados pelos alunos. Solicite a cópia de cada um deles. Convide seus alunos a pesquisarem o que faz cada um desses profissionais e a trocarem essas informações com a classe.

Cruzadinha

1. g; 2. gelo; 3. gorro; 4. garfo; 5. girafa; 6. guloso; 7. guardanapo

1. A letra é o g.

2. instrumentos musicais: guitarra, gaita; alimentos: morango, gelatina, brigadeiro, goiabada; animais: canguru, morcego, gorila; nomes: Gabriela, Gustavo, Tiago

Silabando

Horizontais: gaveta, trégua, gorila, língua, guaraná, mágico, orgulho, gato, goteira, água, gelada, guiava, girafa, geladeira, açougue, foguete, domingo

Verticais: Guarujá, manga, gelo, agora, gulosa, amargo, fígado, egoísta, galo, águia, régua, verruga, argola, argila, apagada

Quem mais é da família?

1. A palavra que não faz parte do conjunto é *sangue*. A razão é ser a única com **gue**. Deixe que as crianças expliquem com suas próprias palavras.

2. Sugestões de palavras que podem ser trabalhadas: gemido, gemedeira, gentalha, gentarada, gentaça, algemado, algemar, desalgemar, algeminha, imaginado, imaginar, imaginário, imaginação, imagético, imaginável, marginado, marginal, marginalizado, marginalizar, atingido, atingível, inatingível, atingir, sangrento, sangueira, sangüíneo, sanguinolento.

Ajeitando...

1., 2. e 3. com **J**: **ji**ló, pa**jem**, ho**je**, **jei**toso, **ji**pe, ma**jes**tade, cafaj**es**te, berin**je**la
com **G**: gibi, gelo, mágico, Egito, regime, geada, girafa, gigante, geringonça, algemado, geladeira

4. o **ji** apareceu com maior freqüência na 1ª sílaba.

5. Pajem, hoje, jeitoso, majestade, cafajeste, berinjela.

6. Aparecem o **s**, **m** e vogal.

Caça-palavras

Esta atividade é uma aplicação e busca de confirmação das descobertas feitas na pesquisa sobre o **J** e **G**, portanto só deve ser realizada depois da pesquisa.

1. e 2. Horizontais: agência, gente, margem, urgente, gincana, viagem, bobagem, nojento, rugindo, agenda, ferrugem, paisagem, fingindo.

Verticais: gentil, colagem, agindo, pingente, carruagem, argentino, agente, tatuagem, mugindo

Palavras com GEN/GEM: gente, agente, urgente, viagem, bobagem, agenda, ferrugem, paisagem, tatuagem, argentino, carruagem, pingente, gentil, agência, margem, colagem.

Palavras com GIN/GIM: gincana, rugindo, fingindo, mugindo, agindo.

Palavras com JEN/JEM: nojento.

Palavras com JIN/JIM: —

1) Confirmam que há muitas palavras com **gem**/**gen** e poucas com **jem**/**jen**.

2) Nosso objetivo é que percebam que é muito difícil pensar palavras que caibam nestas colunas pois são poucas. As que forem encontradas, provavelmente serão repetidas (várias crianças trarão as mesmas palavras), o que confirma o quanto o universo de palavras com jen/jem, jim/jin é reduzido. Isto irá preparar a conclusão da pergunta seguinte.

3) Nosso objetivo é que, ao perceber a diferença de freqüência do uso do **G** e **J**, o aluno perceba que, quando estiver em dúvida sobre a grafia de uma palavra, se arriscar escrevê-la com **G**, terá maior probabilidade de acertar.

O jeitinho da Quitéria

1) Ela fala usando muitos diminutivos, de forma infantilizada, de forma carinhosa. Vai depender muito do universo interno da criança a forma como ela sente o uso do diminutivo. Deixe que se expressem da forma como sentem.

2) Fui ao supermercado e aproveitei para passar na **lojinha** do seu Bonifácio para comprar um **estojinho** para os lápis do meu filho.

Quando fui atravessar a rua, quase fui atropelada por um motoqueiro maluco. Se não fosse pelo meu **anjinho** da guarda já teria morrido. A sacola que eu trazia espatifou-se e lá se foram uma dúzia de **laranjinhas**, um quilo de **sojinha** e um pacote de **esponjinha** rolando rua abaixo.

Bem, agora já vou indo pois ainda tenho que preparar uma **canjinha** para o jantar.

3) Anjinho, lojinha, esponjinha, canjinha, laranjinha, sojinha.

4) Debata com seus alunos sobre o porquê do **ji** aparecer no meio das palavras no caso apresentado. Deixe que eles concluam que é pelo fato das palavras terminarem por **j + vogal** no grau normal, que vão manter o **j** no diminutivo.

5) Iaguinho, tanguinha, preguinho, gaguinho, empreguinho, umbiguinho

Como sugestão fica a proposta de escreverem um texto com palavras no diminutivo expressando algum tipo de sentimento: afeto, ironia, infantilização.

Ligue e se ligue...

Algumas das palavras que podem ser formadas: tango, saiu, saio, roía, raro, garoa, agora, água, agente, sagui, agarre, agarro, nego, nega, negra, sauna, engano, régua, range, tange, órgão, angorá, ente, rente, aro, roeu, sunga, rogar, negar, negão, negrão, engate, tanga.

Desafio: agüenta, agarrou, agüente.

MÓDULO VIII — As letras C, G e Q

Que letra usar?

Ao analisarmos os erros de nossa amostragem, recolhida em diversas escolas, observamos que um número grande de crianças ainda confundia as letras **C**, **G** e **Q**. Levantamos algumas hipóteses: será uma questão de semelhança visual que provoca a confusão? Ou será auditiva? Ou outro fator, nem visual nem auditivo? Ou as duas coisas juntas? Uma vez que as razões podem ser várias, montamos atividades para trabalhá-las de várias formas.

No *Livro do Aluno* encontramos as seguintes atividades de sistematização:

Com qual deles?

Observe as várias possibilidades de se grafar estas letras. Depois, relacione o som e o sentido produzido ao usar cada uma delas. Para isso, escolhemos palavras que tinham apenas uma destas letras de diferença e ao opor os pares, queremos que observem a diferença de som e significado.

Pode ser que as crianças não conheçam o significado de todas as palavras do exercício. Aproveite para fazerem uma busca ao dicionário!

Aumente e invente

Nesta atividade focamos apenas a letra **C** em suas possibilidades de combinação com as consoantes. Quais são elas? É importante que o aluno descubra, através da própria experimentação, que ele poderá acrescentar às palavras as consoantes: **l**, **h**, **r**, formando novas palavras.

No desafio resgatamos o trabalho de divisão silábica com consoantes pouco comuns como última sílaba. Que outras palavras existem? Aproveite para relembrar com eles a divisão silábica delas, como por exemplo, *característica* — ca-rac-te-rís-ti-ca, destacando que a consoante depois do **c** vai estar na outra sílaba.

Descubra o caminho

Para completar a tabela o professor fará um ditado. O desafio começa aí, pois quem grafar as palavras com erro poderá não achar a solução. As palavras a serem ditadas são: aceso, acusado, macio, cozinha, cidade, acústico, candidato, cru, caminho, macaco, morcego, acento, coruja, centena, cochilo, torcida.

Depois que eles tiverem encontrado a solução, discuta com eles qual o som do **C** em cada palavra e qual a letra que vem depois do **C** dependendo do som. A partir desse jogo, monte outros que tenham o mesmo objetivo.

Quem faz mais!

Decidir quando se usa **G**, **GU**, **QU** ou **C** é fundamental. Decidiu errado, mudou tudo: som e significado. Peça-lhes que descubram outras palavras que possam formar pares, como essas (maca x maga). Quem será que consegue descobrir?

Incentive os grupos a descobrirem o maior número possível de palavras. Sugestão: faça um campeonato entre grupos. Estabeleça um tempo para a formação das palavras que depois deverão ser ditas por cada grupo. Será vencedor o grupo que disser o maior número de palavras em um tempo predeterminado.

É comum as crianças errarem a grafia de algumas palavras e completarem por exemplo: cente, quosta, etc. Aproveite a situação para trabalhar estas questões.

Caminhando

O pensamento de classificação é, mais uma vez, nosso princípio para que consigam realizar a tarefa. Qual o som comum a todas elas? Ao realizar a atividade seu olhar estará voltado para esta questão.

Bingo!

Nosso objetivo com o jogo de bingo é que usem comparativamente as letras **C**, **G**, **QU**.

O professor deve escrever em retângulos de papel cada uma das palavras das quatro cartelas. Cada aluno deve escolher apenas uma das cartelas para jogar; depois, os retângulos devem ser dobrados e colocados num saquinho plástico para serem sorteados.

Sorteia-se uma palavra de cada vez, de forma bem animada, até que alguém vença. Quando um dos alunos completa uma linha, coluna ou diagonal, grita bingo! e o professor olha. Se todas as palavras estiverem grafadas corretamente, o aluno vence. Se houver erro de grafia em alguma delas, o professor diz "tem erro", mas não aponta em qual das palavras, risca alinha e o aluno continua concorrendo com outra linha ou coluna.

Procede-se desta forma até que haja um ou mais vencedores. Depois, se desejar, pode-se jogar quem vence completando a tabela toda.

Em outro dia, use as mesmas palavras que já sorteou, peça que escolham outra tabela das quatro apresentadas e faça novamente o Bingo. Estas tabelas podem ser usadas em quatro jogos, pedindo às crianças que escolham a cada bingada uma tabela diferente. Fazer esse bingo pede também que eles desenvolvam o papel de revisor, uma vez que deverão estar atentos à forma e ao lugar em que cada palavra aparece.

Concluída a brincadeira, chamamos a atenção deles para a presença do **u** sempre depois do **q**, pois o **u** costuma ser esquecido por algumas crianças.

Ao fazer a correção na lousa, o professor deve ficar atento aos erros que ainda permanecerem para trabalhá-los.

Jogo do cai-não-cai

Este é um similar do jogo conhecido como *Ao cair das letras*. A criança deverá descobrir em qual posição as letras devem ser colocadas para montar uma frase. Para a realização da tarefa é necessário utilizar muito conhecimento lingüístico e raciocínio. É interessante fazer esta atividade em grupos — a discussão entre eles é fundamental.

Na tabela 3 a escolha de uma das letras pede que retomem as confusões que estamos trabalhando neste momento.

Três em um...

O objetivo pedagógico do jogo é que a criança possa pensar sistemática e comparativamente o **C-QU-GU**.

Há três possibilidades de jogo com as cartelas: como Bingo, como *Stop* e como lição de casa, para ser completada a tabela individualmente.

Como Bingo

1) As palavras que serão ditadas para as crianças devem ser escritas em pequenos papeizinhos e colocadas em um saco plástico ou algo similar.
2) Os alunos são organizados em três grupos e cada grupo escolhe uma das tabelas apresentadas. É importante que cada grupo utilize uma tabela diferente.
3) O professor começa a ditar as palavras sorteadas e os alunos devem escrevê-las em suas cartelas.
4) Vence a equipe que completar em primeiro lugar uma linha ou coluna de sua tabela adequadamente. Neste momento o aluno mostra para o professor, que verificará se há erro de grafia. Se todas as palavras estiverem corretas, o aluno vence. Se houver erro de grafia, o professor avisa que há erro, mas não aponta em qual das palavras, risca alinha e o aluno continua concorrendo em outra posição.
5) Se a classe estiver envolvida, pode-se jogar de forma que vença a equipe que completar a tabela toda em primeiro lugar.

Colocamos a seguir uma lista de palavras como sugestão para o bingo. Você, professor, não precisa utilizá-la necessariamente, pois pode fazer sua própria lista a partir de palavras tiradas de seu grupo-classe. Pode, também, fazer este Bingo com a nossa lista e depois construir nova tabela para ser preenchida com as palavras que você retirou da classe.

Além de trabalhar o uso das letras **C**, **G**, e **Q**, as palavras da lista também apresentam sílabas terminadas em consoantes constituindo uma boa oportunidade para sistematização desses conteúdos.

CA
cama
camelo
carta
case
canto
acabou
embarcação
escada
encalhou
encanador
maca
boca
toca
dica
maloca

QUA
quarta
quase
quatroa
quantoe
qualidade
aquarela
antiquário
quário
quador
esquadrilha

CO
comida
contae
cotovelo
concurso
conversa
economia
ncostou
biscoito
encolhe
escola
mágico
churrasco
barco
taco
buraco

GUA
guaraná
Guarujá
guardar
Guatemala
aguado
linguado
eguada
água
trégua
língua
régua

GUI
guincho
guitarra
guiares
Guilherme
guindaste
lingüiça
preguiça
guicho
enguiça
águia

GUE
gagueira
mangueira
fogueira
figueira
apague
segue
consegue
ligue

CE
centena
certeza
certo
cesta
cebola
aceso
acerola
percebeu
acerto
acento
parece
amanhece
amolece
anoitece
prece

QUE

queijo
querido
quente
quermesse
questão
queim
quentão
quebrado
queixa

banqueiro
pequen
esquentar
esquerdo
requebrar
adorequentar
fiquemos
aquela
paquera

almanaque
oataque
craque
fiquei
pesquei
Henrique
reboque
tanque
estoque

CI

cigarro
cidade
circo
cinema
cinto
cipó

amaciar
ácidoa
tecido
enciclopédia
precioso
focinho

emagreci
dormeci
torci
desci
nasci
saci

QUI

quinto
quinta
quitanda
quilo
quiabo

máquina
laquilo
maquiar
inquieto
equipe

Como jogo de Stop.

Para utilizar as tabelas do *Três em um* como jogo de *Stop* proceda da seguinte forma:

1) É importante que sejam conservados juntos os mesmos alunos do jogo de Bingo.
2) Redistribuem-se as tabelas de forma que cada grupo fique com uma que não preencheu no jogo de Bingo; se o grupo havia ficado com a número 1, agora deve ficar com a número 2 ou 3.
3) A um sinal do professor, todos os grupos começam a preencher suas tabelas com palavras que possam caber na estrutura da palavra dada.
4) Vence o grupo que completar corretamente a tabela em primeiro lugar e falar *Stop*!
5) Procede-se em seguida à contagem dos pontos, que deve ser realizada da seguinte maneira:
   a) Cada grupo de uma vez vai falando a palavra que utilizou para completar o primeiro espaço e o professor vai escrevendo as palavras na lousa.
   b) Depois que todos os grupos falarem sua palavra, o professor confere os pontos segundo o critério.

Só aquele grupo usou a palavra: **10** pontos
Mais de um grupo usou a mesma palavra: **5** pontos para cada grupo
Há erro de grafia: **0** ponto
Vence a equipe que obtiver o maior número de pontos no placar geral.

Pede-se em seguida que copiem todas ou algumas palavras do jogo no caderno (veja o que o "fôlego" de sua classe agüenta).

Caso ache necessário, crie novas atividades para sistematizar ainda mais esta questão.

Respostas das atividades do Módulo VIII

Com qual deles?

Sugestões de pares que podem ser formados: figo/fico, maca/maga, gente/quente, agi/aqui, gela/cela, costa/gosta, peco/pego, manga/manca, corro/gorro, aguado/acuado, breca/brega, cravo/gravo, cola/gola, trigo/tricô.

Aumente e invente

Sugestões de palavras: clama, chama, clima, tecla, claro, cliente, tocha, chá, chata, chão, marcha, crase, crosta, choque, cacho, cravo, cheia.

Desafio: queremos que procurem palavras com **c** mudo, alvo de nosso trabalho com divisão silábica. Podem encontrar: característica, cacto, pacto, confecção, acne, etc.

Descubra o caminho

O caminho está na diagonal e é formado pelas palavras: cozinha, candidato, macaco, coruja.

Quem faz mais?

Sugestão de palavras que podem ser trabalhadas: maca/maga, quarta/carta, cem/quem, régua/rega, cola/gola, quente/gente, cinto/quinto, corda/gorda, agente/agüente, checo/chego, costa/gosta, cheque/chegue, acuda/aguda.

Caminhando

Todas as dezenove palavras têm **c** com som de **s**. São elas: macio, centavo, cena, rinoceronte, celeiro, nocivo, cego, cidade, cigarro, cinzeiro, aceso, cem, cinto, cinema, acima, morcego, cevada, anoitece, Cecília.

Bingo!

As palavras a serem ditadas são:

cartela 1

mágico — quintal — macaco — máquina — líquido — quando — guerra — couve — copo — igual — quem — século — banca — agora — coador — agitar.

cartela 2

maracujá — queijo — fingir — coelho — agarrou — aquela — carta — garoto — cajá — margem — queda — quieto — quase — chocolate — gostoso — cotovelo.

cartela 3

tigre — cinqüenta — trinco — urgente — aquário — agüenta — quebrado — encanto — cobertor — enquanto — alguém — mago — gordo — couro — caipora — quente.

cartela 4

aquecedor — magro — castanha — quiabo — saci — quiser — qualidade — acusado — querido — agasalho — sagui — tagarela — grilo — rinoceronte — gafanhoto quermesse.

Jogo do cai-não-cai

Tabela 1. Querida, cheguei!

Tabela 2. O pior cego é aquele que não quer enxergar.

Tabela 3. Deus ajuda quem cedo madruga.

Três em um...

As instruções para os jogos estão nas orientações específicas sobre as atividades.

MÓDULO IX — As letras M e N em final de sílaba

Reflexões

No final da 1ª série os alunos puderam fazer uma atividade de descoberta das propriedades do sistema de nasalização e, com isto, descobrir como este sistema se estrutura.

(Caso seus alunos não tenham tido a oportunidade de fazê-la na série anterior, vale a pena realizá-la antes de ingressar nas atividades de sistematização aqui propostas.)
As crianças de 1ª série costumam cometer uma variedade grande de erros de nasalização. São eles:

1) alemãm (duas marcas de nasalização na mesma sílaba)
2) alemam (uso do **m** no lugar do til em final de qualquer palavra)
3) banana (marcar o som nasal de sílaba que não tem marca)
4) atigo (omissão da marca de nasalização)
5) antigo (troca de **M/N** como marca de nasalização interna)
6) cantarão (uso do **ão** em final de verbos no lugar do **am**)
7) encãtarão (uso de duas marcas por til na mesma palavra)

Com o trabalho proposto, as crianças costumam ingressar na 2ª série com os erros do tipo 1, 2, 3 e 7 superados ou em vias de superação, persistindo ainda os erros por omissão da marca de nasalizacão ("oda" por *onda*), erros por troca entre **M** e **N** (*omda*) e troca de **am**/**ão** apenas em final de verbos. Desta forma o trabalho de 2ª série com Ortografia se propõe a trazer situações de sistematização destes aspectos ainda não superados.

Atividades de sistematização

Descreveremos a seguir alguns jogos que podem ser montados por você, na hora, de acordo com o desenvolvimento de sua classe, para iniciar o trabalho com esses dois aspectos em relação às letras **M** e **N**:

Quem acha mais?

Objetivos pedagógicos:

a) Levar os alunos a refletir sobre a escolha do **M** ou **N**, trabalhando com um grande universo de possibilidades.
b) Desenvolver rapidez na decisão.

Objetivo do jogo: Cada equipe (3 ou 4 elementos) deve escrever o maior número possível de palavras que cumpram as regras dadas pelo professor.

Regras:

1) O tempo de ação é determinado pelo professor. (*Vocês terão 4 ou 5 minutos para escrever o maior número possível de palavras com* **am**/***an***.)
2) Não é permitido pesquisar no dicionário.
3) Só valem palavras dicionarizadas, caso contrário as crianças, na aflição de ganhar, começam a inventar palavras que não existem!
4) Vence o grupo que obtiver o maior número de pontos no final de todas as rodadas.

Contagem de pontos:

1 ponto — para palavras repetidas em dois ou mais grupos;
2 pontos — para a equipe que colocou uma palavra que ninguém mais colocou;
0 ponto — se a palavra tiver erro de grafia.

Trabalhar uma situação de cada vez, escolhendo sempre **am**/**an**, **em**/**en**, **im**/**in**, **om**/**on** ou **um**/**un**, depois considerando a posição dentro da palavra.

Exemplo: *Vocês devem descobrir o maior número de palavras que t**enham im/in**, ou Vocês devem descobrir o maior número de palavras que **comecem** por* **im** *ou Vocês devem descobrir o maior número de palavras que **terminem** por **im**,* etc.

Após cada ordem, peça que cada equipe vá dizendo as palavras que formou e anote os pontos, que serão somados no final.

Trans-forma-ação

Objetivo pedagógico: Através deste jogo, pretendemos que as crianças percebam que a ausência ou troca de uma letra por outra produz outra palavra, e com isto fiquem atentos à importância de colocá-las todas. A este objetivo acrescentamos o uso de **M** ou **N**, para que possam refletir sobre ele.

Objetivo do jogo: Formar o maior número de palavras transformando a palavra dada trocando uma letra ou mais, mas sempre mantendo o **M** ou **N** na posição dentro da palavra. Por exemplo, se a palavra dada é dissílaba, com o **M** ou **N** na primeira sílaba, as outras geradas também devem manter esta estrutura.

Este jogo pode ser feito individualmente, em equipes, ou em fileiras. Para jogá-lo em fileira, dê uma folha para o primeiro aluno de cada fileira, com apenas uma palavra escrita, por exemplo *tampa* (dê a mesma palavra para todas as fileiras). A um sinal seu, os alunos devem alterar letras ou sílabas e ir passando para o aluno de trás. Poderão formar, por exemplo, *campo*, *bambo*, *samba*, *rampa*. Vence a fileira que chegar ao último aluno em primeiro lugar.

Após o jogo, todas as palavras coletadas são escritas na lousa e todos os alunos devem copiar. Pode-se usá-las depois para fazer o jogo que segue: caso você sinta que o fato de ter que manter as letras **am** ou **an** torna muito difícil o jogo para seus alunos, use a mesma estratégia, só que mantendo **M**/**N** apenas, sendo qualquer uma a letra anterior.

Rapa-palavras

Recupere as palavras do jogo **Trans-forma-ação**, ou escolha outras se quiser, e monte um jogo de rapa-palavras da seguinte forma:

- Escreva em retângulos de cartolina as palavras com **M** ou **N** coletadas, deixando as letras **M** ou **N** lacunadas. Exemplos:

lâ__pada (**m**)	ca__to (**n**)	co__pra__do (**m**, **n**)
bo__bo__(**m**, **m**)	a__da__do (**n**, **n**)	ca__ta__(**n**, **m**)

É preciso haver pelo menos umas 50 palavras.

— Faça também seis retângulos: um com a letra **M**, outro com **N**, outro com **M**/**N**, outro com **M**/**M**, outro com N/N e um último com **N**/**M**.

— Reúna-os em equipes de três ou quatro alunos e arrume as palavras em uma pilha, todas viradas para baixo, para que não sejam vistas pelas crianças.

— Arrume os retângulos com as letras em volta da pilha de palavras, virados para cima.

Este é um jogo de rapidez. Para jogá-lo proceda da seguinte forma:

1) Reúna os alunos em grupos de no máximo 4 pessoas.

2) Um aluno deve desvirar a primeira palavra da pilha e quem conseguir pegar em primeiro lugar o retângulo que completa a palavra virada, ganha a palavra. O aluno que ganhou escreve a palavra em sua folha ou caderno.

3) Os retângulos **M**/**N** retornam à mesa e nova palavra é desvirada. Alguém vai *rapar* o **M**/**N** que a completa, escrevê-la em sua folha e devolver novamente para o centro da mesa o retângulo com **M** ou **N** que retirou. Procede-se assim até o término do jogo.

4) O jogo termina quando terminar a pilha de palavras a serem desviradas, ou após o tempo determinado pelo professor. Vence o aluno que obtiver o maior número de palavras.

Observação: É necessário que cada grupo tenha um conjunto do jogo. Não é aconselhável ser realizado em grupos numerosos.

***Stop* no texto**

Objetivo do jogo: Desenvolver nos alunos o “papel do revisor”.

Escolha o texto que estiver trabalhando no *Livro do Aluno* e diga-lhes que na página x há x palavras com **M** ou **N**. Quem conseguir achá-las primeiro, sublinhando todas, vence o jogo.

Após o jogo, de lição de casa, pode-se pedir que escrevam as palavras encontradas, arrumando-as em colunas, uma de **M + vogal** (*amargo*), outra de **M em final de sílaba** (*campo*), se for **M** a letra pedida; uma de **N + vogal** (*nariz*) e outra com **N** em final de sílaba se for **N** a letra pedida; e uma 3ª coluna de palavras onde aparece mais de um caso simultaneamente.

Soletrando

O **Soletrando** é mais um jogo que você pode oferecer às crianças para ajudá-las a sistematizar o uso de **M** ou **N** em final de sílaba. Procede-se da seguinte maneira:

Peça a seus alunos que façam de lição de casa uma pesquisa de palavras que tenham **M** ou **N** como última letra da sílaba, e que tragam as palavras encontradas para a classe.

Reúna seus alunos em grupos de 4 ou 5 crianças e explique-lhes as regras do jogo:

1) O aluno número 1 escolhe uma das palavras que encontrou e dita para o aluno seguinte (o número 2). O número 2 deve "escrevê-la na cabeça" e soletrar para o número 1, que vai anotando escondido cada letra soletrada.

2) Quando o número 2 terminar de soletrar, o número 1 mostra a palavra escrita e diz se está certa ou errada. Se houver erro não o aponta.

3) Se o aluno número 2 acertou, ganha 1 ponto e dita uma de suas palavras para o aluno número 3. Se o 2 errou, a palavra fica para o aluno 3 soletrar, que ganhará o ponto caso acerte.

4) O jogo vai progredindo assim sucessivamente, o 1 ditando para o 2, o 2 para o 3, o 3 para o 4, o 4 para o 1, até que todos tenham soletrado uma ou mais palavras.

5) Vence o aluno que obtiver o maior número de pontos no total.

6) O término do jogo pode ser estabelecido por número de palavras ou por tempo, como o professor achar mais conveniente.

A utilização de jogos para a sistematizacão da Ortografia é uma maneira eficiente e envolvente de levar as crianças a manter a correção ortográfica como um valor a ser conquistado.

No *Livro do Aluno* encontramos as seguintes atividades:

Completando...
Fundindo a cuca...
De par em par
Tirando de letra!
Salada de letras
Letras cruzadas
Experimentando...
Qual a letra que falta?
Os esquecidos
Histórias enrolada
Cruzadinha
E o vento levou..

Completando...

É um caça-palavras de palavras com **M** e **N** que serão utilizadas para se completar o texto. Escolhemos este texto por ser informativo e abordar um assunto curioso, que aguça a atenção e o interesse das crianças.

Uma vez encontrada a palavra, sua inclusão no texto depende da compreensão do contexto geral, desenvolvendo o raciocínio dedutivo e a capacidade de interpretação.

Portanto, além da procura no caça-palavras, é importante que o aluno perceba o lugar de cada palavra no texto e sua significação dentro da história apresentada.

As questões de 1 a 4 não são difíceis, podendo ser pedidas como lição de casa.

A questão 5 é uma Forca de frase. Esta atividade é pouco comum e muito desafiante para crianças desta faixa, devendo ser realizada em sala de aula. São ditados populares, e deve-se completar cada espaço com uma letra, apenas uma. Explore com eles o significado dos ditados e a brincadeira que está entre parênteses. Caso ache interessante, crie outros!

Fundindo a cuca...

É um jogo de palavras cruzadas com charadas. Ela favorece o desenvolvimento da criança leitora, uma vez que a leitura da charada exige que se interprete de forma eficiente os detalhes do texto, ligando-os com conhecimentos de mundo e de outros textos, além de todo o raciocínio lógico desenvolvido.

Considerando que a solução das charadas é muito difícil, colocamos um universo de palavras no quadro, contendo as soluções e outras palavras que poderiam se confundir com a correta pelo sentido ou pelo número de letras, o que dirige o olhar mas não oferece a solução.

Solicite a criação de outras charadas pelos alunos e a troca entre grupos.

De par em par

Esta atividade é importante porque nossa análise mostrou que as crianças costumam cometer erros de omissão da marca de nasalização. Ela tem por objetivo chamar a atenção dos alunos para a importância da presença ou ausência de cada uma das letras da palavra: ter ou não um **M** ou **N** produz outra palavra, outro significado. É através desta consciência que pretendemos levá-los a estar cada vez mais atentos à importância da presença de cada letra em cada uma das séries.

Tirando de letra!

É mais uma situação para a criança investigar as propriedades das palavras em busca de uma generalização, reforçando a importância da presença ou ausência das letras como definidoras de significado.

Algumas palavras da lista permitem a construção de mais de uma possibilidade como, por exemplo, a palavra **tronco**: **troco**, **trono**, **ronco**, mas que terá algumas dessas hipóteses anuladas pela regra do jogo: apenas duas letras — **M** e **N** — é que podem ser retiradas, pois valem para todas as palavras, satisfazendo a dica dada. Todo esse esforço de dedução e integração, além de desenvolver o raciocínio, auxilia na articulação necessária para uma boa interpretação de ordens e textos.

Salada de letras

É uma deliciosa atividade de descoberta de palavras na qual se trabalha a importância do valor posicional. É interessante oferecer letras móveis (caso você não tenha, faça com papel sulfite) para que as crianças possam mexer com as letras concretamente, o que facilita muito e aumenta o número de palavras possíveis de serem descobertas por elas.

É permitido conferir no dicionário para verificar se a palavra existe e se está escrita corretamente.

Letras cruzadas

Esta cruzadinha mistura letras e sílabas. Para completá-la as crianças deverão pensar por sentido e número de letras. É um desafio que as crianças gostam de encarar de frente. Faça em sala de aula para garantir a troca entre eles e consequentemente um maior enriquecimento da atividade.

Experimentando...

Mais uma atividade buscando a consciência de como é importante a presença ou ausência de cada letra das palavras, especialmente **N** e **S**, duas letras freqüentemente omitidas pelas crianças.

Discuta com os alunos o quanto a presença ou ausência de cada uma das letras transforma som e significado. Aproveite para discutir as possibilidades de sentido de algumas palavras como **matas** (floresta ou do verbo matar), **conta** (pérola, verbo contar, operação matemática), etc. Ao fazer isto, a ponte com o trabalho de polissemia desenvolvido no livro *Construindo a Escrita — Leitura e interpretação de textos* — 2ª série fica estabelecida.

Proponha como lição de casa que eles descubram mais algumas palavras que também se transformem só com o acréscimo das letras **M** ou **S**, como nós fizemos.

Além das atividades propostas, crie outras com sua classe. Não se esqueça de que você vai construindo a programação de acordo com as necessidades de seu grupo.

Qual a letra que falta?

O objetivo desta atividade é desenvolver o papel do revisor. As palavras do exercício foram retiradas de textos espontâneos de alunos de 2ª série, representando erros comuns entre eles, todos por omissão de letra. Para resolver a atividade, terão que trabalhar simultaneamente com:

a) o reconhecimento do erro;

b) a descoberta das palavras que seriam possíveis de serem formadas com o acréscimo de mais uma letra; e

c) a identificação das duas letras que podem ser acrescentadas em todas as palavras.

É uma atividade desafiadora, que deve ser realizada em classe, de preferência em duplas.

Antes de resolvê-la, pode-se ampliá-la pedindo que descubram todas as palavras que poderiam ser formadas acrescentando-se uma letra. Exemplos: "oda" pode virar toda, *moda*, *soda*, *onda*, *poda*, *roda*. Este levantamento não só amplia o vocabulário das crianças e reforça a idéia de que a presença ou ausência de determinada letra "muda tudo", mas também favorece a descoberta da solução do exercício através da reflexão.

Incentivar os grupos para a descoberta da letra ausente.

Chame a atenção para o uso do **M** antes do **P** e do **B** e no final de algumas palavras e do **N** antes das outras consoantes.

Os esquecidos

O objetivo do exercício é, trabalhando o papel do revisor, que os alunos reconheçam e utilizem adequadamente o **N**, o **S** e o **SS**, freqüentemente omitidos por eles. Para isso, escolhemos um trecho e retiramos essas letras, que devem ser recolocadas por eles.

Sugestão: pedir que criem também um pequeno texto com omissão de alguma letra para trocar entre si. Quem será que vai descobrir todas elas?

É interessante fazer a leitura sem as consoantes e com elas, para que os alunos percebam a importância do seu uso.

História enrolada

As crianças de 2ª série costumam trocar **ão** por **am** em final de verbos. Esta dificuldade é conseqüência, acreditamos, do fato de que as crianças desta faixa etária ainda não têm noção de tempo estabelecida, o que impossibilita a superação desta questão ortográfica. Mas, mesmo assim, vale a pena sistematizar este conteúdo, só que sem esperarmos sua superação.

Esta história, escrita no caracol, é uma grande diversão. Ela está no futuro e no plural afim de que apareça a terminação **ão**. A passagem dela para o passado envolve uma série de dificuldades, por isso só deve ser realizada em sala de aula, em grupos. Ao corrigir a atividade, discuta com eles os seguintes aspectos:

1) É possível mudar para mais de um passado (perfeito ou imperfeito), ficando " A história doscaracóis foi uma história muito enrolada." ou" A história dos caracóis era uma história muito enrolada."

2) Nem todas as palavras mudam ao fazer a passagem de tempo, apenas algumas.

3) Quais as mudanças que eles observaram nas palavras que mudaram o tempo: algumas perderam o **re** (*chamaremos* para *chamamos*); outras mudaram **ão** para **am**; outras mudaram um pedaço maior da palavra (*quererão* para *quiseram*).

Garanta um espaço para que digam todas suas descobertas, discuta-as e transforme em situações para que compreendam o que for necessário para superá-las.

Cruzadinha

Não faça esta atividade sem ter trabalhado com tonicidade antes. Esta é uma cruzadinha com palavras terminadas por **am**/**ão**. Depois de resolvida pelas crianças, pergunte o que todas as palavras tinham em comum e faça a correção, já organizando-as em dois grupos: terminadas por **am** e terminadas por **ão**. Pergunte-lhes em seguida o que todas as palavras de cada coluna têm em comum, além da terminação. Poderão descobrir que um grupo é de oxítonas e o outro de paroxítonas.

É importante que se busque este caminho, pois a tonicidade pode ajudá-los a resolver a questão de **am**/**ão**, já que pela idéia de tempo dificilmente conseguem decidir. Crie outras situações semelhantes e sistematize mais intensamente este aspecto.

Ao montarmos a cruzadinha escolhemos palavras que formavam pares de **am**/**ão**. Pergunte aos alunos se descobrem o que as autoras pensaram para escolher justamente estas palavras e não outras quaisquer. Poderão verificar que são agrupadas assim:

caçam/cação
botam/botão
bolam/bolão
montam/montão
mamam/mamão
dedam/dedão
escorregam/escorregão

E o vento levou...

Retome com eles o fato de o texto original estar no passado e todas as palavras transformadas terminarem por **am** e serem paroxítonas. Não se esqueça de que nosso intuito não é trabalhar nem com o conceito de verbo, nem com conjugação verbal. Queremos apenas que associem a terminação **am** com a tonicidade: são paroxítonas.

Ajude-os a observar que quando eles escreveram como um menino, muitas das palavras terminadas por **am** passaram a terminar por **u**. Esta observação é importante, pois escrevem com freqüência "olhol", "correo", etc.

Você pode pedir que eles reescrevam o texto no futuro, como lição de casa, e depois comparar os dois: termina em **ão**, é oxítona, termina em **am**, é paroxítona.

Respostas das atividades do Módulo IX

Completando...

A fama veio com as pulgas

Ao pintar o retrato de um **antigo** governador paulista, Lucas Nogueira Garcez, uma idéia ocorreu a Blóis. "Eu estava **concentrado** e uma pulga veio e me picou a mão. Acabei **borrando** o desenho e matei a danada. Aí, **pensei**: por que não aproveitar para escrever coisas nas costas desses bichinhos?" A primeira pulga a **alcançar** fama foi **comprada** pela Standard Oil Company, em 1960. Nela, Blóis escreveu "Super Flit", nome de um **inseticida** da época.

O rebuliço aconteceu na hora do **embarque**. A **alfândega** não acreditava que naquela caixa de madeira com 1,8 kg, dentro de um vidro muito bem protegido, viajava uma **simples** pulga. Depois de muitos exames, ela pôde seguir para os Estados Unidos.

2. com **M**: comprada, embarque, simples; com **N**: antigo, borrando, pensei, alcançar, inseticida, alfândega

3. **p** e **b**

4. **t**, **d**, **s**, **ç**, **c**
5. Quem conta um conto, aumenta um ponto (ou é fofoqueiro!).
   Quem tudo quer nada tem (ou é um grande egoísta!).
   Macaco que muito pula, quer chumbo (ou está cheio de pulgas!).

Fundindo a cuca...

1. sombra; 2. esponja; 3. tempo; 4. balança; 5. ponte

De par em par

boba – bomba
Caribe – carimbe
tapa – tampa ou tapam
bato – batom
trapo – trampo
rapa – rampa ou rapam
tuba – tumba
babo – bambo
sobra – sombra ou sobram
coma – comam
bebe – bebem

Tirando de letra!

1. nuca, maga, troco, grade, sobra (sobram), tapa, ruído, casado, boba, rede, veta, meta, traça, sobra (sombra), gero.
2. **M** e **N**.
3. As crianças colocarão suas descobertas. As que esperamos que façam são:
   a) com o **M** ou **N** o som fica nasal;
   b) o sentido fica diferente;
   c) quando há o **N** antes do **s**, o som é de **s**; quando não há, o som é igual ao do **z**;
   d) quando há **N** antes do **r** (genro), o som do **r** é forte; quando não há o **N**, o som do **r** é fraco (gero).

Salada de letras

tambor, tromba, tombar, brotam;
sombra, sobram, rambos;
notem, monte, ontem.

Letras cruzadas

Horizontais: câmbio, sentido, canga, conde, bambu, santo, embora, acampado, cantiga, tinteiro, entrar, samba

Verticais: concluindo, canteiro, sentadas, campo, tingir, sempre, cantor, emborrachado, bandeirada

Uma vez que não foi dado o critério para a organização das palavras, eles podem usar o critério que quiserem. Nossa expectativa é de que algum grupo use **mp**, **mb**, **n** + consoantes.

Experimentando...

manta, matas; canta, casta, catas; senta, setas; tenta, testa, tetas; conta, costa, cotas; menta, metas; junta, justa, jutas; monto, motos; comente, cometes; pranto, pratos; ponte, poste, potes; cansa, casas; bronca, brocas; ronda, rodas; linda, lidas.

Qual a letra que falta?

consegui, enterrei, onda, canta, quando, pomba, gente, falam, anda, em, também, lanche, correndo, de repente

Os esquecidos

1. Maria bateu a perna no banco e sentiu bastante dor. Como percebeu que não sangrou nem cortou, levantou-se e foi colocar gelo no lugar da pancada para não inchar.

2. Massa de modelar

Você vai precisar de duas xícaras de farinha de trigo, meia xícara de sal, meia xícara de água, uma colher de sopa de óleo.

Coloque tudo numa bacia e misture muito bem durante seis minutos. Com a massa pronta modele na forma que quiser. Depois de pronto, deixe secar ao sol ou ao vento, ou então ponha no forno por uma hora. Quando esfriar, você pode pintar se quiser.

História enrolada

A história dos caracóis foi (era) uma história muito enrolada, porque eles estiveram (estavam) sempre escondidos dentro das suas casas. Nós chamamos (chamávamos) os caracóis para brincar, eles não quiseram (queriam). Nós oferecemos (oferecíamos) para eles um sorvete de chocolate, eles nem ligaram (ligavam).

Oferecemos (oferecíamos) um saco de pipoca, oferecemos (oferecíamos) uma casca dourada, eles fingiram (fingiam) que não ouviram (ouviam) nada. Oferecemos (oferecíamos) até uma viagem à Disneylândia para eles conhecerem o Peter Pan. Eles não botaram (botavam) nem uma anteninha do lado de fora. Por isso nós desistimos (desistíamos), esses caracóis só gostaram (gostavam) de dormir.

Cruzadinha

1. mamam; 2. cação; 3. botão; 4. dedão; 5. mamão; 6. botam; 7. caçam; 8. dedam; 9. bolam; 10. bolão; 11. escorregão; 12. montão; 13. escorregam; 14. montam;

1. terminadas em **ão**: cação, botão, dedão, mamão, bolão, escorregão, montão terminadas em **am**: mamam, botam, caçam, dedam, bolam, escorregam, montam
2. Todas as palavras terminadas por **ão** são oxítonas.
3. Todas as palavras terminadas por **am** são paroxítonas.

E o vento levou...

1. Palavras terminadas em **am**: iam, olharam, correram, esforçavam, aproximaram.
2. O menino ia pela estrada quando olhou um balão e correu para apanhá-lo.

O balão parecia leve e quanto mais o vento batia, mais o balão se distanciava.

O menino se esforçava para pegá-lo, e quando se aproximou aponto de tocá-lo... PLOFT! O balão se foi, pois era uma bolha de sabão, com cara de balão.

MÓDULO X — L, O, U em final de palavra

A análise dos textos das crianças de 2ª série de nossa amostra revelou-nos que elas têm muita dificuldade em tomar uma decisão quando essas três letras aparecem no final das palavras. Esta constatação levou-nos a preparar uma estratégia que visa ajudá-las a descobrir características do sistema ortográfico da língua que possam ajudá-las a tomar uma decisão em momentos de dúvida.

A estratégia de investigação é um pouco longa e repleta de detalhes, portanto deve ser realizada em etapas, em dias diferentes. Além disso, pressupõe que a criança conheça o sistema de tonicidade, o que implica que só seja realizada depois que os alunos tiverem trabalhado com este conteúdo da forma como está proposto neste mesmo livro, no Módulo VI.

Cá entre nós...

Antes de nos lançarmos à investigação com as crianças, vamos observar um pouco o sistema da língua e o pensamento delas ao fazerem as trocas destas três letras para podermos conhecê-los melhor.

Pegue ao acaso palavras que terminem com **L, O**, **U** e observe que:

1) antes da letra **L** só pode aparecer vogal;
2) antes da letra **O** aparecem tanto vogais (*pav**i**o*) quanto consoantes (*tri**b**o*).
3) antes da letra **U** também podem aparecer tanto vogais (*corr**e**u*) quanto consoantes (*uru**b**u*).

Considerando-se estas características do sistema da língua e analisando a qualidade dos erros cometidos pelas crianças em final de palavra, podemos observar que há um "sistema de pensamento" que organiza os erros cometidos. Observe que:

1) Quando aparece **consoante + O** (*tribo*), eles trocam o **O** por **U** (escrevem "tribu"), mas se for **consoante + U** (*urubu*), não costuma haver troca (eles não costumam escrever "urubo").
2) Uma vez que a consoante nunca aparece antes do **L**, nessa posição, o conflito **L**/**U** não acontece.
3) Quando temos **vogal + O** (pavio) eles trocam tanto por **L** quanto por **U** (aparecem *pavio, "paviu", "pavil"*).
4) Quando encontramos **vogal + U** (*correu)*, a mesma confusão entre as três letras acontece. Encontramos correu, *"correo", "correl"*.

Acreditamos que a letra "geradora da confusão" seja o **U**, pois tem tanto o som do **O** quanto o do L, levando-os a estender a dúvida para **L - O**.

Letra L em final de palavra

Para ajudá-los a organizar todo este universo, propomos a seguinte estratégia:

1) Como lição de casa, peça que os alunos pesquisem palavras terminadas por **L**, em revistas e jornais, e tragam-nas para a sala de aula no dia seguinte.
2) Reúna-os em pequenos grupos (três ou quatro alunos), diga-lhes que juntem todas as palavras encontradas e pintem o **L** final de uma cor e a letra anterior de outra.
3) Terminada a pintura, peça que observem as palavras e descubram tudo o que há em comum entre elas. Poderão observar que:
   a) Antes do **L** sempre aparece uma vogal, nunca uma consoante.
   b) Todas as vogais podem aparecer indiferentemente.
   c) O som do **L** é parecido com o som do **U**.
   d) Se não houver acento na palavra terminada por **L**, ela será oxítona.
   e) Se houver acento, a tônica será a sílaba acentuada.
   f) Outras descobertas, se houver.

Terminadas as descobertas, peça-lhes que guardem as palavras em um envelope para que possam ser utilizadas novamente em outro momento.

A postura do professor ao desenvolver a estratégia já foi explicada quando da descrição do procedimento com a letra **G**, e, portanto, não voltaremos a descrevê-la.

Letra U em final de palavra

Uma vez que as crianças sempre verificam que o som do **L** é parecido com o do **U**, em outro dia peça que pesquisem e tragam para a sala de aula palavras terminadas em **U**.

1) Reúna-os em pequenos grupos e peça-lhes que pintem o **U** final de uma cor e a letra anterior de outra.
2) Concluída a pintura, peça-lhes que observem as palavras e digam o que perceberam. Verificarão que antes do **U** podem aparecer tanto consoantes quanto vogais.
3) Peça-lhes que organizem as palavras em dois grupos: **consoante + U e vogal + U**.
4) Diga-lhes para observarem apenas as palavras que têm **consoante + U** e fazerem as descobertas.

Palavra com **consoante + U**

Verificarão que:

a) antes do **U** pode aparecer qualquer consoante;
b) se a palavra não for acentuada, ela será **oxítona**;
c) não há um número muito grande de palavras terminadas por **consoante + U**;
d) outras descobertas que porventura fizerem.

Para sistematizar esta descoberta, faça a atividade do *Livro do aluno*: Edificiolouco...

Edificiolouco...

Aplicando a divisão silábica e a tonicidade para descobrir onde colocar cada palavra no edifício, verificarão como decidir entre **O** ou **U** final: se terminar por **O**, é paroxítona, se terminar por **U**, é oxítona. Mais uma vez a teia da língua tece seus fios de sustentação.

5) Em outro dia, peça-lhes que observem as palavras do grupo **vogal + U** e registrem suas descobertas.

Palavras com **vogal + U**

Verificarão que:

a) Todas as vogais podem aparecer, menos o **U**.

b) Há muitas palavras que querem dizer algo "que já aconteceu" (as crianças da 2ª série ainda não trabalham com o conceito de verbo, nem têm a noção de tempo totalmente construída, mas já são capazes de começar a pensar nestas questões).

Ao fazerem esta verificação, peça-lhes que digam mais palavras que indicam "coisas no passado" e vá escrevendo na lousa conforme forem falando. Caso surjam palavras como "dinossauro", pergunte para a classe se uma palavra como aquela serve, por que sim ou por que não. O próprio grupo costuma ser excelente professor.

Depois que muitos verbos no passado e na 3ª pessoa do singular (ele) estiverem escritos, peça-lhes que observem na lousa e façam descobertas. Verificarão que:

a) terminam sempre por **U**, nunca por **L**;

b) estão no passado, ou são coisas que já aconteceram;

c) aparecem antes as vogais **E**, **I**, **O**;

d) não aparecem as vogais **A**, **U**.

No *Livro do Aluno* encontramos a atividade **Passando para o passado** com o objetivo de sistematizar esta idéias.

Passando para o passado

A poesia *Amigas inventadas* de Elias José está toda no presente. Pedimos que passem para o passado. Peça-lhes em seguida que sublinhem as palavras que foram alteradas, que agrupem as que se modificaram da mesma forma e, depois, que observem o que mudou. Verificarão que:

1) Nem todas as palavras da poesia mudaram, apenas algumas.

2) A maior parte das que mudaram passaram a terminar por **U**.

3) Algumas se transformaram inteiras e não só uma parte delas (*vai* para *foi*).

4) Outras descobertas que eles fizerem.

Nosso objetivo ao colocar o caça-palavras de rimas é, de outra forma, continuar a chamar a atenção das crianças para as terminações das palavras, alvo de nossas investigações nesta série.

E quanto às outras palavras que também terminam por **vogal + U**? Como saber quando se grafa **L** ou **U**?

Peça aos alunos que escrevam no plural as palavras terminadas por **L** que haviam sido guardadas. Peça em seguida que escrevam as palavras terminadas por **vogal + U** que não indicam um fato que já aconteceu, e passem para o plural. Plural feito, peça-lhes que observem e vejam o que descobrem. Observarão que quando a palavra termina por **L**, o plural é **IS**. Se terminar por **U**, o plural é **US**.

Perceber isto é extremamente útil, pois se o aluno tiver dúvida se a palavra **difícil** é com **L** ou **U**, é só pensar: **coisa difícil** — **coisas difíceis**, ou **coisas "difíceus"**? O próprio conhecimento de falante da língua trará a solução para ele.

É bem verdade que as crianças costumam construir erradamente o plural de *chapéu* e *degrau* (elas falam "chapéis" e "degrais"), masas outras palavras costumam ter seus plurais corretos, e estas por si só não invalidam a estratégia de pensamento.

No *Livro do Aluno* há uma série de jogos e outras situações para ajudá-las a sistematizar estas descobertas:

Pirando com a pirâmide

Jogo-da-velha

Não se esqueça de, ao longo de todo o trabalho desenvolvido, ir registrando no Caderno de Descobertas tudo o que as crianças forem descobrindo.

Pirando com a pirâmide...

É uma atividade que pode ser feita individualmente, até mesmo como lição de casa, se você achar que sua classe "agüenta". O objetivo pedagógico da atividade é que apliquem a descoberta dos plurais associada à divisão silábica, para determinar se a palavra termina por **U** ou **L**. O pedido da descoberta do segredo da pirâmide tem a intenção de, após a aplicação prática da regra, sua retomada a nível de consciência através da generalização.

Aqui, aplicando-se a divisão silábica que já foi trabalhada, procura-se agora sistematizar a possibilidade de utilização da idéia do plural para auxiliar uma decisão ortográfica. Este conjunto de relações, em que Gramática e Ortografia dão sustentação uma à outra, possibilita que as crianças cresçam compreendendo que a língua é uma teia de relações e não um conjunto de fatos isolados.

Jogo-da-velha

É mais uma situação em que a criança precisa aplicar seu conhecimento ortográfico como um meio de conquista de outro objeto: a vitória no jogo.

O jogo-da-velha pede que a criança desenvolva estratégias de ataque e defesa simultâneas, que cada jogador se descentre e possa antecipar a(s) jogada(s) seguinte(s) do adversário, desenvolvendo desta forma todo um processo de inteligência e atitude diante dos objetos e da vida.

L, O, U

Feita a atividade pode-se continuar procedendo à reflexão sobre os erros, só que agora em outro pólo: a confusão **O - U - L**, centrada na letra **O**. Para tanto, peça-lhes que pesquisem em jornais e revistas **palavras terminadas por O** e tragam para a classe.

No dia seguinte, proceda como sempre: peça-lhes que pintem a letra **O** do final da palavra de uma cor e a letra anterior de outra. Verificarão que:

a) Há um número muito grande de palavras terminadas por **O**.

b) Antes do **O** podem aparecer tanto vogais quanto consoantes.

Peça-lhes que separem as palavras em dois grupos: **vogal + O** e **consoante + O**.

Palavras com **consoante + O**

Analisando apenas o grupo de **consoante + O**, peça que façam um levantamento das descobertas. Verificarão que:

a) Há muitas palavras com consoante antes do **O**.

b) Qualquer consoante pode aparecer.

c) O som do **O** se confunde com o do **U** (eles escrevem "bolo" ou "bolu").

d) O **O** não se confunde com o **L** nesta situação **consoante + O**.

e) **Todas as palavras que não têm acento são paroxítonas.**

É em cima desta descoberta que podemos tomar uma decisão de quando usar U ou **O** quando precedidos de consoante. Para evidenciar este aspecto, faça com eles um **Bingo** utilizando palavras sem acento, terminadas por **consoante + O** ou **consoante + U**. No momento da correção peça-lhes que organizem as palavras em duas colunas (terminadas por **O** X terminadas por **U**) e, depois, que descubram o que todas as palavras de cada coluna têm em comum. Descobrirão que as terminadas por **O** são paroxítonas e as terminadas por **U** são oxítonas. Registre a descoberta e parta para as atividades de sistematização:

No *Livro do Aluno*:
O aniversário de...

O aniversário de__

O objetivo desta atividade é que as crianças possam refletir sobre certos pares de palavras que existem, terminadas por **O**, **U**, **L**, e que costumam ter suas grafias confundidas. Mais uma vez busca-se que percebam que a troca de uma letra por outra, mesmo que não mude o som, altera o significado da palavra (abriu/abril). Portanto, peça que prestem muita atenção à escolha da letra, pois ela não é indiferente.

Para completar os espaços, as crianças terão que trabalhar com dedução de significado a partir do contexto associada a um conhecimento dos sentidos em sua relação com a Ortografia. Você pode aproveitar a dica do exercício para pedir a eles que, como lição de casa, descubram outras palavras que sejam faladas da mesma forma, mas escritas de maneira diferente e com significados diferentes.

Palavras com **vogal + O**

Em outro dia, pegue as palavras terminadas por **vogal + O** e proceda como sempre, pedindo-lhes as descobertas. Verificarão que:

a) Todas as vogais podem aparecer antes do **O**.

b) A vogal que mais aparece é **I** (*dormitório, escritório, pavio,* etc.).

c) Quase não encontramos palavras com **AO**; apareceu apenas caos em nossa amostra. Essa descoberta é importante, pois parece haver um número maior de palavras terminadas por **AU** (exemplos: *bacalhau, cacau, pica-pau,* etc.).

d) Encontramos poucas palavras terminadas por **EO** (*vídeo, etéreo, térreo,* etc.), e todas de nossa amostra eram paroxítonas acentuadas.

e) Não há muitas palavras terminadas por **EU** que não sejam verbos (*camafeu, Orfeu, apogeu,* etc.), enquanto os verbos conjugados terminados por **EU** são abundantes.

f) Existem alguns verbos terminados por **OO** exemplos: *côo*, *perdôo*).

g) Em nossa amostra não apareceu nenhuma palavra terminada por **UO**, mas elas existem e costumam serverbos na 1ª pessoa (*recuo, possuo, incluo, construo*); caso não apareçam também nas amostras das crianças, peça que investiguem se palavras terminadas por **UO** são pouco freqüentes ou não existem. Assim, poderão ampliar a descoberta.

Em resumo, podemos:

- diferenciar o uso de **consoante + O** do uso de **consoante + U** pela tonicidade: se terminar em **O** será paroxítona, se terminar em **U** será oxítona;
- diferenciar **vogal + U** de **vogal + L** pelo plural: se terminar por **U** o plural será **US**; se terminar por **L**, o plural será **IS**;
- diferenciar **vogal + O** de **vogal + U** através de dois raciocínios: com **vogal + U** há muitos verbos e estão no passado, e há poucas palavras das outras classes; se for **vogal + O**, há muitas palavras das outras classes e poucos verbos, em geral no presente. Se for verbo, jamais será terminado por **L.**

Atividades de sistematização

Este conjunto de descobertas, que deverão estar registradas no Caderno de Descobertas, precisam ser sistematizadas para que possam se estabelecer internamente nas crianças. No *Livro do Aluno* há uma série de propostas para ajudá-los, e que serão descritas a seguir:

Piu... Pio?! Pil?!!

Nesta atividade todo o raciocínio lógico, capacidade de dedução e conhecimento de palavras terminadas por **L**, **O**, **U** estão em jogo. Reúnam-se em grupos, discutam, apliquem tudo o que sabem e contem os pontos!

As crianças podem escolher palavras diferentes da autora para preencher as lacunas, desde que preservem o sentido do texto. Caso isso aconteça, considere; só não esqueça de que cada espaço corresponde a uma letra, portanto, a palavra substituída deve manter esse número de letras.

Cruzadinha do oa oirártnoc

Atividade para trabalhar com antônimos e contagem de letras, aproveitando para sistematizar mais uma vez as letras **L**, **O**, **U** em final de palavras. Esperamos que, para resolvê- las, apliquem todo um conhecimento adquirido através das estratégias realizadas com eles. Pode ser feita individualmente e como lição de casa.

Desentorte estas!

É o famoso TORTO das revistas de cruzadinhas. O pedido de encontrar oito palavras com L final visa sistematizar nosso objeto do momento, e a estratégia utilizada desenvolve todas as habilidades de raciocínio.

Faça a atividade em classe para poder ajudar as crianças a superar as dúvidas. No início elas tentam pular colunas e linhas, o que é proibido pelas regras do jogo. Faça, se necessário, uma ou duas palavras com elas na lousa para deixar bem claro como proceder. Depois, desentorte estas e parabéns!!!

O pedido de encontrar outras palavras como lição de casa propicia a utilização da mesma tabela para uma ampliação da atividade.

Respostas das atividades do Módulo X

Pirando com a pirâmide...

qual, pau/ tro-féu, cha-péu, lo-cal/in-fan-til, pi-ca-pau, be-rim-bau/ mu-ni-ci-pal, conti-nen-tal, im-pos-sí-vel, u-ni-ver-sal, in-te-lec-tu-al

Os alunos deverão escrever com suas palavras, mas o segredo a ser descoberto por eles é a confirmação da descoberta já feita na pesquisa: que as palavras terminadas em **U** fazem o plural em **US** e as palavras terminadas em **L** fazem o plural em **IS**.

O aniversário de__

O aniversário de **Bebel**

Bebel faria sua festa naquela tarde. **Mal** acordou e já **saiu** correndo do quarto para a cozinha gritando:

— Mamãe, hoje é dia 27 de **abril**, dia do **meu** aniversário!

A mãe, que já estava desde cedo às voltas com os preparativos da festa, **riu** da euforia da filha e correu ao seu encontro para dar-lhe um abraço.

Bebel deixou-se apertar por aqueles braços tão carinhosos e as duas rodopiaram pela cozinha cantando *Parabéns a você* em ritmo de samba.

Enquanto rodavam, **Bebel** lançava seu olhar por sobre o ombro da mãe e o que via misturava-se com os aromas de baunilha e chocolate, que enchiam o ar.

Sobre o **móvel** da copa, descansavam as bandejas repletas de doces dos mais variados tipos: brigadeiros, cajuzinhos, balas de coco e **mel**, bombons, olhos-de-sogra, quindins e doces de nozes.. Balões de gás deixados num canto agora flutuavam por todos os lados, dançando com elas.

Com a boca cheia de água e o coração, de alegria, pensava consigo mesma: “Nada **mal**!”

Pararam ao lado da geladeira e a mãe, num gesto teatral, **abriu** a porta dizendo:

— Tchan! Tchan! Tchan! Tchan!

A menina **moveu** a cabeça para ver a surpresa que lhe aguardava.

Lá dentro estava um lindo bolo confeitado com minúsculos bichinhos de açúcar, delicadamente postos em volta de um pequeno **rio** de gelatina azul.

"Vau! Está demais!", pensou a menina.

Depois pegaram uma garrafa da geladeira e dois copos. Sentaram-se, ofegantes, e em meio às gargalhadas fizeram um brinde à aniversariante.

A garota **bebeu** seu guaraná num gole só, colocou com força o copo sobre a mesa e disse convencida:

— É, vai ser uma grande festa!

A resposta à pergunta feita depois do texto é pessoal, mas esperamos que observem que estas palavras formam pares — terminados por **o**, **u**, **l**, e o sentido delas é diferente.

Edificiolouco...

Não há uma organização única das palavras no edificiolouco. Esta é apenas um exemplo:

nas-ci-**men**-to
ja-**cu**
a-**nu**
in-dig-**na**-do
pre-**sun**-to
bam-**bu**
Pa-ca-em-**bu**
a-no

car-**ras**-co
pi-ra-ru-**cu**
es-pan-**ta**-lho
u-ru-**tu**
as-**sun**-to
do-cu-**men**-to
ca-**ju**
pe-**ru**

Todas as palavras oxítonas do edificiolouco terminam em **U**.

Passando para o passado

Quando Iara
foi para a escola,
Lívia se amolou
e dos adultos se i**solou**
na cozinha.

Tão sozinha,
Lívia
só **teve** um consolo:
inventou um bolo
de amiguinhas.

Conversou com elas,
inventou nomes,
mostrou a boneca,
a bola e a peteca.
Bala **ofereceu**,
contou segredos,
falou os medos,
cantou e **rebolou**.

Depois se **cansou**,
e na cadeira
se **balançou**.
Dormiu encolhida
feito um bichinho.

No solto sonho
as amiguinhas **voltaram**
— amor risonho.

E tudo **foi** lindo
e tudo **foi** mágico

no país do sonho.

Nosso objetivo ao elaborar a atividade não foi o de trabalhar com o conceito de verbo ou com conjugação verbal, mas de que os alunos percebam que estas palavras que estão no passado são sempre escritas com **U**, nunca com **L**, troca freqüente feita por eles.

Caça-palavras:

escola — amola
bolo — solo
boneca — peteca

segredos — medo
balança — cansa
sonho — risonho

Piu... Pio?! Pil?!!

Mariana ganhou um pintinho de um dia.

Era macio como algodão.

Seu nome ficou sendo Fofinho. Fofinho era muito curioso. Um dia ele fugiu do caixote onde morava e correu para o quintal.

Viu um bichinho da sua cor e perguntou:

— Quem é você?

— Sou um pato.

— Eu também. O que você faz?

— Eu nado.

— Eu também — repetiu o pintinho.

— Então vamos nadar.

Foram para o tanque. O patinho saiu nadando, mas Fofinho quase se afogou. A mamãe Pata, que estava por perto, tirou o pintinho da água. Todo molhado, ele pensava: “Acho que não sou um pato...”

Logo depois, ele encontrou outro animal.

— Quem é você? — perguntou.

— Sou um cachorro.

— Eu também. O que você faz?

— Sei latir; tomo conta da casa de meus donos.

— Eu também sei latir. Você quer ver?

Quando Fofinho abriu o bico, saiu um piu, piu, piu muito fraco. Ele ficou sem graça.

— Acho que não sou cachorro. Que será que eu sou?

— Logo você descobre. Boa sorte!

Cruzadinha do oa oirártnoc

1. anoiteceu
2. cheiroso
3. rápido
4. meio
5. áspero
6. escuro
7. perto
8. idoso
9. Sol
10. cruel
11. final
12. fraco
13. velho
14. vazio
15. mal
16. muito
17. aumentou
18. mau

Jogo-da-velha

Palavras com **L**: pessoal, cruel, natal, capital, coronel, carnaval, painel, aluguel, normal, temporal, futebol, fiscal, coral, espanhol, total, animal, paiol, farol, nacional.

Palavras com **U**: troféu, bacalhau, recebeu, transferiu, coloriu, chapéu, comeu, mausoléu, adormeceu, berimbau, degrau, sentiu, réu, pau, mingau, céu, pica-pau, sumiu, cacau.

Jogue várias vezes, dificultando as regras gradativamente, segundo as orientações dadas.

Desentorte estas!

Algumas palavras possíveis de serem formadas com **l** no final: coral, postal, sal, tal, sol, farol, natal, mal, moral, fatal.

MÓDULO XI — As letras E e I em final de palavra

Algumas considerações

As crianças de 2ª série costumam apresentar bastante dificuldade na escolha de qual destas duas letras colocar no final das palavras. Por isso, costumam escrever “cidadi”, “penti”, etc. Corrigir as palavras conforme vão aparecendo é uma interferência apenas no produto do pensamento da criança, não consistindo em uma possibilidade de transformação da hipótese que ela apresenta sobre o sistema da escrita para produzir este erro.

Assim sendo, a estratégia que segue tem por objetivo ajudá-la a compreender propriedades do sistema ortográfico, para que transforme sua hipótese e em conseqüência seu produto, ou seja, sua grafia.

Trabalharemos apenas a confusão destas letras quando aparecem no final das palavras e não quando aparecem internas a elas ou no início, porque analisar esta confusão em cada posição da palavra pede raciocínios diferentes, e não nos é possível trabalhar tudo ao mesmo tempo. Vale também anotarmos aqui que, como o critério de decisão que será utilizado exige conhecimento do sistema de tonicidade, **a atividade não deve ser realizada antes de se ter trabalhado a tonicidade**, da forma como está proposto no Módulo VI — Tonicidade e acentuação.

Estratégia

Peça, como sempre, que pesquisem em livros, jornais e revistas palavras que terminem com **E** e palavras que terminem com **I**. No dia seguinte, reúna-os em grupos de três : a cinco elementos para o trabalho a seguir:

1) Peça-lhes que copiem em papéis cortados em retângulos as palavras encontradas na pesquisa. (Ao realizarem a pesquisa, os alunos já farão a primeira descoberta importante: há muito mais palavras terminadas por **E** do que por **I**.)
2) Depois de copiadas as palavras, peça-lhes que pintem o **E** e **I** finais de uma cor, a vogal anterior de outra e a consoante anterior de uma terceira cor diferente.
3) Terminada a pintura, peça-lhes que organizem as palavras em dois grupos: o das palavras terminadas por **E** e o das palavras terminadas por **I**.
4) Peça que analisem agora as palavras terminadas por **E** e vejam o que podem observar em relação a elas. Veja algumas descobertas possíveis:

Palavras terminadas por **E.**

1) Em nossa amostragem, observamos que em praticamente todas as palavras, o **E** é precedido de consoante.
2) Pode aparecer qualquer consoante antes do **E**.
3) **Todas precedidas por consoante que não tinham acento eram paroxítonas.**
4) Quando as palavras terminadas por **E** são pronunciadas, o som do **E** confunde-se com o do **I**.
5) Muitas palavras falam de coisas no presente. Exemplo: fale, olhe, etc.
6) Quando apareceu a vogal antes do **E**, foi sempre **U**. Exemplos: que, entregue, etc.
7) Quando antes do **E** é **QU** ou **GU**, a palavra é paroxítona. Exemplo: entregue, sossegue. Caso contrário, é oxítona. Exemplo: compõe, mamãe.

Palavras terminadas por **I**

1) Praticamente em todas as palavras encontradas em nossa amostra o **I** é precedido de vogal.

2) As vogais que mais aparecem são: **A**, **E**, **O**.

3) Quando o **I** vem antecedido de consoante ou vogal, a maior parte das palavras fala de alguma coisa que já aconteceu.

4) **Se não tiverem acento são oxítonas.**

Após a investigação, poderão ter um instrumento de decisão: — pela tonicidade e pela freqüência, para escolher entre um **E** ou um **I** no momento de uma decisão ortográfica.

Atividades de sistematização

Veja, a seguir, uma estratégia para ser realizada em classe, que visa a velocidade na decisão ortográfica:

Responda rápido!!! (um jogo oral)

Este é um jogo rápido, agitado, mas que propicia a rapidez de decisão, necessária para a escrita fluente ao longo das situações cotidianas. Para realizá-lo, deixe a classe organizada em fileiras, explique as regras e consiga silêncio. Com barulho, não é possível jogar o **Responda rápido!!!**

O jogo é o seguinte: o professor falará uma palavra da lista que segue, uma de cada vez, e cada aluno deverá dizer se ela termina com **I** ou **E**. Só que isto deve ser feito rapidamente. A graça vem justamente da agilidade do jogo. Para isso acontecer, é importante que as palavras sejam ditadas em ordem, por fileira ou linha, como vocês combinarem, e que o aluno não tenha tempo de pensar. O professor fala a palavra e imediatamente o aluno tem que dizer: **I**! ou **E**!

Você pode jogar com algumas variações, que descreveremos a seguir:

1) Só pela brincadeira, sem contar ponto. Neste caso, se alguém erra você só diz que errou e passa para a frente.

2) Contando pontos por fileira, por exemplo. Neste caso, algum aluno ou os alunos ficam marcando os pontos. Se alguém faz a escolha errada, o grupo perde ponto. Vence a fileira que obtiver o maior número de pontos positivos.

3) O ponto passa para o grupo que percebeu o erro. Esta é uma forma de jogar em que é mais difícil manter a disciplina da classe, mas que também traz seu interesse. Quando alguém erra, se um aluno de outro grupo percebe o erro e corrige, o ponto fica para o grupo que conseguiu acertar.

Apresentamos a seguir uma lista de palavras terminadas por **I** ou **E** retiradas de nossa amostragem. Você pode utilizá-la ou construir sua própria lista... ou os dois, jogar mais de uma vez e em cada momento utilizar uma lista diferente.

Aqui vai a lista! Todos prontos para dizer **I** ou **E**?

abacaxi
vai
ali
quente
caqui
aborreci
sofri
dente
sagüi
bilhete

chocolate
finalmente
monte
rói
depois
imprimi
atribui
flu
bisturi
desmilingui

importante
conhaque
longe
árvore
metrópole
liberdade
Acre
saci
estremeci
enorme

frase
pele
basquete
consoante
nômade
parente
jabuti
célebre
cotonete
verde

sempre
dói
esqui
balde
uniforme
submergi
remexi
hoje
omelete
benzi

nasci
parede
sangue
sirene
parti
parte
meses
mexi
omiti
pote

comi
cacetete
bípede
chove
leite
timbre
lacre
ponte
patinete
sumi

Terminado o jogo, contam-se os pontos e, se o professor quiser, poderá criar outros jogos para sua classe. O tempo necessário de sistematização é determinado a partir da realidade e necessidade de seu grupo.

Veja no *Livro do Aluno* atividades para sistematização:
I ou **E**?
O rango da vovó...
Parece, mas não é...
Que bicho deu?
Sapeando informações

I ou E?

À semelhança do jogo **Responda rápido!!!** descrito acima, selecione onze palavras terminadas por **consoante + I** e onze terminadas por **consoante + E**, **todas sem acento** e do universo vocabular de seus alunos. Misture-as de tal forma que estejam embaralhadas para serem ditadas para as crianças. Faça o ditado e na hora da correção peça que apliquem a regra descoberta na investigação para responder às questões 1 e 2. Acreditamos que não terão dificuldade, pois as descobertas e soluções ortográficas por tonicidade já não são novidade para as crianças.

O rango da vovó...

Para resolver esta atividade, o aluno primeiramente tem que acionar todo um vocabulário mental com nomes de alimentos, verificando se o número de letras, seqüência e posição das letras dadas na tabela correspondem ou não ao nome que pensa ser a solução. Para tanto, terá que trabalhar por negação. Pensará: nome de um alimento começado por **C**: *"cebola, cenoura* não servem, pois o número de letras não corresponde; talvez seja *couve*, mas a seqüência das letras não corresponde; analisando as letras, talvez seja... *carne*!" Ora, este caminho, necessário para a busca da solução, exige uma forma de raciocínio superdesafiadora para as crianças, além de trabalhar com a imagem mental e concreta das palavras.

É importante que:

a) a atividade seja realizada em grupos para que o desafio, que é grande para a faixa etária, possa ser ultrapassado com produtividade;

b) seja utilizada só a quantidade de letras permitida.

As questões colocadas após o preenchimento da tabela levam a criança a retomar a reflexão sobre a tonicidade como instrumento de decisão entre **I** ou **E** em final de palavra.

Parece, mas não é...

Através de uma relação de sinônima, número de letras e letras cruzadas, a criança vai descobrir a solução da cruzadinha. Novamente a necessidade de cruzar diversas variáveis, selecionar o que não cabe, chegar ao específico... Pode ser feito como lição de casa.

Como sempre, na hora da correção o professor deve estar atento aos erros e dúvidas dos alunos para transformá-los em situações de reflexão, em atividades que ajudem as crianças a superar o conhecimento daquele momento.

Que bicho deu?

É uma atividade que pode ser realizada em classe ou como lição de casa. Nela voltamos a insistir em alguns aspectos:

1) a letra **I** vem com maior freqüência precedida de vogal, e a letra **E** vem precedida de consoante;

2) a possibilidade de se "brincar" com quebra-cabeça de letras, pois este tipo de atividade exige um nível de raciocínio que desenvolve a inteligência;

3) a idéia de que sempre se pode descobrir algo para pensar...

Sapeando informações...

Através da utilização dos verbos da tabela no presente, trabalhamos primeiramente o pensamento dedutivo através da significação. No pedido seguinte, de que passem o texto para o passado, possibilitamos que observem que quando se altera o tempo (de presente para passado) o **E** passa a **I.** Este é mais um instrumento de decisão em um momento de dúvida ortográfica.

Ao fazerem a transformação, várias questões estarão em jogo. Leia os comentários na resposta e aproveite para ampliar o trabalho.

Stop!

Os jogos de *Stop* são excelentes instrumentos de desenvolvimento de raciocínio, trabalho com imagem mental das palavras, ampliação de vocabulário passivo, além de garantir que a atividade e as palavras sejam significativas para o aluno, pois a seleção de palavras estará de acordo com a região em que o aluno mora e com as características do grupo que está jogando. Além, é claro, de manter aceso o desejo de participação das crianças...

Não apresentamos a tabela do *Stop* completa pois isto possibilitaria que as crianças a preenchessem antes, acabando com a brincadeira. Sugerimos que o professor discuta com elas quais os campos vocabulares que podem ser preenchidos nos quadradinhos vazios da esquerda. Aqui vão algumas sugestões: nomes de animais, comidas, partes do corpo humano, objetos em geral. Ao fazer a escolha com as crianças, tome cuidado para que não seja selecionado um campo vocabular que tenha poucas palavras (como, por exemplo, nomes de cores), pois uma vez que há poucas palavras terminadas por **I**, ficará muito difícil elas preencherem a tabela.

Depois, bom jogo!!

No momento da correção na lousa, vá escrevendo todas as palavras que surgirem, marcando quantos pontos cada uma delas vai receber, de acordo com as regras dadas. O professor se surpreenderá com a quantidade de palavras que terá trabalhado neste jogo!!!

O professor pode, neste momento, aplicar uma estratégia com o jogo do Bingo, descrita a seguir:

Bingo (para ser montado em sala de aula)

Escolha 16 palavras do vocabulário de seu grupo que terminem por **E** ou **I**.

Peça que façam uma tabela de quatro colunas por quatro linhas formando um quadriculado. Dite-as para eles, dizendo-lhes que coloquem cada palavra em qualquer lugar da tabela, de tal forma que cada um ficará com uma tabela diferente. Ao terminarem a montagem da tabela, comece o sorteio da forma tradicional do Bingo, e cada criança vai marcando em sua tabela a palavra sorteada.

Não se esqueça de fazer deste momento uma situação de alegria, brincando e mobilizando-os. Quando alguém montar uma seqüência de palavras sorteadas na linha, coluna ou diagonal, fala *Bingo*!, e mostra sua tabela para o professor. Se todas as palavras daquela série estiverem grafadas corretamente, este aluno ganha. Se houver alguma palavra com erro de grafia, o professor avisa que há erro, mas não mostra onde. O aluno volta para seu lugar e continua concorrendo com outra linha, coluna ou diagonal.

Como o erro de grafia elimina a vitória, dentro do Bingo a correção ortográfica é uma necessidade interna ao sistema que constitui o jogo e não uma “chatice” de professor, como costumam considerar os alunos. Por não termos o objetivo de valorizar quem ganha primeiro, o sorteio costuma estender-se até por volta do décimo colocado. Ao longo da correção na lousa, o professor pode discutir com a classe as dúvidas que porventura ainda persistirem.

Respostas das atividades do Módulo XI

I ou E?

1. a) Todas têm uma consoante antes do **E** final.

b) Nenhuma tem acento.

c) Todas são paroxítonas.

2. a) Todas têm uma consoante antes do **I** final.

   b) Nenhuma tem acento.

   c) Todas são oxítonas.

Incentive seus alunos para essas descobertas que não são fáceis de serem feitas nessa faixa etária. Encaminhe-os, sem dar a solução, para que cheguem a essas conclusões.

O rango da vovó...

As palavras a serem formadas são: carne, leite, sorvete, caqui, peixe, abacaxi, chocolate e refrigerante.

1. As paroxítonas terminam em **E**.
2. As oxítonas terminam em **I**.

Parece, mas não é...

1. semelhante; 2. tente; 3. triste; 4. enorme; 5. suave; 6. esperei; 7. morre; 8. juventude; 9. traje; 10. longe; 11. ave; 12. elegante; 13. pensei; 14. vi; 15. brilhante.

Que bicho deu?

Respostas: dente, sai, quente, pai, pare, sorri, assine, colabore, apague, vai, contrai, confie, colibri, corre, boi, socorri, combine, consegui, longe, sagüi, livre, aqui, trai, contente, acontece.

1. Letras encontradas: t, t, r, n, r, r, n, g, r, t, c.
   Nome dos animais de quatro patas: tartaruga, rinoceronte.
2. Letras encontradas: a, a, r, a, a, r, o, r, i, u(gu), ü(gü), u(qu), a.
   Nome de três aves: urubu, arara, canário.

Neste momento, as crianças poderão utilizar as observações feitas na atividade de descoberta do **E** e **I** em final de palavras, quando puderem observar que:

a) antes da letra **E** aparecem consoantes com maior freqüência e antes da letra I final, aparecem vogais com maior freqüência.
b) nosso objetivo é que observem se há uma diferença grande de freqüência, se houver uma consoante use depois **E**, se for uma vogal, use depois **I**, pois sua chance de acertar será maior.

Sapeando informações...

O sapo **sofre** muitas mudanças desde o momento em que **nasce** até o momento em que **morre**.

Nasce em forma de larva. Nesta fase, respira pelas brânquias. Depois ele **cresce**, **perde** as brânquias e se transforma num sapo jovem com pulmões, e então **vive** em ambiente terrestre.

Para acasalar, o sapo **sobe** nas costas da fêmea e ela o carrega até a água. Lá ela solta os óvulos e o sapo **expele** sobre eles uma espécie de líquido para fecundá-los.

Texto transformado em primeira pessoa:

...em que nasci até o momento em que morri.

Nasci em forma de larva e respirei pelas brânquias. Depois eu cresci, perdi as brânquias e me transformei num sapo jovem com pulmões, e então vivi em ambiente terrestre.

Ao fazerem a transformação, é importante que você ajude as crianças a observar quais as palavras que se alteram, pois também os pronomes se transformam. Peça-lhes que digam quais transformações ocorreram. Poderão observar que:

a) muitas palavras mudaram;
b) sumiram as palavras *O sapo*;
c) *ele* virou *eu/se* virou *me*;
d) as palavras lacunadas antes terminavam em **E** agora terminam em **I**;
e) antes as palavras lacunadas eram paroxítonas, agora são oxítonas;
f) e outras observações que as crianças fizerem.

Aproveite ao máximo as colocações que surgem espontaneamente para trabalhar a língua em suas transformações.

Discuta com os alunos o texto lido. Analise com eles as transformações pelas quais passa o sapo no decorrer de sua vida. Incentive-os a imaginar o que sentiriam se fossem um sapo, se estivessem no seu lugar. Ao término dos trabalhos, faça a leitura dos textos produzidos.

Stop!

Conscientize os alunos para que sigam com rigor as regras do jogo.

Estabeleça um tempo pré-determinado para o desenvolvimento do jogo.

Ao término do jogo, promova a contagem dos pontos e a leitura das palavras criadas.

MÓDULO XII — As letras S e Z em final de palavra

A escolha de **S** ou **Z** em final de palavra costuma ser difícil para as crianças, principalmente nos monossílabos. Exemplo: “fes” ou fez? Assim sendo, resolvemos montar esta situação de investigação com a intenção de ajudar as crianças a fazerem descobertas sobre o sistema ortográfico que possam ajudá-las a tomar uma decisão.

Estratégia

Como sempre, inicie a investigação por uma pesquisa em jornais, revistas ou livros, de palavras terminadas por **S** ou **Z**. No dia seguinte, reúna-os em equipes, peça-lhes que juntem as palavras encontradas, e:

1) Pintem a última letra (**S** ou **Z**) com uma cor.

2) Pintem a letra anterior de outra cor (peça que escolham uma cor para consoante e outra cor para vogal).

3) Depois de terminarem a pintura, cada grupo organiza suas palavras em dois grupos: o das palavras terminadas por **S** e o das palavras terminadas por **Z**, e começam as descobertas.

Descobertas sobre o **S**

1) Há mais palavras terminadas por **S** do que por **Z** em nossa amostra.
2) A maior parte das palavras que terminam por **S** está no plural.
3) Há muito poucas palavras terminadas por **S** no singular.
4) As palavras que encontramos terminadas por **S** no singular são invariáveis. Exemplos: *depois*, *mas*, *vários*.
5) Antes do **S** apareceram todas as vogais.
6) A única consoante que encontramos antes do **S** foi o **N**, quando a palavra estava no plural. Todas as palavras que tinham o plural terminado por **NS**, no singular terminavam por **M**. Exemplo: *homem*/*homens*.
7) A maior parte das palavras terminadas por **S** é paroxítona.
8) Há um grupo de palavras terminadas por **S** que são oxítonas e não indicam plural. Geralmente indicam a procedência da pessoa. Exemplo: *japonês, chinês, freguês* (que pertence à mesma paróquia). Estas palavras sempre têm acento.

Descobertas sobre o **Z**

1) Apareceram poucas palavras terminadas por **Z** em nossa amostra.
2) Nenhuma das palavras estava no plural. Verificamos e constatamos que não existe palavra terminada por **Z** no plural.
3) Apareceram todas as vogais antes do **Z**. Não apareceu nenhuma consoante.
4) Todas as palavras terminadas por **Z** são oxítonas.
5) Algumas das palavras terminadas por **Z** indicam algo que acontece. Exemplo: fez, diz, produz.

Atividades de sistematização

A partir das descobertas, pautaremos nossas atividades de sistematização em cima das descobertas de tonicidade e na relação da significação. Observamos também que os monossílabos terminados por **S** ou **Z** são escritos com freqüência pelas crianças com erros de grafia, o que nos levou a elaborar várias estratégias utilizando-os.

No *Livro do Aluno* encontramos:
Caracol
Jogo dos sete erros

Bingo.
Quem nasce lá é...?
Recortando...
Cata-vento

Caracol

Esta é uma atividade tremendamente desafiadora para turmas de 2ª série, e só deve ser realizada em sala de aula e em equipe. Seu objetivo lingüístico é que percebam que a presença de mais uma letra ou a falta dela, transforma toda a palavra. Desenvolver essa idéia é importante, uma vez que as crianças esquecem de colocar **S** em final de palavras. Para realizar esta atividade eles terão que trabalhar projetando as palavras futuras, o que implica uma antecipação de várias palavras.

Jogo dos sete erros

Este é um jogo que tem o objetivo de desenvolver nas crianças o "olhar do revisor". O pedido de cópia do texto integral tem o objetivo de retomar o texto para transformá-lo, pedindo uma postura de acomodação e observação das letras envolvidas nas diferentes palavras. Procuramos "fabricar erros" do mesmo tipo que eles costumam produzir, obrigando-os a repensá-los.

Converse com os alunos no sentido de identificar os erros e reconhecê-los a partir de tudo o que foi estudado sobre tonicidade e plural-singular até agora. Quando as crianças divergirem, estimule as justificativas para desenvolvimento da argumentação.

Crie outros textos fabricando erros comuns para que os alunos possam identificá-los.

Bingo

A forma de jogar, contar os pontos e os aspectos cognitivos e lingüísticos do Bingo já foram explicados no **Bingo com I/E**, portanto, aqui vai apenas a lista com as palavras. Observe que escolhemos palavras que garantissem as descobertas futuras. Bom jogo!!!

1) arroz`
2) talvez
3) antes
4) contos
5) pires
6) capuz
7) passas
8) avestruz
9) feroz
10) vezes
11) bolos
12) todas
13) mulheres
14) embriaguez
15) rapaz1
6) feliz

Terminado o jogo, o fato de classificar as palavras pela tonicidade e observá-las possibilitará que comprovem o que descobriram na investigação: terminadas em **az**, **ez**, **iz**, **oz**, **uz** são oxítonas, em **as**, **es**, **os** são paroxítonas. No caso das palavras terminadas em us/uz não é possível utilizar o recurso da tonicidade para tomadas de decisão na hora de escrever, pois nos dois casos elas são oxítonas. A questão 6 foi proposta para que o aluno observasse que as escritas com **us** costumam estar no plural e as com **uz** no singular.

Quem nasce lá é...?

Esta atividade tem como objetivo trabalhar os gentílicos terminados por **S**. É possível e até provável que as crianças não conheçam muitos dos países citados por nós. Este é um excelente pretexto para você ampliar o trabalho e trazer mapas-múndi, globo, conversar com as crianças sobre a origem de pais e avós, de lugares que já viram ou ouviram falar em filmes e livros. Assim, o trabalho de Ortografia pode assumir uma dimensão de conhecimento que em muito o amplia.

A conclusão que esperamos é que as crianças descubram na atividade (ou confirmem a descoberta já feita) de que os gentílicos sempre terminam por **S**, nunca por **Z**, que são todos oxítonos e todos acentuados.

Solicite a pesquisa de mais adjetivos pátrios com a mesma terminação.

Oriente os alunos a encontrarem os países correspondentes a essas nacionalidades no mapa-múndi.

Recortando...

Com o pretexto da fita métrica emendada, pretendemos que as crianças trabalhem com estes monossílabos e dissílabos que costumam trazer tantos erros de grafia. A sugestão de que expliquem as palavras de "algum jeito" resgata a relação grafia-significado de forma criativa, dando à criança o espaço de buscar sua forma de expressão, e tornando a atividade mais interessante.

Cata-vento

É uma atividade que trabalha com a classificação em busca da relação forma/significado. Acreditamos que, realizada em grupo, torne-se mais interessante. Para completar os cata-ventos eles terão que fazer a correspondência do número de letras, espaços e significados.

Ao resgatar o significado das palavras que não conhecem, discuta todas as que aparecerem a fim de que possam, conhecendo os significados, deixar de grafá-las errado e de aglutiná-las.

Respostas das atividades do Módulo XII

Caracol

Sugestões de palavras que podem ser formadas: e, ré, rede, rende, prende, prender, prendera, prenderam, prendêramos.

e: se, sem, sêmen, semente, sementes, sementeira.
r: ri, rir, rira, riram, ríramos.
r: rim, rima, prima, primar, primário.
Outras sugestões: ce, cem, nascem, nascemos, renascemos.
ge, gem, gema, gemada, gemadas.
le, lei, leite, deleite, deleites.
me, mês, mesa, mesada, mesadas.
pe, pele, peleja, pelejar, pelejara.
te, tem, teme, temer, temera.

Proponha a leitura das palavras e a interpretação dos seus significados. Não confundi-las com palavras derivadas.

Jogo dos sete erros

Era uma **vez** um menino **japonês** chamado Kazuo. Ele morava com seus **pais** numa fazenda muito grande que ficava **atrás** de montanhas muito altas.

Depois das aulas Kazuo gostava de passar pela plantação de **arroz** de seu pai para ver a máscara assustadora que colocaram numa **cruz** de madeira para espantar os espíritos ruins.

Bingo

1. Palavras para o Bingo: arroz, talvez, antes, contos, pires, capuz, passas, avestruz, feroz, vezes, bolos, todas, mulheres, embriaguez, rapaz, feliz.
2. **Proparoxítonas:** — (sem palavras)
   Paroxítonas: antes, contos, pires, passas, vezes, bolos, todas, mulheres.
   Oxítonas: arroz, talvez, capuz, avestruz, feroz, embriaguez, rapaz, feliz.
3. Todas as paroxítonas terminam em **as**, **es**, **os**.
   As oxítonas têm em comum o **z** no final das palavras.
4. Antes do **s**: **a**, **e**, **o**; antes do **z**: **a**, **e**, **i**, **o**, **u**.
5. As crianças completarão com suas palavras.
6. Podem descobrir que as palavras terminadas em:

a) **us**/**uz** são oxítonas;

b) **us** estão no plural;

c) **uz** estão no singular.

Quem nasce lá é...?

Tailândia: tailandês
Japão: japonês
Líbano: libanês
China: chinês
Noruega: norueguês
Dinamarca: dinamarquês
Finlândia: finlandês
Portugal: português
Holanda: holandês
nglaterra: inglês
Java: javanês
França: francês
Escócia: escocês
Paquistão: paquistanês
Irlanda: irlandês
Polônia: polonês

2. Podem verificar que: a) todas terminam por es (não ez);
b) todas têm acento;
c) todas são oxítonas.

Recortando...

Palavras que devem ser encontradas: vós, capas, traz, cartaz, pás, nós, paz, trás, voz, capaz, vez, noz, cartas, vês.

3. Palavras de uma sílaba: vós/voz; trás/traz; pás/paz; nós/noz; vês/vez.
   Palavras com duas sílabas: capas/capaz; cartas/cartaz.
4. As crianças poderão descobrir que:
   a) Em cada par, uma palavra termina por **s** e a outra por **z**.
   b) Sempre as duas significam coisas diferentes.
   c) As que terminam por **s** têm acento, as que terminam por **z** não têm acento.

Cata-vento

vós / nós / pós / sós / cós
xis / bis / quis
três / lês
más / pás / trás
traz / faz / paz / jaz
nus / jus / pus
nos / dos
luz / cruz
voz / noz / foz
dez / fez / vez / tez
diz / fiz / triz / giz

Explore bastante a relação grafia/significado para que as crianças saibam estabelecê-la ao escrever.

APÊNDICE

Usando o dicionário

O trabalho com o dicionár envolve diversos momentos e vários níveis de dificuldades:

- Saber que as palavras devem ser procuradas pela 1ª, 2ª, 3ª letras e assim sucessivamente.
- Ter certa rapidez para encontrar as palavras (caso contrário, o dicionário torna-se um problema e não uma solução).
- Saber que determinadas palavras que o aluno encontra no texto não estão da mesma forma no dicionário. Por exemplo: palavras femininas usadas no texto, encon-

tram-se no masculino no dicionário; palavras do texto usadas no plural e que, no dicionário, estão no singular; palavras no aumentativo ou diminutivo no texto que estão no grau normal no dicionário; verbos conjugados no texto, que estão no infinitivo no dicionário.

- Conseguir identificar, diante de várias possibilidades de significados de uma mesma palavra, qual é o que interessa no texto.
- Aprender a utilizar o dicionário de uma forma mais plena, através da descoberta da significação das outras informações nele contidas, como por exemplo: abreviaturas que informam classes gramaticais e as que informam origem e formação de palavras; expressões que aparecem em negrito; diferentes tipos de letras que indicam diferentes informações; etc.

Na 1ª série o trabalho com dicionário esteve voltado para a conquista da ordem alfabética, da rapidez na busca e do uso do dicionário como um recurso de decisão ortográfica. Na 2ª série manteremos estes objetivos, mas ampliaremos o trabalho com a descoberta das palavras no plural, feminino, etc. e a utilização como recurso de descoberta de significado.

A busca da significação no dicionário envolve alguns problemas bastante conhecidos dos professores:

1) Diante de vários sentidos, os alunos costumam não saber qual deles é o que interessa ao contexto.

2) A explicação do dicionário é complicada para a criança.

3) Há um sinônimo da palavra que também é desconhecido para eles.

4) A palavra é utilizada dentro de uma expressão, mas o dicionário só a apresenta isolada e não define o sentido da expressão tal qual está no texto.

Sugestões de como lidar com a dificuldade de compreensão da explicação dada no dicionário

Estas questões só serão ultrapassadas gradativamente, e nossa postura diante delas pode ajudá-los a enfrentá-las com maior ou menor dificuldade. Antes de mais nada, é preciso pensar que uma das razões de terem dificuldades com a significação é que eles trabalham na ilusão de que o dicionário vai responder por eles ao problema da significação. Pensar desta forma faz com que o aluno se coloque em uma postura passiva diante do dicionário, como se o trabalho de compreensão fosse o de receber e não o de trocar. Com uma atitude passiva é difícil haver compreensão.

Uma possibilidade de atuação do professor diante desse problema é a de, antes do aluno consultar o dicionário, fazer um trabalho de dedução de sentido a partir do contexto no qual a palavra se encontra. Trabalha-se desta forma com o raciocínio dedutivo, e o aluno, quando for procurar a palavra no dicionário, já terá uma ou mais hipóteses de significação, o que permitirá que tenha um instrumento de decisão diante de vários significados, ou mais condições de interpretar a explicação do termo dada por ele. Este recurso não anula a dificuldade, uma vez que o conhecimento prévio do mundo e da cultura são também essenciais, mas, sem dúvida, favorece o trabalho e modifica a postura do aluno diante do conhecimento.

Para que ele enfrente as possibilidades de sentido, há também no *Construindo a Escrita — Leitura e interpretação de textos* uma proposta de trabalho com polissemia no decorrer de todo o livro.

Sugestões de como lidar com a dificuldade de encontrar palavras que estão no plural, feminino, ou grau aumentativo e diminutivo

Para a ampliação do trabalho de busca de palavras que não são encontradas da mesma forma que estão no texto, sugerimos a seguinte estratégia:

Peça aos alunos que procurem no dicionário uma palavra feminina retirada do texto que estiver sendo lido. Diante da dificuldade em encontrá-la, lançar o desafio de “quem acha primeiro" e, quando encontrada, pedir ao aluno que explique como a encontrou. Levantada a possibilidade de que as palavras no feminino sejam encontradas no masculino, dar outras palavras para que possam conferir.

Quando a palavra, no texto, está no feminino, no dicionário às vezes é encontrada no masculino, às vezes no próprio feminino. Peça às crianças que listem as palavras que aparecem só no masculino e as que aparecem no masculino e no feminino, procurando descobrir qual o critério para saberem em que gênero a palavra aparece no dicionário. Análise feita, poderão descobrir que quando o feminino é regular, ou seja, masculino + -a, ele não aparece; se fugir da regra principal, aparece. Assim sendo, não aparece "gata" no dicionário, só "gato"; no entanto, aparecem "boi" e "vaca".

Proceda da mesma forma em relação ao singular e ao plural.

Descobertas feitas, registre-as no Caderno de Descobertas e faça jogos de sistematização. Por exemplo, faça um jogo de velocidade, pedindo aos alunos que encontrem a palavra "x", de tal forma que tenham que decidir com rapidez como ela aparecerá no dicionário e usar boas estratégias de busca. Porém, o mais importante agora, é que saibam encontrar palavras de textos que lêem, o que acontecerá naturalmente no transcorrer do trabalho de textos.

Em relação aos verbos conjugados, o problema de busca fica mais difícil de ser resolvido uma vez que as crianças de 2ª série não trabalham ainda com classes gramaticais e não têm o conceito nem de verbo nem de infinitivo. Para abordar este tópico, propomos que integrem com o trabalho de **Palavras variáveis e invariáveis**, e quando os alunos constatarem que existem palavras que variam de uma forma especial, sugira que descubram como este tipo de palavra é encontrada no dicionário.

Sugestões de como lidar com a dificuldade de compreender expressões encontradas no texto

Quando o que estiver em jogo for o sentido de uma expressão, a dedução de sentido através do contexto costuma ser uma estratégia muito eficiente. Nos grandes dicionários, várias expressões aparecem, e podem ser motivo de investigação para os alunos. Os pequenos dicionários de bolso já não as têm da mesma forma.

Se ao longo da 2ª série os alunos puderem ampliar o uso do dicionário através do trabalho de investigação de sentidos e estratégias de buscas propostos, acreditamos que irão atingir o nível esperado para a faixa.

Palavras variáveis e invariáveis — Uma introdução ao trabalho com classes gramaticais

Para que o aluno possa vir a trabalhar com as classes gramaticais na 3ª série, é preciso que comece a refletir sobre a possibilidade de fiexão das palavras, pois esta é uma das propriedades relevantes para este estudo.

Pensar em variabilidade implica fazer algumas perguntas: o que varia? de que forma varia? em que varia? de onde para onde? por que varia? Ao buscar as respostas para estas questões, aspectos essenciais das palavras têm que ser desvendados, e são considerações essenciais para utilização posterior.

Uma vez que os termos variáveis e invariáveis são de uso corrente, é importante que o professor comece pelo resgate de sentido desses termos para as crianças. Assim sendo, vale a pena perguntar-lhes o que é para eles uma "coisa variável ou uma coisa invariável". Surgirão elementos muito importantes, uma vez que é mais fácil perceber coisas que variam. Faça você a experiência de buscar em pensamento coisas no mundo que são variáveis e invariáveis.

Um aspecto importante que surge dessa discussão é a diferença entre "o que pode variar", "o que não pode variar" e "o que sempre varia". Por exemplo, o pôr-do-sol é uma coisa invariável (todos os dias o sol se põe), a forma como ele se põe é variável (a cada dia a forma como o sol se põe é diferente da outra); a comida é variável ou invariável? Posso comer todo dia a mesma coisa, e comida ser invariável? Não, se houver a possibilidade de se alterar, mesmo que não se faça isso sempre, já é considerado como uma coisa variável.

Essa discussão, que a princípio pode parecer desnecessária, vai desenvolver nas crianças conceitos importantes para que compreendam variabilidade em algo mais abstrato como as palavras.

Concluída essa discussão informal, propomos que o professor ofereça um trecho curto, de umas 10 linhas aproximadamente, para que as crianças reescrevam a partir de uma ordem do tipo: *Se onde está árvore, por exemplo, eu puser "árvores", como fica o restante?* A criança vai, assim, reescrever o trecho passando-o para o plural, a partir de seu conhecimento de falante da língua. Terá, já, que observar que algumas palavras vão ser modificadas, outras não. É importante que fique claro para eles que o sentido do texto vai determinar se deve haver ou não modificação.

Exemplo:

> Foi por causa dessa correria toda que Baltazar conseguiu pegar a bola e enfiá-la debaixo do blusão, bem escondidinha. Assim ninguém ia ver que ele estava levando a bola do último gol do seu time, a bola da vitória!

O professor pede que, em grupo, reescrevam como se fossem Baltazar e Carlão os personagens. Ficaria, então, assim:

> Foi por causa dessa correria toda que Baltazar e Carlão conseguiram pegar a bola e enfiá-la debaixo do blusão, bem escondidinha. Assim ninguém ia ver que eles estavam levando a bola do último gol de seu time, a bola da vitória!

O professor pede novamente que reescrevam imaginando que havia duas bolas, e que Baltazar pegou uma e Carlão outra. O trecho ficaria assim:

> Foi por causa dessa correria toda que Baltazar e Carlão conseguiram pegar as bolas e enfiá-las debaixo dos blusões, bem escondidinhas. Assim ninguém ia ver que eles estavam levando as bolas dos Últimos gols de seu time, as bolas da(s) vitória(s).

Ao fazer o trabalho em equipe, surgirão as divergências de opiniões entre as crianças, que são situações ricas para que o professor discuta com eles as relações entre flexão e significação, e a maneira como se passa para o plural.

Depois de realizadas as transformações, o professor pede que pintem com lápis colorido as palavras que foram modificadas em cada uma ou nas duas situações e procede à análise, pedindo que olhem nos textos e digam:

1) *Todas as palavras se transformam?*

2) *De que forma se transformam?*

3) *Será que dá para perceber alguma coisa em comum entre as palavras que variam e as que não variam?*

4) *De que jeito uma palavra pode variar?* Escolha alguns substantivos e peça que verifiquem de que formas uma palavra pode variar. Analise com eles que, quando se passa de *menina* para *menino*, o que mudou foi o gênero, que, quando se passa de menino para meninos, o que mudou foi o número.

A partir da observação da língua, das variações produzidas por eles, poderão tirar algumas conclusões:

1) Algumas palavras da língua variam, outras não.

2) Algumas variam em masculino-feminino, singular-plural.

3) Para variar costuma-se mudar o final da palavra.

4) Quando um trecho é passado para o plural ou quando se muda o gênero, nem todas as palavras mudam, apenas aquelas que o sentido diz que tem que mudar.

5) Algumas palavras mudam de um "jeito diferente", indo para o plural, mas não para o masculino ou feminino {mais tarde virão a saber que são verbos).

Todas estas conclusões e outras que as crianças tirem devem ser registradas na lousa com as palavras deles e depois copiadas no Caderno de Descobertas.

Descobertas feitas, o professor informa aos alunos que os gramáticos chamaram as palavras que podem se modificar de **variáveis** e as que não podem se modificar de **invariáveis.**

A partir desse momento, as atividades de sistematização constituem-se de trechos ou pequenos textos que o professor deve tirar do livro ou de qualquer outro lugar e que ache interessante para os alunos. É importante ressaltar que não se deve trabalhar a flexão e a concordância através de palavras e frases isoladas, mas somente de trechos de textos, pois é a relação variabilidade-significado que está em jogo, ou seja, o que determina se a palavra vai ser ou não flexionada no trecho é o sentido geral, não uma decisão com a palavra isolada. Posteriormente, quando estiverem trabalhando com a flexão nas diferentes classes gramaticais é que analisarão a forma particular de cada flexão.

O trabalho com palavras variáveis e invariáveis na 2ª série termina sua extensão conceitual neste nível de abrangência. A análise de como se fazer o plural, o masculino — feminino, conjugar verbos, e demais aprofundamentos será assunto das séries posteriores.

Sugestões de jogos ortográficos para sistematização

Jogos de *Stop*

Os jogos de *Stop* são altamente lúdicos, costumam mobilizar muito as crianças, e caracterizam-se por pedirem uma tarefa que deverá ser cumprida em um prazo curto. Cada um dos tipos de *Stop* propicia uma forma própria de atuação e tem um objetivo específico. Assim sendo, o professor poderá escolher o jogo, adequando-o aos conteúdos a serem trabalhados.

Stop *ortográfico*

Objetivos pedagógicos

1) Sistematizar dificuldades ortográficas que o professor considere relevantes.

2) Trabalhar com a imagem mental das palavras.

3) Acionar o vocabulário ativo e passivo dos alunos.

4) Revisar conteúdos gramaticais (tonicidade, classes gramaticais e outros).

5) Utilizar as descobertas e regras que os alunos tenham feito sobre Ortografia e/ou Gramática.

Descrição do jogo

Cada aluno ou equipe deve ter uma folha com um quadriculado grande, que pode variar de tamanho dependendo da faixa etária que estiver jogando. Por exemplo: jogo com 16 palavras: pedir que os alunos façam uma tabela de 5 x 5 quadrados, que deve ser preenchida da seguinte forma:

a) na 1ª linha superior colocam-se as dificuldades que serão trabalhadas. É importante notar que o objetivo do jogo é encontrar palavras que tenham essa(s) letra{s) ou dificuldades, e não palavras que comecem com elas;

b) na 1ª coluna da esquerda, completar os espaços indicando o campo semântico a que as palavras devem pertencer, e que podem variar segundo os interesses das crianças. Os alunos gostam de universos vocabulares tais como CEP (cidade ou estado ou país), marcas de carros, cigarros, frutas, animais, partes do corpo humano, objetos de uma casa ou de um escritório, ou ainda, palavras oxítonas, paroxítonas, proparoxítonas, substantivos, verbos, adjetivos, etc.;

c) a um sinal do professor, as equipes devem preencher os quadrados de acordo com os pedidos da 1ª linha e da 1ª coluna;

d) não vale escrever mais de uma palavra por quadrinho;

e) a primeira equipe que terminar de preencher a tabela deve dizer *Stop* e todas as outras param imediatamente de escrever.

Exemplo:

	X	CH	Ç	SS	S
CIDADES					
ESTADOS					
PAÍSES					
ANIMAIS					
CARROS					

Da correção e contagem dos pontos

Para a correção, os alunos devem permanecer organizados em equipes, e um aluno de cada equipe se levanta e vai com a solução do *Stop* para a equipe ao lado, de tal forma que o jogo da equipe A seja corrigido pela equipe B, sob o controle do fiscal da equipe A. Isto evita mal-entendidos. O professor vai, então, pedindo que cada equipe diga sua palavra daquele quadrinho. Por exemplo: a 1ª equipe diz sua palavra de CIDADE com X, depois a segunda diz a sua, e assim sucessivamente; em seguida, cada equipe vai falando um nome de animal com X, etc., e o professor vai escrevendo cada palavra na lousa.

Quando a palavra oferece alguma dificuldade maior ou é um "tipo" que os alunos costumam errar na grafia, o professor pede que a equipe soletre para ele escrever, ou um aluno levanta-se e vai escrever na lousa. Com isso garante-se o cuidado com a grafia, uma vez que a correção deve ser uma necessidade inerente ao jogo.

Conforme os alunos vão falando suas palavras, o professor já vai anotando os pontos de cada grupo. Vence o grupo que obtiver o maior total de pontos na tabela.

Para a contagem dos pontos, deve-se observar os seguintes critérios:

— Se dois ou mais grupos escreveram a mesma palavra, **5** pontos para cada grupo.

— Se um único grupo escreveu aquela palavra, **10** pontos para esse grupo.

— Se um único grupo conseguiu preencher aquele quadrinho e os outros todos deixaram em branco, este grupo recebe **15** pontos.

— Se o quadrinho ficou em branco ou a palavra escrita apresentava algum erro na grafia, **0** ponto.

Stop no texto

Objetivo pedagógico

O objetivo desse jogo é desenvolver a postura do **revisor** nos alunos, para que possam exercê-la na revisão de seus próprios textos. Para desenvolvê-la, é preciso aprender a olhar o texto pela forma e não pelo conteúdo.

É um jogo que pode ser realizado nos minutos finais da aula, de improviso. É importante que seja repetido com certa freqüência para que atinja os objetivos pedagógicos estabelecidos.

O jogo

O professor pode aproveitar o texto que está sendo lido na classe para interpretação, por exemplo, e pedir que encontrem nesse texto um número x de palavras com uma determinada letra. Por exemplo, com **H** em qualquer posição. Todas as palavras devem ser sublinhadas no texto.

Vence o aluno que conseguir encontrá-las primeiro. Caso você tenha alguns alunos que sejam rápidos demais e nunca deixam os outros chegarem próximos do fim, vá até o 5ª ou o 6ª colocados.

É um jogo rápido, que anima muito a classe, desenvolve o papel do revisor nas crianças, e as palavras obtidas podem servir de universo para outras atividades.

Stop em colunas

Objetivos pedagógicos

Esta modalidade de *Stop* é mais uma forma de sistematização interessante de ser desenvolvida depois de atividades de descoberta sobre o sistema ortográfico. Ele jamais deve ser jogado como ponto de partida ou sem que tenha sido feita a análise do sistema anteriormente.

O *Stop* em colunas propicia um novo defrontar com a série de palavras em que a letra se encontra, aguçando o olhar da criança para esse tipo de propriedade do sistema ortográfico. É muito bom para desenvolver o "papel do revisor" na criança.

O jogo

Esse jogo consta de uma folha de sulfite com uma lista de palavras que devem ser organizadas em colunas, de acordo com as dificuldades indicadas. O procedimento do jogo é simples.

1) Uma vez distribuídas as folhas, o professor fala *Já*! e todos arrumam as palavras nas colunas. O professor pode, também, determinar um tempo. Por exemplo: *Vocês têm 2 minutos (ou 5 minutos) para preencher a tabela*. Especialmente com crianças menores esta forma tem se mostrado mais eficiente.

2) Quem terminar primeiro e corretamente vence. É importante que o professor verifique se o aluno preencheu criteriosamente, pois há crianças que, no desespero de ganhar, fazem qualquer coisa, só para terminar primeiro, e impedem que todos possam pensar e aprender.

3) O momento da correção deve ser utilizado para observar e trabalhar com os "erros" dos alunos, e não simplesmente dizer *Certo* ou *Errado*.

4) A correção é feita na lousa, e não há contagem de pontos.

Exemplo de uma tabela de *Stop* em colunas com a letra R:

rapaz
perto
drama
empurrado
topar
acordei
selar
enviar
agressivo
parado
ricaço
Araraquara
arranha
ordem
aranha
ruína
arrastou
artigo
certeza

R + vogal	vogal + R	consoante + R + vogal
rapaz...		
...		

R entre vogais	RR entre vogais

Stop de descoberta

Esta variação de *Stop* é uma atividade muito rica, que permite o trabalho com uma variedade muito grande de palavras. O número de palavras propostas deve variar de acordo com a série do aluno, podendo ser realizado de 1ª a 8ª série com sucesso.

Objetivos pedagógicos

1) Trabalhar com a imagem mental da palavra.

2) Acionar o vocabulário passivo do aluno.

3) Desenvolver estratégias de pensamento.

4) Desenvolver estratégias de decisão sobre a ortografia da palavra.

5) Sistematizar um determinado aspecto ortográfico.

Objetivos do jogo

1) Completar a tabela com a maior rapidez possível.

2) Obter o maior número de pontos ao completá-la. Vence o aluno que obtiver o maior total de pontos na tabela e não o que terminou primeiro.

O jogo

1) Os alunos podem jogar individualmente ou em grupos (nunca mais de quatro elementos).

2) Cada aluno ou grupo deve encontrar uma palavra que satisfaça as características dadas pela tabela.

3) Quando algum aluno ou grupo termina, grita *Stop*! e todos devem parar de escrever. Procede-se, então, à correção na lousa, com a análise dos pontos obtidos.

4) Após a contagem, indicar o(s) vencedor(es).

Contagem dos pontos

1) Se mais de um aluno completou com a mesma palavra, **5** pontos para cada um.

2) Se só um aluno (ou grupo) escreveu aquela palavra, **10** pontos para ele.

3) Se só um aluno (ou grupo) preencheu o espaço e mais ninguém descobriu uma palavra para aquela lacuna, **15** pontos para ele.

4) Palavra com erro de ortografia, **0** ponto.

Não permitir o uso do dicionário ao longo do jogo, para levar os alunos a acionarem as regras de ortografia que tiverem construído.

Exemplo de tabela do *Stop* de descoberta:

r __________
tor ___________
_____ rr ______
r __________ r
______ r _____

pr ________
_________ r
__ rr ____ r
br ________
____ fer ____

_____ tr ____ r
r ___ gr _____
dr ___________
_____ por ______
ar ___________

Caso a tabela seja semelhante a esta, não esquecer de avisar os alunos de que quando o **r** aparece em séries como **tor**, o **r** deve ser a última letra da sílaba. Por exemplo: não vale palavra como **tora**, vale **torneira**.

Explicar também que o espaço marcado na tabela não tem a ver com o número de letras ou sílabas que a palavra deve ter. Valem, por exemplo, **torneira**, **torpedo**, **torpedinho, torta**.

Bingo ortográfico

Objetivos pedagógicos

1) Sistematizar a grafia de determinadas palavras.

2) Construir regras ortográficas a partir da observação de elementos lingüísticos.

O jogo

Durante o sorteio das palavras pelo professor, o objetivo é ser o primeiro a completar uma linha ou coluna de palavras sorteadas e grafadas corretamente.

1) Distribuir uma folha com uma tabela ou pedir aos alunos que façam uma tabela com 16 ou 25 quadrados (4 x 4 ou 5 x 5).

2) O professor seleciona as 16 ou 25 palavras (depende da tabela que estiver utilizando), dita uma a uma e vai escrevendo cada uma em um pedaço de papel cortado. Fecha cada palavra e joga os papéis dentro de um saco plástico, para o sorteio.

3) Cada aluno irá escrever a palavra ditada em algum lugar da tabela, de tal forma que, ao final, cada um terá uma tabela organizada de forma diferente.

4) Tabelas preenchidas, o professor começa a sortear as palavras e os alunos vão assinalando em suas tabelas as que saíram. Quando alguém preencher uma linha, coluna ou diagonal passando pelo centro, levanta a mão e mostra para o professor. Se todas as palavras da linha completada estiverem corretas, o aluno vence. Se alguma apresentar grafia incorreta, o professor avisa que há erro mas não indica onde, e o aluno continua participando com outra linha ou coluna.

5) Como a intenção é aprender e jogar, vencer se torna menos relevante. Portanto, o professor continua o sorteio de palavras até quando achar conveniente para sua classe, não importando quantos vencedores houver.

A correção

A correção deve ser feita na lousa e utilizada como um espaço para a discussão e reflexão sobre algum aspecto ortográfico. Por exemplo, se o objetivo do Bingo fosse a descoberta de diferenças entre **am** e **ão**, o professor ditaria no Bingo apenas palavras com essas duas terminações e que não tivessem acento, e no momento da correção perguntaria aos alunos: *O que há em comum entre as palavras que foram ditadas?* Os alunos costumam responder que todas terminam em **am** ou **ão**. O professor faz uma divisão na lousa e vai corrigindo de forma que cada terminação fique em uma coluna. Ao terminar de colocar as palavras na lousa, pergunta para os alunos: *O que todas essas palavras têm em comum além do fato de terminarem em **am**?* (A mesma pergunta é feita para a outra coluna). Os alunos poderão constatar que as palavras terminadas em **am** são paroxítonas e as terminadas em **ão** são oxítonas, se não tiverem acento.

A descoberta é registrada no Caderno de Descobertas, e as palavras do Bingo, copiadas no caderno.

Jogo das dicas

Objetivos pedagógicos

1) Revisar conteúdos já trabalhados, aplicados a uma situação ortográfica.

2) Aprender a ouvir ordens, estando atento aos detalhes do enunciado.

O jogo

O objetivo do jogo é descobrir qual é a palavra que está sendo ditada, a partir de dicas dadas pelo professor.

1) É para ser jogado individualmente, com a classe toda.

2) O professor seleciona um número x de palavras com a dificuldade que pretende trabalhar, e propõe para a classe que, ao invés de falar a palavra, dará dicas e cada aluno deverá escrever a palavra que imaginou em seu caderno.

3) O professor deverá utilizar critérios variados para dar as dicas e poderá aproveitar para trabalhar conceitos de todas as áreas. Exemplos de dicas:

a) A palavra na qual estou pensando tem (número) letras e (número) sílabas e é sinônima de...

b) É o nome que se dá ao processo de nascimento e crescimento de uma semente.

c) É um substantivo trissílabo que dá nome a um sentimento que temos quando...

d) É um adjetivo que é antônimo de..., etc.

Esse jogo é muito bom para se trabalhar com palavras homófonas (que são pronunciadas da mesma forma, mas grafadas de forma diferente), tais como **chá** e **xá**, **auto** e **alto**, **acender** e **ascender**, etc. Ao utilizá-lo dessa forma, estaremos reforçando nas crianças a concepção de que ortografia e significado estão relacionados.

Contagem de pontos

— palavra certa no sentido e na ortografia — **2** pontos.

— palavra certa no sentido e errada na ortografia — **1** ponto.

— palavra errada nos dois — **0** ponto.

Palavras cruzadas

Objetivos pedagógicos

a) Descobrir regras ortográficas.

b) Utilizar conceitos já trabalhados.

O jogo

O jogo de palavras cruzadas já é conhecido de todos. Podemos utilizá-lo para trabalhar Ortografia e os conceitos que quisermos, basta selecionarmos as palavras mais interessantes para o assunto a ser trabalhado.

Para tal, é importante que o professor tenha em mente que o objetivo do jogo não é simplesmente ser divertido, mas que através dele conteúdos lingüísticos e psicológicos estão sendo trabalhados.

Pode ser também indicado como lição de casa que o aluno monte palavras cruzadas com determinada dificuldade ortográfica para que os colegas respondam. No dia seguinte todos trocam de jogos e um responde o do outro.

A montagem dos jogos exige raciocínio e capacidade de definição, dois elementos importantes de serem trabalhados. É interessante que na primeira vez esta atividade seja realizada em sala de aula, para que o professor possa auxiliá-los nessa descoberta.

Soletrando

Objetivos pedagógicos

a) Trabalhar com a imagem mental da palavra.

b) Distinguir as noções de letra e nome da letra.

O jogo

O objetivo do jogo é conseguir soletrar a palavra corretamente.

1) O professor pede que os alunos pesquisem, em casa, palavras com uma determinada dificuldade ortográfica e tragam o jogo em classe. Por exemplo, palavras que tenham **R**, ou que tenham **X-CH.**

2) No dia seguinte, a classe deve ser dividida em equipes de 3 ou 4 elementos, que serão, daí por diante, chamados de aluno número 1, 2, 3, 4, em cada equipe.

3) O jogador número 1 escolhe uma de suas palavras e pede que o jogador número 2 a soletre, isto é, *deve escrever a palavra na cabeça e soletrá-la letra a letra, na seqüência certa*. Enquanto isso, o jogador número 1 (o que ditou a palavra) vai escrevendo cada letra ditada.

4) Quando o jogador número 2 termina de soletrar, o número 1 diz se ele acertou ou errou. Se o 2 acertou, ganha um ponto edita uma palavra para o 3. Se o 2 errou, o número 1 avisa que está errado e pede que o jogador 3 soletre a palavra, e o ponto é dele (o número 3), caso acerte.

5) O jogo termina após terem sido ditadas todas as palavras selecionadas, ou após um tempo determinado pelo professor ou combinado com a classe.

Jogo dos animais

Objetivos pedagógicos

a) Utilizar os conhecimentos gerados nas atividades de reflexão sobre uma determinada letra.

b) Trabalhar com a imagem mental das palavras.

c) Utilizar os processos mentais de classificação e seriação a uma situação ortográfica.

O jogo

O objetivo do jogo é que o aluno descubra como deve organizar letras móveis para formar as palavras que foram sugeridas através das dicas dadas na tabela.

O professor divide a classe em grupos de 4 elementos e entrega para cada grupo uma tabela como a que será mostrada mais adiante, junto com um montinho de letras coloridas já selecionadas para formar as palavras. Esse jogo pode ser feito com cartolina e canetinha hidrocor.

Organizada a classe, o professor dá as dicas do jogo. Exemplo: *Com essas letras dá para vocês montarem 9 palavras. Todas elas são nomes de animais. Todos os nomes têm a letra **H**.*

Dadas as dicas, o professor pede aos alunos que descubram e organizem as palavras na tabela abaixo, encontrando o lugar certo de cada uma.

Vence(m) o(s) grupo(s) que conseguir(em) organizar a tabela corretamente.

Veja um exemplo: jogo para treino da letra **H**.

Nomes dos animais: cachorro, abelha, ovelha, minhoca, aranha.

V	C	V	C	C	V		
C	V	C	C	V	C	V	
C	V	C	C	V	C	C	V
V	C	V	C	C	V		
V	C	V	C	C	V		

V = vogal

C = consoante

Nomes escolhidos: abelha, minhoca, cachorro, ovelha, aranha.

Deve-se deixar sempre uma linha de espaços em branco, onde o aluno vai escrever as letras, e outra linha com a indicação **vogal** ou **consoante** como dica para o aluno saber que letra colocar neste espaço.

Os alunos receberiam, no caso da tabela acima, um saquinho com as letras: A (8), B (1), C (3), E (2), H (5), (1), L (2), M (2), N (2), O (4), R (3), V (1), que seriam utilizadas para o preenchimento da tabela.

Quando este jogo for realizado com alunos de 1ª série, é bom que o nome de cada animal esteja escrito com uma cor diferente, para que o desafio não esteja acima do limite deles. Se o jogo for feito com alunos de outras séries, pode-se manter a mesma cor para todas as palavras.

Bibliografia para pesquisa teórica

FERREIRO, Emilia. *Alfabetização em processo*. São Paulo, Cortez, 1986.

____________. *O texto: escrita e leitura*. Organização e revisão técnica da tradução: Charlotte Galves, Eni Pulcinelli Orlandi, Paulo Otoni. Campinas, Pontes, 1988.

____________ & TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1973.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. São Paulo, Contexto, 1991.

MACEDO, Lino de. *Ensaios construtivistas*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1994.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas, Pontes, 1987.

____________. *Discurso e leitura*. São Paulo, Cortez, 1988.

PIAGET, Jean. *A tomada de consciência*. Tradução de Edson Braga de Souza. São Paulo, Melhoramentos/Edusp, 1977.

____________. *Fazer e compreender*. Tradução de Cristina Larroudé de Paula Leite. São Paulo, Melhoramentos/Edusp, 1978.

____________& INHELDER, Barbel. *A psicologia da criança*. Tradução de Otávio Mendes Campos. São Paulo, Difel, 1980.

Escrita para 2ª série

Dois livros que se completam.

Com eles a criança não apenas entra em contato com textos dos mais variados tipos, como também constrói e põe em prática as regras que é preciso seguir para produzi-los.

Aprender não é reproduzir verdades alheias.

É olhar para o mundo colhendo dados, transformando-os e tirando conclusões. Esta é a proposta da coleção.

Uma proposta de vida.

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

ARGUMENTAÇÃO

MODO DE ORGANIZAR O DISCURSO

Parte III

MÉTODO INDUTIVO

É o raciocínio por meio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas. Assim, o objetivo do método indutivo é levar a conclusões cujo conteúdo é muito mais amplo do que o das premissas nas quais se baseou.

OBSERVAÇÕES:

- ✓ Um argumento formado por raciocínio indutivo não pode ser lógico logo de início, uma vez que precisa encontrar base plausível geral ou universal.
- ✓ Enquanto o **método indutivo** (que é empirista) parte de casos específicos para tentar chegar a uma regra geral, o que, muitas vezes, leva a uma generalização indevida, o **método dedutivo** (que é racionalista) parte da compreensão da regra geral para então compreender os casos específicos.

- ✓ No raciocínio indutivo, o papel das premissas é fornecer um forte apoio à conclusão, mas a verdade da conclusão não é garantida, porque este tipo de raciocínio não usa leis universais (tais como as leis da lógica) para chegar à conclusão. Observe, abaixo, um exemplo de **raciocínio indutivo**:

“Ao passear pelas fazendas de Goiás, tenho me deparado muitas vezes com uma única raça de gado, o Nelore. Com isso, posso afirmar que o estado de Goiás tem se tornado o maior criador de gado Nelore.”

(*Neste caso, o raciocínio é correto porque a premissa apoia a conclusão, mas a conclusão é falsa, uma vez que tal raça de gado também está fortemente presente em outros estados brasileiros*).

MÉTODO DEDUTIVO

O raciocínio dedutivo parte de uma informação geral (com princípios reconhecidamente verdadeiros) para chegar a uma conclusão particular. Ou seja, esse método de raciocínio apresenta conclusões que devem ser, necessariamente, verdadeiras caso todas as premissas sejam verdadeiras.

- ✓ O raciocínio dedutivo faz uso das regras da lógica para se chegar a uma conclusão. Então, se as premissas são verdadeiras e as leis aplicadas estão corretas, então a conclusão é necessariamente verdadeira.
- ✓ Um componente importante do raciocínio dedutivo é a suposição de que, se algo é verdadeiro para um membro de uma classe ou grupo, em seguida, a mesma coisa é verdade para todos os membros dessa classe. Veja dois exemplos de raciocínio dedutivo usados no cotidiano:

"Se Ana gastou mil reais com roupas, isso significa que neste mês ela terá mil reais a menos para cumprir com seus compromissos financeiros."

"Se é verdade que todos os cães normais têm quatro patas e é uma verdade que os poodles são cães; então eles têm quatro patas."

AGORA, VEJAMOS COMO ESSE CONTEÚDO É COBRADO!

CESPE / ANAC - Especialista em Regulação de Aviação Civil – Área 1

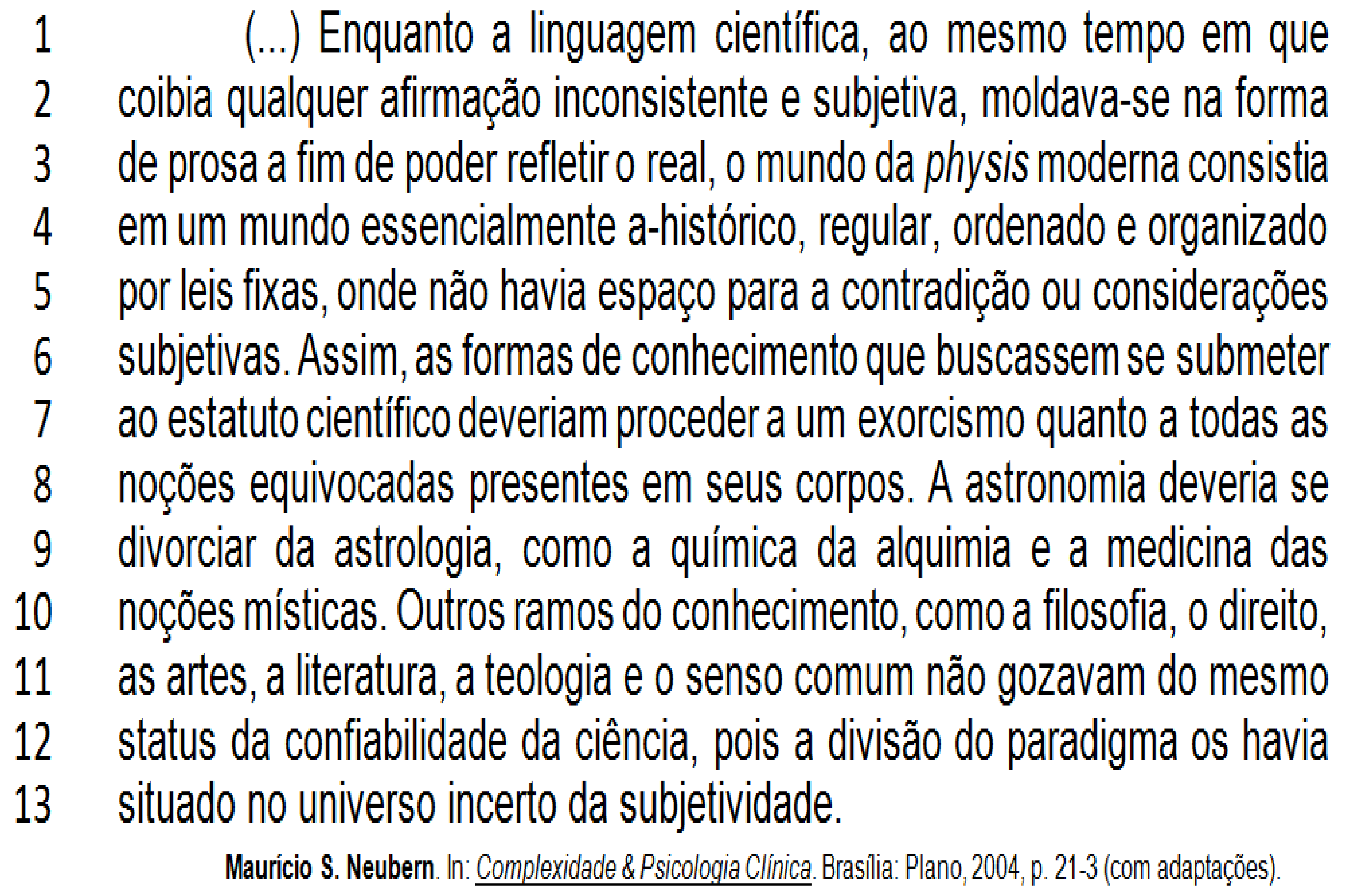

(...) Enquanto a linguagem científica, ao mesmo tempo em que coibia qualquer afirmação inconsistente e subjetiva, moldava-se na forma de prosa a fim de poder refletir o real, o mundo da *physis* moderna consistia em um mundo essencialmente a-histórico, regular, ordenado e organizado por leis fixas, onde não havia espaço para a contradição ou considerações subjetivas. Assim, as formas de conhecimento que buscassem se submeter ao estatuto científico deveriam proceder a um exorcismo quanto a todas as noções equivocadas presentes em seus corpos. A astronomia deveria se divorciar da astrologia, como a química da alquimia e a medicina das noções místicas. Outros ramos do conhecimento, como a filosofia, o direito, as artes, a literatura, a teologia e o senso comum não gozavam do mesmo status da confiabilidade da ciência, pois a divisão do paradigma os havia situado no universo incerto da subjetividade.

Maurício S. Neubern. In: *Complexidade & Psicologia Clínica*. Brasília: Plano, 2004, p. 21-3 (com adaptações).

Julgue os seguintes itens, a respeito da organização das ideias no texto acima.

1. A seguinte afirmação preenche coerentemente o lugar da indicação de supressão do trecho inicial do texto: *Na evolução da mitologia para a ciência, ao sistematizar o conhecimento científico, a humanidade palmilhou caminhos de subjetividade e poesia para explicar as origens do homem e justificar a história de sua existência no mundo*.
2. Nesse fragmento, predominantemente argumentativo, a utilização de ilustrações que comprovam a tese defendida aparece sob a forma de trechos narrativos, como os seguintes: “moldava-se na forma de prosa a fim de poder refletir o real” (Ls.2-3) e “A astronomia deveria se divorciar da astrologia, como a química da alquimia e a medicina das noções místicas” (Ls.8-10).

3. Na argumentação do texto, são construídas, por meio de estruturas linguísticas e relações lógicas, verdades que se legitimam dentro do universo textual apresentado, independentemente de essas ideias serem comprovadas no mundo empírico.
4. Infere-se, a partir das relações de significação do texto, que as “noções equivocadas presentes em seus corpos” (Ls.7-8) são as características a-históricas, organizadas por leis fixas que exorcizam “Outros ramos do conhecimento” (Ls.10).
5. A organização lógica que norteia a orientação argumentativa do texto opõe formas de conhecimento consideradas de prestígio a formas de conhecimento menos prestigiadas; enquanto o prestígio das primeiras baseia-se na objetividade do estatuto científico, o desprestígio das segundas fundamenta-se na valorização do universo incerto da subjetividade.

CESPE 2006 / MPE – TO – Analista Administrativo

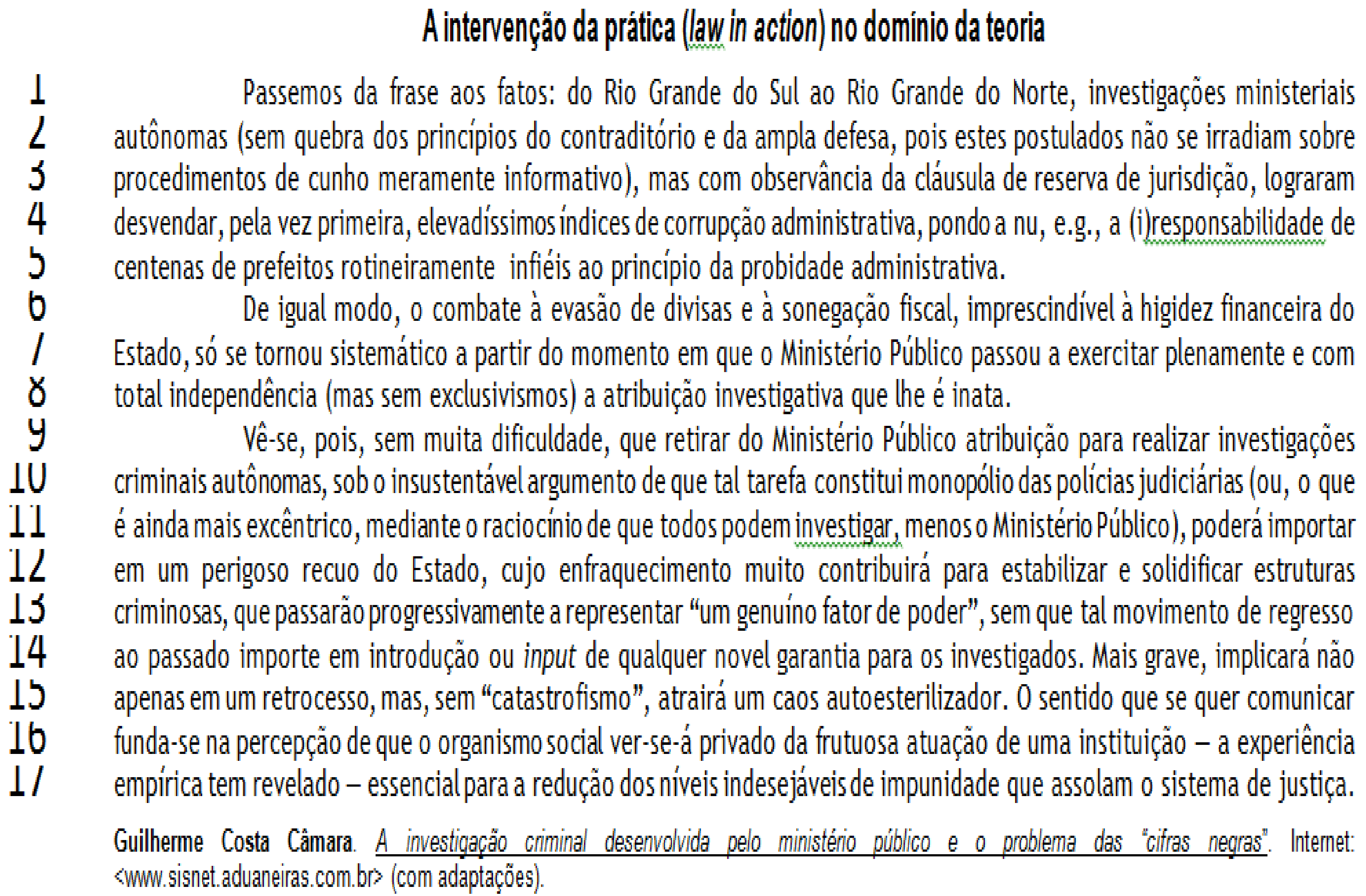

A intervenção da prática (*law in action*) no domínio da teoria

Passemos da frase aos fatos: do Rio Grande do Sul ao Rio Grande do Norte, investigações ministeriais autônomas (sem quebra dos princípios do contraditório e da ampla defesa, pois estes postulados não se irradiam sobre procedimentos de cunho meramente informativo), mas com observância da cláusula de reserva de jurisdição, lograram desvendar, pela vez primeira, elevadíssimos índices de corrupção administrativa, pondo a nu, e.g., a (i)responsabilidade de centenas de prefeitos rotineiramente infiéis ao princípio da probidade administrativa.

De igual modo, o combate à evasão de divisas e à sonegação fiscal, imprescindível à higidez financeira do Estado, só se tornou sistemático a partir do momento em que o Ministério Público passou a exercitar plenamente e com total independência (mas sem exclusivismos) a atribuição investigativa que lhe é inata.

Vê-se, pois, sem muita dificuldade, que retirar do Ministério Público atribuição para realizar investigações criminais autônomas, sob o insustentável argumento de que tal tarefa constitui monopólio das polícias judiciárias (ou, o que é ainda mais excêntrico, mediante o raciocínio de que todos podem investigar, menos o Ministério Público), poderá importar em um perigoso recuo do Estado, cujo enfraquecimento muito contribuirá para estabilizar e solidificar estruturas criminosas, que passarão progressivamente a representar “um genuíno fator de poder”, sem que tal movimento de regresso ao passado importe em introdução ou *input* de qualquer novel garantia para os investigados. Mais grave, implicará não apenas em um retrocesso, mas, sem “catastrofismo”, atrairá um caos autoesterilizador. O sentido que se quer comunicar funda-se na percepção de que o organismo social ver-se-á privado da frutuosa atuação de uma instituição – a experiência empírica tem revelado – essencial para a redução dos níveis indesejáveis de impunidade que assolam o sistema de justiça.

Guilherme Costa Câmara. *A investigação criminal desenvolvida pelo ministério público e o problema das “cifras negras”*. Internet: <www.sisnet.aduaneiras.com.br> (com adaptações).

Com base nos sentidos do texto e utilizando-se das noções de retórica e teoria da argumentação, julgue os itens.

1. O discurso do texto caracteriza-se como um discurso segundo, que faz referência a um discurso-primeiro, anterior, que se presume favorável a excluir do Ministério Público a realização plena e autônoma de investigações criminais.
2. Foram empregados no texto, em sustentação à tese defendida, a argumentação pelo exemplo e o desenvolvimento do raciocínio pelo método da exclusão.

3. Negar um argumento é uma forma de desqualificá-lo. Esse recurso foi aplicado em “estes postulados não se irradiam sobre procedimentos de cunho meramente informativo” (Ls.2-3).
4. Estão presentes no texto expressões que marcam a parcialidade do autor diante do assunto tratado. São exemplos: “insustentável argumento” (L.10); “o que é ainda mais excêntrico” (Ls.10-11); “perigoso recuo do Estado” (L.12).
5. Nas linhas de 11 a 16, ao empregar verbos no futuro e substantivos adjetivados para criar um possível cenário futuro, o autor recorre ao raciocínio tautológico.

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

ARGUMENTAÇÃO

(MODO DE ORGANIZAR O DISCURSO – Parte II)

DISSERTAÇÃO

É uma exposição de pontos de vista, fundamentados em argumentos e raciocínios baseados na vivência, na leitura e nas conclusões a respeito da vida. O texto dissertativo pode apresentar pontos de vista diferentes e conflitantes bem como graus de verdade ou falsidade, além de transmitir conceitos relativos que suscitem dúvidas e hesitações.

DISSERTAÇÃO ARGUMENTATIVA

É o **texto** que exige a fundamentação da tese: os argumentos, dados e exemplos são apresentados de forma impessoal e objetiva, o que confere ao texto um caráter imparcial, facilitando a aceitação das ideias expostas. Tem uma estrutura padrão de **introdução** (tese), **desenvolvimento** (argumentação) e **conclusão** (síntese).

ESQUEMAS RETÓRICOS

No desenvolvimento da argumentação, as ideias devem ser ordenadas de forma que conduzam a uma conclusão lógica. Para isso, vários são os recursos que permitem organizar as ideias com a finalidade de expor, de maneira clara e taxativa, a linha de raciocínio utilizada pelo autor para fundamentar suas conclusões.

ENUMERAÇÃO DE RAZÕES

Enumerar significa expor as partes de um todo, uma por uma. Qualquer ideia de sentido geral, numa dissertação, pode ser desdobrada por meio da enumeração de seus mais diversos aspectos. Ao elaborar uma enumeração de motivos, o autor pode encadear livremente os elementos enumerados ou, ainda, seguir um critério que poderá ir do elemento mais importante para o menos importante e vice-versa. Observe o exemplo:

“As alegações favoráveis à legalização das drogas justificam-se pelos seguintes aspectos: a repressão falhou, já que gastam bilhões de dólares na guerra ao tráfico, mas o consumo só aumenta; eliminar-se-ia o crime ligado ao tráfico, que movimenta por ano 500 bilhões de dólares; e, mais, reduzir-se-ia a corrupção, uma vez que polícia, justiça e políticos deixariam, assim, de receber dinheiro da droga.”

Revista Veja, 1º. fev. 2011. (adaptado)

RELAÇÃO DE CAUSA E EFEITO

Uma ideia geral de um parágrafo também pode ser desenvolvida por meio de uma ou mais orações que indiquem a **causa** (o fato que provoca ou justifica o que está expresso na ideia principal) e a **consequência** (o fato que decorre daquilo que está exposto na ideia principal). Na relação de causa e consequência, os fatos devem estar relacionados e comprovados. Observe o exemplo que segue:

“O problema dos automóveis nas regiões urbanas será cada vez mais parecido com o do cigarro. Continuarão sendo fabricados e vendidos, mas surgirão cada vez mais obstáculos ao seu uso. O aquecimento da economia piora esse quadro. Quanto maior for a distribuição de renda entre nós, maior será a quantidade de carros em circulação e maior o caos urbano em que nos envolveremos. O aumento inexorável de veículos em circulação prenuncia a falência dos sistemas de transporte.

Em consequência disso, sair de casa nas grandes cidades brasileiras está se tornando insuportável. As pessoas estão irritadas, cansadas e agressivas. As ruas estão sujas e o barulho, de arrebentar os tímpanos. O brasileiro passa, em média, duas horas por dia dentro do carro apenas para fazer o trajeto de casa para o trabalho. E nos feriados, o sofrimento se transfere para as estradas. O que deveria ser um momento de descanso e descontração se transforma em um martírio. Estamos indo na direção do caos inevitável se não forem tomadas medidas drásticas.”

EXEMPLIFICAÇÃO

Nesse procedimento, geralmente o autor busca comprovar uma afirmação pessoal, confirmar uma teoria ou ilustrar uma regra ou um princípio. É um recurso argumentativo bastante utilizado quando a tese defendida é muito teórica e necessita de esclarecimentos com dados mais concretos. Veja o exemplo:

"Nosso século é o da aceleração tecnológica e científica, que se operou e continua a se operar em ritmos antes inconcebíveis. Foram necessários milhares de anos para passar do barco a remo à caravela ou da energia eólica ao motor de explosão; e, em algumas décadas, passou-se do dirigível ao avião e da hélice ao foguete interplanetário. Em algumas dezenas de anos, assistiu-se ao triunfo das teorias revolucionárias de Einstein e logo depois a seu questionamento".

ECO, Umberto. *Reflexões para o futuro*. In: **Veja-25 anos.**

ARGUMENTAÇÃO POR ANTÍTESE

É o método mais utilizado nos textos opinativos. Por meio dele, refutam-se possíveis contra-argumentos que possam contrariar a tese ou as provas. Nessa parte, a ordem de importância é invertida, já que, primeiramente, apresenta-se a refutação do contra-argumento mais forte e, por último, do mais fraco, com o propósito de depreciar as ideias contrárias e refutar a tese adversa (note que o propósito, aqui, é afastar o leitor dos contra-argumentos mais poderosos).

Com esta forma de argumentar, por meio da apresentação de argumentos favoráveis e argumentos contrários, o autor desenvolve um debate, aportando maior propriedade ao assunto e garantindo de maneira mais efetiva a persuasão do leitor.

OBS.: A antítese compõe a **estrutura dialética** (tese, antítese e síntese)**:** a tese é uma afirmação ou situação inicialmente dada, a antítese é uma oposição à tese e, do conflito entre ambas, surge a síntese – uma situação nova que carrega em si elementos resultantes desse embate e será o ponto de partida para novas teses e novas antíteses.

Certamente nunca terá faltado aos sonegadores de todos os tempos e lugares o confortável pretexto de que o seu dinheiro não deve ir parar nas mãos de administradores incompetentes e desonestos. Como pretexto, a invocação é insuperável e tem mesmo a cor e os traços do mais acendrado civismo. Como argumento, no entanto, é cínica e improcedente.

Cínica porque a sonegação que nesse caso se pratica não é compensada por qualquer sacrifício ou contribuição que atenda à necessidade de recursos imanente a todos os erários, sejam eles bem ou mal administrados. Ora, sem recursos obtidos da comunidade não há policiamento, não há transportes, não há escolas ou hospitais. E sem serviços públicos essenciais, não há Estado e não pode haver sociedade política.

Improcedente porque a sonegação, longe de fazer melhores os maus governos, estimula-os à prepot6encia e ao arbítrio, além de agravar a carga tributária dos que não querem e dos que, mesmo querendo, não têm como dela fugir -- os que vivem de salário, por exemplo. Antes, é preciso pagar, até mesmo para que não faltem legitimidade e força moral às denúncias de malversação.

É muito cômodo, mas não deixa de ser, no fundo, uma hipocrisia, reclamar contra o mau uso do dinheiro público para cuja formação não tenhamos colaborado. Ou não tenhamos colaborado na proporção da nossa renda.

VILLELA, João Batista. In: **Para entender o texto**. Platão & Fiorin. Ed. Ática.

COMPARAÇÃO POR SEMELHANÇA

Ocorre quando o autor procura levar o interlocutor a aderir à tese ou conclusão com base em fatores de semelhança ou analogia evidenciados pelos dados apresentados. *Veja:*

“Praticamente não existe diferença entre uma dama da sociedade e um pajé botocudo. Ambos anunciam seu ‘status’ social pelo volume de sofrimento que infligem à natureza para se enfeitar. Uma dessas damas da sociedade que se apresenta em público com uma pele de onça, sapatos de couro de jacaré e bolsa de tartaruga estaria dizendo que para se vestir naquele dia foi necessário um grande sacrifício da natureza. E ela se sente valorizada tanto quanto o chefe indígena que matou três araras para compor seu exuberante cocar e cinco caitetus para fazer um colar de dentes.”

Rogério Cerqueira Leite. *Carta do leitor*. In: **CartaCapital.**

CONTRASTE

É o argumento que tem por objetivo explorar os aspectos contraditórios de determinada ideia, para mostrar que **ela pode ser observada por mais de um ângulo, ou também que há posições contrárias a serem consideradas quando se analisa mais seriamente o assunto. Observe:**

“Aceita em outras civilizações a noção de várias ideologias do amor, acrescento que existem diferenças fundamentais entre elas e a do Ocidente. A principal me parece ser a seguinte: no Oriente, o amor foi pensado dentro de uma tradição religiosa, não foi um ensinamento autônomo e sim uma derivação desta ou daquela doutrina. No Ocidente, por sua vez, desde o princípio, a filosofia do amor foi concebida e pensada fora da religião oficial e, às vezes, até frente a ela.”

PAZ, Octávio. *A dupla chama – Amor e erotismo*. São Paulo, 1993.

CONSTRUINDO A
ESCRITA
GRAMÁTICA
ORTOGRAFIA
4

Manual do Professor

Carmen Silvia C. Torres de Carvalho
Déborah Panachão
Sarina Bacellar Kutnikas
Silvia Maria de Almeida Salmaso

editora ática

Índice

Distribuição das atividades do *Livro do Aluno* em Módulos 4
Carta ao Professor 6
Apresentação da coleção 7
Dinâmica do trabalho 8

ORTOGRAFIA

Considerações sobre a postura diante da pesquisa ortográfica 8
Apresentação do trabalho de Ortografia do volume 4 9

Módulo I — Confrontando S, SS, C, Ç e Z

As letras C, Ç e S 11
    Os finais de palavra ICE/ISSE/ÍCIE 12
    As seqüências de letras vogal + NS ou vogal + NÇ 13
    Os finais de palavra SÃO, SSÃO e ÇÃO 14
    CE/CI x S/SS no meio da palavra 18
As letras S/Z 22
    S/Z no meio de palavras 22
Respostas das atividades do Módulo I 24

Módulo II — Confrontando as letras L e U em final de sílaba

Conclusões da Pesquisa I – AL + consoante e AU + consoante em início de palavras ... 34
    Como proceder com as crianças 35
Conclusões da Pesquisa II – E/I/O/U + L + consoante ou E/I/O/U + U + consoante em início de palavras 35
L ou U em final de sílaba em meio de palavra 36
Respostas das atividades do Módulo II 37

Módulo III — Confrontando as letras E e I em início, meio e final de palavras

Análise dos erros das crianças 40
Atividades de sistematização 40
Investigando as letras E/I + consoante 42
Respostas das atividades do Módulo III 44

Módulo IV — As seqüências de letras LHA x LIA

Reflexão sobre LHA x LIA 47
Atividades de sistematização 48
Respostas das atividades do Módulo IV 49

GRAMÁTICA

Introdução ao trabalho de Gramática do volume 4 50

Módulo V — Divisão silábica de encontros vocálicos

Justificativa teórica ... 51
Conclusões da análise dos encontros vocálicos ... 53
    Encontros de 2 vogais ... 53
    Encontros de 3 vogais ... 54
    Encontros de 4 vogais ... 54
Como conduzir a investigação com as crianças ... 55
Atividades de sistematização ... 57
Respostas das atividades do Módulo V ... 62

Módulo VI — Pontuação

Algumas observações ... 66
Respostas das atividades do Módulo VI ... 69

Módulo VII — Substantivos e locuções adjetivas

Algumas considerações ... 70
    A preposição DE e a ortografia ... 71
Respostas das atividades do Módulo VII ... 72

Módulo VIII — Gênero dos substantivos: flexão e concordância

1º momento – A flexão de gênero dos substantivos ... 73
2º momento – Descobrindo como flexionar o gênero dos substantivos ... 74
3º momento – Observando os substantivos biformes ... 76
4º momento – Concordância em gênero dos substantivos ... 77
Respostas das atividades do Módulo VIII ... 78

Módulo IX — Número dos substantivos: flexão e concordância

1º momento – Como flexionar os substantivos em número ... 80
2º momento – A concordância em número dos substantivos ... 81
Respostas das atividades do Módulo IX ... 86

Módulo X — O advérbio e a locução adverbial

Considerações ... 90
Respostas das atividades do Módulo X ... 93

Módulo XI — Verbos

Considerações ... 95
Respostas das atividades do Módulo XI ... 101

Apêndice

Usando o dicionário ... 106
    Como introduzir novas informações do dicionário ... 106
Sugestões de jogos ortográficos para sistematização ... 107
    Jogos de *Stop* ... 107
    Bingo ortográfico ... 110
    Jogo das dicas ... 110
    Palavras cruzadas ... 111
    Soletrando ... 111
    Jogo dos animais ... 111
Bibliografia para pesquisa teórica ... 112

Distribuição das atividades do *Livro do Aluno* em Módulos

ORTOGRAFIA

Livro do Aluno		*Módulos*
Labirinto	6	**Módulo I** Confrontando S/SS/C/Ç/Z
Arvoredo	8	
ANSA ou ANÇA????	10	
Por que sim, por que não?	12	
Questão de vida ou morte	13	
Sensacional GINCANSTOP	14	
Rali	20	
Kumogô – a velha tagarela	23	
Cruzadilha	26	
Sim ou Não?	29	
Colunáveis	30	
Tômbola	32	
Caracolência caracolosa	35	
Tudo em família	38	
Detetive	39	
Encontrando o mico	40	
Pesquisa I – **AL + consoante** e **AU + consoante** em início de palavra	42	**Módulo II** Confrontando as letras L e U em final de sílaba
Palavras secretas	45	
Pesquisa II – **vogal + L + consoante** e **vogal + U + consoante em único de palavra**	46	
Diagrama	47	
Quanto mais, melhor...	48	
Enquadrando	49	
Percorrendo	52	
Cuidado! O tempo vai se esgotar ...	56	**Módulo III** Confrontando as letras E e I em início, meio e final de palavras
Ler para crer ...	58	
Alistando	60	
Ligado nas dicas	62	
Diagonal misteriosa	64	
E agora?	65	**Módulo IV** As seqüências de letras LHA x LIA
Poemilha	68	

GRAMÁTICA

Encontros e desencontros	69	**Módulo V** Divisão silábica de encontros vocálicos
Bons vizinhos	74	
Passo a passo (1)	79	
Passo a passo (2)	81	

Cruzadeira 84
U U U U U...! 87
Hein...?!?! 88
Formigando 89
Vida de bacana 91
Pássaro fujão 93

Módulo VI
Pontuação

Briga de galo 95
Pontuar para herdar 97
Papagaio preto?!? 98

Módulo VII
Substantivos e locuções adjetivas

Chuvas inundam de vida o Pantanal 100
Caçada ecológica 102

Módulo VIII
Gênero dos substantivos: flexão e concordância

Pare! 104
O susto 106
Ele ou ela? 107

Módulo IX
Número dos substantivos: flexão e concordância

BingoS! 110
Cilada 112
História de viagem 113
Lembranças 115
As duas cachorras 117
Uma história de Dom Quixote – Parte I 120
Uma história de Dom Quixote – Parte II 122
Uma história de Dom Quixote – Parte III 124

Módulo X
O advérbio e a locução adverbial

Cinco vezes diferente 126
Complete com rapidez, rapidamente 128
A roda de oleiro 129
Acidentalmente 131

Módulo XI
Verbos

Questão de tempo 132
Cuidado! Cão bravo! 133
A vaca do Mineirinho – Parte I 134
A vaca do Mineirinho – Parte II 136
Minha terra, minha casa e minha gente – Parte I 138
Minha terra, minha casa e minha gente – Parte II 139
Minha terra, minha casa e minha gente – Parte III 140
Minha terra, minha casa e minha gente – Parte IV 141
Trina 142
A sujeira nossa de cada dia 146
No mundo da lua 149
Referências bibliográficas 152

Carta ao Professor

Este material é o produto de 14 anos de trabalho experimental. Nesses anos todos, tenho buscado compreender de que forma uma pessoa se apropria de um objeto de conhecimento para, através desse saber, pensar um meio de ajudar professores e alunos a realizarem uma apropriação da língua que seja efetiva e gratificante.

Algumas idéias nortearam o trabalho. Em primeiro lugar, a consciência de que todo conteúdo, qualquer que seja ele, nunca é um fim em si mesmo. Ele é, sim, apenas um pretexto para se aprender a pensar o próprio conhecimento, para se compreender que aprender não é reproduzir verdades alheias, mas sim olhar para o mundo colhendo dados, transformando-os e tirando conclusões. Enfim, conhecer é ***produzir****, e não* ***reproduzir*** *conhecimento. Esta descoberta da própria capacidade de produção de conhecimento tem sido fonte de energia interna para as pessoas olharem o mundo através de seus próprios olhos (e não através dos olhos de outrem...), acreditando no valor daquilo que vêem e pensam. Só desta forma acredito que possamos formar gente crítica e forte o bastante para saber-se capaz de ser agente transformador de sua própria vida e da realidade que a cerca.*

Para que este objetivo pudesse ser atingido, era necessário que a língua fosse vista como um objeto a ser descoberto, analisado nas suas múltiplas possibilidades de recortes, organizações e relações. Não mais como um conjunto de modelos e regras a serem introjetados, mas um sistema articulado a ser desvendado. Como uma teia onde o aluno pudesse ir se apropriando de cada fio e gradativamente tecendo a trama das relações e significações. Para tal seria necessário agir sobre a língua e não se submeter a ela. Seria preciso reinventá-la a todo instante, para descobri-la.

Esta postura de investigar o conhecimento em geral e a língua em particular só seria possível de acontecer se houvesse uma forma diferenciada de transformar em ação todos esses ideais dentro da sala de aula. E transformar idéias em realidade não é uma tarefa nada simples. (Vocês, professores, bem o sabem!!!)

Para empreendê-la, ao longo desses anos pude contar com uma equipe enorme de trabalho a quem agradeço de coração. Teoricamente, fundamentando-me, ensinando-me a pensar e olhar pela perspectiva da teoria de Jean Piaget pude ter o orgulho e o prazer de ter sido formada por meu grande mestre, Professor Lino de Macedo, que mais do que uma perspectiva teórica ensinou-me um modo de olhar para a vida. Na prática, fui auxiliada por um número grande de professores de várias escolas onde trabalhei ou trabalho como assessora e que foram pesquisadores ao meu lado, experimentando estratégias, ajudando-me a conhecer a realidade das crianças, a analisar sucessos e fracassos para que o trabalho pudesse ser aperfeiçoado. Contei também com centenas de crianças que, investigadoras inatas do mundo, ajudaram-me a enxergar coisas que não via e que, através de seu entusiasmo, iam me apontando a direção a seguir.

Hoje, finalmente, um antigo sonho, o de partilhar com um número maior de pessoas toda minha reflexão, está se tornando realidade. Sonhos são coisas muito sérias e, por isso, vê-los acontecer é sempre muito emocionante. O primeiro impulso para escrever deu-me minha amiga Guila, cuja fé na possibilidade do meu trabalho vir a se tornar um livro foi decisiva. Meus agradecimentos também à Déborah, à Sarina e à Silvia, minhas co-autoras, que partilharam comigo este sonho e ajudaram-me a fazer dele realidade.

Espero que esta coleção possa ajudá-los a manter o prazer de aprender sempre vivo dentro da sala de aula.

Carmen

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO

Esta coleção de 1ª a 4ª série é formada de 8 volumes. Apresenta para cada série:

a) 1 livro com a proposta de leitura e análise de textos de livros publicados e
b) 1 livro com as atividades de sistematização da Gramática e da Ortografia.

Em relação ao livro de Gramática e Ortografia, o Livro do Professor corresponde perfeitamente ao Livro do Aluno, que virá acompanhado deste **Manual do Professor**, com as orientações, reflexões e sugestões de estratégias para a melhor utilização do Livro do Aluno. É de extrema importância que o professor acompanhe, paralelamente a seu trabalho em sala de aula, a leitura das orientações do Manual do Professor, a fim de compreender os objetivos e a postura de trabalho propostos.

Esta coleção tem como pressuposto teórico uma perspectiva construtivista de aprendizagem. Portanto, o conhecimento não é visto como algo posto para dentro do aprendiz em doses controladas, mas sim como algo a ser produzido, construído por ele enquanto sujeito e não enquanto objeto da aprendizagem.

Assim sendo, as atividades propostas são vistas como desencadeadoras de reflexões sobre a forma como a língua escrita se organiza e se articula para produzir diferentes significados e emoções.

A idéia central do trabalho é a compreensão de que a língua escrita é um outro sistema de representação em relação à língua falada. Falar e escrever são objetos de conhecimento diferentes, que exigem que o sujeito se aproxime de cada um de forma diferenciada. Assim sendo, aprender a escrever é compreender as leis de composição do sistema de representação da escrita.

A Gramática e a Ortografia são, assim, vistas como sistemas a serem desvendados e compreendidos como **um conjunto de leis e articulações possíveis**, **impossíveis**, **prováveis** ou **pouco prováveis**. Aprendê-las não é memorizar regras arbitrárias às quais o sujeito deve se submeter, mas é agir sobre a língua, pensar suas propriedades, recortá-la em suas múltiplas facetas para ir gradativamente construindo sua teia de relações.

Por termos neste trabalho buscado um olhar diferenciado sobre a língua, o Manual do Professor traz toda uma discussão teórica de como a compreendemos, e estratégias para desenvolver em sala de aula que possam propiciar esta reflexão e suas descobertas.

Em relação à Ortografia, nossa postura se mantém a mesma que em relação à Gramática. A Ortografia tem sido analisada e trabalhada pela maior parte dos educadores como uma questão de imitação, memorização ou introjeção de um modelo. O erro ortográfico tem sido visto dentro dessa linha como mera falta de memória e de atenção por parte da criança e, em conseqüência, o trabalho baseia-se apenas na repetição exaustiva de um modelo ortográfico.

Mas, se a questão da Ortografia fosse apenas uma questão de memória, não deveria haver erro, uma vez que a criança se depara uma primeira e inúmeras outras vezes com essa mesma palavra escrita corretamente. No entanto, ela erra. Erra porque reflete, busca regularidades, trabalha sobre hipóteses de como se constituiria esse sistema ortográfico.

Na coleção **Construindo a escrita,** o trabalho com Ortografia se propõe a discutir com os alunos a maneira como se organiza esse sistema, levando-os a operar sobre a grafia das palavras, observar identidades, classificar e relacionar as informações da língua em busca de maior compreensão do sistema.

A estrutura do trabalho compõe-se de atividades de descoberta e de sistematização por meio de jogos lógicos. As atividades de descoberta estão descritas no Manual do Professor e devem ser realizadas antes das atividades de sistematização, que são apresentadas no Livro do Aluno.

Nossa escolha por uma sistematização através de jogos lógicos fundamenta-se no trabalho desenvolvido no LaPp (Laboratório de Psicopedagogia do Instituto de Psicologia da USP) coordenado pelo Prof. Lino de Macedo, que pesquisa a influência da utilização de jogos lógicos (em sala de aula e em clínica) como elementos de desenvolvimento da inteligência e estruturação do pensamento, além de propiciarem um trabalho de relacionamento humano. A utilização de jogos lógicos lingüísticos tem possibilitado aos alunos uma relação mais ativa com o sistema da língua, além da ampliação do universo vocabular e uma relação afetiva com um conteúdo geralmente tão árido.

Além dos jogos e atividades já contidos no Livro do Aluno, no Manual do Professor há a descrição de mais jogos, todos de sistema aberto, ou seja, jogos cuja estrutura o professor pode adaptar ao universo vocabular e ao assunto que estiver desenvolvendo. Podem ser auxiliares no trabalho de sistematização das descobertas dos alunos. Vivendo a Ortografia e a Gramática sob este outro enfoque, esperamos que você e seus alunos possam redescobrir o prazer de aprendê-las.

Dinâmica do trabalho

Para que o material possa proporcionar um trabalho mais rico e eficiente é importante que algumas posturas sejam garantidas. Desta maneira, observe:

1- **As atividades estão agrupadas pelo assunto da Gramática ou da Ortografia a ser trabalhado e não por ordem de uso**. Portanto, não devem ser utilizadas na seqüência em que aparecem. É acompanhando o ritmo e o interesse da classe que o professor vai construindo a prática proposta nesta coleção.

2- Nosso objetivo não foi esgotar os assuntos com as atividades propostas. Cabe ao professor, a partir das características e necessidades de sua classe, criar outras atividades que preencham essas lacunas propositadamente deixadas por nós. Este material pretende ser uma espinha dorsal que norteia o trabalho, devendo o professor, através da observação das necessidades específicas da classe, ampliá-lo, completá-lo, adequá-lo. Apresentamos, no final deste livro, um apêndice com sugestões de jogos que podem ser adaptados ao assunto a ser trabalhado.

3- **As atividades foram pensadas como desencadeadoras de discussão sobre propriedades do sistema da língua e devem ser tratadas como tal, ou seja, nosso grande objetivo é a discussão em si mesma, a reflexão que emerge dela, a possibilidade de fazer generalizações,** e não simplesmente a obtenção de uma resposta correta. Para que isso aconteça efetivamente, é necessário que o professor mantenha uma postura coerente com essa proposta:

  a) **postura de investigação através de perguntas abertas**. Através dessas perguntas o professor dirige o olhar do aluno para aspectos relevantes do objeto de investigação, mas não dá as respostas. Estas, o aluno deve buscar dentro de si, na troca com a língua.

  b) **diante de uma hipótese levantada por uma criança, pedir confirmação do grupo ou da própria língua.** Colocações do tipo: *O que você observou para chegar a essa conclusão?* ou *Como você pensou para concluir isso?* ou *Alguém mais também observa isso em suas palavras?* são procedimentos que levam as crianças a desenvolverem uma postura de investigação de conhecimento, que logo é ampliada em extensão a outros conteúdos, escolares e de vida.

4- **As descobertas feitas devem ser registradas para que não se percam.** Por essa razão, sugerimos que as crianças tenham um caderno de registro das descobertas, onde possam organizar o conhecimento e utilizar como fonte de pesquisa na hora de estudar. As descobertas devem ser redigidas pelo grupo-classe juntamente com o professor.

5- **A maior parte das atividades deve ser desenvolvida em duplas ou em pequenos grupos.** A troca resultante do trabalho em equipe permite a ampliação de perspectiva e o desenvolvimento da capacidade de argumentação do aluno, além de dinamizar o processo de aprendizagem.

6- **O trabalho de investigação pode ser organizado parte em sala de aula e parte em casa.** Essa dinâmica agiliza o trabalho e vem descrita em seus passos ao longo do Manual do Professor.

7- **As perguntas feitas pelas crianças devem ser objeto de reflexão do professor.** Ouça-as com atenção, pois é através delas que em geral os alunos revelam seu pensamento. Ao "saber ouvi-los" o professor descobre qual o caminho de interferência que pode ser tomado.

Gostaríamos que o professor tivesse também, dentro de si, a clareza de que a construção de um conhecimento é um processo e, enquanto tal, que há um caminho de aquisição onde o objeto, parcialmente construído, ainda não se mostra em sua totalidade. Isso não significa que não tenha havido aprendizagem ou evolução. Não temos a intenção de que, através desse trabalho, o aluno termine o ano sem errar. Nosso objetivo é que, ao tratar a Gramática e a Ortografia dessa forma, ele aprenda a pensar o conhecimento específico e a própria vida como conjunto de possíveis, e que saiba que é através da reflexão e da ação sobre o mundo que ele é apropriado e transformado.

ORTOGRAFIA

Considerações sobre a postura diante da pesquisa ortográfica

Antes de iniciar as pesquisas ortográficas, gostaríamos de fazer algumas observações relativas à nossa postura em relação a esse trabalho:

1- As conclusões apresentadas foram tiradas a partir da análise da amostra de nossas palavras e posterior confirmação em dicionário, quando possível. Muitas vezes a amostra nos indicava uma conclusão geral, útil para uma decisão ortográfica; porém, no dicionário, encontrávamos uma ou algumas palavras que não se encaixavam. Essas palavras, em geral, faziam parte de um vocabulário de área específica (por exemplo, biologia, física, medicina e outras) e tinham sentido e uso pouco comuns. Por essa razão, não destacamos esses casos. **Nossa intenção nesse momento é levar os alunos a compreenderem o sistema**. Por isso, não vemos utilidade em invalidar as conclusões com exceções que não farão parte do cotidiano do aluno. Acreditamos que elas surgirão naturalmente, quando eles forem mais velhos e estiverem lidando com os conceitos trabalhados por essas palavras de vocabulário específico de cada área.

2- Como essas palavras poderão surgir em algum grupo-classe, as conclusões apresentadas foram relativizadas, para dar conta dessas exceções, mas consideramos inútil e desnecessário levar as crianças a observá-las, caso a observação não surja espontaneamente. Acreditamos que, se assim procedêssemos, as crianças ficariam com uma quantidade enorme de dados que não saberiam como organizar por relevância, perdendo-se em um mar de conclusões inúteis.

3- Como há uma grande variação de grafias em **nomes próprios**, aconselhamos o professor a **não** utilizá-los na amostra da pesquisa. Essas variações muitas vezes correspondem mais a "criações ortográficas" do que a possibilidades do sistema, além de muitas serem nomes estrangeiros. A utilização desses nomes confundiria desnecessariamente a observação das crianças.

4- Procuramos colocar neste Manual as conclusões que consideramos mais prováveis de surgirem naturalmente na classe. Não citamos todas as conclusões possíveis e, por isso, o professor deverá estar sempre atento às colocações dos alunos e verificar se aquilo que eles estão dizendo é procedente ou não, mesmo que não conste em nosso Manual.

5- Para facilitar a **seleção de conclusões**, destacamos em negrito as mais relevantes para uma decisão ortográfica. Essas conclusões devem ser necessariamente tiradas pelas crianças. Caso não as observem espontaneamente, o professor deverá fazer perguntas como as sugeridas ao longo das pesquisas para que as crianças dirijam seu olhar para esses aspectos destacados.

6- Se as conclusões que não estiverem em negrito forem observadas espontaneamente, ótimo. O professor registra com as crianças, pois são elementos constitutivos do sistema. Mas, se não surgirem espontaneamente, não há razão para o professor insistir. O melhor é dar prosseguimento ao trabalho.

7- Ao final de cada momento da pesquisa, diante de todas as conclusões tiradas pelos grupos, é importante que o professor converse com a classe e pergunte: *Bem, diante de tudo isso que nós descobrimos, o que poderia ser interessante para nos ajudar a decidir quando usar uma letra ou outra na hora de escrever a palavra?* A partir dessas observações, professor e classe vão sublinhando as conclusões mais importantes de serem gravadas.

8- **Aconselhamos o professor a realizar as pesquisas antes de pedir aos alunos que as façam**. Isso vai ajudá-lo a compreender o trabalho, a tirar conclusões próprias, a observar o que aparece com maior clareza no sistema, a perceber as dificuldades que poderão ser encontradas pelas crianças e a conferir as descobertas colocadas por nós. Afinal, a Ortografia é um sistema a ser desvendado, inclusive por nós, professores.

Apresentação do trabalho de Ortografia do volume 4

Ao longo dos quatro volumes da coleção **Construindo a escrita** desenvolvemos um projeto de trabalho de Ortografia em que procuramos tratá-la como um objeto de reflexão, de forma que o aluno, ao longo dos anos, fosse construindo o sistema ortográfico da língua e estabelecendo a teia de relações entre a Ortografia e a Gramática, ao mesmo tempo que desenvolvia uma postura de investigação diante do conhecimento. Nossa metodologia de trabalho foi, a cada final de ano, proceder a uma coleta de erros de grafia em cada série para compreendermos quais erros já estavam superados e quais ainda deveriam constituir-se em objetos de trabalho. A partir dessa análise fomos delimitando as necessidades das crianças e montando nossa distribuição de conteúdos. Procuramos pensar sempre em vários eixos coordenados:

1- Erros que fossem relevantes naquele momento de desenvolvimento. Dessa forma, não trabalharíamos com todos os erros em todas as séries, mas sim com uma seleção daqueles que víamos ser próprios daquele momento. Por exemplo: uma criança de 1ª série costuma cometer uma grande variedade de erros relativos ao sistema de nasalização, por isso propusemos uma análise sobre esse sistema no volume 1. Já na 2ª série os alunos cometem erros específicos, como a troca entre M e N antes de consoantes, por isso no volume 2 trabalhamos essa questão específica.

2- Questões que eliminassem um grande número de erros. Por exemplo: na 1ª série, por meio de uma análise de palavras de 1 e 2 letras, eliminamos um grande número de erros cometidos pelas crianças, pois são palavras que se repetem com freqüência em todos os textos. Se escolhêssemos trabalhar com as diferentes formas de representação do som [S] nesse momento, seriam poucas palavras que se transformariam na sua escrita.

3- Aspectos lingüísticos que apresentassem regularidade no sistema ortográfico. Por exemplo: o uso da letra R apresenta um sistema regular, com contextos e valores posicionais que se mantêm sempre. Já a letra Ç não apresenta a mesma regularidade. Por isso, optamos por analisar a letra R na 1ª série e a letra Ç apenas na 4ª série.
4- Aspectos da grafia que pudessem ter relação com conteúdos de Gramática que estivessem sendo vistos naquele momento. Por exemplo: no volume 2, estudamos tonicidade e juntamente com ela os erros de grafia que podem ser corrigidos por um conhecimento de tonicidade.
5- Questões que considerávamos possíveis de serem compreendidas pelas crianças do ponto de vista cognitivo. Por exemplo: para deixar de trocar AM/ÃO em final de verbos é necessário ter a noção de tempo. Como a noção de tempo só costuma estar construída por volta dos 9 anos de idade, abordamos esse aspecto apenas no final do volume 2 e no volume 3, quando a média das crianças já têm essa idade e, portanto, possibilidade de compreendê-lo.
6- Deixamos finalmente para o volume 4 as questões do sistema ortográfico que eram mais complexas, ou que não apresentavam um sistema lógico na superfície, ou cuja compreensão estava acima da possibilidade das crianças, como, por exemplo, a origem das palavras ou sua transformação ao longo do tempo.

Da articulação de todos esses itens surgiu nossa distribuição de conteúdos, que está organizada da seguinte forma:

Volume 1:
- Análise das palavras de 1 e 2 letras.
- Análise das letras H, R, L.
- Análise do sistema de nasalização.

Volume 2:
- Análise das letras G e J.
- Confronto entre as letras C, G e Q.
- As letras M e N em final de sílaba.
- L, O, U em final de palavra.
- As letras E e I em final de palavra.
- As letras S e Z em final de palavra.

Volume 3:

Ao analisarmos os erros em início de 3ª série encontramos a maior quantidade deles relacionados com:
- Uso inadequado das letras X, Z, S, SC, C, Ç.
- Acréscimo de vogais em encontros vocálicos. Exemplo: "pessoua".
- Supressão de vogais em outros encontros vocálicos. Exemplo: "enceradera".
- Troca de E/I no início e meio de palavras.
- L/U como última letra da sílaba em meio de palavras.
- AM/ÃO em final de verbos.
- Troca de LHA/LIA.

Ao longo do volume 3 trabalhamos apenas com:
- Análise de alguns aspectos da letra X.
- Análise de alguns aspectos da letra Z.
- Análise de alguns aspectos da letra S.
- CE/SE, CI/SI em início de palavras.

Antes de iniciarmos o projeto de Ortografia do volume 4, pedimos a professores de diferentes "escolas-piloto", que já utilizavam a coleção **Construindo a Escrita** nas séries iniciais, que nos enviassem listagens de erros de grafia que encontravam em textos de seus alunos ao término da 3ª série. Eram aproximadamente 400 crianças analisadas, e a variedade de procedência da amostra nos oferecia algumas garantias de estarmos observando erros comuns no início de 4ª série.

Observamos que o trabalho desenvolvido até então havia sido eficiente, uma vez que os erros encontrados estavam circunscritos aos aspectos ainda não analisados:
- as diferentes formas de se representar o som [S] — SS, SC, Ç, S, C, XC;
- acréscimo ou supressão de vogais em encontros vocálicos;
- E/I em início e meio de palavras;
- L/U como última letra da sílaba em meio de palavra;
- troca LHA/LIA.

Lançamo-nos, assim, ao trabalho. Procuramos, como sempre, coletar um grande número de palavras com cada uma das dificuldades específicas da língua, retirando-as dos mais variados portadores de texto. Em seguida, debruçamo-nos sobre as palavras, procurando analisá-las sob todos os recortes possíveis, em busca de regularidades que pudessem constituir-se em um instrumento de pensamento no momento de uma dúvida ortográfica. Até então, essa postura diante da língua tinha sido de uma eficiência grandiosa.

Para nossa surpresa, no entanto, não conseguimos descobrir quase nada que pudesse nos ajudar a construir regras. Os aspectos que haviam restado para nossa análise inscreviam-se em contextos os mais variados, e não se organizavam em estruturas com alguma regularidade. Investigamos cada item pelas diferentes seqüências de letras, tonicidade, classe gramatical, formação de palavras, divisão silábica, flexão, etc., e nenhum dos recortes se mostrava produtivo. Nossas descobertas eram sempre parciais ou eliminavam algumas hipóteses de grafia, mas deixavam o jovem escritor em dúvida entre duas, ou às vezes até três formas possíveis de grafar um determinado som, por exemplo.

Essa constatação levou-nos a procurar outros caminhos de abordagem. Por essa razão, o volume 4 apresenta poucas pesquisas. Optamos por trabalhar com atividades que chamamos de **geradoras** de alguma regra ou reflexão sobre algum aspecto do sistema, e outras que chamamos de **sistematizadoras**, que convidam o aluno a usar o conhecimento adquirido ou apenas a auxiliar na fixação da grafia de determinadas palavras que são assim "porque sim", uma vez que não estava ao nosso alcance ou das crianças poder compreender as razões daquela forma específica de grafia. Procuramos cumprir essa tarefa utilizando estratégias inteligentes e desafiadoras, de forma a proporcionar ao aluno uma situação de crescimento pessoal e intelectual, mesmo ao ser convidado a fixar determinadas grafias.

Nossa programação para este volume se distribui da seguinte forma:

Volume 4:
Módulo I — Confrontando S, SS, C, Ç, Z

- **As letras C, Ç e S**
  - Os finais de palavras ICE/ISSE/ÍCIE.
  - As seqüências de letras vogal + NS + vogal e vogal + NÇ + vogal.
  - Os finais de palavras SÃO, SSÃO e ÇÃO.
  - CE/CI x S/SS dentro da palavra.
- **As letras S/Z no meio de palavras**

Módulo II — Confrontando L e U

- L/U em final de sílaba e meio de palavras.

Módulo III — Confrontando E e I

- E/I em início e meio de palavras.

Módulo IV — Confrontando LH + vogal, LI + vogal e LE + vogal

- LH x LI x LE.

Na parte de Gramática são abordados também:

- Erros por acréscimo ou supressão de vogais em encontros vocálicos.
- AM/ÃO em final de verbos.

Todos os nossos estudos demonstraram-nos que esses tipos de erros podem ser diminuídos do ponto de vista quantitativo, mas não podemos esperar sua superação completa, pois a cada palavra nova que surge no vocabulário da criança, aparece nova possibilidade de erro, uma vez que o sistema ortográfico é que parece não nos oferecer uma estrutura consistente em relação a essas questões.

Esperamos que, concluído o projeto de Ortografia nesse volume 4, nossos alunos saibam grafar adequadamente a maior parte das palavras e, acima de tudo, sintam-se seguros e capazes de produzir esses e novos conhecimentos, uma vez que olham como investigadores para o mundo que os cerca.

MÓDULO I – CONFRONTANDO S, SS, C, Ç e Z

As letras C, Ç e S

A análise de nossa amostra de erros de grafia de alunos em início de 4ª série indicou-nos um grande número de erros ligados às letras C e Ç. Com freqüência as crianças utilizavam S ou SS no lugar de C ou Ç, ou o inverso: quando a palavra deveria ser escrita com aquelas letras, a criança escolhia C ou Ç. Procedemos como sempre, levantando uma amostra bastante grande de palavras com C e Ç, e analisamos as regularidades para verificar como o sistema se comportaria. É uma letra extremamente complexa, e a análise se multiplicou em tantas ramificações que consideramos inadequado aplicar, nesse caso, o procedimento que temos utilizado usualmente como método de pesquisa.

Assim sendo, **no caso das letras C e Ç**, faremos **descobertas parciais** de casos relevantes para solucionar dúvidas ortográficas.

Outro procedimento que se revelou importante foi o confronto com as letras S e SS diretamente, a fim de tornar mais claro o sistema.

Os finais de palavra ICE/ISSE/ÍCIE

Uma vez que a troca S/C mostrou-se freqüente nessas terminações, procedemos a uma pesquisa e descobrimos algumas propriedades do sistema ortográfico que podem ser relevantes para a tomada de decisão em momento de dúvida com a grafia dessas palavras.

Para ajudar as crianças a fazerem essas descobertas, criamos as atividades descritas a seguir. Prepare seus alunos e… boas descobertas!!!

Labirinto

Objetivo da atividade:

Focalizar algumas questões ortográficas específicas, como por exemplo as terminações ÍCIE, ICE, ISSE, que costumam ser confundidas entre si.

Esta é uma atividade para ampliação do conhecimento das crianças, de **geração de novos conhecimentos**, e por isso a discussão posterior é fundamental.

O preenchimento do labirinto exige que os alunos trabalhem com escolhas de caminhos, eleição de critérios, reconhecimento da necessidade de refazer um percurso a partir da análise do erro. Depois, é voltar para refletir sobre os dados.

Questão 1:

Nosso objetivo é que percebam: se as palavras forem **verbos**, serão escritas com **SS**; se forem substantivos, serão escritas com C.

Questão 2:

Atingimos aqui nosso objetivo: **os verbos são terminados por ISSE e os substantivos por ÍCIE, ICE**.

Lembrete:

É importante que o professor saiba que há exceções que não invalidam a regra. São os verbos terminados em IÇAR: *enguice*, *atice*, etc.

De qualquer forma, é possível generalizar que:

a) os substantivos jamais serão com SS;
b) mesmo os verbos terminados em IÇAR, quando no pretérito do subjuntivo, são com SS, e no presente do subjuntivo com C.

Como nesse nível de escolaridade as crianças ainda não estudaram o modo subjuntivo, abstivemo-nos de aprofundar esse aspecto. Fica a sugestão desse trabalho, caso a turma seja mais adiantada e já tenha estudado esse aspecto da Gramática.

Questão 3:

Nessa questão, procuramos confrontar algumas palavras que as crianças costumam confundir. É importante que o professor aproveite a atividade para discutir as diferenças entre elas, levantando o que cada uma poderia pensar para decidir quando utilizar uma ou outra.

Sugerimos que se destaque a possibilidade de oposição *mais*/*menos* (*Ela é a **mais** estudiosa da classe./Ela é a **menos** estudiosa da classe.*) e a idéia de "algo inesperado" introduzida pelo *mas* (*Ela estudou muito **mas** foi mal na prova.).* Se ela estudou muito, o esperado era que fosse bem na prova! Quanto ao par *trabalhasse*/*trabalha-se* pode-se destacar a tônica no *lha* em *traba**lha**sse* e no *ba* de *tra**ba**lha-se*. Esse mesmo pensamento pode ser aplicado a qualquer par SSE/-SE (*comesse/come-se; falasse/fala-se;* etc.).

Sugerimos uma ampliação do universo desses pares como lição de casa.

O mesmo pensamento por tonicidade pode ajudar a decidir entre *atice* ou *atiçasse*. Em *a**ti**ce* a tônica é o *ti*; em *ati**ça**sse* é o *ça*.

Para o par *pois*/*pôs*, destacar que *pôs* é verbo e *pois* não; que em seguida ao *pois* vem uma explicação, e em seguida ao *pôs*, não. Que o *pôs* pode ser substituído por *colocar* e o *pois*, não.

Enfim, como já dissemos outras vezes, nosso objetivo é a reflexão sobre as propriedades da língua e não a simples resolução correta do exercício.

Arvoredo

Objetivos da atividade:

É um jogo com a função de sistematização e que exige:

1- O uso da classificação e a organização de palavras por atributos binários.
2- Além das questões de inteligência, sua execução vai pedir que usem os conhecimentos adquiridos na atividade anterior.

Vence quem tiver um vocabulário mais vasto, souber mais as regras de grafia e tiver mais estratégias de jogo. Bom divertimento!

As regras do jogo estão escritas no livro e é fundamental que o professor não explique o jogo em voz alta para os alunos. Cada equipe deve ler cuidadosamente as regras e descobrir como se joga. Isso é um eficiente treino de interpretação de texto em uma situação real e vívida.

Ao longo do jogo o professor vai circulando pela classe e sanando as dúvidas que porventura surgirem.

Sugerimos ao professor que faça um levantamento das palavras utilizadas pelas crianças. Ao organizá-las pela terminação, fica evidente que há mais palavras terminadas por ICE do que por ÍCIE. Como poucas palavras terminam por ÍCIE (encontramos apenas *calvície*, *imundície*, *planície* e *superfície*), as crianças poderão fixar que essas quatro palavras são escritas com ÍCIE e as outras com ICE.

Gostaríamos de alertar o professor de que existem verbos no presente do subjuntivo terminados em ICE/ICIE: *Que ele acaricie*. Como é um modo e um tempo pouco freqüente e as crianças dessa faixa etária não têm condições de trabalhar com a idéia de subjuntivo, nos omitiremos. Caso alguma criança use esses verbos no **Arvoredo**, aceite, não chame a atenção dela para o fato de serem verbos. Aconselhamos a só levantar a discussão caso alguma criança desperte a polêmica.

Feita a sistematização dessas terminações sugerimos que o professor faça uma análise dos textos produzidos pelas crianças. Se ainda houver erros freqüentes com essas terminações, é interessante que ele crie mais atividades para sua classe.

As seqüências de letras vogal + NS ou vogal + NÇ

Fizemos, como sempre, um exaustivo levantamento de palavras com essas terminações, em livros, jornais e revistas. Procuramos controlar as vogais anteriores e posteriores às seqüências NS e NÇ para verificar se havia algo relevante. As palavras foram catalogadas em: ANS + vogal ou ANÇ + vogal; ENS + vogal ou ENÇ + vogal; INS + vogal ou INÇ + vogal; ONS + vogal ou ONÇ + vogal; UNS + vogal ou UNÇ + vogal.

As conclusões que obtivemos dessa análise foram:

1- Há muitas palavras com ANÇA (*dança, vizinhança*, etc.) e pouquíssimas com ANSA (*cansa*, *mansa*, *mansão* e *expansão*).
2- Há muitas palavras com ENÇ (*presença*) e também muitas com ENS (*recompensa*), mas o grupo com S é mais numeroso.
3- Com INS há muitas palavras e com INÇ, bem poucas (*inçar, pinça, pinçado, rinçagem, extinção, distinção* e *painço*). Portanto, escolha INS.
4- Com ONS/ONÇ e UNS/UNÇ, encontramos poucas palavras dos dois grupos.
5- A seqüência ANÇA aparece mais no final das palavras (*vizinhança*, *esperança*, etc.), enquanto a seqüência INS aparece mais no início das palavras (*insatisfeito*, *insaciável*, etc.).

Como são muitas descobertas, com vários detalhes, elas foram separadas em atividades considerando a vogal anterior ao NS ou NÇ a fim de facilitar para as crianças a visualização do sistema.

Com o objetivo de facilitar um levantamento de palavras com ANSA/ANÇA que permita generalizações, preparamos uma atividade com a função de gerar conhecimento: ANSA ou ANÇA????

ANSA ou ANÇA????

O caça-palavras é um jogo que, além de agradar muito às crianças, exige delas todo um desenvolvimento de habilidades como a discriminação visual, a localização e a coordenação espacial, além da utilização de estratégias de busca e da capacidade de análise e síntese. Por tudo isso escolhemos essa estratégia para fazer o levantamento das palavras necessárias à reflexão que será pedida nas questões posteriores.

Questões 1 e 2:

Ao pedirmos às crianças que escrevam as palavras encontradas em colunas separadas já fica evidente que o número de palavras com ANÇA é muito superior ao das palavras com ANSA.

Acreditamos que as crianças não encontrarão dificuldade na execução dessas questões.

Questão 3:

Uma vez que há um pequeno número de palavras com essa seqüência de letras, sugerimos que o professor peça aos alunos que façam essa pesquisa como lição de casa. No dia seguinte, é fundamental que seja feita uma correção coletiva. Durante a correção, o professor vai escrevendo na lousa todas as palavras encontradas pela classe. As crianças terão, dessa forma, a oportunidade de ampliar esse vocabulário até os limites dos termos conhecidos. Isso é importante para a generalização que será pedida na próxima questão.

Questão 4:

Os alunos poderão verificar que, **com exceção de algumas poucas palavras, como *gansa, cansa, mansa,* as outras são com ANÇA**.

Por que sim, por que não?

Objetivos da atividade:

1- Sistematizar as descobertas feitas com *ança/ansa* na atividade anterior.
2- Sistematizar os conceitos gramaticais já estudados.
3- Trabalhar com a busca de semelhanças e diferenças entre objetos. Perceber que esses dois aspectos estão simultaneamente presentes nas relações é um pensamento importante de ser desenvolvido, pois é ao mesmo tempo diferenciador e integrador.

Procuramos variar os critérios de semelhanças e diferenças a fim de rever, através deles, todas as propriedades das palavras já estudadas por eles.

Ao fazer a correção da atividade, o professor pode ajudá-los a observar que as palavras podem ser agrupadas por diferentes critérios. Essa propriedade das palavras e das coisas em geral faz com que as crianças possam olhar para o mundo dialeticamente.

Questão de vida ou morte

Objetivos do jogo:

1- Utilizar todo o conhecimento adquirido para solucionar as lacunas.
2- Memorizar a grafia de palavras para as quais não encontramos um instrumento de decisão em caso de dúvida quanto à ortografia.
3- Aprender a controlar o ímpeto conciliando a necessidade de ter que pensar na grafia e a necessidade de rapidez de decisão durante o jogo.
4- Ter o conhecimento ortográfico como meio de se atingir outro objetivo, e não como um fim em si mesmo.

As regras do jogo já estão dadas no Livro do Aluno. Sugerimos que a primeira parte seja feita individualmente, como lição de casa, e que o professor peça às crianças que estudem para o jogo. Depois, bem... depois, desejamos boas gargalhadas a todos!

Caso o professor ache necessário, deve criar outras atividades para seu grupo-classe. Sugerimos o **Soletrando** (descrito no final do livro, no Apêndice, sob o título *Sugestões de jogos ortográficos para sistematização*), e outras de sua criação.

Os finais de palavra SÃO, SSÃO e ÇÃO

Fizemos um levantamento de palavras terminadas por SÃO, SSÃO ou ÇÃO, analisamos e chegamos às seguintes **conclusões**:

1- Há mais palavras com ÇÃO do que com SÃO ou SSÃO.
2- Todas as palavras encontradas são substantivos.
3- Todas as vogais são possíveis antes de ÇÃO.
4- Só encontramos as vogais E, I, U antes de SSÃO, portanto, depois de A e O use apenas Ç.
5- Com ESSÃO e EÇÃO tome cuidado: há muitas palavras com as duas terminações.
6- Com exceção das terminações MISSÃO, FISSÃO e CUSSÃO, use Ç depois das vogais I e U. Observação: Existem algumas poucas palavras terminadas por CUÇÃO: *locução, consecução, execução, interlocução* e outras, o que não chega a invalidar a nossa conclusão.
7- Depois de C e P use ÇÃO (Exemplos: *opção, confecção, infecção*, etc.)
8- Depois de L (com exceção da palavra *calção*), use SÃO.
9- Depois de N e R tome cuidado, há muitas palavras com as duas terminações.

Como são muitos os detalhes a serem observados e dificilmente um levantamento de uma amostra de palavras incluiria todas as possibilidades existentes na língua, optamos por criar atividades geradoras de conhecimento que possibilitassem às crianças descobrir essas regras gradativamente. São elas:

Sensacional GINCANSTOP

Dada a dificuldade de se encontrarem palavras terminadas por SÃO/SSÃO, optamos por uma estrutura de gincana na qual as crianças poderão armazenar um volume suficiente de palavras para a reflexão que será pedida a seguir.

O professor precisará estar atento ao longo da atividade, pois há muitas variáveis a serem controladas.

Primeiro momento

Questão 1:

Peça às crianças que, como lição de casa, procurem palavras com as 3 terminações: ÇÃO, SÃO, SSÃO. Faça como um campeonato – individual –, no qual vence quem conseguir coletar o maior número de palavras. Reunidas em duplas, as crianças corrigem suas listas, pontuando-as. Sugerimos que se faça a seguinte contagem de pontos: cada palavra com a terminação em Ç vale 1 ponto; aquelas com terminação em S/SS valem 2 pontos cada uma. Dessa forma, as crianças estarão mais atentas às palavras com S/SS, que são mais difíceis de ser encontradas.

Após a contagem, o professor confronta os pontos de todos, determina os primeiros vencedores e propõe o *Stop* com as palavras encontradas pelos alunos.

Questão 2:

O professor pede que cada equipe faça uma tabela dividindo uma folha de papel em três colunas, assim:

Tabela do *Stop*

ÇÃO	SÃO	SSÃO
⬇	⬇	⬇

Antes de iniciar o jogo, o professor explica todas as regras com clareza. São elas:

1- O tempo para o preenchimento da tabela é determinado pelo professor. Sugerimos que seja dado um tempo bem pequeno, como 3 ou 4 minutos, pois o levantamento das palavras já está pronto, eles apenas copiarão na tabela.
2- A contagem dos pontos é um pouco diferente da tradicional:
1 ponto para palavras terminadas por ÇÃO que mais de uma equipe colocou;
2 pontos para palavras terminadas por ÇÃO que só uma equipe colocou;
2 pontos para palavras terminadas por SÃO/SSÃO que mais de uma equipe colocou;
3 pontos para palavras terminadas por SÃO/SSÃO que só uma equipe colocou;
0 ponto caso haja erro de grafia.

Ao propor esse tipo de pontuação, nosso objetivo é levar as crianças a optarem por palavras com S para facilitar a reflexão posterior.

Depois de explicar como será a contagem de pontos, o professor determina o início do *Stop* e cada equipe deve escrever na tabela o maior número possível de palavras. Deve haver apenas uma tabela para cada equipe, mas todos devem contribuir com suas palavras. Terminado o tempo marcado, é proibido escrever mais palavras. **Cada equipe escolhe um aluno para mudar de lugar e ser o fiscal de outra equipe durante a correção.**

O professor vai, então, corrigindo as palavras com a classe e fazendo a contagem dos pontos. Essa correção pode ser feita de várias formas. O professor deve escolher aquela que achar mais conveniente para seu grupo-classe. Sugestões:

1- Cada equipe vai falando uma palavra de cada vez e o professor vai escrevendo na lousa e anotando a pontuação.
2- Escolhe-se uma terminação de cada vez e cada equipe manda um representante para a lousa. Ele vai escrever todas as palavras que sua equipe registrou no *Stop*. A comparação e a pontuação vão se dar na lousa, com todas as palavras ao mesmo tempo.

Lembrete:

É fundamental que o professor vá fazendo o registro das palavras em uma folha de papel *craft* para que o conjunto de palavras da classe não se perca e possa ser usado posteriormente. Pode-se também registrá-las numa folha de sulfite e xerocar para os grupos.

Depois que o *Stop* foi corrigido, em outro dia, se necessário, o professor pede que as crianças se reúnam em equipes e respondam às perguntas 3 a 11, analisando as palavras que ele copiou no papel *craft.*

Questão 3:

ÇÃO, **SÃO**, **SSÃO**: essas terminações são formadoras de substantivos. Ao perguntarmos qual a classe gramatical das palavras encontradas essa propriedade se revela, integrando Gramática e Ortografia.

Questão 4:

É gritante a superioridade quantitativa das palavras terminadas por ÇÃO, o que pode levá-los a perceber que, em caso de dúvida, o melhor é optar por Ç.

Questão 5:

Pedimos que observem a letra anterior ao **ÇÃO**, **SÃO**, **SSÃO** para preparar a amostra de palavras para a classificação e análise posterior.

Questão 6:

Nesta questão as crianças são convidadas a analisar os dados das tabelas 1 e 2. A partir da análise poderão tirar algumas conclusões interessantes que podem ajudá-las a decidir quando usar S ou Ç nessas terminações. Optamos pelo uso das tabelas 1a e 2a pois nelas, ao mesmo tempo que o aluno marca a conclusão tirada, tem uma síntese de todas as conclusões parciais que está tirando.

A partir da amostra de palavras colhida por nós, concluímos que:

Tabela 1a:

a) Só existem palavras com C + ÇÃO. Nenhuma é com C + SÃO.
b) Depois de L escolha SÃO, pois com Ç só encontramos *calção*.
c) Depois de N fique atento, pois há muitas palavras com NÇÃO e com NSÃO.
d) Depois de P, escolha sempre Ç, pois só há palavras com PÇÃO.
e) Depois de R, há muitas palavras tanto com RÇÃO quanto com RSÃO.

Tabela 2a:

a) Depois de A, escolha ÇÃO. Não encontramos nenhuma com ASSÃO.
b) Há muitas palavras com as duas terminações depois de E, portanto, tome cuidado.
c) Depois do I há muitas palavras com as duas terminações, mas as palavras com Ç são mais numerosas.
d) Depois do O, use ÇÃO. Com SSÃO só encontramos *fenossão* (e as crianças, provavelmente, não encontrarão nenhuma!)
e) Depois de U, escolha ÇÃO, pois há poucas palavras com USSÃO.

É importante que o professor esteja atento ao fato de que nossas conclusões são produto da análise da amostra de palavras colhidas por nós. Caso a amostra das crianças aponte para conclusões diferentes, o professor deve considerá-las e não às nossas. Procuramos, para oferecer um guia seguro, trabalhar com uma amostra grande de palavras, mas às vezes as crianças (ou a língua) nos surpreendem...

Questão 7:

Fizemos muitas questões para dirigir o pensamento delas. Esse procedimento mostrou-se necessário tendo em vista a complexidade da análise a ser feita.

Sugerimos que o professor redija as conclusões junto com as crianças para garantir que efetivamente sintetizem todos os aspectos levantados na análise.

Poderão concluir que:

- depois de C e P, use ÇÃO.
- depois de L, use SÃO.
- depois de N e R, tome cuidado, pois pode ser tanto ÇÃO quanto SÃO.

Questão 8:

Nosso objetivo é que trabalhem pela negação. Se não encontraram nenhuma palavra com ASSÃO ou OSSÃO, depois de A e O escolha sempre Ç.

Questão 9:

Como a letra I aparece antes das duas terminações, vamos conduzir o olhar das crianças para novos observáveis, a fim de que possam encontrar um instrumento de decisão ortográfica.

a) Há o elemento quantitativo: a letra I é mais freqüente antes do Ç.
b) Ao destacarmos a letra anterior ao I na tabela, poderemos ajudá-las a tirar novas conclusões.
c) Antes de ISSÃO, aparecem sempre M ou F.
d) Essas letras não aparecem antes de IÇÃO.

Questão 10:

Novamente orientamos o olhar das crianças para novas descobertas:

a) Voltamos ao fator freqüência: a letra U é mais freqüente antes de Ç.
b) Pintar a letra anterior torna-a evidenciada e, portanto, mais visível para análise.
c) Antes de USSÃO sempre aparece a letra C.
d) A letra C aparece em muito poucas palavras antes de UÇÃO!
Observação: Procuramos exaustivamente palavras com essas terminações, mas encontramos apenas as já citadas. Se as palavras encontradas pelas crianças conduzirem a outras conclusões, o professor deve orientar-se pelas palavras da amostra das crianças e não pela nossa.
e) Ao sintetizar a análise, as crianças poderão concluir que com SS só se for MISSÃO, FISSÃO ou CUSSÃO. Em todas as outras situações, use ÇÃO.

Questão 11:

Queremos aqui montar um registro que sintetize todas as descobertas. Como ela é de difícil elaboração, sugerimos que o professor faça essa síntese juntamente com as crianças, pedindo-lhes que registrem no Caderno de Descobertas:

1- Depois das vogais A e O, use ÇÃO.
2- Com exceção das palavras terminadas por MISSÃO, FISSÃO e CUSSÃO use ÇÃO, depois das vogais I e U.
3- Com ESSÃO/EÇÃO, tome cuidado, pois há muitas palavras com as duas terminações.
4- Depois de C e P use ÇÃO.
5- Depois de L use SÃO.
6- Depois de N e R, cuidado! As duas terminações são possíveis.

Rali

O objetivo dessa atividade é sistematizar as descobertas já feitas. É interessante fazer os alunos observarem como é gostosa a sensação de responder tendo um instrumento de decisão ortográfica.

Questão 1:

Pedimos aqui que encontrem os substantivos correspondentes aos verbos. Com isso terão que pensar na relação verbo-substantivo, além de acionar as descobertas feitas no **Gincanstop** para saber quando usar S, SS ou Ç.

Para encaixar os substantivos no diagrama do Rali precisarão encontrar uma estratégia de solução.

Questão 2a:

Escolhemos a equipe do Ç como vencedora para destacar a regra geral: a maior parte das palavras encontradas termina por Ç.

Questão 2b:

Destacamos essas terminações para retomar as regras na questão 3.

Questão 3:

Pedimos que escrevam novamente as regras a fim de fixá-las.

Questão 4:

Mudar a equipe vencedora do Rali vai exigir deles um pensamento por compensação. Saber que sempre é possível transformar algo e encontrar novas soluções é uma postura a ser desenvolvida em termos de vida e pensamento.

***Kumogô* — a velha tagarela**

Este jogo, além de delicioso de jogar, exige dos participantes um nível de raciocínio fantástico: cada um tem que pensar simultaneamente em atacar e se defender, em montar sua seqüência sem perder de vista a necessidade de impedir o outro de montá-la primeiro. Para realizar isso é fundamental antecipar as jogadas, suas e do adversário, e pensar em diversas variáveis simultâneas, além da ortografia das palavras!

Esperamos que as crianças possam se beneficiar pela oportunidade de conhecer e jogar o *Kumogô*.

Caso o professor ache necessário, além das atividades propostas por nós, aproveite o universo de interesse de seu grupo-classe e crie outras atividades.

CE/CI x S/SS no meio da palavra

Encontramos um grande número de erros com essas letras. Procuramos analisá-los para compreender melhor o que se passava no pensamento das crianças ao cometê-los. O resultado encontrado por nós foi:

1- A situação mais freqüente é o uso de S no lugar de Ç ("acontesa" no lugar de *aconteça*). Isso nos surpreendeu porque o S entre duas vogais tem o som [Z], não podendo ser uma escolha plausível nesse contexto. No entanto, apresentou-se como a situação mais freqüente em nossa amostra!

2- Ocupando o segundo lugar quanto à freqüência estavam duas formas de erro: um S no lugar de SS ("asim" no lugar de *assim*), e um S no lugar de C ("esqueser" no lugar de *esquecer*). Também nessas duas situações a escolha de um S não fazia sentido, pois o som seria [Z]!

3- Em terceiro lugar, encontramos o uso de C no lugar de SS ("acertace" no lugar de *acertasse*) e Ç no lugar de S ("cançado" no lugar de *cansado*).

4- Havia também trocas de SS por Ç ("profições" no lugar de *profissões*); S por C ("conceguiam" no lugar de *conseguiam*); SC por S ("desida" no lugar de *descida*); S *por* SS ("ressultado" no lugar de *resultado*); CE por Ç ("voçê" no lugar de *você*).

Um grande número desses erros poderia ser evitado se as crianças observassem verdadeiramente o contexto no qual a letra estava inserida, relacionando-o com o som. Apesar de todos já terem ouvido inúmeras vezes que *um S entre duas vogais tem som de Z*, na prática isso não fazia sentido para elas. Assim sendo, nossa primeira preocupação foi que percebessem o quanto o contexto, a presença ou a ausência de cada letra, é fundamental. Conscientes disso, analisaremos os diferentes contextos e letras presentes para a produção de som [S].

Cruzadilha

Objetivos da atividade:

Muitas vezes as crianças escrevem as palavras com erros de grafia e dizem: *Mas eu só esqueci uma letra!* ou *Mas eu só troquei uma letra!* Nosso objetivo é que percebam a importância de observar cada letra da palavra escrita: se ele trocou ou esqueceu uma letra, ele escreveu outra palavra.

Ao escolher a forma de palavras cruzadas com uma parte completa e uma parte por completar, convidamos as crianças a escrever definições e a associar significado com grafia.

É importante que o professor, na hora da correção, discuta com as crianças em duas direções:

a) estabelecer qual é a melhor forma, por ser mais precisa, mais clara, de explicar ou definir a palavra;
b) compreender que é possível explicar de várias formas, por mais de um caminho.

Essas duas buscas, a da precisão e a da variedade, são fundamentais para a execução de todas as atividades, tanto escolares quanto da vida. Nas respostas, colocamos alguma(s) solução(ões) que pode(m) ser dada(s) pelas crianças. Procuramos imaginar como elas responderiam e não como seria a maneira adulta de se definir cada palavra.

Questão 1:

Buscamos trabalhar diretamente a omissão de uma letra. Em nossa análise a omissão do S ou do C em palavras com SS ou no dígrafo SC é bastante freqüente. Essa questão vai marcar a importância da presença de cada letra da palavra em geral e especialmente nesses casos.

Sugerimos ao professor que peça aos alunos, como lição de casa, que encontrem outras palavras que, retirando uma letra, formem outra palavra. Depois, pode-se fazer um jogo de adivinhação em que um aluno procura descobrir as palavras do outro. Pode-se também fazer o inverso: descobrir palavras que, acrescentando uma letra, formem outra(s) palavra(s).

Questão 2:

Tudo o que foi dito na questão anterior vale para essa.

Questão 3:

Ao pedirmos que escrevam as mudanças produzidas pela troca ou omissão das letras obrigamos a criança a tomar consciência dessas mudanças, deixando-as alertas para a importância da escolha de cada uma das letras das palavras que escrevem.

Sim ou Não?

Objetivos da atividade:

Ao longo das séries fomos analisando várias formas de representação do som [S] e cada um dos contextos em que elas ocorreram. Mas, como essas análises foram feitas uma a uma, resolvemos organizar todos esses contextos possíveis e suas formas de representação em um conjunto único, que os confrontasse e sintetizasse.

Como há oito formas de representação do som [S] e vários contextos em que cada uma se realiza, seria exaustivo pedir às crianças que pesquisassem e analisassem todos os possíveis. Assim sendo, optamos pela estrutura do **Sim ou Não?**, que cumpria essa tarefa.

Sugerimos ao professor que ajude as crianças nessa análise e vá, na medida do possível, relembrando com elas as descobertas antigas.

Poderão concluir que:

1- O som [S] pode ser representado por S, SS, C, Ç, SC, SÇ, X, XC.
2- Ç e SS só representam o som [S], nenhum outro.
3- O C só representa o som [S] quando está seguido de E ou I.
4- O S só representa o som [S] quando tiver pelo menos uma consoante antes ou depois dele (*aspargo*, *inseguro* e *transporte*).
5- O X só representa o som [S] quando estiver entre a vogal E e as consoantes P, T, C (*explicação*, *extrair*, *exceção*).
6- SC só tem o som [S] quando for seguido de E ou I.
7- O SÇ só aparece seguido de A/O e sempre tem o som [S].
8- O XC só tem o som [S] quando depois dele aparecer E/I.

Colunáveis

Como não é possível levantar regras estáveis em relação a todas as representações do som [S], essa atividade procura sistematizar algumas palavras com esse som a fim de fixá-las.

Questão 1:

Sugerimos os seguintes passos para a realização da atividade:

1- Cada criança deve abrir seu livro na página da atividade e aguardar que o professor dite as palavras.
2- Cada palavra deve ser escrita na coluna correspondente.
3- O professor só deve voltar a repeti-las no final, depois de terminado o ditado.
4- Na correção o professor vai ordenando as palavras na lousa e verificando a ortografia.

Sugestão de palavras para o ditado:

C	Ç	S	SS
você	açude	desfazer	disse
pertence	torção	inseguro	assim
facilidade	faço	transparente	interessante
parcial	palhaço	curso	ingresso
decidir	caçada	restituir	possuir
	lingüiça	astuto	assadura
	emoção	respeito	assombrado
	força	pulseira	classe

SC	SÇ	X	XC
piscina	renasço	exterminar	excitado
floresce	floresça	explodir	excelente
disciplina	cresço	exterior	exceto
renascer		excluir	
adolescência			

Questão 2:

Pedimos que criem uma atividade usando as palavras do ditado. Pode ser realizada individualmente, em duplas ou em equipes. Além de observarem como são escritas, precisarão usar os conhecimentos das estruturas de jogos e atividades que já realizaram. É interessante o professor observar o que escolheram fazer e perguntar o porquê da escolha: *É porque era mais fácil de realizar? É porque é mais gostosa? É por que outra razão?* Dessa forma conhecerá mais de seus alunos e também saberá que tipo de atividade escolher quando for criar novas situações para eles.

Tômbola

Objetivo da atividade:

As crianças escrevem freqüentemente as terminações **ência** e **ância** com S. Por exemplo, escrevem "frequênsia", "elegansia".

Fizemos uma exaustiva pesquisa com essas terminações e não encontramos nenhuma palavra com **ânsia** ou **ênsia**, exceto a própria palavra *ânsia* e *a palavra hortênsia.* Caso encontrem alguma com S, o professor deve relativizar a regra, escrevendo *excetuando-se ......, as outras palavras são com C.*

Além de nossa pesquisa, estamos nos apoiando no fato de a Gramática apontar **ância** e **ência** como sufixos, mas não fazer nenhuma referência a **ânsia** e **ênsia**.

Nosso objetivo nessa atividade é, portanto, que os alunos percebam que essas terminações **não existem com S**.

A escolha da **Tômbola**, uma estrutura que implica um ditado de palavras, foi proposital para que tivessem dúvidas na hora de escrever as palavras, e a ansiedade decorrente gerasse a necessidade de se buscar algo que pudesse ajudá-los a decidir como escrever.

Ao fazer o ditado de tantas palavras, também possibilitamos o contato com um grande número delas, o que favorece a generalização.

Na correção, organizando as palavras por colunas, fica evidenciado que apenas as terminações com C existem. Poderão, assim, fazer a generalização com facilidade.

Regras do jogo:

1- Antes de começar a ditar, o professor explica para os alunos que vai ditar **40** palavras e cada um vai escolher apenas **20** delas para escrever em sua tabela.
2- Quando todos estiverem com a cartela completa, o professor começa o sorteio e os alunos vão marcando na tabela as palavras sorteadas, caso a tenham em sua tabela, é claro!
3- Quando algum aluno tiver todas as palavras da sua tabela sorteadas, avisa e mostra para o professor, que verificará se todas as palavras já foram efetivamente sorteadas e, também, se estão grafadas corretamente. Se não houver nenhum erro, aquele aluno é o vencedor do jogo.
4- Se houver erro de grafia na tabela apresentada pelo aluno, o professor diz: *Tem erro*, mas não avisa em que palavra. O aluno volta para sua carteira e ainda tem uma chance de corrigi-la e reapresentar a tabela. Se na segunda chance ela estiver totalmente correta, ele vence o jogo. Se ainda apresentar algum erro ele é desclassificado e o jogo continua em busca de um novo vencedor. Enquanto o aluno que apresentou a tabela faz a verificação e a correção, o professor continua o sorteio.
5- Se algum outro aluno completar a tabela corretamente antes do primeiro, que está tentando fazer a correção, este é o vencedor e o outro, quando conseguir corrigir, tira o segundo lugar.

Sugerimos que o professor vá sorteando palavras até encontrar o 5º, o 7º ou até o 10º colocado.

Questão 1:

A correção do jogo deve ser coletiva e o professor escreve as 40 palavras na lousa, depois pede aos alunos que as copiem nos seus livros, organizando-as nas quatro colunas, de acordo com as terminações.

Terminada a organização das palavras em colunas, o professor encaminha a discussão na busca das descobertas e do levantamento de regras possíveis.

Nossa tabela já está organizada por colunas, mas o professor deve ditar as palavras misturadas.

Lista das palavras da Tômbola

ÊNCIA	ÂNCIA	ÂNSIA	ÊNSIA
experiência	ambulância	ânsia	hortênsia
ciência	distância		
saliência	constância		
agência	arrogância		
existência	alternância		
residência	estância		
dependência	ganância		
vivência	substância		
influência	elegância		
providência	discordância		
correspondência	importância		
inteligência	concordância		
freqüência	tolerância		
consciência	vigilância		
transparência	fragrância		
preferência	abundância		
obediência	reentrância		
violência	relevância		
evidência			
reverência			

Questão 2:

Arrumadas as palavras em colunas, a descoberta saltará aos olhos das crianças. À exceção de *hortênsia* e *ânsia*, todas as outras palavras são com C.

Questão 3:

Ao pedirmos que observem o que as palavras da lista têm em comum, destacamos a presença do acento + a tonicidade e a classe gramatical. Lembramos que estas são as palavras que a gramática considera como possíveis de serem classificadas como paroxítonas ou proparoxítonas. (Ver Módulo V – Divisão silábica de encontros vocálicos, neste volume, no Livro do Professor.)

Questão 4:

Freqüentemente as crianças deixam de colocar os acentos nas palavras. Ao pedirmos que encontrem as oito palavras que, sem acento, mudam de classe gramatical e tonicidade, destacamos a importância da presença do acento. Portanto, deixar de colocá-lo é alterar **tonicidade**, **classe gramatical** e **significado**. Sugerimos que o professor peça às crianças que leiam em voz alta as palavras das duas colunas para que fique bem evidenciada a diferença de pronúncia.

Como lição de casa, as crianças podem procurar outras palavras que também tenham acento e que mudem de significado sem esse acento. Como *pele* e *Pelé*, *círculo* e *circulo*, etc.

Caracolência caracolosa

Objetivos da atividade:

Retomando a estrutura que já foi utilizada no volume 3, revisamos as seqüências de letras com som [S] estudadas até então.

As regras estão no Livro do Aluno e devem ser lidas e compreendidas pelas crianças sozinhas, sem explicação do professor. Enquanto a classe joga, o professor vai circulando pelas equipes e resolvendo as dúvidas, ajudando a encontrar solução para possíveis conflitos. Em caso de dúvida sobre as regras sugerimos ao professor que peça às crianças para relerem o trecho que responderia à dúvida, ao invés de dar, ele mesmo, a solução. Dessa forma as crianças estarão exercitando a interpretação de textos em uma situação real.

Caso queiram jogar novas partidas, sugerimos que copiem o caracol em outra folha e considerem inválidas as palavras já usadas na(s) partida(s) anterior(es).

As letras S/Z

S/Z no meio de palavras

Temos procurado cercar todos os aspectos relativos à letra S que costumam trazer dificuldades de grafia para as crianças. No volume 3 começamos uma análise geral das propriedades dessa letra e fizemos uma análise minuciosa confrontando SE/SI x CE/CI em início de palavras.

Neste quarto volume estamos nos defrontando com outras questões dessa letra, que ainda não haviam sido analisadas. Entramos na parte mais complexa da Ortografia e não temos encontrado regularidades no sistema que possam constituir regras em um momento de dúvida ortográfica. É o que acontece com o S entre duas vogais, que é pronunciado com o som [Z] e confundido com a letra Z na hora de escrever.

Uma vez que não foi possível levantar regras, preparamos algumas atividades de sistematização com o objetivo de ajudá-los a fixar a grafia dessas palavras.

Tudo em família

Um pensamento econômico é utilizar o conhecimento de famílias de palavras para deduzir a grafia de algumas: Se *casa* é com S, *casarão* também deve ser. Desenvolver esse tipo de raciocínio é o nosso objetivo aqui.

Aconselhamos o professor a procurar o máximo de palavras com as crianças e a ajudá-los a fugir das falsas generalizações que possivelmente surgirão. Como lição de casa pode-se pedir que façam um campeonato: *Quem descobre a palavra que tem a maior família de palavras? Quem encontrará?*

É comum as crianças nesse início de escolaridade acharem que **qualquer palavra** que tenha uma parte comum com outra seja da mesma família, como *mesa* e *mesada*, que têm algo em comum (*mesa*), mas não são da mesma família. A próxima atividade, intitulada **Detetive**, tem o objetivo de trabalhar esse pensamento, portanto o professor não deve se preocupar com os erros que possam surgir nesse momento.

Detetive

Nosso objetivo é trabalhar novamente com famílias de palavras.

Questão 1:

O reconhecimento do radical de uma palavra nem sempre é simples. Escolhemos algumas que pareciam ter um radical mais evidente para tornar viável a atividade para as crianças.

Questão 2:

Para saber se a palavra é ou não da mesma família, é preciso pensar simultaneamente em dois aspectos: ter uma parte comum (radical) e ter significado em comum. Se um dos dois aspectos não se cumprir, a palavra não é da mesma família. Trabalhar com esse pensamento é importante para que fique claro que nem todas as palavras que **parecem** ser da mesma família efetivamente são.

Optamos por colocar dois grupos de palavras com CAS (*casar* e *caso*) para que fique bem evidente a importância da verificação do significado para perceber se a palavra pertence ou não àquela família. Sugerimos ao professor que dê atenção especial a esse aspecto no momento da correção.

Encontrando o mico

Objetivos da atividade:

1- Retomar a aplicação de vários conceitos gramaticais já estudados.
2- Utilizar as regras de ortografia que descobriram.
3- Aguçar a capacidade de observação em busca dos atributos que as palavras ditadas têm em comum.

4- Desenvolver a flexibilidade de pensamento ao terem que observar e classificar palavras usando critérios de negação e afirmação de alguns atributos.
5- Saber controlar seus impulsos ao longo da dinâmica da atividade.

Como jogar:

O professor vai ditar 35 palavras e cada aluno deve escrevê-las em seu livro. É importante que elas sejam ditadas de 5 em 5 para que os alunos as organizem adequadamente nos diferentes grupos.

Em seguida, reunidos em equipes, comparam as palavras de cada grupo para descobrir o mico escondido entre elas. As regras do jogo estão dadas no livro. Para quem conseguir encontrar, parabéns!!!

Não há contagem de pontos, apenas a busca da solução. Descreveremos a seguir nossos objetivos ao agruparmos as palavras e escolhermos o mico. Caso as crianças encontrem outros micos por observarem outros critérios, o professor deve verificar se são lógicos. Caso sejam, a resposta também deve ser considerada correta.

Lista de palavras para o jogo do mico:

1º grupo (classe gramatical): *assassino, assunto, passarinho, assaltou, professor.*

Nossos critérios ao escolher essas palavras foram a semelhança entre elas pela presença do SS e a diferença de classe gramatical (são 4 substantivos e 1 verbo). Outros critérios levantados pelas crianças também devem ser aceitos, apesar de não serem nosso objetivo. Por exemplo, se indicarem a palavra *professor* como o mico porque é a única que termina por consoante, o professor deve observar se há coerência ou não. Se houver, a resposta é válida.

2º grupo (ortografia): *resultado, música, assobio, desenho, casamento.*

A escolha desse conjunto de palavras deu-se pelo fato de um dos erros mais freqüentes entre as crianças ser o de colocarem um só S no lugar de SS. Apesar de os professores repetirem muitas vezes que um S entre duas vogais tem som de Z, as crianças insistem em escrever com um S só. Gostaríamos que o professor aproveitasse a ocasião para reforçar com eles esse aspecto.

3º grupo (divisão silábica): *cresceu, começou, nascia, passou, pensou.*

Nosso objetivo ao escolher essas palavras foi apresentar as diferentes formas de se grafar o som [S] (SC, Ç, SS, S entre consoante e vogal), deixando o mico para a divisão silábica dos encontros vocálicos. Como esse é um critério muito sutil, acreditamos que muitas crianças dirão que o mico é a palavra *começou* por ser a única trissílaba. Caso isso aconteça, sugerimos que o professor peça que os alunos releiam as regras. Lá está escrito que os critérios número de sílabas e tonicidade **não** valem.

Como procedimento, o professor pode ir perguntando que critérios podem ser levantados. A cada sugestão fazem a verificação e observam se o critério aponta ou não o mico.

É interessante o professor aproveitar a situação para discutir a divisão silábica dessas palavras: SC em sílabas separadas; SS também; encontros vocálicos terminados por U, as duas vogais ficam juntas; terminados por A, as duas ficam separadas.

4º grupo (ortografia e/ou tempo verbal): *amanhece, acontece, comesse, comece, empobrece.*

Nosso objetivo ao escolher essas palavras foi opor verbos com as duas terminações (ESSE – ECE). A presença das duas terminações permite ao professor retomar o que foi descoberto no volume 3, na atividade **Parece e é**. Nela as crianças podem verificar que as duas terminações de verbos existem, mas que:

- quando a palavra é escrita com C o som é aberto e com S o som é fechado;
- a forma ECE aparece, com freqüência, dentro da palavra com SS. Exemplos: *acontece/acontecesse*; *empobrece/empobrecesse*; *amanhece/amanhecesse*, etc.

Acreditamos que a justificativa mais comum será pela ortografia: comesse é a única com SS. Mesmo assim, o professor pode perguntar por que ela é com SS e trazer à tona toda a reflexão exposta acima.

5º grupo (ortografia/flexão): *alcança, criança, cansa, danças, vingança.*

Agrupamos essas cinco palavras com o objetivo de retomar as terminações ANÇA/ANSA e escolhemos a palavra *cansa* como mico porque ela é exceção no jogo e também na língua! Ao fazer a atividade o professor pode retomar, assim, a regra geral: há muitas palavras terminadas por ANÇA e muito poucas terminadas por ANSA.

As crianças podem também concluir que o mico é a palavra *danças* por ser a única no plural. A possibilidade de flexionar os substantivos em número tem sido um dos aspectos destacados nesse volume 4.

6º grupo (classe gramatical/ortografia): *marquesa, azeda, fantasia, desenhista, mesada.*

Nesse grupo de palavras desejamos trabalhar com a possibilidade de o som [Z] ser representado pela letra Z e pela letra S entre vogais. O mico é justamente a palavra *azeda* para que o professor possa retomar com os alunos uma descoberta feita no volume 3, na pesquisa da letra S: há poucas palavras iniciadas por AS + vogal (*asiático, asilo, asa* são as principais) e muitas iniciadas por AZ + vogal. É uma descoberta do que é mais **provável** dentro do sistema, o que pode ajudá-los a tomar uma decisão ortográfica em momentos de dúvida.

7º grupo (o S tem som [Z] ou o S está entre duas vogais): *descobrimento, escada, pesada, construção, insolação.*

Nosso objetivo ao escolher essas palavras foi destacar mais uma vez que o S entre consoante e vogal tem o som [S]. Escolhemos a palavra *pesada* como mico porque é a única em que o S está entre vogais e portanto tem o som [Z].

Esperamos que, depois de tanto insistir, as crianças não escrevam mais palavras que são com SS apenas com um S.

A palavra *pesada* pode também ser considerada como mico por ser o único adjetivo do grupo (as outras palavras são substantivos). Caso as crianças encontrem um outro mico por terem observado as palavras segundo outro critério, analise se é procedente e, caso seja, considere correto como já foi dito anteriormente.

8º grupo (acentuação).

Pedimos que encontrem 4 palavras acentuadas para que possam voltar seus olhos para a acentuação. Este e o 9º mico podem ser feitos em classe, em grupo, ou como lição de casa.

9º grupo – a criança inventa tudo.

Sugerimos que o professor recolha os micos criados por eles, veja se estão corretos, copie em uma folha, xeroque e distribua para a classe encontrar a solução como lição de casa. É sempre significativo ver seu trabalho com uma função real dentro da escola.

Caso o professor ache necessário, deve criar outras atividades para sistematizar essas dificuldades encontradas por eles e por nós na grafia da língua.

Respostas das atividades do Módulo I

Labirinto

Caminho: vestisse, visse, existisse, consumisse, poluísse, mentisse, sorrisse, cuspisse, assistisse, saísse, fugisse, proibisse, abrisse, partisse, ferisse, permitisse, subisse, contribuísse, colorisse.

Questão 1:

Terminação	Classe gramatical
ISSE	VERBOS
ICE	SUBSTANTIVOS
ÍCIE	SUBSTANTIVOS

Questão 2:

Os verbos terminam em **ISSE** ou **ÍSSE** e os substantivos em **ICE** ou **ÍCIE**.

Questão 3:

Rabo quente é uma espécie de iglu feito de tijolo e barro. Para queimar a lenha é necessário que alguém atice o fogo durante três dias.

Luciane (15 anos) trabalha com seu pai em um desses fornos desde os 7 anos e nos contou:

— O médico disse que eu não trabalhasse mais, pois já tive pneumonia, ou que atiçasse o fogo com uma proteção no rosto para não aspirar a fumaça, senão teria uma nova crise.

Arvoredo (Sugestão de palavras)

ISSE

abrisse
agisse
atingisse
caísse
cobrisse
colorisse
conduzisse
confundisse
constituísse
consumisse
cumprisse
curtisse
demitisse
demolisse
desimpedisse
diminuísse
dirigisse
dormisse
engolisse
explodisse
fingisse
fluísse
ouvisse
partisse
resistisse
retribuísse
saísse
subisse
substituísse
sumisse
surgisse
traduzisse

ÍCIE

calvície
imundície
planície
superfície

ICE

ápice
apólice
beatice
burrice
caduquice
caretice
chatice
coice
corujice
crendice
cretinice
criancice
cúmplice
doidice
esquisitice
foice
idiotice
macaquice
maluquice
meiguice
meninice
pieguice
porquice
rabugice
sandice
tolice
velhice
vértice

ANSA ou ANÇA????

Questão 1:

Palavras terminadas em **ANSA**: mansa, cansa, gansa.

Palavras terminadas em **ANÇA**: alcança, avança, vingança, aliança, poupança, trança, lança, criança, mudança, vizinhança, esperança, dança.

Questão 2:

O conjunto de palavras com a terminação **ANÇA** tem mais palavras. **ou**
Há mais palavras terminadas em **ANÇA**.

Questão 3:

Resposta pessoal.

Questão 4:

Com exceção de algumas palavras (cansa, gansa, mansa, descansa, amansa) as outras que terminam com essa seqüência de sons são escritas com **Ç**.

Por que sim, por que não?

TRANÇAR
LANÇAR
CANSAR
DANÇAR

Essas palavras estão agrupadas porque todas são: verbos/da 1ª conjugação/terminam em **ar**/iniciadas por consoante/dissílabas/oxítonas/palavras em que a 1ª sílaba termina em **an**/têm uma das sílabas formada por 3 letras.

A palavra intrusa é **cansar** porque é a única escrita com **S**. Ou: A palavra intrusa é **trançar** porque é a única com 7 letras ou porque é a única que tem uma das sílabas formada por 4 letras.

MANSA
EXTENSA
PROPENSA
INTENSA
IMENSA

Essas palavras estão agrupadas porque todas são: adjetivos/estão no gênero feminino/estão no singular/são paroxítonas/terminadas em **NSA**/escritas com **S**.

A palavra intrusa é **mansa** porque é dissílaba. Ou: porque é a única com **ansa.**

A PANÇA
A GANSA
A DANÇA
A TRANÇA

Essas palavras estão agrupadas porque todas são: substantivos/estão no gênero feminino/no singular/são paroxítonas/iniciadas com consoante/terminadas em **a**/dissílabas/palavras com a 1ª sílaba terminada em **an**/ têm uma sílaba formada por 2 letras.

A palavra intrusa é **gansa** porque é escrita com **S**. Ou: A palavra intrusa é **trança** porque é a única com 6 letras ou porque é a única com uma sílaba de 4 letras.

Questão de vida ou morte

pança
compreensão
canção
sensacional
cansado
cobrança
dimensão
diferença
pançudo
atenção
aliança
mensagem
onça
ensaboar
festança
imprensa
dança
consoante
responsável
bagunça
criança
ganso
invenção
pensamento
doença
avançou
insuperável
ensaio
esperança
ensurdecer
insatisfeito
imensa
consultório
insolúvel
mudança
insaciável
sensível
mansa
pinça
semelhança
mensal
balanço

Sensacional GINCANSTOP

Questões 1 e 2:

Pesquisa aberta feita pelas crianças.

Questão 3:

Todas as palavras terminadas em **ÇÃO/SÃO/SSÃO** são substantivos. **ou**
São todas substantivos.

Questão 4:

A terminação mais freqüente é o **ÇÃO**.

Questão 5:

Tabela 1

	consoante + ÇÃO	consoante + SÃO
C	ficção, convicção, afecção, fricção, confecção, infecção, etc.	
L	calção	convulsão, emulsão, expulsão, salsão, bolsão, propulsão, impulsão, pulsão, etc.
N	canção, atenção, manutenção, invenção, isenção, distinção, extinção, obtenção, contenção, monção, distinção, extinção, função, conjunção, presunção, punção, disfunção, assunção, etc.	mansão, expansão, pensão, compreensão, apreensão, dimensão, tensão, propensão, extensão, pretensão, distensão, ascensão, etc.
P	acepção, erupção, opção, concepção.	
R	absorção, deserção, asserção, inserção, torção, porção, coerção, etc.	conversão, diversão, submersão, emersão, imersão, versão, excursão, subversão, extorsão, aversão, reversão, perversão, etc.

Tabela 2

AÇÃO x ASSÃO			EÇÃO x ESSÃO	
admiração agitação aprovação criação distração dominação educação informação instalação liqüidação marcação obrigação observação ocupação operação reação relação sensação privação vocação lotação subtração tração levitação mediação	nação contração fixação aceitação armação adequação adjetivação administração admoestação adoração agilização aglomeração fiação afirmação adulação aeração adubação	Não encontramos nenhuma	seleção direção predileção coleção preleção inspeção correção exceção seção tropeção excreção secreção injeção abjeção projeção	agressão expressão pressão repressão sucessão depressão possessão sessão progressão impressão obsessão supressão travessão

IÇÃO x ISSÃO		OÇÃO x OSSÃO		UÇÃO x USSÃO	
aparição	demissão	comoção	fenossão	construção	percussão
composição	submissão	emoção		introdução	discussão
demolição	permissão	remoção		resolução	repercussão
descrição	omissão	poção		solução	concussão
perseguição	transmissão	adoção		tradução	eletrocussão
proibição	admissão	promoção		condução	
rendição	missão	loção		obstrução	
repetição	emissão	noção		dedução	
reposição	comissão	carroção		indução	
traição	profissão	adoção		instrução	
poluição	confissão			ablução	
eleição	intromissão			alocução	
afeição	remissão				
ebulição	fissão				
destruição					
aflição					
definição					
absolvição					
contribuição					
lição					
ambição					
abolição					
adição					
aferição					
posição					
anteposição					
aparição					
aquisição					
argüição					

Questão 6:

Tabela 1a

CONSOANTE + ÇÃO	CONSOANTE + SÃO
C	**C**
L calção	**L**
N	**N**
P	**P**
R	**R**

Tabela 2a

VOGAL + ÇÃO	VOGAL + SSÃO
A	**A**
E	**E**
I	**I**
O	**O**
U	**U** discussão, percussão, repercussão, concussão, eletrocussão

Questão 7:

Conclusões da tabela 1a:

a) Antes de **ÇÃO** encontramos as consoantes **C**, **N**, **P**, **R**.
b) Antes de **SÃO** só encontramos as consoantes **L**, **N**, **R**.

Portanto (item c):
Depois de **C** e **P** use **ÇÃO**.
Depois de **L** (exceção: calção) use **SÃO**.
Depois de **N** e **R** tome cuidado, há muitas palavras com as duas terminações.

Questão 8:

Conclusão: depois de **A** e **O** use **Ç**.

Questão 9:

a) A letra **I** é mais freqüente antes de **ÇÃO**.
b) Resposta na tabela 2a.
c) As letras que aparecem antes de ISSÃO são M e F.
d) M e F não aparecem antes de IÇÃO.

Questão 10:

a) A letra U é mais freqüente antes de ÇÃO.
b) Resposta na tabela 2a.
c) A letra que aparece antes de USSÃO é o C.
d) A letra C não aparece antes de UÇÃO.
e) Com exceção das palavras terminadas em **MISSÃO**, **FISSÃO** e **CUSSÃO**, use **ÇÃO** depois das vogais **I** e **U**.

Questão 11:

Conclusões das tabelas 1a e 2a – consoantes + **ÇÃO/SÃO** e vogais + **ÇÃO/SSÃO**

- Depois de **A** e **O** use **ÇÃO**.
- Com **EÇÃO/ESSÃO** tome cuidado, há muitas palavras nos dois casos.
- Com exceção das palavras terminadas em **MISSÃO**, **FISSÃO** e **CUSSÃO**, use **ÇÃO** depois das vogais **I** e **U**.
- Depois de **C** e **P** use **ÇÃO**.
- Depois de **L** (exceção: calção) use **SÃO**.
- Depois de **N** e **R** tome cuidado, há muitas palavras com as duas terminações.

Rali

Questão 1:

SÃO: expulsão, diversão, inversão, dispersão, subversão, convulsão, impulsão.
ÇÃO: atração, reposição, avaliação, ilustração, locomoção, proibição, promoção, condução, resolução.
SSÃO: transmissão, confissão, discussão, admissão, submissão, permissão, repercussão, intromissão.

Equipe vencedora: **ÇÃO** (9 palavras).

Questão 2:

a) A equipe que chegou ao final do percurso foi a do **Ç**.
b) As 4 letras que formam a seqüência final dessas palavras são: AÇÃO, IÇÃO, OÇÃO e UÇÃO.

Questão 3:

As regras foram:
a) Use **Ç** quando o substantivo terminar por AÇÃO, IÇÃO, OÇÃO e UÇÃO.
b) Use **S** depois do L.
c) Use **SS** quando o substantivo terminar por MISSÃO, FISSÃO OU CUSSÃO.

Questão 4:

Acrescentar mais uma palavra com **SSÃO** na lista e diminuir uma palavra da lista do **ÇÃO**.

Kumogô – a velha tagarela

abolição
admiração
admissão
aflição
agressão
animação
assombração
comissão
computação
condução
constituição
contradição
conversão
curtição
demissão
detenção
discussão
dispersão
diversão
emissão
excursão
exposição
expressão
expulsão
extinção
extração
fração
impressão
inflação
instalação
instrução
intercessão
intromissão
intuição
inversão
locação
nutrição
opressão
permissão
posição
possessão
propulsão
redação
regressão
reposição
repressão
reprodução
repulsão
sedução
subversão
sucessão
supressão
torção
tradução
transgressão
transmissão

Cruzadilha

Horizontais

1- Rosca.
2- Poço.
3- Maca.
4- Pé do cavalo; casa da tartaruga; unha do cavalo ou do boi; sola da pata de cavalos e bois.
5- Fruto da macieira; fruta vermelha ou verde que nasce na macieira.
6- Verbo descer, na 3ª pessoa do singular; contrário (antônimo) de subir.
7- Uma medida de remédio ou de bebida.
8- Pedaço de algo que se quebra; cada fragmento; pedaço de vidro quebrado.
9- Usamos a balança para saber o **peso** das coisas; algo que se põe sobre o papel para que não voe.
10- Ascender.
11- Quando dá para fazer algo eu digo que **posso** fazê-lo.

Verticais

12- Verbo caçar (presente, 1ª pessoa do singular); quando vou atrás de um animal para matá-lo digo que eu ______ um animal.
13- Comida feita com açúcar, que engorda e é gostosa.
14- Ligar algo, a luz por exemplo; antônimo de apagar.
15- Eu **poso** para a foto.
16- Roca.
17- Nós pedimos, ele pede, eu **peço.**
18- Caso.
19- Desse.
20- Plantação; lugar onde mora o Chico Bento; lugar onde se plantam alimentos; verbo roçar (3ª pessoa do singular, presente).
21- Massa.
22- Peco.
23- Rosa.

Questão 1:

a) ro**s**ca ➡ roca b) ca**s**co ➡ caco c) po**s**so ➡ poso d) a**s**cender ➡ acender

Questão 2:

poso x poço
doce x dose
maçã x maca
desse x desce

rosa x roça x roca
caco x caço x caso
peco x peso x peço

Questão 3:

Esperamos que a criança diga que a troca ou omissão de uma letra muda o som e o significado da palavra, ou seja, você escreve outra coisa.

Sim ou Não?

	vogal + __ + cons.	**cons. + __ + cons.**	**consoante + __ + vogal**		**vogal + __ + vogal**	
			cons. + __ + a o u	**cons. + __ + e i**	**vogal + __ + a o u**	**vogal + __ + e i**
C	a**c**lamação pa**c**to	mar**c**ha mal**c**riado in**c**luir	tran**c**a mar**c**o cor**c**unda	en**c**erado ber**c**inho	á**c**aro e**c**o o**c**ulto	a**c**ima pare**c**e
Ç			al**ç**a ter**ç**o pan**ç**udo		palho**ç**a bei**ç**o a**ç**ude	
S	ine**s**gotável ho**s**pital au**s**tero	in**s**truído tran**s**formação	far**s**ante bol**s**o in**s**ubstituível	in**s**ensato p**s**icologia	medro**s**a va**s**o u**s**uário	ro**s**eira ve**s**ícula
SS					pa**ss**ado a**ss**ou o**ss**udo	subi**ss**e po**ss**ível
SC	e**sc**larecer indi**sc**reto		tran**sc**orrer ob**sc**uro	tran**sc**ender con**sc**iência	de**sc**arte ri**sc**o e**sc**uro	adole**sc**ente pi**sc**ina
SÇ					flore**sç**a de**sç**o	
X	e**x**tensão/e**x**tremo e**x**plosão/ e**x**periente e**x**clamação		en**x**ada en**x**ofre en**x**uto	en**x**erto	e**x**ato/e**x**onerar/ e**x**umar comple**x**a/refle**x**o ta**x**ação/dei**x**ou/ quei**x**udo	e**x**ercício/e**x**ílio pei**x**e/me**x**icano fi**x**e/tá**x**i
XC	e**xc**reção e**xc**lusivo				e**xc**arcerar e**xc**omungar e**xc**ursão	e**xc**elente e**xc**itação

Colunáveis

C	Ç	S	SS
vo**c**ê	a**ç**ude	de**s**fazer	di**ss**e
perten**ce**	tor**ç**ão	in**s**eguro	a**ss**im
fa**c**ilidade	fa**ç**o	tran**s**parente	intere**ss**ante
par**c**ial	palha**ç**o	cur**s**o	ingre**ss**o
de**c**idir	ca**ç**ada	re**s**tituir	po**ss**uir
	lingüi**ç**a	a**s**tuto	a**ss**adura
	emo**ç**ão	re**s**peito	a**ss**ombrado
		pul**s**eira	cla**ss**e

SC	SÇ	X	XC
pi**sc**ina	rena**sç**o	e**x**terminar	e**xc**itado
flore**sc**e	flore**sç**a	e**x**plodir	e**xc**elente
di**sc**iplina	cre**sç**o	e**x**terior	e**xc**eto
rena**sc**er			
adole**sc**ente			

Tômbola

ÊNCIA/ENCIA

experiência
existência
influência
inteligência
transparência
reverência
residência
providência
freqüência
preferência
saliência
dependência
ciência
evidência
obediência
agência
vivência
correspondência
consciência
violência

ÊNSIA/ENSIA

hortênsia

ÂNSIA/ANSIA

ânsia

ÂNCIA/ANCIA

ambulância
alternância
elegância
relevância
abundância
distância
estância
discordância
tolerância
reentrância
constância
ganância
importância
vigilância
arrogância
substância
concordância
fragrância

Questão 2:

Em palavras com a terminação [ENSIA] ou [ANSIA] usar a letra **C** e não a letra **S**, pois não existem palavras com **ênsia**/**ânsia** no final (com exceção da própria palavra **ânsia** e **hortênsia**). **ou**

Com essas terminações, escolher sempre **C** pois só **ânsia** e **hortênsia** são com **S**.

Questão 3:

Todas as palavras da lista são substantivos, têm acento, são proparoxítonas (ou paroxítonas).

Questão 4:

palavra com acento	classe gramatical	palavra sem acento	classe gramatical
experiência agência vivência influência providência evidência reverência distância	substantivos	experiencia agencia vivencia influencia providencia evidencia reverencia distancia	verbos

Caracolência caracolosa

Professor, apresentamos a seguir apenas alguns exemplos. Aceitar também as palavras usadas pelos alunos.

___ + ÇÃO
calção reação marcação ação competição repartição
ventilação estimação execução coração solução mentalização

___ + ISSE
existisse sumisse vestisse reagisse saísse cumprisse
consumisse permitisse partisse surgisse mentisse

___ + ANÇA
criança aliança esperança vingança poupança
cobrança festança matança lembrança segurança

ENS + ___
ensaio ensolarado ensurdecer ensangüentado ensebado
enseada ensaboar ensino ensopado ensacar

___ + SÃO – só vale se o **S** de SÃO tiver som [**S**]
expulsão convulsão propulsão suspensão dispersão reversão
submersão conversão pensão compreensão emulsão

___ + ÊNCIA
falência vivência consciência adolescência saliência
ciência experiência dormência paciência inocência

___ + ICE
criancice chatice molequice velhice
crendice tolice burrice cálice

___ + SS + ___ – Não vale verbo
osso assado massa assim massagem nessa
pêssego assunto essência pássaro asseado

___ + ENÇA
crença doença presença diferença licença
pertença nascença sentença vença

___ + ÂNCIA
vigilância fragrância importância ignorância elegância distância
militância tolerância extravagância reentrância substância constância

Tudo em família

camisa	cruz	rosa	uso
descamisado camiseta camiseiro camisaria camisola	cruzeiro cruzador encruzilhada cruzar cruzamento cruzada descruzar	rosada roseira rosinha roseirinha roseiral róseo roseta rosário	usado desuso usual usável usufruir usuário usa

Detetive

RISO
SOR**RIS**O
~~RISOTO~~
RISADA
RISONHO

CASO
DES**CAS**O
A**CAS**O
CASUAL
CASUALMENTE
~~CASCUDO~~

PESO
CONTRA**PES**O
PESADO
~~DESPESA~~
PESADELO
PESAGEM

VISÃO
RE**VIS**ÃO
~~DIVISÃO~~
VISÍVEL
TELE**VIS**ÃO
VISUAL

CASADA
CASARIAM
DES**CAS**ADO
~~CASACO~~
CASAMENTO
A**CAS**ALAR

Encontrando o mico

1
assassino
assunto
passarinho
assaltou
professor

O mico é a palavra *assaltou* porque é verbo e as outras são substantivos.

Ou: O mico é a palavra *assassino* porque é a única em que o **SS** se repete.

Ou: O mico é a palavra *professor* porque é a única que termina por consoante.

2
resultado
música
assobio
desenho
casamento

O mico é a palavra *assobio* porque é a única escrita com **SS**; ou: porque é a única com som [S].

Ou: O mico é a palavra *música* porque é a única feminina.

3
cresceu
começou
nascia
passou
pensou

O mico é a palavra *nascia* porque na separação silábica é a única em que as duas últimas vogais ficam separadas; ou: porque é a única que pode indicar a 1ª pessoa; ou: porque é a única que não termina por U.

4
amanhece
acontece
comesse
comece
empobrece

O mico é a palavra *comesse* porque está em tempo verbal diferente; é escrita com SS; é a única em que o **e** da penúltima sílaba tem som fechado.

5
alcança
criança
cansa
danças
vingança

O mico é a palavra *cansa* porque se escreve com S.

Ou: O mico é a palavra *danças* porque é a única que está no plural.

6
marquesa
azeda
fantasia
desenhista
pesada

O mico é a palavra *azeda* porque é a única que se escreve com Z; ou: porque é adjetivo; ou: porque começa por vogal; ou: porque não tem a letra S.

Ou: O mico é a palavra *fantasia* porque é a única que não tem a letra **e**.

7

descobrimento
escada
pesada
construção
insolação

O mico é a palavra *pesada* porque é a única em que o S tem som [Z]; porque é a única que tem o S entre vogais; porque é o único adjetivo.

Ou: O mico é a palavra *descobrimento* porque é a única masculina; porque é a única que não tem a letra **a**.

8 As crianças deverão escrever a palavra *cadeira* e mais quatro palavras **com** acento.
9 À escolha das crianças.

MÓDULO II – Confrontando as letras L e U em final de sílaba

Em nossa amostra dos erros de grafia das crianças, a troca entre L ou U em final de sílaba e em diferentes posições na palavra foi largamente encontrada. Escrevem "aufinete", "auma", "voutar", "papeu", "altomóvel", "oltro", "percorrel", "assauto", "planauto", etc.

Ao analisarmos os erros observamos que:

1- A troca mais freqüente é colocar o U no lugar do L e não o inverso.
2- A troca aparece com maior freqüência na primeira sílaba da palavra.
3- A troca L/U em final de palavras é pouco freqüente e aparece mais em final de substantivos e adjetivos ("pardau", "impossíveu") e é rara em final de verbos ("acontecel"). Como a troca em final de palavras já foi investigada no volume 2, optamos por intensificar o trabalho com a troca em início e meio de palavras.

Fizemos, como sempre, uma pesquisa sobre essa questão específica em busca de regularidades que nos permitissem oferecer um instrumento de decisão para as crianças ao escreverem palavras com essas letras. Controlamos todas as vogais que poderiam anteceder ou consoantes que poderiam seguir essas letras. Apresentaremos primeiramente nossas conclusões. São elas:

Conclusões da Pesquisa I — AL + consoante e AU + consoante em início de palavras

1- Há mais palavras iniciadas por AL do que por AU. (São 72 colunas de AL e 16 colunas de AU no *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*.)
2- Há muitas palavras iniciadas por AL + B, C, D, F, G, M, P, Q, T, V. Exemplos: *álbum, alça, álcool, aldeia, alface, algema, almoço, alpinista, alquimia, altura, alvejar.*
3- Não há palavras iniciadas por AL + Z. Com AL + J, L, N, R, S, X há uma ou duas, e em geral pouco conhecidas. Exemplo: *aljôfar, allure, alna, alrotar, alsaciano, alxaima.*
4- Com AU + B, J, P, V, Z não existe nenhuma palavra.
5- Iniciadas por AU + C, F, G, N, Q há poucas, em geral pouco conhecidas pelas crianças. Exemplos: *auçá, auferir, augusto, aunar, auquinipterídeo.*
6- Iniciadas por AU + L, M, X há poucas, mas conhecidas: *aula, aumentar, auxiliar* + derivadas.
7- Há muitas com AU + D, R, S, T. Exemplos: *audio* (+ derivadas), *aurora, ausente, autorização.*

Observando esses dados, poderão aprender que:

1- **Escolha sempre ALB,** pois não há AUB.
2- **Escolha sempre ALC,** pois só há *auçá* com AUC.
3- Com ALD há *aldeia, aldrava e aldagrante* (+ derivadas). **As outras são com AUD**.
4- Se não for a palavra *auferir,* **escolha ALF.**
5- Se não for *augúrio, auge, augusto* (+ derivadas), **escolha ALG**.
6- **Escolha sempre ALH.** Não existe AUH.
7- **Escolha ALJ.** Nenhuma palavra é com AUJ.
8- **Escolha sempre AUL.** Não há palavras com ALL, a não ser *allure*.
9- Se não for *aumentar* (+ derivadas), **escolha ALM.**
10- Com ALN ou AUN só há *alna* e *aunar.*
11- **Escolha ALP,** não há palavras com AUP.
12- Se não for *auquinipterídeo* e outras 3 desconhecidas, **escolha sempre ALQ.**
13- Se não for *alrotar* ou outras também desconhecidas, **escolha sempre AUR.**
14- **Escolha sempre AUS,** pois com ALS só existe *alsaciano*.
15- **Com T, tome cuidado pois há muitas tanto com L quanto com U**.
16- **Escolha sempre ALV ,** pois não há palavras com AUV.
17- **Escolha sempre AUX,** pois só há *alxaima* com ALX.

Todas essas descobertas devem ser registradas no Caderno de Descobertas e depois resumidas da seguinte forma:

1- Escolha AU antes de D, R, S, X. Com as outras consoantes escolha AL.
2- Com T, tome cuidado, pois pode ser L ou U.

Como proceder com as crianças

Para realizar a atividade **Pesquisa I – AL + consoante e AU + consoante em início de palavra**, que consta no Livro do Aluno, organize os alunos em grupos de 3 elementos: um deles abre o dicionário na página com as palavras iniciadas por AL; o outro, na página do AU e o terceiro fica como o responsável pelo registro dos dados na tabela do livro. **Devem ser registradas apenas as palavras primitivas.**

Queremos deixar claro para o professor que não estamos muito preocupadas que os alunos saibam identificar com perfeição quais palavras são primitivas ou derivadas. Eles têm noção desses termos e o professor deve trabalhar mais com a idéia de **família de palavras**, pedindo que coloquem a palavra que deu origem à família, a mais importante da família, ou a mais conhecida da família. Em séries posteriores, eles poderão se aprofundar nesses conceitos gramaticais e saber delimitar com mais clareza quais são as primitivas e derivadas de cada família.

É importante que seja seguido o código montado para o registro da pesquisa. Acreditamos que, sem ele, o aluno encontrará mais dificuldades para tirar conclusões. Por essa razão, sugerimos que o professor inicie a pesquisa de forma coletiva, com a classe toda, discutindo como registrar os dados encontrados. Depois o professor pode deixá-los continuar sozinhos. Aconselhamos o professor a dividir as consoantes entre os alunos, a fim de otimizar o trabalho e deixá-lo mais leve. Por exemplo, cada trio fica encarregado de investigar duas ou três consoantes, e depois cada equipe partilha as conclusões com o restante da classe.

Terminado o levantamento de dados no dicionário, cada grupo deve registrar na tabela do livro os dados encontrados pelos demais grupos, completando-a. Depois, devem levantar as regras possíveis que possam ajudá-los a tomar uma decisão ortográfica ou a compreender o sistema ortográfico da língua. Em seguida, o professor abre a discussão para a classe e vai ouvindo os alunos e ajudando-os a tirar as conclusões possíveis, tanto as que já estão registradas aqui por nós, quanto outras que possam ser vistas por eles ou por vocês e que não constam desse Manual. Essas conclusões devem ser escritas no Caderno de Descobertas.

Depois que a tabela estiver completa, sugerimos que as crianças pintem com uma cor os retângulos que indicam que devem escolher **L** antes daquela consoante e com outra cor os retângulos que indicam que devem escolher **M** antes daquela consoante. Essa visualização facilitará a conclusão que segue abaixo:

1- Antes de D, R, S, X escolha U. Antes das demais consoantes, escolha L.
2- Cuidado quando for T, pois pode ser L ou U.

Concluído o registro das descobertas, sugerimos que seja realizada a atividade **Palavras secretas** como sistematização.

Palavras secretas

É uma atividade simples, que pede que utilizem as descobertas feitas, interpretem as ordens e encontrem em seu vocabulário uma palavra que cumpra o que se pede. Apesar de simples, a atividade exigirá deles conhecimento e inteligência!

Procuramos garantir a presença de palavras com AU ou AL + todas as consoantes possíveis. É importante que o professor peça que utilizem o registro do Caderno de Descobertas para a realização da atividade e **não** usem o dicionário.

Conclusões da Pesquisa II — E/I/O/U + L + consoante ou E/I/O/U + U + consoante em início de palavras

Na segunda etapa da pesquisa, que envolve a investigação de palavras iniciadas por EL/EU, IL/IU, OL/OU, UL/UU, procede-se da mesma forma que na primeira parte, organizando-os em equipes de 3 elementos, fazendo a pesquisa no dicionário e registrando as descobertas na folha reservada para isso no Livro do Aluno. Poderão colher os seguintes dados:

1- Com **EL** só encontramos *elmo, eldorado, elfo* e *elfa.* Com **EU há muitas e conhecidas**. Exemplos: *euforia, eucaristia,* etc.
2- **Não há palavras iniciadas por IL. Escolha sempre IU.** Exemplos: *Iugoslavo* + desconhecidas.
3- Há poucas palavras com **OL**, e todas derivadas de *olfato* e *olhar,* enquanto com **OU há várias**. Exemplos: *ouro, outono, outro,* etc.
4- **Só existe UL**. Exemplo: *último*.

Conclusão: Depois de U escolha L; depois de E, I, O escolha U.

Depois que tiverem anotado os dados no livro, peça que pintem os retângulos onde há mais palavras, levante com eles as regras apresentadas aqui, registre-as no Caderno de Descobertas e inicie as atividades de sistematização do livro. São elas:

Diagrama

Objetivo da atividade:

Nosso objetivo é que as crianças possam usar as descobertas feitas. Agora, é mais fácil saber quando a palavra é com L ou com U!

Depois de completadas e corrigidas as palavras, os alunos devem, como lição de casa, solucionar o **Diagrama**. Pensar os espaços do diagrama pelo número de letras, antecipar as palavras possíveis de serem cruzadas, organizar uma estratégia de solução são desafios interessantes que terão que enfrentar para resolvê-lo.

Em vários lugares desse diagrama, aparentemente, mais de uma palavra é possível. Acontece que, em outro lugar, só uma das duas palavras se encaixa, tornando única a escolha da palavra no contexto em que, aparentemente, duas eram possíveis. Esse desafio vai exigir das crianças muitas antecipações, condição de suportar a incerteza e ponderação de raciocínio.

Quanto mais, melhor…

Objetivos da atividade:

Nosso objetivo ao propor esse jogo de *Stop* é levantar um vocabulário amplo de palavras com L ou U em final de sílaba e meio de palavras, além de recordar conceitos gramaticais já estudados ao longo das séries.

Como jogar:

1- O professor determina um tempo (sugerimos 15 minutos) para as crianças procurarem escrever **o maior número possível** de palavras que cumpram o pedido em cada espaço e dita as letras que devem ser usadas para completar as lacunas de cada linha. São elas: 1-L; 2-U; 3-L; 4-L; 5-U; 6-U; 7-L. Completadas as lacunas, inicia-se a marcação do tempo. Cada equipe deve preencher apenas uma tabela para o grupo todo.
2- Terminado o prazo o professor fala *Stop* e todos param de escrever. Um elemento de cada grupo vai para a outra equipe para agir como um "fiscal de equipe".
3- O professor pede que cada equipe mande um representante para o quadro-negro para escrever todas as palavras que encontraram naquele item. Em seguida o professor compara as palavras e faz a marcação de pontos.
4- Marcados os pontos daquele item, os alunos que estavam no quadro voltam para seus lugares e outros vêm para a frente escrever as palavras do item seguinte. Procede-se assim até que todos os sete itens estejam corrigidos.
5- A contagem de pontos é a tradicional:
    - 2 pontos para a palavra usada por apenas uma equipe;
    - 1 ponto para a palavra usada por mais de uma equipe;
    - 0 ponto para a palavra com erro de grafia.

Sugerimos que o professor copie as palavras que surgirem no *Stop* em uma folha para poder utilizá-las posteriormente em atividades de sua própria criação.

L ou U em final de sílaba em meio de palavra

Investigamos exaustivamente essa questão e não conseguimos descobrir nada que fosse suficientemente regular para servir de decisão ortográfica em um momento de dúvida. Por essa razão não propomos nenhuma estratégia de investigação ou atividade de geração de conhecimento. Procuramos aproveitar a ocasião para criar jogos que propiciassem o contato com essas palavras e exigissem estratégias de solução inteligentes, a fim de desenvolver o próprio pensamento. Procuramos aproveitar o recurso à noção de **família de palavras** como possibilidade de otimização da memorização desse tipo de palavras.

Enquadrando

Objetivo da atividade:

É um jogo montado em cima do já conhecido jogo **Ligue os pontos**. Para vencer, os jogadores devem aliar duas características: montar boas estratégias de jogo e dominar a grafia das palavras com L ou U em final de sílaba. Conhecimento e inteligência são os ingredientes fundamentais!

As regras do **Enquadrando** já estão descritas no Livro do Aluno, mas o professor deve ir circulando pela classe para garantir que todos estejam jogando com as regras certas.

Percorrendo

Objetivo da atividade:

Pensar simultaneamente em mais de uma variável (ortografia e classe gramatical) exige um esforço de integração e clareza de conceitos. Todas as matérias pedem essa qualidade de pensamento para a compreensão de seus conteúdos, o que torna a atividade valiosa.

As regras do **Percorrendo** já estão descritas no Livro do Aluno, o que torna desnecessário outras explicações de nossa parte. Vale a pena o professor **não** explicar as regras. Deixe que leiam, discutam, e tentem jogar. Toda interferência deve ser no sentido de aprimorar a capacidade de leitura das crianças e não de dar a solução pronta para elas. É também nesse sentido que o jogo é um grande mestre de interpretação de texto!

Durante o jogo, o professor deve circular pela classe e verificar o andamento da atividade. É uma boa ocasião para observar o que ainda precisa ser revisto com os alunos. Por exemplo, se os alunos ainda encontram dificuldade em reconhecer classes gramaticais, ele anota para, em situação posterior, já saber que interferência realizar.

Caso ache conveniente, o professor deve criar outras situações de sistematização das letras L/U em final de sílaba aproveitando a estrutura dos jogos propostos e utilizando as palavras do vocabulário do seu grupo-classe, além de outros jogos e atividades de sua escolha.

Jogos como **Soletrando**, **Bingo** e ***Stop***, já descritos em outros volumes e constantes do **Apêndice** deste volume, são sugestões interessantes para essa sistematização.

Respostas das atividades do Módulo II

Pesquisa I – AL + consoante e AU + consoante em início de palavra

cons.	AL + consoante	AU + consoante
B	albatroz, albergue, albino, álbum + derivadas + etc.	Não tem.
C	alcatéia, alcachofra, alcaparra, alcançar + derivadas + etc.	Só desconhecidas.
D	aldeia + desconhecidas.	audaz, áudio + derivadas + etc.
F	alface, alfândega, alfaiate, alfinete + derivadas + etc.	Só desconhecidas.
G	algazarra, algema, algodão, algum + derivadas + etc.	auge, augúrio, augusto + derivadas + desconhecidas.
H	alho, alheio + derivadas + desconhecida.	Não tem.
J	Só desconhecidas.	Não tem.
L	Só desconhecidas.	aula + desconhecidas.
M	alma, almirante, almoço, almofada + derivadas + etc.	aumento + derivadas.
N	Só desconhecidas.	Só desconhecidas.
P	alpargatas, alpiste, alpino, alpendre + derivadas + etc.	Não tem.
Q	alqueire, alquebrar, alquimia + derivadas + desconhecidas.	Só desconhecidas.
R	Só desconhecidas.	aura, áureo, aurícula, aurora + derivadas + desconhecidas.
S	Só desconhecidas.	ausente, austral, austero + derivadas + etc.
T	altar, alterar, alternar, alteza + derivadas + etc.	autor, autêntico, auto + derivadas + etc.
V	alva, alvenaria, alvará, alvoroço + derivadas + etc.	Não tem.
X	Só desconhecidas.	auxiliar + derivadas + desconhecidas.
Z	Não tem.	Não tem.

Palavras secretas

1- almoço
2- autêntico
3- algodão
4- alpinista
5- álbum
6- ausência
7- aumentar
8- alvorecer
9- auxiliar
10- alfinete
11- alcatéia
12- aldeia
13- alteza
14- audição
15- auréola
16- alquimista
17- aula

Pesquisa II – vogal + U + consoante e vogal + L + consoante

EL eldorado, elfo, elmo + desconhecidas	**EU** eutanásia, eucalipto, eucaristia, euforia, europeu + derivadas + **etc.**
IL Só desconhecidas.	**IU** iugoslavo + desconhecidas
OL olfato, olhar + derivadas + **etc.**	**OU** ouro, outono, ouvir, ouriço, outro, ousar + derivadas + **etc.**
UL úlcera, último, ultraje, ultra + derivadas + **etc.**	**UU** Não tem.

Conclusão:

Entre **EL** e **EU**, devo usar **EU** (exceções: eldorado, elfo, elmo).
Entre **IL** e **IU**, usar **IU**.
Entre **OL** e **OU**, usar **OU** (exceções: olfato, olhar e derivadas).
Entre **UL** e **UU**, usar **UL**, pois não existem palavras iniciadas por **UU**.
Síntese: Depois de **U** escolha **L**, depois de **E**, **I**, **O** escolha **U**.

Diagrama

4 LETRAS	5 LETRAS	6 LETRAS	7 LETRAS	9 LETRAS	10 LETRAS
OURO	OUTRO	EUROPA	EUFORIA	EUCALIPTO	EUCARISTIA
OLGA	OUSAR	OLFATO	OUVINTE	IUGOSLAVO	ULTRAJANTE
ELMO		OUVIDO			
		OUTONO			
		ÚLTIMA			

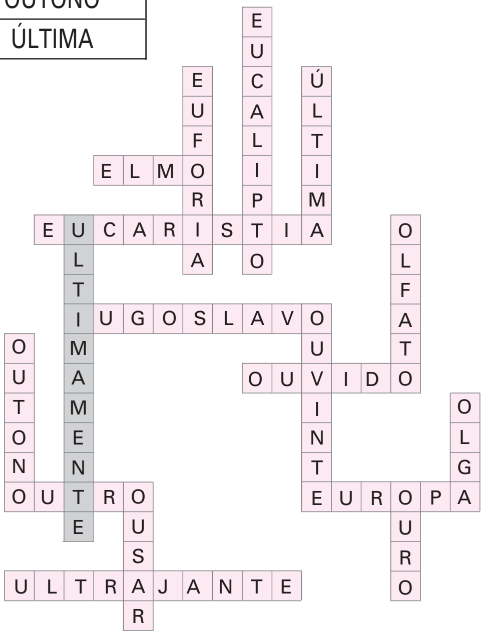
EUCALIPTO
EUFORIA
ÚLTIMA
ELMO
EUCARISTIA
OLFATO
ULTIMAMENTE
IUGOSLAVO
OUVINTE
OUTONO
OUVIDO
OLGA
OUTRO
EUROPA
OUSAR
OURO
ULTRAJANTE

Quanto mais, melhor…

1. É um **substantivo** simples, feminino, singular, paroxítono, que tem **L** no final de uma das sílabas.
2. É um **pronome** monossílabo terminado em **U**.
3. É um **advérbio** paroxítono que tem **L** no final de uma das sílabas.
4. É um **adjetivo** paroxítono que não varia em gênero e tem **L** no final de uma das sílabas.
5. É um **verbo** oxítono, no infinitivo, que tem **U** no final de uma das sílabas.
6. É um **adjetivo** paroxítono, que tem **U** no final de uma das sílabas.
7. É um verbo oxítono, na 1ª pessoa do singular, no passado, com uma das sílabas terminada em **L.**

1 Valsa, alma, maldade, calma, salsinha, balsa, calça, almofada, calçada, alcachofra, alcaparra, etc.	**2** Eu, teu, meu, seu.
3 Altivamente, calmamente, maldosamente, alternadamente, realmente, etc.	**4** Agradável, possível, solúvel, confiável, estável, amável, durável, perecível, etc.
5 Roubar, trouxer, souber, poupar, couber, louvar, etc.	**6** Audacioso, saudoso, caudaloso, cauteloso, ausente, paulatina, etc.
7 Moldei, soltei, resolvi, embolsei, etc.	

Enquadrando

açougue
analfabeto
astronauta
balbuciar
balconista
balde
balneário
baunilha
beldade
bolsa
calçada
caldo
caule
cautela
calvície
centauro
choupana
cláusula
couber
colcha
colméia
couro
couve
desfalque
dinossauro
doutor
esmalte
esmeralda
finalzinho
feltro
filtro
flauta
fraude
galpão
guelra
laudo
louco
louro
lousa
maldade
naufragar
ouvindo
palmada
pouco
poltrona
qualquer
reumatismo
reunião
rouquidão
saudades
salgado
sauna
salsinha
selvagem
silvestre
souber
soldado
solvente
talco
talvez
touca
toucinho
tourada
vassoura

Percorrendo

roupa
algema
saudoso
voltando
colméia
cálculo
folclore
causamos
pouparei
folgado
caudaloso
feudo
alteramos
baunilha
náufrago
autêntico
roubaram
delgado
calmo
golfinho
touca
envolver
culpei
calvo
falso
traumatizar
rouco
salsicha
assaltou
salvadorenho
maldoso
resolvi
paulista
golpe
auxiliando
saltar
neurótico
filmando
trouxe
fauna
restaurante
paulada
cauteloso
jaula
austríaco

MÓDULO III – Confrontando as letras E e I em início, meio e final de palavras

Análise dos erros das crianças

Outro erro bastante freqüente nos textos das crianças é a troca de E/I em diferentes posições da palavra. Colecionamos um grande número de erros de grafia envolvendo essas duas letras e verificamos o seguinte:

1- O erro que mais aparece é de troca de E/I como primeira letra da palavra (“inforcar”/*enforcar*; “istar“/*estar*).
2- O segundo grupo de erros mais numeroso é o da troca na primeira sílaba da palavra (“piqueno”/*pequeno*; “bisouro”/*besouro*).
3- A troca em final de palavras neste nível de escolaridade é rara e mais específica de algumas crianças.
4- As crianças costumam colocar a letra I no lugar da letra E e poucas vezes o inverso.

Tudo nos leva a crer que erram por transcreverem a fala. Assim sendo, fizemos um exaustivo levantamento de palavras em que provavelmente fariam essa confusão. Observamos que a troca E/I se dava mais freqüentemente antes de **M**, **N** ou **S + consoante**.

Analisamos todas as variáveis que pudemos: som, série de letras, tonicidade, classe gramatical, etc. e descobrimos apenas uma regularidade: **há muito mais palavras iniciadas por ES do que por IS.** Com IS encontramos apenas *Israel*, *islâmico*, *isca* e *isqueiro*.

Como os alunos já haviam descoberto nas pesquisas do volume 3, esse som [ES] em início de palavra será sempre representado por E + S ou E + X. Como depois de EX só aparecem as letras P, T, C, a dúvida entre S ou X fica restrita a um grupo menor de palavras.

Considerando-se a dificuldade de encontrarmos algo que os ajudasse a decidir em caso de dúvida, resolvemos apresentar atividades de sistematização que os ajudassem a fixar algumas dessas palavras que costumam errar.

Atividades de sistematização

Cuidado! O tempo vai se esgotar...

Optamos por trabalhar com E/I em final de palavra para podermos retomar a acentuação e sistematizar uma descoberta já feita no volume 2, quando trabalharam com tonicidade. Qualquer dúvida que o professor tenha em relação ao sistema de tonicidade, sugerimos que pesquise no volume 2 desta coleção, livro de Gramática/Ortografia.

Objetivos da atividade:

1- Levantar com as crianças um universo de palavras terminadas por E/I.
2- Relembrar que as palavras terminadas por E sem acento são paroxítonas e as terminadas por I sem acento são oxítonas.
3- Retomar algumas descobertas de acentuação feitas na série anterior.

A atividade:

Voltamos ao velho conhecido **Jogo do *Stop***. Sugerimos que o professor dê 10 ou 15 minutos para os alunos, em grupos, responderem às quatro solicitações. Quem conseguir escrever o maior número de palavras que cumpram as exigências tem mais chance de ganhar.

O professor explica as regras comuns de jogos de *Stop* e pede que completem as colunas da esquerda com palavras terminadas por I e a da direita com palavras terminadas por E. Começa então a contagem de tempo.

Concluído o prazo, um aluno de cada grupo vai para a equipe seguinte para funcionar como fiscal. A correção deve ser coletiva e o professor vai anotando quantos pontos cada equipe fez.

Para realizar a correção, o professor pode usar diferentes dinâmicas:

1- Cada grupo envia um representante que escreve, na lousa, as palavras de seu grupo.
2- Cada grupo vai ditando uma palavra e os outros conferem se também a colocaram ou não, enquanto o professor escreve na lousa.

A contagem de pontos é a tradicional:

0 ponto se a palavra tiver erro.
1 ponto para palavras corretas repetidas em mais de um grupo.
2 pontos para palavras corretas e não repetidas.

Concluída a correção, o professor terá na lousa uma boa amostra de palavras com essas terminações. É o momento ideal para ajudá-los a retomar conhecimentos antigos. Peça que observem cada grupo de palavras para descobrirem as regularidades. Caso não surjam espontaneamente, vá fazendo perguntas que dirijam o olhar das crianças para as propriedades de cada conjunto.

Poderão descobrir que:

1- Todas as palavras sem acento terminadas por E são paroxítonas. Exemplos: ***pe**le*, *perma**ne**ce*.
2- Todas as palavras sem acento terminadas por E em sílaba nasal são oxítonas. Exemplos: *re**põe***, *ma**mãe***.
3- Todas as palavras sem acento terminadas por I são oxítonas. Exemplos: *juri**ti***, *gi**bi***.
4- Entre as palavras com acento terminadas por E encontramos oxítonas e proparoxítonas. Exemplos: *ca**fé***, *vo**cê***, ***cá**lice*, ***vér**tice*.
5- Só há palavras paroxítonas com acento terminadas por I. Exemplos: ***jú**ri*, ***cá**qui*.
6- Nenhuma proparoxítona é terminada por I.

Gostaríamos de alertar o professor que optamos por trabalhar com uma atividade aberta que permitisse que os alunos trouxessem seu próprio universo vocabular e, ao mesmo tempo, que possibilitasse o levantamento de um grande número de palavras pertinentes ao assunto estudado. No entanto, essa postura abre a possibilidade de que eles incluam em sua lista, além das palavras que fazem parte da regra geral de acentuação ("Acentuam-se as oxítonas terminadas por E/ES" e "acentuam-se as paroxítonas terminadas por I/IS"), palavras que são dos "casos particulares", como *atraí*, *constrói*, *contribuí*, *saúde*, etc.

Caso isso aconteça, é interessante que o professor mostre para eles que há três tipos diferentes de acento:

1- Acentos cuja função é **mudar a posição da sílaba tônica**. Exemplo: *ca**qui*** (oxítona), ***cá**qui* (paroxítona).
2- Acentos cuja função é **alterar o timbre da vogal**. Exemplos: *chap**éu*** x *camafeu*, *constr**ó**is* x *depois*. As palavras terminadas em **U** e **I**, sem acento, são oxítonas, tanto quanto essas duas. A presença do acento é para avisar que devem ser pronunciadas com timbre aberto. O mesmo é válido para os monossílabos: *réu* x *meu*, *rói* x *boi*, etc.
3- Acentos cuja função é avisar que, naquele caso, o encontro vocálico que deveria ser ditongo é um **hiato**. Exemplo: *sa-**ú**-de* x ***sau**-da-de*.

Essa questão é discutida neste volume, no Módulo V – **Divisão silábica de encontros vocálicos**. Caso as palavras surjam, sugerimos que o professor reporte-se a ele para discuti-las.

Neste volume estamos solicitando com maior freqüência que as crianças criem atividades umas para as outras. Esse convite para serem produtoras e não solucionadoras exige que pensem em vários aspectos da língua e do jogo ao mesmo tempo, exigindo também que se coloquem nas duas perspectivas (na de quem propõe e na de quem resolve) para garantir que se obtenha a solução adequada.

É também uma boa oportunidade para o professor perceber quais atividades são mais envolventes na opinião dos alunos. Geralmente são as mais reproduzidas.

No dia seguinte é fundamental que **todos troquem seus livros** e um resolva a atividade do outro. Se isso não acontecer, fica uma sensação de vazio e os alunos podem questionar por que tiveram de criar se nada foi feito com o que produziram...

Continuando nossa investigação, verificamos que há muito mais palavras iniciadas por **ES + consoante** do que iniciadas por **IS + consoante**. Criamos a atividade **Ler para crer...** com o objetivo de criar um contexto que mobilize a investigação e depois uma forma inteligente de sistematizá-la.

Ler para crer...

Objetivos da atividade:

1- Descobrir uma propriedade da língua que possa ajudá-los em um momento de dúvida ortográfica.
2- Desenvolver o pensamento operatório na descoberta de palavras no Torto.

Questões 1 e 2:

A descoberta da frase, proposta dessa forma, é apenas uma brincadeira com segmentação de palavras para introduzir a regra.

Questão 3:

Como já foi feito anteriormente, as crianças devem confrontar os dizeres da frase com os dados do dicionário. Uma postura de pesquisa que é importante que os alunos desenvolvam.

Questão 4:

As crianças já puderam brincar com o Torto outras vezes, o que não significa que o interesse diminua. Um bom jogador deve exercitar muito até compreender a estrutura e desenvolver boas estratégias de jogo.

Investigando as letras E/I + consoante

Procuramos analisar como E e I se comportam quando aparecem seguidos das consoantes, e verificamos que há poucas palavras iniciadas por I seguido de M.

Tendo como objetivo que descubram essa propriedade do sistema ortográfico, criamos o jogo **Gincana do EM/IM**, descrito a seguir.

Gincana do EM/IM

O professor divide a classe em equipes e organiza-as em fileiras.

Depois de combinar um sinal para todos iniciarem o jogo ao mesmo tempo e quanto deve durar a gincana, explica as regras do jogo e entrega para o primeiro de cada fileira uma folha com a tabela abaixo.

IMB	IMP	EMB	EMP

Regras da gincana

1- Ao sinal de início do jogo, os alunos que estão com as folhas escolhem uma das colunas e escrevem **apenas uma palavra** iniciada pela seqüência de letras indicada. Ele pode escolher qualquer uma das 4 colunas para completar.
2- Feito isso, passa a folha rapidamente para o colega de trás, que procede da mesma forma e passa para o seguinte, e assim sucessivamente até que o tempo estipulado se esgote.
3- Caso a folha chegue ao último aluno da fileira e ainda haja tempo, ele se levanta e leva a folha até o primeiro, que continua completando as colunas.
4- **Não vale escrever a mesma palavra só flexionando em gênero, número, grau, pessoa ou tempo.** Nosso objetivo é evitar que fiquem colocando, por exemplo, *empada, empadinha, empadão; importei, importamos,* etc.
5- Ao final do tempo o professor recolhe as folhas com as tabelas e faz a correção. Depois conta quantas palavras estão escritas corretamente. As palavras com erro de grafia são anuladas.
6- Ganha o jogo a equipe que escrever o maior número de palavras corretamente.

Após a correção e a contagem de pontos, o professor discute com eles quais as colunas mais fáceis de se completar. Poderão observar que foram as colunas **IMP**/**EMP** e **EMB**. A coluna do IMB estará preenchida com poucas palavras. Pergunta, então, se é possível aprender algo com esse dado. Poderão observar que **há poucas palavras iniciadas por IMB** (*imbecil, imberbe, imbatível, imbicar, imbuia, imbuir* e outras desconhecidas). **As demais são com EMB.**

O professor pede, em seguida, que abram o dicionário e verifiquem se a conclusão é verdadeira. Verificarão que é verdadeira e poderão registrá-la no Caderno de Descobertas.

Alistando

Objetivos da atividade:

1- Perceber que um grande número de palavras é, na realidade, iniciada pelos prefixos EN e IN. A partir dessa constatação e observando o sentido desses prefixos, perceber que têm um instrumento de decisão em relação à letra inicial dessas palavras.
2- Observar que nem sempre o EM/IM inicial é um prefixo.
3- Perceber que depois de EM/IM não aparecem Ç nem SS, **só S.**

Questão 1:

Nosso objetivo é que percebam que IN/EN nem sempre são prefixos. É natural as crianças terem dúvidas e classificarem algumas palavras indevidamente. Nesses momentos o professor deve ajudá-los a lembrar que quando o IN/EN são prefixos, existe uma palavra da mesma família sem esse prefixo, como *possível* x *impossível*. Caso não exista a palavra da mesma família sem esse prefixo é porque, naquela palavra, essa seqüência não é um prefixo (***en****saio*, ***en****sino*, etc.).

É interessante que o professor peça às crianças que observem no dicionário se há mais palavras iniciadas por ENS ou por INS. Eles poderão observar que o número de palavras iniciadas por INS é maior e isso é mais um dado para a compreensão do sistema ortográfico.

Questão 2:

Ao pedir que observem que nessas palavras o S sempre aparece depois do EN/IN, estamos preparando-os para a questão 3.

Questão 3:

Depois dos prefixos IN/EN jamais apareceria SS, pois SS só é possível entre vogais. O Ç aparece apenas em *inçar*, *inço* e *ençampar*, três palavras pouco conhecidas. Com essa descoberta, os alunos já têm como pensar ao escrever palavras iniciadas por INS/ENS.

Não se esqueça de registrar a conclusão no Caderno de Descobertas.

Questão 4:

Com as palavras organizadas nas colunas indicadas, o sentido acrescentado pelos prefixos fica mais evidente:

IN – idéia de negação
EN – idéia de muito, cheio de

Questão 5:

Ao pedirmos mais palavras iniciadas por esses prefixos + qualquer consoante poderão ampliar o universo de palavras para tirar novas conclusões e fugir de falsas generalizações como, por exemplo, acharem que só o S aparece depois desses prefixos. Ao pedirmos que observem o sentido do IN e do EN estamos preparando-os para a conclusão que será pedida na questão 6, e ampliamos o sentido do EN como "movimento para dentro", como em *embarcar*.

O prefixo EN também pode trazer uma idéia de negação. Verificamos no dicionário e ele tem esse sentido em poucas palavras, a maioria de uso pouco comum, por isso optamos por omitir esse sentido, deixando que o descubram quando forem mais velhos. O mesmo se dá com o prefixo IN que também pode significar "movimento para dentro", mas que tem esse sentido em poucas palavras, sendo assim um sentido possível mas pouco provável.

Questão 6:

Atingimos aqui nosso objetivo principal nessa atividade: que os alunos descubram que quando for um prefixo com sentido **de negação** a palavra é escrita com **I**, se o sentido for de "muito" ou "cheio de", com **E**.

Ligado nas dicas

Objetivos da atividade:

1- Fixar a grafia de algumas palavras iniciadas por **EM**/**EN** e **IM**/**IN**, já que em nossa análise as crianças mostraram errar com maior freqüência palavras com essas letras iniciais.
2- Fazer a revisão de conceitos gramaticais e ampliar o vocabulário.
3- Desenvolver estratégias de busca e coordenação de variáveis (classe gramatical, número de letras, posição de letras que se cruzam e tonicidade) no preenchimento do diagrama. Isso só deve ser feito depois da correção do ditado.

Dicas para a atividade **Ligado nas dicas**:

1- André comeu o bolo… (o mesmo que todo, completo).
2- Coletivo de abelha.
3- Ato de imobilizar com gesso um osso fraturado.
4- Suspender pelo pescoço em lugar alto, asfixiar.
5- Ataque do coração.
6- O mesmo que inundação.
7- Ele saiu com o tênis... (o mesmo que sujo).
8- O contrário de *puxar*.
9- Antônimo de *emagrecer*.

10- O mesmo que secar.
11- O que não é possível.
12- O mesmo que introduzir, colocar em um fio ou em um orifício.
13- O que acontece no jogo quando os dois adversários têm o mesmo número de pontos.
14- O mesmo que perder peso.
15- Cobri algo com terra.
16- Quando tomamos medicamento através de agulha e seringa tomamos uma…
17- Sinônimo de *imenso*.
18- O mesmo que adorno, ornamento.
19- Instrumento de capinar ou revolver a terra.
20- Antônimo de *esticar*.
21- O mesmo que idiota.
22- Oposto de *interno*.
23- Qualquer meio de transporte utilizado em mares, rios e lagos.
24- Depois que se detona uma bomba acontece uma…

Diagonal misteriosa

Esse jogo exige o desenvolvimento de todo um raciocínio operatório: escolhas por compensação, cruzamento de variáveis simultâneas (número de letras, posição da letra no quadro e na palavra, a mesma letra em todas as palavras do quadro). Além disso tudo, a criança terá a necessidade de pensar palavras com as letras E/I em todas as posições.

As regras do jogo já estão explicitadas no Livro do Aluno. Aconselhamos que a atividade seja realizada em duplas ou trios para que possam enfrentar juntos o desafio.

Caso o professor ache necessário, deve criar para sua classe outras atividades para sistematizar o uso das letras E/I utilizando, de preferência, vocabulário colhido das produções das crianças.

Respostas das atividades do Módulo III

Cuidado! O tempo vai se esgotar…

Palavras **sem acento** terminadas por **I**: explo**rei**, proi**bi**, samu**rai**, gi**bi**, contri**bui**, sa**ci**, ju**riti**, par**ti**, a**qui**, a**li**, ca**qui**, etc.

Palavras **sem acento** terminadas por **E**: a**tin**ge, acom**pa**nhe, diferen**ci**e, pa**re**de, inteli**gen**te, **len**te, **brin**de, **e**le, ma**mãe**, com**põe**, etc.

Palavras **com acento** terminadas por **I:** **jú**ri, **cá**qui, **tá**xi, beri**bé**ri, **jó**quei, **jér**sei, etc.

Palavras **com acento** terminadas por **E:** **á**rabe, **cá**lice, **ár**vore, **ín**dice, ca**fé,** vo**cê**, a**té**, Tie**tê**, etc.

Descobertas:

1- As palavras sem acento terminadas em **I** são oxítonas. As palavras sem acento terminadas em **E** são paroxítonas (com exceção das terminadas por **ÕE**, **ÃE**). Portanto, em palavras oxítonas – sem acento – use **I**, e em palavras paroxítonas sem acento use **E**.
2- As palavras acentuadas que terminam em **I** são paroxítonas, e as acentuadas terminadas em **E** são oxítonas. Não existem proparoxítonas terminadas em **I**, portanto, use **E** no final das proparoxítonas.

Ler para crer…

Questão 1 e 2:

Frase: Você sabia que há uma diferença muito grande de quantidade de palavras iniciadas por **ES** ou **IS** mais consoante?

Questão 3:

Aceite a formulação do aluno.
Lista de palavras possíveis do Torto:

ES/IS no início da palavra

ES

espera
espeta
esperta
escorrega
escorre
escoa
espiga
escoar
espalho
espelho
escale
escada
espirra
espirro
espada
esta
escora
espigar
estaca
estar
estará
escape
espreita
estrada
estria
estira
estepe
estão
escorri
esteira

IS

isca
iscar

ES/IS no meio da palavra

ES

descase
descasca
resta
empresta
presta
emprestara
pesco
pesca
pescada
despe
despi
despira
respira
respire
cresci
acresci
cesta
teste
testa
gesta
respeita
desacato
mestre
destaco

IS

disco
disca
risco
risca
pisco
arrisco
pisca
corisco
riscar
arrisca
dispe
discar

ES/IS no final da palavra

cores
três
mês
meses
gires
artes
pires
pises
arrases
catres
reagires
agires
tries (v. triar)
corres
chalés
restes
coalhes
cortês
cortes
ages
cais
sais
reis
seis
tocareis
correis
acateis
coagis
arreais
abrais
ágeis

Alistando

Questão 1:

Lista 1	Lista 2	Lista 3
insondável	ensaboar	insultar
insatisfeito	ensolarado	ensaio
insaciável	ensangüentado	insulina
insustentável	ensopado	enseada
insuficiente		ensino
insônia		
insubstituível		
insanidade		
insuspeitável		
insubordinado		
Prefixo IN	**Prefixo EN**	**IN – EN** não são prefixos

Questão 2:

A letra **S**.

Questão 3:

Depois de **IN/EN** jamais viria **SS** porque ele só aparece entre vogais. O **Ç** aparece nas palavras *inço*, *inçar* e *ençampar*, mas não é prefixo em nenhuma delas.

Questão 4:

O prefixo **IN** traz a idéia de negação. O prefixo **EN** traz a idéia de intensidade ou abundância (grande quantidade, muito, cheio, etc.).

Questão 5:

Apresentamos algumas sugestões. A professora deve aceitar as palavras das crianças verificando sempre se o **IN** e o **EN** são prefixos.

IN/IM

intocável
indecifrável
indiscreto
insolúvel
incorreto
incerto
impuro
impassível
impiedoso
impossível
imbatível
impróprio

EN/EM

ensopar
engomar
enforcar
entortar
encadernar
encanador
embelezar
embebedar
embalsamar
empilhar
empalhar
empacotar

O sentido dos prefixos permanece e descobrimos que o **EN/EM** também pode significar "movimento para dentro". Exemplo: **embalar**, **encaixotar**.

Questão 6:

Quando o prefixo traduzir a idéia de negação, escrevemos com **IN/IM** e quando traduzir a idéia de intensidade ou movimento para dentro escrevemos com **EN/EM**.

Ligado nas dicas

1- inteiro
2- enxame
3- engessar
4- enforcar
5- enfarte
6- enchente
7- encardido
8- empurrar
9- engordar
10- enxugar
11- impossível
12- enfiar
13- empate
14- emagrecer
15- enterrei
16- injeção
17- enorme
18- enfeite
19- enxada
20- encolher
21- imbecil
22- externo
23- embarcação
24- explosão

Diagrama:

HORIZONTAIS:
Adjetivos: encardido; inteiro; enorme.
Verbo: emagrecer.

VERTICAIS:
Substantivos: injeção; enchente.
Adjetivo: impossível.
Verbos: enterrei; enxugar; enfiar.

Diagonal misteriosa

Algumas possibilidades:

1º QUADRO

1ª LINHA

E	S	P	E	L	H	O
E	S	P	A	L	H	O
E	N	T	U	L	H	O
E	N	T	A	L	H	O

2ª LINHA

P	E	R	E	I	R	A
P	E	N	E	I	R	A
R	E	S	P	I	R	A
M	E	N	T	I	R	A
S	E	N	T	I	R	A

3ª LINHA

P	I	E	D	O	S	A
C	R	E	M	O	S	A
A	R	E	N	O	S	A
O	N	E	R	O	S	A

4ª LINHA

N	U	M	E	R	E	I
N	U	M	E	R	A	L
N	U	M	E	R	O	U
N	U	M	E	R	A	R
N	Ú	M	E	R	O	S

5ª LINHA

R	E	C	H	E	I	O
R	E	C	R	E	I	O
R	E	C	H	E	A	R
R	E	C	H	E	I	E
R	E	C	R	E	A	R

6ª LINHA

P	A	R	E	C	E	R
P	A	R	Q	U	E	S
P	A	R	E	D	E	S
P	A	R	E	C	E	M
P	A	R	A	R	E	S

7ª LINHA

E	N	C	A	N	T	E
E	N	C	O	S	T	E
E	N	C	A	L	H	E
E	N	C	O	L	H	E
E	N	C	I	L	H	E
E	N	C	A	R	T	E

2º QUADRO

1ª LINHA

E	S	T	A	R	E	I
E	S	T	U	D	E	I
E	S	T	U	D	A	I
E	S	T	A	L	E	I
E	S	T	E	N	D	I
E	S	T	I	M	E	I

2ª LINHA

R	E	P	U	D	I	A
R	E	P	E	L	I	A
R	E	P	E	L	I	S
R	E	P	E	L	I	R
R	E	P	O	R	I	A
R	E	P	E	T	I	R
R	E	P	E	T	I	U
R	E	P	E	T	I	A

3ª LINHA

D	E	S	V	I	A	R
D	E	S	C	I	D	A
D	E	S	P	I	D	A
D	E	S	T	I	N	A
D	E	S	T	I	N	O
D	E	S	T	I	L	A
D	E	S	T	I	L	O
D	E	S	D	I	T	A

4ª LINHA

M	A	T	I	L	H	A
H	U	M	I	L	H	A
E	M	P	I	L	H	A
E	N	C	I	L	H	A
D	E	D	I	L	H	A
C	E	D	I	L	H	A
V	I	R	I	L	H	A
V	A	S	I	L	H	A

5ª LINHA

C	R	I	A	N	Ç	A
A	L	I	A	N	Ç	A
F	A	I	A	N	Ç	A
A	F	I	A	N	Ç	A

6ª LINHA

P	I	C	A	V	A	M
D	I	T	A	V	A	M
C	I	T	A	V	A	M
V	I	R	A	V	A	M
L	I	G	A	V	A	M
B	I	C	A	V	A	M
F	I	C	A	V	A	M
G	I	R	A	V	A	M
M	I	M	A	V	A	M
T	I	R	A	V	A	M

7ª LINHA

I	N	S	I	S	T	A
I	N	V	I	S	T	A
I	N	J	U	S	T	A
I	M	P	O	S	T	A

MÓDULO IV – As seqüências de letras LHA x LIA

Reflexão sobre LHA x LIA

Outro erro freqüente encontrado em nossa amostra é a troca de LHA x LIA. A maior parte das palavras que apresentavam esse erro terminavam pelo encontro vocálico instável IA e eram acentuadas, como em *família* que eles escrevem “famílha”*.* Outro erro comum era a troca do LHA por LIA, como em *folha* que eles escrevem “folia”*.*

Analisamos palavras com essas duas seqüências de letras e descobrimos que:

1- É possível decidir se a palavra é com LHA ou LIA quando ela não tem acento, se pensarmos por tonicidade: *folha* é terminada por A e portanto paroxítona, tendo o FO como tônica; se for escrita *folia,* teremos fo-li-a, também paroxítona, mas a tônica passa a ser LI, mudando a pronúncia e o significado.
2- Quando a palavra é terminada por LIA e acentuada, como no caso de *família,* não conseguimos encontrar nada que pudesse auxiliar na tomada de decisão. Restou-nos, como em outros capítulos deste volume, criar situações de sistematização apenas.

Atividades de sistematização

Para sistematizar esses dois pensamentos expostos acima criamos duas atividades. São elas:

E agora?

Objetivos da atividade:

1- Apresentar para as crianças as diversas maneiras de escrita para uma mesma palavra, encontradas nos cadernos dos próprios alunos, para que eles, defrontando-se com todas essas possibilidades, tomem consciência da existência delas e da impossibilidade de grafar uma mesma palavra de diferentes maneiras.
2- Articular o conhecimento de ortografia, divisão silábica e tonicidade em uma situação única e integradora para perceberem a relação interna entre todos esses aspectos da língua.
3- Criar uma situação de desequilíbrio que abra uma possibilidade para o professor refletir sobre esse assunto com eles, em busca de uma solução.

A atividade

O professor deve **ditar**, a cada vez, **uma palavra de cada quadro**, e os alunos, em duplas, devem descobrir qual das formas grafadas é a que corresponde à palavra ditada. O erro pode estar na ortografia, na divisão silábica ou na tonicidade, sempre havendo apenas uma forma correta.

Em alguns quadros há duas palavras corretas, mas como apenas uma estará sendo ditada, a outra é automaticamente eliminada. **O professor deve tomar cuidado ao ditar para não dar a "dica" de qual das formas é a correta através da pronúncia. É importante que a palavra seja ditada como é falada naturalmente**. Além disso, pode-se introduzir a palavra num contexto de frase para eliminar dúvidas quanto a seu significado. Dessa forma, cabe aos alunos analisar somente a tonicidade e a grafia das palavras.

1º ditado:

1- óleo
2- folha
3- alho
4- filha
5- valha
6- falha
7- talha
8- Emílio
9- milho
10- malha
11- família
12- Itália
13- coelha
14- velha

Depois que as palavras foram ditadas, o professor propõe que as crianças mudem a cor do lápis e continua o ditado iniciando novamente no quadro número 1. O aluno marcará a palavra com cor diferente para destacar das palavras do primeiro ditado.

2º ditado:

1- Eu olho
2- folia
3- alio (do verbo aliar, juntar, ligar)
4- filia (de filiar, associar-se, adotar como filho)
5- valia (passado do verbo valer: ele valia)
6- falia (passado do verbo falir: ele falia quando fui socorrê-lo)

Depois que todas as palavras forem ditadas, aconselhamos o professor a fazer a correção na lousa e discutir com a classe por que as outras grafias não são corretas. Nesse momento é importante que todas as palavras sejam lidas em voz alta para que sua pronúncia fique bem evidenciada e as regras de Gramática e Ortografia que foram estudadas sejam retomadas como argumento para eliminar as formas incorretas.

Sugerimos que o professor peça às crianças que justifiquem por que as outras formas escritas no mesmo quadro não seriam corretas. Por exemplo, observando o quadro 1 – no 1º ditado – podemos dizer que:

- o-le-o ⟶ a palavra lida não poderia ser escrita desta forma porque a palavra sem acento terminada por O é paroxítona, portanto teria que ser lida o**le**o.
- o o-lho ⟶ não poderia ser escrita assim porque o primeiro O é fechado e em óleo o primeiro O é aberto.
- ólho ⟶ não poderia ser acentuada porque a palavra terminada em O é naturalmente paroxítona, portanto não haveria razão para a presença do acento.
- eu olho ⟶ a pronúncia, a divisão silábica e a tonicidade dessa forma estão corretas, mas o sentido não corresponde à palavra lida pelo professor.

Ao fazerem a justificativa, estarão aplicando todo o conhecimento de ortografia e gramática adquirido até então.

Observando o quadro 4 – no 1º ditado – poderemos dizer que:

- fi-lhi-a ⟶ não poderia ser esta forma porque a tônica seria o **lhi** (palavras terminadas em A são paroxítonas), o que mudaria a pronúncia.
- fi-li-a ⟶ também nesta forma a tônica seria o **li**, pois as palavras sem acento terminadas por A são paroxítonas. Nesse caso temos uma palavra que existe, mas tem outro significado diferente de *filha*.
- fi-lia ⟶ pela pronúncia essa forma seria possível, mas pela divisão silábica não, pois nos encontros vocálicos cuja última sílaba é A as vogais ficam em sílabas separadas.
- fí-lha ⟶ não seria correta porque as palavras terminadas em A são paroxítonas, não precisam ser acentuadas.

Sugerimos o mesmo procedimento com os outros quadros. O professor pode pedir que cada equipe justifique um deles.

Ao escrever as palavras corretas na lousa, aconselhamos o professor a organizá-las em dois grupos — com LH e com L + vogal — e depois pedir que marquem a sílaba tônica de cada uma. Concluída a marcação, analisar as palavras com eles e ajudá-los a concluir que:

1- Se a palavra sem acento termina por LHA, a tônica é a sílaba anterior ao LHA.
2- Se for escrita com LIA sem acento, a tônica será o LI, o que a diferencia do LHA.
3- Se termina por LIA com acento, a pronúncia é semelhante e por isso gera confusão.
4- Se terminar por LHA nunca terá acento, ou seja, ou é LIA com acento, ou LHA sem acento.

Depois que tudo estiver discutido, sugerimos que, como lição de casa, seja pedida a atividade **Poemilha**.

Poemilha

Ao longo dos anos as crianças têm lido e escrito poesias. Um poema que utilize a rima possível de ser produzida pelos sons LIA/LIO, LHA/LHO é uma forma de integrar os conhecimentos vistos até então. Depois, o professor deve proporcionar um espaço de troca das produções: ler seu poema para os outros, fixá-lo no quadro mural, mandá-lo para a outra classe... enfim, partilhar sua criação com os outros.

Caso o professor ache necessário, deve criar novas atividades para a sistematização dessa dificuldade com as crianças. É sempre interessante, nesses casos, levar em conta o interesse específico e os erros cometidos por eles para criar atividades que respondam à necessidade de sua turma.

Respostas das atividades do Módulo IV

E agora?

Questões 1 e 2:

1º ditado:

1- **ó** - le - o
2- **fo** - lha
3- **a** - lho
4- **fi** - lha
5- **va** - lha
6- **fa** - lha
7- **ta** - lha
8- E - **mí** - li - o
9- **mi** - lho
10- **ma** - lha
11- fa - **mí** - li - a
12- I - **tá** - li - a
13- co - **e** - lha
14- **ve** - lha

2º ditado:

1- Eu **o** - lho
2- fo - **li** - a
3- a - **li** - o (verbo aliar)
4- fi - **li** - a (verbo filiar)
5- va - **li** - a
6- fa - **li** - a

Questão 3:

As conclusões que os alunos poderão tirar são:

- Se a palavra não tiver acento e terminar por **lha**, a tônica é a sílaba anterior ao **lha**.
- Se a palavra não tiver acento e for escrita com **lia**, a tônica será o **li**, o que a diferencia de **lha**.
- Se a palavra tiver acento e for escrita com **lia**, a pronúncia é semelhante à das palavras terminadas por **lha**, e isso pode gerar confusão.
- Se a palavra terminar por **lha** nunca terá acento, ou seja: ou a palavra tem acento e é escrita com **lia**, ou não tem acento e é escrita com **lha.**

GRAMÁTICA

Introdução ao trabalho de Gramática do volume 4

Ao longo do volume 3 analisamos as diferentes classes gramaticais, detendo-nos principalmente nos conceitos e propriedades de cada uma. As crianças aprenderam a reconhecer as classes a que as palavras pertenciam e a perceber as semelhanças e as diferenças entre elas. Nessa análise, todas as classes eram confrontadas em relação a uma mesma propriedade. Por exemplo: se a palavra é variável ou não, e se é variável, em quê. As crianças puderam verificar que uma das propriedades dos substantivos é a de terem gênero e serem palavras variáveis em número e grau.

Nossa intenção nesse volume 4 é trabalhar **como** se dá essa flexão e, a partir da análise das flexões de gênero e número, fazê-las perceber **como as diferentes classes estão intrinsecamente relacionadas**. Assim sendo, nosso trabalho terá dois movimentos que, por vezes, estarão tão intimamente relacionados que, acreditamos, será difícil distingui-los didaticamente.

Em um primeiro movimento, nosso olhar estará voltado para **como o substantivo se transforma para se flexionar em gênero.** Para tal, ele será isolado e analisaremos como essa flexão acontece. As crianças tirarão regras que serão imediatamente aplicadas em atividades de sistematização.

Num segundo movimento, veremos **como essa flexão acontece no texto**. Se mudarmos o gênero de um substantivo, que outras classes de palavras também terão que se transformar? Entraremos, nesse momento, no capítulo da **concordância.** Poderão verificar que outras classes se transformam juntamente: artigos, adjetivos, locuções adjetivas, numerais e pronomes. Como a concordância substantivo–pronome em gênero é a mais difícil das crianças compreenderem, focalizaremos nossa atenção nesse aspecto em especial.

Procedemos da mesma forma na análise de **como se dá a flexão de número dos substantivos.** Num primeiro momento, verificarão como se constrói essa flexão, à semelhança do que foi feito com o gênero: primeiro retiram as regras e depois as aplicam nas atividades de sistematização. Num segundo momento, colocaremos o substantivo no texto e analisaremos a relação entre essa flexão e o restante do texto. Voltaremos dessa forma à **concordância**, só que agora de **número**, e verificaremos, no texto, o que se transforma e como, quando alteramos o número de um substantivo.

Primeiramente, quais são as classes que se transformam? Verificarão que artigos, adjetivos, locuções adjetivas, numerais, pronomes e verbos se transformam para fazer a concordância. Trabalharão com a idéia geral de concordância, e depois pinçaremos a relação **substantivo–verbo** como ponto central de análise.

Do verbo, verificaremos como se dá a relação **verbo–pronome** e deixaremos a concordância de tempo entre os verbos de um mesmo texto para um capítulo à parte.

Dessa forma, esse capítulo procurará integrar as classes gramaticais vistas no volume 3, pensando-as por sua relação, de tal forma que as crianças possam compreender a língua como uma teia em que você, ao puxar um fio, estará mexendo na teia toda.

Como um primeiro fio para iniciar a textura, escolhemos a **preposição**. Ela foi a última classe gramatical analisada no volume 3.

As crianças puderam observar suas propriedades e reconhecê-la como uma classe de "palavras pequenas, invariáveis, que se repetem com freqüência; não querem dizer nada que tem no mundo, mas servem para ligar a palavra que vem antes com a que vem depois".

Além do conceito, puderam observar a **importância da relação estabelecida pela preposição**: as palavras que vêm antes e depois podem ser as mesmas, mas se mudar a preposição, muda a relação e, portanto, o sentido. Exemplo: *cadeira **de** praia*, *cadeira **na** praia*.

Concluíram o trabalho com preposições verificando que **uma mesma preposição pode estabelecer mais de uma relação**. Exemplo: *Volto **de** Ubatuba* e *mesa **de** madeira*. Voltamos agora à preposição para estabelecer uma relação que ainda não havíamos podido analisar: a de que a preposição, entre dois substantivos, se liga ao segundo formando uma terceira entidade, que é a **locução adjetiva**.

É um início de reflexão sobre como as classes gramaticais se relacionam intimamente, apontando dessa forma para o trabalho que será desenvolvido ao longo do volume todo.

Entre todas as preposições, escolhemos a preposição **de** porque é a que aparece com maior freqüência e também porque, ligada ao substantivo, forma locuções adjetivas, o que nos permite, simultaneamente, rever as classes estudadas, só que agora numa perspectiva integradora.

Veremos, dessa forma, primeiramente a relação entre duas ou três palavras, depois entre um grupo de palavras, para, finalmente, analisá-las todas em suas relações.

Iniciamos o trabalho de Gramática do volume 4 pelo capítulo de divisão silábica de encontros vocálicos e pontuação. São dois tópicos que devem estar diluídos ao longo do ano, sendo sistematizados em todas as situações que puderem ser trabalhadas.

MÓDULO V – Divisão silábica de encontros vocálicos

Justificativa teórica

Nesse primeiro capítulo de Gramática do volume 4 iniciaremos um trabalho com o conceito de encontros vocálicos. Dissemos "conceito" pois não temos a intenção de classificar os encontros vocálicos. Nossa proposta, apresentada a seguir, é apenas uma introdução ao assunto.

Escolhemos os encontros vocálicos como objeto de nossa reflexão porque as crianças apresentam muitos erros de grafia relacionados a eles. Ora omitem uma das letras escrevendo "fofoquero" ao invés de *fofoqueiro*; ora acrescentam letras como em "Lisboua", "boua" no lugar de *Lisboa, boa*; ora escrevem com a letra inadequada como em "altor", "produzil", etc. Além dos erros de grafia, observamos a dificuldade que sentem nos momentos de divisão silábica das palavras que apresentam encontros vocálicos, sempre em dúvida se devem deixar as vogais na mesma sílaba ou colocá-las em sílabas separadas.

Uma vez que nossos objetivos nesse capítulo estão voltados para as necessidades das crianças e estamos ainda em início de escolaridade, abordaremos o assunto de forma delimitada aos nossos interesses, conscientes de que nem tudo o que é abrangido pelo tema foi trabalhado por nós.

Outra explicação faz-se necessária. **Encontros vocálicos** é um assunto da Fonética e normalmente é definido e trabalhado a partir da análise da série de vogais e semivogais que a palavra apresenta. Como há uma diversidade razoavelmente grande na produção oral de muitas palavras, dependendo da região de origem do falante, muitos aspectos dos encontros vocálicos ficam turvos, não sendo poucas as situações em que os estudantes divergem entre si, ou se sentem entre tantas possibilidades que não sabem como decidir.

Além desses aspectos há alguns outros sobre os quais gostaríamos de refletir. Na análise dos encontros vocálicos pela produção sonora, o que se pede aos alunos é que façam a análise de cada palavra, o que lhes dá a sensação de que existe um comportamento específico e particular de cada uma, à semelhança da forma como normalmente se ensina tonicidade: palavra a palavra, como se cada palavra da língua tivesse um comportamento próprio em relação à sílaba tônica, e não que o sistema de tonicidade seja um sistema com leis de composição interna e válido para todas as palavras da língua.

Procedendo dessa forma acabamos ensinando aos alunos que a língua é um conjunto de fatos ou de regras normativas, sem relação interna entre si. Ou seja, **fica impossível ao aprendiz enxergar o sistema interno que a organiza e do qual as regras emanaram**, como se apresentássemos as regras sem que eles pudessem ter contato com o jogo. Essa postura diante desse objeto de conhecimento tem repercussões em vários aspectos:

1- a língua deixa de ser um objeto sobre o qual se reflete para compreendê-la, e passa a ser um conjunto de regras arbitrárias às quais o falante ou o escritor tem que se subordinar;
2- aprender passa a ser a reprodução de verdades alheias e não a produção de conhecimentos;
3- o conhecimento específico de encontros vocálicos fica sem significado para os alunos, pois eles se sentem como em uma "terra de ninguém", e não conseguem saber onde ou para que utilizá-lo.

Dessa forma, aprender os encontros vocálicos passa a ser um fim em si mesmo: aprende-se para saber isso, e ponto! Ou porque cai no vestibular, ou porque o currículo manda, ou... porque sim, sem que haja uma razão interna para se trabalhar esse assunto.

Procurando estar atentas a todas essas questões teóricas e filosóficas, buscamos nos aproximar do capítulo dos encontros vocálicos a partir de novas premissas. São elas:

1- Observar se são ditongos, hiatos ou tritongos significa dividir esses conjuntos de letras em sílabas. A idéia de divisão silábica na escrita não é a mesma da oralidade, ou melhor, as leis internas que organizam uma não são as mesmas que organizam a outra. Isto tem lógica uma vez que se trata de dois sistemas de representação diferentes, organizados por leis próprias para cada um. Por exemplo: na escrita dividimos as sílabas de *pássaro* em *pás-sa-ro*, deixando um S em cada sílaba, enquanto na oralidade não há diferenciação dos dois S; na fala, o X de oxigênio é ouvido como dois sons, tanto que as crianças costumam escrever "oquicigênio", com duas sílabas distintas, o que não corresponde à grafia, na qual os dois sons são representados por uma única letra e portanto estão na mesma sílaba; na oralidade, pessoas de regiões diferentes podem pronunciar uma mesma palavra de formas diferentes, o que não ocorre no sistema da escrita, que permite uma única forma gráfica para qualquer realização sonora da palavra.

2- Se existe um sistema que organiza a língua escrita (essa premissa tem norteado todo nosso trabalho de investigação da Gramática!), também em relação aos encontros vocálicos ele deve existir. Nosso trabalho será, então, procurar desvendar qual será esse sistema interno.

3- Na *Nomenclatura Gramatical Brasileira* temos a seguinte nota: "Os encontros vocálicos -ia, -ie, -io, -ua, -uo, finais, átonos, seguidos ou não de s, classificam-se quer como ditongos, quer como hiatos, uma vez que ambas as emissões existem no domínio da Língua Portuguesa: *his-tó-ri-a e his-tó-ria; sé-ri-e* e *sé-rie; pá-ti-o* e *pá-tio; ár-du-a* e *ár-dua; tê-nu-e* e *tê-nue; vá-cu-o* e *vá-cuo*". Nesse trabalho, consideramos esses casos como **hiatos** para manter a coerência teórica com o capítulo de tonicidade (volumes 2 e 3). Caso as crianças tragam essa polêmica para a sala de aula, sugerimos ao professor que adote uma dessas duas posições:

   a) Fale da existência das duas possibilidades de divisão silábica e diga que faz sua opção pela separação das duas letras, mas aceita também que seja considerada a possibilidade de as duas estarem juntas **nesses** casos.

   b) Como não partilha da nossa idéia, fale para seus alunos que existem as duas possibilidades, mas que sua opção é por deixar as duas vogais na mesma sílaba (e aceita que também coloquem em sílabas separadas).

4- Olhar para os encontros vocálicos pelo ângulo da **língua escrita** e não da língua falada pede que se abandonem os conceitos de vogal e semivogal, observando-os por outra perspectiva. **Optamos por uma análise de valor posicional**, denominando as letras **a**, **e**, **i**, **o**, **u** como **vogais**, qualquer que seja sua produção sonora, apenas como oposição ao termo **consoante**, para diferenciá-las das demais letras do alfabeto. As vogais, além de serem diferenciadas oralmente, são diferentes das consoantes também na escrita, uma vez que podem ser sílaba, enquanto nenhuma consoante pode cumprir esse papel sozinha, sem o apoio de uma vogal. Baseadas nessa propriedade das vogais, manteremos essa distinção. Definiremos como **encontros vocálicos a presença de duas ou mais vogais consecutivas na mesma palavra**. Não utilizaremos os termos **ditongo**, **tritongo**, **hiato**, **dígrafo,** pois nossa questão não é a análise fonética ou fonológica das palavras, mas apenas sua divisão silábica, na escrita, por uma razão prática: solucionar dúvidas das crianças.

Para melhor compreendermos como as crianças pensam esses agrupamentos de letras e quais são as dúvidas mais intensas ou mais freqüentes, procedemos a uma pequena pesquisa. Fomos a uma escola e, juntamente com os professores da classe, pedimos que encontrassem palavras com duas ou mais vogais seguidas. Reunimos as crianças em equipes e todos os elementos juntaram suas palavras, somando aproximadamente 50 palavras por equipe.

Pedimos primeiramente que separassem as palavras em grupos pelo número de vogais juntas que encontraram. Observaram que era possível aparecerem 2, 3, 4 vogais juntas, sendo que o grupo de duas vogais era o mais numeroso.

Concluída essa observação, pedimos que fizessem a divisão silábica das palavras. Podíamos observar como iam pensando ao tentar realizá-la. O que as crianças nos mostraram foi:

1- Algumas palavras como *maestro, tiara* não causavam polêmica: todos concordavam que deviam ficar em sílabas separadas. Exemplos: *ma-es-tro, ti-a-ra.*

2- Outras palavras como *colégio, história* causavam uma discussão intensa: uns pronunciavam as vogais juntas, outros, as vogais separadas, e como nenhuma das duas posições tinha qualquer argumento a não ser "*olha, eu falo assim",* foi surgindo um clima de angústia, alguns se calaram, outros ficaram agressivos, as relações entre eles começaram a ficar comprometidas e praticamente todas as crianças se sentiram perdidas e desmotivadas, mais confusas do que antes de iniciarmos a atividade.

3- As palavras pequenas eram também alvo de muita confusão. Palavras como *pois, vai, pai, boa, lua,* etc. causavam polêmica e muita briga e insegurança.

4- O que mais produzia as diferenças era o fato de falarem normalmente ou pronunciarem devagar para marcar as divisões. Um dizia a palavra dentro de uma frase, de forma fluente, por exemplo: *Aquela menina é muito meiga.* O outro dizia: *Não, eu falo me-i-ga.* Surgia a partir daí uma discussão cujo fim ou era a desistência de um, por estar cansado de brigar, ou porque o outro era mais líder naquele grupo, ou chamavam a professora e diziam: *Diz o certo, porque aqui ninguém sabe.*

Dizer qual é o certo é quase impossível. Analisando cadernos de crianças em diversas escolas encontramos uma mesma palavra ora dividida de uma forma, ora de outra, e ambas consideradas certas. Nem mesmo a professora ou qualquer pessoa comum consegue ter certeza de inúmeras palavras. Por isso tentamos olhar para esse capítulo mais detidamente, em busca de algo que pudesse oferecer algum referencial de decisão mais sólido do que o conhecido *depende de como se fala.*

Como método de investigação, trabalhamos por amostragem, retirando aleatoriamente palavras de diversos portadores de texto, procedendo em seguida a várias tentativas de classificação por diferentes critérios, até que um deles apresentou-nos maior nitidez do que acreditamos que possa trazer o sistema que organiza os encontros vocálicos.

Classificamos primeiramente as palavras em grupos por apresentarem 2, 3 ou 4 vogais seguidas, e **o critério pelo qual optamos foi a observação da última letra do encontro vocálico**. Procuramos controlar algumas variáveis: se o encontro vocálico se encontra no início, meio ou final da palavra; se a última vogal forma sílaba com alguma consoante (analisando se esse fato muda ou não a divisão do encontro vocálico). A organização da pesquisa ficou assim: **vogal + A**; **vogal + E**; **vogal + I**; **vogal + O**; **vogal + U**.

Apresentamos aqui apenas algumas conclusões e observações que fizemos.

Conclusões da análise dos encontros vocálicos

Encontros de duas vogais

1- A última letra é **A**, **E** ou **O**

a) Quando a última letra do encontro for **A**, **E**, **O as vogais ficarão em sílabas separadas**, qualquer que seja a posição do encontro vocálico dentro da palavra (começo, meio ou fim) e mesmo que haja uma consoante formando sílaba com a última vogal. Exemplos: *i-a-te; ti-a-ra; co-ro-a; cri-an-ça; te-ar; se-xu-al; sor-ri-am; ru-as; mo-e-da; am-pli-e; ma-es-tro; flu-en-te; mo-er; fi-el; i-o-do; sun-tu-o-so; pa-vi-o; su-or;* etc.

b) Quando o **E ou O** forem a segunda letra de um **encontro nasal, marcado por til, as duas vogais ficam na mesma sílaba**. Exemplos: *põe*; *ór-fão; ma-mãe; a-le-mães.*

c) Quando as vogais **A, E, O** estiverem depois de **QU ou GU, formam sílaba com eles.** Exemplos: *que-ro; qua-se; a-quo-so; lín-gua; guer-ra; á-gua; lon-gín-quo.*

2- A última letra é **I** ou **U**

a) Quando a última letra do encontro vocálico for **I** ou **U**, elas **formam sílaba com a vogal anterior**, isto é, ficam na mesma sílaba, qualquer que seja a posição das duas vogais dentro da palavra. Exemplos: *oi-to; pei-xe; sen-tei; au-tor; feu-do; ba-ca-lhau*.

b) Quando houver **acento** no **I** ou **U** finais do encontro, **as duas vogais ficam em sílabas separadas**. Exemplo: *sa-í; sa-ú-va; ba-ú; ba-la-ús-tre; fa-ís-ca.*

c) Quando houver uma **consoante depois** do **I** ou **U**, **formando sílaba com eles**, **as duas vogais ficam em sílabas separadas**. Exemplos: *a-in-da; ru-im; Ab-ga-il; ra-iz; ca-ir.* Caso seja S a consoante, e o I ou U não sejam acentuados, as vogais permanecem juntas. Exemplos: *de-mais; pois; paus*; etc.

d) Quando **depois** do **I** vier **NH**, as duas vogais ficam em **sílabas separadas**. Exemplos: *ra-i-nha; ba-i-nha.*

3- Duas vogais repetidas

- Quando forem **duas vogais repetidas, ficam sempre em sílabas separadas.** Exemplos: *ca-a-tin-ga; sur-pre-en-der; fri-ís-si-mo; co-o-pe-rar;* com UU não encontramos.

Nossa última conclusão em relação aos encontros vocálicos de duas letras, a partir da análise e observando como se comporta o sistema, é que há uma tendência para se **separarem** as vogais em duas sílabas, pois só se mantêm juntas em três casos:
1- Quando I ou U forem a última letra e não houver outra letra formando sílaba com elas;
2- Quando houver GU ou QU;
3- Quando formar sílaba nasal. Nas demais situações ficam em sílabas separadas.

Encontros de 3 vogais

Encontramos muitas palavras com encontros vocálicos de 3 letras. Analisando-os pudemos observar que:
1- Na maior parte das palavras o encontro vocálico de 3 letras está no final da palavra.
2- As 3 vogais podem ou não ficar na mesma sílaba.

Observamos os encontros a partir da última letra e constatamos que:
1- A última letra é **A**, **E** ou **O**
  a) Quando a terceira letra do encontro vocálico for **A**, **E**, **O**, **as duas primeiras letras ficam juntas e a última separada.** Isto é válido para qualquer posição na palavra em que esteja o encontro vocálico, ou se estiver antecedido por QU ou GU. Exemplos: *mei-a; pai-o; des-mai-e; qui-a-bo; qui-e-tu-de; qui-os-que; goi-a-ba*; etc.
  b) Quando a terceira letra do encontro vocálico for **O** ou **A precedido de vogal nasal, o som nasal fica separado da sílaba anterior**. Exemplos: *pe-ão; pi-ões; le-ão*; etc.
  c) Quando houver **QU**, **GU** + uma vogal com som nasal + O, também **ficam juntas as três vogais**: *sa-guão; lin-guão; quão;* etc.

2- A última letra é **I** ou **U**
  a) Quando o encontro vocálico terminar em **I** ou **U**, a primeira vogal fica na sílaba anterior e as duas seguintes ficam na mesma sílaba. Exemplos: *co-ei; con-clu-iu; ma-te-ri-ais; ma-go-ei; a-mal-di-ço-ou; cri-ou;* etc.
  b) Quando houver acento no **I** ou **U** que ocupam o último lugar da seqüência, as duas primeiras letras ficam juntas e Í ou Ú ficam separados. Exemplos: *fei-ú-ra; Ju-que-í; Gua-í-ba.*
  c) Quando houver **GU** ou **QU** + uma vogal + **I** ou **U**, as 3 vogais ficarão juntas. Exemplos: *con-se-guiu; man-guei-ra; quei-xo; en-xa-güei;* etc.

Ao observarmos cuidadosamente o comportamento dos encontros vocálicos com **três** letras, pudemos concluir que é exatamente o mesmo sistema encontrado nos encontros vocálicos de **duas** letras:

1- Quando a última letra for **A**, **E**, **O**, as duas primeiras ficam juntas e a última separada. Exemplos: *qui-a-bo; qui-e-to; mei-o.*
2- Quando a última letra for **I** ou **U** a primeira fica sozinha e as duas últimas ficam juntas;
3- Quando tiver **GU** ou **QU** e a terceira letra for **I** ou **U** ou som nasal, as três ficam juntas, na mesma sílaba.

Encontros de 4 vogais

Realizamos a pesquisa e a análise dos encontros vocálicos formados por 4 letras, procedendo da mesma maneira que nos anteriores. Ao observá-los pudemos concluir que:

1- Há poucas palavras com encontros de 4 letras.
2- Na maior parte das palavras que nós encontramos, os encontros eram em final de palavra.
3- Se a última letra do encontro for I, U ou O precedido de som nasal, ela forma sílaba com a vogal anterior e fica separada das duas primeiras. Exemplos: *gui-ei; a-rei-ão; mei-ão; en-sai-ou; rai-ou; pa-pa-gai-ou; a-fo-gue-ou; ca-cau-ei-ro*; etc.
4- Se a última letra do encontro for A, E ou O ela fica separada e as três primeiras ficam juntas. Exemplos: *u-ru-guai-o*; *pa-ra-guai-o*; *es-fa-quei-e*; etc.

Também com encontros de 4 letras o sistema revelou-se o mesmo que nos encontros de duas e três letras.

Como conduzir a investigação com as crianças

Considerando os dados obtidos na pesquisa que fizemos na escola com as crianças, decidimos proceder de outra forma na condução dessa investigação.

Optamos pelo seguinte procedimento:

1- Oferecer uma amostra de palavras colhida por nós, já divididas em sílabas para evitar dúvidas insolúveis em um primeiro momento.

2- Dirigir a investigação através da ação do professor, dada a complexidade das relações que as conclusões exigiam. Procuramos organizar a investigação em **momentos** a fim de facilitar a dinâmica tanto para as crianças quanto para o professor.

Primeiro momento:

1- O professor pede que os alunos observem as palavras da atividade **Encontros e desencontros** e afirma que todas têm encontros vocálicos. O que será então um encontro vocálico?

Nesse momento o professor já introduz a nomenclatura de **encontros vocálicos**. Discute com as crianças o porquê desse nome, fazendo-as perceber que é **o encontro de vogais na mesma palavra**, ou que é uma série de vogais seguidas.

2- O professor pede que sublinhem todas as vogais dos encontros vocálicos.

3- Pede que as crianças observem os encontros vocálicos e vejam **de quantas letras eles podem ser formados**. Com certeza todos os grupos terão encontros de 2, 3 e 4 letras. Registra-se a descoberta.

4- O professor reúne os alunos em grupos e todos **recortam** as palavras da lista, deixando-as em pequenos retângulos de papel, e **a última letra de cada encontro vocálico deve ser pintada.** Sugerimos que as crianças utilizem uma cor diferente para cada vogal, pois esse procedimento facilitará a classificação que será pedida em seguida. **Não é necessário que recortem mais de uma lista por equipe**.

5- O professor pede, em seguida, que organizem as palavras **pela última vogal dos encontros vocálicos.** Ficam juntas todas as palavras que têm o encontro vocálico terminado por **A**, por exemplo.

6- Terão, portanto, cinco grupos de palavras – terminados por **A**, **E**, **I**, **O**, **U**. Seleciona-se o grupo das palavras terminadas por A e os outros quatro grupos são guardados, cada um em um envelope, para serem utilizados depois. Nesse ponto, explicar para os alunos que **o objetivo do trabalho é descobrir quando as vogais do encontro silábico ficam na mesma sílaba e quando ficam em sílabas separadas.**

7- O professor pede que **organizem as palavras do encontro vocálico terminado em A em dois grupos**:
   a) das palavras em que a letra A fica **separada** da(s) vogal(is) anterior(es).
   b) das palavras em que a letra A fica **junto** da(s) vogal(is) anterior(es).

8- Os alunos começam a observar as palavras em que a letra A fica junto com a vogal anterior. Cada grupo procura, então, organizar suas palavras de alguma forma que possa ajudá-los a descobrir como pensar para saber quando o encontro vocálico fica na mesma sílaba.

9- Depois que os alunos tiverem tentado descobrir quando as duas vogais ficam na mesma sílaba, o professor abre a discussão e vai perguntando para cada grupo o que descobriu. Vai escrevendo na lousa as descobertas feitas por eles. Poderão verificar que a vogal **A** fica na **mesma sílaba** da vogal anterior quando está na sílaba do **QU** ou **GU**.

10- O professor pede que as crianças observem as palavras que tiveram o encontro vocálico terminado por A em sílabas separadas. Deixa que tentem descobrir um critério de organização. Acreditamos que a melhor forma de pensar é por negação: **se o A não estiver em sílaba de QU/GU fica separado da vogal anterior.** Caso as crianças queiram, pode-se analisar as palavras. O professor pergunta: *A vogal anterior ao A faz diferença para saber se é junto ou separado?* Verificarão que não, qualquer que seja a vogal anterior o A fica separado. *Estar sozinho ou acompanhado por uma consoante na mesma sílaba do A faz diferença?* Verificarão que não, sozinho ou acompanhado o A fica separado da vogal anterior. A partir daí pode-se sintetizar pela negação, como apresentamos no início do parágrafo.

A partir desse momento o professor vai pedindo que observem cada grupo das diferentes vogais, um de cada vez, e verifiquem o que descobrem. Não descreveremos cada uma delas pois o procedimento será sempre o mesmo.

Poderão chegar às seguintes conclusões:

Encontros vocálicos terminados em A:

a) A vogal A fica **junto com a anterior** quando a palavra tem **QU** ou **GU**. Exemplos: *á-gua; E-qua-dor.*

b) O A fica **separado da vogal anterior** nos outros casos. Exemplos: *ca-a-tin-ga; ins-tan-tâ-ne-a; ti-a-ra; pes-so-a; pos-su-a; cam-pe-ã; boi-an-do; co-ar; fi-as-co; re-al-çar; mu-am-ba; mei-a; tra-quéi-a, pa-ra-guai-a.*

Encontros vocálicos terminados em E:

a) A vogal E fica **junto com a anterior** quando precedidas de **QU** ou **GU**, ou no grupo **ÃE(S)**, **ÕES** (ou vogais nasais). Exemplos: *a-que-le; guer-ra; a-güen-ta; mãe; ba-lões; sa-guões;* etc.

b) A vogal E fica **separada da vogal anterior em todos os outros casos.** Exemplos: *a-e-ro-por-to; re-e-di-tar; am-pli-e; mo-e-da; du-e-lo; ma-es-tro; ro-en-do; ro-em; do-er; fi-el, qui-e-to; en-sai-e; gui-e; es-fa-quei-e;* etc.

Encontros vocálicos terminados em I:

a) A vogal I fica junto com a anterior quando:
- **é a última letra da sílaba.** Exemplos: *fa-lai; pei-xe; oi-to; con-clui.*
- **é seguida de S sem acento.** Exemplos: *de-pois; ja-mais.*
- **é precedida de QU/GU.** Exemplos: *a-qui; gui-ar; man-guei-ra; quei-xo.*

b) A vogal I fica separada quando:
- **é seguida de consoante na mesma sílaba.** Exemplos: *a-in-da; ca-ir; ra-iz; ru-im.*
- **o último I do encontro vocálico é acentuado, seguido ou não de consoante.** Exemplos: *pa-ís; fa-ís-ca; ve-í-cu-lo; con-tri-bu-í; mo-í-da; fru-ís-mo.*
- **é seguida de NH.** Exemplos: *ra-i-nha; ba-i-nha.*

Encontros vocálicos terminados em O:

a) A vogal O fica junto com a anterior quando:
- é precedida de **QU** ou **GU**. Exemplo: *a-quo-so; en-xá-gua.*
- está no grupo **ÃO(S).** Exemplos: *sa-guão*; *ór-fãos.*

b) A vogal O **fica separada em todos os outros casos.** Exemplos: *ca-ó-ti-co; ca-o-lho; te-o-ló-gi-co; i-o-do; co-o-pe-rar; sun-tu-o-so; pai-ol; ca-os; a-on-de; bi-om-bo; su-or; re-chei-o; gui-o; qui-os-que; u-ru-guai-o; es-fa-quei-o.*

Encontros vocálicos terminados em U:

a) A vogal U fica junto com a anterior quando:
- **é a última letra da sílaba.** Exemplos: *au-tor; feu-do; par-tiu; re-cu-ou; con-tra-iu; con-se-guiu; a-poi-ou.*
- **não tem acento e é seguida de S.** Exemplos: *deus; meus.*

b) A vogal U fica separada quando:
- **é acentuada.** Exemplos: *vi-ú-va; ba-la-ús-tre.*
- **é seguida de uma consoante na mesma sílaba.** Exemplos: *o-ri-un-do; di-ur-no.*

As crianças poderão observar que os encontros em que a última letra é **A**, **E**, **O** comportam-se da mesma maneira entre si e os encontros em que a última letra é **I**, **U** comportam-se da mesma maneira entre si.

Concluída a análise das palavras e registradas as conclusões no Caderno de Descobertas, as crianças podem responder às questões propostas.

Questão 1:

Nosso objetivo é o registro da primeira descoberta já feita por eles: que os encontros vocálicos podem ser constituídos por 2, 3 ou 4 vogais seguidas.

Questões 2 e 3:

Nessa questão buscamos a síntese das conclusões obtidas.

Poderão também fazer uma última generalização:

1- A última vogal fica junto com a anterior quando:
- **I** ou **U** forem a última letra da sílaba, sem acento.
- houver **QU** ou **GU** + qualquer vogal.
- as vogais **E** e **O** formarem sílaba nasal com til (~).

2- A última vogal fica separada da(s) anterior(es) nas demais situações.

Como as crianças trabalharam com uma amostra de palavras escolhida por nós, sugerimos que o professor peça, como lição de casa, que procurem 10 palavras com encontro vocálico e verifiquem se as descobertas são válidas para qualquer palavra. No momento da correção teremos uma boa amostra de palavras que permitirá a generalização.

Depois de tantas descobertas, sugerimos que o professor peça às crianças que iniciem as atividades de sistematização do livro.

Atividades de sistematização

Lembrete:
As atividades sugeridas a seguir devem ser feitas ao longo do ano e não todas seguidas, num único momento.

Bons vizinhos

Objetivos da atividade:

1- Utilizar os conhecimentos de divisão silábica de encontros vocálicos, adquiridos na pesquisa.
2- Desenvolver estratégias de jogo, analisando suas escolhas de jogadas.
3- Desenvolver o pensamento operatório pela exigência de raciocínio que o jogo solicita para ser realizado.

O jogo

Os objetivos e as regras do jogo já estão esclarecidos no Livro do Aluno, portanto não os apresentaremos novamente aqui. **Sugerimos que o professor deixe que os alunos leiam as regras em trios e tentem descobrir como se joga.** Quando houver dúvida, o professor solicita que algum outro jogador explique como entendeu e todos voltam para as regras para observar quais dados permitem essa interpretação. Esse é um exercício de interpretação de texto importantíssimo para a leitura, em qualquer área, especialmente Matemática.

Sugerimos, também, que o professor peça às crianças que, antes do início do jogo, escrevam as palavras das tabelas já com a divisão silábica. Isto facilitará a dinâmica do jogo, ajudando-as a concentrar a atenção nas estratégias de escolha. O professor não corrige as palavras com a classe, pois saber dividi-las faz parte da *performance* do jogador.

Como é um jogo fascinante, se houver interesse, as crianças poderão escolher novos universos de palavras e jogar muitas outras vezes, até que os tabuleiros dos livros de todos os alunos da classe sejam usados, ou, se necessário, copiando-os em uma folha à parte.

Passo a passo (1)

Objetivos da atividade:

1- Desenvolver o raciocínio lógico, a capacidade de dedução.
2- Aprender a trabalhar por hipóteses controláveis e reguláveis a partir dos dados do jogo.
3- Aplicar o conhecimento adquirido a uma situação inteligente.

Sugerimos ao professor que reúna os alunos em grupos caso achem difícil encontrar a solução.

Questão 1:

Pedir que encontrem as próximas cartas corretas do jogo exige que eles tenham descoberto o segredo de Marquinhos e, portanto, a regra. Além disso, para encontrar as palavras terão que fazer a divisão silábica de todas as palavras do quadro, aplicando, assim, as descobertas feitas até então.

Questão 2:

Nesta questão pedimos que registrem a regra descoberta. Caso alguma criança formule uma regra diferente da pensada por nós, peça-lhe que confira todas as palavras do jogo para ver se é possível ou não. Esse exercício de verificação é fundamental para o desenvolvimento do pensamento lógico e para a instauração de uma postura de investigação saudável de ser desenvolvida em todas as instâncias da vida e que produz o aprimoramento da capacidade de argumentação.

Questão 3:

Ao pedirmos que separem as sílabas das palavras nosso objetivo é que exercitem as regras trabalhadas até aqui.

Passo a passo (2)

No jogo **Passo a passo (1)** centramos a atenção das crianças na divisão silábica dos encontros vocálicos cujas vogais ficam na **mesma sílaba**. Neste, focalizamos a atenção das crianças nos encontros vocálicos terminados por **I + consoante** na mesma sílaba, em que as vogais ficam em **sílabas separadas**.

A forma como o jogo é conduzido leva as crianças a trabalharem por exclusão.

Depois de descoberto o segredo do Tonico e encontradas as palavras que poderiam fazer parte dele, as crianças continuam a atividade respondendo às questões.

Questão 1:

Como já aconteceu no **Passo a passo (1)**, o pedido de encontrar as palavras que completariam o jogo exige a descoberta da regra.

Questão 2:

Ao reescrever a regra descoberta por ocasião da pesquisa, as crianças vão, gradativamente, fixando-a.

Questão 3:

Com essa questão preparamos a turma para a próxima atividade, que irá retomar todas as regras de quando o **I** fica junto ou separado da vogal anterior.

Questão 4a:

Procuramos garantir todos os casos de separação silábica com **I** como última letra do encontro vocálico. Ao organizarem as palavras nas colunas começarão a classificá-las para a análise que virá a seguir.

Questão 4b:

Esta é uma atividade de sistematização, portanto, tudo que verificarão aqui já foi discutido. Sua função é trazer novamente à tona as descobertas para que elas possam se tornar efetivas.

Ao pintar o que observaram para decidir quando o **I** do encontro vocálico deveria ficar junto ou separado, destacarão as letras R, N, M, Z, L, Í (I acentuado) como fatores que indicam que as vogais são separadas e o QU e GU como fatores que indicam que as vogais não se separam. Verificarão também que o S não muda nada: o **I** continua junto com a vogal anterior, mesmo que o S esteja na mesma sílaba.

Questão 5:

É a síntese da análise da questão 4. Esperamos que digam algo mais ou menos assim:

a) O **I** fica em **sílabas separadas** quando:
- tem acento;
- depois dele vem uma consoante na mesma sílaba (menos S);
- depois dele vem NH.

b) O **I** fica na **mesma sílaba** quando:
- é a última letra da sílaba;
- tem S depois dele na mesma sílaba;
- antes dele tem GU/QU.

O professor pode destacar nesse momento que a letra **N** aparece em três contextos diferentes:

a) *guincho, quinze*, quando o **I** fica na mesma sílaba que a vogal anterior;

b) *tainha, moinho,* quando o **I** fica separado da vogal anterior e sozinho na sílaba;

c) *contribuinte,* quando o **I** fica separado e com o **N** na mesma sílaba.

Ao destacar os três contextos o professor pode pedir que as crianças organizem as regras para saber quando o **I** fica junto ou separado.

Essas regras já foram descobertas durante a pesquisa, mas como há muitas variáveis em jogo, achamos que seria interessante retomá-las.

Cruzadeira

Um dos tipos de erros de grafia encontrados em nossa análise mostrava que as crianças costumam omitir a vogal **I** do encontro vocálico do sufixo EIRA. Assim sendo, escrevem “enceradera”, “cozinhero” em vez de escrever *enceradeira, cozinheiro.* Preparamos essa atividade a fim de que descubram aspectos do sistema ortográfico que possam ajudá-las a decidir como escrever esse tipo de palavras.

Objetivo da atividade:

- Descobrir como pensar para saber quando uma palavra termina por ERA ou EIRA.

O preenchimento da cruzadinha vai exigir muita atenção por parte das crianças pois, além de descobrir qual a palavra indicada pela dica, vão ter que separar as sílabas corretamente e encaixá-las nos espaços correspondentes. Todo esse procedimento exige muito conhecimento lingüístico e um pensamento por compensação.

Questão 1:

As crianças já viram e trabalharam com sufixos outras vezes, portanto não terão maiores dificuldades em reconhecer os sufixos EIRO/EIRA.

Questão 2:

O sufixo EIRA é formador de substantivos, portanto, todas as palavras formadas por ele pertencem à classe dos substantivos. Mais uma vez, as crianças poderão constatar a relação existente entre Gramática e Ortografia.

Questão 3:

Reconhecer os sentidos que um sufixo pode trazer às palavras é poder lidar de forma mais eficiente com os sentidos das palavras e poder compreender a teia de relações que compõe a língua de maneira mais profunda.

É provável que as crianças tenham dúvida se *formigueiro* é "idéia de coletivo" ou "idéia de lugar". Aconselhamos o professor a aceitar as duas posições, pois a discussão seria muito profunda para a faixa etária. Se pensarem pelo espaço (casa das formigas) é lugar; se pensarem pelos seres (conjunto de formigas) é coletivo. No dicionário Aurélio encontramos as duas alternativas.

Consideramos mais lógico pensar como lugar, pois o *formigueiro* existe e é chamado assim mesmo quando vazio, ou seja, sem formigas.

Questão 4:

Ao pedirmos que encontrem palavras com ERO/ERA pretendemos criar um universo de palavras que possam usar como referência na busca de uma descoberta que venha ajudá-los a saber quando usar EIRO/EIRA ou ERO/ERA. O professor pode aproveitar a ocasião para destacar que as terminações ERO/ERA não têm acento no E, com exceção de pêra.

Questão 5:

Enquanto EIRO/EIRA formam substantivos, ERA/ERO são, na maior parte das palavras, terminação verbal. Quando final de substantivos, nunca são sufixos, apenas final de palavra. É importante, também, chamar a atenção das crianças para o aspecto quantitativo: há muito mais verbos com essas terminações.

Questão 6:

Como as crianças sabem que o sufixo traz os sentidos estudados na questão 3 e são acrescentados a uma palavra que existe sem eles (*galinha* > *galinheiro*), perceberão que ERO/ERA nunca são sufixos.

Questão 7:

As crianças poderão aprender que:

1- O sufixo EIRA/EIRO é formador de substantivos e traz uma idéia de objeto de uso, intensidade ou coletivo, profissão, árvore frutífera ou lugar.
2- Não existem os sufixos ERA/ERO.
3- Vou usar ERO/ERA quando for final de verbo ou não for sufixo do substantivo.

U U U U U...!

Além de omitir o I do sufixo EIRA/EIRO, elas omitem também o U de encontros vocálicos que têm o U como segunda letra. Escrevem "açogue" no lugar de *açougue*; "vassora" no lugar de *vassoura*; etc. e, às vezes, acrescentam o U em palavras terminadas pelo encontro vocálico OA como em *pessoa* que eles escrevem "pessoua".

Atentas a isso, preparamos essa atividade.

Objetivos da atividade:

1- Descobrir um instrumento de pensamento para decidir como escrever palavras terminadas por OA.
2- Fazê-las tomar consciência de que costumam omitir o U dos encontros vocálicos OU.
3- Sistematizar a divisão silábica dos encontros vocálicos OU/OA.

A atividade

Questão 1:

Apresentamos palavras com a omissão ou o acréscimo da letra U, de forma que todas são passíveis de confusão pelas crianças. Descobrir em que palavras o U está faltando já é um exercício de identificação.

Questões 2 e 3:

Ao separarem as sílabas retomarão descobertas já feitas: quando a última letra do encontro vocálico for U, ela fica na mesma sílaba que a vogal anterior; se a última letra do encontro vocálico for A, ela fica em sílaba separada da vogal anterior.

Questão 4:

Não conseguirão achar. Não existem palavras terminadas em OUA. Procuramos exaustivamente e não achamos nenhuma. Caso algum aluno encontre, trabalhe com a idéia de que aquela palavra é com OUA, as outras são com OA.

Questão 5:

Como não existem palavras terminadas por OUA, será sempre com OA. Poderão ter certeza de que se escreve *leitoa, Lisboa, patroa, voa, coa, apregoa,* etc.

Quanto ao grupo de palavras que são escritas com o encontro vocálico OU, não conseguimos descobrir nenhuma forma de pensamento que pudesse servir como instrumento de decisão em um momento de dúvida ortográfica.

Hein...?!?!

Objetivos da atividade:

1- Observar que as palavras podem terminar por EM, ÉM, ÊM.
2- Construir um instrumento de decisão sobre quando usar cada uma dessas terminações.
3- Descobrir que não existem palavras terminadas por EIM.

É uma atividade para ser feita individualmente e que pode ser pedida como lição de casa. Apresentamos, a seguir, algumas sugestões para o momento da correção, que deve ser coletiva.

Questão 1:

Faça a correção na lousa organizando as palavras em colunas, cada coluna com uma das terminações. Ao proceder dessa forma as palavras já estarão preparadas para a análise que será pedida a seguir.

Nosso objetivo ao deixar as palavras lacunadas é permitir que as crianças que acreditam que exista a terminação EIM usem-na e isso gere dúvida em relação a algumas palavras. Essa dúvida vai ser a motivação para a busca de uma solução.

Questão 2:

Ao pedir que observem as terminações e as palavras que completaram pretendemos dirigir o olhar delas para alguns elementos significativos porque talvez não tenham consciência deles ao completar as palavras.

Na correção coletiva, como as palavras estão agrupadas por terminação na lousa, as crianças poderão observar com mais facilidade o que elas têm em comum.

O professor deve proceder como um desencadeador fazendo perguntas do tipo: *São semelhantes quanto à tonicidade? Quanto à classe gramatical? Quanto ao gênero?* Dessa forma ajudará as crianças a encontrarem nas palavras a solução que permitirá uma tomada de decisão ortográfica.

Questão 3:

Observada a característica comum é importante que formulem a descoberta enquanto regra. "Se a palavra for..., então devo escrever..." Essa consciência é que vai levá-los a uma superação dos erros de grafia e à construção da teia do sistema ortográfico.

Formigando

Objetivos da atividade:

1- Rever algumas regras ortográficas para sedimentar o seu uso.
2- Desenvolver o papel de revisor para que possam rever seus próprios textos.

Questão 1:

Escrevemos o texto duas vezes para que pudessem fazer o confronto entre as duas grafias. Como a leitura se dá pelo significado, costumam não observar a forma como as palavras estão grafadas. Essa atividade busca chamar a atenção das crianças para isso.

Questão 2:

Para classificar as palavras pelo tipo de erro, terão que analisar a natureza deles. Esse é o nosso objetivo nesse momento.

Questão 3:

Aqui as crianças responderão com suas palavras que tipo de erros foram cometidos. Para responder terão que tomar consciência das trocas que fazem na escrita das palavras. Por exemplo, que o M foi usado no lugar do N, etc.

Questão 4:

Para ajudar os alunos a não errarem, poderíamos mostrar-lhes aspectos do sistema ortográfico que não foram vistos quando erraram:

- Em um dos grupos poderíamos dizer à criança que só se escreve M antes de P e B. Antes das outras consoantes é preciso escrever N.
- No outro grupo ela poderia explicar que nós falamos EIM mas escrevemos sempre EM. Não existe nenhuma palavra com EIM.
- Para o terceiro grupo ela poderia explicar que um S entre duas vogais tem som [Z], portanto nenhuma dessas palavras poderia ser escrita com um S.

Vida de bacana

Objetivos da atividade:

1- Trabalhar alguns erros comuns entre as crianças: omissão das vogais I/U em alguns encontros vocálicos; acréscimo de I/U em algumas palavras; troca de U/L no meio e final de palavras.
2- Sistematizar a divisão silábica desses encontros vocálicos.
3- Exercitar o papel de revisor para que possam rever seus próprios textos.

Sugerimos que o professor organize as crianças em duplas para realizar essa atividade. Dessa forma poderão discutir nos momentos de dúvida.

Questão 1:

Encontrar as 17 palavras escritas incorretamente é um exercício fantástico de revisão. Depois, ao classificá-las nas colunas facilitamos a observação do que há em comum em cada tipo de erro.

Questão 2:

Novamente a sistematização da divisão silábica. A essa altura não terão mais dúvidas de como fazê-la.

Questão 3:

O fato de conseguirem separar adequadamente as sílabas das palavras não significa necessariamente que saibam **o que** observaram para decidir. Por essa razão perguntamos o que eles observaram para decidir quando as vogais do encontro vocálico ficavam juntas ou separadas. Tal procedimento visa levá-los a tomar consciência da própria ação.

Questão 4:

Nosso objetivo nessa questão é, através do humor da piada, deixar marcado para eles como a grafia da palavra é fundamental (pelo menos em alguns casos).

Sugerimos ao professor que aproveite a situação para discutir com eles por que foi gerada a confusão: existe *conserto* e *concerto*, com sentidos diferentes. Lance depois para as crianças outras palavras que você fala da mesma forma e escreve de formas diferentes (as famosas homófonas).

Poderão surgir daí pares de palavras como:

russo – ruço
cela – sela
taxa – tacha
acerto – asserto
caçar – cassar
cheque – xeque
testo (ê) – texto
acento – assento
seção – sessão – cessão
acender – ascender
apressar – apreçar
cerrar – serrar
coser – cozer
tenção – tensão

Que tal, depois que os pares forem levantados, as crianças montarem um jogo da memória com as palavras e seus significados? Por exemplo: em uma carta o aluno escreve a palavra *russo* e na outra escreve *homem que nasceu na Rússia.* O aluno procede assim com todas as palavras que comporão o jogo. Depois, as cartas são todas viradas para baixo e, em grupos, os alunos devem formar os pares. As regras são as mesmas dos jogos de memória tradicionais.

Sugerimos a cartolina como material para confeccionar as cartas e, se possível, colocar Contact para conservá-las.

Pássaro fujão

Objetivos da atividade:

1- Entrar em contato com essa música e esse tema tão importantes na formação do cidadão e da sua dimensão humana.
2- Retomar os conceitos de substantivo simples e composto, classificação silábica e divisão silábica.

Questão 1:

Se o professor puder levar a música de Chico Buarque e Francis Hime para as crianças ouvirem e cantarem junto, melhor. Converse informalmente com eles sobre a letra da música, retome os textos sobre o Pantanal ou a baleia Keiko que já apareceram nesse volume e peça, depois, que escrevam na questão 1 a mensagem da letra.

Questão 2:

Os nomes de pássaros estão todos sublinhados. Pedimos que leiam a letra sem os substantivos para que percebam que:

a) Sobram verbos e interjeições.
b) A mensagem da música não se altera.

Questão 3:

Criamos uma situação para um jogo de **Resta um**, que retoma muitos conceitos já vistos e fecha o módulo de divisão de encontros vocálicos. O jogo de **Resta um** já é velho conhecido das crianças, portanto dispensa maiores explicações.

Respostas das atividades do Módulo V

Encontros e desencontros

Questão 1:

2, 3 ou 4 vogais seguidas.

Questão 2:

A última vogal fica junto com a anterior quando:

- o **I** ou **U** forem a última letra da sílaba, sem acento;
- houver **GU/QU** + qualquer vogal;
- as vogais **E** ou **O** formarem sílaba nasal.

Questão 3:

A última vogal fica separada da(s) anterior(es) nas demais situações.

Bons vizinhos

LISTA 1 — Encontros vocálicos terminados em A, E, O

U-TI-A-RI-TI
JO-A-NI-NHA
PA-VÃO
BI-SÃO
CA-RAN-GUE-JO
CO-TI-A
SE-RI-E-MA
SA-BI-Á
PI-A-VA
CA-MA-RÃO
TU-BA-RÃO
CO-TO-VI-A
HI-E-NA
SI-RI-A-ÇU
PI-O-LHO
TA-MAN-DU-Á
CO-A-LA
É-GUA
VE-A-DO
JA-GUA-TI-RI-CA
SU-ÇU-A-RA-NA
GUE-PAR-DO
CA-ÇÃO
PRE-Á
CO-E-LHO
LE-O-PAR-DO
CÃO
QUA-TI
PE-RU-A
GUA-XI-NIM

LISTA 2 — Encontros vocálicos terminados em I, U

NI-CO-LAU
CA-IM
A-LA-Í-DE
RA-UL
A-DA-IR
AU-GUS-TO
LEI-LA
CLEU-SA
A-DAU-TO
A-GUI-NAL-DO
MA-TEUS
AI-DÊ
MA-Í-SA
A-TA-UL-FO
PAU-LA
A-IR-TON
A-MAU-RI
CLEI-DE
DOU-GLAS
Á-QUI-LA
SID-NEI
TA-ÍS
BAR-TO-LO-MEU
SA-UL
JE-SU-Í-NO
LAU-RA
RAI-MUN-DO
MA-ÍL-SON
FI-Ú-ZA
MI-Ú-CHA

LISTA 3 — Encontros vocálicos terminados em A, E, I, O, U

CA-RU-A-RU
TAM-BA-Ú
QUE-LUZ
I-LHÉUS
RU-BI-A-TA-BA
CU-BA-TÃO
MA-NAUS
JO-IN-VIL-LE
BAU-RU
MA-RA-NHÃO
PI-NHAIS
CRA-TE-ÚS
CRU-ZEI-RO
A-RA-GUA-RI
JA-Ú
A-LA-GO-I-NHAS
PAR-NA-Í-BA
SER-TÕES
NI-TE-RÓI
NE-Ó-PO-LIS
I-TA-NHA-ÉM
U-MU-A-RA-MA
CRI-CI-Ú-MA
PRA-I-NHA
A-RA-RA-QUA-RA
OU-RI-NHOS
PO-Á
PE-RU-Í-BE
TAU-BA-TÉ
I-BI-Ú-NA

Passo a passo (1)

Questão 1:

museu – noite – guerra

Questão 2:

Palavras dissílabas, com duas vogais seguidas na mesma sílaba.

Questão 3:

ja-mais; ro-eu; par-tiu; bau-ni-lha; gui-tar-ra; con-tri-bui; pou-qui-nho; rou-qui-dão.

Passo a passo (2)

Questões 1 e 3:

atrair – tuim – raiz – país – contribuinte – Maílson

Questão 2:

Regra: Palavras com encontro vocálico terminado em **I** seguido de consoante; as vogais ficam separadas na divisão silábica.

Questão 4:

coluna 1 (vogal + **I** na mesma sílaba):

pai**s**
de-mai**s**
c**ai**-xa
quin-ze
guin-cho
fe**i**-ti-ço
gui**r**-lan-da

coluna 2 (vogal + **I** em sílabas separadas):

mo – **í** – da
con-tri-bu-i**n**-te
ra-i**z**
ta-i-**nh**a
a-tra-i**r**
pa-**í**s
mo-i-**nh**o
tu-i**m**
Ma-í**l**-son

Questão 5:

a) o **I** fica em sílaba separada quando:
- tiver acento;
- depois dele vier uma consoante na mesma sílaba (menos **S**);
- depois dele vier **NH**.

b) o **I** fica na mesma sílaba que a vogal anterior quando:
- depois dele vier **S** na mesma sílaba;
- antes dele vier **GU/QU**;
- o **I** for a última letra da sílaba.

Cruzadeira

1- açougueiro
2- goiabeira
3- formigueiro
4- poeira
5- poleiro
6- galinheiro
7- limoeiro
8- pedreiro
9- peneira
10- ratoeira
11- tomateiro
12- berreiro
13- borracheiro
14- roqueira
15- jabuticabeira
16- cabeleireira
17- cozinheira
18- coleira
19- banheira
20- roubalheira
21- pulseira

Questão 1:

Sufixos: eiro/eira

Questão 2:

As palavras da Cruzadeira são substantivos.

Questão 3:

profissão	lugar	árvore frutífera	objeto de uso	idéia de intensidade e de coletivo
açougueiro	poleiro	goiabeira	peneira	poeira
pedreiro	galinheiro	limoeiro	ratoeira	formigueiro
cabeleireira	banheira	tomateiro	coleira	berreiro
cozinheira	formigueiro	jabuticabeira	pulseira	roubalheira
borracheiro				
roqueira				

Questão 4:

quero, espero, zero, esmero, encero, tolero, cícero, gênero, desespero, austero, sincero, penero, gero, mero, onero, tolero, altero, clero, espero, tempero, pêra, esquecera, anoitecera, acontecera, parecera, permanecera, cera, lera, torcera, tempero, tremera, colhera, gemera, tangera, cólera, padecera, têmpera, tempera, espera, tolera, sincera, altera, pudera, quisera, impera, quimera, quisera, dera, fera, gera, mera, galera, tolera, acelera, encera, etc.

Questão 5:

Muitos verbos e alguns substantivos e adjetivos.

Questão 6:

Em nenhuma o **ERA/ERO** é sufixo.

Questão 7:

Descobri que vai ser **EIRO/EIRA** quando for um sufixo formador de substantivos, que traz uma idéia de objeto de uso, intensidade ou coletivo, profissão, árvore frutífera ou lugar.

Vai ser **ERA/ERO** quando for final de verbo ou não for sufixo do substantivo.

U U U U...!

Questão 1:

açougue – tesoura – outro – louco – vassoura – roubar – trouxe – dourado – cenoura

Questão 2:

a-çou-gue
te-sou-ra
ou-tro
lou-co
vas-sou-ra
rou-bar
trou-xe
dou-ra-do
ce-nou-ra

Questão 3:

a-bo-to-a
la-go-a
en-jo-a
bo-a
pes-so-a
ga-ro-a
en-sa-bo-a
ma-go-a
ca-no-a

Questão 4:

Não foi encontrada.

Questão 5:

Entre **OA** e **OUA**, usar **OA**. Não existe palavra terminada em **OUA**.

Hein…?!?!

Questão 1:

alguém
sabem
também
vintém
imagem
trem
ninguém
além
sem
fuligem
aluguem
miragem
bobagem
aquém
tomem
bem
convém
sobem
refém
recém
origem
amarguem
quem
acém
chamem
item
assem
amem
vem
tem
amém
vêm
têm
ferrugem
dormem
homenagem
porém
cem
homem
comem

Questão 2:

EM → são paroxítonas
ÉM → são oxítonas
ÊM → são verbos na 3ª pessoa do plural
EIM → não encontramos nenhuma palavra

Questão 3:

Quando a palavra for paroxítona usamos a terminação **EM**; quando for oxítona usamos **ÉM**; quando for verbo na 3ª pessoa do plural usamos **ÊM**.

Não devemos usar **EIM**, pois não há palavras com essa terminação.

Formigando

Questão 2:

grupo 1: imseto – extremamemte – levamtar
grupo 2: tambéim – teim – Eim
grupo 3: crustáseos – esa – capasidade – relasão – masa – asim – iso

Questão 3:

grupo 1: o **M** foi usado no lugar de **N**.
grupo 2: o **I** foi colocado onde não havia.
grupo 3: o **S** foi usado no lugar de **C**, **SS**, **Ç**.

Questão 4:

grupo 1: Só se escreve **M** antes de **P** e **B**.
grupo 2: Nós falamos **EIM**, mas escrevemos **EM**. Não existem palavras com **EIM**.
grupo 3: O **S** entre vogais tem som **[Z]**, por isso nenhuma dessas palavras poderia ser escrita só com um **S**.

Vida de bacana

Questão 1:

Há uma vogal a menos	Há uma vogal a mais	Há troca de vogal por consoante ou vice-versa
mudou baleia abaixo tornou engordou cativeiro	bem paz boa pessoas vez	real entortou finalmente cobriu principal golfinhos

Questão 2:

mu-dou	a-bai-xo	en-gor-dou
ba-lei-a	tor-nou	ca-ti-vei-ro

Questão 3:

A última letra **i** ou **u** ficam juntas; o **a** fica separado.

Pássaro fujão

Questão 1:

Mensagem: o homem está destruindo a natureza e, em conseqüência, algumas espécies de animais estão em perigo de extinção.

Questão 2:

a) Sobraram interjeições e verbos.
b) Não, a mensagem não muda, pois os verbos e as interjeições conservam a mensagem da música.

Questão 3:

a) viúva, rouxinol, ave-fria, uirapuru, quero-quero, tié-sangue, cotovia, coleiro, saíra, utiariti, trigueiro, tié-fogo, tuim
b) viúva, rouxinol, uirapuru, cotovia, coleiro, saíra, utiariti, trigueiro, tuim
c) viúva, rouxinol, coleiro, saíra, trigueiro, tuim
d) viúva, saíra, tuim
e) saíra, tuim
f) tuim

MÓDULO VI — Pontuação

Algumas observações

Aprender a pontuar um texto é tarefa para uma vida inteira. São tantas possibilidades de jogos discursivos de pontuação que jamais terminamos. Além disso, pontuar exige um esforço de análise e síntese integrados, difícil, mas não impossível, de ser realizado pelos jovens escritores.

Como acontece com qualquer outro conhecimento, a pontuação vai se constituindo gradativamente dentro das crianças, sendo assimilada pouco a pouco, em um longo processo. Por isso nos preocupamos em desenvolver um trabalho que, em cada uma de suas etapas, respeitasse esse processo de aquisição, procurando ao mesmo tempo uma forma de otimizá-lo.

No trabalho desenvolvido nesta coleção, nossa postura foi, acima de tudo, analisar a pontuação como um objeto de reflexão que se articula com outros elementos da língua traduzindo sentidos e emoções. Compreendê-la é analisar o conjunto de situações **possíveis, impossíveis, prováveis** ou **pouco prováveis** dentro do **sistema** da língua.

Assim sendo, o trabalho de pontuação teve início no volume 1 quando, através da história *Príncipe Harum* (Manual do Professor, Módulo V), procuramos torná-la algo observável para as crianças. Naquele momento, nosso principal objetivo era que descobrissem a pontuação como um dos recursos possíveis para se traduzir a emoção por escrito.

Ainda no volume 1, conheceram o nome dos sinais de pontuação, foram apresentados à pontuação expressiva e à pontuação lógica e, dentro dessa última, começaram a refletir sobre quando é que se coloca uma pontuação interna em um parágrafo.

Como a pontuação com função expressiva logo se estabiliza, no volume 2 centralizamos a atenção sobre a pontuação interna ao parágrafo, que chamamos de lógica porque é a organizadora das idéias do texto. As vírgulas, os pontos e os travessões passaram a ser assunto cotidiano das salas de aula.

O trabalho desenvolvido no volume 2 teve por objetivo principal descobrir **onde** colocar uma pontuação: entre duas informações.

Acontece que, para sabermos como pensar para decidir **qual** das pontuações colocar, é preciso percorrer outros caminhos. Integrar **onde** e **qual** pontuação escolher foi o assunto central de nosso volume 3.

Esperamos que as crianças que tenham desenvolvido nosso trabalho até aqui estejam pontuando com a seguinte qualidade:

1- A pontuação está presente, a escolha de **onde** colocá-la é adequada na maior parte das vezes e a escolha de **qual** pontuação usar também.
2- Nem sempre há uma boa escolha, mas a pontuação está sempre ligada à significação do texto, e a tendência é ir aumentando a quantidade e variedade de pontuações adequadas, à medida que forem desenvolvendo o olhar para os jogos discursivos.

O trabalho que estaremos desenvolvendo neste volume tem exatamente o objetivo de ajudá-los a desenvolver esse olhar, levando-os a refletir sobre as escolhas de pontuação.

Todo o trabalho desenvolvido até então tem sido acompanhado de uma análise de **jogos discursivos** possíveis de se realizarem através da pontuação, procurando justamente mostrar para as crianças sua função textual. Quanto maior o desenvolvimento lingüístico da turma, mais o trabalho vai ficando entregue à sensibilidade do professor, que deve ir aproveitando as situações informais para discutir com a classe. Nos livros de *Leitura e interpretação de textos* desta coleção há várias propostas, mas **o aproveitamento das situações informais é fundamental para que essa forma de pensar a pontuação se estabilize**.

Apresentaremos a seguir algumas atividades específicas sobre a pontuação que se encontram no Livro do Aluno, volume 4, e que têm por objetivos:

1- Destacar usos pouco comuns de algumas pontuações, já conhecidas das crianças.
2- Criar situações para uma tomada de consciência das escolhas de pontuações que estão fazendo, a fim de rever possíveis conceitos errados ou ampliar conceitos só parcialmente compreendidos.

Briga de galo

Objetivos da atividade:

1- Apresentar a possibilidade de marcar a intercalação da fala do narrador dentro da fala do personagem por meio de **vírgulas** e não do travessão.
2- Destacar o uso das aspas para marcar:
   a) o uso expressivo de uma palavra ou expressão;
   b) um termo ou expressão da linguagem coloquial.
3- Mostrar o uso dos parênteses para isolar um pensamento ou um comentário do restante da narração.

Apresentamos um pequeno texto e pedimos que as crianças observem a função das pontuações destacadas por nós.

Questão 1:

Ao pedirmos que pintem de cores diferentes a fala dos personagens e a do narrador, evidenciamos a presença dos dois tipos de fala.

a) As vírgulas entre as duas falas têm a função de isolamento neste caso. Essa é uma forma cada vez mais difundida entre alguns autores de fazer a diferenciação entre narrador e personagem e que precisa ser compreendida pelas crianças para que possam interpretá-la ao lerem.
b) Qualquer dúvida que pudessem ter sobre a função da vírgula nesse trecho fica solucionada: o travessão com essa função é velho conhecido das crianças. Acreditamos que não haverá maiores problemas nessa questão.

Sugerimos que o professor proponha às crianças que encontrem algum texto literário que use a vírgula com essa função para que a descoberta se torne mais concreta e ligada à realidade.

Questão 2:

Destacamos dois termos que estão marcados por aspas: “bão” e “bom”. É da diferença de sentido entre os dois termos que vai surgir a confusão responsável pelo humor da piada. Temos aqui um duplo recurso: os dois sentidos de **bom** e a diferença de linguagem — culta e “caipira” — entrelaçadas, produzindo uma teia de sentidos e de humor. Que os alunos consigam enxergá-la é o nosso objetivo nessa questão.

Questão 2a:

Voltamos o olhar das crianças para a significação: o viajante perguntou qual era o melhor galo de briga, qual o "bom de briga".

Questão 2b:

O matuto respondeu qual era o "bonzinho".

Questão 2c:

Por que os dois termos estão entre aspas? Esperamos que percebam na situação I as aspas marcando um sentido dúbio, uma polissemia, enquanto na situação II elas aparecem marcando a fala de um matuto, uma forma de falar que não está de acordo com a norma culta. São as diferenças de sentido de “bão” e “bom” que criam a confusão e o humor da piada.

Questão 3a:

Os parênteses são formas possíveis de se marcar um comentário, um pensamento que acontece no meio de uma narrativa. É uma forma muito viva de expressão, que corresponde a um cochicho, a um gesto quando em uma situação viva. Assim sendo, saber como traduzir uma ação, uma intenção ou pensamento por escrito amplia largamente a possibilidade de comunicação das crianças.

Questões 3b e 3c:

“Tirar a barriga da miséria”, nesse contexto, é uma expressão que significa ficar rico e, como expressão popular, deve vir isolada por aspas. As aspas, nesse caso, marcam o fato de ser uma expressão e traduzem uma certa ironia nesse contexto. Como sempre, são usos e jogos. De sentidos, de emoções.

Pontuar para herdar

Objetivos da atividade:

1- Evidenciar o quanto a presença ou ausência, a escolha de uma ou outra pontuação modifica a significação.
2- Brincar com sentidos possíveis para um mesmo fato, exigindo acuidade de interpretação de texto.
3- Retomar em uma situação prática as pontuações já trabalhadas.

Apresentamos um pequeno texto, de brincadeira. Dependendo da pontuação a herança fica para uma pessoa diferente. O objetivo é conseguir descobrir como pontuar em cada situação.

Sugerimos que a atividade seja feita em pequenos grupos ou duplas e depois, no momento da correção, o professor solicita aos grupos que expliquem como pensaram nas diferentes situações. Mais uma vez, a grande sabedoria está em propiciar a discussão no momento da correção, e não em oferecer a solução correta, pura e simplesmente.

Papagaio preto?!?

Objetivos da atividade:

1- Utilizar todo o conhecimento já adquirido sobre pontuação para conferir sentido e emoção ao texto.
2- Trazer à tona possíveis conceitos ainda parcialmente compreendidos para que o professor possa, mais uma vez, ajudá-los a descobrir como pensar em busca de uma solução.

Sugerimos que essa atividade seja realizada em três etapas:

1ª) O professor pede que, como lição de casa, cada um tente pontuar o texto como acha que deveria ser.
2ª) No dia seguinte reúne as crianças em pequenos grupos (3 elementos é o ideal). O grupo discute como pontuou e chega a uma pontuação comum, que deve ser entregue para o professor. É importante que, ao longo da atividade, o professor vá circulando pela classe, escutando os comentários, as dúvidas e ajudando as crianças a pensar soluções.
3ª) O professor leva para casa os textos pontuados pelos grupos, analisa o que eles já descobriram e organiza os principais momentos de dúvidas sobre a pontuação para discutir as diferentes formas de solução com a classe. Depois confronta com a pontuação do autor do texto como outra solução possível e discute os jogos de sentido ao se escolher uma ou outra pontuação.

Mais uma vez nosso objetivo é a reflexão sobre os jogos de sentido, a mudança de intensidade ou destaque que a escolha de cada uma das pontuações propicia. O fornecimento puro e simples da solução correta não os ajuda a evoluir enquanto escritores.

Caso o professor ache necessário, deve criar outras situações para trabalhar as dúvidas específicas de seu grupo-classe.

Respostas das atividades do Módulo VI

Briga de galo

Questão 1:

personagem narrador

— Ô companheiro! Qual dos dois galos é o "bom"?, pergunta o homem, animado com a idéia de ganhar um dinheirinho fácil.

— O "bão" é esse pretinho, diz o matuto com risinho matreiro, disso eu tenho certeza.

a) Separa a fala do narrador da fala da personagem.
b) O travessão.

Questão 2:

a) O viajante queria saber qual dos galos era o melhor de briga/tinha mais chances de ganhar.
b) O matuto quis dizer que o galo pretinho era o bonzinho, de "boa índole" (não ser mau).
c) caso I – o "bom": está entre aspas porque tem mais de um sentido, é polissêmica; ou: as aspas têm a função de chamar a atenção para a palavra **bom**, pois essa palavra desencadeará toda a confusão da piada e o desfecho cômico.
caso II – "bão": está entre aspas porque é a forma como o matuto fala, a reprodução da sua linguagem simples, humilde.

Questão 3:

a) Para indicar um pensamento do personagem.
b) Tirar a barriga da miséria: faturar, ganhar muito dinheiro.
c) "Tira a barriga da miséria" é uma expressão e as aspas têm a função de destacar a expressão.

Pontuar para herdar

1 - Deixo meus bens à minha irmã. Não ao meu sobrinho, jamais ao mordomo. (Outras possibilidades **!** e **.** ou **;** e **.**)
2 - Deixo meus bens: à minha irmã não; ao meu sobrinho. Jamais ao mordomo.
3 - Deixo meus bens: à minha irmã não, ao meu sobrinho jamais.(!) Ao mordomo.
4 - a) — Como comes?
— Como como? Como como comes!
b) Como comes como como, como como comes!
(Estas são duas possibilidades. Aceitar outras, desde que tenham sentido.)

Papagaio preto?!?

Apresentamos o texto original. O professor pode e deve aceitar soluções diferentes.

Num fim de tarde, quando os trabalhos já estavam terminados e o brigue pronto para voltar às suas aventuras, o capitão Barba-Suja resolveu tirar uma soneca, descansando na praia à sombra de um coqueiral.

Gozando da brisa fresca que soprava do mar, não viu quando um urubu pousou no seu ombro. Meio adormecido, sentiu o peso da ave, mas não abriu os olhos de imediato. Só o fez quando o bicho lhe deu uma violenta bicorada no cocuruto. Para um bravo pirata dos sete mares era demais! Barba-Suja abriu os olhos e seus dentes trincaram de raiva. Quem teria tido a coragem de interromper-lhe o sono? Olhou de lado e viu a ave que, inconformada com a dureza da cabeça do homem, tentava a segunda bicorada.

— Ah! É você?

Barba-Suja não tinha mais raiva. Levantou as mãos e segurou o animal, que se deixou agarrar sem nenhuma reação. O pirata pôs o urubu no chão e esfregou os olhos espantado. Disse brincando:

— Ué, papagaio preto eu nunca vi. Todos os meus colegas piratas andam sempre com papagaios verdes, e o que me aparece é preto!

Barba-Suja estendeu a mão para acariciar a cabeça do animal, mas este esquivou-se. Então ele falou brandamente:

— Não tenha medo, filhinho, não vou me vingar da bicorada que você me deu. Venha cá…

Desinteressado da conversa, o urubu começou a afastar-se, mas o homem meteu a mão no bolso da calça e de lá tirou um pedaço de carne salgada, que foi cortando e jogando a pequena distância.

— Veja se gosta disto.

O urubu avançou e num instante foi comendo os nacos espalhados na areia. Quando acabou ficou olhando e esperando mais. Barba-Suja desculpou-se:

— Acabou, meu velho. Se quiser, tenho mais lá no meu navio.

Disse e levantou-se, começando a andar em direção ao mar, distante cerca de duzentos metros.

MÓDULO VII — Substantivos e locuções adjetivas

Algumas considerações

Criamos este módulo com o objetivo de dar continuidade ao trabalho com classes gramaticais, retomando alguns dos conceitos trabalhados no volume 3 e expandindo a idéia de relação: duas palavras que, separadamente, pertencem a uma determinada classe (preposição e substantivo) quando relacionadas formam uma **locução adjetiva**.

O professor pode aproveitar as atividades para perguntar como a criança pensou para chegar à conclusão que elaborou, a fim de ajudá-la a organizar os conceitos que ainda estiverem confusos.

Para iniciar a análise, sugerimos que o professor reúna as crianças em pequenos grupos e peça que realizem a atividade **Chuvas inundam de vida o Pantanal**.

Chuvas inundam de vida o Pantanal

Objetivos da atividade:

1- Perceber que a preposição **de** pode ligar substantivos a substantivos.
2- Compreender a estrutura da locução adjetiva.

Iniciamos com esse texto e trabalharemos com outras informações sobre o Pantanal. O professor pode aproveitar a ocasião para discutir com as crianças não só o conteúdo dessas informações, mas também a importância de cada um de nós se sentir responsável pela preservação do ecossistema dessa região brasileira.

Questão 1:

Essa é uma questão objetiva. Circular os DE, DA(S), DO(S) do texto pede apenas reconhecimento. Porém, ela permite que os alunos observem uma característica fundamental dessa preposição: a freqüência com que é usada. Peça que observem a quantidade de preposições DE que aparecem nos textos: ela é a preposição mais freqüente sempre, não apenas neste texto que estão lendo. Por isso mesmo, compreender seu uso e os sentidos que pode assumir abre um leque fundamental de possibilidades de ação sobre a língua e de compreensão de sua estrutura.

Questão 2:

Essa é uma questão bastante desafiadora. Na maior parte das situações do texto as palavras relacionadas são imediatamente anteriores ou posteriores à preposição, o que facilita o reconhecimento dos termos relacionados. No entanto, acreditamos que nos segmentos *planície alagável das Américas, parte brasileira do Pantanal* e *atrai aves dos dois hemisférios* esse reconhecimento seja mais complicado. Deixamos as três situações propositadamente para que os alunos percebam que nem sempre os termos relacionados pela preposição são vizinhos a ela, pois a tendência natural deles é pensar que sempre tem que ser assim. Sugerimos que, nas três situações, o professor peça aos alunos que pensem as palavras duas a duas, observando a quem elas se referem. Por exemplo, *das Américas* modifica *a planície* ou *das Américas* modifica *alagável*? Se eu disser *planície das Américas* tem sentido? E se eu disser *alagável das Américas* tem sentido? É interessante que eles percebam que eu estou dizendo duas coisas das planícies: 1- que são alagáveis; 2- que são das Américas.

Esse tipo de análise, que pode parecer desnecessária à primeira vista, vai preparando as crianças para uma interpretação de texto mais eficiente, além de habilitá-las para um pensamento sintático, que será pedido a elas em séries posteriores.

Caso os alunos achem difícil, não se preocupe. Nossa intenção é problematizar, mesmo que eles não consigam compreender tudo ao mesmo tempo.

O exercício de buscar os termos relacionados é fundamental para que compreendam as relações estabelecidas. Assim, ao compreendê-las, perceberão a variedade, a riqueza e a necessidade de pensar nas relações entre os elementos do mundo.

Questão 3:

Acreditamos que não terão dificuldade para reconhecer que são substantivos. Nosso objetivo é prepará-los para perceber que temos aí locuções adjetivas.

Questão 4:

Completa a 3. Aproveitamos a ocasião para lembrar ao professor a importância de aproveitar as dúvidas e os erros das crianças ao fazerem a atividade, para perguntar-lhes *Como você pensou para chegar a essa conclusão?*, pois é nesse momento que o professor pode compreender o que estão pensando e saber qual a interferência necessária para aprimorar o conceito.

Uma vez que as palavras relacionadas pela preposição já estão sublinhadas (questão 2), as crianças terão apenas que verificar se são substantivos ou não. É, novamente, um momento para revermos o conceito de substantivo, aprimorando-o.

Questão 5:

Pedimos que sublinhem as locuções para ficar evidenciado que a locução é formada por **preposição + substantivo** e não pela expressão toda destacada por nós (substantivo + preposição + substantivo).

Nesse momento o professor deve estar atento a esse detalhe para "limpar" possíveis confusões conceituais.

Questão 6:

O professor deve esperar que as crianças digam com suas palavras o que é uma locução adjetiva. Esperamos que digam algo mais ou menos assim: *Locução adjetiva são duas ou mais palavras* ***que valem por um adjetivo****. Ela é formada por uma preposição mais um substantivo. Ou: Locução adjetiva é uma preposição mais um substantivo* ***que têm a função ou o valor de um adjetivo****.*

Conforme as crianças forem sugerindo a definição, ajude-as, por meio de perguntas, a buscar os termos mais precisos para redigi-la.

Questão 7:

Uma das observações mais importantes a ser feita por eles nesse momento é que a locução adjetiva tem que se referir sempre a um substantivo. Destacamos a expressão "*inundam de vida*" porque *de vida* é formada por uma preposição mais um substantivo, mas como não se refere a um substantivo e sim a um verbo, não pode ser locução adjetiva. Acreditamos que essa questão gere polêmica.

Caso surja discussão entre as crianças, o professor pode ir ajudando-as a pensar assim: *Locução adjetiva não é uma preposição mais um substantivo que vale por um adjetivo? Pois bem, o que é um adjetivo?* O conceito de adjetivo que as crianças trabalharam é: Adjetivo é uma palavra variável que informa como o substantivo é. *Para ser adjetivo não tem que estar se referindo a um substantivo?* Inundam *é um substantivo?* De vida *pode ser, então, locução adjetiva?*

Acreditamos que, se o professor for conduzindo o pensamento delas para que observem essas relações essenciais, as crianças não terão problema em se apropriar delas.

A preposição DE e a ortografia

Como um dos erros de grafia ainda presentes nos textos analisados por nós é relacionado à compreensão do DE como preposição ou não, preparamos uma atividade com a finalidade de trabalhar essas questões ortográficas. Focalizaremos o uso das expressões: *de repente, depois, debaixo* x *de baixo, desde, demais* x *de mais.*

Caçada ecológica

Objetivos da atividade:

1- Trabalhar com a significação das palavras que as crianças ainda escrevem aglutinadas ou segmentadas indevidamente.
2- Perceber a existência de algumas palavras que podem ser antecedidas da preposição DE e por isso são confundidas com outras que são iniciadas por *de*. Exemplos: *de mais* e *demais*.

Procurar palavras arrumadas no diagrama em forma de L representa um desafio a mais para o jogador: ele terá que trabalhar com mais uma variável. Várias palavras que podem ser formadas não serão utilizadas, o que aumenta o espectro da escolha. Poderão formar *ente, pente, repente, mais, demais, pois, depois, desde, baixo, debaixo, riso, leis,* mas nem todas estão em formato de L ou podem, pelo sentido, ser usadas nos trechos apresentados, portanto, nem todas valem.

A partir do significado exigido pelos períodos dados, os alunos terão que escolher as palavras adequadas. Sugerimos ao professor que aproveite algumas dúvidas que possivelmente surgirão durante a execução, como por exemplo: o primeiro período poderia ser completado por *depois* ou *de repente*. Acontece que o DE já aparece escrito e quem achar que *depois* é escrito separado talvez complete com *de pois* e quem achar que *de repente* é junto (“derepente” ou “derrepente”) achará que a palavra *repente* não caberá lá. Nesses momentos, o desejo de descobrir a solução por parte das crianças já está instalado, e o professor pode aproveitar para discutir a inexistência dos termos que elas imaginam corretos.

No terceiro período a palavra a ser usada é *debaixo*, que elas costumam achar que é escrito separadamente, à semelhança de *de cima.* Aproveite para discutir a diferença de sentido entre *de baixo (Ele costuma usar palavras de baixo calão quando fica nervoso.)* e *debaixo (Seus sapatos estão debaixo da cama!).* Esses mesmos comentários valem para a última palavra a ser completada, *demais*, que eles escrevem separado por confundirem com *de mais (Ela é a filha de mais idade. Todos acham que ela é linda demais.)* É no confronto das formas de grafar e seus significados que eles poderão tomar consciência dessas palavras e deixar de confundi-las.

Depois da preposição DE a classe gramatical que costuma ser mais freqüente é a dos substantivos. Substantivo + preposição + substantivo forma um substantivo + locução adjetiva. Por essa razão voltaremos nosso olhar para eles e iniciaremos o módulo Gênero dos substantivos: flexão e concordância. Aconselhamos o professor a aproveitar as situações informais que surgirem para retomar os conceitos já trabalhados, estabelecendo novas relações.

Respostas das atividades do Módulo VII

Chuvas inundam de vida o Pantanal

Questões 1 e 2:

A água é a vida **do** Pantanal. A cada seis meses, o regime **das** chuvas determina a cor e a cara **da** região, encravada entre Mato Grosso e Mato Grosso **do** Sul.

A cada seis meses, as chuvas transformam o Pantanal mato-grossense na maior planície alagável **das** Américas: refúgio extremamente importante e rota **de** migração **de** aves **do** planeta. Com quase 140 mil quilômetros quadrados, ou aproximadamente 140 vezes a cidade **de** São Paulo, a parte brasileira **do** Pantanal atrai aves **dos** dois hemisférios: desde os EUA até o sul **da** Argentina.

Por isso o Pantanal está entre as regiões preferidas **de** um grupo seleto **de** pessoas que chegam **de** todas as partes **do** mundo apenas para ver e escutar o canto **das** aves: os *birdwatchers*.

É ali também que se refugia a maior arara **do** mundo: a arara-azul, em perigo **de** extinção.

Embora tenha recebido o nome, o Pantanal não é um grande pântano. Ao contrário. Chamada Melgaço pelos portugueses até 1850, a região lembra mais um mosaico **de** vegetações, que vão desde paisagens parecidas com as encontradas na floresta Amazônica aos campos abertos, ideais para a pecuária.

Por ser tão diverso, o ecossistema foi chamado pelos cientistas **de** complexo **do** Pantanal.

Questão 3:

$$\begin{array}{ccc} \ldots\ \underline{\text{vida}} & \textcircled{\text{do}} & \underline{\text{Pantanal}}\ldots \\ \downarrow & & \downarrow \\ \underline{\text{substantivo}} + & \text{do} + & \underline{\text{substantivo}} \end{array}$$

Questões 4 e 5:

regime das chuvas
cara da região
Mato Grosso do Sul
planície das Américas
rota de migração

aves do planeta
cidade de São Paulo
parte do Pantanal
aves dos hemisférios
sul da Argentina
mosaico de vegetações

Não incluímos a expressão *migração de aves* na resposta pois *de aves* é um complemento nominal.

Como acreditamos que as crianças vão incluí-la, aconselhamos o professor a aceitar, por ora, esta inclusão, pois discutir a distinção locução adjetiva x complemento nominal exigiria uma reflexão impossível e inútil para essa faixa etária.

Questão 6:

As crianças poderão definir com suas palavras. Acreditamos que dirão algo mais ou menos assim: **Locução adjetiva** são duas palavras que valem por um adjetivo. É formada por **preposição + substantivo** e se refere sempre a um substantivo.

Questão 7:

a) inundam — verbo
de — preposição
vida — substantivo

b) Não.
Porque a locução adjetiva se refere a um substantivo e essa expressão se refere a um verbo.

Caçada ecológica

D	O	D	E	I	S	T	A
E	D	E	S	D	E	P	R
R	E	**B**	R	E	S	D	P
E	M	**A**	I	P	D	E	M
P	A	**I**	S	O	E	P	O
E	R	**X**	**O**	I	L	O	I
N	T	E	L	S	E	I	S

1

Ao entardecer, você começa a ver os bandos de arara-canindé chegando do buritizal, e já fica deslumbrado com o azul das costas. De *repente* as araras parecem frear para pousar nas árvores, e você perde o fôlego ao se deparar com aquele amarelo contra o sol. Essa beleza só se manifesta em liberdade, porque, em cativeiro, não existe a emoção dessa troca rápida de colorido.

2

Entre 2 500 e 5 000 araras-azuis vivem atualmente em pequenas populações, *desde* o sul do Pantanal brasileiro até o limite inferior da floresta Amazônica.

3

Boa parte do Pantanal mato-grossense fica *debaixo* d'água durante a época das chuvas que ocorrem a cada seis meses.

4

Os *birdwatchers*, ou observadores de aves, entram silenciosamente na mata com um gravador à mão. Primeiro escolhem um lugar adequado, ligam o aparelho que reproduz o canto de uma ave que querem observar e *depois* se escondem. A ave, achando que existe outra da mesma espécie por perto, se "aproxima".

5

A região pantaneira possui clima tropical. Há dias em que a temperatura chega a atingir 40 ºC. Vê-se que é um clima quente *demais*.

6

Além de ser o país que possui a maior quantidade de espécies de psitacídeos (araras, papagaios, periquitos) no mundo – cerca de setenta –, o Brasil certamente poderia ostentar um outro título: o de *mais* eficiente na colocação de um número crescente dessas aves na lista dos animais ameaçados de extinção.

7

As regiões de clima tropical, como a do Pantanal, apresentam alto índice pluviométrico. As médias anuais de chuvas, nessas regiões, chegam a atingir mais de 2 000 mm. Já as regiões de clima temperado, como a Patagônia, na Argentina, apresentam *baixo* índice pluviométrico: as médias anuais de chuvas ficam entre 250 e 500 mm.

MÓDULO VIII — Gênero dos substantivos: flexão e concordância

1º momento – A flexão de gênero dos substantivos

Para compreender como os substantivos se comportam quanto ao gênero, sugerimos que o professor proponha às crianças que, como lição de casa, procurem substantivos em vários portadores de textos. É importante que esses portadores sejam os mais variados para que tenhamos uma amostra rica.

No dia seguinte, reunidos em grupos, todos juntam suas palavras (estamos imaginando que cada grupo traga umas 50 ou 60 palavras ao todo), escrevem-nas em pequenos retângulos de papel, como já fizeram muitas outras vezes nas pesquisas ortográficas, e o professor pergunta:

– Todos os substantivos têm gênero, ou seja, estão no masculino ou feminino?

Poderão verificar e constatar que sim.

– Para todos os substantivos existe uma forma no masculino e outra forma no feminino? Vamos pesquisar?

O professor pede que escrevam o masculino ou o feminino de cada uma das palavras no **próprio retângulo de papel**. Continua em seguida a investigação.

A primeira coisa que salta aos olhos das crianças é o fato de que **a maior parte dos substantivos não varia em gênero**. O professor pede, então, que separem as palavras em dois grupos:

Grupo 1- substantivos que **variam** em gênero;

Grupo 2- substantivos que **não variam** em gênero.

É possível que surja alguma dúvida aqui. As crianças podem ficar sem saber se consideram como variação de gênero quando o substantivo não muda, mas muda o artigo (o dentista/a dentista), ou a palavra que vem depois – macho/fêmea –, pois a variação se dá por meio de outra palavra e não por meio de uma mudança **no próprio substantivo**. Surgindo a dúvida, sugerimos que os alunos coloquem esses substantivos no grupo dos que **variam**, pois existem no masculino e no feminino.

Outra confusão possível de acontecer é as crianças colocarem palavras como *a porta/o porto; a casa/o caso* como variação de gênero. Caso isso aconteça, aponte-lhes a importância de se observar o significado. Com certeza um não pode ser o masculino e o feminino do outro!

A partir daí o professor vai fazendo perguntas e pedindo que verifiquem a resposta no seu grupo de palavras:

*– O que existe em maior quantidade? Substantivos que **variam** ou substantivos que **não variam** em gênero?*

Constatarão que há muito mais substantivos que **não** variam em gênero.

*– Analisem as palavras que **variam** em gênero. O que elas têm em comum **quanto ao significado**?*

Poderão verificar que todas nomeiam pessoas, animais ou profissões. Ou poderão observar que **todas nomeiam seres que têm sexo.**

*– Observem agora as palavras que **não variam** em gênero. O que elas têm em comum **quanto ao significado**?*

Os alunos costumam dizer que elas dão nome às outras coisas, a tudo menos pessoas, animais e profissões.

Às vezes há crianças que têm em sua amostra de palavras substantivos **sobrecomuns**, ou seja, substantivos que não variam em gênero mas se referem a pessoas ou profissões. Exemplo: *a vítima*. Nesse caso o professor pede aos alunos que separem as palavras em três colunas:

1- substantivos que nomeiam **seres que não têm sexo**. Exemplos: *parede, telefone,* etc.
2- substantivos que nomeiam **seres que têm sexo e existem no masculino e no feminino**. Exemplos: *menino(a), pai/mãe, o estudante/a estudante.*
3- substantivos que nomeiam **seres que têm sexo mas não variam** (ou que deveriam variar, mas não variam). Exemplos: *a vítima*, *o ídolo*, *a testemunha*.

O professor registra com as crianças no Caderno de Descobertas: **a maior parte dos substantivos nomeia coisas que não têm sexo e, portanto, não variam em gênero**. Pede que guardem as palavras já analisadas em envelopes e observem os substantivos que **variam** em gênero.

2º momento – Descobrindo como flexionar o gênero dos substantivos

Como o número de substantivos que variam em gênero é reduzido, provavelmente cada grupo de crianças ficará com uma pequena amostra de palavras, o que impedirá a continuação da análise por falta de amostra. Por essa razão, sugerimos que, nesse momento, o professor peça que, como lição de casa, procurem mais **substantivos que nomeiam profissões ou seres que têm sexo** e, como foi feito anteriormente, que escrevam no mesmo retângulo de papel a forma masculina e a feminina de cada palavra, quando houver (os sobrecomuns não variam, não se esqueçam disso).

Ampliada a amostra, no dia seguinte reúnem-se novamente em equipes e o professor pede que pintem **nas palavras** o que foi mudado para indicar a variação de gênero. Exemplos:

jacaré **macho**/jacaré **fêmea**	espanhol/espanhol**a**
o dentista/**a** dentista	**homem**/**mulher**
abad**e**/abad**essa**	artes**ão**/artes**ã**
r**éu**/r**é**	av**ô**/av**ó**

Se os alunos usarem cores diferentes, isto é, uma cor para cada forma de indicar a variação, no final, o trabalho de classificar as palavras pode se tornar muito mais fácil. Por exemplo, pintando as palavras *macho/fêmea* de uma cor; os artigos *o/a* de outra cor; os finais E/ESSA, ÉU/É, A, ÃO (Ã), Ô/Ó de outra cor e as palavras completas *homem/mulher* de outra cor.

Gostaríamos de fazer uma ressalva aqui. Há divergência entre os autores de Gramática em relação à definição de substantivo sobrecomum. Alguns dizem que são substantivos que apresentam **uma só forma para os dois gêneros** (Francisco Platão Savioli, Faraco & Moura, Roberto Melo Mesquita, Luiz Antonio Sacconi, Hildebrando A. de André, Said Ali); outros dizem que são substantivos que apresentam uma só forma para designar **pessoas**, ou que "aplicam-se indiferentemente a **homem ou mulher**" (Napoleão Mendes de Almeida, Rocha Lima, Ernani Terra, Domingos Paschoal Cegalla, Celso Cunha, Celso Pedro Luft).

Como nenhum deles discute especificamente como seriam classificados quanto ao gênero substantivos como *bicho*, e divergem entre si na classificação de substantivos como *monstro* e *animal*, que alguns consideram como sobrecomuns e outros se omitem, adotaremos a posição de considerá-los como **sobrecomuns** por coerência interna com o trabalho que vem sendo desenvolvido na coleção **Construindo a escrita**.

Após a ampliação da amostra, procede-se a nova classificação das palavras e novamente os alunos observam **como a variação foi indicada**. O professor pergunta:

– *Quais os recursos que se têm para organizar o gênero dos substantivos?*

As crianças poderão observar que em alguns substantivos a variação de gênero provocou uma mudança **em parte da palavra**, em outros, a palavra **toda** mudou; houve, ainda, substantivos que não mudaram em nada, o que mudou foi algo **fora** deles. Outros, ainda, **não variaram**. Vamos organizar as palavras, portanto, em **quatro** grupos:

1- Substantivos que não mudam. São os **sobrecomuns**.
2- Substantivos em que há mudança apenas em parte da palavra. São os **biformes**.
3- Substantivos em que há mudança na palavra toda. São os substantivos de radicais diferentes e que chamaremos de **irregulares**.
4- Substantivos que não mudaram, mas mudou algo fora deles. São os **epicenos** e os **comuns-de-dois**.

O professor vai, então, analisando cada uma das colunas com as crianças. Diante da coluna 1 pode dizer, por exemplo, que os gramáticos deram o nome de **sobrecomuns** aos substantivos que formavam o gênero daquela maneira. O que são, então, substantivos sobrecomuns? As crianças analisam suas palavras e ditam a definição para o professor, que vai escrevendo na lousa para que eles possam, depois, copiá-la no Caderno de Descobertas. Esperamos que digam algo mais ou menos assim:

Substantivos sobrecomuns são aqueles que nomeiam seres que têm sexo mas só existem em uma forma, não variam nunca, ou são aqueles que têm uma só palavra para nomear seres do sexo masculino ou feminino. Exemplo: *a vítima*.

O professor passa, em seguida, à coluna 4 e pede que as crianças observem as palavras. Será que todas variaram da mesma forma? Como a maneira diferente de variar irá se impor às crianças, o professor sugere-lhes que dividam os substantivos em dois grupos:

1- dos que usaram o **artigo** para diferenciar o masculino e o feminino;
2- dos que usaram os termos *macho/fêmea* para diferenciá-los.

Diz, então, o nome dado pela Gramática a cada grupo e pede que analisem as características das palavras para definir os termos dados. Novamente as crianças vão ditando a definição, o professor vai escrevendo na lousa e os alunos registrando no Caderno de Descobertas. Esperamos que as crianças digam algo mais ou menos assim:

Substantivos epicenos são aqueles que usam as palavras *macho* e *fêmea* para indicar o masculino e o feminino. São sempre nomes de animais. Exemplos: *jacaré macho* e *jacaré fêmea*.
Substantivos comuns-de-dois são os que indicam o masculino e o feminino pelos artigos **o**/**a**. Referem-se sempre a pessoas ou profissões. Exemplos: *o dentista*, *a dentista*.

O professor diz em seguida que os substantivos das colunas 2 e 3 são chamados **biformes**. O que seriam substantivos biformes? Acreditamos que as crianças não terão dificuldade em observar que são os que têm duas formas, uma para o masculino, outra para o feminino, com mudanças em parte da palavra ou em toda a palavra. Caso a definição não surja espontaneamente, sugerimos que o professor destaque a forma como essa palavra foi formada: bi (2) + forma: *biformes*.

Em seguida, o professor passa a analisar todas as formas como os substantivos variaram.

3º momento – Observando os substantivos biformes

Ao observar as diferentes formas de como os substantivos indicam o masculino e o feminino, poderão concluir que:

1- A maior parte dos substantivos termina em O no masculino. **Feminino ⟶ – O + A.** Exemplo: *menino/menina.*
2- O masculino termina por consoante (Z, S, L). **Feminino ⟶ masculino + A.** Exemplo: *juiz/juíz**a**, freguês/fregues**a**, deus/deus**a**, espanhol/espanhol**a**.*
3- Substantivos terminados por OR. **O feminino pode ser ⟶ masculino + A** ou **– dor + TRIZ** ou **– or + EIRA**. Exemplos: *cantor/cantor**a**, imperador/impera**triz**, cantador/cantad**eira**.*
4- Substantivos que terminam por ÃO. **Feminino ⟶ Ã, ONA, OA.** Exemplos: *anão/an**ã**, leão/le**oa**, solteirão/solteir**ona***
5- Em alguns casos a palavra toda muda. Exemplo: *pai/mãe, bode/cabra.*
6- Alguns, independentemente da terminação no masculino, no **feminino** têm as terminações **esa, essa, isa.** Exemplos: *barão/baron**esa**, abade/abad**essa**, poeta/poet**isa**.*
7- Alguns têm uma forma especial: *herói/heroína; maestro/maestrina; europeu/européia; réu/ré.*

Concluída a investigação, o professor registra as regras levantadas pelos alunos no Caderno de Descobertas e passa aos exercícios de sistematização do livro.

Gostaríamos de ressaltar, mais uma vez, que nosso objetivo **não** é que as crianças decorem todas essas regras de formação do gênero de substantivos, nem a terminologia específica relativa a esse conteúdo. A intenção da abordagem é que os alunos percebam que existe um sistema organizador da flexão do substantivo em gênero, de acordo com a nossa tese de que a construção da língua passa pela compreensão de suas leis de organização interna.

Pare!

Temos novamente a estrutura do jogo de *Stop*.

Objetivos da atividade:

1- Sistematizar as regras de flexão em gênero dos substantivos descobertas na pesquisa.
2- Levantar um número grande de palavras, do próprio vocabulário dos alunos, que obedeçam às regras levantadas.
3- Acionar o vocabulário passivo das crianças, ampliando-o.
4- Retomar a divisão silábica trabalhada nos volumes anteriores.

O objetivo do jogo é que cada equipe escreva o maior número possível de substantivos femininos em cada espaço.

Passos do jogo:

1- O professor divide a classe em grupos de 3 ou 4 elementos.
2- Pede que os alunos leiam a legenda que está no Livro do Aluno e esclarece qualquer dúvida que possam ter quanto ao sentido dos símbolos utilizados. É importante deixar claro que no jogo as palavras devem ser escritas **no feminino**, menos os sobrecomuns (5ª coluna).
3- Estipula o tempo de duração do jogo (sugerimos aproximadamente 20 minutos).
4- Explica como se dará a contagem dos pontos:
   – **1** ponto por palavra escrita por mais de um grupo.
   – **2** pontos por palavra escrita apenas por um dos grupos.
   – **0** ponto por palavra com erro de grafia, de classificação silábica, classe gramatical ou formação de gênero.
5- Por último, o professor pede que os alunos completem o espaço do campo 1 com **palavras trissílabas** e do campo 2 com **palavras polissílabas**.
6- Na tabela, o espaço do campo 2 – femininos de substantivos polissílabos terminados por ão no masculino (_ÃO – O) – foi eliminado porque é difícil encontrar palavras desse caso.
7- Vence a equipe que alcançar o maior número de pontos.

O susto

Objetivos da atividade:

1- Sistematizar as formas de flexão de gênero.
2- Mostrar o uso do travessão com função de isolar um comentário, uma explicação.

É uma atividade simples, que pode ser feita como lição de casa.

Questão 1:

Usamos a nomenclatura para que as crianças possam se acostumar a ela, mas nosso objetivo é que saibam perceber os diferentes tipos de formação de gênero dos substantivos. Alertamos o professor para que observe, durante a correção, se há crianças confundindo **substantivos de um único gênero** com **sobrecomuns**. Caso isso ocorra, aproveitar a situação para diferenciá-los: os sobrecomuns nomeiam **seres sexuados** e os de gênero único, **seres assexuados**.

Gostaríamos de ressalvar que não sublinhamos o substantivo *clientela* por não termos conseguido encontrar qual seria sua classificação. Não pode ser de um só gênero por se referir a seres sexuados; não pode ser sobrecomum por se referir a um **conjunto** de seres. No mesmo caso encontramos os substantivos *humanidade*, *classe*, *equipe*, *multidão*, etc., ou seja, todos os coletivos que se referem a seres sexuados. Caso algum aluno levante a polêmica, sugerimos que o professor compartilhe com ele a dificuldade de classificação. Nossa posição é a de que a classificação mais provável seja a de **sobrecomuns**, mas, caso tenha uma posição pessoal teórica definida, que trabalhe com ela.

Dada a complexidade da discussão teórica que teríamos que desenvolver, resolvemos nos omitir e deixar essa questão, com esse nível de reflexão, para séries posteriores.

Questão 2a:

Os travessões estão isolando um comentário, uma informação secundária, uma explicação, uso menos freqüente desse sinal de pontuação.

Questão 2b:

Acreditamos que os parênteses também possam cumprir esse papel. As vírgulas seriam possíveis, mas por serem uma forma mais sutil de pontuação, talvez as crianças não cheguem a perceber. Novamente alertamos o professor para a importância de trabalhar com possibilidades e jogos de sentido a partir da escolha, e não com simplesmente certo ou errado.

4º momento – Concordância em gênero dos substantivos

No momento em que passamos a analisar o substantivo dentro do texto, flexionando-o em gênero, e começamos a observar o que essa mudança transforma no texto, verificamos que uma cadeia de palavras se transforma junto. O que se transforma, como e quando há essa transformação?

Para iniciarmos essa análise preparamos uma atividade intitulada **Ele ou ela?**

Ele ou ela?

Objetivos da atividade:

1- Perceber que classes gramaticais se transformam quando flexionamos o substantivo em gênero.
2- Perceber que há outras classes que não mudam com essa transformação.

Questão 1:

Queremos que percebam que o gênero foi alterado.

Questão 2:

Ao circularem as palavras que foram alteradas, os alunos as estão destacando. A partir daí é mais fácil refletir sobre as transformações.

Questão 2a:

Ao retirarem as palavras, verificarão que artigos, adjetivos, substantivos e pronomes também mudaram.

Questão 2b:

É uma questão desafiadora. As palavras acima se transformaram porque todas elas se referem a *Raimundo/Raimunda*; se muda o gênero do substantivo, mudam as palavras que se referem a ele.

Questão 3a:

Aqui destacamos que *severo* não se transformou porque se refere a outro substantivo *(mestre)* e não a *Raimunda*. Nosso objetivo é alertar os alunos de que é necessário estarmos sempre atentos à significação ao fazermos a concordância, pois ela – a significação – é que define o que se transforma ou não no texto.

Questão 3b:

O pronome, no entanto, mudou de *ele* para *ela* porque substitui o nome *Raimundo/Raimunda*. Se o gênero do nome foi mudado, o gênero do pronome também tem que mudar.

Questão 4:

Os alunos deverão observar que nem todas as palavras que se referem ao substantivo se transformam; umas porque são invariáveis em gênero, como no caso desses adjetivos (*alegre* e *mole*), outras pelo sentido, como no caso de algumas locuções adjetivas.

Questão 5:

Queremos que observem que os verbos não se alteram quando alteramos o gênero do substantivo. Isso será trabalhado mais adiante quando pedirmos a alteração em número, e nesse caso o verbo também se alterará.

Questão 6:

As crianças fizeram uma série de transformações e reflexões. Conseguir organizar as observações que fizeram e tomar consciência do que aprenderam é nosso objetivo. Acreditamos que vale a pena o professor responder a essa questão com a classe toda. Cada um vai dizendo o que aprendeu, o professor vai ajudando a organizar esse conhecimento, a escolher uma boa forma de redigir, e depois todos copiam (ou o professor pode escrever, xerocar e distribuir para a classe). É importante que, de uma forma ou de outra, essas conclusões sejam registradas no Caderno de Descobertas.

Concluída esta atividade, sugerimos que o professor peça aos alunos que flexionem em gênero outros trechos, à sua escolha. Aconselhamos que sejam parágrafos curtos, e que o professor faça a transformação antes, pois nem todos os trechos são adequados para esta atividade.

Sugerimos, também, que ela seja realizada primeiramente em duplas, e as seguintes, individualmente. A freqüência desse tipo de exercício deve ficar à escolha do professor, dependendo da necessidade de sua classe.

Respostas das atividades do Módulo VIII

Pare! — Respostas

Sugestões

	Δ + A	Δ – O + A	_ÃO – O	A Δ O Δ	O/A Δ	≠
CAMPO 1 trissílabas	pastora juíza autora cantora pintora autora etc.	escrava palhaça roqueira menina médica etc.	capitã tecelã escrivã cidadã anciã espiã etc.	regente gerente banhista lojista doente hóspede servente artista selvagem agente etc.	pessoa vítima criança pessoal ídolo carrasco cadáver manequim cônjuge verdugo sujeito etc.	rainha ovelha cadela abelha madrasta madrinha etc.
CAMPO 2 polissílabas	apresentadora torcedora navegadora diretora escultora administradora professora instrutora etc.	inquilina motoqueira bailarina faxineira açougueira engenheira advogada etc.		viajante pianista desenhista alpinista trapezista motorista camarada colegial jornalista imigrante indígena	criatura testemunha ordenança sentinela indivíduo apóstolo etc.	amazona

O susto

Questão 1:

a) hipopótamo
b) dentista, recepcionista
c) bicho
d) selva, centro, cidade, boca, janela

Questão 2:

a) Eles separam um comentário do narrador, uma informação secundária ou acessória, ou uma explicação, uma observação.
b) Poderiam ser empregados parênteses ou vírgulas.

Ele ou ela?

Questão 1:

Mudou o gênero do substantivo. Ou: Mudou de *Raimundo* para *Raimunda*.

O personagem do texto (o substantivo e as palavras que se referem a ele) foi passado (foram passados) para o feminino. Ou: O texto que falava de um personagem masculino passou a ser um texto que fala de um personagem feminino.

Questão 2:

Raimunda, esta, garota, aplicada, uma, menina, fina, pálida, ela.

a)

Palavras	Classe gramatical
Raimunda	substantivo
esta	pronome
garota	substantivo
aplicada	adjetivo
uma	artigo
menina	substantivo
fina	adjetivo
pálida	adjetivo
ela	pronome

b) As palavras que se transformaram se referem a Raimunda. Foi necessário transformá-las para que acompanhassem a mudança de gênero do substantivo na reescrita do texto.

Questão 3:

a) Não se transformou porque não se refere a Raimunda, mas a outro substantivo (mestre).
b) O pronome **ele** se refere a Raimundo, por isso foi alterado.

Questão 4:

Porque são adjetivos invariáveis.

Questão 5:

a) São verbos.
b) Porque os verbos não variam em gênero.

Questão 6:

- Nem todas as palavras variam em gênero.
- Quando o substantivo varia em gênero, o adjetivo, o pronome, outros substantivos e o artigo que se referem a ele também se transformam, concordando em gênero.
- Nem todos os adjetivos concordam com o substantivo porque alguns são invariáveis.
- É pelo sentido do texto que eu vou saber que palavras devem ou não variar de gênero.
- Quando o substantivo varia em gênero, o verbo continua inalterado, não muda.

MÓDULO IX — Número dos substantivos: flexão e concordância

1º momento – Como flexionar os substantivos em número

Não basta sabermos apenas flexionar os substantivos em gênero. É necessário sabermos também flexionar em número e sabermos **como** fazer essa flexão. Esse é nosso assunto neste momento.

Proponha às crianças que, como lição de casa, procurem substantivos em vários portadores de textos. É importante que esses portadores sejam os mais variados para que tenhamos uma amostra rica.

No dia seguinte, reunidos em grupos, todos juntam suas palavras (estamos imaginando que cada grupo traga umas 50 ou 60 palavras ao todo), escrevem-nas em pequenos retângulos de papel, como já fizeram muitas outras vezes nas pesquisas ortográficas e na flexão de gênero, e o professor pergunta:

– *Todos os substantivos têm número, ou seja, estão no singular ou no plural?*

Juntos analisam e concluem que todos têm número, ou seja, estão no singular ou no plural. O professor pergunta, então:

– *Nós vimos que todos os substantivos tinham gênero, mas nem todos variavam em gênero. Todos os substantivos têm número, mas todos* ***variam*** *em número?*

O professor pede que peguem cada palavra do retângulo e analisem quais variam em número. Quando acharem que variam, escrevem a outra forma no mesmo retângulo de papel. Exemplo: a palavra do retângulo é *papel.* Os alunos observam e escrevem no mesmo retângulo: *papéis.* Dessa forma, ao terminarem a preparação, todos os substantivos que variam em número terão as duas formas escritas. Começa, em seguida, a análise e o levantamento de conclusões.

Ao observarem suas palavras poderá surgir alguma polêmica, pois palavras como *lápis* só indicam a variação na quantidade através de um artigo ou numeral, pois o substantivo mesmo **não se altera**. Assim sendo, acreditamos que acabarão por concordar que **a maior parte dos substantivos varia em número, apesar de alguns não se alterarem**. Se o professor pedir que observem o que os substantivos que não se alteram têm em comum, os alunos poderão perceber que são terminados por **S**.

– *E os substantivos que variam em número, como se dá essa variação?*

Nesse momento o professor sugere às crianças que pintem as alterações que fizeram e organizem suas palavras agrupando as que formaram o plural da mesma forma. Ficarão com as palavras arrumadas assim:

1- Palavras terminadas por **A**, **E**, **I**, **O**, **U**, **ÃE**, **Ã**.
   Plural: + S. Exemplos: *camas, cidades, tupis, ovos, tatus, mães, anãs*.
2- Palavras terminadas por **R**, **Z**, **S** (alguns).
   Plural: + ES. Exemplos: *pomares, raízes, retróses.*
3- Palavras terminadas por **AL**, **EL**, **OL**, **UL**.
   Plural: – L + IS. Exemplos: *avental/aventais, papel/papéis, sol/sóis, paul/pauis.*

   Palavras terminadas por **IL**.
   Plural: a) **– L + S:** *funil/funis*
   b) **– IL + EIS**: *réptil/répteis*

4- Palavras terminadas por **M**.
   Plural: – M + NS. Exemplo: *homens.*
5- Palavras terminadas por **X** e **S** (alguns).
   Plural: não se alteram. Exemplos: *o tórax/os tórax; o pires/os pires.*
6- Palavras terminadas por **ÃO**.
   Plural: ÃES, **ÕES**, **ÃOS**. Exemplos: *capitães, piões, mãos*.

Gostaríamos que ficasse muito claro para o professor que nossa intenção **não** é fazer as crianças decorarem as regras de formação de plural. Queremos que entendam, primeiramente, que existe um sistema organizador da língua, que determina uma forma de se flexionarem os substantivos.

Queremos também que a criança compreenda que o fato de haver um sistema regular, com leis de composição internas, pode ajudá-lo em suas dificuldades. Se ele não se lembrar, por exemplo, de como formar o plural de alguma palavra, poderá pensar em outra palavra com a mesma terminação, e que ele tenha certeza de como se forma o seu plural. Observando como se flexiona essa palavra, ele pode transferir a flexão dessa para a nova palavra. Ou seja, queremos que aprendam a **pensar** a língua, e não simplesmente decorá-la.

Depois que as crianças tiverem concluído as regras, registre-as no Caderno de Descobertas e peça que façam a atividade de sistematização **BingoS!**, sobre a flexão de número do substantivo simples, que consta no Livro do Aluno.

BingoS!

Objetivo da atividade:
- Criar uma situação interessante para que utilizem o conhecimento adquirido na investigação.

A estrutura de bingo pareceu-nos adequada por podermos trabalhar com a rapidez de pensamento e variedade de terminações. Além disso, por ser um jogo, escrever certo é uma condição de êxito do próprio jogo. Ganha quem tiver sorte e souber flexionar bem substantivos!

De resto, valem as regras de sempre.

Sugestão de palavras para o BingoS: (Não se esqueça de misturá-las ao ditar.)

chapéu
rapaz
papel
atum
canção
vozeirão
degrau
açúcar
canal
cupom
capitão
chão
mãe
repórter
túnel
homem
pão
grão
maçã
nariz
fóssil
som
coração
irmão
lei
anzol
réptil
jardim
opinião
mão
raiz
funil
projétil
cão
leão
cidadão

Cilada

Objetivo da atividade:
- Sistematizar a flexão do substantivo em número.

Escolhemos a estrutura de caça-palavras por favorecer o trabalho com os plurais corretos de algumas palavras que as crianças costumam errar. Ao colocarmos plurais corretos, incorretos e plurais corretos mas de outras classes gramaticais (ou seja, incorretos por outra razão), pedimos o conhecimento gramatical aplicado a um pensamento de exclusão.

Sugerimos que o professor aproveite para discutir por que palavras como “degrais”, “órgões”, “anéus”, etc. são incorretas quanto à formação do plural, e outras palavras como *vocês*, *toleráveis* estão com o plural correto, mas não são substantivos. Essa precisão de pensamento e a necessidade de respeitar dois atributos simultaneamente para obter a resposta são fundamentais para a formação de um bom leitor e de uma boa estrutura de pensamento.

2º momento – A concordância em número dos substantivos

Assim como fizemos com a flexão de gênero, depois que os alunos compreenderem que existe um sistema que organiza a flexão de número dos substantivos (e que, portanto, há leis que organizam internamente a língua), vamos analisá-los no texto e observar o que a flexão do número do substantivo altera.

Surgirão algumas dificuldades nesse momento. Ao alterarmos o número do substantivo serão modificados juntamente os artigos, os adjetivos, os numerais, os pronomes e os **verbos**. Essa concordância entre o número dos verbos e o dos pronomes é bastante complicada, pois envolve uma correspondência de pessoa dificilmente compreendida pelas crianças. Por essa razão dedicaremos um olhar especial a essa relação.

Para darmos início à reflexão sobre concordância de número, propomos a atividade **História de viagem**.

História de viagem

Objetivos da atividade:
1- Perceber que flexionar o número do substantivo significa alterar toda uma cadeia de palavras.
2- Perceber que nem tudo muda, e que é o **significado** que determinará o que será ou não flexionado.

Sugerimos que o professor peça às crianças que façam essa atividade como lição de casa. Converse com elas dizendo que é apenas para começarem a pensar, que o exercício ainda não será corrigido. No dia seguinte as crianças reúnem-se em grupos e discutem a forma como resolveram a atividade, até chegarem a uma solução comum a todos do grupo. Abre-se, então, o grupão e, juntamente com o professor, discute-se como efetuar a flexão de número.

Essa atividade é de uma riqueza incrível de situações. Conforme as crianças vão colocando suas soluções, dúvidas e erros, o professor vai aproveitando para retomar conceitos, para compreender como estão pensando e fazendo perguntas que ajudem as crianças a perceberem aspectos da flexão que talvez não tenham percebido ainda. Por essa razão, **é fundamental que a correção seja coletiva e em forma de discussão. Não é interessante que o professor apresente a solução correta sem discutir com as crianças como pensaram suas soluções**. Nosso objetivo é justamente a discussão e não a exercitação.

Acreditamos que situações como *pediam-lhe* que passa a *pediam-**lhes*** possam ser complicadoras. Nesse caso, por exemplo, o professor pode pedir que eles substituam o pronome *lhe* pelo substantivo que ele representa. Ao fazerem a substituição descobrirão que o *lhe* está no lugar de *engenheiro*. Ora, se mudou de *um engenheiro* para *vários engenheiros,* o *lhe* também tem que mudar. Assim, com situações que propiciem reflexão, as crianças vão gradativamente compreendendo como a concordância em número se dá.

Questão 2:

Queremos apenas que reconheçam que foi uma flexão de número.

Questão 3:

Ao flexionarem o número poderão verificar que todas as classes que mudavam na concordância de gênero também mudam (artigos, adjetivos, numerais e pronomes), mas também os **verbos** se alteram aqui.

Questão 4:

É justamente a consciência de que os verbos se alteram na flexão de número, mas não se alteram na flexão de gênero, nosso objetivo neste momento.

Lembranças

Nosso objetivo nesta atividade é que as crianças percebam a equivalência entre pessoas verbais e pessoas pronominais. Se eu digo *comi*, essa forma equivale a *eu*, pois cada pessoa do verbo corresponde a uma pessoa do pronome.

Retiramos um pequeno trecho de um texto e o reescrevemos várias vezes. A cada vez mudamos a pessoa. Deixamos lacunas ora no verbo, ora no pronome, de tal forma que as crianças possam completá-las apenas por sua competência como falantes da língua. Em seguida fizemos algumas questões para que refletissem.

Questão 1:

Acreditamos que, depois de tantas atividades já realizadas, as crianças não tenham maiores dificuldades em identificar que são pronomes e verbos.

Questão 2:

Os verbos mudaram em número e pessoa. A mudança de número é mais fácil de perceber; a de pessoa talvez apresente alguma dificuldade. Se isso acontecer, fale um verbo bastante comum, sem a pessoa. Por exemplo: *"Quando digo* comi*, quem comeu?"* Eles dizem *"Fui eu". "E quando digo* comemos*, quem comeu?"* e assim por diante. Ao fazermos essas perguntas, ficamos sabendo que o verbo indica que pessoa praticou a ação de comer, por exemplo. Procedendo dessa forma acreditamos que acabarão compreendendo o conceito de pessoa verbal.

Questão 3:

Depois da interferência anterior, agora é só proceder à correspondência. Não é porque os pronomes apareceram ao longo da atividade que essa correspondência torna-se simples. O professor, no momento da correção, deve ouvir as dúvidas das crianças e pedir que expliquem o que pensaram ou observaram para chegar àquela conclusão. A partir do que as crianças disserem o professor poderá pensar qual a informação ou a observação de que estão necessitando para ampliar o conceito.

Chamamos a atenção do professor para o fato de os termos *pronomes pessoais* e *pronomes possessivos* estarem aparecendo pela primeira vez para as crianças. Sugerimos que o professor discuta com eles a razão dos nomes: *pessoal* por substituir diretamente a pessoa, o substantivo; *possessivo* por incluir uma idéia de posse à pessoa, ou seja, refere-se à pessoa que possui.

Não vamos insistir nesse aspecto com as crianças. Nossa intenção nesse momento é apenas problematizar para que comecem a pensar no assunto, esperando que em séries posteriores ele seja aprofundado.

Questões 4 e 5:

O objetivo dessas questões é trazer à tona um conhecimento que os alunos já têm, mas que nem sempre acionam quando precisam: o verbo também informa a pessoa, por isso mesmo é que quando se escreve não é preciso ficar repetindo *eu, eu, eu, ele, ele, ele,* etc.

As duas cachorras

Objetivos da atividade:

1- Trabalhar a substituição do pronome. Essa é uma dificuldade freqüente entre as crianças ao enfrentarem a interpretação de textos.
2- Entrar em contato com alguns pronomes oblíquos.
3- Perceber que os pronomes oblíquos podem aparecer antes ou depois do verbo, com ou sem hífen.
4- Perceber que um mesmo pronome pode se referir a pessoas diferentes.

Leia a fábula com as crianças e discuta seu significado. É uma questão bastante complicada que está em jogo... Sugerimos que nessa discussão o professor se preocupe mais em analisar a situação do que oferecer conclusões prontas. Depois, peça que façam a atividade em duplas. Apesar de não apresentar muita dificuldade, o confronto de opiniões será enriquecedor.

Questão 1:

Pedimos a correspondência dos pronomes com os termos que eles substituem. É interessante que o professor, na hora da correção, destaque para a classe que o *me* aparece duas vezes: numa substituindo a cachorra boa e na outra, a cachorra má. Ou seja, é preciso estar sempre atento a quem esse pronome se refere para poder compreender o que está escrito.

Questão 2:

São todos pronomes. Na verdade são pronomes oblíquos, mas evitaremos a terminologia, pois não trabalharemos com classificação de pronomes neste volume.

Questão 3:

Entra aqui uma pesquisa. Resolvemos introduzi-la por observarmos que as crianças descobrem os pronomes, sua função, valor textual e, ao tentar usá-los, costumam escrevê-los sem o hífen, ou, às vezes, colocam o pronome antes do verbo e colocam o hífen também. Escrevem, por exemplo, "nos-disseram..." Proceder dessa maneira significa que eles já enxergaram a existência dos pronomes, sabem seu valor mas, ao tentar usá-los, não percebem ainda esses detalhes quanto à forma de grafá-los. Para essa descoberta propomos a estratégia a seguir.

Pesquisa de pronomes

Pedir às crianças que procurem nos mais variados portadores de texto trechos onde apareça algum pronome imediatamente anterior ou posterior ao verbo. As crianças ainda não sabem reconhecer todos os pronomes. Não tem problema, pois o professor pode fazer com elas um levantamento dos que já conhecem, escrevê-los no caderno e, depois, solicitar que partam em busca desses, já conhecidos.

Ao encontrarem os pronomes, devem escrever o trecho (duas palavras antes e duas depois do verbo), de tal forma que algo do sentido fique preservado. Teremos trechinhos assim: *envolvia-lhe castamente; não me dirá de uma vez,* etc. escritos em retângulos de papel. Peça às crianças que pintem os pronomes de uma cor e os verbos de outra, de tal forma que os dois fiquem destacados.

No dia seguinte, as crianças juntam seus pronomes e começam a análise. O professor pede que organizem os papéis em dois grupos:

a) quando o pronome aparece **antes** do verbo;
b) quando o pronome aparece **depois** do verbo.

Depois de separados, o professor começa a perguntar o que observam e vai fazendo perguntas para dirigir o olhar das crianças, se necessário. Eis alguns aspectos importantes de ser observados:

— O pronome aparece com maior freqüência ***antes*** *ou* ***depois*** *do verbo?*

A resposta vai depender da amostra colhida pelas crianças, mas, provavelmente, aparecerão mais **depois** do verbo.

— Quando o pronome aparece antes do verbo, há hífen?

Constatarão que nunca há hífen quando o pronome vem antes do verbo.

— Quando o pronome aparece depois do verbo, tem sempre hífen?

Como estão trabalhando com diferentes tipos de pronomes, aparecerão alguns hifenizados e outros não. Diante dessa constatação o professor pergunta:

— *Quais os pronomes que aparecem com hífen?*

Verificarão que são os pronomes *o, a, os, as, lhe, lhes, me, te, nos, lo(s), no(s), la(s), na(s), se*. Nesse momento, se o professor quiser, pode dizer que esses pronomes são chamados de oblíquos.

— *Alguém encontrou um pronome grudado no verbo, sem um hífen ou um espaço entre ele e o verbo?*

As crianças dirão que não encontraram. O professor pode dizer que eles podem procurar à vontade, pois não existe nenhuma situação em que o pronome deva vir grudado no verbo. Isso é importante, pois é comum escreverem "digalhe", "compralo", etc.

Concluída a pesquisa, os alunos respondem à questão 4, as descobertas são registradas no Caderno de Descobertas e o professor pode passar a outro destaque.

Questão 5:

Pede que cada aluno reescreva esse trecho substituindo o pronome por algum termo que ele possa estar substituindo.

No dia seguinte alguns lêem suas frases. É engraçado, pois cada aluno dá uma solução completamente diferente do outro, o que mostra a importância do referencial. Sem ele o leitor fica com a imaginação à solta! Depois o professor pede que observem como os verbos ficaram com a substituição. Teremos o seguinte:

Antes		**Depois**
... comprá-lo na padaria...	→	*... comprar o queijo na padaria...*
... avisamo-la para não vir...	→	*... avisamos a Maria Alice para não vir...*
... perderam-no em algum lugar...	→	*... perderam o livro em algum lugar...*

Ao fazer a substituição, o verbo volta a aparecer escrito por inteiro, como era antes da colocação do pronome, e aí aparecem suas terminações R, S ou M. Comparando as duas formas — com o pronome e com o substantivo–, poderão concluir que, quando o verbo é usado com o pronome, perde a consoante final R ou S e os pronomes O ou A viram LO ou LA; quando o verbo termina por M, os pronomes O ou A viram NO ou NA.

Questão 6:

Tiradas as conclusões, reforçar que eles aparecem sempre separados do verbo pelo hífen e registrar no Caderno de Descobertas. Depois, sugerimos a atividade **Uma história de Dom Quixote** para fechamento das descobertas e da sistematização.

Sugerimos que o professor peça, como lição de casa, que verifiquem se foi isso mesmo que aconteceu com outros verbos acompanhados de pronomes oblíquos. Pode dar trechos com os substantivos e pedir que o reescrevam substituindo o substantivo pelos pronomes. Na seleção dos trechos, é bom tomar o cuidado de escolher situações nas quais o pronome apareça com hífen e sem hífen, com as transformações como **lo**/**la**, **no**/**na** e sem elas. Dessa forma as crianças terão a possibilidade de usar os conhecimentos adquiridos, e o professor, na hora da correção, poderá retomar os conceitos que ainda estiverem confusos para as crianças.

Uma história de Dom Quixote – Parte I

Objetivos da atividade:

1- Trabalhar com gênero e número do substantivo integrados.
2- Desenvolver a capacidade de interpretação de texto.
3- Desenvolver a capacidade de observação de elementos textuais e a consciência do que é observado.

Retiramos todas as desinências de gênero e número das palavras e as terminações de alguns verbos para que as crianças preencham as lacunas com o que falta. Para completarem as palavras terão que trabalhar com interpretação de texto e utilizar todo o conhecimento adquirido até então.

O professor deve orientá-las no sentido de que, às vezes, o espaço é preenchido por apenas uma letra e em outros momentos, por mais de uma letra. No momento da correção é fundamental que o professor ouça as diferentes soluções dos alunos. Se houver erro, peça que expliquem como pensaram para chegar à resposta dada. Isso vai ajudá-los a tomar consciência do que estão pensando, e o professor poderá saber como interferir.

Temos a seguir uma série de questões que têm por intenção levá-los a tomar consciência dos dados fornecidos pelo texto para chegarem a algumas escolhas. Cada um dos elementos escolhidos busca a análise de aspectos gramaticais e lógicos simultaneamente, como a aplicação dos conhecimentos de concordância adquiridos até então.

Questão 1:

Focalizamos a escolha quanto à relação pessoa/tempo. Para escolherem *fala* é preciso que observem o *se* anterior: não se diz *se falam* nesse contexto. Para escolherem *fala* e não *falava*, é preciso observar que mais adiante aparece *tem*, que vai exigir o presente nesse verbo anterior. A observação desses elementos todos pressupõe um trabalho de interpretação de texto de alto nível de elaboração. Por isso, essa atividade deve ser feita em grupo, e o professor deve estar atento, no momento da correção, para propiciar muita discussão.

Questão 2:

Decidir por *repetem* pede que as crianças descubram **quem** repete. Ora, quem repete são as pessoas. Novamente é só pela interpretação de texto que é possível decidir por *repetem* nesse trecho. Como o raciocínio é elaborado, o professor deve deixá-las primeiramente tentar descobrir, argumentar entre si e depois fazer a pergunta *Quem repete aquela história?* para ajudá-las a achar o sujeito dessa ação. Novamente queremos ressaltar o papel fundamental do professor como desencadeador, como alguém que ajuda a refletir e não aquele que oferece soluções prontas.

Caso as crianças tenham completado da seguinte forma: *Quando se fala no quixote, a pessoa logo pens**a**...* completarão *E até repet**e**...* nesse momento do texto. Consideramos uma solução possível, mesmo sendo diferente da solução do autor. O fundamental é o aluno perceber a necessidade de concordância entre *pessoa – repete/pessoas–repetem* pela relação de significado entre os dois termos.

Questão 3:

Nessa questão focalizamos a concordância artigo-substantivo. Pelo sentido *a Espanha* deve ter mais de uma planície, o que pede plural, mas optando por singular ou plural o artigo deve necessariamente ser feminino para concordar com planície(s).

Questão 4:

Aqui está em jogo a concordância entre o substantivo *cavalo* e o adjetivo *magro.* Se *cavalo* é masculino, *magro* também deve ser. Se ele estava montando, só poderia ser **um**, portanto, singular.

Questão 5:

A história de Dom. Quixote faz parte da cultura de nossa sociedade, por isso abrimos um espaço para que o professor possa contá-la para as crianças, trazendo esse universo à baila. Criamos, agora, algumas perguntas que podem servir de pretexto para que as crianças discutam sobre cavaleiros andantes, cata-ventos e moinhos e ampliem um pouco mais seu conhecimento. Como fonte de pesquisa sugerimos, além de livros e filmes, o conhecimento de mundo deles. Como sempre, mais do que saber a resposta certa, desejamos que saibam olhar para os textos do mundo de forma "perguntadora".

Uma história de Dom Quixote — Parte II

Além de permitir às crianças conhecer um pouco mais da história de Dom Quixote, este trecho permite um bom exercício de reescrita, em que terão de trocar *quixote* por *quixotes*. Para realizar essa troca, elas terão que trabalhar o tempo todo com concordância de número.

Sugerimos que a atividade seja feita em equipe, durante a aula, e que o professor vá circulando pela classe e ajudando a tirar dúvidas, a observar detalhes importantes. Depois que todos os grupos tiverem chegado a uma conclusão, abre-se a discussão e faz-se uma correção coletiva, integrando a opinião de todos. O professor deve alimentar a discussão e a argumentação durante a atividade, de tal forma que seja um pretexto para se refletir e não uma simples exercitação.

Terminada a correção desse trecho, o professor propõe que respondam às perguntas.

Questões 1 e 2:

Nesse trecho focalizaremos o olhar na concordância entre o substantivo e os pronomes, em relação ao número. A conclusão a que gostaríamos que as crianças chegassem é a seguinte: se O e LO estão no lugar de *Quixote* e eu transformo *Quixote,* O e LO também têm que se transformar.

Questão 3:

Mudar simultaneamente número e pessoa é algo bastante difícil. Por isso colocamos como um desafio, para que as crianças não se sintam na obrigação de saber resolver. Conseguir descobrir que *viu* passa a *vimos*, *seu* passa a *nosso* e que deve ficar *desafiando-nos e convencer-nos* é algo que merece os parabéns!

A transformação do final do verbo é algo que já foi abordado. Se achar interessante, o professor pode focalizar novamente esse assunto a fim de sistematizá-lo.

Sugerimos que o professor peça a transformação de outros pequenos textos, à sua escolha, como lição de casa. É uma atividade que deve aparecer com certa freqüência.

Uma história de Dom Quixote — Parte III

Questões 1 e 2:

Além de conhecer a história toda, as crianças completarão as lacunas escolhendo as palavras e efetuando sua concordância. É um exercício precioso de interpretação de texto e de concordância. Todos os comentários já feitos em relação às partes I e II valem também para esta parte. Procuramos fechar a atividade buscando a relação entre esse aspecto gramatical e um aspecto textual: se você altera a pessoa, muda de *ele* para *eu*, muda o **foco narrativo**. E com ele a perspectiva de onde se está narrando a história.

Questão 3:

Ao pedirmos que mantenham o narrador em 3ª pessoa, mas pensem em vários quixotes, o texto vai para a 3ª pessoa do plural, produzindo novas transformações. Ao longo da correção, o professor pode ir confrontando o que mudou e de que forma mudou (o que, como e quando se transforma) para que as crianças se tornem conscientes dessas relações de transformação.

Questão 4:

Refletir sobre o que acharam interessante nesse trabalho é levá-los a pensar sobre a própria ação. Essa é uma postura diante do conhecimento e da vida que o professor deve procurar desenvolver sempre.

Caso ache necessário, o professor deve escolher outros textos do interesse de seu grupo-classe e pedir que façam a flexão de gênero ou número de pequenos parágrafos, para que aprendam a usar a concordância adequada, comunicando-se com mais propriedade e eficiência.

Respostas das atividades do Módulo IX

BingoS!

chapéus
rapazes
papéis
atuns
canções
vozeirões
degraus
açúcares
canais
cupons
capitães
chãos
mães
repórteres
túneis
homens
pães
grãos
maçãs
narizes
fósseis
sons
corações
irmãos
leis
anzóis
répteis
jardins
opiniões
mãos
raízes
funis
projéteis
cães
leões
cidadãos

Cilada

gravidezes
mães
bichões
revólveres
órgãos
sopas
hifens
varais
coronéis
céus

História de viagem

Questão 1:

O clássico ônibus repleto de turistas japoneses parou junto à calçada da praia de Waikiki, em Honolulu, e despejou seus ocupantes. Estes, tão logo desembarcaram, foram rodeando, cheios de mesuras e sorrisos, **uns engenheiros brasileiros** que ali **tomavam** refresco.

Aos grupos, os orientais pediam**-lhes** que os deixassem ser fotografados e filmados a seu lado. **Lisonjeados**, pensando **estarem** sendo **confundidos** com alguma celebridade, **eles consentiram**, **pacienciosos**, atendendo a todas as solicitações. Terminada a sessão, **os brasileiros perguntaram** à guia qual a razão de aquilo tudo.

— É que eles nunca viram **pessoas** tão **cabeludas** e **parecidas** com um macaco — respondeu ela, toda sorrisos.

Questão 2:

Flexão de número.

Questão 3:

uns – artigo
engenheiros – substantivo
brasileiros – adjetivo
tomavam – verbo
lhes – pronome
lisonjeados – adjetivo
estarem – verbo
confundidos – verbo
eles – pronome
consentiram – verbo
pacienciosos – adjetivo
os – artigo
perguntaram – verbo
pessoas – substantivo
cabeludas – adjetivo
parecidas – adjetivo

Questão 4:

O verbo.

Lembranças

"**Estás** dormindo no antigo quarto de **teus** pais; as duas janelas dão para o terreno onde fica o imenso pé de fruta-pão, à cuja sombra **cresceste**. O desenho de suas folhas recorta-se contra o céu; essa imagem das folhas do fruta-pão recortada contra o céu é das mais antigas de ***tua*** infância, do tempo em que ***tu*** ainda **dormias** em uma pequena cama cercada de palhinha junto à janela da esquerda."

"**Está** dormindo no antigo quarto de **seus** pais; as duas janelas dão para o terreno onde fica o imenso pé de fruta-pão, à cuja sombra **cresceu**. O desenho de suas folhas recorta-se contra o céu; essa imagem das folhas do fruta-pão recortada contra o céu é das mais antigas de ***sua*** infância, do tempo em que **ele** ainda ***dormia*** em uma pequena cama cercada de palhinha junto à janela da esquerda."

"**Estamos** dormindo no antigo quarto de ***nossos*** pais; as duas janelas dão para o terreno onde fica o imenso pé de fruta-pão, à cuja sombra ***crescemos***. O desenho de suas folhas recorta-se contra o céu; essa imagem das folhas do fruta-pão recortada contra o céu é das mais antigas de **nossa** infância, do tempo em que ***nós*** ainda **dormíamos** em uma pequena cama cercada de palhinha junto à janela da esquerda."

"**Estais** dormindo no antigo quarto de **vossos** pais; as duas janelas dão para o terreno onde fica o imenso pé de fruta-pão, à cuja sombra **crescestes**. O desenho de suas folhas recorta-se contra o céu; essa imagem das folhas do fruta-pão recortada contra o céu é das mais antigas de ***vossa*** infância, do tempo em que **vós** ainda **dormíeis** em uma pequena cama cercada de palhinha junto à janela da esquerda."

"**Estão** dormindo no antigo quarto de ***seus*** pais; as duas janelas dão para o terreno onde fica o imenso pé de fruta-pão, à cuja sombra ***cresceram*** . O desenho de suas folhas recorta-se contra o céu; essa imagem das folhas do fruta-pão recortada contra o céu é das mais antigas de **sua** infância, do tempo em que ***eles*** ainda ***dormiam*** em uma pequena cama cercada de palhinha junto à janela da esquerda."

Questão 1:

São verbos e pronomes.

Questão 2:

Mudaram em número e pessoa.

Questão 3:

Pronome pessoal	Verbo	Pronome possessivo
eu	*brincava*	*meu, minha*
tu	brincavas	teu, tua
ele	*brincava*	seu, sua
nós	brincávamos	*nosso, nossa*
vós	brincáveis	*vosso, vossa*
eles	*brincavam*	*seus, suas*

Questão 4:

Nós estamos dormindo.

Questão 5:

Observando o verbo.

As duas cachorras

Questão 1:

➊ lhe *a cadela má*
➋ me *a boa*
➌ se *a má*
➍ me *a má*
➎ a *a má*
➏ na *a boa*
➐ la *a casa*

Questão 2:

São pronomes.

Questão 3:

Pesquisa.

Questão 4:

As crianças poderão descobrir algumas propriedades da língua como:

- O pronome aparece com maior freqüência depois do verbo.
- Quando o pronome aparece antes do verbo nunca tem hífen.
- Quando o pronome aparece depois do verbo, às vezes tem hífen, às vezes não.
- Os pronomes que nós encontramos foram: (lista dos pronomes encontrados pela classe).
- Os pronomes que aparecem com maior freqüência são: (observar na amostra das crianças).
- Os pronomes que aparecem ligados ao verbo por hífen são: (observar na amostra das crianças).

Questão 5:

Resposta pessoal. As crianças poderão substituir, por exemplo, por:

... comprar o sorvete na padaria.
... comprar o doce na padaria.
... comprar o pão na padaria.
... comprar o leite na padaria, etc.

... avisamos a Cláudia para não vir. (Aqui cabe qualquer nome feminino.)

... perderam o livro em algum lugar.
... perderam o caderno em algum lugar.
... perderam o sapato em algum lugar, etc.

... partiram a *pizza* em vários pedaços.
... partiram a pedra em vários pedaços.
... partiram a carne em vários pedaços, etc.

Questão 6:

Poderão concluir que os pronomes **no**, **na**, **lo**, **la** aparecem quando o verbo sem pronome termina por **m** (o pronome fica **no**, **na**) ou por **s** ou **r** (o pronome fica **lo**, **la**).

Uma história de Dom Quixote — Parte I

Texto do autor:

Quando se fala num quixote, as pessoas logo pensam num desastrado, num sujeito que não consegue fazer nada direito; que tem boas idéias, mas sempre quebra a cara. E até repetem aquela história que o escritor espanhol Cervantes contou sobre o Dom Quixote.

Ele era um daqueles cavaleiros andantes que usavam armadura, lança e escudo; percorria as planícies da Espanha num cavalo muito magro e muito feio, chamado Rocinante, procurando inimigos a quem pudesse desafiar em nome da moça que amava, e que ele chamava de Dulcinéia. Pois um dia este Dom Quixote avistou ao longe uns moinhos de vento. Naquela época, vocês sabem, o trigo era moído desta maneira: havia um enorme cata-vento que fazia girar a máquina de moer.

Caso as crianças apresentem outra solução, diferente da do autor, o professor deve analisá-la e verificar se é ou não é possível gramaticalmente. Caso seja, deve ser considerada como correta também.

Questão 1:

Exemplo: Observei o **se** e pude concluir que só poderia ser **fala**, pois **se falam** ou **se falavam** ficaria incorreto nesse texto. Decidi por **fala** e não **falava** porque mais adiante, no texto, aparece "que **tem** boas idéias" e por isso precisa ser **fala** para concordar.

Questão 2:

Exemplo: Observei que deveria concordar com **as pessoas**, portanto só poderia ser **repetem**. Ou: Observei que deveria concordar com **a pessoa**, portanto, só poderia ser **repete**.

Questão 3:

Exemplo: Poderia ser **a** ou **as**. Fica melhor **as planícies**, já que a Espanha não tem só uma planície e Dom Quixote percorreu várias.

Questão 4:

Exemplo: Observei que **magro** deveria concordar com a palavra **cavalo**, que é masculino e singular.

Questão 5:

a) O cavaleiro andante era um herói que partia em busca de aventuras para libertar princesas, fazer justiça, garantir os valores daquela sociedade. Costumavam vestir armadura de ferro e cavalgar acompanhados por um ajudante. Eram nobres e respeitados, admirados pelo povo.
b) Da forma como eram não existem mais, mas simbolicamente ainda há alguns.
c) A Espanha fica na Europa (mostrar no mapa para eles).

Uma história de Dom Quixote — Parte II

Pois os quixotes viram, nesses moinhos, gigantes que agitavam os braços, desafiando-os para a luta.

Seus ajudantes tentaram convencê-los de que não havia gigante nenhum; mas foi inútil.

Os quixotes estavam certos de que aquele era o grande combate de sua vida. Empunhando as lanças, partiram a galope contra os gigantes…

O resultado, diz Cervantes, foi desastroso. As lanças dos cavaleiros ficaram presas nas asas do moinho, eles foram levantados no ar e depois jogados para longe. Para Sancho, e para todas as pessoas que ali viviam, uma clara prova de que os homens eram mesmo malucos.

Questão 1:

a) o = Dom Quixote
b) lo = Dom Quixote

Questão 2:

a) "… desafiando-os para a luta."
b) "convencê-los de que…"

Questão 3:

a) Pois **nós vimos**, nesses moinhos, gigantes que agitavam os braços, desafiando-**nos** para a luta.
b) **Nosso** ajudante tentou convencer-**nos** de que não havia gigante nenhum; mas foi inútil.

Uma história de Dom Quixote — Parte III

Questão 1:

Vi os moinhos e *fiquei* fascinado com eles, mas não por confundi-los com gigantes. "Se eu conseguir enfiar minha lança naquelas asas que giram", *pensei*, "e se puder agüentar firme, terei descoberto uma coisa sensacional".

E foi o que *fiz* . Não deu completamente certo, porque nada do que a gente faz dá completamente certo; mas, no momento em que a asa do moinho *me levantou*, *(eu) vivi* o *meu* momento de glória. Estava subindo, como os astronautas hoje sobem, estava avistando uma paisagem maravilhosa, os campos cultivados, as casas, talvez o mar, lá longe, talvez as terras de além-mar, com as quais todo o mundo sonhava. Mais que isso, *eu* tinha descoberto uma maneira sensacional de *me* divertir.

É verdade que *levei* um tombo, um tombo feio. Mas isso, naquele momento, não tinha importância. Não para *mim*, o inventor da roda-gigante.

Questão 2:

Quem passa a narrar a história é o próprio personagem, Dom Quixote.

O foco da narração também passou para a 1ª pessoa.

Questão 3:

Viram os moinhos e *ficaram* fascinados com eles, mas não por confundi-los com gigantes. “Se *nós conseguirmos* enfiar *nossa* lança naquelas asas que giram”, *pensaram*, “e se *pudermos* agüentar firme, *teremos* descoberto uma coisa sensacional”.

E foi o que *fizeram*. Não deu completamente certo, porque nada do que a gente faz dá completamente certo; mas, no momento em que a asa do moinho *os levantou*, *eles viveram* o *seu* momento de glória. *Estavam* subindo, como os astronautas hoje sobem, *estavam* avistando uma paisagem maravilhosa, os campos cultivados, as casas, talvez o mar, lá longe, talvez as terras de além-mar, com as quais todo o mundo sonhava.

Mais que isso, *eles tinham* descoberto uma maneira sensacional de *se* divertir.

É verdade que *levaram* um tombo, um tombo feio. Mas isso, naquele momento, não tinha importância. Não para *eles*, os inventores da roda-gigante.

MÓDULO X — O advérbio e a locução adverbial

Considerações

O advérbio nos informa as circunstâncias de uma ação, de um fato, por isso é importante elemento enriquecedor de um texto. Freqüentemente as respostas às questões das atividades em sala de aula, os textos informativos ou até mesmo literários escritos pelos alunos ficam empobrecidos quanto ao estilo ou à qualidade das informações por terem poucos advérbios ou locuções adverbiais.

Assim sendo, resolvemos incluir neste volume um módulo de **Advérbios e locuções adverbiais** com o objetivo de levar o aluno a:

1- Aprender o conceito de advérbio e locução adverbial.
2- Perceber que o advérbio traduz a circunstância das ações e, portanto, sua presença interfere na imagem produzida no leitor.
3- Conhecer algumas circunstâncias expressas pelos advérbios.
4- Enriquecer seu texto usando advérbios e locuções adverbiais.

Compreendemos que a forma mais simples e eficiente para os alunos entrarem em contato com esse conceito é mediante sua **função textual**, por isso propomos a situação descrita a seguir para a geração do conceito.

Cinco vezes diferente

Objetivo da atividade:

- Introduzir os conceitos de advérbio e locução adverbial.

Questão 1:

O professor organiza a classe em grupos e pede que leiam os trechos da atividade, que descrevem a mesma cena várias vezes. Explica para as crianças que cada equipe deverá imaginar como é a cena e montar uma dramatização. O professor é o diretor que vai construindo a ligação entre uma cena e outra.

Sugerimos cinco estilos, que podem ser alterados caso o professor ache conveniente:

- versão 1- estilo calmo/tranqüilo/natural
- versão 2- estilo rápido/afobado/ansioso/agitado/nervoso
- versão 3- estilo dramático
- versão 4- estilo alegre/cômico/engraçado
- versão 5- estilo raivoso/exaltado/tenso

Depois de sortear – em segredo – qual versão cada equipe vai representar, o professor dá um tempo para que eles discutam os detalhes, distribuam os papéis, ensaiem um pouco. Caso prefiram, podem fazer a dramatização no dia seguinte, para os alunos virem vestidos a caráter para seus papéis. Os alunos que não tiverem papel ou não quiserem representar podem ajudar nas idéias, no vestuário, a pensar um pequeno cenário improvisado, etc. Caso haja necessidade, o professor pode "inventar mais um estilo" e pedir que dramatizem.

É fundamental que o professor proponha que eles mesmos imaginem como seria o movimento e a expressão dos personagens, a forma como as ações acontecem em cada estilo. *Como varre alguém que varre **distraidamente**? E como varre alguém que varre **apressadamente**? Como é esse movimento de varrer? Como está a expressão de seu rosto? Qual a forma como segura a vassoura? Como é o temperamento dessa pessoa? Como ela fala, com que ritmo, voz, velocidade?* Deixe claro para as crianças que elas podem e devem criar novos detalhes, mas que é importante manter a coerência do estilo. É de uma boa preparação da dramatização que depende o sucesso da atividade!

No outro dia o professor assume o papel de diretor e pede que a primeira equipe se apresente. O grupo representa e quando o médico chega o professor-diretor interrompe escandalosamente a dramatização, dizendo que daquele jeito... (pede ao restante da classe que diga qual o estilo daquela apresentação, nomeando-o, por exemplo, de *estilo dramático, estilo raivoso, estilo alegre, feliz,* etc.) não dá! Diz algo mais ou menos assim: *Não, não, não! Desse jeito está muito dramático! Vamos ver outra equipe!* E o diretor pede que aquela equipe vá se sentar e outra assume a representação que também será muito, muito… e então virá outra e mais outra apresentação, até que todas as equipes tenham representado.

Depois que todos tiverem representado, converse com a classe sobre a diferença entre as dramatizações e o que as tornou tão diferentes, pois o fato narrado é sempre o mesmo.

Continuam, em seguida, a responder às questões propostas no livro.

Questão 2a:

Pedimos que sublinhem as palavras e expressões que produziram os diferentes estilos para começar a destacar os advérbios e locuções por sua função textual.

Questões 2b e 2c:

O que os advérbios modificam? Nesse momento destacamos que eles modificam os verbos, pois é a idéia mais fácil de circunstância. As crianças costumam dizer que *os advérbios são como adjetivos dos verbos.* É correto enquanto modificador, e por observarem essa função comum entre os dois é que se torna imprescindível que eles estejam atentos a que termo ele se refere.

Questão 3:

Nesse momento retiramos os advérbios e as locuções adverbiais do texto. A cena continua a mesma enquanto fato, mas sem que o leitor possa ter uma idéia das circunstâncias, do como as coisas aconteceram. Acreditamos que o vazio da ausência vá marcar a importância da presença. Freqüentemente é a ausência de advérbios e locuções adverbiais que compromete a clareza das respostas ou dos textos que as crianças escrevem.

Questão 4:

Depois que os alunos construírem o conceito de advérbio internamente, fornecemos o conhecimento social (o nome dado pela Gramática) e pedimos que expliquem com suas palavras o que seriam, então, advérbios e locuções adverbiais. As crianças vão dizendo para o professor e a classe toda, num trabalho de redação coletiva, redige o conceito. As mesmas investigações que foram feitas em relação aos outros conceitos das classes gramaticais devem ser feitas aqui. Esperamos que fique algo mais ou menos assim:

Advérbio *é uma palavra invariável que informa* ***como***, ***quando***, ***onde*** *as coisas aconteceram. Ele está sempre se referindo ou transformando um verbo.*

Gostaríamos de enfatizar novamente que é importante o professor escrever o conceito usando as palavras das crianças.

Questão 5:

Depois de tantas situações já vividas por eles acreditamos que não terão dificuldade em perceber que o advérbio é só uma palavra e a locução adverbial são duas ou mais palavras que modificam o verbo.

Sabemos que os advérbios de intensidade modificam também adjetivos e outros advérbios. Essa expansão do conceito será feita posteriormente.

Complete com rapidez, rapidamente

Objetivos da atividade:

1- Ampliar o número de advérbios e locuções adverbiais que as crianças conhecem.
2- Desafiar as crianças a buscarem termos menos usuais, mais interessantes e elaborados.

O objetivo do jogo é que as crianças escrevam o maior número de advérbios e locuções adverbiais em cada um dos espaços propostos.

Como jogar:

É um jogo de *STOP*, portanto velho conhecido das crianças. As regras são:

1- Reúna a classe em equipes e explique todas as regras antes do início do jogo.
2- Depois das explicações, peça que preencham os campos abaixo das colunas com os termos **advérbios** (coluna 1) e **locuções adverbiais** (coluna 2).
3- Os alunos deverão preencher as colunas com o maior número possível de palavras, de acordo com o pedido.
4- O tempo de preenchimento da tabela deve ser previamente combinado. Sugerimos um tempo de 10 a 15 minutos. Ao seu sinal todos devem parar de escrever.
5- Para fazer a correção, um aluno de cada equipe vai para a lousa e escreve todos os advérbios que usaram para completar a 1ª coluna do verbo *cair*. O professor confronta as respostas, marca os pontos e outro aluno de cada equipe vai para a lousa e escreve as locuções adverbiais que completaram a 2ª coluna do *cair*. Vão procedendo assim, sucessivamente, até que toda a tabela esteja corrigida.
6- A contagem de pontos é a tradicional do *STOP*:
- 2 pontos: se só uma equipe colocou a palavra.
- 1 ponto: se mais de uma equipe colocou a mesma palavra.
- 0 ponto: se houver erro de qualquer natureza (inclusive ortográfico).

No momento da correção é importante que o professor vá retomando, juntamente com as crianças, os conceitos que elas ainda estiverem confundindo com advérbios. É possível que as crianças escrevam adjetivos em vez de advérbios. Sugerimos ao professor que discuta com elas a quem o termo se refere. Se for a um substantivo, não poderá ser advérbio.

A roda de oleiro

Objetivos da atividade:
1- Sistematizar os conceitos de advérbio e locução adverbial, ampliando-os: os de intensidade referem-se também a adjetivos.
2- Mostrar algumas das circunstâncias expressas pelos advérbios: modo, tempo, lugar e intensidade.
3- Mostrar a modificação na precisão da informação oferecida pelo texto com o acréscimo de advérbios.

Leia e discuta com as crianças o conteúdo do texto. Peça-lhes que sublinhem com uma cor, à sua escolha, as informações que confirmavam o que já sabiam, o que é informação nova de outra cor e o que modifica o que pensavam com uma terceira cor, à semelhança do que já foi feito anteriormente no livro de *Leitura e interpretação de textos*, volumes 2 e 3 desta coleção. Em seguida peça aos alunos que respondam às questões. Essa atividade pode ser feita individualmente ou em duplas.

Questão 1:

Nessa questão pedimos apenas o reconhecimento das expressões como advérbios e locuções adverbiais. Caso algum aluno confunda com adjetivos e locuções adjetivas, peça que observem a quem os termos se referem e poderão constatar que não se referem a substantivos, portanto não podem ser adjetivos nem locuções adjetivas.

Não sugerimos que as crianças encontrassem os advérbios ou fizessem a ligação deles com o termo a que se referem porque há vários que estão distanciados de seus termos referentes, o que tornaria a atividade muito difícil para elas, não atingindo nosso objetivo. No entanto, caso ocorra algo que mostre a necessidade dessa busca, sugerimos que o professor a realize como uma atividade coletiva: a união faz a força!

Questão 2:

Reconhecer as principais circunstâncias expressas pelos advérbios é importante não só para saber identificá-los, mas para que percebam que são responsáveis pelo detalhe, pelo enriquecimento da informação fornecida pelo texto. Discuta com eles essas idéias e retome situações textuais nas quais os advérbios são fundamentais. Sugerimos retomar o segundo parágrafo do texto **O que é um menino**, do volume 4 de *Leitura e interpretação de textos*, retomando os tipos e a função discursiva dos advérbios naquela situação.

Questão 3:

Destacando *com perfeição* e *muito* e pedindo para localizarem o termo a que se referem, enfatizamos a existência de advérbios modificando **verbos** e **adjetivos**, ampliando o conceito que as crianças estão construindo.

Sugerimos que as crianças procurem em outros textos e tragam, como lição de casa, mais uma ou duas situações nas quais um advérbio modifique um verbo ou um adjetivo.

Questão 4:

Oferecemos um novo texto, lacunado, para que possam completar seu sentido pelo acréscimo de advérbios. Terão que interpretar e pensar pela lógica das relações entre as informações para poderem descobrir qual o termo mais conveniente a cada lacuna.

No momento da correção, o professor deve ter uma postura de sensibilidade e abertura para ouvi-los e compreender como estavam pensando para chegar àquela conclusão, que não é necessariamente a do texto original. Além disso, sua maior preocupação deve ser se o termo é ou não um advérbio de intensidade, modo, lugar ou tempo.

Acidentalmente

Objetivos da atividade:

1- Usar dentro de textos o conhecimento adquirido até então.
2- Perceber o quanto a escolha de um ou outro advérbio vai modificar a imagem que o leitor vai formar dos fatos narrados.

Deve ser feita em duplas. O professor conversa primeiramente com as crianças e explica que cada dupla escreverá uma reportagem, que depois será lida para as outras duplas. Poderão montar um jornal mural expondo seus textos ou outras situações que forneçam uma função para a sua escrita.

Depois de prontas, o professor confronta duas reportagens com a mesma manchete e conversa com os alunos mostrando como o fato fica transformado pelas escolhas das circunstâncias. Pode-se, por exemplo, desenhar como imaginaram uma e outra reportagem e depois discutir que elementos do texto produziram imagens tão diferentes.

Além das situações já propostas por nós, sugerimos que o professor esteja atento à presença e à importância dos advérbios para explorá-los nas situações informais e criar outras atividades, caso ache necessário.

Respostas das atividades do Módulo X

Cinco vezes diferente

Questões 1, 2a e 2b:

Versão 1 — Estilo: *calmo/tranqüilo/natural*

MÃE — Mãe **varrendo** distraidamente a casa.

FILHO — Filho **entra** tranqüilamente e **mostra** com displicência o dedo machucado.

MÃE — Mãe **olha** de relance o dedo, **telefona** mais tarde para o médico.

MÉDICO — O médico chega **falando** calmamente.

Versão 2 — Estilo: *rápido/afobado/ansioso/agitado/nervoso*

MÃE — Mãe **varrendo** apressadamente a casa.

FILHO — Filho **entra** afobadamente e **mostra** com aflição o dedo machucado.

MÃE — Mãe **olha** rapidamente o dedo, **telefona** às pressas para o médico.

MÉDICO — O médico chega **falando** nervosamente.

Versão 3 — Estilo: *dramático*

MÃE — Mãe **varrendo** aos prantos a casa.

FILHO — Filho **entra** chorosamente e **mostra** sofridamente o dedo machucado.

MÃE — Mãe **olha** com desespero para o dedo, **telefona** ansiosamente para o médico.

MÉDICO — O médico chega **falando** piedosamente.

Versão 4 — Estilo: *alegre/cômico/engraçado*

MÃE — Mãe **varrendo** alegremente a casa.

FILHO — Filho **entra** ruidosamente e **mostra** às gargalhadas o dedo machucado.

MÃE — A mãe **olha** com atenção o dedo, **telefona** animadamente para o médico.

MÉDICO — O médico chega **falando** alto.

Versão 5 — Estilo: *raivoso/exaltado/tenso*

MÃE — Mãe **varrendo** irritadamente a casa.

FILHO — Filho **entra** raivosamente e **mostra** aos xingos o dedo machucado.

MÃE — Mãe **olha** com mau humor o dedo, **telefona** asperamente para o médico.

MÉDICO — O médico chega **falando** com desprezo.

c) As palavras modificadas são verbos.

Questão 3:

A forma como está escrita é impessoal, não sendo possível saber mais detalhes sobre os fatos. Talvez digam que “perde a graça”, que não é possível saber como aconteceu.

Questão 4:

Acreditamos que as crianças escrevam algo mais ou menos assim: Advérbios são palavras invariáveis que vêm junto de verbos e mostram de que forma as ações aconteceram.

Questão 5:

O advérbio é uma palavra. A locução adverbial é um grupo de duas ou mais palavras/uma expressão, com a mesma função do advérbio.

A roda de oleiro

Questão 1:

Advérbios e locuções adverbiais.

Questão 2:

1ª coluna	2ª coluna
(*2*) ... no centro	(1) tempo
(*1*) ... em alguns minutos	(2) lugar
(*3*) ... à mão	(3) modo
(*3*) ... perfeitamente	(4) intensidade
(*4*) ... muito	
(*2*) ... no Egito	

Questão 3:

a) **com perfeição** se refere a **realizar**; **muito** se refere a **bonitas**.

b) verbo e adjetivo.

Questão 4:

Reproduzimos o texto original; as outras possibilidades aparecem entre parênteses.

Os povos da Antiguidade fizeram cerâmicas *muito (bastante, meio, um pouco)* diferentes. Essa diferença vinha do material utilizado, das técnicas de cozimento, das características de sua cultura e de sua arte.

As primeiras cerâmicas das aldeias eram modeladas *à mão (em grupo, artesanalmente, isoladamente, primitivamente)* e cozidas *sobre brasas (num forno, em fogueira, ao sol)*. Já os gregos das primeiras cidades usavam a roda de oleiro e coziam suas cerâmicas *em fornos (em fogueiras)*, a altas temperaturas.

Cerâmicas vitrificadas, isto é, revestidas com uma camadinha de vidro, foram encontradas em lugares onde hoje estão a Turquia, o Iraque, a China e o Egito.

A cerâmica chinesa foi a mais refinada e a mais importante *na Antiguidade (naquele tempo, na época)*. Muito tempo depois, há uns 400 anos, ela influenciou a cerâmica européia.

MÓDULO XI — Verbos

Considerações

Substantivos e verbos são núcleos de qualquer informação. Nessa medida, atuam como carros-chefe em relação às outras classes, que se alteram quando substantivos e verbos se alteram a fim de manter a concordância entre os elementos.

Os verbos flexionam-se em tempo, pessoa, número e modo. Dependendo do tipo de flexão do verbo, outras classes vão se alterar também. Compreender todas as relações entre esses elementos e saber usá-los adequadamente é um desafio para qualquer escritor. Por essa razão, são freqüentes os erros de concordância ligados ao verbo que as crianças cometem.

O uso adequado dos verbos na escrita implica uma série de conhecimentos:

- Compreender a idéia de tempo que ele encerra, reconhecendo passado, presente e futuro de cada modo.
- Saber flexioná-lo em número, tempo e pessoa.
- Perceber as classes que se modificam ao flexionarmos o verbo.
- Compreender a relação verbo – pronome, como colocar os pronomes, quando vêm hifenizados ou não, e outros aspectos.
- Saber como pensar para escolher os tempos dentro de um texto; quais tempos são compatíveis entre si e quais não são.

Não temos a menor intenção de esgotar o assunto **verbos**; pelo contrário, nos circunscreveremos a apenas quatro objetivos:

1- Perceber quando é presente, passado e futuro.
2- Fazer a concordância entre verbos e outras classes gramaticais.
3- Fazer a concordância dos tempos dos verbos entre si dentro de um texto.
4- Trabalhar alguns erros de grafia ligados a conjugações verbais.

Sugerimos que o trabalho seja iniciado pela idéia de tempo. Foi por ela que as crianças descobriram o conceito de verbo no volume 3. Apesar de parecer muito simples para nós, adultos, perceber o tempo, isso não é verdadeiro para as crianças. Assim sendo, nossa primeira proposta é voltada para esse aspecto.

Questão de tempo

Objetivos da atividade:

1- Levantar uma série de frases significativas para as crianças, em diferentes tempos, pessoas e números verbais.
2- Levá-las a reconhecer a pessoa, o número e o tempo em que os verbos estão.

O professor distribui para cada criança um dos verbos que estão espalhados na página correspondente a essa atividade, no Livro do Aluno. A distribuição pode ser por sorteio, por correspondência com o número de chamada ou outro critério que o professor achar conveniente. Depois que cada criança estiver com um dos verbos, deve escrever uma frase interessante com ele. É importante o professor frisar que escrevemos para dizer algo para o outro, para transmitir um pensamento, uma informação, um sentimento e, portanto, as frases devem **dizer algo interessante para o outro**, e não ser apenas um conjunto de palavras.

Enquanto as crianças vão escrevendo, o professor vai circulando pela classe e ajudando-as a perceberem seus erros. **Depois de concluídas, as crianças entregam suas frases para o professor, com o verbo sorteado sublinhado. O professor deve escrever todas as frases em uma folha e xerocar para os alunos.** É importante que antes disso o professor leia cada frase com bastante atenção, anote em uma folha à parte os erros que porventura observe e depois corrija as frases. As crianças não podem tirar boas conclusões a partir de dados errados da língua.

De posse da folha com todas as frases, as crianças reúnem-se em grupos e o professor pede que escrevam ao lado de cada uma se o verbo está no passado, presente ou futuro, e qual a pessoa (se é *eu, tu, ele, nós, vós, eles*). A partir daí começa a gincana.

A gincana

O professor sorteia uma das frases e um dos elementos do grupo escolhido deve dizer **a pessoa** (se é *eu, tu, ele, nós, vós* ou *eles*) e **o tempo** (se está no passado, presente ou futuro) em que o verbo está.

É importante que o professor esteja ciente de que queremos que as crianças pensem pela **idéia** e não que façam reconhecimento de tempo verbal. Ao pensarem pela idéia surgem problemas como por exemplo o presente do verbo em uma definição. Quando dizemos *O Sol é uma estrela de 5ª grandeza* não estamos nos referindo a algo presente no aqui e agora (que é como as crianças costumam entender a idéia de presente), mas a algo atemporal: o Sol era, é e vai continuar sendo. Caso esse tipo de dúvida apareça em sua classe, discuta com as crianças a necessidade de abrir um novo grupo de classificação: o dos verbos que indicam algo sem tempo, que é passado, presente e futuro ao mesmo tempo. Depois, quando o aluno for aprender conjugação verbal poderá compreender que essa idéia de atemporalidade é marcada pelo presente (é como se fosse eternamente presente, é algo que se diz que vale sempre como presente).

Caso algum aluno erre a resposta da sua frase na gincana, alguém da equipe seguinte tenta responder, e se não conseguir também, o professor responde e sorteia nova frase.

Cada resposta é pontuada da seguinte maneira:

– 1 ponto pela pessoa verbal correta.

– 1 ponto pela idéia de tempo correta;

Cada equipe pode, assim, ganhar 0 (caso tudo esteja errado), 1 ou 2 pontos por frase. Vence a equipe que obtiver o maior número de pontos.

Concluído o jogo, o professor pode pedir, como lição de casa, que as crianças passem para o plural ou singular algumas das frases que foram usadas na gincana. Ao corrigi-las, **pede que os alunos observem que classes gramaticais se transformaram juntamente com o verbo.**

Ao observarem, poderão constatar que quando mudamos o verbo do singular para o plural, dependendo do **sentido** da frase as palavras poderão variar junto ou não. Quanto às classes gramaticais das palavras que variam junto com o verbo, elas podem ser substantivos, artigos, adjetivos, numerais e pronomes.

O professor pode depois pedir que encontrem todas as frases que estão no passado, por exemplo, e também que reescrevam todas ou algumas delas no presente. Depois de concluída a mudança de tempo, observam que **quando mudamos o tempo nenhuma outra classe se altera, apenas o verbo.** Este pensamento só não é válido para advérbios de tempo que geralmente devem ser alterados também.

As conclusões tiradas pelas crianças devem ser registradas no Caderno de Descobertas.

Em seguida, propomos algumas atividades de sistematização e geração de conhecimento sobre novos aspectos verbais.

Cuidado! Cão bravo!

Objetivos da atividade:

1- Visualizar, por desenhos, as mudanças de sentido ao colocarmos um ou outro elemento da frase no plural.
2- Desenvolver a sensibilidade das crianças para cada informação fornecida pelas palavras, aumentando sua capacidade de interpretação.
3- Mostrar que as palavras constroem imagens mentais no leitor e, portanto, é importante escolhê-las com cuidado.

Essa atividade é para ser feita individualmente, como lição de casa. O professor não deve ler as instruções nem explicar o que o aluno deve desenhar em cada frase.

No dia seguinte, os alunos abrem seus livros e comparam como cada um desenhou a frase sugerida. Em caso de discordância entre um desenho e outro, os dois alunos explicam o que observaram na frase para acharem que era daquela forma que tinha que ser representada. O professor vai prestando atenção e organizando as observações de modo a torná-las produtivas. Pode ajudá-los a observar que na primeira frase é preciso que no desenho apareçam apenas uma pessoa, um cachorro e um pé mordido porque os três elementos estão no singular; já na segunda frase, como *o pé* está substituído por *os pés*, é preciso aparecer uma pessoa, um cachorro, mas os dois pés mordidos. O professor, discutindo dessa forma, poderá ajudá-los a perceber que todas as informações estão dadas na frase, e, também, a importância do S como marca de plural: *Se você esqueceu um S, mudou a imagem, você disse outra coisa. Portanto, cuidado! Cada letra é fundamental...*

Se a atividade tiver se mostrado interessante para as crianças, o professor pode pedir que cada aluno invente uma nova frase e escreva-a de três ou quatro formas diferentes (variando o número de cada palavra, como fizemos) e troque com os amigos, um desenhando as frases do outro.

A vaca do Mineirinho – Parte I

Objetivos da atividade:

1- Reconhecer se os verbos estão no passado, no presente ou no futuro.
2- Observar que o narrador fala no passado e o personagem fala no presente.

Questão 1:

Pedimos que pintem com lápis de cores diferentes os verbos que indicam uma idéia de passado, presente e futuro para que fiquem evidenciadas as diferenças.

Chamamos a atenção para a idéia de tempo traduzida pelo verbo, pois ela é o nosso objetivo, e não o reconhecimento puro e simples de terminações de tempos verbais.

Questão 2:

Pedimos que sublinhem com as mesmas cores narrador/passado e personagem/presente para que fique visualmente evidente a relação entre eles.

Questão 3:

Nessa questão fechamos a relação. Escrevê-la é tornar consciente essa relação.

Sugerimos ao professor que discuta com as crianças o caráter de atualização do discurso direto em contraposição com o caráter narrativo e, portanto, de passado, do narrador.

Questão 4:

Pedimos a inversão passado/presente. A fala do narrador pode ser escrita no presente sem que haja ruptura do sentido. A fala do personagem, nesse caso pelo menos, rompe o sentido se for escrita no passado. A partir dessa observação, o professor conversa com as crianças o quanto a escolha do tempo verbal e da relação entre um tempo e outro no texto vai determinar o que é possível ou não de se escrever.

Questão 5:

Nela as crianças podem verbalizar suas conclusões. Novamente nosso objetivo é a tomada de consciência e o registro das conclusões tiradas.

É um bom momento também para destacar a propriedade do discurso direto de atualizar os fatos, ficando, por isso mesmo, impossível transformá-los no tempo sem outras implicações de sentido.

A vaca do Mineirinho – Parte II

Objetivos da atividade:

1- Perceber como os tempos verbais podem combinar entre si dentro de um texto.
2- Perceber a "estranheza" que se instala para o leitor quando essa concordância não é respeitada. Esse é um erro muito comum entre eles.

Questão 1:

Reescrevemos o mesmo período várias vezes. A cada vez apresentamos um conjunto possível ou um conjunto impossível de verbos conjugados. As crianças devem, em grupos, descobrir quais estão certos, quais estão errados e corrigir os erros quando houver.

Acreditamos que a maior riqueza da atividade está no momento da correção. O professor deve manter uma postura aberta, ouvir as soluções das crianças, pedir que expliquem como pensaram para chegar àquela conclusão. Muito mais importante do que simplesmente saber qual a solução certa é o que se aprende a partir dessa discussão.

Questão 1a:

Está errada; falava-se do ricão, portanto não seria correto dizer *fiquei*, pois isso significa mudar a pessoa. É um erro comum entre as crianças, pois elas se identificam com os personagens e mudam o foco narrativo ao se tornarem os heróis da história. Mais adiante encontramos um erro de tempo verbal. Na seqüência *chegou, olha* e *viu* há um encadeamento de ações temporais e, portanto, não poderia haver uma no presente no meio da seqüência no passado.

Questão 1b:

Temos novamente uma seqüência de ações que se sucedem no tempo. Olhar, ver a vaca, não acreditar e pisar mais são ações consecutivas e portanto não é possível uma delas, no meio, estar em tempo diferente. O mesmo pensamento vale para *acelera*; ele primeiro *ficou* cabreiro, depois *acelerou,* portanto, não pode ficar no presente.

Questão 1c:

Nessa solução temos coerentemente o presente. Ela está toda correta.

Questão 1d:

Novamente a questão do tempo. Os comentários feitos para as soluções 1a e 1b valem também para essa.

Questão 1e:

Nessa solução o início e o final do parágrafo estão coerentemente na terceira pessoa, mas o meio dele está incoerentemente na primeira. Essa forma de errar é muito comum entre as crianças. Elas começam a escrever distanciadas do texto e, portanto, em terceira pessoa. Depois, misturam-se com os personagens e viram os heróis da história, passando a escrever em primeira pessoa. Finalmente, distanciam-se novamente para poderem terminar o texto e voltam à terceira pessoa.

Questão 2:

Constatam que o texto do Mineirinho está predominantemente no passado e isso já os prepara para a pesquisa que será sugerida a seguir.

Questão 3:

Concluída a análise dos tempos nesse texto, propomos uma pesquisa interessante. Existe relação entre o tempo verbal e o tipo de texto? Cada equipe vai procurar uma modalidade de texto, observar a freqüência e tirar conclusões. Acreditamos que possam observar características como as que encontramos:

- Nos textos literários o passado costuma ser mais comum.
- Nas reportagens o presente é mais comum.
- Nos textos informativos de História, Arqueologia, etc., o passado é mais comum, mas nos textos informativos de outros conteúdos o presente é mais comum.
- Nas manchetes de jornal o presente é mais comum, e nos textos jornalísticos todos os tempos aparecem.

Naturalmente, como o professor estará trabalhando com os textos que as crianças trarão, é possível que encontrem outras relações. Nesse caso o professor deve considerar a solução das crianças e não a nossa.

Retirados os dados, o professor e a classe podem tirar conclusões interessantes como, por exemplo, que textos informativos costumam estar no presente para trazer ao leitor a sensação de uma coisa verdadeira e atemporal, que vale sempre; e essa idéia é o tempo presente que traduz.

Minha terra, minha casa e minha gente – Parte I

Objetivo da atividade:

- Trabalhar a concordância entre o verbo e a pessoa verbal.

É uma atividade que pode ser feita como lição de casa. Oferecemos as alternativas e pedimos que eles descubram a que seria possível. Mais do que descobrir qual é a certa, pensar por que as outras estão erradas é que vai produzir conhecimento, por isso sugerimos que o professor discuta todas as alternativas com a classe, sem dar a solução certa como resposta.

Minha terra, minha casa e minha gente – Parte II

Objetivos da atividade:

1- Trabalhar com concordância.

2- Desenvolver o papel de revisor.

É uma atividade simples, de reconhecimento de escolhas certas e erradas. Novamente a discussão no momento da correção é o mais importante.

Minha terra, minha casa e minha gente – Parte III

Nesse trecho do texto deixamos lacunas para os alunos conjugarem o verbo no tempo e na pessoa adequados.

Pode ser feita como lição de casa. As crianças sabem completar o texto como falantes da língua, mas depois, no momento da discussão, a necessidade de concordar pessoa e tempo deve ser abordada para que tomem consciência dela.

O professor deve orientar as crianças a não se prenderem à indicação do verbo que está abaixo da lacuna. Como falantes sabem que *Se havia uma desordem...* conhecem e falam *havia*, mas se ficarem pensando *Como é o verbo haver?* pensarão que é algo estranho. Por isso devem completar primeiro como falantes e depois conferir. Não evitamos um texto que tivesse esses verbos irregulares porque são extremamente comuns, encontrados nos textos com freqüência e geralmente grafados com erro pelas crianças. Sugerimos ao professor que aponte a presença do H no verbo *haver.*

Se levarmos em consideração a parte III como continuidade das partes I e II, apenas o passado pode ser empregado; mas se lidarmos separadamente, cada parte como um trecho, em um exercício individual como é, o uso do presente também se torna possível. Sugerimos ao professor que considere correto tanto o passado quanto o presente.

Minha terra, minha casa e minha gente — Parte IV

Objetivo da atividade:

- Trabalhar a concordância verbal.

Damos os verbos e o texto. Completar as lacunas com eles é a tarefa. Pode ser feita como lição de casa.

Trina

Objetivo da atividade:

- Trabalhar simultaneamente com grafia de verbos, revisão de algumas classes gramaticais e significação.

É o já conhecido jogo-da-velha. Sugerimos que as crianças tentem descobrir a solução sem o uso do dicionário. Só consultá-lo para confirmar a resposta. Trabalhamos com palavras homófonas (mesmo som mas grafia diferente), pois esses verbos, substantivos e pronomes são freqüentemente confundidos.

Depois que os alunos encontrarem a solução correta do jogo, sugerimos que o professor trabalhe as relações presentes em cada quadro. Por exemplo, no primeiro, a solução: *sede* é um substantivo e significa a necessidade de beber algo. No quadro temos também *sede*, que é substantivo e significa o local onde fica uma administração central, e *cede*, que é a 3ª pessoa do singular do verbo ceder, que significa renunciar, desistir, não resistir.

Ao proceder dessa forma, o professor poderá otimizar a possibilidade de conhecimento proposta no jogo. Ele pode propor a descoberta das outras trinas de cada quadro pintando cada uma delas com uma cor diferente, ou escrevendo no caderno as seqüências como fizemos aqui.

Como lição de casa propomos que encontrem outras palavras que, à semelhança das do jogo, sejam pronunciadas da mesma forma, mas que sejam escritas de maneira diferente e signifiquem coisas diferentes. Depois, podem montar trinas e trocar entre si. Bom jogo!

A sujeira nossa de cada dia

Objetivo da atividade:

- Trabalhar com as terminações AM/ÃO.

Desde o volume 2 temos trabalhado com essa questão. Nele apontamos a tonicidade como elemento de decisão entre AM e ÃO: quando a palavra terminar por AM é paroxítona, quando terminar por ÃO é oxítona.

No volume 3 voltamos a olhar para a terminação, mas dessa vez ligando-a ao tempo verbal: AM é terminação de presente e passado; ÃO é terminação de futuro.

Nesse volume voltamos mais uma vez a essa questão. Procuraremos agora trabalhar com tonicidade e tempo simultaneamente. Como é uma atividade de manutenção de um conhecimento já gerado e sistematizado, pode ser feita como lição de casa.

Questão 1:

As crianças devem preencher as lacunas com os verbos nos tempos definidos entre parênteses.

Questão 2:

Depois de preenchidas as lacunas, pedimos que organizem os verbos pela terminação para que possam observá-los melhor.

Questão 3:

Observando os verbos de cada coluna poderão concluir que:

1- Verbos terminados em ÃO: estão todos no futuro, 3ª pessoa do plural; são todos oxítonos.
2- Verbos terminados em AM: estão todos na 3ª pessoa do plural do presente ou do passado; são todos paroxítonos.

Depois que as crianças tiverem retirado as regras, o professor pode pedir que observem os verbos *estão* e *são*, que se encontram no trecho c. Eles terminam por ÃO mas estão no presente. Apresente-os como exceção que não invalida a regra.

Questão 4:

Sugerimos que as crianças escrevam como pensam ser esse processo de reciclagem para que tomem consciência do próprio pensamento. Caso o professor tenha interesse em discutir com elas, temos nessa atividade todo o material necessário para um excelente trabalho de conscientização ecológica dos nossos cidadãos. É importante o professor criar um espaço de troca dos textos redigidos pelas crianças para dar um sentido de comunicação ao texto delas e poder socializar o conhecimento da classe.

No mundo da lua

Objetivos da atividade:

1- Ajudar os alunos a descobrir algo que seja auxiliar para decidir quando usar O ou U em verbos terminados por encontro vocálico.
2- Trazer mais um pouco de informação sobre esse assunto apaixonante que é o espaço.

Mais uma vez trazemos a atividade de preenchimento de lacunas. É uma estrutura que permite trabalhar com um texto longo sem deixar as crianças exaustas reescrevendo o texto todo.

Questão 1:

Misturamos trechos de reportagem com textos escritos por nós para criar um contexto. Ao pedirmos que pintem os trechos do diário que são pensamentos do Ludovico, deixaremos os dois diferenciados para podermos refletir sobre eles.

Questão 2:

Ao preencher a tabela, as crianças organizarão os dados básicos para as conclusões que serão pedidas a seguir.

Questão 3:

Poderão concluir que:

- **O** é usado no **presente**, 1ª pessoa do singular (eu).
- **U** é usado no **passado**, 3ª pessoa do singular (ele).

Questão 4:

Ao retirarem a segunda letra dos verbos sublinhados e descobrirem a charada encontrarão a palavra *biscoito.* Que tal, gostou?!

O assunto **verbos** é quase interminável. Atingimos o limite do trabalho que desenvolveremos com ele por esgotamento do tempo disponível para o professor em sala de aula. Maior aprofundamento ou ampliação de conceito produziria exaustão. Assim sendo, terminamos por aqui.

Respostas das atividades do Módulo XI

Cuidado! Cão bravo!

1- O cachorro mordeu-lhe o pé: desenhar **1** pessoa, **1** cachorro, **1** pé mordido.
2- O cachorro mordeu-lhe os pés: desenhar **1** cachorro, **1** pessoa, os **2** pés mordidos.
3- Os cachorros morderam-lhe o pé: desenhar **vários** cachorros, **1** pessoa e **1** pé com várias mordidas.
4- Os cachorros morderam-lhe os pés.
5- Os cachorros morderam-lhes os pés: desenhar **vários** cachorros, **várias** pessoas e **todos** os pés mordidos.

A vaca do Mineirinho — Parte I:

Questões 1 e 2:

Narrador **Personagem**

Mineirinho **estava sentado** à beira de uma estrada, tendo ao lado sua vaca.
azul
Passou um ricaço muito do gozador, dirigindo seu carrão. Mineirinho, ao vê-lo
azul
passar, **pediu** carona. O dono do Porsche **resolveu** parar.
azul azul
— **Dá** uma caroninha, moço?
amarelo
E o ricão:
— Mas, e a vaca?

— Eu **amarro** ela no pára-choque — **respondeu** Mineirinho.
amarelo azul
— Mas ela não **vai agüentar**, meu chapa!
vermelho
— **Güenta**, sim.
amarelo
— Tá bom. Você **manda**!
amarelo
E lá se **foram** eles, com a vaca amarrada no pára-choque traseiro do carro.
azul

Questão 3:

As falas do narrador estão no passado. As falas do personagem estão no presente e no futuro.

Questão 4:

Mineirinho **está sentado** à beira de uma estrada, tendo ao lado sua vaca. **Passa** um ricaço muito do gozador, dirigindo seu carrão. Mineirinho, ao vê-lo passar, **pede** carona. O dono do Porsche **resolve** parar.

— **Deu** uma caroninha, moço?
E o ricão:
— Mas, e a vaca?
— Eu **amarrei** ela no pára-choque — **responde** Mineirinho.
— Mas ela não **agüentou**, meu chapa!
— **Güentou**, sim.
— Tá bom. Você **mandou**!
E lá se **vão** eles, com a vaca amarrada no pára-choque traseiro do carro.

Questão 5:

Nas falas do narrador não houve problema em mudar o tempo verbal, mas nas falas dos personagens essa mudança prejudicou o sentido.

A vaca do Mineirinho — Parte II

Questão 1:

Erros:

a)

– ***Fiquei** cabreiro*: deve concordar com ele (o ricão). Deve ser: ***Ficou** cabreiro*.

– *… ele **olha** o espelho e **viu**…* – deveria ser: *… ele **olhou** o espelho e **viu**…*, concordando com ***chegou***.

b) ***Acredita*** e ***acelera*** deveriam estar no passado, assim como os verbos anteriores que indicam as ações do ricão.

c) Solução correta. Toda a seqüência de verbos está coerentemente no presente.

d) ***Olha***, ***está*** e ***acelera*** devem ficar no passado, assim como o restante do texto.

e) Os verbos ***olhei, acreditei, pisei, fiquei, acelerei*** deveriam estar na 3ª pessoa do singular: ***olhou, acreditou, pisou, ficou, acelerou,*** pois indicam ações do ricão (ele).

Questão 2:

Nesse texto aparece mais o passado.

Questão 3:

Sim, existe relação entre o tempo verbal e o tipo de texto. Nos textos literários, por exemplo, o tempo verbal mais freqüente é o passado; nos textos informativos, é o presente; nas reportagens, é o presente. O professor deve considerar os dados encontrados pelas crianças.

Minha terra, minha casa e minha gente — Parte I

A alternativa **c** é a que completa o texto.

Minha terra, minha casa e minha gente — Parte II

Questão 1:

A melhor casa de telha era a da minha família, com muitos quartos e largo avarandado na frente e atrás. Chamavam-lhe a casa-grande por ser realmente a maior do povoado.

Para aquela gente paupérrima, **éramos** ricos.

Meu pai **tinha** umas duzentas cabeças de gado no campo, uma engenhoca de moer cana, uma máquina de descaroçar algodão e uma casa de negócios, em que **vinham** comprar moradores até de quinze ou vinte léguas distantes.

Questão 2:

A melhor casa de telha **é** a da minha família, com muitos quartos e largo avarandado na frente e atrás. **Chamam**-lhe a casa-grande por ser realmente a maior do povoado.

Para aquela gente paupérrima, **somos** ricos.

Meu pai **tem** umas duzentas cabeças de gado no campo, uma engenhoca de moer cana, uma máquina de descaroçar algodão e uma casa de negócios, em que **vêm** comprar moradores até de quinze ou vinte léguas distantes.

Minha terra, minha casa e minha gente — Parte III

Não *havia/há*/*tinha/tem* no lugarejo ninguém mais importante do que meu pai. *Era/É* tudo: autoridade policial, juiz, conselheiro, até médico.

A sua figura *inspirava/inspira* respeito; a sua presença *serenava/serena* discórdias. Se *havia/há* uma desordem, mal ele *chegava/chega* a desordem *acabava/acaba*. *Bastava/Basta* que *desse/dê* razão a uma pessoa, para que todo mundo *afirmasse/afirme* que essa pessoa é que *estava/está* com a razão. Os seus conselhos *faziam/fazem* marido e mulher, desunidos, *voltarem* a viver juntos. Ninguém *tomava/toma* um remédio sem lhe perguntar que remédio *devia/deve* tomar.

Minha terra, minha casa e minha gente — Parte IV

Meus pais *eram* padrinhos de quase toda a meninada dos arredores e o maior prazer de minha mãe *era* criar.

Se uma de suas comadres *morria*, deixando filhos pequeninos, ela, a pretexto de que as madrinhas *devem* ser segundas mães, ia *buscá*-los para que não *morressem* de abandono e de fome.

Às vezes, pela porta adentro, nos *entravam* verdadeiras braçadas de fedelhos, enchendo os quartos de alaridos e de berros. E minha mãe os *criava* com os mesmos cuidados e os mesmos carinhos com que criava os filhos.

Trina

LOCAL ONDE FICA UMA ADMINISTRAÇÃO CENTRAL	CEDE	NECESSIDADE DE BEBER ALGO
VERBO	SUBSTANTIVO	SEDE
SEDE	3ª PESSOA DO SINGULAR DE CEDER	VERBO

OBJETO QUE SEGURA AS CALÇAS NA CINTURA	SINTO	VERBO
SINTO	SUBSTANTIVO	PEDIDO DE DESCULPAS
SUBSTANTIVO	SENSAÇÃO DE SENTIR	CINTO

VERBO DAR (Ex.: Se ele me _____ outra chance.)	DESCE	VERBO
DESSE	VERBO	CONTRAÇÃO EM + ESSE
PRONOME	3ª PESSOA DO SINGULAR DE DESCER	NESSE

SELA	SUBSTANTIVO	APOSENTO DE PRESOS
ASSENTO SOBRE O QUAL MONTA O CAVALEIRO	SELA	VERBO
SUBSTANTIVO	PÕE SELOS	CELA

POÇO	VERBO	1ª PESSOA DO SINGULAR DE POSAR
VERBO	CAVIDADE FUNDA ABERTA NA TERRA PARA OBTER ÁGUA	POSO
1ª PESSOA DO SINGULAR DE PODER	POSSO	SUBSTANTIVO

VERBO	CESSÃO	ATO DE CEDER
SESSÃO	ESPAÇO DE TEMPO QUE DURA UMA REUNIÃO	SUBSTANTIVO
PARTE DE UM TODO	PRONOME	SEÇÃO

MEU	ESPAÇO ILIMITADO ONDE SE LOCOMOVEM OS ASTROS	PRONOME
QUE ME PERTENCE	SUBSTANTIVO	SEU
VERBO	CÉU	AQUILO QUE ME PERTENCE

SUBSTANTIVO	VISE	PRONOME
VERBO VER (Ex.: Se ele ____ a cara dela...)	VERBO	VISSE
VICE	QUE É O SEGUNDO HOMEM NO COMANDO	DIRIGIR A VISTA, MIRAR

A sujeira nossa de cada dia

Questão 1:

a) Bactérias, fungos, leveduras e outros micróbios se *alimentam* da matéria orgânica do lixo, transformando-a em compostos mais simples, que são devolvidos ao meio ambiente.

b) O trabalho de decomposição do lixo pode demorar um século ou mais. O tempo depende de vários fatores. O calor e a umidade do solo, por exemplo, *estimulam* o crescimento e a atividade dos microorganismos aeróbicos.

c) Quanto mais quente e úmido for o local onde os dejetos estão, mais rápida será a sua decomposição. Por outro lado, as águas e terrenos ácidos são muito prejudiciais ao meio ambiente, pois *limitam* a capacidade de desenvolvimento dos microorganismos.

d) Os ácidos, metais pesados e substâncias tóxicas *prejudicam* as bactérias, podendo chegar a matá-las.

e) Se o lugar for úmido, as folhas de papel *levarão* três meses para sumir, ou mais do que isso, se o local for seco. Além disso, papéis absorventes *durarão* vários meses. Jornais *permanecerão* intactos por décadas.

f) Os microorganismos, insetos e outros seres invertebrados geralmente *transformam* a matéria orgânica de forma eficaz. No entanto, restos de frutas, que se decompõem em uns 6 meses em clima quente, podem conservar-se por um ano num lugar mais ameno. Isso porque o frio e o orvalho dificultam a proliferação dos micróbios e diminuem sua capacidade devoradora.

g) Na Idade Média os homens não *sabiam* dos riscos que os restos de detritos poderiam representar e por isso não se *preocupavam* em enterrá-los ou incinerá-los.

h) Há poucos anos os cientistas *descobriram* que os gases que *emanam* da decomposição do lixo podem ser utilizados como fonte alternativa de energia.

i) Os vidros não se *biodegradarão* jamais. Sua resistência é tamanha que arqueólogos *encontraram* utensílios de vidro do ano 2 000 a.C. Por serem compostos de areia, sódio, cal e vários aditivos, os microorganismos não conseguem comê-los. Um recipiente de vidro demoraria 4 000 anos para se desintegrar pela erosão e ação de agentes químicos.

j) Estima-se que o Brasil produz uma montanha de mais de 80 000 toneladas de lixo por dia. É uma pena que, em São Paulo, das 12 000 toneladas diárias de lixo, apenas 0,8% seja reciclada. Otimistas *acreditam* que se um trabalho sério de conscientização for feito com a população, nos próximos anos muito mais toneladas de lixo *serão* recicladas.

Questão 2:

Verbos terminados em **ÃO**	Verbos terminados em **AM**
levarão, durarão, permanecerão, biodegradarão, serão	*alimentam, estimulam, limitam, prejudicam, transformam, sabiam, preocupavam, descobriram, emanam, encontraram, acreditam*

Questão 3:

- Todos os verbos terminados em **ÃO** estão no futuro e são oxítonos.
- Já os verbos terminados em **AM** estão no presente ou no passado e são paroxítonos.

No mundo da lua

Questão 1:

A sonda Magalhães, lançada pela NASA em 1989, chego**u** a Vênus um ano depois e **cobriu** 98% da superfície do planeta, fazendo as imagens das montanhas e vales mais nítidas já conseguidas até hoje e **distinguiu** crateras vulcânicas das criadas por meteoros. Desta forma ela **abriu** novas perspectivas de compreensão de como é verdadeiramente a superfície daquele planeta.

Desconfi**o** que essa sonda não está mais em órbita. Preciso pesquisar mais sobre este assunto pois essas informações foram-me dadas por um colega e quando gui**o**-me por informações pouco científicas sinto-me inseguro.

No dia 11 de outubro de 1994, a sonda Magalhães **atraiu** a atenção dos cientistas da NASA, interrompe**u** sua comunicação com a Terra e **espatifou**-se num vôo suicida na superfície do planeta Vênus. Encerro**u**, assim, sua missão de exploração por meio de radar daquele planeta irmão da Terra: Vênus.

É absolutamente incrível. Crei**o** que isso possa ter causado uma grande explosão. Imagino a sonda em mil pedaços incandescentes e fico estarrecido quando avali**o** o prejuízo para a ciência que um desastre desses provoca!

Ela foi a que consegui**u** realizar o mais completo retrato de Vênus dentre todas as vinte e seis sondas que a NASA lanço**u.**

Mas descoberta interessante mesmo foi a que **aconteceu** nos idos de 1650, quando o astrônomo e matemático holandês Christiaan Huygens, que **viveu** de 1629 a 1695, **montou** um poderoso telescópio, que revelo**u** que Saturno parecia mudar de forma.

Aprec**io** esses astrônomos e suas invenções maravilhosas. Em sonho apropri**o**-me de algumas delas, cri**o** muitas fantasias, fingindo que são minhas. Crei**o** que algum dia também vou inventar algo e sentir que propici**o** um pouco de evolução para a humanidade.

Huygens relato**u** que o planeta era cercado por um anel largo e fino. Pela primeira vez identificava-se como anel a estranha formação que circundava o planeta. Huygens descobri**u** também a maior lua de Saturno, Titã, bem como a nebulosa de Órion. A comunidade científica européia escolhe**u** o nome desse astrônomo para batizar a sonda espacial que envio**u** a Saturno.

Questão 2:

VERBOS	TRECHOS COM ANOTAÇÕES PESSOAIS	TRECHOS COM INFORMAÇÕES
ÚLTIMA LETRA DOS VERBOS	o	u
TEMPO	presente	passado
PESSOA	1ª pessoa	3ª pessoa
NÚMERO	singular	singular

Questão 3:

Escrevemos com **o** quando forem verbos no presente e na 1ª pessoa do singular; escrevemos com **u** quando forem verbos no passado e na 3ª pessoa do singular.

Questão 4:

a) O – I – B – T – S – C – I – O
b) Biscoito

Usando o dicionário

O trabalho com dicionário teve início no volume 1 com a descoberta de seu uso como um recurso de decisão ortográfica. As atividades propostas naquele volume estiveram centradas nos seguintes objetivos:

- descobrir a organização do dicionário por ordem alfabética, considerando a primeira, a segunda, a terceira letra de uma palavra, sucessivamente;
- descobrir a estrutura de organização e os recursos de busca rápida em um dicionário.

Se não houver certa agilidade na consulta, o dicionário torna-se mais um problema do que uma solução.

No **volume 2** ampliamos o uso do dicionário como recurso de descoberta de significado. As crianças trabalharam simultaneamente com dedução de sentido pelo contexto e com polissemia. Viram que o dicionário trazia todos os sentidos possíveis de cada palavra e que elas deveriam analisar qual sentido era viável em um determinado contexto. Verificaram também como encontrar palavras que estavam no texto de uma forma e no dicionário de outra, como no caso de femininos, aumentativos e diminutivos.

No **volume 3** pretendemos ampliar o uso do dicionário nas seguintes direções:

- Descobrir que o dicionário informa a classe gramatical das palavras, assunto que será desenvolvido neste volume.
- Verificar que ele informa a maneira como a palavra se formou e sua origem.
- Utilizar o dicionário como fonte de pesquisa ortográfica, para verificar se as descobertas feitas nas pesquisas são válidas, confrontando a informação do dicionário com as hipóteses.
- Descobrir os símbolos e as informações gerais que o dicionário traz. Esses objetivos devem estar presentes na cabeça do professor, pois, acima de tudo, é no uso informal e cotidiano que eles serão atingidos. Vamos sugerir algumas atividades de investigação específica e esperamos que o professor sistematize as descobertas no dia-a-dia.

No **volume 4** nossa intenção era ligar o projeto do dicionário com o trabalho de flexão das classes gramaticais, que é desenvolvido em Gramática.

Os grandes dicionários, como o Aurélio, indicam os masculinos e femininos irregulares, plurais de palavras compostas, etc. Infelizmente, quando fomos verificar nos dicionários de bolso, que são os utilizados nas escolas pelas crianças, constatamos que neles esse tipo de informação não consta.

Aceitando a realidade, nos absteremos de ampliar o trabalho nessa direção, deixando a sugestão para escolas que tenham em classe esse tipo de dicionário, que realizem a pesquisa e descubram mais essa riqueza de informações.

Apesar de não termos condição de ampliar seu uso, é importante que o professor aproveite para retornar à investigação de como encontrar no dicionário palavras que estão “de outra forma” no texto. Por exemplo: no texto está uma palavra no feminino. Como está ela no dicionário? Poderão fazer algumas descobertas interessantes, como a presença dos femininos irregulares (encontramos *boi/vaca),* mas a ausência de femininos regulares (**não** encontramos *gata,* apenas *gato*).

E quanto aos plurais? Se a palavra estiver no plural no texto, como encontrá-la no dicionário? Verificarão que ela aparece no singular.

E os verbos? Quando a palavra no texto é, por exemplo, *verificassem* ou *estão*, como encontrá-la no dicionário? Poderão usar o conhecimento de infinitivo e de verbos para encontrá-la.

Procedendo dessa forma, mais uma vez estaremos ajudando as crianças a perceberem a unidade do conhecimento, a importância de utilizarmos o que aprendemos em um espaço para compreender no outro, a buscar soluções novas para as questões que nos fazemos e a ter o dicionário como um auxiliar efetivo nas questões que a língua nos coloca constantemente.

Como introduzir novas informações do dicionário

Retome com eles tudo o que já sabem sobre o dicionário: para que serve, estratégias de busca e tudo o que souberem de interessante. Depois, peça que se reúnam em duplas, peguem o dicionário e comecem a folheá-lo, página por página, analisando o que aparece, os símbolos que ele contém, levantando hipóteses de significado desses símbolos. Vá discutindo o que é e o que significa cada um deles. O dicionário que utilizamos para análise foi o **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, Editora Nova Fronteira, 2ª edição, revista e aumentada. Caso as crianças estejam pesquisando em outro dicionário, é necessário o professor adaptar nossos comentários às informações e símbolos presentes no exemplar que elas têm.

Durante o trabalho poderão surgir perguntas do tipo:

- O Aurélio escreveu tudo sozinho ou outras pessoas o ajudaram?
- Ele conhece todas as palavras da língua?
- O que é prefácio? (Vale a pena ler o do Aurélio. É muito interessante.)
- O que são essas letras que aparecem depois das palavras? (São abreviaturas das classes gramaticais ou indicações de origem das palavras.)
- O que são esses numerozinhos que aparecem elevados ao lado de algumas palavras, como *a*$^{-2}$ + *compadre* + -*ar*^{2}?
- Por que às vezes aparece (ô) depois da palavra?

E muitos outros símbolos que aparecem nos verbetes de um dicionário podem ser questionados.

O professor deve sempre ter uma postura de levar os alunos a tentar descobrir pelo contexto o que significam os símbolos que encontram.

Uma vez descobertos os símbolos, as crianças poderão descobrir que o dicionário, além de informar a ortografia das palavras, informa o sentido, a origem, a classe gramatical, a maneira como se formou, o gênero, o número, o grau, a pronúncia, as expressões regionais ou de áreas específicas do conhecimento. Com todas essas descobertas as crianças poderão ter o dicionário como um recurso de pesquisa muito mais amplo e significativo do que como normalmente é utilizado.

Além de todos esses usos, o dicionário será importante recurso de pesquisas ortográficas, como está minuciosamente explicado nos módulos de ortografia.

Sugestões de jogos ortográficos para sistematização

Jogos de Stop

Os jogos de ***Stop*** são altamente lúdicos, costumam mobilizar muito as crianças e caracterizam-se por pedir uma tarefa que deverá ser cumprida em um prazo curto de tempo. Cada um dos tipos de ***Stop*** propicia uma forma própria de atuação e tem um objetivo específico. Assim sendo, o professor poderá escolher o jogo adequando-o aos conteúdos a serem trabalhados.

Stop *ortográfico*

Objetivos pedagógicos

1) Sistematizar dificuldades ortográficas que o professor considere relevantes.
2) Trabalhar com a imagem mental das palavras.
3) Acionar o vocabulário ativo e passivo dos alunos.
4) Revisar conteúdos gramaticais (tonicidade, classes gramaticais e outros).
5) Utilizar as descobertas e regras que os alunos tenham feito sobre Ortografia e/ou Gramática.

Descrição do jogo

Cada aluno ou equipe deve ter uma folha com um quadriculado grande, que pode variar de tamanho dependendo da faixa etária das crianças que estiverem jogando. Por exemplo, num jogo com 16 palavras, pedir que os alunos façam uma tabela com quadrados de 5 x 5, que deve ser preenchida da seguinte forma:

1) Na 1ª linha superior colocam-se as dificuldades que serão trabalhadas. É importante notar que o objetivo do jogo é encontrar palavras que tenham essa(s) letra(s) ou dificuldades, e não palavras que comecem com elas.
2) Na 1ª coluna da esquerda, completar os espaços indicando o campo semântico a que as palavras devem pertencer e que podem variar segundo os interesses das crianças. Os alunos gostam de universos vocabulares como CEP (cidade ou estado ou país), marcas de carros, cigarros, frutas, animais, partes do corpo humano, objetos de uma casa ou de um escritório, ou ainda palavras oxítonas, paroxítonas, proparoxítonas, substantivos, verbos, adjetivos, etc.
3) A um sinal do professor, as equipes devem preencher os quadros de acordo com os pedidos da 1ª linha e da 1ª coluna.
4) Não vale escrever mais de uma palavra por quadrinho.
5) A primeira equipe que terminar de preencher a tabela deve dizer *Stop!* e todas as outras param imediatamente de escrever.

Exemplo:

	X	CH	Ç	SS	S
CIDADES					
ESTADOS					
PAÍSES					
ANIMAIS					
CARROS					

Correção e contagem dos pontos

Para a correção, os alunos devem permanecer organizados em equipes. Um aluno de cada equipe se levanta e leva a solução do ***Stop*** para a equipe ao lado, de tal forma que o jogo da equipe A seja corrigido pela equipe B, sob o controle do fiscal da equipe A. Isto evita mal-entendidos. O professor vai, então, pedindo que cada equipe diga sua palavra daquele quadrinho. Por exemplo: a 1ª equipe diz sua palavra de CIDADE com X, depois a segunda diz a dela, e assim sucessivamente; em seguida, cada equipe vai falando um nome de animal com X, etc., e o professor vai escrevendo cada palavra na lousa.

Quando a palavra oferecer alguma dificuldade maior ou for um "tipo" que os alunos costumam errar na grafia, o professor pede que a equipe soletre para ele escrever, ou um aluno levanta-se e vai escrever na lousa. Isso garante o cuidado com a grafia, uma vez que a correção deve ser uma necessidade inerente ao jogo.

Conforme os alunos vão falando suas palavras, o professor vai anotando os pontos de cada grupo. Vence o grupo que obtiver o maior total de pontos na tabela.

Para a contagem dos pontos, devem ser observados os seguintes critérios:

1) Se dois ou mais grupos escreveram a mesma palavra, **5** pontos para cada grupo.
2) Se um único grupo escreveu aquela palavra, **10** pontos para esse grupo.
3) Se um único grupo conseguiu preencher aquele quadrinho e todos os outros deixaram em branco, este grupo recebe **15** pontos.
4) Se o quadrinho ficou em branco ou a palavra escrita apresentava algum erro na grafia, **0** ponto.

Stop *no texto*

Objetivo pedagógico

O objetivo desse jogo é desenvolver a postura de **revisor** nos alunos, para que possam exercê-la na revisão de seus próprios textos. Para desenvolvê-la, é preciso aprender a olhar o texto pela forma e não pelo conteúdo.

É um jogo que pode ser realizado nos minutos finais da aula, de improviso. É importante que seja repetido com certa freqüência para que atinja os objetivos pedagógicos estabelecidos.

O jogo

O professor pode aproveitar o texto que está sendo lido na classe para interpretação, por exemplo, e pedir que encontrem nesse texto um número X de palavras com uma determinada letra. Por exemplo, uma palavra com **H** em qualquer posição. Todas as palavras devem ser sublinhadas no texto.

Vence o aluno que conseguir encontrá-las primeiro. Caso você tenha alguns alunos que sejam rápidos demais e nunca deixam os outros chegarem próximo do fim, prossiga até encontrar o 5º ou o 6º colocado.

É um jogo rápido, que anima muito a classe, além de desenvolver o papel de revisor nas crianças. As palavras obtidas podem servir de universo para outras atividades.

Stop *em colunas*

Objetivos pedagógicos

Esta modalidade de ***Stop*** é mais uma forma de sistematização interessante de ser desenvolvida depois de atividades de descoberta sobre o sistema ortográfico. Ela jamais deve ser jogada como ponto de partida ou sem que tenha sido feita a análise do sistema anteriormente.

O ***Stop*** em colunas propicia um novo defrontar com a série de palavras em que a letra se encontra, aguçando o olhar da criança para esse tipo de propriedade do sistema ortográfico. É muito bom para desenvolver o "papel de revisor" na criança.

O jogo

Este jogo consta de uma folha de sulfite com uma lista de palavras que devem ser organizadas em colunas, de acordo com as dificuldades indicadas. O procedimento é simples.

1) Uma vez distribuídas as folhas, o professor fala *Já!* e todos arrumam as palavras nas colunas. O professor pode, também, determinar um tempo. Por exemplo: *Vocês têm 2 minutos (ou 5 minutos) para preencher a tabela.* Especialmente com crianças menores esta forma tem se mostrado mais eficiente.
2) Quem terminar primeiro e corretamente vence. É importante que o professor verifique se o aluno preencheu criteriosamente, pois há crianças que, no desespero de ganhar, fazem qualquer coisa, só para terminar primeiro, impedindo que todos possam pensar e aprender.
3) O professor deve utilizar o momento da correção para observar e trabalhar com os "erros" dos alunos, e não simplesmente dizer *Certo* ou *Errado.*

4) A correção é feita na lousa, e não há contagem de pontos.

Exemplo de uma tabela de ***Stop*** em colunas com a letra R:

rapaz
perto
drama
empurrado
topar

acordei
selar
enviar
agressivo
parado

ricaço
Araraquara
arranha
ordem
aranha

ruína
arrastou
artigo
certeza

R + vogal	vogal + R	consoante + R + vogal
rapaz...		
...		

R entre vogais	RR entre vogais

Stop *de descoberta*

Esta variação de ***Stop*** é uma atividade muito rica, que permite trabalhar com uma variedade muito grande de palavras. O número de palavras propostas deve variar de acordo com a série do aluno, podendo ser realizado de 1ª a 8ª série com sucesso.

Objetivos pedagógicos

1) Trabalhar com a imagem mental da palavra.
2) Acionar o vocabulário passivo do aluno.
3) Desenvolver estratégias de pensamento.
4) Desenvolver estratégias de decisão sobre a ortografia da palavra.
5) Sistematizar um determinado aspecto ortográfico.

Objetivos do jogo

1) Completar a tabela com a maior rapidez possível.
2) Obter o maior número de pontos ao completá-la. Vence o aluno que obtiver o maior total de pontos na tabela e não o que terminou primeiro.

O jogo

1) Os alunos podem jogar individualmente ou em grupo (nunca mais de quatro elementos).
2) Cada aluno ou grupo deve encontrar uma palavra que satisfaça as características dadas pela tabela.
3) Quando algum aluno ou grupo termina, grita *Stop!* e todos devem parar de escrever. Procede-se, então, à correção na lousa, com a análise dos pontos obtidos.
4) Após a contagem, indicar o(s) vencedor(es).

Contagem dos pontos

1) Se mais de um aluno completou com a mesma palavra, **5** pontos para cada um.
2) Se apenas um aluno (ou grupo) escreveu aquela palavra, **10** pontos para ele.
3) Se apenas um aluno (ou grupo) preencheu o espaço e mais ninguém descobriu uma palavra para aquela lacuna, **15** pontos para ele.
4) Palavra com erro de ortografia, **0** ponto.

Não permitir o uso do dicionário ao longo do jogo, para levar os alunos a acionarem as regras de ortografia que tiverem construído.

Exemplo de tabela do ***Stop*** de descoberta:

r ________________
tor ______________
____ __rr _________
r _______________r
__________ r _____

pr ________________
__________________r
_______ rr ________r
br ________________
_____ fer __________

______tr__________r
r _____gr __________
dr ________________
___ por ____________
ar _________________

Caso a tabela seja semelhante a esta, não esquecer de avisar os alunos de que quando o **r** aparece em séries como **tor**, ele deve ser a última letra da sílaba. Por exemplo: não vale palavra como **tora**, vale **torneira**.

Explicar também que o espaço marcado na tabela não tem nada a ver com o número de letras ou sílabas que a palavra deve ter. Valem, por exemplo, **torneira**, **torpedo**, **torpedinho**, **torta**.

Bingo ortográfico

Objetivos pedagógicos

1) Sistematizar a grafia de determinadas palavras.
2) Construir regras ortográficas a partir da observação de elementos lingüísticos.

O jogo

Durante o sorteio das palavras pelo professor, o objetivo é ser o primeiro a completar uma linha ou coluna de palavras sorteadas e grafadas corretamente.

1) Distribuir uma folha com uma tabela ou pedir aos alunos que façam uma tabela com 16 ou 25 quadrados (4 x 4 ou 5 x 5).
2) O professor seleciona as 16 ou 25 palavras (depende da tabela que estiver utilizando), dita uma a uma e vai escrevendo cada uma em um pedaço de papel cortado. Fecha cada palavra e joga os papéis dentro de um saco plástico, para o sorteio.
3) Cada aluno irá escrever a palavra ditada em algum lugar da tabela, de tal forma que, ao final, cada um terá uma tabela organizada de forma diferente.
4) Quando as tabelas estiverem preenchidas, o professor começa a sortear as palavras e os alunos vão assinalando em suas tabelas. Quando alguém preencher uma linha, coluna ou diagonal, passando pelo centro, levanta a mão e mostra para o professor. Se todas as palavras da linha completada estiverem corretas, o aluno vence. Se alguma apresentar grafia incorreta, o professor avisa que há erro mas não indica onde, e o aluno continua participando com outra linha ou coluna.
5) Como a intenção é aprender e jogar, vencer se torna menos relevante. Portanto, o professor continua o sorteio de palavras até quando achar conveniente para sua classe, não importando quantos vencedores haverá.

A correção

A correção deve ser feita na lousa e utilizada como um espaço para a discussão e reflexão sobre algum aspecto ortográfico. Por exemplo, se o objetivo do Bingo fosse a descoberta de diferenças entre AM e ÃO, o professor ditaria no Bingo apenas palavras com essas duas terminações e que não tivessem acento e no momento da correção perguntaria aos alunos: "*O que há em comum entre as palavras que foram ditadas?* Os alunos costumam responder que todas terminam em AM ou ÃO. O professor faz uma divisão na lousa e vai corrigindo de forma que cada terminação fique em uma coluna. Ao terminar de colocar as palavras na lousa, pergunta para os alunos: "*O que todas essas palavras têm em comum além do fato de terminarem em AM?*" (A mesma pergunta é feita para a outra coluna.) Os alunos poderão constatar que as palavras terminadas em AM são paroxítonas e as terminadas em ÃO são oxítonas, se não tiverem acento.

A descoberta é registrada no Caderno de Descobertas, e as palavras do Bingo, copiadas no caderno.

Jogo das dicas

Objetivos pedagógicos

1) Revisar conteúdos já trabalhados, aplicados a uma situação ortográfica.
2) Aprender a ouvir ordens, estando atento aos detalhes do enunciado.

O jogo

O objetivo do jogo é descobrir a palavra que está sendo ditada, a partir de dicas dadas pelo professor.

1) É para ser jogado individualmente, com a classe toda.
2) O professor seleciona um número X de palavras com a dificuldade que pretende trabalhar e propõe para a classe que, ao invés de falar a palavra, dará dicas e cada aluno deverá escrever a palavra que imaginou em seu caderno.
3) O professor deverá utilizar critérios variados para dar as dicas e poderá aproveitar para trabalhar conceitos de todas as áreas. Exemplos de dicas:
   a) A palavra na qual estou pensando tem (número) letras e (número) sílabas e é sinônimo de...
   b) É o nome que se dá ao processo de nascimento e crescimento de uma semente.
   c) É um substantivo trissílabo que dá nome a um sentimento que temos quando…
   d) É um adjetivo que é antônimo de..., etc.

Esse jogo é muito bom para se trabalhar com palavras homófonas (que são pronunciadas da mesma forma, mas grafadas de forma diferente), como **chá** e **xá**, **auto** e **alto**, **acender** e **ascender**, etc. Ao utilizá-lo dessa forma, estaremos reforçando nas crianças a concepção de que ortografia e significado estão relacionados.

Contagem de pontos

1) Palavra certa no sentido e na ortografia — **2** pontos.
2) Palavra certa no sentido e errada na ortografia — **1** ponto.
3) Palavra errada no sentido e na ortografia — **0** ponto.

Palavras cruzadas

Objetivos pedagógicos

1) Descobrir regras ortográficas.
2) Utilizar conceitos já trabalhados.

O jogo

O jogo de palavras cruzadas já é conhecido de todos. Podemos utilizá-lo para trabalhar Ortografia e os conceitos que quisermos. Basta selecionar as palavras mais interessantes para o assunto a ser trabalhado.

Para tal, é importante que o professor tenha em mente que o objetivo do jogo não é simplesmente ser divertido, mas que através dele conteúdos lingüísticos e psicológicos estão sendo trabalhados.

O professor poderá pedir, como lição de casa, que o aluno monte palavras cruzadas com determinada dificuldade ortográfica para que os colegas respondam. No dia seguinte todos trocam de jogos e um responde o do outro.

A montagem dos jogos exige raciocínio e capacidade de definição, dois elementos importantes de serem trabalhados. É interessante que na primeira vez esta atividade seja realizada em sala de aula, para que o professor possa auxiliá-los nessa descoberta.

Soletrando

Objetivos pedagógicos

1) Trabalhar com a imagem mental da palavra.
2) Distinguir as noções de letra e nome da letra.

O jogo

O objetivo do jogo é conseguir soletrar a palavra corretamente.

1) O professor pede que os alunos pesquisem, em casa, palavras com uma determinada dificuldade ortográfica e tragam o jogo para a classe. Por exemplo, palavras que tenham **R** ou que tenham **X – CH**.
2) No dia seguinte, a classe deve ser dividida em equipes de três ou quatro elementos, que serão, daí por diante, chamados de aluno número 1, 2, 3, 4, em cada equipe.
3) O jogador número 1 escolhe uma de suas palavras e pede que o jogador número 2 a soletre, isto é, *ele deve escrever a palavra na cabeça e soletrá-la letra por letra, na seqüência certa*. Enquanto isso, o jogador número 1 (o que ditou a palavra) vai escrevendo cada letra ditada.
4) Quando o jogador número 2 termina de soletrar, o número 1 diz se ele acertou ou errou. Se o 2 acertou, ganha um ponto e dita uma palavra para o 3. Se o 2 errou, o número 1 avisa que está errado e pede que o jogador 3 soletre a palavra. Caso acerte, o ponto será dele (do número 3).
5) O jogo termina após terem sido ditadas todas as palavras selecionadas, ou após um tempo determinado pelo professor ou combinado com a classe.

Jogo dos animais

Objetivos pedagógicos

a) Utilizar os conhecimentos gerados nas atividades de reflexão sobre uma determinada letra.
b) Trabalhar com a imagem mental das palavras.
c) Utilizar os processos mentais de classificação e seriação em uma situação ortográfica.

O jogo

O objetivo do jogo é que o aluno descubra como deve organizar letras móveis para formar as palavras que foram sugeridas pelas dicas dadas na tabela.

O professor divide a classe em grupos de quatro elementos e entrega para cada grupo uma tabela como a que será mostrada adiante, junto com um montinho de letras coloridas já selecionadas para formar as palavras. Esse jogo pode ser feito com cartolina e canetinha hidrocor.

Organizada a classe, o professor dá as dicas do jogo. Exemplo: *Com essas letras dá para vocês montarem nove palavras. Todas elas são nomes de animais. Todos os nomes têm a letra **H**.*

Dadas as dicas, o professor pede aos alunos que descubram e organizem as palavras na tabela abaixo, encontrando o lugar certo de cada uma.

Vence(m) o(s) grupo(s) que conseguir(em) organizar a tabela corretamente.

Veja um exemplo: jogo para treino da letra **H**.

Nome dos animais: cachorro, abelha, ovelha, minhoca, aranha.

V	C	V	C	C	V		
C	V	C	C	V	C	V	
C	V	C	C	V	C	C	V
V	C	V	C	C	V		
V	C	V	C	C	V		

V = vogal

C = consoante

Deixar sempre uma linha de espaços em branco, onde o aluno vai escrever as letras, e outra linha com a indicação **vogal** ou **consoante** como dica para o aluno saber que letra colocar nesse espaço.

Os alunos receberiam, no caso da tabela acima, um saquinho com as letras: A (8), B (1), C (3), E (2), H (5), I (1), L (2), M (1), N (2), O (4), R (3), V (1), que seriam utilizadas para o preenchimento da tabela.

Quando este jogo for realizado com alunos de 1ª série, é bom que o nome de cada animal esteja escrito com uma cor diferente, para que o desafio não esteja acima do limite deles. Se o jogo for feito com alunos de outras séries, pode-se manter a mesma cor para todas as palavras.

Bibliografia para pesquisa teórica

Ferreiro, Emilia. *Alfabetização em processo*. São Paulo, Cortez, 1986.

__________ & Teberosky, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.

Galves, Charlotte; Orlandi, Eni Pulcinelli; Otoni, Paulo, orgs. *O texto: escrita e leitura*. Campinas, Pontes, 1988.

Garcia, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1973.

Koch, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. São Paulo, Contexto, 1991.

Macedo, Lino de. *Ensaios construtivistas*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1994.

Orlandi, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas, Pontes, 1987.

__________. *Discurso e leitura*. São Paulo, Cortez, 1988.

Piaget, Jean. *A tomada de consciência*. Tradução de Edson Braga de Souza. São Paulo, Melhoramentos/Edusp, 1977.

__________. *Fazer e compreender*. Tradução de Cristina Larroudé de Paula Leite. São Paulo, Melhoramentos/Edusp, 1978.

__________ & Inhelder, Barbel. *A psicologia da criança*. Tradução de Otávio Mendes Campos. São Paulo, Difel, 1980.

PORTUGUÊS

Problemas da língua culta

Onde / Aonde

Prof.ª Isabel Vega

Onde / Aonde

► **As palavras onde e aonde podem ser advérbios de lugar ou pronomes relativos.**

I) Onde → acompanha verbos que não regem preposição **a**. Equivale a **em que**.

Ex.1: Vocês **encontraram** isso **onde**?
Vocês **encontraram** isso **em que lugar**?

} Advérbios de lugar

Ex.2: A **cidade** [**onde nasci**] é pequena.
↳ antecedente

A **cidade** [**em que nasci**] é pequena.

} Pronomes relativos

Qconcursos.com

Onde / Aonde

II) Aonde → acompanha verbos que regem preposição **a**. Equivale a **para que** ou **para o/a qual**.

Ex.1: Você **vai** **aonde**?
Você **vai** **para que lugar**?

Advérbios de lugar

Ex.2: O **hospital** [**aonde** me **levaram**] é novo.
↳ antecedente
O **hospital** [**para o qual** me **levaram**] é novo.

Pronomes relativos

DIZ AÍ POLI?!

ANALISANDO REDAÇÕES

REDAÇÕES NOTA MIL

@PROFESSORA_POLI

INSTRUÇÕES PARA A REDAÇÃO

- O rascunho da redação deve ser feito no espaço apropriado.
- O texto definitivo deve ser escrito à tinta, na folha própria, em até 30 linhas.
- A redação que apresentar cópia dos textos da Proposta de Redação ou do Caderno de Questões terá o número de linhas copiadas desconsiderado para efeito de correção.

Receberá nota zero, em qualquer das situações expressas a seguir, a redação que:

- desrespeitar os direitos humanos.
- tiver até 7 (sete) linhas escritas, sendo considerada "texto insuficiente".
- fugir ao tema ou que não atender ao tipo dissertativo-argumentativo.
- apresentar parte do texto deliberadamente desconectada do tema proposto.

TEXTOS MOTIVADORES

TEXTO I

CAPÍTULO IV
DO DIREITO À EDUCAÇÃO

Art. 27. A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem.

Parágrafo único. É dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência, colocando-a a salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação.

Art. 28. Incumbe ao poder público assegurar, criar, desenvolver, implementar, incentivar, acompanhar e avaliar: [...]

IV - oferta de educação bilíngue, em Libras como primeira língua e na modalidade escrita da língua portuguesa como segunda língua, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas; [...]

XII - oferta de ensino da Libras, do Sistema Braille e de uso de recursos de tecnologia assistiva, de forma a ampliar habilidades funcionais dos estudantes, promovendo sua autonomia e participação.

BRASIL. **Lei nº 13.146**, de 6 de julho de 2015. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em: 9 jun. 2017 (fragmento).

TEXTO II

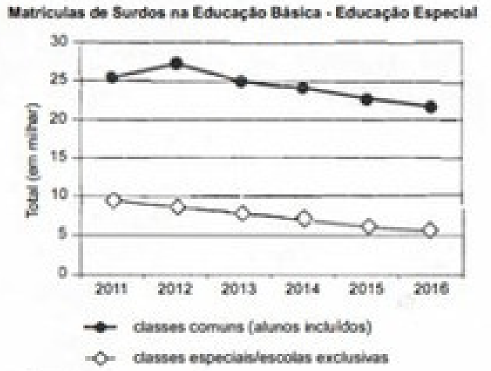

Fonte: Inep.

TEXTO III

SOU SURDO
E PÓS-GRADUADO EM MARKETING.
E NA SUA EMPRESA,
TEM ESPAÇO PARA MIM?
TRABALHO NÃO TOLERA PRECONCEITO.
VALORIZE AS DIFERENÇAS.

Disponível em: http://servicos.prt4.mpt.mp.br. Acesso em: 3 jun. 2017 (adaptado).

TEXTO IV

No Brasil, os surdos só começaram a ter acesso à educação durante o Império, no governo de Dom Pedro II, que criou a primeira escola de educação de meninos surdos, em 26 de setembro de 1857, na antiga capital do País, o Rio de Janeiro. Hoje, no lugar da escola funciona o Instituto Nacional de Educação de Surdos (Ines). Por isso, a data foi escolhida como Dia do Surdo.

Contudo, foi somente em 2002, por meio da sanção da Lei nº 10.436, que a Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi reconhecida como segunda língua oficial no País. A legislação determinou também que devem ser garantidas, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Libras como meio de comunicação objetiva.

Disponível em: www.brasil.gov.br. Acesso em: 9 jun. 2017 (adaptado).

PROPOSTA DE REDAÇÃO

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema "Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil", apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Thaís Fonseca Lopes de Oliveira

Na mitologia grega, Sísifo foi condenado por Zeus a rolar uma enorme pedra morro acima eternamente. Todos os dias, Sísifo atingia o topo do rochedo, contudo era vencido pela exaustão, assim a pedra retornava à base. Hodiernamente, esse mito assemelha-se à luta cotidiana dos deficientes auditivos brasileiros, os quais buscam ultrapassar as barreiras as quais os separam do direito à educação. Nesse contexto, não há dúvidas de que a formação educacional de surdos é um desafio no Brasil o qual ocorre, infelizmente, devido não só à negligência governamental, mas também ao preconceito da sociedade.

A Constituição cidadã de 1988 garante educação inclusiva de qualidade aos deficientes, todavia o Poder Executivo não efetiva esse direito. Consoante Aristóteles no livro "Ética a Nicômaco", a política serve para garantir a felicidade dos cidadãos, logo se verifica que esse conceito encontra-se deturpado no Brasil à medida que a oferta não apenas da educação inclusiva, como também da preparação do número suficiente de professores especializados no cuidado com surdos não está presente em todo o território nacional, fazendo os direitos permanecerem no papel.

Outrossim, o preconceito da sociedade ainda é um grande impasse à permanência dos deficientes auditivos nas escolas. Tristemente, a existência da discriminação contra surdos é reflexo da valorização dos padrões criados pela consciência coletiva. No entanto, segundo o pensador e ativista francês Michel Foucault, é preciso mostrar às pessoas que elas são mais livres do que pensam para quebrar pensamentos errôneos construídos em outros momentos históricos. Assim, uma mudança nos valores da sociedade é fundamental para transpor as barreiras à formação educacional de surdos.

Portanto, indubitavelmente, medidas são necessárias para resolver esse problema. Cabe ao Ministério da Educação criar um projeto para ser desenvolvido nas escolas o qual promova palestras, apresentações artísticas e atividades lúdicas a respeito do cotidiano e dos direitos dos surdos. - uma vez que ações culturais coletivas têm imenso poder transformador - a fim de que a comunidade escolar e a sociedade no geral - por conseguinte - conscientizem-se. Desse modo, a realidade distanciar-se-á do mito grego e os Sísifos brasileiros vencerão o desafio de Zeus.

Análise

Aqui, temos uma redação que foi iniciada com uma analogia. A candidata usou a história da mitologia grega para comparar a situação de Sísifo com as barreiras que os deficientes auditivos enfrentam no Brasil.

É interessante observar que ela utilizou uma referência que a princípio não teria muita relação com o tema, entretanto ela conseguiu correlacionar muito bem as duas situações.

Ao usar referências é muito importante que estas se relacionem com o assunto proposto , caso contrário será apenas uma informação 'solta' no texto.

Outro ponto importante é que a candidata deixa bem claro o assunto que irá tratar **(esse mito assemelha-se à luta cotidiana dos deficientes auditivos brasileiros)**, assim o leitor já terá uma noção do assunto que será abordado.

Quanto a tese, ela aborda de maneira explicita quando diz que '**não há dúvidas de que a formação educacional de surdos é um desafio no Brasil'** citando a seguir os dois pontos que desenvolverá na argumentação e que defenderá a sua tese: "**à negligência governamental, mas também ao preconceito da sociedade**".

Uma das estratégias no desenvolvimento foi usar a Constituição. Este tipo de citação agrega muito valor ao texto, mas é preciso ter uma noção prévia sobre a lei. Minha dica é que você leia alguns artigos, principalmente aqueles que falam sobre direitos individuais.

Observe que no primeiro parágrafo do desenvolvimento, apesar de a candidata ter feito duas citações, ainda fez um argumento bem aprofundado destacando em quais pontos o governo tem negligenciado.

Na conclusão, podemos identificar os cinco elementos que a proposta de intervenção exige.

Agente: **Ministério da Educação**

Ação: **projeto para ser desenvolvido nas escolas**

Meio: **palestras, apresentações artísticas e atividades lúdicas a respeito do cotidiano e dos direitos dos surdos.**

Finalidade: **a fim de que a comunidade escolar e a sociedade no geral - por conseguinte - conscientizem-se.**

Detalhamento: **uma vez que ações culturais coletivas têm imenso poder transformador**.

Ao final, ela retoma a condição da citação contada na introdução "**Desse modo, a realidade distanciar-se-á do mito grego e os Sísifos brasileiros vencerão o desafio de Zeus".**

PORTUGUÊS

Problemas da língua culta

Mal / Mau

Prof.ª Isabel Vega

I) MAL

a) **advérbio de modo** → relaciona-se ao verbo; muitas vezes, é empregado como o contrário do advérbio "**bem**" ou com o sentido de "**pouco**".

Ex.1: Ele dormiu **mal** ontem à noite.
Ele dormiu **bem** ontem à noite.

Ex.2: Como era de esperar, ele **mal** falou do assunto.
Como era de esperar, ele **pouco** falou do assunto.

b) **substantivo** → apresenta o sentido de **"a coisa má"**

Ex.: É preciso escolher entre o bem e **o mal**.

II) MAU

a) **adjetivo** → relaciona-se ao substantivo; é empregado como o contrário do adjetivo “**bom**”.

Ex.1: Ele é um **mau** menino.
Ele é um **bom** menino.

Ex.2: Este está sendo um **mau** ano para as finanças.
Este está sendo um **bom** ano para as finanças..

b) **substantivo** → apresenta o sentido de “**aquele que é mau**”.

Ex.: Nem sempre **os maus** são punidos.

PORTUGUÊS

Morfologia – Pronomes

Pronomes pessoais retos

Prof.ª Isabel Vega

Pronomes pessoais retos

► **Pronomes retos** → substituem o substantivo nas funções sintáticas de sujeito e de predicativo do sujeito.

Ex.: [Eu] [sou] [a professora de Português].
↳Suj. ↳V.L. ↳Predicativo do suj.

[A professora de Português] [sou] [eu].
↳Sujeito ↳V.L. ↳Predicativo do sujeito

OBS.: [Ele] referiu-se a [ela].
↳Sujeito= pronome reto
↳Objeto indireto= pronome oblíquo

PORTUGUÊS

Sintaxe

Termos acessórios da oração - Parte II

Diferença entre adjunto adnominal e complemento nominal

Prof.ª Isabel Vega

Diferença entre adjunto adnominal e complemento nominal

► ADJUNTO ADNOMINAL

→ Relaciona-se com qualquer substantivo, concreto ou abstrato.

→ Pode começar ou não com preposição.

→ Acrescenta ao substantivo, muitas vezes, sentido de posse.

→ Apresenta o sentido de agente da ação verbal, quando o substantivo é derivado de verbo.

Ex.: Amor **de mãe / materno** é imenso.

→ A mãe ama

Diferença entre adjunto adnominal e complemento nominal

► COMPLEMENTO NOMINAL

→ Relaciona-se apenas com substantivos abstratos.

→ Sempre começa com preposição.

→ Relaciona-se com o substantivo como o objeto se relaciona com o verbo.

→ Apresenta o sentido de paciente da ação verbal, quando o substantivo é derivado de verbo.

Ex.: Amor **pela mãe** é imenso.

→ A mãe é amada.

Diferença entre adjunto adnominal e complemento nominal

◆ **Intersecção** → quando ambos iniciarem por preposição e se relacionarem com substantivos abstratos.

AA – relação de agente / CN – relação de paciente

Ex.1: **A crença** [**do time**] [**na vitória**] deu novo ânimo à torcida.

↳ **AA** ↳ **CN**

(O time creu na vitória)

Ex.2: A venda [**de João**] pegou fogo.

Diferença entre adjunto adnominal e complemento nominal

Ex.3: A venda [**do carro**] foi demorada.

Ex.4: O resgate [**do bebê**] [**pelos bombeiros**] emocionou todos.

Qconcursos.com

PORTUGUÊS

Morfologia – Pronomes

Pronomes de tratamento

Prof.ª Isabel Vega

Qconcursos.com

►**Pronomes de tratamento** → São pronomes de 3ª pessoa usados para nos referirmos diretamente ao interlocutor, normalmente com maior grau de cerimônia.

Ex.: **Vossa senhoria** **concederá** sua permissão para a festa?

Você **sabe** o que estou falando.

A senhora **viu** para onde foi aquele moço?

OBS.1: Segundo a norma-padrão, emprega-se o **TU** (2ª pessoa) em linguagem familiar e o **VOCÊ** quando há intenção de aproximação, a fim de demonstrar tratamento igualitário. No Brasil, coloquialmente, prefere-se o VOCÊ nas duas circunstâncias.

Pronomes de tratamento

OBS.2: Não é correta a mescla dos pronomes de 2ª e de 3ª pessoas na mesma frase ou no mesmo texto.

Ex.: **Você** trouxe o que **te** pedi?

OBS.3: A forma **Vossa Excelência** e os demais pronomes com "vossa" indicam a pessoa com quem se fala (equivale à 2ª pessoa). A forma **Sua Excelência** e as demais indicam a pessoa de quem se fala (equivale à 3ª pessoa).

Ex.: **Vossa Excelência**, **Senhor Ministro**, aprova a medida? (**vocativo**)

Sua Excelência, **o** **Senhor Ministro**, aprova a medida? (**aposto**)

Pronomes de tratamento

Abreviatura	Tratamento	Usado para
V. A.	Vossa Alteza	Príncipes, duques
V. Em.ª	Vossa Eminência	Cardeais
V. Ex.ª	Vossa Excelência	Altas autoridades do governo; oficiais generais; bispos e arcebispos.
V. Mag.ª	Vossa Magnificência	Reitores de universidades
V.M.	Vossa Majestade	Reis, imperadores
V. Rev.ª	Vossa Reverência	Sacerdotes em geral
V.S.	Vossa Santidade	Papa
V. S.ª	Vossa Senhoria	Funcionários públicos graduados; oficiais até coronel.

Qconcursos.com

Pronomes de tratamento

OBS.4: A forma **Dom** (D.) tem emprego restrito na língua (família real, nobres, monges beneditinos e membros eclesiásticos, a partir de bispos). A forma **Dona** (D.) aplica-se a qualquer classe social.

OBS.5: A forma de tratamento **Vossa Senhoria** usa-se, praticamente, apenas na língua escrita, em correspondências oficiais e comerciais. A forma **Vossa Excelência** é empregada em situações orais restritas (no campo político ou diplomático). O uso das demais formas restringe-se a situações protocolares e é bem específico. Na maioria das vezes, no tratamento direto, dá-se a substituição por **senhor** ou **senhora**, como ocorre em relação a padres, em lugar de **Vossa Reverência**.

Curso:
– Língua Portuguesa – começando do ZERO

Professor: Rodrigo Bezerra

Bibliografia sugerida

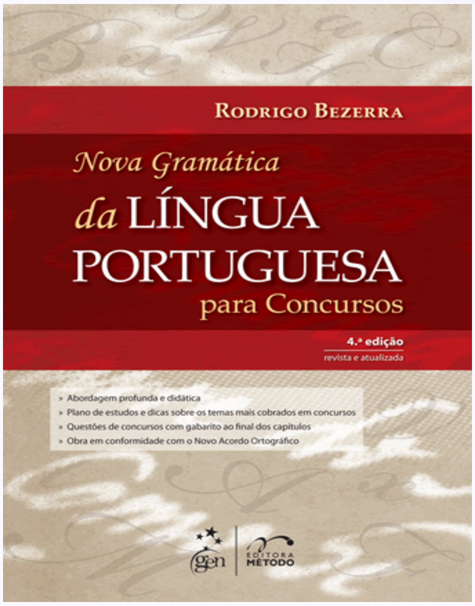

RODRIGO BEZERRA

Nova Gramática da LÍNGUA PORTUGUESA para Concursos

4.ª edição
revista e atualizada

» Abordagem profunda e didática
» Plano de estudos e dicas sobre os temas mais cobrados em concursos
» Questões de concursos com gabarito ao final dos capítulos
» Obra em conformidade com o Novo Acordo Ortográfico

gen | EDITORA MÉTODO

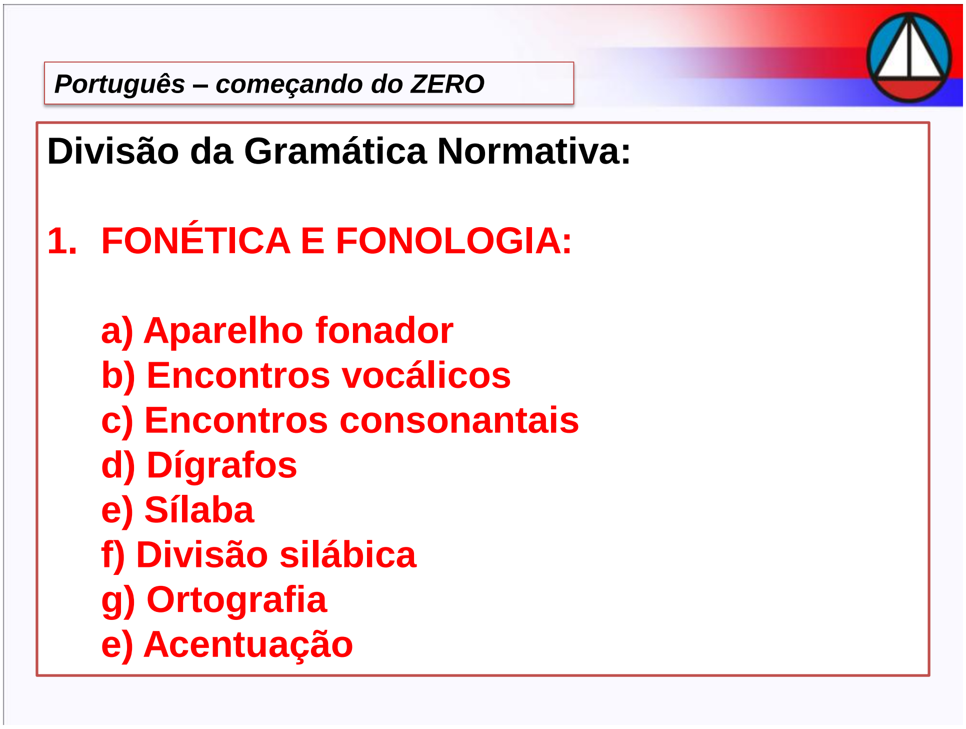

Português – começando do ZERO

Divisão da Gramática Normativa:

1. FONÉTICA E FONOLOGIA:

   a) Aparelho fonador
   b) Encontros vocálicos
   c) Encontros consonantais
   d) Dígrafos
   e) Sílaba
   f) Divisão silábica
   g) Ortografia
   e) Acentuação

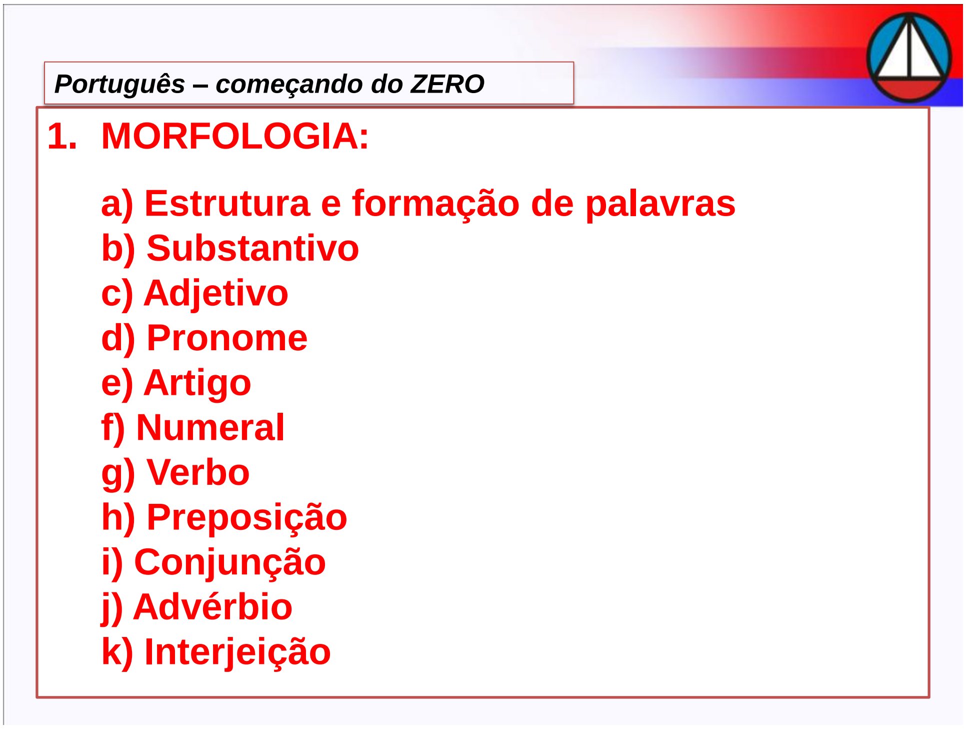

Português – começando do ZERO

1. MORFOLOGIA:

   a) Estrutura e formação de palavras
   b) Substantivo
   c) Adjetivo
   d) Pronome
   e) Artigo
   f) Numeral
   g) Verbo
   h) Preposição
   i) Conjunção
   j) Advérbio
   k) Interjeição

Português – começando do ZERO

1. SINTAXE:

a) de oração
b) de período
c) de concordância
d) de regência
e) emprego do acento grave
f) de colocação
g) pontuação

Português – começando do ZERO

1. PARTE ESPECIAL:

a) Emprego do infinitivo
b) Funções de alguns vocábulos especiais
c) Particularidades sobre alguns vocábulos
d) Linguagem figurada – figuras e vícios de linguagem.

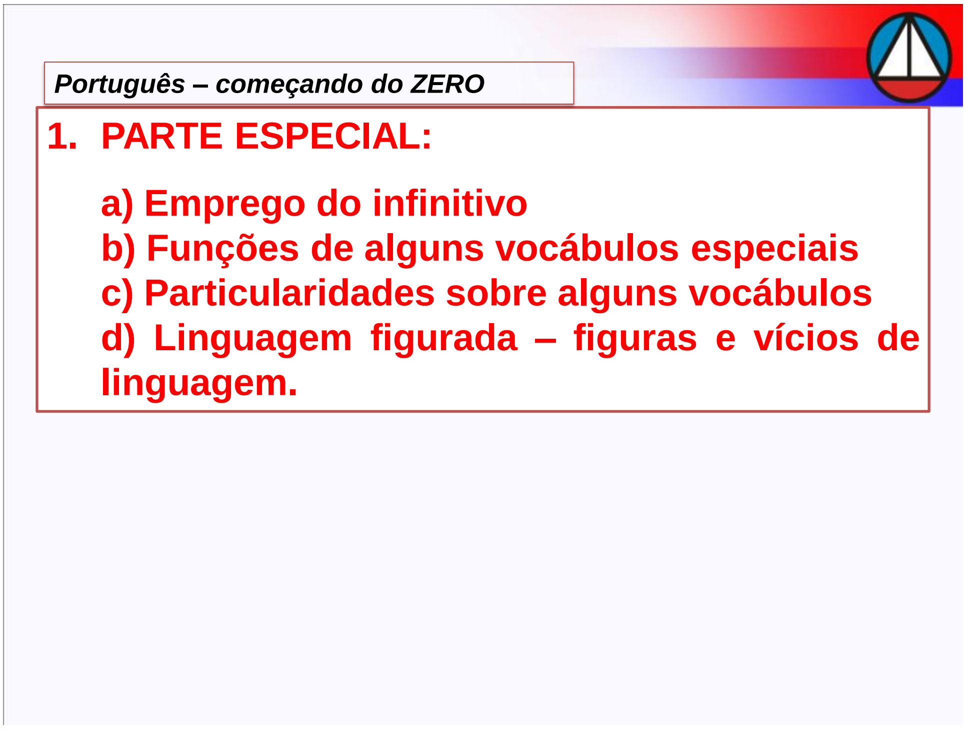

Português – começando do ZERO

1. **PARTE ESPECIAL:**
   - **a) Emprego do infinitivo**
   - **b) Funções de alguns vocábulos especiais**
   - **c) Particularidades sobre alguns vocábulos**
   - **d) Linguagem figurada – figuras e vícios de linguagem.**

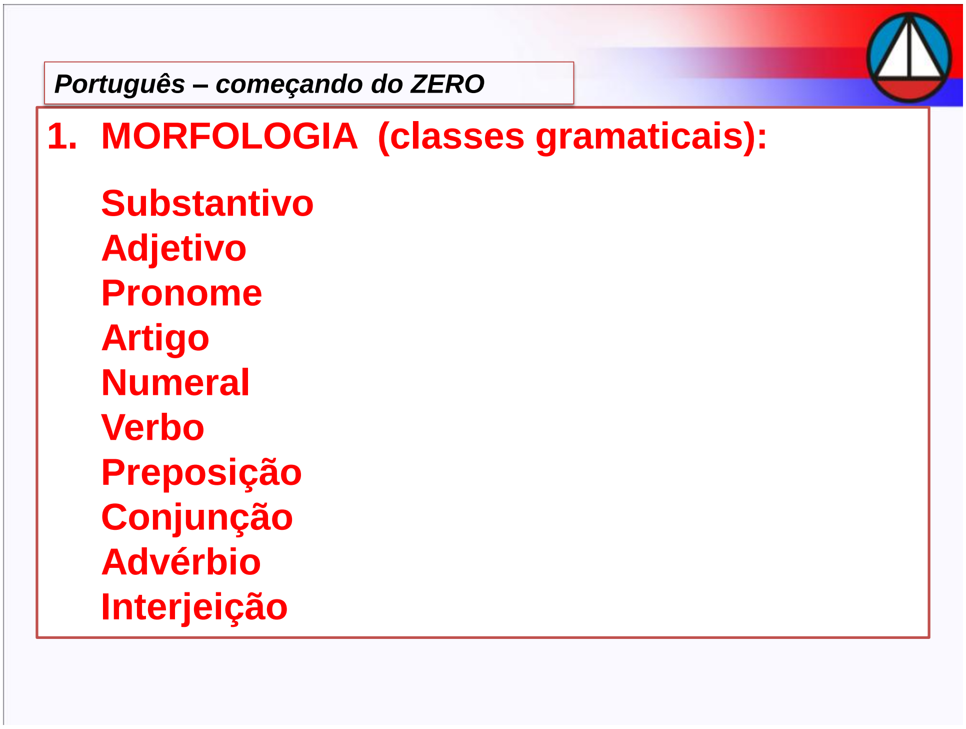

Português – começando do ZERO

1. **MORFOLOGIA (classes gramaticais):**
   - **Substantivo**
   - **Adjetivo**
   - **Pronome**
   - **Artigo**
   - **Numeral**
   - **Verbo**
   - **Preposição**
   - **Conjunção**
   - **Advérbio**
   - **Interjeição**

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

1. Definição clássica:

É a classe de palavra variável com a qual se denomina os seres em geral. Aqui, a palavra “ser” precisa ser entendida não só como aquilo que possui uma existência concreta (pedra, homem, carro, lua), mas também como aquilo que possui uma existência imaginária (Saci, fada, Minotauro), abstrata (fé, alegria, tristeza), ou mesmo de comprovação discutível (anjo, alma, inferno).

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

1. Definição clássica:

Por isso, classificam-se como substantivos as coisas, os sentimentos, as qualidades, as ações, os estados, considerados em si mesmos.

* beleza
* casamento
* árvore
* morte
* vento
* sonho
* vida
* cobre
* Terra
* vingança
* água
* símbolo

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

1. Classificação do substantivo

Os substantivos podem ser classificados em: concretos, abstratos, próprios, comuns, simples, compostos, primitivos, derivados e coletivos.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

1. Concretos e abstratos: Os primeiros indicam os seres que possuem existência própria independente dos demais seres, não importando se são reais ou imaginários. Já os segundos indicam os seres que dependem da existência de outros seres para existirem. Estes últimos indicam qualidades, ações ou estados.

* mesa – faca – lápis – apontador – lua – terra – mar

* pânico – medo – tristeza – bondade – sonho

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

2. Próprios e comuns: Os próprios designam um ser específico, determinado dentre os outros de sua espécie. Já os comuns designam os seres de uma espécie de forma genérica.

* rua – casa – flor – carro – aliança – cidade – rio

* Pedro – Brasil – Nova Iorque – São Francisco – Jesus Cristo

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

3. Simples e compostos: São simples os substantivos formados por um só elemento, um só radical. Já os compostos são constituídos por mais de um radical ou elemento formador.

* terra – fruta – cavalo – pau

* terra-cozida ; fruta-pão ; cavalo-vapor

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

4. Primitivos e derivados: Os primitivos são aqueles substantivos que não resultam de nenhuma outra palavra pré-existente. Já os derivados, como o próprio nome já o denuncia, são os substantivos oriundos de outras palavras, ditas primitivas.

* terra – pedra – mar – luz – folha

* terraplanagem – pedreira – maremoto – luzeiro – folhagem

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

5. Coletivos: são os substantivos que, no singular, indicam uma coleção, um agrupamento, um conjunto de seres da mesma espécie.

Academia → de literatos, de artistas, de sábios etc.
Acervo → de bens patrimoniais, de obras de arte etc.
Cabido → de cônegos de uma catedral
Cacaria → de cacos
Cacho → de uvas, de bananas etc.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

Observação:

Há coletivos que são denominados de numéricos, pois representam quantidades numéricas exatas. Exemplos:

* **par** → conjunto com dois elementos
* **dúzia** → conjunto de doze elementos
* **lustro** → período de cinco anos
* **milhar** → conjunto de mil coisas
* **novênio** → período de nove anos
* **semestre** → período de seis meses

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

Flexões dos substantivos

Como palavras variáveis que são, os substantivos se flexionam em: **gênero**, **número** e **grau**.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

Flexões de gênero

Em primeiro lugar, é importante dizer que o gênero é uma classificação puramente gramatical. Segundo o gênero, os substantivos são agrupados em **masculinos** e **femininos**.

Em tese, são masculinos todos os substantivos aos quais se pode antepor o artigo definido masculino “o(s)”. Por outro lado, são femininos todos os que admitem o artigo definido feminino “a(s)”.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

Flexões de gênero

Observação: Inúmeros são os procedimentos para a formação do feminino na língua portuguesa, e não há uma regra que consiga abarcar todas as situações. Daí a quantidade exorbitante de substantivos os quais possuem formas totalmente diferentes para indicar o masculino e o feminino. Estes substantivos são denominados de “heterônimos”. Segue abaixo uma lista sucinta de tais substantivos (também denominados de “**biformes**”, diga-se por conveniência) e seus respectivos femininos.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

Substantivos uniformes

Um outro grande grupo de substantivos possui apenas uma única forma gráfica para designar tanto o masculino quanto o feminino – são os denominados de **UNIFORMES**. Dividem-se em:

a) Sobrecomuns – são substantivos que possuem uma única forma para o masculino e para o feminino. Até o artigo que acompanha estes substantivos é comum aos dois gêneros.

* o monstro * o cadáver * a criança * o sujeito

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

Substantivos uniformes

b) Comuns de dois gêneros – são substantivos que possuem uma única forma gráfica para os dois gêneros, mas se faz a distinção do masculino e do feminino pela utilização de artigos “o, a, os, as, um, uns, uma, umas”.

* o/a cliente
* o/a estudante
* o/a acrobata
* o/a artista
* o/a diplomata
* o/a agente

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

Oposição entre o gênero e o sentido

Muitos substantivos mudam de sentido quando têm seu gênero alterado. Diz-se, então, que houve um gênero aparente, já que a outra forma não representa o sexo oposto, mas uma palavra com um significado totalmente diferente do significado da primeira. Observe:

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

Oposição entre o gênero e o sentido

o língua (o intérprete); a língua (órgão da fala)
o caixa (funcionário); a caixa (receptáculo)
o razão (livro mercantil); a razão (faculdade intelectual)
o guarda (policial); a guarda (corporação, proteção)
o guia (orientador); a guia (documento)
o cura (padre) ; a cura (restabelecimento da saúde)
o lotação (veículo) ; a lotação (capacidade)

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

a) São masculinos

- o apêndice
- o alvará
- o aneurisma
- o champanha
- o charque (carne-seca, jabá)
- o clã
- o cônjuge
- o cós

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

b) São femininos

- a abusão (engano, erro)
- a dinamite
- a acne
- a áspide (serpente)
- a omelete
- a omoplata
- a agravante (circunstância)
- a alface

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

Substantivos que são masculinos ou femininos indistintamente

São substantivos que são bastante usuais e que podem ser usados tanto como femininos quanto como masculinos.

*o/a sabiá (ave)   * o/a cataplasma   *o/a suéter
* o/a xérox   * a/o usucapião
* o/a diabete (ou diabetes)   * o/a personagem

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

Flexões de número

O número é capacidade que possuem alguns nomes de indicar um ou mais seres ou coisas. Como o gênero, a flexão de número é uma categoria gramatical. Em português, existem dois números gramaticais: o singular e o plural.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

1. Em geral os substantivos formam o plural com o acréscimo da desinência "-s" ao singular. Isso frequentemente ocorre com os substantivos terminados em vogal ou em ditongo:

Ex.:

* casa → casas

* pé → pés

* menino → meninos

* janela → janelas

* prédio → prédios

* livro → livros

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

2. Os substantivos terminados em "-ão" fazem o plural de três maneiras:

a) Alguns simplesmente seguem a regra geral e acrescentam "-s" ao "-ão":

* mão → mãos

* grão → grãos

* irmão → irmãos

* cristão → cristãos

* chão → chãos

* vão → vãos

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

2. Os substantivos terminados em "-ão" fazem o plural de três maneiras:

b) Outros trocam o "-ão" por "-ães":

* escrivão → escrivães

* cão → cães

* alemão → alemães

* pão → pães

*capitão → capitães

* tabelião → tabeliães

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

2. Os substantivos terminados em "-ão" fazem o plural de três maneiras:

c) Um grande grupo troca o "-ão" por "-ões":

* leão → leões

* balão → balões

* mamão → mamões

* limão → limões

* caixão → caixões

* botão → botões

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

Observação importante!!

Alguns substantivos terminados em “-ão” apresentam mais de uma forma para o plural. Observe abaixo:

* aldeão → adeãos e aldeões   * anão → anão e anões

* ancião → anciãos, anciães e anciões

* castelão → castelãos e castelões

* corrimão → corrimãos e corrimões

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

Alguns substantivos terminados em “-ão” apresentam mais de uma forma para o plural. Observe abaixo:

* ermitão → ermitãos, ermitães e ermitões

* guardião → guardiães e guardiões

* sultão → sultães e sultões

* verão → verãos e verões

* vilão → vilãos, vilões e vilães

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

Os substantivos terminados em “-n” fazem o plural tanto com o acréscimo de “-es” quanto com o acréscimo de “-s”.

* **próton** → prótones ou prótons
* **nêutron** → nêutrones ou nêutrons
* **hífen** → hífenes ou hifens
* **abdômen** → abdômenes ou abdômens
* **líquen** → líquenes ou liquens
* **elétron** → elétrones ou elétrons

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

Plural dos substantivos compostos

Os substantivos compostos apresentam um vasto conjunto de regras especiais para a formação de seus plurais. Vários substantivos fogem das orientações abaixo e apresentam uma forma própria, particular para o seu plural.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

1ª regra: Substantivos compostos formados por palavras variáveis quanto ao número → ambas as palavras devem ir para o plural. As palavras que formam o composto devem, portanto, ser analisadas se, isoladamente, são suscetíveis de ir para o plural.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

Exemplos:

* couve-flor → couves-flores

* terça-feira → terças-feiras

* amor-perfeito → amores-perfeitos

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

2ª regra: Substantivos compostos formados por palavra invariável mais uma palavra variável → só o segundo elemento deverá ir para o plural.

* abaixo-assinado → abaixo-assinados

* quebra-mar → quebra-mares

* ave-maria → ave-marias

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

3ª regra: Substantivos compostos unidos por preposição → só o primeiro elemento varia.

* pé-de-moleque → pés-de-moleque

* joão-de-barro → joões-de-barro

* mula-sem-cabeça → mulas-sem-cabeça

* pôr-do-sol → pores-do-sol

*pimenta-do-reino → pimentas-do-reino

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

4ª regra: Substantivos compostos em que o segundo elemento delimita o primeiro → só o primeiro elemento varia.

* **navio-escola** → navios-escola
* **peixe-boi** → peixes-boi
***banana-maçã** → bananas-maçã
* **pau-brasil** → paus-brasil
* **caneta-tinteiro** → canetas-tinteiro
* **pombo-correio** → pombos-correio

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

5ª regra: Substantivos compostos formados por palavras repetidas ou palavras onomatopaicas (reprodução de sons das coisas, dos animais) → só o segundo elemento se flexiona.

* reco-reco → reco-recos

* pisca-pisca → pisca-piscas

* ruge-ruge → ruge-ruges

* tico-tico → tico-ticos

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

6ª regra: São substantivos compostos invariáveis:

* o louva-a-deus → os louva-a-deus (invariável)

* o saca-rolhas → os saca-rolhas (invariável)

* o arco-íris → os arco-íris (invariável)

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

Plural dos substantivos diminutivos

Para a formação do plural dos substantivos diminutivos deve-se obedecer às seguintes orientações:

1º → coloca-se o substantivo, sem os sufixos do diminutivo, no plural;
2º → retira-se o “-s” do plural deste substantivo;
3º → acrescenta-se o sufixo do diminutivo;
4º → acrescenta-se o fonema “-s” que foi retirado;

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

Plural dos substantivos diminutivos

* pãozinho → pãezinhos

* papelzinho → papeizinhos

* barzinho → barezinhos

* florzinha → florezinhas

* farolzinho → faroizinhos

Português – começando do ZERO

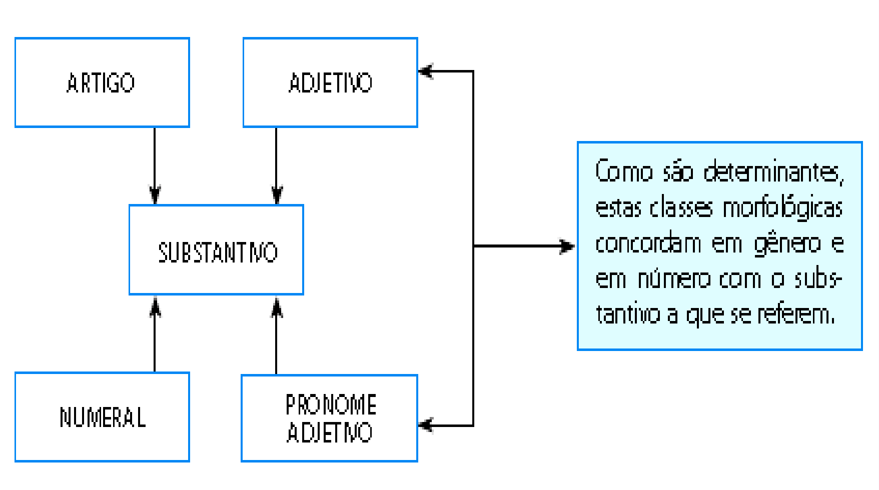
ARTIGO
ADJETIVO
SUBSTANTIVO
NUMERAL
PRONOME ADJETIVO

Como são determinantes, estas classes morfológicas concordam em gênero e em número com o substantivo a que se referem.

Português – começando do ZERO

Caracterização do substantivo:

1ª → É uma classe de palavras variáveis, a qual geralmente vem acompanhada por determinantes.

Logo...

Uma classe morfológica acompanhada por determinantes é um substantivo ou uma palavra substantivada.

Português – começando do ZERO

Caracterização do substantivo:

Exemplos:

* Havia dois **entrevistadores** engraçados que faziam umas **perguntas** bobas.

***** Alguns **homens** nunca conseguirão implementar mais que três **ideias** ao longo da **vida**.

* Não aguentava mais os teus **ais**, as tuas **lamúrias**, os teus ‘**não-sei-pra-que-isso**’.

Português – começando do ZERO

Caracterização do substantivo:

Exemplos:

* Aqueles dois **jornais** publicaram as **notícias** trágicas.

* As **casas** da fazenda foram invadidas pelos **ratos** de um **canavial** próximo.

Português – começando do ZERO

Cuidado!!!! Não confunda!!!

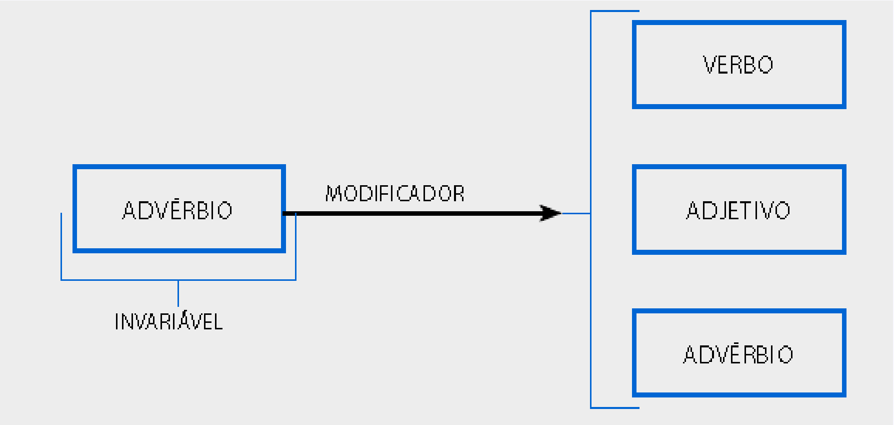

ADVÉRBIO

MODIFICADOR

INVARIÁVEL

VERBO

ADJETIVO

ADVÉRBIO

Português – começando do ZERO

Caracterização do substantivo:

Exemplos:

* Ela usa **meias** verdades.

* Ele encontra-se **meio** adoentada.

* Tomamos **muito** sorvete.

* O sorvete estava **muito** gelado.

Português – começando do ZERO

Caracterização do substantivo:

Exemplos:

* Já andei por **longes** terras.

* Ele mora **longe**.

* O **próximo** capítulo fala sobre o amor.

* Fiquei **próximo** do local do acidente.

Português – começando do ZERO

Caracterização do substantivo:

Exemplos:

* Havia **bastantes** alunas no evento.

* Elas falavam **bastante**.

* Falou **poucas**, mas belas palavras.

* Ele falou **pouco**.

2.(FGV)

Assinale a alternativa em que o termo indicado seja classificado como advérbio.

(A) mais (L.124) ➔ "...que dispõem de mais recursos e mais informações?"

(B) conforme (L.12) ➔ "...A despeito de sua natureza relativamente controversa, a ética tributária, ao menos conforme admite o senso comum, vincula-se à concepção e à prática de regras justas e razoáveis em matéria tributária.

2.(FGV)

Assinale a alternativa em que o termo indicado seja classificado como advérbio.

(C) nenhum (L.41) ➔ “...Não causa estranheza o empresário afirmar, sem nenhum sentimento de culpa,...”

(D) Nada (L.4) ➔ “...Nada diferente do que ocorre em relação à acepção da ética em outros domínios da política e da economia.”

(E) demais (L.51) ➔ “A mais conhecida é o propósito ilícito de auferir vantagens em relação aos demais contribuintes.”

3.(FGV)

Dentre as alternativas a seguir, uma não exerce papel adjetivo no texto I. Assinale-a.

(A) de periferia (L.1)

(B) de barro (L.1)

“Pense num bairro de periferia, numa rua ainda de barro,numa pré-escola de terra batida...”

3.(FGV)

(C) segunda (L.7)

“...onde foi inaugurada a segunda Casa de Leitura da capital.”

(D) com Internet (L.29)

“Uma sala com Internet convida os jovens a outras leituras, com CDs, música e plástica.”

3.(FGV)

(e) Convidados (L. 36)

O mate gelado corria sem pressa, e os vizinhos, convidados e imprensa se misturavam para ouvir histórias, receber a bênção e acompanhar os brevíssimos discursos.

Curso:
– Língua Portuguesa – começando do ZERO

Professor: Rodrigo Bezerra

Bibliografia sugerida

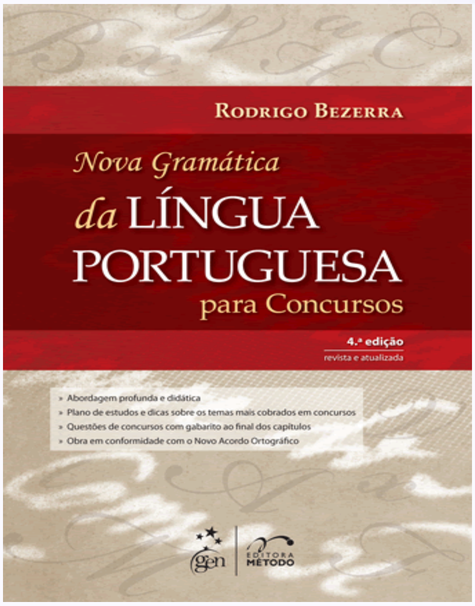

RODRIGO BEZERRA

Nova Gramática
da LÍNGUA PORTUGUESA
para Concursos

4.ª edição
revista e atualizada

- » Abordagem profunda e didática
- » Plano de estudos e dicas sobre os temas mais cobrados em concursos
- » Questões de concursos com gabarito ao final dos capitulos
- » Obra em conformidade com o Novo Acordo Ortográfico

gen | EDITORA MÉTODO

Português – começando do ZERO

Divisão da Gramática Normativa:

1. **FONÉTICA E FONOLOGIA:**

   a) Aparelho fonador
   b) Encontros vocálicos
   c) Encontros consonantais
   d) Dígrafos
   e) Sílaba
   f) Divisão silábica
   g) Ortografia
   e) Acentuação

Português – começando do ZERO

1. **MORFOLOGIA:**

   a) Estrutura e formação de palavras
   b) Substantivo
   c) Adjetivo
   d) Pronome
   e) Artigo
   f) Numeral
   g) Verbo
   h) Preposição
   i) Conjunção
   j) Advérbio
   k) Interjeição

Português – começando do ZERO

1. **SINTAXE:**

    a) de oração
    b) de período
    c) de concordância
    d) de regência
    e) emprego do acento grave
    f) de colocação
    g) pontuação

Português – começando do ZERO

1. **PARTE ESPECIAL:**

    a) Emprego do infinitivo
    b) Funções de alguns vocábulos especiais
    c) Particularidades sobre alguns vocábulos
    d) Linguagem figurada – figuras e vícios de linguagem.

Português – começando do ZERO

1. PARTE ESPECIAL:

a) Emprego do infinitivo
b) Funções de alguns vocábulos especiais
c) Particularidades sobre alguns vocábulos
d) Linguagem figurada – figuras e vícios de linguagem.

Português – começando do ZERO

1. MORFOLOGIA (classes gramaticais):

Substantivo
Adjetivo
Pronome
Artigo
Numeral
Verbo
Preposição
Conjunção
Advérbio
Interjeição

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

1. Definição clássica:

É a classe de palavra variável com a qual se denomina os seres em geral. Aqui, a palavra “ser” precisa ser entendida não só como aquilo que possui uma existência concreta (pedra, homem, carro, lua), mas também como aquilo que possui uma existência imaginária (Saci, fada, Minotauro), abstrata (fé, alegria, tristeza), ou mesmo de comprovação discutível (anjo, alma, inferno).

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

1. Definição clássica:

Por isso, classificam-se como substantivos as coisas, os sentimentos, as qualidades, as ações, os estados, considerados em si mesmos.

* beleza
* casamento
* árvore
* morte
* vento
* sonho
* vida
* cobre
* Terra
* vingança
* água
* símbolo

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

1. Classificação do substantivo

Os substantivos podem ser classificados em: concretos, abstratos, próprios, comuns, simples, compostos, primitivos, derivados e coletivos.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

1. Concretos e abstratos: Os primeiros indicam os seres que possuem existência própria independente dos demais seres, não importando se são reais ou imaginários. Já os segundos indicam os seres que dependem da existência de outros seres para existirem. Estes últimos indicam qualidades, ações ou estados.

* mesa – faca – lápis – apontador – lua – terra – mar

* pânico – medo – tristeza – bondade – sonho

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

2. Próprios e comuns: Os próprios designam um ser específico, determinado dentre os outros de sua espécie. Já os comuns designam os seres de uma espécie de forma genérica.

* rua – casa – flor – carro – aliança – cidade – rio

* Pedro – Brasil – Nova Iorque – São Francisco – Jesus Cristo

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

3. Simples e compostos: São simples os substantivos formados por um só elemento, um só radical. Já os compostos são constituídos por mais de um radical ou elemento formador.

* terra – fruta – cavalo – pau

* terra-cozida ; fruta-pão ; cavalo-vapor

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

4. Primitivos e derivados: Os primitivos são aqueles substantivos que não resultam de nenhuma outra palavra pré-existente. Já os derivados, como o próprio nome já o denuncia, são os substantivos oriundos de outras palavras, ditas primitivas.

* terra – pedra – mar – luz – folha

* terraplanagem – pedreira – maremoto – luzeiro – folhagem

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

5. Coletivos: são os substantivos que, no singular, indicam uma coleção, um agrupamento, um conjunto de seres da mesma espécie.

Academia → de literatos, de artistas, de sábios etc.
Acervo → de bens patrimoniais, de obras de arte etc.
Cabido → de cônegos de uma catedral
Cacaria → de cacos
Cacho → de uvas, de bananas etc.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

Observação:

Há coletivos que são denominados de numéricos, pois representam quantidades numéricas exatas. Exemplos:

* **par** → conjunto com dois elementos
* **dúzia** → conjunto de doze elementos
* **lustro** → período de cinco anos
* **milhar** → conjunto de mil coisas
* **novênio** → período de nove anos
* **semestre** → período de seis meses

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

Flexões dos substantivos

Como palavras variáveis que são, os substantivos se flexionam em: **gênero**, **número** e **grau**.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

Flexões de gênero

Em primeiro lugar, é importante dizer que o gênero é uma classificação puramente gramatical. Segundo o gênero, os substantivos são agrupados em **masculinos** e **femininos**.

Em tese, são masculinos todos os substantivos aos quais se pode antepor o artigo definido masculino “o(s)”. Por outro lado, são femininos todos os que admitem o artigo definido feminino “a(s)”.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

Flexões de gênero

Observação: Inúmeros são os procedimentos para a formação do feminino na língua portuguesa, e não há uma regra que consiga abarcar todas as situações. Daí a quantidade exorbitante de substantivos os quais possuem formas totalmente diferentes para indicar o masculino e o feminino. Estes substantivos são denominados de “heterônimos”. Segue abaixo uma lista sucinta de tais substantivos (também denominados de “**biformes**”, diga-se por conveniência) e seus respectivos femininos.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

Substantivos uniformes

Um outro grande grupo de substantivos possui apenas uma única forma gráfica para designar tanto o masculino quanto o feminino – são os denominados de **UNIFORMES**. Dividem-se em:

a) Sobrecomuns – são substantivos que possuem uma única forma para o masculino e para o feminino. Até o artigo que acompanha estes substantivos é comum aos dois gêneros.

* o monstro * o cadáver * a criança * o sujeito

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

Substantivos uniformes

b) Comuns de dois gêneros – são substantivos que possuem uma única forma gráfica para os dois gêneros, mas se faz a distinção do masculino e do feminino pela utilização de artigos “o, a, os, as, um, uns, uma, umas”.

* o/a cliente	* o/a acrobata	* o/a diplomata
* o/a estudante	* o/a artista	* o/a agente

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

Oposição entre o gênero e o sentido

Muitos substantivos mudam de sentido quando têm seu gênero alterado. Diz-se, então, que houve um gênero aparente, já que a outra forma não representa o sexo oposto, mas uma palavra com um significado totalmente diferente do significado da primeira. Observe:

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

Oposição entre o gênero e o sentido

o língua (o intérprete); a língua (órgão da fala)
o caixa (funcionário); a caixa (receptáculo)
o razão (livro mercantil); a razão (faculdade intelectual)
o guarda (policial); a guarda (corporação, proteção)
o guia (orientador); a guia (documento)
o cura (padre) ; a cura (restabelecimento da saúde)
o lotação (veículo) ; a lotação (capacidade)

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

a) São masculinos

- o apêndice
- o alvará
- o aneurisma
- o champanha
- o charque (carne-seca, jabá)
- o clã
- o cônjuge
- o cós

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

b) São femininos

- a abusão (engano, erro)
- a dinamite
- a acne
- a áspide (serpente)
- a omelete
- a omoplata
- a agravante (circunstância)
- a alface

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

Substantivos que são masculinos ou femininos indistintamente

São substantivos que são bastante usuais e que podem ser usados tanto como femininos quanto como masculinos.

*o/a sabiá (ave) * o/a cataplasma *o/a suéter
* o/a xérox * a/o usucapião
* o/a diabete (ou diabetes) * o/a personagem

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

Flexões de número

O número é capacidade que possuem alguns nomes de indicar um ou mais seres ou coisas. Como o gênero, a flexão de número é uma categoria gramatical. Em português, existem dois números gramaticais: o singular e o plural.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

1. Em geral os substantivos formam o plural com o acréscimo da desinência "-s" ao singular. Isso frequentemente ocorre com os substantivos terminados em vogal ou em ditongo:

Ex.:

* casa → casas

* pé → pés

* menino → meninos

* janela → janelas

* prédio → prédios

* livro → livros

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

2. Os substantivos terminados em "-ão" fazem o plural de três maneiras:

a) Alguns simplesmente seguem a regra geral e acrescentam "-s" ao "-ão":

* mão → mãos

* grão → grãos

* irmão → irmãos

* cristão → cristãos

* chão → chãos

* vão → vãos

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

2. Os substantivos terminados em “-ão” fazem o plural de três maneiras:

b) Outros trocam o “-ão” por “-ães”:

* escrivão → escrivães

* cão → cães

* alemão → alemães

* pão → pães

*capitão → capitães

* tabelião → tabeliães

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

2. Os substantivos terminados em “-ão” fazem o plural de três maneiras:

c) Um grande grupo troca o “-ão” por “-ões”:

* leão → leões

* balão → balões

* mamão → mamões

* limão → limões

* caixão → caixões

* botão → botões

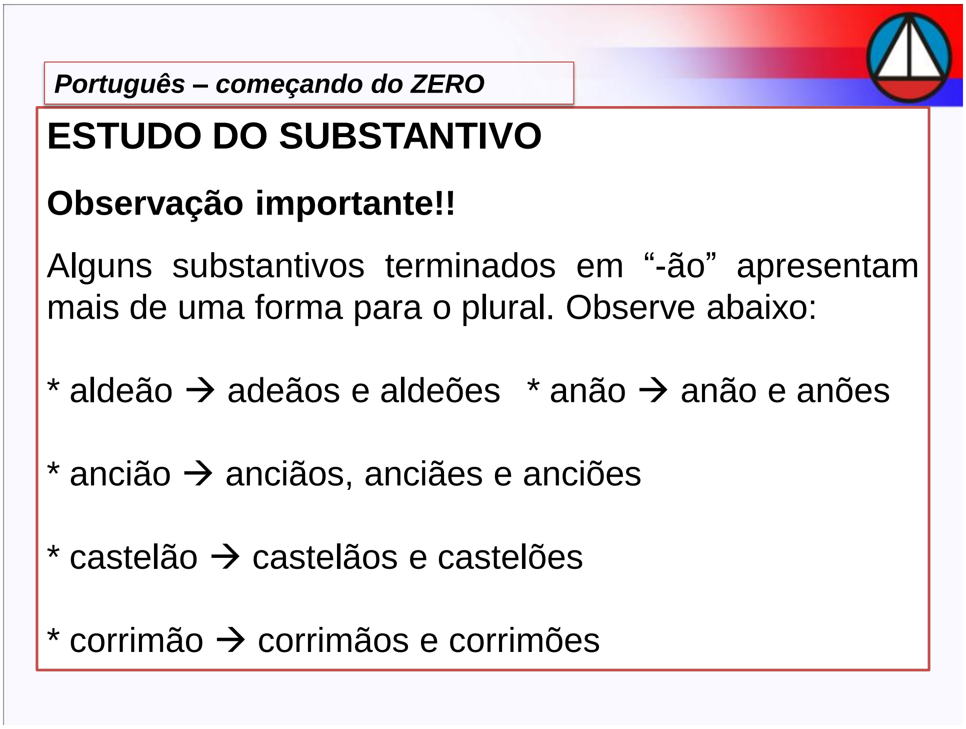

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

Observação importante!!

Alguns substantivos terminados em “-ão” apresentam mais de uma forma para o plural. Observe abaixo:

* aldeão → adeãos e aldeões * anão → anão e anões

* ancião → anciãos, anciães e anciões

* castelão → castelãos e castelões

* corrimão → corrimãos e corrimões

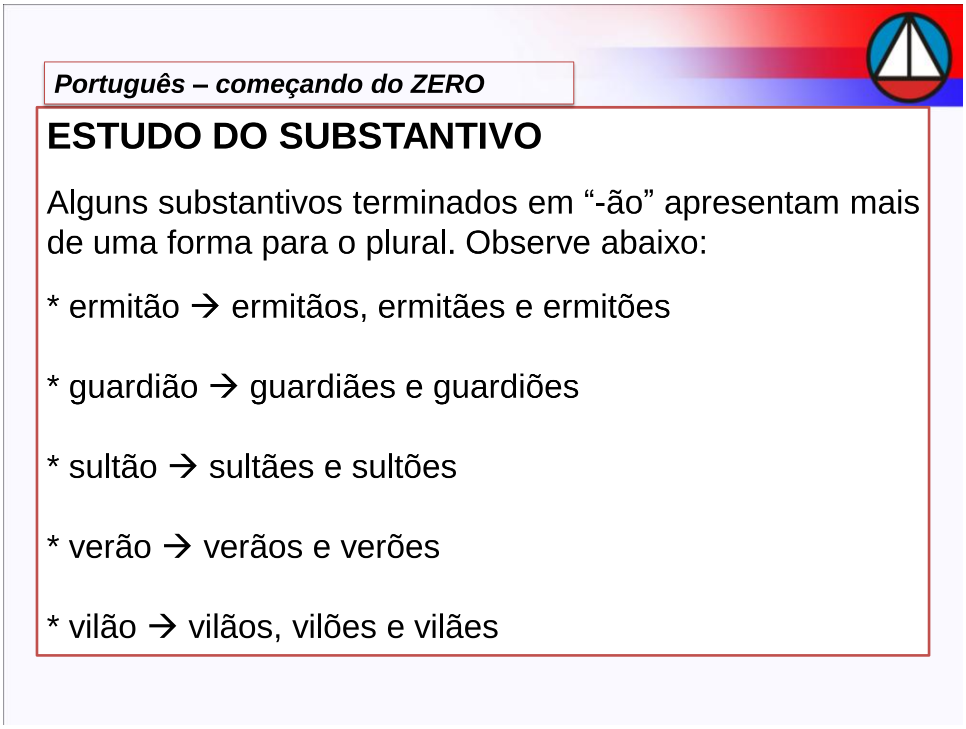

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

Alguns substantivos terminados em “-ão” apresentam mais de uma forma para o plural. Observe abaixo:

* ermitão → ermitãos, ermitães e ermitões

* guardião → guardiães e guardiões

* sultão → sultães e sultões

* verão → verãos e verões

* vilão → vilãos, vilões e vilães

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

Os substantivos terminados em “-n” fazem o plural tanto com o acréscimo de “-es” quanto com o acréscimo de “-s”.

* **próton** → prótones ou prótons
* **nêutron** → nêutrones ou nêutrons
* **hífen** → hífenes ou hifens
* **abdômen** → abdômenes ou abdômens
* **líquen** → líquenes ou liquens
* **elétron** → elétrones ou elétrons

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

Plural dos substantivos compostos

Os substantivos compostos apresentam um vasto conjunto de regras especiais para a formação de seus plurais. Vários substantivos fogem das orientações abaixo e apresentam uma forma própria, particular para o seu plural.

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

1ª regra: Substantivos compostos formados por palavras variáveis quanto ao número → ambas as palavras devem ir para o plural. As palavras que formam o composto devem, portanto, ser analisadas se, isoladamente, são suscetíveis de ir para o plural.

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

Exemplos:

* couve-flor → couves-flores

* terça-feira → terças-feiras

* amor-perfeito → amores-perfeitos

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

2ª regra: Substantivos compostos formados por palavra invariável mais uma palavra variável → só o segundo elemento deverá ir para o plural.

* abaixo-assinado → abaixo-assinados

* quebra-mar → quebra-mares

* ave-maria → ave-marias

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

3ª regra: Substantivos compostos unidos por preposição → só o primeiro elemento varia.

* pé-de-moleque → pés-de-moleque

* joão-de-barro → joões-de-barro

* mula-sem-cabeça → mulas-sem-cabeça

* pôr-do-sol → pores-do-sol

*pimenta-do-reino → pimentas-do-reino

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

4ª regra: Substantivos compostos em que o segundo elemento delimita o primeiro → só o primeiro elemento varia.

* **navio-escola** → navios-escola
* **peixe-boi** → peixes-boi
***banana-maçã** → bananas-maçã
* **pau-brasil** → paus-brasil
* **caneta-tinteiro** → canetas-tinteiro
* **pombo-correio** → pombos-correio

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

5ª regra: Substantivos compostos formados por palavras repetidas ou palavras onomatopaicas (reprodução de sons das coisas, dos animais) → só o segundo elemento se flexiona.

* reco-reco → reco-recos

* pisca-pisca → pisca-piscas

* ruge-ruge → ruge-ruges

* tico-tico → tico-ticos

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

6ª regra: São substantivos compostos invariáveis:

* o louva-a-deus → os louva-a-deus (invariável)

* o saca-rolhas → os saca-rolhas (invariável)

* o arco-íris → os arco-íris (invariável)

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

Plural dos substantivos diminutivos

Para a formação do plural dos substantivos diminutivos deve-se obedecer às seguintes orientações:

1º → coloca-se o substantivo, sem os sufixos do diminutivo, no plural;
2º → retira-se o “-s” do plural deste substantivo;
3º → acrescenta-se o sufixo do diminutivo;
4º → acrescenta-se o fonema “-s” que foi retirado;

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO SUBSTANTIVO

Plural dos substantivos diminutivos

* pãozinho → pãezinhos

* papelzinho → papeizinhos

* barzinho → barezinhos

* florzinha → florezinhas

* farolzinho → faroizinhos

Português – começando do ZERO

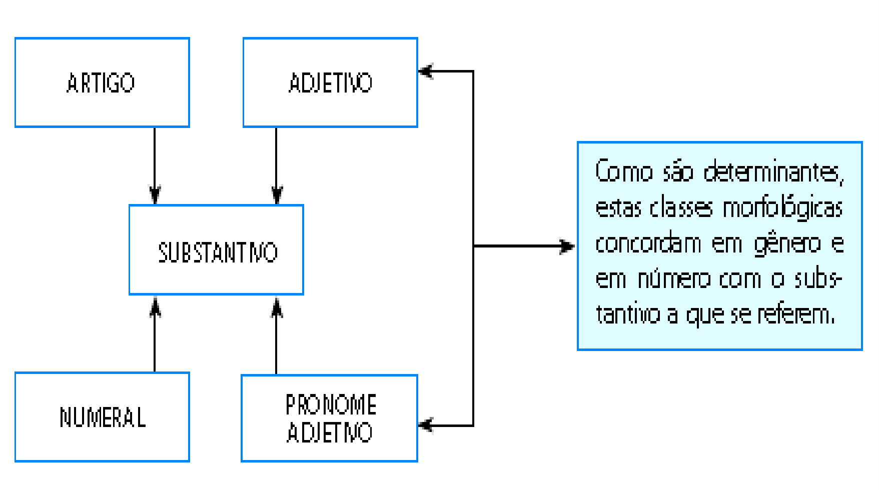
ARTIGO
ADJETIVO
SUBSTANTIVO
NUMERAL
PRONOME ADJETIVO

Como são determinantes, estas classes morfológicas concordam em gênero e em número com o substantivo a que se referem.

Caracterização do substantivo:

1ª → É uma classe de palavras variáveis, a qual geralmente vem acompanhada por determinantes.

Logo...

Uma classe morfológica acompanhada por determinantes é um substantivo ou uma palavra substantivada.

Caracterização do substantivo:

Exemplos:

* Havia dois **entrevistadores** engraçados que faziam umas **perguntas** bobas.

***** Alguns **homens** nunca conseguirão implementar mais que três **ideias** ao longo da **vida**.

* Não aguentava mais os teus **ais**, as tuas **lamúrias**, os teus ‘**não-sei-pra-que-isso**’.

Português – começando do ZERO

Caracterização do substantivo:

Exemplos:

* Aqueles dois **jornais** publicaram as **notícias** trágicas.

* As **casas** da fazenda foram invadidas pelos **ratos** de um **canavial** próximo.

Português – começando do ZERO

Cuidado!!!! Não confunda!!!

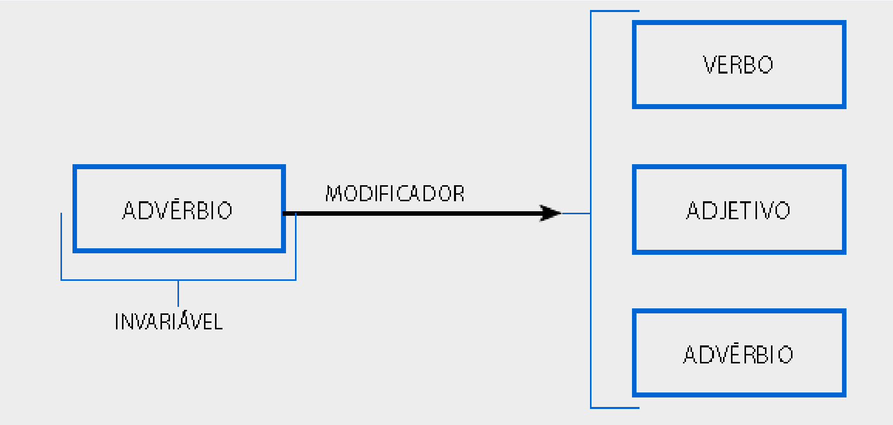

ADVÉRBIO

MODIFICADOR

INVARIÁVEL

VERBO

ADJETIVO

ADVÉRBIO

Português – começando do ZERO

Caracterização do substantivo:

Exemplos:

* Ela usa **meias** verdades.

* Ele encontra-se **meio** adoentada.

* Tomamos **muito** sorvete.

* O sorvete estava **muito** gelado.

Português – começando do ZERO

Caracterização do substantivo:

Exemplos:

* Já andei por **longes** terras.

* Ele mora **longe**.

* O **próximo** capítulo fala sobre o amor.

* Fiquei **próximo** do local do acidente.

Português – começando do ZERO

Caracterização do substantivo:

Exemplos:

* Havia **bastantes** alunas no evento.

* Elas falavam **bastante**.

* Falou **poucas**, mas belas palavras.

* Ele falou **pouco**.

2.(FGV)

Assinale a alternativa em que o termo indicado seja classificado como advérbio.

(A) mais (L.124) ➔ "...que dispõem de mais recursos e mais informações?"

(B) conforme (L.12) ➔ "...A despeito de sua natureza relativamente controversa, a ética tributária, ao menos conforme admite o senso comum, vincula-se à concepção e à prática de regras justas e razoáveis em matéria tributária.

2.(FGV)

Assinale a alternativa em que o termo indicado seja classificado como advérbio.

(C) nenhum (L.41) ➔ "...Não causa estranheza o empresário afirmar, sem nenhum sentimento de culpa,..."

(D) Nada (L.4) ➔ "...Nada diferente do que ocorre em relação à acepção da ética em outros domínios da política e da economia."

(E) demais (L.51) ➔ "A mais conhecida é o propósito ilícito de auferir vantagens em relação aos demais contribuintes."

3.(FGV)

Dentre as alternativas a seguir, uma não exerce papel adjetivo no texto I. Assinale-a.

(A) de periferia (L.1)

(B) de barro (L.1)

"Pense num bairro de periferia, numa rua ainda de barro,numa pré-escola de terra batida..."

3.(FGV)

(C) segunda (L.7)

“...onde foi inaugurada a segunda Casa de Leitura da capital.”

(D) com Internet (L.29)

“Uma sala com Internet convida os jovens a outras leituras, com CDs, música e plástica.”

3.(FGV)

(e) Convidados (L. 36)

O mate gelado corria sem pressa, e os vizinhos, convidados e imprensa se misturavam para ouvir histórias, receber a bênção e acompanhar os brevíssimos discursos.

Lista Questões Figuras de Linguagem

1 - (FUVEST) A catacrese, figura que se observa na frase “Montou o cavalo no burro bravo”, ocorre em:

a) Os tempos mudaram, no devagar depressa do tempo.

b) Última flor do Lácio, inculta e bela, és a um tempo esplendor e sepultura.

c) Apressadamente, todos embarcaram no trem.

d) Ó mar salgado, quanto do teu sal são lágrimas de Portugal.

e) Amanheceu, a luz tem cheiro.

2 - (ANHEMBI)

“A novidade veio dar à praia
na qualidade rara de sereia
metade um busto de uma deusa maia
metade um grande rabo de baleia
a novidade era o máximo
do paradoxo estendido na areia
alguns a desejar seus beijos de deusa
outros a desejar seu rabo pra ceia
oh, mundo tão desigual
tudo tão desigual
de um lado este carnaval
do outro a fome total
e a novidade que seria um sonho
milagre risonho da sereia
virava um pesadelo tão medonho
ali naquela praia, ali na areia
a novidade era a guerra

entre o feliz poeta e o esfomeado

estraçalhando uma sereia bonita

despedaçando o sonho pra cada lado”

(Gilberto Gil – A Novidade)

Gilberto Gil em seu poema usa umprocedimento de construção textual que consiste em agrupar idéias desentidos contrários ou contraditórios numa mesma unidade designificação. A figura de linguagem acima caracterizada é:

a) Metonímia.

b) Paradoxo.

c) Hipérbole.

d) Sinestesia.

e) Sinédoque.

3 - (UFPE) Nos enunciados abaixo, a palavra destacada NÃO tem sentido conotativo em:

a) A comissão técnica está dissolvida. Do goleiro ao ponta-esquerda.

b) Indispensável à boa forma, o exercício físico detona músculos e ossos, se mal praticado.

c) O melhor tenista brasileiro perde o jogo, a cabeça e o prestígio em Roland Garros.

d) Sob a mira da Justiça, os sorteios via 0900 engordam o caixa das principais emissoras.

e) Alta nos juros atropela sonhos da classe média.

4 - (ENEM)

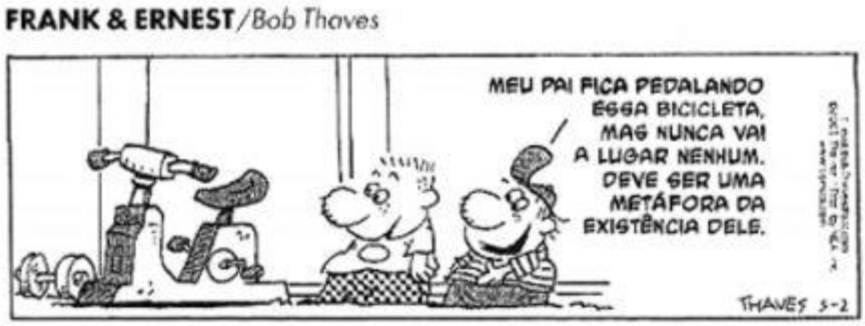
FRANK & ERNEST/Bob Thaves
MEU PAI FICA PEDALANDO ESSA BICICLETA, MAS NUNCA VAI A LUGAR NENHUM. DEVE SER UMA METÁFORA DA EXISTÊNCIA DELE.
THAVES 5-2

As figuras de linguagem são comumente encontradas nos textos literários, bem como em charges e tirinhas

Nessa tirinha, a personagem faz referência a uma das mais conhecidas figuras de linguagem para

a) condenar a prática de exercícios físicos.

b) valorizar aspectos da vida moderna.

c) desestimular o uso das bicicletas.

d) caracterizar o diálogo entre gerações.

e) criticar a falta de perspectiva do pai.

5 - (ENEM)

Cidade grande
Que beleza, Montes Claros.
Como cresceu Montes Claros.
Quanta indústria em Montes Claros.
Montes Claros cresceu tanto,
ficou urbe tão notória,
prima-rica do Rio de Janeiro,
que já tem cinco favelas
por enquanto, e mais promete.

(Carlos Drummond de Andrade)

Entre os recursos expressivos empregados no texto, destaca-se a

a) metalinguagem, que consiste em fazer a linguagem referir-se à própria linguagem.

b) intertextualidade, na qual o texto retoma e reelabora outros textos.

c) ironia, que consiste em se dizer o contrário do que se pensa, com intenção crítica.

d) denotação, caracterizada pelo uso das palavras em seu sentido próprio e objetivo.

e) prosopopéia, que consiste em personificar coisas inanimadas, atribuindo-lhes vida.

6 - (UFPB) I."À custa de muitos trabalhos, de muitas fadigas, e sobretudo de muita paciência..."

II."... se se queria que estivesse sério, desatava a rir..."

III."... parece que uma mola oculta o impelia..."

IV."... e isto (...) dava em resultado a mais refinada má-criação que se pode imaginar."

Quanto às figuras de linguagem, há neles, respectivamente,

a) gradação, antítese, comparação e hipérbole.

b) hipérbole, paradoxo, metáfora e gradação.

c) hipérbole, antítese, comparação e paradoxo.

d) gradação, antítese, metáfora e hipérbole.

e) gradação, paradoxo, comparação e hipérbole.

7 - (VUNESP) Na frase: "O pessoal estão exagerando, me disse ontem um camelô", encontramos a figura de linguagem chamada:

a)Silepse de pessoa

b)Elipse

c)Anacoluto

d)Hipérbole

e)Silepse de Número

8 - (MACKENZIE)

"O mar salgado, quando do teu sal
são lágrimas de Portugal!"
Há, nesses versos, uma convergência de recursos expressivos, que se realizam por meio de:
I - metonímia;
II - pleonasmo;
III - apóstrofe;
IV - personificação.

Quanto às especificações anteriores, diz-se que:
a) todas estão corretas.
b) nenhuma está correta.
c) apenas I , II e III estão corretas.
d) apenas III e IV estão corretas.
e) apenas I está incorreta.

9 - (UEPB) Da imagem, que foi capa da Revista Veja em 20 de agosto de 2008, pode-se compreender:

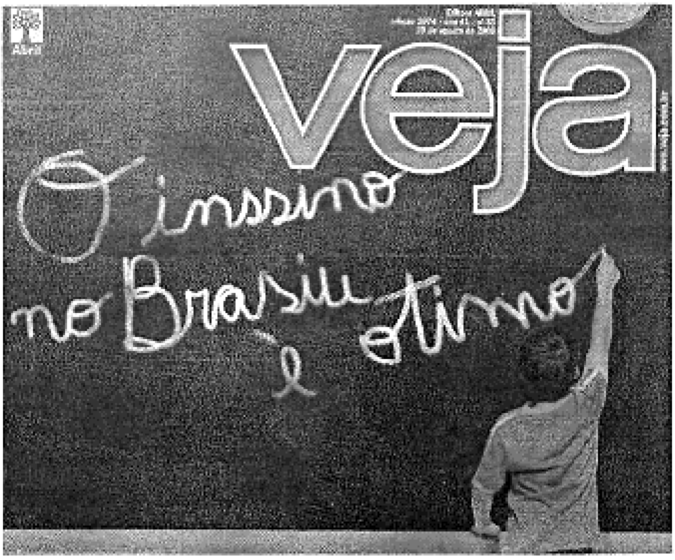

a) O registro do modelo de ensino representado pelo uso ultrapassado da tecnologia do giz.
b) Uma constatação de que os alunos não precisam escrever à mão.
c) Um apelo de aluno para que melhore o ensino.
d) Uma crítica irônica em relação à situação do ensino na escola brasileira.
e) Uma afirmação de que a relação entre ler e escrever não é explorada na escola.

10 - (UERJ)

A namorada

Havia um muro alto entre nossas casas.
1Difícil de mandar recado para ela.
Não havia e-mail.
2O pai era uma onça.
A gente amarrava o bilhete numa pedra presa por um cordão
E pinchava a pedra no quintal da casa dela.
Se a namorada respondesse pela mesma pedra
Era uma glória!
Mas por vezes o bilhete enganchava nos galhos da goiabeira

E então era agonia.
No tempo do onça era assim.

Manoel de Barros
Poesia completa. São Paulo: Leya, 2010.

O pai era uma onça. (ref. 2)Nesse verso, a palavra onça está empregada em um sentido que se define como:
a) enfático
b) antitético
c) metafórico
d) metonímicO

11 - (UFPA)

Tecendo a manhã
Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.
E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.

(MELO, João Cabral de. In: Poesias Completas. Rio de Janeiro, José Olympio, 1979)

Nos versos:

“E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo…”
tem-se exemplo de

a) eufemismo
b) antítese
c) aliteração
d) silepse
e) sinestesia.

12 - (FUVEST) A figura de linguagem empregada nos versos em destaque é:

“Quando a Indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou caroável)
Talvez eu tenha medo.
Talvez sorria, ou diga:
- Alô, iniludível!”

a) clímax
b) eufemismo
c) sínquise

d) catacrese
e) pleonasmo.

13 - (CESGRANRIO) Na frase "O fio da idéia cresceu, engrossou e partiu-se" ocorre processo de gradação. Não há gradação em:

a) O carro arrancou, ganhou velocidade e capotou.
b) O avião decolou, ganhou altura e caiu.
c) O balão inflou, começou a subir e apagou.
d) A inspiração surgiu, tomou conta de sua mente e frustrou-se.
e) João pegou de um livro, ouviu um disco e saiu.

14 - (UERJ) Figuras de linguagem – por meio dos mais diferentes mecanismos – ampliam o significado de palavras e expressões, conferindo novos sentidos ao texto em que são usadas. A alternativa que apresenta uma figura de linguagem construída a partir da equivalência entre um todo e uma de suas partes é:

a) “que um homem e uma mulher ali estejam, pálidos, se movendo na penumbra como dentro de um sonho?”

b) “Entretanto a cidade, que durante uns dois ou três dias parecia nos haver esquecido, voltava subitamente a atacar.”

c) “batia com os nós dos dedos, cada vez mais forte, como se tivesse certeza de que havia alguém lá dentro.”

d) “Mas naquela manhã ela se sentiu tonta, e senti também minha fraqueza;”

15 - (UERJ) “Mas, recusando o colóquio, desintegrou-se no ar constelado de problemas.” O estranhamento provocado no verso sublinhado constitui um caso de:

a) pleonasmo

b) metonímia

c) hipérbole

d) metáfora

16 - (IFBA) Analise a imagem a seguir e identifique a figura de linguagem em evidência no título da manchete.

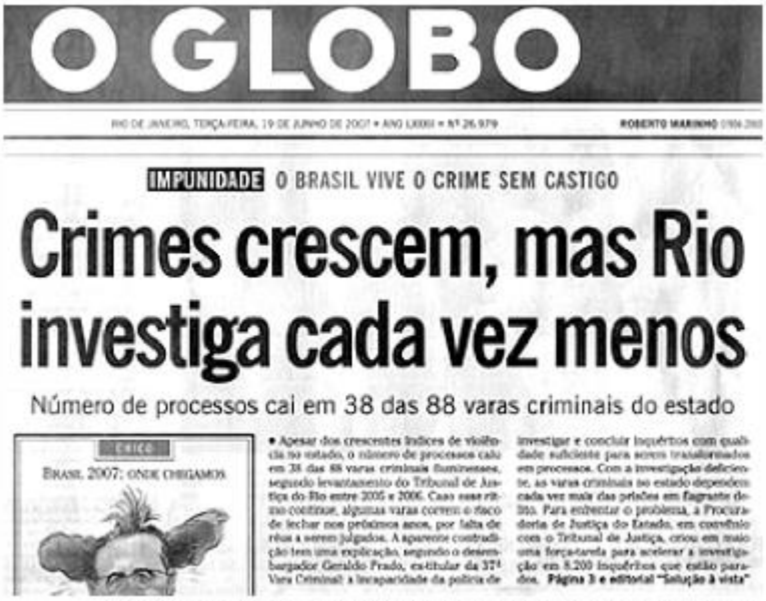

O GLOBO

RIO DE JANEIRO, TERÇA-FEIRA, 19 DE JUNHO DE 2007 • ANO LXXXIII • Nº 26.979

ROBERTO MARINHO 1904-2003

IMPUNIDADE O BRASIL VIVE O CRIME SEM CASTIGO

Crimes crescem, mas Rio investiga cada vez menos

Número de processos cai em 38 das 88 varas criminais do estado

CHICO

BRASIL 2007: ONDE CHEGAMOS

• Apesar dos crescentes índices de violência no estado, o número de processos caiu em 38 das 88 varas criminais fluminenses, segundo levantamento do Tribunal de Justiça do Rio entre 2005 e 2006. Caso esse ritmo continue, algumas varas correm o risco de fechar nos próximos anos, por falta de réus a serem julgados. A aparente contradição tem uma explicação, segundo o desembargador Geraldo Prado, ex-titular da 37ª Vara Criminal: a incapacidade da polícia de investigar e concluir inquéritos com qualidade suficiente para serem transformados em processos. Com a investigação deficiente, as varas criminais no estado dependem cada vez mais das prisões em flagrante delito. Para enfrentar o problema, a Procuradoria de Justiça do Estado, em convênio com o Tribunal de Justiça, criou em maio uma força-tarefa para acelerar a investigação em 8.200 inquéritos que estão parados. **Página 3 e editorial “Solução à vista”**

Disponível em: <http://desconversa.com.br/portugues/lista-conjuncoes>.
Acesso em: 24.09.2015.

A) Metáfora
b) Hipérbole.
c) Hipérbato.
d) Metonímia.
e) Pleonasmo.

17 - (ENEM)

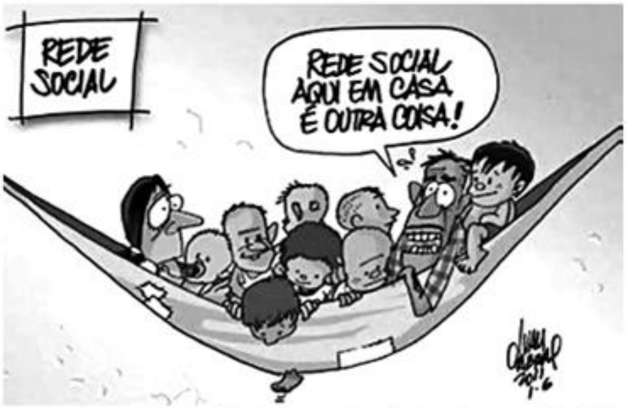
REDE SOCIAL
REDE SOCIAL AQUI EM CASA É OUTRA COISA!

Disponível em: www.ivancabral.com. Acesso em: 27 fev. 2012.

O efeito de sentido da charge é provocado pela combinação de informações visuais e recursos linguísticos. No contexto da ilustração, a frase proferida recorre à

a) polissemia, ou seja, aos múltiplos sentidos da expressão “rede social” para transmitir a ideia que pretende veicular.
b) ironia para conferir um novo significado ao termo “outra coisa”.
c) homonímia para opor, a partir do advérbio de lugar, o espaço da população pobre e o espaço da população rica.
d) personificação para opor o mundo real pobre ao mundo virtual rico.
e) antonímia para comparar a rede mundial de computadores com a rede caseira de descanso da família.

18 - (UERJ)

O tempo em que o mundo tinha a nossa idade

5Nesse entretempo, ele nos chamava para escutarmos seus imprevistos improvisos. 1As estórias dele faziam o nosso lugarzinho crescer até ficar maior que o mundo. Nenhuma narração tinha fim, o sono lhe apagava a boca antes do desfecho. 9Éramos nós que recolhíamos seu corpo dorminhoso. 6Não lhe deitávamos dentro da casa: ele sempre recusara cama feita. 10Seu conceito era que a morte nos apanha deitados sobre a moleza de uma esteira. Leito dele era o puro chão, lugar onde a chuva também gosta de deitar. Nós simplesmente lhe encostávamos na parede da casa. Ali ficava até de manhã. Lhe encontrávamos coberto de formigas. Parece que os insectos gostavam do suor docicado do velho Taímo. 7Ele nem sentia o corrupio do formigueiro em sua pele.

− Chiças: transpiro mais que palmeira!

Proferia tontices enquanto ia acordando. 8Nós lhe sacudíamos os infatigáveis bichos. Taímo nos sacudia a nós, incomodado por lhe dedicarmos cuidados.

2Meu pai sofria de sonhos, saía pela noite de olhos transabertos. Como dormia fora, nem dávamos conta. Minha mãe, manhã seguinte, é que nos convocava:

− Venham: papá teve um sonho!

3E nos juntávamos, todos completos, para escutar as verdades que lhe tinham sido reveladas. Taímo recebia notícia do futuro por via dos antepassados. Dizia tantas previsões que nem havia tempo de provar nenhuma. Eu me perguntava sobre a verdade daquelas visões do velho, estorinhador como ele era.

− Nem duvidem, avisava mamã, suspeitando-nos.

E assim seguia nossa criancice, tempos afora. 4Nesses anos ainda tudo tinha sentido: a razão deste mundo estava num outro mundo inexplicável. 11Os mais velhos faziam a ponte entre esses dois mundos. (...)

Mia Couto. Terra sonâmbula. São Paulo, Cia das Letras, 2007.

Um elemento importante na organização do texto é o uso de algumas personificações. Uma dessas personificações encontra-se em:
a) Éramos nós que recolhíamos seu corpo dorminhoso. (ref. 9)
b) Seu conceito era que a morte nos apanha deitados sobre a moleza de uma esteira. (ref. 10)
c) Nós lhe sacudíamos os infatigáveis bichos. (ref. 8)
d) Os mais velhos faziam a ponte entre esses dois mundos. (ref. 11)

GABARITO:

1-C; 2-B; 3-B; 4-E; 5-C; 6-D; 7-E; 8-A; 9-D; 10-C; 11-C; 12-B; 13-B; 14-B; 15-D; 16-D; 17-A; 18-B;

FUNÇÕES SINTATICAS

Os 7 Pecados Capitais do Dinheiro

Todo mundo comete algum pecado quando se trata de administrar a própria grana. Confira as recomendações de especialistas para amenizar pequenas transgressões

Atire a primeira pedra quem nunca cometeu um pecado quando o assunto é dinheiro. Pode ser a inveja de alguém que tem um investimento que rende mais do que o seu ou a vontade de comprar muito, mas muito mesmo, sem conseguir se controlar. Os sete pecados capitais – gula, avareza, luxúria, ira, inveja, preguiça e vaidade – fazem parte do cotidiano e todo mundo pode pecar em algum momento da vida.

A origem deles é antiga, surgiram no século 6, quando o papa Gregório Magno (540-604 d.C.) deu origem à lista dos sete pecados capitais, usando como referência as cartas do apóstolo Paulo, escritas durante suas visitas religiosas às comunidades coríntia e romana. No século 13, a Igreja Católica reconheceu oficialmente esses pecados como infrações de caráter do homem. No mundo das finanças, os problemas começam quando esses pecados prejudicam sua relação com o dinheiro. Com a ajuda de nove especialistas em finanças pessoais, você vai aprender como fugir dos deslizes que podem comprometer seu planejamento financeiro e a realização dos seus sonhos.

Gula

Quando o assunto é finanças pessoais, o pecado da gula pode ser comparado ao consumo em excesso. Quem tem gula por compras, provavelmente, é mais suscetível a cair no endividamento para adquirir imediatamente o que deseja. “Antes de cometer esse pecado é preciso perguntar: eu realmente preciso comprar isso agora?”, diz Ricardo Fairbanks, consultor da Dinheiro em Foco, em São Paulo. Quem decide que quer comprar um carro zero-quilômetro sem ter dinheiro vai pagar juros altos. É o custo da gula. Um automóvel que vale 35.000 reais, parcelado em 60 prestações, com juros de 1,5% ao mês, vai custar 46.208 reais quando você terminar de pagá-lo, sendo que 11.208 reais serão gastos apenas com juros. Mas o pecado da gula também pode se manifestar na hora dos investimentos financeiros. O guloso sempre pensa nos ganhos rápidos e muda de aplicação sem considerar que pode perder grana. “Ele acha que não corre nenhum risco”, diz a psicóloga Vera Rita de Mello Ferreira, representante no Brasil da

Iarep (associação internacional de pesquisas em psicologia econômica, na sigla em inglês). Esse perfil é o mais propenso a cair em fraudes financeiras.

SILVA, Chrystiane. Você S/A, edição 164, fev. 2012, p. 62-66

Sintaxe

Nós nos comunicamos por meio de palavras, que formam orações, que formam períodos. **Orações** são enunciados que contêm verbos. **Períodos** são enunciados de sentido completo, que contêm uma ou mais orações. Quando um período contém apenas uma oração é chamado de **período simples**; quando contém mais de uma oração, **período composto**.

Análise Sintática

É a descrição das partes (funções sintáticas) que formam uma oração e, também, a descrição das funções que as orações podem exercer dentro do período composto. O estudo da Análise Sintática revela-se imprescindível ao estudo da pontuação, da concordância e da regência dos termos.

Antes de se iniciar o estudo do período simples, vejamos um panorama das funções sintáticas:

TERMOS DA ORAÇÃO – FUNÇÕES SINTÁTICAS	
1. ESSENCIAIS	Sujeito Predicado
2. ASSOCIADOS AO NOME	Adjunto adnominal Complemento nominal Predicativo

	Aposto
3. ASSOCIADOS AO VERBO	Objeto direto Objeto indireto Adjunto adverbial Agente da passiva
4. INDEPENDENTE	Vocativo

Sujeito

Termo sobre o qual se declara algo e com o qual o verbo geralmente concorda.

> **Os sete pecados capitais** [...] fazem parte do cotidiano e **todo mundo** pode pecar em algum momento da vida. **A origem deles** é antiga [...]

> […] **eu** realmente preciso comprar isso agora?

Predicado

Declaração que se faz sobre o sujeito da oração. Não havendo sujeito na oração, o predicado é toda a oração.

> Os sete pecados capitais [...] **fazem parte do cotidiano** e todo mundo **pode pecar em algum momento da vida**. A origem deles **é antiga** [...]

Adjunto adnominal

Termo que especifica, caracteriza, determina o substantivo. Coloca-se ao lado do substantivo e liga-se a ele com ou sem preposição. Podem funcionar como adjuntos as seguintes classes gramaticais: artigo, adjetivo ou locução adjetiva, numeral e pronome.

> Quando **o** assunto é finanças **pessoais**, **o** pecado **da gula** pode ser comparado ao consumo **em excesso** [...]

> Atire **a primeira** pedra quem nunca cometeu **um** pecado quando **o** assunto é dinheiro.

Complemento nominal

Termo preposicionado que completa o sentido de substantivos abstratos. Pode completar o sentido, também, de adjetivos e advérbios.

> [...] usando como referência as cartas do apóstolo Paulo, escritas durante suas visitas religiosas **às comunidades coríntia e romana**.

> Você vai aprender como fugir dos deslizes que podem comprometer seu planejamento financeiro e a realização **dos seus sonhos**.

> Quem tem gula **por compras**, provavelmente, é mais suscetível **a cair no endividamento** para adquirir imediatamente o que deseja.

Aposto

Termo de natureza explicativa que especifica um termo substantivo e com este mantém certa relação de equivalência. Geralmente vem separado do nome a que se refere por sinais de pontuação.

> Os sete pecados capitais — **gula, avareza, luxúria, ira, inveja, preguiça e vaidade** — fazem parte do cotidiano e todo mundo pode pecar em algum momento da vida.

> "Antes de cometer esse pecado é preciso perguntar: eu realmente preciso comprar isso agora?", diz Ricardo Fairbanks, **consultor da Dinheiro em Foco**, em São Paulo.

Predicativo

Termo que indica característica ou estado de um substantivo. difere-se do adjunto adnominal por estar sempre no predicado e por se ligar ao substantivo com mediação de verbo.

> A origem deles é **antiga**, surgiram no século 6, quando o papa Gregório Magno (540-604 d.C.) deu origem à lista dos sete pecados capitais [...]

> A Igreja Católica reconheceu oficialmente esses pecados **como infrações de caráter do homem.**

Objeto direto

Termo que completa o sentido de verbos transitivos. Não exige preposição.

> Todo mundo comete **algum pecado** quando se trata de administrar **a própria grana**. Confira **as recomendações de especialistas** para amenizar **pequenas transgressões.**

> Atire **a primeira pedra** quem nunca cometeu **um pecado** quando o assunto é dinheiro.

Objeto indireto

Termo que completa o sentido de verbos transitivos. Exige preposição.

> Com a ajuda de nove especialistas em finanças pessoais, você vai aprender como fugir **dos deslizes** [...]

Quando o assunto é finanças pessoais, o pecado da gula pode ser comparado **ao consumo em excesso.**

Adjunto adverbial

Termo que modifica o sentido do verbo, acrescentando-lhe circunstâncias de modo, causa, tempo, lugar, finalidade, intensidade etc. Os adjuntos adverbiais de intensidade podem também modificar adjetivos e advérbios.

Atire a primeira pedra quem **nunca** cometeu um pecado quando o assunto é dinheiro.

A origem deles é antiga, surgiram **no século 6** [...]

[...] eu **realmente** preciso comprar isso **agora**?

Agente da passiva

Termo preposicionado que pratica o processo verbal na voz passiva.

A lista dos sete pecados capitais foi feita **pelo papa Gregório Magno** (540-604 d.C.).

A pesquisa foi realizada **pela psicóloga Vera Rita de Mello**.

Vocativo

Termo utilizado para se fazer um chamamento, uma invocação. Na oração, vem separado dos outros termos por vírgula.

Senhores consumidores, exijam a nota fiscal.

Está na hora de aprender a administrar o dinheiro, **leitores**.

Só que você, **caro leitor**, é um brasiliano. Brasiliano rima com italiano, indiano, australiano. Brasiliano não é uma profissão, mas uma declaração de cidadania.

DIMP

A nomenclatura utilizada nas Gramáticas Aplicadas ao Texto difere da adotada pelas Gramáticas Normativas, que classificam os termos da oração em:

- essenciais
- integrantes
- acessórios

Esquema das classes gramaticais e das funções sintáticas

Classes	Funções
1. Substantivo	Pode exercer, como núcleo, todas as onze funções sintáticas.
2. Adjetivo	Geralmente exerce as funções de adjunto adnominal, predicativo do sujeito ou predicativo do objeto.
3. Artigo	Adjunto adnominal.
4. Numeral	Se for um numeral adjetivo (que acompanha o substantivo), exercerá a função de adjunto adnominal. Se for numeral substantivo (aquele

	que substitui um substantivo), exercerá praticamente todas as funções.
5. Pronome	Se for um pronome adjetivo (que acompanha o substantivo), exercerá a função de adjunto adnominal. Se for pronome substantivo (aquele que substitui um substantivo), exercerá praticamente todas as funções.
6. Verbo	Se não for verbo de ligação (este funciona apenas como conectivo), exercerá a função de núcleo do predicado.
7. Advérbio	Adjunto adverbial.
8. Preposição	Não exerce função sintática propriamente dita. Porém, de maneira geral, exerce a função de ligar termos, introduzindo complementos a alguns vocábulos.
9. Conjunção	Não exerce função sintática propriamente dita. Porém, de maneira geral, exerce a função de ligar termos que possuam mesma natureza sintática e introduzir orações coordenadas ou subordinadas.
10. Interjeição	Não exerce função sintática.

01.

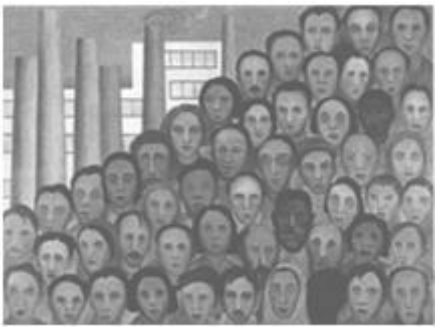

Desiguais na fisionomia, na cor e na raça, o que lhes assegura identidade peculiar, são iguais enquanto frente de trabalho. Num dos cantos, as chaminés das indústrias se alçam verticalmente. No mais, em todo o quadro, rostos colados, um ao lado do outro, em pirâmide que tende a se prolongar infinitamente, como mercadoria que se acumula pelo quadro afora.

O texto aponta no quadro de Tarsila do Amaral um tema que também se encontra nos versos transcritos em:

a) "Pensem nas meninas
Cegas inexatas
Pensem nas mulheres
Rotas alteradas."
(Vinícius de Moraes)

b) "Somos muitos severinos
iguais em tudo e na sina:
a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima."
(João Cabral de Melo Neto)

c) "O funcionário público não cabe no poema
com seu salário de fome sua vida fechada em
arquivos."
(Ferreira Gullar)

d) "Não sou nada. Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.
À parte isso, tenho em mim todos os
sonhos do mundo."
(Fernando Pessoa)

e) "Os inocentes do Leblon
Não viram o navio entrar (...)
Os inocentes, definitivamente inocentes tudo
ignoravam,mas a areia é quente, e há um óleo
suaveque eles passam pelas costas, e
aquecem."
(Carlos Drummond de Andrade)

Alternativa Correta: Letra B

02.

Ferreira Gullar, um dos grandes poetas brasileiros da atualidade, é autor de "Bicho urbano", poema sobre a sua relação com as pequenas e grandes cidades.

Bicho urbano
Se disser que prefiro morar em Pirapemas
ou em outra qualquer pequena cidade do país
estou mentindoainda que lá se possa de manhã
lavar o rosto no orvalhoe o pão preserve aquele
brancosabor de alvorada.

A natureza me assusta.
Com seus matos sombrios suas águas
suas aves que são como aparições me assusta
quase tanto quanto esse abismo de gases e de estrelas aberto sob minha cabeça.
(GULLAR, Ferreira. "Toda poesia". Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1991)

Embora não opte por viver numa pequena cidade, o poeta reconhece elementos de valor no cotidiano das pequenas comunidades. Para expressar a relação do homem com alguns desses elementos, ele recorre à sinestesia, construção de linguagem em que se mesclam impressões sensoriais diversas. Assinale a opção em que se observa esse recurso.

a) "e o pão preserve aquele branco / sabor de alvorada".
b) ainda que lá se possa de manhã / lavar o rosto no orvalho'
c) "A natureza me assusta. / Com seus matos sombrios suas águas".
d) "suas aves que são como aparições / me assusta quase tanto quanto".
e) "me assusta quase tanto quanto / esse abismo/ de gases e de estrelas".

Alternativa Correta: Letra A.

03. Quem não passou pela experiência de estar lendo um texto e defrontar-se com passagens lidas em outros? Os textos conversam entre si em um diálogo constante. Esse fenômeno tem a denominação de intertextualidade. Leia os seguintes textos:

TEXTO 1
Quando nasci, um anjo torto
Desses que vivem na sombra
Disse: Vai Carlos! Ser "gauche na vida"
(ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma poesia*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964).

TEXTO 2
Quando nasci veio um anjo safado
O chato dum querubim
E decretou que eu tava predestinado
A ser errado assim
Já de saída a minha estrada entortou
Mas vou até o fim.
(BUARQUE, Chico. *Letra e música*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989).

TEXTO 3
Quando nasci um anjo esbelto
Desses que tocam trombeta, anunciou:
Vai carregar bandeira.
Carga muito pesada pra mulher
Essa espécie ainda envergonhada.
(PRADO, Adélia. Bagagem. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986)

Adélia Prado e Chico Buarque estabelecem intertextualidade em relação a Carlos Drummond de Andrade por:

a) reiteração de imagens
b) oposição de ideias
c) falta de criatividade
d) negação dos versos
e) ausência de recursos

Alternativa Correta: Letra A

04. Pote Cru é meu pastor. Ele me guiará.

Ele está comprometido com o monge.

De tarde deambula no azedal entre torsos de

cachorro, trampas, trapos, panos de regra, couros, de rato ao podre, vísceras de piranhas, baratas albinas, dálias secas, vergalhos de lagartos, linguetas de sapatos, aranhas dependuradas emgotas de orvalho etc, etc.

Pote Cru, ele dormia nas ruínas de um convento. Foi encontrado em osso.

Ele tinha uma voz de oratórios perdidos.

(BARROS, M. Retratos do artista quando coisa. Rio de Janeiro: Record, 2002).

Ao estabelecer uma relação com o texto bíblico nesse poema, o eu lírico identifica-se com Pote Cru porque

a) entende a necessidade de todo poeta ter voz de oratórios perdidos.

b) elege-o como pastor a fim de ser guiado para a salvação divina.

c) valoriza nos percursos do pastor a conexão entre as ruínas e a tradição.

d) necessita de um guia para a descoberta das coisas da natureza.

e) acompanha-o na opção pela insignificância das coisas.

Alternativa Correta: Letra E

05.

A diva

Vamos ao teatro, Maria José?

Quem me dera, desmanchei em rosca quinze kilos de farinha, tou podre. Outro dia a gente vamos.

Falou meio triste, culpada, e um pouco alegre por recusar com orgulho.

TEATRO! Disse no espelho.

TEATRO! Mais alto, desgrenhada. Perfeita.

TEATRO! E os cacos voaram sem nenhum aplauso.

PRADO, A. Oráculos de maio. São Paulo: Siciliano, 1999.

Os diferentes gêneros textuais desempenham funções sociais diversas, reconhecidas pelo leitor com base em suas características específicas, bem como na situação comunicativa em que ele é produzido. Assim, o texto A diva

A) narra um fato real vivido por Maria José.

B) surpreende o leitor pelo seu efeito poético.

C) relata uma experiência teatral profissional.

D) descreve uma ação típica de uma mulher sonhadora.

E) defende um ponto de vista relativo ao exercício teatral.

Alternativa Correta: Letra B

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Proposição 2
  Tabelas Verdade 2
  Valores Lógicos das Proposições Compostas..3

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Proposição

Tabelas Verdade

Dispositivo prático que serve para atribuir valor lógico as proposições compostas.

Obs. 1: o numero de linhas da tabela verdade depende da quantidade de proposições simples que existem na proposição composta.

Nº de linhas da tabela = 2^n;

Cujo **n** é o numero de proposições simples que compõem a

proposição composta.

Ex.: $P \wedge Q = 2$ = 2 proposições simples = 4 linhas;

$(A \rightarrow B) \vee C$ = 3 proposições simples = 8 linhas;

$M \leftrightarrow (N \wedge {\sim}M)$ = 2 proposições simples = 4 linhas (~M apenas muda o valor de M)

Obs. 2: O número de linha da tabela está associado a todas as relações possíveis de V ou F entre as proposições simples que formam a proposição composta.

Demonstração:

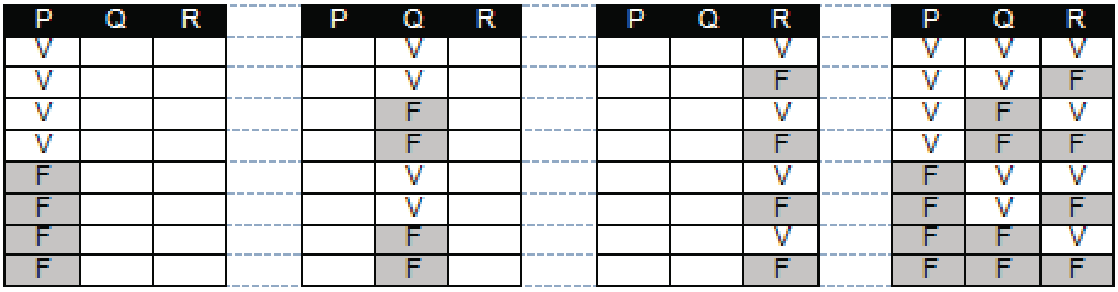

P	Q	R
V		
V		
V		
V		
F		
F		
F		
F		

P	Q	R
	V	
	V	
	F	
	F	
	V	
	V	
	F	
	F	

P	Q	R
		V
		F
		V
		F
		V
		F
		V
		F

P	Q	R
V	V	V
V	V	F
V	F	V
V	F	F
F	V	V
F	V	F
F	F	V
F	F	F

Regras para o preenchimento da Tabela:

- Comece sempre pelas proposições simples e suas negações, se houver;
- Resolva primeiro o que tiver dentro dos parênteses, colchetes e chaves, respectivamente, se houver; (igual à expressão numérica);
- Resolva primeiro as conjunções e disjunções, depois os condicionais e por último os bicondicionais;
- A última coluna da tabela será a da proposição "toda".

Demonstração (1ª parte):

$a \wedge b \rightarrow c \vee {\sim}b$

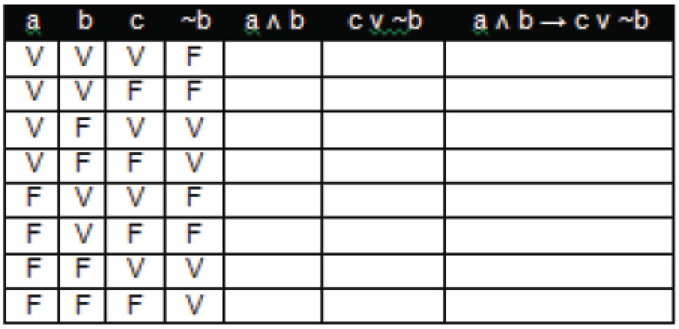

a	b	c	~b	a ∧ b	c v ~b	a ∧ b → c v ~b
V	V	V	F			
V	V	F	F			
V	F	V	V			
V	F	F	V			
F	V	V	F			
F	V	F	F			
F	F	V	V			
F	F	F	V			

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Valores Lógicos das Proposições Compostas

Tabela da conjunção: e (∧)

p	q	$p \wedge q$
V	V	V
V	F	F
F	V	F
F	F	F

Uma proposição composta por conjunção só será **verdadeira** se todas as **proposições** que a compõem forem **verdadeiras**, caso contrario será falsa.

Ex.: ser servidor público de carreira.

Representando em forma de conjuntos temos a seguinte situação:

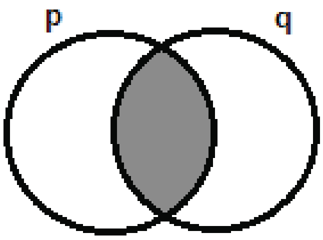

Tabela da disjunção: ou (v)

p	q	$p \vee q$
V	V	V
V	F	V
F	V	V
F	F	F

Uma proposição composta por **disjunção** só será **falsa** se todas as **proposições** que a compõem forem **falsas**, caso contrario será verdadeira.

Ex.: passar num concurso.

Representando em forma de conjuntos temos a seguinte situação:

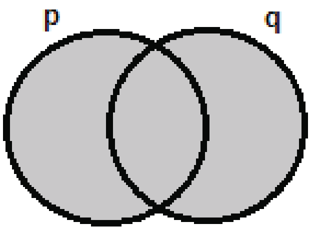

Tabela da disjunção exclusiva: ou..., ou (v).

p	q	$p \veebar q$
V	V	F
V	F	V
F	V	V
F	F	F

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

A proposição composta por **disjunção exclusiva** sempre será **verdadeira** quando os **valores lógicos das proposições** que a compõem forem **diferentes**, caso contrario será falsa.

Ex.: tomar posse num cargo público de dedicação exclusiva.

Representando em forma de conjuntos temos a seguinte situação:

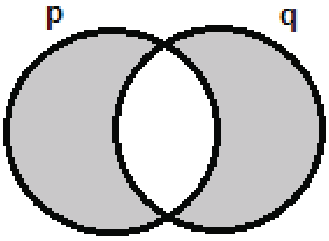

Tabela do condicional: se..., então (→)

A proposição composta por **condicional** só será **falsa** se o antecedente (antes do conectivo – entre o SE e o ENTÃO) for verdadeiro e o **consequente** (depois do conectivo – depois do ENTÃO) for falso, caso contrario será verdadeira.

> **Importante**: no condicional, a proposição antes do conectivo é chamada de antecedente ou condição suficiente enquanto que a proposição depois do conectivo é chamada de consequente ou condição necessária.

> **Lembre-se disso:** p (antecedente) (condição suficiente)

→ q (consequente) (condição necessária)

Ex.: observe a proposição: "Se beber, então não dirija".

Representando em forma de conjuntos temos a seguinte situação:

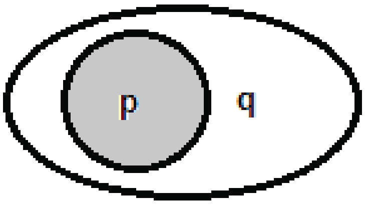

Tabela do bicondicional: se, somente se (↔)

p	q	p↔q
V	V	V
V	F	F
F	V	F
F	F	V

A proposição composta por **bicondicional** será **verdadeira** sempre que as **proposições** que a compõem tiverem **valores lógicos iguais**, caso contrario será falsa.

Obs.: No bicondicional as proposições são suficientes e necessárias ao mesmo tempo.

Ex.: casal apaixonado.

Representando em forma de conjuntos temos a seguinte situação:

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

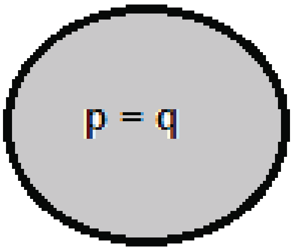

Demonstração (resolução):

$a \land b \to c \lor \sim b$

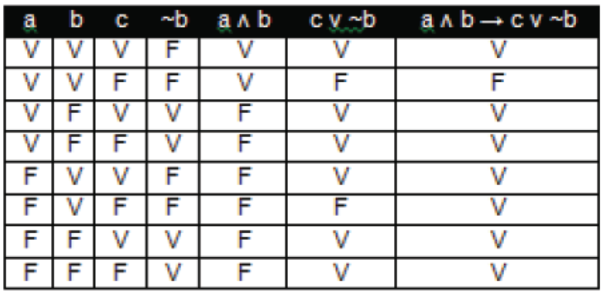

a	b	c	~b	a ∧ b	c v ~b	a ∧ b → c v ~b
V	V	V	F	V	V	V
V	V	F	F	V	F	F
V	F	V	V	F	V	V
V	F	F	V	F	V	V
F	V	V	F	F	V	V
F	V	F	F	F	F	V
F	F	V	V	F	V	V
F	F	F	V	F	V	V

EXERCÍCIOS

Considerando que P e Q representem proposições conhecidas e que V e F representem, respectivamente, os valores verdadeiro e falso, julgue o próximo item.

01. Se P for F e P V Q for V, então Q é V.

Certo ( ) Errado ( )

02. Considerando todas as possíveis valorações V ou F das proposições simples P e Q, a quantidade de valorações V na tabela-verdade da proposição $(P \land Q) \lor (\sim Q) \to [P \lor (\sim Q)]$é igual.

a) 1

b) 2

c) 3

d) 4

e) 0

03. Um provérbio chinês diz que:

P1: Se o seu problema não tem solução, então não é preciso se preocupar com ele, pois nada que você fizer o resolverá.

P2: Se o seu problema tem solução, então não é preciso se preocupar com ele, pois ele logo se resolverá. O número de linhas da tabela verdade correspondente à proposição P2 do texto apresentado é igual a

a) 24

b) 4

c) 8

d) 12.

e) 16.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

04. Sobre as tabelas de verdade dos conectivos de disjunção (inclusiva), conjunção e implicação (material), assinale a alternativa correta.

a) As conjunções só são falsas quando ambos os conjuntos são falsos.

b) Não existe implicação falsa com antecedente verdadeiro.

c) As disjunções são falsas quando algum dos disjuntos é falso.

d) Só há um caso em que as implicações são verdadeiras.

e) As implicações são verdadeiras quando o antecedente é falso.

GABARITO

01 - C

02 - D

03 - C

04 - E.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Lista Questões Análise Sintática

1 - (UEBA) Assinale a alternativa correspondente ao período onde há predicativo dosujeito:

a) Como o povo anda tristonho!

b) Agradou ao chefe o novo funcionário.

c) Ele nos garantiu que viria.

d) No Rio, não faltam diversões.

e) O aluno ficou sabendo hoje cedo de sua aprovação.

2 - (MACK) Em “E quando o brotinho lhe **telefonou**, dias depois, **comunicando** que estudava o modernismo, e dentro do modernismo sua obra, para que o professor lhe **sugerira**contato pessoal com o autor,**ficou** assanhadíssimo e paternal a um tempo”, os verbos assinalados são, respectivamente:

a). transitivo direto, transitivo indireto, de ligação, transitivo direto e indireto

b). transitivo direto e indireto, transitivo direto, transitivo indireto, de ligação

c). transitivo indireto, transitivo direto e indireto, transitivo direto, de ligação

d). transitivo indireto, transitivo direto, transitivo direto e indireto, de ligação

e). transitivo indireto, transitivo direto e indireto, de ligação, transitivo direto

3 - (PUC)

Em: “Os sururus em família têm por testemunha a Gioconda”, as expressõessublinhadas são:

a) complemento nominal – objeto direto

b) predicativo do objeto – objeto direto

c) objeto indireto – complemento nominal

d) objeto indireto – objeto indireto

e) complemento nominal – objeto direto preposicionado

4 - (FCMSC-SP) Observe as orações seguintes:1. Dizem por aí tantas coisas…2. Nesta faculdade acolhem muito bem os alunos.3. Obedece-se aos mestres.O sujeito está indeterminado:

a) somente na 1

c) na 3 somente

b) na 2 somente

d) em duas delas somente

e) nas três orações

5 - (UNIRIO) Em “Na mocidade, muitas coisas lhe haviam acontecido”, temos oração:

a) sem sujeito

b) com sujeito simples e claro

c) com sujeito oculto

d) com sujeito composto

e) com sujeito indeterminado

6 - (UFPR) Na oração “O alvo foi atingido por uma bomba formidável”, a locução ‘por uma bomba formidável’ tem a função de:

a) objeto direto

b) agente da passiva

d) complemento nominal

c) adjunto adverbia

e) adjunto adnominal

7 - (U.E. Maringá) “O Brasil jovem está ‘curtindo’ o vestibular”.

Os termos destacados, no período acima, são respectivamente:

a) adjunto adverbial e objeto direto.
b) predicativo do sujeito e objeto direto.
c) adjunto adnominal e complemento nominal.
d) adjunto adnominal e objeto direto.
e) adjunto adverbial e predicativo do sujeito.

8 - (PUC) “Um dia deu-me sono como a qualquer criança”. (Fernando Pessoa)

As palavras em destaque são, respectivamente:

a) adjunto adverbial – adjunto adverbial.
b) objeto indireto – sujeito.
c) objeto indireto – objeto indireto.
d) objeto indireto – objeto direto preposicionado.
e) objeto direto – objeto direto.

9 - (UFSC) Observe os períodos abaixo e assinale a alternativa em que o lhe funciona como adjunto adnominal:

a) “… anunciou-lhe: Filho, amanhã vais comigo.”
b) O peixe cai-lhe na rede.
c) Ao traidor, não lhe perdoaremos jamais.
d) Comuniquei-lhe o fato ontem pela manhã.
e) Sim, alguém lhe propôs emprego.

10 - (Unimep – SP) Em: “... as empregadas das casas saem apressadas, de latas e garrafas na mão, para a pequena fila de leite”, os termos destacados são, respectivamente:

a) Adjunto adverbial de modo e adjunto adverbial de matéria.
b) Predicativo do sujeito e adjunto adnominal
c) Adjunto adnominal e complemento nominal
d) Adjunto adverbial de modo e adjunto adnominal
e) Predicativo do objeto e complemento nominal

11 - (UFPI) “Jatene está convicto de suas ideias”.

“ Os setores do governo discordam do modelo proposto”.

Os termos destacados, quanto à função sintática, são, respectivamente:

a) complemento nominal – objeto indireto – adjunto adnominal.
b) objeto indireto – adjunto adnominal – complemento nominal.
c) adjunto adnominal – adjunto adnominal – objeto indireto.
d) complemento nominal – complemento nominal – objeto indireto.
e) complemento nominal – adjunto adnominal – objeto indireto.

12 - (UFMG) A propósito do trecho que segue, aponte a classificação correta referente ao termo em destaque:

“Minha bela Marília, tudo passa,
A sorte deste mundo é mal segura
Se vem depois dos males a ventura
Vem depois dos prazeres a desgraça”.
Tomás Antônio Gonzaga.

a) vocativo
b) sujeito
c) aposto
d) adjunto adnominal

13 - (FTM) Das expressões sublinhadas abaixo, com as idéias de tempo ou lugar, a única que tem a função sintática do adjunto adverbial é:

a) "Já ouvi os poetas **de Aracaju**".
b) "atravessar **os subúrbios escuros e sujos**".
c) "passar **a noite de inverno** debaixo da ponte".
d) "Queria agora caminhar com os ladrões **pela noite**".
e) "sentindo no coração as pancadas dos pés das mulheres **da noite**".

GABARITO:

1-A; 2-D; 3-B; 4-E; 5-B; 6-B; 7-D; 8-C; 9-B; 10-D; 11-E; 12-A; 13-D

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Figuras de Linguagem....................2
- Metáfora....................2
- Metonímia....................2
- Catacrese....................2
- Antítese....................3
- Paradoxo....................3
- Ironia....................3
- Hipérbole....................3
- Prosopopeia ou Personificação....................3
- Elipse....................3
- Zeugma....................4
- Polissíndeto....................4
- Pleonasmo....................4
- Anáfora....................4
- Hipérbato / Inversão....................5
- Aliteração....................5
- Onomatopeia....................5

Funções da Linguagem....................5
- Função Referencial ou Denotativa....................5
- Função Expressiva ou Emotiva....................5
- Função Apelativa ou Conativa....................5
- Função Poética....................6
- Função Fática....................6
- Função Metalinguística....................6

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Figuras de Linguagem

As questões que exigem o conhecimento das figuras de linguagem geralmente estão relacionadas à interpretação e compreensão de um texto, fragmento de texto ou palavra.

Existem várias figuras de linguagem, mas algumas são as mais cobradas em provas de concurso.

Metáfora

Significa empregar uma palavra ou uma expressão em lugar de outra, sem que haja uma relação real, mas em razão do contexto em que a encontramos, mas em virtude da circunstância de que o nosso espírito as associa e depreende entre elas certas semelhanças.

Observação

Se a metáfora se cristalizar, deixará de ser metáfora e passará a ser catacrese (por exemplo: "pé de alface", "dente de alho", "perna da mesa", "braço da cadeira").

Dica

Toda metáfora é uma espécie de comparação implícita, em que o elemento comparativo não aparece.

> I. Seus olhos são como luzes brilhantes.

» Há uma comparação evidente, por meio do emprego da palavra como.

> II. Seus olhos são luzes brilhantes.

» Não há mais uma comparação (note a ausência da partícula comparativa), e sim um símile, ou seja, qualidade do que é semelhante.

> III. As luzes brilhantes olhavam-me.

» Há a substituição da palavra olhos por luzes brilhantes. Logo, temos a verdadeira metáfora.

Metonímia

Este recurso consiste em empregar um termo no lugar de outro, havendo entre ambos estreita afinidade ou relação de sentido.

Gosto de ler Machado de Assis. (= Gosto de ler a obra literária de Machado de Assis.) > Autor pela obra.

Moro no campo e como do meu trabalho. (= Moro no campo e como o alimento que produzo.) > Causa pelo efeito.

Os microfones foram atrás dos jogadores. (= Os repórteres foram atrás dos jogadores.) > Instrumento pela pessoa que utiliza.

A mulher foi chamada para ir às ruas na luta por seus direitos. (= As mulheres foram chamadas, não apenas uma mulher.) > Singular pelo plural.

O homem foi à Lua. (= Alguns astronautas foram à Lua.) > Espécie pelo indivíduo.

Catacrese

Trata-se de uma metáfora que, dado seu uso contínuo, cristalizou-se. A catacrese costuma ocorrer quando, por falta de um termo específico para designar um conceito, toma-se outro "emprestado". Assim, passamos a empregar algumas palavras fora de seu sentido original.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

"asa da xícara"	"batata da perna"
"maçã do rosto"	"pé da mesa"
"braço da cadeira"	"coroa do abacaxi"

Antítese

Consiste na utilização de dois termos que contrastam entre si. Ocorre quando há uma aproximação de palavras ou expressões de sentidos opostos.

- O corpo é grande e a alma é pequena.
- "Quando um muro separa, uma ponte une."
- Felicidade e tristeza tomaram conta de sua alma.

Paradoxo

Consiste numa proposição aparentemente absurda, resultante da união de ideias contraditórias.

Na reunião, o funcionário afirmou que o operário quanto mais trabalha mais tem dificuldades econômicas.

Eufemismo

Consiste em empregar uma expressão mais suave, mais nobre ou menos agressiva, para comunicar alguma coisa áspera, desagradável ou chocante.

- O prefeito ficou rico por meios ilícitos. (= roubou)
- Fernando faltou com a verdade. (= mentiu)

Ironia

Consiste em dizer o contrário do que se pretende ou em satirizar, questionar certo tipo de pensamento com a intenção de ridicularizá-lo, ou ainda em ressaltar algum aspecto passível de crítica.

- Como você foi bem na última prova, não tirou nem a nota mínima!
- Parece um anjinho aquele menino, briga com todos que estão por perto.

Hipérbole

É a expressão intencionalmente exagerada com o intuito de realçar uma ideia.

- Faria isso milhões de vezes se fosse preciso.

Prosopopeia ou Personificação

Consiste em atribuir ações ou qualidades de seres animados a seres inanimados, ou características humanas a seres não humanos.

- As pedras andam vagarosamente.
- O vento fazia promessas suaves a quem o escutasse.

Elipse

Consiste na omissão de um ou mais termos numa oração que podem ser facilmente identificados, tanto por elementos gramaticais presentes na própria oração, quanto pelo contexto.

1) A cada um o que é seu. (Deve se dar a cada um o que é seu.)

2) Tenho duas filhas, um filho e amo todos da mesma maneira.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Nesse exemplo, as desinências verbais de tenho e amo permitem-nos a identificação do sujeito em elipse "eu".

3)Regina estava atrasada. Preferiu ir direto para o trabalho. (Ela, Regina, preferiu ir direto para o trabalho, pois estava atrasada.)

4) As rosas florescem em maio, as margaridas em agosto. (As margaridas florescem em agosto.)

Zeugma

Zeugma é uma forma de elipse.

- Ele gosta de geografia; eu, de português.
- Na casa dela só havia móveis antigos; na minha, só móveis modernos.

Polissíndeto

É uma figura caracterizada pela repetição enfática dos conectivos. Observe o exemplo:

- "Deus criou o sol e a lua e as estrelas. E fez o homem e deu-lhe inteligência e fê-lo chefe da natureza.

Assíndeto

É uma figura caracterizada pela ausência, pela omissão das conjunções coordenativas, resultando no uso de orações coordenadas assindéticas.

- "Vim, vi, venci." (Júlio César)

Pleonasmo

Consiste na repetição de um termo ou ideia, com as mesmas palavras ou não. A finalidade do pleonasmo é realçar a ideia, torná-la mais expressiva.

O problema da violência, é necessário resolvê-lo logo.

Nesta oração, os termos "o problema da violência" e "lo" exercem a mesma função sintática: objeto direto. Assim, temos um pleonasmo do objeto direto, sendo o pronome "lo" classsificado como objeto direto pleonástico.

→ Outro exemplo:

- Aos funcionários, não lhes interessam tais medidas.
- Aos funcionários, lhes = Objeto Indireto

Nesse caso, há um pleonasmo do objeto indireto, e o pronome "lhes" exerce a função de objeto indireto pleonástico.

» **Observação**: o pleonasmo só tem razão de ser quando confere mais vigor à frase; caso contrário, torna-se um pleonasmo vicioso. Exemplos:

  - Vi aquela cena com meus próprios olhos.
  - Vamos subir para cima.

Anáfora

É a repetição de uma ou mais palavras no início de várias frases, criando assim, um efeito de reforço e de coerência. Pela repetição, a palavra ou expressão em causa é posta em destaque, permitindo ao escritor valorizar determinado elemento textual. Os termos anafóricos podem muitas vezes ser substituídos por pronomes relativos. Assim, observe o exemplo abaixo:

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Encontrei um amigo ontem. Ele disse-me que te conhecia. O termo ele é um termo anafórico, já que se refere a um amigo anteriormente referido.

Hipérbato / Inversão

É a inversão da estrutura frásica, isto é, a inversão da ordem direta dos termos da oração.

- Ao ódio venceu o amor. (Na ordem direta seria: O amor venceu ao ódio.)
- Dos meus problemas cuido eu! (Na ordem direta seria: Eu cuido dos meus problemas.)

Aliteração

Consiste na repetição de consoantes como recurso para intensificação do ritmo ou como efeito sonoro significativo. Exemplos:

- Três pratos de trigo para três tigres tristes.
- O rato roeu a roupa do rei de Roma.

Onomatopeia

Ocorre quando se tentam reproduzir na forma de palavras os sons da realidade.

- Os sinos faziam blem, blem, blem, blem.
- Miau, miau. (Som emitido pelo gato)
- Tic-tac, tic-tac fazia o relógio da sala de jantar.
- Cócórócócó, fez o galo às seis da manhã.

Funções da Linguagem

Função Referencial ou Denotativa

Palavra-chave: **referente**

Transmite uma informação objetiva sobre a realidade. Dá prioridade aos dados concretos, fatos e circunstâncias. É a linguagem característica das notícias de jornal, do discurso científico e de qualquer exposição de conceitos. Coloca em evidência o referente, ou seja, o assunto ao qual a mensagem se refere.

Função Expressiva ou Emotiva

Palavra-chave: **emissor**

Reflete o estado de ânimo do emissor, os seus sentimentos e emoções. Um dos indicadores da função emotiva num texto é a presença de interjeições e de alguns sinais de pontuação, como as reticências e o ponto de exclamação.

- Ah, que coisa boa!
- Tenho um pouco de medo...

Função Apelativa ou Conativa

Palavra-chave: **receptor**

Seu objetivo é influenciar o receptor ou destinatário, com a intenção de convencê-lo de algo ou dar-lhe ordens. Como o emissor se dirige ao receptor, é comum o uso de tu e você, ou o nome da pessoa, além dos vocativos e imperativo. É a linguagem usada nos discursos, sermões e propagandas que se dirigem diretamente ao consumidor.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

- Você já tomou banho?
- Não perca esta promoção!

Função Poética

Palavra-chave: **mensagem**

É aquela que põe em evidência a forma da mensagem, ou seja, que se preocupa mais em como dizer do que com o que dizer. O escritor, por exemplo, procura fugir das formas habituais e expressão, buscando deixar mais bonito o seu texto, surpreender, fugir da lógica ou provocar um efeito humorístico. Embora seja própria da obra literária, a função poética não é exclusiva da poesia nem da literatura em geral, pois se encontra com frequência nas expressões cotidianas de valor metafórico e na publicidade.

- Em tempos de turbulência, voe com   fundos de renda fixa.
- (Texto publicitário)

Função Fática

Palavra-chave: **canal**

Tem por finalidade estabelecer, prolongar ou interromper a comunicação. É aplicada em situações em que o mais importante não é o que se fala, nem como se fala, mas sim o contato entre o emissor e o receptor. Fática quer dizer "relativa ao fato", ao que está ocorrendo. Aparece geralmente nas fórmulas de cumprimento: Como vai, tudo certo?; ou em expressões que confirmam que alguém está ouvindo ou está sendo ouvido: sim, claro, sem dúvida, entende?, não é mesmo? É a linguagem das falas telefônicas, saudações e similares.

- Alô? Está me ouvindo?

Função Metalinguística

Palavra-chave: **código**

Esta função refere-se à metalinguagem, que ocorre quando o emissor explica um código usando o próprio código. É a poesia que fala da poesia, da sua função e do poeta, um texto que comenta outro texto. As gramáticas e os dicionários são exemplos de metalinguagem.

- Frase é qualquer enunciado linguístico com sentido acabado.

EXERCÍCIOS

Notícia de Jornal

(Fernando Sabino)

Leio no jornal a notícia de que um homem morreu de fome. Um homem de cor branca, 30 anos presumíveis, pobremente vestido, morreu de fome, sem socorros, em pleno centro da cidade, permanecendo deitado na calçada durante 72 horas, para finalmente morrer de fome.

Morreu de fome. Depois de insistentes pedidos e comentários, uma ambulância do Pronto Socorro e uma radiopatrulha foram ao local, mas regressaram sem prestar auxílio ao homem, que acabou morrendo de fome.

Um homem que morreu de fome. O comissário de plantão (um homem) afirmou que o caso (morrer de fome) era da alçada da Delegacia de Mendicância, especialista em homens que morrem de fome. E o homem morreu de fome.

O corpo do homem que morreu de fome foi recolhido ao Instituto Anatômico sem ser identificado. Nada se sabe dele, senão que morreu de fome.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Um homem morre de fome em plena rua, entre centenas de passantes. Um homem caído na rua. Um bêbado. Um vagabundo. Um mendigo, um anormal, um tarado, um pária, um marginal, um proscrito, um bicho, uma coisa - não é um homem. E os outros homens cumprem seu destino de passantes, que é o de passar. Durante setenta e duas horas todos passam, ao lado do homem que morre de fome, com um olhar de nojo, desdém, inquietação e até mesmo piedade, ou sem olhar nenhum. Passam, e o homem continua morrendo de fome, sozinho, isolado, perdido entre os homens, sem socorro e sem perdão.

Não é da alçada do comissário, nem do hospital, nem da radiopatrulha, por que haveria de ser da minha alçada? Que é que eu tenho com isso? Deixa o homem morrer de fome.

E o homem morre de fome. De trinta anos presumíveis. Pobremente vestido. Morreu de fome, diz o jornal. Louve-se a insistência dos comerciantes, que jamais morrerão de fome, pedindo providências às autoridades. As autoridades nada mais puderam fazer senão remover o corpo do homem. Deviam deixar que apodrecesse, para escarmento dos outros homens. Nada mais puderam fazer senão esperar que morresse de fome.

E ontem, depois de setenta e duas horas de inanição, tombado em plena rua, no centro mais movimentado da cidade do Rio de Janeiro, Estado da Guanabara, um homem morreu de fome.

(Disponível em http://www.fotolog.com.br/spokesman_/70276847/: Acesso em 10/09/14)

01. Em "Deviam deixar que apodrecesse, para escarmento dos outros homens." (7º§), pode-se reconhecer a seguinte figura de linguagem:

a) Metonímia
b) Paradoxo
c) Antítese
d) Ironia
e) Eufemismo

Notícia de Jornal

(Fernando Sabino)

Leio no jornal a notícia de que um homem morreu de fome. Um homem de cor branca, 30 anos presumíveis, pobremente vestido, morreu de fome, sem socorros, em pleno centro da cidade, permanecendo deitado na calçada durante 72 horas, para finalmente morrer de fome.

Morreu de fome. Depois de insistentes pedidos e comentários, uma ambulância do Pronto Socorro e uma radiopatrulha foram ao local, mas regressaram sem prestar auxílio ao homem, que acabou morrendo de fome.

Um homem que morreu de fome. O comissário de plantão (um homem) afirmou que o caso (morrer de fome) era da alçada da Delegacia de Mendicância, especialista em homens que morrem de fome. E o homem morreu de fome.

O corpo do homem que morreu de fome foi recolhido ao Instituto Anatômico sem ser identificado. Nada se sabe dele, senão que morreu de fome.

Um homem morre de fome em plena rua, entre centenas de passantes. Um homem caído na rua. Um bêbado. Um vagabundo. Um mendigo, um anormal, um tarado, um pária, um marginal, um proscrito, um bicho, uma coisa - não é um homem. E os outros homens cumprem seu destino de passantes, que é o de passar. Durante setenta e duas horas todos passam, ao lado do homem que morre de fome, com um olhar de nojo, desdém, inquietação e até mesmo piedade, ou sem olhar nenhum. Passam, e o homem continua morrendo de fome, sozinho, isolado, perdido entre os homens, sem socorro e sem perdão.

Não é da alçada do comissário, nem do hospital, nem da radiopatrulha, por que haveria de ser da minha alçada? Que é que eu tenho com isso? Deixa o homem morrer de fome.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

E o homem morre de fome. De trinta anos presumíveis. Pobremente vestido. Morreu de fome, diz o jornal. Louve-se a insistência dos comerciantes, que jamais morrerão de fome, pedindo providências às autoridades. As autoridades nada mais puderam fazer senão remover o corpo do homem. Deviam deixar que apodrecesse, para escarmento dos outros homens. Nada mais puderam fazer senão esperar que morresse de fome.

E ontem, depois de setenta e duas horas de inanição, tombado em plena rua, no centro mais movimentado da cidade do Rio de Janeiro, Estado da Guanabara, um homem morreu de fome.

(Disponível em http://www.fotolog.com.br/spokesman_/70276847/: Acesso em 10/09/14)

Texto II

O Bicho

(Manuel Bandeira)

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.
Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.
O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.
O bicho, meu Deus, era um homem.

(Disponível em: http://www.casadobruxo.com.br/poesia/m/bicho.htm, acesso em 10/09/2014)

02. Tanto na crônica (Texto I) quanto no poema (Texto II) os enunciadores não se limitam a apresentar o fato; eles também buscam causar comoção em seus leitores. A função de linguagem que melhor retrata esse objetivo e os trechos que podem representar esse aspecto são, respectivamente:

a) Função metalinguística; “Morreu de Fome” (texto I) e “ Meu Deus” (texto II).
b))Função fática; “Leio no jornal” (texto I) e “Vi ontem um bicho” (texto II).
c) Função poética; “Leio no jornal” (texto I) e “Vi ontem um bicho” (texto II).
d) Função conativa, “Morreu de Fome” (texto I) e “ Meu Deus” (texto II).
e) Função referencial; “Um homem de cor branca” (texto I); Na imundície do pátio””

A violência não é uma fantasia

A violência nasce conosco. Faz parte da nossa bagagem psíquica, do nosso DNA, assim como a capacidade de cuidar, de ser solidário e pacífico. Somos esse novelo de dons. O equilíbrio ou desequilíbrio depende do ambiente familiar, educação, exemplos, tendência pessoal, circunstâncias concretas, algumas escolhas individuais. Vivemos numa época violenta. Temos medo de sair às ruas, temos medo de sair à noite, temos medo de ficar em casa sem grades, alarmes e câmeras, ou bons e treinados porteiros. As notícias da imprensa nos dão medo em geral. Não são medos fantasiosos: são reais. E, se não tivermos nenhum medo, estaremos sendo perigosamente alienados. A segurança, como tantas coisas, parece ter fugido ao controle de instituições e autoridades.

Nestes dias começamos a ter medo também dentro dos shoppings, onde, aliás, há mais tempo aqui e ali vêm ocorrendo furtos, às vezes assaltos, raramente noticiados. O que preocupa são movimentos adolescentes que reivindicam acesso aos shoppings para seus grupos em geral organizados na internet.

(...)

(Revista Veja. Editora ABRIL. Edição 2358 - ano 47 - nº 5. 29 de janeiro de 2014. Por Lya Luft - p. 20)

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

03. A linguagem por meio da qual interagimos no nosso dia a dia pode revestir-se de nuances as mais diversas: pode apresentar-se em sentido literal, figurado, metafórico. A opção em cujo trecho utilizou-se linguagem metafórica é

a) O equilíbrio ou desequilíbrio depende do ambiente familiar.

b) Temos medo de sair às ruas.

c) Nestes dias começamos a ter medo também dentro dos shoppings.

d) Somos esse novelo de dons.

e) As notícias da imprensa nos dão medo em geral.

GABARITO

01 - D

02 - D

03 - D

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

ISBN 978-85-909417-2-9

Sérgio Simões

Regência **nominal** e **verbal** sem segredo

Série **Palavra Final**, v. 2

UNINOVE
Universidade Nove de Julho
A UNINOVE É SEMPRE 10

ISBN 978-85-909417-2-9

Sérgio Simões

Regência nominal e verbal sem segredo

Série Palavra Final, v. 2

UNINOVE
Universidade Nove de Julho
A UNINOVE É SEMPRE 10

© 2009 – Universidade Nove de Julho (Uninove)

Capa e projeto gráfico: João Ricardo M. Oliveira

SIMÕES, Sérgio Lourenço. Regência nominal e verbal sem segredo.
São Paulo : UNINOVE, 2009. (Série Palavra final, v. 2)

ISBN 978-85-909417-2-9

1. Língua portuguesa – Regência

CDU 811.134.3’367.625

Autorizada a reprodução desde que citada a fonte.

Sumário

Caro leitor, ...5
Acreditar, pensar 5
Agradar 6
Agradecer 6
Apelar 7
Atender 7
Chegar 8
Comentar(-se) 9
Comemorar 9
Comunicar 10
Comparecer 10
Custar 11
Debater 12
Desfrutar, usufruir, gozar 12
Empatar, ganhar, perder, vencer (no futebol) 13
Favorecer 13
Impedir 13
Implicar 13
Inaugurar(-se) 14
Informar 14
Iniciar(-se) 14
Inteirar-se 15
Interferir e intervir 15
Lembrar e esquecer 15
Morar 16
Namorar 16
Pagar e Perdoar 16
Pedir 17
Preferir 18

Recomendar 19

Recorrer 19

Refletir 19

Responder 20

Servir 20

Observe agora estes verbos 21

- Confraternizar 21
- Simpatizar 21
- Sobressair 21

Alguns verbos pronominais 21

- Ajoelhar-se 21
- Aposentar-se 21
- Arrepender-se 21
- Deitar-se 21
- Levantar-se 22
- Queixar-se 22
- Sentar-se 22
- Classificar-se 22
- Complicar-se 22
- Desvalorizar-se 22
- Espalhar-se 22
- Estragar-se 22
- Romper-se 22
- Valorizar-se 23

Regência de alguns nomes 23

- A 23
- B, C 26
- D 28
- E 30
- F, G, H 31
- I 32
- J, L, M 35
- N, O, P 36
- Q, R 38
- S 39
- T, U, V 40

Referências 41

Caro leitor,

Você tem energia de sobra e sabe canalizá-la para o desenvolvimento de tudo o que é bom. Tanto é verdade que, neste momento, você está participando de mais uma sessão de aprendizagem da língua.

Queremos que nos ajude a fazer sempre mais em seu benefício. Para isso, contamos com suas sugestões, perguntas e, principalmente, com a determinação que o impele a avançar na construção do conhecimento.

Continue a buscar e a produzir; incentive seus amigos a fazerem o mesmo. Fale da série *Palavra Final*, mostre-lhes que é uma fonte importantíssima para quem precisa da palavra.

Neste volume, trataremos da regência de alguns verbos e nomes (substantivos e adjetivos).

A regência cuida das relações de dependência que se estabelecem entre os termos na frase. Tais relações se dão direta ou indiretamente entre os termos regentes (que pedem complemento) e os regidos (que os completam).

Quando a dependência é direta, o verbo é transitivo direto, pois exige que a ele se ligue um objeto direto (sem o auxílio de uma preposição). Se indireta, o verbo é transitivo indireto, o que nos obriga a completá-lo com um objeto indireto (com o auxílio de uma preposição).

Acreditar, pensar

Estes verbos são transitivos indiretos, pois exigem complementos que a eles se ligam com o auxílio de uma preposição:

Acredite e **pense** **em** mim, **em** nós, **em** todos aqueles que gostam de você e, principalmente, **em** si mesmo.

Acredite **em** sua capacidade de resolver todos os problemas.

Pense sempre **no** recebimento de boas notícias, resultado de seu esforço e dedicação.

No entanto, quando recebem uma oração como complemento, dispensam a preposição.

Assim,

Acredite que você possa resolver todos os problemas.

Pense que você receberá uma boa notícia,
resultado de seu esforço e dedicação.

Agradar

No sentido de **mimar**, **acariciar**, **afagar**, use-o sem preposição:

Os avós sempre **agradam** os netos.

Como **contentar**, **satisfazer**, utilize-o com a preposição **a**:

O *show* de Roberto Carlos **agradou a** todos os presentes.

O discurso de Obama **agradou a**os empresários da construção civil.

Sua coerência sempre **nos agrada**. (a nós).

Agradecer

Indica gratidão:

Agradeça sempre alguma coisa **a** alguém.

Nesta construção, a coisa é sempre o objeto direto, e a pessoa, o indireto. Assim,

Agradeça o convite que o presidente lhe fez.

Agradeça ao presidente.

Agradeça a ele.

Agradeça-lhe.

Agradeça-lhe o convite.

Evite a construção com os pronomes oblíquos **o** e **a**:

Agradeço-o; **agradeço**-a.

Se quiser, você poderá omitir o complemento:

Recebeu o convite e **agradeceu**.

Obs.: também é possível usar a forma **agradecer a** alguém **por algo,** em que o verbo recebe o complemento indireto (pessoa) acompanhado de adjunto adverbial da causa (o motivo pelo qual se agradece):
Agradeça a Deus **por estar vivo**.

Apelar

Pode-se **apelar a** ou **para**:

Ele **apelou aos** amigos quando precisou de ajuda. (pedir auxílio)

Quando está em apuros, **apela para** os irmãos. (valer-se)

Na área jurídica, no sentido de **recorrer por apelação a**, **interpor recurso**, usa-se **apelar de, para**; **de…para**:

O advogado **apelou da** sentença **para** a instância superior.

O réu **apelou para** o juiz.

Temos certeza de que o advogado **apelaria da** decisão em primeira instância, se a pronúncia do juiz não fosse favorável…

Atender

No sentido de **recepcionar**, **receber**, **acolher** ou **ouvir com atenção**, use a construção direta para pessoas, e indireta, para objetos, coisas (chamadas, exigências, intimações, pedidos, reivindicações etc.):

O prefeito **atendeu a população**.

O médico **atendeu o paciente**.

O prefeito **atendeu aos clamores** da população.

As escolas públicas não **atendem às necessidades** dos jovens.

Quando se tratar de campainha, telefone, bairro, cidade etc., prefira a forma direta, pois está implícito na frase que alguém atendeu quem tocou a campainha ou fez a ligação, e alguma pessoa deu atendimento aos moradores de uma dada região:

Paulo, **atenda o telefone**.

Alguém está tocando a campainha. Você pode **atendê-la** (ou **atendê-lo**, concordando com alguém)?

Neste caso, pode-se usar o verbo sem o complemento pessoa (está subentendido):

Alguém está tocando a campainha. Você pode **atender**?

O prefeito **atenderá o bairro da Mooca** e **a Vila Sônia**. (os moradores)

Chegar

Se tiver vontade de **chegar** bem, **chegue** sempre **a**.

O verbo **chegar** indica movimento, pressupõe que houve deslocamento de um lugar para outro (permita-nos a redundância, pois não há deslocamento se ficarmos no mesmo lugar). E por falar nisso, estamos preparando um prato de redundâncias deliciosas. Você poderá saboreá-lo em um dos próximos volumes da série.

Mas voltemos ao que nos interessa:

Chegue sempre **à** praia.

Chegue à empresa para trabalhar.

Chegue à conclusão de que tudo é maravilhoso.

Portanto,

Chegar em é nunca sair do ponto de partida. **Evite**.

Comentar(-se)

Sempre **comente algo** com alguém (se você quiser, é claro), mas jamais **comente sobre** um assunto, pois o verbo não admite tal preposição:

Assim,

Comentamos o golpe militar ocorrido em Honduras. (correto)

Comentamos sobre o golpe militar ocorrido em Honduras. (errado)

Comentou-se a morte de Michael Jackson. (correto)

Comentou-se sobre a morte de Michael Jackson. (errado)

No entanto, se substituirmos **comentar** por **comentários**, o **sobre** aparecerá:

Podemos **fazer comentários sobre** o golpe militar ocorrido em Honduras.

Houve **comentários sobre** o desaparecimento do médico de Michael Jackson.

Comemorar

Obs.: Sempre se comemoram fatos positivos:
Comemora-se o nascimento de alguém, mas não a morte.

No dia 25 de dezembro, **comemora-se o nascimento de Cristo**.

Os brasileiros **comemoraram**, no dia 13 de maio, **os 121 anos de abolição dos escravos**.

Em outras situações, utilize **assinalar**, **lembrar**, **marcar, relembrar, reviver** etc.:

No dia 16 de julho, **relembramos** (e não comemoramos) **a derrota do Brasil** para o Uruguai na Copa de 1950.

11 de setembro será sempre **lembrado** como um dos dias mais trágicos da história moderna dos EUA.

Obs.: Com o substantivo **comemoração**, devemos agir da mesma forma:
No dia 28 de junho, houve grande festa em **comemoração da vitória do Brasil** na Copa das Nações.

Comunicar

Sempre **comunique** algo **a** alguém, mas nunca **comunique** alguém **sobre** ou **de** alguma coisa:

Assim,

O diretor **comunicou as decisões do conselho** aos professores. (correto)

O diretor **comunicou-lhes as decisões do conselho**. (correto)

Comunicou-se a decisão **aos** professores. (correto)

O diretor **comunicou** os professores sobre as ou das decisões do conselho. (errado)

Em hipótese alguma diga:

Os professores **foram comunicados das** decisões do conselho.

Lembre-se de que ninguém pode **ser comunicado** (e sim **informado**, **cientificado**, **avisado**) de algo.

Portanto,

Os professores **foram informados**, **avisados das** decisões do conselho.

A comunidade **foi cientificada** ou **avisada de** que as enchentes seriam inevitáveis.

Comparecer

Prefira **comparecer a**:

Jorge **comparecerá ao evento**.

O advogado de defesa não **compareceu à audiência**.

Usa-se **em** e não **a** neste tipo de construção:

Fidel Castro não tem **comparecido em** público faz algum tempo.

No sentido de **ir a juízo**, **prestar depoimento**, **prestar contas**, pode-se usar **ante**, **diante**, **perante**:

Os indiciados **compareceram perante o** Tribunal.

O réu **compareceu ante o** juiz.

Custar

Tome cuidado com o emprego de **custar** no sentido de **ser difícil**, **custoso**, **moroso**, pois o que se vê no emprego desse verbo são as marcas da oralidade:

Paulo custou a entender a matéria.

Ele custa para resolver os problemas propostos pelo professor.

Para evitar esse desvio normativo, siga estes passos:

a) O que foi difícil, custoso a Paulo?

Entender a matéria.

Portanto,

Custou a Paulo entender a matéria;

Custou a ele entender a matéria;

Custou-lhe entender a matéria.

b) O que é difícil, custoso a ele?

Resolver os problemas propostos pelo professor.

Portanto, custa-lhe resolver os problemas propostos pelo professor.

Veja mais estes:

Custa-lhe enxergar o bom caminho.

Não **me custa lutar** por uma boa causa.

Debater

É bom evitar **debater** sobre ou a respeito de **algum assunto**. O verbo debater, em sua regência direta, exige que o objeto do debate seja ligado a ele sem preposição:

Os membros da comissão **debateram as propostas** de mudança no Código Civil.

Debate-se (analisa-se, discute-se, examina-se) algo **com** alguém:

Os professores **debateram a nova proposta** de avaliação **com** os coordenadores.

Obs.: Com o substantivo **debate**, pode-se utilizar **sobre** (e sinônimos), **entre** e **com**:
Houve uma série de **debates entre** os concorrentes.
Não existe a necessidade de **debate sobre** os motivos que levaram à suspensão das buscas pelos corpos das vítimas do voo AF 447.
Hoje à noite, haverá **debates com** os líderes do governo **sobre** as novas propostas de desoneração dos salários.

Desfrutar, usufruir, gozar

Prefira **desfrutar**, **usufruir** e **gozar** os bons momentos que o viver lhe proporciona. (Sem a preposição **de**)

E agora, mais alguns exemplos para você:

Rosivalda **usufrui o que o pai lhe deixou como herança**.

Desfrute as delícias desta cidade.

Goze; **goze**, sem medo, **os prazeres da vida**.

Empatar, ganhar, perder, vencer (no futebol)

Um time **empata**, **perde** ou **ganha** **por:**

O Corinthians **empatou** com o Internacional **por** 2 a 2.

A Paraná **perdeu** **por** 1 a 0 para a Portuguesa.

O Brasil **ganhou** dos Estados Unidos **por** 3 a 2.

Roger Federer **venceu** Andy Roddick **por** 3 *sets* a 2.

Favorecer

Sempre se **favorece** **alguém** ou **alguma coisa**:

No jogo do Palmeiras contra o Santos, o juiz **favoreceu** **o Santos**.

No Brasil, os deputados, senadores e vereadores se valem da posição que ocupam para **favorecer** **parentes e aliados políticos**.

Impedir

Pode-se **impedir** alguém **de** alguma coisa ou **impedir** algo a alguém:

Impeça-o de agir intempestivamente.

Impedimos que todos saíssem.

Impedimos a saída de todos.

Impeça-lhes a entrada.

Impeça a entrada deles.

Impeça que eles entrem.

Implicar

No sentido de **acarretar**, **envolver**, **pressupor**, utiliza-se a forma direta (sem a preposição **em**):

A isenção do IPI **implicará** **perda de receita** para a União.

Ser bom profissional **implica** **agir** com responsabilidade e competência.

Obs.: Usa-se preposição nestes casos:
Indivíduos inescrupulosos **implicaram** o adolescente **em** crime de tráfico de drogas. (envolver alguém **em** algo)
Jeremias **implica com** os colegas de turma. (ter implicância)

Inaugurar(-se)

Alguém **inaugura** alguma coisa (sem o pronome):

O presidente **inaugurou** a plataforma de Campos.

Mas algo sempre **se inaugura**:

A plataforma **se inaugurou** ontem (foi inaugurada).

Informar

Pode-se **informar** algo **a** alguém:

O gerente **informou aos funcionários** o horário de trabalho.

O gerente **informou-lhes** o horário de trabalho.

Ou **informar** alguém **de** algo:

O gerente **informou** os funcionários **do** horário de trabalho.

O gerente **informou**-os **do** horário que deveriam cumprir.

O médico **informou** a paciente **de** que ela não poderia dar à luz.

Iniciar(-se)

Pode-se escrever que alguém **inicia** (principia, começa) alguma coisa:

Paulo **iniciou** as atividades às 15 horas.

Ou alguém **inicia** (dá as primeiras noções) outrem em algo:

O Grão-mestre **iniciou**-o na maçonaria.

Ou **se inicia** (busca conhecimento) em algo:

Paulo **iniciou-se** em filosofia.

Em se tratando de evento (coisa), use sempre **iniciar-se**:

As comemorações **se iniciarão** no dia 1º de setembro.

Inteirar-se

Procure **inteirar-se** (tomar ciência) **de** todos os assuntos.

O advogado **inteirou-se** **dos** fatos.

No sentido de tornar ciente, informar, deve-se utilizar inteirar alguém de algo:

O diretor **inteirou** os professores da situação provocada pela gripe H1N1.

O diretor **inteirou**-os da situação.

Interferir e intervir

Interfira ou **intervenha** sempre **em**:

Interfira **em** todos os assuntos.

Interveio **no** debate para apaziguar os ânimos.

Lembrar e esquecer

Você deve sempre **lembrar** ou **esquecer** alguma coisa ou alguém (sem preposição):

Lembre **os bons tempos**.

Amigos, **lembremos** **que** manter a unidade linguística é reforçar os valores do cidadão.

"**Esqueça** **que** ele não 'te' ama".

Entretanto, quando **lembrar** e **esquecer** estiverem acompanhados de pronome, a preposição **de** se imporá:

Lembre-se de que é preciso reconhecer-se no outro.

Não **se esqueça de que** só existe crescimento, se houver
comprometimento, vontade e competência.

Lembremo-nos de nosso **compromisso** maior: amar.

Esqueci-me de que estarias à porta na esperança
de conquistar novos amigos.

Morar

Se você quiser morar bem, **more**, **resida**, **situe-se** sempre **em**, sem medo de errar:

Moro na Rua Jacarandá, 12.

A UNINOVE **está situada na** Rua Diamantina, 310.

Você **reside na** Avenida Cruzeiro do Sul?

Namorar

Não se atreva a **namorar com** alguém; namore **sem a preposição**, pois só assim você poderá desfrutar bons momentos ao lado de quem lhe dedica amor, sem nenhuma interferência (mesmo que seja a da **preposição**):

Paula **namora** Marcos.

Quero **namorá-la**.

Hermengarda **namorava** Eurico.

Pagar e Perdoar

Obs.: Lembre-se de que devemos **pagar** e **perdoar** sempre alguma coisa.

Assim,

Pagamos a dívida.

Perdoamos os erros.

Obs.: Com referência à pessoa – destinatário do pagamento ou do perdão –, sempre **pague** ou **perdoe** **a alguém**:

Pagamos a dívida **ao credor**.

Pagamos **a ele**.

Pagamos-lhe a dívida.

Perdoa-lhe os erros.

Perdoamos **aos culpados**.

Perdoaram-lhes as faltas.

Não se esqueça de que Cristo, antes de expiar, implorou ao Pai que **perdoasse** **àqueles** que o crucificaram.

A célebre frase do apelo foi: "Pai, **perdoai-lhes**, porque não sabem o que fazem".

E por ser perfeito, deixou-nos uma frase impecável. Por isso, sigamos seu exemplo.

Pedir

Sempre **peça** alguma coisa **a** ou **para** alguém.

Peça-lhe que empreste o dinheiro para uma boa causa.

Peço-lhe que me desculpe.

Peço-lhe desculpas.

Acompanhe os seguintes passos:

Pedimos a quem?

Pedimos **ao diretor**.

Pedimos o quê?

Pedimos que justificasse sua decisão.

Portanto,

Pedimos ao diretor que justificasse sua decisão.

Pedimos-lhe que justificasse sua decisão.

Obs.: **Peça** sempre **a** alguém que faça algo, mas nunca **para** que o faça (a preposição é inadmissível neste caso).

Pedimos para que fosse embora. (errado)

Pedimos que fosse embora. (correto)

Pedi-lhe para que saísse imediatamente. (errado)

Pedi-lhe que saísse imediatamente. (correto)

No entanto,

Pedi para ir ao banheiro.

Neste caso a frase está correta, pois o que se pediu foi **permissão, licença** para ir ao banheiro.

Preferir

É muito comum o uso de do que ou que e, às vezes, mais do que com o verbo **preferir** e seus derivados, o que demonstra a falta de intimidade do falante com a língua.

É lamentável ouvirmos ou lermos “Prefiro mais estudar do que trabalhar”.

Por isso, aconselhamos que você evite esse tipo de construção. **Prefira** sempre uma coisa **a** outra:

Prefira doce **a** salgado.

Prefira ficar em casa **a** andar solitariamente.

Prefiro estar nua **a** usar peles. (protesto de uma ecologista)

É **preferível** ódio **a** compaixão.

Recomendar

Deve-se **recomendar** algo **a** alguém (aconselhar, indicar):

O cirurgião **recomendou** repouso **ao** paciente.

O cirurgião **recomendou-lhe** repouso.

Recomendo-lhes a leitura do Código Civil.

Recomendei o profissional **ao** diretor.

Recorrer

No sentido de **pedir socorro** ou **lançar mão de, valer-se**, utilize **recorrer a:**

Recorra a Deus quando for necessário.

Não devemos **recorrer a** expedientes "escusos"
para concretização de nossos ideais.

Na área jurídica, indicando **interpor recurso**, **apelar**, deve-se usar **recorrer de**, **para**; **de**…**para**:

Recorreu para o Supremo Tribunal Federal.

Paulo **recorreu da** decisão.

Cristiane **recorrerá da** pronúncia em primeira instância **para** a segunda.

Refletir

Admite as seguintes construções:

O espelho **refletia** tua beleza.

Tua beleza **refletia-se no** espelho.

A crise econômica dos Estados Unidos **refletiu(-se)**
em todos os mercados.

Reflita bem **sobre** as conseqüências desse ato tresloucado.

Responder

Nos textos formais, prefira a forma indireta do verbo (com a preposição **a**), quando o sentido do verbo for **dar resposta a** alguma coisa ou **a** alguém:

Responda às questões abaixo…

Você **deve responder às** cartas dos leitores.

Respondi-lhe que iria.

Para exprimir a resposta (teor), a regência direta se impõe:

Respondi o que tive vontade.

Você só consegue **responder essas asneiras**?

Servir

Serviu-se do que estava na mesa.

Sirva-lhe o jantar.

Pedro **servirá no** 5º batalhão.

As informações **serviram de** pretexto para
Paulo não continuar o trabalho.

Obs.: O verbo **servir** não admite **como**. Em seu lugar utilize a preposição **de**:
Sua honestidade **serve de** (e não como) exemplo para todos.

Observe agora estes verbos

Para consulta rápida:

Confraternizar

Não aceita o pronome **SE**:

Eles **confraternizaram** no fim de semana.

Paulo **confraterniza com** os colegas de trabalho.

Simpatizar

Não aceita o pronome **SE**:

Glória **simpatiza com** todos os alunos da sala.

Sobressair

Sempre sem o **SE**:

Ele é um dos que mais **sobressaem** durante o debate.

Alguns verbos pronominais

Sempre acompanhados de pronome oblíquo

Ajoelhar-se

Ajoelhe-se para que eu possa coroá-lo, grande cavaleiro!

Aposentar-se

Flávia **se aposentará** com 45 anos de idade.

Arrepender-se

Arrepende-te de todo o mal que causaste ao país.

Deitar-se

Deitei-me às 23h30 e levantei-me às 6 horas.

Ela **se deitou** às 21 horas.

Levantar-se

Se você não se levantar, continuarei sentado.

Queixar-se

Sempre com a preposição de:

Queixa-se de todos os amigos.

Queixa-se de que não lhe dão a devida atenção.

Sentar-se

Sente-se à mesa, que **me sentarei** no banco.

Nas construções como as que seguem, os verbos relacionados devem vir acompanhados de pronome oblíquo

Classificar-se

O Cruzeiro **classificou-se** para disputar a próxima fase da Libertadores.

Complicar-se

A situação de Sarney **complicou-se** com as denúncias de improbidade administrativa.

Desvalorizar-se

As ações da GM foram as que mais **se desvalorizaram** no primeiro semestre de 2009.

Espalhar-se

A notícia de que ele chegaria cedo **espalhou-se** pela cidade.

Estragar-se

Se você deixar as frutas fora da geladeira, elas **se estragarão**.

Romper-se

A barragem **rompeu-se** deixando a cidade submersa.

Valorizar-se

As ações da Petrobrás **se valorizaram** em junho.

Regência de alguns nomes

A

Abaixo-assinado a favor de, **contra** ou **por** (pelo, pela)

Abalado com ou **por**

Abastecido de ou **com**

Abatido de, **em** ou **por**

Ab-rogado de

Abuso de ou **contra**

Ação contra, **em**, **para** ou **sobre**

Acessível a

Acesso a, **para** ou **por**

Acordo com; **com…para**; **sobre**; **com…sobre**; **para**, **entre**; **entre…para**

Acostumado a ou **com**

Acusação de, **contra** ou **sobre**

Acusado de; **de…contra**

Adaptado a ou **de**

Adepto de

Adequado a

Aderência a ou **com**

Aderente a ou **com**

Adesão a

Aditamento de, **a**; **de…a**

Aditivo a

Adjudicação de, **a**; **de…a**

Advertido contra, **de** ou **sobre**

Advogado **contra**, **de**; **de…contra**; **de…em**
Afetado **em**, **de** ou **por**
Aficionado **a**
Afiliação **a**, **de**; **de…a**
Afiliado **a**
Afinado **com** ou **por**
Afinidade **com**, **entre** ou **em**
Afixado **em**
Afluência **a**, **de…a**, **de…para**
Afronta **a**
Aglutinação **de…a**; **de…com**
Aglutinado **a** ou **com**
Agraciado **com**
Agradecimento **a**, **de**, **por**; **a…por**; **de…a…por**
Agregado **a**
Agressão **a** ou **contra**
Agressividade **com** ou **contra**
Agressivo **com** ou **contra**
Ajuda **a**, **contra**, **em**, **para**; **a…em**; **a…contra**
Ajudado **por**
Ajustado **a**, **com**, **em** ou **entre**
Ajustável **a**
Alerta **a**, **contra**, **para**, **sobre**; **a…contra**; **a…sobre**
Alertado **contra**, **de**, **para** ou **sobre**
Alheio **a**
Alienação **de**
Alienado **a** ou **de**
Alinhado **a** ou **com**
Alinhamento **de…a**; **com** ou **por**
Alocação **de…a**; **de…para**; **de…em**
Alocado **a**, **em** ou **para**
Alusão **a**

Alusivo a

Análogo a

Anexação a; de…a

Anexado a

Anexo a

Ansioso por

Apaniguado a, de ou por

Apegado a

Apego a ou por

Apelação de; de…para

Apelo a, para; em favor de

Apenso a

Apoiado a, contra, em ou sobre

Apoio a; a…contra; de…a…contra; de…a favor de

Apologia de

Apreciação de ou sobre

Aptidão a, para; de…para

Apto a ou para

Articulação de…com; com ou entre

Articulado a, com ou entre

Ascensão a; de…a; para

Assentado em ou sobre

Assistência a ou de

Assistido de ou por

Atenção a ou para

Atencioso com

Atendido por

Atendimento a; de

Atento a ou em

Ato a favor de, contra ou por

Atração por

Atraído a, para ou por

Atribuição de…a
Atribuído a, por; a…por
Aumentado de…para; em
Aumento de…para; a, em ou **para**
Autorizado a, para ou **por**
Auxiliado em ou **por**
Auxílio a, para, em ou **contra**
Avesso a
Ávido de ou **por**

B

Bacharel em ou **por**
Baseado em (com base em)
Bem-disposto para
Bem-dotado para
Bem-sucedido em
Bem-vindo a
Beneficiado com ou **por**
Benefício a ou **para** (loc. em benefício de)
Benéfico a ou **para**
Benevolente com
Busca a, de ou **por**

C

Candidato a; a…por
Capacidade de ou **para**
Capacitado a ou **para**
Capaz de
Cauteloso com ou **em**
Cindido de ou **em**
Cioso de
Cisão de, em, entre; de…em
Coagido a, por; a…por

Coberto de, **com** ou **por**

Coerção para, **sobre**; **sobre**...**para**

Coerência com; em; entre

Coesão com ou **entre**

Coexistência com ou **entre**

Coincidente com ou **em**

Colaboração com, **em**, **para**; **com**...**em**; **em**...**para**

Comemoração de ou **com**

Comentário de...**sobre**; **sobre**

Comparado a, **com**, **entre** ou **por**

Compatível com

Compelido a ou **por**

Composto de ou **por**

Comprometido com ou **em**

Compromisso com, **entre**, **para**, **diante de** ou **perante**

Comum a, **em** ou **entre**

Comunicado a, **por** ou **sobre**

Concedido a

Conciliação de, **com**, **entre**; **de**...**com**

Conclusão de, **por** ou **sobre**

Concorrência com ou **entre**

Condenação de, **a**; **de**...**a**

Condenado a ou **por**

Condição de ou **para**

Condizente com

Conducente a

Conexão com ou **entre**

Conferido a ou **por**

Confiado a

Confiança em

Conflito em ou **entre**

Conforme a ou **com**

Conformidade **a**, **com** ou **entre**

Conhecimento **de**, **em** ou **sobre**

Conivente **com**; **com…em**

Consciência **de** ou **sobre**

Consciente **de**

Cônscio **de**

Consenso **em**, **entre** ou **sobre**

Considerado **como** ou **por** (ou apenas **considerado…**)

Constituído **de** ou **por**

Consulta **a**

Consultado **sobre**

Conversão **de…em**

Convicto **de**

Convocação **a**, **para**; **de…a**

Convocado **a**, **para** ou **por**

Correlação **com** ou **entre**

Correlacionado **a**, **com**, **entre** ou **por**

Culpado **de**, **em** ou **por**

Curioso **de**

D

Dano **a** ou **para**

Danoso **a** ou **para**

Debate **com**, **entre** ou **sobre**

Decidido **a**

Decisão **sobre**

Decisivo **a** ou **para**

Dedicação **a** ou **por**

Dedicado **a**

Defendido **de** ou **contra**

Defensor **de**

Defesa **a**, **de** ou **contra**

Defrontado com

Deliberação de ou **sobre**

Delimitado a

Demanda com, **de** ou **por**

Denúncia de, **contra** ou **sobre**

Dependência de ou **entre**

Dependente de

Derrogação a ou **de**

Desabituado a

Desacordo com, **entre** ou **sobre**

Desacostumado a ou **com**

Desagradável a ou **para**

Desapego a, **com** ou **por**

Desapontado com

Desaprovação a

Desaprovado por

Desatenção a ou **com**

Desatento a

Desavença com ou **entre**

Descompromisso com

Desconfiança de, **contra** ou **sobre**

Desejoso de

Desentendimento com, **entre** ou **sobre**

Deserdado de ou **por**

Desfavorável a

Desinteressado de ou **por**

Desobediência a

Desobediente a

Desobrigado de

Despojado de

Despreocupação com ou **por**

Desrespeito **a**, **com** ou **por**

Desserviço **a**

Destaque **a**, **de** ou **para**

Detenção **de**; **de…em**

Dica **de** ou **sobre**

Dicotomia **entre**

Difícil **a**, **de** ou **para**

Dificuldade **de**, **em** ou **para**

Diligência **sobre…para**; **para** ou **por**

Direcionado **a** ou **para**

Dirigido **a**, **contra** ou **para**

Dispensado **a**, **de**, **para**, **por**; **de…para**

Dividido **em**, **entre**, **por** ou **sobre**

Domiciliado **em**

Dúvida **de** ou **sobre**

E

Educação **em** ou **para**

Efeito **contra**, **em** ou **sobre**

Eficácia **contra** ou **sobre**

Eficaz **contra**, **em**, **para** ou **sobre**

Eficiência **em** ou **para**

Eficiente **em** ou **para**

Egresso **de**

Elevado **a**; **de…para**

Emenda **a**, **de** ou **sobre**

Emergente **de**

Empenhado **em**

Empenho **de**, **contra**, **em**; **de…contra**; **de…em**

Endereçado **a**

Ênfase **em** ou **sobre**

Equiparação **de**, **com**, **em**; **de…com**

Equivalência entre; de…com

Equivalente a ou **em**

Esclarecimento a ou **sobre**

Especialista em

Especializado em

Específico a

Essencial a, em ou **para**

Estudo de ou **sobre**

Exceção a ou **de**

Excedido em

F

Facilidade de, em ou **para**

Facultado a

Falta a

Favorável a ou **para**

Favoravelmente a

Favorecimento de

Fiel a

Formado em, por ou **para**

Fundamental a ou **para**

G

Gerado em ou **por**

Graduado em, por; de…a

Grato a ou **por**

Grudado a

Guerra a ou **contra**

H

Habeas-corpus **de; em favor de**

Habeas-data **contra**

Hábil em

Habilidade **de**, **em** ou **para**

Habitante **de** ou **em**

Habituado **a** ou **com**

Hegemonia **de** ou **sobre**

Hipótese **sobre**

Hostil **a**

Hostilidade **a** ou **contra**

I

Ida **a**

Idêntico **a** ou **em**

Imersão **de**, **em**; **de…em**

Impacto **em** ou **sobre**

Impasse **entre** ou **sobre**

Impelido **a**, **contra** ou **para**

Implicado **com** ou **em**

Importância **de…em**; **de…para**; **para** ou **sobre**

Importante **a** ou **para**

Impotente **contra** ou **para**

Impregnado **de** ou **em**

Impróprio **para**

Imputação **de…a**

Imputado **a**

Imputável **a**

Imune **a**

Imunidade **a** ou **contra**

Imunizado **contra**

Inábil **para**

Inacessível **a** ou **para**

Inadequado **a** ou **para**

Inaplicável **a**

Inaptidão a ou **para**

Inapto a ou **para**

Incapaz de ou **para**

Incitação a; de…a

Incitado a

Incitamento a; de…a

Inclinação a, para ou **por**

Incompatibilidade com ou **entre**

Incompatível com

Inconciliável com ou **entre**

Inconformado com

Inconformidade com

Incorporado a ou **em**

Indagado sobre

Indenizado de ou **por**

Independentemente de

Indevassável a

Indicado a ou **para**

Indicativo de

Indiciado como…em; em

Indiferente a, com ou **para**

Indignação com ou **por**

Indignado com, contra ou **por**

Indispensável a, em ou **para**

Indulgente a, para; com…em

Indulto a ou **para**

Induzido a

Ineficácia contra ou **para**

Ineficaz contra, em ou **para**

Ineficiente para

Inepto para

Inerente a
Infenso a
Inferior a ou **em**
Inferioridade em
Infidelidade a
Infiel a
Inflexível em ou **para**
Infligido a
Influência em ou **sobre**
Influenciado por
Ingrato com
Inserção em; de…em
Inserido em, entre ou **por**
Inspirado de, em, para ou **por**
Instrução a, para, sobre; a…para; a…sobre
Instruído a, de, em, para ou **sobre**
Insuspeito a
Integrado a ou **em**
Interdição de
Interessado em ou **por**
Interessante a
Interesse de, em ou **por**
Interrogado por ou **sobre**
Interrogatório sobre
Intervenção em
Intimação de, para; de…para
Intimado a, para ou **por**
Intolerante a ou **com**
Invasão de
Investido de ou **em**
Investigação de ou **sobre**
Isonomia entre

J

Julgamento de ou **sobre**

Juntada de; de…a

Junto a ou **de**

L

Leal a ou **com**

Lealdade a, com ou **em**

Legislação sobre

Legitimação de, para; de…para

Lesado em

Lesão a, de ou **em**

Lesivo a ou **de**

Lícito a

Ligado a, com ou **entre**

Liminar contra

Litígio com, entre ou **sobre**

M

Magnanimidade com ou **em**

Magnânimo com ou **em**

Maior de

Majoração de, em; de…em

Mandado a, contra, para; de…a; de…para

Mandato para

Manifestação de, contra, a favor de ou **sobre**

Manifesto a, contra, por ou **sobre**

Manobra contra, a favor de ou **para**

Manutenção de; de…em

Mediação entre

Medida contra, a favor de ou **para**

Moção a, contra; de…a; de…contra;

Morador em

N

Nascido de ou **em**

Natural de

Necessário a ou **para**

Necessidade de

Negociação com, **entre**; **de…com**

Nocivo a

Nomeado para

Notificação de…a; **para**

O

Obcecado em, **para** ou **por**

Obediência a

Obediente a

Objeção a

Oblíquo a

Obrigação a, **de** ou **com**

Obrigado a

Obrigatório a ou **para**

Observância a ou **de**

Ódio a ou **contra**

Odioso a ou **para**

Onerado com ou **por**

Oneroso a ou **para**

Opção a ou **por**

Opinião de ou **sobre**

Oposição a ou **entre**

Oposto a

P

Paralelamente a

Paralelo a (em paralelo **com**)

Parecer sobre

Parecido a ou **com**

Pari passu **com**

Participação em

Partícipe de ou **em**

Passível de

Pautado em ou **por**

Penalizado por

Pendência com ou **entre**

Penhora de ou **sobre**

Percepção de ou **sobre**

Perceptível a ou **por**

Perpendicular a

Perquirição sobre

Persistência em

Persistente em

Persuadido a

Possibilidade de

Possível a ou **de**

Postulante a

Precedente a

Predisposição para

Predisposto a ou **para**

Preferência a ou **por**

Preferível a

Prejudicial a

Prestes a ou **para**

Procedente de

Pronto para

Propensão a ou **para**

Propenso a

Proporcional a

Proporcionalmente a

Próprio de ou **para**
Prosseguimento de ou **em**
Próximo a ou **de**
Prudência com ou **em**
Punição a, **de** ou **contra**
Punido de ou **por**

Q

Qualificação de…para; para
Qualificado como, **de** ou **para**
Queixa a…sobre; contra ou **de**
Querido de ou **por**
Questionado sobre

R

Rapidez em
Rápido em
Recluso em
Recomendação a; a…para; de…para
Recomendado a ou **por**
Recondução de…a; para
Reconversão de…em
Recusa a, **de** ou **em**
Referendo sobre
Refletido em
Reflexão em ou **sobre**
Regulamentação de ou **para**
Reinserido em
Reintegração de…em; de…a
Relativamente a
Relevante a ou **para**
Reparação a ou **de**

Residente em

Resistência a ou **contra**

Resistente a

Respeito a ou **por**

S

Sanção a, contra ou **para**

Satisfação com, de, em ou **por**

Satisfatório para

Satisfeito com ou **de**

Segurado contra

Semelhante a; a…em

Sensibilidade a ou **para**

Sensível a ou **para**

Sentença contra ou **a (em) favor de**

Sentenciado a, com ou **em**

Simpatia por

Simpático a

Sito em

Situado em

Subjacente a

Subjugado a

Sublocação de…a

Sublocado a

Sub-rogado a ou **em**

Subserviente a

Subsidiário a ou **de**

Substitutivo a, de ou **sobre**

Superior a

Suspeição de…contra; contra ou **sobre**

T

Tendência **a**, **de**, **em** ou **para**

Tendente **a** ou **para**

Tentativa **contra**, **de** ou **para**

Tolerância **a**; **de…com**; **para**

Transcrito **em** ou **para**

Tributação **de** ou **sobre**

Tributário **a** ou **de**

U

Ulterior **a**

Ultrajante **a** ou **para**

Unânime **em**

Único **a** ou **em**

Uniforme **em**

Urgência **em** ou **para**

União **com** ou **entre**

Útil **a** ou **para**

Utilidade **para**

Utilizado **em** ou **para**

V

Válido **para**

Valioso **a** ou **para**

Vantagem **a**, **de**, **em** ou **sobre**

Vazio **de**

Versado **em**

Vertido **de…a**; **de…para**; **em**

Vigente **em** ou **entre**

Vinculado **a**, **com** ou **entre**

Visível **a**

Vital **a** ou **para**

Voltado **a**, **contra** ou **para**

Referências

FERNANDES. F. *Dicionário de regimes de substantivos e adjetivos*. 28. ed. Porto Alegre: Globo, 2005.

______. *Dicionário de verbos e regimes*. 44. ed. Porto Alegre: Globo, 2003.

LUFT, C. P. *Dicionário prático de regência nominal*. 4. ed. 7ª impr. São Paulo: Ática, 2007

______. *Dicionário prático de regência verbal*. 8. ed. 11ª impr. São Paulo: Ática, 2007.

ISBN 978-85-909417-2-9

Sérgio Simões

Regência **nominal** e **verbal** sem segredo

Série **Palavra Final**, v. 2

UNINOVE
Universidade Nove de Julho
A UNINOVE É SEMPRE 10

ISBN 978-85-909417-2-9

Sérgio Simões

Regência nominal e verbal sem segredo

Série Palavra Final, v. 2

UNINOVE
Universidade Nove de Julho
A UNINOVE É SEMPRE 10

© 2009 – Universidade Nove de Julho (Uninove)

Capa e projeto gráfico: João Ricardo M. Oliveira

SIMÕES, Sérgio Lourenço. Regência nominal e verbal sem segredo.
São Paulo : UNINOVE, 2009. (Série Palavra final, v. 2)

ISBN 978-85-909417-2-9

1. Língua portuguesa – Regência

CDU 811.134.3’367.625

Autorizada a reprodução desde que citada a fonte.

Sumário

Caro leitor, ...5
Acreditar, pensar 5
Agradar 6
Agradecer 6
Apelar 7
Atender 7
Chegar 8
Comentar(-se) 9
Comemorar 9
Comunicar 10
Comparecer 10
Custar 11
Debater 12
Desfrutar, usufruir, gozar 12
Empatar, ganhar, perder, vencer (no futebol) 13
Favorecer 13
Impedir 13
Implicar 13
Inaugurar(-se) 14
Informar 14
Iniciar(-se) 14
Inteirar-se 15
Interferir e intervir 15
Lembrar e esquecer 15
Morar 16
Namorar 16
Pagar e Perdoar 16
Pedir 17
Preferir 18

Recomendar 19
Recorrer 19
Refletir 19
Responder 20
Servir 20
Observe agora estes verbos 21
  Confraternizar 21
  Simpatizar 21
  Sobressair 21
Alguns verbos pronominais 21
  Ajoelhar-se 21
  Aposentar-se 21
  Arrepender-se 21
  Deitar-se 21
  Levantar-se 22
  Queixar-se 22
  Sentar-se 22
  Classificar-se 22
  Complicar-se 22
  Desvalorizar-se 22
  Espalhar-se 22
  Estragar-se 22
  Romper-se 22
  Valorizar-se 23
Regência de alguns nomes 23
  A 23
  B, C 26
  D 28
  E 30
  F, G, H 31
  I 32
  J, L, M 35
  N, O, P 36
  Q, R 38
  S 39
  T, U, V 40
Referências 41

Caro leitor,

Você tem energia de sobra e sabe canalizá-la para o desenvolvimento de tudo o que é bom. Tanto é verdade que, neste momento, você está participando de mais uma sessão de aprendizagem da língua.

Queremos que nos ajude a fazer sempre mais em seu benefício. Para isso, contamos com suas sugestões, perguntas e, principalmente, com a determinação que o impele a avançar na construção do conhecimento.

Continue a buscar e a produzir; incentive seus amigos a fazerem o mesmo. Fale da série *Palavra Final*, mostre-lhes que é uma fonte importantíssima para quem precisa da palavra.

Neste volume, trataremos da regência de alguns verbos e nomes (substantivos e adjetivos).

A regência cuida das relações de dependência que se estabelecem entre os termos na frase. Tais relações se dão direta ou indiretamente entre os termos regentes (que pedem complemento) e os regidos (que os completam).

Quando a dependência é direta, o verbo é transitivo direto, pois exige que a ele se ligue um objeto direto (sem o auxílio de uma preposição). Se indireta, o verbo é transitivo indireto, o que nos obriga a completá-lo com um objeto indireto (com o auxílio de uma preposição).

Acreditar, pensar

Estes verbos são transitivos indiretos, pois exigem complementos que a eles se ligam com o auxílio de uma preposição:

Acredite e **pense** **em** mim, **em** nós, **em** todos aqueles que gostam de você e, principalmente, **em** si mesmo.

Acredite **em** sua capacidade de resolver todos os problemas.

Pense sempre **no** recebimento de boas notícias, resultado de seu esforço e dedicação.

No entanto, quando recebem uma oração como complemento, dispensam a preposição.

Assim,

Acredite que você possa resolver todos os problemas.

Pense que você receberá uma boa notícia,
resultado de seu esforço e dedicação.

Agradar

No sentido de **mimar**, **acariciar**, **afagar**, use-o sem preposição:

Os avós sempre **agradam** os netos.

Como **contentar**, **satisfazer**, utilize-o com a preposição **a**:

O *show* de Roberto Carlos **agradou a** todos os presentes.

O discurso de Obama **agradou a**os empresários da construção civil.

Sua coerência sempre **nos agrada**. (a nós).

Agradecer

Indica gratidão:

Agradeça sempre alguma coisa **a** alguém.

Nesta construção, a coisa é sempre o objeto direto, e a pessoa, o indireto.
Assim,

Agradeça o convite que o presidente lhe fez.

Agradeça ao presidente.

Agradeça a ele.

Agradeça-lhe.

Agradeça-lhe o convite.

Evite a construção com os pronomes oblíquos **o** e **a**:

Agradeço-o; **agradeço**-a.

Se quiser, você poderá omitir o complemento:

Recebeu o convite e **agradeceu**.

Obs.: também é possível usar a forma **agradecer a** alguém **por algo,** em que o verbo recebe o complemento indireto (pessoa) acompanhado de adjunto adverbial da causa (o motivo pelo qual se agradece):
Agradeça a Deus **por estar vivo**.

Apelar

Pode-se **apelar a** ou **para**:

Ele **apelou aos** amigos quando precisou de ajuda. (pedir auxílio)

Quando está em apuros, **apela para** os irmãos. (valer-se)

Na área jurídica, no sentido de **recorrer por apelação a**, **interpor recurso**, usa-se **apelar de, para**; **de…para**:

O advogado **apelou da** sentença **para** a instância superior.

O réu **apelou para** o juiz.

Temos certeza de que o advogado **apelaria da** decisão em primeira instância, se a pronúncia do juiz não fosse favorável…

Atender

No sentido de **recepcionar**, **receber**, **acolher** ou **ouvir com atenção**, use a construção direta para pessoas, e indireta, para objetos, coisas (chamadas, exigências, intimações, pedidos, reivindicações etc.):

O prefeito **atendeu a população**.

O médico **atendeu o paciente**.

O prefeito **atendeu aos clamores** da população.

As escolas públicas não **atendem às necessidades** dos jovens.

Quando se tratar de campainha, telefone, bairro, cidade etc., prefira a forma direta, pois está implícito na frase que alguém atendeu quem tocou a campainha ou fez a ligação, e alguma pessoa deu atendimento aos moradores de uma dada região:

Paulo, **atenda** **o telefone**.

Alguém está tocando a campainha. Você pode **atendê-la** (ou **atendê-lo**, concordando com alguém)?

Neste caso, pode-se usar o verbo sem o complemento pessoa (está subentendido):

Alguém está tocando a campainha. Você pode **atender**?

O prefeito **atenderá** **o bairro da Mooca** e **a Vila Sônia**. (os moradores)

Chegar

Se tiver vontade de **chegar** bem, **chegue** sempre **a**.

O verbo **chegar** indica movimento, pressupõe que houve deslocamento de um lugar para outro (permita-nos a redundância, pois não há deslocamento se ficarmos no mesmo lugar). E por falar nisso, estamos preparando um prato de redundâncias deliciosas. Você poderá saboreá-lo em um dos próximos volumes da série.

Mas voltemos ao que nos interessa:

Chegue sempre **à** praia.

Chegue **à** empresa para trabalhar.

Chegue **à** conclusão de que tudo é maravilhoso.

Portanto,

Chegar em é nunca sair do ponto de partida. **Evite**.

Comentar(-se)

Sempre **comente algo** com alguém (se você quiser, é claro), mas jamais **comente sobre** um assunto, pois o verbo não admite tal preposição:

Assim,

Comentamos o golpe militar ocorrido em Honduras. (correto)

Comentamos sobre o golpe militar ocorrido em Honduras. (errado)

Comentou-se a morte de Michael Jackson. (correto)

Comentou-se sobre a morte de Michael Jackson. (errado)

No entanto, se substituirmos **comentar** por **comentários**, o **sobre** aparecerá:

Podemos **fazer comentários sobre** o golpe militar ocorrido em Honduras.

Houve **comentários sobre** o desaparecimento do médico de Michael Jackson.

Comemorar

Obs.: Sempre se comemoram fatos positivos:
Comemora-se o nascimento de alguém, mas não a morte.

No dia 25 de dezembro, **comemora-se o nascimento de Cristo**.

Os brasileiros **comemoraram**, no dia 13 de maio, **os 121 anos de abolição dos escravos**.

Em outras situações, utilize **assinalar**, **lembrar**, **marcar, relembrar, reviver** etc.:

No dia 16 de julho, **relembramos** (e não comemoramos) **a derrota do Brasil** para o Uruguai na Copa de 1950.

11 de setembro será sempre **lembrado** como um dos dias mais trágicos da história moderna dos EUA.

Obs.: Com o substantivo **comemoração**, devemos agir da mesma forma:
No dia 28 de junho, houve grande festa em **comemoração da vitória do Brasil** na Copa das Nações.

Comunicar

Sempre **comunique** algo **a** alguém, mas nunca **comunique** alguém **sobre** ou **de** alguma coisa:

Assim,

O diretor **comunicou as decisões do conselho** aos professores. (correto)

O diretor **comunicou-lhes as decisões do conselho**. (correto)

Comunicou-se a decisão **aos** professores. (correto)

O diretor **comunicou** os professores sobre as ou das decisões do conselho. (errado)

Em hipótese alguma diga:

Os professores **foram comunicados das** decisões do conselho.

Lembre-se de que ninguém pode **ser comunicado** (e sim **informado**, **cientificado**, **avisado**) de algo.

Portanto,

Os professores **foram informados**, **avisados das** decisões do conselho.

A comunidade **foi cientificada** ou **avisada de** que as enchentes seriam inevitáveis.

Comparecer

Prefira **comparecer a**:

Jorge **comparecerá ao evento**.

O advogado de defesa não **compareceu à audiência**.

Usa-se **em** e não **a** neste tipo de construção:

Fidel Castro não tem **comparecido em** público faz algum tempo.

No sentido de **ir a juízo**, **prestar depoimento**, **prestar contas**, pode-se usar **ante**, **diante**, **perante**:

Os indiciados **compareceram perante o** Tribunal.

O réu **compareceu ante o** juiz.

Custar

Tome cuidado com o emprego de **custar** no sentido de **ser difícil**, **custoso**, **moroso**, pois o que se vê no emprego desse verbo são as marcas da oralidade:

Paulo custou a entender a matéria.

Ele custa para resolver os problemas propostos pelo professor.

Para evitar esse desvio normativo, siga estes passos:

a) O que foi difícil, custoso a Paulo?

Entender a matéria.

Portanto,

Custou a Paulo entender a matéria;

Custou a ele entender a matéria;

Custou-lhe entender a matéria.

b) O que é difícil, custoso a ele?

Resolver os problemas propostos pelo professor.

Portanto, custa-lhe resolver os problemas propostos pelo professor.

Veja mais estes:

Custa-lhe enxergar o bom caminho.

Não **me custa lutar** por uma boa causa.

Debater

É bom evitar **debater** sobre ou a respeito de **algum assunto**. O verbo debater, em sua regência direta, exige que o objeto do debate seja ligado a ele sem preposição:

Os membros da comissão **debateram as propostas** de mudança no Código Civil.

Debate-se (analisa-se, discute-se, examina-se) algo **com** alguém:

Os professores **debateram a nova proposta** de avaliação **com** os coordenadores.

Obs.: Com o substantivo **debate**, pode-se utilizar **sobre** (e sinônimos), **entre** e **com**:

Houve uma série de **debates entre** os concorrentes.

Não existe a necessidade de **debate sobre** os motivos que levaram à suspensão das buscas pelos corpos das vítimas do voo AF 447.

Hoje à noite, haverá **debates com** os líderes do governo **sobre** as novas propostas de desoneração dos salários.

Desfrutar, usufruir, gozar

Prefira **desfrutar**, **usufruir** e **gozar** os bons momentos que o viver lhe proporciona. (Sem a preposição **de**)

E agora, mais alguns exemplos para você:

Rosivalda **usufrui o que o pai lhe deixou como herança**.

Desfrute as delícias desta cidade.

Goze; **goze**, sem medo, **os prazeres da vida**.

Empatar, ganhar, perder, vencer (no futebol)

Um time **empata**, **perde** ou **ganha** **por:**

O Corinthians **empatou** com o Internacional **por** 2 a 2.

A Paraná **perdeu** **por** 1 a 0 para a Portuguesa.

O Brasil **ganhou** dos Estados Unidos **por** 3 a 2.

Roger Federer **venceu** Andy Roddick **por** 3 *sets* a 2.

Favorecer

Sempre se **favorece** **alguém** ou **alguma coisa**:

No jogo do Palmeiras contra o Santos, o juiz **favoreceu** **o Santos**.

No Brasil, os deputados, senadores e vereadores se valem da posição que ocupam para **favorecer** **parentes e aliados políticos**.

Impedir

Pode-se **impedir** alguém **de** alguma coisa ou **impedir** algo a alguém:

Impeça-o de agir intempestivamente.

Impedimos **que todos saíssem**.

Impedimos **a saída de todos**.

Impeça-lhes a entrada.

Impeça **a entrada deles**.

Impeça **que eles entrem**.

Implicar

No sentido de **acarretar**, **envolver**, **pressupor**, utiliza-se a forma direta (sem a preposição **em**):

A isenção do IPI **implicará** **perda de receita** para a União.

Ser bom profissional **implica** **agir** com responsabilidade e competência.

Obs.: Usa-se preposição nestes casos:
Indivíduos inescrupulosos **implicaram** o adolescente **em** crime de tráfico de drogas. (envolver alguém **em** algo)
Jeremias **implica com** os colegas de turma. (ter implicância)

Inaugurar(-se)

Alguém **inaugura** alguma coisa (sem o pronome):

O presidente **inaugurou** a plataforma de Campos.

Mas algo sempre **se inaugura**:

A plataforma **se inaugurou** ontem (foi inaugurada).

Informar

Pode-se **informar** algo **a** alguém:

O gerente **informou aos funcionários** o horário de trabalho.

O gerente **informou-lhes** o horário de trabalho.

Ou **informar** alguém **de** algo:

O gerente **informou** os funcionários **do** horário de trabalho.

O gerente **informou**-os **do** horário que deveriam cumprir.

O médico **informou** a paciente **de** que ela não poderia dar à luz.

Iniciar(-se)

Pode-se escrever que alguém **inicia** (principia, começa) alguma coisa:

Paulo **iniciou** as atividades às 15 horas.

Ou alguém **inicia** (dá as primeiras noções) outrem em algo:

O Grão-mestre **iniciou**-o na maçonaria.

Ou **se inicia** (busca conhecimento) em algo:

Paulo **iniciou-se** em filosofia.

Em se tratando de evento (coisa), use sempre **iniciar-se**:

As comemorações **se iniciarão** no dia 1º de setembro.

Inteirar-se

Procure **inteirar-se** (tomar ciência) **de** todos os assuntos.

O advogado **inteirou-se** **dos** fatos.

No sentido de tornar ciente, informar, deve-se utilizar inteirar alguém de algo:

O diretor **inteirou** os professores da situação provocada pela gripe H1N1.

O diretor **inteirou**-os da situação.

Interferir e intervir

Interfira ou **intervenha** sempre **em**:

Interfira **em** todos os assuntos.

Interveio **no** debate para apaziguar os ânimos.

Lembrar e esquecer

Você deve sempre **lembrar** ou **esquecer** alguma coisa ou alguém (sem preposição):

Lembre **os bons tempos**.

Amigos, **lembremos** **que** manter a unidade linguística é reforçar os valores do cidadão.

"**Esqueça** **que** ele não 'te' ama".

Entretanto, quando **lembrar** e **esquecer** estiverem acompanhados de pronome, a preposição **de** se imporá:

Lembre-se de que é preciso reconhecer-se no outro.

Não **se esqueça de que** só existe crescimento, se houver comprometimento, vontade e competência.

Lembremo-nos de nosso **compromisso** maior: amar.

Esqueci-me de que estarias à porta na esperança de conquistar novos amigos.

Morar

Se você quiser morar bem, **more**, **resida**, **situe-se** sempre **em**, sem medo de errar:

Moro na Rua Jacarandá, 12.

A UNINOVE **está situada na** Rua Diamantina, 310.

Você **reside na** Avenida Cruzeiro do Sul?

Namorar

Não se atreva a **namorar com** alguém; namore **sem a preposição**, pois só assim você poderá desfrutar bons momentos ao lado de quem lhe dedica amor, sem nenhuma interferência (mesmo que seja a da **preposição**):

Paula **namora** Marcos.

Quero **namorá-la**.

Hermengarda **namorava** Eurico.

Pagar e Perdoar

Obs.: Lembre-se de que devemos **pagar** e **perdoar** sempre alguma coisa.

Assim,

Pagamos a dívida.

Perdoamos os erros.

Obs.: Com referência à pessoa – destinatário do pagamento ou do perdão –, sempre **pague** ou **perdoe** **a alguém**:

Pagamos a dívida **ao credor**.

Pagamos **a ele**.

Pagamos-lhe a dívida.

Perdoa-lhe os erros.

Perdoamos **aos culpados**.

Perdoaram-lhes as faltas.

Não se esqueça de que Cristo, antes de expiar, implorou ao Pai que **perdoasse** **àqueles** que o crucificaram.

A célebre frase do apelo foi: “Pai, **perdoai-lhes**, porque não sabem o que fazem”.

E por ser perfeito, deixou-nos uma frase impecável. Por isso, sigamos seu exemplo.

Pedir

Sempre **peça** alguma coisa **a** ou **para** alguém.

Peça-lhe que empreste o dinheiro para uma boa causa.

Peço-lhe que me desculpe.

Peço-lhe desculpas.

Acompanhe os seguintes passos:

Pedimos a quem?

Pedimos **ao diretor**.

Pedimos o quê?

Pedimos que justificasse sua decisão.

Portanto,

Pedimos ao diretor que justificasse sua decisão.

Pedimos-lhe que justificasse sua decisão.

Obs.: Peça sempre **a** alguém que faça algo, mas nunca **para** que o faça (a preposição é inadmissível neste caso).

Pedimos para que fosse embora. (errado)

Pedimos que fosse embora. (correto)

Pedi-lhe para que saísse imediatamente. (errado)

Pedi-lhe que saísse imediatamente. (correto)

No entanto,

Pedi para ir ao banheiro.

Neste caso a frase está correta, pois o que se pediu foi **permissão, licença** para ir ao banheiro.

Preferir

É muito comum o uso de do que ou que e, às vezes, mais do que com o verbo **preferir** e seus derivados, o que demonstra a falta de intimidade do falante com a língua.

É lamentável ouvirmos ou lermos “Prefiro mais estudar do que trabalhar”.

Por isso, aconselhamos que você evite esse tipo de construção. **Prefira** sempre uma coisa **a** outra:

Prefira doce **a** salgado.

Prefira ficar em casa **a** andar solitariamente.

Prefiro estar nua **a** usar peles. (protesto de uma ecologista)

É **preferível** ódio **a** compaixão.

Recomendar

Deve-se **recomendar** algo **a** alguém (aconselhar, indicar):

O cirurgião **recomendou** repouso **ao** paciente.

O cirurgião **recomendou-lhe** repouso.

Recomendo-lhes a leitura do Código Civil.

Recomendei o profissional **ao** diretor.

Recorrer

No sentido de **pedir socorro** ou **lançar mão de, valer-se**, utilize **recorrer a:**

Recorra a Deus quando for necessário.

Não devemos **recorrer a** expedientes "escusos"
para concretização de nossos ideais.

Na área jurídica, indicando **interpor recurso**, **apelar**, deve-se usar **recorrer de**, **para**; **de**...**para**:

Recorreu para o Supremo Tribunal Federal.

Paulo **recorreu da** decisão.

Cristiane **recorrerá da** pronúncia em primeira instância **para** a segunda.

Refletir

Admite as seguintes construções:

O espelho **refletia** tua beleza.

Tua beleza **refletia-se no** espelho.

A crise econômica dos Estados Unidos **refletiu(-se)**
em todos os mercados.

Reflita bem **sobre** as conseqüências desse ato tresloucado.

Responder

Nos textos formais, prefira a forma indireta do verbo (com a preposição **a**), quando o sentido do verbo for **dar resposta a** alguma coisa ou **a** alguém:

Responda às questões abaixo…

Você **deve responder às** cartas dos leitores.

Respondi-lhe que iria.

Para exprimir a resposta (teor), a regência direta se impõe:

Respondi o que tive vontade.

Você só consegue **responder essas asneiras**?

Servir

Serviu-se do que estava na mesa.

Sirva-lhe o jantar.

Pedro **servirá no** 5º batalhão.

As informações **serviram de** pretexto para
Paulo não continuar o trabalho.

Obs.: O verbo **servir** não admite **como**. Em seu lugar utilize a preposição **de**:
Sua honestidade **serve de** (e não como) exemplo para todos.

Observe agora estes verbos

Para consulta rápida:

Confraternizar

Não aceita o pronome **SE**:

Eles **confraternizaram** no fim de semana.

Paulo **confraterniza com** os colegas de trabalho.

Simpatizar

Não aceita o pronome **SE**:

Glória **simpatiza com** todos os alunos da sala.

Sobressair

Sempre sem o **SE**:

Ele é um dos que mais **sobressaem** durante o debate.

Alguns verbos pronominais

Sempre acompanhados de pronome oblíquo

Ajoelhar-se

Ajoelhe-se para que eu possa coroá-lo, grande cavaleiro!

Aposentar-se

Flávia **se aposentará** com 45 anos de idade.

Arrepender-se

Arrepende-te de todo o mal que causaste ao país.

Deitar-se

Deitei-me às 23h30 e levantei-me às 6 horas.

Ela **se deitou** às 21 horas.

Levantar-se

Se você não se levantar, continuarei sentado.

Queixar-se

Sempre com a preposição de:

Queixa-se de todos os amigos.

Queixa-se de que não lhe dão a devida atenção.

Sentar-se

Sente-se à mesa, que **me sentarei** no banco.

Nas construções como as que seguem, os verbos relacionados devem vir acompanhados de pronome oblíquo

Classificar-se

O Cruzeiro **classificou-se** para disputar a próxima fase da Libertadores.

Complicar-se

A situação de Sarney **complicou-se** com as denúncias de improbidade administrativa.

Desvalorizar-se

As ações da GM foram as que mais **se desvalorizaram** no primeiro semestre de 2009.

Espalhar-se

A notícia de que ele chegaria cedo **espalhou-se** pela cidade.

Estragar-se

Se você deixar as frutas fora da geladeira, elas **se estragarão**.

Romper-se

A barragem **rompeu-se** deixando a cidade submersa.

Valorizar-se

As ações da Petrobrás **se valorizaram** em junho.

Regência de alguns nomes

A

Abaixo-assinado a favor de, **contra** ou **por** (pelo, pela)

Abalado com ou **por**

Abastecido de ou **com**

Abatido de, **em** ou **por**

Ab-rogado de

Abuso de ou **contra**

Ação contra, **em**, **para** ou **sobre**

Acessível a

Acesso a, **para** ou **por**

Acordo com; **com…para**; **sobre**; **com…sobre**; **para**, **entre**; **entre…para**

Acostumado a ou **com**

Acusação de, **contra** ou **sobre**

Acusado de; **de…contra**

Adaptado a ou **de**

Adepto de

Adequado a

Aderência a ou **com**

Aderente a ou **com**

Adesão a

Aditamento de, **a**; **de…a**

Aditivo a

Adjudicação de, **a**; **de…a**

Advertido contra, **de** ou **sobre**

Advogado **contra**, **de**; **de…contra**; **de…em**

Afetado **em**, **de** ou **por**

Aficionado **a**

Afiliação **a**, **de**; **de…a**

Afiliado **a**

Afinado **com** ou **por**

Afinidade **com**, **entre** ou **em**

Afixado **em**

Afluência **a**, **de…a**, **de…para**

Afronta **a**

Aglutinação **de…a**; **de…com**

Aglutinado **a** ou **com**

Agraciado **com**

Agradecimento **a**, **de**, **por**; **a…por**; **de…a…por**

Agregado **a**

Agressão **a** ou **contra**

Agressividade **com** ou **contra**

Agressivo **com** ou **contra**

Ajuda **a**, **contra**, **em**, **para**; **a…em**; **a…contra**

Ajudado **por**

Ajustado **a**, **com**, **em** ou **entre**

Ajustável **a**

Alerta **a**, **contra**, **para**, **sobre**; **a…contra**; **a…sobre**

Alertado **contra**, **de**, **para** ou **sobre**

Alheio **a**

Alienação **de**

Alienado **a** ou **de**

Alinhado **a** ou **com**

Alinhamento **de…a**; **com** ou **por**

Alocação **de…a**; **de…para**; **de…em**

Alocado **a**, **em** ou **para**

Alusão **a**

Alusivo a

Análogo a

Anexação a; de…a

Anexado a

Anexo a

Ansioso por

Apaniguado a, de ou por

Apegado a

Apego a ou por

Apelação de; de…para

Apelo a, para; em favor de

Apenso a

Apoiado a, contra, em ou sobre

Apoio a; a…contra; de…a…contra; de…a favor de

Apologia de

Apreciação de ou sobre

Aptidão a, para; de…para

Apto a ou para

Articulação de…com; com ou entre

Articulado a, com ou entre

Ascensão a; de…a; para

Assentado em ou sobre

Assistência a ou de

Assistido de ou por

Atenção a ou para

Atencioso com

Atendido por

Atendimento a; de

Atento a ou em

Ato a favor de, contra ou por

Atração por

Atraído a, para ou por

Atribuição de…a
Atribuído a, por; a…por
Aumentado de…para; em
Aumento de…para; a, em ou **para**
Autorizado a, para ou **por**
Auxiliado em ou **por**
Auxílio a, para, em ou **contra**
Avesso a
Ávido de ou **por**

B

Bacharel em ou **por**
Baseado em (com base em)
Bem-disposto para
Bem-dotado para
Bem-sucedido em
Bem-vindo a
Beneficiado com ou **por**
Benefício a ou **para** (loc. em benefício de)
Benéfico a ou **para**
Benevolente com
Busca a, de ou **por**

C

Candidato a; a…por
Capacidade de ou **para**
Capacitado a ou **para**
Capaz de
Cauteloso com ou **em**
Cindido de ou **em**
Cioso de
Cisão de, em, entre; de…em
Coagido a, por; a…por

Coberto **de**, **com** ou **por**

Coerção **para**, **sobre**; **sobre…para**

Coerência **com**; **em**; **entre**

Coesão **com** ou **entre**

Coexistência **com** ou **entre**

Coincidente **com** ou **em**

Colaboração **com**, **em**, **para**; **com…em**; **em…para**

Comemoração **de** ou **com**

Comentário **de…sobre**; **sobre**

Comparado **a**, **com**, **entre** ou **por**

Compatível **com**

Compelido **a** ou **por**

Composto **de** ou **por**

Comprometido **com** ou **em**

Compromisso **com**, **entre**, **para**, **diante de** ou **perante**

Comum **a**, **em** ou **entre**

Comunicado **a**, **por** ou **sobre**

Concedido **a**

Conciliação **de**, **com**, **entre**; **de…com**

Conclusão **de**, **por** ou **sobre**

Concorrência **com** ou **entre**

Condenação **de**, **a**; **de…a**

Condenado **a** ou **por**

Condição **de** ou **para**

Condizente **com**

Conducente **a**

Conexão **com** ou **entre**

Conferido **a** ou **por**

Confiado **a**

Confiança **em**

Conflito **em** ou **entre**

Conforme **a** ou **com**

Conformidade a, **com** ou **entre**

Conhecimento de, **em** ou **sobre**

Conivente com; **com…em**

Consciência de ou **sobre**

Consciente de

Cônscio de

Consenso em, **entre** ou **sobre**

Considerado como ou **por** (ou apenas **considerado…**)

Constituído de ou **por**

Consulta a

Consultado sobre

Conversão de…em

Convicto de

Convocação a, **para**; **de…a**

Convocado a, **para** ou **por**

Correlação com ou **entre**

Correlacionado a, **com**, **entre** ou **por**

Culpado de, **em** ou **por**

Curioso de

D

Dano a ou **para**

Danoso a ou **para**

Debate com, **entre** ou **sobre**

Decidido a

Decisão sobre

Decisivo a ou **para**

Dedicação a ou **por**

Dedicado a

Defendido de ou **contra**

Defensor de

Defesa a, **de** ou **contra**

Defrontado com

Deliberação de ou **sobre**

Delimitado a

Demanda com, **de** ou **por**

Denúncia de, **contra** ou **sobre**

Dependência de ou **entre**

Dependente de

Derrogação a ou **de**

Desabituado a

Desacordo com, **entre** ou **sobre**

Desacostumado a ou **com**

Desagradável a ou **para**

Desapego a, **com** ou **por**

Desapontado com

Desaprovação a

Desaprovado por

Desatenção a ou **com**

Desatento a

Desavença com ou **entre**

Descompromisso com

Desconfiança de, **contra** ou **sobre**

Desejoso de

Desentendimento com, **entre** ou **sobre**

Deserdado de ou **por**

Desfavorável a

Desinteressado de ou **por**

Desobediência a

Desobediente a

Desobrigado de

Despojado de

Despreocupação com ou **por**

Desrespeito a, **com** ou **por**

Desserviço a

Destaque a, **de** ou **para**

Detenção de; **de**...**em**

Dica de ou **sobre**

Dicotomia entre

Difícil a, **de** ou **para**

Dificuldade de, **em** ou **para**

Diligência sobre...**para**; **para** ou **por**

Direcionado a ou **para**

Dirigido a, **contra** ou **para**

Dispensado a, **de**, **para**, **por**; **de**...**para**

Dividido em, **entre**, **por** ou **sobre**

Domiciliado em

Dúvida de ou **sobre**

E

Educação em ou **para**

Efeito contra, **em** ou **sobre**

Eficácia contra ou **sobre**

Eficaz contra, **em**, **para** ou **sobre**

Eficiência em ou **para**

Eficiente em ou **para**

Egresso de

Elevado a; **de**...**para**

Emenda a, **de** ou **sobre**

Emergente de

Empenhado em

Empenho de, **contra**, **em**; **de**...**contra**; **de**...**em**

Endereçado a

Ênfase em ou **sobre**

Equiparação de, **com**, **em**; **de**...**com**

Equivalência entre; de…com

Equivalente a ou **em**

Esclarecimento a ou **sobre**

Especialista em

Especializado em

Específico a

Essencial a, em ou **para**

Estudo de ou **sobre**

Exceção a ou **de**

Excedido em

F

Facilidade de, em ou **para**

Facultado a

Falta a

Favorável a ou **para**

Favoravelmente a

Favorecimento de

Fiel a

Formado em, por ou **para**

Fundamental a ou **para**

G

Gerado em ou **por**

Graduado em, por; de…a

Grato a ou **por**

Grudado a

Guerra a ou **contra**

H

Habeas-corpus **de; em favor de**

Habeas-data **contra**

Hábil em

Habilidade **de**, **em** ou **para**
Habitante **de** ou **em**
Habituado **a** ou **com**
Hegemonia **de** ou **sobre**
Hipótese **sobre**
Hostil **a**
Hostilidade **a** ou **contra**

I

Ida **a**
Idêntico **a** ou **em**
Imersão **de**, **em**; **de…em**
Impacto **em** ou **sobre**
Impasse **entre** ou **sobre**
Impelido **a**, **contra** ou **para**
Implicado **com** ou **em**
Importância **de…em**; **de…para**; **para** ou **sobre**
Importante **a** ou **para**
Impotente **contra** ou **para**
Impregnado **de** ou **em**
Impróprio **para**
Imputação **de…a**
Imputado **a**
Imputável **a**
Imune **a**
Imunidade **a** ou **contra**
Imunizado **contra**
Inábil **para**
Inacessível **a** ou **para**
Inadequado **a** ou **para**
Inaplicável **a**

Inaptidão a ou **para**

Inapto a ou **para**

Incapaz de ou **para**

Incitação a; de…a

Incitado a

Incitamento a; de…a

Inclinação a, para ou **por**

Incompatibilidade com ou **entre**

Incompatível com

Inconciliável com ou **entre**

Inconformado com

Inconformidade com

Incorporado a ou **em**

Indagado sobre

Indenizado de ou **por**

Independentemente de

Indevassável a

Indicado a ou **para**

Indicativo de

Indiciado como…em; em

Indiferente a, com ou **para**

Indignação com ou **por**

Indignado com, contra ou **por**

Indispensável a, em ou **para**

Indulgente a, para; com…em

Indulto a ou **para**

Induzido a

Ineficácia contra ou **para**

Ineficaz contra, em ou **para**

Ineficiente para

Inepto para

Inerente a

Infenso a

Inferior a ou **em**

Inferioridade em

Infidelidade a

Infiel a

Inflexível em ou **para**

Infligido a

Influência em ou **sobre**

Influenciado por

Ingrato com

Inserção em; de…em

Inserido em, entre ou **por**

Inspirado de, em, para ou **por**

Instrução a, para, sobre; a…para; a…sobre

Instruído a, de, em, para ou **sobre**

Insuspeito a

Integrado a ou **em**

Interdição de

Interessado em ou **por**

Interessante a

Interesse de, em ou **por**

Interrogado por ou **sobre**

Interrogatório sobre

Intervenção em

Intimação de, para; de…para

Intimado a, para ou **por**

Intolerante a ou **com**

Invasão de

Investido de ou **em**

Investigação de ou **sobre**

Isonomia entre

J

Julgamento de ou **sobre**

Juntada de; de…a

Junto a ou **de**

L

Leal a ou **com**

Lealdade a, com ou **em**

Legislação sobre

Legitimação de, para; de…para

Lesado em

Lesão a, de ou **em**

Lesivo a ou **de**

Lícito a

Ligado a, com ou **entre**

Liminar contra

Litígio com, entre ou **sobre**

M

Magnanimidade com ou **em**

Magnânimo com ou **em**

Maior de

Majoração de, em; de…em

Mandado a, contra, para; de…a; de…para

Mandato para

Manifestação de, contra, a favor de ou **sobre**

Manifesto a, contra, por ou **sobre**

Manobra contra, a favor de ou **para**

Manutenção de; de…em

Mediação entre

Medida contra, a favor de ou **para**

Moção a, contra; de…a; de…contra;

Morador em

N

Nascido de ou **em**

Natural de

Necessário a ou **para**

Necessidade de

Negociação com, entre; de…com

Nocivo a

Nomeado para

Notificação de…a; para

O

Obcecado em, para ou **por**

Obediência a

Obediente a

Objeção a

Oblíquo a

Obrigação a, de ou **com**

Obrigado a

Obrigatório a ou **para**

Observância a ou **de**

Ódio a ou **contra**

Odioso a ou **para**

Onerado com ou **por**

Oneroso a ou **para**

Opção a ou **por**

Opinião de ou **sobre**

Oposição a ou **entre**

Oposto a

P

Paralelamente a

Paralelo a (em paralelo **com**)

Parecer sobre

Parecido **a** ou **com**

Pari passu **com**

Participação **em**

Partícipe **de** ou **em**

Passível **de**

Pautado **em** ou **por**

Penalizado **por**

Pendência **com** ou **entre**

Penhora **de** ou **sobre**

Percepção **de** ou **sobre**

Perceptível **a** ou **por**

Perpendicular **a**

Perquirição **sobre**

Persistência **em**

Persistente **em**

Persuadido **a**

Possibilidade **de**

Possível **a** ou **de**

Postulante **a**

Precedente **a**

Predisposição **para**

Predisposto **a** ou **para**

Preferência **a** ou **por**

Preferível **a**

Prejudicial **a**

Prestes **a** ou **para**

Procedente **de**

Pronto **para**

Propensão **a** ou **para**

Propenso **a**

Proporcional **a**

Proporcionalmente **a**

Próprio de ou **para**

Prosseguimento de ou **em**

Próximo a ou **de**

Prudência com ou **em**

Punição a, **de** ou **contra**

Punido de ou **por**

Q

Qualificação de…para; **para**

Qualificado como, **de** ou **para**

Queixa a…sobre; **contra** ou **de**

Querido de ou **por**

Questionado sobre

R

Rapidez em

Rápido em

Recluso em

Recomendação a; **a…para**; **de…para**

Recomendado a ou **por**

Recondução de…a; **para**

Reconversão de…em

Recusa a, **de** ou **em**

Referendo sobre

Refletido em

Reflexão em ou **sobre**

Regulamentação de ou **para**

Reinserido em

Reintegração de…em; **de…a**

Relativamente a

Relevante a ou **para**

Reparação a ou **de**

Residente em

Resistência a ou **contra**

Resistente a

Respeito a ou **por**

S

Sanção a, contra ou **para**

Satisfação com, de, em ou **por**

Satisfatório para

Satisfeito com ou **de**

Segurado contra

Semelhante a; a…em

Sensibilidade a ou **para**

Sensível a ou **para**

Sentença contra ou **a (em) favor de**

Sentenciado a, com ou **em**

Simpatia por

Simpático a

Sito em

Situado em

Subjacente a

Subjugado a

Sublocação de…a

Sublocado a

Sub-rogado a ou **em**

Subserviente a

Subsidiário a ou **de**

Substitutivo a, de ou **sobre**

Superior a

Suspeição de…contra; contra ou **sobre**

T

Tendência a, **de**, **em** ou **para**

Tendente a ou **para**

Tentativa contra, **de** ou **para**

Tolerância a; **de…com**; **para**

Transcrito em ou **para**

Tributação de ou **sobre**

Tributário a ou **de**

U

Ulterior a

Ultrajante a ou **para**

Unânime em

Único a ou **em**

Uniforme em

Urgência em ou **para**

União com ou **entre**

Útil a ou **para**

Utilidade para

Utilizado em ou **para**

V

Válido para

Valioso a ou **para**

Vantagem a, **de**, **em** ou **sobre**

Vazio de

Versado em

Vertido de…a; **de…para**; **em**

Vigente em ou **entre**

Vinculado a, **com** ou **entre**

Visível a

Vital a ou **para**

Voltado a, **contra** ou **para**

Referências

FERNANDES. F. *Dicionário de regimes de substantivos e adjetivos*. 28. ed. Porto Alegre: Globo, 2005.

______. *Dicionário de verbos e regimes*. 44. ed. Porto Alegre: Globo, 2003.

LUFT, C. P. *Dicionário prático de regência nominal*. 4. ed. 7ª impr. São Paulo: Ática, 2007

______. *Dicionário prático de regência verbal*. 8. ed. 11ª impr. São Paulo: Ática, 2007.

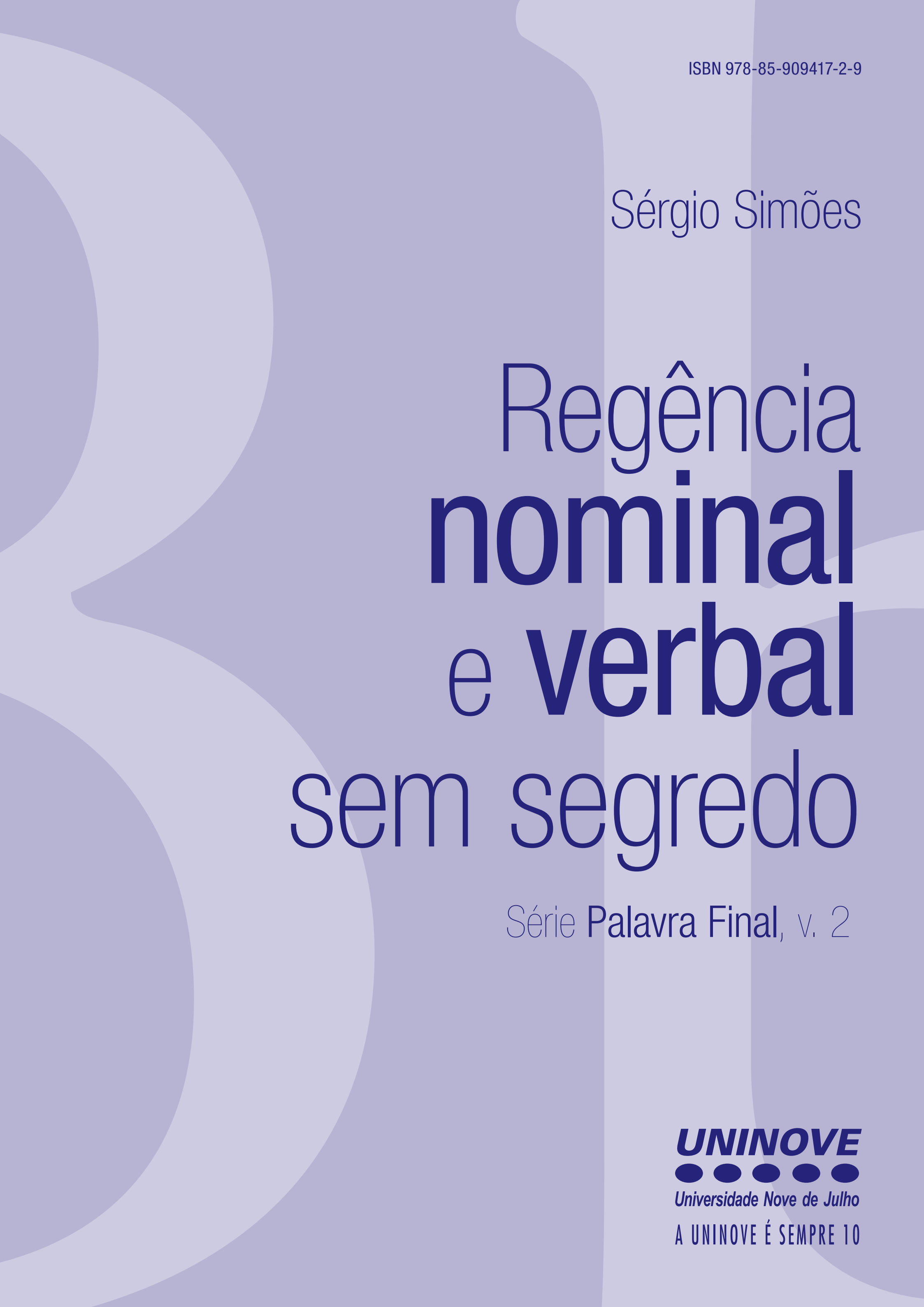

ISBN 978-85-909417-2-9

Sérgio Simões

Regência **nominal** e **verbal** sem segredo

Série **Palavra Final**, v. 2

UNINOVE
Universidade Nove de Julho
A UNINOVE É SEMPRE 10

ISBN 978-85-909417-2-9

Sérgio Simões

Regência nominal e verbal sem segredo

Série **Palavra Final**, v. 2

UNINOVE
Universidade Nove de Julho
A UNINOVE É SEMPRE 10

© 2009 – Universidade Nove de Julho (Uninove)

Capa e projeto gráfico: João Ricardo M. Oliveira

SIMÕES, Sérgio Lourenço. Regência nominal e verbal sem segredo.
São Paulo : UNINOVE, 2009. (Série Palavra final, v. 2)

ISBN 978-85-909417-2-9

1. Língua portuguesa – Regência

CDU 811.134.3’367.625

Autorizada a reprodução desde que citada a fonte.

Sumário

Caro leitor, ...5
Acreditar, pensar 5
Agradar 6
Agradecer 6
Apelar 7
Atender 7
Chegar 8
Comentar(-se) 9
Comemorar 9
Comunicar 10
Comparecer 10
Custar 11
Debater 12
Desfrutar, usufruir, gozar 12
Empatar, ganhar, perder, vencer (no futebol) 13
Favorecer 13
Impedir 13
Implicar 13
Inaugurar(-se) 14
Informar 14
Iniciar(-se) 14
Inteirar-se 15
Interferir e intervir 15
Lembrar e esquecer 15
Morar 16
Namorar 16
Pagar e Perdoar 16
Pedir 17
Preferir 18

Recomendar 19
Recorrer 19
Refletir 19
Responder 20
Servir 20
Observe agora estes verbos 21
    Confraternizar 21
    Simpatizar 21
    Sobressair 21
Alguns verbos pronominais 21
    Ajoelhar-se 21
    Aposentar-se 21
    Arrepender-se 21
    Deitar-se 21
    Levantar-se 22
    Queixar-se 22
    Sentar-se 22
    Classificar-se 22
    Complicar-se 22
    Desvalorizar-se 22
    Espalhar-se 22
    Estragar-se 22
    Romper-se 22
    Valorizar-se 23
Regência de alguns nomes 23
    A 23
    B, C 26
    D 28
    E 30
    F, G, H 31
    I 32
    J, L, M 35
    N, O, P 36
    Q, R 38
    S 39
    T, U, V 40
Referências 41

Caro leitor,

Você tem energia de sobra e sabe canalizá-la para o desenvolvimento de tudo o que é bom. Tanto é verdade que, neste momento, você está participando de mais uma sessão de aprendizagem da língua.

Queremos que nos ajude a fazer sempre mais em seu benefício. Para isso, contamos com suas sugestões, perguntas e, principalmente, com a determinação que o impele a avançar na construção do conhecimento.

Continue a buscar e a produzir; incentive seus amigos a fazerem o mesmo. Fale da série *Palavra Final*, mostre-lhes que é uma fonte importantíssima para quem precisa da palavra.

Neste volume, trataremos da regência de alguns verbos e nomes (substantivos e adjetivos).

A regência cuida das relações de dependência que se estabelecem entre os termos na frase. Tais relações se dão direta ou indiretamente entre os termos regentes (que pedem complemento) e os regidos (que os completam).

Quando a dependência é direta, o verbo é transitivo direto, pois exige que a ele se ligue um objeto direto (sem o auxílio de uma preposição). Se indireta, o verbo é transitivo indireto, o que nos obriga a completá-lo com um objeto indireto (com o auxílio de uma preposição).

Acreditar, pensar

Estes verbos são transitivos indiretos, pois exigem complementos que a eles se ligam com o auxílio de uma preposição:

Acredite e **pense** **em** mim, **em** nós, **em** todos aqueles que gostam de você e, principalmente, **em** si mesmo.

Acredite **em** sua capacidade de resolver todos os problemas.

Pense sempre **no** recebimento de boas notícias, resultado de seu esforço e dedicação.

No entanto, quando recebem uma oração como complemento, dispensam a preposição.

Assim,

Acredite que você possa resolver todos os problemas.

Pense que você receberá uma boa notícia,
resultado de seu esforço e dedicação.

Agradar

No sentido de **mimar**, **acariciar**, **afagar**, use-o sem preposição:

Os avós sempre **agradam** os netos.

Como **contentar**, **satisfazer**, utilize-o com a preposição **a**:

O *show* de Roberto Carlos **agradou a** todos os presentes.

O discurso de Obama **agradou a**os empresários da construção civil.

Sua coerência sempre **nos agrada**. (a nós).

Agradecer

Indica gratidão:

Agradeça sempre alguma coisa **a** alguém.

Nesta construção, a coisa é sempre o objeto direto, e a pessoa, o indireto. Assim,

Agradeça o convite que o presidente lhe fez.

Agradeça ao presidente.

Agradeça a ele.

Agradeça-lhe.

Agradeça-lhe o convite.

Evite a construção com os pronomes oblíquos **o** e **a**:

Agradeço-o; **agradeço**-a.

Se quiser, você poderá omitir o complemento:

Recebeu o convite e **agradeceu**.

Obs.: também é possível usar a forma **agradecer a** alguém **por algo,** em que o verbo recebe o complemento indireto (pessoa) acompanhado de adjunto adverbial da causa (o motivo pelo qual se agradece):
Agradeça a Deus **por estar vivo**.

Apelar

Pode-se **apelar a** ou **para**:

Ele **apelou aos** amigos quando precisou de ajuda. (pedir auxílio)

Quando está em apuros, **apela para** os irmãos. (valer-se)

Na área jurídica, no sentido de **recorrer por apelação a**, **interpor recurso**, usa-se **apelar de, para**; **de…para**:

O advogado **apelou da** sentença **para** a instância superior.

O réu **apelou para** o juiz.

Temos certeza de que o advogado **apelaria da** decisão em primeira instância, se a pronúncia do juiz não fosse favorável…

Atender

No sentido de **recepcionar**, **receber**, **acolher** ou **ouvir com atenção**, use a construção direta para pessoas, e indireta, para objetos, coisas (chamadas, exigências, intimações, pedidos, reivindicações etc.):

O prefeito **atendeu a população**.

O médico **atendeu o paciente**.

O prefeito **atendeu aos clamores** da população.

As escolas públicas não **atendem às necessidades** dos jovens.

Quando se tratar de campainha, telefone, bairro, cidade etc., prefira a forma direta, pois está implícito na frase que alguém atendeu quem tocou a campainha ou fez a ligação, e alguma pessoa deu atendimento aos moradores de uma dada região:

Paulo, **atenda** **o telefone**.

Alguém está tocando a campainha. Você pode **atendê-la** (ou **atendê-lo**, concordando com alguém)?

Neste caso, pode-se usar o verbo sem o complemento pessoa (está subentendido):

Alguém está tocando a campainha. Você pode **atender**?

O prefeito **atenderá** **o bairro da Mooca** e **a Vila Sônia**. (os moradores)

Chegar

Se tiver vontade de **chegar** bem, **chegue** sempre **a**.

O verbo **chegar** indica movimento, pressupõe que houve deslocamento de um lugar para outro (permita-nos a redundância, pois não há deslocamento se ficarmos no mesmo lugar). E por falar nisso, estamos preparando um prato de redundâncias deliciosas. Você poderá saboreá-lo em um dos próximos volumes da série.

Mas voltemos ao que nos interessa:

Chegue sempre **à** praia.

Chegue **à** empresa para trabalhar.

Chegue **à** conclusão de que tudo é maravilhoso.

Portanto,

Chegar em é nunca sair do ponto de partida. **Evite**.

Comentar(-se)

Sempre **comente** **algo** com alguém (se você quiser, é claro), mas jamais **comente** **sobre** um assunto, pois o verbo não admite tal preposição:

Assim,

Comentamos **o golpe militar** ocorrido em Honduras. (correto)

Comentamos **sobre** **o golpe militar** ocorrido em Honduras. (errado)

Comentou-se **a morte** de Michael Jackson. (correto)

Comentou-se **sobre** **a morte** de Michael Jackson. (errado)

No entanto, se substituirmos **comentar** por **comentários**, o **sobre** aparecerá:

Podemos **fazer** **comentários** **sobre** o golpe militar ocorrido em Honduras.

Houve **comentários** **sobre** o desaparecimento do médico de Michael Jackson.

Comemorar

Obs.: Sempre se comemoram fatos positivos:
Comemora-se o nascimento de alguém, mas não a morte.

No dia 25 de dezembro, **comemora-se** **o nascimento de Cristo**.

Os brasileiros **comemoraram**, no dia 13 de maio, **os 121 anos de abolição dos escravos**.

Em outras situações, utilize **assinalar**, **lembrar**, **marcar, relembrar, reviver** etc.:

No dia 16 de julho, **relembramos** (e não comemoramos) **a derrota do Brasil** para o Uruguai na Copa de 1950.

11 de setembro será sempre **lembrado** como um dos dias mais trágicos da história moderna dos EUA.

Obs.: Com o substantivo **comemoração**, devemos agir da mesma forma:
No dia 28 de junho, houve grande festa em **comemoração da vitória do Brasil** na Copa das Nações.

Comunicar

Sempre **comunique** algo **a** alguém, mas nunca **comunique** alguém **sobre** ou **de** alguma coisa:

Assim,

O diretor **comunicou as decisões do conselho** aos professores. (correto)

O diretor **comunicou-lhes as decisões do conselho**. (correto)

Comunicou-se a decisão **aos** professores. (correto)

O diretor **comunicou** os professores sobre as ou das decisões do conselho. (errado)

Em hipótese alguma diga:

Os professores **foram comunicados das** decisões do conselho.

Lembre-se de que ninguém pode **ser comunicado** (e sim **informado**, **cientificado**, **avisado**) de algo.

Portanto,

Os professores **foram informados**, **avisados das** decisões do conselho.

A comunidade **foi cientificada** ou **avisada de** que as enchentes seriam inevitáveis.

Comparecer

Prefira **comparecer a**:

Jorge **comparecerá ao evento**.

O advogado de defesa não **compareceu à audiência**.

Usa-se **em** e não **a** neste tipo de construção:

Fidel Castro não tem **comparecido em** público faz algum tempo.

No sentido de **ir a juízo**, **prestar depoimento**, **prestar contas**, pode-se usar **ante**, **diante**, **perante**:

Os indiciados **compareceram perante o** Tribunal.

O réu **compareceu ante o** juiz.

Custar

Tome cuidado com o emprego de **custar** no sentido de **ser difícil**, **custoso**, **moroso**, pois o que se vê no emprego desse verbo são as marcas da oralidade:

Paulo custou a entender a matéria.

Ele custa para resolver os problemas propostos pelo professor.

Para evitar esse desvio normativo, siga estes passos:

a) O que foi difícil, custoso a Paulo?

Entender a matéria.

Portanto,

Custou a Paulo entender a matéria;

Custou a ele entender a matéria;

Custou-lhe entender a matéria.

b) O que é difícil, custoso a ele?

Resolver os problemas propostos pelo professor.

Portanto, custa-lhe resolver os problemas propostos pelo professor.

Veja mais estes:

Custa-lhe enxergar o bom caminho.

Não **me custa lutar** por uma boa causa.

Debater

É bom evitar **debater** sobre ou a respeito de **algum assunto**. O verbo debater, em sua regência direta, exige que o objeto do debate seja ligado a ele sem preposição:

Os membros da comissão **debateram as propostas** de mudança no Código Civil.

Debate-se (analisa-se, discute-se, examina-se) algo **com** alguém:

Os professores **debateram a nova proposta** de avaliação **com** os coordenadores.

Obs.: Com o substantivo **debate**, pode-se utilizar **sobre** (e sinônimos), **entre** e **com**:

Houve uma série de **debates entre** os concorrentes.

Não existe a necessidade de **debate sobre** os motivos que levaram à suspensão das buscas pelos corpos das vítimas do voo AF 447.

Hoje à noite, haverá **debates com** os líderes do governo **sobre** as novas propostas de desoneração dos salários.

Desfrutar, usufruir, gozar

Prefira **desfrutar**, **usufruir** e **gozar** os bons momentos que o viver lhe proporciona. (Sem a preposição **de**)

E agora, mais alguns exemplos para você:

Rosivalda **usufrui o que o pai lhe deixou como herança**.

Desfrute as delícias desta cidade.

Goze; **goze**, sem medo, **os prazeres da vida**.

Empatar, ganhar, perder, vencer (no futebol)

Um time **empata**, **perde** ou **ganha** **por:**

O Corinthians **empatou** com o Internacional **por** 2 a 2.

A Paraná **perdeu** **por** 1 a 0 para a Portuguesa.

O Brasil **ganhou** dos Estados Unidos **por** 3 a 2.

Roger Federer **venceu** Andy Roddick **por** 3 *sets* a 2.

Favorecer

Sempre se **favorece** **alguém** ou **alguma coisa**:

No jogo do Palmeiras contra o Santos, o juiz **favoreceu** **o Santos**.

No Brasil, os deputados, senadores e vereadores se valem da posição que ocupam para **favorecer** **parentes e aliados políticos**.

Impedir

Pode-se **impedir** alguém **de** alguma coisa ou **impedir** algo a alguém:

Impeça-o de agir intempestivamente.

Impedimos **que todos saíssem**.

Impedimos **a saída de todos**.

Impeça-lhes a entrada.

Impeça **a entrada deles**.

Impeça **que eles entrem**.

Implicar

No sentido de **acarretar**, **envolver**, **pressupor**, utiliza-se a forma direta (sem a preposição **em**):

A isenção do IPI **implicará** **perda de receita** para a União.

Ser bom profissional **implica** **agir** com responsabilidade e competência.

Obs.: Usa-se preposição nestes casos:
Indivíduos inescrupulosos **implicaram** o adolescente **em** crime de tráfico de drogas. (envolver alguém **em** algo)
Jeremias **implica com** os colegas de turma. (ter implicância)

Inaugurar(-se)

Alguém **inaugura** alguma coisa (sem o pronome):

O presidente **inaugurou** a plataforma de Campos.

Mas algo sempre **se inaugura**:

A plataforma **se inaugurou** ontem (foi inaugurada).

Informar

Pode-se **informar** algo **a** alguém:

O gerente **informou aos funcionários** o horário de trabalho.

O gerente **informou-lhes** o horário de trabalho.

Ou **informar** alguém **de** algo:

O gerente **informou** os funcionários **do** horário de trabalho.

O gerente **informou**-os **do** horário que deveriam cumprir.

O médico **informou** a paciente **de** que ela não poderia dar à luz.

Iniciar(-se)

Pode-se escrever que alguém **inicia** (principia, começa) alguma coisa:

Paulo **iniciou** as atividades às 15 horas.

Ou alguém **inicia** (dá as primeiras noções) outrem em algo:

O Grão-mestre **iniciou**-o na maçonaria.

Ou **se inicia** (busca conhecimento) em algo:

Paulo **iniciou-se** em filosofia.

Em se tratando de evento (coisa), use sempre **iniciar-se**:

As comemorações **se iniciarão** no dia 1º de setembro.

Inteirar-se

Procure **inteirar-se** (tomar ciência) **de** todos os assuntos.

O advogado **inteirou-se** **dos** fatos.

No sentido de tornar ciente, informar, deve-se utilizar inteirar alguém de algo:

O diretor **inteirou** os professores da situação provocada pela gripe H1N1.

O diretor **inteirou**-os da situação.

Interferir e intervir

Interfira ou **intervenha** sempre **em**:

Interfira **em** todos os assuntos.

Interveio **no** debate para apaziguar os ânimos.

Lembrar e esquecer

Você deve sempre **lembrar** ou **esquecer** alguma coisa ou alguém (sem preposição):

Lembre **os bons tempos**.

Amigos, **lembremos** **que** manter a unidade linguística é reforçar os valores do cidadão.

"**Esqueça** **que** ele não 'te' ama".

Entretanto, quando **lembrar** e **esquecer** estiverem acompanhados de pronome, a preposição **de** se imporá:

Lembre-se de que é preciso reconhecer-se no outro.

Não **se esqueça de que** só existe crescimento, se houver comprometimento, vontade e competência.

Lembremo-nos de nosso **compromisso** maior: amar.

Esqueci-me de que estarias à porta na esperança de conquistar novos amigos.

Morar

Se você quiser morar bem, **more, resida, situe-se** sempre **em**, sem medo de errar:

Moro na Rua Jacarandá, 12.

A UNINOVE **está situada na** Rua Diamantina, 310.

Você **reside na** Avenida Cruzeiro do Sul?

Namorar

Não se atreva a **namorar com** alguém; namore **sem a preposição**, pois só assim você poderá desfrutar bons momentos ao lado de quem lhe dedica amor, sem nenhuma interferência (mesmo que seja a da **preposição**):

Paula **namora** Marcos.

Quero **namorá-la**.

Hermengarda **namorava** Eurico.

Pagar e Perdoar

Obs.: Lembre-se de que devemos **pagar** e **perdoar** sempre alguma coisa.

Assim,

Pagamos a dívida.

Perdoamos os erros.

Obs.: Com referência à pessoa – destinatário do pagamento ou do perdão –, sempre **pague** ou **perdoe** **a alguém**:

Pagamos a dívida **ao credor**.

Pagamos **a ele**.

Pagamos-lhe a dívida.

Perdoa-lhe os erros.

Perdoamos **aos culpados**.

Perdoaram-lhes as faltas.

Não se esqueça de que Cristo, antes de expiar, implorou ao Pai que **perdoasse** **àqueles** que o crucificaram.

A célebre frase do apelo foi: "Pai, **perdoai-lhes**, porque não sabem o que fazem".

E por ser perfeito, deixou-nos uma frase impecável. Por isso, sigamos seu exemplo.

Pedir

Sempre **peça** alguma coisa **a** ou **para** alguém.

Peça-**lhe** que empreste o dinheiro para uma boa causa.

Peço-lhe que me desculpe.

Peço-lhe desculpas.

Acompanhe os seguintes passos:

Pedimos a quem?

Pedimos **ao diretor**.

Pedimos o quê?

Pedimos que justificasse sua decisão.

Portanto,

Pedimos ao diretor que justificasse sua decisão.

Pedimos-lhe que justificasse sua decisão.

Obs.: **Peça** sempre **a** alguém que faça algo, mas nunca **para** que o faça (a preposição é inadmissível neste caso).

Pedimos para que fosse embora. (errado)

Pedimos que fosse embora. (correto)

Pedi-lhe para que saísse imediatamente. (errado)

Pedi-lhe que saísse imediatamente. (correto)

No entanto,

Pedi para ir ao banheiro.

Neste caso a frase está correta, pois o que se pediu foi **permissão, licença** para ir ao banheiro.

Preferir

É muito comum o uso de do que ou que e, às vezes, mais do que com o verbo **preferir** e seus derivados, o que demonstra a falta de intimidade do falante com a língua.

É lamentável ouvirmos ou lermos "Prefiro mais estudar do que trabalhar".

Por isso, aconselhamos que você evite esse tipo de construção. **Prefira** sempre uma coisa **a** outra:

Prefira doce **a** salgado.

Prefira ficar em casa **a** andar solitariamente.

Prefiro estar nua **a** usar peles. (protesto de uma ecologista)

É **preferível** ódio **a** compaixão.

Recomendar

Deve-se **recomendar** algo **a** alguém (aconselhar, indicar):

O cirurgião **recomendou** repouso **ao** paciente.

O cirurgião **recomendou-lhe** repouso.

Recomendo-lhes a leitura do Código Civil.

Recomendei o profissional **ao** diretor.

Recorrer

No sentido de **pedir socorro** ou **lançar mão de, valer-se**, utilize **recorrer a:**

Recorra a Deus quando for necessário.

Não devemos **recorrer a** expedientes “escusos”
para concretização de nossos ideais.

Na área jurídica, indicando **interpor recurso**, **apelar**, deve-se usar **recorrer de**, **para**; **de**…**para**:

Recorreu para o Supremo Tribunal Federal.

Paulo **recorreu da** decisão.

Cristiane **recorrerá da** pronúncia em primeira instância **para** a segunda.

Refletir

Admite as seguintes construções:

O espelho **refletia** tua beleza.

Tua beleza **refletia-se no** espelho.

A crise econômica dos Estados Unidos **refletiu(-se)**
em todos os mercados.

Reflita bem **sobre** as conseqüências desse ato tresloucado.

Responder

Nos textos formais, prefira a forma indireta do verbo (com a preposição **a**), quando o sentido do verbo for **dar resposta a** alguma coisa ou **a** alguém:

Responda às questões abaixo…

Você **deve responder às** cartas dos leitores.

Respondi-lhe que iria.

Para exprimir a resposta (teor), a regência direta se impõe:

Respondi o que tive vontade.

Você só consegue **responder essas asneiras**?

Servir

Serviu-se do que estava na mesa.

Sirva-lhe o jantar.

Pedro **servirá no** 5º batalhão.

As informações **serviram de** pretexto para
Paulo não continuar o trabalho.

Obs.: O verbo **servir** não admite **como**. Em seu lugar utilize a preposição **de**:
Sua honestidade **serve de** (e não como) exemplo para todos.

Observe agora estes verbos

Para consulta rápida:

Confraternizar

Não aceita o pronome **SE**:

Eles **confraternizaram** no fim de semana.

Paulo **confraterniza com** os colegas de trabalho.

Simpatizar

Não aceita o pronome **SE**:

Glória **simpatiza com** todos os alunos da sala.

Sobressair

Sempre sem o **SE**:

Ele é um dos que mais **sobressaem** durante o debate.

Alguns verbos pronominais

Sempre acompanhados de pronome oblíquo

Ajoelhar-se

Ajoelhe-se para que eu possa coroá-lo, grande cavaleiro!

Aposentar-se

Flávia **se aposentará** com 45 anos de idade.

Arrepender-se

Arrepende-te de todo o mal que causaste ao país.

Deitar-se

Deitei-me às 23h30 e levantei-me às 6 horas.

Ela **se deitou** às 21 horas.

Levantar-se

Se você não se levantar, continuarei sentado.

Queixar-se

Sempre com a preposição de:

Queixa-se de todos os amigos.

Queixa-se de que não lhe dão a devida atenção.

Sentar-se

Sente-se à mesa, que **me sentarei** no banco.

Nas construções como as que seguem, os verbos relacionados devem vir acompanhados de pronome oblíquo

Classificar-se

O Cruzeiro **classificou-se** para disputar a próxima fase da Libertadores.

Complicar-se

A situação de Sarney **complicou-se** com as denúncias de improbidade administrativa.

Desvalorizar-se

As ações da GM foram as que mais **se desvalorizaram** no primeiro semestre de 2009.

Espalhar-se

A notícia de que ele chegaria cedo **espalhou-se** pela cidade.

Estragar-se

Se você deixar as frutas fora da geladeira, elas **se estragarão**.

Romper-se

A barragem **rompeu-se** deixando a cidade submersa.

Valorizar-se

As ações da Petrobrás **se valorizaram** em junho.

Regência de alguns nomes

A

Abaixo-assinado a favor de, **contra** ou **por** (pelo, pela)

Abalado com ou **por**

Abastecido de ou **com**

Abatido de, **em** ou **por**

Ab-rogado de

Abuso de ou **contra**

Ação contra, **em**, **para** ou **sobre**

Acessível a

Acesso a, **para** ou **por**

Acordo com; **com…para**; **sobre**; **com…sobre**; **para**, **entre**; **entre…para**

Acostumado a ou **com**

Acusação de, **contra** ou **sobre**

Acusado de; **de…contra**

Adaptado a ou **de**

Adepto de

Adequado a

Aderência a ou **com**

Aderente a ou **com**

Adesão a

Aditamento de, **a**; **de…a**

Aditivo a

Adjudicação de, **a**; **de…a**

Advertido contra, **de** ou **sobre**

Advogado **contra**, **de**; **de…contra**; **de…em**

Afetado **em**, **de** ou **por**

Aficionado **a**

Afiliação **a**, **de**; **de…a**

Afiliado **a**

Afinado **com** ou **por**

Afinidade **com**, **entre** ou **em**

Afixado **em**

Afluência **a**, **de…a**, **de…para**

Afronta **a**

Aglutinação **de…a**; **de…com**

Aglutinado **a** ou **com**

Agraciado **com**

Agradecimento **a**, **de**, **por**; **a…por**; **de…a…por**

Agregado **a**

Agressão **a** ou **contra**

Agressividade **com** ou **contra**

Agressivo **com** ou **contra**

Ajuda **a**, **contra**, **em**, **para**; **a…em**; **a…contra**

Ajudado **por**

Ajustado **a**, **com**, **em** ou **entre**

Ajustável **a**

Alerta **a**, **contra**, **para**, **sobre**; **a…contra**; **a…sobre**

Alertado **contra**, **de**, **para** ou **sobre**

Alheio **a**

Alienação **de**

Alienado **a** ou **de**

Alinhado **a** ou **com**

Alinhamento **de…a**; **com** ou **por**

Alocação **de…a**; **de…para**; **de…em**

Alocado **a**, **em** ou **para**

Alusão **a**

Alusivo a

Análogo a

Anexação a; de…a

Anexado a

Anexo a

Ansioso por

Apaniguado a, de ou **por**

Apegado a

Apego a ou **por**

Apelação de; de…para

Apelo a, para; em favor de

Apenso a

Apoiado a, contra, em ou **sobre**

Apoio a; a…contra; de…a…contra; de…a favor de

Apologia de

Apreciação de ou **sobre**

Aptidão a, para; de…para

Apto a ou **para**

Articulação de…com; com ou **entre**

Articulado a, com ou **entre**

Ascensão a; de…a; para

Assentado em ou **sobre**

Assistência a ou **de**

Assistido de ou **por**

Atenção a ou **para**

Atencioso com

Atendido por

Atendimento a; de

Atento a ou **em**

Ato a favor de, contra ou **por**

Atração por

Atraído a, para ou **por**

Atribuição de…a

Atribuído a, por; a…por

Aumentado de…para; em

Aumento de…para; a, em ou **para**

Autorizado a, para ou **por**

Auxiliado em ou **por**

Auxílio a, para, em ou **contra**

Avesso a

Ávido de ou **por**

B

Bacharel em ou **por**

Baseado em (com base em)

Bem-disposto para

Bem-dotado para

Bem-sucedido em

Bem-vindo a

Beneficiado com ou **por**

Benefício a ou **para** (loc. em benefício de)

Benéfico a ou **para**

Benevolente com

Busca a, de ou **por**

C

Candidato a; a…por

Capacidade de ou **para**

Capacitado a ou **para**

Capaz de

Cauteloso com ou **em**

Cindido de ou **em**

Cioso de

Cisão de, em, entre; de…em

Coagido a, por; a…por

Coberto **de**, **com** ou **por**

Coerção **para**, **sobre**; **sobre…para**

Coerência **com; em; entre**

Coesão **com** ou **entre**

Coexistência **com** ou **entre**

Coincidente **com** ou **em**

Colaboração **com**, **em**, **para**; **com…em**; **em…para**

Comemoração **de** ou **com**

Comentário **de…sobre**; **sobre**

Comparado **a**, **com**, **entre** ou **por**

Compatível **com**

Compelido **a** ou **por**

Composto **de** ou **por**

Comprometido **com** ou **em**

Compromisso **com**, **entre**, **para**, **diante de** ou **perante**

Comum **a**, **em** ou **entre**

Comunicado **a**, **por** ou **sobre**

Concedido **a**

Conciliação **de**, **com**, **entre**; **de…com**

Conclusão **de**, **por** ou **sobre**

Concorrência **com** ou **entre**

Condenação **de**, **a**; **de…a**

Condenado **a** ou **por**

Condição **de** ou **para**

Condizente **com**

Conducente **a**

Conexão **com** ou **entre**

Conferido **a** ou **por**

Confiado **a**

Confiança **em**

Conflito **em** ou **entre**

Conforme **a** ou **com**

Conformidade a, **com** ou **entre**

Conhecimento de, **em** ou **sobre**

Conivente com; **com…em**

Consciência de ou **sobre**

Consciente de

Cônscio de

Consenso em, **entre** ou **sobre**

Considerado como ou **por** (ou apenas **considerado…**)

Constituído de ou **por**

Consulta a

Consultado sobre

Conversão de…em

Convicto de

Convocação a, **para**; **de…a**

Convocado a, **para** ou **por**

Correlação com ou **entre**

Correlacionado a, **com**, **entre** ou **por**

Culpado de, **em** ou **por**

Curioso de

D

Dano a ou **para**

Danoso a ou **para**

Debate com, **entre** ou **sobre**

Decidido a

Decisão sobre

Decisivo a ou **para**

Dedicação a ou **por**

Dedicado a

Defendido de ou **contra**

Defensor de

Defesa a, **de** ou **contra**

Defrontado com
Deliberação de ou **sobre**
Delimitado a
Demanda com, **de** ou **por**
Denúncia de, **contra** ou **sobre**
Dependência de ou **entre**
Dependente de
Derrogação a ou **de**
Desabituado a
Desacordo com, **entre** ou **sobre**
Desacostumado a ou **com**
Desagradável a ou **para**
Desapego a, **com** ou **por**
Desapontado com
Desaprovação a
Desaprovado por
Desatenção a ou **com**
Desatento a
Desavença com ou **entre**
Descompromisso com
Desconfiança de, **contra** ou **sobre**
Desejoso de
Desentendimento com, **entre** ou **sobre**
Deserdado de ou **por**
Desfavorável a
Desinteressado de ou **por**
Desobediência a
Desobediente a
Desobrigado de
Despojado de
Despreocupação com ou **por**

Desrespeito **a**, **com** ou **por**

Desserviço **a**

Destaque **a**, **de** ou **para**

Detenção **de**; **de…em**

Dica **de** ou **sobre**

Dicotomia **entre**

Difícil **a**, **de** ou **para**

Dificuldade **de**, **em** ou **para**

Diligência **sobre…para**; **para** ou **por**

Direcionado **a** ou **para**

Dirigido **a**, **contra** ou **para**

Dispensado **a**, **de**, **para**, **por**; **de…para**

Dividido **em**, **entre**, **por** ou **sobre**

Domiciliado **em**

Dúvida **de** ou **sobre**

E

Educação **em** ou **para**

Efeito **contra**, **em** ou **sobre**

Eficácia **contra** ou **sobre**

Eficaz **contra**, **em**, **para** ou **sobre**

Eficiência **em** ou **para**

Eficiente **em** ou **para**

Egresso **de**

Elevado **a**; **de…para**

Emenda **a**, **de** ou **sobre**

Emergente **de**

Empenhado **em**

Empenho **de**, **contra**, **em**; **de…contra**; **de…em**

Endereçado **a**

Ênfase **em** ou **sobre**

Equiparação **de**, **com**, **em**; **de…com**

Equivalência **entre**; **de…com**

Equivalente **a** ou **em**

Esclarecimento **a** ou **sobre**

Especialista **em**

Especializado **em**

Específico **a**

Essencial **a**, **em** ou **para**

Estudo **de** ou **sobre**

Exceção **a** ou **de**

Excedido **em**

F

Facilidade **de**, **em** ou **para**

Facultado **a**

Falta **a**

Favorável **a** ou **para**

Favoravelmente **a**

Favorecimento **de**

Fiel **a**

Formado **em**, **por** ou **para**

Fundamental **a** ou **para**

G

Gerado **em** ou **por**

Graduado **em**, **por**; **de…a**

Grato **a** ou **por**

Grudado **a**

Guerra **a** ou **contra**

H

Habeas-corpus **de**; **em favor de**

Habeas-data **contra**

Hábil **em**

Habilidade de, **em** ou **para**

Habitante de ou **em**

Habituado a ou **com**

Hegemonia de ou **sobre**

Hipótese sobre

Hostil a

Hostilidade a ou **contra**

I

Ida a

Idêntico a ou **em**

Imersão de, **em**; **de…em**

Impacto em ou **sobre**

Impasse entre ou **sobre**

Impelido a, **contra** ou **para**

Implicado com ou **em**

Importância de…em; **de…para**; **para** ou **sobre**

Importante a ou **para**

Impotente contra ou **para**

Impregnado de ou **em**

Impróprio para

Imputação de…a

Imputado a

Imputável a

Imune a

Imunidade a ou **contra**

Imunizado contra

Inábil para

Inacessível a ou **para**

Inadequado a ou **para**

Inaplicável a

Inaptidão **a** ou **para**

Inapto **a** ou **para**

Incapaz **de** ou **para**

Incitação **a**; **de…a**

Incitado **a**

Incitamento **a**; **de…a**

Inclinação **a**, **para** ou **por**

Incompatibilidade **com** ou **entre**

Incompatível **com**

Inconciliável **com** ou **entre**

Inconformado **com**

Inconformidade **com**

Incorporado **a** ou **em**

Indagado **sobre**

Indenizado **de** ou **por**

Independentemente **de**

Indevassável **a**

Indicado **a** ou **para**

Indicativo **de**

Indiciado **como…em**; **em**

Indiferente **a**, **com** ou **para**

Indignação **com** ou **por**

Indignado **com**, **contra** ou **por**

Indispensável **a**, **em** ou **para**

Indulgente **a**, **para**; **com…em**

Indulto **a** ou **para**

Induzido **a**

Ineficácia **contra** ou **para**

Ineficaz **contra**, **em** ou **para**

Ineficiente **para**

Inepto **para**

Inerente a
Infenso a
Inferior a ou **em**
Inferioridade em
Infidelidade a
Infiel a
Inflexível em ou **para**
Infligido a
Influência em ou **sobre**
Influenciado por
Ingrato com
Inserção em; de…em
Inserido em, entre ou **por**
Inspirado de, em, para ou **por**
Instrução a, para, sobre; a…para; a…sobre
Instruído a, de, em, para ou **sobre**
Insuspeito a
Integrado a ou **em**
Interdição de
Interessado em ou **por**
Interessante a
Interesse de, em ou **por**
Interrogado por ou **sobre**
Interrogatório sobre
Intervenção em
Intimação de, para; de…para
Intimado a, para ou **por**
Intolerante a ou **com**
Invasão de
Investido de ou **em**
Investigação de ou **sobre**
Isonomia entre

J

Julgamento **de** ou **sobre**

Juntada **de; de…a**

Junto **a** ou **de**

L

Leal **a** ou **com**

Lealdade **a, com** ou **em**

Legislação **sobre**

Legitimação **de, para; de…para**

Lesado **em**

Lesão **a, de** ou **em**

Lesivo **a** ou **de**

Lícito **a**

Ligado **a, com** ou **entre**

Liminar **contra**

Litígio **com, entre** ou **sobre**

M

Magnanimidade **com** ou **em**

Magnânimo **com** ou **em**

Maior **de**

Majoração **de, em; de…em**

Mandado **a, contra, para; de…a; de…para**

Mandato **para**

Manifestação **de, contra, a favor de** ou **sobre**

Manifesto **a, contra, por** ou **sobre**

Manobra **contra, a favor de** ou **para**

Manutenção **de; de…em**

Mediação **entre**

Medida **contra, a favor de** ou **para**

Moção **a, contra; de…a; de…contra;**

Morador **em**

N

Nascido de ou **em**

Natural de

Necessário a ou **para**

Necessidade de

Negociação com, entre; de…com

Nocivo a

Nomeado para

Notificação de…a; para

O

Obcecado em, para ou **por**

Obediência a

Obediente a

Objeção a

Oblíquo a

Obrigação a, de ou **com**

Obrigado a

Obrigatório a ou **para**

Observância a ou **de**

Ódio a ou **contra**

Odioso a ou **para**

Onerado com ou **por**

Oneroso a ou **para**

Opção a ou **por**

Opinião de ou **sobre**

Oposição a ou **entre**

Oposto a

P

Paralelamente a

Paralelo a (em paralelo **com**)

Parecer sobre

Parecido a ou **com**

Pari passu **com**

Participação em

Partícipe de ou **em**

Passível de

Pautado em ou **por**

Penalizado por

Pendência com ou **entre**

Penhora de ou **sobre**

Percepção de ou **sobre**

Perceptível a ou **por**

Perpendicular a

Perquirição sobre

Persistência em

Persistente em

Persuadido a

Possibilidade de

Possível a ou **de**

Postulante a

Precedente a

Predisposição para

Predisposto a ou **para**

Preferência a ou **por**

Preferível a

Prejudicial a

Prestes a ou **para**

Procedente de

Pronto para

Propensão a ou **para**

Propenso a

Proporcional a

Proporcionalmente a

Próprio de ou **para**

Prosseguimento de ou **em**

Próximo a ou **de**

Prudência com ou **em**

Punição a, **de** ou **contra**

Punido de ou **por**

Q

Qualificação de…para; **para**

Qualificado como, **de** ou **para**

Queixa a…sobre; **contra** ou **de**

Querido de ou **por**

Questionado sobre

R

Rapidez em

Rápido em

Recluso em

Recomendação a; **a…para**; **de…para**

Recomendado a ou **por**

Recondução de…a; **para**

Reconversão de…em

Recusa a, **de** ou **em**

Referendo sobre

Refletido em

Reflexão em ou **sobre**

Regulamentação de ou **para**

Reinserido em

Reintegração de…em; **de…a**

Relativamente a

Relevante a ou **para**

Reparação a ou **de**

Residente em

Resistência a ou **contra**

Resistente a

Respeito a ou **por**

S

Sanção a, contra ou **para**

Satisfação com, de, em ou **por**

Satisfatório para

Satisfeito com ou **de**

Segurado contra

Semelhante a; a…em

Sensibilidade a ou **para**

Sensível a ou **para**

Sentença contra ou **a (em) favor de**

Sentenciado a, com ou **em**

Simpatia por

Simpático a

Sito em

Situado em

Subjacente a

Subjugado a

Sublocação de…a

Sublocado a

Sub-rogado a ou **em**

Subserviente a

Subsidiário a ou **de**

Substitutivo a, de ou **sobre**

Superior a

Suspeição de…contra; contra ou **sobre**

T

Tendência a, **de**, **em** ou **para**

Tendente a ou **para**

Tentativa contra, **de** ou **para**

Tolerância a; **de…com**; **para**

Transcrito em ou **para**

Tributação de ou **sobre**

Tributário a ou **de**

U

Ulterior a

Ultrajante a ou **para**

Unânime em

Único a ou **em**

Uniforme em

Urgência em ou **para**

União com ou **entre**

Útil a ou **para**

Utilidade para

Utilizado em ou **para**

V

Válido para

Valioso a ou **para**

Vantagem a, **de**, **em** ou **sobre**

Vazio de

Versado em

Vertido de…a; **de…para**; **em**

Vigente em ou **entre**

Vinculado a, **com** ou **entre**

Visível a

Vital a ou **para**

Voltado a, **contra** ou **para**

Referências

FERNANDES. F. *Dicionário de regimes de substantivos e adjetivos*. 28. ed. Porto Alegre: Globo, 2005.

______. *Dicionário de verbos e regimes*. 44. ed. Porto Alegre: Globo, 2003.

LUFT, C. P. *Dicionário prático de regência nominal*. 4. ed. 7ª impr. São Paulo: Ática, 2007

______. *Dicionário prático de regência verbal*. 8. ed. 11ª impr. São Paulo: Ática, 2007.

ISBN 978-85-909417-2-9

Sérgio Simões

Regência **nominal** e **verbal** sem segredo

Série **Palavra Final**, v. 2

UNINOVE
Universidade Nove de Julho
A UNINOVE É SEMPRE 10

ISBN 978-85-909417-2-9

Sérgio Simões

Regência nominal e verbal sem segredo

Série **Palavra Final**, v. 2

UNINOVE
Universidade Nove de Julho
A UNINOVE É SEMPRE 10

© 2009 – Universidade Nove de Julho (Uninove)

Capa e projeto gráfico: João Ricardo M. Oliveira

SIMÕES, Sérgio Lourenço. Regência nominal e verbal sem
segredo.
São Paulo : UNINOVE, 2009. (Série Palavra final,
v. 2)

ISBN 978-85-909417-2-9

1. Língua portuguesa – Regência

CDU 811.134.3’367.625

Autorizada a reprodução desde que citada a fonte.

Sumário

Caro leitor, ...5
Acreditar, pensar 5
Agradar 6
Agradecer 6
Apelar 7
Atender 7
Chegar 8
Comentar(-se) 9
Comemorar 9
Comunicar 10
Comparecer 10
Custar 11
Debater 12
Desfrutar, usufruir, gozar 12
Empatar, ganhar, perder, vencer (no futebol) 13
Favorecer 13
Impedir 13
Implicar 13
Inaugurar(-se) 14
Informar 14
Iniciar(-se) 14
Inteirar-se 15
Interferir e intervir 15
Lembrar e esquecer 15
Morar 16
Namorar 16
Pagar e Perdoar 16
Pedir 17
Preferir 18

Recomendar 19
Recorrer 19
Refletir 19
Responder 20
Servir 20
Observe agora estes verbos 21
    Confraternizar 21
    Simpatizar 21
    Sobressair 21
Alguns verbos pronominais 21
    Ajoelhar-se 21
    Aposentar-se 21
    Arrepender-se 21
    Deitar-se 21
    Levantar-se 22
    Queixar-se 22
    Sentar-se 22
    Classificar-se 22
    Complicar-se 22
    Desvalorizar-se 22
    Espalhar-se 22
    Estragar-se 22
    Romper-se 22
    Valorizar-se 23
Regência de alguns nomes 23
    A 23
    B, C 26
    D 28
    E 30
    F, G, H 31
    I 32
    J, L, M 35
    N, O, P 36
    Q, R 38
    S 39
    T, U, V 40
Referências 41

Caro leitor,

Você tem energia de sobra e sabe canalizá-la para o desenvolvimento de tudo o que é bom. Tanto é verdade que, neste momento, você está participando de mais uma sessão de aprendizagem da língua.

Queremos que nos ajude a fazer sempre mais em seu benefício. Para isso, contamos com suas sugestões, perguntas e, principalmente, com a determinação que o impele a avançar na construção do conhecimento.

Continue a buscar e a produzir; incentive seus amigos a fazerem o mesmo. Fale da série *Palavra Final*, mostre-lhes que é uma fonte importantíssima para quem precisa da palavra.

Neste volume, trataremos da regência de alguns verbos e nomes (substantivos e adjetivos).

A regência cuida das relações de dependência que se estabelecem entre os termos na frase. Tais relações se dão direta ou indiretamente entre os termos regentes (que pedem complemento) e os regidos (que os completam).

Quando a dependência é direta, o verbo é transitivo direto, pois exige que a ele se ligue um objeto direto (sem o auxílio de uma preposição). Se indireta, o verbo é transitivo indireto, o que nos obriga a completá-lo com um objeto indireto (com o auxílio de uma preposição).

Acreditar, pensar

Estes verbos são transitivos indiretos, pois exigem complementos que a eles se ligam com o auxílio de uma preposição:

Acredite e **pense** **em** mim, **em** nós, **em** todos aqueles que gostam de você e, principalmente, **em** si mesmo.

Acredite **em** sua capacidade de resolver todos os problemas.

Pense sempre **no** recebimento de boas notícias, resultado de seu esforço e dedicação.

No entanto, quando recebem uma oração como complemento, dispensam a preposição.

Assim,

Acredite que você possa resolver todos os problemas.

Pense que você receberá uma boa notícia,
resultado de seu esforço e dedicação.

Agradar

No sentido de **mimar**, **acariciar**, **afagar**, use-o sem preposição:

Os avós sempre **agradam** os netos.

Como **contentar**, **satisfazer**, utilize-o com a preposição **a**:

O *show* de Roberto Carlos **agradou a** todos os presentes.

O discurso de Obama **agradou a**os empresários da construção civil.

Sua coerência sempre **nos agrada**. (a nós).

Agradecer

Indica gratidão:

Agradeça sempre alguma coisa **a** alguém.

Nesta construção, a coisa é sempre o objeto direto, e a pessoa, o indireto. Assim,

Agradeça o convite que o presidente lhe fez.

Agradeça ao presidente.

Agradeça a ele.

Agradeça-lhe.

Agradeça-lhe o convite.

Evite a construção com os pronomes oblíquos **o** e **a**:

Agradeço-o; **agradeço**-a.

Se quiser, você poderá omitir o complemento:

Recebeu o convite e **agradeceu**.

Obs.: também é possível usar a forma **agradecer a** alguém **por algo,** em que o verbo recebe o complemento indireto (pessoa) acompanhado de adjunto adverbial da causa (o motivo pelo qual se agradece):

Agradeça a Deus **por estar vivo**.

Apelar

Pode-se **apelar a** ou **para**:

Ele **apelou aos** amigos quando precisou de ajuda. (pedir auxílio)

Quando está em apuros, **apela para** os irmãos. (valer-se)

Na área jurídica, no sentido de **recorrer por apelação a**, **interpor recurso**, usa-se **apelar de, para**; **de…para**:

O advogado **apelou da** sentença **para** a instância superior.

O réu **apelou para** o juiz.

Temos certeza de que o advogado **apelaria da** decisão em primeira instância, se a pronúncia do juiz não fosse favorável…

Atender

No sentido de **recepcionar**, **receber**, **acolher** ou **ouvir com atenção**, use a construção direta para pessoas, e indireta, para objetos, coisas (chamadas, exigências, intimações, pedidos, reivindicações etc.):

O prefeito **atendeu a população**.

O médico **atendeu o paciente**.

O prefeito **atendeu aos clamores** da população.

As escolas públicas não **atendem às necessidades** dos jovens.

Quando se tratar de campainha, telefone, bairro, cidade etc., prefira a forma direta, pois está implícito na frase que alguém atendeu quem tocou a campainha ou fez a ligação, e alguma pessoa deu atendimento aos moradores de uma dada região:

Paulo, **atenda o telefone**.

Alguém está tocando a campainha. Você pode **atendê-la** (ou **atendê-lo**, concordando com alguém)?

Neste caso, pode-se usar o verbo sem o complemento pessoa (está subentendido):

Alguém está tocando a campainha. Você pode **atender**?

O prefeito **atenderá o bairro da Mooca** e **a Vila Sônia**. (os moradores)

Chegar

Se tiver vontade de **chegar** bem, **chegue** sempre **a**.

O verbo **chegar** indica movimento, pressupõe que houve deslocamento de um lugar para outro (permita-nos a redundância, pois não há deslocamento se ficarmos no mesmo lugar). E por falar nisso, estamos preparando um prato de redundâncias deliciosas. Você poderá saboreá-lo em um dos próximos volumes da série.

Mas voltemos ao que nos interessa:

Chegue sempre **à** praia.

Chegue à empresa para trabalhar.

Chegue à conclusão de que tudo é maravilhoso.

Portanto,

Chegar em é nunca sair do ponto de partida. **Evite**.

Comentar(-se)

Sempre **comente algo** com alguém (se você quiser, é claro), mas jamais **comente sobre** um assunto, pois o verbo não admite tal preposição:

Assim,

Comentamos o golpe militar ocorrido em Honduras. (correto)

Comentamos sobre o golpe militar ocorrido em Honduras. (errado)

Comentou-se a morte de Michael Jackson. (correto)

Comentou-se sobre a morte de Michael Jackson. (errado)

No entanto, se substituirmos **comentar** por **comentários**, o **sobre** aparecerá:

Podemos **fazer comentários sobre** o golpe militar ocorrido em Honduras.

Houve **comentários sobre** o desaparecimento do médico de Michael Jackson.

Comemorar

Obs.: Sempre se comemoram fatos positivos:
Comemora-se o nascimento de alguém, mas não a morte.

No dia 25 de dezembro, **comemora-se o nascimento de Cristo**.

Os brasileiros **comemoraram**, no dia 13 de maio, **os 121 anos de abolição dos escravos**.

Em outras situações, utilize **assinalar**, **lembrar**, **marcar, relembrar, reviver** etc.:

No dia 16 de julho, **relembramos** (e não comemoramos) **a derrota do Brasil** para o Uruguai na Copa de 1950.

11 de setembro será sempre **lembrado** como um dos dias mais trágicos da história moderna dos EUA.

Obs.: Com o substantivo **comemoração**, devemos agir da mesma forma:
No dia 28 de junho, houve grande festa em **comemoração da vitória do Brasil** na Copa das Nações.

Comunicar

Sempre **comunique** algo **a** alguém**,** mas nunca **comunique** alguém **sobre** ou **de** alguma coisa:

Assim,

O diretor **comunicou as decisões do conselho** aos professores. (correto)

O diretor **comunicou-lhes as decisões do conselho**. (correto)

Comunicou-se a decisão **aos** professores. (correto)

O diretor **comunicou** os professores sobre as
ou das decisões do conselho. (errado)

Em hipótese alguma diga:

Os professores **foram comunicados das** decisões do conselho.

Lembre-se de que ninguém pode **ser comunicado** (e sim **informado**, **cientificado**, **avisado**) de algo.

Portanto,

Os professores **foram informados**, **avisados das** decisões do conselho.

A comunidade **foi cientificada** ou **avisada de**
que as enchentes seriam inevitáveis.

Comparecer

Prefira **comparecer a**:

Jorge **comparecerá ao evento**.

O advogado de defesa não **compareceu à audiência**.

Usa-se **em** e não **a** neste tipo de construção:

Fidel Castro não tem **comparecido em** público faz algum tempo.

No sentido de **ir a juízo**, **prestar depoimento**, **prestar contas**, pode-se usar **ante**, **diante**, **perante**:

Os indiciados **compareceram perante o** Tribunal.

O réu **compareceu ante o** juiz.

Custar

Tome cuidado com o emprego de **custar** no sentido de **ser difícil**, **custoso**, **moroso**, pois o que se vê no emprego desse verbo são as marcas da oralidade:

Paulo custou a entender a matéria.

Ele custa para resolver os problemas propostos pelo professor.

Para evitar esse desvio normativo, siga estes passos:

a) O que foi difícil, custoso a Paulo?

Entender a matéria.

Portanto,

Custou a Paulo entender a matéria;

Custou a ele entender a matéria;

Custou-lhe entender a matéria.

b) O que é difícil, custoso a ele?

Resolver os problemas propostos pelo professor.

Portanto, custa-lhe resolver os problemas propostos pelo professor.

Veja mais estes:

Custa-lhe enxergar o bom caminho.

Não **me custa lutar** por uma boa causa.

Debater

É bom evitar **debater** sobre ou a respeito de **algum assunto**. O verbo debater, em sua regência direta, exige que o objeto do debate seja ligado a ele sem preposição:

Os membros da comissão **debateram as propostas** de mudança no Código Civil.

Debate-se (analisa-se, discute-se, examina-se) algo **com** alguém:

Os professores **debateram a nova proposta** de avaliação **com** os coordenadores.

Obs.: Com o substantivo **debate**, pode-se utilizar **sobre** (e sinônimos), **entre** e **com**:
Houve uma série de **debates entre** os concorrentes.
Não existe a necessidade de **debate sobre** os motivos que levaram à suspensão das buscas pelos corpos das vítimas do voo AF 447.
Hoje à noite, haverá **debates com** os líderes do governo **sobre** as novas propostas de desoneração dos salários.

Desfrutar, usufruir, gozar

Prefira **desfrutar**, **usufruir** e **gozar** os bons momentos que o viver lhe proporciona. (Sem a preposição **de**)

E agora, mais alguns exemplos para você:

Rosivalda **usufrui o que o pai lhe deixou como herança**.

Desfrute as delícias desta cidade.

Goze; **goze**, sem medo, **os prazeres da vida**.

Empatar, ganhar, perder, vencer (no futebol)

Um time **empata**, **perde** ou **ganha** **por:**

O Corinthians **empatou** com o Internacional **por** 2 a 2.

A Paraná **perdeu** **por** 1 a 0 para a Portuguesa.

O Brasil **ganhou** dos Estados Unidos **por** 3 a 2.

Roger Federer **venceu** Andy Roddick **por** 3 *sets* a 2.

Favorecer

Sempre se **favorece** **alguém** ou **alguma coisa**:

No jogo do Palmeiras contra o Santos, o juiz **favoreceu** **o Santos**.

No Brasil, os deputados, senadores e vereadores se valem da posição que ocupam para **favorecer** **parentes e aliados políticos**.

Impedir

Pode-se **impedir** alguém **de** alguma coisa ou **impedir** algo a alguém:

Impeça-o de agir intempestivamente.

Impedimos **que todos saíssem**.

Impedimos **a saída de todos**.

Impeça-lhes a entrada.

Impeça **a entrada deles**.

Impeça **que eles entrem**.

Implicar

No sentido de **acarretar**, **envolver**, **pressupor**, utiliza-se a forma direta (sem a preposição **em**):

A isenção do IPI **implicará** **perda de receita** para a União.

Ser bom profissional **implica** **agir** com responsabilidade e competência.

Obs.: Usa-se preposição nestes casos:
Indivíduos inescrupulosos **implicaram** o adolescente **em** crime de tráfico de drogas. (envolver alguém **em** algo)
Jeremias **implica** **com** os colegas de turma. (ter implicância)

Inaugurar(-se)

Alguém **inaugura** alguma coisa (sem o pronome):

O presidente **inaugurou** a plataforma de Campos.

Mas algo sempre **se inaugura**:

A plataforma **se inaugurou** ontem (foi inaugurada).

Informar

Pode-se **informar** algo **a** alguém:

O gerente **informou** **aos funcionários** o horário de trabalho.

O gerente **informou-lhes** o horário de trabalho.

Ou **informar** alguém **de** algo:

O gerente **informou** os funcionários **do** horário de trabalho.

O gerente **informou**-os **do** horário que deveriam cumprir.

O médico **informou** a paciente **de** que ela não poderia dar à luz.

Iniciar(-se)

Pode-se escrever que alguém **inicia** (principia, começa) alguma coisa:

Paulo **iniciou** as atividades às 15 horas.

Ou alguém **inicia** (dá as primeiras noções) outrem em algo:

O Grão-mestre **iniciou**-o na maçonaria.

Ou **se inicia** (busca conhecimento) em algo:

Paulo **iniciou-se** em filosofia.

Em se tratando de evento (coisa), use sempre **iniciar-se**:

As comemorações **se iniciarão** no dia 1º de setembro.

Inteirar-se

Procure **inteirar-se** (tomar ciência) **de** todos os assuntos.

O advogado **inteirou-se dos** fatos.

No sentido de tornar ciente, informar, deve-se utilizar inteirar alguém de algo:

O diretor **inteirou** os professores da situação
provocada pela gripe H1N1.

O diretor **inteirou**-os da situação.

Interferir e intervir

Interfira ou **intervenha** sempre **em**:

Interfira em todos os assuntos.

Interveio no debate para apaziguar os ânimos.

Lembrar e esquecer

Você deve sempre **lembrar** ou **esquecer** alguma coisa ou alguém (sem preposição):

Lembre os bons tempos.

Amigos, **lembremos que** manter a unidade
linguística é reforçar os valores do cidadão.

"**Esqueça que** ele não 'te' ama".

Entretanto, quando **lembrar** e **esquecer** estiverem acompanhados de pronome, a preposição **de** se imporá:

Lembre-se de que é preciso reconhecer-se no outro.

Não **se esqueça de que** só existe crescimento, se houver comprometimento, vontade e competência.

Lembremo-nos de nosso **compromisso** maior: amar.

Esqueci-me de que estarias à porta na esperança de conquistar novos amigos.

Morar

Se você quiser morar bem, **more, resida, situe-se** sempre **em**, sem medo de errar:

Moro na Rua Jacarandá, 12.

A UNINOVE **está situada na** Rua Diamantina, 310.

Você **reside na** Avenida Cruzeiro do Sul?

Namorar

Não se atreva a **namorar com** alguém; namore **sem a preposição**, pois só assim você poderá desfrutar bons momentos ao lado de quem lhe dedica amor, sem nenhuma interferência (mesmo que seja a da **preposição**):

Paula **namora** Marcos.

Quero **namorá-la**.

Hermengarda **namorava** Eurico.

Pagar e Perdoar

Obs.: Lembre-se de que devemos **pagar** e **perdoar** sempre alguma coisa.

Assim,

Pagamos a dívida.

Perdoamos os erros.

Obs.: Com referência à pessoa – destinatário do pagamento ou do perdão –, sempre **pague** ou **perdoe** **a alguém**:

Pagamos a dívida **ao credor**.

Pagamos **a ele**.

Pagamos-lhe a dívida.

Perdoa-lhe os erros.

Perdoamos **aos culpados**.

Perdoaram-lhes as faltas.

Não se esqueça de que Cristo, antes de expiar, implorou ao Pai que **perdoasse** **àqueles** que o crucificaram.

A célebre frase do apelo foi: "Pai, **perdoai-lhes**, porque não sabem o que fazem".

E por ser perfeito, deixou-nos uma frase impecável. Por isso, sigamos seu exemplo.

Pedir

Sempre **peça** alguma coisa **a** ou **para** alguém.

Peça-lhe que empreste o dinheiro para uma boa causa.

Peço-lhe que me desculpe.

Peço-lhe desculpas.

Acompanhe os seguintes passos:

Pedimos a quem?

Pedimos **ao diretor**.

Pedimos o quê?

Pedimos que justificasse sua decisão.

Portanto,

Pedimos ao diretor que justificasse sua decisão.

Pedimos-lhe que justificasse sua decisão.

Obs.: **Peça** sempre **a** alguém que faça algo, mas nunca **para** que o faça (a preposição é inadmissível neste caso).

Pedimos para que fosse embora. (errado)

Pedimos que fosse embora. (correto)

Pedi-lhe para que saísse imediatamente. (errado)

Pedi-lhe que saísse imediatamente. (correto)

No entanto,

Pedi para ir ao banheiro.

Neste caso a frase está correta, pois o que se pediu foi **permissão, licença** para ir ao banheiro.

Preferir

É muito comum o uso de do que ou que e, às vezes, mais do que com o verbo **preferir** e seus derivados, o que demonstra a falta de intimidade do falante com a língua.

É lamentável ouvirmos ou lermos "Prefiro mais estudar do que trabalhar".

Por isso, aconselhamos que você evite esse tipo de construção. **Prefira** sempre uma coisa **a** outra:

Prefira doce **a** salgado.

Prefira ficar em casa **a** andar solitariamente.

Prefiro estar nua **a** usar peles. (protesto de uma ecologista)

É **preferível** ódio **a** compaixão.

Recomendar

Deve-se **recomendar** algo **a** alguém (aconselhar, indicar):

O cirurgião **recomendou** repouso **ao** paciente.

O cirurgião **recomendou-lhe** repouso.

Recomendo-lhes a leitura do Código Civil.

Recomendei o profissional **ao** diretor.

Recorrer

No sentido de **pedir socorro** ou **lançar mão de, valer-se**, utilize **recorrer a:**

Recorra a Deus quando for necessário.

Não devemos **recorrer a** expedientes “escusos”
para concretização de nossos ideais.

Na área jurídica, indicando **interpor recurso**, **apelar**, deve-se usar **recorrer de**, **para**; **de**…**para**:

Recorreu para o Supremo Tribunal Federal.

Paulo **recorreu da** decisão.

Cristiane **recorrerá da** pronúncia em primeira instância **para** a segunda.

Refletir

Admite as seguintes construções:

O espelho **refletia** tua beleza.

Tua beleza **refletia-se no** espelho.

A crise econômica dos Estados Unidos **refletiu(-se)**
em todos os mercados.

Reflita bem **sobre** as conseqüências desse ato tresloucado.

Responder

Nos textos formais, prefira a forma indireta do verbo (com a preposição **a**), quando o sentido do verbo for **dar resposta a** alguma coisa ou **a** alguém:

Responda às questões abaixo…

Você **deve responder às** cartas dos leitores.

Respondi-lhe que iria.

Para exprimir a resposta (teor), a regência direta se impõe:

Respondi o que tive vontade.

Você só consegue **responder essas asneiras**?

Servir

Serviu-se do que estava na mesa.

Sirva-lhe o jantar.

Pedro **servirá no** 5º batalhão.

As informações **serviram de** pretexto para
Paulo não continuar o trabalho.

Obs.: O verbo **servir** não admite **como**. Em seu lugar utilize a preposição **de**:
Sua honestidade **serve de** (e não como) exemplo para todos.

Observe agora estes verbos

Para consulta rápida:

Confraternizar

Não aceita o pronome **SE**:

Eles **confraternizaram** no fim de semana.

Paulo **confraterniza com** os colegas de trabalho.

Simpatizar

Não aceita o pronome **SE**:

Glória **simpatiza com** todos os alunos da sala.

Sobressair

Sempre sem o **SE**:

Ele é um dos que mais **sobressaem** durante o debate.

Alguns verbos pronominais

Sempre acompanhados de pronome oblíquo

Ajoelhar-se

Ajoelhe-se para que eu possa coroá-lo, grande cavaleiro!

Aposentar-se

Flávia **se aposentará** com 45 anos de idade.

Arrepender-se

Arrepende-te de todo o mal que causaste ao país.

Deitar-se

Deitei-me às 23h30 e levantei-me às 6 horas.

Ela **se deitou** às 21 horas.

Levantar-se

Se você não se levantar, continuarei sentado.

Queixar-se

Sempre com a preposição de:

Queixa-se de todos os amigos.

Queixa-se de que não lhe dão a devida atenção.

Sentar-se

Sente-se à mesa, que **me sentarei** no banco.

Nas construções como as que seguem, os verbos relacionados devem vir acompanhados de pronome oblíquo

Classificar-se

O Cruzeiro **classificou-se** para disputar a próxima fase da Libertadores.

Complicar-se

A situação de Sarney **complicou-se** com as denúncias de improbidade administrativa.

Desvalorizar-se

As ações da GM foram as que mais **se desvalorizaram** no primeiro semestre de 2009.

Espalhar-se

A notícia de que ele chegaria cedo **espalhou-se** pela cidade.

Estragar-se

Se você deixar as frutas fora da geladeira, elas **se estragarão**.

Romper-se

A barragem **rompeu-se** deixando a cidade submersa.

Valorizar-se

As ações da Petrobrás **se valorizaram** em junho.

Regência de alguns nomes

A

Abaixo-assinado **a favor de**, **contra** ou **por** (pelo, pela)

Abalado **com** ou **por**

Abastecido **de** ou **com**

Abatido **de**, **em** ou **por**

Ab-rogado **de**

Abuso **de** ou **contra**

Ação **contra**, **em**, **para** ou **sobre**

Acessível **a**

Acesso **a**, **para** ou **por**

Acordo **com**; **com…para**; **sobre**; **com…sobre**; **para**, **entre**; **entre…para**

Acostumado **a** ou **com**

Acusação **de**, **contra** ou **sobre**

Acusado **de**; **de…contra**

Adaptado **a** ou **de**

Adepto **de**

Adequado **a**

Aderência **a** ou **com**

Aderente **a** ou **com**

Adesão **a**

Aditamento **de**, **a**; **de…a**

Aditivo **a**

Adjudicação **de**, **a**; **de…a**

Advertido **contra**, **de** ou **sobre**

Advogado contra, de; de…contra; de…em

Afetado em, de ou por

Aficionado a

Afiliação a, de; de…a

Afiliado a

Afinado com ou por

Afinidade com, entre ou em

Afixado em

Afluência a, de…a, de…para

Afronta a

Aglutinação de…a; de…com

Aglutinado a ou com

Agraciado com

Agradecimento a, de, por; a…por; de…a…por

Agregado a

Agressão a ou contra

Agressividade com ou contra

Agressivo com ou contra

Ajuda a, contra, em, para; a…em; a…contra

Ajudado por

Ajustado a, com, em ou entre

Ajustável a

Alerta a, contra, para, sobre; a…contra; a…sobre

Alertado contra, de, para ou sobre

Alheio a

Alienação de

Alienado a ou de

Alinhado a ou com

Alinhamento de…a; com ou por

Alocação de…a; de…para; de…em

Alocado a, em ou para

Alusão a

Alusivo a

Análogo a

Anexação a; de…a

Anexado a

Anexo a

Ansioso por

Apaniguado a, de ou por

Apegado a

Apego a ou por

Apelação de; de…para

Apelo a, para; em favor de

Apenso a

Apoiado a, contra, em ou sobre

Apoio a; a…contra; de…a…contra; de…a favor de

Apologia de

Apreciação de ou sobre

Aptidão a, para; de…para

Apto a ou para

Articulação de…com; com ou entre

Articulado a, com ou entre

Ascensão a; de…a; para

Assentado em ou sobre

Assistência a ou de

Assistido de ou por

Atenção a ou para

Atencioso com

Atendido por

Atendimento a; de

Atento a ou em

Ato a favor de, contra ou por

Atração por

Atraído a, para ou por

Atribuição de…a
Atribuído a, por; a…por
Aumentado de…para; em
Aumento de…para; a, em ou **para**
Autorizado a, para ou **por**
Auxiliado em ou **por**
Auxílio a, para, em ou **contra**
Avesso a
Ávido de ou **por**

B

Bacharel em ou **por**
Baseado em (com base em)
Bem-disposto para
Bem-dotado para
Bem-sucedido em
Bem-vindo a
Beneficiado com ou **por**
Benefício a ou **para** (loc. em benefício de)
Benéfico a ou **para**
Benevolente com
Busca a, de ou **por**

C

Candidato a; a…por
Capacidade de ou **para**
Capacitado a ou **para**
Capaz de
Cauteloso com ou **em**
Cindido de ou **em**
Cioso de
Cisão de, em, entre; de…em
Coagido a, por; a…por

Coberto **de**, **com** ou **por**

Coerção **para**, **sobre**; **sobre…para**

Coerência **com**; **em**; **entre**

Coesão **com** ou **entre**

Coexistência **com** ou **entre**

Coincidente **com** ou **em**

Colaboração **com**, **em**, **para**; **com…em**; **em…para**

Comemoração **de** ou **com**

Comentário **de…sobre**; **sobre**

Comparado **a**, **com**, **entre** ou **por**

Compatível **com**

Compelido **a** ou **por**

Composto **de** ou **por**

Comprometido **com** ou **em**

Compromisso **com**, **entre**, **para**, **diante de** ou **perante**

Comum **a**, **em** ou **entre**

Comunicado **a**, **por** ou **sobre**

Concedido **a**

Conciliação **de**, **com**, **entre**; **de…com**

Conclusão **de**, **por** ou **sobre**

Concorrência **com** ou **entre**

Condenação **de**, **a**; **de…a**

Condenado **a** ou **por**

Condição **de** ou **para**

Condizente **com**

Conducente **a**

Conexão **com** ou **entre**

Conferido **a** ou **por**

Confiado **a**

Confiança **em**

Conflito **em** ou **entre**

Conforme **a** ou **com**

Conformidade **a**, **com** ou **entre**

Conhecimento **de**, **em** ou **sobre**

Conivente **com**; **com…em**

Consciência **de** ou **sobre**

Consciente **de**

Cônscio **de**

Consenso **em**, **entre** ou **sobre**

Considerado **como** ou **por** (ou apenas **considerado…**)

Constituído **de** ou **por**

Consulta **a**

Consultado **sobre**

Conversão **de…em**

Convicto **de**

Convocação **a**, **para**; **de…a**

Convocado **a**, **para** ou **por**

Correlação **com** ou **entre**

Correlacionado **a**, **com**, **entre** ou **por**

Culpado **de**, **em** ou **por**

Curioso **de**

D

Dano **a** ou **para**

Danoso **a** ou **para**

Debate **com**, **entre** ou **sobre**

Decidido **a**

Decisão **sobre**

Decisivo **a** ou **para**

Dedicação **a** ou **por**

Dedicado **a**

Defendido **de** ou **contra**

Defensor **de**

Defesa **a**, **de** ou **contra**

Defrontado com

Deliberação de ou **sobre**

Delimitado a

Demanda com, **de** ou **por**

Denúncia de, **contra** ou **sobre**

Dependência de ou **entre**

Dependente de

Derrogação a ou **de**

Desabituado a

Desacordo com, **entre** ou **sobre**

Desacostumado a ou **com**

Desagradável a ou **para**

Desapego a, **com** ou **por**

Desapontado com

Desaprovação a

Desaprovado por

Desatenção a ou **com**

Desatento a

Desavença com ou **entre**

Descompromisso com

Desconfiança de, **contra** ou **sobre**

Desejoso de

Desentendimento com, **entre** ou **sobre**

Deserdado de ou **por**

Desfavorável a

Desinteressado de ou **por**

Desobediência a

Desobediente a

Desobrigado de

Despojado de

Despreocupação com ou **por**

Desrespeito **a**, **com** ou **por**

Desserviço **a**

Destaque **a**, **de** ou **para**

Detenção **de**; **de...em**

Dica **de** ou **sobre**

Dicotomia **entre**

Difícil **a**, **de** ou **para**

Dificuldade **de**, **em** ou **para**

Diligência **sobre...para**; **para** ou **por**

Direcionado **a** ou **para**

Dirigido **a**, **contra** ou **para**

Dispensado **a**, **de**, **para**, **por**; **de...para**

Dividido **em**, **entre**, **por** ou **sobre**

Domiciliado **em**

Dúvida **de** ou **sobre**

E

Educação **em** ou **para**

Efeito **contra**, **em** ou **sobre**

Eficácia **contra** ou **sobre**

Eficaz **contra**, **em**, **para** ou **sobre**

Eficiência **em** ou **para**

Eficiente **em** ou **para**

Egresso **de**

Elevado **a**; **de...para**

Emenda **a**, **de** ou **sobre**

Emergente **de**

Empenhado **em**

Empenho **de**, **contra**, **em**; **de...contra**; **de...em**

Endereçado **a**

Ênfase **em** ou **sobre**

Equiparação **de**, **com**, **em**; **de...com**

Equivalência entre; de…com

Equivalente a ou **em**

Esclarecimento a ou **sobre**

Especialista em

Especializado em

Específico a

Essencial a, em ou **para**

Estudo de ou **sobre**

Exceção a ou **de**

Excedido em

F

Facilidade de, em ou **para**

Facultado a

Falta a

Favorável a ou **para**

Favoravelmente a

Favorecimento de

Fiel a

Formado em, por ou **para**

Fundamental a ou **para**

G

Gerado em ou **por**

Graduado em, por; de…a

Grato a ou **por**

Grudado a

Guerra a ou **contra**

H

Habeas-corpus **de; em favor de**

Habeas-data **contra**

Hábil em

Habilidade de, **em** ou **para**
Habitante de ou **em**
Habituado a ou **com**
Hegemonia de ou **sobre**
Hipótese sobre
Hostil a
Hostilidade a ou **contra**

I

Ida a
Idêntico a ou **em**
Imersão de, **em**; **de…em**
Impacto em ou **sobre**
Impasse entre ou **sobre**
Impelido a, **contra** ou **para**
Implicado com ou **em**
Importância de…em; **de…para**; **para** ou **sobre**
Importante a ou **para**
Impotente contra ou **para**
Impregnado de ou **em**
Impróprio para
Imputação de…a
Imputado a
Imputável a
Imune a
Imunidade a ou **contra**
Imunizado contra
Inábil para
Inacessível a ou **para**
Inadequado a ou **para**
Inaplicável a

Inaptidão a ou **para**

Inapto a ou **para**

Incapaz de ou **para**

Incitação a; de…a

Incitado a

Incitamento a; de…a

Inclinação a, para ou **por**

Incompatibilidade com ou **entre**

Incompatível com

Inconciliável com ou **entre**

Inconformado com

Inconformidade com

Incorporado a ou **em**

Indagado sobre

Indenizado de ou **por**

Independentemente de

Indevassável a

Indicado a ou **para**

Indicativo de

Indiciado como…em; em

Indiferente a, com ou **para**

Indignação com ou **por**

Indignado com, contra ou **por**

Indispensável a, em ou **para**

Indulgente a, para; com…em

Indulto a ou **para**

Induzido a

Ineficácia contra ou **para**

Ineficaz contra, em ou **para**

Ineficiente para

Inepto para

Inerente a

Infenso a

Inferior a ou **em**

Inferioridade em

Infidelidade a

Infiel a

Inflexível em ou **para**

Infligido a

Influência em ou **sobre**

Influenciado por

Ingrato com

Inserção em; de…em

Inserido em, entre ou **por**

Inspirado de, em, para ou **por**

Instrução a, para, sobre; a…para; a…sobre

Instruído a, de, em, para ou **sobre**

Insuspeito a

Integrado a ou **em**

Interdição de

Interessado em ou **por**

Interessante a

Interesse de, em ou **por**

Interrogado por ou **sobre**

Interrogatório sobre

Intervenção em

Intimação de, para; de…para

Intimado a, para ou **por**

Intolerante a ou **com**

Invasão de

Investido de ou **em**

Investigação de ou **sobre**

Isonomia entre

J

Julgamento de ou **sobre**

Juntada de; de…a

Junto a ou **de**

L

Leal a ou **com**

Lealdade a, com ou **em**

Legislação sobre

Legitimação de, para; de…para

Lesado em

Lesão a, de ou **em**

Lesivo a ou **de**

Lícito a

Ligado a, com ou **entre**

Liminar contra

Litígio com, entre ou **sobre**

M

Magnanimidade com ou **em**

Magnânimo com ou **em**

Maior de

Majoração de, em; de…em

Mandado a, contra, para; de…a; de…para

Mandato para

Manifestação de, contra, a favor de ou **sobre**

Manifesto a, contra, por ou **sobre**

Manobra contra, a favor de ou **para**

Manutenção de; de…em

Mediação entre

Medida contra, a favor de ou **para**

Moção a, contra; de…a; de…contra;

Morador em

N

Nascido de ou **em**

Natural de

Necessário a ou **para**

Necessidade de

Negociação com, **entre**; **de**…**com**

Nocivo a

Nomeado para

Notificação de…**a**; **para**

O

Obcecado em, **para** ou **por**

Obediência a

Obediente a

Objeção a

Oblíquo a

Obrigação a, **de** ou **com**

Obrigado a

Obrigatório a ou **para**

Observância a ou **de**

Ódio a ou **contra**

Odioso a ou **para**

Onerado com ou **por**

Oneroso a ou **para**

Opção a ou **por**

Opinião de ou **sobre**

Oposição a ou **entre**

Oposto a

P

Paralelamente a

Paralelo a (em paralelo **com**)

Parecer sobre

Parecido a ou **com**
Pari passu **com**
Participação em
Partícipe de ou **em**
Passível de
Pautado em ou **por**
Penalizado por
Pendência com ou **entre**
Penhora de ou **sobre**
Percepção de ou **sobre**
Perceptível a ou **por**
Perpendicular a
Perquirição sobre
Persistência em
Persistente em
Persuadido a
Possibilidade de
Possível a ou **de**
Postulante a
Precedente a
Predisposição para
Predisposto a ou **para**
Preferência a ou **por**
Preferível a
Prejudicial a
Prestes a ou **para**
Procedente de
Pronto para
Propensão a ou **para**
Propenso a
Proporcional a
Proporcionalmente a

Próprio de ou **para**
Prosseguimento de ou **em**
Próximo a ou **de**
Prudência com ou **em**
Punição a, **de** ou **contra**
Punido de ou **por**

Q

Qualificação de…para; para
Qualificado como, **de** ou **para**
Queixa a…sobre; contra ou **de**
Querido de ou **por**
Questionado sobre

R

Rapidez em
Rápido em
Recluso em
Recomendação a; a…para; de…para
Recomendado a ou **por**
Recondução de…a; para
Reconversão de…em
Recusa a, **de** ou **em**
Referendo sobre
Refletido em
Reflexão em ou **sobre**
Regulamentação de ou **para**
Reinserido em
Reintegração de…em; de…a
Relativamente a
Relevante a ou **para**
Reparação a ou **de**

Residente em

Resistência a ou **contra**

Resistente a

Respeito a ou **por**

S

Sanção a, contra ou **para**

Satisfação com, de, em ou **por**

Satisfatório para

Satisfeito com ou **de**

Segurado contra

Semelhante a; a…em

Sensibilidade a ou **para**

Sensível a ou **para**

Sentença contra ou **a (em) favor de**

Sentenciado a, com ou **em**

Simpatia por

Simpático a

Sito em

Situado em

Subjacente a

Subjugado a

Sublocação de…a

Sublocado a

Sub-rogado a ou **em**

Subserviente a

Subsidiário a ou **de**

Substitutivo a, de ou **sobre**

Superior a

Suspeição de…contra; contra ou **sobre**

T

Tendência a, **de**, **em** ou **para**
Tendente a ou **para**
Tentativa contra, **de** ou **para**
Tolerância a; **de…com**; **para**
Transcrito em ou **para**
Tributação de ou **sobre**
Tributário a ou **de**

U

Ulterior a
Ultrajante a ou **para**
Unânime em
Único a ou **em**
Uniforme em
Urgência em ou **para**
União com ou **entre**
Útil a ou **para**
Utilidade para
Utilizado em ou **para**

V

Válido para
Valioso a ou **para**
Vantagem a, **de**, **em** ou **sobre**
Vazio de
Versado em
Vertido de…a; **de…para**; **em**
Vigente em ou **entre**
Vinculado a, **com** ou **entre**
Visível a
Vital a ou **para**
Voltado a, **contra** ou **para**

Referências

FERNANDES. F. *Dicionário de regimes de substantivos e adjetivos*. 28. ed. Porto Alegre: Globo, 2005.

______. *Dicionário de verbos e regimes*. 44. ed. Porto Alegre: Globo, 2003.

LUFT, C. P. *Dicionário prático de regência nominal*. 4. ed. 7ª impr. São Paulo: Ática, 2007

______. *Dicionário prático de regência verbal*. 8. ed. 11ª impr. São Paulo: Ática, 2007.

ISBN 978-85-909417-2-9

Sérgio Simões

Regência nominal e verbal sem segredo

Série Palavra Final, v. 2

UNINOVE
Universidade Nove de Julho
A UNINOVE É SEMPRE 10

ISBN 978-85-909417-2-9

Sérgio Simões

Regência nominal e verbal sem segredo

Série Palavra Final, v. 2

UNINOVE
Universidade Nove de Julho
A UNINOVE É SEMPRE 10

© 2009 – Universidade Nove de Julho (Uninove)

Capa e projeto gráfico: João Ricardo M. Oliveira

SIMÕES, Sérgio Lourenço. Regência nominal e verbal sem segredo.
São Paulo : UNINOVE, 2009. (Série Palavra final, v. 2)

ISBN 978-85-909417-2-9

1. Língua portuguesa – Regência

CDU 811.134.3'367.625

Autorizada a reprodução desde que citada a fonte.

Sumário

Caro leitor, ...5
Acreditar, pensar 5
Agradar..6
Agradecer 6
Apelar 7
Atender...7
Chegar..8
Comentar(-se) 9
Comemorar 9
Comunicar..10
Comparecer..10
Custar...11
Debater...12
Desfrutar, usufruir, gozar..12
Empatar, ganhar, perder, vencer (no futebol)......................................13
Favorecer 13
Impedir..13
Implicar 13
Inaugurar(-se) 14
Informar 14
Iniciar(-se) 14
Inteirar-se 15
Interferir e intervir..15
Lembrar e esquecer..15
Morar..16
Namorar..16
Pagar e Perdoar 16
Pedir...17
Preferir..18

Recomendar 19
Recorrer 19
Refletir 19
Responder 20
Servir 20
Observe agora estes verbos 21
    Confraternizar 21
    Simpatizar 21
    Sobressair 21
Alguns verbos pronominais 21
    Ajoelhar-se 21
    Aposentar-se 21
    Arrepender-se 21
    Deitar-se 21
    Levantar-se 22
    Queixar-se 22
    Sentar-se 22
    Classificar-se 22
    Complicar-se 22
    Desvalorizar-se 22
    Espalhar-se 22
    Estragar-se 22
    Romper-se 22
    Valorizar-se 23
Regência de alguns nomes 23
    A 23
    B, C 26
    D 28
    E 30
    F, G, H 31
    I 32
    J, L, M 35
    N, O, P 36
    Q, R 38
    S 39
    T, U, V 40
Referências 41

Caro leitor,

Você tem energia de sobra e sabe canalizá-la para o desenvolvimento de tudo o que é bom. Tanto é verdade que, neste momento, você está participando de mais uma sessão de aprendizagem da língua.

Queremos que nos ajude a fazer sempre mais em seu benefício. Para isso, contamos com suas sugestões, perguntas e, principalmente, com a determinação que o impele a avançar na construção do conhecimento.

Continue a buscar e a produzir; incentive seus amigos a fazerem o mesmo. Fale da série *Palavra Final*, mostre-lhes que é uma fonte importantíssima para quem precisa da palavra.

Neste volume, trataremos da regência de alguns verbos e nomes (substantivos e adjetivos).

A regência cuida das relações de dependência que se estabelecem entre os termos na frase. Tais relações se dão direta ou indiretamente entre os termos regentes (que pedem complemento) e os regidos (que os completam).

Quando a dependência é direta, o verbo é transitivo direto, pois exige que a ele se ligue um objeto direto (sem o auxílio de uma preposição). Se indireta, o verbo é transitivo indireto, o que nos obriga a completá-lo com um objeto indireto (com o auxílio de uma preposição).

Acreditar, pensar

Estes verbos são transitivos indiretos, pois exigem complementos que a eles se ligam com o auxílio de uma preposição:

Acredite e **pense** **em** mim, **em** nós, **em** todos aqueles que gostam de você e, principalmente, **em** si mesmo.

Acredite **em** sua capacidade de resolver todos os problemas.

Pense sempre **no** recebimento de boas notícias, resultado de seu esforço e dedicação.

No entanto, quando recebem uma oração como complemento, dispensam a preposição.

Assim,

Acredite que você possa resolver todos os problemas.

Pense que você receberá uma boa notícia,
resultado de seu esforço e dedicação.

Agradar

No sentido de **mimar**, **acariciar**, **afagar**, use-o sem preposição:

Os avós sempre **agradam** os netos.

Como **contentar**, **satisfazer**, utilize-o com a preposição **a**:

O *show* de Roberto Carlos **agradou a** todos os presentes.

O discurso de Obama **agradou a**os empresários da construção civil.

Sua coerência sempre **nos agrada**. (a nós).

Agradecer

Indica gratidão:

Agradeça sempre alguma coisa **a** alguém.

Nesta construção, a coisa é sempre o objeto direto, e a pessoa, o indireto. Assim,

Agradeça o convite que o presidente lhe fez.

Agradeça ao presidente.

Agradeça a ele.

Agradeça-lhe.

Agradeça-lhe o convite.

Evite a construção com os pronomes oblíquos **o** e **a**:

Agradeço-o; **agradeço**-a.

Se quiser, você poderá omitir o complemento:

Recebeu o convite e **agradeceu**.

Obs.: também é possível usar a forma **agradecer a** alguém **por algo,** em que o verbo recebe o complemento indireto (pessoa) acompanhado de adjunto adverbial da causa (o motivo pelo qual se agradece):

Agradeça a Deus **por estar vivo**.

Apelar

Pode-se **apelar a** ou **para**:

Ele **apelou aos** amigos quando precisou de ajuda. (pedir auxílio)

Quando está em apuros, **apela para** os irmãos. (valer-se)

Na área jurídica, no sentido de **recorrer por apelação a**, **interpor recurso**, usa-se **apelar de**, **para**; **de**…**para**:

O advogado **apelou da** sentença **para** a instância superior.

O réu **apelou para** o juiz.

Temos certeza de que o advogado **apelaria da** decisão em primeira instância, se a pronúncia do juiz não fosse favorável…

Atender

No sentido de **recepcionar**, **receber**, **acolher** ou **ouvir com atenção**, use a construção direta para pessoas, e indireta, para objetos, coisas (chamadas, exigências, intimações, pedidos, reivindicações etc.):

O prefeito **atendeu a população**.

O médico **atendeu o paciente**.

O prefeito **atendeu aos clamores** da população.

As escolas públicas não **atendem às necessidades** dos jovens.

Quando se tratar de campainha, telefone, bairro, cidade etc., prefira a forma direta, pois está implícito na frase que alguém atendeu quem tocou a campainha ou fez a ligação, e alguma pessoa deu atendimento aos moradores de uma dada região:

Paulo, **atenda o telefone**.

Alguém está tocando a campainha. Você pode **atendê-la** (ou **atendê-lo**, concordando com alguém)?

Neste caso, pode-se usar o verbo sem o complemento pessoa (está subentendido):

Alguém está tocando a campainha. Você pode **atender**?

O prefeito **atenderá o bairro da Mooca** e **a Vila Sônia**. (os moradores)

Chegar

Se tiver vontade de **chegar** bem, **chegue** sempre **a**.

O verbo **chegar** indica movimento, pressupõe que houve deslocamento de um lugar para outro (permita-nos a redundância, pois não há deslocamento se ficarmos no mesmo lugar). E por falar nisso, estamos preparando um prato de redundâncias deliciosas. Você poderá saboreá-lo em um dos próximos volumes da série.

Mas voltemos ao que nos interessa:

Chegue sempre **à** praia.

Chegue à empresa para trabalhar.

Chegue à conclusão de que tudo é maravilhoso.

Portanto,

Chegar em é nunca sair do ponto de partida. **Evite**.

Comentar(-se)

Sempre **comente algo** com alguém (se você quiser, é claro), mas jamais **comente sobre** um assunto, pois o verbo não admite tal preposição:

Assim,

Comentamos o golpe militar ocorrido em Honduras. (correto)

Comentamos sobre o golpe militar ocorrido em Honduras. (errado)

Comentou-se a morte de Michael Jackson. (correto)

Comentou-se sobre a morte de Michael Jackson. (errado)

No entanto, se substituirmos **comentar** por **comentários**, o **sobre** aparecerá:

Podemos **fazer comentários sobre** o golpe militar ocorrido em Honduras.

Houve **comentários sobre** o desaparecimento do médico de Michael Jackson.

Comemorar

Obs.: Sempre se comemoram fatos positivos:
Comemora-se o nascimento de alguém, mas não a morte.

No dia 25 de dezembro, **comemora-se o nascimento de Cristo**.

Os brasileiros **comemoraram**, no dia 13 de maio, **os 121 anos de abolição dos escravos**.

Em outras situações, utilize **assinalar**, **lembrar**, **marcar, relembrar, reviver** etc.:

No dia 16 de julho, **relembramos** (e não comemoramos) **a derrota do Brasil** para o Uruguai na Copa de 1950.

11 de setembro será sempre **lembrado** como um dos dias mais trágicos da história moderna dos EUA.

Obs.: Com o substantivo **comemoração**, devemos agir da mesma forma:
No dia 28 de junho, houve grande festa em **comemoração da vitória do Brasil** na Copa das Nações.

Comunicar

Sempre **comunique** algo **a** alguém**,** mas nunca **comunique** alguém **sobre** ou **de** alguma coisa:

Assim,

O diretor **comunicou as decisões do conselho** aos professores. (correto)

O diretor **comunicou-lhes as decisões do conselho**. (correto)

Comunicou-se a decisão **aos** professores. (correto)

O diretor **comunicou** os professores sobre as
ou das decisões do conselho. **(**errado**)**

Em hipótese alguma diga:

Os professores **foram comunicados das** decisões do conselho.

Lembre-se de que ninguém pode **ser comunicado** (e sim **informado**, **cientificado**, **avisado**) de algo.

Portanto,

Os professores **foram informados**, **avisados das** decisões do conselho.

A comunidade **foi cientificada** ou **avisada de**
que as enchentes seriam inevitáveis.

Comparecer

Prefira **comparecer a**:

Jorge **comparecerá ao evento**.

O advogado de defesa não **compareceu à audiência**.

Usa-se **em** e não **a** neste tipo de construção:

Fidel Castro não tem **comparecido em** público faz algum tempo.

No sentido de **ir a juízo**, **prestar depoimento**, **prestar contas**, pode-se usar **ante**, **diante**, **perante**:

Os indiciados **compareceram perante o** Tribunal.

O réu **compareceu ante o** juiz.

Custar

Tome cuidado com o emprego de **custar** no sentido de **ser difícil**, **custoso**, **moroso**, pois o que se vê no emprego desse verbo são as marcas da oralidade:

Paulo custou a entender a matéria.

Ele custa para resolver os problemas propostos pelo professor.

Para evitar esse desvio normativo, siga estes passos:

a) O que foi difícil, custoso a Paulo?

Entender a matéria.

Portanto,

Custou a Paulo entender a matéria;

Custou a ele entender a matéria;

Custou-lhe entender a matéria.

b) O que é difícil, custoso a ele?

Resolver os problemas propostos pelo professor.

Portanto, custa-lhe resolver os problemas propostos pelo professor.

Veja mais estes:

Custa-lhe enxergar o bom caminho.

Não **me custa lutar** por uma boa causa.

Debater

É bom evitar **debater** sobre ou a respeito de **algum assunto**. O verbo debater, em sua regência direta, exige que o objeto do debate seja ligado a ele sem preposição:

Os membros da comissão **debateram as propostas** de mudança no Código Civil.

Debate-se (analisa-se, discute-se, examina-se) algo **com** alguém:

Os professores **debateram a nova proposta** de avaliação **com** os coordenadores.

Obs.: Com o substantivo **debate**, pode-se utilizar **sobre** (e sinônimos), **entre** e **com**:
Houve uma série de **debates entre** os concorrentes.
Não existe a necessidade de **debate sobre** os motivos que levaram à suspensão das buscas pelos corpos das vítimas do voo AF 447.
Hoje à noite, haverá **debates com** os líderes do governo **sobre** as novas propostas de desoneração dos salários.

Desfrutar, usufruir, gozar

Prefira **desfrutar**, **usufruir** e **gozar** os bons momentos que o viver lhe proporciona. (Sem a preposição **de**)

E agora, mais alguns exemplos para você:

Rosivalda **usufrui o que o pai lhe deixou como herança**.

Desfrute as delícias desta cidade.

Goze; **goze**, sem medo, **os prazeres da vida**.

Empatar, ganhar, perder, vencer (no futebol)

Um time **empata**, **perde** ou **ganha** **por:**

O Corinthians **empatou** com o Internacional **por** 2 a 2.

A Paraná **perdeu** **por** 1 a 0 para a Portuguesa.

O Brasil **ganhou** dos Estados Unidos **por** 3 a 2.

Roger Federer **venceu** Andy Roddick **por** 3 *sets* a 2.

Favorecer

Sempre se **favorece** **alguém** ou **alguma coisa**:

No jogo do Palmeiras contra o Santos, o juiz **favoreceu** **o Santos**.

No Brasil, os deputados, senadores e vereadores se valem da posição que ocupam para **favorecer** **parentes e aliados políticos**.

Impedir

Pode-se **impedir** alguém **de** alguma coisa ou **impedir** algo a alguém:

Impeça-o de agir intempestivamente.

Impedimos **que todos saíssem**.

Impedimos **a saída de todos**.

Impeça-lhes a entrada.

Impeça **a entrada deles**.

Impeça **que eles entrem**.

Implicar

No sentido de **acarretar**, **envolver**, **pressupor**, utiliza-se a forma direta (sem a preposição **em**):

A isenção do IPI **implicará** **perda de receita** para a União.

Ser bom profissional **implica** **agir** com responsabilidade e competência.

Obs.: Usa-se preposição nestes casos:
Indivíduos inescrupulosos **implicaram** o adolescente **em** crime de tráfico de drogas. (envolver alguém **em** algo)
Jeremias **implica** **com** os colegas de turma. (ter implicância)

Inaugurar(-se)

Alguém **inaugura** alguma coisa (sem o pronome):

O presidente **inaugurou** a plataforma de Campos.

Mas algo sempre **se inaugura**:

A plataforma **se inaugurou** ontem (foi inaugurada).

Informar

Pode-se **informar** algo **a** alguém:

O gerente **informou** **aos funcionários** o horário de trabalho.

O gerente **informou-lhes** o horário de trabalho.

Ou **informar** alguém **de** algo:

O gerente **informou** os funcionários **do** horário de trabalho.

O gerente **informou**-os **do** horário que deveriam cumprir.

O médico **informou** a paciente **de** que ela não poderia dar à luz.

Iniciar(-se)

Pode-se escrever que alguém **inicia** (principia, começa) alguma coisa:

Paulo **iniciou** as atividades às 15 horas.

Ou alguém **inicia** (dá as primeiras noções) outrem em algo:

O Grão-mestre **iniciou**-o na maçonaria.

Ou **se inicia** (busca conhecimento) em algo:

Paulo **iniciou-se** em filosofia.

Em se tratando de evento (coisa), use sempre **iniciar-se**:

As comemorações **se iniciarão** no dia 1º de setembro.

Inteirar-se

Procure **inteirar-se** (tomar ciência) **de** todos os assuntos.

O advogado **inteirou-se dos** fatos.

No sentido de tornar ciente, informar, deve-se utilizar inteirar alguém de algo:

O diretor **inteirou** os professores da situação provocada pela gripe H1N1.

O diretor **inteirou**-os da situação.

Interferir e intervir

Interfira ou **intervenha** sempre **em**:

Interfira em todos os assuntos.

Interveio no debate para apaziguar os ânimos.

Lembrar e esquecer

Você deve sempre **lembrar** ou **esquecer** alguma coisa ou alguém (sem preposição):

Lembre os bons tempos.

Amigos, **lembremos que** manter a unidade linguística é reforçar os valores do cidadão.

"**Esqueça que** ele não 'te' ama".

Entretanto, quando **lembrar** e **esquecer** estiverem acompanhados de pronome, a preposição **de** se imporá:

Lembre-se de que é preciso reconhecer-se no outro.

Não **se esqueça de que** só existe crescimento, se houver comprometimento, vontade e competência.

Lembremo-nos de nosso **compromisso** maior: amar.

Esqueci-me de que estarias à porta na esperança de conquistar novos amigos.

Morar

Se você quiser morar bem, **more, resida, situe-se** sempre **em**, sem medo de errar:

Moro na Rua Jacarandá, 12.

A UNINOVE **está situada na** Rua Diamantina, 310.

Você **reside na** Avenida Cruzeiro do Sul?

Namorar

Não se atreva a **namorar com** alguém; namore **sem a preposição**, pois só assim você poderá desfrutar bons momentos ao lado de quem lhe dedica amor, sem nenhuma interferência (mesmo que seja a da **preposição**):

Paula **namora** Marcos.

Quero **namorá-la**.

Hermengarda **namorava** Eurico.

Pagar e Perdoar

Obs.: Lembre-se de que devemos **pagar** e **perdoar** sempre alguma coisa.

Assim,

Pagamos a dívida.

Perdoamos os erros.

Obs.: Com referência à pessoa – destinatário do pagamento ou do perdão –, sempre **pague** ou **perdoe** **a alguém**:

Pagamos a dívida **ao credor**.

Pagamos **a ele**.

Pagamos-lhe a dívida.

Perdoa-lhe os erros.

Perdoamos **aos culpados**.

Perdoaram-lhes as faltas.

Não se esqueça de que Cristo, antes de expiar, implorou ao Pai que **perdoasse** **àqueles** que o crucificaram.

A célebre frase do apelo foi: "Pai, **perdoai-lhes**, porque não sabem o que fazem".

E por ser perfeito, deixou-nos uma frase impecável. Por isso, sigamos seu exemplo.

Pedir

Sempre **peça** alguma coisa **a** ou **para** alguém.

Peça-lhe que empreste o dinheiro para uma boa causa.

Peço-lhe que me desculpe.

Peço-lhe desculpas.

Acompanhe os seguintes passos:

Pedimos a quem?

Pedimos **ao diretor**.

Pedimos o quê?

Pedimos que justificasse sua decisão.

Portanto,

Pedimos ao diretor que justificasse sua decisão.

Pedimos-lhe que justificasse sua decisão.

Obs.: Peça sempre **a** alguém que faça algo, mas nunca **para** que o faça (a preposição é inadmissível neste caso).

Pedimos para que fosse embora. (errado)

Pedimos que fosse embora. (correto)

Pedi-lhe para que saísse imediatamente. (errado)

Pedi-lhe que saísse imediatamente. (correto)

No entanto,

Pedi para ir ao banheiro.

Neste caso a frase está correta, pois o que se pediu foi **permissão, licença** para ir ao banheiro.

Preferir

É muito comum o uso de do que ou que e, às vezes, mais do que com o verbo **preferir** e seus derivados, o que demonstra a falta de intimidade do falante com a língua.

É lamentável ouvirmos ou lermos "Prefiro mais estudar do que trabalhar".

Por isso, aconselhamos que você evite esse tipo de construção. **Prefira** sempre uma coisa **a** outra:

Prefira doce **a** salgado.

Prefira ficar em casa **a** andar solitariamente.

Prefiro estar nua **a** usar peles. (protesto de uma ecologista)

É **preferível** ódio **a** compaixão.

Recomendar

Deve-se **recomendar** algo **a** alguém (aconselhar, indicar):

O cirurgião **recomendou** repouso **ao** paciente.

O cirurgião **recomendou-lhe** repouso.

Recomendo-lhes a leitura do Código Civil.

Recomendei o profissional **ao** diretor.

Recorrer

No sentido de **pedir socorro** ou **lançar mão de, valer-se**, utilize **recorrer a:**

Recorra a Deus quando for necessário.

Não devemos **recorrer a** expedientes "escusos"
para concretização de nossos ideais.

Na área jurídica, indicando **interpor recurso**, **apelar**, deve-se usar **recorrer de**, **para**; **de**…**para**:

Recorreu para o Supremo Tribunal Federal.

Paulo **recorreu da** decisão.

Cristiane **recorrerá da** pronúncia em primeira instância **para** a segunda.

Refletir

Admite as seguintes construções:

O espelho **refletia** tua beleza.

Tua beleza **refletia-se no** espelho.

A crise econômica dos Estados Unidos **refletiu(-se)**
em todos os mercados.

Reflita bem **sobre** as consequências desse ato tresloucado.

Responder

Nos textos formais, prefira a forma indireta do verbo (com a preposição **a**), quando o sentido do verbo for **dar resposta a** alguma coisa ou **a** alguém:

Responda às questões abaixo…

Você **deve responder às** cartas dos leitores.

Respondi-lhe que iria.

Para exprimir a resposta (teor), a regência direta se impõe:

Respondi o que tive vontade.

Você só consegue **responder essas asneiras**?

Servir

Serviu-se do que estava na mesa.

Sirva-lhe o jantar.

Pedro **servirá no** 5º batalhão.

As informações **serviram de** pretexto para
Paulo não continuar o trabalho.

Obs.: O verbo **servir** não admite **como**. Em seu lugar utilize a preposição **de**:
Sua honestidade **serve de** (e não como) exemplo para todos.

Observe agora estes verbos

Para consulta rápida:

Confraternizar

Não aceita o pronome **SE**:

Eles **confraternizaram** no fim de semana.

Paulo **confraterniza com** os colegas de trabalho.

Simpatizar

Não aceita o pronome **SE**:

Glória **simpatiza com** todos os alunos da sala.

Sobressair

Sempre sem o **SE**:

Ele é um dos que mais **sobressaem** durante o debate.

Alguns verbos pronominais

Sempre acompanhados de pronome oblíquo

Ajoelhar-se

Ajoelhe-se para que eu possa coroá-lo, grande cavaleiro!

Aposentar-se

Flávia **se aposentará** com 45 anos de idade.

Arrepender-se

Arrepende-te de todo o mal que causaste ao país.

Deitar-se

Deitei-me às 23h30 e levantei-me às 6 horas.

Ela **se deitou** às 21 horas.

Levantar-se

Se você não se levantar, continuarei sentado.

Queixar-se

Sempre com a preposição de:

Queixa-se de todos os amigos.

Queixa-se de que não lhe dão a devida atenção.

Sentar-se

Sente-se à mesa, que **me sentarei** no banco.

Nas construções como as que seguem, os verbos relacionados devem vir acompanhados de pronome oblíquo

Classificar-se

O Cruzeiro **classificou-se** para disputar a próxima fase da Libertadores.

Complicar-se

A situação de Sarney **complicou-se** com as denúncias de improbidade administrativa.

Desvalorizar-se

As ações da GM foram as que mais **se desvalorizaram** no primeiro semestre de 2009.

Espalhar-se

A notícia de que ele chegaria cedo **espalhou-se** pela cidade.

Estragar-se

Se você deixar as frutas fora da geladeira, elas **se estragarão**.

Romper-se

A barragem **rompeu-se** deixando a cidade submersa.

Valorizar-se

As ações da Petrobrás **se valorizaram** em junho.

Regência de alguns nomes

A

Abaixo-assinado a favor de, **contra** ou **por** (pelo, pela)

Abalado com ou **por**

Abastecido de ou **com**

Abatido de, **em** ou **por**

Ab-rogado de

Abuso de ou **contra**

Ação contra, **em**, **para** ou **sobre**

Acessível a

Acesso a, **para** ou **por**

Acordo com; **com…para**; **sobre**; **com…sobre**; **para**, **entre**; **entre…para**

Acostumado a ou **com**

Acusação de, **contra** ou **sobre**

Acusado de; **de…contra**

Adaptado a ou **de**

Adepto de

Adequado a

Aderência a ou **com**

Aderente a ou **com**

Adesão a

Aditamento de, **a**; **de…a**

Aditivo a

Adjudicação de, **a**; **de…a**

Advertido contra, **de** ou **sobre**

Advogado contra, de; de…contra; de…em

Afetado em, de ou por

Aficionado a

Afiliação a, de; de…a

Afiliado a

Afinado com ou por

Afinidade com, entre ou em

Afixado em

Afluência a, de…a, de…para

Afronta a

Aglutinação de…a; de…com

Aglutinado a ou com

Agraciado com

Agradecimento a, de, por; a…por; de…a…por

Agregado a

Agressão a ou contra

Agressividade com ou contra

Agressivo com ou contra

Ajuda a, contra, em, para; a…em; a…contra

Ajudado por

Ajustado a, com, em ou entre

Ajustável a

Alerta a, contra, para, sobre; a…contra; a…sobre

Alertado contra, de, para ou sobre

Alheio a

Alienação de

Alienado a ou de

Alinhado a ou com

Alinhamento de…a; com ou por

Alocação de…a; de…para; de…em

Alocado a, em ou para

Alusão a

Alusivo **a**

Análogo **a**

Anexação **a; de…a**

Anexado **a**

Anexo **a**

Ansioso **por**

Apaniguado **a, de** ou **por**

Apegado **a**

Apego **a** ou **por**

Apelação **de; de…para**

Apelo **a, para; em favor de**

Apenso **a**

Apoiado **a, contra, em** ou **sobre**

Apoio **a; a…contra; de…a…contra; de…a favor de**

Apologia **de**

Apreciação **de** ou **sobre**

Aptidão **a, para; de…para**

Apto **a** ou **para**

Articulação **de…com; com** ou **entre**

Articulado **a, com** ou **entre**

Ascensão **a; de…a; para**

Assentado **em** ou **sobre**

Assistência **a** ou **de**

Assistido **de** ou **por**

Atenção **a** ou **para**

Atencioso **com**

Atendido **por**

Atendimento **a; de**

Atento **a** ou **em**

Ato **a favor de, contra** ou **por**

Atração **por**

Atraído **a, para** ou **por**

Atribuição de…a

Atribuído a, por; a…por

Aumentado de…para; em

Aumento de…para; a, em ou **para**

Autorizado a, para ou **por**

Auxiliado em ou **por**

Auxílio a, para, em ou **contra**

Avesso a

Ávido de ou **por**

B

Bacharel em ou **por**

Baseado em (com base em)

Bem-disposto para

Bem-dotado para

Bem-sucedido em

Bem-vindo a

Beneficiado com ou **por**

Benefício a ou **para** (loc. em benefício de)

Benéfico a ou **para**

Benevolente com

Busca a, de ou **por**

C

Candidato a; a…por

Capacidade de ou **para**

Capacitado a ou **para**

Capaz de

Cauteloso com ou **em**

Cindido de ou **em**

Cioso de

Cisão de, em, entre; de…em

Coagido a, por; a…por

Coberto **de**, **com** ou **por**

Coerção **para**, **sobre**; **sobre…para**

Coerência **com**; **em**; **entre**

Coesão **com** ou **entre**

Coexistência **com** ou **entre**

Coincidente **com** ou **em**

Colaboração **com**, **em**, **para**; **com…em**; **em…para**

Comemoração **de** ou **com**

Comentário **de…sobre**; **sobre**

Comparado **a**, **com**, **entre** ou **por**

Compatível **com**

Compelido **a** ou **por**

Composto **de** ou **por**

Comprometido **com** ou **em**

Compromisso **com**, **entre**, **para**, **diante de** ou **perante**

Comum **a**, **em** ou **entre**

Comunicado **a**, **por** ou **sobre**

Concedido **a**

Conciliação **de**, **com**, **entre**; **de…com**

Conclusão **de**, **por** ou **sobre**

Concorrência **com** ou **entre**

Condenação **de**, **a**; **de…a**

Condenado **a** ou **por**

Condição **de** ou **para**

Condizente **com**

Conducente **a**

Conexão **com** ou **entre**

Conferido **a** ou **por**

Confiado **a**

Confiança **em**

Conflito **em** ou **entre**

Conforme **a** ou **com**

Conformidade a, **com** ou **entre**

Conhecimento de, **em** ou **sobre**

Conivente com; **com…em**

Consciência de ou **sobre**

Consciente de

Cônscio de

Consenso em, **entre** ou **sobre**

Considerado como ou **por** (ou apenas **considerado…**)

Constituído de ou **por**

Consulta a

Consultado sobre

Conversão de…em

Convicto de

Convocação a, **para**; **de…a**

Convocado a, **para** ou **por**

Correlação com ou **entre**

Correlacionado a, **com**, **entre** ou **por**

Culpado de, **em** ou **por**

Curioso de

D

Dano a ou **para**

Danoso a ou **para**

Debate com, **entre** ou **sobre**

Decidido a

Decisão sobre

Decisivo a ou **para**

Dedicação a ou **por**

Dedicado a

Defendido de ou **contra**

Defensor de

Defesa a, **de** ou **contra**

Defrontado com

Deliberação de ou **sobre**

Delimitado a

Demanda com, **de** ou **por**

Denúncia de, **contra** ou **sobre**

Dependência de ou **entre**

Dependente de

Derrogação a ou **de**

Desabituado a

Desacordo com, **entre** ou **sobre**

Desacostumado a ou **com**

Desagradável a ou **para**

Desapego a, **com** ou **por**

Desapontado com

Desaprovação a

Desaprovado por

Desatenção a ou **com**

Desatento a

Desavença com ou **entre**

Descompromisso com

Desconfiança de, **contra** ou **sobre**

Desejoso de

Desentendimento com, **entre** ou **sobre**

Deserdado de ou **por**

Desfavorável a

Desinteressado de ou **por**

Desobediência a

Desobediente a

Desobrigado de

Despojado de

Despreocupação com ou **por**

Desrespeito **a**, **com** ou **por**

Desserviço **a**

Destaque **a**, **de** ou **para**

Detenção **de**; **de…em**

Dica **de** ou **sobre**

Dicotomia **entre**

Difícil **a**, **de** ou **para**

Dificuldade **de**, **em** ou **para**

Diligência **sobre…para**; **para** ou **por**

Direcionado **a** ou **para**

Dirigido **a**, **contra** ou **para**

Dispensado **a**, **de**, **para**, **por**; **de…para**

Dividido **em**, **entre**, **por** ou **sobre**

Domiciliado **em**

Dúvida **de** ou **sobre**

E

Educação **em** ou **para**

Efeito **contra**, **em** ou **sobre**

Eficácia **contra** ou **sobre**

Eficaz **contra**, **em**, **para** ou **sobre**

Eficiência **em** ou **para**

Eficiente **em** ou **para**

Egresso **de**

Elevado **a**; **de…para**

Emenda **a**, **de** ou **sobre**

Emergente **de**

Empenhado **em**

Empenho **de**, **contra**, **em**; **de…contra**; **de…em**

Endereçado **a**

Ênfase **em** ou **sobre**

Equiparação **de**, **com**, **em**; **de…com**

Equivalência entre; **de…com**

Equivalente a ou **em**

Esclarecimento a ou **sobre**

Especialista em

Especializado em

Específico a

Essencial a, **em** ou **para**

Estudo de ou **sobre**

Exceção a ou **de**

Excedido em

F

Facilidade de, **em** ou **para**

Facultado a

Falta a

Favorável a ou **para**

Favoravelmente a

Favorecimento de

Fiel a

Formado em, **por** ou **para**

Fundamental a ou **para**

G

Gerado em ou **por**

Graduado em, **por**; **de…a**

Grato a ou **por**

Grudado a

Guerra a ou **contra**

H

Habeas-corpus **de**; **em favor de**

Habeas-data **contra**

Hábil em

Habilidade de, **em** ou **para**
Habitante de ou **em**
Habituado a ou **com**
Hegemonia de ou **sobre**
Hipótese sobre
Hostil a
Hostilidade a ou **contra**

I

Ida a
Idêntico a ou **em**
Imersão de, **em**; **de…em**
Impacto em ou **sobre**
Impasse entre ou **sobre**
Impelido a, **contra** ou **para**
Implicado com ou **em**
Importância de…em; **de…para**; **para** ou **sobre**
Importante a ou **para**
Impotente contra ou **para**
Impregnado de ou **em**
Impróprio para
Imputação de…a
Imputado a
Imputável a
Imune a
Imunidade a ou **contra**
Imunizado contra
Inábil para
Inacessível a ou **para**
Inadequado a ou **para**
Inaplicável a

Inaptidão **a** ou **para**

Inapto **a** ou **para**

Incapaz **de** ou **para**

Incitação **a; de…a**

Incitado **a**

Incitamento **a; de…a**

Inclinação **a**, **para** ou **por**

Incompatibilidade **com** ou **entre**

Incompatível **com**

Inconciliável **com** ou **entre**

Inconformado **com**

Inconformidade **com**

Incorporado **a** ou **em**

Indagado **sobre**

Indenizado **de** ou **por**

Independentemente **de**

Indevassável **a**

Indicado **a** ou **para**

Indicativo **de**

Indiciado **como…em; em**

Indiferente **a**, **com** ou **para**

Indignação **com** ou **por**

Indignado **com**, **contra** ou **por**

Indispensável **a**, **em** ou **para**

Indulgente **a**, **para; com…em**

Indulto **a** ou **para**

Induzido **a**

Ineficácia **contra** ou **para**

Ineficaz **contra**, **em** ou **para**

Ineficiente **para**

Inepto **para**

Inerente a

Infenso a

Inferior a ou **em**

Inferioridade em

Infidelidade a

Infiel a

Inflexível em ou **para**

Infligido a

Influência em ou **sobre**

Influenciado por

Ingrato com

Inserção em; de...em

Inserido em, entre ou **por**

Inspirado de, em, para ou **por**

Instrução a, para, sobre; a...para; a...sobre

Instruído a, de, em, para ou **sobre**

Insuspeito a

Integrado a ou **em**

Interdição de

Interessado em ou **por**

Interessante a

Interesse de, em ou **por**

Interrogado por ou **sobre**

Interrogatório sobre

Intervenção em

Intimação de, para; de...para

Intimado a, para ou **por**

Intolerante a ou **com**

Invasão de

Investido de ou **em**

Investigação de ou **sobre**

Isonomia entre

J

Julgamento de ou **sobre**

Juntada de; **de...a**

Junto a ou **de**

L

Leal a ou **com**

Lealdade a, **com** ou **em**

Legislação sobre

Legitimação de, **para**; **de...para**

Lesado em

Lesão a, **de** ou **em**

Lesivo a ou **de**

Lícito a

Ligado a, **com** ou **entre**

Liminar contra

Litígio com, **entre** ou **sobre**

M

Magnanimidade com ou **em**

Magnânimo com ou **em**

Maior de

Majoração de, **em**; **de...em**

Mandado a, **contra**, **para**; **de...a**; **de...para**

Mandato para

Manifestação de, **contra**, **a favor de** ou **sobre**

Manifesto a, **contra**, **por** ou **sobre**

Manobra contra, **a favor de** ou **para**

Manutenção de; **de...em**

Mediação entre

Medida contra, **a favor de** ou **para**

Moção a, **contra**; **de...a**; **de...contra**;

Morador em

N

Nascido de ou **em**
Natural de
Necessário a ou **para**
Necessidade de
Negociação com, entre; de…com
Nocivo a
Nomeado para
Notificação de…a; para

O

Obcecado em, para ou **por**
Obediência a
Obediente a
Objeção a
Oblíquo a
Obrigação a, de ou **com**
Obrigado a
Obrigatório a ou **para**
Observância a ou **de**
Ódio a ou **contra**
Odioso a ou **para**
Onerado com ou **por**
Oneroso a ou **para**
Opção a ou **por**
Opinião de ou **sobre**
Oposição a ou **entre**
Oposto a

P

Paralelamente a
Paralelo a (em paralelo **com**)
Parecer sobre

Parecido a ou **com**

Pari passu **com**

Participação em

Partícipe de ou **em**

Passível de

Pautado em ou **por**

Penalizado por

Pendência com ou **entre**

Penhora de ou **sobre**

Percepção de ou **sobre**

Perceptível a ou **por**

Perpendicular a

Perquirição sobre

Persistência em

Persistente em

Persuadido a

Possibilidade de

Possível a ou **de**

Postulante a

Precedente a

Predisposição para

Predisposto a ou **para**

Preferência a ou **por**

Preferível a

Prejudicial a

Prestes a ou **para**

Procedente de

Pronto para

Propensão a ou **para**

Propenso a

Proporcional a

Proporcionalmente a

Próprio de ou **para**

Prosseguimento de ou **em**

Próximo a ou **de**

Prudência com ou **em**

Punição a, **de** ou **contra**

Punido de ou **por**

Q

Qualificação de…para; para

Qualificado como, **de** ou **para**

Queixa a…sobre; contra ou **de**

Querido de ou **por**

Questionado sobre

R

Rapidez em

Rápido em

Recluso em

Recomendação a; a…para; de…para

Recomendado a ou **por**

Recondução de…a; para

Reconversão de…em

Recusa a, **de** ou **em**

Referendo sobre

Refletido em

Reflexão em ou **sobre**

Regulamentação de ou **para**

Reinserido em

Reintegração de…em; de…a

Relativamente a

Relevante a ou **para**

Reparação a ou **de**

Residente em

Resistência a ou **contra**

Resistente a

Respeito a ou **por**

S

Sanção a, contra ou **para**

Satisfação com, de, em ou **por**

Satisfatório para

Satisfeito com ou **de**

Segurado contra

Semelhante a; a…em

Sensibilidade a ou **para**

Sensível a ou **para**

Sentença contra ou **a (em) favor de**

Sentenciado a, com ou **em**

Simpatia por

Simpático a

Sito em

Situado em

Subjacente a

Subjugado a

Sublocação de…a

Sublocado a

Sub-rogado a ou **em**

Subserviente a

Subsidiário a ou **de**

Substitutivo a, de ou **sobre**

Superior a

Suspeição de…contra; contra ou **sobre**

T

Tendência **a**, **de**, **em** ou **para**

Tendente **a** ou **para**

Tentativa **contra**, **de** ou **para**

Tolerância **a**; **de…com**; **para**

Transcrito **em** ou **para**

Tributação **de** ou **sobre**

Tributário **a** ou **de**

U

Ulterior **a**

Ultrajante **a** ou **para**

Unânime **em**

Único **a** ou **em**

Uniforme **em**

Urgência **em** ou **para**

União **com** ou **entre**

Útil **a** ou **para**

Utilidade **para**

Utilizado **em** ou **para**

V

Válido **para**

Valioso **a** ou **para**

Vantagem **a**, **de**, **em** ou **sobre**

Vazio **de**

Versado **em**

Vertido **de…a**; **de…para**; **em**

Vigente **em** ou **entre**

Vinculado **a**, **com** ou **entre**

Visível **a**

Vital **a** ou **para**

Voltado **a**, **contra** ou **para**

Referências

FERNANDES. F. *Dicionário de regimes de substantivos e adjetivos*. 28. ed. Porto Alegre: Globo, 2005.

______. *Dicionário de verbos e regimes*. 44. ed. Porto Alegre: Globo, 2003.

LUFT, C. P. *Dicionário prático de regência nominal*. 4. ed. 7ª impr. São Paulo: Ática, 2007

______. *Dicionário prático de regência verbal*. 8. ed. 11ª impr. São Paulo: Ática, 2007.

ISBN 978-85-909417-2-9

Sérgio Simões

Regência **nominal** e **verbal** sem segredo

Série **Palavra Final**, v. 2

UNINOVE
Universidade Nove de Julho
A UNINOVE É SEMPRE 10

ISBN 978-85-909417-2-9

Sérgio Simões

Regência nominal e verbal sem segredo

Série **Palavra Final**, v. 2

UNINOVE
Universidade Nove de Julho
A UNINOVE É SEMPRE 10

© 2009 – Universidade Nove de Julho (Uninove)

Capa e projeto gráfico: João Ricardo M. Oliveira

SIMÕES, Sérgio Lourenço. Regência nominal e verbal sem
segredo.
São Paulo : UNINOVE, 2009. (Série Palavra final,
v. 2)

ISBN 978-85-909417-2-9

1. Língua portuguesa – Regência

CDU 811.134.3’367.625

Autorizada a reprodução desde que citada a fonte.

Sumário

Caro leitor, ...5
Acreditar, pensar 5
Agradar 6
Agradecer 6
Apelar 7
Atender 7
Chegar 8
Comentar(-se) 9
Comemorar 9
Comunicar 10
Comparecer 10
Custar 11
Debater 12
Desfrutar, usufruir, gozar 12
Empatar, ganhar, perder, vencer (no futebol) 13
Favorecer 13
Impedir 13
Implicar 13
Inaugurar(-se) 14
Informar 14
Iniciar(-se) 14
Inteirar-se 15
Interferir e intervir 15
Lembrar e esquecer 15
Morar 16
Namorar 16
Pagar e Perdoar 16
Pedir 17
Preferir 18

Recomendar 19
Recorrer 19
Refletir 19
Responder 20
Servir 20
Observe agora estes verbos 21
    Confraternizar 21
    Simpatizar 21
    Sobressair 21
Alguns verbos pronominais 21
    Ajoelhar-se 21
    Aposentar-se 21
    Arrepender-se 21
    Deitar-se 21
    Levantar-se 22
    Queixar-se 22
    Sentar-se 22
    Classificar-se 22
    Complicar-se 22
    Desvalorizar-se 22
    Espalhar-se 22
    Estragar-se 22
    Romper-se 22
    Valorizar-se 23
Regência de alguns nomes 23
    A 23
    B, C 26
    D 28
    E 30
    F, G, H 31
    I 32
    J, L, M 35
    N, O, P 36
    Q, R 38
    S 39
    T, U, V 40
Referências 41

Caro leitor,

Você tem energia de sobra e sabe canalizá-la para o desenvolvimento de tudo o que é bom. Tanto é verdade que, neste momento, você está participando de mais uma sessão de aprendizagem da língua.

Queremos que nos ajude a fazer sempre mais em seu benefício. Para isso, contamos com suas sugestões, perguntas e, principalmente, com a determinação que o impele a avançar na construção do conhecimento.

Continue a buscar e a produzir; incentive seus amigos a fazerem o mesmo. Fale da série *Palavra Final*, mostre-lhes que é uma fonte importantíssima para quem precisa da palavra.

Neste volume, trataremos da regência de alguns verbos e nomes (substantivos e adjetivos).

A regência cuida das relações de dependência que se estabelecem entre os termos na frase. Tais relações se dão direta ou indiretamente entre os termos regentes (que pedem complemento) e os regidos (que os completam).

Quando a dependência é direta, o verbo é transitivo direto, pois exige que a ele se ligue um objeto direto (sem o auxílio de uma preposição). Se indireta, o verbo é transitivo indireto, o que nos obriga a completá-lo com um objeto indireto (com o auxílio de uma preposição).

Acreditar, pensar

Estes verbos são transitivos indiretos, pois exigem complementos que a eles se ligam com o auxílio de uma preposição:

Acredite e **pense** **em** mim, **em** nós, **em** todos aqueles que gostam de você e, principalmente, **em** si mesmo.

Acredite **em** sua capacidade de resolver todos os problemas.

Pense sempre **no** recebimento de boas notícias, resultado de seu esforço e dedicação.

No entanto, quando recebem uma oração como complemento, dispensam a preposição.

Assim,

Acredite que você possa resolver todos os problemas.

Pense que você receberá uma boa notícia,
resultado de seu esforço e dedicação.

Agradar

No sentido de **mimar**, **acariciar**, **afagar**, use-o sem preposição:

Os avós sempre **agradam** os netos.

Como **contentar**, **satisfazer**, utilize-o com a preposição **a**:

O *show* de Roberto Carlos **agradou a** todos os presentes.

O discurso de Obama **agradou a**os empresários da construção civil.

Sua coerência sempre **nos agrada**. (a nós).

Agradecer

Indica gratidão:

Agradeça sempre alguma coisa **a** alguém.

Nesta construção, a coisa é sempre o objeto direto, e a pessoa, o indireto. Assim,

Agradeça o convite que o presidente lhe fez.

Agradeça ao presidente.

Agradeça a ele.

Agradeça-lhe.

Agradeça-lhe o convite.

Evite a construção com os pronomes oblíquos **o** e **a**:

Agradeço-o; **agradeço**-a.

Se quiser, você poderá omitir o complemento:

Recebeu o convite e **agradeceu**.

Obs.: também é possível usar a forma **agradecer a** alguém **por algo,** em que o verbo recebe o complemento indireto (pessoa) acompanhado de adjunto adverbial da causa (o motivo pelo qual se agradece):
Agradeça a Deus **por estar vivo**.

Apelar

Pode-se **apelar a** ou **para**:

Ele **apelou aos** amigos quando precisou de ajuda. (pedir auxílio)

Quando está em apuros, **apela para** os irmãos. (valer-se)

Na área jurídica, no sentido de **recorrer por apelação a**, **interpor recurso**, usa-se **apelar de, para**; **de…para**:

O advogado **apelou da** sentença **para** a instância superior.

O réu **apelou para** o juiz.

Temos certeza de que o advogado **apelaria da** decisão em primeira instância, se a pronúncia do juiz não fosse favorável…

Atender

No sentido de **recepcionar**, **receber**, **acolher** ou **ouvir com atenção**, use a construção direta para pessoas, e indireta, para objetos, coisas (chamadas, exigências, intimações, pedidos, reivindicações etc.):

O prefeito **atendeu a população**.

O médico **atendeu o paciente**.

O prefeito **atendeu aos clamores** da população.

As escolas públicas não **atendem às necessidades** dos jovens.

Quando se tratar de campainha, telefone, bairro, cidade etc., prefira a forma direta, pois está implícito na frase que alguém atendeu quem tocou a campainha ou fez a ligação, e alguma pessoa deu atendimento aos moradores de uma dada região:

Paulo, **atenda o telefone**.

Alguém está tocando a campainha. Você pode **atendê-la** (ou **atendê-lo**, concordando com alguém)?

Neste caso, pode-se usar o verbo sem o complemento pessoa (está subentendido):

Alguém está tocando a campainha. Você pode **atender**?

O prefeito **atenderá o bairro da Mooca** e **a Vila Sônia**. (os moradores)

Chegar

Se tiver vontade de **chegar** bem, **chegue** sempre **a**.

O verbo **chegar** indica movimento, pressupõe que houve deslocamento de um lugar para outro (permita-nos a redundância, pois não há deslocamento se ficarmos no mesmo lugar). E por falar nisso, estamos preparando um prato de redundâncias deliciosas. Você poderá saboreá-lo em um dos próximos volumes da série.

Mas voltemos ao que nos interessa:

Chegue sempre **à** praia.

Chegue à empresa para trabalhar.

Chegue à conclusão de que tudo é maravilhoso.

Portanto,

Chegar em é nunca sair do ponto de partida. **Evite**.

Comentar(-se)

Sempre **comente algo** com alguém (se você quiser, é claro), mas jamais **comente sobre** um assunto, pois o verbo não admite tal preposição:

Assim,

Comentamos o golpe militar ocorrido em Honduras. (correto)

Comentamos sobre o golpe militar ocorrido em Honduras. (errado)

Comentou-se a morte de Michael Jackson. (correto)

Comentou-se sobre a morte de Michael Jackson. (errado)

No entanto, se substituirmos **comentar** por **comentários**, o **sobre** aparecerá:

Podemos **fazer comentários sobre** o golpe militar ocorrido em Honduras.

Houve **comentários sobre** o desaparecimento do médico de Michael Jackson.

Comemorar

Obs.: Sempre se comemoram fatos positivos:
Comemora-se o nascimento de alguém, mas não a morte.

No dia 25 de dezembro, **comemora-se o nascimento de Cristo**.

Os brasileiros **comemoraram**, no dia 13 de maio, **os 121 anos de abolição dos escravos**.

Em outras situações, utilize **assinalar**, **lembrar**, **marcar, relembrar, reviver** etc.:

No dia 16 de julho, **relembramos** (e não comemoramos) **a derrota do Brasil** para o Uruguai na Copa de 1950.

11 de setembro será sempre **lembrado** como um dos dias mais trágicos da história moderna dos EUA.

Obs.: Com o substantivo **comemoração**, devemos agir da mesma forma:
No dia 28 de junho, houve grande festa em **comemoração da vitória do Brasil** na Copa das Nações.

Comunicar

Sempre **comunique** algo **a** alguém**,** mas nunca **comunique** alguém **sobre** ou **de** alguma coisa:

Assim,

O diretor **comunicou as decisões do conselho** aos professores. (correto)

O diretor **comunicou-lhes as decisões do conselho**. (correto)

Comunicou-se a decisão **aos** professores. (correto)

O diretor **comunicou** os professores sobre as ou das decisões do conselho. (errado)

Em hipótese alguma diga:

Os professores **foram comunicados das** decisões do conselho.

Lembre-se de que ninguém pode **ser comunicado** (e sim **informado**, **cientificado**, **avisado**) de algo.

Portanto,

Os professores **foram informados**, **avisados das** decisões do conselho.

A comunidade **foi cientificada** ou **avisada de** que as enchentes seriam inevitáveis.

Comparecer

Prefira **comparecer a**:

Jorge **comparecerá ao evento**.

O advogado de defesa não **compareceu à audiência**.

Usa-se **em** e não **a** neste tipo de construção:

Fidel Castro não tem **comparecido em** público faz algum tempo.

No sentido de **ir a juízo**, **prestar depoimento**, **prestar contas**, pode-se usar **ante**, **diante**, **perante**:

Os indiciados **compareceram perante o** Tribunal.

O réu **compareceu ante o** juiz.

Custar

Tome cuidado com o emprego de **custar** no sentido de **ser difícil**, **custoso**, **moroso**, pois o que se vê no emprego desse verbo são as marcas da oralidade:

Paulo custou a entender a matéria.

Ele custa para resolver os problemas propostos pelo professor.

Para evitar esse desvio normativo, siga estes passos:

a) O que foi difícil, custoso a Paulo?

Entender a matéria.

Portanto,

Custou a Paulo entender a matéria;

Custou a ele entender a matéria;

Custou-lhe entender a matéria.

b) O que é difícil, custoso a ele?

Resolver os problemas propostos pelo professor.

Portanto, custa-lhe resolver os problemas propostos pelo professor.

Veja mais estes:

Custa-lhe enxergar o bom caminho.

Não **me custa lutar** por uma boa causa.

Debater

É bom evitar **debater** sobre ou a respeito de **algum assunto**. O verbo debater, em sua regência direta, exige que o objeto do debate seja ligado a ele sem preposição:

Os membros da comissão **debateram as propostas** de mudança no Código Civil.

Debate-se (analisa-se, discute-se, examina-se) algo **com** alguém:

Os professores **debateram a nova proposta** de avaliação **com** os coordenadores.

Obs.: Com o substantivo **debate**, pode-se utilizar **sobre** (e sinônimos), **entre** e **com**:
Houve uma série de **debates entre** os concorrentes.
Não existe a necessidade de **debate sobre** os motivos que levaram à suspensão das buscas pelos corpos das vítimas do voo AF 447.
Hoje à noite, haverá **debates com** os líderes do governo **sobre** as novas propostas de desoneração dos salários.

Desfrutar, usufruir, gozar

Prefira **desfrutar**, **usufruir** e **gozar** os bons momentos que o viver lhe proporciona. (Sem a preposição **de**)

E agora, mais alguns exemplos para você:

Rosivalda **usufrui o que o pai lhe deixou como herança**.

Desfrute as delícias desta cidade.

Goze; **goze**, sem medo, **os prazeres da vida**.

Empatar, ganhar, perder, vencer (no futebol)

Um time **empata**, **perde** ou **ganha** **por:**

O Corinthians **empatou** com o Internacional **por** 2 a 2.

A Paraná **perdeu** **por** 1 a 0 para a Portuguesa.

O Brasil **ganhou** dos Estados Unidos **por** 3 a 2.

Roger Federer **venceu** Andy Roddick **por** 3 *sets* a 2.

Favorecer

Sempre se **favorece** **alguém** ou **alguma coisa**:

No jogo do Palmeiras contra o Santos, o juiz **favoreceu** **o Santos**.

No Brasil, os deputados, senadores e vereadores se valem da posição que ocupam para **favorecer** **parentes e aliados políticos**.

Impedir

Pode-se **impedir** alguém **de** alguma coisa ou **impedir** algo a alguém:

Impeça-o de agir intempestivamente.

Impedimos que todos saíssem.

Impedimos a saída de todos.

Impeça-lhes a entrada.

Impeça a entrada deles.

Impeça que eles entrem.

Implicar

No sentido de **acarretar**, **envolver**, **pressupor**, utiliza-se a forma direta (sem a preposição **em**):

A isenção do IPI **implicará** **perda de receita** para a União.

Ser bom profissional **implica** **agir** com responsabilidade e competência.

Obs.: Usa-se preposição nestes casos:
Indivíduos inescrupulosos **implicaram** o adolescente **em** crime de tráfico de drogas. (envolver alguém **em** algo)
Jeremias **implica com** os colegas de turma. (ter implicância)

Inaugurar(-se)

Alguém **inaugura** alguma coisa (sem o pronome):

O presidente **inaugurou** a plataforma de Campos.

Mas algo sempre **se inaugura**:

A plataforma **se inaugurou** ontem (foi inaugurada).

Informar

Pode-se **informar** algo **a** alguém:

O gerente **informou aos funcionários** o horário de trabalho.

O gerente **informou-lhes** o horário de trabalho.

Ou **informar** alguém **de** algo:

O gerente **informou** os funcionários **do** horário de trabalho.

O gerente **informou**-os **do** horário que deveriam cumprir.

O médico **informou** a paciente **de** que ela não poderia dar à luz.

Iniciar(-se)

Pode-se escrever que alguém **inicia** (principia, começa) alguma coisa:

Paulo **iniciou** as atividades às 15 horas.

Ou alguém **inicia** (dá as primeiras noções) outrem em algo:

O Grão-mestre **iniciou**-o na maçonaria.

Ou **se inicia** (busca conhecimento) em algo:

Paulo **iniciou-se** em filosofia.

Em se tratando de evento (coisa), use sempre **iniciar-se**:

As comemorações **se iniciarão** no dia 1º de setembro.

Inteirar-se

Procure **inteirar-se** (tomar ciência) **de** todos os assuntos.

O advogado **inteirou-se** **dos** fatos.

No sentido de tornar ciente, informar, deve-se utilizar inteirar alguém de algo:

O diretor **inteirou** os professores da situação provocada pela gripe H1N1.

O diretor **inteirou**-os da situação.

Interferir e intervir

Interfira ou **intervenha** sempre **em**:

Interfira **em** todos os assuntos.

Interveio **no** debate para apaziguar os ânimos.

Lembrar e esquecer

Você deve sempre **lembrar** ou **esquecer** alguma coisa ou alguém (sem preposição):

Lembre **os bons tempos**.

Amigos, **lembremos** **que** manter a unidade linguística é reforçar os valores do cidadão.

"**Esqueça** **que** ele não 'te' ama".

Entretanto, quando **lembrar** e **esquecer** estiverem acompanhados de pronome, a preposição **de** se imporá:

Lembre-se de que é preciso reconhecer-se no outro.

Não **se esqueça de que** só existe crescimento, se houver comprometimento, vontade e competência.

Lembremo-nos de nosso **compromisso** maior: amar.

Esqueci-me de que estarias à porta na esperança de conquistar novos amigos.

Morar

Se você quiser morar bem, **more**, **resida**, **situe-se** sempre **em**, sem medo de errar:

Moro na Rua Jacarandá, 12.

A UNINOVE **está situada na** Rua Diamantina, 310.

Você **reside na** Avenida Cruzeiro do Sul?

Namorar

Não se atreva a **namorar com** alguém; namore **sem a preposição**, pois só assim você poderá desfrutar bons momentos ao lado de quem lhe dedica amor, sem nenhuma interferência (mesmo que seja a da **preposição**):

Paula **namora** Marcos.

Quero **namorá-la**.

Hermengarda **namorava** Eurico.

Pagar e Perdoar

Obs.: Lembre-se de que devemos **pagar** e **perdoar** sempre alguma coisa.

Assim,

Pagamos a dívida.

Perdoamos os erros.

Obs.: Com referência à pessoa – destinatário do pagamento ou do perdão –, sempre **pague** ou **perdoe** **a alguém**:

Pagamos a dívida **ao credor**.

Pagamos **a ele**.

Pagamos-lhe a dívida.

Perdoa-lhe os erros.

Perdoamos **aos culpados**.

Perdoaram-lhes as faltas.

Não se esqueça de que Cristo, antes de expiar, implorou ao Pai que **perdoasse** **àqueles** que o crucificaram.

A célebre frase do apelo foi: “Pai, **perdoai-lhes**, porque não sabem o que fazem”.

E por ser perfeito, deixou-nos uma frase impecável. Por isso, sigamos seu exemplo.

Pedir

Sempre **peça** alguma coisa **a** ou **para** alguém.

Peça-**lhe** que empreste o dinheiro para uma boa causa.

Peço-lhe que me desculpe.

Peço-lhe desculpas.

Acompanhe os seguintes passos:

Pedimos a quem?

Pedimos **ao diretor**.

Pedimos o quê?

Pedimos que justificasse sua decisão.

Portanto,

Pedimos ao diretor que justificasse sua decisão.

Pedimos-lhe que justificasse sua decisão.

Obs.: Peça sempre **a** alguém que faça algo, mas nunca **para** que o faça (a preposição é inadmissível neste caso).

Pedimos para que fosse embora. (errado)

Pedimos que fosse embora. (correto)

Pedi-lhe para que saísse imediatamente. (errado)

Pedi-lhe que saísse imediatamente. (correto)

No entanto,

Pedi para ir ao banheiro.

Neste caso a frase está correta, pois o que se pediu foi **permissão, licença** para ir ao banheiro.

Preferir

É muito comum o uso de do que ou que e, às vezes, mais do que com o verbo **preferir** e seus derivados, o que demonstra a falta de intimidade do falante com a língua.

É lamentável ouvirmos ou lermos "Prefiro mais estudar do que trabalhar".

Por isso, aconselhamos que você evite esse tipo de construção. **Prefira** sempre uma coisa **a** outra:

Prefira doce **a** salgado.

Prefira ficar em casa **a** andar solitariamente.

Prefiro estar nua **a** usar peles. (protesto de uma ecologista)

É **preferível** ódio **a** compaixão.

Recomendar

Deve-se **recomendar** algo **a** alguém (aconselhar, indicar):

O cirurgião **recomendou** repouso **ao** paciente.

O cirurgião **recomendou-lhe** repouso.

Recomendo-lhes a leitura do Código Civil.

Recomendei o profissional **ao** diretor.

Recorrer

No sentido de **pedir socorro** ou **lançar mão de, valer-se**, utilize **recorrer a:**

Recorra a Deus quando for necessário.

Não devemos **recorrer a** expedientes "escusos"
para concretização de nossos ideais.

Na área jurídica, indicando **interpor recurso**, **apelar**, deve-se usar **recorrer de**, **para**; **de**...**para**:

Recorreu para o Supremo Tribunal Federal.

Paulo **recorreu da** decisão.

Cristiane **recorrerá da** pronúncia em primeira instância **para** a segunda.

Refletir

Admite as seguintes construções:

O espelho **refletia** tua beleza.

Tua beleza **refletia-se no** espelho.

A crise econômica dos Estados Unidos **refletiu(-se)**
em todos os mercados.

Reflita bem **sobre** as consequências desse ato tresloucado.

Responder

Nos textos formais, prefira a forma indireta do verbo (com a preposição **a**), quando o sentido do verbo for **dar resposta a** alguma coisa ou **a** alguém:

Responda às questões abaixo...

Você **deve responder às** cartas dos leitores.

Respondi-lhe que iria.

Para exprimir a resposta (teor), a regência direta se impõe:

Respondi o que tive vontade.

Você só consegue **responder essas asneiras**?

Servir

Serviu-se do que estava na mesa.

Sirva-lhe o jantar.

Pedro **servirá no** 5º batalhão.

As informações **serviram de** pretexto para
Paulo não continuar o trabalho.

Obs.: O verbo **servir** não admite **como**. Em seu lugar utilize a preposição **de**:
Sua honestidade **serve de** (e não como) exemplo para todos.

Observe agora estes verbos

Para consulta rápida:

Confraternizar

Não aceita o pronome **SE**:

Eles **confraternizaram** no fim de semana.

Paulo **confraterniza com** os colegas de trabalho.

Simpatizar

Não aceita o pronome **SE**:

Glória **simpatiza com** todos os alunos da sala.

Sobressair

Sempre sem o **SE**:

Ele é um dos que mais **sobressaem** durante o debate.

Alguns verbos pronominais

Sempre acompanhados de pronome oblíquo

Ajoelhar-se

Ajoelhe-se para que eu possa coroá-lo, grande cavaleiro!

Aposentar-se

Flávia **se aposentará** com 45 anos de idade.

Arrepender-se

Arrepende-te de todo o mal que causaste ao país.

Deitar-se

Deitei-me às 23h30 e levantei-me às 6 horas.

Ela **se deitou** às 21 horas.

Levantar-se

Se você não se levantar, continuarei sentado.

Queixar-se

Sempre com a preposição de:

Queixa-se de todos os amigos.

Queixa-se de que não lhe dão a devida atenção.

Sentar-se

Sente-se à mesa, que **me sentarei** no banco.

Nas construções como as que seguem, os verbos relacionados devem vir acompanhados de pronome oblíquo

Classificar-se

O Cruzeiro **classificou-se** para disputar a próxima fase da Libertadores.

Complicar-se

A situação de Sarney **complicou-se** com as denúncias de improbidade administrativa.

Desvalorizar-se

As ações da GM foram as que mais **se desvalorizaram** no primeiro semestre de 2009.

Espalhar-se

A notícia de que ele chegaria cedo **espalhou-se** pela cidade.

Estragar-se

Se você deixar as frutas fora da geladeira, elas **se estragarão**.

Romper-se

A barragem **rompeu-se** deixando a cidade submersa.

Valorizar-se

As ações da Petrobrás **se valorizaram** em junho.

Regência de alguns nomes

A

Abaixo-assinado a favor de, **contra** ou **por** (pelo, pela)

Abalado com ou **por**

Abastecido de ou **com**

Abatido de, **em** ou **por**

Ab-rogado de

Abuso de ou **contra**

Ação contra, **em**, **para** ou **sobre**

Acessível a

Acesso a, **para** ou **por**

Acordo com; **com…para**; **sobre**; **com…sobre**; **para**, **entre**; **entre…para**

Acostumado a ou **com**

Acusação de, **contra** ou **sobre**

Acusado de; **de…contra**

Adaptado a ou **de**

Adepto de

Adequado a

Aderência a ou **com**

Aderente a ou **com**

Adesão a

Aditamento de, **a**; **de…a**

Aditivo a

Adjudicação de, **a**; **de…a**

Advertido contra, **de** ou **sobre**

Advogado contra, de; de…contra; de…em

Afetado em, de ou por

Aficionado a

Afiliação a, de; de…a

Afiliado a

Afinado com ou por

Afinidade com, entre ou em

Afixado em

Afluência a, de…a, de…para

Afronta a

Aglutinação de…a; de…com

Aglutinado a ou com

Agraciado com

Agradecimento a, de, por; a…por; de…a…por

Agregado a

Agressão a ou contra

Agressividade com ou contra

Agressivo com ou contra

Ajuda a, contra, em, para; a…em; a…contra

Ajudado por

Ajustado a, com, em ou entre

Ajustável a

Alerta a, contra, para, sobre; a…contra; a…sobre

Alertado contra, de, para ou sobre

Alheio a

Alienação de

Alienado a ou de

Alinhado a ou com

Alinhamento de…a; com ou por

Alocação de…a; de…para; de…em

Alocado a, em ou para

Alusão a

Alusivo a

Análogo a

Anexação a; de…a

Anexado a

Anexo a

Ansioso por

Apaniguado a, de ou por

Apegado a

Apego a ou por

Apelação de; de…para

Apelo a, para; em favor de

Apenso a

Apoiado a, contra, em ou sobre

Apoio a; a…contra; de…a…contra; de…a favor de

Apologia de

Apreciação de ou sobre

Aptidão a, para; de…para

Apto a ou para

Articulação de…com; com ou entre

Articulado a, com ou entre

Ascensão a; de…a; para

Assentado em ou sobre

Assistência a ou de

Assistido de ou por

Atenção a ou para

Atencioso com

Atendido por

Atendimento a; de

Atento a ou em

Ato a favor de, contra ou por

Atração por

Atraído a, para ou por

Atribuição de…a

Atribuído a, por; a…por

Aumentado de…para; em

Aumento de…para; a, em ou **para**

Autorizado a, para ou **por**

Auxiliado em ou **por**

Auxílio a, para, em ou **contra**

Avesso a

Ávido de ou **por**

B

Bacharel em ou **por**

Baseado em (com base em)

Bem-disposto para

Bem-dotado para

Bem-sucedido em

Bem-vindo a

Beneficiado com ou **por**

Benefício a ou **para** (loc. em benefício de)

Benéfico a ou **para**

Benevolente com

Busca a, de ou **por**

C

Candidato a; a…por

Capacidade de ou **para**

Capacitado a ou **para**

Capaz de

Cauteloso com ou **em**

Cindido de ou **em**

Cioso de

Cisão de, em, entre; de…em

Coagido a, por; a…por

Coberto **de**, **com** ou **por**

Coerção **para**, **sobre**; **sobre**…**para**

Coerência **com**; **em**; **entre**

Coesão **com** ou **entre**

Coexistência **com** ou **entre**

Coincidente **com** ou **em**

Colaboração **com**, **em**, **para**; **com**…**em**; **em**…**para**

Comemoração **de** ou **com**

Comentário **de**…**sobre**; **sobre**

Comparado **a**, **com**, **entre** ou **por**

Compatível **com**

Compelido **a** ou **por**

Composto **de** ou **por**

Comprometido **com** ou **em**

Compromisso **com**, **entre**, **para**, **diante de** ou **perante**

Comum **a**, **em** ou **entre**

Comunicado **a**, **por** ou **sobre**

Concedido **a**

Conciliação **de**, **com**, **entre**; **de**…**com**

Conclusão **de**, **por** ou **sobre**

Concorrência **com** ou **entre**

Condenação **de**, **a**; **de**…**a**

Condenado **a** ou **por**

Condição **de** ou **para**

Condizente **com**

Conducente **a**

Conexão **com** ou **entre**

Conferido **a** ou **por**

Confiado **a**

Confiança **em**

Conflito **em** ou **entre**

Conforme **a** ou **com**

Conformidade a, **com** ou **entre**

Conhecimento de, **em** ou **sobre**

Conivente com; **com**…**em**

Consciência de ou **sobre**

Consciente de

Cônscio de

Consenso em, **entre** ou **sobre**

Considerado como ou **por** (ou apenas **considerado**…)

Constituído de ou **por**

Consulta a

Consultado sobre

Conversão de…**em**

Convicto de

Convocação a, **para**; **de**…**a**

Convocado a, **para** ou **por**

Correlação com ou **entre**

Correlacionado a, **com**, **entre** ou **por**

Culpado de, **em** ou **por**

Curioso de

D

Dano a ou **para**

Danoso a ou **para**

Debate com, **entre** ou **sobre**

Decidido a

Decisão sobre

Decisivo a ou **para**

Dedicação a ou **por**

Dedicado a

Defendido de ou **contra**

Defensor de

Defesa a, **de** ou **contra**

Defrontado com

Deliberação de ou **sobre**

Delimitado a

Demanda com, **de** ou **por**

Denúncia de, **contra** ou **sobre**

Dependência de ou **entre**

Dependente de

Derrogação a ou **de**

Desabituado a

Desacordo com, **entre** ou **sobre**

Desacostumado a ou **com**

Desagradável a ou **para**

Desapego a, **com** ou **por**

Desapontado com

Desaprovação a

Desaprovado por

Desatenção a ou **com**

Desatento a

Desavença com ou **entre**

Descompromisso com

Desconfiança de, **contra** ou **sobre**

Desejoso de

Desentendimento com, **entre** ou **sobre**

Deserdado de ou **por**

Desfavorável a

Desinteressado de ou **por**

Desobediência a

Desobediente a

Desobrigado de

Despojado de

Despreocupação com ou **por**

Desrespeito a, **com** ou **por**

Desserviço a

Destaque a, **de** ou **para**

Detenção de; **de…em**

Dica de ou **sobre**

Dicotomia entre

Difícil a, **de** ou **para**

Dificuldade de, **em** ou **para**

Diligência sobre…para; **para** ou **por**

Direcionado a ou **para**

Dirigido a, **contra** ou **para**

Dispensado a, **de**, **para**, **por**; **de…para**

Dividido em, **entre**, **por** ou **sobre**

Domiciliado em

Dúvida de ou **sobre**

E

Educação em ou **para**

Efeito contra, **em** ou **sobre**

Eficácia contra ou **sobre**

Eficaz contra, **em**, **para** ou **sobre**

Eficiência em ou **para**

Eficiente em ou **para**

Egresso de

Elevado a; **de…para**

Emenda a, **de** ou **sobre**

Emergente de

Empenhado em

Empenho de, **contra**, **em**; **de…contra**; **de…em**

Endereçado a

Ênfase em ou **sobre**

Equiparação de, **com**, **em**; **de…com**

Equivalência entre; de…com

Equivalente a ou **em**

Esclarecimento a ou **sobre**

Especialista em

Especializado em

Específico a

Essencial a, em ou **para**

Estudo de ou **sobre**

Exceção a ou **de**

Excedido em

F

Facilidade de, em ou **para**

Facultado a

Falta a

Favorável a ou **para**

Favoravelmente a

Favorecimento de

Fiel a

Formado em, por ou **para**

Fundamental a ou **para**

G

Gerado em ou **por**

Graduado em, por; de…a

Grato a ou **por**

Grudado a

Guerra a ou **contra**

H

Habeas-corpus **de; em favor de**

Habeas-data **contra**

Hábil em

Habilidade de, em ou **para**

Habitante de ou **em**

Habituado a ou **com**

Hegemonia de ou **sobre**

Hipótese sobre

Hostil a

Hostilidade a ou **contra**

I

Ida a

Idêntico a ou **em**

Imersão de, em; de…em

Impacto em ou **sobre**

Impasse entre ou **sobre**

Impelido a, contra ou **para**

Implicado com ou **em**

Importância de…em; de…para; para ou **sobre**

Importante a ou **para**

Impotente contra ou **para**

Impregnado de ou **em**

Impróprio para

Imputação de…a

Imputado a

Imputável a

Imune a

Imunidade a ou **contra**

Imunizado contra

Inábil para

Inacessível a ou **para**

Inadequado a ou **para**

Inaplicável a

Inaptidão a ou **para**

Inapto a ou **para**

Incapaz de ou **para**

Incitação a; de…a

Incitado a

Incitamento a; de…a

Inclinação a, para ou **por**

Incompatibilidade com ou **entre**

Incompatível com

Inconciliável com ou **entre**

Inconformado com

Inconformidade com

Incorporado a ou **em**

Indagado sobre

Indenizado de ou **por**

Independentemente de

Indevassável a

Indicado a ou **para**

Indicativo de

Indiciado como…em; em

Indiferente a, com ou **para**

Indignação com ou **por**

Indignado com, contra ou **por**

Indispensável a, em ou **para**

Indulgente a, para; com…em

Indulto a ou **para**

Induzido a

Ineficácia contra ou **para**

Ineficaz contra, em ou **para**

Ineficiente para

Inepto para

Inerente a
Infenso a
Inferior a ou **em**
Inferioridade em
Infidelidade a
Infiel a
Inflexível em ou **para**
Infligido a
Influência em ou **sobre**
Influenciado por
Ingrato com
Inserção em; de…em
Inserido em, entre ou **por**
Inspirado de, em, para ou **por**
Instrução a, para, sobre; a…para; a…sobre
Instruído a, de, em, para ou **sobre**
Insuspeito a
Integrado a ou **em**
Interdição de
Interessado em ou **por**
Interessante a
Interesse de, em ou **por**
Interrogado por ou **sobre**
Interrogatório sobre
Intervenção em
Intimação de, para; de…para
Intimado a, para ou **por**
Intolerante a ou **com**
Invasão de
Investido de ou **em**
Investigação de ou **sobre**
Isonomia entre

J

Julgamento de ou **sobre**

Juntada de; de…a

Junto a ou **de**

L

Leal a ou **com**

Lealdade a, com ou **em**

Legislação sobre

Legitimação de, para; de…para

Lesado em

Lesão a, de ou **em**

Lesivo a ou **de**

Lícito a

Ligado a, com ou **entre**

Liminar contra

Litígio com, entre ou **sobre**

M

Magnanimidade com ou **em**

Magnânimo com ou **em**

Maior de

Majoração de, em; de…em

Mandado a, contra, para; de…a; de…para

Mandato para

Manifestação de, contra, a favor de ou **sobre**

Manifesto a, contra, por ou **sobre**

Manobra contra, a favor de ou **para**

Manutenção de; de…em

Mediação entre

Medida contra, a favor de ou **para**

Moção a, contra; de…a; de…contra;

Morador em

N

Nascido de ou **em**
Natural de
Necessário a ou **para**
Necessidade de
Negociação com, entre; de…com
Nocivo a
Nomeado para
Notificação de…a; para

O

Obcecado em, para ou **por**
Obediência a
Obediente a
Objeção a
Oblíquo a
Obrigação a, de ou **com**
Obrigado a
Obrigatório a ou **para**
Observância a ou **de**
Ódio a ou **contra**
Odioso a ou **para**
Onerado com ou **por**
Oneroso a ou **para**
Opção a ou **por**
Opinião de ou **sobre**
Oposição a ou **entre**
Oposto a

P

Paralelamente a
Paralelo a (em paralelo **com**)
Parecer sobre

Parecido a ou **com**

Pari passu **com**

Participação em

Partícipe de ou **em**

Passível de

Pautado em ou **por**

Penalizado por

Pendência com ou **entre**

Penhora de ou **sobre**

Percepção de ou **sobre**

Perceptível a ou **por**

Perpendicular a

Perquirição sobre

Persistência em

Persistente em

Persuadido a

Possibilidade de

Possível a ou **de**

Postulante a

Precedente a

Predisposição para

Predisposto a ou **para**

Preferência a ou **por**

Preferível a

Prejudicial a

Prestes a ou **para**

Procedente de

Pronto para

Propensão a ou **para**

Propenso a

Proporcional a

Proporcionalmente a

Próprio de ou **para**

Prosseguimento de ou **em**

Próximo a ou **de**

Prudência com ou **em**

Punição a, de ou **contra**

Punido de ou **por**

Q

Qualificação de...para; para

Qualificado como, de ou **para**

Queixa a...sobre; contra ou **de**

Querido de ou **por**

Questionado sobre

R

Rapidez em

Rápido em

Recluso em

Recomendação a; a...para; de...para

Recomendado a ou **por**

Recondução de...a; para

Reconversão de...em

Recusa a, de ou **em**

Referendo sobre

Refletido em

Reflexão em ou **sobre**

Regulamentação de ou **para**

Reinserido em

Reintegração de...em; de...a

Relativamente a

Relevante a ou **para**

Reparação a ou **de**

Residente em

Resistência a ou **contra**

Resistente a

Respeito a ou **por**

S

Sanção a, contra ou **para**

Satisfação com, de, em ou **por**

Satisfatório para

Satisfeito com ou **de**

Segurado contra

Semelhante a; a…em

Sensibilidade a ou **para**

Sensível a ou **para**

Sentença contra ou **a (em) favor de**

Sentenciado a, com ou **em**

Simpatia por

Simpático a

Sito em

Situado em

Subjacente a

Subjugado a

Sublocação de…a

Sublocado a

Sub-rogado a ou **em**

Subserviente a

Subsidiário a ou **de**

Substitutivo a, de ou **sobre**

Superior a

Suspeição de…contra; contra ou **sobre**

T

Tendência a, **de**, **em** ou **para**

Tendente a ou **para**

Tentativa contra, **de** ou **para**

Tolerância a; **de…com**; **para**

Transcrito em ou **para**

Tributação de ou **sobre**

Tributário a ou **de**

U

Ulterior a

Ultrajante a ou **para**

Unânime em

Único a ou **em**

Uniforme em

Urgência em ou **para**

União com ou **entre**

Útil a ou **para**

Utilidade para

Utilizado em ou **para**

V

Válido para

Valioso a ou **para**

Vantagem a, **de**, **em** ou **sobre**

Vazio de

Versado em

Vertido de…a; **de…para**; **em**

Vigente em ou **entre**

Vinculado a, **com** ou **entre**

Visível a

Vital a ou **para**

Voltado a, **contra** ou **para**

Referências

FERNANDES. F. *Dicionário de regimes de substantivos e adjetivos*. 28. ed. Porto Alegre: Globo, 2005.

______. *Dicionário de verbos e regimes*. 44. ed. Porto Alegre: Globo, 2003.

LUFT, C. P. *Dicionário prático de regência nominal*. 4. ed. 7ª impr. São Paulo: Ática, 2007

______. *Dicionário prático de regência verbal*. 8. ed. 11ª impr. São Paulo: Ática, 2007.

Atividades Suzano de Adriana Silva

NOME: ____

PROFESSOR: ______________________________________DATA: _____________

Atividades Suzano

ATIVIDADES

Leia a história de humor abaixo:

O carteiro

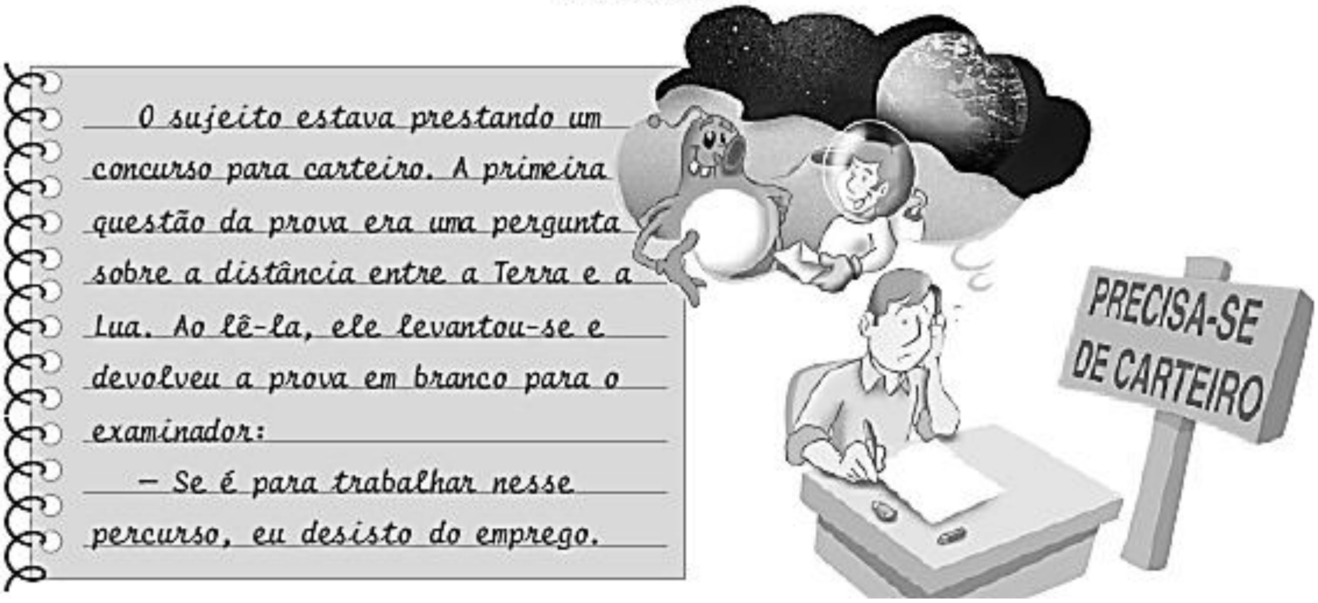

O sujeito estava prestando um concurso para carteiro. A primeira questão da prova era uma pergunta sobre a distância entre a Terra e a Lua. Ao lê-la, ele levantou-se e devolveu a prova em branco para o examinador:

— Se é para trabalhar nesse percurso, eu desisto do emprego.

Observe agora os sinais de pontuação do texto e responda:

Quantos parágrafos têm a história que você leu? Lembre-se o parágrafo é a divisão do texto em partes. É todo o conjunto de informações que expressa uma unidade de sentido.

Para que foi usado o sinal de dois pontos?

Para que foi usado o travessão?

Atividades Suzano de Adriana Silva

Reescreva as histórias abaixo, dividindo o texto em parágrafos e usando dois pontos e travessão como no modelo anterior:

Dormindo em serviço

a) O funcionário, para o patrão, desculpando-se após ter sido flagrado dormindo em serviço. Não estou dormindo não, chefia! É que o meu serviço é tão fácil que eu faço de olhos fechados!

____

____

____

____

____

____

____

____

____

A mosca no bife

b) No restaurante, o cliente reclama. Garçom! Tem uma mosca no meu bife! O garçom se aproxima, olha para o prato do cliente e diz. Deixa ela... Logo, logo, ela leva a pior! Olha só o tamanho da aranha que está saindo debaixo daquela folha de alface!

____

____

____

____

____

____

____

____

____

____

____

____

____

____

____

Atividades Suzano de Adriana Silva

Comida

c) O sujeito está jantando num restaurante sujo de beira de estrada. Quando o garçom passa perto de sua mesa, ele resolve reclamar. Garçom, eu não consigo comer esta comida! Chame-me o gerente, por favor! Não adianta, senhor! Ele também não vai conseguir comer.

____

____

____

____

____

____

____

____

____

____

____

____

____

____

____

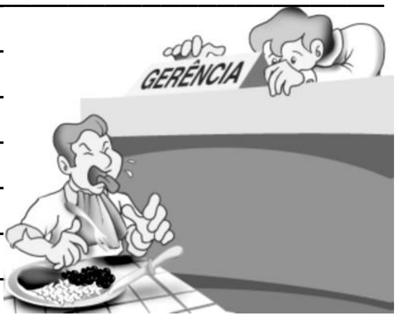

Observe a propaganda a seguir e responda:

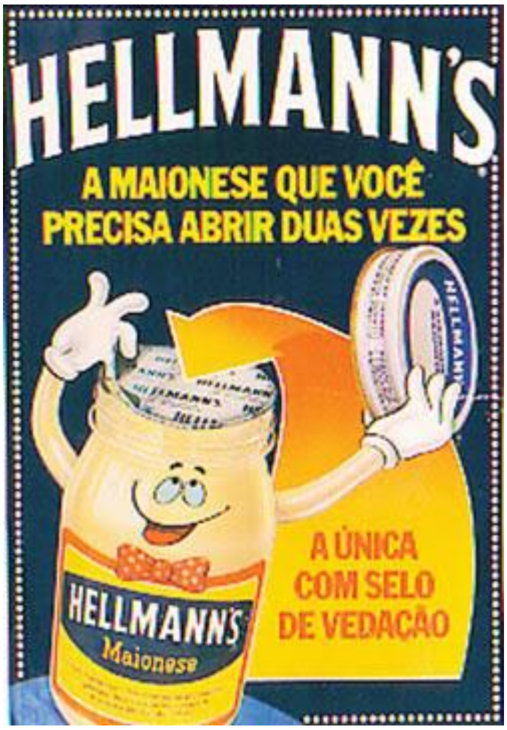
HELLMANN'S
A MAIONESE QUE VOCÊ PRECISA ABRIR DUAS VEZES
A ÚNICA COM SELO DE VEDAÇÃO
HELLMANN'S
Maionese

Que elementos compõem esta propaganda?

____

____

Por que o nome HELLMANN`S está em branco?

____

____

Que sensação provoca ao abrir o pote de maionese?

____

____

ORTOGRAFIA

ALGUMAS ORIENTAÇÕES ORTOGRÁFICAS

Antes de qualquer informação, é necessário observar:

Toda palavra derivada conserva as letras da palavra primitiva.

Palavra primitiva	Palavras derivadas
cereja	cerejeira
varejo	varejista
cortês	cortesia
cerveja	cervejeiro
anjo	anjinho
canja	canjica
jeito	ajeitar, rejeitar, sujeitar
tesouro	tesoureiro, tesouraria

Obs.: Para formar o diminutivo no plural, faz-se, primeiramente, o plural do substantivo no grau normal, depois acrescenta-se o sufixo **zinho** e, em seguida o **s,** de plural.

papel → *papéis* → *papeizinhos*
flor → *flores* → *florezinhas*
anzol → *anzóis* → *anzoizinhos*

FORMAÇÃO DE SUBSTANTIVOS A PARTIR DE VERBOS

S

imeRGir	imersão
exPELir	expulsão
diveRTir	diversão
aspeRGiR	aspersão
inCORRer	incursão
imPELir	impulsão
inveRTer	inversão
disCORRer	discurso
asceNDer	ascensão
compreeNDer	compreensão

Conclusão: Escrevem-se com ***S*** os substantivos e adjetivos derivados de **VERBOS** cujos radicais terminem em **RG**, **RT**, **ND**, **PEL** e **CORR**.

Outros exemplos:

converter	conversão
descender	descensão
pretender	pretensão
compelir	compelisão
concorrer	concurso

SS

conCEDer	concessão
subMETER	submissão
opriMIR	opressão
aCEDer	acesso
permiTIR	permissão
admiTIR	admissão
impriMIR	impressão
proMETER	promessa
aGREDir	agressão

Conclusão: São escritos com ***SS*** os substantivos derivados de verbos cuja terminação é **CEDER**, **MIR**, **TIR**, **METER**, **GREDIR**.

Outros exemplos:

reprimir	repressão
discutir	discussão
progredir	progressão
remeter	remessa
retroceder	retrocesso

Ç

deTER	detenção
aTER	atenção
conTER	contenção

Conclusão: Escrevem-se com ***ç*** os substantivos derivados de verbos que se originam de **TER** (verbo).

Outros exemplos:

obter	obtenção
abster	abstenção

Observação: A maioria dos substantivos abstratos derivados de verbos são escritos com ***ção***.

VERBO	SUBSTANTIVO ABSTRATO
obrigar	obrigação
descrever	descrição
informar	informação
redigir	redação
reter	retenção
aceitar	aceitação
continuar	continuação

DIFICULDADES ORTOGRÁFICAS

Que / Quê

QUE Monossílabo átono	QUÊ Monossílabo tônico
a) No meio da frase: *Não sei o que ele fez.* b) No início da frase: *Que trabalho é este?* *O que fazer?* c) Como conjunção: *Todos dizem que isso é mentira.*	a) Quando vem no final da frase: *Então, você fez o quê?* b) Quando é substantivo: *Ela tem um quê angelical.* c) Como interjeição: *Quê! Você já chegou?!*

Por que / Por quê / Porque / Porquê

POR QUE
a) Nas frases interrogativas: **Diretas** - *Por que você o ofendeu?* **Indiretas** – depois dos verbos ***dicendi*** (que indicam ***dizer***): *Ele me perguntou por que você o agradeceu.* b) Como pronome relativo (= pelo qual): *Esta não me parece a vida por que ele luta.*

POR QUÊ
Usado no final das frases interrogativas diretas ou indiretas: *Você o defendeu por quê?* *Você o defendeu e não disse por quê.*

PORQUE
Conjunção: causal ou explicativa. *Ele está muito feliz porque passou no concurso.* – Causal. *Você está triste é porque não passou na prova?* – Causal na interrogativa. *Por favor, ajude-me, porque estou doente.* – Explicativa

PORQUÊ
É um substantivo. Vem precedido de determinante: *Ele não definiu o porquê de sua atitude.*

Mal / Mau

MAL ≠ bem	MAU ≠ bom
Ele chegou mal. *Ele chegou bem.* *O mal com o bem se paga.* *Mal saí, ele chegou. (conj)*	*Ele não é tão mau.* *Ele não é tão bom.* *Tem um mau humor.* *Tem um bom humor.*

Mas / Mais

MAS = porém	MAIS # menos
O país parece que está melhorando, mas ainda há inflação. (= porém ainda há inflação.)	*Foi ele quem mais trabalhou.* *Foi ele quem menos trabalhou.* *Estava mais aflito.* *Estava menos aflito.*

Onde / Aonde

ONDE (lugar em que, no qual)	AONDE (preposição a + onde)
Usado com verbos que pedem a preposição ***em***. Esses verbos indicam permanência. *Moro onde fica a igreja.* *A casa onde ele reside é simples.*	É usado com verbos de movimento, que indicam "direção para" exigem ***A***. *Vou aonde quero.* *Aonde vais?*

A / Há / À

A	HÁ
Artigo – Vem antes do substantivo feminino: a casa, a vida, a beleza... Preposição – Indica distância, tempo futuro, direção, destino, etc. *Não vamos a teatro.* *A casa fica a 200m.* *Só irei daqui a 2h.* *Vou a Paris.*	3ª pes. do sing. do pres. ind. do verbo haver. Sentido de tempo passado: *Isso aconteceu há pouco.* *Estou aqui há 2 horas.* Sentido de existir: *Hoje não há sessão.* *Ali há uma casa bem antiga.*

À (a prep. + artigo)	A (pronome pessoal = ela)
Vou a + a praia. *Vou à praia.* *Enviarei a correspondência à empresa.*	*Os pais já a encontraram.*
	A (pronome demonstrativo = aquela)
	Esta obra é a que indicaram no censo.

Ao encontro de / De encontro a

AO ENCONTRO DE ser favorável, estar de acordo	DE ENCONTRO A ser contra, opor-se
Sua decisão veio ao encontro das minhas expectativas, por isso estou feliz.	*Sua decisão veio de encontro às minhas expectativas, o que muito me decepcionou.*

Afim / A fim de

AFIM semelhante, igual	A FIM DE = para (locução prepositiva)
Descobri que tínhamos ideias afins.	*Estou aqui a fim de te ajudar.* *Sorria a fim de me alegrar.*

Demais / De mais

DEMAIS = muito	DE MAIS # de menos ou a mais
Ele ficou feliz demais. *(Ficou muito feliz.)*	*Não vejo nada de mais aqui.* *(Não vejo nada de menos aqui.)*

Senão / Se não

SENÃO de outro modo, do contrário, aliás, porém, exceto	SE NÃO caso não (condição)
Trabalha e estuda, senão nada conseguirás. (= do contrário) *Ninguém senão você poderá entender-me. (= exceto)* *Todos ficaram ricos.* *Ele não encontrou senão uma pequena esmeralda.* *(= apenas)*	*Se não ficou rico ainda, trabalhe mais.* *Ficaram muitos hóspedes no hotel, se não todos já estavam lá.* *Se não podes, por que vais?*

Tampouco / Tão pouco

TAMPOUCO Também não	TÃO POUCO Mais / intensidade
Não sei tudo, tampouco ele o sabe.	*Bebi tão pouco quanto ele.*

A cerca de / Acerca de

A CERCA DE aproximadamente	ACERCA DE a respeito de
O homem dirigiu-se a cerca de um milhão de fiéis.	*O homem falou acerca do aborto.*
Há cerca de → *só para referência a tempo*	

A par / Ao par

A PAR bem informado	AO PAR indica equivalência de valores financeiros
Não estou a par do assunto da conferência.	*As moedas fortes, como a libra, mantêm-se sempre ao par.*

PROSÓDIA OU SILABADA

PALAVRAS QUE OFERECEM DÚVIDA QUANTO À SÍLABA TÔNICA

OXÍTONAS	PAROXÍTONAS	PROPAROXÍTONAS
cateter, harém, Gibraltar, mister, Nobel, novel, refém, recém, ruim, sutil, ureter condor etc.	acórdão, misantropo, exegese, necropsia, filantropo, fortuito, gratuito, avaro, aziago, barbaria, pudico, Hungria, ibero, índex, dúplex, maquinaria efebo, rubrica, recorde etc.	aeródromo, biótipo, anélito, íngreme arquétipo, bávaro, boêmia, ínterim, rubéola lêvedo, ímprobo síncope pároco tálamo etc.

Observação: Alguns dicionários já aceitam *levedo*, *duplex* e *boemia*. O VOLP já traz tais registros.

VARIANTES LINGUÍSTICAS

Palavras de grafia oscilante

assobiar	assoviar	acróbata	acrobata
bílis	bile	alópata	alopata
porcentagem	percentagem	ambrósia	ambrosia
aluguel	aluguer	anidridio	anídrido
cotidiano	quotidiano	biópsia	biopsia
cota	quota	homília	homilia
loura	loira	projétil	projetil
alpercata	alpargata	réptil	reptil
enfarto	enfarte	túlipa	tulipa
bêbedo	bêbado	cociente	quociente
catorze	quatorze	coisa	cousa etc...

EMPREGO DAS LETRAS

Grafam-se com *s*

a) Todas as palavras que tenham um verbo cognato (= da mesma raiz) terminado em ***ender*** e ***dir***:

defesa (defender) - **ilusão** (iludir)
pretensão (pretender) - **alusão** (de aludir)

b) Todas as palavras derivadas em que fique o ***s*** no radical da primitiva:

mesário (mesa) - **lapisinho** (lápis)

c) As formas dos verbos ***querer*** e ***pôr:***

quis, quiseram - puseste, puséssemos

Grafam-se com *z*

a) As palavras cognatas de outras grafadas com ***c, ç, g***:

audaz (audácia) - **amizade** (amigo)
reduzir (redução)

b) Todas as palavras derivadas em que não haja ***s*** no radical da primitiva:

bambuzal (de bambu) - **caquizeiro** (de caqui)

c) Os sufixos diminutivos ou aumentativos:

pezinho (pé) - **canzarrão** (cão)

Grafam-se com *ch*

a) Palavras derivadas de primitivas que tenham o ***ch***:

enchoçar (de choça) - **encharcar** (de charco)

b) O verbo ***encher*** e seus cognatos:

preencher, preenchido, enchido, enchimento

c) Palavras cognatas de outras grafadas com ***pl, fl, cl*** **:**

chumbo (plúmbeo) - **chave** (clave)
chama (flama)

Grafam-se com *x*

a) As palavras começadas por ***en*** e ***me***:

enxurrada - enxergar
mexer - mexicano

Exceção: encher *e seus cognatos.*

b) Depois de ditongo decrescente:

caixa - trouxa - peixe - ameixa

Exceção: caucho, recauchutagem.

Grafam-se com *g*

a) As palavras derivadas de primitivas que tenham ***g*** (exceto antes de **a**, **o** e **u**):

rabugento (de rabugem)
homenagear (de homenagem)

Grafam-se com *j*

a) Todas as palavras derivadas de primitivas que tenham ***j***:

nojento (de nojo) - **lisonjear** (de lisonja)

b) As formas dos verbos em ***jar***:

viajei, viajem (verbo viajar)
encorajemos (encorajar)
babujeis (babujar)

Atenção: *viagem (substantivo).*

Grafam-se com *ss*

a) As palavras ou radicais iniciados por ***s***, quando entram em derivadas ou compostas, se o fonema /***s***/ se mantém entre vogais:

girassol (gira + sol)
homossexual (homo + sexual)

b) As terminações dos superlativos sintéticos e do imperfeito do subjuntivo de todos os verbos:

boníssimo - péssimo
amasse - vendêssemos

Grafam-se com *ç*

a) As palavras derivadas de primitivas que tenham *ç*:

pançudo (de pança)
embaçado (de embaço)

b) Os verbos em ***ecer/escer***, antes de ***a, o, u***:

amanheça (amanhecer)
enrubesço (enrubescer)

c) As palavras de origem árabe, indígena e africana:

muçulmano - açafrão - babaçu
paçoca - araçá - miçanga

EMPREGO DAS INICIAIS MAIÚSCULAS

Nos substantivos próprios

(pessoas, ruas, cidades, países, regiões etc.)

Paulo - Rua dos Caetés - Brasil
os povos do Norte - Via Láctea - Mantiqueira

Nos nomes de livros, jornais e revistas

Jubiabá - Dom Casmurro
Diário da Tarde - Folha de São Paulo
Medicina e Saúde - Eletrônica Popular

Nos nomes de agremiações, estabelecimentos públicos e particulares

Clube Atlético Mineiro - Instituto de Educação
Colégio Anchieta - Cemig

Nos substantivos comuns, quando personificados ou enfatizados

a Bondade - o Amor - o Vício
a Morte - o Lobo - o Cordeiro

• OBSERVAÇÕES

1 Quando o substantivo estiver personificado, deve ser grafado com inicial maiúscula:

*A **Virtude** fugiu do mundo.*

2 Os logradouros **podem** ser grafados com maiúscula:

*Moro na **Praça** Cairo.*

SEMÂNTICA, SINONÍMIA, ANTONÍMIA

Quanto à forma e à significação:
Sinônimos → mesmo sentido.
Antônimos → sentidos opostos.
Homônimos → mesma grafia e/ou mesmo som.
Parônimos → mesma grafia e/ou pronúncia similar.

Sinônimos

São aqueles diferentes na forma, mas semelhantes ou iguais na significação:

*O **céu** parece de algodão.*
*No **firmamento** brilham as estrelas.*

Nem sempre existe um sinônimo perfeito para a palavra empregada. Vale mais a aproximação de sentido (capacidade sinonímica).

morrer/ falecer
beija-flor / colibri
porco / suíno
língua / idioma

Deus / Pai Eterno
careca / calvo
casa / lar
casamento / matrimônio

Veja os exemplos abaixo:

*Muda-se de **casa**, mas o **lar** continua.*
*(A palavra **casa** foi tomada como elemento físico.*
*Já o termo **lar** possui uma conotação espiritual.)*

*Alguns casais **se casam**, mas*
*não contraem **matrimônio**.*
*(O verbo **casar-se** tem conotação jurídica. O substantivo **matrimônio** tem uma conotação religiosa.)*

Assim, pode-se concluir que a capacidade sinônimica de um termo não pode ser avaliada fora de contexto.

Antônimos

São aqueles diferentes na forma e contrários na significação:

altruísmo / egoísmo
análise / síntese
acessório / essencial
mesquinho / magnânimo
aziago / propício
prólogo / epílogo

Além das palavras que apresentam significação oposta no dicionário, existem outras cuja oposição está inserida no contexto, ou seja, a oposição se prende apenas ao texto.

> “A vós correndo vou, **braços sagrados**,
> Nessa cruz sacrossanta **descobertos**
> Que para **receber-me**, estais **abertos**
> E por não **castigar-me** estais **cravados**.”
>
> (Gregório de Matos)

Antônimas apenas no texto acima:

receber / castigar
abertos / cravados
sagrados / descobertos

braços abertos: livres, sem empecilho;
braços cravados: presos, fixados;
braços sagrados: braços descobertos.

A antonímia também pode originar-se de um prefixo de sentido oposto ou negativo:

bendizer, **mal**dizer
simpático, **anti**pático
progredir, **re**gredir
concórdia, **dis**córdia
explícito, **im**plícito

ativo, **in**ativo
esperar, **des**esperar
comunista, **anti**comunista
simétrico, **a**ssimétrico
pré-nupcial, **pós**-nupcial

Parônimos

Parônimos são palavras diferentes no sentido, mas com muita semelhança na escrita e na pronúncia:

infligir / infringir
retificar / ratificar
vultoso / vultuoso

Parônimos – emprego do *e* ou do *i*

Arrear = pôr arreios a	**Arriar** = abaixar
Deferimento = concessão	**Diferimento** = adiamento
Deferir = conceder	**Diferir** = adiar
Delatar = denunciar	**Dilatar** = retardar, estender
Descrição = representação	**Discrição** = reserva
Descriminar = inocentar	**Discriminar** = distinguir
Despensa = compartimento	**Dispensa** = desobriga
Destratar = insultar	**Distratar** = desfazer (contrato)
Emergir = vir à tona	**Imergir** = mergulhar
Emigrante = o que sai do próprio país	**Imigrante** = o que entra em país estranho
Eminência = altura, excelência	**Iminência** = proximidade de ocorrência
Eminente = alto, excelente	**Iminente** = que ameaça ocorrer
Emitir = lançar fora de si	**Imitir** = fazer entrar
Enfestar = dobrar ao meio na sua largura	**Infestar** = assolar
Enformar = meter em fôrma, incorporar	**Informar** = avisar
Entender = compreender	**Intender** = exercer vigilância
Lenimento = suavizante	**Linimento** = medicamento para fricções
Peão = que anda a pé	**Pião** = espécie de brinquedo
Recrear = divertir	**Recriar** = criar de novo
Se = pronome átono, conjunção	**Si** = pronome tônico, nota musical
Vadear = passar a vau	**Vadiar** = passar vida ociosa
Venoso = relativo a veias	**Vinoso** = que produz vinho

Parônimos – emprego do **O** ou do **U**	
Açodar = instigar	**Açudar** = construir açudes
Assoar = limpar (o nariz)	**Assuar** = vaiar
Bocal = embocadura	**Bucal** = relativo à boca
Comprido = longo	**Cumprido** = executado
Comprimento = extensão	**Cumprimento** = saudação
Costear = navegar junto à costa	**Custear** = prover as despesas de
Cutícula = película	**Cutícola** = que vive na pele
Insolação = exposição ao sol	**Insulação** = isolamento
Insolar = expor ao sol	**Insular** = isolar
Ovular = semelhante a ovo	**Uvular** = relativo à úvula
Pontoar = marcar com ponto	**Pontuar** = empregar a pontuação em
Roborizar = fortalecer	**Ruborizar** = corar, envergonhar-se
Soar = dar ou produzir som, ecoar	**Suar** = transpirar
Soporativo = que produz sopor (modorra)	**Supurativo** = que produz supuração
Sortir = abastecer	**Surtir** = originar
Torvar = tornar-se carrancudo	**Turvar** = tornar turvo (opaco); toldar
Torvo = iracundo, enfurecido	**Turvo** = opaco, toldado
Vultoso = volumoso	**Vultuoso** = atacado de vultuosidade (congestão relativo à face)

Homônimos

Homônimos são palavras diferentes no sentido, mas que têm a mesma pronúncia. Dividem-se em homônimos perfeitos e homônimos imperfeitos.

Homônimos perfeitos são palavras diferentes no sentido, mas idênticas na escrita e na pronúncia.

Homem ***são*** *(adj.) /* ***São*** *João /* ***São*** *várias as causas.*
Como *vais? / Eu* ***como*** *feijão.*
Não há relação entre as palavras.

Homônimos imperfeitos, que se dividem em:

- **Homônimos homógrafos** são palavras que apresentam a mesma escrita e a mesma pronúncia, exceto a abertura da vogal tônica.

almoço (verbo)
almoço (substantivo)

- **Homônimos homófonos** são palavras que apresentam a mesma pronúncia, mas a grafia é diferente.

apreçar / apressar
sessão / seção / cessão

Homônimos e Parônimos – emprego do grupo **SC**	
Acender = pôr fogo a	**Ascender** = subir
Decente = decoroso, limpo	**Descente** = que desce, vazante
Discente = relativo a alunos	**Docente** = relativo a professores
Acético = relativo ao vinagre	**Ascético** = relativo ao ascetismo
	Asséptico = relativo à assepsia

Homônimos e Parônimos – emprego do **C**, **Ç**, **S** e **SS**	
Acento = inflexão da voz, sinal gráfico	**Assento** = lugar onde se assenta
Acessório = que não é fundamental	**Assessório** = relativo ao assessor
Anticé(p)tico = oposto aos céticos	**Antissé(p)tico** = desinfetante
Apreçar = marcar ou ver o preço de	**Apressar** = tornar rápido
Caçar = perseguir a caça	**Cassar** = anular
Cé(p)tico = que ou quem duvida	**Sé(p)tico** = que causa infecção
Cegar = fazer perder a vista a	**Segar** = ceifar, cortar
Cela = aposento de religiosos	**Sela** = arreio de cavalgadura
Celeiro = depósito de provisões	**Seleiro** = fabricante de selas
Cenário = decoração de teatro	**Senário** = que consta de seis unidades
Censo = recenseamento	**Senso** = juízo claro
Censual = relativo ao censo	**Sensual** = relativo aos sentidos
Cerração = nevoeiro espesso	**Serração** = ato de serrar
Cerrar = fechar	**Serrar** = cortar
Cervo = veado	**Servo** = servente
Cessação = ato de cessar	**Sessação** = ato de sessar
Cessar = interromper	**Sessar** = peneirar
Ciclo = período	**Siclo** = moeda judaica
Cilício = cinto para penitências	**Silício** = elemento químico
Cinemático = Relativo ao movimento mecânico	**Sinemático** = Relativo aos estames

(continua)

Círio = vela grande de cera	**Sírio** = da Síria
Concertar = harmonizar; combinar	**Consertar** = remendar, reparar
Corço = cabrito selvagem	**Corso** = natural da Córsega
Decertar = lutar	**Dissertar** = discorrer
Empoçar = formar poça	**Empossar** = dar posse a
Incerto = duvidoso	**Inserto** = inserido, incluído
Incipiente = principiante	**Insipiente** = Ignorante
Intenção ou tenção = propósito	**Intensão ou tensão** = intensidade
Intercessão = súplica	**Interse(c)ção** = ponto em que duas linhas se cortam
Laço = laçada	**Lasso** = cansado
Maça = clava	**Massa** = pasta
Maçudo = indigesto, monótono	**Massudo** = volumoso
Paço = palácio	**Passo** = passada
Ruço = pardacento, grisalho	**Russo** = natural da Rússia
Cessão = doação, anuência	**Secção ou seção** = corte, divisão **Sessão** = reunião
Cesta = utensílio de vara, com asas	**Sexta** = ordinal feminino de seis **Sesta** = hora de descanso
Indefesso = incansável	**Indefeso** = sem defesa **Infenso** = contrário

Homônimos e Parônimos – emprego do S ou do Z

Asado = que tem asas	**Azado** = oportuno
Asar = guarnecer com asas	**Azar** = dar azar, má sorte
Coser = costurar	**Cozer** = cozinhar
Revezar = substituir alternadamente	**Revisar** = rever, corrigir
Vês = forma do verbo ver	**Vez** = ocasião
Fúsil = Que se pode fundir	**Fuzil** = carabina **Fusível** = resistência de fusibilidade calibrada

Homônimos e Parônimos – emprego do S ou do X

Espiar = espreitar	**Expiar** = sofrer pena ou castigo
Espirar = soprar, respirar, estar vivo	**Expirar** = expelir (o ar), morrer
Estrato = camada sedimentar, tipo de nuvem	**Extrato** = o que foi tirado de dentro, fragmento
Esterno = osso do peito	**Externo** = exterior **Hesterno** = Relativo ao dia de ontem

Homônimos e Parônimos – emprego do ch ou do X

Brocha = prego curto de cabeça larga e chata	**Broxa** = pincel
Bucho = estômago de animais	**Buxo** = arbusto ornamental
Cachão = borbotão, fervura	**Caixão** = caixa grande; féretro
Cachola = cabeça, bestunto	**Caixola** = pequena caixa
Cartucho = canudo de papel	**Cartuxo** = pertencente à ordem da Cartuxa
Chá = arbusto, infusão	**Xá** = título de soberano no Oriente
Chácara = quinta	**Xácara** = narrativa popular em verso
Chalé = casa campestre em estilo suíço	**Xale** = cobertura para os ombros
Cheque = ordem de pagamento	**Xeque** = incidente no jogo de xadrez, contratempo
Cocha = gamela	**Coxa** = parte da perna
Cocho = vasilha feita com um tronco de madeira escavada	**Coxo** = aquele que manca
Luchar = sujar	**Luxar** = deslocar, desconjuntar
Tacha = brocha, pequeno prego	**Taxa** = imposto, preço
Tachar = censurar, notar defeito em	**Taxar** = estabelecer o preço ou o imposto

EXERCÍCIOS

1 Assinale a alternativa que preencha **CORRETAMENTE** os espaços da frase abaixo.
A______ do político depende muito da ______ do apoio popular.
a) ascensão, obtenção
b) ascensão, obtensão
c) ascenção, obtenção
d) ascenssão, obtensão
e) ascenssão, obtenção

2 Uma falsa meiguice encobria-lhe a _____ e a falta de _____________. A sequência **CORRETA** é
a) regidês – compreenção.
b) rigidez – compreensão.
c) rijidez – compreensão.
d) rijidês – comprensão.
e) rigeza – compreenção.

3 Assinale a alternativa em que **NÃO** ocorre erro de grafia.
a) escasso, massa, carrocel, puzesse, senso
b) honradez, quizestes, ruço, dissertar, cessar
c) empossar, incipiente, obscecação, assessório, maçudo
d) celeiro, exegesse, cerração, intensão, disfarse
e) atraso, maça, ascensorista, exceção, obsessão

4 Assinale a alternativa que contém **ERRO** gráfico.
a) herege, extático, montês
b) extensão, destro, ironizar
c) bueiro, despender, imersão
d) empecilho, faxina, consenso
e) excêntrico, pretencioso, escassez

5 São grafadas com "s", "ss", "ç", **RESPECTIVAMENTE**, as palavras
a) incur___o / tor___ão / controvér___ia.
b) emi___ão / intromi___ão / exten___ão.
c) admi___ível / assun___ão / exten___ão.
d) preten___ioso / opre___ão / reten___ão.
e) cansa___o / conce___ão / an___ioso.

6 Assinale a alternativa em que todas as palavras estão escritas **CORRETAMENTE.**
a) paralisar – pesquisar – ironizar – deslizar
b) alteza – empreza – francesa – miudesa
c) cuscus – chimpanzé – encharcar – encher
d) incenso – absesso – Luís – compreensão
e) chineza – marquês – garrucha – meretriz

7 O ________ rendido pelas artes da ______, ______ na espreguiçadeira. A sequência **CORRETA** é
a) herói – cosinha – cochilava.
b) heroi – cosinha – coxilava.
c) heroi – cozinha – coxilava .
d) herói – cozinha – cochilava.
e) herói – cozinha – coxilava.

8 A certa altura do ritual, o _______ das _____ atingiu marcação _____. A sequência **CORRETA** é
a) ritmo – danças – alucinante.
b) ritmo – dansas – aluscinante.
c) rítimo – danças – aluscinante.
d) ritimo – danças – aluscinante.
e) rítmo – danças – alucinante.

9 Assinale a série de grafia **INCORRETA**.
a) usina – buzina
b) ombridade – hombro
c) úmido – humilde
d) erva – herbívoro
e) néscio – cônscio

10 Assinale a resposta que completa **CORRETAMENTE** os espaços abaixo.
Olhei, não _________ ninguém e tive um breve momento de ___________.
a) encherguei – hexitação
b) enxerguei – hesitação
c) enxerguei – exitação
d) encherguei – exitação
e) encherguei – hesitação

Gabarito

| 1-a | 2-b | 3-e | 4-e | 5-d | 6-a | 7-d | 8-a | 9-b | 10-b |

PARONÍMIA E HOMONÍMIA

Relação de palavras homônimas e parônimas que com maior frequência provocam dúvidas quanto à grafia correta e pertinente numa dada frase.

Absolver: inocentar, relevar da culpa imputada: *O júri absolveu o réu.*
Absorver: embeber em si, esgotar: *O solo absorveu lentamente a água da chuva.*

Acender: atear (fogo), inflamar.
Ascender: subir, elevar-se.

Acento: sinal gráfico; inflexão vocal: *Vocábulo sem acento.*
Assento: banco, cadeira: *Tomar assento num cargo.*

Acerca de: sobre, a respeito de: *No discurso, o Presidente falou acerca de seus planos.*
A cerca de: a uma distância aproximada de: *O anexo fica a cerca de trinta metros do prédio principal. Estamos a cerca de um mês ou (ano) das eleições.*
Há cerca de: faz aproximadamente (tanto tempo): *Há cerca de um ano, tratamos de caso idêntico;* existem aproximadamente: *Há cerca de mil títulos no catálogo.*

Acidente: acontecimento casual; desastre: *A derrota foi um acidente na sua vida profissional. O súbito temporal provocou terrível acidente no parque.*
Incidente: episódio; que incide, que ocorre: *O incidente da demissão já foi superado.*

Adotar: escolher, preferir; assumir; pôr em prática.
Dotar: dar em doação, beneficiar.

Afim: que apresenta afinidade, semelhança, relação (de parentesco): *Se o assunto era afim, por que não foi tratado no mesmo parágrafo?*
A fim de: para, com a finalidade de, com o fito de: *O projeto foi encaminhado com quinze dias de antecedência a fim de permitir a necessária reflexão sobre sua pertinência.*

Alto: de grande extensão vertical; elevado, grande.
Auto: ato público, registro escrito de um ato, peça processual.

Aleatório: casual, fortuito, acidental.
Alheatório: que alheia, alienante, que desvia ou perturba.

Amoral: desprovido de moral, sem senso de moral.
Imoral: contrário à moral, aos bons costumes, devasso, indecente.

Ante (preposição): diante de, perante: *Ante tal situação, não teve alternativa.*
Ante- (prefixo): expressa anterioridade: *antepor*, *antever*, *anteprojeto*, *ante-diluviano*.
Anti- (prefixo): expressa contrariedade; contra: *anticientífico*, *antibiótico*, *anti-higiênico*, *anti-Marx*.

Ao encontro de: para junto de; favorável a: *Foi ao encontro dos colegas. O projeto salarial veio ao encontro dos anseios dos trabalhadores.*
De encontro a: contra; em prejuízo de: *O carro foi de encontro a um muro. O governo não apoiou a medida, pois vinha de encontro aos interesses dos menores.*

Ao invés de: ao contrário de: *Ao invés de demitir dez funcionários, a empresa contratou mais vinte.* (Inaceitável o cruzamento *ao em vez de.)
Em vez de: em lugar de: *Em vez de demitir dez funcionários, a empresa demitiu vinte.*

A par: informado, ao corrente, ciente: *O Ministro está a par (var.: ao par) do assunto;* ao lado, junto; além de.
Ao par: de acordo com a convenção legal: *Fez a troca de mil dólares ao par.*

Aparte: interrupção, comentário à margem: *O deputado concedeu ao colega um aparte em seu pronunciamento.*
À parte: em separado, isoladamente, de lado: *O anexo ao projeto foi encaminhado por expediente à parte.*

Apreçar: avaliar, pôr preço: *O perito apreçou irrisoriamente o imóvel.*
Apressar: dar pressa a, acelerar: *Se o andamento das obras não for apressado, não será cumprido o cronograma.*

Área: superfície delimitada, região.
Ária: canto, melodia.

Aresto: acórdão, caso jurídico julgado: *Neste caso, o aresto é irrecorrível.*
Arresto: apreensão judicial, embargo: *Os bens do traficante preso foram todos arrestados.*

Arrochar: apertar com arrocho, apertar muito.
Arroxar: ou arroxear, roxear: tornar roxo.

Ás: exímio em sua atividade; carta do baralho.
Az (p. us.): esquadrão, ala do exército.

Atuar: agir, pôr em ação; pressionar.
Autuar: lavrar um auto; processar.

Auferir: obter, receber: Auferir lucros, vantagens.
Aferir: avaliar, cotejar, medir, conferir: Aferir valores, resultados.

Augurar: prognosticar, prever, auspiciar: *O Presidente augurou sucesso ao seu par americano.*
Agourar: pressagiar, predizer (geralmente no mau sentido): *Os técnicos agouram desastre na colheita.*

Avocar: atribuir-se, chamar: *Avocou a si competências de outrem.*
Evocar: lembrar, invocar: *Evocou no discurso o começo de sua carreira.*
Invocar: pedir (a ajuda de); chamar; proferir: *Ao final do discurso, invocou a ajuda de Deus.*

Caçar: perseguir, procurar, apanhar (geralmente animais).
Cassar: tornar nulo ou sem efeito, suspender, invalidar.

Carear: atrair, ganhar, granjear.
Cariar: criar cárie.
Carrear: conduzir em carro, carregar.

Casual: fortuito, aleatório, ocasional.
Causal: causativo, relativo à causa.
Cavaleiro: que anda a cavalo, cavalariano.
Cavalheiro: indivíduo distinto, gentil, nobre.

Censo: alistamento, recenseamento, contagem.
Senso: entendimento, juízo, tino.

Cerrar: fechar, encerrar, unir, juntar.
Serrar: cortar com serra, separar, dividir.

Cessão: ato de ceder: A cessão do local pelo município tornou possível a realização da obra.
Seção: setor, subdivisão de um todo, repartição, divisão: *Em qual seção do ministério ele trabalha?*
Sessão: espaço de tempo que dura uma reunião, um congresso; reunião; espaço de tempo durante o qual se realiza uma tarefa: *A próxima sessão legislativa será iniciada em 1o de agosto.*

Chá: planta, infusão.
Xá: antigo soberano persa.

Cheque: ordem de pagamento à vista.
Xeque: dirigente árabe; lance de xadrez; (fig.) perigo (pôr em xeque).

Círio: vela de cera.
Sírio: da Síria.

Cível: relativo à jurisdição dos tribunais civis.
Civil: relativo ao cidadão; cortês, polido (daí civilidade); não militar nem eclesiástico.

Colidir: trombar, chocar; contrariar: *A nova proposta colide frontalmente com o entendimento havido.*
Coligir: colecionar, reunir, juntar: *As leis foram coligidas pelo Ministério da Justiça.*

Comprimento: medida, tamanho, extensão, altura.
Cumprimento: ato de cumprir, execução completa; saudação.

Concelho: circunscrição administrativa ou município (em Portugal).
Conselho: aviso, parecer, órgão colegiado.

Concerto: acerto, combinação, composição, harmonização (cp. concertar): *O concerto das nações... O concerto de Guarnieri...*
Conserto: reparo, remendo, restauração (cp. consertar): *Certos problemas crônicos aparentemente não têm conserto.*

Conje(c)tura: suspeita, hipótese, opinião.
Conjuntura: acontecimento, situação, ocasião, circunstância.

Contravenção: transgressão ou infração a normas estabelecidas.
Contraversão: versão contrária, inversão.

Coser: costurar, ligar, unir.
Cozer: cozinhar, preparar.

Costear: navegar junto à costa, contornar. *A fragata costeou inúmeras praias do litoral baiano antes de partir para alto-mar.*
Custear: pagar o custo de, prover, subsidiar. *Qual a empresa disposta a custear tal projeto?*
Custar: valer, necessitar, ser penoso. *Quanto custa o projeto? Custa-me crer que funcionará.*

Deferir: consentir, atender, despachar favoravelmente, conceder.
Diferir: ser diferente, discordar; adiar, retardar, dilatar.

Degradar: deteriorar, desgastar, diminuir, rebaixar.
Degredar: impor pena de degredo, desterrar, banir.

Delatar (delação): denunciar, revelar crime ou delito, acusar: *Os traficantes foram delatados por membro de quadrilha rival.*
Dilatar (dilação): alargar, estender; adiar, diferir: *A dilação do prazo de entrega das declarações depende de decisão do Diretor da Receita Federal.*

Derrogar: revogar parcialmente (uma lei), anular.
Derrocar: destruir, arrasar, desmoronar.

Descrição: ato de descrever, representação, definição.
Discrição: discernimento, reserva, prudência, recato.

Descriminar: absolver de crime, tirar a culpa de.
Discriminar: diferençar, separar, discernir.

Despensa: local em que se guardam mantimentos, depósito de provisões.
Dispensa: licença ou permissão para deixar de fazer algo a que se estava obrigado; demissão.

Despercebido: que não se notou, para o que não se atentou: *Apesar de sua importância, o projeto passou despercebido.*
Desapercebido: desprevenido, desacautelado: *Embarcou para a missão na Amazônia totalmente desapercebido dos desafios que lhe aguardavam.*

Dessecar: secar bem, enxugar, tornar seco.
Dissecar: analisar minuciosamente, dividir anatomicamente.

Destratar: insultar, maltratar com palavras.
Distratar: desfazer um trato, anular.

Distensão: ato ou efeito de distender, torção violenta dos ligamentos de uma articulação.
Distinção: elegância, nobreza, boa educação: *Todos devem portar-se com distinção.*
Dissensão: desavença, diferença de opiniões ou interesses: *A dissensão sobre a matéria impossibilitou o acordo.*

Elidir: suprimir, eliminar.
Ilidir: contestar, refutar, desmentir.

Emenda: correção de falta ou defeito, regeneração, remendo: *ao torná-lo mais claro e objetivo, a emenda melhorou o projeto.*
Ementa: apontamento, súmula de decisão judicial ou do objeto de uma lei. *Procuro uma lei cuja ementa é "dispõe sobre a propriedade industrial".*

Emergir: vir à tona, manifestar-se.
Imergir: mergulhar, afundar submergir, entrar.

Emigrar: deixar o país para residir em outro.
Imigrar: entrar em país estrangeiro para nele viver.

Eminente (eminência): alto, elevado, sublime.
Iminente (iminência): que está prestes a acontecer, pendente, próximo.

Emitir (emissão): produzir, expedir, publicar.
Imitir (imissão): fazer entrar, introduzir, investir.
Empoçar: reter em poço ou poça, formar poça.
Empossar: dar posse a, tomar posse, apoderar-se.

Encrostar: criar crosta.
Incrustar: cobrir de crosta, adornar, revestir, prender-se, arraigar-se.

Entender: compreender, perceber, deduzir.
Intender: (p. us): exercer vigilância, superintender.

Enumerar: numerar, enunciar, narrar, arrolar.
Inúmero: inumerável, sem conta, sem número.

Espectador: aquele que assiste qualquer ato ou espetáculo, testemunha.
Expectador: que tem expectativa, que espera.

Esperto: inteligente, vivo, ativo.
Experto: perito, especialista.

Espiar: espreitar, observar secretamente, olhar.
Expiar: cumprir pena, pagar, purgar.

Estada: ato de estar, permanência: *Nossa estada em São Paulo foi muito agradável.*
Estadia: prazo para carga e descarga de navio ancorado em porto: *O "Rio de Janeiro" foi autorizado a uma estadia de três dias.*

Estância: lugar onde se está, morada, recinto.
Instância: solicitação, pedido, rogo; foro, jurisdição, juízo.

Estrato: cada camada das rochas estratificadas.
Extrato: coisa que se extraiu de outra; pagamento, resumo, cópia; perfume.

Flagrante: ardente, acalorado; diz-se do ato que a pessoa é surpreendida a praticar (flagrante delito).
Fragrante: que tem fragrância ou perfume; cheiroso.

Florescente: que floresce, próspero, viçoso.
Fluorescente: que tem a propriedade da fluorescência.

Folhar: produzir folhas, ornar com folhagem, revestir lâminas.
Folhear: percorrer as folhas de um livro, compulsar, consultar.

Incerto: não certo, indeterminado, duvidoso, variável.
Inserto: introduzido, incluído, inserido.

Incipiente: iniciante, principiante.
Insipiente: ignorante, insensato.

Incontinente: imoderado, que não se contém, descontrolado.
Incontinenti: imediatamente, sem demora, logo, sem interrupção.

Induzir: causar, sugerir, aconselhar, levar a: *O réu declarou que havia sido induzido a cometer o delito.*
Aduzir: expor, apresentar: *A defesa, então, aduziu novas provas.*

Inflação: ato ou efeito de inflar; emissão exagerada de moeda, aumento persistente de preços.
Infração: ato ou efeito de infringir ou violar uma norma.

Infligir: cominar, aplicar (pena, castigo, repreensão, derrota): *O juiz infligiu pesada pena ao réu.*
Infringir: transgredir, violar, desrespeitar (lei, regulamento, etc.) (cp. infração): *A condenação decorreu de ter ele infringido um sem número de artigos do Código Penal.*

Inquerir: apertar (a carga de animais), encilhar.
Inquirir: procurar informações sobre, indagar, investigar, interrogar.

Intercessão: ato de interceder.
Interse(c)ção: ação de se(c)cionar, cortar; ponto em que se encontram duas linhas ou superfícies.

Inter- (prefixo): entre; preposição latina usada em locuções: *inter alia (entre outros), inter pares (entre iguais).*
Intra- (prefixo): interior, dentro de.

Judicial: que tem origem no Poder Judiciário ou que perante ele se realiza.
Judiciário: relativo ao direito processual ou à organização da Justiça.

Liberação: ato de liberar, quitação de dívida ou obrigação.
Libertação: ato de libertar ou libertar-se.

Lista: relação, catálogo (var. pop. de listra.)
Listra: risca de cor diferente num tecido (var. pop. de lista).

Locador: que dá de aluguel, senhorio, arrendador.
Locatário: alugador, inquilino: *O locador reajustou o aluguel sem a concordância do locatário.*

Lustre: brilho, glória, fama; abajur.
Lustro: qüinqüênio; polimento.

Magistrado: juiz, desembargador, ministro.
Magistral: relativo a mestre (latim: magister); perfeito, completo; exemplar.

Mandado: garantia constitucional para proteger direito individual líquido e certo; ato de mandar; ordem escrita expedida por autoridade judicial ou administrativa: um mandado de segurança, mandado de prisão.
Mandato: autorização que alguém confere a outrem para praticar atos em seu nome; procuração; delegação: o mandato de um deputado, senador, do Presidente.

Mandante: que manda; aquele que outorga um mandato.
Mandatário: aquele que recebe um mandato, executor de mandato, representante, procurador.
Mandatório: obrigatório.

Obcecação: ato ou efeito de obcecar, teimosia, cegueira.
Obsessão: impertinência, perseguição, ideia fixa.

Ordinal: numeral que indica ordem ou série (primeiro, segundo, milésimo, etc.).
Ordinário: comum, frequente, trivial, vulgar.

Original: com caráter próprio; inicial, primordial.
Originário: que provém de, oriundo; inicial, primitivo.

Paço: palácio real ou imperial; a corte.
Passo: ato de avançar ou recuar um pé para andar; caminho, etapa.
Pleito: questão em juízo, demanda, litígio, discussão: *O pleito por mais escolas na região foi muito bem formulado.*
Preito: sujeição, respeito, homenagem: *Os alunos renderam preito ao antigo reitor.*

Preceder: ir ou estar adiante de, anteceder, adiantar-se.

Proceder: originar-se, derivar, provir; levar a efeito, executar.

Pós- (prefixo): posterior a, que sucede, atrás de, após: pós-moderno, pós-operatório.
Pré- (prefixo): anterior a, que precede, à frente de, antes de: pré-modernista, pré-primário.
Pró (advérbio): em favor de, em defesa de. *A maioria manifestou-se contra, mas dei meu parecer pró.*

Preeminente: que ocupa lugar elevado, nobre, distinto.
Proeminente: alto, saliente, que se alteia acima do que o circunda.

Preposição: ato de prepor, preferência; palavra invariável que liga constituintes da frase.
Proposição: ato de propor, proposta; máxima, sentença; afirmativa, asserção.

Presar: capturar, agarrar, apresar.
Prezar: respeitar, estimar muito, acatar.

Prescrever: fixar limites, ordenar de modo explícito, determinar; ficar sem efeito, anular-se: *O prazo para entrada do processo prescreveu há dois meses.*
Proscrever: abolir, extinguir, proibir, terminar; desterrar. *O uso de várias substâncias psicotrópicas foi proscrito por recente portaria do Ministro.*

Prever: ver antecipadamente, profetizar; calcular: *A assessoria previu acertadamente o desfecho do caso.*
Prover: providenciar, dotar, abastecer, nomear para cargo: *O chefe do departamento de pessoal proveu os cargos vacantes.*
Provir: originar-se, proceder; resultar: *A dúvida provém (Os erros provêm) da falta de leitura.*

Prolatar: proferir sentença, promulgar.
Protelar: adiar, prorrogar.

Ratificar: validar, confirmar, comprovar.
Retificar: corrigir, emendar, alterar: *A diretoria ratificou a decisão após o texto ter sido retificado em suas passagens ambíguas.*

Recrear: proporcionar recreio, divertir, alegrar.
Recriar: criar de novo.

Reincidir: tornar a incidir, recair, repetir.
Rescindir: dissolver, invalidar, romper, desfazer: *Como ele reincidiu no erro, o contrato de trabalho foi rescindido.*

Remição: ato de remir, resgate, quitação.
Remissão: ato de remitir, intermissão, intervalo; perdão, expiação.

Repressão: ato de reprimir, contenção, impedimento, proibição.
Repreensão: ato de repreender, enérgica admoestação, censura, advertência.

Ruço: grisalho, desbotado.
Russo: referente à Rússia, nascido naquele país; língua falada na Rússia.

Sanção: confirmação, aprovação; pena imposta pela lei ou por contrato para punir sua infração.
Sansão: nome de personagem bíblico; certo tipo de guindaste.

Sedento: que tem sede; sequioso (var. p. us.: sedente).
Cedente: que cede, que dá.

Sobrescritar: endereçar, destinar, dirigir.
Subscritar: assinar, subscrever.

Sortir: variar, combinar, misturar.
Surtir: causar, originar, produzir (efeito).

Subentender: perceber o que não estava claramente exposto; supor.
Subintender: exercer função de subintendente, dirigir.
Subtender: estender por baixo.

Sustar: interromper, suspender; parar, interromper-se (sustar-se).
Suster: sustentar, manter; fazer parar, deter.

Tacha: pequeno prego; mancha, defeito, pecha.
Taxa: espécie de tributo, tarifa.
Tachar: censurar, qualificar, acoimar: tachar alguém (tachá-lo) de subversivo.
Taxar: fixar a taxa de; regular, regrar: taxar mercadorias.

Tapar: fechar, cobrir, abafar.
Tampar: pôr tampa em.

Tenção: intenção, plano (deriv.: tencionar); assunto, tema.
Tensão: estado de tenso, rigidez (deriv.: tensionar); diferencial elétrico.

Tráfego: trânsito de veículos, percurso, transporte.
Tráfico: negócio ilícito, comércio, negociação.

Trás: atrás, detrás, em seguida, após (cf. em locuções: de trás, por trás).
Traz: 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo trazer.

Vestiário: guarda-roupa; local em que se trocam roupas.
Vestuário: as roupas que se vestem, traje.

Vultoso: de grande vulto, volumoso.
Vultuoso (p. us.): atacado de vultuosidade (congestão da face).

DIFICULDADES ORTOGRÁFICAS

- abacaxi
- abóbada
- aborígine
- açafrão
- açaí
- acarajé
- açucena
- adivinhar
- alisar
- almoço
- almoxarife
- ameixa
- amenizar
- ameno
- anáfase
- analisar
- análise (substantivo)
- analise (verbo)
- anchova ou enchova
- ansioso
- aragem
- arcabouço
- azulejo
- bandeja
- baronesa
- beiço
- beneficência
- beneficente
- burguês
- burguesa
- cabeleireiro
- cadarço
- cafajeste
- caixa
- camponês
- camponesa
- canal
- canalizar
- canjica
- caranguejo
- catálise
- catequese
- catequizar
- caxambu
- coice
- compleição
- contracheque
- contrassenso
- cortês
- de repente (expressão)
- deslize
- digladiar
- disenteria
- diurese
- duquesa
- egrégio
- em cima
- embaixo
- empecilho
- encharcar (charco)
- encher (cheio)
- enchiqueirar (chiqueiro)
- enchouriçar (chouriço)
- enchumaçar (chumaço)
- enxada
- enxaqueca
- enxurrada
- enxuto
- escassez
- exegese
- espontaneidade
- estágio
- faixa
- feição
- ferrugem
- foice
- frouxo
- fuligem
- garagem
- gêiser
- gênese
- hilaridade
- hipnose
- hipnotizar
- hombridade
- inigualável
- jenipapo
- jerimum
- jiboia
- lajem (variante de laje)
- lambujem
- liso
- louça
- lousa
- macaxeira
- maisena
- majestade
- malandragem
- manteigueira
- marquês
- marquesa
- mecha
- meiose
- meritíssimo
- metáfase
- metamorfose
- meteorologista
- mexer
- mexerico
- mexerica
- mexida
- mexilhão
- misto
- montês
- mortadela
- mendigo
- náusea
- obcecado
- obsceno
- obsessão
- ojeriza
- paçoca
- pajé
- pajem
- papisa
- paralisar
- paralisia
- pedágio
- penugem
- pesquisa
- pesquisar
- piche
- pitonisa
- poetisa
- por isso (expressão)
- prazerosamente
- pretensioso
- princesa
- privilégio
- profetisa
- profetizar
- que eles viajem (verbo)
- ramagem
- recauchutagem
- recauchutar
- reivindicar
- rixa
- selvagem
- síntese
- sintetizar
- sobrancelha
- solidez
- superstição
- touceira
- trouxa
- usufruto
- vagem
- vertigem
- viger
- xadrez
- xampu
- xangô
- xavante
- xerife
- xingar

PRONÚNCIA ADEQUADA DE ALGUNS VOCÁBULOS

Abóbada - e não abóboda	destilar - e não distilar	pexote - e não pixote
aleijar - pronuncie o **i**	digladiar - e não degladiar	pirulito - e não pirolito
advogado - o **d** é mudo	dignitário - e não dignatário	pousa - com o **o** fechado
Absoluto - o **b** é mudo	disenteria - e não desinteria	pneu - e não pineu ou peneu
Absurdo - o **b** é mudo	eu estouro - com o **o** fechado	prazeroso - sem **i**
aterrissar - som de **s**	estupro - e não estrupo	prazerosamente - sem **i**
arrabalde - e não arrebalde	estuprar - e não estrupar	privilégio - e não previlégio
aborígine - e não aborígene	empecilho - e não impecilho	problema - e não pobrema
babadouro - lugar para babar	engajamento - e não enganjamento	próprio - e não própio
bebedouro - lugar para beber	eletricista - e não eletrecista	propriedade - e não propiedade
bandeja - sem **i**	frustrar - e não fustrar	prostração - e não prostação
beneficente - sem **i**	hilaridade - e não hilariedade	prostrar - e não prostar
beneficência - sem **i**	homogeneidade - e não homogeniedade	recorde - sílaba tônica é **cor**
bueiro - e não boeiro	inigualável - e não inegualável	reivindicar - e não reinvindicar
bicarbonato - e não bicabornato	intitular - e não entitular	reincidência - e não reicindência
caderneta - e não cardeneta	irrequieto - e não irriquieto	retrógrado - e não retrógado
cabeçalho - com **lh**	jabuticaba - e não jaboticaba	eu roubo - com o **o** fechado
cabeleireiro - dois **ii**	lagarto - e não largato	salsicha - e não salchicha
caranguejo - sem **i**	lagartixa - e não largatixa	superstição - e não supertição
cataclismo - e não cataclisma	manteigueira - e não mantegueira	signatário - e não signitário
chimpanzé - e não chipanzé	mendigo - e não mendingo	surripiar - e não surrupiar
cinquenta - e não cincoenta	meritíssimo - e não meretíssimo	terraplenagem - e não terraplanagem
cuspir - e não guspir	meteorologia - e não metereologia	trouxe com som de **s**
cuspe - e não guspe	mortadela - e não mortandela	tóxico com som de **ks**

CONSIDERAÇÕES SOBRE PRONÚNCIA

Pronuncia-se o u das seguintes palavras: aguentar, exíguo, quingentésimo, ambiguidade, exiguidade, quinquênio, apaziguar, unguento, quiproquó, arguição, consequência, tranquilo, bilíngue, delinquir, quinquagésimo, contiguidade, equidistante... (não se usa mais o trema)

Não se pronuncia o u das seguintes palavras: distinguir, aqueduto, extinguir, equitação, exangue, extorquir, adquirir, questão...

É facultativo pronunciar o u das seguintes palavras: antiguidade ou antigüidade, liquidar ou liqüidar, sanguíneo ou sangüíneo, liquidificação ou liqüidificação, equidade ou eqüidade, líquido ou líqüido equivalente ou eqüivalente, liquidificador ou liqüidificador... (não se usa mais o trema, apenas o som do **ü**)

O e das seguintes palavras deve ser pronunciado aberto: anelo, coleta, flagelo, servo, cetro, réu, confesso, ileso, obeso, cervo, duelo, obsoleto, sesta(descanso), destro, prelo, grelha...

O e das seguintes palavras deve ser pronunciado fechado: acervo, efebo, almejo, adrede, defeso, ginete, apedreja, alameda, escaravelho, interesse, boceja, amuleto, eu fecho, espelha, bofete, tu fechas, vespa, festejo, caminhonete, ele fecha...

O o das seguintes palavras deve ser pronunciado aberto: canoro, fornos, coldre, forros, dolo, suor, inodoro, tocos, probo, tropo...

O o das seguintes palavras deve ser pronunciado fechado: algoz, alcova, bodas, crosta, chope, poça, desporto, teor, filantropo, torpe...

Pronuncia-se o x como z nas seguintes palavras: exagero, exasperar, exaurir, exógeno, exalar, executar, exegese, exuberante, exame, inexorável, exilar, exótico, exangue, exequível, exímio, exumar...

Pronuncia-se o x como s nas seguintes palavras: auxílio, máximo, sintaxe, trouxe. Pronuncia-se o **x** como **ks** nas seguintes palavras: anexo, fluxo, ortodoxo, axila, índex, prolixo, complexo, léxico, paradoxo, convexo, nexo, sexagenário, fixo, ônix, praxe...

Muda-se o timbre da vogal tônica - de fechado para aberto - na pluralização das seguintes palavras: apostos, destroços, jogos, ovos, reforços, caroços, esforços, miolos, poços, rogos, chocos, fogos, mornos, porcos, tijolos, corcovos, fornos, mortos, portos, tortos, cornos, fossos, novos, postos, trocos, coros, grossos, olhos, povos, troços, despojos, impostos, ossos, rebordos, socorros... (metafonia)

Observação: Algumas palavras já aceitam mais de uma pronúncia em função do uso corrente.

PROSÓDIA

Algumas palavras que podem oferecer dúvidas quanto à posição correta da sílaba tônica

acróbata ou **acrobata** – *dupla pronúncia aceita*
aeródromo – *proparoxítona*
aerólito – *proparoxítona*
álacre – *proparoxítona*
Alcácer – *paroxítona*
algaravia – *paroxítona*
álibi – *proparoxítona*
âmago – *proparoxítona*
âmbar – *paroxítona*
ambrósia ou **ambrosia** – *dupla pronúncia aceita*
anátema – *proparoxítona*
Andronico (nome próprio) – *paroxítona*
anídrido ou **anidrido** – *dupla pronúncia aceita*
antífrase – *proparoxítona*
aríete – *proparoxítona*
arquétipo – *proparoxítona*
austero – *paroxítona*
autóctone – *proparoxítona*
avaro – *paroxítona*
azáfama – *proparoxítona*
azálea – *paroxítona*
aziago – *paroxítona*
Bálcãs ou **Balcãs** – *dupla pronúncia aceita*
barbárie – *paroxítona*
batavo – *paroxítona*
bávaro – *proparoxítona*
bímano – *proparoxítona*
boêmia – *paroxítona (O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra também a forma boemia – paroxítona)*
bólido – *proparoxítona*
brâmane – *proparoxítona*
cânon – *paroxítona*
caracteres – *paroxítona*
cartomancia – *paroxítona*
cateter – *oxítona*
chávena – *proparoxítona*
ciclope – *paroxítona*
Cister – *oxítona*
cível – *paroxítona*
Cleópatra – *proparoxítona*
clímax – *paroxítona*
cômputo (s.) – *proparoxítona*
condor – *oxítona*
cotilédone – *proparoxítona*
crisântemo ou **crisantemo** – *dupla pronúncia aceita*
decano – *paroxítona*
díspar – *paroxítona*
edito (lei, decreto) – *paroxítona*
édito (ordem judicial) – *proparoxítona*
égide – *proparoxítona*
elétrodo – *proparoxítona (O Aurélio registra também a forma eletrodo – paroxítona)*
êmbolo – *proparoxítona*
epíteto (s.) – *proparoxítona*
estratégia – *paroxítona*
etíope – *proparoxítona*
fagócito – *proparoxítona*
filantropo – *paroxítona*
filatelia – *paroxítona*
flébil – *paroxítona*
fluido (s.) – *paroxítona*
fórceps – *paroxítona*
fortuito – *paroxítona*
geodésia ou geodesia – *dupla pronúncia aceita*
Gibraltar – *oxítona*
grácil – *paroxítona*
gratuito – *paroxítona*
hangar – *oxítona*
hieróglifo – *proparoxítona (O Aurélio registra também a forma hieroglifo – paroxítona)*
homília ou homilia – *dupla pronúncia aceita*
Hungria – *paroxítona*
ibero – *paroxítona*
idólatra (s.) – *proparoxítona*
impio (cruel) – *paroxítona*
ímpio (incrédulo) – *paroxítona*
ímprobo – *proparoxítona*
inaudito – *paroxítona*
íngreme – *proparoxítona*
ínterim – *proparoxítona*
leucócito – *proparoxítona*
lêvedo (adj.) – *proparoxítona*
levedo (s.) – *paroxítona*
Lúcifer – *proparoxítona*
maquinaria – *paroxítona*
meteorito – *paroxítona*
misantropo – *paroxítona (O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra também a forma misântropo – proparoxítona)*
mister – *oxítona*
munícipe – *proparoxítona*
masseter – *oxítona*
necrópsia – *paroxítona – a pronúncia necropsia também é aceita.*
Niágara – *proparoxítona*
Nobel – *oxítona*
Normandia – *paroxítona*
novel – *oxítona*
obus – *oxítona*
Oceânia ou Oceania – *dupla pronúncia aceita*
ômega – *proparoxítona (O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra também a forma omega – paroxítona)*
ônix – *paroxítona*
ortoépia ou ortoepia – *dupla pronúncia aceita*
páramo – *proparoxítona*
pegada – *paroxítona*
périplo – *proparoxítona*
perito – *paroxítona*
plêiade – *proparoxítona*
primata – *paroxítona*
projétil ou projetil – *dupla pronúncia aceita*
protótipo – *proparoxítona*
pudico – *paroxítona*
quadrúmano – *proparoxítona*
quiromancia – *paroxítona*
recém – *oxítona*
recorde – *paroxítona*
refém – *oxítona*
refrega – *paroxítona*
réptil ou reptil – *dupla pronúncia aceita*
rubrica – *paroxítona*
ruim – *oxítona*
sinonímia – *paroxítona*
sóror ou soror – *dupla pronúncia aceita*
sótão – *paroxítona*
sutil – *oxítona*
táctil – *paroxítona*
têxtil – *paroxítona*
trânsfuga – *proparoxítona*
transido – *paroxítona*
tulipa – *paroxítona (O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra também a forma túlipa – proparoxítona)*
ureter – *oxítona*
xérox – *(paroxítona) ou xerox (oxítona) – dupla pronúncia aceita*
zângão – *(paroxítona) ou zangão (oxítona) – dupla pronúncia aceita*
zéfiro – *proparoxítona*

Fonte: br.geocities.com

ORTOGRAFIA

ALGUMAS ORIENTAÇÕES ORTOGRÁFICAS

Antes de qualquer informação, é necessário observar:

Toda palavra derivada conserva as letras da palavra primitiva.

Palavra primitiva	Palavras derivadas
cereja	cerejeira
varejo	varejista
cortês	cortesia
cerveja	cervejeiro
anjo	anjinho
canja	canjica
jeito	ajeitar, rejeitar, sujeitar
tesouro	tesoureiro, tesouraria

Obs.: Para formar o diminutivo no plural, faz-se, primeiramente, o plural do substantivo no grau normal, depois acrescenta-se o sufixo **zinho** e, em seguida o **s,** de plural.

papel → *papéis* → *papeizinhos*
flor → *flores* → *florezinhas*
anzol → *anzóis* → *anzoizinhos*

FORMAÇÃO DE SUBSTANTIVOS A PARTIR DE VERBOS

S

imeRGir	imersão
exPELir	expulsão
diveRTir	diversão
aspeRGiR	aspersão
inCORRer	incursão
imPELir	impulsão
inveRTer	inversão
disCORRer	discurso
asceNDer	ascensão
compreeNDer	compreensão

Conclusão: Escrevem-se com ***S*** os substantivos e adjetivos derivados de **VERBOS** cujos radicais terminem em **RG**, **RT**, **ND**, **PEL** e **CORR**.

Outros exemplos:

converter	conversão
descender	descensão
pretender	pretensão
compelir	compelisão
concorrer	concurso

SS

conCEDer	concessão
subMETER	submissão
opriMIR	opressão
aCEDer	acesso
permiTIR	permissão
admiTIR	admissão
impriMIR	impressão
proMETER	promessa
aGREDir	agressão

Conclusão: São escritos com ***SS*** os substantivos derivados de verbos cuja terminação é **CEDER**, **MIR**, **TIR**, **METER**, **GREDIR**.

Outros exemplos:

reprimir	repressão
discutir	discussão
progredir	progressão
remeter	remessa
retroceder	retrocesso

Ç

deTER	detenção
aTER	atenção
conTER	contenção

Conclusão: Escrevem-se com ***Ç*** os substantivos derivados de verbos que se originam de **TER** (verbo).

Outros exemplos:

obter	obtenção
abster	abstenção

Observação: A maioria dos substantivos abstratos derivados de verbos são escritos com ***ção***.

VERBO	SUBSTANTIVO ABSTRATO
obrigar	obrigação
descrever	descrição
informar	informação
redigir	redação
reter	retenção
aceitar	aceitação
continuar	continuação

DIFICULDADES ORTOGRÁFICAS

Que / Quê

QUE Monossílabo átono	QUÊ Monossílabo tônico
a) No meio da frase: *Não sei o que ele fez.* b) No início da frase: *Que trabalho é este?* *O que fazer?* c) Como conjunção: *Todos dizem que isso é mentira.*	a) Quando vem no final da frase: *Então, você fez o quê?* b) Quando é substantivo: *Ela tem um quê angelical.* c) Como interjeição: *Quê! Você já chegou?!*

Por que / Por quê / Porque / Porquê

POR QUE
a) Nas frases interrogativas: **Diretas** - *Por que você o ofendeu?* **Indiretas** – depois dos verbos ***dicendi*** (que indicam ***dizer***): *Ele me perguntou por que você o agradeceu.* b) Como pronome relativo (= pelo qual): *Esta não me parece a vida por que ele luta.*

POR QUÊ
Usado no final das frases interrogativas diretas ou indiretas: *Você o defendeu por quê?* *Você o defendeu e não disse por quê.*

PORQUE
Conjunção: causal ou explicativa. *Ele está muito feliz porque passou no concurso.* – Causal. *Você está triste é porque não passou na prova?* – Causal na interrogativa. *Por favor, ajude-me, porque estou doente.* – Explicativa

PORQUÊ
É um substantivo. Vem precedido de determinante: *Ele não definiu o porquê de sua atitude.*

Mal / Mau

MAL ≠ bem	MAU ≠ bom
Ele chegou mal. *Ele chegou bem.* *O mal com o bem se paga.* *Mal saí, ele chegou. (conj)*	*Ele não é tão mau.* *Ele não é tão bom.* *Tem um mau humor.* *Tem um bom humor.*

Mas / Mais

MAS = porém	MAIS # menos
O país parece que está melhorando, mas ainda há inflação. (= porém ainda há inflação.)	*Foi ele quem mais trabalhou.* *Foi ele quem menos trabalhou.* *Estava mais aflito.* *Estava menos aflito.*

Onde / Aonde

ONDE (lugar em que, no qual)	AONDE (preposição a + onde)
Usado com verbos que pedem a preposição ***em***. Esses verbos indicam permanência. *Moro onde fica a igreja.* *A casa onde ele reside é simples.*	É usado com verbos de movimento, que indicam “direção para” exigem ***A***. *Vou aonde quero.* *Aonde vais?*

A / Há / À

A	HÁ
Artigo – Vem antes do substantivo feminino: a casa, a vida, a beleza... Preposição – Indica distância, tempo futuro, direção, destino, etc. *Não vamos a teatro.* *A casa fica a 200m.* *Só irei daqui a 2h.* *Vou a Paris.*	3ª pes. do sing. do pres. ind. do verbo haver. Sentido de tempo passado: *Isso aconteceu há pouco.* *Estou aqui há 2 horas.* Sentido de existir: *Hoje não há sessão.* *Ali há uma casa bem antiga.*

À (a prep. + artigo)	A (pronome pessoal = ela)
Vou a + a praia. *Vou à praia.*	*Os pais já a encontraram.*
	A (pronome demonstrativo = aquela)
Enviarei a correspondência à empresa.	*Esta obra é a que indicaram no censo.*

Ao encontro de / De encontro a

AO ENCONTRO DE ser favorável, estar de acordo	DE ENCONTRO A ser contra, opor-se
Sua decisão veio ao encontro das minhas expectativas, por isso estou feliz.	*Sua decisão veio de encontro às minhas expectativas, o que muito me decepcionou.*

Afim / A fim de

AFIM semelhante, igual	A FIM DE = para (locução prepositiva)
Descobri que tínhamos ideias afins.	*Estou aqui a fim de te ajudar.* *Sorria a fim de me alegrar.*

Demais / De mais

DEMAIS = muito	DE MAIS # de menos ou a mais
Ele ficou feliz demais. *(Ficou muito feliz.)*	*Não vejo nada de mais aqui.* *(Não vejo nada de menos aqui.)*

Senão / Se não

SENÃO de outro modo, do contrário, aliás, porém, exceto	SE NÃO caso não (condição)
Trabalha e estuda, senão nada conseguirás. (= do contrário) *Ninguém senão você poderá entender-me. (= exceto)* *Todos ficaram ricos.* *Ele não encontrou senão uma pequena esmeralda.* *(= apenas)*	*Se não ficou rico ainda, trabalhe mais.* *Ficaram muitos hóspedes no hotel,* *se não todos já estavam lá.* *Se não podes, por que vais?*

Tampouco / Tão pouco

TAMPOUCO Também não	TÃO POUCO Mais / intensidade
Não sei tudo, tampouco ele o sabe.	*Bebi tão pouco quanto ele.*

A cerca de / Acerca de

A CERCA DE aproximadamente	ACERCA DE a respeito de
O homem dirigiu-se a cerca de um milhão de fiéis.	*O homem falou acerca do aborto.*
Há cerca de → *só para referência a tempo*	

A par / Ao par

A PAR bem informado	AO PAR indica equivalência de valores financeiros
Não estou a par do assunto da conferência.	*As moedas fortes, como a libra, mantêm-se sempre ao par.*

PROSÓDIA OU SILABADA

PALAVRAS QUE OFERECEM DÚVIDA QUANTO À SÍLABA TÔNICA

OXÍTONAS	PAROXÍTONAS	PROPAROXÍTONAS
cateter, harém, Gibraltar, mister, Nobel, novel, refém, recém, ruim, sutil, ureter, condor etc.	acórdão, misantropo, exegese, necropsia, filantropo, fortuito, gratuito, avaro, aziago, barbaria, pudico, Hungria, ibero, índex, dúplex, maquinaria efebo, rubrica, recorde etc.	aeródromo, biótipo, anélito, íngreme arquétipo, bávaro, boêmia, ínterim, rubéola lêvedo, ímprobo síncope pároco tálamo etc.

Observação: Alguns dicionários já aceitam *levedo*, *duplex* e *boemia*. O VOLP já traz tais registros.

VARIANTES LINGUÍSTICAS

Palavras de grafia oscilante

assobiar	assoviar	acróbata	acrobata
bílis	bile	alópata	alopata
porcentagem	percentagem	ambrósia	ambrosia
aluguel	aluguer	anidridio	anídrido
cotidiano	quotidiano	biópsia	biopsia
cota	quota	homília	homilia
loura	loira	projétil	projetil
alpercata	alpargata	réptil	reptil
enfarto	enfarte	túlipa	tulipa
bêbedo	bêbado	cociente	quociente
catorze	quatorze	coisa	cousa etc...

EMPREGO DAS LETRAS

Grafam-se com *s*

a) Todas as palavras que tenham um verbo cognato (= da mesma raiz) terminado em ***ender*** e ***dir***:

defesa (defender) - **ilusão** (iludir)
pretensão (pretender) - **alusão** (de aludir)

b) Todas as palavras derivadas em que fique o ***s*** no radical da primitiva:

mesário (mesa) - **lapisinho** (lápis)

c) As formas dos verbos ***querer*** e ***pôr:***

quis, quiseram - puseste, puséssemos

Grafam-se com *z*

a) As palavras cognatas de outras grafadas com ***c, ç, g***:

audaz (audácia) - **amizade** (amigo)
reduzir (redução)

b) Todas as palavras derivadas em que não haja ***s*** no radical da primitiva:

bambuzal (de bambu) - **caquizeiro** (de caqui)

c) Os sufixos diminutivos ou aumentativos:

pezinho (pé) - **canzarrão** (cão)

Grafam-se com *ch*

a) Palavras derivadas de primitivas que tenham o ***ch***:

enchoçar (de choça) - **encharcar** (de charco)

b) O verbo ***encher*** e seus cognatos:

preencher, preenchido, enchido, enchimento

c) Palavras cognatas de outras grafadas com ***pl, fl, cl*** **:**

chumbo (plúmbeo) - **chave** (clave)
chama (flama)

Grafam-se com *x*

a) As palavras começadas por ***en*** e ***me***:

enxurrada - enxergar
mexer - mexicano

Exceção: encher *e seus cognatos.*

b) Depois de ditongo decrescente:

caixa - trouxa - peixe - ameixa

Exceção: caucho, recauchutagem.

Grafam-se com *g*

a) As palavras derivadas de primitivas que tenham ***g*** (exceto antes de **a**, **o** e **u**):

rabugento (de rabugem)
homenagear (de homenagem)

Grafam-se com *j*

a) Todas as palavras derivadas de primitivas que tenham ***j***:

nojento (de nojo) - **lisonjear** (de lisonja)

b) As formas dos verbos em ***jar***:

viajei, viajem (verbo viajar)
encorajemos (encorajar)
babujeis (babujar)

Atenção: *viagem (substantivo).*

Grafam-se com *ss*

a) As palavras ou radicais iniciados por ***s***, quando entram em derivadas ou compostas, se o fonema /***s***/ se mantém entre vogais:

girassol (gira + sol)
homossexual (homo + sexual)

b) As terminações dos superlativos sintéticos e do imperfeito do subjuntivo de todos os verbos:

boníssimo - péssimo
amasse - vendêssemos

Grafam-se com *ç*

a) As palavras derivadas de primitivas que tenham *ç*:

pançudo (de pança)
embaçado (de embaço)

b) Os verbos em ***ecer/escer***, antes de ***a, o, u***:

amanheça (amanhecer)
enrubesço (enrubescer)

c) As palavras de origem árabe, indígena e africana:

muçulmano - **açafrão** - **babaçu**
paçoca - **araçá** - **miçanga**

EMPREGO DAS INICIAIS MAIÚSCULAS

Nos substantivos próprios

(pessoas, ruas, cidades, países, regiões etc.)

Paulo - Rua dos Caetés - Brasil
os povos do Norte - Via Láctea - Mantiqueira

Nos nomes de livros, jornais e revistas

Jubiabá - Dom Casmurro
Diário da Tarde - Folha de São Paulo
Medicina e Saúde - Eletrônica Popular

Nos nomes de agremiações, estabelecimentos públicos e particulares

Clube Atlético Mineiro - Instituto de Educação
Colégio Anchieta - Cemig

Nos substantivos comuns, quando personificados ou enfatizados

a Bondade - o Amor - o Vício
a Morte - o Lobo - o Cordeiro

• OBSERVAÇÕES

1 Quando o substantivo estiver personificado, deve ser grafado com inicial maiúscula:

*A **Virtude** fugiu do mundo.*

2 Os logradouros **podem** ser grafados com maiúscula:

*Moro na **Praça** Cairo.*

SEMÂNTICA, SINONÍMIA, ANTONÍMIA

Quanto à forma e à significação:
Sinônimos → mesmo sentido.
Antônimos → sentidos opostos.
Homônimos → mesma grafia e/ou mesmo som.
Parônimos → mesma grafia e/ou pronúncia similar.

Sinônimos

São aqueles diferentes na forma, mas semelhantes ou iguais na significação:

*O **céu** parece de algodão.*
*No **firmamento** brilham as estrelas.*

Nem sempre existe um sinônimo perfeito para a palavra empregada. Vale mais a aproximação de sentido (capacidade sinonímica).

morrer/ falecer	*Deus / Pai Eterno*
beija-flor / colibri	*careca / calvo*
porco / suíno	*casa / lar*
língua / idioma	*casamento / matrimônio*

Veja os exemplos abaixo:

*Muda-se de **casa**, mas o **lar** continua.*
*(A palavra **casa** foi tomada como elemento físico. Já o termo **lar** possui uma conotação espiritual.)*

*Alguns casais **se casam**, mas*
*não contraem **matrimônio**.*
*(O verbo **casar-se** tem conotação jurídica. O substantivo **matrimônio** tem uma conotação religiosa.)*

Assim, pode-se concluir que a capacidade sinônimica de um termo não pode ser avaliada fora de contexto.

Antônimos

São aqueles diferentes na forma e contrários na significação:

altruísmo / egoísmo
análise / síntese
acessório / essencial
mesquinho / magnânimo
aziago / propício
prólogo / epílogo

Além das palavras que apresentam significação oposta no dicionário, existem outras cuja oposição está inserida no contexto, ou seja, a oposição se prende apenas ao texto.

> “A vós correndo vou, **braços sagrados**,
> Nessa cruz sacrossanta **descobertos**
> Que para **receber-me**, estais **abertos**
> E por não **castigar-me** estais **cravados**.”
>
> (Gregório de Matos)

Antônimas apenas no texto acima:

receber / castigar
abertos / cravados
sagrados / descobertos

braços abertos: livres, sem empecilho;
braços cravados: presos, fixados;
braços sagrados: braços descobertos.

A antonímia também pode originar-se de um prefixo de sentido oposto ou negativo:

bendizer, **mal**dizer
simpático, **anti**pático
progredir, **re**gredir
concórdia, **dis**córdia
explícito, **im**plícito

ativo, **in**ativo
esperar, **des**esperar
comunista, **anti**comunista
simétrico, **a**ssimétrico
pré-nupcial, **pós**-nupcial

Parônimos

Parônimos são palavras diferentes no sentido, mas com muita semelhança na escrita e na pronúncia:

infligir / infringir
retificar / ratificar
vultoso / vultuoso

Parônimos – emprego do *e* ou do *i*	
Arrear = pôr arreios a	**Arriar** = abaixar
Deferimento = concessão	**Diferimento** = adiamento
Deferir = conceder	**Diferir** = adiar
Delatar = denunciar	**Dilatar** = retardar, estender
Descrição = representação	**Discrição** = reserva
Descriminar = inocentar	**Discriminar** = distinguir
Despensa = compartimento	**Dispensa** = desobriga
Destratar = insultar	**Distratar** = desfazer (contrato)
Emergir = vir à tona	**Imergir** = mergulhar
Emigrante = o que sai do próprio país	**Imigrante** = o que entra em país estranho
Eminência = altura, excelência	**Iminência** = proximidade de ocorrência
Eminente = alto, excelente	**Iminente** = que ameaça ocorrer
Emitir = lançar fora de si	**Imitir** = fazer entrar
Enfestar = dobrar ao meio na sua largura	**Infestar** = assolar
Enformar = meter em fôrma, incorporar	**Informar** = avisar
Entender = compreender	**Intender** = exercer vigilância
Lenimento = suavizante	**Linimento** = medicamento para fricções
Peão = que anda a pé	**Pião** = espécie de brinquedo
Recrear = divertir	**Recriar** = criar de novo
Se = pronome átono, conjunção	**Si** = pronome tônico, nota musical
Vadear = passar a vau	**Vadiar** = passar vida ociosa
Venoso = relativo a veias	**Vinoso** = que produz vinho

Parônimos – emprego do O ou do U	
Açodar = instigar	**Açudar** = construir açudes
Assoar = limpar (o nariz)	**Assuar** = vaiar
Bocal = embocadura	**Bucal** = relativo à boca
Comprido = longo	**Cumprido** = executado
Comprimento = extensão	**Cumprimento** = saudação
Costear = navegar junto à costa	**Custear** = prover as despesas de
Cutícula = película	**Cutícola** = que vive na pele
Insolação = exposição ao sol	**Insulação** = isolamento
Insolar = expor ao sol	**Insular** = isolar
Ovular = semelhante a ovo	**Uvular** = relativo à úvula
Pontoar = marcar com ponto	**Pontuar** = empregar a pontuação em
Roborizar = fortalecer	**Ruborizar** = corar, envergonhar-se
Soar = dar ou produzir som, ecoar	**Suar** = transpirar
Soporativo = que produz sopor (modorra)	**Supurativo** = que produz supuração
Sortir = abastecer	**Surtir** = originar
Torvar = tornar-se carrancudo	**Turvar** = tornar turvo (opaco); toldar
Torvo = iracundo, enfurecido	**Turvo** = opaco, toldado
Vultoso = volumoso	**Vultuoso** = atacado de vultuosidade (congestão relativo à face)

Homônimos

Homônimos são palavras diferentes no sentido, mas que têm a mesma pronúncia. Dividem-se em homônimos perfeitos e homônimos imperfeitos.

Homônimos perfeitos são palavras diferentes no sentido, mas idênticas na escrita e na pronúncia.

*Homem **são** (adj.) / **São** João / **São** várias as causas.*
***Como** vais? / Eu **como** feijão.*
Não há relação entre as palavras.

Homônimos imperfeitos, que se dividem em:

- **Homônimos homógrafos** são palavras que apresentam a mesma escrita e a mesma pronúncia, exceto a abertura da vogal tônica.

almoço (verbo)
almoço (substantivo)

- **Homônimos homófonos** são palavras que apresentam a mesma pronúncia, mas a grafia é diferente.

apreçar / apressar
sessão / seção / cessão

Homônimos e Parônimos – emprego do grupo SC	
Acender = pôr fogo a	**Ascender** = subir
Decente = decoroso, limpo	**Descente** = que desce, vazante
Discente = relativo a alunos	**Docente** = relativo a professores
Acético = relativo ao vinagre	**Ascético** = relativo ao ascetismo
	Asséptico = relativo à assepsia

Homônimos e Parônimos – emprego do C, Ç, S e SS	
Acento = inflexão da voz, sinal gráfico	**Assento** = lugar onde se assenta
Acessório = que não é fundamental	**Assessório** = relativo ao assessor
Anticé(p)tico = oposto aos céticos	**Antissé(p)tico** = desinfetante
Apreçar = marcar ou ver o preço de	**Apressar** = tornar rápido
Caçar = perseguir a caça	**Cassar** = anular
Cé(p)tico = que ou quem duvida	**Sé(p)tico** = que causa infecção
Cegar = fazer perder a vista a	**Segar** = ceifar, cortar
Cela = aposento de religiosos	**Sela** = arreio de cavalgadura
Celeiro = depósito de provisões	**Seleiro** = fabricante de selas
Cenário = decoração de teatro	**Senário** = que consta de seis unidades
Censo = recenseamento	**Senso** = juízo claro
Censual = relativo ao censo	**Sensual** = relativo aos sentidos
Cerração = nevoeiro espesso	**Serração** = ato de serrar
Cerrar = fechar	**Serrar** = cortar
Cervo = veado	**Servo** = servente
Cessação = ato de cessar	**Sessação** = ato de sessar
Cessar = interromper	**Sessar** = peneirar
Ciclo = período	**Siclo** = moeda judaica
Cilício = cinto para penitências	**Silício** = elemento químico
Cinemático = Relativo ao movimento mecânico	**Sinemático** = Relativo aos estames

(continua)

Círio = vela grande de cera	**Sírio** = da Síria
Concertar = harmonizar; combinar	**Consertar** = remendar, reparar
Corço = cabrito selvagem	**Corso** = natural da Córsega
Decertar = lutar	**Dissertar** = discorrer
Empoçar = formar poça	**Empossar** = dar posse a
Incerto = duvidoso	**Inserto** = inserido, incluído
Incipiente = principiante	**Insipiente** = Ignorante
Intenção ou tenção = propósito	**Intensão ou tensão** = intensidade
Intercessão = súplica	**Interse(c)ção** = ponto em que duas linhas se cortam
Laço = laçada	**Lasso** = cansado
Maça = clava	**Massa** = pasta
Maçudo = indigesto, monótono	**Massudo** = volumoso
Paço = palácio	**Passo** = passada
Ruço = pardacento, grisalho	**Russo** = natural da Rússia
Cessão = doação, anuência	**Secção ou seção** = corte, divisão
	Sessão = reunião
Cesta = utensílio de vara, com asas	**Sexta** = ordinal feminino de seis
	Sesta = hora de descanso
Indefesso = incansável	**Indefeso** = sem defesa
	Infenso = contrário

Homônimos e Parônimos – emprego do S ou do Z

Asado = que tem asas	**Azado** = oportuno
Asar = guarnecer com asas	**Azar** = dar azar, má sorte
Coser = costurar	**Cozer** = cozinhar
Revezar = substituir alternadamente	**Revisar** = rever, corrigir
Vês = forma do verbo ver	**Vez** = ocasião
Fúsil = Que se pode fundir	**Fuzil** = carabina
	Fusível = resistência de fusibilidade calibrada

Homônimos e Parônimos – emprego do S ou do X

Espiar = espreitar	**Expiar** = sofrer pena ou castigo
Espirar = soprar, respirar, estar vivo	**Expirar** = expelir (o ar), morrer
Estrato = camada sedimentar, tipo de nuvem	**Extrato** = o que foi tirado de dentro, fragmento
Esterno = osso do peito	**Externo** = exterior
	Hesterno = Relativo ao dia de ontem

Homônimos e Parônimos – emprego do ch ou do X

Brocha = prego curto de cabeça larga e chata	**Broxa** = pincel
Bucho = estômago de animais	**Buxo** = arbusto ornamental
Cachão = borbotão, fervura	**Caixão** = caixa grande; féretro
Cachola = cabeça, bestunto	**Caixola** = pequena caixa
Cartucho = canudo de papel	**Cartuxo** = pertencente à ordem da Cartuxa
Chá = arbusto, infusão	**Xá** = título de soberano no Oriente
Chácara = quinta	**Xácara** = narrativa popular em verso
Chalé = casa campestre em estilo suíço	**Xale** = cobertura para os ombros
Cheque = ordem de pagamento	**Xeque** = incidente no jogo de xadrez, contratempo
Cocha = gamela	**Coxa** = parte da perna
Cocho = vasilha feita com um tronco de madeira escavada	**Coxo** = aquele que manca
Luchar = sujar	**Luxar** = deslocar, desconjuntar
Tacha = brocha, pequeno prego	**Taxa** = imposto, preço
Tachar = censurar, notar defeito em	**Taxar** = estabelecer o preço ou o imposto

EXERCÍCIOS

1 Assinale a alternativa que preencha **CORRETAMENTE** os espaços da frase abaixo.
A______ do político depende muito da ______ do apoio popular.
a) ascensão, obtenção
b) ascensão, obtensão
c) ascenção, obtenção
d) ascenssão, obtensão
e) ascenssão, obtenção

2 Uma falsa meiguice encobria-lhe a _____ e a falta de _____________. A sequência **CORRETA** é
a) regidês – compreenção.
b) rigidez – compreensão.
c) rijidez – compreensão.
d) rijidês – comprensão.
e) rigeza – compreenção.

3 Assinale a alternativa em que **NÃO** ocorre erro de grafia.
a) escasso, massa, carrocel, puzesse, senso
b) honradez, quizestes, ruço, dissertar, cessar
c) empossar, incipiente, obscecação, assessório, maçudo
d) celeiro, exegesse, cerração, intensão, disfarse
e) atraso, maça, ascensorista, exceção, obsessão

4 Assinale a alternativa que contém **ERRO** gráfico.
a) herege, extático, montês
b) extensão, destro, ironizar
c) bueiro, despender, imersão
d) empecilho, faxina, consenso
e) excêntrico, pretencioso, escassez

5 São grafadas com “s”, “ss”, “ç”, **RESPECTIVAMENTE**, as palavras
a) incur___o / tor___ão / controvér___ia.
b) emi___ão / intromi___ão / exten___ão.
c) admi___ível / assun___ão / exten___ão.
d) preten___ioso / opre___ão / reten___ão.
e) cansa___o / conce___ão / an___ioso.

6 Assinale a alternativa em que todas as palavras estão escritas **CORRETAMENTE.**
a) paralisar – pesquisar – ironizar – deslizar
b) alteza – empreza – francesa – miudesa
c) cuscus – chimpanzé – encharcar – encher
d) incenso – absesso – Luís – compreensão
e) chineza – marquês – garrucha – meretriz

7 O ________ rendido pelas artes da ______, ______ na espreguiçadeira. A sequência **CORRETA** é
a) herói – cosinha – cochilava.
b) heroi – cosinha – coxilava.
c) heroi – cozinha – coxilava .
d) herói – cozinha – cochilava.
e) herói – cozinha – coxilava.

8 A certa altura do ritual, o _______ das _____ atingiu marcação _____. A sequência **CORRETA** é
a) ritmo – danças – alucinante.
b) ritmo – dansas – aluscinante.
c) rítimo – danças – aluscinante.
d) ritimo – danças – aluscinante.
e) rítmo – danças – alucinante.

9 Assinale a série de grafia **INCORRETA**.
a) usina – buzina
b) ombridade – hombro
c) úmido – humilde
d) erva – herbívoro
e) néscio – cônscio

10 Assinale a resposta que completa **CORRETAMENTE** os espaços abaixo.
Olhei, não _________ ninguém e tive um breve momento de ___________.
a) encherguei – hexitação
b) enxerguei – hesitação
c) enxerguei – exitação
d) encherguei – exitação
e) encherguei – hesitação

Gabarito

| 1-a | 2-b | 3-e | 4-e | 5-d | 6-a | 7-d | 8-a | 9-b | 10-b |

PARONÍMIA E HOMONÍMIA

Relação de palavras homônimas e parônimas que com maior frequência provocam dúvidas quanto à grafia correta e pertinente numa dada frase.

Absolver: inocentar, relevar da culpa imputada: *O júri absolveu o réu.*
Absorver: embeber em si, esgotar: *O solo absorveu lentamente a água da chuva.*

Acender: atear (fogo), inflamar.
Ascender: subir, elevar-se.

Acento: sinal gráfico; inflexão vocal: *Vocábulo sem acento.*
Assento: banco, cadeira: *Tomar assento num cargo.*

Acerca de: sobre, a respeito de: *No discurso, o Presidente falou acerca de seus planos.*
A cerca de: a uma distância aproximada de: *O anexo fica a cerca de trinta metros do prédio principal. Estamos a cerca de um mês ou (ano) das eleições.*
Há cerca de: faz aproximadamente (tanto tempo): *Há cerca de um ano, tratamos de caso idêntico;* existem aproximadamente: *Há cerca de mil títulos no catálogo.*

Acidente: acontecimento casual; desastre: *A derrota foi um acidente na sua vida profissional. O súbito temporal provocou terrível acidente no parque.*
Incidente: episódio; que incide, que ocorre: *O incidente da demissão já foi superado.*

Adotar: escolher, preferir; assumir; pôr em prática.
Dotar: dar em doação, beneficiar.

Afim: que apresenta afinidade, semelhança, relação (de parentesco): *Se o assunto era afim, por que não foi tratado no mesmo parágrafo?*
A fim de: para, com a finalidade de, com o fito de: *O projeto foi encaminhado com quinze dias de antecedência a fim de permitir a necessária reflexão sobre sua pertinência.*

Alto: de grande extensão vertical; elevado, grande.
Auto: ato público, registro escrito de um ato, peça processual.

Aleatório: casual, fortuito, acidental.
Alheatório: que alheia, alienante, que desvia ou perturba.

Amoral: desprovido de moral, sem senso de moral.
Imoral: contrário à moral, aos bons costumes, devasso, indecente.

Ante (preposição): diante de, perante: *Ante tal situação, não teve alternativa.*
Ante- (prefixo): expressa anterioridade: *antepor*, *antever*, *anteprojeto*, *ante-diluviano*.
Anti- (prefixo): expressa contrariedade; contra: *anticientífico*, *antibiótico*, *anti-higiênico*, *anti-Marx*.

Ao encontro de: para junto de; favorável a: *Foi ao encontro dos colegas. O projeto salarial veio ao encontro dos anseios dos trabalhadores.*
De encontro a: contra; em prejuízo de: *O carro foi de encontro a um muro. O governo não apoiou a medida, pois vinha de encontro aos interesses dos menores.*

Ao invés de: ao contrário de: *Ao invés de demitir dez funcionários, a empresa contratou mais vinte.* (Inaceitável o cruzamento *ao em vez de.)
Em vez de: em lugar de: *Em vez de demitir dez funcionários, a empresa demitiu vinte.*

A par: informado, ao corrente, ciente: *O Ministro está a par (var.: ao par) do assunto;* ao lado, junto; além de.
Ao par: de acordo com a convenção legal: *Fez a troca de mil dólares ao par.*

Aparte: interrupção, comentário à margem: *O deputado concedeu ao colega um aparte em seu pronunciamento.*
À parte: em separado, isoladamente, de lado: *O anexo ao projeto foi encaminhado por expediente à parte.*

Apreçar: avaliar, pôr preço: *O perito apreçou irrisoriamente o imóvel.*
Apressar: dar pressa a, acelerar: *Se o andamento das obras não for apressado, não será cumprido o cronograma.*

Área: superfície delimitada, região.
Ária: canto, melodia.

Aresto: acórdão, caso jurídico julgado: *Neste caso, o aresto é irrecorrível.*
Arresto: apreensão judicial, embargo: *Os bens do traficante preso foram todos arrestados.*

Arrochar: apertar com arrocho, apertar muito.
Arroxar: ou arroxear, roxear: tornar roxo.

Ás: exímio em sua atividade; carta do baralho.
Az (p. us.): esquadrão, ala do exército.

Atuar: agir, pôr em ação; pressionar.
Autuar: lavrar um auto; processar.

Auferir: obter, receber: Auferir lucros, vantagens.
Aferir: avaliar, cotejar, medir, conferir: Aferir valores, resultados.

Augurar: prognosticar, prever, auspiciar: *O Presidente augurou sucesso ao seu par americano.*
Agourar: pressagiar, predizer (geralmente no mau sentido): *Os técnicos agouram desastre na colheita.*

Avocar: atribuir-se, chamar: *Avocou a si competências de outrem.*
Evocar: lembrar, invocar: *Evocou no discurso o começo de sua carreira.*
Invocar: pedir (a ajuda de); chamar; proferir: *Ao final do discurso, invocou a ajuda de Deus.*

Caçar: perseguir, procurar, apanhar (geralmente animais).
Cassar: tornar nulo ou sem efeito, suspender, invalidar.

Carear: atrair, ganhar, granjear.
Cariar: criar cárie.
Carrear: conduzir em carro, carregar.

Casual: fortuito, aleatório, ocasional.
Causal: causativo, relativo à causa.
Cavaleiro: que anda a cavalo, cavalariano.
Cavalheiro: indivíduo distinto, gentil, nobre.

Censo: alistamento, recenseamento, contagem.
Senso: entendimento, juízo, tino.

Cerrar: fechar, encerrar, unir, juntar.
Serrar: cortar com serra, separar, dividir.

Cessão: ato de ceder: A cessão do local pelo município tornou possível a realização da obra.
Seção: setor, subdivisão de um todo, repartição, divisão: *Em qual seção do ministério ele trabalha?*
Sessão: espaço de tempo que dura uma reunião, um congresso; reunião; espaço de tempo durante o qual se realiza uma tarefa: *A próxima sessão legislativa será iniciada em 1o de agosto.*

Chá: planta, infusão.
Xá: antigo soberano persa.

Cheque: ordem de pagamento à vista.
Xeque: dirigente árabe; lance de xadrez; (fig.) perigo (pôr em xeque).

Círio: vela de cera.
Sírio: da Síria.

Cível: relativo à jurisdição dos tribunais civis.
Civil: relativo ao cidadão; cortês, polido (daí civilidade); não militar nem eclesiástico.

Colidir: trombar, chocar; contrariar: *A nova proposta colide frontalmente com o entendimento havido.*
Coligir: colecionar, reunir, juntar: *As leis foram coligidas pelo Ministério da Justiça.*

Comprimento: medida, tamanho, extensão, altura.
Cumprimento: ato de cumprir, execução completa; saudação.

Concelho: circunscrição administrativa ou município (em Portugal).
Conselho: aviso, parecer, órgão colegiado.

Concerto: acerto, combinação, composição, harmonização (cp. concertar): *O concerto das nações... O concerto de Guarnieri...*
Conserto: reparo, remendo, restauração (cp. consertar): *Certos problemas crônicos aparentemente não têm conserto.*

Conje(c)tura: suspeita, hipótese, opinião.
Conjuntura: acontecimento, situação, ocasião, circunstância.

Contravenção: transgressão ou infração a normas estabelecidas.
Contraversão: versão contrária, inversão.

Coser: costurar, ligar, unir.
Cozer: cozinhar, preparar.

Costear: navegar junto à costa, contornar. *A fragata costeou inúmeras praias do litoral baiano antes de partir para alto-mar.*
Custear: pagar o custo de, prover, subsidiar. *Qual a empresa disposta a custear tal projeto?*
Custar: valer, necessitar, ser penoso. *Quanto custa o projeto? Custa-me crer que funcionará.*

Deferir: consentir, atender, despachar favoravelmente, conceder.
Diferir: ser diferente, discordar; adiar, retardar, dilatar.

Degradar: deteriorar, desgastar, diminuir, rebaixar.
Degredar: impor pena de degredo, desterrar, banir.

Delatar (delação): denunciar, revelar crime ou delito, acusar: *Os traficantes foram delatados por membro de quadrilha rival.*
Dilatar (dilação): alargar, estender; adiar, diferir: *A dilação do prazo de entrega das declarações depende de decisão do Diretor da Receita Federal.*

Derrogar: revogar parcialmente (uma lei), anular.
Derrocar: destruir, arrasar, desmoronar.

Descrição: ato de descrever, representação, definição.
Discrição: discernimento, reserva, prudência, recato.

Descriminar: absolver de crime, tirar a culpa de.
Discriminar: diferençar, separar, discernir.

Despensa: local em que se guardam mantimentos, depósito de provisões.
Dispensa: licença ou permissão para deixar de fazer algo a que se estava obrigado; demissão.

Despercebido: que não se notou, para o que não se atentou: *Apesar de sua importância, o projeto passou despercebido.*
Desapercebido: desprevenido, desacautelado: *Embarcou para a missão na Amazônia totalmente desapercebido dos desafios que lhe aguardavam.*

Dessecar: secar bem, enxugar, tornar seco.
Dissecar: analisar minuciosamente, dividir anatomicamente.

Destratar: insultar, maltratar com palavras.
Distratar: desfazer um trato, anular.

Distensão: ato ou efeito de distender, torção violenta dos ligamentos de uma articulação.
Distinção: elegância, nobreza, boa educação: *Todos devem portar-se com distinção.*
Dissensão: desavença, diferença de opiniões ou interesses: *A dissensão sobre a matéria impossibilitou o acordo.*

Elidir: suprimir, eliminar.
Ilidir: contestar, refutar, desmentir.

Emenda: correção de falta ou defeito, regeneração, remendo: *ao torná-lo mais claro e objetivo, a emenda melhorou o projeto.*
Ementa: apontamento, súmula de decisão judicial ou do objeto de uma lei. *Procuro uma lei cuja ementa é “dispõe sobre a propriedade industrial”.*

Emergir: vir à tona, manifestar-se.
Imergir: mergulhar, afundar submergir, entrar.

Emigrar: deixar o país para residir em outro.
Imigrar: entrar em país estrangeiro para nele viver.

Eminente (eminência): alto, elevado, sublime.
Iminente (iminência): que está prestes a acontecer, pendente, próximo.

Emitir (emissão): produzir, expedir, publicar.
Imitir (imissão): fazer entrar, introduzir, investir.
Empoçar: reter em poço ou poça, formar poça.
Empossar: dar posse a, tomar posse, apoderar-se.

Encrostar: criar crosta.
Incrustar: cobrir de crosta, adornar, revestir, prender-se, arraigar-se.

Entender: compreender, perceber, deduzir.
Intender: (p. us): exercer vigilância, superintender.

Enumerar: numerar, enunciar, narrar, arrolar.
Inúmero: inumerável, sem conta, sem número.

Espectador: aquele que assiste qualquer ato ou espetáculo, testemunha.
Expectador: que tem expectativa, que espera.

Esperto: inteligente, vivo, ativo.
Experto: perito, especialista.

Espiar: espreitar, observar secretamente, olhar.
Expiar: cumprir pena, pagar, purgar.

Estada: ato de estar, permanência: *Nossa estada em São Paulo foi muito agradável.*
Estadia: prazo para carga e descarga de navio ancorado em porto: *O "Rio de Janeiro" foi autorizado a uma estadia de três dias.*

Estância: lugar onde se está, morada, recinto.
Instância: solicitação, pedido, rogo; foro, jurisdição, juízo.

Estrato: cada camada das rochas estratificadas.
Extrato: coisa que se extraiu de outra; pagamento, resumo, cópia; perfume.

Flagrante: ardente, acalorado; diz-se do ato que a pessoa é surpreendida a praticar (flagrante delito).
Fragrante: que tem fragrância ou perfume; cheiroso.

Florescente: que floresce, próspero, viçoso.
Fluorescente: que tem a propriedade da fluorescência.

Folhar: produzir folhas, ornar com folhagem, revestir lâminas.
Folhear: percorrer as folhas de um livro, compulsar, consultar.

Incerto: não certo, indeterminado, duvidoso, variável.
Inserto: introduzido, incluído, inserido.

Incipiente: iniciante, principiante.
Insipiente: ignorante, insensato.

Incontinente: imoderado, que não se contém, descontrolado.
Incontinenti: imediatamente, sem demora, logo, sem interrupção.

Induzir: causar, sugerir, aconselhar, levar a: *O réu declarou que havia sido induzido a cometer o delito.*
Aduzir: expor, apresentar: *A defesa, então, aduziu novas provas.*

Inflação: ato ou efeito de inflar; emissão exagerada de moeda, aumento persistente de preços.
Infração: ato ou efeito de infringir ou violar uma norma.

Infligir: cominar, aplicar (pena, castigo, repreensão, derrota): *O juiz infligiu pesada pena ao réu.*
Infringir: transgredir, violar, desrespeitar (lei, regulamento, etc.) (cp. infração): *A condenação decorreu de ter ele infringido um sem número de artigos do Código Penal.*

Inquerir: apertar (a carga de animais), encilhar.
Inquirir: procurar informações sobre, indagar, investigar, interrogar.

Intercessão: ato de interceder.
Interse(c)ção: ação de se(c)cionar, cortar; ponto em que se encontram duas linhas ou superfícies.

Inter- (prefixo): entre; preposição latina usada em locuções: *inter alia (entre outros), inter pares (entre iguais).*
Intra- (prefixo): interior, dentro de.

Judicial: que tem origem no Poder Judiciário ou que perante ele se realiza.
Judiciário: relativo ao direito processual ou à organização da Justiça.

Liberação: ato de liberar, quitação de dívida ou obrigação.
Libertação: ato de libertar ou libertar-se.

Lista: relação, catálogo (var. pop. de listra.)
Listra: risca de cor diferente num tecido (var. pop. de lista).

Locador: que dá de aluguel, senhorio, arrendador.
Locatário: alugador, inquilino: *O locador reajustou o aluguel sem a concordância do locatário.*

Lustre: brilho, glória, fama; abajur.
Lustro: qüinqüênio; polimento.

Magistrado: juiz, desembargador, ministro.
Magistral: relativo a mestre (latim: magister); perfeito, completo; exemplar.

Mandado: garantia constitucional para proteger direito individual líquido e certo; ato de mandar; ordem escrita expedida por autoridade judicial ou administrativa: um mandado de segurança, mandado de prisão.
Mandato: autorização que alguém confere a outrem para praticar atos em seu nome; procuração; delegação: o mandato de um deputado, senador, do Presidente.

Mandante: que manda; aquele que outorga um mandato.
Mandatário: aquele que recebe um mandato, executor de mandato, representante, procurador.
Mandatório: obrigatório.

Obcecação: ato ou efeito de obcecar, teimosia, cegueira.
Obsessão: impertinência, perseguição, ideia fixa.

Ordinal: numeral que indica ordem ou série (primeiro, segundo, milésimo, etc.).
Ordinário: comum, frequente, trivial, vulgar.

Original: com caráter próprio; inicial, primordial.
Originário: que provém de, oriundo; inicial, primitivo.

Paço: palácio real ou imperial; a corte.
Passo: ato de avançar ou recuar um pé para andar; caminho, etapa.
Pleito: questão em juízo, demanda, litígio, discussão: *O pleito por mais escolas na região foi muito bem formulado.*
Preito: sujeição, respeito, homenagem: *Os alunos renderam preito ao antigo reitor.*

Preceder: ir ou estar adiante de, anteceder, adiantar-se.

Proceder: originar-se, derivar, provir; levar a efeito, executar.

Pós- (prefixo): posterior a, que sucede, atrás de, após: pós-moderno, pós-operatório.
Pré- (prefixo): anterior a, que precede, à frente de, antes de: pré-modernista, pré-primário.
Pró (advérbio): em favor de, em defesa de. *A maioria manifestou-se contra, mas dei meu parecer pró.*

Preeminente: que ocupa lugar elevado, nobre, distinto.
Proeminente: alto, saliente, que se alteia acima do que o circunda.

Preposição: ato de prepor, preferência; palavra invariável que liga constituintes da frase.
Proposição: ato de propor, proposta; máxima, sentença; afirmativa, asserção.

Presar: capturar, agarrar, apresar.
Prezar: respeitar, estimar muito, acatar.

Prescrever: fixar limites, ordenar de modo explícito, determinar; ficar sem efeito, anular-se: *O prazo para entrada do processo prescreveu há dois meses.*
Proscrever: abolir, extinguir, proibir, terminar; desterrar. *O uso de várias substâncias psicotrópicas foi proscrito por recente portaria do Ministro.*

Prever: ver antecipadamente, profetizar; calcular: *A assessoria previu acertadamente o desfecho do caso.*
Prover: providenciar, dotar, abastecer, nomear para cargo: *O chefe do departamento de pessoal proveu os cargos vacantes.*
Provir: originar-se, proceder; resultar: *A dúvida provém (Os erros provêm) da falta de leitura.*

Prolatar: proferir sentença, promulgar.
Protelar: adiar, prorrogar.

Ratificar: validar, confirmar, comprovar.
Retificar: corrigir, emendar, alterar: *A diretoria ratificou a decisão após o texto ter sido retificado em suas passagens ambíguas.*

Recrear: proporcionar recreio, divertir, alegrar.
Recriar: criar de novo.

Reincidir: tornar a incidir, recair, repetir.
Rescindir: dissolver, invalidar, romper, desfazer: *Como ele reincidiu no erro, o contrato de trabalho foi rescindido.*

Remição: ato de remir, resgate, quitação.
Remissão: ato de remitir, intermissão, intervalo; perdão, expiação.

Repressão: ato de reprimir, contenção, impedimento, proibição.
Repreensão: ato de repreender, enérgica admoestação, censura, advertência.

Ruço: grisalho, desbotado.
Russo: referente à Rússia, nascido naquele país; língua falada na Rússia.

Sanção: confirmação, aprovação; pena imposta pela lei ou por contrato para punir sua infração.
Sansão: nome de personagem bíblico; certo tipo de guindaste.

Sedento: que tem sede; sequioso (var. p. us.: sedente).
Cedente: que cede, que dá.

Sobrescritar: endereçar, destinar, dirigir.
Subscritar: assinar, subscrever.

Sortir: variar, combinar, misturar.
Surtir: causar, originar, produzir (efeito).

Subentender: perceber o que não estava claramente exposto; supor.
Subintender: exercer função de subintendente, dirigir.
Subtender: estender por baixo.

Sustar: interromper, suspender; parar, interromper-se (sustar-se).
Suster: sustentar, manter; fazer parar, deter.

Tacha: pequeno prego; mancha, defeito, pecha.
Taxa: espécie de tributo, tarifa.
Tachar: censurar, qualificar, acoimar: tachar alguém (tachá-lo) de subversivo.
Taxar: fixar a taxa de; regular, regrar: taxar mercadorias.

Tapar: fechar, cobrir, abafar.
Tampar: pôr tampa em.

Tenção: intenção, plano (deriv.: tencionar); assunto, tema.
Tensão: estado de tenso, rigidez (deriv.: tensionar); diferencial elétrico.

Tráfego: trânsito de veículos, percurso, transporte.
Tráfico: negócio ilícito, comércio, negociação.

Trás: atrás, detrás, em seguida, após (cf. em locuções: de trás, por trás).
Traz: 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo trazer.

Vestiário: guarda-roupa; local em que se trocam roupas.
Vestuário: as roupas que se vestem, traje.

Vultoso: de grande vulto, volumoso.
Vultuoso (p. us.): atacado de vultuosidade (congestão da face).

DIFICULDADES ORTOGRÁFICAS

- abacaxi
- abóbada
- aborígine
- açafrão
- açaí
- acarajé
- açucena
- adivinhar
- alisar
- almoço
- almoxarife
- ameixa
- amenizar
- ameno
- anáfase
- analisar
- análise (substantivo)
- analise (verbo)
- anchova ou enchova
- ansioso
- aragem
- arcabouço
- azulejo
- bandeja
- baronesa
- beiço
- beneficência
- beneficente
- burguês
- burguesa
- cabeleireiro
- cadarço
- cafajeste
- caixa
- camponês
- camponesa
- canal
- canalizar
- canjica
- caranguejo
- catálise
- catequese
- catequizar
- caxambu
- coice
- compleição
- contracheque
- contrassenso
- cortês
- de repente (expressão)
- deslize
- digladiar
- disenteria
- diurese
- duquesa
- egrégio
- em cima
- embaixo
- empecilho
- encharcar (charco)
- encher (cheio)
- enchiqueirar (chiqueiro)
- enchouriçar (chouriço)
- enchumaçar (chumaço)
- enxada
- enxaqueca
- enxurrada
- enxuto
- escassez
- exegese
- espontaneidade
- estágio
- faixa
- feição
- ferrugem
- foice
- frouxo
- fuligem
- garagem
- gêiser
- gênese
- hilaridade
- hipnose
- hipnotizar
- hombridade
- inigualável
- jenipapo
- jerimum
- jiboia
- lajem (variante de laje)
- lambujem
- liso
- louça
- lousa
- macaxeira
- maisena
- majestade
- malandragem
- manteigueira
- marquês
- marquesa
- mecha
- meiose
- meritíssimo
- metáfase
- metamorfose
- meteorologista
- mexer
- mexerico
- mexerica
- mexida
- mexilhão
- misto
- montês
- mortadela
- mendigo
- náusea
- obcecado
- obsceno
- obsessão
- ojeriza
- paçoca
- pajé
- pajem
- papisa
- paralisar
- paralisia
- pedágio
- penugem
- pesquisa
- pesquisar
- piche
- pitonisa
- poetisa
- por isso (expressão)
- prazerosamente
- pretensioso
- princesa
- privilégio
- profetisa
- profetizar
- que eles viajem (verbo)
- ramagem
- recauchutagem
- recauchutar
- reivindicar
- rixa
- selvagem
- síntese
- sintetizar
- sobrancelha
- solidez
- superstição
- touceira
- trouxa
- usufruto
- vagem
- vertigem
- viger
- xadrez
- xampu
- xangô
- xavante
- xerife
- xingar

PRONÚNCIA ADEQUADA DE ALGUNS VOCÁBULOS

Abóbada - e não abóboda	destilar - e não distilar	pexote - e não pixote
aleijar - pronuncie o **i**	digladiar - e não degladiar	pirulito - e não pirolito
advogado - o **d** é mudo	dignitário - e não dignatário	pousa - com o **o** fechado
Absoluto - o **b** é mudo	disenteria - e não desinteria	pneu - e não pineu ou peneu
Absurdo - o **b** é mudo	eu estouro - com o **o** fechado	prazeroso - sem **i**
aterrissar - som de **s**	estupro - e não estrupo	prazerosamente - sem **i**
arrabalde - e não arrebalde	estuprar - e não estrupar	privilégio - e não previlégio
aborígine - e não aborígene	empecilho - e não impecilho	problema - e não pobrema
babadouro - lugar para babar	engajamento - e não enganjamento	próprio - e não própio
bebedouro - lugar para beber	eletricista - e não eletrecista	propriedade - e não propiedade
bandeja - sem **i**	frustrar - e não fustrar	prostração - e não prostação
beneficente - sem **i**	hilaridade - e não hilariedade	prostrar - e não prostar
beneficência - sem **i**	homogeneidade - e não homogeniedade	recorde - sílaba tônica é **cor**
bueiro - e não boeiro	inigualável - e não inegualável	reivindicar - e não reinvindicar
bicarbonato - e não bicabornato	intitular - e não entitular	reincidência - e não reicindência
caderneta - e não cardeneta	irrequieto - e não irriquieto	retrógrado - e não retrógado
cabeçalho - com **lh**	jabuticaba - e não jaboticaba	eu roubo - com o **o** fechado
cabeleireiro - dois **ii**	lagarto - e não largato	salsicha - e não salchicha
caranguejo - sem **i**	lagartixa - e não largatixa	superstição - e não supertição
cataclismo - e não cataclisma	manteigueira - e não mantegueira	signatário - e não signitário
chimpanzé - e não chipanzé	mendigo - e não mendingo	surripiar - e não surrupiar
cinquenta - e não cincoenta	meritíssimo - e não meretíssimo	terraplenagem - e não terraplanagem
cuspir - e não guspir	meteorologia - e não metereologia	trouxe com som de **s**
cuspe - e não guspe	mortadela - e não mortandela	tóxico com som de **ks**

CONSIDERAÇÕES SOBRE PRONÚNCIA

Pronuncia-se o u das seguintes palavras: aguentar, exíguo, quingentésimo, ambiguidade, exiguidade, quinquênio, apaziguar, unguento, quiproquó, arguição, consequência, tranquilo, bilíngue, delinquir, quinquagésimo, contiguidade, equidistante... (não se usa mais o trema)

Não se pronuncia o u das seguintes palavras: distinguir, aqueduto, extinguir, equitação, exangue, extorquir, adquirir, questão...

É facultativo pronunciar o u das seguintes palavras: antiguidade ou antigüidade, liquidar ou liqüidar, sanguíneo ou sangüíneo, liquidificação ou liqüidificação, equidade ou eqüidade, líquido ou líqüido equivalente ou eqüivalente, liquidificador ou liqüidificador... (não se usa mais o trema, apenas o som do **ü**)

O e das seguintes palavras deve ser pronunciado aberto: anelo, coleta, flagelo, servo, cetro, réu, confesso, ileso, obeso, cervo, duelo, obsoleto, sesta(descanso), destro, prelo, grelha...

O e das seguintes palavras deve ser pronunciado fechado: acervo, efebo, almejo, adrede, defeso, ginete, apedreja, alameda, escaravelho, interesse, boceja, amuleto, eu fecho, espelha, bofete, tu fechas, vespa, festejo, caminhonete, ele fecha...

O o das seguintes palavras deve ser pronunciado aberto: canoro, fornos, coldre, forros, dolo, suor, inodoro, tocos, probo, tropo...

O o das seguintes palavras deve ser pronunciado fechado: algoz, alcova, bodas, crosta, chope, poça, desporto, teor, filantropo, torpe...

Pronuncia-se o x como z nas seguintes palavras: exagero, exasperar, exaurir, exógeno, exalar, executar, exegese, exuberante, exame, inexorável, exilar, exótico, exangue, exequível, exímio, exumar...

Pronuncia-se o x como s nas seguintes palavras: auxílio, máximo, sintaxe, trouxe. Pronuncia-se o **x** como **ks** nas seguintes palavras: anexo, fluxo, ortodoxo, axila, índex, prolixo, complexo, léxico, paradoxo, convexo, nexo, sexagenário, fixo, ônix, praxe...

Muda-se o timbre da vogal tônica - de fechado para aberto - na pluralização das seguintes palavras: apostos, destroços, jogos, ovos, reforços, caroços, esforços, miolos, poços, rogos, chocos, fogos, mornos, porcos, tijolos, corcovos, fornos, mortos, portos, tortos, cornos, fossos, novos, postos, trocos, coros, grossos, olhos, povos, troços, despojos, impostos, ossos, rebordos, socorros... (metafonia)

Observação: Algumas palavras já aceitam mais de uma pronúncia em função do uso corrente.

PROSÓDIA

Algumas palavras que podem oferecer dúvidas quanto à posição correta da sílaba tônica

acróbata ou **acrobata** – *dupla pronúncia aceita*
aeródromo – *proparoxítona*
aerólito – *proparoxítona*
álacre – *proparoxítona*
Alcácer – *paroxítona*
algaravia – *paroxítona*
álibi – *proparoxítona*
âmago – *proparoxítona*
âmbar – *paroxítona*
ambrósia ou **ambrosia** – *dupla pronúncia aceita*
anátema – *proparoxítona*
Andronico (nome próprio) – *paroxítona*
anídrido ou **anidrido** – *dupla pronúncia aceita*
antífrase – *proparoxítona*
aríete – *proparoxítona*
arquétipo – *proparoxítona*
austero – *paroxítona*
autóctone – *proparoxítona*
avaro – *paroxítona*
azáfama – *proparoxítona*
azálea – *paroxítona*
aziago – *paroxítona*
Bálcãs ou **Balcãs** – *dupla pronúncia aceita*
barbárie – *paroxítona*
batavo – *paroxítona*
bávaro – *proparoxítona*
bímano – *proparoxítona*
boêmia – *paroxítona (O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra também a forma boemia – paroxítona)*
bólido – *proparoxítona*
brâmane – *proparoxítona*
cânon – *paroxítona*
caracteres – *paroxítona*
cartomancia – *paroxítona*
cateter – *oxítona*
chávena – *proparoxítona*
ciclope – *paroxítona*
Cister – *oxítona*
cível – *paroxítona*
Cleópatra – *proparoxítona*
clímax – *paroxítona*
cômputo (s.) – *proparoxítona*
condor – *oxítona*
cotilédone – *proparoxítona*
crisântemo ou **crisantemo** – *dupla pronúncia aceita*
decano – *paroxítona*
díspar – *paroxítona*
edito (lei, decreto) – *paroxítona*
édito (ordem judicial) – *proparoxítona*
égide – *proparoxítona*
elétrodo – *proparoxítona (O Aurélio registra também a forma eletrodo – paroxítona)*
êmbolo – *proparoxítona*
epíteto (s.) – *proparoxítona*
estratégia – *paroxítona*
etíope – *proparoxítona*
fagócito – *proparoxítona*
filantropo – *paroxítona*
filatelia – *paroxítona*
flébil – *paroxítona*
fluido (s.) – *paroxítona*
fórceps – *paroxítona*
fortuito – *paroxítona*
geodésia ou geodesia – *dupla pronúncia aceita*
Gibraltar – *oxítona*
grácil – *paroxítona*
gratuito – *paroxítona*
hangar – *oxítona*
hieróglifo – *proparoxítona (O Aurélio registra também a forma hieroglifo – paroxítona)*
homília ou homilia – *dupla pronúncia aceita*
Hungria – *paroxítona*
ibero – *paroxítona*
idólatra (s.) – *proparoxítona*
impio (cruel) – *paroxítona*
ímpio (incrédulo) – *paroxítona*
ímprobo – *proparoxítona*
inaudito – *paroxítona*
íngreme – *proparoxítona*
ínterim – *proparoxítona*
leucócito – *proparoxítona*
lêvedo (adj.) – *proparoxítona*
levedo (s.) – *paroxítona*
Lúcifer – *proparoxítona*
maquinaria – *paroxítona*
meteorito – *paroxítona*
misantropo – *paroxítona (O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra também a forma misântropo – proparoxítona)*
mister – *oxítona*
munícipe – *proparoxítona*
masseter – *oxítona*
necrópsia – *paroxítona – a pronúncia necropsia também é aceita.*
Niágara – *proparoxítona*
Nobel – *oxítona*
Normandia – *paroxítona*
novel – *oxítona*
obus – *oxítona*
Oceânia ou Oceania – *dupla pronúncia aceita*
ômega – *proparoxítona (O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra também a forma omega – paroxítona)*
ônix – *paroxítona*
ortoépia ou ortoepia – *dupla pronúncia aceita*
páramo – *proparoxítona*
pegada – *paroxítona*
périplo – *proparoxítona*
perito – *paroxítona*
plêiade – *proparoxítona*
primata – *paroxítona*
projétil ou projetil – *dupla pronúncia aceita*
protótipo – *proparoxítona*
pudico – *paroxítona*
quadrúmano – *proparoxítona*
quiromancia – *paroxítona*
recém – *oxítona*
recorde – *paroxítona*
refém – *oxítona*
refrega – *paroxítona*
réptil ou reptil – *dupla pronúncia aceita*
rubrica – *paroxítona*
ruim – *oxítona*
sinonímia – *paroxítona*
sóror ou soror – *dupla pronúncia aceita*
sótão – *paroxítona*
sutil – *oxítona*
táctil – *paroxítona*
têxtil – *paroxítona*
trânsfuga – *proparoxítona*
transido – *paroxítona*
tulipa – *paroxítona (O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra também a forma túlipa – proparoxítona)*
ureter – *oxítona*
xérox – *(paroxítona) ou xerox (oxítona) – dupla pronúncia aceita*
zângão – *(paroxítona) ou zangão (oxítona) – dupla pronúncia aceita*
zéfiro – *proparoxítona*

Fonte: br.geocities.com

ONDE X AONDE

ONDE – pronome relativo ou pronome interrogativo.

A cidade rural onde vive o autor explica os temas dos seus textos.

Onde você esteve todo esse tempo?

AONDE

O museu _____ as crianças vão em agosto é sensacional.

O museu _____ as crianças estão é sensacional.

A cidade histórica _____ passamos as férias marcou história

A cidade história ____ queremos retornar marcou história.

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

Ele visitará a cidade ______nasceu o presidente.

Vou ______ ele for.

______ coloquei meus sapatos?

Moro ______não mora ninguém.

______ estão os candidatos?

_____ você pretende nos levar?

Não sei _____ te encontrar.

O parque ______ você caminha é extremamente perigoso.

______ você costuma pedalar?

Amor que eu nunca vi igual
Que eu nunca mais verei
Amor que não se pede
Amor que não se mede
Que não se repete
Cê vai chegar em casa
Eu quero abrir a porta
Aonde você mora?
Aonde você foi morar?

CIDADE NEGRA
o erê

Aonde estão seus olhos
Quando não estão em mim?
Aonde estão seus passos
Se não chegamos ao fim?
Eu voltaria aonde te deixei...

Não consigo dizer se é bom ou mau
Assim como o ar me parece vital
Onde quer que eu vá
O que quer que eu faça
Sem você, não tem graça

É tão certo quanto o calor do fogo
É tão certo quanto o calor do fogo
Eu já não tenho escolha
Participo do seu jogo
Eu participo do seu jogo

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

Diga aonde você vai
Que eu vou varrendo
Diga aonde você vai
Que eu vou varrendo
Vou varrendo, vou varrendo
Vou varrendo, vou varrendo
Vou varrendo, vou varrendo
Vou varrendo, vou varrendo...

Não sei bem certo
Se é só ilusão
Se é você já perto
Se é intuição
E aonde quer que eu vá
Levo você no olhar
Aonde quer que eu vá
Aonde quer que eu vá...

OS PARALAMAS
do SUCESSO
LONGO CAMINHO

Derêrêêêê! Derêrêrêêêê ! Derêrêrê
rêrêrêrê rêêêê
Derêrêêêê! Derêrêrêêêê ! Derêrêrê
rêrêrêrê rêêêê
Nossa história foi assim
Um olhar, um beijo e mais
Fomos bem mais que só um
E agora quer mudar, conter esse desejo
Aonde nós chegamos

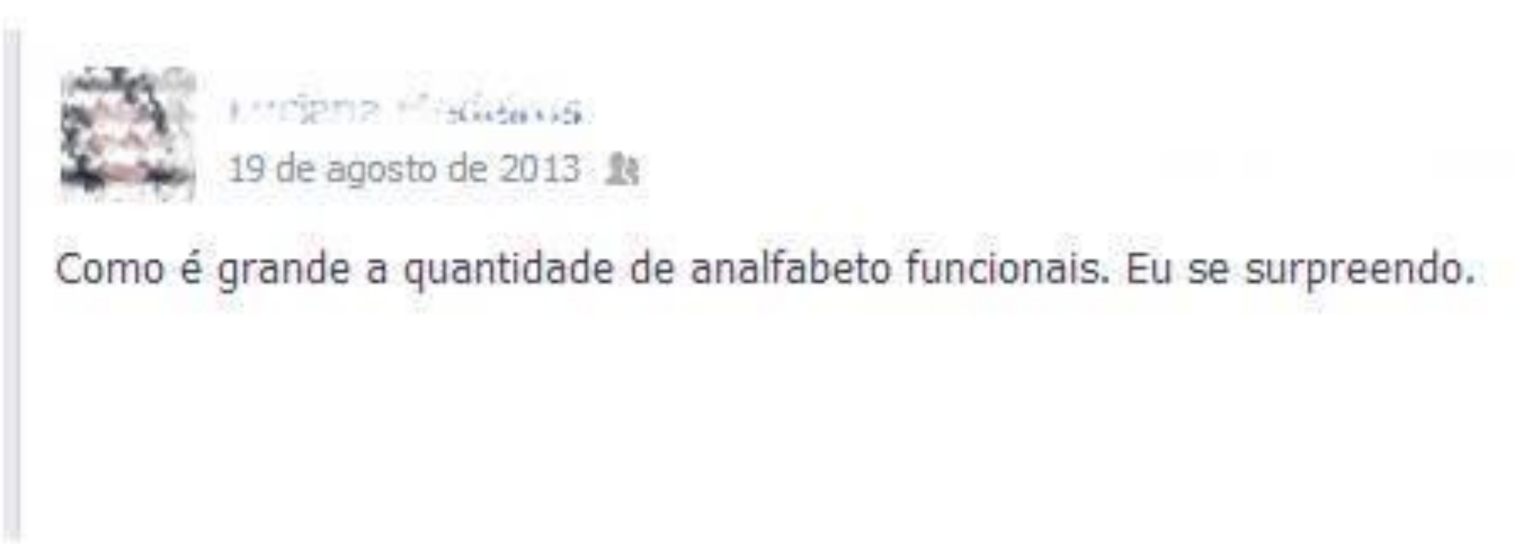

[redacted]
19 de agosto de 2013

Como é grande a quantidade de analfabeto funcionais. Eu se surpreendo.

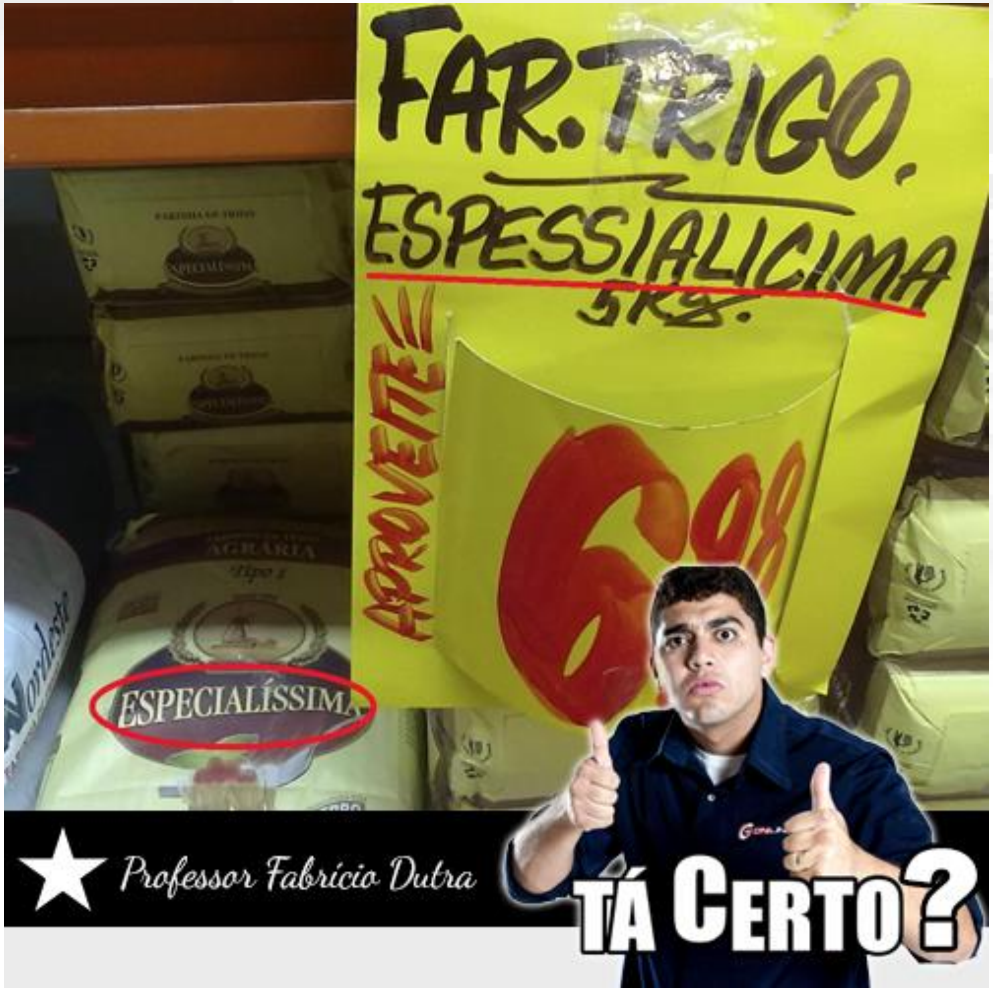
FAR. TRIGO.
ESPESSIALICIMA
5Kg.
APROVEITE!!
6,98
AGRÁRIA
Tipo 1
ESPECIALÍSSIMA
Professor Fabrício Dutra
TÁ CERTO?

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

DOMÍNIOS DISCURSIVOS (TIPOS DE DISCURSOS)

Vânia
Araújo

DOMÍNIOS DISCURSIVOS

Para Luiz Antônio Marcuschi, os domínios discursivos constituem práticas de comunicação nas quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais institucionalizados e instauradores das relações de poder – já que representam a nossa forma de ação, de inserção e controle social no cotidiano. E desses domínios derivam, obviamente, uma infinidade de gêneros textuais.

Os principais domínios discursivos instauram-se nos universos: **acadêmico, científico, jurídico, literário, jornalístico, publicitário, didático, epistolar, religioso** etc.

ACADÊMICO

Tem a finalidade de expor a investigação de um fato, acontecimento ou experiência científica - com bastante rigor nos conceitos e informações utilizados. Este discurso pode servir-se de descrições, de enumerações, de exposições narrativas, de relatos de fatos, de gráficos, de estatísticas para dar informações precisas.

Características do discurso acadêmico:

- ✓ Explica ou fundamenta as afirmações com base em dados objetivos, cientificamente comprovados.
- ✓ Normalmente segue um roteiro preestabelecido: apresenta introdução, desenvolvimento e conclusão. Em alguns casos, pode apresentar outras partes, como folha de rosto, anexos, sumário etc.
- ✓ Utiliza uma linguagem objetiva e impessoal, de acordo com o padrão culto da língua.

CIENTÍFICO

Discurso de natureza *expositiva* que tem por finalidade apresentar um assunto de cunho científico. Possui uma estrutura relativamente simples: a apresentação da *tese* (explicação sobre o objeto de estudo) a ser desenvolvida por meio de "provas" (exemplos, comparações, relações de causa e efeito, resultados de testes, dados estatísticos etc.). Nesse tipo de texto, a conclusão é facultativa. Este domínio discursivo aparece em artigos e relatórios científicos, teses, dissertações, monografias, verbetes de enciclopédias, artigos de divulgação científica etc.

Características do discurso científico:

- ✓ Precisa ter o máximo de precisão e rigor nos conceitos e informações utilizados.
- ✓ Faz uso obrigatório da terminologia científica de uma ou mais áreas do conhecimento.
- ✓ Emprega verbos predominantemente no presente do indicativo.
- ✓ Utiliza uma linguagem clara, objetiva e impessoal, de acordo com o padrão culto da língua.

LITERÁRIO

Tem uma função mais estética, pois nele o escritor busca não apenas traduzir o mundo mas recriá-lo nas palavras, de modo que nele importam tanto “aquilo que se diz” quanto “o modo como se diz”. Este domínio discursivo aparece em contos, fábulas, lendas, poemas, peças de teatro, crônicas, roteiros de filmes, histórias em quadrinhos etc.

Características do discurso literário:

- ✓ Tem predomínio da linguagem conotativa, já que, por sua função estética, o autor sempre atribui novos sentidos às palavras.
- ✓ Utiliza múltiplos recursos estilísticos, como, por exemplo, ritmos, sonoridades, repetição de palavras ou de sons, repetição de situações ou descrições.

JORNALÍSTICO

Tem, basicamente, uma função utilitária, pois visa a informar o leitor. Nesse caso, o plano da expressão não tem muita importância, já que sua finalidade é apenas veicular conteúdos. Este domínio discursivo aparece em editoriais, notícias, reportagens, artigos de opinião, comentários, cartas ao leitor, crônicas tanto policial como esportiva, entrevistas jornalísticas, boletim do tempo etc.

Características do discurso jornalístico:

- ✓ Tem predomínio da narração – com a presença dos elementos essenciais de um texto narrativo, que são o fato, as pessoas envolvidas, o tempo em que ocorreu o fato, o lugar onde ele ocorreu, “como” e “por” que ocorreu.
- ✓ Normalmente apresenta um título, que traz a síntese do(s) fato(s).
- ✓ Caracteriza-se pela predominância da função referencial, a qual privilegia a linguagem denotativa e as construções gramaticais em ordem direta e clara.

PUBLICITÁRIO

É um discurso de natureza dissertativa, que tem por finalidade apresentar argumentos (diretos ou indiretos) para persuadir o interlocutor sobre as eventuais “vantagens” de um produto: *quantitativas* (rende mais, é mais barato); *qualitativas* (o melhor, o mais saboroso, o mais nutritivo) e *ideológicas* (mais moderno, mais arrojado, mais exclusive).

Este domínio discursivo aparece em propagandas, anúncios classificados, cartazes, folhetos, *outdoors*, inscrições em muros, placas e publicidade em geral.

CARACTERÍSTICAS DO DISCURSO PUBLICITÁRIO

- ✓ É quase sempre constituído por imagem e texto.
- ✓ O nível de linguagem utilizado varia de acordo com o público que se quer atingir.
- ✓ Utiliza verbos geralmente no modo imperativo ou no presente do indicativo.
- ✓ Faz uso de recursos tais como: figuras de linguagem, ambiguidades, jogos de palavras (trocadilhos), provérbios etc.
- ✓ A estrutura pode variar mas é geralmente composta por um **título**, que chame a atenção sobre o produto; **texto**, que amplie o argumento do título; e **assinatura**, que traz o logotipo ou marca do anunciante.

EPISTOLAR

Discurso de natureza narrativa, escrito sob a forma de cartas, o qual se caracteriza por apresentar opiniões, manifestos e discussões que vão muito além dos meros interesses pessoais ou utilitários. É um tipo de texto que combina paixões e apelos subjetivos com o debate de temas abrangentes e abstratos.

A partir do Renascimento (antes do surgimento da imprensa jornalística), as cartas exerciam a função de informar sobre fatos que ocorriam no mundo. Por isso, as epístolas de um autor, reunidas, poderiam vir a ser publicadas devido a seu interesse histórico, literário ou documental - como é o caso das *Epístolas de São Paulo*, na Bíblia (destinadas às comunidades cristãs) e das cartas do padre Antônio Vieira e de Pero Vaz de Caminha.

IMPORTANTE!

Na modernidade, com a difusão dos meios eletrônicos de escrita, o **discurso *epistolar*** tende a se reinventar – em outros moldes e estilos, como mensagens de *e-mail*, por exemplo.

ADEQUAÇÃO DO DISCURSO

O **discurso** é, portanto, a prática social de produção de textos, ou seja, é uma construção social (e não individual) que só pode ser analisada considerando-se o seu contexto histórico-social, suas condições de produção e, essencialmente, a visão de mundo vinculada ao autor do texto e à sociedade em que ele vive.

Assim, cada discurso trará uma linguagem mais particular, por meio da qual o autor consiga penetrar o universo do leitor a que o texto se destine. Por exemplo, jornais e revistas de grande circulação, que são voltados a um leitor qualquer, trarão uma linguagem mais acesível (que não necessariamente obedecerá às regras gramaticais).

IMPORTANTE!

Muitas bancas examinadoras já cobram essa adequação do discurso nas provas. Por isso, é necessário que se tenha atenção às diferenças nas linguagens presentes em cada gênero pertencente aos domínios discursivos apresentados.

FUNDAÇÃO UNIVERSA - MINISTÉRIO DO TURISMO – ENGENHEIRO (CÓD. 103)

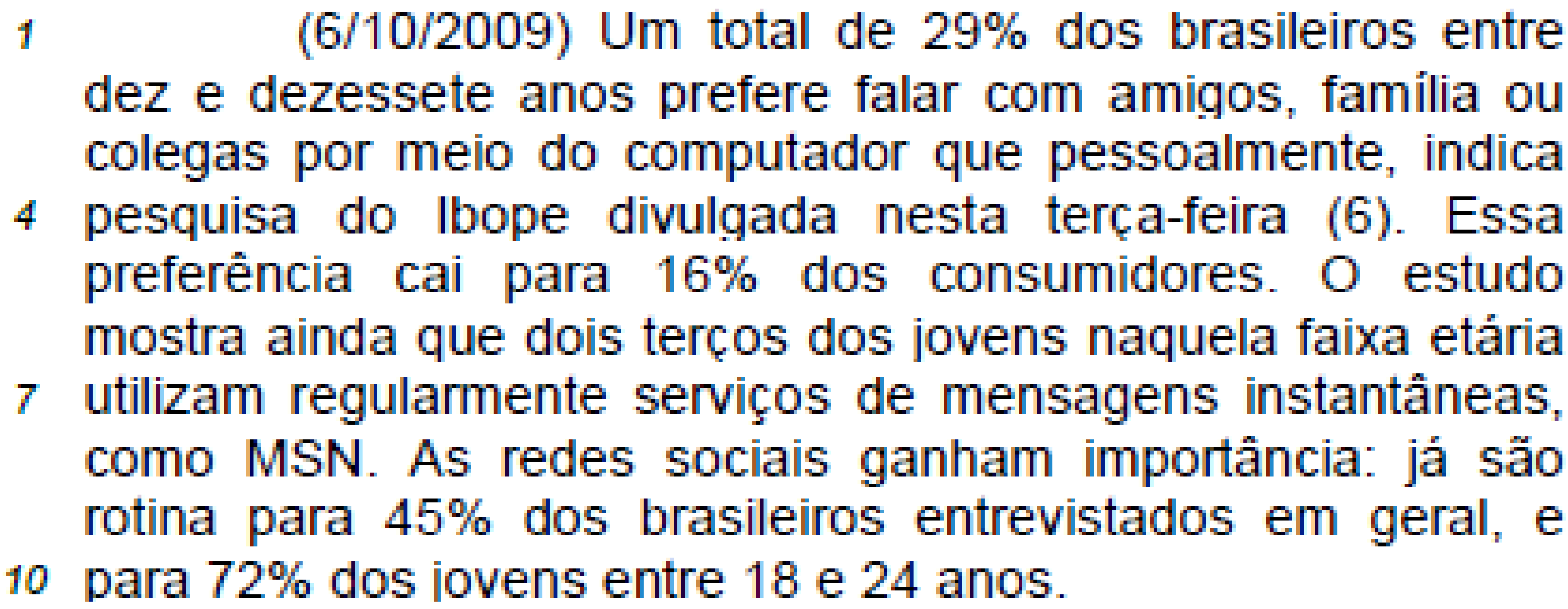

(6/10/2009) Um total de 29% dos brasileiros entre dez e dezessete anos prefere falar com amigos, família ou colegas por meio do computador que pessoalmente, indica pesquisa do Ibope divulgada nesta terça-feira (6). Essa preferência cai para 16% dos consumidores. O estudo mostra ainda que dois terços dos jovens naquela faixa etária utilizam regularmente serviços de mensagens instantâneas, como MSN. As redes sociais ganham importância: já são rotina para 45% dos brasileiros entrevistados em geral, e para 72% dos jovens entre 18 e 24 anos.

Internet: **<http://www1.folha.uol.com.br>**
(com adaptações). Acesso em 23/11/2009.

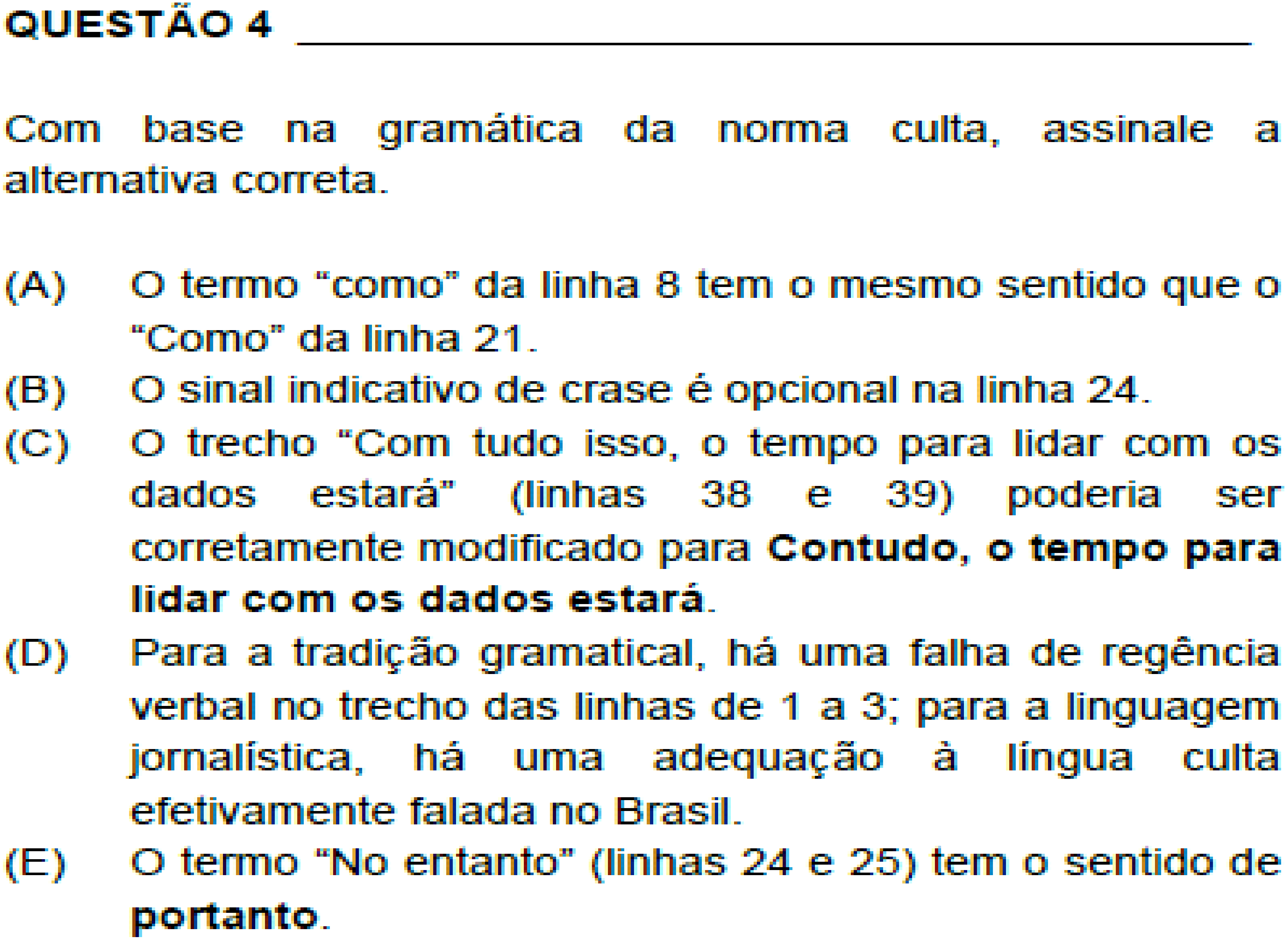

QUESTÃO 4

Com base na gramática da norma culta, assinale a alternativa correta.

(A) O termo “como” da linha 8 tem o mesmo sentido que o “Como” da linha 21.

(B) O sinal indicativo de crase é opcional na linha 24.

(C) O trecho “Com tudo isso, o tempo para lidar com os dados estará” (linhas 38 e 39) poderia ser corretamente modificado para **Contudo, o tempo para lidar com os dados estará**.

(D) Para a tradição gramatical, há uma falha de regência verbal no trecho das linhas de 1 a 3; para a linguagem jornalística, há uma adequação à língua culta efetivamente falada no Brasil.

(E) O termo “No entanto” (linhas 24 e 25) tem o sentido de **portanto**.

Língua
Portuguesa

Pontuação

Concurseria

Vírgula

1. Ordem direta e indireta da oração:

S V O A

O presidente ofereceu um jantar aos empresários algumas semanas após as eleições.

Vírgula

2. Predicativo deslocado:

Os corredores terminaram a maratona **exaustos**.

3. Enumeração (termos coordenados):

Comprou joias, roupas, sapatos e brinquedos.

Vírgula

4. Objeto pleonástico:

Aos devedores, perdoe-lhes as dívidas.

A aluna, ninguém a viu.

5. Elipse do verbo:

Ela prefere filmes românticos; o namorado, de aventura.

Vírgula

6. Vocativo:

Crianças fiquem em silêncio.

Deixe **Maria** a luz acesa.

? Venham comer **gente**!

Vírgula

7. Aposto

explicativo: Maria, **a vizinha do segundo andar**, começou a vender cosméticos.

comparativo: Os seus olhos, **oceanos profundos**, fitavam-me sem piscar.

Vírgula

Atenção:

José o advogado trouxe os documentos.

O prefeito José recebeu os grevistas.

José o prefeito recebeu os grevistas.

Vírgula nas Orações Coordenadas

Assindéticas:

O político chegou, sentou, começou a discursar.

Vírgula nas Orações Coordenadas

Sindéticas aditivas:

O político cumprimentou os presentes **e** iniciou o discurso.

José cumprimentou Paulo **e** Maria trouxe o café.

Vírgula nas Orações Coordenadas

Sindéticas adversativas:

José saiu cedo de casa, **mas** chegou atrasado à reunião.

José saiu cedo de casa, **e** chegou atrasado à reunião.

Vírgula nas Orações Coordenadas

José saiu cedo de casa; chegou, **porém**, atrasado à reunião.

Vírgula nas Orações Coordenadas

Sindéticas alternativas:

Ora viajava com a família, **ora** viajava a trabalho.

Ganhará o torneio a equipe brasileira, **ou** a vencedora será a Argentina.

Vírgula nas Orações Coordenadas

Sindéticas explicativas:

Fale depressa, **que** eu preciso ir embora.

Ele deve estar doente, **porque** faltou à reunião.

Vírgula nas Orações Coordenadas

Sindéticas conclusivas:

Está faltando água nas represas, **portanto** haverá racionamento.

Está faltando água nas represas; haverá, **portanto,** racionamento.

Vírgula nas Orações Subordinadas

Substantivas:

Espera-se **que** ele concorde com nossas Ideias.

Espera-se **que**, durante a reunião, ele concorde com nossas ideias.

Vírgula nas Orações Subordinadas

* Que concorde com nossas ideias, espera-se.

* Há na vida um regulamento, **que** não deixemos de ser felizes.

Vírgula nas Orações Adjetivas

Explicativa:

O elefante africano, **que é um animal terreste**, chega a 4 metros de altura.

O Brasil, **que é o maior país da América Latina**, é grande também na desigualdade social.

Vírgula nas Orações Adjetivas

Restritiva:

Os animais **que comem carne** classificam-se
como carnívoros.

As pessoas **que são boas** ajudam o
próximo.

Vírgula nas Orações Adjetivas

O meu pai **que era jardineiro** tratava as flores como suas filhas.

O meu pai**, que era jardineiro,** tratava as flores como suas filhas.

Vírgula nas Orações Adverbiais

Ordem direta:

José teria sido aprovado **se tivesse feito o trabalho**.

Ordem inversa:

Se tivesse feito o trabalho, José teria sido aprovado.

Vírgula nas Orações Adverbiais

Intercalada:

José, **se tivesse feito o trabalho**, teria sido aprovado.

Vírgula nas Orações Reduzidas

***Chegando* o diretor**, avise-me imediatamente.

***Terminada* a conferência**, foi nos oferecido um jantar.

Ao *entrar*, faça silêncio.

Nosso filho, ***criado* com muito amor**, formou-se.

Vírgula nas Orações Interferentes

Tudo se acertará, **creio eu**, muito em breve.

Rogério, **que eu saiba**, nunca estudou na Inglaterra.

A política, **diga-se de passagem**, é a arte do conchavo.

Ponto e Vírgula

Enumeração:

“Deveremos tratar, nesta reunião, dos seguintes assuntos:

a)cursos a serem oferecidos, no próximo ano, a nossos empregados;

Ponto e Vírgula

b) objetivos a serem atingidos;

c) metodologia de ensino e recursos audiovisuais.”

Dos autores brasileiros, homenagearam Cecília Meireles; dos portugueses, Eugênio de Andrade; dos moçambicanos, Mia Couto.

Ponto e Vírgula

Elipse do verbo:

Ela prefere filmes românticos**;** o namorado, de aventura.

Ponto e Vírgula

Orações coordenadas:

José saiu cedo de casa; **porém**, chegou, atrasado à reunião.

José saiu cedo de casa; chegou, **porém**, atrasado à reunião.

Dois-pontos

Discurso direto:

Foi então que ele disse**:**

– Estou cansado de tanta confusão!

Enumeração (aposto):

Meus amigos são poucos**:** Fátima, Rodrigo e Gilberto.

Dois-pontos

Oração apositiva:

A aluna deu-me um conselho: ***que evitasse o atraso.***

Esclarecimento:

“Mas padre Anselmo era assim mesmo: ***amigo dos pobres***.”

Travessão

Discurso direto:

Foi então que ele disse:

– *Estou cansado de tanta confusão*!

Intercalação:

Rogério – ***que eu saiba*** – nunca estudou na Inglaterra.

Travessão

Aposto:

“A inflação **–** ***monstro devorador dos salários*** **–** é sempre uma ameaça.”

É sempre uma ameaça a inflação **–** ***monstro devorador dos salários*****.**

Parênteses

Intercalação:

Rogério ***(que eu saiba)*** nunca estudou na Inglaterra.

Aposto:

“A inflação ***(monstro devorador dos salários)*** é sempre uma ameaça.”

Vírgula Após Travessões ou Parênteses

“Em terra, se você subisse em uma construção de150m – a catedral de Colônia ou o monumento
Washington, digamos – a mudança de pressão, de tão pequena, seria (...)”

Reticências

Suspensão de uma ideia:

Está na hora de ir embora, porque …

Hesitação:

Daí ele pegou...ele pegou...como se diz mesmo...uma boina.

Reticências

Sugerir movimento ou continuação:

“E o pingo d’água continua**...**”

Trechos suprimidos de um texto:

“(**...**) não existe texto incoerente em si, mas texto que pode ser (**...**)”

Aspas

Citações:

Como afirmou Descartes: “Penso, logo existo”.

Ironia:

Que “belo” trabalho! Você conseguiu estragar tudo.

Aspas

Gírias, neologismos, estrangeirismos:

Esperamos o “*feedback*” da professora.

Os garotos classificaram o novo jogo como “irado”.

Aspas

Discurso direto:

“É um silêncio construído e reiterado”, afirma Fernanda, que entrevistou dez profissionais de várias regiões da cidade de São Paulo para explicar (...)”

Língua Portuguesa

Pontuação

Concurseria

Lista Questões Classes Gramaticais

1 – (RESUMEDI) Qual a função do verbo na Frase?

a) Indicam ação, estado ou fenômeno natural, além de se flexionarem em tempo, modo, número, pessoa e voze se relacionarem com complementos e/ou adjuntos.
b) Nomeiam coisas.
c) Qualificam o nome.
d) Funcionam como conetvio frasal.

2 - (UFMG) As expressões sublinhadas correspondem a um adjetivo, exceto em:
a) João Fanhoso anda amanhecendo sem entusiasmo.
b) Demorava-se de propósito naquele complicado banho.
c) Os bichos da terra fugiam em desabalada carreira.
d) Noite fechada sobre aqueles ermos perdidos da caatinga sem fim.
e) E ainda me vem com essa conversa de homem da roça.

3 – (RESUMEDI) Qual a classe de palavras do termo sublinhado na frase: comi feijão, arroz e carne:
a) Adjetivo
b) Verbo de Ligação
c) Sujeito
d) Conjunção

4 – (RESUMEDI) Marque a alternativa em que aparece uma conjunção coordenativa adversativa:

a) Saiu e deixou a porta aberta.
b) Choveu, por isso o chão está molhao.
c) Estudou muito, contudo não passou na provas.
d) Casou-se no dia 26 de Janeiro, pois a igreja tinha vaga naquele dia.

5 - (PUC) Assinale a alternativa em que o uso do pronome em destaque possa serexemplo da definição de PRONOME RELATIVO proposta por Cegalla, notrecho A.

a) Quero saber onde você guardou as lâminas.

b) Meu lema é: só amo quem me ama.

c) Todos sabem que ele não é feliz com a esposa há muitos anos.

d) Minha mãe me disse que aonde eu vou ninguém mais pode ir.

e) A mulher cuja lembrança me dói nem sabe que existo.

6 - (PUC) PARA A QUESTÃO ABAIXO, LEIA OS TRECHOS A SEGUIR, RETIRADOS DE GRAMÁTICAS:

TRECHO A

Pronomes relativos
são palavras que representam nomes já referidos, com os quais estão relacionados. Daí denominarem-se
relativos.

[....]

Onde,
como pronome relativo, tem sempre antecedente e equivale a
em que: *A casa*
onde
moro (= em que) foi de meu avô.

(CEGALLA, Domingos Paschoal. Novíssima gramática da língua portuguesa. 20. ed. São Paulo: Nacional, 1979, p. 116-117)

TRECHO B

[....] Onde
exprime estabilidade;
o lugar em que [....]

Aonde
indica movimento,
lugar a que [....]

(ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. Gramática normativa da língua portuguesa 21. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980, p. 301.)

Assinale a alternativa em que o pronome ONDE esteja em consonância com as prescrições dos dois gramáticos:

a) Não sei o setor aonde devo levar a guia de inscrição do vestibular da PUC/Minas.

b) No início do século, houve um desenvolvimento maior do Sudeste, aonde tudo que se plantava era exportado.

c) As mulheres estão cada vez mais modernas, onde eu acho que está a razão para o grande número de separações.

d) Agindo dessa forma,sem medir as conseqüências, logo João verá o lugar onde vai chegar – éo que tenho dito a ele com freqüência.

e) A convocação da seleção é onde eu não concordo com o Zagallo, pois ele é muito autoritário, não aceita opinião.

7 – (UFPE) Nas frases publicitárias abaixo, assinale a alternativa em que a palavra sublinhada introduz uma relação de imposição.

a) Margarina M. Para quem não esqueceu o paladar.

b) O refrigerante dietético R não tem concorrente, mas você tem.

c) Use sandálias S enquanto você combina com ela.

d) Ande devagar, Chapeuzinho, com sapatos C, para o lobo mau poder te pegar.

e) Use Leite de Aveia D, porque sua pele merece.

8 – (UFF) Em “Ela despedaçou o lacre e deu a ler a Seixas o papel”, a preposição assinalada introduz uma idéia de:

a) conseqüência

b) causa

c) condição

d) fim

e) modo

9 – (UFMA) Assinale a alternativa que completa correta e respectivamente o período: “A polícia _______ no roubo e _______ o ladrão”.

a) interveio, deteu;

b) interveio, deteve;

c) interviu, deteu;

d) interveu, deteve;

e) interviu, deteve.

10 – (UFMA) Ocorre voz passiva com o pronome “se” na opção:

a) O orador referiu-se a fatos recentes.

b) As pessoas presentes cumprimentaram-se rapidamente.

c) Levantam-se meninos!

d) Vendem-se livros a preço de custo.

e) Ninguém se livra da ação do tempo.

11 – (PUC) Os ordinais referentes aos números 80, 300, 700 e 90 são respectivamente:

a) octagésimo, trecentésimo, septingentésimo, nongentésimo

b) octogésimo, trecentésimo, septingentésimo, nonagésimo

c) octingentésimo, tricentésimo, septuagésimo, nonagésimo

d) octagésimo, tricentésimo, septuagésimo, nongentésimo

e) N.D.R.

12 - (CESGRANRIO) Assinale a oração em que o termo cego(s) é um adjetivo:

a)Os cegos habitantes de um mundo esquemático, sabem onde ir...
b)O cego de Ipanema representava naquele momento todas as alegorias da noite escura da alma ...
c)Todos os cálculos do cego se desfaziam na turbulência do álcool.
d)Naquele instante era só um pobre cego.
e)... da Terra que é um globo cego girando no caos.

13 - (PUC)

A vida transcorre entre o sucesso e o insucesso. É importante, ________, que o adolescente enfrente adversidades, fracassos e frustrações para que possa, segundo a canção popular, "sacudir a poeira e dar a volta por cima".

A conjunção que completa a lacuna e introduz uma ideia de conclusão é:

a)porquanto
b)porém
c)pois
d)contudo
e) conquanto

14 - (UNB) Assinale a frase em que "meio" funciona como advérbio:

a) Só quero meio quilo.
b) Achei-o meio triste
c) Descobri o meio de acertar.
d) Parou no meio da rua. .
e) Comprou um metro e meio.

15 - (UM-SP) Na frase "As negociações estariam meio abertas só depois de meio período de trabalho", as palavras destacadas são, respectivamente:

a) adjetivo, adjetivo
b) advérbio, advérbio
c) advérbio, adjetivo
d) numeral, adjetivo
e) numeral, advérbio

16 - (UNB) Assinale o item que só contenha preposições:

a) durante, entre, sobre , por
b) com, sob, depois
c) para, atrás

d) em, caso, após
e) após, sobre, acima

GABARITO:

1-A; 2-B; 3-D; 4-C; 5-E; 6-A; 7-B; 8-D; 9-B; 10-D; 11-B; 12-E; 13-C; 14-B; 15-B; 16-A

NOME: ____

PROFESSOR: ______________________________________DATA: _____________

ATIVIDADES SUZANO

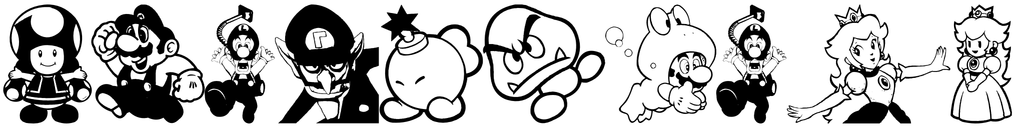

PONTUAÇÃO

Rescreva as frases do texto, pontuando corretamente.

a) Fomos passear na praia domingo Estávamos eu mamãe e papai

____

____

b) Kiko meu cachorro

____

____

c) Domingo que vem

____

____

Escreva uma frase usando:

a) vírgula e ponto final.

____

____

b) ponto de exclamação.

____

____

c) ponto de interrogação.

____

____

Atividades Suzano

NOME: ____
PROFESSOR: ____DATA: _____________
ATIVIDADES SUZANO

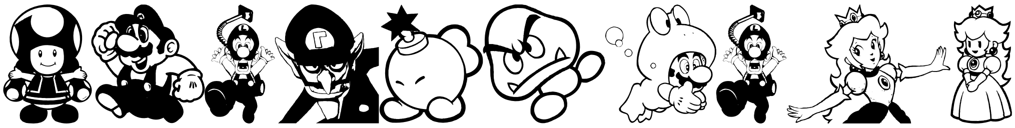

PONTUAÇÃO

Ordene as frases e depois classifique-as. Veja o exemplo:

Oba! um presentes! monte ganhei Eu de
Eu ganhei um monte de presentes! Oba! ou Oba! Eu ganhei um monte de presentes! Frase exclamativa.

onde é movimentada. A rua eu moro

____
____

não gosta Ele de bicicleta no parque. brincar de

____
____

estudam pessoas Quantas na sala?sua

____
____

Coloque corretamente a pontuação solicitada.

Parênteses.
Juliana aluna do 3o A é muito estudiosa.

Travessão.
Paulo disse a Ana:
Estou muito cansado.
Ela comentou:
Amanhã você poderá descansar.

Aspas.
Aquele CD de dance music é muito bom.

Atividades Suzano

NOME: ____
PROFESSOR: ______________________________________DATA: ____________
ATIVIDADES SUZANO

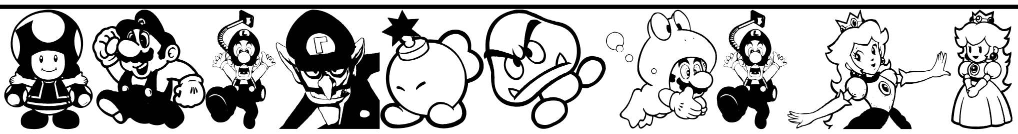

Estudando ortografia

O emprego de **c**, **ç** ou **s**

Não se usa a cedilha antes das vogais e e i, nem no começo de palavras.

Complete com c ou ç.

a) fa   anha
b) melan   ia
c) alfa   e
d) cal   a
e) vidra   a
f) ca   arola
g) palha   o
h) co   eira

Complete com c, ç ou s.

a)   edilha
b) ca   amento
c) sal   icha
d) rica   o
e) cal   ada
f) pre   ente
g)   ebola
h)   ereja
i) dan   arina
j) a   ude
k) ba   ia
l) bra   o
m) ca   ula
n) dé   imo
o) pi   ada
p) justi   a
q) esperan   a
r) a   ucareiro
s) ca   ebre
t)   inema
u) pregui   a
v) come   o
w) a   ima
x) bol   o
y) ma   io
z) con   elho

Atividades Suzano

USO DOS PORQUÊS

Na Língua Portuguesa, há quatro maneiras diferentes de se grafar o porquê.

1) Porquê (junto, com acento): É um substantivo, portanto deverá ser usado, quando surgir, antes dele, uma palavra modificadora – artigo (o, os, um, uns), pronome adjetivo (meu, esse, quanto) ou numeral (um, dois, três, quatro). Como é um substantivo, admite plural: porquês.

Exemplos:

— Ninguém sabe o porquê de tanto desdém.
— Quantos porquês! Pare de fazer-me perguntas.

2) Por quê (separado, com acento): É a junção da preposição por com o substantivo quê, que só é usado em final de frase. Aliás, sempre que a palavra "que" for usada em final de frase, deverá ser acentuada, independentemente do elemento que surja antes.

Exemplos:

— Você não me telefonou ontem por quê?
— Nem eu sei por quê.
— Você está rindo de quê?
— Você procurou-me para quê?

Nota 1: A palavra "que" será acentuada, quando estiver antecedida por uma palavra modificadora, ou quando for uma interjeição que designa espanto. Exemplos:

— Ela tem um quê de mistério.
— Quê? Ela esteve aqui, e você não me avisou?

Nota 2: Quando, anteriormente ao "que", surgir a palavra "o", "a", "os" ou "as", teremos pronome demonstrativo (o, a, os, as), com o mesmo valor de "aquele, aquela, aquilo", e pronome relativo (que). No caso de "a que", também pode ser a preposição "a". Exemplos:

— Não entendi o que você falou = Não entendi aquilo que você falou.
— Dos concorrentes, o vencedor será o que mais votos obtiver = Dos concorrentes, o vencedor será aquele que mais votos obtiver.
— A peça a que assisti é maravilhosa. (Esse "a" é preposição)

3) Por que (separado, sem acento):

a) É a junção da preposição por com o pronome interrogativo que; significa por que motivo, por qual razão.

Exemplos:

— Por que o professor faltou hoje? = Por qual razão o professor faltou?
— Não sei por que o professor faltou hoje = Não sei por qual motivo o professor faltou hoje.

b) É a junção da preposição por com o pronome relativo que; pode ser substituído por pelo qual, pelos quais, pela qual, pelas quais ou por qual.

Exemplos:

—O aperto por que passei foi terrível = O aperto pelo qual passei foi terrível.
— A causa por que luto é nobilíssima = A causa pela qual luto é nobilíssima.

4) Porque (junto, sem acento): É uma conjunção, portanto estará ligando duas orações, indicando causa (= já que), explicação (= pois) ou finalidade (= para que). Exemplos:

— O espetáculo não ocorreu, porque o cantor estava gripado = O espetáculo não ocorreu já que o cantor estava gripado.
— Estudem, porque consigam a aprovação = Estudem para que consigam a aprovação.
— Pare de falar, porque está atrapalhando-me = Pare de falar, pois está atrapalhando-me.

ATIVIDADES

01. Quando iniciamos a pergunta, utilizamos a forma **POR QUE, separado e sem acento** .
— **POR QUE** você me chamou?

0**2.** Quando iniciamos a resposta, utilizamos a forma **PORQUE, junto e sem acento**.
— **PORQUE** queria lhe contar uma novidade.

03. Complete com **os porquês** as dúvidas e explicações nos trechos selecionados abaixo.

Por que SERÁ?

(*Toquinho - Carlinhos Vergueiro - Vinícius de Moraes*)

POR QUE será
Que eu ando triste por te adorar?
POR QUE será
Que a vida insiste em se mostrar
Mais distraída dentro de um bar,
POR QUE será? (...)

RARIDADE

(*José Paulo Paes*)

A arara
é uma ave rara
pois o homem não pára
de ir ao mato caçá-la
para a pôr na sala
em cima de um poleiro
onde ela fica o dia inteiro
fazendo escarcéu
PORQUE já não pode voar pelo céu. (...)

04. Há ainda outra forma de expressar a pergunta: colocando-se a expressão interrogativa ao final da frase. Complete.
*Você está estudando tanto, **por quê?** **OU** Você está estudando tanto. **Por que?**

05. Quando a pergunta é acompanhada de uma hipótese de resposta, devemos utilizar a expressão em uma só palavra. Complete.
*— Você não quer me contar **porque** é um segredo? (talvez seja um segredo)
*— Isso tudo aconteceu **porque** o governo não liberou a verba? (pode ser que o governo não tenha liberado a verba)

06. Quando expressão vier em frases afirmativas ou negativas que contenham a ideia de motivo, causa, razão, nesse caso usamos o porquê, **separado e sem acento**.
*Não sei ele ainda **por que** não chegou. (por qual razão, motivo ou causa)
*O garoto perguntou **por que** ela estava atrasada. (por qual motivo)
*Eles não têm **por que** mentir. (razão, motivo)

07. Quando for pronome relativo a algum termo referido antes. Tem o sentido de pelo qual (e suas flexões: pelos quais; pela qual; pelas quais) o porquê **é separado e sem acento.**
*O futuro **por que** os brasileiros esperam tem que ser melhor.

O futuro **pelo qual** os brasileiros esperam tem que ser melhor.
*A causa **por que** lutamos é social.
A causa **pela qual** lutamos é social
*Os ideais **por que** nos sacrificamos não são utopia.
Os ideais **pelos quais** nos sacrificamos não são utopia.
*As soluções **por que** anseio sempre vêm tarde demais.
As soluções **pelas quais** anseio sempre vêm tarde demais.

08. Há ainda a forma substantivada: **o/um porquê**, que deve vir acentuado e significa a causa/o motivo. Complete.
*Não sei **o porquê** desse seu comportamento (a causa/o motivo).
*João não tem sequer **um porquê** para agir dessa forma. (uma causa/um motivo)
*Tenho certeza d**o porquê** dessa sua resposta (da causa/do motivo)
*Eis **o porquê** de toda essa confusão! (a causa/o motivo)

09. Complete os textos abaixo com os porquês pertinentes.

"Quem é que, nas horas de silêncio e recolhimento, nunca interrogou à natureza e ao seu próprio coração, perguntando-lhes o segredo das coisas, **o porquê** da vida, a razão de ser do universo?" (*Leon Denis*)

SAMBA EM PRELÚDIO
(*Baden Powell e Vinícius de Moraes*)

Eu sem você não tenho **o porquê** (um motivo, uma motivação: substantivo)
Porque sem você não sei nem chorar
Sou chama sem luz, jardim sem luar
Luar sem amor, amor sem se dar

Leia as tirinhas.

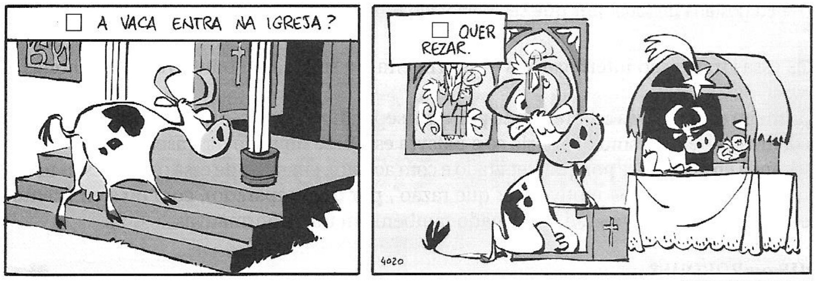
☐ A VACA ENTRA NA IGREJA?
☐ QUER REZAR.

(Fernando Gonsales)

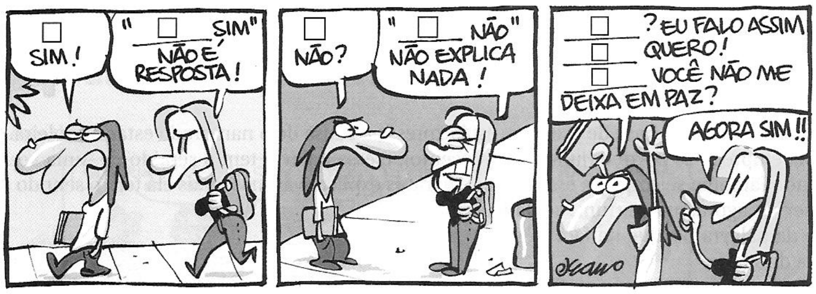
☐ SIM!
"☐ SIM" NÃO É RESPOSTA!
☐ NÃO?
"☐ NÃO" NÃO EXPLICA NADA!
☐ ? EU FALO ASSIM
☐ QUERO!
☐ VOCÊ NÃO ME DEIXA EM PAZ?
AGORA SIM!!

(Jean Galvão)

10. Das formas por que, por quê, porque, ou porquê, qual completa adequadamente os balões do

A. quadrinho 01: **POR QUE**
B. quadrinho 02: **PORQUE**
C. quadrinho 03: **PORQUE**
quadrinho 03: **PORQUE**
D. quadrinho 04: **POR QUE**
quadrinho 04: **PORQUE**
E. quadrinho 05: **POR QUÊ**
quadrinho 05: **PORQUE**
quadrinho 05: **POR QUE**

(ORGANIZAÇÃO NEUSA MORO)

PORTUGUÊS

Problemas da língua culta

Mas / Mais

Prof.ª Isabel Vega

Mas / Mais

I) Mas → é **conjunção coordenativa** com sentido de oposição; equivale a **entretanto**, **porém**, **todavia**, **contudo...**

Ex.1: [Queríamos ir à praia], [**mas** choveu].
(O.C.A.) (O.C.S.Adversativa)

II) Mais → pode ser **advérbio**, se estiver relacionado ao verbo, ou **pronome indefinido**, se estiver ligado ao substantivo; ambos apresentam sentido de intensidade ou de quantidade.

Ex.1: Precisamos **ler mais**. (advérbio)

Ex.2: Precisamos ler **mais livros**. (pronome)

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

MECANISMOS DE COESÃO TEXTUAL

(PARTE V)

PRONOMES DEMONSTRATIVOS – são pronomes que demonstram a posição de um elemento qualquer em relação às pessoas do discurso, situando-os no espaço, no tempo (relação **exofórica**) ou no próprio discurso (relação **endofórica**). Podem ser:

- ✓ **Variáveis:** este(s), esta(s), esse(s), essa(s), aquele(s), aquela(s).
- ✓ **Invariáveis:** isto, isso, aquilo.

OBS.: Também aparecem como demonstrativos **o(s)**, **a(s)** quando estiverem antecedendo o pronome "**que**" e puderem ser substituídos por **aquele(s), aquela(s), aquilo.**

OS DEMONSTRATIVOS POSSUEM DUAS FUNÇÕES PONTUAIS NO DISCURSO:

- ✓ **Situacionais (função dêitica) –** servem para situar (pessoas ou coisas) no tempo e no espaço. Como eles **apontam** para elementos exteriores ao texto, podem mudar de sentido conforme o contexto, já que não possuem valor semântico em si mesmos.
- ✓ **Relacionais (funções anafórica e catafórica) –** servem para antecipar ou retomar termos ou ideias dentro do texto.

PRONOMES DEMONSTRATIVOS COMO
MECANISMOS DE ARTICULAÇÃO TEXTUAL

- ✓ **FUNÇÃO ANAFÓRICA** (quando usados para retomar trechos ou ideias do texto): esse, essa, isso, nesse, nessa, nisso, desse, dessa e disso.

- ✓ **FUNÇÃO CATAFÓRICA** (quando usados para antecipar trechos ou ideias do texto): este, esta, isto, neste, nesta, nisto, deste, desta e disto.

PRONOMES DEMONSTRATIVOS COMO **MECANISMOS DE REFERÊNCIA NO TEMPO E NO ESPAÇO**

REFERÊNCIA TEMPORAL: usados para situar, apontar para seres ou coisas no tempo.

- ✓ *Este*, *esta*, *isto*, *deste*, *desta*, *disto*, *neste*, *nesta* e *nisto* – **denotam maior proximidade no tempo.**
- ✓ *Esse*, *essa*, *isso*, *desse*, *dessa*, *disso*, *nesse*, *nessa e nisso* – **denotam distância relativa no tempo.**
- ✓ Aquele, aquela, aquilo, naquele, naquela, naquilo, daquele, daquela e daquilo - **denotam maior distanciamento no tempo.**

REFERÊNCIA ESPACIAL: usados para situar, apontar para seres ou coisas no espaço.

- ✓ *Este*, *esta*, *isto*, *deste*, *desta*, *disto*, *neste*, *nesta* e *nisto* – **denotam maior proximidade no espaço.**
- ✓ *Esse*, *essa*, *isso*, *desse*, *dessa*, *disso*, *nesse*, *nessa e nisso* – **denotam distância relativa no espaço.**
- ✓ Aquele, aquela, aquilo, naquele, naquela, naquilo, daquele, daquela e daquilo - **denotam maior distanciamento no espaço.**

ATENÇÃO!

Observe o uso dos pronomes para marcar elementos no discurso:

Brasil e **Uruguai** são dois países sul-americanos; **aquele** foi colonizado pelos portugueses e **este**, pelos espanhóis.

- ✓ Aquele – tem como referente o elemento citado primeiro (Brasil) e que é, portanto, o mais distante.
- ✓ Este – tem como referente o elemento citado por último (Uruguai), que é, portanto, o mais próximo no discurso.

Veja como os pronomes demonstrativos vêm sendo cobrados pelas bancas examinadoras

- ✓ No trecho *“Os Senhores de Davos pensam no lucro abstrato e esquecem a fome concreta. Os números passam a ser o sujeito da História: alíquotas, juros, índices Dow Jones e Nasdaq, dividendos... Não a saúde, a educação, o trabalho, a habitação e o lazer, porque estas são preocupações humanitárias e não econômicas”* atenderia às recomendações gramaticais a substituição de “estas” por **essas**.

- ✓ No trecho “Que a corrupção, a indiferença ou a crueldade dos dirigentes políticos são as causas maiores de seu descrédito, os teóricos gregos da tirania já notavam. É mais fácil constituir um consenso sobre o errado do que sobre o certo. As igrejas já tiveram essa experiência: sempre lhes foi mais fácil indicar o que não deve ser feito que destrinchar o que deve ser feito.” o termo “essa” poderia ser substituído por **esta**, já que as especificidades de significação de “essa” e esta são irrelevantes nesse contexto.

- ✓ No trecho “*A exaltação do indivíduo, como representante dos mais elevados valores humanos que esta sociedade produziu, combinada ao achatamento subjetivo sofrido pelos sujeitos sob os apelos monolíticos da sociedade de consumo, produz este estranho fenômeno em que as pessoas dedicam-se a cultuar a imagem de outras, destacadas pelos meios de comunicação como representantes de dimensões de humanidade que o homem comum não reconhece em si mesmo*” o emprego do pronome “**esta**” tem o efeito de marcar a atualidade do texto.

A SEGUIR,
VEJA FRAGMENTOS DE TEXTOS E AS ASSERTIVAS REFERENTES À COBRANÇA DOS DEMONSTRATIVOS

Evidentemente, isso leva a perceber que há um conflito entre a autonomia da vontade do agente ético (a decisão emana apenas do interior do sujeito) e a heteronomia dos valores morais de sua sociedade (os valores são dados externos ao sujeito). Esse conflito só pode ser resolvido se o agente reconhecer os valores de sua sociedade como se tivessem sido instituídos por ele, como se ele pudesse ser o autor desses valores ou das normas morais, pois, nesse caso, ele será autônomo, agindo como se tivesse dado a si mesmo sua própria lei de ação.

1. A expressão “Esse conflito” tem a função textual de recuperar a ideia de “heteronomia”.

Matar um condenado à morte não é mais uma festa, pois é difícil celebrar o triunfo de uma moral tecida de perplexidade. As execuções acontecem em lugares fechados, diante de poucas testemunhas: há uma espécie de vergonha. Essa discrição é apresentada como um progresso: os povos civilizados não executam seus condenados nas praças.

2. O termo “Essa discrição” refere-se apenas ao que está expresso na primeira oração do período que o antecede.

Um dia chegará em que todos os cidadãos terão seu número de registro: **esta** é a meta dos serviços de identidade. Nossa personalidade civil já se exprime com maior precisão mediante nossas coordenadas de nascimento do que mediante nosso sobrenome. **Este**, com o tempo, poderia muito bem não desaparecer, mas ficar reservado à vida particular, enquanto um número de identidade, em que a data de nascimento seria um dos elementos, o substituiria para uso civil.

3. A função textual de "esta" e "Este" é retomar, como referente, a ideia enunciada na oração que precede cada um desses pronomes.

(6/10/2009) Um total de 29% dos brasileiros entre dez e dezessete anos prefere falar com amigos, família ou colegas por meio do computador que pessoalmente, indica pesquisa do Ibope divulgada **nesta** terça-feira (6). Essa preferência cai para 16% dos consumidores. O estudo mostra ainda que dois terços dos jovens naquela faixa etária utilizam regularmente serviços de mensagens instantâneas como MSN.

4. No trecho acima, a troca do pronome "nesta" por **nessa** alteraria o sentido da frase.

A ARTE DE ESCREVER PARA A WEB

& Produzir Conteúdos Poderosos

PAULO MACCEDO

A ARTE DE ESCREVER PARA A WEB

&Produzir Conteúdos Poderosos

PAULO MACCEDO

Edição 1

2016

Este livro é uma produção independente de Paulo Maccedo.

Arte da capa: Eldes Saullo

Apoio: Mentalidade Empreendedora

Todos os direitos reservados: Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada comercialmente ou reproduzida sem a autorização do responsável.

Você tem um blog ou trabalha produzindo conteúdo para outras pessoas.

Tudo o que você deseja é que seus textos gerem resultados.

E m outras palavras, você deseja que sua escrita desperte o interesse, a atenção e garanta uma ação no fim do post.

Claro, sem isso nenhum conteúdo converte.

E como sabemos que há um objetivo comercial por trás de tudo o que publicado, nem só de informação vive um texto para a web.

Se, na maioria das vezes, seus posts não “bombam” como você esperava, e tudo o que você consegue são míseros cliques e uma imensa taxa de rejeição, você está perdendo tempo (e dinheiro).

Seus conteúdos não estão sendo bem redigidos, e provavelmente, você desconhece os pilares dos conteúdos memoráveis, fascinantes e poderosos.

Você tem um problema, certo?

Não se preocupe. .

Aqui está o que você precisa:

“Conhecimento útil e verdadeiro sobre conteúdo eficaz que gera resultados."

Este livro é uma compilação de técnicas e conselhos que vão lhe ajudar a produzir conteúdos impossíveis de não serem lidos.

Leia, escreva melhor e gere resultados!

“A maioria das campanhas que levaram marcas à fama e à fortuna surgiu da parceria entre um redator talentoso e um cliente inspirador”

David Ogilvy

PREFÁCIO OU PORQUE VOCÊ DEVE LER ESTE LIVRO

1

Na constante busca de melhorar meu próprio trabalho como web writer, tanto em essência, quanto em técnica, passei a encarar como dever compartilhar o que aprendi. Este é o primeiro motivo do livro ter sido escrito. Nele você vai encontrar conteúdo surgido de observações e vivências com o marketing digital.

O segundo motivo parte do meu desejo pessoal de poder ajudar o maior número possível de pessoas. Tendo a oportunidade de conversar com redatores e outros profissionais de conteúdo todos os dias, exponho para eles o que penso, dou conselhos, promovo dicas, enfim, dialogo com eles sobre o que deve ou não ser feito para elevar o nível do que fazemos. Este livro registra conteúdos surgidos desses diálogos.

2

Por que este livro é curto? Porque o mundo literário está cheio de besteiras sobre marketing, internet e escrita. Não quis soar como mais um charlatão, enchendo as páginas deste exemplar com palavras vazias. Escolhi escrevê-lo de forma precisa, em poucas sentenças, com assuntos “direto ao ponto”.

Você vai perceber que abordo os temas sem rodeios.

Os parágrafos também são curtos e separados para ajudar na assimilação de cada tópico e porque percebi que a leitura iria ficar melhor se escritos semelhantes às publicações de blogs.

3

Cada capítulo foi pensado para lhe ajudar a melhorar sua escrita e a argumentação na hora de produzir bons textos para sites, blogs, portais, redes sociais, enfim, para que você consiga elaborar conteúdos poderosos para os canais digitais.

Os conceitos e ideias que apresento não são definitivos. São baseados nos resultados que obtive em minha carreira como redator e nos conhecimentos que adquiri em projetos de marketing de conteúdo. Creio que se você aplicar o que proponho, irá aumentar consideravelmente os resultados de sua escrita para a web. Em muitos trechos você perceberá um viés estratégico, sempre com foco no marketing e nas vendas on-line.

Procure captar a essência para elevar o nível de sua redação.

Provavelmente você já tenha lido outros livros sobre escrita, ou a acessado portais e blogs sobre redação para a web. Se sua habilidade não sofreu alterações, ou você deixou de assimilar o mais importante, ou não direcionou bem as informações que lhes foram passadas.

Tenho a pretensão de contribuir fortemente com seu trabalho, e por isso, escolhi cada tema e termo utilizado de forma criteriosa. Muito do que você vai encontrar aqui foi previamente tratado em meu blog principal.

Faço questão de destacar: não se limite ao que escrevo. Consulte outras fontes, teste, faça um laboratório mais extenso. Considere esta obra como uma "caixa de ferramentas", mas não se esqueça de conhecer outros "instrumentos de operação."

4

Atualmente, para atender as novas exigências do marketing, o desafio é lançar conteúdo relevante na internet. Nesse contexto, quem domina as técnicas de escrita e tem facilidade para argumentar, pode encontrar uma grande maneira de trabalhar a partir de suas competências linguísticas.

Jornalistas, escritores, pensadores, empreendedores e outros profissionais que têm em seu escopo de atuação a geração de textos, podem encontrar nas necessidades das empresas, um campo bem vasto de atuação.

Mas não é somente escrever texto que faz um bom produtor de conteúdo.

Existem passos e técnicas de escrita capazes de qualificar cada vez mais este trabalho. Nestas linhas você terá a oportunidade de entender como funciona o processo de produção de conteúdo e porque é preciso levá-lo a sério. E mesmo que você não seja, e não pretenda ser um redator, poderá desfrutar dos insights e informações compilados para fazer sua empresa crescer em seu ramo de atuação através do marketing de conteúdo.

Este não é um livro de regras, ou um apanhado teórico sobre como se deve escrever, muito menos um manifesto teórico de como produzir conteúdo.

Trata-se de um guia de práticas funcionais sobre a escrita organizado de maneira dinâmica, com foco em meus resultados como web writer e blogueiro.

Nele você vai encontrar o caminho para fazer as coisas acontecerem.

Saberá como pensar criativamente é importante e porque se reinventar torna o seu trabalho mais poderoso. Você irá passear pelo meu laboratório pessoal de criação. Terá acesso a detalhes do processo criativo de estratégias de produção de conteúdo por trás de empresas de marketing digital, como a Mentalidade Empreendedora e de centenas de blogs aos quais pude colaborar como redator.

Os capítulos foram organizados para formarem uma espécie de roteiro.

Cada um dos assuntos abordados são pilares que utilizo para compor conteúdos profissionais para negócios digitais. Da essência do conteúdo ao copy-writing; do título ao call-to-action; da estratégia à execução.

Enfim, permita-se aprender mais e levar seus conteúdos ao estado da arte.

Vire a página e desfrute com carinho do que compilei para você!

INTRODUÇÃO

QUEM SOU EU E QUEM EU ESPERO QUE VOCÊ SEJA

> ***"Aprenda a escrever bem. Com o avanço da internet, a necessidade de produção de conteúdo on-line cresce todos os dias. Logo, quem souber escrever bem encontrará várias oportunidades de negócios na web." – Flávio Augusto da Silva (Geração de Valor).***

Sou analista de marketing por formação, web writer e estrategista de conteúdo por consequência. Ajudo empresas e profissionais a garantirem resultados com o marketing de conteúdo. Conto histórias, apresento soluções, formo diálogos. Conecto empresas a seus consumidores, torno seus produtos e serviços mais bem encontrados na web. Produzo conteúdos que cumprem objetivos estratégicos. Publico um tanto de palavras por dia, alguns artigos por semana, e de vez em quando, um livro.

Já tive mais de 1500 artigos publicados em periódicos impressos (livros e revistas) e canais digitais (sites e blogs). Já atendi direta e indiretamente mais de 520 negócios digitais. Tive o prazer de produzir e publicar 6 livros independentes, sendo 4 assinados por mim, e 2 como ghost writer (escritor fantasma).

Minha trajetória antes desses resultados:

Há cerca de dois anos, ainda trabalhava como diretor executivo em uma pequena agência de comunicação. A empresa atuava em dois segmentos: rádio e revista. A mídia impressa foi idealizada com o intuito de ser um meio gratuito de promover conteúdo informativo. A ideia era fazer a publicidade de empresas de nossa região nos espaços reservados aos anúncios.

Sem que eu percebesse, estava praticando uma espécie de marketing de conteúdo. Claro, não da forma como é feito na web, mas ainda sim, com uma proposta relevante. A intenção era preencher o editorial com informações atraentes ao público, que nos dava retorno comprando com um de nossos patrocinadores.

Em paralelo, cursava marketing na universidade. Aprendi pouco sobre o marketing digital na faculdade, mas decidi me dedicar a esta vertente.

Pesquisei tudo o que consegui sobre o assunto e fui descobrindo como funcionava o mercado.

Certo dia, enquanto realizava uma dessas pesquisas, li um post sobre o marketing de conteúdo num blog de uma das agências pioneiras do setor no Brasil: a Rock Content. Gostei muito do que li e decidi me aprofundar.

Virei leitor assíduo do blog, vindo posteriormente a assinar o newsletter e fazer um curso gratuito por e-mail.

Como já possuía certa habilidade em escrita e queria ingressar no mercado promissor da internet, comecei a alimentar a ideia de me tornar um especialista em conteúdo para a web. Mantive meu trabalho na revista e na rádio, e, paralelamente, comecei a praticar redação mais intensamente.

Tempos depois, decidi dar um passo importante: Fiz um cadastro na área de redatores da Rock Content. Era um teste, no qual eu deveria redigir um texto de 500 palavras sobre marketing digital. Após a sugestão do tema, redigi o texto e enviei para a análise. Dias depois obtive o resultado: aprovado.

Recebi um login e senha de usuário e comecei a compor tarefas de conteúdo disponibilizadas na plataforma. Sem que eu tivesse uma percepção clara, estava me consagrando no ramo de produção de conteúdo.

Mas, como ainda tinha um compromisso com meu antigo ofício, escrevia as redações apenas nas horas vagas, geralmente à noite e nos fins de semana.

Cerca de três meses depois, dei um passo mais largo: Comecei a procurar meus próprios clientes. Afinal, estava escrevendo para uma das maiores empresas de conteúdo do país, e já tinha know-how para deslanchar na “carreira solo.” Através de outra plataforma, voltada aos trabalhos freelancers, fechei meu primeiro projeto. Essa segunda etapa também foi determinante para meu destino profissional. O cliente gostou tanto dos textos, que me consolidou ainda mais a ideia de trabalhar como web writer.

Importante ressaltar que nesta época eu já tinha um blog pessoal, onde escrevia sobre desenvolvimento pessoal e vendas. Não demorou para que eu largasse o “emprego”. Detalhe, eu era sócio. Mesmo assim, decidi “abandonar tudo” e montar meu próprio negócio. Fui fechando novos projetos.

Muita gente achou loucura, mas eu estava certo do que queria. Tinha um notebook, algumas referências de clientes satisfeitos e muita força de vontade. Juntei um pouco de dinheiro e preparei um espaço em minha casa para usar como escritório. Passei a desenvolver mais projetos de escrita a redigir para blogs dos mais diversos segmentos.

Em pouco tempo, tive milhares de artigos publicados nos mais variados nichos digitais. Não comecei ganhado muito dinheiro, mas logo no primeiro mês, consegui “defender” o mesmo salário que tinha no antigo emprego.

Além do mais, tinha mais tempo para a família e para meus hobbies.

Poucas vezes tive um dos meus textos rejeitados. Conquanto a rejeição faça parte do processo, nenhum redator gosta de ouvir um não. Esforço-me para compreender não só a proposta textual de uma redação para a web, mas principalmente em como o conteúdo vai funcionar dentro de uma

estratégia.

Enquanto componho, tento incorporar em mim o emissor central, ou seja, quem irá assinar o texto. Na maioria dos casos, é uma empresa falando com voz profissional, parcial, e em terceira pessoa. Procuro aplicar emoção, sendo informativo e persuasivo ao mesmo tempo. Essa é a fórmula que tenho aplicado em meus conteúdos.

No começo, escrevi muito para estratégias de conteúdo B2B, ou seja, de empresa para empresa. Mas com o tempo, acabei me tornando especialista em escrita personalizada, virando ghost writer de profissionais liberais, empreendedores, consultores, coachs, entre outros (falo mais sobre isso no capítulo extra do livro). Alguns podem torcer o nariz para isso, mas este é um trabalho justo, afinal, nem todo mundo sabe escrever corretamente, então, por que não contratar alguém?

Esse trabalho personalizado, por ser delicado e sigiloso, fez com que eu me tornasse versátil. Aprendi a flexionar meu estilo, escrevendo de acordo com perfil do cliente. Quando vou fazer algo do tipo, estudo a forma como o profissional se comunica, como fala e escreve. Absorvo seus trejeitos e até vícios. Conheço poucos redatores que fazem um trabalho tão minucioso.

Sei que falando dessa forma, pareço estar fugindo do tema central desse livro, mas não. Estou na verdade, mostrando o quanto “elástico” um redator deve ser. Para suprir as necessidades dos consumidores que atendo, me dispus a dominar cada etapa de uma estratégia de conteúdo. Desde o plano inicial até a execução, e depois, na mensuração de resultados. Isso tem me permitido explorar mais as possibilidades do conteúdo, criando essência através da personalização.

Relatei esta curta história e apresentei estes conceitos para você dessa forma para selar com o seguinte: “não seja apenas um redator. Seja um “profissional raça rara”, se dispondo a assumir qualquer papel necessário para cumprir a promessa de um conteúdo relevante e funcional para a web.

Espero que você seja um profissional desse naipe. Em suma, aprenda tudo sobre marketing de conteúdo, copywriting e persuasão, SEO e Otimização de Sites, usabilidade, o básico de linguagem jornalística e seja especialista em ao menos um tema específico.

CAPÍTULO 1

NÃO É REDAÇÃO, É CONTEÚDO

> ***"Conteúdo é um fundamento do novo marketing, principalmente para empresas que tem algo a dizer para o mundo. Empresas que acreditam na própria missão e que tem uma visão sobre como querem fazer parte da vida dos seus clientes devem investir e fazer conteúdo" – Rafael Rez***

Quando ainda estava cursando marketing na universidade, não pensava em trabalhar com web writing. Imaginava que, nos próximos anos, iria atuar como estrategista, consultor, diretor de criação ou algo que soasse "mais sofisticado." Apesar de gostar de escrever, não associava a escrita criativa ao meu futuro profissional. Blogueiro? nem pensar! Não pensava em algum ofício em que pudesse expressar tal vocação. Escrever para mim era apenas um hobby.

Vale lembrar que na época atuava diretamente na área comercial da pequena empresa do qual era sócio. Gostava de vender e estava aprendendo as premissas do marketing. Poderia então, quem sabe, ser um diretor de marketing renomado de alguma grande agência, ou mesmo de uma empresa multinacional. Mas um vírus já havia tomado conta de mim, mesmo que até o momento eu não havia percebido: o empreendedorismo.

Toda iniciativa da pequena empresa a qual eu me referi, partia principalmente de mim. Aprendi a fazer os meus horários e criar meus próprios processos. Quando ainda restavam dois períodos para que eu me formasse em analista de marketing, descobri e entendi como funcionava o marketing de conteúdo.

Fui ligando os pontos: Estava formado em marketing, tinha alguma experiência em empreender e tinha paixão pela escrita. Por que não unir o útil ao agradável? Iniciei uma ideia de negócio, onde trabalharia atendendo principalmente agências de conteúdo. Isso não seria pouco para quem desejou ter um cargo de status na era de marketing? Não, pois encarei a profissão de redator de forma "mais abrangente.” Entendi perfeitamente que o web writing é uma área de extrema importância para estratégias de marketing digital das empresas.

Mas por que ele é tão importante para o marketing? Porque é do web writer a responsabilidade de transformar as pontuações de uma estratégia em conteúdo real que os usuários possam consumir e apreciar. É a partir do web writing que os resultados tangíveis em uma estratégia de marketing digital podem ser alcançados. Antes de definitivamente unir o marketing à produção de conteúdo, adorava pensar na formas criativas de redação publicitária, ou, em como eu poderia formar reflexões no estilo jornalístico para artigos que escrevia para periódicos regionais.

Em um dos capítulos do livro “Estratégia de Conteúdo”, Kristina Halvorson trata especificamente de como as empresas interpretam errado o papel de um web writer. No Brasil isso acaba sendo ainda mais explícito, pelo fato de ainda estarmos tentando entender o que significa uma estratégia de conteúdo. Apesar de parecer, o web writer não é um redator, é mais.

Essa confusão acontece porque ainda não temos “formações específicas” para quem produz conteúdo. Geralmente quem cria textos para a web, vem de outros setores como a redação publicitária, o jornalismo e comunicação.

Por aqui, quem escreve para a web, acaba se arriscando em fazer vários tipos de redação. Afinal, o cara precisa viver e pagar as contas no fim do mês. Mas quando se trata de uma estratégia de conteúdo, o redator precisa entender que o que ele faz não é redação, é conteúdo.

Num trabalho de redação, seja ela voltada para a propaganda ou a comunicação, o processo é o seguinte: conceituar, criar, revisar e aprovar.

Mas quando se trata de conteúdo para web, o ciclo é muito mais abrangente, e vai desde a organização da informação até a arquivação do conteúdo. Faço uma ponte com uma filosofia que dissemino desde que iniciei no ramo de conteúdo: “O web writer não apenas escreve, faz marketing”. Procuro colocar isso em prática. Até porque, sem marketing, o conteúdo acaba sendo apenas publicação gratuita. Como a intenção é direcionar a escrita para o trabalho comercial, devem existir ações precisas por trás do que é escrito, sempre com o foco final nas vendas.

Chegará uma época que as empresas não mais contratarão redatores que apenas escrevam bem, mas profissionais que saibam como produzir com estratégia. Por isso que se o redator web não compreender o básico de uma estratégia de marketing de conteúdo, estará com os dias contados no mercado. Exagero? Os fatos apontam para isso.

Empresas estão cada vez mais convencidas de que precisam investir em conteúdo para se destacarem no mercado, e isso não será possível apenas com gramática excelente e orações verbais bem definidas. Para escrever conteúdo que seja de fato eficiente, um redator deverá se preocupar em assumir a responsabilidade em ajudar leitores on-line a encontrarem a informação ideal. Devem produzir um formato escrito com o máximo de relevância.

Seu trabalho como produtor de conteúdo para a web não é encher as plataformas de bits, mas transmitir informações úteis para que a persona de seu cliente se torne um cliente ativo. É sua a função de conectar consumidores às marcas. Escrever para a web não é apenas dominar temas e seguir um calendário de publicação, é propagar ideias consumíveis, agradáveis e úteis que eduquem o leitor para a compra.

É do redator web o trabalho de ser porta-voz das empresas, iniciando e mantendo um ciclo de relacionamento com os leitores. Cada formato composto deve representar a solução, levando o usuário à resolução de um problema. O que você faz não é redação, é conteúdo.

É quase obrigatório para as empresas hoje em dia ter um blog corporativo.

O blog é um canal perfeito para uma empresa gerar autoridade e colocar o marketing de conteúdo em prática. Enquanto muita gente ainda está procurando estratégias mirabolantes para conquistar sua audiência, outras estão assegurando resultados tangíveis com estratégias simples de conteúdo dentro de um blog. Informação é o caminho na era digital.

Mas informação é algo muito vago. Para conquistar, as marcas precisam conversar, criar diálogos com seu potencial público-alvo. As pessoas reconhecem uma marca através do som da voz. É isso! A voz é a metáfora para esse novo tempo.

E é através dessa essência que afirmamos: o marketing de conteúdo é maneira indiscutível de conquistar clientes. Isso porque ele permite entender a necessidade do público, criar diálogos interessantes e formar o tom de voz ideal. Depois, é amplificar a mensagem através dos múltiplos canais disponíveis.

Mas, marketing de conteúdo é blogar? Não.

De fato, essa estratégia não se resume em apenas “falar” em um blog, mas ela dá base para gerar respostas para informações relevantes por meio desse canal, que é dinâmico, barato e pontual. Geração de autoridade, atração de leads, formação de audiência e condução de vendas se tornam tangíveis e consideráveis.

A internet é um lugar de publishers. Alguns chamam isso de novo jornalismo, uma revolução que tem como base a publicação livre. E não é preciso ter licença, pois na internet as pessoas comunicam o que bem entendem, de coisas banais e descartáveis aos pensamentos profundos e tocantes. A web assumiu uma forma de canal democrático, interativo, onde um enorme fluxo de mensagens é gerado a cada minuto.

A informação corre solta, e isso muda os hábitos das pessoas. Por conta disso é que as marcas estão mudando a forma de falar. Estão entrando num processo de personalização onde o espaço para participação do consumidor é aberto. Estão tendo que dialogar, afinal, não dá para fazer apenas propaganda.

O marketing entra em outra dimensão, onde a conversação é a chave para atrair a atenção de um público-alvo. Assim, a empresa que não souber se comunicar com criatividade estará com dias contados. As pessoas precisam “ouvir” e responder da mesma forma. Podemos afirmar então, que na internet, mercado é conversação, e nesse contexto, o conteúdo representa uma forma pura de comunicação.

A publicação de ideias em artigos, criando uma linha editorial informativa, que leve o cliente à consciência plena do que você pode oferecer por ele, é umas das atitudes mais inteligentes de estratégia. E é exatamente aqui que o blog ganha força. Já me perguntei algumas vezes por que as agências de conteúdo atual focam tanto no blog. Está aí a resposta.

Para colocarem isso em prática as empresas precisam personalizar. Criar uma linha editorial, uma sequência de diálogos que tenha a ver com o nicho em questão, que comunique soluções, que clareiem a mente de seus futuros clientes. Precisam conhecer as pessoas e gerar conteúdo relevante, que permita a tão citada conversação.

A autoridade está na opinião, no trabalho diferenciado do produtor de conteúdo, que cria a voz ideal para a empresa falar a coisa certa, no tom certo para o público certo. Você precisa saber disso se quiser realmente aprender a ate de escrever para a web.

Aprenda - Gerador de Texto ou Redator Criativo?

Na hora de produzir um texto novo para a web, sobre um assunto desconhecido, é comum pesquisar rapidamente, “sugar” os pontos mais importantes e reescrever. Quando você faz isso, está, na verdade, pensando com a cabeça do outro. Ao trocar palavras por sinônimos, mudar a ordem das ideias e completar o número de palavras proposto, você pode até ter um texto novo, mas isso não quer dizer que ele seja bom… Faça a pergunta:

“Este texto novo é mesmo original e vai gerar resultados para o cliente?”

Entenda: Originalidade é mais do que escrever diferente dos outros textos da web.

O redator pode pesquisar, compilar e criar algo novo sem ter expertise no tema. Trabalhos aprovados garantidos, mais pedidos e mais experiência.

Mas só haverá diferenciação se o redator souber raciocinar de forma lógica sobre a diversidade de assuntos. Ligar os pontos. Construir pensamentos inteligentes e relevantes sobre o macro: o mundo.

Sem isso, você pode acabar se tornando um mero digitador, copiando e colando, editando ideias repetidas. O texto acaba tendo “forma”, mas não “essência”. A lógica se faz essencial. É isso que divide os geradores de texto dos profissionais criativos de conteúdo. De fato, isso não se consegue da noite para o dia. É preciso uma construção consistente, e sólida, o que pode levar anos para ser concluído.

Mais do que ler muitos livros e praticar técnicas de redação, é preciso praticar o pensamento, a reflexão e a análise.

CAPÍTULO 2

ESTRATÉGIA DE CONTEÚDO O QUE TODO WEB WRITER PRECISA SABER

> ***“Estratégia de conteúdo é um plano holístico, bem construído, para conquistar um objetivo ou resultado específico” – Kristina Halvorson***

Uma estratégia de conteúdo pode ser definida como o planejamento, desenvolvimento e gestão de conteúdo. O termo tem sido utilizado por profissionais de desenvolvimento web desde o fim da década de 1990.

Funciona dentro do campo da experiência do usuário digital, mas também atrai interesse de áreas relacionadas, como gerenciamento de conteúdo, análise de negócios e comunicação técnica.

Em outras palavras, é a prática de planejar, criar, entregar e gerenciar conteúdo útil e interessante a um público-alvo específico. O conteúdo produzido pode ser: textos, dados, gráficos, áudios, vídeso, enfim, tudo o que pode ser consumido on-line, disponibilizado em diversos canais, como sites, blogs, redes sociais, entre outros.

“Geralmente, quando se fala em estratégia de conteúdo, as pessoas costumam relatar o que pretendem lançar (formato) e onde (canal). Nesse caso, podemos exemplificar com as seguintes formas: Uma série de artigos educacionais em um blog da empresa; uma base de conhecimento online em um site corporativo; um canal ativo no Youtube; uma série de webinários; um perfil atualizado no Twitter; uma fanpage no Facebook.

Interessante, não acha? Mas a verdade é que essas táticas, mesmo que bem combinadas, não são suficientes para formar uma estratégia. Indo mais a fundo, uma boa estratégia de conteúdo é um plano de ação bem construído, articulado e possível de ser executado. Um mapa que nos tira de onde estamos e nos leva para onde desejamos estar.” Isso é o que revela Kristina Halvorson, da Brain Traffic.

Ela também explica que as 3 etapas principais de uma estratégia de conteúdo são:

#1. Criação: Qual formato de conteúdo será produzido e publicado e por que; A estrutura desse conteúdo e como ele será encontrado (canais de distribuição e divulgação); A fonte do conteúdo (referência e pessoa responsável por criá-lo).

#2. Entrega: Como o formato irá chegar online; Pessoa responsável por revisar, editar, aprovar, publicar (gestor ou editor); Como, onde e quando ele será entregue ao usuário (calendário editorial).

#3. Gestão: Quem cuidará do conteúdo depois dele já ter sido lançado; O tempo que ele ficará disponível; Plano para atualizar, relançar, divulgar, alterar; Política, métrica, plano de avaliação geral do formato.

A Content Strategy Alliance, primeira empresa dedicada à estratégia de conteúdo do mundo, a define como: “Promover o conteúdo certo para o usuário certo no momento”. Isso deve ser feito através do planejamento estratégico de criação, entrega e gestão de conteúdo. Muitas empresas e profissionais acabam confundindo os estrategistas de conteúdo com editores. Mas, a estratégia de conteúdo é “mais do que apenas a palavra escrita”. Ou seja, é mais do que redação e publicação gratuita em múltiplos canais.

O professor Brett Atwood, da Washington State University explica que os profissionais responsáveis por uma estratégia de conteúdo precisa considerar como os formatos podem ser redistribuídos ou readaptados em outros canais de distribuição.

Além do mais, estrategistas e escritores de conteúdo devem se esforçar para alcançar a excelência, fazendo com que o conteúdo seja claro, compreensível, fácil de encontrar, acionável e compartilhável em todas as suas várias formas (grave isso). Atualmente, o objetivo da estratégia de conteúdo para a web é atingir metas de negócios, maximizando o impacto do conteúdo dentro do marketing de conteúdo. Por isso digo que mais do que aprender criar e usar ferramentas relacionadas, o profissional precisa conhecer o marketing.

Dentro da proposta de estratégia, existe o papel de curadoria. Um curador de conteúdo peneira elementos e identifica peças-chaves que podem ser justapostas umas contra as outras, criando maior significado e estimulando a expansão da mensagem. A curadoria visa aproximar o conteúdo da essência do negócio, sendo um meio estrategicamente selecionado e aplicado para envolver o público, transmitir a mensagem e inspirar a ação.

Essa firmação tem base no artigo de Eric Scime (2009).

Em um artigo destinado ao tema, o professor Rafael Rez cita o problema de acabar fazendo mais do mesmo em uma estratégia de conteúdo.

Principalmente pelo fato de querer cobrir muitos assuntos e fazendo:

“muito conteúdo, pouco realmente relevante”. O que ele quer dizer é que não adianta bombardear o público com uma tonelada de conteúdo, se ela não fizer diferença na vida dele. Nesse caso, é melhor lançar uma quantidade menor, com um propósito bem definido, mesmo que os formatos sejam mais densos.

Rez cita que algumas grandes marcas tem adotado um método eficiente na hora de definir o propósito: “focar em um único universo de conteúdo em torno de um assunto e trabalhar muito bem ele”. Ele dá como exemplo a Red Bull, que dividiu isso em três etapas:

#1. Definição de um tema central, pelo qual seu público é apaixonado (esportes radicais no caso da Red Bull);

#2. Concentração e foco nesse assunto;

#3. Transmitir a mensagem com autoridade, tratando do tema melhor do que ninguém.

Portanto, meu conselho é que você “não siga a boiada”, produzindo e lançando conteúdo fraco e medíocre, gerando nada mais que views inúteis.

Se por acaso você estiver colaborando com uma estratégia em que produz posts em um ritmo de frenético, com dezenas de posts por mês, é bom repensar a estratégia.

Se você não for o principal responsável, comunique ao “cabeça” que se o fluxo de informações lançadas pela empresa for muito grande, pode acabar atrapalhando ao invés de ajudar. Em meio a tantos formatos, como textos, áudio, vídeos, opiniões, o que a marca precisa é se destacar. E nesse caso, não é questão de quantidade, mas de qualidade.

Agora, posso entrar mais tranquilamente na parte pragmática, ou seja, prática da produção. Pronto para desenvolver a arte da escrita para a web?

Então prossiga!

CAPÍTULO 3

O TÍTULO

> ***"Os profissionais de marketing precisam identificar as ansiedades e desejos dos consumidores e, então, almejar suas mentes, corações e espíritos." – Philip Kotler***

A finalidade de um título é desenhar de forma rápida e breve a atenção para a história. Copywriters, produtores de conteúdo e empreendedores digitais têm explorado bastante o tema títulos/headlines. Não o fazem aleatoriamente, pois o título é o elemento mais poderoso de um texto, sendo o primeiro responsável por despertar (ou não) o interesse do leitor.

O mestre David Ogilvy, o pai da publicidade moderna, costumava dizer que se você não consegue vender nada através do título, joga fora 80% do dinheiro do cliente. Uma simples mudança no título pode fazer a diferença de 10 para 1 em vendas, isso se tratando de anúncios. Isso cabe perfeitamente em conteúdos de blog. Sou eterno pesquisador de técnicas para redação, e nos últimos dois anos, li "toneladas" de páginas sobre marketing de conteúdo, copywriting, redação publicitária, literatura, persuasão, retórica e jornalismo, sempre procurando colocar em prática o que absorvi.

O que você irá aprender neste capítulo é um apanhado de conselhos com base no que tenho aprendido sobre a composição de títulos verdadeiramente fascinantes. Meu objetivo é apresentar a essência do que aplico em meus conteúdos, para que você comece a desenvolver títulos que geram resultados: Mais atenção, mais conversão, mais relacionamento e mais vendas.

#1. Apele para o Autointeresse do Leitor

Todo título deve prometer alguma coisa, ou seja, indicar um benefício.

Lembre-se que o leitor está em busca de algo, desejando sanar alguma dor, obter algum tipo de prazer, entreter-se, enfim, seu título deve indicar que o conteúdo tem o que ele busca. Para isso é essencial conhecer o público-leitor, estudar bem a persona (toda estratégia de conteúdo deve ter suas personas definidas) e ter conhecimento sobre o que seu consumidor em potencial está buscando.

#2. Apresente Novidades

Procure apresentar novidades em seus títulos. Pessoas estão sempre à procura de algo recém-surgido. Quem não gosta de experimentar produtos novos ou desfrutar de melhorias em produtos já existentes? Existem duas palavras muito poderosas para isso: “Grátis” e “Novo”. Bem, como não estamos nos referindo a anúncios especificamente, o “Grátis” se torna mais difícil de usar, no entanto, o “Novo” pode ser facilmente aplicado. Exemplo:

“O Novo Modo de Escrever Títulos e Influenciar Leitores”

#3. Pense no Google

Estamos falando de conteúdos para web, que precisam além de tudo, serem ranqueados pelo Google. Assim irão gerar tráfego. É essencial que você inclua a palavra-chave principal que deseja ranquear logo no título (falarei mais sobre isso num capítulo posterior). Isso ajuda o motor de busca a identificar do que seu texto está tratando. Hoje em dia, a relevância é o principal fator de otimização, mas incluir termos de busca em locais estratégicos do texto ainda é eficiente. Por isso não se esqueça de trabalhar bem o SEO na construção de todo o texto, principalmente a partir do título.

#4. Evite Termos Negativos E “Mudos”

Esta é uma regra de como escrever títulos, mas não quer dizer que você não possa quebrá-la. Eu mesmo já utilizei a palavra Não em alguns títulos, mas é realmente algo que procuro evitar. O motivo? Expressões negativas podem despertar nos leitores sentimentos opostos ao que você deseja. Da mesma forma, evite títulos “mudos”, que não dizem coisa com coisa, e que para entender, o leitor precisa ler o resto do texto. A maioria das pessoas não clica em textos assim, porque não foram influenciadas logo de cara.

Seja claro!

#5. Use Gatilhos Mentais

Os gatilhos mentais são poderosas armas de influência. Meu conselho é que você os estude se quiser mesmo persuadir e tornar seus títulos eficientes. É mais provável que as pessoas leiam o texto se o título despertar emoções.

Então, pense nas headlines/títulos como iscas para que a leitura aconteça e continue.

#6. Não Exclua Leitores

Você precisa tomar cuidado para que seu título não espante leitores que podem ser consumidores em potencial. Se você não tem restrição de atender homens e mulheres, por exemplo, evite se direcionar a apenas uma dessas classes. Dessa forma, seu título poderá atrair tanto os leitores do sexo masculino quanto do feminino. A não ser que o que você venda seja de fato para apenas um dos grupos. Se quem consome seus produtos são mulheres, nesse caso, é até bom fazer algo do tipo: “O que toda mulher poderosa precisa saber sobre”.

#7. Emocione o Leitor

Já citei alguns fatores emocionais, como o autointeresse e o uso de gatilhos mentais, mas serei mais explícito nesta dica. Seu título pode ser reforçado por termos emocionais, e que façam o leitor pensar que você está escrevendo para ele. Palavras como Medo, Querido, Amor, Dor, Orgulho, Filho, Prazer, Você, Sonho e Desejo são bastante funcionais para emocionar e fazer com mais pessoas se sintam tocadas pela mensagem inicial do conteúdo.

#8. Não Seja “Metido”

Eu poderia ter escrito este subtítulo assim: “Não seja rebuscado” ou “Não seja burilado” Mas preferi aplicar o Metido por ser mais popular. Evite escrever difícil. Um redator pode até ter um vocabulário sofisticado, mas não é recomendável que ele use isso em textos de blog. Então, a menos que você tenha uma razão especial para escrever assim, use uma linguagem mais coloquial, para que todo o usuário que acessar o conteúdo possa entender. Às vezes, me sinto tentado a embelezar a mensagem, mas imediatamente ponho meu ego de lado e redijo como se estivesse aconselhando um amigo ou ensinando o que sei a uma turma de pessoas.

#9. Use Mais Dessas Palavras Poderosas

Para fechar, apresento alguns termos que podem “fazer milagres” em seus títulos. Mas adianto um conselho: Não as use a esmo. Analise a proposta da pauta, o tipo de produto ou serviço e perfil do leitor, antes de aplicar uma delas.

Como; Mais; Resultados; Agora; Novo; Grátis; Bônus; Maravilhoso; Dicas;

Última Chance; Não perca; Surpreendente; Sensacional; Simples; Acelerar; Passo a Passo; Bomba. Uma dica adicional: estude as headlines de revistas e jornais. Os jornalistas, principalmente os americanos, são muito bons em criar títulos.

Aprenda - Escreva como você fala

O que autores e gramáticos aconselham há tempos, acabou se tornando também uma regra de escrita para a web: Escreva como você fala. A não ser que o público-alvo seja formado por intelectuais, é preciso usar linguagem simples. A leitura em um blog precisa ser leve e agradável, pois assim se cativa os usuários. E não pense que é porque as pessoas não gostam de ler.

Na verdade é porque elas estão sempre mais abertas aos conteúdos que mais lhe chamam a atenção.

Existe o fato de que seu texto está competindo com imagens, vídeos e áudios, formatos mais dinâmicos que o texto em alguns casos. Se sua escrita não for atrativa ao leitor - e isso quer dizer não ter que fazê-lo pensar muito - ele provavelmente vai abandonar seu blog. O blog é um canal de natureza informal e casual, nem sempre será útil produzir um artigo elaborado demais, obedecendo todas as normas gramaticais e sendo digno de um prêmio literário.

Portanto, escrever como você fala é essencial. Em outras palavras, torne o conteúdo escrito amigável e acessível de forma humana. Só esteja atento ao seguinte: escrever como se fala não é ser desleixado com a gramática.

Produzir conteúdos "de qualquer jeito" não é uma atitude inteligente. É preciso cuidar para que a escrita seja bem construída, mesmo em tom informal. No mínimo, evite publicar um texto com erros primários de gramática, erros de digitação e deslizes argumentativos.

Também não seja enfadonho e obscuro em sua abordagem. Treine para pensar como editor, ou ao menos tenha contato com algum profissional que lhe ajude quando for preciso. Se por acaso você estiver produzindo para um cliente final, não entregue o texto antes de revisar no mínimo três vezes.

CAPÍTULO 4

O TEXTO

> ***"Um bom texto não pode ser escrito de má vontade, apenas como forma de ganhar a vida. Você tem que acreditar no produto." – David Ogilvy***

Um texto para web precisa ser leve e ao mesmo tempo profundo. Leve, no sentido de ser fácil de ser lido e profundo no âmbito de realmente ensinar algo ao leitor. David Ogilvy também recomenda: "Quando se sentar para escrever um texto finja que está conversando com uma mulher ao seu lado, num jantar. Ela lhe perguntou: Estou pensando em comprar um carro novo; qual você recomendaria? Escreva seu texto como se estivesse respondendo esta pergunta". Esta é uma excelente analogia.

#1. Prenda o leitor

A primeira regra (sempre quebre as regras) é conectar logo no título. No capítulo anterior, mostrei como você pode fazer isso. Depois, quando o leitor clicar no link e for direcionado ao seu texto, ele precisa continuar a ser "agarrado" no primeiro parágrafo. Costumo usar frases de impacto, uma espécie de sub headline logo na primeira frase do artigo. Pode ser uma pergunta, um fato, ou até mesmo a introdução de uma história. A ideia é incentivar a continuação da leitura. Lembre-se que na web, tudo é muito rápido. Se não o interesse do leitor não é despertado nos primeiros segundos, ele sai do site, e pode nunca mais voltar.

Explicando de outra forma, é preciso ir direto ao ponto. Não é legal ficar dando voltas em torno do assunto e fazer seu leitor rodar até entender o objetivo do conteúdo. Na web, utiliza-se muito a pirâmide invertida, um esquema de composição que consiste em entregar o melhor logo de cara e ir "afunilando" o tema até chegar o fim do assunto. Isso funciona muito bem, conquanto nem sempre eu utilize esta mesma forma. Costumo variar a abordagem, de acordo com o tema e o perfil do leitor.

#2. Comece falando do problema

Começar explorando o problema que o leitor enfrenta logo de cara é também uma ótima forma de engajar. É sempre válido fazer algo do tipo “você tem esse problema tal” e este conteúdo vai te mostrar a solução.

Quando a pessoa tem uma dor, na vai hesitar em prestar a atenção se alguém lhe diz que pode ajudá-la. Pense nisso na hora de escrever para a web.

Outra jogada é dar conselhos úteis para o leitor, algo que possa fazê-lo ao menos diminuir a problemática. Aproximadamente 75 % a mais de leitores são conquistados quando você entrega dicas e sacadas de raça, sem cobrar.

Aliás, esse é um grande trunfo explorado por quase todos os especialistas em marketing atualmente, o que acaba caracterizando o conteúdo praticado nos sites e blogs de empresas do mundo todo.

#3. Não tenha preconceito de vender

Um artigo de blog também pode vender diretamente? Sim, e você pode explorar isso muito bem. Bem, esta é na verdade, uma afirmação controversa do ponto de vista dos especialistas em inbound marketing.

Parece-me que eles são adeptos ao tipo de venda que ocorre de forma direta nas páginas de vendas, somente depois que o lead recebeu uma enxurrada de conteúdos antes de decidir comprar. Acho válida esta visão, e acredito que funciona muito bem no mercado B2B. No entanto, quando falamos de mercado B2C, ou seja, de empresa para cliente, os conteúdos podem sim servir como “fim” para as vendas. Isso, claro, se for feito com ética e honestidade.

Já fiz muitos conteúdos para a web que falavam diretamente de um produto. Para esses, utilizo uma técnica conhecida como 50X50, onde metade do conteúdo é direcionada a educação e conscientização do cliente sobre o que precisa ser feito, e a outra metade falo sobre um produto que vá ao encontro disso. Se você está atraindo as pessoas certas para o seu site, e tem produtos que realmente atendam as necessidades deles, não tem porque “esperar para vender.” Sei que alguns torcerão o nariz para isto, mas não me importo. Não tenho preconceito de vender, e sou adepto de usar o conteúdo de forma inteligente para alcançar mais clientes.

#4. Planeje seu artigo

Um dos pontos principais de uma boa produção de textos para a web é planejar cada artigo antes da produção. A ideia é basicamente dividir o conteúdo em blocos, criando o título, dividindo o número de palavras pelos tópicos, simulando os tópicos, e por fim, fazendo a pesquisa e desenvolvendo o artigo.

Veja como fica isso na prática:

Exemplo: Artigo de 500 palavras

- Tema: “Emagrecimento”
- Título: “X formas de emagrecer rápido”
- Divisão de tópicos:
- – 80 palavras introdução;
- – 80 palavras conclusão;
- – 80 palavras cada tópico;
- – 20 palavras call-to-action

Tópicos:

- Exercícios para perder peso
- Dieta equilibrada
- Foco
- Disciplina.
- Veja a imagem para ter uma ideia melhor:

Você deve calcular o número de palavras para cada tópico, isso te dá uma base começar. O segredo é definir os tópicos com antecedência também.

Prefiro fazer a introdução, desenvolver os tópicos em ordem, e por fim, o fechamento. Quanto a isso, não se prenda, experimente o que é melhor para você. Esse mapa prévio é muito importante para escrever de forma produtiva. Sem ele você tende a colocar palavras a esmo, o que acaba exigindo mais tempo.

#5. Pense na usabilidade

Redatores ainda pensam pouco em usabilidade, comparado a outros profissionais, como web designers e programadores. A usabilidade é responsável por deixar um site amigável aos olhos de qualquer pessoa e deixá-lo fácil de entender. Ambos os itens são essenciais para o sucesso dos suas páginas e artigos. Para isso, é importante conhecer como as pessoas leem na Internet. E a maioria não lê, mas “escaneia” as páginas. As pessoas leem da esquerda para a direita, e de cima para baixo, dando especial atenção para o primeiro parágrafo, seguindo uma busca por mais informação e a leitura de outro parágrafo.

Esse é o padrão geral de leitura, portanto, deve ser também o de escrita, para capturar a atenção do visitante nos pontos certos. Algumas práticas ajudam muito a facilitar a leitura, como escrever parágrafos curtos, aplicar negritos em pontos chaves do texto, dividir o texto em vários subtítulos, usar listas e bullet points, os populares pontinhos.

#6. Use a fórmula do ensino fundamental

Há uma estrutura geral dos posts para blogs, formada por uma fórmula fácil de decorar:

- Título
- Introdução
- Desenvolvimento (dividido por intertítulos);
- Conclusão;

Chamada para Ação (CTA).

Isso é o que aprendemos no ensino médio nas aulas de redação e produção de texto (tirando o CTA). Com o tempo, você pode até mudar essa estrutura, mas até que esteja seguro do que está fazendo, o melhor conselho ser fiel a fórmula, pois ela tem uma razão para ser assim: tornar o conteúdo do texto escaneável para os mecanismos de busca, além de facilitar a leitura dos usuários.

#7. Divirta-se

A dica soa estranha? Pois é, mas é isso mesmo. Nada impede de você se divertir escrevendo para a web. Isso, na verdade, se torna fácil quando você ama o que faz. Quando você não encara a produção como um trabalho frio e inflexível, tende a ser mais criativo e a compor com mais liberdade. Adote esse conselho e perceba como seus textos irão fluir mais facilmente.

CAPÍTULO 5

SEO E PALAVRA-CHAVE

A palavra-chave é um termo que resume o tema principal de um texto ou página na web. Ajuda a identificar ideias e temas de especial importância para servir de referência a pesquisas. Um único parágrafo pode conter várias palavras-chaves. No caso de um texto para web, estes termos são usados para ranquear o conteúdo nos motores de busca, ajudando o usuário a encontrar mais facilmente o que ele procura.

O SEO (Search Engine Optmization) é importantíssimo para o bom ranqueamento de uma página ou de um site nos motores de busca. E quando se trata de produzir conteúdo para a web, logicamente, ele não pode ficar de fora. Apesar de ser um assunto extenso e relativamente complexo, trago uma explicação simples nesse capítulo para que você eleve sua produção. É muito importante que antes de escrever um texto para web, as palavras-chaves sejam definidas. Devem-se procurar os termos de busca mais relevantes que tenham a ver com o tipo de negócio, e que os usuários digitam nos sites de pesquisa.

Uma das ferramentas que utilizo para compor meus artigos é o “Planejador de Palavras Chave”, do Google AdWords. Um instrumento gratuito e muito eficiente na hora de definir os termos. É possível descobrir quais as palavras mais relevantes em relação ao assunto que se pretende escrever, os termos mais pesquisados e uma relação de concorrência quanto a eles.

Quanto menor for a concorrência, e quanto mais busca a palavra tiver, melhor ela será para trabalhar. Entretanto, não basta apenas escolher termos e espalhá-los pelo artigo, pois os motores de busca hoje em dia consideram muito mais a relevância do conteúdo do que a quantidade em de palavras-chaves.

Então, depois que suas palavras-chaves forem definidas, cuide de garantir a qualidade de seu texto. Pense na essência em si, e não apenas na facilidade de ranqueamento. Você pode até repetir as palavras por diversas vezes, mas faça isso sem que o texto fique chato, enfadonho e deselegante.

No que diz respeito ao SEO, o título é o primeiro aspecto que um motor de busca percebe ao relacionar seu conteúdo com as buscas. O propósito dos algoritmos é mostrar às pessoas os resultados mais relevantes em suas buscas. O Título, nesse caso, ajuda o usuário a encontrar rapidamente o que procura. Portanto, não basta focar no texto em si, sem dar a devida importância ao título. Gaste tempo pensando em um bom titulo para seu post. (Leia e releia as dicas do capítulo 3).

Os Heading Tags também devem ser considerados na hora de otimizar um artigo. Este é um recurso utilizado tanto por programadores quanto por profissionais de SEO e marketing de conteúdo. Para que você entenda, Head é um termo em inglês, que em tradução significa Cabeçalho. Os subtítulos (H1, H2, H3…) que utilizamos num artigo de blog podem ser considerados Headers. O H1 é o Cabeçalho 1. Este é o mais importante dos Headers. Conceitualmente é o subtítulo que apresenta maior destaque, com uma fonte maior, sendo geralmente, o elemento textual mais visível em uma página.

Nele, eu sempre incluo a palavra-chave principal. No que diz respeito à otimização de um artigo, além dos títulos, a tag H1 é o elemento que o Google usa para identificar o assunto principal de um blog. Então, de forma geral, o título e o primeiro subtítulo “definem” o conteúdo de uma página.

Uma técnica muito eficiente, mas que por vezes passa despercebida é a linkagem Interna. Quando o assunto é link building, a maior preocupação fica por conta dos links externos, visto que esses são votos de outras pessoas para você. Mas a linkagem interna é você mesmo se indicando. Esta é uma forma de aumentar o ranqueamento e ainda proporcionar uma melhor experiência ao leitor dentro do blog.

Na prática, você deve adicionar links de outros conteúdos relacionados no artigo que você está publicando. É interessante fazer isso quando algum artigo já lançado completa ou dá base para o assunto do artigo atual. Se você aliar a linkagem a um excelente conteúdo, estará espalhando valor entre as páginas do site. Os links internos ajudam a distribuir entre suas páginas o valor que os links internos encontrarão nelas.

Você pode escrever e publicar conteúdo todos os dias, mas se o público-alvo não encontrar os formatos facilmente, seu trabalho está sendo inútil.

Na maioria dos casos, a empresa precisa de um especialista em SEO para definir e indicar o que precisa ser feito no conteúdo. Mas, haverá projetos em que você, como produtor, deverá indicar as formas que o conteúdo precisa ser escrito para garantir ao máximo a encontrabilidade.

Aprenda – Não seja superficial

Coisas superficiais não fazem história, não duram… Trago isso para diversos setores da vida, inclusive para o meu trabalho com o marketing de conteúdo. Se o que você produz não tiver alma, não passará de algo supérfluo, e portanto, desprezado. Quando procuramos entender o “porquê” de estarmos produzindo algo, aí sim conseguimos ter ideal percepção sobre valor. Grave isso: O valor vem do “porquê”. O onde, o como e o quando vêm depois.

A alma está no “porquê.”

Quando você não tiver tempo para coisas que não têm alma, as pessoas irão se conectar facilmente ao que você faz. Estarão tão ligadas à sua essência, que se lembrarão facilmente do que você prega, promove, vende.

“Meu tempo tornou-se escasso para debater rótulos, quero a essência, minha alma tem pressa” — Rubem Alves

“Me entenda. Eu não sou como um mundo comum. Eu tenho a minha loucura, eu vivo em outra dimensão e eu não tenho tempo para coisas que não têm alma.” — Charles Bukowski.

CAPÍTULO 6

O COPYWRITING

> ***“Se tivesse que ensinar uma habilidade para meus futuros filhos essa seria a habilidade de copywriter” – Jeff Walker***

O copywriting nasceu há pelo menos 150 anos nos Estados Unidos. Claude Hopkins, considerado um dos pais desse método, já pesquisava os desejos de consumidores antes de escrever uma copy, desde 1886. Pelo fato das agências de propaganda no Brasil não terem desenvolvido tanto o Marketing Direto (devido a características peculiares do mercado brasileiro), durante todo esse tempo, tal método de escrita persuasiva nunca havia chegado de fato à língua portuguesa. Por isso é que você pode nunca ter conhecido um copyWriter.

Mas de uns anos para cá, os brasileiros estão conhecendo e se dedicando a esta forma de escrever, que hás tempos gera resultados nos países de língua inglesa, principalmente nos Estados Unidos.

O copywriting do século XXI é diferente do copywriting do passado, justamente por conta dos avanços da ciência e descobertas da neurociência.

Tais avanços estão tornando o Copywriting ainda mais poderoso e a profissão ainda mais cobiçada. Ao estudar o copywriting, elevei bastante o nível de minha comunicação, não apenas no que diz respeito às vendas, mas também quanto à clareza do texto.

Quando escrevo pensando em copywriting, preciso me esforçar para tornar o texto o mais objetivo e cativante possível. Devo ressaltar, porém, que não uso as técnicas de copy pensando apenas em vendas quando escrevo um artigo para blog. Não coloco um gatilho a cada frase no conteúdo. Apenas tento tornar as coisas mais fáceis, tanto para mim, quanto para o leitor.

Apesar de não ser formado em jornalismo, tenho uma pequena bagagem com textos desse estilo. Fui idealizador e editor de uma revista durante um ano e meio, o que me proporcionou boa experiência. Tento não deixar este meu lado jornalista falar tão alto na hora de escrever, já que o conteúdo web tem uma proposta diferente.

A abordagem é outra. Por que estou dizendo isso? Porque de acordo com meu entendimento, um texto informativo puxado para o jornalismo seria um extremo abaixo, estando o texto persuasivo, de copy, na ponta de cima, ou seja, no outro extremo.

O que então seria ideal em um texto para blog? O equilíbrio. Sei que parece tolice comparar uma linguagem a outra, mas foi dessa forma que consegui estabelecer o parâmetro: "Nem tão informativo, nem tão vendedor". A verdade é que em algum momento, os estilos convergem. O que precisamos fazer é aplicar tudo na dosagem certa para não confundir o que é uma coisa e o que é outra.

Não curto muito essa coisa de "politicamente correto" e sou a favor do "cada um faz o que entendeu ser o certo". Desde que a ética e o equilíbrio sirvam como base, e que a coisa também gere resultados. No que diz respeito ao uso de copywriting em conteúdo para marketing, sou um entusiasta e acredito que todo rweb writer precisa aprender. Afinal, é escrita a um alto nível.

A escrita para web deve atrair, educar e provocar consciência. Mas também precisa persuadir, convencer e converter. Isso é o que aprendemos com o marketing de conteúdo. No entanto, acredito que o conteúdo também possa vender. E nesse caso, usar copy se torna essencial. Cabe ao responsável pela produção, seja ele o editor ou o redator, saber o que usar, na hora de usar e como usar cada técnica. Principalmente comunicando no time, nas diferentes etapas da jornada de compra (topo, meio e fundo do funil de vendas).

Trabalhar com marketing digital tem sido um desafio constante para mim, já que todo dia me aplico a conquistar tal equilíbrio. Mas agora, será que estou errado em usar copy em conteúdos para web? Definitivamente, não.

Acho necessário e gosto bastante disso. Com o copywriting consigo elevar os resultados de meus conteúdos. Tudo fica mais simples quando você entende que o copywriting não é apenas para vender. Ele te dá base para muitas coisas, inclusive, tornar o texto mais atraente.

As headlines/títulos, por exemplo, se tornam muito menos cativantes sem o trabalho de copy. O mesmo com a introdução, os subtítulos e Call to Actions… Vejo muitos redatores comprometendo o resultado final de seus artigos por aplicarem frases sem o devido cuidado. Encaixam bem as palavras-chaves, tornam o texto legível, mas não aplicam o mínimo de energia, de dinamismo. Ao estudar o copywriting você acaba se policiando mais. Acredito que só compreendendo as premissas de um bom texto de copy é que conseguimos dar vida ao conceito “levar a escrita ao estado da arte”.

Ao observar bem o trabalho de David Ogilvy, consegui assimilar melhor o que é “estado da arte”. Apesar de ser um dos maiores redatores de publicidade de todos os tempos, David não apenas vendia… Fazia arte!

Abrindo com você, é assim que procuro me comportar. De repente assim eu consiga aplicar o que ele disse: “Eu gostaria de ser lembrado como um redator que teve algumas boas ideias.”

Seth Godin é outra grande referência. Na verdade, é a maior para mim dentro do marketing. Ele pode até não usar tantas técnicas em seus conteúdos quando Ogilvy, mas seus textos conectam de uma forma ímpar.

Sou leitor assíduo de seu blog e assinante de seu newsletter diário.

Tento trazer muito de sua abordagem para meu estilo, claro, sem abrir mão de minhas peculiaridades. Godin sabe como cativar seus leitores. Bem, temos que considerar o fato de que ele tem uma grande vantagem: é uma autoridade mundial. Já vi conteúdos de seu blog escritos com apenas uma frase. Mas “todo mundo clica e todo mundo lê”, pois a coisa é mesmo boa (espero chegar nesse nível um dia!).

Com o copywriting, seus conteúdos se tornam mais persuasivos, o que não é nada ruim quando você quer que o leitor clique para ler o texto, e que vá até o fim da leitura. Aqui também destaco a importância de ser criativo e original. A coisa no Brasil acaba funcionando com muito “Control C, Control V”. Um cara cria uma boa headline, um segundo vem e copia. Depois um terceiro copia do segundo, e o fluxo se repete várias vezes, até que no fim, a headline é um “Frankstein”.

Sem que percebamos, os termos utilizados acabam ficando batidos e passam não gerar tanto resultado quanto deveriam. Houve uma época em que estavam utilizando muito o termo “matador”. Era “dica matadora” para lá, “conselho matador” de cá, e todo mundo saiu matando… Até que o matador não matou mais ninguém. Da mesma forma é o segredo. Todo mundo tem um segredo agora. No fim, todo mundo descobre o segredo, e, portanto, “o segredo deixa de ser segredo”.

Sei que palavras como essas surtem efeito, mas quando todo mundo começa a fazer a mesma coisa, além de ser chato, se torna inútil. Por isso, meu conselho para você é: “não siga a boiada” (novamente). Seja criativo e crie seus próprios títulos, use suas próprias palavras. Mesmo que você tenha visto a palavra sendo usada por alguém, procure se diferenciar. Aliás, com apenas uma palavra você consegue criar uma infinidade de headlines com a aplicação do copywriting.

A ideia então é aprender como funciona o processo de criação através de copy, sem ficar copiando fórmulas prontas. Sei que acaba sendo uma tendência natural copiar quem já é autoridade no assunto, mas se o devido cuidado não for tomado, o “Frankstein” poderá ser você. Meu conselho final para você que é produtor de conteúdo: Inclua o copywriting em seu repertorio de ferramentas de produção, mas não descontextualize o marketing de conteúdo.

Deixo como exemplo um copy simples que aplico em minha comunicação online. Talvez ela te sirva de inspiração:

Você Pode Gerar Resultados Sem Ter Que Escrever Uma Linha Sequer de Texto

Você pode não está vendendo nesse exato momento simplesmente porque não sabe como se comunicar com seus clientes.

As coisas podem não estar claras para você, mas você precisa de um redator…

Na verdade, produtor de conteúdo é o termo mais indicado. Sou o profissional responsável por escrever aquilo que sua empresa precisa falar e o que seu consumidor precisa ouvir.

Num plano de conteúdo, é a minha responsabilidade transmitir a coisa certa, palavra por palavra.

O resultado? Mais clientes conscientes do que sua empresa pode fazer por eles… Mais conversão em vendas e mais lucro.

Se você deseja que sua estratégia de conteúdo funcione, eu posso lhe ajudar.

“A maioria das campanhas que levaram marcas à fama e à fortuna surgiu da parceria entre um redator talentoso e um cliente inspirador” – David Ogilvy Vou lhe apresentar 5 motivos do porquê precisamos desenvolver um trabalho juntos:

#1. Enquanto eu escrevo por seus resultados, você cuida de seu negócio;

#2. Sou uma pessoa bem preparada para assegurar que os objetivos do texto sejam alcançados;

#3. Você não quer fazer vergonha com textos mal escritos e que não vendem nenhum grampo;

#4. Você já entendeu como funciona o conteúdo, mas não tem a mínima ideia de como fazê-lo funcionar em seu negócio;

#5. Você está nesse exato momento tentando gerar mais resultados em sua empresa e precisa de alguém para lhe ajudar com isso.

Sou eterno pesquisador de técnicas para redação, e nos últimos dois anos, li “toneladas” de páginas sobre marketing de conteúdo, copywriting, redação publicitária, literatura, persuasão, retórica e jornalismo.

Aplico o melhor do que absorvi em cada conteúdo que componho.

Tudo que eu escrevo é totalmente prático e direcionado para você aumentar sua conversão, ampliar a captura de leads e vender mais.

Vamos conversar? Abaixo deixo um link para você se cadastrar com cliente e ter a chance de falar diretamente sobre como podemos desenvolver essa parceria!

CAPÍTULO 7

GATILHOS MENTAIS

> ***“O ideal é encontrar um produtor de conteúdo que entenda um pouco de vendas, alguém que compreenda o objetivo comercial do conteúdo, que tenha paixão por ferramentas online e que seja uma espécie de borboleta social” – Ann Handley***

Escrever para convencer? Muitos produtores de conteúdo acabam ficando no raso na hora de escrever textos para a web, abordando assuntos de forma neutra e pouco interessante. Em outros casos, o texto é bom, as informações precisas, os parágrafos bem construídos, mas sempre fica a sensação de “ainda falta algo.” Isso ocorre porque o aspecto comercial do conteúdo não é considerado.

Muitos redatores não sabem, mas não basta apenas passar informação, é preciso construir algo. Todo formato escrito usado em uma estratégia de conteúdo para a web deve ser pensado em vendas. Mesmo que não indique um produto ou serviço de forma direta, é preciso indiretamente, preparar o leitor para comprar no futuro. Alinhe este capítulo ao anterior.

Muito bem, você já deve saber que aqui no Brasil há diferença entre um redator de conteúdo e um copywriter, sendo o primeiro quem escreve para informar e preparar o lead, enquanto o segundo para convencer e vender de forma direta. São ofícios distintos, conquanto ambos usem palavras. O copywriter é preparado para persuadir, enquanto o web writer, na maioria dos casos, usa seu talento apenas para “comunicar”.

Por conta disso, os gatilhos mentais são geralmente dominados pelo profissional de copy, mas não pela maioria dos redatores. Quem disse que tem que ser assim? Se um redator web quiser realmente ser alguém que escreve para o marketing, precisa ter o mínimo (sendo bonzinho) de conhecimento sobre a arte do copywriting. Foi o que promovi no capítulo anterior. Você precisa ser convincente em seus artigos e pensar no aspecto comercial do conteúdo. Mas para pensar no aspecto comercial do texto, o aspecto psicológico precisa entrar em cena.

E é aqui que se desenvolve o assunto principal deste capítulo. Pretendo falar nele sobre o que são gatilhos mentais, dando uma explicação mais profunda, indo na contramão do que dizem alguns “experts” de marketing.

Muito bem, você deve ter ficado curioso. Se não, ao menos quer saber que tipo de besteira eu vou falar aqui. Fique à vontade para me xingar caso eu cometa falhas conceituais na sua opinião, ou ao menos, desconstrua o que você supostamente aprendeu…

Gatilhos mentais são tudo, menos “copiar e colar” frases de impacto. Isso é o que propõe a maioria dos blogs de marketing digital que você e eu conhecemos (reforço do que já disse - vale à pena). Todo mundo fala sobre o assunto, mas ninguém realmente lhe diz que não há “template 100% copiável”. Ficou complexo?

Eu explico: Se você não compreende uma coisa, não tendo a mínima base de raciocínio sobre ela, vai ficar difícil aplicá-la de maneira eficiente. Você acaba se tornando um “papagaio”, repetindo o que alguém lhe ensinou.

Para ser bom em determinado assunto, você deve conhecer a árvore não apenas pelo galho, mas pela raiz. Precisa cavar fundo e olhar as coisas por um ângulo maior.

Então, o primordial não é saber o que são gatilhos mentais, mas o que não são gatilhos mentais. Um gatilho mental não é uma palavra ou frase pronta, nem um conjunto de termos pré-determinados. São aspectos psicológicos, portanto, não são “de fora para dentro”. “Agora deu ruim. Essas coisas de psicologia são sempre complicadas de entender”. Calma, é mais fácil do que você imagina. Não vou dificultar o texto para parecer inteligente e encher os parágrafos com conceitos metalinguísticos, então relaxa. O próximo parágrafo vai esclarecer melhor…

Citei a palavra raiz, lembra? Princípios são raízes. E porque falo de pensar em princípios? Robert B. Cialdini, o grande nome da persuasão, quando fala de gatilhos mentais, apresenta seis princípios psicológicos universais que sempre funcionam: Reciprocidade, Compromisso e Coerência, Afeição, Autoridade, Prova social, Escassez. Ele não dá uma lista de palavras a serem usadas, nem pede que você copie alguns termos.

Ele ensina como esses princípios universais agem no cérebro humano.

Entendendo estas e outras leis mentais, o que você precisa fazer como redator, é analisar quais delas se enquadra dentro da mensagem do texto e do perfil da persona, para depois usar as palavras que melhor se encaixam.

Penso nos princípios em si, e não no montante de palavras que eu tenho em uma planilha. Isso garante que eu não seja superficial no que escrevo. Posso até aplicar um termo específico, mas não antes de me lembrar do que sei sobre qualquer um dos princípios de persuasão. No sentido mais estrito do termo, o gatilho mental é usado para se referir a atalhos para experiências que a pessoa teve, na forma de flashbacks ou sentimentos.

O cérebro forma uma ligação entre um gatilho e os sentimentos com o qual está associado. Esses gatilhos podem ser despertados de forma inconsciente por diversos estímulos, como uma cor, cheiro, um som familiar ou por uma palavra específica. E quando se trata de palavras, é interessante saber que não é o signo que desperta o sentimento na pessoa, mas o que a palavra desperta na pessoa.

Uma palavra é formada por matéria e essência. Matéria é a própria escrita, como por exemplo, esses símbolos que estão impressos nestas páginas.

Essência é o significado que cada um tem. Você lê e interpreta rapidamente o que o símbolo quer dizer a partir de seu raciocínio e seu conhecimento sobre a língua.

Então, não é o trecho do conteúdo específico que representa um gatilho, mas a essência dele. É a alma da palavra que desperta emoções nas pessoas. Ao usar a essência de uma palavra para fazer florescer determinada emoção no leitor, aí sim você tem um gatilho mental.

Entender isso e aplicar em seus textos para web é garantir mais precisão na busca pelo objetivo. Portanto, “não copie e cole”, mas busque entender coma coisa funciona de verdade, sempre prezando pela verdade e a coerência da informação.

Aprenda – Quando ser especialista é uma furada

Acho legal essa coisa de ser chamado de especialista, desde que isso seja focado em transformação e inovação. Algo mais voltado para a intuição e visão de futuro, sabe? O especialista à moda antiga, aquele que inflexivelmente se baseia no passado, tem muitos dados e informações sobre o que já foi feito, e por isso sempre está pronto a dizer: “não se arrisque.”

Leia o que diz Masura Ibuka, fundador da Sony:

“Nunca tive muito uso para os especialistas. Eles estão inclinados a argumentar o motivo pelo qual você não pode fazer alguma coisa, ao passo que nossa ênfase sempre foi a de fazer alguma coisa a partir do nada”.

Em 1959, a Haloid, uma pequena firma de pesquisa, ofereceu a IBM os direitos de venda da copiadora de papeis “914”. A IBM decidiu contratar o serviços da Arthur D.Little, uma grande empresa de consultoria.

Após três meses de análise, a Little aconselhou a não aquisição do projeto, calculando que o potencial de uma máquina de cópia era muito baixa a nível mundial.

A IBM aceitou o conselho e rejeitou a oferta.

Dez anos depois, a Haloid, agora conhecida como Xerox, estava gerando mais de um bilhão de dólares por ano vendendo suas copiadoras. “Ser especialista é uma coisa, viver ilusão de conhecimento é outra. Nenhuma expertise pode ser sustentada (apenas) por velhos paradigmas.”

Talvez esteja na hora de você romper os paradigmas de ser um produtor de conteúdo e dar lugar à inovação. Aprenda coisas novas e gere mais resultados com sua escrita!

CAPÍTULO 8

CALL-TO-ACTION

> ***“A maioria das pessoas tem a necessidade de que alguém lhes diga o que fazer.“***

Um artigo para web sem uma boa chamada para ação não gera nada além de rejeição. O Call to Action é outro elemento essencial em um texto para a web. Em termos de marketing, um CTA é uma “chamada para ação”. No âmbito digital, são palavras e frases que contêm links que levam os usuários a realizar ações. O principal objetivo é direcionar o usuário a um local de conversão, como uma página de captura.

No copywriting e no marketing de conteúdo, a técnica é muito utilizada e se faz presente em todo processo de venda, auxiliando nas etapas do funil de vendas, desde a primeira visita até quando o visitante se torna um cliente.

Os tipos de CTAs variam de página para página e podem ser links de navegação, compras, formulários de inscrição, entre outros. Em artigos de blogs, por exemplo, geralmente se aplica um CTA no fim do conteúdo, nem que seja pra fazer o leitor interagir com um comentário.

Para que convertam, seus Call To Action precisam ser claros, objetivos e ter forte relação com a proposta da mensagem escrita. Você não quer que seu leitor se frustre ao clicar em sua chamada e se deparar com algo completamente diferente daquilo que foi proposto inicialmente, certo? Isso é desonesto. Sei que parece primário citar isso, mas ainda vemos muito disso por aí.

Existem, basicamente, dois tipos de CTA: #1. CTA Primário: Este é o que apela para a funcionalidade da página. Se seu visitante deseja comprar um e-book, a página de vendas tem o objetivo exclusivo de vendê-lo, então o CTA é aplicado no botão “Comprar” ou “Adicionar ao Carrinho”. #2. CTA secundário: O CTA secundário funciona de forma subjetiva, oferecendo produtos relacionados em um ponto estratégico da página. Ainda usando o exemplo do e-book, o foco principal da página de vendas é vendê-lo, entretanto, ela também pode oferecer os produtos complementares, o que seria o Call to Action secundário. Agora que você já sabe como funciona um CTA é porque ele é importante, irei compartilhar uma série de conselhos para você aplicar em seus textos e garantir mais conversão:

#1. Pense No Que Seus Leitores Estão Buscando

Você deve conhecer bem o perfil das pessoas que lêem seus conteúdos.

Considere o seguinte: Como é que essas pessoas chegaram até seu conteúdo? Pelas redes sociais? Pelo Google? O que elas estão procurando exatamente? O que é preciso para convencê-las a tomar uma ação específica? O que eu quero que elas façam ao terminar a leitura? É bem provável que você tenha feito uma pesquisa de temas e de palavras-chaves antes de produzir o texto. Se você se planejou previamente, estará mais apto a identificar o que seus leitores terão que fazer ao se depararem com sua chamada para a ação.

#2. Seja Criativo e Específico: Esqueça frases genéricas como “Clique Aqui”.

Além disso, estar batido, o Google ainda tende a rejeitar este tipo de chamada hoje em dia. Por isso, além de persuadir seu leitor mais facilmente, um texto âncora criativo e específico auxilia até mesmo no ranqueamento do seu conteúdo. Mas, não exagere... Se as palavras são simples, mas eficazes, seu CTA já cumpriu seu papel.

Na verdade, um texto curto e auto-explicativo é o mais indicado para uma chamada para a ação, pois frases longas podem prejudicar a conversão.

Uma boa frase ou um verbo de ação com um hiperlink pode ser suficiente para gerar o resultado que você quer. Exemplos: “Baixe Gratuitamente Seu E-book!”; “Acesse Agora Sua Aula Grátis!”; “Seja Um Assinante Vip”

#3. Apresente Uma Promessa: Seu Call to Action precisa prometer alguma coisa. Então, toda vez que for produzir um CTA, indique um benefício.

Lembre-se que seu leitor está buscando alguma coisa, e a frase deve indicar que o link tem o que ele busca. Repare que os 3 exemplos dados acima, ofereciam algo como um e-book gratuito, uma aula grátis e assinatura exclusiva. É demais querer que o usuário realize uma a ação só porque você tem vontade Ele é quem precisa estar interessado. Ressaltando também que a oferta precisa ser boa, pois não basta caprichar na chamada se o que está por trás dela deixa a desejar.

#4. Aplique Gatilhos Mentais: Para ser persuasivo, você precisa estudar os gatilhos mentais. Dentre eles, existem dois que são poderosos para uma chamada para a ação: gatilho da urgência e gatilho da escassez. Exemplos como "compre agora", "garanta sua vaga" ou "receba hoje" costumam gerar ação imediata. É mais provável de as pessoas clicarem na frase se ela despertar emoções, e para isso, o aspecto psicológico deve ser considerado.

Leia o capítulo sobre gatilhos mentais sempre que precisar.

#5. Utilize Números: Dependendo do que você estiver escrevendo, é muito eficiente aplicar números em seu Call to Action. Esta é uma forma de evidenciar para o usuário o que ele irá receber ou acessar. Exemplos:

"Receba 20% de Desconto Agora" ou "Compre imediatamente por apenas 17". Os números irão ativar o cérebro de seu leitor para a oferta, agregando valor ao que você já disse antes. Um detalhe: Na frase "Obtenha 1000 Músicas em Seu Bolso" o apelo é para a quantidade do benefício, por isso a presença dos zeros. Ao contrário de "Compre por Apenas 17", que apela para o desconto, e para que o número pareça menor, dispensa-se a vírgula e os zeros.

Os especialistas em links patrocinados são exímios compositores de Call to Actions. Acabam desenvolvendo essa habilidade porque estão sempre pensando em conversão. Pode o anúncio ter uma verba gigantesca de compra de mídia, mas anúncio se as headlines e os Call to Action não forem bons, o trabalho é jogado por água abaixo. Comece a observar como os grandes nomes da publicidade online escrevem e se inspire para criar seus CTAs. Na própria web, você também encontra centenas de posts com dicas sobre o assunto. Absorva as melhores sacadas. Fazendo isso, seus textos para a web serão mais do que formatos informativos, mas conteúdo que converte!

Aprenda - Planejamento

Não sei como você organiza sua semana, mas costumo fazer um planejamento prévio dos meus 6 dias de produção. Dessa forma consigo ter mais produtividade e me manter organizado pelo resto dos dias.

Utilizo um quadro branco como base para meu planejamento. O divido em 6 blocos, cada um correspondente a um dia da semana (de segunda a sábado). Depois pego um bloco de postites para detalhar as tarefas.

Confiro e analiso as tarefas em aberto e vou preenchendo os postites.

Depois os aplico no quadro. Faço isso de acordo com as datas de cada conteúdo e os dias da semana, sempre dando uma folga para a revisão.

Por exemplo, se tenho um post para terça feira, o produzo na segunda. Os deixo descansando, e no outro dia, geralmente de manhã, faço uma revisão em 3 etapas concentradas antes de entregar ao cliente ou postar no blog.

Há demandas de conteúdo e tarefas que surgem durante a semana. Essas vou acrescentando conforme a urgência e o grau de dificuldade. Gosto de começar “matando” as pautas mais graves, deixando as mais levinhas para o fim do dia.

Quanto a outros tipos de tarefas, aquelas que não tem a ver com a produção (ir ao banco, arrumar a casa, visitar a mãe), utilizo um bloco, e às vezes um quadro à parte, de cortiça, onde posso pendurar mais postites.

Essa é a organização que antecede minha produção.

Guardo as pautas prontas em minha conta do Google Drive, dividindo elas por pastas com os nomes de clientes. Ainda no Drive, abro uma planilha mensal onde relaciono cada artigo ou e-book produzido, sempre com as datas, nomes de clientes, número de palavras, valor e pagamento.

No caso dos conteúdos da Mentalidade Empreendedora, produzo cerca de 3 artigos por semana, dois menores e um mais denso e completo. Claro, existem outros trabalhos, como a gestão e edição de outros formatos de conteúdo. Esses vou executando conforme a demanda e a urgência.

CAPÍTULO 9

UM POUCO DE NEUROMARKETING

> ***“Podemos achar que sabemos o motivo pelo qual fazemos o que fazemos, mas uma inspeção mais minuciosa do cérebro nos diz outra coisa.” – Martim Lindstrom***

O neuromarketing já foi usado por alguém para fazer você comprar alguma coisa. Apesar de ser um campo novo, o neuromarketing já tem sido utilizado no mundo todo para atrair e conectar clientes às marcas. Cada vez mais, nos deparamos com campanhas de marketing e publicidade que se valem das técnicas da neurociência.

A partir da união entre o marketing e a ciência, neurologistas descobriram que a maior parte de todas as decisões de compra é tomada a nível subconsciente, e por isso é importante impactar o inconsciente do consumidor com emoções, memórias e experiências positivas. Assim, o consumidor se lembra de uma marca ou de um produto mais facilmente na hora de escolher qual produto adquirir.

O neuromarketing é considerado a chave para o entendimento da lógica de consumo. Para que você compreenda melhor como ele funciona, e como você pode usá-lo para influenciar a mente de seus leitores, assimile o que exponho neste capítulo.

O “neuromarketing” teve origem na Holanda, na Erasmus University, em Roterdã. O termo foi cunhado pelo professor de marketing Ale Smidts, mas foi o doutor Gerald Zaltman, da universidade norte-americana de Harvard, que teve a ideia de usar a ressonância magnética para fins de Marketing. Os estudos da área também foram explorados em Portugal pelo professor Hugo de Almeida, da Universidade de Aveiro.

Mais a frente, uma pesquisa científica no jornal acadêmico Neuron, da Baylor College of Medicine, no Texas, ganhou repercussão ao falar sobre o tema. Para testar a eficácia do neuromarketing, foi proposto um teste com voluntários que teriam que ingerir refrigerantes da Coca Cola e Pepsi, mas sem saberem qual era a marca.

Ficou comprovado que as declarações verbais de preferência, identificação e respostas cerebrais não eram compatíveis. Quando as pessoas foram perguntadas qual das duas bebidas era melhor, metade respondeu Pepsi.

Nesse caso, a ressonância detectou um estímulo na área do cérebro que estava relacionada a recompensas.

Já quando elas conheciam a marca, o número caiu para 25%, e as áreas relativas ao poder cognitivo e à memória agora foram usadas. Ou seja, eles estavam pensando na marca, em suas lembranças e impressões sobre ela. O resultado levou a crer que a preferência dos consumidores tinha relação com a identificação da marca, e não com o sabor. Esta pesquisa serviu para elevar o patamar no neuromarketing, comprovando sua eficácia.

O neuromarketing pesquisa o despertar do interesse, desejo e a até repulsa de certos elementos para o consumidor. São 3 os interesses e parâmetros da pesquisa em neuromarketing: Atenção, Engajamento emocional e Memória. Roger Dooley, um dos maiores especialistas de neuromarketing afirma: “com a dura economia que vivemos, precisamos apresentar maiores resultados com poucos recursos.

Nesse caso, apelar para a mente do consumidor é a melhor solução”. Afinal, quem não gostaria de entender a mente de seus clientes? Melhor: quem não gostaria de influenciar a mente deles? Acredito que todos que sabem que precisam vender. O mesmo se vale para quem trabalha com a produção de textos, seja de forma subjetiva, no caso de conteúdo que visa educar leads, quanto de forma mais direta, como no caso do copywriting. Aliás, não se pode fazer copy sem neuromarketing.

Muitos interpretam a influência do neuromarketing como uma forma injusta de marketing, algo antiético e manipulador, mas não é bem por aí.

Se usados de maneira adequada, os anúncios ficam mais convincentes, os produtos ficam melhores e os consumidores mais felizes. Isso é o que Dooley propõe no livro “Como Influenciar a Mente do Consumidor”. Quanto ao local, não existe um padrão. A dica é: aplique em qualquer canal de comunicação com seu consumidor.

Neuromarketing é estímulo.

Uma escada rolante maior numa loja de departamentos, por exemplo, serve para fazer com que o consumidor permaneça mais tempo e acabe comprando mais. Já reparou que a maioria das marcas de fast food utiliza o vermelho em sua identidade visual? Não se trata de coincidência, mas de neuromarketing aplicado. O motivo? A cor vermelha estimula o apetite e faz o cliente ficar com mais fome e comer mais rápido.

Levando para o ambiente digital, uma headline encabeçando o texto, uma simples frase no meio do conteúdo, uma chamada para ação no fim, ou uma boa história, geram resultados satisfatórios em seu site, blog, loja virtual e até mesmo nas redes sociais. O conhecimento em neuromarketing ajuda a criar junções de palavras de forma mais eficaz e campanhas de comunicação mais centradas nas respostas do cérebro.

Quando você se aprofunda e procura pôr em prática, sua capacidade escrita se torna mais precisa. Saindo da teoria, vou compartilhar com você agora algumas táticas de neuromarketing que venho aplicando em minha escrita. Aprenda e use sem moderação!

#1. Imagens à esquerda, textos à direita: É a lógica do sentido anti-horário. A probabilidade de olharmos primeiro para direita e depois para esquerda é maior. O que explica isso? Cada lado do cérebro é responsável pelas funções do lado oposto. Ou seja, os objetos à esquerda do nosso campo de visão são processados pelo lado direito do cérebro, enquanto os à direita, pelo lado esquerdo.

O lado direito é melhor em perceber imagens, enquanto o esquerdo em processar números e textos. Conhecer essas informações é essencial para quem vai desenvolver um anúncio, por exemplo, que vai ficar exposto ao campo de visão do consumidor por poucos segundos.

#2. Menos é mais: Isso aqui pode não se aplicar tanto em conteúdos de site ou blog, mas caem como luva em para redes sociais. Anúncios e posts com poucas palavras e uma imagem apenas surtem bastante efeito. Os usuários das redes costumam se conectar mais facilmente com esse tipo de publicação, porque quando estão nas redes sociais, preferem intuitivamente o entretenimento com coisas mais simples.

Quando desejam maior aprofundamento no assunto, pesquisam conteúdos mais densos em outros canais, como blogs, ou acessam vídeos no Youtube.

Então, faça bom uso dos 140 caracteres, principalmente no Twitter, incluindo uma imagem de boa qualidade que tenha a ver com o assunto.

#3. Simplificado o preço: Não, não é abaixar o preço, mas comunicá-lo de forma mais simples. A forma como os preços dos produtos ou serviços são informados, influencia bastante na decisão do comprador. Pedro Camargo, profissional pioneiro em neuromarketing no Brasil, explica: “No caso dos preços, a simplificação é a melhor maneira de atrair a atenção do consumidor”. A forma mais fácil de fazer isso é eliminar os símbolos e letras ao lado dos números.

Por exemplo: Se você escreve R$ 49 ou 49 reais, o produto parecerá mais caro do que se escrever apenas 49. Então, deixe apenas os números.

“Quebrar o preço” é outra forma de fazer com que ele pareça menor. Veja o exemplo: “Apenas 2 reais por dia para você ter o melhor conteúdo em sua plataforma.” Nesse caso, o valor final é 60, que parece bem menor quando dividido pelos 30 dias do mês.

#4. Conte histórias: Como a maioria das decisões é tomada pelo subconsciente, fica mais fácil conectar marca a um consumidor usando histórias. Costumo dizer que o storytelling é um dos melhores gatilhos mentais que existem, pois você consegue trabalhar a emoção sem ser apelativo. Contar histórias é uma tática que você pode ‘usar e abusar’ para influenciar o lado emotivo de seus consumidores. (Falarei mais sobre storytelling no próximo capítulo).

#5. Use bastante a palavra você: O neuromarketing nos leva a entender que o cérebro é egoísta, então toda ação de marketing deve focar diretamente no consumidor. Nesse caso, usar a palavra “você” pode ajudar muito a criar a percepção de que seus produtos ou serviços foram feitos sob medida para o cliente em potencial. O que você acha disso? Você acredita que o neuromarketing pode te ajudar a influenciar a mente de seus consumidores? Ou você acha que existem outras táticas de marketing eficiente? Você é quem decide! Percebeu que utilizei a palavra você em todas as frases? Seu cérebro se conectou ainda mais ao assunto, sem que você percebesse.

#6. “Proporcione prazer, mas foque em curar dores”: Os bons profissionais de copywriting sabem muito bem disso! O neuromarketing sugere trabalhar a ideia de como o que você vende irá ajudar a “aliviar” uma dor do consumidor. Da mesma forma, a mensagem pode promover a geração ou aumento de prazer. Toda venda acontece com base em um desses dois princípios, ou com os dois simultaneamente. Pense nisso na hora de aplicar o neuromarketing nos conteúdos para a web.

Escreva e revise seus textos quantas vezes for preciso, o importante é mostrar como podem ajudar a solucionar um problema real na vida do cliente. No entanto, fique em falar das dores primeiro, pois assim o cérebro é mais estimulado do que quando se fala de prazer. A busca para evitar a dor é quase três vezes mais forte do que o prazer. “As compras mais caras são as que sanam as maiores dores”.

Textos devidamente persuasivos, coesão textual, associação semântica, linguagem diferenciada para cada público, apelos em bons Call to Action, discurso deliberativo, entre outras técnicas de redação, devem ser utilizados na hora de produzir bons textos de marketing e vendas. Se quiser fazer mesmo a diferença em seu trabalho, e no trabalho de seus clientes, comece a escrever com base no neuromarketing. Independente se as mensagens sejam apenas com texto, como no caso dos links patrocinados, ou se unem um bom texto e imagens atrativas.

CAPÍTULO 10

UM POUCO DE STORYTELLING

> *"Todo profissional de marketing conta uma história. E se ele faz direito, nós acreditamos (Seth Godin)*

Uma história criativa e autêntica é capaz de conectar a emoção das pessoas e inspirá-las à ação de forma única. Uma história bem contada é capaz conduzir o receptor a uma jornada de mudanças e transformações. Por isso que para saírem da zona do "sou" e entrar na do "somos", as empresas precisam contar boas histórias.

A visão humana de mundo se resume na junção de histórias sobre fatos narrados em que se acreditam, e é de nossa natureza compartilhar casos, valores e visões. Isso vai ao encontro da necessidade de pertencer a uma tribo, a um grupo específico. O storytelling é um método que se vale de narrativas aplicadas em palavras ou recursos audiovisuais para transmitir um conceito. Ele tem sido bastante utilizado no marketing como meio de promover a marca sem vender diretamente. É uma excelente ferramenta para compartilhar conhecimento e atrair pessoas para a marca. Considere um dos pilares de um bom texto para a web.

O excesso de informação é uma das características da era atual. A publicidade bombardeia diariamente as pessoas com informações espalhadas por diversos tipos de canais. Na internet, por exemplo, o número de conteúdos lançados beira ao infinito. A "briga" por atenção se intensifica. E como a sociedade acabou criando uma espécie de resistência contra os meios de comunicação tradicionais, as empresas que quiserem obter êxito em seus mercados, precisam se valer de novas formas de fazer suas mensagens chegarem ao público. O storytelling é uma delas.

É neste contexto que a arte de contar histórias ganha relevância, sendo uma maneira eficaz de conseguir atenção dos consumidores em potencial.

A história pode ser da própria empresa, do produto, serviço ou qualquer outro elemento relacionado ao negócio em questão. O importante é que seja boa, que conecte. A narrativa precisa mostrar os benefícios que a empresa pode proporcionar ao consumidor.

Esta é uma ótima forma de criar aproximação com os clientes em potencial.

É assim que o storytelling deve ser incluído em uma estratégia de marketing. Atualmente, com o marketing de conteúdo comandando o cenário, o storytelling é um grande aliado para promover a entrada de clientes na esfera da marca, o que acaba consequentemente, formando uma boa base de leads. E é por isso que você, redator, deve aprender pelo menos o mínimo sobre o assunto.

Antes de contar uma história, é imprescindível identificar os elementos essenciais que fazem parte dela, bem como a linguagem, o estilo e a abordagem. Uma boa narrativa precisa basicamente: “Prender, ser visual, interativa, despertar emoções, apresentar fatos relevantes, promover diálogos realistas, mostrar um personagem que o público se identifique, além de um conflito a ser resolvido no desenvolver da história”.

Ter começo, meio e fim, assim como aprendemos na escola, e um bom uso do quem, quando, onde e porquê. Estes são pontos indispensáveis para um bom storytelling. Pessoas tendem a absorver melhor as informações quando ela está envolvida nesse tipo de estrutura. A essência está em atribuir elementos técnicos e emocionais em um contexto interessante e significativo.

No empreendedorismo digital, por exemplo, as pessoas aprenderam que ao contar a própria história de superação numa carta de vendas, o storytelling já foi aplicado. Isso é apenas uma ponta, e às vezes bem apagada, do que a arte da narrativa pode fazer.

Obviamente, existem critérios universais a serem seguidos para que a coisa flua, mas em questão de forma, o limite é a criatividade. Um storytelling pode ser feito em formato de artigo narrado, um vídeo bem produzido, um infográfico bem direcionado, uma história em quadrinhos, enfim, em qualquer meio relevante em que a mensagem possa ser devidamente difundida.

Falando em distribuição de canais, temos outra ferramenta importante nesta abordagem: o transmídia storytelling. Trata-se da técnica de contar a história em múltiplas plataformas e formatos. Dentro do contexto de marketing digital, é se valer das atuais tecnologias digitais para 'espalhar a mesma mensagem'.

A ideia é explorar o máximo de fontes para conquistar o público de forma segmentada. Os processos de cada mídia a ser utilizada, são projetados de acordo com as características e o comportamento dos clientes. No campo da comunicação de marca, as táticas de transmídia storytelling podem ser aplicadas para 'amarrar' o contexto. Esta é uma maneira elaborada e inteligente de completar uma campanha. Entretanto, é preciso ter o cuidado para não focar tanto na mídia e esquecer o que de fato importa: uma boa história.

Falei da relatividade e de critérios universais quanto à criação de uma boa estratégia de contar histórias. Entre o que não pode faltar, incluímos 6 elementos essenciais que o britânico Yan Crammer sugere para uma boa história:

#1. Personagens: Pessoas, humanos, com atributos e limitações, sucessos e fracassos vividos (experiência). Esses personagens precisam ter o lado humano elevado, ou seja, precisam ser mais anti-heróis do que super-heróis.

#2. Enredo: Uma boa história para o marketing precisa de uma problemática. Quem sabe um passado aparentemente perfeito que foi tomado por um problema que se tornou forte demais para ser ignorado.

#3. Uma sugestão fatal: O que isso quer dizer? Que um storytelling voltado para o marketing precisa mostrar uma 'visão negra' de quão fatal será o futuro, caso o problema não seja resolvido.

#4. Solução: Aqui o problema deve ser resolvido. O segredo ou a chave para salvar o personagem, ou personagens, do suposto problema. Essa chave visa mudar o curso da história e promover um final feliz.

#5. Uma visão otimista: Uma visão ‘extraordinária’ do futuro, caso o segredo seja adotado e a solução seja alcançada.

#6. Continuação: A sexta e última etapa deve apresentar um mapa com os próximos passos da jornada rumo à salvação. Em palavras mais exatas é conduzir seu leitor a ter o mesmo futuro glorioso de seu personagem principal.

Todo mundo tem uma história para contar, não é mesmo? Algumas são bem interessantes e possuem um grande potencial de engajamento. A ideia é simplesmente usar isso em favor do conteúdo. Seres humanos são moldados por experiências de vida, tanto pessoais, quanto profissionais. No caso de uma estratégia de marketing de conteúdo, é preciso fazer com que a bagagem do emissor da mensagem, o autor ou a própria empresa, chegue ao cliente.

CAPÍTULO 11

EDIÇÃO

> ***"Todos precisam de um editor (até mesmo os escritores mais incríveis)" – Ann Handley e C.C Chapman – Regras de Conteúdo***

Um editor de conteúdo web é o profissional responsável por garantir a qualidade das publicações online. Se um redator aprende a pensar como editor, torna-se um profissional mais completo e consequentemente, mais solicitado. Uma das funções específicas da edição é analisar conteúdos para adequá-los a linha editorial, o estilo do canal (site ou blog), conferindo elementos como gramática, linguagem, tom de voz, linkagem, otimização e assertividade.

O editor seleciona os trabalhos que serão publicados, auxiliando no design da publicação e lida com outros assuntos relacionados ao formato do conteúdo. Precisa analisar os artigos e outros tipos de conteúdo de forma crítica. Sendo também um leitor voraz, precisa desenvolver olho clínico para uma boa escrita, pontuação e sintaxe, assim como a noção de fluência do texto.

No caso de conteúdo para o Marketing, precisa verificar se o conteúdo está de acordo com a estratégia, se tem objetivos claros, se o assunto tratado vai ao encontro da necessidade do público-alvo, entre outros aspectos.

A profissão de editor de conteúdo web está no ápice de seu desenvolvimento, principalmente por conta da difusão do marketing de conteúdo. A edição se torna cada vez mais imprescindível para o universo digital, por prover a web sites, blogs corporativos e a outros ambientes específicos, a relevância necessária da mensagem.

Dentro de uma empresa, o editor de conteúdo pode responsável por criar conteúdos para sites, blogs, portais e outros canais online; desenvolver linhas editoriais e cronogramas de publicações; criar temas, títulos, tags e categorias; coordenar postagens nas mídias sociais e press releases; coordenar a distribuição de conteúdos através de mídias patrocinadas; atuar em parceria com a equipe de marketing; trabalhar com diferentes abordagens de conteúdo.

Quem deve ser o editor? Qualquer um profissional do time de marketing ou de outra equipe, inclusive o redator. Como o conteúdo da empresa pode ser peculiar e técnico, o editor não precisa exatamente ser um profissional de comunicação. Basta atender aos requisitos a partir da experiência com a área de atuação da empresa. Destaco que quanto maior for sua qualificação profissional e afinidade com a função, mais qualidade tende a ter o seu processo e a produção. O que importa mesmo são os resultados que você assegura na estratégia e não nos títulos que carrega.

Profissionais de comunicação, de criação e estratégia podem tranquilamente cumprir a função de editor. Jornalistas, comunicadores, publicitários, web writers, analistas de marketing, técnicos em TI podem estar aptos ao ofício, desde que conheçam os processos de conteúdo para web e assegurem resultados satisfatórios.

Teoricamente, o editor de conteúdo é o mesmo que Publisher. O conceito de Publisher é variado, mas converge com a edição de conteúdo para a web.

Nos EUA, o Publisher virtual é quem cuida de publicações na internet.

Importante destacar que atualmente existem dois modelos de Publisher: o europeu e o americano.

O americano se caracteriza por um profissional versátil, que precisa saber lidar com uma demanda diversificada tanto da área editorial, quanto da comercial. Já o modelo europeu tem funções bem-definidas, restringindo-se apenas a própria publicação. No Brasil, o modelo americano é o mais usado, no entanto, pouco a pouco, o segundo vem ganhando espaço.

Vivemos em uma época onde os anúncios de TV são ignorados, a mala direta não recebe mais atenção e até mesmo as propagandas online são bloqueadas. O ambiente tem mostrado que a única forma de fazer chegar uma mensagem relevante aos clientes é por meio do conteúdo. Muitas empresas já estão se esforçando para capturar a atenção do cliente dessa forma.

Isso tem causado uma grande explosão de formatos, como artigos, posts em redes sociais, vídeos, slideshares, podcasts e toda forma de conteúdo que as pessoas possam consumir de forma voluntária. Só que infelizmente, a maioria do conteúdo lançado deixa a desejar. Um dos motivos é reflexo do padrão historicamente definido pelos meios de comunicação tradicionais: muito mais publicidade que conteúdo propriamente dito.

É decepcionante para um leitor se deparar com conteúdos que não saem do nível da mediocridade, e que de forma alguma, cria conscientização de marca ou impulsiona as vendas. Já percebeu que as taxas de rejeição ainda são grandes na maioria dos blogs? Manchetes atrativas e posts rápidos podem realmente gerar visitas ou links compartilhados, mas se você não caminhar para conquistar o coração e a mente de seus potenciais clientes, eles não hesitarão em abandonar seus textos depois de um ou dois parágrafos.

Mais de 30 milhões de peças de conteúdo são criadas a cada dia. Mais de 60% dos conteúdos de um site não costumam ser utilizado pelo usuário. Ou seja, se tornam publicações gratuitas, que não convertem um clique sequer.

Isso prova que o marketing de conteúdo ao qual conhecemos tem enfatizado bastante a produção de um grande volume de formatos, sem focar, no entanto, no que as pessoas realmente querem consumir.

Seus usuários são o público-alvo. Consumidores, membros, leitores ou qualquer outra pessoa que você queira conquistar por meios on-line. Você precisa saber o que eles desejam. Você pode até achar que sabe o que eles querem, mas na maioria das vezes, as afirmações são vazias e especulativas. Embora, empresários, empreendedores, diretores de marketing e comunicadores conheçam bem o produto ou serviço, e haja interação diariamente com a audiência, não se pode ler a mente das pessoas. Não há mensagem totalmente segura, sabe por quê? Simplesmente porque nenhuma audiência é totalmente cativa.

A verdade é que as pessoas são distraídas, pensadoras aceleradas, sendo alvo de diversas empresas ao mesmo tempo. Elas estão prontas para se desconectarem do conteúdo, deixando o site, fechando as abas do blog a qualquer momento. Por isso que se o conteúdo não atender o que elas querem, elas te deixarão rapidamente. É preciso editar, e editar quer dizer, acima de tudo, descartar o que não presta. Um redator-editor é quem passa a tesoura naquilo que o texto a desejar. Só deve ficar no conteúdo as informações úteis. Nada de encher linguiça. A objetividade é o caminho.

É a edição que dá forma e função ao conteúdo para a web. Quando usamos termos como gestor e editor, somos remetidos a uma gama ampla de funções, o que é verdadeiro. Eu, por exemplo, sou responsável por todo o processo de conteúdo, desde as mais simples descrições até a divulgação de formatos em vídeos na Mentalidade Empreendedora.

Mas, mesmo que você não faça trabalho parecido, e seja ainda um simples redator, meu conselho é que comece a pensar como editor. Isso vai fazer com que seus escritos tenham diferenciais, e sejam cada vez mais amados por clientes e os leitores deles.

Em certa feita, um dos meus principais clientes pediu que eu indicasse uma redatora para compor o time de um projeto sobre emagrecimento e saúde.

Enviei um contato de uma colega de profissão, que tinha entre seus diferenciais, a experiência com edição de conteúdo impresso.

Meu cliente me fez a pergunta: qual a diferença entre um redator e um editor? Após explicar, ele se sentiu muito mais seguro em confiar suas redações nas mãos de um profissional com habilidades de edição. Conheça algumas das funções relacionadas a edição de conteúdo e amplie seus horizontes como redator:

#1. Produzir diversas formas de conteúdo: Diferente do que alguns imaginam, um editor de conteúdo não apenas deve produzir textos, mas pesquisar coisas relacionadas a vídeos, imagens e outros formatos multimídia que podem (e devem) ser relacionados ao texto, tornando-o mais atrativo ao leitor.

#2. Revisar os conteúdos: A revisão é uma das funções mais importantes de uma edição de conteúdos. Trabalhos produzidos por terceiros precisam ser analisados antes da publicação, evitando erros de gramática, grafia, pontuação, formato, estética e qualquer outro elemento que influencie no resultado final.

#3. Compartilhar conteúdos: Dependendo do projeto, um editor de conteúdo também é responsável pela divulgação e compartilhamento do conteúdo nas principais redes sociais como Twitter, Facebook, Linkedin e Instagran. Fora agregadores de blogs e artigos e demais canais que permitam maior amplitude do que foi lançado.

#4. Administrar sites e blogs: Para atuarem na web, empresas precisam atualizar constantemente suas plataformas, principalmente o blog corporativo. Cabe ao editor estar atento ao que deve ser atualizado e fazer isso com frequência. Postar artigos e conferir o SEO de um conteúdo também está relacionado a isso.

#5. Apresentações e consultoria: Há clientes que preferem gerenciar alguns aspectos por conta própria. Nesse contexto, o editor, por ser uma pessoa devidamente qualificada, pode fornecer consultoria e criar apresentações detalhadas do conteúdo que será lançado e administrado.

Quando se trata de implementar uma nova iniciativa na web, você, redator, com a cabeça em edição, pode ter a oportunidade de ajudar a definir a estratégia. Isso, além de agregar muito valor ao trabalho final do cliente, permite que você possa cobrar mais pelos serviços prestados.

“Conteúdo na web é vivo. Está em constante mutação e evolução. Sempre moldado e reformado por curadores, criadores, revisores e usuários.

Prepare seu conteúdo de forma cuidadosa e ele terá uma vida online mais longa e feliz.” – Kristina Halvorson

CAPÍTULO 12

TAMANHO DO ARTIGO

> ***“Se você está anunciando um produto que tem muitas e diferentes qualidades, escreva um texto longo. Quanto mais você diz, mais você vende” – David Ogilvy em Confissões de um publicitário***

Você sabe qual o tamanho do conteúdo que você precisa produzir? Certa vez me deparei com uma grande informação em uma postagem feita por um amigo no Facebook. Era um texto com imagem mostrando dados impossíveis de serem ignorados.

A mensagem dizia: “Conteúdos maiores são mais propícios a serem compartilhados”. Esse fato contradiz um conceito muito pregado na vida, no marketing e na produção de conteúdo: “menos é mais”. A informação foi difundida pela empresa Hootsuíte, plataforma de gestão de mídias sociais.

Em pesquisa feita com mais de 100 milhões (não são 10 mil) de publicações em blogs, ficou provado que os “grandões” se destacam mais que os menores. O resultado foi surpreendente para muita gente, inclusive para mim! Textos mais curtos, de até 1.000 palavras, tem aproximadamente metade dos compartilhamentos dos textos acima de 10.000 palavras. Sim, dez mil palavras… Escrevi por extenso para você ter certeza. Isso deixa muitos produtores de conteúdo (será que eu também?) com a cara no chão.

Há algum tempo, por questões de SEO, tenho aconselhado aos meus clientes sobre a importância de não se produzir artigos muito curtos, como de 300, 400 e 500. Mas aí grandões como a pesquisa revelou eu não poderia imaginar. Essa é uma prova de que no marketing especulações não funcionam. Então, o que fazer agora? Sem dúvidas é azeitar os dedos, aumentar o repertório de ideias e encher o editor do blog com mais palavras.

Mas espere aí…

Não é só isso: A relevância do conteúdo ainda é determinante. A pesquisa também mostrou que a relevância, os fatos novos (não "Ctrl C/Crtl V" do que alguém já escreveu) e informações úteis estão entre as características das publicações de maior alcance. Ou seja, não basta apenas escrever muito, tem que fazer algo que seja muito bom.

"Tamanho do conteúdo é documento". Portanto, quanto maior o conteúdo produzido, mais chances ele tem de alcançar pessoas e ser compartilhado.

Por isso: Menos conteúdo = Mais dinheiro jogado fora! Meu primeiro conselho para você é: fuja do modismo! Muitas vezes, menos é mais apenas diante da preguiçosa justificativa de quem quer produzir menos e ganhar mais. Agora não há como negar que isso pode variar de acordo com o nicho e o perfil de público-alvo que você atende. Mas, num geral, conteúdos maiores geram mais conversão.

Recentemente comprei o livro 'Estratégia de Conteúdo', da autora norte americana Kristina Halvorson. Em um dos capítulos ela afirmava: "Menos é mais". Mas o que é isso, uma contradição? Não, porque ela se referia à quantidade de posts em um blog, não no número de palavras. O objetivo era mostrar que muitos profissionais focam na quantidade de posts lançados, mas acabam não dando a mínima atenção à qualidade.

Depois de ler o livro, decidi mudar a estratégia de minha produção. Antes, trabalhava com cerca de 3 artigos por semana, o que tomava um tempo danado. Minha preocupação era acabar deixando minha audiência a ver navios sem um conteúdo novo.

Mas os posts eram de 500 a 1200 palavras. Foi então que tomei a decisão de trabalhar com apenas 1 artigo semanal, com 1000, 2000 ou 3000 palavras. Vi que era mais viável produzir uma menor quantidade de conteúdos no blog, mas que tivessem mais palavras. Mais uma vez ressalto, não é apenas aumentar a quantidade de subtítulos e parágrafos, de forma a "encher linguiça", mas explorar melhor os tópicos propostos. E aquela história de que na internet as pessoas não gostam de textos grandes?

Percebo uma relatividade, como já citei, dependendo do tipo de leitor e do setor de atuação. Desde que a internet e a profusão de blogs ganharam força, alimenta-se a ideia de que posts muito longos não são lidos pelos internautas, que preferem informações curtas e rápidas. Vou revelar para você agora qual minha teoria em relação a isso.

Quem deseja algo, não mede esforços para ler conteúdos longos. Afinal, ele está querendo consumir, seja comprar um produto ou absorver mais informações sobre determinado assunto. Então, seu leitor engajado se conectará facilmente ao conteúdo maior, se o mesmo for preparado com bastante carinho por você.

Mas… Existem aqueles que preferem produzir vários conteúdos menores, para haver mais páginas e, portanto, maior otimização. E isso funciona?

Sim, mas voltando a pesquisa da Hootsuite, o conteúdo fica menos propenso a alcançar pessoas e ser compartilhado por elas.

Importante ressaltar que existe um problema enfrentando por alguns blogueiros em relação aos posts longos. O texto acaba se tornando cansativo (espero que o meu não esteja sendo), pois é preciso ser muito criterioso, apresentando certo dinamismo e uma boa dose de coesão.

Caso contrário, os artigos terão centenas de palavras e dezenas de parágrafos, mas farão as pessoas desistirem nas primeiras linhas. Diante disso, tentando não ser contraditório, prefiro um post de 500 palavras com foco no assunto, do que um “long text” com 2000 que não diz coisa com coisa, ou que demora a mostrar porque foi escrito.

Já vi estratégias funcionarem com o revezamento também, ou seja, com variação entre posts longos e curtos. Algumas empresas lançam artigos menores para os visitantes, que são as pessoas no topo do funil, e artigos mais densos e longos para os que já avançaram na jornada de compra. Eu mesmo faço isso em diversos projetos. Dá certo.

Então, quantas palavras deve ter meu artigo? Bem, estou tentando ser claro aqui. Mas se você acha que rodei, rodei e ainda não disse nada, serei taxativo agora: Produza posts maiores, pois apresentam mais chances de conversão. Mas que eles sejam bons, com essência, que ajudem os consumidores com algum problema, e que não sejam apenas conglomerados de palavras.

Conteúdos maiores exigirão, obviamente, maior investimento temporal e financeiro, mas aumentará as oportunidades. Mas, se a ideia de que internautas não leem posts grandes persistir, procure trabalhar com uma divisão dinâmica dos parágrafos do artigo.

Apresentar claramente o que cada tópico trata através dos subtítulos e usar negrito, são algumas das técnicas usadas para tornar o texto escaneável.

Dessa forma, o leitor mais apressado poderá passar os olhos no corpo do conteúdo e encontrar as informações mais convenientes. Bullet points, os famosos pontinhos, e as listas numéricas também ajudam nesse sentido.

Para escrever conteúdo para web, que seja de fato eficiente, um redator precisa se preocupar em assumir a responsabilidade em ajudar leitores online, encontrar a informação ideal e produzir um formato escrito com o máximo de relevância. Entendendo e praticando isso, seu post longo será mais bem aceito pelos leitores de plantão. O tamanho do texto também influencia no SEO, sabia?

No que se refere a otimização, um texto muito curto nunca é o mais indicado. O tamanho deve ser preciso para transmitir bem a ideia, explorar os elementos mais importantes do assunto e levar informação de forma mais completa. Por isso, mesmo se atentando ao tamanho, faça um texto com profundidade, espalhando as palavras-chaves com criatividade.

Muitos profissionais, principalmente os iniciantes, acreditam que a quantidade de termos de busca dentro de um texto conquista os motores de busca, mas hoje em dia quem manda é a já citada relevância. Seu texto pode até ter milhões de palavras-chaves, mas sem elegância e coesão, seu blog não se destaca.

O fator mais importante para garantir excelentes resultados com o conteúdo não é SEO, nem a divulgação nas mídias sociais, nem uma estratégia caríssima de publicidade. Se há um elemento imprescindível para o sucesso de seu post é a autoridade. O que seria esta autoridade?

Infelizmente, não existe uma fórmula pronta.

Alguns profissionais de SEO se referem à autoridade como a otimização de um site na web, a presença no social media e a própria geração de leads. Eu, porém, penso que esses aspectos funcionarão para gerar autoridade apenas quando estiverem alinhados ao conteúdo da mensagem que sua marca transmite ao público e aos concorrentes.

Houve um tempo em que era relativamente fácil gerar autoridade com uma estratégia simples de SEO. Chegar ao topo do Google, por exemplo, era uma forma precisa de se medir a autoridade. Mas hoje em dia, a criação da autoridade para uma empresa na internet só é possível através de um conjunto de táticas que funcionam em longo prazo, focadas na qualidade do conteúdo.

Então a ideia é escrever artigos maiores que contenham SEO, mas que na verdade, ajudem ao consumidor com algo, e que sejam úteis e agradáveis.

Essa sim, é uma excelente maneira de aumentar a autoridade de sua marca.

Expor assuntos com maior desenvolvimento, tratar de temas com grande importância, enfim, se comunicar de forma pontual.

A missão do conteúdo na web é entregar informação original, útil e prática.

O artigo deve funcionar como diálogo entre empresa e cliente. Partindo desse princípio, cada post deve apresentar soluções, resolver um ou mais problemas, engajar, conectar, formar opinião, gerar autoridade. Nesse caso, “mais é mais”. Para terminar, aconselho que você lance posts maiores, para que seu conteúdo alcance mais pessoas e seja mais compartilhado nesse vasto universo chamado web.

CAPÍTULO 13

AS FUNÇÕES DA LINGUAGEM

Funções da Linguagem? O que isso tem a ver com conteúdo? E com o marketing? Preciso disso para escrever melhor? Este não é um assunto comum a ser tratado em blogs de marketing, e para saber mais sobre o tema, indico a consulta em sites e livros de português. Então por que decidi abordá-lo aqui?

As funções da linguagem nos ajudam a conduzir melhor a abordagem de uma mensagem textual. E como um bom texto para o marketing precisa ser bem planejado e redigido, aprender sobre é um grande diferencial.

Este conteúdo serve tanto para quem trabalha como redator web, tanto para quem empreende e escreve seus próprios artigos. E mesmo quem não executa a própria redação, estará mais bem preparado para planejar o conteúdo e se comunicar melhor com o profissional de produção.

Dependendo da ênfase que você queira dar ao texto, a linguagem pode assumir diferentes funções. Irei lhe apresentar as seis funções da linguagem, explorando o conceito de cada uma e dando exemplos para o esclarecimento. Estas funções na forma como conhecemos, foram bem caracterizadas na década de 1960, pelo famoso linguista russo Roman Jakobson, no célebre ensaio: “Linguística e Poética”.

#1. Função Expressiva (ou emotiva)

Esta ocorre quando a pessoa que expressa é posta em destaque. Por exemplo:“Estive pensando em como posso melhorar minha escrita para a web. Tenho procurado escrever artigos de uma forma melhor, para assim garantir mais resultados”.

Repare que a mensagem está centrada nos pensamentos da pessoa que está falando. Esses textos são pessoais, reforçados pela presença de verbos e pronomes em primeira pessoa. Os textos que colocam em destaque o estado da alma de quem escreve exemplificam a função expressiva.

Um exemplo dessa linguagem do meu blog se encontra no texto: “Lead Lovers: Atrair, Automatizar e Amar!”. Nele conto como eu conheci a ferramenta de automação e como melhorei meu trabalho ao usá-la:

“Quando iniciei no marketing digital, uma das maiores dificuldades que tive foi a de configurar uma automação e colocar em prática o e-mail marketing.

Sabia exatamente como funcionava a integração e a função do autoresponder, mas apanhei bastante para aprender a executar isso. Lia muito sobre empresas americanas, como Aweber e MailChimp, mas como não dominava bem o inglês, achava difícil entender como contratar e aplicar esses serviços em minha estratégia digital.”

#2. Função Apelativa

Na função apelativa, diferente da anterior, o leitor é posto em destaque.

Exemplos:“Não deixe assinar nossa lista Vip”. “Torne-se assinante e receba como bônus uma aula grátis completa.” “Pare de sofrer com a falta de tráfego”. “Torne-se um mestre da otimização”. Repare como as frases foram escritas com a função de convencer o leitor mediante a estímulos. Estes estímulos podem ser aplicados por apelo direto ou apelo indireto. Aqui o uso da palavra você é essencial.

Os textos de copywriting são o melhor exemplo de função apelativa na escrita.

#3. Função Referencial

O terceiro tipo de linguagem é bastante usado em textos jornalísticos. Nele o objeto ao qual se refere é posto em destaque. O objetivo é informar o leitor com o máximo de detalhes e clareza. A ênfase é dada as informações transmitidas pela mensagem:

“No Método Acelerador Digital, Pedro Quintanilha e sua equipe ensinam como criar um negócio digital. A proposta é levar o aluno da ideia a execução em 4 passos: Mentalidade, Planejamento, Validação e Vendas. O conteúdo do programa abrange alinhar trabalho e paixão, desenvolver um negócio digital e como fazer a diferença no mundo”

Repare que em todo o trecho o Método foi posto em destaque. Pedro e a equipe ficaram em segundo plano, sendo o próprio conteúdo e as informações passadas no texto, o que se destaca.

#4. Função Metalinguística

Na função metalinguística, o próprio código ocupa o lugar de destaque no texto. Nos textos verbais, o código é a língua. Esta função, por exemplo, está presente dos dicionários onde a língua é usada para explicar a própria língua. “A metalinguagem não tem o objetivo de significar por si, mas sim tem o objetivo de dizer o que o outro significa”.

Outro exemplo mais amplo, é o que faço aqui neste blog. Eu utilizo o próprio conteúdo para explicar como se produz conteúdo. Para que fique bem consolidado, esta função pode ser usada num poema que reflete a criação poética, num filme que tematiza o cinema, etc.

#5. Função Fática

Temos a função fática em textos em que o canal é posto em destaque.

Quando não há a intenção de transmitir algo novo, mas apenas testar o canal (um aceno de mão, com a cabeça, com os olhos). Alguns exemplos típicos nos trazem a compreensão: “Alô” ou “Pronto”, quando se atende o telefone; “Oi”, “Bom dia”, “Boa Tarde”, as primeiras palavras do dia ou de um diálogo específico; entre outros exemplos.

#6. Função Poética

A última função da linguagem acontece quando a própria mensagem foi posta em destaque. O texto que se preocupa mais em como dizer do que com o que dizer. O redator que procura fugir das formas habituais de escrita para web, buscando deixar o conteúdo mais bonito, fugir da lógica, surpreender ou provocar um efeito humorístico, está praticando a função poética.

Embora seja entendida como elemento exclusivo da obra literária, a função poética não é exclusiva da poesia nem da literatura, pois pode ser aplicada até mesmo em expressões cotidianas de valor metafórico, bem como textos de marketing e publicidade.

Aprenda - Sobre a cobrança de serviços

No ano de 1924, um artista inglês chamado William Wolcott decidiu viajar para Nova York para registrar algumas coisas sobre a beleza da cidade.

Em certa manhã, enquanto visitava o escritório de um colega, sentiu um desejo forte de esboçar alguma coisa.

Avistando alguns papéis sobre a mesa perguntou: “posso usar estas folhas?” O colega respondeu: “estes papeis são para rascunho, apenas folhas de embrulho comuns”.

Sem querer perder tempo, e pronto para aproveitar seu surto inspirador, o artista pegou os papéis de embrulho e expressou: “Nada é comum se você souber como usar”.

Naquelas folhas de rascunho, Wolcott fez dois esboços. Mais tarde, no mesmo dia, um desses rabiscos foi vendido por quinhentos e outro por mil dólares, quantias realmente altas para a época.

Capítulo Extra: O lado escuro é mais lucrativo de ser web writer

Antes de me tornar web writer, minhas maiores experiências com a escrita foram através de livros independentes que lancei, e com inúmeros artigos que eu escrevi como colaborador de revistas e jornais. Nesses trabalhos poucos expressivos, o que mais me proporcionou felicidade, foi a oportunidade de fazer as pessoas associarem meu nome à mensagem escrita. Dessa forma, meu trabalho como autor ganhou visibilidade e minha carreira cresceu consideravelmente.

No entanto, quando migrei para a web, percebi que trabalhar como web writer é embarcar em uma jornada anônima, onde quem ganha o status pelo texto escrito é a empresa ou o empreendedor que contrata os serviços de redação. Faz parte do processo. Entendo então que preciso abrir mão do ego para fazer com que meu trabalho como redator seja reconhecido.

Durante um tempo, aproveitei tal coisa para elevar ainda mais meu ofício e agregar valor à oferta dos meus serviços.

Isso aconteceu principalmente quando identifiquei uma lacuna no mercado de conteúdo, e percebi que muitas empresas e empreendedores tinham dificuldade com a escrita. Percebi que o “lado escuro” de ser web writer é mesmo o mais lucrativo. Mas o que quero dizer com "lado escuro"? E por que é mais lucrativo?

"Todo web writer precisa ser fantasma".

Você deve saber o que é um Ghost Writer, o profissional que escreve uma obra ou texto, mas que não recebe os créditos de autoria. Todo reconhecimento fica com quem o contrata ou compra o trabalho. A profissão é popular na área editorial, na política, na literatura e em outras formas de arte. Com a explosão do marketing de conteúdo, e com a grande profusão de blogs, esse tipo de trabalho passou a ser praticado também no setor digital.

O termo “lado escuro” foi usado por Ann Handley e C.C Chapman no livro “Regras de Conteúdo”. Nele, os autores reservaram um tópico para falar dos profissionais de escrita que podem torcer o nariz para o fato de não receberem os créditos do que escrevem. Numa primeira impressão, isso parece ter que “se vender”, abrir mão da personalidade, marginalizar o talento, arruinar a carreira, etc. Mas, com um pouco de bom senso e observação, percebemos que isso é, na verdade, uma forma relevante de trabalhar com conteúdo.

Pense em quantas empresas estão desejando se destacar no mercado, mas que não podem contratar efetivamente alguém que escreve? Terceirizar isso com alguém é a melhor opção que elas podem encontrar. Quantos profissionais liberais desejam levar suas mensagens e viver de suas vocações, mas não conseguem se comunicar com os clientes em potencial?

Se lhes falta habilidade com a escrita, você pode vender para eles.

O mercado digital está cheio de empreendedores que não conseguem formar ao menos um parágrafo. São uma espécie de

“Seu Creisson” do marketing. Eles precisam de bons redatores para conseguirem vender seus serviços.

Ficou claro para você? Você ganhará mais dinheiro no lado escuro. Só estou dizendo. Fiz minha carreira de web writer decolar dessa forma. No começo, a produção para agências de conteúdo formavam o carro-chefe do meu negócio de redação. Mas, quando entendi que eu poderia usar o “anonimato” para ganhar mais dinheiro como web writer, identifiquei um nicho poderoso: o empreendedorismo digital.

Comecei a produzir conteúdo no meu blog para atrair o público que compunha o mercado. Com o tempo, os empreendedores, principalmente infoprodutores e afiliados, começaram a me procurar. Com os primeiros serviços garantidos, passei a pedir aos clientes que me indicassem para outros. Então, mais e mais contratos foram sendo fechados.

Abrindo aqui, comecei nos “pequenos” do mercado até que cheguei aos “grandes”. Alguns especialistas com popularidade entraram para meu grupo de clientes, e então pude valorizar ainda mais o preço da minha redação e me dar o luxo de escolher os trabalhos que queria pegar. Além do mais, consegui escalar minha produção, terceirizando trabalhos com outros redatores. Eu fechava os serviços, pagava os redatores para produzirem as tarefas e cuidava de revisar e entregar ao cliente final.

Possivelmente você já tenha lido algum conteúdo escrito por mim em algum blog de marketing digital. Eles foram produzidos no “lado escuro” e eu não fico nenhum pouco triste deles não terem sido assinado por mim.

O que quero que você entenda é que o setor de produção de conteúdo é bastante abrangente, e para se destacar nele, você, web writer precisa ter a mente aberta para ser requisitado. Não há problema algum em atuar anonimamente, e na verdade, essa é até uma forma bastante inteligente de trabalhar como redator.

Claro que se você quiser trabalhar sua marca, assinar textos publicados na web e ser reconhecido por sua escrita, existem algumas possibilidades. Um blog próprio ou uma boa estratégia de guest posting, por exemplo, são excelentes caminhos para se conseguir isso. Você também pode passear pelos "dois mundos" e assegurar bons resultados com ou sem sua assinatura. O importante é que você esteja satisfeito com sua profissão e consiga viver bem de conteúdo!

CONTEÚDO BÔNUS

CONSELHOS DO PAI DA PUBLICIDADE PARA SER UM REDATOR ALTAMENTE CRIATIVO

“Boa escrita não é um dom natural. Você precisa aprender a escrever bem”

Quais são suas maiores influências no ramo da escrita? David Ogilvy é uma das minhas. Talvez a principal. Trata-se de um dos profissionais mais influentes de todos os tempos. Segundo Washington Olivetto: “David Ogilvy conseguiu atingir um alto grau criativo e se destacou como um homem de negócios agressivo, sem perder a elegância e a ética”. Irei compartilhar agora conselhos fantásticos de Ogilvy para você se tornar um redator acima da média e gerar resultados com a escrita para a web.

#1. “Escreva da maneira como você fala. Naturalmente”.

#2. “Use palavras curtas, sentenças curtas e parágrafos curtos”.

#3. “Nunca use jargões. Eles são características de um burro pretensioso”.

#4. “Nunca escreva mais de duas páginas sobre qualquer assunto (falando sobre impressos)”.

#5. “Nunca envie um texto para o cliente no mesmo dia. Leia em voz alta na manhã seguinte ao dia da produção e edite-o”.

#6. “Se é um trabalho bastante importante, peça para um colega ler, analisar e melhorá-lo”.

#7. “Antes de enviar seu texto, verifique se ele é cristalino e se mostra com clareza o que o alvo precisa fazer”.

#8. “Estude o produto antes de criar a campanha”

#9. “Editores de revistas são melhores comunicadores que os publicitários. Copie suas técnicas.”

#10. “O que você diz é mais importante do que como você o diz.”

David é amplamente aclamado como “o pai da propaganda moderna”. Em 1962, a Revista Time o chamou de “o mago mais procurado na indústria de publicidade”. Se tivesse trabalhado na era da internet, com certeza teria conquistando grandes resultados em vendas e conversões. Pratique estas dicas e eleve o nível de seu trabalho!

ÚLTIMA CONSIDERAÇÃO (NÃO DEFINITIVA)

O marketing digital é um segmento econômico sustentado por ideias, o setor onde mais se cria conteúdo. Vivemos na era da informação onde redatores e outros produtores ajudam a criar todo esse conceito. Não há outra definição: estrategistas e produtores de conteúdo são os artistas por trás de muitas marcas, empreendedores e blogs. São, sem dúvidas, agentes impulsionadores dessa era.

Quantos conteúdos produzidos por um redator não estão sendo encontrados no Google nesse exato momento? Quantas empresas não estão fazendo negócio através do conteúdo? Quantas pessoas não estão obtendo informações sobre produtos e serviços que podem mudar suas vidas? Você pode encarar seu trabalho como web writer como apenas redação. Mas isso é pouco se você perceber-se caminhando por um terreno perfeito, onde pode ajudar empresas pessoas, vender “sua arte” e obter resultados com seu talento.

Não poderia fechar antes de compartilhar mais um trecho inspirador:

> "Você pode encarar o ato de escrever como nervosismo, animação, esperança ou até desespero – aquele sentimento de que nunca será possível pôr em prática tudo o que está em seu coração e em sua mente. Você pode até ficar com os punhos cerrados e os olhos apertados, pronto para quebrar tudo e dar nome aos bois.
>
> Pode até ser que você queira uma garota se case com você, ou deseje mudar o mundo. Encare a escrita como quiser, menos levianamente. Deixe-me repetir: Não encare a página em branco de maneira leviana.
>
> Não estou pedindo que você comece com reverência ou

> sem questionamentos. Não estou pedindo que você seja politicamente correto ou deixe de lado seu senso de humor (Deus queira que você tenha um).
>
> Isso não é um concurso de popularidade, nem os Jogos Olímpicos da moral, nem a igreja. Mas é a escrita, cacete, não é lavar o carro ou passar delineador. Se você levá-la a sério, podemos conversar. Se você não puder é hora de ir fazer outra coisa.
>
> Lavar o carro, talvez.
>
> Stephen King

AGORA, MÃOS À OBRA!

Parabéns, pois você chegou ao fim deste livro. Agora você já conhece quais são os princípios do que eu chamo de “A arte de Escrever para a Web”.

Como evangelizador deste ofício, meu conselho é que você vá além e descubra novas formas de aperfeiçoar seu trabalho como profissional de conteúdo.

Aprofunde-se, assuma posição, seja firme em criar e defender valores. Faça parte ativamente da crescente comunidade de marketing de conteúdo.

Converse, troque ideias, e, claro, escreva. Existe uma boa quantidade de profissionais e empresas que precisam de alguém escrevendo para elas.

Seja esse alguém!

SOBRE O AUTOR

Paulo Maccedo é CCO (Chief Content Officer) da Mentalidade Empreendedora, uma das principais empresas de educação empreendedora e marketing digital do Brasil, que impacta cerca de 100 mil pessoas por mês com seus conteúdos.

Trabalha com comunicação, vendas e empreendedorismo desde 2011.

Entende que as duas áreas, marketing e vendas é uma dupla inseparável.

Procura manter isso em mente quando está desenvolvendo estratégias e produzindo conteúdo para empresas que atuam no ambiente digital.

Gosta de criar, planejar e executar. E, claro, gerar resultados. Quando não está planejando e produzindo conteúdo, está viajando com o time da Mentalidade Empreendedora organizando eventos de empreendedorismo e ajudando pessoas a criar e acelerar negócios.

“Não importa o que eu faça, eu faço conteúdo!”

PORTUGUÊS

Problemas da língua culta

À-toa / À toa

Prof.ª Isabel Vega

À-toa / À toa

I) À toa:

a) locução adjetiva, com sentido de “sem importância” ou “simples” ou “desprezível”.

Ex.1: João disse que sentia uma dorzinha **à toa**.
Ex.2: Maria propôs uma alteração **à toa** no documento.
Ex.3: João era um sujeitinho **à toa**.

b) locução adverbial de modo, com sentido de “ao acaso”.

Ex.1: Depois da discussão, Maria caminhou **à toa** por aí.
Ex.2: Não é **à toa** que ela não gosta de você.

II) À-toa → não existe registro dessa locução com hífen.

PORTUGUÊS

Problemas da língua culta

Dia a dia / Dia-a-dia

Prof.ª Isabel Vega

Dia a dia / Dia-a-dia

I) Dia a dia:

a) locução substantiva, equivale a “cotidiano” ou “rotina”.

Ex.1: Nosso **dia a dia** é muito cansativo.
Ex.2: A sensibilidade diminui por causa do **dia a dia**.

b) locução adverbial, equivale a “a cada dia”.

Ex.: A violência cresce **dia a dia**.

II) Dia-a-dia → era a forma anterior ao Acordo Ortográfico de 1990. Seu uso passa a ser considerado anacrônico ou desvio de padrão.

A COESÃO TEXTUAL

Ingedore Villaça Koch

editoracontexto

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.org*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

A COESÃO TEXTUAL

A COESÃO TEXTUAL

INGEDORE GRUNFELD
VILLAÇA KOCH

editoracontexto

Copyright © 1989 Ingedore Grunfeld Villaça Koch
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Contexto (Editora Pinsky Ltda.)

Coordenador
Ataliba Teixeira de Castilho
Revisão
Edison Luís dos Santos
Capa
Antonio Kehl

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Koch, Ingedore Grunfeld Villaça
A coesão textual / Ingedore G. Villaça Koch – 22. ed. – São Paulo : Contexto, 2010.

Bibliografia.
eISBN 8585134461

1. Linguística 2. Textos I. Título II. Série

89-0573 CDD-415

Índices para catálogo sistemático:
1. Linguística textual 415
2. Texto : Linguística 415

EDITORA CONTEXTO
Diretor editorial: *Jaime Pinsky*

Rua Dr. José Elias, 520 – Alto da Lapa
05083-030 – São Paulo – SP
PABX: (11) 3832 5838
contexto@editoracontexto.com.br
www.editoracontexto.com.br

2010

Proibida a reprodução total ou parcial.
Os infratores serão processados na forma da lei.

CÓPIA NÃO AUTORIZADA É CRIME
ABDR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
RESPEITE O DIREITO AUTORAL

SUMÁRIO

O que é a Linguística Textual

Coesão Textual: Conceito e Mecanismos

A Coesão Referencial

A Coesão Sequencial

Referências Bibliográficas

A Autora

O QUE É A LINGUÍSTICA TEXTUAL

O estudo da coesão textual tem sido predominantemente desenvolvido dentro do ramo da Linguística a que se denomina Linguística do Texto. Cabe, assim, inicialmente, dizer algumas palavras sobre esta corrente da Linguística moderna.

Surgida na década de 1960, na Europa, onde ganhou projeção a partir dos anos 1970, a Linguística Textual teve inicialmente por preocupação descrever os fenômenos sintático-semânticos ocorrentes entre enunciados ou sequências de enunciados, alguns deles, inclusive, semelhantes aos que já haviam sido estudados no nível da frase. Este é o momento a que se denomina "análise transfrástica", no qual não se faz, ainda, distinção nítida entre fenômenos ligados uns à coesão, outros à coerência do texto.

Na década de 1970, muitos estudiosos encontram-se ainda bastante presos ou à gramática estrutural, ou – principalmente – à gramática gerativa, o que explica o seu interesse na construção de "gramáticas de texto". A partir da descrição de fenômenos linguísticos inexplicáveis pelas gramáticas de frase – já que um texto não é simplesmente uma sequência de frases isoladas, mas uma unidade linguística com propriedades estruturais específicas –, tais gramáticas têm por objetivo apresentar os princípios de constituição do texto em dada língua.

É somente a partir de 1980, contudo, que ganham corpo as Teorias do Texto – no plural, já que, embora fundamentadas em pressupostos básicos comuns, chegam a diferir bastante umas das outras, conforme o enfoque predominante. Assim, em razão da amplitude do campo e da fluidez de limites entre as várias tendências, a Linguística Textual, tal como vem sendo entendida atualmente, apresenta diversas vertentes. Entre os principais representantes de cada uma delas, poder-se-iam citar:

Beaugran & Dressler – que se vêm dedicando ao estudo dos principais critérios ou padrões de textualidade e do processamento cognitivo do texto. Apontam como critérios de textualidade a coesão e a coerência (centrados no texto), e a informatividade, a situacionalidade, a intertextualidade, a intencionalidade e a aceitabilidade (centrados nos usuários). Adotam, entre outros pressupostos, os da semântica procedural, dando realce, no estudo da coerência e do processamento do texto, não só ao conhecimento declarativo (dado pelo conteúdo proposicional dos enunciados), mas também ao conhecimento construído através da vivência, condicionado socioculturalmente, que é armazenado na memória, sob a forma de modelos cognitivos globais ("frames", esquemas, "scripts", planos). Neste sentido, estes autores aproximam-se da linha americana da análise do discurso.

Gívón e outros estudiosos filados à linha americana da Análise do Discurso – preocupados, de um lado, com as formas de construção linguística do texto enquanto sequência de frases, de outro lado com a questão do processamento cognitivo do texto (isto é, com os processos de produção e compreensão) e, consequentemente, com o estudo dos mecanismos e modelos cognitivos envolvidos nesse processamento. Para tanto, buscam subsídios em pesquisas nas áreas da Psicologia da Cognição e da Inteligência Artificial.

Weinrich – cujos trabalhos objetivam a construção de uma macrossintaxe do discurso, com base no tratamento textual de categorias gramaticais como os artigos, os verbos etc. Postula como método heurístico o da "partitura textual", que consiste em unir a análise frasal por tipo de palavras e a estrutura sintática do texto num só modelo, tal como uma "partitura musical a duas vozes". Para Weinrich, o texto é uma sequência linear de lexemas e morfemas que se condicionam reciprocamente e que, de modo recíproco, constituem o contexto: texto é, pois, "um andaime de determinações onde tudo se encontra interligado", uma "estrutura determinativa". Para ele, toda Linguística é, necessariamente, Linguística de Texto.

Van Dijk – cujo trabalho se tem voltado, particularmente, ao estudo das macroestruturas textuais e, em virtude disto, à produção de resumos; e ao das superestruturas ou esquemas textuais e, portanto, à questão da tipologia dos textos. Tendo dedicado, inicialmente, maior atenção às superestruturas narrativas, passou, mais tarde, a examinar outros tipos de superestruturas, especialmente as do noticiário jornalístico. Desde 1985, vem atuando na perspectiva da Análise Crítica do Discurso (*Critical Discourse Analysis*).

Petöfi – empenhado, a princípio, na construção de uma teoria semiótica dos textos verbais a que denominou TeSWeST (Teoria da Estrutura do Texto – Estrutura do Mundo), visando ao relacionamento entre a estrutura de um texto e a interpretação extensional(em termos de mundos possíveis) do mundo (ou do complexo de mundos) que é textualizado em um texto, implicando, assim, elementos con-textuais (externos ao texto) e co-textuais (internos ao texto). Como decorrência, os interesses desse autor e de seu grupo voltam-se hoje, em grande parte, à questão da compreensão/produção de textos.

Schmidt – para quem o texto é "qualquer expressão de um conjunto linguístico num ato de comunicação – no âmbito de um 'jogo de atuação comunicativa' – tematicamente orientado e preenchendo uma função comunicativa reconhecível, ou seja, realizando um potencial ilocucionário reconhecível". Segundo ele, textualidade é o modo de toda e qualquer comunicação transmitida por sinais, inclusive os linguísticos. Daí preferir a denominação Teoria de Texto a Linguística de Texto.

É preciso lembrar, também, os linguistas franceses como Charolles, Combettes, Vigner, Adam e outros que se dedicam aos problemas de ordem textual e à operacionalização dos construtos teóricos para o ensino de línguas.

Tentando detectar os pontos comuns às diversas correntes, Mareuschi (1983: 12,13) apresenta uma definição provisória de Linguística Textual:

> Proponho que se veja a Linguística do Texto, mesmo que provisória e genericamente, como o *estudo das operações linguísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos ou orais*. Seu tema abrange a *coesão superficial* ao nível dos constituintes linguísticos, a *coerência conceitual* ao nível semântico e cognitivo e o sistema de pressuposições e implicações a nível pragmático da produção do sentido no plano das ações e intenções. Em suma, a Linguística Textual trata o texto como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas. Por um lado deve preservar a *organização linear* que é o tratamento estritamente linguístico abordado no aspecto da coesão e, por outro, deve considerar a *organização reticulada* ou tentacular, não linear portanto, dos níveis de sentido e intenções que realizam a coerência no aspecto semântico e funções pragmáticas.

A Linguística Textual toma, pois, como objeto particular de investigação não mais a palavra ou a frase isolada, mas o texto, considerado a unidade básica de manifestação da linguagem, visto que o homem se comunica por meio de textos e que existem diversos fenômenos linguísticos que só podem ser explicados no interior do texto. O texto é muito mais que a simples soma das frases (e palavras) que o compõem: a diferença entre frase e texto não é meramente de ordem quantitativa; é, sim, de ordem qualitativa.

Assim, passou-se a pesquisar o que faz com que um texto seja um texto, isto é, quais os elementos ou fatores responsáveis pela textualidade. Conforme se disse anteriormente, Beaugrande & Dressler (1981) apresentam um elenco de tais fatores, em número de sete: coesão, coerência, informatividade, situacionalidade, intertextualidade, intencionalidade e aceitabilidade. Este livro será dedicado ao estudo de um desses fatores: *a coesão textual*.

COESÃO TEXTUAL:
CONCEITO E MECANISMOS

Texto 1 – Os urubus e sabiás

(1) *Tudo* aconteceu numa terra distante, no tempo em que os bichos falavam... (2) Os urubus, aves por natureza becadas, ***mas*** sem grandes dotes para o canto, decidiram que, ***mesmo*** contra a natureza, *eles* haveriam de se tornar grandes cantores. (3) E ***para*** isto fundaram escolas e importaram professores, gargarejaram dó-ré-mi-fá, mandaram imprimir diplomas, e fizeram competições entre si, ***para*** ver *quais deles* seriam os mais importantes e teriam a permissão de mandar nos *outros*. (4) ***Foi assim que*** *eles* organizaram concursos e se deram nomes pomposos, e o sonho de cada urubuzinho, instrutor em início de carreira, era se tornar um respeitável urubu titular, a quem todos chamavam por Vossa Excelência. (5) *Tudo* ia muito bem ***até que*** a doce tranquilidade da hierarquia dos urubus foi estremecida. (6) A floresta foi invadida por bandos de pintassilgos tagarelas, que brincavam com os canários e faziam serenatas com os sabiás... (7) *Os velhos urubus* entortaram o bico, o rancor encrespou a testa, ***e*** *eles* convocaram pintassilgos, sabiás e canários para um inquérito.(8) “– Onde estão os documentos dos *seus* concursos?” (9) ***E*** *as pobres aves* se olharam perplexas, ***porque*** *nunca haviam imaginado que tais coisas* houvessem. (10) Não haviam passado por escolas de canto, ***porque*** o canto nascera com *elas*.(11) E nunca apresentaram um diploma ***para*** provar que sabiam cantar, ***mas*** cantavam, simplesmente... “(12) – Não, *assim* não pode ser. Cantar sem a titulação devida é um desrespeito à ordem.” (13) E *os urubus*, em uníssono, expulsaram da floresta *os passarinhos* que cantavam sem alvarás... (14) MORAL: Em terra de urubus diplomados não se ouve canto de sabiá.

(Rubem Alves, *Estórias de Quem Gosta de Ensinar*.
São Paulo: Cortez Editora, 1984, p. 61-62)

CONCEITO

Pode-se comprovar, observando o texto acima, que um texto não é apenas uma soma ou sequência de frases isoladas. Veja-se o início: “*Tudo* aconteceu...”. Que “tudo” é esse? Que foi que aconteceu numa terra distante, no tempo em que os bichos falavam? Em (3), temos o termo *isto*: “E para *isto* fundaram escolas...”. *Isto* o quê? De que se está falando? Ainda em (3), qual é o sujeito dos verbos *fundaram*, *importaram*, *gargarejaram*, *mandaram*, *fizeram*? É o mesmo de *teriam*? Fala-se em *quais deles*: *deles* quem? E quem são os *outros*? Qual é o referente de *eles* em (4)? Em (5), tem-se novamente a palavra *tudo*: “Tudo ia muito bem... Será que esta segunda ocorrência do termo tem o mesmo sentido da primeira? Em (7), a quem se refere o pronome *eles*? E *seus*, em (8)? Quais são *as pobres aves* de que se fala em (9)? E as *tais coisas*? *Elas*, em (10), refere-se a *pobres aves* ou a *tais coisas*? De que *passarinhos* se fala em (13)?

Se tais perguntas podem ser facilmente respondidas pelos eventuais leitores, é porque os termos em questão são elementos da língua que têm por função precípua estabelecer relações textuais: são **recursos de coesão textual**.

Assim, *tudo*, em (1), remete a toda a sequência do texto, sendo, pois, um elemento **catafórico**. Por seu turno, *isto*, em (3),remete para o enunciado anterior; é, portanto, **anafórico**, do mesmo modo que *tudo*, em (5). *Deles*, em (3), remete a *urubus*, de (2); são também *os urubus* o sujeito (elíptico) da sequência de verbos em (3), mas não de *teriam*, cujo sujeito será um subconjunto do conjunto dos urubus, que exclui o subconjunto complementar formado por *outros*; e, em (4), *eles* pode remeter a *urubus*, de (2), ou ao primeiro subconjunto citado anteriormente. Em (7), *eles* retoma *os velhos urubus* que, por sua vez, retoma os *urubus* citados anteriormente. *Seus*, em (8), remete a *pintassilgos, sabiás e canários*. *Tais coisas* refere-se aos documentos de que se fala em (8). *Os passarinhos*, em (13), remete a *elas* de (10), que, por seu turno, remete a *pobres aves*, de (9) e esta expressão a *pintassilgos, sabiás e canários* de (7) que retoma (6).

Note-se, agora, que há outro grupo de mecanismos cuja função é assinalar determinadas relações de sentido entre enunciados ou partes de enunciados, como, por exemplo: **oposição** ou **contraste** (*mas*, em (2) e (11)); *mesmo*, em (2); **finalidade** ou **meta** (*para*, em (3) e (11)); **consequência** (*foi assim que*, em (4); *e*, em (7); **localização temporal** (*até que*, em (5)); **explicação** ou **justificativa** (*porque*, em (9) e (10)); **adição de argumentos** ou **ideias** (*e*, em (11)).

É por meio de mecanismos como estes que se vai tecendo o "tecido" (tessitura) do texto. A este fenômeno é que se denomina **coesão textual**.

Em obra que se tornou clássica sobre o assunto, Halliday & Hasan (1976) apresentam o conceito de coesão textual, como um conceito semântico que se refere às relações de sentido existentes no interior do texto e que o definem como um texto.

Segundo eles, "a coesão ocorre quando a interpretação de algum elemento no discurso é dependente da de outro. Um *pressupõe* o outro, no sentido de que não pode ser efetivamente decodificado a não ser por recurso ao outro". (p.4)

Consideram a coesão como parte do sistema de uma língua: embora se trate de uma relação semântica, ela é realizada – como ocorre com todos os componentes do sistema semântico – através do sistema léxico-gramatical. Há, portanto, formas de coesão realizadas através da gramática e outras, através do léxico.

Para esses autores, a coesão é, pois, uma relação semântica entre um elemento do texto e algum outro elemento crucial para a sua interpretação. A coesão, por estabelecer *relações de sentido*, diz respeito ao conjunto de recursos semânticos por meio dos quais uma sentença se liga com a que veio antes, aos recursos semânticos mobilizados com o propósito de criar textos. A cada ocorrência de um recurso coesivo no texto, denominam "laço", "elo coesivo".

Halliday & Hasan citam como principais fatores de coesão a *referência*, a *substituição*, a *elipse*, a *conjunção*, e a *coesão lexical*, que serão tratados mais adiante. Seu trabalho tem servido de base para um grande número de pesquisas sobre o assunto.

Para Beaugrande & Dressler (1981), a coesão concerne ao modo como os componentes da superfície textual – isto é, as palavras e frases que compõem um texto – encontram-se conectadas entre si numa sequência linear, por meio de dependências de ordem gramatical.

Marcuschi (1983) define os fatores de coesão como "aqueles que dão conta da estruturação da sequência superficial do texto", afirmando que não se trata de princípios meramente sintáticos, mas de "uma espécie de semântica da sintaxe textual", isto é, dos mecanismos formais de uma língua que permitem estabelecer, entre os elementos linguísticos do texto, relações de sentido. Em discordância com Halliday & Hasan, para quem a coesão é uma condição necessária, embora não suficiente para a criação do texto, Marcuschi compartilha a opinião daqueles para os quais não se trata de condição necessária, nem suficiente: existem textos destituídos de recursos coesivos, mas em que “a continuidade se dá ao nível do sentido e não ao nível das relações entre os constituintes linguísticos”. Por outro lado, há textos em que ocorre “um sequenciamento coesivo de fatos isolados que permanecem isolados, e com isto não têm condições de formar uma textura”.

Tais afirmações levam à distinção entre *coesão e coerência*: embora muitos autores tenham desconsiderado esta distinção, hoje em dia já se tornou praticamente um consenso que se trata de noções diferentes.

Para Beaugrande & Dressler, “a coerência diz respeito ao modo como os componentes do universo textual, ou seja, *os conceitos e relações subjacentes ao texto de superfície* são mutuamente acessíveis e relevantes entre si, entrando numa configuração veiculadora de sentidos”.

A coerência, responsável pela continuidade dos sentidos no texto, não se apresenta, pois, como mero traço dos textos, mas como o resultado de uma complexa rede de fatores de ordem linguística, cognitiva e interacional. Assim, diz Marcuschi, “a simples justaposição de eventos e situações em um texto pode ativar operações que recobrem ou criam relações de coerência”.

Parece fora de dúvida que pode haver textos destituídos de elementos de coesão, mas cuja textualidade se dá no nível da coerência, como em:

> Olhar fito no horizonte. Apenas o mar imenso. Nenhum sinal de vida humana. Tentativa desesperada de recordar alguma coisa. Nada.

Por outro lado, podem ocorrer sequenciamentos coesivos de enunciados que, porém, não chegam a constituir textos, por faltar-lhes a coerência. É o caso de:

> O dia está bonito, pois ontem encontrei seu irmão no cinema. Não gosto de ir ao cinema. Lá passam muitos filmes divertidos.

Se é verdade que a coesão não constitui condição necessária nem suficiente para que um texto seja um texto, não é menos verdade, também, que o uso de elementos coesivos dá ao texto maior legibilidade, explicitando os tipos de relações estabelecidas entre os elementos linguísticos que o compõem. Assim, em muitos tipos de textos – científicos, didáticos, expositivos, opinativos, por exemplo – a coesão é altamente desejável, como mecanismo de manifestação superficial da coerência.

Concluindo, pode-se afirmar que o conceito de coesão textual diz respeito a todos os processos de sequencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual.

MECANISMOS

Como se disse anteriormente, Halliday & Hasan (1976) distinguem cinco mecanismos de coesão:

- referência (pessoal, demonstrativa, comparativa);
- substituição (nominal, verbal, frasal);
- elipse (nominal, verbal, frasal);
- conjunção (aditiva, adversativa, causal, temporal, continuativa);
- coesão lexical (repetição, sinonímia, hiperonímia, uso de nomes genéricos, colocação).

São elementos de *referência* os itens da língua que não podem ser interpretados semanticamente por si mesmos, mas remetem a outros itens do discurso necessários à sua interpretação. Aos primeiros denominam *pressuponentes* e aos últimos, *pressupostos*. Para os autores, a referência pode ser situacional (exofórica) e textual (endofórica).

A referência é exofórica quando a remissão é feita a algum elemento da situação comunicativa, isto é, quando o referente está fora do texto; e é endofórica, quando o referente se acha expresso no próprio texto. Neste caso, se o referente precede o item coesivo, tem-se a anáfora; se vem após ele, tem-se a catáfora. Observe-se o quadro:

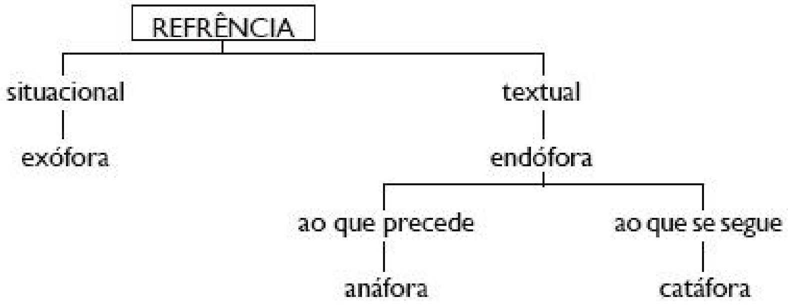

A referência *pessoal* é feita por meio de pronomes pessoais e possessivos; a *demonstrativa* é realizada por meio de pronomes demonstrativos e advérbios indicativos de lugar; e a *comparativa* é efetuada por via indireta, por meio de identidades e similaridades. Vejam-se alguns exemplos:

1. *Você* não se arrependerá de ter lido este anúncio. (exófora)
2. Paulo e José são excelentes advogados. Eles se formaram na Academia do Largo de São Francisco. (Referência pessoal anafórica)
3. Realizara todos os seus sonhos,menos *este*:o de entrar para a Academia. (Referência demonstrativa catafórica)
4.

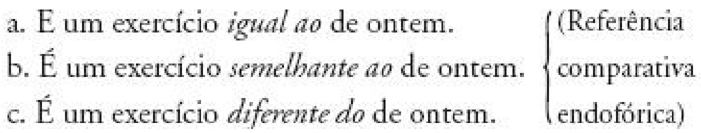

a. E um exercício *igual ao* de ontem.
b. É um exercício *semelhante ao* de ontem.
c. É um exercício *diferente do* de ontem.

(Referência comparativa endofórica)

5. Por que você está decepcionada? Esperava algo de *diferente*? (Referência comparativa exofórica)

A *substituição* consiste, para Halliday & Hasan, na colocação de um item em lugar de outro(s) elemento(s) do texto, ou até mesmo, de uma oração inteira. Seria uma relação interna ao texto, em que uma espécie de “coringa” é usado em lugar da repetição de um item particular. Exemplos:

6. Pedro comprou um carro novo e José *também*.
7. O professor acha que os alunos não estão preparados, mas eu não penso *assim*.
S. O padre ajoelhou-se. Todos *fizeram o mesmo*.
9. Minha prima comprou um Gurgel. Eu também estou querendo *um*.

Segundo esses autores, a principal diferença entre substituição e referência é que, nesta, há total identidade referencial entre o item de referência e o item pressuposto, ao passo que na substituição ocorre sempre alguma redefinição. A substituição seria usada precisamente quando a referência não é idêntica ou quando há, pelo menos, uma especificação nova a ser acrescentada, o que requer um mecanismo que seja não semântico, mas essencialmente gramatical. Esse processo de redefinição tem o efeito de “repudiar”, do item pressuposto, tudo o que não seja transportado na relação de pressuposição: a nova definição é contrastiva com relação à original. Um exemplo do caráter contrastivo da substituição seria:

10. Pedro comprou uma camisa vermelha, mas Jorge preferiu *uma* verde.

Do sintagma nominal (SN) *uma camisa vermelha*, o modificador *vermelha* é “repudiado”, acrescentando-se, em seu lugar, o modificador *verde*, o que implica uma redefinição do referente.

A *elipse* seria, então, uma substituição por zero: omite-se um item lexical, um sintagma, uma oração ou todo um enunciado, facilmente recuperáveis pelo contexto. Exemplo:

11. Paulo vai conosco ao leilão?
    Ø Vai Ø

A *conjunção* (ou conexão) permite estabelecer relações significativas específicas entre elementos ou orações do texto. Tais relações são assinaladas explicitamente por mercadores formais que correlacionam o que está para ser dito àquilo que já foi dito. Trata-se dos diversos tipos de conectores e partículas de ligação como *e*, *mas*, *depois*, *assim* etc. Halliday & Hasan apresentam, como principais tipos de conjunção, a *aditiva*, a *adversativa*, a *causal*, a *temporal* e a *continuativa*. Um mesmo tipo de relação pode ser expresso por uma série de estruturas semanticamente equivalentes, como em:

12. a. Uma grande paz seguiu-se ao violento tumulto.
    b. Após o violento tumulto, houve uma grande paz.
    c. Houve um violento tumulto: $\left\{\begin{array}{l}\text{Depois}\\ \text{Logo após}\end{array}\right\}$, seguiu-se uma grande paz.
    d. Depois que terminou o violento tumulto, houve uma grande paz.
    e. Houve uma grande paz, depois de haver terminado o violento tumulto.

A *coesão lexical* é obtida por meio de dois mecanismos: a *reiteração* e a *colocação*. A reiteração se faz por repetição do *mesmo item lexical* ou através de *sinônimos*, *hiperônimos*, *nomes genéricos*, como se pode ver nos exemplos a seguir:

13. O *presidente* viajou para o exterior. O *presidente* levou consigo uma grande comitiva. (Mesmo item lexical)
14. *Uma menininha* correu ao meu encontro. A garota parecia assustada. (Sinônimo)
15. *O avião* ia levantar vôo. *O aparelho* fazia um ruído ensurdecedor. (Hiperônimo: *aparelho designa o gênero de que avião* é espécie).
16. Todos ouviram um rumor de asas. Olharam para o alto e viram a *coisa* se aproximando. (Nome genérico: coisa, pessoa, fato, acontecimento etc.)

A *colocação* ou *contiguidade*, por sua vez, consiste no uso de termos pertencentes a um mesmo campo significativo:

17. Houve um grande *acidente* na estrada. Dezenas de *ambulâncias* transportaram os *feridos* para os *hospitais* da cidade mais próxima.

Entre os problemas que a classificação de Halliday & Hasan apresenta, está, em primeiro lugar, a fluidez dos limites entre referência e substituição.

Há, de um lado, autores que consideram que toda retomada de referentes textuais (correferência) ocorre por meio de substituição. Tal posição remonta a Harweg, um dos pioneiros da Linguística Textual na Alemanha. Harweg (1968) entende o texto como uma sucessão de unidades linguísticas constituída por uma “cadeia pronominal ininterrupta”. Para ele, são os *pronomes* que constituem um texto em texto. Sua noção de pronome é bastante ampla: toda e qualquer expressão linguística correferencial, isto é, que expressa um mesmo referente. Ao fato de os mesmos referentes (seres, objetos, lugares, fatos etc.) poderem ser retomados no texto através de formas linguísticas substitutivas, Harweg denomina “múltiplo referenciamento”.

A *substituição* é, para Harweg, “a troca de uma expressão linguística por outra expressão linguística dada. A primeira das duas expressões, aquela que é trocada, denomina-se *substituendum*; a segunda, que se põe no lugar dela, *substituens*”. Dentro desta visão, não haveria, pois, razão para se distinguir entre referência e substituição.

Por outro lado, muitos estudiosos se opõem à visão “substitucionalista” da coesão referencial. É o caso, por exemplo, de Kallmeyer, Meyer-Hermann *et al*. (1974), que propõem uma “Teoria da Referência Mediatizada”, à qual se voltará mais adiante, bem como de Meyer-Hermann (1976). Estes autores, para refutar a posição substitucionalista, partem da concepção de que, durante o ato comunicativo, o falante dá ao ouvinte uma série de instruções por meio dos elementos linguísticos do texto, distinguindo três tipos básicos de instruções: a) instruções de consequência (nível pragmático); b) instruções de sentido (nível semântico); e instruções de conexão (nível sintático). Os *pronomes* pessoais de 3ª pessoa, segundo eles, dão ao leitor/ouvinte apenas instruções de conexão (esta é a principal diferença entre eles e o SN que funciona como referente, pois este dá instruções de sentido). Tais instruções de conexão seriam: “conecte as instruções de sentido das predicações via *ele* com as instruções do SN precedente que, com relação ao gênero e ao número, é congruente com *ele*”. Assim, a tarefa do pronome *não é substituir* um SN, visto que as relações de referência não são efetuadas unicamente por seus dois constituintes – referente textual e forma referencial –, mas essencialmente através da contribuição de elementos con-textuais de ambos os constituintes dessas relações, que trazem *instruções de sentido* para o estabelecimento da relação textual adequada. Por exemplo, em:

18. Ontem li a história de um náufrago que viveu dez anos numa ilha deserta com sua única filha. Quando o navio afundou, ele conseguiu nadar até lá...

as instruções de conexão do pronome *ele* fariam com que o ouvinte estabelecesse a relação de referência entre *ele* e *um náufrago*. Como, porém, dois ou mais SNs precedentes podem, muitas vezes, preencher a condição de concordância em gênero e número, sendo, pois, candidatos potenciais a referentes de uma forma referencial, a decisão do ouvinte dependerá não só da compatibilidade das instruções de sentido dadas pelo elemento de referência, bem como das predicações feitas sobre a forma referencial. Observe-se o exemplo:

19. *O caçador* ^{1}, que segurava fortemente a corrente da qual *o feroz cão de caça*^{2} tentava libertar-

se, ao avistar a anta abatida, soltou o animal.
a. *Ele*[2] atirou-se vorazmente sobre a vítima indefesa...
b.*Ele*[1], depois dessa longa noite na floresta, simplesmente não teve mais forças para opor-lhe resistência...

São as instruções de sentido das predicações feitas sobre *ele* em *a* e *b* que permitem ao leitor/ouvinte decidir qual dos dois SNs precedentes, congruentes com as instruções de *ele*, é o referente do pronome.

Kallmeyer *et al*., bem como Meyer-Hermann, procedem a um estudo das diversas formas de referência, incluindo vários dos tratados por Halliday & Hasan como substituição.

Da mesma forma, Brown & Yule (1983), ao tratarem da coesão, apresentam como tipos de formas correferenciais:

- formas repetidas: O presidente viajou para o exterior. *O presidente* levou consigo uma grande comitiva.
- forma parcialmente repetida: O Dr. A. C. J. Silvadirigiu a sessão. O *Dr. Silva* fez um diagnóstico da atual situação econômica.
- substituição lexical: A filha de Renata está hospitalizada.*A menina* teve um pneumonia.
- formasubstitutiva:Luíscomprouumsorvete.Agora seu filho quer *um* também.
- formaelidida:Luíscomprouumsorvete.Agora seufilho quer Ø também.

Citam, também, como formas de coesão, relações lexicais como hiponímia e hiperonímia (ex.: dália-flor), parte-todo (ex.: casco-navio); colocabilidade (ex.: sábado se relaciona com domingo); outras relações estruturais como a substituição clausal (ex.: Ele ficou feliz com a notícia. Eu *também*); comparação(ex.: *Meu polegar* é mais forte que *este martelo*; repetição sintática (ex.: Nós entramos. Eles entraram); consistência de tempos verbais; opções estilísticas adequadas ao registro etc.

O que se observa, em primeiro lugar, é que Brown & Yule incluem o *uso de formas substitutivas entre as diversas maneiras de estabelecer a relação de referência*, não considerando, pois, a substituição como um mecanismo à parte. Além disso, criticam a posição "substitucionalista", segundo a qual os itens referenciais, vistos como simples substitutos do referente, poderiam ser sempre trocados por ele.

Brown & Yule ressaltam que, à medida que um texto se desenvolve, o referente sofre mudanças de estado, de modo que sua descrição vai se modificando. Apresentam o exemplo das receitas culinárias, como em:

20. Mate *um frango ativo e roliço*. Prepare-*o* para ir ao forno e corte-*o* em quatro partes. Asse-*o* durante uma hora. Depois, sirva-*o* com rodelas de abacaxi.

É claro, dizem os autores, que, embora a "identidade" do frango seja preservada (pelo menos até o momento de ser esquartejado), a descrição, evidentemente, vai mudando, de modo que, em cada uma das ocorrências, o pronome oblíquo *o* não *substitui* simplesmente o SN "um frango ativo e roliço", não podendo, pois, ser trocado por ele.[*] Assim, é necessário que se possa associar, como referente, mudanças de estado e transportá-las (ou pelo menos algumas delas) através do discurso, à medida que este progride. Os autores nos convidam a pensar como seria pobre o leitor de David Copperfield que não fosse capaz de perceber, ao final da história, que o herói não era mais a criança do início.

A partir destas considerações, cai por terra o principal critério diferenciador de *referência* e *substituição*, de Halliday & Hasan. Uma discussão teórica mais aprofundada, incluindo os demais critérios apresentados pelos autores, foge do âmbito deste livro.

Quanto à elipse, ela consiste, para Halliday & Hasan, numa *substituição por zero*. Portanto, dentro dessa visão, não deveria constituir um tipo à parte. É preciso lembrar, também, que existem tipos diferentes de elipse. Se, muitas vezes, ela consiste simplesmente no apagamento de um termo ou expressão presentes no contexto anterior (e aí se justifica a ideia de *substituição por* Ø), outras vezes ela tem função (co)referencial e, nesses casos, entram em jogo todas as reflexões anteriormente apresentadas a respeito da visão substitutiva de referência. Se, por exemplo, na receita da página anterior, tivéssemos: "Quando (Ø) estiver bem assado, sirva-o...", a elipse estaria apenas substituindo por Ø o SN "um frango ativo e roliço"?

Também a coesão lexical, a meu ver, não constitui um mecanismo funcionalmente independente: o uso de sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos constitui uma das formas de remissão a elementos do mundo textual, tendo, pois, a mesma função coesiva das pro-formas; a reiteração do mesmo item lexical pode ter também essa mesma função (cf. Brown & Yule, acima) ou, ainda, exercer função sequenciadora, como é também o caso da *colocação*, enquadrando-se, assim, no que irei chamar adiante de *coesão sequencial*.

A partir destas considerações, e tomando por base a *função* dos mecanismos coesivos na construção da textualidade, proponho que se considere a existência de duas grandes modalidades de coesão: a *coesão remissiva* ou *referencial* (referenciação, remissão) e a *coesão sequencial* (sequenciação), que serão examinadas nos próximos capítulos.

---

* É o que muitos autores vêm denominando *referentes evolutivos*.

Texto 2 – Itaparica

(1) *Dona de uma luminosidade fantástica* em seus 240 quilômetros quadrados, a ilha de Itaparica elegeu a liberdade como padrão e fez da aventura uma experiência que não tem hora para começar. (2) *Ali* tudo flui espontaneamente, desde que o sol nasce, anunciando mais um dia, até a noite chegar, com o luar refletindo no mar e as luzes de Salvador como pano de fundo. (3) De resto, *a ilha* funciona como um quebra-mar "que protege todo o interior da Baía de Todos os Santos.(4) É a maior de *todas as 54* da região – a Ilha-mãe, para melhor definir a geografia local.

(5) Como toda localidade baiana que se preza, *a ilha* pratica ritos de antigas raízes místicas.(6) E *nisto* também é singular. (7) *Ela* abriga o único candomblé do mundo consagrado aos eguns, nome atribuído aos espíritos dos mortos. (8) A tradição *desse culto* foi herdada da nação Ketu e tem presença garantida, quatro vezes por ano, em *suas* cerimônias mais importantes, de muitos africanos que vêm especialmente de *seus* países para o evento. (9) *Nos cultos*, não é permitida a entrada de não iniciados, a não ser com autorização de alguns sacerdotes egós, os únicos dotados de poder para manter os eguns afastados. (10) *Eles* usam varas brancas e compridas, para evitar que algum mal aconteça aos que apenas vão assistir aos rituais. (11) *Nessas ocasiões*, uma vela deve ser reverenciada por *todos* antes *das cerimônias*, colocada no alto do morro das Amoreiras. (...)

(Kátia Simões, *Shopping News*,
Caderno de Turismo, p. 10, 12/03/89)

Observe-se o texto 2: todos os elementos nele destacados fazem, de alguma forma, remissão a outro elemento do texto. Assim, *dona de uma luminosidade fantástica*, de (1), bem como *ali*, de (2), remetem a a *ilha de Itaparica*. O mesmo referente é retomado, em (3) e (5), pelo SN (sintagma nominal) *a ilha* e, em (7), pelo pronome *ela*. Em (4), o sujeito (elíptico) do verbo continua sendo *a ilha de Itaparica*, ocorrendo nova elipse em *todas as 54* (ilhas) da região. Em (6), *nisto* remete a parte do enunciado anterior. Em (8), *desse culto* refere-se a *candomblé*, de (7) e *suas* remete a *culto* e, portanto, a *candomblé*. Já *seus*, em (8), remete a *africanos*. Em (9), *nos cultos* faz remissão a cada uma das cerimônias do candomblé de que o texto fala. *Ele*, em (10), remete a *sacerdotes egós*. Note-se que, em termos de instruções de congruência (concordância em gênero e número), *eles* poderia remeter tanto a *sacerdotes egós* como a *eguns*: são as predicações feitas sobre a forma referencial *eles* e sobre cada um dos possíveis referentes que permitem identificar o verdadeiro elemento de referência a que remete essa pro-forma. *Nessas ocasiões*, em (11), vai remeter ainda aos *cultos* mencionados em (9), mas de forma mais específica, isto é, ao subconjunto daqueles cultos em que é autorizada a entrada de não iniciados. Ainda em (11), *todos* refere-se a cada pessoa que participa do culto; e *das cerimônias* faz, novamente, remissão aos cultos de que se fala no texto.

Todos os elementos anteriormente destacados constituem mecanismos de coesão referencial.

Chamo, pois, de *coesão referencial* aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento(s) nela presentes ou inferíveis a partir do universo textual. Ao primeiro denomino *forma referencial* ou *remissiva* e ao segundo, *elemento de referência* ou *referente textual*.

A noção de elemento de referência é, neste sentido, bastante ampla, podendo ser representado por um nome, um sintagma, um fragmento de oração, uma oração ou todo um enunciado. Recorde-se também, como foi dito no capítulo anterior, que o referente representado por um nome ou sintagma nominal (SN) vai incorporando traços que lhe vão sendo agregados à medida que o texto se desenvolve; ou seja, como diz Blanche-Benveniste (1984), o referente se constrói no desenrolar do texto, modificando-se a cada novo "nome" que se lhe dê ou a cada nova ocorrência do mesmo "nome". Isto é, o referente é algo que se (re)constrói textualmente.

Além disso, cabe lembrar que, de acordo com Kallmeyer *et al*. (1974), a relação de referência (ou remissão) não se estabelece apenas entre a forma remissiva e o elemento de referência, mas também entre os contextos que envolvem a ambos.

A remissão, como vimos, pode ser feita *para trás* e *para frente*, constituindo uma *anáfora* ou uma *catáfora*. Vejam-se os exemplos:

1. O homenzinho subiu correndo os três lances de escadas.Lá em cima, *ele* parou diante de uma porta e bateu furiosamente. (anáfora)
2. Ele era tão bom, *o meu marido*! (catáfora)

No texto 2, da página 29 tem-se um início catafórico, já que o referente da expressão "dona de uma luminosidade fantástica" é a *ilha de Itaparica*, que se lhe segue no texto. Os demais elementos sublinhados são todos anafóricos.

Quase todos os estudos sobre coesão referencial partem do pressuposto de que existe identidade de referência entre a forma remissiva e seu referente textual. Tal identidade, porém, é discutível, conforme se disse anteriormente. É isto que leva Kallmeyer *et al*. (1974) a propor a "Teoria da Referência Mediatizada" para caracterizar a função mediadora exercida pela forma remissiva quando da remissão a outros elementos linguísticos do texto. Os autores apresentam, para o pronome pessoal de 3ª pessoa, a ilustração seguinte:

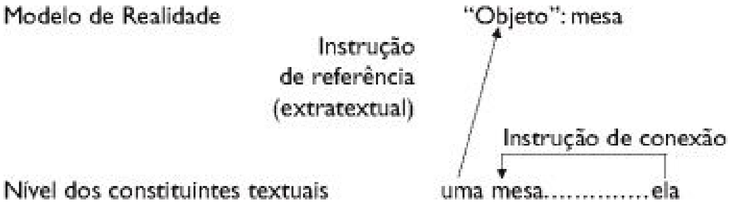

Observem-se, a título de exemplificação, os enunciados em 3 e 4:

3. A *gravata do uniforme de Paulo* está velha e surrada. A *minha* é novinha em folha.

4. Ontem fui conhecer *a nova casa de Alice*. *Ela* a comprou com a herança recebida dos pais.

4'. Ontem fui conhecer *a nova casa de Alice*. *Ela* é moderna e bem decorada

Em 3, não há correferencialidade entre o SN *gravata do uniforme de Paulo* e a forma remissiva *a minha*. A forma remissiva, no caso, "extrai" do grupo nominal o seu elemento de referência ("repudiando" o restante, no dizer de Halliday & Hasan). Em 4, também, a forma remissiva *ela* extrai, do grupo nominal *a nova casa de Alice*, o elemento de referência Alice; já em 4' o elemento "extraído" é *a casa*.

O mesmo acontece com *suas* no enunciado 8 do texto 2, que extrai, do SN *a tradição desse culto*, o referente *esse culto*.

O que dizer, então, da "identidade de referência" no caso de formas remissivas como *isto*, *aquilo*, *o* em enunciados como:

5. A mulher criticava duramente todas as suas decisões.
   Isto o aborrecia profundamente.

e no enunciado 6 do texto 2: "E *nisto* também é singular."? Outro engano é pensar que há, necessariamente, entre a forma remissiva e o elemento de referência, identidade de categoria e/ou função. Pode ocorrer, por exemplo, que uma *forma adverbial* remeta a um SN com função de *sujeito* ou *objeto*:

SN-obj.

6. Perto da estação, havia *uma pequena estalagem*. *Lá* costumavam reunir-se os trabalhadores da ferrovia.

Há, também, o caso de formas pronominais que não remetem a nenhum elemento particular do texto; mas ao co-texto (ou parte do co-texto) precedente (ou subsequente) ou, ainda, a algo que precisa ser extraído dele (exemplo 8) como um todo (veja-se os exemplos 5, 7 e 9):

7. No quintal, as crianças brincavam. O prédio vizinho estava em construção. Os carros passavam buzinando.
   Tudo isto tirava-me a concentração.
8. Depois da violenta discussão que tive com Maria, saí para a rua e fiquei vagando algum tempo. Ao voltar, encontrei-a caída no banheiro, com um vidro de pílulas na mão. Eu devia tê-l*o* adivinhado: não era a primeira vez que *isso* acontecia.
9. É preciso considerar *o seguinte*: que, para fazer cair a inflação, não basta congelar preços e salários, mas é preciso diminuir os gastos da administração pública.

Passo agora a fazer um levantamento das principais formas remissivas (ou referenciais) em português, que podem ser de ordem gramatical ou lexical.*

As *formas gramaticais* não fornecem ao leitor/ouvinte quaisquer instruções de sentido, mas apenas instruções de conexão (por ex., concordância de gênero e número) e podem ser *presas* ou *livres*.

As *formas remissivas gramaticais presas* são as que acompanham um nome, antecedendo-o e também ao(s) modificador(es) anteposto(s) ao nome dentro do grupo nominal. Exercem, portanto, a função das determinantes da gramática estrutural e gerativa. Seriam, em termos de nossas gramáticas tradicionais, os *artigos*, os *prOnOmes adjetivOs* (demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos e relativos) e os *numerais cardinais* e *ordinais*, quando acompanhados de nomes.

São *formas gramaticais remissivas livres* os pronomes pessoais de 3ª pessoas (ele, ela, eles, elas) e os pronomes substantivos em geral (demonstrativos, possessivos etc.) que têm função pronominal propriamente dita, bem como advérbios pronominais do tipo *lá, aí, ali, acima* etc.

As *formas remissivas lexicais* seriam, por exemplo, grupos nominais definidos que, além de fornecerem, em grande número de casos, instruções de concordância, contêm, também, instruções de sentido, isto é, fazem referência a algo no mundo extralinguístico. Veja-se o exemplo:

O avô da criança atropelada encontrava-se em estado lastimável! *O velho* chorava desesperado, sem saber que providências tomar.

Creio que se poderiam enquadrar aqui os *sinônimos*, *hinomes genéricos* etc., quando fazem remissão a outros referentes textuais como se verá mais adiante Passo, agora, ao exame de cada um dos tipos de formas que podem ter função remissiva em língua portuguesa.

FORMAS REMISSIVAS GRAMATICAIS PRESAS

São as formas que vêm relacionadas a um nome com o qual concordam em gênero e/ou número, antecedendo-o e ao(s) possível(is) modificador(es) do nome dentro do grupo nominal, e que, embora não sendo (*a priori* e sempre) artigos, exercem, nessas condições, a "função-artigo", isto é, pertencem ao paradigma dos determinantes. São elas:

OS ARTIGOS DEFINIDOS E INDEFINIDOS

- definidos: o, a, os, as;
- indefinidos: um, uma, uns, umas.

De um modo geral, o *artigo indefinido* funciona como *catafórico* (isto é, remete à informação subsequente), e o *artigo definido* como *anafórico* (ou seja, faz remissão à informação que o precede no texto), como nos exemplos:

10. *Um* índice importante do descalabro da atual situação econômica do país é o gradativo empobrecimento da classe média.
11. Depois de algum tempo, aproximou-se de nós um desconhecido trajado de modo estranho. *O* desconhecido tirou do bolso do paletó um pequeno embrulho.

Weinrich (1971, 1973), em sua "Teoria do Artigo" (desenvolvida, primeiramente, para o alemão e adaptada, depois, para o francês), mostra que o artigo definido pode não só remeter a informações do contexto precedente, como a elementos da situação comunicativa e ao conhecimento prévio – culturalmente partilhado – dos interlocutores, como, por exemplo, em *o sol*, *o cristianismo* etc.; a classes, gêneros ou tipos (*O homem* é um animal racional; *O lobo* encontrou *o cordeiro* bebendo água no riacho); a "frames" ou esquemas cognitivos, como em "Ele não pôde vir de *carro*. *A bateria* estava descarregada e *os freios* estavam falhando". À relação entre *bateria*, *freios* e *carro* tem-se denominado, também, *anáfora semântica* ou *anáfora associativa*. O "frame" é ativado, no caso, pela ocorrência do termo *carro*. Este fato tem levado alguns estudiosos a distinguir entre *anáfora superficial*, que se estabelece entre uma forma remissiva e um referente textual, e *anáfora profunda*, em que o referente pode não se encontrar explícito no próprio enunciado, mas é deduzível do contexto através de inferências.

Existem regras para o emprego dos artigos como formas remissivas; por exemplo, um referente introduzido por um artigo indefinido só pode ser retomado por um SN introduzido por artigo definido: "*Era uma vez* um rei *muito rico que tinha duas filhas*. *O rei*...". Já um SN introduzido por um artigo definido pode ser retomado por outro SN introduzido pelo artigo definido: *O presidente falou à* *população. O presidente expôs o novo programa econômico do governo.*

Anote-se, também, que a remissão, por meio de artigo, à informação subsequente (catafórica) só pode ocorrer dentro do mesmo enunciado, ao passo que a remissão à informação anterior (anafórica) pode ultrapassar – e geralmente ultrapassa – os limites do enunciado que o contém.

PRONOMES ADJETIVOS

São os pronomes que exercem, segundo Kallmeyer *et al*.(1974), a "função-artigo", a saber:

Demonstrativos**:** este, esse, aquele, tal.

12. Há, entre outras, a hipótese de que os preços venham a estabilizar-se. {Essa / Tal} hipótese parece-me por demais otimista.

Possessivos: meu, teu, seu, nosso, vosso, dele.

13. Joana vendeu a casa. Depois que *seus* pais morreram num acidente, ela não quis continuar vivendo lá.

Indefinidos**:** algum, todo, outro, vários, diversos etc.

14. O Estado é regido por leis. *Algumas* leis são constitutivas do próprio Estado, formando, assim, a *Constituição*. Desta, decorrem *todas as outras* leis.

Interrogativos**:** quê? qual?

15. Hoje vamos falar sobre animais invertebrados. *Que* animais são esses?

Relativo**:** cujo.

16. É esta a árvore a *cuja* sombra os viajantes costumavam descansar.

NUMERAIS CARDINAIS E ORDINAIS

Também os numerais podem exercer a "função-artigo', quando acompanham um nome dentro do SN:

17. Preciso de alguns alunos para ajudarem na pesquisa.*Dois* alunos procederão ao levantamento do corpus e *três* alunos farão uma resenha da literatura pertinente. O *primeiro* aluno que se apresentar como voluntário será o coordenador.

FORMAS REMISSIVAS GRAMATICAIS LIVRES

As formas remissivas gramaticais livres são aquelas que não acompanham um nome dentro de um grupo nominal, mas que podem ser utilizadas para fazer remissão, anafórica ou cataforicamente, a um ou mais constituintes do universo textual. A estes ficaria reservada a denominação genérica de "pronomes" ou de "pro-formas". São elas:

[*] Kallmeyer *et al*. falam em formas *não referenciais e referenciais*. Contudo, o termo referência tem sido usado, em Linguística, com duas acepções distintas: a) na tradição semântica, designando a relação que se estabelece entre uma forma linguística e o seu referente ex–tralinguístico; b) na trilha de Halliday, significando a relação de sentido (basicamente de correferência) que se estabelece entre duas formas na superfície textual. No primeiro caso, pode-se falar em formas linguísticas referenciais ou não referenciais (dotadas apenas de funções internas à língua); no segundo, como sinônimo de remissivas, seria contraditório falar em formas não referenciais.

PRONOMES PESSOAIS DE 3ª PESSOA: ELE, ELA, ELES, ELAS

Estes pronomes fornecem ao leitor/ouvinte *instruções de conexão* a respeito do elemento de referência com o qual tal conexão deve ser estabelecida. Quando anafóricos, têm por tarefa sinalizar que as indicações referenciais das predicações sobre o pronome devem ser colocadas em relação com as indicações referenciais de um determinado grupo nominal do contexto precedente.

No caso de haver mais de um grupo nominal que poderia ser potencialmente o elemento de referência, por preencher as condições de concordância do pronome, as indicações referenciais das predicações feitas sobre cada elemento desempenham papel decisivo na decisão do leitor/ouvinte sobre qual dos possíveis elementos de referência deve ser selecionado como tal. Observem-se os exemplos:

18. *As crianças*1 estão viajando. *Elas*1 só voltarão no final do mês.
19. *O juiz*1 condenou *o réu*2 a dez anos de prisão. *Ele*1 achou essa pena condizente com as circunstâncias do crime.
20. *O juiz*1 condenou *o réu*2 a dez anos de prisão. *Ele*2 não se conforma com o rigor da pena.
21. Na estação, *José* ^{1}avistou o *visitante*2. *Ele* ^{2}pareceu-lhe cansado e apreensivo.
22. Na estação, *José* ^{1}avistou *o visitante*2. *Ele* ^{1}havia esperado ansiosamente pelo reencontro.

Os exemplos 19 a 22 mostram que são os elementos linguísticos formadores do co-texto os responsáveis diretos para que se estabeleça, entre o pronome pessoal de 3ª pessoa e um grupo nominal determinado, a relação de remissão.

ELIPSE

Cabe lembrar que, em português, a remissão poderia ser também estabelecida por meio de *elipse*, como em:

23. Os convidados chegaram atrasados. (Ø) Tinham errado o caminho e custaram a encontrar alguém que os orientasse.
24. Asse o frango até ficar dourado. Coloque (Ø) em uma travessa enfeitada com pêssegos e rodelas de abacaxi.

PRONOMES SUBSTANTIVOS

Demonstrativos

Grupo 1: este, esse, aquele, tal, o mesmo.

Grupo 2: isto, isso, aquilo, o.

Os demonstrativos do grupo 1 concordam em gênero e número com o elemento de referência. Exemplos:

25. Um encapuzado atravessou a praça e sumiu ao longe. Que vulto era *aquele* a vagar, altas horas da noite, pelas ruas desertas?
26. Teria dinheiro, muito dinheiro, carros de luxo e mulheres belíssimas. *Tais* eram as fantasias que

lhe passavam pela mente enquanto se dirigia para a estação.
27. Os candidatos foram convocados por edital. *Os mesmos* deverão apresentar-se, munidos de documentos, até o dia 25.

As formas do grupo 2, por sua vez, remetem, geralmente, a fragmentos oracionais, orações, enunciados ou a todo o contexto anterior. Observem-se os exemplos a seguir (vejam-se também os exemplos 5 e 8):

28. Pedro será promovido, mas terá de aposentar-se logo a seguir. Foi *o* que me revelou um amigo do governador.
29. Antônio pensa que seu time vai ganhar o campeonato, mas eu não acredito *nisso*.

Este, aquele, isto, aquilo, podem, ainda, exercer função localizadora, ou seja, podem dar ao leitor/ouvinte instruções sobre a localização dos respectivos referentes no texto:

30. Luís e Márcio trabalham juntos num escritório de advocacia. *Este* dedica-se a causas criminais, *aquele* a questões tributárias.
31. Soube, ontem, que você irá ocupar um alto cargo na empresa e que está de mudança para uma casa mais próxima do seu local de trabalho. Se *isto* me entristeceu, já que somos vizinhos há tantos anos, *aquilo* me deixou muito contente.

As formas remissivas demonstrativas, tanto as do grupo 1 como as do grupo 2, podem atuar anafórica ou cataforicamente.

Possessivos: (o) meu, (o) teu, (o) seu, (o) nosso, (o) vosso, (o) dele.

31’. Esta é a minha opinião sobre o assunto. E *a sua*, qual é?
31’’.Perdi o caderno com todas as minhas anotações de aula. Felizmente, Roberto me emprestou *o dele* para que eu possa me preparar para a prova.
32. Renata lançou os olhos pelas terras que se estendiam a perder de vista. Tudo isso era *seu*!

Indefinidos: tudo, todos, nenhum, vários, cada um, cada qual etc.

33. Trouxeram-lhe flores, doces, presentes. Foi *tudo* em vão.
34. Pediu auxílio a parentes e amigos. *Nenhum* atendeu ao seu apelo.
35. Os amigos acorreram. *Cada um* trazia urna pequena contribuição.

Interrogativos: que? qual? quanto?

36. Vamos conhecer melhor o continente em que vivemos. *Quantos* e *quais* são os países da América do Sul?

Relativos: que, o qual, quem.

37. Cerca de mil pessoas compareceram à homenagem, dentre *as quais* se destacavam políticos, artistas e esportistas célebres.

Numerais

Cardinais

38. Antônio, José e Pedro estudam desde pequenos. *Os três* pretendem formar-se em Medicina.

Ordinais

39. Haverá prêmios para os melhores trabalhos. *O primeiro* será uma viagem à Europa.

Os ordinais têm, muitas vezes, função localizadora (confronte-se o que se disse sobre os demonstrativos *este*, *aquele*).

40.Marta, Lúcia e Inês são esportistas. A primeira joga tênis,a segunda basquete e {a terceira / a última} ficou *rouco*.

Multiplicativos

41. Na semana passada, Renata ganhou 100 reais na Loteca. Hoje, Mariana ganhou o *dobro*.

Fracionários

42. Os bens do excêntrico milionário ontem falecido foram assim distribuídos: *um terço* para seu cãozinho de estimação e *dois terços* para instituições filantrópicas.

ADVÉRBIOS "PRONOMINAIS"; EXEMPLO DE UM SISTEMA DE INSTRUÇÕES

São formas remissivas do tipo: *lá, aí, ali, aqui, onde*. Tais formas fazem remissão a grupos nominais dotados, via de regra, do traço semântico [-animado]. Por exemplo:

43. Perto do parque há *um pequeno restaurante*1. *Lá*1 se reúnem muitos jovens ao entardecer.

Um elemento [+ animado] pode ser o referente de uma forma remissiva adverbial, desde que seja possuidor do traço [+ localizável], como no exemplo:

44. Admirava o corpo do namorado e olhava para seus *ombros largos*. *Ali* estaria sempre em segurança.

Havendo dois ou mais antecedentes possíveis para as formas *lá, ali, aí* o referente será, geralmente, o mais próximo:

45. Constituíam a mobília da sala uma mesa, uma poltrona, um porta-chapéus e um aparador. *Ali* estava a carta que acabara de chegar.
46. Mais adiante, um casebre e um pequeno pomar. *Aí* se avistavam mangueiras, arbustos e laranjeiras.

A regra de que, quando houver dois ou mais antecedentes possíveis para os advérbios *lá, ali*, o referente será o mais próximo, nem sempre se verifica, contudo. Kallmeyer *et al*. (1974) citam o trecho seguinte, extraído de E. Canetti:

> 47. Aix. *Um pequeno café,* bem defronte à entrada da penitenciária. Tarde da noite, estava eu *ali* (*lá*) sentado...

Embora tanto *um pequeno café* quanto *entrada da penitenciária* possuam os traços [- animado], [+ localizável] e *entrada da penitenciária* seja o mais próximo, a forma *ali* (*lá*) remete ao primeiro SN: *um pequeno café*. Os autores negam que se trate, simplesmente, de uma questão de "conhecimento de mundo" do leitor, isto é, que seria pouco provável alguém se encontrar, tarde da noite, sentado na entrada da Penitenciária, havendo, assim, incompatibilidade entre as instruções de referência de "*tarde da noite* eu estava sentado..." e as de *penitenciária*. Tal incompatibilidade não parece ser razão decisiva para levar o leitor a interpretar como referente de *ali* (*lá*) o grupo nominal *um pequeno café*, já que seria possível substituir *penitenciária* por *restaurante* "*La Rotonde*", cujas instruções de referência são compatíveis com as predicações feitas e o referente continuaria sendo *um pequeno café*:

> 47'. Aix. *Um pequeno café* ^{1} bem defronte à entrada do Restaurante "La Rotonde". Tarde da noite estava eu *ali*(*lá*)^{1}sentado...

Kallmeyer *et al*. recorrem, para explicar o fato, às noções de *tema* (aquilo sobre que se fala) e *rema* (o que se diz sobre o tema, as predicações feitas sobre o tema): *um pequeno café* é o tema do enunciado e *bem defronte à entrada do Restaurante* "*La Rotonde*" constitui o seu rema. Isto é, havendo mais de um elemento potencial de referência para *lá, ali,* todos dotados do traço [- animado] e/ou [+ localizável] e cujas instruções referenciais sejam compatíveis com as das predicações sobre *lá, ali*, mas que tenham funções diferentes no que diz respeito à estrutura temática, então a forma remissiva em geral se refere àquele que é o tema da oração anterior.

Acontece, porém, que, se modificarmos a estrutura de 47' para 47", em que *um pequeno café* passa a ser *rema*, esse SN continua sendo o referente de *lá*, devendo-se aplicar, aqui, a regra da proximidade, o que evidencia a necessidade de se proceder a uma hierarquização das regras.

> 47".Aix. Bem defronte à entrada do Restaurante "La Rotonde" fica *um pequeno café* l. Tarde da noite, estava eu *ali* ^{1} sentado...

O sistema de regras de instrução das formas *lá, ali* teria de dar conta de todos esses fatos. Assim: 1) a relevância do traço [± animado] restringe-se aos casos em que ocorre o traço [- localizável], ou seja, em que o elemento de referência não tem o estatuto de um adverbial locativo; 2) havendo dois elementos de referência possíveis, *lá, ali* se referem ao último (mais próximo); 3) a validade da regra anterior depende da estrutura temática do enunciado que contém o elemento de referência, ou seja: se no enunciado antecedente àquele que contém as formas remissivas *lá, ali*, houver vários grupos nominais que poderiam ser seus referentes potenciais (por terem, entre outros, o traço [- animado] e por serem as instruções de referência das predicações sobre *lá, ali* compatíveis com as destes grupos nominais), e se tais grupos preencherem com relação à estrutura temática funções diferentes, então *lá, ali* se referem àquele grupo nominal que constitui o tema do enunciado anterior.

A hierarquização das regras é, como se disse, necessária para explicar casos como 47", por exemplo, em que a regra da proximidade é aplicável. Assim, o traço [+ localizável] domina o traço[± animado], já que este último só entra em consideração quando não se trata de um referente com o estatuto de adverbial locativo e quando houver compatibilidade entre as instruções referenciais das predicações sobre *lá*, *ali* ou de seu contexto, com as de vários elementos de referência potenciais. Trata-se, como se vê, de uma sequência de passos decisórios; e a decisão de considerar o grupo nominal mais próximo como referente poderia estar no final do processo de decisão, isto é, ocupar, na hierarquia das regras, um lugar inferior.

EXPRESSÕES ADVERBIAIS DO TIPO: ACIMA, ABAIXO, A SEGUIR, ASSIM, DESSE MODO ETC.

São formas remissivas dêiticas que atuam anafórica ou cataforicamente, apontando, de modo geral, para porções maiores do texto (predicados, orações, enunciados inteiros). Observem-se os exemplos:

48. Luciano acha que a desonestidade não compensa. Pena é que sua mulher não pense
{*assim.*
desse modo.
de modo semelhante.}
49. É preciso ponderar *o seguinte*: não adianta tentar eliminar os efeitos, sem debelar as causas do mal.
50. Os exemplos *abaixo* comprovam a minha afirmação:

a) ....

b) ....

c) ....

51. Confronte-se *acima* o que foi dito sobre os pronomes.

FORMAS VERBAIS REMISSIVAS (PRO-FORMAS VERBAIS)

Algumas formas remissivas livres não referenciais, verbos como *fazer*, têm sido denominados na literatura especializada de *pro-formas verbais*. Acontece, porém, que tais formas remissivas não costumam vir isoladas e sim acompanhadas de uma forma pronominal do tipo: *o mesmo*, *o*, *isto*, *assim* etc.; além disso, não remetem apenas a um verbo, mas a todo o predicado, isto é, o verbo com seus complementos e adverbiais. Por exemplo:

52. O Presidente resolveu reduzir os gastos da administração pública. Os governadores *fizeram o mesmo*.
53. Vou atender ao seu pedido. Mas só *o faço* (*faço isso*) porque sou seu amigo.

Há línguas que possuem verdadeiras pro-formas verbais, como o inglês *do*, por exemplo. No português, porém, elas são de uso bastante restrito: além de *fazer* (com as restrições anteriormente apontadas), tem-se o uso remissivo de *ser* em exemplos como:

54. O.K. Empresto-lhe o carro. Mas *é* porque confio em você.

FORMAS REMISSIVAS LEXICAIS

As *formas remissivas lexicais* são aquelas que, além de trazerem instruções de conexão, possuem um significado extensional, ou seja, designam referentes extralinguísticos.

EXPRESSÕES OU GRUPOS NOMINAIS DEFINIDOS

Trata-se de grupos nominais introduzidos pelo artigo definido ou pelo demonstrativo que exercem função remissiva. Exemplo:

55. Reagan perdeu a batalha no Congresso. *O presidente dos Estados Unidos* vem sofrendo sucessivas derrotas políticas.

Tais expressões efetuam, em geral, uma "ativação parcial" e propriedades ou características do elemento de referência que as precede no texto. Em outras palavras, elas operam uma "disjunção" das propriedades que caracterizam dado referente. Também aqui as instruções referenciais das predicações sobre o referente, bem como todo o contexto, precisam ser levados em consideração.Veja-se o exemplo a seguir:

56. Um homem caminhava pela rua deserta: esfarrapado, cabisbaixo, faminto, abandonado à própria sorte. *A pobre criatura* parecia não notar a chuva fina que caía e lhe encharcava os ossos à mostra.

É o contexto que permite, no caso, a ativação de instruções que remetem *a pobre criatura* ao grupo nominal *um homem*.

Ocorre, porém, que nem sempre as instruções referenciais da forma remissiva referencial consistem em "ativação parcial" de instruções referenciais do contexto antecedente. Muitas vezes, tais instruções são fornecidas justamente pelo próprio uso da expressão referencial. Nesse caso, a escolha das características a serem ativadas na expressão nominal definida tem valor essencialmente argumentativa. Veja-se a diferença em relação a 57:

57. Reagan perdeu a batalha no Congresso. *O cow-boy do farwest americano* não tem tido a mesma sorte que tinha nos filmes da Warner & Brothers.

Expressões referenciais desse último tipo costumam ocorrer em contextos em que o referente é um nome próprio ou equivalente.

NOMINALIZAÇÕES

Trata-se de formas nominalizadas (nomes deverbais), através das quais se remete ao verbo e argumentos da oração anterior. Não existindo no léxico o deverbal correspondente, utilizam-se formas supletivas. Por esse meio, encapsulam-se as predicações antecedentes ou subsequentes, que passam a ser designadas por um rótulo nominal.

58. Os grevistas paralisaram todas as atividades da fábrica. *A paralisação* durou uma semana.

EXPRESSÕES SINÔNIMAS OU QUASE SINÔNIMAS

59. A porta se abriu e apareceu *uma menina*. *A garotinha* tinha olhos azuis e longos cabelos dourados.

Nomes genéricos (ex.: coisa, pessoa, fato, fenômeno)

60. A multidão ouviu o ruído de *um motor*. Todos olharam para o alto e viram *a coisa* se aproximando.

HIPERÔNIMOS OU INDICADORES DE CLASSE

61. Vimos *o carro* do ministro aproximar-se. Alguns minu–tos depois, *o veículo* estacionava adiante do Palácio do Governo.
62. O professor mandou os alunos desenharem *quadrados*, *retângulos* e *trapézios*. *Os quadriláteros* encontravam-se empilhados uns sobre os outros na mesa dianteira da sala e os alunos deveriam copiá-los e sombreá-los “ao natural”.

Formas referenciais com lexema idêntico ao núcleo do SN antecedente, com ou sem mudança de determinante

63. *Os cães* são animais de faro apuradíssimo. Por isso, *os cães* são excelentes auxiliares da polícia.
64. O bandido disparou *um tiro*. *Esse tiro* acertou uma mulher que passava despreocupada pela calçada.

Meyer-Hermann (1976) chama a atenção, ainda, sobre os seguintes tipos de formas remissivas referenciais:

Formas referenciais cujo lexema fornece instruções de sentido que representam uma “categorização”das instruções de sentido de partes antecedentes do texto

65. Imagina-se que existam outros planetas habitados. *Essa hipótese* tem ocupado a mente dos cientistas desde que os OVNIs começaram a ser avistados.

Formas referenciais em que as instruções de sentido do lexema constituem uma “classificação”de partes anteriores ou seguintes do texto no nível metalinguístico

66. Então, o marido ergueu-se, dizendo. “Vai embora, mulher, não existe mais nada entre nós”. *Esta frase* ficou martelando-lhe na cabeça por um longo tempo.

Como se pôde verificar ao longo deste capítulo, a referência ou remissão, nem sempre se estabelece sem ambiguidade. Havendo, no co-texto, dois ou mais referentes potenciais para uma forma remissiva, a decisão do leitor/ouvinte terá de se basear nas predicações feitas sobre elas, levando em conta todo o universo textual em que estão inseridas. Cabe, pois, ao produtor do texto evitar, sempre que possível, a ambiguidade potencial de referência.

A questão da coesão referencial é, sem dúvida, muito mais complexa do que ficou esboçado nas reflexões deste capítulo. Espera-se, assim, que o leitor se sinta estimulado a aprofundar o estudo da questão.

A COESÃO SEQUENCIAL

A segunda grande modalidade de coesão textual é aquela a que denominamos *coesão sequencial* ou *sequenciação*.

A coesão sequencial diz respeito aos procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e sequências textuais), diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas, à medida que se faz o texto progredir. São os procedimentos incluídos no segundo grupo analisado no texto 1. O texto é, como diz Weinrich (1964), uma “estrutura determinativa” cujas partes são interdependentes, sendo cada uma necessária para a compreensão das demais. Esta interdependência é devida, em parte, aos diversos mecanismos de sequenciação existentes na língua. É a tais mecanismos que será dedicado este capítulo.

A progressão textual pode fazer-se com ou sem elementos recorrentes. Pode-se falar aqui em *sequenciação frástica* (sem procedimentos de recorrência estrita) e *sequenciação parafrástica* (com procedimentos de recorrência)[1]. Passo a seguir ao exame de cada um dos tipos de sequenciação.

SEQUENCIAÇÃO PARAFRÁSTICA

Texto 3

> *Era* uma aldeia de pescadores de onde a alegria *fugira* e os dias e as noites se *sucediam* numa *monotonia* sem fim, *das mesmas coisas que aconteciam*, *das mesmas coisas que se diziam*, *dos mesmos gestos que se faziam*, *e* os olhares eram tristes, baços peixes que já nada *procuravam*, por saberem inútil procurar qualquer coisa, os rostos vazios de sorrisos e de surpresas, a morte prematura morando no *enfado*, só as intermináveis *rotinas* do dia a dia, prisão daqueles que se *haviam condenado* a si mesmos, sem esperanças, nenhuma outra praia pra onde navegar...
> *Até que* o mar, quebrando um mundo, *anunciou* de longe que trazia nas suas ondas coisa nova, desconhecida, forma disforme que flutuava, e todos vieram à praia, na espera...
> E ali ficaram, até que o mar, sem se apressar, trouxe a coisa e a depositou na areia, surpresa triste, um homem morto...

(Rubem Alves, *A Aldeia que nunca mais foi a mesma*,
Folha de S. Paulo 19/05/84)

Ao ler o primeiro parágrafo do texto 3, verifica-se que o autor procura passar aos leitores a imagem da mesmice, da total estagnação em que se encontrava a aldeia. Para tanto, utiliza uma série de recursos linguísticos destinados a marcar essa situação de modo a tornar o próprio texto pesado, arrastado, monótono. Entre tais recursos, destacam-se:

- extensão do parágrafo, formado de um único e longo período, o que torna cansativa a própria leitura (particularmente se feita em voz alta);
- reiteração de termos veiculadores de ideias básicas, como *mesmo*;
- reiteração de estruturas sintáticas: *das mesmas coisas que aconteciam*, *das mesmas coisas*

que se diziam, dos mesmos gestos que se faziam, obedecendo, inclusive, a um mesmo ritmo cadenciado (similicadência);

- reiteração do conectivo *e*;
- predominância de verbos no *pretérito imperfeito do indicativo*, dando a ideia de continuidade, duração dos fatos no tempo;
- reiteração do conteúdo semântico, marcada inclusive pela seleção lexical dos adjetivos e de termos quase sinônimos como *monotonia, enfado, rotina, dia a dia*.

Somente no segundo parágrafo, iniciado pelo conector *até que* e com a mudança do tempo verbal para o *pretérito perfeito*, é que vai ser introduzido o fato novo, que deverá quebrar a rotina. No primeiro parágrafo, portanto, predomina o tipo de sequenciação a que estou chamando de *parafrástica*.

Tem-se, assim, sequenciação parafrástica quando, na progressão do texto, utilizam-se procedimentos de recorrência, tais como:

Recorrência de termos

(reiteração de um mesmo item lexical):

1. E o trem *corria, corria, corria*...

Ressalte-se, no entanto, que não existe uma identidade total de sentido entre os elementos recorrentes, ou seja, cada um deles traz consigo novas instruções de sentido que são acrescentadas às do termo anterior.

Recorrência de estruturas — paralelismo sintático

A progressão se faz utilizando-se as mesmas estruturas sintáticas, preenchidas com itens lexicais diferentes:

2. Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

(*Gonçalves Dias*)

Recorrência de conteúdos semânticos — Paráfrase

Se, no paralelismo, há recorrência de estruturas sintáticas preenchidas com elementos lexicais diferentes, veiculadoras, portanto, de conteúdos semânticos diversificados, na paráfrase tem-se um mesmo conteúdo semântico apresentado sob formas estruturais diferentes.

Cabe ressaltar, porém, que como acontece na recorrência de termos, a cada reapresentação do conteúdo, ele sofre alguma alteração, que pode consistir, muitas vezes, em ajustamento, reformulação, desenvolvimento, síntese ou previsão maior do sentido primeiro. Cada língua possui uma série de expressões linguísticas introdutoras de paráfrases, como: *isto é, ou seja, quer dizer, ou melhor, em outras palavras, em síntese, em resumo* etc. Por exemplo:

3. Em todo enunciado, fala-se de um determinado estado de coisas de uma determinada maneira: *isto é, ao lado daquilo que se diz, há o modo como aquilo que se diz é dito*.

RECORRÊNCIA DE RECURSOS FONOLÓGICOS SEGMENTAIS E/OU SUPRASSEGMENTAIS

Tem-se, no caso, a existência de uma invariante, como igualdade de *metro, ritmo, rima*, *assonâncias*, *aliterações* etc., como se pode ver no exemplo a seguir:

4. O poeta é um fingidor:
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.
(*Fernando Pessoa*)

RECORRÊNCIA DE TEMPO E ASPECTO VERBAL

Weinrich (1964, 1971), dentro de uma “macrossintaxe textual”, examina os tempos verbais de acordo com três características constitutivas do sistema temporal:

1. a atitude comunicativa;
2. a perspectiva;
3. o relevo.

Existem, segundo ele, dois tipos de atitude comunicativa: comentar e narrar. Cada língua possui tempos verbais próprios para assinalar a atitude comunicativa: os tempos do comentário conduzem o ouvinte a uma atitude receptiva tensa, engajada, atenta; os do relato, ao contrário, levam o ouvinte a assumir uma atitude receptiva relaxada, não lhe exigindo nenhuma reação direta. Em português, são tempos do mundo comentado o *presente do indicativo*, o *pretérito perfeito* (simples e composto), o *futuro do presente*; e tempos do mundo narrado, o *pretérito perfeito simples*, o *pretérito imperfeito*, o *pretérito perfeito mais-que-perfeito*, e o *futuro do pretérito do indicativo*.

Quanto à *perspectiva*, tem-se, em cada mundo, os tempos-zero (sem perspectiva) e os tempos retrospectivos e prospectivos. No mundo comentado, o tempo-zero é o presente; o retrospectivo, o pretérito perfeito e o prospectivo, o futuro do presente; no mundo narrado, há dois tempos-zero – o pretérito perfeito e o imperfeito; o pretérito mais-que-perfeito é retrospectivo; e o futuro do pretérito, prospectivo com relação aos tempos-zero. (cf. Koch, 1984)

Finalmente, o relevo divide o texto em primeiro plano e segundo plano, dando instruções ao ouvinte sobre a informação considerada principal e aquela que é apenas secundária. Em português (como também em francês), a indicação de relevo através do tempo verbal só ocorre no mundo narrado: o perfeito indica o primeiro plano, o imperfeito, o pano de fundo.

Assim, a recorrência de tempo verbal tem função coesiva, indicando ao leitor/ouvinte que se trata de um sequência de comentário ou de relato, de perspectiva retrospectiva, prospectiva ou zero, ou ainda, de primeiro ou segundo plano, no relato. Veja-se por exemplo:

5. O recanto era aprazível. O vento balançava suavemente as copas das árvores, os raios do sol refletiam-se nas águas do riacho e um perfume de flores espalhava-se pela clareira onde descansavam os viandantes.De súbito, ouviu-se um grande estrondo e todos se puseram de pé, sobressaltados.

Na primeira parte, tem-se a recorrência do mesmo tempo verbal – o imperfeito do indicativo. Trata-se de “transições ho– mogneas”, segundo Weinrich, que, no caso, indicam ao ouvinte que se trata do segundo plano de um relato. Quando ocorre a mudança do imperfeito para o perfeito do indicativo (transição heterogênea do 1ºgrau, para Weinrich), assinala-se a mudança de perspectiva, isto é, passa-se ao primeiro plano do relato, o da ação propriamente dita. Assim, até o final da primeira parte, tem-se uma sequenciação parafrástica e, na segunda, uma sequenciação frástica. A partir de então, enquanto perdurarem os verbos no pretérito perfeito, indicando o primeiro plano do relato, a sequenciação será novamente parafrástica, até que ocorra nova mudança de tempo. Se se passasse, por exemplo, para o presente do indicativo, ocorreria mudança da atitude comunicativa de relato para a de comentário; se, além disso, se viesse a utilizar o futuro do presente, haveria, ainda, mudança de perspectiva (zero para prospectiva), tendo-se, então, uma transição heterogênea de 2º grau (alteração de mais de um traço).

Weinrich descarta a noção de aspecto verbal, por achar que aquilo que se costuma chamar de “aspecto” se encontra incluído nos tempos verbais próprios de cada situação. Não me parece, porém, que a teoria dos tempos verbais de Weinrich seja capaz de dar conta de todos os matizes aspectuais de modo que, a meu ver, a noção de aspecto não deve ser abandonada. Assim, também a recorrência do mesmo aspecto verbal deve ser considerada como um fenômeno de sequenciação parafrástica.

SEQUENCIAÇÃO FRÁSTICA

Texto 4

> Todo jornalismo é político, no sentido amplo da palavra.*Se* política é a ciência dos fenômenos relacionados com o Estado, *e se* o Estado é a nação politicamente organizada, *quando* um repórter escreve sobre qualquer fato ocorrido no país, *mesmo* sobre um assassinato no morro da Mangueira, está fazendo jornalismo político. *Ainda que* passional, um assassinato sempre envolverá relações entre indivíduos e autoridade. Vale a imagem para o esporte, *pois* ao reportar um jogo do Flamengo com o Vasco o jornalista estará, *antes de mais nada*, referindo-se a uma prática regulada em leis, portarias e sucedâneos, *bem como* a algo que apaixona a população inteira.
>
> Convencionou-se, *no entanto*, que jornalismo político deve referir-se apenas à atividade dos poderes constituídos, dos partidos, das associações influentes no meio social, dos governos, oposições e instituições jurídicas afins. E *até* dos militares, hoje em dia. Dentro desse jornalismo político restrito atua-se sob diversas formas. Fazem-se entrevistas. Reportagens. Descrevem-se reuniões, *sejam* as formais, como do Congresso, *sejam* as informais, tipo comícios e passeatas.
>
> Há a cobertura de fatos específicos, *como* eleições, composição de governos, viagens de políticos, crises e até golpes e revoluções. Segue-se, *também*, o desenvolvimento de determinadas ideias, ou propostas, *como* a das eleições diretas *ou* a da convocação de uma assembleia nacional constituinte.
>
> (Carlos Chagas, *Arte e artes da crônica política*,
> Revista de Comunicação nº 1, p. 12)

Como se pode notar no texto anterior, a progressão se faz por meio de sucessivos encadeamentos, assinalados por uma série de marcas linguísticas através das quais se estabelecem, entre os enunciados que compõem o texto, determinados tipos de relação. O texto se desenrola sem rodeios ou retornos que provoquem um “ralentamento” no fluxo informacional. Tem-se, aqui, o tipo de sequenciação a que denomino *frástica*. Entre os principais mecanismos responsáveis pela sequenciação frástica no texto 4, podem-se destacar conectores de diversos tipos, como:

- *se* que estabelece uma relação de implicação entre um antecedente e um consequente:

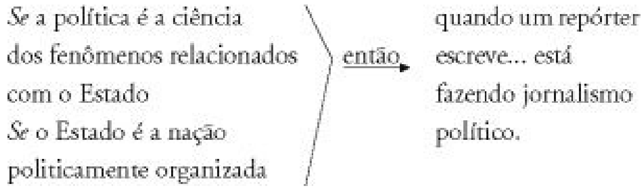

Se a política é a ciência
dos fenômenos relacionados
com o Estado
Se o Estado é a nação
politicamente organizada
então
quando um repórter
escreve... está
fazendo jornalismo
político.

- *e*, *bem como*, *também*, que somam argumentos a favor de determinada conclusão.
- *quando*, que opera a localização temporal dos fatos a que se alude no enunciado.
- *ainda que*, *no entanto*, que introduzem uma restrição, oposição ou contraste com relação ao que se disse anteriormente.
- *pois*, que apresenta uma justificativa ou explicação sobre o ato de fala anterior.
- *sejam... sejam*, *como*, que introduzem uma especificação e/ou exemplificação.
- *ou*, que introduz uma alternativa.

Outros elementos, como *mesmo*, *até*, *antes de mais nada*, têm função argumentativa, isto é, orientam os enunciados em que figuram para determinadas conclusões.

Sendo o tema do texto o jornalismo político, ocorrem nele uma série de termos relativos à política e ao jornalismo – estes são os principais *campos lexicais* encontrados no texto.

Comparando-se os textos 3 e 4, verifica-se que, no primeiro, uma mesma ideia vai sendo repisada até a. exaustão, tornando lenta a progressão temática, ao passo que, no segundo, o fluxo da informação não é obstacularizado e as ideias se sucedem com maior rapidez.

Passo, agora, ao exame mais detalhado dos mecanismos de sequenciação frástica, que se constituem em fatores de coesão textual na medida em que garantem a manutenção do tema, o estabelecimento de relações semânticas e/ou pragmáticas entre segmentos maiores ou menores do texto, a ordenação e articulação de sequências textuais. Enquadram-se, pois, entre tais procedi–mentos, os seguintes:

PROCEDIMENTOS DE MANUTENÇÃO TEMÁTICA

A manutenção do tema, isto é, a continuidade de sentidos do texto é garantida, em grande parte, pelo uso de termos per–tencentes a um mesmo campo lexical (contiguidade semântica ou “colocação”, segundo Halliday & Hasan,1976). Veja-se o exemplo:

6. O desabamento de barreiras provocou sérios *acidentes* na estrada. Diversas *ambulâncias* transportaram as *vítimas* para o *hospital* da cidade mais próxima.

Através desses termos, um “frame” ou esquema cognitivo é ativado na memória do leitor/ouvinte, de modo que outros elementos do texto serão interpretados dentro desse “frame”, o que permite não só detectar o tema, como também avançar perspectivas sobre o que deve vir em sequência no texto e, em certos casos, desfazer possíveis ambiguidades.

PROGRESSÃO TEMÁTICA

Na sequenciação do texto, assume vital importância o modo como se opera a progressão temática. A questão da articulação tema/rema foi desenvolvida pelos linguistas da Escola Funcio–nalista de Praga (Danes&, Firbas, Mathesius, Sgall, entre outros), preocupados com a organização e hierarquização das unidades semânticas de acordo com seu valor comunicativo.

Do ponto de vista funcional, tal hierarquia se concretiza através de blocos comunicativos, que têm sido denominados *tema* (tópico, dado) e *rema* (foco, comentário, novo), concepções que variam segundo duas perspectivas:

- a perspectiva oracional, que considera *tema* aquilo que se toma como base da comunicação, aquilo do que se fala, e *rema*, o cerne da contribuição, aquilo que se diz sobre o tema, não havendo, aqui, coincidência necessária entre tema e dado, rema e novo;
- a perspectiva contextual, que vê no *tema* a informação contextualmente deduzível e, no *rema*, a informação nova, desconhecida, não deduzível. A esta última interessa, pois, a estrutura informacional do texto, particularmente, os meios linguísticos para a caracterização sintática superfi–cial sob a perspectiva funcional da sentença.

Danes& (1970) procede a uma combinação das duas perspectivas com sua concepção de *progressão temática*, segundo ele, o “esqueleto” da estrutura textual, que pode ser de cinco tipos:

Progressão temática linear – quando o rema de um enunciado passa a tema do enunciado seguinte, o rema deste a tema do seguinte, e assim sucessivamente. Exemplo:

7. A “Eneida” é um poema épico. Os poemas épicos con–têm longas narrativas. Tais narrativas incluem sempre elementos convencionais. Um deles é a figura do herói.
O herói representa os ideais de uma nação.

Esquema: A → B
B → C
C → D

Progressão temática com um tema constante – em que, a um mesmo tema, são acrescentadas, em cada enunciado, novas informações remáticas. Exemplo:

8. O cão é um animal mamífero e quadrúpede. Ele tem o corpo coberto de pelos. O cão é um excelente guarda para nossas casas. (Ø) É um animal muito fiel.

Esquema: A → B
A → C
A → D
A → E

Progressão com tema derivado – quando existe um “hipertema”, do qual se derivam temas parciais. Exemplo:

9. O Brasil é o maior país da América do Sul. A região Norte é ocupada pela bacia Amazônica e pelo Planalto das Guianas. A região Nordeste caracteriza-se, em grande parte, pelo clima semiárido. As regiões Sul e Sudeste são altamente industrializadas. A região Centro-oeste encerra o Distrito Federal, onde se localiza a capital, Brasília.

Esquema:

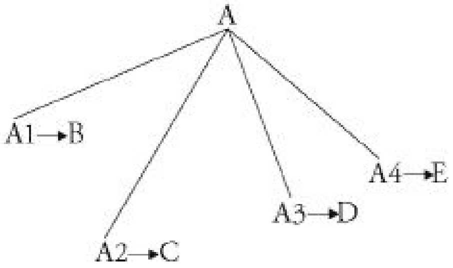

Progressão por desenvolvimento de um rema subdividido – desenvolvimento das partes de um rema superordenado. Exemplo:

10. O corpo humano dividi-se em três partes:
A cabeça é formada de crânio e face. O tronco compõe-se de tórax e abdômen. Os membros dividem-se em superiores e inferiores.

Esquema: $A \longrightarrow B\ (= B1 + B2 + B3 \ldots)$
$B1 \longrightarrow C$
$B2 \longrightarrow D$
$B3 \longrightarrow E$

Progressão com salto temático – quando há omissão de um segmento intermediário da cadeia de progressão temática linear, deduzível facilmente do contexto. Exemplo:

11. Toda epopeia contém elementos convencionais. Um desses elementos é o herói. , , Representante dos ideais de uma nacionalidade, passa por uma série de peripécias e acaba sendo glorificado.

Esquema: $A \longrightarrow B$
$B \longrightarrow C$
……
$D \longrightarrow E$

ENCADEAMENTO

O encadeamento permite estabelecer relações semânticas e/ou discursivas entre orações, enunciados ou sequências maiores do texto. Pode ser obtido por *justaposição* ou por *conexão*.

Justaposição

A justaposição pode dar-se com ou sem o uso de elementos sequenciadores. A justaposição sem partículas, particularmente no texto escrito, extrapola o âmbito da coesão textual, que, como se viu, diz respeito ao modo como os componentes da superfície textual se encontram conectados entre si *através de elementos linguísticos*. Inexistindo tais elementos, cabe ao leitor construir a coerência do texto, estabelecendo mentalmente as relações se–mânticas e/ou discursivas. Nesses casos, o lugar do conector ou partícula é marcado, na escrita, por sinais de pontuação (vírgula, ponto e vírgula, dois pontos, ponto) e, na falta, pelas pausas.

A *justaposição com elementos sequenciadores* estabelece um sequenciamento coesivo entre porções maiores ou menores da superfície textual. Tais elementos, denominados, *sinais de articulação* operam, portanto, em diversos níveis hierarquizados:

- *metanível* ou *nível metacomunicativo* em que funcionam como sinais demarcatórios e/ou sumarizadores de partes ou sequências textuais (ex.: por consequência, em virtude do exposto, dessa maneira, em resumo, essa posição etc.). Exemplos:

12. (...) *A hipótese acima aventada* faz previsões que podem ser verificadas empiricamente.
13. (...) *Fazendo um balanço do que se discutiu até o momento*, constata-se que os modelos apresentados são excessivamente redutores...
14. *Para encerrar este debate*, convém dizer ainda que...

Nível intersequencial (entre sequências textuais ou episódios narrativos)

- *marcadores de situação* ou *ordenação no tempo-espaço*, que podem funcionar, por exemplo, como demarcadores de episódios na narrativa (ordenadores temporais), de segmentos de uma descrição (ordenadores espaciais), ou como indicadores de ordenação textual. Exemplos:

15. (...) *Muitos anos depois*, os dois se encontraram casualmente numa galeria de arte e o antigo amor pareceu renascer (...)
16. (...) *Mais além, do lado esquerdo*, avistava-se um extenso matagal...
17. Tratarei, *primeiramente*, da origem do termo; *a seguir*, falarei de sua evolução histórica; *finalmente*, exemplificarei seu emprego atual.

Nível conversacional (inter ou intraturnos)

- *marcadores conversacionais* de variados tipos, especialmente os que assinalam *introdução*, *mudança* ou *quebra* do tópico (descritos para o português por Marcuschi, 1986):

18. Parece que nossas autoridades econômicas não estão se entendendo muito bem.. {A propósito / Por falar nisso}, me diz do novo choque econômico?
19. Você tem razão, a garota que passou é bonita mesmo.
    Mas voltando ao assunto, quando é que você vai me entregar o trabalho?
20. Amanhã vai haver reunião do Departamento e todos os professores deverão comparecer, pois há assuntos importantes em pauta. *Abrindo um parênteses*, você soube que o concurso de ingresso foi anulado?

Conexão

Outro tipo de sinais de articulação são os conectores interfrásticos, responsáveis pelo tipo de encadeamento a que se tem denominado *conexão* ou *junção* (cf. a *conjunção* de Halliday & Hasan). Trata-se de conjunções, advérbios sentenciais (também chamados advérbios de texto) e outras palavras (expressões) de ligação que estabelecem, entre orações, enunciados ou partes do texto, diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas.

Relações Lógico-Semânticas

As relações lógico-semânticas entre orações que compõem um enunciado são estabelecidas por meio de conectores ou juntores de tipo lógico. A expressão c*onectores de tipo lógico* deve-se ao fato de tais conectores apresentarem semelhanças com os operadores lógicos propriamente ditos, não se confundindo, porém, com estes, já que a "lógica" das línguas naturais difere, em muitos aspectos, da lógica formal. São relações desse tipo:

- *relação de condicionalidade* (se *p* então *q*) – expressa-se pela conexão de duas orações, uma introduzida pelo conector *se* ou similar (oração antecedente) e outra pelo operador *então*, que geralmente vem implícito (oração consequente). O que se afirma nesse tipo de relação é que, sendo o antecedente verdadeiro, o consequente também o será. Vejam-se os exemplos:

21. *Se* aquecermos o ferro, (então) ele se derreterá.
22. *Caso* faça sol, (então) iremos à praia.

- *relação de causalidade* (*p* porque *q*) – expressa-se pela conexão de duas orações, uma das quais encerra a *causa* que acarreta a consequência contida na outra. Tal relação pode ser veiculada sob diversas formas estruturais, como:

23. *O torcedor ficou rouco* porque *gritou demais*.
consequência causa

24. O torcedor *gritou tanto* que *ficou rouco*:
causa consequência

25. Otorcedor *gritou demais*; $\left\{\begin{array}{l}\text{então}\\ \text{por isso}\end{array}\right\}$ ficou *rouco*.

26. $\left\{\begin{array}{l}\textit{Como tivesse gritado demais}\\ \textit{Por ter gritado demais}\end{array}\right\}$ o torcedor *ficou rouco*. causa

- *relação de mediação* – que se exprime por intermédio de duas orações, numa das quais se explicita(m) o(s) meio(s) para atingir um fim expresso na outra:

27. O jovem *envidou todos os esforços* para *conquistar o amor* meio fim *da garota dos seus sonhos*.

Embora, do ponto de vista lógico, a relação de condicionalidade (implicação) englobe as de causalidade e de mediação, apresento-as separadamente por razões didáticas.

- *relação de disjunção* – tal relação pode ser tanto de tipo lógico, quanto de tipo discursivo (que será apresentada mais adiante) e se expressa através do conectivo *ou*. Esse conector, porém, é ambíguo em língua natural, correspondendo ora à forma latina *aut*, com valor exclusivo (isto é, *um* ou *outro*, mas não ambos), ora à forma *vel*, com valor inclusivo (ou seja, um ou outro, possivelmente ambos.

28. Você vai passar o fim de semana em São Paulo *ou* vai descer para o litoral? (exclusivo)

29. Todos os congressistas deveriam usar crachás *ou* trajar camisas vermelhas. (inclusivo: e/ou)

- *relação de temporalidade* – por meio da qual, através da conexão de duas orações, localizam-se no tempo, relacionando-os uns aos outros, ações, eventos, estados de coisas do “mundo real” ou a ordem em que se teve percepção ou conhecimento deles. O relacionamento temporal pode ser de vários tipos:

a. tempo simultâneo (exato, pontual):

30.
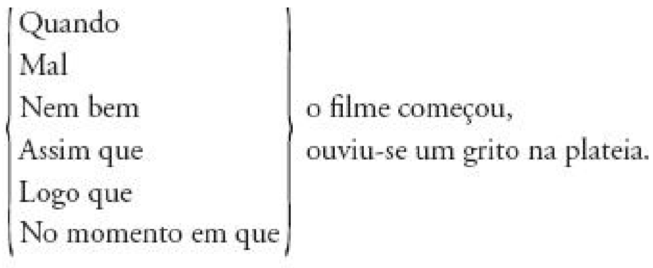
Quando
Mal
Nem bem
Assim que
Logo que
No momento em que
o filme começou,
ouviu-se um grito na plateia.

b. tempo anterior/tempo posterior:

31. *Antes que* o inimigo conseguisse puxar a arma, o soldado desferiu-lhe uma saraivada de tiros.
32. *Depois que* Maria enviuvou, ela preferiu viver na fazenda de seus pais.

c. tempo contínuo ou progressivo:

33. Enquanto os alunos faziam os exercícios, o professor corrigia as provas da outra turma.
34. À medida que os recursos iam minguando, aumentava o desespero da população do vilarejo isolado pelas inundações.

- *relação de conformidade* – expressa-se pela conexão de duas orações em que se mostra a conformidade do conteúdo de uma com algo asseverado na outra:

35. O réu agiu *conforme* o advogado lhe havia determinado.

- *relação de modo* – por meio da qual se expressa, numa das orações, o modo como se realizou a ação ou evento contido na outra. Exemplo:

36. *Sem levantar a cabeça*, a criança ouvia as reprimendas da mãe.
37. *Como se fosse um raio*, o cavaleiro disparou pela campina afora.

Relações discursivas ou argumentativas

Os encadeadores de tipo discursivo são responsáveis pela estruturação de enunciados em textos, por meio de encadeamentos sucessivos, sendo cada enunciado resultante de um ato de fala distinto. Neste caso, o que se assevera não é, como nas relações de tipo lógico, uma relação entre o conteúdo de duas orações, mas produzem-se dois (ou mais) enunciados distintos, encadeando-se o segundo sobre o primeiro, que é tomado como tema. Prova de que se trata de enunciados diferentes, resultantes cada um de um ato de fala particular, é que eles poderiam ser apresentados sob forma de dois períodos ou até proferidos por locutores diferentes. Assim, tais encadeamentos podem ocorrer entre orações de um mesmo período, entre dois ou mais períodos e, também, entre parágrafos de um texto: daí a denominação dada aos conectores por eles responsáveis de operadores ou encadeadores de discurso. Ademais, esses conectores, ao introduzirem um enunciado, determinam-lhe a orientação argumentativa. Por esta razão, são também chamados operadores argumentativos e as relações que estabelecem, relações pragmáticas ou argumentativas. Entre as principais destas relações podem citar-se:

- *conjunção* – efetuada por meio de operadores como *e*, *também*, *não só... mas também*, *tanto... como, além de, além disso*, *ainda*, *nem* (= e não), quando ligam enunciados que cons–tituem argumentos para uma mesma conclusão. Exemplo:

38. João é, sem dúvida, o melhor candidato. Tem boa formação e apresenta um consistente programa administrativo. *Além disso*, revela pleno conhecimento dos problemas da população. Ressalte-se, *ainda*, que não faz promessas demagógicas.
39. A reunião foi um fracasso. Não se chegou a nenhuma conclusão importante, *nem* (= e não) se discutiu o problema central.

- *disjunção argumentativa* – trata-se aqui da disjunção de enunciados que possuem orientações discursivas diferentes e resultam de dois atos de fala distintos, em que, por meio do segundo, procura-se provocar o leitor/ouvinte para levá-lo a modificar sua opinião ou, simplesmente, aceitar a opinião expressa no primeiro:

40. Todo voto é útil. *Ou* não foi útil o voto dado ao rinoceronte "Cacareco" nas eleições municipais, há alguns anos atrás?

- *contrajunção* – através da qual se contrapõem enunciados de orientações argumentativas diferentes, devendo prevalecer a do enunciado introduzido pelo operador *mas* (*porém, contudo, todavia* etc.).

41. Tinha todos os requisitos para ser um homem feliz. *Mas* vivia só e deprimido.

Quando se utiliza o operador *embora* (*ainda que, apesar de* (*que*) etc.), prevalece a orientação argumentativa do enunciado não introduzido pelo operador:

42. *Embora* desconfiasse do amigo, nada deixava transparecer.
43. O calor continua insuportável, *apesar da* chuva que caiuo dia todo.

Segundo Ducrot (1980), o operador ***mas*** pode exprimir um movimento psicológico entre crenças, opiniões, emoções, desejos, ainda que implícitos, quando orientados em sentidos contrários, como em:

44. Jeanne, tendo acabado de arrumar as malas, aproximou-se da janela, *mas* a chuva continuava. (Maupassant, *Une Vie*)

- *explicação ou justificativa* – quando se encadeia, sobre um primeiro ato de fala, outro ato que justifica ou explica o anterior.

45. Não vá ainda, *que* tenho uma coisa importante para lhe dizer. (Justificativa)

46. Deve ter faltado energia por muito tempo, *pois* a geladeira está totalmente descongelada. (Explicação)

- *comprovação* – em que, através de um novo ato de fala, acrescenta-se uma possível comprovação da asserção apresentada no primeiro:

47. Encontrei seu namorado na festa, *tanto que* ele estava de tênis Adidas.

- *conclusão* – em que, por meio de operadores como *portanto, logo, por conseguinte, pois* etc., introduz-se um enunciado de valor conclusivo em relação a dois (ou mais) atos de fala anteriores que contêm as premissas, uma das quais, geralmente, permanece implícita, por tratar-se de algo que é voz geral, de consenso em dada cultura, ou, então, verdade universalmente aceita. Exemplo:

48. Toda a equipe jogou desentrosada. *Portanto* o novo *Logo* atacante não poderia mesmo ter mostrado o seu bom futebol
49. João é um indivíduo perigoso. *Portanto*, fique longe dele.

- *comparação* – expressa-se por meio dos operadores (*tanto, tal*)... *como* (*quanto*), *mais*... (do) *que, menos*... (do) *que*, estabelecendo entre um termo comparante e um termo comparado, uma relação de inferioridade, superioridade ou igualdade. A relação comparativa, como demonstra Vogt (1977, 1980), possui caráter eminentemente argumentativo: a comparação se faz tendo em vista dada conclusão a favor ou contra a qual se pretende argumentar. Assim, se a uma pergunta como: “Devemos chamar Pedro para tirar mala de cima do armário?”, se obtivesse como resposta:

50. João é tão alto quanto Pedro.

argumentação seria desfavorável a Pedro (embora não negando a sua altura) e favorável a João. Se, por outro lado, a resposta fosse:

51. Pedro é tão alto como João.

haveria inversão da orientação argumentativa, agora favorável a Pedro.

Pelos exemplos anteriores, verifica-se que: a) do ponto de vista argumentativo, não há “igualdade” entre Pedro e João; b) embora tema e rema sejam perfeitamente permutáveis do ponto de vista sintático, não o são do ponto de vista argumentativo.

- *generalização/extensão* – em que o segundo enunciado expri–me uma generalização do fato contido no primeiro (ex. 52 e 54), ou uma amplificação da ideia nele expressa (ex. 53):

52.Maria está atrasada.

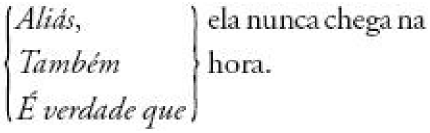

Aliás,
Também
É verdade que

ela nunca chega na hora.

53.Pedro está de novo sem dinheiro. {*Bem* / *Aliás* / *Mas*}, é o que acontece com todo estudante que vive de mesada.

54.Tive prazer em conhecê-la. {*De fato* / *Realmente*}, estou encantada.

- *especificação/exemplificação* – em que o segundo enunciado particulariza e/ou exemplifica uma declaração de ordem mais geral apresentada no primeiro:

55. Muitos de nossos colegas estão no exterior. Pierre, *por exemplo*, está na França.
56. Nos países do Terceiro Mundo, *como* a Bolívia e o Brasil, falta saneamento básico em muitas regiões.

- *contraste* – na qual o segundo enunciado apresenta uma declaração que contrasta com a do primeiro, produzindo um efeito retórico:

57. Gosto muito de esporte. *Mas* luta-livre, faça-me o favor!
58. Os ricos ficam cada vez mais ricos, *ao passo que* os pobres tornam-se cada vez mais pobres.

- *correção/redefinição* – quando, através de um segundo enunciado, se corrige, suspende ou redefine o conteúdo do primeiro, se atenua ou reforça o comprometimento com a verdade do que nele foi veiculado ou, ainda, se questiona a própria legitimidade de sua enunciação:

59. Irei à sua festa. *Isto é,* se você me convidar.
60. Eu não agiria deste modo. *Se* você quer saber a minha opinião.
61. Meus parabéns! *Ou* não devo cumprimentá-lo por isso?
62. Pedro chega hoje. *Ou melhor*, acredito que chegue, não tenho certeza.
63.Ele não é muito esperto. {*De fato* / *Pelo contrário*}, parece-me bastante estúpido.

64. Prometo ir ao encontro. {*Isto é* / *Ou melhor*} vou tentar.

Outros tipos de relações poderiam ser ainda apresentadas, por exemplo, as que se estabelecem entre turnos, no diálogo. Não tive a intenção de ser exaustiva e, sim, de apresentar ao leitor uma visão geral do assunto.

Charolles (1986) ressalta que o uso dos mecanismos coesivos tem por função facilitar a interpretação do texto e a construção da coerência pelos usuários. Por essa razão, seu uso inadequado pode dificultar a compreensão do texto: visto possuírem, por convenção, funções bem específicas, eles não podem ser usados sem respeito a tais convenções. Se isto acontecer, isto é, se seu emprego estiver em desacordo com sua função, o texto parecerá destituído de sequencialidade, o que dificultará a sua compreensão e, portanto, a construção da coerência pelo leitor/ouvinte.

É preciso deixar claro, ainda, que a coesão referencial e a coesão sequencial não devem ser vistas como procedimentos totalmente estanques. Há, na língua, formas que apenas efetuam encadeamentos (os conectores propriamente ditos) e outras que operam, ao mesmo tempo, remissão (ou referência) e encadeamento. Vejam-se, como exemplo destas últimas, as formas examinadas no item Justaposição (metanível, p. 66), algumas das quais, inclusive, apresentam semelhanças com as dos exemplos (65) e (66) do capítulo anterior. O próprio uso de formas remissivas, retomando referentes do texto para se tornarem suportes de novas predicações, não deixa de contribuir para a progressão do texto, aproximando-se, pois, dos mecanismos de sequenciação parafrástica.

Como se pode verificar de tudo o que foi dito neste capítulo, também a questão da coesão sequencial é bastante complexa. Esta obra terá atingido seu objetivo se conseguir motivar o leitor a novas leituras sobre o tema *coesão textual*.

---

[1] Castilho (1988) fala em “rematização frástica” (de *phrázõ*, “informar emitir sinais verbais, fazer compreender”) e “rematização parafrástica” (de *paraphrázo*, “parafrasear, alterar o sentido, comentar”).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUGRANDE, Robert de & DRESSLER, Wolfgang U. *Einführng in die Textlinguistik*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1981. Trad. inglesa: *Introduction to Textliguistics*. London: Longman.

Obra básica sobre Linguística Textual em que se examinam os principais critérios ou padrões de textualidade; contém um capítulo extenso sobre coesão.

BLANCHE-BENVENISTE, Claire. La dénomination dans le français parlé. *In*: *Recherches sur le français parlé* 6, Université de Provence, 1984.

Artigo importante para o conhecimento das pesquisas sobre o francês falado que o grupo ao qual pertence a autora vem desenvolvendo na Universidade de Provence (França).

BROWN, Gillian & YULE, George. *Discourse Analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

Uma das mais lúcidas obras sobre Análise do Discurso de linha an-glo-americana; contém uma revisão crítica de grande parte da literatura sobre o assunto. O capítulo 6 trata da “natureza da referência no texto e no discurso”.

CASTILHO, Ataliba T. de. Para o estudo das unidades discursivas no português falado. *In*: A. T. CASTILHO (org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1989, p. 249-280.

Excelente texto sobre língua falada, com atenção especial às unidades discursivas e aos marcadores convencionais; contém análise de excertos de entrevistas do Projeto NURC.

CHAROLLES, Michel & EHRLICH, Marie-France. *Aspects of textual Continuity:* linguistic and psycological Approaches. Mineo, 1986.

Os autores procedem a uma abordagem linguística (Charolles) e psicológica (Ehrlich) da questão da continuidade textual. Charolles distingue três aspectos básicos: coesão, conexão e coerência.

DANEŠ, Frantisek. Functional Sentence Perspective and the Organization of the Text. *In*: DANEŠ, F. (ed.). *Papers on functional Sentence Perspective*. Praga: The Hague, 1974.

Trabalho em que o autor discute as diversas possibilidades de organização do texto segundo a perspectiva funcional da sentença desenvolvida pelos membros da Escola Funcionalista de Praga, à qual pertence.

DUCROT, Oswald. *Princípios de semântica linguística*. São Paulo: Cultrix, 1976.

Obra que coloca os fundamentos e discute questões básicas da Semântica Argumentativa. O original em francês foi publicado em 1972.

______. 1980. Analyses pragmatiques. *In*: *Communications 32*. Paris: Ed. duSeuil, p. 11-60.

Aplicação dos princípios da Semântica Argumentativa à análise de textos.

FARIA, Isabel H.& MATEUS, Maria H. M. *et al*. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 1983.

Uma das gramáticas mais modernas e completas da língua portuguesa; contém fartos elementos para a descrição da estrutura, funcionamento e uso do português atual, com um capítulo (cap. 7) destinado aos mecanismos de estruturação textual.

FÁVERO, Leonor L. & KOCH, Ingedore G. V. *Linguística textual:* introdução. São Paulo: Cortez, 1983.

Obra introdutória à Linguística Textual em que se apresenta uma visão panorâmica desse ramo da linguística atual.

______. Critérios de textualidade. *In*: *Veredas 104*, Revista PUC/SP, São Paulo: EDUC, 1985, p. 17-34.

Artigo em que se discutem os diversos critérios ou fatores de textualidade, com destaque para os mecanismos de coesão e seu emprego com função argumentativa.

GUIMARÃES, Eduardo R. J. *Texto e argumentação:* um estudo das conjunções do português. Campinas: Pontes, 1987.

Estudo minucioso das principais conjunções da língua portuguesa à luz da Semântica da Enunciação.

HALLIDAY, M. A. K. & HASAN, Rugaia. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.

Obra clássica sobre coesão textual que tem servido de base à maioria dos estudos sobre o assunto. Os autores procedem a um aprofundado exame de todos os mecanismos coesivos do inglês.

HARWEG, Roland. *Pronomina und Textkonstituition*. München: Fink, 1968. Um dos trabalhos pioneiros em Linguística Textual, em que o autor desenvolve a ideia de que *texto* é uma sucessão de unidades linguísticas constituída mediante uma concatenação pronominal ininterrupta, além de colocar os fundamentos para uma tipologia textual.

KALLMEYER, W., MEYER-HERMANN, R. *et al*. *Lektüre-kolleg zur Textlinguistik*.vol. II. Reader, Frankfurt: Athenäewm, 1974.

Obra coletiva sobre linguística textual; contém, além de outros assuntos relevantes, um capítulo (cap. 7) importantíssimo sobre a remissão no texto (Textphorik), em que se propõe a Teoria da Referência Mediatizada.

KARLVERKÄMPER, Hartwing. *Orientierung zur Textlinguistik*. Tübingen: Max Niermyer, 1981.

Revisão de grande parte da bibliografia publicada sobre linguística do texto na Europa, especialmente na Alemanha.

KOCH, Ingedore G. V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984. Contém um capítulo em que se estuda em detalhes as relações interfrásticas, além de outro sobre a teoria dos tempos verbais, de Weinrich.

______. Dificuldades na leitura/produção de textos: os conectores interfrásticos. *In*: KIRST & CLEMENTE (org.). *Linguística aplicada ao ensino de Português*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p. 83-98. Trabalho em que se faz o levantamento dos principais conectores lógico-semânticos e discursivos do português e das relações por eles estabelecidas no texto.

MARCUSCHI, Luiz A. *Linguística de texto:* o que é e como se faz. Série Debates 1, Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1986.

Importante obra introdutória à Linguística Textual, com farta exemplificação em textos.

______. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.

Obra básica que traz os fundamentos da análise da conversação e um estudo aprofundado dos marcadores conversacionais.

MEYER-HERMANN, Reinhard. Some Topics in the Study of Referentials in Portuguese. *In*: SCHMIDT-RADEFELDT, J. (ed.). *Readings in Portuguese Linguistics*. Amsterdam: North-Holland Publish. Co, 1976, p. 267-287.

Trabalho em que, através de exemplos em português europeu, o autor discute os principais elementos de coesão referencial.

VAN DIJK, Teun A. *Studies in the Pragmatics of Discourse*. Berlim/New York: Mouton, 1981.

Obra importante em que o autor discute uma série de questões discursivas, inclusive os conectivos semânticos e pragmáticos.

VILELA, M. & KOCH, I. G. V. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 2001.

VOGT, Carlos A. *Linguagem, pragmática, ideologia*. São Paulo: Hucitec, 1980. Obra básica para quem se interessa por questões de Semântica Argumentativa, incluindo um estudo sobre o operador *mas* e a comparação.

______. *O intervalo semântico*. São Paulo: Ática, 1977.
Obra em que o autor discute os pressupostos teóricos da Semântica Argumentativa, aplicando-os, particularmente, às estruturas de comparação.

WENRICH, Harald. *Sprache in Texten*. Stuttgart: Klett. Trad. espanhola. *Lenguage en textos*. Madrid: Gredos, 1973.
Coletânea de diversos trabalhos do autor, entre os quais o que trata do emprego dos artigos em alemão, em que Weinrich aplica à análise de textos suas concepções teóricas.

______. *Tempus*: *Besprochene und Erzählte Welt*. Trad. francesa. Le Temps (Ed. du Seuil). Trad. espanhola. *Estructra y función de los tiempos en el lenguage*. 2ª ed. alemã: 1971.
Obra em que o autor lança sua teoria dos tempos verbais, dividindo-os em dois grupos de acordo com a atitude comunicativa: *mundo comentado* e *mundo narrado*; contém farta exemplificação em obras literárias ou não.

A AUTORA

Ingedore Grunfeld Villaça Koch nasceu na Alemanha e veio para o Brasil com quatro anos de idade. Adotou o Brasil como pátria, naturalizando-se brasileira. Formou-se em Direito pela USP e, mais tarde, obteve licenciatura plena em Letras. Foi professora de 1º grau no Externato Ofélia Fonseca e de Língua Portuguesa e Técnica e Metodologia de Redação em Português na Logos-Escola de 2º grau.

É mestre e doutora em Ciências Humanas: Língua Portuguesa pela PUC/SP. Foi professora do Departamento de Português dessa universidade, tendo lecionado nos cursos de Língua e Literatura Portuguesas, Língua e Literatura Inglesas – opção Tradutor, Secretariado Executivo Bilíngue e Jornalismo. Foi coordenadora do curso de Jornalismo e membro da comissão didática do curso de Língua e Literatura Inglesas.

Publicou pela Editora Contexto as seguintes obras: *A coerência textual* (em coautoria com Luiz Carlos Travaglia), *A inter-ação pela linguagem*, *O texto e a construção dos sentidos*, *Referenciação e discurso*, *Ler e compreender* e *Ler e escrever* (os dois últimos em coautoria com Vanda Maria Elias). É de sua autoria também: *Gramática do português falado: vol. VI – desenvolvimentos*; *Texto e coerência* (em coautoria com Luiz Carlos Travaglia); *Desvendando os segredos do texto*; *Linguística aplicada ao português* (em coautoria com Maria Cecília Pérez de Souza e Silva); *Morfologia e linguística aplicada ao português* (em coautoria com Maria Cecília Pérez de Souza e Silva); *Linguística textual: introdução* (em coautoria com Leonor Lopes Fávero); *Argumentação e linguagem*.

Atualmente, é professora titular do Departamento de Linguística do IEL/UNICAMP, em cujos cursos de graduação e pós-graduação trabalha com Linguística Textual.

A COESÃO TEXTUAL

Ingedore Villaça Koch

editoracontexto

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.org*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

A COESÃO TEXTUAL

A COESÃO TEXTUAL

INGEDORE GRUNFELD
VILLAÇA KOCH

editoracontexto

Copyright © 1989 Ingedore Grunfeld Villaça Koch
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Contexto (Editora Pinsky Ltda.)

Coordenador
Ataliba Teixeira de Castilho
Revisão
Edison Luís dos Santos
Capa
Antonio Kehl

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Koch, Ingedore Grunfeld Villaça
A coesão textual / Ingedore G. Villaça Koch –
22. ed. – São Paulo : Contexto, 2010.

Bibliografia.
eISBN 8585134461

1. Linguística 2. Textos I. Título II. Série

89-0573 CDD-415

Índices para catálogo sistemático:
1. Linguística textual 415
2. Texto : Linguística 415

EDITORA CONTEXTO
Diretor editorial: *Jaime Pinsky*

Rua Dr. José Elias, 520 – Alto da Lapa
05083-030 – São Paulo – SP
PABX: (11) 3832 5838
contexto@editoracontexto.com.br
www.editoracontexto.com.br

2010

Proibida a reprodução total ou parcial.
Os infratores serão processados na forma da lei.

CÓPIA NÃO AUTORIZADA É CRIME
ABDR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
RESPEITE O DIREITO AUTORAL

SUMÁRIO

O que é a Linguística Textual

Coesão Textual: Conceito e Mecanismos

A Coesão Referencial

A Coesão Sequencial

Referências Bibliográficas

A Autora

O QUE É A LINGUÍSTICA TEXTUAL

O estudo da coesão textual tem sido predominantemente desenvolvido dentro do ramo da Linguística a que se denomina Linguística do Texto. Cabe, assim, inicialmente, dizer algumas palavras sobre esta corrente da Linguística moderna.

Surgida na década de 1960, na Europa, onde ganhou projeção a partir dos anos 1970, a Linguística Textual teve inicialmente por preocupação descrever os fenômenos sintático-semânticos ocorrentes entre enunciados ou sequências de enunciados, alguns deles, inclusive, semelhantes aos que já haviam sido estudados no nível da frase. Este é o momento a que se denomina "análise transfrástica", no qual não se faz, ainda, distinção nítida entre fenômenos ligados uns à coesão, outros à coerência do texto.

Na década de 1970, muitos estudiosos encontram-se ainda bastante presos ou à gramática estrutural, ou – principalmente – à gramática gerativa, o que explica o seu interesse na construção de "gramáticas de texto". A partir da descrição de fenômenos linguísticos inexplicáveis pelas gramáticas de frase – já que um texto não é simplesmente uma sequência de frases isoladas, mas uma unidade linguística com propriedades estruturais específicas –, tais gramáticas têm por objetivo apresentar os princípios de constituição do texto em dada língua.

É somente a partir de 1980, contudo, que ganham corpo as Teorias do Texto – no plural, já que, embora fundamentadas em pressupostos básicos comuns, chegam a diferir bastante umas das outras, conforme o enfoque predominante. Assim, em razão da amplitude do campo e da fluidez de limites entre as várias tendências, a Linguística Textual, tal como vem sendo entendida atualmente, apresenta diversas vertentes. Entre os principais representantes de cada uma delas, poder-se-iam citar:

Beaugran & Dressler – que se vêm dedicando ao estudo dos principais critérios ou padrões de textualidade e do processamento cognitivo do texto. Apontam como critérios de textualidade a coesão e a coerência (centrados no texto), e a informatividade, a situacionalidade, a intertextualidade, a intencionalidade e a aceitabilidade (centrados nos usuários). Adotam, entre outros pressupostos, os da semântica procedural, dando realce, no estudo da coerência e do processamento do texto, não só ao conhecimento declarativo (dado pelo conteúdo proposicional dos enunciados), mas também ao conhecimento construído através da vivência, condicionado socioculturalmente, que é armazenado na memória, sob a forma de modelos cognitivos globais ("frames", esquemas, "scripts", planos). Neste sentido, estes autores aproximam-se da linha americana da análise do discurso.

Gívón e outros estudiosos filados à linha americana da Análise do Discurso – preocupados, de um lado, com as formas de construção linguística do texto enquanto sequência de frases, de outro lado com a questão do processamento cognitivo do texto (isto é, com os processos de produção e compreensão) e, consequentemente, com o estudo dos mecanismos e modelos cognitivos envolvidos nesse processamento. Para tanto, buscam subsídios em pesquisas nas áreas da Psicologia da Cognição e da Inteligência Artificial.

Weinrich – cujos trabalhos objetivam a construção de uma macrossintaxe do discurso, com base no tratamento textual de categorias gramaticais como os artigos, os verbos etc. Postula como método heurístico o da “partitura textual”, que consiste em unir a análise frasal por tipo de palavras e a estrutura sintática do texto num só modelo, tal como uma “partitura musical a duas vozes”. Para Weinrich, o texto é uma sequência linear de lexemas e morfemas que se condicionam reciprocamente e que, de modo recíproco, constituem o contexto: texto é, pois, “um andaime de determinações onde tudo se encontra interligado”, uma “estrutura determinativa”. Para ele, toda Linguística é, necessariamente, Linguística de Texto.

Van Dijk – cujo trabalho se tem voltado, particularmente, ao estudo das macroestruturas textuais e, em virtude disto, à produção de resumos; e ao das superestruturas ou esquemas textuais e, portanto, à questão da tipologia dos textos. Tendo dedicado, inicialmente, maior atenção às superestruturas narrativas, passou, mais tarde, a examinar outros tipos de superestruturas, especialmente as do noticiário jornalístico. Desde 1985, vem atuando na perspectiva da Análise Crítica do Discurso (*Critical Discourse Analysis*).

Petöfi – empenhado, a princípio, na construção de uma teoria semiótica dos textos verbais a que denominou TeSWeST (Teoria da Estrutura do Texto – Estrutura do Mundo), visando ao relacionamento entre a estrutura de um texto e a interpretação extensional(em termos de mundos possíveis) do mundo (ou do complexo de mundos) que é textualizado em um texto, implicando, assim, elementos con-textuais (externos ao texto) e co-textuais (internos ao texto). Como decorrência, os interesses desse autor e de seu grupo voltam-se hoje, em grande parte, à questão da compreensão/produção de textos.

Schmidt – para quem o texto é “qualquer expressão de um conjunto linguístico num ato de comunicação – no âmbito de um ‘jogo de atuação comunicativa’ – tematicamente orientado e preenchendo uma função comunicativa reconhecível, ou seja, realizando um potencial ilocucionário reconhecível”. Segundo ele, textualidade é o modo de toda e qualquer comunicação transmitida por sinais, inclusive os linguísticos. Daí preferir a denominação Teoria de Texto a Linguística de Texto.

É preciso lembrar, também, os linguistas franceses como Charolles, Combettes, Vigner, Adam e outros que se dedicam aos problemas de ordem textual e à operacionalização dos construtos teóricos para o ensino de línguas.

Tentando detectar os pontos comuns às diversas correntes, Mareuschi (1983: 12,13) apresenta uma definição provisória de Linguística Textual:

> Proponho que se veja a Linguística do Texto, mesmo que provisória e genericamente, como o *estudo das operações linguísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos ou orais*. Seu tema abrange a *coesão superficial* ao nível dos constituintes linguísticos, a *coerência conceitual* ao nível semântico e cognitivo e o sistema de pressuposições e implicações a nível pragmático da produção do sentido no plano das ações e intenções. Em suma, a Linguística Textual trata o texto como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas. Por um lado deve preservar a *organização linear* que é o tratamento estritamente linguístico abordado no aspecto da coesão e, por outro, deve considerar a *organização reticulada* ou tentacular, não linear portanto, dos níveis de sentido e intenções que realizam a coerência no aspecto semântico e funções pragmáticas.

A Linguística Textual toma, pois, como objeto particular de investigação não mais a palavra ou a frase isolada, mas o texto, considerado a unidade básica de manifestação da linguagem, visto que o homem se comunica por meio de textos e que existem diversos fenômenos linguísticos que só podem ser explicados no interior do texto. O texto é muito mais que a simples soma das frases (e palavras) que o compõem: a diferença entre frase e texto não é meramente de ordem quantitativa; é, sim, de ordem qualitativa.

Assim, passou-se a pesquisar o que faz com que um texto seja um texto, isto é, quais os elementos ou fatores responsáveis pela textualidade. Conforme se disse anteriormente, Beaugrande & Dressler (1981) apresentam um elenco de tais fatores, em número de sete: coesão, coerência, informatividade, situacionalidade, intertextualidade, intencionalidade e aceitabilidade. Este livro será dedicado ao estudo de um desses fatores: *a coesão textual*.

COESÃO TEXTUAL:
CONCEITO E MECANISMOS

Texto 1 – Os urubus e sabiás

(1) *Tudo* aconteceu numa terra distante, no tempo em que os bichos falavam... (2) Os urubus, aves por natureza becadas, ***mas*** sem grandes dotes para o canto, decidiram que, ***mesmo*** contra a natureza, *eles* haveriam de se tornar grandes cantores. (3) E ***para*** isto fundaram escolas e importaram professores, gargarejaram dó-ré-mi-fá, mandaram imprimir diplomas, e fizeram competições entre si, ***para*** ver *quais deles* seriam os mais importantes e teriam a permissão de mandar nos *outros*. (4) ***Foi assim que*** *eles* organizaram concursos e se deram nomes pomposos, e o sonho de cada urubuzinho, instrutor em início de carreira, era se tornar um respeitável urubu titular, a quem todos chamavam por Vossa Excelência. (5) *Tudo* ia muito bem ***até que*** a doce tranquilidade da hierarquia dos urubus foi estremecida. (6) A floresta foi invadida por bandos de pintassilgos tagarelas, que brincavam com os canários e faziam serenatas com os sabiás... (7) *Os velhos urubus* entortaram o bico, o rancor encrespou a testa, ***e*** *eles* convocaram pintassilgos, sabiás e canários para um inquérito.(8) "– Onde estão os documentos dos *seus* concursos?" (9) ***E*** *as pobres aves* se olharam perplexas, ***porque*** *nunca haviam imaginado que tais coisas* houvessem. (10) Não haviam passado por escolas de canto, ***porque*** o canto nascera com *elas*.(11) E nunca apresentaram um diploma ***para*** provar que sabiam cantar, ***mas*** cantavam, simplesmente... "(12) – Não, *assim* não pode ser. Cantar sem a titulação devida é um desrespeito à ordem." (13) E *os urubus*, em uníssono, expulsaram da floresta *os passarinhos* que cantavam sem alvarás... (14) MORAL: Em terra de urubus diplomados não se ouve canto de sabiá.

(Rubem Alves, *Estórias de Quem Gosta de Ensinar*.
São Paulo: Cortez Editora, 1984, p. 61-62)

CONCEITO

Pode-se comprovar, observando o texto acima, que um texto não é apenas uma soma ou sequência de frases isoladas. Veja-se o início: "*Tudo* aconteceu...". Que "tudo" é esse? Que foi que aconteceu numa terra distante, no tempo em que os bichos falavam? Em (3), temos o termo *isto*: "E para *isto* fundaram escolas...". *Isto* o quê? De que se está falando? Ainda em (3), qual é o sujeito dos verbos *fundaram*, *importaram*, *gargarejaram*, *mandaram*, *fizeram*? É o mesmo de *teriam*? Fala-se em *quais deles*: *deles* quem? E quem são os *outros*? Qual é o referente de *eles* em (4)? Em (5), tem-se novamente a palavra *tudo*: "Tudo ia muito bem... Será que esta segunda ocorrência do termo tem o mesmo sentido da primeira? Em (7), a quem se refere o pronome *eles*? E *seus*, em (8)? Quais são *as pobres aves* de que se fala em (9)? E as *tais coisas*? *Elas*, em (10), refere-se a *pobres aves* ou a *tais coisas*? De que *passarinhos* se fala em (13)?

Se tais perguntas podem ser facilmente respondidas pelos eventuais leitores, é porque os termos em questão são elementos da língua que têm por função precípua estabelecer relações textuais: são **recursos de coesão textual**.

Assim, *tudo*, em (1), remete a toda a sequência do texto, sendo, pois, um elemento **catafórico**. Por seu turno, *isto*, em (3),remete para o enunciado anterior; é, portanto, **anafórico**, do mesmo modo que *tudo*, em (5). *Deles*, em (3), remete a *urubus*, de (2); são também *os urubus* o sujeito (elíptico) da sequência de verbos em (3), mas não de *teriam*, cujo sujeito será um subconjunto do conjunto dos urubus, que exclui o subconjunto complementar formado por *outros*; e, em (4), *eles* pode remeter a *urubus*, de (2), ou ao primeiro subconjunto citado anteriormente. Em (7), *eles* retoma *os velhos urubus* que, por sua vez, retoma os *urubus* citados anteriormente. *Seus*, em (8), remete a *pintassilgos*, *sabiás e canários*. *Tais coisas* refere-se aos documentos de que se fala em (8). *Os passarinhos*, em (13), remete a *elas* de (10), que, por seu turno, remete a *pobres aves*, de (9) e esta expressão a *pintassilgos, sabiás e canários* de (7) que retoma (6).

Note-se, agora, que há outro grupo de mecanismos cuja função é assinalar determinadas relações de sentido entre enunciados ou partes de enunciados, como, por exemplo: **oposição** ou **contraste** (*mas*, em (2) e (11)); *mesmo*, em (2); **finalidade** ou **meta** (*para*, em (3) e (11)); **consequência** (*foi assim que*, em (4); *e*, em (7); **localização temporal** (*até que*, em (5)); **explicação** ou **justificativa** (*porque*, em (9) e (10)); **adição de argumentos** ou **ideias** (*e*, em (11)).

É por meio de mecanismos como estes que se vai tecendo o “tecido” (tessitura) do texto. A este fenômeno é que se denomina **coesão textual**.

Em obra que se tornou clássica sobre o assunto, Halliday & Hasan (1976) apresentam o conceito de coesão textual, como um conceito semântico que se refere às relações de sentido existentes no interior do texto e que o definem como um texto.

Segundo eles, “a coesão ocorre quando a interpretação de algum elemento no discurso é dependente da de outro. Um *pressupõe* o outro, no sentido de que não pode ser efetivamente decodificado a não ser por recurso ao outro”. (p.4)

Consideram a coesão como parte do sistema de uma língua: embora se trate de uma relação semântica, ela é realizada – como ocorre com todos os componentes do sistema semântico – através do sistema léxico-gramatical. Há, portanto, formas de coesão realizadas através da gramática e outras, através do léxico.

Para esses autores, a coesão é, pois, uma relação semântica entre um elemento do texto e algum outro elemento crucial para a sua interpretação. A coesão, por estabelecer *relações de sentido*, diz respeito ao conjunto de recursos semânticos por meio dos quais uma sentença se liga com a que veio antes, aos recursos semânticos mobilizados com o propósito de criar textos. A cada ocorrência de um recurso coesivo no texto, denominam “laço”, “elo coesivo”.

Halliday & Hasan citam como principais fatores de coesão a *referência*, a *substituição*, a *elipse*, a *conjunção*, e a *coesão lexical*, que serão tratados mais adiante. Seu trabalho tem servido de base para um grande número de pesquisas sobre o assunto.

Para Beaugrande & Dressler (1981), a coesão concerne ao modo como os componentes da superfície textual – isto é, as palavras e frases que compõem um texto – encontram-se conectadas entre si numa sequência linear, por meio de dependências de ordem gramatical.

Marcuschi (1983) define os fatores de coesão como “aqueles que dão conta da estruturação da sequência superficial do texto”, afirmando que não se trata de princípios meramente sintáticos, mas de “uma espécie de semântica da sintaxe textual”, isto é, dos mecanismos formais de uma língua que permitem estabelecer, entre os elementos linguísticos do texto, relações de sentido. Em discordância com Halliday & Hasan, para quem a coesão é uma condição necessária, embora não suficiente para a criação do texto, Marcuschi compartilha a opinião daqueles para os quais não se trata de condição necessária, nem suficiente: existem textos destituídos de recursos coesivos, mas em que "a continuidade se dá ao nível do sentido e não ao nível das relações entre os constituintes linguísticos". Por outro lado, há textos em que ocorre "um sequenciamento coesivo de fatos isolados que permanecem isolados, e com isto não têm condições de formar uma textura".

Tais afirmações levam à distinção entre *coesão e coerência*: embora muitos autores tenham desconsiderado esta distinção, hoje em dia já se tornou praticamente um consenso que se trata de noções diferentes.

Para Beaugrande & Dressler, "a coerência diz respeito ao modo como os componentes do universo textual, ou seja, *os conceitos e relações subjacentes ao texto de superfície* são mutuamente acessíveis e relevantes entre si, entrando numa configuração veiculadora de sentidos".

A coerência, responsável pela continuidade dos sentidos no texto, não se apresenta, pois, como mero traço dos textos, mas como o resultado de uma complexa rede de fatores de ordem linguística, cognitiva e interacional. Assim, diz Marcuschi, "a simples justaposição de eventos e situações em um texto pode ativar operações que recobrem ou criam relações de coerência".

Parece fora de dúvida que pode haver textos destituídos de elementos de coesão, mas cuja textualidade se dá no nível da coerência, como em:

> Olhar fito no horizonte. Apenas o mar imenso. Nenhum sinal de vida humana. Tentativa desesperada de recordar alguma coisa. Nada.

Por outro lado, podem ocorrer sequenciamentos coesivos de enunciados que, porém, não chegam a constituir textos, por faltar-lhes a coerência. É o caso de:

> O dia está bonito, pois ontem encontrei seu irmão no cinema. Não gosto de ir ao cinema. Lá passam muitos filmes divertidos.

Se é verdade que a coesão não constitui condição necessária nem suficiente para que um texto seja um texto, não é menos verdade, também, que o uso de elementos coesivos dá ao texto maior legibilidade, explicitando os tipos de relações estabelecidas entre os elementos linguísticos que o compõem. Assim, em muitos tipos de textos – científicos, didáticos, expositivos, opinativos, por exemplo – a coesão é altamente desejável, como mecanismo de manifestação superficial da coerência.

Concluindo, pode-se afirmar que o conceito de coesão textual diz respeito a todos os processos de sequencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual.

MECANISMOS

Como se disse anteriormente, Halliday & Hasan (1976) distinguem cinco mecanismos de coesão:

- referência (pessoal, demonstrativa, comparativa);
- substituição (nominal, verbal, frasal);
- elipse (nominal, verbal, frasal);
- conjunção (aditiva, adversativa, causal, temporal, continuativa);
- coesão lexical (repetição, sinonímia, hiperonímia, uso de nomes genéricos, colocação).

São elementos de *referência* os itens da língua que não podem ser interpretados semanticamente por si mesmos, mas remetem a outros itens do discurso necessários à sua interpretação. Aos primeiros denominam *pressuponentes* e aos últimos, *pressupostos*. Para os autores, a referência pode ser situacional (exofórica) e textual (endofórica).

A referência é exofórica quando a remissão é feita a algum elemento da situação comunicativa, isto é, quando o referente está fora do texto; e é endofórica, quando o referente se acha expresso no próprio texto. Neste caso, se o referente precede o item coesivo, tem-se a anáfora; se vem após ele, tem-se a catáfora. Observe-se o quadro:

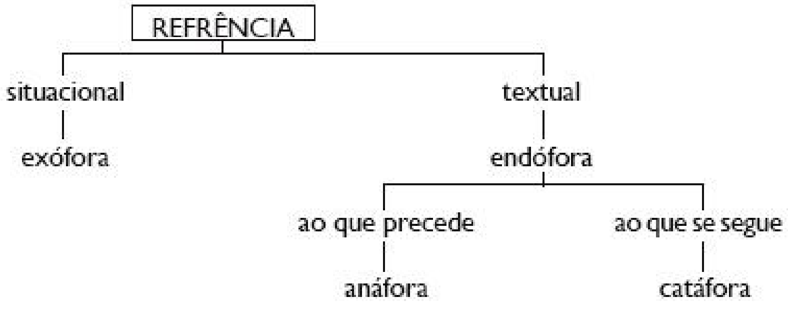

A referência *pessoal* é feita por meio de pronomes pessoais e possessivos; a *demonstrativa* é realizada por meio de pronomes demonstrativos e advérbios indicativos de lugar; e a *comparativa* é efetuada por via indireta, por meio de identidades e similaridades. Vejam-se alguns exemplos:

1. *Você* não se arrependerá de ter lido este anúncio. (exófora)
2. Paulo e José são excelentes advogados. Eles se formaram na Academia do Largo de São Francisco. (Referência pessoal anafórica)
3. Realizara todos os seus sonhos,menos *este*:o de entrar para a Academia. (Referência demonstrativa catafórica)
4. a. E um exercício *igual ao* de ontem.
   b. É um exercício *semelhante ao* de ontem.
   c. É um exercício *diferente do* de ontem.
   (Referência comparativa endofórica)
5. Por que você está decepcionada? Esperava algo de *diferente*? (Referência comparativa exofórica)

A *substituição* consiste, para Halliday & Hasan, na colocação de um item em lugar de outro(s) elemento(s) do texto, ou até mesmo, de uma oração inteira. Seria uma relação interna ao texto, em que uma espécie de “coringa” é usado em lugar da repetição de um item particular. Exemplos:

6. Pedro comprou um carro novo e José *também*.
7. O professor acha que os alunos não estão preparados, mas eu não penso *assim*.
S. O padre ajoelhou-se. Todos *fizeram o mesmo*.
9. Minha prima comprou um Gurgel. Eu também estou querendo *um*.

Segundo esses autores, a principal diferença entre substituição e referência é que, nesta, há total identidade referencial entre o item de referência e o item pressuposto, ao passo que na substituição ocorre sempre alguma redefinição. A substituição seria usada precisamente quando a referência não é idêntica ou quando há, pelo menos, uma especificação nova a ser acrescentada, o que requer um mecanismo que seja não semântico, mas essencialmente gramatical. Esse processo de redefinição tem o efeito de "repudiar", do item pressuposto, tudo o que não seja transportado na relação de pressuposição: a nova definição é contrastiva com relação à original. Um exemplo do caráter contrastivo da substituição seria:

10. Pedro comprou uma camisa vermelha, mas Jorge preferiu *uma* verde.

Do sintagma nominal (SN) *uma camisa vermelha*, o modificador *vermelha* é "repudiado", acrescentando-se, em seu lugar, o modificador *verde*, o que implica uma redefinição do referente.

A *elipse* seria, então, uma substituição por zero: omite-se um item lexical, um sintagma, uma oração ou todo um enunciado, facilmente recuperáveis pelo contexto. Exemplo:

11. Paulo vai conosco ao leilão?
    Ø Vai Ø

A *conjunção* (ou conexão) permite estabelecer relações significativas específicas entre elementos ou orações do texto. Tais relações são assinaladas explicitamente por mercadores formais que correlacionam o que está para ser dito àquilo que já foi dito. Trata-se dos diversos tipos de conectores e partículas de ligação como *e*, *mas*, *depois*, *assim* etc. Halliday & Hasan apresentam, como principais tipos de conjunção, a *aditiva*, a *adversativa*, a *causal*, a *temporal* e a *continuativa*. Um mesmo tipo de relação pode ser expresso por uma série de estruturas semanticamente equivalentes, como em:

12. a. Uma grande paz seguiu-se ao violento tumulto.
    b. Após o violento tumulto, houve uma grande paz.
    c. Houve um violento tumulto: $\left\{\begin{array}{l}\text{Depois}\\ \text{Logo após}\end{array}\right\}$, seguiu-se uma grande paz.
    d. Depois que terminou o violento tumulto, houve uma grande paz.
    e. Houve uma grande paz, depois de haver terminado o violento tumulto.

A *coesão lexical* é obtida por meio de dois mecanismos: a *reiteração* e a *colocação*. A reiteração se faz por repetição do *mesmo item lexical* ou através de *sinônimos*, *hiperônimos*, *nomes genéricos*, como se pode ver nos exemplos a seguir:

13. O *presidente* viajou para o exterior. O *presidente* levou consigo uma grande comitiva. (Mesmo item lexical)
14. *Uma menininha* correu ao meu encontro. A garota parecia assustada. (Sinônimo)
15. *O avião* ia levantar vôo. *O aparelho* fazia um ruído ensurdecedor. (Hiperônimo: *aparelho designa o gênero de que avião* é espécie).
16. Todos ouviram um rumor de asas. Olharam para o alto e viram a *coisa* se aproximando. (Nome genérico: coisa, pessoa, fato, acontecimento etc.)

A *colocação* ou *contiguidade*, por sua vez, consiste no uso de termos pertencentes a um mesmo campo significativo:

17. Houve um grande *acidente* na estrada. Dezenas de *ambulâncias* transportaram os *feridos* para os *hospitais* da cidade mais próxima.

Entre os problemas que a classificação de Halliday & Hasan apresenta, está, em primeiro lugar, a fluidez dos limites entre referência e substituição.

Há, de um lado, autores que consideram que toda retomada de referentes textuais (correferência) ocorre por meio de substituição. Tal posição remonta a Harweg, um dos pioneiros da Linguística Textual na Alemanha. Harweg (1968) entende o texto como uma sucessão de unidades linguísticas constituída por uma "cadeia pronominal ininterrupta". Para ele, são os *pronomes* que constituem um texto em texto. Sua noção de pronome é bastante ampla: toda e qualquer expressão linguística correferencial, isto é, que expressa um mesmo referente. Ao fato de os mesmos referentes (seres, objetos, lugares, fatos etc.) poderem ser retomados no texto através de formas linguísticas substitutivas, Harweg denomina "múltiplo referenciamento".

A *substituição* é, para Harweg, "a troca de uma expressão linguística por outra expressão linguística dada. A primeira das duas expressões, aquela que é trocada, denomina-se *substituendum*; a segunda, que se põe no lugar dela, *substituens*". Dentro desta visão, não haveria, pois, razão para se distinguir entre referência e substituição.

Por outro lado, muitos estudiosos se opõem à visão "substitucionalista" da coesão referencial. É o caso, por exemplo, de Kallmeyer, Meyer-Hermann *et al*. (1974), que propõem uma "Teoria da Referência Mediatizada", à qual se voltará mais adiante, bem como de Meyer-Hermann (1976). Estes autores, para refutar a posição substitucionalista, partem da concepção de que, durante o ato comunicativo, o falante dá ao ouvinte uma série de instruções por meio dos elementos linguísticos do texto, distinguindo três tipos básicos de instruções: a) instruções de consequência (nível pragmático); b) instruções de sentido (nível semântico); e instruções de conexão (nível sintático). Os *pronomes* pessoais de 3ª pessoa, segundo eles, dão ao leitor/ouvinte apenas instruções de conexão (esta é a principal diferença entre eles e o SN que funciona como referente, pois este dá instruções de sentido). Tais instruções de conexão seriam: "conecte as instruções de sentido das predicações via *ele* com as instruções do SN precedente que, com relação ao gênero e ao número, é congruente com *ele*". Assim, a tarefa do pronome *não é substituir* um SN, visto que as relações de referência não são efetuadas unicamente por seus dois constituintes – referente textual e forma referencial –, mas essencialmente através da contribuição de elementos con-textuais de ambos os constituintes dessas relações, que trazem *instruções de sentido* para o estabelecimento da relação textual adequada. Por exemplo, em:

18. Ontem li a história de um náufrago que viveu dez anos numa ilha deserta com sua única filha. Quando o navio afundou, ele conseguiu nadar até lá...

as instruções de conexão do pronome *ele* fariam com que o ouvinte estabelecesse a relação de referência entre *ele* e *um náufrago*. Como, porém, dois ou mais SNs precedentes podem, muitas vezes, preencher a condição de concordância em gênero e número, sendo, pois, candidatos potenciais a referentes de uma forma referencial, a decisão do ouvinte dependerá não só da compatibilidade das instruções de sentido dadas pelo elemento de referência, bem como das predicações feitas sobre a forma referencial. Observe-se o exemplo:

19. *O caçador* ^{1}, que segurava fortemente a corrente da qual *o feroz cão de caça* ^{2} tentava libertar-

se, ao avistar a anta abatida, soltou o animal.
a. *Ele*[2] atirou-se vorazmente sobre a vítima indefesa...
b.*Ele*[1], depois dessa longa noite na floresta, simplesmente não teve mais forças para opor-lhe resistência...

São as instruções de sentido das predicações feitas sobre *ele* em *a* e *b* que permitem ao leitor/ouvinte decidir qual dos dois SNs precedentes, congruentes com as instruções de *ele*, é o referente do pronome.

Kallmeyer *et al.*, bem como Meyer-Hermann, procedem a um estudo das diversas formas de referência, incluindo vários dos tratados por Halliday & Hasan como substituição.

Da mesma forma, Brown & Yule (1983), ao tratarem da coesão, apresentam como tipos de formas correferenciais:

- formas repetidas: O presidente viajou para o exterior. *O presidente* levou consigo uma grande comitiva.
- forma parcialmente repetida: O Dr. A. C. J. Silvadirigiu a sessão. O *Dr. Silva* fez um diagnóstico da atual situação econômica.
- substituição lexical: A filha de Renata está hospitalizada.*A menina* teve um pneumonia.
- formasubstitutiva:Luíscomprouumsorvete.Agora seu filho quer *um* também.
- formaelidida:Luíscomprouumsorvete.Agora seufilho quer Ø também.

Citam, também, como formas de coesão, relações lexicais como hiponímia e hiperonímia (ex.: dália-flor), parte-todo (ex.: casco-navio); colocabilidade (ex.: sábado se relaciona com domingo); outras relações estruturais como a substituição clausal (ex.: Ele ficou feliz com a notícia. Eu *também*); comparação(ex.: *Meu polegar* é mais forte que *este martelo*; repetição sintática (ex.: Nós entramos. Eles entraram); consistência de tempos verbais; opções estilísticas adequadas ao registro etc.

O que se observa, em primeiro lugar, é que Brown & Yule incluem o *uso de formas substitutivas entre as diversas maneiras de estabelecer a relação de referência*, não considerando, pois, a substituição como um mecanismo à parte. Além disso, criticam a posição "substitucionalista", segundo a qual os itens referenciais, vistos como simples substitutos do referente, poderiam ser sempre trocados por ele.

Brown & Yule ressaltam que, à medida que um texto se desenvolve, o referente sofre mudanças de estado, de modo que sua descrição vai se modificando. Apresentam o exemplo das receitas culinárias, como em:

20. Mate *um frango ativo e roliço*. Prepare-*o* para ir ao forno e corte-*o* em quatro partes. Asse-*o* durante uma hora. Depois, sirva-*o* com rodelas de abacaxi.

É claro, dizem os autores, que, embora a "identidade" do frango seja preservada (pelo menos até o momento de ser esquartejado), a descrição, evidentemente, vai mudando, de modo que, em cada uma das ocorrências, o pronome oblíquo *o* não *substitui* simplesmente o SN "um frango ativo e roliço", não podendo, pois, ser trocado por ele.[*] Assim, é necessário que se possa associar, como referente, mudanças de estado e transportá-las (ou pelo menos algumas delas) através do discurso, à medida que este progride. Os autores nos convidam a pensar como seria pobre o leitor de David Copperfield que não fosse capaz de perceber, ao final da história, que o herói não era mais a criança do início.

A partir destas considerações, cai por terra o principal critério diferenciador de *referência* e *substituição*, de Halliday & Hasan. Uma discussão teórica mais aprofundada, incluindo os demais critérios apresentados pelos autores, foge do âmbito deste livro.

Quanto à elipse, ela consiste, para Halliday & Hasan, numa *substituição por zero*. Portanto, dentro dessa visão, não deveria constituir um tipo à parte. É preciso lembrar, também, que existem tipos diferentes de elipse. Se, muitas vezes, ela consiste simplesmente no apagamento de um termo ou expressão presentes no contexto anterior (e aí se justifica a ideia de *substituição por* Ø), outras vezes ela tem função (co)referencial e, nesses casos, entram em jogo todas as reflexões anteriormente apresentadas a respeito da visão substitutiva de referência. Se, por exemplo, na receita da página anterior, tivéssemos: "Quando (Ø) estiver bem assado, sirva-o...", a elipse estaria apenas substituindo por Ø o SN "um frango ativo e roliço"?

Também a coesão lexical, a meu ver, não constitui um mecanismo funcionalmente independente: o uso de sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos constitui uma das formas de remissão a elementos do mundo textual, tendo, pois, a mesma função coesiva das pro-formas; a reiteração do mesmo item lexical pode ter também essa mesma função (cf. Brown & Yule, acima) ou, ainda, exercer função sequenciadora, como é também o caso da *colocação*, enquadrando-se, assim, no que irei chamar adiante de *coesão sequencial*.

A partir destas considerações, e tomando por base a *função* dos mecanismos coesivos na construção da textualidade, proponho que se considere a existência de duas grandes modalidades de coesão: a *coesão remissiva* ou *referencial* (referenciação, remissão) e a *coesão sequencial* (sequenciação), que serão examinadas nos próximos capítulos.

---

* É o que muitos autores vêm denominando *referentes evolutivos*.

A COESÃO REFERENCIAL

Texto 2 – Itaparica

(1) *Dona de uma luminosidade fantástica* em seus 240 quilômetros quadrados, a ilha de Itaparica elegeu a liberdade como padrão e fez da aventura uma experiência que não tem hora para começar. (2) *Ali* tudo flui espontaneamente, desde que o sol nasce, anunciando mais um dia, até a noite chegar, com o luar refletindo no mar e as luzes de Salvador como pano de fundo. (3) De resto, *a ilha* funciona como um quebra-mar "que protege todo o interior da Baía de Todos os Santos.(4) É a maior de *todas as 54* da região – a Ilha-mãe, para melhor definir a geografia local.

(5) Como toda localidade baiana que se preza, *a ilha* pratica ritos de antigas raízes místicas.(6) E *nisto* também é singular. (7) *Ela* abriga o único candomblé do mundo consagrado aos eguns, nome atribuído aos espíritos dos mortos. (8) A tradição *desse culto* foi herdada da nação Ketu e tem presença garantida, quatro vezes por ano, em *suas* cerimônias mais importantes, de muitos africanos que vêm especialmente de *seus* países para o evento. (9) *Nos cultos*, não é permitida a entrada de não iniciados, a não ser com autorização de alguns sacerdotes egós, os únicos dotados de poder para manter os eguns afastados. (10) *Eles* usam varas brancas e compridas, para evitar que algum mal aconteça aos que apenas vão assistir aos rituais. (11) *Nessas ocasiões*, uma vela deve ser reverenciada por *todos* antes *das cerimônias*, colocada no alto do morro das Amoreiras. (...)

(Kátia Simões, *Shopping News*,
Caderno de Turismo, p. 10, 12/03/89)

Observe-se o texto 2: todos os elementos nele destacados fazem, de alguma forma, remissão a outro elemento do texto. Assim, *dona de uma luminosidade fantástica*, de (1), bem como *ali*, de (2), remetem a a *ilha de Itaparica*. O mesmo referente é retomado, em (3) e (5), pelo SN (sintagma nominal) *a ilha* e, em (7), pelo pronome *ela*. Em (4), o sujeito (elíptico) do verbo continua sendo *a ilha de Itaparica*, ocorrendo nova elipse em *todas as 54* (ilhas) da região. Em (6), *nisto* remete a parte do enunciado anterior. Em (8), *desse culto* refere-se a *candomblé*, de (7) e *suas* remete a *culto* e, portanto, a *candomblé*. Já *seus*, em (8), remete a *africanos*. Em (9), *nos cultos* faz remissão a cada uma das cerimônias do candomblé de que o texto fala. *Ele*, em (10), remete a *sacerdotes egós*. Note-se que, em termos de instruções de congruência (concordância em gênero e número), *eles* poderia remeter tanto a *sacerdotes egós* como a *eguns*: são as predicações feitas sobre a forma referencial *eles* e sobre cada um dos possíveis referentes que permitem identificar o verdadeiro elemento de referência a que remete essa pro-forma. *Nessas ocasiões*, em (11), vai remeter ainda aos *cultos* mencionados em (9), mas de forma mais específica, isto é, ao subconjunto daqueles cultos em que é autorizada a entrada de não iniciados. Ainda em (11), *todos* refere-se a cada pessoa que participa do culto; e *das cerimônias* faz, novamente, remissão aos cultos de que se fala no texto.

Todos os elementos anteriormente destacados constituem mecanismos de coesão referencial.

Chamo, pois, de *coesão referencial* aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento(s) nela presentes ou inferíveis a partir do universo textual. Ao primeiro denomino *forma referencial* ou *remissiva* e ao segundo, *elemento de referência* ou *referente textual*.

A noção de elemento de referência é, neste sentido, bastante ampla, podendo ser representado por um nome, um sintagma, um fragmento de oração, uma oração ou todo um enunciado. Recorde-se também, como foi dito no capítulo anterior, que o referente representado por um nome ou sintagma nominal (SN) vai incorporando traços que lhe vão sendo agregados à medida que o texto se desenvolve; ou seja, como diz Blanche-Benveniste (1984), o referente se constrói no desenrolar do texto, modificando-se a cada novo "nome" que se lhe dê ou a cada nova ocorrência do mesmo "nome". Isto é, o referente é algo que se (re)constrói textualmente.

Além disso, cabe lembrar que, de acordo com Kallmeyer *et al*. (1974), a relação de referência (ou remissão) não se estabelece apenas entre a forma remissiva e o elemento de referência, mas também entre os contextos que envolvem a ambos.

A remissão, como vimos, pode ser feita *para trás* e *para frente*, constituindo uma *anáfora* ou uma *catáfora*. Vejam-se os exemplos:

1. O homenzinho subiu correndo os três lances de escadas.Lá em cima, *ele* parou diante de uma porta e bateu furiosamente. (anáfora)
2. Ele era tão bom, *o meu marido*! (catáfora)

No texto 2, da página 29 tem-se um início catafórico, já que o referente da expressão "dona de uma luminosidade fantástica" é a *ilha de Itaparica*, que se lhe segue no texto. Os demais elementos sublinhados são todos anafóricos.

Quase todos os estudos sobre coesão referencial partem do pressuposto de que existe identidade de referência entre a forma remissiva e seu referente textual. Tal identidade, porém, é discutível, conforme se disse anteriormente. É isto que leva Kallmeyer *et al*. (1974) a propor a "Teoria da Referência Mediatizada" para caracterizar a função mediadora exercida pela forma remissiva quando da remissão a outros elementos linguísticos do texto. Os autores apresentam, para o pronome pessoal de 3ª pessoa, a ilustração seguinte:

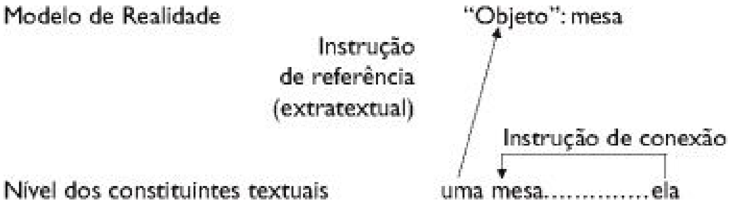

Observem-se, a título de exemplificação, os enunciados em 3 e 4:

3. A *gravata do uniforme de Paulo* está velha e surrada. A *minha* é novinha em folha.

4. Ontem fui conhecer *a nova casa de Alice*. *Ela* a comprou com a herança recebida dos pais.

4'. Ontem fui conhecer *a nova casa de Alice*. *Ela* é moderna e bem decorada

Em 3, não há correferencialidade entre o SN *gravata do uniforme de Paulo* e a forma remissiva *a minha*. A forma remissiva, no caso, "extrai" do grupo nominal o seu elemento de referência ("repudiando" o restante, no dizer de Halliday & Hasan). Em 4, também, a forma remissiva *ela* extrai, do grupo nominal *a nova casa de Alice*, o elemento de referência Alice; já em 4' o elemento "extraído" é *a casa*.

O mesmo acontece com *suas* no enunciado 8 do texto 2, que extrai, do SN *a tradição desse culto*, o referente *esse culto*.

O que dizer, então, da "identidade de referência" no caso de formas remissivas como *isto*, *aquilo*, *o* em enunciados como:

5. A mulher criticava duramente todas as suas decisões.
   Isto o aborrecia profundamente.

e no enunciado 6 do texto 2: "E *nisto* também é singular."? Outro engano é pensar que há, necessariamente, entre a forma remissiva e o elemento de referência, identidade de categoria e/ou função. Pode ocorrer, por exemplo, que uma *forma adverbial* remeta a um SN com função de *sujeito* ou *objeto*:

SN-obj.

6. Perto da estação, havia *uma pequena estalagem*. *Lá* costumavam reunir-se os trabalhadores da ferrovia.

Há, também, o caso de formas pronominais que não remetem a nenhum elemento particular do texto; mas ao co-texto (ou parte do co-texto) precedente (ou subsequente) ou, ainda, a algo que precisa ser extraído dele (exemplo 8) como um todo (veja-se os exemplos 5, 7 e 9):

7. No quintal, as crianças brincavam. O prédio vizinho estava em construção. Os carros passavam buzinando.
   Tudo isto tirava-me a concentração.
8. Depois da violenta discussão que tive com Maria, saí para a rua e fiquei vagando algum tempo. Ao voltar, encontrei-a caída no banheiro, com um vidro de pílulas na mão. Eu devia tê-l*o* adivinhado: não era a primeira vez que *isso* acontecia.
9. É preciso considerar *o seguinte*: que, para fazer cair a inflação, não basta congelar preços e salários, mas é preciso diminuir os gastos da administração pública.

Passo agora a fazer um levantamento das principais formas remissivas (ou referenciais) em português, que podem ser de ordem gramatical ou lexical.*

As *formas gramaticais* não fornecem ao leitor/ouvinte quaisquer instruções de sentido, mas apenas instruções de conexão (por ex., concordância de gênero e número) e podem ser *presas* ou *livres*.

As *formas remissivas gramaticais presas* são as que acompanham um nome, antecedendo-o e também ao(s) modificador(es) anteposto(s) ao nome dentro do grupo nominal. Exercem, portanto, a função das determinantes da gramática estrutural e gerativa. Seriam, em termos de nossas gramáticas tradicionais, os *artigos*, os *prOnOmes adjetivOs* (demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos e relativos) e os *numerais cardinais* e *ordinais*, quando acompanhados de nomes.

São *formas gramaticais remissivas livres* os pronomes pessoais de 3ª pessoas (ele, ela, eles, elas) e os pronomes substantivos em geral (demonstrativos, possessivos etc.) que têm função pronominal propriamente dita, bem como advérbios pronominais do tipo *lá, aí, ali, acima* etc.

As *formas remissivas lexicais* seriam, por exemplo, grupos nominais definidos que, além de fornecerem, em grande número de casos, instruções de concordância, contêm, também, instruções de sentido, isto é, fazem referência a algo no mundo extralinguístico. Veja-se o exemplo:

O avô da criança atropelada encontrava-se em estado lastimável! *O velho* chorava desesperado, sem saber que providências tomar.

Creio que se poderiam enquadrar aqui os *sinônimos*, *hinomes genéricos* etc., quando fazem remissão a outros referentes textuais como se verá mais adiante Passo, agora, ao exame de cada um dos tipos de formas que podem ter função remissiva em língua portuguesa.

FORMAS REMISSIVAS GRAMATICAIS PRESAS

São as formas que vêm relacionadas a um nome com o qual concordam em gênero e/ou número, antecedendo-o e ao(s) possível(is) modificador(es) do nome dentro do grupo nominal, e que, embora não sendo (*a priori* e sempre) artigos, exercem, nessas condições, a "função-artigo", isto é, pertencem ao paradigma dos determinantes. São elas:

OS ARTIGOS DEFINIDOS E INDEFINIDOS

- definidos: o, a, os, as;
- indefinidos: um, uma, uns, umas.

De um modo geral, o *artigo indefinido* funciona como *catafórico* (isto é, remete à informação subsequente), e o *artigo definido* como *anafórico* (ou seja, faz remissão à informação que o precede no texto), como nos exemplos:

10. *Um* índice importante do descalabro da atual situação econômica do país é o gradativo empobrecimento da classe média.
11. Depois de algum tempo, aproximou-se de nós um desconhecido trajado de modo estranho. *O* desconhecido tirou do bolso do paletó um pequeno embrulho.

Weinrich (1971, 1973), em sua "Teoria do Artigo" (desenvolvida, primeiramente, para o alemão e adaptada, depois, para o francês), mostra que o artigo definido pode não só remeter a informações do contexto precedente, como a elementos da situação comunicativa e ao conhecimento prévio – culturalmente partilhado – dos interlocutores, como, por exemplo, em *o sol*, *o cristianismo* etc.; a classes, gêneros ou tipos (*O homem* é um animal racional; *O lobo* encontrou *o cordeiro* bebendo água no riacho); a "frames" ou esquemas cognitivos, como em "Ele não pôde vir de *carro*. *A bateria* estava descarregada e *os freios* estavam falhando". À relação entre *bateria*, *freios* e *carro* tem-se denominado, também, *anáfora semântica* ou *anáfora associativa*. O "frame" é ativado, no caso, pela ocorrência do termo *carro*. Este fato tem levado alguns estudiosos a distinguir entre *anáfora superficial*, que se estabelece entre uma forma remissiva e um referente textual, e *anáfora profunda*, em que o referente pode não se encontrar explícito no próprio enunciado, mas é deduzível do contexto através de inferências.

Existem regras para o emprego dos artigos como formas remissivas; por exemplo, um referente introduzido por um artigo indefinido só pode ser retomado por um SN introduzido por artigo definido: "*Era uma vez* um rei *muito rico que tinha duas filhas*. *O rei*...". Já um SN introduzido por um artigo definido pode ser retomado por outro SN introduzido pelo artigo definido: *O presidente falou à* *população. O presidente expôs o novo programa econômico do governo.*

Anote-se, também, que a remissão, por meio de artigo, à informação subsequente (catafórica) só pode ocorrer dentro do mesmo enunciado, ao passo que a remissão à informação anterior (anafórica) pode ultrapassar – e geralmente ultrapassa – os limites do enunciado que o contém.

PRONOMES ADJETIVOS

São os pronomes que exercem, segundo Kallmeyer *et al*.(1974), a “função-artigo”, a saber:

***Demonstrativos*:** este, esse, aquele, tal.

12. Há, entre outras, a hipótese de que os preços venham a estabilizar-se. $\left\{\begin{matrix}\text{Essa}\\ \text{Tal}\end{matrix}\right\}$ hipótese parece-me por demais otimista.

Possessivos: meu, teu, seu, nosso, vosso, dele.

13. Joana vendeu a casa. Depois que *seus* pais morreram num acidente, ela não quis continuar vivendo lá.

***Indefinidos*:** algum, todo, outro, vários, diversos etc.

14. O Estado é regido por leis. *Algumas* leis são constitutivas do próprio Estado, formando, assim, a *Constituição*. Desta, decorrem *todas as outras* leis.

***Interrogativos*:** quê? qual?

15. Hoje vamos falar sobre animais invertebrados. *Que* animais são esses?

***Relativo*:** cujo.

16. É esta a árvore a *cuja* sombra os viajantes costumavam descansar.

NUMERAIS CARDINAIS E ORDINAIS

Também os numerais podem exercer a “função-artigo’, quando acompanham um nome dentro do SN:

17. Preciso de alguns alunos para ajudarem na pesquisa.*Dois* alunos procederão ao levantamento do corpus e *três* alunos farão uma resenha da literatura pertinente. O *primeiro* aluno que se apresentar como voluntário será o coordenador.

FORMAS REMISSIVAS GRAMATICAIS LIVRES

As formas remissivas gramaticais livres são aquelas que não acompanham um nome dentro de um grupo nominal, mas que podem ser utilizadas para fazer remissão, anafórica ou cataforicamente, a um ou mais constituintes do universo textual. A estes ficaria reservada a denominação genérica de “pronomes” ou de “pro-formas”. São elas:

[*] Kallmeyer *et al*. falam em formas *não referenciais e referenciais*. Contudo, o termo referência tem sido usado, em Linguística, com duas acepções distintas: a) na tradição semântica, designando a relação que se estabelece entre uma forma linguística e o seu referente ex–tralinguístico; b) na trilha de Halliday, significando a relação de sentido (basicamente de correferência) que se estabelece entre duas formas na superfície textual. No primeiro caso, pode-se falar em formas linguísticas referenciais ou não referenciais (dotadas apenas de funções internas à língua); no segundo, como sinônimo de remissivas, seria contraditório falar em formas não referenciais.

PRONOMES PESSOAIS DE 3ª PESSOA: ELE, ELA, ELES, ELAS

Estes pronomes fornecem ao leitor/ouvinte *instruções de conexão* a respeito do elemento de referência com o qual tal conexão deve ser estabelecida. Quando anafóricos, têm por tarefa sinalizar que as indicações referenciais das predicações sobre o pronome devem ser colocadas em relação com as indicações referenciais de um determinado grupo nominal do contexto precedente.

No caso de haver mais de um grupo nominal que poderia ser potencialmente o elemento de referência, por preencher as condições de concordância do pronome, as indicações referenciais das predicações feitas sobre cada elemento desempenham papel decisivo na decisão do leitor/ouvinte sobre qual dos possíveis elementos de referência deve ser selecionado como tal. Observem-se os exemplos:

18. *As crianças*l estão viajando. *Elas*l só voltarão no final do mês.
19. *O juiz*1 condenou *o réu*2 a dez anos de prisão. *Ele*1 achou essa pena condizente com as circunstâncias do crime.
20. *O juiz*1 condenou *o réu*2 a dez anos de prisão. *Ele*2 não se conforma com o rigor da pena.
21. Na estação, *José* ^{1}avistou o *visitante*2. *Ele* ^{2}pareceu-lhe cansado e apreensivo.
22. Na estação, *José* ^{1}avistou *o visitante*2. *Ele* ^{1}havia esperado ansiosamente pelo reencontro.

Os exemplos 19 a 22 mostram que são os elementos linguísticos formadores do co-texto os responsáveis diretos para que se estabeleça, entre o pronome pessoal de 3ª pessoa e um grupo nominal determinado, a relação de remissão.

ELIPSE

Cabe lembrar que, em português, a remissão poderia ser também estabelecida por meio de *elipse*, como em:

23. Os convidados chegaram atrasados. (Ø) Tinham errado o caminho e custaram a encontrar alguém que os orientasse.
24. Asse o frango até ficar dourado. Coloque (Ø) em uma travessa enfeitada com pêssegos e rodelas de abacaxi.

PRONOMES SUBSTANTIVOS

Demonstrativos

Grupo 1: este, esse, aquele, tal, o mesmo.

Grupo 2: isto, isso, aquilo, o.

Os demonstrativos do grupo 1 concordam em gênero e número com o elemento de referência. Exemplos:

25. Um encapuzado atravessou a praça e sumiu ao longe. Que vulto era *aquele* a vagar, altas horas da noite, pelas ruas desertas?
26. Teria dinheiro, muito dinheiro, carros de luxo e mulheres belíssimas. *Tais* eram as fantasias que

lhe passavam pela mente enquanto se dirigia para a estação.

27. Os candidatos foram convocados por edital. *Os mesmos* deverão apresentar-se, munidos de documentos, até o dia 25.

As formas do grupo 2, por sua vez, remetem, geralmente, a fragmentos oracionais, orações, enunciados ou a todo o contexto anterior. Observem-se os exemplos a seguir (vejam-se também os exemplos 5 e 8):

28. Pedro será promovido, mas terá de aposentar-se logo a seguir. Foi *o* que me revelou um amigo do governador.
29. Antônio pensa que seu time vai ganhar o campeonato, mas eu não acredito *nisso*.

Este, aquele, isto, aquilo, podem, ainda, exercer função localizadora, ou seja, podem dar ao leitor/ouvinte instruções sobre a localização dos respectivos referentes no texto:

30. Luís e Márcio trabalham juntos num escritório de advocacia. *Este* dedica-se a causas criminais, *aquele* a questões tributárias.
31. Soube, ontem, que você irá ocupar um alto cargo na empresa e que está de mudança para uma casa mais próxima do seu local de trabalho. Se *isto* me entristeceu, já que somos vizinhos há tantos anos, *aquilo* me deixou muito contente.

As formas remissivas demonstrativas, tanto as do grupo 1 como as do grupo 2, podem atuar anafórica ou cataforicamente.

Possessivos: (o) meu, (o) teu, (o) seu, (o) nosso, (o) vosso, (o) dele.

31’. Esta é a minha opinião sobre o assunto. E *a sua*, qual é?
31’’.Perdi o caderno com todas as minhas anotações de aula. Felizmente, Roberto me emprestou *o dele* para que eu possa me preparar para a prova.
32. Renata lançou os olhos pelas terras que se estendiam a perder de vista. Tudo isso era *seu*!

Indefinidos: tudo, todos, nenhum, vários, cada um, cada qual etc.

33. Trouxeram-lhe flores, doces, presentes. Foi *tudo* em vão.
34. Pediu auxílio a parentes e amigos. *Nenhum* atendeu ao seu apelo.
35. Os amigos acorreram. *Cada um* trazia urna pequena contribuição.

Interrogativos: que? qual? quanto?

36. Vamos conhecer melhor o continente em que vivemos. *Quantos* e *quais* são os países da América do Sul?

Relativos: que, o qual, quem.

37. Cerca de mil pessoas compareceram à homenagem, dentre *as quais* se destacavam políticos, artistas e esportistas célebres.

Numerais

Cardinais

38. Antônio, José e Pedro estudam desde pequenos. *Os três* pretendem formar-se em Medicina.

Ordinais

39. Haverá prêmios para os melhores trabalhos. *O primeiro* será uma viagem à Europa.

Os ordinais têm, muitas vezes, função localizadora (confronte-se o que se disse sobre os demonstrativos *este*, *aquele*).

40.Marta, Lúcia e Inês são esportistas. A primeira joga tênis,a segunda basquete e $\left\{\begin{array}{l}\text{a terceira}\\ \text{a última}\end{array}\right\}$ ficou *rouco*.

Multiplicativos

41. Na semana passada, Renata ganhou 100 reais na Loteca. Hoje, Mariana ganhou o *dobro*.

Fracionários

42. Os bens do excêntrico milionário ontem falecido foram assim distribuídos: *um terço* para seu cãozinho de estimação e *dois terços* para instituições filantrópicas.

ADVÉRBIOS “PRONOMINAIS”; EXEMPLO DE UM SISTEMA DE INSTRUÇÕES

São formas remissivas do tipo: *lá, aí, ali, aqui, onde*. Tais formas fazem remissão a grupos nominais dotados, via de regra, do traço semântico [-animado]. Por exemplo:

43. Perto do parque há *um pequeno restaurante*1. *Lá*1 se reúnem muitos jovens ao entardecer.

Um elemento [+ animado] pode ser o referente de uma forma remissiva adverbial, desde que seja possuidor do traço [+ localizável], como no exemplo:

44. Admirava o corpo do namorado e olhava para seus *ombros largos*. *Ali* estaria sempre em segurança.

Havendo dois ou mais antecedentes possíveis para as formas *lá, ali, aí* o referente será, geralmente, o mais próximo:

45. Constituíam a mobília da sala uma mesa, uma poltrona, um porta-chapéus e um aparador. *Ali* estava a carta que acabara de chegar.
46. Mais adiante, um casebre e um pequeno pomar. *Aí* se avistavam mangueiras, arbustos e laranjeiras.

A regra de que, quando houver dois ou mais antecedentes possíveis para os advérbios *lá*, *ali*, o referente será o mais próximo, nem sempre se verifica, contudo. Kallmeyer *et al*. (1974) citam o trecho seguinte, extraído de E. Canetti:

47. Aix. *Um pequeno café,* bem defronte à entrada da penitenciária. Tarde da noite, estava eu *ali* (*lá*) sentado...

Embora tanto *um pequeno café* quanto *entrada da penitenciária* possuam os traços [- animado], [+ localizável] e *entrada da penitenciária* seja o mais próximo, a forma *ali* (*lá*) remete ao primeiro SN: *um pequeno café*. Os autores negam que se trate, simplesmente, de uma questão de "conhecimento de mundo" do leitor, isto é, que seria pouco provável alguém se encontrar, tarde da noite, sentado na entrada da Penitenciária, havendo, assim, incompatibilidade entre as instruções de referência de "*tarde da noite* eu estava sentado..." e as de *penitenciária*. Tal incompatibilidade não parece ser razão decisiva para levar o leitor a interpretar como referente de *ali* (*lá*) o grupo nominal *um pequeno café,* já que seria possível substituir *penitenciária* por *restaurante* "*La Rotonde*", cujas instruções de referência são compatíveis com as predicações feitas e o referente continuaria sendo *um pequeno café*:

47'. Aix. *Um pequeno café* ^{l} bem defronte à entrada do Restaurante "La Rotonde". Tarde da noite estava eu *ali*(*lá*)^{l}sentado...

Kallmeyer *et al*. recorrem, para explicar o fato, às noções de *tema* (aquilo sobre que se fala) e *rema* (o que se diz sobre o tema, as predicações feitas sobre o tema): *um pequeno café* é o tema do enunciado e *bem defronte à entrada do Restaurante* "*La Rotonde*" constitui o seu rema. Isto é, havendo mais de um elemento potencial de referência para *lá, ali,* todos dotados do traço [- animado] e/ou [+ localizável] e cujas instruções referenciais sejam compatíveis com as das predicações sobre *lá, ali,* mas que tenham funções diferentes no que diz respeito à estrutura temática, então a forma remissiva em geral se refere àquele que é o tema da oração anterior.

Acontece, porém, que, se modificarmos a estrutura de 47' para 47", em que *um pequeno café* passa a ser *rema,* esse SN continua sendo o referente de *lá,* devendo-se aplicar, aqui, a regra da proximidade, o que evidencia a necessidade de se proceder a uma hierarquização das regras.

47".Aix. Bem defronte à entrada do Restaurante "La Rotonde" fica *um pequeno café* l. Tarde da noite, estava eu *ali* ^{l} sentado...

O sistema de regras de instrução das formas *lá, ali* teria de dar conta de todos esses fatos. Assim: 1) a relevância do traço [± animado] restringe-se aos casos em que ocorre o traço [- localizável], ou seja, em que o elemento de referência não tem o estatuto de um adverbial locativo; 2) havendo dois elementos de referência possíveis, *lá, ali* se referem ao último (mais próximo); 3) a validade da regra anterior depende da estrutura temática do enunciado que contém o elemento de referência, ou seja: se no enunciado antecedente àquele que contém as formas remissivas *lá, ali,* houver vários grupos nominais que poderiam ser seus referentes potenciais (por terem, entre outros, o traço [- animado] e por serem as instruções de referência das predicações sobre *lá, ali* compatíveis com as destes grupos nominais), e se tais grupos preencherem com relação à estrutura temática funções diferentes, então *lá, ali* se referem àquele grupo nominal que constitui o tema do enunciado anterior.

A hierarquização das regras é, como se disse, necessária para explicar casos como 47", por exemplo, em que a regra da proximidade é aplicável. Assim, o traço [+ localizável] domina o traço[± animado], já que este último só entra em consideração quando não se trata de um referente com o estatuto de adverbial locativo e quando houver compatibilidade entre as instruções referenciais das predicações sobre *lá*, *ali* ou de seu contexto, com as de vários elementos de referência potenciais. Trata-se, como se vê, de uma sequência de passos decisórios; e a decisão de considerar o grupo nominal mais próximo como referente poderia estar no final do processo de decisão, isto é, ocupar, na hierarquia das regras, um lugar inferior.

EXPRESSÕES ADVERBIAIS DO TIPO: ACIMA, ABAIXO, A SEGUIR, ASSIM, DESSE MODO ETC.

São formas remissivas dêiticas que atuam anafórica ou cataforicamente, apontando, de modo geral, para porções maiores do texto (predicados, orações, enunciados inteiros). Observem-se os exemplos:

48. Luciano acha que a desonestidade não compensa. Pena é que sua mulher não pense
$\left\{\begin{array}{l} \textit{assim.} \\ \textit{desse modo.} \\ \textit{de modo semelhante.} \end{array}\right\}$
49. É preciso ponderar *o seguinte*: não adianta tentar eliminar os efeitos, sem debelar as causas do mal.
50. Os exemplos *abaixo* comprovam a minha afirmação:

a) ....

b) ....

c) ....

51. Confronte-se *acima* o que foi dito sobre os pronomes.

FORMAS VERBAIS REMISSIVAS (PRO-FORMAS VERBAIS)

Algumas formas remissivas livres não referenciais, verbos como *fazer*, têm sido denominados na literatura especializada de *pro-formas verbais*. Acontece, porém, que tais formas remissivas não costumam vir isoladas e sim acompanhadas de uma forma pronominal do tipo: *o mesmo*, *o*, *isto*, *assim* etc.; além disso, não remetem apenas a um verbo, mas a todo o predicado, isto é, o verbo com seus complementos e adverbiais. Por exemplo:

52. O Presidente resolveu reduzir os gastos da administração pública. Os governadores *fizeram o mesmo*.
53. Vou atender ao seu pedido. Mas só *o faço* (*faço isso*) porque sou seu amigo.

Há línguas que possuem verdadeiras pro-formas verbais, como o inglês *do*, por exemplo. No português, porém, elas são de uso bastante restrito: além de *fazer* (com as restrições anteriormente apontadas), tem-se o uso remissivo de *ser* em exemplos como:

54. O.K. Empresto-lhe o carro. Mas *é* porque confio em você.

FORMAS REMISSIVAS LEXICAIS

As *formas remissivas lexicais* são aquelas que, além de trazerem instruções de conexão, possuem um significado extensional, ou seja, designam referentes extralinguísticos.

EXPRESSÕES OU GRUPOS NOMINAIS DEFINIDOS

Trata-se de grupos nominais introduzidos pelo artigo definido ou pelo demonstrativo que exercem função remissiva. Exemplo:

55. Reagan perdeu a batalha no Congresso. *O presidente dos Estados Unidos* vem sofrendo sucessivas derrotas políticas.

Tais expressões efetuam, em geral, uma "ativação parcial" e propriedades ou características do elemento de referência que as precede no texto. Em outras palavras, elas operam uma "disjunção" das propriedades que caracterizam dado referente. Também aqui as instruções referenciais das predicações sobre o referente, bem como todo o contexto, precisam ser levados em consideração.Veja-se o exemplo a seguir:

56. Um homem caminhava pela rua deserta: esfarrapado, cabisbaixo, faminto, abandonado à própria sorte. *A pobre criatura* parecia não notar a chuva fina que caía e lhe encharcava os ossos à mostra.

É o contexto que permite, no caso, a ativação de instruções que remetem *a pobre criatura* ao grupo nominal *um homem*.

Ocorre, porém, que nem sempre as instruções referenciais da forma remissiva referencial consistem em "ativação parcial" de instruções referenciais do contexto antecedente. Muitas vezes, tais instruções são fornecidas justamente pelo próprio uso da expressão referencial. Nesse caso, a escolha das características a serem ativadas na expressão nominal definida tem valor essencialmente argumentativa. Veja-se a diferença em relação a 57:

57. Reagan perdeu a batalha no Congresso. *O cow-boy do farwest americano* não tem tido a mesma sorte que tinha nos filmes da Warner & Brothers.

Expressões referenciais desse último tipo costumam ocorrer em contextos em que o referente é um nome próprio ou equivalente.

NOMINALIZAÇÕES

Trata-se de formas nominalizadas (nomes deverbais), através das quais se remete ao verbo e argumentos da oração anterior. Não existindo no léxico o deverbal correspondente, utilizam-se formas supletivas. Por esse meio, encapsulam-se as predicações antecedentes ou subsequentes, que passam a ser designadas por um rótulo nominal.

58. Os grevistas paralisaram todas as atividades da fábrica. *A paralisação* durou uma semana.

EXPRESSÕES SINÔNIMAS OU QUASE SINÔNIMAS

59. A porta se abriu e apareceu *uma menina*. *A garotinha* tinha olhos azuis e longos cabelos dourados.

Nomes genéricos (ex.: coisa, pessoa, fato, fenômeno)

60. A multidão ouviu o ruído de *um motor*. Todos olharam para o alto e viram *a coisa* se aproximando.

HIPERÔNIMOS OU INDICADORES DE CLASSE

61. Vimos *o carro* do ministro aproximar-se. Alguns minu–tos depois, *o veículo* estacionava adiante do Palácio do Governo.
62. O professor mandou os alunos desenharem *quadrados*, *retângulos* e *trapézios*. *Os quadriláteros* encontravam-se empilhados uns sobre os outros na mesa dianteira da sala e os alunos deveriam copiá-los e sombreá-los “ao natural”.

Formas referenciais com lexema idêntico ao núcleo do SN antecedente, com ou sem mudança de determinante

63. *Os cães* são animais de faro apuradíssimo. Por isso, *os cães* são excelentes auxiliares da polícia.
64. O bandido disparou *um tiro*. *Esse tiro* acertou uma mulher que passava despreocupada pela calçada.

Meyer-Hermann (1976) chama a atenção, ainda, sobre os seguintes tipos de formas remissivas referenciais:

Formas referenciais cujo lexema fornece instruções de sentido que representam uma “categorização”das instruções de sentido de partes antecedentes do texto

65. Imagina-se que existam outros planetas habitados. *Essa hipótese* tem ocupado a mente dos cientistas desde que os OVNIs começaram a ser avistados.

Formas referenciais em que as instruções de sentido do lexema constituem uma “classificação”de partes anteriores ou seguintes do texto no nível metalinguístico

66. Então, o marido ergueu-se, dizendo. “Vai embora, mulher, não existe mais nada entre nós”. *Esta frase* ficou martelando-lhe na cabeça por um longo tempo.

Como se pôde verificar ao longo deste capítulo, a referência ou remissão, nem sempre se estabelece sem ambiguidade. Havendo, no co-texto, dois ou mais referentes potenciais para uma forma remissiva, a decisão do leitor/ouvinte terá de se basear nas predicações feitas sobre elas, levando em conta todo o universo textual em que estão inseridas. Cabe, pois, ao produtor do texto evitar, sempre que possível, a ambiguidade potencial de referência.

A questão da coesão referencial é, sem dúvida, muito mais complexa do que ficou esboçado nas reflexões deste capítulo. Espera-se, assim, que o leitor se sinta estimulado a aprofundar o estudo da questão.

A COESÃO SEQUENCIAL

A segunda grande modalidade de coesão textual é aquela a que denominamos *coesão sequencial* ou *sequenciação*.

A coesão sequencial diz respeito aos procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e sequências textuais), diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas, à medida que se faz o texto progredir. São os procedimentos incluídos no segundo grupo analisado no texto 1. O texto é, como diz Weinrich (1964), uma "estrutura determinativa" cujas partes são interdependentes, sendo cada uma necessária para a compreensão das demais. Esta interdependência é devida, em parte, aos diversos mecanismos de sequenciação existentes na língua. É a tais mecanismos que será dedicado este capítulo.

A progressão textual pode fazer-se com ou sem elementos recorrentes. Pode-se falar aqui em *sequenciação frástica* (sem procedimentos de recorrência estrita) e *sequenciação parafrástica* (com procedimentos de recorrência)[1]. Passo a seguir ao exame de cada um dos tipos de sequenciação.

SEQUENCIAÇÃO PARAFRÁSTICA

Texto 3

> *Era* uma aldeia de pescadores de onde a alegria *fugira* e os dias e as noites se *sucediam* numa *monotonia* sem fim, *das mesmas coisas que aconteciam*, *das mesmas coisas que se diziam*, *dos mesmos gestos que se faziam*, *e* os olhares eram tristes, baços peixes que já nada *procuravam*, por saberem inútil procurar qualquer coisa, os rostos vazios de sorrisos e de surpresas, a morte prematura morando no *enfado*, só as intermináveis *rotinas* do dia a dia, prisão daqueles que se *haviam condenado* a si mesmos, sem esperanças, nenhuma outra praia pra onde navegar...
>
> *Até que* o mar, quebrando um mundo, *anunciou* de longe que trazia nas suas ondas coisa nova, desconhecida, forma disforme que flutuava, e todos vieram à praia, na espera...
>
> E ali ficaram, até que o mar, sem se apressar, trouxe a coisa e a depositou na areia, surpresa triste, um homem morto...

(Rubem Alves, *A Aldeia que nunca mais foi a mesma*,
Folha de S. Paulo 19/05/84)

Ao ler o primeiro parágrafo do texto 3, verifica-se que o autor procura passar aos leitores a imagem da mesmice, da total estagnação em que se encontrava a aldeia. Para tanto, utiliza uma série de recursos linguísticos destinados a marcar essa situação de modo a tornar o próprio texto pesado, arrastado, monótono. Entre tais recursos, destacam-se:

- extensão do parágrafo, formado de um único e longo período, o que torna cansativa a própria leitura (particularmente se feita em voz alta);
- reiteração de termos veiculadores de ideias básicas, como *mesmo*;
- reiteração de estruturas sintáticas: *das mesmas coisas que aconteciam*, *das mesmas coisas*

que se diziam, dos mesmos gestos que se faziam, obedecendo, inclusive, a um mesmo ritmo cadenciado (similicadência);

- reiteração do conectivo *e*;
- predominância de verbos no *pretérito imperfeito do indicativo*, dando a ideia de continuidade, duração dos fatos no tempo;
- reiteração do conteúdo semântico, marcada inclusive pela seleção lexical dos adjetivos e de termos quase sinônimos como *monotonia, enfado, rotina, dia a dia*.

Somente no segundo parágrafo, iniciado pelo conector *até que* e com a mudança do tempo verbal para o *pretérito perfeito*, é que vai ser introduzido o fato novo, que deverá quebrar a rotina. No primeiro parágrafo, portanto, predomina o tipo de sequenciação a que estou chamando de *parafrástica*.

Tem-se, assim, sequenciação parafrástica quando, na progressão do texto, utilizam-se procedimentos de recorrência, tais como:

Recorrência de termos

(reiteração de um mesmo item lexical):

1. E o trem *corria*, *corria*, *corria*...

Ressalte-se, no entanto, que não existe uma identidade total de sentido entre os elementos recorrentes, ou seja, cada um deles traz consigo novas instruções de sentido que são acrescentadas às do termo anterior.

Recorrência de estruturas — paralelismo sintático

A progressão se faz utilizando-se as mesmas estruturas sintáticas, preenchidas com itens lexicais diferentes:

2. Nosso céu tem mais estrelas,
   Nossas várzeas têm mais flores,
   Nossos bosques têm mais vida,
   Nossa vida mais amores.

(*Gonçalves Dias*)

Recorrência de conteúdos semânticos — Paráfrase

Se, no paralelismo, há recorrência de estruturas sintáticas preenchidas com elementos lexicais diferentes, veiculadoras, portanto, de conteúdos semânticos diversificados, na paráfrase tem-se um mesmo conteúdo semântico apresentado sob formas estruturais diferentes.

Cabe ressaltar, porém, que como acontece na recorrência de termos, a cada reapresentação do conteúdo, ele sofre alguma alteração, que pode consistir, muitas vezes, em ajustamento, reformulação, desenvolvimento, síntese ou previsão maior do sentido primeiro. Cada língua possui uma série de expressões linguísticas introdutoras de paráfrases, como: *isto é, ou seja, quer dizer, ou melhor, em outras palavras, em síntese, em resumo* etc. Por exemplo:

3. Em todo enunciado, fala-se de um determinado estado de coisas de uma determinada maneira: *isto é, ao lado daquilo que se diz, há o modo como aquilo que se diz é dito*.

RECORRÊNCIA DE RECURSOS FONOLÓGICOS SEGMENTAIS E/OU SUPRASSEGMENTAIS

Tem-se, no caso, a existência de uma invariante, como igualdade de *metro, ritmo, rima*, *assonâncias*, *aliterações* etc., como se pode ver no exemplo a seguir:

4. O poeta é um fingidor:
   Finge tão completamente
   Que chega a fingir que é dor
   A dor que deveras sente.
   (*Fernando Pessoa*)

RECORRÊNCIA DE TEMPO E ASPECTO VERBAL

Weinrich (1964, 1971), dentro de uma “macrossintaxe textual”, examina os tempos verbais de acordo com três características constitutivas do sistema temporal:

1. a atitude comunicativa;
2. a perspectiva;
3. o relevo.

Existem, segundo ele, dois tipos de atitude comunicativa: comentar e narrar. Cada língua possui tempos verbais próprios para assinalar a atitude comunicativa: os tempos do comentário conduzem o ouvinte a uma atitude receptiva tensa, engajada, atenta; os do relato, ao contrário, levam o ouvinte a assumir uma atitude receptiva relaxada, não lhe exigindo nenhuma reação direta. Em português, são tempos do mundo comentado o *presente do indicativo*, o *pretérito perfeito* (simples e composto), o *futuro do presente*; e tempos do mundo narrado, o *pretérito perfeito simples*, o *pretérito imperfeito*, o *pretérito perfeito mais-que-perfeito*, e o *futuro do pretérito do indicativo*.

Quanto à *perspectiva*, tem-se, em cada mundo, os tempos-zero (sem perspectiva) e os tempos retrospectivos e prospectivos. No mundo comentado, o tempo-zero é o presente; o retrospectivo, o pretérito perfeito e o prospectivo, o futuro do presente; no mundo narrado, há dois tempos-zero – o pretérito perfeito e o imperfeito; o pretérito mais-que-perfeito é retrospectivo; e o futuro do pretérito, prospectivo com relação aos tempos-zero. (cf. Koch, 1984)

Finalmente, o relevo divide o texto em primeiro plano e segundo plano, dando instruções ao ouvinte sobre a informação considerada principal e aquela que é apenas secundária. Em português (como também em francês), a indicação de relevo através do tempo verbal só ocorre no mundo narrado: o perfeito indica o primeiro plano, o imperfeito, o pano de fundo.

Assim, a recorrência de tempo verbal tem função coesiva, indicando ao leitor/ouvinte que se trata de um sequência de comentário ou de relato, de perspectiva retrospectiva, prospectiva ou zero, ou ainda, de primeiro ou segundo plano, no relato. Veja-se por exemplo:

5. O recanto era aprazível. O vento balançava suavemente as copas das árvores, os raios do sol refletiam-se nas águas do riacho e um perfume de flores espalhava-se pela clareira onde descansavam os viandantes.De súbito, ouviu-se um grande estrondo e todos se puseram de pé, sobressaltados.

Na primeira parte, tem-se a recorrência do mesmo tempo verbal – o imperfeito do indicativo. Trata-se de "transições ho– mogneas", segundo Weinrich, que, no caso, indicam ao ouvinte que se trata do segundo plano de um relato. Quando ocorre a mudança do imperfeito para o perfeito do indicativo (transição heterogênea do 1ºgrau, para Weinrich), assinala-se a mudança de perspectiva, isto é, passa-se ao primeiro plano do relato, o da ação propriamente dita. Assim, até o final da primeira parte, tem-se uma sequenciação parafrástica e, na segunda, uma sequenciação frástica. A partir de então, enquanto perdurarem os verbos no pretérito perfeito, indicando o primeiro plano do relato, a sequenciação será novamente parafrástica, até que ocorra nova mudança de tempo. Se se passasse, por exemplo, para o presente do indicativo, ocorreria mudança da atitude comunicativa de relato para a de comentário; se, além disso, se viesse a utilizar o futuro do presente, haveria, ainda, mudança de perspectiva (zero para prospectiva), tendo-se, então, uma transição heterogênea de 2º grau (alteração de mais de um traço).

Weinrich descarta a noção de aspecto verbal, por achar que aquilo que se costuma chamar de "aspecto" se encontra incluído nos tempos verbais próprios de cada situação. Não me parece, porém, que a teoria dos tempos verbais de Weinrich seja capaz de dar conta de todos os matizes aspectuais de modo que, a meu ver, a noção de aspecto não deve ser abandonada. Assim, também a recorrência do mesmo aspecto verbal deve ser considerada como um fenômeno de sequenciação parafrástica.

SEQUENCIAÇÃO FRÁSTICA

Texto 4

> Todo jornalismo é político, no sentido amplo da palavra.*Se* política é a ciência dos fenômenos relacionados com o Estado, *e se* o Estado é a nação politicamente organizada, *quando* um repórter escreve sobre qualquer fato ocorrido no país, *mesmo* sobre um assassinato no morro da Mangueira, está fazendo jornalismo político. *Ainda que* passional, um assassinato sempre envolverá relações entre indivíduos e autoridade. Vale a imagem para o esporte, *pois* ao reportar um jogo do Flamengo com o Vasco o jornalista estará, *antes de mais nada*, referindo-se a uma prática regulada em leis, portarias e sucedâneos, *bem como* a algo que apaixona a população inteira.
>
> Convencionou-se, *no entanto*, que jornalismo político deve referir-se apenas à atividade dos poderes constituídos, dos partidos, das associações influentes no meio social, dos governos, oposições e instituições jurídicas afins. E *até* dos militares, hoje em dia. Dentro desse jornalismo político restrito atua-se sob diversas formas. Fazem-se entrevistas. Reportagens. Descrevem-se reuniões, *sejam* as formais, como do Congresso, *sejam* as informais, tipo comícios e passeatas.
>
> Há a cobertura de fatos específicos, *como* eleições, composição de governos, viagens de políticos, crises e até golpes e revoluções. Segue-se, *também*, o desenvolvimento de determinadas ideias, ou propostas, *como* a das eleições diretas *ou* a da convocação de uma assembleia nacional constituinte.
>
> (Carlos Chagas, *Arte e artes da crônica política*,
> Revista de Comunicação nº 1, p. 12)

Como se pode notar no texto anterior, a progressão se faz por meio de sucessivos encadeamentos, assinalados por uma série de marcas linguísticas através das quais se estabelecem, entre os enunciados que compõem o texto, determinados tipos de relação. O texto se desenrola sem rodeios ou retornos que provoquem um “ralentamento” no fluxo informacional. Tem-se, aqui, o tipo de sequenciação a que denomino *frástica*. Entre os principais mecanismos responsáveis pela sequenciação frástica no texto 4, podem-se destacar conectores de diversos tipos, como:

- *se* que estabelece uma relação de implicação entre um antecedente e um consequente:

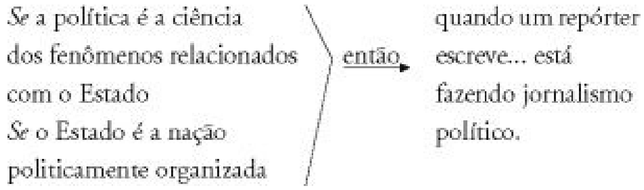

Se a política é a ciência
dos fenômenos relacionados
com o Estado
Se o Estado é a nação
politicamente organizada

então

quando um repórter
escreve... está
fazendo jornalismo
político.

- *e*, *bem como*, *também*, que somam argumentos a favor de determinada conclusão.
- *quando*, que opera a localização temporal dos fatos a que se alude no enunciado.
- *ainda que*, *no entanto*, que introduzem uma restrição, oposição ou contraste com relação ao que se disse anteriormente.
- *pois*, que apresenta uma justificativa ou explicação sobre o ato de fala anterior.
- *sejam... sejam*, *como*, que introduzem uma especificação e/ou exemplificação.
- *ou*, que introduz uma alternativa.

Outros elementos, como *mesmo, até, antes de mais nada*, têm função argumentativa, isto é, orientam os enunciados em que figuram para determinadas conclusões.

Sendo o tema do texto o jornalismo político, ocorrem nele uma série de termos relativos à política e ao jornalismo – estes são os principais *campos lexicais* encontrados no texto.

Comparando-se os textos 3 e 4, verifica-se que, no primeiro, uma mesma ideia vai sendo repisada até a. exaustão, tornando lenta a progressão temática, ao passo que, no segundo, o fluxo da informação não é obstacularizado e as ideias se sucedem com maior rapidez.

Passo, agora, ao exame mais detalhado dos mecanismos de sequenciação frástica, que se constituem em fatores de coesão textual na medida em que garantem a manutenção do tema, o estabelecimento de relações semânticas e/ou pragmáticas entre segmentos maiores ou menores do texto, a ordenação e articulação de sequências textuais. Enquadram-se, pois, entre tais procedi–mentos, os seguintes:

PROCEDIMENTOS DE MANUTENÇÃO TEMÁTICA

A manutenção do tema, isto é, a continuidade de sentidos do texto é garantida, em grande parte, pelo uso de termos per–tencentes a um mesmo campo lexical (contiguidade semântica ou “colocação”, segundo Halliday & Hasan,1976). Veja-se o exemplo:

6. O desabamento de barreiras provocou sérios *acidentes* na estrada. Diversas *ambulâncias* transportaram as *vítimas* para o *hospital* da cidade mais próxima.

Através desses termos, um “frame” ou esquema cognitivo é ativado na memória do leitor/ouvinte, de modo que outros elementos do texto serão interpretados dentro desse “frame”, o que permite não só detectar o tema, como também avançar perspectivas sobre o que deve vir em sequência no texto e, em certos casos, desfazer possíveis ambiguidades.

PROGRESSÃO TEMÁTICA

Na sequenciação do texto, assume vital importância o modo como se opera a progressão temática. A questão da articulação tema/rema foi desenvolvida pelos linguistas da Escola Funcio–nalista de Praga (Danes&, Firbas, Mathesius, Sgall, entre outros), preocupados com a organização e hierarquização das unidades semânticas de acordo com seu valor comunicativo.

Do ponto de vista funcional, tal hierarquia se concretiza através de blocos comunicativos, que têm sido denominados *tema* (tópico, dado) e *rema* (foco, comentário, novo), concepções que variam segundo duas perspectivas:

- a perspectiva oracional, que considera *tema* aquilo que se toma como base da comunicação, aquilo do que se fala, e *rema*, o cerne da contribuição, aquilo que se diz sobre o tema, não havendo, aqui, coincidência necessária entre tema e dado, rema e novo;
- a perspectiva contextual, que vê no *tema* a informação contextualmente deduzível e, no *rema*, a informação nova, desconhecida, não deduzível. A esta última interessa, pois, a estrutura informacional do texto, particularmente, os meios linguísticos para a caracterização sintática superfi–cial sob a perspectiva funcional da sentença.

Danes& (1970) procede a uma combinação das duas perspectivas com sua concepção de *progressão temática*, segundo ele, o “esqueleto” da estrutura textual, que pode ser de cinco tipos:

Progressão temática linear – quando o rema de um enunciado passa a tema do enunciado seguinte, o rema deste a tema do seguinte, e assim sucessivamente. Exemplo:

7. A “Eneida” é um poema épico. Os poemas épicos con–têm longas narrativas. Tais narrativas incluem sempre elementos convencionais. Um deles é a figura do herói.
O herói representa os ideais de uma nação.

Esquema: A → B
B → C
C → D

Progressão temática com um tema constante – em que, a um mesmo tema, são acrescentadas, em cada enunciado, novas informações remáticas. Exemplo:

8. O cão é um animal mamífero e quadrúpede. Ele tem o corpo coberto de pelos. O cão é um excelente guarda para nossas casas. (Ø) É um animal muito fiel.

Esquema: A → B
A → C
A → D
A → E

Progressão com tema derivado – quando existe um “hipertema”, do qual se derivam temas parciais. Exemplo:

9. O Brasil é o maior país da América do Sul. A região Norte é ocupada pela bacia Amazônica e pelo Planalto das Guianas. A região Nordeste caracteriza-se, em grande parte, pelo clima semiárido. As regiões Sul e Sudeste são altamente industrializadas. A região Centro-oeste encerra o Distrito Federal, onde se localiza a capital, Brasília.

Esquema:

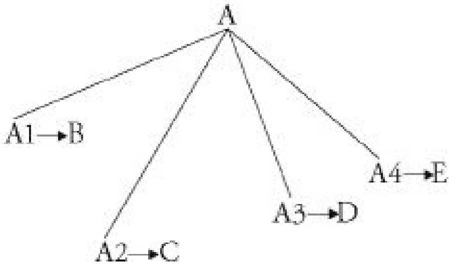

Progressão por desenvolvimento de um rema subdividido – desenvolvimento das partes de um rema superordenado. Exemplo:

10. O corpo humano dividi-se em três partes:
A cabeça é formada de crânio e face. O tronco compõe-se de tórax e abdômen. Os membros dividem-se em superiores e inferiores.

Esquema: A → B (– B1 + B2 + B3 ...)
B1 → C
B2 → D
B3 → E

Progressão com salto temático – quando há omissão de um segmento intermediário da cadeia de progressão temática linear, deduzível facilmente do contexto. Exemplo:

11. Toda epopeia contém elementos convencionais. Um desses elementos é o herói. , , Representante dos ideais de uma nacionalidade, passa por uma série de peripécias e acaba sendo glorificado.

Esquema: A → B
B → C
....
D → E

ENCADEAMENTO

O encadeamento permite estabelecer relações semânticas e/ou discursivas entre orações, enunciados ou sequências maiores do texto. Pode ser obtido por *justaposição* ou por *conexão*.

Justaposição

A justaposição pode dar-se com ou sem o uso de elementos sequenciadores. A justaposição sem partículas, particularmente no texto escrito, extrapola o âmbito da coesão textual, que, como se viu, diz respeito ao modo como os componentes da superfície textual se encontram conectados entre si *através de elementos linguísticos*. Inexistindo tais elementos, cabe ao leitor construir a coerência do texto, estabelecendo mentalmente as relações se–mânticas e/ou discursivas. Nesses casos, o lugar do conector ou partícula é marcado, na escrita, por sinais de pontuação (vírgula, ponto e vírgula, dois pontos, ponto) e, na falta, pelas pausas.

A *justaposição com elementos sequenciadores* estabelece um sequenciamento coesivo entre porções maiores ou menores da superfície textual. Tais elementos, denominados, *sinais de articulação* operam, portanto, em diversos níveis hierarquizados:

- *metanível* ou *nível metacomunicativo* em que funcionam como sinais demarcatórios e/ou sumarizadores de partes ou sequências textuais (ex.: por consequência, em virtude do exposto, dessa maneira, em resumo, essa posição etc.). Exemplos:

12. (...) *A hipótese acima aventada* faz previsões que podem ser verificadas empiricamente.
13. (...) *Fazendo um balanço do que se discutiu até o momento*, constata-se que os modelos apresentados são excessivamente redutores...
14. *Para encerrar este debate*, convém dizer ainda que...

Nível intersequencial (entre sequências textuais ou episódios narrativos)

- *marcadores de situação* ou *ordenação no tempo-espaço*, que podem funcionar, por exemplo, como demarcadores de episódios na narrativa (ordenadores temporais), de segmentos de uma descrição (ordenadores espaciais), ou como indicadores de ordenação textual. Exemplos:

15. (...) *Muitos anos depois*, os dois se encontraram casualmente numa galeria de arte e o antigo amor pareceu renascer (...)
16. (...) *Mais além, do lado esquerdo*, avistava-se um extenso matagal...
17. Tratarei, *primeiramente*, da origem do termo; *a seguir*, falarei de sua evolução histórica; *finalmente*, exemplificarei seu emprego atual.

Nível conversacional (inter ou intraturnos)

- *marcadores conversacionais* de variados tipos, especialmente os que assinalam *introdução*, *mudança* ou *quebra* do tópico (descritos para o português por Marcuschi, 1986):

18. Parece que nossas autoridades econômicas não estão se entendendo muito bem.. {A propósito / Por falar nisso}, me diz do novo choque econômico?
19. Você tem razão, a garota que passou é bonita mesmo.
    Mas voltando ao assunto, quando é que você vai me entregar o trabalho?
20. Amanhã vai haver reunião do Departamento e todos os professores deverão comparecer, pois há assuntos importantes em pauta. *Abrindo um parênteses*, você soube que o concurso de ingresso foi anulado?

Conexão

Outro tipo de sinais de articulação são os conectores interfrásticos, responsáveis pelo tipo de encadeamento a que se tem denominado *conexão* ou *junção* (cf. a *conjunção* de Halliday & Hasan). Trata-se de conjunções, advérbios sentenciais (também chamados advérbios de texto) e outras palavras (expressões) de ligação que estabelecem, entre orações, enunciados ou partes do texto, diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas.

Relações Lógico-Semânticas

As relações lógico-semânticas entre orações que compõem um enunciado são estabelecidas por meio de conectores ou juntores de tipo lógico. A expressão c*onectores de tipo lógico* deve-se ao fato de tais conectores apresentarem semelhanças com os operadores lógicos propriamente ditos, não se confundindo, porém, com estes, já que a “lógica” das línguas naturais difere, em muitos aspectos, da lógica formal. São relações desse tipo:

- *relação de condicionalidade* (se *p* então *q*) – expressa-se pela conexão de duas orações, uma introduzida pelo conector *se* ou similar (oração antecedente) e outra pelo operador *então*, que geralmente vem implícito (oração consequente). O que se afirma nesse tipo de relação é que, sendo o antecedente verdadeiro, o consequente também o será.Vejam-se os exemplos:

21. *Se* aquecermos o ferro, (então) ele se derreterá.
22. *Caso* faça sol, (então) iremos à praia.

- *relação de causalidade* (*p* porque *q*) – expressa-se pela conexão de duas orações, uma das quais encerra a *causa* que acarreta a consequência contida na outra. Tal relação pode ser veiculada sob diversas formas estruturais, como:

23. *O torcedor ficou rouco* porque *gritou demais*.
consequência causa

24. O torcedor *gritou tanto* que *ficou rouco*:
causa consequência
25. Otorcedor *gritou demais*; $\left\{\begin{array}{l}\text{então}\\ \text{por isso}\end{array}\right\}$ ficou *rouco*.

26. $\left\{\begin{array}{l}\textit{Como tivesse gritado demais}\\ \textit{Por ter gritado demais}\end{array}\right\}$ o torcedor *ficou rouco*. causa

- *relação de mediação* – que se exprime por intermédio de duas orações, numa das quais se explicita(m) o(s) meio(s) para atingir um fim expresso na outra:

27. O jovem *envidou todos os esforços* para *conquistar o amor* meio fim *da garota dos seus sonhos*.

Embora, do ponto de vista lógico, a relação de condicionalidade (implicação) englobe as de causalidade e de mediação, apresento-as separadamente por razões didáticas.

- *relação de disjunção* – tal relação pode ser tanto de tipo lógico, quanto de tipo discursivo (que será apresentada mais adiante) e se expressa através do conectivo *ou*. Esse conector, porém, é ambíguo em língua natural, correspondendo ora à forma latina *aut*, com valor exclusivo (isto é, *um* ou *outro*, mas não ambos), ora à forma *vel*, com valor inclusivo (ou seja, um ou outro, possivelmente ambos.

28. Você vai passar o fim de semana em São Paulo *ou* vai descer para o litoral? (exclusivo)

29. Todos os congressistas deveriam usar crachás *ou* trajar camisas vermelhas. (inclusivo: e/ou)

- *relação de temporalidade* – por meio da qual, através da conexão de duas orações, localizam-se no tempo, relacionando-os uns aos outros, ações, eventos, estados de coisas do "mundo real" ou a ordem em que se teve percepção ou conhecimento deles. O relacionamento temporal pode ser de vários tipos:

a. tempo simultâneo (exato, pontual):

30.
Quando
Mal
Nem bem
Assim que
Logo que
No momento em que
o filme começou,
ouviu-se um grito na plateia.

b. tempo anterior/tempo posterior:

31. *Antes que* o inimigo conseguisse puxar a arma, o soldado desferiu-lhe uma saraivada de tiros.
32. *Depois que* Maria enviuvou, ela preferiu viver na fazenda de seus pais.

c. tempo contínuo ou progressivo:

33. Enquanto os alunos faziam os exercícios, o professor corrigia as provas da outra turma.
34. À medida que os recursos iam minguando, aumentava o desespero da população do vilarejo isolado pelas inundações.

- *relação de conformidade* – expressa-se pela conexão de duas orações em que se mostra a conformidade do conteúdo de uma com algo asseverado na outra:

35. O réu agiu *conforme* o advogado lhe havia determinado.

- *relação de modo* – por meio da qual se expressa, numa das orações, o modo como se realizou a ação ou evento contido na outra. Exemplo:

36. *Sem levantar a cabeça*, a criança ouvia as reprimendas da mãe.
37. *Como se fosse um raio*, o cavaleiro disparou pela campina afora.

Relações discursivas ou argumentativas

Os encadeadores de tipo discursivo são responsáveis pela estruturação de enunciados em textos, por meio de encadeamentos sucessivos, sendo cada enunciado resultante de um ato de fala distinto. Neste caso, o que se assevera não é, como nas relações de tipo lógico, uma relação entre o conteúdo de duas orações, mas produzem-se dois (ou mais) enunciados distintos, encadeando-se o segundo sobre o primeiro, que é tomado como tema. Prova de que se trata de enunciados diferentes, resultantes cada um de um ato de fala particular, é que eles poderiam ser apresentados sob forma de dois períodos ou até proferidos por locutores diferentes. Assim, tais encadeamentos podem ocorrer entre orações de um mesmo período, entre dois ou mais períodos e, também, entre parágrafos de um texto: daí a denominação dada aos conectores por eles responsáveis de operadores ou encadeadores de discurso. Ademais, esses conectores, ao introduzirem um enunciado, determinam-lhe a orientação argumentativa. Por esta razão, são também chamados operadores argumentativos e as relações que estabelecem, relações pragmáticas ou argumentativas. Entre as principais destas relações podem citar-se:

- *conjunção* – efetuada por meio de operadores como *e*, *também*, *não só... mas também*, *tanto... como, além de, além disso*, *ainda*, *nem* (= e não), quando ligam enunciados que cons–tituem argumentos para uma mesma conclusão. Exemplo:

38. João é, sem dúvida, o melhor candidato. Tem boa formação e apresenta um consistente programa administrativo. *Além disso*, revela pleno conhecimento dos problemas da população. Ressalte-se, *ainda*, que não faz promessas demagógicas.
39. A reunião foi um fracasso. Não se chegou a nenhuma conclusão importante, *nem* (= e não) se discutiu o problema central.

- *disjunção argumentativa* – trata-se aqui da disjunção de enunciados que possuem orientações discursivas diferentes e resultam de dois atos de fala distintos, em que, por meio do segundo, procura-se provocar o leitor/ouvinte para levá-lo a modificar sua opinião ou, simplesmente, aceitar a opinião expressa no primeiro:

40. Todo voto é útil. *Ou* não foi útil o voto dado ao rinoceronte “Cacareco” nas eleições municipais, há alguns anos atrás?

- *contrajunção* – através da qual se contrapõem enunciados de orientações argumentativas diferentes, devendo prevalecer a do enunciado introduzido pelo operador *mas* (*porém, contudo*, *todavia* etc.).

41. Tinha todos os requisitos para ser um homem feliz. *Mas* vivia só e deprimido.

Quando se utiliza o operador *embora* (*ainda que, apesar de* (*que*) etc.), prevalece a orientação argumentativa do enunciado não introduzido pelo operador:

42. *Embora* desconfiasse do amigo, nada deixava transparecer.
43. O calor continua insuportável, *apesar da* chuva que caiuo dia todo.

Segundo Ducrot (1980), o operador ***mas*** pode exprimir um movimento psicológico entre crenças, opiniões, emoções, desejos, ainda que implícitos, quando orientados em sentidos contrários, como em:

44. Jeanne, tendo acabado de arrumar as malas, aproximou-se da janela, *mas* a chuva continuava. (Maupassant, *Une Vie*)

- *explicação ou justificativa* – quando se encadeia, sobre um primeiro ato de fala, outro ato que justifica ou explica o anterior.

45. Não vá ainda, *que* tenho uma coisa importante para lhe dizer. (Justificativa)

46. Deve ter faltado energia por muito tempo, *pois* a geladeira está totalmente descongelada. (Explicação)

- *comprovação* – em que, através de um novo ato de fala, acrescenta-se uma possível comprovação da asserção apresentada no primeiro:

47. Encontrei seu namorado na festa, *tanto que* ele estava de tênis Adidas.

- *conclusão* – em que, por meio de operadores como *portanto, logo, por conseguinte, pois* etc., introduz-se um enunciado de valor conclusivo em relação a dois (ou mais) atos de fala anteriores que contêm as premissas, uma das quais, geralmente, permanece implícita, por tratar-se de algo que é voz geral, de consenso em dada cultura, ou, então, verdade universalmente aceita. Exemplo:

48. Toda a equipe jogou desentrosada. *Portanto* o novo *Logo* atacante não poderia mesmo ter mostrado o seu bom futebol
49. João é um indivíduo perigoso. *Portanto*, fique longe dele.

- *comparação* – expressa-se por meio dos operadores (*tanto, tal*)... *como* (*quanto*), *mais*... (do) *que*, *menos*... (do) *que*, estabelecendo entre um termo comparante e um termo comparado, uma relação de inferioridade, superioridade ou igualdade. A relação comparativa, como demonstra Vogt (1977, 1980), possui caráter eminentemente argumentativo: a comparação se faz tendo em vista dada conclusão a favor ou contra a qual se pretende argumentar. Assim, se a uma pergunta como: “Devemos chamar Pedro para tirar mala de cima do armário?”, se obtivesse como resposta:

50. João é tão alto quanto Pedro.

argumentação seria desfavorável a Pedro (embora não negando a sua altura) e favorável a João. Se, por outro lado, a resposta fosse:

51. Pedro é tão alto como João.

haveria inversão da orientação argumentativa, agora favorável a Pedro.

Pelos exemplos anteriores, verifica-se que: a) do ponto de vista argumentativo, não há “igualdade” entre Pedro e João; b) embora tema e rema sejam perfeitamente permutáveis do ponto de vista sintático, não o são do ponto de vista argumentativo.

- *generalização/extensão* – em que o segundo enunciado expri–me uma generalização do fato contido no primeiro (ex. 52 e 54), ou uma amplificação da ideia nele expressa (ex. 53):

52.Maria está atrasada.

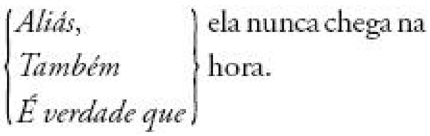

Aliás,
Também
É verdade que
ela nunca chega na hora.

53.Pedro está de novo sem dinheiro. {*Bem* / *Aliás* / *Mas*}, é o que acontece com todo estudante que vive de mesada.

54.Tive prazer em conhecê-la. {*De fato* / *Realmente*}, estou encantada.

- *especificação/exemplificação* – em que o segundo enunciado particulariza e/ou exemplifica uma declaração de ordem mais geral apresentada no primeiro:

55. Muitos de nossos colegas estão no exterior. Pierre, *por exemplo*, está na França.
56. Nos países do Terceiro Mundo, *como* a Bolívia e o Brasil, falta saneamento básico em muitas regiões.

- *contraste* – na qual o segundo enunciado apresenta uma declaração que contrasta com a do primeiro, produzindo um efeito retórico:

57. Gosto muito de esporte. *Mas* luta-livre, faça-me o favor!
58. Os ricos ficam cada vez mais ricos, *ao passo que* os pobres tornam-se cada vez mais pobres.

- *correção/redefinição* – quando, através de um segundo enunciado, se corrige, suspende ou redefine o conteúdo do primeiro, se atenua ou reforça o comprometimento com a verdade do que nele foi veiculado ou, ainda, se questiona a própria legitimidade de sua enunciação:

59. Irei à sua festa. *Isto é,* se você me convidar.
60. Eu não agiria deste modo. *Se* você quer saber a minha opinião.
61. Meus parabéns! *Ou* não devo cumprimentá-lo por isso?
62. Pedro chega hoje. *Ou melhor*, acredito que chegue, não tenho certeza.
63.Ele não é muito esperto. {*De fato* / *Pelo contrário*}, parece-me bastante estúpido.

64. Prometo ir ao encontro. {*Isto é* / *Ou melhor*} vou tentar.

Outros tipos de relações poderiam ser ainda apresentadas, por exemplo, as que se estabelecem entre turnos, no diálogo. Não tive a intenção de ser exaustiva e, sim, de apresentar ao leitor uma visão geral do assunto.

Charolles (1986) ressalta que o uso dos mecanismos coesivos tem por função facilitar a interpretação do texto e a construção da coerência pelos usuários. Por essa razão, seu uso inadequado pode dificultar a compreensão do texto: visto possuírem, por convenção, funções bem específicas, eles não podem ser usados sem respeito a tais convenções. Se isto acontecer, isto é, se seu emprego estiver em desacordo com sua função, o texto parecerá destituído de sequencialidade, o que dificultará a sua compreensão e, portanto, a construção da coerência pelo leitor/ouvinte.

É preciso deixar claro, ainda, que a coesão referencial e a coesão sequencial não devem ser vistas como procedimentos totalmente estanques. Há, na língua, formas que apenas efetuam encadeamentos (os conectores propriamente ditos) e outras que operam, ao mesmo tempo, remissão (ou referência) e encadeamento. Vejam-se, como exemplo destas últimas, as formas examinadas no item Justaposição (metanível, p. 66), algumas das quais, inclusive, apresentam semelhanças com as dos exemplos (65) e (66) do capítulo anterior. O próprio uso de formas remissivas, retomando referentes do texto para se tornarem suportes de novas predicações, não deixa de contribuir para a progressão do texto, aproximando-se, pois, dos mecanismos de sequenciação parafrástica.

Como se pode verificar de tudo o que foi dito neste capítulo, também a questão da coesão sequencial é bastante complexa. Esta obra terá atingido seu objetivo se conseguir motivar o leitor a novas leituras sobre o tema *coesão textual*.

---

[1] Castilho (1988) fala em “rematização frástica” (de *phrázõ*, “informar emitir sinais verbais, fazer compreender”) e “rematização parafrástica” (de *paraphrázo*, “parafrasear, alterar o sentido, comentar”).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUGRANDE, Robert de & DRESSLER, Wolfgang U. *Einführng in die Textlinguistik*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1981. Trad. inglesa: *Introduction to Textliguistics*. London: Longman.

Obra básica sobre Linguística Textual em que se examinam os principais critérios ou padrões de textualidade; contém um capítulo extenso sobre coesão.

BLANCHE-BENVENISTE, Claire. La dénomination dans le français parlé. *In*: *Recherches sur le français parlé* 6, Université de Provence, 1984.

Artigo importante para o conhecimento das pesquisas sobre o francês falado que o grupo ao qual pertence a autora vem desenvolvendo na Universidade de Provence (França).

BROWN, Gillian & YULE, George. *Discourse Analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

Uma das mais lúcidas obras sobre Análise do Discurso de linha an-glo-americana; contém uma revisão crítica de grande parte da literatura sobre o assunto. O capítulo 6 trata da “natureza da referência no texto e no discurso”.

CASTILHO, Ataliba T. de. Para o estudo das unidades discursivas no português falado. *In*: A. T. CASTILHO (org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1989, p. 249-280.

Excelente texto sobre língua falada, com atenção especial às unidades discursivas e aos marcadores convencionais; contém análise de excertos de entrevistas do Projeto NURC.

CHAROLLES, Michel & EHRLICH, Marie-France. *Aspects of textual Continuity:* linguistic and psycological Approaches. Mineo, 1986.

Os autores procedem a uma abordagem linguística (Charolles) e psicológica (Ehrlich) da questão da continuidade textual. Charolles distingue três aspectos básicos: coesão, conexão e coerência.

DANEŠ, Frantisek. Functional Sentence Perspective and the Organization of the Text. *In*: DANEŠ, F. (ed.). *Papers on functional Sentence Perspective*. Praga: The Hague, 1974.

Trabalho em que o autor discute as diversas possibilidades de organização do texto segundo a perspectiva funcional da sentença desenvolvida pelos membros da Escola Funcionalista de Praga, à qual pertence.

DUCROT, Oswald. *Princípios de semântica linguística*. São Paulo: Cultrix, 1976.

Obra que coloca os fundamentos e discute questões básicas da Semântica Argumentativa. O original em francês foi publicado em 1972.

______. 1980. Analyses pragmatiques. *In*: *Communications 32*. Paris: Ed. duSeuil, p. 11-60.

Aplicação dos princípios da Semântica Argumentativa à análise de textos.

FARIA, Isabel H.& MATEUS, Maria H. M. *et al*. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 1983.

Uma das gramáticas mais modernas e completas da língua portuguesa; contém fartos elementos para a descrição da estrutura, funcionamento e uso do português atual, com um capítulo (cap. 7) destinado aos mecanismos de estruturação textual.

FÁVERO, Leonor L. & KOCH, Ingedore G. V. *Linguística textual:* introdução. São Paulo: Cortez, 1983.

Obra introdutória à Linguística Textual em que se apresenta uma visão panorâmica desse ramo da linguística atual.

______. Critérios de textualidade. *In*: *Veredas 104*, Revista PUC/SP, São Paulo: EDUC, 1985, p. 17-34.

Artigo em que se discutem os diversos critérios ou fatores de textualidade, com destaque para os mecanismos de coesão e seu emprego com função argumentativa.

GUIMARÃES, Eduardo R. J. *Texto e argumentação:* um estudo das conjunções do português. Campinas: Pontes, 1987.

Estudo minucioso das principais conjunções da língua portuguesa à luz da Semântica da Enunciação.

HALLIDAY, M. A. K. & HASAN, Rugaia. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.

Obra clássica sobre coesão textual que tem servido de base à maioria dos estudos sobre o assunto. Os autores procedem a um aprofundado exame de todos os mecanismos coesivos do inglês.

HARWEG, Roland. *Pronomina und Textkonstituition*. München: Fink, 1968. Um dos trabalhos pioneiros em Linguística Textual, em que o autor desenvolve a ideia de que *texto* é uma sucessão de unidades linguísticas constituída mediante uma concatenação pronominal ininterrupta, além de colocar os fundamentos para uma tipologia textual.

KALLMEYER, W., MEYER-HERMANN, R. *et al*. *Lektüre-kolleg zur Textlinguistik*.vol. II. Reader, Frankfurt: Athenäewm, 1974.

Obra coletiva sobre linguística textual; contém, além de outros assuntos relevantes, um capítulo (cap. 7) importantíssimo sobre a remissão no texto (Textphorik), em que se propõe a Teoria da Referência Mediatizada.

KARLVERKÄMPER, Hartwing. *Orientierung zur Textlinguistik*. Tübingen: Max Niermyer, 1981.

Revisão de grande parte da bibliografia publicada sobre linguística do texto na Europa, especialmente na Alemanha.

KOCH, Ingedore G. V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984. Contém um capítulo em que se estuda em detalhes as relações interfrásticas, além de outro sobre a teoria dos tempos verbais, de Weinrich.

______. Dificuldades na leitura/produção de textos: os conectores interfrásticos. *In*: KIRST & CLEMENTE (org.). *Linguística aplicada ao ensino de Português*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p. 83-98. Trabalho em que se faz o levantamento dos principais conectores lógico-semânticos e discursivos do português e das relações por eles estabelecidas no texto.

MARCUSCHI, Luiz A. *Linguística de texto:* o que é e como se faz. Série Debates 1, Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1986.

Importante obra introdutória à Linguística Textual, com farta exemplificação em textos.

______. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.

Obra básica que traz os fundamentos da análise da conversação e um estudo aprofundado dos marcadores conversacionais.

MEYER-HERMANN, Reinhard. Some Topics in the Study of Referentials in Portuguese. *In*: SCHMIDT-RADEFELDT, J. (ed.). *Readings in Portuguese Linguistics*. Amsterdam: North-Holland Publish. Co, 1976, p. 267-287.

Trabalho em que, através de exemplos em português europeu, o autor discute os principais elementos de coesão referencial.

VAN DIJK, Teun A. *Studies in the Pragmatics of Discourse*. Berlim/New York: Mouton, 1981.

Obra importante em que o autor discute uma série de questões discursivas, inclusive os conectivos semânticos e pragmáticos.

VILELA, M. & KOCH, I. G. V. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 2001.

VOGT, Carlos A. *Linguagem, pragmática, ideologia*. São Paulo: Hucitec, 1980. Obra básica para quem se interessa por questões de Semântica Argumentativa, incluindo um estudo sobre o operador *mas* e a comparação.

______. *O intervalo semântico*. São Paulo: Ática, 1977.

Obra em que o autor discute os pressupostos teóricos da Semântica Argumentativa, aplicando-os, particularmente, às estruturas de comparação.

WENRICH, Harald. *Sprache in Texten*. Stuttgart: Klett. Trad. espanhola. *Lenguage en textos*. Madrid: Gredos, 1973.

Coletânea de diversos trabalhos do autor, entre os quais o que trata do emprego dos artigos em alemão, em que Weinrich aplica à análise de textos suas concepções teóricas.

______. *Tempus*: *Besprochene und Erzählte Welt*. Trad. francesa. Le Temps (Ed. du Seuil). Trad. espanhola. *Estructra y función de los tiempos en el lenguage*. 2ª ed. alemã: 1971.

Obra em que o autor lança sua teoria dos tempos verbais, dividindo-os em dois grupos de acordo com a atitude comunicativa: *mundo comentado* e *mundo narrado*; contém farta exemplificação em obras literárias ou não.

A AUTORA

Ingedore Grunfeld Villaça Koch nasceu na Alemanha e veio para o Brasil com quatro anos de idade. Adotou o Brasil como pátria, naturalizando-se brasileira. Formou-se em Direito pela USP e, mais tarde, obteve licenciatura plena em Letras. Foi professora de 1º grau no Externato Ofélia Fonseca e de Língua Portuguesa e Técnica e Metodologia de Redação em Português na Logos-Escola de 2º grau.

É mestre e doutora em Ciências Humanas: Língua Portuguesa pela PUC/SP. Foi professora do Departamento de Português dessa universidade, tendo lecionado nos cursos de Língua e Literatura Portuguesas, Língua e Literatura Inglesas – opção Tradutor, Secretariado Executivo Bilíngue e Jornalismo. Foi coordenadora do curso de Jornalismo e membro da comissão didática do curso de Língua e Literatura Inglesas.

Publicou pela Editora Contexto as seguintes obras: *A coerência textual* (em coautoria com Luiz Carlos Travaglia), *A inter-ação pela linguagem*, *O texto e a construção dos sentidos*, *Referenciação e discurso*, *Ler e compreender* e *Ler e escrever* (os dois últimos em coautoria com Vanda Maria Elias). É de sua autoria também: *Gramática do português falado: vol. VI – desenvolvimentos*; *Texto e coerência* (em coautoria com Luiz Carlos Travaglia); *Desvendando os segredos do texto*; *Linguística aplicada ao português* (em coautoria com Maria Cecília Pérez de Souza e Silva); *Morfologia e linguística aplicada ao português* (em coautoria com Maria Cecília Pérez de Souza e Silva); *Linguística textual: introdução* (em coautoria com Leonor Lopes Fávero); *Argumentação e linguagem*.

Atualmente, é professora titular do Departamento de Linguística do IEL/UNICAMP, em cujos cursos de graduação e pós-graduação trabalha com Linguística Textual.

PORTUGUÊS

Problemas da língua culta
Ao invés de / Em vez de

Prof.ª Isabel Vega

Ao invés de / Em vez de

I) Ao invés de → essa locução deve ser empregada quando houver uma **oposição real** entre determinada coisa e outra(s).

Ex.: Esperava-se que ele fosse gentil **ao invés de** grosseiro.
(ao contrário de)

II) Em vez de → essa locução, mais ampla, apresenta o sentido de "**em substituição a**" ou "**em lugar de**".

Ex.: Escolheu sorvete **em vez de** torta.
(**em lugar de**)

OBS.: As locuções podem ser empregadas como sinônimas caso a substituição proposta seja uma oposição real.

Ex.: **Em vez de** rir, chorou. = **Ao invés de** rir, chorou.

Trovadorismo

Movimento literário que surgiu na Idade Média no século XI, na região da Provença (sul da França) e se espalhou por toda a Europa até seu declínio no século XIV

Contexto Histórico

- ☆ Guerra contra os mouros; (surgimento de Portugal – 1147)
- ☆ 1189 (1198) – Canção da Ribeirinha (Paio Soares de Taveirós);
- ☆ Feudalismo (poder ligado a terra);
- ☆ Teocentrismo (Deus no centro);
- ☆ Cruzadas: (ordem militar e religiosa) objetivo de difundir as ideias da igreja católica.

Estrutura Feudal

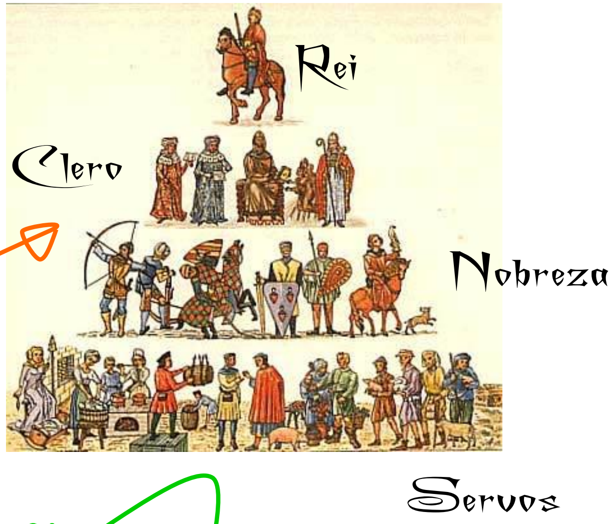

Características

- ✓ Foi a primeira manifestação literária da Língua Portuguesa;
- ✓ Surgiu no século XII, em plena idade média, período em que Portugal estava no processo de formação nacional;
- ✓ A poesia era feita para ser cantada.

Manifestações

- ☆ ***Novelas de cavalaria:***
- ☆ Ciclo bretão: tem como figura central o Rei Arthur e seus cavaleiros;
- ☆ Ciclo carolíngio: a figura central é Carlos Magno e os 12 pares da França;
- ☆ Ciclo clássico: recriação de um universo com temas greco-latinos.
- ☆ ***Cantigas:***
- ☆ Líricas – Amor e amigo
- ☆ Satíricas – escárnio e maldizer

Cancioneiros

- ♥ Cancioneiro da Ajuda: contém 310 cantigas (séc. XIII - XIV). Encontra-se no Palácio da Ajuda, Lisboa.
- ♥ Cancioneiro da Biblioteca Nacional: manuscrito séc. XV – XVI, contém 1647 cantigas. Encontra-se na Biblioteca de Lisboa
- ♥ Cancioneiro da Vaticana: contém 1205 cantigas; encontra-se na Biblioteca do Vaticano (Roma). Séc. XV – XVI.

C.Melo2020

C.Melo2020

Cantigas Trovadorescas

Estrutura

Ritmo, repetição sonora, refrão, paralelismo (par de estrofes – repetição de duas estrofes com pequenas diferenças; auxiliava na memorização das cantigas; *leixa-pren* – encadeamento entre estrofes pares e ímpares)

Líricas

Amor

Tema → amor platônico; Sua "senhor"; eu lírico – masculino; amor cortês; coita – inatingível; vassalagem – relação impossível.

Amigo

Tema → falta do amado; elementos da natureza; refrão; eu lírico feminino.

Satíricas

Escárnio

Tema → situações da época; crítica indireta; linguagem popular.

Maldizer

Temática pesada, conflitante; crítica direta; linguagem de baixo calão.

Interpretes

Trovador

Era da nobreza, escrevia e cantava.

Jogral

Sobrevivia de arte, não era nobre. Cantava e reproduzia as poesias dos trovadores; às vezes, compunha suas próprias obras

Soldadeira

Acompanhavam os jograis; eram cantoras ou dançarinas; eram constantemente acusadas de serem prostitutas.

Segrel

Tinha origem nobre, ainda que fosse um fidalgo decadente; executava obras alheias e também cantava e compunha suas canções.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Substantivo 2
- Classificação dos Substantivos 2
- Formação dos Substantivos 3
- Flexão dos Substantivos 3

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Substantivo

Substantivo é a classe gramatical de palavras variáveis, as quais denominam os seres.

→ Além de objetos, pessoas e fenômenos, os substantivos também nomeiam:

- lugares: Alemanha, Porto Alegre...
- sentimentos: raiva, amor...
- estados: alegria, tristeza...
- qualidades: honestidade, sinceridade...
- ações: corrida, pescaria...

Morfossintaxe do substantivo

Nas orações de língua portuguesa, o substantivo em geral exerce funções diretamente relacionadas com o verbo: atua como núcleo do sujeito, dos complementos verbais (objeto direto ou indireto) e do agente da passiva. Pode ainda funcionar como núcleo do complemento nominal ou do aposto, como núcleo do predicativo do sujeito ou do objeto ou como núcleo do vocativo. Também encontramos substantivos como núcleos de adjuntos adnominais e de adjuntos adverbiais - quando essas funções são desempenhadas por grupos de palavras.

Classificação dos Substantivos

Substantivos Comuns e Próprios

Observe a definição: Povoação maior que vila, com muitas casas e edifícios, dispostos em ruas e avenidas (no Brasil, toda a sede de município é cidade). 2. O centro de uma cidade (em oposição aos bairros).

Qualquer "povoação maior que vila, com muitas casas e edifícios, dispostos em ruas e avenidas" será chamada cidade. Isso significa que a palavra cidade é um substantivo comum.

- **Substantivo Comum**
  - É aquele que designa os seres de uma mesma espécie de forma genérica.
    - **Por exemplo**: cidade, menino, homem, mulher, país, cachorro.
  - Estamos voando para Barcelona.
    - O substantivo Barcelona designa apenas um ser da espécie cidade. Esse substantivo é próprio.
- **Substantivo Próprio**
  - É aquele que designa os seres de uma mesma espécie de forma particular.
    - **Por exemplo**: Londres, Paulinho, Pedro, Tietê, Brasil.

Substantivos Concretos e Abstratos

- **Substantivo Concreto**
  - É aquele que designa o ser que existe, independentemente de outros seres.
    - **Obs.**: os substantivos concretos designam seres do mundo real e do mundo imaginário.
    - Seres do mundo real: homem, mulher, cadeira, cobra, Brasília, etc.
    - Seres do mundo imaginário: saci, mãe-d'água, fantasma, etc.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

> **Substantivo Abstrato**

» É aquele que designa seres que dependem de outros para se manifestar ou existir.

- **Fique Ligado**: a beleza não existe por si só, não pode ser observada. Só podemos observar a beleza numa pessoa ou coisa que seja bela. A beleza depende de outro ser para se manifestar. Portanto, a palavra beleza é um substantivo abstrato.

Os substantivos abstratos designam estados, qualidades, ações e sentimentos dos seres, dos quais podem ser abstraídos, e sem os quais não podem existir.

- **Por exemplo**: vida (estado), rapidez (qualidade), viagem (ação), saudade (sentimento).

Substantivos Coletivos

> **Substantivo Coletivo**: é o substantivo comum que, mesmo estando no singular, designa um conjunto de seres da mesma espécie.

» Ele vinha pela estrada e foi picado por várias abelhas.

» Ele vinha pela estrada e foi picado por um enxame.

No primeiro caso, utilizaram-se duas palavras no plural.

No segundo caso, empregou-se um substantivo no singular (enxame) para designar um conjunto de seres da mesma espécie (abelhas).

O substantivo enxame é um substantivo coletivo.

Formação dos Substantivos

Substantivos Simples e Compostos

> **Substantivo Simples**

» É aquele formado por um único elemento.

- **Ex.**: chuva, tempo, sol, sofá, etc.

> **Substantivo Composto**

» É aquele formado por dois ou mais elementos.

- **Ex.**: guarda-chuva, beija-flor, passatempo.

Substantivos Primitivos e Derivados

> **Substantivo Primitivo**

» É aquele que não deriva de nenhuma outra palavra da própria língua portuguesa.

- **Ex.**: limão

> **Substantivo Derivado**

» É aquele que se origina de outra palavra.

- **Ex.**: limoeiro

Flexão dos Substantivos

> Flexão de Gênero

Gênero é a propriedade que as palavras têm de indicar sexo real ou fictício dos seres. Na língua portuguesa, há dois gêneros: masculino e feminino.

Pertencem ao gênero masculino os substantivos que podem vir precedidos dos artigos o, os, um, uns.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

  - O velho e o mar
  - Um Natal inesquecível
  - Os reis da praia

→ Pertencem ao gênero feminino os substantivos que podem vir precedidos dos artigos a, as, uma, umas:

- A história sem fim
- Uma cidade sem passado
- As tartarugas ninjas

Substantivos Biformes e Substantivos Uniformes

- **Substantivos Biformes** (= duas formas)
  - gato - gata
  - homem - mulher
  - poeta - poetisa
  - prefeito - prefeita
- **Substantivos Uniformes**

São aqueles que apresentam uma única forma, que serve tanto para o masculino quanto para o feminino.

- Classificam-se em:
  - Epicenos: têm um só gênero e nomeiam bichos.
    - **Por exemplo**: a cobra macho e a cobra fêmea, o jacaré macho e o jacaré fêmea.
  - Sobrecomuns: têm um só gênero e nomeiam pessoas.
    - **Por exemplo**: a criança, a testemunha, a vítima, o cônjuge, o gênio, o ídolo, o indivíduo.
  - Comuns de Dois Gêneros: indicam o sexo das pessoas por meio do artigo.
    - **Por exemplo**: o colega e a colega, o doente e a doente, o artista e a artista.
  - Existem certos substantivos que, variando de gênero, variam em seu significado.
    - **Por exemplo**: o rádio (aparelho receptor) e a rádio (estação emissora); o capital (dinheiro) e a capital (cidade).

Formação do Feminino dos Substantivos Biformes

- **Regra geral**: troca-se a terminação -o por -a.
  - aluno - aluna
- **Substantivos terminados em -ês**: acrescenta-se -a ao masculino.
  - freguês - freguesa
- **Substantivos terminados em -ão**: fazem o feminino de três formas:
  - troca-se -ão por -oa.
  - patrão - patroa
  - troca-se -ão por -ã.
  - campeão - campeã

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

- » troca-se -ão por ona.
- » solteirão - solteirona
- » **Exceções:**
  - barão - baronesa
  - ladrão- ladra
  - sultão - sultana

> **Substantivos terminados em -or**:

- » acrescenta-se -a ao masculino.
- » doutor - doutora
- » troca-se -or por -triz:
- » imperador - imperatriz

> **Substantivos com feminino em -esa, -essa, -isa**:

-esa -	-essa-	-isa-
cônsul - consulesa	abade - abadessa	poeta - poetisa
duque - duquesa	conde - condessa	profeta - profetisa

> **Substantivos que formam o feminino trocando o -e final por -a**:

- » elefante - elefanta

> Substantivos que têm radicais diferentes no masculino e no feminino:

- » bode - cabra
- » boi - vaca

> Substantivos que formam o feminino de maneira especial, isto é, não seguem nenhuma das regras anteriores:

- » czar - czarina
- » réu – ré

Gênero e Significação

Muitos substantivos têm uma significação no masculino e outra no feminino.

O cabeça (chefe) – o cabeça (parte do corpo)

> Flexão de Número do Substantivo

- » O singular, que indica um ser ou um grupo de seres;
- » O plural, que indica mais de um ser ou grupo de seres.

> Plural dos Substantivos Simples

- » Os substantivos terminados em vogal, ditongo oral e n fazem o plural pelo acréscimo de s.
  - **Por exemplo**:

pai - pais

ímã - ímãs

hífen - hifens (sem acento, no plural).

Exceção: cânon - cânones.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

» Os substantivos terminados em m fazem o plural em ns.

- **Por exemplo:**

homem - homens.

» Os substantivos terminados em r e z fazem o plural pelo acréscimo de es.

- **Por exemplo:**

revólver - revólveres

raiz - raízes

Atenção: O plural de caráter é caracteres.

» Os substantivos terminados em al, el, ol, ul flexionam-se no plural, trocando o l por is.

- **Por exemplo:**

quintal - quintais

caracol - caracóis

hotel - hotéis

Exceções: mal e males, cônsul e cônsules.

» Os substantivos terminados em il fazem o plural de duas maneiras:

- Quando oxítonos, em is.

- **Por exemplo:**

» canil - canis

- Quando paroxítonos, em eis.

- **Por exemplo:**

míssil - mísseis.

Obs.: a palavra réptil pode formar seu plural de duas maneiras:

répteis ou reptis (pouco usada).

» Os substantivos terminados em s fazem o plural de duas maneiras:

- Quando monossilábicos ou oxítonos, mediante o acréscimo de es.

- **Por exemplo:**

ás - ases

retrós - retroses

- Quando paroxítonos ou proparoxítonos, ficam invariáveis.

- **Por exemplo:**

o lápis - os lápis

o ônibus - os ônibus.

» Os substantivos terminados em ão fazem o plural de três maneiras.

- substituindo o -ão por -ões:

- **Por exemplo:**

ação - ações

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

- substituindo o -ão por -ães:

- **Por exemplo:**

cão - cães

- substituindo o -ão por -ãos:

- **Por exemplo:**

grão - grãos

> Os substantivos terminados em x ficam invariáveis.

- **Por exemplo:**

o látex - os látex.

Plural dos Substantivos Compostos

A formação do plural dos substantivos compostos depende da forma como são grafados, do tipo de palavras que formam o composto e da relação que estabelecem entre si. Aqueles que são grafados sem hífen comportam-se como os substantivos simples:

aguardente e aguardentes	girassol e girassóis
pontapé e pontapés	malmequer e malmequeres

→ O plural dos substantivos compostos cujos elementos são ligados por hífen costuma provocar muitas dúvidas e discussões. Algumas orientações são dadas a seguir:

> Flexionam-se os dois elementos, quando formados de:

» substantivo + substantivo = couve-flor e couves-flores

» substantivo + adjetivo = amor-perfeito e amores-perfeitos

» adjetivo + substantivo = gentil-homem e gentis-homens

» numeral + substantivo = quinta-feira e quintas-feiras

> Flexiona-se somente o segundo elemento, quando formados de:

» verbo + substantivo = guarda-roupa e guarda-roupas

» palavra invariável + palavra variável = alto-falante e alto-falantes

» palavras repetidas ou imitativas = reco-reco e reco-recos

> Flexiona-se somente o primeiro elemento, quando formados de:

» substantivo + preposição clara + substantivo = água-de-colônia e águas-de-colônia

» substantivo + preposição oculta + substantivo = cavalo-vapor e cavalos-vapor

» substantivo + substantivo que funciona como determinante do primeiro, ou seja, especifica a função ou o tipo do termo anterior.

- **Exemplos**:

palavra-chave - palavras-chave

bomba-relógio - bombas-relógio

notícia-bomba - notícias-bomba

homem-rã - homens-rã

peixe-espada - peixes-espada

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

- Permanecem invariáveis, quando formados de:

verbo + advérbio = o bota-fora e os bota-fora

verbo + substantivo no plural = o saca-rolhas e os saca-rolhas

- Casos Especiais

o louva-a-deus e os louva-a-deus

o bem-te-vi e os bem-te-vis

o bem-me-quer e os bem-me-queres

o joão-ninguém e os joões-ninguém.

Flexão de Grau do Substantivo

→ Grau é a propriedade que as palavras têm de exprimir as variações de tamanho dos seres. Classifica-se em:

- **Grau Aumentativo** - Indica o aumento do tamanho do ser. Classifica-se em:
- **Analítico** = o substantivo é acompanhado de um adjetivo que indica grandeza.
  - **Por exemplo**: casa grande.
- **Sintético** = é acrescido ao substantivo um sufixo indicador de aumento.
  - **Por exemplo**: casarão.
- **Grau Diminutivo** - Indica a diminuição do tamanho do ser. Pode ser:
- **Analítico** = substantivo acompanhado de um adjetivo que indica pequenez.
  - **Por exemplo**: casa pequena.
- **Sintético** = é acrescido ao substantivo um sufixo indicador de diminuição.
  - **Por exemplo**: casinha.

EXERCÍCIOS

Um pé de milho

Aconteceu que no meu quintal, em um monte de terra trazido pelo jardineiro, nasceu alguma coisa que podia ser um pé de capim – mas descobri que era um pé de milho. Transplantei-o para o exíguo canteiro na frente da casa. Secaram as pequenas folhas, pensei que fosse morrer. Mas ele reagiu. Quando estava do tamanho de um palmo, veio um amigo e declarou desdenhosamente que na verdade aquilo era capim. Quando estava com dois palmos veio outro amigo e afirmou que era cana.

Sou um ignorante, um pobre homem da cidade. Mas eu tinha razão. Ele cresceu, está com dois metros, lança as suas folhas além do muro – e é um esplêndido pé de milho. Já viu o leitor um pé de milho? Eu nunca tinha visto. Tinha visto centenas de milharais – mas é diferente. Um pé de milho sozinho, em um canteiro, espremido, junto do portão, numa esquina de rua – não é um número numa lavoura, é um ser vivo e independente. Suas raízes roxas se agarram ao chão e suas folhas longas e verdes nunca estão imóveis.

Anteontem aconteceu o que era inevitável, mas que nos encantou como se fosse inesperado: meu pé de milho pendoou. Há muitas flores belas no mundo, e a flor do meu pé de milho não será a mais linda. Mas aquele pendão firme, vertical, beijado pelo vento do mar, veio enriquecer nosso canteirinho vulgar com uma força e uma alegria que fazem bem. É alguma coisa de vivo que se afirma com ímpeto e certeza. Meu pé de milho é um belo gesto da terra. E eu não sou mais um medíocre homem que vive atrás de uma chata máquina de escrever: sou um rico lavrador da Rua Júlio de Castilhos.

(Rubem Braga. 200 crônicas escolhidas, 2001. Adaptado)

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

01. Na passagem do terceiro parágrafo – ... veio enriquecer nosso canteirinho vulgar... –, o substantivo, empregado no diminutivo, contribui para expressar a ideia de

a) exatidão.
b) desprezo.
c) simplicidade.
d) soberba.
e) abundância.

02. Esta semana, uma revista de automóveis trouxe o lançamento de um novo modelo de carro e publicou o seguinte comunicado: “Ele pode ser adquirido na cor verde-clara, já vem com porta-copo e alto-falante de série”. Marque a alternativa que apresenta corretamente o plural dos substantivos compostos.

a) verde-claras / porta-copos / alto-falantes
b) verde-clara / portas-copos / alto-falantes
c) verde-claras / porta-copos / altos-falantes
d) verdes-claras / porta-copos / altos-falantes
e) verdes-claras / portas-copos / altos-falantes

03. Em relação ao plural dos substantivos, assinale a alternativa correta.

a) Para pagar uma promessa, a senhora subiu de joelhos os degrais da catedral.
b) Os novos escrivões serão nomeados na próxima segunda-feira.
c) Os cidadões votaram e elegeram aquele candidato para presidente.
d) A professora preferia usar gizes coloridos para explicar a matéria na lousa.
e) O time de futebol recebeu muitos troféis na última década.

GABARITO

01 - C

02 - A

03 - D

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

PORTUGUÊS

Problemas da língua culta

Tampouco / Tão pouco

Prof.ª Isabel Vega

Tampouco / Tão pouco

I) Tampouco → é advérbio, contração de "tão pouco", e é usado para reforçar uma negação, com sentido de "muito menos".

Ex.1: João **não gosta** de futebol, **tampouco** gosta de vôlei.

João **não gosta** de futebol e **também não** gosta de vôlei.

↳**negação** ↳**reforço da negação**

II) Tão pouco → locução adverbial, equivale a "pouquíssimo".

Ex.1: Maria gosta [**tão pouco**] de sair de casa!

Maria gosta [**pouquíssimo**] de sair de casa!

POESIA E METALINGUAGEM

Como vimos, a literatura é uma forma especial de usar a linguagem. Precisamos, portanto, reconhecer as diferentes funções que a linguagem pode desempenhar os vários significados das palavras e as possibilidades de criação artística que elas oferecem.

As funções da linguagem estão centradas nos **elementos da comunicação**. Quer dizer, dependendo da intenção do emissor/escritor, a linguagem assumirá uma função diferente e terá características específicas. No entanto, é possível identificarmos diferentes funções em um mesmo texto. É preciso, portanto, observar a intenção dominante, de acordo com o enfoque que o destinador quer dar ou do efeito que quer causar no receptor.

» Qualquer **produção** discursiva, linguística (oral ou escrita) ou extralinguística (pintura, música, fotografia, propaganda, cinema, teatro etc.) apresenta funções da linguagem.

No que diz respeito aos textos poéticos, além de observarmos a predominância da **Função Poética**, muitas vezes encontraremos também a **Função Metalinguística.**

Em seu estudo sobre as funções da linguagem, Romam Jakobson (1974) considera a função metalinguística quando a linguagem fala da linguagem, voltando-se para si mesma. A gramática, por exemplo, é um discurso essencialmente metalinguístico porque trata do código explicando o próprio código. Mas há um conceito mais específico e complexo porque envolve um trabalho mais elaborado do código sobre o código. O cinema, os quadrinhos, a propaganda, as artes plásticas e a própria literatura fazem amplo uso dessa função. Assim, quando um escritor escreve um poema e discute o seu próprio fazer poético, explicitando procedimentos utilizados em sua construção, ele está usando a metalinguagem. Nesse caso, falamos em metapoesia ou metapoema. Observe alguns exemplos:

Catar feijão

Catar feijão se limita com escrever:
joga-se os grãos na água do alguidar
e as palavras na folha de papel;
e depois, joga-se fora o que boiar.
Certo, toda palavra boiará no papel,
água congelada, por chumbo seu verbo:
pois para catar esse feijão, soprar nele,
e jogar fora o leve e oco, palha e eco.

Ora, nesse catar feijão entra um risco:
o de que entre os grãos pesados entre
um grão qualquer, pedra ou indigesto,

um grão imastigável, de quebrar dente.
Certo não, quando ao catar palavras:
a pedra dá à frase seu grão mais vivo:
obstrui a leitura fluviante, flutual,
açula a atenção, isca-a como o risco.

(João Cabral de Melo Neto)

Veja que neste poema o autor, João Cabral de Melo Neto, fez uso da metalinguagem ao abordar uma das principais características do texto verbal – a escolha das palavras. Ele faz isso por meio da comparação entre a escolha dos grãos e a escrita.

Gramática

O substantivo
É o substituto do conteúdo

O adjetivo
É a nossa impressão sobre quase tudo

O diminutivo
É o que aperta o mundo
E deixa miúdo

O imperativo
É o que aperta os outros e deixa mudo

Um homem de letras
Dizendo idéias
Sempre se inflama

Um homem de idéias
Nem usa letras
Faz ideograma

Se altera as letras
E esconde o nome
Faz anagrama

Mas se mostro o nome
Com poucas letras
É um telegrama

Nosso verbo ser
É uma identidade
Mas sem projeto

E se temos verbo
Com objeto
É bem mais direto

No entanto falta
Ter um sujeito
Pra ter afeto

Mas se é um sujeito
Que se sujeita
Ainda é objeto

Todo barbarismo
É o português
Que se repeliu

O neologismo
É uma palavra
Que não se ouviu

Já o idiotismo
É tudo que a língua
Não traduziu

Mas tem idiotismo
Também na fala
De um imbecil
(Palavra Cantada)

No trecho a cima, o Grupo Palavra Cantada utilizou a metalinguagem para elaborar a canção Gramática fazendo referência a tópicos da própria gramática ou de uma aula de língua portuguesa. No entanto, fica claro que seu objetivo não é exatamente o dos textos científicos, nesse caso, sua característica é privilegiar a expressividade dos textos poéticos.

Grandes autores já nos brindaram com verdadeiras aulas sobre Poesia em poemas Metalinguísticos. Carlos Drummond de Andrade escreveu em seu famoso poema "*A procura da poesia*" sobre seu entendimento do que "é Poesia".

Procura da Poesia

Não faças versos sobre acontecimentos
Não há criação nem morte perante a poesia
Diante dela, a vida é um sol estático,
Não aquece nem ilumina.
As afinidades, os aniversários, os incidentes pessoais não contam.

Não faças versos com o corpo, esse excelente e confortável
Corpo, tão intenso à efusão lírica
Tua gota de bile, tua careta de gozo ou de dor no escuro
São indiferentes.
Nem me reveles teus sentimentos
Que se prevalecem do equívoco e tentam a longa viagem.
O que pensas e sentes, isso ainda não é poesia
(...)
Chega mais perto e contempla as palavras
Cada uma
Tem mil faces secretas sob a face neutra (...)

PORTUGUÊS

Problemas da língua culta

Demais / De mais

Prof.ª Isabel Vega

Demais / De mais

I) Demais:

a) advérbio, com sentido de intensidade, é igual a “muito”, “além da conta”.

Ex.: João comeu **demais** e passou mal.

b) Pronome indefinido, com sentido de “os outros”.

Ex.: Não se preocupe com os **demais**! Faça a sua prova.

II) De mais → preposição + pronome.

Ex.1: Todos precisam **de mais** tranquilidade.

Ex.2: As crianças gostam **demais de mais** carinhos.

PORTUGUÊS

Problemas da língua culta

Há / A

Prof.ª Isabel Vega

Há / A

I) Há → verbo haver, quando indica tempo passado.

Ex.1: **Há** muitos meses não vejo João.
Ex.2: Isso ocorreu **há** muito e muito tempo...

OBS.: A ocorrência do advérbio "atrás" junto à forma verbal "há" é considerada pleonasmo vicioso.

Ex.: * **Há** um tempo atrás ele procurou Maria.

II) A → preposição, empregada nos casos específicos de regência e para indicar tempo futuro ou distância.

Ex.1: Daqui **a** pouco ele vai dizer que não teve culpa!
Ex.2: O cinema fica **a** poucas quadras da minha casa.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Preposição 2
  Classificação das Preposições 2
  Locução Prepositiva 3
  Locuções como Conectivos 4
  Combinação e Contração da Preposição 4
  Principais Relações estabelecidas pelas Preposições 5
  Distinção entre Preposição, Pronome Pessoal Oblíquo e Artigo 5

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Preposição

Preposição é a palavra que estabelece uma relação entre dois ou mais termos da oração. E o sentido da expressão é dependente da união de todos os elementos que a preposição vincula.

» **Ex.:** Os amigos de João estranharam o seu modo de vestir.

amigos de João / modo de vestir: elementos ligados por preposição

de: preposição

» **Ex.:** Ela esperou com entusiasmo aquele breve passeio.

esperou com entusiasmo: elementos ligados por preposição

com: preposição

Na relação estabelecida pelas preposições, o primeiro elemento – chamado antecedente – é o termo que rege, que impõe um regime; o segundo elemento, por sua vez – chamado consequente – é o termo regido, aquele que cumpre o regime estabelecido pelo antecedente.

» **Ex.:** A hora das refeições é sagrada.

hora das refeições: elementos ligados por preposição

de + as = das: preposição

hora: termo antecedente = rege a construção “das refeições”

refeições: termo consequente = é regido pela construção “hora da”

» **Ex.:** Alguém passou por aqui.

passou por aqui: elementos ligados por preposição

por: preposição

passou: termo antecedente = rege a construção “por aqui”

aqui: termo consequente = é regido pela construção “passou por”

> **Fique Ligado**:

As preposições são palavras invariáveis, pois não sofrem flexão de gênero, número ou variação em grau como os nomes, nem de pessoa, número, tempo, modo, aspecto e voz como os verbos. No entanto, em diversas situações as preposições se combinam a outras palavras da língua (fenômeno da contração) e, assim, estabelecem uma relação de concordância em gênero e número com essas palavras às quais se ligam. Mesmo assim, não se trata de uma variação própria da preposição, mas sim da palavra com a qual ela se funde.

Classificação das Preposições

Essenciais

As palavras da Língua Portuguesa que atuam exclusivamente como preposição são chamadas preposições essenciais.

São elas: a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

> **Dicas**:

1) A preposição após também pode ser advérbio, com a significação de atrás, depois.

» **Ex.:** Os noivos passaram, e os convidados os seguiram logo após.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

2) Trás, modernamente, só se usa em locuções adverbiais e prepositivas: por trás, para trás, para trás de.

3) Para, na fala popular, apresenta a forma sincopada pra.

» **Ex.:** Bianca, alcance aqueles livros pra mim.

4) Até pode ser palavra denotativa de inclusão.

» **Ex.:** Os ladrões roubaram-lhe até a roupa do corpo.

Acidentais

→ Há palavras de outras classes gramaticais que, em determinadas situações, podem atuar como preposições. São, por isso, chamadas preposições acidentais:

como (= na qualidade de)

conforme (= de acordo com)

segundo (= conforme)

consoante (= conforme)

durante

salvo

fora

mediante

tirante

exceto

senão]

visto (=por)

> Dicas:

1) As preposições essenciais regem sempre a forma oblíqua tônica dos pronomes pessoais:

» **Ex.:** Não vá sem mim à escola.

2) As preposições acidentais, por sua vez, regem a forma reta desses mesmos pronomes:

» **Ex.:** Todos, exceto eu, preferem sorvete de chocolate.

Locução Prepositiva

É o conjunto de duas ou mais palavras que têm o valor de uma preposição. A última palavra dessas locuções é sempre uma preposição.

» **Exemplos**:

abaixo de
acima de
acerca de
a fim de
além de
a par de
apesar de
antes de
depois de
ao invés de
diante de
em fase de
em vez de
graças a
junto a
junto com
junto de
à custa de
defronte de
através de
em via de
de encontro a
em frente de
em frente a
sob pena de
a respeito de
ao encontro de

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Locuções como Conectivos

→ As preposições podem introduzir:

- a) Complementos Verbais
  - **Ex.:** Eu obedeço “aos meus pais”.
- b) Complementos Nominais
  - **Ex.:** Continuo obediente “aos meus pais”.
- c) Locuções Adjetivas
  - **Ex.:** É uma pessoa “de valor”.
- d) Locuções Adverbiais
  - **Ex.:** Tive de agir “com cautela”.
- e) Orações Reduzidas
  - **Ex.:** “Ao chegar”, comentou sobre o fato ocorrido.

Combinação e Contração da Preposição

Combinação

Ocorre quando a preposição, ao unir-se a outra palavra, mantém todos os seus fonemas.

» **Ex.:** preposição a + artigo masculino o = ao

preposição a + artigo masculino os = aos

Contração

Ocorre quando a preposição sofre modificações na sua estrutura fonológica ao unir-se a outra palavra. As preposições de e em, por exemplo, formam contrações com os artigos e com diversos pronomes.

Do	dos	da	das
num	nuns	numa	numas
disto	disso	daquilo	
naquele	naqueles	naquela	naquelas

» **Outros exemplos:**

em + a = na

em + aquilo = naquilo

de + aquela = daquela

de + onde = donde

> **Fique Ligado**

As formas pelo, pela, pelos, pelas resultam da contração da antiga preposição per com os artigos definidos.

per + o = pelo

Encontros Especiais

A contração da preposição a com os artigos ou pronomes demonstrativos a, as ou com o “a” inicial dos pronomes aquele, aqueles, aquela, aquelas, aquilo resulta numa fusão de vogais a que se

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

chama de crase - que deve ser assinalada na escrita pelo uso do acento grave.

a + a = à

às - àquela - àquelas - àquele - àqueles - àquilo

Principais Relações estabelecidas pelas Preposições

Autoria - Esta música é de Roberto Carlos.

Lugar - Estou em casa.

Tempo -Eu viajei durante as férias.

Modo ou conformidade - Vamos escolher por sorteio.

Causa - Estou tremendo de frio

Assunto - Não gosto de falar sobre política.

Fim ou finalidade - Eu vim para ficar

Instrumento - Paulo feriu- se com a faca.

Companhia - Hoje vou sair com meus amigos.

Meio - Voltarei a andar a cavalo.

Matéria - Devolva-me meu anel de prata.

Posse - Este é o carro de João.

Oposição - O Flamengo jogou contra Fluminense.

Conteúdo - Tomei um copo de (com) vinho.

Preço - Vendemos o filhote de nosso cachorro a (por) R$ 300,00.

Origem - Você descende de família humilde.

Especialidade - João formou-se em Medicina.

Destino ou direção - Olhe para frente!

Distinção entre Preposição, Pronome Pessoal Oblíquo e Artigo

Preposição: ao ligar dois termos, estabelecendo entre eles relação de dependência, o "a" permanece invariável, exercendo função de preposição.

Fui a Brasília.

Pronome Pessoal Oblíquo: ao substituir um substantivo na frase.

Eu levei Júlia a Brasília.

Eu a levei a Brasília.

Artigo: ao anteceder um substantivo, determinando-o.

A professora foi a Brasília.

EXERCÍCIOS

Considere o texto abaixo para julgar o item que se segue.

Questão de relevância na discussão dos efeitos adversos do uso indevido de drogas é a associação do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos – geralmente de caráter transnacional – com a criminalidade e a violência.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

01. O emprego da preposição "com", em "com a criminalidade e a violência", deve-se à regência do vocábulo "conexos".

Certo ( ) Errado ( )

Estamos no trânsito de São Paulo, ano 2030. E não é preciso apertar os cintos: nosso carro agora trafega sozinho pelas ruas, salvo de acidentes, graças a um sistema que o mantém em sincronia com os demais veículos lá fora. O volante, item de uso opcional, inclina-se de um lado para outro como se fosse manuseado por um fantasma. Mas ninguém liga pra ele - até porque o carro do futuro está cheio de novidades bem mais legais. Em vez dos tradicionais quatro assentos, o que temos agora é uma verdadeira sala de estar, com poltronas reclináveis, mesa no centro e telas de LED. As velhas carrocerias de aço foram substituídas por redomas translúcidas, com visibilidade total para o ambiente externo. Se você preferir, é possível torná-la opaca e transformar o carro em um ambiente privado, quase como um quarto ambulante. Como o sistema de navegação é autônomo, basta informar ao computador aonde você quer ir e ele faz o resto. Resta passar o tempo da forma que lhe der na telha: lendo, trabalhando, assistindo ao seu seriado preferido ou até dormindo. A viagem é agradável e silenciosa.

(Superinteressante, novembro de 2014).

02. O segmento do texto em que a preposição destacada faz parte de um adjunto e NÃO é solicitada obrigatoriamente por nenhum termo anterior é:

a) "Estamos no trânsito de São Paulo";
b) "salvo de acidentes";
c) "em sincronia com os demais veículos lá fora";
d) "assistindo ao seu seriado preferido";
e) "basta informar ao computador".

03. A preposição existente em "identificar uma mentira contada por e-mail" relaciona dois termos e estabelece entre eles determinada relação de sentido. Essa mesma ideia está presente em:

a) As histórias que nascem por mãos humanas são muitas vezes pura falsidade.
b) A pesquisa reforçou o que já se sabia: na internet, frequentemente, se vende gato por lebre.
c) Consumiu-o por semanas a curiosidade de estar cara a cara com sua amiga virtual.
d) Alguns deveriam ser severamente penalizados, por inventarem indignidades na rede.

04. A substituição da preposição "de" pelo vocábulo por, no fragmento "Pode haver uma janela alta de onde eu veja o céu e o mar", resulta em outro significado para o contexto frasal.

Certo ( ) Errado ( )

GABARITO

01 - E

02 - A

03 - E

04 - A

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

VERBO – PARTE 3 – CORRELAÇÃO DOS TEMPOS E MODOS VERBAIS

- Definição: a dependência entre o tempo e o modo de um verbo que está em uma oração subordinada, em relação ao verbo da oração principal, para indicar anterioridade, simultaneidade ou posterioridade.

- Ex: Ele disse que trabalha aos domingos.
- Ex: Ele disse que trabalhava aos domingos.
- Ex.: Ele disse que trabalhará aos domingos.

I- Verbo da OP declarativo nos tempos presente do indicativo, futuro do presente ou imperativo → correlação com todos os tempos do modo indicativo

II- Verbo da OP declarativo em qualquer pretérito do indicativo → correlação com o pretérito imperfeito do indicativo, pretérito + que perfeito do indicativo ou futuro do pretérito do indicativo

III- Verbo da OP, com o sentido de vontade, pedido ou permissão, no presente do indicativo, futuro do presente do indicativo ou imperativo→ correlação com o presente do subjuntivo

IV- Verbo da OP, com o sentido de vontade, pedido ou permissão, em qualquer pretérito do indicativo → correlação com o pretérito imperfeito do subjuntivo série Princípios 137

José Luiz Fiorin

Linguagem e ideologia

editora ática

[EDIÇÃO REVISTA E ATUALIZADA]

série Princípios 137

José Luiz Fiorin

Linguagem e ideologia

editora ática

[EDIÇÃO REVISTA E ATUALIZADA]

série princípios

José Luiz Fiorin

Professor livre-docente do departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade d
São Paulo, com doutorado em Letras

Linguagem e ideologia

Revista e atualizada

editora ática

Conforme nova ortografia da língua portuguesa

© José Luiz Fiorin

Versão Impressa

Editor-chefe
Carlos S. Mendes Rosa
Editora assistente
Tatiana Vieira Allegro
Coordenadora de revisão
Ivany Picasso Batista
Revisor
Maurício Katayama
Editor de arte
Vinicius Rossignol Felipe
Diagramadora
Leslie Morais
Estagiária
Gabriela Cesar

Versão ePUB 2.0.1

Tecnologia de Educação e Formação de Educadores
Ana Teresa Ralston
Gerência de Pesquisa e Desenvolvimento
Roberta Campanini
Coordenação geral
Antonia Brandao Teixeira e Rachel Zaroni
Coordenação do projeto
Eduardo Araujo Ribeiro
Estagiária
Olivia Do Rego Monteiro Ferragutti
Revisão
Marina Bueno

Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.

EDITORA AFILIADA

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.
F553L | 1.ed. Fiorin, José Luiz. Linguagem e ideologia / José Luiz Fiorin. - 1.ed. (rev. e atualizada). - São Paulo : Ática, 2011.- (Princípios ; 137)
Inclui bibliografia comentada: 1. Linguística. 2. Ideologia. I. Título. II. Série.
07-0479.
1ª Edição - Arquivo criado em 23/07/2011
e-ISBN 9788508149360

Sumário

1. Introdução
2. Marx e Engels dão as primeiras dicas
3. As primeiras distinções
4. Quem determina o quê?
5. Discurso: autonomia e determinação
6. Variabilidade na invariabilidade
7. Duas maneiras de dizer a mesma coisa
8. Que é ideologia?
9. Formações ideológicas e formações discursivas
10. A consciência é um fato social
11. A individualidade na linguagem
12. A trapaça discursiva
13. Falar ou ser falado?
14. Arena de conflitos e palco de acordo
15. Análise não é investigação policial
16. O discurso é reflexo da realidade?
17. Um exemplo: a igualdade burguesa
18. Outros exemplos: reprodução e polêmica
19. A linguagem faz parte da superestrutura?
    O marrismo
    As posições de Stálin
    O lugar da linguagem
20. Comunicar é agir
21. Conclusão
22. Vocabulário crítico
23. Bibliografia comentada

1 Introdução

> Acabou vendo Joan Brossa que os verbos do catalão tinham coisas por detrás, eram só palavras, não.
>
> João Cabral

A partir do momento em que se constituiu como ciência autônoma, a linguística passou a estudar internamente a linguagem. A maioria dos linguistas não mais se preocupou com as relações entre a linguagem e a sociedade, não mais cuidou das vinculações entre a linguagem e os homens que dela fazem uso. Sua preocupação básica passou a ser a análise das relações internas entre os elementos linguísticos. Estabeleceu-se assim a chamada linguística estrutural. Experimentou ela, nas últimas décadas, duas situações distintas e até mesmo antagônicas: fastígio e declínio. Numa certa época, foi tomada como "ciência-piloto" das demais ciências humanas. Lévi-Strauss, Dumézil, Lacan, Barthes e outros teóricos tomaram os conceitos da linguística e transladaram-nos para outros ramos do saber. Mais tarde, a reação que se operou contra o avassalador domínio dos conceitos da linguística produziu um comportamento oposto. Passou-se a considerar as aquisições da linguística estrutural, que, sem dúvida alguma, representam um inegável avanço no âmbito dos estudos linguísticos, como um conjunto de práticas puramente "ideológicas". Os problemas colocados até então pela ciência da linguagem eram considerados falsos problemas. A linguística estrutural foi chamada linguística burguesa.

Para os linguistas chegou a hora de fazer um cuidadoso balanço do que a linguística fez, deixou de fazer ou pode fazer, pois vive ela uma crise epistemológica. A tarefa é difícil, porque implica uma reflexão ampla sobre a linguagem, que leve em conta o fato de que ela é uma instituição social, o veículo das ideologias, o instrumento de mediação entre os homens e a natureza, os homens e os outros homens. No entanto, é preciso também ter em conta que a linguagem não é uma instituição social igual às outras. Não, ela tem suas especificidades. Perry Anderson, em seu livro *A crise da crise do marxismo*, diz que a linguagem é singular em relação às instituições sociais porque as estruturas linguísticas têm um baixíssimo coeficiente de mobilidade histórica, porque à imobilidade da língua como estrutura corresponde a "volátil liberdade" da fala, porque a produção linguística não está submetida à lei da escassez natural e porque o sujeito da fala é axiomaticamente individual. Embora concordando com Perry Anderson na ideia de que a linguagem tem suas especificidades e de que elas precisam ser tomadas em consideração, cremos que sua concepção de linguagem é um tanto redutora, pois para ele a linguagem se divide em língua e fala. No decorrer do presente ensaio, tentaremos mostrar que há um terceiro elemento que ele não levou em conta.

O objeto de nosso trabalho é refletir sobre as relações que a linguagem mantém com a ideologia. Não nos interessa apenas mostrar que uma pronúncia de prestígio é imposta com a finalidade de discriminar as pessoas; que o acesso a determinadas posições de destaque está ligado também à aquisição das variedades linguísticas consideradas corretas, elegantes etc.; que a norma linguística utilizada pelos que detêm o poder transforma-se na “língua” modelar; que as variedades linguísticas usadas pelos segmentos sociais subalternos são consideradas erros, transgressões e seus usuários são, por isso, ridicularizados. Afinal, esses fatos estão à vista de todos. Não é preciso muita reflexão para comprovar isso. Basta arrolar alguns exemplos.

Refletir sobre a questão das relações entre a linguagem e a ideologia não é também dizer que a linguagem é instrumento de poder e que os segmentos sociais dominantes tentam ridicularizar a palavra dos dominados. Isso é velhíssimo. Tácito, historiador romano, nos *Anais* (I, 16-17), ao narrar a revolta das legiões panônicas, que reivindicavam melhorias em suas condições de vida, diz que elas eram dirigidas por um certo Percênio, que tinha sido chefe de uma claque teatral e que, por isso, possuía uma língua insolente e uma certa habilidade em dirigir multidões. Ao colocar essa nota em seu discurso, Tácito desqualifica as reivindicações dos legionários, considerando que elas eram fruto da manipulação de um indivíduo que desejava conturbar a ordem. Ouvindo as palavras de certas autoridades brasileiras diante de determinadas reivindicações populares, podemos até concluir que o comportamento dos dominantes não mudou muito da época dos romanos até hoje.

A nossa intenção é verificar qual é o lugar das determinações ideológicas neste complexo fenômeno que é a linguagem, analisar como a linguagem veicula a ideologia, mostrar o que é que é ideologizado na linguagem. O trabalho é difícil. O que aqui apresentamos é antes um esboço, uma linha de reflexões, que um conjunto acabado de ideias. Se este trabalho se revelar tão prenhe de equívocos que as hipóteses devam ser totalmente rejeitadas, só nos resta exclamar como Jakobson:

> É maravilhoso! A coisa mais importante de dizer sempre é: eu me enganei.

2 Marx e Engels dão as primeiras dicas

Marx e Engels, em*A ideologia alemã*, dizem que não se pode fazer da linguagem uma realidade autônoma, como os filósofos idealistas fizeram com o pensamento. Mostram os dois autores que nem o pensamento nem a linguagem constituem um domínio autônomo, pois ambos são expressões da vida real (p. 489-90).

Engels, em carta a Bloch, datada de 21/9/1890, explica que nem todas as alterações que se dão nas instituições sociais se devem a causas econômicas e exemplifica essa afirmação com a mutação consonântica do alto alemão, que ocorreu por razões internas ao sistema fonológico.

As duas dicas parecem, à primeira vista, contraditórias, pois a primeira mostra que a linguagem é determinada pelas condições sociais, enquanto a segunda revela que a linguagem goza de autonomia em relação às formações sociais. Aqui começa o nosso problema.

A linguagem é um fenômeno extremamente complexo, que pode ser estudado de múltiplos pontos de vista, pois pertence a diferentes domínios. É, ao mesmo tempo, individual e social, física, fisiológica e psíquica. Por isso, dizer que a linguagem sofre determinações sociais e também goza de uma certa autonomia em relação às formações sociais não é uma contradição. Isso implica, entretanto, distinguir dimensões e níveis autônomos e dimensões e níveis determinados.

O primeiro cuidado é, pois, não considerar a linguagem algo totalmente desvinculado da vida social nem perder de vista sua especificidade, reduzindo-a ao nível ideológico.

Comecemos, portanto, a distinguir os níveis e as dimensões da linguagem.

3 As primeiras distinções

É preciso, em primeiro lugar, fazer distinção entre o sistema virtual (a língua) e sua realização concreta. O sistema é social no sentido de que ele é comum a todos os falantes de uma dada comunidade linguística. Ele é um todo em si e compreende o conjunto dos elementos lexicais e gramaticais que fazem parte de uma língua, a organização interna desses elementos e suas regras combinatórias.

Não podemos pensar que o sistema seja uma lista de palavras. Saussure comparava-o a um jogo de xadrez. Para o jogador não importam, por exemplo, o formato das peças ou o material de que elas são feitas. O que importa é que as peças se distingam de algum modo, pois essa diferenciação lhes dá valor diferente, e que elas se movam no tabuleiro segundo determinadas regras.

Na língua ocorre mais ou menos a mesma coisa. Um elemento linguístico tem que ser diferente de outro, para que ele tenha um determinado valor. Assim, o /1/ tem que ser diferente do /t/, para que possamos operar uma distinção significativa entre, por exemplo, *mala* e *mata*. Além disso, os elementos linguísticos não se combinam aleatoriamente, mas segundo uma série de regras. Em português, por exemplo, o artigo vem sempre antes do substantivo. Dizemos “o animal” e não “animal o”. Em romeno, o artigo vem depois do substantivo. Em português, o pronome demonstrativo e o artigo são mutuamente excludentes. Podemos dizer “este armário” ou “o armário”, mas não “o este armário” ou “este o armário”.

Definamos melhor o sistema: é a rede de relações que se estabelece entre um conjunto de elementos linguísticos. Essas relações dão um determinado valor a cada componente do sistema e permitem selecionar o elemento apropriado para figurar em cada ponto da cadeia da fala e combinar adequadamente esses elementos entre si. O sistema é um conjunto de elementos com uma organização interna, ou seja, com uma estrutura.

Esse sistema virtual, abstrato, que todos os falantes de uma dada língua conhecem, realiza-se concretamente nos atos de fala. Na realização concreta do sistema é necessário distinguir o *discurso* da *fala*.

O discurso são as combinações de elementos linguísticos (frases ou conjuntos constituídos de muitas frases), usadas pelos falantes com o propósito de exprimir seus pensamentos, de falar do mundo exterior ou de seu mundo interior, de agir sobre o mundo. A fala é a exteriorização psico-físico-fisiológica do discurso. Ela é rigorosamente individual, pois é sempre um *eu* quem toma a palavra e realiza o ato de exteriorizar o discurso.

4 Quem determina o quê?

A fala, em si mesma, não sofre qualquer determinação social, pois ela é a simples exteriorização do discurso. É o ato concreto, momentâneo e individual de manifestação da linguagem.

O sistema, por sua vez, goza de certa autonomia em relação às formações sociais. Isso parece evidente. Não se pode atribuir a razões encontráveis na estrutura social o fato de que o /k/ latino que precede a vogal /a/, como em *capra*, tenha-se mantido em português (Cf. *cabra*) e tenha-se transformado em /š/ no francês (Cf. *chèvre*). Não há explicação socioeconômica para o fato de a forma latina *lacte*(*m*) ter dado *leite* em português, *leche* em espanhol, *lait* em francês, *lach* em provençal, *latte* em italiano e *lapte* em romeno. O sistema, em geral, altera-se devido a causas internas do próprio sistema.

Que são essas causas internas? Tomemos um exemplo de alteração no sistema fonológico. O sistema latino distingue consoantes simples (ex.: t/n/l) e consoantes geminadas (ex.: tt/nn/ll). Assim, duas palavras iguais em tudo menos no fato de que uma possui uma consoante simples e a outra, uma consoante geminada significam coisas diferentes. Por exemplo, os pares *mittis/mitis, annus/anus* e *stella/stela* significam, respectivamente, envias/doce, ano/velha feiticeira e estrela/coluna ornamental de túmulos. O desaparecimento dessa oposição consonantal acarretou uma série de consequências. Havia uma oposição do tipo *atta vs. ata vs. ada.* Desfazendo-se a oposição geminada *vs.* simples, a série acima mencionada tornou-se *ata vs. ata vs. ada.* Seria então preciso refazer a oposição para que os dois primeiros elementos não se confundissem. Por isso, a surda intervocálica do segundo termo da série sonoriza-se (t, no caso, passa a d) e a sonora do terceiro termo cai. Refaz-se, assim, a série: *ata vs. ada vs. aa* (Cf. *gutta* > gota; *latu* > lado e *nudu* > nu).

Um outro exemplo do sistema fonológico. O latim possuía as oposições *p/b, t/d, k/g,* que se distinguem pela *sonoridade* ausente no primeiro elemento do par e presente no segundo. Tinha, ao mesmo tempo, as consoantes isoladas surdas /s/ e /f/. Aparecem, então, os fonemas /z/ e /v/ como extensão da oposição existente em pares correlatos. Nesses dois casos, são fatores internos do sistema que acarretam as alterações. No primeiro, o desaparecimento de uma oposição produziu uma série de modificações; no segundo, aparecem novos fonemas, porque o sistema tem uma certa tendência à simetria.

Tomemos agora um exemplo do âmbito do vocabulário. O latim fazia uma distinção entre *homo* e *vir. Homo* significa o ser humano e *vir*, o ser humano do sexo masculino. O desaparecimento do termo *vir* produziu, em português, uma extensão do sentido do termo *homem*, que passou a significar tanto o ser humano em geral quanto o indivíduo do sexo masculino.

O latim possuía três gêneros: o masculino, o feminino e o neutro. As principais línguas românicas (provenientes do latim) têm, em geral, apenas dois gêneros: o masculino e o feminino. O desaparecimento do neutro deve-se também a causas absolutamente internas do sistema. A queda das consoantes finais e a identidade de tratamento da maioria das vogais finais contribuíram para o nivelamento das diferenças entre palavras masculinas e neutras e, com o tempo, isso ocasionou o desaparecimento do neutro.

A analogia é outro fator interno que produz alterações linguísticas. Ela funciona a partir de um modelo, convertendo formas "irregulares" em formas "regulares". O modelo é constituído por formas produtivas, ou seja, mais abrangentes ou mais bem integradas ao sistema e, portanto, capazes de eliminar as formas não produtivas. Em português, a forma produtiva de primeira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo da segunda conjugação é em *i* (Cf. *bebi*, *desci*, *escrevi*). No entanto, certos verbos fazem a primeira pessoa do singular desse tempo de maneira irregular: *trouxe*, *fiz*, *disse*. Quando uma criança diz *fazi*, *trazi*, *dizi*, está ocorrendo aí a ação da analogia, que é um jogo de uniformização para facilitar o uso. No exemplo citado, a criação infantil é eliminada no curso da aprendizagem linguística. No entanto, em muitos casos, a ação da analogia produz alterações. Por exemplo, em português, os nomes em *o* fazem o feminino em *a.* Por isso, nomes não terminados em *o,* que eram uniformes, passam também a ter um feminino em *a.* Assim, temos *infante/infanta*, *senhor/senhora* etc. Como em português, em princípio, os nomes em *o* são masculinos, os nomes de árvores em *o,* como *choupo*, *pinho*, *olmo*, que eram femininos em latim, tornaram-se masculinos em português.

Todos esses exemplos mostram que, em geral, as alterações no sistema são motivadas por fatores especificamente linguísticos. Não se quer com isso dizer, porém, que o surgimento de uma categoria gramatical ou semântica não se deva a razões encontráveis na estrutura socioeconômica de uma determinada sociedade, não dependa de fatores sociais. Os gêneros masculino, feminino e neutro do latim correspondiam a uma visão mítica e antropomórfica do mundo. Eram neutros os nomes de coisas consideradas inertes, passivas ou produtos. Os nomes de árvores terminados em *us* (terminação que servia, muitas vezes, para distinguir o masculino do feminino em *a*) eram femininos, porque a árvore é reprodutora, gera o fruto. Já o nome do fruto era neutro (Cf. *malus* — macieira, *malum* — maçã).

Talvez o fato de o masculino ser, numa série de línguas, o genérico, isto é, o termo que indica conjuntamente nomes masculinos e femininos, deva-se ao prestígio do homem nas sociedades patriarcais. É possível que o surgimento de um número muito grande de pronomes de tratamento, como, por exemplo, Vossa Excelência, Vossa Majestade, Vossa Alteza, no período do absolutismo monárquico, esteja ligado ao aparecimento de uma sociedade rigorosamente hierarquizada e governada por um protocolo muito rígido. Os esquimós, para quem a neve é um elemento vital, não possuem um nome para designar aquilo que chamamos "neve"; têm, entretanto, toda uma série de nomes para indicar os diferentes estados da neve, considerados elementos distintos.

Pode ser que o surgimento de uma categoria, como o gênero, a distinção nome e verbo etc. seja determinado por fatores sociais. Comprovar uma hipótese dessa natureza a respeito de uma categoria particular, no entanto, é extremamente difícil, pois as categorias presentes nas línguas modernas são herança das línguas de que provieram. O português tem os modos indicativo, subjuntivo e imperativo, porque eles já existiam no latim. A mesma coisa acontece com os números singular e plural e com o fato de que o plural é indicado por um *s*. Fatores sociais devem ter determinado o aparecimento de uma categoria linguística. No entanto, as categorias perderam qualquer relação com as causas que lhes deram origem e ganharam autonomia. A história do sistema passa a ser uma história relativamente autônoma em relação às formações sociais em que ele está presente. Passa ela a ser uma história do próprio sistema.

Em *Ave, palavra*, Guimarães Rosa narra que, um dia, visitando uma aldeia de índios no Mato

Grosso, observou que, na língua falada pelos seus habitantes, os nomes de cores eram todos terminados em *i'ti*. Pensou que *i'ti* significasse "cor" e que fosse, portanto, um substantivo que se tornara um sufixo. Um informante disse-lhe que *i'ti* significava "sangue". Aí ele começou a imaginar que, como o indígena entendia que o sangue era o elemento vital, porque para ele a morte estava associada ao esvair-se em sangue, talvez visse a cor como o sangue (o elemento vital) de certas coisas. Assim, o verde seria o sangue da folha (a folha morta perde a cor verde); o azul, o sangue do céu; o amarelo, o sangue do sol e assim por diante. Procurou, então, saber o significado original dos nomes de cores. No entanto, nenhum dos falantes foi capaz de informá-lo. E aí diz Guimarães Rosa, "toda língua são rastros de velhos mistérios". As razões do aparecimento das categorias linguísticas existentes nas línguas modernas perderam-se no tempo.

Procurar estabelecer as determinações que incidiram, um dia, sobre os elementos do sistema poderá resultar em estudos fragmentários, de interesse pontual, quando não em fantasias. É no nível do discurso que devemos, pois, estudar as coerções sociais que determinam a linguagem.

5 Discurso: autonomia e determinação

Assim como a frase não é um amontoado de palavras, mas é uma cadeia construída segundo certas regras, o discurso não é um amontoado de frases. O discurso tem uma estrutura. Diante de um texto absolutamente caótico dizemos: “Isso não significa nada. É um samba do crioulo doido”. Sabemos distinguir um texto de um não texto. Porque o discurso é estruturado, temos que diferençar no seu interior uma sintaxe e uma semântica.

A sintaxe discursiva compreende os processos de estruturação do discurso. Assim, pertence a ela um procedimento como a introdução ou não da primeira pessoa no discurso (por exemplo, Eu acho que Pedro foi ao cinema e Pedro foi ao cinema). O uso da primeira pessoa cria um efeito de sentido de “subjetividade”, enquanto sua não utilização produz um efeito de sentido de “objetividade”. Se um cientista dissesse “Eu afirmo que a Terra é redonda”, isso poderia ser entendido como um ponto de vista pessoal. Entretanto, quando ele diz “A Terra é redonda”, é como se o próprio fato se narrasse a si mesmo. Nesse caso, temos a impressão de que uma verdade objetiva se estabeleceu.

Outro procedimento pertencente à sintaxe discursiva é o mecanismo do discurso direto, indireto e indireto livre. Tomemos um exemplo. O discurso direto caracteriza-se pela preservação integral do discurso relatado. Nele o narrador dá voz à personagem que parece falar de maneira autônoma. Por exemplo: “O lobo disse: — Vou matá-lo, cordeiro, porque você está sujando a água que eu estou bebendo”. O discurso direto cria um efeito de sentido de “verdade”, pois o narrador parece repetir palavra por palavra o discurso do outro. É como se a própria personagem estivesse falando.

A semântica discursiva abarca os conteúdos que são investidos nos moldes sintáticos abstratos. Por exemplo, o mecanismo abstrato do discurso direto, em que um narrador delega a palavra a uma personagem para que ela fale, é sintático. A personagem a quem se delega voz, o que ela diz etc. pertencem à semântica.

A sintaxe discursiva goza de certa autonomia em relação às formações sociais, enquanto a semântica depende mais diretamente de fatores sociais. Com efeito, mecanismos como, por exemplo, o discurso direto, podem receber e veicular quaisquer conteúdos, mas estes são determinados pela estrutura social.

Há no discurso, então, o campo da manipulação consciente e o da determinação inconsciente. A sintaxe discursiva é o campo da manipulação consciente. Neste, o falante lança mão de estratégias argumentativas e de outros procedimentos da sintaxe discursiva para criar efeitos de sentido de verdade ou de realidade com vistas a convencer seu interlocutor. O falante organiza sua estratégia discursiva em função de um jogo de imagens: a imagem que ele faz do interlocutor, a que ele pensa que o interlocutor tem dele, a que ele deseja transmitir ao interlocutor etc. É em razão desse complexo jogo de imagens que o falante usa certos procedimentos argumentativos e não outros. Embora consideremos que a sintaxe seja o campo da manipulação consciente, pode-se, em virtude de hábitos adquiridos ao longo da aprendizagem linguística, utilizar seus procedimentos de maneira inconsciente.

O campo das determinações inconscientes é a semântica discursiva, pois o conjunto de elementos semânticos habitualmente usado nos discursos de uma dada época constitui a maneira de ver o mundo numa dada formação social. Esses elementos surgem a partir de outros discursos já construídos, cristalizados e cujas condições de produção foram apagadas. Esses elementos semânticos, assimilados individualmente pelo homem ao longo de sua educação, constituem a consciência e, por conseguinte, sua maneira de pensar o mundo. Por isso, certos temas são recorrentes na maioria dos discursos: os homens são desiguais por natureza; na vida, vencem os mais fortes; o dinheiro não traz a felicidade etc. A semântica discursiva é o campo da determinação ideológica propriamente dita. Embora esta seja inconsciente, também pode ser consciente.

Inúmeras questões devem ser ainda explicadas. Vamos devagar a cada uma delas.

6 Variabilidade na invariabilidade

Uma pergunta que se poderia fazer é a seguinte: se discursos de natureza muito diferente utilizam-se dos mesmos elementos semânticos, como, por exemplo, liberdade, felicidade, justiça, de que maneira se pode distingui-los?

É preciso estabelecer uma diferença entre um nível profundo e um nível de superfície. Por exemplo, numa história de fadas, o príncipe necessita sempre de um objeto mágico para vencer seu oponente e ficar com a princesa. Numa história, é um anel mágico; noutra, é uma espada mágica e assim por diante. Os elementos semânticos que aparecem na superfície (um objeto mágico determinado) são variações que concretizam um elemento semântico invariante, mais abstrato e mais profundo, o poder-vencer.

A liberdade pode ser concretizada, por exemplo, como “evasão espacial” (ida para uma ilha no Pacífico Sul, ida para um lugar perdido na floresta amazônica) ou como “evasão temporal” (volta à infância). O discurso de muitos poetas românticos concretiza assim a liberdade. No entanto, a liberdade poderia ainda aparecer na superfície como “direito à diferença, à singularidade” (observe-se o discurso de certas minorias) ou como “não exploração”, que poderia ser a forma de um partido operário entender a liberdade.

Analisando, cuidadosamente, a maneira como um elemento semântico da estrutura profunda se concretiza, não vamos confundir dois ou três discursos distintos só porque todos eles falam em liberdade. É importante verificar em cada um deles o que é que “liberdade” significa, isto é, como é que ela é concretizada.

Cada um dos níveis não tem apenas uma semântica, tem também uma sintaxe própria. Não interessa, porém, neste trabalho, expor todos os elementos da sintaxe do nível profundo e do nível superficial, pois estamos fazendo todas essas distinções com a finalidade de precisar o nível em que a linguagem sofre determinações sociais.

Podemos agora determinar com maior precisão o componente da linguagem em que percebemos com toda a nitidez a determinação ideológica. Dissemos anteriormente que era a semântica discursiva que mostrava, com clareza, uma maneira de ver o mundo de uma dada sociedade numa determinada época. Isso, a nosso ver, está correto, pois não é indistinto falar da “liberdade” ou da “ordem”, da “riqueza” ou do “amor ao próximo”. No entanto, estudar as coerções ideológicas só com os elementos da estrutura profunda pode, como já mostramos, falsear a análise. É no nível superficial, isto é, na concretização dos elementos semânticos da estrutura profunda, que se revelam, com plenitude, as determinações ideológicas. Os discursos que consideram a liberdade como “direito à diferença” ou como “não exploração da força de trabalho” pertencem a universos ideológicos distintos.

Além disso, dois discursos podem trabalhar com os mesmos elementos semânticos e revelar duas visões de mundo completamente diferentes, porque o falante pode dar valores distintos aos elementos semânticos que utiliza. Alguns são considerados eufóricos, isto é, são valorizados positivamente; outros, disfóricos, ou seja, são valorizados negativamente. O conto "A gata borralheira" e o romance *Justine*, do Marquês de Sade, colocam em jogo praticamente as mesmas oposições semânticas: submissão, humildade, amor ao próximo, bondade *vs*. prepotência, orgulho, maldade, cinismo. No primeiro dos textos, são eufóricas as virtudes da submissão e da humildade, que são recompensadas, e disfóricos o orgulho e a prepotência, que são castigados. No segundo texto, eufóricos são os elementos valorizados negativamente no primeiro texto e disfóricos, os valorizados positivamente.

7 Duas maneiras de dizer a mesma coisa

Observemos os textos que seguem:

Texto A

Um cavalo, quase morto de fome e de sede, caminhava em busca de água e de comida. De repente, deparou com um campo de feno, ao lado do qual corria um regato de águas cristalinas. O cavalo, não sabendo se primeiro bebia da água ou comia do feno, morreu de fome e de sede.

Texto B

Há pessoas tão indecisas que são incapazes de realizar qualquer escolha e acabam perdendo muitas oportunidades na vida.

Os dois textos querem dizer praticamente a mesma coisa. Qual é a diferença que existe, então, entre eles?

O segundo é mais abstrato, expõe ideias que explicam um fato observável no mundo. O primeiro é mais concreto. Ao expor o fato, utiliza-se de conteúdos que indicam elementos do mundo natural: cavalo, água, feno, riacho etc. O segundo fala de elementos semânticos que indicam coisas que em si não existem no mundo natural: escolha, incapacidade, indecisão. Fala de coisas que não têm existência própria.

O primeiro texto é figurativo, enquanto o segundo é temático, não figurativo. O componente básico dos textos figurativos é a figura, enquanto o dos não figurativos são os temas. Temas e figuras são dois níveis de concretização dos elementos semânticos da estrutura profunda. Assim, podemos concretizar o elemento semântico “liberdade” como “não trabalho”, como “lazer”. Este é um primeiro nível de concretização. Podemos concretizar o “não trabalho” como “balançar-se numa rede horas a fio”, como um “passeio pelo campo”. A publicidade que diz “Liberdade é uma calça velha, azul e desbotada” usa esse conjunto de temas e de figuras. Assim como diferentes temas podem concretizar o mesmo elemento semântico da estrutura profunda, o mesmo tema pode ser figurativizado de maneiras diversas.

Definamos, de maneira precisa, o que é tema e o que é figura. Tema é o elemento semântico que designa um elemento não presente no mundo natural, mas que exerce o papel de categoria ordenadora dos fatos observáveis. São temas, por exemplo, amor, paixão, lealdade, alegria. Figura é o elemento semântico que remete a um elemento do mundo natural: casa, mesa, mulher, rosa etc. A distinção entre ambos é, pois, de maior ou menor grau de concretude. Temos que entender, no entanto, que nem sempre essa distinção é fácil de ser feita, pois concreto e abstrato são dois polos de uma escala que comporta toda espécie de gradação.

O discurso figurativo é a concretização de um discurso temático. Para entender um discurso figurativo é preciso, pois, antes de mais nada, apreender o discurso temático que subjaz a ele. Ir das figuras ao tema é o que fazemos quando perguntamos: qual é o tema deste texto; de que trata ele?

Quando falamos em textos figurativos ou não figurativos, estamos falando em predominância e não em exclusividade. Não existem textos exclusivamente figurativos ou temáticos. Um texto figurativo é aquele construído predominantemente com figuras, enquanto um texto temático é organizado basicamente com temas.

Nos textos não figurativos, a ideologia manifesta-se, com toda a clareza, no nível dos temas. Nos textos figurativos, essa manifestação ocorre na relação temas-figuras. Os temas do discurso político oficial pós-64 são reveladores de uma dada ideologia: Ocorre, no mundo, uma luta entre a civilização cristã ocidental e o comunismo ateu. Essa guerra é psicológica, pois ocorre no coração e nas mentes dos homens. Por isso, ela é travada no interior de cada país. As fronteiras não são, então, externas, pois o inimigo se acha entrincheirado dentro do país. São inimigos os que renegaram a sua condição de brasileiros, aqueles que vão contra os ditames da alma nacional, que repele as ideologias exóticas, que tentam insuflar a luta de classes no seio de um povo ordeiro e pacífico. Os inimigos estão ocultos, travestem-se de liberais, de defensores dos direitos humanos. Atuam pela contestação ao governo, que encarna os valores da brasilidade, procurando realizar os objetivos nacionais permanentes. Por isso, justifica-se a repressão aos que querem conturbar a ordem. Esta é a harmonia do capital e do trabalho, que juntos concorrem para a grandeza do país. Qualquer reivindicação operária por melhores condições de trabalho ou por melhores salários constitui conturbação da ordem, pois quem fará a riqueza dos operários será a mão invisível do mercado. Esses temas servem de justificativa de uma ordem política que, ao reprimir com violência o movimento operário, favorece uma acumulação mais rápida de capital.

Num texto figurativo que narre a vida de uma família pobre, mas feliz, cujo pai sai cedo para o trabalho e volta à noite para ficar com a família e cuja mãe realiza os trabalhos domésticos; que passa por muitas privações, mas vive com um sorriso nos lábios, os temas são: o dinheiro não traz felicidade, pois esta se encontra no íntimo de cada indivíduo; o espaço da mulher é o lar e o do homem, o do trabalho não doméstico. Essa relação temas-figuras revela um universo ideológico que considera a família a célula básica da sociedade, que vê os papéis sociais como algo natural, que prescreve que cada um deve contentar-se com o que tem.

8 Que é ideologia?

Até agora temos falado em ideologia, em fatores sociais que determinam a semântica discursiva. Mas que é realmente ideologia?

Numa formação social, temos dois níveis de realidade: um de essência e um de aparência, ou seja, um profundo e um superficial, um não visível e um fenomênico. Para entender a existência desses dois níveis, vamos acompanhar a análise que Marx faz do salário. No nível da aparência, o salário apresenta-se como o pagamento de um trabalho realizado. Nesse nível, a relação de trabalho é uma troca entre indivíduos livres e iguais. Eles são livres, porque não estão sujeitos a outros homens por laços de dependência pessoal, como no modo de produção escravagista, mas podem vender seu trabalho a quem quiserem. São iguais, pois todos são donos de uma mercadoria e, portanto, podem estabelecer uma troca: uns vendem seu trabalho e outros o compram.

No entanto, se sairmos do nível da circulação de bens (aparência) e passarmos para o da produção (essência), veremos que não há uma troca igualitária e que o operário não vende seu trabalho, mas sua força de trabalho. Com efeito, o trabalho é o dispêndio da força de trabalho, o ato de produzir, enquanto a força de trabalho é a capacidade de trabalhar, de produzir. O operário que trabalha oito horas por dia, não recebe, ao final, todo o valor que produziu, mas recebe apenas uma parte dele. Se ele produziu cem e recebe como pagamento apenas vinte, ele não vendeu o seu trabalho, mas sua força de trabalho. Há, dessa forma, um tempo de trabalho necessário, aquele tempo da jornada de trabalho em que o operário produz para pagar o seu salário, e um tempo de trabalho excedente não pago, ou seja, aquele tempo em que o operário produz um sobrevalor de que o capitalista se apropria. Se o salário não é a retribuição do trabalho, mas da força de trabalho, então ele é, em geral, o mínimo historicamente indispensável para a reprodução da mão de obra, ou seja, o mínimo necessário para que o trabalhador sobreviva e continue a produzir.

O salário, ao aparecer como o pagamento do trabalho e não da força de trabalho, apaga a distinção entre tempo de trabalho necessário e tempo não pago, fazendo das relações de trabalho, no nível aparente, uma troca igualitária. Isso mostra que o capitalismo engendra formas que mascaram sua essência, pois, se não houvesse apropriação do valor gerado pelo trabalho não pago, não haveria capital.

Tudo isso denota que, no nível fenomênico, a realidade põe-se invertida. O que no nível profundo são relações de exploração (apropriação do valor gerado por um trabalho não pago) aparece como troca; a opressão, como igualdade; a sujeição, como liberdade. As relações que, no nível de superfície, apresentam-se como relações entre indivíduos são, no nível de essência, uma relação entre classes sociais, uma que se apropria do valor produzido pelo trabalho não pago e outra que vende sua força de trabalho e é espoliada. As relações igualitárias de troca existem apenas no nível fenomênico. Isso quer dizer que há uma troca de equivalentes, isto é, igualdade na troca. No entanto, ela ocorre apenas no nível da circulação. Isso significa que ela, ao mesmo tempo, é afirmada e negada. É afirmada no nível fenomênico e negada no nível profundo, em que não há equivalência, nem troca, mas simples apropriação.

Somente o nível da aparência se dá a perceber imediatamente para nós. Ele apresenta-se como a totalidade da realidade, o que denota que, no modo de produção capitalista, a aparência é vista como a totalidade da realidade.

Outras categorias poderiam ser analisadas para mostrar que há dois níveis de realidade e que o nível da aparência é a inversão do nível da essência.

A partir do nível fenomênico da realidade, constroem-se as ideias dominantes numa dada formação social. Essas ideias são racionalizações que explicam e justificam a realidade. Na sociedade capitalista, a partir do nível aparente, constroem-se os conceitos de individualidade, de liberdade como algo individual etc. Aparecem as ideias da desigualdade natural dos homens, uma vez que uns são mais inteligentes ou mais espertos que os outros. Daí se deduz que as desigualdades sociais são naturais. Outras ideias pias, presas às formas fenomênicas da realidade, vão construindo-se: a riqueza é fruto do trabalho (só se omite que é fruto do trabalho dos outros); pobres e ricos vão sempre existir; a pobreza é uma bênção, pois a riqueza só traz preocupações.

Demos até agora exemplos de ideias muito amplas, que fazem parte das crenças da maioria da população. Há, porém, outras ideias que ganham estatuto de verdades científicas e, não obstante, estão vinculadas às formas aparentes da realidade. É o caso, por exemplo, das teorias antropológicas segundo as quais havia raças inferiores e superiores e que estas deveriam civilizar aquelas. Essas teorias serviram para justificar o colonialismo.

A esse conjunto de ideias, a essas representações que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com os outros homens é o que comumente se chama ideologia. Como ela é elaborada a partir das formas fenomênicas da realidade, que ocultam a essência da ordem social, a ideologia é "falsa consciência".

É preciso explicitar bem esse ponto. Se há inversão da realidade, a ideologia está contida no objeto, no social, não podendo, portanto, ser reduzida à consciência. Ela existe independentemente da consciência dos agentes sociais. É uma forma fenomênica da realidade, que oculta as relações mais profundas e expressa-as de um modo invertido. A inversão da realidade é ideologia. Por isso, é preciso muito cuidado ao usar a expressão "falsa consciência". Ela indica apenas que as ideias dominantes são elaboradas a partir de formas fenomênicas da realidade, não apreendendo, portanto, as relações sociais mais profundas. Essas ideias são, por conseguinte, ideologia sobre ideologia. A representação pode ser invertida, porque a realidade se põe invertida.

Mas é preciso avançar um pouco mais nessa reflexão. Por que determinadas ciências, como a Economia Política clássica, não chegam à essência da realidade e pairam apenas na aparência? Porque ela se identifica com os interesses da burguesia. Podemos então afirmar que não há um conhecimento neutro, pois ele sempre expressa o ponto de vista de uma classe a respeito da realidade. Todo conhecimento está comprometido com os interesses sociais. Esse fato dá uma dimensão mais ampla ao conceito de ideologia; ela é uma "visão de mundo", ou seja, o ponto de vista de uma classe social a respeito da realidade, a maneira como uma classe ordena, justifica e explica a ordem social. Daí podemos deduzir que há tantas visões de mundo numa dada formação social quantas forem as classes sociais. Há visões de mundo presas às formas fenomênicas da realidade e outras que a ultrapassam, indo até a essência. Nem toda ideologia é, portanto, "falsa consciência". Numa perspectiva histórica, há aquelas que são consciência invertida da realidade e aquelas que não o são. Dessa forma, verificamos que não há, como queriam muitos autores, uma separação entre ciência e ideologia, pois esta, mesmo tomada no sentido de "falsa consciência", constrói-se a partir da realidade, só que de suas formas fenomênicas. Cada uma das visões de mundo apresenta-se num discurso próprio.

A ideologia é constituída pela realidade e constituinte da realidade. Não é um conjunto de ideias que surge do nada ou da mente privilegiada de alguns pensadores. Por isso, diz-se que ela é determinada, em última instância, pelo nível econômico.

Dizer que as ideias de uma dada época são determinadas, em última instância, pelo nível econômico não significa que a ideologia seja mero reflexo do nível econômico. Os teóricos do materialismo histórico mostraram que ocorrem defasagens entre os diferentes níveis da estrutura social, o que não aconteceria se a determinação se exercesse por uma causalidade mecânica. Engels, em carta a Bloch, datada de 21/9/1890, diz que "o elemento determinante da história, em última instância, é a produção e a reprodução da vida real". Mostra, no entanto, que nem ele nem Marx disseram que o elemento econômico é o único determinante, pois as formas políticas da luta de classes e os seus resultados, as formas jurídicas, as teorias políticas, jurídicas, filosóficas e as concepções religiosas exercem também influência nas lutas históricas e podem até determinar sua forma. Apesar de o elemento econômico não ser o determinante único das lutas históricas, é o determinante em última instância.

Que significa determinar em última instância? Engels dá a seguinte explicação no *Anti-Dühring*:

> A concepção materialista da história parte do princípio de que a produção e com ela a troca de produtos constitui a base de toda a ordem social; de que, em cada sociedade que a história apresenta, a repartição dos produtos, e com ela a hierarquia social de classes e ordens, rege-se segundo a natureza e a forma da produção e segundo a forma de troca das coisas produzidas. Por consequência, é necessário procurar as causas últimas de todas as transformações sociais e de todas as revoluções políticas, não na cabeça dos homens, isto é, na ideia cada vez mais clara que adquirem da verdade e da justiça eternas, mas nas variações da forma de produção e de troca; é mister procurar tais causas, não na *filosofia*, mas na *economia* de cada época.

Determinação em última instância significa que o modo de produção determina as ideias e os comportamentos dos homens e não o contrário. É preciso, no entanto, cabe repetir, não ver o nível ideológico como simples reflexo do econômico, pois ele tem seu conteúdo próprio e suas próprias leis de funcionamento e de desenvolvimento. Isso significa que não existe determinação direta e mecânica da economia, mas uma determinação complexa.

Há ainda uma coisa muito importante que não devemos esquecer. Embora haja, numa formação social, tantas visões de mundo quantas forem as classes sociais, a ideologia dominante é a ideologia da classe dominante. No modo de produção capitalista, a ideologia dominante é a ideologia burguesa.

9 Formações ideológicas e formações discursivas

Uma formação ideológica deve ser entendida como a visão de mundo de uma determinada classe social, isto é, um conjunto de representações, de ideias que revelam a compreensão que uma dada classe tem do mundo. Como não existem ideias fora dos quadros da linguagem, entendida no seu sentido amplo de instrumento de comunicação verbal ou não verbal, essa visão de mundo não existe desvinculada da linguagem. Por isso, a cada formação ideológica corresponde uma formação discursiva, que é um conjunto de temas e de figuras que materializa uma dada visão de mundo. Essa formação discursiva é ensinada a cada um dos membros de uma sociedade ao longo do processo de aprendizagem linguística. É com essa formação discursiva assimilada que o homem constrói seus discursos, que ele reage linguisticamente aos acontecimentos. Por isso, o discurso é mais o lugar da reprodução que o da criação. Assim como uma formação ideológica impõe o que pensar, uma formação discursiva determina o que dizer. Há, numa formação social, tantas formações discursivas quantas forem as formações ideológicas. Não devemos esquecer-nos de que assim como a ideologia dominante é a da classe dominante, o discurso dominante é o da classe dominante.

As visões de mundo não se desvinculam da linguagem, porque a ideologia vista como algo imanente à realidade é indissociável da linguagem. As ideias e, por conseguinte, os discursos são expressão da vida real. A realidade exprime-se pelos discursos.

Dizer que não há ideias fora dos quadros da linguagem implica afirmar que não há pensamento sem linguagem. Engels dizia que não há realmente um pensamento puro desvinculado da linguagem. Ao opor-se à ideia de Dühring de que quem não era capaz de pensar sem o auxílio da linguagem não tinha conhecido o verdadeiro pensamento, afirma, com ironia, que, se isso fosse verdade, os animais seriam os pensadores mais abstratos e autênticos, porque seu pensamento jamais é perturbado pela interferência da linguagem.

Alguns linguistas e psicólogos julgam que existe um pensamento puro pré-linguístico e, ao lado dele, a expressão linguística que lhe serve de envólucro. Outros afirmam que é impossível pensar fora dos quadros da linguagem.

O problema começa com o próprio conceito de pensamento. Se imaginarmos que pensamento seja a “faculdade de se orientar no mundo”, ou o “reflexo subjetivo da realidade objetiva”, ou ainda “a faculdade de resolver problemas”, então podemos concluir que há um pensamento verbal e um pré-verbal, pois todos os animais fundam seu comportamento numa certa orientação no mundo, num certo reflexo subjetivo da realidade objetiva ou numa certa capacidade de solucionar problemas. Mas, se dissermos que o que caracteriza o pensamento humano é seu caráter conceptual, o pensamento não existe fora da linguagem.

Há processos mentais que escapam ao nível puramente linguístico, mas, a partir de uma certa idade, o pensamento torna-se predominantemente conceptual e este não existe sem uma linguagem.

O cérebro funciona de maneira muito complexa, mas os estudos de psicologia genética e das patologias linguísticas demonstram que a ausência de uma linguagem, qualquer que ela seja, impossibilita o exercício do pensamento conceptual. Quando se diz que não há ideias independentemente da linguagem, está-se falando de pensamento conceptual.

Não há, porém, identidade entre linguagem e pensamento. O que há é uma indissociabilidade de ambos, que não se apresentam jamais de uma forma pura. Por isso, as funções da linguagem e do pensamento não podem ser dissociadas e, muito menos, opostas. O pensamento e a linguagem, diz Schaff, são dois aspectos de um único processo: o do conhecimento do mundo, da reflexão sobre esse conhecimento e da comunicação de seus resultados. Para Vygotsky, apesar de o pensamento e a linguagem serem diferentes em sua origem, ao longo do processo evolutivo, soldam-se num todo indissociável de forma que, no estágio do pensamento verbal, torna-se impossível dissociar as ideias da linguagem. Pensamento e linguagem são distintos, mas inseparáveis.

Por causa dessa indissociabilidade, pode-se afirmar que o discurso materializa as representações ideológicas. As ideias, as representações não existem fora dos quadros linguísticos. Por conseguinte, as formações ideológicas só ganham existência nas formações discursivas.

Surge, porém, um problema: se o pensamento e a linguagem são indissociáveis, onde fica a consciência individual?

10 A consciência é um fato social

Marx e Engels afirmam, em*A ideologia alemã*, que a “linguagem é a consciência real”. Bakhtin diz que a “consciência constitui um fato socioideológico”, pois a realidade da consciência é a linguagem. Segundo esse último autor, sem linguagem não se pode falar em psiquismo humano, mas somente em processos fisiológicos ou processos do sistema nervoso, pois o que define o conteúdo da consciência são fatores sociais, que determinam a vida concreta dos indivíduos nas condições do meio social. O discurso não é, pois, a expressão da consciência, mas a consciência é formada pelo conjunto dos discursos interiorizados pelo indivíduo ao longo de sua vida. O homem aprende como ver o mundo pelos discursos que assimila e, na maior parte das vezes, reproduz esses discursos em sua fala.

O pensamento dominante em nossa sociedade reluta em aceitar a tese de que a consciência seja social, pois repousa sobre o conceito de individualidade e concebe, assim, a consciência como o lugar da liberdade do ser humano. No âmago de seu ser, ele estaria livre das coerções sociais. Desses conceitos derivam as ideias de uma liberdade abstrata de pensamento e expressão e de uma criatividade, que seria preciso cultivar, pois ela seria a expressão da subjetividade individual.

A confusão dessas ideias radica-se no próprio conceito de indivíduo, porque o homem não é apenas uma individualidade que reside no espírito. É também e principalmente produto de relações sociais ativas e inteligentes, ou seja, que dependem, como mostrava Gramsci, do grau maior ou menor de inteligibilidade que delas tenha o homem individual. Como as relações de que o homem participa são, em geral, necessárias, não há a possibilidade de existir um homem livre de todas as coerções sociais. Isso não ocorre nem mesmo no interior do ser humano. Sabemos que as normas sociais impõem até que desejos são admissíveis e que desejos são inadmissíveis.

O discurso, por sua vez, também é determinado por coerções ideológicas. Ora, se a consciência é constituída a partir dos discursos assimilados individualmente por membros de um grupo social e se o homem é limitado por relações sociais, não há uma individualidade de espírito nem uma individualidade discursiva absoluta.

11 A individualidade na linguagem

Muitas pessoas dizem que o discurso não pode ser determinado socialmente, porque cada indivíduo expressa suas ideias de maneira diferente. A nossa sociedade cultua a originalidade de expressão e chega a sancionar negativamente a pura e simples cópia de algo que alguém já escreveu, pintou etc.

Impõe-se para responder a essa objeção uma última distinção. O signo linguístico é formado por dois componentes: um conceito e um suporte do conceito, que serve para expressá-lo, manifestá-lo, veiculá-lo. Ao conceito chama-se significado ou conteúdo; ao suporte denomina-se significante ou expressão. O significado é a parte inteligível do signo, enquanto a expressão é a parte dizível ou sensível. O signo "árvore", por exemplo, tem o significado "vegetal que atinge grandes proporções e que tem o caule lenhoso". Seu significante é a imagem dos sons verbais que serve para dizer, para veicular o conceito. Os significantes podem ser de diferentes espécies, verbais, pictóricos, gestuais etc. O signo é a união de um significante a um significado.

O discurso pertence ao plano do conteúdo. Ele é manifestado por um plano de expressão. A manifestação é, portanto, o encontro de um plano de conteúdo com um plano de expressão, que pode ter como material qualquer língua natural ou um meio não verbal de expressão, como o cinema, a pintura, a gestualidade, a fotografia etc. Neste nível surge o texto. Enquanto o discurso pertence exclusivamente ao plano do conteúdo, o texto faz parte do nível da manifestação.

Há necessidade de estabelecer uma distinção entre conteúdo e expressão, entre imanência e manifestação, entre discurso e texto?

Sim, pois o mesmo discurso pode ser manifestado por diferentes textos e estes podem ser construídos com materiais de expressão diversos. Um conteúdo como "negação" pode ser textualizado por signos verbais, como "não", "*no*", "*non*", ou pelo gesto de mover a cabeça de um lado para outro diversas vezes. *O beijo da mulher-aranha* foi manifestado verbalmente, num livro, e cinematograficamente (união da expressão visual, verbal etc.). Se o mesmo conteúdo pode manifestar-se por diferentes planos de expressão, a distinção entre imanência e manifestação, entre discurso e texto, deve ser feita.

Mas aí poderia alguém objetar: quando um discurso é expresso por dois textos diferentes, ambos reproduzem o sentido básico do discurso, mas cada um apresenta certas peculiaridades significativas. Assim, o filme *O beijo da mulher-aranha* não é exatamente igual ao livro. Tal afirmação está correta, pois, no nível da manifestação, significados novos agregam-se ao discurso e outros conteúdos deixam de ser veiculados, devido às coerções do material e aos efeitos estilísticos da expressão.

Os efeitos estilísticos da expressão estabelecem uma homologia entre expressão e conteúdo, procurando manifestar o conteúdo na expressão e não apenas pela expressão. Com os efeitos estilísticos da expressão, quem, por exemplo, escreve não apenas fala de um conteúdo, mas recria esse conteúdo no plano da expressão. Vejamos como isso funciona na linguagem verbal. Na primeira parte do poema “I-Juca-Pirama”, de Gonçalves Dias, há um esquema acentual, que se repete em todos os versos: - -’ -/- -’ -/- -’ -/- -’ -. Esse esquema indica, por meio da sucessão alternada de tempos fortes e fracos, o ritmo dos tambores da festa indígena de que fala o poema:

> No meio das tabas de amenos verdores,
> Cercadas de troncos — cobertos de flores,
> Alteiam-se os tetos d’altiva nação;
> São muitos seus filhos, nos ânimos fortes,
> Temíveis na guerra, que em densas coortes
> Assombram das matas a imensa extensão.

No verso “Pedras, pingos pulam de alegria” do poema “Chuva de pedra”, de Augusto Meyer, a aliteração do /p/ imita o saltitar das “gotas duras”. A vibração do raio é mostrada pela aliteração do /r/ nos versos de Raimundo Correia: “E o céu da Grécia, torvo, carregado,/ Rápido o raio, rútilo, retalha”. A assonância do /i/, no verso “Tíbios flautins finíssimos gritavam”, de Bilac, manifesta o som do flautim.

Como mostra Dámaso Alonso, no verso de Garcilaso “cestillos blancos de purpúreas rosas”, o vermelho das rosas oferecidas à ninfa morta é destacado certamente pelo contraste com o branco dos cestinhos em que eram trazidas. Esse contraste, porém, é reforçado pela ordem quiástica das palavras dos dois blocos, isto é, pela construção em forma de x (substantivo/adjetivo *vs.* adjetivo/substantivo), pelo contraste dos timbres *a* e *u* nos adjetivos e pelos acentos colocados sobre essas duas vogais.

A coerção do material é responsável pelo fato de determinados aspectos do sentido serem mais bem expressos por um tipo de manifestação do que por outro. A cor tem uma importância muito grande no filme *Gritos e sussurros*, de Ingmar Bergman. Há todo um sentido derivado do contraste entre os tons escuros e os tons claros e luminosos. Dificilmente esse sentido seria bem revelado por um plano de expressão verbal. Por outro lado, no soneto de Camões “Amor é fogo que arde”, o poeta combina figuras, numa tentativa de definir o amor. Nos onze primeiros versos, busca essa definição, passando por várias categorias linguísticas. Acaba, no entanto, por abandonar suas tentativas, porque cada uma das definições encerra uma contradição (exemplo: “Amor é fogo que arde sem se ver,/ É ferida que dói e não se sente”). No final, o poeta mostra sua perplexidade numa interrogação e contenta-se em qualificar o amor com uma simples atribuição (“Mas como causar pode seu favor/ Nos corações humanos amizade,/ Se tão contrário a si é o mesmo amor?”). Esses efeitos de sentido dificilmente poderiam ser manifestados por um plano de expressão não verbal, pois aí tem importância capital a estrutura sintática da definição (sujeito que contém o termo a ser definido + verbo ser no presente do indicativo + predicativo que encerra a definição), que se repete ao longo dos onze primeiros versos do poema.

Essa coerção ocorre também quando usamos uma língua natural e não outra. Daí a dificuldade da tradução do texto poético, que faz largo uso dos efeitos estilísticos de expressão. A tradução do texto poético deve ser uma recriação, pois caso contrário os efeitos estilísticos se perdem. Se traduzirmos o verso virgiliano “Et stetit illa tremens” por “E ela (a espada) parou tremendo”, perderemos o valor sonoro do tremor, dado pela aliteração do /t/.

Em síntese, o mesmo discurso pode ser manifestado por diferentes meios de expressão. Nessa manifestação, atuarão as coerções do material e agregar-se-ão os conteúdos engendrados pelos efeitos estilísticos da expressão. O ruído do chiar das rodas de uma carroça, que acompanha monotonamente, no filme *Vidas secas*, a retirada da família de Fabiano, não aparece nem poderia aparecer no livro, cujo plano de manifestação é verbal.

12 A trapaça discursiva

Enquanto o discurso é a materialização das formações ideológicas, sendo, por isso, determinado por elas, o texto é unicamente um lugar de manipulação consciente, em que o homem organiza, da melhor maneira possível, os elementos de expressão que estão a sua disposição para veicular seu discurso. O texto é, pois, individual, enquanto o discurso é social. Há um nível grande de liberdade no âmbito da textualização, enquanto, no nível discursivo, o homem está preso aos temas e às figuras das formações discursivas existentes na formação social em que está inserido.

Todos os discursos têm, para usar uma expressão de Edward Lopes, uma "função citativa" em relação a outros discursos. Por isso, ele não é único e irrepetível. Na medida em que é determinado pelas formações ideológicas, o discurso cita outros discursos. Os mesmos percursos temáticos e figurativos se repetem. O percurso temático da "salvação da pátria" foi usado milhares de vezes pelos que falavam a palavra do poder depois de 1964. No imaginário da classe média, o tema do "luxo" e do "requinte" é figurativizado por "baixelas de prata, porcelanas, tapetes persas, poltronas de veludo, quadros etc." Porque o discurso tem essa função citativa, a liberdade discursiva é muito pequena, quando não é nula. O enunciador é o suporte da ideologia, vale dizer, de discursos, que constituem a matéria-prima com que elabora seu discurso. Seu dizer é a reprodução inconsciente do dizer de seu grupo social. Não é livre para dizer, mas coagido a dizer o que seu grupo diz.

Já o texto é individual. O falante organiza sua maneira de veicular o discurso. A ilusão da liberdade discursiva tem sua origem nesse fato. O discurso simula ser individual, porque aquilo que, em si, não tem sentido, o plano da expressão, é o campo da organização individual, é o plano da manifestação pessoal. No entanto, deve-se ressaltar que essa individualidade é objetivada, uma vez que é formada por meio de operações modelizantes de aprendizagem, que incluem a formação linguística, retórica e de procedimentos de formas de elocução. Formas de dizer o discurso são aprendidas e estão de acordo com as tradições culturais de uma sociedade. Muitas pessoas buscaram, numa certa época, textualizar como Rui e Coelho Neto ou versejar como Bilac.

Como o mesmo discurso pode manifestar-se em diferentes textos, a liberdade de textualizar é muito grande, estando condicionada apenas pelos processos modelizantes de aprendizagem, ou seja, pela tradição textual. O discurso é, pois, o lugar das coerções sociais, enquanto o texto é o espaço da "liberdade" individual. Como diz Edward Lopes,

> combinando uma simulação com uma dissimulação, o *discurso* é *uma trapaça*: ele simula ser meu para dissimular que é do outro.

Essa dissimulação ocorre porque um plano de manifestação individual é que veicula um plano de conteúdo social. Assim, o discurso simula ser individual para ocultar que é social. Ao realizar essa simulação e essa dissimulação, a linguagem serve de apoio para as teses da individualidade de cada ser humano e da liberdade abstrata de pensamento e de expressão. O homem coagido, determinado, aparece como criatura absolutamente livre de todas as coerções sociais.

13 Falar ou ser falado?

O falante, suporte das formações discursivas, ao construir seu discurso, investe nas estruturas sintáticas abstratas temas e figuras, que materializam valores, carências, desejos, explicações, justificativas e racionalizações existentes em sua formação social. Esse enunciador não pode, pois, ser considerado uma individualidade livre das coerções sociais, não pode ser visto como *agente* do discurso. Por ser produto de relações sociais, assimila uma ou várias formações discursivas, que existem em sua formação social, e as reproduz em seu discurso. É nesse sentido que se diz que ele é *suporte* de discursos.

Se o enunciador é o suporte de um discurso que ele reproduz, quem é o *agente* discursivo? Na medida em que as formações discursivas materializam as formações ideológicas e estas estão relacionadas às classes sociais, os agentes discursivos são as classes e as frações de classe. Tornamos a lembrar que, embora haja diferentes formações discursivas numa formação social, a formação discursiva dominante é a da classe dominante.

O "árbitro" da discursivização não é o indivíduo, mas as classes sociais. O indivíduo não pensa e não fala o que quer, mas o que a realidade impõe que ele pense e fale.

Poderiam objetar: essas concepções não são muito restritivas? Afinal, sendo o homem um "animal racional", organiza seu discurso como quer para exprimir o que quiser. Deve-se contestar essa liberdade absoluta do ser humano, pois, como já mostramos, sendo ele produto de relações sociais, age, reage, pensa e fala, na maior parte das vezes, como os membros de seu grupo social. Além disso, as ideias que tem à disposição para tematizar seu discurso são aquelas veiculadas na sociedade em que vive. É claro que, com isso, não se exclui a possibilidade de o homem elaborar um discurso crítico, diferente, portanto, dos discursos dominantes. No entanto, esse discurso crítico não surge do nada, do vazio, mas se constitui a partir dos conflitos e das contradições existentes na realidade.

A aprendizagem linguística, que é a aprendizagem de um discurso, cria uma *consciência verbal*, que une cada indivíduo aos membros de seu grupo social. Por isso, a aprendizagem linguística está estreitamente vinculada à produção de uma identidade ideológica, que é o papel que o indivíduo exerce no interior de uma formação social.

Na medida em que o homem é suporte de formações discursivas, não fala, mas é falado por um discurso.

14 Arena de conflitos e palco de acordo

Se um discurso cita outro discurso, ele não é um sistema fechado em si mesmo, mas é um lugar de *trocas enunciativas*, em que a história pode inscrever-se, uma vez que é um espaço conflitual e heterogêneo ou um espaço de reprodução. Um discurso pode aceitar, implícita ou explicitamente, outro discurso, pode rejeitá-lo, pode repeti-lo num tom irônico ou reverente. Por isso é que o discurso é o espaço da reprodução, do conflito ou da heterogeneidade. As relações interdiscursivas podem, assim, ser contratuais ou polêmicas.

Dois discursos que consideram o brasileiro um homem cordial, pacífico, que cultua a conciliação, mantêm entre si uma relação contratual. Um tipo de discurso religioso segundo o qual o homem deve conformar-se com sua situação na Terra para ganhar o reino de Deus está em relação polêmica com outro para o qual o reino de Deus deve começar a ser construído aqui na Terra pela implantação da justiça e que todos os homens devem lutar para que isso se efetive.

Um discurso sempre cita outro discurso. Um texto pode citar outro texto. As relações entre os textos podem também ser contratuais ou polêmicas.

A "Canção do exílio", de Gonçalves Dias, tornou-se um clichê. Aparece até nos seguintes versos do Hino Nacional:

> Do que a terra mais garrida
> Teus risonhos lindos campos têm mais flores.
> Nossos bosques têm mais vida,
> Nossa vida, no teu seio, mais amores.

Neste ponto, o Hino Nacional quer evocar a atitude ufanista de exaltação à pátria que o texto gonçalvino expressa. Temos aí uma relação contratual entre os dois textos. No entanto, o clichê pode ser inserido noutro contexto com intenção parodística, como acontece com o mesmo poema de Gonçalves Dias, ao ser usado na "Canção do exílio", de Murilo Mendes:

> Minha terra tem macieiras da Califórnia
> onde cantam gaturamos de Veneza. (...)
> Nossas flores são mais bonitas,
> Nossas frutas, mais gostosas,
> Mas custam cem mil-réis a dúzia!
> Ai, quem me dera chupar uma carambola de verdade
> e ouvir um sabiá com certidão de idade!

Um bom exemplo de polêmica textual é dado pelo texto intitulado "Carta pras icamiabas", que faz parte do livro *Macunaíma*, de Mário de Andrade. Nele o narrador utiliza uma maneira de textualizar que, pelo preciosismo léxico, por certas estruturas sintáticas e por determinados maneirismos textuais, aproxima-se do modo de textualização dos autores parnasianos ou pré-modernistas. Usa, com ironia, esses procedimentos de feitura do texto. Cita até mesmo os primeiros versos do episódio do Gigante Adamastor de *Os lusíadas*:

> Porém já cinco sóis eram passados
> Que dali nos partíramos, cortando
> Os mares nunca de outrem navegados...

Vejamos uma parte desse texto:

> Senhoras:
> Não pouco vos surpreenderá, por certo, o endereço e a literatura desta missiva. Cumpre-nos, entretanto, iniciar estas linhas de saudade e muito amor, com desagradável nova. É bem verdade que na boa cidade de São Paulo — a maior do universo no dizer dos seus prolixos habitantes — não sois conhecidas por “icamiabas”, voz espúria, senão que pelo apelativo de Amazonas; e de vós se afirma, cavalgardes ginetes belígeros e virdes da Hélade clássica; e assim sois chamadas. Muito nos pesou a nós, Imperator vosso, tais dislates da erudição porém heis de convir conosco que, assim, ficais mais heroicas e mais conspícuas, tocadas por essa pátina respeitável da tradição e da pureza antiga. Mas não devemos esperdiçarmos vosso tempo fero, e muito menos conturbarmos vosso entendimento, com notícias de mau calibre; passemos, pois, imediatamente, ao relato dos nossos feitos por cá.
> Nem cinco sóis eram passados que de vós nos partíramos, quando a mais temerosa desdita pesou sobre Nós. Por uma bela noite dos idos de maio do ano translato, perdíamos a muiraquitã; que outrem grafara muraquitã, e, alguns doutos, ciosos de etimologias esdrúxulas, ortografam muyrakitan e, até mesmo, muraqué-itã, não sorriais! Haveis de saber que esse vocábulo, tão familiar às vossas trompas de Eustáquio, é quase desconhecido por aqui. Por estas paragens mui civis, os guerreiros chamam-se polícias, *grilos*, guardas-cívicas, baxistas, legalistas, masorqueiros etc., sendo que alguns desses termos são neologismos absurdos — bagaço nefando, com que os desleixados e petimetres conspurcam o bom falar lusitano. Mas não nos sobra já vagar para discretearmos “sub tegmine fagi”, sobre a língua portuguesa, também chamada lusitana. O que vos interessará mais, por sem dúvida, é saberdes que os guerreiros de cá não buscam mavórticas damas para o enlace epitalâmico; mas antes as preferem dóceis e facilmente trocáveis por pequenas e voláteis folhas de papel a que o vulgo chamará dinheiro — o “curriculum vitae” da Civilização, a que hoje fazemos ponto de honra em pertencermos.

Ao ironizar o texto dos autores do final do século XIX e começo do século XX, o narrador ironiza também as concepções desse período, isto é, seu discurso. Quando um discurso cita outro discurso, os textos que os veiculam não precisam necessariamente remeter um ao outro, mas, quando um texto cita outro texto, os discursos veiculados por eles também se citam.

Discurso e texto são ambos arena de conflitos e palco de acordo.

Os conflitos e acordos são sociais. Só se pode, pois, falar em contrato e polêmica entre textos e discursos, porque expressam conflitos e acordos existentes na realidade social.

15 Análise não é investigação policial

Alguns teóricos dizem que não se pode falar na posição ideológica do enunciador, pois ele pode ocultar sua verdadeira visão de mundo, construindo um discurso que revele uma outra ideologia. É evidente que, sendo o falante suporte das várias formações discursivas presentes numa formação social, pode construir discursos que revelem diferentes visões de mundo. Saber, entretanto, se o falante revela ou não sua verdadeira visão de mundo, ao enunciar um discurso, não é problema do analista do discurso, uma vez que a análise não é investigação policial. Preocupa-se ela não com o enunciador real, mas com o enunciador inscrito no discurso, ou seja, com aquele que no interior do discurso diz *eu*.

A análise vai mostrar a que formação discursiva pertence determinado discurso. O sujeito inscrito no discurso é um "efeito de sentido" produzido pelo próprio discurso, isto é, seus temas e suas figuras é que configuram a "visão de mundo" do sujeito. Se, do ponto de vista genético, as formações ideológicas materializadas nas formações discursivas é que determinam o discurso, do ponto de vista da análise, é o discurso que vai revelar quem é o sujeito, qual é sua visão de mundo.

O que importa para o analista é que todo discurso desvela uma ou várias das visões de mundo existentes numa formação social. O homem não escapa de suas coerções nem mesmo quando imagina outros mundos. Na ficção científica, por exemplo, em que o homem cria outros universos, revela os anseios, os temores, os desejos, as carências e os valores da sociedade em que vive.

Quando o discurso tem, em seu interior, um único enunciador, revela apenas uma visão de mundo. Se tomarmos um discurso pronunciado pelo presidente Médici, veremos que ele tem um só enunciador e que revela, portanto, uma só ideologia. No entanto, num romance, há vários enunciadores de segundo grau (personagens) a quem o narrador delega voz. Essas personagens podem manifestar diferentes visões de mundo. Por exemplo, no romance *Germinal*, de Zola, proletários opõem-se a burgueses. Etienne Lantier, líder dos mineiros, por exemplo, mostra uma "visão de mundo" proletária, enquanto personagens como M. Grégoire e M. Hennebeau manifestam uma visão burguesa de mundo.

Além das diferentes visões de mundo apresentadas pelas personagens, o narrador pode ou não tomar partido por uma das ideologias reveladas na obra. O narrador de *Lucíola*, por exemplo, diz que vai mostrar que o "lírio viceja no lodo" e figurativiza Lúcia como um ser composto da união dos quatro elementos primordiais, a terra, a água, o fogo e o ar. Com efeito, há na obra a união da terra e da água, a lama ("a lama deste tanque é o meu corpo"); a reunião do fogo e da terra, a lava ("escaldar-me da lava que corria de seu corpo"); o englobamento do ar e da água ("o meu pensamento, impregnado de desejos lascivos, se depurava de repente, como o ar se depura com as brisas do mar que lavam as exalações da terra"); a união do ar e do fogo ("irradiação íntima do fogo divino"). Com suas afirmações e com o uso dessa configuração discursiva, o narrador mostra que o homem não é apenas bom ou mau, mas é um ser complexo, uma vez que é a mistura dos quatro elementos que deram origem ao mundo. Critica a ideia da liberdade absoluta do ser humano, segundo a qual o homem age movido por sua consciência, pois Lúcia se figurativizou como "lama" e "lava" porque sofreu coerções que a fizeram tornar-se, na aparência, um ser do elemento *terra*, quando, na essência, conservava a pureza e a paixão divina.

A análise, em síntese, não se interessa pela "verdadeira" posição ideológica do enunciador real, mas pelas visões de mundo dos enunciadores (um ou vários) inscritos no discurso.

16 O discurso é reflexo da realidade?

Os filósofos idealistas sempre afirmaram que a linguagem cria uma imagem do mundo. Que querem dizer esses filósofos com essa afirmação? A linguagem contém uma visão de mundo, que determina nossa maneira de perceber e conceber a realidade, e impõe-nos essa visão. A linguagem é como um molde, que ordena o caos, que é a realidade em si. Como a linguagem dá forma a esse caos, determinando o que é uma coisa, um acontecimento etc., cria uma imagem ordenada do mundo. Cada língua ordena o mundo à sua maneira. Assim, por exemplo, o português categoriza como duas cores distintas o verde e o azul, enquanto o japonês considera-as matizes de uma só cor, designando-as por *aoi*. Isso não significa que os japoneses não percebam a diferença real que existe entre o verde e o azul, mas que tais diferenças são colocadas na categoria dos matizes de uma mesma cor. Os exemplos poderiam ser multiplicados.

O fundamental a ressaltar nas teorias idealistas, no entanto, é que a linguagem tem um papel ativo no processo de aquisição do conhecimento. Essa tese, como mostra Adam Schaff, constitui o elemento racional das teorias idealistas. Entretanto, essa primeira tese está associada, implícita ou explicitamente, a uma segunda que diz ser a linguagem produto de uma convenção arbitrária ou da função simbólica peculiar à psique humana.

Que é que determina, porém, essa imagem do mundo? Dizer que a linguagem, que contém essa imagem do mundo, é produto de uma convenção arbitrária é utilizar, para a explicação da gênese da linguagem, um axioma impossível de provar e que, por isso, é colocado na categoria dos elementos teóricos indemonstráveis. A tese da linguagem como resultado de uma convenção arbitrária é a aplicação para as línguas naturais do princípio de constituição dos sistemas simbólicos especiais, como, por exemplo, os sinais de trânsito ou os símbolos matemáticos. Afirmar, por outro lado, que a linguagem é uma das formas de simbolização particular à psique humana é deixar o problema sem solução, pois o que queremos saber não é se a linguagem forma ou não uma imagem do mundo, mas o que é que determinou essa visão contida na linguagem. Foram fatores biológicos? Foi uma força superior? Foram outros fatores? Quais? Segundo Schaff onde param os filósofos idealistas que consideram a linguagem produto da função simbólica começa o verdadeiro problema da filosofia da linguagem.

Só há uma resposta para esse problema: a linguagem cria a imagem do mundo, mas é também produto social e histórico. Assim, a linguagem “criadora de uma imagem do mundo é também criação desse mundo”. A linguagem formou-se, no decorrer da evolução filogenética, constituindo um produto e um elemento da atividade prática do homem. À medida que os sistemas linguísticos se vão constituindo, vão ganhando certa autonomia em relação às formações ideológicas. Entretanto, o componente semântico do discurso continua sendo determinado por fatores sociais. É esse componente que contém a visão de mundo veiculada pela linguagem. Por isso, essa visão de mundo não é arbitrária, mas resulta de fatores sociais, não podendo, por conseguinte, ser alterada em razão de uma escolha arbitrária. Assim, o que está na consciência é provocado por algo exterior a ela e independente dela.

Os filósofos materialistas dizem que a linguagem é reflexo da realidade. O termo “reflexo” é uma metáfora e, por isso, prestou-se a toda sorte de confusões. O componente semântico sofre determinações sociais, mas tem um papel ativo no processo de aquisição do conhecimento. Isso significa que a linguagem condensa, cristaliza e reflete as práticas sociais, ou seja, é governada por formações ideológicas. Ao mesmo tempo, porém, em que é determinada é determinante, pois ela “cria” uma visão de mundo na medida em que impõe ao indivíduo uma certa maneira de ver a realidade, constituindo sua consciência.

É preciso considerar, quando se diz que a linguagem reflete a realidade (seja seu nível aparente, seja seu nível de essência), que o espírito humano não é passivo e que sua função não consiste apenas em refletir a realidade. Isso significa que o discurso não reflete uma representação sensível do mundo, mas uma categorização do mundo, ou seja, uma abstração efetuada pela prática social. A percepção pura não existe. Pelo contrário, certos dados da psicologia autorizam a dizer que a percepção é guiada pela linguagem. Porque o homem age e transforma a realidade, não a apreende passivamente. A forma de apreensão depende do sujeito cognoscente, isto é, do gênero de prática, acumulada na filogênese e na ontogênese, de que dispõe. É por isso que uma mesma realidade pode ser apreendida diversamente por homens distintos.

A consciência humana depende, pois, da linguagem assimilada. Não só os elementos semânticos, diretamente determinados pelas formações ideológicas, mas também as categorias linguísticas que gozam de uma certa autonomia em relação às formações sociais exercem um papel ativo na percepção do mundo.

Quando Wilhelm Stock traduzia Antero de Quental para o alemão, escreveu ao poeta português, mostrando a dificuldade de verter para o alemão o soneto “*Mors*-Amor”, porque o poema joga com a oposição masculino/feminino em função das duas figuras alegóricas – o Amor e a Morte – e essas duas palavras têm gêneros opostos em português e em alemão (*Die Liebe* e *Der Tod*). Em sua resposta, Antero diz que os falantes das línguas neolatinas figurativizam a morte como mulher e conclui afirmando que

> a imaginação (e por conseguinte o pensamento) ainda onde parece ser tão espontânea, é escrava de acidentes linguísticos como aqueles que fizeram que a palavra *mors*, há inúmeros anos, quando se formou em latim, fosse do gênero feminino.

Carolina Michaelis de Vasconcelos, a propósito do mesmo assunto, comenta que os falantes do alemão representam a morte como um cavaleiro esquelético, montado em fogosíssimo corcel.

A linguagem tem influência também sobre os comportamentos do homem. O discurso transmitido contém em si, como parte da visão de mundo que veicula, um sistema de valores, isto é, estereótipos dos comportamentos humanos que são valorizados positiva ou negativamente. Ele veicula os tabus comportamentais. A sociedade transmite aos indivíduos — com a linguagem e graças a ela — certos estereótipos, que determinam certos comportamentos. Esses estereótipos entranham-se de tal modo na consciência que acabam por ser considerados naturais. Figuras como “negro”, “comunista”, “puta” têm um conteúdo cheio de preconceitos, aversões e hostilidades, ao passo que outras como “branco”, “esposa” estão impregnadas de sentimentos positivos. Não devemos esquecer que os estereótipos só estão na linguagem porque representam a condensação de uma prática social.

Para mostrar como o conteúdo de um vocábulo está repleto de valores negativos, tomemos alguns trechos de uma enquete realizada pelo jornal *Repórter*, n° 30, jun. 1980, a respeito do significado da palavra “comunismo”:

> Comunista é um ateu cheio de complexos contra a democracia. Anda insuflando a desarmonia e defendendo seus pontos de vista.
>
> Comunismo é um tipo de bagunça, uma cambada de desordeiros.
>
> Sou contra o comunismo, interferem na liberdade do povo, tomam toda propriedade do indivíduo, é um roubo qualificado e descarado.
>
> Comunismo é algo de ruim para o país. Acontece que ocorre o seguinte: o patrão faz você de escravo, você não tem direito de almoçar, de ter um tempinho pro café. É só trabalho, trabalho, assim não dá.

Pode-se concluir que o discurso é, ao mesmo tempo, prática social cristalizada e modelador de uma visão de mundo.

17 Um exemplo: a igualdade burguesa

No caso dos textos não figurativos, as coerções ideológicas manifestam-se, com toda nitidez, no nível dos temas. Tomemos um texto para ilustrar essa afirmação. O texto escolhido é um trecho de uma circular ao serviço público da França revolucionária, datado de maio de 1794.

> O funcionário público, acima de tudo, deve desfazer-se da roupagem antiga e abandonar a polidez forçada, tão inconsistente com a postura de homens livres, e que é uma relíquia do tempo em que alguns homens eram ministros e os outros, seus escravos. Sabemos que as velhas formas de governo já desapareceram: devemos até mesmo esquecer como eram. As maneiras simples e naturais devem substituir a dignidade artificial que frequentemente constituía a única virtude de um chefe de departamento ou outro funcionário graduado. Decência e genuína seriedade são os requisitos exigidos de homens dedicados à coisa pública. A qualidade essencial do Homem na Natureza consiste em ficar de pé. O jargão ininteligível dos velhos ministérios deve dar lugar a um estilo simples, claro, conciso, isento de expressões de servilismo, de formas obsequiosas, indiretas e pedantes, ou de qualquer insinuação no sentido de que existe autoridade superior à razão e à ordem estabelecida pelas leis — um estilo que adote atitude natural em relação às autoridades subalternas. Não deve haver frases convencionais, nem desperdício de palavras (Apud LASSWELL, Harold & KAPLAN, Abraham. *A linguagem da política.* Brasília, EUB, 1979. p. 43).

O texto trata das atitudes que deve ter o funcionário público da França revolucionária. Opõe o serviço público do novo regime ao do antigo. Ao fazer essa oposição, aparecem sob o texto dois discursos: o que mostra como eram os funcionários públicos do antigo regime e o que explica como devem ser os do novo. Assim, o discurso propõe um dever-fazer e um não-dever-fazer. Esses discursos dividem-se em duas partes: uma que discute as atitudes dos funcionários e uma que trata do problema do discurso utilizado nas repartições.

No que concerne às atitudes, a polidez forçada e a dignidade artificial devem ser substituídas por maneiras simples e naturais e pela decência e genuína seriedade. O servilismo, fruto da divisão entre ministros e escravos, deve desaparecer. O funcionário não pode ser servil aos ministros, porque o homem na natureza fica em pé, numa atitude digna, e não curvado diante dos outros. No antigo regime, os funcionários graduados tinham uma dignidade artificial, enquanto os subalternos eram servis. Como todos os homens são, por natureza, livres e iguais, os funcionários do novo regime devem cultivar apenas a decência e a seriedade. A referência a ministros e escravos opõe temas que definem cada um dos dois regimes: liberdade *vs.* não liberdade e igualdade *vs.* não igualdade. Ao explicar que o homem na natureza fica em pé e não curvado e ao considerar esse traço um elemento definitório do homem, o texto mostra que todos os homens são iguais e que essa igualdade está radicada num fator biológico, sendo, portanto, natural. Os homens são iguais porque eles são seres humanos.

O texto afirma que o discurso reflete as relações sociais. A uma ordem social fundada na desigualdade correspondem um jargão ininteligível, um estilo empolado e prolixo, um texto repleto de expressões de servilismo, de formas obsequiosas, indiretas e pedantes, de frases convencionais. Esse discurso sempre insinua que há uma autoridade que se coloca acima da razão e da ordem estabelecida pelas leis, ou seja, que existem autoridades por direito divino ou que ocupam sua posição em virtude de seu nascimento. A dignidade artificial vigente no serviço público do antigo regime engendra um discurso ininteligível, pedante, convencional e prolixo, enquanto o servilismo gera a obsequiosidade. A uma ordem social baseada nos princípios de igualdade e de liberdade correlacionam-se um estilo claro, simples e conciso, um texto despido de expressões de servilismo, de formas obsequiosas, indiretas e pedantes, em que não há desperdício de palavras nem frases convencionais. Esse discurso deixa patente que não há autoridade superior à razão e à ordem estabelecida pelas leis.

Aparecem no texto três temas básicos da ideologia burguesa: a liberdade, a igualdade e a naturalidade das relações sociais.

As relações sociais, fundadas na liberdade e na igualdade, são naturais porque decorrem de um fator biológico. Do ponto de vista da natureza humana, os homens são livres e iguais, uma vez que são “animais racionais”. O homem subordina-se apenas à razão e à ordem estabelecida pelas leis. Ambas fazem suas coerções incidirem sobre todos os homens, não podendo ninguém furtar-se a elas. A igualdade é, então, formal: todos são iguais perante a lei. Por outro lado, ao colocar no texto o vocábulo “escravo”, o enunciador mostra que a liberdade é individual, ou seja, nenhum homem está sujeito a outros por laços de dependência pessoal, mas somente à autoridade da razão e das leis.

Pelo que vimos no capítulo dedicado ao conceito de ideologia, os temas deste texto constroem-se a partir de formas aparentes da realidade. Não está em questão, porque não o está na ideologia burguesa, o problema não formal da igualdade e da liberdade. O discurso, refletindo o nível da aparência da realidade, considera a razão como um fato que independe das coerções sociais e a lei como algo vinculado a um suposto “interesse geral”. Não vê, assim, a desigualdade presente na sociedade burguesa e a subordinação de uma classe à outra. Ao dizer que o funcionário público está sujeito à lei e à razão, mostra um Estado que parece decorrer da “vontade coletiva” que se encarrega da promoção do bem comum.

O nível temático, que concretiza o dever-fazer e o não-dever-fazer presentes na estrutura profunda do texto, revela uma dada visão de mundo determinada, em última instância, pela infraestrutura econômica.

18 Outros exemplos: reprodução e polêmica

Tomemos agora exemplos de textos figurativos. O primeiro é de um autor naturalista chamado Inglês de Sousa. Pertence ao romance *O missionário*, que conta a história de Pe. Antônio de Morais. Do pai o padre herdara um caráter indolente, comodista e sensual. Na infância, fora criado de maneira muito livre, a saciar

> o apetite sem peias nem precauções nas goiabas verdes, nos araçás silvestres, nos taperebás vermelhos, sentindo a acidez irritante da fruta umedecer-lhe a boca e banhá-la em ondas de uma voluptuosidade bruta.

Quando jovem, foi enviado pelo padrinho a um seminário onde devia ilustrar-se. A educação severa deu-lhe uma camada de virtudes. Depois de ordenado, é mandado para Silves como vigário. Diante da monotonia de suas tarefas resolve partir em missão catequizando índios qual um novo Anchieta. Na selva, conhece Clarinha com quem vive um tempo de prazer.

O texto escolhido é exemplar no sentido de revelar temas e figuras de uma dada formação discursiva:

> Entregara-se, corpo e alma, à sedução da linda rapariga que lhe ocupara o coração. A sua natureza ardente e apaixonada, extremamente sensual, mal contida até então pela disciplina do Seminário e pelo ascetismo que lhe dera a crença na sua predestinação, quisera saciar-se do gozo por muito tempo desejado, e sempre impedido. Não seria filho de Pedro Ribeiro de Morais, o devasso fazendeiro do Igarapé-mirim, se o seu cérebro não fosse dominado por instintos egoísticos, que a privação dos prazeres açulava e que uma educação superficial não soubera subjugar. E como os senhores Padres do Seminário haviam pretendido destruir ou, ao menos, regular e conter a ação determinante da hereditariedade psicofisiológica sobre o cérebro do Seminarista? Dando-lhe uma grande cultura de espírito, mas sob um ponto de vista acanhado e restrito, que lhe excitara o instinto da própria conservação, o interesse individual, pondo-lhe diante dos olhos, como supremo bem, a salvação da alma, e como meio único, o cuidado dessa mesma salvação. Que acontecera? No momento dado, impotente o freio moral para conter a rebelião dos apetites, o instinto mais forte, o menos nobre, assenhoreara-se daquele temperamento de matuto, disfarçado em padre de S. Sulpício. Em outras circunstâncias, colocado em meio diverso, talvez que Padre Antônio de Morais viesse a ser um santo, no sentido puramente católico da palavra, talvez que viesse a realizar a aspiração da sua mocidade, deslumbrando o mundo com o fulgor das suas virtudes ascéticas e dos seus sacrifícios inauditos. Mas nos sertões do Amazonas, numa sociedade quase rudimentar, sem moral, sem educação... vivendo no meio da mais completa liberdade de costumes, sem a coação da opinião pública, sem a disciplina duma autoridade espiritual fortemente constituída... sem estímulos e sem apoio... devia cair na regra geral dos seus colegas de sacerdócio, sob a influência enervante e corruptora do isolamento, e entregara-se ao vício e à depravação, perdendo o senso moral e rebaixando-se ao nível dos indivíduos que fora chamado a dirigir (Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1967. p. 383-4).

O tema mais evidente no texto é que o homem é determinado pelo meio, a hereditariedade e o momento. Esse tema provém do positivismo e, mais particularmente, da obra de Taine.

Tendo a burguesia, depois da Revolução Francesa, assumido a hegemonia, suas ideias e seus ideais revolucionários declinam. Na segunda metade do século XIX, ocorre um grande progresso científico. O interesse da burguesia era dominar a natureza, ou seja, conhecer seus segredos com a finalidade de poder manipulá-la, colocando-a a serviço da produção. O conhecimento científico deve resultar numa técnica que racionalize o trabalho e aumente a produção. Os fenômenos sociais, no bojo do processo de naturalização da ordem social, devem ser explicados pelo método científico, que se quer totalmente objetivo. Temos, então, o primado do dado, do fato, da observação sobre a especulação. O positivismo torna-se a explicação do progresso social.

Todos os fatos sociais são explicados por determinações mecânicas, por uma série de leis similares às que regem os fenômenos naturais. O homem é visto como um ser condicionado mecanicamente pelo meio, a hereditariedade e o momento. Taine diz que “a virtude e o vício são produtos da natureza como o açúcar e o vitríolo”. Com essas explicações, instaura-se uma concepção fatalista da história.

As ciências humanas são invadidas por concepções e princípios retirados das ciências naturais. Difundem-se pela linguística, por exemplo, as concepções darwinianas sobre a origem das espécies, a seleção natural e a luta pela vida. A língua era considerada um organismo vivo, que nasce, cresce, reproduz-se e morre. Assim como o homem era submetido a determinações mecânicas, também as línguas evoluíam de acordo com leis que não admitiam exceção.

Esses são alguns dos temas dominantes do discurso da segunda metade do século XIX Refletem uma determinada formação ideológica. A literatura não fica imune a esses temas. O naturalismo, que incorpora elementos das ciências naturais, torna-se dominante. As obras naturalistas manifestam a objetividade, que é o ideal científico da época. Diz Zola no prefácio à 2ª edição de *Thérèse Raquin*:

> Começa-se, espero, a compreender que minha finalidade foi, antes de tudo, uma finalidade científica. (...) Apenas fiz sobre dois corpos vivos o trabalho analítico que os cirurgiões fazem sobre os cadáveres.

A obra de Inglês de Sousa é um “romance de tese”, ou seja, a história da vida do Pe. Antônio de Morais serve de ilustração das ideias dominantes na época. A personagem está submetida ao fatalismo da queda, uma vez postas as condições que a determinavam. O texto escolhido reproduz, com nitidez, os elementos da ideologia burguesa do século XIX.

Enquanto Inglês de Sousa reproduz o discurso dominante, o Pe. Antônio Vieira, opondo-se ao discurso escravagista de sua época, faz uma candente denúncia do modo de produção escravista:

> Os dolorosos (ouçam-me agora todos), os dolorosos são os que vos pertencem a vós, como os gozosos aos que devendo-vos tratar como irmãos, se chamam vossos senhores. Eles mandam e vós servis; eles dormem, e vós velais; eles descansam, e vós trabalhais; eles gozam o fruto de vossos trabalhos, e o que vós colheis deles é um trabalho sobre outro. Não há trabalhos mais doces que os das vossas oficinas; mas toda essa doçura para quem é? Sois como as abelhas, de quem disse o poeta: *Sic vos non vobis mellificatis apes* (Assim como as abelhas, vós produzis o mel, mas não para vós) (Sermões. Porto, Lello, 1959. p. 315. v. XI).

Esse texto é um fragmento de um sermão pregado na Bahia à irmandade dos pretos de um engenho, no ano de 1633. É um sermão sobre o rosário. O enunciador começa dizendo que os mistérios dolorosos do rosário, que falam da paixão e morte de Cristo, pertencem aos escravos, pois eles têm uma vida de sofrimentos, enquanto os mistérios gozosos, que falam do nascimento e da infância, concernem aos senhores, pois eles levam uma vida de deleites.

A oposição entre os mistérios gozosos e dolorosos serve de ponto de partida para a construção de um belo jogo de antíteses, recurso básico de estruturação do texto, por meio do qual Vieira põe em destaque a perversidade do sistema escravagista.

O trabalho dos escravos a quem Vieira pregava era doce, porque eles eram trabalhadores de um engenho e, portanto, produziam açúcar. No entanto, e aí está a candente denúncia contra o sistema escravista, o produto do trabalho dos escravos pertence integralmente aos senhores, que exploram, sem sequer o disfarce de uma troca igualitária de trabalho por salário, sua força de trabalho.

O texto de Vieira, embora não manifeste a visão de mundo dominante, revela uma das visões de mundo presentes na formação social em que vivia.

Num ensaio intitulado “MPB: uma análise ideológica”, que aparece no livro*Saco de gatos*, Walnice Nogueira Galvão analisa canções de Gilberto Gil, Caetano Veloso, Chico Buarque, Edu Lobo e Vandré, para mostrar que uma denúncia de uma realidade feia, existente nas músicas desses compositores no final da década de 1960 e início da de 70, não corresponde a nenhuma proposta de ação, a não ser cantar. Destinam-se essas músicas a um público privilegiado que, diante da realidade que conhece bem, busca ansioso uma mitologia, proposta pelos versos, que não o leve a agir. Por isso, essas canções chamadas “participantes” são escapistas e consoladoras, pois encobrem um “afago ao privilégio”. A relação do tema da “mudança” com as figuras “o dia que virá” (sozinho, evidentemente), “o tempo da alegria”, “a manhã que se anuncia”, “a canção” (que consola, enquanto o dia não vem; anuncia o dia que virá, fará o dia vir, soluciona os males do mundo) revela o universo ideológico de uma certa faixa da classe média intelectualizada que lastima o que acontece e embala-se na certeza da mudança, nada fazendo para que a situação mude. Deplorar a situação e constatar que nada pode ser feito redunda num fatalismo conservador, bem próprio de certas camadas médias da população.

19 A linguagem faz parte da superestrutura?

Quando se estudam as determinações ideológicas que incidem sobre a linguagem, pergunta-se se ela faz parte da superestrutura. Marr respondeu afirmativamente a essa questão, enquanto Stálin deu a ela uma resposta negativa. Analisemos o problema com vagar.

O marrismo

Nicolau Yakovlevitch Marr, linguista soviético, procura, depois da Revolução de 1917, aplicar à linguística princípios marxistas. Desenvolve, então, a teoria da monogênese da linguagem. Para ele, na comunidade primitiva, os homens em geral comunicavam-se por gestos, mas os feiticeiros emitiam certos grunhidos para convocar sua reunião. Esses sinais são quatro: *sal*, *ber*, *yôn*, *roch*. Os feiticeiros, aos poucos, vão utilizando sons como símbolos de ideias com a finalidade de manter seu domínio sobre os outros homens. Esses sinais vão combinando-se em construções dissilábicas e em seguida vão constituindo construções mais complexas. Com a variação livre dos sons, os quatro elementos primitivos vão aumentando.

Marr determina os quatro elementos básicos, que deram origem à linguagem, a partir de um método que denominou “paleontologia linguística”. Esse método baseia-se em aproximações semânticas e comparações fonéticas de vocábulos de diferentes línguas.

Um dos pontos básicos do marrismo é que a língua teria origem no desejo de uma classe social dominar outra.

Para Marr, existe na língua, como em todos os fenômenos sociais, a passagem do quantitativo (acumulação de transformações menores) ao qualitativo (aparecimento de uma nova língua). Por isso, não fala ele em evolução linguística, mas em saltos linguísticos que são verdadeiras revoluções. A partir da tese do desenvolvimento linguístico em saltos, desenvolve o linguista soviético a ideia dos estádios linguísticos. A concepção que subjaz a essa ideia é de que o desenvolvimento das línguas é paralelo às mudanças das formações socioeconômicas. A uma dada formação social corresponderia um determinado estádio de língua. O progresso linguístico seria, então, paralelo ao progresso social. As línguas são classificadas em quatro grupos:

a) estádio primário: o chinês e algumas línguas africanas;

b) estádio secundário: o turco, o mongol e as línguas fino-ugrianas;

c) estádio terciário: línguas camíticas e caucasianas;

d) estádio quaternário: línguas semíticas e indo-europeias.

Marr afirma que, quando uma comunidade se afasta da corrente do progresso geral, a língua sofre idêntico desvio, distanciando-se do grupo a que pertencia. A partir desse momento, as alterações que ocorreram permanecem, mesmo que a comunidade se integre novamente na corrente do progresso.

Se as transformações na infraestrutura produzem mudanças no sistema linguístico, ele é um elemento da superestrutura. Daí se pode deduzir que as línguas têm um caráter de classe.

Esses elementos da teoria marrista aqui apresentados não provocam hoje senão sorrisos, pois são inteiramente fantasiosos. A tese da monogênese da linguagem é uma hipótese totalmente inverificável. Não se pode também comprovar a ideia de que os elementos primordiais sejam quatro e de que sejam aqueles quatro descritos por Marr. Isso tudo fica no reino da especulação e da fantasia. Mas há outros equívocos mais sérios nas teses marristas.

Em primeiro lugar, Marr, em sua tese da monogênese da linguagem, supõe que houvesse luta de classes na sociedade primitiva. No entanto, segundo os clássicos do marxismo, a sociedade primitiva era uma sociedade sem classes e, portanto, não poderia haver luta de classes onde não havia classes. Por isso, a linguagem não pode ser uma invenção de uma classe para garantir sua dominação.

Em segundo lugar, Marr admite a existência de uma consciência e de um pensamento anteriores à linguagem. Afirma que a linguagem surge de uma trama de feiticeiros. Marx e Engels, entretanto, dizem que “a linguagem é tão antiga quanto a consciência”. Engels, num texto intitulado “O papel do trabalho na transformação do macaco em homem”, enfatiza que o trabalho é a categoria fundadora da história e que, a partir do processo de trabalho, estabelecem-se relações sociais que estão na base da origem da linguagem. Esta surge da necessidade de comunicação. Trabalho e linguagem estão, por sua vez, associados no desenvolvimento da capacidade de pensar, que, por seu turno, aperfeiçoou a linguagem e os processos de trabalho. Como se observa, Marr nem sequer conhecia muito bem os princípios do marxismo, que pretende aplicar à linguística.

A tese dos estádios linguísticos pode também ser considerada fantasiosa, pois, por exemplo, o sistema gramatical do chinês continua, depois da Revolução, idêntico ao que era antes. Não passou do estádio primário ao quaternário, não mudou de isolante a flexivo. Não se pode justificar esse fato dizendo que um sistema linguístico retrocede, quando a comunidade que o utiliza se afasta da corrente do progresso mundial, mas não volta a progredir, mesmo que a comunidade volte a integrar-se à corrente do progresso, pois aí entramos novamente no terreno da pura especulação. Se um sistema regride, por que não progride?

A ideia de progresso linguístico, por outro lado, pode introduzir no âmbito da linguística certos julgamentos de valor em relação às diferentes línguas, que poderiam levar a teses já banidas há muito tempo. Lembremo-nos de que, durante séculos, vigorou a ideia de que língua e raça estavam intimamente relacionadas, o que levava a postular a existência de línguas superiores e inferiores homólogas às raças que também eram classificadas em superiores e inferiores. Essa concepção era um dos elementos que servia para justificar a “missão civilizatória” dos povos colonialistas. A linguística estrutural, ao demonstrar que todos os sistemas linguísticos são equivalentes e que qualquer língua pode expressar qualquer conteúdo, baniu essas teses racistas do âmbito da ciência da linguagem. Embora Marr não fale em vinculação da língua à raça, sua tese do progresso linguístico leva à concepção de línguas superiores e inferiores.

Haveria outros argumentos para combater as teses marristas apresentadas, mas esses são suficientes para demonstrar que elas não estavam sequer de acordo com certos postulados basilares do marxismo. Há que ressaltar, no entanto, que as concepções de Marr têm o mérito de apontar para a necessidade de refletir sobre as relações entre linguagem e formação social. A falha maior da teoria marrista é buscar as relações entre linguagem e história no nível do sistema e não do discurso.

As posições de Stálin

Em 1950, o *Pravda* abre um debate sobre as teses de Marr. Durante três meses, partidários e adversários do marrismo participam da polêmica. No dia 20 de junho, Stálin publica um artigo intitulado “A propósito do marxismo em linguística”.

As duas teses centrais desse artigo são: a língua não é um fenômeno de superestrutura; ela não tem caráter de classe.

Para fazer essas afirmações, Stálin considera a língua uma gramática e um fundo léxico comum. Nesse sentido não há objeção às teses stalinistas. Diz ele que a língua difere radicalmente da superestrutura. Comprova essa afirmação com o exemplo da sociedade russa e da língua russa. Com a Revolução, a base econômica capitalista da Rússia foi liquidada e, em seu lugar, foi erigida uma base econômica nova, socialista. Em consequência, a superestrutura (instituições políticas, jurídicas etc.) correspondente à base capitalista foi substituída por outra, adequada à base socialista. Apesar dessas mudanças, a língua russa permanece idêntica ao que era antes da Revolução. Stálin afirma ainda que não há línguas de classe, mas línguas nacionais comuns a todo um povo. Se houvesse línguas de classe, haveria, por exemplo, uma gramática burguesa e uma gramática proletária, o que evidentemente não existe.

Se é verdade que a língua não tem caráter de classe nem é um fenômeno de superestrutura, as posições de Stálin não esgotam o problema das relações entre linguagem e história. Nas análises desse fenômeno, Stálin leva em conta apenas a língua, o sistema. Ora, sabemos que a língua não é o único elemento da complexa realidade do fenômeno linguístico.

Stálin não leva em consideração fatos históricos que não intervêm diretamente na determinação de categorias do sistema linguístico, mas que interferem seja no uso que se faz de determinados aspectos da linguagem, seja na evolução mais ou menos rápida de uma língua. Assim, não se preocupa com o fato de que, por exemplo, os idiomas românicos surgem no bojo de um processo de desagregação do latim, que ocorre quando soçobram as bases econômicas do Império Romano. O fator econômico atua no sentido de favorecer uma mais rápida mudança do latim, mas não determina como vão dar-se as transformações de sons, categorias morfológicas e estruturas sintáticas. Por isso, esse fator não determina diretamente o sistema linguístico, mas acelera as mudanças devidas a causas internas ao próprio sistema.

A ideia da homogeneidade linguística não permite apreender a multifacetada realidade da linguagem, pois descarta a importância da variação dialetal, das diferentes normas existentes. Stálin não se preocupa com a distinção entre o sistema linguístico, relativamente autônomo em relação às formações sociais, e a norma única ensinada na escola, produto de uma legitimação social que faz que determinados usos sejam vistos como a única maneira correta e elegante de falar. Para Stálin, a língua é um dos elementos determinantes da nacionalidade, devendo, portanto, ser combatido tudo o que contrariar a unidade linguística, pois assim se lutará contra a desagregação nacional. A concepção de língua nacional aparece com o surgimento dos Estados modernos. Foi depois da Revolução Francesa que os dialetos regionais foram substituídos pelo dialeto de Paris e que o francês, dialeto da região de Île-de-France, passou a ser considerado língua nacional. É certo que a unificação linguística da França já havia começado no período dos monarcas absolutistas por meio da administração e do exército. Cabe lembrar, no entanto, que a unificação só tem início quando começa a ruir o modo de produção feudal. A Itália só termina seu processo de unificação política em 1870 e apenas então aparece aí uma língua nacional, que teve como fundamento o dialeto florentino (toscano). Está vinculado a essas razões o fato de que a

Reforma Protestante proporcionou a tradução da Bíblia para os diferentes idiomas modernos, o que chegou a fazer que línguas como o rético e o romeno passassem a ter escrita.

A concepção homogeneizadora da língua e a tese de que o idioma é um dos elementos constitutivos da nacionalidade derivam dos ideais do nacionalismo burguês. Data do início da hegemonia burguesa a preocupação com o que Marcellesi e Gardin chamam “discurso moral” sobre a língua. Stálin utiliza-se desse discurso, quando fala em “enriquecimento” dos idiomas nacionais, para transformá-los em línguas de cultura, e em “homogeneização do idioma com vistas à unificação nacional”. A política linguística do Estado espanhol, durante o governo de Franco, quando proibia o ensino e o uso oficial do basco, do catalão e do galego, tinha como objetivo promover a unificação nacional, de que falava Stálin.

Como Stálin vê o problema da linguagem de maneira muito restrita, uma vez que leva em conta apenas a dimensão sistêmica (a língua), não se ocupando do discurso, não pode perceber as determinações históricas que atuam sobre a linguagem.

O lugar da linguagem

A língua em si não é um fenômeno que tenha um caráter de classe, uma vez que ela existia nas sociedades sem classes, existe nas formações sociais com classe e continuará existindo quando as classes forem abolidas. No entanto, as classes usam a linguagem para transmitir suas representações ideológicas. Ela também não é propriamente um fenômeno de superestrutura, mas é o veículo das representações ideológicas. No entanto, as formações discursivas, na medida em que constituem a materialização das formações ideológicas, são fenômenos de superestrutura. Por isso, a uma alteração das relações sociais de produção pode acabar por corresponder uma mudança nas formações ideológicas e, por conseguinte, nas formações discursivas. Entretanto, essa transformação não provoca uma mudança concomitante no sistema linguístico, pois este é apenas o instrumento de materialização das visões de mundo.

É preciso não entender as formações ideológicas e, portanto, as formações discursivas como mero reflexo das relações sociais. Todos os principais teóricos do materialismo procuraram afastar essa visão mecanicista. Entretanto, como o discurso é um produto histórico e social, as transformações na estrutura social podem acarretar mudanças discursivas.

Não existem representações ideológicas senão materializadas na linguagem. Por isso, excetuadas as formações discursivas, a linguagem não faz parte da superestrutura, mas é o seu suporte, é o instrumento que permite que as representações ganhem materialidade.

Se entendermos que a linguagem, ao mesmo tempo que permeia toda a superestrutura, constitui formações discursivas que pertencem à ordem superestrutural, não incidiremos no equívoco de dar uma resposta exclusivamente afirmativa, como Marr, ou unicamente negativa, como Stálin, à questão das relações entre linguagem e formações sociais. A primeira função da linguagem não é ser representação do pensamento ou instrumento de comunicação, mas expressão da vida real.

Nos domínios da linguagem, parece não existirem afirmações apenas positivas ou só negativas, mas afirmações complexas, simultaneamente positivas e negativas. Quando nos interrogamos sobre as relações que a linguagem mantém com a história, não encontramos o sim ou o não, mas antes o sim e o não.

20 Comunicar é agir

Quando um enunciador comunica alguma coisa, tem em vista agir no mundo. Ao exercer seu fazer informativo, produz um sentido com a finalidade de influir sobre os outros. Deseja que o enunciatário creia no que ele lhe diz, faça alguma coisa, mude de comportamento ou de opinião etc. Ao comunicar, age no sentido de fazer-fazer. Entretanto, mesmo que não pretenda que o destinatário aja, ao fazê-lo saber alguma coisa, realiza uma ação, pois torna o outro detentor de um certo saber.

Comunicar é também agir num sentido mais amplo. Quando um enunciador reproduz em seu discurso elementos da formação discursiva dominante, de certa forma, contribui para reforçar as estruturas de dominação. Se se vale de outras formações discursivas, ajuda a colocar em xeque as estruturas sociais. No entanto, pode-se estar em oposição às estruturas econômico-sociais de uma maneira reacionária, em que se sonha fazer voltar um mundo que não mais existe, ou de uma maneira progressista, em que se deseja criar um mundo novo. Sem pretender que o discurso possa transformar o mundo, pode-se dizer que a linguagem pode ser instrumento de libertação ou de opressão, de mudança ou de conservação.

Nas últimas páginas, expusemos as seguintes ideias:

a) as formações discursivas, constituídas por um conjunto de temas e de figuras, materializam as formações ideológicas;

b) essas formações discursivas são fenômenos de superestrutura, embora a linguagem em geral e a língua em particular sejam apenas o instrumento de materialização das representações ideológicas;

c) o uso de um determinado discurso é, de certa forma, uma ação no mundo.

Parece-nos que essas três ideias estão subjacentes à primeira página de *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*, de Marx:

> Assim, Lutero adotou a máscara do apóstolo Paulo, a Revolução de 1789-1814 vestiu-se alternadamente como a República Romana e o Império Romano, e a Revolução de 1848 não soube fazer nada melhor do que parodia ora 1789, ora a tradição revolucionária de 1793-1795. (...) Camille Desmoulins, Danton, Robespierre, Saint-Just Napoleão, os heróis, os partidos e as massas da velha Revolução Francesa desempenharam a tarefa de sua época, a tarefa de libertar e instaurar a moderna sociedade *burguesa*, em trajes romanos e com frases romanas. (...) E nas tradições classicamente austeras da República Romana, seus gladiadores encontraram os ideais e as formas de arte, as ilusões de que necessitavam para esconder de si mesmos as limitações burguesas do conteúdo de suas lutas e manterem seu entusiasmo no alto nível da grande tragédia histórica. Do mesmo modo, em outro estágio do desenvolvimento, um século antes, Cromwell e o povo inglês haviam tomado emprestado a linguagem, as paixões e as ilusões do Velho Testamento para sua revolução burguesa. Uma vez alcançado o objetivo real, uma vez realizada a transformação burguesa, Lock suplantou Habacuc.

21 Conclusão

A linguagem é, ao mesmo tempo, autônoma em relação às formações sociais e determinada por fatores ideológicos. Por isso, o linguista deve distinguir níveis e dimensões em que existe relativa autonomia e níveis e dimensões que sofrem coerções ideológicas. Em nosso ponto de vista, a determinação ideológica revela-se, em toda sua plenitude, no componente semântico do discurso. As formações ideológicas presentes numa dada formação social determinam formações discursivas. Estas materializam aquelas. Estabelecem um conjunto de temas e de figuras com que o "indivíduo" fala do mundo exterior e interior.

As coerções ideológicas constituem, assim, um elemento pré-semântico que determina o componente semântico. O linguista que vê a linguagem como um fenômeno totalmente autônomo em relação às formações sociais apega-se a um formalismo que não percebe a razão última dos significados discursivos. O estudioso da linguagem que só se preocupa em tomar os significados e relacioná-los com este ou aquele aspecto da realidade social, sem considerar a relativa autonomia da linguagem, aferra-se a um ideologismo, que desconhece as especificidades do fenômeno a ser analisado. Os estudos linguísticos devem fugir de duas ilusões: a total autonomia da linguagem e sua redução à ideologia.

A análise do discurso vai, à medida que estuda os elementos discursivos, montando por inferência a visão de mundo dos sujeitos inscritos no discurso. Depois, mostra que é que determinou aquela visão nele revelada.

Tito Lívio, na sua *História romana* (*II*, 32, 3-12), conta que, numa revolta da plebe, no século I a. C., Menênio Agripa procurava pacificar os revoltosos, mostrando que a sociedade precisa ser solidária como os órgãos do corpo humano, pois o estômago precisa das mãos, da boca e dos dentes, assim como estes necessitam daquele. Dizia o tribuno da plebe que, um dia, as mãos e a boca se rebelaram e resolveram não mais alimentar o estômago e, assim, todo o corpo ficou doente. Concluía afirmando que os órgãos devem ser solidários, cada um deles deve executar a função que a natureza lhe reservou, senão todo o corpo ficará arruinado. Diante desse texto, a análise não pode simplesmente anotar a metáfora retirada da fisiologia para explicar a ordem social, mas deve revelar que essa metáfora traduz uma concepção funcionalista da sociedade que, ao naturalizar a ordem social, serve à dominação da plebe pelo patriciado.

A concepção do discurso como fenômeno, ao mesmo tempo autônomo e determinado, obriga a análise a voltar-se para dentro e para fora, para o texto e para o contexto, para os mecanismos internos de agenciamento de sentido e para a formação discursiva que governa o texto. A análise, embora não negue a relativa autonomia do discurso, não o vê como uma autarcia, pois a chave para sua inteligibilidade última não está nele mesmo, mas na formação ideológica que o governa. As determinações últimas do texto estão nas relações de produção.

O itinerário pelo discurso não se esgota no interior do próprio discurso, mas se projeta na história. É preciso levar em conta o intertexto para ler o texto.

A análise do discurso deve desfazer a ilusão idealista de que o homem é senhor absoluto de seu discurso. Ele é antes servo da palavra, uma vez que temas, figuras, valores, juízos etc. provêm das visões de mundo existentes na formação social.

Talvez não sejam apenas as coerções ideológicas que determinam o discurso. Afinal, a linguagem é um fenômeno extremamente complexo e multifacetado. É possível pensar que outras coerções pré-semânticas incidem sobre os elementos da semântica discursiva: coerções pulsionais, arquétipos míticos etc. É evidente que todas essas determinações recaem sobre os sujeitos inscritos no discurso. Não podemos, por exemplo, quando falamos em coerções pulsionais, voltar a certas análises psicológicas ingênuas facilmente contestáveis. Tudo isso, porém, é matéria de outros trabalhos.

A reflexão sobre a linguagem desafia os homens há milênios, porque dela se pode dizer o que dizia Riobaldo, no *Grande sertão: veredas*:

> Todos estão loucos, neste mundo? Porque a cabeça da gente é uma só, e as coisas que há e que estão para haver são demais de muitas, muito maiores diferentes, e a gente tem de necessitar de aumentar a cabeça para o total.

22 Vocabulário crítico

Aliteração: é a recorrência do mesmo fonema consonântico ou de fonemas consonânticos que possuem o mesmo traço fônico (por exemplo, a oclusividade).

“No ar cerúleo da tarde, (...) *f*luíam *f*umos diá*f*anos *f*undindo-se no espaço nevoado.” (Coelho Neto)

Assonância: é a recorrência do mesmo fonema vocálico. “B*a*tem p*a*us*a*d*a*mente *a*s p*a*t*a*s comp*a*ss*a*das.” (Olavo Bilac)

Conteúdo: é o plano do significado veiculado por um plano de expressão. O conceito “vegetal de grande porte com caule lenhoso” é o conteúdo manifestado pelo plano de expressão “árvore”.

Discurso: é um dos patamares da constituição do significado, em que um enunciador reveste formas mais abstratas com conteúdos mais concretos. Por exemplo, nas fotonovelas há sempre a mesma estrutura abstrata: X ama Y, Z é obstáculo ao amor de X e Y, X e Y vencem o obstáculo etc. O nível discursivo é que reveste, de maneira diferente, essa estrutura: X é uma doméstica que trabalha na casa de Y, filho de um rico industrial; a posição social de ambos é o obstáculo ao seu amor etc. O discurso varia, enquanto a estrutura profunda permanece inalterada nas fotonovelas. O discurso é a atualização de uma competência discursiva do falante, isto é, de uma capacidade de estruturar discursos. A nosso ver, é no discurso que se manifestam, com toda a plenitude, as coerções ideológicas que incidem sobre a linguagem.

Enunciação: é o ato por meio do qual o falante produz enunciados.

Enunciado: é toda combinatória de elementos linguísticos, provida de sentido.

Enunciador: é o destinador da enunciação (o falante). Pode ele estar implícito no enunciado (“À noite, todos os gatos são pardos”) ou inscrito em seu interior (*Eu* acho que todos os gatos, à noite, são pardos).

Enunciatário: é o destinatário da enunciação (o ouvinte). Também ele pode ou não estar inscrito no enunciado.

Expressão: é o veículo do significado, seu suporte, o elemento “sensível” que o manifesta. Assim, por exemplo, a imagem acústica “descer” veicula o significado “movimento com deslocamento para baixo”.

Fala: é a atividade psico-físico-fisiológica individual de atualização do discurso.

Figura: é um elemento do plano discursivo que remete a um dado elemento do mundo natural, criando, assim, no discurso, uma ilusão referencial, ou seja, uma simulação do mundo natural (exemplos: lobo, cordeiro, regato).

Fonema: é um som da fala que tem uma função distintiva, ou seja, em oposição a outro som colocado em idêntico ponto da cadeia da fala serve para distinguir significados. Os sons /m/ e /s/ são dois fonemas porque eles opõem significados como “manha” e “sanha”. O nível fonológico é o nível em que se dá a combinação dos fonemas para formar unidades significativas.

Formação discursiva: é um conjunto de temas e figuras que materializam uma dada formação ideológica presente numa determinada formação social.

Formação ideológica: é uma visão de mundo, um conjunto de representações que explicam as condições de existência. Como as visões de mundo estão vinculadas às classes sociais, há, em princípio, numa formação social, tantas visões de mundo quantas forem as classes aí existentes. No entanto, a visão de mundo dominante é a da classe dominante.

Imanência: é, em oposição ao plano de manifestação, o plano de conteúdo de um discurso.

Infraestrutura: é a estrutura econômica da sociedade. Compreende as forças produtivas e as relações sociais de produção, isto é, as relações que se estabelecem entre os proprietários dos meios de produção e os produtores diretos.

Intertexto: é o conjunto de discursos a que um discurso remete e no interior do qual ele ganha seu significado pleno.

Lexema: é o elemento linguístico provido de um significado externo, ou seja, dado pelo dicionário e não pela gramática. Assim, *mesa* é um lexema. O lexema não se confunde, porém, com a palavra, pois, num vocábulo verbal como "mergulhássemos", temos quatro elementos linguísticos dotados de significado: *mos* indica a primeira pessoa do plural; *sse*, o pretérito imperfeito do subjuntivo; *a*, a primeira conjugação; *mergulh*, o movimento que se faz na água com deslocamento para baixo. Só o último elemento é um lexema, pois o significado dos outros três é dado pela gramática. O lexema fala do mundo extralinguístico, isto é, das coisas, dos acontecimentos, das sensações, das volições etc.

Léxico: é o conjunto dos lexemas de uma língua, ou seja, seu dicionário.

Manifestação: é a união de um plano de conteúdo com um plano de expressão. O plano de expressão pode ser de natureza variada: verbal ou não verbal (pictórico, gestual etc.). A manifestação é a veiculação de um discurso por meio de um plano de expressão.

Morfologia: embora se negue um estatuto teórico à morfologia, pode-se dizer que, para uma língua como o português, ela é o nível em que as unidades linguísticas mínimas dotadas de significado (*gramemas*, que são unidades linguísticas providas de significação gramatical, como gênero, número, tempo etc., ou *lexemas* (ver acima)) se combinam para formar palavras.

Norma: é um conjunto de realizações linguísticas constantes e repetidas, de caráter sociocultural. Em São Paulo, por exemplo, a preposição *em* coloca-se entre o verbo *ser* e um numeral cardinal. Diz-se "somos em cinco" e não "somos cinco", como se diz no norte do país. O uso dessa preposição é um italianismo que passou a fazer parte da norma popular de São Paulo. A norma é, então, aquilo que na fala corresponde a um uso geral numa dada região, num determinado segmento da população.

Percurso figurativo: é um encadeamento de figuras que manifesta um dado tema. Se num discurso fôssemos manifestar o tema do "bucolismo", poderíamos usar, por exemplo, as figuras "carneiros", "regato de límpidas águas", "relva verde" etc. Esse conjunto encadeado de figuras correlato a um certo tema é o percurso figurativo.

Percurso temático: é um encadeamento de temas que podem ser resumidos num tema mais geral. No discurso político oficial pós-64, toda a história do movimento militar de 1964 é um encadeamento de temas (reordenar, reorganizar, repor nos trilhos, afastar a ameaça comunista) que podem ser resumidos no tema mais geral "salvação da pátria".

Regras combinatórias: são princípios que comandam a combinatória dos elementos linguísticos entre si para formar unidades cada vez mais complexas. No nível morfológico, por exemplo, o morfema adverbial de modo “mente” só se combina com formas adjetivas femininas (Cf. *redondamente*).

Semântica: é o investimento de conteúdo que preenche o conjunto de relações sintáticas abstratas. Por exemplo, a uma estrutura sintática tal que artigo + nome + verbo + artigo + nome podem corresponder investimentos semânticos como a menina rega a planta, o jardineiro colhe a rosa.

Sintaxe: é o conjunto de princípios que presidem à combinatória dos elementos linguísticos com vistas à construção da frase ou à combinação das frases com a finalidade de produzir o discurso. A sintaxe é de natureza conceptual, ou seja, produz também significados.

Sistema: é o conjunto de elementos linguísticos que possui um arranjo interno subordinado a uma série de princípios, ou seja, uma estrutura. Esta determina a organização dos elementos do sistema e suas combinações possíveis.

Superestrutura: é o conjunto de instituições jurídico-políticas (Estado, direito etc.) e as “formas de consciência social” que correspondem a uma dada infraestrutura. É preciso lembrar, no entanto, que essa correspondência não é mecânica, mas a superestrutura tem uma relativa autonomia em relação à infraestrutura.

Tema: é um elemento da semântica discursiva que não corresponde a nenhum elemento do mundo natural, mas antes a categorias que o ordenam. Por exemplo, solidariedade, honra, vulgaridade, exploração.

Texto: é a manifestação de um discurso por meio de um plano de expressão.

23 Bibliografia comentada

Embora a bibliografia disponível em língua estrangeira seja um pouco mais vasta, vamo-nos limitar a indicar alguns títulos em português.

BAKHTIN, Mikhail (Voloshinov). *Marxismo e filosofia da linguagem.* São Paulo, Hucitec, 1979.

O autor busca desenvolver uma filosofia da linguagem de base marxista. Criticando ao mesmo tempo as duas orientações do pensamento linguístico contemporâneo, o subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato, Bakhtin mostra o caráter ideológico do signo, que reflete e refrata a realidade.

Para o autor, o signo tem um caráter dialético, pois nele se confrontam significados de valor contraditório. Ele é uma "arena onde se desenvolve a luta de classes". Desenvolve Bakhtin a tese de que a consciência é social e não individual, uma vez que é constituída pelo discurso. Na última parte do livro, estudando o problema do discurso direto, indireto e indireto livre, esboça os princípios para uma história das formas de enunciação.

CASSIRER, Ernst. *Antropologia filosófica: ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana.* 2. ed. São Paulo, Mestre Jou, 1977.

O autor, ao pretender elaborar uma filosofia da cultura, discute, do ponto de vista do idealismo filosófico, num dos capítulos, o papel ativo da linguagem na constituição de uma imagem do mundo.

FIORIN, José Luiz. *O regime de 64*: *discurso e ideologia.* São Paulo, Atual, 1987.

É um estudo do discurso político do regime implantado no país após o golpe de 1964, em que se mostra a vinculação dos seus temas e de suas figuras à formação ideológica de um certo segmento da classe média, atrelado ao projeto político da burguesia.

GNERRE, Maurizio. Linguagem e poder. In: *Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para o 2.° grau: variação linguística e norma pedagógica.* São Paulo, SE/ CENP/Unicamp 1978.

O texto analisa o papel da linguagem como instrumento de poder, mostrando que uma variedade linguística "vale" o que "valem" na sociedade seus usuários. A partir daí, o autor analisa o processo histórico de legitimação de uma norma.

GREIMAS, A. J. & COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica.* São Paulo, Cultrix, 1983.

Embora os autores não tratem do problema abordado neste ensaio, apresentam uma teoria do engendramento do sentido. Segundo eles, o discurso constitui-se por meio de um percurso gerativo que vai do mais abstrato e geral ao mais concreto e particular. Cada um dos patamares do percurso contém um componente sintático e um semântico. Trata-se de um livro de difícil leitura, pois é construído sob a forma de um dicionário.

LEFEBVRE, Henri. *A linguagem e a sociedade.* Lisboa, Ulisseia, s.d.

Discute o problema da linguagem de um ponto de vista materialista, mostrando sua complexidade e seus paradoxos.

MARCELLESI, J. B. & GARDIN, B. *Introdução à sociolinguística.* Lisboa, Aster, 1975.

Trata-se de um manual que resenha a obra dos principais autores da sociolinguística de inspiração marxista ou não. O interessante, neste livro, é que o autor expõe as concepções dos principais clássicos do marxismo sobre a linguagem. A exposição é sucinta e, muitas vezes, incompleta, mas permite que se tenha uma certa visão do que pensavam autores como Marx, Lenin e Engels a respeito da linguagem.

ROBIN, Régine. *História e linguística.* São Paulo, Cultrix, 1977.

Percorrendo o trabalho de alguns historiadores e uma série de métodos de abordagem de texto, a autora discute os problemas da relação História/Linguística, mostrando o descompasso conceitual entre essas duas disciplinas e os pontos de encontro possíveis.

SCHAFF, Adam. *Linguagem e conhecimento.* Coimbra, Almedina, 1974.

O autor discute, de um ponto de vista marxista, as relações entre linguagem e pensamento, linguagem e consciência, linguagem e realidade. Mostra que a linguagem é determinada pela prática social e, depois de constituída, exerce um papel ativo na determinação da visão de mundo de cada homem pertencente a uma dada comunidade. No entanto, embora o livro tenha reflexões extremamente interessantes, não hierarquiza os elementos que exercem determinação sobre a linguagem, não estabelecendo, por conseguinte, as sucessivas mediações entre a prática social e a língua. Dessa forma, não se estabelece o que determina a linguagem em última instância. Além disso, conquanto fale sempre em linguagem, o filósofo polonês entende a linguagem como língua. Isso tem importantes consequências, pois afasta da reflexão o discurso, o que leva à impossibilidade de explicar determinadas categorias linguísticas. Por outro lado, considerar a linguagem como língua implica não perceber as relações entre linguagem e classes sociais, pois a língua é um sistema comum a todos os falantes e as covariações sociais não estão no âmbito sistêmico. É por isso que o filósofo não trata das relações entre linguagem e ideologia.

SEIXAS, Cid. *O espelho de Narciso: linguagem, cultura e ideologia no idealismo e no marxismo.* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1981.

O livro analisa como diferentes autores idealistas e marxistas concebem a linguagem, a cultura e a ideologia.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *Pensamento e linguagem.* Lisboa, Antídoto, 1979.

O autor analisa as relações entre linguagem e pensamento. Mostra que o desenvolvimento do pensamento, entendido como "orientação no mundo", é anterior ao desenvolvimento da linguagem, tanto na filogênese quanto na ontogênese. O pensamento e a linguagem desenvolvem-se segundo trajetórias distintas, mas em certo ponto do desenvolvimento filogenético e ontogenético as duas linhas se encontram e o pensamento torna-se verbal e a linguagem, racional. Com isso, o autor filia-se à tese marxista clássica do monismo da linguagem e do pensamento.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Proposição 2
  Proposição: 2
  Princípios das Proposições: 2
  Sentenças Abertas: 2
  Negação de Proposição (~p) ou (¬p): 3
  Tipos de Proposição: 3

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Proposição

Proposição:

Toda declaração (com sujeito "definido", verbo e sentido completo), que pode ser CLASSIFICADA em ou V (verdadeiro) ou F (falso).

Ex.: A: O Brasil ganhou a copa do mundo de futebol. (proposição)

p: O Alfacon realiza sonhos. (proposição)

Z: Eusébio trabalha como policial. (proposição)

Obs. 1: letras do alfabeto, maiúsculas ou minúscula servem para representar as proposições.

Obs. 2: não são proposições:

→ Nunca:

- Perguntas (sentenças interrogativas);

Ex.: Para onde você vai?

- Exclamações (sentenças exclamativas);

Ex.: Meus parabéns!

- Ordens (sentenças imperativas).

Ex.: Estude mais, sempre.

→ Podem Virar Proposições:

- Sentenças abertas (aquelas com variáveis – sujeito indefinido).

Ex.: $x + y = 18$ (sentença aberta - não é proposição)

Princípios das Proposições:

I) não contradição: uma proposição não pode ser verdadeira e falsa ao mesmo tempo.

Ex.: "a frase dentro dessas aspas é uma mentira".

II) identidade: uma proposição verdadeira sempre será verdadeira, assim como uma proposição falsa sempre será falsa.

Ex.: p: 2 é par (verdadeira sempre)

q: 3 não é impar (falsa sempre)

III) terceiro excluído: uma proposição só admite os valores ou verdadeiro ou falso, não existindo quaisquer outros valores para as proposições.

Sentenças Abertas:

São aquelas cujo sujeito não esta definido, não são proposições, porém elas podem tornar-se, por meio dos quantificadores lógicos.

- Quantificadores Lógicos: transformam uma sentença aberta em proposição, são eles:

$\forall$ = para todo; qualquer que seja; TODO;

$\exists$ = existe; existe pelo menos um; ALGUM;

$\nexists$ = não existe; NENHUM.

Ex.: $x + 2 = 9$ (sentença aberta)

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

A: $\exists$ x, x + 2 = 9 (lê-se: existe x tal que x mais 2 é igual a 9)

(Observe que com o quantificador $\exists$ conseguimos classificar a sentença, o que faz dela uma proposição – verdadeira).

B: $\forall$ x, x + 2 = 9 (lê-se: para todo x, x mais 2 é igual a 9) (Observe que com o quantificador $\forall$ conseguimos classificar a sentença, o que faz dela uma proposição – falsa).

Negação de Proposição (~p) ou (¬p):

Significa mudança do valor lógico de uma proposição, ou seja, transforma uma proposição verdadeira em falsa, ou uma falsa em verdadeira. Também conhecido como modificador lógico.

Ex.: a: Luiza é bonita.

~a: Luiza não é bonita.

~a: Luiza é feia.

Obs.: Dupla Negação: faz com que a proposição não se altere.

~(~p) = p

Ex.: p: Maria é baixa.

~p: Maria não é baixa.

~(~p): Maria não é alta. (com isso volta-se a proposição inicial: “p: Maria é baixa”).

Tipos de Proposição:

As proposições são apenas de dois tipos: SIMPLES ou COMPOSTAS. As principais diferenças entre os tipos de proposição são:

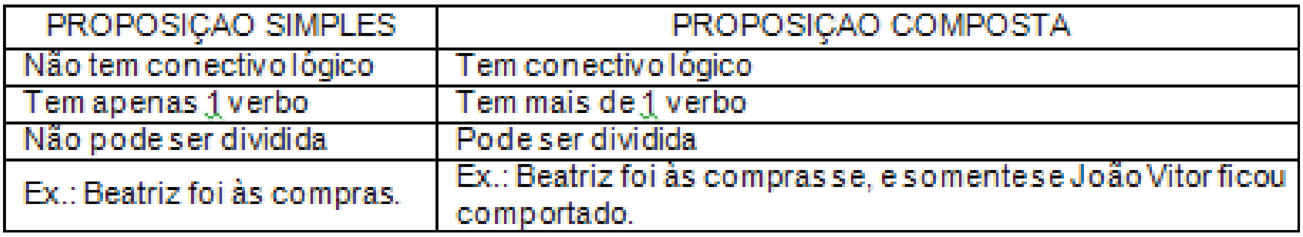

PROPOSIÇAO SIMPLES	PROPOSIÇAO COMPOSTA
Não tem conectivo lógico	Tem conectivo lógico
Tem apenas 1 verbo	Tem mais de 1 verbo
Não pode ser dividida	Pode ser dividida
Ex.: Beatriz foi às compras.	Ex.: Beatriz foi às compras se, e somente se João Vitor ficou comportado.

- Conectivo Lógico: servem para unir as proposições

  simples e formar as proposições compostas. São eles:
- e: conjunção ($\wedge$) sinônimos: mas; porém; nem = e não;

  vírgula(90% dos casos).
- ou: disjunção (v)
- ou, ou: disjunção exclusiva ($\underline{v}$)
- se, então: condicional ou implicação ($\rightarrow$) sinônimos:

  como; quando; pois = condicional invertido (A pois B =

  B ($\rightarrow$) A); por que = pois; portanto; logo.
- se, somente se: bicondicional ou equivalência ($\leftrightarrow$) sinônimos: assim como; da mesma forma

Obs.: o valor lógico de uma proposição composta depende do valor das proposições simples que a compõem, assim como do conectivo utilizado.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

EXERCÍCIOS

01. Segundo a lógica aristotélica, as proposições têm como uma de suas propriedades básicas poderem ser verdadeiras ou falsas, isto é, terem um valor de verdade. Assimsendo, a oração "A Terra é um planeta do sistema solar", por exemplo, é uma proposição verdadeira e a oração "O Sol gira em torno da Terra", por sua vez, é uma proposição comprovadamente falsa. Mas nem todas as orações são proposições, pois algumas orações não podem ser consideradas nem verdadeiras e nem falsas, como é o caso da oração:

a) O trigo é um cereal cultivável de cuja farinha se produz pão.

b) Metais são elementos que não transmitem eletricidade.

c) Rogai aos céus para que a humanidade seja mais compassiva

d) O continente euroasiático é o maior continente do planeta.

e) Ursos polares são répteis ovíparos que vivem nos trópicos..

Julgue o item subsequente, relacionados à lógica proposicional.

02. A sentença "Quem é o maior defensor de um Estado não intervencionista, que permite que as leis de mercado sejam as únicas leis reguladoras da economia na sociedade: o presidente do Banco Central ou o ministro da Fazenda?" é uma proposição composta que pode ser corretamente representada na forma (PvQ)∧R, em que P, Q e R são proposições simples convenientemente escolhidas.

Certo ( ) Errado ( )

Com relação às proposições lógicas, julgue o próximo item.

03. A proposição "A escola não prepara com eficácia o jovem para a vida, pois o ensino profissionalizante não faz parte do currículo da grande maioria dos centros de ensino" estaria corretamente representada por P → Q, em que P e Q fossem proposições lógicas convenientemente escolhidas.

Certo ( ) Errado ( )

04. A implicação é um tipo de relação condicional que pode ocorrer entre duas proposições e desempenha um i portante papel nas inferências em geral. Esta relação é adequadamente descrita por meio da expressão:

a) "Isto ou aquilo".

b) "Isto e aquilo".

c) "Não isto ou não aquilo".

d) "Se isto então aquilo".

e) "Nem isto e nem aquilo".

05. Considere a seguinte sentença: A beleza e o vigor são companheiras da mocidade, e a nobreza e a sabedoria são irmãs dos dias de maturidade. Se P, Q e R são proposições simples e convenientemente escolhidas, essa sentença pode ser representada, simbolicamente, por

a) (PvQ) → R

b) P → (RvQ)

c) P v Q

d) P ∧ R

e) P → R

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

GABARITO

01 - C

02 - ERRADO

03 - CERTO

04 - D

05 - D

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Numeral 2
  Classificação dos Numerais 2
  Flexão dos numerais 2
Interjeição 3

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Numeral

Numeral é a palavra que indica os seres em termos numéricos, isto é, que atribui quantidade aos seres ou os situa em determinada sequência.

» **Exemplos**:

- Os quatro últimos ingressos foram vendidos há pouco.
- Eu quero café duplo, e você?
- A primeira pessoa da fila pode entrar, por favor!

Além dos numerais mais conhecidos, já que refletem a ideia expressa pelos números, existem mais algumas palavras consideradas numerais porque denotam quantidade, proporção ou ordenação.

» **São alguns exemplos**: década, dúzia, par, ambos(as), novena.

Classificação dos Numerais

> **Cardinais**: indicam contagem, medida. É o número básico. Por exemplo: um, dois, cem mil, etc.

> **Ordinais**: indicam a ordem ou lugar do ser numa série dada. Por exemplo: primeiro, segundo, centésimo, etc.

> **Fracionários**: indicam parte de um inteiro, ou seja, a divisão dos seres. Por exemplo: meio, terço, dois quintos, etc.

> **Multiplicativos**: expressam ideia de multiplicação dos seres, indicando quantas vezes a quantidade foi aumentada. Por exemplo: dobro, triplo, quíntuplo, etc.

Leitura dos Numerais

Separando os números em centenas, de trás para frente, obtêm-se conjuntos numéricos, em forma de centenas e, no início, também de dezenas ou unidades. Entre esses conjuntos usa-se vírgula; as unidades ligam-se pela conjunção e.

» **Por exemplo**:

- 1.203.726 = um milhão, duzentos e três mil, setecentos e vinte e seis.
- 45.520 = quarenta e cinco mil, quinhentos e vinte.

Flexão dos numerais

Os numerais cardinais que variam em gênero são um/uma, dois/duas e os que indicam centenas de duzentos/duzentas em diante: trezentos/trezentas; quatrocentos/quatrocentas, etc.

Cardinais como milhão, bilhão, trilhão, etc. variam em número: milhões, bilhões, trilhões, etc. Os demais cardinais são invariáveis.

→ Os numerais ordinais variam em gênero e número:

primeiro	segundo	milésimo
primeira	segunda	milésima
primeiros	segundos	milésimos
primeiras	segundas	milésimas

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

→ Os numerais multiplicativos são invariáveis quando atuam em funções substantivas:

» **Por exemplo:**

- Fizeram o dobro do esforço e conseguiram o triplo de produção.
- Quando atuam em funções adjetivas, esses numerais flexionam-se em gênero e número:

» **Por exemplo:**

- Teve de tomar doses triplas do medicamento.

» Os numerais fracionários flexionam-se em gênero e número.

- um terço/dois terços
- uma terça parte
- duas terças partes

» Os numerais coletivos flexionam-se em número.

- uma dúzia
- um milheiro
- duas dúzias
- dois milheiros

Interjeição

Interjeição é a palavra invariável que exprime emoções, sensações, estados de espírito, ou que procura agir sobre o interlocutor, levando-o a adotar certo comportamento sem que, para isso, seja necessário fazer uso de estruturas linguísticas mais elaboradas.

Classificação das Interjeições

Advertência: Cuidado!, Devagar!, Calma!, Sentido!, Atenção!, Olha!, Alerta!

Afugentamento: Fora!, Passa!, Rua!, Xô!

Alegria ou Satisfação: Oh!, Ah!,Eh!, Oba!, Viva!

Alívio: Arre!, Uf!, Ufa! Ah!

Animação ou Estímulo: Vamos!, Força!, Coragem!, Eia!, Ânimo!, Adiante!, Firme!, Toca!

Aplauso ou Aprovação: Bravo!, Bis!, Apoiado!, Viva!, Boa!

Concordância: Claro!, Sim!, Pois não!, Tá!, Hã-hã!

Repulsa ou Desaprovação: Credo!, Irra!, Ih!, Livra!, Safa!, Fora!, Abaixo!, Francamente!, Xi!, Chega!, Basta!, Ora!

Desejo ou Intenção: Oh!, Pudera!, Tomara!, Oxalá!

Desculpa: Perdão!

Dor ou Tristeza: Ai!, Ui!, Ai de mim!, Que pena!, Ah!, Oh!, Eh!

Dúvida ou Incredulidade: Qual!, Qual o quê!, Hum!, Epa!, Ora!

Espanto ou Admiração: Oh!, Ah!, Uai!, Puxa!, Céus!, Quê!, Caramba!, Opa!, Virgem!, Vixe!, Nossa!, Hem?!, Hein?, Cruz!, Putz!

Impaciência ou Contrariedade: Hum!, Hem!, Irra!, Raios!, Diabo!, Puxa!, Pô!, Ora!

Pedido de Auxílio: Socorro!, Aqui!, Piedade!

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Saudação, Chamamento ou Invocação: Salve!, Viva!, Adeus!, Olá!, Alô!, Ei!, Tchau!, Ô, Ó, Psiu!, Socorro!, Valha-me, Deus!

Silêncio: Psiu!, Bico!, Silêncio!

Terror ou Medo: Credo!, Cruzes!, Uh!, Ui!, Oh!

EXERCÍCIOS

01. Se o numeral ordinal "73.ª"fosse escrito por extenso, a forma correta seria: seteptuagésima terceira.

Certo ( ) Errado ( )

Somente dois atletas do Brasil conseguiram executar o salto triplo.

02. Os numerais em destaque na frase acima são classificados como, respectivamente:

a) Cardinal e multiplicativo
b) Ordinal e fracionário
c) Ordinal e multiplicativo
d) Cardinal e fracionário
e) Cardinal e ordinal

Certo ( ) Errado ( )

A canção composta por Cazuza diz: "Ideologia, eu quero uma pra viver!"

03. A frase é encabeçada pelo substantivo "ideologia", mas devemos observar que o verbo "querer" está acompanhado de seu complemento direto. Se considerarmos que "uma" é um numeral cardinal e não um pronome indefinido, estaremos levando em conta um contexto segundo o qual o enunciador quer "uma ideologia" e não.

a) outra ideologia
b) uma filosofia.
c) algumas ideologias.
d) a morte.
e) duas ou três

04. Há um conjunto de elementos que expressam quantidade. A alternativa em que o termo sublinhado NÃO tem esse valor é:

a) "Há em nosso povo duas constantes que nos induzem a sustentar que o Brasil é o único país brasileiro de todo o mundo";
b) "Adiamos tudo: o bem e o mal, o bom e o mau, que não se confundem, mas tantas vezes se desemparelham";
c) "Só a morte e a promissória são mais ou menos pontuais entre nós";
d) "encontrei no fim do volume algumas informações essenciais sobre nós e sobre a nossa terra";
e) "Entre poucos endereços de embaixadas e consulados, estatísticas, indicações culinárias, o autor intercalou o seguinte tópico".

Imagine que um poder absoluto ou um texto sagrado declarem que quem roubar ou assaltar será enforcado (ou terá a mão cortada). Nesse caso, puxar a corda, afiar a faca ou 4 assistir à execução seria simples, pois a responsabilidade moral do veredicto não estaria conosco. Nas sociedades tradicionais, em que a punição é decidida por uma autoridade superior a 7 todos, as execuções podem ser públicas: a coletividade festeja o soberano que se encarregou da justiça — que alívio!

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

05. De acordo com o texto, nas sociedades tradicionais, os cidadãos sentem-se aliviados sempre que um soberano decide infligir a pena de morte a um infrator porque se livram das ameaças de quem desrespeita a moral que rege o convívio social, como evidencia o emprego da interjeição "que alívio!".

Certo ( ) Errado ( )

Rio de Janeiro, 15 de dezembro de 1904.

Meu caro Paz,

Obrigado pelas tuas palavras e pelo teu abraço. Ainda que de longe, senti-lhes o afeto antigo, tão necessário nesta minha desgraça. Não sei se resistirei muito. Fomos casados durante 35 anos, uma existência inteira; por isso, se a solidão me abate, não é a solidão em si mesma, é a falta da minha velha e querida mulher. Obrigado. Até breve, segundo me anuncias, e oxalá concluas a viagem sem as contrariedades a que aludes. Abraça-te o velho amigo

Machado de Assis.

Machado de Assis. Obra completa. vol. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 1.072 (com adaptações).

06. Em "oxalá concluas a viagem", o vocábulo "oxalá" pode ser substituído por tomara que, mantendo-se, assim, o sentido do trecho em que se insere.

Certo ( ) Errado ( )

GABARITO

01 - ERRADO

02 - A

03 - E

04 - C

05 - ERRADO

06 - CERTO

PORTUGUÊS

Problemas da língua culta

Ao encontro de / De encontro a

Prof.ª Isabel Vega

Ao encontro de / De encontro a

I) Ao encontro de → apresenta o sentido de "em procura de", "no esforço por"; ou "em favor de", "em atendimento a".

Ex.1: Trabalharam muito **ao encontro do** bom resultado final.
(na procura pelo)

Ex.2: Meu pensamento vai **ao encontro do** seu nesse assunto.
(em favor do)

II) De encontro a → apresenta sentido de "em desacordo com"; "em direção contrária"; "em trajetória de colisão com"

Ex.1: O carro foi **de encontro ao** muro.
(em trajetória de colisão ao)

Ex.2: Meu pensamento vai **de encontro ao** seu nesse assunto.
(em desacordo com o)

PORTUGUÊS

Problemas da língua culta
Acerca de / Há cerca de

Prof.ª Isabel Vega

Acerca de / Há cerca de

I) Acerca de → preposição; apresenta o sentido de "sobre", "a respeito de", "quanto a".

Ex.1: João deu uma palestra **acerca de** tributação.
Ex.2: Depois do ocorrido, não quis falar **acerca de** Maria.

II) Há cerca de → verbo haver + advérbio

Ex.1: **Há** um mês fui visitar meus tios.
Há cerca de um mês fui visitar meus tios.

Ex.2: Ele saiu **há** duas horas.
Ele saiu **há cerca de** duas horas.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Pronome 2
  A Segunda Pessoa Indireta 2
  Pronomes Possessivos 3
  Pronomes Demonstrativos..3
  Pronomes Indefinidos...4
  Pronomes Interrogativos 4

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Pronome

Pronome: palavra que substitui, retoma ou acompanha um nome. São variáveis e possuem significado contextual.

» **Exemplos:**

A moça era mesmo bonita. **Ela** morava nos meus sonhos!

A moça **que** morava nos meus sonhos era mesmo bonita!

Essa moça morava nos meus sonhos!

Minha carteira estava vazia quando **eu** fui assaltada.

Tua carteira estava vazia quando **tu** foste assaltada?

A carteira **dela** estava vazia quando **ela** foi assaltada.

A Segunda Pessoa Indireta

Pronomes de Tratamento

Vossa Alteza	V. A.	príncipes, duques
Vossa Eminência	V. Ema. (s)	cardeais
Vossa Reverendíssima	V. Revma. (s)	sacerdotes e bispos
Vossa Excelência	V. Ex.ª (s)	altas autoridades e oficiais-generais
Vossa Magnificência	V. Mag.ª (s)	reitores de universidades
Vossa Majestade	V. M.	reis e rainhas
Vossa Majestade Imperial	V. M. I.	Imperadores
Vossa Santidade	V. S.	Papa
Vossa Senhoria	V. S.ª (s)	tratamento cerimonioso
Vossa Onipotência	V. O.	Deus

Também são pronomes de tratamento **o senhor, a senhora e você, vocês.**

Vossa Excelência X Sua Excelência

Os pronomes de tratamento que possuem "Vossa (s)" são empregados em relação à pessoa **com quem** falamos. Emprega-se "Sua (s)" quando se fala a **respeito** da pessoa.

3ª Pessoa

Em relação aos pronomes de tratamento, a concordância deve ser feita com a 3ª pessoa. Assim, os verbos, os pronomes possessivos e os pronomes oblíquos empregados em relação a eles devem ficar na 3ª pessoa.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Uniformidade de Tratamento

Quando **você** vier, eu **te** abraçarei e enrolar-me-ei nos **teus** cabelos. (errado)

Quando **tu** vieres, eu **te** abraçarei e enrolar-me-ei nos **teus** cabelos. (correto)

Quando **você** vier, eu **a** abraçarei e enrolar-me-ei nos **seus** cabelos. (correto)

Pronomes Possessivos

→ São palavras que dão a ideia de posse de algo.

- Meu(s), minha(s);
- Teu(s), tua(s);
- Seu(s), sua(s);
- Nosso(s), nossa(s);
- Vosso(s), vossa(s);
- Seu(s), sua(s).

Pronomes Demonstrativos

No Espaço

Compro **este** carro (aqui) - indica que o carro está perto da pessoa que fala.

Compro **esse** carro (aí) - indica que o carro está perto da pessoa com quem falo, ou afastado da pessoa que fala.

Compro **aquele** carro (lá) - diz que o carro está afastado da pessoa que fala e daquela com quem falo.

No Tempo

Este ano está sendo bom para nós. (ano presente)

Esse ano que passou foi razoável. (um passado próximo)

Aquele ano foi terrível para todos. (um passado distante)

→ Exemplos de pronomes demonstrativos:

- **Variáveis**: este(s), esta(s), esse(s), essa(s), aquele(s), aquela(s).
- **Invariáveis**: isto, isso, aquilo.
- **o (s), a (s):** quando estiverem antecedendo o **que** e puderem ser substituídos por aquele(s), aquela(s), aquilo.
  - » Não ouvi **o** que disseste. (Não ouvi **aquilo** que disseste.)
  - » Essa rua não é **a** que te indiquei. (Esta rua não é **aquela** que te indiquei.)
- **mesmo (s), mesma (s):**
  - » Estas são as **mesmas** pessoas que o procuraram ontem.
- **próprio (s), própria (s):**
  - » Os **próprios** alunos resolveram o problema.
- **semelhante (s):**
  - » Não compre **semelhante** livro.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Pronomes Indefinidos

São palavras com sentido vago (impreciso) ou que expressam quantidade indeterminada.

- **Pronomes Indefinidos Substantivos:** algo, alguém, fulano, sicrano, beltrano, nada, ninguém, outrem, quem, tudo.
  - **Algo** o incomoda?
  - **Quem** avisa amigo é.
- **Pronomes Indefinidos Adjetivos**: cada, certo(s), certa(s).
  - **Cada** povo tem seus costumes.
  - Certas pessoas exercem várias profissões.
- **Ora são pronomes indefinidos substantivos, ora pronomes indefinidos adjetivos:** algum, alguns, alguma(s), bastante(s) (= muito, muitos), demais, mais, menos, muito(s), muita(s), nenhum, nenhuns, nenhuma(s), outro(s), outra(s), pouco(s), pouca(s), qualquer, quaisquer, qual, que, quanto(s), quanta(s), tal, tais, tanto(s), tanta(s), todo(s), toda(s), um, uns, uma(s), vários, várias.

Variáveis				**Invariáveis**
Singular		**Plural**		
Masculino	**Feminino**	**Masculino**	**Feminino**	
algum	alguma	alguns	algumas	
nenhum	nenhuma	nenhuns	nenhumas	alguém
todo	toda	todos	todas	ninguém
muito	muita	muitos	muitas	outrem
pouco	pouca	poucos	poucas	tudo
vário	vária	vários	várias	nada
tanto	tanta	tantos	tantas	algo
outro	outra	outros	outras	cada
quanto	quanta	quantos	quantas	
qualquer		quaisquer		

Pronomes Interrogativos

São pronomes interrogativos: **que, quem, qual** (e variações), **quanto** (e variações).

Quem fez o almoço?/ Diga-me **quem** fez o almoço.

Qual das bonecas preferes? / Não sei **qual** das bonecas preferes.

Quantos passageiros desembarcaram? / Pergunte **quantos** passageiros desembarcaram.

EXERCÍCIOS

Pensando Livremente sobre o Livre Arbítrio (Marcelo Gleiser)

Todo mundo quer ser livre; ou, ao menos, ter alguma liberdade de escolha na vida. Não há dúvida de que todos temos nossos compromissos, nossos vínculos familiares, sociais e profissionais. Por

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

outro lado, a maioria das pessoas imagina ter também a liberdade de escolher o que fazer, do mais simples ao mais complexo: tomo café com açúcar ou adoçante? Ponho dinheiro na poupança ou gasto tudo? Em quem vou votar na próxima eleição? Caso com a Maria ou não?

A questão do livre arbítrio, ligada na sua essência ao controle que temos sobre nossas vidas, é tradicionalmente debatida por filósofos e teólogos. Mas avanços nas neurociências estão mudando isso de forma radical, questionando a própria existência de nossa liberdade de escolha. Muitos neurocientistas consideram o livre arbítrio uma ilusão. Nos últimos anos, uma série de experimentos detectou algo surpreendente: nossos cérebros tomam decisões antes de termos consciência delas. Aparentemente, a atividade neuronal relacionada com alguma escolha (em geral, apertar um botão) ocorre antes de estarmos cientes dela. Em outras palavras, o cérebro escolhe antes de a mente se dar conta disso.

Se este for mesmo o caso, as escolhas que achamos fazer, expressões da nossa liberdade, são feitas inconscientemente, sem nosso controle explícito.

A situação é complicada por várias razões. Uma delas é que não existe uma definição universalmente aceita de livre arbítrio. Alguns filósofos definem livre arbítrio como sendo a habilidade de tomar decisões racionais na ausência de coerção. Outros consideram que o livre arbítrio não é exatamente livre, sendo condicionado por uma série de fatores, desde a genética do indivíduo até sua história pessoal, situação pessoal, afinidade política etc.

Existe uma óbvia barreira disciplinar, já que filósofos e neurocientistas tendem a pensar de forma bem diferente sobre a questão. O cerne do problema parece estar ligado com o que significa estar ciente ou ter consciência de um estado mental. Filósofos que criticam as conclusões que os neurocientistas estão tirando de seus resultados afirmam que a atividade neuronal medida por eletroencefalogramas, ressonância magnética funcional ou mesmo com o implante de eletrodos em neurônios não mede a complexidade do que é uma escolha, apenas o início do processo mental que leva a ela.

Por outro lado, é possível que algumas de nossas decisões sejam tomadas a um nível profundo de consciência que antecede o estado mental que associamos com estarmos cientes do que escolhemos. Por exemplo, se, num futuro distante, cientistas puderem mapear a atividade cerebral com tal precisão a ponto de prever o que uma pessoa decidirá antes de ela ter consciência da sua decisão, a questão do livre arbítrio terá que ser repensada pelos filósofos.

Mesmo assim, me parece que existem níveis diferentes de complexidade relacionados com decisões diferentes, e que, ao aumentar a complexidade da escolha, fica muito difícil atribuí-la a um processo totalmente inconsciente. Casar com alguém, cometer um crime e escolher uma profissão são ponderações longas, que envolvem muitas escolhas parciais no caminho que requerem um diálogo com nós mesmos. Talvez a confusão sobre o livre arbítrio seja, no fundo, uma confusão sobre o que é a consciência humana.

01. Assinale a alternativa cujo pronome NÃO foi classificado corretamente.

a) "...estão mudando isso de forma radical..." (demonstrativo)

b) "...estão tirando de seus resultados..." (possessivo)

c) "Se este for mesmo o caso..." (demonstrativo)

d) "...todos temos nossos compromissos..." (possessivo)

e) "...ocorre antes de estarmos cientes dela." (possessivo)

A Gratidão

Desta vez, trago-vos algumas histórias e fico grato pelo tempo que possa ser dispensado à sua leitura. Falam-nos de gratidão e poderão fazer-nos pensar no quanto a gratidão fará, ou não, parte das nossas vidas. Estou certo de que sabereis extrair a moral da história.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Uma brasileira, sobrevivente de um campo de extermínio nazista, contou que, por duas vezes, esteve numa fila que a encaminhava para a câmara de gás. E que, nas duas vezes, o mesmo soldado alemão a retirou da fila. Aristides de Sousa Mendes foi cônsul de Portugal na França. Quando as tropas de Hitler invadiram o país, Salazar ordenou que não se concedesse visto para quem tentasse fugir do nazismo. Contrariando o ditador,

Aristides salvou dez mil judeus de uma morte certa. Pagou bem caro pela sua atitude humanitária. Salazar destituiu-o do cargo e o fez viver na miséria até o fim da vida. Diz um provérbio judeu que "quem salva uma vida salva a humanidade". Em sinal de gratidão, há vinte árvores plantadas em sua memória no Memorial do Holocausto, em Jerusalém. E Aristides recebeu dos israelenses o título de "Justo entre as Nações", o que equivale a uma canonização católica.

Quando um empregado de um frigorífico foi inspecionar a câmara frigorífica, a porta se fechou e ele ficou preso dentro dela. Bateu na porta, gritou por socorro, mas todos haviam ido para suas casas. Já estava muito debilitado pela baixa temperatura, quando a porta se abriu e o vigia o resgatou com vida. Perguntaram ao vigia-salvador: Por que foi abrir a porta da câmara, se isso não fazia parte de sua rotina de trabalho? Ele explicou: Trabalho nesta empresa há 35 anos, vejo centenas de empregados que entram e saem, todos os dias, e esse é o único funcionário que me cumprimenta ao chegar e se despede ao sair. Hoje ele me disse "bom dia" ao chegar. E não percebi que se despedisse de mim. Imaginei que poderia lhe ter acontecido algo. Por isso o procurei e o encontrei.

Talvez a gratidão devesse ser uma rotina nas nossas vidas, algo indissociável da relação humana, mas talvez ande arredada dos nossos cotidianos, dos nossos gestos. E se começássemos cada dia dando gracias a la vida, como faria a Violeta?

(José Pacheco, Dicionário de valores)

02. A primeira frase do texto emprega a expressão "Desta vez"; a forma "esta" do pronome demonstrativo se justifica porque:

- ***a)*** Se refere a um local próximo ao enunciador;
- ***b)*** Se liga a um termo referido anteriormente;
- ***c)*** Se prende ao último termo de uma enumeração;
- ***d)*** Alude a um momento presente;
- ***e)*** Antecipa um termo do futuro do texto.

03. Encontramos um pronome indefinido em:

- ***a)*** Sabíamos o que você deveria dizer-lhe ao chegar da festa.
- ***b)*** Foram amargos aqueles minutos, desde que resolveu abandoná-las.
- ***c)*** A nós, provavelmente, enganariam, pois nossa participação foi ativa.
- ***d)*** Muitas horas depois, eles ainda permaneciam esperando o resultado.

GABARITO

01 - E

02 - D

03 - D

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

PORTUGUÊS

Interpretação de textos

Denotação e Conotação

Prof.ª Isabel Vega

Denotação e Conotação

I) Denotação → relação de sentido objetiva entre marca, ícone, sinal, símbolo etc., e o conceito que eles representam, por exemplo, a relação entre cruz e hospital, entre caveira com dois ossos cruzados e perigo ou veneno, entre a forma sonora [masã] maçã e o fruto da macieira.

Ex.: A maçã estava deliciosa.

II) Conotação → conjunto de alterações ou ampliações que uma palavra agrega ao seu sentido literal (denotativo), por associações linguísticas de diversos tipos (estilísticas, fonéticas, semânticas), ou por identificação com algum dos atributos de coisas, pessoas e seres da natureza.

Ex.: As maçãs do rosto de Maria coraram com o convite.

GRAMÁTICA
TEORIA E EXERCÍCIOS

PASCHOALIN & SPADOTO

ATIVIDADES COMPLEMENTARES

SINTAXE

Frase, oração, período 2
Sujeito e predicado 4
Estudo do predicado 8
Vozes do verbo 14
Termos integrantes da oração 15
Termos acessórios da oração 18
Período composto por coordenação 21
Orações subordinadas substantivas 23
Orações subordinadas adjetivas 25
Orações subordinadas adverbiais 27
Orações reduzidas 29
Concordância nominal 32
Concordância verbal 34
Regência nominal 37
Regência verbal 38
Colocação pronominal 41
Emprego do substantivo, do artigo, do adjetivo, do numeral e do pronome 44
Emprego do verbo 47
Emprego da formas nominais 49
Emprego do que e do se 51

FTD

1 Forme frases organizando os seguintes conjuntos de palavras:

a. alunos os saíram todos cedo Todos os alunos saíram cedo.
b. escola na lançaram novo um jornal Lançaram um novo jornal na escola.
c. criação homem do linguagem a é A linguagem é criação do homem.

2 Construa uma frase contendo as duas palavras de cada item. (resposta pessoal)

a. tesoura / desenho
b. povo / eleição
c. prefeito / avenida
d. homem / guerra

3 Frase declarativa afirmativa: *Sorriram para mim.* Transforme a mesma frase em:

— frase declarativa negativa;
Não sorriram para mim.
— frase interrogativa;
Sorriram para mim?
— frase exclamativa;
Sorriram para mim!
— frase imperativa.
Sorriam para mim.

4 Classifique as frases abaixo de acordo com a entonação.

a. Quem está aí? interrogativa
b. Que tamanho de lua! exclamativa
c. Por favor, quietos! imperativa
d. Não foi esta a palavra dita. declarativa negativa
e. Fique tranquilo. imperativa
f. Já para cama, menino! imperativa

5 Elabore frases com uma palavra. (resposta pessoal)

6 Elabore frases com duas palavras. (resposta pessoal)

7 Destaque as frases nominais.

X a. Encantadora a menina.
b. O sol surgiu radiante.
c. Ninguém viu o acidente.
X d. Que noites difíceis!
X e. Maravilhoso o lugar.

8 Transforme as frases nominais em frases verbais, acrescentando-lhes verbos.

Modelo: Belo som. / Ouvi um belo som. Sugestões de respostas:

a. Barulho infernal. Fizeram um barulho infernal.
b. Fantástico gol. Marcaram aquele fantástico gol.
c. Fogo. Gritou-se fogo.
d. Calor intenso. Faz calor intenso.

9 O parágrafo abaixo tem sete frases. Classifique-as em nominal (FN) ou verbal (FV).

Fim de férias. Um mar de jovens no pátio. Que bom rever os amigos! Rodinhas em todos os cantos. O tempo curto, as conversas longas. Muita coisa para contar. Milhões de casos para ouvir.
FN/FN/FV/FN/FN/FV/FV

10 Transforme as frases verbais em frases nominais.

a. O dia está quente. O movimento é intenso. Homens, mulheres e crianças andam pelas calçadas. Os carros, nas ruas, buzinam.

Dia quente. Movimento intenso. Homens, mulheres e crianças nas calçadas. Buzinas de carros nas ruas.

b. A população comemorava na praça: grande era a festa, o amarelo da camisa da seleção era o mesmo amarelo das bandeiras que se agitavam. A população na praça: grande festa, o amarelo da camisa da seleção, o mesmo amarelo das bandeiras agitadas.

c. A chuva caía pesada, o céu estava escuro mas era riscado por bonitos e assustadores relâmpagos. A chuva pesada, o céu escuro mas riscado por bonitos e assustadores relâmpagos.

11 Identifique os verbos e classifique cada período em simples ou composto.

a. As crianças descobrem mundos fascinantes na leitura. PS

b. O sindicalista fez um bonito discurso no Dia do Trabalho. PS

c. “Conceição, porém, nunca vira o afilhado.” (Rachel de Queirós) PS

d. “O prato ficou sublime.” (Mário de Andrade) PS

e. “Parece desligado, e observa tudo.” (Carlos Drummond de Andrade) PC

f. “Dormia-se a sono solto por todas aquelas casas.” (Trindade Coelho) PS

g. “Ninguém se lembrava que tivesse dado folhas nem flor, a árvore enorme que havia séculos servia de forca...” (Raul Brandão) PC

h. “Fui eu que vi o Cruzeiro erguer-se do mar e mais tarde chegar até o horizonte de minha varanda.” (Rubem Braga) PC

SUJEITO E PREDICADO

1 Separe o sujeito do predicado.

a. "A pêndula do bar | martelou seis horas." (Ribeiro Couto)

b. "Por minha vontade | eu | ficava ouvindo aquele menino a vida inteira." (José J. Veiga)

c. "Dona Anita | deu meia dúzia de beliscões no caçula..." (Carlos H. Cony)

d. "Genoveva | não se defendia de um erro ou de um perjúrio." (Machado de Assis)

e. "Atrás dele vinha | o rapaz de cabelos louros, encaracolados, com os olhos azuis muito abertos." (José Clemente Pozenato)

f. "Os seus hábitos estranhos | deixavam perplexos os moradores da rua." (Murilo Rubião)

g. "Vai alta no céu | a lua da Primavera." (Alberto Caeiro)

h. "A casa de palha do negro Damião, | o fogo | comeu num instante." (José Lins do Rego)

2 Separe o sujeito do predicado e informe se a oração está na ordem direta ou inversa.

Modelo: No horizonte, sumia o sol lentamente.
Sujeito: o sol
Predicado: sumia lentamente no horizonte
Ordem: inversa

a. Aquela gritaria | deixava-me tonta. (direta)

b. No lixo da feira, | crianças | garantiam o seu almoço. (inversa)

c. Surgiu ao longe | uma estrela. (inversa)

d. Moças e rapazes | procuravam divertimentos. (direta)

e. Por todas as firmas | ele | passou à procura de emprego. (inversa)

f. "Ninguém | aguarda mais o trem." (Lourenço Diaféria) (direta)

g. Foram à escola | pai, mãe e filho. (inversa)

h. Poucos | entenderam o plano. (direta)

i. Dominava o meu coração | uma saudade imensa. (inversa)

j. Inconformados, | os candidatos derrotados | deixaram o país. (inversa)

k. Chegaram | as minhas encomendas? (inversa)

l. Nós | necessitamos de sua ajuda. (direta)

3 Passe as orações do exercício anterior que estão na ordem inversa para a ordem direta. (resposta pessoal)

4 Separe o sujeito do predicado e identifique o núcleo do sujeito.

a. Um bando de andorinhas | pousou no fio elétrico.

b. As duas crianças | estavam na creche da prefeitura.

c. A madeira | é usada na fabricação de utensílios domésticos, na construção de embarcações e de casas.

d. Aqueles poucos atores | reuniram-se em protesto no sindicato.

e. A luta em defesa do ambiente | é necessária e fundamental.

f. As florestas nativas de São Paulo | sobrevivem em pequena parte do território estadual.

5 Todos os núcleos identificados nas orações do exercício anterior pertencem a uma mesma classe gramatical. Qual é ela? Substantivo.

6 Junte os dois períodos num só, transformando sujeito simples em sujeito composto.

Modelo: O *pai* foi viajar. O *filho* foi viajar.
O *pai* e o *filho* foram viajar.

a. O consumo de carne bovina aumentou. A produção de leite aumentou. O consumo de carne bovina e a produção de leite aumentaram.
b. A fome deve ser evitada. A violência deve ser evitada.
A fome e a violência devem ser evitadas.
c. Os cartazes do candidato foram censurados. As palavras do candidato foram censuradas. Os cartazes e as palavras do candidato foram censurados.
d. Os policiais localizaram os sonegadores de impostos. Os fiscais localizaram os sonegadores de impostos.
Os policiais e os fiscais localizaram os sonegadores de impostos.
e. Os jornais noticiavam o acidente da Petrobras. As rádios noticiavam o acidente da Petrobras. Os jornais e as rádios noticiavam o acidente da Petrobras.

7 Separe o sujeito do predicado, identifique o núcleo do sujeito e classifique-o em sujeito simples ou sujeito composto.

SC P
a. Os escritores e professores | fizeram uma boa conferência.
SC
b. O progresso da indústria automobilística e o desenvolvimento da indústria de pneumáticos | aumentaram o consumo da borracha.
P
SS P
c. Muitos agricultores, | por medo, não desenvolvem a agricultura.
SS P
d. Os deputados | votaram as reformas educacionais.
P SS P
e. Com maior poder aquisitivo, | muitos brasileiros | fazem viagens ao exterior.
SC P
f. Os professores e os alunos | comemoraram o aniversário do diretor.

8 Faça com que as orações abaixo tenham sujeito indeterminado.

Modelo: Os professores falaram muito sobre trabalho.
1. Falaram muito sobre trabalho.
2. Falou-se muito sobre trabalho.

Precisavam de mão-de-obra especializada.
Precisava-se de mão-de-obra especializada.

a. As firmas precisavam de mão-de-obra especializada.
b. Na festa, os convidados falaram muito bem de você, Paulo.
c. Todos necessitam de sua colaboração, amigo.

Na festa, falaram muito bem de você, Paulo.
Na festa, falou-se muito bem de você, Paulo.

Necessitam de sua colaboração, amigo.
Necessita-se de sua colaboração, amigo.

9 Identifique o sujeito das orações e classifique-o.

SC
a. Os dois sobrinhos e seus colegas de escola | foram acampar.
b. Entregaram o cheque hoje pela manhã. SI
c. Olhávamos as vitrinas. S. Impl. - nós
SS
d. As testemunhas | reproduziram o acidente no depoimento.
SC
e. A indumentária diferente e o sotaque carregado | mostravam sua origem.
f. Falou-se pouco sobre as reformas sociais. SI
SS
g. Os exportadores brasileiros | vendem anualmente milhares de toneladas de frango.
SS
h. Um grande grupo de estudantes | entrevistou o Secretário da Saúde.

i. No carnaval, colorem a calçada confetes e serpentinas. SC
j. A literatura de cordel, os repentistas e os mágicos de praças públicas SC
representam muito a nossa cultura popular.
k. Com saudades, saí à procura do amigo. S. Impl. - eu
l. Discutiu-se muito sobre o assunto. SI

10 Justifique a ausência de sujeito dos verbos destacados.

a. *Havia* um barulho ensurdecedor de britadeira.
haver — sentido de existir: verbo impessoal
b. *Deve haver* muitos candidatos para esse emprego.
haver — sentido de existir, transmite sua impessoalidade ao verbo auxiliar "dever"
c. Hoje *faz* dois dias que estou gripada.
fazer — com referência a tempo: verbo impessoal
d. *Eram* cinco de julho de 1977.
ser — com referência a tempo: verbo impessoal; concorda com o predicativo
e. *Choveu* no Norte, *geou* no Sul e nem *relampejou* aqui.
chover, gear, relampejar — fenômenos da natureza: verbos impessoais

11 Classifique o sujeito em simples, composto, indeterminado. Identifique também as orações sem sujeito.

a. Anda-se muito em São Paulo. SI
b. Abraçaram-se contentes os jogadores e técnicos vitoriosos. SC
c. Os olhos parados, bonitos e tristes fixavam o horizonte. SS
d. A cadeira de balanço e o tricô inacabado lembravam-me os tempos de infância. SC
e. "Ainda eram pequenas as casas exportadoras de cacau." (Jorge Amado) SS
f. Tocaram a campainha? SI
g. Eram mágicos o barulho da pipoca e o cheiro do café. SC
h. Trovejou toda a noite. oração sem sujeito
i. "Largaram-me numa praia deserta do rio Amazonas." (Márcio Souza) SI
j. "O fogo passou; a casa da cruz caiu." (José de Alencar) SS SS
k. De repente ela soltou um grito... SS

12 Identifique o sujeito dos verbos destacados e classifique-o. Quando o verbo for impessoal informe: verbo impessoal, sem sujeito.

a. Os ecologistas SS *decidiram fazer* campanha política. suj. impl. *Acham* que muitos deputados SS não *defendem* a natureza. A defesa da natureza SS *é* a defesa da vida. Muitos representantes políticos SS *ignoram* a devastação das matas, a contaminação tóxica dos alimentos. Alguns SS se *omitem*. E outros SS nada *fazem* pela natureza e pelo homem.
b. v. impessoal, sem sujeito *Anoiteceu*. Boleslau SS *foi* para a cama. ele - Boleslau: sujeito implícito *Tentou ler*, mas logo ele - Boleslau: sujeito implícito *dormiu*. O irmão SS, na cama ao lado, *resmungava*. O ronco de Boleslau SS *era* forte. De verdade, Boleslau SS *trovejava* e unia seu som ao da chuva e dos grilos. *Orquestravam* uma melodia desafinada.
eles - Boleslau, som da chuva e dos grilos: sujeito implícito

13 Sublinhe os verbos e identifique o sujeito, classificando-o. Se o verbo for impessoal, informe: verbo impessoal, sem sujeito.

a. v. impessoal Eram cinco anos de casamento. eles - sujeito implícito Comemoravam o aniversário com grande festa. Os dois SS, muito alegres, sujeito implícito falavam sobre o dia em que se conheceram. v. impessoal Chovia e não v. impessoal havia ônibus. Ele SS chegou e lhe ofereceu carona sob seu guarda-chuva. Ela SS ficou indecisa mas não sujeito implícito podia perder a hora do trabalho. eles - sujeito implícito Caminharam por muito tempo até que um SS perguntou o nome do outro.

SS
b. Jureia ganhou, no lugar de quatro usinas atômicas, uma estação
SC
ecológica para fins científicos e educacionais. Arquitetos, biólogos,
eles - sujeito implícito
geógrafos e políticos criaram o Grupo de Defesa da Jureia. Lutaram
contra o projeto nuclear e contra a especulação imobiliária que
v. impessoal, sem sujeito SS
havia na região. O Parque da Jureia é um dos últimos locais intactos
ele - sujeito implícito
da Mata Atlântica brasileira. Possui rochas milenares e grande
número de animais em extinção.

1 Todos os verbos das frases que seguem são intransitivos. Amplie essas frases, acrescentando palavras ou expressões que deem ideia de lugar, tempo ou modo.

Modelo: O avião desapareceu.
O avião desapareceu atrás da montanha.
ideia de lugar

Sugestões de resposta:

a. As flores desabrocharam. (antes da primavera)
b. O chefe não chegou. (tarde)
c. O patrão saiu. (de casa)
d. Minha irmã voltou. (logo)
e. Meu pai falou. (alto)
f. As águas do rio transbordaram. (ontem)
g. As crianças brincavam. (na calçada)

2 Todos os verbos das orações que seguem são transitivos diretos. Identifique-os por meio de retângulos e destaque o objeto direto.

Modelo: Todos os alunos tomaram merenda.
verbo transitivo direto — objeto direto

a. O Brasil já exportou (VTD) muito café (OD).
b. Depois de muito tempo, abracei (VTD) novamente o meu amigo (OD).
c. O professor elogiou (VTD) o trabalho do aluno (OD).
d. No inverno, o pôr-do-sol transmitia (VTD) beleza (OD).
e. O governo brasileiro importa (VTD) carne (OD).

3 Os verbos das orações que seguem são transitivos indiretos. Identifique-os por meio de retângulos e destaque o objeto indireto, fazendo um círculo nas preposições.

Modelo: Assistimos a um ótimo filme na semana passada.
verbo transitivo indireto — objeto indireto

a. O cantor não gostava (VTI) de repórteres (OI).
b. O povo brasileiro aspira (VTI) a melhores condições de vida (OI).
c. Conspiraram (VTI) contra os planos do governo (OI).
d. Nossas propostas interessam (VTI) a todos (OI).
e. Nenhum país resiste (VTI) a altas taxas de inflação (OI).

4 Os verbos das orações que seguem são transitivos diretos e indiretos. Identifique-os por meio de retângulos e destaque os objetos.

Modelo: Os pesquisadores e cientistas ensinam aos agricultores novas técnicas de plantio.
objeto direto — verbo transitivo direto e indireto — objeto indireto

a. Explicaram (VTDI) a história (OD) ao advogado (OI) com exatidão.
VTDI b. Prefiro qualquer comida (OD) à carne de porco (OI).
VTDI c. Entregamos o presente (OD) à noiva (OI).
VTDI d. Devolveram ao garoto (OI) o seu livro (OD).
e. Os trabalhadores pediram (VTDI) ajuda (OD) ao ministro do Trabalho (OI).

5 Faça um retângulo nos verbos das frases abaixo e diga se são intransitivos ou transitivos; quando forem transitivos, classifique-os e destaque o objeto.

a. Nós $\overset{\text{VTI}}{\boxed{\text{obedecemos}}}$ $\overset{\text{OI}}{\underline{\underline{\text{às leis}}}}$, mas nem todos $\overset{\text{VTD}}{\boxed{\text{fazem}}}$ $\overset{\text{OD}}{\underline{\text{isso}}}$.
b. $\overset{\text{VTD}}{\boxed{\text{Alisei}}}$ $\overset{\text{OD}}{\underline{\text{meus cabelos}}}$ e $\overset{\text{VTD}}{\boxed{\text{pintei}}}$ $\overset{\text{OD}}{\underline{\text{minhas unhas}}}$.
c. $\overset{\text{VTDI}}{\boxed{\text{Dei}}}$ $\overset{\text{OD}}{\underline{\text{um dinheiro}}}$ $\overset{\text{OI}}{\underline{\underline{\text{ao garoto}}}}$ e ele $\overset{\text{VTD}}{\boxed{\text{comprou}}}$ $\overset{\text{OD}}{\underline{\text{um doce}}}$.
d. Alguns $\overset{\text{VI}}{\boxed{\text{choravam}}}$, outros $\overset{\text{VI}}{\boxed{\text{riam}}}$.
e. Não $\overset{\text{VTI}}{\boxed{\text{precisamos}}}$ $\overset{\text{OI}}{\underline{\underline{\text{de sua ajuda}}}}$.
f. VI $\boxed{\text{Entrei}}$ no bar e logo $\overset{\text{VTD}}{\boxed{\text{avistei}}}$ $\overset{\text{OD}}{\underline{\text{o amigo}}}$.
g. Assim que $\underset{\text{VTD}}{\boxed{\text{abri}}}$ $\overset{\text{OD}}{\underline{\text{a bolsa}}}$, $\underset{\text{VTD}}{\boxed{\text{senti}}}$ $\overset{\text{OD}}{\underline{\text{o problema}}}$: $\underset{\text{VTD}}{\boxed{\text{havia esquecido}}}$ $\overset{\text{OD}}{\underline{\text{a carteira}}}$.

6 Destaque o verbo de ligação e informe o tipo de relação que ele expressa em cada uma das frases abaixo.

a. Os passageiros estavam angustiados dentro do ônibus. estado transitório
b. As ruas de São Paulo continuam abarrotadas de carros. continuidade de estado
c. O motorista parecia apressado. estado aparente
d. A figurante tornou-se uma grande atriz. estado mutatório
e. O ator é ótimo. estado permanente
f. O copo virou cacos. estado mutatório

7 Identifique somente as frases que possuem verbo de ligação e sublinhe-o.

X a. Tudo parecia muito estranho.
b. A mulher andava devagar pelas ruas.
X c. Meu amigo andava tristonho naquela época.
X d. O garoto caiu doente há alguns dias.
e. Cláudia vive reclamando da vida.
X f. Cláudio vive feliz da vida.
g. A menina caiu da escada.
X h. Todos continuaram mudos na reunião.

8 Destaque os verbos e classifique-os quanto à sua predicação.

a. O atleta surge radiante. VI
b. Os adultos rejeitaram a sopa. VTD
c. O meteorologista anunciou um belo dia. VTD
d. Nós precisamos de calma e de compreensão. VTI
e. Ele viu o animal e fugiu. VTD e VI
f. A sala permanecia silenciosa até o menino chegar. VL e VI
g. Oferecemos nossos livros à biblioteca circulante. VTDI
h. Obedeceram aos pais sem reclamações. VTI
i. Assistiu ao programa para conhecer os ritos indígenas. VTI e VTD
j. Eles se tornaram agressivos repentinamente. VL
k. Maria e Cristina logo tornaram à casa. VI

9 Que tipos de verbo constituem o núcleo do predicado verbal?
Verbo intransitivo e verbo transitivo.

10 Destaque o núcleo e classifique o predicado.

a. Os rios deságuam no mar. (PV)
b. Meu avô contava muitas histórias aos netos. (PV)
c. Os turistas visitaram as cidades históricas brasileiras. (PV)
d. A estrada terminava num deserto. (PV)

11 Faça a análise das orações abaixo.

Modelo:
sujeito simples | predicado verbal
O homem | caminhava sem destino pelas ruas.
O homem ▼ substantivo ▼ núcleo do sujeito
caminhava ▼ verbo intransitivo ▼ núcleo do predicado

a. Os boias-frias levantam muito cedo.
b. As matas desapareceram rapidamente.
c. Eles gostam da hospitalidade brasileira.
d. A criançada ouvia as histórias atentamente.
e. Aninha enviou uma carta à irmã.

SS PV
a) Os boias-frias | levantam muito cedo.
substantivo — NS VI — NP

SS PV
b) As matas | desapareceram rapidamente.
substantivo — NS VI — NP

SS PV
c) Eles | gostam da hospitalidade brasileira.
pron. — NS VTI — NP OI
subst.

SS PV
d) A criançada | ouvia as histórias atentamente.
substantivo — NS VTD — NP OD

SS PV
e) Aninha | enviou uma carta à irmã.
substantivo VTDI — NP OD OI
NS

12 Quais são os termos básicos do predicado nominal?
Verbo de ligação e predicativo do sujeito.

13 Sublinhe o verbo de ligação e faça um retângulo no predicativo do sujeito.
a. As telefonistas continuavam ocupadas.
b. Os seus olhos ficaram fechados por algum tempo.
c. A criança permaneceu quieta apenas nos primeiros minutos da visita.
d. A garota fez-se linda para o namorado.
e. Os assalariados vivem preocupados com o fim do mês.

14 Complete as frases com um predicativo do sujeito. (resposta pessoal)
a. A resposta pareceu (/).
b. O calor está (/).
c. A rua ficou (/).
d. No Brasil, o álcool também é (/).
e. As manhãs permaneciam (/).
f. O projeto tornou-se (/).

15 Qual é o núcleo do predicado nominal?
É a palavra central do predicativo do sujeito.

16 Separe o sujeito do predicado e classifique o predicado, destacando o seu núcleo.
S PN
a. Os motoristas | andam descontentes com o trânsito.
S PN
b. O técnico | ficou surpreso com o novo aparelho de som.
S PN
c. Os turistas | ficaram impressionados com o sol de verão.
P S PN
d. Com o incidente, | Maria | fez-se pálida.
S PN
e. Os pais | estavam preocupados com os filhos.

17 Identifique o predicado e classifique-o em *verbal* ou *nominal*, destacando o seu núcleo.

S PN
a. Muitos | ficaram calados na hora da votação.
S PN
b. Os presos | permaneciam incomunicáveis.
S PV
c. “O vigário | mordia de leve os beiços grossos…” (Graciliano Ramos)
PV
d. Olhamos aquele sorriso largo e branco.
S PN
e. O silêncio da madrugada | é tranquilizante.

S PV
f. O pai | não gostava de muita conversa.

S PN
g. A classe toda | parecia irrequieta.

18 Nas orações que seguem, todos os predicados são verbais. Faça a análise dessas orações.

SS PV
a) O povo | quer estabilidade econômica.
NS VTD — NP OD

SS PV
b) As crianças | riram muito.
NS VI — NP

SS PV
c) Ninguém | gosta de traição.
NS VTI — NP OI

SS PV
d) O rapaz | partiu de repente.
NS VI — NP

SC PV
e) Os soldados e os tenentes | caminhavam pela manhã.
NS NS VI — NP

SS PV
f) Os motoristas | devem obedecer aos sinais de trânsito.
NS VTI — NP OI

SS PV
g) O aluno | ofereceu ao professor o poema.
NS VTDI — NP OI OD

SS PV
h) O país | parou naquela hora do jogo.
NS VI — NP

SS PV
i) As rosas | desaparecem nesta época do ano.
NS VI — NP

Modelo:

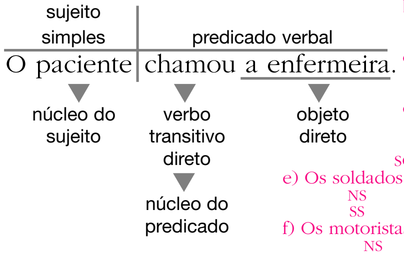
sujeito simples
predicado verbal
O paciente | chamou a enfermeira.
núcleo do sujeito
verbo transitivo direto
objeto direto
núcleo do predicado

a. O povo quer estabilidade econômica.
b. As crianças riram muito.
c. Ninguém gosta de traição.
d. O rapaz partiu de repente.
e. Os soldados e os tenentes caminhavam pela manhã.
f. Os motoristas devem obedecer aos sinais de trânsito.
g. O aluno ofereceu ao professor o poema.
h. O país parou naquela hora do jogo.
i. As rosas desaparecem nesta época do ano.

19 Nas orações que seguem, todos os predicados são nominais. Faça a análise dessas orações.

Modelo:

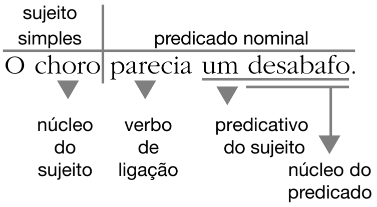
sujeito simples
predicado nominal
O choro | parecia um desabafo.
núcleo do sujeito
verbo de ligação
predicativo do sujeito
núcleo do predicado

SS PN
a) Nós | parecíamos cansados.
NS VL PS — NP

SS PN
b) O carro | virou alguns cacos.
NS VL PS NP

SS PN
c) Os alunos | estavam silenciosos.
NS VL PS — NP

SS PN
d) Os médicos | continuavam revoltados.
NS VL PS — NP

a. Nós parecíamos cansados.
b. O carro virou alguns cacos.
c. Os alunos estavam silenciosos.
d. Os médicos continuavam revoltados.

20 Transforme predicado verbal em predicado verbo-nominal acrescentando um predicativo ao sujeito.

Modelo:

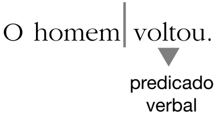
O homem | voltou.
predicado verbal

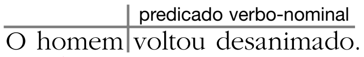
predicado verbo-nominal
O homem | voltou desanimado.

Sugestões de resposta:

PV
a. As pessoas *caminhavam*. PVN (apressadas)

PV
b. O trem *partiu*. PVN (lotado)

c. As andorinhas PV *fugiram.* PVN (apavoradas)
d. A criança PV *dormia.* PVN (tranquila)
e. O comprador PV *saiu da loja.* PVN (desanimado)

21 Faça um retângulo no predicativo e informe se é predicativo do sujeito ou do objeto.
a. Cuiabá já foi PS atraente para compradores de carros usados.
b. Nossa esperança continua PS forte.
c. Os familiares julgaram o dia do casamento PO inoportuno.
d. O pai estava PS falante, mas mesmo assim percebeu o filho PO desanimado.
e. A mudança de alimentação tornara o doente PO animado e PO disposto.
f. Armando saíra PS apressado.
g. Julgaram o quadro azul de Lila PO o melhor.
h. Encontraram PO machucado o garoto.
i. Os jovens trabalham PS felizes.
j. Os eleitores consideravam PO corrupto o candidato.

22 Complete.
O predicado verbo-nominal possui (/) núcleos: um (/) e um (/).
dois verbo nome

23 Identifique o núcleo do predicado das orações abaixo.
a. A obra daquele arquiteto era reconhecida mundialmente.
b. O frio continuava cortante.
c. Estas abelhas produzem o melhor mel.
d. À tarde, ela voltou para o trabalho.
e. Encontravam-se, às escondidas, todas as noites.
f. Ele deixou, desiludido, o hospital.
g. Achávamos interessante o rapaz.
h. Procuravam o sequestrador em lugar errado.
i. Aquela mulher precisava de um médico.

24 Identifique o predicado das orações abaixo e classifique-o.
a. A injustiça | aborrece o homem. PV
b. Os trabalhadores | voltaram exaustos. PVN
c. Perante a lei, somos todos iguais. PN
d. As flores | desabrocham lindas na primavera. PVN
e. O juiz | julgou o réu culpado. PVN
f. O povo | anda preocupado com o preço dos alimentos. PN
g. O alimento básico da criança | é o leite. PN
h. O jogo | continuava. PV
i. O jogo | continuava animado. PN
j. O caso | parecia confuso. PN
k. “De minha varanda vejo, entre árvores e telhados, o mar.” (Rubem Braga) PV
l. O aluno | voltou alegre. PVN
m. Os fogos de artifício | coloriam a noite fria e escura. PV
n. A vizinhança | permanecia em estado de alerta. PN
o. Todos nós | tremíamos assustados. PVN
p. Os investigadores | trabalhavam sozinhos. PVN
q. A criança | saiu acompanhada. PVN

25 Faça a análise das orações abaixo.
Modelo:

sujeito simples | predicado verbo-nominal
O povo | recebeu a notícia irritado.
O povo ▼ núcleo do sujeito ▼ subst.
recebeu ▼ verbo transitivo direto ▼ núcleo do predicado
a notícia ▼ objeto direto
irritado ▼ predicativo do sujeito ▼ núcleo do predicado

SS VL PS PN
a. O candidato| ficou frustrado com o resultado das eleições.
NS — substantivo NP — adjetivo

SS VTD PV OD
b. O povo| escolhe o seu presidente.
substantivo — NS NP — verbo

SS PN PS
c. A Constituição Federal| é a lei maior do país.
NS — substantivo NP — substantivo

SC PN PS
d. O carvão, o gás natural e o petróleo| são substâncias minerais.
substantivo — NS NS — substantivo NS — substantivo NP — substantivo

SS VI PV
e. A produção comercial e industrial| aumentou nos últimos meses.
NS — substantivo NP — verbo

SS VTD PV OD
f. O povo| não aprova decisões autoritárias.
substantivo — NS NP — verbo

SS PN PS
g. O romance| parecia interessante.
substantivo — NS NP — adjetivo

PVN OD PO
h. |Nomearam Sérgio secretário.
SI NP — verbo NP — substantivo

26 Informe a função sintática dos termos destacados.

sujeito
a) À medida que *o tempo* passa, sinto que a ausência de Elis Regina
PS sujeito
é mais *forte*, ou porque *sua interpretação* não foi superada, ou
sujeito OD
porque *ela* possuía *uma rara sensibilidade* para escolher novos valores na Música Popular Brasileira.

sujeito NP
b) *Os habitantes* daquela vila *cultivaram* a região devastada e o
NS NP
algodão cresceu rapidamente.

1 Transforme em voz ativa as frases do exercício anterior que estiverem na voz passiva. E em voz passiva as que estiverem na voz ativa.

(resposta pessoal)

2 Transforme a voz passiva sintética em analítica.

a. Vendem-se roupas usadas. Roupas usadas são vendidas.
b. Conserta-se máquina de lavar. Máquina de lavar é consertada.
c. Compra-se ouro. Ouro é comprado.
d. Alugam-se roupas. Roupas são alugadas.
e. Quebraram-se os ovos. Os ovos foram quebrados.

3 Transforme a voz passiva analítica em passiva sintética.

a. As reuniões previstas foram realizadas. Realizaram-se as reuniões previstas.
b. Foram conferidos todos os documentos. Conferiram-se todos os documentos.
c. Apartamentos são alugados. Alugam-se apartamentos.
d. Os carros novos são vendidos a altos preços. Vendem-se os carros novos a altos preços.
e. As matas foram derrubadas. Derrubaram-se as matas.
f. O tesouro foi encontrado. Encontrou-se o tesouro.

4 Transforme a voz passiva analítica em passiva sintética, usando adequadamente o pronome apassivador com o verbo no futuro.

a. Serão aumentados os impostos prediais. Aumentar-se-ão os impostos prediais.
b. Será desenvolvido um projeto sobre problemas urbanos.
Desenvolver-se-á um projeto sobre problemas urbanos.
c. Seriam construídas casas populares com o dinheiro do banco estadual. Construir-se-iam casas populares com o dinheiro do banco estadual.
d. Seria punido somente o verdadeiro culpado.
Punir-se-ia somente o verdadeiro culpado.

5 Identifique as frases que estejam na voz passiva.

x a. Comenta-se muito o assunto.
x b. Aplica-se pouca verba em determinadas áreas sociais.
c. Vive-se bem aqui.
d. Precisa-se de mão-de-obra especializada.
x e. Destroem-se as florestas.
x f. Poluem-se os rios.
x g. Desrespeita-se a natureza.

6 Identifique as frases que estejam na voz reflexiva.

x a. Eu me arrumei imediatamente.
x b. A menina se contemplava no espelho.
c. Ninguém me encontrou em casa?
x d. Tu te julgas honesto?
x e. Você se machucou!

1 Leia as frases e distribua em colunas o verbo e os complementos verbais (objeto direto e/ou objeto indireto). Observe o modelo:

A região Sul ofereceu boas terras aos imigrantes.

verbo	objeto direto	objeto indireto
ofereceu	boas terras	aos imigrantes

a. Toda semana o feirante verbo puxava OD conversa.

b. As crianças verbo tiveram OD oportunidade de verbo conversar OI com os guardas de trânsito.

c. Padre Anchieta verbo dedicou-se OI à catequese e além disso verbo escreveu OD poemas religiosos e peças de teatro.

d. Apesar da insistência, não verbo atendeu OI ao telefonema.

e. O poeta Manuel Bandeira verbo inventava OD palavras que verbo traduziam OD ternura.

f. O mesmo poeta verbo criou OD o verbo "teadorar".

g. O sogro não verbo gostava OI de muita conversa.

h. Muitos professores verbo optaram OI pelo livro didático mais simples.

i. Aquele administrador verbo distribuiu OD dinheiro público OI aos seus amigos.

j. A Associação dos Amigos de Bairro verbo ofereceu OD uma quermesse OI à vizinhança.

k. A personagem principal da obra *Luneta mágica* não verbo tinha OD visão e verbo fez OD tudo para verbo enxergar OD o mundo.

l. O grande poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade verbo revela OI aos homens OD sua simplicidade.

m. A fêmea verbo abandonou OD o filhote.

n. Ninguém verbo obedecia OI às suas ordens.

o. Preconceituoso, sempre verbo duvidava OI das pessoas pobres.

p. Diariamente os pensionistas verbo reclamavam OI da comida.

q. Ingênua, verbo entregou OD a bolsa OI ao desconhecido.

r. Os turistas verbo precisavam OI de muitos dólares.

s. O presidente, pessoalmente, verbo noticiou OD o novo reajuste salarial OI ao público.

t. Quando podia, a mulher verbo queixava-se OI do marido.

2 Informe a função sintática (objeto direto ou objeto indireto) dos pronomes oblíquos presentes nas frases.

a. Nós lhe telefonamos no fim de semana. OI

b. O professor o respeitava bastante. OD

c. Compete-lhe dar ordens? OI

d. Perdoou-lhe sem dificuldade. OI

e. A plateia olhava-os com admiração. OD

f. Mirou-se no vidro da janela, na falta de espelho. OD

g. Ela o agrediu sem motivos. OD

h. Quis mostrar-te o quadro. OI

3 Classifique os objetos destacados nas frases abaixo.

a. É preciso desenvolver *o turismo* no Brasil, diziam-*nos* os chefes da excursão. OD / OI
b. Contei-*lhe* apenas o que ouvi. OI
c. O homem do cartório explicou *isso* também *a ele*. OD / OI
d. Há os que acreditam *nisso*, mas espero que não seja verdade. OI
e. Cada um calça *o sapato* que *lhe* serve, dizia minha avó. OD / OI
f. Há *situações* de que não gostamos, mas é preciso enfrentá-*las*. OD / OD
g. Digo-*lhe* com sinceridade que não posso vendê-*lo*. OI / OD
h. Reservou-*nos uma mesa especial* e *nos* cobrou também *um preço especial*. OI / OD / OI / OD
i. Concedeu-*lhe permissão*, mas já era tarde. OI / OD
j. A empresa concordou *com o salário* que pedimos. OI

4 Identifique os complementos nominais e a classe gramatical do termo a que se referem.

a. Sempre é bom o subst. diálogo CN com um amigo.
b. Responderam adverbio favoravelmente CN ao seu pedido de licença.
c. Foi proibida a subst. venda CN de bebidas alcoólicas nas estradas.
d. Comer cereais é advérbio benéfico CN à saúde.
e. Temos subst. necessidade CN de sua palavra.
f. A subst. exoneração CN do ministro espantou o país.
g. Estava adjetivo submisso CN a todos.
h. O subst. relato CN das informações era sempre mentiroso.
i. Coisa adj. útil CN a um deve ser também CN a outro.
j. O menino é adjetivo devotado CN ao conhecimento CN da profissão.

5 Identifique o agente da passiva e transcreva as orações colocando-as na voz ativa.

Modelo: A cidade estava cercada de policiais.
agente da passiva
Policiais cercavam a cidade.

a) Muitos cirurgiões utilizam o açúcar como cicatrizante.
c) A população usa muitos remédios sem indicação médica.
d) As donas de casa exigiram o respeito ao consumidor.

a. O açúcar é utilizado como cicatrizante por muitos cirurgiões.
b. A viagem a Manaus era aguardada por todos os excursionistas americanos. Todos os excursionistas americanos aguardavam a viagem a Manaus.
c. Muitos remédios são usados pela população sem indicação médica.
d. O respeito ao consumidor foi exigido pelas donas de casa.
e. As casas do bairro eram rodeadas de córregos poluídos.
Córregos poluídos rodeavam as casas do bairro.

6 Informe a função sintática dos termos destacados.

a. A maioria da população é favorável *à reforma agrária*. CN
b. Perdoei-lhe *a dívida*. OD
c. A Constituição foi elaborada *pelos senadores e deputados federais*. AP
d. Necessitamos *de reformas sociais*. OI
e. Os trabalhadores merecem *salários justos*. OD
f. Esse é o presente que *eu* pedi. sujeito
g. O paciente chamou-*a*. OD
h. Reagiu *o povo* contra a poluição da praia. sujeito
i. Sobram-*lhes* atitudes desonestas e maldosas. OI
j. A comida pareceu-lhe *azeda*. PS
k. Quando cozinha, ela *o* faz com amor. OD
l. Eles *nos* admiram. OD
m. As plantações foram destruídas *pelos insetos*. AP

n. A alegria da criançada contaminou *os adultos* mais sérios. OD
o. Revi a balconista *por quem* fui maltratada. AP
p. Telefonaram *para você.* OI

7 Classifique os complementos destacados em objeto indireto ou objeto direto preposicionado.

a. Ama *ao próximo* como a ti mesmo. ODP
b. Nada disse depois de assistir *ao filme.* OI
c. Ninguém desobedecia *às suas ordens.* OI
d. *A muitos* reclamou, mas *a poucos* sensibilizou. OI e ODP
e. Enquanto delirava chamava *pelo filho.* ODP
f. Estimava o rapaz mais do que *a um filho.* ODP
g. A notícia não agradou *a ninguém.* OI
h. Não bebas *do meu suco*! ODP
i. Não sabia *a quem* visitar naquele dia. ODP
j. Esta casa pertence *a eles.* OI
k. Não abandones *a mim*! ODP
l. Não assistimos *ao acidente* com a moto. OI
m. Ainda não paguei *ao dentista.* OI

8 Identifique, nas frases que seguem, objeto direto pleonástico e objeto indireto pleonástico.

a. Os meus amigos, eu os ouço sempre. OD Pleon.
b. A meus pais, eu lhes agradeço a vida. OI Pleon.
c. Àquele homem, eu lhe dei meu perdão. OI Pleon.
d. Os meus irmãos, eu os alimentei quando crianças. OD Pleon.
e. Os textos, você os elaborou com rapidez. OD Pleon.

9 Identifique o núcleo do termo em destaque e informe a classe gramatical a que ele pertence.

Modelo:

objeto direto
▲
As crianças pressionaram *os adultos.*
▼
núcleo do
objeto direto
▼
substantivo

a. Vi *muitas pessoas* no jardim. objeto direto — substantivo — NOD
b. Respondi tudo *ao professor.* objeto indireto — NOI — substantivo
c. Ele parecia *um monstro.* predicativo do sujeito — substantivo — NP
d. Antonieta reconhecia *aquele rapaz* a quem amara num passado distante. objeto direto — NOD — substantivo
e. *Este livro* é ótimo. sujeito — NS — substantivo
f. A cidade foi saqueada *pelos invasores.* agente da passiva — NAP — substantivo
g. A queima *de fogos* é bonita, mas sempre perigosa. complemento nominal — NCN — substantivo

10 Informe a função sintática dos termos destacados.

“Naquela época não se admitia que *os namorados* SS nem mesmo se dessem *as mãos* OD — a menos que já estivessem *comprometidos* PS: feito o pedido *de casamento* CN e celebrado oficialmente o noivado, podiam os *dois* NS sair então de braço dado pela rua.” (Pedro Bloch)

1 Analise as orações. Identifique o núcleo dos termos essenciais e integrantes e os adjuntos adnominais.

Modelo:

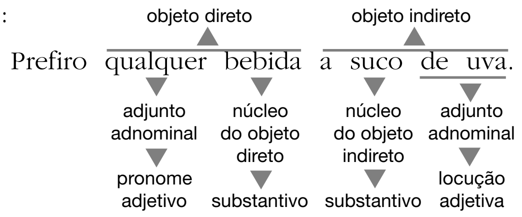

objeto direto
objeto indireto
Prefiro qualquer bebida a suco de uva.
adjunto adnominal
pronome adjetivo
núcleo do objeto direto
substantivo
núcleo do objeto indireto
substantivo
adjunto adnominal
locução adjetiva

SS PV OD
a. A expressão do rosto disse tudo.
A. Adn. — art. /NS — subst./A. Adn. — loc. adj.

SS PV OD
b. As crianças da redondeza buscavam algumas migalhas de pão.
A. Adn. — art./NS — subst./A. Adn. — loc. adjetiva/A. Adn. — pron. adj./NOD — subst./A. Adn. — loc. adjetiva

SS PV OD
c. Os jogadores fizeram uma belíssima demonstração esportiva.
A. Adn. — art./NS — subst./A. Adn. — art./A. Adn. — adj./NOD — subst./A. Adn. — adj.

SS PV OD
d. O pobre homem sentiu um tremor esquisito.
A. Adn. — art./A. Adn. — adj./NS — subst./A. Adn. — art./NOD — subst./A. Adn. — adj.

SS PV OI
e. A pequena indústria precisa de muito apoio financeiro.
A. Adn. — art./A. Adn. — adj./NS — subst./A. Adn. — pron. adj./NOI — subst./A. Adn. — adj.

SS PV OI
f. Os alunos deste colégio assistiram a uma belíssima exposição de arte.
A. Adn. — art./NS — subs./A. Adn. — loc. adjetiva/A. Adn. — art./A. Adn. — adj./NOI — subst.
A. Adn. — loc. adjetiva

2 Identifique os adjuntos adnominais dos substantivos que estão sublinhados.

a. A seca, as enchentes e a grande onda de conjuntivite eram consideradas calamidades públicas.

b. Em muitas cidades do Brasil não existem boas livrarias e na maioria das cidades brasileiras não há livrarias, o que é lamentável, pois a população destas cidades não conhece nem os livros fundamentais.

c. As caixas de fósforo coloridas e novinhas formavam uma bonita e atraente coleção, que meu irmão não me deixava tocar.

d. O prefeito declarou que aquele grande terreno da prefeitura não será vendido.

e. Os quatro melhores atletas do clube participaram do campeonato nacional.

3 Classifique o termo destacado em adjunto adnominal ou complemento nominal.

a. A mercearia *do seu João* foi fechada pelos fiscais. A. Adn.

b. Nos dias de eleição é proibida a venda *de bebidas alcoólicas.* CN

c. Caiu a produção *de leite.* CN

d. A produção *da fábrica* aumentou este mês. A. Adn.

e. O encontro *dos amigos* foi emocionante. A. Adn.

f. A preocupação *com a justiça* é um dever *de todos.* CN / CN

4 Nas orações que seguem estão destacados os adjuntos adverbiais. Classifique-os.

a. Abriram a garrafa de guaraná *com uma faca.* instrumento

b. O operário dirige-se *para casa* lugar *com ansiedade* modo e *às vezes,* tempo *por necessidade,* causa viaja *na porta do ônibus.* lugar

c. Trabalhava *em São Paulo* lugar e residia *no Guarujá*, lugar por isso viajava *de carro* meio e andava *de balsa* meio *todos os dias*. tempo

d. Tentou abrir a mala *com a minha chave,* instrumento mas não conseguiu; *com esforço* modo arrebentou a fechadura.

e. Descasquei a laranja, mas, *por distração,* causa joguei-a *no lixo* lugar e fiquei com a casca *na mão*. lugar

5 Destaque os adjuntos adverbiais e classifique-os.

a. Hoje tempo alguns jovens procuram mais intensidade a hospedagem nos “campings” lugar do que nos hotéis lugar.

b. Não negação duvido de que o contato com a natureza nos deixe descontraidamente modo felizes e livres.

c. As grandes festas da uva e do vinho realizam-se nos meses de fevereiro e março tempo, nas cidades de Bento Gonçalves e Caxias do Sul, Rio Grande do Sul lugar.

d. Contaram-nos a emocionante aventura dos brasileiros que venceram com dificuldade modo o desafio do pico Aconcágua, realmente afirmação o mais intensidade alto das Américas.

e. O posto de saúde não negação quis atender o paciente que se feriu com a espingarda instrumento, talvez dúvida por não negação ter médico de plantão naquela hora tempo.

f. Friamente modo, o entrevistado confessou que roubara o carro com o amigo companhia para passear no sábado à noite tempo.

g. Falou sobre as principais fontes poluidoras da cidade de São Paulo assunto e, conforme prometeu, denunciou a indiferença de algumas autoridades que nunca tempo se preocupam com o problema.

h. Em julho de 1936 tempo, em São Paulo lugar, a rádio Cosmos informava que passaria a apresentar, semanalmente tempo, um programa luso-brasileiro.

i. Verdadeiramente afirmação não negação podemos nos calar diante de uma injustiça assunto, dizia meu pai quando falava sobre os problemas sociais assunto.

j. Vestiu-se para a cerimônia finalidade, talvez dúvida sem vontade modo; olhou-se demais intensidade no espelho lugar e, apesar de elegante concessão, sentia-se um palhaço.

k. Na hora do café tempo costumava sentar-se à mesa lugar, conosco companhia, comia meio de lado modo e era sempre tempo muito intensidade agradecido a nós.

6 Informe se o termo destacado é vocativo ou aposto.

a. "Paranapiacaba, *uma vila ferroviária construída pelos ingleses*, transporta para as matas atlânticas um pouco da Inglaterra do tempo da rainha Vitória." *(Folha de S. Paulo)* aposto

b. *Crianças,* escolham um brinquedo e divirtam-se. vocativo

c. *Ó gente,* está na hora de sairmos. vocativo

d. *Alô! Brasil*, a partir de agora transmitiremos o jogo inicial do Campeonato Mundial de Basquete Feminino. vocativo

e. *Ó de casa!* Tem gente aí? vocativo

f. Chegando a São Paulo, *o maior centro urbano do país*, não deixe de visitar o Museu de Arte de São Paulo. aposto

g. "*Pai*, afasta de mim esse cálice." (Chico Buarque) vocativo

h. "Já me sinto esgotado
E cansado de pensar, *meu Deus*." (Fr. Santana) vocativo

7 Destaque o aposto.

a. Os livros de Lygia Fagundes Telles, grande escritora brasileira, são muito procurados.

b. Admiradora de Rita Lee, Elis Regina não se conteve e escreveu-lhe uma carta, começando assim uma grande amizade entre as duas já então famosas cantoras.

c. O ministro do Trabalho, político famoso pela sua moderação, sentou-se com os patrões e empregados para negociar o fim da greve.

d. Carlos Drummond de Andrade nasceu em Itabira, cidade de Minas Gerais, e morreu no Rio de Janeiro.

e. Os primeiros escritores indianistas do Brasil, isto é, José de Alencar e Gonçalves Dias, viam o nosso índio como um herói. Hoje, outros escritores, como Antônio Callado e Márcio Souza, mostram-nos o índio destruído lentamente pelos brancos.

f. Os dois filhos doutores, isto é, advogado e biólogo, orgulham-se da origem simples dos pais.

PERÍODO COMPOSTO POR COORDENAÇÃO

1 Sublinhe os verbos e classifique os períodos em simples ou compostos.

a. PS Amanheceu. Vimos os primeiros raios PC solares enquanto caminhávamos na areia. A brisa do mar ainda PC era fria quando acordamos do sonho.

b. Lenon PS casou-se pela segunda vez. Ela era PC japonesa, inteligente, artista plástica e vivia nos Estados Unidos.

2 Transforme os períodos simples em períodos compostos, acrescentando as conjunções adequadas.

Modelo: O marceneiro chegou. Começou o serviço.
O marceneiro chegou e começou o serviço.

a. Vinicius de Moraes já morreu. (mas) Não morreram seus poemas e músicas. (pois) Sua criação artística é eterna.

b. Faltava dinheiro para o lazer. (logo) O jeito era participar da pelada aos domingos.

c. Observei o comentário do diretor. (e) Percebi o meu engano.

d. Olhou-me duramente. (e) Foi-se embora.

3 Sublinhe os verbos, identifique as conjunções, separe as orações e classifique-as em coordenadas assindéticas e coordenadas sindéticas.

Modelo:

oração coordenada assindética | oração coordenada sindética
A seleção feminina de basquete estava preparada, | mas perdeu a partida.

a. As autoridades OCA pedem rigor | e OCS exigem a fiscalização dos maus comerciantes.

b. A personagem OCA saiu do quarto, | OCA escondeu as lágrimas, | OCA saiu pela porta dos fundos.

c. Não OCA beba muito | que OCS faz mal.

d. A paciência do pedestre OCA esgotou-se | e OCS começou a confusão.

e. Ela OCA sorriu carinhosamente | e OCS passou a mão nos cabelos do neto.

4 Separe e classifique as orações dos períodos abaixo.

Modelo: Eu considerava a história boa, mas não poderia avaliá-la melhor, pois me faltava tempo.

1ª oração: Eu considerava a história boa — oração coordenada assindética
2ª oração: mas não poderia avaliá-la melhor — oração coordenada sindética adversativa
3ª oração: pois me faltava tempo. — oração coordenada sindética explicativa
período composto por coordenação

a. Um número cada vez maior de animais de estimação contrai câncer | e poucos veterinários oferecem tratamento para a doença.
(OCA, OCS Aditiva) período composto por coordenação

b. A fumaça do cigarro faz mal, também, às pessoas não-fumantes | e prejudica a saúde dos animais domésticos.
(OCA, OCS Aditiva) período composto por coordenação

c. A Constituição brasileira assegura direitos iguais a todos os cidadãos, entretanto isso não ocorre de fato: ora as mulheres recebem salários inferiores aos dos homens, ora os negros são inferiorizados.
(OCA, OCS Adversativa, OCS Alternativa, OCS Alternativa) período composto por coordenação

d. O velho ônibus esperava o embarque dos alunos, a maioria chegou atrasada, logo, o motorista irritou-se.
(OCA, OCA, OCS Conclusiva) período composto por coordenação

e. As revistas semanais contavam a história do jovem assaltante, mas não denunciavam a sua ligação com os policiais.
(OCA, OCS Adversativa) período composto por coordenação

f. Houve medidas econômicas muito radicais, por conseguinte não agradaram à população.
(OCA, OCS Conclusiva) período composto por coordenação

g. Trabalhou muito, portanto estava cansado.
(OCA, OCS Conclusiva) período composto por coordenação

ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

1 Transcreva a frase, transformando o termo (substantivo) destacado em oração subordinada substantiva. Faça apenas as modificações necessárias.

Modelo: Eu não esperava *a sua compreensão.*
Eu não esperava que você me compreendesse.

a. É fundamental *o aproveitamento científico do lixo.*
(que se aproveite cientificamente o lixo)
b. O major exigia *obediência ao horário.*
(que se obedecesse ao horário)
c. O inquilino não aceitou *o aumento do aluguel.*
(que se aumentasse o aluguel)
d. O pai insistia *no castigo ao filho.*
(em que se castigasse o filho)
e. Nosso receio era *a chuva na hora do churrasco.*
(que chovesse na hora do churrasco)
f. Minha expectativa era *a devolução dos livros emprestados.*
(que os livros emprestados fossem devolvidos)
g. Renato estava ansioso *pelo conserto da torneira.*
(para que se consertasse a torneira)
h. Não estávamos convencidos *da superioridade dos portugueses sobre os índios.*
(de que os portugueses fossem superiores aos índios)
i. Só esperávamos uma coisa: *a chegada do aniversariante.*
(que o aniversariante chegasse)
j. Soube apenas agora *do acidente com o trem.*
(que o trem se acidentou)
k. Ele estava certo *da falha do avião.*
(de que o avião falharia)

2 Classifique as orações destacadas em subjetivas e objetivas diretas.

a. Acredita-se *que a minhoca é ótima para o solo.* (OSSS)
b. Ninguém podia dizer *que acertara o teste.* (OSSOD)
c. O empresário ignorava *que os empregados estavam em greve.* (OSSOD)
d. Não podíamos dizer *que os pedestres eram bem-educados no trânsito.* (OSSOD)
e. Foi resolvido *que o jogador não entraria em campo.* (OSSS)
f. Os professores verificaram *que as notas foram misteriosamente alteradas.* (OSSOD)
g. Não soubemos *por que a criança se recusava a tomar leite.* (OSSOD)
h. Ficou provado *que a soja poderia substituir a carne.* (OSSS)
i. Todos queriam *que o filme fosse passado na hora da aula.* (OSSOD)

3 Classifique as orações substantivas destacadas em objetivas indiretas e completivas nominais.

a. Ofereceram o livro *a quem obteve melhor nota.* (OSSOI)
b. A família insistia *em que a criança fosse internada.* (OSSOI)
c. Impediram o vereador *de que recebesse a contribuição ilegal.* (OSSOI)
d. Lembrava-se *de que aquela era uma caneta importada.* (OSSOI)
e. Minha avó, na sua fé, acendia velas *para quem precisasse.* (OSSOI)
f. Estava convicto *de que eu não terminaria o namoro.* (OSSCN)
g. Os produtores do programa de televisão tinham a firme certeza *de que os telespectadores gostariam das piadas.* (OSSCN)

4 Sublinhe os verbos, separe as orações e classifique-as. Classifique também o período.

Modelo:

1ª oração	2ª oração
É necessário	que se *preserve* a natureza.

1ª oração: oração principal
2ª oração: oração subordinada substantiva subjetiva
período composto por subordinação

1ª or. - OP 2ª or. - OSSOD
a. Eu pedi | que ele me deixasse em paz. (P.C. por subordinação)

1ª or. - OP 2ª or. - OSSOI
b. A cura do paciente dependia | de que ele aceitasse o difícil tratamento. (P.C. por subordinação)

1ª or. - OP 2ª or. - OSSCN
c. O povo estava esperançoso | de que a nova medida econômica amenizasse os seus problemas. (P.C. por subordinação)

1ª or. - OP 2ª or. - OSSS
d. É importante | que os representantes políticos tenham consciência de sua missão. (P.C. por subordinação)

1ª or. - OP 2ª or. - OSSP
e. A grande tristeza da mãe foi | que os filhos a colocaram num asilo. (P.C. por subordinação)

1ª or. - OP 2ª or. - OSSOD
f. Não sei | quanto me custará esse favor. (P.C. por subordinação)

1ª or. - OP 2ª or. - OSSCN
g. Tenho certeza | de que será recompensado por esse ato generoso. (P.C. por subordinação)

1ª or. - OP 2ª or. - OSSOD
h. Ninguém sabe | se ele voltará para o Brasil. (P.C. por subordinação)

1ª or. - OP 2ª or. - OSSA
i. O desejo de todos era um só: | que tudo se resolvesse sem agitação. (P.C. por subordinação)

1ª or. - OP 2ª or. - OSSOD
j. Perguntou-me apenas | onde eu morava. (P.C. por subordinação)

5 Das orações subordinadas substantivas analisadas no exercício anterior, somente duas não são introduzidas por conjunção integrante, mas por pronomes. Identifique-as. (f, j)

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

1 Transforme o adjetivo destacado em oração subordinada adjetiva.

Modelo: Eram músicas *contagiantes*.
Eram músicas *que contagiavam*.

a. A televisão apresenta cenas *agressivas*. (que agridem)
b. Os avós tinham atitudes *agradáveis*. (que agradavam)
c. A professora revelava uma linguagem *enternecedora*. (que enternecia)
d. Ela carregava problemas *atormentadores*. (que atormentavam)
e. Eles escreviam cartas *emocionantes*. (que emocionavam)
f. O namorado fazia carinhos *sedutores*. (que seduziam)

2 Identifique as orações subordinadas adjetivas.

a. O patrão mandou um recado que não era agradável aos funcionários.
b. Buscava-se uma solução para o problema a qual não afetasse a população.
c. Carro que começa a encrencar precisa ser passado adiante.
d. A dor que sentia na perna o incomodava há meses.
e. Alguns pássaros que frequentavam nosso jardim desapareceram com o desmatamento da região.
f. Mal conseguia mascarar a falsidade que estava no seu rosto.
g. O amor, que lhe dera alma nova, era o estímulo para continuar lutando.
h. O aviso que afixaram no quadro-negro provocou a raiva dos alunos.
i. O bairro onde morava era distante do centro da cidade.
j. As vilas por que passei estavam todas alagadas.
k. A mulher a quem ele amava o abandonou.

3 Em cada alternativa há dois períodos simples. Transforme-os em período composto usando o pronome relativo adequado.

Modelo: Comprei as fechaduras. Elas foram pedidas pelo construtor.
Comprei as fechaduras que foram pedidas pelo construtor.

a. Esta é uma pequena rua. Ela não tem saída. (que não tem saída)
b. Há alimentos fibrosos. Eles fazem bem para o aparelho digestivo. (que fazem bem...)
c. Ela ofereceu-me uma flor. Apanhara-a no jardim da casa. (que apanhara no...)
d. Mandamos o dinheiro. Ele precisava dele. (de que ele precisava)
e. A Amazônia é uma vasta área verde. O mundo necessita dela.
(de que o mundo necessita)

4 Identifique e classifique as orações. Classifique também os períodos.

Modelo: Minha mãe, que *é* filha de italianos, *herdou* a pronúncia de meus avós.

1ª oração: Minha mãe herdou a pronúncia de meus avós — oração principal
2ª oração: que é filha de italianos — oração subordinada adjetiva explicativa
período composto por subordinação

OP — OSA Restritiva — OP
a. O esgoto | que estava à mostra | era danoso aos vizinhos. P.C. por subordinação

OP — OSA Restritiva
b. Existem palavras | cujos significados são explicados pelo contexto. P.C. por subordinação

OP — OSA Restritiva
c. As mulheres | que perderam os maridos no acidente de ônibus |
OP
fizeram uma única missa de sétimo dia. P.C. por subordinação

OP OSA Explicativa OP
d. O filho, que era irresponsável, vivia faltando ao emprego. P.C. por subordinação

OP OSA Explicativa OP
e. A máquina de escrever, que era elétrica, custava caro. P.C. por subordinação

OP OSA Restritiva OP
f. Esse padre de quem os jornais falam é um grande batalhador pela justiça social. P.C. por subordinação

OP OSA Restritiva
g. Ela trabalhou durante toda a madrugada na fantasia que o filho usaria no teatro da escola. P.C. por subordinação

OP OSA Restritiva OP
h. O rio que cortava a fazenda era a atração da meninada. P.C. por subordinação

OP OSA Explicativa
i. A mulher ficou a observar o marido, cujos olhos não revelavam outra coisa a não ser tristeza. P.C. por subordinação

OP OSA Explicativa OP
j. Os preços, que antes subiam diariamente, hoje estão mais estabilizados. P.C. por subordinação

OP OSA Restritiva
k. Viajaram a lugares por onde nunca sonharam passar. P.C. por subordinação

5 Faça a distinção:

que — pronome relativo (que introduz a oração adjetiva)
que — conjunção integrante (que introduz a oração subordinada substantiva)

a. Lembrei-me de que há dez meses você esteve aqui. conj. integrante
b. O rapaz tinha uma vontade de escrever que era incontrolável. pron. relativo
c. Leremos este capítulo que nos foi pedido pelo professor. pron. relativo
d. Felizes os homens que ao se deitarem têm a consciência tranquila. pron. relativo
e. A mentira, que não passava de uma brincadeira, provocou pron. relativo consequências desagradáveis que afetaram os colegas de classe. pron. relativo
f. A pergunta, que era ingênua, deixou o amigo sem graça. pron. relativo
g. Visitou o sobrado que diziam ser mal-assombrado. pron. relativo
h. Há lugares no Brasil que são invadidos por turistas nas férias de verão. pron. relativo
i. Não imaginava que tantas pessoas estivessem desempregadas. conj. integrante

6 Identifique e classifique as orações. Classifique também os períodos.

Modelo: Disse ao aluno que tivesse respeito.

1ª oração: Disse ao aluno — oração principal
2ª oração: que tivesse respeito — oração subordinada substantiva objetiva direta
período composto por subordinação

OP OSA Restritiva OP
a. A refinaria de gás que funcionava em Barueri fechou. P.C. por subordinação

OP OSS Subjetiva
b. É necessário que se viva com liberdade. P.C. por subordinação

OP OSS Objetiva Direta
c. Muitas pessoas não sabem que têm valor. P.C. por subordinação

OP OSA Restritiva
d. Respeitemos as pessoas que trabalham. P.C. por subordinação

OP OSA Explicativa OP
e. O rapaz, que era preconceituoso, não aceitava os passeios da irmã. P.C. por subordinação

OP OSSOI
f. Tudo dependia de que todos participassem da mesma luta. P.C. por subordinação

OP OSA Explicativa OP
g. Os livros de histórias, que coloriram nossa infância, ajudaram a formar nosso caráter. P.C. por subordinação

OP OSS Completiva Nominal
h. Todos estamos certos de que um dia ele voltará. P.C. por subordinação

OP OSA Restritiva OP
i. A organização que reunia camponeses lutava pela segurança dos boias-frias. P.C. por subordinação

OP OSA Explicativa OP
j. Este biólogo, que é um pesquisador, dedica-se ao combate da poluição ambiental. P.C. por subordinação

OP OSA Restritiva
k. Tratava-se de um cargo a que todos aspiravam. P.C. por subordinação

OP OSA Restritiva OP
l. O candidato em quem votei foi eleito. P.C. por subordinação

1 Transforme o adjunto adverbial em oração subordinada adverbial.

Modelo: Os pilotos dispararam *ao primeiro sinal.*
Os pilotos dispararam *quando deram o primeiro sinal.*

a. Não viajávamos *devido à falta de dinheiro.* porque faltava dinheiro
b. Os convidados retiraram-se *ao término da festa.* quando terminou a festa
c. Ele estuda *apesar da falta de recursos.* embora não tenha recursos
d. *Devido à sua frágil saúde,* não trabalhava. Como a sua saúde era frágil
e. As manifestações acalmaram-se *com a chegada da polícia.*
quando a polícia chegou / porque a polícia chegou

2 Identifique e classifique as orações subordinadas adverbiais.

a. A euforia da mãe era maior que a do filho vitorioso.
comparativa
b. Todos compraram o jornal porque ele trazia a lista dos aprovados.
causal
c. Como estivesse agitado, quebrou o copo e o prato.
causal
d. Eu andava tão faminta como se não comesse há dias.
comparativa
e. “Embora lhes custe acreditar, o visconde, em pessoa, tinha a sua taberna no centro da vila.” (Fernando Namora) concessiva
f. Se acabasse com aquelas fofocas, eu acreditaria na sua discrição.
condicional
g. Caminhavam cabisbaixos os dois irmãos como se carregassem a maior tristeza do mundo. comparativa
h. “Embora fosse talvez o estudante mais pobre, tomei a defesa dos fidalgotes.” (Jurandir Ferreira) concessiva
i. Os mendigos foram encaminhados ao albergue a fim de que ficassem protegidos do frio intenso. final
j. Quando tocou a campainha, sentiu logo os passos pelo corredor.
temporal
k. Ventou tanto que as telhas caíram.
consecutiva
l. Se não somos donos de nós mesmos, então quem será?
condicional
m. À medida que íamos falando, mais o diretor se sentia envaidecido.
proporcional
n. Tudo saiu conforme o previsto.
comparativa
o. Visto que houvesse carência de informações, quase se desconheciam os riscos provocados pelas usinas nucleares. causal

3 As orações subordinadas adverbiais são introduzidas, em geral, por uma conjunção típica. Há conjunções, porém, que revelam diversos valores, dependendo do contexto. Explique o valor da conjunção destacada nos períodos abaixo.

a. *Como* a miséria era grande, um tostão a mais ou a menos não faria falta.
como: valor de (/). causa
b. Eu saio desta casa *como* se saísse de um cativeiro.
como: valor de (/). comparação
c. O vendedor escondeu a mercadoria *como* pôde.
como: valor de (/). conformidade

4 Os períodos que seguem são todos compostos por subordinação. A oração subordinada que os forma poderá ser substantiva, adjetiva ou adverbial. Identifique as orações e classifique-as.

Modelo: O engenheiro, que é um especialista, não eliminou as rachaduras da casa.

1ª oração: O engenheiro não eliminou as rachaduras da casa.
— oração principal
2ª oração: que é um especialista — oração subordinada adjetiva explicativa

OS Adv. Temporal OP
a. Assim que deu o sinal, | os alunos saíram para o pátio.

OP
b. É necessário | que todos tenham consciência da importância do voto. OSS Subjetiva

OP OS Adj. Explicativa OP
c. A paralisia infantil, | que é evitada com vacinações, | atinge principalmente as crianças pobres.

OP OS Adv. Final
d. A mulher trabalhava todos os dias | para que os filhos estudassem.

OP OS Adj. Restritiva
e. Muitas pessoas são julgadas por crimes | que não cometeram.

OP OS Adv. Temporal
f. Eu entendi o significado do filme | quando ouvi a sua explicação.

OP OSS Objetiva Direta
g. O professor queria | que a resposta fosse curta.

OP OS Adv. Temporal
h. Minha avó tricotava na cadeira de balanço | enquanto os netos brincavam com os coloridos novelos de lã.

OP OS Adv. Conformativa
i. O casal adiou a data do casamento | conforme o pedido dos pais.

OP OS Adj. Restritiva
j. A História do Brasil apresenta muitos exemplos de negros e índios | que lutaram pela justiça.

OP OS Adv. Causal
k. O delegado não deixou o plantão | porque pressentia a rebelião dos presos.

OP OS Adv. Comparativa
l. O pai saiu triste de casa | como quem não voltaria mais.

OS Adv. Concessiva OP
m. Embora toda a Europa estivesse assustada, | as grandes potências continuavam construindo usinas nucleares.

5 Os períodos que seguem são mistos. Identifique as orações que os formam e classifique-as.

OP OSS Completiva Nominal OCS Explicativa e OP OSSCN
a. Havia dúvidas | de que ele não era honesto, | pois sua conduta deixava as pessoas incrédulas | de que houvesse sinceridade nos seus objetivos.

OCA OCS Aditiva e OP OSS Objetiva Direta
b. Chegou ao patrão | e pediu-lhe | que o pagamento do salário ocorresse no dia certo.

OP OSS Objetiva Direta OSSOD e OCS Aditiva
c. Eu pedia para ele | que deixasse de milongas | e fosse estudar.

OCA OCS Aditiva e OP OS Adj. Restritiva
d. O gado secava | e os homens fugiam daquele sol bravo | que enxugava até as lágrimas.

OCA OCA OCS Aditiva e OP OS Adv. Conformativa
e. Limpou a casa, | organizou o jantar | e preparou a mesa | como ele gostava.

1 Identifique as orações reduzidas e classifique-as em reduzidas de infinitivo, reduzidas de gerúndio e reduzidas de particípio.

a. A personagem arrumava as gavetas do marido, como a investigar o seu passado. (red. de infinitivo)
b. Mesmo voltando para sua pátria, o ex-exilado continuava cassado. (red. de gerúndio)
c. Os favelados de São Paulo são, na maioria, retirantes vindos do Nordeste. (red. de particípio)
d. Terminado o mandato, o aluno deixou a presidência do grêmio. (red. de particípio)
e. Faz bem ficar só. (red. de infinitivo)
f. Eu já provei ser fiel a você. (red. de infinitivo)

2 Desenvolva as orações reduzidas destacadas.

Modelo: *Mesmo estando doente*, compareceu ao serviço.
Embora estivesse doente, compareceu ao serviço.

a) (que percebamos o limite...)
b) (que se encontrasse uma...)

a. É importante *perceber o limite de nossas ações.*
b. Tinha um objetivo: *encontrar uma saída para o problema.*
c. *Ao anoitecer*, percorremos o difícil caminho de volta. (Quando anoiteceu...)
d. *A estrada a ser percorrida pela velha maria-fumaça* não tem mais que três quilômetros. (A estrada que a velha maria-fumaça vai percorrer...)
e. No fim do ano, eram pessoas e mais pessoas *carregando embrulhos.* (que carregavam embrulhos)
f. Pensei *não virem cedo para casa.* (que não viessem cedo...)
g. A reunião não começará *sem você estar presente.* (sem que você esteja presente)
h. *Mesmo conhecendo o problema*, nada disse ao marido. (Embora conhecesse...)
i. *Ao soarem os cavaquinhos*, o povo aplaudiu de pé. (Quando soaram...)
j. Os motociclistas colocaram os capacetes *a fim de proteger a cabeça.* (a fim de que a cabeça ficasse protegida...)
k. *Percebendo minha ignorância sobre o assunto*, desistira de perguntas. (Como percebeu... ou Porque percebeu...)
l. Esta é a história *contada pelo pescador*, basta ver se é verdade. (que o pescador contou)

3 Passe as orações desenvolvidas que estão em destaque para a forma reduzida que melhor convier.

Modelo: Os professores sugeriram-me *que não usasse aquele livro.*
Os professores sugeriram-me não usar aquele livro.

a. Esperava-se *que o navio fosse localizado.* (localizar o navio)
b. O médico exigia *que seus assessores fossem pontuais.* (serem pontuais os seus assessores)
c. Os trabalhadores eram favoráveis *a que mudasse o horário de saída.* (a mudar o...)
d. Era necessário *que se usassem os óculos escuros.* (usar os óculos escuros... ou usarem)
e. Seu medo era *que tirassem os brinquedos do lugar.* (tirarem os brinquedos...)
f. O povo não entendeu as explicações *que o ministro apresentou.* (apresentadas pelo ministro)
g. É fundamental *que as pessoas conheçam seus direitos, além dos deveres.* (as pessoas conhecerem seus direitos...)
h. Pagou a mercadoria *antes que a pegasse.* (antes de pegá-la)
i. *Se andares depressa*, chegarás a tempo. (Andando depressa)
j. Poucos entenderam as informações *que o texto continha.* (contidas no texto)

4 Classifique as orações subordinadas substantivas reduzidas de infinitivo que estão em destaque.

a. Tornara-se possível *abrir a biblioteca da escola para as pessoas do bairro.* OSS Subjetiva

b. As meninas sabiam *escolher a própria roupa.* OSS Objetiva Direta
c. Habituamo-nos *a vê-lo na rua com a bola.* OSS Objetiva Indireta
d. Negar a existência do racismo é *concordar com a sua permanência.* OSS Predicativa
e. Muitas pessoas se empenham na mesma luta: *preservar a natureza.* OSS Apositiva
f. É muito importante para os pais *viver os primeiros dias do filho com ele.* OSS Subjetiva
g. Aquele pequeno time tinha consciência *de ser inexperiente para aquela competição.* OSS Completiva Nominal

5 Classifique as orações subordinadas adverbiais reduzidas de infinitivo que estão em destaque.

a. Ao *encontrar o jornalista*, reclamaram das informações absurdas que foram publicadas. OS Adv. Temporal
b. O caminhoneiro estacionou no acostamento *para averiguar o farol dianteiro.* OS Adv. Final
c. *Apesar de ser o Dia Internacional da Mulher*, não a abracei. OS Adv. Concessiva
d. Não faço compras *sem antes verificar meu saldo bancário.* OS Adv. Condicional
e. Na ausência dos donos, os cachorros ficavam roucos *de tanto latir.* OS Adv. Causal
f. Sentia-se sufocada *por estarem fechados os vidros do carro.* OS Adv. Causal
g. *Apesar de ser gordo*, possui muita flexibilidade. OS Adv. Concessiva
h. Você devia estar muito cansada *para dormir com a roupa do trabalho.* OS Adv. Consecutiva

6 Classifique as orações subordinadas adverbiais reduzidas de gerúndio que estão em destaque.

a. *Chegando lá*, a menina descobriu que era uma exposição de livros infantis de vários países. OS Adv. Temporal
b. Surpreendeu-me que, *estando com febre alta*, tivesse tomado leite gelado. OS Adv. Concessiva
c. *Dando tantas aulas em várias escolas*, não tinha tempo para si e para a família. OS Adv. Causal
d. *Lendo o texto*, você conseguirá responder às questões. OS Adv. Condicional ou Temporal
e. *Encontrando o amigo*, devolveu-lhe o dinheiro. OS Adv. Temporal

7 Identifique as orações subordinadas adjetivas reduzidas de gerúndio.

a. Estavam ali os escritores premiando os vencedores do concurso de poesia e conto.
b. Lá estavam os bombeiros procurando o corpo do pescador.
c. Eram livros desenvolvendo a criatividade das crianças.
d. São adolescentes procurando amor.

8 Classifique as orações reduzidas de particípio em destaque.

a. Esta é a máquina *comprada por seu pai?* OS Adj. Restritiva
b. *Resolvido o caso*, não perdeu mais o sono. OS Adv. Causal ou Temporal
c. *Mesmo cuidadas,* as plantas secaram. OS Adv. Concessiva
d. *Confirmado o engano*, todas as provas seriam anuladas. OS Adv. Condicional
e. *Adaptado à nova casa*, não penso em mudar de bairro. OS Adv. Causal

9 Identifique as orações reduzidas e classifique-as.

a. Nós necessitávamos de extravasar a nossa emoção. OSS Objetiva Indireta

b. É preciso parar de fumar. OSS Subjetiva
c. Não consigo dormir sem antes ler alguma coisa. OS Adv. Condicional
d. Ele não era um aluno de se deixar influenciar pelos baderneiros.
OS Adj. Restritiva
e. "Eu, há hoje dez anos, vi abrir os alicerces daquela casa."
OSS Objetiva Direta
(Carlos Drummond de Andrade)
f. Meu pai era um homem de fazer músicas e poesias. OS Adj. Restritiva
g. Você devia estar muito nervoso para tê-lo agredido daquela forma.
OS Adv. Consecutiva
h. Apesar de se gostarem muito, viviam brigando. OS Adv. Concessiva
i. Terminando as férias, pretendo mudar de casa. OS Adv. Temporal
j. Estavam ali as pessoas chamadas por mim. OS Adj. Restritiva
k. Sabendo o empregado de muitas coisas sigilosas, a empresa não podia demiti-lo. OS Adv. Causal
l. Aparecendo por aqui, não deixe de me visitar. OS Adv. Temporal
m. Sentando nessa poltrona, perderão boas cenas da peça de teatro.
OS Adv. Condicional

10 Identifique as orações ou os períodos interferentes.

"Eu sou um desses estranhos animais que têm por hábitat o Rio de Janeiro; ouvi-me, pois, com o devido respeito.
Sou um monstro de resistência e um técnico em sobrevivência — pois o carioca é, antes de tudo, um forte. Se à vezes saio do Rio por algum tempo para descansar de seus perigos e desconfortos (certa vez inventei até ser correspondente de guerra, para ter um pouco de paz), a verdade é que sempre volto. Acostumei-me, assim, a viver perigosamente." (Rubem Braga)

1 Complete as frases com as palavras dos parênteses, fazendo a devida concordância.

a. O honesto calabrês da quitanda não quis vender os limões (/). (amarelado) amarelados
b. O Bixiga e a Barra Funda são (/). (populoso) populosos
c. Os festejos e as procissões são (/) ao santo do dia. (oferecido) oferecidos
d. Pai e filha pareciam (/). (desgostoso) desgostosos
e. No teatro eles ficaram com (/) lugar e companhia. (péssimo) péssimo
f. Procuravam demonstrar carinho e afeição (/). (materno) maternos ou materna
g. A vegetação rasteira e o cacto estavam (/) pelo sol escaldante. (seco) secos
h. O sorriso, o afeto e a emoção eram (/) com dificuldade. (demonstrado) demonstrados
i. Conhecemos o pasto, o curral e a casa de máquinas (/) pelo empregado-modelo. (cuidado) cuidada ou cuidados
j. Encontramos o professor e a diretora (/) a organizar a festa beneficente. (disposto) dispostos
k. (/) os meses, esqueceu-se da mulher que o abandonou. (passado) Passados
l. As rádios e os jornais que comunicaram a notícia (/) continuavam (/). (proibido — censurado) proibida - censurados
m. Um e outro jornal apresentaram os culpados e as vítimas (/). (entrevistado) entrevistados ou entrevistadas
n. Os bons políticos sentiram-se vitoriosos quando viram (/) a lei e o regulamento para punição dos sonegadores de impostos. (aprovado) aprovada
o. O nono e décimo (/) do prédio estão desocupados. (andar) andares
p. O primeiro e o segundo (/) do Ensino Médio sairão mais cedo. (ano) ano ou anos
q. Os (/) quarto e quinto estão danificados. (andar) andares
r. Meninos e meninas, encontrei-(/) abandonados. (o) os

2 Faça como no exercício anterior.

a. Recebemos (/) o recibo da administradora do prédio. (incluso) incluso
b. Os braços eram (/) pequenos para receber tantas flores. (demasiado) demasiado
c. As mãos estavam (/) fechadas, escondendo o tremor de susto. (meio) meio
d. (/) a esta carta segue a fotografia das crianças. (anexo) anexa
e. (/) a esta carta seguem os comprovantes do Imposto de Renda. (anexo) anexos
f. Era ela (/) que cozinhava todos os dias. (mesmo) mesma
g. Ao meio-dia e (/) nós estávamos (/) com o carnê, evitando que a dívida fosse a cartório. (meio — quite) meia - quites
h. É (/) a luta pela democracia. (necessário) necessária
i. Era (/) a entrada para menores de dezoito anos. (proibido) proibida
j. Essa pimenta não é (/) para o tempero. (bom) boa
k. Verdura é (/) para a saúde. (bom) bom
l. Eram (/) as frutas estragadas. (bastante) bastantes
m. Os brinquedos custam (/). (caro) caro
n. Andei por (/) terras. (longe) longes
o. Os brinquedos são (/). (caro) caros
p. Por causa dos caçadores, os guardas-florestais ficavam (/). (alerta) alerta
q. Eles estavam (/) na sala. (só) sós
r. Aqui há (/) bagunça do que lá. (menos) menos

3 Identifique e corrija as frases que apresentam concordância inadequada.

X a. Eu mesmo faço isso — disse a garota. mesma
b. O pintor brasileiro e o argentino expuseram seus quadros juntos.
X c. Muito obrigada — disse o rapaz à moça. obrigado
X d. A namorada falava consigo mesmo, apaixonadíssima. mesma
e. Os escritores português e espanhol tiveram suas obras traduzidas para o inglês.
f. As casas e os sobrados antigos foram tombados pelo governo.
X g. O primeiro e o segundo aluno desta fileira irão à lousa. alunos
X h. Neste recinto, é proibido a entrada de pessoas sem documentos. proibida
i. Seguem anexos às provas os resultados dos exercícios.
X j. Roberto está quites com o Serviço Militar. quite
X k. Na próxima reunião, será necessário a sua presença. necessária
l. Pimenta não é bom para a saúde.
X m. Foi desnecessário sua ajuda neste trabalho. desnecessária
n. As próprias requerentes da benfeitoria entregaram o documento ao prefeito.
o. A firma declarou não haver recebido inclusa ao pedido a relação de mercadorias.
X p. Aquele casal tem bastante amigos. bastantes
q. Comiam e bebiam bastante naquele lugar.
X r. Depois do tombo, a mulher levantou meia tonta. meio
s. Enquanto ficamos a sós, não dissemos uma palavra.
X t. Quanto menas gente, melhor. menos
u. Os soldados permaneceram alerta durante a manifestação.
v. Os amigos chegaram e vieram direto para minha casa.

4 Das frases abaixo, apenas uma apresenta concordância nominal inadequada. Identifique-a e transcreva-a, corrigindo.

a. Vi descabeladas e desarrumadas as sensuais atrizes do cinema brasileiro.
b. Ele pintava o débil sol de inverno.
c. Gostavam de tomar açucarados chá e café.
d. Pesquisamos livros e revistas antigos.
e. Abriu os olhos e a boca amarrotados de dormir.
f. Achou fotos e filmes raros sobre a população indígena.
g. Vestiu a calça e o blusão escuros.
h. Achava necessário dar presentes e recordações aos melhores alunos.
i. Acreditava mortíferas as plantas e raízes encontradas.
j. Dezenas de motoristas foram multados.
k. Os alunos nada disseram de assustador.
l. Xícaras e pratos de louça foram encomendadas à loja de antiguidades. encomendados
m. As notícias que trouxe não são as melhores.
n. Sofríamos a olhos vistos.
o. Seu trabalho e diversão confundiam-se.
p. Aquela cidade e bairro marcavam o início da imigração italiana.
q. Os companheiros grevistas estavam alerta.
r. A casa ficou toda inundada.

1 Complete os espaços com as formas verbais adequadas.

a. Sempre (/) os carimbos da secretaria.(desaparece - desaparecem)
b. Um bando de pardais (/) as sementes da horta. (comeu - comeram)
c. (/), mas (/) o casal profundas mágoas desde o começo do casamento. (Gostava-se - Gostavam-se; carregava - carregavam)
d. Enquanto ele (/) banho, (/) um homem e uma mulher. (tomava - tomavam; telefonou-lhe - telefonaram-lhe)

2 Leia as orações e justifique a concordância do verbo com o sujeito composto anteposto, de acordo com o quadro abaixo:

I — Os núcleos do sujeito são sinônimos.
II — Os núcleos do sujeito formam sequência gradativa.
III — Os núcleos do sujeito referem-se à mesma pessoa.
IV — Os núcleos aparecem resumidos por *tudo, nada, ninguém.*

a. Jornalista e professor trabalhava nos três períodos do dia. (III)
b. A fraqueza, a tontura, o desmaio aconteceu de repente. (II)
c. A bondade e a benevolência não era sua qualidade. (I)
d. Poeta, pintor e cirurgião plástico fazia as coisas com perfeição. (III)
e. Menina e mulher reunia inocência e amadurecimento. (III)
f. O trabalho e a atividade profissional levava-o ao cansaço. (I)
g. Os pais, os avós, os vizinhos, ninguém percebeu a criança saindo. (IV)
h. Pedreiro e vigia noturno não descansava nunca. (III)

3 Justifique a concordância verbal, de acordo com o quadro abaixo:

I — Concordância com o núcleo do sujeito mais próximo.
II — Concordância com a pessoa que tiver prevalência.

a. Elogiou-se a atitude do delegado e a rapidez dos bombeiros.(I)
b. Incomodava-lhe a gritaria do vizinho e os ensaios daquele conjunto. (I)
c. Tu, Maria e Miro jantareis comigo. (II)
d. Eu e você compraremos os ingressos amanhã. (II)
e. A cada palavra do policial vinha a resposta do comerciante e a ira das testemunhas. (I)

4 Explique e discuta a concordância verbal da frase:

Uma tempestade de palavrões *saíram* da boca da criança.
Por regra, o verbo deveria estar no singular concordando com o núcleo do sujeito *tempestade*, mas aparece no plural concordando com o adjunto adnominal plural, concordância que também é admissível.

5 Complete adequadamente os espaços com as formas verbais dos parênteses.

a. Todo o país aguardava o pronunciamento: o ministro da Fazenda ou o próprio presidente (/) os novos rumos da economia. (anunciaria - anunciariam)

b. A irritação do proprietário ou a necessidade do posseiro (/) o conflito e ninguém conseguia resolver o problema. (aumentava - aumentavam)

c. O caminhão de transporte com o carro do prefeito (/) de frente. (chocou-se - chocaram-se)

d. Nem o marido nem o filho (/) que o técnico viria consertar a máquina. (avisou - avisaram)

e. Tanto o noticiário da televisão como o noticiário da principal rádio não (/) o acidente. (comunicou - comunicaram)

f. A carne de primeira, a carne de segunda, frango, peixe, tudo (/) sendo vendido com preço fora da tabela. (estava - estavam)

g. Os jogadores, o preparador físico, os dirigentes, ninguém (/) o técnico da seleção. (localizou - localizaram)

h. O saber falar e, principalmente, o saber ouvir (/) ser suas principais qualidades. (parecia - pareciam)

i. As *Aventuras de Robinson Crusoé* (/) a sonhar com as ilhas desertas. (ensinou-me - ensinaram-me)

6 Identifique as frases que apresentam concordância verbal inadequada e corrija-as.

X a. Vende-se casas. Vendem-se

b. Precisa-se de vendedores com experiência.

X c. Aspiram-se a bons cursos de veterinária. Aspira-se

d. Pagam-se os carnês de Imposto Predial.

e. Devia haver mais médicos atendendo a população.

X f. Deviam haver mais voluntários para trabalhar na alfabetização de adultos. Devia

g. Podiam ser duas da madrugada quando houve os acidentes na usina.

X h. Eu e tu compreenderás que isso é um bom sinal dos tempos.
compreenderemos

i. A pilha de livros desmoronou.

X j. Ali, sorri pintadas de rosa as paredes da escola. sorriem

k. Cercavam o ministro uma dezena de jornalistas.

l. A maioria dos brasileiros, não importa o nível econômico, o sexo e a idade, gostam de futebol.

m. Bolas, bolas era o que me pediam sempre os sobrinhos.

n. A família de índios revelava valores culturais diferentes dos nossos.

o. Boas maneiras é que faltavam a eles.

p. A constelação de estrelas era na verdade um grupo de atrizes famosas.

q. O contrabando, a atividade ilegal levara-o à prisão.

r. Conservantes, adoçantes e produtos industrializados, tudo tem sido combatido pelos naturalistas.

X s. A vitória do time era seus sonhos. eram

t. Eu é que organizo a biblioteca da escola.

u. Era uma vez dois garçons que nunca se entendiam.

X v. Vossa Santidade sois maravilhoso. é

7 Complete as frases com os verbos dos parênteses no tempo pedido.

a. Não só a área rural mas também a área urbana (/) de mudanças. (necessitar - presente do indicativo) necessitam

b. (/)-se fugirem os pássaros no inverno. (ver - imperfeito do indicativo) Via

c. Mariana (/) suas alegrias. (ser - imperfeito do indicativo) era

d. As saudades da pátria (/) o que amargura o exilado. (ser - presente do indicativo) é

e. (/) os atores quando foram aplaudidos. (curvar-se - pretérito perfeito) Curvaram-se

f. (/)-se de homens e mulheres corajosos. (precisar - presente do indicativo) Precisa

g. Quando achávamos que a guerra estava próxima do final, Vossa Excelência (/) novos bombardeios. (ordenar - presente do indicativo) ordenou

h. Fostes vós que (/) do zelador do prédio? (reclamar - pretérito perfeito) reclamastes

i. Nenhuma de nós (/) mais aquela ladainha. (aguentar - pretérito imperfeito do indicativo) aguentava

j. Quantos dentre vós (/) os lucros? (repartir - presente do indicativo) repartem ou repartis

k. Não fui eu quem (/) esse livro. (estragar - pretérito perfeito) estragou

l. Qual de vós (/) o acidentado? (acompanhar - pretérito perfeito) acompanhou

m. Poucos dentre nós (/) para a prova. (estudar - pretérito perfeito) estudaram ou estudamos

n. Sou eu quem (/) o serviço de casa. (fazer - presente do indicativo) faz

o. Tanto os bispos como os cardeais (/)-se na defesa do papa. (unir - pretérito perfeito) uniram

p. (/)-se matarem jovens inocentes naquela guerra insana. (ver - pretérito imperfeito do indicativo) Via

q. Isso (/) dores-de-cotovelo. (ser - presente do indicativo) são

r. És tu que (/) o jogo. (organizar - presente do indicativo) organizas

s. Somos nós que (/) pela classe. (responder - presente do indicativo) respondemos

t. (/) redigir as cartas comerciais. (faltar - pretérito imperfeito do indicativo) Faltava

u. Nem eu nem você (/) na palavra dele. (acreditar - pretérito perfeito) acreditamos

v. (/) cinco horas no relógio da estação de trem. (dar - pretérito perfeito) Deram

w. (/) dez minutos para as quinze horas. (faltar - presente do indicativo) Faltam

1 Complete as frases com as preposições adequadas, contraindo-as quando for necessário.

a. O salão nobre da mansão é destinado (/) grandes recepções. (às ou a)

b. As visitas (/) prédios antigos e (/) casas coloniais são acompanhadas por guias especializados. (aos - às ou a - a)

c. Serão abertas (/) público as farmácias homeopáticas tão esperadas (/) população. (ao - pela)

d. A presença (/) crianças (/) grupos escolares é comum no Instituto Butantã. (de - de)

e. Poucos se preocuparam com a ampliação (/) atividades culturais. (das)

f. Os alunos empolgaram-se com a discussão (/) temas abolicionistas. (de ou sobre)

g. O objetivo das pesquisas é relacionar o aumento (/) desidratação (/) crescimento da miséria brasileira. (da - ao ou com o)

h. Uma das coisas que mais respeito (/) alguém é a sua coerência, o fato (/) fazer na vida tudo que é compatível (/) suas ideias. (em - de - com)

i. A maioria das crianças brasileiras é propensa (/) doenças infecciosas. (a)

j. Aquela senhora foi atenciosa (/) as visitas. (com ou para com)

k. Qualquer sistema democrático é preferível (/) autoritarismo. (ao)

l. Os temas (/) livro eram filosóficos. (do)

m. Não estávamos aptos (/) exercer o cargo. (a ou para)

n. Estávamos ansiosos (/) chegada do Natal. (pela)

o. Este é o preço estabelecido (/) a passagem de ônibus. (para)

p. A descrição das florestas e igarapés era feita (/) beleza e poesia. (com)

2 Identifique as frases em que ocorre regência nominal inadequada e corrija-as.

a. Ele, deitado na cama, estava alheio a tudo; mesmo assim abracei-o.

b. Apesar de toda a comemoração em sua homenagem, ainda era necessária a confirmação de sua presença.

c. Aquela área de terra pertencia-lhe havia muito tempo e isso era o bastante para não colocarem dúvidas sobre o seu direito de propriedade.

X d. Aquele homem, embora já tivesse perdido muito dinheiro, era constante do vício de jogar. (no)

e. O prejuízo causado pelo incêndio de ontem à noite foi análogo ao do ano passado.

X f. Às vezes é preferível ficar em casa do que viajar. (ficar em casa a viajar)

X g. A sua falta na prova foi justificada. (à)

X h. Álvares de Azevedo foi contemporâneo com a época de Junqueira Freire e Fagundes Varela. (a ou de)

1 Dê o significado dos verbos destacados nas frases.

a. O Exército *chamou* os jovens rapazes. VTD convocou
b. *Chamavam* o jogador de Cestinha. VTD denominavam, cognominavam
c. *Chamavam* ao jogador de Cestinha. VTI denominavam, cognominavam
d. Eu *queria* um livro de Gramática. VTD desejava
e. Eu *quero* aos meus pais. VTI gosto, estimo
f. As enfermeiras *assistiam* os doentes com dedicação. VTD davam assistência, ajudavam
g. Os turistas *assistiram* a apresentações folclóricas na Bahia. VTI presenciaram
h. *Assistia* ao advogado de defesa o direito à palavra. VTI cabia, pertencia
i. O jogador *visou* as traves e chutou a bola certeira. VTD mirou
j. Tudo o que fazia era *visando* à tranqüilidade dos pais. VTI pretendendo, tendo em vista
k. O gerente do banco *visou* o cheque. VTD passou visto, vistou
l. Na primavera, *aspiramos* o perfume das flores. VTD absorvemos, sorvemos
m. Há homens que *aspiram* ao poder pela força. VTI almejam
n. *Custou* aos alunos entender aquele exercício. VTI foi custoso, difícil
o. A aquisição do imóvel *custou*-nos muito trabalho. VTDI acarretou
p. Sua argumentação referente à falta de leite não *procede*. VI não tem fundamento, não tem procedência
q. Muitos problemas de saúde *procedem* de má alimentação. VTI originam-se
r. O organizador da exposição *procedeu* à entrega das medalhas. VTI deu andamento
s. A escola atual *atende* às reais necessidades das crianças e dos jovens brasileiros? VTI satisfaz
t. Com jeito, a garota acabou *atendendo* ao pedido do namorado. VTI levando em consideração
u. O prefeito *atendeu* muito bem os repórteres. VTD recebeu, acolheu
v. O helicóptero *precisou* o local onde o avião havia caído. VTD marcou com precisão
w. *Precisamos* de tempo para recompor nossas economias. VTI temos necessidade

2 Retire os verbos destacados no exercício anterior e classifique-os de acordo com o seu significado em: *intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto e indireto.*

Modelo:
a. Chamar — sentido de convocar — verbo transitivo direto
b. Chamar — sentido de denominar — verbo transitivo direto
c. Chamar — sentido de denominar — verbo transitivo indireto
(As respostas ao professor estão no exercício anterior.)

3 Complete.
Observando os diferentes significados e as diferentes regências dos verbos no exercício anterior, conclui-se que esses verbos alteram o significado conforme (/). alteram a regência

4 Reveja na parte teórica os verbos destacados abaixo. Informe suas peculiaridades.

Modelo: Não *me lembrei* de desligar o ferro.
lembrar-se: pronominal — verbo transitivo indireto
Esqueci o material de Língua Portuguesa.
esquecer: não pronominal — verbo transitivo direto

a. Vera *lembrou-se* do aniversário de Fernando. (pronominal - VTI)
b. *Esqueci-me* de comprar papel higiênico. (pronominal - VTI)

c. *Lembrei* o nome daquela cantiga folclórica. (não pronominal - VTD)
d. Lígia *esqueceu* as sandálias na praia. (não pronominal - VTD)
e. Já *pagamos* todas as nossas dívidas. (objeto “coisa” - VTD)
f. Você já *pagou* ao tintureiro? (objeto “pessoa” - VTI)
g. Eles *pagam* baixos salários aos boias-frias. (dois objetos: “coisa” e “pessoa” - VTD e I)
h. Nossos credores *perdoaram* nossas dívidas. (objeto “coisa” - VTD)
i. Há pais que não *perdoam* aos filhos. (objeto “pessoa” - VTI)
j. A firma não *perdoou* a dívida aos credores. (dois objetos: “coisa” e “pessoa” - VTD e I)
k. *Agradecemos* os favores recebidos. (objeto “coisa” - VTD)
l. Já *agradeceram* aos vizinhos? (objeto “pessoa” - VTI)
m. Você já *agradeceu* a seu pai o presente? (dois objetos: “coisa” e “pessoa” - VTD e I)

5 Complete as frases com as preposições adequadas, contraindo-as quando necessário.

a. São poucos os programas de televisão que agradam (/) telespectadores. aos
b. Agradecemos (/) empregados os bons serviços prestados. aos
c. Ele preferia multiplicar os seus ganhos (/) dividir com os empregados os seus lucros. a
d. Renunciou (/) tudo na busca de melhores condições de vida. a
e. Todo o repertório da cantora cheira (/) sucesso. a
f. Todos lhe falavam (/) tom grave. em
g. Na 2ª Guerra Mundial, os franceses resistiram (/) alemães. aos
h. A desconfiança pairava (/) nós. sobre
i. A noite de luar convidava-o mais (/) namoro do que (/) trabalho. ao - ao
j. Os livros ensinavam-no (/) organizar as ideias; as ideias ensinavam-lhe (/) ver melhor a vida. a - a
k. Deparei (/) um monumento imenso. com
l. Ricardo e Juninho se entretinham (/) fazer palavras cruzadas. em
m. Informou-se (/) a estrada interditada. sobre
n. Os condôminos não obedeciam (/) regulamento do prédio. ao
o. Na escolha do presente, o garoto hesitou (/) a bola e o carrinho. entre
p. Tentaram persuadir o homem (/) confessar crimes que não cometera. a
q. Insistia (/) desistir da viagem para não ficar longe dos filhos. em
r. Não me refiro (/) você e sim (/) seu irmão. a - a
s. Fomos (/) cinema mais próximo. ao

6 Classifique os verbos destacados em *intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto* ou *transitivo direto e indireto*.

a. Certas atitudes irrefletidas *ajudam*-nos a refletir melhor sobre a vida. VTDI
b. Quando criança, sem nenhum conforto, *aspirava* o ar puro do campo; hoje *aspiro* a uma vida confortável numa grande cidade poluída. VTD-VTI
c. Os espectadores *assistiam* à peça de teatro muito emocionados. VTI
d. A população *ajudou* os desabrigados. VTD
e. Os filhos *atenderam* ao pedido dos pais. VTI
f. O filho *assistiu* a mãe na velhice. VTD

g. A pedra *atingiu* a vidraça da casa vizinha. VTD
h. *Chamei* você e outros colegas para a comemoração dos meus quinze anos. VTD
i. Sua melhor fase na pintura *consiste* em seus quadros surrealistas. VTI
j. Não há como *contentar*-se com o resultado desse jogo. VTI
k. Nas horas de briga, Júnior *esquecia*-se de que Ricardo era seu irmão. VTI
l. A falta de gols na partida *desagradou* aos torcedores. VTI
m. Armando, compositor de música sertaneja, *precisava* da música como precisava do oxigênio. VTI
n. Virgínia, a bela italianinha, *sofreu* muito. VI
o. Nandão *visava* a uma grande suinocultura. VTI
p. Vera *implantou* um difícil sistema de comunicação. VTD

7 Complete com os pronomes *o* (ou variações) e *lhe* (ou variações) conforme a regência do verbo.

a. Ninguém (/) convidou para a reunião. a
b. Quando meus pais falavam, eu (/) obedecia. lhes
c. Não (/) namorou muito tempo. o/a
d. A vida ensinara-(/) a humildade. lhe
e. Ensina-(/) a pegar a enxada. o/a
f. Poucos (/) informaram que o preço do produto havia sido alterado. lhe
g. Informei-(/) do melhor caminho para chegar à cidade. o
h. Telefonei-(/) para informá-(/) de que estou em licença médica. lhe - lo
i. Perdoei-(/) o engano uma vez, mas três vezes era demais. lhe
j. Ele (/) amava, mas não era correspondido. a
k. Eram bons meninos, por isso nós (/) queríamos bem. lhes
l. Não interessava a João aquele terreno, interessava-(/) um outro mais próximo de sua casa. lhe
m. A passagem de Carlos está paga, eu já (/) paguei. a
n. Paguei-(/) a passagem apenas uma vez. lhe
o. A vocês, um abraço de quem muito (/) estima. os
p. Minha oferta não (/) agradou. lhe
q. Agradeci-(/) a lembrança emocionado. lhe
r. Somente o filho mais velho (/) desobedecia. lhe

8 Identifique as frases em que a regência verbal esteja inadequada. Corrija-as.

X a. Nem todos os motoristas obedecem os sinais de trânsito. aos
X b. Não me simpatizei com o novo chefe. ~~me~~
X c. Celso namora com a Elisabete há dois anos. ~~com~~
d. Nós o vimos ontem.
X e. Convidei-lhe para ir à feira de artesanato. o
f. O bom pastor semeava esperança e perdoava as injúrias.
g. A população votou contra, não perdoando ao corrupto suas falsas promessas.
X h. Queríamos perdoar os malfeitores, mas era difícil. aos
i. Precisamos de novos hábitos alimentares.
X j. Minhas críticas não agradaram o escritor. ao
X k. Quando cheguei no cinema, percebi que havia esquecido a carteira. ao
X l. Ela lhe amava como ninguém jamais amou. o
m. Prefiro ficar sozinho a sair com pessoas que não me agradam.

1 Destaque os pronomes oblíquos átonos e informe se eles estão na posição proclítica, mesoclítica ou enclítica.

a. Poucos o respeitavam no trabalho. proclítico
b. Muitos lhe telefonaram pelo aniversário. proclítico
c. Tentar-se-ia uma vaga na escola para o filho mais velho. mesoclítico
d. Tratavam-me com muito carinho. enclítico
e. Vender-se-ão as casas. mesoclítico
f. Ajude-me na cozinha. enclítico

2 Destaque os pronomes oblíquos átonos e justifique a próclise.

a. Todos lhe ensinavam bons modos, mas pouco adiantava. atraído pelo pronome substantivo todos
b. Só aqui se lembrou de que deixara a porta de sua casa destrancada. atraído pelo advérbio
c. Preciso de uma bibliografia que me prepare para o vestibular. atraído pelo pronome relativo
d. Propusemos que se retirassem da conferência, já que não se mantinham silenciosos. atraído pela conjunção subordinativa; atraído pelo advérbio
e. Não se importunava com a algazarra da vizinhança. atraído pelo advérbio
f. Aqueles amigos com os quais nos encontramos eram grandes piadistas. atraído pelo pronome relativo
g. Quem os remeterá pelo correio? frase interrogativa
h. Em se tratando de Matemática, não pergunte nada a ele. atraído pela preposição em seguida de gerúndio
i. Deus o ajude. frase optativa
j. Quanto me custa dizer isso! frase exclamativa

3 Complete.

A mesóclise ocorre (/). somente com verbos no futuro do presente ou no futuro do pretérito e desde que não se justifique a próclise

4 Desfaça a mesóclise de acordo com o modelo.

Encontrá-lo-ei às duas horas.
Não o encontrarei às duas horas.

a. Fá-lo-ei para você. Não o farei para você.
b. Explicar-lhe-emos a matéria. Não lhe explicaremos a matéria.
c. Esclarecer-lhe-ei o assunto hoje. Não lhe esclarecerei o assunto hoje.
d. Trá-lo-ei amanhã. Não o trarei amanhã.
e. Dir-lhes-ei todas as verdades. Não lhes direi todas as verdades.
f. Comprá-lo-ei para você. Não o comprarei para você.

5 Desfaça a mesóclise conforme o modelo.

Alugar-se-ão os apartamentos. (voz passiva sintética)
Os apartamentos serão alugados. (voz passiva analítica)

a. Vender-se-iam alguns livros. Alguns livros seriam vendidos.
b. Realizar-se-á uma reunião. Uma reunião será realizada.
c. Terminar-se-ão todos os projetos. Todos os projetos serão terminados.
d. Consertar-se-ão todos os buracos das ruas. Todos os buracos das ruas serão consertados.
e. Procurar-se-ia um emprego mais adequado. Um emprego mais adequado seria procurado.

6 Nas frases abaixo os pronomes oblíquos átonos estão colocados inadequadamente ou de acordo com a língua falada. Transcreva-as, colocando os pronomes conforme orientação da norma culta.

a. Embora mantivesse-o preso, a polícia tinha certos cuidados.
Embora o mantivesse preso, a polícia tinha certos cuidados.
b. Lhe disse poucas e boas.
Disse-lhe poucas e boas.
c. Os ratos e restos de comida lhe representaram um banquete.
Os ratos e restos de comida representaram-lhe um banquete.
d. Se entediavam de tanto assistir, aos domingos, aos programas de TV.
Entediavam-se de tanto assistir, aos domingos, aos programas de TV.
e. Muitos julgavam-no o líder de nossa turma.
Muitos o julgavam o líder de nossa turma.
f. Nada ajudá-lo-á nessa fase de rebeldia.
Nada o ajudará nessa fase de rebeldia.
g. Me solicitaram os documentos necessários para a internação no hospital.
Solicitaram-me os documentos necessários para a internação no hospital.
h. Venderia-lhe um carro tão cheio de defeitos?
Vender-lhe-ia um carro tão cheio de defeitos?
i. Não digo-lhes nenhuma mentira para dar bom exemplo.
Não lhes digo nenhuma mentira para dar bom exemplo.
j. Nunca procurei-o para pedir favores.
Nunca o procurei para pedir favores.
k. Tudo falou-se sobre as doenças contagiosas.
Tudo se falou sobre as doenças contagiosas.
l. Quando assustei-me com o carro, não percebi que o sinal estava vermelho para os pedestres.
Quando me assustei com o carro, não percebi que o sinal estava vermelho para os pedestres.
m. Não joga-se comida fora.
Não se joga comida fora.
n. Lhe ofereça a mercadoria a um bom preço.
Ofereça-lhe a mercadoria a um bom preço.
o. Visitaria-o caso não chovesse.
Visitá-lo-ia caso não chovesse.

7 Introduza o pronome oblíquo átono dos parênteses nas locuções verbais.

a. O brasileiro *precisa habituar* a ler mais. (se) precisa-se habituar ou precisa habituar-se
b. O sol *ia tornando* cada vez mais forte. (se) ia-se tornando ou ia tornando-se
c. Ninguém comentava sobre o que *havia passado* naquela ocasião (se). que se havia passado
d. Não *quiseram dizer* nada sobre o acontecido. (me) não me quiseram dizer ou não quiseram dizer-me
e. Você *há de acostumar* nessa nova casa. (se) há de se acostumar ou há de acostumar-se
f. *Voltei a encontrar* depois de muitos anos. (o) Voltei a encontrá-lo
g. *Devo contar* tudo. (lhe) Devo-lhe contar ou devo contar-lhe
h. Tudo *devo contar*. (lhe) lhe devo contar ou devo contar-lhe
i. Não *havia lembrado* desse fato. (me) me havia lembrado
j. Eu já *havia esquecido* de apagar o fogo. (me) me havia esquecido

8 Introduza o pronome oblíquo átono dos parênteses nas frases abaixo de acordo com a norma culta.

a. João estava cansado, *recebeu* friamente. (me) recebeu-me
b. *Doamos* o quadro. (lhe) Doamos-lhe
c. *Recebemos* com certa expectativa. (o) Recebemo-lo
d. Teve ideia de assustar o irmão, mas *seguraram*. (o) seguraram-no
e. *Deixe de magoar* com essas aflições. (se) Deixe de se magoar ou Deixe de magoar-se
f. O certo é que *sentíamos* infelizes. (nos) nos sentíamos
g. O hábito de *perfumarem* logo de manhã era enjoativo. (se) perfumarem-se
h. É muito rápido para *contar* do meu amor. (lhe) contar-lhe
i. *Ajudai* uns aos outros. (vos) Ajudai-vos
j. *Segurei* no colo enquanto a mãe procurava a mamadeira. (a) Segurei-a

k. *Apliquei* a injeção sem que ela sentisse dor. (lhe) Apliquei-lhe
l. A verdade é que *percebia* inibida perto dele. (me) me percebia
m. Todos dirão que não *recordam* dessa história. (se) se recordam
n. *Diria* que pouco sabíamos da matéria para a prova. (se) Dir-se-ia
o. A população reunida *ensinaria* que através do silêncio era possível protestar. (lhe) ensinar-lhe-ia
p. Em *falando* de pobreza no Nordeste, não *esqueçamos* de que São Paulo é um centro para onde vão muitos pobres à procura de trabalho. (se - nos) se falando - nos esqueçamos
q. Tenho *visto* pouco feliz. (a) Tenho-a visto
r. *Preciso mandar* os originais do livro de Gramática. (lhe) Preciso-lhe mandar ou Preciso mandar-lhe
s. Ao *encontrar*, percebi que o amava. (o) encontrá-lo
t. O homem que *chamava* Paulo *confundiu* tomando o ônibus errado. (se - se) se chamava - confundiu-se
u. Sabia que *entenderíamos* muito bem. (nos) nos entenderíamos

9 Informe quais colocações pronominais estão de acordo com a norma culta.

x a. Sustentar-se-ia com um pequeno salário, mas não deixaria o emprego do qual gostava.
b. Me falaram sobre o filme que denuncia os problemas brasileiros, mas não fui vê-lo.
x c. Seria necessário ensinar-lhe educação.
d. Devo lhe mandar as crianças para passarem as férias aí.

EMPREGO DO SUBSTANTIVO, DO ARTIGO, DO ADJETIVO, DO NUMERAL E DO PRONOME

1 Informe a função sintática dos substantivos destacados nas frases.

a. Ofereceram várias *opções* de *pagamento* a prazo aos *consumidores.* (N do OD - N do CN - N do OI)
b. A *obtenção* dos *dólares* necessários proporcionou-lhe a *viagem* ao *exterior.* (N do S - N do CN - N do OD - N do adj. adv.)
c. A inveja é um *sentimento* que destrói o *ser* humano. (N do pred. do sujeito - N do OD)
d. Consideravam aquele radialista um *explorador* de pessoas humildes. (N do pred. do objeto)
e. O dinheiro mal empregado dos cofres públicos está sendo reposto pelo *povo.* (N do agente da passiva)
f. Zezinho, meu *irmão* mais novo, é caminhoneiro. (N do aposto)
g. As noites de *inverno,* no Sul, são muito frias. (N do adj. adn.)

2 Justifique a presença do artigo definido destacado.

a. Todos *os* alunos da escola gostavam das aulas de Educação Física. (depois do pron. indefinido *todos* com substantivo expresso)
b. *O* Francisco, meu cunhado, elegeu-se presidente do sindicato. (antes de nome de pessoa cujo trato é íntimo)
c. *O* não, muitas vezes, é amargo. (para substantivar uma palavra)

3 Justifique a ausência de artigo antes das palavras ou expressões destacadas.

a. Procura *Vossa Senhoria* uma boa área para a construção de uma escola profissionalizante? (não se usa artigo antes de pronome de tratamento)
b. Há pessoas cujos *pés* incham no verão. (depois do pronome relativo *cujo* não se usa artigo)
c. Viemos de *casa* direto para a quadra de esportes. (não se usa artigo antes da palavra *casa* sem modificadores)
d. Fez tudo a *seu modo,* não consultou ninguém. (não se usa artigo nas locuções com pronome possessivo)
e. *Brasília* é a capital do Brasil, famosa internacionalmente pela sua arquitetura. (não se usa artigo antes de nomes de cidades)

4 Qual é a função sintática que os artigos exercem na oração?
(adjunto adnominal)

5 Informe a função sintática dos adjetivos destacados.

a. O sorriso *terno* contrastava com o rosto *viril.* (adj. adn. - adj. adn.)
b. Considerava-o, às vezes, *agressivo.* (predicativo do objeto)
c. Suas palavras pareciam *proféticas.* (predicativo do sujeito)
d. Era *calma* sua voz. (predicativo do sujeito)
e. Jogávamos amarelinha sobre as pedras *irregulares* do calçamento. (adjunto adnominal)

6 Informe se a palavra destacada é um *substantivo adjetivado,* um *adjetivo substantivado* ou um *adjetivo adverbializado.*

a. Cantavam *alto* sem se preocupar com o sono dos mais velhos. (adjetivo adverbializado)
b. O homem *moleque* soltava o papagaio usando linha cortante. (substantivo adjetivado)
c. No *vermelho* da bandeira anunciava-se estado de alerta. (adjetivo substantivado)
d. No *verde* de seus olhos transpareciam ternura e meiguice. (adjetivo substantivado)
e. Com tantas adivinhações e profecias ela era uma mulher especial, uma mulher *bruxa.* (substantivo adjetivado)
f. Contida nos gastos domésticos, Joana comprava *barato* nos fins de feira. (adjetivo adverbializado)

7 Escreva por extenso os numerais destacados nas frases.

a. No século *XX,* ocorreram profundas transformações sociais, políticas, econômicas e tecnológicas. (vinte)
b. Na página *56* do livro, capítulo *I,* segundo parágrafo, está a resposta à sua pergunta. (cinquenta e seis, primeiro)
c. Lourdes mora na rua Cônego Eugênio Leite, 1100, casa *4.* (quatro)
d. Visitamos a *X* Feira do Gado. (décima)
e. Em 1980, o Papa João Paulo *II* esteve no Brasil. (segundo)

8 Classifique os pronomes destacados em *pronome pessoal reto*, *pronome pessoal oblíquo átono* e *pronome pessoal oblíquo tônico*.

a. Falaram de *nós* algumas inverdades. (pron. pes. obl. tônico)
b. *Nós nos* divertíamos ouvindo histórias de assombração. (pron. pes. reto; pron. pes. obl. átono)
c. Ninguém telefonou para *mim?* (pron. pes. obl. tônico)
d. Não *o* vi no acampamento. (pron. pes. obl. átono)
e. Prefiro você a *ela*. (pron. pes. obl. tônico)
f. *Ela* não *me* disse uma só palavra. (pron. pes. reto; pron. pes. obl. átono)
g. Esse cargo? Não aspiro a *ele*. (pron. pes. obl. tônico)
h. Não darei a *ti* o que não *te* pertence. (pron. pes. obl. tônico; pron. pes. obl. átono)
i. *Eles* estiveram *comigo* há pouco. (pron. pes. reto; pron. pes. obl. tônico)

9 Informe se o pronome destacado funciona como *objeto direto* ou como *objeto indireto*.

a. Ele sempre *me* dizia palavras amorosas. (OI)
b. Todos *te* aguardavam para sair. (OD)
c. Machuquei-*me* na maçaneta da porta. (OD)
d. Eles *nos* mandaram cartões-postais belíssimos. (OI)
e. Prometo-*te* o melhor livro de história policial. (OI)
f. Culparam-*nos* sem provas. (OD)

10 Informe se o pronome destacado funciona como *objeto direto* ou *objeto indireto*.

a. Empresto-*lhe* o dinheiro por quinze dias. (OI)
b. Poucos *o* perceberam na saída à missa. (OD)
c. Oferecemo-*lo* a uma criança. (OD)
d. Os adultos *a* levaram até a maca. (OD)
e. Encontrá-*lo*-ei amanhã. (OD)
f. Esclareço-*lhes* a questão, contanto que vocês me ouçam. (OI)
g. Ninguém *lhe* obedecia. (OI)
h. Pegaram-*no* escondido numa casa abandonada. (OD)

11 Complete as frases com *eu* ou *mim*.

a. Entre (/) e você há uma antiga discordância de ideias. mim
b. Para (/) sair é necessário que alguém fique em casa. eu
c. Para (/) não é impossível digitar esse capítulo. mim
d. Não é fácil, para (/), ter de desconfiar das pessoas. mim
e. Trata-se de um problema difícil para (/) resolver sozinho. eu
f. Trata-se de um problema difícil para (/). mim

12 Complete as frases com uma das formas dos parênteses.

a. É (/) mesmos que ele deve falar. (conosco, com nós)
b. (/) sempre acontece de o elevador quebrar. (conosco, com nós)
c. Sairemos (/). (convosco, com vós)
d. Falaremos (/) mesmos. (convosco, com vós)
e. O ônibus bateu no carro (/) cinco dentro. (conosco, com nós)

13 Identifique as frases em que o possessivo *seu* (e variações) causa ambiguidade, explicando-a.

x a. Otávio saiu do cinema com a namorada e foi para sua casa.
(não fica claro de quem é a casa, dele ou dela)
b. Não sei se poderei entregar o seu livro ainda hoje, Paulo.
c. Ao término da aula, irei até sua casa, Marina.
x d. César encontrou um amigo e suas irmãs no trajeto para a discoteca.
(não fica claro se são irmãs do amigo ou de César)

14 Indique a frase em que a ideia de posse esteja representada por um pronome pessoal.

a. Colocaram-me à sua disposição.
x b. Puxaram-lhe a orelha pela arte cometida.
c. Entregaram-lhe a encomenda no dia certo.
d. Designaram-te o chefe da seção.

15 Complete a frase com os demonstrativos *este* ou *aquele* (e variações).

a. São complementos verbais o objeto direto e o objeto indireto: (/) completa o sentido de verbo transitivo indireto e (/) de verbo transitivo direto. (este; aquele)
b. Ao me encontrar com Dalva e João, percebi que (/) estava conservado e (/) envelhecida. (este; aquela)

1 Sobre o presente do indicativo dos verbos destacados, informe se ele expressa:

1. um fato momentâneo;
2. um fato frequente;
3. uma ação ou um estado permanente;
4. um fato ocorrido no passado.

a. Naquele instante, a multidão *para* e *aprecia* o triste espetáculo composto pela morte de um grande cardume asfixiado pela poluição das águas do rio; pela fuga do bando de pássaros que *voa* assustado com os tiros dos caçadores; e, enquanto isso, outro espetáculo *ocorre* no Congresso: a discussão sobre o destino do futebol brasileiro. (4)
b. A saudade *dói*-me no peito, por isso *escrevo*-lhe agora. (1)
c. A defesa da natureza *é* a defesa da vida. (3)
d. Percebo que as coisas não *vão* bem e *fico* triste com isso. (1)
e. Os seres vivos *retiram,* continuamente, substâncias do ambiente físico e *eliminam* outras para ele. (2)
f. A luz *possui* velocidade constante, ou seja, é a mesma em qualquer ambiente físico. (3)
g. “Na sua cabeça *funciona* uma curiosa fábrica que trabalha 24 horas por dia, inclusive aos feriados. Os 120 mil a 150 mil fios de cabelo, em média, que você *tem* na cabeça *provêm* da produção dessa fábrica. Por dia, cresce cerca de 0,4 milímetro de cabelo. Sentado, de pé, dormindo, brincando, esteja você fazendo o que for, lá *está* a fabriqueta em intenso ritmo de produção.” *(Folhinha de São Paulo)* (2)

2 Os verbos destacados estão no presente em lugar de outros tempos. Informe quais os tempos verbais que estão sendo representados pelo presente.

a. Se ele não *vira* a direção, tinha batido na sarjeta. imperfeito do subjuntivo
b. Se você não *pede,* nada conseguirá. futuro do subjuntivo
c. *Parto*, assim que ele voltar. futuro do presente
d. No próximo mês, ele *regressa* do exterior. futuro do presente

3 Informe o que expressa o pretérito imperfeito do indicativo nas frases.

a. Por favor, *queria* uma informação sobre meu saldo bancário.
(atenuação de um pedido)
b. *“Havia* já anos que o químico vivia em Tubiacanga...” (Lima Barreto)
(um fato passado não concluído)
c. Ele *comentava* muito sobre suas atividades artísticas.
(expressa um fato habitual)

4 Em lugar de que tempo ou outra forma verbal estão usados os verbos em destaque?

a. Não *faltarás* com o respeito a teu pai. imperativo
b. *Viajo* amanhã. futuro do presente
c. *Desejaria* que me fizesse o café e esquentasse o leite. presente do indicativo
d. Cuidavam do animal como se *fora* uma criança. imperfeito do subjuntivo
e. Se você não me *lembra*, eu teria perdido a hora. imperfeito do subjuntivo

f. Eu *desejava* um pouco de água. presente do indicativo
g. Se você se *casa,* volto para o interior de Minas. futuro do subjuntivo
h. Se comprasse mais alguma coisa, *ficava* sem dinheiro para o ônibus. futuro do pretérito

5 Flexione os verbos entre parênteses num dos tempos do modo subjuntivo, de acordo com o sentido da frase.

a. Se os motoristas de ônibus (permanecer) em greve, a maioria da população não teria como trabalhar. permanecessem
b. É fundamental que você (terminar) seu curso. termine
c. Deus (querer) que os homens se (despertar) para as injustiças sociais. queira, despertem
d. Que os representantes políticos (lutar) pelos menos favorecidos. lutem
e. O pai deixa que as crianças (viajar) conosco? viajem
f. Se (ter) batido o carro, teriam comunicado. tivessem
g. Pensei que você não (vir) hoje. viesse
h. Não apareceu ainda a pessoa que (poder) resolver nossos problemas. pudesse
i. (Procurar) com insistência o livro que o acharia certamente. Procurasse
j. Sossegar-me-ei quando (vir) a resposta do consulado. vier
k. Quem (ver) Antonieta primeiro, avise-a do telegrama. vir

6 Flexione os verbos entre parênteses nos tempos adequados do indicativo ou do subjuntivo.

a. Enquanto a namorada (escolher) o presente, ele (observar) o saldo da conta bancária. escolhia - observava ou escolhe - observa
b. Se (ser) necessário (estar) cedinho em sua casa. for - estarei
c. Nós (saber) a música se a (ter) ouvido pelo menos uma vez. saberíamos - tivéssemos
d. Se nós (entender) a morte com naturalidade não (sofrer) tanto. entendêssemos - sofreríamos ou entendermos - sofreremos
e. Ele não (conseguir) ingresso para a estreia da peça por mais que (permanecer) na fila. conseguiu - tivesse permanecido e/ou conseguiria - permanecesse ou conseguirá - permaneça
f. O homem foi condenado por um crime que não (cometer). cometera ou cometeu
g. O pai (intervir) na briga dos filhos no momento certo. interveio

1 Desenvolva as orações reduzidas de gerúndio.

a. *Acordando*, ela sentiu os lençóis molhados por causa da febre.
Quando acordou...
b. *Havendo carência de informações*, quase se desconheciam os riscos provocados pelo terremoto. Porque houve carência de informações...
c. *Chegando à escola*, constatei que havia perdido a hora.
Quando cheguei à escola...
d. Consegui argumentos para a minha dissertação *lendo sua obra*.
... porque li sua obra.
e. *Não havendo problemas*, a viagem durará seis horas.
Se não houver problemas...
f. *Chegando rápido*, você comerá conosco.
Se chegar rápido...
g. *Pretendendo alfabetizar o rapaz*, passei a encontrá-lo todos os dias. Porque pretendia alfabetizar o rapaz...
h. Será mais fácil o entendimento da matéria *havendo atenção dos alunos*. ... se houver atenção dos alunos.

2 Informe se o particípio das frases que seguem está sendo usado em *tempo composto*, na *voz passiva*, como *adjetivo*, em *oração subordinada reduzida adjetiva* ou em *oração subordinada reduzida adverbial*.

a. *Finalizado* o filme, os alunos iniciaram a discussão sobre ele. oração subordinada reduzida adverbial
b. As crianças já estavam *esgotadas*. adjetivo
c. As notas foram *afixadas* pela secretaria. voz passiva
d. Todos já haviam *começado* a prova quando cheguei. tempo composto
e. As roupas tinham *caído* do varal. tempo composto
f. Conheço todos os artigos *contidos* nessa lei. oração subordinada reduzida adjetiva
g. Esse bilhete não foi *escrito* por mim. voz passiva
h. Uma senhora bem *arrumada* doou esses mantimentos. adjetivo

3 Complete as frases com a forma adequada do infinitivo, usando o verbo dos parênteses.

a. É uma novidade (/) acordados até esta hora. (estar) estarmos
b. É difícil (/) uma pessoa desonesta e corrupta. (defender) defender
c. Estavam cansados de (/) o jogo-da-velha e foram (/). (jogar - dormir) jogar - dormir
d. Mandei-os (/) a porta. (fechar) fechar
e. A prisão se abre para (/) apenas os que cumpriram suas penas. (sair) saírem
f. Para (/) a grama deves afiar a tesoura. (cortar) cortar
g. Digo-lhe que, assustada, enxerguei sombras (/) na parede do quarto. (avolumar-se) avolumarem-se
h. Ao (/) as badaladas do sino da matriz, percebemos que já era a hora do almoço. (ouvir) ouvir ou ouvirmos
i. Nunca se deve (/) ninguém. (desmentir) desmentir
j. (/) descansando a esta hora é excepcional. (estar) Estar
k. Estavam a (/) quando ele confessou o seu amor. (dançar) dançar
l. Os bebês parecem (/) quem os ama. (perceber) perceber
m. Os alunos parecia não (/) das notas recebidas. (gostar) gostarem
n. Morreram de (/) com as piadas. (gargalhar) gargalhar

o. A fofoqueira não nos desculpou por (/) criticado sua atitude. (ter)
termos

p. Precisávamos, naquela altura do jogo, (/) o centroavante. (trocar)
trocar

q. “O Brasil conseguiu, em menos de um século, (/) mais de 50% de sua Mata Atlântica, (/) diversos rios, bacias ecológicas e (/) ecossistemas.” *(Jornal da Tarde)* (devastar - poluir - destruir)
devastar - poluir - destruir

r. Amanhã eles vão (/) as rosas para (/) o chá. (desfolhar - preparar)
desfolhar - preparar ou prepararem

s. Gostaríamos de (/) suas histórias de aventuras. (ouvir)
ouvir

t. Ficava no porto vendo os navios (/). (partir)
partirem ou partir

u. Precisamos (/) já. (sair)
sair

v. Poderiam (/) por esse trabalho de digitação? (pagar)
pagar

w. Vamos-nos (/) para a prova. (preparar)
preparar

EMPREGO DO QUE E DO SE

1 Classifique o pronome *se* das frases abaixo.

a. Vivia-*se* tranquilamente naquele lugar. índice de indeterminação do sujeito
b. Lívia olhou-*se* no espelho demoradamente. pronome reflexivo
c. Realizam-*se* festas de fim de ano. pronome apassivador
d. Envolveu-*se* no caso sem perceber. pronome reflexivo
e. Trata-*se* de uma boa oferta. índice de indeterminação do sujeito
f. Alugavam-*se* roupas. pronome apassivador
g. Os fiéis ajoelharam-*se* diante do altar. parte integrante do verbo

2 Informe a função sintática do pronome reflexivo *se* nas frases.

a. O menino machucou-*se* com a faca. OD
b. Vestiu-*se* rapidamente e saiu. OD
c. Os inimigos olharam-*se* de forma ameaçadora. OD recíproco
d. Apesar de nervoso, deu-*se* o cuidado de não ofender a esposa. OI
e. A menina deixou-*se* iludir pelos sonhos. sujeito do infinitivo
f. Atribuiu-*se* muita sorte no jogo e acabou perdendo tudo. OI
g. As duas vizinhas não *se* falavam. OI recíproco
h. Antes da disputa, o lutador já *se* dava ares de campeão. OI

3 Classifique o *que* das frases abaixo.

a. *Que* lindos os teus olhos! advérbio
b. As pessoas *que* estavam conosco eram todas amigas. pronome relativo
c. Teremos *que* pagar imposto sobre nosso salário. preposição
d. A verdade é *que* estamos começando a vida. conjunção subordinativa integrante
e. Quase *que* eu solto um palavrão. palavra expletiva ou de realce
f. Faz *que* faz e não tem um teto para morar. conjunção coordenativa aditiva
g. *Que* escritório abafado! pronome indefinido adjetivo
h. *Quê!* Você está ainda no primeiro exercício? interjeição
i. O frio era tanto *que* os dedos ficaram imóveis. conjunção subordinativa consecutiva
j. O objeto tinha forma de *quê?* pronome indefinido substantivo
k. Às vezes, o medo é maior *que* o próprio perigo. conjunção subordinativa comparativa
l. Não se preocupe *que* estou bem. conjunção coordenativa explicativa
m. *Que* saudade é esta *que* me maltrata. pronome indefinido adjetivo - pronome relativo

VERBOS

TER e VIR

E OS SEUS DERIVADOS

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

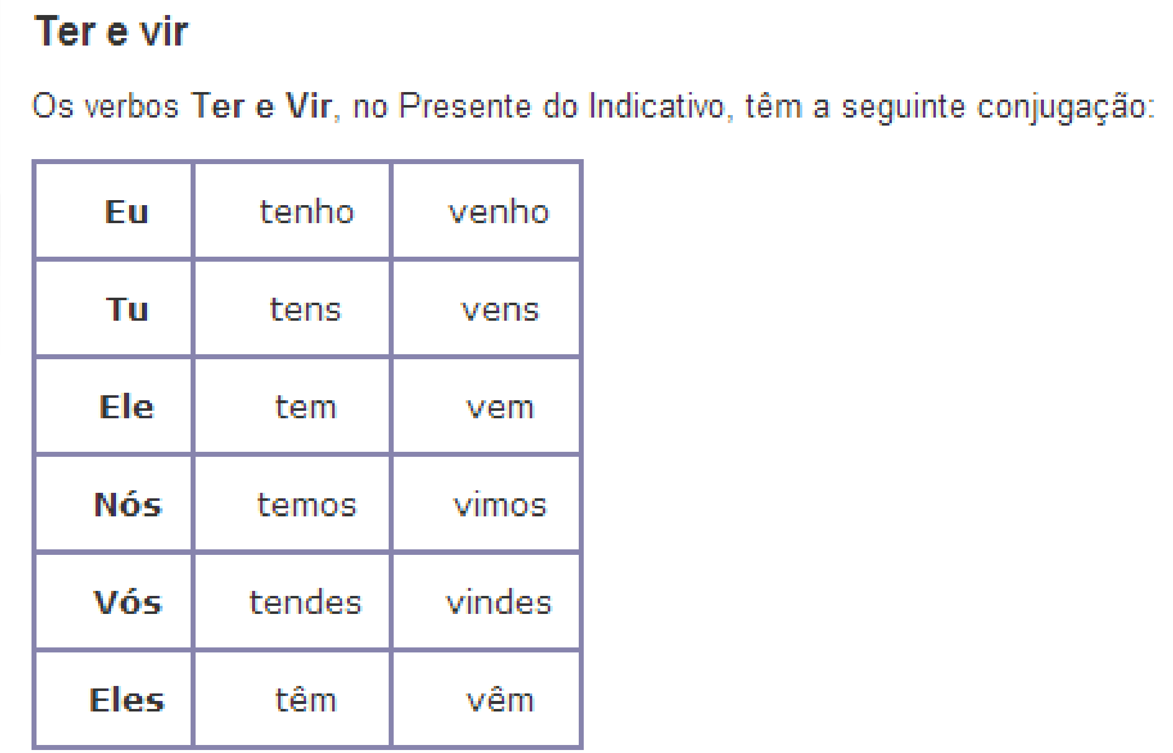

Ter e vir

Os verbos **Ter e Vir**, no Presente do Indicativo, têm a seguinte conjugação:

Eu	tenho	venho
Tu	tens	vens
Ele	tem	vem
Nós	temos	vimos
Vós	tendes	vindes
Eles	têm	vêm

MANTER e INTERVIR

TER

Manter

Entreter

Reter

Conter

Abster-se

Deter

Obter

VIR

Provir

Intervir

Convir

Advir

Desavir

Sobrevir

O SUBJUNTIVO

Quando você _______________ à minha cidade, não deixe me procurar!

1. Quando você o _______, diga-lhe que seria melhor se ele _______ as despesas e ________ o que já gastou.

a) vir - contesse - reposse
b) ver - contesse - repusesse
c) vir - contivesse - repusesse

2. (IBGE) Todos se .... à espera dos resultados que .... em breve. Preenche corretamente as lacunas da frase acima a opção:

a) detêem – viriam d) detiveram - vêem
b) detêm – virão e) deteram - vêm
c) detém - vêem

3 (ETF-SP) Se vocês não .... os mais exaltados, creio que eles se .... seriamente.

a) contessem - desaveriam d) contivessem - desaveriam
b) contessem - desaviriam e) contivessem - desaviriam
c) contessem - desaviam

4 (CESCEM) Se ao menos .... a confusão que aquilo ia dar! Mas não pensou, não se ...., e .... na briga que não era sua.

a) prevesse - continha - interveio
b) previsse - conteve - interveio
c) prevesse - continha - interviu
d) previsse - conteve - interviu
e) prevesse - conteve - interveio

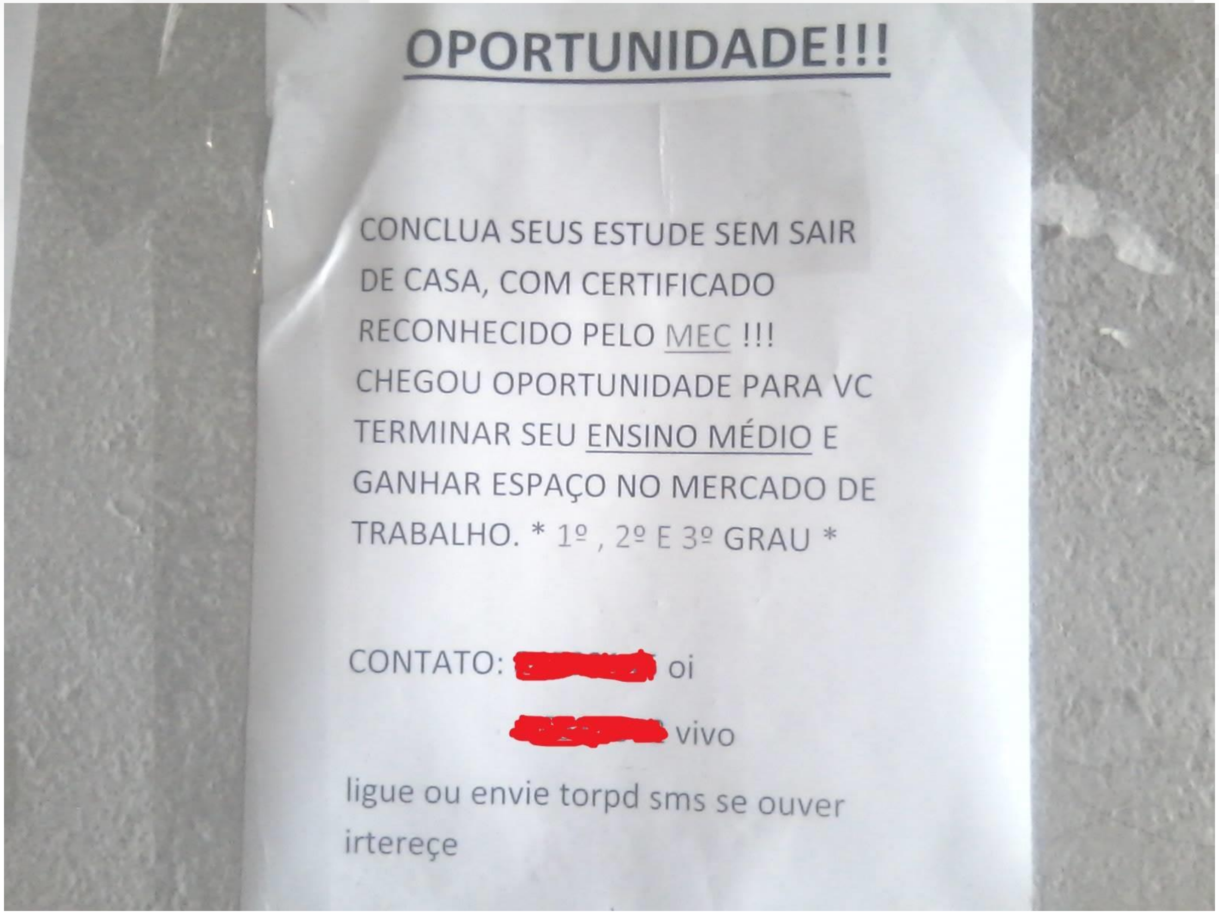

OPORTUNIDADE!!!

CONCLUA SEUS ESTUDE SEM SAIR DE CASA, COM CERTIFICADO RECONHECIDO PELO MEC !!! CHEGOU OPORTUNIDADE PARA VC TERMINAR SEU ENSINO MÉDIO E GANHAR ESPAÇO NO MERCADO DE TRABALHO. * 1º , 2º E 3º GRAU *

CONTATO: [redacted] oi

[redacted] vivo

ligue ou envie torpd sms se ouver irtereçe

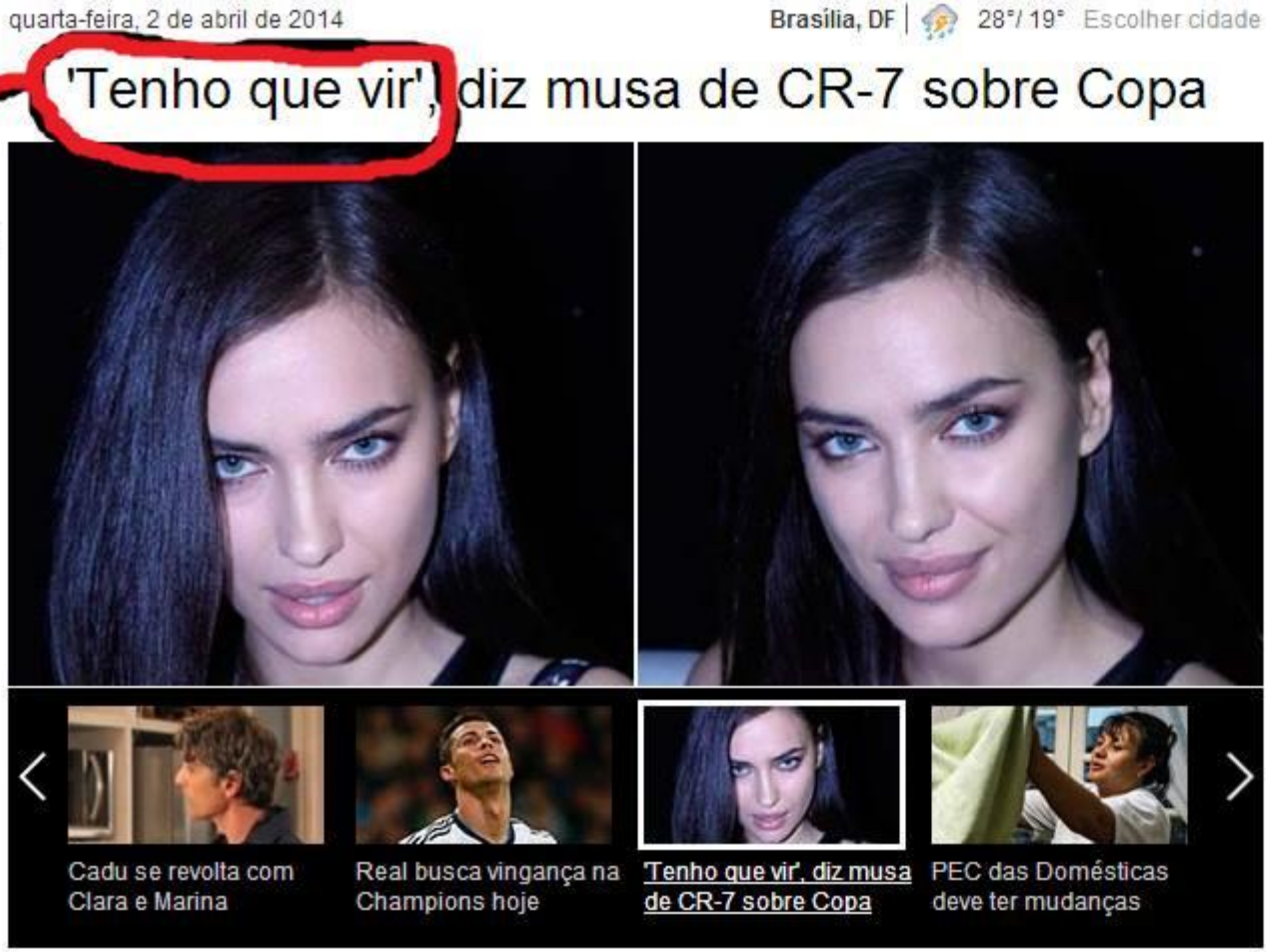

quarta-feira, 2 de abril de 2014

Brasília, DF | 28°/ 19° Escolher cidade

'Tenho que vir', diz musa de CR-7 sobre Copa

Cadu se revolta com Clara e Marina

Real busca vingança na Champions hoje

'Tenho que vir', diz musa de CR-7 sobre Copa

PEC das Domésticas deve ter mudanças

Está certo prof. Fabrício!?
Não seria: "Tenho que ir"

USO DOS PORQUÊS

Na Língua Portuguesa, há quatro maneiras diferentes de se grafar o porquê.

1) Porquê (junto, com acento): É um substantivo, portanto deverá ser usado, quando surgir, antes dele, uma palavra modificadora – artigo (o, os, um, uns), pronome adjetivo (meu, esse, quanto) ou numeral (um, dois, três, quatro). Como é um substantivo, admite plural: porquês.

Exemplos:

— Ninguém sabe o porquê de tanto desdém.
— Quantos porquês! Pare de fazer-me perguntas.

2) Por quê (separado, com acento): É a junção da preposição por com o substantivo quê, que só é usado em final de frase. Aliás, sempre que a palavra "que" for usada em final de frase, deverá ser acentuada, independentemente do elemento que surja antes.

Exemplos:

— Você não me telefonou ontem por quê?
— Nem eu sei por quê.
— Você está rindo de quê?
— Você procurou-me para quê?

Nota 1: A palavra "que" será acentuada, quando estiver antecedida por uma palavra modificadora, ou quando for uma interjeição que designa espanto. Exemplos:

— Ela tem um quê de mistério.
— Quê? Ela esteve aqui, e você não me avisou?

Nota 2: Quando, anteriormente ao "que", surgir a palavra "o", "a", "os" ou "as", teremos pronome demonstrativo (o, a, os, as), com o mesmo valor de "aquele, aquela, aquilo", e pronome relativo (que). No caso de "a que", também pode ser a preposição "a". Exemplos:

— Não entendi o que você falou = Não entendi aquilo que você falou.
— Dos concorrentes, o vencedor será o que mais votos obtiver = Dos concorrentes, o vencedor será aquele que mais votos obtiver.
— A peça a que assisti é maravilhosa. (Esse "a" é preposição)

3) Por que (separado, sem acento):

a) É a junção da preposição por com o pronome interrogativo que; significa por que motivo, por qual razão.

Exemplos:

— Por que o professor faltou hoje? = Por qual razão o professor faltou?
— Não sei por que o professor faltou hoje = Não sei por qual motivo o professor faltou hoje.

b) É a junção da preposição por com o pronome relativo que; pode ser substituído por pelo qual, pelos quais, pela qual, pelas quais ou por qual.

Exemplos:

—O aperto por que passei foi terrível = O aperto pelo qual passei foi terrível.
— A causa por que luto é nobilíssima = A causa pela qual luto é nobilíssima.

4) Porque (junto, sem acento): É uma conjunção, portanto estará ligando duas orações, indicando causa (= já que), explicação (= pois) ou finalidade (= para que). Exemplos:

— O espetáculo não ocorreu, porque o cantor estava gripado = O espetáculo não ocorreu já que o cantor estava gripado.
— Estudem, porque consigam a aprovação = Estudem para que consigam a aprovação.
— Pare de falar, porque está atrapalhando-me = Pare de falar, pois está atrapalhando-me.

ATIVIDADES

01. Quando iniciamos a pergunta, utilizamos a forma ____________________________________ .
— ______________________ você me chamou?

0**2.** Quando iniciamos a resposta, utilizamos a forma ____________________________________.
— _____________________ queria lhe contar uma novidade.

03. Complete com **os porquês** as dúvidas e explicações nos trechos selecionados abaixo.

____________________ SERÁ?
(*Toquinho - Carlinhos Vergueiro - Vinícius de Moraes*)
____________________ será
Que eu ando triste por te adorar?
_________________ será
Que a vida insiste em se mostrar
Mais distraída dentro de um bar,
_______________ será? (...)

RARIDADE
(*José Paulo Paes*)
A arara
é uma ave rara
pois o homem não pára
de ir ao mato caçá-la
para a pôr na sala
em cima de um poleiro
onde ela fica o dia inteiro
fazendo escarcéu
________________ já não pode voar pelo céu. (...)

04. Há ainda outra forma de expressar a pergunta: colocando-se a expressão interrogativa ao final da frase. Complete.
*Você está estudando tanto, _______________**?** **OU** Você está estudando tanto. ______________**?**

05. Quando a pergunta é acompanhada de uma hipótese de resposta, devemos utilizar a expressão em uma só palavra. Complete.
*— Você não quer me contar ____________________ é um segredo? (talvez seja um segredo)
*— Isso tudo aconteceu ___________________o governo não liberou a verba? (pode ser que o governo não tenha liberado a verba)

06. Quando a expressão vier em frases afirmativas ou negativas que contenham a ideia de motivo, causa, razão, nesse caso usamos o porquê ____.
*Não sei ____________________ ele ainda não chegou. (por qual razão, motivo ou causa)
*O garoto perguntou __________________ ela estava atrasada. (por qual motivo)
*Eles não têm ___________________ mentir. (razão, motivo)

07. Quando for pronome relativo a algum termo referido antes. Tem o sentido de pelo qual (e suas flexões: pelos quais; pela qual; pelas quais), o porquê é ______________________________________.
*O futuro ____________________ os brasileiros esperam tem que ser melhor.
O futuro **pelo qual** os brasileiros esperam tem que ser melhor.
*A causa ______________________ lutamos é social.
A causa **pela qual** lutamos é social
*Os ideais _______________________ nos sacrificamos não são utopia.

Os ideais **pelos quais** nos sacrificamos não são utopia.
*As soluções ______________________________ anseio sempre vêm tarde demais.
As soluções **pelas quais** anseio sempre vêm tarde demais.

08. Há ainda a forma substantivada: **o/um porquê**, que deve vir acentuado e significa a causa/o motivo. Complete.
*Não sei ________________________desse seu comportamento (a causa/o motivo).
*João não tem sequer ___________________________ para agir dessa forma. (uma causa/um motivo)
*Tenho certeza d __________________________ dessa sua resposta (da causa/do motivo)
*Eis ____________________________ de toda essa confusão! (a causa/o motivo)

09. Complete os textos abaixo com os porquês pertinentes.

"Quem é que, nas horas de silêncio e recolhimento, nunca interrogou à natureza e ao seu próprio coração, perguntando-lhes o segredo das coisas, **o** _____________________ da vida, a razão de ser do universo?" (*Leon Denis*)

SAMBA EM PRELÚDIO
(*Baden Powell e Vinícius de Moraes*)
Eu sem você não tenho __________________________ (um motivo, uma motivação: substantivo)
___________________________ sem você não sei nem chorar
Sou chama sem luz, jardim sem luar
Luar sem amor, amor sem se dar

Leia as tirinhas.

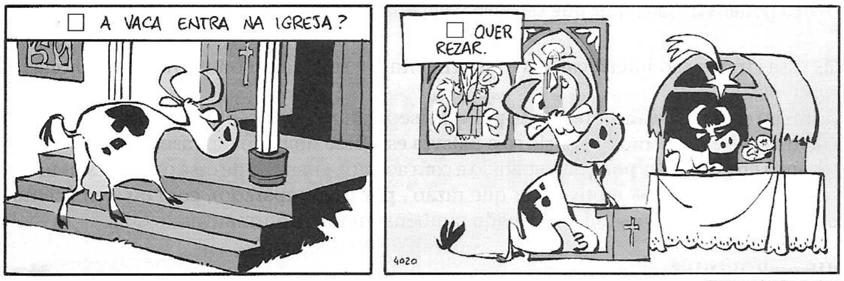
☐ A VACA ENTRA NA IGREJA?
☐ QUER REZAR.

(Fernando Gonsales)

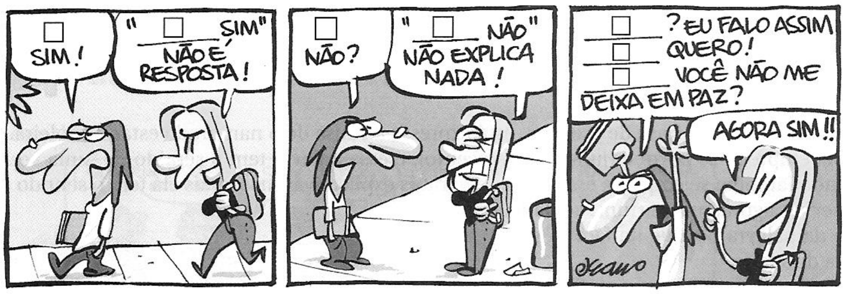
☐ SIM!
"☐ SIM" NÃO É RESPOSTA!
☐ NÃO?
"☐ NÃO" NÃO EXPLICA NADA!
☐ ? EU FALO ASSIM
☐ QUERO!
☐ VOCÊ NÃO ME DEIXA EM PAZ?
AGORA SIM!!

(Jean Galvão)

10. Das formas por que, por quê, porque, ou porquê, qual completa adequadamente os balões do

A. quadrinho 01: ___________________
B. quadrinho 02: ___________________
C. quadrinho 03: ___________________
quadrinho 03: ___________________
D. quadrinho 04: ___________________
quadrinho 04: ___________________
E. quadrinho 05: ___________________
quadrinho 05: ___________________
quadrinho 05: ___________________

Org. Neusa Moro

CONSTRUINDO A ESCRITA

GRAMÁTICA ORTOGRAFIA

3

Manual do Professor

Carmen Silvia C. Torres de Carvalho

Déborah Panachão
Sarina Bacellar Kutnikas
Silvia Maria de Almeida Salmaso

editora ática

Índice

Distribuição das atividades do *Livro do Aluno* em módulos 6
Carta ao Professor 8
Apresentação da coleção 9
Dinâmica do trabalho 10

ORTOGRAFIA

Módulo I — Investigando a letra X 10

Considerações sobre a postura diante da pesquisa ortográfica 11
Pesquisa sobre a letra X 11
  Objetivos........ 11
  Estratégia 12
  Primeiro momento........ 12
    Palavras iniciadas pela letra X 12
    Palavras terminadas pela letra X 13
  Segundo momento — A letra X no meio da palavra 13
    Palavras com **consoante + X** 13
  Terceiro momento 15
    Palavras com **vogal + X + consoante** 15
  Quarto momento 16
    Palavras com **vogal + X + vogal** 16
      E + X + vogal no início da palavra 16
      Vogal + X + vogal no meio da palavra 17
Atividades de sistematização 17

Módulo II — Investigando a letra Z 22

Pesquisa sobre a letra Z 22
  Estratégia 22
  Descobertas gerais sobre o Z 22
  Primeiro momento 23
    Palavras iniciadas por Z 23
    Palavras terminadas por Z 23
  Segundo momento — Z no meio da palavra 24
    Palavras com **consoante + Z** 24
    Palavras com **vogal + Z** 24
  Terceiro momento 25
    Palavras com **vogal + Z + consoante** 25
    Palavras com **vogal + Z + vogal** 25
Atividades de sistematização 26

Módulo III — Investigando a letra S 28

Preparando o material 28
A investigação 28
  Primeiro momento 28
    Palavras iniciadas por S 28
    Palavras terminadas por S 29
  Segundo momento — S no meio da palavra 29
    Palavras com **consoante + S** 29
    Palavras com **consoante + S + consoante** 29
    Palavras com **consoante + S + vogal** 30
  Terceiro momento — **Vogal + S** 30
    Palavras com **vogal + S + consoante** 30
    Palavras com **vogal + S + vogal** 30
      SS entre vogais 31
      S entre vogais 31
Atividades de sistematização 32

Módulo IV — Investigando as sílabas iniciais CE/SE e CI/SI 34

Primeira etapa — Pesquisa sobre CE/SE 34
Segunda etapa — Pesquisa sobre CI/SI 37
Atividades de sistematização 38

GRAMÁTICA

Módulo V — Acentuação 40

Trabalhando com a tonicidade e a acentuação 40
Atividades de sistematização 41

Módulo VI — Pontuação e paragrafação 44

Pontuação 44
  Como decidir qual das pontuações usar? 44
As marcas de oralidade 45
O discurso direto 46
  Organizando o discurso direto 47
O parágrafo 48

Módulo VII — Como introduzir as classes gramaticais 49

Algumas considerações 49
Palavras variáveis e invariáveis — Uma introdução ao trabalho com classes gramaticais 50
Atividades de sistematização 52

Módulo VIII — Substantivo e adjetivo 55

Introdução 55
Como introduzir o conceito de substantivo 55
Relacionando substantivos e adjetivos 57
Compreendendo a função textual dos adjetivos — Estratégias 59
Classificando os substantivos 61
  Substantivos próprios e comuns 61
  Substantivos coletivos 63
  Substantivos simples e compostos 63

Módulo IX — Artigo 64

Como introduzir o conceito de artigo 65
Como introduzir a classificação dos artigos em definidos e indefinidos 66

Módulo X — Pronome 67

Considerações 67
Função textual dos pronomes 67
Ampliando o conceito de pronome 69
Atividades de sistematização 70

Módulo XI — Verbo 71

Considerações 71
  Retomando o conceito de verbo 72
Como introduzir o conceito de verbo 72
  Atividades para sistematizar a idéia de presente, passado e futuro 73
Introduzindo a idéia de pessoa e número nos verbos 74
  Atividades para sistematizar a idéia de pessoa e número 74
Introduzindo os infinitivos 75
  Sistematização da formação do infinitivo 75
Atividades de sistematização de questões ortográficas relativas à grafia de verbos 77

Módulo XII — Numeral 79

Considerações 79
Introduzindo o conceito de numeral 79
Classificando os numerais 81
Atividades de sistematização 81

Módulo XIII — Interjeição 85

Introdução do conceito de interjeição 85
Confronto interjeição x onomatopéia 86

Módulo XIV — Preposição 86

Como introduzir o conceito de preposição 86
Atividades de sistematização.. 87

Apêndice 89

Usando o dicionário 89
    Como introduzir novas informações contidas no dicionário 89
Sugestões de jogos ortográficos para sistematização 90
    Jogos de *Stop* 90
    Bingo ortográfico 93
    Jogo das dicas 94
    Palavras cruzadas 94
    Soletrando 94
    Jogo dos animais 95
Bibliografia 96

Distribuição das atividades do *Livro do Aluno* em módulos

ORTOGRAFIA

Livro do Aluno		*Módulos*
Stop ou “Xtop“?	6	**Módulo I** Investigando a letra **X**
Xeque-mate	7	
Cruzadex	10	
Mexe e remexe	12	
Grand prix	13	
Não tenha chiliques!!!	14	
O cair das letras	17	
Jogo-da-velha	18	
Stop múltiplo	20	
Mico micho	21	
Tômbola	22	**Módulo II** Investigando a letra **Z**
Reduzindo...	24	
Dúvida cruel	26	
Cadê o resto?	28	
Bata já!	30	
Rosa cheirosa	33	**Módulo III** Investigando a letra **S**
Confusão no porto!!!	35	
Trio calafrio...	37	
Tabela do ziguezague	38	
Encruzilhada	40	
Cercando com cerca	42	
Colores Colorez	43	
Resta uma!	44	
Charada	47	
Exkizitu?!!!	48	
Caracoleza Caracolosa	49	
Tabela de investigação — CE/SE	52	**Módulo IV** CE/SE e CI/SI
Coquetel de letras	54	
Congela!!!	55	
Tabela de investigação — CI/SI	56	
Torto	58	
Passo a passo	60	
Quanto mais, melhor!	61	
Desembaraçando	62	
Pintando as sete	64	
Exkizitu — O retorno	65	

GRAMÁTICA

Tabelógica	66	**Módulo V** Acentuação
Tome assento e acentue	69	
Xeretando	70	
Formando, reformando e transformando	72	
Jogo da forca	74	
Stop de lacunas	75	
Prrriiirr!!!	76	**Módulo VI** Pontuação e paragrafação
Reescrevendo	77	
Cada um na sua	79	
Filmando a piada	80	
Bocão	82	
A vitória-régia	83	

Módulo VII
Palavras variáveis e invariáveis

Circo Vira-vira 86
Dentro da lei 89
Casal Simpatia 90
Peneirando... palavras!? 93
A vara de São Marmelo — 1ª parte 94
A vara de São Marmelo — 2ª parte 96
A vara de São Marmelo — 3ª parte 97
Labirinto 98

Módulo VIII
Substantivo e adjetivo

Complete com esperteza, espertamente 100
As duas faces de Danival 102
Eu duvido! 104
Um qualquer... o próprio 105
O Grande Circo Internacional 106
Juntos somos mais 108
Somos ainda mais... 110
Simplesmente compostos 111
Decompondo 113
Esse Pedrinho!... 114
Completando a tabela 115

Módulo IX
Artigo

João e Maria 116
Ah! Que pena! 118

Módulo X
Pronome

Clarissa Dallas — O início 119
A volta de Clarissa 121
O fim de Clarissa Dallas 122
Irmã é fogo! 123
Isso não é problema! 124
A tinta de escrever 126
Caminhando e montando 127
Bicicletando — 1ª parte 128
Bicicletando — 2ª parte 129

Módulo XI
Verbo

Momento na delegacia 130
Aqui e agora! 132
Haza Rádu e Péfriu Danado — 1ª parte 134
Haza Rádu e Péfriu Danado — 2ª parte 136
Haza Rádu e Péfriu Danado — 3ª parte 137
Correspondência 139
Problemas 140
O maravilhoso mundo ártico 142
Resolveu? 144
Aukê 145
Parece e é! 146

Módulo XII
Numeral

Idéias ou 💡 149
Tetra 151
Emplacando informações 152
Numerais em quatro cores 154
Notícias numéricas 156
Que coragem!!! 157
Numerando 158

Módulo XIII
Interjeição

Hein?... Hã?... Como?... 160
Oba! Achei mais uma!!! 162
Durma com esse barulho!!! 163
Quem ri por último... Ih! Esqueci!!! 165

Módulo XIV
Preposição

Ligando os fatos 166
Mímica 168
Quem com quem? 170
Para criar, de criação, com criatividade 171
Encaixe perfeito 172
Use e abuse 173
Referências bibliográficas 174

Carta ao Professor

Este material é o produto de catorze anos de trabalho experimental. Nestes anos todos, tenho buscado compreender de que forma uma pessoa se apropria de um objeto de conhecimento para, através desse saber, pensar um meio de ajudar professores e alunos a realizarem uma apropriação da língua que seja efetiva e gratificante.

Algumas idéias nortearam o trabalho. Em primeiro lugar, a consciência de que todo conteúdo, qualquer que seja ele, nunca é um fim em si mesmo. Ele é, sim, apenas um pretexto para se aprender a pensar o próprio conhecimento, para se compreender que aprender não é reproduzir verdades alheias, mas sim aprender a olhar para o mundo colhendo dados, transformando-os e tirando conclusões. Enfim, conhecer é ***produzir****, e não* ***reproduzir*** *conhecimento. Essa descoberta da própria capacidade de produção de conhecimento tem sido fonte de energia interna para as pessoas olharem o mundo através de seus próprios olhos (e não através dos olhos de outrem...), acreditando no valor daquilo que vêem e pensam. Só desta forma acredito que possamos formar gente crítica e forte o bastante para saber-se capaz de ser agente transformador de sua própria vida e da realidade que a cerca.*

Para que esse objetivo pudesse ser atingido, era necessário que a língua fosse vista como um objeto a ser descoberto, analisado nas suas múltiplas possibilidades de recortes, organizações e relações. Não mais como um conjunto de modelos e regras a serem introjetados, mas um sistema articulado a ser desvendado. Como uma teia onde o aluno pudesse ir se apropriando de cada fio e gradativamente tecendo a trama das relações e significações. Para tal seria necessário agir sobre a língua e não se submeter a ela. Seria preciso reinventá-la a todo instante para descobri-la.

Essa postura de investigar o conhecimento em geral e a língua em particular só seria possível de acontecer se houvesse uma forma diferenciada de transformar em ação todos esses ideais dentro da sala de aula. E transformar idéias em realidade não é uma tarefa nada simples. (Vocês, professores, bem o sabem!!!)

Para empreendê-la, ao longo destes anos pude contar com uma equipe enorme de trabalho a quem agradeço muito. Teoricamente, fundamentando-me, ensinando-me a pensar e olhar pela perspectiva da teoria de Jean Piaget, pude ter o orgulho e o prazer de ter sido formada por meu grande mestre, Prof. Lino de Macedo, que mais do que uma perspectiva teórica ensinou-me um modo de olhar para a vida. Na prática, fui auxiliada por um número grande de professores de várias escolas onde trabalhei ou trabalho como assessora e que foram pesquisadores ao meu lado, experimentando estratégias, ajudando-me a conhecer a realidade das crianças, a analisar sucessos e fracassos para que o trabalho pudesse ser aperfeiçoado. Contei também com centenas de crianças que, investigadoras inatas do mundo, ajudaram-me a enxergar coisas que não via e que, através de seu entusiasmo, iam me apontando a direção a seguir.

Hoje, finalmente, um antigo sonho — o de partilhar com um número maior de pessoas toda minha reflexão — está se tornando realidade. Sonhos são coisas muito sérias e por isso vê-los acontecer é sempre muito emocionante. O primeiro impulso para escrever deu-me minha amiga Guila, cuja fé na possibilidade do meu trabalho vir a se tornar um livro foi decisiva. Meus agradecimentos também à Déborah, à Sarina e à Silvia, minhas co-autoras, que partilharam comigo este sonho e ajudaram-me a fazer dele realidade.

Espero que esta coleção possa ajudá-los a manter o prazer de aprender sempre vivo dentro da sala de aula.

Carmen

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO

Esta coleção de 1ª a 4ª série é formada de 8 volumes. Apresenta para cada série:

a) 1 livro com a proposta de leitura e análise de textos de livros publicados; e

b) 1 livro com as atividades de sistematização da Gramática e da Ortografia.

Em relação ao livro de Gramática e Ortografia, o Livro do Professor corresponde perfeitamente ao Livro do Aluno, que virá acompanhado deste **Manual do Professor**, com as orientações, reflexões e sugestões de estratégias para a melhor utilização do Livro do Aluno. É de extrema importância que o professor acompanhe, paralelamente a seu trabalho em sala de aula, a leitura das orientações do Manual do Professor, a fim de compreender os objetivos e a postura de trabalho propostos.

Esta coleção tem como pressuposto teórico uma perspectiva construtivista de aprendizagem. Portanto, o conhecimento não é visto como algo posto para dentro do aprendiz em doses controladas, mas sim como algo a ser produzido, construído por ele enquanto sujeito e não enquanto objeto da aprendizagem. Assim sendo, as atividades propostas são vistas como desencadeadoras de reflexões sobre a forma como a língua escrita se organiza e se articula para produzir diferentes significados e emoções.

A idéia central do trabalho é a compreensão de que a língua escrita é um outro sistema de representação em relação à língua falada. Falar e escrever são objetos de conhecimento diferentes, que exigem que o sujeito se aproxime de cada um de forma diferenciada. Assim sendo, aprender a escrever é compreender as leis de composição do sistema de representação da escrita.

A Gramática e a Ortografia são, assim, vistas como sistemas a serem desvendados e compreendidos como **um conjunto de leis e articulações possíveis, impossíveis, prováveis** ou **pouco prováveis**. Aprendê-las não é memorizar regras arbitrárias às quais o sujeito deve se submeter, mas é agir sobre a língua, pensar suas propriedades, recortá-la em suas múltiplas facetas para ir gradativamente construindo sua teia de relações.

Por termos neste trabalho buscado um olhar diferenciado sobre a língua, o Manual do Professor traz toda uma discussão teórica de como a compreendemos, e estratégias para desenvolver em sala de aula que possam propiciar essa reflexão e suas descobertas.

Em relação à Ortografia, nossa postura se mantém a mesma que em relação à Gramática. A Ortografia tem sido analisada e trabalhada pela maior parte dos educadores como uma questão de imitação, memorização ou introjeção de um modelo. O erro ortográfico tem sido visto dentro desta linha, como mera falta de memória e de atenção por parte da criança e, em conseqüência, o trabalho baseia-se apenas na repetição exaustiva de um modelo ortográfico.

Mas, se a questão da Ortografia fosse apenas uma questão de memória, não deveria haver erro, uma vez que a criança se depara a primeira vez e inúmeras vezes depois com essa mesma palavra, escrita corretamente. No entanto, ela erra. Erra porque reflete, busca regularidades, trabalha sobre hipóteses de como se constituiria esse sistema ortográfico.

Na coleção **Construindo a escrita**, o trabalho com Ortografia se propõe a discutir com os alunos como se organiza esse sistema, levando-os a operar sobre a grafia das palavras, observar identidades, classificar e relacionar as informações da língua em busca de maior compreensão do sistema.

A estrutura do trabalho compõe-se de atividades de descoberta e de sistematização através de jogos lógicos. As atividades de descoberta estão descritas no Manual do Professor e devem ser realizadas antes das atividades de sistematização, que são apresentadas no Livro do Aluno.

Nossa escolha por uma sistematização através de jogos lógicos fundamenta-se no trabalho desenvolvido no LaPp (Laboratório de Psicopedagogia do Instituto de Psicologia da USP) coordenado pelo Prof. Lino de Macedo, que pesquisa a influência da utilização de jogos lógicos (em sala de aula e em clínica) como elementos de desenvolvimento da inteligência e estruturação do pensamento, além de propiciarem um trabalho de relacionamento humano. A utilização de jogos lógicos lingüísticos tem possibilitado aos alunos uma relação mais ativa com o sistema da língua, além da ampliação do universo vocabular e uma relação afetiva com um conteúdo geralmente tão árido.

Além dos jogos e atividades já contidos no Livro do Aluno, no Manual do Professor há a descrição de mais jogos, de sistema aberto, ou seja, jogos cuja estrutura o professor pode adaptar ao universo vocabular e ao assunto que estiver desenvolvendo. Podem ser auxiliares no trabalho de sistematização das descobertas dos alunos. Vivendo a Ortografia e a Gramática sob este outro enfoque, esperamos que você e seus alunos possam redescobrir o prazer de aprendê-la.

Dinâmica do trabalho

Para que o material possa proporcionar um trabalho mais rico e eficiente é importante que algumas posturas sejam garantidas. Desta maneira, observe:

1 – **As atividades estão agrupadas pelo assunto da Gramática ou da Ortografia a ser trabalhado e não por ordem de uso.** Portanto, não devem ser utilizadas na seqüência em que aparecem. É acompanhando o ritmo e o interesse da classe que o professor vai construindo a prática proposta nesta coleção.

2 – Nosso objetivo não foi esgotar os assuntos com as atividades propostas. Cabe ao professor, a partir das características e necessidades de sua classe, criar outras atividades que preencham essas lacunas propositadamente deixadas por nós. Este material pretende ser uma espinha dorsal que norteia o trabalho, devendo o professor, através da observação das necessidades específicas da classe, ampliá-lo, completá-lo, adequá-lo. Apresentamos, no final deste livro, um apêndice com sugestões de jogos que podem ser adaptados ao assunto a ser trabalhado.

3 – **As atividades foram pensadas como desencadeadoras de discussão sobre propriedades do sistema da língua e devem ser tratadas como tal, ou seja, nosso grande objetivo é a discussão em si mesma, a reflexão que emerge dela, a possibilidade de se fazer generalizações,** e não simplesmente a obtenção de uma resposta correta. Para que isto aconteça efetivamente, é necessário que o professor mantenha uma postura coerente com esta proposta:

a) **postura de investigação através de perguntas abertas**. Através destas perguntas o professor dirige o olhar do aluno para aspectos relevantes do objeto de investigação, mas não dá as respostas. Estas, o aluno deve buscar dentro de si, na troca com a língua.

b) **diante de uma hipótese levantada por uma criança, pedir confirmação do grupo ou da própria língua.** Colocações do tipo: "O que você observou para chegar a esta conclusão?" ou "Como você pensou para concluir isso?" ou "Alguém mais também observa isto em suas palavras?" são procedimentos que levam as crianças a desenvolverem uma postura de investigação de conhecimento, que logo é ampliada em extensão a outros conteúdos, escolares e de vida.

4 – **As descobertas feitas devem ser registradas para que não se percam.** Por esta razão, sugerimos que as crianças tenham um caderno de registro das descobertas, onde possam organizar o conhecimento e utilizar como fonte de pesquisa na hora de estudar. As descobertas devem ser redigidas pelo grupo-classe juntamente com o professor.

5 – **A maior parte das atividades deve ser desenvolvida em duplas ou em pequenos grupos.** A troca resultante do trabalho em equipe permite a ampliação de perspectiva e o desenvolvimento da capacidade de argumentação do aluno, além de dinamizar o processo de aprendizagem.

6 – **O trabalho de investigação pode ser organizado parte em sala de aula e parte em casa**. Essa dinâmica agiliza o trabalho e vem descrita em seus passos ao longo do Manual do Professor.

7 – **As perguntas feitas pelas crianças devem ser objeto de reflexão do professor**. Ouça-as com atenção, pois é através delas que em geral o aluno revela seu pensamento. Ao "saber ouvi-las", o professor descobre qual o caminho de interferência que pode ser tomado.

Gostaríamos que o professor tivesse também, dentro de si, a clareza de que a construção de um conhecimento é um processo e, enquanto tal, que há um caminho de aquisição onde o objeto, parcialmente construído, ainda não se mostra em sua totalidade. Isto não significa que não tenha havido aprendizagem ou evolução. Não temos a intenção de que, através deste trabalho, o aluno termine o ano sem errar. Nosso objetivo é que, ao tratar a Gramática e a Ortografia desta forma, eles aprendam a pensar o conhecimento específico e a própria vida como conjunto de possíveis, e que saibam que é através da reflexão e da ação sobre o mundo que ele é apropriado e transformado.

MÓDULO I — Investigando a letra X

O uso da letra X costuma suscitar uma série de dúvidas. Quem já não ficou inúmeras vezes pensando se tal palavra é escrita com X ou CH, com X ou Z, com X ou S? Normalmente o trabalho desenvolvido com as crianças leva-as a constatar a existência de vários sons para a letra X, sendo o recurso da memória o único utilizado para resolver esse impasse. Neste livro, procuraremos enfocar a questão por outros ângulos.

Nossa proposta inicial será estendida ao longo do ano, recortada em diversos níveis. Iniciaremos por uma pesquisa da letra X e, gradativamente, iremos ampliando as descobertas em confronto com as letras que costumam gerar dúvidas. Assim sendo, confrontaremos X com Z, com CH e com S. A pesquisa sobre a letra S se estenderá para CE, CI no início de palavras. Essas dificuldades ortográficas constituirão a base do trabalho ortográfico a ser desenvolvido neste volume. As pesquisas sobre Ç, SC, CE, CI no meio de palavras farão parte do conteúdo do próximo volume.

Considerações sobre a postura diante da pesquisa ortográfica

Antes de iniciar as pesquisas ortográficas, gostaríamos de fazer algumas observações relativas à nossa postura em relação a esse trabalho:

1 – As conclusões apresentadas foram tiradas a partir da análise da amostra de nossas palavras e posterior confirmação em dicionário, quando possível. Muitas vezes a amostra nos indicava uma conclusão geral, útil para uma decisão ortográfica, porém, no dicionário, encontrávamos uma ou algumas palavras que não se encaixavam. Essas palavras, em geral, faziam parte de um vocabulário de área específica (por exemplo, biologia, física, medicina e outras) e tinham sentido e uso pouco comuns. Por essa razão, não destacamos esses casos. **Nossa intenção nesse momento é levá-los a compreender o sistema**. Por isso, não vemos utilidade em invalidar as conclusões com exceções que não farão parte do cotidiano da criança. Acreditamos que elas surgirão naturalmente, quando eles forem mais velhos e estiverem lidando com os conceitos trabalhados por essas palavras de vocabulário específico de cada área.

2 – Como essas palavras poderão surgir em algum grupo-classe, as conclusões apresentadas foram relativizadas, para dar conta dessas exceções, mas consideramos inútil e desnecessário levar as crianças a observá-las, caso a observação não seja feita espontaneamente. Acreditamos que, se assim procedêssemos, as crianças ficariam com uma quantidade enorme de dados que não saberiam como organizar por relevância, perdendo-se em conclusões inúteis.

3 – Como há uma grande variação de grafias em **nomes próprios**, aconselhamos o professor a não utilizá-los na amostra da pesquisa. Essas variações muitas vezes correspondem mais a "criações ortográficas" do que a possibilidades do sistema, além de muitas serem nomes estrangeiros. A utilização desses nomes confundiria desnecessariamente a observação das crianças.

4 – Procuramos colocar neste Manual as conclusões que consideramos mais prováveis de serem tiradas naturalmente na classe. Não citamos todas as conclusões possíveis e, por isso, o professor deverá estar sempre atento às colocações dos alunos e verificar se aquilo que eles estão dizendo é procedente ou não, mesmo que não conste em nosso Manual.

5 – Para facilitar a **seleção de conclusões**, destacamos em negrito as mais relevantes para uma decisão ortográfica. Essas conclusões devem ser necessariamente observadas pelas crianças. Caso não observem espontaneamente, o professor deverá fazer perguntas como as sugeridas ao longo das pesquisas, para que as crianças dirijam seu olhar para esses aspectos destacados.

6 – Se as conclusões que não estiverem em negrito forem levantadas espontaneamente, ótimo. O professor registra com as crianças, pois são elementos constitutivos do sistema. Mas, se as crianças não observarem, não há razão para o professor insistir. O melhor é dar prosseguimento ao trabalho.

7 – Ao final de cada momento da pesquisa, diante de todas as conclusões tiradas pelos grupos, é importante que o professor converse com a classe e pergunte: *Bem, diante de tudo isso que nós descobrimos, o que poderia ser interessante para nos ajudar a decidir quando usar uma letra ou outra na hora de escrever a palavra?* A partir dessas observações, professor e classe vão sublinhando as conclusões mais importantes de serem gravadas.

8 – **Aconselhamos o professor a realizar as pesquisas antes de pedir aos alunos que o façam**. Isso vai ajudá-lo a compreender o trabalho, a tirar conclusões próprias, a observar o que aparece com maior clareza no sistema, a perceber as dificuldades que poderão ser encontradas pelas crianças e a conferir as descobertas colocadas por nós. Afinal, a ortografia é um sistema a ser desvendado, inclusive por nós, professores.

Pesquisa sobre a letra X

Objetivos

Nosso objetivo é colocar os alunos em contato direto com o sistema ortográfico, numa relação de investigação, de tal forma que possam compreender as relações, as propriedades e as leis de composição internas desse sistema.

Ao proceder dessa forma, acreditamos estar desenvolvendo nas crianças uma relação ativa diante do conhecimento, ensinando-lhes que aprender é produzir e não reproduzir conhecimento. Além disso, estaremos lhes proporcionando a possibilidade de descobrir regras que possam ajudá-las a tomar uma decisão ortográfica no momento de escrever.

Estratégia

Comunique às crianças que vocês vão iniciar uma pesquisa sobre a letra X, para ajudá-las a saber quando usar essa letra ao escrever uma palavra. Peça-lhes, como lição de casa, que pesquisem em jornais, revistas e livros palavras com X (não importa a posição que o X ocupe na palavra). Cada criança deverá encontrar no mínimo quinze palavras e escrevê-las no caderno.

Importante:

Não ofereça um texto único nem listas de palavras para as crianças retirarem as palavras solicitadas. É fundamental que a pesquisa seja feita em material amplo, para que se obtenha um universo vasto de palavras evitando-se, assim, as falsas generalizações.

No outro dia, reúna-as em pequenos grupos e proceda da seguinte maneira:

1 – Distribua folhas de papel sulfite e canetinhas de três cores diferentes.

2 – Peça-lhes que copiem na folha, com uma letra que não seja pequena, todas as palavras encontradas pelo grupo, dando espaço entre uma palavra e outra. As palavras repetidas devem ser desprezadas.

3 – As crianças devem pintar cada palavra da seguinte forma:

– com uma das cores, a letra X;
– com outra cor, a vogal anterior ou posterior ao X (apenas as vizinhas);
– e com a terceira cor, a consoante anterior ou posterior ao X (apenas as vizinhas). Dessa forma, a letra X e suas vizinhas ficarão destacadas na palavra.

4 – Peça-lhes em seguida que cortem a folha de tal forma que cada palavra fique escrita em um retângulo separado. Estamos agora com o material preparado para começar a investigação.

Feito isso, peça que arrumem todas as palavras, uma ao lado da outra, sobre as carteiras e pergunte-lhes se, ao prepararem o material, observaram alguma coisa interessante. Ouça-as, e a cada colocação feita, peça que todas verifiquem em sua amostra de palavras se a colocação é válida. Uma vez que a análise necessária do X é muito complexa, **proponha-lhes um caminho que deve ser percorrido lentamente, jamais feito em um único dia**. Nós daremos a seqüência de como realizar a investigação toda de uma só vez, mas ela não deverá ser realizada assim. Organize-a em partes, de acordo com as possibilidades de sua classe e a distribuição das aulas.

A metodologia proposta por nós envolve uma organização sempre binária: observamos as palavras e as organizamos em dois grupos, de acordo com alguma característica. Em seguida, escolhemos o grupo menos numeroso e analisamos suas propriedades, pegando depois o grupo mais numeroso e fazendo nova classificação, se necessário. Por último, selecionamos as descobertas mais importantes enquanto instrumentos de decisão numa dúvida ortográfica, e passamos à sistematização.

Primeiro momento

O professor deve pedir às crianças que observem a posição da letra X nas palavras e que as organizem em dois grupos: um de palavras iniciadas pela letra X, e outro, de palavras com X no meio ou no final.

Depois de organizados os dois grupos, o professor pedirá que observem qual grupo é menos numeroso. As crianças concluirão que é o grupo das palavras iniciadas por X. O professor sugere, então, que observem primeiro as palavras iniciadas pela letra X.

Palavras iniciadas pela letra X

Ao analisar a amostra de palavras, as crianças poderão fazer as seguintes observações:

1 – Há poucas palavras iniciadas por X.
2 – Depois do X sempre vem uma vogal.
3 – Todas as vogais são possíveis.
4 – O som do X nessa posição é igual ao som do CH.
5 – É difícil saber quando a palavra é escrita com X ou com CH, nessa situação.

A tomada de decisão entre X e CH inicial não é possível a partir de nenhuma dessas descobertas, pois constatar que os dois têm som parecido não ajuda a saber quando usar um ou outro. Só posteriormente é que as coisas ficarão mais claras, quando fizerem a atividade **Não tenha chiliques!!!** e confrontarem X com CH no início de palavras. Mas, como a atividade apresenta outras questões simultâneas, aconselhamos que seja realizada depois de concluída a pesquisa.

Depois que tiverem acabado a análise do X como primeira letra da palavra, o professor deverá dirigir o olhar das crianças para o outro grupo de palavras.

O professor pedirá novamente aos alunos que organizem as palavras de sua amostra em dois grupos: palavras terminadas em X e palavras com X no meio. Separados os dois grupos, dará prosseguimento à análise, trabalhando agora com as palavras terminadas por X.

Palavras terminadas pela letra X

Ao analisar esse grupo de palavras, as crianças poderão fazer as seguintes descobertas:

1 – Há poucas palavras que terminam em X.

2 – Antes do X sempre vem uma vogal, jamais uma consoante (*pirex*, *inox*, *durex*, *durepox*, *xerox*, *fax*, etc.)

3 – O som do X nessa posição é [CS].

4 – Nessa posição o X só pode ser confundido com "quis " (“tóraquis”, “duréquis”, etc.), mas esse tipo de erro já não é comum nesse nível de escolaridade.

5 – As palavras sem acento, terminadas em X, são oxítonas.

Para o X nessa posição não preparamos nenhuma atividade especial. A análise, contudo, é válida porque as crianças não sabem de antemão se haverá ou não descobertas que envolvam uma decisão ortográfica e, de qualquer forma, é possível compreender o sistema no qual a letra aparece.

Segundo momento — A letra X no meio da palavra

Este é o grupo ao qual pertence o maior número de palavras com a letra X. Os alunos logo constatarão isso. Depois dessa constatação, o professor deverá proceder da seguinte forma:

1 – Peça-lhes que observem se antes do X aparece vogal ou consoante. Observarão que podem aparecer tanto vogais quanto consoantes. Proponha, então, que separem as palavras em dois grupos: um de **consoante + X** e outro de **vogal + X**.

2 – Peça que observem os dois grupos e vejam que conclusões podem tirar. Dentre as conclusões possíveis, a mais importante para a seqüência da pesquisa é a de que **há muito mais palavras com vogal + X**. Peça, então, que observem a seguir o grupo menos numeroso, de **consoante + X**, e vejam tudo o que podem descobrir.

*Palavras com **consoante + X***

Deixe que os alunos digam espontaneamente o que estão observando. Caso ainda não tenham prática nesse tipo de análise, faça perguntas que possam levá-los a observar alguns aspectos importantes. Perguntas que costumam ser interessantes:

- *Qualquer consoante pode aparecer antes do X?*
- *O X aparece em que posição dentro da palavra: na primeira, na segunda, na terceira sílaba ou em todas as sílabas, indiferentemente?*
- *O X é a primeira, a segunda ou a terceira letra da sílaba?*
- *Qual é o som do X nessa posição?*
- *Depois do X pode aparecer tanto vogal quanto consoante, ou apenas uma delas?*
- *Todas as vogais aparecem indiferentemente ou só algumas?*

A cada pergunta do professor, as crianças deverão observar as palavras, analisar e tirar suas conclusões. Quando um grupo de alunos chega a alguma conclusão, o professor pergunta: *Isso que Fulano está falando também acontece com as palavras de vocês?* Se eles responderem afirmativamente, e, portanto, a conclusão for uma regra, o professor deverá registrá-la na lousa, para que depois os alunos copiem no Caderno de Descobertas.

Essa postura é essencial para que as crianças aprendam a trabalhar com a verificação da hipótese e para que ocorra um mínimo de falsas generalizações.

Se o professor achar conveniente, para ganhar tempo em sala de aula, poderá depois registrar as conclusões em papel *craft* e fixá-lo na parede. Assim, as crianças poderão copiar em outro momento e não ocuparão o tempo de aula com esse trabalho. Se o professor achar interessante, sugerimos também que copie as conclusões em uma folha, tire cópias e distribua entre os alunos.

Algumas descobertas possíveis:

1 – Há poucas palavras com consoante antes do X.

2 – **A única consoante que aparece é o N e ele está sempre antecedido de E** (ou seja, temos EN + X).

3 – **Em nossa amostra, o EN era sempre a primeira sílaba da palavra e o X a primeira letra da segunda sílaba**.

4 – **O som do X nessa série de letras é [CH]**.

5 – Depois do X vem sempre uma vogal.

6 – As vogais A, E, O, U podem aparecer depois do X. A vogal I nunca aparece.

Para confirmar essa última observação, peça às crianças que abram o dicionário na série **EN + X** e verifiquem as vogais que aparecem.

As descobertas em negrito são as mais interessantes para a tomada de decisões ortográficas. Por isso, são as mais importantes de serem destacadas para as crianças.

Outras descobertas importantes:

Ajude-as a perceber que antes de X vem EN. Será que existe também **EN + CH**? Como será que poderão verificar? Ouça-as e, caso ninguém sugira nada, diga-lhes para procurar no dicionário.

1 – Verificarão que existem poucas palavras. São os derivados de: ***cheio*** (*encher*, *enchente*, *enchedeira*, *encheção*, *enchimento*, *enchido*); ***chacota*** (*enchacotar*); ***chafurdar*** (*enchafurdar*); ***chapéu*** (*enchapelado*); ***charco*** (*encharcar*)*;* ***chiqueiro*** (*enchiqueirar, enchiqueirador*); e alguns outros vocábulos. Assim sendo, todas as outras palavras são escritas com **EN + X**.

O professor poderá perguntar em seguida: *Será que as palavras que* ***começam*** *com AN, IN, ON, UN serão sempre seguidas de CH?*

Divida a classe em quatro grupos de pesquisa e peça que cada grupo procure palavras no dicionário com uma daquelas séries: **AN + X**; **AN + CH**; **IN + X**; **IN + CH** e assim por diante.

2 – **Concluirão que só existe EN + X**; **AN + CH**; **IN + CH e que ON e UN não existem nem com X nem com CH**.

3 – Outra conclusão possível é que, **como não apareceu EN + X no meio da palavra** (esta série apareceu sempre no início), **dentro da palavra teremos sempre A, E, I, O, U + N + CH** (como em *gancho, aconchego*, etc.). Só encontramos *guanxuma* com **N + X** dentro da palavra. Mas isso não invalida a conclusão tirada.

Como essas descobertas são importantes, à medida que oferecem uma decisão ortográfica, sugerimos a estratégia **Bingo ortográfico** para sistematizá-las.

Bingo ortográfico

Este Bingo é para ser jogado individualmente. O professor pedirá que cada aluno pegue uma folha de papel e faça uma tabela com 25 (5 x 5) quadrados grandes. Em seguida, explicará as regras do Bingo, caso as crianças ainda não as conheçam.

Regras:

1 – Serão ditadas 25 palavras com X ou CH e cada aluno deverá escrever cada palavra ditada em um dos quadrados da tabela.

2 – É importante que cada aluno escreva na tabela sem se preocupar com a ordem em que os quadrados aparecem. Assim, as crianças ficarão com tabelas diferentes ao final do ditado.

3 – Depois de completar a tabela, o professor irá sortear as palavras e "cantá-las", uma a uma.

4 – A cada palavra que o professor disser, os alunos marcarão na tabela a palavra “cantada”. Pode ser sublinhando, circulando ou de outra forma qualquer.

5 – Quando alguém completar uma linha, uma coluna ou a diagonal de palavras sorteadas, fala "Bingo!" e mostra a cartela para o professor.

6 – O professor olha a cartela e verifica se as palavras foram mesmo sorteadas e se todas estão grafadas corretamente.

7 – Se estiverem corretas, o aluno será o vencedor e o jogo poderá continuar até surgir o segundo, o terceiro ou o quarto colocado (o professor decidirá até que ponto o jogo prosseguirá).

8 – Se houver alguma palavra errada na linha, na coluna ou na diagonal da tabela que o aluno está mostrando para a conferência, o professor dirá que tem erro mas não apontará em qual palavra. O aluno voltará para o seu lugar, não podendo mais concorrer com aquela linha, coluna ou diagonal. Mas poderá continuar concorrendo com as outras palavras para bingar em outra linha, coluna ou diagonal. Aconselhamos o professor a marcar a seqüência errada para facilitar o seu controle.

9 – O aluno que já ganhou uma vez pode continuar na brincadeira, mas não poderá ganhar novamente com outra linha, coluna ou diagonal.

Sugestão de palavras para o Bingo:

lancheira
enxotar
enxuguei
enganchar
prancheta
enchimento
rancho
enxeridos
aconchego
enxadada
ponche
enxoval
enxurrada
encheção
enxaqueca
guincho
concha
enxofre
enxergarmos
desmancha
caruncho
inchaço
preencha
enxame
enxuto

Além do Bingo ortográfico, sugerimos que os alunos joguem **Soletrando,** para continuar sistematizando as conclusões.

Soletrando

Organize a classe em grupos de quatro alunos e explique cuidadosamente as regras do jogo:

1 – Peça aos alunos que pesquisem em casa palavras com **A, E, I, O, U + N + X** ou **A, E, I, O, U + N + CH**. As palavras pesquisadas deverão ser diferentes das que foram usadas no Bingo ortográfico. Cada aluno deverá trazer quatro palavras.

2 – No dia seguinte, o professor divide a classe em equipes de três ou quatro elementos, que serão, daqui por diante, chamados de aluno número 1, 2, 3, 4 de cada equipe.

3 – O jogador número 1 escolhe uma de suas palavras e pede ao jogador número 2 que a soletre. Este deverá **"escrever" a palavra na cabeça e soletrá-la, dizendo letra por letra na seqüência certa**. Enquanto isso, o jogador número 1 (o que ditou) vai escrevendo cada letra que está sendo ditada pelo número 2.

4 – Quando o jogador número 2 terminar de soletrar, o número 1 dirá se ele acertou ou errou. Se o jogador 2 acertou, ganhará um ponto e ditará uma palavra para o 3. Se o 2 errou, o número 1 dirá que está errado e pedirá que o jogador 3 soletre a palavra. Caso este acerte, o ponto será dele.

5 – Mesmo que tenha errado, o jogador 2 ditará uma de suas palavras para o 3, que tentará novamente. Depois o 3 ditará para o 4, que ditará para o 1, fechando assim o círculo.

6 – Se a palavra tiver acento e o aluno que a estiver soletrando não falar dele, a palavra é considerada errada.

7 – O jogo termina quando todas as palavras selecionadas tiverem sido ditadas ou depois de um tempo determinado pelo professor ou combinado com a classe.

8 – Vence quem obtiver o maior número de pontos.

Terceiro momento

Depois de sistematizadas as descobertas poderemos prosseguir com a pesquisa.

Peça-lhes que observem as palavras com **vogal + X** (são as únicas palavras que restam agora). Depois de **vogal + X** poderá aparecer tanto vogal quanto consoante ou só uma delas? Verificarão que aparecem tanto vogais quanto consoantes.

Peça, então, que dividam as palavras em dois novos grupos: **vogal + X + vogal** e **vogal + X + consoante**. Observarão que o grupo com consoante depois do X é menor. Proponha que comecem a investigação por esse grupo.

*Palavras com **vogal + X + consoante***

A partir da investigação feita, as crianças poderão fazer as seguintes descobertas:

1 – **Depois do X aparecem P, T, C. Existem poucas palavras com** X + F **(por exemplo:** ***exfoliação*****) e** X + S **(*exsurgir, exsudar*). Como essas palavras não são comuns, não costumam aparecer na amostra das crianças. Continuaremos nossas conclusões sem considerar essas palavras, usando apenas as da amostra da pesquisa.**

2 – A maior parte das palavras é com P ou T. As palavras com C são poucas.

3 – **Praticamente todas as palavras começam com E e o X é a segunda letra (**EX + consoante**). Não apareceu nenhuma outra vogal antes do X.**

4 – Nessa série o X é sempre a última letra da sílaba.

5 – **O som do X é [S] (*exclamação, exportar, extremo*), menos quando temos** EX + CE ou CI ***(exceção, excitante).***

6 – **Quando o som for [ES], seguido de qualquer outra consoante, a palavra será sempre escrita com S e não com X (*esfaquear, esgotado,* etc.)**

7 – Também existem palavras com **ES + P, T, C.** Nesses casos é necessário saber cada palavra.

8 – O X não é a segunda letra em palavras como *texto*, *sexta* e seus derivados (*contexto*, *pretexto*, *bissexto*, etc.). Nesses casos é necessário conhecer cada palavra. Sugerimos que o professor mostre a diferença de significado entre *texto* e *testo*.

No Livro do Aluno encontramos o jogo ***Stop* ou "Xtop"?** para sistematizar parte dessas descobertas.

Stop ou "Xtop"?

As regras do jogo não foram escritas no Livro do Aluno para evitar que as crianças completassem antes. O melhor é resolver o jogo individualmente, mas o trabalho também poderá ser realizado em equipe.

Regras do jogo:

1 – A um sinal do professor todos deverão completar os espaços, formando uma palavra. Apenas os espaços possíveis serão completados.

2 – Não é permitido usar o dicionário.

3 – Poderá ficar combinado que o jogo terminará depois de um tempo determinado pelo professor, quando ele gritará *Stop*!

4 – Quando o jogo acabar, o professor fará a correção na lousa. **Nessa hora, os alunos deverão trocar suas listas, dois a dois.**

5 – Um aluno fala uma palavra que está na lista. Todos os que também escreveram aquela palavra ganham cinco pontos. Outro aluno fala outra palavra formada naquele mesmo espaço, diferente da primeira, e é feita nova verificação. O mesmo procedimento continua até que todas as palavras sejam conferidas. Quem escrever uma palavra que ninguém colocou ganha 10 pontos.

6 – Vence o aluno que fizer o maior número de pontos.

Terminado o jogo, há uma questão pedindo dicas que as crianças dariam a um amigo. Na verdade, elas escreverão as descobertas que fizeram: EX só pode ser seguido de P, T, C. Se tiverem descoberto as palavras com EX seguido de F e S, essas duas consoantes também serão mencionadas. Não existem palavras com EX seguido das demais consoantes. Portanto, não adianta tentar encontrar palavras para preencher as lacunas.

Algumas lacunas na primeira coluna (**ES + consoante**) não serão preenchidas. Pergunte para as crianças se não existem palavras escritas daquele jeito ou se elas é que não se lembram. Peça que procurem no dicionário aquelas séries em especial. Assim, poderão descobrir que não existem palavras com **ES + H**, **J**, **R**, **X**, **Z**.

Quarto momento

*Palavras com **vogal + X + vogal***

Nesse grupo os alunos poderão fazer algumas descobertas importantes, que os ajudarão a tomar decisões ortográficas:

1 – Há um grande número de palavras com essa série (**vogal + X + vogal**).

2 – A vogal que aparece com maior freqüência antes do X é a E.

3 – **Na maior parte das palavras o E é a primeira letra, e o X é a segunda**.

Nesse momento do trabalho, o professor deverá pedir às crianças que façam nova subdivisão da amostra de palavras: de um lado, **E + X + vogal**, sendo E a primeira letra da palavra; do outro lado, **vogal + X + vogal** no meio de palavras.

***E + X + vogal** no início de palavra*

1 – **Nesse caso o som do X é sempre [Z].**

2 – Depois do X podem aparecer quaisquer vogais.

3 – Quando o X tem som [Z], ele é sempre a primeira letra da sílaba.

4 – **O X nunca tem som [Z] em qualquer outra posição na palavra. Em palavras como *reexaminar*, a primitiva é *examinar*, portanto, a regra continua.**

Peça que verifiquem se existem palavras com EZ. Ao procurar no dicionário, verificarão que não existem (a única palavra que consta no Aurélio é ezequielense, termo pouco comum e derivado de Ezequiel). Assim, poderão concluir que:

5 – **Não existem palavras iniciadas por EZ, à exceção de ezequielense.**

Observação: Existem palavras com **E + S + vogal**. São menos numerosas que as palavras com **E + X + vogal**, e na maior parte a vogal é a letra O. (Por exemplo: *esôfago*, *esotérico*, etc. Apresentando as outras vogais depois, encontramos apenas *eserina*, *esipra*, *ésura* e *esurino*, todas palavras estranhas ao vocabulário comum.) Essa descoberta será feita apenas mais adiante, quando estivermos estudando a letra S. Nesse momento eles concluem apenas que não existem palavras com EZ inicial.

Atividades de sistematização

Xeque-mate

É uma proposta já conhecida de organização de letras dadas para formar palavras. Há um número grande de combinações possíveis, já que para cada situação eles poderão descobrir mais de uma palavra. Por exemplo, em EXA__ __ , *exame*, *exato*, *exala.* Por isso, é interessante que o professor faça a correção na lousa, para que os alunos tenham a oportunidade de entrar em contato com todas as palavras possíveis. Caso eles peçam, deixe que consultem o dicionário.

A última questão dessa atividade retoma a descoberta de que não existem palavras iniciadas por EZ + vogal.

É uma proposta que pode ser realizada como lição de casa.

Vogal + X + vogal *no meio da palavra*

1 – Depois do X podem aparecer quaisquer vogais.

2 – O som do X pode ser [CS], [CH] e [S] (*táxi*, *peixe*, *explicar*).

3 – Há outras possibilidades de se representar esses sons, o que torna difícil decidir quando usar X nesse contexto.

4 – Depois de ME sempre vem X. Às vezes a amostra traz tão poucas palavras com ME que as crianças não conseguem enxergar essa regra. Por isso, propusemos adiante a atividade **Mexe e remexe**, na qual poderão fazer a generalização.

5 – Depois de ditongo sempre vem X, mas a amostra dificilmente apresenta palavras em número suficiente para se fazer essa generalização. No volume 4, ao estudarmos encontros vocálicos, os alunos terão a oportunidade de retomar esse item.

Cruzadex

Nesta atividade pretendemos que os alunos façam uma revisão de conceitos gramaticais já estudados em séries anteriores, ao mesmo tempo que aplicam as descobertas feitas na pesquisa.

Do ponto de vista cognitivo, as crianças têm que trabalhar com intersecção de classes, aplicada diretamente à leitura das instruções.

Nas três questões propostas no final, procuramos trazer à tona palavras que são escritas com CÇ ou CC para confrontá-las com as palavras escritas com X. Acreditamos que esse confronto possa ajudar o aluno a tomar consciência da maior freqüência do uso do X e de quais são as palavras mais freqüentes com as outras grafias.

Optamos por um jogo dos sete acertos para expor as várias soluções de grafia que as crianças costumam apresentar espontaneamente em seus textos. Ao ver as três grafias diferentes e ter que escolher quais são as corretas, verificarão que nenhuma das palavras é com **quici**. O professor deve abrir a discussão com elas, perguntando se existem palavras com **quici** e caso afirmem que sim, pedir que digam quais são elas. Encaminhar, então, a discussão comentando o que as crianças trouxerem para a classe.

As questões 3 a) e b) buscam a tomada de consciência das diferentes grafias desse som [CS].

Questão 4

Além da grafia, a divisão silábica dessas palavras costuma oferecer inúmeras dúvidas para as crianças. Poder discuti-las é o objetivo dessa questão: CC e CÇ ficam em sílabas separadas, o X forma sílaba com a vogal que o segue. Esperamos que a partir dessa discussão esse aspecto possa ficar mais claro para eles.

Mexe e remexe

Este é um tipo de jogo de senha (o nome clássico é **palavra oculta**), interessantíssimo para o desenvolvimento do pensar. Propomos que as crianças resolvam esse jogo em duplas ou trios, para que umas ajudem às outras. Se necessário, o professor poderá ajudá-las a pensar, solucionando o jogo com a classe toda.

Como se trata de um jogo pouco conhecido e difícil, descreveremos aqui uma forma de dedução possível. É importante que o professor tente resolvê-lo sozinho, antes mesmo de ler o que escrevemos, pois é possível pensar por muitos caminhos e o que consta aqui é apenas um deles.

M	A	R	I	A	2
P	E	D	R	O	2
L	A	U	R	A	3
L	Í	D	I	A	0

Observe as palavras escritas em cada fileira e o número escrito à direita de cada palavra. Os números indicam quantas letras são iguais e ocupam a mesma posição na palavra oculta.

Vamos agora descrever os passos de um caminho de pensamento:

1 – É sempre interessante pensar pela negação: todas as letras de Lídia não são possíveis. Isto significa que todas as letras iguais e que estão na mesma posição nas outras palavras também estão erradas.

2 – Assim sendo, na primeira posição só pode ser M ou P.

3 – Na última coluna o A é impossível, portanto a última letra só pode ser O.

4 – Observando a quarta coluna, concluímos que só há possibilidade de ser o R, pois o I de Lídia já foi cancelado.

5 – Em Pedro só há duas letras em comum com a palavra oculta, que são o R e o O. Portanto, P, E e D são canceladas.

6 – Na primeira coluna, se não é possível ser L nem P, só pode ser M.

7 – No nome Laura há três letras da palavra oculta. Se o L e o último A foram eliminados, sobram A, U, R. Descobrimos, portanto, que a palavra oculta é *Mauro*!

Como você pode verificar, este é um jogo que propicia muita reflexão e que usamos como um meio de destacar a seqüência MEX e depois pedir aos alunos que tragam um vocabulário maior de palavras com MEX, para que possam concluir a regra ortográfica. Com MECH só há *mecha* e derivados e *mechoacão*. **Todas as outras palavras são com MEX.**

É interessante que em um primeiro momento os alunos tentem lembrar-se, de memória, de algumas palavras e só depois procurem no dicionário.

Até agora as atividades estiveram relacionadas com descobertas específicas. A partir daqui apresentamos atividades que trabalham com várias descobertas simultâneas.

Grand prix

Esta atividade, que pode ser realizada como lição de casa, se propõe a destacar uma das conclusões gerais: a de que **o X pode ter vários sons**.

A proposta é simples: pintar da mesma cor as palavras que têm o X com o mesmo som e escrever mais duas palavras que possam se encaixar em cada grupo. O momento da correção é o mais rico. É quando o professor pode perceber o que ainda não está claro para as crianças, ajudando-as a organizar seu pensamento.

Não tenha chiliques!!!

É uma cruzadinha formada de palavras com X e CH, no início, depois de EN e depois de duas vogais. O objetivo é que apliquem as descobertas feitas ao longo da pesquisa, para decidir entre as duas letras, e depois trabalhem por classificação da série em que aparecem o X e o CH para reescrever as regras principais.

Esse momento de retomar as regras principais é fundamental. Ao longo da pesquisa os alunos fazem muitas observações que são corretas, pois constituem o sistema, mas não são importantes enquanto possibilidade de uma decisão ortográfica. Assim sendo, ao fazerem a atividade e serem convidados a escrever o que concluíram, eles retomam apenas as regras principais.

Ao compararem a amostra de palavras iniciadas por X e por CH, poderão concluir que há mais palavras iniciadas por CH. **O professor, nesse momento, pedirá que procurem no dicionário a confirmação dessa observação.** E eles constatarão que ela é verdadeira.

Comparando as palavras que apresentam duas vogais antes do X ou do CH, poderão verificar que na amostra não há nenhuma palavra com CH. Vale a pena lembrar que existem palavras como **gaúcho**, que têm um hiato antes do CH e que isso pode ser confundido com a regra que levantamos. Para esclarecer essa confusão teríamos de ter trabalhado com os conceitos de vogal e semivogal, ditongo e hiato. O fato de não termos discutido esses conceitos impossibilita-nos de fazer uma análise mais eficiente. Nessa situação, separando as sílabas da palavra, é possível levá-los a perceber que nas palavras escritas com X as duas vogais que precedem essa consoante ficam juntas na mesma sílaba (bai-xo) e nas palavras com CH, as vogais ficam em sílabas separadas (ga-ú-cho) , além de a segunda vogal levar acento. Acreditamos que, mesmo assim, como o universo de palavras com hiato antes de CH não é tão vasto, isso não apareça. Quando o professor estiver trabalhando com os devidos conceitos, ele ampliará e retomará a generalização parcial.

Ao confrontar as palavras do grupo iniciado por EN, as crianças retomarão a regra já descoberta ao longo da análise, fechando um ciclo da investigação.

Jogo-da-velha

Este é o tradicional jogo-da-velha, mas dessa vez para ser completado com palavras e não com símbolos. O fato de não poder repetir palavras de uma partida para a outra obriga os jogadores a utilizarem todo o universo de palavras e não apenas as que já sabem escrever.

Para decidir com certeza qual palavra deverá utilizar, a criança terá de aplicar as regras descobertas até então. Aí o desafio é duplo: vence quem é melhor em ortografia e em jogo-da-velha.

Stop múltiplo

Os jogos de *Stop*, velhos conhecidos do professor e das crianças, são sempre interessantes por trabalharem com um universo aberto de palavras, garantindo um amplo vocabulário, significativo para o grupo, e acionado em uma situação sempre emocionante.

Se o professor realizar essa atividade no início do ano, sugerimos que nomeie as colunas com os títulos: **dissílabas**, **trissílabas** e **polissílabas**. Se realizá-la mais para o final do ano, depois de ter trabalhado vários tópicos gramaticais, sugerimos que use os títulos: **substantivos**, **adjetivos** e **verbos**.

Vale a pena observar que quem souber as descobertas saberá em que espaços concentrar sua energia. Quem não souber, ficará desperdiçando memória em coisas impossíveis.

Caso surjam palavras como *gaúcho* e *miúcha*, que têm duas vogais seguidas de CH, destaque com eles que a segunda vogal leva acento, o que não acontece com as palavras que têm duas vogais seguidas de X. Destaque também que a separação silábica é diferente.

O cair das letras

Este é um jogo clássico, que solicita uma preciosa elaboração de pensamento a ser desenvolvida pelas crianças e um conhecimento da língua que será o facilitador da solução.

As regras são simples, mas muitas vezes difíceis de serem compreendidas pelo jogador novato. Na parte de cima há letras que devem ser utilizadas na parte inferior, apenas na coluna à qual pertencem. Quando tiver colocado as letras em seus lugares corretos, o jogador obterá uma frase que é um ditado popular.

Assim como no **Mexe e remexe**, há muitos caminhos de pensamento. Mostraremos algumas idéias de como pensar, apenas a título de exemplo:

V	D	L	H
J	E	G	O
A	O	A	▨
▨			▨
	▨	▨	▨

1 – Na primeira coluna da esquerda para a direita, já é possível descobrir que V e J não podem “cair” e preencher a quarta linha da parte inferior do quadro, pois são letras que não podem ficar no final de uma palavra. Resta, assim, apenas a letra A como possível para a quarta linha.

2 – A segunda linha da parte inferior do quadro tem uma palavra com duas letras. Olhando simultaneamente para a segunda e a terceira colunas da parte superior, vemos que só é possível ser DA, pois as outras combinações são impossíveis.

3 – Observando a quarta coluna da parte inferior, percebemos que a letra H só pode ficar na terceira linha, pois não há palavra terminada por H.

4 – Deduzimos, então, que na terceira coluna, antes do H, só pode vir a letra L, pois não há palavra com GH.

5 – A letra que resta para completar a primeira linha da quarta coluna é O.

6 – A letra a ser escrita na primeira linha da terceira coluna só pode ser G.

A partir daí, a descoberta é feita pela seqüência possível de formar uma palavra com significado: jogo-da-velha.

Mico micho

Este é um jogo de Mico que montamos com o objetivo de trabalhar palavras que, por terem algum tipo de semelhança (na grafia ou no som), costumam ser escritas com erro pelas crianças. A lista dos pares foi tirada da análise de erros freqüentes em crianças com esse nível de escolaridade.

Nosso objetivo é, portanto, que associem a grafia ao significado, sendo esse o critério de formação dos pares do Mico. Sugerimos que o professor confeccione o baralho com as crianças. Para tanto damos as instruções na página 22.

FIXA	FICHA	CHEQUE	XEQUE	ROCHA	ROXA
CHALÉ	XALE	TACHA	TAXA	MEXA	MECHA
XÁ	CHÁ	CAUDA	CALDA	COANDO	QUANDO
DEVAGAR	DIVAGAR	ACENTO	ASSENTO	SEXTA	CESTA

Que é imóvel.	É usada para fazer ligações no telefone público.	É usado como dinheiro; vem em forma de talão.	A jogada mais importante no jogo de xadrez.	Pedra muito dura.	A mesma cor da violeta.
Casa de campo.	Usado pelas mulheres para cobrir os ombros e agasalhar.	Pequeno prego de cabeça chata.	Imposto ou tarifa.	Mova, misture.	Pequena quantidade de cabelos que se sobressai pela tonalidade.
Título do soberano da Pérsia.	Bebida que se prepara fervendo ervas.	Rabo de animais.	Água e açúcar fervidos juntos; usada para molhar alimentos.	Ato de coar.	Em que época?
Lento.	Sonhar; devanear.	Sinal usado para marcar a sílaba tônica da palavra.	Local em que nos sentamos.	Dia da semana que precede o sábado.	Serve para carregar coisas.

Instruções para a confecção do baralho do Mico:

1 – Compre folhas de cartolina branca ou colorida.

2 – Tire cópias xerox do baralho que damos como modelo neste manual ou faça as cartas você mesmo, como achar mais conveniente.

3 – Cole as cópias xerox na cartolina e recorte as cartas.

4 – Ofereça um baralho (48 cartas) para cada grupo de 4 crianças jogar.

5 – As regras já estão escritas no Livro do Aluno. Bom jogo!

É mais funcional que o professor monte o baralho para que as crianças só recortem e colem. Nesse caso, rever as instruções.

Acreditamos que depois desse jogo, ninguém erre mais ao escrever as palavras trabalhadas.

Podemos continuar o trabalho investigando a letra Z e explorando outras situações com X, apenas como manutenção.

MÓDULO II — Investigando a letra Z

O emprego da letra Z costuma constituir mais uma das dificuldades ortográficas das crianças (e dos adultos também!). O Z costuma ser confundido com o X e com o S entre vogais. Escolher uma dessas letras na hora de escrever é, em geral, uma decisão difícil. Na investigação da letra X, a confusão entre X e Z pôde ser resolvida: **o X só tem o som [Z] em palavras iniciadas por EX + vogal, e nesses casos nunca se escreve EZ**. Mas a dificuldade ainda permanece entre o Z e o S, portanto, proporemos uma investigação da letra Z para que, descobrindo suas propriedades, as crianças possam encontrar meios de decisão na hora de escrever.

Pesquisa sobre a letra Z

Estratégia

O procedimento ao longo da pesquisa é o mesmo proposto para a letra X:

1 – Peça-lhes, como lição de casa, que procurem em livros, jornais e revistas palavras que tenham a letra Z (não importa em que posição). Cada um deve encontrar no mínimo quinze palavras e escrevê-las em uma folha de sulfite.

2 – No dia seguinte reúna-os em pequenos grupos e peça que pintem a letra Z e as vogais e consoantes anteriores ou posteriores a ela, como fizeram com a letra X. O professor poderá pedir que tragam as letras pintadas de casa para ganhar tempo em sala de aula.

3 – Peça que organizem as palavras do grupo sobre a mesa, colocando uma ao lado da outra, e que observem tudo o que for comum entre elas.

Ao longo da investigação, que deve ser realizada em vários dias e nunca em um único dia, o professor deverá ir fazendo perguntas que dirijam o olhar das crianças para aspectos importantes e que talvez não sejam observados espontaneamente por elas. Sugerimos perguntas do tipo:

- *Qual a letra que aparece antes do Z?*
- *Qualquer consoante vem antes do Z ou apenas algumas?*
- *Há algo a verificar em relação à tonicidade?*
- *Qual a classe gramatical dessas palavras?*, etc.

A cada pergunta feita pelo professor, os alunos verificam nas palavras de sua amostra como o sistema se comporta e chegam a alguma forma de generalização. Essas conclusões das crianças é que vão se constituir em conhecimento.

Descobertas gerais sobre o Z

1 – O Z pode ser a primeira letra da palavra, a última, ou pode aparecer no meio dela.

2 – No maior número de palavras de nossa amostra, o Z aparece no meio da palavra.

Peça-lhes que organizem suas palavras em três grupos:

a) palavras iniciadas por Z,
b) palavras terminadas em Z,
c) Z no meio da palavra.

Depois que os grupos estiverem divididos, poderão verificar que o conjunto com Z no meio da palavra é o mais numeroso. Escolha o grupo de palavras iniciadas por Z e peça que guardem as restantes em envelopes para analisá-las posteriormente.

Primeiro momento

Palavras iniciadas por Z

Deixe primeiramente que descubram sozinhos o que puderem. Caso fique faltando alguma descoberta importante, faça perguntas que possam dirigir o olhar dos alunos naquela direção, para que enxerguem a regularidade. Neste Manual, as descobertas mais importantes estão em negrito, para facilitar sua localização pelo professor. Se as crianças deixarem de observar as descobertas que não estão em negrito, não perca tempo em fazê-las descobrir, mas se falarem espontaneamente, registre no Caderno de Descobertas, pois são observações sobre a estrutura do sistema ortográfico.

Os alunos poderão verificar que:

1 – É pequeno o número de palavras iniciadas por Z.

2 – Todas as vogais podem aparecer depois do Z.

3 – **Nessa posição o Z não é confundido com nenhuma outra letra, pois não há nem X nem S com som de Z no início de palavras.**

Como não há nenhuma descoberta significativa, não preparamos atividades especiais.

Palavras terminadas por Z

Os alunos poderão verificar que:

1 – Antes do Z virá sempre uma vogal.

2 – Todas as vogais podem aparecer antes de Z, mas as mais freqüentes são A, E e I.

3 – O som do Z nessa posição é igual ao do S.

4 – **As palavras estão no singular.**

5 – O plural das palavras terminadas por Z se faz acrescentando ES.

6 – **São todas oxítonas quando não acentuadas.**

7 – **Há muitos monossílabos terminados em Z (*fez*, *giz*, *dez*, *paz*, etc.) e nesses casos as crianças confundem com S.**

Para trabalhar a diferenciação entre monossílabos terminados em S ou Z, propusemos as atividades **Cata-vento** e **Recortando**, no volume 2 dessa coleção. Caso seus alunos ainda não tenham feito essas atividades, é interessante retomá-las.

8 – Quando se acrescenta algum sufixo depois do Z, ele permanece. Exemplos: *feroz–ferozmente*; *luz – luzona*, *luzinha*; *cruz – cruzar*, etc.

9 – **O Z nunca é a última letra da sílaba, a não ser nas situações citadas no item 8.**

Para sistematizar essa descoberta sugerimos, na página 28 deste livro, a **Gincana do S e do Z**.

Segundo momento – Z no meio da palavra

Este é o grupo mais numeroso. Peça-lhes que observem se antes do Z aparecem vogais e consoantes. Constatarão que aparecem as duas. O próximo passo será organizar as palavras em dois grupos: **vogal + Z** e **consoante + Z**.

*Palavras com **consoante + Z***

Ao analisar as palavras desse grupo, os alunos poderão verificar que:

1 – Nesta posição o Z é sempre a primeira letra da sílaba.

2 – Antes do Z só aparecem as consoantes N, R e C. O N e o R são freqüentes e o C é pouco comum. Podemos citar como exemplos: *enzima*, *onze*, *franzido*, *quatorze, czarina*.

Existem as palavras *dzeta* e *wurtzita*, que, por serem desconhecidas das crianças, não levaremos em consideração nesse momento.

3 – Quando o C aparece antes do Z, ele é mudo. Ex.: *czar*, *eczema*. Ao dividirmos as sílabas dessas palavras, o C e o Z ficam em sílabas separadas, menos em *czar*, que é monossílabo.

4 – Dessas consoantes, a que aparece com maior freqüência é o N.

5 – **Depois de consoantes o Z não se confunde com o S, pois o S precedido de consoante não tem som de Z.**

Como não há problemas de grafia ligados ao Z nessa posição, não preparamos nenhuma atividade especial.

*Palavras com **vogal + Z***

1 – Nesta posição encontramos depois do Z tanto vogais quanto consoantes.

2 – O Z pode ser tanto a primeira quanto a última letra da sílaba.

3 – O Z nessa posição é confundido com S pelas crianças.

Peça-lhes que dividam as palavras em dois novos grupos para facilitar a análise: **vogal + Z + vogal** e **vogal + Z + consoante.**

Terceiro momento

Palavras com ***vogal + Z + consoante***

Ao analisar esse grupo de palavras, os alunos poderão verificar que:

1 – Há poucas palavras neste grupo.

2 – O Z é sempre a última letra da sílaba.

3 – Todas as palavras que apareceram em nossa amostra tinham o Z seguido do sufixo **-mente**. Exemplos: *infelizmente*, *vorazmente*, *capazmente*, etc.

4 – Todas as palavras são advérbios formados a partir de adjetivos (as crianças a essa altura ainda não sabem disso, mas se a atividade for realizada com crianças mais velhas, esta pode ser mais uma descoberta).

5 – **Nessa posição o Z se confunde com o S, pois o som das duas letras é semelhante.**

A análise que pretendemos fazer para ajudá-los nessa situação é uma generalização que só será possível após a análise das palavras com **vogal + Z + vogal**. Assim, a sistematização dessas descobertas ficará para depois.

Palavras com ***vogal + Z + vogal***

Os alunos poderão descobrir que:

1 – O Z é sempre a primeira letra da sílaba.

2 – **Nessa posição o Z se confunde com o S entre vogais, pois o som é o mesmo.**

3 – Antes e depois do Z podem aparecer todas as vogais.

4 – **Todas as palavras que encontramos iniciadas por vogal e seguidas de Z (Z como segunda letra da palavra) começavam com A. Exemplos:** ***azedume*****,** ***azeite*****, etc.**

Peça às crianças que verifiquem no dicionário se existem ou não palavras iniciadas por EZ, IZ, OZ, UZ. Verificarão que:

5 – **Não há palavra iniciada por EZ. Todas começam com EX (à exceção de** ***Ezequiel*** **e derivados).**

6 – **Há poucas palavras iniciadas por OZ, UZ, e são pouco conhecidas.**

7 – **Não há nenhuma palavra iniciada por IZ.**

8 – **Há muitas palavras terminadas pelo sufixo** -eza. **Exemplo:** ***riqueza.***

Como também existem palavras terminadas em ESA, peça que façam a atividade **Tômbola** para que possam descobrir quando usar S ou Z nessa terminação.

9 – **Há muitas palavras terminadas pelo sufixo formador de diminutivo** -zinho.

As palavras terminadas em **S + inho** são as que tinham S na grafia da palavra primitiva, à qual se acrescentou o sufixo **-inho**. Exemplo: *princesinha.* O professor deverá pedir que façam a atividade **Reduzindo**…, no Livro do Aluno, para que verifiquem essa possibilidade de decisão.

10 – **Os numerais de 10 a 19 são todos escritos com Z.**

A sistematização dessa descoberta está incluída no módulo de **Numerais**. Como também existe **des**, propor que façam a atividade **Cadê o resto?** para descobrirem uma forma de decisão entre **des-** e **dez.**

Sugestões

Como há um número muito grande de descobertas possíveis, sugerimos os seguintes procedimentos:

1 – Depois da investigação geral dos grupos e subgrupos de palavras com Z, o professor verifica com as crianças quais são as descobertas mais importantes para que possam decidir que letra usar em caso de dúvida ortográfica. Essas descobertas devem ser sublinhadas, e as atividades de sistematização que as focalizam poderão ser aplicadas.

2 – Como o caminho de utilização do material varia de um grupo para outro, há várias relações possíveis de serem estabelecidas, dependendo dos conteúdos que já tiverem sido desenvolvidos pela classe. Sugerimos que o professor focalize o olhar das crianças para essas descobertas no momento em que achar que elas são possíveis para eles.

3 – Para a sistematização das palavras terminadas em Z, sugerimos que os monossílabos sejam trabalhados por significação (*pás, paz*), e que as demais palavras sejam trabalhadas pela tonicidade, como foi sugerido no volume 2, além das atividades já propostas por nós.

Atividades de sistematização

Descreveremos a seguir os objetivos e procedimentos das atividades de sistematização das descobertas desse módulo. Acreditamos que após esse trabalho o número de dúvidas ortográficas relativas à letra Z seja bastante reduzido.

Tômbola

Nosso objetivo ao escolher essa estrutura do jogo **Tômbola** é oferecer uma grande amostra de palavras terminadas em **-esa** ou **-eza**, o que permitirá às crianças aprender a decidir entre as duas letras (S ou Z) nesse tipo de situação ortográfica.

As regras do jogo são as tradicionais:

1 – O professor dita quarenta palavras e cada aluno escolhe dezessete para escrever nos espaços de sua tabela, na ordem que quiser. Essas palavras ditadas devem estar escritas em papeizinhos, para serem sorteadas a seguir.

2 – Quando todos tiverem completado a cartela, o professor começa o sorteio e os alunos vão marcando na tabela as palavras sorteadas.

3 – Quando algum aluno preencher a tabela toda, avisa e mostra para o professor, que verificará se todas as palavras já foram efetivamente sorteadas e se estão grafadas corretamente. Se aquele aluno não cometeu nenhum erro, será o vencedor.

4 – Se houver erro de grafia na tabela apresentada pelo aluno, o professor diz: *Tem erro,* mas não avisa em que palavra. O aluno volta para sua carteira e tem uma chance de corrigir o erro e reapresentar a tabela. Se agora ela estiver totalmente correta, ele vence. Se ainda apresentar algum erro, ele é desclassificado, e o jogo continua até que surja um vencedor.

A correção deve ser coletiva. O professor vai escrever as palavras na lousa organizando-as em duas colunas: a da letra S e a da letra Z. Em seguida o professor e os alunos vão investigar juntos para descobrir o maior número de regularidades entre as palavras de cada coluna.

As descobertas possíveis dependem de alguns conteúdos gramaticais que os alunos já tenham visto ou não, por isso é importante que o professor verifique o que é o **possível** para a sua classe. Eis algumas conclusões possíveis:

Palavras com **-eza**:

1 – Todas as palavras terminadas em **-esa** são substantivos.

Peça aos alunos que observem como se formaram as palavras e verão que é sempre de um **adjetivo + -eza** (belo + eza, claro + eza, etc.).

2 – Esses substantivos são formados por um **adjetivo + eza**.

3 – Todos são femininos.

Palavras com **-esa**:

1 – Todas as palavras da lista terminadas em **-esa** são adjetivos.

2 – Todos indicam o lugar de origem de alguém (são os chamados adjetivos pátrios).

3 – Algumas palavras indicam títulos de nobreza.

4 – São todos femininos.

É possível destacar mais regularidades, por exemplo, que são paroxítonas, mas, como não são descobertas que possam ajudar em uma decisão ortográfica, nos abstivemos de enumerá-las. Se surgirem espontaneamente na classe, o professor deve registrá-las e depois marcar junto com os alunos as descobertas mais importantes.

Sugestão de palavras para a **Tômbola**:

irlandesa
escocesa
japonesa
francesa
dinamarquesa
polonesa
norueguesa
tailandesa
holandesa
libanesa
javanesa

inglesa
portuguesa
baronesa
consulesa
duquesa
princesa
camponesa
chinesa
montanhesa
burguesa
finlandesa

beleza
clareza
dureza
pobreza
certeza
delicadeza
nobreza
riqueza
estranheza
tristeza
malvadeza

fortaleza
natureza
realeza
franqueza
frieza
fraqueza
destreza
firmeza
alteza
moleza
gentileza

Questão 3

Uma vez que cada criança escreveu em sua tabela apenas 17 das 40 palavras ditadas, o professor escreverá as 40 palavras do jogo na lousa para a correção, e os alunos utilizarão esse universo vocabular para descobrir a palavra escolhida por nós. É uma atividade de " Resta um", que trabalha basicamente por negação, uma forma de raciocínio importante de ser desenvolvida nas crianças.

Os alunos deverão observar a primeira pista: **Não é polissílaba**, e escrever no livro apenas as palavras que restam (ou seja, as di ou trissílabas). A cada nova dica deverão riscar na lista as palavras excluídas, de tal forma que após a última ordem restará apenas a palavra *frieza*.

Sugerimos que o professor peça às crianças que não falem em voz alta a palavra descoberta para que todos possam, a seu tempo, descobri-la.

Reduzindo...

O objetivo dessa atividade é fazer com que os alunos percebam quando a palavra no diminutivo é escrita com S ou com Z. Os alunos poderão fazê-la como lição de casa.

Poderão descobrir que quando a palavra primitiva já tinha S, como *mesa*, o S se mantém. Caso contrário, o diminutivo será formado com Z, como em *nó*.

Para completar o diagrama com as palavras no diminutivo do exercício 1, as crianças terão que pensar no número de letras de cada palavra e no cruzamento das letras das palavras que se cruzam. É muito mais um exercício de raciocínio do que de ortografia. E por isso vale a pena!

Dúvida cruel

Novamente nosso objetivo é que os alunos tenham um instrumento de decisão quando estiverem escrevendo palavras que terminem em **isa**r ou **izar**.

Questão 1:

O pedido para que escrevam as palavras tem dupla intenção: por um lado, despertar a angústia, para que o desejo de encontrar uma forma de resolvê-la mobilize a busca; por outro lado, trazer uma amostra de palavras que permita a observação e generalização em forma de regra, solucionando a angústia gerada.

Questão 2:

Pedimos a organização em colunas para facilitar a visualização e generalização que será pedida na questão 3.

Questão 3:

Atingimos aqui o objetivo da atividade: ao observar as palavras das duas colunas, as crianças poderão concluir que havendo S na palavra primitiva, o S se mantém; não havendo, acrescenta-se **-izar**, com Z.

Questão 4:

Ao observarem as palavras das duas colunas, faça-os perceber, por meio de perguntas, que todas são verbos.

Depois que os alunos tiverem chegado a essa conclusão, o professor pode pedir que observem que essa questão do S na palavra primitiva já apareceu antes. Onde? Será que esta é uma regra? Sempre que a palavra primitiva tiver S a palavra derivada manterá o S, e quando não tiver S, a palavra derivada será com Z? Poderão lembrar-se de que já viram o mesmo com o sufixo **-inho** e **-mente**.

Cadê o resto?

Nosso objetivo é ajudá-los a tomar uma decisão de quando escrever **des** ou **dez** no início de palavras. Pretendemos que cheguem à conclusão de que as palavras com **dez** são poucas e todas são derivadas de *dez* (10). Mesmo *dezembro*, que as crianças não reconhecem nessa regra, faz parte, pois dezembro era o décimo mês do ano, só passando a décimo segundo por uma alteração posterior do calendário. Se houver interesse das crianças, sugerimos que seja feita uma pesquisa sobre a história do calendário e dos meses.

Outra observação interessante de se fazer é pela negação: se apenas palavras derivadas de *dez* são escritas com Z, todas as outras serão com S.

Poderão também observar que o **des** pode pertencer ao radical da palavra ou ser um prefixo. Se for prefixo, traz um sentido de desmanchar, desfazer e existe uma palavra primitiva sem ele. Aos poucos as crianças vão construindo a teia da língua, onde gramática, ortografia e significado formam um todo, e nesse todo cada componente dá sustentação para o outro.

Bata já!

É um jogo de percurso que exige das crianças rapidez para tomar uma decisão entre **isa**r ou **izar**. As regras já estão no Livro do Aluno, e o professor deve ir acompanhando os jogadores apenas para contornar problemas que possam surgir. Como já realizaram atividades que ajudam a saber quando escrever um ou outro, acreditamos que será tranqüilo formar as palavras.

Adiante, haverá outras atividades que retomarão a letra Z, estabelecendo novas relações ou jogos gerais dos quais o Z é mais um componente. Vá observando se sua interferência tem produzido uma diminuição quantitativa de erros com essa letra e vá dosando as atividades. Sempre que necessário, o professor deverá criar novas atividades, aproveitando o interesse e o universo vocabular de seu grupo.

MÓDULO III — Investigando a letra S

Iniciaremos agora nossa terceira pesquisa do ano: a investigação sobre a letra S. O S já apareceu em confronto com o X quando estudamos situações em que ambos têm a mesma produção sonora e, portanto, são freqüentemente confundidos. A pesquisa aqui será feita nos mesmos moldes das anteriores. **Lembramos o professor de que ela é muito extensa e minuciosa, devendo ser realizada paulatinamente, em dias diferentes.**

Preparando o material

1 – Peça que cada aluno procure em casa, em jornais, livros e revistas, cerca de vinte palavras que tenham a letra S. Mais uma vez ressaltamos a importância de se pesquisar em material diversificado. Assim, além de garantir uma amostragem grande de palavras, evitamos falsas generalizações.

2 – As palavras encontradas devem ser escritas em uma folha de sulfite, com letra não muito pequena e espaço razoável entre elas, porque serão recortadas posteriormente.

3 – Peça que pintem a letra S de uma cor, as vogais anterior e/ou posterior de outra cor, e as consoantes anterior e/ou posterior de uma cor diferente das anteriores. Lembramos que, à semelhança do que foi realizado com o X, deverão ser pintadas apenas as letras vizinhas ao S.

4 – É comum uma palavra ter a letra S em mais de uma posição, como ocorre em *sossego*. Nesse caso, a palavra deve ser escrita duas vezes e, em cada uma, um dos esses e seus vizinhos são pintados.

Todo esse trabalho pode ser realizado em casa, pois as crianças já são grandes, e já fizeram essa tarefa outras vezes, tendo, portanto, condições de executá-la com independência. No dia seguinte, em sala de aula, inicia-se a pesquisa.

A investigação

1 – Reúna os alunos em grupos de quatro ou cinco participantes.

2 – Peça que juntem todas as palavras que encontraram, que eliminem as repetidas e espalhem pela carteira as que sobraram.

3 – Depois de observar as palavras, as crianças começam a tirar conclusões.

Poderão concluir que o S aparece no início, no meio ou no final das palavras. Peça-lhes, então, que organizem as palavras em três grupos:

- palavras iniciadas por S;
- palavras terminadas por S;
- e palavras com S no meio.

Depois que os três grupos estiverem separados, peça que observem as palavras iniciadas por S e tirem conclusões.

Primeiro momento

Palavras iniciadas por S

Depois de observar as palavras deste grupo, as crianças poderão tirar as seguintes conclusões:

1 – Depois do S sempre virá uma vogal.

2 – Todas as vogais podem aparecer.

3 – Quando depois do S aparecem as vogais A, O, U, ele não se confunde com nenhuma outra letra.

4 – Antes das vogais E, I, o som [S] também pode ser representado pelas sílabas CE/CI.

Como a decisão entre SE/CE e SI/CI é difícil, e as crianças cometem uma série de erros de grafia, propomos uma investigação específica sobre estas sílabas. Por ser uma investigação extensa, será tratada num módulo à parte.

Aconselhamos o professor a tratar essa questão somente depois de ter concluído a análise do S, para que a visão do todo não se perca.

Concluída a análise das palavras iniciadas pela letra S, peça que passem para o grupo de palavras terminadas em S.

Palavras terminadas por S

Se houver poucas palavras desse grupo na amostra das crianças, peça-lhes que procurem mais palavras. Um universo maior possibilitará que elas observem algumas particularidades:

1 – Na maior parte das palavras o S como última letra é uma marca de plural (*cadeiras*, *grandes*, *nossos*, *vamos*, *rápidos*, etc.).

2 – Algumas palavras em que o S não é marca de plural não variam em número (*mas*, *mais*, *Vênus*, *atlas*, etc.).

3 – Outras palavras que terminam em S no singular variam em número (*português – portugueses*; *camponês – camponeses*).

4 – Antes da letra S nessa posição, podem aparecer tanto vogais (*aliás*) quanto consoantes (*fórceps*).

5 – O S nessa posição pode ser confundido com a letra Z (erro freqüente entre as crianças). Essa questão já foi abordada no **Módulo XII — As letras S e Z em final de palavra,** do volume 2.

Sugerimos o jogo **Gincana do S e do Z** para sistematizar essas descobertas. Se houver necessidade de mais atividades de sistematização, sugerimos que o professor crie situações específicas para a classe.

Gincana do S e do Z

Esta gincana deve ser realizada em um espaço amplo, como o pátio. Se for realizada na sala de aula, as carteiras devem ser arrumadas nos cantos deixando uma área livre no centro.

Como montar o jogo:

1 – O professor divide a classe em três equipes.

2 – Escreve na lousa ou em um cartaz quatro grupos diferentes de palavras:

Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4
tesouras	veloz	simples	pôs
anos	avestruz	férias	país
luzes	capaz	atrás	cortês

3 – O professor dá uns 5 minutos para que as equipes descubram que lei organizou a escolha das palavras de cada grupo. As leis levantadas pelas equipes devem ficar em segredo. Portanto, uma equipe não deve contar para a outra.

As leis são:

- grupo 1 → palavras no plural;
- grupo 2 → palavras terminadas em Z (singular);
- grupo 3 → o S faz parte da palavra, não é indicador de plural e as palavras são invariáveis em número; ou simplesmente palavras que não variam em número;
- grupo 4 → palavras terminadas em S, no singular, e que variam em número.

4 – Terminada a discussão, cada equipe se organiza em fila, e o professor oferece uma caixinha com novas palavras para o primeiro elemento da fila de cada equipe. As palavras devem estar escritas em papeizinhos para serem sorteados.

5 – Todos a postos, vai começar a gincana! O aluno que está no primeiro lugar da fila lê a palavra que sorteou, escreve ou cola no grupo a que a palavra pertence, bate na mão do colega de equipe que está atrás dele e vai para o último lugar da fila.

6 – O aluno que agora é o primeiro vai até a caixinha, sorteia uma nova palavra, lê e classifica; bate na mão do próximo colega e vai para o último lugar da fila, e assim por diante até que todos da equipe tenham organizado uma das palavras.

7 – Vence a equipe que terminar primeiro.

8 – Caso alguma equipe não tenha elaborado uma boa lei, vai fazer classificações indevidas. Ao longo de todo o jogo, o professor observará se cada palavra colocada está correta ou não, e vai marcando os pontos para cada equipe.

9 – Caso ache mais fácil, monte três caixinhas com palavras em papéis de cores diferentes (todas as caixinhas devem ter as mesmas palavras). Assim é possível observar, só pelas cores, se a classificação foi correta ou não, pois a cor vai permitir determinar a qual equipe a palavra pertence. Acreditamos que essa forma de controle seja mais fácil e eficiente.

10 – O número de vezes que o jogo será realizado e a quantidade de palavras ficam a critério do professor. Quanto mais palavras e mais vezes eles jogarem, melhor!

Sugestão de palavras para a **Gincana do S e do Z**:

Grupo 1	**Grupo 2**	**Grupo 3**	**Grupo 4**
perigos	voz	ônibus	escocês
pavês	atriz	pires	freguês
sons	capuz	lápis	montanhês
narizes	cuscuz	jamais	camponês
canetas	estupidez	vírus	gás
capas	feroz	pois	português
bezerros	arroz	invés	convés
mortais	cicatriz	detrás	burguês
perdizes	chafariz	após	norueguês
poderosos	assaz	aliás	marquês

Segundo momento — S no meio da palavra

Concluída a investigação do S no início e no final de palavras, passemos para o S no meio da palavra. É o grupo mais numeroso e que exige uma análise mais pormenorizada. Peça, como sempre, que observem se antes do S podem aparecer tanto vogais quanto consoantes, ou apenas uma delas. Verificarão que ambas podem aparecer. Peça-lhes, então, que organizem as palavras nos dois grupos para análise. Escolheremos primeiro o grupo de palavras com **consoante + S** por ser o menos numeroso.

*Palavras com **consoante + S***

Com relação a esse grupo, poderão observar que:

1 – Há poucas palavras com consoante + S.

2 – Antes do S aparecem apenas as consoantes N, R, L, B, P, D (*consagrado*, *constrangido*, *corsa*, *Celso*, *observar*, *obstáculo*, *psicologia*, *adstringente*).

3 – As consoantes que aparecem com maior freqüência são N e R. Com L, B, P e D, encontramos poucas palavras.

4 – Depois do S pode vir tanto vogal quanto consoante.

Feitas essas observações, peça que organizem as palavras nestes dois subgrupos: **consoante + S + consoante** e **consoante + S + vogal**.

*Palavras com **consoante + S + consoante***

O trabalho com esse subgrupo leva às seguintes observações:

1 – Há poucas palavras nesse conjunto.

2 – Antes do S só aparecem as consoantes N (*inspiração*), R (*perspectiva*), B (*substantivo*).

3 – **A consoante mais freqüente é o N, que forma sílabas como** trans, cons, ins **(transformar, conspiração, inspiração).**

4 – Depois do S podem aparecer as consoantes B, C, F, G, I, M, P, T, V (*transbordar*, *inscrever*, *transfigurar*, *transgredir*, *translação*, *transmutação*, *inspiração*, *transpirar*, *conspirar*, *transtorno*, *transvasar).*

5 – Só encontramos R antes do S na sílaba **pers** (*perspectiva*).

6 – Quando antes do S vier B, o B é mudo e depois do S a consoante é T ou C (s*ubstância*, *abstrair*, *abstenção*, *obstrução*, *abscesso*, *obscuro* e outras).

7 – **Quando o S é seguido de outra consoante, ele é sempre a última letra da sílaba: obs-tru-ção.**

8 – **O S nessa posição não se confunde com nenhum outro som.**

Como as crianças não costumam errar ao trabalhar com o S nessa posição, não preparamos nenhuma atividade específica de sistematização. No entanto, com freqüência acrescentam vogais às consoantes mudas, regularizando a sílaba. Exemplo: **obscuro** escrevem **obiscuro**. Caso observe esse tipo de erro, chame a atenção deles para essa estrutura de sílaba.

*Palavras com **consoante + S + vogal***

Algumas descobertas possíveis:

1 – **Antes do S podem vir apenas as consoantes N (ensino), R (curso), L (pulso), P (psicologia). Talvez as crianças queiram classificar o SS neste grupo, mas nós o analisamos no grupo vogal + S + vogal.**

2 – **Nesta série o S se confunde com Ç, CE e CI. (Confrontamos o S com CE, CI no meio da palavra e não descobrimos nada que pudesse ser decisivo para saber quando usar uma ou outra letra.)**

O Ç será pesquisado no volume 4, quando estaremos trabalhando com erros no meio de palavras.

3 – Depois do S podem vir todas as vogais (*ensacar*, *ensejo*, *ensino*, *imenso*, *insubordinado*).

4 – **O S é a primeira letra da sílaba** (den-so), menos quando antes dele vier a consoante P. Nesse caso ele será a letra do meio (psi-co-lo-gia).

Concluída a análise do S precedido de consoante, peça aos alunos que observem as palavras com vogal antes do S.

Terceiro momento — **Vogal + S**

Poderão chegar às seguintes observações:

1 – Há um número grande de palavras com **vogal + S**.

2 – Antes do S aparecem todas as vogais.

3 – Depois do S pode aparecer tanto vogal (*asa*) quanto consoante (*história*).

Peça-lhes que dividam as palavras em dois subgrupos: **vogal + S + vogal** e **vogal + S + consoante.**

*Palavras com **vogal + S + consoante***

Algumas descobertas possíveis:

1 – Há um número grande de palavras com **vogal + S + consoante.**

2 – Todas as vogais aparecem em abundância antes do S.

3 – **Depois do S podem aparecer as consoantes B, C, D, F, G, L, M, N, P, Q, R, T, V**. Exemplos: *esbarrar*, *escorregar*, *descer*, *desde*, *desfazer*, *desgrudar*, *desligar*, *esmagar*, *esnobar*, *disputar*, *disque*, *Israel*, *distância*, *desviar.*

4 – As consoantes H, J, X, Z não aparecem depois do S.

No caso de ES + consoante, há uma atividade de sistematização no módulo de investigação da letra X, que confronta o uso das duas letras: S e X. Optamos por incluí-la naquele módulo porque as crianças costumam colocar S no lugar do X (por exemplo, escrevem "esperiência", mas não escrevem "exfaquear"). É a atividade ***Stop*** ou "**Xtop**", que, se até esse momento ainda não tiver sido realizada, seria adequado realizá-la agora.

As demais situações estão inseridas em atividades gerais que descreveremos no final dessa investigação.

A representação do som [S] nessa posição não traz confusão com as outras letras (X e Z), porém no caso de SC e SÇ (*cresça, descer)* o aluno confunde com SS, CE, CI ou com Ç. Eles escrevem "cresse" ou "crece", "deci" ou "deça".

Para esclarecer essa confusão, é necessário realizar uma análise confrontando todas essas possibilidades, o que será objeto de estudos posteriores.

*Palavras com **vogal + S + vogal***

É a esse grupo que pertence o maior número de palavras com S e é também nesse universo de palavras que aparecem as maiores dificuldades na grafia com essa letra. Por essa razão, deixamos a análise desse grupo para o final e preparamos um maior número de situações de sistematização.

Quando o S está entre duas vogais, ele aparece como S ou como SS. Por isso, pedimos que façam essa primeira classificação e selecionem as palavras com SS para serem analisadas em primeiro lugar.

SS *entre vogais*

A partir da análise das palavras com SS entre vogais, poderão fazer as seguintes descobertas:

1 – **A maior parte das palavras que encontramos com SS pertence a três classes de palavras: verbos, pronomes ou numerais.** Mas há, também, muitos substantivos e adjetivos.

2 – **Os pronomes são escritos sempre com SS e nunca com C.** Veja: *essa*, *esse*, *isso*, *nossa*, *desse*, etc. (Exceção feita a *você*.)

3 – **Os verbos no presente são escritos com C (aparece) e no subjuntivo com SS (aparecesse).**

4 – **Os numerais são escritos com SS e não com C.** Veja: *dezessete*, *dezesseis*, *sessenta*, etc.

5 – **Quando a palavra tem SS, ao dividir as sílabas fica um S em cada sílaba.**

Vale a pena deixar claro que os conceitos das classes gramaticais são nosso assunto de Gramática neste volume. Portanto, as descobertas relacionadas com as diferentes classes gramaticais poderão acontecer durante o trabalho de pesquisa do S. Caso eles ainda não tenham trabalhado com alguma das classes gramaticais citadas nas descobertas, não se preocupe. Pode ser que eles digam a descoberta sem usar a terminologia adequada, mas explicando de outra forma. (Em vez de numerais, podem dizer, por exemplo, palavras que são os números, ou algo semelhante.) Se não conseguirem observar, o professor poderá retomar a grafia e ajudá-los a descobrir, quando estiver trabalhando a classe gramatical. Além disso, no Livro do Aluno, há exercícios e jogos específicos para a retomada e a sistematização das descobertas mais importantes, e neste momento poderão rever e fixar essas regras.

Para que eles possam descobrir as propriedades que levantamos, é necessário que o professor lhes peça que aumentem a amostra de palavras com SS, e depois que as classifiquem pelas classes gramaticais ou por semelhança de tipo de informação. Propusemos atividades específicas para sistematizá-las: **Caminhando e montando**, no módulo de Pronomes, **Numerando**, no módulo de Numeral, e **Parece e é** no módulo de Verbos.

S *entre vogais*

Em relação ao grupo de palavras com **vogal + S + vogal**, é possível fazer as seguintes descobertas:

1 – Todas as vogais aparecem em abundância antes e depois do S.

2 – Nesta posição a letra S tem som de Z e é bastante confundida com ele.

3 – **Muitas palavras terminam em -oso, sufixo que forma adjetivos e traz uma idéia de intensidade.**

Provavelmente o número de palavras terminadas em **-oso** na mostra das crianças será pequeno demais para que façam essa generalização. E esta é uma generalização importante, pois as crianças erram muito a grafia dessas palavras. Por isso, criamos uma atividade intitulada **Rosa cheirosa**, que tem por objetivo ajudá-las a fazer essa descoberta. Sugerimos que as crianças façamna logo depois de tirar suas conclusões.

4 – **A terminação -isar aparece em muitas palavras e costuma gerar dúvidas se é escrita com S ou Z.**

No Livro do Aluno propusemos duas atividades — **Dúvida cruel** e **Bata já!** — que estão no módulo de investigação da letra Z e que, se ainda não foram feitas, deverão ser realizadas agora.

5 – **Outra terminação que aparece com freqüência é -são.**

Como essa terminação é confundida com **-zão**, preparamos a atividade **Confusão no porto!!!** para sistematizá-la.

6 – Há muitas palavras começadas por **vogal + S**.

Como na nossa amostra a maior parte das palavras iniciadas pela vogal E vinha seguida da letra X, e a grande maioria das palavras com Z era precedida da letra A, resolvemos analisar como se comportariam cada uma das vogais + S.

Sugerimos que o professor levante para os alunos esse questionamento. Eles deverão juntar as palavras iniciadas por vogal + S pesquisadas pela classe toda e trazer novas palavras para aumentar a amostragem. Feito isso, o professor pedirá que observem a amostra de palavras, que levantem hipóteses e confirmem em dicionário. Acreditamos que na amostra das crianças não apareça nenhuma palavra com OS + vogal. O professor perguntará para a classe se há poucas palavras escritas dessa maneira ou se não existe nenhuma, e pedirá que verifiquem no dicionário. Poderão descobrir que existem duas, mas são palavras desconhecidas. Dessa forma chegarão às seguintes conclusões:

7 – Há poucas palavras com AS + vogal (*Ásia*, *asilo*, *asa)*, as outras são escritas com Z (*azeitona*, *azar*, *azedo*, etc.).

8 – Com ES + vogal há apenas *esotérico* e *esôfago*. Todas as outras palavras são escritas com EX + vogal.

9 – Com IS + vogal há muitas palavras (*isolar*, *isopor*, etc.).

10 – Não há palavras com OS + vogal, exceção de *osoriense* (quem nasce na cidade de Osório) e *osana* (substância química).

11 – Com US + vogal há várias palavras (*usar*, *usina*, *uso*, *usuário*, *usurpar*, etc.).

Para sistematizar essas descobertas das vogais + S em início de palavras, temos as atividades **Tabela do ziguezague** e **Trio calafrio**... que descreveremos depois de **Confusão no porto**!!!

Atividades de sistematização

Rosa cheirosa

Nosso objetivo é que possam descobrir e sistematizar a grafia do sufixo **-oso**, sempre com S e não com Z, como escrevem com freqüência.

Pedroso é um homem apaixonado e romântico. (E brega!) Ao reduzirem o número de palavras, todas terão a terminação **oso**. As perguntas propostas os levarão a perceber que todas são adjetivos. Aproveite a ocasião para retomar o conceito com eles, se necessário.

Além da classe gramatical, nas questões 3 e 4 compreenderão que o sufixo **-oso** traz a idéia de "cheio de", "com muita".

Na questão 5 são levados a observar que não existem adjetivos terminados em **ozo**. Aliás, nem palavras de outras classes gramaticais (apenas *gozo* e *Bozo* são escritas com Z). A partir dessa constatação poderão tirar uma conclusão útil e importante num momento de dúvida ortográfica: todas as palavras terminadas em **-oso** são com **S** e não com **Z**.

Na questão 7 Rosa Cheirosa responde à carta de Pedroso. Aconselhamos o professor a conversar com as crianças sobre ela. Como é a Rosa? Como será que reagirá à carta? Será que ela fala tudo “em três palavras”? Ou é mais lacônica e prefere o sufixo -oso? Ou é muito delicadinha e fala tudo no diminutivo? Ou é muito brava e escolhe palavras pesadas? Antes de mais nada, aproveite a ocasião para ajudá-los a pensar o quanto da personalidade do personagem é revelado na escolha das palavras que ele diz.

Depois, vale a pena as crianças lerem suas respostas em voz alta. Além de dar sentido para a escrita, acreditamos que todos se divertirão muito.

Confusão no porto!!!

Nosso objetivo é fornecer uma amostra de palavras e um caminho de classificação para que possam perceber quando usar S ou Z em palavras terminadas em ÃO. A atividade é simples e pode ser realizada como tarefa de casa, desde que o professor, no dia seguinte, faça a correção em classe e registre no Caderno de Descobertas a conclusão a que chegaram.

Como as questões são objetivas, nós nos abstivemos de comentar uma a uma. Destacamos apenas na questão 2 a importância de o professor perguntar o que as palavras que formaram o aumentativo com S têm em comum. Poderão verificar que todas terminavam em S no grau normal (*português*, *francês*, *chinês*, *adeus*). *E as palavras que fizeram o aumentativo com Z, o que têm em comum*? Nenhuma delas tem o S no grau normal. Dessa forma as crianças terão um critério de decisão para escolher S ou Z quando formarem aumentativos.

Trio calafrio...

Nessa atividade aplicamos as descobertas das vogais iniciais em relação ao X, Z e S. Damos dicas que possibilitam trabalhar com sinônimos e antônimos. Quem tiver compreendido bem sairá dessa, sem dúvida!

Tabela do ziguezague

É uma situação que pode ser trabalhada em casa, pois pede apenas que se confrontem descobertas já feitas ao longo do ano. Ao pedirmos que completem a tabela com palavras que cumpram as exigências, acionaremos todas as descobertas simultâneas.

Provavelmente terão dificuldade em preencher alguns espaços e não conseguirão fazê-lo, pois não existem palavras que caibam nesses espaços, como por exemplo palavras com EZ. Quem estiver atento às descobertas, resolverá com facilidade.

Chamamos a atenção do professor para a importância de serem quatro palavras escritas. Caso não haja quatro, deixar o espaço em branco.

Encruzilhada

Para realizar essa atividade as crianças precisarão:

1 – descobrir pelo número de letras quais palavras podem ser colocadas em cada espaço.

2 – quando couber mais de uma palavra no mesmo espaço, precisarão decidir a partir da letra que é comum às duas palavras que se cruzam.

3 – como o número de palavras é grande, a atividade pede que organizem uma estratégia de execução, fundamental para o cumprimento da atividade e de outras tarefas longas pedidas pela escola ou pela vida.

Enfim, acima de tudo, essa “encruzilhada” é um desafio ao raciocínio das crianças.

Cercando com cerca

Pensar por família de palavras é uma boa estratégia para decidir a ortografia de algumas palavras. É, no mínimo, uma atitude econômica.

Nossa intenção é que percebam que se *casa*, *casado*, etc. são escritas com S, *casebre* e *casamento* também o serão. Queremos que percebam, por exemplo, que de *sócio* (com S e depois C) formamos *sociedade*, *social*, *sociável*, *associado*, etc.

Aproveite o pensamento e amplie, pedindo que encontrem outras famílias de palavras.

Colores colorez

Assim como uma mesma letra pode representar diferentes sons, um mesmo som pode ser representado por mais de uma letra. (Evitamos utilizar o termo fonema por não estarmos trabalhando com o conceito nesse nível de escolaridade.) É isso o que mostra a atividade proposta: pintando as palavras com o som [S] de uma cor e o som [Z] de outra, poderão observar todas as possibilidades de grafia desses fonemas, ao responderem às questões 1 e 2. Na questão 3, observarão como as letras S, X e Z aparecem na representação dos dois sons. A questão 4 procura retomar o contexto de cada uma.

Resta uma!

É o já conhecido jogo **Resta um**, só que agora envolvendo palavras. O pensamento é de exclusão, e o recurso de decisão é o conhecimento ortográfico. Parece fácil, mas não é!

Ao combinarmos a pontuação dando 1 ponto pela escolha e 2 pontos pela justificativa, levamos as crianças a tomarem consciência das regras do sistema ortográfico e a buscarem um modo de verbalizá-las.

Em várias palavras é possível fazerem a justificativa de mais de uma forma, e o grupo deve aceitar qualquer delas, desde que esteja correta.

Na cartela 1, por exemplo, a palavra “dezintoxicação” está errada porque o sufixo **-des** é com S e não com Z; ou porque **dez** é usado em palavras que venham do numeral dez, o que não é o caso dessa palavra. Ao longo das cartelas os alunos farão uma revisão geral de todas as regras ortográficas estudadas ao longo das três séries. Mas atenção! Não jogar todas as cartelas de uma só vez.

Charada

Esta é uma charada que, além de quebrar a cabeça de qualquer jogador, exige que ele aplique seu conhecimento ortográfico. Para resolvê-la terão de trabalhar por correspondência e dedução pelo contexto.

O professor deverá pedir que resolvam a charada em casa. Por ser uma atividade muito desafiadora, os alunos demoram para resolvê-la.

Exkizitu?!!!

A ortografia é um sistema formado por leis de composição interna que o estruturam. É este sistema que temos tentado desnudar para as crianças. Ao elaborarmos atividades como esta, de uma língua inexistente, queremos ressaltar o quanto o sistema tem sustentação própria, nem sempre dependente do significado. É o caso por exemplo da regra que diz que antes da letra D marca-se a nasalização com N. Esta regra é válida independentemente do significado da palavra na qual ela é utilizada.

Ao procedermos assim, rompemos com uma idéia arraigada nas crianças e adultos de que a ortografia é algo inconsistente, sem organização interna e sobre a qual não é possível refletir nada, apenas decorar regras ou memorizar palavras.

Caracoleza Caracolosa

Para fechar o módulo de investigação da letra S com chave de ouro, nada melhor do que um jogo. **Caracoleza Caracolosa** é um jogo de formação de palavras a partir de sufixos, prefixos e radicais que são confundidos pelas crianças. As regras estão no Livro do Aluno, e o objetivo é conseguir alcançar o maior número de pontos.

Pretendemos que as crianças usem o conhecimento adquirido ao longo do trabalho, além de desenvolver estratégias de jogo, o que propicia uma mobilidade de pensamento operatório. O professor deve ir circulando pela classe para interferir na dinâmica das relações, quando necessário, garantindo a compreensão das regras por todos.

Se achar necessário, o professor deverá criar mais estratégias de sistematização dessas dificuldades. Poderá aproveitar a estrutura das atividades como ponto de partida para elaborar outras.

MÓDULO IV — Investigando as sílabas iniciais CE/SE e CI/SI

Nós, autoras, fizemos uma exaustiva investigação sobre possíveis regularidades na utilização das sílabas CE/SE e CI/SI em início de palavra. Pretendíamos descobrir algo que pudesse ajudar os alunos a tomarem uma decisão nos inúmeros momentos de dúvida que essas sílabas suscitam quando vamos escrevê-las. O resultado foi inesperado: há uma série de regularidades de grande valor e gostaríamos que as crianças pudessem conhecê-las.

Como se trata de uma investigação longa, iremos dividi-la em duas etapas, que deverão ser cumpridas em dias diferentes. A primeira etapa terá a dupla CE/SE como objeto de análise, e a segunda etapa terá o CI/SI. As descobertas devem ser acompanhadas pelas atividades de sistematização, propostas no Livro do Aluno. A postura ao longo da investigação é a mesma já descrita nas investigações anteriores, mas o procedimento neste módulo envolverá pesquisa em dicionário.

Primeira etapa – Pesquisa sobre CE/SE

Nosso objetivo nesse primeiro momento é despertar nas crianças a curiosidade sobre essas sílabas no início da palavra, para que se lancem à investigação com uma pergunta interna a ser resolvida. Para tanto propusemos o **Jogo do *Stop***, que deverá ser realizado conforme instruções a seguir.

Jogo do *Stop*

O professor organiza a classe em grupos, pede que peguem uma folha de papel e façam uma tabela igual à apresentada a seguir. (Neste momento a tabela do Livro do Aluno **não deve** ser usada.)

Tabela do *Stop*

CE + ...	SE + ...	CONSOANTES
		B
		C
		D
		F
		G
		H
		J
		L
		M
		N
		P
		Q
		R
		S
		T
		V
		X
		Z

Se os alunos ainda não souberem as regras do jogo, o professor deverá explicá-las:

1 – Cada equipe deve preencher cada espaço com uma palavra que cumpra o que se pede (por exemplo, que comece com CEB ou SEB). Só é permitido escrever uma única palavra por espaço.

2 – O professor determinará um tempo para o preenchimento da tabela. É importante que nessa situação o tempo seja dado pelo professor e não que seja medido de acordo com o tempo gasto pelo primeiro grupo a concluir o trabalho, pois não é possível preencher todos os espaços da tabela. Ao final do tempo estabelecido, ninguém mais pode acrescentar nenhuma palavra.

3 – Não é permitido usar o dicionário durante o preenchimento da tabela.

4 – Um dos elementos de cada equipe mudará de grupo para fiscalizar a correção, evitando que os alunos acrescentem novas palavras depois de esgotado o prazo.

5 – O professor vai perguntando a cada equipe que palavra foi colocada em cada espaço, e vai escrevendo em uma folha de papel *craft* fixada na lousa. Após a correção o professor deverá guardar essa lista de palavras para usá-la posteriormente na continuação da análise.

6 – Vencerá a equipe que obtiver o maior número de pontos.

Como fazer a contagem dos pontos:

- 10 pontos, se apenas uma equipe colocou aquela palavra;
- 5 pontos, se mais de uma equipe colocou a mesma palavra;
- 0 ponto, se houver espaço em branco ou erro de grafia;
- 15 pontos, se uma equipe preencher corretamente o espaço e todas as outras deixarem em branco.

Terminado o jogo, a classe obterá uma tabela com alguns espaços em branco, outros preenchidos com a mesma palavra e outros preenchidos com palavras diferentes. O professor fará, então, algumas perguntas para que reflitam e pesquisem em seguida. Sugerimos que o professor pergunte:

1 – *Em relação aos espaços que ficaram em branco, será que não existem mesmo palavras iniciadas com essa série de letras, ou vocês é que não se lembraram de nenhuma?* (Esta pergunta poderá ser feita, por exemplo, em relação ao CEC ou CEJ.)

2 – *Será que não existe nenhuma palavra ou apenas algumas pouco conhecidas?*

3 – **Nesse espaço** (relativo ao CEB, por exemplo) **todo mundo pôs *cebola.* Terá sido coincidência ou só existe *cebola* mesmo?**

Ao formular essas questões, o professor estará dirigindo o olhar das crianças para algumas palavras da tabela do ***Stop***, que poderão se tornar alvo de investigação. Pedirá, então, como lição de casa, que cada aluno procure no dicionário outras palavras iniciadas pelas séries de letras propostas em uma linha da tabela (um procura CEB/SEB; outro, CEC/SEC, e assim por diante). Feito isso, cada aluno deverá anotar no caderno, no mínimo, cinco palavras da série que lhe coube para, no dia seguinte, trocar suas descobertas com os colegas de classe. Acreditamos que, organizando dessa forma a pesquisa, ganharemos tempo e tornaremos a investigação mais leve.

No dia seguinte, todos terão alguma observação a respeito das letras pesquisadas, e o professor pedirá que cada um diga o que encontrou.

A correção deverá ser feita em uma tabela grande de papel *craft* ou outro similar, fixado na lousa. Essa tabela deve ter as colunas do CE + .../SE + ... e do CI + .../SI + ..., porém nessa primeira etapa o professor só usará as duas primeiras colunas (CE + .../SE + ...).

Tabela completa:

CE + ...	SE + ...	CI + ...	SI + ...	CONSOANTES
				B
				C
				D
				F
				Σ...

Enquanto o professor completa a tabela fixada na lousa, os alunos vão preencher a **Tabela de investigação** no Livro do Aluno. Vale a pena a classe combinar um código para o preenchimento da tabela. Isso tornará o trabalho mais produtivo. Sugerimos o seguinte código:

- XXX no espaço onde não existir nenhuma palavra.
- ??? onde houver apenas palavras desconhecidas e estranhas.
- Se houver poucas palavras primitivas e suas derivadas, escreva apenas as primitivas e coloque + derivadas (por exemplo: *selva; sela* + derivadas).
- Se houver muitas palavras primitivas conhecidas, escreva cinco primitivas, coloque + derivadas + ETC., para que fique evidente que o universo de palavras é maior.

Observação:

Como nosso objetivo não é trabalhar com formação de palavras e as crianças dessa faixa de escolaridade nem sempre conseguem distinguir entre primitivas e derivadas, não estamos usando aqui os termos *primitiva* e *derivada* com rigor gramatical. Por exemplo, a palavra *secundário* é derivada de segundo (com G), mas nem sempre as crianças estabelecem a relação entre elas, achando que *secundário* não é derivada. Caso ocorram situações assim, não se preocupe. Aceite sem questionar pois as crianças terão oportunidade de aprofundar e rever o conceito em séries posteriores.

É importante que as crianças completem suas tabelas individuais do livro juntamente com o professor. Ao final das descobertas a tabela ficará assim:

CE + ...	SE + ...	CONSOANTES
cebola + derivadas	sebo + derivadas	B
???	seco, secreto, século, secundário + derivadas	C
cedo, cedro, cédula, cedilha, ceder + derivadas	sede, sedentário, seda, sedução + derivadas + ETC.	D
???	???	F
cego, cegonha + derivadas	segredo, segunda, seguro, seguinte + derivadas + ETC.	G
XXX	XXX	H
XXX	seja	J
célula, celebrar, cela, celeste, celofane + derivadas + ETC.	selva, sela + derivadas	L
cem, cemitério + derivadas	sempre, semblante, semáforo, semana + derivadas + ETC.	M
cena, censura, centro, centavo + derivadas + ETC.	sentença, senhor, sentir, sentar, sensação + derivadas + ETC.	N
???	separar, sepultar + derivadas	P
???	seqüestro, sequilho, seqüência + derivadas	Q
cera, cereal, cereja, cerâmica, cérebro + derivadas + ETC.	ser, serenata, sereia, série, sertão + derivadas + ETC.	R
cesta, cessar, cesariana + derivadas	sessão, sessenta + derivadas	S
???	sete, seta + derivadas	T
cevada	severo + derivadas	V
XXX	sexta, sexagésimo, sexo + derivadas	X
XXX	???	Z

Nesse momento o professor deve pedir que os alunos observem a tabela preenchida e retirem todas as regras que puderem para ajudá-los a decidir quando usar CE/SE no início de palavras. Este é o momento mais importante, pois a simples coleta de dados não implica necessariamente aprendizagem alguma. Como se trata de uma análise muito extensa, colocaremos apenas **as conclusões que podem auxiliar numa decisão.** Existem outras conclusões que não foram incluídas neste Manual, porque **não transformam a compreensão.**

Algumas conclusões possíveis:

1 – Há mais palavras iniciadas por SE do que por CE.

2 – Existem poucas palavras iniciadas por CEB/SEB; a maioria, desconhecidas. As mais conhecidas são *cebola* e suas derivadas.

3 – Quando depois da sílaba inicial vierem as consoantes C, J, P, Q, T, X, Z, escolha S, pois não há palavras com CE + essas letras, ou há apenas palavras desconhecidas.

4 – Com CE + D há as palavras *cedo, cedro, cedilha, ceder, cédula* e derivadas. Portanto, as outras são com SE.

5 – Com CE + G, há *cego, cegonha* + derivadas. Portanto, as outras são com SE.
6 – Com L há *selva, sela* e derivadas. Portanto, as outras são com CE.
7 – Com M há *cem, cemitério* e derivadas. Portanto, as outras são com SE.
8 – Com V há poucas palavras: *cevada* e *severo*.

Depois que as crianças tiverem terminado de levantar as conclusões, devem registrá-las no Caderno de Descobertas e fazer os jogos **Coquetel de letras** e **Congela!!!** para sistematizá-las.

Sugerimos que, além do jogo **Congela!!!**, o professor, juntamente com as crianças, confeccione um baralho de Jogo da Memória com as palavras citadas nas conclusões 4, 5, 6, 7 e 8. O objetivo do jogo é ajudar na memorização dessas palavras.

Para confeccionar o baralho, sugerimos que seja utilizada cartolina cortada em retângulos de 4 x 6 cm e que as palavras sejam escritas em pares de cartas. As regras são as tradicionais: cada jogador vira duas cartas a cada jogada, em busca do par de correspondência. Se conseguir, fica com o par e joga novamente. Se não conseguir, esconde as cartas outra vez e passa a jogada.

Coquetel de letras

Nosso objetivo nessa atividade é a sistematização de algumas descobertas feitas na pesquisa do CE/SE. É como o jogo **O cair das letras**, com palavras. Sua solução demanda a utilização de conhecimentos ortográficos, além de muito raciocínio.

Nele procuramos enfocar as consoantes Q, G, L e P que apresentam uma regularidade importante de ser observada pelas crianças.

Como não é a primeira vez que jogam, acreditamos que a estrutura do jogo não oferecerá problema.

Congela!!!

Esse jogo sistematiza as descobertas feitas na investigação do CE/SE no início de palavras. Para jogá-lo os alunos deverão usar somente os registros do Caderno de Descobertas e não a tabela coletiva da investigação, pois nesse momento é importante que apliquem o que descobriram.

O professor deverá organizar a classe em equipes de quatro elementos e sortear cartões que indicarão a letra com a qual cada grupo deverá preencher as 21 palavras da lista. Para que o jogo fique equilibrado, metade dos cartões deve ser com a letra S e a outra metade com a letra C.

O objetivo do jogo é que a equipe encontre na lista as 21 palavras que devem ser completadas com a letra sorteada (S ou C), no menor tempo possível.

Procedimento durante o jogo:

1 – Cada grupo completa com a letra sorteada 21 palavras das 42 da lista.

2 – O grupo que encontrar e completar primeiro as 21 palavras grita: *Congela!* Imediatamente todos os grupos congelam (ninguém pode escrever mais nada), enquanto o professor confere se as palavras foram completadas corretamente.

3 – Se as palavras estiverem grafadas corretamente, este grupo é o vencedor, e o jogo pode prosseguir até que surjam o 2º e o 3º colocados.

4 – Se houver alguma palavra errada na lista, o professor avisa que há erro, mas não diz onde. O grupo tem uma nova chance e a classe toda descongela, retomando a partida.

5 – Cada grupo tem no máximo duas chances de gritar *Congela!* Na terceira vez, se houver erro, o grupo será desclassificado.

6 – Terminado o jogo, a correção é feita coletivamente e todos completam corretamente suas listas. Nesse momento todos completam a lista inteira, tanto das palavras com S quanto das com C.

O professor poderá utilizar essa estratégia com diferentes palavras e diferentes dificuldades ortográficas.

Segunda etapa – Pesquisa sobre CI/SI

Uma vez concluída a investigação das sílabas CE/SE, daremos início à pesquisa sobre as sílabas CI/SI. Proponha para as crianças um jogo de *Stop,* com as sílabas CI/SI em início de palavras + as consoantes. A tabela, as regras e a contagem de pontos são as mesmas já descritas no início do módulo com o ***Stop* do CE/SE**.

Terminado o jogo, a correção coletiva e a contagem de pontos, o professor determina uma ou mais de uma consoante para cada aluno pesquisar no dicionário, como foi realizado na primeira etapa com o CE/SE. Essa pesquisa pode ser feita em casa para otimizar o tempo de sala de aula.

No dia seguinte o professor pede que cada um exponha suas observações e complete a tabela no papel *craft*, enquanto os alunos completam a sua no Livro do Aluno, na **Tabela de Investigação – CI/SI**.

Após a pesquisa obterão uma tabela assim:

Tabela do CI/SI

CI + ...	SI + ...	CONSOANTES
???	Sibéria + derivadas	B
ciclo, cicatriz, ciclone + derivadas	???	C
cidra, cidade + derivadas	siderurgia, sideral + derivadas	D
cifra	sifão	F
cigarro, cigano, cigarra + derivadas	sigilo, signo, sigla + derivadas	G
XXX	XXX	H
XXX	XXX	J
cilada, cilindro, cílio + derivadas	sílaba, silhueta, silêncio, silvestre + derivadas + ETC.	L
cimento, cima + derivadas	símbolo, simulador, simples, simpático + derivadas + ETC.	M
cinema, cinto, cinco, cinta, cinza + derivadas + ETC.	sino, sinal, sinagoga, sincero, singular + derivadas + ETC.	N
cipó, cipreste + derivadas	???	P
XXX	???	Q
circo, cirurgia, círculo, ciranda, + derivadas + ETC.	sirene, siri, sírio + derivadas	R
cisco, cisne, cisma + derivadas	sistema, sisudo + derivadas	S
cita, cítrico + derivadas	sítio, situar + derivadas	T
civil + derivadas	???	V
XXX	???	X
XXX	???	Z

Preenchida a tabela, os alunos fazem a síntese e levantam as regras que poderão ajudá-los a tomar uma decisão ortográfica. Não se esqueça de registrá-las no Caderno de Descobertas.

Algumas regras possíveis:

1 – É mais ou menos equivalente o número de palavras iniciadas por CI/SI.

2 – Com B só há Sibéria + derivadas.

3 – Há poucas palavras primitivas iniciadas por CI/SI seguidas das letras D, F, G, S, T.

4 – Com C, escolha CIC.

5 – Com H, J, Q, X e Z não há palavras ou são desconhecidas.

6 – Com as letras L e M há *cilada, cilindro, cílio, cimento, cima*. As outras palavras são com SI.

7 – Com P, escolha CIP.

8 – Com a letra R há *sirene, siri, sírio*. As outras palavras são com CI.

9 – Com V há *civil*. As palavras com SI + V são desconhecidas.

Apresentamos, a seguir, algumas atividades de sistematização que procuram integrar todas as descobertas de CE/SE e CI/SI e constam do Livro do Aluno.

Atividades de sistematização

Torto

A resolução desse jogo exige a utilização de pensamento operatório e um excelente nível de conhecimento da estrutura ortográfica da língua, além de trabalhar com a percepção e a organização espacial. É uma atividade que leva a criança a buscar sempre novas estratégias de solução diante de uma dificuldade, o que é um procedimento fundamental em relação às situações da vida. Nessa medida, mais ainda do que pelo universo de palavras que ele levanta, é um jogo rico pelo conjunto de aspectos que desenvolve.

Encontrado o universo de palavras iniciadas com CE/SE e CI/SI, pedimos na questão 2 que escrevam somente as palavras que tenham estas sílabas iniciais seguidas de G, para que possam observar novamente a regularidade: SEG/CIG .

Se o professor desejar, poderá pedir, como lição de casa, que as crianças encontrem mais palavras para essa tabela. No dia seguinte, reunirá os alunos em grupos para que socializem as palavras e façam as descobertas solicitadas nas perguntas. Com esse procedimento, o professor ganhará tempo em sala de aula, sem perder os objetivos propostos.

Nas questões 3 e 4 o objetivo é que eles percebam que há muito mais palavras iniciadas por SEG do que por CEG.

Passo a passo

Essa proposta foi elaborada a partir de uma simplificação de um jogo antigo chamado Eleusis. Para solucionar o jogo os alunos devem se reunir em equipes. Quando alguma descobrir qual o segredo da seqüência, chama o professor e fala baixinho para que os outros também possam pensar e encontrá-la.

Enquanto os grupos estiverem discutindo o professor vai circulando pela classe, mas não deve dar dicas que facilitem, a não ser que ninguém descubra e ele observe que os alunos estão angustiados com a dificuldade de encontrar a resposta.

Como jogar:

1 – No Passo a passo um dos jogadores pensa uma seqüência e coloca duas cartas.

2 – O jogador seguinte levanta uma hipótese de qual seria a seqüência e coloca uma carta.

3 – Se a carta estiver correta, põe mais uma. Se estiver errada, é anulada. O jogador deve reformular sua hipótese e tentar uma nova carta.

4 – O jogo prossegue assim até que o jogador adivinhe o segredo da seqüência.

É, sem dúvida, um excelente exercício de raciocínio e um delicioso divertimento!

Quanto mais, melhor!

Nosso objetivo aqui é que a criança crie em vez de responder. Para montar o caça-palavras, são necessárias algumas condições:

1 – Para fazer a escolha entre CEL e SEL, terão que aplicar a descoberta feita na pesquisa: há mais palavras com CEL, portanto, esta é a melhor seqüência a ser escolhida. Caso escolham a seqüência SEL, perceberão, na correção coletiva, que esse universo de palavras é muito menor.

2 – Para selecionar as palavras da cruzada os alunos precisarão fazer um levantamento das palavras de seu vocabulário que satisfaçam as exigências dadas: que comecem por CEL ou SEL.

3 – Para distribuir as palavras no diagrama terão que organizá-las em posições possíveis dentro do espaço do diagrama.

4 – Pensar em possíveis interseções de letras nas palavras que se cruzam.

5 – Criar uma estratégia de montagem, caso contrário o caça-palavras ficará inviável.

6 – Criar regras e escrevê-las: Valem apenas palavras na horizontal? Vale na horizontal e na vertical? Vale da esquerda para a direita ou apenas da direita para a esquerda? E de baixo para cima, vale?

Antes que as crianças comecem a fazer a atividade, o professor deverá conversar com elas sobre todas as formas possíveis de se organizar as palavras em um caça-palavras. Assim, poderão escolher as formas que utilizarão. Depois, o grande exercício será escrever as regras, um para o outro, com precisão.

Essa primeira parte da atividade pode ser discutida na classe, e a montagem do caça-palavras poderá ser feita como lição de casa. No dia seguinte as crianças trocarão os caça-palavras e terão, como lição de casa, de resolver o jogo do colega. No outro dia, em classe, um comentará com o outro o que achou do caça-palavras elaborado pelo colega, e o professor resolverá com a classe a última pergunta, que busca a generalização da regra já aplicada individualmente.

A montagem desse caça-palavras integra atividades desenvolvidas em sala de aula e em casa, uma complementando a outra.

Desembaraçando

O objetivo desse jogo é preencher as lacunas (os “cabelos” das perucas dos palhaços) com o maior número possível de palavras que satisfaçam as condições exigidas.

Nosso objetivo pedagógico é que as crianças sistematizem as regras descobertas na pesquisa.

Regras do jogo:

1 – Todas as palavras devem começar por CE/SE e CI/SI seguidas de M.

2 – Vale repetir a mesma sílaba inicial em quantas palavras quiser.

3 – Quem acabar primeiro grita *Stop*! e todos param imediatamente de escrever.

Regras para a correção e a contagem dos pontos:

1 – Terminado o jogo, cada equipe envia um elemento para outro grupo, para fiscalizar a correção.

2 – A correção deve ser feita na lousa, sob coordenação do professor, para que todos saibam contar seus pontos.

3 – A contagem dos pontos deve obedecer ao seguinte critério:
- Cada palavra inédita vale 2 pontos.
- Palavra repetida por mais de um grupo vale 1 ponto.
- Palavra com erro de grafia vale 0 ponto.

Terminada a contagem, acrescenta-se um bônus ao total de pontos obtidos, da seguinte forma:
- 4 pontos a mais, se o grupo tiver usado as quatro sílabas iniciais (CE, CI, SE, SI);
- 3 pontos a mais, se o grupo tiver usado três das quatro sílabas iniciais;
- 2 pontos a mais, se o grupo tiver usado duas das quatro sílabas iniciais;
- nenhum ponto a mais, se o grupo tiver usado apenas uma das quatro sílabas iniciais.

É importante que as regras da contagem dos pontos sejam explicadas para os alunos antes do início do jogo, pois elas vão determinar as estratégias de preenchimento. É importante, também, que o professor escreva as regras na lousa para que não haja dúvidas.

O objetivo das questões é levá-los a perceber a diferença quantitativa entre as palavras iniciadas por CEM/SEM e CIM/SIM.

Pintando as sete

Quando temos possibilidades equivalentes de uma palavra ser iniciada por C ou S, uma estratégia de pensamento bastante econômica é pensar por família de palavras. Levá-los a usar essa possibilidade de solução é nosso objetivo nessa atividade, que pode ser realizada como lição de casa.

É interessante que o professor crie outras situações para que eles verifiquem a eficiência desse recurso de pensamento em outras palavras. Sugerimos, por exemplo, que o professor peça, como lição de casa, que descubram mais duas palavras que tenham mais três derivadas; ou que descubram a palavra com o maior número possível de derivadas.

Exkizitu — O retorno

Esta é uma brincadeira muito louca. O aluno tem que trabalhar por exclusão até encontrar a palavra dessa língua estranha que obedeça a todas as regras ortográficas da nossa língua. É impossível solucionar o **Exkizitu** sem o auxílio da tabela das descobertas sobre as sílabas CE/SE e CI/SI.

O pensamento das crianças deve seguir um caminho mais ou menos semelhante a este:

Primeiro grupo de palavras:
- sequanom – é possível;
- sehmanuvo – não é possível porque o H no meio da palavra só é antecedido por C, N ou L;
- ciquorante – não é possível porque não existe nenhuma palavra com CIQ;
- cenpo – não é possível porque antes de P tem que vir M;
- sijreco – não é possível porque não existe nenhuma palavra com SIJ ou porque não existe a série JR.

E assim por diante.

Professor, se achar necessário, crie e proponha novas situações de sistematização para sua classe. A dosagem, você decide!!!

MÓDULO V — Acentuação

Trabalhando com a tonicidade e a acentuação

No volume 2 as crianças puderam fazer uma investigação sobre o sistema de tonicidade da língua e descobri-lo como um sistema coerente e simples. Iniciaram esse processo de investigação por um desequilíbrio provocado pela música **Meu caro barão**, de Chico Buarque de Holanda, que apresentava palavras proparoxítonas pronunciadas como paroxítonas.

Ao constatarem isso, começam a investigar como se comporta essa "coisa" das palavras terem sílabas mais fortes. São todas? Algumas? Quais? Investigam e descobrem que todas as palavras têm uma sílaba mais forte, chamada tônica. (Não estamos discutindo nesse momento os monossílabos átonos.) Aprendem também que só pode haver uma tônica por palavra e que ela cai sempre nas três últimas sílabas da palavra, nunca antes. E mais: quando a tônica se encontra na última sílaba a palavra é chamada de oxítona; quando cai na penúltima é chamada de paroxítona e quando cai na antepenúltima é chamada de proparoxítona. Descobrem também que a sílaba fraca é chamada de átona e que pode haver uma ou mais de uma sílaba átona por palavra.

Compreendidas essas questões gerais, começam a aprofundar a análise e verificam que:

1 – Quando a palavra tem acento, a tônica está na sílaba acentuada.

2 – A maior parte das palavras é paroxítona.

3 – Todas as palavras proparoxítonas são acentuadas.

4 – As palavras sem acento terminadas por A(s), E(s), O(s), EM(ens), AM são paroxítonas.

5 – As palavras sem acento terminadas por R, L, Z, X, I(s), U(s), Ã(s), ÃO (ãos, ões, ães), IM(ins), OM(ons), UM(uns) são oxítonas.

6 – A maior parte das palavras não tem acento, portanto o natural é não ter acento na palavra.

7 – Se eu precisar indicar graficamente que uma palavra é pronunciada fora da regularidade do sistema tônico, preciso avisar o leitor que ela é irregular através do acento. Assim sendo, **o acento é uma marca de irregularidade no sistema de tonicidade.** Por exemplo: *ímpar* é acentuada porque as palavras terminadas por R são naturalmente oxítonas. Se *ímpar* está fora da regularidade, é preciso avisar o leitor através do acento.

Depois de toda a investigação, foram feitos exercícios para a sistematização das descobertas, especialmente as de tonicidade, e passaram a utilizar esse conhecimento para tomar **decisões ortográficas**.

Ao fazerem essas aplicações puderam compreender que ortografia e tonicidade formam sistemas inter-relacionados, podendo, assim, o conhecimento de um ajudar o outro. Dessa forma descobriram que podem tomar as seguintes **decisões:**

1 – Em final de palavras sem acento, usar E quando a palavra é paroxítona e I quando é oxítona. Exemplo: **bal**de/gu**ri.**

2 – Em final de palavras sem acento:

a) usamos Z quando for **oxítona**, qualquer que seja a vogal anterior. Exemplos: ca**paz**, xa**drez**, fe**liz**, fe**roz**, ca**puz**.

b) usamos S nas palavras no plural.

c) existem algumas palavras que, mesmo no singular, apresentam S. Quando a letra anterior ao S for A, E, O, a palavra é paroxítona; quando for I, U, é oxítona. Exemplos: a**pe**nas, **a**tlas, **pi**res, **me**nos, **cos**mos, **der**mos (verbo); a**nis**, de**pois**, a**deus**.

3 – Em final de palavras sem acento, usar O quando for paroxítona e U quando for oxítona. Exemplo: **pa**no/ta**tu**.

O trabalho proposto no volume 2, apesar de ter aberto espaço para a investigação da acentuação e de ter feito o levantamento das regras das oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas, não se dedicou muito a sistematizar. Neste volume 3 iremos trabalhar basicamente com essa sistematização.

É importante ressaltarmos aqui que as outras regras, como as dos ditongos e dos hiatos, serão deixadas para o volume 4, quando entraremos com esse assunto. Gostaríamos de antecipar que, uma vez que a NGB abre a possibilidade de considerarmos os ditongos orais crescentes de final de palavra como hiatos, optamos por essa possibilidade – considerá-los como hiatos – mesmo cientes de que essa não é a posição mais usual. As razões de nossa escolha estão explicitadas no volume 4 desta coleção.

Caso sua classe não tenha realizado esse trabalho de tonicidade na série anterior, é importante que você o retome conforme está descrito no Manual do Professor do volume 2.

Atividades de sistematização

Eis aqui algumas sugestões de atividades de sistematização que estão no Livro do Aluno:

Tabelógica

Nosso objetivo é que retomem todas as descobertas de tonicidade e acentuação. Essa atividade deve ser realizada em sala de aula e em grupo. Depois que as crianças tiverem acentuado as palavras da tabela, o professor deve fazer uma correção coletiva. Nessa correção poderão refazer as descobertas de tonicidade propostas no volume 2, e até retomar as regras. Não se esqueça de registrá-las no Caderno de Descobertas.

Feito o registro, o professor deve pedir às crianças que pintem com lápis colorido os quadrados com as **palavras não acentuadas**. Poderão tirar algumas conclusões ao observá-lo:

1 – Quando a coluna da oxítona não tiver acento, a da paroxítona terá e vice-versa: quando a paroxítona não tiver acento, a da oxítona terá.

2 – Todas as palavras proparoxítonas são acentuadas.

Obs.: Encontramos apenas proparoxítonas terminadas por A, E, O, US, IM e L. Como não verificamos exaustivamente se as outras terminações não existem ou se são raras, fica apenas como uma observação. Caso a pergunta surja na classe, proponha como pesquisa. No mínimo eles aprenderão muito!

3 – Pelo quadro, poderão levantar todas as terminações de oxítonas e paroxítonas não acentuadas, resgatando o princípio do sistema de tonicidade, que será retomado detalhadamente depois, nas perguntas da atividade.

Nas questões 1 e 2 as crianças podem resgatar o sistema de tonicidade.

Questão 1:

As paroxítonas sem acento terminam em A(s), E(s), O(s), AM, EM (ens).

Logo as crianças descobrem que basta saber quais são as terminações das paroxítonas não acentuadas para poder concluir que as outras palavras sem acento são oxítonas. É importante que eles cheguem a esta generalização porque ela é muito econômica.

Questão 2:

As oxítonas sem acento terminam em I(s), U(s), Ã(s), ÃO(s, ões, ães), IM (ins), OM (ons), UM (uns), R, L, X, Z, E, U(s).

Questão 3:

Nesse pedido retomamos a regra das proparoxítonas: todas têm no mínimo três sílabas, todas têm acento e em todas a tônica é na antepenúltima sílaba da palavra.

Questão 4:

Retiramos as regras das oxítonas e paroxítonas. Boa situação para recordar. Neste momento, várias conclusões são possíveis:

1 – Eles poderão observar que, comparando as colunas das oxítonas e paroxítonas, quando não tem acento em uma coluna, tem acento na outra.

2 – A partir dessa constatação, poderão concluir que o acento é usado para marcar a irregularidade.

3 – Outra conclusão a que poderão chegar é a da própria regra: acentuam-se as oxítonas terminadas em A(s), E(s), O(s), EM (ens) e as paroxítonas terminadas em I(s), U(s), Ã(s), ÃO(s, ões, ães), R, L, X, N.

Charada: Essa é só para brincar. Você já adivinhou?

É possível que as crianças levantem palavras como *chapéu*, que são terminadas por U, ou por duas vogais, são oxítonas e portanto não deveriam ter acento, mas têm. Na verdade esse acento é diferente dos que estão sendo trabalhados porque ele não muda a posição da tônica, só o timbre. Se isso acontecer, confronte com *meu*, *aconteceu*, etc. O natural é o som ser fechado, portanto é preciso avisar o leitor que naquela palavra o som é aberto. Se as crianças não levantarem a questão espontaneamente, não toque no assunto pois será discutido na quarta série.

Tome assento e acentue

Novamente nosso objetivo é a sistematização da acentuação.

Questão 1:

Para retirar a palavra que não faz parte do grupo é preciso observar que as 5 primeiras palavras são paroxítonas acentuadas, enquanto a última é proparoxítona.

Questão 2:

É uma situação que visa ampliarmos o vocabulário de palavras paroxítonas acentuadas. Pode ser que alguma criança pergunte se para pertencer ao conjunto basta ser paroxítona acentuada ou se tem também que terminar pelas mesmas letras das palavras do conjunto dado. Caso essa dúvida surja, responda que basta ser paroxítona acentuada. Ao fazer a correção coletiva estarão trabalhando com um número enorme delas.

Questão 3:

Aplicação da regra de acentuação das oxítonas terminadas por A. Aproveite para saborear a poesia de Mário Quintana, ela é belíssima.

Xeretando

Depois da revisão de tonicidade e acentuação que as crianças fizeram com a atividade **Tabelógica,** pretendemos que usem as redescobertas nessa proposta de classificação de palavras por esses dois critérios.

Realizar a tarefa implica construir uma forma de organização a ser mantida ao longo de toda a atividade.

Quem estiver com o sistema de tonicidade claro na cabeça arrumará a coleção do Aurélio com facilidade!

Formando, reformando e transformando

Nosso objetivo é que retomem a regra das oxítonas e aprendam a ler enunciados com atenção.

Questão 1:

Propositadamente colocamos no caça-palavras palavras oxítonas e outras que não são. Dessa forma eles terão que estar atentos ao enunciado, pois as outras que estão lá não interessam nessa situação.

Questão 2:

Depois que selecionarem, de todas as palavras possíveis de serem encontradas no caça-palavras, apenas as que são oxítonas, devem agora classificá-las novamente em dois grupos: **acentuadas** e **não acentuadas,** para que possam observar a regularidade, que será pedida na questão 3.

Questão 3:

Justifique, ou pela regularidade (as que não têm acento), ou pela irregularidade (as acentuadas). As crianças poderão justificar de mais de uma forma. Por exemplo:

— Não acentuadas: não se acentuam as oxítonas terminadas por I(s), U(s), IM(ins), OM(ons), UM(uns), Ã(ãs, ões, ães), R, L, X, N, porque são naturalmente oxítonas, ou oxítonas regulares.

— Acentuadas: acentuam-se as oxítonas terminadas por A(s), E(s), O(s), EM (ens); ou justificar que são acentuadas porque são paroxítonas irregulares.

Jogo da forca

Esse jogo pode ser realizado com dois ou três alunos, que poderão jogar um pensando a palavra e o outro adivinhando; ou poderão jogar um pensando a palavra e a dupla adivinhando.

De lição de casa, peça que cada aluno descubra uma palavra que caiba em cada uma das propostas de forca. Depois, coloque-os para jogar. Não é necessário que todos joguem ao mesmo tempo; você pode deixar como proposta para irem fazendo aos poucos, no tempo que sobra quando terminam uma atividade em sala de aula e precisam ficar esperando que os outros acabem, ou outros momentos assim.

As regras do jogo são as tradicionais:

1 – Um jogador pensa uma palavra que caiba nos espaços dados por nós e que tenha a tônica acentuada na posição marcada pelo quadradinho nas quatro primeiras palavras ou sem acento nas quatro últimas.

2 – O outro jogador ou a dupla devem ir arriscando letras que possam formar uma palavra com todas as características determinadas pelo jogo.

3 – A cada acerto o jogador que sabe a palavra preenche todos os espaços onde aquela letra aparece.

4 – Se não houver na palavra a letra cantada pelo jogador que adivinha, uma parte do corpo do boneco vai sendo desenhada até que, com o corpo completo, ele é enforcado. Combine antecipadamente com eles quantas e quais serão as partes do corpo do boneco que entrarão no jogo.

5 – Vence o jogador ou dupla que conseguir descobrir mais palavras.

Stop de lacunas

Este jogo é um velho conhecido das crianças. Já foi usado nos volumes 1 e 2, mas é sempre novo, sempre cria surpresas e muita aprendizagem. Por sua estrutura aberta possibilita o trabalho com um número grande de palavras, garantidamente do universo vocabular do grupo e significativas para a faixa. Enfim, mãos à obra.

Aqui estão as regras:

1 – Pode ser jogado em grupo ou individualmente.

2 – O tempo de duração é determinado pelo professor.

3 – Cada aluno ou equipe preenche os espaços com alguma palavra que caiba nele.

4 – O número de letras ou sílabas não importa, desde que se tenha, por exemplo, na segunda lacuna uma palavra terminada por L e acentuada.

5 – A contagem de pontos é a tradicional do *Stop*.

Terminado o jogo o professor corrige na lousa como já foi explicado anteriormente e os alunos copiam todas ou algumas das palavras que surgiram (depende do número de palavras que surgir). Pode-se aproveitá-las para outras atividades depois.

Crie outras situações de jogos e sistematização para acentuação. Sugerimos:

1 – Jogos dos sete erros são interessantes com palavras com acento faltando, com acento na sílaba errada ou com acento a mais.

2 – Soletrando (descrito no final deste Manual) também é interessante.

3 – *Stop* no texto: peça em um texto qualquer que as crianças encontrem todas as palavras acentuadas de determinada página. Vence quem conseguir sublinhar todas primeiro e gritar *STOP*! Depois, peça que copiem no caderno apenas as oxítonas, ou apenas as paroxítonas, etc.

4 – Pregue um papel *craft* na parede da classe para todos irem escrevendo palavras acentuadas que descubram nos textos, nos *out-doors*, em revistas, etc.

Dê asas à imaginação e crie com eles!!!

MÓDULO VI — Pontuação e paragrafação

Pontuação

O trabalho de pontuação teve início na primeira série quando, através da história do príncipe Harum, procuramos torná-la algo observável para a criança. Naquele momento, nosso principal objetivo era fazer as crianças descobrirem que ela pode ser um dos recursos para se traduzir a emoção por escrito.

Ainda na primeira série, elas conheceram o nome dos sinais de pontuação e começaram a refletir sobre quando é que se coloca uma pontuação interna em um parágrafo.

Na segunda série, a pontuação com função expressiva se estabiliza, usam-na com fluência e correção, e a pontuação interna, que denominaremos lógica porque é a organizadora das idéias do texto, passa a ser o centro de nosso enfoque. Vírgulas, pontos e travessões são assunto cotidiano de nossa sala de aula de segunda série.

O trabalho da segunda série teve por objetivo principal que os alunos descobrissem **onde** colocar uma pontuação: entre duas informações. Mas para se saber como pensar para decidir **qual** das pontuações colocar, é preciso percorrer outros caminhos. Dificilmente as crianças, naquele momento, conseguem pensar de forma integrada sobre **onde** e **qual** pontuação colocar.

Considerando-se tudo isso é que o centro de nosso recorte no volume 3 será para que saibam decidir **qual** das pontuações usar.

A dificuldade para tomar essa decisão fica claramente espelhada no fato de, em geral, privilegiarem uma das pontuações, que passam a usar sempre. Há crianças que só usam pontos e outras que só usam vírgulas, ou ainda às vezes alternam as duas, mas de forma inadequada.

Esses procedimentos são naturais nessa faixa etária. Para decidir **onde** ponho a pontuação tenho que pensar no que ela **isola**, **separa**, **diferencia**; para decidir **qual** pontuação usar tenho que pensar no que ela **liga**, **relaciona**, **aproxima**. Ora, não é nada simples compreender que um sinal arbitrário cumpra duas funções aparentemente opostas!

Assim sendo, propomos que o trabalho tenha início pela estratégia que apresentamos a seguir.

Como decidir qual das pontuações usar?

Esse trabalho é minucioso e vai exigir muita sensibilidade por parte do professor. Para realizá-lo propomos que as crianças façam a atividade **Prrriiirrr!!!** do Livro do Aluno.

Prrriiirrr!!!

Apresentamos um texto sem pontuação. Em primeiro lugar pedimos que coloquem uma barrinha separando cada informação. Na escrita, as informações são separadas por pontuações ou por conjunções. Ao fazerem as barrinhas, estarão trabalhando com um critério para decidir **onde** se colocará uma pontuação. Quanto às conjunções, eles logo percebem que há palavras que costumam aparecer no lugar onde as barrinhas são colocadas.

Essa etapa costuma gerar conflitos nas crianças, por isso é importante que o professor vá circulando pela classe e orientando os grupos em relação às dúvidas que vão surgindo. Com freqüência eles colocam barrinhas separando cada palavra, ou ainda trechos que não chegam a formar um significado. O professor, nesses casos, deve pedir que a criança explique o que pensou para achar que era daquela forma e, a partir da explicação que ela der, oferecer alguma forma de reflexão que possa orientá-la em outra direção.

Depois que os grupos tiverem terminado, é importante que se faça uma correção coletiva na lousa, e que a postura do professor seja a de analisar formas possíveis e não de dar respostas certas ou erradas.

Concluída a etapa das barrinhas, vem a discussão principal: **qual pontuação colocar?** Deixe que tentem colocar sozinhos, mas na hora da correção, realize-a com a classe toda e vá discutindo com eles como decidir **qual** pontuação colocar.

O que gostaríamos que descobrissem é que: a) quando a informação da segunda oração (ou da que vem depois da barrinha) completa a informação da primeira (ou da que vem antes da barrinha), **usa-se vírgula**; b) quando a segunda oração muda de enfoque, fala de outra informação, **usa-se ponto.**

É importante não esquecermos que, em inúmeras situações, mais de uma pontuação é possível. Ao discutir as respostas, devemos considerar as duas possibilidades nesses casos e analisar pelo sentido do texto se haveria uma melhor, ou quais os jogos discursivos que produzimos com cada escolha.

Vamos colocar uma discussão hipotética sobre o início do texto para exemplificar o que estamos dizendo. Imagine que foram colocadas as barrinhas e o texto ficou assim:

> Os meninos tinham um campinho de futebol ao lado da estação de ferro / tanto treinaram / e tanto jogaram / que acabaram organizando um time direitinho / com camiseta / chuteiras / traves / e juiz...

Decidido onde colocar as barrinhas, discutir se *tanto treinaram* complementa a informação de ter um campinho de futebol ou é uma outra informação, nova. Se complementa, deve-se colocar vírgula, se não, deve-se colocar ponto. Nesse caso, a nosso ver, é ponto, pois a informação de *treinar* não é um complemento da informação de *ter*. Já entre as informações de treinar, jogar e organizar um time temos uma seqüência de fatos encadeados, portanto, que seriam separados por vírgula para mostrar essa relação interna. É claro que toda essa discussão deve acontecer de forma simples, através do olhar deles, com as palavras deles. No início eles ficam um pouco confusos, mas logo depois compreendem o princípio de pensamento e, a partir daí, a decisão sobre a pontuação torna-se mais fácil.

Depois dessa atividade, sempre que for utilizar um texto, aproveite para analisar as opções de pontuação do autor. Discuta com eles, em vários momentos, por que eles acham que o autor colocou ponto ou colocou vírgula. Tentando adivinhar o pensamento dos autores podemos organizar o nosso.

Crie outras situações semelhantes a essa. Escolha um texto ou um trecho de texto do interesse de sua turma, retire a pontuação, escreva tudo em seguida, sem letras maiúsculas, e peça que façam barrinhas separando as informações, e, depois, que coloquem as pontuações necessárias. É importante que o professor observe se a pontuação do trecho que está escolhendo segue um padrão mais convencional, pois há autores que pontuam muito “fora do padrão", o que complicaria muito a discussão nesse momento.

Outra consideração importante é em relação à postura de análise durante as atividades. O professor não deve trabalhar com **certo** ou **errado**, mas com as **pontuações possíveis** ou **impossíveis** dentro do **sistema.**

Além dessas atividades mais técnicas, nas quais eles aprendem a pensar como pontuar, nos textos apresentados no livro ***Construindo a escrita – Leitura e Interpretação de Textos***, volume 3, estaremos discutindo jogos de pontuação interna.

As marcas de oralidade

As marcas de oralidade são os famosos E, DAÍ, AÍ e ENTÃO que as crianças costumam usar quando começam a escrever, e que têm a função de ir "colando uma informação na outra" para estabelecer a progressão textual.

Há um primeiro momento em que essas marcas são um sinal de progresso. É quando o texto do aluno deixa de ser uma simples cena para começar a articular-se ao redor da ação. Nesse momento em que muitas coisas começam a acontecer dentro da história, a marca de oralidade surge de forma intensa, e o professor deve ficar feliz ao observá-la: ela é uma marca de evolução.

Conforme eles vão crescendo, vão aprendendo que a escrita se utiliza de outras marcas específicas para estabelecer essa progressão: são as pontuações, os parágrafos, os adjuntos adverbiais e algumas conjunções. Nossa postura é de — nesse momento em que o texto aumenta, encorpa — oferecer-lhes esse novo conhecimento. Por essa razão, pontuação e paragrafação são assuntos constantes de nossas salas de aula.

Conforme as crianças vão conquistando a pontuação e o parágrafo, vão abandonando as marcas de oralidade. Mas há um momento em que elas coexistem com esses dois novos elementos da escrita que estão começando a fazer parte intrínseca do texto. Por isso é interessante, nesse momento, que ajudemos as crianças a superar o uso das marcas de oralidade com atividades específicas.

Para tal, tem se mostrado muito eficiente a utilização da estratégia de reescrita de textos com marcas de oralidade. Optamos por adaptar um texto de autor já publicado para garantirmos textos qualitativamente bons, o que nos permite focar nossa atenção nesse único elemento. Se trabalhássemos com um texto de criança, outros aspectos textuais emergeriam e a atenção seria dispersada.

Nossa proposta é que **seja executada** a reescrita da fábula de Esopo da atividade **Reescrevendo** em três momentos: o primeiro, coletivo, gera novos conhecimentos; o segundo, em grupo, para que um aluno ensine o outro; e o terceiro, individual, para que o professor possa observar, depois do trabalho realizado, o que cada um conseguiu apreender.

Reescrevendo

A lebre e a tartaruga – 1ª parte

Como dinâmica da atividade, sugerimos que o professor reúna as crianças em grupos e peça que reescrevam o trecho apresentado retirando as marcas de oralidade. Para fazer isso, é necessário alterar frases, mudar tempos verbais, acrescentar novas palavras, às vezes. Avise-os de que isso é permitido, aliás, que **devem** fazê-lo!

Depois que todos tiverem encontrado uma solução, faça a reescrita coletiva na lousa. Esse momento é o mais importante, pois é nele que o professor poderá conhecer o pensamento dos alunos e ajudá-los a encontrar uma solução mais adequada ao sistema da escrita. Colocamos um trecho curto, mas com muitos problemas e várias possibilidades de solução, para que a discussão pudesse ser bastante rica.

Na parte das respostas deste módulo encontra-se o texto original. Ele deve ser considerado como **uma** das soluções possíveis e não como a **única.**

As crianças, com certeza, darão outras soluções diferentes da do autor, mas que devem ser analisadas como outras possibilidades. A discussão deve ser encaminhada para uma solução melhor ou mais clara, e **não** simplesmente para um **modelo certo.**

A questão que colocamos depois da reescrita é um convite a registrarem o que aprenderam sobre como evitar as marcas de oralidade ao escrever. O professor, nesse momento, estará ajudando os alunos a fazer a generalização sobre a própria ação.

A lebre e a tartaruga – 2ª e 3ª partes

Na 2ª parte, as crianças farão em grupo a reescrita, mas a correção será na folha avulsa ou no caderno entregue, apenas pelo professor. Seria interessante se cada grupo escrevesse sua solução em uma folha e, depois, fosse feito um confronto enfocando os momentos de semelhança e de diferença entre as formas de reescrever de cada grupo. O quadro mural é um espaço interessante para se fixarem os trabalhos.

Na 3ª parte, cada aluno resolve o texto individualmente e depois entrega para o professor. O professor deve usar a situação como um diagnóstico para perceber o que já foi ou não conquistado pelas crianças e, a partir daí, montar novas atividades específicas. Se necessário, ofereça novos trechos, à semelhança do que apresentamos aqui.

Sugestão: No final da atividade, ler para a classe o texto original, que se encontra no Livro do Professor, junto com as respostas, para comparar a solução dada por eles e pelo autor.

O discurso direto

O discurso direto também foi objeto de estudo por parte das crianças desde a primeira série. Logo na primeira série elas descobrem que nos textos há narrador e personagem, e adoram reproduzir as falas de personagens ao escrever. Mas escrever um discurso direto estruturado adequadamente é conquista de muito trabalho.

As crianças passam por vários momentos ao longo desse percurso:

1 – Primeiramente escrevem sem nenhuma diferenciação entre narrador e personagem. Passam de um para o outro sem qualquer tipo de marca distintiva.

2 – Começam a diferenciá-los através da pontuação. Algumas colocam dois-pontos, outras colocam travessão, outras ainda usam dois-pontos e travessão, mas tudo na mesma linha, sem organização em parágrafos.

3 – Nesse terceiro momento, o parágrafo surge, mas ainda instável. Há crianças que deixam parágrafo, um travessão, e nele colocam todas as falas dos personagens, sem isolar cada uma;

outras crianças usam o travessão, colocam na outra linha com ou sem parágrafo, mas depois da fala do personagem o narrador continua sem qualquer distinção.

4 – No quarto momento, elas organizam o discurso direto com adequação à esquerda, ou seja, colocam parágrafo, travessão, fala do personagem, mas nem sempre conseguem decidir adequadamente quando o narrador permanece na mesma linha da fala do personagem e quando deve fazer parágrafo.

5 – Em geral, simultaneamente a este quarto momento, costumam acreditar que é sempre necessário colocar *E ele disse:* e *Ele respondeu*: para que o leitor saiba quem está falando.

6 – O momento seguinte, em termos de evolução, vai marcar a libertação do *Ele disse*. Os alunos descobrem que existem outras formas de indicar para o leitor quem está falando, e passam a usá-las.

Eles costumam terminar a segunda série no nível três ou quatro, e é considerando esse conhecimento prévio que iniciaremos nosso trabalho.

Organizando o discurso direto

Para começarmos a desencadear a discussão do discurso direto sugerimos que as crianças façam a atividade **Cada um na sua...**

Cada um na sua...

Reúna os alunos em grupos e peça que reescrevam o trecho dado, organizando-o. Não é necessário que cada um faça uma cópia, basta uma para o grupo todo.

Escolhemos esse texto porque apresenta um diálogo puro, sem qualquer interferência de narrador. Se o diálogo não estiver organizado em parágrafos e travessões, torna-se quase impossível compreendê-lo. Acreditamos que as crianças vão discutir muito para reescrevê-lo, e terão que rever idéias falsas que têm a respeito desse assunto.

Quando terminarem a discussão, na hora da correção, o professor lê para eles o final do texto (apresentado no Livro do Professor, com as respostas das atividades), e depois pergunta-lhes como é que nós, leitores, sabemos quem é que fala, se em nenhum momento alguém avisa isso. Discuta com eles e veja o que observam. Leia uma das falas e discuta com eles: Quem fala aqui, o pai ou o filho? Como sabemos, o que nos indica isso?

Nessa análise poderão fazer um levantamento dos elementos que nos dão essas indicações: a simples alternância (se o pai perguntou, só pode ser agora o filho respondendo); o conteúdo do texto (se alguém pergunta *Posso ficar vendo televisão?* só pode ser o filho, pois o pai jamais pediria essa permissão); se na fala aparece *Filho, vá dormir* só pode ser o pai, pois o filho não diria isso; e assim por diante.

Esses elementos, que parecem óbvios para o adulto, são invisíveis para os jovens escritores. Eles conseguem compreendê-los quando lêem, mas não têm consciência de onde retiraram a informação. Por isso mesmo, essas descobertas costumam deixá-los perplexos, mas depois usamnas com tranqüilidade.

Depois da discussão aproveitamos para trabalhar com a interjeição.

Questão 2:

Nosso objetivo é que percebam que a presença ou ausência do H muda todo o sentido da expressão. Se já tiverem trabalhado com interjeição, faça com que observem que *Ora essa* é uma interjeição; se não tiverem trabalhado explore o sentimento expresso pela interjeição. Deixe que as crianças encontrem uma forma própria de se expressar, mesmo que não seja a mais correta gramaticalmente.

Questões 3 e 4:

Além de explorar o sentimento do pai e o que o filho entendeu e pensou sobre isso, discuta com as crianças o jogo de humor que se estabelece através da confusão. Um fala com um sentido, o outro entende com outro sentido, e está armada a confusão...

Filmando a piada

Essa atividade foi elaborada com o objetivo de criar uma situação para que os alunos possam discutir como pensar para decidir como escrever a fala do narrador: na mesma linha da do personagem ou como um novo parágrafo?

Como as crianças estão habituadas desde a primeira série a ler imaginando o que lêem, a expressão "fazer um filme na cabeça e mudar a câmera de foco" são familiares para eles. Depois de lerem e compreenderem a piada (geralmente eles entendem de forma bem diferente da nossa!!) proponha-lhes que respondam às questões.

Questão 1:

Ao destacar com cores as falas, fazemos com que deixem clara a diferenciação entre narrador e personagem. Os trechos foram propositadamente escolhidos para trazerem as três possibilidades: narrador na outra linha, narrador intercalado e narrador depois da fala do personagem. Com a diferenciação de cor, essas três organizações ficarão evidenciadas.

Questão 2:

Ao pedirmos que verbalizem o que observaram, levamos os alunos a tomar consciência de elementos que em geral eles usam como um todo, mas que não distinguem em suas partes. Ao não fazerem essa distinção, na hora de escrever deixam de registrá-las.

Questão 3:

Nas situações **b** e **c** o conteúdo do que o narrador fala é uma explicação sobre a própria fala do personagem (como se sentia ao falar, com que tom de voz disse, o que pensava...). Apenas na situação **a** o narrador inicia nova cena, com outras ações inclusive: o personagem se desloca, sai, etc.

Questão 4:

É justamente porque a câmera muda de foco que a fala do narrador tem que estar na outra linha. Temos outra cena, portanto: parágrafo!

Questão 5:

Queremos aqui a síntese de toda a análise. Aconselhamos o professor a fazer esse registro em uma situação de escrita coletiva e depois que se passe para o Caderno de Descobertas. Quanto mais completo e claro for o registro, melhor como fonte de pesquisa para as crianças.

Esperamos que digam algo mais ou menos assim: "Quando o narrador fala de outra coisa, e a câmera muda de foco, muda-se também de parágrafo; quando o narrador fala da própria fala, e a câmera não muda de foco, a fala do narrador fica na mesma linha."

A situação de se dar um trecho de texto para que as crianças mudem a posição do narrador, antepondo-o, intercalando-o ou pospondo-o, é extremamente rica e deve acontecer várias vezes para que fique bem estabilizado para as crianças. Aconselhamos que sejam situações de lição de casa, e que os trechos sejam escolhidos de textos que as crianças estejam lendo em sala de aula ou outros, à escolha do professor.

Bocão

Nessa atividade pretendemos que as crianças utilizem as conclusões tiradas nas anteriores. Temos novamente um texto para ser reescrito e organizado em parágrafos.

Procuramos escolher um que tivesse situações de discurso direto com a fala do narrador em todas as posições.

É interessante que esta atividade seja realizada individualmente e em classe, para que o professor possa tomar consciência de quais os conhecimentos que estão incorporados e quais ainda precisam ser mais sistematizados com a classe. A partir desse diagnóstico, o professor poderá criar situações para uma interferência precisa no processo de aquisição do grupo.

Na parte de respostas encontra-se o texto original do autor. A organização do discurso direto não permite outra solução que não seja a do autor, mas a pontuação, que também foi retirada, deve ser discutida como possibilidade de solução, da forma como aconselhamos nas atividades anteriores. Essa postura é fundamental para que a atividade seja efetivamente um pretexto para a **reflexão** e não um simples **modelo**.

Não ofereceremos novas situações de sistematização no Livro do Aluno por acreditarmos que, a partir deste ponto, a interferência deve ser precisa naquilo que é necessário; e isso, só você, professor, é que pode avaliar e criar uma situação para trabalhar a dúvida específica de seus alunos.

O parágrafo

O trabalho com o parágrafo teve início no volume 1 e já passou por várias etapas. Conversaremos um pouco sobre elas para que você, professor, ao saber o que aconteceu antes, possa entrar de maneira harmônica no processo das crianças.

Na primeira série, as crianças escreviam sem nenhum parágrafo e, por isso, nosso trabalho esteve centrado em fazê-las observar que ele existia, levando-os a levantar hipóteses de qual ou quais seriam suas funções. Foi um trabalho mais solto, que procurava acima de tudo problematizar o parágrafo.

Na segunda série, acreditávamos que os alunos estivessem com um texto de maior fôlego, e começamos a discutir de forma sistemática o parágrafo. O conceito sobre o qual nos ativemos foi o de que o parágrafo tem a função de marcar passagens de cena, mudanças de recorte no texto, à semelhança de um movimento de câmera de filmar ao produzir as imagens. O trabalho desenvolvido foi fortemente marcado pelo confronto entre a linguagem imagética e a verbal.

Nossa experiência mostra que as crianças costumam terminar o volume 2 utilizando parágrafos simples (uma ou duas frases por parágrafo), ou já usando parágrafos complexos, que sintetizam um número maior de informações. O trabalho neste volume é, assim, dar acabamento, adequar esse parágrafo que ainda não está formalmente estabilizado.

É interessante que o professor da terceira série leia o Manual do Professor do livro ***Construindo a escrita – Gramática/Ortografia***, volume 2, no módulo de paragrafação, para que faça um trabalho coerente e que se aproprie da linguagem proposta nele.

Não entraremos em novas discussões sobre o parágrafo. Gostaríamos que o professor aproveitasse o texto **Circuito Fechado** do livro ***Construindo a escrita – Leitura e Interpretação de Textos***, volume 3, para mostrar aos alunos a ausência do parágrafo enquanto produtor de efeitos textuais.

A atividade proposta por nós, no Livro do Aluno, é:

A vitória-régia

A lenda da vitória-régia foi toda desmontada por nós. As partes foram misturadas e a proposta é que, levando em consideração o significado e os conhecimentos de parágrafo, pontuação e letras maiúsculas, os alunos possam reconstruir o texto corretamente.

Para fazer a remontagem, eles terão que observar nas tirinhas se elas começam por maiúscula ou minúscula, se estão paragrafadas ou não, qual a pontuação do trecho anterior, além da lógica do significado.

Depois que tiverem remontado o texto, sugerimos ao professor as seguintes questões:

1. Peça aos alunos que copiem os dois primeiros parágrafos do texto no caderno. Nossa intenção ao fazer esse pedido é obrigá-los a observar os espaços da escrita, pois terão de refletir sobre situações tais como: ao encontrarem um trecho que termina no meio da linha, como reescrevê-lo? Eles deverão decidir se o trecho seguinte é ou não um novo parágrafo.
2. Terminada a cópia, converse com eles sobre o que pensaram para ordenar os parágrafos, pois no momento em que explicam, são obrigados a organizar e tomar consciência do próprio pensamento. Não se preocupe se a explicação é certa ou errada. Nosso principal objetivo é convidá-los a olhar para dentro de si, para que se habituem a buscar as razões pelas quais agem.
3. Peça finalmente que marquem no texto as palavras ou os elementos que cada um observou para descobrir a ordem dos parágrafos. Os elementos observados são textuais: pontuação, letra maiúscula, parágrafo, determinadas palavras, o conteúdo.

A partir dessa discussão, a classe pode fortalecer a idéia de como pensar para saber onde colocar o parágrafo.

Ao fazer a correção, o professor deve levar em consideração outras possibilidades de organização, diferentes da do autor, mas que sejam coerentes.

É importante, para o desenvolvimento do parágrafo nesse estágio de conhecimento das crianças, que o professor esteja atento para, a cada situação que surgir nos textos que estiver trabalhando com as crianças, discutir com eles: "O que será que o autor pensou para paragrafar desse jeito? Como está a câmera aqui? E agora, que mudou de parágrafo, como ela ficou?" É nessas discussões que a compreensão do uso do parágrafo se estabilizará.

MÓDULO VII — Como introduzir as classes gramaticais

O trabalho com as classes gramaticais que será proposto nesse livro parte de algumas premissas pouco usuais, sendo importante, portanto, que o professor leia atentamente nossos apontamentos e reveja seus conceitos a respeito desses conteúdos.

Algumas considerações

Para uma palavra pertencer a uma determinada classe gramatical é necessário que ela tenha um **conjunto de propriedades** que a definam. Dizer que "Substantivo é a palavra que dá nome aos seres", "Adjetivo é a palavra que dá uma qualidade ao substantivo", "Verbo é a palavra que exprime uma idéia de ação", etc. é definir essas classes por apenas uma de suas propriedades, e não por seu conjunto de atributos. Esse procedimento traz para as crianças uma série de confusões que serão analisadas em cada módulo específico. Em busca de uma visão mais ampla desses conceitos procuraremos analisá-los a partir de diversos aspectos, que possam traduzir o conjunto de suas propriedades.

Os aspectos que serão verificados, para cada classe gramatical, são:

a) as palavras são variáveis ou invariáveis?

b) qual é o **tipo de variabilidade:** gênero, grau, número, tempo, pessoa?

c) as palavras dessa classe formam um **conjunto finito** como os artigos, ou um **conjunto infinito** como os substantivos?

d) que **tipo de informação** as palavras dessa classe oferecem para o falante?

e) qual é a **função textual** que exercem?

No final do volume 2 foi proposto um trabalho de análise das palavras variáveis e invariáveis. Por ser essa idéia fundamental para o início do trabalho com classes gramaticais, sugerimos que seja realizado de novo, juntamente com as atividades de sistematização.

Palavras variáveis e invariáveis – Uma introdução ao trabalho com classes gramaticais

Para que o aluno possa vir a trabalhar com as classes gramaticais é preciso que comece a refletir sobre a possibilidade de **flexão das palavras**, pois esta é uma das propriedades relevantes das diversas classes.

Pensar em variabilidade implica fazermo-nos algumas perguntas: o que varia? de que forma varia? de onde para onde? por que varia? Ao buscar as respostas para estas questões, aspectos essenciais das palavras têm que ser desvendados, e são considerações relevantes para utilização posterior.

Retome com eles o que seria uma coisa que varia e uma coisa que não varia. Que coisas no mundo são variáveis e que coisas são invariáveis? Procure você a resposta em pensamento... Provavelmente você achará mais fácil pensar coisas que variam. A primeira sensação é a de que só há elementos variáveis no mundo. Mas, pense bem. Todos os dias são diferentes entre si, e portanto variáveis; mas o dia ser o momento da luz, ser depois da noite, isto é invariável; todos os olhos são diferentes entre si e portanto variáveis; mas serem órgãos dos sentidos, servirem para ver, filtrarem luz, etc., isto é invariável. Ou seja, tudo no mundo é variável na forma, no conteúdo, e invariável na estrutura.

E as palavras, são variáveis ou invariáveis? Ouça as respostas das crianças. Costumam surgir opiniões variadas. Aproveite o que disserem e depois peça que façam a atividade **Circo Vira-vira** no Livro do Aluno.

Circo Vira-vira

O objetivo da atividade é que os alunos percebam que há palavras variáveis em número, gênero e tempo, e palavras invariáveis.

É uma atividade para ser realizada em pequenos grupos, sempre em sala de aula.

Primeira reescrita:

O objetivo é que as crianças façam uma transformação em relação ao gênero das palavras. Deixe que realizem a tarefa com o conhecimento de falantes da língua. Em caso de divergência, peça que decidam pela forma que for mais provável pelo sentido da frase. No momento da correção aproveite para ouvir as diversas opiniões e compreender como estão pensando.

Pode ser que surjam discussões em relação à palavra *cachorro.* Aceite tanto *cachorra* quanto *cadela*.

Segunda reescrita:

O objetivo é que façam uma transformação em relação ao número. Proceda da mesma forma que na primeira reescrita.

Não se esqueça de que o significado é que determina se a palavra vai ou não para o plural, havendo situações com mais de uma possibilidade de resposta. Nesse trecho, acreditamos que possa surgir discussão em momentos como "uns homens com uma(s) barba(s) enorme(s)… "Leve-os a refletir sobre os sentidos e aceite mais de uma interpretação, se houver coerência.

Terceira reescrita:

Pedimos uma transformação em relação ao tempo para que percebam outra possibilidade de *flexão.* Neste momento não é interessante introduzir o termo flexão, pois pretendemos que estejam concentrados em compreender o conceito.

Questão 1:

A resposta de que tiveram que alterar as palavras é um tanto óbvia, mas queremos que afirmem para que possamos garantir que observaram.

Questão 2:

Não, em cada uma das vezes apenas algumas palavras variaram. É uma verificação importante, pois a partir dela é que encaminharemos a análise nas questões seguintes.

Questão 3:

Ao fazerem as diversas passagens, a maior parte das palavras variáveis terão sofrido algum tipo de transformação, e assim podemos destacar concretamente a existência das palavras variáveis e invariáveis.

Questão 4:

Esperamos que digam que variaram de sexo, ou do masculino para o feminino. Depois que responderem, diga-lhes como a Gramática chama esse tipo de variação: gênero. É muito importante que nesse momento o professor esclareça para os alunos que **gênero não é a mesma coisa que sexo**. *Mesa* é uma palavra do gênero feminino, mas não do sexo feminino. Essa confusão é freqüente entre as crianças. Para poder ampliar essa discussão, escreva outras palavras na lousa. Escolha palavras que não têm gênero, e palavras variáveis e invariáveis em gênero, como por exemplo *que, quando, médico, vendedor, caderno, parede, rua, compramos,* etc. Em seguida, verifique com eles dois aspectos: *Todas essas palavras têm gênero? Se tiverem, são masculinas ou femininas?* Como as palavras da lousa não serão todas substantivos, eles chegarão à conclusão de que **há palavras que não têm gênero, e outras palavras que têm gênero**. Peça que verifiquem se todas que têm gênero **variam** de gênero. Ao tentarem, verificarão que há palavras que têm gênero, mas não variam de gênero. Discuta com eles a diferença entre gênero e sexo. Peça que observem a diferença entre as que variam e as que não variam. **Poderão descobrir que o sexo é do ser e o gênero é da palavra.**

Em seguida, registre no Caderno de Descobertas todas as conclusões tiradas.

Como lição de casa, é interessante pedir que sublinhem em algum trecho, previamente escolhido por você, as palavras que têm gênero de uma cor, e as que não têm, de outra. Depois, que escolham uma terceira cor para sublinharem, das que **têm** gênero, as que **variam** em gênero. Preste atenção à ordem dada por você, pois nem todas as palavras que **têm gênero variam em gênero**, por isso é importante que desde já os alunos trabalhem fazendo essa distinção.

Questão 5:

Nosso objetivo é que observem que o texto mudou de singular para plural, ou seja, mudou o número. Peça que observem se todas as palavras mudaram ou não. Verificarão que nem todas mudaram, e poderão concluir que há palavras que variam em número e outras que não variam. Registre no Caderno de Descobertas.

Questão 6:

Na última reescrita, alteramos o tempo: de presente passamos a passado. É importante que possam verificar que também dessa forma as palavras variam, pois é a partir da idéia de tempo que trabalharemos o conceito de verbos mais adiante. Ao fazerem esse exercício, peça-lhes que verifiquem se há muitas palavras que variam no tempo, se descobrem outras coisas em comum entre elas. Anote tudo o que forem descobrindo e registre no Caderno de Descobertas.

Se perguntarem o que há em comum entre elas, pode ser que respondam que não têm gênero, mas que têm número. Se isso surgir, fantástico! Peça daí que observem que quando variam em gênero, não variam em tempo; quando variam em tempo, não variam em gênero.

Questão 7:

Neste desafio, pretendemos verificar se descobrem a transformação de grau. Nesse momento, mais do que a descoberta da solução do desafio, vá desenvolvendo neles o espírito de investigação. A cada sugestão de solução das crianças, peça que verifiquem se ela é verdadeira ou não. Caso ninguém descubra, diga-lhes que mais para a frente descobrirão. Deixe a questão no ar e passe para a atividade seguinte, intitulada **Casal Simpatia**, para descobrirem mais coisas.

Questão 8:

Nosso objetivo é destacar essas palavras para poder levá-los a refletir sobre suas propriedades.

Questão 9:

Ao pedirmos para copiá-las, queremos organizá-las para que possam fazer a questão 10, que é nosso verdadeiro objetivo.

Questão 10:

De todas as palavras que sobraram sem nenhuma transformação nesse trecho, algumas são verdadeiramente invariáveis, outras não variaram apenas nesse trecho, por uma questão de significado. Ao pedirmos que façam essa verificação, gostaríamos que o professor os ajudasse a concluir que, quando alteramos o tempo, o número ou o gênero de algum trecho, são alteradas apenas as palavras que o sentido pede, o que não significa que as outras não sejam variáveis. Exemplo: *bicicleta*, que é variável em número, mas que no trecho não se alterou.

Questão 11:

Sobraram, então, as invariáveis. O que todas têm em comum? Eles podem responder de várias maneiras: "são pequenas", "não querem dizer nada que existe no mundo", "fazem falta quando são retiradas", e talvez até digam que "ligam a palavra que vem antes e a que vem depois".

Atividades de sistematização

Dentro da lei

Nosso objetivo nesse jogo é sistematizar a diferença entre **ter gênero** e **variar em gênero**, já discutida na atividade **Circo Vira-vira.**

Para que as crianças descubram a regra, é necessário que consigam analisar quais são as propriedades comuns a todas as palavras de cada um dos conjuntos.

Não escrevemos a dica no Livro do Aluno para evitar que alguém descubra a solução antes e fique em vantagem em relação aos demais.

A dica é: Para escolher as palavras nós pensamos em **gênero**.

Casal Simpatia

O objetivo dessa atividade é que descubram mais uma forma de flexão: o grau. É um texto descritivo e começamos o trabalho por levá-los a imaginar como seriam os personagens da história. Desenhá-los faz com que tenham a necessidade de observar os detalhes de cada um. Uma vez com a imagem construída, vamos mexer com ela...

Nesse momento seguinte, ao pedirmos que completem as lacunas com as palavras que deram origem às palavras destacadas no texto, pedimos indiretamente que coloquem no grau normal para que possam descobrir mais essa possibilidade de flexão de algumas palavras.

Questão 1:

Aqui eles podem traduzir sua descoberta de várias formas. O mais provável é que digam que alterou o tamanho. Não é essa exatamente a idéia de grau, mas por enquanto aceite, pois ela será ampliada nas questões seguintes.

Questão 2:

Ao fazer essa alteração do texto, a imagem do casal se transforma, e a sensação traduzida também. O aumentativo traduz um certo humor que se perde quando se passa para o grau normal, e o diminutivo traduz um carinho que também se perde no grau normal. Se necessário, leia os dois textos em voz alta e peça que observem as sensações produzidas.

Questão 3:

Discuta com atenção essa questão, pois o grau pode traduzir uma mudança no tamanho do ser, mas nem sempre é o que acontece. Acima de tudo, o grau traduz emoções: afeto, ironia, humor...

Questão 4:

Nosso objetivo é que ampliem a verificação anterior. Ao dizer "amorzinho", não há mudança de tamanho, há a expressão de afeto. A partir dessa constatação, pode-se fazer o **Jogo das emoções**, que será descrito mais adiante.

Questão 5:

Ouça as sugestões. Freqüentemente surgem nomes interessantíssimos, e que têm toda a relação lógica com o conteúdo. Em seguida, caso ninguém sugira, informe-lhes que a Gramática chama essa flexão de **grau**. Faça-os pensar em grau de óculos, em grau de escolaridade (1º, 2º, 3º graus), em grau de termômetro e peça que expliquem por que é justamente esse o nome dessa forma de variação das palavras.

Questão 6:

Neste momento, queremos que verifiquem se as palavras que variam em grau também variam em número, gênero e tempo. Poderão descobrir que elas variam em grau e número; têm gênero, algumas variam em gênero, outras, não; mas não têm nem variam em tempo. Essas observações são importantes para preparar o trabalho com as classes gramaticais.

Questão 7:

Nosso objetivo é que utilizem as descobertas feitas e apliquem à outra situação. Aproveite para analisar os erros e perceber quais aspectos do conceito ainda estão confusos, para retomá-los.

Questão 8:

Idem à questão 7.

Jogo das emoções

Para trabalhar com os alunos o significado da flexão de grau, sugerimos a seguinte estratégia:

O professor escreve em pedaços de papel algumas emoções tais como carinho, ironia, humor, e sorteia uma palavra para cada grupo. Em seguida, diz um substantivo para cada grupo (pode ser a mesma palavra para todos os grupos). Exemplo: *moça*, *casa*, *cachorro*, *livro*, etc.

Cada equipe, de posse de seu substantivo e da emoção que deve traduzir, tem que criar e escrever um pequeno texto onde aquela palavra apareça no aumentativo ou diminutivo traduzindo aquela emoção. Por exemplo, um grupo escreve um texto em que a palavra *casinha* aparece como ironia; outro grupo, como expressão de carinho, etc.

Concluídos os textos, cada grupo lê ou dramatiza seu texto para os outros, e todos devem descobrir qual era o sentimento que deveria ter sido traduzido.

Essa atividade é extremamente rica para se trabalhar a pontuação expressiva. Ao escrever, essas emoções estarão traduzidas basicamente pelos aumentativos e diminutivos em um contexto, e marcadas pelas pontuações. Dessa forma, integramos **texto** e **gramática** numa dimensão única.

Peneirando... palavras!?

Nessa atividade pretendemos que utilizem o conhecimento adquirido para sistematizá-lo.

Como as crianças, a essa altura, não estão ainda trabalhando com variação de tempo, sugerimos que o professor peça-lhes que digam se essa história está contada no passado, no presente ou no futuro. Acreditamos que não terão problema em reconhecer que está no passado. Peça que contem a história no presente ou no futuro, e que marquem as palavras que mudaram quando alteraram o tempo. Estarão automaticamente retirando os verbos, mesmo que não saibam dizê-lo.

Caso surja a palavra *sempre* na peneira do tempo, leve-os a perceber que ela traz uma idéia de tempo, mas não varia no tempo, não traduz uma idéia de passado, presente ou futuro.

Após a primeira peneira, sem os verbos, o sentido começa a ser comprometido. A partir dela as palavras devem ser analisadas por si mesmas, sem se levar em conta o contexto. No restante, como sempre, aproveite os erros das crianças para verificar como estão pensando. Lembre-se sempre de perguntar como chegaram àquela conclusão, pois ao darem a explicação, o raciocínio utilizado por eles se desnuda.

Ao passarem pela peneira do gênero, é possível que queiram segurar palavras como *colo* ou *cargo*, alegando que existe *cola* e *carga*. Caso isso aconteça, faça-os perceber, através de perguntas, que as palavras existem, mas não são o masculino e o feminino uma da outra.

Observamos que um erro de grafia freqüente entre as crianças é a omissão da última letra, especialmente o S de plural, o R de final de verbos e o M ou U de final de verbos. Ora, são justamente letras que marcam as flexões, e por essa razão incluímos esse aspecto ortográfico inter-relacionado nesse assunto.

Recomendamos que façam a atividade **A vara de São Marmelo**, 1ª, 2ª e 3ª partes, que se encontra no Livro do Aluno.

A vara de São Marmelo – 1ª parte

O objetivo dessa atividade é que observem que a ausência das letras finais de uma palavra produz modificações de vários níveis: parece a fala de uma pessoa de pouca cultura, muda a sílaba tônica de várias palavras (levanta – paroxítona; levantar – oxítona); deixa de haver concordância (as vaca).

Gostaríamos de fazer uma ressalva: não acentuamos as palavras do texto ao retirar os R finais para manter a regra de tonicidade, porque nosso objetivo **não é a reprodução da fala dos personagens, mas a reprodução da escrita das crianças** (e as crianças escrevem assim: omitindo a última letra e sem acento).

Questão 1:

As letras são o R e o S.

Questão 2:

Escrever as duas formas das palavras leva-os a tomar consciência da presença da letra que costumam omitir.

Questão 3:

Deixar de escrevê-las muda o som, reproduz uma linguagem mais popular, da oralidade. Ao tratar desses aspectos é importante que não se trabalhe com critério de linguagem **certa** ou **errada**, mas de formas diferentes apenas. Discutir com eles o quanto a escrita **não** é uma forma de reprodução da fala e, portanto, mesmo que se fale de uma determinada forma, a maneira de representá-la por escrito é outra.

Questão 4:

Ao deixar de escrever o S no final das palavras do texto deixa-se de marcar o plural e, além disso, de se fazer a concordância nominal. Observe que alterações seus alunos vêem. Se não virem nenhuma alteração é porque, para eles, parece que foi só deixar de escrever uma letra, e não deixar de dar uma informação.

Questão 5:

Deixando de colocar o R no final das palavras do texto deixa-se de informar que o verbo está no infinitivo. Como eles ainda não estudaram verbos, provavelmente não conseguirão perceber essa diferença, mas podem perceber que se escreverem *levantar*, a palavra é *oxítona*, se escreverem *levanta* ela é paroxítona, além de outros aspectos que não estão previstos aqui.

A vara de São Marmelo – 2ª parte

Questão 1:

Dessa vez deixamos de escrever a letra U, outra freqüentemente omitida pelas crianças.

Questão 2:

São várias as alterações possíveis de serem observadas, mas acreditamos que as crianças não consigam percebê-las todas:

a) passa-se a reproduzir a linguagem oral na escrita;

b) sem o U a palavra que deveria ser oxítona (acordou) passa a ser paroxítona (acordo);

c) sem o U muda-se de "ele acordou" para "eu acordo" (há uma alteração na pessoa que fala);

d) sem o U altera-se o tempo. Com U é passado, sem U é presente. Exemplo: "Ensino/ensinou línguas de forma atrasada" e outras observações que as crianças fizerem. Nosso objetivo é, acima de tudo, que estejam atentas ao fato de que esquecer de escrever uma letra não é simplesmente deixar de escrever uma letra, mas **deixar de dar uma informação para o leitor**.

Depois de concluída a atividade, o professor conversa com as crianças e pede-lhes que tentem imaginar como vai terminar a história. Ouve as opiniões deles (é um exercício de raciocínio, de antecipação). Em seguida pede que imaginem como termina a história e, depois, que leiam a 3ª parte no Livro do Aluno para conferir se acertaram.

A vara de São Marmelo – 3ª parte

Ao trazermos a irmã da Filomena para a história, passamos a trabalhar com os verbos no plural exatamente na terceira pessoa. Isso nos abre a possibilidade de discutir mais uma vez que no plural costuma-se escrever AM quando é passado ou presente, e não ÃO como costumam fazer.

Labirinto

Para conseguir encaixar as palavras nos seus lugares, é necessário poder agrupá-las pelo critério de ser ou não variável, e da forma como varia (em gênero? em número? em grau? em tempo?). Na prática terão que aplicar todo o conhecimento adquirido até então. Pode ser realizado em grupo, individualmente ou como lição de casa.

Para poder completar o labirinto, terão, na primeira etapa, que selecionar as palavras que variam em gênero, número e grau.

Na segunda etapa, sobram vinte palavras para serem selecionadas em dois grupos. Um será das palavras invariáveis e outro, das que variam apenas em número e grau. É importante que seja esse o critério utilizado, pois ele foi determinado pelas instruções, não havendo possibilidade de outro.

Na terceira questão, pedimos que tragam à consciência a lei que utilizaram para organizar as palavras. É importante o professor ter claro que as crianças podem argumentar sobre sua organização pela afirmação (por exemplo: palavras invariáveis), ou pela negação (por exemplo: palavras que não têm gênero). Poder desdobrar com eles todas as possibilidades de classificação é um excelente exercício de pensamento.

O conceito de palavras variáveis e invariáveis e o tipo de variação serão retomados a cada classe gramatical que eles forem estudando, pois será um dos aspectos para delimitá-las.

MÓDULO VIII — Substantivo e adjetivo

Introdução

Ao longo da terceira série, trabalharemos com o conceito das diferentes classes gramaticais, sempre investigando-as nos mesmos aspectos para que se mantenham os critérios de classificação. Serão eles:

1 – É um conjunto de palavras variáveis ou invariáveis?

2 – Se forem variáveis, variam em quê: gênero, número, grau, tempo, pessoa? (A variação de pessoa será introduzida no módulo dos pronomes.)

3 – É formada por um conjunto finito ou infinito de palavras?

4 – Que tipo de informação as palavras dessa classe trazem?

5 – Qual é a função textual que exercem?

Dessa forma, utilizando os mesmos princípios, procuraremos verificar as propriedades de cada classe e construir os conceitos de substantivo, adjetivo, artigo, pronome, numeral, verbo, interjeição e preposição. Algumas dessas classes serão organizadas por suas subclasses. A classe dos substantivos, por exemplo, será organizada em substantivos próprios, comuns, coletivos, etc. Mas as flexões, quaisquer delas, só serão trabalhadas no volume 4. As funções textuais são investigadas no ***Livro de Leitura e Interpretação de Textos,*** volume 3, desta coleção.

Os advérbios e conjunções não serão objeto de análise nesse momento por apresentarem uma complexidade conceitual e de abordagem que seria excessiva para a faixa etária.

Iniciaremos nosso percurso pelos substantivos e adjetivos.

Como introduzir o conceito de substantivo

Peça aos alunos que, em uma folha de papel, desenhem **mesa**.

Cada aluno desenhará a mesa que lhe vier à cabeça. Peça, então, que desenhem outra, diferente da primeira e depois, mais uma, diferente das duas anteriores. Concluídos os desenhos, convide-os a pendurá-los pelas paredes da classe e todos analisam as diferentes mesas. Desafie-os a desenharem alguma outra mesa, diferente de todas as que surgiram na classe. Quanto maior a variedade de mesas representadas, melhor.

Terminada a etapa dos desenhos, peça que olhem bem a variedade de mesas possíveis que cabia dentro da palavra *mesa*. Ajude-os a observar as diferentes características das mesas: podem ser escuras, velhas, bonitas, pesadas, leves, grandes, pequenas, etc. O que eles diriam que é, então, uma **mesa**?

Com certeza todas as crianças sabem de sobra o que é mesa, mas nem por isso defini-la é fácil. Conforme eles forem tentando defini-la, vá problematizando de forma que descubram o que é essencial dentro da idéia de mesa. Por exemplo, se disserem: "Mesa é uma tábua com quatro pés", pergunte-lhes: "Se for de vidro ou ferro, então não é mesa? E se tiver um, dois, três, cinco ou sei lá quantos pés, então não é mesa? Se disserem que é "uma superfície com um ou mais pés", você pode perguntar o que diferencia uma mesa de um banco?" e assim por diante.

Com certeza eles ficarão confusos e você poderá ajudá-los dizendo algo assim: *Vejam, quando digo* mesa*, é fácil para todos nós pensarmos mesa, desenharmos mesa, mas não é fácil, apesar de sabermos o que é mesa, explicar o que é uma mesa. Isso é assim, porque existe uma idéia de mesa dentro da gente, que é uma idéia pura, a essência, a substância. É por isso que a gente só consegue desenhar mesa com suas características. A idéia de mesa não pode ser desenhada, nem falada sem os seus atributos. É por isso que, para as pessoas poderem falar essas idéias das coisas umas para as outras, elas tiveram que dar um nome para cada idéia. Existem, assim,* ***palavras que nos informam o nome dessa idéia do que é algo*** *(substantivo) e* ***palavras que informam de que jeito esse algo é*** *(adjetivo).* Até então não falamos a palavra *substantivo* ou *adjetivo.*

Vale a pena, em seguida, começar a colecionar alguns substantivos. Vá perguntando-lhes qual o nome que se dá àquele animal que late, ao sentimento que experimentamos quando alguém nos dá um tapa na cara, ao que comemos ao meio-dia, etc. Vá fazendo uma lista de palavras retiradas dessa atividade oral e depois peça que, em grupos, busquem em textos quais as palavras que informam o nome de idéias das coisas.

Não imagine que as crianças realizarão essa atividade com tranqüilidade. Vários problemas deverão surgir. Vamos relatar uma situação que, a nosso ver, traduz a complexidade do conceito que temos em mãos. Uma professora contou-nos, certa vez, que trabalhava com classes gramaticais e, em um determinado momento, um dos alunos disse que *ontem* era substantivo. Essa professora perguntou-lhe por que achava que *ontem* era substantivo e ele respondeu: *Você não disse que substantivo é a palavra que dá nome às coisas, pessoas, sentimentos? Qual é o nome que você dá ao dia que aconteceu antes do dia de hoje? Ontem. Então* ***ontem*** *é substantivo!* As crianças costumam fazer esse tipo de confusão e é por essa razão que ainda não dissemos o nome *substantivo.*

Quando uma criança faz uma colocação dessas, a melhor postura a ser adotada é a da ampliação do conceito. O que ela está nos dizendo ao "errar" é que o conceito que está sendo trabalhado não é suficiente para resolver esse impasse. Nesse momento, sugerimos que se faça o que está proposto para todas as crianças no parágrafo seguinte:

Quando os alunos estiverem com um número razoável de palavras, organize-os em grupos e peça que reúnam as palavras que colecionaram e analisem tudo o que elas têm em comum. Primeiramente, deixe que percebam espontaneamente as características das palavras e, depois, vá fazendo perguntas que dirijam o olhar das crianças para atributos relevantes. Pergunte-lhes, por exemplo:

— *Essas palavras são variáveis ou invariáveis?* (**Verificarão que são variáveis.**)

— *Variam em quê? Podem variar em gênero?* (Deixar que verifiquem.)

— *Podem variar em número?*

— *Podem variar em grau?*

— *Podem variar em tempo?*

É muito importante que você os ajude a verificar cada possibilidade, por isso vá perguntando, uma a uma, as formas de flexão possíveis.

Depois, verifique se o conjunto é **finito** ou **infinito**. A variedade de substantivos deve remetê-los à idéia de que este é um conjunto infinito de palavras. Mais importante do que acertar a resposta ou ter certeza de que sua resposta é certa, é que os alunos comecem a refletir sobre essa possibilidade, que busquem razões para uma ou outra resposta. Caso não cheguem sozinhos à idéia de infinito, pergunte-lhes se antes de inventarem o foguete já existia a palavra *foguete*, se antes de inventarem o computador já existia a palavra *computador*, e se eles inventarem uma coisa nova, como ela se chamaria? Ou seja, sempre se pode inventar algo novo e por isso, sempre pode surgir mais um substantivo...

Quando trabalharam com palavras variáveis e invariáveis, observaram o que é **gênero** de uma palavra. Entretanto, mesmo assim, costumam fazer algumas confusões. Por isso, por último, pergunte-lhes como fazem para saber se *dente*, por exemplo, é masculino ou feminino. A resposta que costumam dar de forma intuitiva é: "Você diz *O dente* e não *A dente*. Peça que verifiquem se todas as palavras da amostra que conseguiram juntar são masculinas ou femininas. Nesse momento pode surgir uma confusão, pois as crianças, com freqüência, confundem **gênero** com **sexo**, e quando você pergunta se *mesa* é masculino ou feminino, acham que ela é unissex! Por isso, **é importante que você ressalte que o gênero é da palavra e não do ser.** Ache o gênero de algumas palavras com eles, e peça que verifiquem se todos os substantivos têm gênero. Espere que verifiquem e concluirão que sim. Creio que agora temos condições de começar a lidar com o conceito. Diga-lhes, então, que as palavras que têm essas propriedades que eles verificaram são chamadas de **substantivos**. Redija com eles a definição, e vá escrevendo na lousa conforme forem ditando. Acreditamos que ficará algo mais ou menos assim:

Substantivo é uma palavra que:

a) tem gênero, varia em número e grau;

b) pertence a um conjunto infinito de palavras;

c) informa para as pessoas o nome das idéias das coisas.

Em um primeiro momento é importante que apliquem esse conceito descobrindo substantivos em trechos de textos. Apresentamos a seguir algumas sugestões para essa sistematização.

Quem acha primeiro?

Organize a classe em pequenos grupos e escolha um dos parágrafos de um dos textos do livro ***Construindo a escrita – Leitura e Interpretação de Textos,*** volume 3. Diga-lhes que nesse parágrafo há tantos (um número x) substantivos. Ganha um ponto o grupo que encontrar todos os substantivos daquele parágrafo, em primeiro lugar. Repita a proposta em vários parágrafos diferentes, para que se torne de fato um jogo.

Você pode ir variando a ordem e o desafio ao dizer: *Descubram todos os substantivos de tal parágrafo.*

Nessa atividade, quando as crianças errarem, é importante que o professor descubra **como** pensaram: por que colocaram palavras de outra classe? ou por que deixaram de encontrar algum substantivo? É nessas situações que o professor pode ir, gradativamente, fazendo interferências que ajudem as crianças a perceberem o que de seu pensamento está gerando a confusão.

Relacionando substantivos e adjetivos

Depois que as crianças tiverem trabalhado um pouco com o reconhecimento de substantivos, vale a pena organizá-las em grupos ou duplas para propor-lhes o jogo **Quem dá mais?**

Quem dá mais?

O objetivo do jogo é que percebam a riqueza de atributos que um substantivo pode ter. Para tal, sugerimos que:

1 – Peça-lhes que descubram e anotem no caderno o maior número possível de características que alguma coisa pode ter, *todos os jeitos possíveis de uma criança ser, por exemplo.*

2 – Cada característica vale um ponto e ganha o grupo que obtiver o maior número de pontos.

3 – Caso queira sofisticar, dê dois pontos para características inéditas, que nenhum outro grupo colocou, e um ponto para as outras características.

Corrija o jogo na lousa e vá marcando os pontos.

4 – Se achar necessário, repita o jogo com outras palavras, como *sonho*, *amor* e outras à sua escolha ou do grupo.

Depois, escreva na lousa uma coleção de adjetivos encontrados por eles. Peça que verifiquem tudo o que aquelas palavras têm em comum. Se todas as propriedades surgirem espontaneamente, melhor. Caso não surjam, vá fazendo perguntas como foi feito com os substantivos, e eles vão analisando as palavras e dando as respostas.

Conte-lhes que a Gramática chamou as palavras com essas propriedades de **adjetivos.** Convide-os a redigir com você o que são, então, adjetivos. Depois todos copiam o conceito no Caderno de Descobertas. Acreditamos que ficará algo mais ou menos assim:

Adjetivo é uma palavra que:

a) varia em gênero, número e grau;

b) pertence a um conjunto infinito de palavras;

c) informa de que jeito a idéia do substantivo é; ou informa de que jeito as coisas são. Ele aparece sempre se referindo a um substantivo.

Quando se trabalha de forma mais aberta, a locução adjetiva aparece inevitavelmente. Ao pedirmos todas as formas de ser de uma criança, casa ou mesa, aparecerão características como *quadrada* ou *de madeira*. Ao surgirem as locuções, faça-os observar que essa função de "dar forma à idéia", de dizer como as coisas são, pode ser cumprida por uma ou mais de uma palavra. No caso de ser cumprida por mais de uma palavra, essa expressão chama-se **locução adjetiva**. Complete a definição de adjetivo, acrescentando:

A função de dar forma ao substantivo, de dizer como o ser é, pode ser realizada por uma expressão formada por mais de uma palavra. Essa expressão chama-se **locução adjetiva.**

Importante:

Não se esqueça de que todos esses conceitos devem ser registrados com as palavras das crianças e não exatamente da forma como temos escrito aqui neste Manual.

Para a sistematização do conceito de locução adjetiva sugerimos a atividade apresentada no Livro do Aluno **Complete com esperteza, espertamente...**

Complete com esperteza, espertamente...

O objetivo do jogo é que as crianças descubram o maior número possível de atributos para um mesmo substantivo. Ao fazer como jogo, através da contagem de pontos, levamos as crianças a buscar adjetivos mais interessantes, menos comuns do que *bonito*, *grande*, etc.

Pretendemos, também, sistematizar os conceitos de adjetivo e locução adjetiva introduzidos nas aulas anteriores.

Como jogar:

Reúna a classe em pequenos grupos e explique todas as regras antes do início do jogo.

1 – Os alunos devem preencher a segunda coluna com adjetivos e a terceira coluna com locuções adjetivas que caracterizem os substantivos da primeira coluna.

2 – O tempo de duração do preenchimento da tabela deve ser previamente avisado: 10, 15 ou 20 minutos para preencher a tabela. Ao sinal do professor devem parar de escrever.

3 – Para iniciar a correção, um aluno de cada equipe vai para a equipe seguinte, para funcionar como fiscal. (Evita-se, dessa forma, muito atrito entre eles.)

4 – A contagem de pontos é a do *Stop*:

— só uma equipe colocou a palavra: ganha 2 pontos;
— mais de uma equipe escreveu a mesma palavra, 1 ponto;
— tem erro de qualquer natureza (inclusive ortográfico): 0 ponto;
— só uma das equipes preencheu, as outras deixaram em branco: 3 pontos.

Depois que completarem a tabela e for feita a correção na lousa, peça-lhes que respondam as perguntas para que possam retomar os conceitos utilizados.

Questão 1:

Adjetivos e locuções adjetivas têm a mesma função: caracterizar os substantivos e, portanto, são semelhantes. No entanto, adjetivos são formados por uma única palavra, enquanto locuções adjetivas são formadas por mais de uma palavra. Quais são as classes das palavras que a constituem é uma questão que neste momento não será abordada.

Questão 2:

Todas as palavras da primeira coluna são substantivos. Esperamos que digam três de seus atributos:

1 – têm gênero;
2 – variam em número;
3 – em grau;
4 – formam um conjunto infinito;
5 – nomeiam a idéia dos seres.

Eles podem ainda partir essa última idéia, dizendo:

6 – dão nome às pessoas;
7 – dão nome às coisas;
8 – dão nome aos sentimentos;
9 – dão nome aos animais; ou ainda
10 – dão nome a tudo o que existe.

Cada um desses aspectos é um atributo diferente dos substantivos.

Questões 3 e 4:

Insistimos mais uma vez na diferença entre **ter gênero** e **variar em gênero**. A essa altura do trabalho, acreditamos que as crianças não encontrarão dificuldades em respondê-las.

Questão 5:

É importante que os alunos saibam que uma mesma palavra pode pertencer a mais de uma classe. Decidir se uma palavra é ou não adjetivo é algo que depende do contexto. As palavras não **são**, elas **funcionam** em um determinado contexto como determinada classe. Esse é o objetivo da questão. Caso queira ampliar essa idéia, o que seria bastante interessante, peça — de lição de casa — para cada aluno descobrir mais uma palavra que possa funcionar como substantivo e como adjetivo e que escreva duas frases, uma em que ela apareça como substantivo e outra, como adjetivo.

Atribuir adjetivos e locuções adjetivas fora do contexto do texto é mais simples do que dentro dele, por isso começamos por uma situação isolada. Queríamos introduzir os conceitos e dar a nomenclatura. Nosso objetivo não é que as crianças saibam toda essa nomenclatura, mas acabarão por decorá-la de tanto encontrá-la e utilizá-la, como **conseqüência** e não como **fim**. Uma vez que tenham se apropriado do conceito de adjetivo e de locução adjetiva, é importante que trabalhem com o reconhecimento a fim de podermos limpar um pouco as arestas que sempre ficam no início. Para tanto, sugerimos que, da mesma forma que foi feito com os substantivos, os alunos encontrem, em parágrafos à sua escolha, substantivos e adjetivos. Sugerimos que se peça sempre que façam uma flecha ligando substantivos e adjetivos. Para a sistematização, sugerimos a atividade **Eu duvido!,** apresentada no Livro do Aluno.

Eu duvido!

Nosso objetivo é que possam aplicar os conceitos de substantivo, adjetivo e locução adjetiva trabalhados no texto da piada.

Questão 1:

Temos insistido no procedimento de marcar primeiramente os substantivos para que sempre vejam o adjetivo em relação a ele.

Pode ser que algum aluno sublinhe *manhã*, no trecho “café da manhã”, como substantivo, e outros que deixem de sublinhar para marcar como locução adjetiva, e outros que marquem duplamente. Caso isso aconteça, considere as três possibilidades como corretas, e discuta com eles por que seriam possíveis.

Questão 2:

Insistimos na importância de que façam flechas ligando substantivos e adjetivos para que a função fique sempre evidenciada. Esse procedimento também evita que façam confusões desnecessárias, como por exemplo entre adjetivos e advérbios, que por funcionarem como se fossem "adjetivos de verbos" costumam ser confundidos.

O trabalho com o reconhecimento de substantivos e adjetivos em parágrafos de textos, e não com frases soltas, é fundamental, a fim de evitar vários problemas posteriores. Um deles é que, nas frases soltas, costuma-se colocar sempre o substantivo e imediatamente após o adjetivo. As crianças acham, a partir dessa realidade, que o adjetivo tem que estar necessariamente nessa posição, o que não é verdadeiro. Outro problema é que algumas vezes há vários adjetivos para um mesmo substantivo, alguns deles distanciados, e as crianças, então, não conseguem reco-nhecê-los.

Peça-lhes que encontrem substantivos e adjetivos em outros parágrafos, à sua escolha. Procure variar de material: peça que procurem em reportagens, em textos de livros de literatura, em textos de outras áreas dos livros utilizados por eles, em *out-doors*, etc. Analise depois, com eles, se há ou não adjetivos, que imagem do substantivo eles sugerem para o leitor, e qual a relação entre os adjetivos encontrados e o tipo de texto que está sendo usado para a pesquisa. **Dessa forma, encontrar substantivos e adjetivos passa a ser um meio de se refletir para conhecer melhor as propriedades dos diversos textos.**

Depois de trabalharem um pouco com o reconhecimento, o próximo passo é perceberem que a escolha de um adjetivo ultrapassa a mera colocação de uma palavra. Para isso sugerimos, a seguir, uma série de estratégias.

Compreendendo a função textual dos adjetivos – Estratégias

A escolha de um adjetivo implica dar forma a uma idéia geral, abstrata do substantivo, e nessa medida, lançar o leitor em um imaginário com os contornos que o autor deseja. Por não compreenderem a importância dessa escolha, as crianças colocam qualquer atributo, e, ao ler um texto, deixam de observar a riqueza e a propriedade das escolhas dos autores na colocação dos adjetivos. Queremos formar autores e leitores diferenciados, que enxerguem dimensões da linguagem nem sempre vistas por todos. Sugerimos, assim, que o professor faça a atividade **Imaginando** ou **Complete com esperteza, espertamente**, com o objetivo de sensibilizá-los para a importância da escolha dos adjetivos.

Imaginando

Peça aos alunos que deitem a cabeça na carteira, com os olhos fechados. Escolha um dos substantivos que eles tenham utilizado para fazer o jogo do **Quem dá mais?** para o qual, portanto, foram levantados muitos adjetivos. Vamos dar um exemplo com o substantivo *noite*. Escolha duas noites bem diferentes, como noite de tempestade e noite de festa, e inicie a sensibilização. Todos de olhos fechados, vá dirigindo a imaginação dos alunos.

Imaginem-se em uma noite de tempestade. Onde vocês se vêem? Estão sozinhos ou acompanhados?... Ouçam os ruídos... quais os ruídos que uma noite de tempestade sugere dentro de vocês?... e o cheiro? Sintam o cheiro dessa noite... e a temperatura. Imaginem-se nesse lugar, como em um filme. É uma noite clara ou escura? Sintam seu cheiro e sua temperatura, ouçam seus ruídos, ouçam seu coração... Quais os sentimentos que uma noite de tempestade desperta em vocês?...

Vá falando com eles baixinho, mansamente, de forma que possam ir construindo a imagem dentro de si. Depois, convide-os a acordar e contar, uns para os outros, como imaginaram a noite.

Repita todo o processo com a noite de festa. *Onde se vêem?... Com quem?... Quais os ruídos, cheiros e temperatura?... Que sentimentos essa noite desperta em você?...*

Concluída a fase de imaginar, as crianças trocam suas sensações, e o professor conversa com elas, ajuda-as a compreender que, quando escolhemos um adjetivo, não é uma simples palavra que está sendo acrescentada, mas um imaginário completo, todo um mar de emoções, sensações... Após a sensibilização, peça-lhes que escolham uma das duas noites e escrevam o que imaginaram.

Como é o meu nariz?

Em outro dia, peça-lhes, de lição de casa, que observem e desenhem vários narizes que vêem pelo mundo. No dia seguinte, todos penduram seus desenhos pela sala, e as crianças vão observando os narizes e dizendo adjetivos ou locuções adjetivas que possam caracterizá-los. Em seguida, o professor pede que cada aluno escolha algum deles e imagine um personagem que tenha aquele nariz, dando-lhe um rosto, um corpo, uma personalidade. *Como você imagina alguém com um nariz de batata? e um nariz pontudo? e um nariz de tucano? Dê asas à sua imaginação. Coloque esse personagem em uma situação difícil, amorosa, ou de terror. Bom texto!!!*

Adivinhe, se puder!

Podemos propor-lhes, também, que se organizem em equipes e tragam algum objeto dentro de um saco grosso. Um elemento de outra equipe vem, coloca a mão dentro do saco e vai falando como é o objeto para seus colegas de equipe, até adivinharem o que seja. Em seguida, invertem-se as posições: a equipe que adivinhava oferece seu saco para algum elemento da equipe anterior descobrir que objeto trouxeram. As crianças costumam curtir muito essa atividade!

Descrevendo e desenhando

Outra situação muito rica para ser criada em sala de aula é a do professor propor que cada aluno traga de casa uma gravura e uma descrição dela. Na aula o professor pede que todos entreguem suas gravuras e descrições, mistura todas as gravuras e guarda. Depois distribui as descrições, todas misturadas também. Cada aluno deve ler a descrição feita pelo colega e desenhar a imagem que ela descreve. Em seguida, o professor pendura as gravuras pelas paredes da sala e cada aluno deve reconhecer qual é a gravura descrita no texto que leu. Compara, então, a gravura com o desenho feito pelo aluno.

Na primeira vez que as crianças fazem essa atividade costumam ser muito imprecisas em suas descrições, e o leitor nem sempre consegue fazer correspondência texto/gravura. Como costumam descobrir essa falha, na segunda vez que a brincadeira acontece, já se observa uma grande diferença de desempenho, um cuidado ao escolher as palavras e caracterizar adequadamente a imagem. É fundamental desenvolver essa precisão, pois é justamente a falta dela que os professores das outras áreas costumam reclamar!

Nesse terceiro volume não trabalharemos com a flexão das classes gramaticais e por isso, fechado o conceito de adjetivo e sua importância textual, ampliaremos o trabalho em duas direções: por um lado analisaremos os jogos de escolhas de adjetivos nos textos — este aspecto está incluído no ***Livro de Interpretação de Textos*** — volume 3; por outro lado, analisaremos algumas questões ortográficas relacionadas a essa classe gramatical, em atividades do ***Livro de Gramática/Ortografia*** — volume 3. São elas: **Caracoleza caracolosa** (no Módulo I — Investigando a letra S), **Tômbola** (no Módulo II — Investigando a letra Z) e **Resolveu?** (no Módulo XI — Verbo).

No Livro do Aluno, no Módulo VIII — Substantivos e adjetivos, encontramos também a atividade **As duas faces de Danival.**

As duas faces de Danival

Nessa atividade temos dois objetivos: que observem adjetivos e que percebam a formação de palavras através dos prefixos I, IN, IM.

Questão 1:

Relacionar todos os adjetivos que se referem a um único substantivo. O adjetivo não precisa estar ao lado, apenas se referir a ele.

Questão 2:

As crianças já verificaram, em outras situações, que os prefixos trazem mudanças de sentido às palavras, por isso não terão dificuldade em observar que esse prefixo traz uma idéia de negação.

Questão 3:

Chamamos a atenção das crianças para as palavras que dão origem às palavras com I, IN, IM, pois a escolha do prefixo depende da letra inicial da palavra. Com esse procedimento, preparamos as questões seguintes, ajudando-as a perceber que, para I, IN, IM serem prefixo, sempre existe uma palavra anterior à qual se acrescenta o prefixo.

Questão 4:

Se o sentido do prefixo é o mesmo, por que há tantas formas? Esse é o objetivo dessa questão: dependendo da letra inicial da palavra de origem, é escolhida uma forma ou outra. Teremos, assim, uma síntese de quando usar cada forma:

a) **I** + R, L, M ou N;
b) **IM** + P ou B;
c) **IN** + todas as outras consoantes.

Boa ocasião para lembrá-los novamente de que antes de P e B usa-se M!

É possível que a classe destaque a presença do R duplo, como em IRREAL, onde tínhamos a palavra *real* e acrescentamos I (não IR). Esse segundo R é colocado apenas para não ficar "ireal" (R fraco), o que alteraria a própria palavra. Se isso acontecer, discuta com eles.

Esta questão também propicia um alerta para as crianças em relação a certos erros que cometem: falam e escrevem "inritado", "inreal" e outras. A partir dessa atividade poderão compreender por que não escrever assim.

Questão 5:

As crianças costumam fazer grandes generalizações. Quando descobrem, por exemplo, que os prefixos I, IN, IM, trazem idéia de negação, acham que toda palavra que começa dessa forma tem o prefixo, mas isso não é verdade. Nessa questão deixamos isso claro. Aproveite o espaço aberto por nossa colocação e peça de lição de casa que descubram outras palavras que comecem por essas letras. No dia seguinte, faça a lista das palavras que encontraram e organize com eles as palavras em duas colunas: uma em que o I, IN , IM é prefixo e outra em que ele não é. Aproveite a amostra de palavras e investigue: Quando a palavra primitiva começa por vogal, o que colocamos: I, IN, ou IM?

Questão 6:

Vamos brincar de transformar o Danival em um outro homem? Para isso, terão que alterar suas qualidades, mudando os adjetivos. Bom trabalho!!!

Depois que os alunos tiverem saboreado um pouco os adjetivos, podemos voltar aos substantivos para aprofundar o trabalho iniciado.

Classificando os substantivos

Classificar os substantivos em **próprio** e **comum** é, do ponto de vista prático, algo simples: os próprios aparecem com letra maiúscula e os comuns, com minúscula, portanto, é só olhar e reconhecê-los. Mas, do ponto de vista conceitual, essa questão não é tão simples assim.

Os professores costumam dizer para as crianças que o substantivo próprio dá nome a um ser único e o comum, a um ser qualquer. Elas entram em conflito porque não compreendem que único é o ser evocado, única é a essência, a substância do ser e não o nome. Eles acham que o nome é único, e fazem comentários do tipo: *Você diz que Ana é substantivo próprio porque é único, mas só aqui na classe tem três Anas!* Quando fazem esse tipo de comentário, revelam que estão confundindo o **nome** com o **ser**. Quando digo *criança*, evoco delas o que há de comum, igual a todas e que faz com que, desprezando todas as diferenças possíveis entre todas as crianças do mundo, eu possa reconhecer alguém como criança. Quando digo *Ana*, podem existir centenas de Anas, o que eu evoco dentro de mim é o que torna aquela Ana especial, diferente e única no mundo. O nome pode ser o mesmo, a substância evocada é que é única. Por essa razão, vale a pena trabalhar essa classificação com uma situação bem concreta em sala de aula.

Substantivos próprios e comuns

Diga para a classe que a sala está cheia de crianças. *Quando vocês dizem isso, o que significa?* Deixe que tentem se explicar como quiserem e puderem. Caso não consigam, vá fazendo perguntas desencadeadoras, que dirijam o olhar deles para determinados aspectos. *É ser vivo? É pessoa, animal ou planta? Que mais há em comum a todas elas? Ou seja, quando digo "criança", todos pensam no que faz todos vocês serem iguais, entre si e com todas as crianças do mundo.*

Escolha dois alunos que tenham o mesmo nome (caso isso não ocorra, escolha um de sua classe e outro de outra classe que seja conhecido por todos, ou ainda um artista). Olhe para um deles e pergunte: *Quando você diz "João", que características você dá para ele?* Deixe que falem e tome cuidado com as brincadeiras de mau gosto que possam surgir. Peça depois que digam as características do outro aluno João. Quando você diz esse nome, cada um pensa naquilo que faz o João ser único, diferente. Mesmo que o nome seja igual, a idéia evocada é diferente. Por isso os gramáticos dividiram os substantivos em próprios e comuns.

Não se esqueça de que a definição deve ser redigida com as palavras dos alunos, e não exatamente como está neste Manual.

Redija com eles a definição e peça que copiem no Caderno de Descobertas. Acreditamos que fique mais ou menos assim:

Substantivo próprio é aquele que nos faz pensar em algo ou alguém especial, que só existe um no mundo. Ele é sempre iniciado com letra maiúscula.

Substantivo comum é aquele que nos faz pensar em algo ou alguém qualquer, que pode ser qualquer um daquele tipo. Quando escrevemos, ele é iniciado por letra minúscula, a não ser que seja a primeira palavra do parágrafo ou que venha depois de algumas pontuações.

Para sistematizar essa idéia, sugerimos que façam a atividade do Livro do Aluno **Um qualquer...o próprio**.

Um qualquer... o próprio

Nosso objetivo é sistematizar os conceitos de substantivo próprio e comum.

Ao completarem a lista com substantivos próprios, estamos preparando a reflexão que virá a seguir. Essa parte da atividade deve ser realizada individualmente.

Questão 1:

Pedimos que confrontem os substantivos próprios escolhidos para preparar as questões seguintes.

Questão 2:

Imaginamos que possa haver coincidência de alguns nomes da lista. Essa igualdade pode ser de duas formas: ou os dois pensaram na mesma coisa, como por exemplo os dois colocam a cidade onde moram; ou os dois colocam o mesmo nome para o pai porque os dois pais têm o mesmo nome, mas são pessoas diferentes. Acreditamos que nessa troca entre eles essas idéias emergirão.

Questão 3:

Nela pedimos que organizem as idéias que discutiram. Imaginamos que respondam mais ou menos assim: a resposta foi a mesma porque pensamos na mesma pessoa ou na mesma coisa; o nome era igual, mas a pessoa era diferente porque pensamos em pessoas diferentes.

Questão 4:

Voltamos à comparação de diferenças: um é um ser especial, outro um ser qualquer, um é escrito com maiúscula, outro com minúscula.

Peça que as crianças tragam diferentes textos para a sala de aula. Peça que tragam certidão de nascimento, anúncios de revistas, livros, regras de jogos, carteiras de identidade, folhetos de depósito de banco, revistas especializadas, jornais, etc. Quanto maior a variedade de material que você obtiver, melhor. No dia combinado todos trazem seus textos e as crianças, reunidas em grupos, vão analisando neles se há substantivos próprios e comuns. Depois, converse com eles em que tipo de textos os substantivos próprios costumam aparecer com maior freqüência, e por quê. Certidões de nascimento, formulários de banco, registros de cartório, etc. são muito ricos em substantivos próprios. E não é à toa: são documentos que garantem a identidade ou posse de algo para alguém. Deixe que observem que nos anúncios o substantivo próprio, por exemplo *Helmann's*, vem em destaque maior do que o do produto, *maionese*, por exemplo. Por que será? Deixe que pensem...

No Livro do Aluno há a proposta **O Grande Circo Internacional** para sistematizar essa idéia.

O Grande Circo Internacional

Nossos objetivos são a utilização dos conceitos trabalhados e a observação dos detalhes na leitura das ordens. Quantos são os erros que as crianças cometem porque não lêem adequadamente as ordens dos exercícios!

Leia o texto com eles, converse sobre circos e depois peça que resolvam a atividade. Esteja atento aos pedidos de cada questão:

Questão 1:

Pedimos **só** os substantivos próprios **do texto todo.**

Questão 2:

Pedimos **todos** os substantivos (não importa se próprios ou comuns) **de alguns parágrafos** apenas.

Questões 3, 4 e 5:

Pedimos apenas os substantivos comuns e seus adjetivos **de um único parágrafo,** unindo-os com setas.

O professor não deve ler as ordens nem explicar para os alunos o que fazer. Se fizer isso, estará impedindo-os de aprender a ler e de crescer enquanto leitores. Se fizerem sozinhos e errarem, poderão descobrir onde é que estão interpretando mal.

Depois de localizarem tantos substantivos, vamos brincar um pouco com eles. Deixe que descubram os cinco substantivos que são variáveis em gênero, e completem o diagrama. Bom trabalho!

Uma vez realizada a atividade, centre seu olhar no texto literário escrito por eles. Caso observe que ainda escrevem nomes próprios com minúscula, ou que colocam a maiúscula apenas no nome do personagem principal, ou que colocam maiúscula apenas na primeira vez que ele aparece, escolha um texto que tenha vários substantivos próprios e peça que marquem todos eles. Depois, peça que marquem com outra cor todas as letras maiúsculas. Discuta com eles em que situações a maiúscula aparece, que diferença faz colocá-la ou não. Aproveite para retomar a questão da pontuação e do parágrafo, que surgirão inevitavelmente!

Substantivos coletivos

Para trabalhar com os substantivos coletivos sugerimos a atividade **Juntos somos mais,** do Livro do Aluno.

Juntos somos mais

O objetivo dessa atividade é introduzir o conceito de substantivo coletivo.

Iniciamos a atividade pedindo que desenhem. Pretendemos, assim, que visualizem a diferença das idéias representadas, para poderem refletir sobre elas depois.

Escolhemos coletivos do cotidiano das crianças para que enfrentem apenas a dificuldade conceitual, pois os coletivos eruditos têm significado desconhecido para eles, o que criaria mais uma dificuldade para compreenderem o conceito.

Como é muito sutil a diferença conceitual entre o substantivo comum e o coletivo, optamos por trabalhar de uma forma mais diretiva, através de perguntas.

Questão 1:

Observarão que todas são substantivos.

Questão 2:

São todos comuns.

Questão 3:

Estão todas no singular. Até aqui observamos as **semelhanças na palavra**.

Questão 4:

Começamos a **comparar a idéia dos dois desenhos.**

a) Esperamos que observem que aparece a mesma coisa nos dois desenhos; por exemplo, nas duas colunas aparece "jogador".

b) Na coluna da esquerda aparece um só, na da direita aparecem vários.

Questão 5:

Esperamos que depois de compararem os dois desenhos — na palavra e na idéia — definam substantivo coletivo mais ou menos assim: ***Substantivo coletivo*** *é um tipo de substantivo comum que, mesmo no singular, representa uma idéia de vários seres ao mesmo tempo, ou uma idéia no plural.*

Não se esqueça de que essa definição deve ser elaborada pelo professor **juntamente com as crianças**, e não dada pelo professor com suas palavras.

Somos ainda mais...

Nosso objetivo ao elaborar essa atividade foi ampliar o universo de coletivos interessantes para as crianças conhecerem. Dentre os eruditos, esses são os mais facilmente encontrados em textos ou na linguagem cotidiana.

Optamos por uma lista em que, às vezes, o coletivo está omitido, às vezes o substantivo comum, às vezes os dois estão presentes e o trabalho é relacioná-los. Ao proceder dessa forma, damos pistas suficientes para que trabalhem por dedução, fazendo inferências e, ao proceder assim, ampliem o universo de coletivos.

Caso o professor deseje ampliar ainda mais a lista de coletivos de sua turma ou sistematizar mais a lista fornecida por nós nas atividades, sugerimos que faça um Jogo da Memória com os coletivos e substantivos comuns correspondentes. No mais, para o momento não vemos necessidade de outras extensões conceituais.

Substantivos simples e compostos

No Livro do Aluno encontramos a atividade **Simplesmente compostos** que tem por objetivo introduzir os conceitos de substantivo simples e substantivo composto. Depois de realizada a atividade, discutir com eles as propriedades de cada um e registrar no Caderno de Descobertas. Este assunto poderá ser mais aprofundado quando discutirem a formação de palavras.

Simplesmente compostos

Questão 1:

Ao escreverem o nome dos objetos abaixo dos desenhos, acreditamos que surgirão dúvidas do tipo " é junto ou separado?". Essas perguntas já são um pretexto para você começar a discutir com eles por que essas palavras têm hífen. Traga frases onde essas palavras podem ser vizinhas sem por isso serem substantivos compostos, como por exemplo *Para quedas de cabelo, use Araldite!* **Sem** hífen, senão...

Questão 2:

Ao observarem o que as palavras têm em comum, estarão levantando o conceito de substantivos compostos. Esperamos que digam: são substantivos, são formados por duas palavras, estão no singular, têm hífen. Em atividade posterior vamos relativizar a presença do hífen, pois nem todos os compostos são hifenizados. Como primeiro contato achamos que os hifenizados deixavam mais evidente a composição e a identidade de cada uma das palavras.

Questão 3:

Por confronto o que será que imaginam que seja um substantivo simples? Esperamos que digam que é um substantivo formado por uma só palavra.

Questão 4:

Vamos juntar palavras para formar novas? Encontramos 18 palavras possíveis de serem formadas com esses radicais. E as crianças, quantas encontrarão?

Decompondo

Além dos substantivos compostos com hífen, há os que não são hifenizados. São eles nosso objetivo nessa atividade.

Questão 1:

Damos algum elemento da tabela e pedimos o terceiro ou os outros dois, de tal forma que, em cada linha, formem a palavra composta sem hífen, as palavras que a formaram e seu significado a partir de sua formação. Procedendo dessa forma, rompemos a generalização indevida do início da formação do conceito de substantivos compostos, ampliando-o.

Questão 2:

A diferença entre os substantivos da tabela e da lista é a presença ou ausência de hífen. No restante, são iguais, e o professor deve aproveitar a ocasião para destacar essas semelhanças também.

Esse Pedrinho!...

É uma brincadeira matemática com pontuação e hífen. Como Pedrinho copiou o problema sem vírgulas e hifens, Eulália acaba comprando um número diferente de coisas. E aí, que confusão! Trabalhamos assim a importância desses dois elementos na escrita.

Pretendemos que, através do problema e da situação do sofá, as crianças percebam a importância da presença dos hifens e vírgulas como integrantes da significação. Se não puser, dá problema!

Completando a tabela

Normalmente as crianças têm dificuldade em integrar todas as possibilidades de classificação dos substantivos e acham que, se ele é comum, não pode ser mais nada, por exemplo. Nessa atividade pretendemos confrontar todas as possibilidades de classificação dos substantivos simultaneamente.

Além desse objetivo gramatical, usamos as palavras da tabela para trabalhar com leitura de ordens. Quem não ler com bastante atenção os pedidos para preenchimento das lacunas não descobre a adivinha e dança!!!

O assunto de substantivos compostos às vezes remete ao de prefixos. Caso alguém traga essa confusão, mostre-lhes que os prefixos não existem sozinhos como palavras, e nas compostas as duas existem como palavras independentes. Caso a confusão não surja, deixe barato, e não toque no assunto...

Simultaneamente ao trabalho gramatical proposto nessa unidade, ao longo do ***Livro de Leitura e Interpretação de Textos*** — volume 3, há situações de análise de jogos discursivos com substantivos e adjetivos. Ao discuti-los, fechamos a rede da linguagem. Aqui, nosso objetivo era compreender suas características e propriedades, para que lá, substantivos e adjetivos pudessem estar inseridos no texto e produzindo jogos de linguagem. Ao viverem essa passagem do que era fim tornar-se meio, as crianças puderam reanalisar todo o conteúdo já estudado, mas com um novo olhar, descobrindo, "ressignificando", fazendo a **sua** releitura...

MÓDULO IX — Artigo

Os artigos emergem do trabalho de substantivos de forma natural. Seu conceito não é de difícil apreensão pelas crianças, portanto, vamos direto ao trabalho.

Como introduzir o conceito de artigo

Todas as vezes que trabalhamos com uma nova classe de palavras, temos proposto uma estratégia em que os alunos descobrem um universo de palavras daquela determinada classe e, depois, retiram o que as palavras têm em comum para descobrir a idéia, o conceito. Em relação aos artigos, propomos o contrário: Reunimos os alunos em grupos e damos o conceito todo. Depois eles devem descobrir quais as palavras que podem fazer parte desse conjunto. Mãos à obra?! O professor pode iniciar escrevendo na lousa:

Essa classe gramatical apresenta as seguintes características:

a) é um conjunto finito de palavras;

b) as palavras dessa classe são todas variáveis em gênero e número;

c) essas palavras informam se o substantivo é masculino ou feminino, singular ou plural.

Em seguida, o professor pode incentivar os alunos, dizendo: *Vamos ver se vocês descobrem todas as palavras que podem fazer parte desse grupo. São apenas oito palavras que existem.*

Deixe que procurem. Provavelmente farão confusão com outras classes gramaticais como numerais ou pronomes (dizem *um lápis, dois lápis*, etc. ou dizem *seu lápis* e não “sua lápis”, etc.). É interessante discutir com os alunos esses erros, que podem ser utilizados para sintetizar o conceito. Você pode dizer para eles: *Mas quando digo “três lápis“eu fico sabendo se “lápis” é masculino ou feminino? Veja, essa palavra informa uma* ***quantidade****, mas não informa o* ***gênero****, então não serve.* Gradativamente vá limpando as arestas com a classe. Quando um aluno sugerir uma determinada palavra, coloque-a em discussão com o grupo todo. Ao procedermos dessa forma, acima de tudo estaremos instigando as crianças a pensar, a levantar hipóteses, a argumentar em busca de suas razões. Terminada a discussão, os artigos devem ter surgido. Caso não surjam, escolha um trecho de texto, sublinhe os substantivos e vá analisando palavra a palavra com eles, observando qual ou quais cumpririam as propriedades dadas na definição.

Além dessa estratégia, o professor pode também proceder da seguinte maneira:

Coloque alguns substantivos na lousa, tomando cuidado para que apareçam entre eles os que não são femininos ou masculinos terminados em A/O (como *pele*, *tatu*, *ator*, *herói*, *gigante*, etc.), ou que tenham o singular em S (como *pires*, *lápis*, *Vênus*, etc.). Pergunte às crianças a que classe gramatical aquelas palavras pertencem, e eles dirão que são substantivos. Diga-lhes, então: *Nós vimos que todos os substantivos têm gênero e número, são palavras masculinas ou femininas, no singular ou plural, não é? Pois então vamos verificar qual é o gênero e o número desses substantivos.*

As crianças realizam essa atividade com facilidade. Ao responderem, pergunte-lhes o que observaram para saber qual era o gênero e o número. Costumam dizer coisas mais ou menos assim: *Oras, você diz "a" pele e não "o" pele, diz o "lápis" ou os "lápis",* etc. A partir daí você retira com eles a lista dos artigos, diz o nome que a gramática dá a esse conjunto de palavras e redige com eles a definição, que já foi dada no início da atividade, mas que vale a pena ser agora redigida com as palavras das crianças.

Caso tragam como forma de solução outras classes de palavras como numerais ou pronomes, sugerimos que o professor vá fazendo perguntas que possam desequilibrar essas sugestões, como citamos alguns parágrafos acima.

Após a descoberta dos artigos, é importante trabalharem um pouco com localização de artigos para estabilizarem o conceito. Escolha trechos de textos e peça que encontrem os artigos. Não faça essa sistematização com frases isoladas. Geralmente, nas frases prontas, os **os** e **as** são sempre artigos, o que não acontece na realidade da língua. Ao trabalharem com trechos de textos, serão obrigados a pensar pela definição. No Livro do Aluno encontramos a atividade **Ah! Que pena!**, que desenvolve essa idéia.

Ah! Que pena!

Nosso objetivo é que aprendam a reconhecer os artigos utilizando um pensamento por negação.

Questão 1:

Nosso objetivo é que pensem assim: para ser artigo tem que estar informando se o substantivo é masculino, feminino, singular ou plural. Se não estiver dando esse tipo de informação não é artigo.

Para fazer a classificação pedida poderão verificar que no trecho "sem saber **o** que fazer" não há substantivo, portanto, não pode ser artigo; em "recolher as coisas", *coisas* é substantivo e o **as** está dizendo que é feminino e plural, portanto é artigo.

Acreditamos que muitas confusões possam surgir. Por exemplo, em "com os dois braços" é possível e até provável que muitas crianças digam que **os** é artigo e *dois* o substantivo, pois é a palavra que está imediatamente após **os**. Esse tipo de situação gera discussões interessantíssimas nos grupos, e permite que os conceitos sejam “limpados”, sistematizados na discussão com a classe toda. Por essa razão consideramos o momento da correção de uma riqueza incalculável: não dê simplesmente a resposta certa, mas alimente a reflexão através da discussão das dúvidas e erros das crianças.

Deixe que se reúnam em grupos de três ou quatro elementos para fazer a classificação, a fim de que possam discutir bem. Na hora da correção, vá pedindo que argumentem: *Quem acha que é artigo, diga por que acha isso. Quem acha que não é artigo, diga por que acha que não é.* Ao proceder assim, você estará ajudando-os a pensar por exclusão.

Questões 2 e 3:

Ao pedir para explicarem o que observaram, nosso objetivo é que tomem consciência dos elementos que observaram, pois muitas vezes pensam, mas não têm consciência do que pensaram.

Repita outras vezes essa atividade de encontrar os artigos em algum trecho, à sua escolha, para que o conceito fique bem estabilizado.

No Módulo VIII — Substantivos e Adjetivos, há as atividades **O Grande Circo Internacional** e **Eu duvido!**. Nas duas, as crianças destacaram os substantivos do texto ou de alguns trechos. Sugerimos que voltem a elas e destaquem agora os artigos, ligando-os ao substantivo a que se referem. A análise das palavras do texto vai ficando, assim, cada vez mais completa.

Depois disso, podemos ampliar mais o conceito de artigo ao classificá-lo em artigos definidos e indefinidos.

Gostaríamos de ressaltar que não destacaremos os artigos que estão em contração com as preposições. Quando virem preposição é que eles serão destacados e terão sua identidade garantida.

Como introduzir a classificação dos artigos em definidos e indefinidos

Os artigos podem informar se o substantivo é masculino ou feminino, singular ou plural, definindo ou indefinindo o substantivo. Esses dois conceitos podem ser introduzidos através da estratégia que apresentamos a seguir.

O professor pode retomar com as crianças a estratégia sugerida para introduzir o conceito de substantivo. **Escreve** na lousa pedindo-lhes que desenhem **um cachorro**. Surgirão cachorros diferentes. Pendura todos os desenhos e conversa sobre a diversidade de cachorros que surgiram.

Em seguida, escolhe um dos desenhos que tiver se destacado por alguma razão e **escreve na lousa** pedindo que todos desenhem **o cachorro** de fulano (o dono do desenho escolhido). Surgirão desenhos semelhantes. Pendura-os e pede que observem as semelhanças dos desenhos. Depois conversa com eles sobre qual foi a diferença na formulação do pedido que originou desenhos iguais ou diferentes entre eles. Acreditamos que observem o artigo.

Ao responderem à pergunta já estarão definindo os conceitos de definido e indefinido. O professor coloca agora outras situações para eles:

Se eu disser: “Vi uma menina passando" ou "Vi a menina passando" há diferença de sentido para quem ouve? Qual? E assim por diante. No mais, agora, além de localizar os artigos, é parar para classificá-los. Não insistiremos nessa localização porque a grande importância do trabalho estará em analisar os jogos de sentido possíveis de serem produzidos através deles dentro de um texto. A mera localização de artigos, como um fim em si mesma, é uma atividade vazia.

Sugerimos que o professor faça a atividade **João e Maria** para sistematizar essas descobertas.

João e Maria

Questão 1:

Acentuar as palavras que estão sem acento tem por objetivo manter acesa a preocupação das crianças em relação à acentuação. Se não a mantivermos viva eles se esquecem sistematicamente de acentuar as palavras.

Questão 2:

Para localizar os artigos, terão que aplicar todo o conhecimento adquirido até então. Acreditamos que haja uma tendência a marcar todos os **as** que encontram sem maiores reflexões.

Se isso ocorrer, provavelmente marcarão o **a** de "a perguntar" como artigo. Pergunte-lhes de qual substantivo ele determina o gênero e o número. Uma vez que esse **a** não se refere a nenhum substantivo, não pode ser artigo. A mesma reflexão é válida para o **o** de "o que" do último verso.

Questão 3:

Substantivos, adjetivos e artigos formam uma unidade de significação: princesa pode ser qualquer uma, mas você era **a princesa que eu fiz coroar**, e isso te fazia toda especial. Além disso era *linda*. Não nos era possível formular perguntas para explorar todos esses aspectos, o que tornaria o trabalho longo demais, mas você, professor, aproveite a situação e discuta com eles oralmente. É nesse trabalho informal, ouvindo o que trazem de compreensão espontânea, que o crescimento dos alunos enquanto leitores se efetiva.

Questão 4:

Nas questões 4 e 5 tentamos levá-los a perceber a mudança de significado e de relação entre as pessoas que pode estar marcada na escolha de um artigo definido ou indefinido. É uma ousadia de nossa parte levantar esse tipo de reflexão e, por isso, queremos deixar bem marcado que deve ser realizada em grupo e discutida em grupão, sem preocupação de certo ou errado, apenas como pretexto para a reflexão.

Questão 5:

Não afirmamos que haja mudança de significado, pois essa conclusão não pode ser nossa, deve ser deles. Caso achem que não há mudança, isso deve ser respeitado. Mas, se conseguirem perceber, qual é ela? Com o artigo definido, o herói é especial, e os dois personagens do texto sabem qual é esse herói, como se aquela brincadeira fosse freqüente entre eles. Ao reescrever com o artigo indefinido, passa a ser um herói qualquer, que o outro não sabe qual é. O que será que os alunos conseguirão perceber? Ouça-os com atenção e conheça um pouco mais do mundo deles.

MÓDULO X — Pronome

Considerações

O capítulo dos pronomes é vasto e de grande importância textual. Os pronomes são um dos recursos usados para evitar a repetição de palavras em um texto, possibilitando maior leveza e prazer na leitura. O domínio dos pronomes pressupõe um conjunto complexo de conhecimentos. É preciso saber seu conceito, sua classificação, sua função textual, os jogos discursivos e, além disso, é preciso ter muito conhecimento sintático para saber escolher um pronome e colocá-lo na frase. Assim sendo, não pretendemos que as crianças terminem o volume 3 dominando o assunto. Neste volume desenvolveremos o conceito, a função textual, a escrita e a leitura adequada dos pronomes. No volume 4 iniciaremos a classificação dos primeiros pronomes.

Função textual dos pronomes

Nossa proposta é que as crianças iniciem o trabalho pela função textual dos pronomes. Para tal, sugerimos que seja feita em sala de aula a atividade do Livro do Aluno **Clarissa Dallas — O início**.

Clarissa Dallas — O início

Este é o trecho de um texto que reescrevemos repetindo propositadamente o substantivo **Clarissa**. O texto ficou estranho, houve inegavelmente perda da literariedade, mas quisemos reproduzir a forma como as crianças escrevem. Por que será que elas escrevem assim? Acreditamos que seria interessante refletir sobre isso, para compreendê-las e, assim, ajudá-las de uma maneira mais eficiente.

Para escrever um texto, é necessário que algum elemento se mantenha, de forma a garantir o fio textual e, ao mesmo tempo, que coisas novas aconteçam para que o texto se constitua. Dos elementos que costumam manter o fio textual, o personagem é o mais freqüente: sempre acontecem coisas novas, mas o personagem permanece ao longo da narrativa, mantendo a unidade. Portanto, mantê-lo significa a descoberta de conhecimentos importantes da estrutura da narrativa!

Por outro lado, repetir o nome do personagem ou o pronome **ele**, como as crianças fazem, torna o texto cansativo. Por que, então, elas procedem assim?

Para evitar a repetição, é necessário que as crianças vejam que **Clarissa**, **ela**, **a**, **lhe**, **sua**, **dela**, **a professora**, **a velha**, ou até mesmo não ter nada escrito no lugar do nome do personagem (elipse), representam o mesmo elemento dentro do texto, apesar de serem palavras e sons tão diferentes. Ou seja, precisam conseguir enxergar o que se mantém em um contexto de transformação. Mas perceber a identidade de um objeto tão simbólico não é algo simples, nem algo dado de antemão. Por isso, nosso papel é ajudá-las a descobrir, a desvendar essas possibilidades que a língua oferece, e não cobrar delas essa solução como se fosse óbvia ou natural.

Sugerimos para isso que o professor reúna a classe em pequenos grupos e peça que reescrevam o texto, evitando sempre que possível a repetição do nome **Clarissa**. É importante que o professor vá circulando pelos grupos, ouvindo-os e fazendo perguntas que possam ajudá-los a verificar coisas significativas. Por exemplo, é comum as crianças substituírem o nome **Clarissa** por **ela** e passarem a repetir **ela** exaustivamente. Nesse caso o professor poderá perguntar de que outras formas, além dessa, podemos evitar a repetição do nome **Clarissa**, obrigando-as a buscar outras soluções possíveis. **Depois, abra a discussão para a classe toda e ouça as respostas dos diversos grupos, fazendo uma reescrita coletiva que reúna as soluções da classe**.

Esse momento é muito importante. Deixe que os grupos falem e discutam suas soluções. Não se preocupe se é a solução "certa" ou a melhor do ponto de vista lingüístico. Nesse momento nosso objetivo é problematizar, levá-los a refletir e, como sempre, vamos trabalhar com soluções possíveis, sem um julgamento de valor.

Depois que a classe tiver produzido suas soluções, confronte com a da autora (apresentada junto com as respostas das atividades desse módulo), novamente não com o julgamento de certo ou errado, mas como duas possibilidades de escrita. Como as crianças estão habituadas a analisar jogos discursivos, durante o confronto enfoque os jogos produzidos. Por exemplo, suponha que as crianças resolvam o início do segundo parágrafo dessa forma:
... para eriçar seus cabelos cor-de-rato, quando levou para dentro a garrafa,
ou que resolvam assim:
... para eriçar seus cabelos cor-de-rato, ela (ou aí) levou para dentro a garrafa.

Ao confrontar a solução das crianças com a da autora:

Ainda estava de roupão e de rolinhos para eriçar seus cabelos cor-de-rato, a velha professora levou para dentro a garrafa...

procure destacar quais as sensações que cada forma de escrever produz no leitor. Não se contente em dizer simplesmente certo ou errado. Poderão, nessa hora, perceber que o **quando** destaca a simultaneidade das ações; que **ela** ou **daí** tornam a linguagem infantil ou menos culta, e, ainda, que na solução da autora a linguagem é menos coloquial e as características de antipatia de Clarissa ficam mais evidenciadas.

Ao agir dessa forma, o professor não só estará ampliando a visão das crianças, como também estará garantindo que aquilo que não observaram sozinhas torne-se visível para elas. Em seguida, estarão preparadas para fazer o fechamento da atividade.

Questão 2:

Para concluir a atividade, peça que analisem as diversas soluções, agrupem as que são comuns e descubram, assim, de que forma é possível evitar a repetição de palavras. Poderão chegar às seguintes conclusões:

- Podemos não pôr nada (elipse).
- Podemos utilizar uma expressão equivalente (**a professora**).
- Podemos usar pronomes (como eles não sabem o termo, deixe que se expressem como puderem).
- Podemos mudar a estrutura da frase.

Alguns dias depois reúna-os em grupos novamente e peça que façam a atividade **A volta de Clarissa**. Esse é um trabalho importante para que possam trocar idéias e utilizar os conhecimentos adquiridos. É nesse momento que novas dificuldades aparecem e o que ainda não estava muito claro se organiza dentro deles.

Veja a seguir a atividade do Livro do Aluno **A volta de Clarissa**.

A volta de Clarissa

Iniciamos o trabalho desse trecho pedindo que confiram se acertaram ou não quem era Clarissa.

Um bom leitor, atento, terá sabido reconhecer em “a velha professora”, da primeira parte, a resposta. Outro, só agora verá com nitidez quem era ela. Será que a imagem sugerida na primeira parte é a mesma neste trecho? O professor pode aproveitar para discutir a importância da caracterização para formar a imagem que o leitor vai construir do personagem, do lugar, etc. Voltamos aqui à importância do detalhe e da transformação operada através do leitor.

É importante que nesse momento os alunos possam realizar **em grupo** a tarefa de retirar as repetições do texto. A primeira atividade teve o objetivo de gerar novos conhecimentos, de ampliar a visão das crianças com diferentes possibilidades de solução. Nessa segunda atividade nosso objetivo é possibilitar a troca — entre os alunos — do que cada um compreendeu e que pode auxiliar o outro. Muitas vezes, nesse momento, muitos aspectos que foram discutidos com a classe e passaram desapercebidos podem ser realmente observados e compreendidos por algumas crianças.

Essa atividade deve ser discutida nos pequenos grupos e todos os alunos devem reescrever a continuação da história na folha avulsa onde foi reescrita a primeira parte do texto.

Atenção: **todos** devem reescrever a história e não apenas um representante do grupo. Os textos reescritos serão entregues para o professor corrigir e analisar. (A correção não deve ser coletiva.)

É interessante que o professor grampeie juntos todos os textos da equipe, pois esse procedimento poderá:

- facilitar a correção;
- ajudá-lo a observar problemas específicos como, por exemplo, um elemento do grupo que reescreve com erros de grafia ou que não coloca a mesma pontuação que os outros.

Vale a pena, também, deixar claro que, não havendo consenso entre os elementos do grupo sobre qual a melhor solução, eles poderão apresentar reestruturas com trechos diferentes. Sugerimos que nesse caso o professor peça aos alunos que marquem o que está diferente. Isso facilitará a correção.

O fim de Clarissa Dallas

Esse trecho apresenta poucas situações para uso de pronomes, mas como queríamos que as crianças conhecessem a história para manter o sentido, utilizamos o final para uma atividade de reescrita do tipo *jogo de erros*, a fim de estimular no aluno o papel do revisor.

Ampliando o conceito de pronome

Concluídas as reestruturas, o professor pede que as crianças façam uma lista das palavras usadas — que não eram sinônimos — para evitar a repetição.

Ao voltarem ao texto selecionarão: **seu, ela, dela, sua(s)**.

Peça-lhes em seguida que, reunidas em grupos, procurem em livros, jornais e revistas outras palavras que, segundo elas, poderiam fazer parte desse conjunto.

Vá circulando e observando o que os alunos pensam ser os pronomes. Esta é uma boa oportunidade para o professor conhecer o pensamento deles. Quando selecionarem alguma palavra, pergunte-lhes *O que vocês observaram para achar que essa palavra também faz parte desse grupo?* Quando os alunos explicam o que pensaram o professor pode conhecer o pensamento deles.

Quando achar que o conjunto de pronomes já está razoável, o professor escreverá na lousa todos os pronomes encontrados e pedirá que, juntos, descubram todas as propriedades daquelas palavras. Poderão chegar às seguintes conclusões:

- É um **conjunto finito de palavras**. (Concluirão isso a partir do fato de que os pronomes sempre se repetem.)
- São palavras **variáveis em gênero**. (Logo encontrarão *ele/ela*, etc.).
- São palavras **variáveis em número**.
- São palavras **variáveis em pessoa**. (Essa conclusão é mais sutil, mas o professor poderá ajudá-los pedindo que observem transformações em frases. Mais adiante daremos sugestões de como o professor poderá proceder para ajudá-los a descobrir a variação de pessoa.)
- **Estão no lugar de outra palavra ou no lugar de um substantivo.** (Peça que verifiquem no texto **Clarissa Dallas** que tipo de palavra os pronomes substituem e verificarão que são substantivos.)
- **Têm a função de evitar a repetição de palavras.**

Escreva o conceito com eles e peça que registrem no Caderno de Descobertas.

Para ajudá-los a descobrir a variação de pessoa, sugerimos que o professor faça transformações em trechos do texto **Clarissa Dallas**. Por exemplo: *Se você fosse a professora, como ficaria o 1º parágrafo da 3ª parte? E se fossem vários professores, como ficaria?*

Coloque para eles uma situação: *Imaginem que sumiram objetos da classe. Quem teria sido responsável por isso?* As crianças irão sugerindo: fulano, tais pessoas, o professor, a faxineira, etc. Vá escrevendo na lousa e peça para fazerem a correspondência: o fulano → **ele**, o professor → **você**, os alunos → **nós,** etc. Aos poucos as seis pessoas do discurso estarão apresentadas.

A partir daí, falar em pessoas e pronomes será mais fácil.

Neste volume não temos a intenção de ampliar mais o conceito de pronome nem de trabalhar com sua classificação. A partir desse momento, nosso encaminhamento será mais prático: uso textual, escrita e leitura de pronomes.

Escolhemos esse enfoque porque, ao analisarmos erros de interpretação de textos e de leitura em outras áreas, verificamos que a dificuldade de interpretação do pronome deve-se à dificuldade de entender que ele varia dependendo do ponto de vista de onde o leitor se coloca.

Para ilustrar essa dificuldade, trazemos uma situação ocorrida em sala de aula. Determinada aluna respondia às perguntas de interpretação de texto oferecidas pela professora. O texto era de Monteiro Lobato e a primeira pergunta era:

"1 – Você observou quem é o personagem principal da história? Escreva seu nome no círculo maior e o nome dos personagens secundários nos círculos menores."

A aluna não teve dúvida. Escreveu *Taciana* (seu nome) no círculo maior, e não *Narizinho* como seria o correto. Respondeu dessa forma não porque não soubesse o que era personagem principal ou porque não conseguisse reconhecê-lo, mas porque não leu o pronome adequadamente. São justamente esses erros que pretendemos "atacar" diretamente. Para isso, criamos as atividades a seguir.

Atividades de sistematização

Irmã é fogo!

Nosso objetivo é fazer com que os alunos percebam qual nome o pronome substitui. Ao pedirmos isso, desenvolvemos a acuidade de leitura dos pronomes. Essa atividade pode ser realizada como lição de casa.

Questão 1:

É uma atividade simples, onde o elemento substituído é imediato. Pedimos que façam a substituição no próprio texto por não haver necessidade de transformações na estrutura das frases.

Questão 2:

Nessa questão, esperamos que percebam que, ao substituírem os pronomes pelos substantivos, o texto fica repetitivo.

Questão 3:

Aqui pedimos o inverso: os substantivos estão presentes o tempo todo, e os alunos devem substituí-los por pronomes ou simplesmente eliminá-los.

Isso não é problema!

Apresentamos problemas de Matemática, cujo enunciado contém vários pronomes. Quem não conseguir observar a quem eles se referem, dança!

Em alguns problemas a substituição dos pronomes é feita de forma mais direta. Em outros, como o problema 4, que tem vários referentes, é preciso um cuidado maior para fazer a substituição. A partir dessa atividade é interessante que o professor traga para a sala de aula outras questões, problemas de Matemática e situações do cotidiano que envolvam pronomes. Discutir a leitura dos textos e os erros no estabelecimento da relação entre o pronome e o ser substituído pode ser riquíssimo para a classe.

A tinta de escrever

Questão 1:

Nosso objetivo ao pedir que reescrevam substituindo **a gente** por **nós** é levá-los a observar a concordância entre pessoa verbal e pessoa pronominal, pois é muito freqüente eles deixarem de fazer a concordância e escreverem, por exemplo: "Eu se arrependi de ter dito aquilo".

Questão 2:

Queremos levá-los a observar que a escolha de **a gente** ou **nós** implica uma mudança de linguagem. A escolha entre uma e outra depende do que desejamos produzir no nosso leitor. Pretendemos ultrapassar, dessa forma, a visão de certo e errado, passando para uma análise da língua enquanto **formas possíveis que vão ser escolhidas**, dependendo da **intenção** do autor. Quando Millôr escolheu escrever dessa forma, não escreveu "errado".

Questão 3:

Ao pedir que observem o que mais foi preciso alterar no texto, evidenciamos a necessidade de concordância entre pessoa verbal e pronominal.

Questão 4:

Nosso objetivo é manter atento o olhar das crianças para os adjetivos e locuções adjetivas. Aproveite para discutir a importância desses elementos dentro de um texto.

Caminhando e montando

As crianças freqüentemente erram a grafia dos pronomes, usando C onde deveria ser SS. Essa atividade pretende ajudá-las a descobrir que, à exceção de *você*, todos os outros pronomes são escritos com SS.

Escolhemos o **Jogo de Torto** para essa descoberta, pois, além de conhecimentos lingüísticos, esse tipo de jogo exige alto nível de utilização da inteligência. As regras estão no Livro do Aluno.

Colocamos apenas nove linhas, apesar de o **Torto** oferecer possibilidade de formarmos mais do que nove palavras, para não ficar difícil demais para eles. Entretanto, fica o desafio de acharem as dezoito palavras que estão escondidas.

Observando as palavras, eles poderão descobrir que todas são pronomes, são escritas com SS, são paroxítonas e terminam em vogal.

Bicicletando — 1ª parte

As palavras O, OS, AS podem ser artigo ou pronome e a palavra A pode ser artigo, pronome ou preposição. Nosso objetivo nessa atividade é começar a trabalhar com essas possibilidades. Para isso, escrevemos um texto de piada e o dividimos em duas partes. Na primeira, retiramos os A, O, AS e pedimos que completem as lacunas com as palavras retiradas.

Questão 1:

Para completar as lacunas, os alunos trabalharão com o conhecimento de falantes da língua. Acreditamos que essa questão não oferecerá maiores problemas.

Questão 2:

As palavras marcadas com um círculo são artigos. Para descobri-las, eles terão de observar que se referem a substantivos, informando seu gênero e número. São situações claras, que acreditamos não ofereçam dificuldade para serem solucionadas.

Questão 3:

As palavras marcadas por triângulo são pronomes. Esperamos que utilizem o recurso da substituição para fazer essa descoberta.

Há uma terceira classe, marcada por quadradinhos, que os alunos ainda não conhecem. São as preposições. Nós colocamos as preposições para que saibam que elas existem e comecem a pensar nelas por negação. Na segunda parte da atividade elas serão utilizadas.

Bicicletando — 2ª parte

Coitado do Joãozinho!

Agora são os alunos que marcam a classe gramatical: círculos para artigos, triângulos para pronomes e quadrados para não artigos/não pronomes. Aproveite a ocasião para ouvi-los e esclarecer as dúvidas que ainda restarem.

Módulo XI — Verbo

Considerações

O trabalho com a classe dos verbos é de extrema importância dentro da língua. A idéia traduzida por eles é fundamental em um processo de comunicação e sua utilização correta implica uma qualidade textual diferenciada. Os verbos constituem um capítulo bastante extenso da Gramática, cujo estudo iniciaremos neste volume e continuaremos nos volumes posteriores, sempre com objetivos diferentes.

Neste volume pretendemos:

- introduzir o conceito de verbo;
- fazê-los observar a concordância entre verbo e pronome;
- ajudá-los a descobrir que existe um infinitivo;
- levá-los a concluir que a partir desse infinitivo podemos agrupar os verbos em 1ª, 2ª e 3ª conjugação;
- trabalhar um pouco com as idéias de passado, presente e futuro, para prepará-los para a conjugação de verbos mais adiante;
- refletir sobre alguns problemas de grafia de verbos, como a omissão da última letra do infinitivo e do passado; os SS do subjuntivo, AM/ÃO; a confusão no uso de L/U em final de verbos, substantivos e adjetivos.

Para trabalhar o conceito de verbo, é preciso que antes retomemos algumas idéias ligadas a ele.

Retomando o conceito de verbo

Normalmente os professores trabalham o conceito de verbo como **a palavra que exprime uma idéia de ação**. É isso que costuma estar escrito nos livros didáticos, foi dessa forma que nos ensinaram na escola e é assim, portanto, que costumamos ensinar nossos alunos. Acontece que conceituar verbo dessa maneira traz uma série de problemas bastante difíceis para as crianças (e para os professores também). Se você perguntar para as crianças o que é ação, elas responderão com certeza que ação é **aquilo que a gente faz,** ação é **movimento.** Se verbo é a palavra que exprime uma idéia de ação e ação é o que a gente faz, verbo é aquilo que a gente faz. É um pensamento lógico, não é?! Muito bem, quando alguém diz: *Pedro fazia palhaçadas*, qual é o verbo? Seguindo o mesmo raciocínio, diríamos que o verbo é *palhaçadas*, pois não é palhaçada o que ele fazia? E qual é o verbo quando dizemos que alguém morreu, dormiu, pensou? Diríamos que não há verbo, pois a pessoa não faz nada, está imóvel, não há movimento! Esses erros que as crianças cometem são produto da forma como nós ensinamos e é por isso que os conceitos precisam ser bem construídos, analisados, com um conjunto amplo de atributos, para que possam ter significado para o sujeito. Assim sendo, sugerimos ao professor como introduzir o conceito de verbo.

Como introduzir o conceito de verbo

Escreva para as crianças algumas frases, de preferência longas. Por exemplo: *Hoje uma velha amiga da minha mãe preparou um doce de banana delicioso para mim!* Peça que falem se isso está dito no passado, no presente ou no futuro. Dirão que está no passado. Peça para alguém escrever na lousa como diria essa mesma idéia no presente e depois no futuro. As crianças costumam utilizar os tempos compostos para fazer essas passagens. Provavelmente apresentarão as seguintes soluções:

— *Hoje uma velha amiga da minha mãe está preparando um doce de banana delicioso para mim!* e

— *Hoje uma velha amiga da minha mãe vai preparar um doce de banana delicioso para mim!*

Não se preocupe com a escolha do tempo composto. Na oralidade pouco usamos os tempos simples do futuro, e o presente para eles é o aqui-agora, representado pelo gerúndio. Esta solução apresentada é, portanto, qualitativamente boa. Esteja atento ao fato de não ser necessário mudar o advérbio **hoje** para **ontem** ou **amanhã.** Há uma idéia do senso comum de que se deve dizer *ontem eu fui, hoje eu vou* e *amanhã eu irei.*

Depois que as crianças fizeram as duas transformações, peça que observem o que mudaram para alterar a idéia de tempo. Verificarão que a única palavra alterada na frase foi *preparou.* O professor poderá, então, começar a desenvolver com eles o conceito de verbo dizendo-lhes que **há palavras que nos informam a idéia de tempo transformando-se.**

Vamos, então, escolher um texto, alterar a idéia de tempo desse texto e achar outras palavras com essa mesma função para analisar esse conjunto. Reúna-os em duplas, peça que cada dupla escolha um texto diferente e altere a idéia de tempo. Feito isso, deverão grifar as palavras que alteraram. Concluído o exercício, todos dizem as palavras que encontraram e o professor vai escrevendo na lousa.

Com a lousa repleta de palavras, diga-lhes que os gramáticos chamaram esse conjunto de palavras de **verbos**. Como eles poderiam definir o que são verbos? Começam, assim, a analisar as propriedades exatamente como fizeram com as outras classes gramaticais.

Acreditamos que a essa altura do trabalho, eles procurem espontaneamente as propriedades dos verbos. Caso isso não aconteça, faça perguntas que possam dirigir-lhes o olhar para aspectos relevantes, como por exemplo:

• Nós vimos que há classes de palavras finitas, como os artigos, e infinitas, como os substantivos e adjetivos. E o conjunto dos verbos, vocês acham que deve ser finito ou infinito? Por quê?

• Nós vimos que podemos agrupar as palavras em variáveis e invariáveis. E os verbos, são variáveis ou invariáveis? Eles têm gênero? Variam em número? Em grau? Em tempo? Em pessoa?

Analisando o conjunto de palavras a partir das perguntas, poderão concluir (a partir da variedade encontrada) que a classe gramatical **verbo é uma palavra variável em tempo, número e pessoa.** Há um número infinito de verbos.

Antes de continuar o trabalho, é importante que façam atividades para sistematizarem um pouco mais as idéias de passado, presente e futuro, que são muito simples para nós, adultos, mas costumam ser complicadas para as crianças. Para tal sugerimos a estratégia a seguir.

Quando foi?

O objetivo dessa atividade é a sistematização das idéias de passado, presente e futuro.

1 – Ofereça para cada aluno um papelzinho com uma palavra escrita. As palavras devem ser sempre um verbo no modo indicativo, nas diversas pessoas e tempos.

2 – Cada aluno deve escrever uma frase que informe algo interessante, utilizando aquela palavra que recebeu. Depois, entrega sua frase para o professor.

3 – O professor escreve a frase de todos os alunos em uma folha e reproduz em mimeógrafo ou xerox para todos. Caso haja erro na frase de alguma criança, o professor deve observar o que a levou a errar para trabalhar o erro depois, mas deve escrever corretamente a frase para eles.

4 – De posse das frases, em grupo ou individualmente, os alunos devem sublinhar os verbos e dizer se estão no passado, no presente ou no futuro.

Caso o professor deseje transformar a atividade em jogo, é só estabelecer os pontos no momento da correção. Cada frase certa vale um ponto, e ganha a equipe que obtiver o maior número de pontos.

Sugestão de verbos que poderão ser utilizados para a atividade:

falava
comi
conseguia
bebeu
coloriram
atolaremos
saímos
tocam
telefonarão
caíram

encontrarei
subo
encontra
compreenderei
agredirá
nadaremos
tossimos
pensavam
leram

cantaria
sorri
pintará
parti
molhamos
crescemos
garantimos
esquecem
fugiam

aprendo
sumia
vende
fingiu
soprávamos
torcíamos
brincam
temiam
garantirão

São apenas sugestões. O professor poderá escolher outros. (Ao escolher os verbos, esteja atento em variar as pessoas, os tempos e as conjugações.)

Atividades para sistematizar a idéia de presente, passado e futuro

Veja, a seguir, os comentários sobre as atividades do Livro do Aluno que sistematizam as descobertas conquistadas até agora.

Momento na delegacia

Nosso objetivo nessa atividade é a utilização de verbos no passado e sua transformação no tempo. Queremos que observem que essa transformação produz uma mudança no final da palavra ou na palavra como um todo.

Esta é uma atividade para ser realizada na classe e em grupos.

Questão 1:

A escolha do pretérito imperfeito é natural nesse contexto. Acreditamos que consigam completar as lacunas como falantes da língua. As lacunas com os verbos *ser*, *ter* e *estar* podem oferecer maiores dificuldades para eles. Sugerimos que o professor oriente os alunos a resolverem o que faria sentido pelo contexto do texto, ou, em último caso, que dê a solução do primeiro *ter* e *ser*. Os restantes eles mesmos saberão responder.

No momento da correção, as dúvidas que ainda restarem podem ser resolvidas pelo grupo ou pelo professor.

Questão 2:

Pedimos a alteração do tempo no trecho inicial para que possam observar como acontece essa transformação.

O professor deve pedir que os alunos comparem os verbos no passado e no presente e observem o que se transformou. Nesse momento ficarão em destaque as transformações das desinências (final do verbo) ou da palavra toda em alguns casos.

Questão 3:

Pedimos que continuem a escrever a notícia com o objetivo de levá-los a refletir sobre os dados apresentados no texto. Para escrevê-la terão que criar uma explicação e, ao mesmo tempo, utilizar o tempo presente por uma necessidade de concordância com o início do texto.

Aqui e agora!

Nessa atividade procuramos ultrapassar o mero reconhecimento de passado, presente e futuro. A escolha de um determinado tempo tem relação com o tipo de texto ou de portador no qual ele aparece. Nessa medida, reconhecer o verbo é um meio de obter dados para atingir outro fim, que é percebê-lo em seu meio textual.

Questão 1:

Ao pedirmos que encontrem verbos em manchetes de jornais, buscamos um portador de texto vivo no mundo e que tem propriedades específicas.

Questão 2:

As manchetes costumam estar no presente ou no futuro, por isso acreditamos que serão esses os tempos encontrados.

Questão 3:

Pedimos aqui a relação entre o portador de texto e o tempo verbal. O jornal é um veículo diário, atualizado, portanto sua manchete conta o que está acontecendo agora, ou o que irá acontecer provavelmente em um futuro próximo. A escolha desses tempos verbais garante a atualidade e, portanto, a eficiência da informação.

Questão 4:

Ao reescreverem as manchetes no passado operarão transformações no tempo. Elas serão a base necessária para a reflexão que será pedida na questão 5.

Questão 5:

A alteração para o passado evidencia a desatualização da notícia e leva-os a perceber a incoerência entre o objetivo da manchete (chamar a atenção, ser atual) e um fato ultrapassado, revelado pelo uso do passado.

Introduzindo a idéia de pessoa e número nos verbos

Caso a idéia de pessoa e número não surja espontaneamente, escreva na lousa o seguinte: *Ontem fui ao cinema*. Pergunte em seguida para eles quem é que foi ao cinema e eles dirão: *Eu*. O professor pergunta: *Como vocês sabem se não está escrito?* A primeira reação das crianças costuma ser de perplexidade. Elas sabem que sabem, mas não sabem de onde tiraram essa informação. Costumam responder à pergunta dizendo: *Fui eu porque, se fosse a gente, diríamos: "Ontem fomos ao cinema", ou se fosse você, diria: "Ontem você foi ao cinema".* Ou seja, eles demonstram pela transformação prática. Vá, então, ajudando-os a corresponder cada uma das pessoas dos pronomes com os verbos. Para isso você pode perguntar: *Quando digo compramos, quem comprou? E quando digo comprei, quem comprou?* E assim por diante, até que todas as pessoas pronominais sejam levantadas com as crianças. Nesse momento o professor já pode ampliar o conceito:

Além de informar uma idéia de tempo, o verbo também indica a pessoa e o número: se sou eu, você, ele, nós, vocês, eles.

Retome o conceito e amplie-o. Agora, vale a pena pedir, como lição de casa, que transformem a pessoa de alguns parágrafos de forma que possam usar e verificar o conceito construído, além de trabalhar com concordância verbal e pronominal nesse tipo de atividade. No Livro do Aluno apresentamos algumas sugestões de trabalho.

Atividades para sistematizar a idéia de pessoa e número

Haza Rádu e Péfriu Danado — 1ª parte

Ao fazer todas as transformações no diário de Haza Rádu, as crianças poderão observar que, quando mudamos o número de pessoas, mudamos também o verbo e o pronome.

Apresentamos essas mudanças dentro de uma história para que houvesse um contexto que desse sentido às transformações.

Questão 1:

Primeira transformação: Ao mudar o número de homens mal-encarados, automaticamente o pronome transforma-se em **os** e o verbo em **saíram**.

Segunda transformação: Mas, se forem duas pessoas observando a cena, novas transformações são necessárias: **segui** vira **seguimos**; **eu** passa a **nós; vi** vira **vimos**.

Questão 2:

Pedimos que circulem as palavras alteradas para que, ficando mais evidentes, eles possam refletir sobre elas.

Questão 3:

Como nosso objetivo é a análise da relação entre verbos e pronomes, pedimos que observem que sempre elas se alteram. Apenas *mal-encarado* (adjetivo) se alterou na primeira reescrita, além das que queríamos.

Haza Rádu e Péfriu Danado — 2ª e 3ª partes

E a história continua. Haza Rádu ficou tão nervoso com a perseguição, que cometeu erros de concordância entre o verbo e o pronome. É essa relação que pretendemos que estabeleçam. A correção dessas atividades é fundamental. É através dela que o professor vai ter oportunidade de acompanhar como as crianças pensaram, ajudando-as a descobrir um caminho de pensamento mais amplo.

Aproveite a ocasião para trazer novas situações de erros de concordância entre verbo e pronome. Eles costumam falar “eu se olho no espelho” e outras expressões semelhantes. Retire trechos dos textos deles com esse tipo de erro e crie uma atividade com esse universo de expressões.

Na parte 3 dessa atividade, novamente pronomes e pessoas verbais devem concordar. Haza Rádu pede para o leitor organizá-los. Como fechamento da atividade, pedimos que as crianças explicitem em uma regra a descoberta que, esperamos, tenham feito ao longo da atividade!

Questão 1:

Ao pedirmos para as crianças escreverem o que acham que os dois detetives aprenderam, imaginamos que escrevam coisas relacionadas aos fatos acontecidos, como, por exemplo, que eles não devem confiar em bandidos; ou que um deles deve sempre ficar vigiando, ou outras coisas mais que, com certeza, surgirão. Ler essas respostas em voz alta e saboreá-las vai preparar a surpresa que terão ao decifrar a charada na questão 2, ao compreenderem que eram descobertas bem diferentes que os aguardavam!

Introduzindo os infinitivos

Os verbos costumam aparecer conjugados nos textos. Aproveite uma dessas situações, depois que tiverem assimilado o conceito de verbo, e peça que encontrem no dicionário algum verbo. Não fale o infinitivo para eles, deixe que procurem como está no texto. Provavelmente protestarão dizendo: *Não tem no meu dicionário.* Pergunte-lhes se não há mesmo e sugira que procurem outros verbos do mesmo texto. Como não encontrarão, pergunte-lhes se o dicionário não registra verbos. Geralmente algum aluno descobre que os verbos aparecem de outra forma. Quando a solução surge, peça que o aluno explique como encontrou. Caso ninguém ache a solução, diga-lhes que os verbos aparecem de outra forma no dicionário e desafie-os a encontrá-los.

Depois que descobrirem o infinitivo, explique-lhes que a Gramática chama essa forma verbal de **infinitivo** e que *infinitivo* vem de *infinito*, pois é o verbo em si, sem estar no passado, no presente ou no futuro. O infinitivo é uma forma atemporal.

Sistematização da formação do infinitivo

Faça algumas atividades de sistematização dos infinitivos. Sugerimos jogos como este que explicaremos a seguir:

Diga logo!

Faça previamente uma lista de verbos conjugados em diferentes tempos e pessoas. Leve-a por escrito, pois é muito difícil inventar os verbos na hora e coordenar o jogo ao mesmo tempo. Ser rápido é fundamental para o jogo ser gostoso.

Não se esqueça de colocar em sua lista verbos irregulares, para que possam ser bem explorados. As crianças costumam ter dificuldade em reconhecer o infinitivo desses verbos. Imaginar que **coubéssemos** é forma conjugada do verbo **caber**; **éramos** é forma conjugada de **ser**; **estivemos** é de **estar** é difícil para eles. Gaste energia nesse trabalho, peça que procurem verbos nos mais variados portadores de textos e procurem o infinitivo em outras situações, para sistematizarem essa idéia.

Como jogar:

1 – Faça uma lista de verbos conjugados, nos mais variados tempos e pessoas.

2 – Organize a classe em equipes e diga um verbo de sua lista, em voz alta para todos ouvirem.

3 – Cada equipe escreve rapidamente o infinitivo daquele verbo em um pedaço de papel e levanta para todos verem.

4 – A equipe que levantar o infinitivo correto em primeiro lugar ganha aquele ponto, e o professor fala um novo verbo para a classe.

5 – O jogo prossegue até que o professor determine seu término, ou por terem acabado as palavras ou por ter sido esgotado o tempo estipulado para o jogo.

6 – Vence a equipe que obtiver o maior número de pontos.

Depois, proponha-lhes que retomem os verbos que usaram no jogo e escreva-os na lousa. Em seguida, peça que observem o que eles têm em comum. Poderão observar que todos terminam em R. E antes do R, que letras aparecem? Verão que sempre aparecem A, E, O. Por que será que os verbos estão organizados dessa forma? Seria por acaso? Deixe que levantem hipóteses. Depois faça a demonstração, conjugando com eles algum verbo regular no presente ou no pretérito, e peça que observem como se comportam os outros verbos com a mesma terminação. Dessa forma poderão verificar que os verbos estão organizados em conjugações e que isso facilita para o falante. Já pensou se não houvesse um sistema que organizasse a língua e nós tivéssemos que saber individualmente cada verbo?!

Para sistematizar essas descobertas sugerimos a atividade do Livro do Aluno comentada a seguir:

Problemas

E quanta gente não leva a vida assim...

Questão 1:

Nosso objetivo é que apliquem a idéia de tempo para encontrar os verbos. Como já trabalharam com infinitivo, acreditamos que encontrarão inclusive **sair**, **tirar** e **chover.**

Questão 2:

Depois de todo o trabalho realizado na lousa, acreditamos que será uma tarefa simples passá-los para o infinitivo.

Questão 3:

Esperamos que reconheçam as conjugações, classificando os verbos encontrados.

Questão 4:

a) É uma proposta bastante difícil de concordância. Para que possam concluir que fica: *Quase os atropela para deter-se ao sinal que lhe fizeram*, terão que pensar muito!

b) Esperamos que a essa altura do trabalho não tenham dificuldade em concluir que a palavra destacada é um pronome. Sugerimos que levantem as possibilidades. A palavra **os** pode ser o quê? Artigo ou pronome. Como saber qual dos dois? O que é necessário para ser artigo? O **os** desse trecho está indicando se algum substantivo é masculino plural? E assim por diante, até que, pelo conceito, consigam concluir pelo pronome.

c) Nosso objetivo é que possam reconhecer os outros pronomes do trecho: *se* e *lhe*.

Como não pretendemos trabalhar com conjugação verbal, vamos apenas mostrar a existência e a beleza de um sistema, não nos aprofundando mais no assunto.

A escolha de tempos verbais é decisiva para a criação de inúmeros jogos discursivos em textos. Esses jogos serão explorados no ***Livro de Leitura e Interpretação de Textos***, volumes 3 e 4. No ***Livro de Gramática/Ortografia,*** incluímos apenas uma atividade, mas gostaríamos que o professor tivesse sempre em mente a importância e a possibilidade de se analisar esse aspecto nos textos, aproveitando as situações informais que surgirem na sala de aula e enriquecendo o trabalho diário.

Atividades de sistematização de questões ortográficas relativas à grafia de verbos

Como há uma série de erros de grafia relativos à escrita de verbos, preparamos uma série de atividades que têm o objetivo de levar os alunos a descobrir propriedades do sistema da língua que possam ajudá-los a tomar uma decisão ortográfica no momento da escrita.

Selecionamos VEL/VEU, AM/ÃO, ESSE/ECE e aglutinação do pronome ao verbo por serem erros muito freqüentes entre as crianças dessa faixa etária.

Correspondência

Esta é mais uma deliciosa criação de Millôr Fernandes.

Questão 1:

Todas as palavras são verbos. Discuta com as crianças que esses verbos não existem, foram inventados pelo autor. Elas costumam perceber isso de imediato.

Questão 2:

Como criar palavras? Transformando substantivos em verbos, teremos a ação centrada no objeto. Esta idéia é incrível! É importante que nessa questão o professor não aceite respostas vagas como *inventou outra língua*, por exemplo. Pergunte-lhes, no caso: *Inventou como?* Nosso objetivo é o **processo**, o **recurso** dessa invenção.

Questão 3:

Queremos que concluam que, ao criar essas palavras, o autor produziu humor.

Questão 4:

Vamos aprender a bilhetar com o Millôr? O que será que cada um vai responder? Pendure os bilhetes no mural da classe. Acreditamos que muitas gargalhadas estarão garantidas.

A partir daqui encaminharemos o trabalho para a grafia de verbos pois ainda verificamos muitos erros ligados à escrita dessa classe gramatical. No Livro do Aluno encontramos atividades específicas para trabalhar a grafia de VEL/VEU; AM/ÃO; aglutinação do pronome no verbo; ESSE/ECE. Trataremos dessas atividades a seguir.

O maravilhoso mundo ártico

Nosso objetivo é que percebam que os verbos no futuro são escritos com ÃO e os verbos no passado e no presente são escritos com AM.

Questão 1:

É preciso que reconheçam o tempo verbal para fazer a associação entre o tempo e a grafia. Depois de tantos trabalhos realizados, acreditamos que não terão dificuldade em reconhecer que os verbos estão no futuro.

Questão 2:

Como a terminação ÃO é própria do plural, pedimos que façam a divisão para que as terminações fiquem mais nítidas e, portanto, mais fáceis de serem observadas.

Caso algum aluno estranhe o verbo *elevar-se-ão*, retome com ele colocando o pronome antes: "*se elevarão*", para que o verbo fique na construção regular. Explique que em algumas situações o pronome é colocado "no meio" do verbo. Não aprofunde mais a discussão, pois colocação pronominal é um assunto que será abordado com profundidade apenas em séries posteriores.

Questão 3:

São duas terminações interessantes: no singular todos os verbos têm acento, no plural terminam em ÃO.

Questão 4:

Ao pedirmos a mudança para o passado, obrigamos as crianças a fazerem a passagem do ÃO para AM.

Questão 5:

Focalizamos o olhar dos alunos na terminação das conjugações de futuro e passado para deixar bem claro como elas são. Não basta apenas saber fazer, é preciso ter consciência do que se transforma. Quem sabe agora errem menos essa terminação verbal!

Questão 6:

A partir do que fez, o aluno pode aprender a verbalizar essa aprendizagem. Além de ser obrigado a organizá-la, ele instaura-a enquanto conhecimento. Ele pode levar em conta o tempo e concluir: "Se for futuro, uso ÃO; se for presente ou passado, uso AM; pode considerar também a tonicidade: "Se for futuro é **oxítona**; se for passado ou presente é **paroxítona**".

Resolveu?

As crianças costumam confundir e escrever finais de verbos com L e finais de adjetivos com U. Refletir sobre essa questão é o objetivo dessa atividade.

Retomamos um contexto para introduzir o trabalho. Você se lembra do Danival? Agora criamos o Genival. Nessa atividade dirigimos o olhar das crianças para o aspecto que nos interessa: as palavras que terminam em VEL.

Questão 1:

Optamos por trabalhar com adjetivos que não são iniciados pelo prefixo I, IN, com medo de que isso dificultasse às crianças perceberem o sentido do VEL. Ao explicar o que cada palavra quer dizer, esse sentido emergirá: **controlável** é aquilo que pode ser controlado; **previsível** é aquilo que pode ser previsto; e assim por diante. Explore com eles esse significado. As crianças já trabalharam com essa idéia quando discutiram que uma palavra podia ser variável. Palavra variável é aquela que pode variar. Discuta com eles o que **pode** variar em oposição ao que **tem** que variar. O que pode não significa que tem necessariamente. São diferenças sutis, mas fundamentais em termos de leitura de texto e de vida.

Questão 2:

Nessa questão começamos a opor as duas terminações: VEL e VEU. Ao observarem o primeiro quadro, poderão enxergar com nitidez as diferenças entre elas. O som é o mesmo, mas:

a) as palavras da primeira coluna terminam em VEL, são adjetivos, são paroxítonas e acentuadas;

b) as palavras da segunda coluna terminam em VEU, são verbos, são oxítonas e não são acentuadas.

Que tal? Agora já dá para saber quando é com U ou com L?

Bingo VEL/VEU

Se o professor achar necessário fixar mais essa dificuldade ortográfica com sua classe, sugerimos que faça um jogo de bingo. As regras são as mesmas de sempre:

1 – O professor pede que os alunos peguem uma folha de papel e montem uma tabela com 25 quadrados (5 linhas e 5 colunas); escolhe 25 palavras terminadas em VEL ou VEU e vai ditando-as; cada aluno escreve as palavras ditadas em algum lugar de sua cartela.

2 – Depois que a cartela fica completa, o professor vai sorteando as palavras e os alunos vão assinalando em suas cartelas.

3 – Quem completar a linha, a coluna ou a diagonal fala *Bingo!* e mostra a cartela para o professor. Se todas as palavras da linha sorteada estiverem certas, esse aluno será o vencedor.

4 – Se houver erro, o professor diz que tem erro, marca a linha, a coluna ou a diagonal para anulá-las, mas não aponta o que está errado, e o aluno continua concorrendo com outra linha ou coluna. (As palavras da linha riscada continuam valendo, só que em outra seqüência.)

5 – Pode-se jogar até o quinto, décimo... colocado. O importante é que todos se divirtam!

Sugestão de palavras para o bingo:

irresistível
intragável
saciável
demoveu
viveu
comeu
intolerável
impossível
solúvel
compreendeu
amoleceu
elegeu
injetável
demonstrável
inacreditável
dissolveu
desenvolveu
correspondeu
suportável
instável
imprestável
absorveu
resolveu
pareceu

Aukê

Nosso objetivo é que as crianças observem que às vezes o pronome aparece antecedido de hífen, às vezes não. E como devem pensar para decidir se devem usar hífen ou não?

Questão 1:

Para pensar sobre pronomes, é preciso primeiramente reconhecê-los. O uso dos oblíquos é difícil e complicado, por isso demos uma atenção especial para eles.

a) É preciso que eles vejam que são palavras diferentes, inclusive de classes gramaticais diferentes.

b) Aqui eles deverão aplicar o que descobriram. É nesse momento que o professor pode observar se eles compreenderam ou não e como estão pensando quando erram. Essas observações ajudarão o professor a descobrir uma maneira de interferir para ajudá-los.

Questão 2:

Reproduzimos aqui o erro das crianças. Muitos, quando descobrem os pronomes, escrevem-nos aglutinados aos verbos. Quando perguntamos se seria possível escrevê-los assim, preparamos a segunda parte da questão, a qual esperamos que justifiquem assim: São duas palavras diferentes. Quando escrevemos junto duas palavras diferentes, elas viram uma só e perdem a identidade. As crianças já viram muito o significado do espaço entre as palavras como elemento que dá identidade a elas. Por essa razão, não seria possível escrever "pegálo".

Parece e é!

Reciclamos o poema de Sylvia Orthof para que ficasse repleto de subjuntivos. Nosso objetivo não é nem o reconhecimento do tempo nem do conceito de modo verbal. Queremos apenas oferecer um instrumento de decisão para as crianças quando tiverem que escrever essas palavras, pois é comum encontrarmos "falace" (em vez de *falasse)*, "comece" (no lugar de *comesse*), etc. em textos escritos por elas.

Questão 1:

Utilizando-nos da charada, isolamos os verbos no subjuntivo. No enunciado destacamos as propriedades relevantes para uma decisão ortográfica e esse é o nosso objetivo na questão.

Questão 2:

Isolamos os subjuntivos de verbos da segunda conjugação, pois são os mais confundidos, por terem finais em **ece** e **esse**. É a existência das duas formas que evidenciamos nas duas colunas.

Questão 3:

Todas as questões dessa atividade têm o objetivo de fornecer elementos de decisão para as crianças em um momento de dúvida ortográfica. O que aprenderam? Esperamos que concluam:

- As palavras terminadas em **esse** são escritas com **ece** antes do **esse.**
- As palavras terminadas em **ece** estão no presente.
- As palavras terminadas em **ece** afirmam algo. Acreditamos que essa conclusão tenha que ser desencadeada pelo professor, através de perguntas como: *Nós vimos na questão 1 que as palavras terminadas em **esse** indicam algo que pode ser que aconteça ou não. E as palavras terminadas em **ece**, o que indicam?*

Questão 4:

Muitas charadas (infames...) para as crianças resolverem. Além de desenvolver o raciocínio dedutivo, essa questão pede que as crianças apliquem as descobertas de como pensar para decidir quando usar **ece** ou **esse**.

MÓDULO XII — Numeral

Considerações

Os numerais são formas de representação de quantidades precisas ou da ordem das coisas. Nos textos, acompanham ou substituem substantivos. Se comparados aos pronomes, com os quais as crianças os confundem tantas vezes, poderíamos observar que é possível representá-los por meio de algarismos, mas não é possível representar por algarismos as palavras *alguns*, *todos*, *muitos*, que também trazem uma idéia de quantidade, mas indefinida.

Para introduzir o conceito de numerais preparamos uma atividade específica, proposta no Livro do Aluno, intitulada **Idéias ou** 💡. Fazendo essas atividades, as crianças poderão verificar algumas propriedades dos numerais.

Introduzindo o conceito de numeral

Idéias ou 💡

O objetivo dessa atividade é fornecer dados que permitam às crianças começar a construir o conceito de **numeral**.

Questão 1:

Primeiramente elas devem completar cada coluna com a forma de representação que a caracteriza. Como são formas bem diferentes e os numerais são assunto cotidiano nas aulas de Matemática, acreditamos que completarão com facilidade.

Questão 2:

Se a criança olhar para as três colunas de uma mesma linha, poderá perceber que, apesar das formas diferentes de representação, é sempre a mesma quantidade que está sendo representada. Essa é uma das propriedades do numeral.

Questão 3:

Que lei darão para cada coluna? A imaginação das crianças é fantástica. Nosso objetivo é que observem o que há de comum em cada uma das formas de representação.

Questão 4:

Ao pedirmos que completem as três últimas linhas respeitando as características de cada coluna, levamos as crianças a observar as propriedades de cada uma delas. Isso vai prepará-las para o conceito que será pedido a seguir. Como cada criança escolherá um numeral diferente, no momento da correção o professor terá a oportunidade de ampliar o universo de numerais da classe e de observar o que as crianças estão compreendendo através da análise dos seus erros.

Questão 5:

Aqui usamos a nomenclatura da Gramática: **numerais**. Nessa questão o professor abre a discussão para a classe toda. Acreditamos que sua interferência por meio de perguntas seja fundamental. O professor poderá perguntar, por exemplo:

- *É um conjunto finito ou infinito?*
- *Todas essas formas que aparecem na tabela são numerais?*
- *O que eles representam?*
- *Representam quantidades de quê?*
- *Agora vamos observar apenas a 3ª coluna, quando são representados por palavras. Formam um conjunto de palavras variáveis ou invariáveis?*
- *Se variarem, variam em quê?*
- *A palavra **muitos** pode fazer parte desse conjunto? Por quê?*

Após a discussão, terão condições de formular um conceito semelhante a esse:

Numerais são formas de representar uma quantidade. São infinitos. Quando representados por palavras, algumas são variáveis em gênero (primeiro, primeira), em número (primeiras), **informam uma quantidade precisa de qualquer coisa** ou a ordem de algo numa série de coisas.

Questão 6:

Na brincadeira do **Não confunda**, destacamos a importância de se estar atento ao conceito e ao contexto das palavras, para não confundi-las.

a) *Um quarto de hora* são 15 minutos.

b) *No quarto na hora* significa que é para se recolher no horário combinado.

c) *Quarto* em **a** é numeral, em **b** é substantivo.

Se as crianças conseguirem resolver a questão 6, estarão demonstrando saber pensar, e muito conhecimento.

No volume 3 de ***Construindo a escrita – Leitura e Interpretação de Textos***, encontra-se o texto **Abridor de latas**, de Millôr Fernandes, em que se retoma o conceito de numeral, mostrando para as crianças uma possibilidade de uso de numerais para a produção de jogos discursivos. É importante que o professor faça a relação entre o que é estudado no livro de Gramática e as funções textuais analisadas no livro de Leitura e Interpretação.

Em seguida, para que possam ampliar a idéia de numeral, sugerimos a atividade **Emplacando informações**, proposta no Livro do Aluno.

Emplacando informações

Nas situações informais, a representação das quantidades por algarismos é muito mais utilizada do que a representação por extenso. Nessa atividade pretendemos que compreendam o porquê disso.

Questão 1:

Destacamos que os numerais estão representados por algarismos e não por extenso, para que possam responder às questões seguintes.

Questão 2:

a) Os numerais por extenso ocupam muito mais espaço do que os algarismos. Observando isso, as crianças poderão compreender uma das razões da escolha de algarismos, e não de numerais por extenso, nesse tipo de texto.

b) Cremos que a primeira coisa que se evidencia é o espaço maior que o numeral por extenso ocupa.

Questão 3:

Por que essa preferência por algarismos no mundo dos anúncios? Vemos três razões:

1 – Ocupam menos espaço.
2 – Os algarismos destacam-se das letras, chamando mais atenção.
3 – É uma forma mais ágil, mais rápida de se garantir a comunicação.

Pesquisando

Em seguida, os alunos poderão procurar numerais em diferentes portadores de textos. Divida a classe em grupos e peça que cada grupo investigue um tipo de texto, procurando verificar se há numerais e qual sua forma de representação (algarismos ou por extenso?), se aparecem muitos ou poucos e se há alguma relação entre a presença ou a ausência deles naquele tipo de texto.

Sugerimos que investiguem um texto literário, uma receita de comida ou de tricô, atlas, manual de instruções de jogo, um relatório de experimento e outros textos à escolha do professor e do grupo. Para essa análise, podem ser utilizados inclusive os textos do volume 3 de Interpretação de Textos desta coleção.

Após essa análise as crianças terão uma listagem grande de numerais. Podem agora fazer a classificação.

Classificando os numerais

Peça que escrevam em papeizinhos os numerais encontrados nas pesquisas. Depois, em grupos, eles deverão organizar esses numerais, deixando juntos aqueles que são semelhantes. Acreditamos que o conhecimento de Matemática poderá auxiliá-los. A essa altura todos conhecem:

- os cardinais, pois trabalham com eles desde a 1ª série;
- os multiplicativos, pois já viram multiplicação e esses numerais são bastante utilizados em problemas;
- os ordinais, pois fazem parte do cotidiano;
- os fracionários, pois a maior parte das escolas já trabalha com eles na 3ª série.

Feita a classificação com eles, peça-lhes que observem as propriedades de cada grupo e dê um nome para eles. São interessantíssimas as sugestões! Depois, conte como os gramáticos os nomearam e estabeleça as relações entre a idéia e o nome.

Para sistematizar, sugerimos as atividades **Tetra** e **Numerais em quatro cores**, propostas no Livro do Aluno.

Atividades de sistematização

Tetra

É uma atividade de sistematização, para que possam exercitar a classificação dos numerais.

Questão 1:

Organizar os numerais pelo tipo. Escolhemos alguns que costumam apresentar dificuldade na grafia, para que possam também exercitá-la.

Questão 2:

Damos os numerais em algarismos e pedimos a representação por extenso. Nosso objetivo aqui também é trabalhar a grafia de numerais.

Questão 3:

As palavras **cesto** e **sexto** existem, mas com sentidos diferentes. Os desenhos devem mostrar essa diferença!

Numerais em quatro cores

Aproveitamos aqui a estrutura de um jogo fantástico chamado **Quatro cores**, para desenvolver o raciocínio das crianças enquanto treinam um pouco os numerais. As regras estão no Livro do Aluno e é importante que ele seja jogado várias vezes, para que possam descobrir as estratégias mais eficientes do jogo.

Apresentaremos mais algumas sugestões de mapas para o jogo e sugerimos que o professor e as crianças criem outros. É importante que saibam que os mapas devem ser grandes. Partes muito pequenas não são interessantes. Bom divertimento!!!

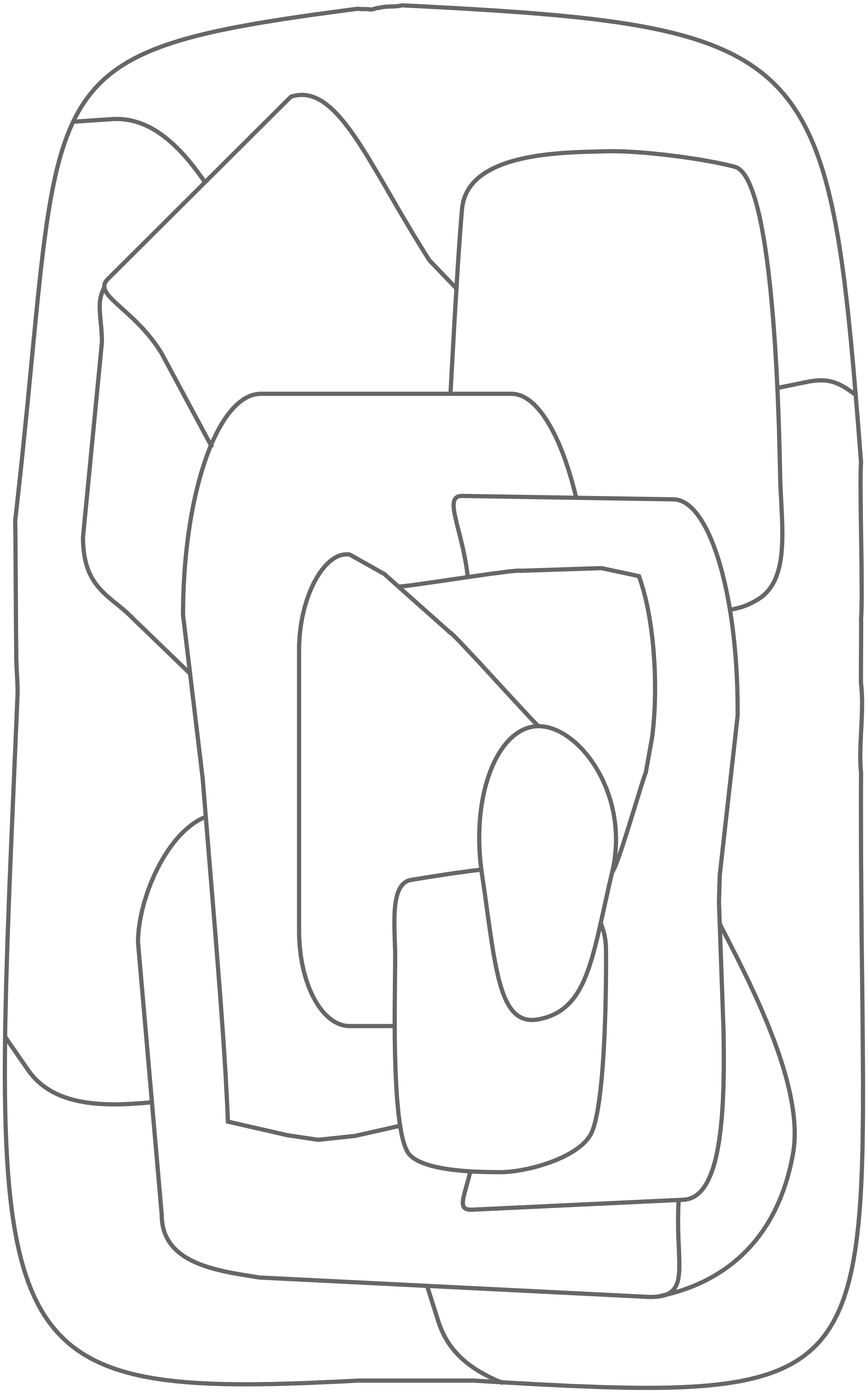

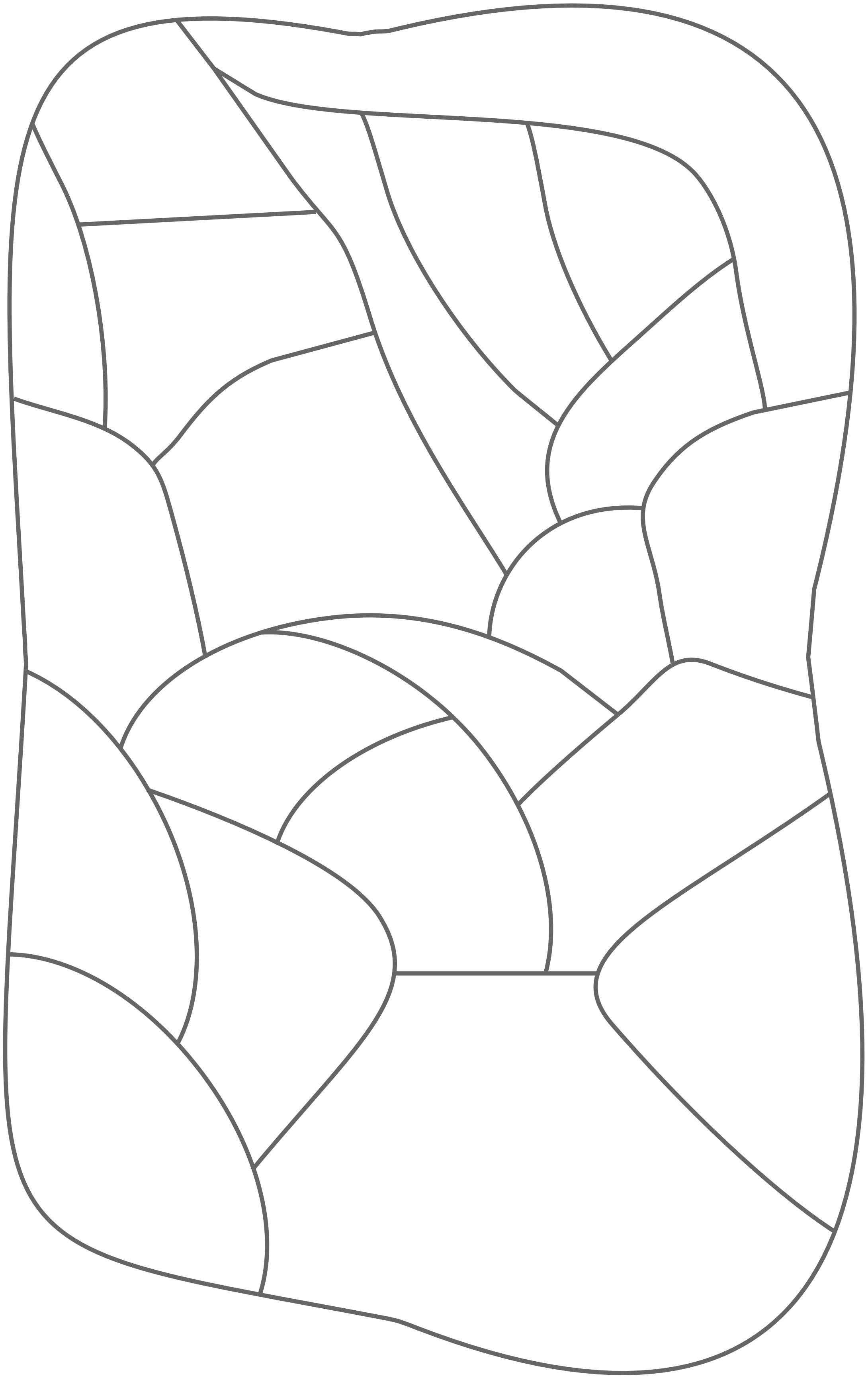

Notícias numéricas

Nosso objetivo nessa atividade é a sistematização do conceito de numeral e sua classificação.

Questão 1:

a) Ao pedirmos que pintem cada tipo de numeral de uma cor, além de localizá-los terão de classificá-los.

b) Saber nomeá-los também é importante. Aparecem cardinais e ordinais.

Questão 2:

Já observamos que em anúncios há muitos numerais representados principalmente por algarismos. E pedimos que analisassem por que era daquela forma. Queremos agora que analisem a relação entre a presença de tantos numerais e essa notícia. Nada mais natural do que aparecer tantos numerais numa notícia de esportes, anunciando datas de provas e colocações.

Questão 3:

O espaço mais ocupado por numerais é o da Matemática. Que tal bolarem problemas? O professor deve avisá-los de que não é permitido copiar problemas que já existem. É preciso criar problemas novos. Depois, os alunos trocam os problemas entre si. Assim, um resolverá o problema elaborado pelo outro.

Que coragem!!!

Nosso objetivo nessa atividade é que percebam que os numerais se referem sempre a quantidades precisas e nunca a uma quantidade imprecisa. É fundamental que isso fique claro, para que não confundam numerais com pronomes indefinidos ou advérbios de quantidade, erros que costumam cometer.

Leia o texto com as crianças. A história, apesar de incrível, é verdadeira! Vá ser macho em outra parte!!!

Questão 1:

Grifamos todas as palavras que se referiam de alguma forma a quantidades. Esta questão pretende apenas isolá-las.

Questão 2:

Ao destacarmos a semelhança entre pronomes indefinidos e numerais — ambos traduzem idéia de quantidade — ajudamos as crianças a enxergar o que as faz confundir essas classes gramaticais.

Questão 3:

Por comparação poderão deduzir que as palavras da coluna da direita do quadro não são numerais porque não representam quantidades precisas.

Numerando

A grafia dos numerais costuma ser um problema para muitas crianças. Que recursos de pensamento podemos ter para facilitar uma decisão ortográfica? Um deles é compreender como a palavra se formou, e esse é o objetivo dessa atividade.

Questão 1:

Ao observarem a formação dos numerais, poderão verificar que os cardinais de **onze** a **dezenove** são escritos com Z.

Questão 2:

São as letras E e Z.

Questão 3:

Pedimos que escrevam os ordinais de dez em dez até o centésimo. Provavelmente os alunos terão dificuldade em saber alguns deles. Ouça as sugestões que derem e depois mostre o correto. Nosso objetivo é a descoberta que poderão fazer a respeito da grafia, que está sugerida na questão 4.

Questão 4:

Eles poderão descobrir que todos terminam em **ésimo**, com S e não com Z, como escrevem sempre!!

Questão 5:

O som é o mesmo nos dois casos, mas a letra que o representa é diferente. Esperamos que agora tenham um instrumento de decisão: os **cardinais** de onze a dezenove são escritos com Z; os **ordinais** de 10 em 10 até 100 são escritos com S.

O trabalho com numerais deve estender-se, agora, para seu uso em textos, produzindo jogos discursivos, e para outras questões ortográficas que o professor achar necessário para seu grupo. Aproveite todas as situações, especialmente as de Matemática, para retomar o estudo dos numerais.

MÓDULO XIII – Interjeição

Introdução do conceito de interjeição

As interjeições são palavras muito presentes no texto das crianças. Desde muito cedo elas descobrem a possibilidade de tradução das emoções que as interjeições encerram, e passam a utilizá-las fluentemente. Acontece que as crianças usam as interjeições, mas não sabem como grafá-las. É por essa razão que, uma vez identificado o conceito, nosso olhar será dirigido para a grafia das interjeições e o trabalho será completado com a análise dos jogos discursivos que elas permitem dentro dos textos. Por que certos tipos de textos não trazem interjeições e outros as utilizam em quantidade? Quais as emoções que podemos produzir através delas? O fechamento do trabalho fica, dessa forma, a cargo da análise de textos no livro ***Construindo a escrita – Leitura e Interpretação de Textos*** — volume 3.

Para que comecem a construir o conceito de interjeição sugerimos a atividade **Hein?... Hã?... Como?...** do Livro do Aluno.

Hein?... Hã?... Como?...

Nosso objetivo é gerar o conceito de interjeição através dessa atividade.

Questão 1:

Pedimos que o aluno circule as interjeições no texto, para serem facilmente resgatadas na pergunta dois.

Questão 2:

Como as interjeições são tradutoras de emoções, de sentimentos, nosso primeiro recorte é para esse aspecto. A emoção que traduzem depende do contexto em que se encontram, por isso a importância de serem retiradas do texto, e não aparecerem isoladas.

Questão 3:

Observando as propriedades, esperamos que consigam definir minimamente a interjeição. Acreditamos que por terem procurado sempre vários aspectos em todas as classes gramaticais também busquem os vários aspectos pertinentes nesse caso. Chegarão a uma definição mais ou menos assim:

Interjeições são palavras invariáveis, infinitas, que exprimem emoção. São elementos afetivos da linguagem e vêm sempre acompanhadas de pontuação.

Questão 4:

As interjeições são sempre acompanhadas de pontuações expressivas. Esse é o objetivo dessa questão. Se você quiser aprofundar a discussão, faça-os observar que são pontos de exclamação, de interrogação, reticências... pois como são tradutoras de emoção, só pontuações expressivas costumam acompanhá-las!

Questão 5:

As interjeições são velhas conhecidas dos alunos. Eles desde cedo adoram usá-las em seus textos, mas costumam grafá-las errado. É essa a razão dessa questão.

Ajude-os a analisar as frases dadas. Acreditamos que não terão dificuldade em tirar as conclusões. O *Ah!* interjeição é o que estão vendo nesse instante; o *A* artigo já é velho conhecido deles; o *Há* verbo é o mais difícil para eles. Ajude-os a compreender que *Há* é verbo pela transformação de tempo.

Oba! Achei mais uma!!!

Como as histórias em quadrinhos são ricas em interjeições, nessa atividade o professor pede, como lição de casa, que procurem interjeições nos gibis, recortem os quadrinhos onde elas aparecem ou desenhem as cenas no livro. Depois, o professor pede que pintem com lápis ou caneta colorida as interjeições que encontraram nos quadrinhos recortados e digam qual a emoção traduzida por elas.

Essa atividade serve como pretexto para se começar um álbum de interjeições da classe. Cabe ao professor decidir quando e como isso poderá acontecer. Temos certeza de que a idéia, quando sugerida, irá pegar fogo!!!

É interessante abrirmos aqui um parêntese. Nas histórias em quadrinhos aparecem muitas onomatopéias. Onomatopéia é o processo de formação das palavras que reproduzem os ruídos, como *splash*, que reproduz o ruído de algo caindo na água; ou *buáááá,* que reproduz o som do choro, etc. Quando essa confusão surgir, peça que observem que a interjeição traduz uma emoção e não um barulho.

Por essa razão acreditamos que será inevitável falar em onomatopéias nesse momento. A atividade **Durma com esse barulho!!!** procura cumprir esse objetivo.

Confronto interjeição x onomatopéia

Durma com esse barulho!!!

Questão 1:

Completar os balões com onomatopéias será muito divertido. Ao corrigir, verifique as diferentes soluções dadas e as formas possíveis de se grafar uma onomatopéia.

Faça-os observar, depois, nas histórias em quadrinhos a associação entre as onomatopéias e o tamanho ou a forma das letras (traços grossos, tremidos, etc.), para indicar a intensidade do que se quer representar. Brinque bastante com eles... e depois veja o que acontecerá nos textos das crianças...

Aproveite também a ocasião para mostrar que esse tipo de palavra não segue as leis ortográficas do sistema. Ao escrevê-las, todas as combinações são possíveis.

Questão 2:

Procure levá-los a observar a diferença entre interjeição e onomatopéia: uma traduz emoções, a outra, barulhos.

Questão 3:

Por serem as histórias em quadrinhos o reino das onomatopéias e interjeições, propomos uma situação na qual terão que usá-las fazendo a correspondência entre imagem e palavra. É uma atividade simples, que pode ser pedida como lição de casa, e que sintetiza os dois conceitos trabalhados.

Quem ri por último... Ih! Esqueci!!!

Fantástica essa bruxa Zelda, não?! Os exercícios são de sistematização e para perceberem a diferença entre *ha* e *há.*

Questão 1:

Ver a aplicação dos conceitos de interjeição e onomatopéia.

Questão 2:

Ao explicarem que uma tem acento e a outra não, verificarão também que uma é interjeição, e a outra, verbo. Aproveite a situação para comparar com o *A* artigo ou pronome e a interjeição Ah! Caso tenham dificuldade em localizar que *há* é verbo, peça-lhes que substituam por *tem*.

Questão 3:

Puxa! É a única palavra acentuada do texto! (além de *há)*

Questão 4:

A Zelda (e creio que todas nós!) gostaria de ser jovem, bela, rica... mas não malvada!

Agora, use sua imaginação, mantenha o fogo do álbum de figurinhas de interjeições e onomatopéias aceso, destaque as emoções traduzidas por elas nos textos e... chega!!!

MÓDULO XIV — Preposição

O trabalho com a preposição terá início neste volume objetivando levar os alunos a:

a) descobrirem o conceito;

b) observarem a importância da relação estabelecida pela preposição.

No volume 4 será proposta uma expansão do conhecimento sobre a preposição, com a investigação de algumas relações possíveis de serem estabelecidas pelas principais preposições e a análise das palavras que elas ligam.

Como introduzir o conceito de preposição

Para introduzir o conceito de preposição sugerimos que as crianças se reúnam em grupos e façam a atividade do Livro do Aluno intitulada **Ligando os fatos.**

Ligando os fatos

O objetivo dessa atividade é possibilitar às crianças que descubram o conceito de preposição. Foram retiradas do texto algumas preposições, não todas, pois queríamos garantir que aparecessem apenas as que não estavam em contração com o artigo, para que não imaginassem que era uma classe variável em gênero e número por causa deles. Assim sendo, fizemos uma pequena adaptação no texto com fins didáticos.

Reúna a classe em pequenos grupos e peça aos alunos que completem o texto. É importante o confronto entre as crianças para uma troca rica de opiniões. Eles costumam sentir dificuldade no início, pois imaginam que devem preencher as lacunas com "uma palavra grande". Depois de completarem as primeiras lacunas, o restante do texto é completado naturalmente.

É importante que o professor esteja ciente de que não temos a expectativa de que acertem tudo. Os possíveis e prováveis erros cometidos serão resgatados no momento da correção coletiva.

Depois de corrigido, poderão iniciar a discussão das questões.

Questão 1:

É uma listagem das preposições encontradas no texto. Ao fazê-la, isolamos as preposições para que possam ser observadas pelos alunos.

Questão 2:

Nosso objetivo é a construção do conceito de preposição. Deixe que digam espontaneamente o que observam em comum entre as palavras utilizadas. Após tanto trabalho anterior, acreditamos que muitas propriedades sejam analisadas espontaneamente. Caso algum aspecto ainda permaneça desapercebido por eles, vá fazendo perguntas desencadeadoras como as que fez para a descoberta das outras classes gramaticais. As crianças costumam fazer observações mais ou menos assim:

"Todas as palavras que nós usamos são pequenas."

"Todas são invariáveis."

"Elas se repetem sempre, são as mesmas que aparecem toda hora." Nessa observação você pode perguntar-lhes se acham, então, que deve ser um conjunto finito ou infinito de palavras.

"Não querem dizer nada que existe no mundo."

"Servem para ligar a palavra grande que vem antes com a que vem depois" ou "servem para completar a idéia".

Ouça-os. Ao levantarem essas características estarão definindo preposição. Organize com eles as idéias e redija a definição na lousa. Acreditamos que ficará aproximadamente assim:

Preposição é uma palavra pequena, invariável; não quer dizer nada que existe no mundo, mas mostra como a palavra grande que vem antes e a palavra grande que vem depois estão ligadas.

Peça depois que copiem no Caderno de Descobertas.

Nosso próximo objetivo é que percebam a importância da presença e da escolha da preposição, pois colocá-la ou não, ou escolher uma ou outra muda toda a significação da frase. Para atingir esse fim propomos o jogo de **Mímica**, apresentado no Livro do Aluno.

Atividades de sistematização

Mímica

Nosso objetivo é que os alunos percebam a importância da preposição: se você mantiver as palavras grandes que vêm antes e depois, mas mudar a preposição, você altera toda a significação!

Regras

1 – Reúna a classe em grupos.

2 – Peça que os alunos abram o livro de Gramática/Ortografia na página do jogo de Mímica.

3 – Escreva em papeizinhos as 8 preposições que completam as lacunas do jogo: *com*, *na*, *após*, *sobre*, *sob*, *contra*, *para*, *até*, e um papel com um X, indicando que não há preposição.

4 – Sorteie os papeizinhos entre os grupos. Cada grupo poderá ficar com uma ou mais preposições e completar a(s) lacuna(s) do exercício.

5 – Cada grupo deve descobrir uma forma de explicar o significado de sua expressão para a classe, dramatizando através de mímica. Vá circulando pelos grupos e verificando se eles compreenderam o sentido da expressão que deverão dramatizar. Caso não saibam, explique para eles.

6 – Os grupos terão um tempo determinado pelo professor para ensaiar ou combinar a dramatização.

7 – O professor vai chamando cada grupo para se apresentar. Enquanto isso, os outros grupos devem ver a dramatização e completar a primeira lacuna vazia do exercício com a preposição que acham adequada para dizer aquele significado representado pelo grupo que está fazendo a mímica.

8 – Depois de cada expressão completada, o professor ouve os grupos, corrige, escreve-a na lousa e todos os grupos que acertaram ganham dois pontos.

9 – Vence o grupo que obtiver o maior número de pontos.

Nosso próximo passo é fazer as crianças observarem que as preposições freqüentemente vêm com artigos "grudados". Para essa descoberta sugerimos a atividade **Quem com quem?**

Quem com quem?

É uma proposta simples. Leia a poesia de Márcia Batista com os alunos e converse sobre ela com eles. Depois, peça que respondam às questões.

Questão 1:

Na questão 1 eles retiram as palavras grifadas para, na questão 2, observar como foram formadas.

Questão 2:

Ao descobrirem o **de + o**, **de + a**, desafie-os a descobrirem o *no*. Como há uma modificação completa na palavra, eles dificilmente concluirão sozinhos. Instigue-os a pensar pelo significado (é uma idéia de lugar), a buscar a lista das preposições que apareceram na atividade **Ligando os fatos,** verificando qual ou quais trariam também idéia de lugar. Como último recurso, demonstre você a relação.

Questão 3:

Ao observarem que as três palavras foram formadas por uma preposição mais um artigo, desafie-os. Pergunte se alguém descobre mais alguma contração de preposição mais artigo, diferente das que já viram. Dificilmente conseguem descobrir. Se o fizerem, melhor, se não conseguirem, apresente-lhes *pelo/pela*, *num/numa.* A partir dessa discussão, já não precisaremos nos preocupar em desfazer as contrações para que achem preposições.

Sugerimos que o professor, nesse momento, peça aos alunos que voltem ao texto *A Girafa Branca* e que procurem as preposições em contração com artigos que houver no primeiro parágrafo.

Para aprofundar o trabalho, o professor pode, se quiser, em situações informais, mostrar para as crianças que elas já tinham visto as preposições nas locuções adjetivas. Além disso, sempre que estiver trabalhando com textos, destacar as preposições e, se possível, analisar jogos de palavras (especialmente de humor), produzidos através delas. Uma ampliação maior do conceito, só no volume 4.

Para finalizar o trabalho deste volume com preposição propomos um jogo, descrito a seguir, e que consta do Livro do Aluno:

Para criar, de criação, com criatividade

Nosso objetivo é que, através desse jogo, possam usar diferentes preposições em um mesmo contexto, deixando evidentes as diferentes relações que elas estabelecem entre os termos.

Como jogar:

1 – Reúna a classe em grupos.

2 – Marque um tempo e peça que completem as frases propostas nos blocos 1 e 2 com todas as preposições possíveis de serem usadas, conferindo diferentes sentidos. Cada grupo deverá colocar **todas** as soluções possíveis que houver em cada frase.

3 – Terminado o tempo, um aluno de cada equipe muda para outra a fim de funcionar como fiscal, evitando problemas de alteração de resposta.

4 – O professor sorteia um número de um a quinze e a equipe da vez deve responder, dando as soluções da frase sorteada.

5 – Todos os grupos que tiverem acertado ganham 2 pontos para cada preposição correta.

6 – Caso haja mais alguma resposta que outra equipe tiver encontrado, deve dizê-la, e as demais que tiverem completado dessa forma também ganham 2 pontos.

7 – A equipe que tiver completado com a preposição errada perde 2 pontos. (Essa regra tem o objetivo de evitar que eles completem sem pensar, arriscando simplesmente, em busca de pontos.)

8 – Ganha a equipe que obtiver o maior número de pontos.

Ao fazer a correção, o professor deve procurar ajudá-los a refletir sobre a idéia traduzida pelas diferentes preposições. É essa reflexão que possibilitará que venham a ter condições de fazer uma boa escolha da preposição, quando estiverem escrevendo.

Encaixe perfeito

Nosso objetivo nessa atividade é que os alunos reflitam sobre as relações estabelecidas pelas diferentes preposições. São sete frases e sete preposições. Há lacunas que podem ser preenchidas por mais de uma preposição, mas para cada frase o aluno deve escolher apenas uma das possibilidades. Para isso terá que saber fazer as escolhas.

Pode ser realizada em grupo, na classe, ou como lição de casa. Voltamos a chamar a atenção do professor para a importância de sua postura ao longo das atividades: não temos a expectativa de que as crianças saibam responder tudo corretamente. Nosso objetivo é que comecem a pensar no assunto, que busquem soluções, que transformem as preposições em algo sobre o qual é preciso parar para pensar. Para que esse objetivo seja atingido, não se pode trabalhar centrado em certo ou errado. O mais importante é pensar sobre o assunto e não simplesmente acertar ou errar.

Terminamos o exercício pedindo que façam frases. Após tantas situações, acreditamos que não serão grandes as dúvidas. No momento da correção, como sempre, procure ouvi-los e compreender seu pensamento para ajudá-los da forma mais eficiente.

Use e abuse

É uma atividade tradicional, de completar as lacunas. Pode ser feita como lição de casa, e a correção feita individualmente. O objetivo é que as crianças sistematizem o conteúdo, e que o professor possa diagnosticar o que as crianças têm compreendido.

Depois de vivenciarem em tantas situações a importância da relação estabelecida pela preposição, nossos olhos voltam-se para o significado delas. Para ligarem as colunas da direita e da esquerda na questão 2, terão que pensar um contexto de frase com aquela preposição e depois tomar a decisão para definir qual é seu significado.

Não nos aprofundaremos mais nesse aspecto por ser objeto de estudo do próximo volume. Voltamos a chamar a atenção do professor para a importância de usar o momento da correção como um espaço para levá-los à reflexão e um momento para conhecer o que pensam, e não simplesmente dizer certo ou errado, como soluções prontas.

APÊNDICE

Usando o dicionário

O trabalho com dicionário teve início no volume 1 com a descoberta de seu uso como um recurso de decisão ortográfica. As atividades propostas naquele volume estiveram centradas nos seguintes objetivos:

- descobrir a organização do dicionário por ordem alfabética, considerando a primeira, a segunda, a terceira letra de uma palavra, sucessivamente;
- descobrir a estrutura de organização;
- desenvolver recursos de busca rápida de palavras no dicionário. (Se não houver certa agilidade na consulta, o dicionário torna-se mais um problema do que uma solução.)

No volume 2 ampliamos o uso do dicionário como recurso de descoberta de significado. As crianças trabalharam simultaneamente com dedução de sentido pelo contexto e com polissemia. Viram que o dicionário trazia todos os sentidos possíveis de cada palavra e que elas deveriam analisar qual sentido era viável em um determinado contexto. Verificaram também como encontrar palavras que estavam no texto de uma forma e no dicionário de outra, como no caso de femininos, aumentativos e diminutivos.

No volume 3 pretendemos ampliar o uso do dicionário nas seguintes direções:

- Descobrir que o dicionário informa a classe gramatical das palavras, assunto que será desenvolvido neste volume.
- Verificar que ele informa a maneira como a palavra se formou e sua origem.
- Utilizar o dicionário como fonte de pesquisa ortográfica, para verificar se descobertas feitas nas pesquisas são válidas, confrontando-as com hipóteses.
- Descobrir os símbolos e as informações gerais que o dicionário traz.

Esses objetivos devem estar presentes na cabeça do professor, pois, acima de tudo, é no uso informal e cotidiano do dicionário que eles serão atingidos. Vamos sugerir algumas atividades de investigação específica e esperamos que o professor sistematize as descobertas no dia-a-dia.

Como introduzir novas informações contidas no dicionário

Retome com eles tudo o que já sabem sobre o dicionário: para que serve, estratégias de busca e tudo o que souberem de interessante. Depois, peça que se reúnam em duplas, peguem o dicionário e comecem a folheá-lo, página por página, analisando o que aparece, os símbolos que ele contém, levantando hipóteses de significado desses símbolos. Vá discutindo o que é e o que significa cada um deles. O dicionário que utilizamos para análise foi o **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, Editora Nova Fronteira, 2ª edição, revista e aumentada. Caso as crianças estejam pesquisando em outro dicionário, é necessário o professor adaptar nossos comentários às informações e símbolos presentes no exemplar que elas têm.

Durante o trabalho poderão surgir perguntas do tipo:

- O Aurélio escreveu tudo sozinho ou outras pessoas o ajudaram?
- Ele conhece todas as palavras da língua?
- O que é prefácio? (Vale a pena ler o do Aurélio. É muito interessante.)
- O que são essas letras que aparecem depois das palavras? (São abreviaturas das classes gramaticais ou indicações de origem das palavras.)
- O que são esses numerozinhos que aparecem elevados ao lado de algumas palavras, como *a*$^{-2}$ + *compadre* + *–ar*^{2}?
- Por que às vezes aparece (ô) depois da palavra?

E muitos outros símbolos que aparecem nos verbetes de um dicionário podem ser questionados.

O professor deve sempre procurar levar os alunos a tentar descobrir pelo contexto o que significam os símbolos que encontram e, caso ninguém descubra, dar a informação.

Uma vez descobertos os símbolos, as crianças poderão descobrir que o dicionário, além de informar a ortografia das palavras, informa o sentido, a origem, a classe gramatical, a maneira como se formou, o gênero, o número, o grau, as expressões regionais ou de áreas específicas do conhecimento. Com todas essas descobertas as crianças poderão ter o dicionário como um recurso de pesquisa muito mais amplo e significativo do que normalmente é utilizado.

Além de todos esses usos, o dicionário será importante recurso de pesquisas ortográficas, como está minuciosamente explicado nos módulos de ortografia.

Sugestões de jogos ortográficos para sistematização

Jogos de *Stop*

Os jogos de ***Stop*** são altamente lúdicos, costumam mobilizar muito as crianças e caracterizam-se por pedir uma tarefa que deverá ser cumprida em um prazo curto de tempo. Cada um dos tipos de ***Stop*** propicia uma forma própria de atuação e tem um objetivo específico. Assim sendo, o professor poderá escolher o jogo, adequando-o aos conteúdos a serem trabalhados.

Stop **ortográfico**

Objetivos pedagógicos

1) Sistematizar dificuldades ortográficas que o professor considere relevantes.
2) Trabalhar com a imagem mental das palavras.
3) Acionar o vocabulário ativo e passivo dos alunos.
4) Revisar conteúdos gramaticais (tonicidade, classes gramaticais e outros).
5) Utilizar as descobertas e regras que os alunos **tenham** feito sobre Ortografia e/ou Gramática.

Descrição do jogo

Cada aluno ou equipe deve ter uma folha com um quadriculado grande, que pode variar de tamanho dependendo da faixa etária das crianças que estiverem jogando. Por exemplo, num jogo com 25 palavras, pedir que os alunos façam uma tabela com 36 quadros (6 x 6 → horizontal x vertical), que deve ser preenchida da seguinte forma:

1) Na 1ª linha superior colocam-se as dificuldades que serão trabalhadas. É importante notar que o objetivo do jogo é encontrar palavras que **tenham** essa(s) letra(s) ou dificuldades, e não palavras que **comecem** com elas.

2) Na 1ª coluna da esquerda, completar os espaços indicando o campo semântico a que as palavras devem pertencer, e que podem variar segundo os interesses das crianças. Os alunos gostam de universos vocabulares como CEP (cidade ou estado ou país), marcas de carros, cigarros, frutas, animais, partes do corpo humano, objetos de uma casa ou de um escritório, ou ainda palavras oxítonas, paroxítonas, proparoxítonas, substantivos, verbos, adjetivos, etc.

3) A um sinal do professor, as equipes devem preencher o jogo com uma palavra que atenda aos pedidos da linha e da coluna onde o quadro se encontra.

4) Não vale escrever mais de uma palavra por quadrinho, nem procurar no dicionário.

5) A primeira equipe que terminar de preencher a tabela deve dizer *Stop*! e todas as outras param imediatamente de escrever.

Exemplo:

	X	CH	Ç	SS	S
CIDADES					
ESTADOS					
PAÍSES					
ANIMAIS					
CARROS					

Correção e contagem dos pontos

Para a correção, os alunos devem permanecer organizados em equipes. Um aluno de cada equipe se levanta e vai para a equipe ao lado, de tal forma que o jogo seja corrigido sob o controle do fiscal da outra equipe. Isto evita mal-entendidos. O professor vai, então, pedindo que cada equipe diga sua palavra daquele quadrinho. Por exemplo: a 1ª equipe diz sua palavra de CIDADE com X, depois a segunda diz a dela, e assim sucessivamente; em seguida, cada equipe vai falando um nome de animal com X, etc., e o professor vai escrevendo cada palavra na lousa.

Quando a palavra oferecer alguma dificuldade maior ou for um "tipo" que os alunos costumam errar na grafia, o professor pede que a equipe soletre para ele escrever, ou um aluno levanta-se e vai escrever na lousa. Isso garante o cuidado com a grafia, uma vez que a correção é uma necessidade inerente ao jogo.

Conforme os alunos vão falando suas palavras, o professor vai anotando os pontos de cada grupo. Vence o grupo que obtiver o maior número de pontos na tabela.

Para a contagem dos pontos, devem ser observados os seguintes critérios:

1) Se dois ou mais grupos escreveram a mesma palavra, **5** pontos para cada grupo.

2) Se um único grupo escreveu aquela palavra, **10** pontos para esse grupo.

3) Se um único grupo conseguiu preencher aquele quadrinho e todos os outros deixaram em branco, este grupo recebe **15** pontos.

4) Se o quadrinho ficou em branco ou a palavra escrita apresentava algum erro na grafia, **0** ponto.

***Stop* no texto**

Objetivo pedagógico

O objetivo desse jogo é desenvolver uma leitura de **revisor** nos alunos, para que possam exercê-la na revisão de seus próprios textos. Para desenvolvê-la, é preciso aprender a olhar o texto pela forma e não pelo conteúdo.

É um jogo que pode ser realizado nos minutos finais da aula, de improviso. É importante que seja repetido com certa freqüência para que atinja os objetivos pedagógicos estabelecidos.

O jogo

O professor pode aproveitar o texto que está sendo lido na classe para interpretação, por exemplo, e pedir que encontrem nesse texto um número x de palavras com uma determinada letra. Por exemplo, uma palavra com **H** em qualquer posição. Todas as palavras devem ser sublinhadas no texto.

Vence o aluno que conseguir encontrá-las primeiro. Caso você tenha alguns alunos que sejam rápidos demais e nunca deixam os outros chegarem próximo do fim, prossiga até encontrar o 5º ou o 6º colocados.

É um jogo rápido, que anima muito a classe, além de desenvolver o papel do revisor nas crianças. As palavras obtidas podem servir de universo para outras atividades.

***Stop* em colunas**

Objetivos pedagógicos

Essa modalidade de ***Stop*** é mais uma forma de sistematização interessante de ser desenvolvida depois de atividades de descoberta sobre o sistema ortográfico. Ela jamais deve ser jogada como ponto de partida ou sem que tenha sido feita a análise do sistema anteriormente.

O ***Stop*** em colunas propicia uma nova situação para a criança utilizar a série de palavras em que a letra se encontra, aguçando seu olhar para esse tipo de propriedade do sistema ortográfico. É muito bom para desenvolver o papel do revisor na criança.

O jogo

Esse jogo consta de uma folha de sulfite com uma lista de palavras que devem ser organizadas em colunas, de acordo com as dificuldades indicadas. O procedimento é simples.

1) Uma vez distribuídas as folhas, o professor fala *Já!* e todos arrumam as palavras nas colunas. O professor pode, também, determinar um tempo. Por exemplo: *Vocês têm 2 minutos (ou 5 minutos) para preencher a tabela.* Especialmente com crianças menores esta forma tem se mostrado mais eficiente.

2) Quem terminar primeiro e corretamente vence. É importante que o professor verifique se o aluno preencheu criteriosamente, pois há crianças que, no desespero de ganhar, fazem qualquer coisa, só para terminar primeiro, impedindo que todos possam pensar e aprender.

3) O professor deve utilizar o momento da correção para observar e trabalhar com os "erros" dos alunos, e não simplesmente dizer *Certo* ou *Errado*.

4) A correção é feita na lousa, e não há contagem de pontos.

Exemplo de uma tabela de ***Stop*** em colunas com a letra R:

rapaz
perto
drama
empurrado
topar
acordei
selar
enviar
agressivo
parado
ricaço
Araraquara
arranha
ordem
aranha
ruína
arrastou
artigo
certeza

R + vogal (início de palavra)	vogal + R + consoante	consoante + R + vogal
rapaz...		
...		

R entre vogais	RR entre vogais	

Stop de descoberta

Essa variação de ***Stop*** é uma atividade muito rica, que permite trabalhar com uma variedade muito grande de palavras. O número de palavras propostas deve variar de acordo com a série do aluno, podendo ser realizado de 1ª a 8ª série com sucesso.

Objetivos pedagógicos

1) Trabalhar com a imagem mental da palavra.
2) Acionar o vocabulário passivo do aluno.
3) Desenvolver estratégias de pensamento.
4) Desenvolver estratégias de decisão sobre a ortografia da palavra.
5) Sistematizar um determinado aspecto ortográfico.

Objetivos do jogo

1) Completar a tabela com a maior rapidez possível.

2) Obter o maior número de pontos ao completá-la. Vence o aluno que obtiver o maior número de pontos na tabela e não o que terminou primeiro.

O jogo

1) Os alunos podem jogar individualmente ou em grupo (nunca mais de quatro elementos).

2) Cada aluno ou grupo deve encontrar uma palavra que satisfaça as características dadas pela tabela.

3) Pode-se completar o espaço com apenas uma letra ou com uma ou mais sílabas, desde que se forme uma palavra que existe.

4) Quando algum aluno ou grupo termina, grita *Stop!* e todos devem parar de escrever. Procede-se, então, à correção na lousa, com a análise dos pontos obtidos.

5) Pode-se também jogar com um tempo marcado pelo professor, e o jogo termina quando ele diz *Stop!*

6) Após a contagem, indicar o(s) vencedor(es).

Contagem dos pontos

1) Se mais de um aluno completou com a mesma palavra, **5** pontos para cada um.

2) Se apenas um aluno (ou grupo) escreveu aquela palavra, **10** pontos para ele.

3) Se apenas um aluno (ou grupo) preencheu o espaço e mais ninguém descobriu uma palavra para aquela lacuna, **15** pontos para ele.

4) Palavra com erro de ortografia, **0** ponto.

Não permitir o uso do dicionário ao longo do jogo, para levar os alunos a utilizarem as regras de ortografia que tiverem construído.

Exemplo de tabela do ***Stop*** de descoberta:

r ________________
tor _______________
______rr _________
r ________________r
_________ r ______

pr _______________
_________________ r
_______ rr ________r
br _______________
_____ fer _________

______tr _________r
r _____gr_________
dr _______________
___ por __________
ar _______________

Caso a tabela seja semelhante a esta, não esquecer de avisar os alunos de que quando o **r** aparece em séries como **tor**, ele deve ser a última letra da sílaba. Por exemplo: não vale palavra como **tora**, vale **torneira.**

Explicar também que o espaço marcado na tabela não tem nada a ver com o número de letras ou sílabas que a palavra deve ter. Valem, por exemplo, **torneira**, **torpedo**, **torpedinho**, **torta**.

Bingo ortográfico

Objetivos pedagógicos

1) Sistematizar a grafia de determinadas palavras.

2) Construir regras ortográficas a partir da observação de elementos lingüísticos.

O jogo

Durante o sorteio das palavras pelo professor, o objetivo é ser o primeiro a completar uma linha ou coluna de palavras sorteadas e grafadas corretamente.

1) Distribuir uma folha com uma tabela ou pedir aos alunos que façam uma com 16 ou 25 quadrados (4 x 4 ou 5 x 5).

2) O professor seleciona as 16 ou 25 palavras (depende da tabela que estiver utilizando), dita uma a uma e vai escrevendo cada uma em um pedaço de papel cortado. Fecha cada palavra e joga os papéis dentro de um saco plástico, para o sorteio.

3) Cada aluno irá escrever a palavra ditada em algum lugar da tabela, de tal forma que, ao final, cada um terá uma tabela organizada de forma diferente.

4) Quando as tabelas estiverem preenchidas, o professor começa a sortear as palavras e os alunos vão assinalando em suas tabelas. Quando alguém preencher uma linha, coluna ou diagonal, passando pelo centro, levanta a mão e mostra para o professor. Se todas as palavras da linha completada estiverem corretas, o aluno vence. Se alguma apresentar grafia incorreta, o professor avisa que há erro mas não indica onde, e o aluno continua participando com outra linha ou coluna.

5) Como a intenção é aprender e jogar, vencer se torna menos relevante. Portanto, o professor continua o sorteio de palavras até quando achar conveniente para sua classe, não importando quantos vencedores houver.

A correção

A correção deve ser feita na lousa e utilizada como um espaço para a discussão e reflexão sobre algum aspecto ortográfico. Por exemplo, se o objetivo do Bingo fosse a descoberta de diferenças entre AM e ÃO, o professor ditaria no Bingo apenas palavras com essas duas terminações e que não tivessem acento, e no momento da correção perguntaria aos alunos: *O que há em comum entre as palavras que foram ditadas?* Os alunos costumam responder que todas terminam em AM ou ÃO. O professor faz uma divisão na lousa e vai corrigindo de forma que cada terminação fique em uma coluna. Ao terminar de colocar as palavras na lousa, pergunta para os alunos: *O que todas essas palavras têm em comum além do fato de terminarem em AM?* (A mesma pergunta é feita para a outra coluna.) Os alunos poderão constatar que as palavras terminadas em AM são paroxítonas e as terminadas em ÃO são oxítonas, se não tiverem acento.

A descoberta é registrada no Caderno de Descobertas, e as palavras do Bingo, copiadas no caderno.

Jogo das dicas

Objetivos pedagógicos

1) Revisar conteúdos já trabalhados, aplicados a uma situação ortográfica.

2) Aprender a ouvir ordens, estando atento aos detalhes do enunciado.

O jogo

O objetivo do jogo é descobrir a palavra que está sendo ditada, a partir de dicas dadas pelo professor.

1) É para ser jogado individualmente, com a classe toda.

2) O professor seleciona um número x de palavras com a dificuldade que pretende trabalhar e propõe à classe que, em vez de falar a palavra, dará dicas e cada aluno deverá escrever em seu caderno a palavra que imaginou.

3) O professor deverá utilizar critérios variados para dar as dicas e poderá aproveitar para trabalhar conceitos de todas as áreas. Exemplos de dicas:

a) A palavra na qual estou pensando tem (número) letras e (número) sílabas e é sinônimo de...

b) É o nome que se dá ao processo de nascimento e crescimento de uma semente.

c) É um substantivo trissílabo que dá nome a um sentimento que temos quando…

d) É um adjetivo que é antônimo de ..., etc.

Esse jogo é muito bom para se trabalhar com palavras homófonas (que são pronunciadas da mesma forma, mas grafadas de forma diferente), como **chá** e **xá**, **auto** e **alto**, **acender** e **ascender**, etc. Ao utilizá-lo dessa forma, estaremos reforçando nas crianças a concepção de que ortografia e significado estão relacionados.

Contagem de pontos

1) Palavra certa no sentido e na ortografia — **2** pontos.

2) Palavra certa no sentido e errada na ortografia — **1** ponto.

3) Palavra errada no sentido e na ortografia — **0** ponto.

Palavras cruzadas

Objetivos pedagógicos

1) Descobrir regras ortográficas.

2) Utilizar conceitos já trabalhados.

O jogo

O jogo de palavras cruzadas já é conhecido de todos. Podemos utilizá-lo para trabalhar Ortografia e os conceitos que quisermos. Basta selecionar as palavras mais interessantes para o assunto a ser trabalhado.

Para tal, é importante que o professor tenha em mente que o objetivo do jogo não é simplesmente ser divertido, mas que, através dele, conteúdos lingüísticos e psicológicos estão sendo trabalhados.

O professor poderá pedir, como lição de casa, que o aluno monte palavras cruzadas com determinada dificuldade ortográfica para que os colegas respondam. No dia seguinte todos trocam os jogos e um responde o do outro.

A montagem dos jogos exige raciocínio e capacidade de definição, dois elementos importantes de serem trabalhados. É interessante que na primeira vez esta atividade seja realizada em sala de aula, para que o professor possa auxiliá-los nessa descoberta.

Soletrando

Objetivos pedagógicos

1) Trabalhar com a imagem mental da palavra.

2) Distinguir as noções de letra e nome da letra.

O jogo

O objetivo do jogo é conseguir soletrar a palavra corretamente.

1) O professor pede que os alunos pesquisem, em casa, palavras com uma determinada dificuldade ortográfica e tragam o jogo para a classe. Por exemplo, palavras que tenham **R**, ou que tenham **X** ou **CH**.

2) No dia seguinte, a classe deve ser dividida em equipes de três ou quatro elementos, que serão, daqui em diante, chamados de aluno número 1, 2, 3, 4, em cada equipe.

3) O jogador número 1 escolhe uma de suas palavras e pede que o jogador número 2 a soletre, isto é, *ele deve escrever a palavra na cabeça e soletrá-la letra por letra, na seqüência certa*. Enquanto isso, o jogador número 1 (o que ditou a palavra) vai escrevendo cada letra ditada.

4) Quando o jogador número 2 termina de soletrar, o número 1 diz se ele acertou ou errou. Se o 2 acertou, ganha um ponto e dita uma palavra para o 3. Se o 2 errou, o número 1 avisa que está errado e pede que o jogador 3 soletre a palavra. Caso acerte, o ponto será dele (do número 3).

5) O jogador número 3 diz, então, sua palavra para o jogador número 4.

6) O jogo termina após terem sido ditadas todas as palavras selecionadas, ou após um tempo determinado pelo professor ou combinado com a classe.

Jogo dos animais

Objetivos pedagógicos

a) Utilizar os conhecimentos gerados nas atividades de reflexão sobre uma determinada letra.

b) Trabalhar com a imagem mental das palavras.

c) Utilizar os processos mentais de classificação e seriação em uma situação ortográfica.

O jogo

O objetivo do jogo é que o aluno descubra como deve organizar letras móveis para formar as palavras que foram sugeridas através das dicas dadas na tabela.

O professor divide a classe em grupos de quatro elementos e entrega para cada grupo uma tabela como a que será mostrada adiante, junto com um montinho de letras coloridas já selecionadas para formar as palavras. Esse jogo pode ser feito com cartolina e canetinha hidrocor.

Organizada a classe, o professor dá as dicas do jogo. Exemplo: *Com essas letras dá para vocês montarem nove palavras. Todas elas são nomes de animais. Todos os nomes têm a letra **H**.*

Dadas as dicas, o professor pede aos alunos que descubram e organizem as palavras na tabela abaixo, encontrando o lugar certo de cada uma.

Vence(m) o(s) grupo(s) que conseguir(em) organizar a tabela corretamente.

Veja um exemplo: jogo para treino da letra **H**.

Nomes dos animais: cachorro, abelha, ovelha, minhoca, aranha.

V	C	V	C	C	V		
C	V	C	C	V	C	V	
C	V	C	C	V	C	C	V
V	C	V	C	C	V		
V	C	V	C	C	V		

V = vogal
C = consoante

Deixar sempre uma linha de espaços em branco, onde o aluno vai escrever as letras, e outra linha com a indicação **vogal** ou **consoante** como dica para o aluno saber que letra colocar neste espaço.

Os alunos receberiam, no caso da tabela acima, um saquinho com as letras: A (8), B (1), C (3), E (2), H (5), I (1), L (2), M (2), N (2), O (4), R (3), V (1), que seriam utilizadas para o preenchimento da tabela.

Quando este jogo for realizado com alunos de 1ª série, é bom que o nome de cada animal esteja escrito com uma cor diferente, para que o desafio não esteja acima do limite deles. Se o jogo for feito com alunos de outras séries, pode-se manter a mesma cor para todas as palavras.

Bibliografia para pesquisa teórica

FERREIRO, Emilia. *Alfabetização em processo*. São Paulo, Cortez, 1986.

__________ & TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.

GALVES, Charlotte; Orlandi, Eni Pulcinelli; Otoni, Paulo, orgs. *O texto: escrita e leitura.* Campinas, Pontes, 1988.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1973.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. São Paulo, Contexto, 1991.

MACEDO, Lino de. *Ensaios construtivistas*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1994.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas, Pontes, 1987.

__________. *Discurso e leitura*. São Paulo, Cortez, 1988.

PIAGET, Jean. *A tomada de consciência*. Tradução de Edson Braga de Souza. São Paulo, Melhoramentos/Edusp, 1977.

__________. *Fazer e compreender*. Tradução de Cristina Larroudé de Paula Leite. São Paulo, Melhoramentos/Edusp, 1978.

__________ & INHELDER, Barbel. *A psicologia da criança*. Tradução de Otávio Mendes Campos. São Paulo, Difel, 1980.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Licenças de Software 2

- Software Proprietário ou Não Livre 2
- Licença de Software Livre (Opensource) 2
- Licenças de Software Gratuito 3

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Licenças de Software

Software Proprietário ou Não Livre

É aquele cuja cópia, redistribuição ou modificação são em alguma medida restritos pelo seu criador ou distribuidor. A expressão foi cunhada em oposição ao conceito de software livre.

Normalmente, a fim de que se possa: utilizar, copiar, ter acesso ao código-fonte ou redistribuir, deve-se solicitar permissão ao proprietário, ou pagar para poder fazê-lo: será necessário, portanto, adquirir uma licença, tradicionalmente onerosa, para cada uma destas ações.

Alguns dos mais conhecidos softwares proprietários são o Microsoft Windows, o Real Player, o Adobe Photoshop, o Mac OS, o WinZip, algumas versões do UNIX, entre outros.

Um software proprietário pode ser gratuito, porém mantém-se sua característica principal de não disponibilizar o código-fonte.

Software Proprietário é aquele em que não se tem acesso ao Código Fonte.

> Ex.: Microsoft Windows, Microsoft Office e MSN SOFTWARE LIVRE

Segundo a definição criada pela Free Software Foundation é qualquer programa de computador que pode ser usado; copiado, estudado e redistribuído sem nenhuma restrição. A liberdade de tais diretrizes é central ao conceito, o qual se opõe ao conceito de software proprietário, mas não ao software que é vendido almejando lucro (software comercial e ou proprietário). A maneira usual de distribuição de software livre é anexar a este uma licença de software livre, e tornar o código fonte do programa disponível.

Software Livre Tem-se acesso ao Código Fonte.

> Ex.: BrOffice e Linux

Licença de Software Livre (Opensource)

GNU - General Public License ou simplismente GPL.

→ Em termos gerais, a GPL baseia-se em 04 (quatro) liberdades:

> Liberdade 00 - Executar o software seja qual for a sua finalidade.

> Liberdade 01 - Acessar o código-fonte do programa e modificá-lo conforme sua necessidade e distribuir suas melhorias ao público, de modo que elas fiquem disponíveis para a comunidade.

> Liberdade 02 - Fazer cópias e distribuí-las para quem desejar de modo que você possa ajudar ao seu próximo.

> Liberdade 03 - Melhorar o programa e distribuir suas melhorias ao público, de modo que elas fiquem disponíveis para a comunidade.

O acesso ao código-fonte é um pré-requisito para os itens 02 e 03.

Com a garantia destas liberdades, a GPL (CopyLeft) permite que os programas sejam distribuídos e reaproveitados, mantendo, porém, os direitos do autor por forma a não permitir que essa informação seja usada de uma maneira que limite as liberdades originais. A licença não permite, por exemplo, que o código seja apoderado por outra pessoa, ou que sejam impostos sobre ele restrições que impeçam que seja distribuído da mesma maneira que foi adquirido.

→ Outros tipos de licença de Software Livre:

> BSD - Esta é uma licença considerada ‘permissiva’ porque impõe poucas restrições sobre a forma de uso, alterações e redistribuição do software licenciado.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

O software pode ser vendido e não há obrigações quanto à inclusão do código fonte, podendo o mesmo ser incluído em software proprietário. Esta licença garante o crédito aos autores do software, mas não tenta garantir que trabalhos derivados permanecem como software livre.

- LGPL - Licença não-permissiva; permite a redistribuição quando mantida a garantia de liberdade. E ainda permite que seu código-fonte seja usado num outro projeto não-livre, porém exige o código-fonte original, se houver modificações no mesmo, relaxando essa exigência do produto final.
- OSD - É a licença copyleft; permite redistribuição e garante livre acesso ao código.
- X-MIT - São permissivas; permitem que versões modificadas possam ser redistribuídas de forma não-livre.

Licenças de Software Gratuito

- Freeware - São programas gratuitos, eles não expiram e você pode usá-los livremente que nunca terá que pagar nada por isso. Alguns programas são gratuitos apenas para pessoas físicas ou uso não comercial.
- Adware (Advertising Software) - Também são programas gratuitos, mas trazem publicidade em forma de banners ou links que bancam os custos do desenvolvimento e manutenção do software. Muitos adwares oferecem versões pagas dos programas, sem propaganda, mas a compra neste caso é opcional, você pode ficar com a versão suportada por banners por quanto tempo quiser. Cuidado com este cara muitas bancas consideram o Adware como um Malware, por muitas vezes aparecer de forma indesejada, por exemplo, o aplicativo NERO de gravações de CD’s e DVD’s , em algumas de suas versões, junto ao processo de instalação deste aparecia uma opção para instalar uma barra de ferramentas de um motor de busca em seu navegador assim como alterava o seu motor de busca padrão para o instalado, ASK, neste caso o ASK um Adware, é considerado como Malware.

→ Licença de Software Gratuito para Testar:

- Shareware - São programas que após um determinado tempo de uso - este tempo varia de programa para programa - ou número de utilizações, perde algumas ou todas as suas funcionalidades. Após este período você deve ou apagá-lo do computador ou registrá-lo através do pagamento de uma taxa ao desenvolvedor. Como um usuário registrado você tem inúmeros benefícios, desde suporte a atualizações gratuitas do programa. Lembre-se que você não é obrigado a pagar o registro do programa, se não quiser pagar basta apagá-lo do micro.

EXERCÍCIOS

Acerca de componentes de informática e dos sistemas operacionais Linux e Windows, julgue os itens a seguir.

01. Ao contrário de um software proprietário, o software livre, ou de código aberto, permite que o usuário tenha acesso ao código-fonte do programa, o que torna possível estudar sua estrutura e modificá-lo. O GNU/Linux é exemplo de sistema operacional livre usado em servidores.

Certo ( ) Errado ( )

02. A forma de distribuição de software que permite copiar, distribuir sem restrições e usar experimentalmente por um determinado período, após o qual, para continuar o uso, é necessário pagar um valor que geralmente é pequeno em relação a outros softwares proprietários, é denominada:

a) Freeware.
b) Litewaire.
c) Shareware.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

d) Firmware.

e) Mallware.

GABARITO

01 - CERTO

02 - C

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Lista Questões Arcadismo

1 - (FESP) Aponte a alternativa cujo conteúdo não se aplica ao Arcadismo.

a) Desenvolvimento do gênero épico, registrando o início da corrente indianista na poesia brasileira.

b) Presença da mitologia grega na poesia de alguns poetas desse período.

c) Propagação do gênero lírico em que os poetas assumem a postura de pastores e transformam a realidade num quadro idealizado.

d) Circulação de manuscritos anônimos de teor satírico e conteúdo político.

e) Penetração de tendência mística e religiosa, vinculada à expressão de ter ou não fé.

2 - (UFRS) Instrução: Os fragmentos abaixo se referem à questão a seguir:

I – Nise? Nise? Onde estás? Aonde espera

Achar-te uma alma, que por ti suspira (...)

II – Glaura! Glaura! Não respondes?

E te escondes nestas brenhas?

Dou às penhas meu lamento;

Ó tormento sem igual!

III – Minha bela Marília, tudo passa:

A sorte deste mundo é mal segura

Se vem depois dos males a ventura,
Vem depois dos prazeres a desgraça.

Os poetas árcades brasileiros tinham as suas musas inspiradoras, a quem se dirigiam frequentemente em seus poemas. Pelas musas, evocadas nos versos acima, pode-se dizer que os seus autores são, respectivamente:

a)Cláudio Manuel da Costa, Silva Alvarenga e Tomás Antônio Gonzaga.

b) José Basílio da Gama, Cláudio Manuel da Costa e Alvarenga Peixoto.

c) Tomás Antônio Gonzaga, Silva Alvarenga e Alvarenga Peixoto

d) Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Frei Santa Rita Durão.

e) José Basílio da Gama, Frei Santa Rita Durão e Tomás Antônio Gonzaga

3 - (ITA) Uma das afirmações abaixo é incorreta. Assinale-a:

a) O escritor árcade reaproveita os seres criados pela mitologia greco-romana, deuses e entidades pagãs. Mas esses mesmos deuses convivem com outros seres do mundo cristão.

b) A produção literária do Arcadismo brasileiro constitui-se sobretudo de poesia, que pode ser lírico-amorosa, épica e satírica.

c) O árcade recusa o jogo de palavras e as complicadas construções da linguagem barroca, preferindo a clareza, a ordem lógica na escrita.

d) O poema épico Caramuru, de Santa Rita Durão, tem como assunto o descobrimento da Bahia, levado a efeito por Diogo Álvares Correia, misto de missionários e colonos português.

e) A morte de Moema,índia que se deixa picar por uma serpente, como prova de fidelidade e amor ao índio Cacambo, é trecho mais conhecido da obra O Uruguai, de Basílio da Gama.

4 - (ITA) Dadas as afirmações:

I) O Uruguai, poema épico que antecipa em várias direções o Romantismo, é motivado por dois propósitos indisfarçáveis: exaltação da política pombalina e antijesuitismo radical.

II) O (A) autor(a) do poema épico Vila Rica, no qual exalta os bandeirantes e narra a história da atual Ouro Preto, desde a sua fundação, cultivou a poesia bucólica, pastoril, na qual menciona a natureza como refúgio.

III) Em Marília de Dirceu, Marília é quase sempre um vocativo; embora tenha a estrutura de um diálogo, a obra é um monólogo – só Gonzaga fala, raciocina; constantemente cai em contradição quanto à sua postura de Spastor e sua realidade de burguês.

Está(ão) Correta(s):

a) Apenas I
b) Apenas II
c) Apenas I e II
d) Apenas I e III
e) Todas

5. (Mackenzie) – Sobre o Arcadismo no Brasil, é incorreto afirmar que:

a)Cláudio Manuel da Costa, um de seus autores mais importantes, embora tenha assumido uma atitude pastoril, traz, em parte de sua obra poética, aspectos ligados à lírica camoniana.

b) em “Liras de Marília de Dirceu”, Tomás Antônio Gonzaga não segue aspectos formais rígidos, como o soneto e a redondilha em todas as partes da obra.

c) nas “Cartas Chilenas”, o autor satiriza Luís da Cunha Menezes por suas arbitrariedades como governador da capitania de Minas.

d) Basílio da Gama, em “O Uraguai”, seguiu a rígida estrutura camoniana de “Os Lusíadas”, usando versos decassílabos em oitava-rima.

e) “Caramuru” tem, como tema principal, o descobrimento da Bahia por Diogo Álvares Correia, apresentando, também, os rituais e as tradições indígenas.

6 - (Mackenzie) – Assinale a alternativa que NÃO apresenta um trecho do Arcadismo brasileiro.

a) “Se sou pobre pastor, se não governo
Reinos, nações, províncias, mundo, e gentes;
Se em frio, calma, e chuvas inclementes
Passo o verão, outono, estio, inverno;”

b) “Destes penhascos fez a natureza
O berço em que nasci! oh quem cuidara,
Que entre penhas tão duras se criara
Uma alma terna, um peito sem dureza!”
c) “Musas, canoras musas, este canto
Vós me inspirastes, vós meu tenro alento
Erguestes brandamente àquele assento
Que tanto, ó musas, prezo, adoro tanto.”

d) “Meu ser evaporei na lida insana
Do tropel das paixões que me arrastava,
Ah! cego eu cria, ah! mísero eu sonhava
Em mim, quase imortal, a essência humana!”

e) “Não vês, Nise, este vento desabrido,
Que arranca os duros troncos ? Não vês esta,
Que vem cobrindo o Céu, sombra funesta,
Entre o horror de um relâmpago incendido?”

7 - (MACK) Os ideais do “carpe diem”, “locus amoenus” e “aurea mediocritas” são claramente perceptíveis em:
a) Primaveras
b) Broquéis
c) Crisálidas
d) Lira de Marília de Dirceu
e) Suspiros Poéticos e Saudades

8 - (PUC-CAMPINAS) Podemos entender a figura de Marília dentro das Liras de Tomás Antônio Gonzaga como:

a) uma personagem que vale pelas suas ações em busca de um ideal de libertação feminina dentro do que poderia permitir a sociedade do século XVIII.
b) um elemento bastante contraditório, uma vez que ora parece amar o poeta, ora parece desprezá-lo sem motivo aparente.
c) representando apenas "ocasiões" para o surgimento da paisagem bucólica, do mito grego e muitas vezes do ego do poeta.
d) tema central da obra, em que aparece num crescendo emotivo que desemboca na representação do extremo desespero do poeta por não ver o seu amor realizado.
e) n. d. a.

9 – (Ufviçosa) – Fazendo um paralelo entre Romantismo e Arcadismo, podemos concluir que:
a) o Arcadismo prenuncia o Romantismo, porque já apresenta ruptura radical com os cânones literários clássicos.
b) o Arcadismo antecede o Romantismo na evasão da realidade pelo sonho, pela fantasia e pelo mergulho nas profundezas do "eu".
c) o Romantismo prolonga aspectos do Arcadismo na idealização da natureza, da mulher e do amor.
d) o Romantismo dá continuidade ao Arcadismo na atração pelos conflitos entre a alma e a matéria.
e) o Arcadismo e o Romantismo perseguem o ideal de expressão livre de esquemas pré-estabelecidos.

10 - (Puc) – Relacione as colunas:
1.Glauceste Satúrnio
2.Alcindo Palmirendo
3.Dirceu
4.Termindo Sipílio
5.Lereno

( ) Tomás Antônio Gonzaga
( ) Cláudio Manuel da Costa
( ) Basílio da Gama
( ) Caldas Barbosa
( ) Silva Alvarenga

a) 3, 1, 5, 2, 4
b) 3, 1, 4, 5, 2
c) 1, 2, 3, 4, 5
d) 3, 2, 4, 1, 5
e) 3, 1, 4, 2, 5

11 - (UFPE) Assinale as afirmativas verdadeiras e as afirmativas falsas.

0) O arcadismo tem como um dos traços principais a inspiração clássica

1) A natureza é a base da sabedoria para os árcades

2) O Arcadismo Brasileiro se caracteriza por sua forte religiosidade

3) Tomás Antônio Gonzaga nos deixou uma poesia marcada pela pobreza de expressão e pela banalidade

4) O melhor da produção dos árcades brasileiros está no teatro

12 - (Santa Casa SP)

Texto I
“É a vaidade, Fábio, nesta vida,
Rosa, que da manhã lisonjeada,
Púrpuras mil, com ambição dourada,
Airosa rompe, arrasta presumida.”

Texto II
“Depois que nos ferir a mão da morte,
ou seja neste monte, ou noutra serra,
nossos corpos terão, terão a sorte
de consumir os dous a mesma terra.”

O texto I é barroco; o texto II é arcádico. Comparando-os, é possível afirmar que os árcades optaram por uma expressão:

a) impessoal e, portanto, diferenciada do sentimentalismo barroco, em que o mundo exterior era projeção do caos interior do poeta.
b) despojada das ousadias sintáticas da estética anterior, com predomínio da ordem direta e de vocábulos de uso corrente.
c) que aprofunda o naturalismo da expressão barroca, fazendo que o poeta assuma posição eminentemente impessoal.
d) em que predominam, diferentemente do Barroco, a antítese, a hipérbole, a conotação poderosa.
e) em que a quantidade de metáforas e de torneios de linguagem supera a tendência denotativa do Barroco.

13 - (ENEM)

Torno a ver-vos, ó montes; o destino (verso 1)

Aqui me torna a pôr nestes outeiros,
Onde um tempo os gabões deixei grosseiros
Pelo traje da Corte, rico e fino. (verso 4)

Aqui estou entre Almendro, entre Corino,
Os meus fiéis, meus doces companheiros,
Vendo correr os míseros vaqueiros (verso 7)
Atrás de seu cansado desatino.

Se o bem desta choupana pode tanto,
Que chega a ter mais preço, e mais valia (verso 10)
Que, da Cidade, o lisonjeiro encanto,

Aqui descanse a louca fantasia,
E o que até agora se tornava em pranto (verso 13)
Se converta em afetos de alegria.

(Cláudio Manoel da Costa. In: Domício Proença Filho. A poesia dos inconfidentes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p. 78-9.)

Considerando o soneto de Cláudio Manoel da Costa e os elementos constitutivos do Arcadismo brasileiro, assinale a opção correta acerca da relação entre o poema e o momento histórico de sua produção.

a) Os “montes” e “outeiros”, mencionados na primeira estrofe, são imagens relacionadas à Metrópole, ou seja, ao lugar onde o poeta se vestiu com traje “rico e fino”.

b) A oposição entre a Colônia e a Metrópole, como núcleo do poema, revela uma contradição vivenciada pelo poeta, dividido entre a civilidade do mundo urbano da Metrópole e a rusticidade da terra da Colônia.

c) O bucolismo presente nas imagens do poema é elemento estético do Arcadismo que evidencia a preocupação do poeta árcade em realizar uma representação literária realista da vida nacional.

d) A relação de vantagem da “choupana” sobre a “Cidade”, na terceira estrofe, é formulação literária que reproduz a condição histórica paradoxalmente vantajosa da Colônia sobre a Metrópole.

e) A realidade de atraso social, político e econômico do Brasil Colônia está representada esteticamente no poema pela referência, na última estrofe, à transformação do pranto em alegria.

GABARITO:

1-E; 2-A; 3-E; 4-D; 5-D; 6-C; 7-A; 8-A; 9-C; 10-B; 11- VVFFF; 12-B; 13-B

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Texto..2
  Ler e Entender um Texto..2
  Noções Básicas Sobre Interpretação e Compreensão Textual 2

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Texto

Nas provas de Língua Portuguesa, o texto é a base de todos os questionamentos. As questões de interpretação e compreensão exigem do candidato um conhecimento das estruturas de um texto e um amplo vocabulário. Deve-se ficar atento ao fato de que as frases geralmente possuem significados de acordo com o contexto em que estão inseridas. Logo, torna-se necessário confrontar todas as partes de um texto para resolver uma questão.

Além disso, vale entender os dois principais níveis de leitura: decodificação (elementos explícitos no texto), inferência (elementos implícitos, deduções, conclusões).

Ler e Entender um Texto

É importante buscar os dois níveis de leitura: a informativa e de reconhecimento (decodificação) e a interpretativa (inferência).

Na primeira leitura, são extraídas as informações mais importantes, a ideia central do texto e a ideia central de cada parágrafo. É interessante destacar as palavras-chave do texto.

Deve-se ressaltar que há limites para interpretação, ou seja, não se deve buscar o que o leitor entender, mas o que o texto permite que se entenda. Desse modo, não importa a opinião do leitor do texto, mas apenas o que é possível compreender pela leitura.

Antes de realizar a leitura, é fundamental identificar a referência bibliográfica, para verificar se é um texto de jornal, literário, blog, etc.

Para responder às questões, é necessário entender o enunciado, para perceber o que está sendo pedido, se há palavras como exceto, respectivamente, nunca, sempre, etc.

Muitas vezes, a interpretação busca o que é mais adequado, mais lógico para aquele momento, o que é possível concluir.

Cabe ressaltar que algumas questões trazem fragmentos de um texto. Quando isso ocorrer, deve-se retornar o texto, pois a descontextualização pode causar dúvida ou induzir o candidato ao erro. Ao retornar ao texto, é importante ler o período anterior e posterior ao fragmento citado na questão.

Noções Básicas Sobre Interpretação e Compreensão Textual

- 1) Conceito de texto: são ideias organizadas e relacionadas entre si, as quais formam um todo significativo. Um texto é um enunciado capaz de produzir uma interação comunicativa, a qual dê a capacidade de codificar e decodificar os sentidos.
- 2) Significado de contexto: um texto é um enunciado que tem um sentido e é constituído por meio de frases. Em cada uma delas, há uma relação de coesão, pois uma informação se liga com a anterior e/ou com a posterior, o que cria condições para a estruturação do conteúdo a ser transmitido. Essa interligação de frases e períodos recebe o nome contexto. Vale destacar que a relação entre as frases é tão importante que, se uma frase for retirada de seu contexto original e analisada separadamente, poderá haver um significado diferente daquele inicial.
- 3) Intertexto é uma das características de um texto, ou seja, uma produção textual geralmente apresenta referências diretas ou indiretas a outros autores por meio de citações.
- 4) A interpretação de texto busca identificar a ideia principal de um texto. A partir dessa ideia principal, localizam-se as secundárias, as fundamentações, as argumentações, as explicações, ou seja, tudo o que leva ao esclarecimento das questões apresentadas numa prova.
- 5) As questões que envolvem a compreensão e a interpretação de textos geralmente exigem que

o candidato:

- » a) Identifique, ou seja, reconheça os elementos fundamentais de argumentação, de um processo, de um momento. Nesse caso, é importante identificar os verbos e os advérbios.
- » b) Compare, quer dizer, descubra as relações de semelhança ou de diferenças que são explicitadas no texto.
- » c) Comente, isto é, relacione o conteúdo apresentado com uma realidade.
- » d) Resuma, ou melhor, perceba a ideia central e/ou as secundárias de um parágrafo, de um texto.

- > 6) Interpretar significa deduzir, fazer conclusões, julgar. Geralmente há os seguintes enunciados: infere-se, depreende-se, é possível deduzir que, o texto permite concluir que, a intenção do autor é, etc.
- > 7) Compreender significa intelecção, entendimento, atenção às informações explícitas e implícitas. Geralmente há os seguintes enunciados: o texto diz que, de acordo com o texto, o autor afirma que, etc.
- > 8) Alguns dos equívocos mais comuns na interpretação são: extrapolar o que está no texto, acrescentando ideias pessoais e não as que são possíveis de serem concluídas; reduzir o significado do texto, dando apenas atenção a um aspecto, esquecendo-se de que o texto é um todo e não uma parte; discordar do texto e avalia-lo segundo as suas próprias perspectivas, tirando conclusões equivocadas, pessoais.
- > 9) Para fazer uma questão que trabalha com os sentidos de um texto, é preciso avaliar a ótica do autor, e não do leitor. Isso significa que a opinião do leitor não importa, pois deve ser levado em consideração apenas o que o autor diz.
- > 10) A coesão influencia a construção e os sentidos de um texto. Portanto, deve-se fica atento ao emprego de conectivos, como pronomes, conjunções, sinônimos.

Texto de Apoio

A participação e o lugar da mulher na história foram negligenciados pelos historiadores e, por muito tempo, elas ficaram à sombra de um mundo dominado pelo gênero masculino. Ao pensarmos o mundo medieval e o papel dessa mulher, o quadro de exclusão se agrava ainda mais, pois, além do silêncio que encontramos nas fontes de consulta, os textos, que muito raramente tratam o mundo feminino, estão impregnados pela aversão dos religiosos da época por elas.

Na Idade Média, a maioria das ideias e de conceitos era elaborada pelos escolásticos. Tudo o que sabemos sobre as mulheres desse período saiu das mãos de homens da Igreja, pessoas que deveriam viver completamente longe delas. Muitos clérigos consideravam-nas misteriosas, não compreendiam, por exemplo, como elas geravam a vida e curavam doenças utilizando ervas.

A mulher era considerada pelos clérigos um ser muito próximo da carne e dos sentidos e, por isso, uma pecadora em potencial. Afinal, todas elas descendiam de Eva, a culpada pela queda do gênero humano. No início da Idade Média, a principal preocupação com as mulheres era mantê-las virgens e afastar os clérigos desses seres demoníacos que personificavam a tentação. Dessa forma, a maior parte da autoridades eclesiásticas desse período via a mulher como portadora e disseminadora do mal.

Isso as tornava más por natureza e atraídas pelo vício. A partir do século XI, com a instituição do casamento pela Igreja, a maternidade e o papel da boa esposa passaram a ser exaltados. Criou-se uma forma de salvação feminina a partir basicamente de três modelos femininos: Eva (a pecadora), Maria (o modelo de perfeição e santidade) e Maria Madalena (a pecadora arrependida). O matrimônio

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

vinha para saciar e controlar as pulsões femininas. No casamento, a mulher estaria restrita a um só parceiro, que tinha a função de dominá-la, de educá-la e de fazer com que tivesse uma vida pura e casta.

Essa falta de conhecimento da natureza feminina causava medo aos homens. Os religiosos se apoiavam no pecado original de Eva para ligá-la à corporeidade e inferiorizá-la. Isso porque, conforme o texto bíblico, Eva foi criada da costela de Adão, sendo, por isso, dominada pelos sentidos e os desejos da carne. Devido a essa visão, acreditava-se que ela fora criada com a única função de procriar.

Essa concepção de mulher, que foi construída através dos séculos, é anterior mesmo ao cristianismo. Foi assegurada por ele e se deu porque permitiu a manutenção dos homens no poder; forneceu ao clero celibatário uma segurança baseada na distância e legitimou a submissão da ordem estabelecida pelos homens. Essa construção começou apenas a ruir, mas os alicerces ainda estão bem fincados na nossa sociedade.

Patrícia Barboza da Silva. Colunista do Brasil Escola. (com adaptações).

EXERCÍCIOS

Um Brasil livre de preconceito

As principais democracias do mundo têm inscrito em suas Constituições os direitos fundamentais dos cidadãos. Direitos políticos, civis, econômicos, sociais e culturais figuram entre as condições básicas para a vida em sociedade tal como a conhecemos hoje. Mas nem sempre foi assim. Muitos dos direitos hoje considerados universais somente foram conquistados após muito esforço e muita luta. Como exemplo, basta citar o voto feminino no Brasil, só garantido em lei no ano de 1934.

Atualmente, podemos dizer que o Brasil elevou os direitos políticos, civis, econômicos e culturais a patamares inéditos, avançando rapidamente na realização progressiva deles. E assim surge o desafio de avançarmos nos chamados direitos de quarta geração, que englobam os direitos das mulheres, dos negros e da população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT), entre outros.

01. Infere-se da leitura do texto que:

a) o Brasil é o país mais atrasado, entre as democracias, no que diz respeito à garantia dos direitos fundamentais dos cidadãos;

b) sem os direitos políticos, civis, econômicos, sociais e culturais, a vida em sociedade seria impossível;

c) o voto feminino no Brasil exemplifica um direito político de quarta geração, só conseguido com esforço e luta;

d) a sociedade mudou profundamente a partir da conquista do voto feminino no Brasil;

e) sem esforço e luta, os direitos fundamentais dos cidadãos estariam inscritos nas Constituições, mas sem aplicação social.

Leia o texto a seguir.

Os direitos "nossos" e os "deles"

Não é incomum que julguemos o que chamamos "nossos" direitos superiores aos direitos do "outro". Tanto no nível mais pessoal das relações como nos fatos sociais costuma ocorrer essa discrepância, com as consequências de sempre: soluções injustas.

Durante um júri, em que defendia um escravo que havia matado o seu senhor, Luís Gama (1830 - 1882), advogado, jornalista e escritor mestiço, abolicionista que chegou a ser escravo por alguns anos, proferiu uma frase que se tornou célebre, numa sessão de julgamento: "O escravo que mata o senhor, seja em que circunstância for, mata sempre em legítima defesa". A frase causou tumulto e acabou por

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

suspender a sessão do júri, despertando tremenda polêmica à época. Na verdade, continua provocando.

Dissesse alguém isso hoje, em alguma circunstância análoga, seria aplaudido por uns e acusado por outros de demonizar o "proprietário". Como se vê, também a demonização tem duas mãos: os partidários de quem subjuga acabam por demonizar a reação do subjugado. Tais fatos e tais polêmicas, sobre tais direitos, nem deveriam existir, mas existem; será que terão fim?

O grande pensador e militante italiano Antonio Gramsci (1891-1937), que passou muitos anos na prisão por conta de suas ideias socialistas, propunha, em algum lugar de sua obra, que diante do dilema de uma escolha nossa conduta subsequente deve se reger pela avaliação objetiva das circunstâncias para então responder à seguinte pergunta: "Quem sofre?" Para Gramsci, o sofrimento humano é um parâmetro que não se pode perder de vista na avaliação das decisões pessoais ou políticas.

(Abelardo Trancoso, inédito)

02. Deve-se considerar que, na estruturação desse texto,

I. o primeiro parágrafo apresenta uma tese com base numa discrepância de valores, que será ilustrada com o fato polêmico exposto no parágrafo seguinte.

II. as controvérsias despertadas pela frase proferida por Luís Gama podem ser explicadas pela contundência de um argumento radicalmente abolicionista acionado em pleno regime escravocrata.

III. a referência ao militante Antonio Gramsci, no parágrafo final, propicia um argumento poderoso a favor de quem se pauta pelo cumprimento rigoroso da lei, não importando as circunstâncias.

Em relação ao texto, é correto o que se considera em

a) II e III, apenas.

b) I e III, apenas.

c) II, apenas.

d) I, II e III.

e) I e II, apenas.

GABARITO

01 - C

02 - E

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Texto...2

  Ler e Entender um Texto...2

  Noções Básicas Sobre Interpretação e Compreensão Textual 2

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Texto

Nas provas de Língua Portuguesa, o texto é a base de todos os questionamentos. As questões de interpretação e compreensão exigem do candidato um conhecimento das estruturas de um texto e um amplo vocabulário. Deve-se ficar atento ao fato de que as frases geralmente possuem significados de acordo com o contexto em que estão inseridas. Logo, torna-se necessário confrontar todas as partes de um texto para resolver uma questão.

Além disso, vale entender os dois principais níveis de leitura: decodificação (elementos explícitos no texto), inferência (elementos implícitos, deduções, conclusões).

Ler e Entender um Texto

É importante buscar os dois níveis de leitura: a informativa e de reconhecimento (decodificação) e a interpretativa (inferência).

Na primeira leitura, são extraídas as informações mais importantes, a ideia central do texto e a ideia central de cada parágrafo. É interessante destacar as palavras-chave do texto.

Deve-se ressaltar que há limites para interpretação, ou seja, não se deve buscar o que o leitor entender, mas o que o texto permite que se entenda. Desse modo, não importa a opinião do leitor do texto, mas apenas o que é possível compreender pela leitura.

Antes de realizar a leitura, é fundamental identificar a referência bibliográfica, para verificar se é um texto de jornal, literário, blog, etc.

Para responder às questões, é necessário entender o enunciado, para perceber o que está sendo pedido, se há palavras como exceto, respectivamente, nunca, sempre, etc.

Muitas vezes, a interpretação busca o que é mais adequado, mais lógico para aquele momento, o que é possível concluir.

Cabe ressaltar que algumas questões trazem fragmentos de um texto. Quando isso ocorrer, deve-se retornar o texto, pois a descontextualização pode causar dúvida ou induzir o candidato ao erro. Ao retornar ao texto, é importante ler o período anterior e posterior ao fragmento citado na questão.

Noções Básicas Sobre Interpretação e Compreensão Textual

- 1) Conceito de texto: são ideias organizadas e relacionadas entre si, as quais formam um todo significativo. Um texto é um enunciado capaz de produzir uma interação comunicativa, a qual dê a capacidade de codificar e decodificar os sentidos.
- 2) Significado de contexto: um texto é um enunciado que tem um sentido e é constituído por meio de frases. Em cada uma delas, há uma relação de coesão, pois uma informação se liga com a anterior e/ou com a posterior, o que cria condições para a estruturação do conteúdo a ser transmitido. Essa interligação de frases e períodos recebe o nome contexto. Vale destacar que a relação entre as frases é tão importante que, se uma frase for retirada de seu contexto original e analisada separadamente, poderá haver um significado diferente daquele inicial.
- 3) Intertexto é uma das características de um texto, ou seja, uma produção textual geralmente apresenta referências diretas ou indiretas a outros autores por meio de citações.
- 4) A interpretação de texto busca identificar a ideia principal de um texto. A partir dessa ideia principal, localizam-se as secundárias, as fundamentações, as argumentações, as explicações, ou seja, tudo o que leva ao esclarecimento das questões apresentadas numa prova.
- 5) As questões que envolvem a compreensão e a interpretação de textos geralmente exigem que

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

o candidato:

- a) Identifique, ou seja, reconheça os elementos fundamentais de argumentação, de um processo, de um momento. Nesse caso, é importante identificar os verbos e os advérbios.
- b) Compare, quer dizer, descubra as relações de semelhança ou de diferenças que são explicitadas no texto.
- c) Comente, isto é, relacione o conteúdo apresentado com uma realidade.
- d) Resuma, ou melhor, perceba a ideia central e/ou as secundárias de um parágrafo, de um texto.

- 6) Interpretar significa deduzir, fazer conclusões, julgar. Geralmente há os seguintes enunciados: infere-se, depreende-se, é possível deduzir que, o texto permite concluir que, a intenção do autor é, etc.
- 7) Compreender significa intelecção, entendimento, atenção às informações explícitas e implícitas. Geralmente há os seguintes enunciados: o texto diz que, de acordo com o texto, o autor afirma que, etc.
- 8) Alguns dos equívocos mais comuns na interpretação são: extrapolar o que está no texto, acrescentando ideias pessoais e não as que são possíveis de serem concluídas; reduzir o significado do texto, dando apenas atenção a um aspecto, esquecendo-se de que o texto é um todo e não uma parte; discordar do texto e avalia-lo segundo as suas próprias perspectivas, tirando conclusões equivocadas, pessoais.
- 9) Para fazer uma questão que trabalha com os sentidos de um texto, é preciso avaliar a ótica do autor, e não do leitor. Isso significa que a opinião do leitor não importa, pois deve ser levado em consideração apenas o que o autor diz.
- 10) A coesão influencia a construção e os sentidos de um texto. Portanto, deve-se fica atento ao emprego de conectivos, como pronomes, conjunções, sinônimos.

Texto de Apoio

A participação e o lugar da mulher na história foram negligenciados pelos historiadores e, por muito tempo, elas ficaram à sombra de um mundo dominado pelo gênero masculino. Ao pensarmos o mundo medieval e o papel dessa mulher, o quadro de exclusão se agrava ainda mais, pois, além do silêncio que encontramos nas fontes de consulta, os textos, que muito raramente tratam o mundo feminino, estão impregnados pela aversão dos religiosos da época por elas.

Na Idade Média, a maioria das ideias e de conceitos era elaborada pelos escolásticos. Tudo o que sabemos sobre as mulheres desse período saiu das mãos de homens da Igreja, pessoas que deveriam viver completamente longe delas. Muitos clérigos consideravam-nas misteriosas, não compreendiam, por exemplo, como elas geravam a vida e curavam doenças utilizando ervas.

A mulher era considerada pelos clérigos um ser muito próximo da carne e dos sentidos e, por isso, uma pecadora em potencial. Afinal, todas elas descendiam de Eva, a culpada pela queda do gênero humano. No início da Idade Média, a principal preocupação com as mulheres era mantê-las virgens e afastar os clérigos desses seres demoníacos que personificavam a tentação. Dessa forma, a maior parte da autoridades eclesiásticas desse período via a mulher como portadora e disseminadora do mal.

Isso as tornava más por natureza e atraídas pelo vício. A partir do século XI, com a instituição do casamento pela Igreja, a maternidade e o papel da boa esposa passaram a ser exaltados. Criou-se uma forma de salvação feminina a partir basicamente de três modelos femininos: Eva (a pecadora), Maria (o modelo de perfeição e santidade) e Maria Madalena (a pecadora arrependida). O matrimônio

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

vinha para saciar e controlar as pulsões femininas. No casamento, a mulher estaria restrita a um só parceiro, que tinha a função de dominá-la, de educá-la e de fazer com que tivesse uma vida pura e casta.

Essa falta de conhecimento da natureza feminina causava medo aos homens. Os religiosos se apoiavam no pecado original de Eva para ligá-la à corporeidade e inferiorizá-la. Isso porque, conforme o texto bíblico, Eva foi criada da costela de Adão, sendo, por isso, dominada pelos sentidos e os desejos da carne. Devido a essa visão, acreditava-se que ela fora criada com a única função de procriar.

Essa concepção de mulher, que foi construída através dos séculos, é anterior mesmo ao cristianismo. Foi assegurada por ele e se deu porque permitiu a manutenção dos homens no poder; forneceu ao clero celibatário uma segurança baseada na distância e legitimou a submissão da ordem estabelecida pelos homens. Essa construção começou apenas a ruir, mas os alicerces ainda estão bem fincados na nossa sociedade.

Patrícia Barboza da Silva. Colunista do Brasil Escola. (com adaptações).

EXERCÍCIOS

Um Brasil livre de preconceito

As principais democracias do mundo têm inscrito em suas Constituições os direitos fundamentais dos cidadãos. Direitos políticos, civis, econômicos, sociais e culturais figuram entre as condições básicas para a vida em sociedade tal como a conhecemos hoje. Mas nem sempre foi assim. Muitos dos direitos hoje considerados universais somente foram conquistados após muito esforço e muita luta. Como exemplo, basta citar o voto feminino no Brasil, só garantido em lei no ano de 1934.

Atualmente, podemos dizer que o Brasil elevou os direitos políticos, civis, econômicos e culturais a patamares inéditos, avançando rapidamente na realização progressiva deles. E assim surge o desafio de avançarmos nos chamados direitos de quarta geração, que englobam os direitos das mulheres, dos negros e da população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT), entre outros.

01. Infere-se da leitura do texto que:

a) o Brasil é o país mais atrasado, entre as democracias, no que diz respeito à garantia dos direitos fundamentais dos cidadãos;

b) sem os direitos políticos, civis, econômicos, sociais e culturais, a vida em sociedade seria impossível;

c) o voto feminino no Brasil exemplifica um direito político de quarta geração, só conseguido com esforço e luta;

d) a sociedade mudou profundamente a partir da conquista do voto feminino no Brasil;

e) sem esforço e luta, os direitos fundamentais dos cidadãos estariam inscritos nas Constituições, mas sem aplicação social.

Leia o texto a seguir.

Os direitos “nossos” e os “deles”

Não é incomum que julguemos o que chamamos “nossos” direitos superiores aos direitos do “outro”. Tanto no nível mais pessoal das relações como nos fatos sociais costuma ocorrer essa discrepância, com as consequências de sempre: soluções injustas.

Durante um júri, em que defendia um escravo que havia matado o seu senhor, Luís Gama (1830 - 1882), advogado, jornalista e escritor mestiço, abolicionista que chegou a ser escravo por alguns anos, proferiu uma frase que se tornou célebre, numa sessão de julgamento: “O escravo que mata o senhor, seja em que circunstância for, mata sempre em legítima defesa”. A frase causou tumulto e acabou por

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

suspender a sessão do júri, despertando tremenda polêmica à época. Na verdade, continua provocando.

Dissesse alguém isso hoje, em alguma circunstância análoga, seria aplaudido por uns e acusado por outros de demonizar o "proprietário". Como se vê, também a demonização tem duas mãos: os partidários de quem subjuga acabam por demonizar a reação do subjugado. Tais fatos e tais polêmicas, sobre tais direitos, nem deveriam existir, mas existem; será que terão fim?

O grande pensador e militante italiano Antonio Gramsci (1891-1937), que passou muitos anos na prisão por conta de suas ideias socialistas, propunha, em algum lugar de sua obra, que diante do dilema de uma escolha nossa conduta subsequente deve se reger pela avaliação objetiva das circunstâncias para então responder à seguinte pergunta: "Quem sofre?" Para Gramsci, o sofrimento humano é um parâmetro que não se pode perder de vista na avaliação das decisões pessoais ou políticas.

(Abelardo Trancoso, inédito)

02. Deve-se considerar que, na estruturação desse texto,

I. o primeiro parágrafo apresenta uma tese com base numa discrepância de valores, que será ilustrada com o fato polêmico exposto no parágrafo seguinte.

II. as controvérsias despertadas pela frase proferida por Luís Gama podem ser explicadas pela contundência de um argumento radicalmente abolicionista acionado em pleno regime escravocrata.

III. a referência ao militante Antonio Gramsci, no parágrafo final, propicia um argumento poderoso a favor de quem se pauta pelo cumprimento rigoroso da lei, não importando as circunstâncias.

Em relação ao texto, é correto o que se considera em

a) II e III, apenas.

b) I e III, apenas.

c) II, apenas.

d) I, II e III.

e) I e II, apenas.

GABARITO

01 - C

02 - E

ENEM

1. Leia atentamente o texto para responder às questões que se seguem.

> *"Eu considerei a glória de um pavão ostentando o esplendor de suas cores; é um luxo imperial. Mas andei lendo livros, e descobri que aquelas cores todas não existem na pena do pavão. Não há pigmentos. O que há são minúsculas bolhas d'água em que a luz se fragmenta como em um prisma. O pavão é um arco-íris de plumas.*
>
> *Eu considerei que este é o luxo do grande artista, atingir o máximo de matizes com um mínimo de elementos. De água e luz ele faz seu esplendor, seu grande mistério é a simplicidade. Considerei, por fim, que assim é o amor, oh minha amada; de tudo o que ele suscita e esplende e estremece e delira em mim existe apenas meus olhos recebendo a luz do teu olhar. Ele me cobre de glórias e me faz magnífico."*
>
> *(Rubem Braga – 200 crônicas escolhidas)*

Atente para a seguintes afirmações:

I. O esplendor do pavão e o da obra de arte são mera ilusão.
II. O ser que ama sente refletir-se em si mesmo um atributo do ser amado.
III. A aparente simplicidade da obra de arte oculta os recursos complexos de sua elaboração.

De acordo com o que o texto permite deduzir, apenas:

A. as afirmações I e III estão corretas.
B. as afirmações I e II estão corretas.
C. as afirmações II e III estão corretas.
D. a afirmação I está correta.
E. a afirmação II está correta.

Opção correta: letra C

2. Do texto conclui-se que o pavão apresenta um "luxo imperial" com a exibição de suas cores. Entretanto, esse luxo advém de um aproveitamento de coisas simples. Transpondo essa ideia para o trabalho do artista, é possível dizer que:

A. trata-se de uma tarefa baseada na promoção de uma eterna ilusão.
B. trata-se de um trabalho em que um dos componentes mais importantes é o arranjo.
C. trata-se de uma tarefa verdadeira baseada em elementos falsos.
D. trata-se de um trabalho que revela a verdade.
E. trata-se de um trabalho que deve apenas mostrar a beleza do mundo.

Opção correta: letra B

3. Leia atentamente os trechos transcritos a seguir.

[...] o objetivo da poesia (e da arte literária em geral) não é o real concreto, o verdadeiro, aquilo que de fato aconteceu, mas, sim, o verossímil, o que pode acontecer, considerado na sua universalidade.

SILVA, Vítor M. de A teoria da literatura. Coimbra: Almedina, 1982.

Verossímil: 1. Semelhante à verdade; que parece verdadeiro. 2. Que não repugna à verdade, provável.

FERREIRA. A. B. Holanda. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa. Rio de Janeiro, 1986.

A partir da leitura de ambos os fragmentos, pode-se deduzir que a obra literária tem o seguinte objetivo:

A. Opor-se ao real para afirmar a imaginação criadora.
B. Anular a realidade concreta para superar contradições aparentes.
C. Construir uma aparência de realidade para expressar determinado sentido.
D. Buscar uma parcela representativa do real para contestar sua validade.
E. Representar apenas elementos do mundo imaginário.

Opção correta: letra C

4. Leia os textos abaixo.

Texto A

"Brasília, sede administrativa do país, foi inaugurada pelo presidente Jucelino Kubitschek de Oliveira, em 21 de abril de 1960, após 1000 dias de construção. Em 1987, foi tombada pela Unesco como Patrimônio Cultural da Humanidade."

(Folheto da Sedur Secretaria de Turismo do Distrito Federal)

Texto B

Brasília: Esplendor

"Brasília é uma cidade abstrata. E não há como concretizá-la. É uma cidade redonda e sem esquinas. Também não tem botequim para a gente tomar um cafezinho. É verdade, juro que não vi esquinas. Em Brasília, não existe cotidiano. A catedral pede a Deus. São duas mãos abertas para receber. Mas Niemeyer é um irônico: ele ironizou a vida. Ela é sagrada. Brasília não admite diminutivo. Brasília é uma piada estritamente perfeita e sem erros. (...) Brasília é um futuro que aconteceu no passado."

(Clarice Lispector)

Sobre os textos são feitas as seguintes afirmações.

I. Tanto no texto A, quanto no texto B, a linguagem é figurada e rica em significados.

II. No texto A, a linguagem visa a veicular, de modo objetivo, informações sobre a realidade. Podemos afirmar, portanto, que a função predominante é a referencial.

III. No texto B, podemos afirmar que há o uso conotativo da linguagem.

Quais estão corretas?
A. Apenas I.
B. Apenas I e II.
C. Apenas II e III.
D. Apenas I e III.
E. I, II e III.

Opção correta: letra C

5. Observe o texto que segue.

Poeminho do contra

"Todos esse que aí estão
Atravancando o meu caminho,
Eles passarão...
Eu passarinho!"

(Mário Quintana)

Sobre o texto são feitas as seguintes afirmações:

I. não pode ser considerado um poema, porque não apresenta ritmo.
II. é um poema que utiliza a forma livre.
III. suas rimas são alternadas.

Quais estão corretas?
A. Apenas I.
B. Apenas II.
C. Apenas III.
D. Apenas II e III.
E. I, II e III.

Opção correta: letra D

6. O Gênero Dramático possui várias modalidades, **exceto**

A. tragédia: é a representação de um fato compadecido, apto a suscitar compaixão e terror.
B. comédia: é a representação de um fato inspirado na vida e no sentimento comum, de riso fácil.
C. ficção: um fato inventado pelo autor, como as novelas.
D. drama: apresenta ação dolorosa, mas com elementos realistas.
E. auto: espécie dramática medieval

Opção correta: letra C

ENEM

1. Leia atentamente o texto para responder às questões que se seguem.

> *"Eu considerei a glória de um pavão ostentando o esplendor de suas cores; é um luxo imperial. Mas andei lendo livros, e descobri que aquelas cores todas não existem na pena do pavão. Não há pigmentos. O que há são minúsculas bolhas d'água em que a luz se fragmenta como em um prisma. O pavão é um arco-íris de plumas.*
>
> *Eu considerei que este é o luxo do grande artista, atingir o máximo de matizes com um mínimo de elementos. De água e luz ele faz seu esplendor, seu grande mistério é a simplicidade. Considerei, por fim, que assim é o amor, oh minha amada; de tudo o que ele suscita e esplende e estremece e delira em mim existe apenas meus olhos recebendo a luz do teu olhar. Ele me cobre de glórias e me faz magnífico."*
>
> *(Rubem Braga – 200 crônicas escolhidas)*

Atente para a seguintes afirmações:

I. O esplendor do pavão e o da obra de arte são mera ilusão.
II. O ser que ama sente refletir-se em si mesmo um atributo do ser amado.
III. A aparente simplicidade da obra de arte oculta os recursos complexos de sua elaboração.

De acordo com o que o texto permite deduzir, apenas:

A. as afirmações I e III estão corretas.
B. as afirmações I e II estão corretas.
C. as afirmações II e III estão corretas.
D. a afirmação I está correta.
E. a afirmação II está correta.

Opção correta: letra C

2. Do texto conclui-se que o pavão apresenta um "luxo imperial" com a exibição de suas cores. Entretanto, esse luxo advém de um aproveitamento de coisas simples. Transpondo essa ideia para o trabalho do artista, é possível dizer que:

A. trata-se de uma tarefa baseada na promoção de uma eterna ilusão.
B. trata-se de um trabalho em que um dos componentes mais importantes é o arranjo.
C. trata-se de uma tarefa verdadeira baseada em elementos falsos.
D. trata-se de um trabalho que revela a verdade.
E. trata-se de um trabalho que deve apenas mostrar a beleza do mundo.

Opção correta: letra B

3. Leia atentamente os trechos transcritos a seguir.

[...] o objetivo da poesia (e da arte literária em geral) não é o real concreto, o verdadeiro, aquilo que de fato aconteceu, mas, sim, o verossímil, o que pode acontecer, considerado na sua universalidade.

SILVA, Vítor M. de A teoria da literatura. Coimbra: Almedina, 1982.

Verossímil: 1. Semelhante à verdade; que parece verdadeiro. 2. Que não repugna à verdade, provável.

FERREIRA. A. B. Holanda. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa. Rio de Janeiro, 1986.

A partir da leitura de ambos os fragmentos, pode-se deduzir que a obra literária tem o seguinte objetivo:

A. Opor-se ao real para afirmar a imaginação criadora.
B. Anular a realidade concreta para superar contradições aparentes.
C. Construir uma aparência de realidade para expressar determinado sentido.
D. Buscar uma parcela representativa do real para contestar sua validade.
E. Representar apenas elementos do mundo imaginário.

Opção correta: letra C

4. Leia os textos abaixo.

Texto A

"Brasília, sede administrativa do país, foi inaugurada pelo presidente Jucelino Kubitschek de Oliveira, em 21 de abril de 1960, após 1000 dias de construção. Em 1987, foi tombada pela Unesco como Patrimônio Cultural da Humanidade."

(Folheto da Sedur Secretaria de Turismo do Distrito Federal)

Texto B

Brasília: Esplendor

"Brasília é uma cidade abstrata. E não há como concretizá-la. É uma cidade redonda e sem esquinas. Também não tem botequim para a gente tomar um cafezinho. É verdade, juro que não vi esquinas. Em Brasília, não existe cotidiano. A catedral pede a Deus. São duas mãos abertas para receber. Mas Niemeyer é um irônico: ele ironizou a vida. Ela é sagrada. Brasília não admite diminutivo. Brasília é uma piada estritamente perfeita e sem erros. (...) Brasília é um futuro que aconteceu no passado."

(Clarice Lispector)

Sobre os textos são feitas as seguintes afirmações.

I. Tanto no texto A, quanto no texto B, a linguagem é figurada e rica em significados.

II. No texto A, a linguagem visa a veicular, de modo objetivo, informações sobre a realidade. Podemos afirmar, portanto, que a função predominante é a referencial.

III. No texto B, podemos afirmar que há o uso conotativo da linguagem.

Quais estão corretas?

A. Apenas I.
B. Apenas I e II.
C. Apenas II e III.
D. Apenas I e III.
E. I, II e III.

Opção correta: letra C

5. Observe o texto que segue.

Poeminho do contra

"Todos esse que aí estão
Atravancando o meu caminho,
Eles passarão...
Eu passarinho!"

(Mário Quintana)

Sobre o texto são feitas as seguintes afirmações:

I. não pode ser considerado um poema, porque não apresenta ritmo.
II. é um poema que utiliza a forma livre.
III. suas rimas são alternadas.

Quais estão corretas?

A. Apenas I.
B. Apenas II.
C. Apenas III.
D. Apenas II e III.
E. I, II e III.

Opção correta: letra D

6. O Gênero Dramático possui várias modalidades, **exceto**

A. tragédia: é a representação de um fato compadecido, apto a suscitar compaixão e terror.
B. comédia: é a representação de um fato inspirado na vida e no sentimento comum, de riso fácil.
C. ficção: um fato inventado pelo autor, como as novelas.
D. drama: apresenta ação dolorosa, mas com elementos realistas.
E. auto: espécie dramática medieval

Opção correta: letra C

Literatura

Manifestação artística com o fim de (re)construir os mundos real e ficcional, registrar e representar nossa cultura e nossa história.

Funções

Catarse

Consiste na identificação do leitor com a obra.

Mimese

Recriação ou imitação da realidade.

Verossimilhança

Garante a relação com a verdade, pois se assemelha ao real (interna: verdade só existe no plano da obra; externa: trabalha com a realidade, com o mundo real).

Gênero Lírico

Definição

Texto literário onde predomina a expressão de sentimentos e emoções subjetivas do sujeito lírico - o eu lírico. É predominantemente escrito em versos.

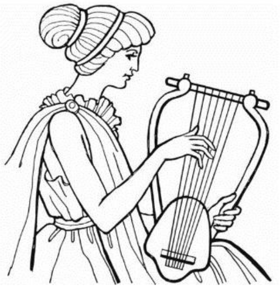

Lira – instrumento musical.

Características

Manifestação de um *eu lírico* (voz do discurso), que expressa suas emoções, sentimentos, ideias e impressões.
Texto subjetivo.
Pronomes e verbos na 1ª pessoa.
Pode ser escrito em verso ou prosa.
Explora a musicalidade das palavras.

Tipo Textual

Ode: poesia entusiasta de exaltação;
Hino: poesia destinada a glorificar a pátria ou louvar divindades;
Elegia: poesia que fala de acontecimentos tristes ou morte;
Écloga: poesias bucólicas e pastoris;
Epitalâmio: poesia feita em homenagem as núpcias de alguém;
Sátira: poesia que ridiculariza determinada situação.

Elementos

Verso: cada uma das linhas do poema.
Estrofe: cada um dos conjuntos de versos.
Métrica: contagem de sílabas poéticas contidas no verso (são separadas de acordo com a intensidade: encerra-se sempre na última sílaba tônica do verso; encontro de 2 vogais átonas permanecem como uma só sílaba).
Rima: resultado de sons iguais ou semelhantes entre as palavras (esquema de rimas: cruzadas – ABAB; paralelas – AABB; intercaladas ABBA; encadeadas – início/meio ou meio/fim; misturadas – não seguem esquema; versos brancos – sem rimas
Ritmo: divisão de tempo em períodos uniformes mediante a sucessão de intensidades diferentes nas sílabas poéticas dos versos.

C.Melo2020

C.Melo2020

Gênero Épico

Definição

Narrativa feita em versos que retrata acontecimentos grandiosos (seja fatos históricos reais, lendários ou mitológicos), vinculados à figura de um herói, considerado um semideus

Estrutura

Proposição (ou exórdio): introdução da obra, onde se apresentam o herói da trama, bem com o assunto que será abordado.
Invocação: momento de invocação para que as divindades auxiliem o herói da epopeia.
Dedicatória: parte em que é a epopeia é dedicado a alguém.
Narração: parte mais longa da epopeia, onde estão relatadas todos os feitos do herói.
Epílogo: encerramento da narrativa.

Característica

Presença de narrador;
Estruturada em versos;
Ressalta a figura do herói, povo ou nação;
Envolvem aventuras, guerras, viagens e façanhas heroicas e apresentam um tom de exaltação;
Texto narrativo com versos e pronomes na 3ª pessoa.

Exemplos

Os Lusíadas, Odisseia, Eneida, Ilíada, etc.

Gênero Narrativo

Definição

Texto que conta uma história através de uma sequência de várias ações reais ou imaginárias por meio de um narrador.

Elementos

Narrador: 1ª ou 3ª pessoa. → personagem, observador ou onisciente.
Enredo: estrutura narrativa – conflitos ➡ homem X homem; homem X natureza; homem X si mesmo.
Clímax: momento de maior tensão no enredo;
Desfecho: solução do conflito;
Personagens: protagonista (ator principal); antagonista (contra o protagonista).
Ambiente: (espaço) cenário por onde se desenrola o enredo.
Tempo: situado no presente, passado ou futuro; usa-se também a técnica do *flash-back* → cronológico ou psicológico.

Características

# Variante moderna do gênero épico;
# História contada por meio de um narrador;
# Ação dos personagens acontecem no tempo e no espaço;
# Narrativa em prosa.
# Representação da vida comum, de um mundo individualizado.

Tipo Textual

Romance: narração de um fato imaginado, mas verossímel que representa aspectos da vida social e familiar do homem.
Novela: módulo compilado do romance e também mais dinâmico, divido em episódios, valorização do evento e passagem rápida do tempo.
Conto: breve narrativa centrada em um episódio da vida com poucos personagens.
Crônica: relatos de acontecimentos nos tempos atuais e fatos cotidianos.
Fábula: narrativa inverossímel, com fundo didático, que tem o objetivo de transmitir uma lição de moral.

C.Melo2020

Gênero Dramático

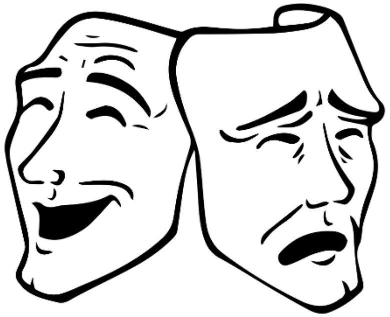

Definição

Textos literários feitos com o intuito de serem encenados ou dramatizados.

Características

# Expõe o conflito do homem e seu mundo, as manifestações da miséria humana.
# Textos para serem encenados, não há narrador, a história é mostrada no palco e representada por atores.
# Sequência rigorosa de cenas e relações de causa e consequência.

Elementos

Internos

Apresentação: faz-se a exposição tanto dos personagens quanto da ação a ser desenvolvida.
Conflito: o momento em que surge as peripécias da ação dramática.
Desenlace: Momento de conclusão, encerramento ou desfecho da ação dramática.

Externos

Cena: designa as mudanças (entrada ou saída) dos personagens.
Ato: mudança dos cenários necessários para a representação.
Rubrica: (ou didascálias) Indicações cênicas.
Discurso direto: Fala dos personagens.

Tipo Textual

Tragédia: representa fato trágico, suscetível de causar compaixão e terror.
Comédia: representação de um fato inspirado na vida e no sentimento comum, de riso fácil, em geral criticando os costumes.
Tragicomédia: mistura elementos trágicos e cômicos.
Farsa: pequena peça teatral, de caráter ridículo e caricatural.
Auto: pequena peça teatral, de conteúdo religioso e profano.
Drama: caracterizado pela seriedade em oposição à comédia.

C.Melo2020

Português – começando do ZERO

ESTUDO DOS PRONOMES

1. Definição:

É a classe de palavra variável que substitui ou acompanha o substantivo é denominada de **pronome**.

Como o adjetivo, o numeral e o artigo também são classes morfológicas que acompanham o substantivo, podemos afirmar que a grande distinção entre estes e o pronome se dá pelo fato de o pronome situar o substantivo numa pessoa do discurso.

Português – começando do ZERO

Classificação dos pronomes:

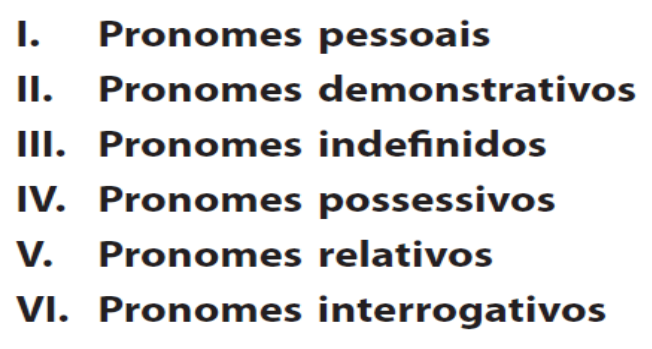

I. Pronomes pessoais
II. Pronomes demonstrativos
III. Pronomes indefinidos
IV. Pronomes possessivos
V. Pronomes relativos
VI. Pronomes interrogativos

Português – começando do ZERO

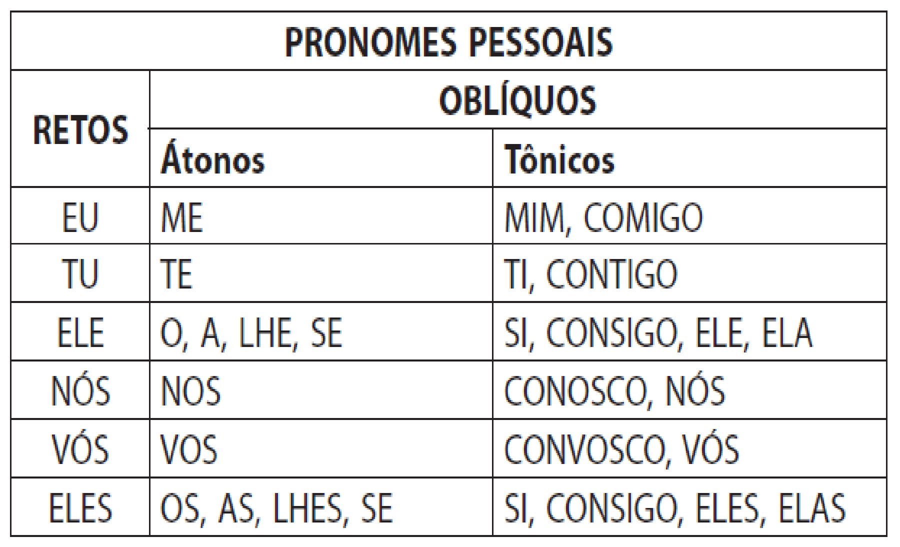

PRONOMES PESSOAIS		
RETOS	OBLÍQUOS	
	Átonos	Tônicos
EU	ME	MIM, COMIGO
TU	TE	TI, CONTIGO
ELE	O, A, LHE, SE	SI, CONSIGO, ELE, ELA
NÓS	NOS	CONOSCO, NÓS
VÓS	VOS	CONVOSCO, VÓS
ELES	OS, AS, LHES, SE	SI, CONSIGO, ELES, ELAS

Português – começando do ZERO

Informações essenciais:

I – Dentro dos pronomes pessoais, há pronomes átonos e pronomes tônicos.

II – O fato de o pronome ser átono ou tônico interfere no emprego deste pronome.

III – Todo pronome átono possui um correspondente tônico.

Português – começando do ZERO

Informações essenciais:

IV – Os pronomes tônicos só podem ser usados quando antecedidos por uma preposição.

* Não vá sem mim.

* Nunca houve problemas entre mim e ela.

Português – começando do ZERO

Informações essenciais:

V – Os pronomes átonos da 3ª pessoa "o, a, os, as, lhe, lhes" possuem como correspondentes tônicos os pronomes "ele, ela, eles, elas" precedidos por preposição.

* Ela nunca obedeceu aos avós.

* Ela nunca obedeceu a eles.

Português – começando do ZERO

Informações essenciais:

VI – Os pronomes “si, consigo” são reflexivos e só podem ser usados em referência a um sujeito verbal.

* Ela sempre leva consigo os irmãos.

* Joana nunca fala de si.

Português – começando do ZERO

Informações essenciais:

VII – Os pronomes “conosco, convosco” só podem ser usados quando a informação finalizar neles. Se houver elemento de reforço, devem ser usadas as formas analíticas “com nós” e “com vós” respectivamente.

* Os meninos irão conosco.

* Os meninos irão com nós dois.

Português – começando do ZERO

Informações essenciais:

VIII – Os pronomes “me, te, lhe, nos, vos, lhes” podem funcionar como verdadeiros pronomes possessivos. Isso ocorre quanto atribuem uma noção de posse a um determinado substantivo.

* Quando o Papa chegou, o presidente beijou-lhe as mãos.

* O vento despenteava-nos os cabelos.

Português – começando do ZERO

PRONOMES RELATIVOS	
INVARIÁVEIS	VARIÁVEIS
QUE	**O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS**
QUEM	**CUJO, CUJA, CUJOS, CUJAS**
ONDE	**QUANTO, QUANTA, QUANTOS, QUANTAS**

Português – começando do ZERO

Português – começando do ZERO

Informações essenciais:

I – O pronome relativo QUE é denominado de relativo universal, pois pode ser tanto usado para pessoas quanto para coisas, tanto para o singular quanto para o plural, tanto para o feminino quanto para o masculino.

*** Gostei da bolsa que você comprou.**

*** Eu vi o homem que ganhou na loteria.**

Português – começando do ZERO

Informações essenciais:

II – O pronome relativo QUEM é denominado de relativo personativo, pois só pode ser usado em substituição a um ser personativo.

*** O médico em quem ele confia vai se aposentar.**

III – O pronome relativo ONDE só pode ser usado em relação a um lugar. Equivale a “em que” e variações.

Português – começando do ZERO

Informações essenciais sobre o ONDE:

Português – começando do ZERO

1. Até agora não sei ____________ vou passar as minhas férias.

2. Até agora não sei ____________ devo ir em minhas férias.

3. Chegamos a uma região ____________ havia muitos imigrantes italianos.

4. No capítulo dois, ___________ há uma descrição mais detalhada sobre o assunto, o autor...

Português – começando do ZERO

5. "__________ você mora? __________ você foi morar?"

6. "E por falar em saudade, _________ anda você? _________ andam esses olhos...?

7. "_________ você estiver, não se esqueça de mim?"

Informações essenciais:

IV – Os pronomes relativos CUJO, CUJA, CUJOS, CUJAS são denominados de relativos possessivos, pois são usados para substituir termos que transmitem a noção de posse. Equivalem a "do qual, da qual, dos quais, das quais, seu, sua, seus, suas, dele, dela, deles, delas". O CUJO e flexões rejeitam a posposição de artigos.

14(ESAF) Assinale a opção que apresenta proposta de substituição correta de palavra ou trecho do texto.

Há sociedades que têm a vocação do crescimento, mas sem a vocação da espera. E a resultante, quando não é inflação ou crise do balanço de pagamentos, é uma só: juros altos.

Português – começando do ZERO

14(ESAF – An.Tributário) Assinale a opção que apresenta proposta de substituição correta de palavra ou trecho do texto.

b) “que têm a vocação do crescimento”(ℓ.1) por “cuja vocação de crescimento”.

Português – começando do ZERO

22.(FCC – TRT 8ª) O texto está corretamente transcrito com lógica, correção e clareza, sem repetições desnecessárias, em:

(A) “...o Parque Nacional de Galápagos, no Equador, assinou um convênio com a ONG Sea Shepard e WWF para instalar um sistema de vigilância nesses barcos com menos de 20 toneladas de peso bruto, cuja a maioria trafegam na reserva. O sinal de rádio, que será captado por antenas em pontos estratégicos, será emitido por esse sistema.”

Empregos inadequados do relativo "CUJO" e flexões:

1. (FCC – APOF/SP) A nostalgia que o autor manifesta das viagens de trem, em cujas quase ninguém tinha pressa, participava do encanto das estaçõezinhas.

2. (FCC – APOF/SP) As estaçõezinhas de trem eram parte do encanto daquelas viagens aonde ninguém tinha pressa e por cujas o autor manifesta sua nostalgia.

Empregos inadequados do relativo "CUJO" e flexões:

3. (TRE/PI) Não são claras as fronteiras em cujas se deseja estabelecer uma objetiva distinção entre etnias.

4. (TRF 5ª) Muitos homens se valem da crença religiosa para se auto-sacrificarem em protesto político, em cujo também morrem vários inocentes.

Português – começando do ZERO

Dorme como quem
cedo achasse abrigo
que nos meus desabrigos
dormirei contigo.

José Paulo Paes

(Prosas seguidas de Odes mínimas.
S.Paulo, Cia. das Letras, 1992, p.37)

Português – começando do ZERO

7. O pronome contigo, na última estrofe do poema, está empregado

(A) de acordo com a norma culta, pois o poeta dirige-se a Glaura na segunda pessoa do singular – dorme.

(B) em desacordo com a norma culta, apenas para rimar com a palavra abrigo, pois o correto seria “com você”.

(C) corretamente, por ser o único momento do texto em que é possível assegurar em que pessoa o poeta se dirige a Glaura.

Português – começando do ZERO

7. O pronome contigo, na última estrofe do poema, está empregado

(D) em desacordo com a norma culta, pois o correto seria “consigo”, já que o poeta se dirige a Glaura na terceira pessoa do singular – dorme.

(E) corretamente, desde que considerado o uso informal da língua; no uso formal, o mais adequado seria
“convosco”.

Português – começando do ZERO

PRONOME DE TRATAMENTO	ABREVIATURA
você, vocês	V.
senhor, senhores	Sr. Sr.$_{-}$-^{es} --
senhorita, senhoritas	Sr^{ta}, Sr^{tas}
senhora, senhoras	Sr.^{a}, Sras
Vossa Senhoria, Vossas Senhorias	V.S.^{a}, V. S.^{as}
Vossa Excelência, Vossas Excelências	V. Ex.ª, V. Ex.^{as}
Vossa Eminência, Vossas Eminências	V. Em.^{a}, V. Em.^{as}
Vossa Alteza, Vossas Altezas	V.A., VV.AA.
Vossa Majestade, Vossas Majestades	V.M., VV.MM.
Vossa Meritíssima	Por extenso
Vossa Magnificência, Vossas Magnificências	V. Mag.^{a}, V. Mag.^{as}
Vossa Reverendíssima, Vossas Reverendíssimas	V.Rev.^{ma}, V. Rev.^{mas}
Vossa Santidade	V.S.

Português – começando do ZERO

Observação sobre os pronomes de tratamento:

a) Os pronomes de tratamento são pronomes que se referem à segunda pessoa do discurso. Entretanto, exigem a concordância verbal na terceira pessoa. Ademais, devem também ficar na terceira pessoa todos os elementos que a tais pronomes se refiram.

Português – começando do ZERO

PRONOMES DEMONSTRATIVOS			
	MASCULINOS	**FEMININOS**	
1ª	este, estes	esta, estas	isto
2ª	esse, esses	essa, essas	isso
3ª	aquele, aqueles	aquela, aquelas	aquilo

Português – começando do ZERO

I) Quanto à localização espacial do referente temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se “este, esta, isto e variações” quando o referente se encontra com o ser que fala.

* **Esta** camisa aqui custou-me quarenta reais.

Português – começando do ZERO

I) Quanto à localização espacial do referente temos as seguintes orientações:

b) Emprega-se “esse, essa, isso e variações” quando o referente se encontra próximo, perto de quem fala.

* Quanto custou **essa** camisa que você está usando?

Português – começando do ZERO

I) Quanto à localização espacial do referente temos as seguintes orientações:

c) Empregam-se “aquele, aquela, aquilo e variações” quando o referente se encontra distante do ser que fala.

* **Aquele** menino acolá passou em um concurso para juiz federal.

Português – começando do ZERO

II) Quanto à localização temporal do referente, temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se “este, esta, isto e variações” quando se faz referências a um tempo presente em relação à pessoa que fala.

* Ainda este ano irei à Europa.

II) Quanto à localização temporal do referente, temos as seguintes orientações:

b) Empregam-se “esse, essa, isso e variações” quando se faz referências a um tempo passado ou futuro em relação à pessoa que fala.

* O ano passado marcou minha vida. Nesse ano nasceu meu filho.

II) Quanto à localização temporal do referente, temos as seguintes orientações:

c) Empregam-se "aquele, aquela, aquilo e variações" quando se faz referências a passado distante em relação ao ser que fala.

* Em 1980 a inflação era galopante. **Naquele** ano, viviam-se os últimos anos do milagre econômico brasileiro.

Português – começando do ZERO

III) Quanto à localização textual do referente, temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se “esse, essa, isso e variações” para retomar termos e informações já mencionados. Tais pronomes funcionarão como “elementos de coesão referencial anafórica”.

* A violência assola o pais de norte a sul. **Esse** problema inviabiliza muitos negócios comerciais no Brasil.

Português – começando do ZERO

III) Quanto à localização textual do referente, temos as seguintes orientações:

b) Empregam-se “este, esta, isto e variações” para antecipar termos e informações que ainda vão ser mencionados. Tais pronomes funcionarão, portanto, como “elementos de coesão referencial catafórica”.

* O Brasil precisa disto: educação igualitária – de qualidade – para todos.

Português – começando do ZERO

III) Quanto à localização textual do referente, temos as seguintes orientações:

c) Empregam-se “este, esta, isto e variações” para retomar, dentro de um período, o termo mais próximo, ou seja, o enunciado em segundo lugar, a fim de se evitar uma possível ambigüidade que os demonstrativos “esse, essa, isso e variações” poderiam gerar. Por outro lado, empregam-se “aquele, aquela, aquilo e variações” para retomar, dentro do período, o termo mais distante, ou seja, o enunciado em primeiro lugar.

Português – começando do ZERO

III) Quanto à localização textual do referente, temos as seguintes orientações:

Exemplo:

* Brasil e Argentina travaram novos acordos comerciais. **Este** exportará carnes nobres e importará frutas tropicais **daquele**.

Português – começando do ZERO

INDEFINIDOS INVARIÁVEIS	INDEFINIDOS VARIÁVEIS
- alguém, ninguém; - tudo, nada; - algo; - cada; - outrem; - mais, menos, demais.	- algum, alguns, alguma, algumas; - nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhumas; - todo, toda, todos, todas; - muito, muitos, muita, muitas; - pouco, pouca, poucos, poucas; - certo, certa, certos, certas; - vário, vários, vária, várias; - tanto, tantos, tanta, tantas; - quanto, quantos, quanta, quantas; - um, uns, uma, umas; - bastante, bastantes; - qualquer, quaisquer.

Português – começando do ZERO

Emprego dos pronomes indefinidos

QUALQUER

"QUALQUER" só será pronome indefinido quando vier anteposto ao substantivo – neste caso equivalerá a "algum(ns) / alguma(s)".

* **Qualquer** pessoa consegue fazer isso.

* **Quaisquer** dúvidas, dirijam-se à direção do evento.

Português – começando do ZERO

Emprego dos pronomes indefinidos

"**TODO**" é um indefinido, chamado por alguns gramáticos de "coletivo universal". Possui as flexões "toda, todos, todas". É empregado de acordo com as seguintes orientações:

a) É hodierna e frequentemente empregado no singular, sem a presença de artigo definido, com a significação de “qualquer”.

* **Todo** homem pode cometer um crime impensadamente.

Português – começando do ZERO

Emprego dos pronomes indefinidos

b) Embora haja posicionamentos contrários, pode também ser empregado no singular e anteposto a substantivo precedido ou não de artigo, significando "totalidade ou cada".

* "**Todo** homem é mortal, mas o homem **todo** não é mortal". (Carlos Drummond de Andrade)

Português – começando do ZERO

Emprego dos pronomes indefinidos

b) Emprega-se no singular e posposto a um substantivo para indicar a totalidade das partes:

* Assim que chegamos, ele nos mostrou a casa **toda**.

Português – começando do ZERO

Emprego dos pronomes indefinidos

ALGUM

4. O pronome indefinido "algum" emprega-se de acordo com as seguintes orientações:

a) Anteposto ao substantivo assume frequentemente valor positivo de "qualquer, um":

* "Deste modo, viverei o que vivi, e assentarei a mão para **alguma** obra de maior tomo." (Machado de Assis)

Português – começando do ZERO

Emprego dos pronomes indefinidos

ALGUM

b) Anteposto ao substantivo, assume também o valor de "certo, um pouco de".

* Por **algum** tempo esperou a projetada expedição de D. Pedro da Cunha, que pretendeu transportar ao Brasil a coroa portuguesa." (José de Alencar)

Português – começando do ZERO

Emprego dos pronomes indefinidos

CERTO

5. Este vocábulo só será pronome indefinido quando vier anteposto a um substantivo.

* "As outras escravas a contemplavam todas com **certo** interesse e comiseração." (Bernardo Guimarães)

Português – começando do ZERO

Resolução de questões

1. **“Este é um assunto entre........................ .
Não tem nada a ver ....”**

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

a) Eu e ele, contigo
b) Eu e ele, consigo
c) Mim e ele, com você
d) Mim e ele, consigo
e) Mim e ti, consigo

Português – começando do ZERO

2. Por favor, passe .... caneta que está aí perto de você; .... aqui não serve para .... desenhar.

a) aquela, esta, mim
b) esta, esta, mim
c) essa, esta, eu
d) essa, essa, mim
e) aquela, essa, eu

Português – começando do ZERO

3. O período em que o pronome possessivo destacado está mal empregado é:

a) Dirijo-me a ele, a fim de solicitar o *seu* apoio.
b) Dirijo-me a ti, a fim de solicitar o *teu* apoio
c) Dirijo-me a vós, a fim de solicitar o *vosso* apoio.
d) Dirijo-me a Vossa Senhoria, a fim de solicitar o *seu* apoio.
e) Dirijo-me a Vossa Senhoria, a fim de solicitar o *vosso* apoio

---

Português – começando do ZERO

4. Das alternativas abaixo, apenas uma preenche de modo correto as lacunas da frases. Assinale-a:

Quando saíres, avisa-nos que iremos ....
Meu pai deu um livro para .... ler.
Não se ponha entre .... e ela.
Mandou um recado para você e ....

a) contigo, eu, eu, eu.
b) com você, mim, mim, mim
c) consigo, mim, mim, eu.
d) consigo, eu, mim, mim
e) contigo, eu, mim, mim

Português – começando do ZERO

5. Foram divididos .... próprios os trabalhos que .... em equipe.

a) conosco, se devem realizar
b) com nós, devem-se realizar
c) conosco, devem realizar-se
d) com nós, se devem realizar
e) conosco, devem-se realizar

Português – começando do ZERO

ESTUDO DOS PRONOMES

1. Definição:

É a classe de palavra variável que substitui ou acompanha o substantivo é denominada de **pronome**.

Como o adjetivo, o numeral e o artigo também são classes morfológicas que acompanham o substantivo, podemos afirmar que a grande distinção entre estes e o pronome se dá pelo fato de o pronome situar o substantivo numa pessoa do discurso.

Português – começando do ZERO

Classificação dos pronomes:

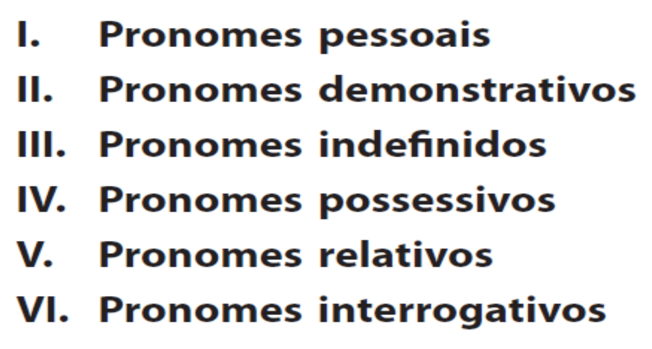

I. Pronomes pessoais
II. Pronomes demonstrativos
III. Pronomes indefinidos
IV. Pronomes possessivos
V. Pronomes relativos
VI. Pronomes interrogativos

Português – começando do ZERO

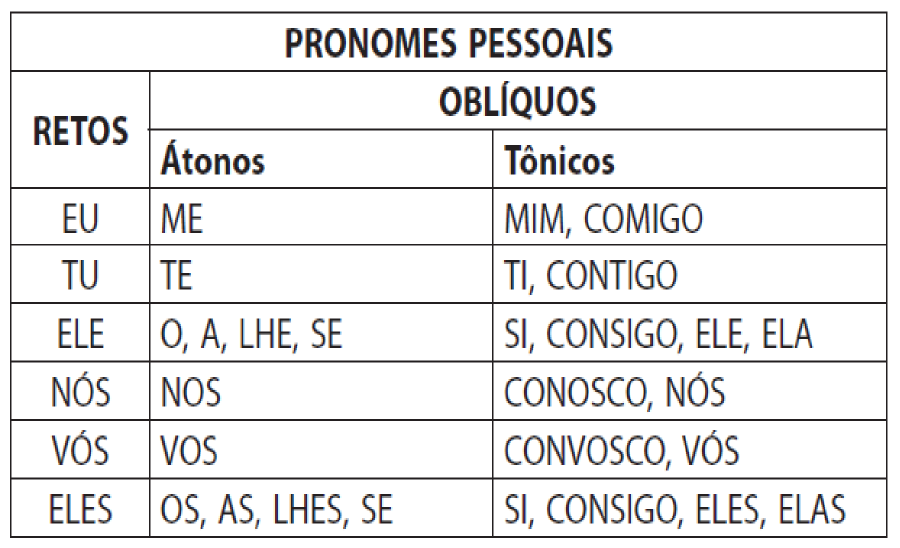

PRONOMES PESSOAIS		
RETOS	**OBLÍQUOS**	
	Átonos	**Tônicos**
EU	ME	MIM, COMIGO
TU	TE	TI, CONTIGO
ELE	O, A, LHE, SE	SI, CONSIGO, ELE, ELA
NÓS	NOS	CONOSCO, NÓS
VÓS	VOS	CONVOSCO, VÓS
ELES	OS, AS, LHES, SE	SI, CONSIGO, ELES, ELAS

Português – começando do ZERO

Informações essenciais:

I – Dentro dos pronomes pessoais, há pronomes átonos e pronomes tônicos.

II – O fato de o pronome ser átono ou tônico interfere no emprego deste pronome.

III – Todo pronome átono possui um correspondente tônico.

Português – começando do ZERO

Informações essenciais:

IV – Os pronomes tônicos só podem ser usados quando antecedidos por uma preposição.

* Não vá sem mim.

* Nunca houve problemas entre mim e ela.

Português – começando do ZERO

Informações essenciais:

V – Os pronomes átonos da 3ª pessoa “o, a, os, as, lhe, lhes” possuem como correspondentes tônicos os pronomes “ele, ela, eles, elas” precedidos por preposição.

* Ela nunca obedeceu aos avós.

* Ela nunca obedeceu a eles.

Informações essenciais:

VI – Os pronomes “si, consigo” são reflexivos e só podem ser usados em referência a um sujeito verbal.

* Ela sempre leva consigo os irmãos.

* Joana nunca fala de si.

Informações essenciais:

VII – Os pronomes “conosco, convosco” só podem ser usados quando a informação finalizar neles. Se houver elemento de reforço, devem ser usadas as formas analíticas “com nós” e “com vós” respectivamente.

* Os meninos irão conosco.

* Os meninos irão com nós dois.

Português – começando do ZERO

Informações essenciais:

VIII – Os pronomes “me, te, lhe, nos, vos, lhes” podem funcionar como verdadeiros pronomes possessivos. Isso ocorre quanto atribuem uma noção de posse a um determinado substantivo.

* Quando o Papa chegou, o presidente beijou-lhe as mãos.

* O vento despenteava-nos os cabelos.

Português – começando do ZERO

PRONOMES RELATIVOS	
INVARIÁVEIS	VARIÁVEIS
QUE	**O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS**
QUEM	**CUJO, CUJA, CUJOS, CUJAS**
ONDE	**QUANTO, QUANTA, QUANTOS, QUANTAS**

Português – começando do ZERO

Português – começando do ZERO

Informações essenciais:

I – O pronome relativo QUE é denominado de relativo universal, pois pode ser tanto usado para pessoas quanto para coisas, tanto para o singular quanto para o plural, tanto para o feminino quanto para o masculino.

*** Gostei da bolsa que você comprou.**

*** Eu vi o homem que ganhou na loteria.**

Informações essenciais:

II – O pronome relativo QUEM é denominado de relativo personativo, pois só pode ser usado em substituição a um ser personativo.

*** O médico em quem ele confia vai se aposentar.**

III – O pronome relativo ONDE só pode ser usado em relação a um lugar. Equivale a “em que” e variações.

Informações essenciais sobre o ONDE:

Português – começando do ZERO

1. Até agora não sei ___________ vou passar as minhas férias.

2. Até agora não sei ___________ devo ir em minhas férias.

3. Chegamos a uma região ___________ havia muitos imigrantes italianos.

4. No capítulo dois, __________ há uma descrição mais detalhada sobre o assunto, o autor...

Português – começando do ZERO

5. "_________ você mora? _________ você foi morar?"

6. "E por falar em saudade, ________ anda você? ________ andam esses olhos...?

7. "________ você estiver, não se esqueça de mim?"

Português – começando do ZERO

Informações essenciais:

IV – Os pronomes relativos CUJO, CUJA, CUJOS, CUJAS são denominados de relativos possessivos, pois são usados para substituir termos que transmitem a noção de posse. Equivalem a "do qual, da qual, dos quais, das quais, seu, sua, seus, suas, dele, dela, deles, delas". O CUJO e flexões rejeitam a posposição de artigos.

Português – começando do ZERO

14(ESAF) Assinale a opção que apresenta proposta de substituição correta de palavra ou trecho do texto.

Há sociedades que têm a vocação do crescimento, mas sem a vocação da espera. E a resultante, quando não é inflação ou crise do balanço de pagamentos, é uma só: juros altos.

Português – começando do ZERO

14(ESAF – An.Tributário) Assinale a opção que apresenta proposta de substituição correta de palavra ou trecho do texto.

b) “que têm a vocação do crescimento”(ℓ.1) por “cuja vocação de crescimento”.

Português – começando do ZERO

22.(FCC – TRT 8ª) O texto está corretamente transcrito com lógica, correção e clareza, sem repetições desnecessárias, em:

(A) “...o Parque Nacional de Galápagos, no Equador, assinou um convênio com a ONG Sea Shepard e WWF para instalar um sistema de vigilância nesses barcos com menos de 20 toneladas de peso bruto, cuja a maioria trafegam na reserva. O sinal de rádio, que será captado por antenas em pontos estratégicos, será emitido por esse sistema.”

Português – começando do ZERO

Empregos inadequados do relativo “CUJO” e flexões:

1. (FCC – APOF/SP) A nostalgia que o autor manifesta das viagens de trem, em cujas quase ninguém tinha pressa, participava do encanto das estaçõezinhas.

2. (FCC – APOF/SP) As estaçõezinhas de trem eram parte do encanto daquelas viagens aonde ninguém tinha pressa e por cujas o autor manifesta sua nostalgia.

Português – começando do ZERO

Empregos inadequados do relativo “CUJO” e flexões:

3. (TRE/PI) Não são claras as fronteiras em cujas se deseja estabelecer uma objetiva distinção entre etnias.

4. (TRF 5ª) Muitos homens se valem da crença religiosa para se auto-sacrificarem em protesto político, em cujo também morrem vários inocentes.

Português – começando do ZERO

Dorme como quem
cedo achasse abrigo
que nos meus desabrigos
dormirei contigo.

José Paulo Paes

(Prosas seguidas de Odes mínimas.
S.Paulo, Cia. das Letras, 1992, p.37)

Português – começando do ZERO

7. O pronome contigo, na última estrofe do poema, está empregado

(A) de acordo com a norma culta, pois o poeta dirige-se a Glaura na segunda pessoa do singular – dorme.

(B) em desacordo com a norma culta, apenas para rimar com a palavra abrigo, pois o correto seria “com você”.

(C) corretamente, por ser o único momento do texto em que é possível assegurar em que pessoa o poeta se dirige a Glaura.

Português – começando do ZERO

7. O pronome contigo, na última estrofe do poema, está empregado

(D) em desacordo com a norma culta, pois o correto seria “consigo”, já que o poeta se dirige a Glaura na terceira pessoa do singular – dorme.

(E) corretamente, desde que considerado o uso informal da língua; no uso formal, o mais adequado seria
“convosco”.

Português – começando do ZERO

PRONOME DE TRATAMENTO	**ABREVIATURA**
você, vocês	v.
senhor, senhores	Sr. Sr.$_{-}$-^{es} --
senhorita, senhoritas	Sr^{ta}, Sr^{tas}
senhora, senhoras	Sr.^{a}, Sras
Vossa Senhoria, Vossas Senhorias	V.S.^{a}, V. S.^{as}
Vossa Excelência, Vossas Excelências	V. Ex.ª, V. Ex.^{as}
Vossa Eminência, Vossas Eminências	V. Em.^{a}, V. Em.^{as}
Vossa Alteza, Vossas Altezas	V.A., VV.AA.
Vossa Majestade, Vossas Majestades	V.M., VV.MM.
Vossa Meritíssima	Por extenso
Vossa Magnificência, Vossas Magnificências	V. Mag.^{a}, V. Mag.^{as}
Vossa Reverendíssima, Vossas Reverendíssimas	V.Rev.^{ma}, V. Rev.^{mas}
Vossa Santidade	V.S.

Observação sobre os pronomes de tratamento:

a) Os pronomes de tratamento são pronomes que se referem à segunda pessoa do discurso. Entretanto, exigem a concordância verbal na terceira pessoa. Ademais, devem também ficar na terceira pessoa todos os elementos que a tais pronomes se refiram.

PRONOMES DEMONSTRATIVOS			
	MASCULINOS	**FEMININOS**	
1ª	este, estes	esta, estas	isto
2ª	esse, esses	essa, essas	isso
3ª	aquele, aqueles	aquela, aquelas	aquilo

Português – começando do ZERO

I) Quanto à localização espacial do referente temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se “este, esta, isto e variações” quando o referente se encontra com o ser que fala.

* **Esta** camisa aqui custou-me quarenta reais.

Português – começando do ZERO

I) Quanto à localização espacial do referente temos as seguintes orientações:

b) Emprega-se “esse, essa, isso e variações” quando o referente se encontra próximo, perto de quem fala.

* Quanto custou **essa** camisa que você está usando?

Português – começando do ZERO

I) Quanto à localização espacial do referente temos as seguintes orientações:

c) Empregam-se "aquele, aquela, aquilo e variações" quando o referente se encontra distante do ser que fala.

* **Aquele** menino acolá passou em um concurso para juiz federal.

Português – começando do ZERO

II) Quanto à localização temporal do referente, temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se "este, esta, isto e variações" quando se faz referências a um tempo presente em relação à pessoa que fala.

* Ainda este ano irei à Europa.

Português – começando do ZERO

II) Quanto à localização temporal do referente, temos as seguintes orientações:

b) Empregam-se “esse, essa, isso e variações” quando se faz referências a um tempo passado ou futuro em relação à pessoa que fala.

* O ano passado marcou minha vida. Nesse ano nasceu meu filho.

Português – começando do ZERO

II) Quanto à localização temporal do referente, temos as seguintes orientações:

c) Empregam-se "aquele, aquela, aquilo e variações" quando se faz referências a passado distante em relação ao ser que fala.

* Em 1980 a inflação era galopante. **Naquele** ano, viviam-se os últimos anos do milagre econômico brasileiro.

Português – começando do ZERO

III) Quanto à localização textual do referente, temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se "esse, essa, isso e variações" para retomar termos e informações já mencionados. Tais pronomes funcionarão como "elementos de coesão referencial anafórica".

* A violência assola o pais de norte a sul. **Esse** problema inviabiliza muitos negócios comerciais no Brasil.

Português – começando do ZERO

III) Quanto à localização textual do referente, temos as seguintes orientações:

b) Empregam-se "este, esta, isto e variações" para antecipar termos e informações que ainda vão ser mencionados. Tais pronomes funcionarão, portanto, como "elementos de coesão referencial catafórica".

* O Brasil precisa disto: educação igualitária – de qualidade – para todos.

Português – começando do ZERO

III) Quanto à localização textual do referente, temos as seguintes orientações:

c) Empregam-se "este, esta, isto e variações" para retomar, dentro de um período, o termo mais próximo, ou seja, o enunciado em segundo lugar, a fim de se evitar uma possível ambigüidade que os demonstrativos "esse, essa, isso e variações" poderiam gerar. Por outro lado, empregam-se "aquele, aquela, aquilo e variações" para retomar, dentro do período, o termo mais distante, ou seja, o enunciado em primeiro lugar.

Português – começando do ZERO

III) Quanto à localização textual do referente, temos as seguintes orientações:

Exemplo:

* Brasil e Argentina travaram novos acordos comerciais. **Este** exportará carnes nobres e importará frutas tropicais **daquele**.

Português – começando do ZERO

INDEFINIDOS INVARIÁVEIS	INDEFINIDOS VARIÁVEIS
- alguém, ninguém; - tudo, nada; - algo; - cada; - outrem; - mais, menos, demais.	- algum, alguns, alguma, algumas; - nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhumas; - todo, toda, todos, todas; - muito, muitos, muita, muitas; - pouco, pouca, poucos, poucas; - certo, certa, certos, certas; - vário, vários, vária, várias; - tanto, tantos, tanta, tantas; - quanto, quantos, quanta, quantas; - um, uns, uma, umas; - bastante, bastantes; - qualquer, quaisquer.

Português – começando do ZERO

Emprego dos pronomes indefinidos

QUALQUER

"QUALQUER" só será pronome indefinido quando vier anteposto ao substantivo – neste caso equivalerá a "algum(ns) / alguma(s)".

* **Qualquer** pessoa consegue fazer isso.

* **Quaisquer** dúvidas, dirijam-se à direção do evento.

Português – começando do ZERO

Emprego dos pronomes indefinidos

"**TODO**" é um indefinido, chamado por alguns gramáticos de "coletivo universal". Possui as flexões "toda, todos, todas". É empregado de acordo com as seguintes orientações:

a) É hodierna e frequentemente empregado no singular, sem a presença de artigo definido, com a significação de “qualquer”.

* **Todo** homem pode cometer um crime impensadamente.

Português – começando do ZERO

Emprego dos pronomes indefinidos

b) Embora haja posicionamentos contrários, pode também ser empregado no singular e anteposto a substantivo precedido ou não de artigo, significando "totalidade ou cada".

* "**Todo** homem é mortal, mas o homem **todo** não é mortal". (Carlos Drummond de Andrade)

Português – começando do ZERO

Emprego dos pronomes indefinidos

b) Emprega-se no singular e posposto a um substantivo para indicar a totalidade das partes:

* Assim que chegamos, ele nos mostrou a casa **toda**.

Português – começando do ZERO

Emprego dos pronomes indefinidos

ALGUM

4. O pronome indefinido "algum" emprega-se de acordo com as seguintes orientações:

a) Anteposto ao substantivo assume frequentemente valor positivo de "qualquer, um":

* "Deste modo, viverei o que vivi, e assentarei a mão para **alguma** obra de maior tomo." (Machado de Assis)

Português – começando do ZERO

Emprego dos pronomes indefinidos

ALGUM

b) Anteposto ao substantivo, assume também o valor de "certo, um pouco de".

* Por **algum** tempo esperou a projetada expedição de D. Pedro da Cunha, que pretendeu transportar ao Brasil a coroa portuguesa." (José de Alencar)

Português – começando do ZERO

Emprego dos pronomes indefinidos

CERTO

5. Este vocábulo só será pronome indefinido quando vier anteposto a um substantivo.

* "As outras escravas a contemplavam todas com **certo** interesse e comiseração." (Bernardo Guimarães)

Resolução de questões

1. **"Este é um assunto entre....................... .
Não tem nada a ver ...."**

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

a) Eu e ele, contigo
b) Eu e ele, consigo
c) Mim e ele, com você
d) Mim e ele, consigo
e) Mim e ti, consigo

---

2. **Por favor, passe .... caneta que está aí perto de você; .... aqui não serve para .... desenhar.**

a) aquela, esta, mim
b) esta, esta, mim
c) essa, esta, eu
d) essa, essa, mim
e) aquela, essa, eu

Português – começando do ZERO

3. O período em que o pronome possessivo destacado está mal empregado é:

a) Dirijo-me a ele, a fim de solicitar o *seu* apoio.
b) Dirijo-me a ti, a fim de solicitar o *teu* apoio
c) Dirijo-me a vós, a fim de solicitar o *vosso* apoio.
d) Dirijo-me a Vossa Senhoria, a fim de solicitar o *seu* apoio.
e) Dirijo-me a Vossa Senhoria, a fim de solicitar o *vosso* apoio

Português – começando do ZERO

4. Das alternativas abaixo, apenas uma preenche de modo correto as lacunas da frases. Assinale-a:

Quando saíres, avisa-nos que iremos ....
Meu pai deu um livro para .... ler.
Não se ponha entre .... e ela.
Mandou um recado para você e ....

a) contigo, eu, eu, eu.
b) com você, mim, mim, mim
c) consigo, mim, mim, eu.
d) consigo, eu, mim, mim
e) contigo, eu, mim, mim

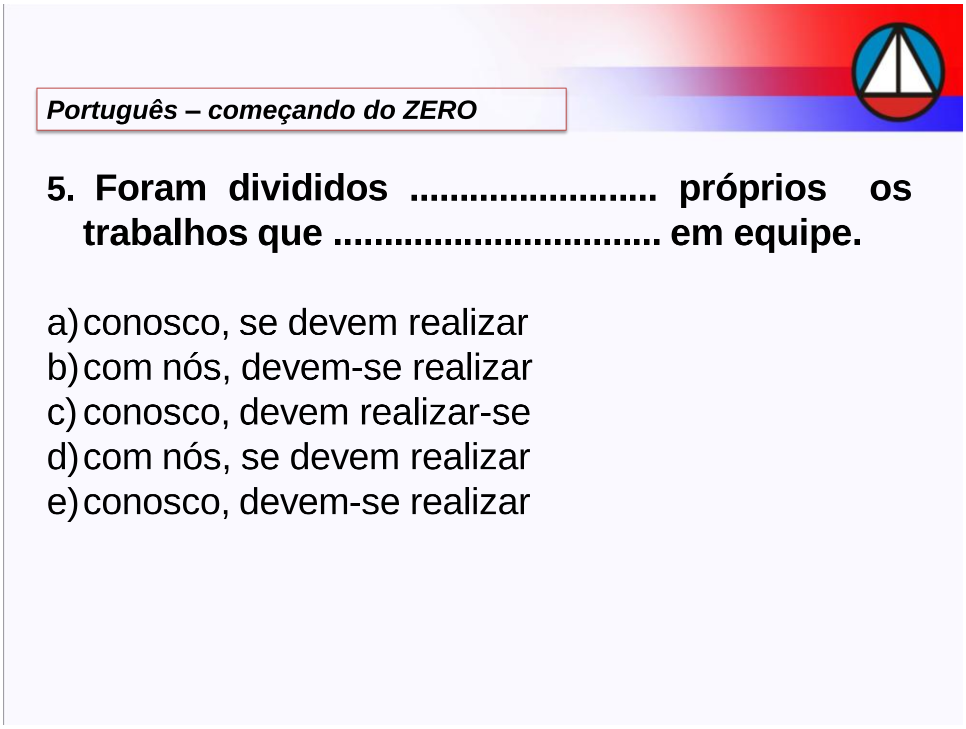

Português – começando do ZERO

5. Foram divididos .... próprios os trabalhos que .... em equipe.

a) conosco, se devem realizar
b) com nós, devem-se realizar
c) conosco, devem realizar-se
d) com nós, se devem realizar
e) conosco, devem-se realizar

Português – começando do ZERO

ESTUDO DOS PRONOMES

1. Definição:

É a classe de palavra variável que substitui ou acompanha o substantivo é denominada de **pronome**.

Como o adjetivo, o numeral e o artigo também são classes morfológicas que acompanham o substantivo, podemos afirmar que a grande distinção entre estes e o pronome se dá pelo fato de o pronome situar o substantivo numa pessoa do discurso.

Português – começando do ZERO

Classificação dos pronomes:

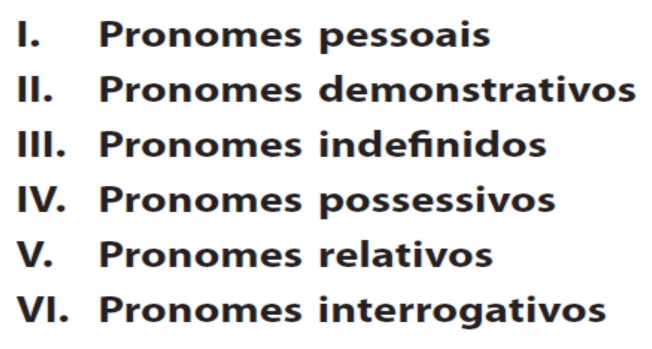

I. Pronomes pessoais
II. Pronomes demonstrativos
III. Pronomes indefinidos
IV. Pronomes possessivos
V. Pronomes relativos
VI. Pronomes interrogativos

Português – começando do ZERO

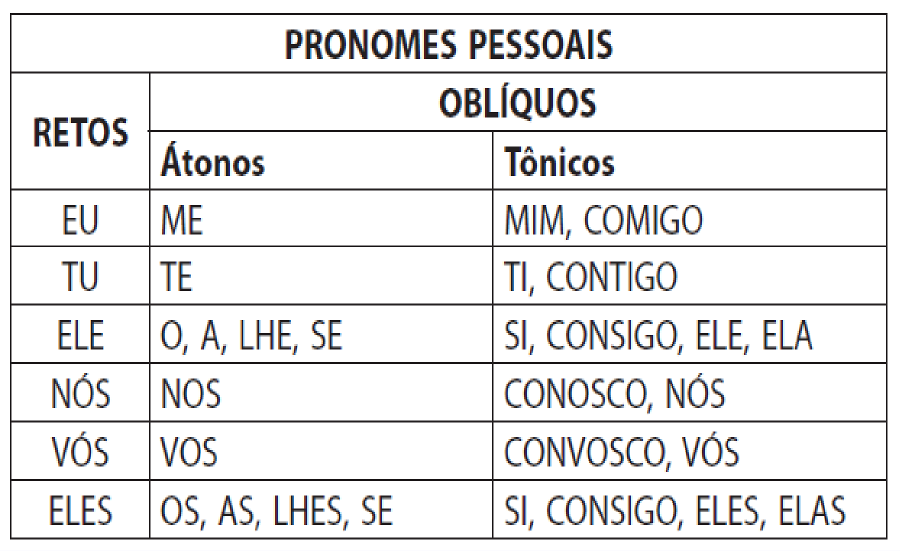

PRONOMES PESSOAIS		
RETOS	OBLÍQUOS	
	Átonos	Tônicos
EU	ME	MIM, COMIGO
TU	TE	TI, CONTIGO
ELE	O, A, LHE, SE	SI, CONSIGO, ELE, ELA
NÓS	NOS	CONOSCO, NÓS
VÓS	VOS	CONVOSCO, VÓS
ELES	OS, AS, LHES, SE	SI, CONSIGO, ELES, ELAS

Português – começando do ZERO

Informações essenciais:

I – Dentro dos pronomes pessoais, há pronomes átonos e pronomes tônicos.

II – O fato de o pronome ser átono ou tônico interfere no emprego deste pronome.

III – Todo pronome átono possui um correspondente tônico.

Português – começando do ZERO

Informações essenciais:

IV – Os pronomes tônicos só podem ser usados quando antecedidos por uma preposição.

* Não vá sem mim.

* Nunca houve problemas entre mim e ela.

Português – começando do ZERO

Informações essenciais:

V – Os pronomes átonos da 3ª pessoa “o, a, os, as, lhe, lhes” possuem como correspondentes tônicos os pronomes “ele, ela, eles, elas” precedidos por preposição.

* Ela nunca obedeceu aos avós.

* Ela nunca obedeceu a eles.

Português – começando do ZERO

Informações essenciais:

VI – Os pronomes “si, consigo” são reflexivos e só podem ser usados em referência a um sujeito verbal.

* Ela sempre leva consigo os irmãos.

* Joana nunca fala de si.

Português – começando do ZERO

Informações essenciais:

VII – Os pronomes “conosco, convosco” só podem ser usados quando a informação finalizar neles. Se houver elemento de reforço, devem ser usadas as formas analíticas “com nós” e “com vós” respectivamente.

* Os meninos irão conosco.

* Os meninos irão com nós dois.

Português – começando do ZERO

Informações essenciais:

VIII – Os pronomes “me, te, lhe, nos, vos, lhes” podem funcionar como verdadeiros pronomes possessivos. Isso ocorre quanto atribuem uma noção de posse a um determinado substantivo.

* Quando o Papa chegou, o presidente beijou-lhe as mãos.

* O vento despenteava-nos os cabelos.

Português – começando do ZERO

PRONOMES RELATIVOS	
INVARIÁVEIS	VARIÁVEIS
QUE	O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS
QUEM	**CUJO, CUJA, CUJOS, CUJAS**
ONDE	**QUANTO, QUANTA, QUANTOS, QUANTAS**

Português – começando do ZERO

Português – começando do ZERO

Informações essenciais:

I – O pronome relativo QUE é denominado de relativo universal, pois pode ser tanto usado para pessoas quanto para coisas, tanto para o singular quanto para o plural, tanto para o feminino quanto para o masculino.

*** Gostei da bolsa que você comprou.**

*** Eu vi o homem que ganhou na loteria.**

Português – começando do ZERO

Informações essenciais:

II – O pronome relativo QUEM é denominado de relativo personativo, pois só pode ser usado em substituição a um ser personativo.

* O médico em quem ele confia vai se aposentar.

III – O pronome relativo ONDE só pode ser usado em relação a um lugar. Equivale a “em que” e variações.

Português – começando do ZERO

Informações essenciais sobre o ONDE:

Português – começando do ZERO

1. Até agora não sei ___________ vou passar as minhas férias.

2. Até agora não sei ___________ devo ir em minhas férias.

3. Chegamos a uma região ___________ havia muitos imigrantes italianos.

4. No capítulo dois, __________ há uma descrição mais detalhada sobre o assunto, o autor...

Português – começando do ZERO

5. “_________ você mora? _________ você foi morar?”

6. “E por falar em saudade, ________ anda você? ________ andam esses olhos...?

7. “________ você estiver, não se esqueça de mim?”

Português – começando do ZERO

Informações essenciais:

IV – Os pronomes relativos CUJO, CUJA, CUJOS, CUJAS são denominados de relativos possessivos, pois são usados para substituir termos que transmitem a noção de posse. Equivalem a "do qual, da qual, dos quais, das quais, seu, sua, seus, suas, dele, dela, deles, delas". O CUJO e flexões rejeitam a posposição de artigos.

Português – começando do ZERO

14(ESAF) Assinale a opção que apresenta proposta de substituição correta de palavra ou trecho do texto.

Há sociedades que têm a vocação do crescimento, mas sem a vocação da espera. E a resultante, quando não é inflação ou crise do balanço de pagamentos, é uma só: juros altos.

Português – começando do ZERO

14(ESAF – An.Tributário) Assinale a opção que apresenta proposta de substituição correta de palavra ou trecho do texto.

b) “que têm a vocação do crescimento”(ℓ.1) por “cuja vocação de crescimento”.

Português – começando do ZERO

22.(FCC – TRT 8ª) O texto está corretamente transcrito com lógica, correção e clareza, sem repetições desnecessárias, em:

(A) “...o Parque Nacional de Galápagos, no Equador, assinou um convênio com a ONG Sea Shepard e WWF para instalar um sistema de vigilância nesses barcos com menos de 20 toneladas de peso bruto, cuja a maioria trafegam na reserva. O sinal de rádio, que será captado por antenas em pontos estratégicos, será emitido por esse sistema.”

Português – começando do ZERO

Empregos inadequados do relativo "CUJO" e flexões:

1. (FCC – APOF/SP) A nostalgia que o autor manifesta das viagens de trem, em cujas quase ninguém tinha pressa, participava do encanto das estaçõezinhas.

2. (FCC – APOF/SP) As estaçõezinhas de trem eram parte do encanto daquelas viagens aonde ninguém tinha pressa e por cujas o autor manifesta sua nostalgia.

Português – começando do ZERO

Empregos inadequados do relativo "CUJO" e flexões:

3. (TRE/PI) Não são claras as fronteiras em cujas se deseja estabelecer uma objetiva distinção entre etnias.

4. (TRF 5ª) Muitos homens se valem da crença religiosa para se auto-sacrificarem em protesto político, em cujo também morrem vários inocentes.

Português – começando do ZERO

Dorme como quem
cedo achasse abrigo
que nos meus desabrigos
dormirei contigo.

José Paulo Paes

(Prosas seguidas de Odes mínimas.
S.Paulo, Cia. das Letras, 1992, p.37)

Português – começando do ZERO

7. O pronome contigo, na última estrofe do poema, está empregado

(A) de acordo com a norma culta, pois o poeta dirige-se a Glaura na segunda pessoa do singular – dorme.

(B) em desacordo com a norma culta, apenas para rimar com a palavra abrigo, pois o correto seria "com você".

(C) corretamente, por ser o único momento do texto em que é possível assegurar em que pessoa o poeta se dirige a Glaura.

Português – começando do ZERO

7. O pronome contigo, na última estrofe do poema, está empregado

(D) em desacordo com a norma culta, pois o correto seria “consigo”, já que o poeta se dirige a Glaura na terceira pessoa do singular – dorme.

(E) corretamente, desde que considerado o uso informal da língua; no uso formal, o mais adequado seria
“convosco”.

Português – começando do ZERO

PRONOME DE TRATAMENTO	ABREVIATURA
você, vocês	v.
senhor, senhores	Sr. Sr._-^{es} --
senhorita, senhoritas	Sr^{ta}, Sr^{tas}
senhora, senhoras	Sr.^{a}, Sras
Vossa Senhoria, Vossas Senhorias	V.S.^{a}, V. S.^{as}
Vossa Excelência, Vossas Excelências	V. Ex.ª, V. Ex.^{as}
Vossa Eminência, Vossas Eminências	V. Em.^{a}, V. Em.^{as}
Vossa Alteza, Vossas Altezas	V.A., VV.AA.
Vossa Majestade, Vossas Majestades	V.M., VV.MM.
Vossa Meritíssima	Por extenso
Vossa Magnificência, Vossas Magnificências	V. Mag.^{a}, V. Mag.^{as}
Vossa Reverendíssima, Vossas Reverendíssimas	V.Rev.^{ma}, V. Rev.^{mas}
Vossa Santidade	V.S.

Português – começando do ZERO

Observação sobre os pronomes de tratamento:

a) Os pronomes de tratamento são pronomes que se referem à segunda pessoa do discurso. Entretanto, exigem a concordância verbal na terceira pessoa. Ademais, devem também ficar na terceira pessoa todos os elementos que a tais pronomes se refiram.

Português – começando do ZERO

PRONOMES DEMONSTRATIVOS			
	MASCULINOS	**FEMININOS**	
1ª	este, estes	esta, estas	isto
2ª	esse, esses	essa, essas	isso
3ª	aquele, aqueles	aquela, aquelas	aquilo

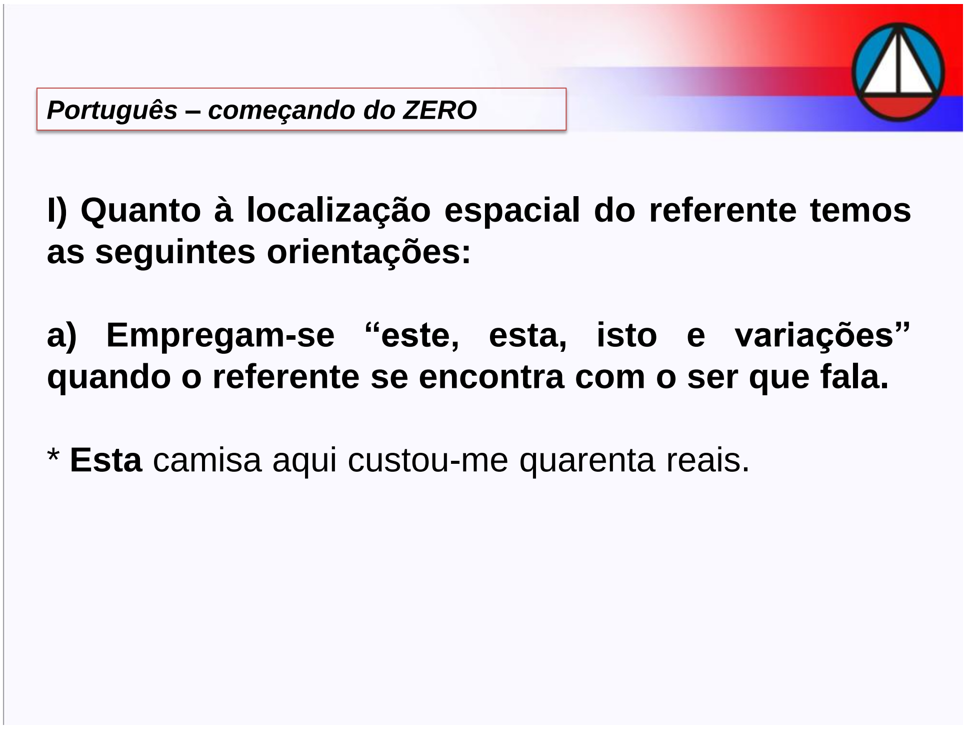

Português – começando do ZERO

I) Quanto à localização espacial do referente temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se “este, esta, isto e variações” quando o referente se encontra com o ser que fala.

* **Esta** camisa aqui custou-me quarenta reais.

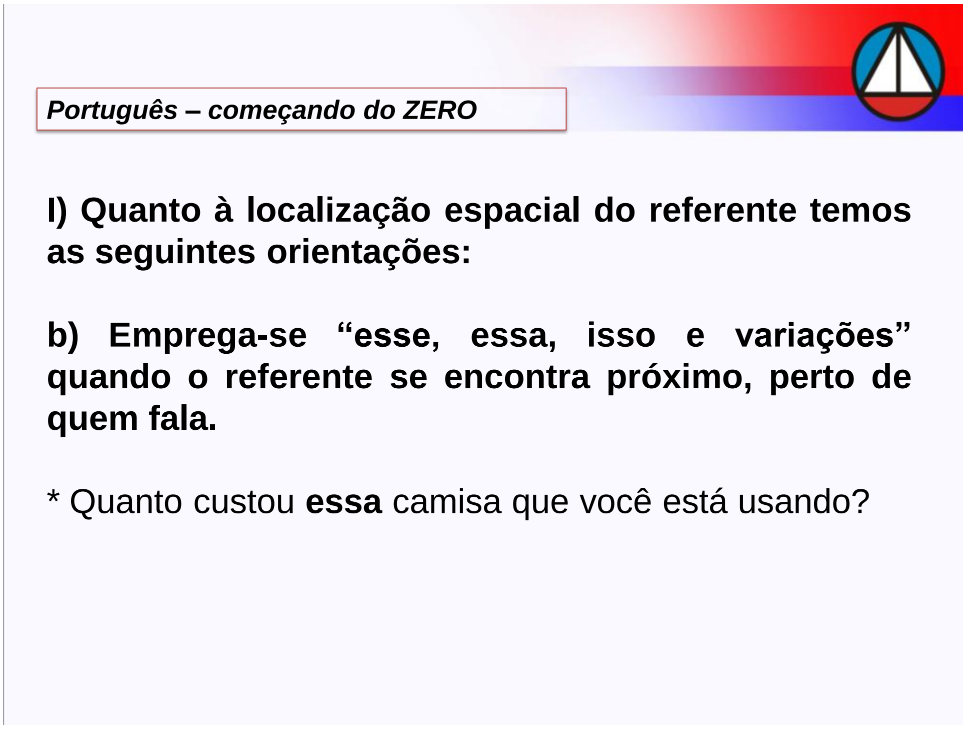

Português – começando do ZERO

I) Quanto à localização espacial do referente temos as seguintes orientações:

b) Emprega-se “esse, essa, isso e variações” quando o referente se encontra próximo, perto de quem fala.

* Quanto custou **essa** camisa que você está usando?

Português – começando do ZERO

I) Quanto à localização espacial do referente temos as seguintes orientações:

c) Empregam-se “aquele, aquela, aquilo e variações” quando o referente se encontra distante do ser que fala.

* **Aquele** menino acolá passou em um concurso para juiz federal.

Português – começando do ZERO

II) Quanto à localização temporal do referente, temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se “este, esta, isto e variações” quando se faz referências a um tempo presente em relação à pessoa que fala.

* Ainda este ano irei à Europa.

Português – começando do ZERO

II) Quanto à localização temporal do referente, temos as seguintes orientações:

b) Empregam-se “esse, essa, isso e variações” quando se faz referências a um tempo passado ou futuro em relação à pessoa que fala.

* O ano passado marcou minha vida. Nesse ano nasceu meu filho.

Português – começando do ZERO

II) Quanto à localização temporal do referente, temos as seguintes orientações:

c) Empregam-se "aquele, aquela, aquilo e variações" quando se faz referências a passado distante em relação ao ser que fala.

* Em 1980 a inflação era galopante. **Naquele** ano, viviam-se os últimos anos do milagre econômico brasileiro.

Português – começando do ZERO

III) Quanto à localização textual do referente, temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se "esse, essa, isso e variações" para retomar termos e informações já mencionados. Tais pronomes funcionarão como "elementos de coesão referencial anafórica".

* A violência assola o pais de norte a sul. **Esse** problema inviabiliza muitos negócios comerciais no Brasil.

Português – começando do ZERO

III) Quanto à localização textual do referente, temos as seguintes orientações:

b) Empregam-se "este, esta, isto e variações" para antecipar termos e informações que ainda vão ser mencionados. Tais pronomes funcionarão, portanto, como "elementos de coesão referencial catafórica".

* O Brasil precisa disto: educação igualitária – de qualidade – para todos.

Português – começando do ZERO

III) Quanto à localização textual do referente, temos as seguintes orientações:

c) Empregam-se “este, esta, isto e variações” para retomar, dentro de um período, o termo mais próximo, ou seja, o enunciado em segundo lugar, a fim de se evitar uma possível ambigüidade que os demonstrativos “esse, essa, isso e variações” poderiam gerar. Por outro lado, empregam-se “aquele, aquela, aquilo e variações” para retomar, dentro do período, o termo mais distante, ou seja, o enunciado em primeiro lugar.

Português – começando do ZERO

III) Quanto à localização textual do referente, temos as seguintes orientações:

Exemplo:

* Brasil e Argentina travaram novos acordos comerciais. **Este** exportará carnes nobres e importará frutas tropicais **daquele**.

Português – começando do ZERO

INDEFINIDOS INVARIÁVEIS	INDEFINIDOS VARIÁVEIS
- alguém, ninguém; - tudo, nada; - algo; - cada; - outrem; - mais, menos, demais.	- algum, alguns, alguma, algumas; - nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhumas; - todo, toda, todos, todas; - muito, muitos, muita, muitas; - pouco, pouca, poucos, poucas; - certo, certa, certos, certas; - vário, vários, vária, várias; - tanto, tantos, tanta, tantas; - quanto, quantos, quanta, quantas; - um, uns, uma, umas; - bastante, bastantes; - qualquer, quaisquer.

Português – começando do ZERO

Emprego dos pronomes indefinidos

QUALQUER

"QUALQUER" só será pronome indefinido quando vier anteposto ao substantivo – neste caso equivalerá a "algum(ns) / alguma(s)".

* **Qualquer** pessoa consegue fazer isso.

* **Quaisquer** dúvidas, dirijam-se à direção do evento.

Português – começando do ZERO

Emprego dos pronomes indefinidos

"**TODO**" é um indefinido, chamado por alguns gramáticos de "coletivo universal". Possui as flexões "toda, todos, todas". É empregado de acordo com as seguintes orientações:

a) É hodierna e frequentemente empregado no singular, sem a presença de artigo definido, com a significação de "qualquer".

* **Todo** homem pode cometer um crime impensadamente.

Português – começando do ZERO

Emprego dos pronomes indefinidos

b) Embora haja posicionamentos contrários, pode também ser empregado no singular e anteposto a substantivo precedido ou não de artigo, significando "totalidade ou cada".

* "**Todo** homem é mortal, mas o homem **todo** não é mortal". (Carlos Drummond de Andrade)

Português – começando do ZERO

Emprego dos pronomes indefinidos

b) Emprega-se no singular e posposto a um substantivo para indicar a totalidade das partes:

* Assim que chegamos, ele nos mostrou a casa **toda**.

Português – começando do ZERO

Emprego dos pronomes indefinidos

ALGUM

4. O pronome indefinido "algum" emprega-se de acordo com as seguintes orientações:

a) Anteposto ao substantivo assume frequentemente valor positivo de "qualquer, um":

* "Deste modo, viverei o que vivi, e assentarei a mão para **alguma** obra de maior tomo." (Machado de Assis)

Português – começando do ZERO

Emprego dos pronomes indefinidos

ALGUM

b) Anteposto ao substantivo, assume também o valor de "certo, um pouco de".

* Por **algum** tempo esperou a projetada expedição de D. Pedro da Cunha, que pretendeu transportar ao Brasil a coroa portuguesa." (José de Alencar)

Português – começando do ZERO

Emprego dos pronomes indefinidos

CERTO

5. Este vocábulo só será pronome indefinido quando vier anteposto a um substantivo.

* "As outras escravas a contemplavam todas com **certo** interesse e comiseração." (Bernardo Guimarães)

Português – começando do ZERO

Resolução de questões

1. **“Este é um assunto entre....................... . Não tem nada a ver ....”**

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

a) Eu e ele, contigo
b) Eu e ele, consigo
c) Mim e ele, com você
d) Mim e ele, consigo
e) Mim e ti, consigo

Português – começando do ZERO

2. Por favor, passe .... caneta que está aí perto de você; .... aqui não serve para .... desenhar.

a) aquela, esta, mim
b) esta, esta, mim
c) essa, esta, eu
d) essa, essa, mim
e) aquela, essa, eu

Português – começando do ZERO

3. O período em que o pronome possessivo destacado está mal empregado é:

a) Dirijo-me a ele, a fim de solicitar o *seu* apoio.
b) Dirijo-me a ti, a fim de solicitar o *teu* apoio
c) Dirijo-me a vós, a fim de solicitar o *vosso* apoio.
d) Dirijo-me a Vossa Senhoria, a fim de solicitar o *seu* apoio.
e) Dirijo-me a Vossa Senhoria, a fim de solicitar o *vosso* apoio

Português – começando do ZERO

4. Das alternativas abaixo, apenas uma preenche de modo correto as lacunas da frases. Assinale-a:

Quando saíres, avisa-nos que iremos ....
Meu pai deu um livro para .... ler.
Não se ponha entre .... e ela.
Mandou um recado para você e ....

a) contigo, eu, eu, eu.
b) com você, mim, mim, mim
c) consigo, mim, mim, eu.
d) consigo, eu, mim, mim
e) contigo, eu, mim, mim

Português – começando do ZERO

5. Foram divididos .... próprios os trabalhos que .... em equipe.

a) conosco, se devem realizar
b) com nós, devem-se realizar
c) conosco, devem realizar-se
d) com nós, se devem realizar
e) conosco, devem-se realizar

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Verbo...2
- Estrutura das Formas Verbais...2
- Classificação dos Verbos...2

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Verbo

Verbo é a classe de palavras que se flexiona em pessoa, número, tempo, modo e voz.

Pode indicar, entre outros processos: ação (correr); estado (ficar); fenômeno (chover); ocorrência (nascer); desejo (querer).

Estrutura das Formas Verbais

- → **Radical**: é a parte invariável, que expressa o significado essencial do verbo.
  - > fal-ei; fal-ava; fal-am.
- → **Conjugações:**
  - > 1ª - Vogal Temática - A - (falar)
  - > 2ª - Vogal Temática - E - (vender)
  - > 3ª - Vogal Temática - I - (partir)
- → **Desinência modo-temporal:** é o elemento que designa o tempo e o modo do verbo.
  - > Falávamos
  - > Falavam
- → **Desinência número-pessoal:** é o elemento que designa a pessoa do discurso (1ª, 2ª ou 3ª) e o número (singular ou plural).
  - > Falamos
  - > Falavam

Classificação dos Verbos

- → **Regulares**: são aqueles que possuem as desinências normais de sua conjugação e cuja flexão não provoca alterações no radical.
  - > Canto, cantei, cantarei, cantava, cantasse.
- → **Irregulares**: são aqueles cuja flexão provoca alterações no radical ou nas desinências.
  - > Faço, fiz, farei, fizesse.
- → **Defectivos**: são aqueles que não apresentam conjugação completa. Classificam-se em impessoais, unipessoais e pessoais.
  - > **Impessoais**: são os verbos que não têm sujeito. Normalmente, são usados na terceira pessoa do singular. Os principais verbos impessoais são:
    - » Haver, quando sinônimo de existir, acontecer, realizar-se ou fazer (em orações temporais).

    “Havia poucos ingressos à venda. (Havia = Existiam)”

    - » Fazer, ser e estar (quando indicam tempo).

    “Faz muito frio.”

    - » Todos os verbos que indicam fenômenos da natureza são impessoais: chover, ventar, nevar, gear, trovejar, amanhecer, escurecer, etc.

    “Choveu bastante hoje.”

  - > **Unipessoais**: são aqueles que, tendo sujeito, conjugam-se apenas nas terceiras pessoas do singular e do plural. Entre os unipessoais estão os verbos que significam vozes de animais, como:

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

- Cacarejar (galinha)
- Coaxar (sapo)
- Cricrilar (grilo)

» Os principais verbos unipessoais são:

- Cumprir, importar, convir, doer, aprazer, parecer, ser (preciso, necessário, etc.).

"Parece que vai chover. (Sujeito: que vai chover)"

- Fazer e ir, em orações que dão ideia de tempo, seguidos da conjunção que.

"Faz dez anos que deixei de fumar. (Sujeito: que deixei de fumar)"

> **Pessoais:** não apresentam algumas flexões por motivos morfológicos ou eufônicos.

» **Verbo falir:**

Este verbo teria como formas do presente do indicativo falo, fales, fale, idênticas às do verbo falar - o que provavelmente causaria problemas de interpretação em certos contextos.

» **Verbo computar:**

Este verbo teria como formas do presente do indicativo computo, computas, computa - formas de sonoridade considerada ofensiva por alguns ouvidos gramaticais.

→ **Abundantes**: são aqueles que possuem mais de uma forma com o mesmo valor. Geralmente, esse fenômeno costuma ocorrer no particípio, em que, além das formas regulares terminadas em -ado ou -ido, surgem as chamadas formas curtas (particípio irregular).

> Anexar
> Imprimir
> Soltar

→ **Anômalos**: são aqueles que incluem mais de um radical em sua conjugação.

> Ser: sou, era, fui, serei.

→ **Auxiliares:** São aqueles que entram na formação dos tempos compostos e das locuções verbais. O verbo principal, quando acompanhado de verbo auxiliar, é expresso numa das formas nominais: infinitivo, gerúndio ou particípio.

"João tem estudado muito."

"João está estudando muito."

→ **Pronominais:**

> **Essenciais**: são aqueles que sempre se conjugam com os pronomes oblíquos me, te, se, nos, vos, se. São poucos: abster-se, ater-se, apiedar-se, atrever-se, dignar-se, arrepender-se, etc.

> **Acidentais**: são aqueles verbos transitivos diretos em que a ação exercida pelo sujeito recai sobre o objeto representado por pronome oblíquo da mesma pessoa do sujeito; assim, o sujeito faz uma ação que recai sobre ele mesmo. Em geral, os verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos podem ser conjugados com os pronomes mencionados, formando o que se chama voz reflexiva.

> Levantar-se
> Sentir-se

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

EXERCÍCIOS

01. De acordo com a norma-padrão, o verbo haver não pode assumir a forma de plural quando é usado como verbo impessoal.

A forma verbal destacada NÃO é impessoal em:

a) Em muitos casos, não há alternativa senão defender uma visão conservadora da sociedade.
b) Embora muitas pessoas insistam em não aceitar a mudança, para mim não há verdade indiscutível.
c) Houve época em que os valores religiosos se impunham à quase totalidade das pessoas.
d) Não haverá convívio social equilibrado e produtivo sem princípios e valores estabelecidos.
e) Uma comunidade que não respeitasse certos princípios e normas haveria de fracassar.

02. Observe os verbos destacados da frase:

"Se os assassinatos com armas de fogo são uma face da violência vivida na nossa sociedade, ela não é a única." Eles são classificados como:

a) Abundantes.
b) Anômalos.
c) Defectivos.
d) Regulares
e) Especiais.

03. O verbo dispor, no trecho "Outros elementos adentram o cenário brasileiro nas últimas décadas e dispõem a cidade como instância privada:" (L. 23-25), apresenta irregularidade na sua conjugação.

A sequência em que todos os verbos também são irregulares é:

a) crer, saber, exaltar
b) dizer, fazer, generalizar
c) opor, medir, vir
d) partir, trazer, ver
e) resultar, preferir, aderir

GABARITO

01 - E

02 - B

03 - C

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Verbo 2
Estrutura das Formas Verbais 2
Classificação dos Verbos 2

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Verbo

Verbo é a classe de palavras que se flexiona em pessoa, número, tempo, modo e voz.

Pode indicar, entre outros processos: ação (correr); estado (ficar); fenômeno (chover); ocorrência (nascer); desejo (querer).

Estrutura das Formas Verbais

- **Radical**: é a parte invariável, que expressa o significado essencial do verbo.
  - fal-ei; fal-ava; fal-am.
- **Conjugações:**
  - 1ª - Vogal Temática - A - (falar)
  - 2ª - Vogal Temática - E - (vender)
  - 3ª - Vogal Temática - I - (partir)
- **Desinência modo-temporal:** é o elemento que designa o tempo e o modo do verbo.
  - Falávamos
  - Falavam
- **Desinência número-pessoal:** é o elemento que designa a pessoa do discurso (1ª, 2ª ou 3ª) e o número (singular ou plural).
  - Falamos
  - Falavam

Classificação dos Verbos

- **Regulares**: são aqueles que possuem as desinências normais de sua conjugação e cuja flexão não provoca alterações no radical.
  - Canto, cantei, cantarei, cantava, cantasse.
- **Irregulares**: são aqueles cuja flexão provoca alterações no radical ou nas desinências.
  - Faço, fiz, farei, fizesse.
- **Defectivos**: são aqueles que não apresentam conjugação completa. Classificam-se em impessoais, unipessoais e pessoais.
  - **Impessoais**: são os verbos que não têm sujeito. Normalmente, são usados na terceira pessoa do singular. Os principais verbos impessoais são:
    - Haver, quando sinônimo de existir, acontecer, realizar-se ou fazer (em orações temporais).

    "Havia poucos ingressos à venda. (Havia = Existiam)"

    - Fazer, ser e estar (quando indicam tempo).

    "Faz muito frio."

    - Todos os verbos que indicam fenômenos da natureza são impessoais: chover, ventar, nevar, gear, trovejar, amanhecer, escurecer, etc.

    "Choveu bastante hoje."

  - **Unipessoais**: são aqueles que, tendo sujeito, conjugam-se apenas nas terceiras pessoas do singular e do plural. Entre os unipessoais estão os verbos que significam vozes de animais, como:

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

        - Cacarejar (galinha)
        - Coaxar (sapo)
        - Cricrilar (grilo)
    - » Os principais verbos unipessoais são:
        - Cumprir, importar, convir, doer, aprazer, parecer, ser (preciso, necessário, etc.).

“Parece que vai chover. (Sujeito: que vai chover)”

- Fazer e ir, em orações que dão ideia de tempo, seguidos da conjunção que.

“Faz dez anos que deixei de fumar. (Sujeito: que deixei de fumar)”

> **Pessoais:** não apresentam algumas flexões por motivos morfológicos ou eufônicos.

» **Verbo falir:**

Este verbo teria como formas do presente do indicativo falo, fales, fale, idênticas às do verbo falar - o que provavelmente causaria problemas de interpretação em certos contextos.

» **Verbo computar:**

Este verbo teria como formas do presente do indicativo computo, computas, computa - formas de sonoridade considerada ofensiva por alguns ouvidos gramaticais.

→ **Abundantes**: são aqueles que possuem mais de uma forma com o mesmo valor. Geralmente, esse fenômeno costuma ocorrer no particípio, em que, além das formas regulares terminadas em -ado ou -ido, surgem as chamadas formas curtas (particípio irregular).

- > Anexar
- > Imprimir
- > Soltar

→ **Anômalos**: são aqueles que incluem mais de um radical em sua conjugação.

- > Ser: sou, era, fui, serei.

→ **Auxiliares:** São aqueles que entram na formação dos tempos compostos e das locuções verbais. O verbo principal, quando acompanhado de verbo auxiliar, é expresso numa das formas nominais: infinitivo, gerúndio ou particípio.

“João tem estudado muito.”

“João está estudando muito.”

→ **Pronominais:**

- > **Essenciais**: são aqueles que sempre se conjugam com os pronomes oblíquos me, te, se, nos, vos, se. São poucos: abster-se, ater-se, apiedar-se, atrever-se, dignar-se, arrepender-se, etc.
- > **Acidentais**: são aqueles verbos transitivos diretos em que a ação exercida pelo sujeito recai sobre o objeto representado por pronome oblíquo da mesma pessoa do sujeito; assim, o sujeito faz uma ação que recai sobre ele mesmo. Em geral, os verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos podem ser conjugados com os pronomes mencionados, formando o que se chama voz reflexiva.
- > Levantar-se
- > Sentir-se

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

EXERCÍCIOS

01. De acordo com a norma-padrão, o verbo haver não pode assumir a forma de plural quando é usado como verbo impessoal.

A forma verbal destacada NÃO é impessoal em:

- ***a)*** Em muitos casos, não há alternativa senão defender uma visão conservadora da sociedade.
- ***b)*** Embora muitas pessoas insistam em não aceitar a mudança, para mim não há verdade indiscutível.
- ***c)*** Houve época em que os valores religiosos se impunham à quase totalidade das pessoas.
- ***d)*** Não haverá convívio social equilibrado e produtivo sem princípios e valores estabelecidos.
- ***e)*** Uma comunidade que não respeitasse certos princípios e normas haveria de fracassar.

02. Observe os verbos destacados da frase:

"Se os assassinatos com armas de fogo são uma face da violência vivida na nossa sociedade, ela não é a única." Eles são classificados como:

- ***a)*** Abundantes.
- ***b)*** Anômalos.
- ***c)*** Defectivos.
- ***d)*** Regulares
- ***e)*** Especiais.

03. O verbo dispor, no trecho "Outros elementos adentram o cenário brasileiro nas últimas décadas e dispõem a cidade como instância privada:" (L. 23-25), apresenta irregularidade na sua conjugação.

A sequência em que todos os verbos também são irregulares é:

- ***a)*** crer, saber, exaltar
- ***b)*** dizer, fazer, generalizar
- ***c)*** opor, medir, vir
- ***d)*** partir, trazer, ver
- ***e)*** resultar, preferir, aderir

GABARITO

01 - E

02 - B

03 - C

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

19

ATENÇÃO!

INTRODUÇÃO À SINTAXE

19. INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA SINTAXE

O que é sintaxe?

oração é todo enunciado linguístico organizado em torno de um verbo e ... de sujeito e predicado, ou, ao ... de predicado. Uma **frase** é todo enunciado de sentido completo.

Diferença entre frase e oração

... pode ser definida como qualquer enunciado de sentido completo.

Você deve ter percebido que as frases 'a' e 'b' não contêm verbos e que a frase 'c' contém um verbo. Ora, se a oração é todo enunciado linguístico organizado em torno de um verbo, daí entende-se que as frases 'a' ... não podem ser chamadas de oração, ... contêm verbos. Por outro lado, ... que os três enunciados ('a', 'b' e

'c') apresentam sentido ... característica essa da frase. Temos nos 3 anunciados o total de 3 fr... apenas uma oração. Isso nos permite ... às seguintes conclusões:

1) Nem toda frase pode ser chamada ... oração;

Exemplo:

Em 'Que dia lindo!' temos uma frase, pois tem sentido completo, mas não apresenta verbo.

2) Todas as orações podem ser chamadas de frases, pois apresentam sentido completo, mas nem todas as frases podem ser chamadas de orações, pois muitas frases não contêm verbos.

Exemplo:

Em

Brinquei no parque.

Entrei na casa e **sentei**-me.

Cheguei, vi, venci.

Temos três frases e três orações.

3) A frase pode conter uma ou mais orações.

Brinquei no parque. (uma oração)

Entrei na casa e **sentei**-me. (duas orações)

Cheguei, vi, venci. (três orações)

Frase nominal e frase verbal.

Uma frase será nominal quando não apresentar verbo em sua estrutura.

Exemplo:

'Socorro!'; 'Com Licença!' e 'Que rapaz bobo!'

Será verbal quando apresentar um verbo em sua estrutura.

Exemplo:

Hoje **tomamos** chá pela manhã.

www.gramaticaemvideo.com.br

03

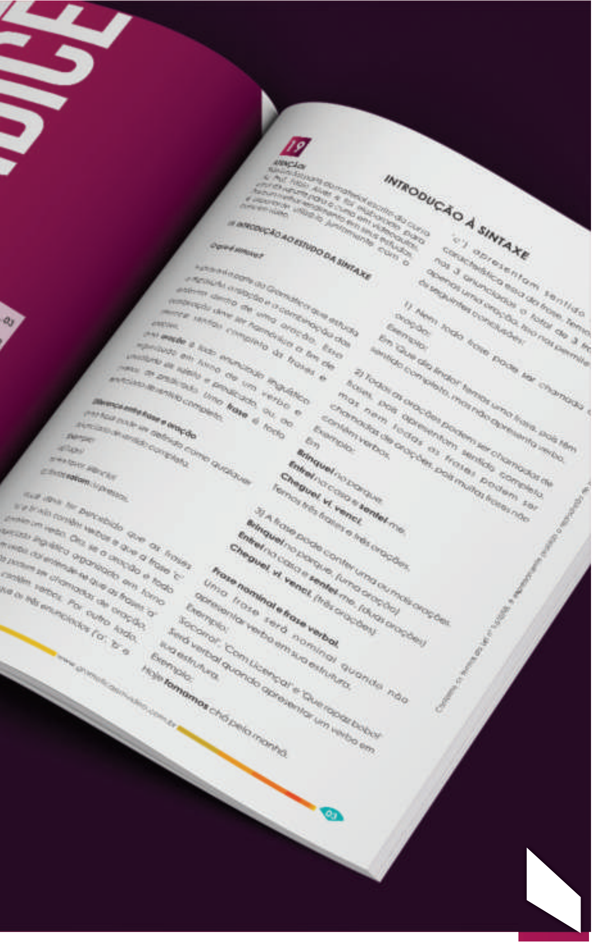

INTRODUÇÃO À SINTAXE...03

Diferença entre frase e oração..03
Frase nominal e frase verbal...03
Período e Classificação do Período...04
Termos da Oração...04

1

INTRODUÇÃO À SINTAXE

ATENÇÃO!
Este livro faz parte do material escrito do curso do Prof. Fábio Alves e foi elaborado para servir de suporte para o curso em videoaulas. Para um melhor rendimento em seus estudos, é importante utilizá-lo juntamente com o curso em vídeo.

19. INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA SINTAXE

O que é sintaxe?

A sintaxe é a parte da Gramática que estuda a disposição, a relação e a combinação das palavras dentro de uma oração. Essa combinação deve ser harmônica a fim de oferecer sentido completo às frases e orações.

Uma **oração** é todo enunciado linguístico organizado em torno de um verbo e constituído de sujeito e predicado, ou, ao menos, de predicado. Uma **frase** é todo enunciado de sentido completo.

Diferença entre frase e oração

Uma frase pode ser definida como qualquer enunciado de sentido completo.

Exemplo:

a) Fogo!

b) Por favor, silêncio!

c) Todos **saíram** às pressas.

Você deve ter percebido que as frases 'a' e 'b' não contêm verbos e que a frase 'c' contém um verbo. Ora, se a oração é todo enunciado linguístico organizado em torno de um verbo, daí entende-se que as frases 'a' e 'b' não podem ser chamadas de oração, pois não contêm verbos. Por outro lado, percebe-se que os três enunciados ('a', 'b' e 'c') apresentam sentido completo, característica essa da frase. Temos, portanto, nos 3 anunciados o total de 3 frases, mas apenas uma oração. Isso nos permite chegar às seguintes conclusões:

1) Nem toda frase pode ser chamada de oração;

Exemplo:

Em 'Que dia lindo!' temos uma frase, pois têm sentido completo, mas não apresenta verbo.

2) Todas as orações podem ser chamadas de frases, pois apresentam sentido completo, mas nem todas as frases podem ser chamadas de orações, pois muitas frases não contêm verbos.

Exemplo:

Em

Brinquei no parque.

Entrei na casa e **sentei**-me.

Cheguei, **vi**, **venci.**

Temos três frases e três orações.

3) A frase pode conter uma ou mais orações.

Brinquei no parque. (uma oração)

Entrei na casa e **sentei**-me. (duas orações)

Cheguei, **vi**, **venci.** (três orações)

Frase nominal e frase verbal.

Uma frase será nominal quando não apresentar verbo em sua estrutura.

Exemplo:

'Socorro!', 'Com Licença!' e 'Que rapaz bobo!'

Será verbal quando apresentar um verbo em sua estrutura.

Exemplo:

Hoje **tomamos** chá pela manhã.

Conforme os termos da Lei nº 9.610/98, é expressamente proibida a reprodução de parte ou da totalidade deste

Período

É todo enunciado linguístico com sentido acabado e completo. Ele sempre inicia com letra maiúscula e termina por:

Ponto Final
Exemplo:
O chefe autorizou sua saída.

Ponto de interrogação
Exemplo:
Por que ele saiu mais cedo?

Ponto de exclamação
Exemplo:
Não era para ele sair mais cedo!

Classificação do período

O período pode ser simples ou composto.

Período simples é aquele que possui apenas uma oração (apenas um verbo). A oração que constitui o período simples é chamada oração absoluta.
Exemplo:
O chefe **autorizou** a saída do funcionário.

Período composto é aquele que consta de duas ou mais orações.
Exemplo:
Maria **foi** até a sala, **pegou** o controle e **ligou** a televisão.

No período composto podem ocorrer três tipos de orações:

Oração principal

É aquela que possui a informação principal do período. Ela não tem sentido sem o complemento da oração que se liga a ela, ou seja, da oração subordinada.

Oração subordinada

É a que possui uma relação de dependência com a oração principal. Ela se liga à oração principal estabelecendo uma relação de dependência.

Oração coordenada

É a que não possui relação de dependência com outra oração. Ela apenas se coordena entre si, daí o nome 'coordenada'.

Análise sintática

Com base nos conceitos vistos acima, podemos agora falar em análise sintática. Analisar sintaticamente uma oração significa dispor, combinar e relacionar as palavras, uma ao lado da outra, a fim de obter sentido lógico e completo à estrutura oracional. Para tanto, separamos, nomeamos e classificamos os termos que compõem uma oração.

Termos da oração

Os termos que compõem uma oração são:

sujeito
predicado
complemento nominal
objeto direto
objeto indireto
predicativo
agente da passiva
adjunto adnominal
adjunto adverbial
aposto
vocativo (*)

Cada um deles desempenha função sintática essencial na estrutura oracional e

Conforme os termos da Lei nº 9.610/98, é expressamente proibida a reprodução de parte ou da totalidade deste

aparecem juntos dentro da oração, mas são estudados separadamente, na mesma ordem em que aparecem na lista acima, porém são divididos em

termos essenciais, **termos integrantes** e **termos acessórios.**

Termos essenciais da oração:

Sujeito e predicado

Termos integrantes da oração:

Complemento nominal

Complementos verbais (divididos em objeto direto e objeto indireto)

predicativo do objeto

agente da passiva

Termos acessórios da oração:

adjunto adnominal

adjunto adverbial

aposto
vocativo (Termo isolado dentro da oração, ou seja, não faz parte nem do sujeito nem do predicado)

Para um bom estudo de análise sintática, é importante saber reconhecer bem todos esses termos. Veremos cada um deles a partir do próximo bloco do nosso curso.

Conforme os termos da Lei nº 9.610/98, é expressamente proibida a reprodução de parte ou da totalidade deste

ATENÇÃO!
Conforme os termos da Lei nº 9.610/98, é expressamente proibida a reprodução de parte ou da totalidade deste conteúdo, mediante qualquer forma ou meio, sem prévia e formal autorização do autor.

Uso dos porquês

Por quê?

Porque...

Por quê?

Por quê?

Porque...

Porquê

Por quê?

Por que...

Na Língua Portuguesa, há quatro maneiras diferentes de se grafar o porquê.

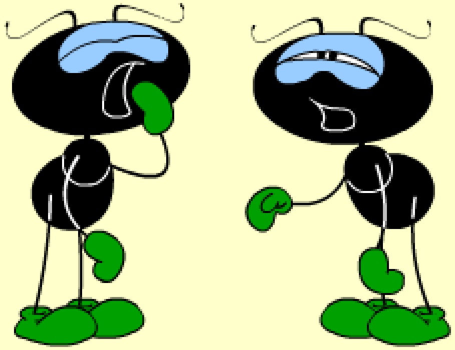

- **1. Porquê (junto, com acento):** É um substantivo, portanto deverá ser usado, quando surgir, antes dele, uma palavra modificadora – artigo (o, os, um, uns), pronome adjetivo (meu, esse, quanto) ou numeral (um, dois, três, quatro). Como é um substantivo, admite plural: porquês.

- **1. Porquê (junto, com acento):** Exemplos:
- **— Ninguém sabe o porquê de tanto desdém.**
  — Quantos porquês! Pare de fazer-me perguntas.

- **2. Por quê (separado, com acento):**
- É a junção da preposição por com o substantivo quê, que só é usado em final de frase. Aliás, sempre que a palavra "que" for usada em final de frase, deverá ser acentuada, independentemente do elemento que surja antes.

- **2. Por quê (separado, com acento):**
- Exemplos:
- **— Você não me telefonou ontem por quê?**
  — Nem eu sei por quê.
  — Você está rindo de quê?
  — Você procurou-me para quê?

- **3. Por que (separado, sem acento): B.** É a junção da preposição por com o pronome interrogativo que; significa por que motivo, por qual razão. Exemplos:
- **— Por que o professor faltou hoje? = Por qual razão o professor faltou? — Não sei por que o professor faltou hoje = Não sei por qual motivo o professor faltou hoje.**

- **3. Por que (separado, sem acento):**
  B. É a junção da preposição por com o pronome relativo que; pode ser substituído por pelo qual, pelos quais, pela qual, pelas quais ou por qual.
- Exemplos:
- **—O aperto por que passei foi terrível = O aperto pelo qual passei foi terrível.**
  — A causa por que luto é nobilíssima = A causa pela qual luto é nobilíssima.

- **4) Porque (junto, sem acento):** É uma conjunção, portanto estará ligando duas orações, indicando causa (= já que), explicação (= pois) ou finalidade (= para que). Exemplos:
- **— O espetáculo não ocorreu, porque o cantor estava gripado = O espetáculo não ocorreu já que o cantor estava gripado.**
  — Estudem, porque consigam a aprovação = Estudem para que consigam a aprovação.
  — Pare de falar, porque está atrapalhando-me = Pare de falar, pois está atrapalhando-me.

Sarah Retter

PORTUGUÊS:
APRENDIZAGEM RÁPIDA DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS PARA PESSOAS QUE FALAM INGLÊS

Get out of
Get rid of
In effect
In detail
Up to
With respect to
In common
Work out
Kind of
Put out
About to
As to
Carry out
No matter
Look for
Take care of
At the drop of a hat
Back and forth
Take advantage of
Sort of
Make sure
Not at all
Kind of
As long as
According to
Break down
Keep in mind
More or less
Point out
Stick with
Used to
Regardless of
Right away
Of course

As 100 expressões idiomáticas mais usadas com 600 exemplos de frases

Sarah Retter

PORTUGUÊS: APRENDIZAGEM RÁPIDA DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS PARA PESSOAS QUE FALAM INGLÊS

As 100 expressões idiomáticas mais usadas com 600 exemplos de frases.

Concentre seu aprendizado de Português nas expressões idiomáticas mais utilizadas. Entenda o significado das 100 expressões idiomáticas mais relevantes para a vida cotidiana.

© 2017 by Sara Retter

© 2017 by UNITEXTO
All rights reserved

Published by UNITEXTO

UNITEXTO
Digital Publishing

ÍNDICE DE CONTEÚDO

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS MAIS UTILIZADAS

EXEMPLOS DE FRASES

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS MAIS UTILIZADAS

EXPRESSÃO IDIOMÁTICA
SIGNIFICADO

1	About to	Estar prestes a
2	At the drop of a hat	Num piscar de olhos
3	According to	Segundo
4	Account for	Explicar
5	After all	Afinal
6	All of a sudden	De repente
7	As a matter of fact	Na verdade
8	As far as	Pelo que
9	As for	Quanto a
10	As if	Como se
11	As long as	Desde que
12	As soon as	Assim que
13	As to	Em relação à
14	Back and forth	De um lado para o outro
15	Better off	Melhor

16.	Break down	Dividir
17	Break up	Separar-se
18	By the way	Aliás
19	Back to the drawing board	Recomeçar tudo
20	Carry out	Realizar/Completar
21	Get rid of	Se livrar de
22	Get out of	Sair
23	Get into	Entrar
24	Get back to	Voltar para
25	Go with	Ir com
26	Go through	Passar pelo/por
27	Go over	Examinar
28	Go on	Continuar
29	Go ahead	Ir em frente
30	In effect	De fato
31	In detail	Em detalhes
32	In common	Em comum
33	In case	Em caso de
34	In a way	De certa forma
35	Hold on	Segurar
36	In place	Preparado
37	In other words	Em outras palavras
38	In order to	A fim de

39	In general	No geral
40	In favor of	A favor de
41	Kind of	Meio
42	Keep in mind	Ter em mente
43	In time	A tempo
44	In terms of	Em termos de
45	More or less	Mais ou menos
46	No matter	Não importa
47	Look for	Procurar
48	Make a difference	Fazer a diferença
49	Make sense	Fazer sentido
50	Make sure	Ter certeza
51	Not at all	De modo algum
52	Of course	Claro
53	On the other hand	Por outro lado
54	On time	A tempo
55	Once again	Mais uma vez
56	Open to	Aberto a
57	Pick up	Pegar
58	Point out	Apontar/ Indicar
59	Put out	Apagar (fogo)
60	Regardless of	Independentemente da/de
61	Right away	Imediatamente

62	Rule out	Descartar
63	Run into	Deparar-se
64	Set up	Montar
65	Show up	Chegar
66	So far	Até agora
67	Sort of	De certo modo
68	Stick with	Manter
69	Take advantage of	Aproveitar
70	Take care of	Cuidar
71	Take out	Tirar
72	Take over	Assumir
73	Take place	Acontecer
74	To the extent that	Na medida em que
75	Turn in	Entregar
76	Turn out	Acabou que
77	Up to	Até
78	Used to	Costumava
79	With respect to	Em relação à
80	Work out	Funcionar / Se exercitar
81	Take it easy	Relaxar
82	To get the ball rolling	Por a mão na massa
83	Sleep on it	Pense nisso
84	Sharp	Em ponto

85	Once in a while	De vez em quando
86	In the nick of time	Bem à tempo
87	In the red	No vermelho
88	In the black	No azul
89	Hit the hay	Capotar
90	In ages	Faz muito tempo
91	Broke	Quebrado
92	As easy as pie	Fácil demais
93	Sick and tired	Farto
94	Bent over backwards	Fazer todo o possível
95	Whole nine yards	Ir até o final
96	Change one’s mind	Mudar de ideia
97	Fill in for someone	Substituir
98	Sit on the fence	Em cima do muro
99	Piece of cake	Muito fácil
100	Once in a blue moon	Muito raramente

EXEMPLOS DE FRASES

1. About to

I was *about to* leave when the phone rang.	Eu estava *prestes* a sair quando o telefone tocou.
I was *about to* scold him but he suddenly started crying.	Eu estava *prestes a* repreendê-lo, mas de repente ele começou a chorar..
I was *about to* fall asleep when he called.	Eu estava *prestes a* dormir quando ele ligou

2. At the drop of a hat

Harry was always ready to go *at the drop of a hat*.	Harry sempre ficava pronto para sair *em um piscar de olhos*.
People file for divorce *at the drop of a hat* these days.	Hoje em dia as pessoas se divorciam *em um piscar de olhos*.
We are expected to execute the plan *at the drop of a hat*.	Espera-se que executem o plano *em um piscar de olhos*

3. According to

According to the teacher there will be no classes tomorrow.	*Segundo* a professora, não haverá aulas amanhã.
According to him, there was only one burglar.	*Segundo* ele, havia apenas um ladrão.
We did everything *according to* the terms of the contract.	Fizemos tudo *segundo* os termos do contrato.

4. Account for

It is impossible to *account for* tastes.	É impossível *explicar* gostos
How do you *account for* his failure?	Como você *explica* o seu fracasso?
I cannot *account for* his absence. .	Não posso *explicar* sua ausência

5. After all

You do not need to speak to him. *After all*, he dislikes you.	Você não precisa falar com ele. *Afinal*, ele não gosta de você.

You must apologize to him. *After all*, he is your cousin.	Você deve se desculpar com ele. *Afinal,* ele é seu primo.
You must not throw garbage here. *After all*, you must try to keep the area clean.	Você não deve jogar lixo aqui. *Afinal*, você deve tentar manter a área limpa.

6. All of a sudden

All of a sudden it became very cloudy and began to rain.	*De repente,* ficou muito nublado e começou a chover.
All of a sudden he lost his cool and left the room.	*De repente* ele perdeu a calma e saiu da sala.
Why are you shouting *all of a sudden*?	Por que você está gritando *de repente*?

7. As a matter of fact

As a matter of fact, we have been to the Science Museum many times.	*Na verdade,* fomos ao Museu da Ciência muitas vezes.
As a matter of fact, I think I am ready for the test.	*Na verdade*, acho que estou pronto para a prova.

As a matter of fact, the sky is not exactly blue in color.	*Na verdade,* o céu não é exatamente da cor azul.

8. As far as

As far as I know the show will start in 5 min.	*Pelo que* sei, o show começará em 5 min.
As far as I am concerned, I will never accept his proposal.	*Pelo que* sei, nunca vou aceitar sua proposta.
As far as I know, they always keep their word.	*Pelo que* sei, eles sempre mantêm sua palavra.

9. As for

As for me, I think I will return home now.	*Quanto a* mim, acho que vou voltar para casa agora.
You can come with me and *as for* her, she can stay back.	Você pode vir comigo e *quanto a ela*, pode ficar.
You can go home now and *as for* him, I think I will call her mom.	Você pode ir para casa agora e *quanto a* ele, acho que vou ligar para sua mãe.

10. As if

The drink tastes *as if* it were made with ginger ale.	A bebida tem um gosto de gengibre, *como se* fosse feita disso.
It seemed *as if* the whole city came to the stadium.	Parecia *como se* toda a cidade estivesse no estádio.
You are behaving *as if* you do not know anything.	Você está se comportando *como se* não soubesse nada.

11. As long as

You will pass the test *as long as* you study hard.	Você passará no teste *desde que* estude muito.
As long as you promise to be careful you can borrow my BMW.	*Desde que* você prometa ter cuidado, você pode emprestar minha BMW
You can play in the living room *as long as* you do not make a mess.	Você pode brincar na sala de estar, *desde que* não faça bagunça.

12. As soon as

I called her *as soon as* I	Liguei para ela *assim que* terminei o jantar.

finished dinner.	
I woke up *as soon as* the bell rang.	Acordei *assim que* o sino tocou.
She broke down *as soon as* she heard the news.	Ela desmaiou *assim que* ouviu a notícia.

13. As to

The players were put into *as to* their individual ability.	Os jogadores foram selecionados *em relação à* sua capacidade individual.
As to your query, I will answer it over phone.	*Em relação à* sua consulta, responderei por telefone.
As to your health, I am really concerned about it.	*Em relação à* sua saúde, estou realmente preocupado.

14. Back & forth

The argument went *back and forth* before the judge made a decision.	O argumento foi *de um lado para o outro* antes que o juiz tomasse uma decisão.
Sending documents *back and forth* is very time consuming.	Enviar documentos *de um lado para o outro* é muito demorado.

The pendulum of the clock swung *back and forth*.	O pêndulo do relógio vai *de um lado para o outro*

15. Better off

You will be *better off* if you can manage to clear all your dues.	Você ficará *melhor* se conseguir esclarecer todas as suas dívidas.
I am *better off* without your help.	Estou *melhor* sem sua ajuda.
Are you *better off* without his support?	Você está *melhor* sem seu apoio?

16. Break down

You need to *break down* the problem for further study.	Você precisa *dividir* o problema para um estudo mais aprofundado.
The sugar will *break down* soon after it is swallowed.	O açúcar irá *dividir-se* logo depois de ser engolido.
Break down the paragraph into simple sentences.	*Divida* o parágrafo em frases simples.

17. Break up

Nobody wants to *break up*	Ninguém quer *se separar*

from their groups.	de seus grupos.
We usually *break up* into small groups during our history class.	Costumamos *nos separar* em pequenos grupos durante a nossa aula de história.
You should never *break up* with her.	Você nunca deve *se separar* dela

18. By the way

By the way, could you please bring my dues tomorrow?	*Aliás,* você poderia trazer minhas tarefas amanhã?
By the way, what project are you working on?	*Aliás*, em que projeto você está trabalhando?
By the way, I am sorry I forgot your birthday.	*Aliás*, desculpe por eu ter esquecido seu aniversário.

19. Back to the drawing board

My experiment was a total failure, so I am *back to the drawing board*.	O meu experimento foi uma falha total, então eu *recomecei tudo*.
I think we should go *back to the drawing board* and work on the design again.	Eu acho que devemos *recomeçar tudo* e trabalhar novamente no design.
The client rejected all our	O cliente rejeitou todas as

proposals; so we are *back to the drawing board*.	nossas propostas; Então vamos *recomeçar tudo*.

20. Carry out

The scientist wanted to carry out a series of experiments before giving a nod to the new medicine.	O cientista queria *realizar* uma série de experiências antes de dar um veredito sobre o novo medicamento.
You need to carry out the tasks more efficiently.	Você precisa *realizar* as tarefas de forma mais eficiente.
How long will you take to carry out the orders?	Quanto tempo você vai levar para *completar* as encomendas?

21. Get rid of

I bought a new car and I need to *get rid of* the old one.	Eu comprei um carro novo,e preciso *me livrar* do antigo.
You must *get rid of* your bad habits.	Você deve *se livrar* dos seus maus hábitos.
How can I *get rid of* these pimples?	Como posso *me livrar* dessas espinhas?

22. Get out of

I want to hurry and *get out of* my home.	Eu quero me apressar e *sair* da minha casa.
You must lock the door properly or the dog will *get out of* the house.	Você deve trancar a porta corretamente ou o cão vai *sair* da casa.
Do not *get out of* the car until I ask you to.	Não *saia* do carro até eu pedir.

23. Get into

I do not want to *get into* an argument with you.	Eu não quero *entrar* em uma discussão com você.
We will *get into* the details of the contract tomorrow.	Vamos *entrar* nos detalhes do contrato amanhã.
Please *get into* the car quickly.	*Entre* rapidamente no carro.

24. Get back to

I was happy to *get back to* my work after my holiday.	Fiquei feliz em *voltar* para meu trabalho depois das minhas férias.
Please *get back to* your desk immediately.	*Volte* para a sua mesa imediatamente.

How will you *get back to* the town tomorrow?	Como você vai *voltar* para a cidade amanhã?

25. Go with

We decided to *go with* the small rental car company instead of the more renowned one.	Nós decidimos *ir com* a pequena empresa de aluguel de carros em vez de algo mais renomado.
You may *go with* him if you choose to	Você pode *ir com* ele se você quiser.
I wish I could *go with* you today.	Eu gostaria de poder *ir com* você hoje.

26. Go through

The teacher decided to *go through* the exercise before the test.	O professor decidiu *passar pelo* exercício antes do teste.
You should *go through* all your files once a week to keep yourself updated.	Você deve *passar por* todos os seus arquivos uma vez por semana para se manter atualizado.
Teenagers *go through* a phase in which they argue a lot with peers.	Os adolescentes *passam por* uma fase em que eles discutem muito com seus colegas.

27. Go over

The accountant will *go over* the books tomorrow.	O contador *examinará* os livros amanhã.
We will *go over* that file tomorrow.	Nós iremos *analisar* esse arquivo amanhã.
Please *go over* the medical history report before arriving at a decision.	Por favor, *examine* o relatório do histórico médico antes de decidir algo.

28. Go on

The game will definitely *go on* for an hour more.	O jogo definitivamente *continuará* por mais uma hora.
There is no point in thinking about the incident; life should *go on* as it is.	Não faz sentido pensar sobre o incidente; A vida deve *continuar* como está.
You must have my permission before you can *go on* that field trip.	Você deve ter minha permissão antes de poder *continuar* aquela viagem de campo.

29. Go Ahead

Let us *go ahead* and start the show.	*Vamos em frente* começar o show.
I am not very familiar with the route; so you *go ahead* first.	Não estou muito familiarizado com a rota; Então, *vá em frente* primeiro.
You can *go ahead* and file a lawsuit against me.	Você pode *ir em frente* e apresentar um processo contra mim.

30. In effect

The man's silence was *in effect* a way of agreeing to the proposal.	O silêncio do homem era, *de fato*, uma maneira de concordar com a proposta.
This task *in effect* a real burden on the student.	Esta tarefa, *de fato*, é um fardo real para o aluno.
The decision has *in effect* taken a heavy toll on his financial condition.	A decisão tomou, *de fato,* um pedaço importante da sua condição financeira.

31. In detail

The salesperson explained about the new machine *in detail*.	O vendedor explicou a nova máquina *em detalhes*.
We were briefed *in detail*	Fomos informados *em*

about the impending danger.	*detalhes* sobre o perigo iminente.
The cop explained the situation *in detail* to the elderly.	O policial explicou a situação *em detalhe* aos idosos.

32. In common

I had nothing *in common* with my other brothers.	Eu não tinha nada *em comum* com meus outros irmãos.
Do you have anything *in common* with her?	Você tem algo *em comum* com ela?
We two have a lot *in common*.	Nós dois temos muito *em comum*.

33. In case

I will take my umbrella *in case* it rains heavily.	Eu tomarei meu guarda-chuva *em caso de* chover forte.
I will walk to office *in case* the car fails to turn up.	Eu vou para o escritório *no caso de* o carro não aparecer.
I think you should pick her up from office *in case* she gets delayed.	Eu acho que você deveria buscá-la no escritório *no caso de* ela de atrasar.

34. In a way

In a way I do want to go to the new restaurant.	*De certa forma,* eu quero ir ao novo restaurante.
In a way I do not care about the weather today.	*De certa forma*, não me importo com o clima hoje.
I do like her attitude *in a way*.	Eu gosto da sua atitude *de certa forma*.

35. Hold on

Please *hold on* for a minute while I lock the door.	Por favor, *segure* por um minuto enquanto eu tranco a porta.
Never *hold on* to anger or pain.	Nunca *segure* a raiva ou a dor.
You must *hold on* to your job no matter what happens.	Você deve *segurar* seu emprego, não importa o que aconteça.

36. In place

Everything was *in place* when we arrived for the meeting.	Tudo estava *preparado* quando chegamos à reunião.
Please keep the books *in place* after you have gone through them.	Mantenha os livros *arrumados* depois de lê-los.
I was *in place* at the right	Eu estava *preparado* no

time.	lugar certo.

37. In other words

In other words, if you do submit the assignment you will never get promoted.	*Em outras palavras*, se você enviar a esse documento, você nunca será promovido.
In other words, it is a socio-cultural and economic concern.	*Em outras palavras,* é uma preocupação sócio-cultural e econômica.
In other words, I do not want to work in your Company.	*Em outras palavras*, não quero trabalhar na sua empresa.

38. In order to

They have decided to close down the shop *in order to* renovate the roof.	Eles decidiram fechar a loja *a fim de* reformar o telhado.
The people gathered at the house *in order to* congratulate the Mayor.	As pessoas se reuniram na casa *a fim de* dar parabéns ao prefeito.
In order to control the inflation, the government announced some desperate measures.	*A fim de* controlar a inflação, o governo anunciou algumas medidas desesperadas.

39. In general

In general, most of the employees are happy with the new manager.	*No geral*, a maioria dos funcionários está feliz com o novo gerente.
In general, Tom is a very reserved person.	*No geral,* Tom é uma pessoa muito reservada.
In general, I hate shopping online.	*No geral,* odeio fazer compras on-line.

40. In favor of

Please issue the check *in favor of* my brother.	Por favor, emita o cheque *em favor do* meu irmão.
Everybody is *in favor of* the new police chief.	Todo mundo é *a favor do* novo chefe de polícia.
The company is not *in favor of* allowing paid holidays.	A empresa não é *a favor de* permitir férias pagas.

41. Kind of

I was *kind of* tired when I went to office in the morning.	Eu estava meio *cansado* quando fui ao escritório pela manhã.

He was *kind of* irresponsible in his college days.	Ele era *meio* irresponsável na sua época universitária.
Are you *kind of* tired today?	Você está *meio* cansado hoje?

42. Keep in mind

You must *keep in mind* that I am not a child anymore.	Você deve *ter em mente* que eu não sou mais uma criança.
Please *keep in mind* that John is waiting for this position in the office.	Por favor, *tenha em mente* que John está esperando esta posição no escritório.
Do *keep in mind* that I am not financially sound nowadays	*Tenha em mente* que eu não sou um bom financeiro hoje em dia

43. In time

I failed to come home *in time* to meet my cousin.	Eu não consegui chegar em casa *a tempo* de conhecer meu primo.
You must come to office *in time* to build a strong reputation.	Você deve chegar ao escritório *a tempo de* construir uma forte

	reputação.
Jack came *in time* to meet his cousin from Newark.	Jack chegou *a tempo de* conhecer seu primo de Newark.

44. In terms of

In terms of the company agreement we are not allowed to sell the products online.	*Em termos* do contrato da empresa, não podemos vender produtos online.
In terms of the contract we are bound to finish this work in 7 days.	*Em termos* de contrato, estamos obrigados a terminar este trabalho em 7 dias.
In terms of weather, this is the hottest month of the year.	*Em termos* de clima, este é o mês mais quente do ano.

45. More or less

I have *more or less* decided to start business next year.	Eu decidi *mais ou menos* começar o negócio no próximo ano.
More or less, he is crazy.	Ele é *mais ou menos* louco.
He was *more or less*	Ele estava *mais ou menos*

drunk.	bêbado.

46. No matter

No matter how hard I try, my dance teacher is never satisfied.	*Não importa* o quanto eu tente, meu professor de dança nunca está satisfeito.
No matter how beautiful your wedding has been, it can never work.	*Não importa* o quão bonito seu casamento foi, ele nunca vai funcionar.
No matter how attractive your web design, the website will surely fail.	*Não importa* o quão atraente seu web design é, o site certamente falhará.

47. Look for

I need to *look for* credit card as soon as I can.	Preciso *procurar* o cartão de crédito assim que puder.
The children have gone to the beach to *look for* shells.	As crianças foram para a praia para *procurar* conchas.
They had to *look for* a new apartment	Eles tinham que *procurar* um novo apartamento

48. Make a difference

It does not *make a*	Não *faz diferença* se o

difference whether the boss is coming or not.	chefe está vindo ou não.
If I study hard to 2 days, it should *make a difference* in my test results.	Se eu estudar muito por 2 dias, isso vai *fazer a diferença* nos resultados da prova.
You can *make a difference* in her life by taking good care of her.	Você pode *fazer a diferença* em sua vida cuidando bem dela.

49. Make sense

The new proposal of the manager does *make sense*.	A nova proposta do gerente *faz sentido*.
What you are saying does *make sense* really.	O que você está dizendo realmente *faz sentido* .
Say something that *makes sense*.	Diga algo que *faça sentido*.

50. Make sure

I want to *make sure* that she meets me tomorrow.	Quero *ter certeza* de que ela vai me encontrar amanhã.
John wants to *make sure* that he gets paid tomorrow.	John quer *ter certeza* de que ele vai ser pago amanhã.

Make sure you have all the documents ready.	*Tenha certeza* de ter todos os documentos prontos.

51. Not at all

I am *not at all* happy with your performance.	Não estou satisfeito com a sua performance *de modo algum*.
John was *not at all* happy with the way she spoke with him.	John não estava feliz *de modo algum* com a maneira como ela falou com ele.
I am *not at all* satisfied with your answer.	Não estou satisfeito com a sua resposta de *modo algum*.

52. Of course

Of course you can drive my car to the party.	*Claro* que você pode dirigir meu carro até chegarmos na festa.
Of course you can have dinner at my place.	*Claro* que você pode jantar na minha casa.
Of course I have appeared for the year-end exam.	*Claro* que fui para as provas finais desse ano.

53. On the other hand

He is very intelligent but, *on the other hand,* he is very lazy too.	Ele é muito inteligente, mas *por outro lado*, ele também é muito preguiçoso.
I can go there but, *on the other hand,* it will be better if you can come here.	Posso ir aí, mas *por outro lado*, será melhor se você puder vir aqui.
He is very naughty but, *on the other hand,* he has a golden heart.	Ele é muito impertinente, mas *por outro lado*, ele tem um coração de ouro.

54. On time

The bus reached the destination *on time.*	O ônibus chegou ao seu o destino *a tempo*.
If you are so slow, you will never reach there *on time.*	Se você é tão lento, você nunca chegará *a tempo*.
The airline has a great *on time* arrival record.	A companhia aérea tem um excelente registro de chegada a *tempo*.

55. Once again

I tried *once again* to call her in the evening.	Tentei *mais uma vez* ligar pra ela à noite.
Once again the boy failed	*Mais uma vez*, o menino

to clear his final exams.	não conseguiu ir bem nos seus exames finais.
Once again the government decided to levy additional taxes.	*Mais uma vez*, o governo decidiu cobrar impostos adicionais.

56. Open to

Most of the students were *open to* the new ideas of the teacher.	A maioria dos alunos estavam *abertos à*s novas idéias do professor.
Our boss is always *open to* new ideas.	Nosso chefe sempre está *aberto a* novas idéias.
I am *open to* all kinds of suggestions.	Estou *aberto a* todos os tipos de sugestões.

57. Pick up

I will *pick up* my dry cleaning tomorrow.	Vou *pegar* minha limpeza a seco amanhã.
I will *pick up* a copy of the newspaper in the evening.	Vou *pegar* uma cópia do jornal à noite.
Please ask Melissa to *pick up* the kids from school.	Peça para Melissa *pegar* as crianças na escola.

58. Point out

My teacher was kind to *point out* my mistakes.	Minha professora foi gentil ao *apontar* meus erros.
Can you please *point out* the wash room?	Você pode me *indicar* a sala de lavagem?
John was quick to *point out* the error in the contract papers.	John me *apontou* rapidamente o erro nos documentos do contrato.

59. Put out

Chris was quick to *put out* the fire in the kitchen.	Chris foi rápido ao *apagar* o fogo na cozinha.
It is impossible to *put out* the bush fires so easily.	É impossível *apagar* os incêndios de matas facilmente.
Try to *put out* the bonfire before 11 pm.	Tente *apagar* a fogueira antes das 11 horas.

60. Regardless of

Regardless of the inclement weather, we will go for fishing tomorrow.	*Independentemente do* mau tempo, iremos pescar amanhã.
I will continue to help her financially *regardless of* the court ruling.	Continuarei a ajudá-la financeiramente, *independentemente* da

	decisão do tribunal.
Regardless of the bad publicity, the film did well at the Box office.	*Independentemente d*a publicidade ruim, o filme foi bem de bilheteria.

61. Right away

I forgot my book at home but I will go and get it *right away.*	Esqueci meu livro em casa, mas irei buscá-lo *imediatamente.*
Do the job *right away* or face the consequences.	Faça o trabalho *imediatamente* ou enfrente as consequências.
I must go home *right away* as nobody is picking up my calls.	Devo ir para casa *imediatamente* porque ninguém está atendendo minhas chamadas.

62. Rule out

The police will definitely *rule out* the possibility of arson in this case.	A polícia definitivamente *descartará* a possibilidade de incêndio criminoso neste caso.
We decided to *rule out* Monday as the day of our meeting.	Nós decidimos *descartar* a segunda-feira como o dia da nossa reunião.

I am not going to *rule out* any such possibilities.	Não vou *descartar* tais possibilidades.

63. Run into

The mechanic will *run into* trouble because of this.	O mecânico *vai se deparar com* problemas por causa disso..
I might *run into* some interesting facts while researching this paper.	Eu posso acabar *me deparando* alguns fatos interessantes ao pesquisar este artigo.
Do not *run into* further trouble by doing all these work.	Não se *depare com* mais problemas ao fazer todo esse trabalho.

64. Set up

The newspaper company provided the money to *set up* the new travel magazine.	A empresa do jornal forneceu o dinheiro para *montar* a nova revista de viagens.
The company *set up* a unique system to test the new product.	A empresa criou um sistema único para *montar* o novo produto.
I am going to *set up* a	Eu vou *montar* um hotel de

world-class hotel in this area.	classe mundial nesta área

65. Show up

When is your brother supposed to *show up?*	Quando seu irmão deve *aparecer*?
What time did he *show up* for the meeting?	A que horas ele *apareceu* para a reunião?
I hope you will *show up* at the right time for the meeting tomorrow.	Espero que você *apareça* no momento certo para a reunião amanhã.

66. So far

So far, no has entered the speech contest.	*Até agora*, ninguém entrou no concurso de discursos.
So far, there has been no news about his whereabouts.	*Até agora,* não houve notícias sobre o seu paradeiro.
So far, I have not been able to check the script.	*Até agora*, não consegui verificar o script.

67. Sort of

I have, *sort of,* finished clearing the kitchen.	*De certo modo*, eu terminei de limpar a cozinha.

I need a break, *sort of,* to get relief from the stress.	Eu preciso de uma pausa para, *de certo modo,* me aliviar do estresse.
Have you finished this job *sort of?*	Você terminou esse tipo de trabalho *de certo modo*?

68. Stick with

The boy has been able to *stick with* his music lessons since he was a child.	O menino conseguiu *manter* suas lições de música desde criança.
You need to *stick with* to get the desired results.	Você precisa *se manter* focado para alcançar os resultados desejados.
One needs to *stick with* the regime to get in shape.	É preciso *manter* o regime para entrar em forma.

69. Take advantage of

One needs to *take advantage* of the beautiful weather to go to the beach.	É preciso *aproveitar* o clima bonito para ir à praia.
Why did you fail to *take advantage* of the situation?	Por que você não *aproveitou* a situação?
The man will surely *take advantage of* the grim	O homem certamente *aproveitará* a situação

situation.	sombria.

70. Take care of

It is a good habit to *take care of* your health from this age.	*Cuidar* da sua saúde a partir desta idade é um bom hábito.
I vow to *take care of* my mother when she grows old.	Eu prometo *cuidar* da minha mãe quando ela envelhecer.
Can you *take care of* the little boy while I am away?	Você pode *cuidar* do menino enquanto eu estiver longe?

71. Take out

The teacher told us to *take out* our books.	A professora nos pediu para *tirar* nossos livros.
I must *take out* the cake from the baking oven.	Devo *tirar* o bolo do forno.
Do not *take out* your answer scripts now.	Não *tire* os seus scripts de resposta agora.

72. Take over

The large company wants to *take over* the small	A grande empresa quer *assumir* a pequena

company in our area.	empresa em nossa área.
I am willing to *take over* as the new chairman of the company.	Estou disposto a *assumir* o cargo de novo presidente da empresa.
Are you willing to *take over* this job from me?	Você está disposto a *assumir* este emprego comigo?

73. Take place

The soccer game will *take place* on the coldest day of the year.	O jogo de futebol *acontecerá* no dia mais frio do ano.
When will your wedding *take place?*	Quando o casamento *acontecerá*?
The annual event will *take place* here.	O evento anual *acontecerá* aqui.

74. To the extent that

I will provide information about the new company policy *to the extent that* I am familiar with it.	Vou fornecer informações sobre a nova política da empresa, *na medida em que* eu esteja familiarizado com ela.
I will help her *to the extent that* I am not facing	Eu vou ajudá-la *na medida em que* eu não esteja

trouble in any way.	enfrentando problemas de qualquer maneira.
I will help you to clear all your dues *to the extent that* I am not losing much in the process.	Vou ajudá-lo a limpar todas as suas dívidas *na medida em que eu* não esteja perdendo muito no processo.

75. Turn in

I arrived at the school very early so that I could *turn in* my essay.	Eu cheguei na escola muito cedo para que eu pudesse *entregar* na minha redação.
The police asked the man to *turn in* without any fight.	A polícia pediu ao homem para que *se entregasse* sem qualquer luta.
I need to reach office early to *turn in* my resignation letter.	Eu preciso chegar no escritório cedo para *entregar* minha carta de demissão.

76. Turn out

It may *turn out* that more people are attending the meeting than expected.	*Pode acabar que* mais pessoas participem da reunião do que o esperado.
It may*turn out* that Jack is	*Pode acabar que* Jack é

a dreaded criminal.	um criminoso temido.
Eventually it will *turn out* that he is not a certified doctor.	*Pode acabar que* ele não é um médico certificado.

77. Up to

Up to last week, I had never been inside a football stadium.	*Até* a semana passada, eu nunca tinha estado em um estádio de futebol.
There were probably *up to* thirty people at the meeting.	Provavelmente tinha *até* trinta pessoas na reunião.
You can issue a check *up to* 10 days in advance.	Você pode emitir um cheque com *até* 10 dias de antecedência.

78. Used to

My friend is not *used to* living in such a big city.	Meu amigo não está *acostumado* a viver em uma cidade tão grande.
I am not *used to* such insensitive jokes.	Eu não estou *acostumado* a piadas tão insensíveis.
I hope John is *used to* living in such cramped places.	Espero que John esteja *acostumado* a viver em lugares tão apertados.

79. With respect to

I do not know what the company will do *with respect to* the old computer system.	Não sei o que a empresa fará *em relação ao* antigo sistema informático.
I am not sure what the employer will do *with respect to* the new payroll software.	Não tenho certeza do que o empregador fará *em relação ao* novo software de folha de pagamento.
The employees are in a fix *with respect to* the new stringent working conditions.	Os funcionários estão de acordo *em relação às* novas condições de trabalho rigorosas.

80. Work out

I hope everything will *work out* smoothly for my friend.	Espero que tudo *funcione* para o meu amigo.
I just hope that everything *work out* according to our plan.	Só espero que tudo *funcione* de acordo com o nosso plano
You need to *work out* really hard to get into shape.	Você precisa *malhar* muito para entrar em forma.

81. Take it easy

I do not have any plans for tomorrow. I will just *take it easy*.	Não tenho planos para amanhã. Eu simplesmente vou *relaxar.*
Do not fret over the question paper. Just *take it easy*.	Não se preocupe com o questionário. Apenas *relaxe*.
I think I will *take it easy* when the new policies are announced.	Eu acho que vou *relaxar* quando as novas políticas forem anunciadas.

82. To get the ball rolling

We need to start the project very soon. Please help me *to get the ball rolling*.	Precisamos iniciar o projeto muito em breve. Por favor, ajude-me a *pôr a mão na massa*.
Let us get *the ball rolling* by putting up the posters.	Deixe-nos *pôr a mão na massa*, colocando os cartazes.
You need *to get the ball rolling* by making some hard decisions.	Você precisa *pôr a mão na massa*, tomando decisões difíceis.

83. Sleep on it

This sound likes a good	Este parece ser um bom

deal but I will just *sleep on it* before making a final decision.	negócio, mas vou *pensar nisso* antes de tomar uma decisão final.
Do not *sleep on it* for a long time; just be quick with your decision.	Não *pense nisso* por muito tempo; Apenas seja rápido na sua decisão.
You must *sleep on it* for a while before taking a decision on the proposal.	Você deve *pensar nisso* por um tempo antes de tomar uma decisão sobre a proposta.

84. Sharp

I will come here at 8 pm *sharp*.	Eu virei aqui às 8 da noite *em ponto*.
You must report at 9 am *sharp*.	Você deve informar as 9 da manhã *em ponto*.
I will meet you at 9 o' clock *sharp*.	Eu vou encontrá-lo às 9 horas *em ponto*.

85. Once in a while

I only watch movies in a theater *once in a while.*	Eu só vou pro cinema *de vez em quando*.
I have been to her house *once in a while.*	Vou na casa dela *de vez em quando*.
Once in a while I do visit	*De vez em quando* eu

my grand mom.	visito minha avó.

86. In the nick of time

I got to the pharmacy just *in the nick of time.*	Cheguei à farmácia *bem à tempo.*
The doctor arrived *in the nick of time* to conduct the operation.	O médico chegou *bem à tempo* para realizar a operação.
He was about to leave; you arrived just *in the nick of time.*	Ele estava prestes a sair; Você chegou *bem à tempo.*

87. In the red

Our business has been *in the red* for the past three months.	Nosso negócio tem estado *no vermelho* nos últimos três meses.
His store has been *in the red* for the last 3 – 4 months now.	Sua loja está *no vermelho* nos últimos 3 ou 4 meses.
After the demise of her mother, the business has always been *in the red.*	Após o desaparecimento de sua mãe, o negócio sempre esteve no *vermelho.*

88. In the black

Our business is doing	Nosso negócio está indo

well. We are *in the black* for most of the year.	bem. Nós ficamos *no azul* durante a maior parte do ano.
I hope your business is *in the black*.	Espero que seu negócio esteja *no azul*.
My business has always been *in the black* since my brother joined me.	Meu negócio sempre esteve *no azul* desde que meu irmão se juntou a mim.

89. Hit the hay

It is almost midnight. I think it is time to *hit the hay*.	É quase meia-noite. Eu acho que é hora de *capotar*.
I will *hit the hay* as soon as I reach home.	Eu vou *capotar* assim que chegar em casa.
He will *hit the hay* after such a tiring journey.	Ele vai *capotar* depois de uma jornada tão cansativa.

90. In ages

I have not seen my grandmother *in ages*.	Eu não vejo a minha avó *há séculos*.
Have you seen Joe? I have not seen him *in ages*.	Você já viu Joe? Eu não o vejo *há séculos*.
I have not seen my daughter *in ages* since she	Eu não vejo a minha filha *há séculos* desde que ela

went to a boarding school.	foi pra um internato.

91. Broke

Estou totalmente quebrado.	Estou totalmente *quebrado*.
I have to borrow some money right away as I am *broke*.	Eu tenho que emprestar algum dinheiro logo, estou *quebrado*.
Mary is totally *broke* after the stock market scam.	Mary está totalmente *quebrada* após a fraude do mercado de ações.

92. As easy as pie

The English paper is *as easy as pie*.	A prova de inglês é *fácil demais*.
He finds trigonometry very hard but I find it *as easy as pie*.	Ele achava trigonometria muito difícil, já eu, acho *fácil demais*.
Jack found the situation *as easy as pie* and handled it well.	Jack achou a situação *fácil demais* e acabou se dando muito bem.

93. Sick and tired

I am just *sick and tired* of your stupid questions.	Estou *farto* de suas perguntas estúpidas.

Are you never *sick and tired* of him and his pestering attitude?	Você nunca fica *farto* dele e de sua atitude preocupante?
Roy was *sick and tired* of his son's constant failure in exams.	Roy estava *farto* dos constantes fracassos do seu filho nas provas.

94. Bent over backwards

He *bent over backwards* to please his new wife.	Ele *fez todo o possível* para agradar a sua nova esposa.
I will *bend over backwards* to please my boss.	Eu vou *fazer todo o possível* para agradar meu chefe.
It is very hard to impress her although you continue to *bent over backwards* to impress her.	É muito difícil impressioná-la, embora você *faça todo o possível* para impressioná-la.

95. Whole nine yards

She is the new love of my life and for her I will go the *whole nine yards*.	Ela é o novo amor da minha vida e por ela eu irei *até o final*.
The mountain trail was a difficult one but I wanted to go the *whole nine yards*.	A trilha da montanha era difícil, mas eu queria ir *até o final*.

It was an adventurous tour but we did not go the *whole nine yards*.	Foi uma turnê aventureira, mas não fomos *até o final*.

96. Change one's mind

An honest discussion with William eventually *changed her mind*.	Uma discussão sincera com William fez ele *mudar de ideia*.
Nothing about her situation *changed his mind*.	Nada sobre sua situação *mudou sua idéia*.
In other words, I *changed my mind* because of our debates.	Em outras palavras, eu *mudei de idéia* por causa dos nossos debates.

97. Fill in for someone

When I was away from the store, my brother *filled in for me*.	Quando eu estava longe da loja, meu irmão *me substituiu*.
I have decided to *fill in for my sister* while she is in vacation.	Eu decidi *substituir* minha irmã enquanto ela estava de férias.
Can you *fill in for me* while I am away?	Você pode *me substituir* enquanto eu estiver

	ausente?

98. Sit on the fence

You cannot *sit on the fence* any longer; you need to make a decision.	Você não pode *ficar em cima do muro* por mais tempo; Você precisa tomar uma decisão.
He did not want to say no to either of them, so he chose *sit on the fence.*	Ele não quis dizer não a nenhum deles, então ele escolheu *ficar em cima do muro*.
When two heavyweights have an argument, it's best to sit on the fence and not make either of them turn against you.	Quando dois pesos pesados discutem, é melhor *ficar em cima do muro* e não fazer nenhum deles se voltar contra você.

99. Piece of cake

The pop quiz in Algebra was a *piece of cake.*	O questionário pop de Álgebra foi *muito fácil.*
As a ninja, protecting others should be a *piece of cake*.	Sendo um ninja, proteger os outros deve ser *muito fácil*.
Recognizing grammar errors should be a *piece of*	Reconhecer erros gramaticais deve ser *muito*

cake.	*fácil.*

100. Once in a blue moon

Once in a blue moon an image will take your breath away.	*Muito raramente,* uma imagem me tira o fôlego.
Once in a blue moon they phone or send an email.	*Muito raramente,* eles me telefonam ou me enviam um e-mail.
I call her *once in a blue moon.*	Eu *muito raramente* ligo pra ela.

THE END

Comunicação Virtual

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Mídias Sociais

São os meios que garantem a comunicação virtual, os programas/apps instalados no computador/celular ou acessíveis na internet por meio de navegadores: Skype, Youtube, Linkedin, WhastApp, etc.

Grupo de indivíduos com interesses comuns que trocam experiências e informações em ambiente virtual.

Redes Sociais

Caracterizam-se pelo uso das mídias sociais e por ser possível criar perfis e permite o compartilhamento de mensagens, fotos, vídeos com outros usuários interligados entre si.

Uso de TICs

→ Tecnologia de Informação e Comunicação.
→ Minimiza as dificuldades relacionadas a tempo e espaço, promovendo o compartilhamento de informações e a criação do conhecimento coletivo.

Formas

Síncrona

→ Transmissão direta de informação.
→ Há comunicação e colaboração no mesmo espaço (físico ou virtual)
↳ Chat, sala virtual, entre outros.

LIKE
JOIN
CHAT
VIDEO
NEWS
SHARE
CHAT

Assíncrona

→ Transmissão de informação de modo diferido (adiado).
→ Há comunicação e colaboração em tempo e espaços diferentes.
→ Não exige a presença simultânea dos interlocutores.
↳ E-mail, fóruns, blogs, entre outros.

Você sabia?

Hoje as mídias/redes sociais têm uma grande ligação com o mundo.

Há aquelas voltadas para a educação, entretenimento, jogos, trabalho, compartilhamento de vídeos, emprego, etc.

ETIQUETA VIRTUAL

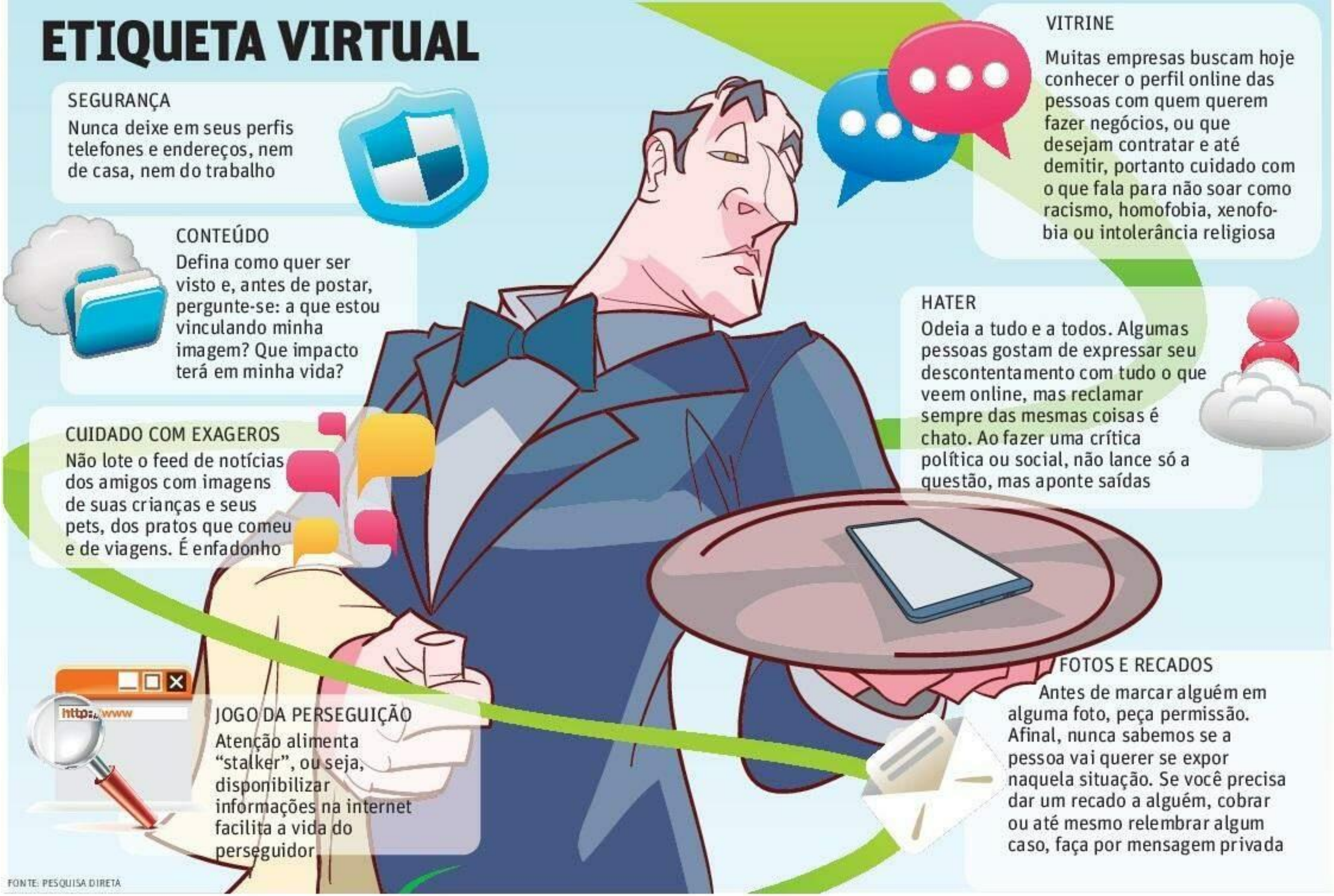

SEGURANÇA

Nunca deixe em seus perfis telefones e endereços, nem de casa, nem do trabalho

CONTEÚDO

Defina como quer ser visto e, antes de postar, pergunte-se: a que estou vinculando minha imagem? Que impacto terá em minha vida?

CUIDADO COM EXAGEROS

Não lote o feed de notícias dos amigos com imagens de suas crianças e seus pets, dos pratos que comeu e de viagens. É enfadonho

JOGO DA PERSEGUIÇÃO

Atenção alimenta "stalker", ou seja, disponibilizar informações na internet facilita a vida do perseguidor

VITRINE

Muitas empresas buscam hoje conhecer o perfil online das pessoas com quem querem fazer negócios, ou que desejam contratar e até demitir, portanto cuidado com o que fala para não soar como racismo, homofobia, xenofobia ou intolerância religiosa

HATER

Odeia a tudo e a todos. Algumas pessoas gostam de expressar seu descontentamento com tudo o que veem online, mas reclamar sempre das mesmas coisas é chato. Ao fazer uma crítica política ou social, não lance só a questão, mas aponte saídas

FOTOS E RECADOS

Antes de marcar alguém em alguma foto, peça permissão. Afinal, nunca sabemos se a pessoa vai querer se expor naquela situação. Se você precisa dar um recado a alguém, cobrar ou até mesmo relembrar algum caso, faça por mensagem privada

FONTE: PESQUISA DIRETA

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Vozes do Verbo...2

- Ativa...2
- Passiva...2
- Reflexiva...2
- Formação da Voz Passiva...2

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Vozes do Verbo

Ativa

Quando o sujeito é agente, isto é, pratica a ação expressa pelo verbo.

“Ele realizou o trabalho.”

Passiva

Quando o sujeito é paciente, recebendo a ação expressa pelo verbo.

“O trabalho foi realizado por ele.”

Reflexiva

Quando o sujeito é ao mesmo tempo agente e paciente, isto é, pratica e recebe a ação.

“Josefina feriu-se.”

Obs.: não confundir o emprego reflexivo do verbo com a noção de reciprocidade.

“Os noivos beijaram-se.”

Formação da Voz Passiva

A voz passiva pode ser formada por dois processos: analítico e sintético.

Voz Passiva Analítica

Constrói-se da seguinte maneira: Verbo SER + particípio do verbo principal.

“A casa será pintada.”

“O relatório é feito por ele.”

→ **Dica:**

O agente da passiva geralmente é acompanhado da preposição por, mas pode ocorrer a construção com a preposição de.

“O Congresso ficou cercado de soldados.”

Pode acontecer ainda que o agente da passiva não esteja explícito na frase.

“A feira será aberta amanhã.”

É menos frequente a construção da voz passiva analítica com outros verbos que podem eventualmente funcionar como auxiliares. A moça ficou marcada pela doença.

Voz Passiva Sintética

A voz passiva sintética ou pronominal constrói-se com o verbo na 3ª pessoa, seguido do pronome apassivador SE.

“Abriram-se as inscrições para o concurso.”

“Destruiu-se a prova contra o bandido.”

O agente não costuma vir expresso na voz passiva sintética.

Quando o sujeito da voz ativa for indeterminado, não haverá complemento agente na passiva.

“Prejudicaram-me.” > “Fui prejudicado.”

→ **Dicas:**

> Verbos que não são ativos nem passivos ou reflexivos: são chamados neutros.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

"A bebida é boa."

"Hoje choveu muito."

- Formas passivas com sentido ativo:

"É chegado o momento." > "Chegou o momento."

"Juca ainda não era nascido." > "Juca ainda não tinha nascido."

- Também usamos formas ativas com sentido passivo:

"Há situações difíceis de entender." > "Serem entendidas."

- Verbos chamar-se, batizar-se, operar-se (no sentido cirúrgico) e vacinar-se são considerados passivos, portanto o sujeito é paciente.

"Chamo-me Paulo."

"Batizei-me na Catedral."

"Operou-se do coração."

"Vacinaram-se contra a febre amarela."

EXERCÍCIOS

01. Caso o segmento "Arqueólogos americanos também vasculharam áreas arqueológicas da Amazônia..." seja transposto para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

a) eram vasculhadas
b) foram vasculhando
c) tinham vasculhado
d) foram vasculhadas
e) vasculhavam-se

02. "Muita gente nos engana valendo-se das páginas da internet."

A transposição da frase acima para a voz passiva implicará:

a) a utilização da forma verbal enganam-nos.
b) em que o sujeito de valendo-se passe a ser internet.
c) em que o sujeito de enganar passe a ser nós.
d) a utilização de muita gente como sujeito.
e) a utilização de páginas da internet como sujeito.

GABARITO

01 - D

02 - C

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Vanguardas Europeias

Representam um conjunto de movimentos artísticos-culturais que ocorreram em diversos locais da Europa a partir do início do século XX e que influenciaram a arte moderna mundial desde pintura, escultura, arquitetura, literatura, cinema, teatro música, etc.

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Surrealismo

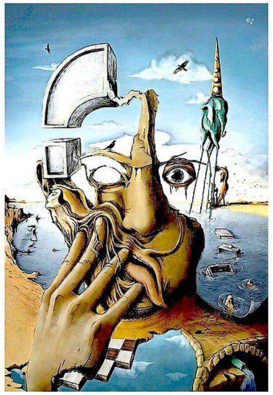

Autorretrato
Salvador Dali

→ Movimento surrealista – André Breton: período entre guerras.
→ influência da psicanálise – importância do inconsciente.
→ Subjetividade: sonhos – fuga; ideia de liberdade.
→ Quebra com a lógica (despertar).
↳ Salvador Dali (distorção)
↳ Juan Miró (libertação)

Dadaísmo

→ 1ª Guerra Mundial: crítica à arte; em guerra, a arte é inútil.
→ Estranhamento: Reflexo do mundo; Perda das amarras racionais; humor e seriedade.
↳ Marcel Duchamp – “A fonte”

Futurismo

→ Beleza e fé nas máquinas.
→ Exaltação: progresso, tecnologias e guerras.
→ Movimento: velocidade; sobreposição de imagens.
→ Moralismo rejeitado.
→ Objetivo e patriotismo.
↳ Filippo Marinetti
↳ Giacomo Balla
↳ Álvaro de Campos

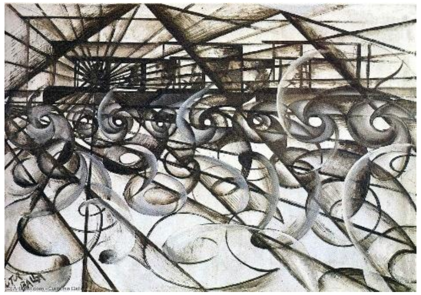

A velocidade do automóvel
Giacomo Balla

Cubismo

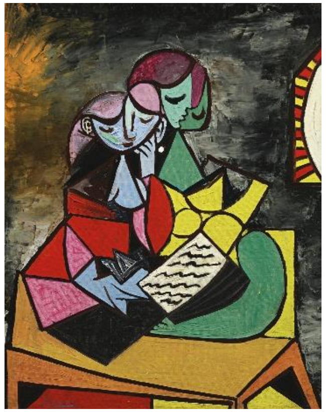

Deux Personnages
(A Lecture)
Pablo Picasso

→ Formas geométricas – recusa a mimese; fragmentação.
→ Multiplicidade dos ângulos: escultórico.
→ Colagens: sensorial. – Na literatura: quebra com a sintaxe.
↳ Pablo Picasso

Expressionismo

→ Expressão: pessimismo; sentimentos ruins; angústia, desespero, tristeza, dor e solidão.
→ Subjetivismo.
→ Estética do feio.
→ Sentimentos plásticos.
→ Deformação do real: distorção.
↳ Cândido Portinari
↳ Franz Kafka

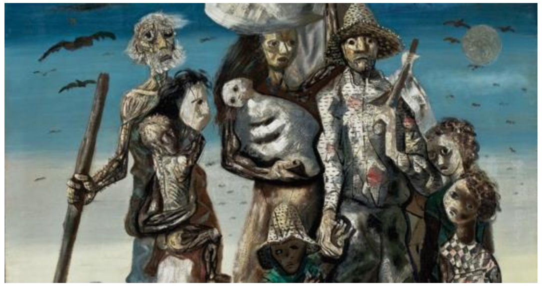

Retirantes
Cândido Portinari

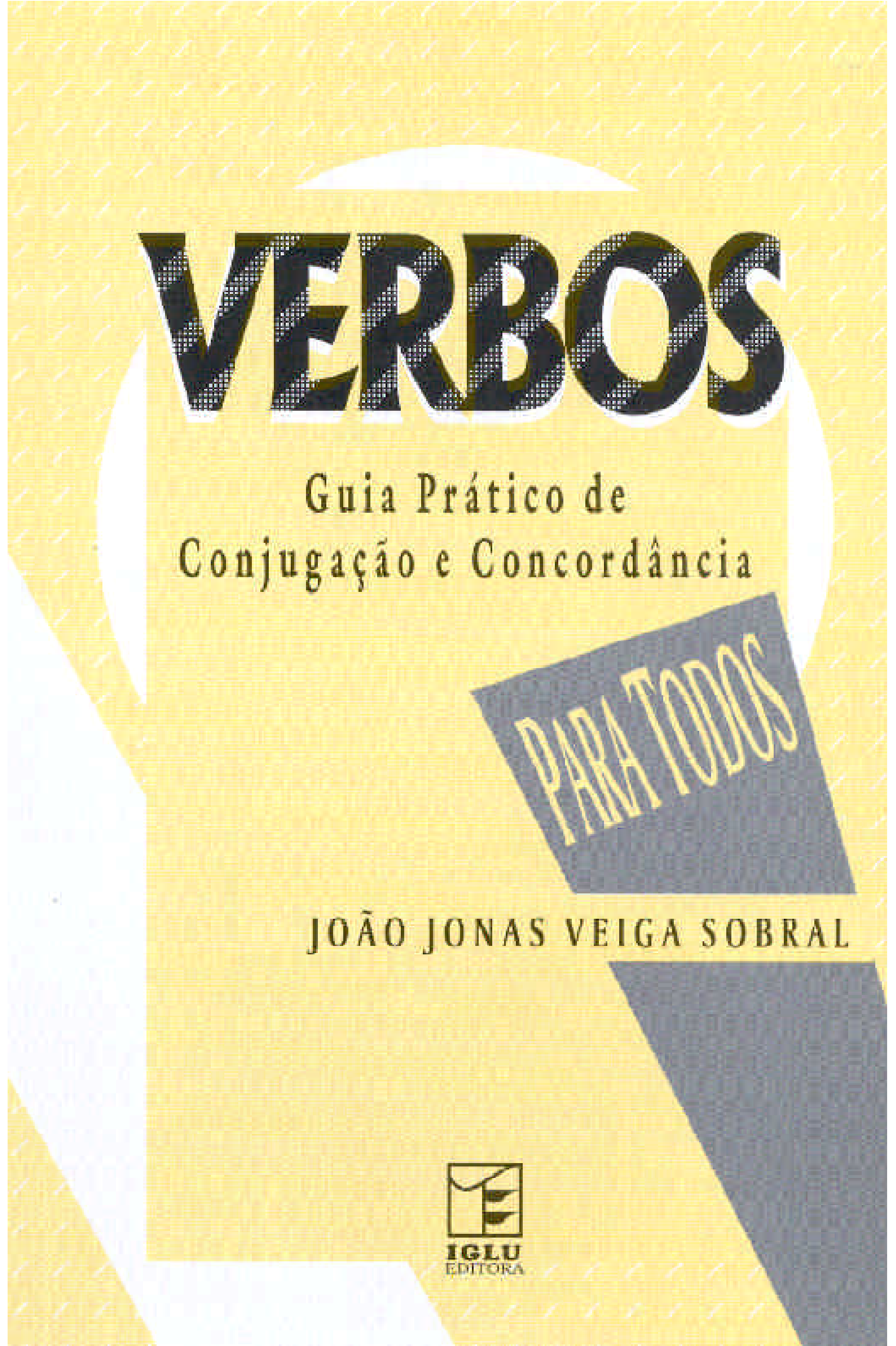

VERBOS

Guia Prático de Conjugação e Concordância

PARA TODOS

JOÃO JONAS VEIGA SOBRAL

IGLU
EDITORA

VERBOS

GUIA PRÁTICO DE CONJUGAÇÃO E CONCORDÂNCIA

JOÃO JONAS VEIGA SOBRAL
Licenciado em Letras, Professor de Português Instrumental
na Faculdade de Ciências Econômicas de São Paulo,
Professor de Língua Portuguesa no Colégio Comercial
Álvares Penteado, Escola Técnica Oswaldo Cruz
e Colégios Integrados Oswaldo Cruz – Pais Leme

VERBOS

GUIA PRÁTICO DE CONJUGAÇÃO E CONCORDÂNCIA

Iglu Editora

© Copyright by João Jonas Veiga Sobral
© Copyright 1996 by Iglu Editora Ltda.

Editor responsável:
Júlio Igliori

Revisão:
João Jonas Veiga Sobral

Composição:
Real Produções Gráficas Ltda.

Capa:
Osmar das Neves

Todos os direitos reservados à

IGLU EDITORA LTDA.
Rua Duílio, 386 – Lapa
05043-020 – São Paulo-SP
Tel.: (011) 873-0227

AGRADECIMENTOS

A todo corpo diretivo da FACESP:
Professores Boarin e Manuel, e a Marizilda

À direção da Oswaldo Cruz, professores:

Eliena, Celso, Carlos, Moacyr, Maria Elisa,
Maria José, Cecília, Waldete, Isa, Sílvia, Dr. Jairo e Marcelo

Ao Prof. Júlio Igliori, pelo incentivo

Ao Jonatan Alves de Campos, pela ajuda

DEDICATÓRIA

Ao professor Wilsson Guedelha,
mestre na acepção da palavra,
a quem devo muito da minha formação cultural.

À Eliana, um beijo do tamanho do mundo.

A meus irmãos, verdadeiros pais, minha gratidão eterna.

À minha mãe, Nildes Veiga Sobral:
“Como Deus não podia estar em todo lugar
ao mesmo tempo, inventou as mães”.

TEXTO DE APRESENTAÇÃO

No princípio era o VERBO,
e o VERBO estava com DEUS,
e o VERBO era DEUS...
(O Santo Evangelho segundo João)

A Grande Catástrofe

No início era o Verbo. O verbo Ser.
Conjugava-se apenas no infinito. Ser, e nada mais.
Intransitivo, absoluto.
Isso foi no princípio. Depois transigiu, e muito.
Em vários modos, tempos e pessoas.
Ah, nem queiras saber o que são as
pessoas: eu, tu, ele, nós, vós, eles...
Principalmente eles!
E ante essa dispersão lamentável, essa verdadeira explosão do SER em seres, até hoje os anjos ingenuamente se interrogam por que motivo as referidas pessoas chamam a isso de CRIAÇÃO...
(Mário Quintana, *Prosa & Verso***)**

PRÓLOGO

Cumpre-me, à guisa de prólogo, destacar, neste espaço a mim oferecido pela mímia gentileza do autor, o seguinte:

– João Jonas Veiga Sobral foi aluno brilhante do curso de Letras das Faculdades “Sant'Anna”, em São Paulo.

– Já produziu diversas obras muito bem aceitas pelos críticos exigentes dos estudos lingüísticos, abordando, entre outros, temas relacionados à redação.

– Agora, na qualidade de professor de Português Instrumental e de Técnicas de Redação em estabelecimentos renomados de ensino superior, como a Faculdade de Ciências Econômicas de São Paulo na Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado, lança o oportuno “VERBOS PARA TODOS – Guia prático de conjugação e concordância.

Auguro o maior sucesso ao autor, com essa publicação absolutamente necessária, pois o verbo é, sem dúvida alguma, a alma da língua.

Wilsson Guedelha
Professor de Língua e Literatura Latina
e Chefe do Departamento de Letras
das Faculdades “Sant'Anna”.

SUMÁRIO

UNIDADE 1

Estudo do verbo 16
Estrutura gramatical do verbo 17
Estrutura do verbo 17
Os tempos do modo indicativo 20
Os tempos do modo subjuntivo 30
Imperativo 34
Formas nominais 36
Classificação dos verbos 40
Flexão do verbo 45
Vozes do verbo 49
Formação dos tempos 52
Resumo da Unidade 1 56

UNIDADE 2

Modelos de conjugação 59
Verbos regulares 61
Verbos irregulares 93
Verbos defectivos 131

UNIDADE 3

Erros que devem ser evitados 143
Corrigindo erros 145

UNIDADE 4

Tirando dúvidas de concordância 155
Concordância verbal 157

Índice remissivo 161
Bibliografia 173

Unidade 1

ESTUDO DO VERBO

Nesta unidade veremos de forma prática e clara o estudo gramatical do verbo: sua estrutura, suas regras e aplicações.

Procuramos dar um enfoque simplificado, pois para muitos o estudo do verbo é enfadonho e complicado. O objetivo desta unidade é desmistificar o verbo, tornando-o acessível a todos.

1. ESTRUTURA GRAMATICAL DO VERBO

Conceito = Verbo é o termo que exprime ação, estado, mudança de estado e fenômeno da natureza situados no tempo.

---

ação = Eu *estudo* **diariamente**

estado = Meu irmão *está* **muito preocupado**

mudança de estado = Meu irmão *ficou* **muito preocupado**

fenômeno da natureza = Naquela noite *trovejou* **bastante.**

1.1. Estrutura do verbo

O verbo apresenta em sua estrutura três elementos: radical, vogal temática e desinências.

a) radical = é a base do significado do verbo. Obtém-se extraindo as terminações *ar, er, ir* **do infinitivo**

INFINITIVO	TERMINAÇÕES	RADICAL
cantar	**ar**	*cant*
vender	**er**	*vend*
partir	**ir**	*part*

b) vogal temática = é a vogal que se junta ao radical para este receber as desinências. A vogal temática indica a que conjugação pertence o verbo.

VOGAL TEMÁTICA	CONJUGAÇÃO	VERBO
a	**1ª conjugação**	**cantar**
e	**2ª conjugação**	**vender**
i	**3ª conjugação**	**partir**

OBSERVAÇÃO

O verbo *pôr* e seus derivados (compor, dispor, repor, supor, etc) pertencem por motivos históricos à 2ª conjugação (sua forma arcaica era *poer*.

Quando o radical recebe a vogal temática é denominado *tema*.

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	TEMA
cant	**a**	**canta**
vend	**e**	**vende**
part	**i**	**parti**

c) desinências = são elementos que se juntam ao radical ou tema para indicar as classificações e flexões gramaticais do verbo: tempo, modo, pessoa e número.

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	DESINÊNCIA DE INFINITIVO
cant	**a**	**r**
vend	**e**	**r**
part	**i**	**r**

As desinências quando indicam tempo e modo, são chamadas de *desinência modo-temporal*; **e quando indicam número e pessoa:** *desinência número-pessoal.*

		DESINÊNCIAS	
RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	MODO-TEMPORAL	NUMERO-PESSOAL
cant	**á**	**sse**	**mos**
vend	**ê**	**sse**	**mos**
part	**i**	**sse**	**mos**

---

a) *sse* = **modo subjuntivo / pretérito imperfeito**

b) *mos* = **primeira pessoa do plural**

---

2. OS TEMPO DO MODO INDICATIVO

Em cada modo temos o emprego do tempo verbal. No modo indicativo (que exprime certeza) temos os seguintes tempos:

Presente	Pretérito	Futuro
	perfeito	do presente
	imperfeito	do pretérito
	mais-que-perfeito	

2.1. Compondo os tempos no indicativo

TEMPO	TERMINAÇÕES	EXEMPLO	AR, ER, IR
presente	o, as, a, amos, ais, am	eu ando	1ª conjugação
	o, es, e, emos, eis, em	eu vendo	2ª conjugação
	o, es, e, imos, is, em	eu parto	3ª conjugação
pret. imperf.	ava, avas, ava, ávamos, áveis, avam	eu andava	
	ia, ias, ia, íamos, íeis, iam	eu vendia / partia	
pret. perf.	ei, aste, ou, amos, astes, aram	eu andei	
	i, este, eu, emos, estes, eram	eu vendi	
	i, iste, iu, imos, istes, iram	eu parti	

pret. mais q. perf.	**ra, ras, ra, ramos, reis, ram**	**eu andara eu vendera eu partira**
fut. presente	**ei, ás, á, emos, eis, ao**	**eu andarei eu venderei eu partirei**
fut. pret.	**ia, ias, ia, íamos, íeis, iam**	**eu andaria eu venderia eu partiria**

2.2. Empregando os tempos no indicativo

A) PRESENTE DO INDICATIVO

Indica um fato verbal que ocorre no momento da fala.

João *estuda* **todo dia.**

Emprega-se também nos seguintes casos:

1) para indicar ação habitual, rotineira:

Minha mãe *fala* **demais.**

Vou ao *cinema* **toda semana.**

2) para dar realismo e vivacidade a fatos passados.

Em 1822 D. Pedro I *proclama* **a independência do Brasil.**

3) para indicar ações ou estados permanentes:

Todo homem *é* **mortal.**

A terra *gira* **em torno do Sol.**

4) para indicar futuro próximo:

No próximo mês *viajo* **para a Europa de navio.**

Amanhã *faz* **um ano que ela foi embora.**

5) para substituir o imperativo, amenizando uma ordem:

Você me *faz* **um favor?**

*** no imperativo =** *faça-me* **um favor**

(perceba como o primeiro exemplo denota mais um pedido do que uma ordem)

6) para substituir o pretérito imperfeito do subjuntivo, tornando a linguagem mais coloquial.

Se ele não *responde* **à pergunta do diretor, todos nós seríamos punidos.**

*** no pret, imperf. do subjuntivo = Se ele não** *respondesse* **à pergunta do diretor, todos nós seríamos punidos.**

(Perceba como o primeiro exemplo é parecido a uma conversa ou “bate-papo”.)

B) PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO

Indica um fato passado em relação ao momento da fala, porém este fato não é tomado por concluído, dando idéia de duração ou algo inacabado.

João *conversava* **bastante durante as aulas.**

Eu *escrevia***, quando você chegou.**

Emprega-se também nos seguintes casos

1) para exprimir fato habitual no passado

Eliana *corria* **todas manhãs no Horto Florestal.**

Nós *costumávamos* **namorar no parque.**

2) para descrever fatos, ações no passado

O cajueiro *servia* **de esconderijo para aquele menino.**

Maria *tinha* **uns lábios carnudos, molhados, um convite ao beijo.**

3) para indicar, entre duas ações simultâneas, qual estava acontecendo quando ocorreu a outra:

João *jantava*, **quando a criança chorou.**

4) para indicar ação simultânea frequente, ou causa e conseqüência:

Quando eu *deixava* **o meu turno, ele** *entrava*.

5) para indicar um fato ocorrido, quando a data da ação é mencionada claramente.

Dez minutos depois do início da sessão, João *comprava* **o bilhete.**

6) para indicar ação programada e não realizada.

Os alunos *iam* **à excursão, mas a chuva torrencial impediu**

C) PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO

Indica um fato passado concluído antes do momento da fala, geralmente este fato concluído não é habitual.

Fui **à França no final do ano**

Comprei **um automóvel zero quilômetro**

* *pretérito perfeito composto do indicativo =* **Indica um fato que começou no passado, vem se repetindo até o presente, dando idéia de continuidade. É formado com o presente do indicativo dos verbos** *ter* **ou** *haver* **mais o** *particípio passado do verbo principal***.**

PRESENT.	IND. PARTICÍPIO	PRET. PERF. COMPOSTO
tenho	**trabalhado**	**tenho trabalhado**

Eu *tenho trabalhado* **muito neste projeto ultimamente.**

Alguns deputados *têm lutado* **pela saúde e educação.**

D) PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO

Indica um fato passado anterior já concluído em relação a outro fato passado também concluído.

Quando cheguei à aula, o professor já *fizera* **a chamada**

(Perceba que a ação "*fizera***" é anterior a ação "***cheguei***", e ambas estão no passado)**

Emprega-se nos seguintes casos:

1) Na linguagem formal sofisticada:

Quando você resolveu a situação, o gerente já *resolvera.*

(Em linguagem informal teríamos: Quando você resolveu a situação, o gerente já *tinha resolvido***)**

2) Em algumas frases exclamativas ou optativas:

Quem me *dera* **namorar aquela morena!**

3) Para substituir o pretérito imperfeito do subjuntivo e o futuro do pretérito do indicativo

Cantou como se *fora* **cantor lírico.**

Cantou como se *fosse (***pert. imperf. subj.) cantor lírico.**

Menos a *conhecera,* **mais a** *amara.*

Menos a *conhecesse* **(pret. imperf. subj.) mais a** *amaria* **(fut. pret. ind.)**

* *pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo:* **É usado da mesma forma do simples, para indicar um fato passado anterior a outro fato passado. É formado com o pretérito imperfeito do indicativo dos verbos** *ter* **ou** *haver* **mais o** *particípio passado do verbo principal***.**

PERT. IMPERF. IND	PARTICÍPIO	PRET. MAIS-QUE. PERF. COMP.
tinha	**participado**	**tinha participado**
havia	**respondido**	**havia respondido**

João *tinha participado* de todos os trabalhos.

Pedro *havia respondido* corretamente.

E) FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO

Indica um fato futuro em relação ao momento da fala, geralmente este fato é tido como certo.

Amanhã de manhã *pedirei* o café para nós dois.

Emprega-se também nos seguintes casos:

1) Para substituir o imperativo:

Você *sentará* à minha frente, entendeu?

Não *cobiçarás* a mulher do próximo.

2) Para indicar um fato incerto, duvidoso

***Terá* o rapaz compreendido o cartaz?**

3) Em linguagem formal o *futuro do presente* é substituído por locuções verbais (conjunto formado por um verbo auxiliar seguido de uma forma nominal infinitivo ou gerúndio)

VERBO AUXILIAR	X	FORMA NOMINAL
vou		almoçar (infinitivo)
estarei		almoçando (gerúndio)

Dona Eunice, às duas horas *vou almoçar* **com o diretor da Lipox.**

Dona Eunice, às duas horas *estarei almoçando* **com meu diretor. (perceba que as ações indicam situações que ocorrerão no futuro)**

4) É substituído também pelo *presente do indicativo do verbo ter*, **mais** *que*, **mais** *infinitivo* **a fim de indicar algo obrigatório.**

Pres. ind. = tenho + que + infinitivo = falar

Tenho que falar **com minha esposa até o final da tarde.**

5) É substituído pelo *presente do indicativo do verbo haver*, **mais a** *preposição de*, **mais** *infinitivo* **a fim de indicar desejo, intenção.**

Pres. ind. = hei + preposição = de + infinitivo = comprar

Hei de comprar **aquele apartamento.**

Ele *há de vender* **aquele apartamento.**

* *futuro do presente composto do indicativo* = **indica uma ação futura consumada ou com possibilidade de já ter sido consumada antes de outra também futura. É formado com o futuro do presente simples dos verbos** *ter* **ou** *haver* **mais** *particípio do verbo principal*.

FUTURO DO PRESENTE	PARTICÍPIO	FUT. PRES. COMP
terei	**terminado**	**terei terminado**

Já *terei terminado* o jantar quando meu marido chegar.
(ação consumada)

Será que ele já *terá terminado* o jantar, antes de eu chegar?
(ação com possibilidade de já ter se consumado)

F) FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO

Indica um fato futuro em relação a um fato passado

Você me disse que não *faltaria* com sua promessa.

Emprega-se também nos seguintes casos:

1) Para indicar um fato não realizado ou que não se realizará.

***Viajaria* se tivesse dinheiro.**

2) Para indicar um fato que depende de outro para ser realizado

***Gostaria* de falar com você se possível.**

***Quereria* conversar com seu gerente, caso não for incômodo.**

(há muita confusão entre os tempos do verbo querer:
***queria:* pretérito imperfeito / *quereria:* futuro do pretérito)**

3) Para exprimir dúvida em relação a fatos passados

Eu *aceitaria* aquela proposta.

4) Para exprimir polidez na substituição do imperativo:

***Poderia* trazer este material para mim?**

(Perceba como no imperativo a frase fica mais forte ou menos polida: *Traga* **este material para mim.)**

- *futuro do pretérito composto do indicativo* **= indica um fato que teria acontecido sob certa condição ou ainda para exprimir possibilidade de um fato passado. É formado com o** *futuro do pretérito dos verbos ter* **ou** *haver* **mais o** *particípio do verbo principal*.

FUT. PRET.	PARTICÍPIO	FUT. PRET. COMP
teria	**conseguido**	**teria conseguido**

Teria conseguido **boas notas, se estudasse (fato sob condição)**

Teria sido **melhor ter estudado (possibilidade de fato passado)**

3. OS TEMPOS NO MODO SUBJUNTIVO

No modo subjuntivo temos os seguintes tempos:

Presente	Pretérito	Futuro
	imperfeito perfeito composto mais-que-perfeito composto	simples composto

TEMPO	TERMINAÇÕES	VERBO	CONJUGAÇÃO
Presente	e, es, e, emos, eis, em a, as, a, amos, ais, am	eu fale venda / parta	1ª conjugação 2ª e 3ª conjugação
pret. imperf.	sse, sses, sse, ssemos, sseis, ssem	falasse vendesse partisse	1ª conjugação 2ª conjugação 3ª conjugação
futuro	r, res, r, rmos, rdes, rem	falar vender partir	1ª conjugação 2ª conjugação 3ª conjugação

OBSERVAÇÃO

Os tempos compostos e os verbos irregulares serão estudados individualmente, devido a variação de suas formas.

3.1 Compondo os tempos no subjuntivo

A) PRESENTE DO SUBJUNTIVO

Exprime uma incerteza, podendo indicar presente ou mesmo futuro.

É triste que eles *pensem* **dessa maneira (presente)**

Espero que todos *vendam* **suas cotas (futuro)**

Emprega-se também em frases optativas:

Que ela *saiba* **o que faz!**

Formando o presente do subjuntivo

Os verbos da primeira conjugação = *a* **tem a desinência trocada por** *e***:**

eu fato = que eu fale

Os verbos da segunda e terceira conjugação e / i têm as desinências trocadas por a

eu vendo = que eu venda

eu parto = que eu parta

B) PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO

Indica uma ação passada, presente ou futura em relação ao verbo da oração principal.

Se agora eu *pudesse,* **escreveria o relatório. (presente)**

Ainda que *mostrasse* interesse, eles não acreditariam em você (passado)

Ficaria feliz se você *fosse* à minha festa. (futuro)

Emprega-se também em frases optativas

***Pudesse* todos contribuírem um pouco para campanha.**

C) PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO DO SUBJUNTIVO

Indica um fato totalmente concluído no passado. É formado com o presente do subjuntivo dos verbos *ter* ou *haver* mais o *particípio do verbo principal*.

PRES. SUBJ.	PARTICÍPIO	PRET. PERF. COMP. SUBJ.
tenha	**terminado**	**tenha terminado**

É um absurdo que ele *tenha terminado* o trabalho tão rapidamente.

Emprega-se também no seguinte caso

A) Indicando fato futuro realizado em relação a outro fato também futuro

Provavelmente ela já *tenha concluído* os exercícios quando o professor quiser corrigi-los.

D) PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO SUBJUNTIVO

Indica um fato hipotético antes de outro fato hipotético passado. É formado com o *pretérito imperfeito* do subjuntivo dos verbos *ter* ou *haver* mais o *particípio do verbo principal*.

PRET. IMPERF. SUBJ.	PARTC.	PRET. MAIS-QUE-PERF. COMP
tivesse	**estudado**	**tivesse estudado**

Se ela *tivesse estudado* **mais, teria conseguido passar no vestibular.**

E) FUTURO DO SUBJUNTIVO

Indica um fato que pode ocorrer no futuro.

Se você *quiser*, **passará no vestibular com facilidade.**

Se ele *vier* **aqui, não aprovará esta bagunça.**

F) FUTURO COMPOSTO DO SUBJUNTIVO

Indica uma ação futura realizada em relação a outra ação futura por realizar. É formado com o *futuro do subjuntivo* **dos verbos** *ter* **e** *haver* **mais o** *particípio do verbo principal*.

FUTURO DO SUBJUNTIVO	PARTICÍPIO	FUTURO COMPOSTO SUBJ.
tiver	**feito**	**tiver feito**

Quando *tivermos feito* **os exercícios, o professor avaliará.**

Quando ela *tiver saído* **do hospital, nós viajaremos para a Fazenda.**

4. MODO IMPERATIVO

O imperativo exprime ordem, desejo, pedido, solicitação etc. A distinção é feita de acordo com a entonação (na escrita com auxílio de sinais de pontuação) ou agentes modificadores: por favor, se possível, já, agora, estou mandando, etc.
Como no imperativo as ordens ou pedidos são feitos a um interlocutor, as formas verbais só admitem flexão nas seguintes pessoas:

1ª pessoa do plural = nós
2ª pessoa = tu e vós
3ª pessoa = você e vocês

Não *façam* **barulho (ordem – 3ª pessoa)**

Empresta-me **o teu livro (pedido – 2ª pessoa)**

Empreste-me **o seu livro (pedido – 3ª pessoa)**

Meus amigos, não *sintamos* **ódio de ninguém (conselho – 1ª pessoa do plural)**

*** (embora seja interlocutor é flexionado na terceira pessoa)**

4.1. Formação do imperativo

O imperativo é semelhante ao presente do subjuntivo, com exceção da 2ª pessoa (tu e vós) que são formadas a partir do presente do indicativo sem a letra *s*.

PRES. IND.	PRES. SUBJ.	IMP. AFIRM.	IMP. NEG.
eu falo	**fale**	–	–
tu falas	**fales**	**fala∅**	**não fales**
ele fala	**fale**	**fale**	**não fale**
nós falamos	**falemos**	**falemos**	**não falemos**
vós falais	**faleis**	**falai∅**	**não faleis**
eles falam	**falem**	**falem**	**não falem**

Perceba que no imperativo afirmativo a segunda pessoa (tu e vós) não apresentou a letra s **do presente do indicativo. Já o imperativo negativo conservou a forma do presente do subjuntivo em todas pessoas.**

5. FORMAS NOMINAIS

São chamadas formas nominais, pois por si só elas não exprimem nem tempo nem modo verbal; exercendo em determinados contextos funções de substantivos ou adjetivos. Estas formas são divididas em três: *infinitivo, gerúndio* e *particípio.*

5.1. Infinitivo = Exprime a idéia de ação, é o próprio processo verbal. Pode ser *pessoal* **ou** *impessoal.*

1) Pessoal = **Apresenta flexão por estar relacionado às três pessoas do discurso, sendo que nas 1ª e 3ª pessoas do singular não apresenta desinências.**

Você foi elogiado por *ter* **terminado a prova rapidamente.**

Tu foste elogiado por *teres** **terminado a prova rapidamente.**

*** (Observe que o exemplo acima apresentou a desinência =** *es***)**

Emprega-se o *infinitivo pessoal* nos seguintes casos:

a) Quando apresentar sujeito próprio, diferente do sujeito da oração principal:

Eu vi os professores *falarem* **com o diretor.**

O problema era *continuarmos* **a brigar assim.**

b) Quando se deseja indeterminar o sujeito, devendo o verbo ficar na terceira pessoa do plural:

Lá de trás eu ouvi, *gritarem* **por socorro.**

c) Quando o sujeito é o mesmo da oração principal, mas vem antes do infinitivo pessoal.

Para nós *estudarmos* **esse assunto, precisamos de mais material**

d) Quando antes do infinitivo tiver uma preposição e o sujeito não está expresso na frase.

Nós falamos isto *por sermos* **amigos.**

Eles falaram isto *por serem* **amigos.**

2) Impessoal = *não* **apresenta flexão alguma. pois não se refere a nenhuma pessoa do discurso.**

É gostoso *viajar* **por navio**

É importante *lutar* **contra a fome no país.**

Emprega-se o *infinitivo impessoal* nos seguintes casos:

a) Quando não se referir a nenhum sujeito

É importante *controlar* **a inflação**

b) Em locuções verbais

Vamos *completar* **o tanque, amigo?**

c) Para substituir o imperativo

Atenção turma: *escrever!*

d) Antecedido de preposição *de* **mais os adjetivos** *fácil, bom, difícil, possível* **e outros parecidos, assumindo valor passivo.**

Isso é muito *fácil de fazer* **(ser feito)**

e) Antecedido da preposição, para substituir o gerúndio.

João está *a ler* **o livro (lendo)**

f) Antecedido de *é,* **com tom imperativo.**

Companheiros o que falta neste local *é trabalhar.*

g) Quando o sujeito do verbo é um pronome oblíquo.

Deixei-*os falar* **tranqüilamente**

Ele não *a* **obrigou** *estudar*

5.2. Gerúndio = Exprime a idéia de movimento e desempenha a função de adjetivo ou advérbio.

Emprega-se nos seguintes casos:

a) Indicar ação simultânea.

José gritava *dizendo* **a todos o motivo da revolta**

b) Depois de uma oração para expressar ação posterior.

A chuva caiu sobre a cidade, *destruindo* **várias casas**

c) **No início da oração para indicar uma ação que começou antes da outra, porém prosseguindo ainda.**

Chorando, **beijava o namorado com saudade.**

d) **No início da oração para indicar uma ação realizada imediatamente a outra.**

Pegando **a caneta, pôs-se a escrever.**

5.3. Particípio = **Quando não empregado nos tempos compostos indica resultado de uma ação já concluída.**

O Particípio flexiona-se normalmente em gênero, número e grau.

Escolhidas, **as turmas todos foram para as respectivas classes.**

Emprega-se também nos seguintes casos:

a) **Na formação dos tempos compostos, neste caso não é flexionado.**

Eles têm *estudado* **muito**

As meninas haviam *participado* **do concurso de Miss**

b) **Na formação da voz passiva, neste caso é flexionado.**

Eles foram *aprovados* **no exame**

As meninas foram *premiadas* **no concurso**

6. CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS

Depois de estudarmos o emprego de cada tempo verbal, estudaremos a classificação para, em seguida, conhecermos a formação dos tempos verbais.

Os verbos são classificados em dois grupos:

A) *Função* **= o verbo pode ser principal ou auxiliar**

B) *Flexão* **= o verbo pode ser regular, irregular, defectivo e abundante.**

6.1. Função do verbo

a) Principal = É aquele que possui significação total, plena no enunciado:

Comprei **um lindo apartamento**

João *estuda* **Inglês e Espanhol**

b) Auxiliar = É aquele que perde sua significação ao juntar-se a uma forma nominal (infinitivo, gerúndio e particípio). Os verbos auxiliares mais comuns são: *ser, estar, ter, haver, ir, vir* e *andar.*

Eu *estou escrevendo* **o relatório**

O relatório *foi escrito* **por mim**

Emprego de alguns auxiliares:*

1) *estar:*

a) para formar voz passiva (sujeito sofre ação)

O relatório *está feito*

b) para indicar ação duradoura, com o gerúndio do verbo principal:

Estou trabalhando **agora**

2) *ser:*

É usado para formar a voz passiva.

O relatório *foi escrito* **por mim**

3) *haver* e *ter:*

a) Usado apenas na formação dos tempos compostos, indicando as flexões de modo, tempo, número e pessoa.

Eles *tinham comprado* **o bilhete para o festival de teatro**

b) O verbo *ter* **seguido de preposição** *de* **mais** *infinitivo impessoal,* **indica idéia de obrigatoriedade.**

João *tem de trabalhar* **muito naquele projeto, caso queira aprovação.**

Fonte: **Conjugação dos Verbos em Português, Maria Aparecida Ryan, editora Ática, pp. 28-29.**

c) **O verbo** *haver* **seguido de preposição** *de* **mais** *infinitivo impessoal,* **indica idéia de intenção.**

Eles *hão de conquistar***.**

4) *vir:*

a) **para indicar ação duradoura, com o gerúndio do verbo principal:**

Ela *vem trabalhando* **muito naquele projeto**

b) **pra indicar resultado de uma fato, neste caso vem seguido da preposição** *a* **mais o** *infinitivo impessoal* **do verbo principal.**

Vim a conhecer **muito tarde a verdadeira personalidade daquele rapaz.**

5) *ir:*

a) **para indicar futuro próximo com a certeza que a ação será realizada, é empregado no** *presente do indicativo* **mais o** *infinitivo impessoal* **do verbo principal.**

Júlio *vai viajar* **no final do ano para Paris.**

6.2. Regular e irregular

a) *Regular =* **É aquele que seu radical é invariável e possui desinências normais.**

MODO INDICATIVO

PRESENTE: eu falo, tu falas, ele fala, nós falamos, vós falais, eles falam.

PRETÉRITO IMPERFEITO: eu falava, tu falavas, ele falava, nós falávamos, vós faláveis, eles falavam.

*** perceba como o radical** *FAL- não* **sofreu variação e as desinências seguiram um curso normal, parecido.**

b) *Irregular =* **É aquele em que radical e desinências sofrem variações.**

MODO INDICATIVO

PRESENTE: eu faço, tu fazes, ele faz, nós fazemos, vós fazeis, eles fazem

PRETÉRITO PERFEITO: eu fiz, tu fizeste, ele fez, nó fizemos, vós fizestes, eles fizeram.

*** perceba que o radical** *FAZ-* **sofreu muitas variações, assim como as desinências**

c) *Defectivo =* **É aquele que não possui conjugação completa, como os verbos falir, abolir, e os verbos que indicam fenômenos da natureza, chover, travejar etc.**

MODO INDICATIVO

PRESENTE: eu, tu, ele, nós falimos, vós falis, eles

*** perceba que este verbo no presente do indicativo só possui a primeira e segunda pessoas do plural.**

d) *Abundante:* **É aquele que possui mais de uma forma com valor equivalente. Normalmente, essa forma ocorre no particípio.**

aceito – aceitado, imprimido – impresso, morto-matado

diz tu – dize tu, faz tu – faze tu, requer tu – requere tu

e) *Anômalo:* **É aquele que possui mais de um radical na sua conjugação, seria um irregular ao extremo.**

MODO INDICATIVO

PRESENTE: eu sou, tu és, ele é, nós somos, vós sois, eles são

PRETÉRITO PERFEITO: eu fui, tu foste, ele foi, nós fomos, vós fostes, eles foram

*** perceba que a variação do radical neste caso é extrema: sou, és, fui etc.**

7. FLEXÃO VERBAL

Flexão verbal é a variação do verbo que pode ser em pessoa, número, tempo e modo.

FLEXÃO NÚMERO-PESSOAL = **Este flexão está ligada ao pronome pessoal, pois este é que permite a variação do verbo.**

7.1 Número

O verbo admite duas flexões por número:

a) singular: quando se refere a uma só pessoa ou coisa

Eu *escrevo* **sempre**

b) plural: quando se refere a mais de uma pessoa ou coisa

Ele *escreve* **sempre**

7.2 Pessoa

Há três pessoas que compõem a flexão verbal

a) 1ª pessoa = é a que fala

Eu *escrevo* **sempre / Nós** *escrevemos* **sempre**

b) 2ª pessoa = é a com que se fala

Tu *escreves* **sempre? / Vós** *escreveis* **sempre?**

c) 3ª pessoa = é a de quem se fala

Ele *escreve* **sempre / Eles** *escrevem* **sempre**

PRONOME	PESSOA E NÚMERO	VERBO NO PRESENTE
eu	**1ª pessoa do singular**	**falo**
tu	**2ª pessoa do singular**	**falas**
ele	**3ª pessoa do singular**	**fala**
nós	**1ª pessoa do plural**	**falamos**
vós	**2ª pessoa do plural**	**falais**
eles	**3ª pessoa do plural**	**falam**

OBSERVAÇÃO

A) Os pronomes de tratamento você, senhor, Vossa Senhoria etc. embora sejam segunda pessoa, são flexionados na *terceira pessoa.*

Você *escreve* **sempre?**
Vossa senhoria *escreve* **sempre?**

B) O pronome *Vós* **mesmo quando se referir a uma só pessoa, será flexionado no plural**

Senhor, *vós* **que** *sois* **tão generoso,** *ouvi* **minha prece**

FLEXÃO MODO-TEMPORAL: Esta flexão indica respectivamente a maneira e o tempo em que ocorre o fato verbal.

Modo: Indica a atitude do falante em relação a idéia expressa pelo verbo. Esta atitude pode ser de certeza, de dúvida, de ordem etc. São três os modos verbais:

a) *indicativo:* **Mostra um fato certo, preciso, tanto no presente, como no passado, como no futuro.**

Eu *compro* **imóvel (presente)**

Eu *comprei* **o imóvel (passado)**

Eu *comprarei* **o imóvel (futuro)**

b) *subjuntivo:* **Mostra um fato incerto, duvidoso, hipotético tanto no presente, como no passado, como no futuro**

Espero que você *compre* **o imóvel (presente)**

Se você *comprasse* **o imóvel, evitaria problemas (passado)**

Quando você *comprar* **o imóvel, evitará problemas (futuro)**

c) *imperativo:* **Indica ordem, desejo ou pedido**

Não *fume* **neste estabelecimento**

Por favor, Não *fume* **neste estabelecimento**

Participe **desta campanha**

Tempo: Indica a localização de tempo que ocorre o fato verbal que pode ser no presente, no passado ou no futuro.

a) *presente:* **O fato verbal ocorre no momento da fala**

Gosto **muito de ler Machado de Assis**

b) *passado:* **O fato verbal ocorreu anteriormente ao momento da fala**

Gostei **do jogo de ontem**

c) *futuro:* **O fato verbal ocorrerá após o momento da fala**

Gostarei **bastante de ir com vocês à festa**

8. VOZES VERBAIS

Voz do verbo é a flexão que indica se o sujeito pratica ou sofre a ação verbal

O professor *quebrou* **o giz**

neste caso o sujeito agente "professor" praticou a ação verbal

O giz *foi quebrado* **pelo professor**

neste caso o sujeito paciente "giz" sofreu a ação verbal.

8.1. Voz ativa = **o sujeito é o agente, aquele que pratica a ação verbal:**

O jogador *marcará* **um lindo gol**

O público *aplaudiu* **o cantor**

8.2. Voz passiva = **o sujeito é paciente, aquele que sofre a ação verbal:**

Um lindo gol *será marcado* **pelo jogador**

O cantor *foi aplaudido* **pelo público**

Perceba que "um lindo gol" e "o cantor" sofrem a ação do verbo, por isso o chamamos de sujeito paciente.

A voz passiva apresenta duas formas:

a) *passiva analítica* **= é formada por um verbo auxiliar (ser, estar, ficar) mais o particípio do verbo principal. O verbo auxiliar flexiona-se normalmente em modo, tempo, número e pessoa, já o verbo no particípio fica invariável.**

	VERBO AUXILIAR + PARTICÍPIO		
O CANTOR	*foi*	*aplaudido*	**PELO PUBLICO**
UM LINDO GOL	*será*	*marcado*	**PELO JOGADOR**

B) *passiva sintética* **= é formada pelo verbo que indica a ação mais o pronome se, denominado por pronome apassivador.**

verbo indicador da ação + pronome SE

Consertam – *se* **SAPATOS**

Consertam-se sapatos.

OBSERVAÇÕES

1) Lembre-se de que o verbo auxiliar na *voz passiva sintética* **é flexionado e o particípio Não.**

João *comprou* **o livro = O livro** *foi comprado* **por João**

João *comprará* **o livro = O livro** *será comprado* **por João**

Os meninos *compraram* **o livro = Os livro** *foram comprados* **pelos meninos**

2) A voz passiva só é possível com verbos transitivos diretos, aqueles que não exigem preposições.

O professor *aplicou* **a prova**

A prova *foi aplicada* **pelo professor**

O professor *precisa de* **silêncio (perceba que neste caso, não é possível fazer a passagem para voz passiva, pois o verbo precisar exige preposição** *de***)**

Silêncio *foi precisado* **pelo professor = ERRADO**

3) *Voz reflexiva* **= o sujeito é ao mesmo tempo agente e paciente, pratica e sofre a ação verbal.**

O lutador *feriu-se*

A criança *cortou-se* **com vidros**

Perceba que nos exemplos acima, os sujeitos sofrem e recebem a ação verbal.

*** Tome cuidado para não confundir ação reflexiva com ação de reciprocidade.**

Os lutadores *feriram-se*

Neste caso podemos entender que os lutadores *feriram-se* **um ao outro.**

9. FORMAÇÃO DOS TEMPOS

Para conjugar corretamente os verbos, não basta apenas conhecer os conceitos e os empregos dos tempos verbais, é necessário saber, também, como se formam.
Didaticamente costuma-se dividi-los em: *tempos primitivos* **e** *tempos derivados.*

São chamados *tempos primitivos* **pois a partir deles é que se origina os demais. Os tempos primitivos são:** *PRESENTE DO INDICATIVO, PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO* **e a forma nominal** *INFINITIVO*

A) PRESENTE DO INDICATIVO =

Dá origem ao —>
- **Presente do subjuntivo**
- **Pretérito imperfeito do indicativo**
- **Imperativo**

B) PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO =

Dá origem ao —>
- **Pretérito mais-que-perfeito do indicativo**
- **Futuro do subjuntivo**
- **Pretérito imperfeito do subjuntivo**

C) INFINITIVO IMPESSOAL =

Dá origem ao —>

- **Futuro do presente do indicativo**
- **Futuro do pretérito do indicativo**
- **Infinitivo pessoal**
- **Particípio**
- **Gerúndio**

Exemplos:

Presente do indicativo

- **Pretérito imperfeito indicativo**
- **Presente do subjuntivo**
- **Imperativo**

Radical do presente do indicativo	Pretérito imperfeito do indicativo	Presente do subjuntivo
fal	falava falavas falava falávamos faláveis falavam	fale fales fale falemos faleis falem
vend	vendia vendias vendia vendíamos vendíeis vendiam	venda vendas venda vendamos vendais vendam
part	partia partias partia partíamos partíeis partiam	parta partas parta partamos partais partam

Presente do indicativo	Presente do subjuntivo	Imperativo afirmativo	Imperativo negativo
falo falas fala falamos falais falam	fale fales fale falemos faleis falem	– fala fale falemos falai falem	– não fales não fale não falemos não faleis não falem

Pretérito perfeito do indicativo	Pretérito mais-que-perfeito do indicativo Pretérito imperfeito do subjuntivo Futuro do subjuntivo

Tema do pret. perf. do indic.	Pret. mais-que-perf. do indic.	Pret. imperf. do subjuntivo	Futuro do subjuntivo
fala	falara falaras falara faláramos faláreis falaram	falasse falasses falasse falássemos falásseis falassem	falar falares falar falarmos falardes falarem
vende	vendera venderas vendera vendêramos vendêreis venderam	vendesse vendesses vendesse vendêssemos vendêsseis vendessem	vender venderes vender vendermos venderdes venderem
parti	partira partiras partira partíramos partíreis partiram	partisse partisses partisse partíssemos partísseis partissem	partir partires partir partimos partirdes partirem

Infinitivo impessoal	**Futuro do presente** **Futuro do pretérito** **Infinitivo pessoal**

Infinitivo impessoal	Futuro do pres. do indicativo	Fut. do pret. do indicativo	Infinitivo pessoal
falar	falarei	falaria	falar
	falarás	falarias	falares
	falará	falaria	falar
	falaremos	falaríamos	falarmos
	falareis	falaríeis	falardes
	falarão	falariam	falarem
vender	venderei	venderia	vender
	venderás	venderias	venderes
	venderá	venderia	vender
	venderemos	venderíamos	vendermos
	vendereis	venderíeis	venderdes
	venderão	venderiam	venderem
partir	partirei	partiria	partir
	partirás	partirias	partires
	partirá	partiria	partir
	partiremos	partiríamos	partirmos
	partireis	partiríeis	partirdes
	partirão	partiriam	partirem

RESUMO DA UNIDADE 1

Definição = Verbo é a palavra que exprime ação, estado, mudança de estado e fenômeno da natureza situados no tempo.

Conjugações =
- **1ª conjugação –** *ar* **(fala*r*)**
- **2ª conjugação –** *er* **(corr*er*)**
- **3ª conjugação –** *ir* **(part*ir*)**

Tempos simples no indicativo

presente – eu falo

pretérito
- **perfeito = eu falei**
- **imperfeito = eu falava**
- **mais-que-perfeito = eu falara**

futuro
- **do presente = eu falarei**
- **do pretérito = eu falaria**

Tempos simples no subjuntivo

presente = que eu fale
pretérito imperfeito = se eu falasse
futuro = quando eu falar

Modos verbais

Indicativo – exprime certeza = eu *falo* **inglês**
Subjuntivo – exprime hipótese = se eu *falasse* **inglês...**
Imperativo – exprime ordem, pedido = *Fale* **inglês para eu ver**

Formas nominais

Infinitivo = terminação -*r* = fala*r*
Gerúndio = terminação -*ndo* = fala*ndo*
Particípio = terminação -*ado/ido* = fal*ado*

Vozes verbais

Ativa = sujeito pratica ação = ele *comentou* o trabalho

Passiva = sujeito sofre a ação = o trabalho *foi* comentado por ele (voz passiva analítica)

Comentou-se **o trabalho (voz passiva sintética)**

Reflexiva = sujeito pratica e sofre a ação = o garoto *cortou-se*

Imperativo – formação

Afirmativo = você, nós, vocês = são iguais ao presente do subjuntivo (fale você, falemos nós, falem vocês)

tu e vós = são semelhantes ao presente do indicativo sem a letra s (tu falas = fala tu / vós falais = falai vós)

Negativo = Não apresenta nenhum tipo de variação, sendo todas as formas iguais às do presente do subjuntivo (não fala você, não falas tu, não falemos nós, não falais vós, não falem vocês).

Unidade 2

MODELOS DE CONJUGAÇÃO

Veremos nesta unidade modelos de conjugação dos verbos mais freqüentes na Língua Portuguesa bem como informações precisas e importantes em relação à conjugação e aplicação destes verbos.

Mesmo que algum verbo seja omitido nesta unidade, será possível a sua conjugação, pois haverá um outro com conjugação similar.

Em casos de dúvidas quanto ao emprego, basta dirigir-se à unidade anterior que todos os conceitos gramaticais e de aplicações lá se encontram.

Verbos Regulares

1. Acentuar

Indicativo

Presente
acentuo
acentuas
acentua
acentuamos
acentuais
acentuam

Imperfeito
acentuava
acentuavas
acentuava
acentuávamos
acentuáveis
acentuavam

Perfeito
acentuei
acentuaste
acentuou
acentuamos
acentuastes
acentuaram

Mais-que-perfeito
acentuava
acentuaras
acentuara
acentuáramos
acentuáreis
acentuaram

Futuro do presente
acentuarei
acentuarás
acentuará
acentuaremos
acentuareis
acentuarão

Futuro do pretérito
acentuaria
acentuarias
acentuaria
acentuaríamos
acentuaríeis
acentuariam

Subjuntivo

Presente
acentue
acentues
acentue
acentuemos
acentueis
acentuem

Imperfeito
acentuasse
acentuasses
acentuasse
acentuássemos
acentuásseis
acentuassem

Futuro
acentuar
acentuares
acentuar
acentuarmos
acentuardes
acentuarem

Imperativo

Afirmativo
acentua
acentue
acentuemos
acentuai
acentuem

Negativo
não acentues
não acentue
não acentuemos
não acentueis
não acentuem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
acentuar

Infinitivo pessoal
acentuar
acentuares
acentuar
acentuarmos
acentuardes
acentuarem

Gerúndio
acentuando

Particípio
acentuado

2. Almoçar

Indicativo

Presente
almoço
almoças
almoça
almoçamos
almoçais
almoçam

Imperfeito
almoçava
almoçavas
almoçava
almoçávamos
almoçáveis
almoçavam

Perfeito
almocei
almoçastes
almoçou
almoçamos
almoçastes
almoçaram

Mais-que-perfeito
almoçara
almoçaras
almoçara
almoçáramos
almoçáreis
almoçaram

Futuro do presente
almoçarei
almoçarás
almoçará
almoçaremos
almoçareis
almoçarão

Futuro do pretérito
almoçaria
almoçarias
almoçaria
almoçaríamos
almoçaríeis
almoçariam

Subjuntivo

Presente
almoce
almoces
almoce
almocemos
almoceis
almocem

Imperfeito
almoçasse
almoçasses
almoçasse
almoçássemos
almoçásseis
almoçassem

Futuro
almoçar
almoçares
almoçar
almoçarmos
almoçardes
almoçarem

Imperativo

Afirmativo
almoça
almoce
almocemos
almoçai
almocem

Negativo
não almoces
não almoce
não almocemos
não almoceis
não almocem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
almoçar

Infinitivo pessoal
almoçar
almoçares
almoçar
almoçarmos
almoçardes
almoçarem

Gerúndio
almoçando

Particípio
almoçado

3. Argüir

O u tônico seguido de e ou i leva acento agudo; se for átono recebe o trema.

Indicativo

Presente
arguo
argúis
argúi
argüimos
argüis
argúem

Imperfeito
argüia
argüias
argüíamos
argüíeis
argüiam

Perfeito
argüi
argüiste
argüiu
argüirmos
argüistes
argüiram

Mais-que-perfeito
argüira
argüiras
argüira
argüíramos
argüíreis
argüiram

Futuro do presente
argüirei
argüiras
argüira
argüíremos
argüíreis
argüir*ão*

Futuro do pretérito
argüiria
argüirias
argüiria
argüiríamos
argüiríeis
argüiriam

Subjuntivo

Presente
argua
arguas
argua
arguarmos
arguais
arguam

Imperfeito
argüisse
argüisses
argüisse
argüíssemos
argüísseis
argüissem

Futuro
argüir
argüires
argüir
argüirmos
argüirdes
argüirem

Imperativo

Afirmativo
argúi
argua
arguarmos
argüi
arguam

Negativo
não arguas
não argua
não arguarmos
não arguais
não arguam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
argüir

Infinitivo pessoal
argüir
argüires
argüir
argüirmos
argüirdes
argüirem

Gerúndio
argüindo

Particípio
argüido

4. Averiguar

O u tônico seguido de e recebe acento agudo: quando átono, recebe trema.

Indicativo

Presente
averiguo
averiguas
averigua
averiguamos
averiguais
averiguam

Imperfeito
averiguava
averiguavas
averiguava
averiguávamos
averiguáveis
averiguavam

Perfeito
averigüei
averiguaste
averiguou
averiguamos
averiguastes
averiguaram

Mais-que-perfeito
averiguara
averiguaras
averiguara
averiguávamos
averiguáveis
averiguavam

Futuro do presente
averiguarei
averiguarás
averiguará
averiguaremos
averiguareis
averiguarão

Futuro do pretérito
averiguaria
averiguarias
averiguaria
averiguaríamos
averiguaríeis
averiguariam

Subjuntivo

Presente
averigúe
averigúes
averigúe
averigüemos
averigüeis
averigúem

Imperfeito
averiguasse
averiguasses
averiguasse
averiguássemos
averiguásseis
averiguassem

Futuro
averiguar
averiguares
averiguar
averiguarmos
averiguardes
averiguarem

Imperativo

Afirmativo
averigua
averigúe
averigüemos
averiguai
averigúem

Negativo
não averigúe
não averigúe
não averigüemos
não averigüeis
não averigúem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
averiguar

Infinitivo pessoal
averiguar
averiguares
averiguar
averiguarmos
averiguardes
averiguarem

Gerúndio
averiguando

Particípio
averiguado

5. Bater

Indicativo

Presente
bato
bates
bate
batemos
bateis
batem

Pretérito imperfeito
batia
batias
batia
batíamos
batíeis
batiam

Pretérito perfeito simples
bati
bateste
bateu
batemos
batestes
bateram

Pretérito mais-que-perfeito simples
batera
bateras
batera
batêramos
batêreis
bateram

Futuro do presente simples
baterei
baterás
baterá
bateremos
batereis
baterão

Futuro do pretérito simples
bateria
baterias
bateria
bateríamos
bateríeis
bateriam

Subjuntivo

Presente
bata
batas
bata
batamos
batais
batam

Pretérito imperfeito
batesse
batesses
batesse
batêssemos
batêsseis
batessem

Futuro simples
bater
bateres
bater
batermos
baterdes
baterem

Imperativo

Afirmativo
bate(tu)
bata(você)
batamos(nós)
batei(vós)
batam(vocês)

Negativo
não batas(tu)
não bata(vocês)
não batamos(nós)
não batais(vós)
não batam(vocês)

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
bater

Infinitivo pessoal
bater
bateres
bater
batermos
baterdes
baterem

Gerúndio
batendo

Particípio
batido

6. Cantar

Modo Indicativo

Presente
canto
cantas
canta
cantamos
cantais
cantam

Pretérito imperfeito
cantava
cantavas
cantava
cantávamos
cantáveis
cantavam

Pretérito perfeito simples
cantei
cantaste
cantou
cantamos
cantastes
cantaram

Pretérito mais-que-perfeito simples
cantaras
cantara
cantara
cantáramos
cantáreis
cantaram

Futuro do presente simples
cantarei
cantarás
cantará
cantaremos
cantareis
cantarão

Futuro do pretérito simples
cantaria
cantarias
cantaria
cantaríamos
cantaríeis
cantariam

Modo Subjuntivo

Presente
cante
cantes
cante
cantemos
canteis
cantem

Pretérito imperfeito
cantasse
cantasses
cantasse
cantássemos
cantásseis
cantassem

Futuro simples
cantar
cantares
cantar
cantarmos
cantardes
cantarem

Modo Imperativo

Afirmativo
canta(tu)
cante(você)
cantemos(nós)
cantai(vós)
cantem(vocês)

Negativo
não cantes(tu)
não cante(você)
não cantemos(nós)
não canteis(vós)
não cantem(vocês)

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
cantar

Infinitivo pessoal
cantar
cantares
cantar
cantarmos
cantardes
cantarem

Gerúndio
cantando

Particípio
cantado

7. Copiar

Os verbos terminados em -iar normalmente são regulares. Há, porém, cinco verbos terminados em -iar que são irregulares: mediar, ansiar, remediar, incendiar, odiar.

Indicativo

Presente
copio
copias
copia
copiamos
copiais
copiam

Imperfeito
copiava
copiavas
copiava
copiávamos
copiáveis
copiavam

Perfeito
copiei
copiastes
copiou
copiamos
copiastes
copiaram

Mais-que-perfeito
copiara
copiaras
copiara
copiáramos
copiáreis
copiaram

Futuro do presente
copiarei
copiarás
copiará
copiaremos
copiareis
copiarão

Futuro do pretérito]
copiaria
copiarias
copiaria
copiaríamos
copiaríeis
copiariam

Subjuntivo

Presente
copie
copies
copie
copiemos
copieis
copiem

Imperfeito
copiasse
copiasses
copiasse
copiássemos
copiásseis
copiassem

Futuro
copiar
copiares
copiar
copiarmos
copiardes
copiarem

Imperativo

Afirmativo
copia
copie
copiemos
copiai
copiem

Negativo
não copies
não copie
não copiemos
não copieis
não copiem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
copiar

Infinitivo pessoal
copiar
copiares
copiar
copiarmos
copiardes
copiarem

Gerúndio
copiando

Particípio
copiado

8. Distinguir

Perceba a variação gráfica no Presente do Indicativo, primeira pessoa, e nas formas derivadas.

Indicativo

Presente
distingo
distingues
distingue
distinguimos
distinguis
distinguem

Imperfeito
distinguia
distinguias
distinguia
distinguíamos
distinguíeis
distinguiam

Perfeito
distingui
distinguiste
distinguiu
distinguimos
distinguistes
distinguiram

Mais-que-perfeito
distinguira
distinguiras
distinguira
distinguíramos
distinguíreis
distinguiram

Futuro do presente
distinguirei
distinguirás
distinguirá
distinguiremos
distinguireis
distinguirão

Futuro do pretérito
distinguiria
distinguirias
distinguiria
distinguiríamos
distinguiríeis
distinguiriam

Subjuntivo

Presente
distinga
distingas
distinga
distingamos
distingais
distingam

Imperfeito
distinguisse
distinguisses
distinguisse
distinguíssemos
distinguísseis
distinguissem

Futuro
distinguir
distinguires
distinguir
distinguirmos
distinguirdes
distinguirem

Imperativo

Afirmativo
distingue
distinga
distingamos
distingui
distingam

Negativo
não distingas
não distinga
não distingamos
não distingais
não distigam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
distinguir

Infinitivo pessoal
distinguir
distinguires
distinguir
distinguirmos
distinguirdes
distinguirem

Gerúndio
distinguindo

Particípio
distinguido

9. Enxaguar

Indicativo

Presente
enxáguo
enxáguas
enxágua
enxaguamos
enxaguais
enxáguam

Imperfeito
enxaguava
enxaguavas
enxaguava
enxaguávamos
enxaguáveis
enxaguavam

Perfeito
enxagüeie
enxaguaste
enxaguou
enxaguamos
enxaguastes
enxaguaram

Mais-que-perfeito
enxaguara
enxaguaras
enxaguara
enxaguávamos
enxaguáveis
enxaguaram

Futuro do presente
enxaguarei
enxaguarás
enxaguará
enxaguaremos
enxaguareis
enxaguarão

Futuro do pretérito
enxaguaria
enxaguarias
enxaguaria
enxaguaríamos
enxaguaríeis
enxaguariam

Subjuntivo

Presente
enxágüe
enxágües
enxágüe
enxagüemos
enxagüeis
enxágüem

Imperfeito
enxaguasse
enxaguasses
enxaguasse
enxaguássemos
enxaguásseis
enxaguassem

Futuro
enxaguar
enxaguares
enxaguar
enxaguarmos
enxaguardes
enxaguarem

Imperativo

Afirmativo
enxágua
enxágüe
enxagüemos
enxaguai
enxágüem

Negativo
não enxágües
não enxágüe
não enxagüemos
não enxagüeis
não enxágüem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
enxaguar

Infinitivo pessoal
enxaguar
enxaguares
enxaguar
enxaguarmos
enxaguardes
enxaguarem

Gerúndio
enxaguando

Particípio
enxaguado

10. Erguer

Apresenta mudança do Presente do Indicativo e nas formas derivadas.

Indicativo

Presente
ergo
ergues
ergue
erguemos
ergueis
erguem

Imperfeito
erguia
erguias
erguia
erguíamos
erguíeis
erguiram

Perfeito
ergui
ergueste
ergueu
erguemos
erguestes
ergueram

Mais-que-perfeito
erguera
ergueras
erguera
erguêramos
erguêreis
ergueram

Futuro do presente
erguerei
erguerás
erguerá
ergueremos
erguereis
erguerão

Futuro do pretérito
ergueria
erguerias
ergueria
ergueríamos
ergueríeis
ergueram

Subjuntivo

Presente
erga
ergas
erga
ergamos
ergais
ergam

Imperfeito
erguesse
erguesses
erguesse
erguêssemos
erguêsseis
erguessem

Futuro
erguer
ergueres
erguer
erguermos
erguerdes
erguerem

Imperativo

Afirmativo
ergue
erga
ergamos
erguei
ergam

Negativo
não ergas
não erga
não ergamos
não ergais
não ergam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
erguer

Infinitivo pessoal
erguer
ergueres
erguer
erguermos
erguerdes
erguerem

Gerúndio
erguendo

Particípio
erguido

11. Estar

Modo Indicativo

Presente
estou
estás
está
estamos
estais
estão

Pretérito imperfeito
estava
estavas
estava
estávamos
estáveis
estavam

Pretérito perfeito simples
estive
estiveste
esteve
estivemos
estivesse
estiveram

Pretérito mais-que-perfeito simples
estivera
estiveras
estivera
estivéramos
estivéreis
estiveram

Futuro do presente simples
estarei
estarás
estará
estaremos
estareis
estarão

Futuro do pretérito simples
estaria
estarias
estaria
estaríamos
estaríeis
estariam

Modo Subjuntivo

Presente
esteja
estejas
esteja
estejamos
estejais
estejam

Pretérito imperfeito
estivesse
estivesses
estivesse
estivéssemos
estivésseis
estivessem

Futuro simples
estiver
estiveres
estiver
estivermos
estiverdes
estiverem

Modo Imperativo

Afirmativo
está(tu)
esteja(você)
estejamos(nós)
estai(vós)
estejam(vocês)

Negativo
não estejas(tu)
não esteja(você)
não estejamos(nós)
não estejais(vós)
não estejam(vocês)

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
estar

Infinitivo pessoal
estar
estares
estar
estarmos
estardes
estarem

Gerúndio
estando

Particípio
estado

12. Ficar

Indicativo

Presente
fico
ficas
fica
ficamos
ficais
ficam

Imperfeito
ficava
ficavas
ficava
ficávamos
ficáveis
ficavam

Perfeito
fiquei
ficaste
ficou
ficamos
ficastes
ficaram

Mais-que-perfeito
ficara
ficaras
ficara
ficáramos
ficáreis
ficaram

Futuro do presente
ficarei
ficarás
ficará
ficaremos
ficareis
ficarão

Futuro do pretérito
ficaria
ficarias
ficaria
ficaríamos
ficaríeis
ficariam

Subjuntivo

Presente
fique
fiques
fique
fiquemos
fiqueis
fiquem

Imperfeito
ficasse
ficasses
ficasse
ficássemos
ficásseis
ficassem

Futuro
ficar
ficares
ficar
ficarmos
ficardes
ficarem

Inperativo

Afirmativo
fica
fique
fiquemos
ficai
fiquem

Negativo
não fiques
não fique
não fiquemos
não fiqueis
não fiquem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
ficar

Infinitivo pessoal
ficar
ficares
ficar
ficarmos
ficardes
ficarem

Gerúndio
ficando

Particípio
ficado

13. Fingir

Indicativo

Presente
finjo
finges
finge
fingimos
fingis
fingem

Imperfeito
fingia
fingias
fingia
fingíamos
fingíeis
fingiam

Perfeito
fingi
fingiste
fingiu
fingimos
fingistes
fingiram

Mais-que-perfeito
fingira
fingiras
fingira
fingíramos
fingíreis
fingiram

Futuro do presente
fingirei
fingirás
fingirá
fingiremos
fingireis
fingirão

Futuro do pretérito
fingiria
fingirias
fingiria
fingiríamos
fingiríeis
fingiram

Subjuntivo

Presente
finja
finjas
finja
finjamos
finjais
finjam

Imperfeito
fingisse
fingisses
fingisse
fingíssemos
fingísseis
fingissem

Futuro
fingir
fingires
fingir
fingirmos
fingirdes
fingirem

Imperativo

Afirmativo
finge
finja
finjamos
fingi
finjam

Negativo
não finjas
não finja
não finjamos
não finjais
não finjam

Formas Nominais

Infinitivo Impessoal
fingir

Infinitivo Pessoal
fingir
fingires
fingir
fingirmos
fingirdes
fingirem

Gerúndio
fingindo

Particípio
fingido

14. Haver

Modo Indicativo

Presente
hei
hás
hás
havemos
haveis
hão

Pretérito imperfeito
havia
havias
havia
havíamos
havíeis
haviam

Pretérito perfeito simples
houve
houvesse
houve
houvemos
houvestes
houveram

Pretérito mais-que-perfeito simples
houvera
houveras
houvera
houvéramos
houvéreis
houveram

Futuro do presente simples
haverei
haverás
haverá
haveremos
havereis
haverão

Futuro do pretérito simples
haveria
haverias
haveria
haveríamos
haveríeis
haveriam

Subjuntivo

Presente
haja
hajas
hajamos
hajais
hajam

Pretérito imperfeito
houvesse
houvesses
houvesse
houvéssemos
houvésseis
houvessem

Futuro simples
houver
houveres
houver
houvemos
houverdes
houverem

Modo Imperativo

Afirmativo
há(tu)
haja(você)
hajamos(nós)
havei(vós)
hajam(vocês)

Negativo
não hajas(tu)
não haja(você)
não hajamos(nós)
não hajais(vós)
não hajam(vocês)

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
haver

Infinitivo pessoal
haver
haveres
haver
havermos
haverdes
haverem

Gerúndio
havendo

Particípio
havido

15. Indignar-se

Indicativo

Presente
indigno-me
indignas-te
indigna-se
indignamo-nos
indignais-vos
indignam-se

Imperfeito
indignava-se
indignavas-te
indignava-se
indignávamos-nos
indignáveis-vos
indgnavam-se

Perfeito
indignei-me
indignaste-te
indignou-se
indignamo-nos
indignastes-vos
indignaram-se

Mais-que-perfeito
indignaram-me
indignaras-te
indignara-se
indignáramo-nos
indignáreis-vos
indignaram-se

Futuro do Presente
indignar-me-ei
indignar-te-ás
indignar-se-á
indignar-nos-emos
indignar-vos-eis
indignar-se-ão

Futuro do Pretérito
indignar-me-ia
indignar-te-ias
indignar-se-ia
indignar-nos-íamos
indignar-vos-íeis
indignar-se-iam

Subjuntivo

Presente
eu me indigne
tu te indignes
ele se indigne
nós nos indignemos
vós vos indigneis
eles se indignem

Imperfeito
eu me indignasse
tu te indignasses
ele se indignasse
nós nos indignássemos
vós vos indignásseis
eles se indignassem

Futuro
eu me indignar
tu te indignares
ele se indignar
nós nos indigarmos
vós vos indignardes
eles se indignarem

Imperativo

Afirmativo
indigna-te
indigne-se
indignemo-nos
indignai-vos
indignem-se

Negativo
não te indignes
não se indigne
não nos indignemos
não vos indigneis
não se indignem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
indignar-se

Infinitivo pessoal
indignar-me
indignares-te
indignar-se
indignarmo-nos
indignardes-vos
indignarem-se

Gerúndio
indignando-se

Particípio
indignado

16. Jogar

Indicativo

Presente
jogo
jogas
joga
jogamos
jogais
jogam

Imperfeito
jogava
jogavas
jogava
jogávamos
jogáveis
jogavam

Perfeito
joguei
jogaste
jogou
jogamos
jogastes
jogaram

Mais-que-perfeito
jogara
jogaras
jogara
jogáramos
jogáreis
jogaram

Futuro do presente
jogarei
jogarás
jogará
jogaremos
jogareis
jogarão

Futuro do pretérito
jogaria
jogarias
jogaria
jogaríamos
jogarieis
jogariam

Subjuntivo

Presente
jogue
jogues
jogue
joguemos
jogueis
joguem

Imperfeito
jogasse
jogasses
jogasse
jogássemos
jogásseis
jogassem

Futuro
jogar
jogares
jogar
jogarmos
jogardes
jogarem

Imperativo

Afirmativo
joga
jogue
joguemos
jogai
joguem

Negativo
não jogues
não jogue
não joguemos
não jogueis
não joguem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
jogar

Infinitivo pessoal
jogar
jogares
jogar
jogarmos
jogardes
jogarem

Gerúndio
jogando

Particípio
jogado

17. Magoar

Indicativo

Presente
Magôo
magoas
magoa
magoamos
magoais
magoam

Imperfeito
magoava
magoavas
magoava
magoávamos
magoáveis
magoavam

Perfeito
magoei
magoaste
magoou
magoamos
magoastes
magoaram

Mais-que-perfeito
magoara
magoaras
magoara
magoáramos
magoáreis
magoaram

Futuro do presente
magoarei
magoarás
magoará
magoaremos
magoareis
magoarão

Futuro do pretérito
magoaria
magoarias
magoaria
magoaríamos
magoaríeis
magoariam

Subjuntivo

Presente
magoe
magoes
magoe
magoemos
magoeis
magoem

Imperfeito
magoasse
magoasses
magoasse
magoássemos
magoásseis
magoassem

Futuro
magoar
magoares
magoar
magoarmos
magoardes
magoarem

Imperativo

Afirmativo
magoa
magoe
magoaremos
magoai
magoem

Negativo
não magoes
não magoe
não magoemos
não magoeis
não magoem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
magoar

Infinitivo pessoal
magoar
magoares
magoar
magoarmos
magoardes
magoarem

Gerúndio
magoando

Particípio
magoado

18. Mobiliar

Indicativo

Presente
mobílio
mobílias
mobília
mobiliamos
mobiliais
mobíliam

Imperfeito
mobiliava
mobiliavas
mobiliava
mobiliávamos
mobiliáveis
mobiliavam

Perfeito
mobiliei
mobiliaste
mobiliou
mobiliamos
mobiliastes
mobiliaram

Mais-que-perfeito
mobiliara
mobiliaras
mobiliara
mobiliáramos
mobiliáreis
mobiliaram

Futuro do presente
mobiliarei
mobiliarás
mobiliará
mobiliaremos
mobiliareis
mobiliarão

Futuro do pretérito
mobiliaria
mobiliarias
mobiliaria
mobiliaríamos
mobiliaríeis
mobiliariam

Subjuntivo

Presente
mobílie
mobílies
mobílie
mobiliemos
mobilieis
mobíliem

Imperfeito
mobiliasse
mobiliasses
mobiliasse
mobiliássemos
mobiliásseis
mobiliassem

Futuro
mobiliar
mobiliares
mobiliar
mobiliarmos
mobiliardes
mobiliarem

Imperativo

Afirmativo
mobília
mobílie
mobiliemos
mobiliai
mobíliem

Negativo
não mobílies
não mobílie
não mobiliemos
não mobilieis
não mobíliem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
mobiliar

Infinitivo pessoal
mobiliar
mobiliares
mobiliar
mobiliarmos
mobiliardes
mobiliarem

Gerúndio
mobiliando

Particípio
mobiliado

19. Moer

Indicativo

Presente
môo
mois
mói
moemos
moeis
moem

Imperfeito
moía
moías
moía
moíamos
moíeis
moíam

Perfeito
moí
moeste
moeu
moemos
moestes
moeram

Mais-que-perfeito
moera
moeras
moera
moêramos
moêreis
moeram

Futuro do presente
moerei
moerás
moerá
moeremos
moereis
moerão

Futuro do pretérito
moeria
moerias
moeria
moeríamos
moeríeis
moeriam

Subjuntivo

Presente
moa
moas
moa
moamos
moais
moam

Imperfeito
moesse
moesses
moesse
moêssemos
moêsseis
moessem

Futuro
moer
moeres
moer
moermos
moerdes
moerem

Imperativo

Afirmativo
mói
moa
moamos
moei
moam

Negativo
não moas
não moa
não moamos
não moais
não moam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
moer

Infinitivo pessoal
moer
moeres
moer
moermos
moerdes
moerem

Gerúndio
moendo

Particípio
moído

20. Obliquar

O u tônico de e recebe acento agudo; quando átono, leva trema.

Indicativo

Presente
obliquo
obliquas
obliqua
obliquamos
obliquais
obliquam

Imperfeito
obliquava
obliquavas
obliquava
obliquávamos
obliquáveis
obliquavam

Perfeito
obliqüei
obliquaste
obliquou
obliquamos
obliquastes
obliquaram

Mais-que-perfeito
obliquara
obliquaras
obliquara
obliquáramos
oliquáreis
obliquaram

Futuro do presente
obliquarei
obliquarás
obliquará
obliquaremos
obliquareis
obliquarão

Futuro do pretérito
obliquaria
obliquarias
obliquaria
obliquaríamos
obliquaríeis
obliquariam

Subjuntivo

Presente
obliqúe
obliqúes
obliqúe
obliqüemos
obliqüeis
obliqúem

Imperfeito
obliquasse
obliquasses
obliquasse
obliquássemos
obliquásseis
obliquassem

Futuro
obliquar
obliquares
obliquar
obliquarmos
obliquardes
obliquarem

Imperativo

Afirmativo
obliqua
obliqúe
obliqüemos
obliaquai
obliqúem

Negativo
não obliqúes
não obliqúe
não obliqüemos
não obliqüeis
não obliqúem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
obliquar

Infinitivo pessoal
obliquar
obliquares
obliquar
obliquarmos
obliquardes
obliquarem

Gerúndio
obliquando

Particípio
obliquado

21. Obstar

Indicativo

Presente
obsto
obtas
obsta
obstamos
obstais
obstam

Imperfeito
obstava
obstavas
obstava
obstávamos
obstáveis
obstavam

Perfeito
obstei
obstaste
obstou
obstamos
obstastes
obstaram

Mais-que-perfeito
osbstara
obstaras
obstara
obstáramos
obstáreis
obstaram

Futuro do presente
obstarei
obstarás
obstará
obstaremos
obstareis
obstarão

Futuro do pretérito
obstaria
obstarias
obstaria
obstaríamos
obstaríeis
obstaríam

Subjuntivo

Presente
obste
obstes
obste
obstemos
obsteis
obstem

Imperfeito
obstasse
obstasses
obstasse
obstássemos
obstásseis
obstassem

Futuro
obstar
obstares
obstar
obstarmos
obstardes
obstarem

Imperativo

Afirmativo
obsta
obste
obstemos
obstai
obstem

Negativo
não obstes
não obste
não obstemos
não obsteis
não obstem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
obstar

Infinitivo pessoal
obstar
obstares
obstar
obstarmos
obstardes
obstarem

Gerúndio
obstando

Particípio
obstado

22. Optar

Indicativo

Presente
opto
optas
opta
optamos
optais
optam

Imperfeito
optava
optavas
optava
optávamos
optáveis
optavam

Perfeito
optei
optaste
optou
optamos
optastes
optaram

Mais-que-perfeito
optara
optaras
optara
optáramos
optáreis
optaram

Futuro do presente
optarei
optarás
optará
optaremos
optareis
optarão

Futuro do pretérito
optaria
optarias
optaria
optaríamos
optaríeis
optariam

Subjuntivo

Presente
opte
optes
opte
optemos
opteis
optem

Imperfeito
optasse
optasses
optasse
optássemos
optásseis
optassem

Futuro
optar
optares
optar
optarmos
optardes
optarem

Imperativo

Afirmativo
opta
opte
optemos
optai
optem

Negativo
não optes
não opte
não optemos
não opteis
não optem

Formas Nominais

Infinitivo Impessoal
optar

Infinitivo pessoal
optar
optares
optar
optarmos
optardes
optarem

Gerúndio
optando

Particípio
optado

23. Partir

Modo Indicativo

Presente
parto
partes
parte
partimos
partis
partem

Pretérito imperfeito
partia
partias
partia
partíamos
partíeis
partiam

Pretérito perfeito simples
parti
partiste
partiu
partimos
partistes
partiram

Pretérito mais-que-perfeito simples
partira
partiras
partira
partíramos
partíreis
partiram

Futuro do presente simples
partirei
partirás
partirá
partiremos
partireis
partirão

Futuro do pretérito simples
partiria
partirias
partiria
partiríamos
partiríeis
partiriam

Modo Subjuntivo

Presente
parta
partas
parta
partamos
partais
partam

Pretérito imperfeito
partisse
partisses
partisse
partíssemos
partísseis
partissem

Futuro simples
partir
partires
partir
partimos
partides
partirem

Modo Imperativo

Afirmativo
parte(tu)
parta(você)
partamos(nós)
parti(vós)
partam(vocês)

Negativo
não partas(tu)
não parta(você)
não partamos(nós)
não partais(vós)
não partam(vocês)

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
partir

infinitivo pessoal
partir
partires
partir
partirmos
partirdes
partirem

Gerúndio
partindo

Particípio
partido

24. Reger

Indicativo

presente
rejo
reges
rege
regemos
regeis
regem

Imperfeito
regia
regias
regia
regíamos
regíeis
regiam

Perfeito
regi
regeste
regeu
regemos
regestes
regeram

Mais-que-perfeito
regera
regeras
regera
regêramos
regêreis
regeram

Futuro do presente
regerei
regerás
regerá
regeremos
regereis
regerão

Futuro do pretérito
regeria
regerias
regeria
regeríamos
regeríeis
regeriam

Subjuntivo

Presente
reja
rejas
reja
rejamos
rejais
rejam

Imperfeito
regesse
regesses
regesse
regêssemos
regêsseis
regessem

Futuro
reger
regeres
reger
regermos
regerdes
regerem

Imperativo

Afirmativo
rege
reja
rejamos
regei
rejam

Negativo
não rejas
não reja
não rejamos
não rejais
não rejam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
reger

Infinitivo pessoal
reger
regeres
reger
regermos
regerdes
regerem

Gerúndio
regendo

Particípio
regido

25. Restituir

Os verbos terminados em -uir não sofrem alteração no radical, exceto construir e destruir.

Indicativo

Presente
restituo
restituis
restitui
restituímos
restituís
restituem

Imperfeito
restituía
restituías
restituía
restituíamos
restituíeis
restituíam

Perfeito
restituí
restituíste
restituiu
restituímos
restituístes
restituíram

Mais-que-perfeito
restituíra
restituíras
restituíra
restituíramos
restituíreis
restituíram

Futuro do presente
restituirei
restituirás
restituirá
restituiremos
restituireis
restituirão

Futuro do pretérito
restituiria
restituirias
restituiria
restituiríamos
restituiríeis
restituiriam

Subjuntivo

Presente
restitua
restituas
restitua
restituamos
restituais
restituam

Imperfeito
restituísse
restituísses
restituísse
restituíssemos
restituísseis
restituíssem

Futuro
restituir
restituíres
restituir
restituirmos
restituirdes
restituírem

Imperativo

Afirmativo
restitui
restitua
restituamos
restituí
restituam

Negativo
não restituas
não restitua
não restituamos
não restituais
não restituam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
restituir

Infinitivo pessoal
restituir
restituíres
restituir
restituirmos
restituirdes
restituírem

Gerúndio
restituindo

Particípio
restituído

26. Roubar

Indicativo

Presente
roubo
roubas
rouba
roubamos
roubais
roubam

Imperfeito
roubava
roubavas
roubava
roubávamos
roubáveis
roubavam

Perfeito
roubei
roubaste
roubou
roubamos
roubastes
roubaram

Mais-que-perfeito
roubara
roubaras
roubara
roubáramos
roubáreis
roubaram

Futuro do presente
roubarei
roubarás
roubará
roubaremos
roubáreis
roubarão

Futuro do pretérito
roubaria
roubarias
roubaria
roubaríamos
roubaríeis
roubariam

Subjuntivo

Presente
roube
roubes
roube
reoubemos
roubeis
roubem

Imperfeito
roubasse
roubasses
roubasse
roubássemos
roubásseis
roubassem

Futuro
roubar
roubares
roubar
roubarmos
roubardes
roubarem

Imperativo

Afirmativo
rouba
roube
roubemos
roubai
roubem

Negativo
não roubes
não roube
não roubemos
não roubeis
não roubem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
roubar

Infinitivo pessoal
roubar
roubares
roubar
roubarmos
roubardes
roubarem

Gerúndio
roubando

Particípio
roubado

27. Saudar

Perceba a Variação de Acento Alterando a Pronúncia.

Indicativo

Presente
saúdo
saúdas
saúda
saudamos
saudais
saúdam

Imperfeito
saudava
saudavas
saudava
saudávamos
saudáveis
saudavam

Perfeito
saudei
saudaste
saudou
saudamos
saudastes
saudaram

Mais-que-perfeito
saudara
saudaras
saudara
saudáramos
saudáreis
saudaram

Futuro do presente
saudarei
saudarás
saudará
saudaremos
saudareis
saudarão

Futuro do pretérito
saudaria
saudarias
saudaria
saudaríamos
saudaríeis
saudariam

Subjuntivo

Presente
saúde
saúdes
saúde
saudemos
saudeis
saúdem

Imperfeito
saudasse
saudasses
saudasse
saudássemos
saudásseis
saudassem

Futuro
saudar
saudares
saudar
saudarmos
saudardes
saudarem

Imperativo

Afirmativo
saúda
saúde
saudemos
saudai
saúdem

Negativo
não saúdes
não saúde
não saudemos
não saudeis
não saúdem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
saudar

Infinitivo pessoal
saudar
saudares
saudar
saudarmos
saudardes
saudarem

Gerúndio
saudando

Particípio
saudado

28. Vencer

Indicativo

Presente
venço
vences
vence
vencemos
venceis
vencem

Imperfeito
vencia
vencias
vencia
vencíamos
vencíeis
venciam

Perfeito
venci
venceste
venceu
vencemos
vencestes
venceram

Mais-que-perfeito
vencera
venceras
vencera
vencêramos
vencêreis
venceram

Futuro do presente
vencerei
vencerás
vencerá
venceremos
vencereis
vencerão

Futuro do pretérito
venceria
vencerias
venceria
venceríamos
venceríeis
venceriam

Subjuntivo

Presente
vença
venças
venças
vençamos
vençais
vençam

Imperativo
vencesse
vencesses
vencesse
vencêssemos
vencêsseis
vencessem

Futuro
vencer
venceres
vencer
vencermos
vencerdes
vencerem

Imperativo

Afirmativo
vence
vença
vençamos
vencei
vençam

Negativo
não venças
não vença
não vençamos
não vençais
não vençam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
vencer

Infinitivo pessoal
vencer
venceres
vencer
vencermos
vencerdes
vencerem

Gerúndio
vencendo

Particípio
vencido

29. Viajar

Indicativo

Presente
viajo
viajas
viaja
viajamos
viajais
viajam

Imperfeito
viajava
viajavas
viajava
viajávamos
viajáveis
viajavam

Perfeito
viajei
viajaste
viajou
viajamos
viajastes
viajaram

Mais-que-perfeito
viajara
viajaras
viajara
viajáramos
viajáreis
viajaram

Futuro do presente
viajarei
viajarás
viajará
viajaremos
viajareis
viajarão

Futuro do pretérito
viajaria
viajarias
viajaria
viajaríamos
viajaríeis
viajariam

Subjuntivo

Presente
viaje
viajes
viaje
viajemos
viajeis
viajem

Imperfeito
viajasse
viajasses
viajasse
viajássemos
viajásseis
viajassem

Futuro
viajar
viajares
viajar
viajarmos
viajardes
viajarem

Imperativo

Afirmativo
viaja
viaje
viajemos
viajai
viajem

Negativo
não viajes
não viaje
não viajemos
não viajeis
não viajem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
viajar

Infinitivo pessoal
viajar
viajares
viajar
viajarmos
viajardes
viajarem

Gerúndio
viajando

Particípio
viajado

Verbos Irregulares

30. Acudir

Indicativo

Presente
acudo
acodes
acode
acudimos
acudis
acodem

Imperfeito
acudia
acudias
acudia
acudíamos
acudíeis
acudiam

Perfeito
acudi
acudiste
acudiu
acudimos
acudistes
acudiram

Mais-que-perfeito
acudira
acudiras
acudira
acudíramos
acudíreis
acudiram

Futuro do presente
acudirei
acudirás
acudirá
acudiremos
acudireis
acudirão

Futuro do pretérito
acudiria
acudirias
acudiria
acudiríamos
acudiríeis
acudiriam

Subjuntivo

Presente
acuda
acudas
acuda
acudamos
acudais
acudam

Imperfeito
acudisse
acudisses
acudisse
acudíssemos
acudísseis
acudissem

futuro
acudir
acudires
acudir
acudirmos
acudirdes
acudirem

Imperativo

Afirmativo
acode
acuda
acudamos
acudai
acudam

Negativo
nao acudas
não acuda
não acudamos
não acudais
não acudam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
acudir

Infinitivo pessoal
acudir
acudires
acudir
acudirmos
acudirdes
acudirem

Gerúndio
acudindo

Particípio
acudido

31. Aderir

Apresenta mudança gráfica: o e do radical muda para i na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e nas formas derivadas.

Indicativo

Presente
adiro
aderes
adere
aderimos
aderis
aderem

Imperfeito
aderia
aderias
aderia
aderíamos
aderíeis
aderiam

Perfeito
aderi
aderiste
aderiu
aderimos
aderistes
aderiram

Mais-que-perfeito
aderira
aderiras
aderira
aderíamos
aderíreis
aderiram

Futuro do presente
aderirei
aderirás
aderirá
aderiremos
aderireis
aderirão

Futuro do pretérito
aderiria
aderirias
aderiria
aderiríamos
aderiríeis
adeririam

Subjuntivo

Presente
adira
adiras
adira
adiramos
adirais
adiram

Imperfeito
aderisse
aderisses
aderisse
aderíssemos
aderísseis
aderissem

Futuro
aderir
aderires
aderir
aderirmos
aderirdes
aderirem

Imperativo

Afirmativo
adere
adira
adiramos
aderi
adiram

Negativo
não adiras
não adira
não adiramos
não adirais
não adiram

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
aderir

Infinitivo pessoal
aderir
aderires
aderir
aderimos
aderirdes
aderirem

Gerúndio
aderindo

Particípio
aderido

32. Agredir

Apresenta mudança gráfica: o e do radical muda para i em algumas pessoas do presente do indicativo e nas formas derivadas.

Indicativo

Presente
agrido
agrides
agride
agredimos
agredis
agridem

Imperfeito
agredia
agredias
agredia
agredíamos
agredíeis
agrediam

Perfeito
agredi
agrediste
agrediu
agredimos
agredistes
agrediram

Mais-que-perfeito
agredira
agrediras
agredira
agredíramos
agredíreis
agrediram

Futuro do presente
agredirei
agredirás
agredirá
agrediremos
agredireis
agredirão

Futuro do pretérito
agrediria
agredirias
agrediria
agrediriamos
agrediríeis
agrediriam

Subjuntivo

Presente
agrida
agridas
agrida
agridamos
agridais
agridam

Imperfeito
agredisse
agredisses
agredisse
agredíssemos
agredísseis
agredissem

Futuro
agredir
agredires
agredir
agredirmos
agredirdes
agredirem

Imperativo

Afirmativo
agride
agrida
agridamos
agredi
agridam

Negativo
não agridas
não agrida
não agridamos
não agridais
não agridam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
agredir

Infinitivo pessoal
agredir
agredires
agredir
agredirmos
agredirdes
agredirem

Gerúndio
agredindo

Particípio
agredido

33. Apiedar-se

Este verbo apresenta uma conjugação mista de apiedar-se e apiadar-se.

Indicativo

Presente
apiado-me
apiadas-te
apiada-se
apiedamo-nos
apiedais-vós
apiadam-se

Imperfeito
apiedava-me
apiedavas-te
apiedava-se
apiedávamo-nos
apiedáveis-vos
apiedavam-se

Perfeito
apiedei-me
apiedaste-te
apiedou-se
apiedamo-nos
apiedastes-vos
apiedaram-se

Mais-que-perfeito
apiedara-me
apiedaras-te
apiedara-se
apiedáramo-nos
apiedáreis-vos
apiedaram-se

Futuro do presente
apiedar-me-ei
apiedar-te-ás
apiedar-se-á
apiedar-nos-emos
apiedar-vos-eis
apiedar-se-ão

Futuro do pretérito
apiedar-me-ia
apiedar-te-ias
apiedar-se-ia
apiedar-nos-íamos
apiedar-vos-íeis
apiedar-se-iam

Subjuntivo

Presente
eu me apiade
tu te apiades
ele se apiade
nós nos apiedemos
vós vos apiedeis
eles se apiadem

Imperfeito
eu me apiedasse
tu te apiedasses
ele se apiedasse
nós nos apiedássemos
vós vos apiedásseis
eles se apiedassem

Futuro
eu me apiedar
tu te apiedares
ele se apiedar
nós nos apiedarmos
vós vos apiedardes
eles se apiedarem

Imperativo

Afirmativo
apiada-te
apiade-se
apiedemos-nos
apiedai-vos
apiadem-se

Negativo
não te apiades
não se apiade
não nos apiedemos
não vos apiedeis
não se apiadem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
apiedar-se

Infinitivo pessoal
apiedar-me
apiedares-te
apiedar-se
apiedarmo-nos
apiedardes-vos
apiedarem-se

Gerúndio
apiedando-se

Particípio
apiedado

34. Aprazer

É empregado freqüentemente nas terceiras pessoas. A forma pronominal aprazer-se é empregada corretamente em todas as pessoas.

Indicativo

Presente
aprazo
aprazes
apraz
aprazemos
aprazeis
aprazem

Imperfeito
aprazia
aprazias
aprazia
aprazíamos
aprazíeis
apraziam

Perfeito
aprouve
aprouveste
aprouve
aprouvemos
aprouvestes
aprouveram

Mais-que-perfeito
aprouvera
aprouveras
aprouvera
aprouvéramos
aprouvéreis
aprouveram

Futuro do presente
aprazerei
aprazerás
aprazerá
aprazeremos
aprazereis
aprazerão

Futuro do pretérito
aprazeria
aprazerias
aprazeria
aprazeríamos
aprazeríeis
aprazeriam

Subjuntivo

Presente
apraza
aprazas
apraza
aprazamos
aprazais
aprazam

Imperfeito
aprouvesse
aprouvesses
aprouvesse
aprouvéssemos
aprouvésseis
aprouvessem

Futuro
aprouver
aprouveres
aprouver
aprouvermos
aprouverdes
aprouverem

Imperativo

Afirmativo
apraz / apraze
apraza
aprazamos
aprazei
aprazam

Negativo
não aprazas
não apraza
não aprazamos
não aprazais
não aprazam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
aprazer

Infinitivo pessoal
aprazer
aprazeres
aprazer
aprazermos
aprazerdes
aprazerem

Gerúndio
aprazendo

Particípio
aprazido

35. Caber

Não é usado no imperativo

Indicativo

Presente
caibo
cabes
cabe
cabemos
cabeis
cabem

Imperfeito
cabia
cabias
cabia
cabíamos
cabíeis
cabiam

Perfeito
coube
coubeste
coube
coubemos
coubestes
couberam

Mais-que-perfeito
coubera
couberas
coubera
coubéramos
coubéreis
couberam

Futuro do presente
caberei
caberás
caberá
caberemos
cabereis
caberão

Futuro do pretérito
caberia
caberias
caberia
caberíamos
caberíeis
caberiam

Subjuntivo

Presente
caiba
caibas
caiba
caibamos
caibais
caibam

Imperfeito
coubesse
coubesses
coubesse
coubéssemos
coubésseis
coubessem

Futuro
couber
couberes
couber
coubermos
couberdes
couberem

Imperativo

Afirmativo
não é usado

Negativo
não é usado

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
caber

Infinitivo pessoal
caber
caberes
caber
cabermos
caberdes
caberem

Gerúndio
cabendo

Particípio
cabido

36. Cear

O e do radical transforma-se em ei nas formas rizotônicas, como os demais terminados em ear.

Indicativo

Perfeito
ceio
ceias
ceia
ceamos
ceais
ceiam

Imperfeito
ceava
ceavas
ceava
ceávamos
ceáveis
ceavam

perfeito
ceei
ceaste
ceou
ceamos
ceastes
cearam

Mais-que-perfeito
ceara
cearas
ceara
ceáramos
ceáreis
cearam

Futuro do presente
cearei
cearás
ceará
cearemos
ceareis
cearão

Futuro do pretérito
cearia
cearias
cearia
cearíamos
cearíeis
ceariam

Subjuntivo

Presente
ceie
ceies
ceie
ceemos
ceeis
ceiem

Imperfeito
ceasse
ceasses
ceasse
ceássemos
ceásseis
ceassem

Futuro
cear
ceares
cear
cearmos
ceardes
cearem

Imperativo

Afirmativo
ceia
ceie
ceemos
ceai
ceiem

Negativo
não ceies
não ceie
não ceemos
não ceeis
não ceiem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
cear

Infinitivo pessoal
cear
ceares
cear
cearmos
ceardes
cearem

Gerúndio
ceando

Particípio
ceado

37. Conduzir

Indicativo

Presente
conduzo
conduzes
conduz
conduzimos
conduzis
conduzem

Imperfeito
conduzia
conduzias
conduzia
conduzíamos
conduzíeis
conduziam

Perfeito
conduzi
conduziste
conduziu
conduzimos
conduzistes
conduziram

Mais-que-perfeito
conduzira
conduziras
conduzira
conduzíramos
conduzíreis
conduziram

Futuro do presente
conduzirei
conduzirás
conduzirá
conduziremos
conduzireis
conduzirão

Futuro do pretérito
conduziria
conduzirias
conduziria
conduziríamos
conduziríeis
conduziriam

Subjuntivo

Presente
conduza
conduzas
conduza
conduzamos
conduzais
conduzam

Imperfeito
conduzisse
conduzisses
conduzisse
conduzíssemos
conduzísseis
conduzissem

Futuro
conduzir
conduzires
conduzir
conduzirmos
conduzirdes
conduzirem

Imperativo

Afirmativo
conduze / conduz
conduza
conduzamos
conduzi
conduzam

Negativo
não conduzas
não conduza
não conduzamos
não conduzais
não conduzam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
conduzir

Infinitivo pessoal
conduzir
conduzires
conduzir
conduzirmos
conduzirdes
conduzirem

Gerúndio
Conduzindo

Particípio
conduzido

38. Construir

Podem ser usadas as formas construis, construi, construem no presente do indicativo e construi no imperativo afirmativo.

Indicativo

Presente
construo
constróis / construis
constrói / construi
construímos
construis
constroem / construem

Imperfeito
construía
construías
construía
construíamos
construíeis
construíam

Perfeito
construí
construíste
construiu
construímos
construístes
construíram

Mais-que-perfeito
construíra
construíras
construíra
construíramos
construíreis
construíram

Futuro do presente
construirei
construirás
construirá
construiremos
construireis
construirão

Futuro do pretérito
construiria
construirias
construiria
construiríamos
construiríeis
construiriam

Subjuntivo

Presente
construa
construas
construa
construamos
construais
construam

Imperfeito
construísse
construísses
construísse
construíssemos
construísseis
construíssem

Futuro
construir
construíres
construir
construirmos
construirdes
construírem

Imperativo

Afirmativo
constrói / construi
construa
construamos
construí
construam

Negativo
não construas
não construa
não construamos
não construais
não construam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
construir

Infinitivo pessoal
construir
construíres
construir
construirmos
construirdes
construírem

Gerúndio
construindo

Particípio
construído

39. Dar

Verbo Dar apresenta muitas variações.

Indicativo

Presente
dou
dás
dá
damos
dais
dão

Imperfeito
dava
davas
dava
dávamos
dáveis
davam

Perfeito
dei
deste
deu
demos
destes
deram

Mais-que-perfeito
dera
deras
dera
déramos
déreis
deram

Futuro do presente
darei
darás
dará
daremos
dareis
darão

Futuro do pretérito
daria
darias
daria
daríamos
daríeis
dariam

Subjuntivo

Presente
dê
dês
dê
demos
deis
dêem

Imperfeito
desse
desses
desse
déssemos
désseis
dessem

Futuro
der
deres
der
dermos
derdes
derem

Imperativo

Afirmativo
dá
dê
demos
dai
dêem

Negativo
não dês
não dê
não demos
não deis
não dêem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
dar

Infinitivo pessoal
dar
dares
dar
darmos
dardes
darem

Gerúndio
dando

Particípio
dado

40. Crer

Perceba a presença de "ei" na primeira pessoa do indicativo e nas Formas Derivadas.

Indicativo

Presente
creio
crês
crê
cremos
credes
crêem

Imperfeito
cria
crias
cria
críamos
críeis
criam

Perfeito
cri
creste
creu
cremos
crestes
creram

Mais-que-prefeito
crera
creras
crera
crêramos
crêreis
creram

Futuro do presente
crerei
crerás
crerá
creremos
crereis
crerão

Futuro do pretérito
creria
crerias
creria
creríamos
creríeis
creriam

Subjuntivo

Presente
creia
creias
creia
creiamos
creiais
creiam

Imperfeito
cresse
cresses
cresse
crêssemos
crêsseis
cressem

Futuro
crer
creres
crer
crermos
crerdes
crerem

Imperativo

Afirmativo
crê
creia
creiamos
crede
creiam

Negativo
não creias
não creia
não creiamos
não creiais
não creiam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
crer

Infinitivo pessoal
crer
creres
crer
crermos
crerdes
crerem

Gerúndio
crendo

Particípio
crido

41. Divergir

Apresenta mudança na primeira pessoa do indicativo e nas formas derivadas.

Indicativo

Presente
divirjo
diverges
diverge
divergimos
divergis
divergem

Imperfeito
divergia
divergias
divergia
divergíamos
divergíeis
divergiam

Perfeito
divergi
divergiste
divergiu
divergimos
diverfistes
divergiram

Mais-que-perfeito
divergira
divergiras
duvergira
divergíramos
divergíreis
divergiram

Futuro do presente
divergirei
divergirás
divergirá
divergiremos
divergireis
divergirão

Futuro do pretérito
divergiria
divergirias
divergiria
divergiríamos
divergiríeis
divergiram

Subjuntivo

Presente
divirja
divirjas
divirja
divirjamos
divirjais
divirjam

Imperfeito
divergisse
divergisses
divergisse
divergíssemos
divergísseis
divergissem

Futuro
divergir
divergires
divergir
divergirmos
divergirdes
divergirem

Imperativo

Afirmativo
diverge
divirjas
divirjamos
divergi
divirjam

Negativo
não divirjas
não divirja
não divirjamos
não divirjais
não divirjam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
divergir

Infinitivo pessoal
divergir
divergires
divergir
divergirmos
divergirdes
divergirem

Gerúndio
divergindo

Particípio
divergido

42. Dizer

Indicativo

Presente
digo
dizes
diz
dizemos
dizeis
dizem

Imperfeito
dizia
dizias
dizia
dizíamos
dizíeis
diziam

Perfeito
disse
disseste
disse
dissemos
dissestes
disseram

Mais-que-perfeito
dissera
disseras
dissera
disséramos
disséreis
disseram

Futuro do presente
direi
dirás
dirá
diremos
direis
dirão

Futuro do pretérito
diria
dirias
diria
diríamos
diríeis
diriam

Subjuntivo

Presente
diga
digas
diga
digamos
digais
digam

Imperfeito
dissesse
dissesses
dissesse
disséssemos
dissésseis
dissessem

Futuro
disser
disseres
disser
dissermos
disserdes
disserem

Imperativo

Afirmativo
diz / dize
diga
digamos
dizei
digam

Negativo
não digas
não diga
não digamos
não digais
não digam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
dizer

Infinitivo pessoal
dizer
dizeres
dizer
dizermos
dizerdes
dizerem

Gerúndio
dizendo

Particípio
dito

43. Dormir

Indicativo

Presente
durmo
dormes
dorme
derminos
dormis
dormem

Imperfeito
dormia
dormias
dormia
dormíamos
dormíeis
dormiam

Perfeito
dormi
dormiste
dormiu
dormimos
dormistes
dormiram

Mais-que-perfeito
dormira
dormiras
dormira
dormíramos
dormíreis
dormiram

Futuro do presente
dormirei
dormirás
dormirá
dormiremos
dormireis
dormirão

Futuro do pretérito
dormiria
dormirias
dormiria
dormiríamos
dormiríeis
dormiriam

Subjuntivo

Presente
durma
durmas
durma
durmamos
durmais
durmam

Imperfeito
dormisse
dormisses
dormisse
dormíssemos
dormísseis
dormissem

Futuro
dormi
dormires
dormir
dormirmos
dormirdes
dormirem

Imperativo

Afirmativo
dorme
durmas
durmamos
dormi
durmam

Negativo
não durmas
não durma
não durmamos
não durmais
não durmam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
dormir

Infinitivo pessoal
dormir
dormires
dormir
dormirmos
dormirdes
dormirem

Gerúndio
dormindo

Particípio
dormido

44. Fazer

Indicativo

Presente
faço
fazes
faz
fazemos
fazeis
fazem

Imperfeito
fazia
fazias
fazia
fazíamos
fazíeis
faziam

Perfeito
fiz
fizeste
fez
fizemos
fizestes
fizeram

Mais-que-perfeito
fizera
fizeras
fizera
fizéramos
fizéreis
fizeram

Futuro do presente
farei
farás
fará
faremos
fareis
farão

Futuro do pretérito
faria
farias
faria
faríamos
faríeis
fariam

Subjuntivo

Presente
faça
faças
faça
façamos
façais
façam

Imperfeito
fizesse
fizesses
fizesse
fizéssemos
fizésseis
fizessem

Futuro
fizer
fizeres
fizer
fizermos
fizerdes
fizerem

Imperativo

Afirmativo
faz / faze
faça
façamos
fazei
façam

Negativo
não faças
não faça
não façamos
não façais
não façam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
fazer

Infinitivo pessoal
fazer
fazeres
fazer
fazermos
fazerdes
fazerem

Gerúndio
fazendo

Particípio
feito

45. Fugir

Apresenta mudança gráfica (o u muda para o) e (o g muda para j), no presente do indicativo e nas formas daí derivadas.

Indicativo

Presente
fujo
foges
foge
fugimos
fugis
fogem

Imperfeito
fugia
fugias
fugia
fugíamos
fugíeis
fugiam

Perfeito
fugi
fugiste
fugiu
fugimos
fugistes
fugiram

Mais-que-perfeito
fugira
fugiras
fugira
fugíramos
fugíreis
fugiram

Futuro do presente
fugirei
fugirás
fugirá
fugiremos
fugireis
fugirão

Futuro do pretérito
fugiria
fugirias
fugiria
fugiríamos
fugiríeis
fugiriam

Subjuntivo

Presente
fuja
fujas
fuja
fujamos
fujais
fujam

Imperfeito
fugisse
fugisses
fugisse
fugíssemos
fugísseis
fugissem

Futuro
fugir
fugires
fugir
fugirmos
fugirdes
fugirem

Imperativo

Afirmativo
foge
fuja
fujamos
fugi
fujam

Negativo
não fujas
não fuja
não fujamos
não fujais
não fujam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
fugir

Infinitivo pessoal
fugir
fugires
fugir
fugirmos
fugirdes
fugirem

Gerúndio
fugindo

Particípio
fugido

46. Ir

Apresenta muitas Variações.

Indicativo

Presente
vou
vais
vai
vamos
ides
vão

Imperfeito
ia
ias
ia
íamos
íeis
iam

perfeito
fui
foste
foi
fomos
fostes
foram

Mais-que-perfeito
fora
foras
fora
fôramos
fôreis
foram

Futuro do presente
irei
irás
irá
iremos
ireis
irão

Futuro do pretérito
iria
irias
iria
iríamos
iríeis
iriam

Subjuntivo

Presente
vá
vás
vá
vamos
vades
vão

Imperfeito
fosse
fosses
fosse
fôssemos
fôsseis
fossem

Futuro
for
fores
for
formos
fordes
forem

Imperativo

Afirmativo
vai
vá vamos
ide
vão

Negativo
não vás
não vá
não vamos
não vades
não vão

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
ir

Infinitivo pessoal
ir
ires
ir
irmos
irdes
irem

Gerúndio
indo

Particípio
ido

47. Odiar

Há cinco verbos terminados em iar que são irregulares: mediar, ansiar, remediar, incendiar, odiar. Perceba as variações no Presente do Indicativo e nas formas derivadas.

Indicativo

Presente
odeio
odeias
odeia
odiamos
odiais
odeiam

Imperfeito
odiava
odiavas
odiava
odiávamos
odiáveis
odiavam

Perfeito
odiei
odiaste
odiou
odiamos
odiastes
odiaram

Mais-que-perferto
odiara
odiaras
odiara
odiáramos
odiáreis
odiaram

Futuro do presente
odiarei
odiarás
odiará
odiaremos
odiareis
odiarão

Futuro do pretérito
odiaria
odiarias
odiaria
odiaríamos
odiaríeis
odiariam

Subjuntivo

Presente
odeie
odeies
odeie
odiemos
odieis
odeiem

imperfeito
odiasse
odiasses
odiasse
odiássemos
odiásseis
odiassem

Futuro
odiar
odiares
odiar
odiarmos
odiardes
odiarem

Imperativo

Afirmativo
odeia
odeie
odiemos
odiai
odeiem

Negativo
não odeies
não odeie
não odiemos
não odieis
não odeiem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
odiar

Infinitivo pessoal
odiar
odiares
odiar
odiarmos
odiardes
odiarem

Gerúndio
odiando

Particípio
odiado

48. Pedir

Os verbos pedir, medir e ouvir são irregulares na terceira conjugação. No radical, o d (em pedir e medir) e o v (em ouvir) transformam-se em ç na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e nas formas derivadas.

Indicativo

Presente
peço
pedes
pede
pedimos
pedis
pedem

Imperfeito
pedia
pedias
pedia
pedíamos
pedíeis
pediam

Perfeito
pedi
pediste
pediu
pedimos
pedistes
pediram

Mais-que-perfeito
pedira
pediras
pedira
pedíramos
pedíreis
pediram

Futuro do presente
pedirei
pedirás
pedirá
pediremos
pedíreis
pedirão

Futuro do pretérito
pediria
pedirias
pediria
pediríamos
pediríeis
pediriam

Subjuntivo

Presente
peça
peças
peça
peçamos
peçai
peçam

Imperfeito
pedisse
pedisses
pedisse
pedíssemos
pedísseis
pedissem

Futuro
pedir
pedires
pedir
pedirmos
pedirdes
pedirem

Imperativo

Afirmativo
pede
peça
peçamos
pedi
peçam

Negativo
não peças
não peça
não peçamos
não peçais
não peçam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
pedir

Infinitivo pessoal
pedir
pedires
pedir
pedirmos
pedirdes
pedirem

Gerúndio
pedindo

Particípio
pedido

49. Perder

O d do radical transforma-se em e na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e nas formas derivadas.

Indicativo

Presente
perco
perdes
perde
perdemos
perdeis
perdem

Imperfeito
perdia
perdias
perdia
perdíamos
perdíeis
perdiam

Perfeito
perdi
perdeste
perdeu
perdemos
perdestes
perderam

Mais-que-perfeito
perdera
perderas
perdera
perdêramos
perdêreis
perderam

Futuro do presente
perderei
perderás
perderá
perderemos
perdereis
perderão

Futuro do pretérito
perderia
perderias
perderia
perderíamos
perderíeis
perderiam

Subjuntivo

Presente
perca
percas
perca
percamos
percais
percam

Imperfeito
perdesse
perdesses
perdesse
perdêssemos
perdêsseis
perdessem

Futuro
perder
perderes
perder
perdermos
perderdes
perderem

Imperativo

Afirmativo
perde
perca
percamos
perdei
percam

Negativo
não percas
não perca
não percamos
não percais
não percam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
perder

Infinitivo pessoal
perder
perderes
perder
perdermos
perderdes
perderem

Gerúndio
perdendo

Particípio
perdido

50. Poder

Não é usado no imperativo. Irregular em algumas formas do indicativo e subjuntivo.

Indicativo

Presente
posso
podes
pode
podemos
podeis
podem

Imperfeito
podia
podias
podia
podíamos
podíeis
podiam

Perfeito
pude
pudeste
pôde
pudemos
pudestes
puderam

Mais-que-perfeito
pudera
puderas
pudera
pudéramos
pudéreis
puderam

Futuro do presente
poderei
poderás
poderá
poderemos
podereis
poderão

Futuro do pretérito
poderia
poderias
poderia
poderíamos
poderíeis
poderiam

Subjuntivo

Presente
possa
possas
possa
possamos
possais
possam

Imperfeito
pudesse
pudesses
pudesse
pudéssemos
pudésseis
pudessem

Futuro
puder
puderes
puder
pudermos
puderdes
puderem

Imperativo

Afirmativo
não é usado

Negativo
não é usado

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
poder

Infinitivo pessoal
poder
poderes
poder
podermos
poderdes
poderem

Gerúndio
podendo

Particípio
podido

51. Polir

Indicativo

Presente
pulo
pules
pule
polimos
polis
pulem

Imperfeito
polia
polias
polia
políamos
políeis
poliam

Perfeito
poli
poliste
poliu
polimos
polistes
poliram

Mais-que-perfeito
polira
poliras
polira
políramos
políreis
poliram

Futuro do presente
polirei
polirás
polirá
poliremos
polireis
polirão

Futuro do pretérito
poliria
polirias
poliria
poliríamos
poliríeis
poliriam

Subjuntivo

Presente
pula
pulas
pula
pulamos
pulais
pulam

Imperfeito
polisse
polisses
polisse
políssemos
polísseis
polissem

Futuro
polir
polires
polir
polirmos
polirdes
polirem

Imperativo

Afirmativo
pule
pula
pulamos
pulais
pulam

Negativo
não pulas
não pula
não pulamos
não pulais
não pulam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
polir

Infinitivo pessoal
polir
polires
polir
polirmos
polirdes
polirem

Gerúndio
polindo

Particípio
polido

52. Pôr

Na sua forma antiga (poer), apresentava a vogal temática e; por isso é agrupado aos verbos da segunda conjugação. Apresenta muitas variações.

Indicativo

Presente
ponho
pões
põe
pomos
pondes
põem

Imperfeito
punha
punhas
punha
púnhamos
púnheis
punham

Perfeito
pus
puseste
pôs
pusemos
pusestes
puseram

Mais-que-perfeito
pusera
puseras
pusera
puséramos
puséreis
puseram

Futuro do presente
porei
porás
porá
poremos
poreis
porão

Futuro do pretérito
poria
porias
poria
poríamos
poríeis
poriam

Subjuntivo

Presente
ponha
ponhas
ponha
ponhamos
ponhais
ponham

Imperfeito
pusesse
pusesses
pusesse
puséssemos
pusésseis
pusessem

Futuro
puser
puseres
puser
pusermos
puserdes
puserem

Imperativo

Afirmativo
põe
ponha
ponhamos
ponde
ponham

Negativo
não ponhas
não ponha
não ponhamos
não ponhais
não ponham

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
pôr

Infinitivo pessoal
pôr
pores
pôr
pormos
pordes
porem

Gerúndio
pondo

Particípio
posto

53. Prover

Em alguns casos não segue a conjugação do verbo ver.

Indicativo

Presente
provejo
provês
provê
provemos
provedes
provêem

Imperfeito
provia
provias
provia
províamos
províeis
proviam

Perfeito
provi
proveste
proveu
provemos
provestes
proveram

Mais-que-perfeito
provera
proveras
provera
provêramos
provêreis
proveram

Futuro do presente
proverei
proverás
proverá
proveremos
provereis
proverão

Futuro do pretérito
proveria
proverias
proveria
proveríamos
proveríeis
proveriam

Subjuntivo

Presente
proveja
provejas
proveja
provejamos
provejais
provejam

Imperfeito
provesse
provesses
provesse
provêssemos
provêsseis
provessem

Futuro
prover
proveres
prover
provermos
proverdes
proverem

Imperativo

Afirmativo
provê
proveja
provejamos
provede
provejam

Negativo
não provejas
não proveja
não provejamos
não provejais
não provejam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
prover

Infinitivo pessoal
prover
proveres
prover
provermos
proverdes
proverem

Gerúndio
provendo

Particípio
provido

54. Querer

Indicativo

Presente
quero
queres
quer
queremos
quereis
querem

Imperfeito
queria
querias
queria
queríamos
queríeis
queriam

Perfeito
quis
quiseste
quis
quisemos
quisestes
quiseram

Mais-que-perfeito
quisera
quiseras
quisera
quiséramos
quiséreis
quiseram

Futuro do presente
quererei
quererás
quererá
quereremos
querereis
quererão

Futuro do pretérito
quereria
quererias
quereria
quereríamos
quereríeis
quereriam

Subjuntivo

Presente
queira
queiras
queira
queiramos
queirais
queiram

Imperfeito
quisesse
quisesses
quisesse
quiséssemos
quisésseis
quisessem

Futuro
quiser
quiseres
quiser
quisermos
quiserdes
quiserem

Imperativo

Afirmativo
quer
queira
queiramos
querei
queiram

Negativo
não queiras
não queira
não queiramos
não queirais
não queiram

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
querer

Infinitivo pessoal
querer
quereres
querer
querermos
quererdes
quererem

Gerúndio
querendo

Particípio
querido

55. Requerer

Este verbo não é conjugado como querer. A sílaba que muda para quei na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e nas formas derivadas.

Indicativo

Presente
requeiro
requeres
requer / requere
requeremos
requereis
requerem

Imperfeito
requeria
requerias
requeria
requeríamos
requeríeis
requeriam

Perfeito
requeri
requereste
requereu
requeremos
requerestes
requereram

Mais-que-perfeito
requerera
requeraras
requerera
requerêramos
requerêreis
requereram

Futuro do presente
requererei
requererás
requererá
requereremos
requerereis
requererão

Futuro do pretérito
requereria
requererias
requereria
requereríamos
requereríeis
requereriam

Subjuntivo

Presente
requeira
requeiras
requeira
requeiramos
requeirais
requeiram

Imperfeito
requeresse
requeresses
requeresse
requerêssemos
requerêsseis
requeressem

Futuro
requerer
requereres
requerer
requeremos
requererdes
requererem

Imperativo

Afirmativo
requer / requere
requeira
requeiramos
requerei
requeiram

Negativo
não requeiras
não requeira
não requeiramos
não requeirais
não requeiram

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
requerer

Infinitivo pessoal
requerer
requereres
requerer
requeremos
requererdes
requererem

Gerúndio
requerendo

Particípio
requerido

56. Rir

Indicativo

Presente
rio
ris
ri
rimos
rides
riem

Imperfeito
ria
rias
ria
ríamos
ríeis
riam

Perfeito
ri
riste
riu
rimos
ristes
riram

Mais-que-perfeito
rira
riras
rira
ríramos
ríreis
riram

Futuro do presente
rirei
rirás
rirá
riremos
rireis
rirão

Futuro do pretérito
riria
ririas
riria
riríamos
riríeis
ririam

Subjuntivo

Presente
ria
rias
ria
riamos
riais
riam

Imperfeito
risse
risses
risse
ríssemos
rísseis
rissem

Futuro
rir
rires
rir
rirmos
rirdes
rirem

Imperativo

Afirmativo
ri
ria
riamos
ride
riam

Negativo
não rias
não ria
não riamos
não riais
não riam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
rir

Infinitivo pessoal
rir
rires
rir
rirmos
rirdes
rirem

Gerúndio
rindo

Particípio
rido

57. Saber

Indicativo

Presente
sei
sabes
sabe
sabemos
sabeis
sabem

Imperfeito
sabia
sabias
sabia
sabíamos
sabíeis
sabiam

Perfeito
soube
soubeste
soube
soubemos
soubestes
souberam

Mais-que-perfeito
soubera
souberas
soubera
soubéramos
soubéreis
souberam

Futuro do presente
saberei
saberás
saberá
saberemos
sabereis
saberão

Futuro do pretérito
saberia
saberias
saberia
saberíamos
saberíeis
saberiam

Subjuntivo

Presente
saiba
saibas
saiba
saibamos
sabais
saibam

Imperfeito
soubesse
soubesses
soubesse
soubéssemos
soubésseis
soubessem

Futuro
souber
souberes
souber
soubermos
souberdes
souberem

Imperativo

Afirmativo
sabe
saiba
saibamos
sabei
saibam

Negativo
não saibas
não saiba
não saibamos
não saibais
não saibam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
saber

Infinitivo pessoal
saber
saberes
saber
sabermos
saberdes
saberem

Gerúndio
sabendo

Particípio
sabido

58. Sair

Apresenta variações na acentuação.

Indicativo

Presente
saio
sais
sai
saímos
saís
saem

Imperfeito
saía
saías
saía
saíamos
saíeis
saíam

Perfeito
saí
saíste
saiu
saímos
saístes
saíram

Mais-que-perfeito
saíra
sairas
saira
saíramos
saíreis
saíram

Futuro do presente
sairei
sairás
sairá
sairemos
saireis
sairão

Futuro do pretérito
sairia
sairias
sairia
sairíamos
sairíeis
sairiam

Subjuntivo

Presente
saia
sais
saia
saiamos
saiais
saiam

Imperfeito
saísse
saísses
saísse
saíssemos
saísseis
saíssem

Futuro
sair
saíres
sair
sairmos
sairdes
saírem

Imperativo

Afirmativo
sai
saia
saiamos
saí
saiam

Negativo
não saias
não saia
não saiamos
não saiais
não saiam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
sair

Infinitivo pessoal
sair
saíres
sair
sairmos
sairdes
saírem

Gerúndio
saindo

Particípio
saído

59. Seguir

Alteração no Presente do Indicativo e nas Formas Derivadas.

Indicativo

Presente
sigo
segues
segue
seguimos
seguis
seguem

Imperfeito
seguia
seguias
seguia
seguíamos
seguíeis
seguiam

Perfeito
Segui
seguiste
seguiu
seguimos
seguiste
seguiram

Mais-que-perfeito
seguira
seguiras
seguira
seguíramos
seguíreis
seguiram

Futuro do presente
Seguirei
seguirás
seguirá
seguiremos
seguireis
seguirão

Futuro do pretérito
seguiria
seguirias
seguiria
seguiríamos
seguiríeis
seguiriam

Subjuntivo

Presente
siga
sigas
sigamos
sigais
sigam

Imperfeito
seguisse
seguisses
seguisse
seguíssemos
seguísseis
seguissem

Futuro
seguir
seguires
seguir
seguirmos
seguirdes
seguirem

Imperativo

Afirmativo
segue
siga
sigamos
segui
sigam

Negativo
não sigas
não siga
não sigamos
não sigais
não sigam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
seguir

Infinitivo pessoal
seguir
seguires
seguir
seguirmos
seguirdes
seguirem

Gerúndio
seguindo

Particípio
seguido

60. Ser

Modo indicativo

Presente
sou
és
é
somos
sois
são

Pretérito imperfeito
era
eras
era
éramos
éreis
eram

Pretérito perfeito simples
fui
foste
foi
fomos
fostes
foram

Pretérito mais-que-perfeito simples
fora
foras
fora
fôramos
fôreis
foram

Futuro do presente simples
serei
serás
será
seremos
sereis
serão

Futuro do pretérito simples
seria
serias
seria
seríamos
seríeis
seriam

Modo Subjuntivo

Presente
seja
sejas
seja
sejamos
sejais
sejam

Pretérito imperfeito
fosse
fosses
fosse
fôssemos
fôsseis
fossem

Futuro simples
for
fores
for
formos
fordes
forem

Modo Imperativo

Afirmativo
sê(tu)
seja(você)
sejamos(nós)
sede(vós)
sejam(vocês)

Negativo
não sejas(tu)
não seja(você)
não sejamos(nós)
não sejais(vós)
não sejam(vocês)

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
ser

Infinitivo pessoal
ser
seres
ser
sermos
serdes
serem

Gerúndio
sendo

Particípio
sido

61. Ter

Modo Indicativo

Presente
tenho
tens
tem
temos
tendes
têm

Pretérito imperfeito
tinha
tinhas
tinha
tínhamos
tínheis
tinham

Pretérito perfeito simples
tive
tiveste
teve
tívemos
tívestes
tiveram

Pretérito mais-que-perfeito simples
tivera
tiveras
tivera
tivéramos
tivéreis
tiveram

Futuro do presente simples
terei
terás
terá
teremos
tereis
terão

Futuro do pretérito simples
teria
terias
teria
teríamos
teríeis
teriam

Modo Subjuntivo

Presente
tenha
tenhas
tenha
tenhamos
tenhais
tenham

Pretérito imperfeito
tivesse
tivesses
tivesse
tivéssemos
tivésseis
tivessem

Futuro simples
tiver
tiveres
tiver
tivermos
tiverdes
tiverem

Modo Imperativo

Afirmativo
tem(tu)
tenha(você)
tenhamos(nós)
tende(vós)
tenham(vocês)

Negativo
não tenhas(tu)
não tenha(você)
não tenhamos(nós)
não tenhais(vós)
não tenham(vocês)

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
ter

Infinitivo pessoal
ter
teres
ter
termos
terdes
terem

Gerúndio
tendo

Particípio
tido

62. Trazer

Indicativo

Presente
trago
trazes
traz
trazemos
trazeis
trazem

Imperfeito
trazia
trazias
trazia
trazíamos
trazíeis
traziam

Perfeito
trouxe
trouxeste
trouxe
trouxemos
trouxestes
trouxeram

Mais-que-perfeito
trouxera
trouxeras
trouxera
trouxéramos
trouxéreis
trouxeram

Futuro do presente
trarei
trarás
trará
traremos
trareis
trarão

Futuro do pretérito
traria
trarias
traria
traríamos
traríeis
traiam

Subjuntivo

Presente
traga
tragas
traga
tragamos
tragais
tragam

Imperfeito
trouxesse
trouxesses
trouxesse
trouxéssemos
trouxésseis
trouxessem

Futuro
trouxer
trouxeres
trouxer
trouxermos
trouxerdes
trouxerem

Imperativo

Afirmativo
traze
traga
tragamos
trazei
tragam

Negativo
não tragas
não traga
não tragamos
não tragais
não tragam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
trazer

Infinitifo pessoal
trazer
trazeres
trazer
trazermos
trazerdes
trazerem

Gerúndio
trazendo

Particípio
trazido

63. Valer

Apresenta mudanças no Presente do Indicativo e nas Formas Derivadas.

Indicativo

Presente
valho
vales
vale
valemos
valei
valem

Imperfeito
valia
valias
valia
valíamos
valíeis
valiam

Perfeito
vali
valeste
valeu
valemos
valestes
valeram

Mais-que-perfeito
valera
valeras
valera
valêramos
valêreis
valeram

Futuro do presente
valerei
valerás
valerá
valeremos
valereis
valerão

Futuro do pretérito
valeria
valerias
valeria
valeríamos
valeríeis
valeriam

Subjuntivo

Presente
valha
valhas
valha
valhamos
valhais
valham

Imperfeito
valesse
valesses
valesse
valêssemos
valêsseis
valessem

Futuro
valer
valeres
valer
valermos
valerdes
valerem

Imperativo

Afirmativo
vale
valha
valhamos
valei
valham

Negativo
não valhas
não valha
não valhamos
não valhais
não valham

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
valer

Infinitivo pessoal
valer
valeres
valer
valermos
valerdes
valerem

Gerúndio
valendo

Particípio
valido

64. Ver

Indicativo

Presente
vejo
vês
vê
vemos
vedes
vêem

Imperfeito
via
vais
via
víamos
víeis
viam

Perfeito
vi
viste
viu
vímos
vístes
viram

Mais-que-perfeito
vira
viras
vira
víramos
víreis
viram

Futuro do presente
verei
verás
verá
veremos
vereis
verão

Futuro do pretérito
veria
verias
veira
veríamos
veríeis
veriam

Subjuntivo

Presente
veja
vejas
veja
vejamos
vejais
vejam

Imperfeito
visse
visses
visse
víssemos
vísseis
víssem

Futuro
vir
vires
vir
virmos
virdes
virem

Imperativo

Afirmativo
vê
veja
vejamos
vede
vejam

Negativo
não vejas
não veja
não vejamos
não vejais
não vejam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
ver

Infinitivo pessoal
ver
veres
ver
vermos
verdes
verem

Gerúndio
vendo

Particípio
visto

65. Vir

Apresenta muitas variações.

Indicativo

Presente
venho
vens
vem
vimos
vindes
vêm

Imperfeito
vinha
vinhas
vinha
vínhamos
vínheis
vinham

Perfeito
vim
vieste
veio
viemos
viestes
vieram

Mais-que-perfeito
viera
vieras
viera
viéramos
viéreis
vieram

Futuro do presente
virei
virás
virá
viremos
vireis
virão

Futuro do pretérito
viria
virias
viria
viríamos
viríeis
viriam

Subjuntivo

Presente
venha
venhas
venha
venhamos
venhais
venham

Imperfeito
viesse
viesses
viesse
viéssemos
viésseis
viessem

Futuro
vier
vieres
vier
viermos
vierdes
vierem

Imperativo

Afirmativo
vem
venha
venhamos
vinde
venham

Negativo
não venhas
não venha
não venhamos
não venhais
não venham

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
vir

Infinitivo pessoal
vir
vires
vir
virmos
virdes
virem

Gerúndio
vindo

Particípio
vindo

Verbos Defectivos

66. Adequar

É mais utilizado como pronominal (adequar-se)

Indicativo

Presente
(Possui só a primeira e a segunda pessoa do plural.)
Nós adequamos
vós adequais.

Imperfeito
adequava
adequavas
adequava
adequávamos
adequáveis
adequavam

Perfeito
adeqüei
adequaste
adequou
adequamos
adequastes
adequaram

Mais-que-perfeito
adequara
adequaras
adequara
adequáramos
adequáreis
adequaram

Futuro do presente
adequarei
adequarás
adequará
adequaremos
adequareis
adequarão

Futuro do pretérito
adequaria
adequarias
adequaria
adequaríamos
adequaríeis
adequariam

Subjuntivo

Presente
∅

Imperfeito
adequasse
adequasses
adequasse
adequássemos
adequásseis
adequassem

Futuro
adequar
adequares
adequar
adequarmos
adequardes
adequarem

Imperativo

Afirmativo
(Possui só a segunda pessoa do plural).
Adequai (vós).

Negativo
∅

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
adequar

Infinitivo pessoal
adequar
adequares
adequar
adequarmos
adequardes
adequarem

Gerúndio
adequando

Particípio
adequado

67. Abolir

Não é conjugado na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e nas formas derivadas.

Indicativo

Presente
(Não se conjuga na primeira pessoa).
aboles
abole
abolimos
abolis
abolem

Imperfeito
abolia
abolias
abolia
abolíamos
abolíeis
aboliam

Perfeito
aboli
aboliste
aboliu
abolimos
abolistes
aboliram

Mais-que-perfeito
abolira
aboliras
abolira
abolíramos
abolíreis
aboliram

Futuro do presente
abolirei
abolirás
abolirá
aboliremos
abolireis
abolirão

Futuro do pretérito
aboliria
abolirias
aboliria
aboliríamos
aboliríeis
aboliriam

Subjuntivo

Presente
∅

Imperfeito
abolisse
abolisses
abolisse
abolíssemos
abolísseis
abolissem

Futuro
abolir
abolires
abolir
abolirmos
abolirdes
abolirem

Imperativo

Afirmativo
(Só se conjuga nas segundas pessoas.)
abole(tu)
aboli(vós)

Negativo
∅

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
abolir

Infinitivo pessoal
abolir
abolires
abolir
abolirmos
abolirdes
abolirem

Gerúndio
abolindo

Particípio
abolido

68. Doer

Apresenta apenas as terceiras pessoas (singular e plural).

Indicativo

Presente
doí
doem

Imperfeito
doía
doíam

Perfeito
doeu
doeram

Mais-que-perfeito
doera
doeram

Futuro do presente
doerá
doerão

Futuro do pretérito
doeria
doeriam

Subjuntivo

Presente
doa
doam

Imperfeito
doesse
doessem

Futuro
doer
doerem

Imperativo

Afirmativo
∅

Negativo
∅

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
doer

Infinitivo pessoal
doer
doerem

Gerúndio
doendo

Particípio
doído

69. Falir

Indicativo

Presente
(Só possui a primeira e a segunda pessoa do plural.)
nós falimos
vós falis

Imperfeito
falia
falias
falia
falíamos
falíeis
faliam

Perfeito
fali
faliste
faliu
falímos
falístes
faliram

Mais-que-perfeito
falira
faliras
falira
falíramos
falíreis
faliram

Futuro do presente
falirei
falirás
falirá
faliremos
falireis
falirão

Futuro do pretérito
faliria
falirias
faliria
faliríamos
faliríeis
faliriam

Subjuntivo

Presente
∅

Imperfeito
falisse
falisses
falisse
falíssemos
falísseis
falissem

Futuro
falir
falires
falir
falirmos
falirdes
falirem

Imperativo

Afirmativo
(Só possui a segunda pessoa do plural.)
fali(vós)

Negativo
∅

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
falir

Infinitivo pessoal
falir
falires
falir
falirmos
falirdes
falirem

Gerúndio
falindo

Particípio
falido

70. Prazer

Só é conjugado nas terceiras pessoas.

Indicativo

Presente
praz
prazem

Imperfeito
prazia
praziam

Perfeito
prouve
prouveram

Mais-que-perfeito
prouvera
prouveram

Futuro do presente
prazerá
prazerão

Futuro do pretérito
prazeria
prazeriam

Subjuntivo

Presente
praza
prazam

Imperfeito
prouvesse
prouvessem

Futuro
prouver
prouverem

Imperativo

Afirmativo
praza
prazam

Negativo
não praza
não prazam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
prazer

Infinitivo pessoal
prazer
prazerem

Gerúndio
prazendo

Particípio
prazido

71. Precaver

É empregado em muitos casos, com reflexivo (precaver-se).

Indicativo

presente
(Possui só a primeira e a segunda pessoa do plural).
nós precavemos
vós precavéis

Imperfeito
precavia
precavias
precavia
precavíamos
precavíeis
precaviam

Perfeito
precavi
precaveste
precaveu
precavemos
precavestes
precaveram

Mais-que-perfeito
precavera
precaveras
precavera
precavêramos
precavêreis
precaverem

Futuro do presente
precaverei
precaverás
precaverá
precaveremos
precavereis
precaverão

Futuro do pretérito
precaveria
precaverias
precaveria
precaveríamos
precaveríeis
precaveriam

Subjuntivo

Presente
∅

Imperfeito
precavesse
precavesses
precavesse
precavêssemos
precavêsseis
precavessem

Futuro
precaver
precaveres
precaver
precavermos
precaverdes
precaverem

Imperativo

Afirmativo
(Possui só a segunda do plural.)
precavei(vós)

Negativo
∅

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
precaver

Infinitivo pessoal
precaver
precaveres
precaver
precavermos
precaverdes
precaverem

Gerúndio
precavendo

Particípio
precavido

72. Reaver

É conjugado como haver, mas apenas nas formas em que haver apresenta a letra v.

Indicativo

Presente
(Só possui a primeira e a segunda pessoa do plural.)
nós reavemos
vós reaveis

Imperfeito
reavia
reavias
reavia
reavíamos
reavíeis
reaviam

Perfeito
reouve
reouveste
reouve
reouvemos
reouvestes
reouveram

Mais-que-perfeito
reouvera
reouveras
reouvera
reouvéramos
reouvéreis
reouveram

Futuro do presente
reaverei
reaverás
reaverá
reaveremos
reavereis
reaverão

Futuro do pretérito
reaveria
reaverias
reaveria
reaveríamos
reaveríeis
reaveriam

Subjuntivo

Presente
∅

Imperfeito
reouvesse
reouvesses
reouvesse
reouvéssemos
reouvésseis
reouvessem

Futuro
reouver
reouveres
reouver
reouvermos
reouverdes
reouverem

Imperativo

Afirmativo
(Só possui a segunda pessoa do plural.)
reavei (vós)

Negativo
∅

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
reaver

Infinitivo pessoal
reaver
reaveres
reaver
reavermos
reaverdes
reaverem

Gerúndio
reavendo

Particípio
reavido

73. Ruir

Indicativo

Presente
(Não possui a primeira pessoa do singular.)
ruis
rui
ruímos
ruís
ruem

Imperfeito
ruía
ruías
ruía
ruíamos
ruíeis
ruíam

Perfeito
ruí
ruíste
ruiu
ruímos
ruístes
ruíram

Mais-que-perfeito
ruíra
ruíras
ruíra
ruíramos
ruíreis
ruíram

Futuro do presente
ruirei
ruirás
ruirá
ruiremos
ruireis
ruirão

Futuro do pretérito
ruiria
ruirias
ruiria
ruiríamos
ruiríeis
ruiriam

Subjuntivo

Presente
∅

Imperfeito
ruísse
ruísses
ruísse
ruíssemos
ruísseis
ruíssem

Futuro
ruir
ruíres
ruir
ruirmos
ruirdes
ruírem

Imperativo

Afirmativo
(Possui só as segundas pessoas.)
rui(tu)
rui(vós)

Negativo
∅

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
ruir

Infinitivo pessoal
ruir
ruíres
ruir
ruirmos
ruirdes
ruirem

Gerúndio
ruindo

Particípio
ruído

74. Urgir
(Urgente)

Só é conjugado nas terceiras pessoas.

Indicativo

Presente
urge
urgem

Imperfeito
urgia
urgiam

Perfeito
urgiu
urgiram

Mais-que-perfeito
urgira
urgiram

Futuro do presente
urgirá
urgirão

Futuro do pretérito
urgiria
urgiriam

Subjuntivo

Presente
urja
urjam

Imperfeito
urgisse
urgissem

Futuro
urgir
urgirem

Imperativo

Afirmativo
não há.

Negativo
não há.

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
urgir

Infinitivo pessoal
urgir
urgirem

Gerúndio
urgindo

Particípio
urgido

Unidade 3

ERROS QUE DEVEM SER EVITADOS

Nesta unidade veremos os erros comuns em relação à conjugação de alguns tempos verbais. Esses erros são comentados e corrigidos de forma clara e didática.

CORRIGINDO OS ERROS

Verbo VIR e seus derivados

A) **NÓS** *VIEMOS* **AQUI PARA BEBER OU PARA CONVERSAR? (ERRADO)**

NÓS *VIMOS* **AQUI PARA BEBER OU CONVERSAR? (CERTO)**

Perceba que neste caso houve confusão entre os tempos presente do indicativo (vimos) com o pretérito perfeito do indicativo (viemos). Como a ação ocorre no presente a conjugação está errada.

B) **A PROFESSORA** *INTERVIU* **COM MUITA COERÊNCIA (ERRADO)**

A PROFESSORA *INTERVEIO* **COM MUITA COERÊNCIA (CERTO)**

Cuidado com esse tipo de erro, muito comum por sinal.
O verbo INTERVIR é derivado do verbo VIR, portanto deve ser conjugado como tal. Perceba que no caso do verbo VIR você faria a conjugação corretamente: **A professora VEIO até aqui,** *e não cometeria esse erro:* **A professora VIU até aqui.**

C) OS POLICIAIS *INTERVIRAM* **NO CASO (ERRADO)**

OS POLICIAIS *INTERVIERAM* **NO CASO (CERTO)**

Observe que o problema apresentado é semelhante ao do item anterior, pois se substituírmos INTERVIR por VIR, veremos a maneira correta: **Os policiais VIERAM aqui.**

D) QUANDO VOCÊ *VIR* **AQUI, NÃO TRAGA PROBLEMAS (ERRADO)**

QUANDO VOCÊ *VIER* **AQUI, NÃO TRAGA PROBLEMAS (CERTO)**

O verbo VIR é conjugado no presente do subjuntivo da seguinte forma: quando eu vier, quando tu vieres, quando nós viermos...

Verbo VER e seus derivados

A) NÓS *VIMOS* **AGORA COMO VOCÊ É IMPORTANTE (ERRADO)**

NÓS *VEMOS* **AGORA COMO VOCÊ É IMPORTANTE (CERTO)**

Como a situação exige um verbo no presente do indicativo, pois a ação ocorre no momento da fala, o correto é conjugar o verbo dessa maneira: **eu vejo, tu vês, ele vê, nós vemos, vós vedes, eles vêem.**

B) ELES *VEM* **MUITO BEM DE PERTO (ERRADO)**

ELES *VÊEM* **MUITO BEM DE PERTO (CERTO)**

Tome muito cuidado ao usar os verbos VER e VIR no presente do indicativo, sobretudo na terceira pessoa. Um esquema facilitará a aplicação desses verbos.

VIR = ele vem / eles vêm

VER = ele vê / eles vêem

C) QUANDO VOCÊ *VER* **A MARIA, AVISE-A IMEDIATAMENTE (ERRADO)**

QUANDO VOCÊ *VIR* **A MARIA, AVISE-A IMEDIATAMENTE (CERTO)**

O verbo VER no futuro do subjuntivo é conjugado da seguinte maneira: **quando eu vir, quando tu vires, quando ele vir, quando nós virmos, quando vós virdes, quando eles virem.** *Sendo assim flexione o verbo corretamente:*

Quando eles *virem* **(e não verem) esta bagunça, ficarão furiosos.**

D) A DIREÇÃO *REVEU* **O RELATÓRIO (ERRADO)**

A DIREÇÃO *REVIU* **O RELATÓRIO (CERTO)**

O verbo REVER é conjugado como o verbo VER, portanto deve seguir a mesma conjugação no pretérito perfeito do indicativo: **eu vi, tu viste, ele viu, nós vimos, vós vistes, eles viram.**

E) O GOVERNO *PROVIU* **O POVO DE ESPERANÇAS (ERRADO)**

O GOVERNO *PROVEU* **O POVO DE ESPERANÇAS (CERTO)**

Não queremos confundi-lo, porém tenha muita atenção neste verbo que em algumas conjugações não é igual ao verbo VER.

Pret. perf. ind. = provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram

Pret. mais-que-perf.ind. = provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram.

Pret.imperf.subj. = provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem.

Fut.subj. = prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.

Nos demais tempo segue a conjugação do verbo VER.

Verbo PRECAVER

A) EU ME *PRECAVEJO* CONTRA PESSOAS DESONESTAS (ERRADO)

Por ser um verbo defectivo, não possui conjugação em todos os tempos, só pode ser conjugado no presente do indicativo na primeira pessoa do plural (nós) e segunda pessoa do plural (vós).
Evite conjugá-lo como verbo VER ou mesmo VIR, siga o modelo da página.

verbo REAVER

ELE *REAVEU* OS DOCUMENTOS QUE HAVIA PERDIDO (ERRADO)

ELE *REOUVE* OS DOCUMENTOS QUE HAVIA PERDIDO (CERTO)

Merece um cuidado especial este verbo defectivo, derivado do verbo haver, só é conjugado nas formas em que este possui a letra "v". Portanto frases como essas devem ser evitadas:

Eu reavejo... eu reavenho... eu reavi... ele reaveu...

O pretérito perfeito do indicativo e o futuro do subjuntivo costumam pregar algumas peças também. Veja frases com o emprego correto:

pretérito perfeito: Ele reouve todos os bens perdidos

Eles reouveram todos os bens perdidos

Nós reouvemos todos os bens perdidos

Futuro do subjuntivo: Quando ele reouver os bens perdidos

Quando nós reouvermos todos os bens perdidos

Verbo TER e seus derivados

O POLICIAL *DETEU* **O LADRÃO EM FLAGRANTE (ERRADO)**

O POLICIAL *DETEVE* **O LADRÃO EM FLAGRANTE (CERTO)**

O verbo DETER é derivado do verbo TER, portanto deve ser conjugado da mesma forma. Perceba que se fosse o verbo ter, o erro não ocorreria:

A seleção Brasileira teve problemas com o time africano

Seria muito difícil alguém dizer que a seleção brasileira "teu" problemas com o time africano

A BABÁ *ENTRETIA* **A CRIANÇA COM GOSTOSAS BRINCADEIRAS (ERRADO)**

A BABÁ *ENTRETINHA* **A CRIANÇA COM GOSTOSAS BRINCADEIRAS (CERTO)**

O pretérito imperfeito do indicativo do verbo ter é conjugado da seguinte forma: eu tinha, tu tinhas, ele tinha, nós tínhamos, eles tinham. Logo ENTRETINHA é a forma correta.

O verbo PÔR e seus derivados

OS FUNCIONÁRIOS *EXPORAM* **SEUS PROBLEMAS AO DIRETOR (ERRADO)**

OS FUNCIONÁRIOS *EXPUSERAM* **SEUS PROBLEMAS AO DIRETOR (CERTO)**

O verbo expor assim como: compor, repor, dispor... são derivados do verbo pôr e seguem a mesma conjugação. Se substituirmos expor pelo verbo pôr, teríamos:

Os funcionários puseram...

Perceba algumas construções equivocadas e a correção

Errada:	*Se eu suposse*
CERTA:	*Se eu supusesse*
Errada:	*Quando eu dispor*
CERTA:	*Quando eu dispuser*
Errada:	*Quando depormos*
CERTA:	*Quando depusermos*

Vale lembrar, também, o plural do verbo PÔR no presente do indicativo:

Ele põe defeito em tudo
Eles põem defeitos em tudo

Verbo REQUERER

EU *REQUERO* **O DOCUMENTO (ERRADO)**

EU *REQUEIRO* **O DOCUMENTO (CERTO)**

O verbo REQUERER não segue como modelo o verbo querer, na sílaba "que" ocorre o acréscimo da letra "i" = **quei** *na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e nas outras formas que dela derivam.:*

Que eu requeira – presente do subjuntivo

Requeira você – imperativo afirmativo

Perceba outras construções equivocadas e a correção

Errada:	*Se eu requisesse*
CERTA:	*Se eu requeresse*

Errada:	*Quando eu requiser*
CERTA:	*Quando eu requerer*

Verbo IR

SE VOCÊ *IR,* **EU TAMBÉM IREI (ERRADO)**

SE VOCÊ *FOR,* **EU TAMBÉM IREI (CERTO)**

Erro muito comum, ocorre por um processo de contaminação; pois os verbos regulares no futuro do subjuntivo conservam a forma do infinitivo, no entanto os irregulares não a conservam. Procure sempre se lembrar disso antes de falar ou escrever verbos irregulares.

Verbos terminados em IAR

ESSA OPINIÃO *VAREIA* **MUITO (ERRADO)**

ESSA OPINIÃO *VARIA* **MUITO (CERTO)**

O verbo variar é conjugado como o verbo copiar (regular), portanto a forma "varia" é a correta. Veja um exemplo:

Ele copia toda a lição

Ninguém diria: ele copeia toda a lição...

EU *ANSIO* POR DIAS MELHORES EM NOSSO PAÍS (ERRADO)

EU *ANSEIO* POR DIAS MELHORES EM NOSSO PAÍS (CERTO)

Muito cuidado com este verbo irregular, pois na forma rizotônica (sílaba forte no radical) a letra "i" é substituída pelas letras "ei". Ocorre o mesmo com os verbos: mediar, remediar, incendiar e odiar.

ESPERO QUE VOCÊ NÃO *INCENDEIE* A REUNIÃO (CERTO)

ESPERO QUE VOCÊ NÃO *COPIE* TUDO ERRADO (CERTO)

Perceba que as duas frases estão no presente do subjuntivo, porém no verbo incendiar houve a substituição da letra "i" por "ei".

Copie = incendeie

Verbos terminados em EAR

É IMPORTANTE QUE *PASSEIEMOS* NOS FINAIS DE SEMANA (ERRADO)

É IMPORTANTE QUE *PASSEEMOS* NOS FINAIS DE SEMANA (CERTO)

Verbos terminados em "EAR" no imperativo seguem a forma do subjuntivo (com exceção para tu e vós no imperativo afirmativo = presente do subjuntivo), portanto basta trocar a vogal "a" pela vogal "e" (não existe, portanto, a letra "i" colocada indevidamente):

passeamos = passeemos

NÓS *SORTIAMOS* **OS PRÊMIOS (ERRADO)**

NÓS *SORTEAMOS* **OS PRÊMIOS (CERTO)**

Perceba que o verbo não possui em sua formação (SORTEAR) a letra "i", não havendo, portanto, necessidade de inventá-la. Segue a mesma regra para os demais.

EU EXPLODO / EU EXPLUDO (AMBAS ERRADAS)

O verbo explodir é defectivo, portanto não possui a primeira pessoa.

CORRELAÇÃO DOS TEMPOS

SE EU *FOSSE* **VOCÊ SÓ** *COMPRAVA* **EM FEIRA-LIVRE (ERRADO)**

SE EU *FOSSE* **VOCÊ SÓ** *COMPRARIA* **EM FEIRA-LIVRE (CERTO)**

O pretérito imperfeito do subjuntivo (fosse) é usado sempre com o futuro do pretérito do indicativo (compraria) e não com o pretérito imperfeito do indicativo (comprava), pois dessa forma ambas as frases estariam no passado.

QUANDO *CHEGUEI* **À ESTAÇÃO O METRO** *PARTIU*

QUANDO *CHEGUEI* **À ESTAÇÃO O METRÔ JÁ** *PARTIRA*

Na primeira oração o metrô partiu no momento da chegada do falante, já na segunda oração o metrô partiu antes da chegada do falante, pois se encontra no pretérito mais-que-perfeito do indicativo que expressa um fato passado em relação a outro fato passado.

EU *QUERIA* **FALAR COM VOCÊ (pretérito imperfeito)**

EU *QUERERIA* **FALAR COM VOCÊ (futuro do pretérito)**

Na primeira oração a pessoa já não mais deseja falar, pois o verbo se encontra no pretérito imperfeito. Na segunda oração a pessoa deseja falar, pois o verbo se encontra no futuro do pretérito. Portanto muito cuidado ao usar o verbo querer.

MENOS A CONHECERA, MAIS A AMARA

MENOS A CONHECESSE, MAIS A AMARIA

O pretérito mais-que-perfeito do indicativo substitui de forma sofisticada o pretérito imperfeito do subjuntivo (conhecesse) e o futuro do pretérito do indicativo (amaria). Esse tipo de uso é muito comum em Portugal.

Unidade 4

TIRANDO DÚVIDAS DE CONCORDÂNCIA

Nesta unidade veremos os principais casos de concordância verbal, os que provocam dúvidas constantemtente.

As regras são expostas de forma clara e objetiva a fim de facilitar a consulta.

CONCORDÂNCIA VERBAL

a) Haver e fazer:
Quando impessoais não possuem flexão.

Haver **no sentido de existir não flexiona.**

Havia outras soluções (Existiam outras soluções.)

Houve muitas discussões (Existiram muitas discussões.)

Haver **indicando tempo passado não flexiona = Faz.**

Há dias que não te vejo. (Faz dias que não te vejo.)

Há muitos anos que estive lá. (Faz muitos anos que estive lá.)

Fazer **indicando tempo decorrido não flexiona.**

Faz horas que estou esperando você.

b) Sujeito coletivo:
Concorda com o coletivo.

A turma chegou.

A maioria dos alunos faltou.

OBS.: A concordância com o adjunto é aceitável:
A maioria dos alunos faltaram.

c) Verbo concorda com a expressa numérica:
1) Porcentagem: Um terço dos alunos foi bem na prova. Quarenta por cento da turma foram aprovados.

2) *Mais de um, cerca de*: **Mais de um aluno faltou. Cerca de dez alunos faltaram.**

OBS.: Se houver reciprocidade, o verbo ficará no plural:
Mais de um aluno agrediram-se.

d) Sujeitos ligados por *ou* **e** *e*:
Quando o sujeito é formado por palavras ligadas por *ou* **e a ação é coletiva, o verbo fica no plural; quando individual, o verbo fica no singular.**

Maria ou Marta será escolhida a Miss Primavera. (Ação individual.)

Maria ou Marta são ótimas candidatas à Miss Primavera (Ação coletiva.)

Quando o sujeito é formado por palavras ligadas por *e*, **fica normalmente no plural; quando é formado por sinônimos ou gradação, o verbo fica no singular.**

João e José participaram da festa.
Ódio e rancor formava o caráter daquele homem. (Sinônimo.)

Um grito, uma palavra e um gesto modificou minha vida. (Gradação.)

e) Voz passiva sintética = *verbo* **+** *se*:
Quando o verbo é transitivo direto (sem preposição) concordará com o sujeito.

Vendem-se casas. (Casas são vendidas.)

Dão-se aulas. (Aulas são dadas.)

Compra-se carro. (Carro é comprado.)

Quando o verbo é transitivo indireto (com preposição) ficará obrigatoriamente no singular.

Precisa-se *de* **empregada.**
Pensou-se *em* **soluções.**

f) Pronomes relativos *que* **e** *quem***:**
*Que***: O verbo concorda com o antecedente**

Fui *eu* **que** *comprei* **o carro.**

Foi *ele* **que** *comprou* **o carro.**

Fomos *nós* **que** *compramos* **o carro.**

*Quem***: O verbo concorda obrigatoriamente com a 3ª pessoa do singular (ele).**

Fui eu quem *comprou* **o carro.**

Fomos nós quem *comprou* **o carro.**

Foram eles quem *comprou* **o carro.**

g) O verbo *ser***:**

1) Concorda com o sujeito quando é personativo.

Capitu **era as esperanças de Betinho.**

Eliana **é meus sonhos.**

2) Concorda com o predicativo quando este é um pronome pessoal.

O premiado sou *eu***.**

O premiado é *ele***.**

3) Com os pronomes: *aquilo*, *isso*, *isto*, *tudo*, **o verbo concorda com o predicativo.**

Tudo **são ilusões na vida.**

Aquilo **são flores.**

4) Datas e horas: O verbo concorda com o numeral.

São duas horas.

Hoje são quinze de agosto.

É meio-dia e meia.

5) Nas expressões: *é muito*, *é pouco*, *é suficiente*, **etc., o verbo fica no singular.**

Cem quilos *é muito* **para mim.**

Dez metros de pano *é suficiente*.

Índice

Os verbos foram dispostos em ordem alfabética a fim de que seja facilitada a sua consulta.

O leitor, ao procurar um verbo desejado, será remetido a ele ou a um verbo com conjugação semelhante, como pode ser observado no exemplo a seguir:

CULTUAR.....................1

Basta procurar na unidade 2, Modelos de conjugação, o verbo número 1 (acentuar) e fazer a mesma conjugação.

Acentuar	Cultuar
eu acentuo	cultuo
tu acentuas	cultuas
ele acentua	cultua
nós acentuamos	cultuamos
vós acentuais	cultuais
eles acentuam	cultuam

Foram selecionados, neste índice, os verbos que ocorrem com mais freqüência em diferentes situações de uso. Caso o verbo escolhido não esteja na lista sempre haverá um outro correspondente.

ÍNDICE ALFABÉTICO-REMISSIVO

(os números se referem aos modelos)

A

abandonar 6
abarcar 12
abastecer 28
abdicar 12
abençoar 17
abnegar 16
abolir 67
aborrecer 28
abotoar 17
abranger 24
abraçar 2
abreviar 7
abrigar 16
abrir 23
absolver 5
absorver 5
abstrair 58
acarear 36
acariciar 7
acender 5
acentuar 1
acolchoar 17
aconchegar 16
acontecer 28
acuar 1
acudir 30
adaptar 22
adequar 66
aderir 31
adiar 7
advinhar 6
adoçar 2
adocicar 12
adoecer 28
adorar 6
adormecer 28
adornar 6
advertir 31
advir 65
advogar 16
afagar 16
afeiçoar 17
aferir 31
afiançar 2
afiar 7
afligir 13
afogar 16
afrouxar 26
agenciar 7
agir 13
agoniar 7
agourar 26
agraciar 7
agradecer 28
agredir 32
aguar 9
aguçar 2
alagar 16
alardear 36
alargar 16
alcançar 2
alçar 2
alegar 16
aleijar 29
alforriar 7
aliar 7
alicerçar 2
aliciar 7
alienar 6
alijar 29
aliviar 7
almejar 29
almoçar 2
alongar 16
alugar 16
alvejar 79
alvoroçar 2
amaciar 7
amadurecer 28
amaldiçoar 17
amalucar 12
amanhecer 28
amar 6
amargar 16
ameaçar 2
amolecer 28
amontoar 17
amordaçar 2
amortecer 28
ampliar 7
amplificar 12

anestesiar 7
angustiar 7
anistiar 7
anoitecer 28
ansiar 47
antepor 52
antever 64
anuir 25
anunciar 7
apagar 16
aparecer 28
apartar 6
apartear 36
apaziguar 4
apear 36
apedrejar 29
apegar 16
aperfeiçoar 17
apetecer 28
apiedar-se 33
aplicar 12
apodrecer 28
aprazer 34
apreciar 7
apregoar 17
apressar 6
apropriar 7
aquecer 28
aquiescer 28
arcar 12
arejar 29
argüir 3
arquear 36
arrancar 12
arranjar 29
arrear 36
arrefecer 28
arregaçar 2
arrepiar 7
arriar 7
arriscar 12
arrojar 29
ascender 55
asfixiar 7
assalariar 7
assassinar 6
assediar 7
assobiar 7
associar 7
atacar 12
atear 36
atenuar 1
ater-se 61
atiçar 2
atingir 13
atordoar 17
atracar 12
atraiçoar 17
atrair 58
atravancar 12
atribuir 25
atrofiar 7
atuar 1
autenticar 12
autuar 1
auxiliar 7
avaliar 7
avançar 2
avantajar 29
averiguar 4

B

bagunçar 2
balançar 2
balbuciar 7
baldear 36
balear 36
bambear 36
bancar 12
bandear 36
banir 67
baquear 36
baratear 36
barbear 36
basear 36
bater 5
batucar 12
bebericar 12
beijar 29
bendizer 42
beneficiar 7
bestificar 12
bifurcar 12
bloquear 36
bobear 36
bocejar 29
bombardear 36
bombear 36
brecar 12
brigar 16
brincar 12
bronquear 36
bronzear 36
bulir 30
buscar 12

C

cabecear 36
caber 35
caçar 2
caçoar 17
cair 58
calcar 12
calcificar 12
calejar 29
calotear 36
caluniar 7
calar 12
cambalear 36
cantar 6
captar 22
carecer 28
carpir 67
carregar 16
cassar 6

castigar 16
catalogar 16
cavalgar 16
cavoucar 12
cear 36
cegar 16
cercar 12
cercear 36
cerrar 6
certificar 12
chatear 36
checar 12
chefiar 7
chegar 16
chiar 7
choramingar 16
circundar 6
circunstanciar 7
ciscar 12
clarear 36
classificar 12
coagir 13
cobiçar 2
cobrir 43
coçar 2
codificar 12
coligar 16
colocar 12
colorir 67
começar 2
compadecer 28
comparecer 28
compelir 31
competir 31
compilar 6
complicar 12
compor 52
comungar 16
comunicar 12
conceituar 1
conciliar 7
concluir 25
condizer 42
conduzir 37
conferir 31
confiar 7
confidenciar 7
confiscar 12
conhecer 28
conjugar 16
conquistar 6
conseguir 59
consentir 31
consorciar 7
constituir 25
constranger 24
construir 38
conssumir 30
contagiar 7
conter 61
continuar 1
contradizer 42
contrair 58
contrapor 52
contrariar 7
contribuir 25
convalescer 28
convencer 28
convergir 41
convir 65
convocar 12
copiar 7
coroar 17
corrigir 13
corroer 19
cortejar 29
crer 40
crescer 28
criar 7
criticar 12
cultuar 1
cuspir 30
custear 36
cutucar 12

D

danificar 12
dançar 2
dar 39
decair 58
decompor 52
decrescer 28
dedicar 12
deduzir 37
defecar 12
deferir 31
delegar 16
deliciar 7
delinear 36
delinqüir 67
demarcar 12
demolir 67
denegrir 32
denunciar 7
depor 52
deprecar 12
depreciar 7
desabotoar 17
desabrigar 16
desafeiçoar 17
desafiar 7
desafogar 16
desagregar 16
desaguar 9
desalojar 29
desamontar 17
desaparecer 28
desapreciar 7
desapropriar 7
desarranjar 29
desatravancar 12
desbancar 12
descalçar 2
descarregar 16
descascar 12
descer 28
desclassificar 12

descobrir 42
descolorir 67
descomplicar 12
descompor 52
desconfiar 7
desconhecer 28
descrer 40
desdenhar 6
desdizer 42
desejar 64
desembaraçar 2
desembarcar 12
desembocar 12
desenfrear 36
desenlaçar 2
desenroscar 12
desfalcar 12
desfalecer 28
desfavorecer 28
desfazer 44
desferir 31
desfiar 7
desgraçar 2
desguarnecer 28
desimpedir 48
desintoxicar 12
desligar 16
deslocar 12
desmentir 31
desmerecer 28
desobedecer 28
desobrigar 16
desobstruir 25
despedaçar 2
despedir 48
despejar 29
despencar 12
desperdiçar 2
despir 31
despojar 29
desprevenir 32
desqualificar 12
destacar 12
destituir 25
destoar 17
destorcer 28
destroncar 12
destruir 38
desvaler 63
desviar 7
desvirtuar 1
deter 61
diagnosticar 12
dialogar 16
diferençar 2
diferenciar 7
diferir 31
digerir 31
dignar-se 15
dignificar 12
diligenciar 7
diluir 25
diminuir 25
dirigir 13
discernir 31
disfarçar 2
dispor 52
dissecar 12
disseminar 6
dissociar 7
distanciar 7
distinguir 8
dostorcer 28
distrair 58
distribuir 25
divagar 16
divergir 41
diversificar 12
divertir 31
divorciar 7
divulgar 16
dizer 42
doar 17
doer 68
domesticar 12
dormir 43
duplicar 12

E

edificar 12
editar 6
educar 12
efervescer 28
eleger 24
eletrificar 12
elogiar 7
emagrecer 28
embaçar 2
embaraçar 2
embarcar 12
embevecer 28
embocar 12
emboscar 12
embranquecer 28
embriagar 16
embrutecer 28
emergir 41
empalidecer 28
empobrecer 28
empolgar 16
empregar 16
emudecer 28
enaltecer 28
encabeçar 2
encadear 36
encarecer 28
encarregar 16
encharcar 12
encobrir 43
encorajar 29
encrencar 12
encucar 12
endereçar 2
endoidecer 28
endurecer 28

enfeitiçar 2
enferrujar 29
enfiar 7
enfocar 12
enfraquecer 28
enfurecer 28
engajar 29
engasgar 16
engolir 43
engrandecer 28
enguiçar 2
enjoar 17
enlaçar 2
enlouquecer 28
enojar 29
enriquecer 28
enroscar 12
enrugar 16
ensaboar 17
ensacar 12
ensurdecer 28
entediar 7
entoar 17
entontecer 28
entorpecer 28
entredizer 42
entregar 16
entrelaçar 2
entremear 36
entrepor 52
entreter 61
entrever 64
entristecer 28
entupir 30
enunciar 7
envaidecer 28
envelhecer 28
envergar 16
enviar 7
enxaguar 9
enxergar 16
enxugar 16
equivaler 63
equivocar 12
erguer 10
erigir 13
erradicar 12
esbanjar 29
esbofetear 36
esboçar 2
esbravejar 29
esburacar 12
escamotear 36
escanhoar 17
escapulir 30
escassear 37
esclarecer 28
escorraçar 2
escorregar 16
escrever 5
esculpir 69
escurecer 28
esforçar 2
esfregar 16
esfriar 7
esmaecer 28
esmagar 16
esmiuçar 2
esmorecer 28
espaçar 2
espairecer 28
espanar 6
espancar 12
especificar 12
espernear 36
espiar 7
espoliar 7
espreguiçar 2
esquartejar 29
esquecer 28
esquiar 7
estabelecer 28
estagiar 7
estancar 12
estar 11
estarrecer 28
estatuir 25
esticar 12
estilhaçar 2
estocar 12
estourar 26
estragar 16
estremecer 28
estropiar 7
esvaecer 28
esvair 58
esvaziar 7
esverdear 36
evacuar 1
evidenciar 7
evoluir 25
exaurir 67
exceturar 1
excitar 6
excluir 25
exemplificar 12
exercer 28
exigir 13
expedir 48
expelir 31
expiar 7
explicar 12
explodir 67
expor 52
extasiar 7
extinguir 8
extorquir 67
extrair 58
extraviar 7

F

fabricar 12
falecer 28
falir 69
falsear 36
falsificar 12
fantasiar 7

farrear 36
fatigar 16
favorecer 28
fazer 44
fechar 6
fenecer 28
ferir 31
festejar 29
fiar 7
ficar 12
filiar 7
fincar 12
fingir 13
fisgar 16
florear 36
florescer 28
florir 69
fluir 25
fofocar 12
folgar 16
folhear 36
foliar 7
foragir-se 69
forçar 2
forjar 29
fornecer 28
fornicar 12
fortalecer 28
fortificar 12
franquear 36
franzir 23
fraquejar 29
frear 36
frigir 13
frontear 36
fruir 25
fuçar 2
fugir 45
fulgir 13
fumegar 16
fungar 16
fustigar 16
futricar 12

G

galgar 16
gananciar 7
ganhar 6
gargarejar 29
gastar 6
gazetear 36
gerir 31
gingar 16
gloriar 7
glorificar 12
golear 36
golpear 36
gotejar 29
gozar 6
gracejar 29
graduar 1
grampear 36
gratificar 12
guarnecer 28
guerrear 36
guiar 7

H

habituar 1
hastear 36
haver 14
hipotecar 12
historiar 7
homenagear 36
homologar 16

I

identificar 12
imbuir 25
imergir 41
impedir 48
impelir 31
impingir 13
implicar 12
implorar 6
impor 52
impronunciar 7
inadimplir 69
incandescer 28
incendiar 47
incluir 25
indagar 16
indeferir 31
indicar 12
indiciar 7
indignar-se 15
indispor 52
induzir 37
inferir 31
infligir 13
infringir 13
ingerir 31
iniciar 7
inserir 31
insinuar 1
instigar 16
instituir 25
instruir 25
intensificar 12
interagir 13
interferir 31
interligar 16
intermediar 47
interpor 52
interrogar 16
intervir 65
intoxicar 12
intrigar 16
intrincar 12
introduzir 37
intuir 25
invejar 29
investigar 16
investir 31
invocar 12

ir 47
irrigar 16

J

jantar 6
jejuar 1
jogar 16
judiar 7
judiciar 7
julgar 16
justapor 52
justificar 12

L

laçar 2
lacrimejar 29
lamacear 36
lamuriar 7
lançar 2
largar 16
larguear 36
lascar 12
laurear 36
legar 16
leiloar 17
ler 40
licenciar 7
ligar 16
liquefazer 44
liquificar 12
litigiar 7
lotear 36
lubrificar 12
ludibriar 7
luxuriar 7

M

machucar 12
madrugar 16
magoar 17
maldizer 42
maliciar 7
manejar 29
manjar 29
manter 61
manusear 36
mapear 36
marcar 12
mascar 12
massagear 36
massificar 12
matracar 12
mediar 47
medir 48
mentir 31
merecer 28
mijar 29
minguar 9
minuciar 7
mistificar 12
mitificar 12
mitigar 16
mobiliar 18
modificar 12
moer 19
mordiscar 12
morrer 5
mortificar 12
multiplicar 12
municiar 7

N

nascer 28
naufragar 16
nausear 36
navegar 16
negar 16
negligenciar 7
negociar 7
nocautear 36
nomear 36
nortear 36
noticiar 7
notificar 12

O

obcecar 12
obedecer 28
obliquar 20
obrigar 16
obscurecer 28
obstar 21
obstringir 74
obstruir 25
odiar 49
oferecer 28
oficiar 7
ofuscar 12
opor 52
optar 22
orar 6
orçar 2
ousar 26
outorgar 16
ouvir 51

P

pacificar 12
pagar 16
paparicar 12
papear 36
parafrasear 36
parecer 28
parodiar 7
partir 23
passear 36
patentear 36
pecar 12
pedir 48

pegar 16
penitenciar 7
pentear 36
perder 49
perdoar 17
perecer 28
perguntar 6
permanecer 28
permear 36
perpetuar 1
perseguir 59
pertencer 28
pescar 12
pestanejar 29
petiscar 12
petrificar 12
picar 12
pigarrear 36
pingar 16
piratear 36
piscar 12
pisotear 36
plagiar 7
planejar 29
planificar 12
pleitear 36
poder 50
policiar 7
polir 51
poluir 25
pontificar 12
pôr 52
pospor 52
possuir 25
poupar 26
pousar 26
povoar 17
praguejar 29
prantear 36
praticar 12
precaver 71
preferir 31
preguear 36
prejudicar 12
prejulgar 16
premiar 7
prenunciar 7
presenciar 7
presentear 36
presidiar 7
pressentir 31
pressupor 52
prestigiar 7
preterir 31
prevalecer 28
prevenir 32
prever 64
principiar 7
privilegiar 7
produzir 37
proferir 31
prognosticar 12
progredir 32
prolongar 16
promulgar 16
prontificar 12
pronunciar 7
propagar 16
propiciar 7
propor 52
prorrogar 16
prosear 36
prosseguir 59
prostituir 25
prover 64
providenciar 7
provir 65
provocar 12
publicar 12
pulsar 1
purificar 12

Q

qualificar 12
quantificar 12
questionar 6

R

rabiscar 12
ramificar 12
ranger 24
raptar 22
rarear 36
rasgar 16
rastejar 29
ratear 36
ratificar 12
reabastecer 28
reagir 13
realçar 2
reaparecer 28
reaquerer 28
reavaliar 7
reaver 72
reavir-se 65
rebocar 12
rebuscar 12
recair 58
recaucar 12
recear 36
recensear 36
rechaçar 2
rechear 36
reclassificar 12
recobrir 43
recolocar 12
recomeçar 2
recompor 52
reconciliar 7
reconduzir 37
reconhecer 28
reconstituir 25
reconstruir 38
reconvocar 12
recuar 1
redigir 13
reduzir 37
referenciar 7
referir 31
refletir 31

refolgar 16
reforçar 2
refrear 36
refrescar 12
regar 16
regatear 36
reger 24
regredir 32
reivindicar 12
rejuvenescer 28
relegar 16
reler 40
remanecer 28
remarcar 12
remediar 47
remir 69
remoçar 2
remoer 19
renascer 28
renegar 16
renunciar 7
repelir 31
repetir 31
repicar 12
replicar 12
repor 52
reproduzir 37
reprover 53
republicar 12
repudiar 7
requerer 55
resfriar 7
resignar-se 15
resmungar 16
respingar 16
responder 5
ressabiar 7
ressecar 12
ressentir 31
ressurgir 13
restabelecer 28
restituir 25
restringir 13
retaliar 7
reter 61
retificar 12
retorcer 28
retorquir 67
retrair 58
retribuir 25
retrucar 12
reunificar 12
rever 64
reverenciar 7
revestir 31
revoar 17
revogar 16
rir 56
riscar 12
roçar 2
rodear 36
rodopiar 7
roer 19
rogar 16
roncar 12
rosquear 36
roubar 26
rubricar 12
ruir 73

S

saber 57
saborear 36
sacanear 36
sacar 12
sacudir 30
sair 58
salgar 16
salpicar 12
sanar 6
sanear 36
santificar 12
sapatear 36
sapecar 12
saquear 36
sarar 6
satisfazer 44
saudar 27
secar 12
sediar 7
seduzir 37
segregar 16
seguir 59
semear 36
sentenciar 7
sentir 31
ser 60
serrar 6
servir 31
significar 12
silenciar 7
simplificar 12
sitiar 7
situar 1
soar 17
sobrecarregar 16
sobressair 58
sobrevoar 17
socar 12
sofisticar 12
sofrer 5
solidificar 12
soluçar 2
sombrear 36
sonegar 16
sorrir 56
sortear 36
sortir 51
sossegar 16
suar 1
subir 30
subjugar 16
submergir 41
submeter 5
substituir 25
subtrair 58
sulfocar 12
sulgar 16
sugerir 31
suicidar-se 6

sujar 29
sumir 30
suplicar 12
supor 52

T

tachar 9
tapear 36
tatuar 1
taxar 6
tecer 28
teleguiar 7
tingir 13
tinir 69
titubear 36
toar 17
tocar 12
torcer 28
tornear 36
tossir 43
traçar 2
traduzir 37
trafegar 16
traficar 12
tragar 16
trair 58
trajar 29
trancar 12
trançar 2
transferir 31
transgredir 32
transparecer 28
transpor 52
transviar 7
trapacear 36
trazer 62
tricotear 36
trincar 12
triplicar 12
trocar 12
troçar 2
tropicar 12
trotear 36
trucar 12
truncar 12
tumultuar 1

U

ultrajar 29
umedecer 28
ungir 67
unificar 12
uniformizar 2
urgir 74
usufruir 25

V

vadiar 7
vagabundear 36
vagar 16
valer 63
vangloriar 7
varear 7
valejar 29
vencer 28
ver 64
veranear 36
verificar 12
versejar 29
versificar 12
vestir 31
viajar 29
vigiar 7
vingar 16
vir 65
vistoriar 7
vivenciar 7
vivificar 12
voar 17

X

xeretar 22
xerocar 12
xerografar 6
xingar 16

Z

zangar 16
zelar 12

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Dicionário de questões vernáculas*. **São Paulo, Ática, 1996.**

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. **São Paulo, Nacional, 1987.**

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*. **Petrópolis, Vozes 1985.**

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. **São Paulo, Nacional, 1993.**

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. **Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.**

FERREIRA, Mauro. *Aprender e praticar gramática*. **São Paulo, FTD, 1994.**

NICOLA, José de & TERRA, Ernani. *Verbos – guia prático de emprego e conjugação*. **São Paulo, Scipione, 1994.**

RYAN, Maria Aparecida. *Conjugação dos verbos em português*. **São Paulo, Ática, 1990.**

SOBRAL, João Jonas Veiga. *Redação – escrevendo com prática*. **São Paulo, Iglu, 1996.**

SPINA, Segismundo. *Dicionário prático de verbos conjugados*. **Rio de Janeiro. José Olímpio, 1980.**

TUFANO, Douglas. *Estudo de língua portuguesa – gramática*. **São Paulo, Moderna, 1990.**

O LIVRO

A conjugação e a concordância verbais sempre causaram dificuldades na produção escrita devido à sua complexidade. Esta obra tem por objetivo sanar esses problemas, pois as explicações são de fácil assimilação, assim como os exemplos mostrados oferecem ao consulente respostas rápidas e práticas.

Foram trabalhados ao longo do livro os pontos básicos do estudo do verbo:

a) estudo da teoria verbal, emprego e aplicações;
b) modelos de conjugação de verbos regulares e irregulares;
c) erros freqüentes comentados e corrigidos.

Verbos para todos certamente resolverá todas as suas dúvidas quanto ao emprego, à conjunção e à concordância verbal.

Aplicação

Livro destinado à consulta diária de todos que falam e escrevem a Língua Portuguesa. Material de apoio a estudantes de 1º, 2º e 3° graus.

O Autor

Professor de Português Instrumental na Faculdade de Ciências Econômicas de S'ao Paulo, Língua Portuguesa e Redação na Fundação Escola e Comércio Álvares Penteado na Escola Técnica Oswaldo Cruz, e Colégio Jardim São Paulo. Autor das seguintes obras: **"Técnica de Redação: a redação empresarial", Redação: escrevendo com prática.**

ISBN 85-85631-260
9 788585 631260

IGLU EDITORA LTDA.
RUA DUÍLIO, 386
05043-020 - SÃO PAULO - SP
TEL.: (011) 873-0227
IGLU
EDITORA

VERBOS

Guia Prático de Conjugação e Concordância

PARA TODOS

JOÃO JONAS VEIGA SOBRAL

IGLU
EDITORA

VERBOS

GUIA PRÁTICO DE CONJUGAÇÃO E CONCORDÂNCIA

JOÃO JONAS VEIGA SOBRAL
Licenciado em Letras, Professor de Português Instrumental
na Faculdade de Ciências Econômicas de São Paulo,
Professor de Língua Portuguesa no Colégio Comercial
Álvares Penteado, Escola Técnica Oswaldo Cruz
e Colégios Integrados Oswaldo Cruz – Pais Leme

VERBOS

GUIA PRÁTICO DE CONJUGAÇÃO E CONCORDÂNCIA

Iglu Editora

© Copyright by João Jonas Veiga Sobral
© Copyright 1996 by Iglu Editora Ltda.

Editor responsável:
Júlio Igliori

Revisão:
João Jonas Veiga Sobral

Composição:
Real Produções Gráficas Ltda.

Capa:
Osmar das Neves

Todos os direitos reservados à

IGLU EDITORA LTDA.
Rua Duílio, 386 – Lapa
05043-020 – São Paulo-SP
Tel.: (011) 873-0227

AGRADECIMENTOS

A todo corpo diretivo da FACESP:
Professores Boarin e Manuel, e a Marizilda

À direção da Oswaldo Cruz, professores:

Eliena, Celso, Carlos, Moacyr, Maria Elisa,
Maria José, Cecília, Waldete, Isa, Sílvia, Dr. Jairo e Marcelo

Ao Prof. Júlio Igliori, pelo incentivo

Ao Jonatan Alves de Campos, pela ajuda

DEDICATÓRIA

Ao professor Wilsson Guedelha,
mestre na acepção da palavra,
a quem devo muito da minha formação cultural.

À Eliana, um beijo do tamanho do mundo.

A meus irmãos, verdadeiros pais, minha gratidão eterna.

À minha mãe, Nildes Veiga Sobral:
“Como Deus não podia estar em todo lugar
ao mesmo tempo, inventou as mães”.

TEXTO DE APRESENTAÇÃO

No princípio era o VERBO,
e o VERBO estava com DEUS,
e o VERBO era DEUS...
(O Santo Evangelho segundo João)

A Grande Catástrofe

No início era o Verbo. O verbo Ser.
Conjugava-se apenas no infinito. Ser, e nada mais.
Intransitivo, absoluto.
Isso foi no princípio. Depois transigiu, e muito.
Em vários modos, tempos e pessoas.
Ah, nem queiras saber o que são as
pessoas: eu, tu, ele, nós, vós, eles...
Principalmente eles!
E ante essa dispersão lamentável, essa verdadeira explosão do SER em seres, até hoje os anjos ingenuamente se interrogam por que motivo as referidas pessoas chamam a isso de CRIAÇÃO...
(Mário Quintana, *Prosa & Verso***)**

PRÓLOGO

Cumpre-me, à guisa de prólogo, destacar, neste espaço a mim oferecido pela mímia gentileza do autor, o seguinte:

– João Jonas Veiga Sobral foi aluno brilhante do curso de Letras das Faculdades "Sant'Anna", em São Paulo.

– Já produziu diversas obras muito bem aceitas pelos críticos exigentes dos estudos lingüísticos, abordando, entre outros, temas relacionados à redação.

– Agora, na qualidade de professor de Português Instrumental e de Técnicas de Redação em estabelecimentos renomados de ensino superior, como a Faculdade de Ciências Econômicas de São Paulo na Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado, lança o oportuno "VERBOS PARA TODOS – Guia prático de conjugação e concordância.

Auguro o maior sucesso ao autor, com essa publicação absolutamente necessária, pois o verbo é, sem dúvida alguma, a alma da língua.

Wilsson Guedelha
Professor de Língua e Literatura Latina
e Chefe do Departamento de Letras
das Faculdades "Sant'Anna".

SUMÁRIO

UNIDADE 1

Estudo do verbo 16
Estrutura gramatical do verbo 17
Estrutura do verbo 17
Os tempos do modo indicativo 20
Os tempos do modo subjuntivo 30
Imperativo 34
Formas nominais 36
Classificação dos verbos 40
Flexão do verbo 45
Vozes do verbo 49
Formação dos tempos 52
Resumo da Unidade 1 56

UNIDADE 2

Modelos de conjugação 59
Verbos regulares 61
Verbos irregulares 93
Verbos defectivos 131

UNIDADE 3

Erros que devem ser evitados 143
Corrigindo erros 145

UNIDADE 4

Tirando dúvidas de concordância 155
Concordância verbal 157

Índice remissivo 161
Bibliografia 173

Unidade 1

ESTUDO DO VERBO

Nesta unidade veremos de forma prática e clara o estudo gramatical do verbo: sua estrutura, suas regras e aplicações.

Procuramos dar um enfoque simplificado, pois para muitos o estudo do verbo é enfadonho e complicado. O objetivo desta unidade é desmistificar o verbo, tornando-o acessível a todos.

1. ESTRUTURA GRAMATICAL DO VERBO

Conceito = Verbo é o termo que exprime ação, estado, mudança de estado e fenômeno da natureza situados no tempo.

ação = Eu *estudo* **diariamente**

estado = Meu irmão *está* **muito preocupado**

mudança de estado = Meu irmão *ficou* **muito preocupado**

fenômeno da natureza = Naquela noite *trovejou* **bastante.**

1.1. Estrutura do verbo

O verbo apresenta em sua estrutura três elementos: radical, vogal temática e desinências.

a) radical = é a base do significado do verbo. Obtém-se extraindo as terminações *ar, er, ir* **do infinitivo**

INFINITIVO	TERMINAÇÕES	RADICAL
cantar	**ar**	*cant*
vender **partir**	**er** **ir**	*vend* *part*

b) vogal temática = é a vogal que se junta ao radical para este receber as desinências. A vogal temática indica a que conjugação pertence o verbo.

VOGAL TEMÁTICA	CONJUGAÇÃO	VERBO
a	**1ª conjugação**	**cantar**
e	**2ª conjugação**	**vender**
i	**3ª conjugação**	**partir**

OBSERVAÇÃO

O verbo *pôr* e seus derivados (compor, dispor, repor, supor, etc) pertencem por motivos históricos à 2ª conjugação (sua forma arcaica era *poer*.

Quando o radical recebe a vogal temática é denominado *tema*.

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	TEMA
cant	**a**	**canta**
vend	**e**	**vende**
part	**i**	**parti**

c) desinências = são elementos que se juntam ao radical ou tema para indicar as classificações e flexões gramaticais do verbo: tempo, modo, pessoa e número.

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	DESINÊNCIA DE INFINITIVO
cant	**a**	**r**
vend	**e**	**r**
part	**i**	**r**

As desinências quando indicam tempo e modo, são chamadas de *desinência modo-temporal*; **e quando indicam número e pessoa:** *desinência número-pessoal.*

		DESINÊNCIAS	
RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	MODO-TEMPORAL	NUMERO-PESSOAL
cant	**á**	**sse**	**mos**
vend	**ê**	**sse**	**mos**
part	**i**	**sse**	**mos**

a) *sse* = **modo subjuntivo / pretérito imperfeito**

b) *mos* = **primeira pessoa do plural**

2. OS TEMPO DO MODO INDICATIVO

Em cada modo temos o emprego do tempo verbal. No modo indicativo (que exprime certeza) temos os seguintes tempos:

Presente	Pretérito	Futuro
	perfeito	do presente
	imperfeito	do pretérito
	mais-que-perfeito	

2.1. Compondo os tempos no indicativo

TEMPO	TERMINAÇÕES	EXEMPLO	AR, ER, IR
presente	o, as, a, amos, ais, am	eu ando	1ª conjugação
	o, es, e, emos, eis, em	eu vendo	2ª conjugação
	o, es, e, imos, is, em	eu parto	3ª conjugação
pret. imperf.	ava, avas, ava, ávamos, áveis, avam	eu andava	
	ia, ias, ia, íamos, íeis, iam	eu vendia / partia	
pret. perf.	ei, aste, ou, amos, astes, aram	eu andei	
	i, este, eu, emos, estes, eram	eu vendi	
	i, iste, iu, imos, istes, iram	eu parti	

pret. mais q. perf.	ra, ras, ra, ramos, reis, ram	eu andara eu vendera eu partira
fut. presente	ei, ás, á, emos, eis, ao	eu andarei eu venderei eu partirei
fut. pret.	ia, ias, ia, íamos, íeis, iam	eu andaria eu venderia eu partiria

2.2. Empregando os tempos no indicativo

A) PRESENTE DO INDICATIVO

Indica um fato verbal que ocorre no momento da fala.

João *estuda* todo dia.

Emprega-se também nos seguintes casos:

1) para indicar ação habitual, rotineira:

Minha mãe *fala* demais.

Vou ao *cinema* toda semana.

2) para dar realismo e vivacidade a fatos passados.

Em 1822 D. Pedro I *proclama* a independência do Brasil.

3) para indicar ações ou estados permanentes:

Todo homem *é* mortal.

A terra *gira* em torno do Sol.

4) para indicar futuro próximo:

No próximo mês *viajo* **para a Europa de navio.**

Amanhã *faz* **um ano que ela foi embora.**

5) para substituir o imperativo, amenizando uma ordem:

Você me *faz* **um favor?**

*** no imperativo =** *faça-me* **um favor**

(perceba como o primeiro exemplo denota mais um pedido do que uma ordem)

6) para substituir o pretérito imperfeito do subjuntivo, tornando a linguagem mais coloquial.

Se ele não *responde* **à pergunta do diretor, todos nós seríamos punidos.**

*** no pret, imperf. do subjuntivo = Se ele não** *respondesse* **à pergunta do diretor, todos nós seríamos punidos.**

(Perceba como o primeiro exemplo é parecido a uma conversa ou "bate-papo".)

B) PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO

Indica um fato passado em relação ao momento da fala, porém este fato não é tomado por concluído, dando idéia de duração ou algo inacabado.

João *conversava* **bastante durante as aulas.**

Eu *escrevia***, quando você chegou.**

Emprega-se também nos seguintes casos

1) para exprimir fato habitual no passado

Eliana *corria* **todas manhãs no Horto Florestal.**

Nós *costumávamos* **namorar no parque.**

2) para descrever fatos, ações no passado

O cajueiro *servia* **de esconderijo para aquele menino.**

Maria *tinha* **uns lábios carnudos, molhados, um convite ao beijo.**

3) para indicar, entre duas ações simultâneas, qual estava acontecendo quando ocorreu a outra:

João *jantava*, **quando a cri***ança* **chorou.**

4) para indicar ação simultânea frequente, ou causa e conseqüência:

Quando eu *deixava* **o meu turno, ele** *entrava*.

5) para indicar um fato ocorrido, quando a data da ação é mencionada claramente.

Dez minutos depois do início da sessão, João *comprava* **o bilhete.**

6) para indicar ação programada e não realizada.

Os alunos *iam* **à excursão, mas a chuva torrencial impediu**

C) PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO

Indica um fato passado concluído antes do momento da fala, geralmente este fato concluído não é habitual.

Fui **à França no final do ano**

Comprei **um automóvel zero quilômetro**

* *pretérito perfeito composto do indicativo =* **Indica um fato que começou no passado, vem se repetindo até o presente, dando idéia de continuidade. É formado com o presente do indicativo dos verbos** *ter* **ou** *haver* **mais o** *particípio passado do verbo principal***.**

PRESENT.	IND. PARTICÍPIO	PRET. PERF. COMPOSTO
tenho	**trabalhado**	**tenho trabalhado**

Eu *tenho trabalhado* **muito neste projeto ultimamente.**

Alguns deputados *têm lutado* **pela saúde e educação.**

D) PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO

Indica um fato passado anterior já concluído em relação a outro fato passado também concluído.

Quando cheguei à aula, o professor já *fizera* **a chamada**

(Perceba que a ação "*fizera***" é anterior a ação "***cheguei***", e ambas estão no passado)**

Emprega-se nos seguintes casos:

1) Na linguagem formal sofisticada:

Quando você resolveu a situação, o gerente já *resolvera.*

(Em linguagem informal teríamos: Quando você resolveu a situação, o gerente já *tinha resolvido***)**

2) Em algumas frases exclamativas ou optativas:

Quem me *dera* **namorar aquela morena!**

3) Para substituir o pretérito imperfeito do subjuntivo e o futuro do pretérito do indicativo

Cantou como se *fora* **cantor lírico.**

Cantou como se *fosse (***pert. imperf. subj.) cantor lírico.**

Menos a *conhecera,* **mais a** *amara.*

Menos a *conhecesse* **(pret. imperf. subj.) mais a** *amaria* **(fut. pret. ind.)**

* *pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo:* **É usado da mesma forma do simples, para indicar um fato passado anterior a outro fato passado. É formado com o pretérito imperfeito do indicativo dos verbos** *ter* **ou** *haver* **mais o** *particípio passado do verbo principal***.**

PERT. IMPERF. IND	PARTICÍPIO	PRET. MAIS-QUE. PERF. COMP.
tinha	**participado**	**tinha participado**
havia	**respondido**	**havia respondido**

João *tinha participado* de todos os trabalhos.

Pedro *havia respondido* corretamente.

E) FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO

Indica um fato futuro em relação ao momento da fala, geralmente este fato é tido como certo.

Amanhã de manhã *pedirei* o café para nós dois.

Emprega-se também nos seguintes casos:

1) Para substituir o imperativo:

Você *sentará* à minha frente, entendeu?

Não *cobiçarás* a mulher do próximo.

2) Para indicar um fato incerto, duvidoso

***Terá* o rapaz compreendido o cartaz?**

3) Em linguagem formal o *futuro do presente* é substituído por locuções verbais (conjunto formado por um verbo auxiliar seguido de uma forma nominal infinitivo ou gerúndio)

VERBO AUXILIAR	X	FORMA NOMINAL
vou		almoçar (infinitivo)
estarei		almoçando (gerúndio)

Dona Eunice, às duas horas *vou almoçar* **com o diretor da Lipox.**

Dona Eunice, às duas horas *estarei almoçando* **com meu diretor. (perceba que as ações indicam situações que ocorrerão no futuro)**

4) É substituído também pelo *presente do indicativo do verbo ter*, **mais** *que*, **mais** *infinitivo* **a fim de indicar algo obrigatório.**

Pres. ind. = tenho + que + infinitivo = falar

Tenho que falar **com minha esposa até o final da tarde.**

5) É substituído pelo *presente do indicativo do verbo haver*, **mais a** *preposição de*, **mais** *infinitivo* **a fim de indicar desejo, intenção.**

Pres. ind. = hei + preposição = de + infinitivo = comprar

Hei de comprar **aquele apartamento.**

Ele *há de vender* **aquele apartamento.**

* *futuro do presente composto do indicativo* = **indica uma ação futura consumada ou com possibilidade de já ter sido consumada antes de outra também futura. É formado com o futuro do presente simples dos verbos** *ter* **ou** *haver* **mais** *particípio do verbo principal*.

FUTURO DO PRESENTE	PARTICÍPIO	FUT. PRES. COMP
terei	**terminado**	**terei terminado**

Já *terei terminado* o jantar quando meu marido chegar.
(ação consumada)

Será que ele já *terá terminado* o jantar, antes de eu chegar?
(ação com possibilidade de já ter se consumado)

F) FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO

Indica um fato futuro em relação a um fato passado

Você me disse que não *faltaria* com sua promessa.

Emprega-se também nos seguintes casos:

1) Para indicar um fato não realizado ou que não se realizará.

***Viajaria* se tivesse dinheiro.**

2) Para indicar um fato que depende de outro para ser realizado

***Gostaria* de falar com você se possível.**

***Quereria* conversar com seu gerente, caso não for incômodo.**

(há muita confusão entre os tempos do verbo querer:
***queria:* pretérito imperfeito / *quereria:* futuro do pretérito)**

3) Para exprimir dúvida em relação a fatos passados

Eu *aceitaria* aquela proposta.

4) Para exprimir polidez na substituição do imperativo:

***Poderia* trazer este material para mim?**

(Perceba como no imperativo a frase fica mais forte ou menos polida: *Traga* **este material para mim.)**

* *futuro do pretérito composto do indicativo* **= indica um fato que teria acontecido sob certa condição ou ainda para exprimir possibilidade de um fato passado. É formado com o** *futuro do pretérito dos verbos ter* **ou** *haver* **mais o** *particípio do verbo principal***.**

FUT. PRET.	PARTICÍPIO	FUT. PRET. COMP
teria	**conseguido**	**teria conseguido**

Teria conseguido **boas notas, se estudasse (fato sob condição)**

Teria sido **melhor ter estudado (possibilidade de fato passado)**

3. OS TEMPOS NO MODO SUBJUNTIVO

No modo subjuntivo temos os seguintes tempos:

Presente	Pretérito	Futuro
	imperfeito perfeito composto mais-que-perfeito composto	simples composto

TEMPO	TERMINAÇÕES	VERBO	CONJUGAÇÃO
Presente	e, es, e, emos, eis, em a, as, a, amos, ais, am	eu fale venda / parta	1ª conjugação 2ª e 3ª conjugação
pret. imperf.	sse, sses, sse, ssemos, sseis, ssem	falasse vendesse partisse	1ª conjugação 2ª conjugação 3ª conjugação
futuro	r, res, r, rmos, rdes, rem	falar vender partir	1ª conjugação 2ª conjugação 3ª conjugação

OBSERVAÇÃO

Os tempos compostos e os verbos irregulares serão estudados individualmente, devido a variação de suas formas.

3.1 Compondo os tempos no subjuntivo

A) PRESENTE DO SUBJUNTIVO

Exprime uma incerteza, podendo indicar presente ou mesmo futuro.

É triste que eles *pensem* **dessa maneira (presente)**

Espero que todos *vendam* **suas cotas (futuro)**

Emprega-se também em frases optativas:

Que ela *saiba* **o que faz!**

Formando o presente do subjuntivo

Os verbos da primeira conjugação = *a* **tem a desinência trocada por** *e***:**

eu fato = que eu fale

Os verbos da segunda e terceira conjugação e / i têm as desinências trocadas por a

eu vendo = que eu venda

eu parto = que eu parta

B) PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO

Indica uma ação passada, presente ou futura em relação ao verbo da oração principal.

Se agora eu *pudesse,* **escreveria o relatório. (presente)**

Ainda que *mostrasse* interesse, eles não acreditariam em você (passado)

Ficaria feliz se você *fosse* à minha festa. (futuro)

Emprega-se também em frases optativas

***Pudesse* todos contribuírem um pouco para campanha.**

C) PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO DO SUBJUNTIVO

Indica um fato totalmente concluído no passado. É formado com o presente do subjuntivo dos verbos *ter* ou *haver* mais o *particípio do verbo principal*.

PRES. SUBJ.	PARTICÍPIO	PRET. PERF. COMP. SUBJ.
tenha	terminado	tenha terminado

É um absurdo que ele *tenha terminado* o trabalho tão rapidamente.

Emprega-se também no seguinte caso

A) Indicando fato futuro realizado em relação a outro fato também futuro

Provavelmente ela já *tenha concluído* os exercícios quando o professor quiser corrigi-los.

D) PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO DO SUBJUNTIVO

Indica um fato hipotético antes de outro fato hipotético passado. É formado com o *pretérito imperfeito* do subjuntivo dos verbos *ter* ou *haver* mais o *particípio do verbo principal*.

PRET. IMPERF. SUBJ.	PARTC.	PRET. MAIS-QUE-PERF. COMP
tivesse	estudado	tivesse estudado

Se ela *tivesse estudado* mais, teria conseguido passar no vestibular.

E) FUTURO DO SUBJUNTIVO

Indica um fato que pode ocorrer no futuro.

Se você *quiser*, passará no vestibular com facilidade.

Se ele *vier* aqui, não aprovará esta bagunça.

F) FUTURO COMPOSTO DO SUBJUNTIVO

Indica uma ação futura realizada em relação a outra ação futura por realizar. É formado com o *futuro do subjuntivo* dos verbos *ter* e *haver* mais o *particípio do verbo principal*.

FUTURO DO SUBJUNTIVO	PARTICÍPIO	FUTURO COMPOSTO SUBJ.
tiver	feito	tiver feito

Quando *tivermos feito* os exercícios, o professor avaliará.

Quando ela *tiver saído* do hospital, nós viajaremos para a Fazenda.

4. MODO IMPERATIVO

O imperativo exprime ordem, desejo, pedido, solicitação etc. A distinção é feita de acordo com a entonação (na escrita com auxílio de sinais de pontuação) ou agentes modificadores: por favor, se possível, já, agora, estou mandando, etc.
Como no imperativo as ordens ou pedidos são feitos a um interlocutor, as formas verbais só admitem flexão nas seguintes pessoas:

1ª pessoa do plural = nós
2ª pessoa = tu e vós
3ª pessoa = você e vocês

Não *façam* **barulho (ordem – 3ª pessoa)**

Empresta-me **o teu livro (pedido – 2ª pessoa)**

Empreste-me **o seu livro (pedido – 3ª pessoa)**

Meus amigos, não *sintamos* **ódio de ninguém (conselho – 1ª pessoa do plural)**

*** (embora seja interlocutor é flexionado na terceira pessoa)**

4.1. Formação do imperativo

O imperativo é semelhante ao presente do subjuntivo, com exceção da 2ª pessoa (tu e vós) que são formadas a partir do presente do indicativo sem a letra *s*.

PRES. IND.	PRES. SUBJ.	IMP. AFIRM.	IMP. NEG.
eu falo	fale	–	–
tu falas	fales	fala∅	não fales
ele fala	fale	fale	não fale
nós falamos	falemos	falemos	não falemos
vós falais	faleis	falai∅	não faleis
eles falam	falem	falem	não falem

Perceba que no imperativo afirmativo a segunda pessoa (tu e vós) não apresentou a letra s do presente do indicativo. Já o imperativo negativo conservou a forma do presente do subjuntivo em todas pessoas.

5. FORMAS NOMINAIS

São chamadas formas nominais, pois por si só elas não exprimem nem tempo nem modo verbal; exercendo em determinados contextos funções de substantivos ou adjetivos. Estas formas são divididas em três: *infinitivo, gerúndio* e *particípio.*

5.1. Infinitivo = Exprime a idéia de ação, é o próprio processo verbal. Pode ser *pessoal* **ou** *impessoal.*

1) Pessoal = **Apresenta flexão por estar relacionado às três pessoas do discurso, sendo que nas 1ª e 3ª pessoas do singular não apresenta desinências.**

Você foi elogiado por *ter* **terminado a prova rapidamente.**

Tu foste elogiado por *teres** **terminado a prova rapidamente.**

*** (Observe que o exemplo acima apresentou a desinência =** *es***)**

Emprega-se o *infinitivo pessoal* nos seguintes casos:

a) Quando apresentar sujeito próprio, diferente do sujeito da oração principal:

Eu vi os professores *falarem* **com o diretor.**

O problema era *continuarmos* **a brigar assim.**

b) Quando se deseja indeterminar o sujeito, devendo o verbo ficar na terceira pessoa do plural:

Lá de trás eu ouvi, *gritarem* **por socorro.**

c) Quando o sujeito é o mesmo da oração principal, mas vem antes do infinitivo pessoal.

Para nós *estudarmos* **esse assunto, precisamos de mais material**

d) Quando antes do infinitivo tiver uma preposição e o sujeito não está expresso na frase.

Nós falamos isto *por sermos* **amigos.**

Eles falaram isto *por serem* **amigos.**

2) Impessoal = *não* **apresenta flexão alguma. pois não se refere a nenhuma pessoa do discurso.**

É gostoso *viajar* **por navio**

É importante *lutar* **contra a fome no país.**

Emprega-se o *infinitivo impessoal* nos seguintes casos:

a) Quando não se referir a nenhum sujeito

É importante *controlar* **a inflação**

b) Em locuções verbais

Vamos *completar* **o tanque, amigo?**

c) Para substituir o imperativo

Atenção turma: *escrever!*

d) Antecedido de preposição *de* **mais os adjetivos** *fácil, bom, difícil, possível* **e outros parecidos, assumindo valor passivo.**

Isso é muito *fácil de fazer* **(ser feito)**

e) Antecedido da preposição, para substituir o gerúndio.

João está *a ler* **o livro (lendo)**

f) Antecedido de *é,* **com tom imperativo.**

Companheiros o que falta neste local *é trabalhar.*

g) Quando o sujeito do verbo é um pronome oblíquo.

Deixei-*os falar* **tranqüilamente**

Ele não *a* **obrigou** *estudar*

5.2. Gerúndio = Exprime a idéia de movimento e desempenha a função de adjetivo ou advérbio.

Emprega-se nos seguintes casos:

a) Indicar ação simultânea.

José gritava *dizendo* **a todos o motivo da revolta**

b) Depois de uma oração para expressar ação posterior.

A chuva caiu sobre a cidade, *destruindo* **várias casas**

c) No início da oração para indicar uma ação que começou antes da outra, porém prosseguindo ainda.

Chorando, **beijava o namorado com saudade.**

d) No início da oração para indicar uma ação realizada imediatamente a outra.

Pegando **a caneta, pôs-se a escrever.**

5.3. Particípio = Quando não empregado nos tempos compostos indica resultado de uma ação já concluída.

O Particípio flexiona-se normalmente em gênero, número e grau.

Escolhidas, **as turmas todos foram para as respectivas classes.**

Emprega-se também nos seguintes casos:

a) Na formação dos tempos compostos, neste caso não é flexionado.

Eles têm *estudado* **muito**

As meninas haviam *participado* **do concurso de Miss**

b) Na formação da voz passiva, neste caso é flexionado.

Eles foram *aprovados* **no exame**

As meninas foram *premiadas* **no concurso**

6. CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS

Depois de estudarmos o emprego de cada tempo verbal, estudaremos a classificação para, em seguida, conhecermos a formação dos tempos verbais.

Os verbos são classificados em dois grupos:

A) *Função* **= o verbo pode ser principal ou auxiliar**

B) *Flexão* **= o verbo pode ser regular, irregular, defectivo e abundante.**

6.1. Função do verbo

a) **Principal = É aquele que possui significação total, plena no enunciado:**

   Comprei **um lindo apartamento**

   João *estuda* **Inglês e Espanhol**

b) **Auxiliar = É aquele que perde sua significação ao juntar-se a uma forma nominal (infinitivo, gerúndio e particípio). Os verbos auxiliares mais comuns são:** *ser, estar, ter, haver, ir, vir* e *andar.*

   Eu *estou escrevendo* **o relatório**

   O relatório *foi escrito* **por mim**

Emprego de alguns auxiliares:*

1) *estar:*

a) para formar voz passiva (sujeito sofre ação)

O relatório *está feito*

b) para indicar ação duradoura, com o gerúndio do verbo principal:

Estou trabalhando **agora**

2) *ser:*

É usado para formar a voz passiva.

O relatório *foi escrito* **por mim**

3) *haver* e *ter:*

a) Usado apenas na formação dos tempos compostos, indicando as flexões de modo, tempo, número e pessoa.

Eles *tinham comprado* **o bilhete para o festival de teatro**

b) O verbo *ter* **seguido de preposição** *de* **mais** *infinitivo impessoal,* **indica idéia de obrigatoriedade.**

João *tem de trabalhar* **muito naquele projeto, caso queira aprovação.**

Fonte: **Conjugação dos Verbos em Português, Maria Aparecida Ryan, editora Ática, pp. 28-29.**

c) **O verbo** *haver* **seguido de preposição** *de* **mais** *infinitivo impessoal,* **indica idéia de intenção.**

Eles *hão de conquistar***.**

4) *vir:*

a) para indicar ação duradoura, com o gerúndio do verbo principal:

Ela *vem trabalhando* **muito naquele projeto**

b) pra indicar resultado de uma fato, neste caso vem seguido da preposição *a* **mais o** *infinitivo impessoal* **do verbo principal.**

Vim a conhecer **muito tarde a verdadeira personalidade daquele rapaz.**

5) *ir:*

a) para indicar futuro próximo com a certeza que a ação será realizada, é empregado no *presente do indicativo* **mais o** *infinitivo impessoal* **do verbo principal.**

Júlio *vai viajar* **no final do ano para Paris.**

6.2. Regular e irregular

a) *Regular =* **É aquele que seu radical é invariável e possui desinências normais.**

MODO INDICATIVO

PRESENTE: eu falo, tu falas, ele fala, nós falamos, vós falais, eles falam.

PRETÉRITO IMPERFEITO: eu falava, tu falavas, ele falava, nós falávamos, vós faláveis, eles falavam.

- **perceba como o radical** *FAL- não* **sofreu variação e as desinências seguiram um curso normal, parecido.**

b) *Irregular =* **É aquele em que radical e desinências sofrem variações.**

MODO INDICATIVO

PRESENTE: eu faço, tu fazes, ele faz, nós fazemos, vós fazeis, eles fazem

PRETÉRITO PERFEITO: eu fiz, tu fizeste, ele fez, nó fizemos, vós fizestes, eles fizeram.

- **perceba que o radical** *FAZ-* **sofreu muitas variações, assim como as desinências**

c) *Defectivo =* **É aquele que não possui conjugação completa, como os verbos falir, abolir, e os verbos que indicam fenômenos da natureza, chover, travejar etc.**

MODO INDICATIVO

PRESENTE: eu, tu, ele, nós falimos, vós falis, eles

- **perceba que este verbo no presente do indicativo só possui a primeira e segunda pessoas do plural.**

d) *Abundante:* **É aquele que possui mais de uma forma com valor equivalente. Normalmente, essa forma ocorre no particípio.**

aceito – aceitado, imprimido – impresso, morto-matado

diz tu – dize tu, faz tu – faze tu, requer tu – requere tu

e) *Anômalo:* **É aquele que possui mais de um radical na sua conjugação, seria um irregular ao extremo.**

MODO INDICATIVO

PRESENTE: eu sou, tu és, ele é, nós somos, vós sois, eles são

PRETÉRITO PERFEITO: eu fui, tu foste, ele foi, nós fomos, vós fostes, eles foram

*** perceba que a variação do radical neste caso é extrema: sou, és, fui etc.**

7. FLEXÃO VERBAL

Flexão verbal é a variação do verbo que pode ser em pessoa, número, tempo e modo.

FLEXÃO NÚMERO-PESSOAL = **Este flexão está ligada ao pronome pessoal, pois este é que permite a variação do verbo.**

7.1 Número

O verbo admite duas flexões por número:

a) singular: quando se refere a uma só pessoa ou coisa

Eu *escrevo* **sempre**

b) plural: quando se refere a mais de uma pessoa ou coisa

Ele *escreve* **sempre**

7.2 Pessoa

Há três pessoas que compõem a flexão verbal

a) 1ª pessoa = é a que fala

Eu *escrevo* **sempre / Nós** *escrevemos* **sempre**

b) 2ª pessoa = é a com que se fala

Tu *escreves* **sempre? / Vós** *escreveis* **sempre?**

c) 3ª pessoa = é a de quem se fala

Ele *escreve* **sempre / Eles** *escrevem* **sempre**

PRONOME	PESSOA E NÚMERO	VERBO NO PRESENTE
eu	**1ª pessoa do singular**	**falo**
tu	**2ª pessoa do singular**	**falas**
ele	**3ª pessoa do singular**	**fala**
nós	**1ª pessoa do plural**	**falamos**
vós	**2ª pessoa do plural**	**falais**
eles	**3ª pessoa do plural**	**falam**

OBSERVAÇÃO

A) Os pronomes de tratamento você, senhor, Vossa Senhoria etc. embora sejam segunda pessoa, são flexionados na *terceira pessoa.*

Você *escreve* **sempre?**
Vossa senhoria *escreve* **sempre?**

B) O pronome *Vós* **mesmo quando se referir a uma só pessoa, será flexionado no plural**

Senhor, *vós* **que** *sois* **tão generoso,** *ouvi* **minha prece**

FLEXÃO MODO-TEMPORAL: Esta flexão indica respectivamente a maneira e o tempo em que ocorre o fato verbal.

Modo: Indica a atitude do falante em relação a idéia expressa pelo verbo. Esta atitude pode ser de certeza, de dúvida, de ordem etc. São três os modos verbais:

a) *indicativo:* **Mostra um fato certo, preciso, tanto no presente, como no passado, como no futuro.**

Eu *compro* **imóvel (presente)**

Eu *comprei* **o imóvel (passado)**

Eu *comprarei* **o imóvel (futuro)**

b) *subjuntivo:* **Mostra um fato incerto, duvidoso, hipotético tanto no presente, como no passado, como no futuro**

Espero que você *compre* **o imóvel (presente)**

Se você *comprasse* **o imóvel, evitaria problemas (passado)**

Quando você *comprar* **o imóvel, evitará problemas (futuro)**

c) *imperativo:* **Indica ordem, desejo ou pedido**

Não *fume* **neste estabelecimento**

Por favor, Não *fume* **neste estabelecimento**

Participe **desta campanha**

Tempo: Indica a localização de tempo que ocorre o fato verbal que pode ser no presente, no passado ou no futuro.

a) *presente:* **O fato verbal ocorre no momento da fala**

Gosto **muito de ler Machado de Assis**

b) *passado:* **O fato verbal ocorreu anteriormente ao momento da fala**

Gostei **do jogo de ontem**

c) *futuro:* **O fato verbal ocorrerá após o momento da fala**

Gostarei **bastante de ir com vocês à festa**

8. VOZES VERBAIS

Voz do verbo é a flexão que indica se o sujeito pratica ou sofre a ação verbal

O professor *quebrou* **o giz**

neste caso o sujeito agente "professor" praticou a ação verbal

O giz *foi quebrado* **pelo professor**

neste caso o sujeito paciente "giz" sofreu a ação verbal.

8.1. Voz ativa = **o sujeito é o agente, aquele que pratica a ação verbal:**

O jogador *marcará* **um lindo gol**

O público *aplaudiu* **o cantor**

8.2. Voz passiva = **o sujeito é paciente, aquele que sofre a ação verbal:**

Um lindo gol *será marcado* **pelo jogador**

O cantor *foi aplaudido* **pelo público**

Perceba que "um lindo gol" e "o cantor" sofrem a ação do verbo, por isso o chamamos de sujeito paciente.

A voz passiva apresenta duas formas:

a) *passiva analítica* **= é formada por um verbo auxiliar (ser, estar, ficar) mais o particípio do verbo principal. O verbo auxiliar flexiona-se normalmente em modo, tempo, número e pessoa, já o verbo no particípio fica invariável.**

	VERBO AUXILIAR + PARTICÍPIO		
O CANTOR	*foi*	*aplaudido*	**PELO PUBLICO**
UM LINDO GOL	*será*	*marcado*	**PELO JOGADOR**

B) *passiva sintética* **= é formada pelo verbo que indica a ação mais o pronome se, denominado por pronome apassivador.**

verbo indicador da ação + pronome SE

Consertam – *se* **SAPATOS**

Consertam-se sapatos.

OBSERVAÇÕES

1) Lembre-se de que o verbo auxiliar na *voz passiva sintética* **é flexionado e o particípio Não.**

João *comprou* **o livro = O livro** *foi comprado* **por João**

João *comprará* **o livro = O livro** *será comprado* **por João**

Os meninos *compraram* **o livro = Os livro** *foram comprados* **pelos meninos**

2) **A voz passiva só é possível com verbos transitivos diretos, aqueles que não exigem preposições.**

O professor *aplicou* **a prova**

A prova *foi aplicada* **pelo professor**

O professor *precisa de* **silêncio (perceba que neste caso, não é possível fazer a passagem para voz passiva, pois o verbo precisar exige preposição** *de***)**

Silêncio *foi precisado* **pelo professor = ERRADO**

3) *Voz reflexiva* **= o sujeito é ao mesmo tempo agente e paciente, pratica e sofre a ação verbal.**

O lutador *feriu-se*

A criança *cortou-se* **com vidros**

Perceba que nos exemplos acima, os sujeitos sofrem e recebem a ação verbal.

---

* **Tome cuidado para não confundir ação reflexiva com ação de reciprocidade.**

Os lutadores *feriram-se*

Neste caso podemos entender que os lutadores *feriram-se* **um ao outro.**

---

9. FORMAÇÃO DOS TEMPOS

Para conjugar corretamente os verbos, não basta apenas conhecer os conceitos e os empregos dos tempos verbais, é necessário saber, também, como se formam.
Didaticamente costuma-se dividi-los em: *tempos primitivos* **e** *tempos derivados.*

São chamados *tempos primitivos* **pois a partir deles é que se origina os demais. Os tempos primitivos são:** *PRESENTE DO INDICATIVO, PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO* **e a forma nominal** *INFINITIVO*

A) PRESENTE DO INDICATIVO =

Dá origem ao —>
- **Presente do subjuntivo**
- **Pretérito imperfeito do indicativo**
- **Imperativo**

B) PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO =

Dá origem ao —>
- **Pretérito mais-que-perfeito do indicativo**
- **Futuro do subjuntivo**
- **Pretérito imperfeito do subjuntivo**

C) INFINITIVO IMPESSOAL =

Dá origem ao —>	Futuro do presente do indicativo Futuro do pretérito do indicativo Infinitivo pessoal Particípio Gerúndio

Exemplos:

Presente do indicativo	Pretérito imperfeito indicativo Presente do subjuntivo Imperativo

Radical do presente do indicativo	Pretérito imperfeito do indicativo	Presente do subjuntivo
fal	falava falavas falava falávamos faláveis falavam	fale fales fale falemos faleis falem
vend	vendia vendias vendia vendíamos vendíeis vendiam	venda vendas venda vendamos vendais vendam
part	partia partias partia partíamos partíeis partiam	parta partas parta partamos partais partam

Presente do indicativo	Presente do subjuntivo	Imperativo afirmativo	Imperativo negativo
falo falas fala falamos falais falam	fale fales fale falemos faleis falem	– fala fale falemos falai falem	– não fales não fale não falemos não faleis não falem

Pretérito perfeito do indicativo	Pretérito mais-que-perfeito do indicativo Pretérito imperfeito do subjuntivo Futuro do subjuntivo

Tema do pret. perf. do indic.	Pret. mais-que-perf. do indic.	Pret. imperf. do subjuntivo	Futuro do subjuntivo
fala	falara falaras falara faláramos faláreis falaram	falasse falasses falasse falássemos falásseis falassem	falar falares falar falarmos falardes falarem
vende	vendera venderas vendera vendêramos vendêreis venderam	vendesse vendesses vendesse vendêssemos vendêsseis vendessem	vender venderes vender vendermos venderdes venderem
parti	partira partiras partira partíramos partíreis partiram	partisse partisses partisse partíssemos partísseis partissem	partir partires partir partimos partirdes partirem

Infinitivo impessoal | **Futuro do presente**
Futuro do pretérito
Infinitivo pessoal

Infinitivo impessoal	Futuro do pres. do indicativo	Fut. do pret. do indicativo	Infinitivo pessoal
falar	falarei falarás falará falaremos falareis falarão	falaria falarias falaria falaríamos falaríeis falariam	falar falares falar falarmos falardes falarem
vender	venderei venderás venderá venderemos vendereis venderão	venderia venderias venderia venderíamos venderíeis venderiam	vender venderes vender vendermos venderdes venderem
partir	partirei partirás partirá partiremos partireis partirão	partiria partirias partiria partiríamos partiríeis partiriam	partir partires partir partirmos partirdes partirem

RESUMO DA UNIDADE 1

Definição = Verbo é a palavra que exprime ação, estado, mudança de estado e fenômeno da natureza situados no tempo.

Conjugações =
1ª conjugação – *ar* (fala*r*)
2ª conjugação – *er* (corr*er*)
3ª conjugação – *ir* (part*ir*)

Tempos simples no indicativo

presente – eu falo

pretérito
perfeito = eu falei
imperfeito = eu falava
mais-que-perfeito = eu falara

futuro
do presente = eu falarei
do pretérito = eu falaria

Tempos simples no subjuntivo

presente = que eu fale
pretérito imperfeito = se eu falasse
futuro = quando eu falar

Modos verbais

Indicativo – exprime certeza = eu *falo* inglês
Subjuntivo – exprime hipótese = se eu *falasse* inglês...
Imperativo – exprime ordem, pedido = *Fale* inglês para eu ver

Formas nominais

Infinitivo = terminação -*r* **= fala***r*
Gerúndio = terminação -*ndo* **= fala***ndo*
Particípio = terminação -*ado/ido* **= fal***ado*

Vozes verbais

Ativa = sujeito pratica ação = ele *comentou* **o trabalho**

Passiva = sujeito sofre a ação = o trabalho *foi* **comentado por ele (voz passiva analítica)**

Comentou-se **o trabalho (voz passiva sintética)**

Reflexiva = sujeito pratica e sofre a ação = o garoto *cortou-se*

Imperativo – formação

Afirmativo = você, nós, vocês = são iguais ao presente do subjuntivo (fale você, falemos nós, falem vocês)

tu e vós = são semelhantes ao presente do indicativo sem a letra s (tu falas = fala tu / vós falais = falai vós)

Negativo = Não apresenta nenhum tipo de variação, sendo todas as formas iguais às do presente do subjuntivo (não fala você, não falas tu, não falemos nós, não falais vós, não falem vocês).

Unidade 2

MODELOS DE CONJUGAÇÃO

Veremos nesta unidade modelos de conjugação dos verbos mais freqüentes na Língua Portuguesa bem como informações precisas e importantes em relação à conjugação e aplicação destes verbos.

Mesmo que algum verbo seja omitido nesta unidade, será possível a sua conjugação, pois haverá um outro com conjugação similar.

Em casos de dúvidas quanto ao emprego, basta dirigir-se à unidade anterior que todos os conceitos gramaticais e de aplicações lá se encontram.

Verbos
Regulares

1. Acentuar

Indicativo

Presente
acentuo
acentuas
acentua
acentuamos
acentuais
acentuam

Imperfeito
acentuava
acentuavas
acentuava
acentuávamos
acentuáveis
acentuavam

Perfeito
acentuei
acentuaste
acentuou
acentuamos
acentuastes
acentuaram

Mais-que-perfeito
acentuava
acentuaras
acentuara
acentuáramos
acentuáreis
acentuaram

Futuro do presente
acentuarei
acentuarás
acentuará
acentuaremos
acentuareis
acentuarão

Futuro do pretérito
acentuaria
acentuarias
acentuaria
acentuaríamos
acentuaríeis
acentuariam

Subjuntivo

Presente
acentue
acentues
acentue
acentuemos
acentueis
acentuem

Imperfeito
acentuasse
acentuasses
acentuasse
acentuássemos
acentuásseis
acentuassem

Futuro
acentuar
acentuares
acentuar
acentuarmos
acentuardes
acentuarem

Imperativo

Afirmativo
acentua
acentue
acentuemos
acentuai
acentuem

Negativo
não acentues
não acentue
não acentuemos
não acentueis
não acentuem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
acentuar

Infinitivo pessoal
acentuar
acentuares
acentuar
acentuarmos
acentuardes
acentuarem

Gerúndio
acentuando

Particípio
acentuado

2. Almoçar

Indicativo

Presente
almoço
almoças
almoça
almoçamos
almoçais
almoçam

Imperfeito
almoçava
almoçavas
almoçava
almoçávamos
almoçáveis
almoçavam

Perfeito
almocei
almoçastes
almoçou
almoçamos
almoçastes
almoçaram

Mais-que-perfeito
almoçara
almoçaras
almoçara
almoçáramos
almoçáreis
almoçaram

Futuro do presente
almoçarei
almoçarás
almoçará
almoçaremos
almoçareis
almoçarão

Futuro do pretérito
almoçaria
almoçarias
almoçaria
almoçaríamos
almoçaríeis
almoçariam

Subjuntivo

Presente
almoce
almoces
almoce
almocemos
almoceis
almocem

Imperfeito
almoçasse
almoçasses
almoçasse
almoçássemos
almoçásseis
almoçassem

Futuro
almoçar
almoçares
almoçar
almoçarmos
almoçardes
almoçarem

Imperativo

Afirmativo
almoça
almoce
almocemos
almoçai
almocem

Negativo
não almoces
não almoce
não almocemos
não almoceis
não almocem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
almoçar

Infinitivo pessoal
almoçar
almoçares
almoçar
almoçarmos
almoçardes
almoçarem

Gerúndio
almoçando

Particípio
almoçado

3. Argüir

O u tônico seguido de e ou i leva acento agudo; se for átono recebe o trema.

Indicativo

Presente
arguo
argúis
argúi
argüimos
argüis
argúem

Imperfeito
argüia
argüias
argüíamos
argüíeis
argüiam

Perfeito
argüi
argüiste
argüiu
argüirmos
argüistes
argüiram

Mais-que-perfeito
argüira
argüiras
argüira
argüíramos
argüíreis
argüiram

Futuro do presente
argüirei
argüiras
argüira
argüíremos
argüíreis
argüir*ão*

Futuro do pretérito
argüiria
argüirias
argüiria
argüiríamos
argüiríeis
argüiriam

Subjuntivo

Presente
argua
arguas
argua
arguarmos
arguais
arguam

Imperfeito
argüisse
argüisses
argüisse
argüíssemos
argüísseis
argüissem

Futuro
argüir
argüires
argüir
argüirmos
argüirdes
argüirem

Imperativo

Afirmativo
argúi
argua
arguarmos
argüi
arguam

Negativo
não arguas
não argua
não arguarmos
não arguais
não arguam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
argüir

Infinitivo pessoal
argüir
argüires
argüir
argüirmos
argüirdes
argüirem

Gerúndio
argüindo

Particípio
argüido

4. Averiguar

O u tônico seguido de e recebe acento agudo: quando átono, recebe trema.

Indicativo

Presente
averiguo
averiguas
averigua
averiguamos
averiguais
averiguam

Imperfeito
averiguava
averiguavas
averiguava
averiguávamos
averiguáveis
averiguavam

Perfeito
averigüei
averiguaste
averiguou
averiguamos
averiguastes
averiguaram

Mais-que-perfeito
averiguara
averiguaras
averiguara
averiguávamos
averiguáveis
averiguavam

Futuro do presente
averiguarei
averiguarás
averiguará
averiguaremos
averiguareis
averiguarão

Futuro do pretérito
averiguaria
averiguarias
averiguaria
averiguaríamos
averiguaríeis
averiguariam

Subjuntivo

Presente
averigúe
averigúes
averigúe
averigüemos
averigüeis
averigúem

Imperfeito
averiguasse
averiguasses
averiguasse
averiguássemos
averiguásseis
averiguassem

Futuro
averiguar
averiguares
averiguar
averiguarmos
averiguardes
averiguarem

Imperativo

Afirmativo
averigua
averigúe
averigüemos
averiguai
averigúem

Negativo
não averigúe
não averigúe
não averigüemos
não averigüeis
não averigúem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
averiguar

Infinitivo pessoal
averiguar
averiguares
averiguar
averiguarmos
averiguardes
averiguarem

Gerúndio
averiguando

Particípio
averiguado

5. Bater

Indicativo

Presente
bato
bates
bate
batemos
bateis
batem

Pretérito imperfeito
batia
batias
batia
batíamos
batíeis
batiam

Pretérito perfeito simples
bati
bateste
bateu
batemos
batestes
bateram

Pretérito mais-que-perfeito simples
batera
bateras
batera
batêramos
batêreis
bateram

Futuro do presente simples
baterei
baterás
baterá
bateremos
batereis
baterão

Futuro do pretérito simples
bateria
baterias
bateria
bateríamos
bateríeis
bateriam

Subjuntivo

Presente
bata
batas
bata
batamos
batais
batam

Pretérito imperfeito
batesse
batesses
batesse
batêssemos
batêsseis
batessem

Futuro simples
bater
bateres
bater
batermos
baterdes
baterem

Imperativo

Afirmativo
bate(tu)
bata(você)
batamos(nós)
batei(vós)
batam(vocês)

Negativo
não batas(tu)
não bata(vocês)
não batamos(nós)
não batais(vós)
não batam(vocês)

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
bater

Infinitivo pessoal
bater
bateres
bater
batermos
baterdes
baterem

Gerúndio
batendo

Particípio
batido

6. Cantar

Modo Indicativo

Presente
canto
cantas
canta
cantamos
cantais
cantam

Pretérito imperfeito
cantava
cantavas
cantava
cantávamos
cantáveis
cantavam

Pretérito perfeito simples
cantei
cantaste
cantou
cantamos
cantastes
cantaram

Pretérito mais-que-perfeito simples
cantaras
cantara
cantara
cantáramos
cantáreis
cantaram

Futuro do presente simples
cantarei
cantarás
cantará
cantaremos
cantareis
cantarão

Futuro do pretérito simples
cantaria
cantarias
cantaria
cantaríamos
cantaríeis
cantariam

Modo Subjuntivo

Presente
cante
cantes
cante
cantemos
canteis
cantem

Pretérito imperfeito
cantasse
cantasses
cantasse
cantássemos
cantásseis
cantassem

Futuro simples
cantar
cantares
cantar
cantarmos
cantardes
cantarem

Modo Imperativo

Afirmativo
canta(tu)
cante(você)
cantemos(nós)
cantai(vós)
cantem(vocês)

Negativo
não cantes(tu)
não cante(você)
não cantemos(nós)
não canteis(vós)
não cantem(vocês)

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
cantar

Infinitivo pessoal
cantar
cantares
cantar
cantarmos
cantardes
cantarem

Gerúndio
cantando

Particípio
cantado

7. Copiar

Os verbos terminados em -iar normalmente são regulares. Há, porém, cinco verbos terminados em -iar que são irregulares: mediar, ansiar, remediar, incendiar, odiar.

Indicativo

Presente
copio
copias
copia
copiamos
copiais
copiam

Imperfeito
copiava
copiavas
copiava
copiávamos
copiáveis
copiavam

Perfeito
copiei
copiastes
copiou
copiamos
copiastes
copiaram

Mais-que-perfeito
copiara
copiaras
copiara
copiáramos
copiáreis
copiaram

Futuro do presente
copiarei
copiarás
copiará
copiaremos
copiareis
copiarão

Futuro do pretérito]
copiaria
copiarias
copiaria
copiaríamos
copiaríeis
copiariam

Subjuntivo

Presente
copie
copies
copie
copiemos
copieis
copiem

Imperfeito
copiasse
copiasses
copiasse
copiássemos
copiásseis
copiassem

Futuro
copiar
copiares
copiar
copiarmos
copiardes
copiarem

Imperativo

Afirmativo
copia
copie
copiemos
copiai
copiem

Negativo
não copies
não copie
não copiemos
não copieis
não copiem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
copiar

Infinitivo pessoal
copiar
copiares
copiar
copiarmos
copiardes
copiarem

Gerúndio
copiando

Particípio
copiado

8. Distinguir

Perceba a variação gráfica no Presente do Indicativo, primeira pessoa, e nas formas derivadas.

Indicativo

Presente
distingo
distingues
distingue
distinguimos
distinguis
distinguem

Imperfeito
distinguia
distinguias
distinguia
distinguíamos
distinguíeis
distinguiam

Perfeito
distingui
distinguiste
distinguiu
distinguimos
distinguistes
distinguiram

Mais-que-perfeito
distinguira
distinguiras
distinguira
distinguíramos
distinguíreis
distinguiram

Futuro do presente
distinguirei
distinguirás
distinguirá
distinguiremos
distinguireis
distinguirão

Futuro do pretérito
distinguiria
distinguirias
distinguiria
distinguiríamos
distinguiríeis
distinguiriam

Subjuntivo

Presente
distinga
distingas
distinga
distingamos
distingais
distingam

Imperfeito
distinguisse
distinguisses
distinguisse
distinguíssemos
distinguísseis
distinguissem

Futuro
distinguir
distinguires
distinguir
distinguirmos
distinguirdes
distinguirem

Imperativo

Afirmativo
distingue
distinga
distingamos
distingui
distingam

Negativo
não distingas
não distinga
não distingamos
não distingais
não distigam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
distinguir

Infinitivo pessoal
distinguir
distinguires
distinguir
distinguirmos
distinguirdes
distinguirem

Gerúndio
distinguindo

Particípio
distinguido

9. Enxaguar

Indicativo

Presente
enxáguo
enxáguas
enxágua
enxaguamos
enxaguais
enxáguam

Imperfeito
enxaguava
enxaguavas
enxaguava
enxaguávamos
enxaguáveis
enxaguavam

Perfeito
enxagüeie
enxaguaste
enxaguou
enxaguamos
enxaguastes
enxaguaram

Mais-que-perfeito
enxaguara
enxaguaras
enxaguara
enxaguávamos
enxaguáveis
enxaguaram

Futuro do presente
enxaguarei
enxaguarás
enxaguará
enxaguaremos
enxaguareis
enxaguarão

Futuro do pretérito
enxaguaria
enxaguarias
enxaguaria
enxaguaríamos
enxaguaríeis
enxaguariam

Subjuntivo

Presente
enxágüe
enxágües
enxágüe
enxagüemos
enxagüeis
enxágüem

Imperfeito
enxaguasse
enxaguasses
enxaguasse
enxaguássemos
enxaguásseis
enxaguassem

Futuro
enxaguar
enxaguares
enxaguar
enxaguarmos
enxaguardes
enxaguarem

Imperativo

Afirmativo
enxágua
enxágüe
enxagüemos
enxaguai
enxágüem

Negativo
não enxágües
não enxágüe
não enxagüemos
não enxagüeis
não enxágüem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
enxaguar

Infinitivo pessoal
enxaguar
enxaguares
enxaguar
enxaguarmos
enxaguardes
enxaguarem

Gerúndio
enxaguando

Particípio
enxaguado

10. Erguer

Apresenta mudança do Presente do Indicativo e nas formas derivadas.

Indicativo

Presente
ergo
ergues
ergue
erguemos
ergueis
erguem

Imperfeito
erguia
erguias
erguia
erguíamos
erguíeis
erguiram

Perfeito
ergui
ergueste
ergueu
erguemos
erguestes
ergueram

Mais-que-perfeito
erguera
ergueras
erguera
erguêramos
erguêreis
ergueram

Futuro do presente
erguerei
erguerás
erguerá
ergueremos
erguereis
erguerão

Futuro do pretérito
ergueria
erguerias
ergueria
ergueríamos
ergueríeis
ergueram

Subjuntivo

Presente
erga
ergas
erga
ergamos
ergais
ergam

Imperfeito
erguesse
erguesses
erguesse
erguêssemos
erguêsseis
erguessem

Futuro
erguer
ergueres
erguer
erguermos
erguerdes
erguerem

Imperativo

Afirmativo
ergue
erga
ergamos
erguei
ergam

Negativo
não ergas
não erga
não ergamos
não ergais
não ergam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
erguer

Infinitivo pessoal
erguer
ergueres
erguer
erguermos
erguerdes
erguerem

Gerúndio
erguendo

Particípio
erguido

11. Estar

Modo Indicativo

Presente
estou
estás
está
estamos
estais
estão

Pretérito imperfeito
estava
estavas
estava
estávamos
estáveis
estavam

Pretérito perfeito simples
estive
estiveste
esteve
estivemos
estivesse
estiveram

Pretérito mais-que-perfeito simples
estivera
estiveras
estivera
estivéramos
estivéreis
estiveram

Futuro do presente simples
estarei
estarás
estará
estaremos
estareis
estarão

Futuro do pretérito simples
estaria
estarias
estaria
estaríamos
estaríeis
estariam

Modo Subjuntivo

Presente
esteja
estejas
esteja
estejamos
estejais
estejam

Pretérito imperfeito
estivesse
estivesses
estivesse
estivéssemos
estivésseis
estivessem

Futuro simples
estiver
estiveres
estiver
estivermos
estiverdes
estiverem

Modo Imperativo

Afirmativo
está(tu)
esteja(você)
estejamos(nós)
estai(vós)
estejam(vocês)

Negativo
não estejas(tu)
não esteja(você)
não estejamos(nós)
não estejais(vós)
não estejam(vocês)

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
estar

Infinitivo pessoal
estar
estares
estar
estarmos
estardes
estarem

Gerúndio
estando

Particípio
estado

12. Ficar

Indicativo

Presente
fico
ficas
fica
ficamos
ficais
ficam

Imperfeito
ficava
ficavas
ficava
ficávamos
ficáveis
ficavam

Perfeito
fiquei
ficaste
ficou
ficamos
ficastes
ficaram

Mais-que-perfeito
ficara
ficaras
ficara
ficáramos
ficáreis
ficaram

Futuro do presente
ficarei
ficarás
ficará
ficaremos
ficareis
ficarão

Futuro do pretérito
ficaria
ficarias
ficaria
ficaríamos
ficaríeis
ficariam

Subjuntivo

Presente
fique
fiques
fique
fiquemos
fiqueis
fiquem

Imperfeito
ficasse
ficasses
ficasse
ficássemos
ficásseis
ficassem

Futuro
ficar
ficares
ficar
ficarmos
ficardes
ficarem

Inperativo

Afirmativo
fica
fique
fiquemos
ficai
fiquem

Negativo
não fiques
não fique
não fiquemos
não fiqueis
não fiquem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
ficar

Infinitivo pessoal
ficar
ficares
ficar
ficarmos
ficardes
ficarem

Gerúndio
ficando

Particípio
ficado

13. Fingir

Indicativo

Presente
finjo
finges
finge
fingimos
fingis
fingem

Imperfeito
fingia
fingias
fingia
fingíamos
fingíeis
fingiam

Perfeito
fingi
fingiste
fingiu
fingimos
fingistes
fingiram

Mais-que-perfeito
fingira
fingiras
fingira
fingíramos
fingíreis
fingiram

Futuro do presente
fingirei
fingirás
fingirá
fingiremos
fingireis
fingirão

Futuro do pretérito
fingiria
fingirias
fingiria
fingiríamos
fingiríeis
fingiram

Subjuntivo

Presente
finja
finjas
finja
finjamos
finjais
finjam

Imperfeito
fingisse
fingisses
fingisse
fingíssemos
fingísseis
fingissem

Futuro
fingir
fingires
fingir
fingirmos
fingirdes
fingirem

Imperativo

Afirmativo
finge
finja
finjamos
fingi
finjam

Negativo
não finjas
não finja
não finjamos
não finjais
não finjam

Formas Nominais

Infinitivo Impessoal
fingir

Infinitivo Pessoal
fingir
fingires
fingir
fingirmos
fingirdes
fingirem

Gerúndio
fingindo

Particípio
fingido

14. Haver

Modo Indicativo

Presente
hei
hás
hás
havemos
haveis
hão

Pretérito imperfeito
havia
havias
havia
havíamos
havíeis
haviam

Pretérito perfeito simples
houve
houvesse
houve
houvemos
houvestes
houveram

Pretérito mais-que-perfeito simples
houvera
houveras
houvera
houvéramos
houvéreis
houveram

Futuro do presente simples
haverei
haverás
haverá
haveremos
havereis
haverão

Futuro do pretérito simples
haveria
haverias
haveria
haveríamos
haveríeis
haveriam

Subjuntivo

Presente
haja
hajas
hajamos
hajais
hajam

Pretérito imperfeito
houvesse
houvesses
houvesse
houvéssemos
houvésseis
houvessem

Futuro simples
houver
houveres
houver
houvemos
houverdes
houverem

Modo Imperativo

Afirmativo
há(tu)
haja(você)
hajamos(nós)
havei(vós)
hajam(vocês)

Negativo
não hajas(tu)
não haja(você)
não hajamos(nós)
não hajais(vós)
não hajam(vocês)

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
haver

Infinitivo pessoal
haver
haveres
haver
havermos
haverdes
haverem

Gerúndio
havendo

Particípio
havido

15. Indignar-se

Indicativo

Presente
indigno-me
indignas-te
indigna-se
indignamo-nos
indignais-vos
indignam-se

Imperfeito
indignava-se
indignavas-te
indignava-se
indignávamos-nos
indignáveis-vos
indgnavam-se

Perfeito
indignei-me
indignaste-te
indignou-se
indignamo-nos
indignastes-vos
indignaram-se

Mais-que-perfeito
indignaram-me
indignaras-te
indignara-se
indignáramo-nos
indignáreis-vos
indignaram-se

Futuro do Presente
indignar-me-ei
indignar-te-ás
indignar-se-á
indignar-nos-emos
indignar-vos-eis
indignar-se-ão

Futuro do Pretérito
indignar-me-ia
indignar-te-ias
indignar-se-ia
indignar-nos-íamos
indignar-vos-íeis
indignar-se-iam

Subjuntivo

Presente
eu me indigne
tu te indignes
ele se indigne
nós nos indignemos
vós vos indigneis
eles se indignem

Imperfeito
eu me indignasse
tu te indignasses
ele se indignasse
nós nos indignássemos
vós vos indignásseis
eles se indignassem

Futuro
eu me indignar
tu te indignares
ele se indignar
nós nos indigarmos
vós vos indignardes
eles se indignarem

Imperativo

Afirmativo
indigna-te
indigne-se
indignemo-nos
indignai-vos
indignem-se

Negativo
não te indignes
não se indigne
não nos indignemos
não vos indigneis
não se indignem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
indignar-se

Infinitivo pessoal
indignar-me
indignares-te
indignar-se
indignarmo-nos
indignardes-vos
indignarem-se

Gerúndio
indignando-se

Particípio
indignado

16. Jogar

Indicativo

Presente
jogo
jogas
joga
jogamos
jogais
jogam

Imperfeito
jogava
jogavas
jogava
jogávamos
jogáveis
jogavam

Perfeito
joguei
jogaste
jogou
jogamos
jogastes
jogaram

Mais-que-perfeito
jogara
jogaras
jogara
jogáramos
jogáreis
jogaram

Futuro do presente
jogarei
jogarás
jogará
jogaremos
jogareis
jogarão

Futuro do pretérito
jogaria
jogarias
jogaria
jogaríamos
jogarieis
jogariam

Subjuntivo

Presente
jogue
jogues
jogue
joguemos
jogueis
joguem

Imperfeito
jogasse
jogasses
jogasse
jogássemos
jogásseis
jogassem

Futuro
jogar
jogares
jogar
jogarmos
jogardes
jogarem

Imperativo

Afirmativo
joga
jogue
joguemos
jogai
joguem

Negativo
não jogues
não jogue
não joguemos
não jogueis
não joguem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
jogar

Infinitivo pessoal
jogar
jogares
jogar
jogarmos
jogardes
jogarem

Gerúndio
jogando

Particípio
jogado

17. Magoar

Indicativo

Presente
Magôo
magoas
magoa
magoamos
magoais
magoam

Imperfeito
magoava
magoavas
magoava
magoávamos
magoáveis
magoavam

Perfeito
magoei
magoaste
magoou
magoamos
magoastes
magoaram

Mais-que-perfeito
magoara
magoaras
magoara
magoáramos
magoáreis
magoaram

Futuro do presente
magoarei
magoarás
magoará
magoaremos
magoareis
magoarão

Futuro do pretérito
magoaria
magoarias
magoaria
magoaríamos
magoaríeis
magoariam

Subjuntivo

Presente
magoe
magoes
magoe
magoemos
magoeis
magoem

Imperfeito
magoasse
magoasses
magoasse
magoássemos
magoásseis
magoassem

Futuro
magoar
magoares
magoar
magoarmos
magoardes
magoarem

Imperativo

Afirmativo
magoa
magoe
magoaremos
magoai
magoem

Negativo
não magoes
não magoe
não magoemos
não magoeis
não magoem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
magoar

Infinitivo pessoal
magoar
magoares
magoar
magoarmos
magoardes
magoarem

Gerúndio
magoando

Particípio
magoado

18. Mobiliar

Indicativo

Presente
mobílio
mobílias
mobília
mobiliamos
mobiliais
mobíliam

Imperfeito
mobiliava
mobiliavas
mobiliava
mobiliávamos
mobiliáveis
mobiliavam

Perfeito
mobiliei
mobiliaste
mobiliou
mobiliamos
mobiliastes
mobiliaram

Mais-que-perfeito
mobiliara
mobiliaras
mobiliara
mobiliáramos
mobiliáreis
mobiliaram

Futuro do presente
mobiliarei
mobiliarás
mobiliará
mobiliaremos
mobiliareis
mobiliarão

Futuro do pretérito
mobiliaria
mobiliarias
mobiliaria
mobiliaríamos
mobiliaríeis
mobiliariam

Subjuntivo

Presente
mobílie
mobílies
mobílie
mobiliemos
mobilieis
mobíliem

Imperfeito
mobiliasse
mobiliasses
mobiliasse
mobiliássemos
mobiliásseis
mobiliassem

Futuro
mobiliar
mobiliares
mobiliar
mobiliarmos
mobiliardes
mobiliarem

Imperativo

Afirmativo
mobília
mobílie
mobiliemos
mobiliai
mobíliem

Negativo
não mobílies
não mobílie
não mobiliemos
não mobilieis
não mobíliem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
mobiliar

Infinitivo pessoal
mobiliar
mobiliares
mobiliar
mobiliarmos
mobiliardes
mobiliarem

Gerúndio
mobiliando

Particípio
mobiliado

19. Moer

Indicativo

Presente
môo
mois
mói
moemos
moeis
moem

Imperfeito
moía
moías
moía
moíamos
moíeis
moíam

Perfeito
moí
moeste
moeu
moemos
moestes
moeram

Mais-que-perfeito
moera
moeras
moera
moêramos
moêreis
moeram

Futuro do presente
moerei
moerás
moerá
moeremos
moereis
moerão

Futuro do pretérito
moeria
moerias
moeria
moeríamos
moeríeis
moeriam

Subjuntivo

Presente
moa
moas
moa
moamos
moais
moam

Imperfeito
moesse
moesses
moesse
moêssemos
moêsseis
moessem

Futuro
moer
moeres
moer
moermos
moerdes
moerem

Imperativo

Afirmativo
mói
moa
moamos
moei
moam

Negativo
não moas
não moa
não moamos
não moais
não moam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
moer

Infinitivo pessoal
moer
moeres
moer
moermos
moerdes
moerem

Gerúndio
moendo

Particípio
moído

20. Obliquar

O u tônico de e recebe acento agudo; quando átono, leva trema.

Indicativo

Presente
obliquo
obliquas
obliqua
obliquamos
obliquais
obliquam

Imperfeito
obliquava
obliquavas
obliquava
obliquávamos
obliquáveis
obliquavam

Perfeito
obliqüei
obliquaste
obliquou
obliquamos
obliquastes
obliquaram

Mais-que-perfeito
obliquara
obliquaras
obliquara
obliquáramos
oliquáreis
obliquaram

Futuro do presente
obliquarei
obliquarás
obliquará
obliquaremos
obliquareis
obliquarão

Futuro do pretérito
obliquaria
obliquarias
obliquaria
obliquaríamos
obliquaríeis
obliquariam

Subjuntivo

Presente
obliqúe
obliqúes
obliqúe
obliqüemos
obliqüeis
obliqúem

Imperfeito
obliquasse
obliquasses
obliquasse
obliquássemos
obliquásseis
obliquassem

Futuro
obliquar
obliquares
obliquar
obliquarmos
obliquardes
obliquarem

Imperativo

Afirmativo
obliqua
obliq*ú*e
obliqüemos
obliaquai
obliq*ú*em

Negativo
não obliqúes
não obliqúe
não obliqüemos
não obliqüeis
não obliqúem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
obliquar

Infinitivo pessoal
obliquar
obliquares
obliquar
obliquarmos
obliquardes
obliquarem

Gerúndio
obliquando

Particípio
obliquado

21. Obstar

Indicativo

Presente
obsto
obtas
obsta
obstamos
obstais
obstam

Imperfeito
obstava
obstavas
obstava
obstávamos
obstáveis
obstavam

Perfeito
obstei
obstaste
obstou
obstamos
obstastes
obstaram

Mais-que-perfeito
osbstara
obstaras
obstara
obstáramos
obstáreis
obstaram

Futuro do presente
obstarei
obstarás
obstará
obstaremos
obstareis
obstarão

Futuro do pretérito
obstaria
obstarias
obstaria
obstaríamos
obstaríeis
obstaríam

Subjuntivo

Presente
obste
obstes
obste
obstemos
obsteis
obstem

Imperfeito
obstasse
obstasses
obstasse
obstássemos
obstásseis
obstassem

Futuro
obstar
obstares
obstar
obstarmos
obstardes
obstarem

Imperativo

Afirmativo
obsta
obste
obstemos
obstai
obstem

Negativo
não obstes
não obste
não obstemos
não obsteis
não obstem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
obstar

Infinitivo pessoal
obstar
obstares
obstar
obstarmos
obstardes
obstarem

Gerúndio
obstando

Particípio
obstado

22. Optar

Indicativo

Presente
opto
optas
opta
optamos
optais
optam

Imperfeito
optava
optavas
optava
optávamos
optáveis
optavam

Perfeito
optei
optaste
optou
optamos
optastes
optaram

Mais-que-perfeito
optara
optaras
optara
optáramos
optáreis
optaram

Futuro do presente
optarei
optarás
optará
optaremos
optareis
optarão

Futuro do pretérito
optaria
optarias
optaria
optaríamos
optaríeis
optariam

Subjuntivo

Presente
opte
optes
opte
optemos
opteis
optem

Imperfeito
optasse
optasses
optasse
optássemos
optásseis
optassem

Futuro
optar
optares
optar
optarmos
optardes
optarem

Imperativo

Afirmativo
opta
opte
optemos
optai
optem

Negativo
não optes
não opte
não optemos
não opteis
não optem

Formas Nominais

Infinitivo Impessoal
optar

Infinitivo pessoal
optar
optares
optar
optarmos
optardes
optarem

Gerúndio
optando

Particípio
optado

23. Partir

Modo Indicativo

Presente
parto
partes
parte
partimos
partis
partem

Pretérito imperfeito
partia
partias
partia
partíamos
partíeis
partiam

Pretérito perfeito simples
parti
partiste
partiu
partimos
partistes
partiram

Pretérito mais-que-perfeito simples
partira
partiras
partira
partíramos
partíreis
partiram

Futuro do presente simples
partirei
partirás
partirá
partiremos
partireis
partirão

Futuro do pretérito simples
partiria
partirias
partiria
partiríamos
partiríeis
partiriam

Modo Subjuntivo

Presente
parta
partas
parta
partamos
partais
partam

Pretérito imperfeito
partisse
partisses
partisse
partíssemos
partísseis
partissem

Futuro simples
partir
partires
partir
partimos
partides
partirem

Modo Imperativo

Afirmativo
parte(tu)
parta(você)
partamos(nós)
parti(vós)
partam(vocês)

Negativo
não partas(tu)
não parta(você)
não partamos(nós)
não partais(vós)
não partam(vocês)

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
partir

infinitivo pessoal
partir
partires
partir
partirmos
partirdes
partirem

Gerúndio
partindo

Particípio
partido

24. Reger

Indicativo

presente
rejo
reges
rege
regemos
regeis
regem

Imperfeito
regia
regias
regia
regíamos
regíeis
regiam

Perfeito
regi
regeste
regeu
regemos
regestes
regeram

Mais-que-perfeito
regera
regeras
regera
regêramos
regêreis
regeram

Futuro do presente
regerei
regerás
regerá
regeremos
regereis
regerão

Futuro do pretérito
regeria
regerias
regeria
regeríamos
regeríeis
regeriam

Subjuntivo

Presente
reja
rejas
reja
rejamos
rejais
rejam

Imperfeito
regesse
regesses
regesse
regêssemos
regêsseis
regessem

Futuro
reger
regeres
reger
regermos
regerdes
regerem

Imperativo

Afirmativo
rege
reja
rejamos
regei
rejam

Negativo
não rejas
não reja
não rejamos
não rejais
não rejam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
reger

Infinitivo pessoal
reger
regeres
reger
regermos
regerdes
regerem

Gerúndio
regendo

Particípio
regido

25. Restituir

Os verbos terminados em -uir não sofrem alteração no radical, exceto construir e destruir.

Indicativo

Presente
restituo
restituis
restitui
restituímos
restituís
restituem

Imperfeito
restituía
restituías
restituía
restituíamos
restituíeis
restituíam

Perfeito
restituí
restituíste
restituiu
restituímos
restituístes
restituíram

Mais-que-perfeito
restituíra
restituíras
restituíra
restituíramos
restituíreis
restituíram

Futuro do presente
restituirei
restituirás
restituirá
restituiremos
restituireis
restituirão

Futuro do pretérito
restituiria
restituirias
restituiria
restituiríamos
restituiríeis
restituiriam

Subjuntivo

Presente
restitua
restituas
restitua
restituamos
restituais
restituam

Imperfeito
restituísse
restituísses
restituísse
restituíssemos
restituísseis
restituíssem

Futuro
restituir
restituíres
restituir
restituirmos
restituirdes
restituírem

Imperativo

Afirmativo
restitui
restitua
restituamos
restituí
restituam

Negativo
não restituas
não restitua
não restituamos
não restituais
não restituam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
restituir

Infinitivo pessoal
restituir
restituíres
restituir
restituirmos
restituirdes
restituírem

Gerúndio
restituindo

Particípio
restituído

26. Roubar

Indicativo

Presente
roubo
roubas
rouba
roubamos
roubais
roubam

Imperfeito
roubava
roubavas
roubava
roubávamos
roubáveis
roubavam

Perfeito
roubei
roubaste
roubou
roubamos
roubastes
roubaram

Mais-que-perfeito
roubara
roubaras
roubara
roubáramos
roubáreis
roubaram

Futuro do presente
roubarei
roubarás
roubará
roubaremos
roubáreis
roubarão

Futuro do pretérito
roubaria
roubarias
roubaria
roubaríamos
roubaríeis
roubariam

Subjuntivo

Presente
roube
roubes
roube
reoubemos
roubeis
roubem

Imperfeito
roubasse
roubasses
roubasse
roubássemos
roubásseis
roubassem

Futuro
roubar
roubares
roubar
roubarmos
roubardes
roubarem

Imperativo

Afirmativo
rouba
roube
roubemos
roubai
roubem

Negativo
não roubes
não roube
não roubemos
não roubeis
não roubem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
roubar

Infinitivo pessoal
roubar
roubares
roubar
roubarmos
roubardes
roubarem

Gerúndio
roubando

Particípio
roubado

27. Saudar

Perceba a Variação de Acento Alterando a Pronúncia.

Indicativo

Presente
saúdo
saúdas
saúda
saudamos
saudais
saúdam

Imperfeito
saudava
saudavas
saudava
saudávamos
saudáveis
saudavam

Perfeito
saudei
saudaste
saudou
saudamos
saudastes
saudaram

Mais-que-perfeito
saudara
saudaras
saudara
saudáramos
saudáreis
saudaram

Futuro do presente
saudarei
saudarás
saudará
saudaremos
saudareis
saudarão

Futuro do pretérito
saudaria
saudarias
saudaria
saudaríamos
saudaríeis
saudariam

Subjuntivo

Presente
saúde
saúdes
saúde
saudemos
saudeis
saúdem

Imperfeito
saudasse
saudasses
saudasse
saudássemos
saudásseis
saudassem

Futuro
saudar
saudares
saudar
saudarmos
saudardes
saudarem

Imperativo

Afirmativo
saúda
saúde
saudemos
saudai
saúdem

Negativo
não saúdes
não saúde
não saudemos
não saudeis
não saúdem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
saudar

Infinitivo pessoal
saudar
saudares
saudar
saudarmos
saudardes
saudarem

Gerúndio
saudando

Particípio
saudado

28. Vencer

Indicativo

Presente
venço
vences
vence
vencemos
venceis
vencem

Imperfeito
vencia
vencias
vencia
vencíamos
vencíeis
venciam

Perfeito
venci
venceste
venceu
vencemos
vencestes
venceram

Mais-que-perfeito
vencera
venceras
vencera
vencêramos
vencêreis
venceram

Futuro do presente
vencerei
vencerás
vencerá
venceremos
vencereis
vencerão

Futuro do pretérito
venceria
vencerias
venceria
venceríamos
venceríeis
venceriam

Subjuntivo

Presente
vença
venças
venças
vençamos
vençais
vençam

Imperativo
vencesse
vencesses
vencesse
vencêssemos
vencêsseis
vencessem

Futuro
vencer
venceres
vencer
vencermos
vencerdes
vencerem

Imperativo

Afirmativo
vence
vença
vençamos
vencei
vençam

Negativo
não venças
não vença
não vençamos
não vençais
não vençam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
vencer

Infinitivo pessoal
vencer
venceres
vencer
vencermos
vencerdes
vencerem

Gerúndio
vencendo

Particípio
vencido

29. Viajar

Indicativo

Presente
viajo
viajas
viaja
viajamos
viajais
viajam

Imperfeito
viajava
viajavas
viajava
viajávamos
viajáveis
viajavam

Perfeito
viajei
viajaste
viajou
viajamos
viajastes
viajaram

Mais-que-perfeito
viajara
viajaras
viajara
viajáramos
viajáreis
viajaram

Futuro do presente
viajarei
viajarás
viajará
viajaremos
viajareis
viajarão

Futuro do pretérito
viajaria
viajarias
viajaria
viajaríamos
viajaríeis
viajariam

Subjuntivo

Presente
viaje
viajes
viaje
viajemos
viajeis
viajem

Imperfeito
viajasse
viajasses
viajasse
viajássemos
viajásseis
viajassem

Futuro
viajar
viajares
viajar
viajarmos
viajardes
viajarem

Imperativo

Afirmativo
viaja
viaje
viajemos
viajai
viajem

Negativo
não viajes
não viaje
não viajemos
não viajeis
não viajem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
viajar

Infinitivo pessoal
viajar
viajares
viajar
viajarmos
viajardes
viajarem

Gerúndio
viajando

Particípio
viajado

Verbos Irregulares

30. Acudir

Indicativo

Presente
acudo
acodes
acode
acudimos
acudis
acodem

Imperfeito
acudia
acudias
acudia
acudíamos
acudíeis
acudiam

Perfeito
acudi
acudiste
acudiu
acudimos
acudistes
acudiram

Mais-que-perfeito
acudira
acudiras
acudira
acudíramos
acudíreis
acudiram

Futuro do presente
acudirei
acudirás
acudirá
acudiremos
acudireis
acudirão

Futuro do pretérito
acudiria
acudirias
acudiria
acudiríamos
acudiríeis
acudiriam

Subjuntivo

Presente
acuda
acudas
acuda
acudamos
acudais
acudam

Imperfeito
acudisse
acudisses
acudisse
acudíssemos
acudísseis
acudissem

futuro
acudir
acudires
acudir
acudirmos
acudirdes
acudirem

Imperativo

Afirmativo
acode
acuda
acudamos
acudai
acudam

Negativo
nao acudas
não acuda
não acudamos
não acudais
não acudam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
acudir

Infinitivo pessoal
acudir
acudires
acudir
acudirmos
acudirdes
acudirem

Gerúndio
acudindo

Particípio
acudido

31. Aderir

Apresenta mudança gráfica: o e do radical muda para i na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e nas formas derivadas.

Indicativo

Presente
adiro
aderes
adere
aderimos
aderis
aderem

Imperfeito
aderia
aderias
aderia
aderíamos
aderíeis
aderiam

Perfeito
aderi
aderiste
aderiu
aderimos
aderistes
aderiram

Mais-que-perfeito
aderira
aderiras
aderira
aderíamos
aderíreis
aderiram

Futuro do presente
aderirei
aderirás
aderirá
aderiremos
aderireis
aderirão

Futuro do pretérito
aderiria
aderirias
aderiria
aderiríamos
aderiríeis
adeririam

Subjuntivo

Presente
adira
adiras
adira
adiramos
adirais
adiram

Imperfeito
aderisse
aderisses
aderisse
aderíssemos
aderísseis
aderissem

Futuro
aderir
aderires
aderir
aderirmos
aderirdes
aderirem

Imperativo

Afirmativo
adere
adira
adiramos
aderi
adiram

Negativo
não adiras
não adira
não adiramos
não adirais
não adiram

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
aderir

Infinitivo pessoal
aderir
aderires
aderir
aderimos
aderirdes
aderirem

Gerúndio
aderindo

Particípio
aderido

32. Agredir

Apresenta mudança gráfica: o e do radical muda para i em algumas pessoas do presente do indicativo e nas formas derivadas.

Indicativo

Presente
agrido
agrides
agride
agredimos
agredis
agridem

Imperfeito
agredia
agredias
agredia
agredíamos
agredíeis
agrediam

Perfeito
agredi
agrediste
agrediu
agredimos
agredistes
agrediram

Mais-que-perfeito
agredira
agrediras
agredira
agredíramos
agredíreis
agrediram

Futuro do presente
agredirei
agredirás
agredirá
agrediremos
agredireis
agredirão

Futuro do pretérito
agrediria
agredirias
agrediria
agrediriamos
agrediríeis
agrediriam

Subjuntivo

Presente
agrida
agridas
agrida
agridamos
agridais
agridam

Imperfeito
agredisse
agredisses
agredisse
agredíssemos
agredísseis
agredissem

Futuro
agredir
agredires
agredir
agredirmos
agredirdes
agredirem

Imperativo

Afirmativo
agride
agrida
agridamos
agredi
agridam

Negativo
não agridas
não agrida
não agridamos
não agridais
não agridam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
agredir

Infinitivo pessoal
agredir
agredires
agredir
agredirmos
agredirdes
agredirem

Gerúndio
agredindo

Particípio
agredido

33. Apiedar-se

Este verbo apresenta uma conjugação mista de apiedar-se e apiadar-se.

Indicativo

Presente
apiado-me
apiadas-te
apiada-se
apiedamo-nos
apiedais-vós
apiadam-se

Imperfeito
apiedava-me
apiedavas-te
apiedava-se
apiedávamo-nos
apiedáveis-vos
apiedavam-se

Perfeito
apiedei-me
apiedaste-te
apiedou-se
apiedamo-nos
apiedastes-vos
apiedaram-se

Mais-que-perfeito
apiedara-me
apiedaras-te
apiedara-se
apiedáramo-nos
apiedáreis-vos
apiedaram-se

Futuro do presente
apiedar-me-ei
apiedar-te-ás
apiedar-se-á
apiedar-nos-emos
apiedar-vos-eis
apiedar-se-ão

Futuro do pretérito
apiedar-me-ia
apiedar-te-ias
apiedar-se-ia
apiedar-nos-íamos
apiedar-vos-íeis
apiedar-se-iam

Subjuntivo

Presente
eu me apiade
tu te apiades
ele se apiade
nós nos apiedemos
vós vos apiedeis
eles se apiadem

Imperfeito
eu me apiedasse
tu te apiedasses
ele se apiedasse
nós nos apiedássemos
vós vos apiedásseis
eles se apiedassem

Futuro
eu me apiedar
tu te apiedares
ele se apiedar
nós nos apiedarmos
vós vos apiedardes
eles se apiedarem

Imperativo

Afirmativo
apiada-te
apiade-se
apiedemos-nos
apiedai-vos
apiadem-se

Negativo
não te apiades
não se apiade
não nos apiedemos
não vos apiedeis
não se apiadem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
apiedar-se

Infinitivo pessoal
apiedar-me
apiedares-te
apiedar-se
apiedarmo-nos
apiedardes-vos
apiedarem-se

Gerúndio
apiedando-se

Particípio
apiedado

34. Aprazer

É empregado freqüentemente nas terceiras pessoas. A forma pronominal aprazer-se é empregada corretamente em todas as pessoas.

Indicativo

Presente
aprazo
aprazes
apraz
aprazemos
aprazeis
aprazem

Imperfeito
aprazia
aprazias
aprazia
aprazíamos
aprazíeis
apraziam

Perfeito
aprouve
aprouveste
aprouve
aprouvemos
aprouvestes
aprouveram

Mais-que-perfeito
aprouvera
aprouveras
aprouvera
aprouvéramos
aprouvéreis
aprouveram

Futuro do presente
aprazerei
aprazerás
aprazerá
aprazeremos
aprazereis
aprazerão

Futuro do pretérito
aprazeria
aprazerias
aprazeria
aprazeríamos
aprazeríeis
aprazeriam

Subjuntivo

Presente
apraza
aprazas
apraza
aprazamos
aprazais
aprazam

Imperfeito
aprouvesse
aprouvesses
aprouvesse
aprouvéssemos
aprouvésseis
aprouvessem

Futuro
aprouver
aprouveres
aprouver
aprouvermos
aprouverdes
aprouverem

Imperativo

Afirmativo
apraz / apraze
apraza
aprazamos
aprazei
aprazam

Negativo
não aprazas
não apraza
não aprazamos
não aprazais
não aprazam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
aprazer

Infinitivo pessoal
aprazer
aprazeres
aprazer
aprazermos
aprazerdes
aprazerem

Gerúndio
aprazendo

Particípio
aprazido

35. Caber

Não é usado no imperativo

Indicativo

Presente
caibo
cabes
cabe
cabemos
cabeis
cabem

Imperfeito
cabia
cabias
cabia
cabíamos
cabíeis
cabiam

Perfeito
coube
coubeste
coube
coubemos
coubestes
couberam

Mais-que-perfeito
coubera
couberas
coubera
coubéramos
coubéreis
couberam

Futuro do presente
caberei
caberás
caberá
caberemos
cabereis
caberão

Futuro do pretérito
caberia
caberias
caberia
caberíamos
caberíeis
caberiam

Subjuntivo

Presente
caiba
caibas
caiba
caibamos
caibais
caibam

Imperfeito
coubesse
coubesses
coubesse
coubéssemos
coubésseis
coubessem

Futuro
couber
couberes
couber
coubermos
couberdes
couberem

Imperativo

Afirmativo
não é usado

Negativo
não é usado

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
caber

Infinitivo pessoal
caber
caberes
caber
cabermos
caberdes
caberem

Gerúndio
cabendo

Particípio
cabido

36. Cear

O e do radical transforma-se em ei nas formas rizotônicas, como os demais terminados em ear.

Indicativo

Perfeito
ceio
ceias
ceia
ceamos
ceais
ceiam

Imperfeito
ceava
ceavas
ceava
ceávamos
ceáveis
ceavam

perfeito
ceei
ceaste
ceou
ceamos
ceastes
cearam

Mais-que-perfeito
ceara
cearas
ceara
ceáramos
ceáreis
cearam

Futuro do presente
cearei
cearás
ceará
cearemos
ceareis
cearão

Futuro do pretérito
cearia
cearias
cearia
cearíamos
cearíeis
ceariam

Subjuntivo

Presente
ceie
ceies
ceie
ceemos
ceeis
ceiem

Imperfeito
ceasse
ceasses
ceasse
ceássemos
ceásseis
ceassem

Futuro
cear
ceares
cear
cearmos
ceardes
cearem

Imperativo

Afirmativo
ceia
ceie
ceemos
ceai
ceiem

Negativo
não ceies
não ceie
não ceemos
não ceeis
não ceiem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
cear

Infinitivo pessoal
cear
ceares
cear
cearmos
ceardes
cearem

Gerúndio
ceando

Particípio
ceado

37. Conduzir

Indicativo

Presente
conduzo
conduzes
conduz
conduzimos
conduzis
conduzem

Imperfeito
conduzia
conduzias
conduzia
conduzíamos
conduzíeis
conduziam

Perfeito
conduzi
conduziste
conduziu
conduzimos
conduzistes
conduziram

Mais-que-perfeito
conduzira
conduziras
conduzira
conduzíramos
conduzíreis
conduziram

Futuro do presente
conduzirei
conduzirás
conduzirá
conduziremos
conduzireis
conduzirão

Futuro do pretérito
conduziria
conduzirias
conduziria
conduziríamos
conduziríeis
conduziriam

Subjuntivo

Presente
conduza
conduzas
conduza
conduzamos
conduzais
conduzam

Imperfeito
conduzisse
conduzisses
conduzisse
conduzíssemos
conduzísseis
conduzissem

Futuro
conduzir
conduzires
conduzir
conduzirmos
conduzirdes
conduzirem

Imperativo

Afirmativo
conduze / conduz
conduza
conduzamos
conduzi
conduzam

Negativo
não conduzas
não conduza
não conduzamos
não conduzais
não conduzam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
conduzir

Infinitivo pessoal
conduzir
conduzires
conduzir
conduzirmos
conduzirdes
conduzirem

Gerúndio
Conduzindo

Particípio
conduzido

38. Construir

Podem ser usadas as formas construis, construi, construem no presente do indicativo e construi no imperativo afirmativo.

Indicativo

Presente
construo
constróis / construis
constrói / construi
construímos
construis
constroem / construem

Imperfeito
construía
construías
construía
construíamos
construíeis
construíam

Perfeito
construí
construíste
construiu
construímos
construístes
construíram

Mais-que-perfeito
construíra
construíras
construíra
construíramos
construíreis
construíram

Futuro do presente
construirei
construirás
construirá
construiremos
construireis
construirão

Futuro do pretérito
construiria
construirias
construiria
construiríamos
construiríeis
construiriam

Subjuntivo

Presente
construa
construas
construa
construamos
construais
construam

Imperfeito
construísse
construísses
construísse
construíssemos
construísseis
construíssem

Futuro
construir
construíres
construir
construirmos
construirdes
construírem

Imperativo

Afirmativo
constrói / construi
construa
construamos
construí
construam

Negativo
não construas
não construa
não construamos
não construais
não construam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
construir

Infinitivo pessoal
construir
construíres
construir
construirmos
construirdes
construírem

Gerúndio
construindo

Particípio
construído

39. Dar

Verbo Dar apresenta muitas variações.

Indicativo

Presente
dou
dás
dá
damos
dais
dão

Imperfeito
dava
davas
dava
dávamos
dáveis
davam

Perfeito
dei
deste
deu
demos
destes
deram

Mais-que-perfeito
dera
deras
dera
déramos
déreis
deram

Futuro do presente
darei
darás
dará
daremos
dareis
darão

Futuro do pretérito
daria
darias
daria
daríamos
daríeis
dariam

Subjuntivo

Presente
dê
dês
dê
demos
deis
dêem

Imperfeito
desse
desses
desse
déssemos
désseis
dessem

Futuro
der
deres
der
dermos
derdes
derem

Imperativo

Afirmativo
dá
dê
demos
dai
dêem

Negativo
não dês
não dê
não demos
não deis
não dêem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
dar

Infinitivo pessoal
dar
dares
dar
darmos
dardes
darem

Gerúndio
dando

Particípio
dado

40. Crer

Perceba a presença de "ei" na primeira pessoa do indicativo e nas Formas Derivadas.

Indicativo

Presente
creio
crês
crê
cremos
credes
crêem

Imperfeito
cria
crias
cria
críamos
críeis
criam

Perfeito
cri
creste
creu
cremos
crestes
creram

Mais-que-prefeito
crera
creras
crera
crêramos
crêreis
creram

Futuro do presente
crerei
crerás
crerá
creremos
crereis
crerão

Futuro do pretérito
creria
crerias
creria
creríamos
creríeis
creriam

Subjuntivo

Presente
creia
creias
creia
creiamos
creiais
creiam

Imperfeito
cresse
cresses
cresse
crêssemos
crêsseis
cressem

Futuro
crer
creres
crer
crermos
crerdes
crerem

Imperativo

Afirmativo
crê
creia
creiamos
crede
creiam

Negativo
não creias
não creia
não creiamos
não creiais
não creiam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
crer

Infinitivo pessoal
crer
creres
crer
crermos
crerdes
crerem

Gerúndio
crendo

Particípio
crido

41. Divergir

Apresenta mudança na primeira pessoa do indicativo e nas formas derivadas.

Indicativo

Presente
divirjo
diverges
diverge
divergimos
divergis
divergem

Imperfeito
divergia
divergias
divergia
divergíamos
divergíeis
divergiam

Perfeito
divergi
divergiste
divergiu
divergimos
diverfistes
divergiram

Mais-que-perfeito
divergira
divergiras
duvergira
divergíramos
divergíreis
divergiram

Futuro do presente
divergirei
divergirás
divergirá
divergiremos
divergireis
divergirão

Futuro do pretérito
divergiria
divergirias
divergiria
divergiríamos
divergiríeis
divergiram

Subjuntivo

Presente
divirja
divirjas
divirja
divirjamos
divirjais
divirjam

Imperfeito
divergisse
divergisses
divergisse
divergíssemos
divergísseis
divergissem

Futuro
divergir
divergires
divergir
divergirmos
divergirdes
divergirem

Imperativo

Afirmativo
diverge
divirjas
divirjamos
divergi
divirjam

Negativo
não divirjas
não divirja
não divirjamos
não divirjais
não divirjam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
divergir

Infinitivo pessoal
divergir
divergires
divergir
divergirmos
divergirdes
divergirem

Gerúndio
divergindo

Particípio
divergido

42. Dizer

Indicativo

Presente
digo
dizes
diz
dizemos
dizeis
dizem

Imperfeito
dizia
dizias
dizia
dizíamos
dizíeis
diziam

Perfeito
disse
disseste
disse
dissemos
dissestes
disseram

Mais-que-perfeito
dissera
disseras
dissera
disséramos
disséreis
disseram

Futuro do presente
direi
dirás
dirá
diremos
direis
dirão

Futuro do pretérito
diria
dirias
diria
diríamos
diríeis
diriam

Subjuntivo

Presente
diga
digas
diga
digamos
digais
digam

Imperfeito
dissesse
dissesses
dissesse
disséssemos
dissésseis
dissessem

Futuro
disser
disseres
disser
dissermos
disserdes
disserem

Imperativo

Afirmativo
diz / dize
diga
digamos
dizei
digam

Negativo
não digas
não diga
não digamos
não digais
não digam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
dizer

Infinitivo pessoal
dizer
dizeres
dizer
dizermos
dizerdes
dizerem

Gerúndio
dizendo

Particípio
dito

43. Dormir

Indicativo

Presente
durmo
dormes
dorme
dorminos
dormis
dormem

Imperfeito
dormia
dormias
dormia
dormíamos
dormíeis
dormiam

Perfeito
dormi
dormiste
dormiu
dormimos
dormistes
dormiram

Mais-que-perfeito
dormira
dormiras
dormira
dormíramos
dormíreis
dormiram

Futuro do presente
dormirei
dormirás
dormirá
dormiremos
dormireis
dormirão

Futuro do pretérito
dormiria
dormirias
dormiria
dormiríamos
dormiríeis
dormiriam

Subjuntivo

Presente
durma
durmas
durma
durmamos
durmais
durmam

Imperfeito
dormisse
dormisses
dormisse
dormíssemos
dormísseis
dormissem

Futuro
dormi
dormires
dormir
dormirmos
dormirdes
dormirem

Imperativo

Afirmativo
dorme
durmas
durmamos
dormi
durmam

Negativo
não durmas
não durma
não durmamos
não durmais
não durmam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
dormir

Infinitivo pessoal
dormir
dormires
dormir
dormirmos
dormirdes
dormirem

Gerúndio
dormindo

Particípio
dormido

44. Fazer

Indicativo

Presente
faço
fazes
faz
fazemos
fazeis
fazem

Imperfeito
fazia
fazias
fazia
fazíamos
fazíeis
faziam

Perfeito
fiz
fizeste
fez
fizemos
fizestes
fizeram

Mais-que-perfeito
fizera
fizeras
fizera
fizéramos
fizéreis
fizeram

Futuro do presente
farei
farás
fará
faremos
fareis
farão

Futuro do pretérito
faria
farias
faria
faríamos
faríeis
fariam

Subjuntivo

Presente
faça
faças
faça
façamos
façais
façam

Imperfeito
fizesse
fizesses
fizesse
fizéssemos
fizésseis
fizessem

Futuro
fizer
fizeres
fizer
fizermos
fizerdes
fizerem

Imperativo

Afirmativo
faz / faze
faça
façamos
fazei
façam

Negativo
não faças
não faça
não façamos
não façais
não façam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
fazer

Infinitivo pessoal
fazer
fazeres
fazer
fazermos
fazerdes
fazerem

Gerúndio
fazendo

Particípio
feito

45. Fugir

Apresenta mudança gráfica (o u muda para o) e (o g muda para j), no presente do indicativo e nas formas daí derivadas.

Indicativo

Presente
fujo
foges
foge
fugimos
fugis
fogem

Imperfeito
fugia
fugias
fugia
fugíamos
fugíeis
fugiam

Perfeito
fugi
fugiste
fugiu
fugimos
fugistes
fugiram

Mais-que-perfeito
fugira
fugiras
fugira
fugíramos
fugíreis
fugiram

Futuro do presente
fugirei
fugirás
fugirá
fugiremos
fugireis
fugirão

Futuro do pretérito
fugiria
fugirias
fugiria
fugiríamos
fugiríeis
fugiriam

Subjuntivo

Presente
fuja
fujas
fuja
fujamos
fujais
fujam

Imperfeito
fugisse
fugisses
fugisse
fugíssemos
fugísseis
fugissem

Futuro
fugir
fugires
fugir
fugirmos
fugirdes
fugirem

Imperativo

Afirmativo
foge
fuja
fujamos
fugi
fujam

Negativo
não fujas
não fuja
não fujamos
não fujais
não fujam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
fugir

Infinitivo pessoal
fugir
fugires
fugir
fugirmos
fugirdes
fugirem

Gerúndio
fugindo

Particípio
fugido

46. Ir

Apresenta muitas Variações.

Indicativo

Presente
vou
vais
vai
vamos
ides
vão

Imperfeito
ia
ias
ia
íamos
íeis
iam

perfeito
fui
foste
foi
fomos
fostes
foram

Mais-que-perfeito
fora
foras
fora
fôramos
fôreis
foram

Futuro do presente
irei
irás
irá
iremos
ireis
irão

Futuro do pretérito
iria
irias
iria
iríamos
iríeis
iriam

Subjuntivo

Presente
vá
vás
vá
vamos
vades
vão

Imperfeito
fosse
fosses
fosse
fôssemos
fôsseis
fossem

Futuro
for
fores
for
formos
fordes
forem

Imperativo

Afirmativo
vai
vá vamos
ide
vão

Negativo
não vás
não vá
não vamos
não vades
não vão

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
ir

Infinitivo pessoal
ir
ires
ir
irmos
irdes
irem

Gerúndio
indo

Particípio
ido

47. Odiar

Há cinco verbos terminados em iar que são irregulares: mediar, ansiar, remediar, incendiar, odiar. Perceba as variações no Presente do Indicativo e nas formas derivadas.

Indicativo

Presente
odeio
odeias
odeia
odiamos
odiais
odeiam

Imperfeito
odiava
odiavas
odiava
odiávamos
odiáveis
odiavam

Perfeito
odiei
odiaste
odiou
odiamos
odiastes
odiaram

Mais-que-perferto
odiara
odiaras
odiara
odiáramos
odiáreis
odiaram

Futuro do presente
odiarei
odiarás
odiará
odiaremos
odiareis
odiarão

Futuro do pretérito
odiaria
odiarias
odiaria
odiaríamos
odiaríeis
odiariam

Subjuntivo

Presente
odeie
odeies
odeie
odiemos
odieis
odeiem

imperfeito
odiasse
odiasses
odiasse
odiássemos
odiásseis
odiassem

Futuro
odiar
odiares
odiar
odiarmos
odiardes
odiarem

Imperativo

Afirmativo
odeia
odeie
odiemos
odiai
odeiem

Negativo
não odeies
não odeie
não odiemos
não odieis
não odeiem

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
odiar

Infinitivo pessoal
odiar
odiares
odiar
odiarmos
odiardes
odiarem

Gerúndio
odiando

Particípio
odiado

48. Pedir

Os verbos pedir, medir e ouvir são irregulares na terceira conjugação. No radical, o d (em pedir e medir) e o v (em ouvir) transformam-se em ç na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e nas formas derivadas.

Indicativo

Presente
peço
pedes
pede
pedimos
pedis
pedem

Imperfeito
pedia
pedias
pedia
pedíamos
pedíeis
pediam

Perfeito
pedi
pediste
pediu
pedimos
pedistes
pediram

Mais-que-perfeito
pedira
pediras
pedira
pedíramos
pedíreis
pediram

Futuro do presente
pedirei
pedirás
pedirá
pediremos
pedíreis
pedirão

Futuro do pretérito
pediria
pedirias
pediria
pediríamos
pediríeis
pediriam

Subjuntivo

Presente
peça
peças
peça
peçamos
peçai
peçam

Imperfeito
pedisse
pedisses
pedisse
pedíssemos
pedísseis
pedissem

Futuro
pedir
pedires
pedir
pedirmos
pedirdes
pedirem

Imperativo

Afirmativo
pede
peça
peçamos
pedi
peçam

Negativo
não peças
não peça
não peçamos
não peçais
não peçam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
pedir

Infinitivo pessoal
pedir
pedires
pedir
pedirmos
pedirdes
pedirem

Gerúndio
pedindo

Particípio
pedido

49. Perder

O d do radical transforma-se em e na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e nas formas derivadas.

Indicativo

Presente
perco
perdes
perde
perdemos
perdeis
perdem

Imperfeito
perdia
perdias
perdia
perdíamos
perdíeis
perdiam

Perfeito
perdi
perdeste
perdeu
perdemos
perdestes
perderam

Mais-que-perfeito
perdera
perderas
perdera
perdêramos
perdêreis
perderam

Futuro do presente
perderei
perderás
perderá
perderemos
perdereis
perderão

Futuro do pretérito
perderia
perderias
perderia
perderíamos
perderíeis
perderiam

Subjuntivo

Presente
perca
percas
perca
percamos
percais
percam

Imperfeito
perdesse
perdesses
perdesse
perdêssemos
perdêsseis
perdessem

Futuro
perder
perderes
perder
perdermos
perderdes
perderem

Imperativo

Afirmativo
perde
perca
percamos
perdei
percam

Negativo
não percas
não perca
não percamos
não percais
não percam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
perder

Infinitivo pessoal
perder
perderes
perder
perdermos
perderdes
perderem

Gerúndio
perdendo

Particípio
perdido

50. Poder

Não é usado no imperativo. Irregular em algumas formas do indicativo e subjuntivo.

Indicativo

Presente
posso
podes
pode
podemos
podeis
podem

Imperfeito
podia
podias
podia
podíamos
podíeis
podiam

Perfeito
pude
pudeste
pôde
pudemos
pudestes
puderam

Mais-que-perfeito
pudera
puderas
pudera
pudéramos
pudéreis
puderam

Futuro do presente
poderei
poderás
poderá
poderemos
podereis
poderão

Futuro do pretérito
poderia
poderias
poderia
poderíamos
poderíeis
poderiam

Subjuntivo

Presente
possa
possas
possa
possamos
possais
possam

Imperfeito
pudesse
pudesses
pudesse
pudéssemos
pudésseis
pudessem

Futuro
puder
puderes
puder
pudermos
puderdes
puderem

Imperativo

Afirmativo
não é usado

Negativo
não é usado

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
poder

Infinitivo pessoal
poder
poderes
poder
podermos
poderdes
poderem

Gerúndio
podendo

Particípio
podido

51. Polir

Indicativo

Presente
pulo
pules
pule
polimos
polis
pulem

Imperfeito
polia
polias
polia
políamos
políeis
poliam

Perfeito
poli
poliste
poliu
polimos
polistes
poliram

Mais-que-perfeito
polira
poliras
polira
políramos
políreis
poliram

Futuro do presente
polirei
polirás
polirá
poliremos
polireis
polirão

Futuro do pretérito
poliria
polirias
poliria
poliríamos
poliríeis
poliriam

Subjuntivo

Presente
pula
pulas
pula
pulamos
pulais
pulam

Imperfeito
polisse
polisses
polisse
políssemos
polísseis
polissem

Futuro
polir
polires
polir
polirmos
polirdes
polirem

Imperativo

Afirmativo
pule
pula
pulamos
pulais
pulam

Negativo
não pulas
não pula
não pulamos
não pulais
não pulam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
polir

Infinitivo pessoal
polir
polires
polir
polirmos
polirdes
polirem

Gerúndio
polindo

Particípio
polido

52. Pôr

Na sua forma antiga (poer), apresentava a vogal temática e; por isso é agrupado aos verbos da segunda conjugação. Apresenta muitas variações.

Indicativo

Presente
ponho
pões
põe
pomos
pondes
põem

Imperfeito
punha
punhas
punha
púnhamos
púnheis
punham

Perfeito
pus
puseste
pôs
pusemos
pusestes
puseram

Mais-que-perfeito
pusera
puseras
pusera
puséramos
puséreis
puseram

Futuro do presente
porei
porás
porá
poremos
poreis
porão

Futuro do pretérito
poria
porias
poria
poríamos
poríeis
poriam

Subjuntivo

Presente
ponha
ponhas
ponha
ponhamos
ponhais
ponham

Imperfeito
pusesse
pusesses
pusesse
puséssemos
pusésseis
pusessem

Futuro
puser
puseres
puser
pusermos
puserdes
puserem

Imperativo

Afirmativo
põe
ponha
ponhamos
ponde
ponham

Negativo
não ponhas
não ponha
não ponhamos
não ponhais
não ponham

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
pôr

Infinitivo pessoal
pôr
pores
pôr
pormos
pordes
porem

Gerúndio
pondo

Particípio
posto

53. Prover

Em alguns casos não segue a conjugação do verbo ver.

Indicativo

Presente
provejo
provês
provê
provemos
provedes
provêem

Imperfeito
provia
provias
provia
províamos
províeis
proviam

Perfeito
provi
proveste
proveu
provemos
provestes
proveram

Mais-que-perfeito
provera
proveras
provera
provêramos
provêreis
proveram

Futuro do presente
proverei
proverás
proverá
proveremos
provereis
proverão

Futuro do pretérito
proveria
proverias
proveria
proveríamos
proveríeis
proveriam

Subjuntivo

Presente
proveja
provejas
proveja
provejamos
provejais
provejam

Imperfeito
provesse
provesses
provesse
provêssemos
provêsseis
provessem

Futuro
prover
proveres
prover
provermos
proverdes
proverem

Imperativo

Afirmativo
provê
proveja
provejamos
provede
provejam

Negativo
não provejas
não proveja
não provejamos
não provejais
não provejam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
prover

Infinitivo pessoal
prover
proveres
prover
provermos
proverdes
proverem

Gerúndio
provendo

Particípio
provido

54. Querer

Indicativo

Presente
quero
queres
quer
queremos
quereis
querem

Imperfeito
queria
querias
queria
queríamos
queríeis
queriam

Perfeito
quis
quiseste
quis
quisemos
quisestes
quiseram

Mais-que-perfeito
quisera
quiseras
quisera
quiséramos
quiséreis
quiseram

Futuro do presente
quererei
quererás
quererá
quereremos
querereis
quererão

Futuro do pretérito
quereria
quererias
quereria
quereríamos
quereríeis
quereriam

Subjuntivo

Presente
queira
queiras
queira
queiramos
queirais
queiram

Imperfeito
quisesse
quisesses
quisesse
quiséssemos
quisésseis
quisessem

Futuro
quiser
quiseres
quiser
quisermos
quiserdes
quiserem

Imperativo

Afirmativo
quer
queira
queiramos
querei
queiram

Negativo
não queiras
não queira
não queiramos
não queirais
não queiram

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
querer

Infinitivo pessoal
querer
quereres
querer
querermos
quererdes
quererem

Gerúndio
querendo

Particípio
querido

55. Requerer

Este verbo não é conjugado como querer. A sílaba que muda para quei na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e nas formas derivadas.

Indicativo

Presente
requeiro
requeres
requer / requere
requeremos
requereis
requerem

Imperfeito
requeria
requerias
requeria
requeríamos
requeríeis
requeriam

Perfeito
requeri
requereste
requereu
requeremos
requerestes
requereram

Mais-que-perfeito
requerera
requeraras
requerera
requerêramos
requerêreis
requereram

Futuro do presente
requererei
requererás
requererá
requereremos
requerereis
requererão

Futuro do pretérito
requereria
requererias
requereria
requereríamos
requereríeis
requereriam

Subjuntivo

Presente
requeira
requeiras
requeira
requeiramos
requeirais
requeiram

Imperfeito
requeresse
requeresses
requeresse
requerêssemos
requerêsseis
requeressem

Futuro
requerer
requereres
requerer
requeremos
requererdes
requererem

Imperativo

Afirmativo
requer / requere
requeira
requeiramos
requerei
requeiram

Negativo
não requeiras
não requeira
não requeiramos
não requeirais
não requeiram

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
requerer

Infinitivo pessoal
requerer
requereres
requerer
requeremos
requererdes
requererem

Gerúndio
requerendo

Particípio
requerido

56. Rir

Indicativo

Presente
rio
ris
ri
rimos
rides
riem

Imperfeito
ria
rias
ria
ríamos
ríeis
riam

Perfeito
ri
riste
riu
rimos
ristes
riram

Mais-que-perfeito
rira
riras
rira
ríramos
ríreis
riram

Futuro do presente
rirei
rirás
rirá
riremos
rireis
rirão

Futuro do pretérito
riria
ririas
riria
riríamos
riríeis
ririam

Subjuntivo

Presente
ria
rias
ria
riamos
riais
riam

Imperfeito
risse
risses
risse
ríssemos
rísseis
rissem

Futuro
rir
rires
rir
rirmos
rirdes
rirem

Imperativo

Afirmativo
ri
ria
riamos
ride
riam

Negativo
não rias
não ria
não riamos
não riais
não riam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
rir

Infinitivo pessoal
rir
rires
rir
rirmos
rirdes
rirem

Gerúndio
rindo

Particípio
rido

57. Saber

Indicativo

Presente
sei
sabes
sabe
sabemos
sabeis
sabem

Imperfeito
sabia
sabias
sabia
sabíamos
sabíeis
sabiam

Perfeito
soube
soubeste
soube
soubemos
soubestes
souberam

Mais-que-perfeito
soubera
souberas
soubera
soubéramos
soubéreis
souberam

Futuro do presente
saberei
saberás
saberá
saberemos
sabereis
saberão

Futuro do pretérito
saberia
saberias
saberia
saberíamos
saberíeis
saberiam

Subjuntivo

Presente
saiba
saibas
saiba
saibamos
sabais
saibam

Imperfeito
soubesse
soubesses
soubesse
soubéssemos
soubésseis
soubessem

Futuro
souber
souberes
souber
soubermos
souberdes
souberem

Imperativo

Afirmativo
sabe
saiba
saibamos
sabei
saibam

Negativo
não saibas
não saiba
não saibamos
não saibais
não saibam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
saber

Infinitivo pessoal
saber
saberes
saber
sabermos
saberdes
saberem

Gerúndio
sabendo

Particípio
sabido

58. Sair

Apresenta variações na acentuação.

Indicativo

Presente
saio
sais
sai
saímos
saís
saem

Imperfeito
saía
saías
saía
saíamos
saíeis
saíam

Perfeito
saí
saíste
saiu
saímos
saístes
saíram

Mais-que-perfeito
saíra
sairas
saira
saíramos
saíreis
saíram

Futuro do presente
sairei
sairás
sairá
sairemos
saireis
sairão

Futuro do pretérito
sairia
sairias
sairia
sairíamos
sairíeis
sairiam

Subjuntivo

Presente
saia
sais
saia
saiamos
saiais
saiam

Imperfeito
saísse
saísses
saísse
saíssemos
saísseis
saíssem

Futuro
sair
saíres
sair
sairmos
sairdes
saírem

Imperativo

Afirmativo
sai
saia
saiamos
saí
saiam

Negativo
não saias
não saia
não saiamos
não saiais
não saiam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
sair

Infinitivo pessoal
sair
saíres
sair
sairmos
sairdes
saírem

Gerúndio
saindo

Particípio
saído

59. Seguir

Alteração no Presente do Indicativo e nas Formas Derivadas.

Indicativo

Presente
sigo
segues
segue
seguimos
seguis
seguem

Imperfeito
seguia
seguias
seguia
seguíamos
seguíeis
seguiam

Perfeito
Segui
seguiste
seguiu
seguimos
seguiste
seguiram

Mais-que-perfeito
seguira
seguiras
seguira
seguíramos
seguíreis
seguiram

Futuro do presente
Seguirei
seguirás
seguirá
seguiremos
seguireis
seguirão

Futuro do pretérito
seguiria
seguirias
seguiria
seguiríamos
seguiríeis
seguiriam

Subjuntivo

Presente
siga
sigas
sigamos
sigais
sigam

Imperfeito
seguisse
seguisses
seguisse
seguíssemos
seguísseis
seguissem

Futuro
seguir
seguires
seguir
seguirmos
seguirdes
seguirem

Imperativo

Afirmativo
segue
siga
sigamos
segui
sigam

Negativo
não sigas
não siga
não sigamos
não sigais
não sigam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
seguir

Infinitivo pessoal
seguir
seguires
seguir
seguirmos
seguirdes
seguirem

Gerúndio
seguindo

Particípio
seguido

60. Ser

Modo indicativo

Presente
sou
és
é
somos
sois
são

Pretérito imperfeito
era
eras
era
éramos
éreis
eram

Pretérito perfeito simples
fui
foste
foi
fomos
fostes
foram

Pretérito mais-que-perfeito simples
fora
foras
fora
fôramos
fôreis
foram

Futuro do presente simples
serei
serás
será
seremos
sereis
serão

Futuro do pretérito simples
seria
serias
seria
seríamos
seríeis
seriam

Modo Subjuntivo

Presente
seja
sejas
seja
sejamos
sejais
sejam

Pretérito imperfeito
fosse
fosses
fosse
fôssemos
fôsseis
fossem

Futuro simples
for
fores
for
formos
fordes
forem

Modo Imperativo

Afirmativo
sê(tu)
seja(você)
sejamos(nós)
sede(vós)
sejam(vocês)

Negativo
não sejas(tu)
não seja(você)
não sejamos(nós)
não sejais(vós)
não sejam(vocês)

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
ser

Infinitivo pessoal
ser
seres
ser
sermos
serdes
serem

Gerúndio
sendo

Particípio
sido

61. Ter

Modo Indicativo

Presente
tenho
tens
tem
temos
tendes
têm

Pretérito imperfeito
tinha
tinhas
tinha
tínhamos
tínheis
tinham

Pretérito perfeito simples
tive
tiveste
teve
tívemos
tívestes
tiveram

Pretérito mais-que-perfeito simples
tivera
tiveras
tivera
tivéramos
tivéreis
tiveram

Futuro do presente simples
terei
terás
terá
teremos
tereis
terão

Futuro do pretérito simples
teria
terias
teria
teríamos
teríeis
teriam

Modo Subjuntivo

Presente
tenha
tenhas
tenha
tenhamos
tenhais
tenham

Pretérito imperfeito
tivesse
tivesses
tivesse
tivéssemos
tivésseis
tivessem

Futuro simples
tiver
tiveres
tiver
tivermos
tiverdes
tiverem

Modo Imperativo

Afirmativo
tem(tu)
tenha(você)
tenhamos(nós)
tende(vós)
tenham(vocês)

Negativo
não tenhas(tu)
não tenha(você)
não tenhamos(nós)
não tenhais(vós)
não tenham(vocês)

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
ter

Infinitivo pessoal
ter
teres
ter
termos
terdes
terem

Gerúndio
tendo

Particípio
tido

62. Trazer

Indicativo

Presente
trago
trazes
traz
trazemos
trazeis
trazem

Imperfeito
trazia
trazias
trazia
trazíamos
trazíeis
traziam

Perfeito
trouxe
trouxeste
trouxe
trouxemos
trouxestes
trouxeram

Mais-que-perfeito
trouxera
trouxeras
trouxera
trouxéramos
trouxéreis
trouxeram

Futuro do presente
trarei
trarás
trará
traremos
trareis
trarão

Futuro do pretérito
traria
trarias
traria
traríamos
traríeis
traiam

Subjuntivo

Presente
traga
tragas
traga
tragamos
tragais
tragam

Imperfeito
trouxesse
trouxesses
trouxesse
trouxéssemos
trouxésseis
trouxessem

Futuro
trouxer
trouxeres
trouxer
trouxermos
trouxerdes
trouxerem

Imperativo

Afirmativo
traze
traga
tragamos
trazei
tragam

Negativo
não tragas
não traga
não tragamos
não tragais
não tragam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
trazer

Infinitifo pessoal
trazer
trazeres
trazer
trazermos
trazerdes
trazerem

Gerúndio
trazendo

Particípio
trazido

63. Valer

Apresenta mudanças no Presente do Indicativo e nas Formas Derivadas.

Indicativo

Presente
valho
vales
vale
valemos
valei
valem

Imperfeito
valia
valias
valia
valíamos
valíeis
valiam

Perfeito
vali
valeste
valeu
valemos
valestes
valeram

Mais-que-perfeito
valera
valeras
valera
valêramos
valêreis
valeram

Futuro do presente
valerei
valerás
valerá
valeremos
valereis
valerão

Futuro do pretérito
valeria
valerias
valeria
valeríamos
valeríeis
valeriam

Subjuntivo

Presente
valha
valhas
valha
valhamos
valhais
valham

Imperfeito
valesse
valesses
valesse
valêssemos
valêsseis
valessem

Futuro
valer
valeres
valer
valermos
valerdes
valerem

Imperativo

Afirmativo
vale
valha
valhamos
valei
valham

Negativo
não valhas
não valha
não valhamos
não valhais
não valham

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
valer

Infinitivo pessoal
valer
valeres
valer
valermos
valerdes
valerem

Gerúndio
valendo

Particípio
valido

64. Ver

Indicativo

Presente
vejo
vês
vê
vemos
vedes
vêem

Imperfeito
via
vais
via
víamos
víeis
viam

Perfeito
vi
viste
viu
vímos
vístes
viram

Mais-que-perfeito
vira
viras
vira
víramos
víreis
viram

Futuro do presente
verei
verás
verá
veremos
vereis
verão

Futuro do pretérito
veria
verias
veira
veríamos
veríeis
veriam

Subjuntivo

Presente
veja
vejas
veja
vejamos
vejais
vejam

Imperfeito
visse
visses
visse
víssemos
vísseis
víssem

Futuro
vir
vires
vir
virmos
virdes
virem

Imperativo

Afirmativo
vê
veja
vejamos
vede
vejam

Negativo
não vejas
não veja
não vejamos
não vejais
não vejam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
ver

Infinitivo pessoal
ver
veres
ver
vermos
verdes
verem

Gerúndio
vendo

Particípio
visto

65. Vir

Apresenta muitas variações.

Indicativo

Presente
venho
vens
vem
vimos
vindes
vêm

Imperfeito
vinha
vinhas
vinha
vínhamos
vínheis
vinham

Perfeito
vim
vieste
veio
viemos
viestes
vieram

Mais-que-perfeito
viera
vieras
viera
viéramos
viéreis
vieram

Futuro do presente
virei
virás
virá
viremos
vireis
virão

Futuro do pretérito
viria
virias
viria
viríamos
viríeis
viriam

Subjuntivo

Presente
venha
venhas
venha
venhamos
venhais
venham

Imperfeito
viesse
viesses
viesse
viéssemos
viésseis
viessem

Futuro
vier
vieres
vier
viermos
vierdes
vierem

Imperativo

Afirmativo
vem
venha
venhamos
vinde
venham

Negativo
não venhas
não venha
não venhamos
não venhais
não venham

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
vir

Infinitivo pessoal
vir
vires
vir
virmos
virdes
virem

Gerúndio
vindo

Particípio
vindo

Verbos
Defectivos

66. Adequar

É mais utilizado como pronominal (adequar-se)

Indicativo

Presente
(Possui só a primeira e a segunda pessoa do plural.)
Nós adequamos
vós adequais.

Imperfeito
adequava
adequavas
adequava
adequávamos
adequáveis
adequavam

Perfeito
adeqüei
adequaste
adequou
adequamos
adequastes
adequaram

Mais-que-perfeito
adequara
adequaras
adequara
adequáramos
adequáreis
adequaram

Futuro do presente
adequarei
adequarás
adequará
adequaremos
adequareis
adequarão

Futuro do pretérito
adequaria
adequarias
adequaria
adequaríamos
adequaríeis
adequariam

Subjuntivo

Presente
∅

Imperfeito
adequasse
adequasses
adequasse
adequássemos
adequásseis
adequassem

Futuro
adequar
adequares
adequar
adequarmos
adequardes
adequarem

Imperativo

Afirmativo
(Possui só a segunda pessoa do plural).
Adequai(vós).

Negativo
∅

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
adequar

Infinitivo pessoal
adequar
adequares
adequar
adequarmos
adequardes
adequarem

Gerúndio
adequando

Particípio
adequado

67. Abolir

Não é conjugado na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e nas formas derivadas.

Indicativo

Presente
(Não se conjuga na primeira pessoa).
aboles
abole
abolimos
abolis
abolem

Imperfeito
abolia
abolias
abolia
abolíamos
abolíeis
aboliam

Perfeito
aboli
aboliste
aboliu
abolimos
abolistes
aboliram

Mais-que-perfeito
abolira
aboliras
abolira
abolíramos
abolíreis
aboliram

Futuro do presente
abolirei
abolirás
abolirá
aboliremos
abolireis
abolirão

Futuro do pretérito
aboliria
abolirias
aboliria
aboliríamos
aboliríeis
aboliriam

Subjuntivo

Presente
∅

Imperfeito
abolisse
abolisses
abolisse
abolíssemos
abolísseis
abolissem

Futuro
abolir
abolires
abolir
abolirmos
abolirdes
abolirem

Imperativo

Afirmativo
(Só se conjuga nas segundas pessoas.)
abole(tu)
aboli(vós)

Negativo
∅

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
abolir

Infinitivo pessoal
abolir
abolires
abolir
abolirmos
abolirdes
abolirem

Gerúndio
abolindo

Particípio
abolido

68. Doer

Apresenta apenas as terceiras pessoas (singular e plural).

Indicativo

Presente
doí
doem

Imperfeito
doía
doíam

Perfeito
doeu
doeram

Mais-que-perfeito
doera
doeram

Futuro do presente
doerá
doerão

Futuro do pretérito
doeria
doeriam

Subjuntivo

Presente
doa
doam

Imperfeito
doesse
doessem

Futuro
doer
doerem

Imperativo

Afirmativo
∅

Negativo
∅

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
doer

Infinitivo pessoal
doer
doerem

Gerúndio
doendo

Particípio
doído

69. Falir

Indicativo

Presente
(Só possui a primeira e a segunda pessoa do plural.)
nós falimos
vós falis

Imperfeito
falia
falias
falia
falíamos
falíeis
faliam

Perfeito
fali
faliste
faliu
falímos
falístes
faliram

Mais-que-perfeito
falira
faliras
falira
falíramos
falíreis
faliram

Futuro do presente
falirei
falirás
falirá
faliremos
falireis
falirão

Futuro do pretérito
faliria
falirias
faliria
faliríamos
faliríeis
faliriam

Subjuntivo

Presente
∅

Imperfeito
falisse
falisses
falisse
falíssemos
falísseis
falissem

Futuro
falir
falires
falir
falirmos
falirdes
falirem

Imperativo

Afirmativo
(Só possui a segunda pessoa do plural.)
fali(vós)

Negativo
∅

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
falir

Infinitivo pessoal
falir
falires
falir
falirmos
falirdes
falirem

Gerúndio
falindo

Particípio
falido

70. Prazer

Só é conjugado nas terceiras pessoas.

Indicativo

Presente
praz
prazem

Imperfeito
prazia
praziam

Perfeito
prouve
prouveram

Mais-que-perfeito
prouvera
prouveram

Futuro do presente
prazerá
prazerão

Futuro do pretérito
prazeria
prazeriam

Subjuntivo

Presente
praza
prazam

Imperfeito
prouvesse
prouvessem

Futuro
prouver
prouverem

Imperativo

Afirmativo
praza
prazam

Negativo
não praza
não prazam

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
prazer

Infinitivo pessoal
prazer
prazerem

Gerúndio
prazendo

Particípio
prazido

71. Precaver

É empregado em muitos casos, com reflexivo (precaver-se).

Indicativo

presente
(Possui só a primeira e a segunda pessoa do plural).
nós precavemos
vós precavéis

Imperfeito
precavia
precavias
precavia
precavíamos
precavíeis
precaviam

Perfeito
precavi
precaveste
precaveu
precavemos
precavestes
precaveram

Mais-que-perfeito
precavera
precaveras
precavera
precavêramos
precavêreis
precaverem

Futuro do presente
precaverei
precaverás
precaverá
precaveremos
precavereis
precaverão

Futuro do pretérito
precaveria
precaverias
precaveria
precaveríamos
precaveríeis
precaveriam

Subjuntivo

Presente
∅

Imperfeito
precavesse
precavesses
precavesse
precavêssemos
precavêsseis
precavessem

Futuro
precaver
precaveres
precaver
precavermos
precaverdes
precaverem

Imperativo

Afirmativo
(Possui só a segunda do plural.)
precavei (vós)

Negativo
∅

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
precaver

Infinitivo pessoal
precaver
precaveres
precaver
precavermos
precaverdes
precaverem

Gerúndio
precavendo

Particípio
precavido

72. Reaver

É conjugado como haver, mas apenas nas formas em que haver apresenta a letra v.

Indicativo

Presente
(Só possui a primeira e a segunda pessoa do plural.)
nós reavemos
vós reaveis

Imperfeito
reavia
reavias
reavia
reavíamos
reavíeis
reaviam

Perfeito
reouve
reouveste
reouve
reouvemos
reouvestes
reouveram

Mais-que-perfeito
reouvera
reouveras
reouvera
reouvéramos
reouvéreis
reouveram

Futuro do presente
reaverei
reaverás
reaverá
reaveremos
reavereis
reaverão

Futuro do pretérito
reaveria
reaverias
reaveria
reaveríamos
reaveríeis
reaveriam

Subjuntivo

Presente
∅

Imperfeito
reouvesse
reouvesses
reouvesse
reouvéssemos
reouvésseis
reouvessem

Futuro
reouver
reouveres
reouver
reouvermos
reouverdes
reouverem

Imperativo

Afirmativo
(Só possui a segunda pessoa do plural.)
reavei (vós)

Negativo
∅

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
reaver

Infinitivo pessoal
reaver
reaveres
reaver
reavermos
reaverdes
reaverem

Gerúndio
reavendo

Particípio
reavido

73. Ruir

Indicativo

Presente
(Não possui a primeira pessoa do singular.)
ruis
rui
ruímos
ruís
ruem

Imperfeito
ruía
ruías
ruía
ruíamos
ruíeis
ruíam

Perfeito
ruí
ruíste
ruiu
ruímos
ruístes
ruíram

Mais-que-perfeito
ruíra
ruíras
ruíra
ruíramos
ruíreis
ruíram

Futuro do presente
ruirei
ruirás
ruirá
ruiremos
ruireis
ruirão

Futuro do pretérito
ruiria
ruirias
ruiria
ruiríamos
ruiríeis
ruiriam

Subjuntivo

Presente
∅

Imperfeito
ruísse
ruísses
ruísse
ruíssemos
ruísseis
ruíssem

Futuro
ruir
ruíres
ruir
ruirmos
ruirdes
ruírem

Imperativo

Afirmativo
(Possui só as segundas pessoas.)
rui(tu)
rui(vós)

Negativo
∅

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
ruir

Infinitivo pessoal
ruir
ruíres
ruir
ruirmos
ruirdes
ruirem

Gerúndio
ruindo

Particípio
ruído

74. Urgir

(Urgente)

Só é conjugado nas terceiras pessoas.

Indicativo

Presente
urge
urgem

Imperfeito
urgia
urgiam

Perfeito
urgiu
urgiram

Mais-que-perfeito
urgira
urgiram

Futuro do presente
urgirá
urgirão

Futuro do pretérito
urgiria
urgiriam

Subjuntivo

Presente
urja
urjam

Imperfeito
urgisse
urgissem

Futuro
urgir
urgirem

Imperativo

Afirmativo
não há.

Negativo
não há.

Formas Nominais

Infinitivo impessoal
urgir

Infinitivo pessoal
urgir
urgirem

Gerúndio
urgindo

Particípio
urgido

Unidade 3

ERROS QUE DEVEM SER EVITADOS

Nesta unidade veremos os erros comuns em relação à conjugação de alguns tempos verbais. Esses erros são comentados e corrigidos de forma clara e didática.

CORRIGINDO OS ERROS

Verbo VIR e seus derivados

A) **NÓS** *VIEMOS* **AQUI PARA BEBER OU PARA CONVERSAR? (ERRADO)**

NÓS *VIMOS* **AQUI PARA BEBER OU CONVERSAR? (CERTO)**

Perceba que neste caso houve confusão entre os tempos presente do indicativo (vimos) com o pretérito perfeito do indicativo (viemos). Como a ação ocorre no presente a conjugação está errada.

B) **A PROFESSORA** *INTERVIU* **COM MUITA COERÊNCIA (ERRADO)**

A PROFESSORA *INTERVEIO* **COM MUITA COERÊNCIA (CERTO)**

Cuidado com esse tipo de erro, muito comum por sinal.
O verbo INTERVIR é derivado do verbo VIR, portanto deve ser conjugado como tal. Perceba que no caso do verbo VIR você faria a conjugação corretamente: **A professora VEIO até aqui,** *e não cometeria esse erro:* **A professora VIU até aqui.**

C) OS POLICIAIS *INTERVIRAM* **NO CASO (ERRADO)**

OS POLICIAIS *INTERVIERAM* **NO CASO (CERTO)**

Observe que o problema apresentado é semelhante ao do item anterior, pois se substituírmos INTERVIR por VIR, veremos a maneira correta: **Os policiais VIERAM aqui.**

D) QUANDO VOCÊ *VIR* **AQUI, NÃO TRAGA PROBLEMAS (ERRADO)**

QUANDO VOCÊ *VIER* **AQUI, NÃO TRAGA PROBLEMAS (CERTO)**

O verbo VIR é conjugado no presente do subjuntivo da seguinte forma: quando eu vier, quando tu vieres, quando nós viermos...

Verbo VER e seus derivados

A) NÓS *VIMOS* **AGORA COMO VOCÊ É IMPORTANTE (ERRADO)**

NÓS *VEMOS* **AGORA COMO VOCÊ É IMPORTANTE (CERTO)**

Como a situação exige um verbo no presente do indicativo, pois a ação ocorre no momento da fala, o correto é conjugar o verbo dessa maneira: **eu vejo, tu vês, ele vê, nós vemos, vós vedes, eles vêem.**

B) ELES *VEM* **MUITO BEM DE PERTO (ERRADO)**

ELES *VÊEM* **MUITO BEM DE PERTO (CERTO)**

Tome muito cuidado ao usar os verbos VER e VIR no presente do indicativo, sobretudo na terceira pessoa. Um esquema facilitará a aplicação desses verbos.

VIR = ele vem / eles vêm

VER = ele vê / eles vêem

C) QUANDO VOCÊ *VER* **A MARIA, AVISE-A IMEDIATAMENTE (ERRADO)**

QUANDO VOCÊ *VIR* **A MARIA, AVISE-A IMEDIATAMENTE (CERTO)**

O verbo VER no futuro do subjuntivo é conjugado da seguinte maneira: **quando eu vir, quando tu vires, quando ele vir, quando nós virmos, quando vós virdes, quando eles virem.** *Sendo assim flexione o verbo corretamente:*

Quando eles *virem* **(e não verem) esta bagunça, ficarão furiosos.**

D) A DIREÇÃO *REVEU* **O RELATÓRIO (ERRADO)**

A DIREÇÃO *REVIU* **O RELATÓRIO (CERTO)**

O verbo REVER é conjugado como o verbo VER, portanto deve seguir a mesma conjugação no pretérito perfeito do indicativo: **eu vi, tu viste, ele viu, nós vimos, vós vistes, eles viram.**

E) O GOVERNO *PROVIU* **O POVO DE ESPERANÇAS (ERRADO)**

O GOVERNO *PROVEU* **O POVO DE ESPERANÇAS (CERTO)**

Não queremos confundi-lo, porém tenha muita atenção neste verbo que em algumas conjugações não é igual ao verbo VER.

Pret. perf. ind. = provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram

Pret. mais-que-perf.ind. = provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram.

Pret.imperf.subj. = provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem.

Fut.subj. = prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.

Nos demais tempo segue a conjugação do verbo VER.

Verbo PRECAVER

A) EU ME *PRECAVEJO* CONTRA PESSOAS DESONESTAS (ERRADO)

Por ser um verbo defectivo, não possui conjugação em todos os tempos, só pode ser conjugado no presente do indicativo na primeira pessoa do plural (nós) e segunda pessoa do plural (vós).
Evite conjugá-lo como verbo VER ou mesmo VIR, siga o modelo da página.

verbo REAVER

ELE *REAVEU* OS DOCUMENTOS QUE HAVIA PERDIDO (ERRADO)

ELE *REOUVE* OS DOCUMENTOS QUE HAVIA PERDIDO (CERTO)

Merece um cuidado especial este verbo defectivo, derivado do verbo haver, só é conjugado nas formas em que este possui a letra "v". Portanto frases como essas devem ser evitadas:

Eu reavejo... eu reavenho... eu reavi... ele reaveu...

O pretérito perfeito do indicativo e o futuro do subjuntivo costumam pregar algumas peças também. Veja frases com o emprego correto:

pretérito perfeito: Ele reouve todos os bens perdidos

Eles reouveram todos os bens perdidos

Nós reouvemos todos os bens perdidos

Futuro do subjuntivo: Quando ele reouver os bens perdidos

Quando nós reouvermos todos os bens perdidos

Verbo TER e seus derivados

O POLICIAL *DETEU* **O LADRÃO EM FLAGRANTE (ERRADO)**

O POLICIAL *DETEVE* **O LADRÃO EM FLAGRANTE (CERTO)**

O verbo DETER é derivado do verbo TER, portanto deve ser conjugado da mesma forma. Perceba que se fosse o verbo ter, o erro não ocorreria:

A seleção Brasileira teve problemas com o time africano

Seria muito difícil alguém dizer que a seleção brasileira "teu" problemas com o time africano

A BABÁ *ENTRETIA* **A CRIANÇA COM GOSTOSAS BRINCADEIRAS (ERRADO)**

A BABÁ *ENTRETINHA* **A CRIANÇA COM GOSTOSAS BRINCADEIRAS (CERTO)**

O pretérito imperfeito do indicativo do verbo ter é conjugado da seguinte forma: eu tinha, tu tinhas, ele tinha, nós tínhamos, eles tinham. Logo ENTRETINHA é a forma correta.

O verbo PÔR e seus derivados

OS FUNCIONÁRIOS *EXPORAM* **SEUS PROBLEMAS AO DIRETOR (ERRADO)**

OS FUNCIONÁRIOS *EXPUSERAM* **SEUS PROBLEMAS AO DIRETOR (CERTO)**

O verbo expor assim como: compor, repor, dispor... são derivados do verbo pôr e seguem a mesma conjugação. Se substituirmos expor pelo verbo pôr, teríamos:

Os funcionários puseram...

Perceba algumas construções equivocadas e a correção

Errada:	*Se eu suposse*
CERTA:	*Se eu supusesse*
Errada:	*Quando eu dispor*
CERTA:	*Quando eu dispuser*
Errada:	*Quando depormos*
CERTA:	*Quando depusermos*

Vale lembrar, também, o plural do verbo PÔR no presente do indicativo:

Ele põe defeito em tudo
Eles põem defeitos em tudo

Verbo REQUERER

EU *REQUERO* **O DOCUMENTO (ERRADO)**

EU *REQUEIRO* **O DOCUMENTO (CERTO)**

O verbo REQUERER não segue como modelo o verbo querer, na sílaba "que" ocorre o acréscimo da letra "i" = **quei** *na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e nas outras formas que dela derivam.:*

Que eu requeira – presente do subjuntivo

Requeira você – imperativo afirmativo

Perceba outras construções equivocadas e a correção

Errada: *Se eu requisesse*
CERTA: *Se eu requeresse*

Errada: *Quando eu requiser*
CERTA: *Quando eu requerer*

Verbo IR

SE VOCÊ *IR,* **EU TAMBÉM IREI (ERRADO)**

SE VOCÊ *FOR,* **EU TAMBÉM IREI (CERTO)**

Erro muito comum, ocorre por um processo de contaminação; pois os verbos regulares no futuro do subjuntivo conservam a forma do infinitivo, no entanto os irregulares não a conservam. Procure sempre se lembrar disso antes de falar ou escrever verbos irregulares.

Verbos terminados em IAR

ESSA OPINIÃO *VAREIA* **MUITO (ERRADO)**

ESSA OPINIÃO *VARIA* **MUITO (CERTO)**

O verbo variar é conjugado como o verbo copiar (regular), portanto a forma "varia" é a correta. Veja um exemplo:

Ele copia toda a lição

Ninguém diria: ele copeia toda a lição...

EU *ANSIO* POR DIAS MELHORES EM NOSSO PAÍS (ERRADO)

EU *ANSEIO* POR DIAS MELHORES EM NOSSO PAÍS (CERTO)

Muito cuidado com este verbo irregular, pois na forma rizotônica (sílaba forte no radical) a letra "i" é substituída pelas letras "ei". Ocorre o mesmo com os verbos: mediar, remediar, incendiar e odiar.

ESPERO QUE VOCÊ NÃO *INCENDEIE* A REUNIÃO (CERTO)

ESPERO QUE VOCÊ NÃO *COPIE* TUDO ERRADO (CERTO)

Perceba que as duas frases estão no presente do subjuntivo, porém no verbo incendiar houve a substituição da letra "i" por "ei".

Copie = incendeie

Verbos terminados em EAR

É IMPORTANTE QUE *PASSEIEMOS* NOS FINAIS DE SEMANA (ERRADO)

É IMPORTANTE QUE *PASSEEMOS* NOS FINAIS DE SEMANA (CERTO)

Verbos terminados em "EAR" no imperativo seguem a forma do subjuntivo (com exceção para tu e vós no imperativo afirmativo = presente do subjuntivo), portanto basta trocar a vogal "a" pela vogal "e" (não existe, portanto, a letra "i" colocada indevidamente):

passeamos = passeemos

NÓS *SORTIAMOS* **OS PRÊMIOS (ERRADO)**

NÓS *SORTEAMOS* **OS PRÊMIOS (CERTO)**

Perceba que o verbo não possui em sua formação (SORTEAR) a letra "i", não havendo, portanto, necessidade de inventá-la. Segue a mesma regra para os demais.

EU EXPLODO / EU EXPLUDO (AMBAS ERRADAS)

O verbo explodir é defectivo, portanto não possui a primeira pessoa.

CORRELAÇÃO DOS TEMPOS

SE EU *FOSSE* **VOCÊ SÓ** *COMPRAVA* **EM FEIRA-LIVRE (ERRADO)**

SE EU *FOSSE* **VOCÊ SÓ** *COMPRARIA* **EM FEIRA-LIVRE (CERTO)**

O pretérito imperfeito do subjuntivo (fosse) é usado sempre com o futuro do pretérito do indicativo (compraria) e não com o pretérito imperfeito do indicativo (comprava), pois dessa forma ambas as frases estariam no passado.

QUANDO *CHEGUEI* **À ESTAÇÃO O METRO** *PARTIU*

QUANDO *CHEGUEI* **À ESTAÇÃO O METRÔ JÁ** *PARTIRA*

Na primeira oração o metrô partiu no momento da chegada do falante, já na segunda oração o metrô partiu antes da chegada do falante, pois se encontra no pretérito mais-que-perfeito do indicativo que expressa um fato passado em relação a outro fato passado.

EU *QUERIA* **FALAR COM VOCÊ (pretérito imperfeito)**

EU *QUERERIA* **FALAR COM VOCÊ (futuro do pretérito)**

Na primeira oração a pessoa já não mais deseja falar, pois o verbo se encontra no pretérito imperfeito. Na segunda oração a pessoa deseja falar, pois o verbo se encontra no futuro do pretérito. Portanto muito cuidado ao usar o verbo querer.

MENOS A CONHECERA, MAIS A AMARA

MENOS A CONHECESSE, MAIS A AMARIA

O pretérito mais-que-perfeito do indicativo substitui de forma sofisticada o pretérito imperfeito do subjuntivo (conhecesse) e o futuro do pretérito do indicativo (amaria). Esse tipo de uso é muito comum em Portugal.

Unidade 4

TIRANDO DÚVIDAS DE CONCORDÂNCIA

Nesta unidade veremos os principais casos de concordância verbal, os que provocam dúvidas constantemtente.

As regras são expostas de forma clara e objetiva a fim de facilitar a consulta.

CONCORDÂNCIA VERBAL

a) Haver e fazer:
Quando impessoais não possuem flexão.

Haver **no sentido de existir não flexiona.**

Havia outras soluções (Existiam outras soluções.)

Houve muitas discussões (Existiram muitas discussões.)

Haver **indicando tempo passado não flexiona = Faz.**

Há dias que não te vejo. (Faz dias que não te vejo.)

Há muitos anos que estive lá. (Faz muitos anos que estive lá.)

Fazer **indicando tempo decorrido não flexiona.**

Faz horas que estou esperando você.

b) Sujeito coletivo:
Concorda com o coletivo.

A turma chegou.

A maioria dos alunos faltou.

OBS.: A concordância com o adjunto é aceitável:
A maioria dos alunos faltaram.

c) Verbo concorda com a expressa numérica:
1) Porcentagem: Um terço dos alunos foi bem na prova. Quarenta por cento da turma foram aprovados.

2) *Mais de um, cerca de*: **Mais de um aluno faltou. Cerca de dez alunos faltaram.**

OBS.: Se houver reciprocidade, o verbo ficará no plural:
Mais de um aluno agrediram-se.

d) Sujeitos ligados por *ou* **e** *e*:
Quando o sujeito é formado por palavras ligadas por *ou* **e a ação é coletiva, o verbo fica no plural; quando individual, o verbo fica no singular.**

Maria ou Marta será escolhida a Miss Primavera. (Ação individual.)

Maria ou Marta são ótimas candidatas à Miss Primavera (Ação coletiva.)

Quando o sujeito é formado por palavras ligadas por *e*, **fica normalmente no plural; quando é formado por sinônimos ou gradação, o verbo fica no singular.**

João e José participaram da festa.
Ódio e rancor formava o caráter daquele homem. (Sinônimo.)

Um grito, uma palavra e um gesto modificou minha vida. (Gradação.)

e) Voz passiva sintética = *verbo* **+** *se*:
Quando o verbo é transitivo direto (sem preposição) concordará com o sujeito.

Vendem-se casas. (Casas são vendidas.)

Dão-se aulas. (Aulas são dadas.)

Compra-se carro. (Carro é comprado.)

Quando o verbo é transitivo indireto (com preposição) ficará obrigatoriamente no singular.

Precisa-se *de* **empregada.**
Pensou-se *em* **soluções.**

f) Pronomes relativos *que* **e** *quem***:**
*Que***: O verbo concorda com o antecedente**

Fui *eu* **que** *comprei* **o carro.**

Foi *ele* **que** *comprou* **o carro.**

Fomos *nós* **que** *compramos* **o carro.**

*Quem***: O verbo concorda obrigatoriamente com a 3ª pessoa do singular (ele).**

Fui eu quem *comprou* **o carro.**

Fomos nós quem *comprou* **o carro.**

Foram eles quem *comprou* **o carro.**

g) O verbo *ser***:**

1) Concorda com o sujeito quando é personativo.

Capitu **era as esperanças de Betinho.**

Eliana **é meus sonhos.**

2) Concorda com o predicativo quando este é um pronome pessoal.

O premiado sou *eu***.**

O premiado é *ele***.**

3) Com os pronomes: *aquilo*, *isso*, *isto*, *tudo*, **o verbo concorda com o predicativo.**

Tudo **são ilusões na vida.**

Aquilo **são flores.**

4) Datas e horas: O verbo concorda com o numeral.

São duas horas.

Hoje são quinze de agosto.

É meio-dia e meia.

5) Nas expressões: *é muito*, *é pouco*, *é suficiente*, **etc., o verbo fica no singular.**

Cem quilos *é muito* **para mim.**

Dez metros de pano *é suficiente*.

Índice

Os verbos foram dispostos em ordem alfabética a fim de que seja facilitada a sua consulta.

O leitor, ao procurar um verbo desejado, será remetido a ele ou a um verbo com conjugação semelhante, como pode ser observado no exemplo a seguir:

CULTUAR....................1

Basta procurar na unidade 2, Modelos de conjugação, o verbo número 1 (acentuar) e fazer a mesma conjugação.

Acentuar	**Cultuar**
eu acentuo	**cultuo**
tu acentuas	**cultuas**
ele acentua	**cultua**
nós acentuamos	**cultuamos**
vós acentuais	**cultuais**
eles acentuam	**cultuam**

Foram selecionados, neste índice, os verbos que ocorrem com mais freqüência em diferentes situações de uso. Caso o verbo escolhido não esteja na lista sempre haverá um outro correspondente.

ÍNDICE ALFABÉTICO-REMISSIVO

(os números se referem aos modelos)

A

abandonar 6
abarcar 12
abastecer 28
abdicar 12
abençoar 17
abnegar 16
abolir 67
aborrecer 28
abotoar 17
abranger 24
abraçar 2
abreviar 7
abrigar 16
abrir 23
absolver 5
absorver 5
abstrair 58
acarear 36
acariciar 7
acender 5
acentuar 1
acolchoar 17
aconchegar 16
acontecer 28
acuar 1
acudir 30
adaptar 22
adequar 66
aderir 31
adiar 7
advinhar 6
adoçar 2
adocicar 12
adoecer 28
adorar 6
adormecer 28
adornar 6
advertir 31
advir 65
advogar 16
afagar 16
afeiçoar 17
aferir 31
afiançar 2
afiar 7
afligir 13
afogar 16
afrouxar 26
agenciar 7
agir 13
agoniar 7
agourar 26
agraciar 7
agradecer 28
agredir 32
aguar 9
aguçar 2
alagar 16
alardear 36
alargar 16
alcançar 2
alçar 2
alegar 16
aleijar 29
alforriar 7
aliar 7
alicerçar 2
aliciar 7
alienar 6
alijar 29
aliviar 7
almejar 29
almoçar 2
alongar 16
alugar 16
alvejar 79
alvoroçar 2
amaciar 7
amadurecer 28
amaldiçoar 17
amalucar 12
amanhecer 28
amar 6
amargar 16
ameaçar 2
amolecer 28
amontoar 17
amordaçar 2
amortecer 28
ampliar 7
amplificar 12

anestesiar 7
angustiar 7
anistiar 7
anoitecer 28
ansiar 47
antepor 52
antever 64
anuir 25
anunciar 7
apagar 16
aparecer 28
apartar 6
apartear 36
apaziguar 4
apear 36
apedrejar 29
apegar 16
aperfeiçoar 17
apetecer 28
apiedar-se 33
aplicar 12
apodrecer 28
aprazer 34
apreciar 7
apregoar 17
apressar 6
apropriar 7
aquecer 28
aquiescer 28
arcar 12
arejar 29
argüir 3
arquear 36
arrancar 12
arranjar 29
arrear 36
arrefecer 28
arregaçar 2
arrepiar 7
arriar 7
arriscar 12
arrojar 29
ascender 55
asfixiar 7
assalariar 7
assassinar 6
assediar 7
assobiar 7
associar 7
atacar 12
atear 36
atenuar 1
ater-se 61
atiçar 2
atingir 13
atordoar 17
atracar 12
atraiçoar 17
atrair 58
atravancar 12
atribuir 25
atrofiar 7
atuar 1
autenticar 12
autuar 1
auxiliar 7
avaliar 7
avançar 2
avantajar 29
averiguar 4

B

bagunçar 2
balançar 2
balbuciar 7
baldear 36
balear 36
bambear 36
bancar 12
bandear 36
banir 67
baquear 36
baratear 36
barbear 36
basear 36
bater 5
batucar 12
bebericar 12
beijar 29
bendizer 42
beneficiar 7
bestificar 12
bifurcar 12
bloquear 36
bobear 36
bocejar 29
bombardear 36
bombear 36
brecar 12
brigar 16
brincar 12
bronquear 36
bronzear 36
bulir 30
buscar 12

C

cabecear 36
caber 35
caçar 2
caçoar 17
cair 58
calcar 12
calcificar 12
calejar 29
calotear 36
caluniar 7
calar 12
cambalear 36
cantar 6
captar 22
carecer 28
carpir 67
carregar 16
cassar 6

castigar 16
catalogar 16
cavalgar 16
cavoucar 12
cear 36
cegar 16
cercar 12
cercear 36
cerrar 6
certificar 12
chatear 36
checar 12
chefiar 7
chegar 16
chiar 7
choramingar 16
circundar 6
circunstanciar 7
ciscar 12
clarear 36
classificar 12
coagir 13
cobiçar 2
cobrir 43
coçar 2
codificar 12
coligar 16
colocar 12
colorir 67
começar 2
compadecer 28
comparecer 28
compelir 31
competir 31
compilar 6
complicar 12
compor 52
comungar 16
comunicar 12
conceituar 1
conciliar 7
concluir 25
condizer 42
conduzir 37
conferir 31
confiar 7
confidenciar 7
confiscar 12
conhecer 28
conjugar 16
conquistar 6
conseguir 59
consentir 31
consorciar 7
constituir 25
constranger 24
construir 38
conssumir 30
contagiar 7
conter 61
continuar 1
contradizer 42
contrair 58
contrapor 52
contrariar 7
contribuir 25
convalescer 28
convencer 28
convergir 41
convir 65
convocar 12
copiar 7
coroar 17
corrigir 13
corroer 19
cortejar 29
crer 40
crescer 28
criar 7
criticar 12
cultuar 1
cuspir 30
custear 36
cutucar 12

D

danificar 12
dançar 2
dar 39
decair 58
decompor 52
decrescer 28
dedicar 12
deduzir 37
defecar 12
deferir 31
delegar 16
deliciar 7
delinear 36
delinqüir 67
demarcar 12
demolir 67
denegrir 32
denunciar 7
depor 52
deprecar 12
depreciar 7
desabotoar 17
desabrigar 16
desafeiçoar 17
desafiar 7
desafogar 16
desagregar 16
desaguar 9
desalojar 29
desamontar 17
desaparecer 28
desapreciar 7
desapropriar 7
desarranjar 29
desatravancar 12
desbancar 12
descalçar 2
descarregar 16
descascar 12
descer 28
desclassificar 12

descobrir 42
descolorir 67
descomplicar 12
descompor 52
desconfiar 7
desconhecer 28
descrer 40
desdenhar 6
desdizer 42
desejar 64
desembaraçar 2
desembarcar 12
desembocar 12
desenfrear 36
desenlaçar 2
desenroscar 12
desfalcar 12
desfalecer 28
desfavorecer 28
desfazer 44
desferir 31
desfiar 7
desgraçar 2
desguarnecer 28
desimpedir 48
desintoxicar 12
desligar 16
deslocar 12
desmentir 31
desmerecer 28
desobedecer 28
desobrigar 16
desobstruir 25
despedaçar 2
despedir 48
despejar 29
despencar 12
desperdiçar 2
despir 31
despojar 29
desprevenir 32
desqualificar 12
destacar 12
destituir 25
destoar 17
destorcer 28
destroncar 12
destruir 38
desvaler 63
desviar 7
desvirtuar 1
deter 61
diagnosticar 12
dialogar 16
diferençar 2
diferenciar 7
diferir 31
digerir 31
dignar-se 15
dignificar 12
diligenciar 7
diluir 25
diminuir 25
dirigir 13
discernir 31
disfarçar 2
dispor 52
dissecar 12
disseminar 6
dissociar 7
distanciar 7
distinguir 8
dostorcer 28
distrair 58
distribuir 25
divagar 16
divergir 41
diversificar 12
divertir 31
divorciar 7
divulgar 16
dizer 42
doar 17
doer 68
domesticar 12
dormir 43
duplicar 12

E

edificar 12
editar 6
educar 12
efervescer 28
eleger 24
eletrificar 12
elogiar 7
emagrecer 28
embaçar 2
embaraçar 2
embarcar 12
embevecer 28
embocar 12
emboscar 12
embranquecer 28
embriagar 16
embrutecer 28
emergir 41
empalidecer 28
empobrecer 28
empolgar 16
empregar 16
emudecer 28
enaltecer 28
encabeçar 2
encadear 36
encarecer 28
encarregar 16
encharcar 12
encobrir 43
encorajar 29
encrencar 12
encucar 12
endereçar 2
endoidecer 28
endurecer 28

enfeitiçar 2
enferrujar 29
enfiar 7
enfocar 12
enfraquecer 28
enfurecer 28
engajar 29
engasgar 16
engolir 43
engrandecer 28
enguiçar 2
enjoar 17
enlaçar 2
enlouquecer 28
enojar 29
enriquecer 28
enroscar 12
enrugar 16
ensaboar 17
ensacar 12
ensurdecer 28
entediar 7
entoar 17
entontecer 28
entorpecer 28
entredizer 42
entregar 16
entrelaçar 2
entremear 36
entrepor 52
entreter 61
entrever 64
entristecer 28
entupir 30
enunciar 7
envaidecer 28
envelhecer 28
envergar 16
enviar 7
enxaguar 9
enxergar 16
enxugar 16
equivaler 63
equivocar 12
erguer 10
erigir 13
erradicar 12
esbanjar 29
esbofetear 36
esboçar 2
esbravejar 29
esburacar 12
escamotear 36
escanhoar 17
escapulir 30
escassear 37
esclarecer 28
escorraçar 2
escorregar 16
escrever 5
esculpir 69
escurecer 28
esforçar 2
esfregar 16
esfriar 7
esmaecer 28
esmagar 16
esmiuçar 2
esmorecer 28
espaçar 2
espairecer 28
espanar 6
espancar 12
especificar 12
espernear 36
espiar 7
espoliar 7
espreguiçar 2
esquartejar 29
esquecer 28
esquiar 7
estabelecer 28
estagiar 7
estancar 12
estar 11
estarrecer 28
estatuir 25
esticar 12
estilhaçar 2
estocar 12
estourar 26
estragar 16
estremecer 28
estropiar 7
esvaecer 28
esvair 58
esvaziar 7
esverdear 36
evacuar 1
evidenciar 7
evoluir 25
exaurir 67
exceturar 1
excitar 6
excluir 25
exemplificar 12
exercer 28
exigir 13
expedir 48
expelir 31
expiar 7
explicar 12
explodir 67
expor 52
extasiar 7
extinguir 8
extorquir 67
extrair 58
extraviar 7

F

fabricar 12
falecer 28
falir 69
falsear 36
falsificar 12
fantasiar 7

farrear 36
fatigar 16
favorecer 28
fazer 44
fechar 6
fenecer 28
ferir 31
festejar 29
fiar 7
ficar 12
filiar 7
fincar 12
fingir 13
fisgar 16
florear 36
florescer 28
florir 69
fluir 25
fofocar 12
folgar 16
folhear 36
foliar 7
foragir-se 69
forçar 2
forjar 29
fornecer 28
fornicar 12
fortalecer 28
fortificar 12
franquear 36
franzir 23
fraquejar 29
frear 36
frigir 13
frontear 36
fruir 25
fuçar 2
fugir 45
fulgir 13
fumegar 16
fungar 16
fustigar 16
futricar 12

G

galgar 16
gananciar 7
ganhar 6
gargarejar 29
gastar 6
gazetear 36
gerir 31
gingar 16
gloriar 7
glorificar 12
golear 36
golpear 36
gotejar 29
gozar 6
gracejar 29
graduar 1
grampear 36
gratificar 12
guarnecer 28
guerrear 36
guiar 7

H

habituar 1
hastear 36
haver 14
hipotecar 12
historiar 7
homenagear 36
homologar 16

I

identificar 12
imbuir 25
imergir 41
impedir 48
impelir 31
impingir 13
implicar 12
implorar 6
impor 52
impronunciar 7
inadimplir 69
incandescer 28
incendiar 47
incluir 25
indagar 16
indeferir 31
indicar 12
indiciar 7
indignar-se 15
indispor 52
induzir 37
inferir 31
infligir 13
infringir 13
ingerir 31
iniciar 7
inserir 31
insinuar 1
instigar 16
instituir 25
instruir 25
intensificar 12
interagir 13
interferir 31
interligar 16
intermediar 47
interpor 52
interrogar 16
intervir 65
intoxicar 12
intrigar 16
intrincar 12
introduzir 37
intuir 25
invejar 29
investigar 16
investir 31
invocar 12

ir 47
irrigar 16

J

jantar 6
jejuar 1
jogar 16
judiar 7
judiciar 7
julgar 16
justapor 52
justificar 12

L

laçar 2
lacrimejar 29
lamacear 36
lamuriar 7
lançar 2
largar 16
larguear 36
lascar 12
laurear 36
legar 16
leiloar 17
ler 40
licenciar 7
ligar 16
liquefazer 44
liquificar 12
litigiar 7
lotear 36
lubrificar 12
ludibriar 7
luxuriar 7

M

machucar 12
madrugar 16
magoar 17
maldizer 42
maliciar 7
manejar 29
manjar 29
manter 61
manusear 36
mapear 36
marcar 12
mascar 12
massagear 36
massificar 12
matracar 12
mediar 47
medir 48
mentir 31
merecer 28
mijar 29
minguar 9
minuciar 7
mistificar 12
mitificar 12
mitigar 16
mobiliar 18
modificar 12
moer 19
mordiscar 12
morrer 5
mortificar 12
multiplicar 12
municiar 7

N

nascer 28
naufragar 16
nausear 36
navegar 16
negar 16
negligenciar 7
negociar 7
nocautear 36
nomear 36
nortear 36
noticiar 7
notificar 12

O

obcecar 12
obedecer 28
obliquar 20
obrigar 16
obscurecer 28
obstar 21
obstringir 74
obstruir 25
odiar 49
oferecer 28
oficiar 7
ofuscar 12
opor 52
optar 22
orar 6
orçar 2
ousar 26
outorgar 16
ouvir 51

P

pacificar 12
pagar 16
paparicar 12
papear 36
parafrasear 36
parecer 28
parodiar 7
partir 23
passear 36
patentear 36
pecar 12
pedir 48

pegar 16
penitenciar 7
pentear 36
perder 49
perdoar 17
perecer 28
perguntar 6
permanecer 28
permear 36
perpetuar 1
perseguir 59
pertencer 28
pescar 12
pestanejar 29
petiscar 12
petrificar 12
picar 12
pigarrear 36
pingar 16
piratear 36
piscar 12
pisotear 36
plagiar 7
planejar 29
planificar 12
pleitear 36
poder 50
policiar 7
polir 51
poluir 25
pontificar 12
pôr 52
pospor 52
possuir 25
poupar 26
pousar 26
povoar 17
praguejar 29
prantear 36
praticar 12
precaver 71
preferir 31
preguear 36
prejudicar 12
prejulgar 16
premiar 7
prenunciar 7
presenciar 7
presentear 36
presidiar 7
pressentir 31
pressupor 52
prestigiar 7
preterir 31
prevalecer 28
prevenir 32
prever 64
principiar 7
privilegiar 7
produzir 37
proferir 31
prognosticar 12
progredir 32
prolongar 16
promulgar 16
prontificar 12
pronunciar 7
propagar 16
propiciar 7
propor 52
prorrogar 16
prosear 36
prosseguir 59
prostituir 25
prover 64
providenciar 7
provir 65
provocar 12
publicar 12
pulsar 1
purificar 12

Q

qualificar 12
quantificar 12
questionar 6

R

rabiscar 12
ramificar 12
ranger 24
raptar 22
rarear 36
rasgar 16
rastejar 29
ratear 36
ratificar 12
reabastecer 28
reagir 13
realçar 2
reaparecer 28
reaquerer 28
reavaliar 7
reaver 72
reavir-se 65
rebocar 12
rebuscar 12
recair 58
recaucar 12
recear 36
recensear 36
rechaçar 2
rechear 36
reclassificar 12
recobrir 43
recolocar 12
recomeçar 2
recompor 52
reconciliar 7
reconduzir 37
reconhecer 28
reconstituir 25
reconstruir 38
reconvocar 12
recuar 1
redigir 13
reduzir 37
referenciar 7
referir 31
refletir 31

refolgar 16
reforçar 2
refrear 36
refrescar 12
regar 16
regatear 36
reger 24
regredir 32
reivindicar 12
rejuvenescer 28
relegar 16
reler 40
remanecer 28
remarcar 12
remediar 47
remir 69
remoçar 2
remoer 19
renascer 28
renegar 16
renunciar 7
repelir 31
repetir 31
repicar 12
replicar 12
repor 52
reproduzir 37
reprover 53
republicar 12
repudiar 7
requerer 55
resfriar 7
resignar-se 15
resmungar 16
respingar 16
responder 5
ressabiar 7
ressecar 12
ressentir 31
ressurgir 13
restabelecer 28
restituir 25
restringir 13
retaliar 7
reter 61
retificar 12
retorcer 28
retorquir 67
retrair 58
retribuir 25
retrucar 12
reunificar 12
rever 64
reverenciar 7
revestir 31
revoar 17
revogar 16
rir 56
riscar 12
roçar 2
rodear 36
rodopiar 7
roer 19
rogar 16
roncar 12
rosquear 36
roubar 26
rubricar 12
ruir 73

S

saber 57
saborear 36
sacanear 36
sacar 12
sacudir 30
sair 58
salgar 16
salpicar 12
sanar 6
sanear 36
santificar 12
sapatear 36
sapecar 12
saquear 36
sarar 6
satisfazer 44
saudar 27
secar 12
sediar 7
seduzir 37
segregar 16
seguir 59
semear 36
sentenciar 7
sentir 31
ser 60
serrar 6
servir 31
significar 12
silenciar 7
simplificar 12
sitiar 7
situar 1
soar 17
sobrecarregar 16
sobressair 58
sobrevoar 17
socar 12
sofisticar 12
sofrer 5
solidificar 12
soluçar 2
sombrear 36
sonegar 16
sorrir 56
sortear 36
sortir 51
sossegar 16
suar 1
subir 30
subjugar 16
submergir 41
submeter 5
substituir 25
subtrair 58
sulfocar 12
sulgar 16
sugerir 31
suicidar-se 6

sujar 29
sumir 30
suplicar 12
supor 52

T

tachar 9
tapear 36
tatuar 1
taxar 6
tecer 28
teleguiar 7
tingir 13
tinir 69
titubear 36
toar 17
tocar 12
torcer 28
tornear 36
tossir 43
traçar 2
traduzir 37
trafegar 16
traficar 12
tragar 16
trair 58
trajar 29
trancar 12
trançar 2
transferir 31
transgredir 32
transparecer 28
transpor 52
transviar 7
trapacear 36
trazer 62
tricotear 36
trincar 12
triplicar 12
trocar 12
troçar 2
tropicar 12
trotear 36
trucar 12
truncar 12
tumultuar 1

U

ultrajar 29
umedecer 28
ungir 67
unificar 12
uniformizar 2
urgir 74
usufruir 25

V

vadiar 7
vagabundear 36
vagar 16
valer 63
vangloriar 7
varear 7
valejar 29
vencer 28
ver 64
veranear 36
verificar 12
versejar 29
versificar 12
vestir 31
viajar 29
vigiar 7
vingar 16
vir 65
vistoriar 7
vivenciar 7
vivificar 12
voar 17

X

xeretar 22
xerocar 12
xerografar 6
xingar 16

Z

zangar 16
zelar 12

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Dicionário de questões vernáculas*. **São Paulo, Ática, 1996.**

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. **São Paulo, Nacional, 1987.**

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*. **Petrópolis, Vozes 1985.**

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. **São Paulo, Nacional, 1993.**

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. **Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.**

FERREIRA, Mauro. *Aprender e praticar gramática*. **São Paulo, FTD, 1994.**

NICOLA, José de & TERRA, Ernani. *Verbos – guia prático de emprego e conjugação*. **São Paulo, Scipione, 1994.**

RYAN, Maria Aparecida. *Conjugação dos verbos em português*. **São Paulo, Ática, 1990.**

SOBRAL, João Jonas Veiga. *Redação – escrevendo com prática*. **São Paulo, Iglu, 1996.**

SPINA, Segismundo. *Dicionário prático de verbos conjugados*. **Rio de Janeiro. José Olímpio, 1980.**

TUFANO, Douglas. *Estudo de língua portuguesa – gramática*. **São Paulo, Moderna, 1990.**

O LIVRO

A conjugação e a concordância verbais sempre causaram dificuldades na produção escrita devido à sua complexidade. Esta obra tem por objetivo sanar esses problemas, pois as explicações são de fácil assimilação, assim como os exemplos mostrados oferecem ao consulente respostas rápidas e práticas.

Foram trabalhados ao longo do livro os pontos básicos do estudo do verbo:

a) estudo da teoria verbal, emprego e aplicações;
b) modelos de conjugação de verbos regulares e irregulares;
c) erros freqüentes comentados e corrigidos.

Verbos para todos certamente resolverá todas as suas dúvidas quanto ao emprego, à conjunção e à concordância verbal.

Aplicação

Livro destinado à consulta diária de todos que falam e escrevem a Língua Portuguesa. Material de apoio a estudantes de 1º, 2º e 3° graus.

O Autor

Professor de Português Instmmental na Faculdade de Ciências Econômicas de S'ao Paulo, Língua Portuguesa e Redação na Fundação Escola e Comércio Álvares Penteado na Escola Técnica Oswaldo Cruz, e Colégio Jardim São Paulo. Autor das seguintes obras: **"Técnica de Redação: a redação empresarial", Redação: escrevendo com prática.**

ISBN 85-85631-260
9 788585 631260

IGLU EDITORA LTDA.
RUA DUÍLIO, 386
05043-020 - SÃO PAULO - SP
TEL.: (011) 873-0227
IGLU
EDITORA

PORTUGUÊS

Ortografia

Emprego do hífen – parte 1

Profª. Isabel Vega

I - EMPREGO DO HÍFEN NAS PALAVRAS COMPOSTAS

a) Nos compostos por justaposição, sem elemento de ligação, quando o primeiro termo está representado por forma substantiva, adjetiva, numeral ou verbal.

Ex.: amor-perfeito / decreto-lei / boa-fé / azul-escuro / primeiro-ministro / guarda-noturno

OBS.1: afro-asiático (afro – subst. = África)
afrodescendente (afro – adj. = da África, africano)

Emprego do hífen – parte 1

OBS.2: mandachuva / manda-lua / manda-tudo e

paraquedas / para-choque / para-lama

(formas consagradas pelo uso)

b) Nos compostos sem elemento de ligação quando o primeiro elemento está representado pelo advérbio **MAL** e o segundo elemento começa por **VOGAL**, **H** ou **L**.

Ex.: mal-afortunado / mal-humorado / mal-limpo /
malcriado / malcheiroso

Emprego do hífen – parte 1

c) Nos compostos sem elemento de ligação quando o primeiro elemento está representado pelo advérbio BEM.

Ex.: bem-criado / bem-falante / bem-humorado / bem-aventurado / bem-vindo

d) Nos nomes geográficos compostos pelas formas GRÃ, GRÃO, ou por forma verbal, ou aqueles ligados por artigo.

Ex.: Grã-Bretanha / Passa-Quatro / Entre-os-Rios

OBS.: Serão hifenizados os adjetivos gentílicos derivados de topônimos compostos que contenham ou não elementos de ligação: florentino-do-Piauí / mato-grossense-do-sul / juiz-forano / rio-grandense–do-norte / norte-rio-grandense

e) Nos compostos que designam espécies botânicas, zoológicas e áreas afins, ligados ou não por preposição ou outro elemento.

Ex.: bola-de-neve (arbusto) / bico-de-papagaio (arbusto)
bola de neve (gelo) / bico de papagaio (doença)

II - NÃO EMPREGO DO HÍFEN

a) Não se usa o hífen nas locuções substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, exceto em casos consagrados pelo uso, como água-de-colônia, cor-de-rosa, pé-de-meia e outros.

Emprego do hífen – parte 1

Ex.: fim de semana / cão de guarda / mestre de obra
mão de obra / cor de laranja / sala de jantar

b) Não se emprega o hífen com as palavras NÃO e QUASE com função prefixal.

Ex.: não agressão / não fumante / não violência /
quase delito /quase domicílio

c) Não se emprega o hífen quando o 1º elemento termina por vogal e o 2º elemento começa por vogal diferente.

Ex.: aeroespacial / agroindustrial / socioeconômico
neoimperialismo / sobreaquecer / semiárido

Emprego do hífen – parte 1

d) Não se usa o hífen quando o 1º elemento termina por vogal e o 2º elemento começa por R ou S, devendo estas consoantes duplicarem-se.

Ex.: ultrassonografia / antirreligioso / antessala

autorregulamentação / contrarregra / contrassenha

PORTUGUÊS

Ortografia

Emprego do hífen – parte 2

Profª. Isabel Vega

Qconcursos.com

Emprego do hífen – parte 2

I - EMPREGO DO HÍFEN NAS PALAVRAS DERIVADAS, COM PREFIXOS ou PSEUDOPREFIXOS

a) Nas formações em que o segundo elemento começa por h.

Ex.: anti-higiênico, circum-hospitalar, co-herdeiro*,
contra-harmônico, pré-história, super-homem

b) Nas formações em que o prefixo ou pseudoprefixo termina na mesma letra com que se inicia o segundo elemento.

Ex.: anti-ibérico, contra-almirante, auto-observação,
sub-bairro, ad-digital, circum-navegação, hiper-realista

Emprego do hífen – parte 2

OBS. 1: Nas formações com o prefixo co-, este aglutina-se em geral com o segundo elemento mesmo quando iniciado por “o” (consagração pelo uso).

Ex.: coocupante, coordenar, cooperação, cooperar

C) Nas formações com os prefixos ab, ob, sub, sob e ad, quando seguidos de radical iniciado por R.

Ex.: ab-rupto, ob-rogar, sub-região, sob-roda, ad-renal

Qconcursos.com

Emprego do hífen – parte 2

d) Nas formações com os prefixos tônicos acentuados graficamente pós-, pré- e pró-, quando o segundo elemento tem vida à parte.

Ex.: pós-graduação, pós-tônicos, pré-escolar, pré-natal, pró-africano, pró-europeu

OBS.: preconceito ; prever ; pospor (uso consagrado)

e) Nas formações com os prefixos pan- e circun-, quando o segundo elemento for iniciado por vogal.

Ex.: pan-americano, pan-arabismo, circum-ambiente

Emprego do hífen – parte 2

f) Nas formações com os prefixos ex- (com o sentido de estado anterior), sota-, soto-, vice-, recém-, além-, sem-.

Ex.: ex-almirante, ex-diretor, ex-hospedeira, ex-rei;
ex-presidente, ex-primeiro-ministro, sota-piloto,
soto-mestre, vice-presidente, vice-reitor,
recém-chegado, recém-aberto, além-mar,
sem-vergonha, sem-sal, sem-teto, sem-terra.

II – CASOS DE NÃO EMPREGO DO HÍFEN

a) Não se usa o hífen nas formações com os prefixos DES e IN quando o segundo elemento perde o H inicial.

Ex.: desumano / desumidificar / inábil

b) Não se emprega o hífen com as palavras NÃO e QUASE com função prefixal.

Ex.: não agressão / não fumante / não violência /
quase delito /quase domicílio

Emprego do hífen – parte 2

c) As palavras derivadas com o prefixo “re-” continuam sendo escritas sem o hífen, mesmo quando a 2ª palavra começa pela vogal “e” (consagração pelo uso).

Ex.: reescrita / reeleito / reerguer / reelaborar

9143
C5

Coleção: Linguagem/Crítica

Direção: Charlotte Galves
Eni Pulcinelli Orlandi

Conselho Editorial: Charlotte Galves
Eni Pulcinelli Orlandi (presidente)
Marilda Cavalcanti
Paulo Otoni

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

B413p
3.ª ed.

Benveniste, Émile, 1902-1976.
Problemas de lingüística geral I ; tradução de Maria da Gloria Novak e Maria Luiza Neri ; revisão do Prof. Isaac Nicolau Salum. — 3.ª ed. — Campinas, SP : Pontes : Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1991 — (Linguagem crítica)

Bibliografia.

ISBN 85-7113-015-9
1. Lingüística I. Título. II. Série

88-1909 CDD-410

Índice para catálogo sistemático:
1. Lingüística 410

C5-L

ÉMILE BENVENISTE

PROBLEMAS DE LINGÜÍSTICA GERAL I

Tradução:
Maria da Glória Novak
e
Maria Luiza Neri

Revisão do
Prof. Isaac Nicolau Salum

1991

sobrecompostos. O sistema é assim reparado, e os dois pares de oposições voltam a tornar-se simétricos. Ao presente, *je mange* [= "eu como"] opõe-se um perfeito *j'ai mangé* que fornece ao discurso 1.° uma ação acabada de presente (por exemplo, "*j'ai mangé*; je n'ai plus faim"); 2.° um anterior de presente (por exemplo, "quand *j'ai mangé*, je sors me promener"). Quando *j'ai mangé* se torna aoristo, recria-se um novo perfeito *j'ai eu mangé* que, paralelamente, dá 1.° uma ação acabada de aoristo (por exemplo, "*j'ai eu mangé* mon repas en dix minutes"); 2.° um anterior de aoristo (por exemplo, "*quand j'ai eu mangé*, je suis sorti"). Além disso, o paralelismo temporal é restabelecido entre os dois planos de enunciação: ao par *il mangea* (aoristo) : *il eut mangé* (perfeito) da narrativa histórica, o discurso responde agora com *il a mangé* (novo aoristo) : *il a eu mangé* (novo perfeito).

Demos aqui apenas um esboço sumário de um assunto vasto que exigiria longas análises e estatísticas pormenorizadas. O essencial estava em fazer evidenciar-se essas grandes divisões, às vezes pouco visíveis, que percorrem o sistema temporal do verbo francês moderno. Umas, como a distinção da narrativa histórica e do discurso, criam dois subsistemas de tempos e de pessoas verbais; a outra, a do presente e do perfeito, não é de ordem temporal; mas, a cada nível temporal, o perfeito contém duas funções que a sintaxe distingue: função de ação acabada e função de anterioridade, simetricamente distribuídas, em parte por refacção, entre a narrativa e o discurso. A tabela de uma conjugação de um verbo francês, em que esses paradigmas se alinhem, completos e uniformes, não deixa nem suspeitar que o sistema formal do verbo tem uma estrutura dupla (conjugação de presente e conjugação de perfeito), como é dupla essa organização temporal, fundada sobre relações e oposições que são a realidade da língua.

CAPÍTULO 20

a natureza dos pronomes(238)

No debate hoje aberto sobre a natureza dos pronomes, temos o hábito de considerar essas formas lingüísticas como formando uma mesma classe, formal e funcionalmente; à maneira, por exemplo, das formas nominais ou das formas verbais. Ora, todas as línguas possuem pronomes e, em todas, eles se definem como referindo-se às mesmas categorias de expressão (pronomes pessoais, demonstrativos, etc.) A universalidade dessas formas e dessas noções faz pensar que o problema dos pronomes é ao mesmo tempo um problema de linguagem e um problema de línguas, ou melhor, que só é um problema de línguas por ser, em primeiro lugar, um problema de linguagem. É como fato de linguagem que o apresentaremos aqui, para mostrar que os pronomes não constituem uma classe unitária, mas espécies diferentes segundo o modo de linguagem do qual são os signos. Uns pertencem à sintaxe da língua, outros são característicos daquilo a que chamaremos as "instâncias do discurso", isto é, os atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em palavra por um locutor.

Deve considerar-se, em primeiro lugar, a situação dos pronomes pessoais. Não é suficiente distingui-los dos outros pronomes por uma denominação que os separe. É preciso ver que a definição comum dos pronomes pessoais como contendo os três termos *eu*, *tu*, *ele*, abole justamente a noção de "pessoa".

---

238. Extraído de *For Roman Jakobson*, Mouton & Co., Haia, 1956.

Esta é própria somente de *eu/tu*, e falta em *ele*. Essa diferença natural sobressairá da análise de *eu*.

Entre *eu* e um nome referente a uma noção lexical, há não apenas as diferenças formais, muito variáveis, impostas pela estrutura morfológica e sintática das línguas particulares. Há outras, que se prendem ao próprio *processus* da enunciação lingüística e que são de uma natureza mais geral e mais profunda. O enunciado que contém *eu* pertence a esse nível ou tipo de linguagem a que Charles Morris chama pragmático, e que inclui, com os signos, aqueles que os empregam. Pode imaginar-se um texto lingüístico de grande extensão — um tratado científico, por exemplo — em que *eu* e *tu* não aparecem nem uma única vez; inversamente seria difícil conceber um curto texto falado em que não fossem empregados. Entretanto, os outros signos da língua se distribuiriam indiferentemente entre esses dois gêneros de textos. Fora dessa condição de emprego, que já é distintiva, destacaremos uma propriedade fundamental, e aliás manifesta, de *eu* e *tu* na organização referencial dos signos lingüísticos. Cada instância de emprego de um nome refere-se a uma noção constante e "objetiva", apta a permanecer virtual ou a atualizar-se num objeto singular, e que permanece sempre idêntica na representação que desperta. No entanto, as instâncias de emprego de *eu* não constituem uma classe de referência, uma vez que não há "objeto" definível como *eu* ao qual se possam remeter identicamente essas instâncias. Cada *eu* tem a sua referência própria e corresponde cada vez a um ser único, proposto como tal.

Qual é, portanto, a "realidade" à qual se refere *eu* ou *tu*? Unicamente uma "realidade de discurso", que é coisa muito singular. *Eu* só pode definir-se em termos de "locução", não em termos de objetos, como um signo nominal. *Eu* significa "a pessoa que enuncia a presente instância de discurso que contém *eu*". Instância única por definição, e válida somente na sua unicidade. Se percebo duas instâncias sucessivas de discurso contendo *eu*, proferidas pela mesma voz, nada ainda me assegura de que uma delas não seja um discurso referido, uma citação na qual *eu* seria imputável a um outro. É preciso, assim, sublinhar este ponto: *eu* só pode ser identificado pela instância de discurso que o contém e somente por aí. Não tem valor a não ser na instância na qual é produzido. Paralelamente, porém, é também enquanto instância de forma *eu* que deve ser tomado; a forma *eu* só tem existência lingüística no ato de palavras que a profere. Há, pois, nesse processo uma dupla instância conjugada: instância de *eu* como referente, e instância de discurso contendo *eu*, como referido. A definição pode, então, precisar-se assim: *eu* é o "indivíduo que enuncia a presente instância de discurso que contém a instância lingüística *eu*". Conseqüentemente, introduzindo-se a situação de "alocução", obtém-se uma definição simétrica para *tu*, como o "indivíduo alocutado na presente instância de discurso contendo a instância lingüística *tu*". Essas definições visam *eu* e *tu* como uma categoria da linguagem e se relacionam com a sua posição na linguagem. Não consideramos as formas específicas dessa categoria nas línguas dadas, e pouco importa que essas formas devam figurar explicitamente no discurso ou possam aí permanecer implícitas.

Essa referência constante e necessária à instância de discurso constitui o traço que une a *eu/tu* uma série de "indicadores" que pertencem, pela sua forma e pelas aptidões combinatórias, a classes diferentes — uns pronomes, outros advérbios, outros ainda locuções adverbiais.

São, em primeiro lugar, os demonstrativos: *este*, etc. na medida em que se organizam correlativamente com os indicadores de pessoa, como no lat. *hic/iste*. Há aqui um traço novo e distintivo dessa série: é a identificação do objeto por um indicador de ostensão concomitante com a instância de discurso que contém o indicador de pessoa: *esse* será o objeto designado por ostensão simultânea à presente instância de discurso, a referência implícita na forma (por exemplo, *hic* oposto a *iste*) associando-o a *eu*, a *tu*. Fora dessa classe, mas no mesmo plano e associados à mesma referência, encontramos os advérbios *aqui* e *agora*. Poremos em evidência a sua relação com *eu* definindo-os: *aqui* e *agora* delimitam a instância espacial e temporal coextensiva e contemporânea da presente instância de discurso que contém *eu*. Essa série não se limita a *aqui* e *agora*; é acrescida de grande número de termos simples ou complexos que procedem da mesma relação: *hoje, ontem, amanhã, em três dias*, etc. Não adianta nada definir esses termos e os demonstrativos em geral pela *deixis*, como se costuma fazer, se não se acrescenta que a *deixis* é contemporânea da instância de discurso que contém o indicador de pessoa; dessa referência o demonstrativo tira o seu caráter cada vez único e particular, que é a unidade da instância de discurso à qual se refere.

O essencial é, portanto, a relação entre o indicador (de pessoa, de tempo, de lugar, de objeto mostrado, etc.) e a *presente* instância de discurso. De fato, desde que não se visa mais, pela própria expressão, essa relação do indicador à instância única que o manifesta, a língua recorre a uma série de termos distintos que correspondem um a um aos primeiros, e que se referem não mais à instância de discurso mas aos objetos "reais", aos tempos e lugares "históricos". Daí as correlações como *eu : ele — aqui : lá — agora : então — hoje : no mesmo dia — ontem : na véspera — amanhã : no dia seguinte — na próxima semana : na semana seguinte — há três dias : três dias antes*, etc. A própria língua revela a diferença profunda entre esses dois planos.

Tratamos muito levemente e como incontestável a referência ao "sujeito que fala" implícita em todo esse grupo de expressões. Despoja-se da sua significação própria essa referência se não se discerne o traço pelo qual se distingue dos outros signos lingüísticos. Assim, pois, é ao mesmo tempo original e fundamental o fato de que essas formas "pronominais" não remetam à "realidade" nem a posições "objetivas" no espaço ou no tempo, mas à enunciação, cada vez única, que as contém, e reflitam assim o seu próprio emprego. A importância da sua função se comparará à natureza do problema que servem para resolver, e que não é senão o da comunicação intersubjetiva. A linguagem resolveu esse problema criando um conjunto de signos "vazios", não referenciais com relação à "realidade", sempre disponíveis, e que se tornam "plenos" assim que um locutor os assume em cada instância do seu discurso. Desprovidos de referência material, não podem ser mal empregados; não afirmando nada, não são submetidos à condição de verdade e escapam a toda negação. O seu papel consiste em fornecer o instrumento de uma conversão, a que se pode chamar a conversão da linguagem em discurso. É identificando-se como pessoa única pronunciando *eu*

que cada um dos locutores se propõe alternadamente como "sujeito". Assim, o emprego tem como condição a situação de discurso e nenhuma outra. Se cada locutor, para exprimir o sentimento que tem da sua subjetividade irredutível, dispusesse de um "indicativo" distinto (no sentido em que cada estação radiofônica emissora possui o seu "indicativo" próprio), haveria praticamente tantas línguas quantos indivíduos e a comunicação se tornaria estritamente impossível. A linguagem previne esse perigo instituindo um signo único, mas móvel, *eu*, que pode ser assumido por todo locutor, com a condição de que ele, cada vez, só remeta à instância do seu próprio discurso. Esse signo está, pois, ligado ao *exercício* da linguagem e declara o locutor como tal. É essa propriedade que fundamenta o discurso individual, em que cada locutor assume por sua conta a linguagem inteira. O hábito nos torna facilmente insensíveis a essa diferença profunda entre a linguagem como sistema de signos e a linguagem assumida como exercício pelo indivíduo. Quando o indivíduo se apropria dela, a linguagem se torna em instâncias de discurso, caracterizadas por esse sistema de referências internas cuja chave é *eu*, e que define o indivíduo pela construção lingüística particular de que ele se serve quando se enuncia como locutor. Assim, os indicadores *eu* e *tu* não podem existir como signos virtuais, não existem a não ser na medida em que são atualizados na instância de discurso, em que marcam para cada uma das suas próprias instâncias o processo de apropriação pelo locutor.

O caráter sistemático da linguagem faz com que a apropriação assinalada por esses indicadores se propague na instância de discurso a todos os elementos susceptíveis de aí "concordar" formalmente; antes de tudo, por processos variáveis segundo o tipo de idioma, com o verbo. Devemos insistir sobre este ponto: a "forma verbal" é solidária da instância individual de discurso quanto ao fato de que é sempre e necessariamente atualizada pelo ato de discurso e em dependência desse ato. Não pode comportar nenhuma forma virtual e "objetiva". Se o verbo é usualmente representado pelo seu infinitivo como entrada de léxico para inúmeras línguas, isso é pura convenção; o infinitivo em língua é totalmente diferente do infinitivo da metalíngua lexicográfica. Todas as variações do paradigma verbal, aspecto, tempo, gênero, pessoa, etc. resultam dessa atualização e dessa dependência em face da instância de discurso, principalmente o "tempo" do verbo, que é sempre relativo à instância na qual figura a forma verbal. Um enunciado pessoal finito se constitui, pois, sobre um plano duplo: emprega a função denominativa da linguagem para as referências de objeto que esta estabelece como signos lexicais distintivos, e organiza essas referências de objeto com a ajuda de indicadores auto-referenciais correspondentes a cada uma das classes formais que o idioma reconhece.

Será sempre assim? Se a linguagem em exercício se produz por necessidade em instâncias discretas, essa necessidade a destinará também a só consistir de instâncias "pessoais"? Sabemos empiricamente que não. Há enunciados de discurso, que a despeito da sua natureza individual, escapam à condição de pessoa, isto é, remetem não a eles mesmos mas a uma situação "objetiva". É o domínio daquilo a que chamamos a "terceira pessoa".

A "terceira pessoa" representa de fato o membro não marcado da correlação de pessoa. É por isso que não há truísmo em afirmar que a não-pessoa é o único modo de enunciação possível para as instâncias de discurso que não devam remeter a elas mesmas, mas que predicam o processo de *não importa quem* ou *não importa o que*, exceto a própria instância, podendo sempre esse *não importa quem* ou *não importa o que* ser munido de uma referência objetiva.

Assim, na classe formal dos pronomes, os chamados de "terceira pessoa" são inteiramente diferentes de *eu* e *tu*, pela sua função e pela sua natureza. Como já se viu há muito tempo, as formas como *ele*, *o*, *isso*, etc. só servem na qualidade de substitutos abreviativos: "Pierre est malade; *il* a la fièvre [= Pedro está doente; *ele* está com febre]"; substituem um ou outro dos elementos materiais do enunciado ou revezam com eles. Essa função, porém, não se prende somente aos pronomes; pode ser cumprida por elementos de outras classes; conforme o caso, em francês, por certos verbos: "cet enfant écrit maintenant mieux qu'il ne *faisait* l'année dernière [= esta criança escreve melhor agora do que o *fazia* no ano passado]". É uma função de "representação" sintática que se estende assim a termos tomados às diferentes "partes do discurso", e que corresponde a uma necessidade de economia, substituindo um segmento do enunciado e até um enunciado inteiro, por um substituto mais maleável. Assim, não há nada de comum entre a função desses substitutos e a dos indicadores de pessoa.

O fato de que a "terceira pessoa" é realmente uma "não-pessoa" certos idiomas o mostram literalmente(239). Para tomar apenas um exemplo entre muitos, eis como se apresentam os prefixos pronominais possessivos nas duas séries do yuma (Califórnia): primeira pessoa *?*-, segunda *m*-, *man*^{y}-; terceira zero, *n*^{y}-(240). A referência de pessoa é uma referência zero fora da relação *eu/tu*. Em outros idiomas (indo-europeus principalmente), a regularidade da estrutura formal e uma simetria de origem secundária dão a impressão de três pessoas coordenadas. É principalmente o caso das línguas modernas de pronome obrigatório nas quais *ele* parece, continuando *eu* e *tu*, membro de um paradigma de três termos; ou da flexão indo-européia de presente, com *-mi*, *-si*, *-ti*. Na verdade a simetria é somente formal. O que é preciso considerar como distintiva da "terceira pessoa" é a propriedade 1.° de se combinar com qualquer referência de objeto; 2.° de não ser jamais reflexiva da instância de discurso; 3.° de comportar um número às vezes bastante grande de variantes pronominais ou demonstrativas; 4.° de não ser compatível com o paradigma dos termos referenciais como *aqui*, *agora*, etc.

Uma análise, mesmo sumária, das formas classificadas indistintamente como pronominais leva assim a reconhecer classes de natureza totalmente diferentes e, em conseqüência, a distinguir, de um lado, a língua como repertório de signos e sistema das suas combinações e, de outro, a língua como atividade manifestada nas instâncias de discurso caracterizadas como tais por índices próprios.

---

(239) Ver nesse sentido *B.S.L.* XLIII (1946), p. 1 ss.; e acima, cap. 18.

(240) Segundo A. M. Halpern, no seu artigo "Yuma", *Linguistic structures of native America*, ed. Harry Hoijer and others (= *Viking fund publications in anthropology*, 6), 1946, p. 264.

PORTUGUÊS

Morfologia - Verbos

Flexão verbal de pessoa

Prof.ª Isabel Vega

Flexão verbal de pessoa

- 1ª pessoa (eu, nós) → aquela que fala
- 2ª pessoa (tu, vós) → aquela a quem se fala
- 3ª pessoa (ele/ela, eles/elas) → aquela de quem se fala

Ex.: Falamos de você ontem.
Fizeste o que pedi?
Bateram a porta ao sair.

OBS.1: Pronomes de tratamento → 3ª pessoa do singular
Ex.: Vossa Excelência pode dizer a verdade?
Vossa Excelência, podeis dizer a verdade?

Flexão verbal de pessoa

OBS.2: Emprego da 3ª pessoa do plural como recurso para indeterminar o sujeito.

Ex.1: [As crianças brincavam na rua] [e quebraram uma janela.]
↳ sujeito simples ↳ sujeito em elipse

Ex.2: [Ih, quebraram a janela!]
↳ sujeito indeterminado

OBS.3: Na norma culta, não se misturam as pessoas verbais.
Ex.: Você pode responder o email que te mandei?
Podes responder o email que te mandei?
Pode responder o email que mandei a você?

PORTUGUÊS

PROF. LUIS LADEIRA — TURMA REGULAR 2018

MÓDULO IX

Leia o texto seguinte.

A posição social é um aspecto da estrutura da sociedade. No nosso caso, importa averiguar como esta atribui um papel específico ao criador de arte, e como define a sua posição na escala social, o que envolve não apenas o artista individualmente, mas a formação de grupos de artistas. Daí sermos levados a indicar sucessivamente o aparecimento individual do artista na sociedade como posição e papel configurados; em seguida, as condições em que se diferenciam os grupos de artistas; finalmente, como tais grupos se apresentam nas sociedades estratificadas.

Comecemos lembrando que houve um tempo em que se exagerou muito o aspecto coletivo da criação, concebendo-se o povo, no conjunto, como criador de arte. Esta ideia de obras praticamente anônimas, surgidas da coletividade, veio sobretudo da Alemanha, onde Wolff afirmou, no século XVIII, que os poemas atribuídos a Homero haviam sido, na verdade, criação do gênio coletivo da Grécia, através de múltiplos cantos em que os aedos recolhiam a tradição, e que foram depois reunidos numa unidade precária. Tempos depois, a coletânea de contos populares dos irmãos Grimm veio como prova aparente das hipóteses deste tipo — sem que se atentasse para o abismo que vai entre a ingênua história folclórica e o refinamento, a altura de concepção da *Ilíada* e da *Odisseia*. Nessa mesma era, esboçaram-se teorias sobre a formação popular das epopeias e romances medievais, o que era facilitado pela míngua de informação a respeito dos autores. Hoje, está superada esta noção de cunho acentuadamente romântico e sabemos que a obra exige necessariamente a presença do artista criador. O que chamamos arte coletiva é a arte criada pelo indivíduo a tal ponto identificado às aspirações e valores do seu tempo, que parece dissolver-se nele, sobretudo levando em conta que, nestes casos, perde-se quase sempre a identidade do criador-protótipo.

Devido a um e outro motivo, à medida que remontamos na história temos a impressão duma presença cada vez maior do coletivo nas obras; e é certo, como já sabemos, que forças sociais condicionantes guiam o artista em grau maior ou menor. Em primeiro lugar, determinando a ocasião da obra ser produzida; em segundo, julgando da necessidade dela ser produzida; em terceiro, se vai ou não se tornar um bem coletivo.

Os elementos individuais adquirem significado social na medida em que as pessoas correspondem a necessidades coletivas; e estas, agindo, permitem por sua vez que os indivíduos possam exprimir-se, encontrando repercussão no grupo. As relações entre o artista e o grupo se pautam por esta circunstância e podem ser esquematizadas do seguinte modo: em primeiro lugar, há necessidade de um agente individual que tome a si a tarefa de criar ou apresentar a obra; em segundo lugar, ele é ou não reconhecido como criador ou intérprete pela sociedade, e o destino da obra está ligado a esta circunstância; em terceiro lugar, ele utiliza a obra, assim marcada pela sociedade, como veículo das suas aspirações individuais mais profundas.

Antonio Candido. "A literatura e a vida social",
in **Literatura e sociedade** (com adaptações).

A partir da compreensão dos elementos argumentativos do texto, julgue os itens seguintes.

(1) Nota-se posição favorável do autor em relação à comparação estabelecida entre a obra de Homero e a dos irmãos Grimm, a partir da hipótese atribuída a Wolff.

(2) De acordo com a argumentação do texto, a posição social do artista é circunstância relevante para o modo como se recepcionará sua obra, sendo esse fator mais preponderante para a criação literária do que a individualidade do artista, sobretudo na literatura mais antiga.

(3) Infere-se do texto que, na sociedade atual, a facilidade de acesso a informações sobre elementos envolvidos no processo criativo torna menos provável a atribuição de autoria coletiva a uma obra literária.

(4) Depreende-se do texto que há espaço para que o indivíduo se manifeste na produção artística, destacadamente em dois momentos: na iniciativa de produzir e apresentar a obra e no reconhecimento da identificação desse artista com as aspirações e valores coletivos mais disseminados na sociedade.

(5) O pronome "esta" (l.2) retoma, por coesão, o termo "posição social" (l.1).

VERBOS

- São palavras que expressam uma ação marcada no tempo.
- São palavras que podem ser conjugadas, num paradigma de conjugação verbal.
- Mantêm relação de concordância, em número, pessoa e gênero, com o termo que os conjuga.
- Apresentam marca (desinências) de tempo, modo, número e pessoa.
- Podem ser expressos por locução verbal (v. auxiliar + v. principal).

Pessoa: 1.ª, 2.ª e 3.ª.

Número: singular e plural.

Modo: indicativo (denota certeza, afirmação), subjuntivo (denota hipótese ou dúvida) e imperativo (denota apelação, coação).

Tempo: simplificadamente, há três tempos: passado, presente e futuro. No entanto, há subdivisões.

- Passado (ou pretérito): imperfeito, perfeito, mais-que-perfeito.

- Futuro: do presente, do pretérito.

Há ainda, levando-se em conta as locuções verbais, os tempos simples e os compostos.

Modo indicativo:

- presente: eu estudo.
- pretérito:
  . imperfeito: eu estudava.
  . perfeito: eu estudei (simples), eu tenho estudado (composto)
  . mais-que-perfeito: eu estudara (simples), eu tinha/havia estudado (composto).
- futuro:
  . do presente: eu estudarei (simples), terei/haverei estudado (composto).
  . do pretérito: eu estudaria (simples), eu teria/haveria estudado (composto).

Modo subjuntivo:

- presente: (que) eu estude.
- pretérito:
  . imperfeito: (se/que) eu estudasse.
  . perfeito: (que) eu tenha/haja estudado.
  . mais-que-perfeito: (se/que) eu tivesse/houvesse estudado.
- futuro: (quando) eu estudar (simples), eu tiver/houver estudado (composto).

Modo imperativo:

- presente:
  . afirmativo: estuda (tu).
  . negativo: não estudes (tu).

Formas rizotônicas: o acento tônico recai no radical (ando, anda, andam).

Formas arrizotônicas: o acento tônico recai na terminação (andamos, andava, andou).

Verbos regulares: conjugação de acordo com o paradigma.

Verbos irregulares: diferem do paradigma ou sofrem alterações no radical (dar, fazer, ser, ir).

Verbos defectivos: não possuem todas as formas (abolir, explodir, falir).

Verbos abundantes: apresentam duas ou mais formas equivalentes (entregue/entregado; impresso/imprimido).

Conjugações:

- 1.ª conjugação: vogal temática em *–a*.
- 2.ª conjugação: vogal temática em *–e*.
- 3.ª conjugação: vogal temática em *–i*.

Os verbos regulares e a maior parte das formas dos verbos irregulares conjugam-se de acordo com um padrão (paradigma), que, sendo, em sua maior parte, conhecido de qualquer falante nativo, deve ser consultado nos casos em que haja dúvida, em bons dicionários e boas gramáticas.

Atenção especial merece a conjugação de verbos no modo imperativo:

- 2.ª pessoa: estuda (tu), estudai (vós) → as formas afirmativas derivam do presente do indicativo. As formas negativas equivalem às do presente do subjuntivo (não estudes, não estudeis).

- 1.ª do plural e 3.ª: estudemos (nós), estude (ele/você), estudem (eles/vocês) → derivam do presente do subjuntivo.

Exemplos:

(a) Paga o que me deves.
(b) Pague o que me deve.
(c) Não deixes de me pagar o que me deves.
(d) Pagai o que me deveis.
(e) Paguem o que me devem.
(f) Não deixeis de me pagar o que me deveis.

Formas nominais: infinitivo (flexionado ou não flexionado), particípio e gerúndio.

EXERCÍCIO: nas frases abaixo, identifique em que tempo, modo, número e pessoa estão os verbos.

a) No nosso caso, importa averiguar como esta atribui um papel específico ao criador de arte, e como define a sua posição na escala social, o que envolve não apenas o artista individualmente, mas a formação de grupos de artistas. Daí sermos levados a indicar sucessivamente o aparecimento individual do artista na sociedade como posição e papel configurados.

b) Comecemos lembrando que houve um tempo em que se exagerou muito o aspecto coletivo da criação, concebendo-se o povo, no conjunto, como criador de arte.

c) Tempos depois, a coletânea de contos populares dos irmãos Grimm veio como prova aparente das hipóteses deste tipo — sem que se atentasse para o abismo que vai entre a ingênua história folclórica e o refinamento, a altura de concepção da *llíada* e da *Odisseia*. Nessa mesma era, esboçaram-se teorias sobre a formação popular das epopeias e romances medievais, o que era facilitado pela míngua de informação a respeito dos autores.

Concordância verbal

Regra geral de concordância verbal:

Os verbos concordam com o núcleo de seu sujeito.

> Tempos depois, a coletânea de contos populares dos irmãos Grimm veio como prova aparente das hipóteses deste tipo.

Casos especiais (concordância atrativa)

1) Com sujeito composto:

a) Importa investigar como é configurada a posição e o papel do artista na sociedade.

b) O criador ou o intérprete é reconhecido como tal pela sociedade.

c) Nem a *Ilíada* nem a *Odisseia* poderia ter sido criada sem a presença do agente individual.

d) Questionou-se na antiguidade se a individualidade ou o gênio coletivo era responsável pela criação.

---

2) Com expressões partitivas:

a) A maioria dos poemas homéricos foram preservados.

b) Metade dos cantos da *Ilíada* não foram lidos.

c) Estima-se que menos de 10% da literatura antiga chegou até os nossos dias.

---

3) Com a expressão "é que" enfática e suas variantes:

a) A sociedade é que atribui papel específico ao criador de arte.

b) Foi a partir da hipótese de Wolff que se disseminou a ideia de obras anônimas.

c) É certo que forças sociais condicionantes guiam o artista em grau maior ou menor, mas é a sua iniciativa individual que faz nascer a obra.

d) São os artistas que tomam a si a tarefa de criar a obra. / São os artistas quem toma(m) a si…

---

4) Com a voz passiva pronominal:

a) Nessa mesma era, esboçaram-se teorias sobre a formação popular das epopeias e romances medievais.

b) Concebiam-se como criador da arte as pessoas no conjunto.

c) *Nem se precisavam razões, bastava o falar dele, a arte que Deus lhe dera de agradar a toda a gente.* (M. de Assis)

d) *A primeira carruagem tinha o seu cocheiro e o seu lacaio, fardados de castanho, botões de metal branco, em que se podiam ver as armas da casa.* (M. de Assis)

5) Flexão do infinitivo e infinitivo com sentido passivo:

a) As necessidades coletivas permitem aos indivíduos exprimir-se. (ou *exprimirem-se*)

b) Os artistas usam a obra para veicular suas aspirações individuais mais profundas. (ou *veicularem*)

c) Ouvi cantar baladas em casa, vindas da roça e da antiga metrópole. (ou *serem cantadas*)
(M. de Assis)

d) Pedro e Paulo começaram a sorrir no mesmo dia. O mesmo dia os viu batizar. (ou *serem batizados*)
(M. de Assis)

e) As janelas, escancaradas, deixavam entrar o sol e o céu. (ou *entrarem*)
(M. de Assis)

f) Não devemos, a partir da hipótese de Wolff, nos deixar enganar pela visão romântica da criação coletiva das obras.

---

6) Outros exemplos:

a) A sociedade atribui papel específico ao criador de arte, haja vista as posições configuradas.

b) É difícil essas teorias sobre formação coletiva das obras serem confirmadas modernamente.

c) São os papéis atribuídos ao artista que importa averiguar.

d) A coletânea dos irmãos Grimm são contos populares reunidos do anonimato.

e) As obras de Homero são o maior legado da literatura grega antiga.

Regência:

A regência estuda as relações entre as diferentes funções sintáticas na oração.

Exemplos que merecem revisão, no nível padrão:

a) Ele deu um teste pra mim fazer.

b) Essa lei diminuirá a chance dos passageiros sofrerem com os atrasos dos ônibus.

c) Não sabemos se ele é a favor ou contra o projeto.

d) Não lhe abandones mais.

e) Os alunos custaram a entender o assunto.

f) Eu vi ela ontem.

g) Deixa eu resolver isso.

h) O feriado foi cancelado pela diretoria, deixando os funcionários irritados.

i) Nossa equipe vai poder estar ajudando os jovens a obter um emprego.

Exemplos da norma-padrão:

j) Acrescente-se-lhe o seguinte inciso.

k) Este livro, eu não lho darei.

l) Esqueci-me completamente da reunião.

m) A secretária comunicou o colega sobre a decisão do diretor.

n) Este projeto visa ao aprimoramento da estrutura desta Casa.

o) Este direito não assiste ao deputado.

p) O plenário procederá à votação.

q) A desobediência a qualquer um dos dispositivos desta Lei implica multa no valor de R$1.000,00 (mil reais).

EXERCÍCIOS

QUESTÃO 1

Corrija as frases abaixo, se necessário.

1) Já não se faz mais livros didáticos tão bons.

2) Encaminhou-se a todos os coordenadores as listas de presença.

3) Vive-se muito bem naquele país.

4) Buscaram-se soluções adequadas para os problemas.

5) Nunca mais se obedeceram a ordens tão absurdas.

6) Esperavam-se que mais pessoas obtivessem a premiação.

7) São de pessoas assim que este país precisa.

8) Esta denúncia trata-se de um problema sério.

9) Tratam-se de denúncias falsas contra o senador.

10) Há guerras que se fazem com palavras.

11) Tempo perdido não se recupera nunca.

12) É fácil ser admirado, quando se permanece inacessível.

13) Precisam-se de ajudantes nesta loja.

14) Conserta-se relógios.

15) Quanto ao contrato, ficou decidido que se o cancelaria.

QUESTÃO 2

Quanto à regência, corrija as frases abaixo, se necessário.

1) Que filme você assistiu ontem?

2) Ele custou a acreditar na nota que tirou.

3) Por ser matéria nova, os alunos custavam a entender alguns exercícios.

4) Jamais me esquecerei daquelas imagens.

5) Li muitos livros, este é o que mais gostei.

6) Em que ponto você pretende chegar?

7) Eu o informarei de que já enviamos o seu pedido.

8) O ministro comunicou-lhe, após a reunião, de que pedirá demissão.

9) Não me lembrei que haveria prova hoje.

10) Você não se simpatizou com ela.

11) A cidade que moramos na infância já não existe.

12) O Presidente deve pedir ao Congresso para avaliar a proposta com atenção.

13) É fácil de perdoar nossos amigos, mas difícil de perdoar os inimigos.

14) Só lhe informaram mais tarde de que fora traído pelo colega.

15) A atitude do motorista implicará, certamente, em punição rigorosa.

16) Nunca respondia a todas as questões da prova.

17) No Brasil, os garotos preferem mais futebol do que tênis.

18) O rapaz, desde cedo, visava o sucesso profissional.

19) Fumar durante a gravidez aumenta o risco do bebê nascer com problemas de saúde.

QUESTÃO 3

Julgue os itens seguintes.

(1) A forma verbal de subjuntivo “secassem” se justifica por se tratar da citação de uma situação hipotética.

> *Em uma situação hipotética extrema, em que as fontes de crédito externo ao Brasil de súbito secassem, haveria meios para saldar os compromissos assumidos.*

(2) As formas verbais de infinitivo “ir”, “conversar” e “separar” poderiam assumir corretamente as seguintes formas flexionadas, respectivamente: **irem**; **conversarem**; **separarem**.

> *A primeira categoria é composta de pessoas incapazes de ir a qualquer lugar se não tiverem a possibilidade de conversar fiado acerca de frivolidades com amigos e parentes de que acabaram de se separar.*

(3) A flexão de singular em “é crucial” admite a substituição pelo plural correspondente, **são cruciais**, sem prejuízo da coerência ou da correção do texto, porque o sujeito da oração é composto por dois núcleos, “pensamento verbal” e “língua”.

> *O surgimento do pensamento verbal e da língua como sistema de signos é crucial no desenvolvimento da espécie humana.*

(4) A retirada do acento circunflexo na forma verbal "vêm" provoca incorreção gramatical no texto porque o sujeito a que essa forma verbal se refere tem dois núcleos: "compreensão" e "necessidade".

> *Desde então, vêm se impondo, entre especialistas ou não, a compreensão sistêmica do ecossistema hipercomplexo em que vivemos e a necessidade de uma mudança nos comportamentos predatórios e irresponsáveis, individuais e coletivos.*

(5) O emprego da flexão de plural em "vão" respeita as regras de concordância com "mais de 70% do trabalho".

> *Tudo indica que mais de 70% do trabalho no futuro vão requerer a combinação de uma sólida educação geral com conhecimentos específicos.*

(6) Para que as regras gramaticais exigidas na redação de um documento oficial sejam respeitadas, é obrigatório que se empregue a forma não flexionada do infinitivo de "ser" porque já foi feita a flexão de plural em "eram".

> *Exemplares de índios eram levados ao Velho Continente para ser exibidos em feiras e festas.*

(7) O desenvolvimento das ideias do texto admite a inserção do termo **dos imigrantes frustrados** depois de "restante"; mas, nesse caso, seria obrigatória a flexão do verbo **preferir** no plural, para que fosse respeitada a correção gramatical.

> *Quase 60% dos imigrantes frustrados voltaram para seu país de origem e o restante preferiu tentar a sorte em um novo destino.*

(8) A forma verbal "têm" em "têm se afirmado" estabelece relação de concordância com o termo antecedente "ideologia".

> *Se virmos o fenômeno da globalização sob esta luz, creio que não poderemos escapar da conclusão de que o processo é totalmente coerente com as premissas da ideologia econômica que têm se afirmado como a forma dominante de representação do mundo ao longo dos últimos 100 anos, aproximadamente.*

(9) A forma verbal "formam" está flexionada na 3ª pessoa do plural para concordar com a ideia de coletividade que a palavra "povo" expressa.

> *Não direi, senhores, que a obra chegou à perfeição, nem que lá chegue tão cedo. Os meus pupilos não são os solários de Campanela ou os utopistas de Morus; formam um povo recente, que não pode trepar de um salto ao cume das nações seculares.*

(10) A forma verbal "têm" é acentuada porque concorda com "Estas indagações".

> *Estas indagações, possivelmente existentes desde que o homem começou a pensar, têm ocupado o tempo e o esforço de elaboração dos filósofos ao longo dos séculos.*

(11) A forma verbal "encontra", que, com rigor gramatical, deveria estar flexionada no plural, estabelece concordância com o núcleo mais próximo do sujeito da oração — o termo "problema".

> *Quando acompanhamos a história das ideias éticas, desde a Antiguidade Clássica (greco-romana) até nossos dias, podemos perceber que, em seu centro, se encontra o problema da violência e dos meios para evitá-la, diminuí-la, controlá-la.*

Julgue se os itens seguintes estão de acordo com a norma-padrão.

(12) De acordo com o respectivo estatuto, a proteção à criança e ao adolescente não constituem obrigação exclusiva da família.

(13) Na redação da peça exordial, deve haver indicações precisas quanto à identificação das partes bem como do representante daquele que figurará no polo ativo da eventual ação.

(14) A legislação ambiental prevê que o uso de água para o consumo humano e para a irrigação de culturas de subsistência são prioritários em situações de escassez.

(15) A administração não pode dispensar a realização do EIA, mesmo que o empreendedor se comprometa expressamente a recuperar os danos ambientais que, por ventura, venham a causar.

(16) A ausência dos elementos e requisitos a que se referem o CPC pode ser suprida de ofício pelo juiz, em qualquer tempo e grau de jurisdição, enquanto não for proferida a sentença de mérito.

Sobre o uso da norma-padrão, julgue os itens seguintes.

(17) Mantendo-se os sentidos do texto e preservando-se a correção gramatical, o trecho “aconselhava aos escritores que (...) era preciso” poderia ser substituído por **alertava aos escritores de que** (...) **precisavam.**

> *Contudo, desde os começos do século XIX, Ferdinand Denis aconselhava aos escritores que, para criar uma literatura brasileira, era preciso abandonar os modelos estrangeiros em favor da temática nacional.*

(18) Respeita as regras gramaticais a seguinte afirmação: Os 43% dos usuários de banda larga detém os maiores gastos publicitários no período de 2003 a 2007.

(19) Sem se contrariar a correção gramatical, a forma verbal “fingem” poderia ser substituída pela forma **finge.**

> *Sei que não falta gente que, insistindo em considerar-me como meio literato, meio empregado diplomático de cortesias (como dizem) fingem não saber tudo quanto eu, politicamente, além do grande serviço desta História, tenho trabalhado em favor de Vossa Majestade Imperial e do Império.*

(20) A expressão “é que” pode ser retirada sem que isso cause incorreção ou alteração de sentido no texto.

> *Só no último terço do século passado é que o estudo do envelhecimento e das doenças a ele associadas deixou a província de charlatões e vendedores de banha de cobra e passou para o ramo central do desenvolvimento científico.*

(21) Mantêm-se a correção gramatical, a coerência argumentativa do texto e o nível formal da linguagem adequado a documentos oficiais se, em lugar de “É apenas em”, o período abaixo for iniciado com **Apenas em.**

> *É apenas em circunstâncias muito raras e especiais que precisamos afirmar que “somos humanos”.*

(22) Sem interferência no sentido e na correção gramatical do texto, o trecho “não há registros de ataques de jacaretinga” poderia assim ser reescrito: **inexiste ocorrências de agressões de jacaretinga.**

> *No Distrito Federal, não há registros de ataques de jacaretinga.*

(23) As substituições de “Preferimos” por **Prefere** e de “temos” por **tem** preservam a correção gramatical do texto, mas enfraquecem a argumentação de que é a maioria de nós “homens” que prefere “comer, dormir, descansar, acasalar”.

> *Para a grande maioria dos homens, o trabalho nada mais é do que puro desgaste da vida. Na sociedade capitalista, a produtividade do trabalho aumentou simultaneamente a tão forte rotinização, apequenamento e embrutecimento do processo de trabalho de forma que já não há nada que mais nos desagrade do que trabalhar. Preferimos, a grande maioria, fazer o que temos em comum com os outros animais: comer, dormir, descansar, acasalar.*

(24) A inserção de **administrarem** depois de “mesmo” tornaria explícita uma ideia subentendida do texto e preservaria sua correção gramatical.

> *A velocidade, símbolo do desenvolvimento tecnológico e de um modo de produção e consumo cada vez mais vorazes, criou um sentimento de urgência que poucos conseguem administrar. Se é que conseguem mesmo.*

(25) Embora se altere o modo verbal empregado, preservam-se a coerência de argumentação e a correção gramatical do texto ao se substituir “tiverem” por **tem.**

> *Empurrado pela falta de perspectivas e por um presente sombrio, um grupo de pessoas decide abandonar o seu país rumo a uma terra distante, que promete prosperidade e bem-aventurança aos que tiverem coragem, perseverança e disposição para pegar no pesado.*

(26) A substituição de “vieram” por **veem** estaria de acordo com o desenvolvimento das ideias do texto, em especial com as decorrentes da expressão “para ficar”.

> *Escassez de petróleo e escassez de água — problemas que vieram para ficar na agenda mundial.*

(27) A correção gramatical seria mantida se a forma verbal “julgam” fosse empregada na terceira pessoa do singular.

> *Evidentemente, as várias culturas e sociedades não definiram nem definem a violência da mesma maneira, ao contrário, dão-lhe conteúdos diferentes, segundo os tempos e os lugares, de tal maneira que o que uma cultura ou uma sociedade julgam violento pode não ser avaliado assim por uma outra.*

(28) A substituição de primeira pessoa do plural em “aceitarmos” pela forma correspondente não flexionada, **aceitar**, manteria coerente a argumentação, mas provocaria incorreção gramatical.

> *Aceitar que somos indeterminados naturalmente, que seremos lapidados pela educação e pela cultura, que disso decorrem diferenças relevantes e irredutíveis aos genes é muito difícil. Significa aceitarmos que há algo muito precário na condição humana.*

(29) No trecho abaixo, a substituição de “apostar” por **apostarem** manteria a correção gramatical do texto.

> *Outro fator é a crise norte-americana, que levou investidores a apostar no aumento dos preços de alimentos em fundos de* hedge.

(30) A correção gramatical e o sentido do texto serão mantidos caso se substitua “que estariam ligados à ciência” por **a que estariam ligados a ciência**.

> *O problema político essencial para o intelectual não é criticar os conteúdos ideológicos que estariam ligados à ciência nem fazer com que sua prática científica seja acompanhada por uma ideologia justa; mas saber se é possível constituir uma nova política da verdade.*

(31) No processo de revisão desse texto, estariam atendidas as regras de construção de período caso a estrutura sintática “de modo a evitar conflitos” fosse alterada para: **de modo a se evitarem conflitos** ou **de modo a serem evitados conflitos**.

> *O secretário-geral da ONU fez um chamado urgente: a doação de US$ 2,5 bilhões aos países pobres, especialmente aos da África, de modo a evitar conflitos.*

(32) Seria privilegiada a concisão do texto se, no trecho “Precisa haver um número significativo de pessoas qualificadas e competentes”, o segmento sublinhado fosse suprimido. Nesse caso, no entanto, seria necessária a alteração de “Precisa haver” para **Precisam haver**.

> *Precisa haver um número significativo de pessoas qualificadas e competentes para dar conta de todos os serviços demandados para a realização das grandes transações econômicas, manipulações das bolsas de valores, transferências bancárias, entre outras.*

(33) Como o último período sintático do texto se inicia pela ideia de possibilidade, a substituição do verbo “tem” por **tenha**, além de preservar a correção gramatical do texto, ressaltaria o caráter hipotético do argumento.

> *Espero que seja possível um diálogo entre as duas posições em que ninguém tem a última palavra.*

(34) A correção gramatical e a coesão do texto seriam mantidas caso a forma verbal “pediu” fosse substituída por **pediste**.

> *Esperava para hoje o telefonema de um sujeito e fiz o que pretendia, ser cordial com ele: olha aqui, Átila, eu não vou fazer o que me pediu, porque me sinto usada, desrespeitada e não negocio, não pechincho, não converso mais sobre o assunto.*

Julgue os itens seguintes, de provas anteriores do CACD.

(35) (2004) Atendendo-se às prescrições gramaticais, o segmento “Somos nós que as fabricamos” poderia ser substituído por **Somos nós quem as fabrica**.

> *A identidade e a diferença têm de ser ativamente produzidas. Somos nós que as fabricamos no contexto de relações culturais e sociais.*

(36) (2010) A forma verbal **resultar** poderia ter sido corretamente empregada no lugar da forma “dar”, visto que, além de serem sinônimas, têm a mesma regência.

> *Acredito ter recebido como escritor, tudo é relativo, um pouco de sentimento, um pouco de pensamento, um pouco de poesia, o que tudo junto pode dar, em quem não teve o verso, uma certa medida de prosa rítmica.*

(37) (2010) Como o fato expresso pela forma verbal "coube" pode ser atribuído aos dois núcleos do sujeito, relacionados por adição, a substituição dela por **couberam** seria gramaticalmente correta.

> *Nem todos os que têm o dom do verso são por natureza artistas, e nem todos os artistas têm o dom do verso; a prosa os possui como a poesia; a mim, porém, não coube em partilha nem o verso nem a arte.*

(38) (2012) O verbo **parecer** poderia, corretamente, ter sido flexionado na 3.ª pessoa do plural, dado que o núcleo do sujeito da oração em que ele se insere é ampliado com elementos apositivos.

> *Além disso, o gosto por certos modos de composição (a montagem e, em outros casos, a aproximação da escrita à estrutura casual de uma conversa) parece igualmente indicar esse intento de desmistificar a ficção.*

(39) (2011) Seriam mantidos o sentido e a correção gramatical do texto se os infinitivos flexionados fossem substituídos pelas respectivas formas do infinitivo não flexionado no segmento "as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas".

> *Ficamos a olhar o verde do jardim, as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas. O recomeçar das coisas.*

(40) (2012) A organização sintática do trecho abaixo, em que são desprezadas prescrições de regência verbal, caracteriza registro linguístico adequado à escrita de uma carta informal, como é o caso do texto apresentado.

> *Não gosto quando dizem que tenho afinidades com Virginia Woolf (só li, aliás, depois de escrever o meu primeiro livro): é que não quero perdoar o fato de ela se ter suicidado.*

(41) (2011) No texto, as formas verbais "encontra", "falavam" e "prende" são intransitivas.

> *Uma das coisas que pude observar melhor que nunca foi a maneira por que um tema encontra sozinho ou sozinho impõe seu ritmo, sua sonoridade, seu desenvolvimento, sua medida. (...) Quatro anos ainda pareceram curtos demais, porque se impunha, acima de tudo, o respeito por essas vozes que falavam, que se confessavam, que exigiam, quase, o registro da sua história. (...) Era preciso iluminar esses caminhos anteriores, seguir o rastro do ouro que vai, a princípio como o fio de um colar, ligando cenas e personagens, até transformar-se em pesada cadeia que prende e imobiliza num destino doloroso.*

(42) (2014) As formas verbais "imagina", "atribuir" e "servir" foram utilizadas como verbos transitivos indiretos.

> *A crônica não é um "gênero maior". Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor.*
>
> *"Graças a Deus", seria o caso de dizer, porque, sendo assim, ela fica mais perto de nós. E para muitos pode servir de caminho não apenas para a vida, que ela serve de perto, mas para a literatura.*

(43) (2016) Na oração que inicia o parágrafo, o verbo concorda com o primeiro núcleo do sujeito posposto, concordância verbal abonada pela gramática normativa.

> *Torna a trazer o assunto à baila o aparecimento e grande vendagem de **Maíra**, romance de Darcy Ribeiro.*

GABARITO:

Itens do texto inicial: E, E, C, E, E

EXERCÍCIOS

Questão 1:

1. faz – *fazem*
2. encaminhou-se – *encaminharam-se*
3. ok
4. ok
5. obedeceram – *obedeceu*
6. Esperavam-se – *Esperava-se*
7. São – *É*
8. Esta denúncia trata-se – *Esta denúncia é*
9. Tratam-se – *Trata-se*
10. ok
11. ok
12. ok
13. Precisam-se – *Precisa-se*
14. Conserta-se – *Consertam-se*
15. se o cancelaria – *se cancelaria ele*

Questão 2:

1. Que filme – *A que filme*
2. Ele custou a acreditar – *Custou-lhe acreditar*
3. os alunos custavam a entender – *aos alunos custava entender*
4. ok
5. o que mais gostei – *o de que mais gostei*
6. Em que ponto – *A que ponto*
7. ok
8. de que pedirá – *que pedirá*
9. me lembrei que – *me lembrei de que* ou *lembrei que*
10. se simpatizou com – *simpatizou com*
11. cidade que moramos – *cidade em que moramos*
12. para avaliar – *que avalie*
13. É fácil de perdoar ... difícil de perdoar – *fácil perdoar ... difícil perdoar*
14. de que fora – *que fora*
15. implicará... em punição – *implicará... punição*
16. ok
17. preferem mais futebol do que tênis – *preferem futebol a tênis*
18. visava o sucesso – *visava ao sucesso*
19. risco do bebê nascer – *risco de o bebê nascer*

Questão 3:

1. C
2. E
3. E
4. E
5. C
6. E
7. E
8. E
9. E
10. C
11. E
12. E
13. C
14. E
15. E
16. E
17. E
18. E
19. C
20. E
21. E
22. E
23. E
24. E
25. E
26. E
27. C
28. E
29. C
30. E
31. C
32. E
33. C
34. C
35. C
36. E
37. C
38. E
39. C
40. C
41. E
42. E
43. C

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

REESCRITAS DE TRECHOS E PARÁGRAFOS

Vânia Araújo

REESCRITURAS DE TRECHOS E PARÁGRAFOS

Num primeiro momento, as reescritas se configuram como “traduções” que os próprios examinadores fazem de trechos ou parágrafos dos textos para que os candidatos julguem se estão condizentes, ou não, com as ideias do original.

OBS.:

Essas reescritas de textos são utilizadas pelos examinadores para a cobrança da correção gramatical e das relações de sentido.

PARÁFRASE

Consiste no desenvolvimento interpretativo de um texto, ou seja, é a “tradução” das ideias do texto original, com palavras do próprio tradutor, sem nada acrescentar ou omitir sobre aquilo que está no original. **Quanto à forma, a paráfrase tende a ter quase o mesmo tamanho do texto original.**

OBS.:

A **paródia** é um tipo de paráfrase satírica, com o propósito de contestar ou ridicularizar outros textos. Tem, portanto, como características a caricatura e a fuga à intenção primeira do autor.

PERÍFRASE

Consiste no emprego de um rodeio de palavras (e outros floreios) para exprimir, traduzir as ideias de um texto ou de partes dele. Este tipo de "tradução" pode ser útil para dar a um mesmo tema leituras diferentes. **Quanto à forma, a perífrase tende a ficar mais extensa do que o texto primitivo.**

OBS.: A **PERÍFRASE** é também um processo que consiste em expressar por meio de muitas palavras o que se poderia dizer em poucos termos. Neste sentido, a perífrase assume, quase sempre, a feição de figuras de linguagem tais como a metáfora, a metonímia e, sobretudo, a antonomásia (como exemplo, a substituição de Rui Barbosa por "águia de Haia" ou de Castro Alves por "poeta dos escravos" etc.).

SÍNTESE

Consiste em “traduzir”, em poucas palavras, aquilo que o autor expressou de maneira ampla. Neste caso, agrupam-se os fatos particulares em um todo, dando-lhes uma visão geral. A síntese é, na prática, a operação do pensamento por meio do qual se chega ao resumo.

RESUMO

Consiste em “traduzir” um texto, fazendo uma condensação fiel de suas ideias. Assim, reduz-se o texto ao seu esqueleto essencial com o propósito de captar suas ideias relevantes, respeitando a progressão em que elas se sucedem e encadeando cada uma das partes.

ATENÇÃO:

- ✓ Na **síntese**, a tradução se realiza mediante o uso de palavras próprias daquele que que está traduzindo o texto.
- ✓ No **resumo**, a tradução é feita preservando-se as palavras do texto de origem. Ou seja, o que ocorre é apenas o "enxugamento" das ideias do texto original.

Quanto à forma, o resumo e a síntese tendem a ficar mais curtos (menores) do que o texto original.

OBSERVE COMO AS REESCRITAS PODEM SER COBRADAS NAS PROVAS:

1º EXEMPLO:

Mantém a correção gramatical do texto a seguinte reescrita do trecho “e abre o caminho para a realização”: ***e deixa aberto o caminho à realização***.

2º EXEMPLO:

Não haveria prejuízo para os sentidos do texto caso o termo “mesma” fosse deslocado para antes do substantivo “essência”, dado o caráter enfático que o termo pronominal adquire no contexto.

3º EXEMPLO:

Caso se reescreva a expressão “*Desse modo, retardavam propositadamente os meios que poderiam assegurar o progresso para o melhor*” como **Retardavam, desse modo, os meios que, propositadamente, poderiam assegurar o progresso para o melhor**, o texto preserva a correção gramatical e a relação de sentido.

4º EXEMPLO:

O trecho “*afinal, somos todos politicamente corretos, mas saber onde estão as meias é um atributo feminino*” pode ser substituído pela construção “**como somos todos politicamente corretos, saber onde estão as meias é atributo feminino**” sem prejudicar a correção gramatical nem as relações de sentido.

Em língua portuguesa, a mudança na ordem das palavras normalmente provoca alteração nas relações semânticas entre elas. Veja o caso das expressões abaixo:

- ✓ Sapato velho / velho sapato
- ✓ Simples smartphone / smartphone simples
- ✓ Certos livros / livros certos
- ✓ Tais barbaridades / barbaridades tais

*** Crime vulgar / vulgar crime.**

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

REESCRITAS DE TRECHOS E PARÁGRAFOS

Vânia Araújo

Português – começando do ZERO

Advérbio(definição):

É a classe de palavras invariáveis que, modificando um verbo, um adjetivo ou outro advérbio, transmitem-lhes alguma circunstância.

* "Os meus doentes, senhora condessa, respondeu Carlos, não são **bastante** numerosos para formar uma quadrilha."

* "Ao despedir-se da pupila, Lemos apertou-lhe a mão: - Desejo-lhe que seja **muito** e **muito** feliz."

Português – começando do ZERO

Advérbio:

Observação importante:

A maioria dos advérbios terminados em "-mente" deriva de adjetivos. Quando o adjetivo apresenta formas diferentes para os dois gêneros, o sufixo adverbial "-mente" será acrescido à forma feminina do adjetivo.

Português – começando do ZERO

Advérbios terminados em “-mente”:

* feliz → felizmente

* vaidoso → vaidosamente

* triste → tristemente

* ameaçador → ameaçadoramente

* fácil → facilmente

Português – começando do ZERO

Advérbios terminados em “-mente”:

* feliz → felizmente

* vaidoso → vaidosamente

* triste → tristemente

* ameaçador → ameaçadoramente

* fácil → facilmente

Português – começando do ZERO

Advérbio:

Observação importante:

É possível transformar muitas expressões e locuções em advérbios – geralmente de "modo" ou de "tempo" –, formados com o sufixo adverbial "-mente".

* O recurso foi interposto **fora do tempo.** → extemporaneamente, intempestivamente

* Ele aprendia as lições **pouco a pouco**. → gradativamente, paulatinamente

Português – começando do ZERO

Classificação dos advérbios

Os advérbios são classificados de acordo com a circunstância que expressam. Assim, podem ser classificados em:

a) de afirmação;
b) de dúvida;
c) de freqüência;
d) de intensidade (ou "de quantidade");
e) de tempo;
f) de modo;
g) de negação;
h) de lugar;

Português – começando do ZERO

Locuções adverbiais

Frequentemente os advérbios aparecem em português sob a forma locucional – são as denominadas "locuções adverbiais". Tais locuções são um conjunto de palavras, geralmente de núcleo substantivo e geralmente encabeçadas por uma preposição, com valor circunstancial.

Português – começando do ZERO

Locuções adverbiais

Exemplos:

à força, a giros, às cegas, a esmo, a farta, a granel, à porta, à revelia, a seu talante, a cavalo, ao deus dará, à toa, às pressas, a pé, a pique, ao revés, a seu tempo, ao longe, ao vivo, à noite, às tontas, às ocultas, às escondidas, às vezes, ao acaso, com certeza, de repente, de cabo a rabo, de improviso, de cor, de forma alguma, de propósito, de primeiro, de relance, de soslaio, de vez em quando, de sobreaviso

Português – começando do ZERO

Adjetivos adverbializados

Em muitas situações, empregam-se adjetivos em função adverbial. Neste caso, o adjetivo, à semelhança do advérbio, permanecerá invariável.

* Acudiram algumas pessoas que **próximo** se encontravam.

* "A fisionomia de Bento Simões reanimou-se. — Falai **claro** uma vez ao menos, retrucou Rui Soeiro."

* "Para não cair foi-lhe preciso agarrar-se **forte** com ambas as mãos ao braço de Álvaro, arrimando-se em seu peito."

Português – começando do ZERO

Observação importante:

Há vários vocábulos na língua portuguesa que ora aparecem como advérbios, ora como pronomes, adjetivos e numerais. Para se determinar a classe morfologia a que pertencem tais palavras, devem-se levar em conta os seguintes critérios:

Português – começando do ZERO

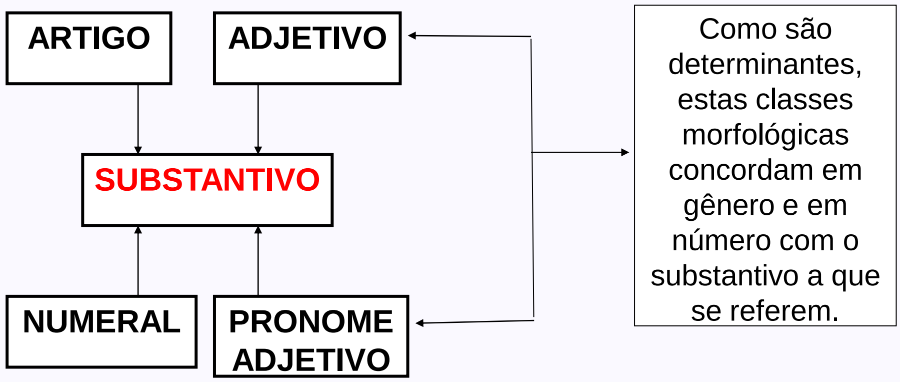

ARTIGO

ADJETIVO

SUBSTANTIVO

NUMERAL

PRONOME ADJETIVO

Como são determinantes, estas classes morfológicas concordam em gênero e em número com o substantivo a que se referem.

Português – começando do ZERO

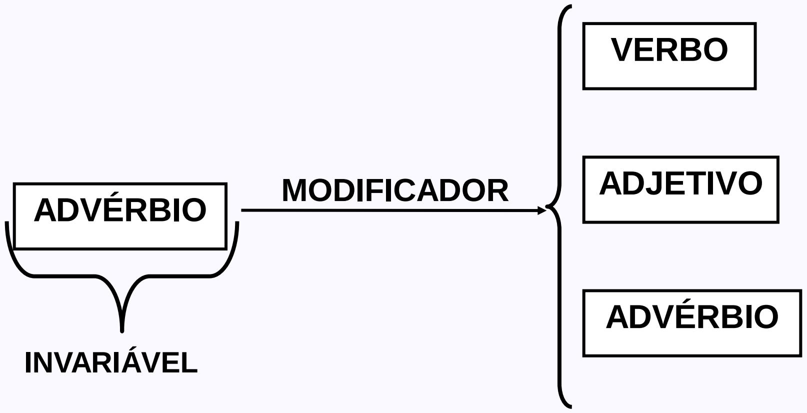

ADVÉRBIO

MODIFICADOR

VERBO

ADJETIVO

ADVÉRBIO

INVARIÁVEL

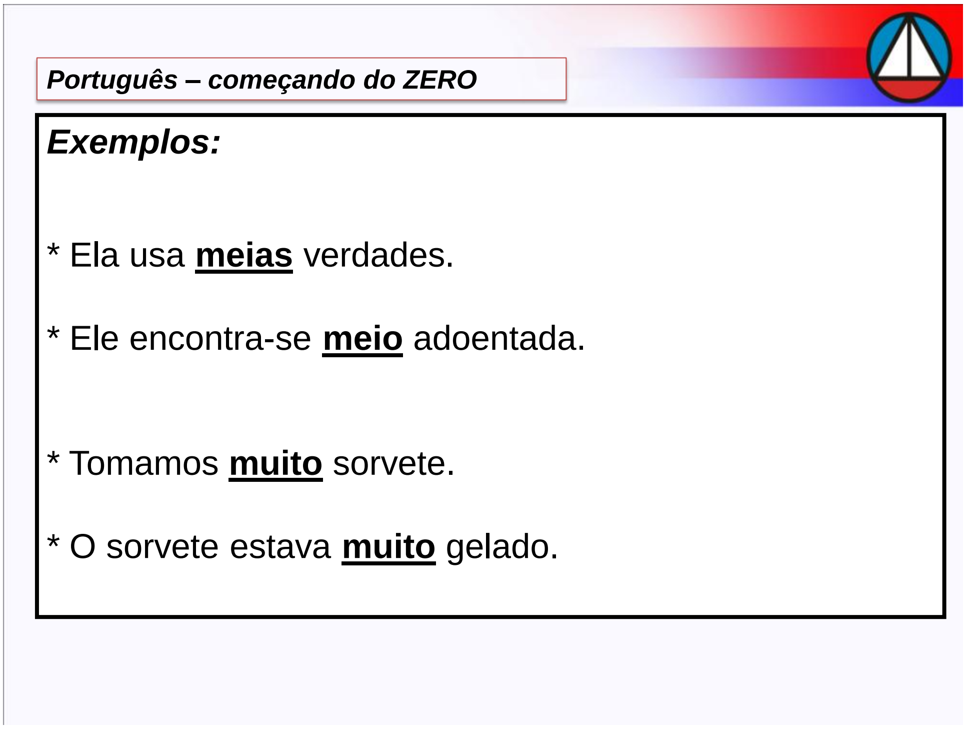

Português – começando do ZERO

Exemplos:

* Ela usa **meias** verdades.

* Ele encontra-se **meio** adoentada.

* Tomamos **muito** sorvete.

* O sorvete estava **muito** gelado.

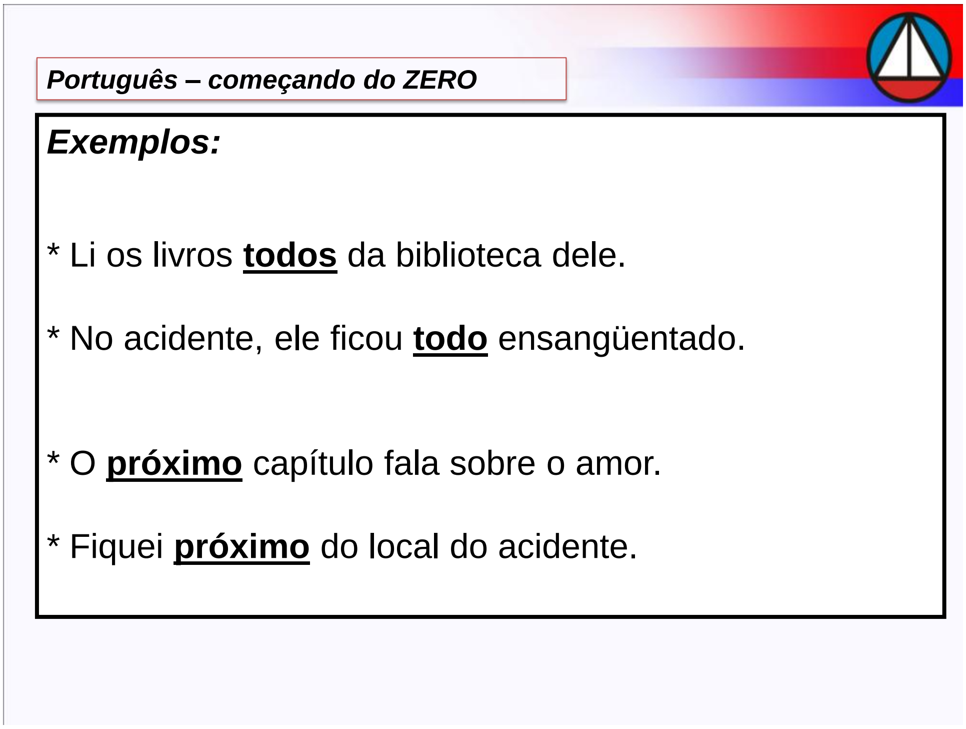

Português – começando do ZERO

Exemplos:

* Li os livros **todos** da biblioteca dele.

* No acidente, ele ficou **todo** ensangüentado.

* O **próximo** capítulo fala sobre o amor.

* Fiquei **próximo** do local do acidente.

Português – começando do ZERO

1.(FCC)

Assinale a alternativa em que o termo indicado seja classificado como advérbio.

(A) mais (L.124) ➔ "...que dispõem de mais recursos e mais informações?"

(B) conforme (L.12) ➔ "...A despeito de sua natureza relativamente controversa, a ética tributária, ao menos conforme admite o senso comum, vincula-se à concepção e à prática de regras justas e razoáveis em matéria tributária.

Português – começando do ZERO

1.(FCC)

Assinale a alternativa em que o termo indicado seja classificado como advérbio.

(C) nenhum (L.41) ➔ "...Não causa estranheza o empresário afirmar, sem nenhum sentimento de culpa,..."

(D) Nada (L.4) ➔ "...Nada diferente do que ocorre em relação à acepção da ética em outros domínios da política e da economia."

(E) demais (L.51) ➔ "A mais conhecida é o propósito ilícito de auferir vantagens em relação aos demais contribuintes."

Português – começando do ZERO

CONJUNÇÃO

Definição

É a classe de palavra invariável que liga duas orações entre si, estabelecendo um vínculo de coordenação ou de subordinação.

* Os funcionários informaram ao chefe **que** a máquina não estava funcionando bem.

* O governo aumentou a taxa de juros **e** diminuiu o acesso ao crédito consignado.

Português – começando do ZERO

CONJUNÇÃO

Classificação

A principal classificação das conjunções leva em conta o significado da conjunção e a possibilidade de ela estabelecer "coordenação" ou "subordinação". Por este critério, as conjunções são classificadas em:

Português – começando do ZERO

CLASSIFICAÇÃO DAS CONJUNÇÕES

Coordenativas

As conjunções coordenativas são aquelas que ligam orações que apresentam a mesma função na frase. De acordo com a relação que expressam, as conjunções coordenativas são classificadas em:

Português – começando do ZERO

CLASSIFICAÇÃO DAS CONJUNÇÕES

1. ADITIVAS → Chamadas também de "copulativas" ou "aproximativas", as conjunções aditivas ligam duas orações, aproximando-as numa relação de soma, de adição.

E, NEM, TAMBÉM, BEM ASSIM, BEM COMO, NÃO SÓ... MAS (TAMBÉM), NÃO SÓ... BEM COMO, QUE (=E).

Português – começando do ZERO

CLASSIFICAÇÃO DAS CONJUNÇÕES

2. ADVERSATIVAS → São as conjunções que unem pensamentos ou ideias contrárias, opostas.

A principal conjunção adversativa na língua portuguesa é o "**MAS**". Apresentam também força adversativa os seguintes conectores:

PORÉM, CONTUDO, TODAVIA, ENTRETANTO, NO ENTANTO, SENÃO, QUE (=MAS), AINDA ASSIM

Português – começando do ZERO

CLASSIFICAÇÃO DAS CONJUNÇÕES

3. ALTERNATIVAS OU DISJUNTIVAS → São conjunções que ligam ideias e pensamentos que se alternam ou que se excluem.

OU, OU... OU, SEJA... SEJA, QUER...QUER, NEM... NEM, ORA... ORA, SEJA... SEJA.

Português – começando do ZERO

CLASSIFICAÇÃO DAS CONJUNÇÕES

4. CONCLUSIVAS OU ILATIVAS → São as conjunções que introduzem orações, em um período coordenado, as quais expressam uma conclusão, uma ilação em relação à primeira oração.

LOGO, PORTANTO, POR ISSO, POIS (posposto ao verbo), ENTÃO, ASSIM, POR CONSEQUÊNCIA, CONSEQUENTEMENTE, CONSEGUINTEMENTE.

Português – começando do ZERO

CLASSIFICAÇÃO DAS CONJUNÇÕES

5. EXPLICATIVAS → São conjunções que explanam na segunda oração o sentido da primeira oração ou uma explicação para a primeira.

QUE, PORQUE, POIS (anteposto ao verbo), PORQUANTO.

Português – começando do ZERO

CLASSIFICAÇÃO DAS CONJUNÇÕES

Subordinativas

As conjunções subordinativas (também chamadas de "circunstanciais") ligam orações que exercem uma função sintática em relação a uma outra oração denominada de "principal ou subordinante". São dez as conjunções subordinativas:

Português – começando do ZERO

CLASSIFICAÇÃO DAS CONJUNÇÕES

1. CAUSAIS → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime a causa, o motivo, a razão de ser da ideia principal.

QUE, PORQUE, PORQUANTO, COMO (no início da oração = JÁ QUE), SE (= JÁ QUE), DESDE QUE, POIS QUE, VISTO QUE, VISTO COMO, UMA VEZ QUE, COMO QUER QUE, DE MODO QUE

Português – começando do ZERO

CLASSIFICAÇÃO DAS CONJUNÇÕES

2. CONCESSIVAS → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime uma ação contrária, oposta à ideia principal.

QUE, EMBORA, CONQUANTO, AINDA QUE, POSTO QUE, BEM QUE, SE BEM QUE, QUANDO MESMO, POR MAIS QUE, POR MENOS QUE, POR POUCO QUE, MESMO QUE, EM QUE PESE, APESAR DE QUE.

Português – começando do ZERO

CLASSIFICAÇÃO DAS CONJUNÇÕES

3. CONFORMATIVAS → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime a conformidade de um pensamento com o da ideia principal.

COMO, CONFORME, CONSOANTE, SEGUNDO.

Português – começando do ZERO

CLASSIFICAÇÃO DAS CONJUNÇÕES

4. CONSECUTIVAS → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime o efeito, a consequência, o resultado do pensamento expresso na ideia principal.

QUE (precedido de "TÃO, TAL, TANTO, TAMANHO), SEM QUE, DE MODO QUE, DE SORTE QUE, DE FORMA QUE, DE MANEIRA QUE.

Português – começando do ZERO

CLASSIFICAÇÃO DAS CONJUNÇÕES

5. CONDICIONAIS → São conjunções que subordinam ideias que exprimem a condição, a hipótese, a probabilidade para a ideia principal do período.

SE, CASO, CONTANTO QUE, SEM QUE, A NÃO SER QUE, SALVO SE, EXCETO SE, A MENOS QUE.

Português – começando do ZERO

CLASSIFICAÇÃO DAS CONJUNÇÕES

6. COMPARATIVAS → São conjunções que estabelecem uma relação de comparação, de analogia com a ideia principal do período.

COMO, ASSIM COMO, TAL E QUAL, TAL QUAL, MAIS QUE OU DO QUE, MENOS QUE OU DO QUE, TANTO QUANTO, FEITO (= COMO).

Português – começando do ZERO

CLASSIFICAÇÃO DAS CONJUNÇÕES

7. FINAIS → São conjunções que estabelecem uma relação de fim (finalidade) com a ideia principal do período.

QUE (= PARA QUE), PORQUE (= PARA QUE), PARA QUE, A FIM DE QUE.

Português – começando do ZERO

CLASSIFICAÇÃO DAS CONJUNÇÕES

8. PROPORCIONAIS → São as conjunções que estabelecem uma relação de proporcionalidade em relação ao fato contido na oração subordinante.

À MEDIDA QUE, À PROPORÇÃO QUE, AO PASSO QUE, QUANTO MAIS ... MAIS, QUANTO MAIS... MENOS, QUANTO MENOS... MAIS, QUANTO MENOS... MENOS.

Português – começando do ZERO

CLASSIFICAÇÃO DAS CONJUNÇÕES

9. TEMPORAIS → São conjunções que estabelecem o momento, o tempo da realização do fato contido na oração subordinante (principal).

ENQUANTO, DESDE QUE, LOGO QUE, ASSIM QUE, MAL (=LOGO QUE), ANTES QUE, QUANDO.

Português – começando do ZERO

CLASSIFICAÇÃO DAS CONJUNÇÕES

10. INTEGRANTES → São as conjunções que introduzem as orações substantivas, isto é, as orações que exercem para a oração principal uma das seguintes funções: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto e predicativo.

QUE, SE

Português – começando do ZERO

CLASSIFICAÇÃO DAS CONJUNÇÕES

Conjunções correlatas → são aquelas que se encontram bipartidas entre uma oração e outra.

Exemplos:

não só... mas também...
não só... mas ainda...
não só... senão também...
não só... senão que...
não só... bem como...

Português – começando do ZERO

PREPOSIÇÃO

Definição

É a categoria gramatical invariável que tem por função ligar entre si duas palavras, subordinando uma à outra, para introduzir determinadas circunstâncias ou indicar posse, referência, origem, atribuição, causa, efeito etc. Portanto, a preposição é a palavra invariável de caráter essencialmente relacional.

Português – começando do ZERO

PREPOSIÇÃO

Observe:

* Amanhã iremos à casa **de** Maria.

* A criança se encontra **com** febre.

Português – começando do ZERO

PREPOSIÇÃO

Valores das preposições:

* Ele sempre fala muito **sobre** política.

* Ele morreu **de** fome.

* Ele veio **de** Caruaru.

* Todos se inclinaram **para** a frente.

* Sairemos hoje **com** Maria.

Português – começando do ZERO

PREPOSIÇÃO

Classificação das preposições

No português, as preposições são classificadas em "essenciais" (palavras que só desempenham o papel estritamente de preposição) e "acidentais" (palavras de outra classe gramatical que eventualmente se usam como preposições).

Português – começando do ZERO

PREPOSIÇÃO

Classificação das preposições

a) São essenciais:

a
ante
após
até
com
contra
de
desde
em
entre
para
trás
perante
por
sem
sob
sobre

Português – começando do ZERO

PREPOSIÇÃO

Classificação das preposições

b) São acidentais:

conforme (= de acordo com)
consoante (= de acordo com)
segundo (= de acordo com)
como (= na qualidade de)
durante
fora, afora
mediante (= por meio de)
Menos
salvo
exceto
tirante

Português – começando do ZERO

PREPOSIÇÃO

Locuções prepositivas

Em muitos casos, a função prepositiva é exercida por um conjunto de vocábulos que é finalizado por uma preposição. Neste caso, está-se diante das chamadas "**locuções prepositivas**". Geralmente tais locuções apresentam como núcleo um substantivo ou um advérbio.

Português – começando do ZERO

PREPOSIÇÃO

Locuções prepositivas

Exemplos:

abaixo de
a fim de
antes de
ao invés de
apesar de

acerca de
além de
até a
ao redor de
a respeito de

acima de
à maneira de
ao lado de
a par de
diante de

Português – começando do ZERO

PREPOSIÇÃO

Combinações e contrações das preposições

Num período, pode uma preposição unir-se à outra palavra, passando a constituir com ela um só vocábulo. Nessa ligação, se a preposição permanece com todos os seus fonemas, diz-se que há "**combinação**"; se houver perda de fonema para algum dos componentes, diz-se que há "**contração**".

Português – começando do ZERO

PREPOSIÇÃO

Combinações e contrações das preposições

* Ele foi um **daqueles** que sempre lutou **pela** pátria.

* Ele deixou todos os bens para os filhos.

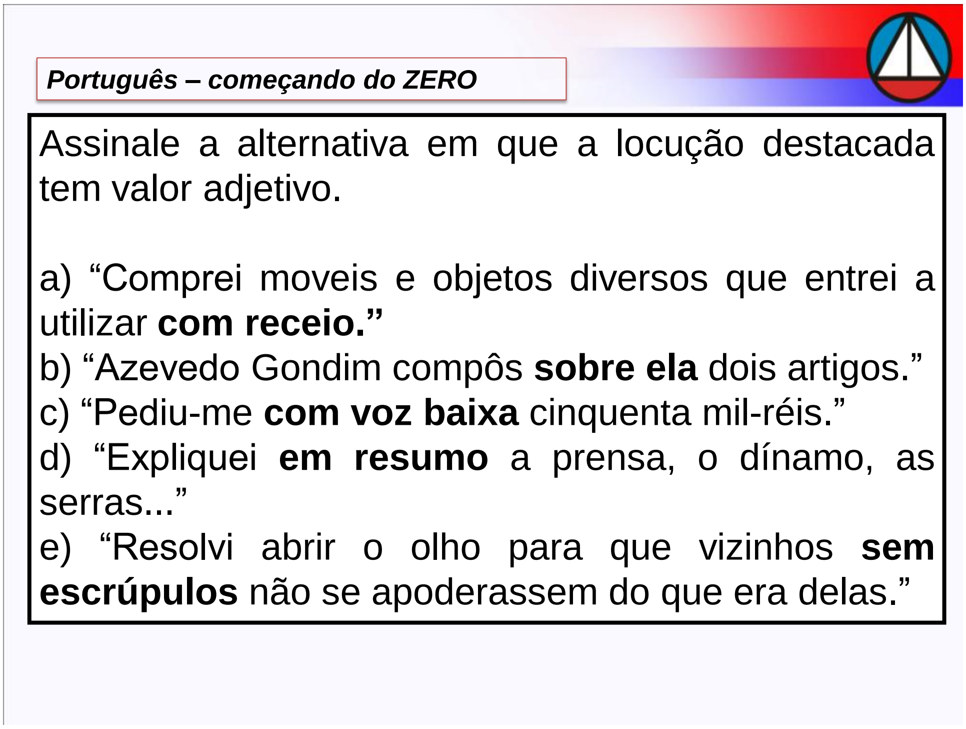

Português – começando do ZERO

Assinale a alternativa em que a locução destacada tem valor adjetivo.

a) “Comprei moveis e objetos diversos que entrei a utilizar **com receio.”**
b) “Azevedo Gondim compôs **sobre ela** dois artigos.”
c) “Pediu-me **com voz baixa** cinquenta mil-réis.”
d) “Expliquei **em resumo** a prensa, o dínamo, as serras...”
e) “Resolvi abrir o olho para que vizinhos **sem escrúpulos** não se apoderassem do que era delas.”

RODADA DE QUESTÕES

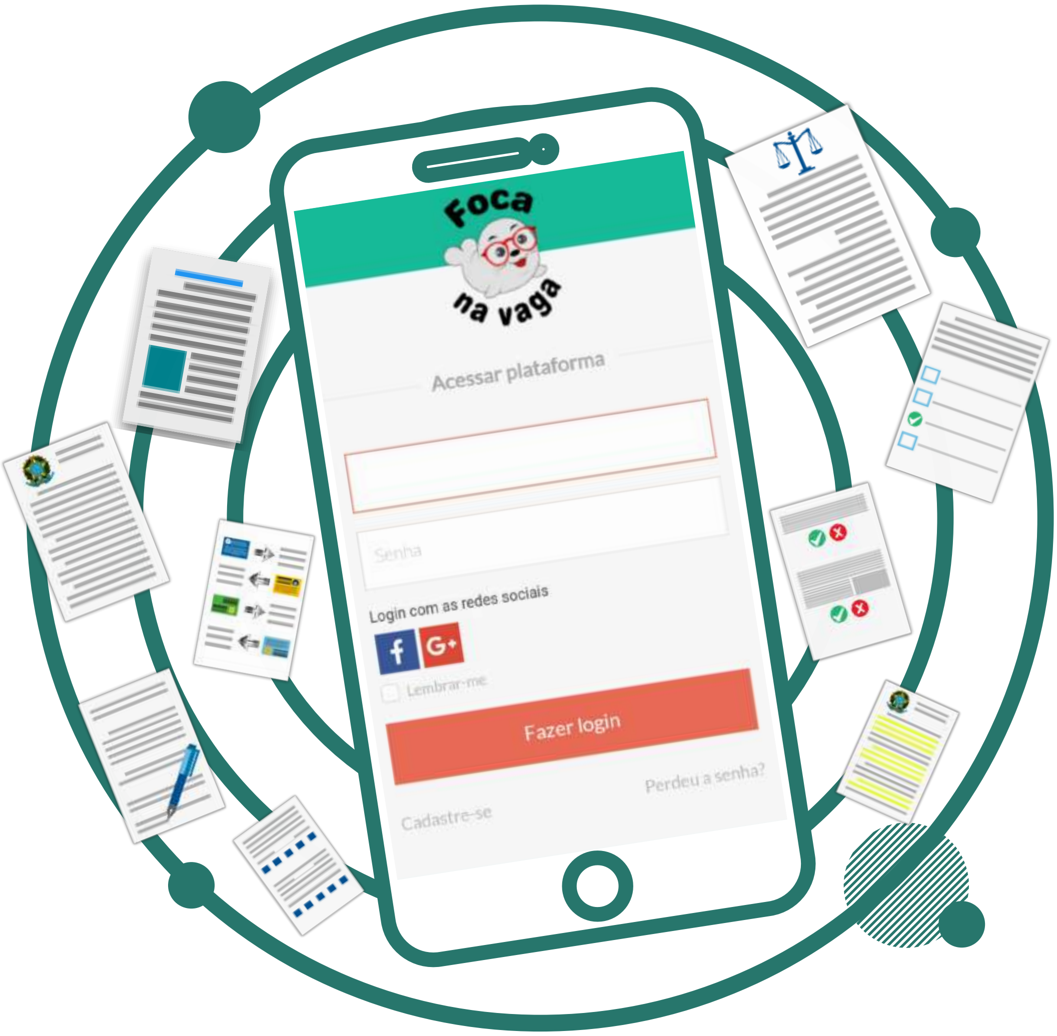
Foca na vaga
Acessar plataforma
Senha
Login com as redes sociais
G+
Lembrar-me
Fazer login
Perdeu a senha?
Cadastre-se

PORTUGUÊS

www.focanavaga.com.br

Olá, FOCAdo!

Você está recendo a 1ª Rodada de questões da matéria de **PORTUGUÊS**.
São 14 questões sobre **CRASE**.
O gabarito das questões está ao final.

Logo lançaremos novas rodadas de questões!

Bons estudos e FOCA NA VAGA!

www.focanavaga.com.br

01

Ano: 2019
Banca: FCM
Órgão: Prefeitura de Caranaíba - MG
Prova: Nível Médio

“O artigo definido feminino, quando vem precedido da preposição “a”, funde-se com ela, e tal fusão (= crase) é representada na escrita por um acento grave sobre a vogal (à).” (CUNHA & CINTRA, 2017, p.221).

Considere o conceito apresentado acerca do emprego da crase e preencha corretamente as lacunas do fragmento a seguir, retirado do livro “São Bernardo”, de Graciliano Ramos.

"Aqui, sentado _____ mesa da sala de jantar, fumando cachimbo e bebendo café, suspenso _____ vezes o trabalho moroso, olho as folhagens das laranjeiras que a noite enegrece, digo _____ mim mesmo que esta pena é um objeto pesado. Não estou acostumado _____ pensar. Levanto-me, chego _____ janela que deita para a horta. Casimiro Lopes pergunta se me falta alguma coisa."

Disponível em: <https://books.google.com.br/books?isbn=8538707418>
Acesso em: 11 ago. 2019.

A sequência que preenche corretamente as lacunas do texto é

a) à / as / à / a / à
b) a / as / à / à / a
c) à / às / a / a / à
d) a / às / a / à / a

02

Ano: 2019
Banca: CESGRANRIO
Órgão: UNIRIO
Prova: Administrador

O acento grave indicativo de crase é necessário e está empregado de acordo com a norma-padrão em:

a) É bom manter-nos à distância de dez passos.
b) O sol estava à pino e precisamos nos proteger do calor.
c) A volta à Portugal, seu país natal, fez meu pai muito feliz.
d) Com muito esforço, os idosos acompanham às novas tecnologias.
e) Sempre reconhecemos àqueles que são nossos verdadeiros amigos.

03

Ano: 2019
Banca: IBFC
Órgão: Prefeitura de Cabo de Santo Agostinho - PE
Prova: Técnico de Segurança do Trabalho

Analise os enunciados e assinale a alternativa que preencha correta e respectivamente as lacunas abaixo.

I. Sem hesitar, pressiona ___ primeiras teclas e da sua boca irrompe um som profundíssimo.
II. As vendas começarão ___ partir das 8h e os clientes poderão pagar ___ vista ou ___ prazo.
III. Ele mandou suas condolências ____ insegurança e saiu ____ procura daquilo que um dia lhe causou medo.

a) às / à / a / à / a / a
b) as / há / a / a / a / a
c) as / a / à / a / à / à
d) às / há / à / à / à / a

04

Ano: 2019
Banca: CESPE
Órgão: TCE-RO

Prova: Auditor de Controle Externo – Direito

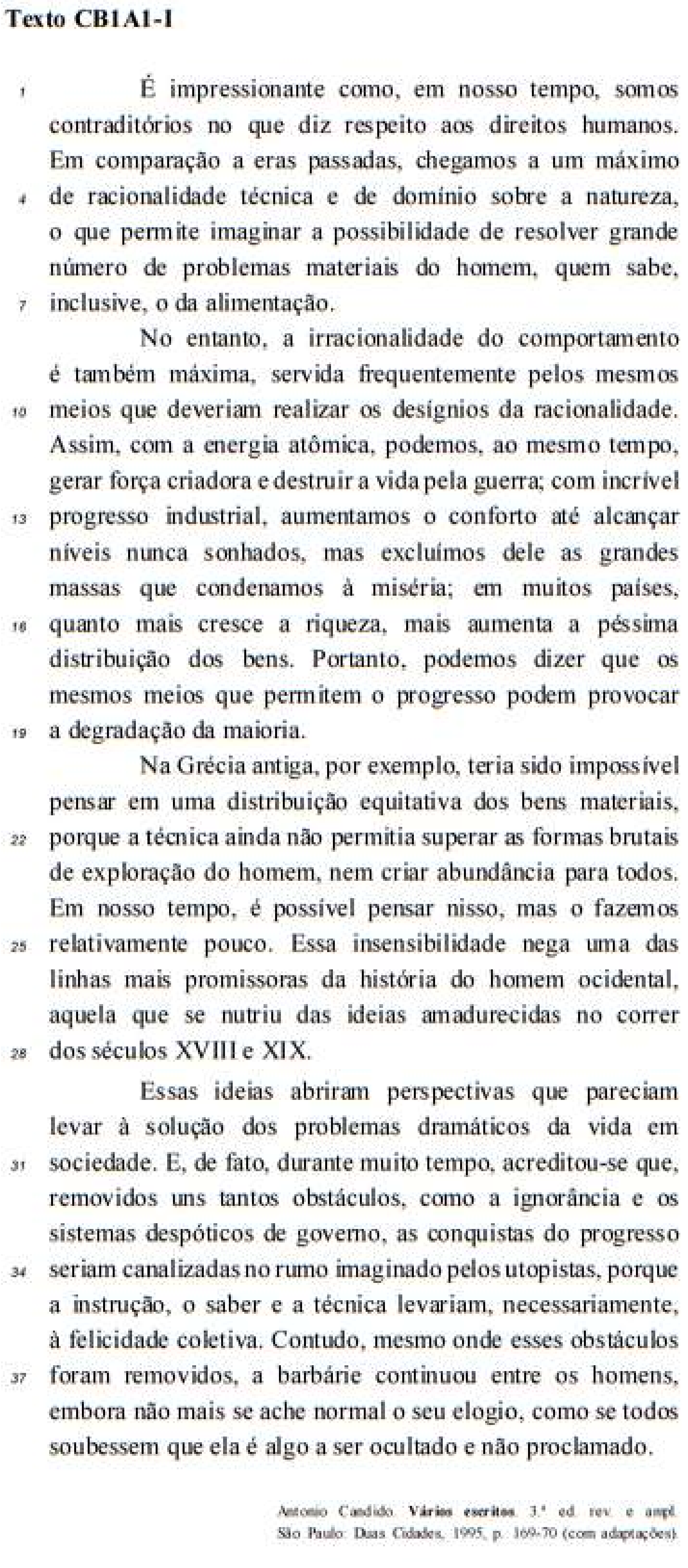

Texto CB1A1-I

É impressionante como, em nosso tempo, somos contraditórios no que diz respeito aos direitos humanos. Em comparação a eras passadas, chegamos a um máximo de racionalidade técnica e de domínio sobre a natureza, o que permite imaginar a possibilidade de resolver grande número de problemas materiais do homem, quem sabe, inclusive, o da alimentação.

No entanto, a irracionalidade do comportamento é também máxima, servida frequentemente pelos mesmos meios que deveriam realizar os desígnios da racionalidade. Assim, com a energia atômica, podemos, ao mesmo tempo, gerar força criadora e destruir a vida pela guerra; com incrível progresso industrial, aumentamos o conforto até alcançar níveis nunca sonhados, mas excluímos dele as grandes massas que condenamos à miséria; em muitos países, quanto mais cresce a riqueza, mais aumenta a péssima distribuição dos bens. Portanto, podemos dizer que os mesmos meios que permitem o progresso podem provocar a degradação da maioria.

Na Grécia antiga, por exemplo, teria sido impossível pensar em uma distribuição equitativa dos bens materiais, porque a técnica ainda não permitia superar as formas brutais de exploração do homem, nem criar abundância para todos. Em nosso tempo, é possível pensar nisso, mas o fazemos relativamente pouco. Essa insensibilidade nega uma das linhas mais promissoras da história do homem ocidental, aquela que se nutriu das ideias amadurecidas no correr dos séculos XVIII e XIX.

Essas ideias abriram perspectivas que pareciam levar à solução dos problemas dramáticos da vida em sociedade. E, de fato, durante muito tempo, acreditou-se que, removidos uns tantos obstáculos, como a ignorância e os sistemas despóticos de governo, as conquistas do progresso seriam canalizadas no rumo imaginado pelos utopistas, porque a instrução, o saber e a técnica levariam, necessariamente, à felicidade coletiva. Contudo, mesmo onde esses obstáculos foram removidos, a barbárie continuou entre os homens, embora não mais se ache normal o seu elogio, como se todos soubessem que ela é algo a ser ocultado e não proclamado.

Antonio Candido. **Vários escritos**. 3.ª ed. rev. e ampl.
São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 169-70 (com adaptações).

Cada uma das opções a seguir apresenta uma proposta de reescrita para o segmento “a instrução, o saber e a técnica levariam, necessariamente, à felicidade coletiva” (l. 35 e 36), do texto CB1A1-I. Assinale a opção em que a proposta indicada mantém os sentidos e a correção gramatical do texto.

a) a instrução, o saber e a técnica motivariam, necessariamente, à felicidade coletiva
b) a instrução, o saber e a técnica implicariam, necessariamente, à felicidade coletiva
c) a instrução, o saber e a técnica chegariam, necessariamente, à felicidade coletiva
d) a instrução, o saber e a técnica conduziriam, necessariamente, a felicidade coletiva
e) a instrução, o saber e a técnica proporcionariam, necessariamente, a felicidade coletiva

05

Ano: 2019
Banca: IBFC
Órgão: Emdec
Prova: Assistente Administrativo

O pensamento correto nos leva à fala e à ação corretas.

Conscientes da respiração e a partir da compreensão correta, podemos entrar em contato com os aspectos de cura e renovação que existem em nós e à nossa volta. Respirar conscientemente é a chave principal. Quando damos atenção à respiração, tranquilizamos o processo mental de relembrar (ou remoer) o que já passou e ansiar pelo que poderá vir a ser. Consciente de cada inspiração, pausa, expiração, pausa, inspiração, mergulhamos na realidade do que é, no agora, no aqui.

De acordo com a Gramática Normativa da Língua Portuguesa, assinale a alternativa que faz uso correto do acento grave, indicador de crase.

a) A autora afirma que é devido à consciência do ato de respirar que tranquilizamos à mente.

b) Segundo Monja Cohen, é graças às ações de inspirar e expirar que conseguimos alcançar à tranquilidade tão desejada.

c) O estado atento à respiração garante nossa presença no aqui e agora, o que é fundamental para à tranquilidade mental.

d) A atenção à respiração permite a nossa presença no aqui e agora, conduzindo-nos à sensação de tranquilidade da mente.

06

Ano: 2019
Banca: Quadrix
Órgão: CRECI - 5º Região (GO)
Prova: Profissional de Nível Médio

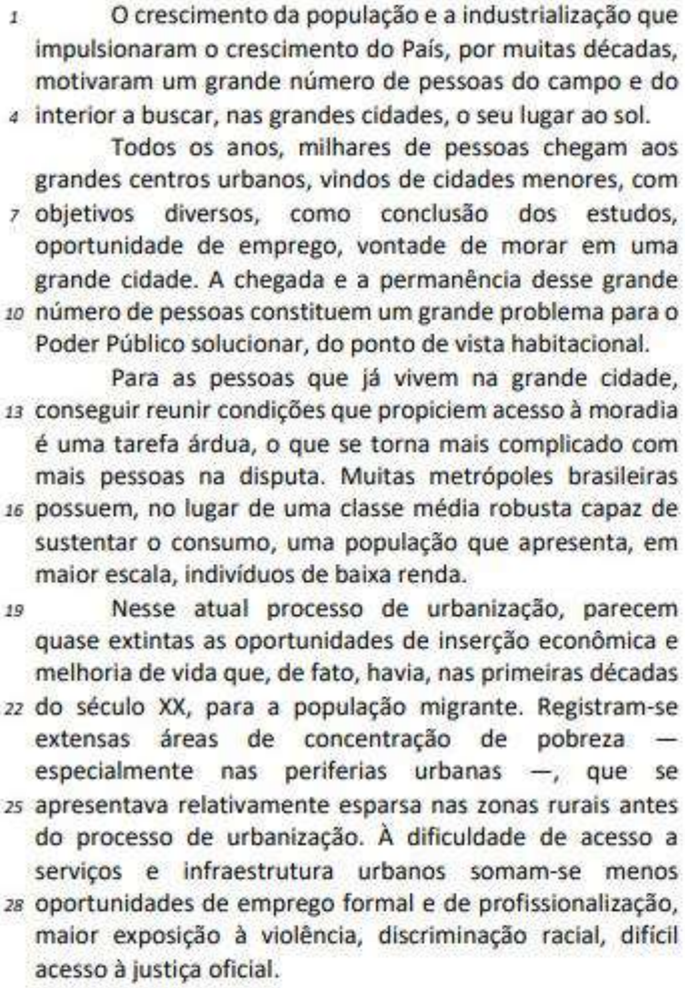

O crescimento da população e a industrialização que impulsionaram o crescimento do País, por muitas décadas, motivaram um grande número de pessoas do campo e do interior a buscar, nas grandes cidades, o seu lugar ao sol.

Todos os anos, milhares de pessoas chegam aos grandes centros urbanos, vindos de cidades menores, com objetivos diversos, como conclusão dos estudos, oportunidade de emprego, vontade de morar em uma grande cidade. A chegada e a permanência desse grande número de pessoas constituem um grande problema para o Poder Público solucionar, do ponto de vista habitacional.

Para as pessoas que já vivem na grande cidade, conseguir reunir condições que propiciem acesso à moradia é uma tarefa árdua, o que se torna mais complicado com mais pessoas na disputa. Muitas metrópoles brasileiras possuem, no lugar de uma classe média robusta capaz de sustentar o consumo, uma população que apresenta, em maior escala, indivíduos de baixa renda.

Nesse atual processo de urbanização, parecem quase extintas as oportunidades de inserção econômica e melhoria de vida que, de fato, havia, nas primeiras décadas do século XX, para a população migrante. Registram-se extensas áreas de concentração de pobreza — especialmente nas periferias urbanas —, que se apresentava relativamente esparsa nas zonas rurais antes do processo de urbanização. À dificuldade de acesso a serviços e infraestrutura urbanos somam-se menos oportunidades de emprego formal e de profissionalização, maior exposição à violência, discriminação racial, difícil acesso à justiça oficial.

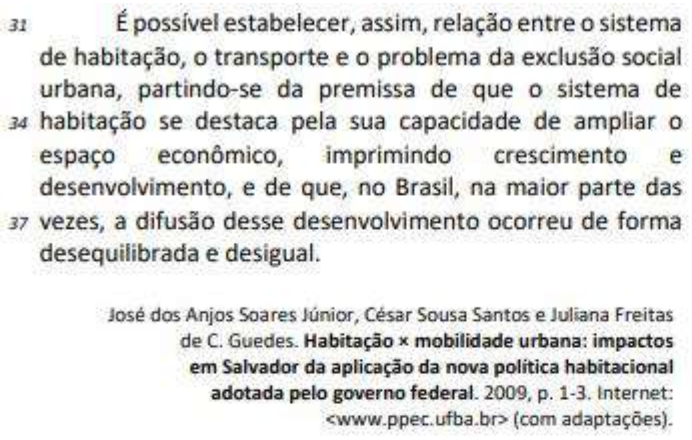

É possível estabelecer, assim, relação entre o sistema de habitação, o transporte e o problema da exclusão social urbana, partindo-se da premissa de que o sistema de habitação se destaca pela sua capacidade de ampliar o espaço econômico, imprimindo crescimento e desenvolvimento, e de que, no Brasil, na maior parte das vezes, a difusão desse desenvolvimento ocorreu de forma desequilibrada e desigual.

José dos Anjos Soares Júnior, César Sousa Santos e Juliana Freitas de C. Guedes. **Habitação × mobilidade urbana: impactos em Salvador da aplicação da nova política habitacional adotada pelo governo federal**. 2009, p. 1-3. Internet: <www.ppec.ufba.br> (com adaptações).

No trecho "À dificuldade de acesso a serviços e infraestrutura urbanos somam-se menos oportunidades de emprego formal e de profissionalização, maior exposição à violência, discriminação racial, difícil acesso à justiça oficial." (linhas de 26 a 30), o emprego de acentuação gráfica em "À" (linha 26) e em "à" (linhas 29 e 30) é devido, respectivamente,

a) regência da expressão nominal "acesso a serviços e infraestrutura urbanos" e à regência de "violência" e "justiça oficial".

b) definição do nome feminino "dificuldade", seguida da forma nominal "acesso", que exige o emprego da preposição "a".

c) ao emprego de vocábulos flexionados na forma plural, como é o caso de "serviços", "urbanos", "somam-se" e "menos", além de "oportunidades".

d) ao emprego do verbo irregular "somam-se", que exige elemento posposto prepositivo e, ainda, à presença de nomes invariáveis, como é o caso de "menos" e "maior".

e) à regência da forma verbal "somam-se", que exige a preposição "a" em presença de termo feminino definido, e à dos nomes "exposição" e "acesso", que também a exigem, seguidos de nome feminino definido.

07

Ano: 2019
Banca: FCC
Órgão: METRÔ-SP
Prova: Agente de segurança

Na palavra "amor" **I** *algo tão ambíguo, tão sugestivo, que tanto fala* **II** *recordação e* **III** *esperança, que mesmo* **IV** *mais fraca inteligência e o mais frio coração percebem algo do cintilar desse termo.*

(Adaptado de: Friedrich Nietzsche. ***100 aforismos sobre o amor e a morte***. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p.23)

Em conformidade com a norma-padrão da língua portuguesa, as lacunas **I, II, III** e **IV** do texto devem ser preenchidas, respectivamente, por:

a) a – à – à – a
b) há – à – à – a
c) há – a – a – à
d) a – a – a – a
e) á – à – a – à

08

Ano: 2019
Banca: FEPESE
Órgão: SANEFRAI
Prova: Operador de ETA e ETE

Assinale a frase **correta** quanto à acentuação gráfica e à indicação de crase

a) Os críticos não deram a mínima importância aquela obra recem-lançada.

b) A tendência universalizante do Romantismo contrapõe-se, sem dúvida, à tendência individualista e egocêntrica já observada.
c) De norte à sul, em frente as bancas dos jornais, pessoas paravam para inteirar-se da horrível derrota atribuida ao mau desempenho da equipe de vôlei.
d) Deram-me um sôco na boca do estômago e, depois de atirarem farinha a boca, me embriagaram com eter.
e) Essa explicação é idêntica a anterior à essa que eu inclui no relatório enviado a superintendência.

09

Ano: 2019
Banca: FCC
Órgão: Câmara de Fortaleza - CE
Prova: Contador

Em 1925, um estudante de farmácia e jovem poeta que assinava Carlos Drummond publicou um artigo afirmando que, em relação a Machado de Assis, o melhor a fazer era repudiá-lo. Cheio de ímpeto juvenil, considerava o criador de Brás Cubas um "entrave à obra de renovação da cultura geral". Na correspondência que manteve com Mário de Andrade nas décadas de 1920 e 1930, Machado também teria papel crucial no embate acerca da tradição. Nas cartas, o escritor volta e meia surge como encarnação de um passado a ser descartado.

Décadas mais tarde, em 1958, Drummond publicou o poema "A um bruxo, com amor", uma das mais belas homenagens de escritor para escritor na literatura brasileira. Um único verso dá a medida do elogio: "Outros leram da vida um capítulo, tu leste o livro inteiro". O poema compõe-se de frases do escritor, cujo cinquentenário de morte então se comemorava. O poeta maduro, que agora assinava Carlos Drummond de Andrade, emprestava palavras do próprio Machado para compor um epíteto que ganharia ampla circulação, o "bruxo do Cosme Velho". O que teria se passado com Drummond para mudar tão radicalmente de posição?

Harold Bloom descreve as razões que marcam a relação entre escritores de diferentes gerações. O processo passa pela ironia do mais jovem em relação ao seu precursor; pelo movimento que marca a construção de um sublime que se contrapõe ao do precursor; e, finalmente, pela reapropriação do legado.

A assimilação dificultosa do passado é também um processo vivido pela geração de Drummond. Os antepassados foram vistos muitas vezes como obstáculos aos desejos de renovação que emergiram a partir da década de 1910 em vários pontos do Brasil. E tanto no âmbito individual como no geracional, Machado surge como emblema do antigo. Alguém que fora sepultado com os elogios fúnebres de Rui Barbosa e Olavo Bilac não podia deixar de ser uma pedra no caminho para escritores investidos do propósito de romper com as convenções. Até Drummond chegar à declaração de respeito, admiração e amor, foi um longo percurso. Pouco a pouco, Machado deixa de ser ameaça para se tornar uma presença imensa que ocupa a imaginação do poeta.

(Adaptado de: GUIMARÃES, Hélio de Seixas. **Amor nenhum dispensa uma gota de ácido**. São Paulo: Três Estrelas, 2019, p. 9-30.)

O termo sublinhado pode ser substituído pelo que se encontra entre parênteses em:
a) *O poema compõe-se de frases do escritor,* cujo (do qual) *cinquentenário de morte então se comemorava*.
b) *correspondência* que (à qual) *manteve com Mário de Andrade nas décadas de 1920 e 1930*.
c) *pelo movimento* que (no qual) *marca a construção de um sublime que se contrapõe ao do precursor*.
d) *Harold Bloom descreve as razões* que (nas quais) *marcam a relação entre escritores de diferentes gerações*.
e) *considerava o criador de Brás Cubas um "entrave* à (para a) *obra de renovação da cultura geral"*.

10

Ano: 2019
Banca: IESES
Órgão: Prefeitura de São José - SC
Prova: Agente de Fiscalização

No período a seguir foram suprimidos todos os acentos, inclusive as crases. Assinale a alternativa cujas palavras preencham corretamente os espaços com números: "Se aquela vaga (1) vinha me inquietar, eu, sem saber (2), e habituada a conferir um nome claro a todas as coisas, não a (3), ou (4) a (5) físicas. Além disso, a reunião de domingo em casa de meus pais, junto as primas e vizinhos, qualquer bom e animado jogo reconquistavam-me (6) e repunham-me na estrada larga, de novo a caminhar entre a multidão dos de olhos fechados" (Clarice Lispector. *Obsessão*)

a) insatisfação; explicá-la; admitía; atribuía-a; indisposições; rapidamente.

b) insatisfação; explicá-la; admitia; atribuía-a; indisposições; rapidamente.

c) insatisfação; explica-la; admitía; atribuia-a; indisposições; rapidamente.

d) insatisfaçao; explica-la; admitia; atribuía-a; indisposições; rapidamente.

11

Ano: 2019
Banca: IESES
Órgão: Prefeitura de São José - SC
Prova: Agente de Fiscalização (Superior)

Leia as assertivas abaixo:

I. Atribuíram os problemas sociais a má distribuição de renda.
II. A exposição contava com diversos quadros à óleo de grandes pintores internacionais.
III. Elizabete referiu-se àquilo que sua irmã lhe tinha dito anteriormente.
IV. A pessoa a que você se dirigiu é minha chefa.
V. Na conversa, se referiam a menina sobre o balanço, não a que estava a meu lado.

Assinale a alternativa que se aplica, de acordo com as regras de uso da crase:

a) Apenas as assertivas II, III e V estão corretas.

b) Apenas as assertivas III e IV estão corretas.

c) Apenas as assertivas I e III estão corretas.

d) Apenas as assertivas I, II e IV estão corretas.

12

Ano: 2019
Banca: IESES
Órgão: Prefeitura de São José - SC
Prova: Analista de recursos humanos

Assinale a alternativa que se aplica, de acordo com as regras de uso da crase:

a) Os cursos de yoga serão oferecidos de março à junho do próximo ano.

b) Além disso, levamos encomenda à domicílio.

c) Estiveram em reunião de 9 à 17h, sem intervalo nem para o almoço!

d) A partir de R$50,00 de compras não cobramos taxa de entrega.

13

Ano: 2019
Banca: FCC
Órgão: TJ-MA
Prova: Técnico em Edificações

Como assistiremos a filmes daqui a 20 anos?

Com muitos cineastas trocando câmeras tradicionais por câmeras 360 (que capturam vistas de todos os ângulos), o momento atual do cinema é comparável aos primeiros anos intensamente experimentais dos filmes no final do século 19 e início do século 20.

Uma série de tecnologias em rápido desenvolvimento oferece um potencial incrível para o futuro dos filmes – como a realidade aumentada, a inteligência artificial e a capacidade cada vez maior de computadores de criar mundos digitais detalhados.

Como serão os filmes daqui a 20 anos? E como as histórias cinematográficas do futuro diferem das experiências disponíveis hoje? De acordo com o guru da realidade virtual e artista Chris Milk, os filmes do *futuro oferecerão experiências imersivas sob medida. Eles serão capazes de "criar uma história em tempo real que é só para você, que satisfaça exclusivamente a você e o que você gosta ou não", diz ele.*

(Adaptado de: BUCKMASTER, Luke. Disponível em: **www.bbc.com**)

No contexto, substitui corretamente o elemento sublinhado o que se encontra entre colchetes em:

a) (3° parágrafo) ...*como as histórias cinematográficas do futuro diferem das experiências*... [se opõem às]

b) (1° parágrafo) ... *o momento atual do cinema é comparável aos primeiros anos*... [semelhante à]

c) (1° parágrafo) ...*que capturam vistas de todos os ângulos*... [à partir de]

d) (3° parágrafo) ...*uma história em tempo real que é só para você*... [à qual]

e) (3° parágrafo) *Como serão os filmes daqui a 20 anos?* [à decorrerem]

14

Ano: 2019

Banca: FCC

Órgão: TJ-MA

Prova: Oficial de Justiça

[Os nomes e os lugares]

É sempre perigoso usar termos geográficos no discurso histórico. É preciso ter muita cautela, pois a cartografia dá um ar de espúria objetividade a termos que, com frequência, talvez geralmente, pertencem à política, ao reino dos programas, mais que à realidade. Historiadores e diplomatas sabem com que frequência a ideologia e a política se fazem passar por fatos. Rios, representados nos mapas por linhas claras, são transformados não apenas em fronteiras entre países, mas fronteiras "naturais". Demarcações linguísticas justificam fronteiras estatais.

A própria escolha dos nomes nos mapas costuma criar para os cartógrafos a necessidade de tomar decisões políticas. Como devem chamar lugares ou características geográficas que já têm vários nomes, ou aqueles cujos nomes foram mudados oficialmente? Se for oferecida uma lista alternativa, que nomes são indicados como principais? Se os nomes mudaram, por quanto tempo devem os nomes antigos ser lembrados?

(HOBSBAWM, Eric. **Tempos fraturados**. Trad. Berilo Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 109)

É inteiramente adequado o emprego de **ambos** os elementos sublinhados na frase:

a) O acesso a que se tem aos elementos de um mapa leva-nos a estranhar os nomes que os atribuem os cartógrafos.

b) A cautela de que se reveste um historiador, diante das denominações de um mapa, justifica-se pelos critérios políticos que as influenciaram.

c) A estranheza de cuja somos possuídos quando comparamos as denominações de um mapa está na multiplicidade de critérios que à elas se impõem.

d) Há nos mapas limites geográficos dados enquanto naturais, quando de fato o que lhes determina é uma posição política.

e) É nos tempos remotos em cujos se estabeleceram as denominações de um mapa que se pode encontrar uma justificativa para os mesmos.

GABARITO

1 C	2 A	3 C	4 E	5 D
6 E	7 B	8 B	9 E	10 B
11 B	12 D	13 A	14 B	

QUER RESOLVER MAIS QUESTÕES?

Experimente a Plataforma Foca na Vaga www.focanavaga.com.br por 2 dias grátis!
Temos um banco de simulados com mais de 300.000 questões para teste e mecanismos de inteligência artificial que acompanham e registram o seu desempenho, programando revisões.

Receba as novas Rodadas de questões por meio dos nossos **Grupos de Estudos no WhatsApp**.
Solicite a participação por meio do WhatsApp 16 99364-1883.

Plataforma de estudo

✓Enem
✓OAB
✓Concurso Público

2 dias GRÁTIS!

16 99634-1883

www.focanavaga.com.br

STARTUP DESTAQUE
LIGA INSIGHTS
EdTechs
Foca na vaga
Acessar plataforma
Login com as redes sociais
Fazer login
#FocanaVaga

RODADAS DE QUESTÕES

Atendendo aos pedidos dos nossos FOCAdos, decidimos oferecer as **Rodadas de Questões, dicas, informações e eBooks** também por e-mail, então, siga os passos:

1º PASSO

Cadastre-se na plataforma Foca na vaga

2º PASSO

Clique nos links de sua escolha e cadastre-se para receber os materiais:

CURSOS

ENEM
OAB
Concursos:
ADMINISTRADORES
ADVOGADO DA UNIÃO
ASSISTENTE SOCIAL
AUDITOR FISCAL DA RECEITA FEDERAL
BANCO DO BRASIL
BIOMÉDICOS
CAIXA
CARTÓRIOS
CLDF
CONTADOR
CRF RJ
DELEGADO DA POLÍCIA CIVIL
DELEGADO DA POLÍCIA FEDERAL
DENTISTA
DPE – DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO
DPU - DEFENSORIA PÚLICA DA UNIÃO
EBSERH
ENFERMEIRO
ENGENHEIRO CIVIL
ENGENHEIRO QUÍMICO
FARMACÊUTICOS
FISIOTERAPEUTAS
FONOAUDIÓLOGOS
IDAM
INSTITUTO FERAL
INSTITUTO FEDRAL BAIANO
INSS ANALISTA ASSISTENTE SOCIAL
INSS TÉCNICO
MAGISTRATURA DO TRABALHO
MAGISTRATURA ESTADUAL
MAGISTRATURA FEDERAL
MAGISTRATURA TJSP
MARINHA EAM

MARINHA ESCOLA NAVAL
MARINHA SMV INSPETOR E VISTORIADOR
MARINHA SMV OFICIAIS
MARINHA SOLDADOS FUZILEIROS NAVAIS
MÉDICOS
MÉDICOS VETERINÁRIOS
MPU ANALISTA
MPU TÉCNICO
NUTRICIONISTAS
PETROBRÁS TÉCNICO ADMINISTRATIVO
POLÍCIA MILITAR SOLDADOS
POLÍCIA CIVIL AGENTE
POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA RODOVIÁRIA FEDERAL
PREFEITURA ASSISTENTE SOCIAL
PROCURADOR DA REPÚBLICA
PROCURADOR DO ESTADO
PROCURADOR DO MUNICÍPIO
PROCURADOR DO TRABALHO
PROCURADOR FEDERAL
PROMOTOR DE JUSTIÇA
PSICÓLOGOS
SEDESTMIDH ASSISTENTE SOCIAL
SEDESTMIDH TÉCNICO
STJ AJAJ
STJ TJAA
STM AJAA
STM TJAA
TCU TCE TCM
TERAPEUTAS OCUPACIONAIS
TRANSERP
TRE AJAA
TRE AJAJ
TRE TJAA
TRF AJAA
TRF AJAJ
TRF AJOJ
TRF TJAA
TRT AJAA
TRT AJAJ
TRT AJOJ
TRT TJAA
UNIVERSIDADES ASSISTENTE EM ADMINISTRAÇÃO
UNIVERSIDADES TÉCNICO EM ASSUNTOS EDUCACIONAIS

MATÉRIAS

ADMINISTRAÇÃO DE RECURSOS MATERIAIS E LOGÍSTICA
ADMINISTRAÇÃO FINANCEIRA E ORÇAMENTÁRIA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA
ARQUIVOLOGIA

ARTES
ATENDIMENTO
ATUALIDADES
ATUÁRIA
AUDITORIA
BIOLOGIA
COMÉRCIO INTERNACIONAL
CONHECIMENTOS BANCÁRIOS
CONTABILIDADE
CONTROLE EXTERNO
CRIMINALÍSTICA, CRIMINOLOGIA E MEDICINA LEGAL
DIREITO ADMINISTRATIVO
DIREITO AGRÁRIO
DIREITO AMBIENTAL
DIREITO CIVIL E PROCESSUAL CIVIL
DIREITO CONSTITUCIONAL
DIREITO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE
DIREITO DO CONSUMIDOR
DIREITO DO TRABALHO E PROCESSUAL DO TRABALHO
DIREITO ECONÔMICO E FINANCEIRO
DIREITO ELEITORAL
DIREITO EMPRESARIAL
DIREITO INTERNACIONAL E HUMANOS
DIREITO MARÍTIMO
DIREITO NOTARIAL E REGISTRAL
DIREITO PENAL E PROCESSUAL PENAL
DIREITO PENAL MILITAR
DIREITO PREVIDENCIÁRIO
DIREITO SANITÁRIO
DIREITO TRIBUTÁRIO
DIREITO URBANÍSTICO
ECONOMIA
ESPANHOL
ESTATÍSTICA E MATEMÁTICA FINANCEIRA
ÉTICA NA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA
FILOSOFIA
FILOSOFIA DO DIREITO
FÍSICA
FRANCÊS
GEOGRAFIA
HISTÓRIA
INFORMÁTICA
INGLÊS
LITERATURA
MATEMÁTICA E RLM
NOÇÕES DE DIREITO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA
POLÍTICA INTERNACIONAL
PORTUGUÊS E REDAÇÃO OFICIAL
QUÍMICA
REDAÇÃO
SOCIOLOGIA
SUSTENTABILIDADE
VADE MECUM

ENADE

- ENADE - FORMAÇÃO GERAL
- ENADE BIOMEDICINA
- ENADE DIREITO (OAB)
- ENADE EDUCAÇÃO FÍSICA
- ENADE ENFERMAGEM
- ENADE ENGENHARIA AMBIENTAL
- ENADE ENGENHARIA CIVIL
- ENADE ENGENHARIA DE COMPUTAÇÃO
- ENADE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO
- ENADE ENGENHARIA ELÉTRICA
- ENADE FARMÁCIA
- ENADE FÍSICA
- ENADE FISIOTERAPIA
- ENADE FONOAUDIOLOGIA
- ENADE GEOGRAFIA
- ENADE HISTÓRIA
- ENADE LETRAS PORTUGUÊS ESPANHOL
- ENADE LETRAS PORTUGUÊS INGLÊS
- ENADE MATEMÁTICA
- ENADE MEDICINA
- ENADE MEDICINA VETERINÁRIA
- ENADE NUTRIÇÃO
- ENADE ODONTOLOGIA
- ENADE PSICOLOGIA
- ENADE QUÍMICA
- ENADE SERVIÇO SOCIAL
- ENADE TERAPIA OCUPACIONAL

3º PASSO

Após cadastrar na área de interesse, verifique o seu e-mail - caixa de entrada, promoções, spam (marque como não spam e favorite), entre outras abas - abra o e-mail com o assunto **"Foca na vaga! Não perca tempo!"** e clique no link para confirmar o seu interesse em receber os materiais.

PRONTO!
Bons estudos e FOCA NA VAGA!

2 DIAS GRÁTIS DE FOCA NAVAGA
Cadastre-se e aproveite os 2 DIAS DE ACESSO GRÁTIS!
CADASTRAR
Foca na vaga

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Juros Simples 2

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Juros Simples

No regime de juros simples, os juros são calculados a cada período, sempre tomando como base de cálculo o capital inicial empregado, não incidindo, portanto, juros sobre os juros acumulados em períodos anteriores, ou seja, não existindo a capitalização dos juros. Apenas o principal é que rende juros.

Para tornar mais claro o conceito de juros simples, suponha o seguinte exemplo:

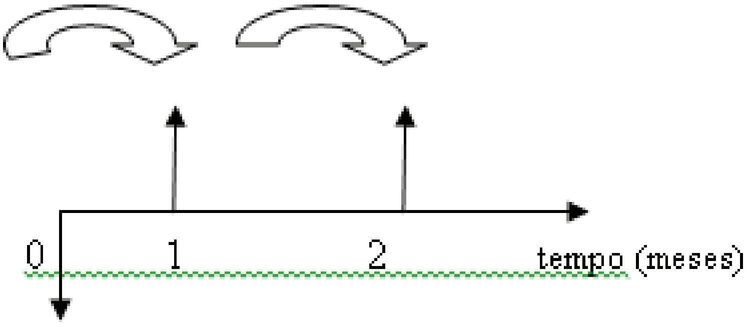

C = R$ 100,00

i = 10% a.m.

M = R$ 120,00 (no 2º mês)

- Fórmulas:

I) $M = C + J$

II) $J = C.i.t$

III) $M = C\ (1 + i.t)$

Legenda:

M = Montante

C = Capital

J = Juros

i = taxa

t = tempo

Exemplo - Um valor de R$ 10.000,00 foi aplicado com taxa pré-fixada de juros simples equivalente a 120% nominal anual. Ao final de 3 meses, irá proporcionar um rendimento de

(A) R$ 3.000,00

(B) R$ 3.310,00

(C) R$ 13.000,00

(D) R$ 13.310,00

(E) R$ 36.000,00

COMENTÁRIO:

Dados:

Montante (M) = ?

Capital (C) = R$ 10.000,00

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Juros (J) = ?

Taxa de juros (i) = 120% a.a = 10% a.m

Tempo (t) = 3 meses

J = C. i.t

J = 10.000 . 0,1 . 3 = 3000

01. Considerando uma aplicação a uma taxa de juros simples de 48% ao ano, assinale a alternativa que apresenta, corretamente, após quantos meses essa aplicação terá o seu valor triplicado.

a) 25
b) 50
c) 60
d) 75
e) 100

02. Uma aplicação financeira de R$ 1.300,00 foi realizada à taxa de juros simples de 5% ao mês, durante 45 dias. O valor dos rendimentos obtidos com essa aplicação foi de

a) R$ 30,00
b) R$ 97,50
c) R$ 1.397,00
d) R$ 2.925,00
e) R$ 9.750,00

GABARITO

01 - B

02 - B

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

GRAMÁTICA
TEORIA E EXERCÍCIOS

PASCHOALIN & SPADOTO

ATIVIDADES COMPLEMENTARES

SINTAXE

Frase, oração, período 2
Sujeito e predicado 4
Estudo do predicado 8
Vozes do verbo 14
Termos integrantes da oração 15
Termos acessórios da oração 18
Período composto por coordenação 21
Orações subordinadas substantivas 23
Orações subordinadas adjetivas 25
Orações subordinadas adverbiais 27
Orações reduzidas 29
Concordância nominal 32
Concordância verbal 34
Regência nominal 37
Regência verbal 38
Colocação pronominal 41
Emprego do substantivo, do artigo, do adjetivo, do numeral e do pronome 44
Emprego do verbo 47
Emprego da formas nominais 49
Emprego do que e do se 51

FTD

1 Forme frases organizando os seguintes conjuntos de palavras:

a. alunos os saíram todos cedo
b. escola na lançaram novo um jornal
c. criação homem do linguagem a é

2 Construa uma frase contendo as duas palavras de cada item.

a. tesoura / desenho
b. povo / eleição
c. prefeito / avenida
d. homem / guerra

3 Frase declarativa afirmativa: *Sorriram para mim.* Transforme a mesma frase em:

— frase declarativa negativa;
— frase interrogativa;
— frase exclamativa;
— frase imperativa.

4 Classifique as frases abaixo de acordo com a entonação.

a. Quem está aí?
b. Que tamanho de lua!
c. Por favor, quietos!
d. Não foi esta a palavra dita.
e. Fique tranquilo.
f. Já para cama, menino!

5 Elabore frases com uma palavra.

6 Elabore frases com duas palavras.

7 Destaque as frases nominais.

a. Encantadora a menina.
b. O sol surgiu radiante.
c. Ninguém viu o acidente.
d. Que noites difíceis!
e. Maravilhoso o lugar.

8 Transforme as frases nominais em frases verbais, acrescentando-lhes verbos.

Modelo: Belo som. / Ouvi um belo som.

a. Barulho infernal.
b. Fantástico gol.
c. Fogo.
d. Calor intenso.

9 O parágrafo abaixo tem sete frases. Classifique-as em nominal (FN) ou verbal (FV).

Fim de férias. Um mar de jovens no pátio. Que bom rever os amigos! Rodinhas em todos os cantos. O tempo curto, as conversas longas. Muita coisa para contar. Milhões de casos para ouvir.

10 Transforme as frases verbais em frases nominais.

a. O dia está quente. O movimento é intenso. Homens, mulheres e crianças andam pelas calçadas. Os carros, nas ruas, buzinam.

b. A população comemorava na praça: grande era a festa, o amarelo da camisa da seleção era o mesmo amarelo das bandeiras que se agitavam.

c. A chuva caía pesada, o céu estava escuro mas era riscado por bonitos e assustadores relâmpagos.

11 Identifique os verbos e classifique cada período em simples ou composto.

a. As crianças descobrem mundos fascinantes na leitura.

b. O sindicalista fez um bonito discurso no Dia do Trabalho.

c. “Conceição, porém, nunca vira o afilhado.” (Rachel de Queirós)

d. “O prato ficou sublime.” (Mário de Andrade)

e. “Parece desligado, e observa tudo.” (Carlos Drummond de Andrade)

f. “Dormia-se a sono solto por todas aquelas casas.” (Trindade Coelho)

g. “Ninguém se lembrava que tivesse dado folhas nem flor, a árvore enorme que havia séculos servia de forca...” (Raul Brandão)

h. “Fui eu que vi o Cruzeiro erguer-se do mar e mais tarde chegar até o horizonte de minha varanda.” (Rubem Braga)

1 Separe o sujeito do predicado.

a. “A pêndula do bar martelou seis horas.” (Ribeiro Couto)

b. “Por minha vontade eu ficava ouvindo aquele menino a vida inteira.” (José J. Veiga)

c. “Dona Anita deu meia dúzia de beliscões no caçula...” (Carlos H. Cony)

d. “Genoveva não se defendia de um erro ou de um perjúrio.” (Machado de Assis)

e. “Atrás dele vinha o rapaz de cabelos louros, encaracolados, com os olhos azuis muito abertos.” (José Clemente Pozenato)

f. “Os seus hábitos estranhos deixavam perplexos os moradores da rua.” (Murilo Rubião)

g. “Vai alta no céu a lua da Primavera.” (Alberto Caeiro)

h. “A casa de palha do negro Damião, o fogo comeu num instante.” (José Lins do Rego)

2 Separe o sujeito do predicado e informe se a oração está na ordem direta ou inversa.

Modelo: No horizonte, sumia o sol lentamente.
Sujeito: o sol
Predicado: sumia lentamente no horizonte
Ordem: inversa

a. Aquela gritaria deixava-me tonta.
b. No lixo da feira, crianças garantiam o seu almoço.
c. Surgiu ao longe uma estrela.
d. Moças e rapazes procuravam divertimentos.
e. Por todas as firmas ele passou à procura de emprego.
f. “Ninguém aguarda mais o trem.” (Lourenço Diaféria)
g. Foram à escola pai, mãe e filho.
h. Poucos entenderam o plano.
i. Dominava o meu coração uma saudade imensa.
j. Inconformados, os candidatos derrotados deixaram o país.
k. Chegaram as minhas encomendas?
l. Nós necessitamos de sua ajuda.

3 Passe as orações do exercício anterior que estão na ordem inversa para a ordem direta.

4 Separe o sujeito do predicado e identifique o núcleo do sujeito.

a. Um bando de andorinhas pousou no fio elétrico.
b. As duas crianças estavam na creche da prefeitura.
c. A madeira é usada na fabricação de utensílios domésticos, na construção de embarcações e de casas.
d. Aqueles poucos atores reuniram-se em protesto no sindicato.
e. A luta em defesa do ambiente é necessária e fundamental.
f. As florestas nativas de São Paulo sobrevivem em pequena parte do território estadual.

5 Todos os núcleos identificados nas orações do exercício anterior pertencem a uma mesma classe gramatical. Qual é ela?

6 Junte os dois períodos num só, transformando sujeito simples em sujeito composto.

Modelo: O *pai* foi viajar. O *filho* foi viajar.
O *pai* e o *filho* foram viajar.

a. O consumo de carne bovina aumentou. A produção de leite aumentou.
b. A fome deve ser evitada. A violência deve ser evitada.
c. Os cartazes do candidato foram censurados. As palavras do candidato foram censuradas.
d. Os policiais localizaram os sonegadores de impostos. Os fiscais localizaram os sonegadores de impostos.
e. Os jornais noticiavam o acidente da Petrobras. As rádios noticiavam o acidente da Petrobras.

7 Separe o sujeito do predicado, identifique o núcleo do sujeito e classifique-o em sujeito simples ou sujeito composto.

a. Os escritores e professores fizeram uma boa conferência.
b. O progresso da indústria automobilística e o desenvolvimento da indústria de pneumáticos aumentaram o consumo da borracha.
c. Muitos agricultores, por medo, não desenvolvem a agricultura.
d. Os deputados votaram as reformas educacionais.
e. Com maior poder aquisitivo, muitos brasileiros fazem viagens ao exterior.
f. Os professores e os alunos comemoraram o aniversário do diretor.

8 Faça com que as orações abaixo tenham sujeito indeterminado.

Modelo: Os professores falaram muito sobre trabalho.
1. Falaram muito sobre trabalho.
2. Falou-se muito sobre trabalho.

a. As firmas precisavam de mão-de-obra especializada.
b. Na festa, os convidados falaram muito bem de você, Paulo.
c. Todos necessitam de sua colaboração, amigo.

9 Identifique o sujeito das orações e classifique-o.

a. Os dois sobrinhos e seus colegas de escola foram acampar.
b. Entregaram o cheque hoje pela manhã.
c. Olhávamos as vitrinas.
d. As testemunhas reproduziram o acidente no depoimento.
e. A indumentária diferente e o sotaque carregado mostravam sua origem.
f. Falou-se pouco sobre as reformas sociais.
g. Os exportadores brasileiros vendem anualmente milhares de toneladas de frango.
h. Um grande grupo de estudantes entrevistou o Secretário da Saúde.

i. No carnaval, colorem a calçada confetes e serpentinas.
j. A literatura de cordel, os repentistas e os mágicos de praças públicas representam muito a nossa cultura popular.
k. Com saudades, saí à procura do amigo.
l. Discutiu-se muito sobre o assunto.

10 Justifique a ausência de sujeito dos verbos destacados.

a. *Havia* um barulho ensurdecedor de britadeira.
b. *Deve haver* muitos candidatos para esse emprego.
c. Hoje *faz* dois dias que estou gripada.
d. *Eram* cinco de julho de 1977.
e. *Choveu* no Norte, *geou* no Sul e nem *relampejou* aqui.

11 Classifique o sujeito em simples, composto, indeterminado. Identifique também as orações sem sujeito.

a. Anda-se muito em São Paulo.
b. Abraçaram-se contentes os jogadores e técnicos vitoriosos.
c. Os olhos parados, bonitos e tristes fixavam o horizonte.
d. A cadeira de balanço e o tricô inacabado lembravam-me os tempos de infância.
e. "Ainda eram pequenas as casas exportadoras de cacau." (Jorge Amado)
f. Tocaram a campainha?
g. Eram mágicos o barulho da pipoca e o cheiro do café.
h. Trovejou toda a noite.
i. "Largaram-me numa praia deserta do rio Amazonas." (Márcio Souza)
j. "O fogo passou; a casa da cruz caiu." (José de Alencar)
k. De repente ela soltou um grito...

12 Identifique o sujeito dos verbos destacados e classifique-o. Quando o verbo for impessoal informe: verbo impessoal, sem sujeito.

a. Os ecologistas *decidiram fazer* campanha política. *Acham* que muitos deputados não *defendem* a natureza. A defesa da natureza *é* a defesa da vida. Muitos representantes políticos *ignoram* a devastação das matas, a contaminação tóxica dos alimentos. Alguns se *omitem*. E outros nada *fazem* pela natureza e pelo homem.

b. *Anoiteceu*. Boleslau *foi* para a cama. *Tentou ler*, mas logo *dormiu.* O irmão, na cama ao lado, *resmungava.* O ronco de Boleslau *era* forte. De verdade, Boleslau *trovejava* e unia seu som ao da chuva e dos grilos. *Orquestravam* uma melodia desafinada.

13 Sublinhe os verbos e identifique o sujeito, classificando-o. Se o verbo for impessoal, informe: verbo impessoal, sem sujeito.

a. Eram cinco anos de casamento. Comemoravam o aniversário com grande festa. Os dois, muito alegres, falavam sobre o dia em que se conheceram. Chovia e não havia ônibus. Ele chegou e lhe ofereceu carona sob seu guarda-chuva. Ela ficou indecisa mas não podia perder a hora do trabalho. Caminharam por muito tempo até que um perguntou o nome do outro.

b. Jureia ganhou, no lugar de quatro usinas atômicas, uma estação ecológica para fins científicos e educacionais. Arquitetos, biólogos, geógrafos e políticos criaram o Grupo de Defesa da Jureia. Lutaram contra o projeto nuclear e contra a especulação imobiliária que havia na região. O Parque da Jureia é um dos últimos locais intactos da Mata Atlântica brasileira. Possui rochas milenares e grande número de animais em extinção.

1 Todos os verbos das frases que seguem são intransitivos. Amplie essas frases, acrescentando palavras ou expressões que deem ideia de lugar, tempo ou modo.

Modelo: O avião desapareceu.
O avião desapareceu atrás da montanha.
ideia de lugar

a. As flores desabrocharam.
b. O chefe não chegou.
c. O patrão saiu.
d. Minha irmã voltou.
e. Meu pai falou.
f. As águas do rio transbordaram.
g. As crianças brincavam.

2 Todos os verbos das orações que seguem são transitivos diretos. Identifique-os por meio de retângulos e destaque o objeto direto.

Modelo: Todos os alunos tomaram merenda.
verbo transitivo direto
objeto direto

a. O Brasil já exportou muito café.
b. Depois de muito tempo, abracei novamente o meu amigo.
c. O professor elogiou o trabalho do aluno.
d. No inverno, o pôr-do-sol transmitia beleza.
e. O governo brasileiro importa carne.

3 Os verbos das orações que seguem são transitivos indiretos. Identifique-os por meio de retângulos e destaque o objeto indireto, fazendo um círculo nas preposições.

Modelo: Assistimos a um ótimo filme na semana passada.
verbo transitivo indireto
objeto indireto

a. O cantor não gostava de repórteres.
b. O povo brasileiro aspira a melhores condições de vida.
c. Conspiraram contra os planos do governo.
d. Nossas propostas interessam a todos.
e. Nenhum país resiste a altas taxas de inflação.

4 Os verbos das orações que seguem são transitivos diretos e indiretos. Identifique-os por meio de retângulos e destaque os objetos.

Modelo: Os pesquisadores e cientistas ensinam aos agricultores novas técnicas de plantio.
objeto direto
verbo transitivo direto e indireto
objeto indireto

a. Explicaram a história ao advogado com exatidão.
b. Prefiro qualquer comida à carne de porco.
c. Entregamos o presente à noiva.
d. Devolveram ao garoto o seu livro.
e. Os trabalhadores pediram ajuda ao ministro do Trabalho.

5 Faça um retângulo nos verbos das frases abaixo e diga se são intransitivos ou transitivos; quando forem transitivos, classifique-os e destaque o objeto.

a. Nós obedecemos às leis, mas nem todos fazem isso.
b. Alisei meus cabelos e pintei minhas unhas.
c. Dei um dinheiro ao garoto e ele comprou um doce.
d. Alguns choravam, outros riam.
e. Não precisamos de sua ajuda.
f. Entrei no bar e logo avistei o amigo.
g. Assim que abri a bolsa, senti o problema: havia esquecido a carteira.

6 Destaque o verbo de ligação e informe o tipo de relação que ele expressa em cada uma das frases abaixo.

a. Os passageiros estavam angustiados dentro do ônibus.
b. As ruas de São Paulo continuam abarrotadas de carros.
c. O motorista parecia apressado.
d. A figurante tornou-se uma grande atriz.
e. O ator é ótimo.
f. O copo virou cacos.

7 Identifique somente as frases que possuem verbo de ligação e sublinhe-o.

a. Tudo parecia muito estranho.
b. A mulher andava devagar pelas ruas.
c. Meu amigo andava tristonho naquela época.
d. O garoto caiu doente há alguns dias.
e. Cláudia vive reclamando da vida.
f. Cláudio vive feliz da vida.
g. A menina caiu da escada.
h. Todos continuaram mudos na reunião.

8 Destaque os verbos e classifique-os quanto à sua predicação.

a. O atleta surge radiante.
b. Os adultos rejeitaram a sopa.
c. O meteorologista anunciou um belo dia.
d. Nós precisamos de calma e de compreensão.
e. Ele viu o animal e fugiu.
f. A sala permanecia silenciosa até o menino chegar.
g. Oferecemos nossos livros à biblioteca circulante.
h. Obedeceram aos pais sem reclamações.
i. Assistiu ao programa para conhecer os ritos indígenas.
j. Eles se tornaram agressivos repentinamente.
k. Maria e Cristina logo tornaram à casa.

9 Que tipos de verbo constituem o núcleo do predicado verbal?

10 Destaque o núcleo e classifique o predicado.

a. Os rios deságuam no mar.
b. Meu avô contava muitas histórias aos netos.
c. Os turistas visitaram as cidades históricas brasileiras.
d. A estrada terminava num deserto.

11 Faça a análise das orações abaixo.

Modelo:

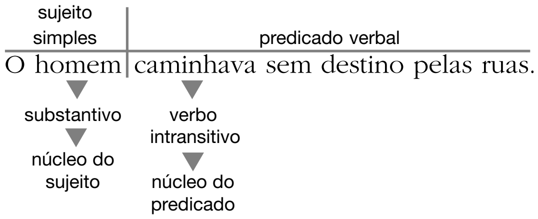

a. Os boias-frias levantam muito cedo.
b. As matas desapareceram rapidamente.
c. Eles gostam da hospitalidade brasileira.
d. A criançada ouvia as histórias atentamente.
e. Aninha enviou uma carta à irmã.

12 Quais são os termos básicos do predicado nominal?

13 Sublinhe o verbo de ligação e faça um retângulo no predicativo do sujeito.
a. As telefonistas continuavam ocupadas.
b. Os seus olhos ficaram fechados por algum tempo.
c. A criança permaneceu quieta apenas nos primeiros minutos da visita.
d. A garota fez-se linda para o namorado.
e. Os assalariados vivem preocupados com o fim do mês.

14 Complete as frases com um predicativo do sujeito.
a. A resposta pareceu (/).
b. O calor está (/).
c. A rua ficou (/).
d. No Brasil, o álcool também é (/).
e. As manhãs permaneciam (/).
f. O projeto tornou-se (/).

15 Qual é o núcleo do predicado nominal?

16 Separe o sujeito do predicado e classifique o predicado, destacando o seu núcleo.
a. Os motoristas andam descontentes com o trânsito.
b. O técnico ficou surpreso com o novo aparelho de som.
c. Os turistas ficaram impressionados com o sol de verão.
d. Com o incidente, Maria fez-se pálida.
e. Os pais estavam preocupados com os filhos.

17 Identifique o predicado e classifique-o em *verbal* ou *nominal*, destacando o seu núcleo.

a. Muitos ficaram calados na hora da votação.
b. Os presos permaneciam incomunicáveis.
c. "O vigário mordia de leve os beiços grossos..." (Graciliano Ramos)
d. Olhamos aquele sorriso largo e branco.
e. O silêncio da madrugada é tranquilizante.

f. O pai não gostava de muita conversa.
g. A classe toda parecia irrequieta.

18 Nas orações que seguem, todos os predicados são verbais. Faça a análise dessas orações.

Modelo:

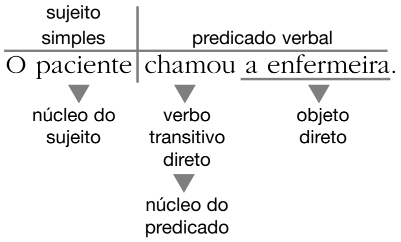
sujeito simples
predicado verbal
O paciente chamou a enfermeira.
núcleo do sujeito
verbo transitivo direto
objeto direto
núcleo do predicado

a. O povo quer estabilidade econômica.
b. As crianças riram muito.
c. Ninguém gosta de traição.
d. O rapaz partiu de repente.
e. Os soldados e os tenentes caminhavam pela manhã.
f. Os motoristas devem obedecer aos sinais de trânsito.
g. O aluno ofereceu ao professor o poema.
h. O país parou naquela hora do jogo.
i. As rosas desaparecem nesta época do ano.

19 Nas orações que seguem, todos os predicados são nominais. Faça a análise dessas orações.

Modelo:

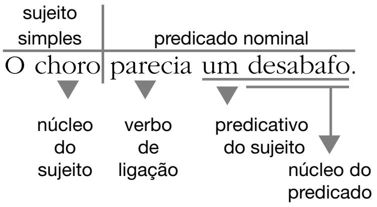
sujeito simples
predicado nominal
O choro parecia um desabafo.
núcleo do sujeito
verbo de ligação
predicativo do sujeito
núcleo do predicado

a. Nós parecíamos cansados.
b. O carro virou alguns cacos.
c. Os alunos estavam silenciosos.
d. Os médicos continuavam revoltados.

20 Transforme predicado verbal em predicado verbo-nominal acrescentando um predicativo ao sujeito.

Modelo:

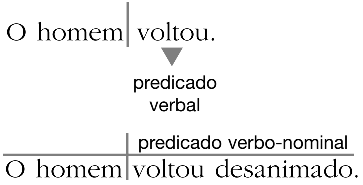
O homem voltou.
predicado verbal
predicado verbo-nominal
O homem voltou desanimado.

a. As pessoas *caminhavam.*
b. O trem *partiu.*

c. As andorinhas *fugiram.*
d. A criança *dormia.*
e. O comprador *saiu da loja.*

21 Faça um retângulo no predicativo e informe se é predicativo do sujeito ou do objeto.
a. Cuiabá já foi atraente para compradores de carros usados.
b. Nossa esperança continua forte.
c. Os familiares julgaram o dia do casamento inoportuno.
d. O pai estava falante, mas mesmo assim percebeu o filho desanimado.
e. A mudança de alimentação tornara o doente animado e disposto.
f. Armando saíra apressado.
g. Julgaram o quadro azul de Lila o melhor.
h. Encontraram machucado o garoto.
i. Os jovens trabalham felizes.
j. Os eleitores consideravam corrupto o candidato.

22 Complete.
O predicado verbo-nominal possui (/) núcleos: um (/) e um (/).

23 Identifique o núcleo do predicado das orações abaixo.
a. A obra daquele arquiteto era reconhecida mundialmente.
b. O frio continuava cortante.
c. Estas abelhas produzem o melhor mel.
d. À tarde, ela voltou para o trabalho.
e. Encontravam-se, às escondidas, todas as noites.
f. Ele deixou, desiludido, o hospital.
g. Achávamos interessante o rapaz.
h. Procuravam o sequestrador em lugar errado.
i. Aquela mulher precisava de um médico.

24 Identifique o predicado das orações abaixo e classifique-o.
a. A injustiça aborrece o homem.
b. Os trabalhadores voltaram exaustos.
c. Perante a lei, somos todos iguais.
d. As flores desabrocham lindas na primavera.
e. O juiz julgou o réu culpado.
f. O povo anda preocupado com o preço dos alimentos.
g. O alimento básico da criança é o leite.
h. O jogo continuava.
i. O jogo continuava animado.
j. O caso parecia confuso.
k. “De minha varanda vejo, entre árvores e telhados, o mar.” (Rubem Braga)
l. O aluno voltou alegre.
m. Os fogos de artifício coloriam a noite fria e escura.
n. A vizinhança permanecia em estado de alerta.
o. Todos nós tremíamos assustados.
p. Os investigadores trabalhavam sozinhos.
q. A criança saiu acompanhada.

25 Faça a análise das orações abaixo.
Modelo:

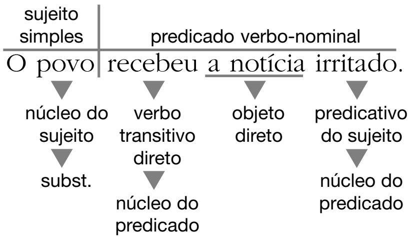
sujeito simples
predicado verbo-nominal
O povo recebeu a notícia irritado.
núcleo do sujeito
subst.
verbo transitivo direto
núcleo do predicado
objeto direto
predicativo do sujeito
núcleo do predicado

a. O candidato ficou frustrado com o resultado das eleições.

b. O povo escolhe o seu presidente.

c. A Constituição Federal é a lei maior do país.

d. O carvão, o gás natural e o petróleo são substâncias minerais.

e. A produção comercial e industrial aumentou nos últimos meses.

f. O povo não aprova decisões autoritárias.

g. O romance parecia interessante.

h. Nomearam Sérgio secretário.

26 Informe a função sintática dos termos destacados.

a) À medida que *o tempo* passa, sinto que a ausência de Elis Regina é mais *forte*, ou porque *sua interpretação* não foi superada, ou porque *ela* possuía *uma rara sensibilidade* para escolher novos valores na Música Popular Brasileira.

b) *Os habitantes* daquela vila *cultivaram* a região devastada e o *algodão cresceu* rapidamente.

1 Transforme em voz ativa as frases do exercício anterior que estiverem na voz passiva. E em voz passiva as que estiverem na voz ativa.

2 Transforme a voz passiva sintética em analítica.

a. Vendem-se roupas usadas.
b. Conserta-se máquina de lavar.
c. Compra-se ouro.
d. Alugam-se roupas.
e. Quebraram-se os ovos.

3 Transforme a voz passiva analítica em passiva sintética.

a. As reuniões previstas foram realizadas.
b. Foram conferidos todos os documentos.
c. Apartamentos são alugados.
d. Os carros novos são vendidos a altos preços.
e. As matas foram derrubadas.
f. O tesouro foi encontrado.

4 Transforme a voz passiva analítica em passiva sintética, usando adequadamente o pronome apassivador com o verbo no futuro.

a. Serão aumentados os impostos prediais.
b. Será desenvolvido um projeto sobre problemas urbanos.
c. Seriam construídas casas populares com o dinheiro do banco estadual.
d. Seria punido somente o verdadeiro culpado.

5 Identifique as frases que estejam na voz passiva.

a. Comenta-se muito o assunto.
b. Aplica-se pouca verba em determinadas áreas sociais.
c. Vive-se bem aqui.
d. Precisa-se de mão-de-obra especializada.
e. Destroem-se as florestas.
f. Poluem-se os rios.
g. Desrespeita-se a natureza.

6 Identifique as frases que estejam na voz reflexiva.

a. Eu me arrumei imediatamente.
b. A menina se contemplava no espelho.
c. Ninguém me encontrou em casa?
d. Tu te julgas honesto?
e. Você se machucou!

1 Leia as frases e distribua em colunas o verbo e os complementos verbais (objeto direto e/ou objeto indireto). Observe o modelo:

A região Sul ofereceu boas terras aos imigrantes.

verbo	objeto direto	objeto indireto
ofereceu	boas terras	aos imigrantes

a. Toda semana o feirante puxava conversa.
b. As crianças tiveram oportunidade de conversar com os guardas de trânsito.
c. Padre Anchieta dedicou-se à catequese e além disso escreveu poemas religiosos e peças de teatro.
d. Apesar da insistência, não atendeu ao telefonema.
e. O poeta Manuel Bandeira inventava palavras que traduziam ternura.
f. O mesmo poeta criou o verbo "teadorar".
g. O sogro não gostava de muita conversa.
h. Muitos professores optaram pelo livro didático mais simples.
i. Aquele administrador distribuiu dinheiro público aos seus amigos.
j. A Associação dos Amigos de Bairro ofereceu uma quermesse à vizinhança.
k. A personagem principal da obra *Luneta mágica* não tinha visão e fez tudo para enxergar o mundo.
l. O grande poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade revela aos homens sua simplicidade.
m. A fêmea abandonou o filhote.
n. Ninguém obedecia às suas ordens.
o. Preconceituoso, sempre duvidava das pessoas pobres.
p. Diariamente os pensionistas reclamavam da comida.
q. Ingênua, entregou a bolsa ao desconhecido.
r. Os turistas precisavam de muitos dólares.
s. O presidente, pessoalmente, noticiou o novo reajuste salarial ao público.
t. Quando podia, a mulher queixava-se do marido.

2 Informe a função sintática (objeto direto ou objeto indireto) dos pronomes oblíquos presentes nas frases.

a. Nós lhe telefonamos no fim de semana.
b. O professor o respeitava bastante.
c. Compete-lhe dar ordens?
d. Perdoou-lhe sem dificuldade.
e. A plateia olhava-os com admiração.
f. Mirou-se no vidro da janela, na falta de espelho.
g. Ela o agrediu sem motivos.
h. Quis mostrar-te o quadro.

3 Classifique os objetos destacados nas frases abaixo.

a. É preciso desenvolver *o turismo* no Brasil, diziam-*nos* os chefes da excursão.
b. Contei-*lhe* apenas o que ouvi.
c. O homem do cartório explicou *isso* também *a ele*.
d. Há os que acreditam *nisso*, mas espero que não seja verdade.
e. Cada um calça *o sapato* que *lhe* serve, dizia minha avó.
f. Há *situações* de que não gostamos, mas é preciso enfrentá-*las*.
g. Digo-*lhe* com sinceridade que não posso vendê-*lo*.
h. Reservou-*nos uma mesa especial* e *nos* cobrou também *um preço especial*.
i. Concedeu-*lhe permissão*, mas já era tarde.
j. A empresa concordou *com o salário* que pedimos.

4 Identifique os complementos nominais e a classe gramatical do termo a que se referem.

a. Sempre é bom o diálogo com um amigo.
b. Responderam favoravelmente ao seu pedido de licença.
c. Foi proibida a venda de bebidas alcoólicas nas estradas.
d. Comer cereais é benéfico à saúde.
e. Temos necessidade de sua palavra.
f. A exoneração do ministro espantou o país.
g. Estava submisso a todos.
h. O relato das informações era sempre mentiroso.
i. Coisa útil a um deve ser também a outro.
j. O menino é devotado ao conhecimento da profissão.

5 Identifique o agente da passiva e transcreva as orações colocando-as na voz ativa.

Modelo: A cidade estava cercada $\underbrace{\text{de policiais}}_{\text{agente da passiva}}$.

Policiais cercavam a cidade.

a. O açúcar é utilizado como cicatrizante por muitos cirurgiões.
b. A viagem a Manaus era aguardada por todos os excursionistas americanos.
c. Muitos remédios são usados pela população sem indicação médica.
d. O respeito ao consumidor foi exigido pelas donas de casa.
e. As casas do bairro eram rodeadas de córregos poluídos.

6 Informe a função sintática dos termos destacados.

a. A maioria da população é favorável *à reforma agrária*.
b. Perdoei-lhe *a dívida*.
c. A Constituição foi elaborada *pelos senadores e deputados federais*.
d. Necessitamos *de reformas sociais*.
e. Os trabalhadores merecem *salários justos*.
f. Esse é o presente que *eu* pedi.
g. O paciente chamou-*a*.
h. Reagiu *o povo* contra a poluição da praia.
i. Sobram-*lhes* atitudes desonestas e maldosas.
j. A comida pareceu-lhe *azeda*.
k. Quando cozinha, ela *o* faz com amor.
l. Eles *nos* admiram.
m. As plantações foram destruídas *pelos insetos*.

n. A alegria da criançada contaminou *os adultos* mais sérios.
o. Revi a balconista *por quem* fui maltratada.
p. Telefonaram *para você.*

7 Classifique os complementos destacados em objeto indireto ou objeto direto preposicionado.

a. Ama *ao próximo* como a ti mesmo.
b. Nada disse depois de assistir *ao filme.*
c. Ninguém desobedecia *às suas ordens.*
d. *A muitos* reclamou, mas *a poucos* sensibilizou.
e. Enquanto delirava chamava *pelo filho.*
f. Estimava o rapaz mais do que *a um filho.*
g. A notícia não agradou *a ninguém.*
h. Não bebas *do meu suco*!
i. Não sabia *a quem* visitar naquele dia.
j. Esta casa pertence *a eles.*
k. Não abandones *a mim*!
l. Não assistimos *ao acidente* com a moto.
m. Ainda não paguei *ao dentista.*

8 Identifique, nas frases que seguem, objeto direto pleonástico e objeto indireto pleonástico.

a. Os meus amigos, eu os ouço sempre.
b. A meus pais, eu lhes agradeço a vida.
c. Àquele homem, eu lhe dei meu perdão.
d. Os meus irmãos, eu os alimentei quando crianças.
e. Os textos, você os elaborou com rapidez.

9 Identifique o núcleo do termo em destaque e informe a classe gramatical a que ele pertence.

Modelo:

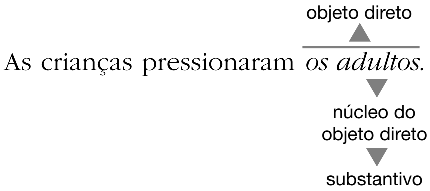

a. Vi *muitas pessoas* no jardim.
b. Respondi tudo *ao professor.*
c. Ele parecia *um monstro.*
d. Antonieta reconhecia *aquele rapaz* a quem amara num passado distante.
e. *Este livro* é ótimo.
f. A cidade foi saqueada *pelos invasores.*
g. A queima *de fogos* é bonita, mas sempre perigosa.

10 Informe a função sintática dos termos destacados.

"Naquela época não se admitia que *os namorados* nem mesmo se dessem *as mãos* — a menos que já estivessem *comprometidos*: feito o pedido *de casamento* e celebrado oficialmente o noivado, podiam os *dois* sair então de braço dado pela rua." (Pedro Bloch)

1 Analise as orações. Identifique o núcleo dos termos essenciais e integrantes e os adjuntos adnominais.

Modelo:

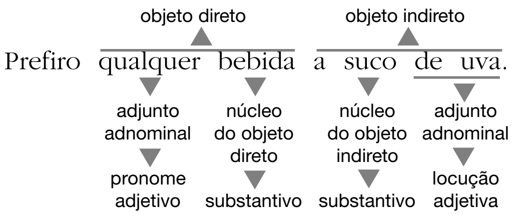

objeto direto
objeto indireto
Prefiro qualquer bebida a suco de uva.
adjunto adnominal
pronome adjetivo
núcleo do objeto direto
substantivo
núcleo do objeto indireto
substantivo
adjunto adnominal
locução adjetiva

a. A expressão do rosto disse tudo.

b. As crianças da redondeza buscavam algumas migalhas de pão.

c. Os jogadores fizeram uma belíssima demonstração esportiva.

d. O pobre homem sentiu um tremor esquisito.

e. A pequena indústria precisa de muito apoio financeiro.

f. Os alunos deste colégio assistiram a uma belíssima exposição de arte.

2 Identifique os adjuntos adnominais dos substantivos que estão sublinhados.

a. A seca, as enchentes e a grande onda de conjuntivite eram consideradas calamidades públicas.

b. Em muitas cidades do Brasil não existem boas livrarias e na maioria das cidades brasileiras não há livrarias, o que é lamentável, pois a população destas cidades não conhece nem os livros fundamentais.

c. As caixas de fósforo coloridas e novinhas formavam uma bonita e atraente coleção, que meu irmão não me deixava tocar.

d. O prefeito declarou que aquele grande terreno da prefeitura não será vendido.

e. Os quatro melhores atletas do clube participaram do campeonato nacional.

3 Classifique o termo destacado em adjunto adnominal ou complemento nominal.

a. A mercearia *do seu João* foi fechada pelos fiscais.

b. Nos dias de eleição é proibida a venda *de bebidas alcoólicas.*

c. Caiu a produção *de leite.*

d. A produção *da fábrica* aumentou este mês.

e. O encontro *dos amigos* foi emocionante.

f. A preocupação *com a justiça* é um dever *de todos.*

4 Nas orações que seguem estão destacados os adjuntos adverbiais. Classifique-os.

a. Abriram a garrafa de guaraná *com uma faca.*

b. O operário dirige-se *para casa com ansiedade* e *às vezes, por necessidade,* viaja *na porta do ônibus.*

c. Trabalhava *em São Paulo* e residia *no Guarujá*, por isso viajava *de carro* e andava *de balsa todos os dias*.

d. Tentou abrir a mala *com a minha chave,* mas não conseguiu; *com esforço* arrebentou a fechadura.

e. Descasquei a laranja, mas, *por distração,* joguei-a *no lixo* e fiquei com a casca *na mão*.

5 Destaque os adjuntos adverbiais e classifique-os.

a. Hoje alguns jovens procuram mais a hospedagem nos “campings” do que nos hotéis.

b. Não duvido de que o contato com a natureza nos deixe descontraidamente felizes e livres.

c. As grandes festas da uva e do vinho realizam-se nos meses de fevereiro e março, nas cidades de Bento Gonçalves e Caxias do Sul, Rio Grande do Sul.

d. Contaram-nos a emocionante aventura dos brasileiros que venceram com dificuldade o desafio do pico Aconcágua, realmente o mais alto das Américas.

e. O posto de saúde não quis atender o paciente que se feriu com a espingarda, talvez por não ter médico de plantão naquela hora.

f. Friamente, o entrevistado confessou que roubara o carro com o amigo para passear no sábado à noite.

g. Falou sobre as principais fontes poluidoras da cidade de São Paulo e, conforme prometeu, denunciou a indiferença de algumas autoridades que nunca se preocupam com o problema.

h. Em julho de 1936, em São Paulo, a rádio Cosmos informava que passaria a apresentar, semanalmente, um programa luso-brasileiro.

i. Verdadeiramente não podemos nos calar diante de uma injustiça, dizia meu pai quando falava sobre os problemas sociais.

j. Vestiu-se para a cerimônia, talvez sem vontade; olhou-se demais no espelho e, apesar de elegante, sentia-se um palhaço.

k. Na hora do café costumava sentar-se à mesa, conosco, comia meio de lado e era sempre muito agradecido a nós.

6 Informe se o termo destacado é vocativo ou aposto.

a. "Paranapiacaba, *uma vila ferroviária construída pelos ingleses*, transporta para as matas atlânticas um pouco da Inglaterra do tempo da rainha Vitória." *(Folha de S. Paulo)*

b. *Crianças,* escolham um brinquedo e divirtam-se.

c. *Ó gente,* está na hora de sairmos.

d. *Alô! Brasil*, a partir de agora transmitiremos o jogo inicial do Campeonato Mundial de Basquete Feminino.

e. *Ó de casa!* Tem gente aí?

f. Chegando a São Paulo, *o maior centro urbano do país*, não deixe de visitar o Museu de Arte de São Paulo.

g. "*Pai*, afasta de mim esse cálice." (Chico Buarque)

h. "Já me sinto esgotado
E cansado de pensar, *meu Deus*." (Fr. Santana)

7 Destaque o aposto.

a. Os livros de Lygia Fagundes Telles, grande escritora brasileira, são muito procurados.

b. Admiradora de Rita Lee, Elis Regina não se conteve e escreveu-lhe uma carta, começando assim uma grande amizade entre as duas já então famosas cantoras.

c. O ministro do Trabalho, político famoso pela sua moderação, sentou-se com os patrões e empregados para negociar o fim da greve.

d. Carlos Drummond de Andrade nasceu em Itabira, cidade de Minas Gerais, e morreu no Rio de Janeiro.

e. Os primeiros escritores indianistas do Brasil, isto é, José de Alencar e Gonçalves Dias, viam o nosso índio como um herói. Hoje, outros escritores, como Antônio Callado e Márcio Souza, mostram-nos o índio destruído lentamente pelos brancos.

f. Os dois filhos doutores, isto é, advogado e biólogo, orgulham-se da origem simples dos pais.

PERÍODO COMPOSTO POR COORDENAÇÃO

1 Sublinhe os verbos e classifique os períodos em simples ou compostos.

a. Amanheceu. Vimos os primeiros raios solares enquanto caminhávamos na areia. A brisa do mar ainda era fria quando acordamos do sonho.

b. Lenon casou-se pela segunda vez. Ela era japonesa, inteligente, artista plástica e vivia nos Estados Unidos.

2 Transforme os períodos simples em períodos compostos, acrescentando as conjunções adequadas.

Modelo: O marceneiro chegou. Começou o serviço.
O marceneiro chegou e começou o serviço.

a. Vinicius de Moraes já morreu. Não morreram seus poemas e músicas. Sua criação artística é eterna.

b. Faltava dinheiro para o lazer. O jeito era participar da pelada aos domingos.

c. Observei o comentário do diretor. Percebi o meu engano.

d. Olhou-me duramente. Foi-se embora.

3 Sublinhe os verbos, identifique as conjunções, separe as orações e classifique-as em coordenadas assindéticas e coordenadas sindéticas.

Modelo:

oração coordenada assindética	oração coordenada sindética
A seleção feminina de basquete estava preparada,	mas perdeu a partida.

a. As autoridades pedem rigor e exigem a fiscalização dos maus comerciantes.

b. A personagem saiu do quarto, escondeu as lágrimas, saiu pela porta dos fundos.

c. Não beba muito que faz mal.

d. A paciência do pedestre esgotou-se e começou a confusão.

e. Ela sorriu carinhosamente e passou a mão nos cabelos do neto.

4 Separe e classifique as orações dos períodos abaixo.

Modelo: Eu considerava a história boa, mas não poderia avaliá-la melhor, pois me faltava tempo.

1ª oração: Eu considerava a história boa — oração coordenada assindética
2ª oração: mas não poderia avaliá-la melhor — oração coordenada sindética adversativa
3ª oração: pois me faltava tempo. — oração coordenada sindética explicativa
período composto por coordenação

a. Um número cada vez maior de animais de estimação contrai câncer e poucos veterinários oferecem tratamento para a doença.

b. A fumaça do cigarro faz mal, também, às pessoas não-fumantes e prejudica a saúde dos animais domésticos.

c. A Constituição brasileira assegura direitos iguais a todos os cidadãos, entretanto isso não ocorre de fato: ora as mulheres recebem salários inferiores aos dos homens, ora os negros são inferiorizados.

d. O velho ônibus esperava o embarque dos alunos, a maioria chegou atrasada, logo, o motorista irritou-se.

e. As revistas semanais contavam a história do jovem assaltante, mas não denunciavam a sua ligação com os policiais.

f. Houve medidas econômicas muito radicais, por conseguinte não agradaram à população.

g. Trabalhou muito, portanto estava cansado.

ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

1 Transcreva a frase, transformando o termo (substantivo) destacado em oração subordinada substantiva. Faça apenas as modificações necessárias.

Modelo: Eu não esperava *a sua compreensão.*
Eu não esperava que você me compreendesse.

a. É fundamental *o aproveitamento científico do lixo.*
b. O major exigia *obediência ao horário.*
c. O inquilino não aceitou *o aumento do aluguel.*
d. O pai insistia *no castigo ao filho.*
e. Nosso receio era *a chuva na hora do churrasco.*
f. Minha expectativa era *a devolução dos livros emprestados.*
g. Renato estava ansioso *pelo conserto da torneira.*
h. Não estávamos convencidos *da superioridade dos portugueses sobre os índios.*
i. Só esperávamos uma coisa: *a chegada do aniversariante.*
j. Soube apenas agora *do acidente com o trem.*
k. Ele estava certo *da falha do avião.*

2 Classifique as orações destacadas em subjetivas e objetivas diretas.
a. Acredita-se *que a minhoca é ótima para o solo.*
b. Ninguém podia dizer *que acertara o teste.*
c. O empresário ignorava *que os empregados estavam em greve.*
d. Não podíamos dizer *que os pedestres eram bem-educados no trânsito.*
e. Foi resolvido *que o jogador não entraria em campo.*
f. Os professores verificaram *que as notas foram misteriosamente alteradas.*
g. Não soubemos *por que a criança se recusava a tomar leite.*
h. Ficou provado *que a soja poderia substituir a carne.*
i. Todos queriam *que o filme fosse passado na hora da aula.*

3 Classifique as orações substantivas destacadas em objetivas indiretas e completivas nominais.
a. Ofereceram o livro *a quem obteve melhor nota.*
b. A família insistia *em que a criança fosse internada.*
c. Impediram o vereador *de que recebesse a contribuição ilegal.*
d. Lembrava-se *de que aquela era uma caneta importada.*
e. Minha avó, na sua fé, acendia velas *para quem precisasse.*
f. Estava convicto *de que eu não terminaria o namoro.*
g. Os produtores do programa de televisão tinham a firme certeza *de que os telespectadores gostariam das piadas.*

4 Sublinhe os verbos, separe as orações e classifique-as. Classifique também o período.

Modelo:

1ª oração	2ª oração
É necessário	que se *preserve* a natureza.

1ª oração: oração principal
2ª oração: oração subordinada substantiva subjetiva
período composto por subordinação

a. Eu pedi que ele me deixasse em paz.
b. A cura do paciente dependia de que ele aceitasse o difícil tratamento.
c. O povo estava esperançoso de que a nova medida econômica amenizasse os seus problemas.
d. É importante que os representantes políticos tenham consciência de sua missão.
e. A grande tristeza da mãe foi que os filhos a colocaram num asilo.
f. Não sei quanto me custará esse favor.
g. Tenho certeza de que será recompensado por esse ato generoso.
h. Ninguém sabe se ele voltará para o Brasil.
i. O desejo de todos era um só: que tudo se resolvesse sem agitação.
j. Perguntou-me apenas onde eu morava.

5 Das orações subordinadas substantivas analisadas no exercício anterior, somente duas não são introduzidas por conjunção integrante, mas por pronomes. Identifique-as.

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

1 Transforme o adjetivo destacado em oração subordinada adjetiva.

Modelo: Eram músicas *contagiantes*.
Eram músicas *que contagiavam*.

a. A televisão apresenta cenas *agressivas*.
b. Os avós tinham atitudes *agradáveis*.
c. A professora revelava uma linguagem *enternecedora*.
d. Ela carregava problemas *atormentadores*.
e. Eles escreviam cartas *emocionantes*.
f. O namorado fazia carinhos *sedutores*.

2 Identifique as orações subordinadas adjetivas.

a. O patrão mandou um recado que não era agradável aos funcionários.
b. Buscava-se uma solução para o problema a qual não afetasse a população.
c. Carro que começa a encrencar precisa ser passado adiante.
d. A dor que sentia na perna o incomodava há meses.
e. Alguns pássaros que frequentavam nosso jardim desapareceram com o desmatamento da região.
f. Mal conseguia mascarar a falsidade que estava no seu rosto.
g. O amor, que lhe dera alma nova, era o estímulo para continuar lutando.
h. O aviso que afixaram no quadro-negro provocou a raiva dos alunos.
i. O bairro onde morava era distante do centro da cidade.
j. As vilas por que passei estavam todas alagadas.
k. A mulher a quem ele amava o abandonou.

3 Em cada alternativa há dois períodos simples. Transforme-os em período composto usando o pronome relativo adequado.

Modelo: Comprei as fechaduras. Elas foram pedidas pelo construtor.
Comprei as fechaduras que foram pedidas pelo construtor.

a. Esta é uma pequena rua. Ela não tem saída.
b. Há alimentos fibrosos. Eles fazem bem para o aparelho digestivo.
c. Ela ofereceu-me uma flor. Apanhara-a no jardim da casa.
d. Mandamos o dinheiro. Ele precisava dele.
e. A Amazônia é uma vasta área verde. O mundo necessita dela.

4 Identifique e classifique as orações. Classifique também os períodos.

Modelo: Minha mãe, que *é* filha de italianos, *herdou* a pronúncia de meus avós.

1ª oração: Minha mãe herdou a pronúncia de meus avós — oração principal
2ª oração: que é filha de italianos — oração subordinada adjetiva explicativa
período composto por subordinação

a. O esgoto que estava à mostra era danoso aos vizinhos.
b. Existem palavras cujos significados são explicados pelo contexto.
c. As mulheres que perderam os maridos no acidente de ônibus fizeram uma única missa de sétimo dia.

d. O filho, que era irresponsável, vivia faltando ao emprego.
e. A máquina de escrever, que era elétrica, custava caro.
f. Esse padre de quem os jornais falam é um grande batalhador pela justiça social.
g. Ela trabalhou durante toda a madrugada na fantasia que o filho usaria no teatro da escola.
h. O rio que cortava a fazenda era a atração da meninada.
i. A mulher ficou a observar o marido, cujos olhos não revelavam outra coisa a não ser tristeza.
j. Os preços, que antes subiam diariamente, hoje estão mais estabilizados.
k. Viajaram a lugares por onde nunca sonharam passar.

5 Faça a distinção:

que — pronome relativo (que introduz a oração adjetiva)
que — conjunção integrante (que introduz a oração subordinada substantiva)

a. Lembrei-me de que há dez meses você esteve aqui.
b. O rapaz tinha uma vontade de escrever que era incontrolável.
c. Leremos este capítulo que nos foi pedido pelo professor.
d. Felizes os homens que ao se deitarem têm a consciência tranquila.
e. A mentira, que não passava de uma brincadeira, provocou consequências desagradáveis que afetaram os colegas de classe.
f. A pergunta, que era ingênua, deixou o amigo sem graça.
g. Visitou o sobrado que diziam ser mal-assombrado.
h. Há lugares no Brasil que são invadidos por turistas nas férias de verão.
i. Não imaginava que tantas pessoas estivessem desempregadas.

6 Identifique e classifique as orações. Classifique também os períodos.

Modelo: Disse ao aluno que tivesse respeito.

1ª oração: Disse ao aluno — oração principal
2ª oração: que tivesse respeito — oração subordinada substantiva objetiva direta
período composto por subordinação

a. A refinaria de gás que funcionava em Barueri fechou.
b. É necessário que se viva com liberdade.
c. Muitas pessoas não sabem que têm valor.
d. Respeitemos as pessoas que trabalham.
e. O rapaz, que era preconceituoso, não aceitava os passeios da irmã.
f. Tudo dependia de que todos participassem da mesma luta.
g. Os livros de histórias, que coloriram nossa infância, ajudaram a formar nosso caráter.
h. Todos estamos certos de que um dia ele voltará.
i. A organização que reunia camponeses lutava pela segurança dos boias-frias.
j. Este biólogo, que é um pesquisador, dedica-se ao combate da poluição ambiental.
k. Tratava-se de um cargo a que todos aspiravam.
l. O candidato em quem votei foi eleito.

1 Transforme o adjunto adverbial em oração subordinada adverbial.

Modelo: Os pilotos dispararam *ao primeiro sinal.*
Os pilotos dispararam *quando deram o primeiro sinal.*

a. Não viajávamos *devido à falta de dinheiro.*
b. Os convidados retiraram-se *ao término da festa.*
c. Ele estuda *apesar da falta de recursos.*
d. *Devido à sua frágil saúde,* não trabalhava.
e. As manifestações acalmaram-se *com a chegada da polícia.*

2 Identifique e classifique as orações subordinadas adverbiais.
a. A euforia da mãe era maior que a do filho vitorioso.
b. Todos compraram o jornal porque ele trazia a lista dos aprovados.
c. Como estivesse agitado, quebrou o copo e o prato.
d. Eu andava tão faminta como se não comesse há dias.
e. “Embora lhes custe acreditar, o visconde, em pessoa, tinha a sua taberna no centro da vila.” (Fernando Namora)
f. Se acabasse com aquelas fofocas, eu acreditaria na sua discrição.
g. Caminhavam cabisbaixos os dois irmãos como se carregassem a maior tristeza do mundo.
h. “Embora fosse talvez o estudante mais pobre, tomei a defesa dos fidalgotes.” (Jurandir Ferreira)
i. Os mendigos foram encaminhados ao albergue a fim de que ficassem protegidos do frio intenso.
j. Quando tocou a campainha, sentiu logo os passos pelo corredor.
k. Ventou tanto que as telhas caíram.
l. Se não somos donos de nós mesmos, então quem será?
m. À medida que íamos falando, mais o diretor se sentia envaidecido.
n. Tudo saiu conforme o previsto.
o. Visto que houvesse carência de informações, quase se desconheciam os riscos provocados pelas usinas nucleares.

3 As orações subordinadas adverbiais são introduzidas, em geral, por uma conjunção típica. Há conjunções, porém, que revelam diversos valores, dependendo do contexto. Explique o valor da conjunção destacada nos períodos abaixo.
a. *Como* a miséria era grande, um tostão a mais ou a menos não faria falta.
como: valor de (/).
b. Eu saio desta casa *como* se saísse de um cativeiro.
como: valor de (/).
c. O vendedor escondeu a mercadoria *como* pôde.
como: valor de (/).

4 Os períodos que seguem são todos compostos por subordinação. A oração subordinada que os forma poderá ser substantiva, adjetiva ou adverbial. Identifique as orações e classifique-as.

Modelo: O engenheiro, que é um especialista, não eliminou as rachaduras da casa.

1ª oração: O engenheiro não eliminou as rachaduras da casa.
— oração principal
2ª oração: que é um especialista — oração subordinada adjetiva explicativa

a. Assim que deu o sinal, os alunos saíram para o pátio.
b. É necessário que todos tenham consciência da importância do voto.
c. A paralisia infantil, que é evitada com vacinações, atinge principalmente as crianças pobres.
d. A mulher trabalhava todos os dias para que os filhos estudassem.
e. Muitas pessoas são julgadas por crimes que não cometeram.
f. Eu entendi o significado do filme quando ouvi a sua explicação.
g. O professor queria que a resposta fosse curta.
h. Minha avó tricotava na cadeira de balanço enquanto os netos brincavam com os coloridos novelos de lã.
i. O casal adiou a data do casamento conforme o pedido dos pais.
j. A História do Brasil apresenta muitos exemplos de negros e índios que lutaram pela justiça.
k. O delegado não deixou o plantão porque pressentia a rebelião dos presos.
l. O pai saiu triste de casa como quem não voltaria mais.
m. Embora toda a Europa estivesse assustada, as grandes potências continuavam construindo usinas nucleares.

5 Os períodos que seguem são mistos. Identifique as orações que os formam e classifique-as.

a. Havia dúvidas de que ele não era honesto, pois sua conduta deixava as pessoas incrédulas de que houvesse sinceridade nos seus objetivos.
b. Chegou ao patrão e pediu-lhe que o pagamento do salário ocorresse no dia certo.
c. Eu pedia para ele que deixasse de milongas e fosse estudar.
d. O gado secava e os homens fugiam daquele sol bravo que enxugava até as lágrimas.
e. Limpou a casa, organizou o jantar e preparou a mesa como ele gostava.

1 Identifique as orações reduzidas e classifique-as em reduzidas de infinitivo, reduzidas de gerúndio e reduzidas de particípio.

a. A personagem arrumava as gavetas do marido, como a investigar o seu passado.
b. Mesmo voltando para sua pátria, o ex-exilado continuava cassado.
c. Os favelados de São Paulo são, na maioria, retirantes vindos do Nordeste.
d. Terminado o mandato, o aluno deixou a presidência do grêmio.
e. Faz bem ficar só.
f. Eu já provei ser fiel a você.

2 Desenvolva as orações reduzidas destacadas.

Modelo: *Mesmo estando doente*, compareceu ao serviço.
Embora estivesse doente, compareceu ao serviço.

a. É importante *perceber o limite de nossas ações.*
b. Tinha um objetivo: *encontrar uma saída para o problema.*
c. *Ao anoitecer*, percorremos o difícil caminho de volta.
d. *A estrada a ser percorrida pela velha maria-fumaça* não tem mais que três quilômetros.
e. No fim do ano, eram pessoas e mais pessoas *carregando embrulhos.*
f. Pensei *não virem cedo para casa.*
g. A reunião não começará *sem você estar presente.*
h. *Mesmo conhecendo o problema*, nada disse ao marido.
i. *Ao soarem os cavaquinhos*, o povo aplaudiu de pé.
j. Os motociclistas colocaram os capacetes *a fim de proteger a cabeça.*
k. *Percebendo minha ignorância sobre o assunto*, desistira de perguntas.
l. Esta é a história *contada pelo pescador*, basta ver se é verdade.

3 Passe as orações desenvolvidas que estão em destaque para a forma reduzida que melhor convier.

Modelo: Os professores sugeriram-me *que não usasse aquele livro.*
Os professores sugeriram-me não usar aquele livro.

a. Esperava-se *que o navio fosse localizado.*
b. O médico exigia *que seus assessores fossem pontuais.*
c. Os trabalhadores eram favoráveis *a que mudasse o horário de saída.*
d. Era necessário *que se usassem os óculos escuros.*
e. Seu medo era *que tirassem os brinquedos do lugar.*
f. O povo não entendeu as explicações *que o ministro apresentou.*
g. É fundamental *que as pessoas conheçam seus direitos, além dos deveres.*
h. Pagou a mercadoria *antes que a pegasse.*
i. *Se andares depressa*, chegarás a tempo.
j. Poucos entenderam as informações *que o texto continha.*

4 Classifique as orações subordinadas substantivas reduzidas de infinitivo que estão em destaque.

a. Tornara-se possível *abrir a biblioteca da escola para as pessoas do bairro.*

b. As meninas sabiam *escolher a própria roupa.*
c. Habituamo-nos *a vê-lo na rua com a bola.*
d. Negar a existência do racismo é *concordar com a sua permanência.*
e. Muitas pessoas se empenham na mesma luta: *preservar a natureza.*
f. É muito importante para os pais *viver os primeiros dias do filho com ele.*
g. Aquele pequeno time tinha consciência *de ser inexperiente para aquela competição.*

5 Classifique as orações subordinadas adverbiais reduzidas de infinitivo que estão em destaque.
a. Ao *encontrar o jornalista*, reclamaram das informações absurdas que foram publicadas.
b. O caminhoneiro estacionou no acostamento *para averiguar o farol dianteiro.*
c. *Apesar de ser o Dia Internacional da Mulher*, não a abracei.
d. Não faço compras *sem antes verificar meu saldo bancário.*
e. Na ausência dos donos, os cachorros ficavam roucos *de tanto latir.*
f. Sentia-se sufocada *por estarem fechados os vidros do carro.*
g. *Apesar de ser gordo*, possui muita flexibilidade.
h. Você devia estar muito cansada *para dormir com a roupa do trabalho.*

6 Classifique as orações subordinadas adverbiais reduzidas de gerúndio que estão em destaque.
a. *Chegando lá*, a menina descobriu que era uma exposição de livros infantis de vários países.
b. Surpreendeu-me que, *estando com febre alta*, tivesse tomado leite gelado.
c. *Dando tantas aulas em várias escolas*, não tinha tempo para si e para a família.
d. *Lendo o texto*, você conseguirá responder às questões.
e. *Encontrando o amigo*, devolveu-lhe o dinheiro.

7 Identifique as orações subordinadas adjetivas reduzidas de gerúndio.
a. Estavam ali os escritores premiando os vencedores do concurso de poesia e conto.
b. Lá estavam os bombeiros procurando o corpo do pescador.
c. Eram livros desenvolvendo a criatividade das crianças.
d. São adolescentes procurando amor.

8 Classifique as orações reduzidas de particípio em destaque.
a. Esta é a máquina *comprada por seu pai?*
b. *Resolvido o caso*, não perdeu mais o sono.
c. *Mesmo cuidadas,* as plantas secaram.
d. *Confirmado o engano*, todas as provas seriam anuladas.
e. *Adaptado à nova casa*, não penso em mudar de bairro.

9 Identifique as orações reduzidas e classifique-as.
a. Nós necessitávamos de extravasar a nossa emoção.

b. É preciso parar de fumar.
c. Não consigo dormir sem antes ler alguma coisa.
d. Ele não era um aluno de se deixar influenciar pelos baderneiros.
e. "Eu, há hoje dez anos, vi abrir os alicerces daquela casa."
(Carlos Drummond de Andrade)
f. Meu pai era um homem de fazer músicas e poesias.
g. Você devia estar muito nervoso para tê-lo agredido daquela forma.
h. Apesar de se gostarem muito, viviam brigando.
i. Terminando as férias, pretendo mudar de casa.
j. Estavam ali as pessoas chamadas por mim.
k. Sabendo o empregado de muitas coisas sigilosas, a empresa não podia demiti-lo.
l. Aparecendo por aqui, não deixe de me visitar.
m. Sentando nessa poltrona, perderão boas cenas da peça de teatro.

10 Identifique as orações ou os períodos interferentes.

"Eu sou um desses estranhos animais que têm por hábitat o Rio de Janeiro; ouvi-me, pois, com o devido respeito.
Sou um monstro de resistência e um técnico em sobrevivência — pois o carioca é, antes de tudo, um forte. Se à vezes saio do Rio por algum tempo para descansar de seus perigos e desconfortos (certa vez inventei até ser correspondente de guerra, para ter um pouco de paz), a verdade é que sempre volto. Acostumei-me, assim, a viver perigosamente." (Rubem Braga)

1 Complete as frases com as palavras dos parênteses, fazendo a devida concordância.

a. O honesto calabrês da quitanda não quis vender os limões (/). (amarelado)
b. O Bixiga e a Barra Funda são (/). (populoso)
c. Os festejos e as procissões são (/) ao santo do dia. (oferecido)
d. Pai e filha pareciam (/). (desgostoso)
e. No teatro eles ficaram com (/) lugar e companhia. (péssimo)
f. Procuravam demonstrar carinho e afeição (/). (materno)
g. A vegetação rasteira e o cacto estavam (/) pelo sol escaldante. (seco)
h. O sorriso, o afeto e a emoção eram (/) com dificuldade. (demonstrado)
i. Conhecemos o pasto, o curral e a casa de máquinas (/) pelo empregado-modelo. (cuidado)
j. Encontramos o professor e a diretora (/) a organizar a festa beneficente. (disposto)
k. (/) os meses, esqueceu-se da mulher que o abandonou. (passado)
l. As rádios e os jornais que comunicaram a notícia (/) continuavam (/). (proibido — censurado)
m. Um e outro jornal apresentaram os culpados e as vítimas (/). (entrevistado)
n. Os bons políticos sentiram-se vitoriosos quando viram (/) a lei e o regulamento para punição dos sonegadores de impostos. (aprovado)
o. O nono e décimo (/) do prédio estão desocupados. (andar)
p. O primeiro e o segundo (/) do Ensino Médio sairão mais cedo. (ano)
q. Os (/) quarto e quinto estão danificados. (andar)
r. Meninos e meninas, encontrei-(/) abandonados. (o)

2 Faça como no exercício anterior.

a. Recebemos (/) o recibo da administradora do prédio. (incluso)
b. Os braços eram (/) pequenos para receber tantas flores. (demasiado)
c. As mãos estavam (/) fechadas, escondendo o tremor de susto. (meio)
d. (/) a esta carta segue a fotografia das crianças. (anexo)
e. (/) a esta carta seguem os comprovantes do Imposto de Renda. (anexo)
f. Era ela (/) que cozinhava todos os dias. (mesmo)
g. Ao meio-dia e (/) nós estávamos (/) com o carnê, evitando que a dívida fosse a cartório. (meio — quite)
h. É (/) a luta pela democracia. (necessário)
i. Era (/) a entrada para menores de dezoito anos. (proibido)
j. Essa pimenta não é (/) para o tempero. (bom)
k. Verdura é (/) para a saúde. (bom)
l. Eram (/) as frutas estragadas. (bastante)
m. Os brinquedos custam (/). (caro)
n. Andei por (/) terras. (longe)
o. Os brinquedos são (/). (caro)
p. Por causa dos caçadores, os guardas-florestais ficavam (/). (alerta)
q. Eles estavam (/) na sala. (só)
r. Aqui há (/) bagunça do que lá. (menos)

3 Identifique e corrija as frases que apresentam concordância inadequada.

a. Eu mesmo faço isso — disse a garota.
b. O pintor brasileiro e o argentino expuseram seus quadros juntos.
c. Muito obrigada — disse o rapaz à moça.
d. A namorada falava consigo mesmo, apaixonadíssima.
e. Os escritores português e espanhol tiveram suas obras traduzidas para o inglês.
f. As casas e os sobrados antigos foram tombados pelo governo.
g. O primeiro e o segundo aluno desta fileira irão à lousa.
h. Neste recinto, é proibido a entrada de pessoas sem documentos.
i. Seguem anexos às provas os resultados dos exercícios.
j. Roberto está quites com o Serviço Militar.
k. Na próxima reunião, será necessário a sua presença.
l. Pimenta não é bom para a saúde.
m. Foi desnecessário sua ajuda neste trabalho.
n. As próprias requerentes da benfeitoria entregaram o documento ao prefeito.
o. A firma declarou não haver recebido inclusa ao pedido a relação de mercadorias.
p. Aquele casal tem bastante amigos.
q. Comiam e bebiam bastante naquele lugar.
r. Depois do tombo, a mulher levantou meia tonta.
s. Enquanto ficamos a sós, não dissemos uma palavra.
t. Quanto menas gente, melhor.
u. Os soldados permaneceram alerta durante a manifestação.
v. Os amigos chegaram e vieram direto para minha casa.

4 Das frases abaixo, apenas uma apresenta concordância nominal inadequada. Identifique-a e transcreva-a, corrigindo.

a. Vi descabeladas e desarrumadas as sensuais atrizes do cinema brasileiro.
b. Ele pintava o débil sol de inverno.
c. Gostavam de tomar açucarados chá e café.
d. Pesquisamos livros e revistas antigos.
e. Abriu os olhos e a boca amarrotados de dormir.
f. Achou fotos e filmes raros sobre a população indígena.
g. Vestiu a calça e o blusão escuros.
h. Achava necessário dar presentes e recordações aos melhores alunos.
i. Acreditava mortíferas as plantas e raízes encontradas.
j. Dezenas de motoristas foram multados.
k. Os alunos nada disseram de assustador.
l. Xícaras e pratos de louça foram encomendadas à loja de antiguidades.
m. As notícias que trouxe não são as melhores.
n. Sofríamos a olhos vistos.
o. Seu trabalho e diversão confundiam-se.
p. Aquela cidade e bairro marcavam o início da imigração italiana.
q. Os companheiros grevistas estavam alerta.
r. A casa ficou toda inundada.

1 Complete os espaços com as formas verbais adequadas.

a. Sempre (/) os carimbos da secretaria.(desaparece - desaparecem)
b. Um bando de pardais (/) as sementes da horta. (comeu - comeram)
c. (/), mas (/) o casal profundas mágoas desde o começo do casamento. (Gostava-se - Gostavam-se; carregava - carregavam)
d. Enquanto ele (/) banho, (/) um homem e uma mulher. (tomava - tomavam; telefonou-lhe - telefonaram-lhe)

2 Leia as orações e justifique a concordância do verbo com o sujeito composto anteposto, de acordo com o quadro abaixo:

I — Os núcleos do sujeito são sinônimos.
II — Os núcleos do sujeito formam sequência gradativa.
III — Os núcleos do sujeito referem-se à mesma pessoa.
IV — Os núcleos aparecem resumidos por *tudo, nada, ninguém.*

a. Jornalista e professor trabalhava nos três períodos do dia.
b. A fraqueza, a tontura, o desmaio aconteceu de repente.
c. A bondade e a benevolência não era sua qualidade.
d. Poeta, pintor e cirurgião plástico fazia as coisas com perfeição.
e. Menina e mulher reunia inocência e amadurecimento.
f. O trabalho e a atividade profissional levava-o ao cansaço.
g. Os pais, os avós, os vizinhos, ninguém percebeu a criança saindo.
h. Pedreiro e vigia noturno não descansava nunca.

3 Justifique a concordância verbal, de acordo com o quadro abaixo:

I — Concordância com o núcleo do sujeito mais próximo.
II — Concordância com a pessoa que tiver prevalência.

a. Elogiou-se a atitude do delegado e a rapidez dos bombeiros.
b. Incomodava-lhe a gritaria do vizinho e os ensaios daquele conjunto.
c. Tu, Maria e Miro jantareis comigo.
d. Eu e você compraremos os ingressos amanhã.
e. A cada palavra do policial vinha a resposta do comerciante e a ira das testemunhas.

4 Explique e discuta a concordância verbal da frase:

Uma tempestade de palavrões *saíram* da boca da criança.

5 Complete adequadamente os espaços com as formas verbais dos parênteses.

a. Todo o país aguardava o pronunciamento: o ministro da Fazenda ou o próprio presidente (/) os novos rumos da economia. (anunciaria - anunciariam)

b. A irritação do proprietário ou a necessidade do posseiro (/) o conflito e ninguém conseguia resolver o problema. (aumentava - aumentavam)

c. O caminhão de transporte com o carro do prefeito (/) de frente. (chocou-se - chocaram-se)

d. Nem o marido nem o filho (/) que o técnico viria consertar a máquina. (avisou - avisaram)

e. Tanto o noticiário da televisão como o noticiário da principal rádio não (/) o acidente. (comunicou - comunicaram)

f. A carne de primeira, a carne de segunda, frango, peixe, tudo (/) sendo vendido com preço fora da tabela. (estava - estavam)

g. Os jogadores, o preparador físico, os dirigentes, ninguém (/) o técnico da seleção. (localizou - localizaram)

h. O saber falar e, principalmente, o saber ouvir (/) ser suas principais qualidades. (parecia - pareciam)

i. As *Aventuras de Robinson Crusoé* (/) a sonhar com as ilhas desertas. (ensinou-me - ensinaram-me)

6 Identifique as frases que apresentam concordância verbal inadequada e corrija-as.

a. Vende-se casas.

b. Precisa-se de vendedores com experiência.

c. Aspiram-se a bons cursos de veterinária.

d. Pagam-se os carnês de Imposto Predial.

e. Devia haver mais médicos atendendo a população.

f. Deviam haver mais voluntários para trabalhar na alfabetização de adultos.

g. Podiam ser duas da madrugada quando houve os acidentes na usina.

h. Eu e tu compreenderás que isso é um bom sinal dos tempos.

i. A pilha de livros desmoronou.

j. Ali, sorri pintadas de rosa as paredes da escola.

k. Cercavam o ministro uma dezena de jornalistas.

l. A maioria dos brasileiros, não importa o nível econômico, o sexo e a idade, gostam de futebol.

m. Bolas, bolas era o que me pediam sempre os sobrinhos.

n. A família de índios revelava valores culturais diferentes dos nossos.

o. Boas maneiras é que faltavam a eles.

p. A constelação de estrelas era na verdade um grupo de atrizes famosas.

q. O contrabando, a atividade ilegal levara-o à prisão.

r. Conservantes, adoçantes e produtos industrializados, tudo tem sido combatido pelos naturalistas.

s. A vitória do time era seus sonhos.

t. Eu é que organizo a biblioteca da escola.

u. Era uma vez dois garçons que nunca se entendiam.
v. Vossa Santidade sois maravilhoso.

7 Complete as frases com os verbos dos parênteses no tempo pedido.

a. Não só a área rural mas também a área urbana (/) de mudanças. (necessitar - presente do indicativo)
b. (/)-se fugirem os pássaros no inverno. (ver - imperfeito do indicativo)
c. Mariana (/) suas alegrias. (ser - imperfeito do indicativo)
d. As saudades da pátria (/) o que amargura o exilado. (ser - presente do indicativo)
e. (/) os atores quando foram aplaudidos. (curvar-se - pretérito perfeito)
f. (/)-se de homens e mulheres corajosos. (precisar - presente do indicativo)
g. Quando achávamos que a guerra estava próxima do final, Vossa Excelência (/) novos bombardeios. (ordenar - presente do indicativo)
h. Fostes vós que (/) do zelador do prédio? (reclamar - pretérito perfeito)
i. Nenhuma de nós (/) mais aquela ladainha. (aguentar - pretérito imperfeito do indicativo)
j. Quantos dentre vós (/) os lucros? (repartir - presente do indicativo)
k. Não fui eu quem (/) esse livro. (estragar - pretérito perfeito)
l. Qual de vós (/) o acidentado? (acompanhar - pretérito perfeito)
m. Poucos dentre nós (/) para a prova. (estudar - pretérito perfeito)
n. Sou eu quem (/) o serviço de casa. (fazer - presente do indicativo)
o. Tanto os bispos como os cardeais (/)-se na defesa do papa. (unir - pretérito perfeito)
p. (/)-se matarem jovens inocentes naquela guerra insana. (ver - pretérito imperfeito do indicativo)
q. Isso (/) dores-de-cotovelo. (ser - presente do indicativo)
r. És tu que (/) o jogo. (organizar - presente do indicativo)
s. Somos nós que (/) pela classe. (responder - presente do indicativo)
t. (/) redigir as cartas comerciais. (faltar - pretérito imperfeito do indicativo)
u. Nem eu nem você (/) na palavra dele. (acreditar - pretérito perfeito)
v. (/) cinco horas no relógio da estação de trem. (dar - pretérito perfeito)
w. (/) dez minutos para as quinze horas. (faltar - presente do indicativo)

1 Complete as frases com as preposições adequadas, contraindo-as quando for necessário.

a. O salão nobre da mansão é destinado (/) grandes recepções.
b. As visitas (/) prédios antigos e (/) casas coloniais são acompanhadas por guias especializados.
c. Serão abertas (/) público as farmácias homeopáticas tão esperadas (/) população.
d. A presença (/) crianças (/) grupos escolares é comum no Instituto Butantã.
e. Poucos se preocuparam com a ampliação (/) atividades culturais.
f. Os alunos empolgaram-se com a discussão (/) temas abolicionistas.
g. O objetivo das pesquisas é relacionar o aumento (/) desidratação (/) crescimento da miséria brasileira.
h. Uma das coisas que mais respeito (/) alguém é a sua coerência, o fato (/) fazer na vida tudo que é compatível (/) suas ideias.
i. A maioria das crianças brasileiras é propensa (/) doenças infecciosas.
j. Aquela senhora foi atenciosa (/) as visitas.
k. Qualquer sistema democrático é preferível (/) autoritarismo.
l. Os temas (/) livro eram filosóficos.
m. Não estávamos aptos (/) exercer o cargo.
n. Estávamos ansiosos (/) chegada do Natal.
o. Este é o preço estabelecido (/) a passagem de ônibus.
p. A descrição das florestas e igarapés era feita (/) beleza e poesia.

2 Identifique as frases em que ocorre regência nominal inadequada e corrija-as.

a. Ele, deitado na cama, estava alheio a tudo; mesmo assim abracei-o.
b. Apesar de toda a comemoração em sua homenagem, ainda era necessária a confirmação de sua presença.
c. Aquela área de terra pertencia-lhe havia muito tempo e isso era o bastante para não colocarem dúvidas sobre o seu direito de propriedade.
d. Aquele homem, embora já tivesse perdido muito dinheiro, era constante do vício de jogar.
e. O prejuízo causado pelo incêndio de ontem à noite foi análogo ao do ano passado.
f. Às vezes é preferível ficar em casa do que viajar.
g. A sua falta na prova foi justificada.
h. Álvares de Azevedo foi contemporâneo com a época de Junqueira Freire e Fagundes Varela.

1 Dê o significado dos verbos destacados nas frases.

a. O Exército *chamou* os jovens rapazes.
b. *Chamavam* o jogador de Cestinha.
c. *Chamavam* ao jogador de Cestinha.
d. Eu *queria* um livro de Gramática.
e. Eu *quero* aos meus pais.
f. As enfermeiras *assistiam* os doentes com dedicação.
g. Os turistas *assistiram* a apresentações folclóricas na Bahia.
h. *Assistia* ao advogado de defesa o direito à palavra.
i. O jogador *visou* as traves e chutou a bola certeira.
j. Tudo o que fazia era *visando* à tranquilidade dos pais.
k. O gerente do banco *visou* o cheque.
l. Na primavera, *aspiramos* o perfume das flores.
m. Há homens que *aspiram* ao poder pela força.
n. *Custou* aos alunos entender aquele exercício.
o. A aquisição do imóvel *custou*-nos muito trabalho.
p. Sua argumentação referente à falta de leite não *procede.*
q. Muitos problemas de saúde *procedem* de má alimentação.
r. O organizador da exposição *procedeu* à entrega das medalhas.
s. A escola atual *atende* às reais necessidades das crianças e dos jovens brasileiros?
t. Com jeito, a garota acabou *atendendo* ao pedido do namorado.
u. O prefeito *atendeu* muito bem os repórteres.
v. O helicóptero *precisou* o local onde o avião havia caído.
w. *Precisamos* de tempo para recompor nossas economias.

2 Retire os verbos destacados no exercício anterior e classifique-os de acordo com o seu significado em: *intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto e indireto.*

Modelo:
a. Chamar — sentido de convocar — verbo transitivo direto
b. Chamar — sentido de denominar — verbo transitivo direto
c. Chamar — sentido de denominar — verbo transitivo indireto

3 Complete.
Observando os diferentes significados e as diferentes regências dos verbos no exercício anterior, conclui-se que esses verbos alteram o significado conforme (/).

4 Reveja na parte teórica os verbos destacados abaixo. Informe suas peculiaridades.

Modelo: Não *me lembrei* de desligar o ferro.
lembrar-se: pronominal — verbo transitivo indireto
Esqueci o material de Língua Portuguesa.
esquecer: não pronominal — verbo transitivo direto

a. Vera *lembrou-se* do aniversário de Fernando.
b. *Esqueci-me* de comprar papel higiênico.

c. *Lembrei* o nome daquela cantiga folclórica.
d. Lígia *esqueceu* as sandálias na praia.
e. Já *pagamos* todas as nossas dívidas.
f. Você já *pagou* ao tintureiro?
g. Eles *pagam* baixos salários aos boias-frias.
h. Nossos credores *perdoaram* nossas dívidas.
i. Há pais que não *perdoam* aos filhos.
j. A firma não *perdoou* a dívida aos credores.
k. *Agradecemos* os favores recebidos.
l. Já *agradeceram* aos vizinhos?
m. Você já *agradeceu* a seu pai o presente?

5 Complete as frases com as preposições adequadas, contraindo-as quando necessário.

a. São poucos os programas de televisão que agradam (/) telespectadores.
b. Agradecemos (/) empregados os bons serviços prestados.
c. Ele preferia multiplicar os seus ganhos (/) dividir com os empregados os seus lucros.
d. Renunciou (/) tudo na busca de melhores condições de vida.
e. Todo o repertório da cantora cheira (/) sucesso.
f. Todos lhe falavam (/) tom grave.
g. Na 2ª Guerra Mundial, os franceses resistiram (/) alemães.
h. A desconfiança pairava (/) nós.
i. A noite de luar convidava-o mais (/) namoro do que (/) trabalho.
j. Os livros ensinavam-no (/) organizar as ideias; as ideias ensinavam-lhe (/) ver melhor a vida.
k. Deparei (/) um monumento imenso.
l. Ricardo e Juninho se entretinham (/) fazer palavras cruzadas.
m. Informou-se (/) a estrada interditada.
n. Os condôminos não obedeciam (/) regulamento do prédio.
o. Na escolha do presente, o garoto hesitou (/) a bola e o carrinho.
p. Tentaram persuadir o homem (/) confessar crimes que não cometera.
q. Insistia (/) desistir da viagem para não ficar longe dos filhos.
r. Não me refiro (/) você e sim (/) seu irmão.
s. Fomos (/) cinema mais próximo.

6 Classifique os verbos destacados em *intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto* ou *transitivo direto e indireto*.

a. Certas atitudes irrefletidas *ajudam*-nos a refletir melhor sobre a vida.
b. Quando criança, sem nenhum conforto, *aspirava* o ar puro do campo; hoje *aspiro* a uma vida confortável numa grande cidade poluída.
c. Os espectadores *assistiam* à peça de teatro muito emocionados.
d. A população *ajudou* os desabrigados.
e. Os filhos *atenderam* ao pedido dos pais.
f. O filho *assistiu* a mãe na velhice.

g. A pedra *atingiu* a vidraça da casa vizinha.
h. *Chamei* você e outros colegas para a comemoração dos meus quinze anos.
i. Sua melhor fase na pintura *consiste* em seus quadros surrealistas.
j. Não há como *contentar*-se com o resultado desse jogo.
k. Nas horas de briga, Júnior *esquecia*-se de que Ricardo era seu irmão.
l. A falta de gols na partida *desagradou* aos torcedores.
m. Armando, compositor de música sertaneja, *precisava* da música como precisava do oxigênio.
n. Virgínia, a bela italianinha, *sofreu* muito.
o. Nandão *visava* a uma grande suinocultura.
p. Vera *implantou* um difícil sistema de comunicação.

7 Complete com os pronomes *o* (ou variações) e *lhe* (ou variações) conforme a regência do verbo.
a. Ninguém (/) convidou para a reunião.
b. Quando meus pais falavam, eu (/) obedecia.
c. Não (/) namorou muito tempo.
d. A vida ensinara-(/) a humildade.
e. Ensina-(/) a pegar a enxada.
f. Poucos (/) informaram que o preço do produto havia sido alterado.
g. Informei-(/) do melhor caminho para chegar à cidade.
h. Telefonei-(/) para informá-(/) de que estou em licença médica.
i. Perdoei-(/) o engano uma vez, mas três vezes era demais.
j. Ele (/) amava, mas não era correspondido.
k. Eram bons meninos, por isso nós (/) queríamos bem.
l. Não interessava a João aquele terreno, interessava-(/) um outro mais próximo de sua casa.
m. A passagem de Carlos está paga, eu já (/) paguei.
n. Paguei-(/) a passagem apenas uma vez.
o. A vocês, um abraço de quem muito (/) estima.
p. Minha oferta não (/) agradou.
q. Agradeci-(/) a lembrança emocionado.
r. Somente o filho mais velho (/) desobedecia.

8 Identifique as frases em que a regência verbal esteja inadequada. Corrija-as.
a. Nem todos os motoristas obedecem os sinais de trânsito.
b. Não me simpatizei com o novo chefe.
c. Celso namora com a Elisabete há dois anos.
d. Nós o vimos ontem.
e. Convidei-lhe para ir à feira de artesanato.
f. O bom pastor semeava esperança e perdoava as injúrias.
g. A população votou contra, não perdoando ao corrupto suas falsas promessas.
h. Queríamos perdoar os malfeitores, mas era difícil.
i. Precisamos de novos hábitos alimentares.
j. Minhas críticas não agradaram o escritor.
k. Quando cheguei no cinema, percebi que havia esquecido a carteira.
l. Ela lhe amava como ninguém jamais amou.
m. Prefiro ficar sozinho a sair com pessoas que não me agradam.

1 Destaque os pronomes oblíquos átonos e informe se eles estão na posição proclítica, mesoclítica ou enclítica.

a. Poucos o respeitavam no trabalho.
b. Muitos lhe telefonaram pelo aniversário.
c. Tentar-se-ia uma vaga na escola para o filho mais velho.
d. Tratavam-me com muito carinho.
e. Vender-se-ão as casas.
f. Ajude-me na cozinha.

2 Destaque os pronomes oblíquos átonos e justifique a próclise.

a. Todos lhe ensinavam bons modos, mas pouco adiantava.
b. Só aqui se lembrou de que deixara a porta de sua casa destrancada.
c. Preciso de uma bibliografia que me prepare para o vestibular.
d. Propusemos que se retirassem da conferência, já que não se mantinham silenciosos.
e. Não se importunava com a algazarra da vizinhança.
f. Aqueles amigos com os quais nos encontramos eram grandes piadistas.
g. Quem os remeterá pelo correio?
h. Em se tratando de Matemática, não pergunte nada a ele.
i. Deus o ajude.
j. Quanto me custa dizer isso!

3 Complete.

A mesóclise ocorre (/).

4 Desfaça a mesóclise de acordo com o modelo.

Encontrá-lo-ei às duas horas.
Não o encontrarei às duas horas.

a. Fá-lo-ei para você.
b. Explicar-lhe-emos a matéria.
c. Esclarecer-lhe-ei o assunto hoje.
d. Trá-lo-ei amanhã.
e. Dir-lhes-ei todas as verdades.
f. Comprá-lo-ei para você.

5 Desfaça a mesóclise conforme o modelo.

Alugar-se-ão os apartamentos. (voz passiva sintética)
Os apartamentos serão alugados. (voz passiva analítica)

a. Vender-se-iam alguns livros.
b. Realizar-se-á uma reunião.
c. Terminar-se-ão todos os projetos.
d. Consertar-se-ão todos os buracos das ruas.
e. Procurar-se-ia um emprego mais adequado.

6 Nas frases abaixo os pronomes oblíquos átonos estão colocados inadequadamente ou de acordo com a língua falada. Transcreva-as, colocando os pronomes conforme orientação da norma culta.

a. Embora mantivesse-o preso, a polícia tinha certos cuidados.
b. Lhe disse poucas e boas.
c. Os ratos e restos de comida lhe representaram um banquete.
d. Se entediavam de tanto assistir, aos domingos, aos programas de TV.
e. Muitos julgavam-no o líder de nossa turma.
f. Nada ajudá-lo-á nessa fase de rebeldia.
g. Me solicitaram os documentos necessários para a internação no hospital.
h. Venderia-lhe um carro tão cheio de defeitos?
i. Não digo-lhes nenhuma mentira para dar bom exemplo.
j. Nunca procurei-o para pedir favores.
k. Tudo falou-se sobre as doenças contagiosas.
l. Quando assustei-me com o carro, não percebi que o sinal estava vermelho para os pedestres.
m. Não joga-se comida fora.
n. Lhe ofereça a mercadoria a um bom preço.
o. Visitaria-o caso não chovesse.

7 Introduza o pronome oblíquo átono dos parênteses nas locuções verbais.

a. O brasileiro *precisa habituar* a ler mais. (se)
b. O sol *ia tornando* cada vez mais forte. (se)
c. Ninguém comentava sobre o que *havia passado* naquela ocasião (se).
d. Não *quiseram dizer* nada sobre o acontecido. (me)
e. Você *há de acostumar* nessa nova casa. (se)
f. *Voltei a encontrar* depois de muitos anos. (o)
g. *Devo contar* tudo. (lhe)
h. Tudo *devo contar*. (lhe)
i. Não *havia lembrado* desse fato. (me)
j. Eu já *havia esquecido* de apagar o fogo. (me)

8 Introduza o pronome oblíquo átono dos parênteses nas frases abaixo de acordo com a norma culta.

a. João estava cansado, *recebeu* friamente. (me)
b. *Doamos* o quadro. (lhe)
c. *Recebemos* com certa expectativa. (o)
d. Teve ideia de assustar o irmão, mas *seguraram*. (o)
e. *Deixe de magoar* com essas aflições. (se)
f. O certo é que *sentíamos* infelizes. (nos)
g. O hábito de *perfumarem* logo de manhã era enjoativo. (se)
h. É muito rápido para *contar* do meu amor. (lhe)
i. *Ajudai* uns aos outros. (vos)
j. *Segurei* no colo enquanto a mãe procurava a mamadeira. (a)

k. *Apliquei* a injeção sem que ela sentisse dor. (lhe)
l. A verdade é que *percebia* inibida perto dele. (me)
m. Todos dirão que não *recordam* dessa história. (se)
n. *Diria* que pouco sabíamos da matéria para a prova. (se)
o. A população reunida *ensinaria* que através do silêncio era possível protestar. (lhe)
p. Em *falando* de pobreza no Nordeste, não *esqueçamos* de que São Paulo é um centro para onde vão muitos pobres à procura de trabalho. (se - nos)
q. Tenho *visto* pouco feliz. (a)
r. *Preciso mandar* os originais do livro de Gramática. (lhe)
s. Ao *encontrar*, percebi que o amava. (o)
t. O homem que *chamava* Paulo *confundiu* tomando o ônibus errado. (se - se)
u. Sabia que *entenderíamos* muito bem. (nos)

9 Informe quais colocações pronominais estão de acordo com a norma culta.

a. Sustentar-se-ia com um pequeno salário, mas não deixaria o emprego do qual gostava.
b. Me falaram sobre o filme que denuncia os problemas brasileiros, mas não fui vê-lo.
c. Seria necessário ensinar-lhe educação.
d. Devo lhe mandar as crianças para passarem as férias aí.

EMPREGO DO SUBSTANTIVO, DO ARTIGO, DO ADJETIVO, DO NUMERAL E DO PRONOME

1 Informe a função sintática dos substantivos destacados nas frases.

a. Ofereceram várias *opções* de *pagamento* a prazo aos *consumidores*.
b. A *obtenção* dos *dólares* necessários proporcionou-lhe a *viagem* ao *exterior*.
c. A inveja é um *sentimento* que destrói o *ser* humano.
d. Consideravam aquele radialista um *explorador* de pessoas humildes.
e. O dinheiro mal empregado dos cofres públicos está sendo reposto pelo *povo*.
f. Zezinho, meu *irmão* mais novo, é caminhoneiro.
g. As noites de *inverno,* no Sul, são muito frias.

2 Justifique a presença do artigo definido destacado.

a. Todos *os* alunos da escola gostavam das aulas de Educação Física.
b. *O* Francisco, meu cunhado, elegeu-se presidente do sindicato.
c. *O* não, muitas vezes, é amargo.

3 Justifique a ausência de artigo antes das palavras ou expressões destacadas.

a. Procura *Vossa Senhoria* uma boa área para a construção de uma escola profissionalizante?
b. Há pessoas cujos *pés* incham no verão.
c. Viemos de *casa* direto para a quadra de esportes.
d. Fez tudo a *seu modo*, não consultou ninguém.
e. *Brasília* é a capital do Brasil, famosa internacionalmente pela sua arquitetura.

4 Qual é a função sintática que os artigos exercem na oração?

5 Informe a função sintática dos adjetivos destacados.

a. O sorriso *terno* contrastava com o rosto *viril*.
b. Considerava-o, às vezes, *agressivo*.
c. Suas palavras pareciam *proféticas*.
d. Era *calma* sua voz.
e. Jogávamos amarelinha sobre as pedras *irregulares* do calçamento.

6 Informe se a palavra destacada é um *substantivo adjetivado,* um *adjetivo substantivado* ou um *adjetivo adverbializado.*

a. Cantavam *alto* sem se preocupar com o sono dos mais velhos.
b. O homem *moleque* soltava o papagaio usando linha cortante.
c. No *vermelho* da bandeira anunciava-se estado de alerta.
d. No *verde* de seus olhos transpareciam ternura e meiguice.
e. Com tantas adivinhações e profecias ela era uma mulher especial, uma mulher *bruxa*.
f. Contida nos gastos domésticos, Joana comprava *barato* nos fins de feira.

7 Escreva por extenso os numerais destacados nas frases.

a. No século *XX*, ocorreram profundas transformações sociais, políticas, econômicas e tecnológicas.
b. Na página *56* do livro, capítulo *I*, segundo parágrafo, está a resposta à sua pergunta.
c. Lourdes mora na rua Cônego Eugênio Leite, 1100, casa *4*.
d. Visitamos a *X* Feira do Gado.
e. Em 1980, o Papa João Paulo *II* esteve no Brasil.

8 Classifique os pronomes destacados em *pronome pessoal reto*, *pronome pessoal oblíquo átono* e *pronome pessoal oblíquo tônico*.

a. Falaram de *nós* algumas inverdades.
b. *Nós nos* divertíamos ouvindo histórias de assombração.
c. Ninguém telefonou para *mim?*
d. Não *o* vi no acampamento.
e. Prefiro você a *ela*.
f. *Ela* não *me* disse uma só palavra.
g. Esse cargo? Não aspiro a *ele*.
h. Não darei a *ti* o que não *te* pertence.
i. *Eles* estiveram *comigo* há pouco.

9 Informe se o pronome destacado funciona como *objeto direto* ou como *objeto indireto*.

a. Ele sempre *me* dizia palavras amorosas.
b. Todos *te* aguardavam para sair.
c. Machuquei-*me* na maçaneta da porta.
d. Eles *nos* mandaram cartões-postais belíssimos.
e. Prometo-*te* o melhor livro de história policial.
f. Culparam-*nos* sem provas.

10 Informe se o pronome destacado funciona como *objeto direto* ou *objeto indireto*.

a. Empresto-*lhe* o dinheiro por quinze dias.
b. Poucos *o* perceberam na saída à missa.
c. Oferecemo-*lo* a uma criança.
d. Os adultos *a* levaram até a maca.
e. Encontrá-*lo*-ei amanhã.
f. Esclareço-*lhes* a questão, contanto que vocês me ouçam.
g. Ninguém *lhe* obedecia.
h. Pegaram-*no* escondido numa casa abandonada.

11 Complete as frases com *eu* ou *mim*.

a. Entre (/) e você há uma antiga discordância de ideias.
b. Para (/) sair é necessário que alguém fique em casa.
c. Para (/) não é impossível digitar esse capítulo.
d. Não é fácil, para (/), ter de desconfiar das pessoas.
e. Trata-se de um problema difícil para (/) resolver sozinho.
f. Trata-se de um problema difícil para (/).

12 Complete as frases com uma das formas dos parênteses.

a. É (/) mesmos que ele deve falar. (conosco, com nós)
b. (/) sempre acontece de o elevador quebrar. (conosco, com nós)
c. Sairemos (/). (convosco, com vós)
d. Falaremos (/) mesmos. (convosco, com vós)
e. O ônibus bateu no carro (/) cinco dentro. (conosco, com nós)

13 Identifique as frases em que o possessivo *seu* (e variações) causa ambiguidade, explicando-a.

a. Otávio saiu do cinema com a namorada e foi para sua casa.
b. Não sei se poderei entregar o seu livro ainda hoje, Paulo.
c. Ao término da aula, irei até sua casa, Marina.
d. César encontrou um amigo e suas irmãs no trajeto para a discoteca.

14 Indique a frase em que a ideia de posse esteja representada por um pronome pessoal.

a. Colocaram-me à sua disposição.
b. Puxaram-lhe a orelha pela arte cometida.
c. Entregaram-lhe a encomenda no dia certo.
d. Designaram-te o chefe da seção.

15 Complete a frase com os demonstrativos *este* ou *aquele* (e variações).

a. São complementos verbais o objeto direto e o objeto indireto: (/) completa o sentido de verbo transitivo indireto e (/) de verbo transitivo direto.
b. Ao me encontrar com Dalva e João, percebi que (/) estava conservado e (/) envelhecida.

1 Sobre o presente do indicativo dos verbos destacados, informe se ele expressa:

1. um fato momentâneo;
2. um fato frequente;
3. uma ação ou um estado permanente;
4. um fato ocorrido no passado.

a. Naquele instante, a multidão *para* e *aprecia* o triste espetáculo composto pela morte de um grande cardume asfixiado pela poluição das águas do rio; pela fuga do bando de pássaros que *voa* assustado com os tiros dos caçadores; e, enquanto isso, outro espetáculo *ocorre* no Congresso: a discussão sobre o destino do futebol brasileiro.
b. A saudade *dói*-me no peito, por isso *escrevo*-lhe agora.
c. A defesa da natureza *é* a defesa da vida.
d. Percebo que as coisas não *vão* bem e *fico* triste com isso.
e. Os seres vivos *retiram,* continuamente, substâncias do ambiente físico e *eliminam* outras para ele.
f. A luz *possui* velocidade constante, ou seja, é a mesma em qualquer ambiente físico.
g. "Na sua cabeça *funciona* uma curiosa fábrica que trabalha 24 horas por dia, inclusive aos feriados. Os 120 mil a 150 mil fios de cabelo, em média, que você *tem* na cabeça *provêm* da produção dessa fábrica. Por dia, cresce cerca de 0,4 milímetro de cabelo. Sentado, de pé, dormindo, brincando, esteja você fazendo o que for, lá *está* a fabriqueta em intenso ritmo de produção." *(Folhinha de São Paulo)*

2 Os verbos destacados estão no presente em lugar de outros tempos. Informe quais os tempos verbais que estão sendo representados pelo presente.

a. Se ele não *vira* a direção, tinha batido na sarjeta.
b. Se você não *pede,* nada conseguirá.
c. *Parto*, assim que ele voltar.
d. No próximo mês, ele *regressa* do exterior.

3 Informe o que expressa o pretérito imperfeito do indicativo nas frases.

a. Por favor, *queria* uma informação sobre meu saldo bancário.
b. *"Havia* já anos que o químico vivia em Tubiacanga..." (Lima Barreto)
c. Ele *comentava* muito sobre suas atividades artísticas.

4 Em lugar de que tempo ou outra forma verbal estão usados os verbos em destaque?

a. Não *faltarás* com o respeito a teu pai.
b. *Viajo* amanhã.
c. *Desejaria* que me fizesse o café e esquentasse o leite.
d. Cuidavam do animal como se *fora* uma criança.
e. Se você não me *lembra*, eu teria perdido a hora.

f. Eu *desejava* um pouco de água.
g. Se você se *casa,* volto para o interior de Minas.
h. Se comprasse mais alguma coisa, *ficava* sem dinheiro para o ônibus.

5 Flexione os verbos entre parênteses num dos tempos do modo subjuntivo, de acordo com o sentido da frase.

a. Se os motoristas de ônibus (permanecer) em greve, a maioria da população não teria como trabalhar.
b. É fundamental que você (terminar) seu curso.
c. Deus (querer) que os homens se (despertar) para as injustiças sociais.
d. Que os representantes políticos (lutar) pelos menos favorecidos.
e. O pai deixa que as crianças (viajar) conosco?
f. Se (ter) batido o carro, teriam comunicado.
g. Pensei que você não (vir) hoje.
h. Não apareceu ainda a pessoa que (poder) resolver nossos problemas.
i. (Procurar) com insistência o livro que o acharia certamente.
j. Sossegar-me-ei quando (vir) a resposta do consulado.
k. Quem (ver) Antonieta primeiro, avise-a do telegrama.

6 Flexione os verbos entre parênteses nos tempos adequados do indicativo ou do subjuntivo.

a. Enquanto a namorada (escolher) o presente, ele (observar) o saldo da conta bancária.
b. Se (ser) necessário (estar) cedinho em sua casa.
c. Nós (saber) a música se a (ter) ouvido pelo menos uma vez.
d. Se nós (entender) a morte com naturalidade não (sofrer) tanto.
e. Ele não (conseguir) ingresso para a estreia da peça por mais que (permanecer) na fila.
f. O homem foi condenado por um crime que não (cometer).
g. O pai (intervir) na briga dos filhos no momento certo.

EMPREGO DAS FORMAS NOMINAIS

1 Desenvolva as orações reduzidas de gerúndio.

a. *Acordando*, ela sentiu os lençóis molhados por causa da febre.
b. *Havendo carência de informações*, quase se desconheciam os riscos provocados pelo terremoto.
c. *Chegando à escola*, constatei que havia perdido a hora.
d. Consegui argumentos para a minha dissertação *lendo sua obra*.
e. *Não havendo problemas*, a viagem durará seis horas.
f. *Chegando rápido*, você comerá conosco.
g. *Pretendendo alfabetizar o rapaz*, passei a encontrá-lo todos os dias.
h. Será mais fácil o entendimento da matéria *havendo atenção dos alunos*.

2 Informe se o particípio das frases que seguem está sendo usado em *tempo composto*, na *voz passiva*, como *adjetivo*, em *oração subordinada reduzida adjetiva* ou em *oração subordinada reduzida adverbial*.

a. *Finalizado* o filme, os alunos iniciaram a discussão sobre ele.
b. As crianças já estavam *esgotadas*.
c. As notas foram *afixadas* pela secretaria.
d. Todos já haviam *começado* a prova quando cheguei.
e. As roupas tinham *caído* do varal.
f. Conheço todos os artigos *contidos* nessa lei.
g. Esse bilhete não foi *escrito* por mim.
h. Uma senhora bem *arrumada* doou esses mantimentos.

3 Complete as frases com a forma adequada do infinitivo, usando o verbo dos parênteses.

a. É uma novidade (/) acordados até esta hora. (estar)
b. É difícil (/) uma pessoa desonesta e corrupta. (defender)
c. Estavam cansados de (/) o jogo-da-velha e foram (/). (jogar - dormir)
d. Mandei-os (/) a porta. (fechar)
e. A prisão se abre para (/) apenas os que cumpriram suas penas. (sair)
f. Para (/) a grama deves afiar a tesoura. (cortar)
g. Digo-lhe que, assustada, enxerguei sombras (/) na parede do quarto. (avolumar-se)
h. Ao (/) as badaladas do sino da matriz, percebemos que já era a hora do almoço. (ouvir)
i. Nunca se deve (/) ninguém. (desmentir)
j. (/) descansando a esta hora é excepcional. (estar)
k. Estavam a (/) quando ele confessou o seu amor. (dançar)
l. Os bebês parecem (/) quem os ama. (perceber)
m. Os alunos parecia não (/) das notas recebidas. (gostar)
n. Morreram de (/) com as piadas. (gargalhar)

o. A fofoqueira não nos desculpou por (/) criticado sua atitude. (ter)
p. Precisávamos, naquela altura do jogo, (/) o centroavante. (trocar)
q. “O Brasil conseguiu, em menos de um século, (/) mais de 50% de sua Mata Atlântica, (/) diversos rios, bacias ecológicas e (/) ecossistemas.” *(Jornal da Tarde)* (devastar - poluir - destruir)
r. Amanhã eles vão (/) as rosas para (/) o chá. (desfolhar - preparar)
s. Gostaríamos de (/) suas histórias de aventuras. (ouvir)
t. Ficava no porto vendo os navios (/). (partir)
u. Precisamos (/) já. (sair)
v. Poderiam (/) por esse trabalho de digitação? (pagar)
w. Vamos-nos (/) para a prova. (preparar)

1 Classifique o pronome *se* das frases abaixo.

a. Vivia-*se* tranquilamente naquele lugar.
b. Lívia olhou-*se* no espelho demoradamente.
c. Realizam-*se* festas de fim de ano.
d. Envolveu-*se* no caso sem perceber.
e. Trata-*se* de uma boa oferta.
f. Alugavam-*se* roupas.
g. Os fiéis ajoelharam-*se* diante do altar.

2 Informe a função sintática do pronome reflexivo *se* nas frases.

a. O menino machucou-*se* com a faca.
b. Vestiu-*se* rapidamente e saiu.
c. Os inimigos olharam-*se* de forma ameaçadora.
d. Apesar de nervoso, deu-*se* o cuidado de não ofender a esposa.
e. A menina deixou-*se* iludir pelos sonhos.
f. Atribuiu-*se* muita sorte no jogo e acabou perdendo tudo.
g. As duas vizinhas não *se* falavam.
h. Antes da disputa, o lutador já *se* dava ares de campeão.

3 Classifique o *que* das frases abaixo.

a. *Que* lindos os teus olhos!
b. As pessoas *que* estavam conosco eram todas amigas.
c. Teremos *que* pagar imposto sobre nosso salário.
d. A verdade é *que* estamos começando a vida.
e. Quase *que* eu solto um palavrão.
f. Faz *que* faz e não tem um teto para morar.
g. *Que* escritório abafado!
h. *Quê!* Você está ainda no primeiro exercício?
i. O frio era tanto *que* os dedos ficaram imóveis.
j. O objeto tinha forma de *quê*?
k. Às vezes, o medo é maior *que* o próprio perigo.
l. Não se preocupe *que* estou bem.
m. *Que* saudade é esta *que* me maltrata.

EQUÍVOCOS MUITO COMUNS EM REDAÇÕES

PARA REFLETIR

Org. Neusa Moro

Há alguns equívocos muito comuns em redações e, por este motivo, estão no patamar dos mais cometidos. Mas isso ocorre apenas por falta de conhecimento, portanto, uma vez informados, os estudantes não voltam a cometê-los.

VEJAMOS...

DESAFIO... Vocês podem me ajudar a pontuar a frase “**Maria toma banho porque sua mãe disse ela pegue a toalha”.** Veja as hipóteses levantadas: pela Prof. Marque um X na alternativa correta.

A. (   ) “Maria toma banho porque sua. Mãe, disse ela, pegue a toalha”.

B. (   ) “Maria toma banho, porque, sua mãe disse ela pegue a toalha”.

C. (   ) “Maria, toma banho porque sua mãe, disse ela, pegue a toalha”.

D. (   ) “Maria toma banho porque sua mãe disse, ela pegue a toalha”.

ALTERNATIVA CORRETA

(X) “Maria toma banho porque sua. Mãe, disse ela, pegue a toalha”.

Qual é a explicação para o fato de não conseguir entender a frase?

A "explicação" está no fato do uso do verbo "suar", confundindo com o pronome possessivo "sua"...

ORTOGRAFIA

- 1. **“Fazem dez anos que não vemos tantas mudanças”.** O verbo “fazer” no sentido temporal, de tempo decorrido ou de fenômenos atmosféricos é impessoal, ou seja, fica no singular: **Faz dez anos... Faz muito frio...**

ORTOGRAFIA

- **2. “Houveram muitas passeatas nesta semana em prol da igualdade racial.”** O verbo **haver** acompanha o mesmo raciocínio do verbo **“fazer”,** citado acima. No sentido de existir ou na ideia de tempo decorrido, o verbo haver é impessoal: **Houve muitas passeatas... Há tempos não o vejo... Havia algumas cadeiras disponíveis.**

ORTOGRAFIA

- **3. “Para mim escolher, preciso de um tempo.”** Na dúvida verifique quem é o **sujeito do verbo.** No caso, o verbo **“escolher”** não tem sujeito, pois **“mim”** não pode ser! O certo seria o pronome **“eu”: para eu escolher.** Dessa forma, sempre diga e escreva: **Para eu fazer, para eu levar, para eu falar, diante de verbo no infinitivo.**

ORTOGRAFIA

- **4. “Esse assunto fica entre eu e você!”** Quando a preposição existe, neste caso **“entre”,** usa-se o pronome oblíquo. O correto é: e**ntre mim e você ou entre mim e ti.** Portanto, use pronome oblíquo tônico (mim, ti, si, ele, ela, nós, vós, si, eles, elas) após preposição: **falava sobre mim, faça por nós, entre mim e você não há problemas, falavam entre si.**

ORTOGRAFIA

- 5. **"Há muito tempo atrás, comprei uma bicicleta."** O verbo **"há"** tem sentido de tempo passado, logo não há necessidade de adicionar **"atrás".** Ou você escolhe um ou outro: **Há muito tempo... Tempos atrás... Há dez anos... Dez anos atrás.**

ORTOGRAFIA

- **6.** “Então, pegou ele pela gola.” Quando for necessário que um pronome seja objeto direto (pegou algo: ele), nunca coloque pronome pessoal, opte pelo caso oblíquo átono (me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, se, os, as, lhes): Pegou-o, avisou-o, apresentei-a, levou-nos, ama-me, leva-nos.

ORTOGRAFIA

- 7. **Aonde você estava? “Aonde”** indica ideia de movimento, enquanto **“onde”** refere-se somente a lugar. Portanto: **Onde você estava? E Aonde nós vamos agora?**

ORTOGRAFIA

- **8. “A situação vinha de encontro ao que ele desejava.”** Se é uma situação que a pessoa desejava, será: **ao encontro de**, expressão que designa favorecimento, estar de acordo. Já a locução **“de encontro a”** tem sentido de oposição, de choque: **Ele foi de encontro ao poste.**

ORTOGRAFIA

- **9. “Esse ano vamos fazer diferente.”** Se é o ano vigente, então use o pronome **“este”,** uma vez que indica proximidade: **Esta sala de aula, esta semana está sendo ótima, este dia vai ser abençoado, este ano está sendo o melhor de todos, esta noite veremos estrelas.**

ORTOGRAFIA

- **10. AMBIGUIDADE** Significados:
- 1. Qualidade ou estado de *ambíguo:* que se pode tomar em mais de um sentido; equívoco; impreciso; incerto.
- 2. Duplicidade de sentido numa construção sintática.
- **Frase ambígua - "Desde os três anos, meu pai já me ensinava a ler"**.
- **Duplo sentido** - Nessa construção, a expressão "desde os três anos" pode ser aplicada ao pai (o que seria absurdo) ou ao filho (sentido mais lógico). Afinal, quem tinha três anos? O pai ou o filho?

ORTOGRAFIA

- Frase ambígua - **"Desde os três anos, meu pai já me ensinava a ler"**.
- **Correção:**
- Desde que eu tinha três anos, meu pai já me ensinava a ler.
- Meu pai ensinava-me a ler desde que eu tinha três anos de idade.
- Eu tinha apenas três anos, e meu pai já me ensinava a ler.

ATENÇÃO...

- Embora se saiba "***que é falando que a gente se entende***", ***temos*** uma série de dificuldades que podem comprometer uma redação. **E você? Como anda a sua comunicação escrita??? Vamos ver... Assinale a alternativa correta!!!**

ATENÇÃO...

	Casas germinadas		Casas geminadas
	Sou de menor		Sou menor
	Sou maior de idade		Sou de maior
	O feriado caiu num domingo.		O feriado caiu de domingo.
	De sábado, não trabalho.		Aos sábados, não trabalho.
	Aguardo notícias.		Estou no aguardo de notícias.
	Caderno espiral		Caderno aspiral

ATENÇÃO...

	A mala está leve.		A mala está leviana.
	Fiquei fora de mim.		Fiquei fora de si.
	Não saí por causa que estava chovendo.		Não saí porque estava chovendo.
	O paciente sofreu melhoras.		O paciente sentiu melhoras.
	Ele já acordou.		Ele já se acordou.
	O motorista perdeu a direção do veículo.		O motorista perdeu o controle do veículo.

ATENÇÃO...

	Tenho menas sorte que você.		Tenho menos sorte que você.
	O pessoal não gostaram do filme.		O pessoal não gostou do filme.
	Não poderia dizer isso perante ela.		Não poderia dizer isso perante a ela.
	Fazem 12 anos que não viajo ao exterior.		Faz 12 anos que não viajo ao exterior.
	Este livro é para eu ler.		Este livro é para mim ler.

ATENÇÃO...

	Porque você não foi à escola?		Por que você não foi à escola?
	Prefiro leite a café.		Prefiro mais café do que leite.
	O prefeito prometeu novas denúncias.		O prefeito prometeu, novas denúncias.
	Bem-vindos a Cândido de Abreu!		Bem vindos a Cândido de Abreu!
	Comprei-o para você.		Comprei ele para você.
	Amo-lhe muito.		Amo-a muito.

ATENÇÃO...

	As crianças foram ao cinema.		As crianças foram no cinema.
	Espécie em vias de extinção.		Espécie em via de extinção.
	O alface estava gostoso.		A alface estava gostosa.
	Preços a partir de R$1,99.		Preços apartir de R$1,99.
	A professora era meia louca.		A professora era meio louca.
	O assunto não tem nada haver com você.		O assunto não tem nada a ver com você.
	O garoto foi tachado de ladrão.		O garoto foi taxado de ladrão.
	Quero calças cinzas.		Quero calças cinza.

ATENÇÃO...

	Todos queriam namorar a Marisa.		Todos queriam namorar com Marisa.
	Sentou-se na mesa para comer.		Sentou-se à mesa para comer.
	Eles tem razão.		Eles têm razão.
	Todos amigos o elogiavam.		Todos os amigos o elogiavam.
	Ela mesmo arrumou a sala.		Ela mesma arrumou a sala.
	A temperatura chegou a zero graus.		A temperatura chegou a zero grau.
	Maria quis viajar ontem.		Maria quiz viajar ontem.
	Venha por a roupa.		Venha pôr a roupa.

ATENÇÃO...

	A modelo pousou o dia todo.		A modelo posou o dia todo.
	Espero que viajem hoje.		Espero que viagem hoje.
	Já é oito horas.		Já são oito horas.
	A festa começa às 8 h.		A festa começa às 8 hrs.
	Que seja feliz		Que seje feliz.
	Fiquei fora de mim.		Fiquei fora de si.
	Falo alto porque ele houve mal.		Falo alto porque ele ouve mal.
	Se tivesse saído mais cedo.		Se estivesse voltado mais cedo.
	Eu ia ao cinema, mais choveu!		Eu ia ao cinema, mas choveu!

Baseado no livro "Não Erre Mais!", de Luiz Antônio Sacconi

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

FIGURAS DE LINGUAGEM (COMO SÃO COBRADAS)

(PARTE IV)

FGV 2017 – Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro - ALERJ

Verissimo, O Globo, 20/10/2016

“Durante anos, o Brasil sofreu a privação do Frank Sinatra. Passava ano, passava ano, e o Frank Sinatra não vinha. Nossa maior angústia era com o tempo: se demorasse muito para vir, o Frank Sinatra, quando viesse, não seria mais o mesmo. Poderia não ter mais a grande voz, ou ser uma múmia de si mesmo. Por que o Frank Sinatra não vinha ao Brasil enquanto era tempo?

20

No texto 4 está presente o seguinte segmento: “Poderia não ter mais a grande voz, ou ser uma múmia de si mesmo”.

Nesse segmento exemplifica-se a seguinte figura de linguagem:

(A) antítese;
(B) metáfora;
(C) metonímia;
(D) pleonasmo;
(E) paradoxo.

FGV 2015 – DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DE RONDÔNIA (Analista)

4

A charge abaixo, publicada no jornal O Dia (PI) em 1 de abril de 2015, produz humor apoiada numa figura de linguagem expressa graficamente, figura essa denominada:

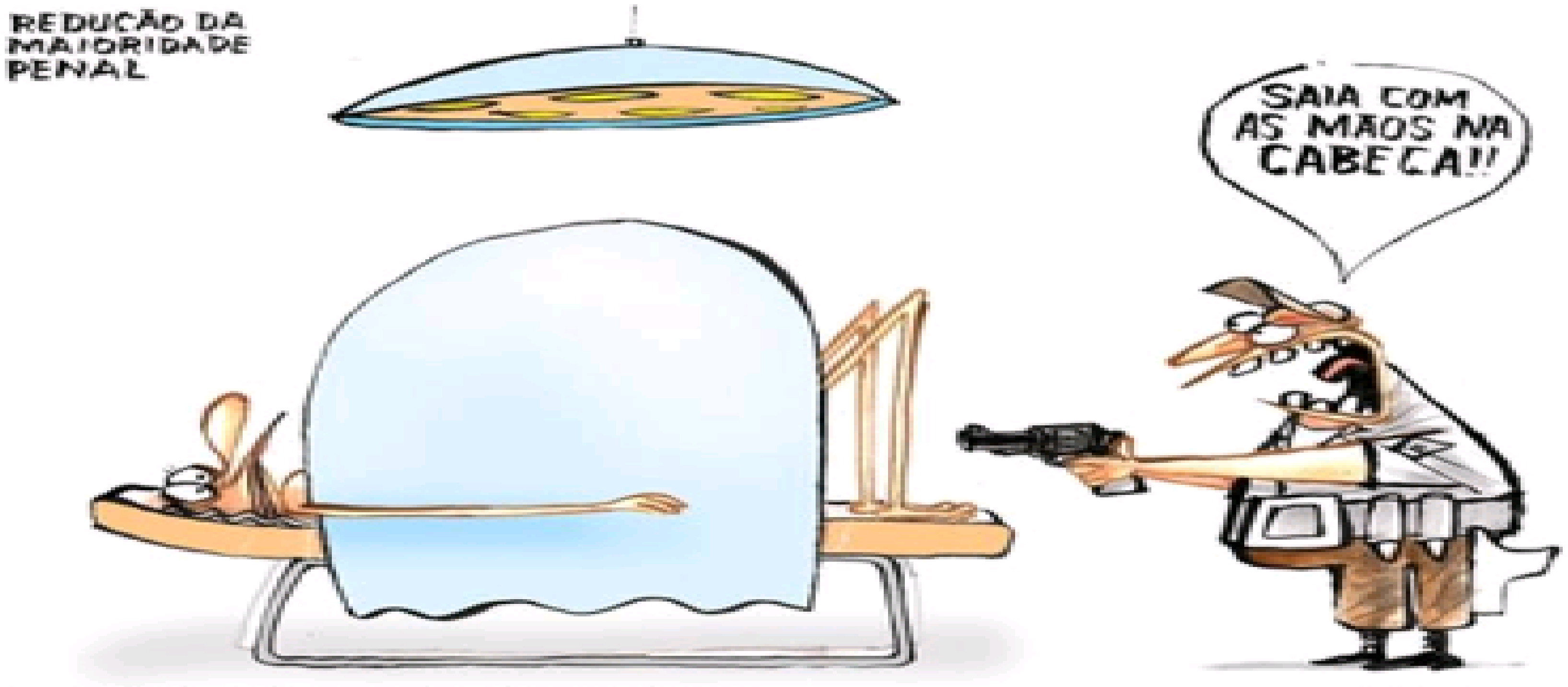
REDUÇÃO DA MAIORIDADE PENAL
SAIA COM AS MÃOS NA CABEÇA!!
JOTA·A

CHARGEONLINE.com.br - © Copyright do autor

(A) metáfora;
(B) metonímia;
(C) hipérbole;
(D) pleonasmo;
(E) catacrese.

FGV 2015 - SEFAZ / Niterói

Texto 1 – A locomotiva desacelera

Desde a virada do século, a China cumpre o papel de locomotiva da economia mundial. Agora, porém, a locomotiva desacelera, talvez bruscamente, encerrando um longo ciclo que se caracterizou pelo *boom* das *commodities* e, ainda, por uma expansão acelerada das chamadas “economias emergentes”. Descortina-se uma nova paisagem econômica e geopolítica.

1 O título dado ao texto 1 exemplifica linguagem figurada; nesse título ocorre:

(A) uma comparação, a partir de uma semelhança, entre a China e uma locomotiva;
(B) uma substituição eufemística da palavra “China” pela palavra “locomotiva”;
(C) um evidente exagero ao mostrar a velocidade da economia chinesa em comparação com a das modernas locomotivas;
(D) uma maneira atenuada de referir-se à decadência da economia chinesa com o verbo “desacelerar”;
(E) uma substituição da palavra “maquinista” pela palavra “locomotiva”.

FUNRIO 2014 – Prefeitura de Maricá - Administrador

Questão 08___________

Na oração “Por sua cabeça passam **mil e uma** questões”, o numeral tem seu sentido original modificado, pois uma quantidade certa está empregada para expressar uma indeterminação exagerada. Recorde-se, agora, de que a exageração de uma ideia dá origem a uma conhecida figura de linguagem. Assinale a alternativa em que se utiliza tal figura:

A) Lemos Machado de Assis nas aulas de literatura brasileira.
B) Por estar com sede, bebeu três copos.
C) Eu, parece-me que vou mal.
D) A liberdade concedida não deixa de ser uma forma de prisão.
E) A cidade amanheceu debaixo d’água.

FUNIVERSA 2008 – Ministério Público do Estado de Goiás

QUESTÃO 5 ___________________

Diz-se que há personificação quando houver atribuição de sentimentos, traços psicológicos e(ou) comportamento humanos a seres inanimados e a animais. Assinale a alternativa que apresenta exemplo de personificação.

(A) “de mãos dadas, marcharemos todos pela vida verdadeira”.

(B) “as janelas devem permanecer, o dia inteiro, abertas para o verde onde cresce a esperança”.

(C) “o homem confiará no homem como a palmeira confia no vento”.

(D) “o lobo e o cordeiro pastarão juntos”.

(E) “Fica decretado, por definição, que o homem é um animal que ama”.

FUNIVERSA 2008 – Ministério Público de Goiás

1. Na frase “Mas que sobretudo tenha sempre o quente sabor da ternura.” o autor faz relacionamento entre planos sensoriais diferentes.

FUNIVERSA 2008 – Ministério do Turismo

QUESTÃO 6 ________________

A respeito do texto lido, assinale a alternativa correta.

(A) A figura de palavra conhecida como perífrase está ilustrada na frase “O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la.”.

(B) A frase “Ao sentir inveja, a região do córtex singulado anterior é ativada” é exemplo de linguagem figurada, com emprego da metonímia.

(C) A expressão “baixa autoestima” apresenta um contrassenso, um oxímoro, pois expressa um tipo de antítese.

CONSULPLAN 2014 – Prefeitura Municipal de Juatuba

Questão 04
“Vi, há tempo, um conhecido meu, que se tornou muito rico, sofreu horrorosamente na hora de comprar um quadro.” (5º§)

Essa frase contém um exemplo de figura de linguagem denominada

A) catacrese.
B) hipérbole.
C) pleonasmo.
D) metonímia.

CESPE 2008 – TCU (Analista de Controle Externo)

5. No texto, são exemplos de expressões de sentido conotativo, as quais seriam inadequadas para compor um texto técnico: “as aritméticas dos comerciantes desmaiariam” e “Queremos conter a metástase da globalização”.

CESPE 2006 – Agente Penitenciário Federal

2. A frase “Todo homem solitário é uma girafa” tem sentido figurado.
3. A frase “e com isso a aranha não contava” evidencia a atribuição de característica humana à aranha.

CESPE 2008 – TCU/ACE II (Analista de Controle Externo)

O dinheiro, mercadoria universal por excelência, produz uma nova metafísica da vida humana: alguns salários são *irrecusáveis*. Portanto certas ofertas, partindo de multinacionais capazes de concentrar capital suficiente para efetuá-las, selam o destino da vítima, assim como os desígnios de Deus determinaram o sacrifício do filho de Abraão.

Maria Rita Kehl. ***O fetichismo***. *In*: Emir Sader (Org.). **Sete pecados do capital**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Record, 1999.

24. A autora do texto vale-se de um aparente paradoxo para apresentar uma reflexão crítica acerca da sociedade capitalista.

CESPE 2003 – TJDFT (Analista Judiciário - Execução de mandados)

O sujeito pertence, evidentemente, a este mundo humano, o dos entes que povoam o cosmos. O sujeito é simplesmente uma realidade singular, datada no espaço e no tempo, que não dura muito mais do que as promessas de uma manhã. E se a norma, até mesmo em sua estabilidade, não consegue superar o seu estatuto radicalmente histórico, é no plano do indivíduo que tal historicidade ostenta a sua presença avassaladora.

Gerd Bornheim. ***O sujeito e a norma.*** In: Adauto Novaes (Org.).Ética. São Paulo: Cia. das Letras, 1992, p. 248 (com adaptações).

1. A expressão “que não dura muito mais do que as promessas de uma manhã” constitui uma figura de estilo com base nos efeitos da transgressão e da inversão de estruturas sintáticas.

CESPE 2003 – TJDFT (Analista Judiciário - Execução de mandados

Nem a sociedade justa, nem a Justiça corretamente vista, nem o Direito mesmo, o legítimo, nascem de um berço metafísico ou são presentes generosos dos deuses: eles brotam nas oposições, no conflito, no caminho penoso do progresso, com avanços e recuos, momentos solares e terríveis eclipses.

Roberto Lyra Filho. ***O que é Direito***. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 86 (com adaptações).

1. A expressão “momentos solares e terríveis eclipses” considera a natureza plurissignificativa das palavras e configura um recurso estilístico que tem base metafórica.

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

FIGURAS DE LINGUAGEM (COMO SÃO COBRADAS)

(PARTE IV)

SECULT/DF

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

Quanto à pontuação em "Já casado com a piauiense Maria Sena, que conhecera no Rio, conseguiu um emprego de contínuo na UnB." (linhas de 15 a 17), assinale a alternativa correta.

(A) Entre "piauiense" e "Maria Sena", poderia ter sido empregada uma vírgula.

(B) O emprego da vírgula, nas duas ocorrências, é obrigatório.

(C) O emprego da vírgula, nas duas ocorrências, é facultativo.

(D) O emprego da vírgula, nas duas ocorrências, é proibido.

(E) Antes de "na UnB" deveria ter sido empregada obrigatoriamente uma vírgula.

O bumba meu boi de seu Teodoro

Nas noites de bumba meu boi em São Vicente Ferrer (MA), onde nasceu, Teodoro Freire punha o pilão na rede em que dormia para disfarçar e saía de casa escondido. A mãe, que temia que o filho se machucasse em alguma confusão, um dia descobriu o truque e deu-lhe uma bronca. Ela foi aceitando aos poucos a participação de Teodoro em festas populares.

Aos 14, o rapaz foi sozinho para São Luís, onde trabalhou em quitanda, como estivador e porteiro. Em 1953, partiu para o Rio, atuou no comércio e organizou o bumba meu boi com a ajuda de um deputado conterrâneo.

Nos anos 60, ao se apresentar com seu grupo em Brasília, recebeu o convite, também de um político maranhense, para ficar na cidade. Já casado com a piauiense Maria Sena, que conhecera no Rio, conseguiu um emprego de contínuo na UnB. Ficaria na universidade, como conta a família, por 28 anos.

Desde 1963, dedicou-se ao bumba meu boi no Centro de Tradições Populares que fundou. Por causa de seu trabalho, recebeu do governo a ordem do mérito cultural em 2006. Ganhou ainda um documentário sobre sua vida.

BERTONI, Estêvão. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/21386-o-bumba-meu-boi-de-seu-teodoro.shtml>. Acesso em: 21/3/2014, com adaptações.

Do ponto de vista da tipologia textual, o texto apresentado classifica-se, predominantemente, como

(A) narrativo, pois relata, em uma sequência temporal, episódios da vida de Teodoro Freire.
(B) descritivo, pois faz um registro dos elementos que particularizam e caracterizam os seres retratados.
(C) dissertativo, pois apresenta uma análise crítica sobre o trabalho de Teodoro Freire com a cultura popular brasileira.
(D) narrativo, pois desenvolve uma reflexão sobre os aspectos que marcaram a vida de Teodoro Freire.
(E) dissertativo, pois apresenta um breve histórico da vinda de Teodoro Freire para Brasília.

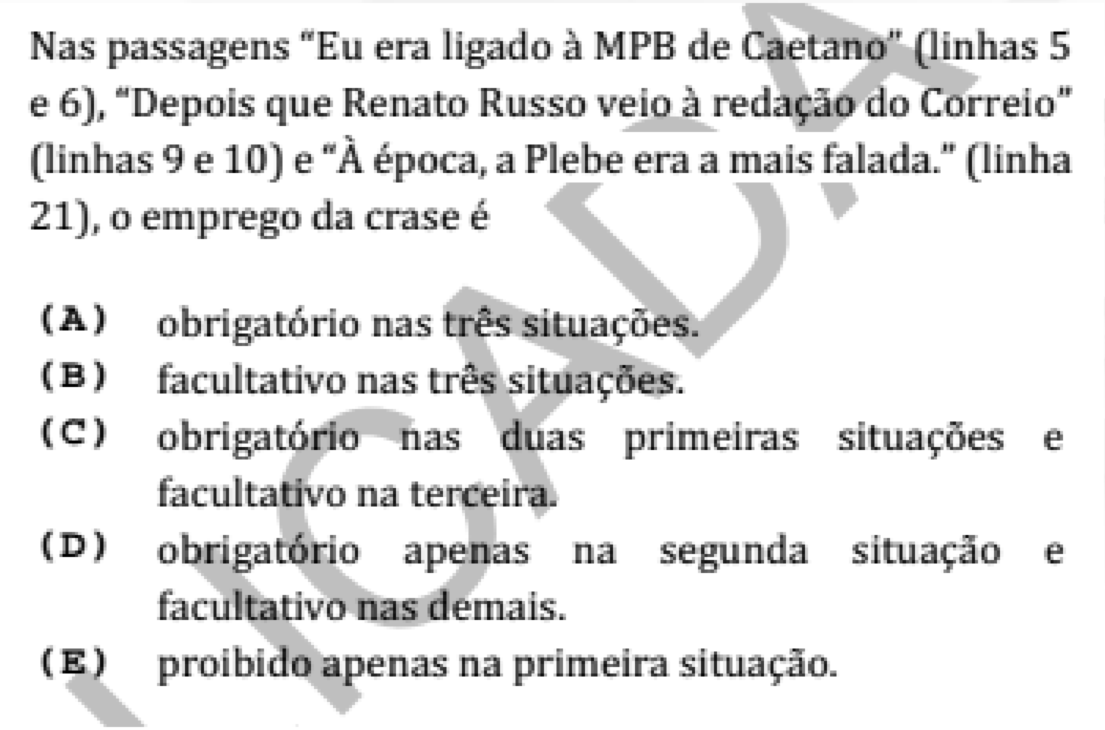

Nas passagens "Eu era ligado à MPB de Caetano" (linhas 5 e 6), "Depois que Renato Russo veio à redação do Correio" (linhas 9 e 10) e "À época, a Plebe era a mais falada." (linha 21), o emprego da crase é

(A) obrigatório nas três situações.
(B) facultativo nas três situações.
(C) obrigatório nas duas primeiras situações e facultativo na terceira.
(D) obrigatório apenas na segunda situação e facultativo nas demais.
(E) proibido apenas na primeira situação.

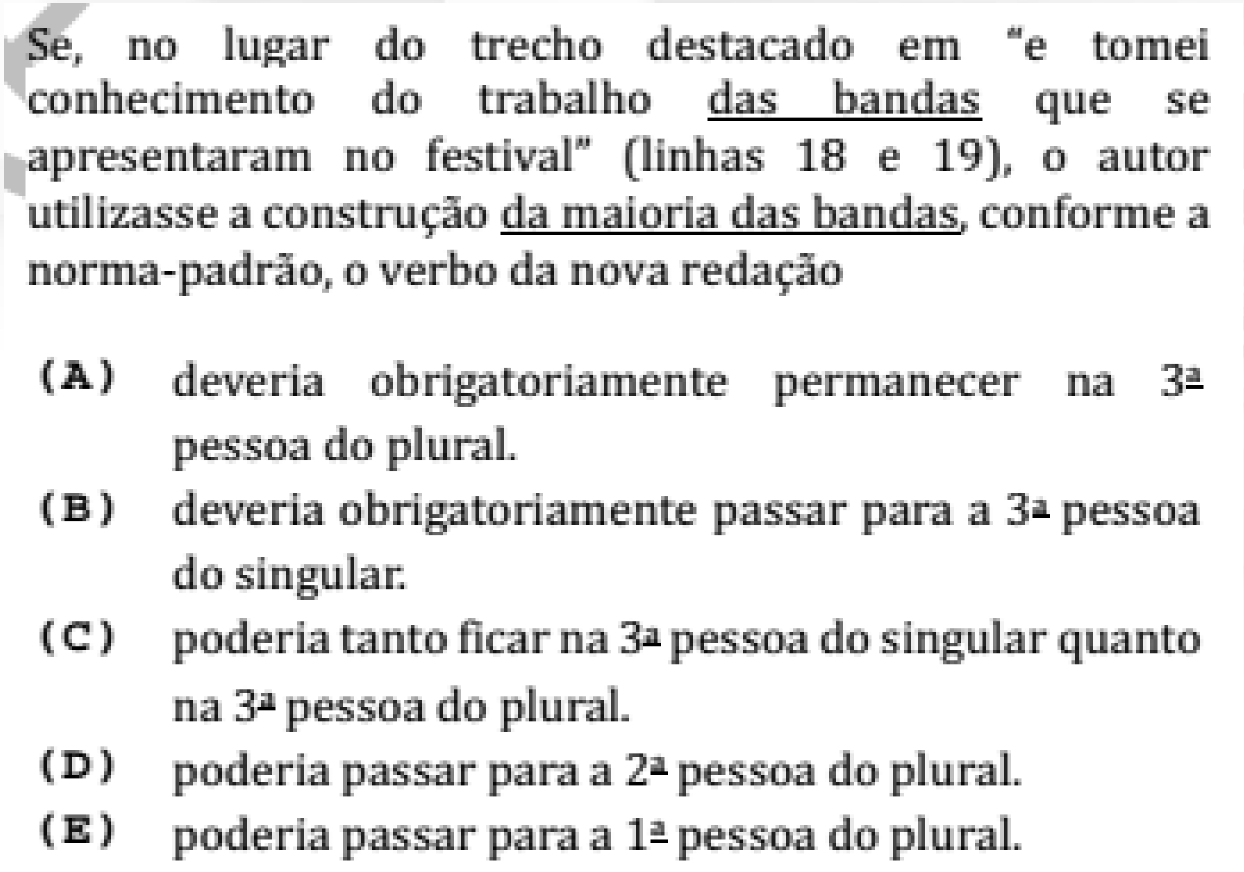

Se, no lugar do trecho destacado em "e tomei conhecimento do trabalho das bandas que se apresentaram no festival" (linhas 18 e 19), o autor utilizasse a construção da maioria das bandas, conforme a norma-padrão, o verbo da nova redação

(A) deveria obrigatoriamente permanecer na 3ª pessoa do plural.

(B) deveria obrigatoriamente passar para a 3ª pessoa do singular.

(C) poderia tanto ficar na 3ª pessoa do singular quanto na 3ª pessoa do plural.

(D) poderia passar para a 2ª pessoa do plural.

(E) poderia passar para a 1ª pessoa do plural.

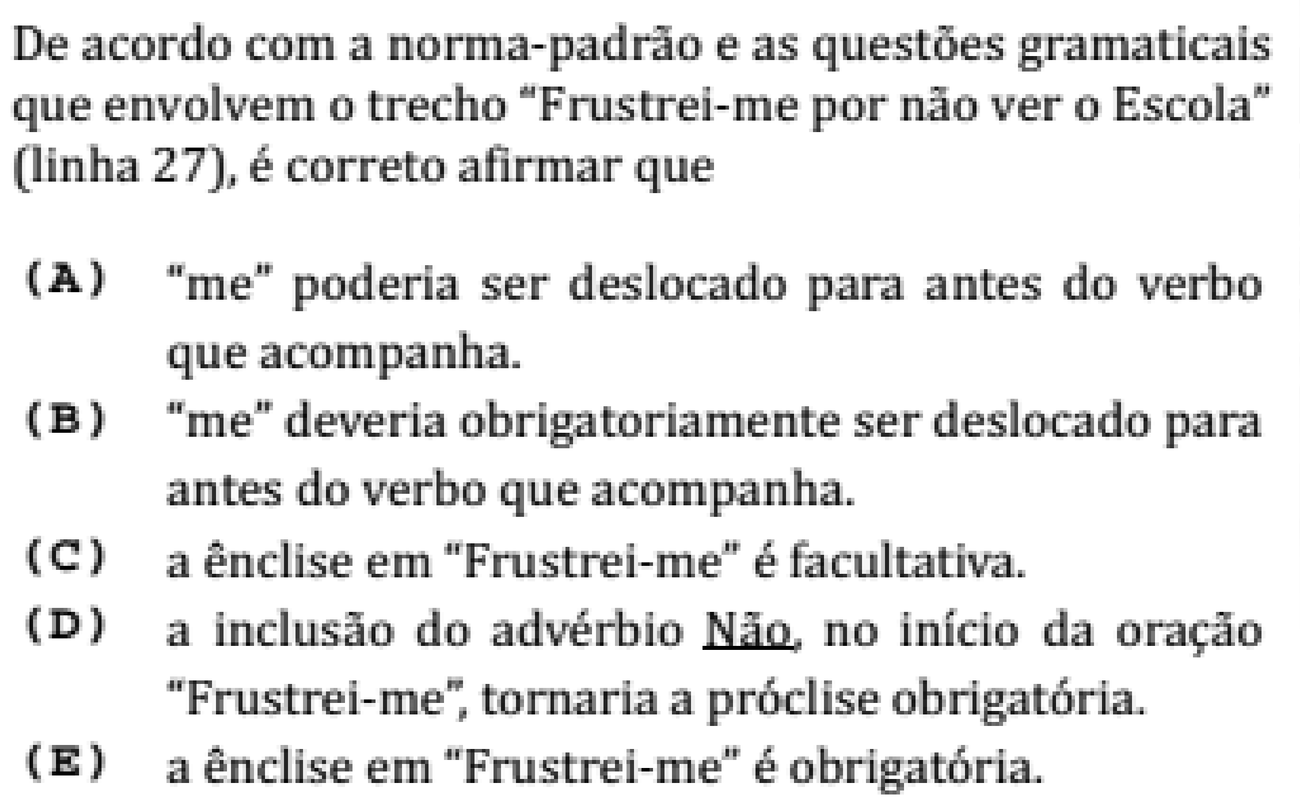

De acordo com a norma-padrão e as questões gramaticais que envolvem o trecho "Frustrei-me por não ver o Escola" (linha 27), é correto afirmar que

(A) "me" poderia ser deslocado para antes do verbo que acompanha.

(B) "me" deveria obrigatoriamente ser deslocado para antes do verbo que acompanha.

(C) a ênclise em "Frustrei-me" é facultativa.

(D) a inclusão do advérbio Não, no início da oração "Frustrei-me", tornaria a próclise obrigatória.

(E) a ênclise em "Frustrei-me" é obrigatória.

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

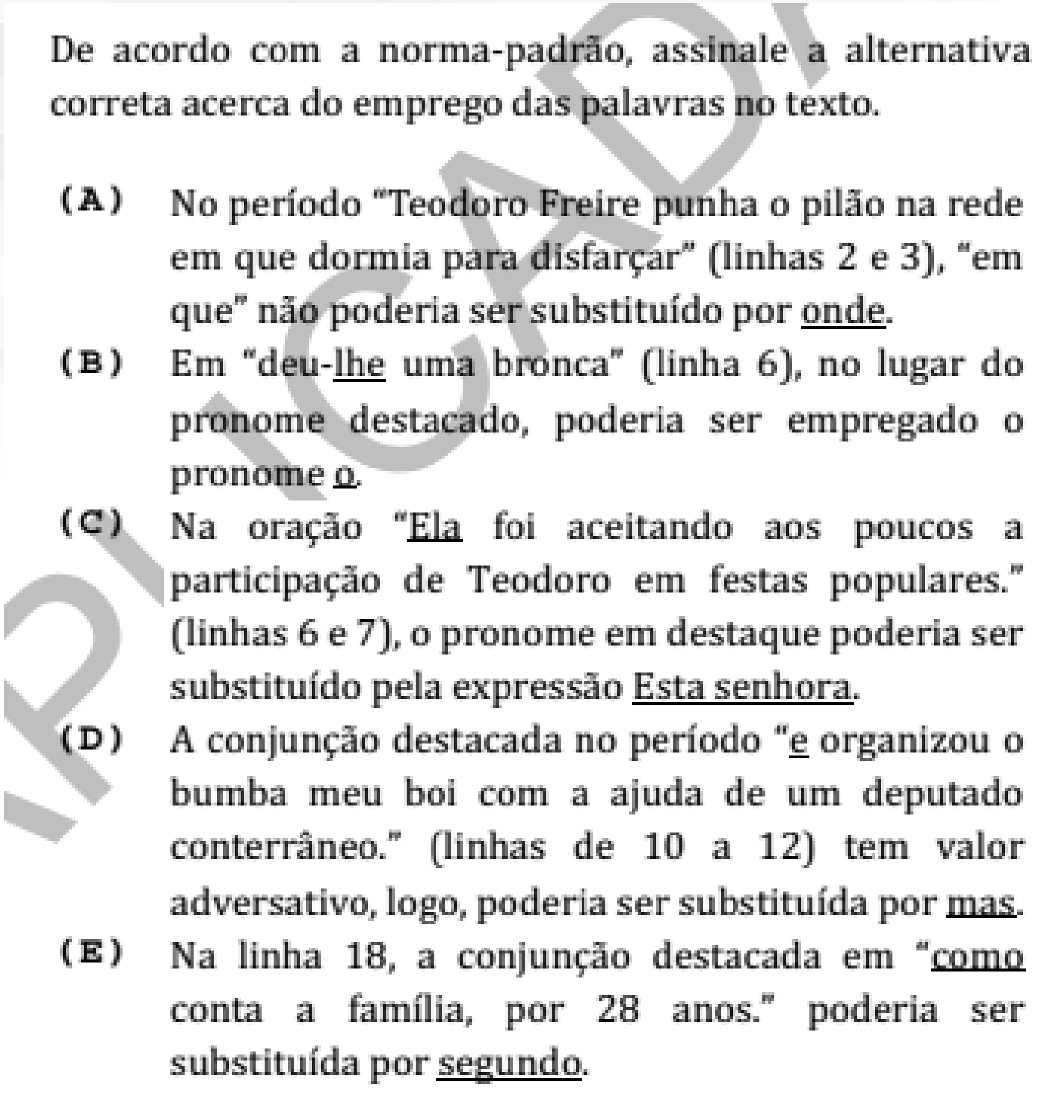

De acordo com a norma-padrão, assinale a alternativa correta acerca do emprego das palavras no texto.

(A) No período "Teodoro Freire punha o pilão na rede em que dormia para disfarçar" (linhas 2 e 3), "em que" não poderia ser substituído por onde.

(B) Em "deu-lhe uma bronca" (linha 6), no lugar do pronome destacado, poderia ser empregado o pronome o.

(C) Na oração "Ela foi aceitando aos poucos a participação de Teodoro em festas populares." (linhas 6 e 7), o pronome em destaque poderia ser substituído pela expressão Esta senhora.

(D) A conjunção destacada no período "e organizou o bumba meu boi com a ajuda de um deputado conterrâneo." (linhas de 10 a 12) tem valor adversativo, logo, poderia ser substituída por mas.

(E) Na linha 18, a conjunção destacada em "como conta a família, por 28 anos." poderia ser substituída por segundo.

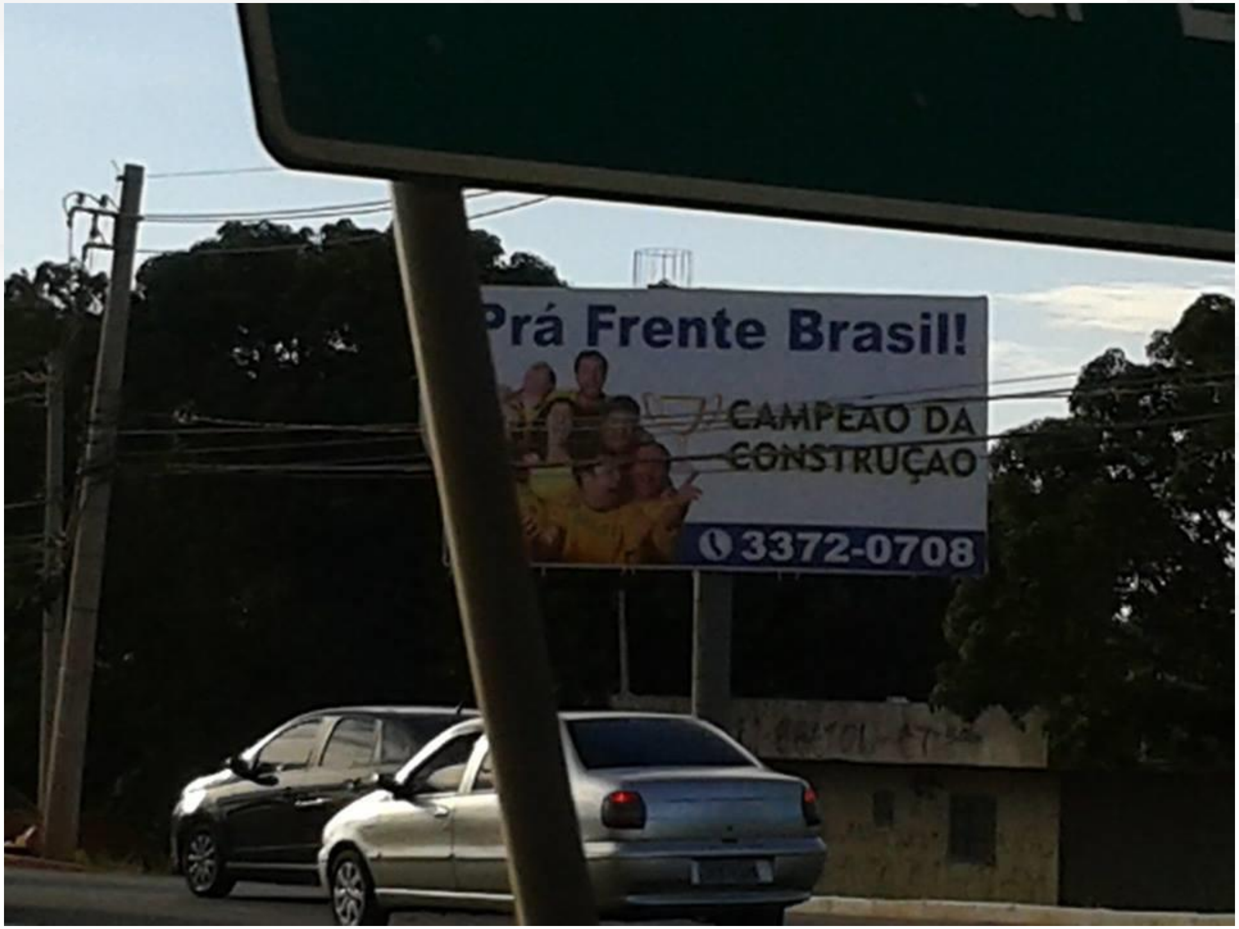
Prá Frente Brasil!
CAMPEAO DA
CONSTRUÇAO
3372-0708

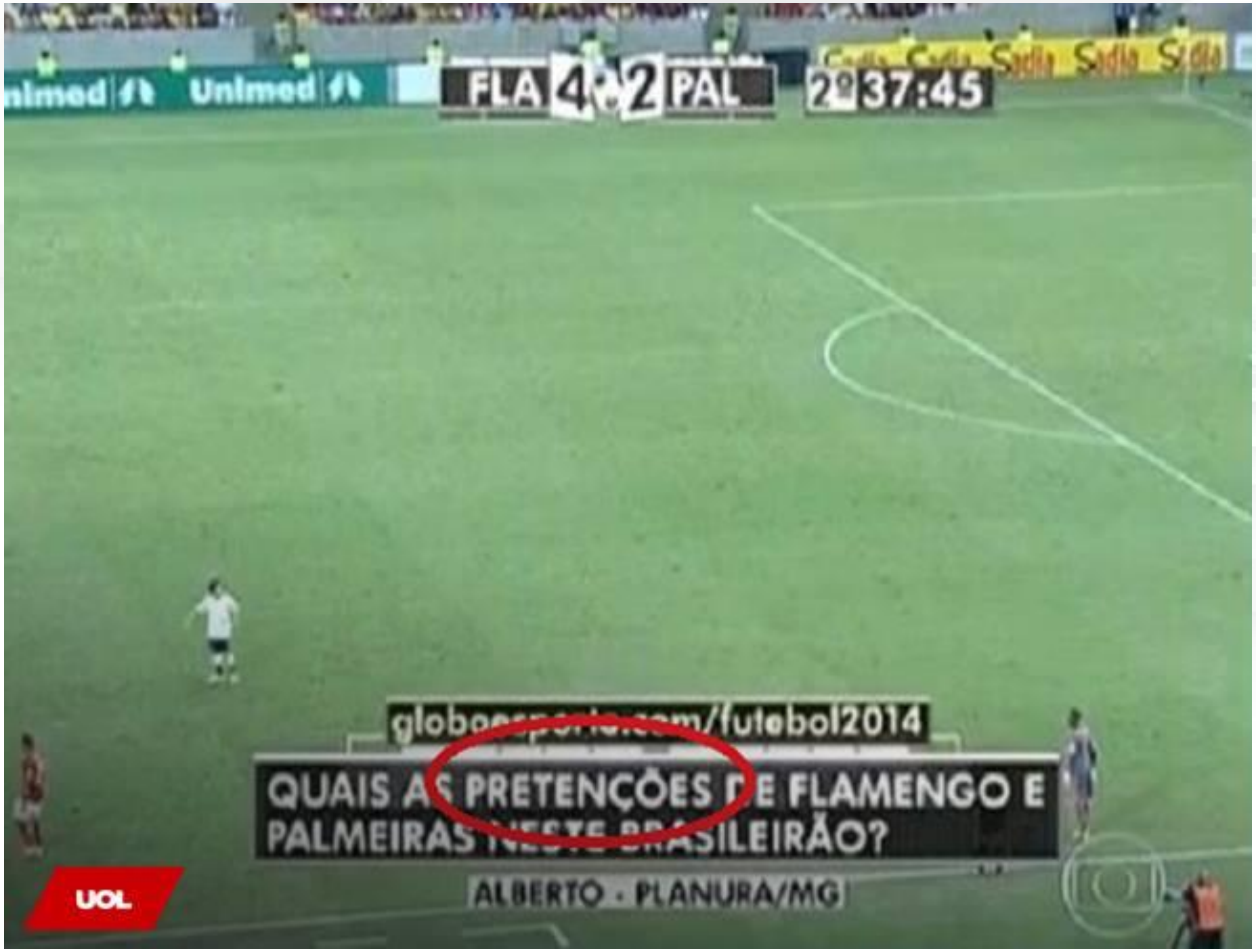
Unimed
FLA 4 2 PAL
2º 37:45
Sadia
UOL

globoesporte.com/futebol2014

QUAIS AS PRETENÇÕES DE FLAMENGO E PALMEIRAS NESTE BRASILEIRÃO?

ALBERTO - PLANURA/MG

ENEM

1. A biosfera, que reúne todos os ambientes onde se desenvolvem os seres vivos, se divide em unidades menores chamadas ecossistemas, que podem ser uma floresta, um deserto e até um lago. Um ecossistema tem múltiplos mecanismos que regulam o número de organismos dentro dele, controlando sua reprodução, crescimento e migrações.

DUARTE, M. O guia dos curiosos. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Predomina no texto a função da linguagem:

a)emotiva, porque o autor expressa seu sentimento em relação à ecologia.
b)fática, porque o texto testa o funcionamento do canal de comunicação.
c)poética, porque o texto chama a atenção para os recursos de linguagem.
d)conativa, porque o texto procura orientar comportamentos do leitor.
e)referencial, porque o texto trata de noções e informações conceituais.

Resposta correta: E

2.

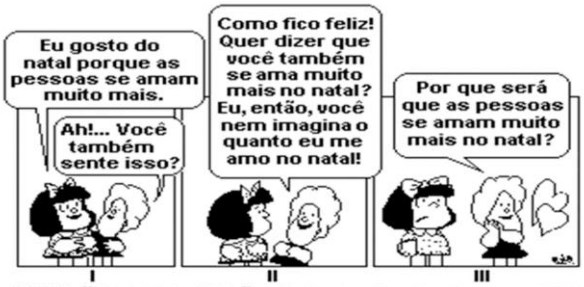
Eu gosto do natal porque as pessoas se amam muito mais.
Ah!... Você também sente isso?
Como fico feliz! Quer dizer que você também se ama muito mais no natal? Eu, então, você nem imagina o quanto eu me amo no natal!
Por que será que as pessoas se amam muito mais no natal?
I
II
III

(QUINO. "Mafalda inédita". São Paulo: Martins Fontes, 1993)

Observando as falas das personagens, analise o emprego do pronome **se** e o sentido que adquire no contexto. No contexto da narrativa, é correto afirmar que o pronome **se**,

a) em I, indica reflexividade e equivale a "a si mesmas".
b) em II, indica reciprocidade e equivale a "a si mesma".
c) em III, indica reciprocidade e equivale a "uma às outras".
d) em I e III, indica reciprocidade e equivale a "uma às outras".
e) em II e III, indica reflexividade e equivale a "a si mesma" e "a si mesmas", respectivamente.

Resposta correta: E

3. *Sentimental*

Ponho-me a escrever teu nome com letras de macarrão.
No prato, a sopa esfria, cheia de escamas
e debruçados na mesa todos contemplam
esse romântico trabalho.

Desgraçadamente falta uma letra, uma letra
somente para acabar teu nome!
— Está sonhando? Olhe que a sopa esfria!
Eu estava sonhando...
E há em todas as consciências este cartaz
amarelo: "Neste país é proibido sonhar."

ANDRADE, C. D. Seleta em Prosa e Verso.
Rio de Janeiro: Record, 1995.

Com base na leitura do poema, a respeito do uso e da predominância das funções da linguagem no texto de Drummond, pode-se afirmar que

a) por meio dos versos "Ponho-me a escrever teu nome" e "esse romântico trabalho", o poeta faz referências ao seu próprio ofício: o gesto de escrever poemas líricos.
b) a linguagem essencialmente poética que constitui os versos "No prato, a sopa esfria, cheia de escamas e debruçados na mesa todos contemplam" confere ao poema uma atmosfera irreal e impede o leitor de reconhecer no texto dados constitutivos de uma cena realista.
c) na primeira estrofe, o poeta constrói uma linguagem centrada na amada, receptora da mensagem, mas, na segunda, ele deixa de se dirigir a ela e passa a exprimir o que sente.
d) em "Eu estava sonhando...", o poeta demonstra que está mais preocupado em responder à pergunta feita anteriormente e, assim, dar continuidade ao diálogo com seus interlocutores do que em expressar algo sobre si mesmo.
e) no verso "Neste país é proibido sonhar.", o poeta abandona a linguagem poética para fazer uso da função referencial, informando sobre o conteúdo do "cartaz amarelo" (v.11) presente no local.

Resposta correta: A

4. Texto I

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra
(...)

ANDRADE, C. D. Reunião. Rio de Janeiro:
José Olympo, 1971 (fragmento).

Texto II

As lavadeiras de Mossoró, cada uma tem sua pedra no rio: cada pedra é herança de família, passando de mãe a filha, de filha a neta, como vão passando as águas no tempo (...) A lavadeira e a pedra formam um ente especial, que se divide e se reúne ao sabor do trabalho. Se a mulher entoa uma canção, percebe-se que nova pedra a acompanha em surdina...
(...)

ANDRADE, C. D. Contos sem propósito. Rio de
Janeiro: Jornal do Brasil,
Caderno B. 17/7/1979 (fragmento)

Com base na leitura dos textos, é possível estabelecer uma relação entre forma e conteúdo da palavra “pedra”, por meio da qual se observa

a) o emprego, em ambos os textos, do sentido conotativo da palavra “pedra”.
b) a identidade de significação, já que nos dois textos, “pedra” significa empecilho.
c) a personificação de “pedra” que, em ambos os textos, adquire características animadas.
d) o predomínio, no primeiro texto, do sentido denotativo de “pedra” como matéria mineral sólida e dura.
e) a utilização, no segundo texto, do significado de “pedra” como dificuldade materializada por um objeto.

Resposta correta: A

Figuras de Pensamento

Combinação de ideias e pensamentos.

Apóstrofe

Interpelação feita com ênfase (dirigir a palavra)

→Oh céus, é preciso que a pandemia acabe logo.

Gradação

Apresentação de ideias que progridem (crescente ou decrescente)

→Dei um passo, apressei-me, corri.

Paradoxo

Ideias de sentido contrário.

→Estou cego de amor e vejo o quanto isso é bom.

Antítese

Termos com sentidos opostos.

→Toda guerra finaliza por onde deveria começar: a paz.

Personificação

Prosopopeia: atribui qualidades e sentimentos humanos a seres irracionais.

→O jardim olhava as crianças sem dizer nada.

Ironia

Diz o contrário do que se afirma.

→É tão inteligente que não acerta nada.

Litote

Suaviza uma ***ideia***.

→Não é que minhas companhias sejam más...

Eufemismo

Suaviza o ***discurso***.

→Entregou a alma a Deus...

Hipérbole

Exagero intencional.

→Quase morri de estudar.

C.Melo2020

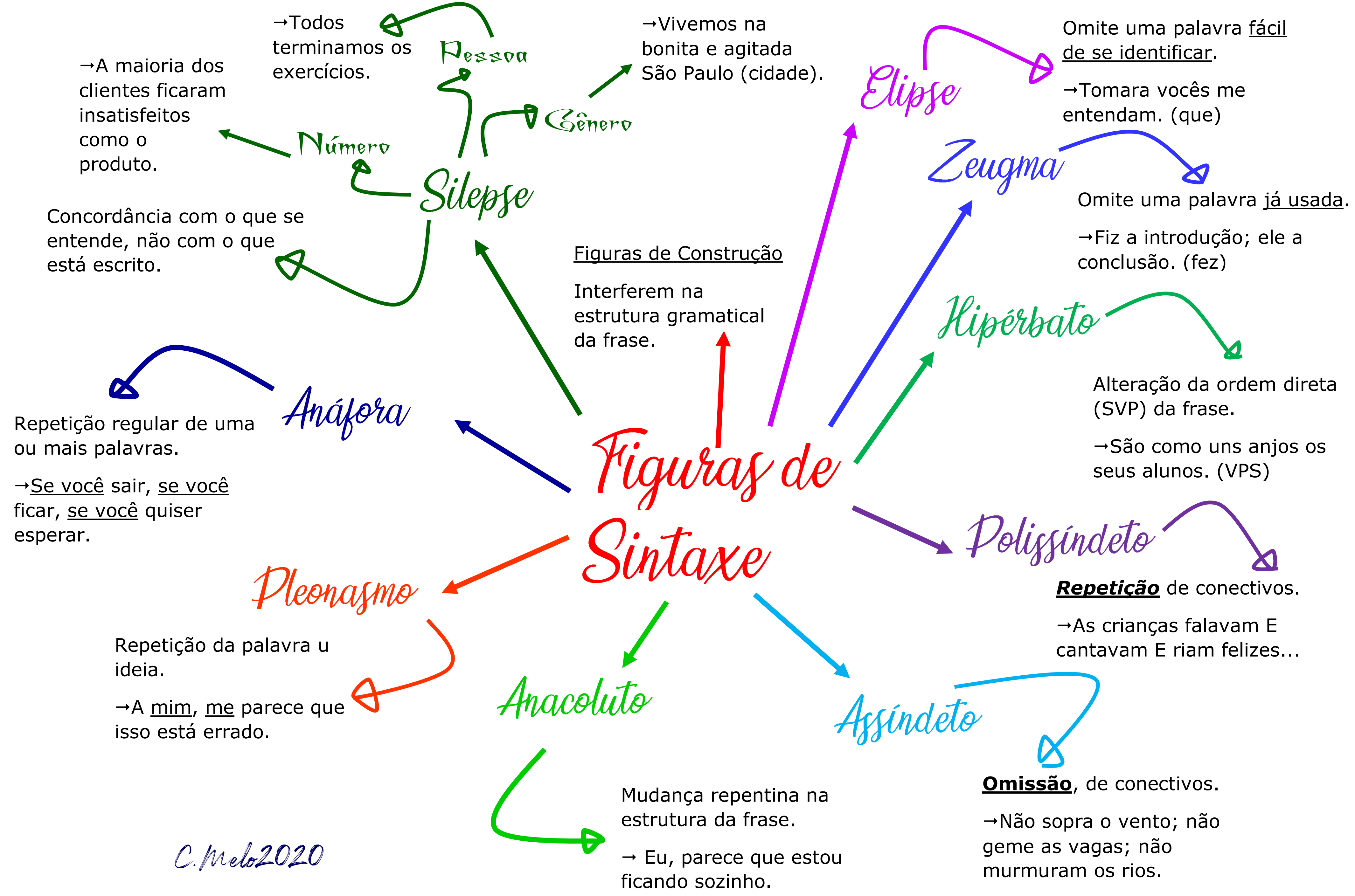

Figuras de Sintaxe

Figuras de Construção

Interferem na estrutura gramatical da frase.

Silepse

Concordância com o que se entende, não com o que está escrito.

Número

→A maioria dos clientes ficaram insatisfeitos como o produto.

Pessoa

→Todos terminamos os exercícios.

Gênero

→Vivemos na bonita e agitada São Paulo (cidade).

Elipse

Omite uma palavra fácil de se identificar.

→Tomara vocês me entendam. (que)

Zeugma

Omite uma palavra já usada.

→Fiz a introdução; ele a conclusão. (fez)

Hipérbato

Alteração da ordem direta (SVP) da frase.

→São como uns anjos os seus alunos. (VPS)

Polissíndeto

Repetição de conectivos.

→As crianças falavam E cantavam E riam felizes...

Assíndeto

Omissão, de conectivos.

→Não sopra o vento; não geme as vagas; não murmuram os rios.

Anacoluto

Mudança repentina na estrutura da frase.

→ Eu, parece que estou ficando sozinho.

Pleonasmo

Repetição da palavra u ideia.

→A mim, me parece que isso está errado.

Anáfora

Repetição regular de uma ou mais palavras.

→Se você sair, se você ficar, se você quiser esperar.

C.Melo2020

Figuras de Semântica

Figuras de Linguagem

Recursos estilísticos usados para dar maior ênfase à comunicação e torná-la mais bonita: figuras de semântica, pensamento, sintaxe e harmonia.

Associadas ao significado das palavras. **Figuras de palavras**

Sinestesia

Associação de sensações por órgãos de sentido diferentes.

→Com aqueles olhos frios, disse que não a amava mais.

Perífrase

Substituição de uma palavra por outra que a identifique. ***Coisa/objeto***

→O rugido do rei das selvas é ouvido a uma distância de 8km.

Antonomásia

Substituição de uma palavra por outra que a identifique. ***Pessoa***

→A rainha dos baixinhos fez uma live.

Catacrese

Emprego impróprio de uma palavra por falta de outra.

→Embarcou há pouco no avião (embarcar = barco)

Metonímia

Transposição de significados (todo pela parte)

→Costumava ler Shakespeare

Comparação

Explícita:

utiliza conectivos comparativos → como, assim, tal qual, etc.

→ Seus olhos são como jaboticabas.

Metáfora

Comparação indireta: NÃO UTILIZA CONECTIVOS COMPARATIVOS

→ A vida é uma nuvem que voa.

C.Melo2020

Figuras de Harmonia

Figuras de Som

Estão associadas à sonoridade das palavras.

Onomatopeia

Palavras que imitam sons

→Não aguento o tic-tac desse relógio.

Aliteração

Repetição de sons **consonantais**.

→O rato roeu a roupa do rei de Roma (repetição do R).

Assonância

Repetição de sons **vocálicos.**

→O que o vago e incógnito desejo (repetição do O)

De ser eu mesmo de meu ser me deu (repetição do E)

Paronomásia

Repetição de palavras cujos sons são parecidos.

→O cavaleiro, muito cavalheiro, conquistou a donzela.

C.Melo2020

PORTUGUÊS

Ortografia

Parônimos e Homônimos

Profª. Isabel Vega

Parônimos e Homônimos

1) Parônimo – palavra cujos fonemas podem se confundir com os de outra(s), por razões etimológicas ou simplesmente tônicas.

Ex.: deferir (atender ao solicitado) e diferir (discordar)

cavalheiro (educado, gentil) e cavaleiro (que cavalga)

emigrar (sair do país) e imigrar (entrar no país)

Parônimos e Homônimos

Questão:

Estão corretamente empregados os homônimos destacados em negrito no seguinte período: ***A administração de um medicamento raramente prescrito no Brasil acabou de ser proscrita nos EUA*****.**

(   ) Certo   (   ) Errado

Parônimos e Homônimos

2) Homônimos - palavras com a grafia e/ou com a pronúncia iguais.

a) homógrafos – mesma grafia

Ex.: almoço (substantivo) e almoço (verbo)

b) homófonos – mesma pronúncia

Ex.: conserto e concerto (substantivos ou verbos)

c) perfeitos – mesma grafia e pronúncia

Ex.: manga (parte da roupa) e manga (fruta)

Parônimos e Homônimos

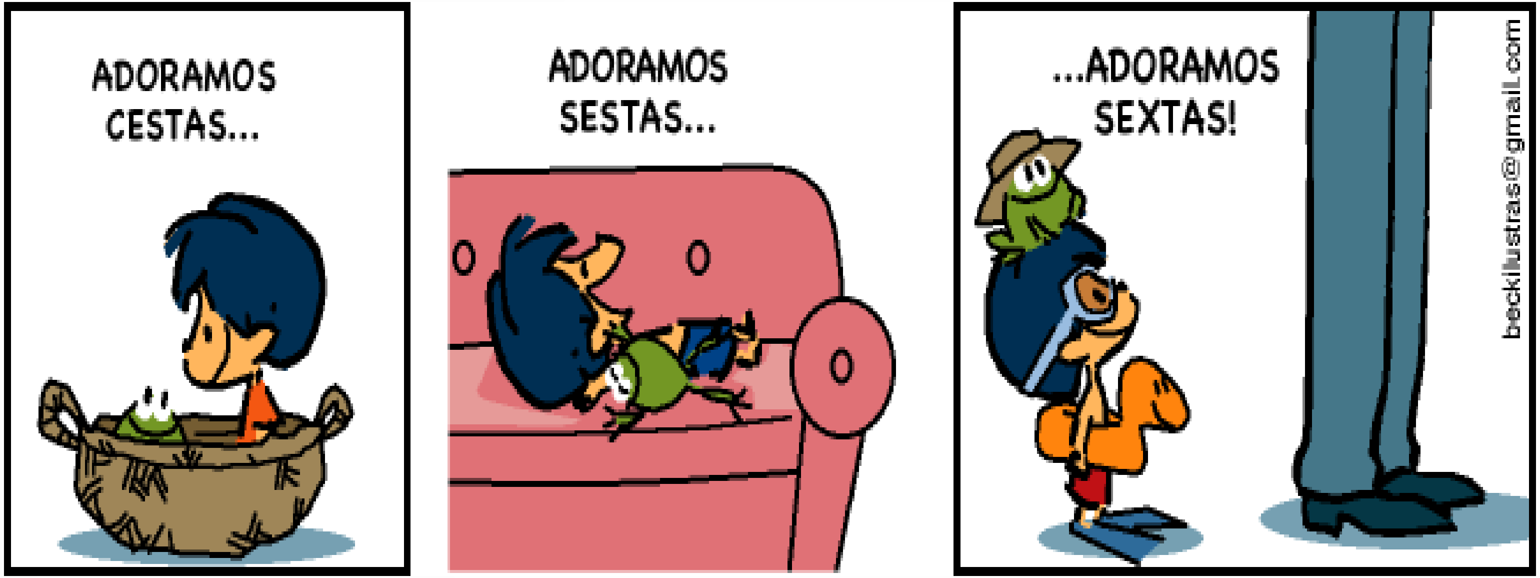
ADORAMOS CESTAS...
ADORAMOS SESTAS...
...ADORAMOS SEXTAS!
beckilustras@gmaiL.com

Arcadismo

Contexto Histórico

Na Europa

- ☆ Ascenção do Iluminismo;
- ☆ Racionalismo, progresso, ciências;
- ☆ América do Norte – independência dos Estados Unidos (1776);
- ☆ Aristocracia em declínio;
- ☆ Nova organização econômica liderada pelo pensamento burguês.
- ☆ Fim das grandes navegações.

Em Portugal

- ☆ Fase de transformação e renovação após a Guerra da Restauração – independência do país que estava sob domínio espanhol;
- ☆ Reestruturação econômica, política e social;
- ☆ Reformas no campo da educação.
- ☆ Incentivo aos estudos científicos.

No Brasil

- ☆ Ciclo do ouro – Vila Rica (Ouro Preto);
- ☆ Abusos políticos;
- ☆ Cobrança de altas taxas e impostos - Derrama;
- ☆ Leis que prejudicavam o desenvolvimento industrial e comercial do Brasil;
- ☆ Inconfidência Mineira.

Características

- ✓ Exaltação da natureza – beleza, tranquilidade, contemplação da vida simples;
- ✓ Inspiração Greco-romana – perfeição, equilíbrio, beleza e simplicidade;
- ✓ Exaltação do homem puro – exaltavam a beleza, ingenuidade e pureza do homem primitivo, não corroído pelos padrões sociais.

Manifestações

Em Portugal

1756 -1825

Arcádia Lusitana: sociedade poética sobre Arte e Literatura.

Manuel Maria Barbosa du Bocage (Elmano Sadino): considerado o melhor escritor português do séc. XVIII, e um dos maiores sonetistas da literatura portuguesa. Poesia lírica, satírica e erótica.

António Dinis da Cruz e Silva (Elpino Nonacriense): um dos autores que mais se esforçou para difundir o ideal clássico de pureza, equilíbrio e bom gosto que ia contra os excessos do barroco.

No Brasil

1768-1808

#Satírico: críticas ferozes indiretamente voltadas ao governador de Minas Gerais, Luís da Cunha Menezes.
Cartas Chilenas: Tomás Antonio Gonzaga.

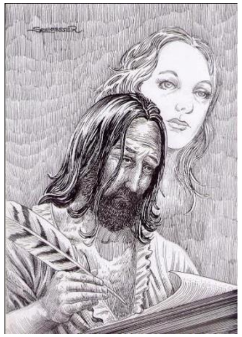

Épico:
O Uraguai: Basílio da Gama – Critica drasticamente os jesuítas (defendiam os direitos dos índios para ser eles mesmos seus senhores);
Caramuru: Santa Rita Durão – Poema épico do descobrimento da Bahia, remonta ao tempo em que os primeiros europeus chegaram ao Brasil e travaram contato com os nativos.

Lírico: Tomás Antônio Gonzaga e Cláudio Manoel da Costa.
Carpe Diem: aproveitar o presente para contemplar a realidade, sem se preocupar com o futuro;
Fugere Urbem: a cidade não era ambiente ideal para viver; fuga da urbanidade;
Locus Amoenus: o campo, ambiente bucólico, é o ideal para o homem;
Aurea Mediocritas: o homem mediano é aquele que alcança a felicidade, não devendo procurar riquezas e posses em vida;
Inutilia Truncat: "tirar o inútil" da poesia (excesso de rebuscamento formal).

C.Melo2020

GÊNEROS LITERÁRIOS
& FORMAS LITERÁRIAS

FORMAS LITERÁRIAS

As obras literárias são classificadas em vários grupos que correspondem à sua estrutura de composição e à forma como se apresentam, revelando a atitude do escritor perante a realidade artística que está criando.
No que diz respeito à forma, a Literatura pode-se manifestar em prosa e verso. Observe os textos abaixo:

> *"Escorraçada de toda parte, vivendo sempre esfomeada, tendo de subsistir sem morada certa, apunhalada aqui, estrangulada ali, não desejada em verdade a não ser por uns poucos e loucos humanistas e revolucionários através da história, é ridículo se representar a liberdade como uma mulher bela, um facho eternamente aceso na mão, os traços finos, a fisionomia tranqüila e altiva. A liberdade é um cachorro vira-lata." (Millôr Fernandes)*

Prosa: Linguagem contínua, não fragmentada, disposta em parágrafos. Crônicas, romances, reportagens, cartas, fábulas, dissertações, ... são exemplos de textos escritos em prosa.

Cantiga pra não morrer
Quando você for se embora,
moça branca como a neve,
me leve.

Se acaso você não possa
➥ Verso = linha do poema
me carregar pela mão,
menina branca de neve,
me leve no coração.

Se no coração não possa
por acaso me levar,
moça de sonho e de neve,
me leve no seu lembrar.

E se aí também não possa
por tanta coisa que leve
já viva em seu pensamento,
menina branca de neve,
me leve no esquecimento.
Moça de sonho e de neve,
me leve no esquecimento.
(Ferreira Gullar)

Verso: texto organizado em linhas descontínuas chamadas "versos" dispostos em estrofes; possui ritmo e, por vezes, rimas. A linguagem é subjetiva, expressando sentimentos.

GÊNEROS LITERÁRIOS

De todas as produções artísticas do Ocidente, a de maior valor significativo foi a desenvolvida na Grécia entre os séculos V a.C. ao V d.C., pois foi neste período que se criaram todos os padrões, inclusive os denominados gêneros literários, e todos os outros que nortearam as demais criações de todos os tempos.

O termo "gênero" origina-se do latim *genus, eris*, que significa nascimento, descendência, origem, família e refere-se a um conjunto de características temáticas e formais intrínsecas às manifestações literárias.

Aristóteles, filósofo grego, propôs a divisão dos textos literários em três grandes categorias: épico, lírico e dramático. Atualmente, os estudiosos optam por classificá-los em: narrativo, dramático e lírico, visto que não se prioriza mais o gênero épico.

Importante lembrar que essa tripartição, perfeita e lógica em sua essência, contudo, pode tornar-se discutível e até errônea na prática, quando aplicada rigidamente a determinadas obras. Em algumas obras, predominará um gênero sobre o outro, mas nunca haverá a expressão pura de um só gênero.

Gênero Dramático

Drama, em grego, significa "ação". Segundo Aristóteles, o gênero dramático é aquele que imita a realidade por meio de personagens em ação, e não da narração. Por isso, em literatura, o termo *drama* identifica um texto destinado à representação. Nesse tipo de texto, as personagens vêm destacadas, suas falas ocorrem com a utilização de travessões e todas as ações vêm escritas entre parênteses. Uma obra dramática (ou peça teatral), no entanto, só adquire vida e revela a sua verdadeira natureza quando se materializa em uma encenação ou representação. Embora o texto seja vital, trata-se de uma criação híbrida que exige uma síntese de recursos diversos, envolvendo atores, encenadores, cenário, música, coreografia, etc. Uma peça de teatro, antes de ser representada é como uma partitura musical antes de sua execução.

Seus textos podem ser escritos em prosa e/ou verso. As modalidades mais comuns do teatro são a *tragédia*, a *comédia*, a *farsa* e o *auto*.

> CENA II: Jardim de Capuleto
>
> Entra Romeu
>
> Julieta – Ó Romeu, Romeu! Por que és Romeu? Renega teu pai e recusa teu nome; ou, se não quiseres, jura-me somente que me amas e não serei uma Capuleto.
>
> Romeu – (À parte) Continuarei a ouvi-la ou vou falar-lhe agora?
>
> Julieta – Somente teu nome é meu inimigo. Tu és, tu mesmo, sejas ou não um Montecchio. Que é um Montecchio? Não é mão, nem pé, nem braço, nem rosto, nem outra parte qualquer pertencente a um homem. Oh!

Sê outro nome! Que há em um nome? O que chamamos de rosa, com outro nome, exalaria o mesmo perfume tão agradável; e assim, Romeu, se não se chamasse Romeu, conservaria essa cara perfeição que possui sem o título. Romeu, despoja-te de teu nome e, em troca de teu nome, que não faz parte de ti, toma-me inteira!

Romeu – Tomo-te a palavra. Chama-me somente "amor" e serei de novo batizado. Daqui para diante, jamais serei Romeu.

GÊNEROS LITERÁRIOS & FORMAS LITERÁRIAS

FORMAS LITERÁRIAS

As obras literárias são classificadas em vários grupos que correspondem à sua estrutura de composição e à forma como se apresentam, revelando a atitude do escritor perante a realidade artística que está criando.

No que diz respeito à forma, a Literatura pode-se manifestar em prosa e verso. Observe os textos abaixo:

> *"Escorraçada de toda parte, vivendo sempre esfomeada, tendo de subsistir sem morada certa, apunhalada aqui, estrangulada ali, não desejada em verdade a não ser por uns poucos e loucos humanistas e revolucionários através da história, é ridículo se representar a liberdade como uma mulher bela, um facho eternamente aceso na mão, os traços finos, a fisionomia tranqüila e altiva. A liberdade é um cachorro vira-lata." (Millôr Fernandes)*

Prosa: Linguagem contínua, não fragmentada, disposta em parágrafos. Crônicas, romances, reportagens, cartas, fábulas, dissertações, ... são exemplos de textos escritos em prosa.

Cantiga pra não morrer

Quando você for se embora,
moça branca como a neve,
me leve.

Se acaso você não possa
➥ Verso = linha do poema
me carregar pela mão,
menina branca de neve,
me leve no coração.

Se no coração não possa
por acaso me levar,
moça de sonho e de neve,
me leve no seu lembrar.

E se aí também não possa
por tanta coisa que leve
já viva em seu pensamento,
menina branca de neve,
me leve no esquecimento.
Moça de sonho e de neve,
me leve no esquecimento.
(Ferreira Gullar)

Verso: texto organizado em linhas descontínuas chamadas "versos" dispostos em estrofes; possui ritmo e, por vezes, rimas. A linguagem é subjetiva, expressando sentimentos.

GÊNEROS LITERÁRIOS

De todas as produções artísticas do Ocidente, a de maior valor significativo foi a desenvolvida na Grécia entre os séculos V a.C. ao V d.C., pois foi neste período que se criaram todos os padrões, inclusive os denominados gêneros literários, e todos os outros que nortearam as demais criações de todos os tempos.

O termo "gênero" origina-se do latim *genus, eris*, que significa nascimento, descendência, origem, família e refere-se a um conjunto de características temáticas e formais intrínsecas às manifestações literárias.

Aristóteles, filósofo grego, propôs a divisão dos textos literários em três grandes categorias: épico, lírico e dramático. Atualmente, os estudiosos optam por classificá-los em: narrativo, dramático e lírico, visto que não se prioriza mais o gênero épico.

Importante lembrar que essa tripartição, perfeita e lógica em sua essência, contudo, pode tornar-se discutível e até errônea na prática, quando aplicada rigidamente a determinadas obras. Em algumas obras, predominará um gênero sobre o outro, mas nunca haverá a expressão pura de um só gênero.

Gênero Dramático

Drama, em grego, significa "ação". Segundo Aristóteles, o gênero dramático é aquele que imita a realidade por meio de personagens em ação, e não da narração. Por isso, em literatura, o termo *drama* identifica um texto destinado à representação. Nesse tipo de texto, as personagens vêm destacadas, suas falas ocorrem com a utilização de travessões e todas as ações vêm escritas entre parênteses. Uma obra dramática (ou peça teatral), no entanto, só adquire vida e revela a sua verdadeira natureza quando se materializa em uma encenação ou representação. Embora o texto seja vital, trata-se de uma criação híbrida que exige uma síntese de recursos diversos, envolvendo atores, encenadores, cenário, música, coreografia, etc. Uma peça de teatro, antes de ser representada é como uma partitura musical antes de sua execução.

Seus textos podem ser escritos em prosa e/ou verso. As modalidades mais comuns do teatro são a *tragédia*, a *comédia*, a *farsa* e o *auto*.

> CENA II: Jardim de Capuleto
>
> Entra Romeu
>
> **Julieta** – Ó Romeu, Romeu! Por que és Romeu? Renega teu pai e recusa teu nome; ou, se não quiseres, jura-me somente que me amas e não serei uma Capuleto.
>
> **Romeu** – (À parte) Continuarei a ouvi-la ou vou falar-lhe agora?
>
> **Julieta** – Somente teu nome é meu inimigo. Tu és, tu mesmo, sejas ou não um Montecchio. Que é um Montecchio? Não é mão, nem pé, nem braço, nem rosto, nem outra parte qualquer pertencente a um homem. Oh!

Sê outro nome! Que há em um nome? O que chamamos de rosa, com outro nome, exalaria o mesmo perfume tão agradável; e assim, Romeu, se não se chamasse Romeu, conservaria essa cara perfeição que possui sem o título. Romeu, despoja-te de teu nome e, em troca de teu nome, que não faz parte de ti, toma-me inteira!

Romeu – Tomo-te a palavra. Chama-me somente "amor" e serei de novo batizado. Daqui para diante, jamais serei Romeu.

ADRIANA
FIGUEIREDO
CURSOS

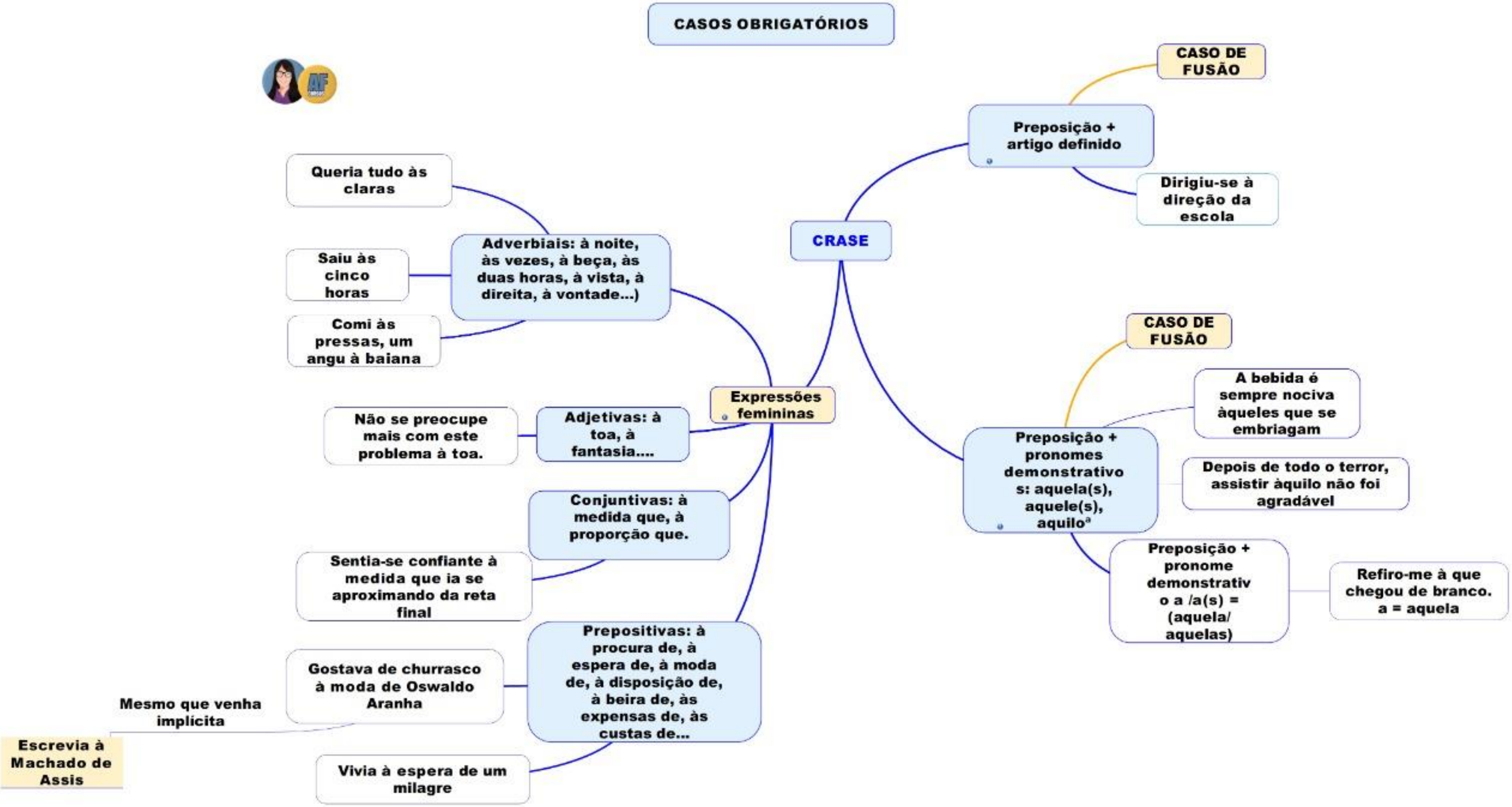

CASOS OBRIGATÓRIOS

CRASE

- Preposição + artigo definido
  - CASO DE FUSÃO
  - Dirigiu-se à direção da escola
- Preposição + pronomes demonstrativos: aquela(s), aquele(s), aquilo
  - CASO DE FUSÃO
  - A bebida é sempre nociva àqueles que se embriagam
  - Depois de todo o terror, assistir àquilo não foi agradável
  - Preposição + pronome demonstrativo a /a(s) = (aquela/ aquelas)
    - Refiro-me à que chegou de branco. a = aquela
- Expressões femininas
  - Adverbiais: à noite, às vezes, à beça, às duas horas, à vista, à direita, à vontade...)
    - Queria tudo às claras
    - Saiu às cinco horas
    - Comi às pressas, um angu à baiana
  - Adjetivas: à toa, à fantasia....
    - Não se preocupe mais com este problema à toa.
  - Conjuntivas: à medida que, à proporção que.
    - Sentia-se confiante à medida que ia se aproximando da reta final
  - Prepositivas: à procura de, à espera de, à moda de, à disposição de, à beira de, às expensas de, às custas de...
    - Gostava de churrasco à moda de Oswaldo Aranha
      - Mesmo que venha implícita
        - Escrevia à Machado de Assis
    - Vivia à espera de um milagre

CASOS PROIBIDOS

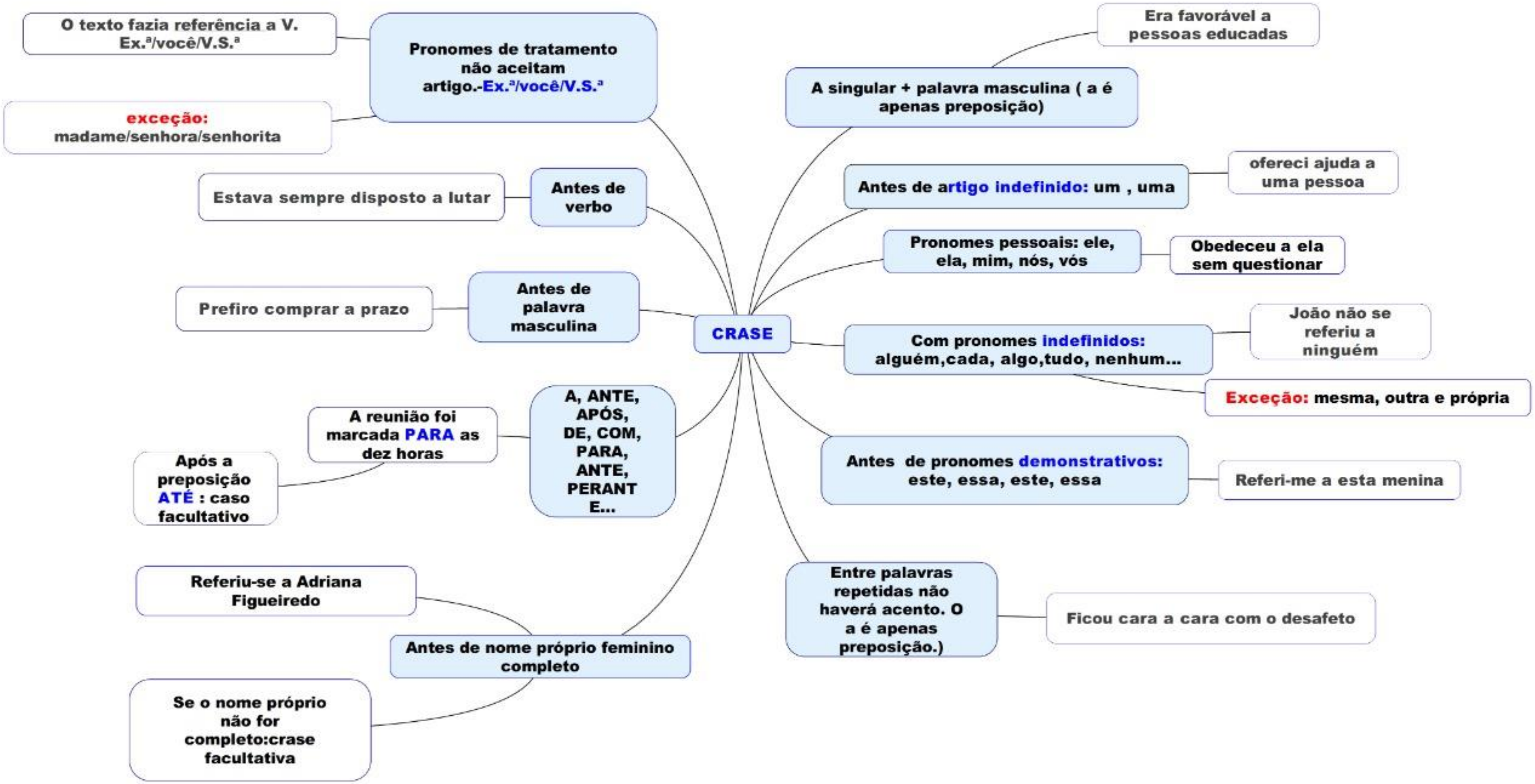

CRASE

- Pronomes de tratamento não aceitam artigo.-Ex.ª/você/V.S.ª
  - O texto fazia referência a V. Ex.ª/você/V.S.ª
  - exceção: madame/senhora/senhorita
- Antes de verbo
  - Estava sempre disposto a lutar
- Antes de palavra masculina
  - Prefiro comprar a prazo
- A, ANTE, APÓS, DE, COM, PARA, ANTE, PERANTE...
  - A reunião foi marcada PARA as dez horas
    - Após a preposição ATÉ : caso facultativo
- Antes de nome próprio feminino completo
  - Referiu-se a Adriana Figueiredo
  - Se o nome próprio não for completo:crase facultativa
- A singular + palavra masculina (a é apenas preposição)
  - Era favorável a pessoas educadas
- Antes de artigo indefinido: um , uma
  - ofereci ajuda a uma pessoa
- Pronomes pessoais: ele, ela, mim, nós, vós
  - Obedeceu a ela sem questionar
- Com pronomes indefinidos: alguém,cada, algo,tudo, nenhum...
  - João não se referiu a ninguém
  - Exceção: mesma, outra e própria
- Antes de pronomes demonstrativos: este, essa, este, essa
  - Referi-me a esta menina
- Entre palavras repetidas não haverá acento. O a é apenas preposição.)
  - Ficou cara a cara com o desafeto

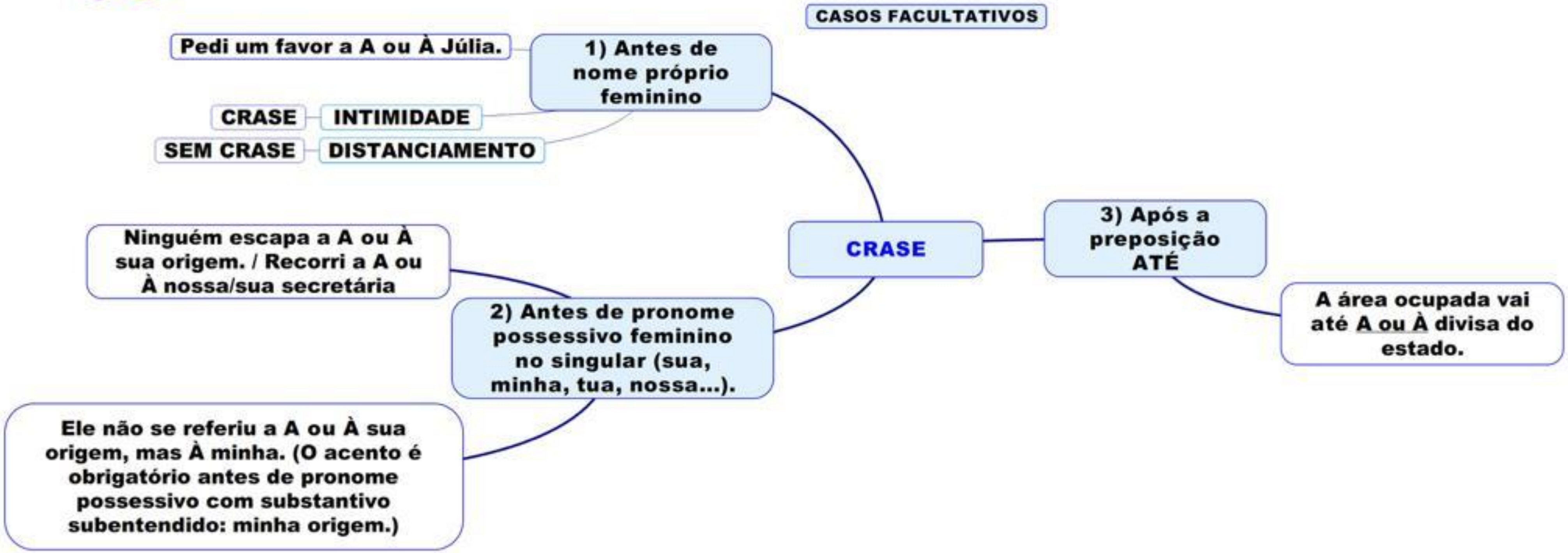

CASOS FACULTATIVOS

CRASE

1) Antes de nome próprio feminino

- Pedi um favor a A ou À Júlia.
- CRASE – INTIMIDADE
- SEM CRASE – DISTANCIAMENTO

2) Antes de pronome possessivo feminino no singular (sua, minha, tua, nossa...).

- Ninguém escapa a A ou À sua origem. / Recorri a A ou À nossa/sua secretária
- Ele não se referiu a A ou À sua origem, mas À minha. (O acento é obrigatório antes de pronome possessivo com substantivo subentendido: minha origem.)

3) Após a preposição ATÉ

- A área ocupada vai até A ou À divisa do estado.

CASOS ESPECIAIS

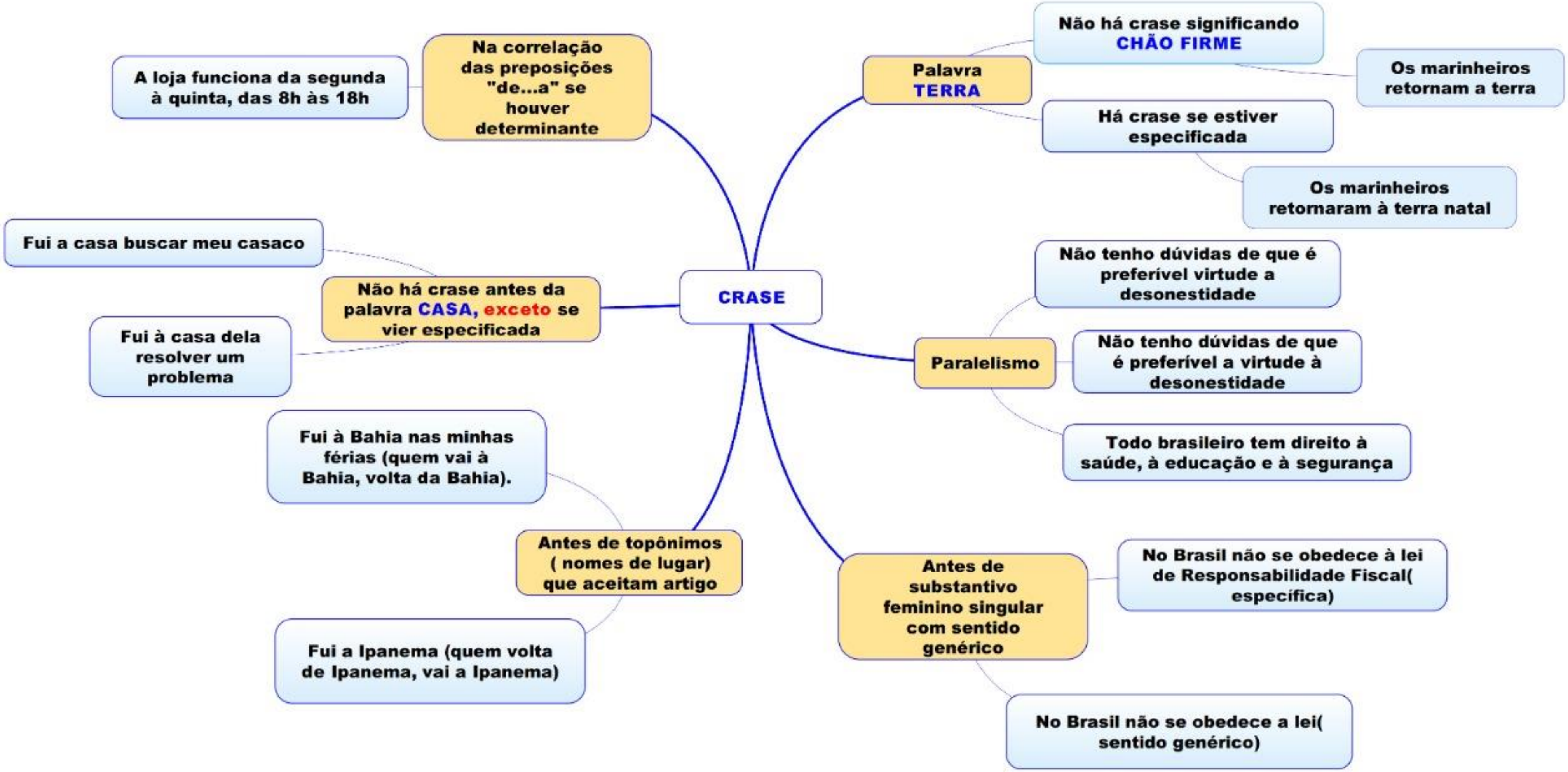

CRASE

- Na correlação das preposições "de...a" se houver determinante
  - A loja funciona da segunda à quinta, das 8h às 18h
- Não há crase antes da palavra **CASA, exceto** se vier especificada
  - Fui a casa buscar meu casaco
  - Fui à casa dela resolver um problema
- Antes de topônimos (nomes de lugar) que aceitam artigo
  - Fui à Bahia nas minhas férias (quem vai à Bahia, volta da Bahia).
  - Fui a Ipanema (quem volta de Ipanema, vai a Ipanema)
- Palavra **TERRA**
  - Não há crase significando **CHÃO FIRME**
    - Os marinheiros retornam a terra
  - Há crase se estiver especificada
    - Os marinheiros retornaram à terra natal
- Paralelismo
  - Não tenho dúvidas de que é preferível virtude a desonestidade
  - Não tenho dúvidas de que é preferível a virtude à desonestidade
  - Todo brasileiro tem direito à saúde, à educação e à segurança
- Antes de substantivo feminino singular com sentido genérico
  - No Brasil não se obedece à lei de Responsabilidade Fiscal(específica)
  - No Brasil não se obedece a lei(sentido genérico)

Elementos da Comunicação

Código

Signo utilizado para transmitir a mensagem (língua portuguesa)

Mensagem

Informação transmitida.

FIQUE EM CASA!

Canal

Meio de transmissão da mensagem

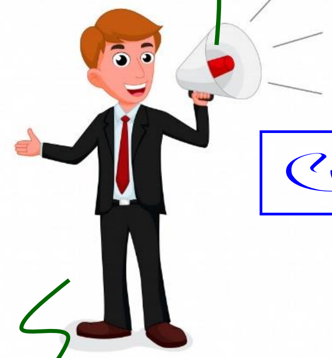

Comunicação

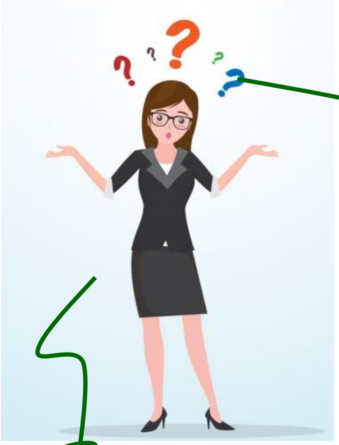

Referente

Sobre o que fala a mensagem.

Ruído de Comunicação

A mensagem não é decodificada (compreendida) pelo receptor.

Emissor

Aquele que transmite a mensagem.

Receptor

Aquele que recebe a mensagem.

C.Melo2020

Funções da Linguagem

São formas de utilização da linguagem segundo a intenção do falante. Cada uma delas desempenha um papel relacionado com os elementos presentes na comunicação: emissor, receptor, mensagem, código, canal e contexto.

Metalinguística

Explicação do código através do próprio código, isto é, a linguagem se refere a ela mesma. Seu foco é, portanto, o código.

→ Dicionário, gramáticas, documentários cinematográficos falando sobre a linguagem utilizada no cinema.

Conativa

Ou apelativa: é caracterizada pela linguagem persuasiva que tem o intuito de convencer o leitor. Seu foco é o receptor da mensagem transmitida.

→ propagandas, campanhas, etc.

Fática

Tem como objetivo estabelecer ou interromper a comunicação de modo que o mais importante é a relação entre o emissor e o receptor da mensagem. O foco reside no canal da comunicação.

→ Diálogos, saudações, etc.

Referencial

Tem como objetivo principal informar, referenciar algo. É escrito na 3ª pessoa e está voltada para o contexto/referente.

→ Texto jornalístico, científico, etc.

Expressiva

Ou emotiva: tem como objetivo principal transmitir suas emoções, sentimentos e subjetividades. É escrito em 1ª pessoa e está voltada para o emissor.

→ Texto poético, carta, diário, etc.

Poética

Preocupa-se com a maneira como a mensagem será transmitida por meio da escolha de palavras, expressões e figuras de linguagem. O principal elemento comunicativo é a mensagem.

→ Texto poético, publicitário, etc.

Atenção

Embora haja uma função que predomine, vários tipos podem estar presente num mesmo texto.

C.Melo2020

VERBOS IMPESSOAIS

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

1. Haver = existir, ocorrer e acontecer

Há, no Brasil, muitos jovens perdidos

Não houve danos no acidente hoje.

Haverá tumultos nas vendas das estatais.

Houve terríveis viradas de mesa.

1. Haver = existir, ocorrer e acontecer

Deve/ Devem ocorrer festivais de verão.

Poderão/ Poderá surgir bons candidatos para esta vaga.

Ainda há/ hão de haver restos de esperança.

Devem/ Devem estar acontecendo distúrbios.

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

2. Verbos que indicam fenômenos da natureza.

Choveu três dias seguidos.
Nevou na montanha.

Opa! No sentido denotativo (real), há sujeito.

Choveram dúvidas na aula.

3. Verbos fazer e haver indicando passagem de tempo

Faz dez dias que não o vejo.

Ontem faz duas semanas que nos casamos.

1. (CESPE/MPOG/2008-S) “As chamadas cidades globais fornecem a infraestrutura de que a economia mundial necessita para as suas transações. Fazem parte dessa infra-estrutura, entre outros, o sistema bancário, hoteleiro, de telecomunicação, bem como aeroportos, segurança. Precisa haver um número significativo de pessoas qualificadas e competentes para dar conta de todos os serviços demandados para a realização das grandes transações econômicas, manipulações das bolsas de valores, transferências bancárias, entre outras.

( ) Seria privilegiada a concisão do texto se, no trecho “Precisa haver **um número *significativo de*** pessoas qualificadas e competentes” , o segmento sublinhado fosse suprimido. Nesse caso, no entanto, seria necessária a alteração de “Precisa haver” para ***Precisam haver.***

2 CESGRANRIO Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - BNDES - Federal – BR

Transpondo o período “ Há pai que nunca viu o próprio filho.” (l. 36) para o plural e substituindo haver por outro verbo ou locução verbal de sentido equivalente, o período que NÃO apresenta ERRO quanto à concordância verbal é:

A. Existem pais que nunca viram os próprios filhos.
B. Devem haver pais que nunca viram os próprios filhos.
C. Deve existir pais que nunca viram os próprios filhos.
D. Hão de haver pais que nunca viram os próprios filhos.
E. Há de existir pais que nunca viram os próprios filhos.

3. CETRO - Prefeitura Municipal de Pinheiral - Advogado
Assinale a alternativa incorreta gramaticalmente na transcrição da frase grifada.

“Para que os peixinhos não ficassem melancólicos, haveria grandes festas aquáticas de vez em quando, pois os peixinhos alegres têm melhor sabor do que os tristes.”

(A) poderia haver grandes festas aquáticas.
(B) existiriam grandes festas aquáticas.
(C) deveriam existir grandes festas aquáticas.
(D) poderiam existir grandes festas aquáticas.
(E) poderiam haver grandes festas aquáticas.

Não existiria som , se não houvesse o silêncio.

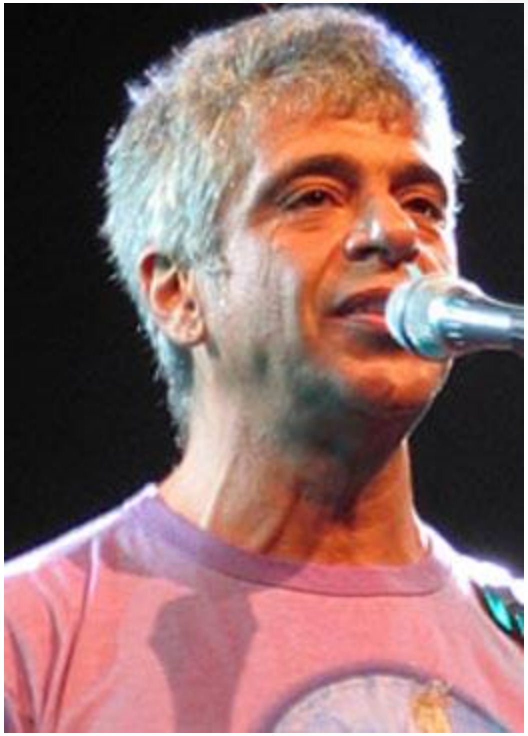

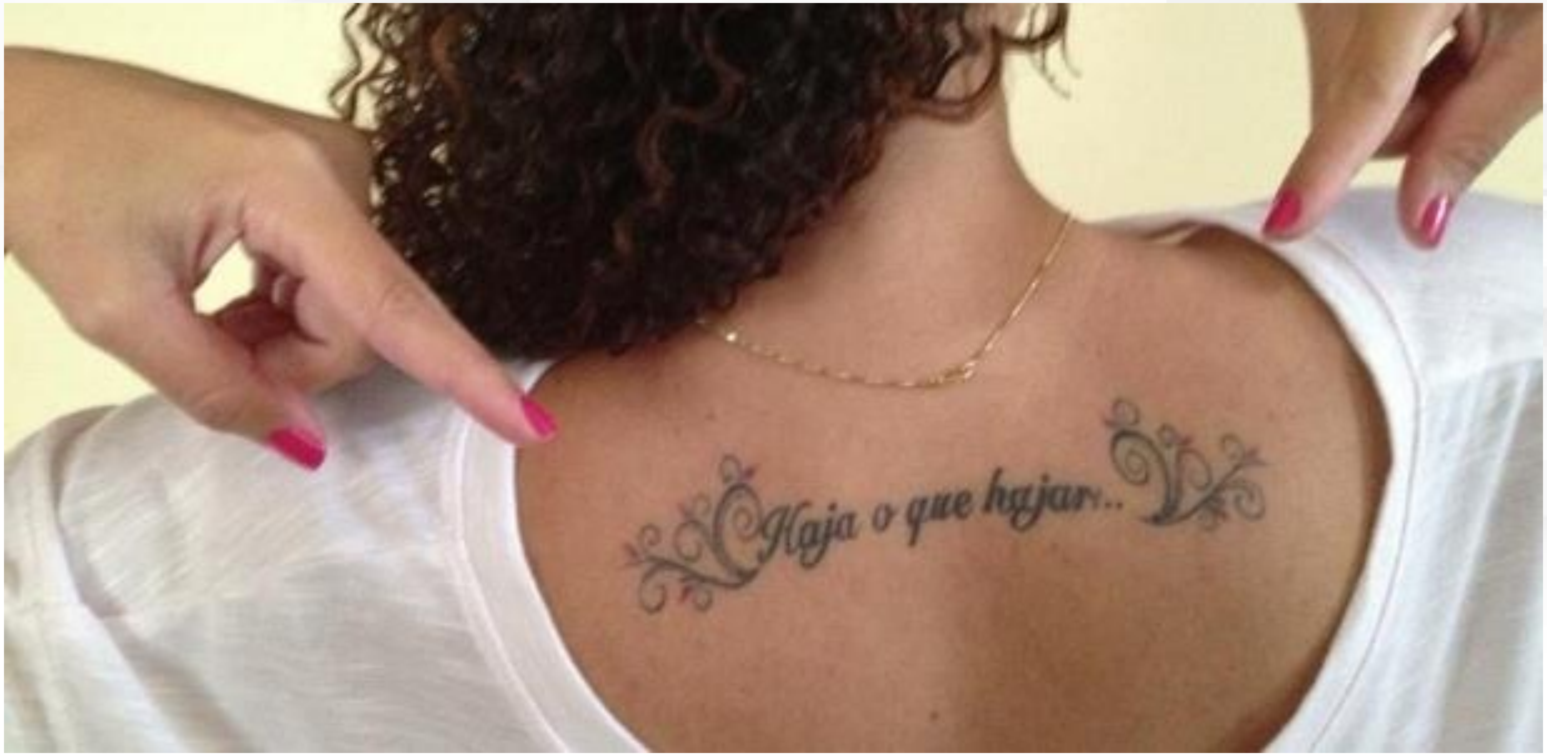

Haja o que hajar...

APOIADORES

UniVS
Centro Universitário Vale do Salgado

Papelaria Informativa
Papelaria Completa
88 3581.1040

Moonalisa
Colchões & Acessórios

CURSO REDIGIR

Prof. Lincoln e Prof. Marcelo

A CONCORDÂNCIA VERBAL

Casos de concordância verbal

1) Sujeito simples

Regra geral: o verbo concorda com o núcleo do sujeito em número e pessoa.

Ex.: Nós vamos ao cinema. O verbo (vamos) está na primeira pessoa do plural para concordar com o sujeito (nós).

Casos especiais:

a) O sujeito é um coletivo - o verbo fica no singular.

Ex.: A multidão gritou pelo rádio.

Se o coletivo vier especificado, o verbo pode ficar no singular ou ir para o plural.

Ex.: A multidão de fãs gritou. A multidão de fãs gritaram.

b) Coletivos partitivos (metade, a maior parte, maioria, etc.) – o verbo fica no singular ou vai para o plural.

Ex.: A maioria dos alunos foi à excursão. A maioria dos alunos foram à excursão.

c) O sujeito é um pronome de tratamento - o verbo fica sempre na 3ª pessoa (do singular ou do plural).

Ex.: Vossa Alteza pediu silêncio. Vossas Altezas pediram silêncio.

d) O sujeito é o pronome relativo que – o verbo concorda com o antecedente do pronome.

Ex.: Fui eu que derramei o café. Fomos nós que derramamos o café.

e) O sujeito é o pronome relativo quem - o verbo pode ficar na 3ª pessoa do singular ou concordar com o antecedente do pronome.

Ex.: Fui eu quem derramou o café. Fui eu quem derramei o café.

f) O sujeito é formado pelas expressões: alguns de nós, poucos de vós, quais de ..., quantos de ..., etc.- o verbo poderá concordar com o pronome interrogativo ou indefinido ou com o pronome pessoal (nós ou vós).

Ex.: Quais de vós me punirão? Quais de vós me punireis?

Com os pronomes interrogativos ou indefinidos no singular o verbo concorda com eles em pessoa e número.

Ex.: Qual de vós me punirá.

g) O sujeito é formado de nomes que só aparecem no plural- se o sujeito não vier precedido de artigo, o verbo ficará no singular. Caso venha antecipado de artigo, o verbo concordará com o artigo.

Ex.: Estados Unidos é uma nação poderosa. Os Estados Unidos são a maior potência mundial.

h) O sujeito é formado pelas expressões mais de um, menos de dois, cerca de..., etc. – o verbo concorda com o numeral.

Ex.: Mais de um aluno não compareceu à aula. Mais de cinco alunos não compareceram à aula.

i) O sujeito é constituído pelas expressões a maioria, a maior parte, grande parte, etc.- o verbo poderá ser usado no singular (concordância lógica) ou no plural (concordância atrativa).
Ex.: A maioria dos candidatos desistiu. A maioria dos candidatos desistiram.

2) Sujeito composto
Regra geral: o verbo vai para o plural.
Ex.: João e Maria foram passear no bosque.

Casos especiais:
a) Os núcleos do sujeito são constituídos de pessoas gramaticais diferentes - o verbo ficará no plural seguindo-se a ordem de prioridade: 1ª, 2ª e 3ª pessoa.
Ex.: Eu (1ª pessoa) e ele (3ª pessoa) nos tornaremos (1ª pessoa plural) amigos. O verbo ficou na 1ª pessoa porque esta tem prioridade sob a 3ª.
Ex.: Tu (2ª pessoa) e ele (3ª pessoa) vos tornareis (2ª pessoa do plural) amigos. O verbo ficou na 2ª pessoa porque esta tem prioridade sob a 3ª.
No caso acima, também é comum a concordância do verbo com a terceira pessoa. Ex.: Tu e ele se tornarão amigos.(3ª pessoa do plural)
Se o sujeito estiver posposto, permite-se também a concordância por atração com o núcleo mais próximo do verbo.
Ex.: Irei eu e minhas amigas.
b) Os núcleos do sujeito estão coordenados assindeticamente ou ligados por e - o verbo concordará com os dois núcleos.
Ex.: A jovem e a sua amiga seguiram a pé. Se o sujeito estiver posposto, permite-se a concordância por atração com o núcleo mais próximo do verbo.
Ex.: Seguiria a pé a jovem e a sua amiga.
c) Os núcleos do sujeito são sinônimos (ou quase) e estão no singular - o verbo poderá ficar no plural (concordância lógica) ou no singular (concordância atrativa).
Ex.: A angústia e ansiedade não o ajudavam a se concentrar. A angústia e ansiedade não o ajudava a se concentrar.
d) Quando há gradação entre os núcleos- o verbo pode concordar com todos os núcleos (lógica) ou apenas com o núcleo mais próximo.
Ex.: Uma palavra, um gesto, um olhar bastavam. Uma palavra, um gesto, um olhar bastava.
e) Quando os sujeitos forem resumidos por nada, tudo, ninguém... - o verbo concorda com o aposto resumidor.

Ex.: Os pedidos, as súplicas, o desespero, nada o comoveu.

f) Quando o sujeito for constituído pelas expressões um e outro, nem um nem outro...- o verbo poderá ficar no singular ou no plural.

Ex.: Um e outro já veio. Um e outro já vieram.

g) Quando os núcleos do sujeito estiverem ligados por ou- o verbo irá para o singular quando a ideia for de exclusão e plural quando for de inclusão.

Ex.: Pedro ou Antônio ganhará o prêmio. (exclusão) A poluição sonora ou a poluição do ar são nocivas ao homem. (adição, inclusão)

h) Quando os sujeitos estiverem ligados pelas séries correlativas (tanto...como/ assim...como/ não só...mas também, etc.) - o mais comum é o verbo ir para o plural, embora o singular seja aceitável se os núcleos estiverem no singular.

Ex.: Tanto Erundina quanto Collor perderam as eleições municipais em São Paulo. Tanto Erundina quanto Collor perdeu as eleições municipais em São Paulo.

Outros casos:

1) Concordância com o infinitivo

a) Infinitivo pessoal e sujeito expresso na oração - não se flexiona o infinitivo se o sujeito for representado por pronome pessoal oblíquo átono.

Ex.: Esperei-as chegar.

b) Infinitivo pessoal e sujeito oculto - não se flexiona o infinitivo precedido de preposição com valor de gerúndio. Ex.: Passamos horas a comentar o filme.(comentando)

2) Concordância com o verbo ser

a) Quando, em predicados nominais, o sujeito for representado por um dos pronomes TUDO, NADA, ISTO, ISSO, AQUILO: o verbo ser ou parecer concordarão com o predicativo.

Ex.: Tudo são flores. Aquilo parecem ilusões.

Poderá ser feita a concordância com o sujeito quando se quer enfatizá-lo.

Ex.: Aquilo é sonhos vãos.

b) O verbo ser concordará com o predicativo quando o sujeito for os pronomes interrogativos QUE ou QUEM.

Ex.: Que são gametas? Quem foram os escolhidos?

c) Em indicações de horas, datas, tempo, distância: a concordância será com a expressão numérica

Ex.: São nove horas. É uma hora.

Em indicações de datas, são aceitas as duas concordâncias pois subentende-se a palavra dia.
Ex.: Hoje são 24 de outubro. Hoje é (dia) 24 de outubro.

d) Quando o sujeito ou predicativo da oração for pronome pessoal, a concordância se dará com o pronome.
Ex.: Aqui o presidente sou eu.

Se os dois termos (sujeito e predicativo) forem pronomes, a concordância será com o que aparece primeiro, considerando o sujeito da oração.
Ex.: Eu não sou tu

e) Se o sujeito for pessoa, a concordância nunca se fará com o predicativo.
Ex.: O menino era as esperanças da família.

f) Nas locuções é pouco, é muito, é mais de, é menos de junto a especificações de preço, peso, quantidade, distância e etc, o verbo fica sempre no singular.
Ex.: Cento e cinquenta é pouco./ Cem metros é muito.

CURSO REDIGIR
CONCURSO PARA A PREFEITURA DE IGUATU
PROF. MARCELO FÉLIX – CONCORDÂNCIA VERBAL

1ª) A seguinte frase está plenamente de acordo com as normas de concordância verbal:
a) No poema de Drummond parece repetir-se alguns termos do artigo do autor.
b) O autor e uma colega sua incumbiu-se de enviar uma carta aos amigos do Rio.
c) Na passeata dos estudantes manifestavam-se protestos contra a ditadura.
d) Depois de ser feito várias cópias, enviei-as aos amigos do Rio.

2ª) A frase em que a concordância está de acordo com a norma culta é:
a) Tudo indica que, se houvessem sido feitas consultas aos especialistas, não teriam surgido tantas críticas.
b) Alteração de rituais são sempre passíveis de controvérsia, por isso muitas vezes é evitado.
c) Feito repentinamente, muitas mudanças acabam por exigirem revisões posteriores.
d) No mesmo dia foi publicado, anonimamente, as mensagens curtas a favor da quebra do formalismo processual.

3ª) Assinale a frase correta.
a) Aluga-se casas.
b) Notam-se sinais de recuperação na economia.
c) No passado, não se recorriam aos processos como agora.
d) Precisam-se de vendedores.

4ª) Assinale a alternativa cuja frase apresenta concordância correta, obedecendo à regra empregada em "Chamou-se o veterinário oficial."
a) Alugou-se imóveis novos.
b) Trataram-se de assuntos pouco usuais.
c) Indicaram-se as medidas cabíveis.
d) Precisam-se de balconistas com prática.

5ª) Em relação à concordância verbal, assinale a alternativa que não obedece ao padrão culto:
a) Havia livros sobre a mesa.
b) Há anos não o vejo.
c) Deverão haver mais livros na biblioteca.
d) Faz anos que não o vejo.

6ª) As normas de concordância verbal estão inteiramente respeitadas na frase:
a) O pessoal que não quiserem malhar tem agora mais razões para ficar acomodado num sofá.
b) A privação de endorfina e dopamina podem levar a estados depressivos.
c) Existem, além das complicações físicas, a possibilidade de alterações no plano social.
d) Sempre haverá atletas compulsivos, pois sempre existirão pessoas ansiosas.

7ª) A concordância verbal está plenamente respeitada na frase:
a) Não fossem pelas razões alegadas, outras haveriam para puni-lo.
b) Quem foi mesmo que lhes garantiram estarmos inadimplentes?
c) Apesar de não serem muitos os seus desafetos políticos, não lhe convêm que os subestime.

d) De pouca gente haveríamos de suspeitar com tantas razões quantas as que tínhamos para suspeitar dele.

8ª) As condições de vida dos grupos humanos ...... especialmente pela existência de um sistema de transporte ....

a) é influenciada - eficaz
b) é influenciada - eficazes
c) são influenciado - eficazes
d) são influenciadas – eficaz

9ª) As normas de concordância verbal estão inteiramente respeitadas na frase:

a) Não haveriam razões, segundo Clóvis Rossi, para tornar obrigatório o diploma de jornalista.
b) A maior parte dos colaboradores aderiu à greve.
c) Todos os profissionais deveria preocuparem-se com um comportamento ético, e não apenas os jornalistas.
d) Agricultura, ecologia e urbanismo são assuntos que não poderiam ninguém dominar com razoável competência

10ª) Para que a concordância verbal se faça corretamente, é preciso flexionar no singular a forma verbal sublinhada na frase:

a) O lixo e a imundície constituem o vosso presente.
b) As flores, em vossas mãos sujas, haverão de se impregnar de vossa sujeira.
c) Seus protestos de beleza e de dignidade estão no zelo com seu caminhão.
d) Estados Unidos devem enviar tropas ao Afeganistão.

- Indicativo
  - Presente
    - Ação atual. Ex.: A seleção joga contra Honduras
    - Presente histórico Ex.: Em 11 de setembro de 2001, Osama ataca os EUA.
    - Ideias passadas consideradas presentes. Ex.: Jesus recomenda que perdoemos.
    - Futuro Próximo. Ex.: O presidente viaja amanhã.
  - Pretérito perfeito
    - Ação que teve início e fim no passado. Ex.: Jesus nasceu em Belém.
    - Noticiar fato consumado (pretérito absoluto). Ex.: Neymar comemorou com a torcida.
  - Pretérito imperfeito
    - Ação passada, mas inconclusa. Ex.: Ele trabalhava com o sogro.
    - Descrição em narrativas: Iracema tinha cabelos negros como a noite.
    - Ação passada simultânea a outra ação no passado. Ex.: Quando ele chegou, ela estava pálida.
  - Pretérito mais-que-perfeito
    - Uma ação no passado anterior a outra ação no passado. Quando o filho almoçou, sua mãe já comera.
    - Construções descritivas. Ex.: Ela nunca se parecera com o pai.
    - Frases optativas. Ex.: Quem dera eu pudesse viajar!

- Indicativo
  - Futuro do presente
    - Fato posterior ao momento em que se fala. Ex.: Direi a verdade ao júri.
    - Frases dubidativas, no lugar do presente. Ex.: Quantos estarão com sede agora?
    - Frases interrogativas:. Ex.: Quem poderá resistir?
  - Futuro do Pretérito
    - Fato hipotético posterior a um fato passado. Ex: Isso traria prejuízo para a empresa.
    - Frases de surpresa. Ex.: Jamais condenaríamos o deputado!
    - Orações que expressam cortesia: gostaria de se sentar ao meu lado?

VERBO – PARTE 2 – EMPREGO DOS TEMPOS E MODOS VERBAIS

Subjuntivo	Presente	Dúvida, desejo. Queira Jesus que eles cheguem bem.
	Pretérito imperfeito	Correlação com o período composto por subordinação.
	Futuro	Correlação com o período composto por subordinação.

REGÊNCIA VERBAL

GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

FALA, NERD!!!

Alexandre Krüger

Assinala a palavra acentuada por mais de uma razão:

a) fábrica
b) América
c) Saíssemos
d) Pó

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

FALA, NERD!!!

Geise Rose

Qual é a diferença entre Regência e Concordância?

GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

1.Assistir

Todos os dias **assistimos às** aulas de matemática e português. (comparecemos)
Muita gente vai **assistir à** festa de abertura da Copa pela TV. (ver)
Muitas pessoas **assistiram** os desabrigados pelas enchentes de Santa Catarina. (auxiliaram)
Assiste aos cidadãos o direito de se alimentar e ter educação. (cabe)
Vá **assistir** o menino que quebrou a perna! (socorrer)

2. Preferir

1000x

Prefiro futebol do que vôlei.

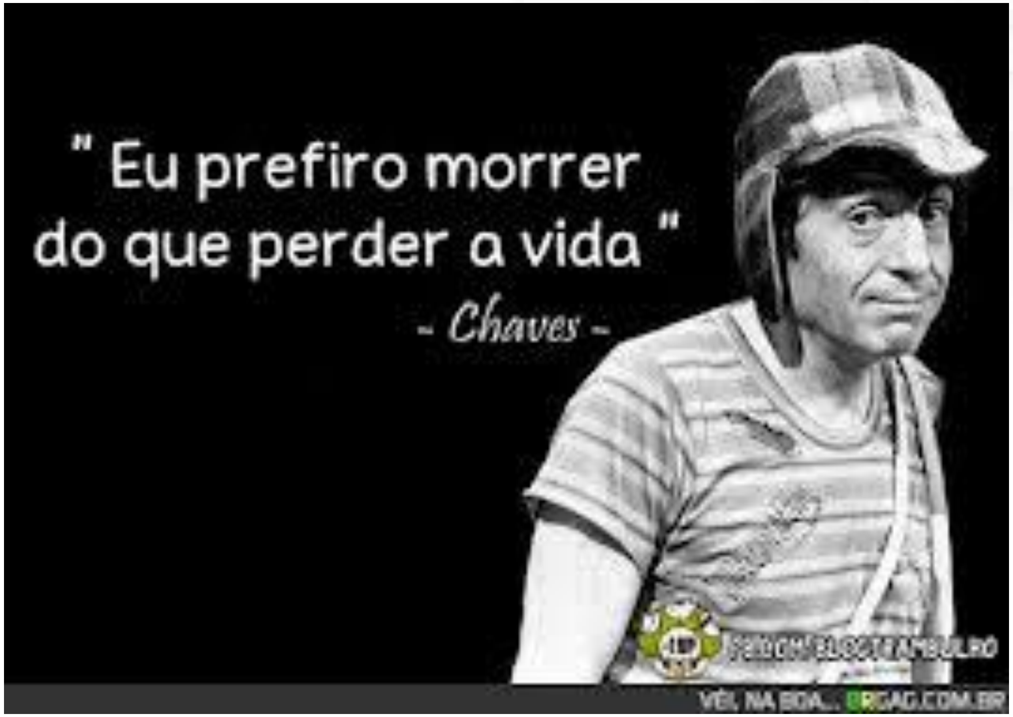
" Eu prefiro morrer
do que perder a vida "
- Chaves -

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

2. Preferir

Eu prefiro chorar com a pior verdade do que sorrir com a melhor mentira.

Preferimos vinho a cerveja.

2. Preferir

"Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre
tudo". R. Seixas

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

3. Pagar e perdoar

- Nós já pagamos o condomínio.
- Ele perdoou o pai.

- Perdoai as nossas ofensas.
- Já paguei o boleto desse mês.

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

7. Pagar e perdoar

4. Esquecer e Lembrar

→Pronominais
Esquecer-se → DE ALGO
Lembrar-se → DE ALGO

→Não pronominais.
Esquecer → ALGO
Lembrar → ALGO

4. Esquecer e Lembrar

Eles se esqueceram do caderno na escola.

Ninguém lembra do segundo colocado.

Eu me lembro de cada dia das férias na praia.

Nós esquecemos da porta fechada.

4. Esquecer e Lembrar

Chala lala chalalalala chala lala
Nunca esqueci de você
Chala lala chalalalala chala lala
Nunca esqueci de você.
The Fevers

Onde você estiver,
Não se esqueça de mim
Com quem você estiver não se esqueça de mim.
Nana Caymmi.

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

4. Esquecer e Lembrar

Lembra de mim ? Dos beijos que escrevi nos muros a giz?
I. Lins

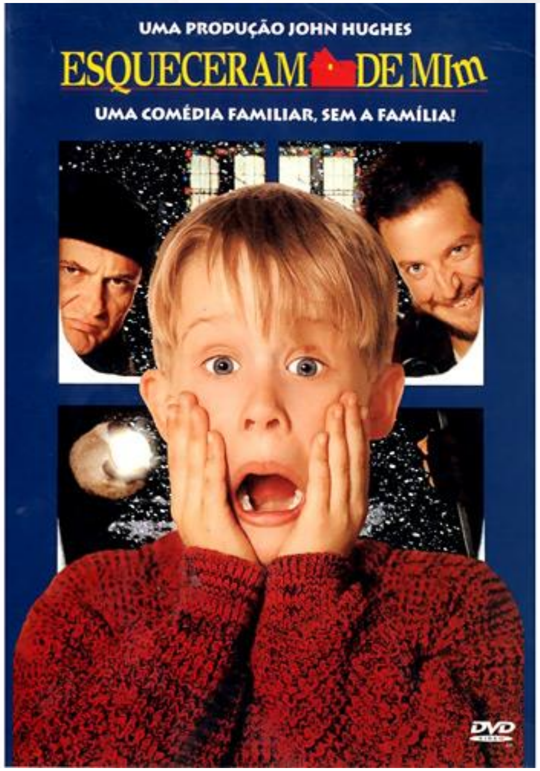
UMA PRODUÇÃO JOHN HUGHES
ESQUECERAM DE MIM
UMA COMÉDIA FAMILIAR, SEM A FAMÍLIA!
DVD

5. Visar

- Ele sempre visou o cargo de direto daquela empresa.
- O policial visou o alvo com precisão.
- Visamos os cheques ontem.
- Blener Zan afirma que Siufi 'visava o bem dos pacientes' no HC em MS
- O primeiro ataque, que visava um ônibus, matou onze estudantes.

6. Agradar

-"O número de impressos que fecharam no ano passado não agradou os leitores".

- "Decisão isolada do Presidente da Câmara não agradou os vereadores".

- Discurso de Dilma sobre MST não agrada a milionários do Lide.

- A mãe agradava o filho, antes de dormir.

7. Obedecer

- Ele sempre obedeceu o regulamento da empresa.
- “Imagem não é nada, sede é tudo. Obedeça sua sede”.

-Ele desobedeceu à sinalização.

1. Prova: INSTITUTO CIDADES - 2009 - UNIFESP - Analista de Tecnologia da Informação

“E não esqueça de trazer força e magia” (v.11). Quanto à regência do verbo “Esquecer” no verso destacado, é CORRETO afirmar:
a) Seu uso está correto, visto que utiliza a preposição “de”.
b) Seu uso está correto, pois, como segue em locução verbal, não poderia deixar de usar a preposição.
c) Seu uso está incorreto, pois deveria, quando transitivo indireto, ser também pronominal.
d) Seu uso está incorreto, pois é sempre transitivo direto

2. CETRO Prefeitura Municipal de Campinas – Analista de Processos 2012

De acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa e em relação à regência verbal, assinale a
alternativa correta.
(A) Voltou para casa, pois havia esquecido do guarda-chuva.
(B) Nunca atendia o pai, quando este necessitava de algo.
(C) Na metrópole, aspirava a um ar extremamente poluído.
(D) Todos assistiram, eufóricos, ao jogo da seleção.

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Concordância Nominal

Adequação entre o gênero e o número de um substantivo com as flexões correspondentes de seus modificadores.

Adjetivo como predicativo do sujeito

Substantivos de gênero diferentes: Vai para o masculino plural → O menino e a irmã são bonitos.

Substantivo do mesmo gênero: Concorda com eles e vai para o plural → A rosa e a margarida estão murchas.

Verbo de ligação no singular e anteposto ao sujeito: Concorda com o mais próximo → É bonito o irmão e a irmã.

Casos especiais

⇨*Menos, alerta:* Invariáveis.

⇨*Anexo, incluso, mesmo, obrigado, próprio, quite, leso:* concordam com o substantivo a que se referem.

⚠ *Em anexo:* é invariável.

⇨*Barato, bastante, caro, meio:* Invariáveis.

⇨*É bom, é barato, é preciso, é proibido:* Invariáveis.

⚠ *Se determinados por artigos:* são variáveis.

⇨*Só, sós, a sós:* se adjetivos: variáveis; se advérbios: invariáveis.

⇨*Possível:* Concorda com o artigo que inicia a expressão.

Adjetivo antes de 2 ou + substantivos: Concorda com o mais próximo → Ele tinha amarradas as mãos e os pés.

Nomes próprios ou de parentesco: Adjetivo vai para o plural → Todos adoram os incríveis D. Quixote e Sancho Pança.

Substantivos do mesmo gênero no singular: Adjetivo singular/plural → Gosto da música e da comida italiana(s).

Substantivos de gêneros diferentes no singular: concorda com o mais próximo ou com o conjunto (plural) → Encontrei uma caneta e um lápis perdido(s).

Substantivos de gêneros diferentes no plural: Adjetivo fica no plural e pode concordar com o gênero do mais próximo ou ficar no masculino plural → Estou com pés e mãos atadas/atados.

Substantivos do mesmo gênero e de número diferente: concorda com o gênero e vai para o plural ou concorda com o número do mais próximo → Encontrei cachorrinhos e um gatinho abandonado/abandonados.

Substantivos de gêneros e números diferentes: fica no masculino plural ou concorda com o mais próximo → Interesso-me pelo cinema e tradições francesas/franceses.

Sujeito Simples

Concordância Verbal

Relação estabelecida de forma harmônica entre sujeito (aquele que pratica ou recebe uma ação) e verbo (ação praticada).

Sujeito Coletivo: o verbo fica sempre no singular. A multidão *ultrapasso* o limite.

⚠ Se estiver especificado, pode ir para o plural ou ficar no singular.

Sujeito partitivo: "a maioria de", "a maior parte de", "grande número de"→ verbo no singular ou plural. Grande número dos presentes se *retirou/retiraram*.

Expressões "mais de", "menos de", "cerca de": o verbo concorda com o numeral. Mais de duas pessoas *chegaram* antes do horário.

Nomes próprios: considera-se a presença ou não de artigos para flexionar o verbo. Os Estados Unidos *influenciam* o mundo.

Pronome relativo "que": o verbo concorda com o antecedente do pronome. Foi ele que *trouxe* o livro.

Pronome relativo "quem": o verbo pode ser conjugado na terceira pessoa do singular ou pode concordar com o antecedente do pronome. Fui eu quem *afirmou/afirmei.*

Expressão "um dos que: o verbo pode ser conjugado no singular ou plural. Ele foi um dos que mais *contribuiu/contribuíram*.

Claudenice Melo

Professora de Língua Portuguesa

Sujeito Composto - A

Concordância Verbal

Sujeito formado por sinônimos: O verbo pode ir para o plural ou ficar no singular e concordar com o núcleo mais próximo.

➪ Preguiça e lentidão *destacaram / destacou* aquela gerência.

Sujeito formado por palavras em gradação ou enumeração: O verbo pode ir para o plural ou concordar com o núcleo mais próximo.

➪ Um mês, um ano, uma década de poder não *suprimiu/supriram* a saúde.

Sujeito formado por pessoas gramaticais diferentes: o verbo vai para o plural e concorda com a pessoa, por ordem de prioridade.

➪ Eu, tu e Cássio só *chegaremos* ao fim da noite.

Sujeitos ligados por "nem": o verbo vai para o plural.

➪ Nem chuva nem frio *são* bem recebidos.

Sujeitos ligados por "não só... mas também", tanto... quanto", "não só... como": o verbo vai para o plural ou concorda com o núcleo mais próximo.

➪ Tanto Rafael como Marina *participou/participaram* da mostra.

Sujeitos ligados por "com": o verbo vai para o plural.

➪ O ator com seus convidados *chegaram* às 6 horas.

⚠ Quando "com" representar "em companhia de", o verbo concorda com o antecedente e o segmento "com" é grafado entre vírgulas.

➪ O pintor, com todos os auxiliares, *resolveu* mudar a data da exposição.

Sujeito ligados por "ou": o verbo vai para o plural quando a ação verbal estiver se referindo a todos os elementos

➪ Doces ou chocolate *desagradam* ao menino.

⚠ Se é utilizada como retificação, o verbo concorda com o último elemento.

➪ A menina ou as meninas *esqueceram* muitos acessórios.

⚠ Quando a ação verbal é aplicada a apenas um dos elementos, o verbo permanece no singular.

➪ Laís ou Elisa *ganhará* mais tempo.

Claudenice Melo

Professora de Língua Portuguesa

Sujeito Composto - B

Concordância Verbal

Verbo no infinitivo impessoal: não deve ser flexionado nas seguintes situações:

- a) Quando têm valor de substantivo

➪ *Comer* é o melhor que há.

- b) Quando têm valor de imperativo:

➪ Vá *dormir*.

- c) Quando é verbo principal de uma locução verbal:

➪ Íamos *sair* quando você chegou.

- d) Quando são regidos de preposição:

➪ Começamos a *cantar*.

Verbo no infinitivo pessoal: deve ser flexionado quando os sujeitos são diferentes e queremos defini-los:

➪ Comprei a pizza para eles *comerem.*

Partícula "se": índice de indeterminação do sujeito, o verbo deve ser conjugado na 3.ª pessoa do singular.

➪ *Confia*-se em todos.

⚠ Partícula apassivadora, o verbo concorda com o sujeito da oração.

➪ Construíram-se novas escolas.

Verbos Impessoais: sempre são conjugados na 3.ª pessoa do singular.

➪ *Choveu* bastante durante a noite.

Sujeito seguido por "tudo", "nada", "ninguém", "nenhum", "cada um": o verbo fica no singular.

➪ Amélia, Camila, Pedro, ninguém o *convenceu* de mudar a opinião.

Sujeito ligado por "como", "assim como": O verbo é conjugado no plural.

➪ O trabalho, assim como a confiança, *fizeram* dela uma mulher forte.

Locuções "é muito", "é pouco", "é mais de", "é menos de": indicando preço, peso e quantidade, o verbo fica sempre no singular.

➪ Três vezes *é* muito.

Indicações de datas: O verbo deve concordar com a indicação numérica da data.

➪ Hoje *são* 3 de agosto.

⚠ O verbo também pode concordar com a palavra dia.

➪ Hoje *é* dia 3 de agosto.

Verbos "dar", "soar" e "bater" + horas: sempre concorda com o sujeito.

➪ *Soaram* duas horas.

Claudenice Melo

Professora de Língua Portuguesa

Humanismo

Movimento de transição entre a Idade Média e a Idade Moderna, marcado por ideais filosóficos, morais e estéticos que valorizavam o ser humano.

C.Melo2020

Contexto Histórico

- Transição entre o Trovadorismo e o Classicismo;
- Invenção da imprensa;
- Grandes navegações;
- Crise do sistema feudal;
- Aparecimento da burguesia.

Características

- ✓ Racionalidade;
- ✓ Antropocentrismo;
- ✓ Cientificismo;
- ✓ Modelo Clássico;
- ✓ Valorização do corpo humano e das emoções;
- ✓ Busca da beleza e perfeição.

Manifestações

Teatro

Gil Vicente

- Pai do teatro português;
- Criticava a superficialidade dos nobres e a corrupção do clero e dos magistrados;
- Literatura de transição;
- *Farsa de Inês Pereira*, *Alto da Barca do Inferno*, entre outras peças.

Crônica Histórica

Fernão Lopes – 1418

- Cronista e primeiro historiador de Portugal;
- Visão fragmentada da sociedade – apenas os grandes figuravam;
- Início da metáfora.

Poesia Palaciana

- Ressignifica o trovadorismo;
- Declamada nos sarais;
- O amor obteve configurações mais carnais e menos idealizadas;
- Mais poético e linguagem mais refinada.

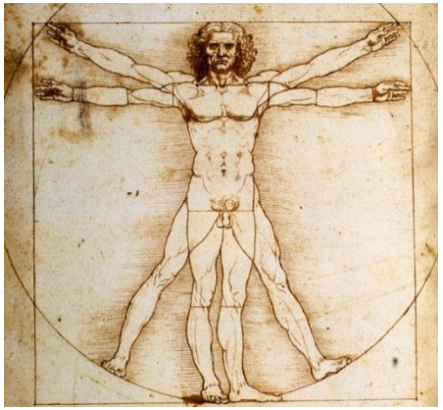

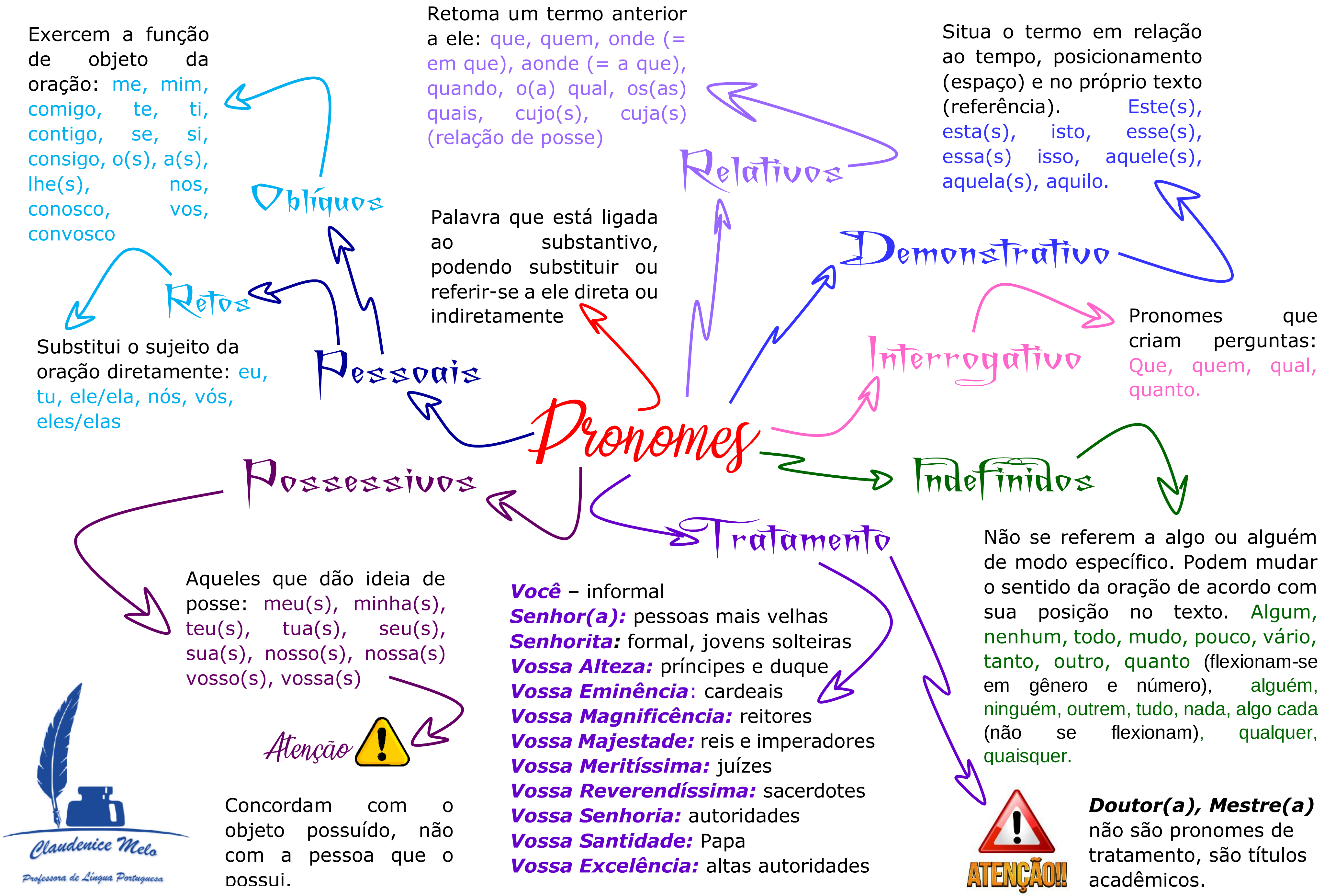

Pronomes

Palavra que está ligada ao substantivo, podendo substituir ou referir-se a ele direta ou indiretamente

Pessoais

Retos

Substitui o sujeito da oração diretamente: eu, tu, ele/ela, nós, vós, eles/elas

Oblíquos

Exercem a função de objeto da oração: me, mim, comigo, te, ti, contigo, se, si, consigo, o(s), a(s), lhe(s), nos, conosco, vos, convosco

Relativos

Retoma um termo anterior a ele: que, quem, onde (= em que), aonde (= a que), quando, o(a) qual, os(as) quais, cujo(s), cuja(s) (relação de posse)

Demonstrativo

Situa o termo em relação ao tempo, posicionamento (espaço) e no próprio texto (referência). Este(s), esta(s), isto, esse(s), essa(s) isso, aquele(s), aquela(s), aquilo.

Interrogativo

Pronomes que criam perguntas: Que, quem, qual, quanto.

Indefinidos

Não se referem a algo ou alguém de modo específico. Podem mudar o sentido da oração de acordo com sua posição no texto. Algum, nenhum, todo, mudo, pouco, vário, tanto, outro, quanto (flexionam-se em gênero e número), alguém, ninguém, outrem, tudo, nada, algo cada (não se flexionam), qualquer, quaisquer.

Tratamento

Você – informal
Senhor(a): pessoas mais velhas
Senhorita: formal, jovens solteiras
Vossa Alteza: príncipes e duque
Vossa Eminência: cardeais
Vossa Magnificência: reitores
Vossa Majestade: reis e imperadores
Vossa Meritíssima: juízes
Vossa Reverendíssima: sacerdotes
Vossa Senhoria: autoridades
Vossa Santidade: Papa
Vossa Excelência: altas autoridades

ATENÇÃO!!

Doutor(a), Mestre(a) não são pronomes de tratamento, são títulos acadêmicos.

Possessivos

Aqueles que dão ideia de posse: meu(s), minha(s), teu(s), tua(s), seu(s), sua(s), nosso(s), nossa(s) vosso(s), vossa(s)

Atenção

Concordam com o objeto possuído, não com a pessoa que o possui.

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Pronomes Demonstrativos

São aqueles que situam a pessoa ou a coisa demonstrada no *tempo, espaço ou próprio texto* em relação às 3 pessoas do discurso.

Este(s)
Esta(s)
Isto

Espaço

Indica o que está *perto* da pessoa *que fala*.
→ Ana, veja estas máscaras que estou vendendo.

Tempo

Indica o tempo *presente* em relação a quem fala.
→ Esta semana não sairei de casa.

Texto

Introduz algo *a ser mencionado*.
→ Só desejo isto: que a pandemia acabe.

Esse(s)
Essa(s)
Isso

Tempo

Indica *futuro ou passado próximo*.
→ Esses próximos dias serão perigosos para quem não permanecer em casa.

Espaço

Indica o que está *perto* da pessoa *com quem se fala*.
→ Paula, empresta-me esse álcool em gel que está com você.

Texto

Indica informação *que já apareceu*.
→ Falta de cuidado, esse é o motivo de contágio.

Aquele(s)
Aquela(s)
Aquilo

Tempo

Indica *passado remoto* ou *tempo* referido de modo *vago*.
→ Bons tempos aqueles em que podíamos sair livremente.

Espaço

Indica o que está *distante de quem fala e de quem ouve*.
→ Olhem aquelas pessoas andando sem máscaras.

Texto

Utilizado para retomar o *1º elemento* de uma enunciação.
→ Pedro e Paulo se cuidam: este, por ficar em casa; aquele por usar máscara e higienizar as mãos.

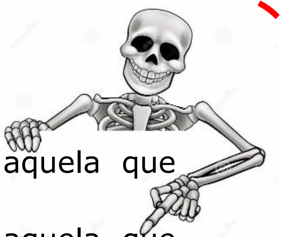

1ª pessoa: aquela que fala.
2ª pessoa: aquela que escuta;
3ª pessoa: aquela de quem se fala

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Pronomes Relativos

Elementos coesivos
Unem duas orações formando períodos compostos;
Retomam o termo antecedente

Quem

→ Refere-se a um ser personificado ou a uma pessoa.
→ Sempre pede a preposição A.

Cujo

→ Estabelece relação de posse.
→ Concorda em gênero e número com a coisa possuída (cujo, cujos, cuja, cujas).
→ Não admite a posposição de artigo (artigo não pode ser colocado após ele).

Onde

→ Só pode ser empregado para indicar lugar (= lugar em que).
→ Verbo regido da preposição A = ***AONDE*** (= lugar a que – pressupõe movimento)

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Qual

→ Aceita preposição.
→ Utilizado para tudo: pessoa, coisa, objeto, etc.
→ Sempre precedido de artigo O(S), A(S)

Quanto

→ Sempre precedido de tudo, toda, tanto...
→ Concorda em gênero e número com o antecedente.

Que

→ Relaciona-se com o antecedente.
→ Retoma palavra que designa pessoa ou coisa.
→ Pode ser substituído por o(a) qual, os(as) quais.
→ Pode ser precedido das preposições A, COM, DE, POR.
→ Pode ser empregado em casos que não há exigência da preposição.

Colocação Pronominal

Refere-se ao uso dos pronomes oblíquos átonos: me, te, se, o(s), a(s), lhe(s), nos, vos.

Próclise

O pronome é colocado ***antes*** do verbo.

→ Palavras de sentido negativo: Nada o entediava mais do que ficar em casa o dia todo.

→ Pronomes Demonstrativo: Isso me deixa muito triste.

→ Advérbios: Aqui se tem casos confirmados de Covid-19.

→ Pronomes Indefinidos: Nem todos se preocupam com o Coronavírus.

→ Conjunções subordinativas (ligam duas orações): Embora o considere muito, não posso permitir que venha aqui.

→ Preposição seguida de gerúndio: Em se tratando de Covid-19, a prevenção é o melhor remédio.

→ Conjunções subordinativas (ligam duas orações): Embora o considere muito, não posso permitir que venha aqui.

Mesóclise

O pronome é colocado ***no meio*** do verbo.

→ Futuro do pretérito: Convidar-lhe-ia para uma festa, se não houvesse o isolamento social.

→ Futuro do presente: As aulas realizar-se-ão de forma remota até que cesse a pandemia.

Ênclise

O pronome é colocado ***depois*** do verbo.

→ Verbo iniciar uma oração: Avisaram-me que a Covid-19 mata.

→ Verbo no infinitivo impessoal, regido pela preposição A: O Coronavírus começou a espalhar-se pelo Brasil.

→ Orações reduzidas de gerúndio: Cuidando-me, não serei contaminado.

→ Vírgula ou pontuação antes do verbo: Enquanto durar a pandemia, mantenho-me isolado.

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Pronomes

Palavra que está ligada ao substantivo, podendo substituir ou referir-se a ele direta ou indiretamente

Pessoais

Retos

Substitui o sujeito da oração diretamente: eu, tu, ele/ela, nós, vós, eles/elas

Oblíquos

Exercem a função de objeto da oração: me, mim, comigo, te, ti, contigo, se, si, consigo, o(s), a(s), lhe(s), nos, conosco, vos, convosco

Relativos

Retoma um termo anterior a ele: que, quem, onde (= em que), aonde (= a que), quando, o(a) qual, os(as) quais, cujo(s), cuja(s) (relação de posse)

Demonstrativo

Situa o termo em relação ao tempo, posicionamento (espaço) e no próprio texto (referência). Este(s), esta(s), isto, esse(s), essa(s) isso, aquele(s), aquela(s), aquilo.

Interrogativo

Pronomes que criam perguntas: Que, quem, qual, quanto.

Indefinidos

Não se referem a algo ou alguém de modo específico. Podem mudar o sentido da oração de acordo com sua posição no texto. Algum, nenhum, todo, mudo, pouco, vário, tanto, outro, quanto (flexionam-se em gênero e número), alguém, ninguém, outrem, tudo, nada, algo cada (não se flexionam), qualquer, quaisquer.

Tratamento

Você – informal

Senhor(a): pessoas mais velhas

Senhorita: formal, jovens solteiras

Vossa Alteza: príncipes e duque

Vossa Eminência: cardeais

Vossa Magnificência: reitores

Vossa Majestade: reis e imperadores

Vossa Meritíssima: juízes

Vossa Reverendíssima: sacerdotes

Vossa Senhoria: autoridades

Vossa Santidade: Papa

Vossa Excelência: altas autoridades

ATENÇÃO!!

Doutor(a), Mestre(a) não são pronomes de tratamento, são títulos acadêmicos.

Possessivos

Aqueles que dão ideia de posse: meu(s), minha(s), teu(s), tua(s), seu(s), sua(s), nosso(s), nossa(s) vosso(s), vossa(s)

Atenção

Concordam com o objeto possuído, não com a pessoa que o possui.

Claudenice Melo

Professora de Língua Portuguesa

Pronomes Demonstrativos

São aqueles que situam a pessoa ou a coisa demonstrada no *tempo, espaço ou próprio texto* em relação às 3 pessoas do discurso.

Este(s) Esta(s) Isto

Espaço

Indica o que está *perto* da pessoa *que fala*.
→ Ana, veja estas máscaras que estou vendendo.

Tempo

Indica o tempo *presente* em relação a quem fala.
→ Esta semana não sairei de casa.

Texto

Introduz algo *a ser mencionado*.
→ Só desejo isto: que a pandemia acabe.

Esse(s) Essa(s) Isso

Tempo

Indica *futuro ou passado próximo*.
→ Esses próximos dias serão perigosos para quem não permanecer em casa.

Espaço

Indica o que está *perto* da pessoa *com quem se fala*.
→ Paula, empresta-me esse álcool em gel que está com você.

Texto

Indica informação *que já apareceu*.
→ Falta de cuidado, esse é o motivo de contágio.

Aquele(s) Aquela(s) Aquilo

Tempo

Indica *passado remoto* ou *tempo* referido de modo *vago*.
→ Bons tempos aqueles em que podíamos sair livremente.

Espaço

Indica o que está *distante de quem fala e de quem ouve*.
→ Olhem aquelas pessoas andando sem máscaras.

Texto

Utilizado para retomar o *1º elemento* de uma enunciação.
→ Pedro e Paulo se cuidam: este, por ficar em casa; aquele por usar máscara e higienizar as mãos.

1ª pessoa: aquela que fala.
2ª pessoa: aquela que escuta;
3ª pessoa: aquela de quem se fala

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Pronomes Relativos

Elementos coesivos
Unem duas orações formando períodos compostos;
Retomam o termo antecedente

Cujo

→ Estabelece relação de posse.
→ Concorda em gênero e número com a coisa possuída (cujo, cujos, cuja, cujas).
→ Não admite a posposição de artigo (artigo não pode ser colocado após ele).

Onde

→ Só pode ser empregado para indicar lugar (= lugar em que).
→ Verbo regido da preposição A = ***AONDE*** (= lugar a que – pressupõe movimento)

Que

→ Relaciona-se com o antecedente.
→ Retoma palavra que designa pessoa ou coisa.
→ Pode ser substituído por o(a) qual, os(as) quais.
→ Pode ser precedido das preposições A, COM, DE, POR.
→ Pode ser empregado em casos que não há exigência da preposição.

Quanto

→ Sempre precedido de tudo, toda, tanto...
→ Concorda em gênero e número com o antecedente.

Qual

→ Aceita preposição.
→ Utilizado para tudo: pessoa, coisa, objeto, etc.
→ Sempre precedido de artigo O(S), A(S)

Quem

→ Refere-se a um ser personificado ou a uma pessoa.
→ Sempre pede a preposição A.

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Colocação Pronominal

Refere-se ao uso dos pronomes oblíquos átonos: me, te, se, o(s), a(s), lhe(s), nos, vos.

Próclise

O pronome é colocado ***antes*** do verbo.

→ Palavras de sentido negativo: Nada o entediava mais do que ficar em casa o dia todo.

→ Pronomes Demonstrativo: Isso me deixa muito triste.

→ Advérbios: Aqui se tem casos confirmados de Covid-19.

→ Pronomes Indefinidos: Nem todos se preocupam com o Coronavírus.

→ Conjunções subordinativas (ligam duas orações): Embora o considere muito, não posso permitir que venha aqui.

→ Preposição seguida de gerúndio: Em se tratando de Covid-19, a prevenção é o melhor remédio.

→ Conjunções subordinativas (ligam duas orações): Embora o considere muito, não posso permitir que venha aqui.

Ênclise

O pronome é colocado ***depois*** do verbo.

→ Verbo iniciar uma oração: Avisaram-me que a Covid-19 mata.

→ Verbo no infinitivo impessoal, regido pela preposição A: O Coronavírus começou a espalhar-se pelo Brasil.

→ Orações reduzidas de gerúndio: Cuidando-me, não serei contaminado.

→ Vírgula ou pontuação antes do verbo: Enquanto durar a pandemia, mantenho-me isolado.

Mesóclise

O pronome é colocado ***no meio*** do verbo.

→ Futuro do pretérito: Convidar-lhe-ia para uma festa, se não houvesse o isolamento social.

→ Futuro do presente: As aulas realizar-se-ão de forma remota até que cesse a pandemia.

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Artigo

Palavra variável em gênero e número que se antepõe aos substantivos, determinando-os.

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Definido

O. a. os. as

☆Indica um ser determinado dentro de uma mesma espécie ou um ser já conhecido do leitor/ouvinte.

☆Atribui sentido preciso, determinado, destacado, particularizado.

Indefinido

Um. uns. uma. umas

☆Indica um ser que deve ser tomado apenas como representante de uma espécie, e sobre o qual não se havia feito referência.

☆Atribui ao ser um sentido indeterminado, genérico.

DICAS

O artigo definido:

⇨Pode ser associado a um substantivo no singular para caracterizar o ser referido por esse substantivo como síntese de uma espécie, exprimindo alguma característica comum à totalidade da espécie nomeada. Ex.: O menino é pai do homem.

⇨Pode ser enfatizado, quando se pretende chamar a atenção para a excelência de determinado ser (artigo de notoriedade): Eu não havia encontrado um livro qualquer: aquele era o livro.

⇨ Utilizado depois do pronome indefinido *todo*, expressa ideia de totalidade: Examinei todo o livro à procura do exemplo.

Fique Ligado

Os artigos ***definidos e indefinidos*** podem ocorrer em combinação com algumas preposições:

A: ao(s), à(s)
De: do(s), da(s), dum, duns, duma(s).
Em: no(s), na(s), num, nuns, numa(s).
Por(per): pelo(s), pela(s).

Barroco

Histórico Contexto

Na Europa

- ☆ *Concílio de Trento:* (contrarreforma - 1545 a 1563) reformas no catolicismo em resposta à Reforma Protestante;
- ☆ *Companhia de Jesus:* difusão do pensamento católico aprovado pelo Concílio de Trento;
- ☆ *Inquisição:* ameaça a liberdade de pensamento → austeridade e repressão.
- ☆ Fim das grandes navegações.

Em Portugal

- ☆ Muito dinheiro;
- ☆ D. Sebastião invadiu Marrocos (sumiu em batalha);
- ☆ Felipe II da Espanha assume o trono → união Ibérica.

No Brasil

- ☆ Ciclo do ouro;
- ☆ Declínio do comércio de especiarias;
- ☆ Exploração da cana-de-açúcar;
- ☆ Escravidão do negro;
- ☆ Perseguição aos índios.

Características

- ✓ Conflito entre teocentrismo X antropocentrismo; Mundo material X mundo espiritual; Fé X razão;
- ✓ Cristianismo;
- ✓ Morbidez;
- ✓ Consciência da efemeridade do tempo *Carpe diem* (aproveitar o dia);
- ✓ Gosto por raciocínios complexos, parábolas, narrativas bíblicas;
- ✓ Poema em maioria na forma de soneto (14 versos = 2 quartetos e 2 tercetos);
- ✓ Cultismo – linguagem rebuscada, culta, jogo de palavras, abuso de figuras de linguagem, culto à forma, função emotiva;
- ✓ Conceptismo – jogo de ideias, conceitos, raciocínio lógico, retórica aprimorada, função apelativa.

Manifestações

Gregório de Matos Guerra 1608-1697

"Boca do Inferno" – poeta e advogado durante o período colonial;
Personalidade rebelde; criticou diversos aspectos da sociedade, do governo e da igreja;
Cultista;
Perseguido pela Inquisição – degredado em Angola (1694);

Padre Antônio Vieira 1608-1697

Orador, filósofo, escritor e missionário da Companhia de Jesus.
Defensor dos indígenas e judeus, se posicionando contra a escravidão e a inquisição;
Escreveu poemas, cartas, sermões (cerca de 200) e romances;
Oratória sacra conceptista;
Defensor da contrarreforma;
Questões existenciais e políticas;
Divulgou ideias da igreja e combateu o protestantismo;

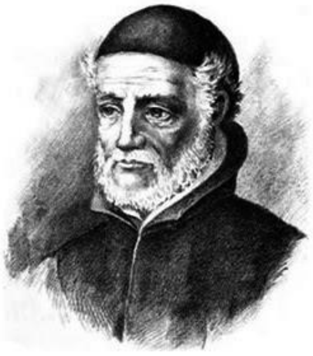

C.Melo2020

EQUÍVOCOS MUITO COMUNS EM REDAÇÕES

PARA REFLETIR

Org. Neusa Moro

Há alguns equívocos muito comuns em redações e, por este motivo, estão no patamar dos mais cometidos. Mas isso ocorre apenas por falta de conhecimento, portanto, uma vez informados, os estudantes não voltam a cometê-los.

VEJAMOS...

DESAFIO... Vocês podem me ajudar a pontuar a frase “**Maria toma banho porque sua mãe disse ela pegue a toalha”.** Veja as hipóteses levantadas: pela Prof. Marque um X na alternativa correta.

A. (   ) “Maria toma banho porque sua. Mãe, disse ela, pegue a toalha”.

B. (   ) “Maria toma banho, porque, sua mãe disse ela pegue a toalha”.

C. (   ) “Maria, toma banho porque sua mãe, disse ela, pegue a toalha”.

D. (   ) “Maria toma banho porque sua mãe disse, ela pegue a toalha”.

ALTERNATIVA CORRETA

(X) “Maria toma banho porque sua. Mãe, disse ela, pegue a toalha”.

Qual é a explicação para o fato de não conseguir entender a frase?

A "explicação" está no fato do uso do verbo "suar", confundindo com o pronome possessivo "sua"...

ORTOGRAFIA

- 1. **“Fazem dez anos que não vemos tantas mudanças”.** O verbo “fazer” no sentido temporal, de tempo decorrido ou de fenômenos atmosféricos é impessoal, ou seja, fica no singular: **Faz dez anos... Faz muito frio...**

ORTOGRAFIA

- **2.** **“Houveram muitas passeatas nesta semana em prol da igualdade racial.”** O verbo **haver** acompanha o mesmo raciocínio do verbo **“fazer”,** citado acima. No sentido de existir ou na ideia de tempo decorrido, o verbo haver é impessoal: **Houve muitas passeatas... Há tempos não o vejo... Havia algumas cadeiras disponíveis.**

ORTOGRAFIA

- **3.** **“Para mim escolher, preciso de um tempo.”** Na dúvida verifique quem é o **sujeito do verbo.** No caso, o verbo **“escolher”** não tem sujeito, pois **“mim”** não pode ser! O certo seria o pronome **“eu”: para eu escolher.** Dessa forma, sempre diga e escreva: **Para eu fazer, para eu levar, para eu falar, diante de verbo no infinitivo.**

ORTOGRAFIA

- **4. “Esse assunto fica entre eu e você!”** Quando a preposição existe, neste caso **“entre”,** usa-se o pronome oblíquo. O correto é: e**ntre mim e você ou entre mim e ti.** Portanto, use pronome oblíquo tônico (mim, ti, si, ele, ela, nós, vós, si, eles, elas) após preposição: **falava sobre mim, faça por nós, entre mim e você não há problemas, falavam entre si.**

ORTOGRAFIA

- 5. **“Há muito tempo atrás, comprei uma bicicleta.”** O verbo **“há”** tem sentido de tempo passado, logo não há necessidade de adicionar **“atrás”.** Ou você escolhe um ou outro: **Há muito tempo... Tempos atrás... Há dez anos... Dez anos atrás.**

ORTOGRAFIA

- **6.** “Então, pegou ele pela gola.” Quando for necessário que um pronome seja objeto direto (pegou algo: ele), nunca coloque pronome pessoal, opte pelo caso oblíquo átono (me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, se, os, as, lhes): Pegou-o, avisou-o, apresentei-a, levou-nos, ama-me, leva-nos.

ORTOGRAFIA

- **7. Aonde você estava? "Aonde"** indica ideia de movimento, enquanto **"onde"** refere-se somente a lugar. Portanto: **Onde você estava? E Aonde nós vamos agora?**

ORTOGRAFIA

- **8. “A situação vinha de encontro ao que ele desejava.”** Se é uma situação que a pessoa desejava, será: **ao encontro de**, expressão que designa favorecimento, estar de acordo. Já a locução **“de encontro a”** tem sentido de oposição, de choque: **Ele foi de encontro ao poste.**

ORTOGRAFIA

- **9. “Esse ano vamos fazer diferente.”** Se é o ano vigente, então use o pronome **“este”,** uma vez que indica proximidade: **Esta sala de aula, esta semana está sendo ótima, este dia vai ser abençoado, este ano está sendo o melhor de todos, esta noite veremos estrelas.**

ORTOGRAFIA

- **10. AMBIGUIDADE** Significados:
- 1. Qualidade ou estado de *ambíguo:* que se pode tomar em mais de um sentido; equívoco; impreciso; incerto.
- 2. Duplicidade de sentido numa construção sintática.
- **Frase ambígua - "Desde os três anos, meu pai já me ensinava a ler**".
- **Duplo sentido -** Nessa construção, a expressão "desde os três anos" pode ser aplicada ao pai (o que seria absurdo) ou ao filho (sentido mais lógico). Afinal, quem tinha três anos? O pai ou o filho?

ORTOGRAFIA

- Frase ambígua - "**Desde os três anos, meu pai já me ensinava a ler**".
- **Correção:**
- Desde que eu tinha três anos, meu pai já me ensinava a ler.
- Meu pai ensinava-me a ler desde que eu tinha três anos de idade.
- Eu tinha apenas três anos, e meu pai já me ensinava a ler.

ATENÇÃO...

- Embora se saiba "***que é falando que a gente se entende***", ***temos*** uma série de dificuldades que podem comprometer uma redação. **E você? Como anda a sua comunicação escrita??? Vamos ver... Assinale a alternativa correta!!!**

ATENÇÃO...

	Casas germinadas		Casas geminadas
	Sou de menor		Sou menor
	Sou maior de idade		Sou de maior
	O feriado caiu num domingo.		O feriado caiu de domingo.
	De sábado, não trabalho.		Aos sábados, não trabalho.
	Aguardo notícias.		Estou no aguardo de notícias.
	Caderno espiral		Caderno aspiral

ATENÇÃO...

	A mala está leve.		A mala está leviana.
	Fiquei fora de mim.		Fiquei fora de si.
	Não saí por causa que estava chovendo.		Não saí porque estava chovendo.
	O paciente sofreu melhoras.		O paciente sentiu melhoras.
	Ele já acordou.		Ele já se acordou.
	O motorista perdeu a direção do veículo.		O motorista perdeu o controle do veículo.

ATENÇÃO...

	Tenho menas sorte que você.		Tenho menos sorte que você.
	O pessoal não gostaram do filme.		O pessoal não gostou do filme.
	Não poderia dizer isso perante ela.		Não poderia dizer isso perante a ela.
	Fazem 12 anos que não viajo ao exterior.		Faz 12 anos que não viajo ao exterior.
	Este livro é para eu ler.		Este livro é para mim ler.

ATENÇÃO...

	Porque você não foi à escola?		Por que você não foi à escola?
	Prefiro leite a café.		Prefiro mais café do que leite.
	O prefeito prometeu novas denúncias.		O prefeito prometeu, novas denúncias.
	Bem-vindos a Cândido de Abreu!		Bem vindos a Cândido de Abreu!
	Comprei-o para você.		Comprei ele para você.
	Amo-lhe muito.		Amo-a muito.

ATENÇÃO...

	As crianças foram ao cinema.		As crianças foram no cinema.
	Espécie em vias de extinção.		Espécie em via de extinção.
	O alface estava gostoso.		A alface estava gostosa.
	Preços a partir de R$1,99.		Preços apartir de R$1,99.
	A professora era meia louca.		A professora era meio louca.
	O assunto não tem nada haver com você.		O assunto não tem nada a ver com você.
	O garoto foi tachado de ladrão.		O garoto foi taxado de ladrão.
	Quero calças cinzas.		Quero calças cinza.

ATENÇÃO...

	Todos queriam namorar a Marisa.		Todos queriam namorar com Marisa.
	Sentou-se na mesa para comer.		Sentou-se à mesa para comer.
	Eles tem razão.		Eles têm razão.
	Todos amigos o elogiavam.		Todos os amigos o elogiavam.
	Ela mesmo arrumou a sala.		Ela mesma arrumou a sala.
	A temperatura chegou a zero graus.		A temperatura chegou a zero grau.
	Maria quis viajar ontem.		Maria quiz viajar ontem.
	Venha por a roupa.		Venha pôr a roupa.

ATENÇÃO...

	A modelo pousou o dia todo.		A modelo posou o dia todo.
	Espero que viajem hoje.		Espero que viagem hoje.
	Já é oito horas.		Já são oito horas.
	A festa começa às 8 h.		A festa começa às 8 hrs.
	Que seja feliz		Que seje feliz.
	Fiquei fora de mim.		Fiquei fora de si.
	Falo alto porque ele houve mal.		Falo alto porque ele ouve mal.
	Se tivesse saído mais cedo.		Se estivesse voltado mais cedo.
	Eu ia ao cinema, mais choveu!		Eu ia ao cinema, mas choveu!

Baseado no livro "Não Erre Mais!", de Luiz Antônio Sacconi

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2019.v.7.n.13.227

A DIALÉTICA NA CATEGORIZAÇÃO DA ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA: O MOVIMENTO RECURSIVO ENTRE PALAVRA E CONCEITO

DIALETICS IN THE CATEGORIZATION OF TEXTUAL DISCURSIVE ANALYSIS: THE RECURSIVE MOVEMENT BETWEEN WORD AND CONCEPT

Maria do Carmo Galiazzi[1]
Robson Simplicio de Sousa[2]

Resumo: Apresentamos, neste texto, parte do estudo para compreendermos sobre categorização na Análise Textual Discursiva (ATD) de Moraes e Galiazzi (2007). Trataremos de uma das categorias finais emergentes sobre categoria na ATD, a dialética. Portanto, nossa pergunta é: "O que é isto, a dialética na categorização na ATD?". Inicialmente, expressamos a compreensão alcançada da palavra dialética e, posteriormente, seus sentidos conceituais no livro de ATD. A primeira categoria intermediária mostra a dialética no processo de unitarização e de categorização em movimento dialético entre ordem e desordem. A segunda engloba o modo de teorizar na pesquisa entre teorias *a priori* e teorias emergentes. A terceira mostra o movimento entre processos indutivos e dedutivos, atentos aos intuitivos e auto-organizados na pesquisa. Compreendemos que a ATD é um exercício hermenêutico em um círculo virtuoso de autoconhecimento que encontra a palavra, dela vai ao conceito e à palavra retorna em fusão de horizontes.

Palavras-chave: Análise Textual Discursiva; Categoria; Dialética.

Abstract: We present here part of the study about categorization in Moraes and Galiazzi's Discursive Textual Analysis (DTA) (2007). We will deal with one of the emerging final categories on category from DTA book, the dialectics. So our question is, "What is this, dialectics in the categorization of DTA?". Initially, we express an understanding of the word dialectics and, later, its conceptual senses from DTA book. The first intermediate category shows the process of unitarization and categorization in dialectical movement between order and disorder. The second includes the way of theorizing in research between *a priori* theories and emerging theories. The third shows the movement between inductive and deductive processes, being alert to intuitive and self-organized processes in research. We understand DTA is a hermeneutic exercise in a virtuous circle of self-understanding that finds the word, it goes to the concept and to the word returns in fusion of horizons.

Keywords: Textual Discursive Analysis; Category; Dialectics.

1 Introdução

A Análise Textual Discursiva (ATD) é uma metodologia de análise de textos e discursos na pesquisa qualitativa muito utilizada em pesquisas nas Ciências Humanas, especialmente em pesquisas na Educação no contexto brasileiro. O trabalho que a apresenta teoricamente é o livro Análise Textual Discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2007, 2011, 2016). Uma de nossas premissas nos estudos da ATD está na palavra como lugar de significados e sentidos sempre passíveis de maior compreensão. Por isso, como pesquisadores, com os poetas e os tontos - como diz Manoel de Barros -, somos compostos pelas palavras que sabemos, usamos, ouvimos, falamos, escrevemos.

---

[1] Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS). Professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, RS, Brasil. E-mail: mcgaliazzi@gmail.com

[2] Doutor em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Professor Adjunto do Departamento de Sociais e Humanas da Universidade Federal do Paraná (UFPR) - Setor Palotina, Palotina, PR, Brasil. E-mail: robsonsimplicio@hotmail.com

Na busca de ampliarmos compreensões acerca da ATD (MORAES; GALIAZZI, 2007), mostraram-se como fenômenos de estudo, em textos anteriores, a descrição e a interpretação em teses em Educação em Ciências (SOUSA; GALIAZZI; SCHMIDT, 2016), a influência da hermenêutica filosófica (SOUSA; GALIAZZI, 2016), o modo de elaboração das categorias nesta metodologia de análise (SOUSA; GALIAZZI, 2017). Neste último, compreendemos que a categoria é exigência do método como modo operativo de desencadear a lida com o material empírico. O fenômeno, entretanto, exige do pesquisador uma ampliação do operativo em direção ao modo perceptivo, intuitivo e hermenêutico na análise (SOUSA; GALIAZZI, 2017).

Apresentamos neste artigo, ainda decorrente da categorização sobre o termo “categoria”, o metatexto em que nos dedicamos ao fenômeno “a dialética na categorização”, uma das categorias finais para compreendermos mais sobre a categoria na ATD. Neste texto pretendemos apresentar o exercício hermenêutico do movimento da palavra ao conceito na ATD e, posteriormente, do conceito à palavra, como proposto por Gadamer (2000). Entendemos que a categorização na ATD chega às palavras que sabemos e, posteriormente e, recursivamente, a metodologia propõe o movimento da palavra, essa da categoria, ao conceito e dele novamente à palavra, fazendo assim o movimento do conhecimento como (auto)conhecimento (GADAMER, 2000).

Ao buscarmos a entrada da palavra dialética na ATD, encontramos a dialética como característica do modo de fazer pesquisa qualitativa destacada desde a tese de Moraes (1991), autor da ATD. Isto gerou a pergunta fenomenológica que orientou este texto: “O que é isto: a dialética no processo de categorização na Análise Textual Discursiva?”. Mostramos, a partir da ATD, a compreensão alcançada de como se mostra a dialética em seus significados enquanto reivindicação metodológica nos procedimentos de categorização da própria ATD e seguimos em direção à ampliação de significados por círculos virtuosos hermenêuticos (ROHDEN, 2012) para, em movimento posterior, retornar à palavra ampliada em seus sentidos.

A metodologia de análise para responder à pergunta seguiu as orientações da ATD (MORAES; GALIAZZI, 2007, 2011, 2016) com o suporte do *software* Atlas.ti. O ATLAS.ti já se mostrou potencialmente significativo para ser usado com a ATD. Entretanto, o pesquisador precisa ficar atento ao fato de que os dados não estão prontos e que só fazem sentido a partir da interrogação da pesquisa (ARIZA *et al*., 2015). O *software* é, portanto, o organizador das informações a serem analisadas pelo pesquisador. Este tem a autonomia no movimento analítico e tem, no Atlas.ti., o suporte.

Ao longo do metatexto, as unidades de significado estão codificadas com “USx” em que US é referente à unidade de significado extraída do livro de ATD (MORAES; GALIAZZI, 2007), nosso *corpus* de análise, documento primário no Atlas.ti, e “X” é referente à ocorrência numérica da unidade de significado no texto. Algumas unidades de significado do texto de ATD foram apenas indicadas com seus respectivos códigos em razão do limite deste texto.

Inicialmente, faremos uma breve incursão etimológica, filosófica e histórica sobre a palavra dialética, traçando um movimento da palavra ao conceito. A seguir, descreveremos os sentidos que a palavra dialética tem no livro de ATD possibilitados pela análise. Assim, recursivamente suas partes foram rearranjadas, retrabalhadas, relidas e reescritas em círculos virtuosos como sugere a hermenêutica (ROHDEN, 2012) e que consideramos o segundo movimento realizado, do conceito à palavra na ATD.

2 Diálogos sobre dialética

A palavra dialética é uma das tantas palavras que tem um conjunto de vareios no dizer. Buscamos significados acerca da palavra dialética que podem nos possibilitar veios comuns de entendimento com inauguramento de falas. Assim, iniciamos o movimento de compreensão da palavra ao conceito com um percurso pela etimologia, pela filosofia e pela história da palavra de interesse.

A palavra dialética, do latim, *dialectica*, deriva do grego *dialektiké*, e está associada, etimologicamente, à “arte de raciocinar, à lógica” e à “discussão” (CUNHA, 2010). Em outras acepções dicionarizadas, significa a arte de discutir e usar argumentos lógicos, especialmente por perguntas e respostas. O sentido da argumentação pode ser tanto num sentido laudativo como num sentido pejorativo, com emprego de sutilezas. É um termo muito usado na Filosofia, e significa, genericamente, oposição, conflito

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2019.v.7.n.13.227

originado pela contradição entre fenômenos empíricos ou princípios teóricos (HOUAISS, 2009; FERREIRA, 2010).

Ao longo da história, a palavra dialética tem sido usada com diferentes significados em correntes filosóficas distintas. O termo dialética deriva de diálogo, entretanto, na história da Filosofia, ele não possui significado unívoco, como já dito. Foi nos gregos que se situou inicialmente a dialética como a arte do diálogo. No platonismo, significou diálogo, debate entre interlocutores comprometidos com a busca da verdade, indo das aparências sensíveis às realidades inteligíveis ou às ideias. Para Aristóteles, é um raciocínio lógico, que embora tenha coerência interna, está fundamentado em ideias apenas prováveis, tendo em seu âmago a possibilidade de ser refutado. Aristóteles atribuiu a Zenão de Eléia a fundação da dialética. No entanto, Zenão era um seguidor de Parmênides e, assim, era contrário à ideia de realidade como devir e elabora seus argumentos contra o movimento e a multiplicidade do ser, pois o Ser é, de acordo com Parmênides. Platão aponta uma segunda via para a gênese da dialética, o devir de Heráclito, que foi contemporâneo de Parmênides. Platão fala da dialética também como ciência dos opostos que pode empregar recursos lógicos ou analíticos em seus desenvolvimentos iniciais e parciais, mas que se constitui como a ciência dos opostos, conservados e superados, pela Idéia final ou síntese de Bem ou Uno (PAVIANI, 1997). Agregou-se ao significado da arte do diálogo à contradição, o modo de pensar às contradições da realidade e em permanente transformação. Com este significado, Heráclito foi o pensador mais radical. Para este filósofo os opostos se transformam uns nos outros. Assim, dia se transforma em noite que volta a se transformar em dia. Vida em morte, juventude em velhice (KONDER, 2012). Heráclito não esclarece a exigência de uma síntese superadora das contradições, exigência em Platão. O exame nos diálogos de Platão aponta, ao mesmo tempo, o abandono dos argumentos lógicos e a elaboração de processos dialéticos (PAVIANI, 1997).

Abbagnano (2012) assinala quatro significados fundamentais à dialética na filosofia: i. *dialética como método da divisão* - atribuída a Platão; ii. *dialética como lógica do provável* - atribuída a Aristóteles; iii. *dialética como lógica* - atribuída aos estóicos - e; iv. *dialética como síntese dos opostos* - atribuída a Hegel.

Na *dialética como método de divisão*, atribuída a Platão, a dialética “é a técnica de investigação conjunta, feita através da colaboração de duas ou mais pessoas, segundo o procedimento socrático de perguntar e responder” (ABBAGNANO, 2012, p. 315). Para Platão, a filosofia era tarefa de homens que “vivem juntamente”, uma atividade própria

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2019.v.7.n.13.227

de uma "comunidade da educação livre" em que a dialética é o ponto mais alto a que se pode chegar em uma investigação conjunta. Para ele, a dialética é composta de dois momentos: a) remeter as coisas dispersas a uma ideia única e em defini-la de modo que possa ser comunicada a todos; b) dividir de novo a ideia em suas espécies, seguindo suas interações naturais - o método da divisão. No primeiro caso, a dialética se situa além das ciências particulares, pois considera as hipóteses das ciências como ponto de partida para chegar aos princípios. No segundo caso, o procedimento dialético pode se deparar com uma única ideia que abarque muitas outras, pode também, a partir de uma ideia, reduzir muitas ideias à unidade e pode ainda fazer com que muitas ideias permaneçam totalmente distintas entre si. Por isso, em Platão, "A dialética consiste em reconhecer, nas situações que se apresentam, qual dessas possibilidades é a apropriada em proceder coerentemente" (ABBAGNANO, 2012, p. 316).

A partir dessa dialética platônica, Gadamer (2015) compreende que Platão nos mostra o quão difícil é reconhecer que não se sabe. Ele alerta, contudo, que:

> A arte da dialética não é a arte de ganhar de todo mundo na argumentação. Ao contrário, é perfeitamente possível que aquele que é perito na arte dialética, isto é, na arte de perguntar e buscar a verdade, apareça aos olhos de seus ouvintes como o menos indicado a argumentar. A dialética como arte de perguntar, só pode se manter se aquele que sabe perguntar é capaz de manter suas perguntas, isto é, orientação para o aberto. A arte de perguntar é a arte de continuar perguntando; isso significa porém, que é a arte de pensar. Chama-se dialética porque é a arte de conduzir uma autêntica conversação (GADAMER, 2015, p. 478).

Na *dialética como lógica do provável*, atribuída a Aristóteles, a dialética é simplesmente um procedimento racional não demonstrativo, em que o silogismo é dialético, partindo de premissas prováveis, ao invés de verdadeiras. Por "provável", Aristóteles entendia como aquilo que parece aceitável a todos, à maioria ou aos sábios.

> O motivo do uso do termo "dialética" nesse sentido é explicado pelo próprio Aristóteles dizendo que, "enquanto a premissa demonstrativa é a assunção de uma das duas partes da contradição, a premissa dialética é a pergunta que apresenta a contradição como alternativa" (An. pr., I, 1, 24 a 20 ss.), e assim faz certa referência ao diálogo (ABBAGNANO, 2012, p. 316).

Para Gadamer (2015), Aristóteles entende a dialética como a faculdade de investigar os opostos, mesmo independentemente de seu cerne e de investigar se pode haver uma mesma ciência para coisas opostas. Por isso, Gadamer entende que a teoria aristotélica permite reconhecer uma primazia da pergunta no movimento dialético. Por conta de Aristóteles e sua influência, é que não se abandonaram os estudos sobre o lado dinâmico e mutável do real (KONDER, 2012).

O terceiro significado, *a dialética como lógica*, é atribuído aos estóicos que a identificaram como a lógica geral. A dialética estóica, a mais difundida na Antiguidade e na Idade Média, seria a ciência do discutir corretamente que consiste em perguntas e respostas, partindo de premissas hipotéticas - que também para Aristóteles dão o caráter dialético ao raciocínio. Diferencia-se de Aristóteles, pois, para os estóicos, a "teoria do raciocínio não permitia, pois, a distinção entre premissas necessariamente verdadeiras e premissas prováveis em que, segundo Aristóteles, se fundava a distinção entre silogismo demonstrativo e silogismo dialético" (ABBAGNANO, 2012, p. 315). A dialética medieval não se contentava em elencar prós e contras, tomando a seguir a própria decisão, mas acabava envolvendo todos os argumentos, que, segundo, Gadamer (2015, p. 476) "repousa na pertença íntima entre ciência e dialética, isto é, resposta e pergunta".

Os estudos da dialética ficaram sufocados pela igreja durante a época medieval. No entanto, com as mudanças sociais e científicas, a Terra já não era mais o centro do Universo, nem o repouso era o estado natural dos corpos, mas seu movimento. O ser humano foi considerado capaz de dominar a natureza e modificá-la criativamente. Assim, foi no Renascimento que a dialética conquistou seu caráter de estudo do instável, do dinâmico e do contraditório da condição humana. O ser humano poderia ser conhecedor de sua história e isso exigiu um método para a compreensão da realidade histórica, o método dialético, o que fez com que o pensamento dialético permanecesse em diferentes pensadores sempre com a ideia de movimento e de transformação de uma coisa em outra (KONDER, 2012).

Denis Diderot (1713-1784), filósofo do Iluminismo, contribuiu com a dialética, pois compreendeu o condicionamento do indivíduo às mudanças da sociedade em que vivia. Foi Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), que confiava mais na natureza do que na razão humana, a ponderar sobre a necessidade de uma democratização da vida social. Rousseau sabia que as mudanças sociais profundas, realizadas por sujeitos coletivos, não costumam ser tranquilas; sabia que as transformações necessárias seriam, como se mostraram, tumultuadas. Tanto Diderot quanto Rousseau eram opositores da ordem conservadora da época (KONDER, 2012).

No final do século XVIII e no começo do século XIX, os conflitos políticos já não eram mais abafados, alcançando a Prússia oriental, onde nasceu e viveu Immanuel Kant (1724-1804). Para Kant, a consciência humana não se limita a registrar passivamente impressões provenientes do mundo exterior. Ela sempre é consciência de um ser com ações que interferem na realidade. Konder (2012) sintetiza esta guinada no sentido dado à dialética, apontando para a tentativa de responder a pergunta sobre o que é o conhecimento. Em seu trabalho Kant percebeu que as contradições são inextricavelmente ligadas ao pensamento humano.

O quarto significado apontado por Abbagnano (2012), *a dialética como síntese de opostos*, foi formulado especialmente por Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), sendo por ele considerada como a própria natureza do pensamento e identidade com o real. Os resultados da aplicação do método dialético são pensamentos concretos. Hegel viu os primórdios de seu pensar na dialética em Heráclito. Na filosofia moderna, é o significado hegeliano o mais presente e foi utilizado por Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895). Entretanto, ao significado idealista de Hegel, Marx se contrapôs pois, no conceito hegeliano a consciência é e permanece na consciência, não alcançando o objeto, a realidade e a natureza a não ser no pensamento e como pensamento. Este quarto significado é o mais criticado porque serviu de explicação como fórmula capaz de justificar o passado e o que se prevê para o futuro. Muitos filósofos fizeram referência a este quarto significado da dialética, entre eles Kierkegaard, Sartre, Althusser, Adorno entre tantos. Foucault, no entanto, passou a recusá-lo veementemente, pois a dialética hegeliana ou marxista, segundo ele, reduz um conjunto inumerável de contradições a uma contradição principal que se resolve pela proposição lógica de uma síntese (RAMOS, 2015).

A dialética hegeliana enquanto método filosófico buscou desenvolver a totalidade das determinações do pensar. Em outras palavras, dentro do monólogo que se constitui o "método" moderno é a tentativa de abranger a continuidade de sentido proporcionada àqueles em diálogo. Ao flexibilizar as abstrações do pensar, diz Gadamer (2015, p. 482), Hegel "refundiu sua lógica na forma de realização da linguagem, o conceito, na força de sentido da palavra que pergunta e responde". E complementa que "A dialética hegeliana é um monólogo do pensar que busca produzir, previamente, o que pouco a pouco vai amadurecendo em cada conversação autêntica" (GADAMER, 2015, p. 482).

Hegel agregou ainda outro sentido à dialética, pois, da mesma forma que Kant, concordava que o ser humano está sempre interferindo na realidade. Foi Hegel que trouxe a ideia de que o trabalho impulsiona o desenvolvimento humano. É no trabalho que o homem produz a si mesmo. O trabalho permite a expressão da ação criadora, do domínio da natureza e isso se torna foco de reflexão de Marx, que superou - dialeticamente - as posições de seu mestre. Marx se aliou a Hegel na ideia de que o trabalho transforma e desenvolve o ser humano, no entanto, chamou atenção para a importância do trabalho físico, material. O trabalho é a atividade pela qual o homem domina as forças naturais, transforma a natureza e por ele o ser humano cria a si mesmo (KONDER, 2012, p. 317).

Consideramos que este movimento da palavra em direção ao conceito (ROHDEN, 2012) tenha sido, por ora, suficiente para uma tomada de decisão, embora finito e inconcluso. Esta decisão se apoia em Almeida ao afirmar que:

> A hermenêutica assume a linguagem como a verdadeira concretização do pensamento, vendo nisto uma herança platônica-aristotélica da dialética grega; portanto, o universal hermenêutico está marcado pela insuficiência imanente à linguagem humana; insuficiência que não leva o diálogo a um fechamento final, mas ao contrário, possibilita sua continuidade sempre. Trata-se de uma insuficiência ontológica (ALMEIDA, 2000, p. 104).

Com isto, chegamos a dois opostos: os que a afirmam a dialética e os que a negam. Decidimos assumir o primeiro grupo de significados sem ignorar seus antagonismos, pois a ATD expressa em sua obra concordância com a palavra e seus sentidos e esta é a pergunta da pesquisa que nos move. Não se mostraram no texto da ATD os limites da dialética ou seus antagonismos e para entender as razões do antagonismo seria preciso outro estudo que foge à intenção deste texto. A seguir apresentamos o movimento do conceito à palavra tendo a pergunta *O que é isso que se mostra, a dialética na categorização na ATD?*.

3 A Dialética na categorização entre a desordem e a ordem

Reafirmamos a compreensão de que os sentidos das palavras estão em movimento, e isso nos remete à importância de mantermos os significados e sentidos que atribuímos às palavras em uma fusão de horizontes mais do que na aposta de que é possível sua superação. É preciso chegar do conceito novamente à palavra, como nos diz Gadamer (2000), se a intenção é o diálogo. É com esta intenção que agora continuamos o movimento analítico do conceito com retorno à palavra no texto analisado, que apresentaremos a seguir.

O início da análise pela metodologia de ATD se assemelha às metodologias categoriais que têm por intenção estabelecer uma estrutura hierárquica para a interpretação do fenômeno. O conjunto de informações a analisar nas metodologias categoriais está inicialmente em desordem e, seja qual for o objetivo da análise, mais próximo da explicação, da compreensão, da descrição ou da narrativa, o resultado será mais ordenado. Algumas destas metodologias se aproximam mais de focos explicativos, o que nisso difere a ATD que se movimenta interpretativamente em direção a horizontes compreensivos. Como mostramos em trabalho anterior (SOUSA; GALIAZZI, 2017), a estrutura estabelecida na categorização transita entre o hermenêutico e o epistemológico, aproximando-se, com isso, da compreensão e interpretação do fenômeno, mais da ampliação do (auto)conhecimento do pesquisador do que da explicação do que foi considerado fenômeno em análise. O movimento inicial de análise torna-se ainda mais desorganizado a partir da produção de unidades de significado, processo denominado na ATD de unitarização.

O objetivo desta unitarização é desmontar estruturas e textos em busca de outros sentidos e produzir outros textos interpretativos. Qualquer unitarização produz maior desorganização no *corpus* de análise do que o estado anterior. Quando unidades de significado se pautam por alguma teoria *a priori* do pesquisador, esta teoria, de certa forma, organiza o *corpus* desde o início da análise, mesmo que de outra forma. Um outro modo de desorganização do *corpus* é pela unitarização a partir sentidos que o pesquisador atribui na leitura sem estabelecer alguma perspectiva teórica, embora não lhe seja possível abstrair-se integralmente de suas teorias.

As unidades de análise são sempre identificadas em função de um sentido pertinente aos propósitos da pesquisa. Podem ser definidas em função de critérios pragmáticos ou semânticos. Num outro sentido, sua definição pode partir tanto de categorias definidas *a priori*, como de categorias emergentes. Quando se conhece de antemão os grandes temas da análise, as categorias *a priori*, é suficiente separar as unidades de acordo com esses temas ou categorias. Entretanto, uma pesquisa também pode pretender construir as categorias, a partir da análise em um viés fenomenológico. Nesse caso as unidades de análise são construídas com base nos conhecimentos tácitos do pesquisador, sempre em consonância com os objetivos da sua pesquisa (US4) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 19).

Este mesmo sentido de ordem e desordem pode vir no movimento de separação e reunião de unidades de significado em categoria anteriormente não construída ou, de modo inverso, ao se ter categorias preestabelecidas e colocar as unidades de significado nestas. Assim, a dialética na ATD se mostra na unitarização e categorização, na separação e classificação das unidades, na fragmentação e reunião dos textos. Sempre um movimento que decompõe e reestrutura. O que se destaca na obra de ATD é que a análise é o movimento entre estes extremos, mas que não há uma sequência, uma etapa a seguir a outra, os processos estão juntos. Como na famosa frase de Heráclito, nem o rio, nem o sujeito são os mesmos. O mesmo acontece no processo de análise, no qual a ordem e desordem estão juntas e se produzem nesta presença mútua:

> Para que possa ser concretizado um processo de classificação se exigem a separação e decomposição dos materiais textuais em unidades de base, também denominadas unidades de significado. As categorias se estruturam a partir dessas unidades, podendo formar-se diferentes tipos de categorias a partir da tipologia de unidades de base. Por sua vez, a ordem do processo, da unitarização para a categorização ou o inverso, depende de opções metodológicas e analíticas assumidas pelo pesquisador (US68) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 76).

Como dito anteriormente, não é possível esquecer as teorias que nos organizam o pensamento e subtrair da análise nosso modo de pensar, assim a dialética da análise se mostra nos critérios estabelecidos na pesquisa. Neste modo de pensar a análise, que é de estabelecer categorias, a organização em categorias é uma etapa fundamental da análise nesta metodologia:

> Categorizar ou classificar um conjunto de materiais é organizá-los a partir de uma série de regras. É produzir uma ordem a partir de um conjunto de materiais desordenados. Constitui uma das etapas mais importantes de uma análise textual discursiva (US122) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 116).

Neste movimento de ir e vir é que se classificam unidades e categorias iniciais, intermediárias, finais e se avança na compreensão do fenômeno que se está a investigar pela categorização. A classificação pode acontecer por critérios estabelecidos de antemão ou o próprio critério vai se moldando ao longo da análise à medida que mais se conhece o fenômeno em estudo. Mais uma vez, a presença do movimento entre certeza e incerteza articula ATD ao sentido da dialética dos contrários com o movimento hermenêutico da fusão de horizontes. Aqui lembrando o que afirmamos sobre o sentido da superação, a fusão de horizonte os junta, não abandona um deles, continuam presentes.

Assim, caracterizamos o processo de categorização, descrevendo-o como uma sequência de passos classificatórios que conduz a um conjunto de categorias reunindo elementos semelhantes. Juntamente com essa construção também se constroem compreensões do objeto da pesquisa e dos procedimentos de classificação (US71) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 77).

Neste processo de unitarizar e categorizar se compreende o que se pesquisa como também o modo de pesquisar. Toda a análise pela ATD é um movimento recursivo de separar e reunir, de descrever e interpretar, de analisar e sintetizar, de unitarizar e categorizar para produzir um texto com estrutura diferente da inicial:

> A unitarização e a categorização encaminham a produção de um novo texto que combina descrição e interpretação. Esse texto tem uma estrutura derivada do sistema de categorias construído na análise, modo de organização que pode

> garantir a validade dos resultados do processo analítico (US131) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 121).

Este ordenamento pode ser pensado como a produção, de um lado, de algo conhecido com as informações de análise e, de outro, com algo produzido durante a análise. A metáfora que o texto analisado traz é a do quebra-cabeça e do mosaico, como segue:

> Pode-se concebê-lo como construção de um quebra-cabeças em que o objeto do jogo e suas peças são criadas e ajustadas na medida em que a pesquisa avança. Numa perspectiva mais radicalmente qualitativa, talvez, uma metáfora melhor seja a criação de um mosaico, entendendo-se que o mesmo conjunto de unidades de sentido pode dar origem a uma diversidade de modos de organização do produto final. Haveria algumas pesquisas em que o processo não passaria de uma montagem de um quebra-cabeças? (US75) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 78).

Prestando atenção à metáfora do quebra-cabeça, cuja solução é conhecida, o pesquisador que fica nas teorias já por ele conhecidas, completa o quebra-cabeça ao fazer a análise; ou faz um mosaico, cuja construção se dá no processo e da qual não se sabe o resultado, esta é a característica de movimento analítico em que a dialética se mostra: de algo dado a algo produzido pelo pesquisador para melhor compreender o fenômeno em estudo, lembrando da abordagem fenomenológica-hermenêutica da ATD. Nisso também não há como deixar de pensar no movimento entre a fenomenologia e a hermenêutica na mesma recursividade da ordem e desordem, fragmentação, reunião, descrição e interpretação, certeza e incerteza neste conjunto de movimentos:

> Na análise textual discursiva corresponde a uma organização, ordenamento e agrupamento de conjuntos de unidades de análise, sempre no sentido de conseguir expressar novas compreensões dos fenômenos investigados. Equivale, nesse sentido, à construção de estruturas compreensivas dos fenômenos, posteriormente expressas em forma de textos descritivos e interpretativos (US63) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 74).

Outro modo de se mostrar a dialética no movimento analítico é na relação entre as partes e o todo. Lembramos aqui do famoso conto dos cegos que descrevem um elefante. Cada parte contém em si o elefante, mas ela sozinha não constitui o elefante. Ao mesmo tempo um cego sozinho que interpreta o que é um elefante a partir do tato terá maior dificuldade em descrevê-lo como este todo que ele é, como o próprio círculo hermenêutico (SOUSA; GALIAZZI, 2016).

> O que se propõe na Análise Textual Discursiva é utilizar as categorias como modos de focalizar o todo por meio das partes. Cada categoria constitui uma perspectiva diferente de exame de um fenômeno, ainda que se possa examiná-lo de uma forma holística. Isso constitui um exercício de superação do reducionismo que o exame das partes sem referência permanente ao todo representa. O desafio é exercitar um diálogo entre o todo e a parte, ainda que dentro dos limites impostos pela linguagem, especialmente na sua

> formalização em produções escritas (US24) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 49).

Considerando que somos sujeitos finitos, históricos e incompletos, esta superação é impossível, porque mantemos na memória a compreensão de que o sentido da superação não acontece, apenas amplia. A dialética como vem mostrando que até aqui não se fixa em um ponto. Ao contrário, é movimento com o objetivo de aumentar a compreensão. Então, se há na categorização uma estruturação para a apresentação da compreensão do fenômeno em estudo, esta estrutura é resultado de um movimento intenso entre as características aqui destacadas:

> Parece-nos, entretanto, que não se trata novamente de tudo ou nada. Fragmentar e categorizar não significam, necessariamente, permanecer com o foco do trabalho apenas nas partes. Pode-se exercitar um movimento dialético entre o todo e as partes, de modo que se consiga aumentar a compreensão do todo, inclusive das interações que o constituem, focalizando temporariamente nas partes e em suas interconexões. Podem-se olhar partes de um sistema complexo sem necessariamente dividi-lo. Isto, evidentemente, não significa que não haja pesquisas, mesmo qualitativas, em que a fragmentação seja uma característica. Entretanto categorizar não é necessariamente ficar apenas nas partes (US147) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 153).

Nesta unidade de significado, destacamos a aproximação da hermenêutica e da dialética como movimento. É uma síntese de como a dialética se mostra na categorização da ATD, neste primeiro par dialético da ordem e desordem, podemos pensar no movimento de ir e vir, de separação e de reunião, de desordem e de ordem, de organização e de desorganização, de composição e desmontagem, de análise e de síntese, das partes e do todo. Neste nunca ser igual ao ir e em seu retorno é que a compreensão alarga o horizonte de interpretação do fenômeno que se escolheu saber mais.

4 A Dialética na categorização entre a teoria dada e a fusão de horizontes no processo

Uma segunda categoria sobre dialética na categorização na ATD se refere à teorização. O modo clássico de teorização, e mais frequente na produção de conhecimento, é o que parte de teorias consistentes de interpretação do mundo e, em particular, do que se estuda. Modo contrário a essa teorização é aquele em que, a partir do estabelecido como classificação, as informações são tomadas como exemplos práticos do que se quer reforçar. Os dois movimentos são considerados legítimos na ATD, com atenção ao conhecimento do pesquisador e o movimento em direção à fusão de horizontes teóricos. Ao reafirmar a impossibilidade de linguagem sem conceito e, com isso, de impossibilidade de suspensão total das teorias do pesquisador ao pesquisar, como proposição na Fenomenologia de Husserl, é preciso, na análise, estar atento aos conhecimentos do pesquisador, como chamam atenção os autores da ATD:

> No processo de análise e de categorização é preciso ter em conta a importância dos conhecimentos tácitos do pesquisador, tendo o processo neles seus fundamentos. Entretanto, a evolução da construção do caminho analítico e de categorização leva a integrar gradativamente outras teorias, entre elas as teorias em construção no próprio processo da análise. As categorias, na sua versão final, devem constituir uma representação válida dessas teorias emergentes da análise. Isso nos leva a focalizar o contexto e os objetivos da análise como elementos do processo de categorização (US81) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 81).

Na teorização entre aquilo que o pesquisador sabe e assumindo uma perspectiva hermenêutica, sua incompletude e sua finitude, a dialética se mostra na atribuição de títulos que fundem unidades em categorias que expressam, ou a teoria assumida e seus conceitos expressos na linguagem pertinente ou trazem as palavras contidas no texto de modo a exercitar o movimento de escuta e retorno às coisas mesmas como pontuado por Husserl. Assim é que a separação e fusão dialogam na análise, como foi expresso no texto em análise:

> Isso se faz necessário, pois as unidades, quando levadas à categorização, estarão isoladas e é importante que seu sentido seja claro e fiel às vozes dos sujeitos da pesquisa. Finalmente, para facilitar outro elemento importante da análise, a categorização, é interessante atribuir a cada unidade de análise um título. Este deve apresentar a idéia central da unidade (US5) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 20).

Queremos chamar atenção nessa unidade destacada a um sentido divergente na nossa interpretação que é de ser fiel às vozes dos sujeitos da pesquisa. Se com isso o texto pode ser interpretado como atingir a clareza do que teve a intenção de ser dito, temos uma interpretação diferente. Entendemos ser impossível atingir esta relação entre o dito e escrito e a intenção do autor.

Dentro da ideia da relação entre categorização e teorização podemos afirmar que a construção e reconstrução de um conjunto de categorias dentro da ATD é um esforço nunca inteiramente concluído de teorização e de reconstrução teórica. Nesse sentido, o conjunto de categorias resultante pode ser compreendido como o arcabouço teórico que ajuda a compreender o fenômeno investigado. Portanto, envolver-se num processo de categorização é encaminhar uma teorização sobre o fenômeno de pesquisa. Essa teorização pode ser conduzida a partir de dois processos diferentes, ainda que eventualmente complementares. Um deles utiliza teorias *a priori*. O outro trabalha com teorias emergentes. Esses processos têm relação estreita com o que anteriormente foi discutido em relação às categorias *a priori* e às categorias emergentes.

Expresso de outra forma, a ATD se localiza dialeticamente nestes dois opostos:

> num deles se assume teorias "a priori", teorias com as quais o pesquisador entra no processo de análise, que ajudam a definir as categorias e encaminham a interpretação; no outro constrói as teorias no processo, emergindo as categorias e a teoria ao longo da análise. Quando assumindo esta segunda perspectiva, o pesquisador não se impõe um olhar teórico explícito, antes de envolver-se na análise. Nesse caso, as categorias construídas dentro do processo de análise constituem a estrutura das teorias emergentes do processo analítico (US139) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 126).

Estes movimentos complementares e recursivos, movimento ascendente e descendente em Heráclito e Platão (ROHDEN, 2012), ou da palavra ao conceito e do conceito à palavra (GADAMER, 2000) levam novamente à dialética. Um par entre objetividade e subjetividade pode ser referenciado nesta teorização, a objetividade mais próxima das teorias *a priori* em que o pesquisador pouco olha para si e o que sabe, assumindo que sabe e que a teoria expressa sua completude na descrição ou explicação do fenômeno e, de outro lado, uma componente que se importa com a subjetividade do pesquisador e que dá atenção à sua incompletude. Neste par é que se movimenta a teorização. No entanto, ao prestar atenção à unidade, parece que a ATD se localiza em um ponto e não é este o sentido compreendido. Não há este ponto arquimédico e sim opostos e contraditórios que estão juntos na análise (STEIN, 1983).

Este movimento está presente desde o estabelecimento das unidades, das categorias iniciais, a novas unidades teóricas, por exemplo, assumindo-as como discurso sobre o fenômeno, em direção à maior compreensão do que está em estudo. O primeiro caso é mais dedutivo, porque o pesquisador, a partir da teoria, deduz o pertencimento da unidade e da categoria a um conceito dessa teoria. O outro mais indutivo acumula informações semelhantes para, então, sintetizar em algum princípio que venha a ser teorizado posteriormente. Não é que se crie a teoria que vai dar conta de ampliar a compreensão do fenômeno, mas é a busca da teoria que acontece durante a análise, ampliando sentidos iniciais. Da mesma forma, não é de modo estático que as decisões acontecem, e, até nisso, a dialética da teorização se expressa num permanente movimento na busca de maior compreensão. Assim é que entre a dedução e a indução podem ocorrer movimentos híbridos entre estes extremos. Se foi estabelecida uma teoria *a priori*, as categorias finais estão estabelecidas e, então, as categorias intermediárias surgem a partir dela. No movimento contrário, as categorias intermediárias se aglutinam em categorias finais como posto no fragmento do texto de ATD analisado:

> O processo de categorização pode tanto ir de um conjunto de categorias gerais para conjuntos de subcategorias mais específicas, quanto no sentido inverso. O primeiro movimento está mais diretamente associado às categorias "a priori".

> O segundo, às categorias emergentes. Entretanto, independente do processo assumido, o pesquisador também deve desafiar-se, na medida em que avança na explicitação de seu sistema de categorias, a expressar em forma de argumentos seus principais "insights" em relação às categorias que vai construindo (US29) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 29).

A validade da pesquisa, aspecto importante para que se reconheça como conhecimento produzido por uma comunidade de pesquisa, dá-se a partir da atenção que o pesquisador tenha neste movimento. É preciso que, sem que se impeça o movimento entre uma teorização inicial mais consistente e um conhecimento de sentidos mais tácitos do pesquisador, ele saiba que a teorização vai ser intensificada em qualquer dos movimentos de análise.

> A validade exigida no processo de categorização é também uma exigência na unitarização. Há uma relação muito estreita entre os processos de unitarização e categorização, entre análise e síntese. Atingir validade em um deles é atingi-la também no outro (US51) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 52).

São estes processos de categorização e de teorização que vão dar origem aos metatextos, como o fazemos neste texto num movimento de descrição das unidades de significado, categorizadas:

> A categorização pode encaminhar-se a partir de dois processos localizados em extremos opostos. Um deles, de natureza mais objetiva e dedutiva, conduz às categorias denominadas "a priori". O outro, indutivo e mais subjetivo, produz as denominadas categorias emergentes. Em qualquer de suas formas, a categorização corresponde à construção de uma estrutura de categorias e subcategorias, conduzindo à produção de metatextos (Navarro & Diaz, 1994), constituídos de descrições e interpretações dos materiais analisados. Especialmente a abordagem indutiva implica em uma construção gradativa do objeto da pesquisa, constituindo a categorização elemento central nesse processo (US61) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 73).

Um processo de análise a partir de categorias *a priori* e de teoria *a priori* se assemelha mais a modelos explicativos da realidade. Mesmo considerando que a ATD é uma abordagem fenomenológica-hermenêutica e que a fenomenologia parte das percepções às coisas mesmas como se mostram ao pesquisador, a hermenêutica faz a distinção em direção mais do que à explicação e ao estabelecimento de verdades, mesmo que provisórias, à compreensão e à fusão de horizontes.

> O processo emergente de construção de categorias tende a ser mais trabalhoso, exigindo conviver com a insegurança de um caminho que precisa ser construído no próprio processo. Geralmente vai de categorias específicas, restritas e em grande número, a categorias cada vez mais amplas e em menor número. Ainda que a análise textual discursiva possa operar tanto com categorias "a priori", como com categorias emergentes, entendemos serem as últimas as que têm possibilidades maiores de criatividade (US127) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p.118).

Como a dialética se apresenta no hipotesear da metodologia de análise ATD no discurso científico? Considerando que hipótese pode ser pensada como uma tese fraca, de um lado uma teoria forte considerada como ponto de partida permite fortalecer esta hipótese de trabalho. As pesquisas qualitativas se afastam da verificação de hipóteses a comprovar enquanto, a partir da teoria consolidada, a tese, ou o argumento aglutinador, é fortalecido. Do outro lado do par dialético, a hipótese é construída durante a análise e também fortalecida ao final na teorização produzida. Assim, de um lado se testam as hipóteses em adequação a uma teoria assumida, de outro se fortalecem as teses a defender a partir de uma interlocução teórica que é exigida no próprio processo de análise. Mais uma vez a dialética se mostra em um par verificação e criação:

> Ainda que possamos admitir a condução de pesquisas sem hipóteses, quando essas são usadas podem aparecer em dois modos: teste de hipóteses “a priori” e criação de hipóteses. O primeiro modo relaciona-se mais especificamente às pesquisas com pretensão de generalização. Já a criação de hipóteses dentro do processo da análise conduz às hipóteses de trabalho, uma característica de pesquisas com ênfase no qualitativo (US98) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 88).

Outro par que se mostra na dialética da categorização é, de um lado, a voz de uma teoria forte assumida pelo pesquisador como um especialista e, de outro, as múltiplas vozes do material empírico que exigem um esforço de teorização que as escute e, ao mesmo tempo, interprete-as. O primeiro movimento carrega um esforço acumulado de diferentes interlocutores teóricos a ampliar a teoria ou intensificá-la e, com isso, menos atento às vozes das informações. O outro reforça a presença das vozes empíricas com intensidade que exigem um esforço teórico que é preciso alcançar. Para resolver as contradições neste sentido, a ATD se apoia na hermenêutica filosófica que tem como pressuposto a fusão de horizonte em direção à compreensão como atesta a unidade de significado a seguir:

> Por outro lado, assumir uma abordagem mais radicalmente subjetiva na categorização é pretender produzir categorias a partir do próprio material analisado. Isso sempre implica uma diversidade de possibilidades de conjuntos de categorias, dependendo o resultado das teorias e dos conhecimentos do pesquisador. Nesse tipo de classificação, num exercício de respeito às vozes e aos sujeitos participantes da pesquisa, o pesquisador exercita uma construção de categorias que valoriza as perspectivas e construções dos participantes, constituindo o processo, nesse sentido, uma reconstrução e explicitação de categorias que as informações coletadas possibilitam construir (US80) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 81).

Em síntese, na categoria que discutiu a teorização, a dialética se mostra entre o *a priori* e o emergente, entre a dedução e a indução, entre a teoria assumida e a fusão de horizontes pela análise. Movimentar-se enquanto pesquisador nestes pares permite alcançar maior compreensão do fenômeno e, ao mesmo tempo, assumir-se mais como pesquisador que defende seus argumentos a partir de intenso trabalho analítico que exige a teorização, seja qual for a perspectiva a que o pesquisador venha a recorrer.

5 A Dialética na categorização entre o planejado e o auto-organizado

Nesta terceira categoria sobre os sentidos da dialética na categorização, o que se mostrou foi um movimento entre certeza, de um lado, com o que já está planejado e incerteza, de outro lado, com a auto-organização da pesquisa. A certeza, mais próxima de processos dedutivos e de teorias consolidadas assumidas *a priori* e a ATD tem seus fundamentos ao tender para a indução:

> Já o processo de produção de categorias emergentes dá-se a partir de análises indutivas. A indução analítica (LINCOLN; GUBA, 1985) constitui um modo de chegar a um conjunto de categorias indo das informações e dados para classes de elementos que têm algo em comum (US96) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 87).

Um outro movimento dialético na categorização se refere à precisão e à amplitude, que vem de certa forma hierarquizar as categorias. Categorias mais precisas são mais restritas, mas a compreensão do fenômeno exige ampliação, maior amplitude, e, com isso, diminui a precisão da categoria. Considerando que, quanto mais precisas as categorias, maior é seu número e a categorização produz sua redução à medida que se organizam as informações até chegar nas categorias finais. O processo de categorização é hierárquico, produzindo uma estrutura de categoriais iniciais na base da estrutura e categorias finais em seu topo:

> O processo de categorização pode conduzir à construção de sistemas de categorias incluindo categorias de diferentes amplitudes. Diferentes níveis de categorização, em conseqüência, podem apresentar diferentes amplitudes e precisão. No processo classificatório podem ser importantes tanto categorias de menor amplitude, geralmente mais precisas, quanto categorias mais amplas, de menor precisão. O pesquisador produzirá ao longo de sua pesquisa uma estrutura que contém tanto categorias amplas quanto de menor amplitude (US89) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 83).

Assim, no movimento dialético entre certeza e incerteza, a ATD e sua categorização se movimentam como Jano, figura mitológica, que, com suas duas faces, pode olhar para o que o realizado apresenta, ao mesmo tempo, que olha para o que ainda precisa ser feito. Próximo da certeza estão os movimentos de clareza, precisão, explicitação de critérios de classificação das informações nas categorias iniciais, intermediárias e finais, o estabelecimento de títulos das unidades de significado e das categorias em direção à clareza da análise feita:

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2019.v.7.n.13.227

> Juntamente com a compreensão dos fenômenos e com a construção das categorias o pesquisador também precisa explicitar suas regras de classificação. Ainda que haja um conjunto de regras de categorização gerais, para cada pesquisa é preciso construir procedimentos específicos para a classificação das unidades de base. Em pesquisas de natureza qualitativa a explicitação desses procedimentos precisa dar-se ao longo do processo, sendo continuamente aperfeiçoada. No final é importante que o pesquisador tenha clareza sobre os procedimentos usados na classificação dos materiais do "corpus" (US70) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 76).

Os processos de dedução também se inserem neste movimento dialético mais próximo da certeza, pois têm uma teoria de suporte às descrições e às interpretações advindas da análise. O processo da indução se encaminha mais proximamente às incertezas, à reflexão do pesquisador sobre o que sabe e o que precisa ser aprendido, à prospecção do que precisa ser feito. Atenção à intuição é importante nos caminhos de maior incerteza da pesquisa:

> O processo indutivo se encaminha no sentido oposto. Vai dos exemplos às regras. Pretende chegar às teorias a partir de significados construídos nos textos, sem adotar formalmente teorias "a priori". Como no processo indutivo o movimento se inicia com as informações, este requer a utilização intensa do conhecimento tácito do pesquisador na atribuição de significados. Não pode, entretanto, ser concebido como um movimento cego. Requer um esforço prospectivo permanente. [...] Neste caso é importante a intuição do pesquisador, saber libertar-se de construções e teorias já existentes, sempre no sentido de construir novas formas de estruturar os elementos do fenômeno sob investigação. É nisto que reside a capacidade criativa do processo, essencialmente fundado na intuição (US55) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 65).

A intuição está presente durante toda a análise porque ela é a manifestação de organizações cognitivas que integram a racionalidade de processos dedutivos e indutivos com outros aspectos de nossa capacidade de produzir sentidos sobre o que interpretamos. Nos processos dedutivos da análise, com a teoria a respaldar as interpretações feitas, a intuição se faz menos presente, no entanto, na indução, a intuição está mais presente no modo como se apresenta a ATD:

> O processo da indução analítica confere um pouco mais de segurança a quem se envolve no processo a primeira vez, mas prende-se de um modo bastante forte numa linearidade capaz de por limites à criatividade do pesquisador. Mesmo assim esse processo tem se mostrado muito gratificante e criativo para quem nele se envolve, possibilitando, aos poucos, que os pesquisadores se libertem da estruturação inicial em que são envolvidos. Já o segundo processo exige maior flexibilidade do pesquisador, solicitando que saiba conviver de modo mais radical com uma insegurança e liberdade de mover-se no processo. Parece conseguir atingir uma perspectiva mais holística de descrição e interpretação dos fenômenos investigados desde o início do processo. As categorias já nascem integradas, ainda que outros modos de integração possam ser produzidos, uma vez concluída a construção das categorias. Esse segundo modo de categorização mostra mais claramente o caráter sempre inacabado e incompleto de toda nova compreensão (US174) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 205).

Durante toda a análise, a ênfase é dada à interpretação, à valorização do conhecimento do pesquisador, à escuta do que se mostra nas informações, à natureza histórica das informações, à linguagem em direção a novas compreensões. É um processo que exige esforço e envolvimento. Enfatizar esses aspectos é retornar muitas vezes a etapas anteriores da análise. A recursividade é um aspecto dialético da categorização com idas e vindas em todos os momentos da análise. É preciso também aprender a considerar a capacidade de conviver com a incerteza da possível auto-organização:

> A categorização é um processo exigente e que requer esforço e envolvimento. Além de um retorno constante às informações, também requer uma atenção permanente aos objetivos e metas da pesquisa. Entretanto, uma das maiores dificuldades que o processo apresenta é a necessidade de conviver com a insegurança de um processo criativo, saber lidar com as incertezas da expectativa da emergência de novos modos de compreensão dos fenômenos investigados. Os resultados da auto-organização não têm tempo certo para se manifestarem, o que causa apreensão e angústia com as quais os pesquisadores precisam saber lidar (US74) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 78).

Nesta última categoria, abordamos aspectos da dialética que se mostram entre a certeza do que se está fazendo com a incerteza do que está sendo feito e do que precisará ser feito. Prestar atenção à intuição torna o processo criativo e o pesquisador vai tornando-se autor em sua pesquisa.

Como síntese, trazemos a própria unidade de significado extraída da obra em análise que aglutina as ideias desta categoria em que categorizar é aprender e comunicar o que se aprendeu. Uma categorização mostra o que se sabe pelo modo como se apresenta. Como avançar? Pela comunicação. Outros interlocutores a problematizar o produzido precisam entrar com suas vozes a partir da produção e comunicação dos metatexto.

> Categorizar é, ao mesmo tempo, parte do processo de aprender sobre os fenômenos investigados e da comunicação das aprendizagens feitas. Aprender e comunicar complementam-se no processo de categorização. Categorizar é uma construção de quebra-cabeças, uma criação de mosaicos. Seus produtos são as teorias que ajudam a explicitar compreensões atingidas ao longo de pesquisas, expressas em forma de meta-textos. Ao envolver-se numa categorização o pesquisador não expressa apenas uma realidade lingüística já dada. O processo da análise e da categorização é processo de aprender sobre os fenômenos investigados e a expressão e comunicação das novas compreensões necessita ser produzida ao mesmo tempo em que as aprendizagens se concretizam (US75) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 78).

Ao chegarmos ao final da análise, também nos demos conta de que a dialética se expressa no conjunto da obra em muitos dos subtítulos de cada um dos capítulos. Por exemplo, “Quebra-cabeças ou mosaico?”, subtítulo de um dos capítulos, já traz os contrários no próprio título, fortalecendo nossa argumentação ao nos depararmos com os subtítulos que retomam a questão entre objetividade e subjetividade, categorias *a priori* e emergentes. Outra presença da dialética lembrando Heráclito é a metáfora do rio, tão acentuada nos escritos do filósofo grego e presente no livro de ATD. A metáfora do Jano em que uma de suas faces olha para o passado enquanto a outra olha para o futuro também dá essa característica dialética à ATD. À metáfora do mergulho discursivo também podemos associar a metáfora do rio de Heráclito.

Por fim, ao comparar a ATD com outras duas metodologias, Análise de Conteúdo e Análise do Discurso estão também presentes estes opostos e a ATD aparece como uma posição intermediária entre essas duas metodologias em um ponto arquimédico. Apoiados em Stein (1983), discordamos da compreensão colocada especificamente naquele texto. A ATD não é este ponto arquimédico entre a Análise de Conteúdo e a Análise de Discurso. Ao entrar no rio a partir da Análise de Conteúdo como descrito em outro texto (SOUSA; GALIAZZI, 2017), nem o rio nem o pesquisador ficaram os mesmos. A ATD não é o intermediário entre esses extremos. É outra coisa, e essa outra coisa que temos tratado nestes artigos produzidos no estudo da ATD.

6 Considerações finais

O que apresentamos neste texto está inserido em uma pesquisa mais ampla que busca compreender a ATD em seus pressupostos e procedimentos. Dentro deste problema, estudou-se na obra que a desenvolve a categorização e, dentro dela, uma de suas características: o movimento dialético. Chegamos à palavra dialética pelo estabelecimento de unidades de significado que continham a palavra categoria e nessas unidades categorizadas se mostrou a palavra dialética. Partindo, inicialmente, da palavra como se apresenta na ATD, indo em direção ao conceito, compreendeu-se a diversidade de significados do conceito e, ao mesmo tempo, os sentidos dados à dialética na ATD. Eles estão mais próximos do pensamento de Heráclito e de Platão do que da dialética marxista, embora esteja também presente na obra analisada a ideia de síntese presente na dialética de Hegel e da superação em Gadamer como fusão de horizontes.

Ao fazermos, posteriormente, o movimento do conceito à palavra, a dialética na ATD se mostrou em três movimentos: entre ordem e desordem; entre *a priori* e emergente e entre organização da pesquisa pelo pesquisador e auto-organização da pesquisa. Com isso, compreendemos o movimento dialético da pesquisa em diálogo com a fenomenologia e a hermenêutica presentes na ATD.

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2019.v.7.n.13.227

Como recém dito, quase como *insight* final do texto, percebemos a dialética também nos subtítulos, títulos e metáforas dos textos que compõem a obra em estudo. Exemplos disso estão no terceiro capítulo do livro de ATD (MORAES; GALIAZZI, 2007), intitulado “Construindo quebra-cabeças ou mosaicos?” e no quarto capítulo, “Movimentando-se entre as faces de Jano”. Eles evidenciam metaforicamente o caráter dialético da ATD.

Com relação às comparações entre AC, ATD e AD temos um posicionamento dissonante com o posto na obra analisada, especialmente no sexto capítulo, “Análise textual discursiva: análise de conteúdo? Análise de discurso?” (MORAES; GALIAZZI, 2007) em que os autores argumentam que a ATD assume pressupostos que a localizam entre os extremos da AC e AD. Argumentamos, contrariamente, que ao considerarmos os aspectos filosóficos que orientam uma metodologia, estes passam a constituir o pesquisador em sua tarefa investigativa. Nem é a ATD uma síntese entre as duas metodologias, nem a ATD é o ponto entre as duas metodologias. A partir deste artigo, mostramos que este modo de pesquisar aproxima-nos do círculo virtuoso apontado por Rohden (2012) e Gadamer (2000).

Referências

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

ALMEIDA, C. L. S. Hermenêutica e Dialética: Hegel na perspectiva de Gadamer. *In*: ALMEIDA, C. L. S; FLICKINGER, H; ROHDEN, L. (org.). **Hermenêutica Filosófica**: nas trilhas de Hans Georg Gadamer. 1. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 61 - 115.

ARIZA, L.G. A. *et al*. Relaciones entre el Análisis Textual Discursivo y el software ATLAS.ti en interacciones dialógicas. **Campo abierto**: Revista de educación, Badajoz, v. 34, n. 2, p. 105-124, dic. 2015.

CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

KONDER, L. **O que é dialética**. 28. ed. Brasília: Editora Brasiliense, 2012.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

GADAMER, H.-G. Sobre o círculo da compreensão. *In*: ALMEIDA, C. S.; FLICKINGER, H; ROHDEN, L. (org.). **Hermenêutica Filosófica**: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer. 1. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 141-150.

GADAMER, H.-G. **Verdade e método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 15. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

MORAES, R. **A educação de professores de ciências**: uma investigação da trajetória de profissionalização de bons professores. 1991. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1991.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise textual discursiva**. 1. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2007.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise textual discursiva**. 2. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2011.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise textual discursiva**. 3. ed. Rev. e Ampl. Ijuí: Editora Unijuí, 2016.

PAVIANI, J. A gênese da dialética em Platão. *In*: BOMBASSARO, L. C.; PAVIANI, J. (org.). **Filosofia, Lógica e existência**. 1. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 1997. p. 97-104

RAMOS, I. G. **Genealogia de uma operação historiográfica**: Edward Palmer Thompson, Michel Foucault e os historiadores brasileiros da época de 1980 [Online]. São Paulo: Editora UNESP, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

ROHDEN, L. Filosofando com Gadamer e Platão: Movimentos, Momentos e Método(s) da Dialética. **Revista Dissertatio de Filosofia**, Pelotas, v. 36, s.n., p. 105-130, 2012.

SOUSA, R. S.; GALIAZZI, M. C.; SCHMIDT, E. B. Interpretações Fenomenológicas e Hermenêuticas a partir da Análise Textual Discursiva: a Compreensão em Pesquisas na Educação em Ciências. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 4, n. 6, p. 311-333, dez. 2016.

SOUSA, R. S.; GALIAZZI, M. C. Compreensões acerca da Hermenêutica na Análise Textual Discursiva: Marcas Teórico-Metodológicas à Investigação. **Contexto & Educação**, Ijuí, v. 31, n. 100, p. 33-55, set./dez. 2016

SOUSA, R. S.; GALIAZZI, M. C. A Categoria na Análise Textual Discursiva: Sobre Método e Sistema em Direção à Abertura Interpretativa. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 5, n. 9, p. 514-538, dez. 2017.

STEIN, E. Dialética e hermenêutica: uma controvérsia sobre o método em Filosofia. **Síntese**: Revista de Filosofia, Belo Horizonte, v. 10, n. 29, p. 21-49, maio. 1983.

Recebido em: 20 de julho de 2018.

Aceito em: 15 de abril de 2019.

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

FALÁCIAS ARGUMENTATIVAS

(PARTE II)

9. MÉTODO INDUTIVO (CASO PARTICULAR PARA REGRA GERAL)

Consiste em utilizar, de maneira incorreta, a razão indutiva, enunciando uma regra geral a partir das exceções. É uma falácia que se configura quando o autor parte de dados particulares, suficientemente constatados, para chegar a uma verdade geral/universal – não contida nas partes examinadas.

A falácia do raciocínio indutivo se materializa nos textos em que é aplicada uma exceção quando na verdade deveria ser adotada a regra geral. Observe os exemplos abaixo:

- ✓ "Se considerarmos analfabeto aquele que não consegue ler e produzir um pequeno texto, há no Brasil muito mais de quarenta milhões de pessoas nesta condição".
- ✓ Se a *Cannabis Sativa* for autorizada para o tratamento de determinadas doenças, então deveria ter o seu uso totalmente descriminalizado no Brasil.

10. FALSO AXIOMA

É o argumento por meio do qual é atribuído status de axioma a muitas sentenças ou máximas, que são – na realidade – verdades relativas, aparentes. O **falso axioma** ocorre quando se utilizam frases de efeito impactantes, retóricas muito respeitadas apenas como estratégias de convencimento, de persuasão do interlocutor.

Um bom exemplo de axiomas que se contradizem está em alguns provérbios. Observe:

- ✓ "Ruim com ele, pior sem ele" e "Antes só do que mal acompanhado";
- ✓ "Longe dos olhos, perto do coração" e "O que os olhos não veem o coração não sente".

11. FALSO DILEMA (FALSA DICOTOMIA)

Consiste em apresentar dois estados alternativos como sendo as únicas possibilidades quando, na verdade, existem outras mais. Trata-se de um pensamento binário (preto ou branco) que não contempla variáveis, condicionantes e contextos nos quais existiriam mais do que as duas possibilidades apresentadas.

É uma falácia argumentativa, porque, sob a inocente aparência de um argumento lógico, esconde-se um raciocínio ardiloso que subverte o debate honesto e racional.

✓ Observe um exemplo do uso deste tipo de falácia:

“Numa campanha para conseguir apoio ao seu Plano, que iria diminuir os direitos fundamentais do cidadão, o presidente advertiu os senadores e deputados que ou estavam do seu lado ou estariam do lado dos inimigos do País.”.

12. FALSA ANALOGIA

É uma inferência injustificada, obtida com base nas semelhanças entre dois itens ou tipos de itens. É uma inferência baseada no raciocínio por analogia e se justifica pelo *número* e pela *força* das semelhanças ou dessemelhanças conhecidas entre os itens comparados. Então, se houver *poucas* semelhanças ou poucas dessemelhanças, não se justificam as inferências baseadas na comparação. Isso caracterizaria a falsa analogia. Observe o exemplo:

- ✓ *Um colégio é como um quartel, em que o diretor é o comandante, os professores desempenham o papel de oficiais e os alunos são soldados e, por isso, devem ser disciplinados.*

OBSERVAÇÕES:

- ✓ A **falsa analogia** é uma das falácias mais difíceis de identificar, já que todos nós, desde crianças, construímos nossos raciocínios em torno de analogias.
- ✓ É um argumento muito utilizado pelos defensores e detratores do aborto, do programa brasileiro "Mais médicos" e de muitos outros assuntos polêmicos.

13. FALSA CAUSA (Non Causa Pro Causa)

É a falácia que consiste em estabelecer como causa de um fato aquilo que imediatamente o preceda no tempo. Neste caso, pelo fato de os dois eventos ocorrerem em sequência há a impressão de que um seja naturalmente a causa do outro. Este erro consiste em ignorar a possibilidade de que a sua aparente conexão seja somente uma coincidência. Observe:

- ✓ *“Achocolatados industrializados provocam dores de cabeça em crianças. As crianças da creche tomaram achocolatados e muitas começaram imediatamente a sentir dor de cabeça”.*

OBSERVAÇÕES:

- ✓ Outra variação deste argumento falacioso (**falsa causa**) é o chamado "**non sequitur**" (não se segue, "nada a ver"), por meio do qual a conclusão nada tem a ver com a premissa. Por exemplo, quando alguém diz “Iremos vencer a batalha, porque Deus é bom.”
- ✓ Quando levada ao extremo, a **falsa causa** torna-se uma forma de superstição: “Usei amarelo no *Reveillon* e não fiquei sem dinheiro durante o ano. De agora em diante, sempre usarei amarelo na passagem do ano.”.

GLOSSÁRIO

AXIOMA – é uma verdade inquestionável, universalmente válida, que é utilizada como princípio na construção de uma teoria ou como base para uma argumentação.

DIALÉTICA – é a arte de dialogar, de debater, persuadir ou raciocinar. Caracteriza o debate de ideias diferentes, em que um posicionamento é defendido e contradito logo depois. Para os gregos, a dialética consistia em separar os fatos e dividir as ideias para poder debatê-las com mais clareza.

PREMISSAS – são afirmações que expressam as razões ou evidências (verdadeiras e relevantes) para dar sustentação à conclusão do assunto em debate.

SOFISMA – *é um* raciocínio concebido com o objetivo de aparentar uma verdade que esteja de acordo com as regras da lógica, mas que, na prática, apresenta uma estrutura interna defeituosa, inconsistente e deliberadamente enganosa.

FALÁCIAS – são defeitos de argumentação que enfraquecem o texto e que podem ser utilizados de forma deliberada ou não. Elas apresentam duas características:

- ✓ São bem comuns nos discursos e podem ser bem persuasivas;
- ✓ São difíceis de identificar, dada a sutileza de seu uso e sua proximidade com os argumentos verdadeiros.

OBSERVAÇÃO:

- ✓ Não confunda mentira com falácia. A mentira é uma informação falsa e a falácia é um argumento falso, uma falha num argumento ou um argumento mal direcionado.
- ✓ A mentira é um desvio ou erro proposital sobre fatos. A falácia é uma tentativa de persuadir o interlocutor promovendo um engano (ou desvio), por meio da apresentação de informações que não respeitam uma lógica correta ou honesta.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTE
NÚCLEO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DE GUARAPUAVA
USINA DE CONHECIMENTO DE GUARAPUAVA - UD

EXERCÍCIOS - REFORMA ORTOGRÁFICA - GABARITO

1. A acentuação do vocábulo **país** é justificada
   - A. porque é paroxítono terminado em ditongo.
   - B. é acentuado para distinguir-se de “pais”.
   - **C. apresenta “i” tônico que não forma ditongo com a vogal anterior.**
   - D. apresenta acento agudo por ser paroxítona.
   - E. ditongo decrescente no final do vocábulo.

2. A palavra que deve ser acentuada pela mesma razão de **pássaro** é
   - A. café
   - B. benção
   - C. automóvel
   - D. raízes
   - **E. lâmpada**

3. As palavras **três, li/te/rá/ri/o e au/tô/no/mo** são assinaladas com acento gráfico em face das mesmas regras que justificam o acento, respectivamente em
   - A. mês, contrário, caído
   - B. pá, íeis, átimo
   - C. lês, temerário, pôquer
   - D. só, mútuo, ímpar
   - **E. véu, i/ní/ci/o, cômodo**

4. Quanto à acentuação, assinale a alternativa em que as palavras seguem, respectivamente, as mesmas regras das palavras **ônibus, Itália e caju**.
   - A. várzea – cerâmica – tabu
   - B. corrói – zebu – pânico
   - C. avô – tórax – caracóis
   - **D. pássaro – róseo – guri**
   - E. juízes – Bauru – ímpar

5. Assinale a alternativa em que não há erros quanto à acentuação das palavras:
   - A. Itália – rubrica – vintém – júri – hífens
   - B. Hamburger – saíram – mártir – tórax – guianês
   - **C. Índigo – jurisprudência – júbilo – juá – ludíbrio**
   - D. Lotus – maieutica – pequenez – periélio – pitéu
   - E. Preá – urgência – número – viés – xérox

6. Segue a mesma acentuação de **país** a palavra:
   - **A. saúde**
   - B. grêmios
   - C. aliás
   - D. heróis
   - E. táxi

7. Assinale a alternativa que contém a **única palavra** acentuada corretamente:
   - A. caractéres, júniores
   - B. condôr, aváro
   - C. recórde, circúito
   - D. ibéro, circúito
   - **E. diabete, ínterim**

8. Em apenas uma das opções **todas as palavras** devem receber acento gráfico. Assinale-a:
   - A. gratis – taxi – caruru
   - B. fenomeno – refens – juiz
   - **C. ima – tenis – monetario**
   - D. inclui – poluido – bainha
   - E. fregueses – niquel – insônia

9. Assinale a alternativa em que todas as palavras estão corretamente acentuadas.
   - A. ítem, júri, lápis, técnico, flúor
   - B. mérito, juízes, cafézinho, útil, céu
   - C. heroísmo, bambú, íbero, cipó, vitória

D. rúbrica, pó, fluído, convém, hífen
E. caráter, éden, saída, órgão, amêndoa

10. Em “... **Só** sabem contar mesmo a **última** do papagaio.”
Considerando a acentuação dos termos destacados na citação acima, podemos deduzir que devem receber acento gráfico:
A. Os monossílabos tônicos e as palavras paroxítonas.
B. As palavras oxítonas e as palavras proparoxítonas terminadas em a.
C. Os monossílabos tônicos e as palavras proparoxítonas.
D. As palavras oxítonas e as palavras paroxítonas.
E. Os monossílabos tônicos e as paroxítonas terminadas em a.

11. Nenhum vocábulo deve receber acento gráfico, exceto:
A. abacaxi
B. ideia
C. assembleia
D. heroi
E. voo

12. Identifique a alternativa em que **um** dos vocábulos, segundo o Acordo Ortográfico, recebeu indevidamente acento gráfico:
A. céu – réu – véu.
B. chapéu – ilhéu, herói.
C. anéis – fiéis – réis.
D. mói – herói – jóia.
E. anzóis – faróis – lençóis.

13. Analisando as palavras: 1. assembleia, 2. bainha, 3. abençoo, notamos que está/estão corretamente grafada(s):
A. apenas a palavra n.º 1
B. apenas a palavra n.º 2
C. apenas a palavra n.º 3
D. todas as palavras
E. nenhuma palavra

14. Num dos itens abaixo, a acentuação gráfica NÃO está devidamente justificada. Assinale este item:
A. círculo: vocábulo paroxítono
B. além: vocábulo oxítono terminado em **-em**
C. órgão: vocábulo paroxítono terminado em til
D. dócil: vocábulo paroxítono terminado em -l
E. pôde: acento diferencial

15. As sequências abaixo contêm paroxítonas que, segundo determinada regra do Acordo Ortográfico, não são acentuadas.Deduza qual é essa regra e assinale a alternativa a que ela não se aplica:
A. aldeia – baleia – lampreia – sereia.
B. flavonoide – heroico – reumatoide – prosopopeia.
C. apoia – corticoide – jiboia – tipoia.
D. Assembleia – joia – onomatopeia – boleia.
E. Crimeia – Eneias – Leia – Cleia.

Avalie se as palavras em negrito nas sentenças abaixo estão corretas ou incorretas, segundo as novas regras ortográficas.

16. A crise financeira dos EUA pode trazer **conseqüências** para o Brasil.

( ) certo **( ) errado**

17. Quando ele **para** para pensar, desiste.

( ) certo ( ) errado

18. Livro de **auto-ajuda** permanece no topo da lista dos mais vendidos.

( ) certo **( ) errado**

19. A sonda Phoenix realizou um pouso histórico no **pólo** Norte de Marte.

( ) certo **( ) errado**

20. O consumo **frequente** de álcool durante a juventude causa danos ao cérebro.

( ) certo ( ) errado

21. A **idéia** do presidente é que todos os países se unam contra o aquecimento.

( ) certo **( ) errado**

22. O empresário deve cumprir pena por roubo em regime **semiaberto**.

( ) certo ( ) errado

23. Avião permitirá que passageiros fumem durante o **vôo**.

( ) certo **( ) errado**

24. O síndico marcou uma **assembleia** para decidir sobre a reforma do prédio.

( ) certo ( ) errado

25. Pesquisa revela que 97% dos brasileiros **crêem** em Deus.

( ) certo **( ) errado**

26. A **estréia** de Katie Holmes foi marcada por protestos.

( ) certo **( ) errado**

27. O **coautor** do estudo explicou que a descoberta ajuda no tratamento do câncer.

( ) certo ( ) errado

28. Os homens mais vaidosos já encontram no mercado tipos de creme **antirrugas**.

( ) certo ( ) errado

29. Ela perdeu tudo que estava dentro da caixa de **joias**.

( ) certo ( ) errado

30. Cerca de 5% da população mundial têm comportamento **anti-social**.

( ) certo **( ) errado**

31. O ex-vereador participou da reunião **extraoficial** durante a madrugada.

( ) certo ( ) errado

32. No momento decisivo, ele recuou e desistiu de saltar de **pára-quedas**.

( ) certo **( ) errado**

33. Eu **apoio** qualquer acordo entre os países.

( ) certo ( ) errado

34. Ele achou a nova estátua uma **feiura**.

( ) certo ( ) errado

35. O **pêlo** do gato pode causar danos à saúde.

( ) certo **( ) errado**

BIBLIOGRAFIA

ZANOTTO, Normélio. A nova ortografia explicada. 5.ed. Caxias do Sul, RS: Ibral, 2012.

Org. Neusa Moro

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

FIGURAS DE LINGUAGEM

(PARTE I)

FIGURAS DE LINGUAGEM

São recursos estilísticos usados por quem fala ou escreve para reforçar a linguagem, tornando-a mais interessante e original. Tais recursos costumam se desviar das regras da gramática e dos sentidos frios das acepções de dicionários.

AS FIGURAS DE LINGUAGEM SE DIVIDEM EM:

✓ **Figuras de palavras** – envolvem as alterações semânticas;
✓ **Figuras de pensamento -** ligadas à compreensão das ideias;
✓ **Figuras de construção** – associadas à sonoridade e à sintaxe.

ATENÇÃO!

As figuras de linguagem, embora sejam consideradas meros enfeites do texto, contribuem – ao aprimorar a mensagem – para ampliar a nossa capacidade de reflexão, de análise e, consequentemente, de compreensão do fato anunciado.

AS FIGURAS DE PALAVRAS (TROPOS)

Caracterizam-se por apresentar uma mudança, substituição ou transposição do sentido real da palavra para assumir um sentido figurado (de acordo com o contexto). A substituição de uma palavra por outra, de sentido **figurado**, **simbólico**, pode acontecer por uma relação muito próxima (**contiguidade**) ou por uma associação/comparação (**similaridade)**.

OBS.: Esse recurso favorece o exercício da criatividade linguística, pois abre a possibilidade, ao usuário da língua, de se expressar com mais eficácia nos diversos contextos comunicativos.

METÁFORA – consiste no emprego de palavras fora do seu sentido normal, ou seja, é a substituição de um termo por outro, porque é possível estabelecer entre eles uma relação de semelhança (analogia). Por isso, a metáfora tem caráter absolutamente subjetivo e momentâneo. Observe os exemplos:

- ✓ "Meu pensamento **é um rio subterrâneo**." **(Fernando Pessoa)**
- ✓ “A propaganda **é a alma** do negócio!” [a essência]
- ✓ “O tempo **é uma cadeira ao sol**, e nada mais.” **(Carlos Drummond de Andrade)**

Observação:

Toda metáfora é uma espécie de **comparação implícita**, em que o elemento comparativo não aparece:

- ✓ Meu pai **é um leão** quando joga futebol. [tão agressivo como]
- ✓ Minha vida **é um jiló**. *[tão amarga quanto]*
- ✓ Eu não acho ***a chave** de mim*. [desvelar a intimidade]

COMPARAÇÃO (SÍMILE) – consiste em substituir uma palavra ou expressão por outra de universo diferente, pelo fato de haver entre elas uma relação de sentido, de ser possível estabelecer uma relação de semelhança entre as ideias atribuídas por ambas. Veja os exemplos:

- ✓ Ele chorou ***feito um condenado***.
- ✓ Meu pai é agressivo ***como um leão*** quando joga futebol.
- ✓ “A sombra das roças é macia e doce, é ***que nem uma carícia***”.

(Jorge Amado)

ATENÇÃO!

A comparação usa alguns elementos conectores (termos comparativos) para comparar características entre dois ou mais elementos. Por exemplo: *como se..., feito..., que nem..., assim como..., tal qual..., qual..., etc.*

METONÍMIA – ocorre quando empregamos uma palavra em lugar de outra, com a qual aquela se achava relacionada por um sentido qualquer. A metonímia estabelece uma relação **qualitativa** entre os termos, ou seja, a implicação entre os conceitos decorre da relação de contiguidade entre eles. Por exemplo, a causa pelo efeito, o continente pelo conteúdo, o autor pela obra, o lugar pelo produto, o instrumento pela pessoa que o utiliza. Veja:

- ✓ Para gostar de literatura, não comece lendo **Shakespeare**. [seus livros]
- ✓ Sócrates tomou *a* ***morte***. [veneno]
- ✓ Na atual conjuntura, espera-se que ***a balança*** penda para o lados dos honestos. [a justiça]
- ✓ Esta é a geração ***danoninho***. [queijo “*petit suisse”*, da marca Danone].

OBSERVAÇÃO:

Enquanto na metáfora se substitui um termo pelo outro, por haver entre eles uma relação de semelhança, na metonímia, se substitui um termo pelo outro por haver entre eles uma relação qualquer de sentido.

SINÉDOQUE – ocorre quando a relação entre os termos é **quantitativa**, ou seja, quando se alarga ou se reduz a significação da palavra. Estas relações entre os termos são basicamente as seguintes: a parte pelo todo, o singular pelo plural, o gênero pela espécie, o particular pelo geral (ou vice-versa). Observe:

- ✓ ***O homem*** é o ser mais confuso da Terra. [Os homens].
- ✓ Os ***sem-teto*** fizeram uma manifestação na Esplanada dos Ministérios. [sem **casa** para morar]

ATENÇÃO:

Atualmente, não se faz mais a distinção entre metonímia e sinédoque. Por ser mais abrangente, o conceito de metonímia prevalece sobre o de sinédoque.

PERÍFRASE – consiste no uso de uma expressão que designa um ser (coisas ou animais) por meio de características, atributos ou, ainda, de um fato que o tornou célebre. Neste caso, utiliza-se uma expressão para traduzir o sentido que a palavra original, sozinha, não conseguiria exprimir. Observe:

- ✓ Pretendo visitar ***o país do sol nascente.*** [Japão]
- ✓ ***Última flor do Lácio***, inculta e bela. [Língua portuguesa] **(Olavo Bilac)**
- ✓ Agora, o **país do futebol** está marcado na imprensa internacional como o “país da propina”. [Brasil]

OUTROS EXEMPLOS DE PERÍFRASE:

O berço dos faraós (Egito); o astro-rei (o sol); a cidade maravilhosa (Rio de Janeiro); a capital da esperança (Brasília); a Veneza brasileira (Recife); o rei dos animais (o Leão) etc.

ANTONOMÁSIA (EPÍTETO) – é uma figura que consiste na substituição de um nome próprio (de pessoa) pela qualidade, atributo, característica ou fato que o distingue. *A Antonomásia é uma variante da metonímia*. Veja:

- ✓ Os brasileiros já esqueceram o ***Águia de Haia***. [Rui Barbosa]
- ✓ *O **poeta dos escravos*** é o autor do célebre poema “O navio negreiro”. [Castro Alves]
- ✓ A História mostra que as mulheres também podem comandar e uma perfeita ilustração disso é a **Dama de Ferro**, na Inglaterra. [Margareth Thatcher]

OUTROS EXEMPLOS DE ANTONOMÁSIA:

O patriarca da medicina (Hipócrates); o rei do futebol (Pelé); a dama do teatro brasileiro (Cacilda Becker); o poeta da Vila (Noel Rosa); o anjo das pernas tortas (Garrincha) etc.

CATACRESE – ocorre quando, por falta de um termo específico ou pelo fato de o termo apropriado não ser de uso comum, toma-se outro “de empréstimo”. Assim, passamos a empregar as palavras com sentido desviado de sua natural significação. Veja alguns exemplos:

- ✓ *Formigueiro* humano (*Formigueiro* = porção de formigas);
- ✓ *Realidade* das coisas (*Res* = coisa);
- ✓ *Espalhar* dinheiro (*espalhar* = separar a palha);
- ✓ Péssima *caligrafia* (*caligrafia* = boa letra);
- ✓ *Embarcar* num avião (*embarcar* = tomar a barca).

ATENÇÃO!

Devido ao uso contínuo e indiscriminado, muitas vezes, nem conseguimos mais perceber que esse uso é figurado. Por isso, a catacrese é considerada uma “metáfora desgastada”.

APÓSTROFE (ou VOCATIVO) – consiste na "invocação" de alguém ou de coisa personificada, ou seja, é o chamamento do receptor da mensagem, seja ele imaginário ou não. A introdução da apóstrofe interrompe a linha de pensamento do discurso, destacando-se, assim, a entidade a quem se dirige e a própria ideia assinalada. Observe:

- ✓ "***Povo de Juazeiro***! É com grande alegria…".
- ✓ "***Minha Nossa Senhora***, o que foi isso?!?".
- ✓ "Valha-me, ***Deus***, que eu não posso mais com esse menino".
- ✓ **Ó soberbos titulares**, tão desdenhosos e altivos!

(**Cecília Meireles**. *Romanceiro da Inconfidência*)

OBSERVAÇÃO:

A apóstrofe é uma figura bastante usada na linguagem cotidiana, principalmente nas orações religiosas; nos discursos políticos e nas situações mais diversas.

PARONOMÁSIA – consiste na aproximação de palavras parecidas na grafia e na pronúncia, mas de sentidos diferentes (ou seja, de palavras parônimas) com o propósito de obter efeito poético ou humorístico. Exemplos:

- ✓ Cada ***leitão*** em seu **leito** / cada ***paixão*** com seu ***jeito***.

- ✓ "Com tais **premissas** ele sem dúvida leva-nos às **primícias**" **(Padre Antônio Vieira)**

- ✓ "Aquela **cativa**
  que me tem **cativo**
  porque nela **vivo**
  já não quer que **viva**“

  (Luís Vaz de Camões, *Redondilhas*)

- ✓ A gente se **embala**
  Se **embora** se **embola**
  Só para na porta da **igreja**
  A gente se **olha**
  Se **beija** se **molha**
  De chuva, suor e **cerveja**...

  (**Caetano Veloso,** em ***Chuva, suor e cerveja***)

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

FIGURAS DE LINGUAGEM

(PARTE I)

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

MECANISMOS DE COESÃO TEXTUAL

(PARTE II)

COESÃO E COERÊNCIA TEXTUAIS

ELEMENTOS ORGANIZADORES DO DISCURSO:

Para garantir a coerência de um texto são necessárias algumas expressões que, mais do que conectar ideias, concorrem para a organização lógica dos planos textuais.

- ✓ **ORGANIZAR NO ESPAÇO:** à direita; atrás; sobre; sob; de um lado; no meio; naquele lugar etc.
- ✓ **ORGANIZAR NO TEMPO:** depois; então; após; de seguida; seguidamente; dias mais tarde; agora; já; antes; até que; quando etc.
- ✓ **ORGANIZAR O PLANO TEXTUAL:**
  Abrir uma série: por um lado; de um lado; primeiramente; em primeiro lugar; para começar; começando etc.
  Acentuar a continuidade: por outro lado; de outro lado; seguidamente; em segundo lugar etc.
  Encerrar: por último; por fim, para terminar; em último lugar; em síntese; assim etc.

ELEMENTOS CONECTORES DO DISCURSO

Conector é a designação para as palavras ou expressões que servem para conectar (ligar/unir) vários segmentos linguísticos de um texto: as frases no período, os períodos no parágrafo e os parágrafos no texto. Incluem-se neste grupo várias subclasses gramaticais de palavras, como, por exemplo:

- ✓ Conjunções: e; pois; entretanto etc.
- ✓ **Locuções conjuncionais:** além disso; no entanto etc.
- ✓ **Advérbios:** finalmente; depois, antes etc.
- ✓ **Locuções adverbiais:** em seguida; por último etc.
- ✓ **Orações reduzidas** (orações sem conjunção e com o verbo numa forma nominal de gerúndio, infinitivo ou Particípio): para terminar; feito isto; finalizando etc.

PRINCIPAIS MECANISMOS DE COESÃO TEXTUAL

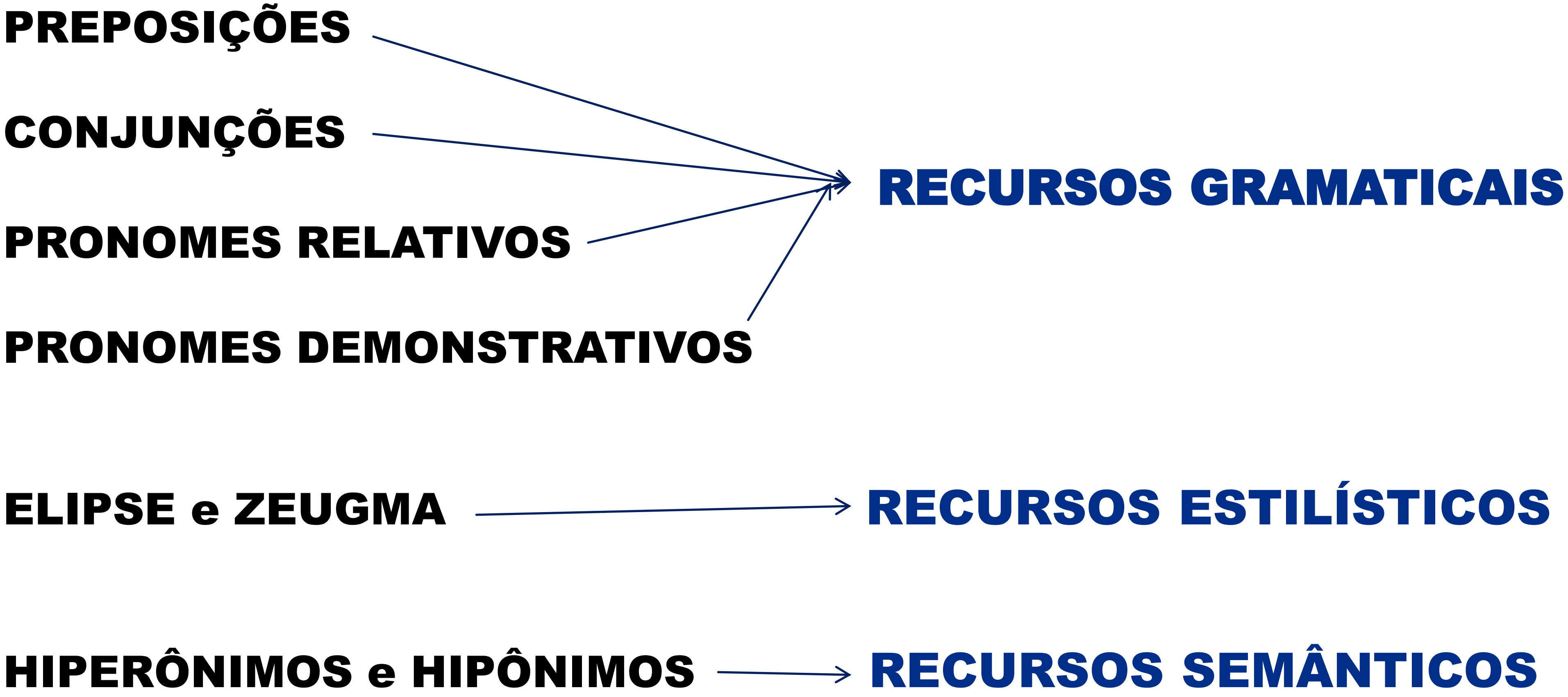

PREPOSIÇÕES

CONJUNÇÕES

PRONOMES RELATIVOS

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

→ **RECURSOS GRAMATICAIS**

ELIPSE e ZEUGMA → **RECURSOS ESTILÍSTICOS**

HIPERÔNIMOS e HIPÔNIMOS → **RECURSOS SEMÂNTICOS**

RECURSOS OS GRAMATICAIS DE COESÃO

PREPOSIÇÕES - **são as** palavras invariáveis que ligam outras palavras, estabelecendo entre elas determinadas relações de sentido. As preposições podem ser:

- ✓ **ESSENCIAIS** **(sempre têm essa função):** *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás.*
- ✓ **ACIDENTAIS** **(são circunstanciais, pois podem pertencer a outras classes gramaticais):** *afora, conforme, consoante, durante, exceto, fora, mediante, tirante, salvo, segundo.*

AO LIGAREM OS TERMOS, AS PREPOSIÇÕES PODEM ESTABELECER RELAÇÕES DE:

Assunto: O ministro falou **sobre** Educação.
Causa: Ele vibrava **de** entusiasmo.
Companhia: Estava **com** o secretário particular.
Direção/sentido: Depois seguiu **para** o Sul.
Especialidade: Ele é doutor **em** Sociologia.
Falta: Contudo, estava **sem** verbas naquele momento.
Finalidade: Disse aquilo **para** tranquilizar o professor.
Instrumento: Atrapalhou-se **com** o microfone.
Lugar: Ele mora **em** Brasília.
Matéria: Aqui comprou uma bota **de** couro.
Meio: Certamente voltará **de** avião.
Oposição: Mostrou-se **contra** a estatização do ensino.
Origem: Na verdade, é natural **de** Maceió.
Posse: Em Brasília, hospeda-se na casa **de** seu primo.
Entre outras...

Uma mesma preposição pode atribuir ideias distintas a um texto. Portanto, desista de decliná-las apenas e atente para os possíveis sentidos que podem trazer ao contexto. Observe os exemplos:

- ✓ Ficar **de** pé (***modo***);
- ✓ Morrer **de** fome (***causa***);
- ✓ Pulseira **de** ouro (***matéria***);
- ✓ Maço **de** cigarros (***conteúdo***);
- ✓ Casa **de** Luís (***posse***);
- ✓ Falar **de** futebol (***assunto***);
- ✓ Descender **de** alemães (***origem***);
- ✓ Viajar **de** avião (***meio***);
- ✓ Atitude **de** imbecil (***semelhança***);

Entre outros...

AGORA, VEJA COMO AS PREPOSIÇÕES TÊM SIDO COBRADAS PELAS BANCAS EXAMINADORAS:

- ✓ No trecho “os espanhóis partiram para uma marcha de protesto contra o terrorismo”, a preposição destacada atribui ideia de **destino**.

- ✓ Caso se reescreva o trecho “sentado na minha mesa de trabalho” como “sentado à minha escrivaninha”, o texto preserva a correção gramatical e a relação de sentido.

- ✓ Por ter um pescoço tão comprido, a girafa não consegue lamber o próprio corpo...

  Assertiva: É possível substituir a preposição “Por” pela locução “Apesar de”, já que ambas atribuem ideias de **contraste/oposição**.

Assinale abaixo a única opção em que a ideia apresentada entre parênteses está **corretamente** associada ao elemento em destaque:

A) Andar **a** cavalo (modo)
B) Crédito **em** c/c (finalidade)
C) O Brasil jogou **com** o Peru (companhia)
D) Casa **de** carnes (especialidade)
E) Bife **à** milanesa (moda)

As preposições são importantes também para auxiliar nos sentidos atribuídos pelos verbos:

Vender ao mercado / vender no mercado
Brotar de (originar-se) / brotar em (surgir/aparecer)
Lutar contra / lutar por

*Vou a Goiânia / Vou para Goiânia
*Brasília para Goiânia / De um bairro para outro

Observe os exemplos:

- ✓ No trecho “dos quais emergem” é possível substituir a expressão **dos quais** por nos quais mantendo-se a correção gramatical e as relações de sentido.
- ✓ Os trechos “Por sentenças, por decretos parecerieis divinos” e “Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos inutilmente matastes” exercem função adverbial nas orações a que pertencem e ambos denotam o **meio** empregado na ação representada pelo verbo a que se referem.

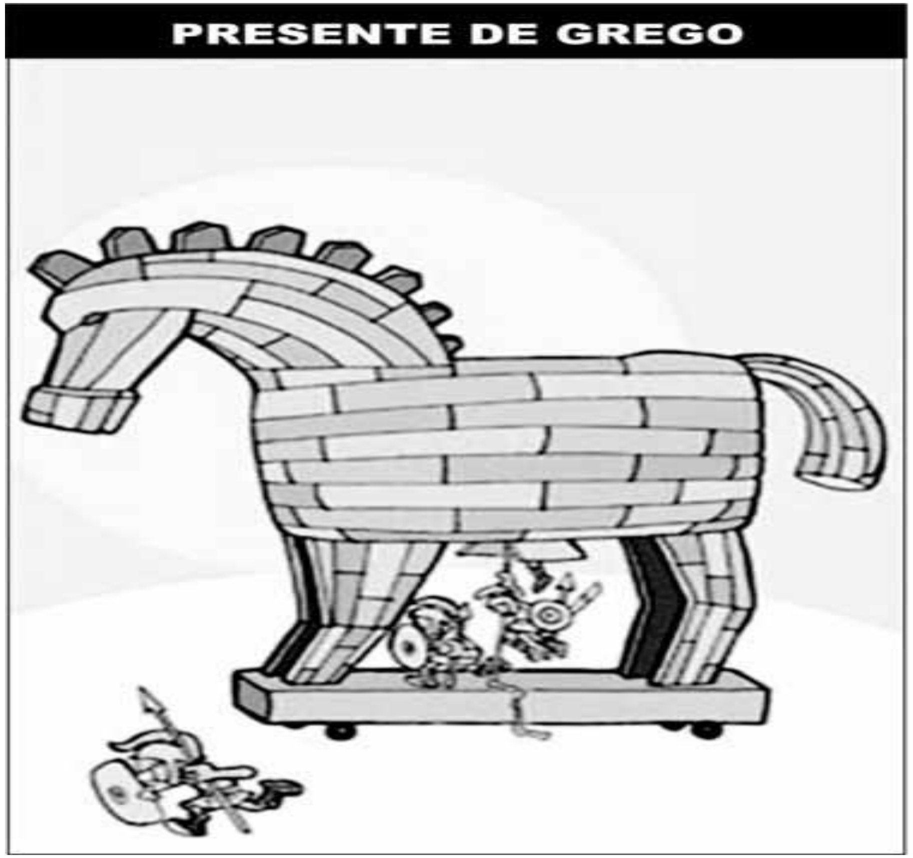

PRESENTE DE GREGO

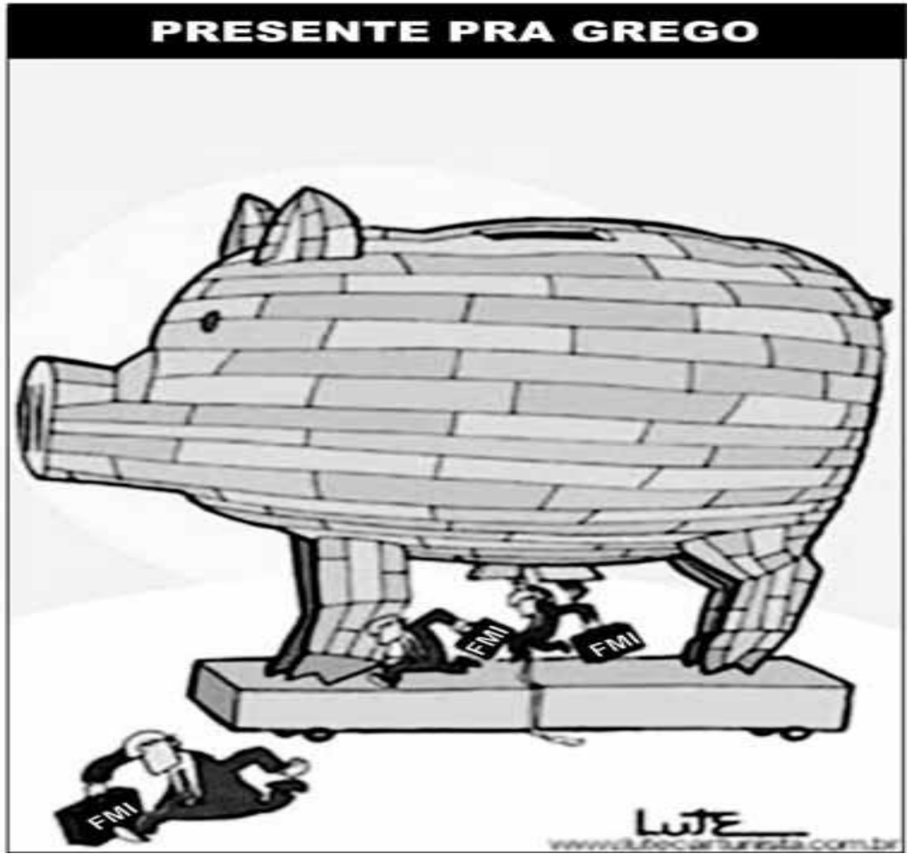

PRESENTE PRA GREGO
FMI
FMI
FMI
LUTE
www.lutecartunista.com.br

Para o entendimento da crítica social presente no texto, é crucial, além da interpretação das imagens com base no conhecimento histórico, o entendimento do sentido das preposições empregadas no título de cada imagem.

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

MECANISMOS DE COESÃO TEXTUAL

(PARTE II)

Sinopse

Resumo argumentativo de uma obra escrita, de um filme ou de uma narração.

Características

☆ Versão abreviada do argumento central da obra;
☆ **Não** inclui uma visão crítica (seja positiva ou negativa);
☆ Apresenta a obra de maneira a informar e familiarizar o espectador/leitor;
☆ Apresenta os fatos mais marcantes da história.

Elementos

⇨ Descrição da personagem principal;
⇨ Conflito que a personagem enfrenta;
⇨ Aliados (se houver);
⇨ Adversários, inimigos ou obstáculos;
⇨ O que a trama tem de surpreendente;
⇨ Época e local da história.

Objetivo

Permitir ao leitor o acesso a algumas ideias gerais do texto de modo a conscientizá-lo sobre o tema a ser lido.

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Tipos

Completa

Sinopse completa ou aberta é aquela enviada aos editores/produtores contando ponto a ponto sobre o livro/filme, inclusive o final

Comercial

Sinopse Comercial, curta ou do leitor é feita para a relação público-obra. Revela o evento que faz o personagem ser instado a agir diante de uma situação, fazendo com que o leitor crie conexão entre os pontos abordados para ir em busca de respostas.

Uma boa sinopse responde a estas 7 perguntas:
⇨ Quem é o protagonista?
⇨ Qual o conflito?
⇨ Onde a história acontece?
⇨ Qual o problema a ser resolvido?
⇨ Qual o gênero do livro/filme?
⇨ Qual o caráter da personagem?

SUJEITO INDETERMINADO

GILP
GRAN INSTITUTO
DE LÍNGUA
PORTUGUESA

LÍNGUA
AFIADA

Sujeito indeterminado: não se sabe ou não se pretende dizer quem é o sujeito

3ª pessoa do plural - sem referente anterior.

Assaltaram o banco do nosso bairro.
Quebraram a vidraça do meu carro

GRAN INSTITUTO
DE LÍNGUA
PORTUGUESA

Partícula SE – indeterminação do sujeito

Necessita-se de novos professores.
Era-se mais feliz nos anos 90.

Verbo o infinitivo dentro do sujeito oracional

Navegar é preciso.

Conquistar a Copa do mundo em casa é obrigação.

Sequestraram minha sogra, bem feito pro sequestrador
ao invés de pagar o resgate, foi ele quem me pagou
ele pagou o preço da mala que ele carregou

Assaltaram a gramática
Assassinaram a lógica
Meteram poesia, na bagunça do dia-a-dia
Sequestraram a fonética
Violentaram a métrica

GRAN INSTITUTO
DE LÍNGUA
PORTUGUESA

fala nerd
Felipe Correa
Boa Tarde professor, td bom?
Viu assistindo a sua aula sobre regência verbal, fiquei na dúvida sobre a frase "perdoai as nossas ofensas". Eu gostaria de saber por que essa frase não ocorre crase?

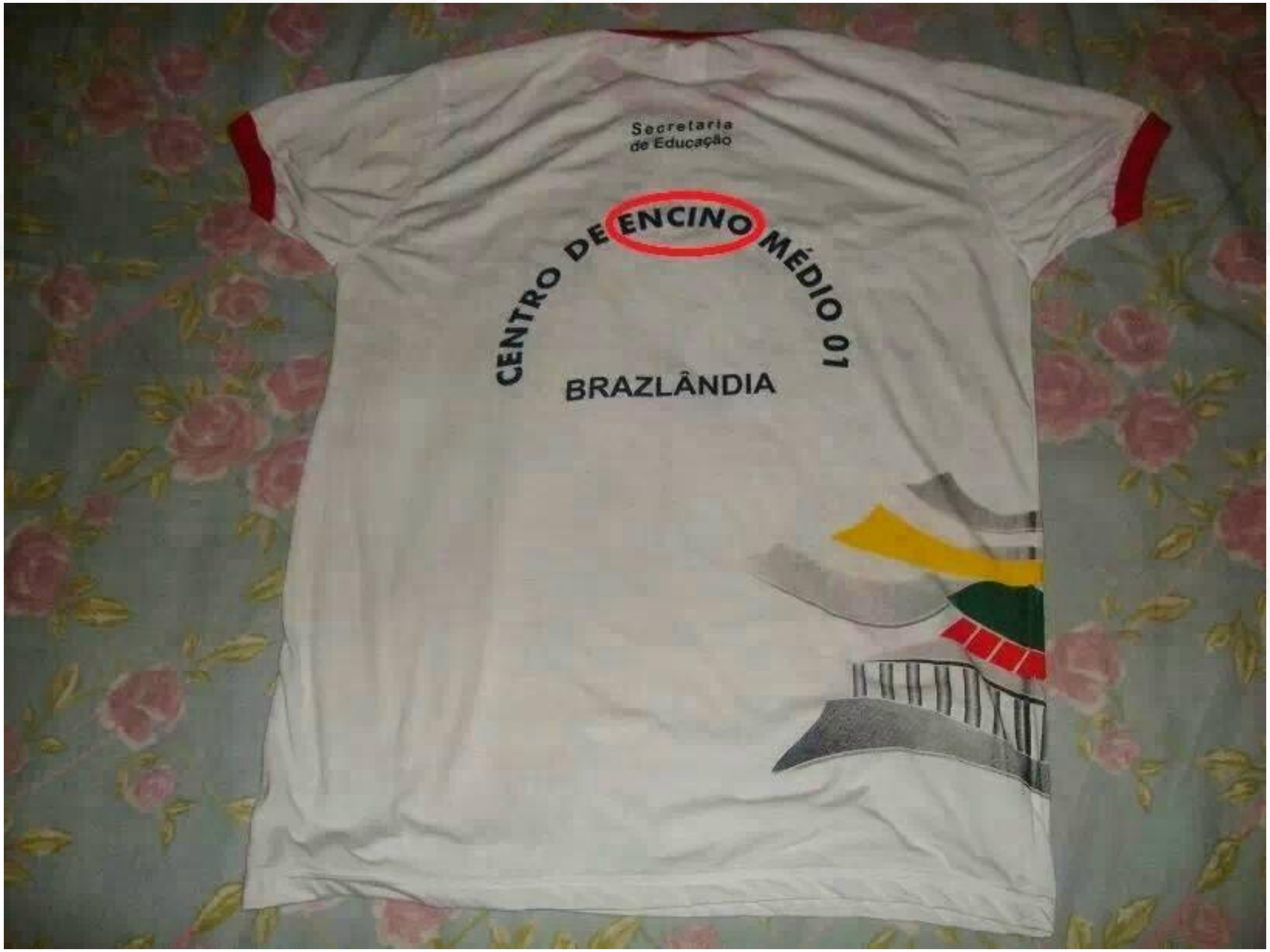
Secretaria
de Educação
CENTRO DE ENCINO MÉDIO 01
BRAZLÂNDIA

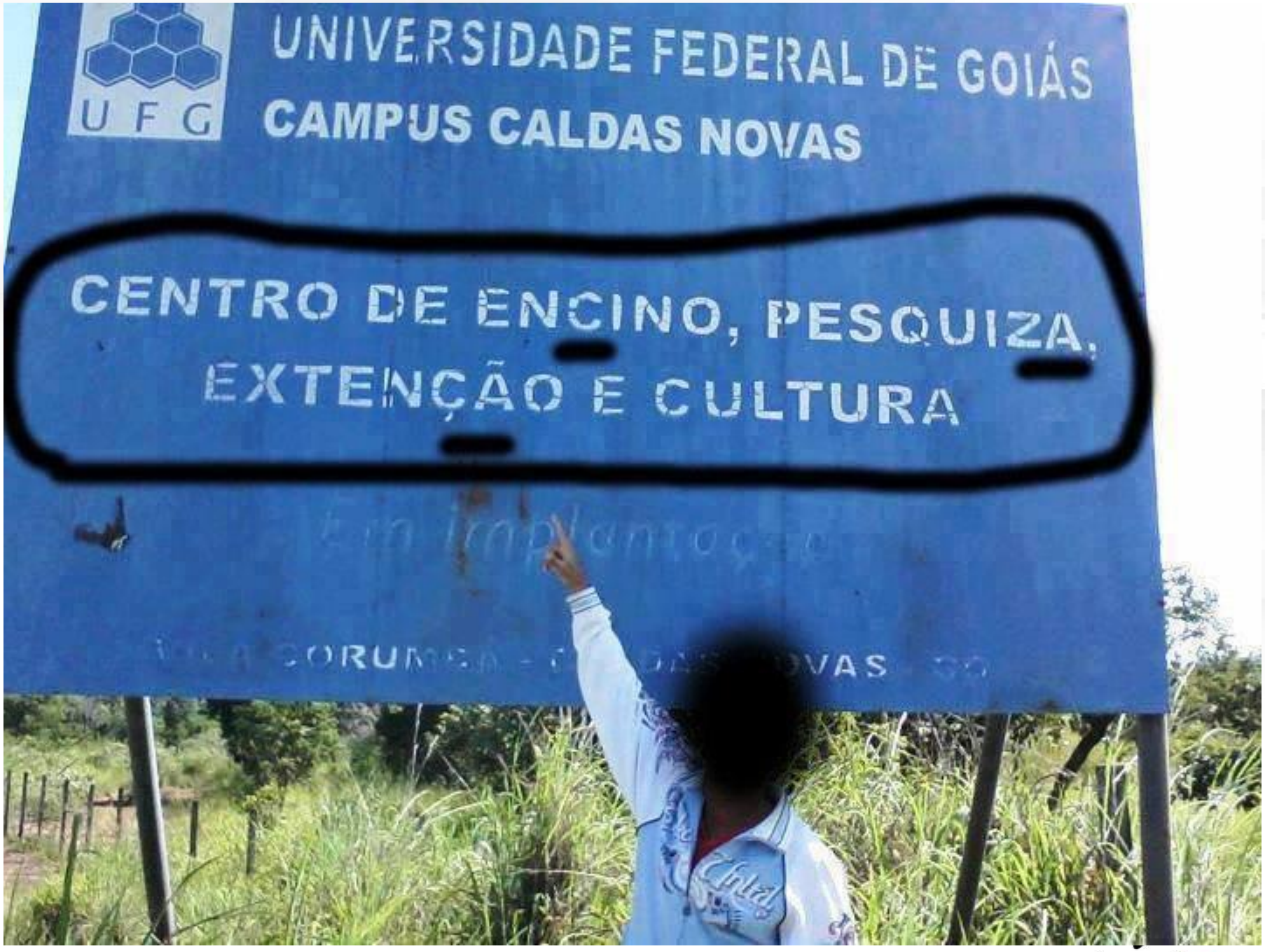
UFG
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CAMPUS CALDAS NOVAS
CENTRO DE ENCINO, PESQUIZA,
EXTENÇÃO E CULTURA
Em implantação
CORUM
DAS
VAS

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

*Conceito: é a palavra que indica ação, modo de ser, estado, mudança de estado e fenômeno da natureza.

VERBO

AÇÃO: correr, amar, cantar, sorrir...

FENÔMENO NATURAL: chover, amanhecer, ventar...

ESTADO: ser, estar, permanecer, parecer... ANDAR, FICAR,

*Número:
- Singular,
- Plural,

*Pessoas:
- 1ª: eu/nós
- 2ª: tu/vós
- 3ª: ele, ela, você/ eles, elas, vocês

*Locuções Verbais:
dois ou mais verbos que se unem para expressar uma ideia.
A prova será feita amanhã.
Ser

amamos
amar

*Conjugações:
- 1ª: -ar (amar; sonhar; falar...)
- 2ª: -er (comer; sofrer; vender...)
- 3ª: -ir (cair; sair; sorrir...)

compor

*Tempo:
estar
- Pretérito: O homem estava aqui.
- Presente: O homem está aqui.
- Futuro: O homem estará aqui.

*Modo:
- Indicativo (CERTEZA): Paulo chegou atrasado?
- Subjuntivo (DÚVIDA): Talvez Paulo chegue tarde.
- Imperativo (ORDEM): Não se atrase!

*Formas Nominais:
- Infinitivo: -ar (amar; sonhar; trabalhar); -er (ser; comer; sofrer); -ir (cair; sair; sorrir...).
- Gerúndio: -ando (amando; sonhando); -endo (comendo; sofrendo); -indo (caindo; saindo).
- Particípio: -ado (amado; sonhado); -ido (comido; sofrido/caído; saído)

Tirinha

É um gênero textual que surgiu nos Estados Unidos devido à falta de espaço nos jornais para a publicação de passatempos. O nome "tirinha" remete ao formato do texto, que parece um "recorte" de jornal.

Elementos

- Protagonista;
- Personagens secundários;
- Balão de fala / pensamento;
- Legenda;
- Onomatopeia
- Cenário.

Características

- Linguagem visual;
- Linguagem verbal;
- Linguagem informal, com marcar coloquiais;
- Figuras cinéticas (arte vibrante e dinâmica que possui como principal característica o movimento);
- Metáforas visuais.

Temática

Geralmente humorística, contudo não é raro encontrar tirinhas satíricas, de cunho social ou político.

☆ Depende da finalidade e do objetivo do autor, bem como do público-alvo que atingem.

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Curiosidade

A princípio, as tiras tinham uma diagramação padrão de 30 cm de largura por 10 cm de altura. Porém, como temo, muitos desenhistas ousaram bastante e produziram tiras muito criativas com diagramação diversificada. É comum encontrarmos tiras na vertical, bem como com um número de quadros superior a seis, ou mesmo desalinhadas.

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

ARGUMENTAÇÃO (MODOS DE ORGANIZAR O DISCURSO – PARTE I)

ARGUMENTAÇÃO

Argumentar significa apresentar um conjunto de razões a favor de uma conclusão ou oferecer dados favoráveis para uma conclusão. O argumento não é apenas a afirmação dos pontos de vista do autor, ele tem a função essencial de apoiar tais pontos de vista com base na razão.

Assim, além de ser uma externalização do saber do autor (ou do que ele acreditar saber)a respeito do assunto, a argumentação é o meio pelo qual ele busca formar a opinião do leitor, tentando convencer esse leitor de que (autor) é o detentor da verdade. Argumentar é persuadir mediante a apresentação de razões, em face da evidência das provas e à luz de um raciocínio consistente e bem concatenado.

A ARGUMENTAÇÃO APRESENTA DOIS ASPECTOS:

- ✓ Um, ligado à razão – que pressupõe ordenar as ideias, justificá-las e relacioná-las (caracteriza o ato de convencer).
- ✓ Outro, referente à paixão – que busca capturar o ouvinte, seduzi-lo (que caracteriza o ato de persuadir).

Lembre-se de que para argumentar, é necessário construir ideias e não uma realidade.

O TEXTO ARGUMENTATIVO É FORMADO POR:

- ✓ **TEMA** - assunto a ser esclarecido por meio da argumentação.
- ✓ **ARGUMENTADOR** – quem desenvolve o raciocínio a respeito do tema.
- ✓ **RECEPTOR** – a quem se dirigem os argumentos, com a finalidade de que venha a partilhar a mesma opinião ou certeza do argumentador.

FAZEM PARTE DA LÓGICA ARGUMENTATIVA

Afirmações factuais: que podem ter seu valor de verdade verificado pela confrontação com os fatos.

Julgamentos: que são inferências (conclusões) deduzidas dos fatos e gozam de menor confiança que as afirmações factuais.

Testemunhos de autoridade: de responsabilidade de pessoas supostamente especialistas no assunto.

Citação: afirmações feitas por especialistas em determinados campos do conhecimento extraídas de fontes fidedignas (como textos científicos, por exemplo).

Comprovação por dados: são informações objetivas, como estatísticas, percentuais e dados, de modo geral, fornecidos por institutos de pesquisa idôneos.

Raciocínio Analógico: é o raciocínio que consiste na transposição de uma característica de um fato particular para outro fato também particular, em razão de uma semelhança entre eles. O raciocínio por analogia fornece apenas possibilidade e não certeza, mas é usado com frequência em vários campos, como, por exemplo, política e Economia (Ex.: “A inflação é uma bola de neve”.).

Raciocínio Lógico/Analítico: ocorre quando o autor tenta provar, por meio da criação de nexos causais (relação de causa e efeito), que a conclusão a que chegou é real e não fruto de uma interpretação pessoal facilmente contestável. Neste caso, ele precisa ter um bom domínio, também, do conteúdo e dos elementos de coesão textual.

Raciocínio Indutivo: é o raciocínio que se baseia na observação dos elementos conhecidos, concretos (particular), para, por meio deles, chegar a uma conclusão ou a uma hipótese possível sobre uma determinada ideia ou fato (geral).

Raciocínio Dedutivo: é o tipo de raciocínio que caminho inverso ao da indução, obedecendo aos seguintes passos: Num primeiro momento, é formulada uma hipótese abstrata, de caráter geral. Depois, é estabelecida uma relação de fatos e provas (elementos concretos, conhecidos, observáveis – o particular). Por fim, insere-se (ou não) uma conclusão que confirme a hipótese geral.

A IMPESSOALIDADE
NO TEXTO ARGUMENTATIVO

As principais características de um texto dissertativo são o uso predominante de palavras no sentido denotativo, frases apresentadas na ordem direta, uma linguagem sóbria e, preferivelmente, com uso da terceira pessoa – para garantir a objetividade e a imparcialidade tão valorizadas pelos examinadores.

Na prática, a objetividade se prende muito mais à forma de estruturar o texto – o posicionamento do autor, a seleção vocabular, o percurso argumentativo, o espaço para as diferentes vozes que são citadas (a que "autoridades" apelar para confirmar a argumentação) - do que à pretensa atitude de impessoalidade.

Dependendo do tema, da situação, do veículo de comunicação e do interlocutor é que definimos nossa forma de estruturar o texto e optamos pela primeira ou terceira pessoa (lembrando que os pronomes apenas tornam mais evidente o posicionamento de quem fala). O trabalho de caráter científico ou técnico, um editorial de jornal (em que o autor não fala em seu nome, mas em nome da empresa que edita o jornal) pedem mais distanciamento do leitor e maior objetividade.

Entretanto, não podemos esquecer que alguns tipos de comunicação pedem um texto no qual predomine a intuição, ou mesmo a sensibilidade do autor, o que configura um texto dissertativo de caráter subjetivo. Como exemplo, podemos citar a crítica de arte (jornais e revistas publicam críticas de cinema, teatro, exposições), as crônicas reflexivas, as entrevistas (repare como soa falso quando um entrevistado faz a defesa de uma ideia em terceira pessoa).

COMO SÃO COBRADAS AS PESSOAS DO DISCURSO NA DISSERTAÇÃO

- ✓ **1ª pessoa singular (extrema subjetividade) –** evidencia um modo muito particular de apresentar os pontos de vista.

- ✓ **1ª pessoa plural (certo grau de subjetividade) –** facilita a interação com o leitor, mas ainda mostra a presença do autor.

- ✓ **3ª pessoa singular ou plural) –** a única capaz de imprimir total objetividade ao texto e garantir maior fiabilidade às informações fornecidas.

Quando lemos, não estamos somente em busca de informações sobre os mais variados assuntos. Queremos:

1. tirar conclusões;
2. formular hipóteses sobre os motivos que levaram ao fato;
3. formar nossa própria opinião, ou seja, formar juízo.

- ✓ **JUÍZO DE FATO:** é uma constatação. Se, por exemplo, dissermos que "faz frio agora", estamos enunciando um acontecimento constatado por nós.
- ✓ **JUÍZO DE VALOR:** é a interpretação (ou avaliação) que fazemos do próprio acontecimento. Neste caso, seria como dizer que "o inverno deixa as pessoas mais elegantes".

É muito difícil que o autor se furte de emitir juízos de valor em um texto, mas ele necessita fundamentá-los, na tentativa de torná-los o menos subjetivos possível. Na análise textual, precisamos compreender que juízos de valor que depreciam pessoas e coisas raramente são sustentáveis pela lógica e, sendo assim, ferem o próprio princípio da análise que se pretende fazer.

Edited by Foxit PDF Editor
Copyright (c) by Foxit Software Company, 2003 - 2009
For Evaluation Only.

ORTOGRAFIA OFICIAL

Para reproduzirmos na escrita as palavras de nossa língua, empregamos um certo número de sinais gráficos chamados LETRAS.

O conjunto ordenado das letras de que nos servimos para transcrever os sons da linguagem falada denomina-se ALFABETO.

O ALFABETO da língua portuguesa consta fundamentalmente das seguintes letras:

a	**b**	**c**	**d**	**e**	**f**	**g**	**h**	**i**	**j**	**l**	**m**	**n**	**o**	**p**	**q**	**r**	**s**	**t**	**u**	**v**	**x**	**z**
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23

Além dessas, há as letras ***k***, ***w*** e ***y***, que hoje só se empregam em dois casos:

a) na transcrição de nomes próprios estrangeiros e de seus derivados portugueses:

Franklin	Wagner	Byron
frankliano	wagneriano	byroniano

b) nas abreviaturas e nos símbolos de uso internacional:

K. (= potássio)	kg (= quilograma)	km (= quilômetro)
W. (= oeste)	w (= watt)	yd. (= jarda)

Observação:

O ***h*** usa-se apenas:

a) no início de certas palavras: haver hoje homem

b) no fim de algumas interjeições: ah! oh! uh!

c) no interior de palavras compostas, em que o segundo elemento, iniciado por h, se une ao primeiro por meio de hífen: anti-higiênico pré-histórico super-homem

d) nos dígrafos ch, lh, e nh: chave talho banho

"m" antes do "p" e "b"

O "m" é usado antes das únicas consoantes que são o "**p**" e do "**b**". Para lembrar, faça de conta que o **m** é de mamãe, o **p** de papai e o **b** de bebê. Assim, "a mamãe está sempre do lado (antes) do papai e do bebê."

Exemplos:

BO**MB**OM	CA**MP**O
SA**MB**A	PO**MP**OM
JA**MB**O	PI**MP**OLHO
TA**MB**OR	E**MP**ADA

Edited by Foxit PDF Editor
Copyright (c) by Foxit Software Company, 2003 - 2009
For Evaluation Only.

ORTOGRAFIA OFICIAL

LEMBRE – SE: só usamos a letra m antes do b e p. Antes das demais consoantes usamos n.

EXEMPLO: **tampa, bomba, laranja**

h, lh, nh

Por que usar a letra H se ela não representa nenhum som? Realmente ela não possui valor fonético, mas continua sendo usada em nossa língua por força da etimologia e da tradição escrita.

Emprega-se o H:

- Inicial, quando etimológico: horizonte, hulha, etc.
- Medial, como integrante dos dígrafos **ch, lh, nh**: chamada, molha, sonho, etc.
- Em algumas interjeições: oh!, hum!, etc.
- Em palavras compostas unidos por hífen, se algum elemento começa com H: hispano-americano, super-homem, etc.Palavras compostas ligadas sem hífen não são escritas com H. Exemplo: reaver
- No substantivo próprio Bahia (Estado do Brasil), por tradição. As palavras derivadas dessa são escritas sem H.Exemplo: baiano. . .

ch/x

X	CH
Depois de ditongo. Ex.: peixe, ameixa...	Palavras derivadas de outras escritas com pl, fl e cl. Ex.: chumbo(plúmbeo), chave (clave)...
Depois da sílaba me-. Ex.: mexer, mexerico... A palavra **mecha** (substantivo) é uma exceção.	
Depois da sílaba en-. Ex.: enxoval, enxaqueca... São exceções **encher, encharcar, enchumaçar e seus derivados.**	Verbos encher, encharcar, enchumaçar e seus derivados. Ex.: preencher, encharcado...
Em palavras de origem indígena ou africana. Ex.: orixá, abacaxi...	Palavras derivadas de primitivas que tenham o ch. Ex.: enchoçar (choça

Edited by Foxit PDF Editor
Copyright (c) by Foxit Software Company, 2003 - 2009
For Evaluation Only.

ORTOGRAFIA OFICIAL

ç/ss

SS	Ç (só é grafado antes de a, o, u)
Terminação dos superlativos sintéticos e do imperfeito de todos verbos. Ex.: lindíssimo, corrêssemos...	Palavras derivadas de primitivas escritas com ç. Ex.: embaçado (embaço)...
Palavras ou radicais iniciados por s que entram na formação de palavras derivadas ou compostas. Ex.: homossexual (homo + sexual)	Verbos em -ecer, -escer. Ex.:anoiteça (anoitecer)...
	Palavras de origem árabe, indígena e africana. Ex.: paçoca, muçulmano, miçanga...

s/z

S	Z
Derivadas de primitivas com "s" Ex.: visitante (visita)...	Derivadas de primitivas com "z". Ex.: enraizar (raiz), vazar (vazio)...
Nas formas dos verbos pôr, querer e seus derivados (repor, requerer...). Ex.: pusesse, quisesse...	Sufixo formador de verbo -izar. Ex.: realizar, modernizar...
Após um ditongo. Ex.: maisena, pausa...	
Sufixo -oso formador de adjetivos . Ex.: amoroso, atencioso...	Sufixo -ez (a) formador de substantivos abstratos. Ex.: timidez, viuvez...
Sufixos -isa, -ês, -esa usados na constituição de vocábulos que indicam: profissão, nacionalidade, estado social e títulos. Ex.: baronesa, norueguês, sacerdotisa, cortês, camponês...	

Deve-se distinguir rigorosamente os vocábulos parônimos (de sons semelhantes) e os de dupla grafia, com E ou I, O ou U, c ou Q, CH ou X. G ou J, S, SS ou C, Ç, S ou X, S ou Z.

"g" e "j"; "g" e "gu" antes de vogais

O som Z pode ser representado pelas letras J ou G, quando seguidas pelas vogais E ou I. Veja como o som é o mesmo, embora as letras usadas sejam diferentes:

JEITO - **G**ESTO - **J**ILÓ - FRÁ**G**IL
GU - **GU**ERRA / **GU**ISADO

O uso do = J

As palavras de origem latina:
jeito, sujeição, hoje, majestade, trejeito...

As palavras de origem árabe, indígena, africana ou mesmo populares com sentido exótico, quando se sente o som palatal do "J":
Alfanze, alforje, jibóia, jiló, jenipapo, pajé, jipe, jiu - jitsu, jirau, jingar, manjericão...

As palavras derivadas de outras escritas com "J" (Observe dentro dos parênteses):
Gorjeio, gorjear, gorjeta (de gorja), sarjeta (de sarja), lisonjear, lisonjeiro (de lisonja).

Nos substantivos sempre que a etimologia não justificar um "g", represente - se o som palatal por "j".
Arranje (arranjar), suja (sujar), viaje (viajar)... e

Edited by Foxit PDF Editor
Copyright (c) by Foxit Software Company, 2003 - 2009
For Evaluation Only.

Substantivos vindos de verbos em "JAR":
arranjo, sujeira, jia, jerico, manjerona, caçanje, pajé...

O uso do = G

As palavras de origem grega ou latina:
Falange, gesto, sugestão, tigela...

As palavras de origem Árabe:
Álgebra, ginete, girafa, giz...

As palavras de importação estrangeira, em cuja origem aparece o "G":
Gim (ing.), ágio, (ital.), sege (fr.), geléia, herege...

As palavras em que há as terminações: ágio, égio, ígio, ógio e úgio:
Estágio, egrégio, remígio, relógio, refúgio.

As palavras com os sufixos verbais - ger, - gir:
Eleger, fingir, fugir, proteger, submergir

As palavras com o emprego do "G" depois da vogal inicial "A":
Agente, ágil, agiota, agitar..

“ão” ou “am”

Compare:
Ali jog**am**, convers**am** e nad**am** - *presente*
Ontem todos jogar**am**, conversar**am** e nadar**am** - *passado*
Amanhã eles jogar**ão**, conversar**ão** e nadar**ão** - *futuro*.

Você notou que ao conjugar verbos só usamos **ão** no futuro? Notou também a diferença de pronúncia? As formas verbais terminadas em **am** são paroxítonas e as terminadas em **ão** são oxítonas.

“i” e “u” em final de sílaba

A pronúncia do português falado na maior parte do Brasil não faz distinção entre o L e o U do final das palavras, tanto que você não consegue distinguir isoladamente mal de mau. Esse fato acarreta grande confusão na hora de escrever.

A 2ª e 3ª pessoas do singular do presente do indicativo e a 2ª pessoa do singular do imperativo dos verbos terminados em -uir, escrevem-se com I.
Ex.: *possui , possuis (possuir);diminui , diminuis (diminuir); constitui, constituis (constituir);*

Grafam-se com a letra i :

- palavras com o prefixo anti - (prefixo grego que indica oposição, ação contraria): antiácido, anticristão, antiestético
- a sílaba final de formas dos verbos terminados em -uir: atribui (atribuir), diminui (diminuir), possui (possuir), substitui (substituir)
- as palavras: adiante, crânio, privilégio, piorar, réstia, requisito, ridículo, terebintina, inigualável

Escrevem-se com a letra u :

- acudir, bulir, bueiro, buzina, cueiro, curtume, cuspir, cumprimento(= saudação), cutia, escapulir, entupir, jabuticaba, tulipa, urtiga, usufruto, tabuleiro, jabuti

s/ss

De CED para CESS - (de ceder) -cessão, (de exceder) -excessivo.
De GRED para GRESS - (de agredir) agressão, agressivo; (de progredir) -progressão.
De PRIM para PRESS - (de imprimir) - impressão, (de oprimir) -opressão.

Edited by Foxit PDF Editor
Copyright (c) by Foxit Software Company, 2003 - 2009
For Evaluation Only.

De TIR para SSÃO - (de admitir) -admissão, (de permitir) -permissão.
Do latim a palavra persona - pessoa - logo "RS - SS";
Do latim a palavra - pérsico - pêssego.
Do latim a palavra "dixi" - disse, logo "X" - "SS";
Do latim a palavra - sexaginta - sessenta.

As palavras em que há prefixo em vogal ou terminado por ela; logo, "SE" juntado a palavras que comecem por "S", este deve ser dobrado, para se Ter tom de "SÊ" assilábico, assindeto, ressurgir, assindética, assimilado.

r/rr

Duplicam-se o **S** e o **RR** em dois casos:

1. quando intervocálicos, representam os sons simples do R e S iniciais: carro, ferro, pêssego, missão.
2. quando um elemento de composição terminado em vogal, seguir, sem interposição do hífen, palavra começada por uma daquelas: derrogar, prerrogativa, prorrogação, pressentimento, madressilva etc.

NOTAÇÕES LÉXICAS

Além das letras do alfabeto, servimo-nos, na língua escrita, de um certo número de sinais auxiliares, destinados a indicar a pronúncia exata da palavra. Estes sinais acessórios da escrita, chamados NOTAÇÕES LÉXICAS, são os seguintes:

O ACENTO

O **ACENTO** pode ser **AGUDO (´)**, **GRAVE (`)** e **CIRCUNFLEXO (^)**

1. O ACENTO AGUDO é empregado para assinalar:

a) as vogais tônicas fechadas ***i*** e ***u***:

aí
baú
horrível
açúcar
físico
lúgubre

b) as vogais tônicas abertas e semi-abertas ***a, e*** e ***o***:

há
pé
pó
amável
tivésseis
herói
pálido
exército
inóspito

2. O ACENTO GRAVE é empregado para indicar a crase da preposição ***a*** com a forma feminina do artigo **(a, as)** e com os pronomes demonstrativos ***a(s), aquele(s), aquela(s), aquilo:***

3. O ACENTO CIRCUNFLEXO é empregado para indicar o timbre semi-fechado das vogais tônicas ***a, e*** e ***o***:

câmara
mês
avô
cânhamo
dêem
pôs
hispânico
fêmea
cômoro

O TIL

O **TIL (~)** emprega-se sobre o ***a*** e o ***o*** para indicar a nasalidade dessas vogais:

maçã
caixões
mãe
põe
pão
sermões

O TREMA

O **TREMA (")** só se emprega na ortografia em vigor no Brasil, em que assinala o u que se pronuncia nas sílabas gue, gui, que e qui:

Edited by Foxit PDF Editor
Copyright (c) by Foxit Software Company, 2003 - 2009
For Evaluation Only.

O APÓSTROFO

O **APÓSTROFO (‘)** serve para assinalar a supressão de um fonema - geralmente a de uma vogal - no verso, em certas pronúncias populares e em palavras compostas ligadas pela proposição *de*:

esp'rança, minh’ alma, ‘stamos, por ⇒ esperança, coroa, minha alma, estamos.

Então:
O uso deste sinal gráfico limita-se aos seguintes casos:

- Indicar a supressão de uma vogal nos versos, por exigências métricas, como ocorre, mais freqüentemente entre poetas portugueses: ***c’roa.***
- Reproduzir certas pronúncias populares:
  Olh ‘ ele aí ... (Guimarães Rosa)
  Não **s ‘ enxerga**, enxerido! (Peregrino Jr.)
- Indicar a supressão da vogal da preposição *de* em certas palavras compostas: copo-d’água, pau-d’arco, estrela-d’alva , etc.

Não será usado o apóstrofo:

1) Na palavra *pra*, na forma reduzida da preposição para: *Puxa! Você não presta nem* ***pra*** *tirar gelo, Simão.* (Origenes Lessa)

2) Nas contrações das preposições com artigos, pronomes e advérbios: *dum, num, dalém, doutro, doutrora, noutro, nalgum, naquele, nele, dele, daquilo, dacolá, doravante, co, cos, coa, coas (com o, com os, com a, com as), pro, pra, pros, pras, (para o, para a, para os, para as).* Exemplos: *escritores* ***dalém-mar;*** *costumes doutrora; ir* ***pra*** *beira do rio.*

3) Nas combinações dos pronomes pessoais: *mo, mos, ma, mas, to, lho, lhos,* etc.

4) Nas expressões cujos elementos se aglutinaram numa unidade fonética e semântica: *dessarte, destarte, homessa, tarreneg, tesconjuro, vivalma*.

5) Nos títulos de livros, jornais etc.: a leitura d*O Guarani*, a campanha d*O Globo*, a reportagem d*A Noite.*

A CEDILHA

A **CEDILHA (,)** coloca-se debaixo do c, antes de ***a, o*** e ***u***, para representar a fricativa linguodental surda **[s]:**

caçar
praça
maciço
cresço
açúcar
muçulmano

DIFICULDADES ORTOGRÁFICAS

Uso do porquê

A palavra “porquê”, conforme sua posição e seu significado na frase, aparece escrita de quatro maneiras distintas:

A) POR QUE = por que motivo, o motivo pelo qual, pelo qual.
Ex.: Por que chegamos atrasados? (Por que motivo ...)
Daí por que estamos alegres. (Daí o motivo pelo qual ...)

B) POR QUÊ = por qual motivo. (É usado somente no fim da frase, antes de um ponto.).
Ex.: Eles estão alegres, mas eu não sei por quê.
Você chegou tão atrasado, por quê?

C) PORQUE = por causa que; porquanto; pois. (É usado para dar uma explicação.).
Ex.: Estão alegres porque hoje é dia de festa.
Chegou atrasado porque perdeu o ônibus.

D) PORQUÊ = o motivo (o porquê). (Está substantivado e admite artigo ou pronome adjetivo.).
Ex.: Não sei o porquê de sua alegria. Os seus porquês não me interessam!

Edited by Foxit PDF Editor
Copyright (c) by Foxit Software Company, 2003 - 2009
For Evaluation Only.

ORTOGRAFIA OFICIAL

Mário observou a tristeza do colega e quis saber o ***porquê***. Então, perguntou-lhe:
— Você está com uma cara tão triste, meu amigo, ***por quê*** ?
— Claro ! É que meu cachorro desapareceu na semana passada e até agora não recebi nenhuma informação.
— ***Por que*** você não põe um anúncio no jornal ?
— ***Porque*** não vai resolver.Meu cachorro não sabe ler...

QUE/QUÊ

Que é pronome, conjunção, advérbio ou partícula expletiva.

Quê é um substantivo (com o sentido de "alguma coisa"), interjeição (indicando surpresa, espanto) ou pronome em final de frase (imediatamente antes de ponto final, de interrogação ou de exclamação)

Ex. ***Que*** você pretende, tratando-me dessa maneira?
Você pretende o ***quê***?
Quê!? Quase me esqueço do nosso encontro.

ONDE/AONDE

Observe as duas frases abaixo.

a) *"Desapareceu a fazenda tradicional* ***onde*** *a exploração do trabalhador era disfarçada pelo compadrismo."*
lugar

b) ***Aonde*** *vão tantos trabalhadores juntos ?*
para onde

Usamos **onde** quando queremos indicar ***permanência, lugar*** e **aonde** quando queremos indicar ***movimento***, como ***ir, chegar***.

Veja outros exemplos:
Onde estavam as autoridades na hora da chacina ?
Não sei **onde** coloquei o abaixo-assinado.
Você viu **onde** se escondeu o dono da fazenda ?

Agora.
Aonde aqueles sem-terra pensam que vão ?
Você sabe **aonde** a justiça quer chegar ?
Aonde você vai tão apressada ?

MAL/MAU

Na fala, a pronúncia de ***mal*** e ***mau*** se confunde; o problema maior está no texto escrito. Entretanto, é fácil diferenciar um do outro.

mal (advérbio) significa de modo irregular, erradamente, incorretamente.
Ex.: *Ela comeu mal.*

mal (substantivo) significa prejudicial, nocivo, doença, enfermidade, moléstia.
Ex.: *O homem sofre do* ***mal*** *de Parkinson.*

É empregado sempre em oposição a bem.
mau (adjetivo) significa imperfeito, ruim, de má qualidade, de má índole, prejuízo.
Ex.: *O médico sabe o que é* ***mau*** *para você.*

REGRA PRÁTICA

Usamos **mal** quando puder ser substituído por **bem**.

Usamos **mau** quando puder ser substituído por **bom**.

Edited by Foxit PDF Editor
Copyright (c) by Foxit Software Company, 2003 - 2009
For Evaluation Only.

SENÃO/SE NÃO

Senão significa "caso contrário, a não ser".

Se não ocorre em orações subordinadas adverbiais condicionais; equivale a "caso não".

Ex. Nada fazia ***senão*** reclamar.
Estude bastante, ***senão*** não sairá sábado à noite.
Se não estudar, não sairá sábado à noite.

AO ENCONTRO DE/DE ENCONTRO A

ao encontro de: para junto de; favorável a
de encontro a: contra; desfavorável; em prejuízo de

Veja os exemplos:

Caminhando pela calçada foi **de encontro a** um poste e quebrou o nariz.

As novas medidas adotadas pela direção vieram ao encontro das necessidades dos funcionários.

Suas idéias vêm ***ao encontro d***as minhas, mas suas ações vão ***de encontro a***o nosso acordo. (Suas idéias são tais quais as minhas, mas suas ações são contrárias ao nosso acordo).

AFIM/A FIM

Afim é adjetivo equivalente a "igual, semelhante".

A fim de é locução prepositiva que indica finalidade.

Ex. Nós temos vontades ***afins***.
Ela veio ***a fim de*** estudar seriamente.

DEMAIS/DE MAIS

demais – excessivamente, além disso, intensidade. Adjetivo excessivo ou demasiado

de mais – quando queremos expressar algo em grau superior..

Ex.: Aquela casa é velha **demais**.
O resumo deve ser, antes **de mais** nada, fiel ao texto.

A/HÁ

Há é usado para indicar tempo decorrido.

A é usado para indicar tempo futuro.

Ex. Ele partiu ***há*** duas semanas.
Estamos ***a*** dois dias das eleições.

ACERCA DE/HÁ CERCA DE

Acerca de é locução prepositiva equivalente a "sobre, a respeito de".

A cerca de indica aproximação.

Há cerca de indica tempo decorrido.

Ex. Estávamos falando ***acerca de*** política.
Moro ***a cerca de*** 2 Km daqui.
Estamos rompidos ***há cerca de*** dois meses.

AO INVÉS DE/EM VEZ DE

Ao invés de indica "oposição, situação contrária".

Em vez de indica "substituição, simples troca".

Ex. ***Em vez de*** ir ao cinema, fui ao teatro.
Descemos, ***ao invés de*** subir.

À-TOA/À TOA

Edited by Foxit PDF Editor
Copyright (c) by Foxit Software Company, 2003 - 2009
For Evaluation Only.

à-toa - irrefletido, inútil, vil
à toa - sem destino

DIA-A-DIA/DIA A DIA

dia-a-dia - **(o) dia-a-dia** = rotina diária
dia a dia - dia após dia

TAMPOUCO/TÃO POUCO

Tampouco significa **também não**:
*Não fuma, **tampouco** bebe.*

Tão pouco traz a idéia de **muito pouco**:
*Ele estuda **tão pouco**, que não passará.*

MAS/MAIS

Apesar de apresentar pronúncia muito parecida, essas palavras têm significados bem diferentes.

Observe nas frases abaixo:

A natureza é importante, **mas** o homem, às vezes, se esquece disso.

mas = porém

⇩

(idéia oposta, contrária)

A indústria cortou **mais** árvores que no ano passado.

mais = quantidade

⇩

(muitas)

*"**Mas** penso que sou capaz de contá-las."*
*"Ela me ensinou **mais**, muito **mais**."*

mas: *indica oposição, idéia contrária.*
mais: *indica quantidade, somatória.*

> *Observação:*
> Essa diferença, na verdade, só ocorre na escrita, pois no momento da fala, a maioria das pessoas usa ***mais***.

A PAR/AO PAR

A par é usado, no sentido de "estar bem informado", "ter conhecimento".
Ao par só é usado para indicar equivalência entre valores cambiais.
Ex. Estou ***a par*** de todos os acontecimentos.
O real está ***ao par*** do dólar.

CESSÃO/SESSÃO/ SEÇÃO/SECÇÃO

cessão: ato de ceder
sessão: assembléia, reunião
seção / secção: repartição, parte, divisão, corte, departamento (preferir o uso de seção)

Veja os exemplos:
Dirijam-se à **seção** de pagamentos.
Participei da **sessão** em que foi discutido o aumento de salário.
A prefeitura fez **cessão** de um de seus terrenos para a construção de uma creche.

Edited by Foxit PDF Editor
Copyright (c) by Foxit Software Company, 2003 - 2009
For Evaluation Only.

USO DO HÍFEN

O hífen, ou traço-de-união, é um sinal (-) com várias funções na escrita.
Usa-se:

a) para ligar os elementos de palavras compostas ou derivados por prefixação:
couve-flor guarda-marinha pão-de-ló pré-escolar super-homem ex-diretor

b) para unir pronomes átonos a verbos: ofereceram-se retive-o levá-la-éi

c) para, no fim da linha, separar uma palavra em duas partes:
estudan- / te estu- / dante es- / tudante

A) O hífen é usado na composição de palavras novas.
Têm sentidos diferentes:
amor perfeito # amor-perfeito
copo de leite # copo-de-leite
segunda feira # segunda-feira
sem vergonha # sem-vergonha
sempre viva # sempre-viva

Atenção:
Nem toda palavra composta é ligada por hífen.
Exemplos: girassol, mandachuva, malmequer, rodapé, vaivém.

B) O hífen é usado nos adjetivos compostos:
luso-brasileiro
histórico-geográfico
médico-cirúrgico
sino-japonês

C) O hífen separa os elementos sufixados:
mor
açu
guaçu
mirim
após vogal tônica ou nasal.
altar-mor
guarda-mor
maracanã-guaçu
ingá-açu
socó-mirim

Exceção: Os nomes de cidades Manhuaçu, Manhumirim, Mojiguaçu e Mojimirim estão registrados sem hífen.

D) O hífen sempre separa dos radicais os seguintes prefixos tônicos:

Aquém	Pró	Sem	Sota, soto	Nuper	Grão
Além	Pré	Bem	Vice, vizo	Ex	Grã
Recém	Pós	-	-	Co	Bel
-	-	-	-	Pará	-

além-mar
recém-casado
pré-escola
pós-graduação
sem-vergonha

bem-amado
soto-ministro
vice-reitor
vizo-rei
ex-aluno

co-autor
pára-choque
grão-duque
bel-prazer

Exceção: Sr. Benvindo antropônimo), seja bem-vindo!

Edited by Foxit PDF Editor
Copyright (c) by Foxit Software Company, 2003 - 2009
For Evaluation Only.

E) O hífen separa os prefixos dos seus radicais quando ocorrem os casos discriminados abaixo:

Auto, Contra, Extra , Infra, Intra, Neo, Proto, Pseudo, Semi, Supra, Ultra, diante de vogal, H, R, S, usam o hífen.

Exceção: extraordinário

F) Ante, sobre, anti, arqui, diante de h, r, s, usam o hífen.

Exceções: antissepsica, antisséptico, sobressair, sobressaltar, sobressalto, sobressaltear, sobressalente, sobressaliente.

*******EXERCÍCIOS*******

1. Assinale a alternativa em que todas as palavras estão erradas em relação à grafia com “-ção”, “-são” e “-ssão”.
(A) permissão, conversão
(B) obtenção, discussão
(C) exceção, omissão
(D) consecussão, ascenção

2. Observe a frase abaixo:
A higiene dos utencílios da cozinha é fator importante para a preservação da saúde.
Para que a frase fique com a grafia correta das palavras, devemos substituir:
(A) higiene por hijiene
(B) cozinha por cosinha
(C) utencílios por utensílios
(D) importante por inportante
(E) preservação por preservassão

3. Assinale a alternativa correta quanto ao emprego de “onde” e “aonde”.
(A) Aonde você esteve?
(B) Aonde você vai?
(C) Onde você foi?
(D) Onde nós vamos?

4. Assinale a alternativa correta quanto ao uso de porque/porquê/por que/por quê.
(A) Porquê você estava tão alegre?
(B) Estava alegre por que vencera.
(C) Você estava tão alegre por quê?
(D) Por que amava, estava alegre.

RESPOSTAS:
1 = (D) 2 = (C) 3. (B) 4. (C)

Quinhentismo

Momento em que a cultura europeia foi introduzida no país durante o século XVI. Note que, nesse período, ainda não se trata de literatura genuinamente brasileira, a qual revele visão do homem brasileiro.

C.Melo2020

Contexto Histórico

- ☆ Expansionismo marítimo;
- ☆ Chegada dos Portugueses ao Brasil;
- ☆ Período de colonização – não é uma literatura propriamente brasileira, mas escrita em terra brasileira.
- ☆ Quinhentismo – relativo a 1500 – ano do desembarque português em terras brasileiras;

Características

- ✓ Crônicas de viagens;
- ✓ Textos descritivos e informativos;
- ✓ Conquista material e espiritual;
- ✓ Linguagem simples;
- ✓ Utilização de adjetivos.

Manifestações

Literatura De Informação

Descreve o território colonizado. Aspectos climáticos, espécies de animais e plantas, paisagem, hábitos da população nativa.

- ⇘ Carta do descobrimento: Pero Vaz de Caminha → foi escrita no ano de 1500 e publicada pela primeira vez em 1817;
- ⇘ Tratado da Terra do Brasil: Pero de Magalhães Gândavo → escrito por volta de 1570 e impresso pela primeira vez em 1826;
- ⇘ História da Província de Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil: Pero de Magalhães Gândavo: editado em 1576;
- ⇘ Tratado descritivo do Brasil: Gabriel Soares de Sousa: escrito em 1587 e impresso em 1839.

Literatura De Formação

Religiosa e pedagógica. Tinha como objetivo a catequização dos indígenas. Poemas, sermões e peças teatrais para mostrar aos nativos qual a forma correta de se vestir e se comportar e, principalmente, abandonar as práticas religiosas

- ⇘ Diálogo sobre a conversão dos gentios: Padre Manuel da Nóbrega: escrito em 1557 e impresso em 1880;
- ⇘ Arte de Gramática da Língua mais usada na Costa do Brasil: Padre José de Anchieta, 1595.

Aula 06

ANÁLISE SINTÁTICA INTERNA

ANÁLISE SINTÁTICA INTERNA

Análise dos diferentes papéis que os termos possuem em uma determinada oração.

TERMOS DA ORAÇÃO

CLASSIFICAÇÃO TRADICIONAL

- Termos essencias da oração
- Termos integrantes da oração
- Termos acessórios da oração

Classificação Tradicional

(sugerida pela NGB)

Termos essenciais da oração: sujeito, predicado e predicativo. (figuram usualmente na oração)

Termos integrantes da oração: objeto direto, objeto indireto, complemento nominal e agente da passiva. (constituem a oração mediante o aparecimento de outro termo)

Termos acessórios da oração: adjunto adnominal, adjunto adverbial, aposto e vocativo*. (são dispensáveis na estrutura da oração)

* O **vocativo** é um termo isolado da oração, pois não se liga a nenhum outro termo dela.

Para tornar nossas análises mais claras, faremos outro tipo de abordagem no estudo dos termos da oração.

TERMOS DA ORAÇÃO

CLASSIFICAÇÃO A SER USADA

- Termos associados ao nome
- Termos associados ao verbo
- Termo isolado da oração

Termos associados ao nome: adjunto adnominal, aposto, predicativo e complemento nominal.

Termos associados ao verbo: sujeito, predicado, objeto direto, objeto indireto, agente da passiva e adjunto adverbial.

Termo isolado da oração: vocativo.

TERMOS ASSOCIADOS AO NOME

- Adjunto adnominal
- Predicativo
- Complemento nominal
- Aposto

1. TERMOS ASSOCIADOS AO NOME

Adjunto Adnominal: termo satélite do núcleo do sintagma nominal. É um termo subordinado ao núcleo a que se refere. É a função própria dos artigos, dos pronomes adjetivos, dos numerais adjetivos, dos adjetivos e das locuções adjetivas.

O aluno responsável estuda.

As mulheres do Rio de Janeiro são muito bonitas.

Aqueles **assuntos** não foram abordados.

Dois **problemas** atingiam o **Governo**.

Predicativo: termo atributivo de estados, de qualidades, de modos de ser dos substantivos o qual não se liga a eles de maneira adjunta. O predicativo é um termo subordinado ao nome a que se refere. Pode ser um sintagma nominal, um sintagma adjetival ou um sintagma preposicional.

Ele é inteligente.

(S. Adj. Predicativo do Sujeito)

Ele é um homem inteligente.

(S.N. – Predicativo do Suj.)

O predicativo pode se referir ao sujeito ou ao objeto.

Ele é louco. (Predicativo do Sujeito)

Chamei-o de louco. (Predicativo do Objeto)

O juiz considerou o réu inocente.

(Predicativo do Objeto)

Complemento Nominal: termo complementar de sentido do nome. Assim como há verbos transitivos, há nomes transitivos, que requerem complemento. Estes são sempre abstratos. O complemento nominal pode complementar o sentido de um adjetivo, de um advérbio, ou de um substantivo, sempre com auxílio de preposição.

Era fiel aos amigos. (CN de adjetivo)

Agia independentemente de princípios. (CN de advérbio)

Tinha necessidade de apoio.

(CN de substantivo abstrato)

Agora observe os seguintes exemplos:

O amor de mãe é eterno. (adjunto adnominal)

O amor à mãe é eterno.
(complemento nominal)

Aposto: termo que tem a função de explicar, especificar, explicitar, resumir, enumerar, identificar outro termo já expresso na oração. È um termo subordinado ao núcleo nominal a que se refere e é acessório, isto é, sua presença não é obrigatória para estrutura frasal. Existem vários tipos de aposto. Para fins didáticos, vamos estudar um a um.

O **aposto explicativo** é um sintagma nominal que dá uma explicação a um núcleo de sintagma nominal.

A **primavera**, **estação do amor e das flores**, começou ontem. (aposto explicativo)

Luís, **sujeito inescrupuloso**, veio pedir-me a mão de minha filha. (aposto explicativo)

O **aposto especificativo** particulariza e identifica o termo a que se refere.

O **rio** **Amazonas** é o maior do mundo. (aposto especificativo)

O **presidente** **Lula** participou de um debate ontem. (aposto especificativo)

A **cidade** **de São Paulo** estava alagada. (aposto especificativo)

A **Avenida** **Paulista** é o coração comercial do Brasil. (aposto especificativo)

Hoje é **dia** **três de maio**. (aposto especificativo)

TERMOS ASSOCIADOS AO VERBO

- Sujeito
    - Sujeito indeterminado
    - Sujeito elíptico (ou desinencial)
- Complementos verbais
    - Objeto direto
    - Objeto indireto
- Adjunto adverbial
- Agente da passiva

2. TERMOS ASSOCIADOS AO VERBO

Sujeito: termo sobre o qual é feita uma declaração verbal e com o qual o verbo concorda. Está ligado ao verbo e, portanto, é subordinado a ele.

O homem **encontrou** a esposa na praia.

Eu não **compareci** à festa.

O sujeito é o sintagma nominal fundamental na oração. Vimos que só não têm sujeito os verbos ditos impessoais. Quando eles aparecem, diz-se que há **oração sem sujeito**.

Choveu muito ontem.

Fazia um calor insuportável naquela manhã de domingo.

Amanheceu.

Está uns dez graus agora.

Fez cinco graus na serra gaúcha.

Havia pessoas insatisfeitas com o resultado do jogo.

Não **houve** muitos festivais de música nessa década.

Haverá muitos acidentes nesse feriadão.

Faz quinze anos que não o vejo.

Não venho a Minas Gerais **há** quinze anos.

São vinte e duas horas.

Deviam ser umas sete horas.

É dia quinze de abril.

Passou das dez.

Basta de discussão!

“**Chega** de saudade...”

Se o verbo não é impessoal, o sujeito existe e pode ser determinado ou indeterminado.

Sujeito indeterminado é aquele que existe, mas que se desconhece, seja por não se conhecer o autor da ação verbal, seja por não se querer sua menção. Vimos que, em português, há duas maneiras de se indeterminar o sujeito: com o verbo na terceira pessoa do plural sem contexto; ou na terceira pessoa do singular acompanhado do índice de indeterminação do sujeito "se".

Falaram mal de você na festa.

Encontraram uma galinha no quintal.

Precisa-se de funcionários.

Não se **chegou** a lugar algum.

Sujeito elíptico (ou desinencial) é aquele que existe, que se determina, mas que não aparece expresso claramente. Fica implícito graças ao contexto ou à desinência verbal.

Observação: também é chamado sujeito oculto, terminologia hoje desusada.

Maria dormia um sono profundo. **Sonhava** com os anjos.

Não **pude vir** ontem

Esperamos por você.

Note que o sujeito do verbo sonhar é determinado pelo contexto: só pode ser "Maria" o termo que com o qual o verbo concorda. Nos dois exemplos seguintes, o verbo já dá o indício do sujeito, devido à conjugação verbal: - "eu" em "pude vir"; "nós" em "esperamos".

Quando o sujeito está escrito (expresso), ele pode ter um núcleo ou mais. Se tem um núcleo é disto **sujeito simples**; se tem mais de um, **sujeito composto**.

Eu não **pude vir** ontem. (suj. simples)

Vós não **quisestes vir**. (suj. simples)

Todos **compareceram** à festa. (suj. simples)

O assassino não **escolheu** a vítima. (suj. simples)

Ambos **saíram** com os pais. (suj. simples)

O não-ser **corrói**-me a alma. (suj. simples)

Você e ele não **sairão** sozinhos. (suj. composto)

O pai e a filha **viveram** aqui por um ano. (suj. composto)

Não **podem estar** ausentes a lua e as estrelas em nosso céu hoje. (suj composto)

Ela, o marido e a filha **foram internados** numa clínica de tratamento antidrogas. (suj. composto)

Choveram rios de lágrimas em seu rosto. (suj. simples)

João **amanheceu** cansado. (suj. simples)

Observe os períodos que seguem:

Isso **é** preciso.

É preciso que se façam tais observações rapidamente.

Complementos verbais: termos que complementam o sentido de verbos transitivos. Os complementos verbais são os seguintes sintagmas nominais: o objeto direto e o objeto indireto. Objeto direto é o complemento de um VTD e, portanto, é subordinado ao verbo. Objeto indireto é o complemento de um VTI e, portanto, é subordinado ao verbo. No caso de VTDIs, ocorrem os dois objetos simultaneamente.

A) OBJETO DIRETO

Comprei o carro.

Gostaria de vê-los agora.

Ela fumou um cigarro fedorento.

Ela bebeu um uísque vagabundo.

Observe os dois exemplos abaixo:

Quero isso.

Quero que vocês venham à festa amanhã.

B) OBJETO INDIRETO

Ela desobedeceu às regras da instituição.

Ela assistiu ao último filme de seu ídolo.

Gosto dessa música.

Ele nunca me perguntou nada.

Ela concordou comigo.

Observe os dois exemplos abaixo:

Ele precisava disso.

Ele precisava de que o ajudassem nas tarefas.

Adjunto adverbial: termo complementar circunstancial. É acessório, ou seja, aparece apenas para indicar uma circunstância à ação verbal. É a função própria do advérbio, das locuções e das expressões adverbiais.

A maçã caiu da árvore. (lugar)

Àquela hora, as opiniões eram contraditórias. (tempo)

Chegamos ao colégio pontualmente. (lugar; tempo)

O menino morreu de fome. (causa)

Ele falou conosco sobre sua mulher. (assunto)

Ele veio a pé. (meio)

Ele falou com calma. (modo)

Ele é um homem muito bom. Fala muito, mas fala muito bem. (intensidade)

Talvez ele seja escritor. (dúvida)

Queria passear contigo. (companhia)

Nunca me falaram a respeito. (tempo)

Agente da passiva: termo que, na voz passiva, realiza a ação verbal, já que o sujeito a sofre. Lembre-se de que, na passagem da voz passiva para a ativa, o agente da passiva torna-se sujeito da oração.

A História é feita por grandes homens.

Os sindicatos são formados de trabalhadores.

A mulher foi morta pelo marido.

Os jovens ficam entusiasmados com essas ideias.

TERMO ISOLADO DA ORAÇÃO

Vocativo:

Termo que identifica o interlocutor a que se dirige. É um termo da oração, pois não se subordina a nenhum outro termo.

Caro amigo, recebe meus pêsames sinceros a ti.

Senhor Deus, por que nos abandonastes?

Desejo, minha musa, que fiques para sempre comigo.

Ó Maria, onde está você?

"Meu canto de morte, guerreiros, ouvi!" (G.D.)

Exercícios:

01. (FUVEST-SP) Nos enunciados abaixo, há adjuntos adnominais e apenas um complemento nominal. Assinale a alternativa que contém complemento nominal:

a) faturamento das empresas.
b) ciclo de graves crises.
c) energia desta nação.
d) história do mundo.
e) distribuição de poderes de renda.

02. (FMU) Observe os termos sublinhados na passagem: "O rio vai às margens. Vem com força de açude arrombado." Os termos sublinhados são, respectivamente:

a) predicativo do sujeito e adjunto adnominal de modo
b) adjunto adverbial de modo e adjunto adnominal
c) adjunto adverbial de lugar e adjunto adverbial de modo
d) adjunto adverbial de modo e objeto indireto
e) adjunto adverbial de lugar e complemento nominal

03. (UE-BA) Assinale a alternativa correspondente ao período onde há predicativo do sujeito:

a) Como o povo anda tristonho!
b) Agradou ao chefe o novo funcionário.
c) Ele nos garantiu que viria.
d) No Rio, não faltam diversões.
e) O aluno ficou sabendo hoje cedo de sua aprovação.

04. (MACK) Na oração "Esboroou-se o balsâmico indianismo de Alencar ao advento dos Romanos", a classificação do sujeito é:
a) oculto
b) inexistente
c) simples
d) composto
e) indeterminado

05. (PUC) No sintagma verbal: "... foi espantar as moscas do rosto do anjinho.", temos três sintagmas nominais que funcionam respectivamente como

a) objeto direto, objeto indireto, adjunto adnominal do objeto indireto.
b) objeto direto, adjunto adverbial de lugar, complemento nominal.
c) objeto indireto, complemento nominal, adjunto adnominal do complemento nominal.
d) objeto indireto, objeto indireto, complemento nominal.
e) objeto direto, adjunto adverbial de lugar, adjunto adnominal do adjunto adverbial.

Gabarito:

1 – E	2 – B	3 – A	4 – C	5 – E

Próximas turmas:

→Português PESO 2 – Fabrício Dutra e Elias Santana Caixa e Câmara – Início 25/02(10 encontros)

→ Simulados Comentados – Fabrício Dutra e Abel Mangabeira

Datas:
PORTUGUÊS: 10/03, 17/03, 24/03 e 31/03
MATEMÁTICA: 14/03, 21/03, 28/03 e 04/04.

→LÍNGUA AFIADA PRESENCIAL
ESPECIAL CONCORDÂNCIA VERBAL - 01/03
ESPECIAL CAIXA – 23/03

GILP GRAN INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA AFIADA

O uso dos pronomes demonstrativos:

ESTE

AQUELE

ESSE

No espaço

Este → Próximo à primeira pessoa (quem fala)
Esse → Próximo à segunda pessoa (com quem se fala)
Aquele → Distante das duas pessoas.

"Está vendo **este** botão **aqui**?“
"Pegue **esse** livro **aí**"
"Olhe **aqueles** garotos reunidos **lá** na esquina".

No tempo

Este → Presente ou futuro próximo
Esse → Passado próximo
Aquele → Passado distante.

“Neste ano, várias manifestações sociais vêm ocorrendo no Brasil.”
“Junho foi bem produtivo; n**esse** mês, trabalhei muito."
“Neste fim de semana, ocorrerá o nosso aulão.”

No texto

Este → Referência catafórico*
Esse → Referência anafórica
Aquele → Referência exofórico

A violência vem crescendo no DF. Esse é um dos assuntos mais falados atualmente.

Um dos assuntos mais falados atualmente é este: a violência vem crescendo no DF.

A vida é bela, mas há aqueles que digam que não.

Elementos ditos anteriormente

Elias Santana e Júnior Vieira são jovens revelações do Gran Cursos. ______ é um jovem grande professor de Língua Portuguesa e ______ é o fenômeno do Direito Constitucional.

Quem será, me diga quem será
Esse cara que te liga antes de você deitar???

Eu quero tocar fogo nesse apartamento, eu quero é ir embora...

“Ô lá lá lá lá...
e você ri sem saber que aqui eu fico chorando
aquela semana em Berlim
aquela cidade é celestial, é celestial
toda aquela semana em Berlim
e Berlim não viu o nosso amor”

O cara que pega você pelo braço
Esbarra em quem for que interrompa seus passos
Está do seu lado pro que der e vier
O herói esperado por toda mulher
Por você ele encara o perigo
Seu melhor amigo
Esse cara sou eu

Complete as lacunas com o pronome adequado:

1) “_____ documento que tens à mão é importante, Pedrinho?
2) “A estrada do mar, larga e oscilante _______ sim, o tentava.”
3) “Na traseira do caminhão lia-se ________ frase:Tristeza não paga dívida”.
4) “Cuidado, mergulhador, ________ animais são venenosos: a arraia miúda, o peixe-escorpião, a
medusa, o mangangá.”

a) Esse – essa – esta – estes;
b) este – esta – esta – estes;
c) este – esta – essa – esses;
d) esse – essa – essa – esses;
e) este – esta – essa – estes.

#momentopraca

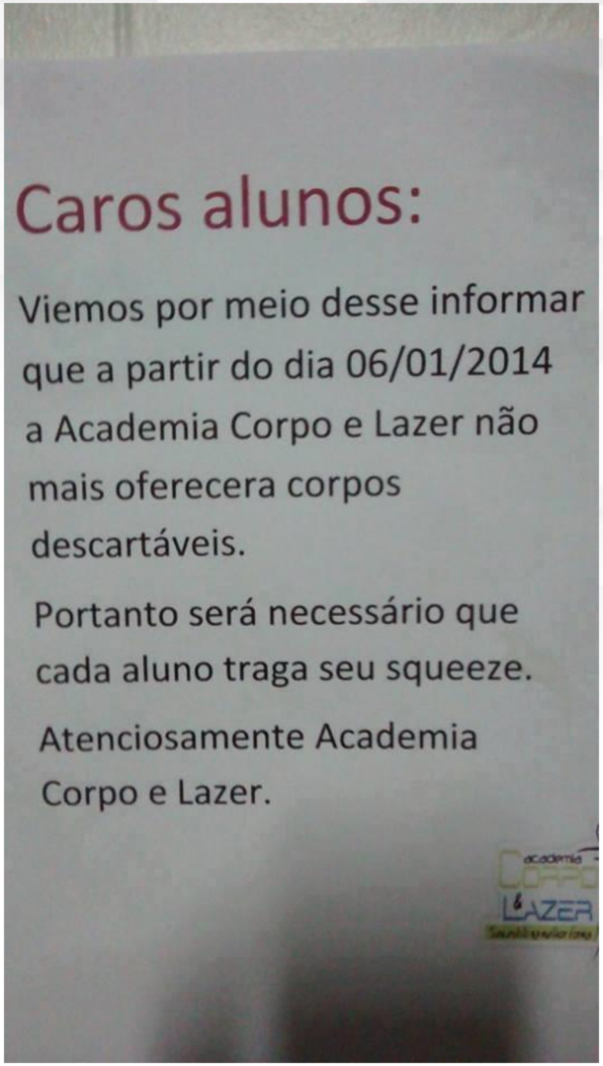

Caros alunos:

Viemos por meio desse informar que a partir do dia 06/01/2014 a Academia Corpo e Lazer não mais oferecera corpos descartáveis.

Portanto será necessário que cada aluno traga seu squeeze.

Atenciosamente Academia Corpo e Lazer.

#momentopraca

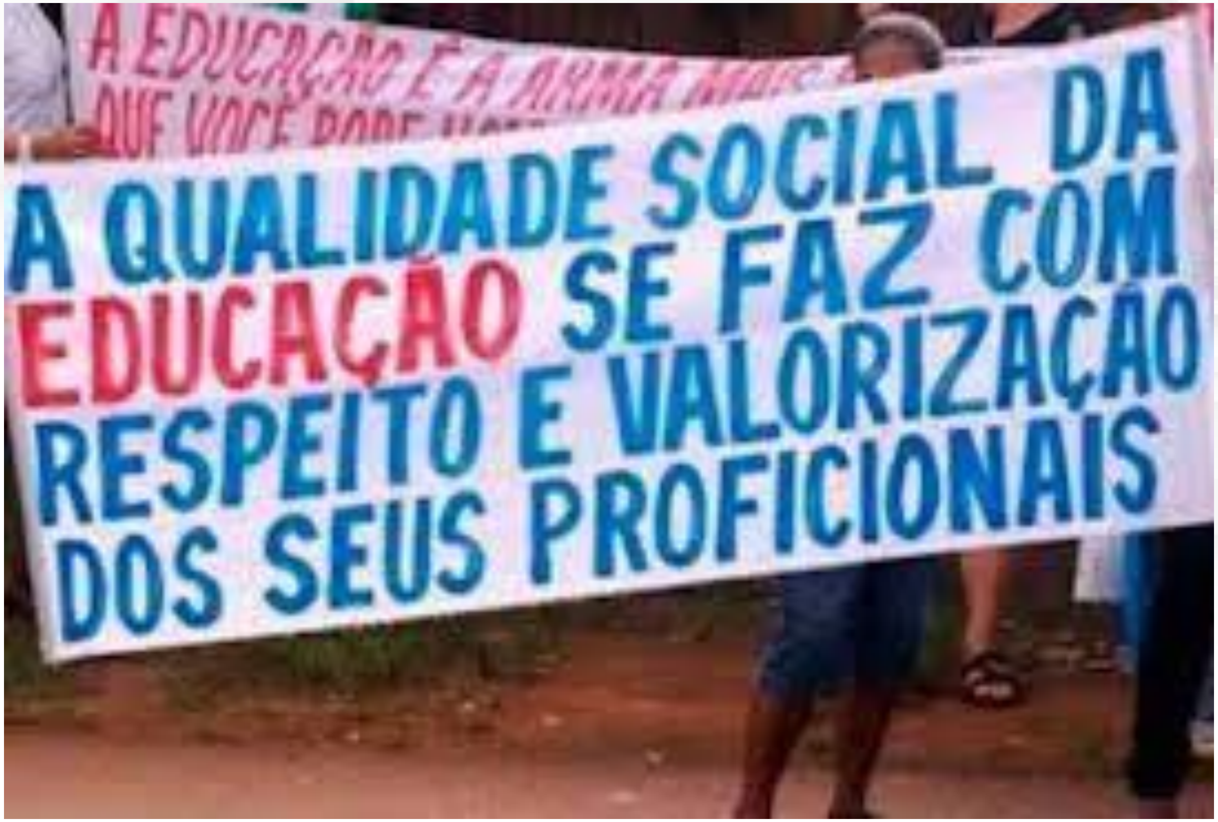
A EDUCAÇÃO É A ARMA MAIS
QUE VOCÊ PODE
A QUALIDADE SOCIAL DA
EDUCAÇÃO SE FAZ COM
RESPEITO E VALORIZAÇÃO
DOS SEUS PROFICIONAIS

ISBN 978-85-909417-3-6

Sérgio Simões

Crase sem segredo

Série **Palavra Final**, v. 3

UNINOVE
Universidade Nove de Julho
A UNINOVE É SEMPRE 10

ISBN 978-85-909417-3-6

Sérgio Simões

Crase sem segredo

Série **Palavra Final**, v. 3

UNINOVE
Universidade Nove de Julho
A UNINOVE É SEMPRE 10

© 2009 – Universidade Nove de Julho (Uninove)

Capa e projeto gráfico: João Ricardo M. Oliveira

SIMÕES, Sérgio Lourenço. Crase sem segredo.

São Paulo : UNINOVE, 2009. (Série Palavra final, v. 3)

ISBN 978-85-909417-3-6

1. Língua portuguesa – Crase
CDU 811.134.3’36

Autorizada a reprodução desde que citada a fonte.

Sumário

Introdução 5

Cuidado com certos usos do sinal indicativo da crase 5

O acento 6

Dicas valiosas 7

Locuções adverbiais 9

Acento indiacativo da crase proibido 9

Palavras masculinas 9

Verbos 10

Pronomes demonstrativos 10

Pronomes pessoais e de tratamento 10

Pronomes indefinidos 10

Pronomes relativos 11

Artigos indefinidos 12

Palavras femininas tomadas no sentido amplo, genérico 12

A crase é facultativa 12

Com possessivos no singular: 12

Com **até**: 13

Casa e terra e o sinal indicativo da crase 13

Crase diante de nomes de pessoas 14

Resumo 15

Sinal indicativo da crase proibido em: 15

Sinal indicativo da crase obrigatório em: 15

Consulta rápida 16

Algumas dicas para o dia a dia 17

Introdução

Quantas vezes deparamos com placas e cartazes orientadores que nos deixam perplexos com as ‘sutilezas’ linguísticas **lamentááááveis** que agridem nossos olhos e nossa inteligência, não é mesmo?

Sabemos que nossos amigos não seriam capazes de produzir essas pérolas da língua; no entanto, não nos custa alertar para esse saboroso “caldo” da displicência linguística ou ignorância no que se refere ao uso do sinal indicativo da crase.

Bom entretenimento!

Cuidado com certos usos do sinal indicativo da crase

Muito se tem escrito sobre **ensino à distância**, mas sem o devido cuidado com a língua. O correto é falar de **ensino a distância** sem o acento indicativo da crase. Lembre-se de que a palavra **distância** só o admitirá se estiver determinada:

> O inimigo estava **a distância**; no entanto, para que pudessem observá-lo melhor, aproximou-se, colocando-se **à distância de dois metros**.

Não use **à partir de**, pois não se coloca o sinal indicativo da crase antes de verbo. Escreva, simplesmente, **a partir de**:

> As inscrições para o processo seletivo estarão abertas **a partir de** 1º de junho.

Observe mais algumas construções que também não admitem o acento da crase:

> De **segunda a sexta**, não estaremos funcionando.
>
> As inscrições poderão ser feitas de **23.6 a 31.7** na secretaria da universidade.
>
> Moramos na Lapa de **1952 a 1974**, e em Santana, de **1997 a 2002**.

O acento

O acento indicativo da crase só existe diante de palavras femininas que o exigirem em razão da regência.

Atenção!

Não nos referimos **à** garota. **A** garota estava no trem.

(Temos preposição **a** exigida por referir-se + artigo definido **a** de garota)

Assim,

Não nos referimos **à** garota que estava no trem.

Reportou-se **à** união de seus pais. **A** união de seus pais foi duradoura.

(Temos preposição **a** exigida por reportar-se + artigo definido **a** de união)

Assim,

Reportou-se **à** união de seus pais, que fora duradoura.

Exceções:

Demonstrativos **aquele**, **aquilo**, desde que a regência o exija:

Assim,

Não se refira **àquele** que não inspira confiança.

(Temos preposição **a** exigida por referir-se + **a** de aquele)

Não se dedique **àquilo** que não lhe interessa.

Não podemos dedicar-nos a isto, mas, sim, **àquilo** que sempre satisfará nossa curiosidade.

(Temos preposição **a** exigida por dedicar-se + **a** de aquilo)

Comprei **a**quele carro.

(Temos apenas o **a** de aquilo, pois o verbo comprar não exige preposição)

Devolveu-me **a**quilo que me pertencia.

(Temos apenas o **a** de aquilo, pois o verbo devolver não exige preposição)

Diante de palavra masculina que subentenda **à moda de, ao estilo de**:

Não redija **à** **José de Alencar**, pois o discurso se tornará enfadonho.

(**ao** estilo de)

Hermenegildo veste-se **à** **Luís XV**.

(**à** moda de)

Dicas valiosas

Substitua a palavra feminina precedida de **a(s)** por um termo masculino que pertença à mesma classe ou categoria gramatical. Caso apareça **ao(s)**, o acento será obrigatório; se o **a** se mantiver inalterado ou aparecer apenas **o(s)**, não haverá acento:

Entregamos flores **à** **garotinha**.

(**ao** **garotinho**)

Compareceu **à** **comemoração**.

(**ao** **desfile**)

Obedeça **às** **leis**.

(**aos** **regulamentos**)

Não me refiro **a todas as mulheres**, e sim **às** que me dedicaram amor.
(**a todos os homens**) (**aos** que)

Dirigi-me **a ela** durante o jantar.
(**a ele**)

Ônibus movido **a gasolina**.
(**a álcool**)

Não se entregue **a qualquer** pessoa.
(**a qualquer** indivíduo)

Joel fez referência **a todas** as pessoas.
(**a todos** os homens)

Organizamos **a conferência**.
(**o evento**)

Os candidatos cumpriram **as normas** da instituição.
(**os regulamentos**)

Substitua o verbo pelo **antônimo**, por **passar**, **estar** ou **ficar**. Se aparecerem as preposições **de**, **por** ou **em**, não haverá crase. Caso apareçam as contrações **da**, **pela** ou **na**, o acento será obrigatório.

Fomos **à praia** e, depois, **a Santa Catarina**.

Os exemplos que seguem ilustram a explicação e justificam a acentuação na frase:

Voltamos (viemos) **da praia** e, depois, **de Santa Catarina**.

Passamos **pela praia** e, depois, **por Santa Catarina**.

Estivemos **na praia** e, depois, **em Santa Catarina**.

Locuções adverbiais

Elementos que estabelecem o aspecto circunstancial da frase, ou seja, o momento, a causa, o modo, o lugar, a consequência, e exigem o sinal indicativo da crase:

À noite, tudo se concretiza.

Não vire **à direita**.

O juiz julgou o réu **à revelia**.

Ele vive **à custa** da família.

Esta casa está **à venda**.

Matou o sequestrador **à bala**.

Estava **à beira** do riacho.

Gosto de comer filé **à milanesa**.

Obs.: Na indicação de horas definidas, o acento será obrigatório:
Sairemos **às 10 horas**.
Horário desta loja: das **8h às 22h**. (ou das **8 às 22 horas**)

Acento indiacativo da crase proibido

Diante de:

Palavras masculinas

Gosto de andar **a pé**.

Envie o documento **a Paulo**.

Foi ao Rio de Janeiro **a serviço** do Tribunal de Contas da União.

Comprei um belo quadro pintado **a óleo**.

Verbos

Temos algo **a** **resolver**.

Estamos **a** **esperar** por você.

Pronomes demonstrativos

este, **esta**, **esse**, **essa**, **isto** e **isso**:

Veio **a** **esta** cidade ontem.

Não me refiro **a** **isto**, e sim **a** **isso** que está em seu bolso.

Pronomes pessoais e de tratamento

"Vinde **a** **mim** as criancinhas..."

Dei um presente **a** **ela**, **a** **Vossa Senhoria** e **a** **você**.

Obs.:

a) Diante de **senhora**, **senhorita** e **madame**, pode-se utilizar o acento:

Entregamos o perfume **à** **senhora**. (ao senhor)
...**à** **senhorita** Valéria.
...à **madame**.

b) A palavra **dona** não aceita artigo definido; por isso, é proibido o uso do sinal da crase:

Dei um presente **a** **dona** Maria. (para dona Maria)
Apresentamos o gerente **a** **dona** Ester. (para dona Ester)

Pronomes indefinidos

Não conte os segredos **a** **qualquer** pessoa, **a** **alguém** que não mereça confiança.

Você pode assistir **a** **alguma** comédia.

Pronomes relativos

Observe a correspondência entre feminino e masculino:

A que pessoas você entregou o dinheiro?
A **que** indivíduos você entregou o dinheiro?

A poesia **a que** me refiro é de João Cabral de Melo Neto.
O poema **a que** me refiro é de João Cabral de Melo Neto.

Não conheço a garota **a quem** você se reporta com suas observações.
Não conheço o garoto **a quem** você se reporta com suas observações.

A mulher **a cuja** situação ele se referiu esteve aqui há pouco.
A mulher **a cujo** filho ele se referiu esteve aqui há pouco.

A qual das pessoas você solicitou paciência?
A qual dos meninos você solicitou paciência?

Não leve em consideração as atividades **às quais** todos se entregam imotivadamente.
Não leve em consideração os projetos **aos quais** todos se entregam imotivadamente.

Mas, cuidado!

Quando o **a**, diante do **que**, for equivalente aos demonstrativos **aquele**, **aquela** ou **aquilo**, o sinal indicador da crase poderá ou não ser utilizado, dependendo da regência:

Não me refiro a esta norma, mas **à** (àquela) **que** foi objeto de repúdio.

(Temos referir-se **a** alguém ou **a** alguma coisa, ou seja, referir-se **à** norma, objeto de repúdio)

Note que ao substituirmos o termo feminino – ao qual o **que** se refere – por uma palavra masculina, a combinação **ao** aparecerá:

> Não me refiro a este regulamento, mas **ao** (àquele) **que** foi objeto de repúdio.

Artigos indefinidos

Chegaremos **a uma** pequena aldeia.

Vá **a uma** farmácia de manipulação e verifique se é possível preparar a fórmula para amanhã.

Palavras femininas tomadas no sentido amplo, genérico

Não divulgue seus projetos **a pessoas** que não mereçam confiança.

A diretora atribuiu o insucesso dos alunos **a professores** mal preparados.

Obs.: Não se utiliza o acento indicativo da crase na ligação de palavras repetidas:

Cara **a** cara
Corpo **a** corpo
Frente **a** frente
Gota **a** gota
Uma **a** uma

Mais algumas orientações para você

A crase é facultativa

Com possessivos no singular:

> Venha **a nossa** casa (ou **à nossa** casa).
>
> Recorri **a sua** irmã (ou **à sua** irmã).

No plural, o acento se imporá se houver preposição **a** + artigo definido **as**:

As imposições são inúteis **às** nossas aspirações.

Caso haja apenas preposição **a**, não se põe o sinal da crase:

As normas da instituição dão garantias **a** suas colaboradoras.

Com **até**:

Estaremos aqui das 20 **até as** (ou **até às**) 22 horas.

Neste caso, o melhor é omitir o **até**, pois a expressão em si estabelece o limite:

Estaremos aqui das 20 **às** 22 horas.

Iremos **até a** cidade. (ou **até à** cidade)

Obs.: Apesar de os gramáticos admitirem as duas formas, aconselhamos seja omitido o acento, por ser desnecessário.
Veja exemplo a seguir:
Iremos **até a** cidade. (ou **até à** cidade)

Se substituirmos **cidade** por **teatro**, teremos:
Iremos **até o** teatro (ou **até ao** teatro). Parece-nos que o primeiro é mais interessante; por isso, prefira-o.

Casa e terra e o sinal indicativo da crase

Encerraremos este momento cultural precioso com o acento grave na **CASA** (não na nossa, e sim na do outro). Aliás, é muito simples.

Se você estiver fazendo referência à palavra **casa** (lar, domicílio próprio), não ponha o acento:

Voltamos **a casa** ontem.

Paulo chegou **a** **casa** às 2 horas.

Note que, nos dois exemplos, a palavra **casa** aparece sem determinante, isto é, sozinha.

Se a **casa** for determinada, o acento será obrigatório:

Voltamos **à** **casa de Paulo** ontem.

Paulo chegou **à** **Casa Rosada** às 2 horas.

E com a palavra **terra**?

Quando utilizada como **terra firme**, **solo** (em oposição "a bordo"), proíbe-se o sinal indicativo da crase:

Os marinheiros desceram **a** **terra**.

O avião chegou **a** **terra**.

Nos demais casos, o acento grave se imporá:

Às 18h34, os astronautas chegarão **à** **Terra**. (planeta)

José voltará **à** **terra natal** quando tiver dinheiro para pagar a passagem.

Crase diante de nomes de pessoas

Quando nos referimos a pessoas de nosso círculo de amizades (por afinidade, intimidade), acentuamos o **à**:

Durante a festa, referimo-nos **à** Cláudia como nossa melhor amiga.

Valeu a pena dedicar-se **à** Elisabete?

Se as pessoas não fizerem parte de nosso relacionamento (por intimidade, amizade), não haverá acento:

Pediram-me que entregasse o cheque **a** Cláudia. (alguém de nome Cláudia)

Dirija-se **a** Luísa, a recepcionista.

Em se tratando de santas ou pessoas célebres, a acentuação será proibida:

Neste livro, não encontramos referência **a** Anita Garibaldi nem **a** Ana Nery.

Oremos **a** Maria e **a** Santa Rita de Cássia.

Resumo

Agora, deguste estas contribuições que reforçarão o que você aprendeu.

Sinal indicativo da crase proibido em:

De **segunda a sexta**; de **terça a domingo**.

As inscrições para o processo seletivo estarão abertas de **22.9 a 20.12.2009**.

A partir de segunda-feira, estaremos abertos até as 22 horas.

Educação **a distância**.

Hotel **a 400 metros**.

Saída **a 2 km**.

Estamos **a duas horas** de Gramado.

Observe mais este exemplo:

Se você preferir **entregas a domicílio**, faça-as sem crase no **a**, pois seria **lamentááável** usá-la neste caso. No entanto, aconselhamos que as faça sempre **EM domicílio**, pois dessa forma nada teremos que lamentar.

Lembre-se de que se entrega a mercadoria **no** domicílio da pessoa.

Sinal indicativo da crase obrigatório em:

Abriremos das **10h às 22h**.

Às segundas e terças, abriremos **às 14 horas**, e aos sábados**, às 8h30**.

Às vezes, fechamos **às 24 horas**.

Consulta rápida

Algumas locuções com e sem o acento grave

a álcool
à baila
à bala
à base de
à beça
à beira de
à beira-mar
a bel-prazer
à bomba
a bordo
a bordoadas
à brasileira
à busca de
a cântaros
a caráter
à carga
a cargo de
à cata de
a cavalo
à chave
a curto prazo
à custa de
à deriva
à direita
a distância
à distância de
a esmo
à esquerda
à exaustão
à exceção de
à fantasia
a ferro e fogo
à força
à francesa
à frente de
a frio
a galope
a gasolina
a granel
à guisa de
à inglesa
à italiana
à janela
a jato
a juros
a jusante
a lápis
a lenha
à livre escolha
a longo prazo
à luz
à mão
à mão armada
à máquina
à margem
a marteladas
à medida que
à meia luz
à mercê de
à mesa
a meu ver
à milanesa
à mineira
à míngua
à moda de
à mostra
a nado
à noite
a óleo
a olho nu
a ouro
à paisana
à parte
à passarinho
a passos largos

à paulista
a pé
a pedidos
à porta
à primeira vista
à procura de
à proporção que
à prova
a quatro mãos
à queima-roupa
a querosene
a respeito de
à revelia
a rigor
à risca
à saída
a seco
a seguir
à semelhança de
a sério
a serviço
a socos
à solta
à sombra de
a sós
à sua saúde
à tarde
a termo
à tinta
à toa
à tona
à unha
a vapor
à vela
às vezes
à vista
à vontade
à zero hora
ao volante
às avessas
às cegas
às claras
às escondidas
às favas
às mil maravilhas
às moscas
às ocultas
às ordens
às pressas
às terças-feiras
às voltas com

Algumas dicas para o dia a dia

Sente-se sempre **à** (e não **na**) mesa para almoçar.

Sente-se **ao** (e não **no**) piano para brindar-nos com um belo recital.

Sentemo-nos **ao** (e não **no**) volante para dirigir, e não para dormir.

Portanto, cuidado!
Não durma **ao** volante, que você põe sua vida em risco, e muito menos **no** volante, pois, além de prejudicar a saúde, faz mal à língua portuguesa.

Fale sempre **ao** (e não **no**) telefone.

Converse **ao** (e não **no**) telefone.

Fiquemos **à** (e não **na**) janela.

Fiquemos **à** (e não **na**) porta.

Descansemos **à** (e não **na**) sombra.

Não durma **ao** (e não **no**) relento.

Márcia deu **à** luz um menino (fê-lo vir ao mundo).

Márcia deu **à** luz uma menina (fê-la vir ao mundo).

Mas cuidado com as redundâncias:

É **deploraáááável** ouvir que alguém deu à luz um menino homem ou uma menina mulher.

Observe as diferenças semânticas nas frases abaixo:

Nunca bata **na** porta, pois ela não lhe fez nada.

Faça-se anunciar, batendo **à** porta.
Bata **a** porta para fechá-la.

A noite chegou
Ele chegou **à** noite.

A base da pirâmide é bem sólida.
Ele vive **à** base de medicamentos.

A procura de compreensão leva-nos a acreditar no outro.
Estamos **à** procura de compreensão.

Dê-lhe **a** mão para levantar-se.
Isabela escreve suas cartas **à** mão.

ISBN 978-85-909417-3-6

Sérgio Simões

Crase sem segredo

Série **Palavra Final**, v. 3

UNINOVE
Universidade Nove de Julho
A UNINOVE É SEMPRE 10

ISBN 978-85-909417-3-6

Sérgio Simões

Crase
sem segredo

Série Palavra Final, v. 3

UNINOVE
Universidade Nove de Julho
A UNINOVE É SEMPRE 10

© 2009 – Universidade Nove de Julho (Uninove)

Capa e projeto gráfico: João Ricardo M. Oliveira

SIMÕES, Sérgio Lourenço. Crase sem segredo.

São Paulo : UNINOVE, 2009. (Série Palavra final, v. 3)

ISBN 978-85-909417-3-6

1. Língua portuguesa – Crase
CDU 811.134.3’36

Autorizada a reprodução desde que citada a fonte.

Sumário

Introdução 5

Cuidado com certos usos do sinal indicativo da crase 5

O acento 6

Dicas valiosas 7

Locuções adverbiais 9

Acento indiacativo da crase proibido 9

Palavras masculinas 9

Verbos 10

Pronomes demonstrativos 10

Pronomes pessoais e de tratamento 10

Pronomes indefinidos 10

Pronomes relativos 11

Artigos indefinidos 12

Palavras femininas tomadas no sentido amplo, genérico 12

A crase é facultativa 12

Com possessivos no singular: 12

Com **até**: 13

Casa e terra e o sinal indicativo da crase 13

Crase diante de nomes de pessoas 14

Resumo 15

Sinal indicativo da crase proibido em: 15

Sinal indicativo da crase obrigatório em: 15

Consulta rápida 16

Algumas dicas para o dia a dia 17

Introdução

Quantas vezes deparamos com placas e cartazes orientadores que nos deixam perplexos com as ‘sutilezas’ linguísticas **lamentááááveis** que agridem nossos olhos e nossa inteligência, não é mesmo?

Sabemos que nossos amigos não seriam capazes de produzir essas pérolas da língua; no entanto, não nos custa alertar para esse saboroso “caldo” da displicência linguística ou ignorância no que se refere ao uso do sinal indicativo da crase.

Bom entretenimento!

Cuidado com certos usos do sinal indicativo da crase

Muito se tem escrito sobre **ensino à distância**, mas sem o devido cuidado com a língua. O correto é falar de **ensino a distância** sem o acento indicativo da crase. Lembre-se de que a palavra **distância** só o admitirá se estiver determinada:

> O inimigo estava **a distância**; no entanto, para que pudessem observá-lo melhor, aproximou-se, colocando-se **à distância de dois metros**.

Não use **à partir de**, pois não se coloca o sinal indicativo da crase antes de verbo. Escreva, simplesmente, **a partir de**:

> As inscrições para o processo seletivo estarão abertas **a partir de** 1º de junho.

Observe mais algumas construções que também não admitem o acento da crase:

> De **segunda a sexta**, não estaremos funcionando.
>
> As inscrições poderão ser feitas de **23.6 a 31.7** na secretaria da universidade.
>
> Moramos na Lapa de **1952 a 1974**, e em Santana, de **1997 a 2002**.

O acento

O acento indicativo da crase só existe diante de palavras femininas que o exigirem em razão da regência.

Atenção!

Não nos referimos **à** garota. **A** garota estava no trem.

(Temos preposição **a** exigida por referir-se + artigo definido **a** de garota)

Assim,

Não nos referimos **à** garota que estava no trem.

Reportou-se **à** união de seus pais. **A** união de seus pais foi duradoura.

(Temos preposição **a** exigida por reportar-se + artigo definido **a** de união)

Assim,

Reportou-se **à** união de seus pais, que fora duradoura.

Exceções:

Demonstrativos **aquele**, **aquilo**, desde que a regência o exija:

Assim,

Não se refira **àquele** que não inspira confiança.

(Temos preposição **a** exigida por referir-se + **a** de aquele)

Não se dedique **àquilo** que não lhe interessa.

Não podemos dedicar-nos a isto, mas, sim, **àquilo** que sempre satisfará nossa curiosidade.

(Temos preposição **a** exigida por dedicar-se + **a** de aquilo)

Comprei **a**quele carro.

(Temos apenas o **a** de aquilo, pois o verbo comprar
não exige preposição)

Devolveu-me **a**quilo que me pertencia.

(Temos apenas o **a** de aquilo, pois o verbo devolver
não exige preposição)

Diante de palavra masculina que subentenda **à moda de, ao estilo de**:

Não redija **à José de Alencar**, pois o discurso se tornará enfadonho.

(**ao** estilo de)

Hermenegildo veste-se **à Luís XV**.

(**à** moda de)

Dicas valiosas

Substitua a palavra feminina precedida de **a(s)** por um termo masculino que pertença à mesma classe ou categoria gramatical. Caso apareça **ao(s)**, o acento será obrigatório; se o **a** se mantiver inalterado ou aparecer apenas **o(s)**, não haverá acento:

Entregamos flores **à garotinha**.

(**ao garotinho**)

Compareceu **à comemoração**.

(**ao desfile**)

Obedeça **às leis**.

(**aos regulamentos**)

Não me refiro **a todas as mulheres**, e sim **às** que me dedicaram amor.
(**a todos os homens**) (**aos** que)

Dirigi-me **a ela** durante o jantar.
(**a ele**)

Ônibus movido **a gasolina**.
(**a álcool**)

Não se entregue **a qualquer** pessoa.
(**a qualquer** indivíduo)

Joel fez referência **a todas** as pessoas.
(**a todos** os homens)

Organizamos **a conferência**.
(**o evento**)

Os candidatos cumpriram **as normas** da instituição.
(**os regulamentos**)

Substitua o verbo pelo **antônimo**, por **passar**, **estar** ou **ficar**. Se aparecerem as preposições **de**, **por** ou **em**, não haverá crase. Caso apareçam as contrações **da**, **pela** ou **na**, o acento será obrigatório.

Fomos **à praia** e, depois, **a Santa Catarina**.

Os exemplos que seguem ilustram a explicação e justificam a acentuação na frase:

Voltamos (viemos) **da praia** e, depois, **de Santa Catarina**.

Passamos **pela praia** e, depois, **por Santa Catarina**.

Estivemos **na praia** e, depois, **em Santa Catarina**.

Locuções adverbiais

Elementos que estabelecem o aspecto circunstancial da frase, ou seja, o momento, a causa, o modo, o lugar, a consequência, e exigem o sinal indicativo da crase:

À noite, tudo se concretiza.

Não vire **à direita**.

O juiz julgou o réu **à revelia**.

Ele vive **à custa** da família.

Esta casa está **à venda**.

Matou o sequestrador **à bala**.

Estava **à beira** do riacho.

Gosto de comer filé **à milanesa**.

Obs.: Na indicação de horas definidas, o acento será obrigatório:
Sairemos **às 10 horas**.
Horário desta loja: das **8h às 22h**. (ou das **8 às 22 horas**)

Acento indiacativo da crase proibido

Diante de:

Palavras masculinas

Gosto de andar **a pé**.

Envie o documento **a Paulo**.

Foi ao Rio de Janeiro **a serviço** do Tribunal de Contas da União.

Comprei um belo quadro pintado **a óleo**.

Verbos

Temos algo **a resolver**.

Estamos **a esperar** por você.

Pronomes demonstrativos

este, **esta**, **esse**, **essa**, **isto** e **isso**:

Veio **a esta** cidade ontem.

Não me refiro **a isto**, e sim **a isso** que está em seu bolso.

Pronomes pessoais e de tratamento

"Vinde **a mim** as criancinhas…"

Dei um presente **a ela**, **a Vossa Senhoria** e **a você**.

Obs.:

a) Diante de **senhora**, **senhorita** e **madame**, pode-se utilizar o acento:

Entregamos o perfume **à senhora**. (ao senhor)
…**à senhorita** Valéria.
…à **madame**.

b) A palavra **dona** não aceita artigo definido; por isso, é proibido o uso do sinal da crase:

Dei um presente **a dona** Maria. (para dona Maria)
Apresentamos o gerente **a dona** Ester. (para dona Ester)

Pronomes indefinidos

Não conte os segredos **a qualquer** pessoa, **a alguém** que não mereça confiança.

Você pode assistir **a alguma** comédia.

Pronomes relativos

Observe a correspondência entre feminino e masculino:

A que pessoas você entregou o dinheiro?
A **que** indivíduos você entregou o dinheiro?

A poesia **a que** me refiro é de João Cabral de Melo Neto.
O poema **a que** me refiro é de João Cabral de Melo Neto.

Não conheço a garota **a quem** você se reporta com suas observações.
Não conheço o garoto **a quem** você se reporta com suas observações.

A mulher **a cuja** situação ele se referiu esteve aqui há pouco.
A mulher **a cujo** filho ele se referiu esteve aqui há pouco.

A qual das pessoas você solicitou paciência?
A qual dos meninos você solicitou paciência?

Não leve em consideração as atividades **às quais** todos se entregam imotivadamente.
Não leve em consideração os projetos **aos quais** todos se entregam imotivadamente.

Mas, cuidado!

Quando o **a**, diante do **que**, for equivalente aos demonstrativos **aquele**, **aquela** ou **aquilo**, o sinal indicador da crase poderá ou não ser utilizado, dependendo da regência:

Não me refiro a esta norma, mas **à** (àquela) **que** foi objeto de repúdio.

(Temos referir-se **a** alguém ou **a** alguma coisa, ou seja, referir-se **à** norma, objeto de repúdio)

Note que ao substituirmos o termo feminino – ao qual o **que** se refere – por uma palavra masculina, a combinação **ao** aparecerá:

> Não me refiro a este regulamento, mas **ao** (àquele) **que** foi objeto de repúdio.

Artigos indefinidos

Chegaremos **a** **uma** pequena aldeia.

Vá **a** **uma** farmácia de manipulação e verifique se é possível preparar a fórmula para amanhã.

Palavras femininas tomadas no sentido amplo, genérico

Não divulgue seus projetos **a** **pessoas** que não mereçam confiança.

A diretora atribuiu o insucesso dos alunos **a** **professores** mal preparados.

Obs.: Não se utiliza o acento indicativo da crase na ligação de palavras repetidas:
Cara **a** cara
Corpo **a** corpo
Frente **a** frente
Gota **a** gota
Uma **a** uma

Mais algumas orientações para você

A crase é facultativa

Com possessivos no singular:

> Venha **a** **nossa** casa (ou **à** **nossa** casa).
>
> Recorri **a** **sua** irmã (ou **à** **sua** irmã).

No plural, o acento se imporá se houver preposição **a** + artigo definido **as**:

As imposições são inúteis **às** nossas aspirações.

Caso haja apenas preposição **a**, não se põe o sinal da crase:

As normas da instituição dão garantias **a** suas colaboradoras.

Com **até**:

Estaremos aqui das 20 **até as** (ou **até às**) 22 horas.

Neste caso, o melhor é omitir o **até**, pois a expressão em si estabelece o limite:

Estaremos aqui das 20 **às** 22 horas.

Iremos **até a** cidade. (ou **até à** cidade)

Obs.: Apesar de os gramáticos admitirem as duas formas, aconselhamos seja omitido o acento, por ser desnecessário.
Veja exemplo a seguir:
Iremos **até a** cidade. (ou **até à** cidade)

Se substituirmos **cidade** por **teatro**, teremos:
Iremos **até o** teatro (ou **até ao** teatro). Parece-nos que o primeiro é mais interessante; por isso, prefira-o.

Casa e terra e o sinal indicativo da crase

Encerraremos este momento cultural precioso com o acento grave na **CASA** (não na nossa, e sim na do outro). Aliás, é muito simples.

Se você estiver fazendo referência à palavra **casa** (lar, domicílio próprio), não ponha o acento:

Voltamos **a casa** ontem.

Paulo chegou **a** **casa** às 2 horas.

Note que, nos dois exemplos, a palavra **casa** aparece sem determinante, isto é, sozinha.

Se a **casa** for determinada, o acento será obrigatório:

Voltamos **à** **casa de Paulo** ontem.

Paulo chegou **à** **Casa Rosada** às 2 horas.

E com a palavra **terra**?

Quando utilizada como **terra firme**, **solo** (em oposição "a bordo"), proíbe-se o sinal indicativo da crase:

Os marinheiros desceram **a** **terra**.

O avião chegou **a** **terra**.

Nos demais casos, o acento grave se imporá:

Às 18h34, os astronautas chegarão **à** **Terra**. (planeta)

José voltará **à** **terra natal** quando tiver dinheiro para pagar a passagem.

Crase diante de nomes de pessoas

Quando nos referimos a pessoas de nosso círculo de amizades (por afinidade, intimidade), acentuamos o **à**:

Durante a festa, referimo-nos **à** Cláudia como nossa melhor amiga.

Valeu a pena dedicar-se **à** Elisabete?

Se as pessoas não fizerem parte de nosso relacionamento (por intimidade, amizade), não haverá acento:

Pediram-me que entregasse o cheque **a** Cláudia. (alguém de nome Cláudia)

Dirija-se **a** Luísa, a recepcionista.

Em se tratando de santas ou pessoas célebres, a acentuação será proibida:

Neste livro, não encontramos referência **a** Anita Garibaldi nem **a** Ana Nery.

Oremos **a** Maria e **a** Santa Rita de Cássia.

Resumo

Agora, deguste estas contribuições que reforçarão o que você aprendeu.

Sinal indicativo da crase proibido em:

De **segunda a sexta**; de **terça a domingo**.

As inscrições para o processo seletivo estarão abertas
de **22.9 a 20.12.2009**.

A partir de segunda-feira, estaremos abertos até as 22 horas.

Educação **a distância**.

Hotel **a 400 metros**.

Saída **a 2 km**.

Estamos **a duas horas** de Gramado.

Observe mais este exemplo:

Se você preferir **entregas a domicílio**, faça-as sem crase no **a**, pois seria **lamentááável** usá-la neste caso. No entanto, aconselhamos que as faça sempre **EM domicílio**, pois dessa forma nada teremos que lamentar.

Lembre-se de que se entrega a mercadoria **no** domicílio da pessoa.

Sinal indicativo da crase obrigatório em:

Abriremos das **10h às 22h**.

Às segundas e terças, abriremos **às 14 horas**, e aos sábados**, às 8h30**.

Às vezes, fechamos **às 24 horas**.

Consulta rápida

Algumas locuções com e sem o acento grave

a álcool
à baila
à bala
à base de
à beça
à beira de
à beira-mar
a bel-prazer
à bomba
a bordo
a bordoadas
à brasileira
à busca de
a cântaros
a caráter
à carga
a cargo de
à cata de
a cavalo
à chave
a curto prazo
à custa de
à deriva
à direita
a distância
à distância de
a esmo
à esquerda
à exaustão
à exceção de
à fantasia
a ferro e fogo
à força
à francesa
à frente de
a frio
a galope
a gasolina
a granel
à guisa de
à inglesa
à italiana
à janela
a jato
a juros
a jusante
a lápis
a lenha
à livre escolha
a longo prazo
à luz
à mão
à mão armada
à máquina
à margem
a marteladas
à medida que
à meia luz
à mercê de
à mesa
a meu ver
à milanesa
à mineira
à míngua
à moda de
à mostra
a nado
à noite
a óleo
a olho nu
a ouro
à paisana
à parte
à passarinho
a passos largos

à paulista
a pé
a pedidos
à porta
à primeira vista
à procura de
à proporção que
à prova
a quatro mãos
à queima-roupa
a querosene
a respeito de
à revelia
a rigor
à risca
à saída
a seco
a seguir
à semelhança de
a sério
a serviço
a socos
à solta
à sombra de
a sós
à sua saúde
à tarde
a termo
à tinta
à toa
à tona
à unha
a vapor
à vela
às vezes
à vista
à vontade
à zero hora
ao volante
às avessas
às cegas
às claras
às escondidas
às favas
às mil maravilhas
às moscas
às ocultas
às ordens
às pressas
às terças-feiras
às voltas com

Algumas dicas para o dia a dia

Sente-se sempre **à** (e não **na**) mesa para almoçar.

Sente-se **ao** (e não **no**) piano para brindar-nos com um belo recital.

Sentemo-nos **ao** (e não **no**) volante para dirigir, e não para dormir.

Portanto, cuidado!
Não durma **ao** volante, que você põe sua vida em risco, e muito menos **no** volante, pois, além de prejudicar a saúde, faz mal à língua portuguesa.

Fale sempre **ao** (e não **no**) telefone.

Converse **ao** (e não **no**) telefone.

Fiquemos **à** (e não **na**) janela.

Fiquemos **à** (e não **na**) porta.

Descansemos **à** (e não **na**) sombra.

Não durma **ao** (e não **no**) relento.

Márcia deu **à** luz um menino (fê-lo vir ao mundo).

Márcia deu **à** luz uma menina (fê-la vir ao mundo).

Mas cuidado com as redundâncias:

É **deploraáááável** ouvir que alguém deu à luz um menino homem ou uma menina mulher.

Observe as diferenças semânticas nas frases abaixo:

Nunca bata **na** porta, pois ela não lhe fez nada.

Faça-se anunciar, batendo **à** porta.
Bata **a** porta para fechá-la.

A noite chegou
Ele chegou **à** noite.

A base da pirâmide é bem sólida.
Ele vive **à** base de medicamentos.

A procura de compreensão leva-nos a acreditar no outro.
Estamos **à** procura de compreensão.

Dê-lhe **a** mão para levantar-se.
Isabela escreve suas cartas **à** mão.

5

PONTUAÇÃO

A nossa pontuação — a pontuação em língua portuguesa —
obedece a critérios sintáticos, e não prosódicos.
Sempre é importante lembrar isso a todos aqueles que escrevem,
para que se previnam contra bisonhas vírgulas de ouvido.
Ensinam as gramáticas que cada vírgula corresponde
a uma pausa mas que nem a toda pausa corresponde uma vírgula.

Celso Pedro Luft

A pontuação **auxilia** a leitura e a compreensão de discursos escritos.

Os sinais de pontuação, ligados à estrutura sintática, têm as seguintes finalidades:

a) assinalar as **pausas** e as **inflexões da voz** (entoação) na leitura;

b) **separar** palavras, expressões e orações que, segundo o autor, devem merecer destaque;

c) **esclarecer o sentido** da frase, eliminando ambiguidades.

Os sinais de pontuação marcam três tipos diferentes de pausas:

a) pausas que indicam que a **frase ainda não acabou:**

vírgula [,]
travessão [—]
parênteses [()]
ponto-e-vírgula [;]
dois-pontos [:]

b) pausas que indicam **final de período:**

ponto-final [.]

c) pausas que indicam **intenção ou emoção:**

ponto de interrogação [?]
ponto de exclamação [!]
reticências [...]

■ 5.1. VÍRGULA

A vírgula serve para marcar as **separações** de sentido entre termos vizinhos, as **inversões** e as **intercalações**, quer na oração, quer no período, ou seja: separa termos dentro da oração ou orações dentro do período.

O uso da vírgula é mais uma **questão de estilo**, pois vai ao encontro da intenção do autor da frase.

A seguir, indicam-se alguns casos principais de emprego da vírgula:

a) para separar o **aposto explicativo:**

João, meu vizinho, bateu com o carro.

Todos gostamos de arroz e feijão, alimentos indispensáveis na mesa do brasileiro.

b) para separar o **vocativo:**

Mãe, eu estou com fome.

"Dizei-me Vós, Senhor Deus, se eu deliro ou se é verdade tanto horror perante os céus." (Castro Alves)

c) para separar os **termos de mesma função:**

Comprei arroz, feijão, carne, alface e chuchu.

Machado de Assis, Castro Alves e Ruy Barbosa são escritores brasileiros.

d) para assinalar a **inversão dos adjuntos adverbiais** (facultativa):

Na semana passada, o diretor conversou comigo.

Aos treze dias do mês de julho de mil novecentos e sessenta e seis, nascia Childerico.

e) para marcar a **supressão de um verbo:**

Uma flor, essa menina!

Que terrível, a espera por José...

f) a vírgula também é empregada para indicar a *ocultação* de verbo já escrito anteriormente **(zeugma)** ou outro termo **(elipse):**

O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. — a vírgula indica o *zeugma* do verbo *regulamenta*.

Às vezes procura assistência; outras, toma a iniciativa. — a vírgula indica a *elipse* da palavra *vezes*.

g) para separar o **nome do lugar**, nas datas:

São Paulo, 21 de novembro de 2004.

Alvorada do Sul, 13 de julho de 1965.

h) nos **complementos verbais deslocados** para o começo da frase, repetidos por pronome enfático:

A rosa, entreguei-a para a menina.

A mim, nada mais me resta!

i) para isolar **expressões explicativas, corretivas, escusativas, continuativas, conclusivas**, tais como:

por exemplo, além disso, isto é, a saber, aliás, digo, minto, ou melhor, ou antes, outrossim, demais, então, com efeito etc.

A menina, aliás, estava linda!

Não se deve, por exemplo, colocar vírgula entre sujeito e verbo.

Todos querem o melhor, isto é, as coisas boas da vida.

j) para isolar **orações ou termos intercalados** (aqui se usam também, no lugar das vírgulas, travessões ou parênteses):

A casa, disse Asdrúbal, precisa de reforma.

A casa — disse Asdrúbal — precisa de reforma.

A casa (disse Asdrúbal) precisa de reforma.

Atanagildetina, ontem, estava linda.

Atanagildetina — ontem — estava linda.

Atanagildetina (ontem) estava linda.

k) para separar **orações paralelas justapostas**, isto é, não ligadas por conjunção:

Chegou a Brasília, visitou o Ministério das Relações Exteriores, levou seus documentos ao Palácio do Buriti, voltou ao Ministério e marcou a entrevista.

Abriu a geladeira, pegou a garrafa d'água, encheu um copo até a borda e deixou-o cheio sobre a mesa.

l) para separar as orações **coordenadas assindéticas:**

Maria foi à feira, José foi ao mercado, Pedro preparou o almoço.

Radegondes estudava Português, Childerico jogava cartas, Asdrúbal lia história em quadrinho.

m) para separar as orações **coordenadas ligadas por conjunções:**

Maria foi ao mercado, mas não comprou leite.

Os meninos estavam no pátio, pois não havia aula naquele momento.

Pascoalina estuda bastante, logo terá um bom desempenho na prova.

Curiosidade: As orações coordenadas sindéticas aditivas, ainda que sejam iniciadas pela conjunção **e**, podem ser separadas por vírgula quando proferidas com pausa:

Radegondes não trouxe o livro que prometera, e eu fiquei triste por isso.

Todos olhavam para o menino que gritava, e não entendiam a razão daquele escarcéu!

n) para separar as **conjunções coordenativas intercaladas ou pospostas ao verbo** da oração a que pertencem:

Dedicava-se ao trabalho com afinco; não obtinha, *contudo*, resultados.

O ano foi difícil; não me queixo, *porém.*

Era mister, *pois*, levar o projeto às últimas consequências.

Todos queriam macarrão; Âni desejava, porém, arroz.

o) para separar as **orações subordinadas adjetivas explicativas:**

O homem, que pensa, é um ser racional.

Roberto Carlos, que foi eleito "rei" em nosso país, foi homenageado no carnaval carioca.

Curiosidade: Os orações subordinadas adjetivas restritivas podem ter uma vírgula no fim, sobretudo quando forem longas. Essa pontuação é correta, mesmo que separe o sujeito expandido do seu verbo.

> O homem que carrega nos braços o seu filho adormecido, é o Asdrúbal.
> O autor do livro que virou um conhecido filme estrelado por um famoso ator brasileiro, morreu ontem.

p) para separar as **orações subordinadas adverbiais**, principalmente quando antepostas à principal:

Ela fazia a lição, enquanto a mãe costurava.

A menina ficará muito feliz, se você lhe der aquela boneca.

Enquanto a mãe costurava, Pascoalina fazia a lição.

Quando todos se recolheram aos seus aposentos, a dona da pensão pode relaxar um pouco.

q) para separar as **orações reduzidas:**

Somente casando com Asdrúbal, você será feliz.

Ao sair, apague a luz.

Terminada a missa, todos foram para s suas casas.

■ 5.2. PONTO-E-VÍRGULA

O ponto-e-vírgula, em princípio, **separa estruturas coordenadas** já portadoras de vírgulas internas. É também usado **em lugar da vírgula para dar ênfase** ao que se quer dizer. Exemplos:

Sem virtude, perece a democracia; o que mantém o governo despótico é o medo.

A borboleta voava; os pássaros cantavam; a vida seguia tranquila.

Em 1908, vovô nasceu; em 1950, nasceu papai.

As leis, em qualquer caso, não podem ser infringidas; mesmo em caso de dúvida, portanto, elas devem ser respeitadas.

Art. 15. É vedada a cassação de direitos políticos, cuja perda ou suspensão só se dará nos casos de:

I — cancelamento da naturalização por sentença transitada em julgado;

II — incapacidade civil absoluta;

III — condenação criminal transitada em julgado, enquanto durarem seus efeitos;

IV — recusa de cumprir obrigação a todos imposta ou prestação alternativa, nos termos do art. 5º, VIII;

V — improbidade administrativa, nos termos do art. 37, § 4º.

■ 5.3. DOIS-PONTOS

Emprega-se este sinal de pontuação:

a) antes de uma **citação:**

Rui Barbosa afirmou: “Esta minha a que chamam prolixidade, bem fora estaria de merecer os desprezilhos que nesse vocábulo me torcem o nariz.”

Quem foi que disse: “Há mais coisas entre o céu e a terra do que supõe nossa vã filosofia.”?

b) para indicar **enumeração:**

Fui à feira e comprei: uva, maçã, melancia, jaca.

Gosto de todo tipo de arte: música, cinema, teatro

c) antes de **aposto discriminativo:**

A sala possuía belos móveis: sofá de couro, mesa de mogno, abajures de pergaminho, cadeiras de veludo.

Ela gostava de cores fortes: vermelho, laranja, marrom.

d) antes de **explicação** ou esclarecimento:

Todos os seres são belos: um inseto é belo, um elefante é belo.

Só quero uma coisa na vida: ser feliz!

e) depois de **verbo *dicendi*** (dizer, perguntar, responder, falar etc.):

Maria disse: — A língua portuguesa é muito fácil!

A rapaz, asperamente, retrucou: — Não fui eu!

■ 5.4. PONTO-FINAL

Usa-se:

a) no **final do período**, indicando que o sentido está completo:

A menina comeu a maçã.

A terra é azul.

Ela sempre espera que eu traga as maçãs caramelizadas de que tanto gosta.

b) nas **abreviaturas:** Dr.; Sr.; pág.

■ 5.5. PONTO DE INTERROGAÇÃO

O ponto de interrogação, como se depreende de seu nome, é utilizado para marcar o **final de uma frase interrogativa direta:**

Até quando aguardaremos uma solução para o caso?

Qual será o sucessor do Secretário?

Curiosidade: Não cabe ponto de interrogação em estruturas interrogativas indiretas, nem em títulos interrogativos

Quero saber onde a senhorita esteve até esta hora.

O que é linguagem oficial

Por que a inflação não baixa

Como vencer a crise

■ 5.6. PONTO DE EXCLAMAÇÃO

O ponto de exclamação é utilizado:

a) depois de qualquer palavra ou frase, na qual se indique **espanto, surpresa, entusiasmo, susto, cólera**, **piedade**, **súplica:**

Tenha pena de mim!

Coitado sou eu!
Ai!
Nossa!

b) nas **interjeições:**
Ah!
Vixe!
Puxa!

c) nos **vocativos intensivos:**
Senhor Deus dos desgraçados! Protegei-me.
Colombo! Veja isso...

■ 5.7. RETICÊNCIAS

Usam-se:
a) para indicar **supressão de um trecho** nas citações:
"... a generosidade de quem no-la doou." (Rui Barbosa)
"Saí, afastando-me dos grupos..." (Machado de Assis)

b) para indicar **interrupção da frase:**
Ela estava... Não, não posso dizer isso.
A vida... Sei lá... Não sei o que dizer sobre a vida.

c) para indicar **hesitação:**
Acho que eram... 12h... não sei ao certo, disse Jocasta.
Quero uns dez... ou doze pães.

d) para **deixar algo subentendido** no final da frase:
Deixa o seu coração dizer a verdade...
Ela sabe que eu quero...

■ 5.8. PARÊNTESES

Os parênteses são empregados nas **orações ou expressões intercaladas**.

O Estado de Direito (Constituição Federal, art. 1º) define-se pela submissão de todas as relações ao Direito.

Curiosidade: Quando a frase inteira se encontra dentro dos parênteses, o ponto final vem antes do último parêntese:

O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. **(Nesta frase, a vírgula indica o zeugma do verbo *regulamenta*.)**

■ 5.9. TRAVESSÃO

O travessão é empregado nos seguintes casos:
a) **substitui** parênteses, vírgulas, dois-pontos:

O controle inflacionário — meta prioritária do Governo — será ainda mais rigoroso.

As restrições ao livre mercado — especialmente o de produtos tecnologicamente avançados — podem ser muito prejudiciais para a sociedade.

b) indica a **introdução de enunciados** no diálogo:

Indagado pela comissão de inquérito sobre a procedência de suas declarações, o funcionário respondeu: — Nada tenho a declarar a esse respeito.

c) indica a **substituição de um termo**, para evitar repetições:

O verbo *fazer — vide* sintaxe do verbo —, no sentido de tempo transcorrido, é utilizado sempre na 3ª pessoa do singular: *faz dois anos que isso aconteceu*.

d) **dá ênfase** a determinada palavra ou pensamento que segue:

Não há outro meio de resolver o problema — promova-se o funcionário.

Ele reiterou suas ideias e convicções — energicamente.

■ 5.10. ASPAS

As aspas têm os seguintes empregos:

a) usam-se antes e depois de uma **citação textual:**

A Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, no parágrafo único de seu art. 1º, afirma: “Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente”.

b) dão **destaque** a nomes de publicações, obras de arte, intitulativos, apelidos etc.:

O artigo sobre o processo de desregulamentação foi publicado no “Jornal do Brasil”.

A Secretaria da Cultura está organizando uma apresentação das “Bachianas”, de Villa Lobos.

c) destacam **termos estrangeiros:**

O processo da “détente” teve início com a Crise dos Mísseis em Cuba, em 1962.

“Mutatis mutandis”, o novo projeto é idêntico ao anteriormente apresentado.

d) nas **citações de textos legais**, as **alíneas** devem estar entre aspas:

O tema é tratado na alínea “a” do art. 146 da Constituição.

■ 5.11. QUESTÕES

1. Assinale a alternativa correspondente ao período de pontuação correta:

a) Na espessura do bosque, estava o leito da irara ausente.
b) Na espessura, do bosque; estava o leito, da irara ausente.
c) Na espessura do bosque; estava o leito, da irara, ausente.
d) Na espessura, do bosque estava o leito da irara ausente.
e) Na espessura, do bosque estava, o leito da irara ausente.

Resposta: “a”. O único lugar em que se pode por uma vírgula e entre o adjunto adverbial e o restante da frase.

2. Assinale o item em que há erro no tocante à pontuação:

a) — D. Sara, a senhora é nossa benfeitora.
b) Mulheres pobres, lavando roupa.
c) Peixadas, galinha de cabidela, tudo me recordava D. Sara.
d) Bandeira, só, enfrentava a orfandade.
e) Couto meu melhor amigo antecedeu-me na Academia.

Resposta: "e". A expressão "meu melhor amigo" é um aposto, deve aparecer entre vírgulas.

3. Escolha a alternativa em que o texto é apresentado com a pontuação mais adequada:

a) Depois que há algumas gerações o arsênico, deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou: e — quanto ... o número de ratos.
b) Depois que há algumas gerações o arsênico, deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou: e quanto! o número de ratos
c) Depois que, há algumas gerações, o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou — e quanto! — o número de ratos.
d) Depois que há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias — não diminuíram os casos de suicídio, ou envenenamento criminoso, mas aumentou; e quanto — o número de ratos.
e) Depois que, há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou; e quanto, o número de ratos!

Resposta: "c". Vejamos o erro das outras opções: a) a vírgula depois de "arsênico" separa o sujeito do verbo; b) a vírgula depois de "arsênico" separa o sujeito do verbo; d) o ponto-e-vírgula depois de "aumentou" não deve existir; e) a vírgula de "Depois que" separa a conjunção integrante da oração que ela introduz.

4. A opção em que está correto o emprego do ponto-e-vírgula é:

a) Solteiro, foi um menino turbulento; casado, era um moço alegre; viúvo, tornara-se um macambúzio.
b) Solteiro; foi um menino turbulento, casado; era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.
c) Solteiro, foi um menino; turbulento, casado; era um moço alegre viúvo, tornara-se um macambúzio.
d) Solteiro foi um menino turbulento, casado era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.
e) Solteiro, foi um menino turbulento, casado; era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.

Resposta: "a". O ponto-e-vírgula deve ser usado para separar as orações dentro do período. Na opção "a" temos três orações.

5. Assinale a alternativa em que a pontuação está correta.

a) Embora esteja ameaçada pela poluição, aquela praia recebe durante o veraneio, muitos turistas.
b) Por muitos séculos, o homem usou imprudentemente seu ambiente natural, ocasionando desequilíbrio ecológico.
c) A guerra flagelo terrível, tem sido uma constante, em todos os tempo da humanidade.
d) As recentes conquistas nucleares, alteram de modo profundo, as relações internacionais.
e) Jovem, para entender a vida, comece por estudar, o homem.

Resposta: "b". Vejamos os erros: a) a vírgula depois de "veraneio" separa o verbo do seu complemento; c) "flagelo terrível" é aposto e deve ficar entre vírgulas; d) a vírgula depois de "nucleares" separa o sujeito do verbo; e) a vírgula após "estudar" separa o verbo do seu complemento.

6. Assinale a única alternativa que apresenta pontuação não justificável:
- a) Eu, sou valente, disse o fanfarrão.
- b) Todos, os meus amigos, sabem disso, meu velho!
- c) Todos os meus amigos sabem, disso estou certo!
- d) A caridade, que é virtude cristã, agrada mais aos pobres que aos ricos.
- e) Fui lá, ainda ontem, e procurei-o.

Resposta: "a". A vírgula depois de "Eu" separa o sujeito do verbo.

7. Marco Júlio Cícero, tão famoso quanto Demóstenes na área da retórica, sempre dizia: Prefiro a virtude do medíocre ao talento do velhaco.

Neste período está faltando um sinal de pontuação:
- a) vírgula.
- b) ponto-e-vírgula.
- c) ponto de exclamação.
- d) aspas.
- e) reticências.

Resposta: "d". A citação deve aparecer sempre entre aspas.

8. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta:
- a) Deu uma, última entrevista ocasião, em que pôde expor melhor suas intenções.
- b) Deu uma última entrevista, ocasião em que pôde expor melhor suas intenções.
- c) Deu uma última entrevista, ocasião em que, pôde expor melhor, suas intenções.
- d) Deu uma última, entrevista, ocasião em que pôde, expor melhor suas intenções.
- e) Deu uma última entrevista ocasião em que, pôde expor melhor, suas intenções.

Resposta: "b". Há duas orações no período, e devem ser separadas por vírgula. Nas outras opções a vírgula separa termos que não podem ser separados.

9. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta.
- a) Não, não esgotemos, todo hoje, inclusive porque este assunto, deve ser discutido bem devagar.
- b) Naquele dia — uma sexta-feira como outra qualquer — receberia a todos em sua casa: não era festa, apenas um jantarzinho íntimo.
- c) Calçados os sapatos, buscou a bolsa e falando muito; saiu correndo, não sem dizer, um adeus apressado.
- d) Nem as meninas, nem os rapazes ninguém conseguia — com bons modos convencê-lo, a sair sem briga.
- e) Ela, em pé esperava atenta: ele, na cadeira de balanço olhava para o retrato, de Mozart em cima do piano.

Resposta: "b". Vejamos os erros: a) a vírgula após "assunto" separa o sujeito do verbo; c) o termo "falando muito" se liga a "saiu correndo" por isso não deve haver ponto-e-vírgula entre eles; d) faltou vírgula depois de "rapazes"; e) a vírgula depois de "Ela" separa o sujeito do verbo.

10. Assinale a alternativa que corresponde ao período de pontuação correta.
- a) Quando um juiz, sentencia, ouvindo somente uma das partes, a sentença, poderá ser justa, mas o juiz não o é de maneira nenhuma.
- b) Quando um juiz sentencia, ouvindo somente uma, das partes, a sentença poderá ser justa, mas o juiz não o é de maneira nenhuma.
- c) Quando um juiz, sentencia ouvindo somente, uma das partes, a sentença poderá ser justa mas, o juiz não o é de maneira nenhuma.
- d) Quando um juiz sentencia, ouvindo somente uma das partes, a sentença poderá ser justa mas, o juiz não o é, de maneira nenhuma.
- e) Quando um juiz sentencia, ouvindo somente uma das partes, a sentença poderá ser justa, mas o juiz não o é de maneira nenhuma.

Resposta: "e". Vejamos os erros: a) a vírgula após "juiz" separa o sujeito do verbo; b) a vírgula depois de "uma" separa termos que não podem ser separados — umas das partes —; c) a vírgula após "juiz" separa o sujeito do verbo; d) a vírgula colocada depois de "mas" deveria aparecer antes dele.

11. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

a) Apurados, os votos considerados válidos para o cálculo divide-se o número deles pelo número de vagas, que já conhecemos.
b) Apurados os votos, considerados válidos para o cálculo divide-se o número, deles pelo número de vagas que já conhecemos.
c) Apurados os votos considerados, válidos para o cálculo divide-se, o número deles pelo número de vagas, que já conhecemos.
d) Apurados os votos considerados válidos, para o cálculo divide-se o número deles pelo número de vagas que já conhecemos.
e) Apurados os votos considerados válidos para o cálculo, divide-se o número deles pelo número de vagas que já conhecemos.

Resposta: "e". A vírgula não deve interferir na concatenação do período. Apenas na opção "e" ela foi bem empregada, nas outras sempre interfere entre um regente e seus regido.

12. Cada um dos períodos seguintes foi pontuado de cinco formas diferentes. Leia-os todos e assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta:

a) A questão, porém, não é de pão, é de manteiga.
b) A questão porém, não é de pão é de manteiga.
c) A questão, porém, não é de pão é de manteiga.
d) A questão porém não: é de pão, é de manteiga.
e) A questão, porém não é de pão, é de manteiga.

Resposta: "a". A conjunção "porém" está deslocada, por isso deve ser colocada entre vírgula — seu local ideal é o início da oração a que pertence. A vírgula após "pão" separa as duas orações.

13. Aponte a alternativa pontuada corretamente:

a) Para mim ser é admirar-me de estar sendo.
b) Para mim, ser é admirar-me de estar sendo.
c) Para mim ser, é admirar-me de estar sendo.
d) Para mim ser é admirar-me de, estar sendo.
e) Para mim ser, é admirar-me de estar, sendo.

Resposta: "b". O termo "Para mim", deslocado para o início da frase, foi separado por vírgula. O restante constitui uma oração em ordem direta e, por isso, não deve receber vírgula.

14. Assinale a opção em que a vírgula está empregada para separar dois termos eu possuem a mesma função na fase:

a) "Minhas senhoras, seu Mendonça pintou diabo enquanto viveu."
b) "Respeitei o engenho do Dr. Magalhães, juiz."
c) "E fui mostrar ao ilustre hóspede a serraria, o descaroçador e o estábulo."
d) "Depois da morte do Mendonça, derrubei a cerca..."
e) "Não obstante essa propaganda, as dificuldades surgiram."

Resposta: "c". "A serraria, o descaroçador e o estábulo." — são objetos diretos do verbo mostrar.

15. Assinale a alternativa que contenha emprego *incorreto* da vírgula:

a) Arrumou as malas, saiu, lançou-se na vida.
b) Os visados éramos nós, e eles foram violentamente torturados.

c) Eu contesto, a justiça que mata.
d) Preciso ouvir, disse o velho ao menino, a causa desse ressentimento.
e) O período consta de dez orações, porque esse é o número exato de verbos.

Resposta: "c". A vírgula separa o verbo do seu complemento.

16. Em: "A menina, conforme as ordens recebidas, estudou":

a) há erro na colocação das vírgulas.
b) a primeira vírgula deve ser omitida.
c) a segunda vírgula deve ser omitida.
d) a forma de colocação das vírgulas está correta.

Resposta: "d". "Conforme as ordens recebidas" é um termo intercalado, por isso deve ser colocado entre vírgulas.

17. Assinale a alternativa em que o texto está corretamente pontuado:

a) Bem te dizia eu, que não iriam a bons resultado as tuas paixões.
b) Bem te dizia eu que, não iriam a bons resultados as tuas paixões.
c) Bem te dizia eu que não iriam a bons resultados, as tuas paixões.
d) Bem te dizia eu que não iriam a bons resultados as tuas paixões.
e) Bem te dizia eu que não iriam, a bons resultados as tuas paixões.

Resposta: "d". A frase está em ordem direta: um termo completa o sentido do outro numa concatenação perfeita, por isso não há vírgula ou outros sinais de pausa.

18. Marque o período que apresenta erro de pontuação.

a) Por um mau patriotismo, sentimento funesto a toda a história, que necessariamente vicia, e também por vaidade de erudição, presumiram os nossos historiadores literários avultar e valorizar o seu assunto, ou o seu próprio conhecimento dele, com fartos róis de autores e obras, acompanhadas de elogios desmarcados e impertinentes qualificativos.
b) Não obstante o pregão patriótico, tais nomes e obras continuaram desconhecidos, eles e elas não lidos.
c) Igualmente não desejo continuar a fazer da história da nossa literatura um cemitério, enchendo-a de autores de todo mortos, alguns ao nascer.
d) Não quero cair no mesmo engano e supor que a crítica ou a história literária, têm faculdades para dar vida e mérito ao que de si não tem.
e) No período colonial, haverá esta forçosamente de ocupar-se de sujeitos e obras de escasso ou até nenhum valor literário, como são quase todas as dessa época.

Resposta: "d". O termo "a crítica ou a história literária" funciona como sujeito de "têm", por isso não pode haver vírgula entre eles.

19. Assinale o texto onde os sinais de pontuação não foram adequadamente empregados.

a) A Educação de Adultos, tal como tem sido formulada — principalmente nos países subdesenvolvidos —, não objetiva necessariamente ser um programa aberto e de ofertas educacionais crescentemente expandidas e diversificadas para toda a população considerada cronologicamente adulta.
b) Esta leitura, porém, diz pouco.
c) E ao exprimir-se essa insuficiência, coloca-se a questão da necessidade de uma reflexão mais ampla sobre seu significado, ou seja, compreender o que está por trás dessa aparente simplicidade do sentido, exclusivamente etário.
d) A Educação de Adultos, apreendida como uma categoria educacional genérica que tem a marca etária como seu traço identificatório é uma primeira leitura, que pode ser produzida a partir de sua nomenclatura.
e) O seu modo de operar — atendimento preferencial àquelas camadas sociais historicamente marginalizadas dos benefícios sociais, econômicos e culturais de sua sociedade — determina formas de intervenção educacional.

Resposta: "d". "A Educação de Adultos" ... "é uma primeira leitura"... — aqui temos sujeito e predicado. O termo colocado entre eles representa um termo intercalado, que deve usado entre vírgulas. Então falta uma vírgula depois de "identificatório".

20. Indique o trecho que apresenta pontuação incorreta.

a) É improvável que o caminho da mudança no Brasil seja aberto com explosões sociais. A energia que pode ser usada agora para fazer um futuro diferente está, aparentemente, em outras fontes de transformação.
b) É preciso observar que há mudança no Brasil. Ela não corre, mas anda. Não corre, mas ocorre.
c) Seus sinais estão, por exemplo, no melhoramento das cidades em plena crise da administração federal, no basta à corrupção, no movimento pela ética na política, na emergência de movimentos em favor da mulher, da criança ou da ecologia, no antirracismo.
d) São antídotos contra a cultura autoritária que sempre ditou a receita do desastre social. Eles estão na confluência de duas tendências.
e) Parte da elite, não quer viver no *apartheid* sul-africano e, cada vez mais, os pobres querem sua cota de cidadania.

Resposta: "e". A vírgula separa o sujeito do verbo: "Parte de elite não quer viver...".

21. Indique o trecho que apresenta erro quanto ao emprego de sinais de pontuação.

a) "Interferências demagógicas de governos levaram o Sistema Brasileiro da Habilitação à falência em que hoje se encontra". (*Folha de S.Paulo*, 05.10.89, p. A4)
b) "Mas a disputa pelos direitos do livro — a ser editado no Brasil, evidentemente, pela Marco Zero, da qual Márcio de Souza é diretor — apenas começou." (*Leia*, agosto/89, p. 14)
c) "O convite veio de Jofre Rodrigues, sócio principal da produtora J.N. Filmes. Assim que a notícia foi divulgada na Europa, editoras alemãs, francesas e americanas começaram a assediar o agente literário Thomas Colchie, que responde pelo escritor brasileiro na França". (*Leia*, agosto/89, p. 14)
d) "Ao lado da disputa pelos direitos de filmagem da vida do líder seringueiro Chico Mendes, arma-se uma outra briga: o alvo, agora, é o argumento do filme, que será escrito pelo romancista amazonense Márcio de Souza." (*Leia*, agosto/89, p. 14)
e) "O bom humor, voltou à vida de Arraes depois do encontro com Brizola na semana passada. Exatamente o que conversaram os dois políticos ninguém sabe." (*Folha de S.Paulo*, 05.10.89, p. 4)

Resposta: "e". A vírgula separa o sujeito do verbo: "O bom humor voltou...".

22. Os sinais de pontuação estão corretamente empregados em:

a) A dupla tributação — acima referida — é injustificada, por pelo menos, dois motivos, que passamos a expor, de forma sucinta.
b) A dupla tributação acima referida, é injustificada por, pelo menos, dois motivos, que passamos a expor de forma sucinta.
c) A dupla tributação, acima referida é injustificada, por pelo menos dois motivos, que passamos a expor de forma sucinta.
d) A dupla tributação — acima referida — é injustificada por, pelo menos, dois motivos que passaremos a expor, de forma sucinta.
e) A dupla tributação referida acima é injustificada, pelos dois motivos, que passo a expor de forma sucinta.

Resposta: "d". Os termos "acima referida", "pelo menos" e "de forma sucinta" são adjuntos adverbiais que podem ser separados por vírgulas. Nas outras opções incorre-se sempre no erro de separar sujeito do verbo, verbo do complemento e termo regente do complemento nominal.

23. Indique o fragmento que apresenta *erro* de pontuação.

a) A campanha presidencial de 1960, nos Estados Unidos, é apontada pela mudança do sistema de comunicação, como inovadora.

b) Até então, a conquista do voto se dava no confronto direto entre o candidato e o eleitor.
c) A década de 1930 viu o aparecimento, na política, do rádio.
d) Dez anos antes, apenas 11% das famílias tinham televisão; em 1960, o número se elevou para 88%.
e) A revolução ocorreu, radical e devastadora, na campanha de 1968.

Resposta: "a". O termo "pela mudança na sistema de comunicação" é um termo intercalado, deve ter uma vírgula antes e outra depois dele. Faltou a vírgula antes dele.

24. Das relações abaixo, assinale a que *não* está pontuada corretamente:

a) Os candidatos, em fila, aguardavam ansiosos o resultado do concurso.
b) Em fila, os candidatos aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.
c) Ansiosos, os candidatos aguardavam, em fila, o resultado do concurso.
d) Os candidatos ansiosos aguardavam o resultado do concurso, em fila.
e) Os candidatos, aguardavam ansiosos, em fila, o resultado do concurso.

Resposta: "e". A vírgula separa o sujeito do verbo: "Os candidatos aguardavam...".

25. Indique o trecho em que algum sinal de pontuação não foi corretamente empregado.

a) Sócrates tem consigo, a seu lado, o que, primeiro, antes de outros, ele mesmo chamou o seu demônio.
b) E, assim, nos seus momentos de hesitação e incertezas, era "a voz divina" (expressão sua) que lhe falava, onde foi achar novamente a segurança.
c) Frequentemente, ó paradoxo! a voz o aconselhava a abstenção e não a ação.
d) E Nietzsche: Nessa natureza anormal, a sabedoria instintiva só se manifesta quando é para opor-se ao conhecimento consciente.
e) Se, em todos os homens produtivos o instinto, é uma força afirmativa e criadora, e a consciência crítica e negativa, em Sócrates, o instinto é crítico e a consequência uma afirmação.

Resposta: "e". A vírgula separa o sujeito do verbo: "... o instinto é uma força...".

26. Assinale o período que apresenta pontuação *incorreta*:

a) Nesta segunda-feira, quando o interventor designado pela Reitoria — Othon de Souza, diretor da Faculdade de Tecnologia — iniciar seu trabalho, começarão a aparecer, no próprio Departamento de Ciências, as origens da crise.
b) Cerca de mil aposentados e pensionistas, segundo o advogado Milton Peixoto, deverão ingressar na Justiça, esta semana, para salvaguardar direitos adquiridos.
c) A liquidação extrajudicial era uma das poucas medidas disponíveis aos ministros econômicos que solucionaria o rombo do grupo financeiro.
d) Quantos dentre vós, que ontem mesmo abandonastes o Partido do Governo, continuareis a receber hoje as benesses do poder?
e) O fato, porém é que poucos e raros dentre nós estarão integrando o reduzido grupo de intelectuais do Palácio do Planalto.

Resposta: "e". O local ideal da conjunção é o início da oração a que pertence, quando ela está deslocada, ou seja, deixa de figurar no início da oração a que pertence, deve ser isolada por vírgulas: "O fato, porém, é que...".

27. Assinale a opção em que trecho do texto apresenta erro de pontuação.

a) A PNAD, realizada pelo IBGE, revelou que a renda das famílias parou de cair em 2004, interrompendo uma trajetória de queda que acontecia desde 1997, e que houve diminuição do grau de concentração da renda do trabalho.
b) Enquanto a metade da população ocupada, que recebe os menores rendimentos, teve, ganho real de 3,2%, a outra metade, que tem rendimentos maiores, teve perda de 0,6%.

c) Os resultados da PNAD revelaram, também, que o Brasil melhorou em itens como número de Trabalhadores ocupados, participação das mulheres no mercado de trabalho, indicadores da área de educação e melhoria das condições de vida.
d) O assessor especial da Presidência da República, José Graziano, avaliou que esses números comprovam que o país está mudando. "Esses resultados revertem uma máxima histórica no nosso país de que os ricos ficavam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres".
e) Graziano ressalta que a PNAD é a mais completa pesquisa anual sobre as condições de vida da população, mostra um retrato do país, e, em 2004, ela também foi estendida para as áreas rurais dos estados de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá, alcançando a cobertura completa do território nacional.

(*Em Questão*, n. 379 — Brasília, 30 de novembro de 2005)

Resposta: "b". A vírgula separa o verbo do seu complemento: "... teve ganho real...".

28. Assinale a opção que contém erro de pontuação.

a) É expediente rotineiro na hierarquia do crime organizado armar o braço de crianças e adolescentes para matar pessoas. Utilizar menores em empreitadas criminosas tem constituído regra no mundo do crime.
b) Não sofrendo de nenhum transtorno cognitivo sério, jovens de 16 anos são suficientemente capazes de entender postulados simples como "matar alguém é crime", sendo igualmente aptos a compreender que se praticarem tal ação serão punidos com a prisão.
c) A inimputabilidade penal de crianças e adolescentes contribui não só para convertê-los em sicários do crime organizado, mas também funciona — o que é mais grave — como exortação para que novos grupos venham sentar praça na delinquência.
d) A lei estaria mais sintonizada, com os anseios da sociedade se homicidas, ou autores de latrocínio entre 16 e 18 anos de idade fossem avaliados por comissões de especialistas para lhes ser imputada a devida medida socioeducativa.
e) A vida e a intangibilidade física das pessoas são os bens mais valiosos protegidos pela ordem jurídica. Logo, não devem ceder tal primazia a outro pressuposto de direito.

(Baseado em Josemar Dantas, *A lei penal e adolescentes*, Correio Braziliense, D & J, 17.11.2003)

Resposta: "d". A vírgula separa o termo regente nominal do seu complemento nominal: "A lei estaria mais sincronizada com os anseios...".

29. Assinale a letra que apresenta erro de pontuação de acordo com as normas do português padrão.

a) Há 30 anos, por exemplo, a Irlanda era um país pobre, com elevado índice de analfabetismo e população pouco educada: figurava entre os últimos na Europa. Entre os países que apresentaram bons resultados, pelo menos três estavam em situação parecida com a brasileira há três décadas. Não tivemos a mesma história porque preferimos outras prioridades.
b) Ao analisarmos a vergonha de estarmos entre os piores países do mundo em educação, esquecemo-nos de analisar aqueles que estão entre os primeiros.
c) Desde então, a Irlanda investiu, contínua e prioritariamente na educação de seu povo. O resultado está no mesmo relatório que envergonhou o Brasil: a Irlanda é hoje um dos países com a melhor educação, entre todos os países do mundo.
d) No lugar de mais infraestrutura econômica e desperdício em prédios públicos, a decisão foi a de que o país concentraria seus investimentos, ao longo das décadas seguintes, independentemente de resultados eleitorais, em três objetivos: saúde de qualidade e gratuita para todos, educação de excelência para todos e ciência e tecnologia de ponta.
e) Quando surgiu a possibilidade de ingresso na Comunidade Econômica Europeia, em 1973, os três partidos políticos irlandeses da época reuniram um grupo de pessoas, escolhidas entre personalidades nacionais e dirigentes políticos, para responder a uma pergunta: o que fazer para a Irlanda se transformar num país desenvolvido, voltado para o futuro?

(Cristovam Buarque)

Resposta: "c". A vírgula separa o verbo do seu complemento. Podemos corrigir de duas maneiras: retirando a vírgula que lá está ou acrescentando outra para isolar os adjuntos adverbiais. Assim: "a Irlanda investiu contínua e prioritariamente na educação de seu povo" ou "a Irlanda investiu, contínua e prioritariamente, na educação de seu povo".

30. Os segmentos transcritos abaixo são partes sequenciadas de um texto. Aponte o segmento inteiramente correto quanto à organização sintática, emprego dos sinais de pontuação e propriedade no uso dos vocábulos.

a) Ética dos políticos soa, para a maioria de nossos concidadãos, como um oxímoro. Seria uma ética com desconto, deficitária, complacente, ante à verdadeira ética: a da vida privada.
b) Esse é um fenômeno brasileiro (em nosso país, as virtudes são privadas, e os vícios, públicos), de Terceiro Mundo (idem) e, cada vez mais, mundial (ibidem). Vivemos a descrença na ágora, no espaço público.
c) Ao político depreciado, chama-se maquiavélico. No meio milênio que se passou desde "O Príncipe", Maquiavel simbolizou o político sem escrúpulos na expressão, que não é dele, segundo o qual os fins justificariam os meios.
d) Numa leitura "moderna" de Maquiavel, podem-se discernir uma ética com vistas a resultados de outra que respeita os valores. A primeira seria uma ética da responsabilidade; a segunda de princípios. Políticos consideram os resultados prováveis de suas ações. Cientistas estimam os valores.
e) Por extensão, passou-se a transferir o que se aplicam aos cientistas para os homens privados em geral: as exigências de respeito a valores incondicionais valem mais a indivíduos privados do que a homens públicos, do qual é axioma a famosa frase de Mandeville: "Vícios privados, benefícios públicos".

(Renato Janine Ribeiro, *Folha de S.Paulo*, 17.07.2005, com modificações)

Resposta: "b". Vejamos os erros: a) crase: "ante a verdadeira ética"; c) concordância nominal: "na expressão, que não é dele, segunda a qual"; d) concordância verbal: "pode-se discernir uma ética"; e) concordância verbal: "o que se aplica aos cientistas".

31. Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro de pontuação.

a) As dívidas contraídas na imigração eram pagas com juros de 6% ao ano, não podendo o colono deixar de cumprir o contrato antes de saldá-las integralmente, além de ter de comunicar o contratante com seis meses de antecedência.
b) O não cumprimento do contrato gerava multa para o colono. Outras cláusulas apareciam nos regulamentos das colônias, tais como as que impunham um controle disciplinar rigoroso, com aplicação de penas severas aos infratores.
c) As experiências iniciais do trabalho livre do colono foram marcadas por inúmeros conflitos, desentendimentos, greves, denúncias de cobranças de taxas abusivas pelo importador, rebeldia contra controle moral e disciplinar severo imposto nas colônias.
d) Esses fatos redundaram na acusação de Portugal ao Brasil da prática de escravidão disfarçada. O descumprimento do contrato pelo colono, por exemplo, poderia representar, além da rescisão, a multa e a pena de prisão de oito dias a três meses.
e) Contudo, para os fazendeiros, o clima era, de insegurança generalizada no cumprimento dos contratos, o que reclamaria uma regulamentação jurídica mais eficiente do que a então vigente.

(Sidnei Machado — <http://calvados.c3sl>)

Resposta: "e". O erro está na vírgula após "era", que não deve existir. A frase correta é "o clima era de insegurança generalizada".

32. Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale o segmento que apresenta erro de pontuação.

a) A questão não é se a arte e seu autor devem participar da discussão pública de seu tempo, comprometer-se ou não com a "realidade": impossível quase, evitar uma coisa e outra.

b) A questão é como fazer isso. A ética da arte não está no seu grau de compromisso com a realidade, com a objetividade (recorde-se Nelson Rodrigues e sua luta contra os "idiotas da objetividade" que o queriam encurralar) ou com o coletivo. Também não está no contrário disso.
c) A ética da arte (romance, cinema, teatro) não está tampouco, como já se quis, na informação ou no saber que propaga. A ética da arte depende de seu compromisso com a existência, que é singular (não, com a realidade, que é geral), e do jogo que arma com o que há de desconhecido nessa existência.
d) Expor o desconhecido não significa afirmar ou divulgar um saber — que na arte é quase sempre o já sabido. Em arte, o saber gira, como máquina solteira, ao redor de certezas e ideias feitas.
e) Já o jogo com o desconhecido, e sua eventual anulação ou superação, faz-se na arte ao redor da incerteza e, na arte contemporânea, da complexidade — quase nunca isenta de perplexidade.

(Adaptado de Teixeira Coelho)

Resposta: "a". O termo "quase" é um adjunto adverbial colocado no meio da frase, nesse caso vem isolado por vírgulas — uma antes e outra depois: "impossível, quase, evitar".

33. Assinale o segmento inteiramente correto quanto ao emprego dos sinais de pontuação. (Tome os segmentos como partes consecutivas de um texto)

a) Vários autores acreditam que o romance, *Frankenstein*, de Mary Shelley foi decisivo para o estabelecimento de uma visão negativa da ciência; mostrou pela primeira vez, a imagem do cientista tomado pela paixão e pela loucura, "criando" um monstro que foge ao seu controle e ameaça a sociedade. Surgia o "cientista louco" e a ciência como um instrumento perigoso e incontrolável.
b) Segundo Wolpert, "foi Mary Shelley quem criou o monstro de *Frankenstein* não foi a ciência; mas sua imagem é tão poderosa, que alimentou medos sobre a engenharia genética que dificilmente serão removidos". Não se poderia imaginar que aquela alegoria seria tão nefasta para os cientistas.
c) O livro de Mary Shelley, é considerado o primeiro livro de ficção científica, mas o tratamento dado à figura dos cientistas, nas obras de ficção científica que o sucederam, não melhora a imagem do cientista. Num estudo em que se pediu que crianças, adolescentes e adultos definissem um cientista, por meio de desenho, a imagem que apareceu não foi positiva.
d) A visão estereotipada do cientista — cara de louco, olhos esbugalhados, cabelos desgrenhados é difundida em diversos meios de comunicação muito poderosos (cinema, quadrinhos, desenhos animados, televisão); isso, em nada contribui para facilitar o entendimento do que seja ciência.
e) Daí tive a ideia de montar um projeto de pesquisa! Se artistas convivessem com o cientista no laboratório, se vissem os experimentos e a carga emocional que despertam no pesquisador, se conversassem diariamente sobre seus trabalhos... Será que a ciência seria interpretada e mostrada de outra forma?

(Diucênio Rangel, *O diálogo entre ciência e arte*, com adaptações)

Resposta: "e". Vejamos alguns erros: a) "de Mary Shelley" deveria estar entre vírgulas; b) depois de "Frankenstein" deveria haver uma vírgula, pois se inicia em seguida outra oração; c) A vírgula depois de "Mary Shelley" separa o sujeito do verbo; d) faltou o travessão que fecha o termo interferente: "cientista — cara de louco, olhos esbugalhados, cabelos desgrenhados — é difundida".

34. No texto abaixo foram substituídos sinais de pontuação por números. Assinale a sequência de sinais de pontuação que devem ser inseridos nos espaços indicados para que o texto se torne coerente e gramaticalmente correto. Desconsidere a necessidade de transformar letras minúsculas em maiúsculas.

Os seres humanos sofrem sempre conflitos de interesse com os ressentimentos, facções, coalizões e instáveis alianças que os acompanham **(1)** no entanto, o que mais interessa nesses fenômenos conflituosos não é o quanto eles nos separam, mas quão frequentemente eles são neutralizados, perdoados e desculpados. Nos seres humanos **(2)** com seu extraordinário dom narrativo, uma das principais formas de manutenção da paz é o dom humano de apresentar **(3)** dramatizar e explicar as circunstâncias atenuantes em torno de violações que ameaçam introduzir conflito na habitualidade da vida **(4)** o objetivo de tal narrativa não é reconciliar, não é legitimar, nem mesmo desculpar, mas antes **(5)** explicar.

(Jerome Bruner. *Atos de significação*, com adaptações)

	1	**2**	**3**	**4**	**5**
a)	;	,	.	:	,
b)	;	-	;	.	;
c)	.	;	-	;	:
d)	.	.	;	;	:
e)	.	,	,	.	,

Resposta: "e". O **(1)** encerra um período, por isso ponto-final. O **(2)** isola o adjunto adverbial "Nos seres humanos", por isso vírgula. O **(3)** separa termos de uma enumeração, por isso vírgula. O **(4)** encerra um período, por isso ponto-final. O **(5)** indica que o verbo ser está oculto, ou seja, zeugma, por isso vírgula.

35. Do fragmento a seguir, propositadamente, foram retirados os sinais de pontuação. Atentamente, faça a pontuação devida e, em seguida, assinale a opção *correta*.

O mercado está recebendo um bando de neófitos que são sérios candidatos a sofrer uma carnificina disse o americano Jim Rogers um dos gurus do mundo dos investimentos.

a) — O mercado está recebendo um bando de neófitos, que são sérios candidatos, a sofrer uma carnificina, disse Jim Rogers, um dos gurus do mundo dos investimentos.
b) "O mercado está recebendo um bando de neófitos, que são sérios candidatos a sofrer uma carnificina" — disse o americano Jim Rogers um dos gurus, do mundo dos investimentos.
c) O mercado, está recebendo um bando de neófitos que são sérios candidatos, a sofrer uma carnificina — disse o americano Jim Rogers, um dos gurus do mundo dos investimentos.
d) O mercado está recebendo um bando de neófitos, que são sérios candidatos, a sofrer uma carnificina, disse o americano Jim Rogers, um dos gurus, do mundo dos investimentos.
e) "O mercado está recebendo um bando de neófitos que são sérios candidatos a sofrer uma carnificina", disse o americano Jim Rogers, um dos gurus do mundo dos investimentos.

Resposta: "e". Como se trata de uma citação, o fala do americano deve ser colocada entre aspas. Quanto às vírgulas, a primeira separa as orações e a segunda separa o aposto.

36. Seja o seguinte período:

Em 2006, o índice Shanghai Composite, da Bolsa de Valores de Shanghai, na região sudoeste do país, subiu 130%.

(*Época,* 12 de fevereiro de 2007)

Pode-se reescrever o mesmo período, sem alterar-lhe o sentido, usando-se outra forma de pontuação e mantendo-se a correção gramatical, conforme se fez em:

a) O índice Shanghai Composite, da Bolsa de Valores de Shanghai, na região sudoeste do país, em 2006, subiu 130%.
b) Na região, sudoeste do país, o índice Shanghai Composite da Bolsa de Valores em Shanghai, subiu 130%, em 2006.
c) Subiu 130%, o índice Shanghai Composite da Bolsa de Valores, de Shanghai, na região sudoeste do país, em 2006.
d) O índice Shanghai Composite da Bolsa de Valores, de Shanghai, subiu, 130%, na região sudoeste do país.
e) Em 2006, subiu 130% o índice, Shanghai Composite, da Bolsa de Valores, de Shanghai, na região, sudoeste do país.

Resposta: "a". Nas outras opções há sempre o problema de separar por vírgula o sujeito do verbo, ou o verbo do complemento, ou ainda o termo regente do complemento nominal.

37. Em relação à ausência de vírgulas, está inteiramente correta e clara a redação da frase do seguinte período:

a) Se é verdade que só 18% concordam com a chamada "saída autoritária" também é verdade que só 40% aceitam bem as privatizações.
b) Quando a democracia não funciona bem que aqui e ali passem a se manifestar os que conservam saudades dos regimes autoritários não é raro.
c) O autor se refere ao Brasil de 1989 porquanto o autor está-nos lembrando que àquela época a maioria dos eleitores fez Presidente um candidato classificado como aventureiro.
d) Seria interessante saber em que "certas circunstâncias" um governo autoritário ofereceria vantagens em relação a um governo democrático.
e) Assim como boa parte dos brasileiros também o autor do texto julga que a nossa democracia poderia funcionar de uma maneira melhor.

Resposta: "d". Como a frase está em ordem direta, não se deve colocar vírgula alguma.

38. Atente para as seguintes frases:

I. Toda vez que vou ao teatro interativo, fico aterrorizado.
II. Não gosto muito dos atores, que costumam ser extravagantes.
III. Fiquei na última fila, para evitar maiores ameaças.

A supressão da vírgula altera o sentido somente do que está em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

Resposta: "b". As orações introduzidas por pronomes relativos podem ser explicativas (com vírgula) ou restritivas (sem vírgula). Assim sendo a retirada da vírgula na oração II muda o sentido de explicação para restrição. Nas outras opções as vírgulas separam adjuntos adverbiais, que podem ou não ser isolados por vírgula e o sentido continua o mesmo.

39. Considere os seguintes casos:

I. Os homens, que ignoram os direitos da mulher, passarão a acatá-los. Os homens que ignoram os direitos da mulher passarão a acatá-los.
II. Somente, agora o Código Civil brasileiro incorporou as mudanças ocorridas. Somente agora o Código Civil brasileiro incorporou as mudanças ocorridas.
III. O valor de um código, estabelecido por convenção, deve ser comprovado na prática. O valor de um código estabelecido por convenção deve ser comprovado na prática.

A alteração na pontuação provoca alteração de sentido em

a) I, somente.
b) I e II, somente.
c) I e III, somente.
d) II e III, somente.
e) I, II e III.

Resposta: "e". Na oração I: muda-se de explicação para restrição. Na oração II: Somente com vírgula significa que se dirá apenas uma coisa; Somente sem vírgula está modificando "agora". Na oração III: com vírgula temos uma explicação, sem vírgula temos uma restrição.

Texto para a questão 40:

A exclusão da cidadania é mais uma exclusão que o brasileiro paga pela má qualidade da escola. Sem um ensino básico de excelência, perdem-se não só sucessivas batalhas, **(1)** mas a guerra. Os pais desempenham o papel que lhes cabe. **(2)** Mandam os filhos para a escola. As crianças assistem às aulas, **(3)** fazem as tarefas exigidas, mas não aprendem. Algumas chegam à 5ª série analfabetas. **(4)** Não leem nem escrevem. Outras, **(5)** analfabetas funcionais. Leem, mas são incapazes de entender o texto. Escrevem, mas não conseguem redigir um bilhete simples.

(*Correio Braziliense,* 17.10.2006)

40. Em relação ao texto acima, assinale o comentário incorreto a respeito dos sinais de pontuação.

a) 1 — a vírgula justifica-se para separar oração de natureza explicativa.
b) 2 — o ponto final pode ser substituído por sinal de dois-pontos, com mudança de maiúscula para minúscula em "Mandam".
c) 3 — a vírgula justifica-se para isolar elementos de mesma classe gramatical componentes de uma enumeração.
d) 4 — o ponto final pode ser substituído por vírgula, com mudança de maiúscula para minúscula em "Não".
e) 5 — a vírgula justifica-se para marcar a elipse de expressão antecedente: "chegam à 5ª série".

Resposta: "a". A vírgula se justifica por separar uma oração de natureza *adversativa*.

Texto para a questão 41:

Memórias do cárcere, **(1)** na versão cinematográfica, **(1)** explora mais desenvoltamente a linguagem artística e as possibilidades que estão ao alcance do cinema de fragmentar a realidade para, **(2)** em seguida, **(2)** recompor o concreto nos diversos níveis em que ele aparece na percepção, **(3)** na cabeça e na história dos homens. Quem ama o livro por ele mesmo não vai recuperá-lo no filme. Quem ama as várias verdades que Graciliano Ramos enfrentou com hombridade e coragem irá ver no filme uma engenhosa e íntegra transposição do livro. Seria pouco dizer que ambos se completam. Nelson Pereira dos Santos explora a técnica cinematográfica como Graciliano Ramos, a técnica literária, **(4)** ou seja, **(4)** como recurso de descoberta da verdade, **(5)** arma de denúncia intelectual e instrumento de luta política.

(Florestan Fernandes)

41. Assinale a opção que apresenta justificativa correta para o emprego das vírgulas no texto acima.

a) 1 — isolam aposto explicativo.
b) 2 — isolam termos de mesma função sintática.
c) 3 — isola adjunto adverbial deslocado.
d) 4 — isolam expressão retificativa ou explicativa.
e) 5 — isola aposto explicativo.

Resposta: "d". Vejamos os erros: a) 1 — separa adjunto adverbial; b) 2 — separa adjunto adverbial; c) 3 — separa termos de uma enumeração; e) 5 — separa termos de uma enumeração.

42. Assinale a opção em que o emprego dos sinais de pontuação está correto.

a) Motoristas e montadoras de automóveis, não terão que desembolsar mais recursos com a mudança para o biodiesel, pois esse combustível não exige nenhuma alteração nos motores dos veículos.
b) A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), assegurou a garantia dos motores dos veículos que utilizarem o biodiesel misturado ao diesel na proporção de 2%, como foi autorizado.
c) Além disso, o combustível renovável poderá ser usado, em substituição ao óleo diesel em usinas termelétricas, na geração de energia elétrica em comunidades de difícil acesso, como é o caso de diversas localidades na região Norte.

d) Para autorizar o uso do biodiesel no mercado nacional, o governo, editou um conjunto de atos legais que tratam dos percentuais de mistura do biodiesel ao diesel, da forma de utilização e do regime tributário.
e) Tal regime, considera a diferenciação das alíquotas com base na região de plantio, nas oleaginosas e na categoria de produção (agronegócio e agricultura familiar). O governo cria também o Selo Combustível Social e isenta a cobrança do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI).

(Adaptado de *Em Questão*, n. 261 — Brasília, 8 de dezembro de 2004)

Resposta: "c". Vejamos os erros: a) a vírgula após "automóveis" separa o sujeito do verbo; b) a vírgula após "(Anfavea)" separa o sujeito do verbo; d) a vírgula após "governo" separa o sujeito do verbo; e) a vírgula após "regime" separa o sujeito do verbo.

43. Assinale a opção que apresenta erro de pontuação.

a) A evolução da arquitetura se caracteriza pelas suas obras mais importantes, aquelas que, especulando na técnica, se fizeram diferentes e inovadoras.
b) E, quando dela nos ocupamos, vale a pena voltar ao passado e sentir como a ideia da obra de arte se integrava nas razões utilitárias da arquitetura, fazendo-a mais rica, mais bela, com suas colunatas, seus ornamentos, pinturas, esculturas.
c) Com o advento do concreto armado, a arquitetura se modificou inteiramente. As paredes, que antes sustentavam os edifícios, passaram a simples material de vedação, surgindo a estrutura independente, a fachada de vidro.
d) A curva, a curva generosa que os antigos tanto procuravam com seus arcos, cúpulas, *voûtes* e abóbadas espetaculares assumiu uma nova e surpreendente dimensão e, com ela, os requintes da técnica: o protendido as cascas, os grandes espaços livres e os balanços extraordinários.
e) Uma arquitetura mais livre e vazada se oferecia a todos os arquitetos que quisessem inovar e se aventurar por novos caminhos.

(Adaptado de Oscar Niemeyer)

Resposta: "d". Faltou uma vírgula depois de "procuravam". O termo "... com seus arcos, cúpulas..." é complemento da primeira palavra "curva" que aparece. Assim: **A curva***, a curva generosa que os antigos tanto procuravam,* **com seus arcos**...

44. Assinale a opção em que há erro de pontuação.

a) Entre março de 2004 e fevereiro de 2005, as exportações brasileiras ultrapassaram a marca dos US$ 100 bilhões, um recorde histórico para o país.
b) A meta do Governo Federal, alcançada com quase dois anos de antecedência mostra o vigor das vendas do país para o mercado externo.
c) Exportação em alta significa favorecer o desenvolvimento do país e, portanto, a geração de emprego de renda. Para o sucesso desse trabalho, as microempresas contam com o apoio do Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e da APEX-Brasil (Agência de Promoção de Exportações do Brasil) na capacitação de funcionários e na consultoria técnica.
d) O aumento nas exportações é um dos fatores principais para o saldo positivo referente à criação de postos de trabalho no Brasil. Em 2004, foram 1,5 milhão de novas vagas com carteira assinada, e essa tendência permanece este ano.
e) Em janeiro, foram criadas 115.972 vagas formais, melhor resultado para o período desde 1992. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população ocupada em janeiro deste ano em seis regiões metropolitanas cresceu 4,1% em relação ao mesmo período de 2004.

Resposta: "b". "A meta do Governo Federal" é o sujeito de "mostra", então o termo entre eles deve aparecer entre vírgulas. Faltou uma vírgula depois de "antecedência".

45. Assinale a opção em que se deve colocar duas vírgulas obrigatoriamente para que o período se torne correto.

a) Outra iniciativa do governo no sentido de atingir os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio foi a criação de um grupo técnico coordenado pela Casa Civil para monitorar o desempenho do Brasil.
b) Uma das funções do grupo é a elaboração do Relatório de Acompanhamento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio no Brasil com a situação nacional diante das 18 metas e dos 48 indicadores.
c) Uma das metas é reduzir pela metade entre 1990 e 2015 a proporção da população com renda inferior a US$ 1 *per capita* por dia.
d) Conforme o relatório preparado pelo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA) o Brasil tinha em 1990 8,8% da população abaixo dessa renda *per capita*.
e) Dez anos depois esse percentual chegou a 4,7%. No País porém ainda existem cerca de oito milhões de pessoas que vivem com menos de US$ 1 por dia.

(Trechos adaptados de *Em Questão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390, Brasília, 6 de janeiro de 2006)

Resposta: "e". As duas vírgulas obrigatórias ocorrem com a conjunção "porém", que está deslocada e por isso deve ser isolada por vírgulas: "No País, porém, ainda...".

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

FIGURAS DE LINGUAGEM

(PARTE II)

FIGURAS DE SINTAXE (DE CONSTRUÇÃO)

Consistem em uma modificação (às vezes brusca) que é feita na estrutura da oração - por meio de uma inversão, uma repetição ou omissão de termos. Assim, a lógica da frase é substituída pela **maior expressividade** ocasionada por essa mudança.

IMPORTANTE!

Como têm por objetivo destacar a expressividade e a subjetividade do autor/interlocutor, as figuras de sintaxe se encontram muito presentes na linguagem literária, na publicitária e na linguagem cotidiana de forma geral.

PLEONASMO (estilístico) é uma figura de linguagem gramatical criada por meio da repetição, na fala ou na escrita, de ideias ou palavras de mesmo sentido – com o objetivo de realçá-las, de torná-las mais expressivas. Exemplos:

- ✓ “E rir meu riso e derramar meu pranto.” **(Vinícius de Moraes)**
- ✓ “E quem sabe sonhavas meus sonhos por fim.” **(Cartola)**
- ✓ “Isso eu vi com meus próprios olhos!” (frase popular)

MUITO CUIDADO!

O pleonasmo torna-se **vicioso** quando a repetição for considerada desnecessária ou quando a redundância não trouxer reforço algum à ideia. Como exemplo as construções “*descer para baixo*”; “*sair para fora*”; “*subir para cima*”; “*fato real*”.

SILEPSE – ocorre quando efetuamos a concordância, não com os termos expressos na oração, mas, sim, com a ideia associada em nossa mente ou com os termos subentendidos.
Como a silepse não obedece às regras de concordância gramatical, o que se estabelece então é uma **concordância** meramente **ideológica**. Existem três tipos de silepse:

SILEPSE DE GÊNERO - ocorre quando há uma discordância gramatical entre os gêneros dos artigos, substantivos, adjetivos, pronomes. Então, a concordância se faz com **a ideia que o termo comporta**.

- ✓ *A* criança nasceu. Era magnífico.
- ✓ "Sobre a triste Ouro Preto o ouro dos astros chove."

(Olavo Bilac)

- ✓ "Quando a gente é novo, gosta de fazer bonito."

(João Guimarães Rosa)

SILEPSE DE PESSOA - ocorre silepse há discordância entre o sujeito e a pessoa verbal. Normalmente, o emissor se inclui num sujeito da terceira pessoa do plural (eles), fazendo a flexão verbal na primeira pessoa do plural (nós). Ou seja, o verbo não concorda com o sujeito da oração, mas sim **com a pessoa que está inscrita nesse sujeito.** Veja:

- ✓ "Todos os sertanejos somos assim." **(Rachel de Queiroz)**
- ✓ "Dizem que os **cariocas somos** poucos dados aos jardins públicos." (**Machado de Assis**)

SILEPSE DE NÚMERO - ocorre quando o sujeito é uma palavra no singular que transmite uma ideia de coletividade, havendo uma discordância gramatical entre o sujeito e o verbo das orações que estão mais distantes desse sujeito. Neste caso, **o verbo concorda com a ideia que nele está contida. Observe:**

- ✓ "O casal de patos nada disse, (...). Mas espanaram, ruflaram as asas e voaram embora." **(Guimarães Rosa)**
- ✓ "Coisa curiosa é gente velha. Como comem!" **(Aníbal Machado)**

HIPÉRBATO - caracteriza-se pela inversão da ordem natural e direta dos termos da oração, ou da ordem natural das orações no período e é empregado, deliberadamente, com o fito de obter determinado efeito estilístico. Veja:

- ✓ Ao ódio venceu o amor. (a ordem direta seria “O amor venceu ao ódio”.)
- ✓ “Os bons vi sempre passar/no mundo graves tormentos.” (**Luís Vaz de Camões**)
- ✓ "Passeiam, à tarde, as belas na Avenida." (**Carlos Drummond de Andrade**)
- ✓ "Passarinho, desisti de ter." (**Rubem Braga**)
- ✓ “Ouviram do Ipiranga às margens plácidas
  de um povo heroico o brado retumbante.”
  (**Hino Nacional Brasileiro**)

Observação:

O hipérbato é um dos artifícios mais usados pelos poetas, com o intuito de trazer maior desenvoltura à língua no que tange a ritmo, melodia, sonoridade ou até ambiguidades originais capazes de marcar um estilo.

POLISSÍNDETO - é uma figura que consiste no uso excessivo e repetitivo de conjunções entre palavras e entre orações, tanto na linguagem escrita como falada. E as conjunções mais frequentemente repetidas são as conjunções coordenativas e, nem, ou. Observe:

- ✓ "Suspira, ***e*** chora, ***e*** geme, ***e*** sofre, ***e*** sua...“ **(Olavo Bilac)**
- ✓ "Mãe gentil, ***mas*** cruel, ***mas*** traiçoeira." **(Alberto de Oliveira)**
- ✓ "Falta-lhe o solo aos pés: recua **e** corre, vacila **e** grita, luta **e** ensanguenta, **e** rola, **e** tomba, **e** se espedaça, **e** morre." (**Olavo Bilac**)

Observação:

Apesar de ser utilizado com o objetivo de aumentar a expressividade da mensagem, por meio da ideia de acréscimo, sucessão e continuidade, o polissíndeto deixa o texto mais lento e mais solene.

ASSÍNDETO - é uma figura que consiste na omissão reiterada de conjunções entre as orações. E a conjunção mais omitida é a coordenativa, a qual é normalmente substituídas por vírgulas ou algum outro sinal de pontuação. Assim, o uso deste recurso resulta na construção de orações coordenadas assindéticas. Observe os exemplos:

- ✓ “Vim, [e] vi, [e] venci”. (**Júlio César**)
- ✓ "O homem há de morrer como viveu: sozinho!
  Sem ar! sem luz! sem Deus! sem fé! sem pão! sem lar!" **(Olavo Bilac)**
- ✓ “Tua raça quer partir, [e] guerrear, [e] sofrer, [e] vencer, [e] voltar”.
  (Cecília Meireles)

OBSERVAÇÃO:

Ao mesmo tempo em que destaca a expressividade da mensagem, o assíndeto possibilita a criação de um texto dinâmico, conciso e, acima de tudo, enérgico!

ANÁFORA (ou EPANÁFORA) - consiste na repetição de palavraa (ou expressões) no início de orações ou de versos consecutivos. É muito usada em quadrinhos, letras de música e literatura em geral, especialmente na poesia, com o propósito de realçar a mensagem, pela ênfase que é dada aos sentidos dos termos repetidos. Veja os exemplos:

Veja o exemplo:

“…O que será que será?
Que vive nas ideias desses amantes
Que cantam os poetas mais delirantes
Que juram os profetas embriagados”
(Gonzaguinha)

“**Vi uma estrela** tão alta,
Vi uma estrela tão fria!
Vi uma estrela luzindo
Na minha vida vazia
(Manoel Bandeira)

É pau, é pedra, é o fim do caminho
É um resto de toco, é um pouco sozinho
É um caco de vidro, é a vida, é o sol
É a noite, é a morte, é o laço, é o anzol
(Tom Jobim)

Atenção!

Anáfora constitui, também, um recurso sintático e coesivo por meio do qual um termo faz referência a uma informação previamente mencionada. Esse termo é chamado nas provas de elemento anafórico. Veja um exemplo:

- ✓ Tício comprou uma fazenda em Minas Gerais. **Ele** pretende criar ali um santuário ecológico.

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

FIGURAS DE LINGUAGEM

(PARTE II)

Curso Completo de Português

Prof. Fernando Pestana

(Autor do livro “A Gramática para Concursos Públicos”)

Acentuação

— ***Definição***

1. Sinais diacríticos:

´ ^ ` ~ ç ’ ¨ -

2. Implicações semânticas e morfológicas:

> secretaria, fotografo, inicio, historia, numero, ate, baba, bebe, magoa, sabia, publico, amem, medico, negocio, musica, doido, contribui, fluido, policia, fabrica, analise, cientifico...

> heróizinho? econômicamente?

3. Regras gerais: I) monossílabas*, II) oxítonas, III) paroxítonas, IV) proparoxítonas.

I) pá(s), pé(s), pó(s), dá-lo, vê-lo, pô-la

II) sofá(s), café(s), bongô(s), armazém(éns), comprá-la, revê-lo, contrapô-la, mantém-no

** substantivo, adjetivo, numeral, verbo, advérbio, interjeição.*

III) história(s); jóquei(s); órgão(s), ímã(s); águam; fácil, glúten, fórum, caráter, rádom, próton(s), tórax, júri, lápis, vírus, fórceps.

** Não se acentuam as terminadas em -a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens).*

IV) fósforo, réquiem, lâmpada, plêiade, seriíssimo... *deficit*.

4. Regras especiais: I) hiatos “i” e “u”; II) hiatos “oo” e “eem”; III) ditongos abertos “ei”, “eu”, “oi”; IV) trema; V) acentos diferenciais.

I) saída, saúde, saíste, baús, distribuí-lo; rainha; xiita (iídiche); feiura, Sauipe*; Guaíra, Guaíba

** oxítonas: Piauí, tuiuiú*

II) voo, creem, deem, leem, veem

III) ideia, estreia, Coreia, heroico, jiboia, paranoia; Méier, destróier; céu, róis, herói, papéis, troféu...

IV) quinquênio, linguiça, unguento; Müller, mülleriano...

V) para / para; pela / pela; pelo / pelo; polo / polo; pera / pera; pôr / por; pôde / pode; fôrma / forma; verbos “vir” e “ter” (e derivados).

** Verbos terminados em “guar”, “quar” e “quir”.*

5. Uso do hífen: em compostos e com prefixos.

> Não se usa o hífen em vocábulos com elementos de ligação: *mula sem cabeça, pé de moleque, dia a dia, corpo a corpo, ponto e vírgula, bicho de sete cabeças, leva e traz...* **exceções**: *água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, ao deus-dará, à queima-roupa, pé-de-meia, pé-d'água, pau-d'alho, gota-d'água, cola-de-sapateiro, pão-de-leite;* **animais e vegetais**: *andorinha-da-serra, lebre-da-patagônia, dente-de-leão, olho-de-boi, pimenta-do-reino, cravo-da-índia, bico-de-papagaio...* Cuidado com *cão de guarda (sem hífen)*!

> Não se usa o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição*: girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas (e derivados).*

> Nos adjetivos compostos: *surdo-mudo, nova-iorquino, verde-amarelo...;* vale ressaltar que o hífen é obrigatório quando se unem dois vocábulos gentílicos ou pátrios: *indo-europeu, luso-brasileiro, sino-americano, euro-asiático...*

> **Prefixo terminado em vogal**

- Sem hífen diante de ***vogal diferente ou consoante diferente de "r" e "s"***: autoescola, antiaéreo; anteprojeto, semicírculo...
- Sem hífen diante de ***r*** e ***s***, dobram-se essas letras: co**rr**éu, anti**rr**acismo, contra**rr**eforma, anti**ss**ocial, ultra**ss**om, pseudo**ss**ábio...
- Com hífen diante de ***mesma vogal***: contr**a-a**taque, micr**o-o**ndas, ultr**a-a**quecido, sem**i-i**nconsciência...

> Prefixo terminado em consoante

- Com hífen diante de ***mesma consoante***: inte**r-r**egional, su**b-b**ibliotecário...
- Sem hífen diante de ***consoante diferente ou vogal***: intermunicipal, supersônico...
- Sem hífen diante de ***vogal***: interestadual, superinteressante...

> Regras especiais com alguns prefixos

sub; circum e pan; co; vice, vizo, grã, grão, além, aquém, ex, recém, sem, soto, para; re; in e des; ab, ob, ad, sob; mal; bem; pós, pré, pró; quase e não; açu, guaçu, mirim; rio-niterói; tão só/somente, à toa.

FOCA
NA
GRAMÁTICA

Clams
FERNANDO PESTANA
A Gramática para Concursos Públicos

Regência

É o mecanismo que verifica se um termo serve de complemento a outro. A palavra ou oração que rege os outros chama-se Regente e o complemento chama-se Regido.

O termo regente é um nome. O termo regido é sempre o Complemento Nominal, que é *necessariamente* precedido por uma preposição.

Fica a Dica:

Note que alguns nomes possuem mais de uma preposição que os regem. Portanto, para saber qual é a regência de uma palavra para uso mais formal da língua, deve-se consultar o dicionário ou a gramática.

Regência Nominal

Nomes regidos pela preposição "A"

Adepto, alheio, favorável, indiferente, referente, paralelo, reativo, acessível, adequado, desfavorável, equivalente, insensível, obediente, dentre outros.

Nomes regidos pela preposição "Por"

Atenção, aversão, ávido, compaixão, contente, diferente, grato, inclinação, receio, dentre outros.

Nomes regidos pela preposição "Com"

Amoroso, compatível, cruel, cuidadoso, descontente, desleal, digno, dentre outros.

Nomes regidos pela preposição "Em"

Abundante, acessível, análogo, atenção, conforme, isento, necessidade, receio, útil, dentre outros.

Nomes regidos pela preposição "De"

Abstraído, capaz, incapaz, digno, constante, indigno, passível, certeza, entre outros.

Nomes regidos pela preposição "Para"

Aflito, ansioso, capaz, cruel, desrespeito, essencial, isento, leal, útil, hábil, natural, dentre outros.

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Regência Verbal

O termo regente é um Verbo, que é sempre completado por um Objeto. O vínculo entre o verbo e seu termo regido pode se dar com ou sem a presença da preposição.

Agradar

☆ Fazer carinho (VTD): sem preposição.
☆ Contentar, satisfazer (VTI): preposição A.

Aspirar

☆ Sorver, respirar (VTD): sem preposição.
☆ Pretender, desejar (VTI): preposição A.

Assistir

☆ Prestar assistência, ajuda (VTD): sem preposição.
☆ Ver: (VTI): preposição A.
☆ Pertencer, caber: (VTI): preposição A.

Custar

☆ Acompanhado de adjunto adverbial de preço ou valor (VI): sem complemento.
☆ Ser custoso (VTI): preposição A.

Esquecer
Lembrar, Recordar

☆ Acompanhados de pronome (VTI): preposição DE.
☆ Sem acompanhamento de pronome (VTD): sem preposição.

Avisar, Prevenir, Informar
Cientificar, Certificar

☆ Objeto é coisa (VTI): preposição DE ou SOBRE.
☆ Objeto é pessoa (VTD): sem preposição.

Namorar

☆ É transitivo direto (VTD): sem preposição.

Chegar, Ir

☆ São Intransitivos (VI): sem preposição;
☆ Se acompanhados de adjunto adverbial de lugar: preposição A.

Preferir

☆ É bitransitivo (VTDI): exige um complemento sem preposição e outro com a preposição A.

Pagar
Perdoar

☆ Objeto é pessoa (VTI): preposição A.
☆ Objeto é coisa (VTD): sem preposição.

Simpatizar
Antipatizar

☆ Sempre são VTI: preposição COM.

Obedecer
Desobedecer

☆ Sempre são VTI: preposição A.

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Numeral

Classe de palavras que indica o número ou quantidade exata de seres ou, ainda, o lugar por eles ocupados em uma série.

Cardinal

☆Designação básica dos números. Designa o número de seres. Ex.: um, dois, dez, vinte, etc.

Ordinal

☆Indicam a ordem dos seres em uma sequência. Ex.: primeiro, segundo, vigésimo, quingentésimo, etc.

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Multiplicativo

☆Indica aumento proporcional, por meio de múltiplos da quantidade tomada como base. Ex.: dobro, triplo, quádruplo, etc.

Fracionário

☆Indica diminuição proporcional, por meio de frações da quantidade tomada como base. Ex.: meio/metade, um terço, um quinto, etc.

Coletivos

☆Designa o número exato de seres pertencentes a um conjunto. Ex.: cento, par, quarteto, novena, quinzena, grosa (12 dúzias), etc.

⇨Quando a ideia expressa pelo emissor não é ressaltar a quantidade, mas sim indicar a espécie, trata-se de um artigo indefinido.

⇨Para designar papas, soberanos, séculos e partes em que se divide uma obra, emprega-se o ordinal até o *décimo*. A partir dele, será usado o *cardinal*, sempre que o numeral vier depois de um substantivo: João Paulo II (segundo), João XXIII (vinte e três).

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Preposição........2
Classificação das Preposições........2
Locução Prepositiva........4
Locuções como Conectivos........4
Combinação e Contração da Preposição........4
Principais Relações Estabelecidas pelas Preposições........5
Distinção entre Preposição, Pronome Pessoa Oblíquo e Artigo........6
Exercícios........6
Gabarito........8

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Preposição

Preposição é a palavra que estabelece uma relação entre dois ou mais termos da oração. E o sentido da expressão é dependente da união de todos os elementos que a preposição vincula.

Ex.: Os amigos de João estranharam o seu modo de vestir.
Amigos de João/modo de vestir: elementos ligados por preposição
de: preposição

Ex.: Ela esperou com entusiasmo aquele breve passeio.
Esperou com entusiasmo: elementos ligados por preposição
com: preposição

Na relação estabelecida pelas preposições, o primeiro elemento – chamado antecedente – é o termo que rege, que impõe um regime; o segundo elemento, por sua vez – chamado consequente – é o termo regido, aquele que cumpre o regime estabelecido pelo antecedente.

Ex.: A hora das refeições é sagrada.
Hora das refeições: elementos ligados por preposição
de + as = das: preposição
Hora: termo antecedente = rege a construção “das refeições”
Refeições: termo consequente = é regido pela construção “passou por”

Ex.: Alguém passou por aqui.
Passou por aqui: elementos ligados por preposição
por: preposição
Passou: termo antecedente = rege a construção “por aqui”
Aqui: termo consequente = é regido pela construção “passou por”

Fique ligado:

As preposições são palavras invariáveis, pois não sofrem flexão de gênero, número ou variação em grau como os nomes, nem de pessoa, número, tempo, modo, aspecto e voz como os verbos. No entanto, em diversas situações as preposições se combinam a outras palavras da língua (fenômeno da contração) e, assim, estabelecem uma relação de concordância em gênero e número com essas palavras às quais se ligam. Mesmo assim, não se trata de uma variação própria da preposição, mas sim da palavra com a qual ela se funde.

Classificação das Preposições

➢ Essenciais

As palavras da Língua Portuguesa que atuam exclusivamente como preposição são chamadas preposições essências.

São elas: a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

DICA:

1) A preposição após pode ser advérbio, com a significação de atrás, depois. Ex.: Os noivos passaram, e os convidados os seguiram logo após.

2) Trás, modernamente, só se usa em locuções adverbiais e prepositivas: por trás, para trás, para trás de.

3) Para, na fala popular, apresenta a forma sincopada pra.
Ex.: Bianca, alcance aqueles livro pra mim.

4) Até pode ser palavra denotativa de inclusão.
Ex.: Os ladrões roubaram-lhe até a roupa do corpo.

➢ Acidentais

Há palavras de outras classes gramaticais que, em determinadas situações, podem atuar como preposições. São, por isso, chamadas preposições acidentais:

- Como (= na qualidade de)
- Conforme (= de acordo com)
- Segundo (= conforme)
- Consoante (= conforme)
- Durante
- Salvo
- Fora
- Mediante
- Tirante
- Exceto
- Senão
- Visto (= por)

DICA:

1) As preposições essenciais regem sempre a forma oblíqua tônica dos pronomes pessoais: Ex.: Não vá sem mim à escola.

2) As preposições acidentais, por sua vez, regem a forma reta desses mesmos pronomes: Ex.: Todos, exceto eu, preferem sorvete de chocolate.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Locução Prepositiva

É o conjunto de duas ou mais palavras que têm o valor de uma preposição. A última palavra dessas locuções é sempre uma preposição.

Exemplos:

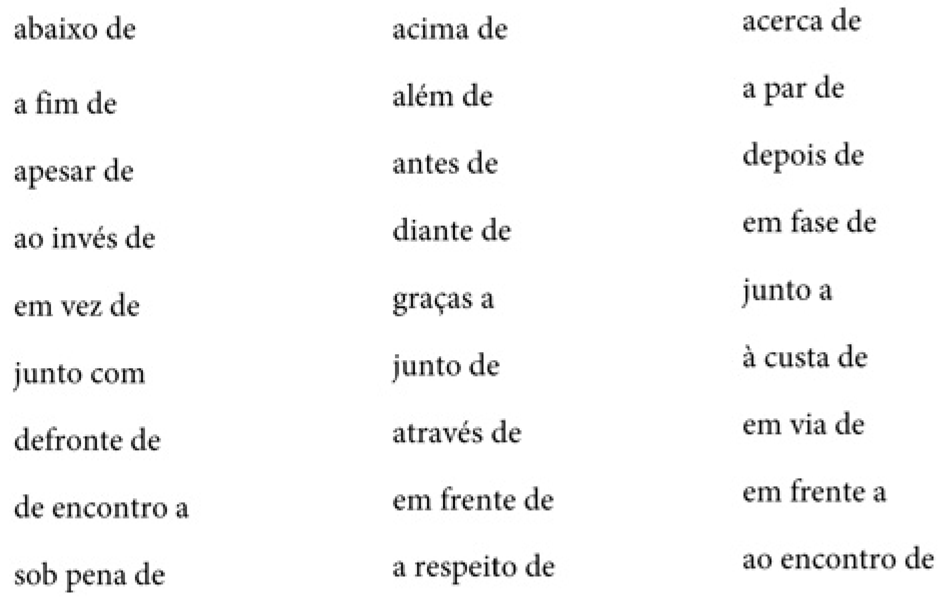

abaixo de
a fim de
apesar de
ao invés de
em vez de
junto com
defronte de
de encontro a
sob pena de
acima de
além de
antes de
diante de
graças a
junto de
através de
em frente de
a respeito de
acerca de
a par de
depois de
em fase de
junto a
à custa de
em via de
em frente a
ao encontro de

Locuções como Conectivos

As preposições podem introduzir:

a) Complementos Verbais
Ex.: Eu obedeço "aos meus pais".
b) Complementos Nominais
Ex.: Continuo obediente "aos meus pais".
c) Locuções Adjetivas
Ex.: É uma pessoa "de valor".
d) Locuções Adverbiais
Ex.: Tive de agir "com cautela".
e) Orações Reduzidas
Ex.: "Ao chegar", comentou sobre o fato ocorrido.

Combinação e Contração da Preposição

➢ Combinação

Ocorre quando a preposição, ao unir-se a outra palavra, mantém todos os seus fonemas. Ex.: preposição a + artigo masculino o = ao

Preposição a + artigo masculino os = aos

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Contração

Ocorre quando a preposição sofre modificações na sua estrutura fonológica ao unir-se a outra palavra. As preposições se e em, por exemplo, formam contrações com os artigos e com diversos pronomes.

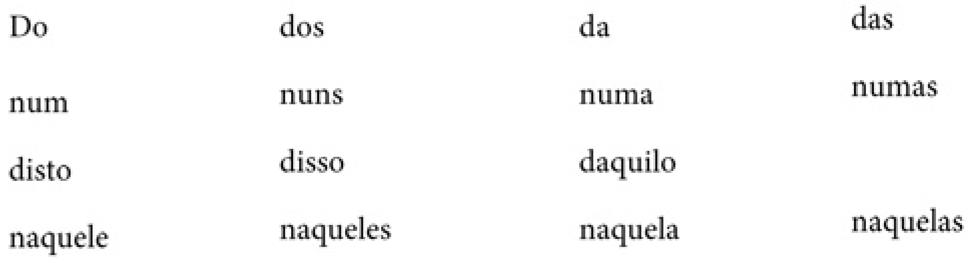

Do	dos	da	das
num	nuns	numa	numas
disto	disso	daquilo	
naquele	naqueles	naquela	naquelas

Outros exemplos:

- em + a = na
- em + aquilo = naquilo
- de + aquela = daquela
- de + onde = donde

Fique ligado

As formas pelo, pela, pelos, pelas resultam da contração da antiga preposição per com os artigos definidos.
per + o = pelo

Encontros Especiais

A contração da preposição com os artigos ou pronomes demonstrativos a, as ou com o “a” inicial dos pronomes aquele, aqueles, aquela, aquelas, aquilo resulta numa fusão de vogais a que se chama de crase – que deve ser assinalada na escrita pelo uso no acento grave.

a + a = à

às – àquela – àquelas – àquele – àqueles – àquilo

Principais Relações Estabelecidas pelas Preposições

- Autoria – Esta música é de Roberto Carlos.
- Lugar – Estou em casa.
- Tempo – Eu viajarei durante as férias.
- Modo ou conformidade – Vamos escolher por sorteio.
- Causa – Estou tremendo de frio.
- Assunto – Não gosto de falar dobre política.
- Fim ou finalidade – Eu vim para ficar.
- Instrumento – Paulo feriu-se com a faca.
- Companhia – Hoje vou sair com meus amigos.
- Meio – Voltarei a andar a cavalo.
- Matéria – Devolva-me meu anel de prata.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

- Posse – Este é o carro de João.
- Oposição – O Flamengo jogou contra o Fluminense.
- Conteúdo – Tomei um copo de (com) vinho.
- Preço – Vendemos o filhote de nosso cachorro a (por) R$ 300,00.
- Origem – Você descende de família humilde.
- Especialidade – João formou-se em Medicina.
- Destino ou Direção – Olhe para frente!

Distinção entre Preposição, Pronome Pessoa Oblíquo e Artigo

➢ Preposição

Ao ligar dois termos, estabelecendo entre eles relação de dependência, o “a” permanece invariável, exercendo função de preposição.

Ex.: Fui a Brasília.

➢ Pronome Pessoa Oblíquo

Ao substituir um substantivo na frase.

Ex.: Eu levei Julia a Brasília.

Eu a levei a Brasília.

➢ Artigo

Ao anteceder um substantivo, determinando-o.

Ex.: A professora foi a Brasília.

Exercícios

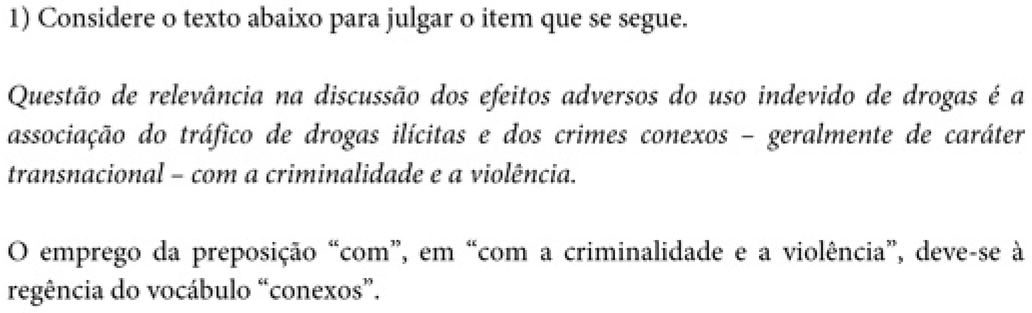

1) Considere o texto abaixo para julgar o item que se segue.

Questão de relevância na discussão dos efeitos adversos do uso indevido de drogas é a associação do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos – geralmente de caráter transnacional – com a criminalidade e a violência.

O emprego da preposição “com”, em “com a criminalidade e a violência”, deve-se à regência do vocábulo “conexos”.

Certo ( ) Errado ( )

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

2) Estamos no trânsito de São Paulo, ano 2030. E não é preciso apertar os cintos: nosso carro agora trafega sozinho pelas ruas, salvo de acidentes, graças a um sistema que o mantém em sincronia com os demais veículos lá fora. O volante, item de uso opcional, inclina-se de um lado para outro como se fosse manuseado por um fantasma. Mas ninguém liga pra ele - até porque o carro do futuro está cheio de novidades bem mais legais. Em vez dos tradicionais quatro assentos, o que temos agora é uma verdadeira sala de estar, com poltronas reclináveis, mesa no centro e telas de LED. As velhas carrocerias de aço foram substituídas por redomas translúcidas, com visibilidade total para o ambiente externo. Se você preferir, é possível torná-la opaca e transformar o carro em um ambiente privado, quase como um quarto ambulante. Como o sistema de navegação é autônomo, basta informar ao computador aonde você quer ir e ele faz o resto. Resta passar o tempo da forma que lhe der na telha: lendo, trabalhando, assistindo ao seu seriado preferido ou até dormindo. A viagem é agradável e silenciosa. (Superinteressante, novembro de 2014).

O segmento do texto em que a preposição destacada faz parte de um adjunto e NÃO é solicitada obrigatoriamente por nenhum termo anterior é:
a) "Estamos no trânsito de São Paulo";
b) "salvo de acidentes";
c) "em sincronia com os demais veículos lá fora";
d) "assistindo ao seu seriado preferido";
e) "basta informar ao computador".

3) A preposição existente em "identificar uma mentira contada por e-mail" relaciona dois termos e estabelece entre eles determinada relação de sentido. Essa mesma ideia está presente em:
a) As histórias que nascem por mãos humanas são muitas vezes pura falsidade.
b) A pesquisa reforçou o que já se sabia: na internet, frequentemente, se vende gato por lebre.
c) Consumiu-o por semanas a curiosidade de estar cara a cara com sua amiga virtual.
d) Alguns deveriam ser severamente penalizados, por inventarem indignidades na rede.

4) A substituição da preposição "de" pelo vocábulo por, no fragmento "Pode haver uma janela alta de onde eu veja o céu e o mar", resulta em outro significado para o contexto frasal.

Certo ( ) Errado ( )

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Gabarito

1 E

2 A

3 A

4 C

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

ADRIANA
FIGUEIREDO
CURSOS

CONCORDÂNCIA NOMINAL

01. VUNESP – SEDUC - SP – OFICIAL ADMINISTRATIVO - 2019

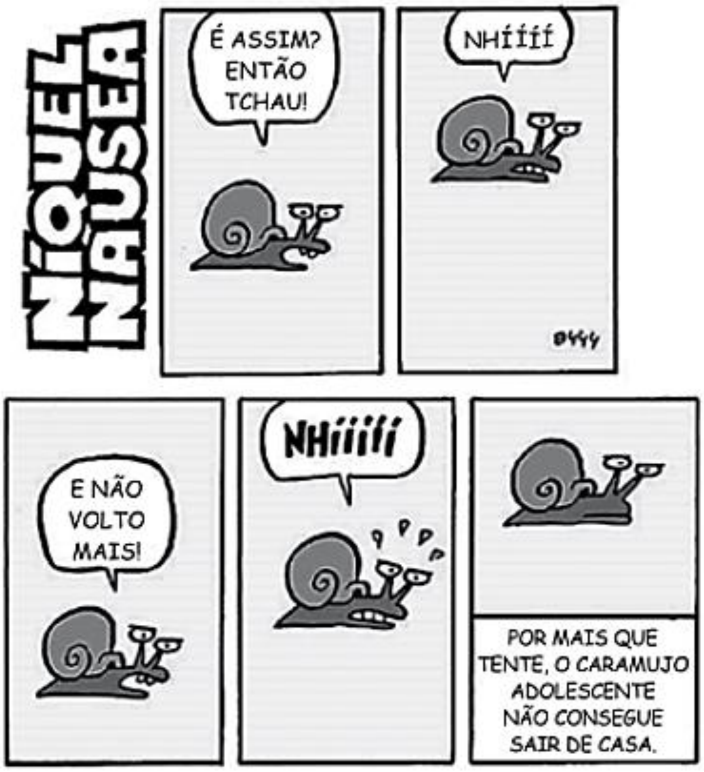
NÍQUEL NÁUSEA
É ASSIM? ENTÃO TCHAU!
NHííííí
E NÃO VOLTO MAIS!
NHííííí
POR MAIS QUE TENTE, O CARAMUJO ADOLESCENTE NÃO CONSEGUE SAIR DE CASA.

(Fernando Gonsales. Níquel Náusea. Disponível em https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada. 03.11.2018)

Alterando-se a expressão “o caramujo” para o plural (os caramujos), o texto do último quadrinho assumirá, em conformidade com a norma-padrão de concordância da língua portuguesa, a seguinte redação:

A Por mais que tentem, os caramujos adolescente não consegue sair de casa.

B Por mais que tente, os caramujos adolescentes não consegue sair de casa.

C Por mais que tente, os caramujos adolescente não conseguem sair de casa.

D Por mais que tentem, os caramujos adolescentes não consegue sair de casa.

E Por mais que tentem, os caramujos adolescentes não conseguem sair de casa.

02. VUNESP – TJ - SP – ADMINISTRADOR JUDICIÁRIO - 2019

Assinale a alternativa redigida em conformidade com a norma-padrão de concordância.

A As empresas que, hoje, em lugar de coisas vende serviços, moldaram-se à economia digital.

B Presenteado, em sua maioria, são os livros que hoje fazem parte da biblioteca do escritor.

C Não faz tantos anos que redes de lojas como Tower Records e Virgin Megastore eram referência no mercado musical.

D O autor tem registrada, em seu celular, capas de livros que lhe interessam, os quais prefere ler em formato e-book.

E O livro de Tien Tzuo, além dos dados numéricos, expõem reflexões a respeito do comportamento das novas gerações.

03. VUNESP – UFABC – ASSISTENTE EM ADMINISTRAÇÃO - 2019

Quanto à concordância da norma-padrão da língua, a frase redigida corretamente é:

A Os nascidos entre 1981 e 1997 não dispõe de tantas particularidades assim na análise dos gastos com automóveis, alimentação e moradia.

B A matança cultural promovida pela juventude americana deixaram de afetar apenas poucos setores.

C Encontraram-se pouca evidência de que gostos e preferências de millennials sejam inferiores aos de gerações passadas.

D A análise granular dos gastos com automóveis, alimentação e moradia revelou que os millennials não têm tantas particularidades.

E Gastos, renda, endividamento, patrimônio líquido e fatores demográficos de várias gerações, tudo isso foram considerados no estudo.

04. VUNESP – CÂMARA DE MONTE ALTO – SP – AUXILIAR TÉCNICO ADMINISTRATIVO - 2019

Assinale a alternativa em que a redação está em conformidade com a norma-padrão de concordância da língua portuguesa.

A Já haviam alguns anos que a venda de livros físicos vinha sendo prejudicada pelo surgimento dos livros eletrônicos.

B Atualmente, quase já não se encontram mais filmes no formato DVD ou músicas arquivadas em CD.

C Muitos clássicos da literatura mundial estão sendo disponibilizado também em formato de arquivo digital.

D Os livros eletrônicos apresentam características muito diferente das encontradas nos livros impressos.

E A opção de realizar pagamentos de compras em supermercados usando apenas o celular já são uma realidade.

05. VUNESP – CÂMARA DE SERTÃOZINHO – SP – AUXILIAR TÉCNICO ADMINISTRATIVO - 2019

Assinale a alternativa em que a redação escrita a partir do texto está correta quanto à concordância das palavras, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

A Os oceanos podem ser contaminado por determinadas tarefas, como a lavagem de roupas de tecidos sintéticos.

B Os membros do Parlamento apresentou pesquisas sobre as fibras de tecidos sintéticas que são expelidas das roupas ao serem lavadas em máquinas de lavar.

C Ocorrerão a conservação dos oceanos se as autoridades criarem regulamentações para os fabricantes.

D Uma boa desculpa, com todas as indicações propostas pelo autor, é a lavagem de roupas com menos frequência.

E Também é necessário a compra de menos roupas sintética para reduzir a poluição por plástico nos ambientes.

06. VUNESP – PC – SP – AGENTE POLICIAL - 2018

A concordância nominal está de acordo com a norma-padrão em:

A A combinação entre sucesso profissional e lazer deve ser transformada em propósito de vida.

B Sucesso e diversão são compatível; aliás, trabalho sem diversão pode levar ao adoecimento.

C Preocupado em conquistar estabilidade financeira, nós acabamos não dando atenção ao lazer.

D É extremamente necessário a dedicação de algumas horas na semana ao convívio social.

E Ainda são muito escasso, em comparação com o tempo de trabalho, os momentos de diversão.

07. VUNESP – CÂMARA DE ITAQUAQUECETUBA – SP – JORNALISTA - 2018

Assinale a alternativa que atende à norma-padrão de concordância nominal.

A Durante os intervalos do Super Bowl, anúncios publicitários são difundido para exaltar os benefícios do abacate.

B Os ecologistas mantêm-se alerta quanto à dizimação de terras florestais para ampliar os campos de abacate.

C Os ecologistas querem que menas áreas florestais sejam utilizadas para a produção do abacate no México.

D O abacate e o petróleo junto movimentam a economia do México, gerando lucros para o país.

E Grandes quantidade de abacate são consumidas durante um jogo de futebol americano, como o Super Bowl.

08. VUNESP – PREFEITURA DE BARRETOS – SP – AGENTE ADMINISTRATIVO - 2018

Assinale a alternativa em que a concordância nominal está de acordo com a norma-pardão.

A Dizem que uma caixa de morangos tem menas vitaminas do que uma laranja lima.

B Mesmo em época de safra de lichia, essa fruta custa caro. Ela é caríssima, na verdade.

C Por trazer benefícios à saúde, a banana é recomendado pelos médicos.

D Kiwi e abacaxi: os nutricionistas consideram que os dois são benéfico para a saúde.

E Já paguei ao feirante pelas frutas que consumi: agora estou quites com ele.

09. VUNESP – PC – SP – PAPILOSCOPISTA POLICIAL - 2018

Assinale a alternativa que atende à norma-padrão de concordância nominal.

A Considerado o índice de inflação, o rendimento médio do país não passou de R$ 2.169 mensais – equivalente ao do mesmo período de 2017.

B As atividades econômicas no início deste ano têm se mostrado, em geral, fraca, dados os indicadores do mundo do emprego.

C Os indicadores de confiança econômica utilizado na pesquisa detectaram ligeiro aumento do pessimismo em relação aos próximos meses.

D Bastante dúvidas em torno da força e da persistência da retomada do crescimento econômico se acentuaram com dados do IBGE.

E Permanece precária a oferta de empregos, os quais, em muitos casos, caracterizam-se por serem informal e mal remunerado.

10. VUNESP – PREFEITURA DE SÃO PAULO – SP – ENGENHEIRO CIVIL - 2018

Assinale a alternativa que preenche as lacunas do trecho a seguir, de acordo com a norma-padrão de concordância nominal.

Não se pode crer em ___________________*. A reportagem é falaciosa e nela há* ___________________ *elementos que justifiquem reações da justiça,* ___________________*. Os* ___________________ *informados poderão identificar as inverdades.*

A meia-verdades … bastante … o mais rigorosa possível … mais bem

B meias-verdades … bastantes … o mais rigorosas possível … mais bem

C meia-verdades … bastantes … o mais rigorosas possível … melhor

D meias-verdades … bastante … o mais rigorosas possíveis … melhor

E meias-verdades … bastante … o mais rigorosas possíveis … mais bem

11. FCC – PREFEITURA DE RECIFE – ASSISTENTE DE GESTÃO PÚBLICA - 2019

Atende às regras de concordância da norma-padrão a seguinte frase:

A Os cidadãos são bombardeado com notícias falsas com o propósito de dissuadi-las de vacinar suas crianças.

B Notícias falsas é o que tem deixado alarmado quanto à vacinação grande parte da população.

C As pessoas tornam improdutivo o esforço governamental de proteger os brasileiros de doenças evitáveis.

D Quando a criança não é vacinada contra determinada doença, sua saúde fica gravemente comprometido.

E Nos últimos anos, tem sido registrado uma queda na cobertura vacinal de crianças menores de dois anos.

12. FCC – PREFEITURA DE RECIFE – ASSISTENTE DE GESTÃO PÚBLICA - 2019

Está redigido em conformidade com a concordância da norma-padrão o livre comentário sobre o texto:

A Os cidadãos de algumas cidades inteligentes já se faz ouvir por meio de plataformas digitais.

B Padrões insustentáveis de consumo, degradação ambiental, desigualdade persistente, tudo afetam as cidades modernas.

C Quando consultado pelo Fórum, os especialistas discorreram sobre como as cidades vão se adaptar à era da digitalização.

D É possível que a vida das pessoas nas cidades se tornem mais fáceis serem vividas com a digitalização.

E Segundo algumas previsões, 70% da população mundial deverá habitar as cidades até 2050.

13. FGV – DPE / RJ – TÉCNICO MÉDIO DE DEFENSORIA PÚBLICA – 2019

Texto 2

“Em linhas gerais a arquitetura brasileira sempre conservou a boa tradição da arquitetura portuguesa. De Portugal, desde o descobrimento do Brasil, vieram para aqui os fundamentos típicos da arquitetura colonial. Não se verificou, todavia, uma transplantação integral de gosto e de estilo, porque as novas condições de vida em clima e terras diferentes impuseram adaptações e mesmo improvisações que acabariam por dar à do Brasil uma feição um tanto diferente da arquitetura genuinamente portuguesa ou de feição portuguesa. E como arquitetura portuguesa, nesse caso, cumpre reconhecer a de característica ou de estilo barroco”.

(Luís Jardim, Arquitetura brasileira. Cultura, SP: 1952)

No texto 2 há uma série de adjetivos que se referem a substantivos e com eles concordam; a opção em que essa relação de concordância está errada é:

A integral / transplantação;

B novas / condições;

C terras / diferentes;

D diferente / feição;

E barroco / característica ou estilo.

14. FGV – ALERJ – ESPECIALISTA LEGISLATIVO – REGISTRO DE DEBATES – 2017

Considerando a concordância nominal, a frase correta é:

A A professora mesmo advertiu o aluno;

B Os uniformes das garçonetes eram cinzas;

C Foi muito comentado pelos jornais a fala do Presidente;

D Os imigrantes trabalharam bastante dias na obra;

E A cor rosa-clara da parede ficou bem.

15. FGV – AL - RO – ANALISTA LEGISLATIVO – REDAÇÃO E REVISÃO - 2018

Em todas as frases a seguir foram sublinhados o adjetivo e o termo substantivo a que ele se refere e com que concorda; assinale a frase em que essa referência está indicada corretamente.

A “Ser marido é um trabalho de tempo integral.”

B “A cachaça de Minas é das mais saborosas do país.”

C “Os maridos das mulheres de que gostamos são sempre uns imbecis.”

D “É preciso realmente que um homem morra para que outros possam apurar o seu justo valor.”

E “Há quem esteja disposto a morrer para fazer com que morram os seus inimigos.”

16. CESPE – IPHAN– CONHECIMENTOS BÁSICOS – NÍVEL SUPERIOR – 2018

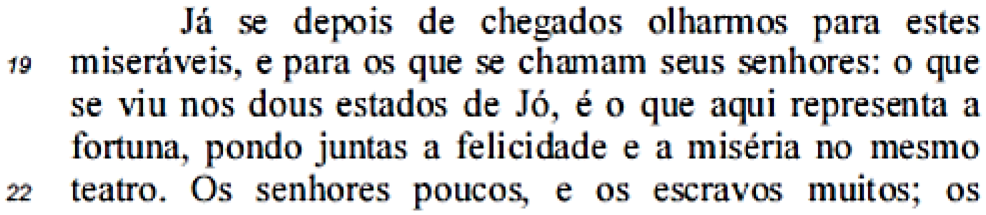

Já se depois de chegados olharmos para estes miseráveis, e para os que se chamam seus senhores: o que se viu nos dous estados de Jó, é o que aqui representa a fortuna, pondo juntas a felicidade e a miséria no mesmo teatro. Os senhores poucos, e os escravos muitos; os

Com relação aos sentidos e aos aspectos linguísticos do texto precedente, julgue o item que segue.

A substituição do vocábulo “juntas” (ℓ.21) por **junto** alteraria os sentidos originais do texto, porém sua correção gramatical seria mantida.

Certo

Errado

17. CESPE – IFF– CONHECIMENTOS GERAIS – 2018

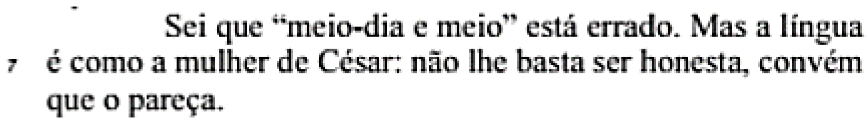

Sei que “meio-dia e meio” está errado. Mas a língua é como a mulher de César: não lhe basta ser honesta, convém que o pareça.

A expressão ‘meio-dia e meio’ (ℓ.6) está errada porque

A a repetição de ‘meio’ deve ser evitada na mesma frase.

B o emprego do hífen na expressão contraria o novo acordo ortográfico.

C a concordância deve ser feita com a ideia de hora — meia hora

D a única forma correta é ‘meio-dia e trinta’ (ℓ.13).

E ‘meio’ provoca erro de regência.

18. CESPE – STM – ANALISTA JUDICIÁRIO – REVISÃO DE TEXTO - 2018

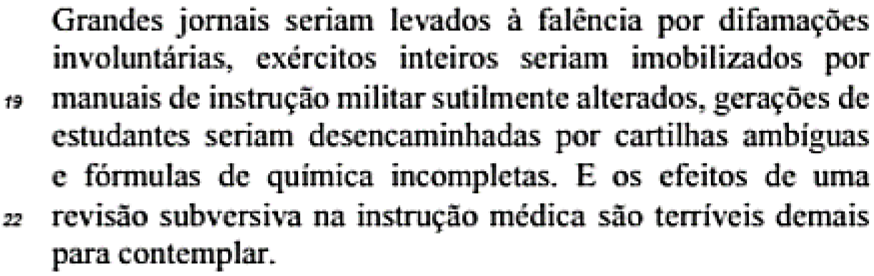

Grandes jornais seriam levados à falência por difamações involuntárias, exércitos inteiros seriam imobilizados por manuais de instrução militar sutilmente alterados, gerações de estudantes seriam desencaminhadas por cartilhas ambíguas e fórmulas de química incompletas. E os efeitos de uma revisão subversiva na instrução médica são terríveis demais para contemplar.

Em relação às estruturas linguísticas e às ideias do texto 6A4AAA e aos múltiplos aspectos a ele relacionados, julgue o item seguinte.

A substituição da forma verbal “desencaminhadas” (ℓ .20) por desencaminhados manteria a correção gramatical e a coerência textual, caso em que passaria a concordar com “estudantes” (ℓ .20).

Certo

Errado

GABARITO

01.E
02.C
03.D
04.B
05.D
06.A
07.B
08.B
09.A
10.B
11.C
12.E
13.C
14.E
15.E
16.ERRADO
17.C
18.ERRADO

Português

Sintaxe - Estilística - Recursos Semânticos - [Difícil]

01 - (UNIRIO RJ)

TEXTO I

Luz do Sol

Luz do sol,
Que a folha traga e traduz
Em verde novo, em folha, em graça,
Em vida, em força e em luz
Céu azul,
Que vem até aonde os pés tocam a terra
E a terra expira e exala seus azuis.

Reza, reza o rio,
Córrego pro rio,
O rio pro mar.
Reza a correnteza,
Roça a beira,
Doura a areia.

Marcha o homem sobre o chão,

Leva no coração uma ferida acesa.

Dono do sim e do não

Diante da visão da infinita beleza

Finda por ferir com a mão essa delicadeza,

A coisa mais querida:

A glória da vida.

Caetano Veloso

O homem marca-se, no texto, por:

a) neutralidade

b) complacência

c) clemência

d) adversidade

e) indulgência

02 - (UNIFOR CE)

Outro dia, falando na vida do caboclo nordestino, eu disse aqui que ele não era infeliz. Ou não se sente infeliz, o que dá no mesmo. Mas é preciso compreender quanto varia o conceito de felicidade entre o homem urbano e essa nossa variedade de brasileiro rural. Para o homem da cidade, ser feliz se traduz em "ter coisas": ter apartamento, rádio, geladeira, televisão, bicicleta, automóvel. Quanto mais engenhocas mecânicas possuir, mais feliz se presume. Para isso se escraviza, trabalha dia e noite e se gaba de bem sucedido. O homem daqui, seu conceito de felicidade é muito mais subjetivo: ser feliz não é ter coisas; ser feliz é ser livre, não precisar de trabalhar. E, mormente, não trabalhar obrigado. Trabalhar à vontade do corpo, quando há necessidade inadiável. Tipicamente, os três dias de jornal por semana que o morador deve a fazenda, segundo o costume, são chamados "a sujeição". O melhor patrão do mundo não é o que paga mais, é o que não exige sujeição. E a situação de meeiro é considerada ideal, não porque permita um maior desafogo econômico – o que nem sempre acontece – mas sim porque meeiro não é sujeito.

(Rached de Queiroz. Cem crônicas escolhidas. Rio de Janeiro: J. Olympio Editora, 1989. p. 216)

Há conotação em:

a) Outro dia eu disse que ele não era infeliz.

b) Ou não se sente infeliz, o que dá no mesmo.

c) E a situação de meeiro é considerada ideal.

d) Ser feliz não é ter coisas.

e) Para isso se escraviza, trabalha dia e noite.

03 - (Mackenzie SP)

Antes de concluir este capítulo, fui à janela indagar da noite por que razão os sonhos hão de ser assim tão tênues que se esgarçam ao menor abrir de olhos ou voltar de corpo, e não continuam mais. A noite não me respondeu logo. Estava deliciosamente bela, os morros palejavam de luar e o espaço morria de silêncio. Como eu insistisse, declarou-me que os sonhos já não pertencem à sua jurisdição. Quando eles moravam na ilha que Luciano lhes deu, onde ela tinha o seu palácio, e donde os fazia sair com as suas caras de vária feição, dar-me-ia explicações possíveis. Mas os tempos mudaram tudo. Os sonhos antigos foram aposentados, e os modernos moram no cérebro da pessoa. Estes, ainda que quisessem imitar os outros, não poderiam fazê-lo; a ilha dos Sonhos, como a dos Amores, como todas as ilhas de todos os mares, são agora objeto da ambição e da rivalidade da Europa e dos Estados Unidos.

Machado de Assis – D.Casmurro

palejavam: tornavam pálidos

Assinale a alternativa correta.

a) fui à janela indagar da noite (linha 1) é conclusão de A noite não me respondeu logo (linha 2)

b) os sonhos hão de ser assim tão tênues (linha 1) é conseqüência de que se esgarçam ao menor abrir de olhos (linhas 1 e 2)

c) a ilha dos Sonhos, como a dos Amores, como todas as ilhas de todos os mares, são agora objeto da ambição e da rivalidade da Europa e dos Estados Unidos (linhas de 6 a 7) é explicação de não poderiam fazê-lo (linha 6).

d) Como eu insistisse (linha 3) estabelece relação de comparação com declarou-me (linha 3).

e) por que os sonhos hão de ser assim tão tênues que se esgarçam ao menor abrir de olhos (linhas 1 e 2) é causa de Antes de concluir este capítulo fui à janela indagar da noite (linha 1)

04 - (IBMEC SP)

No capítulo “Do trapézio e outras coisas” das **Memórias póstumas de Brás Cubas**, o narrador começa dizendo que Marcela o amou “durante quinze meses e onze contos de réis”. Essa associação sintática de elementos que parecem incompatíveis semanticamente é um recurso muito comum na obra machadiana e, dentre as opções abaixo, só **NÃO** ocorre em:

a) “Gastei trinta dias para ir do Rocio Grande ao coração de Marcela”.

b) “(...) cogitei (...) se não haveria outro meio razoável de combinar o Estado e a Gamboa”.

c) “Talvez espante ao leitor a franqueza com que lhe exponho e realço a minha mediocridade”.

d) “(...) foste aí pela estrada da vida, manquejando da perna e do amor”.

e) “(...) o Humanitismo não excluía nada: as guerras de Napoleão e uma contenda de cabras eram, segundo a nossa doutrina, a mesma sublimidade”.

TEXTO: 1 - Comum à questão: 5

A MENTE É COMPORTAMENTO

Ao contrário de algo imaterial ou de algum tipo de evento interno,

os processos mentais seriam, para o Behaviorismo Radical,

relações comportamentais

[1] Existem duas ideias comumente associadas ao Behaviorismo. A primeira delas é a [2] de que o Behaviorismo seria uma psicologia da caixa-preta, de acordo com a qual não seria [3] possível estudar o que ocorre no mundo mental, já que este mundo seria inacessível à [4] Ciência empírica. A única

alternativa que restaria, na tentativa de explicar o comportamento, [5] seria analisar as relações entre estímulos e respostas, estas sim observáveis. Neste caso, o [6] "Behaviorismo caixa-preta" consistiria numa Psicologia dualista e incompleta, pois assumiria [7] que, além de existir um mundo mental inalcançável (daí o dualismo), este mundo não seria [8] passível de tratamento científico e, portanto, a Psicologia deveria resignar-se ao estudo de [9] estímulo-resposta (daí a incompletude).

[10] A segunda ideia usualmente agregada ao Behaviorismo é a de que este seria uma [11] Psicologia sem mente; uma abordagem cujo propósito seria, de certo modo, justamente [12] eliminar da Psicologia o seu próprio prefixo. Há aqui a tese do "Behaviorismo eliminativista": [13] a mente seria um engodo, uma anomalia linguística. O que de fato existe e que, por isso, é o [14] que deve ser estudado na Psicologia são relações estímulo-resposta.

[15] É importante notar que, aliada tanto ao Behaviorismo caixa-preta quanto ao [16] Behaviorismo eliminativista, há a crítica da simplificação: qualquer que seja o seu [17] posicionamento acerca da mente, o Behaviorismo peca por tentar reduzir a complexidade do [18] comportamento humano a meras relações estímulo-resposta.

[19] Ora, se não há mente ou se ela é algo inalcançável pela Ciência, e se estas são as [20] duas teses associadas ao Behaviorismo, como, então, seria possível propor uma análise [21] behaviorista da mente?

[22] Há, porém, uma terceira alternativa, e é sobre esta que discorreremos neste ensaio. [23] O Behaviorismo Radical assume como uma de suas tarefas fundamentais o [24] desenvolvimento de uma explicação alternativa da vida mental. Ou seja, o Behaviorismo [25] Radical não elimina os fenômenos classificados como "mentais", mas os analisa a partir da [26] perspectiva comportamental. Em síntese, a análise behaviorista radical pretende mostrar [27] que *a mente é comportamento*. Essa tese nos coloca a primeira questão: se a mente é [28] comportamento, então o que seria comportamento?

[29] Em linhas gerais, o comportamento é definido, na perspectiva behaviorista radical, [30] como a *relação entre as ações do sujeito e o ambiente*. Mas essa definição nos leva a mais [31] perguntas. O que é ambiente? Ambiente é qualquer evento no universo capaz de afetar o [32] sujeito. Essa afetação, por sua vez, consiste em modificar de alguma forma as suas ações. [33] Algo como um choque, pode gerar resposta de retração da mão que acidentalmente tocou [34] um fio desencapado.

[35] Afetar o sujeito significa modificar o seu comportamento de alguma forma. É [36] importante ressaltar que o ambiente não é necessariamente o que circunda o sujeito, não é [37] o que está fora de sua pele. O próprio sujeito pode ser ambiente para suas ações. A [38] existência de um dente inflamado pode aumentar a probabilidade de que o sujeito vá ao [39] dentista. Isto é, a dor de dente pode mudar o comportamento do sujeito e, por conta desse [40] fato, também é, por definição, ambiente.

41 A outra questão referente à definição de comportamento diz respeito à ação. O que é 42 ação? A ação é o que o sujeito faz e “fazer” indica uma atividade que está sendo realizada 43 num dado intervalo de tempo. Mas não é uma atividade qualquer. É a atividade do sujeito 44 cuja principal característica é o agir sobre e interagir com o ambiente. A ação não é mero 45 movimento. Aliás, pode implicar justamente o contrário. Numa situação em que duas 46 crianças estão disputando para ver quem pisca primeiro, a ausência do piscar – ou seja, de 47 movimento das pálpebras – também é ação.

48 O que define a ação é a sua função e não a sua forma. E mais: a função só é 49 encontrada quando se analisa a relação entre a ação do sujeito e o contexto em que ela 50 ocorre. No exemplo da brincadeira, o contexto era constituído, em parte, pela regra do jogo: 51 quem piscar primeiro, perde. A ação de não piscar das crianças só faz sentido à luz dessa 52 regra. Em outros termos, nós só entenderíamos o que as duas crianças estão fazendo – o 53 que significa conhecer a função de suas ações – se soubéssemos a regra da brincadeira 54 que está controlando o comportamento de ambas naquele momento.

55 Um ponto central da definição behaviorista radical do comportamento é que os dois 56 eventos que o compõem só são definíveis quando postos em relação. O ambiente é 57 qualquer evento no universo que modifica a ação, e as ações são atividades do sujeito 58 definidas em função do contexto ambiental. É por isso que o comportamento é 59 essencialmente um fenômeno relacional.

60 Outro ponto importante da definição de comportamento está em seu caráter 61 dinâmico. O comportamento é um processo contínuo, um fluxo de atividade que nunca 62 cessa: o nosso comportamento só cessará quando deixarmos de interagir com o mundo. 63 Somente a morte é capaz de providenciar a ocorrência plena dessa condição. Sendo assim, 64 o comportamento é definido pelo Behaviorismo Radical como o processo contínuo de 65 relação entre o ambiente e as ações do sujeito.

66 É imprescindível ressaltar que essa definição de comportamento em nada equivale à 67 simplificação pejorativa do fenômeno a uma mera relação estímulo-resposta sobre a qual 68 falamos no início deste ensaio. As relações comportamentais não se reduzem 69 necessariamente a unidades estímulo-resposta cujas características seriam ditadas pelas 70 propriedades físicas dos eventos e não pelas relações funcionais entre eles.

ZILIO, Carlos. A mente é comportamento. **Filosofia.**
Ano VI, ed. 63, set. 2012. p. 47-49. (Adaptado)

05 - (UFU MG)

Com base no texto, uma paráfrase possível para o enunciado “O que define a ação é a sua função e não a sua forma” (Ref. 48) é:

a) O que define a ação não é o modo como ela é realizada, mas se o sujeito se movimenta em relação ao ambiente.

b) O que define a ação não é se ela é realizada adequadamente, mas se ela afeta positivamente algum objeto.

c) O que define a ação não é se ela afeta o ambiente, mas o modo como ela é realizada.

d) O que define a ação não é o movimento, mas se a atividade do sujeito interage com o ambiente.

TEXTO: 2 - Comum à questão: 6

O caminho para uma saúde de qualidade

[1] A Constituição de 1988 definiu um conjunto [2] de direitos à saúde para todos os brasileiros, sem [3] explicitar como alcançá-los, a que custo e com [4] base em que estratégia. O projeto do SUS patinou [5] entre 1988 e 1994, em grande medida, em função [6] da instabilidade econômica, da falta de uma [7] estratégia de implementação e da incapacidade [8] do governo de deliberar corretamente os primeiros [9] passos para o funcionamento do sistema. A [10] situação melhorou a partir de 1994. No rastro da [11] estabilização econômica, iniciaram-se estratégias [12] para implementar o SUS. (...)

[13] Apesar de todas essas mudanças, a [14] população brasileira continua tendo uma visão [15] pouco alentadora das políticas de saúde no Brasil. [16] Em 2011, a saúde era o maior problema na vida [17] de 52% dos brasileiros, não havendo outro [18] problema que o superasse. Entre dezembro de [19] 2011 e março de 2012, o percentual de aprovaçã o [20] da política de saúde implementada pelo atual [21] governo cresceu de 30% para 34%, mas cerca de [22] 63% dos brasileiros, de acordo com uma pesquisa [23] CNI-Ibope, desaprovavam a política de saúde do [24] governo.

[25] Por que os brasileiros avaliam mal as [26] políticas governamentais de saúde? Porque o [27] tempo de espera para o atendimento é muito [28] elevado e maior entre os mais pobres e entre [29] aqueles situados nas regiões onde os serviços de [30] saúde não estão bem organizados. Porque faltam [31] médicos e profissionais de saúde para o [32] atendimento, especialmente nos pequenos [33] municípios ou nas áreas de difícil acesso. Porque [34] faltam medicamentos básicos nos serviços de [35] saúde, levando os pacientes a comprar [36] medicamentos por aconselhamento de amigos,[37] parentes ou

farmacêuticos, gastando boa parte de [38] sua renda com isso. Porque a atenção básica não [39] tem aumentado na velocidade suficiente para [40] integrar os mais pobres aos serviços de saúde.

André Médici. Revista **Época**, 3 de junho de 2012. Adaptado

06 - (USP Faculdade de Saúde Pública SP)

Em “A Constituição de 1988 definiu um conjunto de direitos à saúde para todos os brasileiros, sem explicitar como alcançá-los, a que custo e com base em que estratégia”, o trecho sublinhado foi reconstruído sem perda de informação e com ganho para a clareza e a correção em:

a) sem explicitar como alcançá-los nem, tampouco, a que custo e por meio de que estratégias fazê-lo.

b) seja sem explicitar como alcançá-los, sejam os meios concretos de obtê-los.

c) não explicitando como alcançá-los, nem, em contrapartida, explicitando os meios e custos para fazê-los.

d) deixando, entretanto, de explicitar como alcançá-los, assim como consumara os custos e meios de obtê-los.

e) sem que, no entanto, explicitasse conforme alcançá-los, custeá-los e metodizá-los de acordo.

TEXTO: 3 - Comum à questão: 7

[1] Sabe-se que dietas com alta densidade [2] energética, ricas em gorduras (particularmente as [3] de origem animal) e pobres em fibras alimentares, [4] associadas à redução da atividade física, ao [5] tabagismo e ao consumo excessivo de álcool [6] podem explicar parte substancial dos casos de [7] algumas doenças crônicas como, por exemplo, a [8] obesidade, as doenças cardiovasculares, o [9] diabetes mellitus e a síndrome metabólica, tanto [10] em países desenvolvidos como em [11] desenvolvimento.

[12] Neumann et al., em estudo transversal realizado [13] no Município de São Paulo, Brasil, encontraram [14] associações positivas e estatisticamente [15] significantes entre maior risco

cardiovascular e [16] padrões de consumo de alimentos caracterizados, [17] entre outros, pela maior ingestão habitual de [18] açúcares, gorduras saturadas, sal de adição e [19] álcool.

[20] Como apontaram Alves et al., Lenz et al. e Hu, [21] em estudos epidemiológicos em que se pretende [22] investigar o papel da dieta no desenvolvimento de [23] doenças crônicas, a avaliação dos padrões de [24] consumo de alimentos apresenta vantagens em [25] relação ao procedimento tradicional que considera [26] apenas a ingestão dos nutrientes, isoladamente. [27] Tal abordagem permite, com maior facilidade, [28] estabelecer estratégias factíveis para a prevenção [29] ou tratamento das doenças.

[30] Diversos fatores interferem nas opções [31] alimentares de indivíduos ou populações, entre [32] eles, os biológicos (sexo, idade, etnia), [33] socioeconômicos (renda e escolaridade) e de [34] estilo de vida (tabagismo, atividade física). Além [35] disso, como mostraram Levy-Costa et al. e Sichieri [36] et al., a disponibilidade local/regional de alimentos [37] tem papel importante na definição de tais padrões, [38] indicando que variáveis relacionadas [39] exclusivamente ao indivíduo não são suficientes [40] para explicá-los.

[41] Assim, dentro desse contexto, o presente [42] estudo teve como objetivos descrever os padrões [43] de consumo de alimentos mais frequentemente [44] encontrados entre residentes no Município de [45] Ribeirão Preto, São Paulo, e identificar quais [46] fatores se associam a eles (sociodemográficos, de [47] estilo de vida e de saúde).

Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 27(3):533-545, mar, 2011. Adaptado.

07 - (USP Faculdade de Saúde Pública SP)

No primeiro parágrafo do excerto, o termo “ocorrentes” (ou expressão sinônima) faz falta imediatamente antes da expressão

a) “com alta”. (Ref. 1)

b) “podem explicar”. (Ref. 6)

c) “dos casos”. (Ref 6)

d) “doenças cardiovasculares”. (Ref. 8)

e) “tanto em países”. (Refs. 9-10)

TEXTO: 4 - Comum à questão: 8

Texto I

Deixas criar às portas o inimigo,

Por ires buscar outro de tão longe,

Por quem se despovoe o Reino antigo,

Se enfraqueça e se vá deitando a longe?

Buscas o incerto e incógnito perigo

Por que a Fama te exalte e te lisonje

Chamando-te senhor, com larga cópia,

Da Índia, Pérsia, Arábia e de Etiópia?

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Edição crítica de Francisco da Silveira Bueno. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000, p. 78)

Texto II

Por que tanta oceania? tanta etiópia

por fogo e ferro sempre conquistadas?

Por que tanta aflição por tanta cópia

salvadores de terras fatigadas?

Cornualhas desse mundo, cornucópia

de promessas jamais realizadas?

Por que esse messianismo vos lisonje

pretendeis encarnar o que está longe.

(LIMA, Jorge de. *Invenção de Orfeu*. Rio de Janeiro: Record, 2005, p. 87)

08 - (UFJF MG)

No texto de Camões (Texto I) a designação das terras longínquas, dos destinos buscados pela navegação portuguesa, é específica. Jorge de Lima (Texto II), no entanto, prefere um sentido metafórico. Indique a alternativa que melhor descreve os recursos de Lima para obter esse efeito.

a) a substituição da expressão “o que está longe” pelos substantivos “Índia, Pérsia, Arábia”.

b) a repetição do pronome “tanta” e a grafia dos nomes próprios com minúsculas.

c) a substituição dos nomes próprios “Reino” e “Fama” por “oceania”.

d) o paralelismo entre “por tanta cópia” (texto II) e “com larga cópia” (texto I).

e) a semelhança entre “tanta oceania”/ “tanta etiópia” e “tanta aflição”/ “tanta cópia.

GABARITO:

1) Gab:

2) Gab: E

3) Gab: C

4) Gab: C

5) Gab: D

6) Gab: A

7) Gab: E

8) Gab: B

Escolas Literárias Portuguesas

Forma como está dividida a literatura mediante as características apresentadas em cada uma delas.

Era Medieval

Trovadorismo
1189-1434

Humanismo
1434-1527

Era Clássica

Classicismo
1527-1580

Barroco
1580-1756

Arcadismo
1756 - 1825

Era Moderna

Romantismo
1825 - 1865

Realismo
1865-1890

Parnasianismo
1870-1890

Naturalismo
1875-1890

Simbolismo
1890-1915

Modernismo
1915 em diante

Fique Ligado

Para compreender a Literatura Brasileira, sua história e origens, é imprescindível conhecer as origens da Literatura Portuguesa, que influenciou e ainda influencia nossa produção literária.

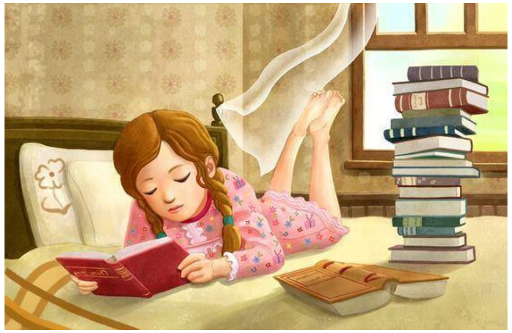

DICA

A história evolui, o pensamento do homem se transforma e a escola literária também muda.

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Escolas Literárias Brasileiras

Estuda os movimentos literários, artistas e obras de uma determinada época com características gerais de estilo e temáticas comuns, e sua sucessão ao longo do tempo.

Era Colonial

- Quinhentismo 1500-1601
- Barroco 1601-1768
- Arcadismo 1768-1808

Era Nacional

- Romantismo 1836-1881
- Realismo 1881-1893
- Naturalismo 1881-1893
- Parnasianismo 1881-1893
- Simbolismo 1893-1910
- Pré-Modernismo 1910-1922
- Modernismo 1922-1950
- Pós-Modernismo 1950 em diante

Fique Ligado

No Brasil, a literatura surge com a colonização do país pelos portugueses. No primeiro momento, não existia propriamente um estilo literário, tratava-se apenas de textos produzidos para informar sobre a colônia.

Os textos literários provocam sensações e produzem efeitos estéticos os quais nos fazem entender melhor nós mesmos, nossas ações bem como a sociedade em que vivemos.

Fica a Dica!

Claudenice Melo

Professora de Língua Portuguesa

PORTUGUÊS

Morfologia - Verbos

Flexão verbal de número

Prof.ª Isabel Vega

Flexão verbal de número

Assim como substantivos e adjetivos, por exemplo, os verbos variam em número, ou seja, podem ser conjugados no singular ou no plural, a fim de concordarem com o sujeito a que se referem.

Ex.: [Maria] acordou cedo.

[João e Maria] acordaram cedo.

Acordaram cedo [Maria e João].

Acordou cedo [Maria e João].

PROFESSORA FABÍOLA RODRIGUES

REDAÇÃO
BANCO DO BRASIL

- Como será
- Temas anteriores
- Três possíveis temas

Redação – Banco do Brasil 2021

DETALHES

- **Banca: Cesgranrio**
- **Tipo textual: dissertativo-argumentativo**
- **Valor: 100 pontos**
- **Pontuação mínima para aprovação: 70 pontos**
- **ATENÇÃO: Caneta preta!**

TEMAS ANTERIORES

- **2015 – É possível conciliar os interesses pessoais do trabalhador e os interesses da organização?**

- **2018 – Que motivação (filantropia ou competitividade) deve nortear ações de responsabilidade social em uma empresa?**

TRÊS NOVOS TEMAS PARA VOCÊ TREINAR

1. **A importância de construir uma empresa socialmente sustentável**
2. **PIX e as inovações bancárias na era digital**
3. **Os impactos da pandemia na economia**

SIGA-ME:

Instagram: @portuguesvirtual
YouTube: youtube.com/c/portuguesvirtual
Passei Direto: passeidireto.com/perfil/portugues-virtual/
Telegram: https://t.me/joinchat/AAAAAE4hCSOff493rMQ4Bw

E-book de **Redação** específico para o concurso do **Banco do Brasil**:

Lançamento dia 20 de julho de 2021.

Adquira pelo site: www.portuguesvirtual.com.br

Português

Sintaxe – Estilística - Recursos Sintáticos – [Difícil]

01 - (FUVEST SP)

Na planície avermelhada, os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala.

(Graciliano Ramos, *Vidas secas*)

Reestruturando-se o terceiro período do texto, mantém-se o sentido original apenas em:

a) A viagem progredira bem três léguas, uma vez que haviam repousado bastante na areia do rio seco, dado que ordinariamente andavam pouco.

b) Haviam repousado bastante na areia do rio seco; a viagem progredira bem três léguas porque ordinariamente andavam pouco.

c) Porque haviam repousado bastante na areia do rio seco, ordinariamente andavam pouco, e a viagem progredira bem três léguas.

d) Ainda que ordinariamente andassem pouco, a viagem progredira bem três léguas, pois haviam repousado bastante na areia do rio seco.

e) Em virtude de andarem ordinariamente pouco e de haverem repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas.

02 - (FUVEST SP)

Um dos recursos expressivos de Guimarães Rosa consiste em deslocar palavras da classe gramatical a que elas pertencem.

Destas frases de “Sorôco, sua mãe, sua filha”, a única em que isso NÃO ocorre é:

a) “...os mais detrás quase que corriam. Foi o de não sair mais da memória”.

b) “...não queria dar-se em espetáculo, mas representava de outroras grandezas”.

c) “...mas depois puxando pela voz ela pegou a cantar”.

d) “...sem jurisprudência, de motivo nem lugar, nenhum, mas pelo antes, pelo depois”.

e) “...

03 - (EsPCEX)

Assinale a alternativa correta, em relação ao significado dos termos em negrito e sublinhados.

a) “*O conto é **bem** curto.*” (qualidade)

b) “*Eu **até** aceitaria seu presente, se não fosse tão caro*.” (modo)

c) “***Até** as palavras não ditas possuem uma magia para aliviar a alma.*” (intensidade)

d) “*Até as palavras não ditas possuem uma magia **para** aliviar a alma.*” (direção)

e) “*Ficarei esperando você, ansiosa, **até** o amanhecer.*” (tempo)

GABARITO:

1) Gab: D

2) Gab: C

3) Gab: E

Língua Portuguesa

Verbos quanto à predicação

Prof. Mauro Sérgio Silva

Nº	VI	VTD	VTI	VTDI	VL
1.	☐	☐	☐	☐	☐
2.	☐	☐	☐	☐	☐
3.	☐	☐	☐	☐	☐
4.	☐	☐	☐	☐	☐
5.	☐	☐	☐	☐	☐
6.	☐	☐	☐	☐	☐
7.	☐	☐	☐	☐	☐
8.	☐	☐	☐	☐	☐
9.	☐	☐	☐	☐	☐
10.	☐	☐	☐	☐	☐
11.	☐	☐	☐	☐	☐
12.	☐	☐	☐	☐	☐
13.	☐	☐	☐	☐	☐
14.	☐	☐	☐	☐	☐
15.	☐	☐	☐	☐	☐
16.	☐	☐	☐	☐	☐
17.	☐	☐	☐	☐	☐
18.	☐	☐	☐	☐	☐
19.	☐	☐	☐	☐	☐
20.	☐	☐	☐	☐	☐
21.	☐	☐	☐	☐	☐
22.	☐	☐	☐	☐	☐
23.	☐	☐	☐	☐	☐
24.	☐	☐	☐	☐	☐
25.	☐	☐	☐	☐	☐
26.	☐	☐	☐	☐	☐
27.	☐	☐	☐	☐	☐
28.	☐	☐	☐	☐	☐
29.	☐	☐	☐	☐	☐
30.	☐	☐	☐	☐	☐
31.	☐	☐	☐	☐	☐
32.	☐	☐	☐	☐	☐
33.	☐	☐	☐	☐	☐
34.	☐	☐	☐	☐	☐
35.	☐	☐	☐	☐	☐
36.	☐	☐	☐	☐	☐
37.	☐	☐	☐	☐	☐

Marque, na tabela, a correta classificação dos verbos quanto à predicação verbal.

1) Nossas encomendas ***chegaram*** anteontem.
2) Eu ***comprei*** um sítio.
3) Ela ***necessita*** de sapatos novos.
4) Rodrigo ***ficou*** doente na madrugada antes da prova.
5) Minha mãe ***deu*** um brinquedo ao meu irmão.
6) Ele não ***derrubou*** meu livro.
7) Eu ***acredito*** na bondade humana.
8) Em agosto, as cerejeiras ***florescem***.
9) Ontem ***emprestei*** minha blusa preferida à minha irmã.
10) Desde aquele episódio, ***andamos*** sempre contentes.
11) Fernando ***morreu*** subitamente.
12) “***Ansiava*** pelo novo dia que vinha nascendo.” (Fernando Sabino)
13) ***Apresentou*** as condolências aos familiares.
14) José ***puxou*** a rede no fim da tarde.
15) Suzana ***chegou*** atrasada.
16) A mulher ***agradava*** o filhinho.
17) Mariana ***emprestou*** o livro a João Roberto.
18) Os atletas ***dormem*** agora.
19) Mauro ***parece*** furioso.
20) ***Comprei*** um terreno e construí a casa.
21) Eu ***penso*** em coisas agradáveis.
22) As mesas e cadeiras ***estão*** deterioradas.
23) A plateia ***é*** toda jovem.
24) “Trabalho honesto ***produz*** riqueza honrada.” (Marquês de Maricá)
25) ***Fico*** feliz com a notícia!
26) A criança ***caiu***.
27) O secretário de transportes não ***assistirá*** o prefeito na greve de ônibus da cidade.
28) No sábado, nós ***assistimos*** ao desfile.
29) Ela ***viajou*** ontem.
30) No inverno, Dona Maria ***dava*** roupa e comida aos pobres.
31) Pedro ***trabalha*** bastante.
32) Ele ***aspirou*** um gás venenoso.
33) A gerente ***conversou*** com o cliente.
34) Dona Rosa ***oferecia*** refeições aos pobres.
35) Sebastião ***encontrou*** o dinheiro embaixo da cama.
36) Ele ***crê*** na sua absolvição em breve.
37) A empresa ***fornece*** comida aos trabalhadores da firma.

☑**VI** - Não precisa de complemento.
☑**VTD** - Pede complemento sem preposição - OD
☑**VTI** - Pede complemento com preposição - OI
☑**VTDI** - Pede dois complementos: um com preposição e outro sem - OD/OI
☑**VL** - Serve de elo entre o sujeito e suas características

Prof. Mauro Sérgio Silva

Gabarito – Loteria gramatical – Verbos quanto à predicação 2
Lição Prática – www.licaopratica.com.br

Nº	VI	VTD	VTI	VTDI	VL
1.	■	☐	☐	☐	☐
2.	☐	■	☐	☐	☐
3.	☐	☐	■	☐	☐
4.	☐	☐	☐	☐	■
5.	☐	☐	☐	■	☐
6.	☐	■	☐	☐	☐
7.	☐	☐	■	☐	☐
8.	■	☐	☐	☐	☐
9.	☐	☐	☐	■	☐
10.	☐	☐	☐	☐	■
11.	■	☐	☐	☐	☐
12.	☐	☐	■	☐	☐
13.	☐	☐	☐	■	☐
14.	☐	■	☐	☐	☐
15.	■	☐	☐	☐	☐
16.	☐	■	☐	☐	☐
17.	☐	☐	☐	■	☐
18.	■	☐	☐	☐	☐
19.	☐	☐	☐	☐	■
20.	☐	■	☐	☐	☐
21.	☐	☐	■	☐	☐
22.	☐	☐	☐	☐	■
23.	☐	☐	☐	☐	■
24.	☐	■	☐	☐	☐
25.	☐	☐	☐	☐	■
26.	■	☐	☐	☐	☐
27.	☐	■	☐	☐	☐
28.	☐	☐	■	☐	☐
29.	■	☐	☐	☐	☐
30.	☐	☐	☐	■	☐
31.	■	☐	☐	☐	☐
32.	☐	■	☐	☐	☐
33.	☐	☐	■	☐	☐
34.	☐	☐	☐	■	☐
35.	☐	☐	■	☐	☐
36.	☐	☐	■	☐	☐
37.	☐	☐	☐	■	☐

Marque, na tabela, a correta classificação dos verbos quanto à predicação verbal.

1) **VI** ▸Nossas encomendas ***chegaram*** anteontem.
2) **VTD** ▸Eu ***comprei*** um sítio.
3) **VTI** ▸Ela ***necessita*** de sapatos novos.
4) **VL** ▸Rodrigo ***ficou*** doente na madrugada antes da prova.
5) **VTDI** ▸Minha mãe ***deu*** um brinquedo ao meu irmão.
6) **VTD** ▸Ele não ***derrubou*** meu livro.
7) **VTI** ▸Eu ***acredito*** na bondade humana.
8) **VI** ▸Em agosto, as cerejeiras ***florescem***.
9) **VTDI** ▸Ontem ***emprestei*** minha blusa preferida à minha irmã.
10) **VL** ▸Desde aquele episódio, ***andamos*** sempre contentes.
11) **VI** ▸Fernando ***morreu*** subitamente.
12) **VTI** ▸ "***Ansiava*** pelo novo dia que vinha nascendo." (Fernando Sabino)
13) **VTDI** ▸***Apresentou*** as condolências aos familiares.
14) **VTD** ▸José ***puxou*** a rede no fim da tarde.
15) **VI** ▸Suzana ***chegou*** atrasada.
16) **VTD** ▸A mulher ***agradava*** o filhinho.
17) **VTDI** ▸Mariana ***emprestou*** o livro a João Roberto.
18) **VI** ▸Os atletas ***dormem*** agora.
19) **VL** ▸Mauro ***parece*** furioso.
20) **VTD** ***Comprei*** um terreno e construí a casa.

Prof. Mauro Sérgio Silva

21) **VTI** ▸Eu ***penso*** em coisas agradáveis.
22) **VL** ▸As mesas e cadeiras ***estão*** deterioradas.
23) **VL** ▸A plateia ***é*** toda jovem.
24) **VTD** ▸ "Trabalho honesto ***produz*** riqueza honrada." (Marquês de Maricá)
25) **VL** ▸***Fico*** feliz com a notícia!
26) **VI** ▸A criança ***caiu***.
27) **VTD** ▸O secretário de transportes não ***assistirá*** o prefeito na greve de ônibus da cidade.
28) **VTI** ▸No sábado, nós ***assistimos*** ao desfile.
29) **VI** ▸Ela ***viajou*** ontem.
30) **VTDI** ▸No inverno, Dona Maria ***dava*** roupa e comida aos pobres.
31) **VI** ▸Pedro ***trabalha*** bastante.
32) **VTD** ▸Ele ***aspirou*** um gás venenoso.
33) **VTI** ▸A gerente ***conversou*** com o cliente.
34) **VTDI** ▸Dona Rosa ***oferecia*** refeições aos pobres.
35) **VTI** ▸Sebastião ***encontrou*** o dinheiro embaixo da cama.
36) **VTI** ▸Ele ***crê*** na sua absolvição em breve.
37) **VTDI** ▸A empresa ***fornece*** comida aos trabalhadores da firma.

CRASE

- Trata-se da contração da preposição *a* com um artigo ou um pronome.
- Indicada pelo acento grave

✓ Método prático:

trocar a palavra feminina por outra masculina.

Se no masculino aparecer obrigatoriamente *ao* ou *aos*, haverá crase no feminino.

Exemplo:

Ela foi à igreja. / Ela foi ao teatro.
Refiro-me a meninas. / Refiro-me a meninos.

CRASE

1- Com a expressão “ à moda de”, mesmo que subtendida - sempre se usa crase.

Fez uma jogada à **Ronaldinho Gaúcho.**

Vestia-se **à Luis XIV.**

Cantava **à Caetano.**

CRASE

2- Crase Facultativa

Fui **até a casa .** / Fui **até à casa**.

Respondi **a sua** irmã . **/** Respondi **à sua** irmã

Entreguei a carta **a Joana**. / Entreguei a carta **à Joana**.

CRASE

3 – Crase em lugares:

Vou **à** Bahia. (Volto da Bahia)

Fui **a** Roma (volto de Roma)

CRASE

4 – Crase proibida:

Refiro-me a **Carlos.** / Pinto a **óleo.**

Refiro-me a **pessoas** que estão aqui./ Volto daqui a **três** dias.

Estava a **estudar.** / Estou disposta **a passar.**

Estavam **cara a cara.** / Fiquei **frente a frente** com ele.

Referia-me a **uma** valsa.

CRASE

5- Com as palavras distância, casa e terra – crase obrigatória apenas se elas vierem determinadas.

Estava **a distância** do grupo. / Estava **à distância** de **50 metros**.
Cheguei **a casa** hoje./ Cheguei **à casa** de **meus pais**.
Os marinheiros chegaram **a terra**./ Chegaram **à Terra**. /
Chegaram **à terra** em **que nasceram**.

CRASE

6- Exceções:

Eis a moça **à qual** me referi./ Eis a moça **à que** me referi.
Refiro-me **àquele** menino.
Refiro-me **àquele** menina.
Refiro-me **àquilo** que vi.

CRASE

7- Com os pronomes de tratamento

Senhora, senhorita, madame , dona – crase facultativa.

Refiro-me **a Dona** Mariana. / Refiro-me **à Dona** Mariana.
Refiro-me **a Senhora** Mariana./ Refiro-me **à Senhora** Mariana.

CRASE

8- Com as horas:

Chegarei **às três** horas.

Sairei daqui **a uma hora.**

CRASE

9- Obedecer ao paralelismo:

Se tem artigo de um lado, tem do outro – por isso a crase.

Prefiro maça **a** torta. / Prefiro **a** maçã **à** torta.

Ficarei **de** 8 **a** 13./ Ficarei **das** 8 **às** 13.

ESCOLA ESTADUAL PROF. ANTONIO RUY CARDOSO

Nome: ____ **Nº** ___________**Série/Ano:** ________
Professora: ____________________________ **3º Bimestre**

LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS NÃO VERBAIS

LEIA OSTEXTOS COM BASTANTE ATENÇÃO ANTES DE RESPONDER ÀS QUESTÕES A SEGUIR.

1. Observe a imagem:,

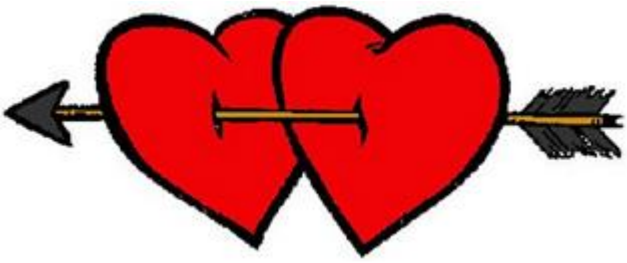

A imagem dos corações unidos pela flecha expressa;
a) sofrimento.
b) dor.
c) paixão.
d) raiva.

2. Observe a imagem abaixo:

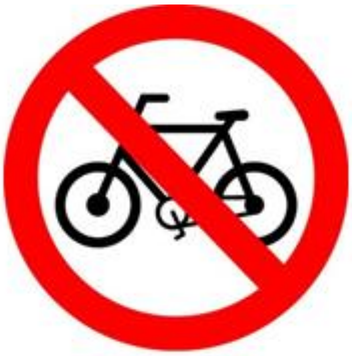

A imagem da bicicleta com uma tarja (faixa) vermelha significa que;
a) não existem bicicletas.
b) não se precisa de bicicletas.
c) não é permitido parar bicicletas.
d) não é permitido andar de bicicleta.

3. Observe as quatro imagens abaixo.

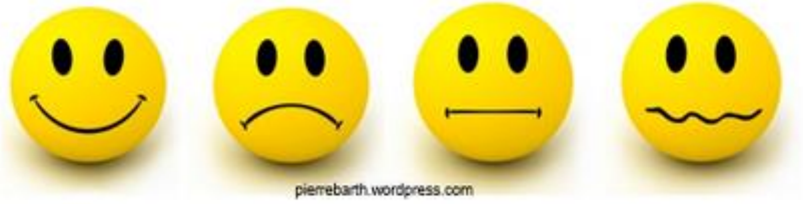

pierrebarth.wordpress.com

Essas imagens são conhecidas por “emoticons”. Elas são muito utilizadas para expressar sentimentos ;
a) em celulares e na internet.
b) em celulares e em programas de televisão.
c) em redes sociais e em programas de televisão. .
d) em agendas escolares como adesivos.

4. Leia a imagem abaixo.

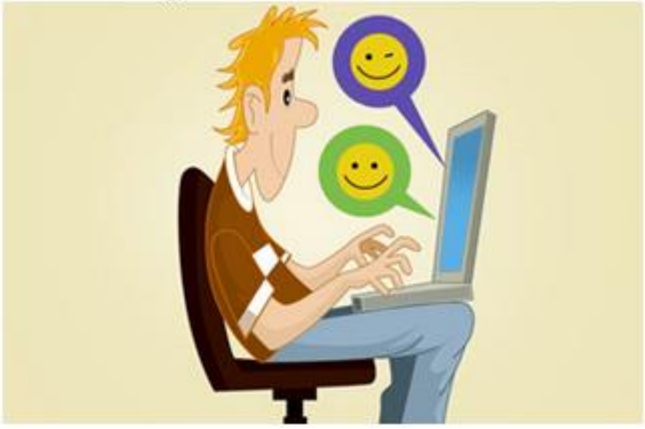

Observando a imagem, vemos que o homem está feliz. Esta possibilidade de leitura só é possível, porque;
a) seu olhar está fixo na tela do computador.
b) pela posição de seus dedos no teclado.
c) seu computador está apoiado em suas pernas.
d) seu sorriso expressa e os “emoticons “ também.

5. Leia a placa abaixo:

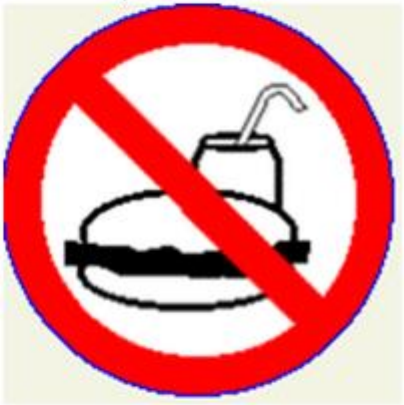

Essa placa orienta as pessoas. Pelo sanduíche e pela bebida que são mostrados, podemos dizer que ;
a) sanduíches e refrigerantes são proibidos.
b) sanduíches e refrigerantes não fazem bem.
c) é proibido comer e beber.
d) é proibido usar canudinho.

6. Observe a imagem:

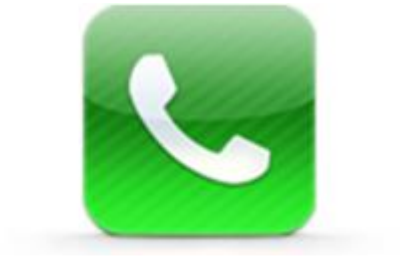

Pela imagem acima, podemos dizer que:
a) a televisão está sendo usada.
b) a lavadora está sendo usada.
c) o computador está sendo usado.
d) o celular está sendo usado.

7. Observe a imagem abaixo:

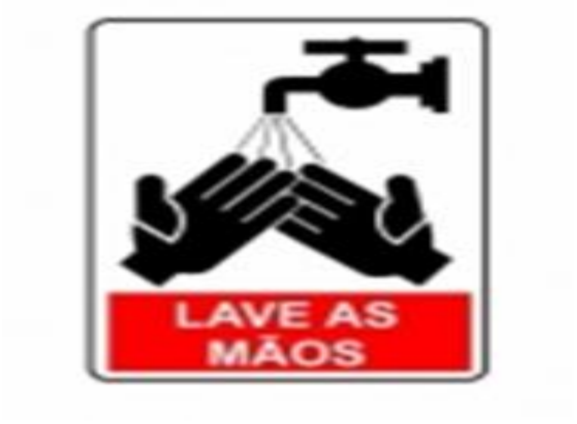

Nessa orientação a mensagem pode ser lida de duas formas. Tanto através ;
a) da imagem da torneira aberta, como da escrita.
b) da imagem da água, como da tarja vermelha.
c) da torneira, como das mãos embaixo dela.
d) da água caindo, como das mãos embaixo da torneira aberta.

8. Leia a historinha dos “ Quiabos” abaixo, através das imagens:

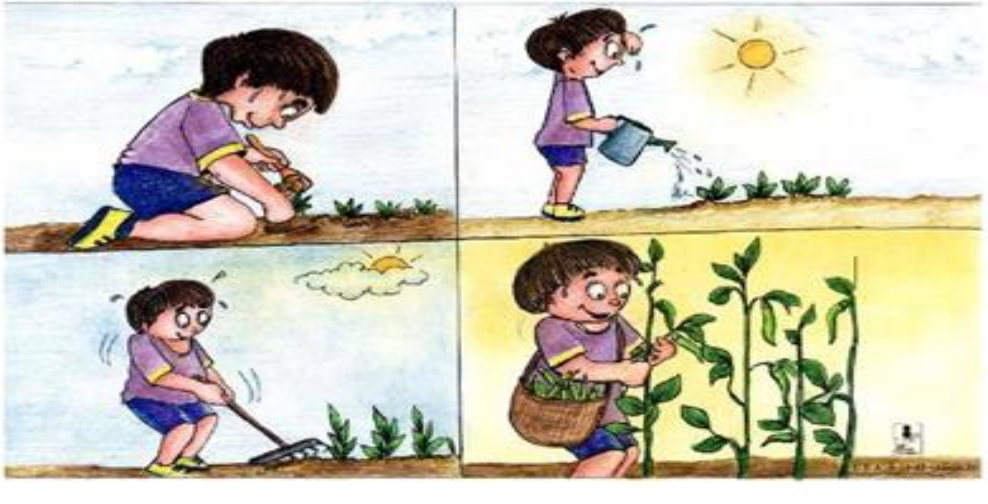

Lendo as imagens sobre os “Quiabos”, entendemos que;
a) o menino trabalhou o dia todo.
b) o menino tirou todos os quiabos do pé.
c) o menino plantou, cuidou e colheu quiabos.

d) o menino regou poucos pés de quiabo.

9. Leia:

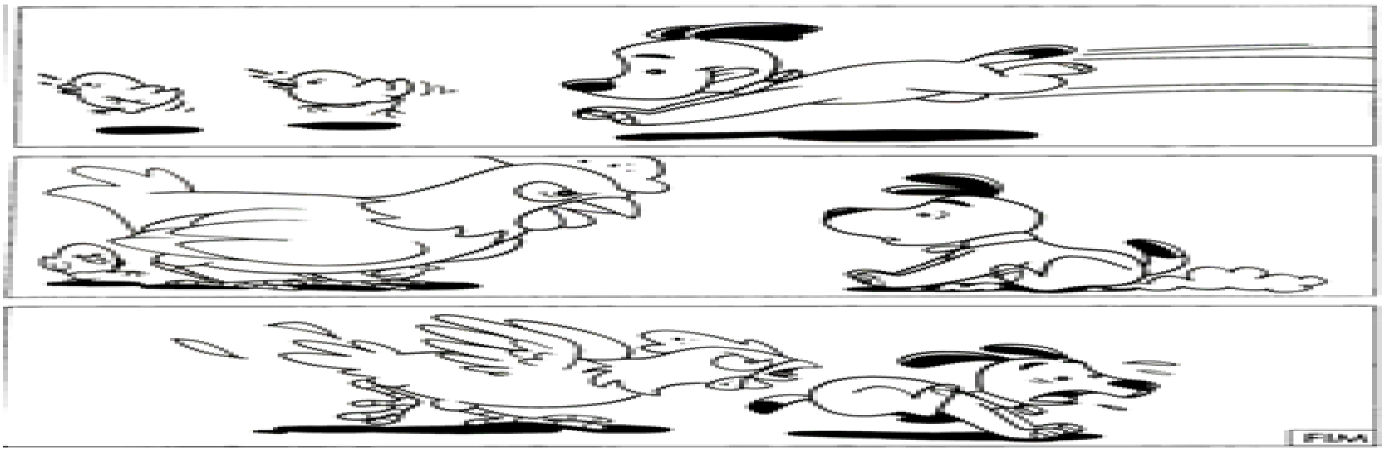

Lendo o HQ (História em quadrinhos) acima, percebemos que o galo corre atrás do cachorro, porque;
a) o cachorro estava correndo atrás dos pintinhos.
b) o cachorro e o galo estão brincando de pega-pega.
c) é um animal raivoso.
d) quer bicar o cachorro.

10. Leia:

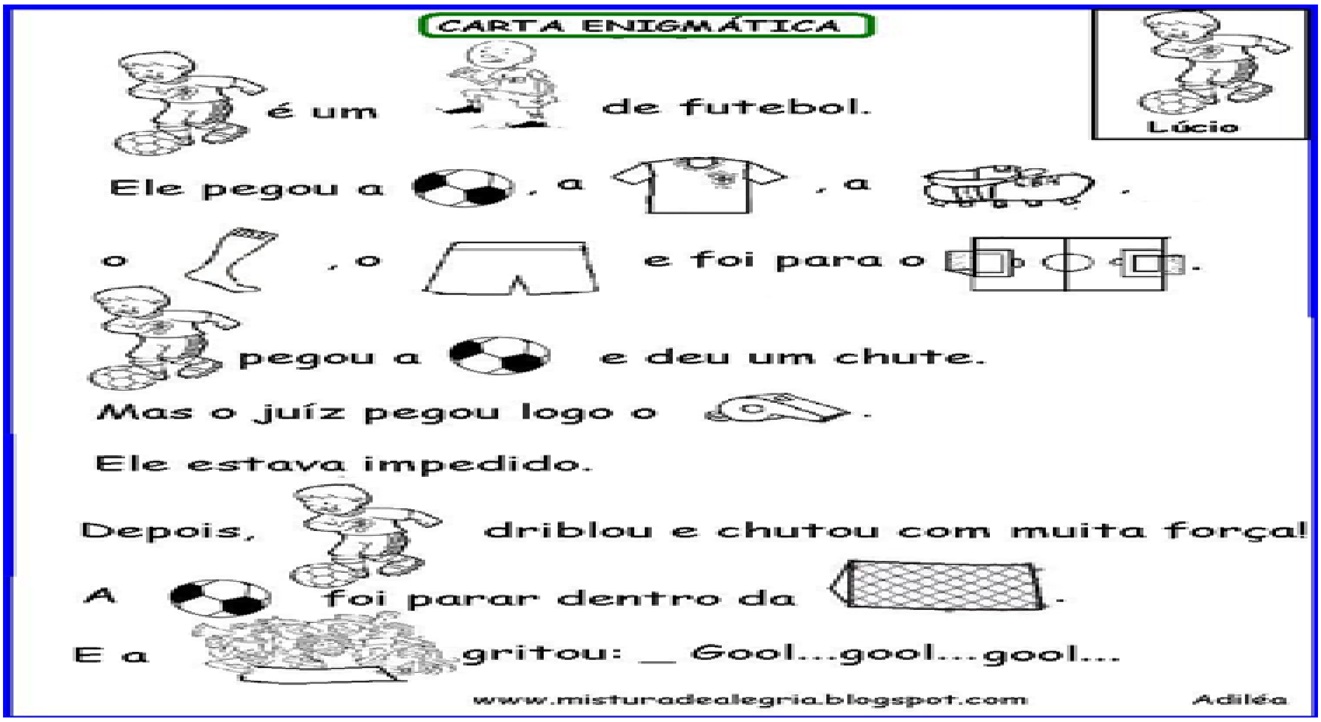

CARTA ENIGMÁTICA

Lúcio

é um de futebol.

Ele pegou a , a , a .

o , o e foi para o .

pegou a e deu um chute.

Mas o juíz pegou logo o .

Ele estava impedido.

Depois, driblou e chutou com muita força!

A foi parar dentro da .

E a gritou: __ Gool...gool...gool...

www.misturadealegria.blogspot.com Adiléa

Decifrando a Carta enigmática, ao lado, descobrimos que:
a) “Lúcio é juiz de futebol”.
b) “Lúcio não joga bem futebol”.
c) “Lúcio é um jogador de futebol”.
d) “Lúcio não tem uniforme de futebol”.

Gabarito

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

Curso Completo de Português

Prof. Fernando Pestana

(Autor do livro “A Gramática para Concursos Públicos”)

Classes de Palavras - Pronome

— ***Definição***

1. Identificação:

- Estes documentos são nossos, e não teus.
- Quem ama o feio... bonito lhe parece.
- Eu amo a mulher que mudou minha vida.
- Vossa Excelência continua indisposta?
- Alguém precisa resolver esse problema.

2. Classificação, emprego e colocação: I) pessoal (reto, de tratamento, oblíquo [tônico e átono]); II) possessivo; III) indefinido; IV) interrogativo; V) demonstrativo; VI) relativo.

I) Reto: Eu sou tu, tu és eu. / Pega ele! / É hora dela beber água.

De tratamento: Vossa Majestade precisa de algo? / Sua Majestade é cheia de mimos. / Vossa Alteza vos deveis esforçar muito para poder um dia governar vossa nação.

Oblíquo tônico: Nunca houve nada entre mim e ti. / Os irmãos discutiam entre si (mesmos). / Nunca houve briga entre eles. / Ela só fala de si, levando consigo o crédito. / As crianças irão com nós ou conosco?

- Faço um curso para mim aprender Português.

- É muito fácil para mim entender Português.

Oblíquo átono: o, a, os, as (lo, la, los, las; no, na, nos, nas); me, te, se, nos, vos, lhe(s).

- Comprei um carro = Comprei-o .

- Vou resolver uma questão = Vou resolvê-la.

- Eu quis a verdade = Eu qui-la.

- Fiz dois concursos = Fi-los.

- Ignoraram nossos arquivos = Ignoraram-nos.

- Você põe a mão onde não deve = Você põe-na onde não deve.

- Tu pões as mãos onde não deves = Tu põe-las onde não deves.

- Convidaram a mim = Convidaram-me.

- Algo interessa a ti? = Algo te interessa?

- Eles amam a si mesmos = Eles se amam.

- Você tolera o João e a mim = Você nos tolera.

- Os jornais chamaram-nos de corruptos. (!)

** Inscrevemos + nos no curso = Inscrevemo-nos no curso.*

- Enviei um presente aos dois irmãos (pessoa) = Enviei-lhes um presente.

- Não deram importância aos meus textos (coisa) = Não lhes deram importância.

- Deus criou o homem e infundiu-lhe um espírito imortal.

- Eu assisti ao filme = Eu assisti-lhe.*

- Eu ia lhe chamar enquanto corria a barca...

** aspirar, aludir, recorrer, visar...*

> **A partícula SE**

Reflexiva (Recíproca*)

*A menina **se** maquiou. / Ela **se** impôs uma dieta muito severa. / *Eles **se** beijaram ontem.*

Integrante do Verbo

*Ela, infelizmente, suicidou-**se**. / Nunca você deve queixar-**se** da sua vida. / Ele **se** esqueceu de explicar aquele assunto.*

Expletiva (realce)

*Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. / Ela **se** tremia de medo do escuro.*

Indeterminadora do Sujeito

Lá ***se*** *era mais feliz. / Aqui* ***se*** *vive em paz. / Lamentavelmente, não* ***se*** *confia mais nos governantes. / Ama-****se*** *a Deus sobre todas as coisas ainda?*

Apassivadora

*Alugavam-****se*** *apartamentos aqui. / Guerra* ***se*** *faz com armas, paz* ***se*** *faz com amor. / Dar-****se****-á um presente ao professor.*

> Colocação pronominal

- Próclise: Não lhe perdoamos.
- Ênclise: Perdoamos-lhe.
- Mesóclise: Perdoar-lhe-emos.

Cuidado!

- Me ajudaram ontem. / Ajudarão-nos amanhã? / Eles tinham ajudado-os. / Não negaram-se a depor.

Próclise

Não se esqueça de mim. / Agora se negam a depor (Agora, negam-se a depor). / Soube que os alunos me elogiaram. / As duas meninas, que se encontravam desaparecidas, foram encontradas. / Poucos te ajudaram (Poucos amigos te ajudaram [ou ajudaram-te]). / Quem se interessa? / Em se plantando tudo dá. / Ora me ajuda, ora não me ajuda. / Deus te proteja, meu filho! / Foram ajudados por nos trazerem até aqui*.

** Rocha Lima, FCC*

Ênclise

Vou-me embora daqui! / Se eu ganho na loteria, mudo-me hoje mesmo.[1] / Estou inclinado a promovê-lo. / Recusou a proposta fazendo-se de desentendida[2].

[1] *O presidente, que se dizia acima de qualquer suspeita, se desculpou (ou desculpou-se) com a nação.*

[2] *Recusou a proposta não se fazendo de desentendida.*

Mesóclise

Acompanhar-te-ei nesta viagem, pois é vital. / Nunca se saberá a verdade.

Casos Facultativos

1) Pronomes pessoais, demonstrativos* e de tratamento

2) Sujeito explícito sem palavra atrativa* ou conjunções coordenativas

3) Infinitivo não flexionado, antecedido de preposição ou de palavra atrativa

Em locuções verbais

- Ele nos havia convidado. / Ele havia-nos* convidado. / Ele havia nos convidado. / Ele não nos havia convidado. / Ele não havia nos convidado.

- Ele nos vai convidar. / Ele vai-nos* convidar. / Ele vai nos convidar. / Ele vai convidar-nos. / Ele não nos vai convidar. / Ele não vai nos convidar. / Ele não vai convidar-nos.

** Se o verbo auxiliar estiver no futuro, ocorrerá mesóclise; nos demais casos, segue-se o padrão.*

II) Possessivo: Vou seguir-lhe os passos. / Apertou-me as mãos.

Envio minhas fotos ainda hoje / Envio fotos minhas ainda hoje.

Convidei (os) meus amigos para vir aqui.

Marcos me contou que Amanda tinha desaparecido com seus documentos. / A professora disse ao diretor que concordava com sua nomeação.

III) Indefinido: Qualquer, Algum, Certo, Outro, Todo / Mais, Menos, Muito, Bastante, Pouco, Algo, Nada...

IV) Interrogativo: que*, quem, qual, quanto (onde, como, quando, por que)

* *O que ela veio fazer aqui?*

V) Demonstrativo: Ela mesma/própria costura seus vestidos. / Vou ao mesmo restaurante aos sábados. / Antes de entrar no elevador, verifique se o mesmo se encontra parado neste andar. / Ele era legal, mas não se podia falar o mesmo dela. / Eu falo na cara mesmo. / Mesmo a família negou-lhe ajuda. / Mesmo faminto, tive de me controlar.

Tal absurdo eu não cometeria. / Nunca havia presenciado semelhante absurdo!

Somos o que fazemos com nossas vidas. / As que se atrasaram perderam a explicação. / Havia duas meninas no salão, mas só a da mesa de canto estava olhando para você.* / O céu está muito carregado, o que indica que vem temporal. / Ela estudava, mas não o fazia com vontade. / Não sei se sou politizado nem se desejo sê-lo.

** Bechara, Luft, Esaf.*

> Função exofórica/dêitica (espacial e temporal)

- Esta camisa é minha. / Essa camisa é tua. / Aquela camisa é dele. / Aquele jeito do Dunga fez o Brasil perder.

- Este ano passarei na prova. / Essa noite foi ótima. / Naqueles anos nada era fácil.

> Função endofórica (anafórica e catafórica)

- Evanildo Bechara e Maria Helena de Moura Neves são gramáticos, mas esta fez uma pesquisa mais ampla do que aquele.

- Isto me incomoda: sua resignação.

- Sua resignação... é isso que me incomoda.*

** Bechara, Cunha, Lima, Brandão... FGV, COPEVE/UFAL.*

VI) Relativo: *O livro é espetacular. Estou lendo o livro.*

*Este é o livro que pretendemos comprá-**lo**.*

O livro que eu gostava saiu de circulação.

O livro que tenho apreço é a Bíblia.

QUE (= O QUAL)

- A pessoa que nos xingou foi presa.

- A mulher por que me interessei era casada.

- O homem sobre que falei estava lá*.

QUEM

- A mulher a quem amo é a Juliana.

- Eis o homem por quem ela se apaixonou.

- Os analistas, para quem a política é um tema intrigante, vêm errando em suas previsões.

CUJO

- O Flamengo é um clube cujas vitórias enlouquecem a torcida.

- O câncer é uma doença contra cujos males os médicos têm lutado.

ONDE

- A cidade onde moro é violenta.

- Meu coração, onde tu habitas, é só teu.

- As praias aonde fui eram paradisíacas.

- O buraco donde saí estava bem escuro.

- A casa por onde passamos era bizarra.

QUANTO

- Tudo quanto quero é pescar.

COMO

- O modo como ela me olha é incômodo.

QUANDO

- Chegou a hora quando todos se destacam.

3. Valor discursivo: função textual dos pronomes.

- João é estudioso, por isso ele consegue boas notas.

- O estudo é algo primordial, e eu o levo muito a sério.

- Este livro ainda vai mudar minha vida: “A Gramática”.

FOCA
NA
GRAMÁTICA

Clams
FERNANDO PESTANA
A Gramática para Concursos Públicos
SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

Curso Completo de Português

Prof. Fernando Pestana

(Autor do livro "A Gramática para Concursos Públicos")

Classes de Palavras - Pronome

— ***Definição***

1. Identificação:

- Estes documentos são nossos, e não teus.
- Quem ama o feio... bonito lhe parece.
- Eu amo a mulher que mudou minha vida.
- Vossa Excelência continua indisposta?
- Alguém precisa resolver esse problema.

2. Classificação, emprego e colocação: I) pessoal (reto, de tratamento, oblíquo [tônico e átono]); II) possessivo; III) indefinido; IV) interrogativo; V) demonstrativo; VI) relativo.

I) Reto: Eu sou tu, tu és eu. / Pega ele! / É hora dela beber água.

De tratamento: Vossa Majestade precisa de algo? / Sua Majestade é cheia de mimos. / Vossa Alteza vos deveis esforçar muito para poder um dia governar vossa nação.

Oblíquo tônico: Nunca houve nada entre mim e ti. / Os irmãos discutiam entre si (mesmos). / Nunca houve briga entre eles. / Ela só fala de si, levando consigo o crédito. / As crianças irão com nós ou conosco?

- *Faço um curso para mim aprender Português.*

- *É muito fácil para mim entender Português.*

Oblíquo átono: o, a, os, as (lo, la, los, las; no, na, nos, nas); me, te, se, nos, vos, lhe(s).

- Comprei um carro = Comprei-o .

- Vou resolver uma questão = Vou resolvê-la.

- Eu quis a verdade = Eu qui-la.

- Fiz dois concursos = Fi-los.

- Ignoraram nossos arquivos = Ignoraram-nos.

- Você põe a mão onde não deve = Você põe-na onde não deve.

- Tu pões as mãos onde não deves = Tu põe-las onde não deves.

- Convidaram a mim = Convidaram-me.

- Algo interessa a ti? = Algo te interessa?

- Eles amam a si mesmos = Eles se amam.

- Você tolera o João e a mim = Você nos tolera.

- Os jornais chamaram-nos de corruptos. (!)

** Inscrevemos + nos no curso = Inscrevemo-nos no curso.*

- Enviei um presente aos dois irmãos (pessoa) = Enviei-lhes um presente.

- Não deram importância aos meus textos (coisa) = Não lhes deram importância.

- Deus criou o homem e infundiu-lhe um espírito imortal.

- Eu assisti ao filme = Eu assisti-lhe.*

- Eu ia lhe chamar enquanto corria a barca...

* *aspirar, aludir, recorrer, visar...*

> **A partícula SE**

Reflexiva (Recíproca*)

*A menina **se** maquiou. / Ela **se** impôs uma dieta muito severa. / *Eles **se** beijaram ontem.*

Integrante do Verbo

*Ela, infelizmente, suicidou-**se**. / Nunca você deve queixar-**se** da sua vida. / Ele **se** esqueceu de explicar aquele assunto.*

Expletiva (realce)

*Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. / Ela **se** tremia de medo do escuro.*

Indeterminadora do Sujeito

Lá **se** *era mais feliz. / Aqui* **se** *vive em paz. / Lamentavelmente, não* **se** *confia mais nos governantes. / Ama-***se** *a Deus sobre todas as coisas ainda?*

Apassivadora

*Alugavam-***se** *apartamentos aqui. / Guerra* **se** *faz com armas, paz* **se** *faz com amor. / Dar-***se***-á um presente ao professor.*

> Colocação pronominal

- Próclise: Não lhe perdoamos.
- Ênclise: Perdoamos-lhe.
- Mesóclise: Perdoar-lhe-emos.

Cuidado!

- Me ajudaram ontem. / Ajudarão-nos amanhã? / Eles tinham ajudado-os. / Não negaram-se a depor.

Próclise

Não se esqueça de mim. / Agora se negam a depor (Agora, negam-se a depor). / Soube que os alunos me elogiaram. / As duas meninas, que se encontravam desaparecidas, foram encontradas. / Poucos te ajudaram (Poucos amigos te ajudaram [ou ajudaram-te]). / Quem se interessa? / Em se plantando tudo dá. / Ora me ajuda, ora não me ajuda. / Deus te proteja, meu filho! / Foram ajudados por nos trazerem até aqui*.

** Rocha Lima, FCC*

Ênclise

Vou-me embora daqui! / Se eu ganho na loteria, mudo-me hoje mesmo.[1] / Estou inclinado a promovê-lo. / Recusou a proposta fazendo-se de desentendida[2].

[1] *O presidente, que se dizia acima de qualquer suspeita, se desculpou (ou desculpou-se) com a nação.*

[2] *Recusou a proposta não se fazendo de desentendida.*

Mesóclise

Acompanhar-te-ei nesta viagem, pois é vital. / Nunca se saberá a verdade.

Casos Facultativos

1) Pronomes pessoais, demonstrativos* e de tratamento

2) Sujeito explícito sem palavra atrativa* ou conjunções coordenativas

3) Infinitivo não flexionado, antecedido de preposição ou de palavra atrativa

Em locuções verbais

- Ele nos havia convidado. / Ele havia-nos* convidado. / Ele havia nos convidado. / Ele não nos havia convidado. / Ele não havia nos convidado.

- Ele nos vai convidar. / Ele vai-nos* convidar. / Ele vai nos convidar. / Ele vai convidar-nos. / Ele não nos vai convidar. / Ele não vai nos convidar. / Ele não vai convidar-nos.

** Se o verbo auxiliar estiver no futuro, ocorrerá mesóclise; nos demais casos, segue-se o padrão.*

II) Possessivo: Vou seguir-lhe os passos. / Apertou-me as mãos.

Envio minhas fotos ainda hoje / Envio fotos minhas ainda hoje.

Convidei (os) meus amigos para vir aqui.

Marcos me contou que Amanda tinha desaparecido com seus documentos. / A professora disse ao diretor que concordava com sua nomeação.

III) Indefinido: Qualquer, Algum, Certo, Outro, Todo / Mais, Menos, Muito, Bastante, Pouco, Algo, Nada...

IV) Interrogativo: que*, quem, qual, quanto (onde, como, quando, por que)

** O que ela veio fazer aqui?*

V) Demonstrativo: Ela mesma/própria costura seus vestidos. / Vou ao mesmo restaurante aos sábados. / Antes de entrar no elevador, verifique se o mesmo se encontra parado neste andar. / Ele era legal, mas não se podia falar o mesmo dela. / Eu falo na cara mesmo. / Mesmo a família negou-lhe ajuda. / Mesmo faminto, tive de me controlar.

Tal absurdo eu não cometeria. / Nunca havia presenciado semelhante absurdo!

Somos o que fazemos com nossas vidas. / As que se atrasaram perderam a explicação. / Havia duas meninas no salão, mas só a da mesa de canto estava olhando para você.* / O céu está muito carregado, o que indica que vem temporal. / Ela estudava, mas não o fazia com vontade. / Não sei se sou politizado nem se desejo sê-lo.

** Bechara, Luft, Esaf.*

> Função exofórica/dêitica (espacial e temporal)

- Esta camisa é minha. / Essa camisa é tua. / Aquela camisa é dele. / Aquele jeito do Dunga fez o Brasil perder.

- Este ano passarei na prova. / Essa noite foi ótima. / Naqueles anos nada era fácil.

> Função endofórica (anafórica e catafórica)

- Evanildo Bechara e Maria Helena de Moura Neves são gramáticos, mas esta fez uma pesquisa mais ampla do que aquele.

- Isto me incomoda: sua resignação.

- Sua resignação... é isso que me incomoda.*

** Bechara, Cunha, Lima, Brandão... FGV, COPEVE/UFAL.*

VI) Relativo: *O livro é espetacular. Estou lendo o livro.*

*Este é o livro que pretendemos comprá-**lo**.*

O livro que eu gostava saiu de circulação.

O livro que tenho apreço é a Bíblia.

QUE (= O QUAL)

- A pessoa que nos xingou foi presa.

- A mulher por que me interessei era casada.

- O homem sobre que falei estava lá*.

QUEM

- A mulher a quem amo é a Juliana.

- Eis o homem por quem ela se apaixonou.

- Os analistas, para quem a política é um tema intrigante, vêm errando em suas previsões.

CUJO

- O Flamengo é um clube cujas vitórias enlouquecem a torcida.

- O câncer é uma doença contra cujos males os médicos têm lutado.

ONDE

- A cidade onde moro é violenta.

- Meu coração, onde tu habitas, é só teu.

- As praias aonde fui eram paradisíacas.

- O buraco donde saí estava bem escuro.

- A casa por onde passamos era bizarra.

QUANTO

- Tudo quanto quero é pescar.

COMO

- O modo como ela me olha é incômodo.

QUANDO

- Chegou a hora quando todos se destacam.

3. Valor discursivo: função textual dos pronomes.

- João é estudioso, por isso ele consegue boas notas.

- O estudo é algo primordial, e eu o levo muito a sério.

- Este livro ainda vai mudar minha vida: “A Gramática”.

FOCA
NA
GRAMÁTICA

Clams
FERNANDO PESTANA
A Gramática para Concursos Públicos

Curso Completo de Português

Prof. Fernando Pestana

(Autor do livro "A Gramática para Concursos Públicos")

Classes de Palavras - Pronome

— ***Definição***

1. Identificação:

- Estes documentos são nossos, e não teus.
- Quem ama o feio... bonito lhe parece.
- Eu amo a mulher que mudou minha vida.
- Vossa Excelência continua indisposta?
- Alguém precisa resolver esse problema.

2. Classificação, emprego e colocação: I) pessoal (reto, de tratamento, oblíquo [tônico e átono]); II) possessivo; III) indefinido; IV) interrogativo; V) demonstrativo; VI) relativo.

I) Reto: Eu sou tu, tu és eu. / Pega ele! / É hora dela beber água.

De tratamento: Vossa Majestade precisa de algo? / Sua Majestade é cheia de mimos. / Vossa Alteza vos deveis esforçar muito para poder um dia governar vossa nação.

Oblíquo tônico: Nunca houve nada entre mim e ti. / Os irmãos discutiam entre si (mesmos). / Nunca houve briga entre eles. / Ela só fala de si, levando consigo o crédito. / As crianças irão com nós ou conosco?

- Faço um curso para mim aprender Português.

- É muito fácil para mim entender Português.

Oblíquo átono: o, a, os, as (lo, la, los, las; no, na, nos, nas); me, te, se, nos, vos, lhe(s).

- Comprei um carro = Comprei-o .

- Vou resolver uma questão = Vou resolvê-la.

- Eu quis a verdade = Eu qui-la.

- Fiz dois concursos = Fi-los.

- Ignoraram nossos arquivos = Ignoraram-nos.

- Você põe a mão onde não deve = Você põe-na onde não deve.

- Tu pões as mãos onde não deves = Tu põe-las onde não deves.

- Convidaram a mim = Convidaram-me.

- Algo interessa a ti? = Algo te interessa?

- Eles amam a si mesmos = Eles se amam.

- Você tolera o João e a mim = Você nos tolera.

- Os jornais chamaram-nos de corruptos. (!)

** Inscrevemos + nos no curso = Inscrevemo-nos no curso.*

- Enviei um presente aos dois irmãos (pessoa) = Enviei-lhes um presente.

- Não deram importância aos meus textos (coisa) = Não lhes deram importância.

- Deus criou o homem e infundiu-lhe um espírito imortal.

- Eu assisti ao filme = Eu assisti-lhe.*

- Eu ia lhe chamar enquanto corria a barca...

** aspirar, aludir, recorrer, visar...*

> **A partícula SE**

Reflexiva (Recíproca*)

*A menina **se** maquiou. / Ela **se** impôs uma dieta muito severa. / *Eles **se** beijaram ontem.*

Integrante do Verbo

*Ela, infelizmente, suicidou-**se**. / Nunca você deve queixar-**se** da sua vida. / Ele **se** esqueceu de explicar aquele assunto.*

Expletiva (realce)

*Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. / Ela **se** tremia de medo do escuro.*

Indeterminadora do Sujeito

Lá ***se*** *era mais feliz. / Aqui* ***se*** *vive em paz. / Lamentavelmente, não* ***se*** *confia mais nos governantes. / Ama-****se*** *a Deus sobre todas as coisas ainda?*

Apassivadora

*Alugavam-****se*** *apartamentos aqui. / Guerra* ***se*** *faz com armas, paz* ***se*** *faz com amor. / Dar-****se****-á um presente ao professor.*

> Colocação pronominal

- Próclise: Não lhe perdoamos.
- Ênclise: Perdoamos-lhe.
- Mesóclise: Perdoar-lhe-emos.

Cuidado!

- Me ajudaram ontem. / Ajudarão-nos amanhã? / Eles tinham ajudado-os. / Não negaram-se a depor.

Próclise

Não se esqueça de mim. / Agora se negam a depor (Agora, negam-se a depor). / Soube que os alunos me elogiaram. / As duas meninas, que se encontravam desaparecidas, foram encontradas. / Poucos te ajudaram (Poucos amigos te ajudaram [ou ajudaram-te]). / Quem se interessa? / Em se plantando tudo dá. / Ora me ajuda, ora não me ajuda. / Deus te proteja, meu filho! / Foram ajudados por nos trazerem até aqui*.

** Rocha Lima, FCC*

Ênclise

Vou-me embora daqui! / Se eu ganho na loteria, mudo-me hoje mesmo.[1] / Estou inclinado a promovê-lo. / Recusou a proposta fazendo-se de desentendida[2].

---

[1] O presidente, que se dizia acima de qualquer suspeita, se desculpou (ou desculpou-se) com a nação.

[2] Recusou a proposta não se fazendo de desentendida.

Mesóclise

Acompanhar-te-ei nesta viagem, pois é vital. / Nunca se saberá a verdade.

Casos Facultativos

1) Pronomes pessoais, demonstrativos* e de tratamento

2) Sujeito explícito sem palavra atrativa* ou conjunções coordenativas

3) Infinitivo não flexionado, antecedido de preposição ou de palavra atrativa

Em locuções verbais

- Ele nos havia convidado. / Ele havia-nos* convidado. / Ele havia nos convidado. / Ele não nos havia convidado. / Ele não havia nos convidado.

- Ele nos vai convidar. / Ele vai-nos* convidar. / Ele vai nos convidar. / Ele vai convidar-nos. / Ele não nos vai convidar. / Ele não vai nos convidar. / Ele não vai convidar-nos.

** Se o verbo auxiliar estiver no futuro, ocorrerá mesóclise; nos demais casos, segue-se o padrão.*

II) Possessivo: Vou seguir-lhe os passos. / Apertou-me as mãos.

Envio minhas fotos ainda hoje / Envio fotos minhas ainda hoje.

Convidei (os) meus amigos para vir aqui.

Marcos me contou que Amanda tinha desaparecido com seus documentos. / A professora disse ao diretor que concordava com sua nomeação.

III) Indefinido: Qualquer, Algum, Certo, Outro, Todo / Mais, Menos, Muito, Bastante, Pouco, Algo, Nada...

IV) Interrogativo: que*, quem, qual, quanto (onde, como, quando, por que)

** O que ela veio fazer aqui?*

V) Demonstrativo: Ela mesma/própria costura seus vestidos. / Vou ao mesmo restaurante aos sábados. / Antes de entrar no elevador, verifique se o mesmo se encontra parado neste andar. / Ele era legal, mas não se podia falar o mesmo dela. / Eu falo na cara mesmo. / Mesmo a família negou-lhe ajuda. / Mesmo faminto, tive de me controlar.

Tal absurdo eu não cometeria. / Nunca havia presenciado semelhante absurdo!

Somos o que fazemos com nossas vidas. / As que se atrasaram perderam a explicação. / Havia duas meninas no salão, mas só a da mesa de canto estava olhando para você.* / O céu está muito carregado, o que indica que vem temporal. / Ela estudava, mas não o fazia com vontade. / Não sei se sou politizado nem se desejo sê-lo.

** Bechara, Luft, Esaf.*

> Função exofórica/dêitica (espacial e temporal)

- Esta camisa é minha. / Essa camisa é tua. / Aquela camisa é dele. / Aquele jeito do Dunga fez o Brasil perder.

- Este ano passarei na prova. / Essa noite foi ótima. / Naqueles anos nada era fácil.

> Função endofórica (anafórica e catafórica)

- Evanildo Bechara e Maria Helena de Moura Neves são gramáticos, mas esta fez uma pesquisa mais ampla do que aquele.

- Isto me incomoda: sua resignação.

- Sua resignação... é isso que me incomoda.*

** Bechara, Cunha, Lima, Brandão... FGV, COPEVE/UFAL.*

VI) Relativo: *O livro é espetacular. Estou lendo o livro.*

*Este é o livro que pretendemos comprá-**lo**.*

O livro que eu gostava saiu de circulação.

O livro que tenho apreço é a Bíblia.

QUE (= O QUAL)

- A pessoa que nos xingou foi presa.

- A mulher por que me interessei era casada.

- O homem sobre que falei estava lá*.

QUEM

- A mulher a quem amo é a Juliana.

- Eis o homem por quem ela se apaixonou.

- Os analistas, para quem a política é um tema intrigante, vêm errando em suas previsões.

CUJO

- O Flamengo é um clube cujas vitórias enlouquecem a torcida.

- O câncer é uma doença contra cujos males os médicos têm lutado.

ONDE

- A cidade onde moro é violenta.
- Meu coração, onde tu habitas, é só teu.
- As praias aonde fui eram paradisíacas.
- O buraco donde saí estava bem escuro.
- A casa por onde passamos era bizarra.

QUANTO

- Tudo quanto quero é pescar.

COMO

- O modo como ela me olha é incômodo.

QUANDO

- Chegou a hora quando todos se destacam.

3. Valor discursivo: função textual dos pronomes.

- João é estudioso, por isso ele consegue boas notas.

- O estudo é algo primordial, e eu o levo muito a sério.

- Este livro ainda vai mudar minha vida: “A Gramática”.

FOCA
NA
GRAMÁTICA

Clams
FERNANDO PESTANA
A Gramática para Concursos Públicos
SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

MECANISMOS DE COESÃO TEXTUAL

(PARTE III)

Veja como as preposições influenciam os sentidos atribuídos pelos verbos:

Vender ao mercado/vender no mercado – Lutar contra/lutar por
Brotar de (originar-se) / brotar em (surgir/aparecer)

*Vou a Goiânia / Vou para Goiânia

Observe os exemplos:

- ✓ No trecho “*Tornar-se um ser humano consiste em participar de processos sociais compartilhados, nos quais emergem significados, sentidos, coordenações e conflitos.*” o uso da preposição **em** no termo “nos quais” indica que a expressão nominal “processos sociais compartilhados” está empregada como a circunstância de lugar da emergência dos “significados”, não como o agente de sua origem.

- ✓ Os trechos “Por sentenças, por decretos pareceríeis divinos” e “Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos inutilmente matastes” exercem função adverbial nas orações a que pertencem e ambos denotam o **meio** empregado na ação representada pelo verbo a que se referem.

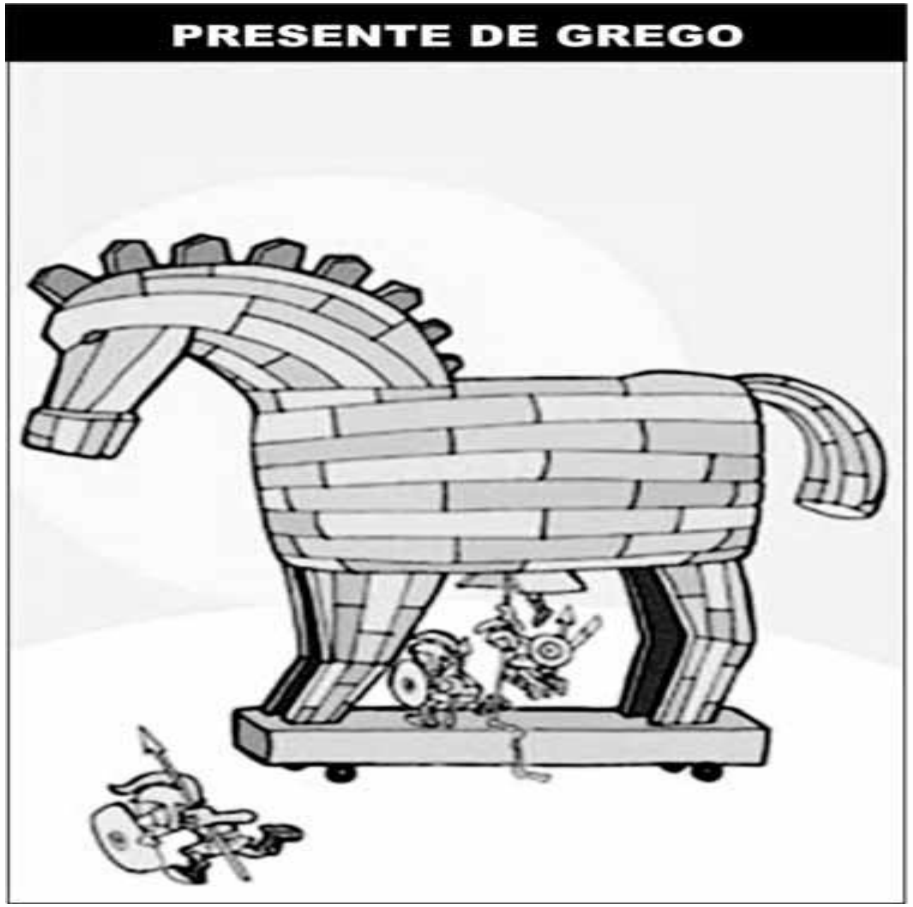

PRESENTE DE GREGO

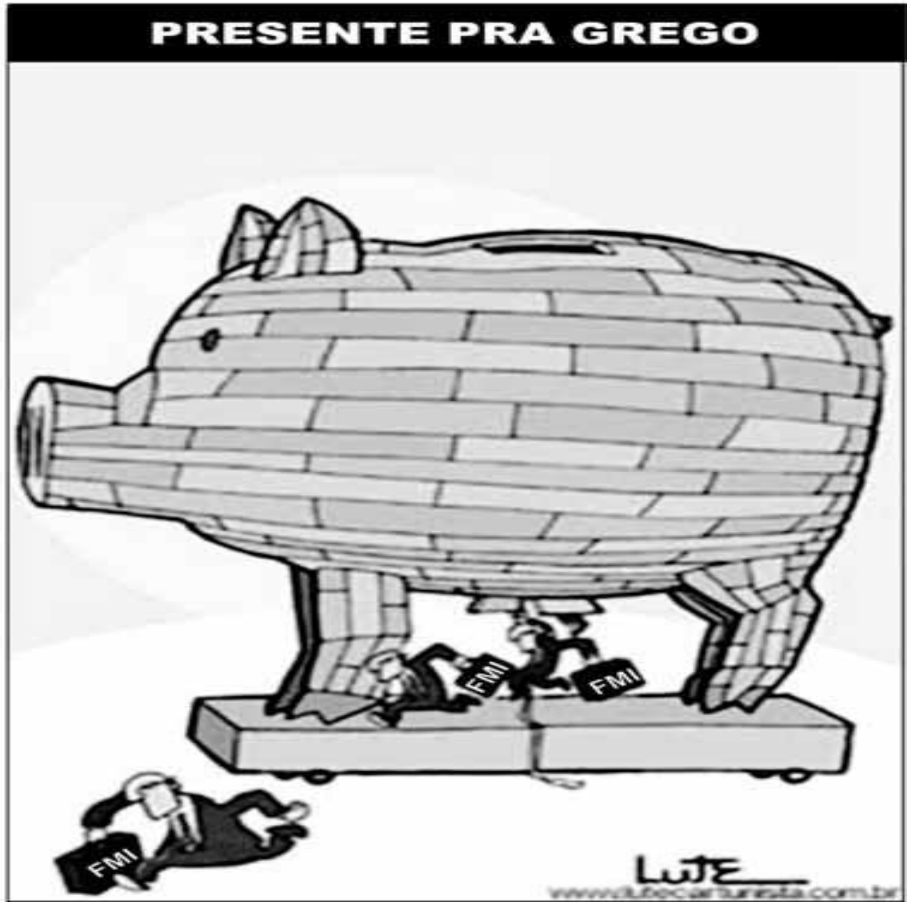

PRESENTE PRA GREGO

FMI
FMI
FMI
LUTE
www.lutecartunista.com.br

Para o entendimento da crítica social presente no texto, é crucial, além da interpretação das imagens com base no conhecimento histórico, o entendimento do sentido das preposições empregadas no título de cada imagem.

CONJUNÇÕES – são palavras invariáveis que ligam duas orações ou duas palavras de mesma função em uma oração. Podem ser:

- ✓ **COORDENATIVAS:** ligam orações para estabelecer entre elas uma relação de dependência semântica.
  São elas: ***aditivas***, ***adversativas***, ***alternativas***, ***conclusivas*** e ***explicativas***.

- ✓ **SUBORDINATIVAS:** ligam orações para estabelecer entre elas relação de dependência semântica e gramatical (uma oração é termo de outra).
  São elas: ***integrantes***, ***causais***, ***comparativas***, ***concessivas***, ***condicionais***, ***conformativas***, ***consecutivas***, ***temporais***, ***finais*** e ***proporcionais***.

Como as conjunções são elementos que, ao ligarem as orações, estabelecem entre elas uma relação íntima de sentido, é preciso destacar que a substituição de uma por outra afeta completamente a relação semântica do período, embora não prejudique a correção gramatical. Observe os exemplos abaixo:

- ✓ Todos os seres humanos são iguais, **portanto** nenhum é superior ou inferior aos outros. (**portanto** = estabelece uma conclusão para a ideia da primeira oração).
- ✓ Todos os seres humanos são iguais, **porque** nenhum é superior ou inferior aos outros. (**porque** = relação de causa e efeito entre as duas orações).
- ✓ Todos os seres humanos são iguais **e** nenhum é superior ou inferior aos outros. (**e** = põe as ideias das duas orações no mesmo patamar de sentido).

1. No período "Há histórias, no plural; o mundo tornou-se intensamente complexo **e** as respostas não são diretas nem estáveis" a relação que a oração iniciada por "**e** as respostas" mantém com a anterior mostra que a função da conjunção "e" corresponde à função de **por isso**.
2. No trecho "A ideia que parece prevalecer é a de que, na política, todos os meios são bons e lícitos desde que o fim seja bom para a coletividade", a inserção da conjunção "**portanto**", com as devidas adaptações de maiúsculas, no início do período ou entre vírgulas após a expressão "parece prevalecer" provocaria inadequação sintática e incoerência textual.
3. No trecho "Esses organismos quebram alguns compostos diretamente em dióxido de carbono (CO2), **mas** outros produtos químicos permanecem no meio ambiente por anos absolutamente intocados" o conector "mas" introduz, no período, uma oração de sentido explicativo.

Leia os trechos e julgue as assertivas:

A maioria dos comentários sobre crimes ou se limitam a pedir de volta o autoritarismo ou a culpar a violência do cinema e da televisão por excitar a imaginação criminosa dos jovens. Poucos pensam que vivemos em uma sociedade que estimula, de forma sistemática, a passividade, o rancor, a inveja e o sentimento de nulidade nas pessoas.

1. *As relações semânticas entre os dois períodos do texto permitiriam iniciar o segundo com a conjunção* ***No entanto***.

A relação entre o poder público e os cidadãos é arbitrária. As regras dessa relação não estão claras. Não existem mecanismos acessíveis de reclamação e desagravo.

2. Infere-se do texto que e*nquanto não houver mecanismos acessíveis de reclamação e desagravo, as relações entre poder público e cidadãos não serão regidas por meio de regras claras.*

Estilo de época

"A arte é muitas coisas. Uma das coisas que a arte é, parece, é uma transformação simbólica do mundo. Quer dizer: o artista cria um mundo outro – mais bonito ou mais intenso ou mais significativo ou mais ordenado – por cima da realidade imediata.
Naturalmente, esse mundo outro que o artista cria ou inventa nasce de sua cultura, de sua experiência de vida, das ideias que ele tem na cabeça, enfim, de sua visão de mundo."
(GULLAR, Ferreira. Sobre arte. *Rio de Janeiro, Avenir/Palavra e Imagem, 1982.)*

Levando em consideração o conceito de Ferreira Gullar sobre arte e entendendo a literatura como uma das manifestações artísticas, quando um escritor escreve seus textos (em prosa ou em verso), ele também cria com base em sua visão, seus pensamentos, sua realidade e assim um estilo. "O estilo individual é a maneira muito particular de cada escritor ver o mundo e de organizar sua linguagem para poder traduzir sua visão" (Gramática: Teoria e Exercícios/Paschoalin e Spadoto).

No entanto, é preciso lembrar que todo escritor também será influenciado pelo seu momento histórico, isto é, em cada época é possível identificar tendências mais gerais que caracterizam as produções artísticas.

Ao conjunto de traços e normas que orientam e caracterizam a produção artística – condições de produção, momento histórico, cultural e social – dá-se o nome de Estilo de Época. Cada período da história colaborará para o surgimento de novos estilos de época em literatura devido à vivência de um mesmo contexto histórico por esses escritores.

A cada estilo de época corresponde uma escola literária, ou seja, um conjunto de características formais e de temas desenvolvidos predominantemente pelos escritores. Essa classificação é feita somente após a época em que o movimento ocorre, portanto, percebe-se que alguns escritores apresentam características de escolas literárias que sucederão àquela em que serão encaixados, assim, tornam-se precursores do novo estilo literário que está por vir.

São, didaticamente, oito as escolas literárias: o Trovadorismo, o Classicismo, o Barroco, o Arcadismo, o Romantismo, o Realismo / Naturalismo / Parnasianismo / Simbolismo e o Modernismo. Há, ainda entre o Trovadorismo e o Classicismo um momentos de transição chamado de Humanismo (sempre se observa entre uma escola e a seguinte, um momento de transição, que pode ou não receber outra denominação). Entre o Simbolismo e o Modernismo, há o Pré-Modernismo. Além disso, muitos críticos literários consideram o período pós II Guerra Mundial como uma outra escola, denominando-a de Pós-Modernismo.

Observe os quadros abaixo dos Estilos de Época:

ESCOLAS LITERÁRIAS:

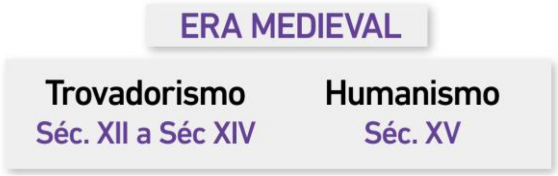

ERA MEDIEVAL

Trovadorismo	Humanismo
Séc. XII a Séc XIV	Séc. XV

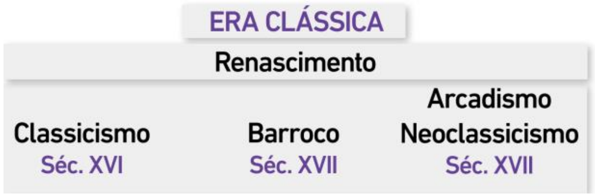

ERA CLÁSSICA

Renascimento		
Classicismo	Barroco	Arcadismo Neoclassicismo
Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVII

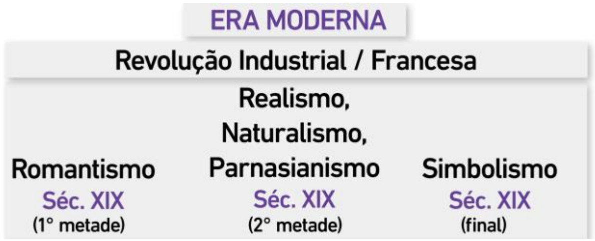

ERA MODERNA

Revolução Industrial / Francesa		
Romantismo	Realismo, Naturalismo, Parnasianismo	Simbolismo
Séc. XIX (1° metade)	Séc. XIX (2° metade)	Séc. XIX (final)

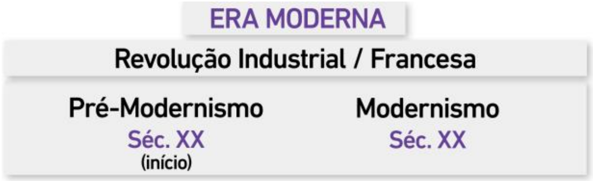

ERA MODERNA

Revolução Industrial / Francesa	
Pré-Modernismo	Modernismo
Séc. XX (início)	Séc. XX

Aula 07

Noções de Informática p/ Polícia Civil-PA (Investigador, Escrivão e Papiloscopista) - Com videoaulas

Professores: Fernando Mesquita, Victor Dalton

AULA 07: Diversos

SUMÁRIO	PÁGINA
1. Principais tipos de arquivos	2
2. Métodos de acesso a arquivos	8
3. Tipos de backup	17
Considerações Finais	18

Olá pessoal! Prontos para a despedida? ☹

Os assunto de hoje são bem leves e caem pouco em provas. Vamos falar sobre tipos de arquivos, métodos de acesso a arquivos e backups.

Aos trabalhos!

TIPOS DE ARQUIVOS

1. Principais tipos de arquivos

Quando utilizamos o computador, percebemos que os arquivos sempre possuem um nome e uma **extensão**.

É comum escolhermos os nomes para os nossos arquivos, e os nomes costumam nos dizer muito sobre eles. Mas me atrevo a dizer que a **extensão** é a parte mais importante de um arquivo, pois é ela que realmente define como é aquele arquivo, e qual **programa** o manipula.

Os sistemas operacionais costumam guardar, em suas configurações, uma lista com extensões de arquivo e programas que os manipulam. Inclusive, essa lista define os **ícones** dos arquivos em nosso computador.

Já reparou nisso?

Então, a partir de agora, vejamos algumas extensões de arquivo, e o que elas significam!

1.1 Documentos

DOC, DOCX – O formato de arquivos DOC é de propriedade da Microsoft e usado no **Microsoft Word** como padrão na gravação de **arquivos textos**. As versões mais recentes do Word incorporaram a extensão DOCX como evolução do DOC, isto aconteceu a partir da versão 2007 do Microsoft Word.

XLS, XLSX – Este tipo de arquivo é usado pelo **Excel** para criar e editar **pastas de trabalho** (planilhas). O XLS foi usado até a versão 2003, a partir da versão 2007 passou a usar o formato XLSX.

PPT, PPTX – O formato PPT faz parte também do Microsoft Office e é usado no Power Point como padrão dos arquivos de apresentação que ele gera. Para gravar e ler um arquivo PPT é necessário ter o Power Point instalado e no caso do arquivo PPTX é necessário a versão 2007 ou superior.

TXT – É um arquivo texto ou texto puro como é mais conhecido. Arquivos dos Word também são textos, mas ele gera um texto com formatação. O TXT é um formato que indica um **texto sem formatação**, podendo ser aberto ou criado no Bloco de Notas do Windows, por exemplo.

CSV – O CSV (**Comma Separated Values – valores separados por vírgula**) é um implementação particular de arquivos de texto separados por um delimitador, que usa a **vírgula e a quebra de linha para separar os valores**. O formato também usa as aspas em campos no qual são usados os caracteres reservados (vírgula e quebra de linha). Essa robustez no formato torna o CSV mais amplo que outros formatos digitais do mesmo segmento.

PDF – O formato de arquivo PDF é um padrão da Adobe, a mesma empresa que é proprietária do Photoshop, Ilustrator, Flash, Fireworks e outros softwares gráficos. Como arquivo o PDF **tem como principal característica o fato de ele ser fechado, isto é, não permitir mudanças no conteúdo gravado**. Isto torna o formato bastante desejado para documentos, redação, comunicados e outros textos que precisam manter-se íntegros, quando abertos em qualquer computador.

1.2 Imagens

BMP – O **Bitmap** é um dos formatos de imagens mais antigos e também um dos mais simples. Bastante utilizado nos sistemas operacionais Microsoft Windows, as imagens neste formato podem suportar milhões de cores e preservam os detalhes.

No entanto, os **arquivos neste padrão costumam ser muitos grandes**, já que não utilizam compressão. Este processo até é possível em imagens com 256 cores ou menos, mas não é comum.

JPEG, JPG – O formato **JPEG**, cuja sigla significa ***Joint Photographic Experts Group***, é um dos padrões mais populares da internet por aliar duas características importantes: oferece níveis razoáveis de qualidade de imagem e gera arquivos de tamanho pequeno quando comparado a outros formatos, facilitando o seu armazenamento e a sua distribuição.

O JPEG possibilita isso porque é um formato que utiliza ***compressão de imagens*.** Em poucas palavras, compressão consiste na eliminação de dados redundantes nos arquivos. No caso de imagens, é possível fazer a compressão de forma que a retirada de informações não prejudique a qualidade (*lossless* - sem perda), assim como é possível utilizar níveis maiores de compressão que causam perdas visíveis (*lossy* - com perda). O JPEG é capaz de trabalhar com quase 16,8 milhões de cores (24 bits).

GIF – Sigla para ***Graphics Interchange Format***, o **GIF** é outro formato bastante popular na internet, graças à capacidade de suportar ***animações***. Em outras palavras, o GIF permite a inserção de uma sequência de imagens em um único arquivo. Assim, quando um GIF nesta condição é exibido, cada uma das imagens inseridas é mostrada seguindo uma ordem, dando ao usuário a sensação de movimento. Está sendo utilizado com frequência em redes sociais.

PNG – O formato **PNG**, sigla para ***Portable Network Graphics***, é um dos padrões mais recentes, e que está tomando o espaço do JPEG. O PNG permite compressão **sem perda de qualidade**, e obtém tamanhos de arquivo menores que o JPG. Na prática, você consegue imagens melhores com o PNG e de tamanhos menores que o JPEG.

1.3 Vídeos

AVI – AVI é a sigla para ***Audio Video Interleave***. Este formato, desenvolvido pela Microsoft, serve como contêiner para faixas de vídeo e áudio. Ou seja, um arquivo AVI contém tanto um arquivo de áudio quanto um arquivo de vídeo, ambos encapsulados, de forma que, quando o arquivo é reproduzido, as faixas de áudio e vídeo são executadas de forma sincronizada. AVI costuma ser compatível nativamente com as versões do Windows, exceto quando a compressão dos arquivos de áudio e/ou vídeo utilizam um *codec* específico. A vantagem deste formato está no fato de ser reconhecido por aparelhos de DVD e Blu-Ray que são compatíveis com o codec DivX.

RMVB - RMVB é a sigla para ***Real Media Variable Bitrate***. Este formato foi desenvolvido pela RealNetworks. A ideia deste formato é variar a taxa de dados de acordo com complexidade das imagens em cada quadro do vídeo, ao contrário do formato RM, que apresenta taxa constante. A grande vantagem deste formato é o tamanho reduzido dos arquivos, graças ao nível de compressão utilizado pelos *codecs*. Um arquivo RMVB costuma ter, aproximadamente, metade do tamanho de um arquivo AVI, sem que a qualidade do vídeo seja muito comprometida. Normalmente, utiliza-se o RealPlayer para a execução desse formato.

MPEG – MPEG é a sigla para ***Moving Picture Experts Group***. Este formato foi definido pela ISO com a finalidade de padronizar a compressão e a transmissão de áudio e vídeo. Um arquivo MPEG contém áudio e vídeo digitais codificados conforme os padrões indicados pelo comitê ISO. Dentro desse formato existem os padrões MPEG-1 (utilizado para VCD), MPEG-2 (utilizado em DVD) e MPEG-4.

DIVX – Criado para compactar arquivos de vídeo sem perda de qualidade, o DivX, através de um complexo sistema de repetição de frames idênticos e sobreposição de elementos dinâmicos, reduz o tamanho em disco ocupado pelos filmes

MKV – Se os outros formatos trabalham com pacotes de dados, o MKV trabalha com containers de dados multimídia, integrando áudio, vídeo e legendas em arquivos únicos e de qualidade excelente. O MKV tem o código aberto. A intenção dos desenvolvedores é torná-lo um formato universal, mas o tamanho elevado dos arquivos tem limitado a expansão.

MP4 (MPEG-4) – Bastante parecido com o AVI, o MP4 traz a vantagem de ter suporte nativo a legendas. É mais equilibrado do que o AVI no "custo benefício" qualidade x compactação, mas é menos popular do que o AVI.

1.4 Aúdios

WAV - Desenvolvido pela Microsoft e IBM, o Waveform Audio File Format é um formato de áudio sem perdas de qualidade baseado em PCM (Pulse Code Modulation) que usa um método de armazenamento de áudio não comprimido. Como ele não sacrifica dados, **exige bastante espaço de armazenamento**. O WAV permite gravações de áudio com diferentes taxas de amostragem e bits, inclusive na mesma qualidade de CDs de áudio. É indicado para edições em trabalhos profissionais, podendo ser facilmente editado e manipulado por softwares do gênero. No entanto, possui a limitação de não ultrapassar 4 GB por aquivo.

MP3 – Formato de áudio muito popular. Apesar de ter uma boa qualidade, há uma leve perda desta se comparado ao áudio original, porém a níveis praticamente imperceptíveis à maioria dos ouvidos. É suportado pelos principais players do mercado.

AC3 – Desenvolvido pela Dolby Labs, permite a divisão do áudio em vários canais diferentes, sendo muito utilizado por home theaters e cinemas. Permite a saída de áudio para até oito canais em formato surround (som tridimensional).

1.5 Outros

HTML, HTM – Essas extensões são usadas para indicar um arquivo de códigos da linguagem HTML, principal tecnologia para criação de páginas Web.

PHP, ASP, ASPX, JSP, CFM - Tecnologias empregadas na internet para criação de páginas com conteúdo dinâmico.

EXE – É um tipo de arquivo usado no Windows para designar um aplicativo ou um programa executável. Ele pode ser o programa responsável pela instalação de um software, como pode ser o aplicativo principal do próprio software.

ZIP – Indica um arquivo compactado com outros arquivos ou pastas. É muito usado quando necessitamos enviar para outros locais uma grande quantidade de conteúdo ou pastas, então para diminuir o tamanho e facilitar o processo utiliza-se a compactação. O **RAR** e o **7z** são outros formatos compactados bastante comuns também.

ORGANIZAÇÃO E MÉTODOS DE ACESSO A ARQUIVOS

2. Organização de arquivos

Arquivos, esses elementos que vemos dentro de nossos computadores por meio de ícones e nomes, são elementos lógicos com algum significado dentro de um computador. O PDF que você lê nesse exato momento é um arquivo cujo conteúdo tem significado para você. Outros arquivos possuem outros conteúdos e finalidades, seja para o usuário final ou para um aplicativo ou sistema operacional.

Antes de falar sobre como os arquivos são organizados e acessados em um computador, é importante que nos familiarizemos com alguns termos. Muita coisa será familiar, se você já estudou banco de dados:

Arquivo - coleção de registros lógicos, cada um deles representando um objeto ou entidade.

Registro lógico - sequência de itens, sendo cada item chamado campo ou atributo. Cada item corresponde a uma característica ou propriedade do objeto representado.

Cada **campo** possui um *nome*, um *tipo* e um *comprimento*. O comprimento dos valores de um atributo pode ser constante para todos os registros do arquivo, ou variável.

O armazenamento de um arquivo é feito, via de regra, por ***blocos* de registros lógicos** (um bloco é chamado *registro físico*), sendo, em cada leitura ou gravação, lido ou gravado todo um bloco e não apenas um registro lógico.

Chave - sequência de um ou mais campos em um arquivo.

Chave primária - chave que apresenta um valor diferente para cada registro do arquivo. Desta forma, garante que cada registro seja único.

Chave secundária - difere de uma primária pela possibilidade de não possuir um valor diferente para cada registro. Assim, um valor de uma chave secundária identifica um conjunto de registros.

Chave de acesso - identifica o(s) registro(s) desejado(s) em uma operação de acesso a um arquivo.

Argumento de pesquisa - valor da chave de acesso em uma operação.

Chave de um registro - valor de uma chave primária em um particular registro do arquivo

Chave de ordenação - chave primária usada para estabelecer a sequência na qual devem ser dispostos (física ou logicamente) os registros de um arquivo.

Se você não entendeu alguns (ou a maioria) dos termos acima, não fique nervoso(a) agora, rs. Com os métodos de acesso e armazenamento abaixo, os termos começarão a ficar naturais para você.

2.1 Armazenamento sequencial ordenado

Como o próprio nome sugere, os registros são dispostos de forma **ordenada**, com base na sequência determinada pela chave primária, que funciona como uma chave de ordenação.

Veja, na tabela abaixo, o atributo **número** funcionando como chave de ordenação para os arquivos:

NÚMERO	NOME	IDADE	SALÁRIO
100	Carlos	36	1000,00
150	Paula	18	500,00
200	Maria	27	270,00
250	Karol	45	500,00
300	Roberto	29	250,00
350	Diego	50	900,00

Perceba que esta organização é vantajosa para encontrar um arquivo quando a chave de acesso é a mesma de ordenação. Por outro lado, modificar a estrutura (remover e inserir novos registros) não é procedimento simples, pois precisa respeitar a ordenação já estabelecida.

2.2 Armazenamento sequencial indexado

No armazenamento sequencial, quando a base de arquivos é muito grande e o volume de acessos aleatórios aumenta, é necessário utilizar uma estrutura de acesso que aumente a eficiência na localização de um registro.

Acrescendo-se um *índice* (estrutura de acesso) ao arquivo sequencial, passa-se a ter um arquivo sequencial indexado.

O índice possuirá como informações o endereço lógico (chave primária) e o endereço físico (local físico do arquivo).

A figura a seguir apresenta o arquivo sequencial indexado:

NÚMERO	ENDEREÇO
100	1
150	2
200	3
250	4
300	5

|---ÍNDICE---|

	NÚMERO	NOME	SALÁRIO
1	100	Carlos	1000,00
2	150	Paula	500,00
3	200	Maria	270,00
4	250	Karol	500,00
5	300	Roberto	250,00

|----------ÁREA DE DADOS NO DISCO-----------|

No acesso a arquivos sequenciais indexados, os índices costumam ficar na memória RAM, economizando acesso ao disco.

Um recurso interessante nos arquivos sequenciais indexados é a **área de extensão**.

A área de extensão (também chamada área de overflow) destina-se a conter os registros inseridos, em um arquivo sequencial indexado, após a criação do arquivo. Ela constitui uma extensão da área principal de dados do arquivo.

Áreas de extensão são necessárias em arquivos sequenciais indexados, porque nesses não é viável a implementação da operação de inserção de registros do mesmo que nos arquivos sequenciais. Naquele processo, a maioria dos registros muda de endereço, o que obrigaria uma completa alteração nas entradas do índice, a cada atualização do arquivo.

Uma possível implementação de áreas de extensão em um arquivo sequencial indexado consiste em destinar um em cada registro da área principal um campo de elo para conter o endereço da lista encadeada de seus sucessores (ou antecessores) alocados na área de extensão, conforme a figura:

NÚMERO	ENDEREÇO
100	1
150	2
175	2
200	3
250	4
275	4
300	5

|---------ÍNDICE---------|

	NÚMERO	NOME	ELO
1	100	Carlos	-
2	150	Paula	10
3	200	Maria	-
4	250	Karol	20
5	300	Roberto	-

|-----ÁREA DE DADOS NO DISCO----|

	NÚMERO	NOME	ELO
10	175	Victor	-
20	275	Antônio	-
30			-
40			-
50			-

|--------ÁREA DE EXTENSÃO--------|

Pesquisas cuja chave de acesso coincidem com a chave de ordenação são altamente eficientes neste método, pois somente acessam o disco no local exato do arquivo. Por outro lado, operações de criação, alteração e remoção de registros costumam ser complexas (ainda mais complexas do que nos arquivos sequenciais ordenados, sem índice).

2.3 Armazenamento indexado

No armazenamento sequencial indexado, a preocupação em manter os arquivos fisicamente ordenados e as constantes atualizações do banco (inserção e remoção de arquivos) exigem a realização de reorganizações periódicas do disco. Aliada ao aumento de acessos aleatórios (vários usuários e aplicações modificando os arquivos so mesmo tempo), manter a sequencialidade física dos arquivos torna-se inviável.

O próximo passo para resolver este problema é utilizar **um ou mais índices**, sem compromisso com a ordem física de instalação dos registros.

Não "travar" a localização física dos registros representa um ganho de flexibilidade, em especial no momento de inserção de novos registros. Veja a figura a seguir, que apresenta o armazenamento indexado:

NÚMERO	ENDEREÇO
100	3
150	5
200	1
250	2
300	4

|---ÍNDICE---|

	NÚMERO	NOME	SALÁRIO
1	200	Maria	270,00
2	250	Karol	500,00
3	100	Carlos	1000,00
4	300	Roberto	250,00
5	150	Paula	500,00

|----------ÁREA DE DADOS NO DISCO-----------|

Ainda, se necessário, podem ser criados tantos índices quanto necessários para os campos dos arquivos que forem relevantes para pesquisa.

Índices podem ser classificados como **exaustivos** ou **seletivos. Índices exaustivos** são aqueles que possuem uma entrada para cada registro em disco. A tabela acima, ilustrativa, retrataria um índice exaustivo, pois todos os registros em disco possuem uma entrada na tabela de índice. Um **índice seletivo**, por sua vez, poderia ser o salário dos funcionários. Neste caso, funcionários com o mesmo salário, como Karol e Paula, seriam armazenados na mesma entrada. Confira:

SALÁRIO	ENDEREÇO
250,00	4
270,00	1
500,00	2,5
1000,00	3

|---ÍNDICE---| (**seletivo**)

Nos arquivos indexados, a inserção de arquivos é muito mais eficiente do que nos métodos anteriores, por não haver "preocupação" em ordenar o armazenamento físico dos registros. Além disso, o acesso aleatório aos registros passa pelos índices, assegurando maior eficiência e menos acessos ao disco (lembrando que os acessos ao disco rígido diminuem a performance do mesmo, que fica mais lento. Os índices ficam na memória RAM, cujo acesso é mais veloz).

Por outro lado, o acesso serial de arquivos é ineficaz (uma vez que os arquivos não são ordenados fisicamente). Além disso, quando os vários índices estão associados a atributos cujos valores variam, a manutenção dos índices é custosa (imagine, no nosso exemplo acima, a inserção de um novo funcionário e de um salário novo. O índice baseado em salários vai precisar ser atualizado com esse novo valor de salário).

2.4 Armazenamento direto

Como você já deve ter precebido, os métodos de acesso estão sendo apresentados em uma sequência, digamos, "histórica": à medida que novos problemas surgem, novos métodos surgem para tentar resolver o problema.

Para contornar os problemas do armazenamento sequencial indexado, surgiu o **armazenamento direto**, cujo objetivo é acessar rapidamente os registros com base nos argumentos de pesquisa, mas sem percorrer uma estrutura de índices. O foco é obter um acesso aleatório eficiente.

Neste tipo de estrutura, ao invés de um índice, é utilizada uma função *de hash*, que **calcula** o endereço do registro com base no valor do parâmetro de pesquisa. Confira na tabela abaixo:

chave: 250---> E=F(chave) ---> E = 3

|--------> 3

	NÚMERO	NOME	SALÁRIO
1	200	Maria	270,00
2			
3	**250**	**Karol**	**500,00**
4			
5	150	Paula	500,00

|-----------ÁREA DE DADOS NO DISCO------------|

O elemento-chave do acesso direto é a **Função de hash**. Podemos classificar esta função em dois tipos:

Funções determinísticas – dada uma chave de acesso, gera um único endereço. Em termos práticos, não apresenta vantagens para um grande número de registros.

Funções probabilísticas – dada uma chave de acesso, gera um endereço tão único quanto possível.

Quando a função probabilística aponta duas chaves de acesso para o mesmo endereço, temos a chamada **colisão.**

Exemplo: função **mod10** (resto da divisão por 10)

Simulemos, com base nessa função, a inserção de alguns registros com base em algumas chaves:

Chave de acesso **252** – F(252) – endereço **2**.
Chave de acesso **547** – F(547) – endereço **7**.
Chave de acesso **302** – F(302) – endereço **2** – **colisão!**

Existem várias formas de tratar a colisão no acesso direto. Uma delas é buscar o próximo endereço livre. Porém, a solução mais frequente é o **encadeamento**. No encadeamento, todos os registros que colidem em um mesmo endereço são colocados em uma **lista encadeada**.

	NÚMERO	
1		
2	252	302
3		
4		
5		
6		
7	547	

Lista encadeada para tratar colisões.

No acesso direto, o tempo médio de acesso aleatório aos arquivos é balanceado, mesmo com o aumento do número de registros, e independentemente da localização em disco do registro.

2.5 Armazenamento Invertido

O armazenamento invertido apresenta uma abordagem diferente do que foi apresentado até agora.

O foco dos métodos de armazenamento anterior era a ***chave primária***. No armazenamento invertido, os valores de outros atributos (chaves secundárias) são coletados como informação chave, e **listas invertidas** são montadas.

Na figura abaixo, é representado um arquivo invertido com duas inversões associadas à chave secundária IDADE, uma contendo os ENDEREÇOS e outra NÚMEROS.

IDADE	**ENDEREÇOS**		
20	2	8	9
22	1	5	
23	4		
25	6	10	
27	3	7	

IDADE	**NÚMEROS**		
20	200	300	100
22	350	400	
23	250		
25	600	550	
27	150	450	

	NÚMERO	**NOME**	**IDADE**
1	350	PEDRO	22
2	200	GISA	20
3	150	MAX	27
4	250	SANDRA	23
5	400	PAULO	22
6	600	CARLA	25
7	450	ROBSON	27
8	300	CELSO	20
9	100	RENATA	20
10	550	LEANDRO	25

Na primeira inversão, os registros são identificados por seus endereços físicos. Esta modalidade apresenta a vantagem de permitir o acesso direto ao registro, mas acarreta o problema de que as listas são válidas apenas para aquela disposição física dos registros, sendo que, caso o arquivo venha a sofrer uma reorganização que envolva mudança nos endereços dos registros, todas as inversões deverão ser novamente geradas.

Uma alternativa para este problema consiste na identificação dos registros por meio de uma de suas chaves primárias, como na segunda inversão. Com isto as listas invertidas passam a ser independentes da localização física dos registros, havendo, no entanto, perda de eficiência no acesso, em virtude da necessidade de determinar o endereço do registro uma vez obtida a sua chave primária na lista.

RESUMO DOS MÉTODOS DE ACESSO A ARQUIVOS

Arquivo	Vantagens	Desvantagens
Sequencial	Acessos sequenciais mais eficientes.	Operações de modificações não são simples.
Sequencial Indexado	Utilizam índices, que agilizam a consulta por estarem na RAM.	Necessidades de áreas de extensão, que precisam ser reorganizadas.
Indexado	Registros sem compromisso com armazenamento físico.	Atualização do índice quando da inserção de um registro.
Direto	Acesso direto, sem necessidade do índice.	Determinar funções que gerem menor número de colisões
Invertido	Acesso direto ao registro após localização da lista invertida.	As listas invertidas valem apenas para aquela disposição física do arquivo.

CAIU na prova!

(FCC – TRT 4ª Região – Analista Judiciário – 2015) Considerando diferentes organizações e métodos de acesso, em um arquivo

(A) Invertido, devem-se determinar funções que gerem maior número de colisões.

(B) Direto, as listas invertidas valem apenas para aquela disposição física do arquivo.

(C) Sequencial, as operações de modificações não são simples.

(D) Direto, são necessárias áreas de extensão, que precisam ser reorganizadas.

(E) Indexado, não ocorre atualização do índice quando da inserção de um registro.

Comentários: Esta questão nos força a revisar os cinco métodos estudados. Analisando as alternativas:

(A) Totalmente equivocado, uma vez que as colisões ocorrem no acesso direto, e devem ser minimizadas;
(B) *As listas invertidas valem apenas para aquela disposição física do arquivo*. Isso é correto, mas é característico apenas do acesso invertido, e não do acesso direto;

(C) **Correto!** Modificar arquivos que devem permanecer em sequência não é trivial.

(D) As áreas de extensão são característica do acesso sequencial indexado;

(E) No indexado, os índices precisam ser atualizados quando registros com informações novas são inseridos.

Resposta certa, **alternativa c)**.

BACKUP

A informação mais importante a respeito de backup fica na norma ISO 27002, a qual afirma que as **mídias de backup devem ficar situadas a uma distância segura da mídia e dos sistemas originais, para que danos causados por um desastre no site principal não afetem também o backup**. Questões de prova em cima dessa ideia são frequentes.

Além disso, podemos destacar que os backups podem ser realizados de três formas diferentes. São elas:

Backup Incremental: realiza um backup dos arquivos que foram alterados ou novos desde o último backup, de qualquer tipo. Em suma, é um backup de atualização.

Backup Diferencial: realiza um backup dos arquivos que foram alterados desde o último backup completo. É um backup intermediário entre o incremental e o completo.

Backup Completo: como o próprio nome diz, todos os arquivos e pastas na unidade sofrem o backup, ou seja, é criada uma cópia de segurança para todos esses arquivos.

Onde gravar os backups: você pode usar mídias (como CD, DVD, pen-drive, disco de Blu-ray e disco rígido interno ou externo) ou armazena-los remotamente (online ou off-site). A escolha depende do programa de backup que está sendo usado e de questões como capacidade de armazenamento, custo e confiabilidade. Um CD, DVD ou Blu-ray pode bastar para pequenas quantidades de dados, um pen-drive pode ser indicado para dados constantemente modificados, ao passo que um disco rígido pode ser usado para grandes volumes que devam perdurar.

Quais arquivos copiar: apenas arquivos confiáveis e que tenham importância para você devem ser copiados. Arquivos de programas que podem ser reinstalados, geralmente, não precisam ser copiados. Fazer cópia de arquivos desnecessários pode ocupar espaço inutilmente e dificultar a localização dos demais dados. Muitos programas de backup já possuem listas de arquivos e diretórios recomendados, você pode optar por aceitá-las ou criar suas próprias listas.

Com que periodicidade devo realiza-los: depende da frequência com que você cria ou modifica arquivos. Arquivos frequentemente modificados podem ser copiados diariamente ao passo que aqueles pouco alterados podem ser copiados semanalmente ou mensalmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

E encerramos a nossa aula!

Faça uma excelente prova! E que venha a **Polícia Civil do Pará!**

Victor Dalton

Qconcursos.com

PORTUGUÊS

Interpretação de texto

Tipos de discurso: direto, indireto e indireto livre

Profª. Isabel Vega

Qconcursos.com

Tipos de discurso: direto, indireto e indireto livre

I – DISCURSO DIRETO → reprodução textual das falas dos personagens.

↱verbo *dicendi* (elocução)

Ex.1: — Posso levar uma rosa? pergunta o poeta Adriano, avançando a mão para o meio da mesa.

Ex.2: Lourenço continuou, sem olhar para o seu velho companheiro:

— A morte das cousas que criamos é que nos faz sofrer.

Qconcursos.com

Tipos de discurso: direto, indireto e indireto livre

Questão: As aspas, na segunda estrofe, foram utilizadas para:

Mas me vem um cidadão / E me diz desconfiado / “Tu tá aí admirado? / Ou tá querendo roubar?”

(A) dar ênfase ao que se diz.

(B) introduzir um discurso que não é do enunciador.

(C) indicar que os termos estão empregados em sentido figurado.

(D) marcar uma conotação irônica.

Qconcursos.com

Tipos de discurso: direto, indireto e indireto livre

Questão: As aspas, na segunda estrofe, foram utilizadas para:

↱verbo *dicendi*

Mas me vem um cidadão / E me diz desconfiado / "Tu tá aí admirado? / Ou tá querendo roubar?"

(A) dar ênfase ao que se diz.

(✗) introduzir um discurso que não é do enunciador.

(C) indicar que os termos estão empregados em sentido figurado.

(D) marcar uma conotação irônica.

Qconcursos.com

Tipos de discurso: direto, indireto e indireto livre

II – DISCURSO INDIRETO → reprodução da fala do personagem pelo narrador, "contentando-se em transmitir ao leitor apenas o seu conteúdo, sem nenhum respeito à forma linguística que teria sido realmente empregada."

Ex.1: Foi nesse sertão primitivo e rude que Arinos me contou ter sentido talvez a maior, a mais pura das sensações de arte.

Ex.2: João Garcia garantiu que sim, que voltava.

Qconcursos.com

Tipos de discurso: direto, indireto e indireto livre

Questão: Após a partida, o jogador confirmou na entrevista coletiva que ia abandonar o futebol, mas disse também que estava muito triste por se despedir de sua carreira de maneira tão melancólica.

O redator dessa notícia transmitiu, com suas próprias palavras, a essência do depoimento do jogador, o que é uma técnica redacional chamada de:

(A) referência livre.

(B) discurso indireto

(C) ponto de vista

(D) discurso direto

(E) ponto de referência

Qconcursos.com

Tipos de discurso: direto, indireto e indireto livre

Questão: Após a partida, o jogador confirmou na entrevista coletiva que ia abandonar o futebol, mas disse também que estava muito triste por se despedir de sua carreira de maneira tão melancólica.

O redator dessa notícia transmitiu, com suas próprias palavras, a essência do depoimento do jogador, o que é uma técnica redacional chamada de:

(A) referência livre.

(✗) discurso indireto

(C) ponto de vista

(D) discurso direto

(E) ponto de referência

Qconcursos.com

Tipos de discurso: direto, indireto e indireto livre

III – DISCURSO INDIRETO LIVRE

“Na moderna literatura narrativa, tem sido amplamente utilizado um terceiro processo de reprodução de enunciados, resultante da conciliação dos dois anteriormente descritos. É o chamado DISCURSO INDIRETO LIVRE, forma de expressão que, em vez de apresentar a personagem em sua voz própria (DISCURSO DIRETO), ou de informar objetivamente o leitor sobre o que ela teria dito (DISCURSO INDIRETO), aproxima narrador e personagem, dando-nos a impressão de que passam a falar em uníssono.” (Cunha & Cintra)

Qconcursos.com

Tipos de discurso: direto, indireto e indireto livre

Questão: Em um texto narrativo, as falas dos personagens podem figurar em destaque, marcadas por uma pontuação adequada, ou ser parafraseadas pelo narrador. Há também casos nos quais não é possível delimitar as falas de narrador e personagem. Com base nessas informações, assinale a alternativa que apresenta a correta classificação do tipo de discurso utilizado no trecho a seguir:

"Um homem morre de fome em plena rua, entre centenas de passantes. Um homem caído na rua. Um bêbado. Um vagabundo. Um mendigo, um anormal, um tarado, um pária, um marginal, um proscrito, um bicho, uma coisa - não é um homem." (5º§)

Qconcursos.com

Tipos de discurso: direto, indireto e indireto livre

(A) Discurso direto livre

(B) Discurso direto

(C) Discurso indireto livre

(D) Discurso indireto

(E) Discurso direto e indireto

Tipos de discurso: direto, indireto e indireto livre

(A) Discurso direto livre

(B) Discurso direto

(✗) Discurso indireto livre

(D) Discurso indireto

(E) Discurso direto e indireto

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Constituição: Princípios Fundamentais 2
  Princípio Republicano 2
    Princípio Republicano 2
  Princípio do Sistema Presidencialista 2
    Regimes Políticos 2
  Princípio da Separação dos Poderes – Tripartição dos Poderes 3

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Constituição: Princípios Fundamentais

Princípio Republicano

A República, proclamada em 15 de novembro de 1889, foi efetivamente consagrada na Constituição de 1891. O princípio republicano determina a nossa ***FORMA DE GOVERNO***, ou seja, o modo como se organiza a Chefia de Estado em um País.

→ São duas as formas de Governo conhecidas:

MONARQUIA
- VItaliciedade
- Hereditariedade
- Irresponsabilidade

REPÚBLICA
- Temporário
- Eleito
- Responsável
- Igualdade perante a lei

Princípio Republicano

O texto constitucional não previu o princípio republicano como cláusula Pétrea. Contudo, a CF o definiu como princípio sensível, previsto no Art. 34 da CF.

Princípio do Sistema Presidencialista

Define o nosso ***SISTEMA DE GOVERNO*** e representa a forma como os Poderes se relacionam.

Presidencialismo
- Unipessoalidade da Chefia de Estado e Governo;
- Legitimidade popular DIRETA do Presidente da República;
- Independência entre Executivo e Legislativo.

Parlamentarismo
- Separação entre Chefe de Estado e Chefe de Governo;
- Legitimidade popular indireta do Poder Executivo;
- Interdependência do Executivo e Legislativo.

Regimes Políticos

O Regime político adotado no Brasil é o Democrático, e a nossa democracia é a semidireta (participativa), uma vez que conjuga os elementos da democracia direta com a democracia indireta (representativa), como se extrai do Art. 1º parágrafo único da CF:

> *"**Parágrafo único**. Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição."*

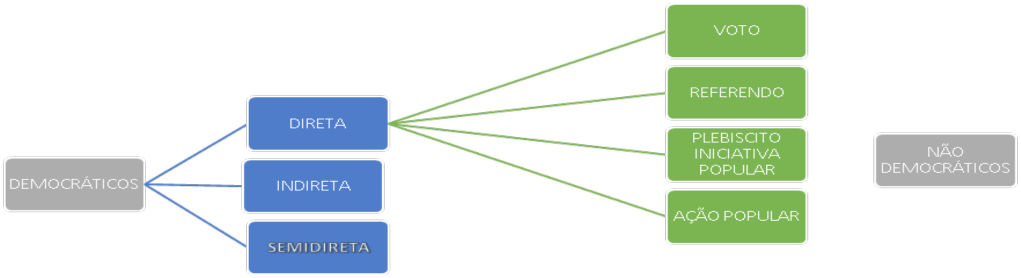

RESUMO

Forma de Estado
- Unitário
- Composto (Federação)

Forma de Governo
- Monarquia
- República

Sistema de Governo
- Presidencialismo
- Parlamentarismo

Regimes Políticos
- Democráticos
- Não democráticos

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

→ **POEMA PARA MEMORIZAÇÃO:**

"O Estado Fede,
a República é Fogo,
o Presidente é sistemático
e o regime é democrático."

Princípio da Separação dos Poderes – Tripartição dos Poderes

PODER É UNO E INDIVISÍVEL; as funções estatais básicas é que são divididas.

OBJETIVO: preservar a liberdade individual, combatendo a concentração de poder, isto é, a tendência absolutista de exercício de poder político pela mesma pessoa ou grupo de pessoas.

> *"**Art. 2º** São Poderes da União, independentes e harmônicos entre si, o Legislativo, o Executivo e o Judiciário."*

Cada Poder possui funções típicas e Funções atípicas. Em respeito ao *princípio da indelegabilidade de atribuições,* os Poderes não podem ficar transferindo suas atribuições para outros Poderes.

Contudo, isso não significa que tal separação de funções do Estado seja rígida. Isso porque, pelo sistema de freios e contrapesos, é possível o exercício de forma atípica de um Poder por outro Poder.

A separação dos Poderes, nesse modelo, estabelece um mecanismo de fiscalização e responsabilização recíproca dos Poderes estatais.

Condicionam a competência de um Poder à apreciação de outro Poder de forma a garantir o equilíbrio entre os Poderes.

Dessa forma, além do exercício de funções típicas, cada órgão exerce também outras duas funções atípicas dos demais órgãos.

→ **É cláusula Pétrea**

> *"§ 4º – Não será objeto de deliberação a proposta de emenda tendente a abolir:*
>
> *III – a separação dos Poderes;"*

EXERCÍCIOS

01. A igualdade perante a lei, a periodicidade dos mandatos políticos e a responsabilidade dos mandatários são características do princípio republicano.

Certo ( ) Errado ( )

02. O regime político adotado na CF caracteriza a República Federativa do Brasil como um Estado Democrático de Direito em que se conjuga o princípio representativo com a participação direta do povo por meio do voto, do plebiscito, do referendo e da iniciativa popular.

Certo ( ) Errado ( )

03. A função típica do Poder Legislativo é legislar, do Poder Executivo, administrar e do Poder Judiciário, exercer a jurisdição. Contudo, cada um dos poderes exerce, em pequena proporção, função que seria originariamente de outro. Isso ocorre para assegurar-se a própria autonomia institucional de cada poder e para que um poder exerça, em última instância, um controle sobre o outro, evitando-se o arbítrio e o desmando.

Certo ( ) Errado ( )

04. A chamada reserva jurisdicional é privativa do Poder Judiciário, podendo excepcionalmente ser exercida pelo Poder Executivo ou Legislativo em função atípica.

Certo ( ) Errado ( )

GABARITO

01 - C

02 - C

03 - C

04 - E

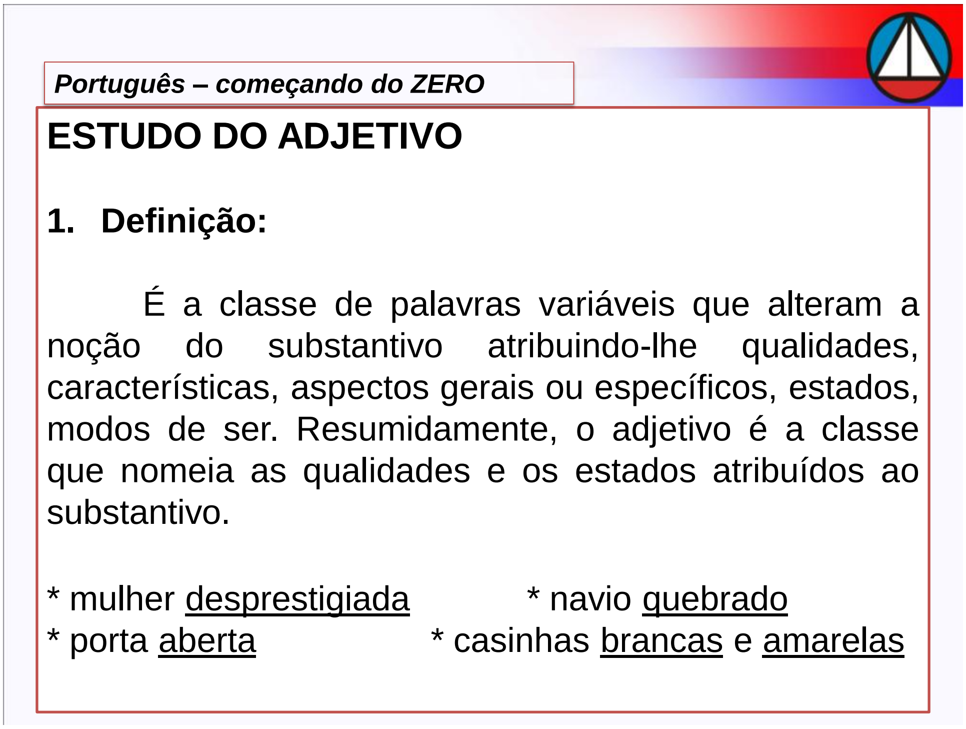

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

1. Definição:

É a classe de palavras variáveis que alteram a noção do substantivo atribuindo-lhe qualidades, características, aspectos gerais ou específicos, estados, modos de ser. Resumidamente, o adjetivo é a classe que nomeia as qualidades e os estados atribuídos ao substantivo.

* mulher desprestigiada
* navio quebrado
* porta aberta
* casinhas brancas e amarelas

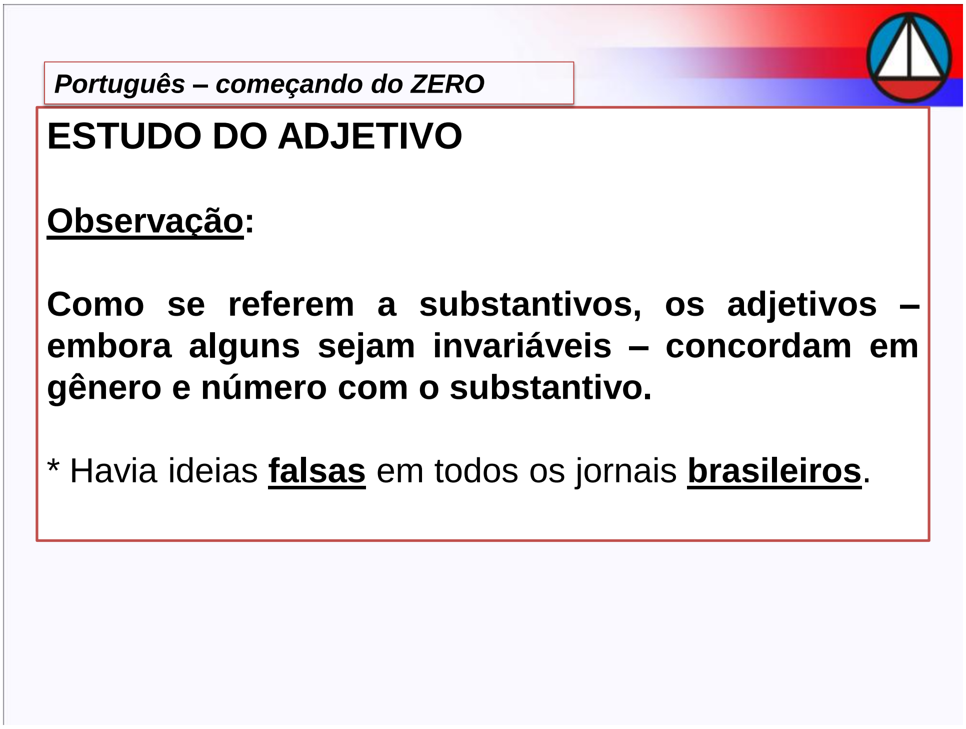

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

Observação:

Como se referem a substantivos, os adjetivos – embora alguns sejam invariáveis – concordam em gênero e número com o substantivo.

* Havia ideias **falsas** em todos os jornais **brasileiros**.

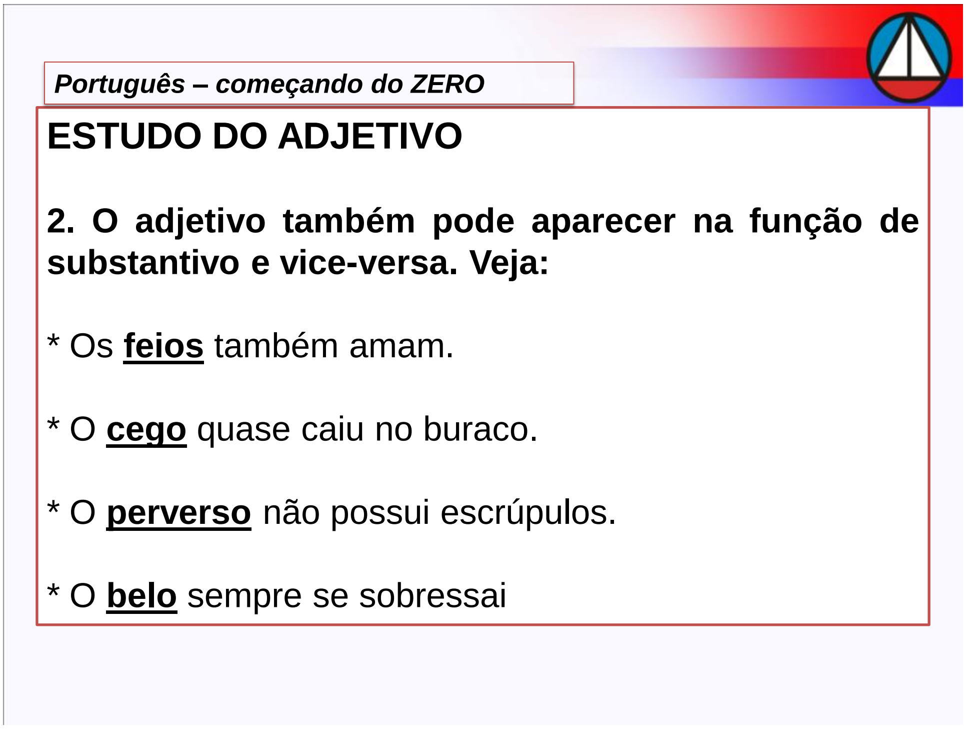

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

2. O adjetivo também pode aparecer na função de substantivo e vice-versa. Veja:

* Os **feios** também amam.

* O **cego** quase caiu no buraco.

* O **perverso** não possui escrúpulos.

* O **belo** sempre se sobressai

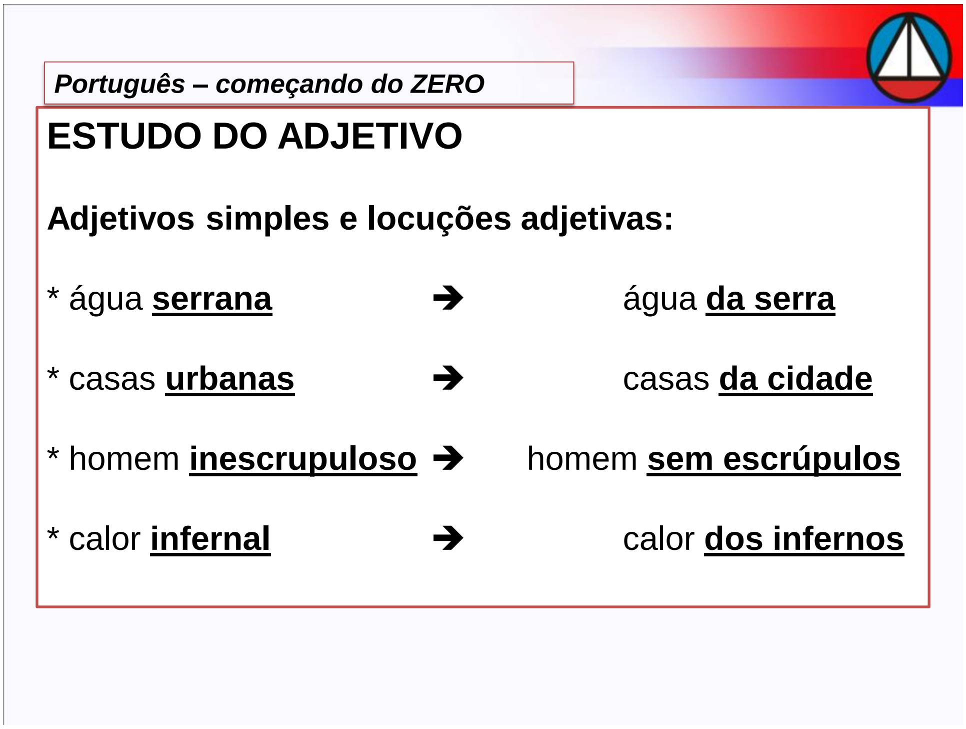

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

Adjetivos simples e locuções adjetivas:

* água **serrana** ➔ água **da serra**

* casas **urbanas** ➔ casas **da cidade**

* homem **inescrupuloso** ➔ homem **sem escrúpulos**

* calor **infernal** ➔ calor **dos infernos**

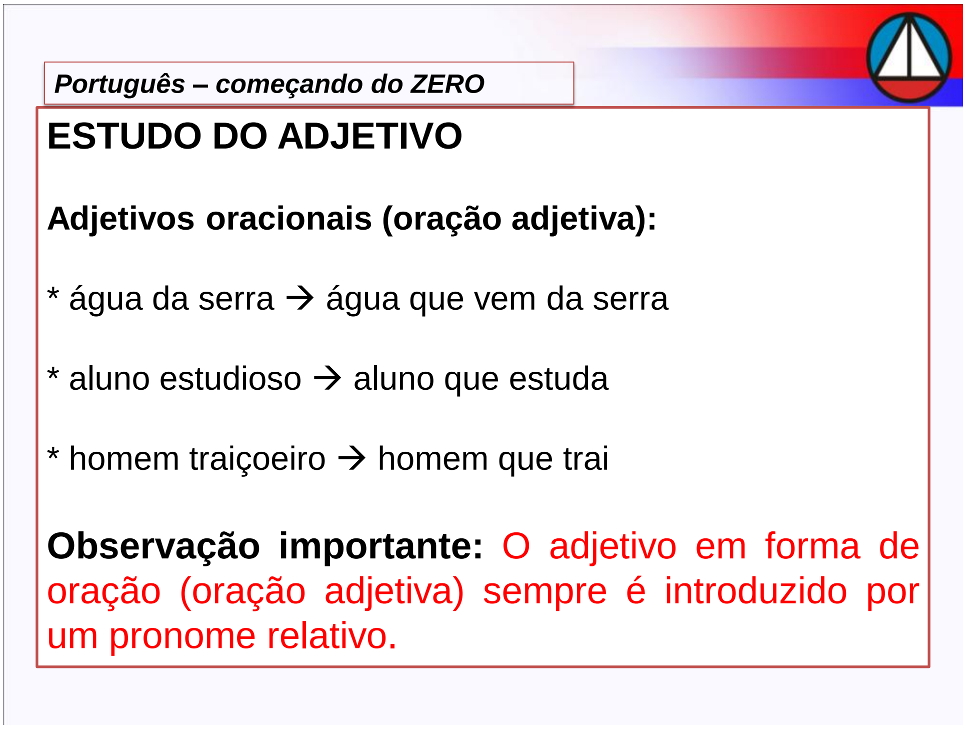

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

Adjetivos oracionais (oração adjetiva):

* água da serra → água que vem da serra

* aluno estudioso → aluno que estuda

* homem traiçoeiro → homem que trai

Observação importante: O adjetivo em forma de oração (oração adjetiva) sempre é introduzido por um pronome relativo.

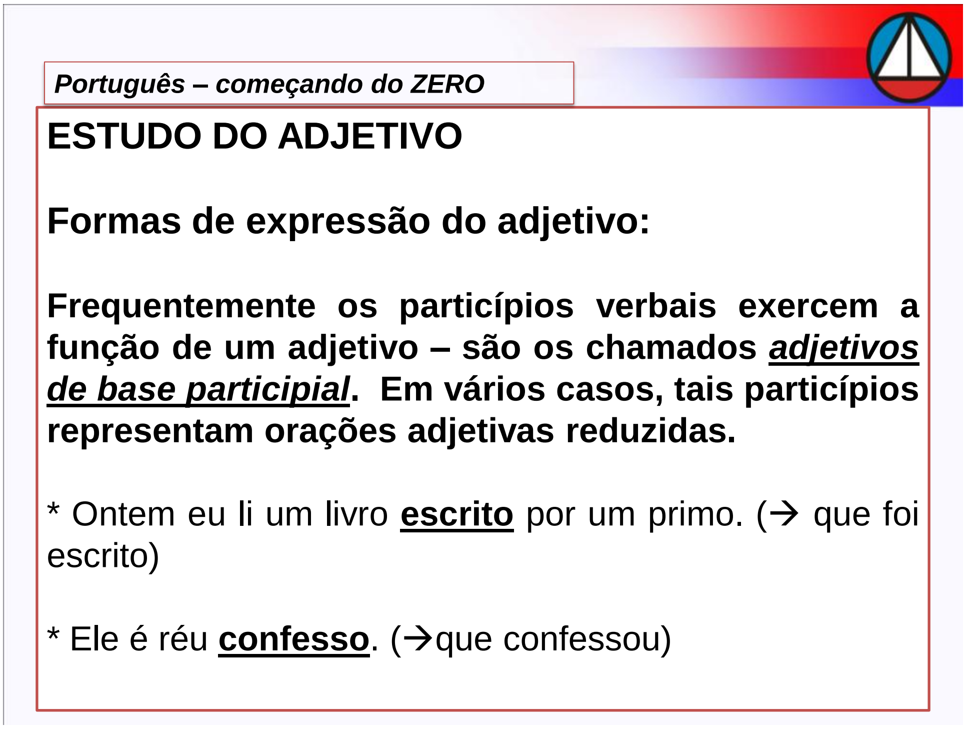

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

Formas de expressão do adjetivo:

Frequentemente os particípios verbais exercem a função de um adjetivo – são os chamados *adjetivos de base participial*. Em vários casos, tais particípios representam orações adjetivas reduzidas.

* Ontem eu li um livro **escrito** por um primo. (→ que foi escrito)

* Ele é réu **confesso**. (→que confessou)

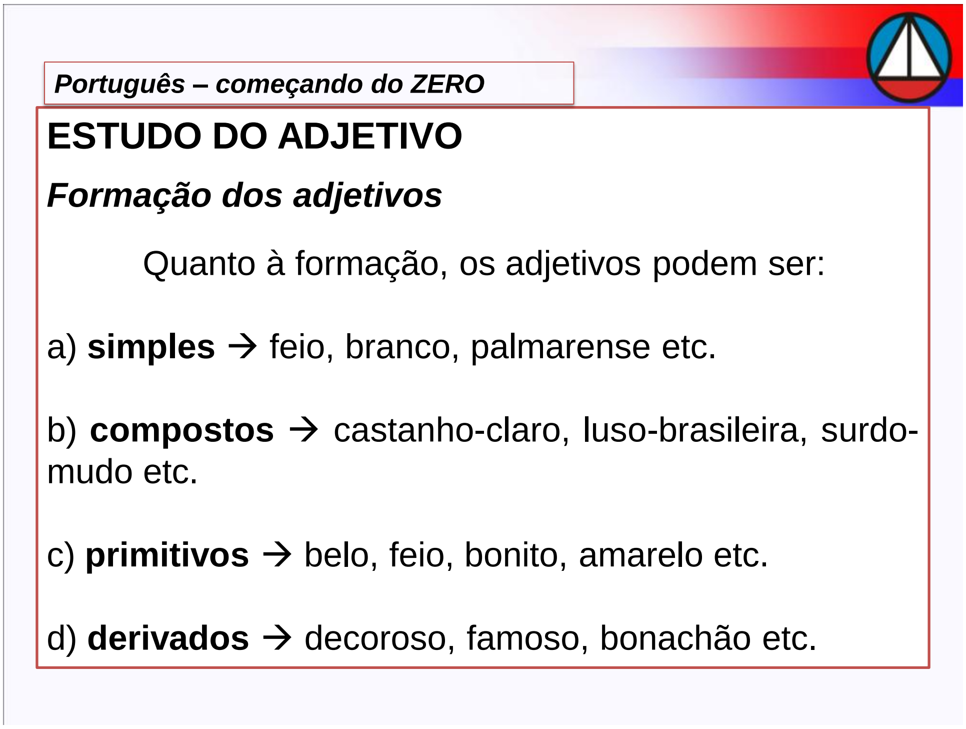

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

Formação dos adjetivos

Quanto à formação, os adjetivos podem ser:

a) **simples** → feio, branco, palmarense etc.

b) **compostos** → castanho-claro, luso-brasileira, surdo-mudo etc.

c) **primitivos** → belo, feio, bonito, amarelo etc.

d) **derivados** → decoroso, famoso, bonachão etc.

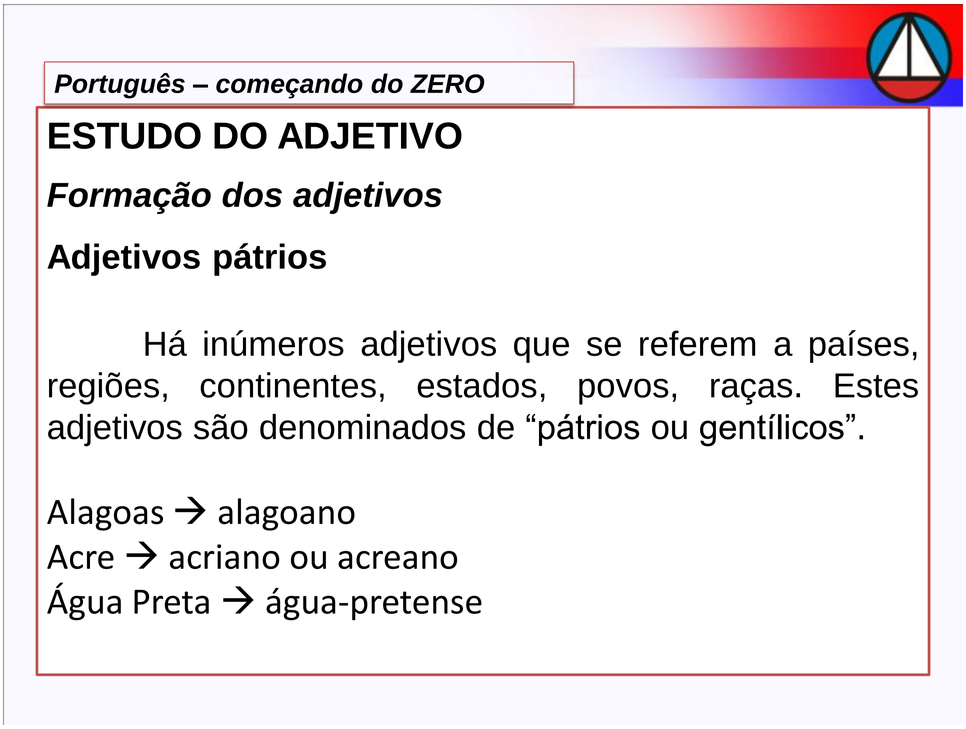

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

Formação dos adjetivos

Adjetivos pátrios

Há inúmeros adjetivos que se referem a países, regiões, continentes, estados, povos, raças. Estes adjetivos são denominados de “pátrios ou gentílicos”.

Alagoas → alagoano
Acre → acriano ou acreano
Água Preta → água-pretense

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

Flexão dos adjetivos

Assim como os substantivos, os adjetivos se flexionam em **gênero**, **número** e **grau**.

1. Flexões de gênero

Como o adjetivo é a palavra que acompanha o substantivo a fim de qualificá-lo, a flexão em que este se encontra contamina a daquele, ou seja, o adjetivo geralmente se flexiona de acordo com o substantivo que ele determina.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

Flexão dos adjetivos

Exemplos:

* acordos feministas

* bolachas gostosas

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

2. Flexões de número

a) Como já dissemos, o adjetivo acompanha o substantivo e com este concorda. Portanto, o adjetivo se flexionará em número de acordo com as regras que se utilizam para a flexão de número dos substantivos.

* vestido azul → vestidos **azuis**
* prato espanhol → pratos **espanhóis**
* questão comum → questões **comuns**
* ideia vã → pensamentos **vãos**

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

b) Nos adjetivos compostos, só o último elemento se flexiona.

* intervenção médico-cirúrgica → intervenções médico-**cirúrgicas**

* acordo luso-latino-americano → relações luso-latino-**americanas**

* problema sócio-político → soluções sócio-**políticas**

* tratado franco-brasileiro → tratados franco-**brasileiros**

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

b) São invariáveis os adjetivos compostos formados de "cor + de + substantivo". Observe:

* blusa cor-de-rosa → blusas **cor-de-rosa**

* azulejos **cor de musgo**

* suéter cor de café com leite → suéteres **cor de café com leite**

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

Observação:

Nos exemplos, há a omissão da preposição "de" entre o primeiro substantivo e a palavra "cor". Logo, também seria gramaticalmente correta a seguinte escrita:

* luvas **de** cor de café

* vestidos **de** cor de chocolate

* meias **de** cor de rosa

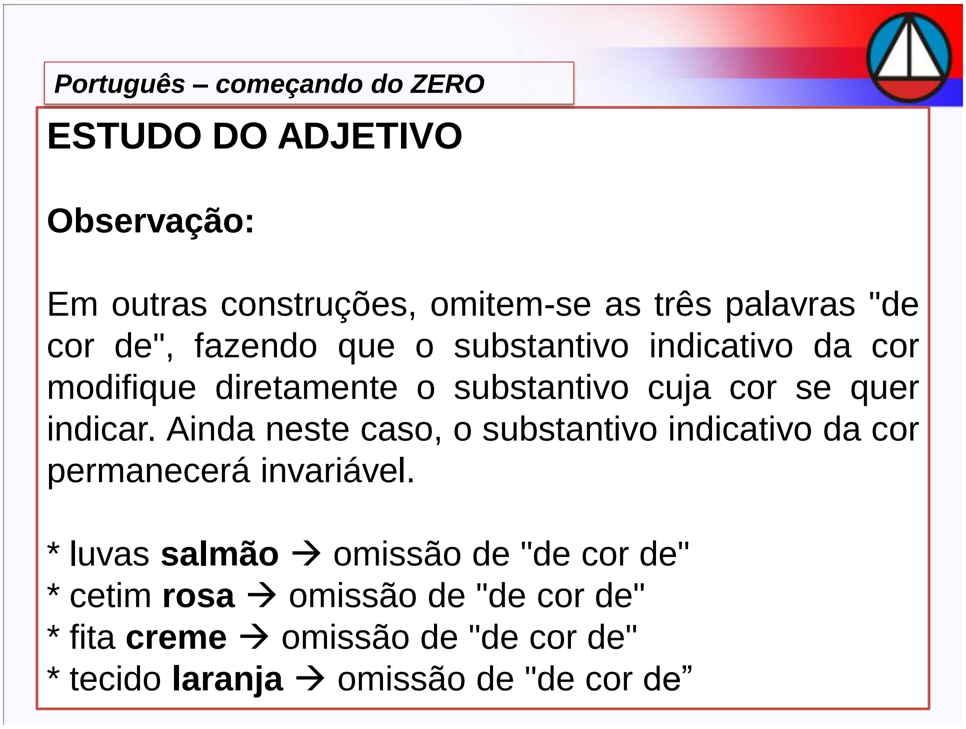

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

Observação:

Em outras construções, omitem-se as três palavras "de cor de", fazendo que o substantivo indicativo da cor modifique diretamente o substantivo cuja cor se quer indicar. Ainda neste caso, o substantivo indicativo da cor permanecerá invariável.

* luvas **salmão** → omissão de "de cor de"
* cetim **rosa** → omissão de "de cor de"
* fita **creme** → omissão de "de cor de"
* tecido **laranja** → omissão de "de cor de”

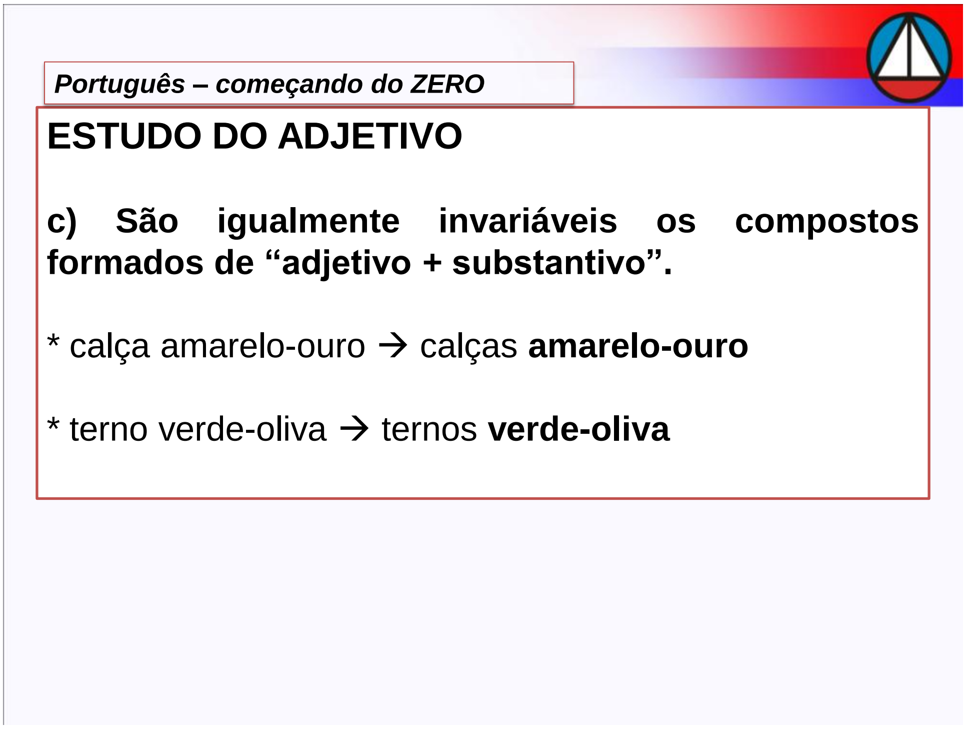

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

c) São igualmente invariáveis os compostos formados de “adjetivo + substantivo”.

* calça amarelo-ouro → calças **amarelo-ouro**

* terno verde-oliva → ternos **verde-oliva**

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

Adjetivos adverbializados → são adjetivos empregados na função de advérbio.

Regra:

Quando empregados em função adverbial, os adjetivos tornam-se invariáveis, ou seja, ficam no masculino e no singular.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

Exemplos:

* Vamos falar **sério**.

* A justiça **rápido** se corrompe.

* Ouvimos músicas **puro** clássicas.

* Elas torciam **forte**.

* As portas **raro** se abriam.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

Flexões de grau

As flexões de grau apresentam a intensidade das qualidades atribuídas aos seres. Não se deve, pois, confundir com o grau dos substantivos, já que este tem por função indicar o tamanho dos seres.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

Flexões de grau

I – O grau comparativo

A grande característica do grau comparativo é a existência de dois seres postos numa relação de confronto. Nesta relação um dos seres se mostrará “inferior”, “superior” ou “igual” ao outro no que se refere a(s) sua(s) qualidade(s). Daí o grau comparativo poder ser:

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

Flexões de grau

I – O grau comparativo

1. De inferioridade (menos... que ou **do que...)**

* Os argumentos orais apresentados eram **menos** consistentes **do que** a defesa escrita que fizera no início do processo.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

Flexões de grau

I – O grau comparativo

2. De igualdade (tão... quanto, quão ou **como...)**

* Todos os cavalos eram **tão** saudáveis **quanto** as éguas que tínhamos comprado no mês passado.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

Flexões de grau

I – O grau comparativo

3. De superioridade (**mais**... **que** ou **do que**...)

* O castelo era mais alto que a casa daquele empresário.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

I – O grau comparativo

a) O grau comparativo se faz, como se percebeu, de forma analítica. Alguns adjetivos, entretanto, oriundos do latim, apresentam forma sintética para o comparativo. São eles:

Adjetivo	**Forma comparativa sintética**
Bom	melhor
mau	pior
grande	maior
Pequeno	menor

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

I – O grau comparativo

Observação: Quando se comparam, no entanto, características de um mesmo ser, usam-se as formas analíticas destes mesmos adjetivos. Veja:

* A casa era **mais** grande **do que** arejada.

* Ele era mais bom do que atencioso.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

I – O grau comparativo

Observação:

Nas estruturas comparativas, é comum o verbo da oração comparativa vir oculto, elíptico pelo fato de ser o mesmo verbo da oração anteposta.

* Ela fala como um papagaio.

* Ele age como se fosse o dono do negócio.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

II – O grau superlativo

Aqui os adjetivos expressam o grau mais elevado da característica atribuída ao substantivo. Divide-se em:

1. Superlativo absoluto → aqui não se estabelece qualquer comparação com outro ser e o adjetivo intensifica ao máximo a característica atribuída ao substantivo. Pode ser efetivado de duas maneiras:

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

II – O grau superlativo

a) De forma analítica (superlativo absoluto analítico) → é obtido com o emprego de um advérbio de intensidade anteposto ao adjetivo. Geralmente se empregam os advérbios “muito, mui, bastante, muitíssimo, excessivamente, exageradamente”.

* A questão era demasiadamente difícil.

* Todos ficaram bastante perplexos.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

II – O grau superlativo

b) De forma sintética (superlativo absoluto sintético) → é obtido com o emprego dos sufixos “-íssimo”, “-imo” ou “-érrimo” ao adjetivo.

* Ele sempre demonstrou atitudes benevolentíssimas.

* Era um objeto sacratíssimo.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

II – O grau superlativo

2. Superlativo relativo → aqui o adjetivo atribuído ao substantivo é intensificado para mais ou para menos e posto numa relação comparativa com outro ser. Pode ser:

a) Superlativo relativo de superioridade → é obtido com o emprego dos elementos “**o mais**... **de**... (ou **dentre**...)”.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

II – O grau superlativo

Exemplos:

* “Você era **a mais** bonita **das** cabrochas dessa ala.” (Chico Buarque)

* Ele sempre foi **o mais** inteligente **dentre** todos os alunos de sua escola.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

II – O grau superlativo

b) Superlativo relativo de inferioridade → é obtido com o emprego dos elementos “**o menos**... **de**... (ou **dentre**...)”.

* Os rapazes observados pelo detetive eram **os menos** informados **de** todos os que ele já investigou.

* Aquela menina deveria ser **a menos** sábia **dentre** seus coleguinhas da sala por causa do problema neurológico.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

1. Definição:

É a classe de palavras variáveis que alteram a noção do substantivo atribuindo-lhe qualidades, características, aspectos gerais ou específicos, estados, modos de ser. Resumidamente, o adjetivo é a classe que nomeia as qualidades e os estados atribuídos ao substantivo.

* mulher desprestigiada * navio quebrado
* porta aberta * casinhas brancas e amarelas

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

Observação:

Como se referem a substantivos, os adjetivos – embora alguns sejam invariáveis – concordam em gênero e número com o substantivo.

* Havia ideias **falsas** em todos os jornais **brasileiros**.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

2. O adjetivo também pode aparecer na função de substantivo e vice-versa. Veja:

* Os **feios** também amam.

* O **cego** quase caiu no buraco.

* O **perverso** não possui escrúpulos.

* O **belo** sempre se sobressai

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

Adjetivos simples e locuções adjetivas:

* água **serrana** ➔ água **da serra**

* casas **urbanas** ➔ casas **da cidade**

* homem **inescrupuloso** ➔ homem **sem escrúpulos**

* calor **infernal** ➔ calor **dos infernos**

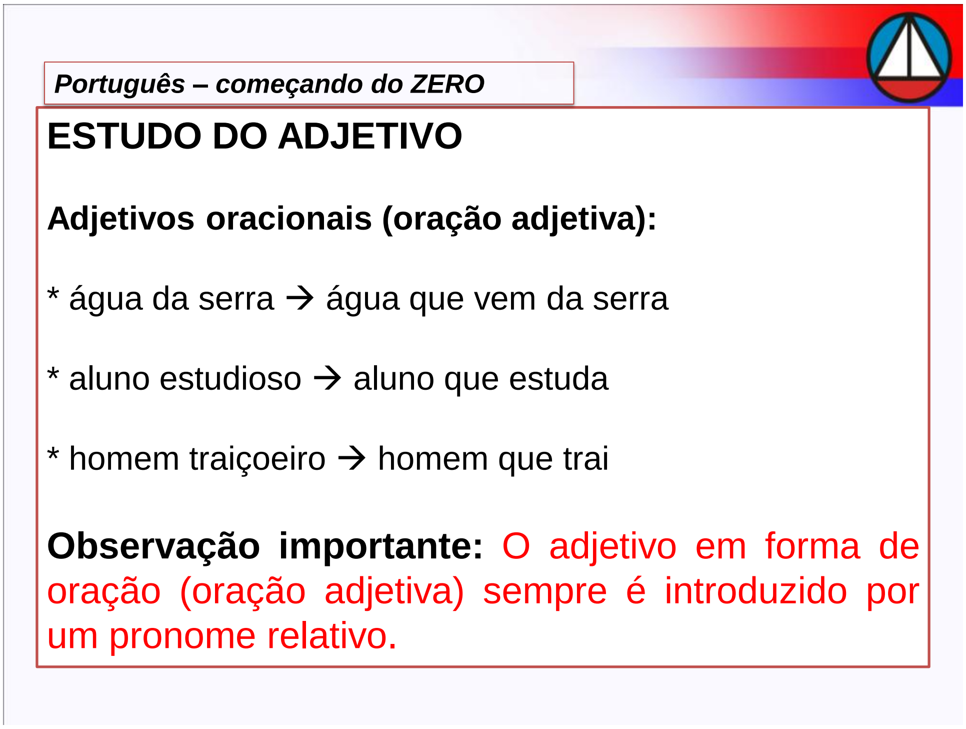

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

Adjetivos oracionais (oração adjetiva):

* água da serra → água que vem da serra

* aluno estudioso → aluno que estuda

* homem traiçoeiro → homem que trai

Observação importante: O adjetivo em forma de oração (oração adjetiva) sempre é introduzido por um pronome relativo.

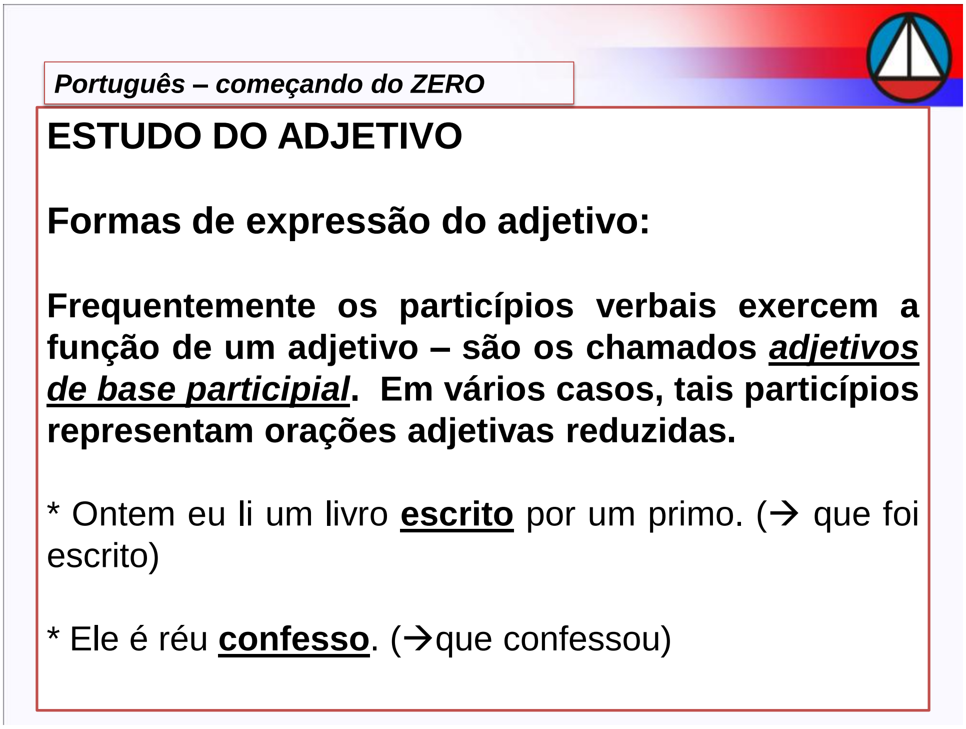

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

Formas de expressão do adjetivo:

Frequentemente os particípios verbais exercem a função de um adjetivo – são os chamados *adjetivos de base participial*. Em vários casos, tais particípios representam orações adjetivas reduzidas.

* Ontem eu li um livro **escrito** por um primo. (→ que foi escrito)

* Ele é réu **confesso**. (→que confessou)

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

Formação dos adjetivos

Quanto à formação, os adjetivos podem ser:

a) **simples** → feio, branco, palmarense etc.

b) **compostos** → castanho-claro, luso-brasileira, surdo-mudo etc.

c) **primitivos** → belo, feio, bonito, amarelo etc.

d) **derivados** → decoroso, famoso, bonachão etc.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

Formação dos adjetivos

Adjetivos pátrios

Há inúmeros adjetivos que se referem a países, regiões, continentes, estados, povos, raças. Estes adjetivos são denominados de “pátrios ou gentílicos”.

Alagoas → alagoano
Acre → acriano ou acreano
Água Preta → água-pretense

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

Flexão dos adjetivos

Assim como os substantivos, os adjetivos se flexionam em **gênero**, **número** e **grau**.

1. Flexões de gênero

Como o adjetivo é a palavra que acompanha o substantivo a fim de qualificá-lo, a flexão em que este se encontra contamina a daquele, ou seja, o adjetivo geralmente se flexiona de acordo com o substantivo que ele determina.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

Flexão dos adjetivos

Exemplos:

* acordos feministas

* bolachas gostosas

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

2. Flexões de número

a) Como já dissemos, o adjetivo acompanha o substantivo e com este concorda. Portanto, o adjetivo se flexionará em número de acordo com as regras que se utilizam para a flexão de número dos substantivos.

* vestido azul → vestidos **azuis**
* prato espanhol → pratos **espanhóis**
* questão comum → questões **comuns**
* ideia vã → pensamentos **vãos**

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

b) Nos adjetivos compostos, só o último elemento se flexiona.

* intervenção médico-cirúrgica → intervenções médico-**cirúrgicas**

* acordo luso-latino-americano → relações luso-latino-**americanas**

* problema sócio-político → soluções sócio-**políticas**

* tratado franco-brasileiro → tratados franco-**brasileiros**

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

b) São invariáveis os adjetivos compostos formados de “cor + de + substantivo”. Observe:

* blusa cor-de-rosa → blusas **cor-de-rosa**

* azulejos **cor de musgo**

* suéter cor de café com leite → suéteres **cor de café com leite**

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

Observação:

Nos exemplos, há a omissão da preposição "de" entre o primeiro substantivo e a palavra "cor". Logo, também seria gramaticalmente correta a seguinte escrita:

* luvas **de** cor de café

* vestidos **de** cor de chocolate

* meias **de** cor de rosa

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

Observação:

Em outras construções, omitem-se as três palavras "de cor de", fazendo que o substantivo indicativo da cor modifique diretamente o substantivo cuja cor se quer indicar. Ainda neste caso, o substantivo indicativo da cor permanecerá invariável.

* luvas **salmão** → omissão de "de cor de"
* cetim **rosa** → omissão de "de cor de"
* fita **creme** → omissão de "de cor de"
* tecido **laranja** → omissão de "de cor de”

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

c) São igualmente invariáveis os compostos formados de “adjetivo + substantivo”.

* calça amarelo-ouro → calças **amarelo-ouro**

* terno verde-oliva → ternos **verde-oliva**

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

Adjetivos adverbializados → são adjetivos empregados na função de advérbio.

Regra:

Quando empregados em função adverbial, os adjetivos tornam-se invariáveis, ou seja, ficam no masculino e no singular.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

Exemplos:

* Vamos falar **sério**.

* A justiça **rápido** se corrompe.

* Ouvimos músicas **puro** clássicas.

* Elas torciam **forte**.

* As portas **raro** se abriam.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

Flexões de grau

As flexões de grau apresentam a intensidade das qualidades atribuídas aos seres. Não se deve, pois, confundir com o grau dos substantivos, já que este tem por função indicar o tamanho dos seres.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

Flexões de grau

I – O grau comparativo

A grande característica do grau comparativo é a existência de dois seres postos numa relação de confronto. Nesta relação um dos seres se mostrará “inferior”, “superior” ou “igual” ao outro no que se refere a(s) sua(s) qualidade(s). Daí o grau comparativo poder ser:

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

Flexões de grau

I – O grau comparativo

1. De inferioridade (menos... que ou **do que...)**

* Os argumentos orais apresentados eram **menos** consistentes **do que** a defesa escrita que fizera no início do processo.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

Flexões de grau

I – O grau comparativo

2. De igualdade (tão... quanto, quão ou **como...)**

* Todos os cavalos eram **tão** saudáveis **quanto** as éguas que tínhamos comprado no mês passado.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

Flexões de grau

I – O grau comparativo

3. De superioridade (**mais**... **que** ou **do que**...)

* O castelo era mais alto que a casa daquele empresário.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

I – O grau comparativo

a) O grau comparativo se faz, como se percebeu, de forma analítica. Alguns adjetivos, entretanto, oriundos do latim, apresentam forma sintética para o comparativo. São eles:

Adjetivo	**Forma comparativa sintética**
Bom	melhor
mau	pior
grande	maior
Pequeno	menor

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

I – O grau comparativo

Observação: Quando se comparam, no entanto, características de um mesmo ser, usam-se as formas analíticas destes mesmos adjetivos. Veja:

* A casa era **mais** grande **do que** arejada.

* Ele era mais bom do que atencioso.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

I – O grau comparativo

Observação:

Nas estruturas comparativas, é comum o verbo da oração comparativa vir oculto, elíptico pelo fato de ser o mesmo verbo da oração anteposta.

* Ela fala como um papagaio.

* Ele age como se fosse o dono do negócio.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

II – O grau superlativo

Aqui os adjetivos expressam o grau mais elevado da característica atribuída ao substantivo. Divide-se em:

1. Superlativo absoluto → aqui não se estabelece qualquer comparação com outro ser e o adjetivo intensifica ao máximo a característica atribuída ao substantivo. Pode ser efetivado de duas maneiras:

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

II – O grau superlativo

a) De forma analítica (superlativo absoluto analítico) → é obtido com o emprego de um advérbio de intensidade anteposto ao adjetivo. Geralmente se empregam os advérbios “muito, mui, bastante, muitíssimo, excessivamente, exageradamente”.

* A questão era demasiadamente difícil.

* Todos ficaram bastante perplexos.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

II – O grau superlativo

b) De forma sintética (superlativo absoluto sintético) → é obtido com o emprego dos sufixos "-íssimo", "-imo" ou "-érrimo" ao adjetivo.

* Ele sempre demonstrou atitudes benevolentíssimas.

* Era um objeto sacratíssimo.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

II – O grau superlativo

2. Superlativo relativo → aqui o adjetivo atribuído ao substantivo é intensificado para mais ou para menos e posto numa relação comparativa com outro ser. Pode ser:

a) Superlativo relativo de superioridade → é obtido com o emprego dos elementos "**o mais**... **de**... (ou **dentre**...)".

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

II – O grau superlativo

Exemplos:

* “Você era **a mais** bonita **das** cabrochas dessa ala.” (Chico Buarque)

* Ele sempre foi **o mais** inteligente **dentre** todos os alunos de sua escola.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ADJETIVO

II – O grau superlativo

b) Superlativo relativo de inferioridade → é obtido com o emprego dos elementos “**o menos**... **de**... (ou **dentre**...)”.

* Os rapazes observados pelo detetive eram **os menos** informados **de** todos os que ele já investigou.

* Aquela menina deveria ser **a menos** sábia **dentre** seus coleguinhas da sala por causa do problema neurológico.

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

FIGURAS DE LINGUAGEM

(PARTE III)

FIGURAS DE PENSAMENTO

Constituem processos expressivos que introduzem uma ideia diferente daquela que a palavra normalmente exprime. Estão, portanto, muito mais ligadas àquilo que revela o sentimento que o emissor quis provocar em seu interlocutor do que aos aspectos sintáticos relacionados à construção das orações.

Importante!

As figuras de pensamento dão ênfase ao aspecto semântico da linguagem, ou seja, por meio da exploração do sentido das palavras, pode-se suavizar uma ideia, enfatizar o sentido de um termo, juntar conceitos opostos etc.

EUFEMISMO – consiste na suavização de uma ideia desagradável, por meio da substituição do termo exato por outro menos ofensivo ou menos inconveniente, sem que haja alteração do conteúdo. É um recurso essencial para que haja maior harmonia nas relações sociais. Observe os exemplos:

- ✓ O pobre homem ***entregou a alma a Deus***. [morreu]
- ✓ Quem ***faltar com a verdade***, será punido. [mentir]
- ✓ Quando **a mais indesejada das gentes** chegar... [a morte] **(Manuel Bandeira)**
- ✓ Um exemplo de eufemismo famoso (e útil, na época) na História aconteceu quando D. João II rebatizou o “Cabo das Tormentas” (que marca o encontro dos oceanos Atlântico e Índico) como “Cabo da Boa Esperança”.

Muito cuidado!

O eufemismo é muitas vezes utilizado com um sentido pejorativo e inadequado, geralmente em frases que se referem à morte, que beira a indelicadeza. A esse artifício, dá-se o nome de **DISFEMISMO**. Como exemplo, temos frases do tipo "Ir para a terra dos pés juntos", "Comer capim pela raiz", "Vestir o paletó de madeira” etc.

ANTÍTESE (CONTRASTE) – é a figura que salienta o confronto de conceitos opostos, que podem ocorrer, inclusive, de maneira simultânea numa mesma oração. Na antítese, os conceitos antônimos não se contradizem nem representam uma realidade absurda, apenas se encontram próximos, sendo que cada conceito indica um referente distinto. Observe:

- ✓ “Toda guerra finaliza por onde devia ter começado: a paz!”
- ✓ “Tristeza não tem fim, felicidade sim!” (**Vinícius de Moraes**)
- ✓ “O mito é o nada que é tudo.” **(Fernando Pessoa)**
- ✓ “Quando os tiranos caem, os povos se levantam.”

IMPORTANTE!

A escola literária que mais utilizou a antítese foi o Barroco, justamente por causa da conturbação de sentimentos, ideias e desejos tão comuns à época; da oposição travada pelo homem barroco entre o corpo e a alma, a razão e a fé.

PARADOXO (OXÍMORO) – é uma figura de linguagem que se caracteriza pela associação de conceitos contraditórios na representação de uma só ideia. Embora esses conceitos possam parecer contraditórios, ilógicos, acabam formando uma unidade semântica aceitável, próxima da realidade. Observe:

- ✓ "Se você quiser me prender,/vai ter que saber me soltar." **(Caetano Veloso)**
- ✓ "Sendo a sua liberdade/Era a sua escravidão." **(Vinicius de Moraes)**
- ✓ "Dor, tu és um prazer!" **(Castro Alves)**
- ✓ "Amor é fogo que arde sem se ver
É ferida que dói e não se sente" **(Luís Vaz de Camões)**

IMPORTANTE!

- ✓ O paradoxo se difere da antítese porque, no paradoxo, os termos contraditórios se referem à mesma ideia e na antítese os termos contraditórios se referem a ideias distintas.
- ✓ Alguns autores defendem que o termo **oxímoro**, por ser da área da Linguística, é mais adequado do que **paradoxo**, que, por sua vez, pertence à área da filosofia.

HIPÉRBOLE – é uma figura caracterizada pelas afirmações exageradas (ou deformações da verdade) com o propósito de dar um efeito expressivo à mensagem. Esse exagero da realidade visa a intensificar ou enfatizar um sentimento ou ação. A hipérbole está muito presente no nosso cotidiano, na linguagem corrente, em construções como: "*chorar rios de lágrimas*"; "*dizer um milhão de vezes*"; "*desconfiar da própria sombra*"; "*morrer de rir*".

IMPORTANTE!

É uma figura de linguagem bastante utilizada na propaganda, no discurso publicitário, para dar ênfase a um produto ou serviço, ganhando, muitas vezes, uma vertente humorística, por causa do aumento exagerado (voluntário ou não) das características do produto ou do serviço que esteja promovendo.

A hipérbole, por seu caráter enfático, está muito presente nos textos poéticos, como letras de música, por exemplo! Veja:

- ✓ "Por você eu dançaria tango no teto,/eu limparia os trilhos do metrô,/eu iria a pé do Rio a Salvador..." **(Roberto Frejat)**
- ✓ "Queria querer gritar/setecentas mil vezes/como são lindos/como são lindos os burgueses." **(Caetano Veloso)**
- ✓ "Eu quero ter um milhão de amigos/e, bem mais forte, poder cantar!" **(Roberto Carlos)**
- ✓ Pessoas até muito mais vão lhe amar,
  Até muito mais difíceis que eu, pra você.
  Que eu, que dois, que dez, que dez milhões.
  Todos iguais.
  (Gilberto Gil - Esotérico)

PERSONIFICAÇÃO (ou PROSOPOPEIA) – figura de linguagem que consiste em atribuir características, ações e sentimentos próprios de seres humanos a seres inanimados e a seres irracionais. A personificação é considerada uma figura de pensamento porque está ligada à compreensão do texto, oral ou escrito, e tem por objetivo realçar a expressividade da mensagem, possibilitando a criação de um mundo mais poético.
Observe os exemplos abaixo:

✓ “As margens plácidas do [rio] Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heroico...” **(Hino Nacional Brasileiro)**

✓ “O cravo brigou com a rosa debaixo de uma sacada...” **(cantiga popular)**

✓ “As casas espiam os homens/Que correm atrás das mulheres.” **(Carlos Drummond de Andrade)**

A prosopopeia é um das figuras mais usadas nos textos literários, principalmente **fábulas** e **apólogos**. Mas está presente, também, nas conversas cotidianas, por meio de expressões como “a vida é cruel”, o carnaval da Bahia pede passagem, “o Rio pede socorro!”, “a cidadezinha chora a morte...” etc.

MUITO IMPORTANTE!

A **REIFICAÇÃO (do latim, RES = Coisa)** é uma figura de linguagem que consiste em dar tratamento de coisa a pessoas (embora seja considerada uma figura, ela é muito utilizada com sentido pejorativo). Veja os exemplos:

- ✓ “No Brasil de hoje, é mais fácil comprar um senador do que um vereador”.
- ✓ “Nas grandes cidades, os passageiros andam empilhados nos ônibus urbanos”.

SINESTESIA – é uma variante de metáfora que engloba um conjunto geral de percepções e sensações interligadas por processos sensoriais provenientes de diferentes sentidos (visão, tato, olfato, paladar e audição) em uma só sensação. Na sinestesia, a qualidade de um sentido é atribuída a outro, havendo uma mescla das sensações auditivas, olfativas, gustativas, visuais e táteis. Veja:

- ✓ No ***silêncio escuro*** do seu quarto, aguardava os acontecimentos.
- ✓ "e o pão preserve aquele *branco/sabor* de alvorada." (Ferreira Gullar)
- ✓ Era uma ***sonoridade aveludada*** como a superfície de uma flor. (**Giuliano Fratin**)

IMPORTANTE!

Na sinestesia, a qualidade de um sentido é atribuída a outro, havendo uma mescla das sensações auditivas, olfativas, gustativas, visuais e táteis. Como é um fenômeno totalmente sensorial, que ocorre por meio da memória e pelo excesso de criatividade, os Românticos viam os sinestésicos como pessoas de percepção elevada e mais próximas da divindade.

IRONIA – consiste em expressar ideias ou pensamentos com sentidos contrários, de modo que apresentem um sentido diferente do habitual e produzam um efeito sutil de humor. Com a correta entonação, o falante sugere quais termos estão sendo usados ironicamente, demonstrando ao meu tempo graça e irritação, bem como desagrado com uma situação que pretende satirizar e(ou) depreciar. Observe os exemplos:

- ✓ "Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis..."
  (Machado de Assis)
- ✓ O ministro foi sutil como uma jamanta e delicado como um hipopótamo.
- ✓ "A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar crianças."
  (Monteiro Lobato)
- ✓ "Moça linda bem tratada,/três séculos de família,/burra como uma porta: um amor!" **(Mário de Andrade)**

GRADAÇÃO (ou CLÍMAX) – ocorre quando se encadeiam ideias (semelhantes ou não) numa escala progressiva, aportando maior intensidade à expressão. Na gradação, os termos da oração são fruto de hierarquia: vêm em ordem crescente ou decrescente.

Seguindo uma **ordem crescente (CLÍMAX),** a gradação apresenta uma progressão ascendente, intensificando e exagerando a mensagem transmitida:

- ✓ "Pisadas, espezinhadas, ameaçadas. Desprotegidas e exploradas. Ignoradas da Lei, da Justiça e do Direito." **(Cora Coralina - Mulher da Vida)**
- ✓ "As pessoas chegaram à festa, sentaram, comeram e dançaram."

Seguindo uma **ordem decrescente (ANTICLÍMAX)**, a gradação apresenta uma progressão descendente, suavizando a mensagem transmitida:

- ✓ Estava longe; hoje, perto; agora, aqui.
- ✓ "Eu era pobre. Era subalterno. Era nada." **(Monteiro Lobato)**

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

FIGURAS DE LINGUAGEM

(PARTE III)

CONSTRUINDO A ESCRITA

GRAMÁTICA
ORTOGRAFIA

1

Manual do Professor

Carmen Silvia C. Torres de Carvalho
Maria da Graça Barreto Baraldi

editora ática

Índice

Distribuição das atividades do *Livro do Aluno* em Módulos 4
Carta ao Professor 6
Apresentação da coleção 7
Dinâmica do trabalho 8

Módulo I — Ordem alfabética

1. O alfabeto 9
Letras — conceito e identidade 9
2. Ordem alfabética 10
3. Trabalhando com o dicionário 11
Jogos para velocidade na busca do dicionário 12
Descoberta do significado 13
Desenvolvendo a dedução 14
Respostas das atividades do Módulo I 14

Módulo II — Vogal, consoante, sílaba e palavra

1. Objetivos 15
2. Estratégias para a compreensão do conceito de sílaba 16
3. Estratégias de sistematização 17
4. Ampliação do conceito de sílaba 18
5. Estratégias para sistematização 20
6. Palavra como identidade entre dois espaços 20
Respostas das atividades do Módulo II 20

Módulo III — Significação do espaço na escrita

1. Objetivos 23
2. Estratégias para se trabalhar a significação do espaço 24
3. Sistematização 25
4. Palavras de uma e duas letras 26
Estratégia 27
Respostas das atividades do Módulo III 29

Módulo IV — Análise do sistema ortográfico

1. Objetivos 32
2. Reflexões sobre a letra **H** 32
    Estratégias 32
3. Reflexões sobre a letra **R** 35
    1º momento 35
    2º momento 36
    3º momento 37
4. Reflexões sobre a letra **L** 38
    1º momento 39
    2º momento 39
    3º momento 40
5. Reflexões sobre o sistema de nasalização 41
Respostas das atividades do Módulo IV 44

Módulo V — Pontuação

1. Observações gerais 48
2. O trabalho de pontuação na 1ª série 48
    O príncipe Harum 49
3. A pontuação interna 51
4. O discurso direto 52
    Estratégia 52
Respostas das atividades do Módulo V 53

Apêndice

Paragrafação 56
Sugestões de jogos ortográficos para sistematização 57
    Jogos de *Stop* 57
    Bingo ortográfico 60
    Jogo das dicas 61
    Palavras cruzadas 61
    Soletrando 61
    Jogo dos animais 62

Bibliografia para pesquisa teórica 63

Distribuição das atividades do *Livro do Aluno* em Módulos

Livro do Aluno		*Módulos*
Charada	7	**MÓDULO I** Ordem alfabética
Qual é a diferente?	9	
Qual é a ordem?	10	
Na loja de discos	11	
O guia das ruas	12	
Procurando no setor de informações	13	
Procurando na enciclopédia	14	
Brincando de farmacêutico	15	
Arrumando o arquivo da escola	16	
Qual é o número de seu telefone?	17	
Montando a biblioteca	19	
Vogais e consoantes	20	**MÓDULO II** Vogal, consoante, sílaba e palavra
Quantas letras?	21	
Forca	22	
Salada de letras	23	
Milk-shake	24	
Trocando!	25	
Diagrama	26	
Letras e sílabas	27	
Construa	29	
Recriando	30	
Brr! Que medo...	31	
Cruzadinha	32	
Trinca	33	
Descobrindo...	34	
Por fora	35	
Qual é?!	36	
Quantas sílabas?	37	
Quem procura...	39	
Brincando de rima	40	
Fura-bolo... ou indicador?	41	
Adivinhe	42	
Stop das plantas	43	
M MMMMMMMMMMM (prosa)	44	**MÓDULO III** Significação do espaço na escrita
MMMMMMMM (poesia)	46	
A ilha do pavão	48	
Batatinha quando nasce	49	
Um bilhete meio estranho	51	
Versinhos...	52	
Um... dois...	53	
Código...	54	
Quais são?	55	
Descubra os erros!	56	
E agora?	57	
Continuando...	58	
Ah! Os homens...	60	
Fim da linha!	62	
Separando em dois!	63	

MÓDULO IV

Análise do sistema ortográfico

Reflexões sobre a letra **H**

Labirinto ... 64
Super-super ... 66
Sem H... Com H ... 67
Jogo dos sete erros ... 68
Esconde... e acha! ... 69

Reflexões sobre a letra **R**

Que perfume... ... 70
Às vezes de noite ... 71
Bolhas ... 72
Com tantos rr, não erres! ... 73
Descubra o segredo ... 74
Salada de letras com R ... 75
Produções ... 76
Desenhando ... 77
Stop ... 78
Descobrindo ... 79

Reflexões sobre a letra **L**

Cruzando palavras ... 80
O bicho que come a lua ... 81
Cuidado com o Minotauro! ... 82
Caça-palavras com L ... 84
Sem L... Com L ... 86
Anel ou Lena? ... 87
Você é o detetive... ... 88
Esconde-Esconde ... 89

Reflexões sobre o sistema de nasalização

Circulando ... 90
Descobrindo o **m**, o **n** e o til ... 92
Descobrindo o som nasal sem marca ... 95
Achou?!? ... 96
Descubra o segredo ... 97
Hum... Hum!... ... 98

MÓDULO V

Pontuação

Onde?! ... 99
Tudo pronto pra festa surpresa? ... 100
Cebolinha?! ... 101
Fim de domingo ... 104
Boi da Cara Preta!?! ... 108
Para ler e pensar ... 113
Posso brincar na chuva? ... 115
Ah! Ah! Ah!!! ... 116
O menino que aprendeu a ver — 1ª parte ... 118
O menino que aprendeu a ver — 2ª parte ... 120
O menino que aprendeu a ver — 3ª parte ... 121
O menino que aprendeu a ver — 4ª parte ... 125

Referências bibliográficas ... 127

Carta ao Professor

Este material é o produto de 14 anos de trabalho experimental. Nestes anos todos tenho buscado compreender de que forma uma pessoa se apropria de um objeto de conhecimento para, através deste saber, pensar um meio de ajudar professores e alunos a realizarem uma apropriação da língua que seja efetiva e gratificante.

Algumas idéias nortearam o trabalho. Em primeiro lugar, a consciência de que todo conteúdo, qualquer que seja ele, nunca é um fim em si mesmo. Ele é, sim, apenas um pretexto para se aprender a pensar o próprio conhecimento, para se compreender que aprender não é reproduzir verdades alheias, mas sim aprender a olhar para o mundo colhendo dados, transformando-os e tirando conclusões. Enfim, conhecer é **produzir***, e não* **reproduzir** *conhecimento. Esta descoberta da própria capacidade de produção de conhecimento tem sido fonte de energia interna para as pessoas olharem o mundo através de seus próprios olhos (e não através dos olhos de outrem...), acreditando no valor daquilo que vêem e pensam. Só desta forma acredito que possamos formar gente crítica e forte o bastante para saber-se capaz de ser agente transformador de sua própria vida e da realidade que a cerca.*

Para que este objetivo pudesse ser atingido era necessário que a língua fosse vista como um objeto a ser descoberto, analisado nas suas múltiplas possibilidades de recortes, organizações e relações. Não mais como um conjunto de modelos e regras a serem introjetados, mas um sistema articulado a ser desvendado. Como uma teia onde o aluno pudesse ir se apropriando de cada fio e gradativamente tecendo a trama das relações e significações. Para tal seria necessário agir sobre a língua e não se submeter a ela. Seria preciso reinventá-la a todo instante para descobri-la.

Esta postura de investigar o conhecimento em geral e a língua em particular só seria possível de acontecer se houvesse uma forma diferenciada de transformar em ação todos estes ideais dentro da sala de aula. E transformar idéias em realidade não é uma tarefa nada simples. (Vocês, professores, bem o sabem!!!)

Para empreendê-la, ao longo destes anos pude contar com uma equipe enorme de trabalho a quem agradeço profundamente. Teoricamente, fundamentando-me, ensinando-me a pensar e olhar pela perspectiva da teoria de Jean Piaget pude ter o orgulho e prazer de ter sido formada por meu grande mestre, professor Lino de Macedo, que mais do que uma perspectiva teórica ensinou-me um modo de olhar para a vida. Na prática, fui auxiliada por um número grande de professores de várias escolas onde trabalhei ou trabalho como assessora e que foram pesquisadores a meu lado, experimentando estratégias, ajudando-me a conhecer a realidade das crianças, a analisar sucessos e fracassos para que o trabalho pudesse ser aperfeiçoado. Contei também com centenas de crianças que, investigadores inatos do mundo, ajudaram-me a enxergar coisas que não via e que, através de seu entusiasmo iam me apontando a direção a seguir.

Hoje, finalmente, um antigo sonho, o de partilhar com um número maior de pessoas toda minha reflexão, está se tornando realidade. Sonhos são coisas muito sérias e por isso vê-los acontecer é sempre muito emocionante. O primeiro impulso para escrever deu-me minha amiga Guila, cuja fé na possibilidade do meu trabalho vir a se tornar um livro foi decisiva. Meus agradecimentos também à Graça, minha co-autora, que partilhou comigo este sonho e ajudou-me a fazer dele realidade.

Espero que esta coleção possa ajudá-los a manter o prazer de aprender sempre vivo dentro da sala de aula.

Carmen

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO

Esta coleção de 1ª a 4ª série é formada de 5 volumes. Na 1ª série, por um livro com atividades de sistematização da Gramática e da Ortografia. De 1ª a 4ª séries, livros com proposta de leitura e análise de textos já publicados.

Em relação ao livro de Gramática e Ortografia, o *Livro do Professor* corresponde perfeitamente ao *Livro do Aluno*, que virá acompanhado deste **Manual do Professor**, com as orientações, reflexões e sugestões de estratégias para a melhor utilização do *Livro do Aluno*. É de extrema importância que o professor acompanhe, paralelamente a seu trabalho em sala de aula, a leitura das orientações do *Manual do Professor*, a fim de compreender os objetivos e a postura de trabalho propostos.

Esta coleção tem como pressuposto teórico uma perspectiva construtivista de aprendizagem. Portanto, o conhecimento não é visto como algo posto para dentro do aprendiz em doses controladas, mas sim como algo a ser produzido, construído por ele enquanto sujeito e não enquanto objeto da aprendizagem.

Assim sendo, as atividades propostas são vistas como desencadeadoras de reflexões sobre a forma como a língua escrita se organiza e se articula para produzir diferentes significados e emoções.

A idéia central do trabalho é a compreensão de que a língua escrita é um outro sistema de representação em relação à língua falada. Falar e escrever são objetos de conhecimento diferentes, que exigem que o sujeito se aproxime de cada um de forma diferenciada. Assim sendo, aprender a escrever é compreender as leis de composição do sistema de representação da escrita.

A Gramática e a Ortografia são, assim, vistas como sistemas a serem desvendados e compreendidos como um conjunto de leis e **articulações possíveis**, **impossíveis**, **prováveis** ou **pouco prováveis**. Aprendê-las não é memorizar regras arbitrárias às quais o sujeito deve se submeter, mas é agir sobre a língua, pensar suas propriedades, recortá-la em suas múltiplas facetas para ir gradativamente construindo sua teia de relações.

Por termos neste trabalho buscado um olhar diferenciado sobre a língua, o *Manual do Professor* traz toda uma discussão teórica de como a compreendemos, e estratégias para desenvolver em sala de aula que possam propiciar esta reflexão e suas descobertas.

Em relação à Ortografia, nossa postura se mantém a mesma que em relação à Gramática. A Ortografia tem sido analisada e trabalhada pela maior parte dos educadores como uma questão de imitação, memorização ou introjeção de um modelo. O erro ortográfico tem sido visto dentro desta linha, como mera falta de memória e de atenção por parte da criança e, em conseqüência, o trabalho baseia-se apenas na repetição exaustiva de um modelo ortográfico.

Mas, se a questão da Ortografia fosse apenas uma questão de memória, não deveria haver erro, uma vez que a criança se depara a primeira vez e inúmeras vezes depois, com essa mesma palavra, escrita corretamente. No entanto, ela erra. Erra porque reflete, busca regularidades, trabalha sobre hipóteses de como se constituiria esse sistema ortográfico.

Na coleção **Construindo a escrita,** o trabalho com Ortografia se propõe a discutir com os alunos como se organiza este sistema, levando-os a operar sobre a grafia das palavras, observar identidades, classificar e relacionar as informações da língua em busca de maior compreensão do sistema.

A estrutura do trabalho compõe-se de atividades de descoberta e da sistematização através de jogos lógicos. As atividades de descoberta estão descritas no *Manual do Professor* e devem ser realizadas antes das atividades de sistematização, que são apresentadas no *Livro do Aluno*.

Nossa escolha por uma sistematização através de jogos lógicos fundamenta-se no trabalho desenvolvido no LaPp (Laboratório de Psicopedagogia do Instituto de Psicologia da USP) coordenado pelo prof. Lino de Macedo, que pesquisa a influência da utilização de jogos lógicos (em sala de aula e em clínica) como elementos de desenvolvimento da inteligência e estruturação do pensamento, além de propiciarem um trabalho de relacionamento humano. A utilização de jogos lógicos lingüísticos tem possibilitado aos alunos uma relação mais ativa com o sistema da língua, além da ampliação do universo vocabular e uma relação afetiva com um conteúdo geralmente tão árido.

Além dos jogos e atividades já contidos no *Livro do Aluno*, no *Manual do Professor* há a descrição de mais jogos, todos de sistema aberto, ou seja, jogos cuja estrutura o professor pode adaptar ao universo vocabular e ao assunto que estiver desenvolvendo. Podem ser auxiliares no trabalho de sistematização das descobertas dos alunos. Vivendo a Ortografia e a Gramática sob este outro enfoque, esperamos que você e seus alunos possam redescobrir o prazer de aprendê-la.

Dinâmica do trabalho

Para que o material possa proporcionar um trabalho mais rico e eficiente é importante que algumas posturas sejam garantidas. Desta maneira, observe:

1. **As atividades estão agrupadas pelo assunto da Gramática ou da Ortografia a ser trabalhado e não por ordem de uso.** Portanto, não devem ser utilizadas na seqüência em que aparecem. É acompanhando o ritmo e o interesse da classe que o professor vai construindo a prática proposta nesta coleção.

2. Nosso objetivo não foi esgotar os assuntos com as atividades propostas. Cabe ao professor, a partir das características e necessidades de sua classe, criar outras atividades que preencham essas lacunas propositadamente deixadas por nós. Este material pretende ser uma espinha dorsal que norteia o trabalho, devendo o professor, através da observação das necessidades específicas da classe, ampliá-lo, completá-lo, adequá-lo. Apresentamos, no final deste livro, um apêndice com sugestões de jogos que podem ser adaptados ao assunto a ser trabalhado.

3. **As atividades foram pensadas como desencadeadoras de discussão sobre propriedades do sistema da língua e devem ser tratadas como tal, ou seja, nosso grande objetivo é a discussão em si mesma, a reflexão que emerge dela, a possibilidade de se fazer generalizações**, e não simplesmente a obtenção de uma resposta correta. Para que isto aconteça efetivamente, é necessário que o professor mantenha uma postura coerente com esta proposta:
   a) **Postura de investigação através de perguntas abertas.** Através destas perguntas o professor dirige o olhar do aluno para aspectos relevantes do objeto de investigação, mas não dá as respostas. Estas, o aluno deve buscar dentro de si, na troca com a língua.
   b) **Diante de uma hipótese levantada por uma criança, pedir confirmação do grupo ou da própria língua.** Colocações do tipo: “O que você observou para chegar a esta conclusão?“ ou “Como você pensou para concluir isso?” ou “Alguém mais também observa isto em suas palavras?” são procedimentos que levam as crianças a desenvolverem uma postura de investigação de conhecimento, que logo é ampliada em extensão a outros conteúdos, escolares e de vida.

4. **As descobertas feitas devem ser registradas para que não se percam.** Por esta razão, sugerimos que as crianças tenham um caderno de registro das descobertas, onde possam organizar o conhecimento e utilizar como fonte de pesquisa na hora de estudar. As descobertas devem ser redigidas pelo grupo-classe juntamente com o professor.

5. **A maior parte das atividades deve ser desenvolvida em duplas ou em pequenos grupos.** A troca resultante do trabalho em equipe permite a ampliação de perspectiva e o desenvolvimento da capacidade de argumentação do aluno, além de dinamizar o processo de aprendizagem.

6. **O trabalho de investigação pode ser organizado parte em sala de aula e parte em casa.** Esta dinâmica agiliza o trabalho e vem descrita em seus passos ao longo do *Manual do Professor.*

7. **As perguntas feitas pelas crianças devem ser objeto de reflexão do professor.** Ouça-as com atenção, pois é através delas que em geral o aluno revela seu pensamento. Ao "saber ouvi-los" o professor descobre qual o caminho de interferência que pode ser tomado.

   Gostaríamos que o professor tivesse também, dentro de si, a clareza de que a construção de um conhecimento é um processo e, enquanto tal, que há um caminho de aquisição onde o objeto, parcialmente construído, ainda não se mostra em sua totalidade. Isto não significa que não tenha havido aprendizagem ou evolução. Não temos a intenção de que, através deste trabalho, o aluno termine o ano sem errar. Nosso objetivo é que, ao tratar a Gramática e a Ortografia desta forma, eles aprendam a pensar o conhecimento específico e a própria vida como conjunto de possíveis, e que saibam que é através da reflexão e da ação sobre o mundo que ele é apropriado e transformado.

MÓDULO I — Ordem alfabética

1. O alfabeto

Letras — conceito e identidade

As atividades que desenvolvem este assunto têm por objetivo fazer com que os alunos:

a) desenvolvam o conceito de letra;
b) reconheçam as letras do alfabeto; e
c) percebam que há diferentes possibilidades de se grafar uma mesma letra.

Estes conceitos serão necessários para que eles possam, posteriormente, refletir sobre alguns aspectos do sistema ortográfico.

Sugerimos a seguir algumas estratégias para trabalhar este assunto:

Pedir aos alunos que recortem letras em textos, jornais, revistas, bulas, receitas, etc., de todos os tipos que encontrarem.

Espera-se que tragam, a partir desta solicitação geral, todas as letras do alfabeto em tipos diferentes. Pedir que se reúnam em pequenos grupos e que "juntem" (classifiquem) todas as que representam a mesma letra num mesmo monte, formando um monte para cada letra do alfabeto. **O professor deve deixar a atividade livre, pois é através dela que vai poder perceber se as crianças sabem ou não fazer a correspondência entre as diversas grafias e quais elas ainda confundem.**

No caso de erro, isto é, de fazerem uma classificação indevida, agrupando letras diferentes no mesmo monte ou separando letras iguais em montes diferentes, o professor pode interferir da seguinte maneira:

a) Mostrar textos de jornais, revistas, rótulos, anúncios, etc., escritos em tipos de letras diferentes, e perguntar se eles acham que são as mesmas letras que aparecem em todos os textos ou se em cada texto aparecem letras diferentes. Provavelmente responderão que são as mesmas letras. Pedir, então, que leiam as palavras, iniciando um processo de correspondência, para que percebam os diferentes traçados da mesma letra. Conforme as descobertas vão acontecendo, as crianças vão agrupando as letras que trouxeram.
b) A seguir o professor pode contar para elas que as letras foram organizadas em uma ordem, que foi chamada de ordem alfabética, e apresentá-la para elas.
c) Pedir aos alunos que arrumem as letras em ordem alfabética, formando diversos alfabetos com os diferentes tipos de letras, e colando-as em cartolina para montar cartazes. Caso faltem letras de algum tipo, deixar o espaço em branco e propor uma pesquisa para preencher as lacunas e completar os diferentes alfabetos.

d) Deixar os cartazes expostos na classe para que as crianças copiem em seus cadernos os quatro principais tipos de letras: imprensa maiúscula, imprensa minúscula, cursiva maiúscula e cursiva minúscula.

É interessante apresentar situações de passagem de um tipo de letra para outro nesse momento.

No *Livro do Aluno* há 2 propostas: CHARADA, com a palavra *amor*, e QUAL É A DIFERENTE?

Outras atividades deverão ser criadas pelo professor.

2. Ordem alfabética

Para trabalhar a ordem alfabética, sugerimos as seguintes estratégias:

1. Confeccionar em cartolina letras móveis com vários tipos de letra para os alunos montarem os diferentes alfabetos. A atividade pode ser feita em duplas ou individualmente. Pode ser transformada em jogo se se propuser um desafio: “Quem termina de montar o alfabeto em primeiro lugar?”
2. No pátio, o professor leva cartazes com cada uma das letras escritas em tamanho grande. Pode-se também pedir que as próprias crianças façam os cartazes. Todas as letras são colocadas fora de ordem e empilhadas no centro, com a letra para baixo. A uma ordem do professor, cada aluno pega um cartaz e fica com ele. A uma nova ordem, todos devem procurar seus lugares, por ordem alfabética, formando um semicírculo. O jogo pode ser repetido várias vezes, sempre trocando-se os cartazes das crianças, de tal maneira que um aluno que na primeira partida pegou um **g**, na seguinte pegue um **x**, e assim por diante.
3. Aproveitando os mesmos cartazes, podem-se deixar de fora quatro crianças (com seus cartazes) e, a um sinal, as quatro saem correndo para achar seus lugares.
4. Utilizando ainda os mesmos cartazes, o professor pode deixar de entregar três letras, por exemplo, e um aluno terá que descobrir que letras estão faltando.
5. Jogo para se trabalhar a seqüência das letras. Os alunos, com os cartazes na mão e fora da ordem alfabética, esperam o professor falar uma letra. O aluno que estiver com essa letra deve correr para a frente, e os dois vizinhos (aqueles que estiverem com a letra anterior e a posterior) devem se colocar ao seu lado na posição correta. Percebido o esquema do jogo, o professor falará duas, três ou quatro letras em seguida, e as diferentes trincas devem sair correndo para se arrumar.

Depois de bem trabalhada a ordem alfabética através destes jogos, o professor pode pedir que os alunos façam as primeiras atividades do *Livro do Aluno.*

No livro:

— QUAL É A ORDEM?

— NA LOJA DE DISCOS

— O GUIA DAS RUAS

Nestas atividades, as palavras são organizadas apenas pela primeira letra. Não faça todas as atividades de ordem alfabética em seguida, pois fica muito cansativo para as crianças.

6. Esta estratégia representa um novo passo neste trabalho com a ordem alfabética: Pedir aos alunos que se organizem em fila por ordem alfabética. O que se espera que aconteça é que os alunos se sintam confusos, uma vez que haverá mais de um aluno com o mesmo nome ou com a mesma inicial. Diante do problema, eles começam a discutir qual deles é o primeiro: a Ana ou o André? o Luís Carlos ou o Luís Antônio? Diante do impasse, o professor pergunta aos alunos como poderia ser solucionado o problema, que critério poderiam adotar. Ou os alunos vão sugerir que se observe qual é a segunda letra, a terceira, e assim por diante, ou buscarão outras soluções que não dizem respeito à ordem alfabética. Caso ocorra a segunda hipótese, o professor deve sugerir que peguem o diário

de classe e vejam que critério a secretária da escola utilizou. Neste momento a secretária representa a solução social. Analisando a ordem da secretária, eles descobrirão a possibilidade de se organizar pelas letras subseqüentes, inclusive pelo sobrenome em caso de dois nomes iguais. Esta descoberta deve ser registrada no Caderno de Descobertas, passando-se em seguida aos exercícios de sistematização do livro, que não devem ser feitos todos em seguida, mas "espalhados" ao longo do trabalho geral.

Muitas vezes os alunos acabam concluindo que a ordem alfabética serve apenas para procurar palavras no dicionário, porque é isto o que a vivência lhes sugere.

Os exercícios de sistematização deste livro têm por objetivo que a criança descubra e treine a ordem alfabética em situações do mundo em que efetivamente ela é o critério de organização.

Desta forma, os exercícios que são propostos pedem que os alunos organizem:

— listas de discos por nome de cantores;
— listas de ruas, como um guia de ruas;
— listas com nomes de alunos;
— listas de assuntos encontrados em enciclopédias;
— listas de remédios de uma farmácia;
— listas das lojas do *shopping* no setor de informações;
— listas de livros de uma biblioteca;
— listas telefônicas, com o nome de assinantes, endereços e números de telefone.

Orientar os alunos para que façam as atividades em duplas, trios ou quartetos, para que possam discutir entre si, ajudar-se mutuamente, confrontar dúvidas e superar a angústia das dificuldades.

No *Livro do Aluno:*

PROCURANDO NO SETOR DE INFORMAÇÕES
PROCURANDO NA ENCICLOPÉDIA
BRINCANDO DE FARMACÊUTICO
ARRUMANDO O ARQUIVO DA ESCOLA
QUAL É O NÚMERO DO SEU TELEFONE?
MONTANDO A BIBLIOTECA

Na atividade PROCURANDO NA ENCICLOPÉDIA, colocamos propositadamente animais pouco conhecidos misturados a alguns mais comuns. Use este pretexto para sugerir que os alunos pesquisem e tragam fotos dos animais, que contem sobre outros animais pouco comuns que conheçam, que façam uma lista de "animais estranhos" em ordem alfabética, ou outra atividade que a situação sugira.

Após a atividade BRINCANDO DE FARMACÊUTICO, o professor pode pedir aos alunos que tragam de casa caixas de remédio **vazias** para organizarem na classe uma farmácia, como uma de verdade!

Uma vez exercitada a ordem alfabética por diversas letras, inicia-se o trabalho com o dicionário.

3. Trabalhando com o dicionário

O trabalho com dicionário envolve diversos momentos e várias dificuldades:

a) saber que a palavra deve ser procurada pela primeira, segunda, terceira letra e assim sucessivamente;
b) ter certa rapidez para encontrar as letras (caso contrário o dicionário torna-se um problema e não uma solução);

c) saber que determinadas palavras encontradas no texto não estão daquela mesma forma no dicionário. Por exemplo: palavras femininas que, no dicionário, estão no masculino; palavras no plural que só aparecem no singular; palavras no grau aumentativo ou diminutivo que só aparecem no grau normal; verbos conjugados no texto que só aparecem no infinitivo;
d) conseguir identificar, diante de várias possibilidades de significado de uma mesma palavra, qual é o significado que interessa no texto;
e) aprender a utilizar o dicionário de uma forma mais plena, através da descoberta da significação das outras informações nele contidas, como por exemplo: as abreviaturas que informam classes gramaticais; as expressões que aparecem em negrito; os diferentes tipos de letras que indicam diferentes informações, etc.

Na primeira série pretende-se que o dicionário seja utilizado preferencialmente como recurso de verificação ortográfica, constituindo-se um trabalho de base para as séries seguintes. Por isso, o trabalho centrar-se-á na obtenção dos itens **a** e **b** e início do item **c** apenas.

As atividades para a organização pelas diversas letras das palavras já foram expostas. Vêm a seguir algumas sugestões de estratégias para que exercitem a rapidez para se encontrar as palavras.

Jogos para velocidade na busca do dicionário

1. Socialização de estratégias

O professor diz alguma palavra e todos os alunos procuram no dicionário. Os três primeiros que encontrarem a palavra contam para os outros como fizeram para achá-la.

O objetivo é que todos percebam que não se deve procurar página por página, mas sim localizar a letra no alfabeto e já abrir o dicionário no meio ou no final, caso a letra se encontre nessas posições. Outra descoberta importante é que não é necessário ler todas as palavras de cada página, uma vez que a palavra que está separada no alto da página nos indica se a palavra que procuramos está ou não nesta página.

Com as diferentes palavras que o professor vai sugerindo, gradativamente, **os alunos vão descobrindo estes critérios**, comunicando-os para a classe toda.

2. Procurando em equipes

O professor divide a classe em equipes (determinadas por ele ou por livre escolha) de 3 a 4 alunos e propõe um jogo: ele fala uma palavra e todas as equipes devem procurá-la. A que encontrar primeiro a palavra ganha.

Pode-se também pedir que cada palavra seja escolhida por uma equipe, alternando-as de tal maneira que cada equipe escolha uma ou mais palavras.

É importante que, no início, a atividade seja feita em grupos para que os alunos possam ensinar uns aos outros.

3. Stop *de dicionário*

O professor fala uma palavra. Todos os alunos começam a procurá-la, e aquele que a encontrar primeiro fala *Stop*. Os outros param e ele avisa em que página a palavra se encontra.

Caso o professor sinta que ainda há necessidade, deve pedir que ele explique aos colegas como fez para encontrá-la, a fim de continuar o processo de socialização das estratégias.

Estas atividades podem e até devem estar associadas a um trabalho de ortografia, porque, se a criança estiver com a imagem mental da palavra com a grafia errada, ela não a encontrará. Se ela imagina que a palavra *exercício* é com "z", vai procurá-la no local correspondente a esta grafia e não vai encontrá-la, tendo, então, que pensar em outras hipóteses ortográficas. Assim sendo, o professor deve selecionar as palavras a serem procuradas dentro do universo daquelas que as crianças costumam errar mais.

4. Escrevendo palavras

Como atividade de lição de casa, o professor pode pedir que os alunos encontrem uma determinada palavra no dicionário e copiem a anterior, a palavra que procurou e a imediatamente posterior, além de registrarem a página do dicionário em que elas se encontram.

5. Curiosidade

As crianças costumam gostar de brincar de procurar palavras diferentes ou estranhas no dicionário, pela curiosidade que sentem por um universo novo. O professor pode pedir que elas abram o dicionário aleatoriamente e encontrem palavras que achem engraçadas, estranhas, curiosas, etc. Depois de encontradas, pode-se fazer uma atividade em que elas vão imaginar seu significado, e só depois o professor vai dizer o que significam. É engraçado verificar as sugestões de significação que a sonoridade das palavras traz, por associação com outras palavras.

Esta atividade ajuda a ampliar o vocabulário e preparar o espírito das crianças para trabalhar, mais tarde, com a descoberta de significado por dedução.

Uma vez estabelecidas formas de se encontrar palavras no dicionário, e uma certa agilidade que possa transformar essa busca em uma atividade prazerosa, pode-se problematizar este conhecimento ao fazê-las descobrir que nem todas as palavras estão no dicionário da mesma forma que são encontradas nos textos.

Esta ampliação pode se dar por dois caminhos:

a) É o caminho mais natural. Aproveitar uma situação espontânea em que a palavra do texto a ser procurada está, por exemplo, no plural, e os alunos não a encontram no dicionário. Neste momento, o professor lança para a classe a questão, ouve as soluções e, caso ninguém dê a solução correta, ele mesmo diz como a palavra está no dicionário e pede que as crianças façam a generalização. Por exemplo: a palavra procurada é “soluções”. Os alunos não a encontram e não conseguem descobrir como isto pode ser resolvido. O professor pede que procurem “solução”, palavra que irão encontrar, e, em seguida, pede que eles descubram o porquê de só terem encontrado “solução”. **O que se espera que digam é que algumas palavras do texto encontradas no plural só aparecem, no dicionário, no singular.** É claro que eles não dirão com estas palavras, pois provavelmente não conhecem esta terminologia, mas são capazes de expressar esta “idéia”, com outras palavras.

b) Pode-se usar alguns dos jogos que foram sugeridos para exercitar a busca no dicionário, pedindo que encontrem palavras no plural, no feminino, etc. A postura do professor deve ser a mesma descrita no item **a**.

Todas as descobertas e conclusões das crianças devem ser registradas no **Caderno de Descobertas**, que conterá o registro dos conteúdos trabalhados e das conclusões a que chegaram, e será consultado pelas crianças para estudar e pesquisar quando tiverem dúvidas.

O trabalho de utilização do dicionário deve prosseguir naturalmente através dos textos, não sendo necessário que se façam muitas atividades extras para que exercitem este conhecimento.

Descoberta do significado

Um grande problema enfrentado pelos alunos diante do dicionário é conseguir lidar com a questão das significações. Muitas vezes o aluno encontra a palavra, mas não compreende a explicação dela, ou o verbete remete a um sinônimo que ele também não compreende, ou ainda oferece várias possibilidades de significação. O aluno não consegue saber qual delas lhe interessa, copia todas e termina o trabalho sem saber o significado da palavra.

Estes problemas são sérios, exigem da criança um universo de conhecimento que só aos poucos vai sendo ampliado e que, em geral, os alunos de primeira série não têm condições de resolver. Por estas razões é que o objetivo do trabalho com dicionário na 1ª série é mais voltado para a Ortografia do que para a busca de significado. Mesmo assim, pode-se fazer um trabalho de descoberta de significado pelo contexto, sem a expectativa de que venham a dominar completamente este assunto, mas com o objetivo de desenvolver uma atitude do aluno diante da significação.

Este trabalho é importante não só por preparar a criança para lidar com a significação no dicionário, mas também por desenvolver o pensamento dedutivo, que é, na realidade, o instrumento mais utilizado e eficaz de descoberta de significado no dia-a-dia.

Desenvolvendo a dedução

Uma vez que as palavras não existem soltas no mundo, mas fazem parte, ou constituem textos, o problema da significação deve ser trabalhado sempre dentro do texto, da seguinte forma:

a) Diante da palavra desconhecida, o professor pede que a criança tente descobrir o significado pelo contexto: “O que vocês imaginam que esta palavra quer dizer?” As crianças vão sugerindo significados e o professor vai relendo a frase ou parágrafo e analisando a sugestão do aluno para verificar se no contexto faz sentido. Pode ajudá-los a fazer a dedução com perguntas do tipo: “Será uma característica de fulano?”, “Será alguma coisa que ele está sentindo?”, “Poderia ser o nome de alguma coisa? De que tipo de coisa?”, “Será alguma coisa que estão fazendo?” e assim por diante, para que possam ir classificando universos possíveis de significação naquele contexto.

b) Levantadas as hipóteses e trabalhadas as sugestões, o professor pede que os alunos procurem a palavra no dicionário e verifiquem se acertaram ou não. Encontrá-la, agora, é um jogo de verificação, e a criança vai com muitas idéias a respeito dela e, portanto, com maiores possibilidades de compreender a explicação do dicionário ou de descobrir qual dos significados expostos é o que lhe interessa.

No início é importante que esta atividade seja feita oralmente para que os alunos desenvolvam os recursos. Depois pode-se pedir que eles escrevam o que imaginaram que a palavra significava, e em seguida o significado dado pelo dicionário.

Acreditamos que com estes procedimentos, que devem se estender ao longo do ano, atingimos o nível de profundidade esperado para uma 1ª série. Os passos seguintes serão desenvolvidos nas séries posteriores.

Respostas das atividades do Módulo I

CHARADA

1. 4 vezes.
2. **AMOR**, *AMOR*, amor e *amor*

QUAL É A DIFERENTE?

B**o**M **d**IA.
COM**o** **v**AI VO**c**Ê? E**s**PERO QU**e** **p**OSSAMOS DESCOB**r**IR
M**u**ITAS COIS**a**S JUNT**o**S!
CARME**n**

NA LOJA DE DISCOS

Angélica — Leandro e Leonardo — Trem da Alegria — Xuxa

O GUIA DAS RUAS

Água Branca, avenida — Bandeirantes, avenida — Duque de Caxias, rua — Indianópolis, avenida — Jaçanã, avenida — Lorena, alameda — Nove de Julho, avenida — Paulista, avenida — Sumaré, avenida.

PROCURANDO NO SETOR DE INFORMAÇÕES

Barco — Bruxelas — Café Cheiroso — Casa dos Artistas — Depósito Moraes — Florentinas — Mamãe Elegante — Palmeirense — Patrícia — Paulete

PROCURANDO NA ENCICLOPÉDIA
abelha — andorinha — anacã — arraia — bacurau — barrigudinho — batata — beija-flor — bicho-de-pé — broca-do-café — camaleão — cobra-preta — coruja-do-campo

ARRUMANDO O ARQUIVO DA ESCOLA
Alessandra — Ana Maria — Carolina — César — Ester — Fábio — Felipe — José Augusto — José Carlos — Luís Fernando — Manolo — Mariana — Marina — Paulo — Renata — Roberto

QUAL É O NÚMERO DE SEU TELEFONE?
Abreu, Carlos Augusto Lacerda de — Abreu, Douglas de — Abreu, Luís Fernando Cardoso de — Souza, Antônio Carlos de — Souza, Marina Carvalho de — Souza, Sérgio Maurício de.

MÓDULO II — Vogal, consoante, sílaba e palavra

1. Objetivos

As atividades deste Módulo têm como objetivo fornecer alguns conceitos, termos e princípios da língua que serão base para a análise do sistema ortográfico que os alunos farão posteriormente. Para tal, montamos atividades que têm como objetivos:

1. Saber quais são as vogais e quais são as consoantes da língua para poder utilizar esses conceitos.
2. Descobrir a vogal como constituinte da sílaba e compreender por que o alfabeto se divide em vogais e consoantes. Para isso, devem compreender que existem sílabas formadas exclusivamente por uma vogal, por exemplo, *unha*, mas não existe sílaba formada exclusivamente por uma consoante.
3. Observar que uma mesma forma gráfica pode ter diferentes significados dependendo do **contexto** em que aparece, para que possam perceber que algumas vogais podem ser simultaneamente letra, sílaba e palavra, evitando, assim, posteriores aglutinações.
4. Perceber o valor posicional das letras na sílaba, criando novos significados. Exemplos: *prato-parto*; *claros-Carlos*.
5. Ao analisar os diferentes tipos de sílaba, compreender alguns aspectos relevantes do sistema ortográfico que possam ser úteis para a conquista de uma melhor ortografia. Para tal, refletiremos sobre: nasalização, sílabas de estrutura complexa (qu, gu, lh, nh, rr, ss) e sílabas finais com três letras (Exemplo: ficou).
6. Compreender a palavra como identidade entre dois espaços.

VOGAIS E CONSOANTES

Os alunos já trabalharam com ordem alfabética e, portanto, sabem o que são letras e que servem para formar palavras. Por isso introduziremos diretamente a terminologia **vogal** e **consoante** para indicar diferentes formas de agrupamento das letras.

Vale a pena ressalvar que utilizaremos neste livro os termos vogais e consoantes como letras vogais e letras consoantes e não como a Fonética utiliza estes conceitos. Optamos por esta terminologia por não haver outro termo específico na Gramática para denominar estes agrupamentos, que desejávamos destacar enquanto seqüências de letras dentro da sílaba ou da palavra.

A atividade VOGAIS E CONSOANTES tem como objetivos:

— introduzir a terminologia;
— indicar quais são as letras vogais e quais são as letras consoantes.

No exercício 1 os termos já estão dados. Destaque para eles quais são as letras vogais e quais são as consoantes, o que há mais — vogais ou consoantes —, e se eles sabem quais as diferenças entre elas. No restante, o trabalho vai procurar o reconhecimento e utilização das vogais e consoantes e não qualquer discussão mais conceitual.

É comum a criança confundir os termos **letra** e **palavra**, usando um pelo outro; a introdução de mais dois termos pode, em um primeiro momento, trazer novas confusões, mas, gradativamente, elas se resolverão. É esta a finalidade das atividades QUANTAS LETRAS? e FORCA.

Além desta diferenciação é essencial que percebam o valor posicional das letras dentro da palavra a fim de que compreendam aspectos relevantes do sistema ortográfico.

As atividades SALADA DE LETRAS, *MILK-SHAKE* e TROCANDO! têm por objetivo levar os alunos a observar o quanto o valor posicional de uma letra tem o poder de transformar **o som e o significado de uma palavra**. Estas atividades devem ser realizadas em grupo para promover a discussão entre eles e enriquecer as possibilidades de aprendizagem e de solução de problemas. Não se esqueça de oferecer letras móveis (caso não tenha em sua escola, faça as letras do jogo em quadradinhos de papel), pois, sem um material concreto de apoio, ela será difícil demais para as crianças.

Na atividade TROCANDO!, temos uma possibilidade de formação de novas palavras muito maior do que o espaço proposto no livro. Caso sua turma goste do desafio, proponha outras palavras para que joguem em seus cadernos ou como lição de casa. As crianças costumam se deliciar com a brincadeira.

De posse destas duas idéias:

a) as letras podem ser agrupadas em vogais e consoantes e
b) a ordem em que elas aparecem dentro de uma palavra é determinante — mudou a ordem, mudou a palavra,

podemos partir para a etapa seguinte: a **sílaba**.

2. Estratégias para a compreensão do conceito de sílaba

O conceito de sílaba é bastante complexo e envolve muitas dificuldades, por isso faremos um trabalho cuidadoso. Oralmente as crianças são capazes de separar e identificar sílabas sem problemas, mas, na escrita, a coisa se complica. A relação da sílaba com a sonoridade não é direta, e quando solicitados a dividir uma palavra em partes, utilizam os mais variados critérios. Foi para conhecer o pensamento das crianças e introduzir o conceito de sílaba que montamos a atividade DIAGRAMA, apresentada no *Livro do Aluno.*

Para realizá-la, organize sua classe em duplas ou trios (o confronto das hipóteses é fundamental) e peça que coloquem cada pedaço da palavra em um quadradinho, **de tal forma que cada um possa ser lido sozinho**. Deixe-os ir completando como acharem que deve ser e vá circulando pela classe, observando como eles partem as palavras para completar o exercício. Caso o professor interfira, deve ser no sentido de perguntar *Como você pensou para dividir a palavra em pedaços?*

As palavras da atividade foram cuidadosamente escolhidas porque queríamos que aparecessem palavras com diferentes números de letras por sílaba. Exemplos:

Ana — sílabas com 1 e 2 letras
Carlos — sílabas com 3 letras
Guilherme — sílabas com 2, 3 e 4 letras
Alexandre — sílabas com 1, 2, e 3 letras
Martins — sílabas com 3 e 4 letras
Jô — sílaba com 2 letras
Cristina — sílabas com 2 e 4 letras
Quim — sílaba com 4 letras
Aníbal — sílabas com 1, 2, e 3 letras

Esperamos que, para realizar essa atividade, o aluno:

a) utilize um conhecimento inconsciente de sílaba, construído na oralidade;
b) ao utilizar esse conhecimento na escrita, tome consciência de sua existência, para poder ampliá-lo;

c) perceba diferentes possibilidades de unidades menores — sílabas de 1, 2, 3 e 4 letras — como formadoras de uma unidade maior — a palavra.

Ao fazer a atividade DIAGRAMA a criança acertará ou fará partições indevidas. Na hipótese do erro, o professor deve recorrer à oralidade, pedindo que a criança fale a palavra e verifique em quantos pedaços ela foi dividida. Ouvir como as outras crianças pensaram para solucionar seu diagrama é excelente estratégia para a socialização do conhecimento.

Uma vez concluída a discussão, o professor informa que esses pedaços das palavras são chamados **sílabas**. Em seguida brinca um pouco com a idéia de número de sílabas, pedindo que digam uma palavra de uma sílaba, duas, três sílabas, etc.

Este é um momento importante, pois através dele o professor pode limpar arestas do conceito que a criança está utilizando. Imagine a situação: o professor pede que alguém diga uma palavra que tenha duas sílabas. Um aluno diz *cobra*, e o outro diz "treiz.". É um excelente momento para o professor pedir que a criança escreva na lousa a palavra e como faria a divisão. No caso da criança que estou citando, ela sugeriu tr-es. O professor pediu, então, que a criança lesse cada parte separadamente e perguntou: *Será que dá para ler?* Como ela não conseguiu, sugeriu que dividisse novamente. Nova divisão: tre-s. Novamente não conseguiu ler e acabou concluindo que essa palavra tinha que ser só de uma sílaba.

Razoavelmente interiorizado o conceito de sílaba, o professor pede que os alunos observem, no DIAGRAMA, com quantas letras pode-se formar uma sílaba, retomando a discussão. **Registre estas descobertas todas no Caderno de Descobertas**, pois é muito importante que saibam que uma sílaba pode ser formada por uma, duas, três, quatro e até cinco letras. Pergunte-lhes em seguida que letras podem ser sílabas para que observem que apenas as vogais podem cumprir este papel.

3. Estratégias de sistematização

Para a sistematização, o professor pode fazer atividades do tipo "Adivinhe a palavra em que eu estou pensando". É um jogo que pode ser realizado de muitas formas. Seguem três sugestões de procedimento:

1. O professor reúne as crianças em grupos de 3 ou 4 alunos e vai dando dicas para que eles descubram a palavra que ele tenha escolhido. Estas pistas devem utilizar os conceitos trabalhados. Exemplo: *A palavra em que eu estou pensando tem 7 letras, sendo 3 vogais e 4 consoantes.* Em geral as crianças ficam ansiosas e já começam a arriscar palavras! — *Além disso, essa palavra tem 3 sílabas. Alguém já adivinhou?!* Continuando: *A primeira sílaba tem 3 letras.* (...) *É o nome de uma coisa gostosa de comer!* (...) *É gelada! Descobriram?!*
2. Depois de realizada a atividade com a palavra que o professor deu, pode-se pedir a um aluno que monte uma charada para o seu grupo descobrir.
3. Um grupo monta a charada para o outro grupo descobrir. Pode-se também pedir que façam charadas como lição de casa e que troquem entre si no dia seguinte.

É importante que o professor tenha clareza de que neste momento não se pretende que os alunos saibam fazer divisão silábica, ou que tenham total domínio do conceito de sílaba. Nosso objetivo é fazer com que reflitam sobre ele e saibam reconhecer sílabas para que possam utilizar esse conceito em atividades de ortografia.

No *Livro do Aluno* existem várias atividades para trabalhar a confusão letra e sílaba que podem ser aplicadas:

LETRAS E SÍLABAS
CONSTRUA
RECRIANDO
BRR! QUE MEDO...

LETRAS E SÍLABAS e CONSTRUA

Nosso objetivo não é trabalhar divisão silábica, apenas que observem as diferenças entre sílaba e letras. Não se esqueça de utilizar o erro das crianças como oportunidade para descobrir como elas estão pensando e criar uma situação que as ajude a aprofundar o conceito.

RECRIANDO

Esta atividade inicia um novo momento dentro da seqüência de conceitos que estamos trabalhando. Foram escolhidas palavras com as mais variadas estruturas. Ao propormos que os alunos escrevam as sílabas destas palavras em cada quadrinho trazemos à tona a dificuldade que a divisão silábica na escrita implica. Em palavras como **universo**, como pensar para saber se o **r** fica com a sílaba **ve** ou com a sílaba **so**? Para resolver estas questões sugerimos dois caminhos de discussão. Primeiro: faça a relação com a oralidade. Será que lemos u-ni-ve-rso ou lemos u-ni-ver-so? Outro caminho a ser seguido é a análise da letra seguinte: que tipo de letra vem depois do **r**: vogal ou consoante? Confronte com outras palavras em que o **r** aparece seguido de vogal e seguido de consoante e deixe-os descobrir que:

a) quando ele aparece seguido de vogal, é a primeira letra da sílaba;

b) quando seguido de consoante, é a última letra da sílaba.

Terminada a questão 1, pedimos que pintem a primeira sílaba de cada palavra. Faça-os observar de quantas letras uma sílaba pode ser, quais as letras que são a última de cada sílaba. Depois, peça que criem novas palavras como foi proposto na questão 3.

Na questão 3, é possível que algum grupo solucione da seguinte forma: *sal* → *sala*. Ao apresentar esta solução, a sílaba inicial que era *sal* passa a ser *sa*. Caso isto aconteça, peça às crianças que pintem a sílaba seguinte ao **l** , por exemplo, e verifiquem se depois vem vogal ou consoante. Ao verificarem que depois vem vogal, pergunte, então, o que acontece com o **l** quando depois dele vem vogal. Eles verão que o **l** vai formar nova sílaba. Dessa forma, eles vão concluir que para a sílaba ser *sal* é preciso que depois venha uma consoante, nunca uma vogal.

Não se esqueça de avisá-los de que não é preciso manter o acento na palavra que eles vão criar. Por exemplo, a partir de *pó* eles podem formar: *povo, polícia, pobre,* etc.

Ao fazer a correção na lousa, o professor tem a possibilidade de ampliar enormemente o universo vocabular do grupo.

4. Ampliação do conceito de sílaba

O próximo passo, agora, é ampliar a idéia de estrutura silábica, ajudando-os a compreender quais são as estruturas de sílabas **possíveis, impossíveis, prováveis** e **pouco prováveis** dentro do sistema de nossa língua.

Para tal é preciso analisar algumas propriedades constitutivas da sílaba.

Atividades no *Livro do Aluno*:
objetivo: análise da estrutura da sílaba
CRUZADINHA
TRINCA
DESCOBRINDO…
POR FORA
QUAL É?!

objetivo: análise do número de sílabas
QUANTAS SÍLABAS?
QUEM PROCURA…

objetivo: confronto letra X sílaba X vogal X consoante
BRINCANDO DE RIMA
FURA-BOLO… OU INDICADOR?
ADIVINHE
STOP DAS PLANTAS

DESCOBRINDO...

Esta atividade apresenta palavras com sílabas de estruturas diferentes (sílabas formadas apenas por vogal, por vogais e consoantes com números diferentes de letras) para que os alunos analisem.

TRINCA

Objetivo: fazer os alunos observarem a estrutura das sílabas de final de palavras que são formadas por 3 letras.

A partir desta atividade, pode-se pedir, como lição de casa, que descubram outras sílabas de 3 letras que aparecem no final de palavras.

Durante a correção do exercício, é importante ir pedindo que digam como fizeram a divisão para verificar como estão pensando a sílaba.

Depois de concluída a atividade, pedir que descubram por que as autoras deram o nome TRINCA à atividade. Estas atividades permitem a sistematização dos conceitos letra X sílaba, vogal X consoante.

DESCOBRINDO e CRUZADINHA

Estas atividades procuram investigar com quantas letras é possível formar uma sílaba.

POR FORA e QUAL É?!

Nestas atividades, os alunos vão aplicar o conhecimento que têm da estrutura da sílaba, sendo solicitados a reconhecer mentalmente palavras que tenham as estruturas indicadas.

A partir da discussão das estruturas de sílabas, abre-se o espaço para discutirmos palavras de uma sílaba com uma, duas, três e quatro letras. No livro encontramos a atividade QUANTAS SÍLABAS? que cumpre este objetivo.

QUANTAS SÍLABAS?

É uma atividade importante, pois, além de trabalhar com a estrutura das sílabas, através da última questão — *Será que existem palavras de uma só sílaba?* lança um sério problema conceitual que vai levá-los a observar que, neste caso, sílaba é igual a palavra, o que será objeto de nossa próxima discussão.

É muito importante que você não dê a solução. Peça que pesquisem nos textos e descubram a resposta. É uma investigação que empolga as crianças e importante para que se trabalhe depois o espaço e uma série de erros de grafia.

As atividades QUEM PROCURA..., BRINCANDO DE RIMA, FURA-BOLO... OU INDICADOR?, ADIVINHE e *STOP* DAS PLANTAS têm como objetivo confrontar todos os conceitos trabalhados neste módulo. Lance-se a elas e bom divertimento.

STOP DAS PLANTAS

As instruções não constam no livro para que os alunos não façam a atividade antes de dado o sinal de início.

Combinado o sinal, o professor dá à classe a seguinte ordem: *Pintem com lápis colorido a primeira sílaba de cada palavra e depois escrevam cada palavra no quadro em que esta primeira sílaba se encaixa.*

Depois de realizadas as atividades, pedir que observem se existe sílaba:

a) de apenas uma vogal;
b) de apenas uma consoante;
c) de mais de uma vogal;
d) de mais de uma consoante;
e) sem vogal, etc.

Esta discussão sobre a estrutura da sílaba X vogal e consoante é importante até para que percebam o estatuto diferenciado das vogais e, conseqüentemente, que compreendam por que o alfabeto foi dividido em vogais e consoantes.

5. Estratégias para sistematização

Para sistematizar o conhecimento das diferentes estruturas de sílabas, sugerimos que pesquisem em jornais, revistas, etc., palavras com sílabas formadas por:

a) uma vogal;
b) consoante e vogal;
c) 2 vogais;
d) 2 vogais e 1 consoante;
e) 2 consoantes e 1 vogal;
f) 2 vogais e 2 consoantes, etc.

Sugerimos também um jogo para a sistematização do conceito de sílaba:

Brincando com letras móveis

O professor escolhe palavras, escreve-as em cartolina (cada palavra em uma cor diferente), recorta as letras e mistura-as. Em seguida, oferece aos alunos uma folha com as estruturas das palavras em termos de vogais e consoantes. Por exemplo, se a palavra for *abelha*, na folha aparecerá:

V	CV	CCV

É importante dar, também, o universo das palavras em forma de dicas: *São 5 palavras.* (...) *Todas são nomes de animais (ou de objetos de cozinha, objetos escolares, sentimentos, etc.).*

Vence o grupo que descobrir quais são as palavras, arrumando-as corretamente no quadro.

6. Palavra como identidade entre dois espaços

Sistematizado o conceito de sílaba, podemos começar a trabalhar com o conceito de palavra. Este conceito traz, para a criança desta faixa etária, um problema maior do que costumamos imaginar, pois eles acham que palavra é apenas a palavra que corresponde a algo do mundo. Desta maneira, os artigos, as preposições, "é", etc., ficariam como algo indefinido, mas que não seriam palavras. É por esta razão que trabalharemos com o conceito de palavra como a unidade sonora que está entre dois espaços. Este é um critério mais concreto para a criança, até porque é visível.

Para se trabalhar com a palavra desta forma, é preciso que iniciemos uma discussão sobre a significação do espaço que, por encerrar outros objetivos e constituir um trabalho que deverá se ampliar ao longo do tempo, é apresentada no Módulo III.

RESPOSTAS DAS ATIVIDADES DO MÓDULO II

QUANTAS LETRAS?

1. e 2. janeiro (7) — fevereiro (9) — março (5) — abril (5) — maio (4) — junho (5)
3. fevereiro — 4 consoantes

FORCA

1. pegador — 2. amarelinha — 3. roda, bola — 4. esconde-esconde — 5. polícia-e-ladrão

SALADA DE LETRAS

- amor — romã — Roma — mora — armo — ramo — roam
- lama — alma — mala
- vela — lave — leva — vale

MILK-SHAKE

1. Usar só as letras da palavra **manual.** / Não precisa usar todas as letras.
2. Exemplos:
   CANÁRIO: cana, rio, Ana, cara, caro, etc.
   LUCIANO: Lúcia , Lúcio, lua, cano, ano, aluno, etc.
   RENATA: nata, rena, ata, reta, arena, etc.
   MARISOL: si, Mário, mar, rio, amor, sola, etc.

TROCANDO!

Exemplo: FOGO, JOGO, JOGA, JOTA, BOTA, BOLA

DIAGRAMA

A-na; Car-los; Gui-lher-me; A-le-xan-dre; Mar-tins; Jô; Cris-ti-na; Quim; A-ní-bal.
Sílaba.

LETRAS E SÍLABAS

1. Não esperamos respostas lingüisticamente corretas. O importante é que as crianças formulem, com suas próprias palavras, uma resposta a partir de sua observação das palavras. Redija a resposta com a classe.
2. lobisomem: 9 letras e 4 sílabas
   coruja: 6 letras e 3 sílabas
   mel: 3 letras e 1 sílaba
   bichos: 6 letras e 2 sílabas
   naquele: 7 letras e 3 sílabas

CONSTRUA

1. cimento, azulejo, martelo, tijolo, cal, parafuso, prego, areia, tábua, pá
2. três sílabas: martelo, tijolo, cimento, areia
   uma sílaba: cal, pá
   duas letras: pá
   quatro sílabas: azulejo, parafuso
   três letras: cal

RECRIANDO

1. e 2. **u**-ni-ver-so
pri-ma-ve-ra
plan-ta
pó
bron-qui-te
tem-pes-ta-de
sal
trans-por-te
ser
ur-so
a-mor
an-te-na

BRR! QUE MEDO...

1. Horizontais: esqueleto; bruxa; fantasma; múmia
   Verticais: dragão; lobisomem
2. seis letras: dragão
   cinco letras: bruxa; múmia
   quatro sílabas: esqueleto; lobisomem
   três sílabas: fantasma

CRUZADINHA

1. Horizontais: asa; abacate; abajur; aranha
   Verticais: abóbora; agulha; anel
2. Começam com a letra A.

4. uma sílaba de uma letra: todas as palavras
   uma sílaba de duas letras: a-**sa**; a-**ba**-**ca**-**te**; a-**ba**-jur; a-**ra**-nha;
   a-**bó**-**bo**-**ra**; a-**gu**-lha
   uma sílaba de três letras: a-ba-**jur**; a-ra-**nha**; a-gu-**lha**; a-**nel**

TRINCA

1. e 2. lá-**pis**; ca-**paz**; a-con-te-**cer**; co-ra-**ção**; cin-zei-**ros**; a-**zul**; cha-**péu**;
   ven-**der**; tam-**bém**
2. três letras
3. • todas têm três letras;
   • são formadas por vogais + consoantes, nunca só vogais ou só consoantes.

DESCOBRINDO...

1. e 2. **a**marelo (1 letra); **sen**timento (3 letras); **úl**tima (2 letras); **trans**porte (5 letras); **u**nha (1 letra); **plás**tico (4 letras); **cha**péu (3 letras); **quan**tidade (4 letras)
3. Uma sílaba pode ser formada de 1 a 5 letras.

POR FORA

1. gan — gos — per — tam — mal — **fe**
   mi — te — fa — ra — vo — **ber**
2. plas — bran — clau — gran — cons: sílabas de 4 letras
   ho — ir — as — ha — al — he — hi — on: sílabas de 2 letras

QUAL É?!

1. fantasma; histórias; atrapalhadas; aquela; início; hoje; transformou; barulhinho; aprendeu; irmão
2. sílabas de 1 letra: a; i
   sílabas de 2 letras: tó; ho; ir
   sílabas de 3 letras: tra; tas; nho
   sílabas de 4 letras: pren
   sílabas de 5 letras: trans

QUANTAS SÍLABAS?

1.

		RI					
COM		CA	I		RE	GRA	DA
PRE	GUI	ÇO	SO		TI		
EN			LA	DEI	RA		
DER		A	DO	TA	DA		
				DO			

2. palavras de duas sílabas: caí
   palavras de três sílabas: ricaço; ladeira; regrada; deitado
   palavras de quatro sílabas: retirada; compreender; isolado; preguiçoso; adotada

QUEM PROCURA...

1. piloto, garçom, bilheteira, contador, advogado, cozinheira
2. palavras com 3 sílabas: piloto, contador
3. sílabas com 3 letras: bi-**lhe**-**tei**-ra, **con**-ta-**dor**, **gar**-**çom**

BRINCANDO DE RIMA

1. varal — jornal; cenoura — vassoura; abacate — alicate; leiteira — lixeira; coração — mamão

FURA-BOLO... OU INDICADOR?

1. mínimo, médio, indicador, anular, polegar
2. palavras:
   com seis letras: anular, mínimo
   com três sílabas: polegar, anular, mínimo
   que terminam com **r**: polegar, indicador, anular
   que começam com a letra **m**: médio, mínimo
   com quatro sílabas: indicador
   com cinco letras: médio

ADIVINHE

- lousa, lápis, régua, livro e outros
- amor, ódio
- ônibus
- branco, marrom
- martelo, serrote

STOP DAS PLANTAS

vogal	consoante-vogal	vogal-consoante
azaléia, **i**pê	**l**írio, **ca**mélia	**or**quídea, **an**túrio
consoante-vogal-consoante	consoante-consoante-vogal	consoante-vogal-vogal
hortênsia, **mar**garida, **jas**mim	**cra**vo, **pri**mavera	**qua**resmeira

MÓDULO III — Significação do espaço na escrita

1. Objetivos

As atividades deste módulo têm por objetivo levar o aluno a:

a) perceber que o espaço na escrita é significativo, isto é, ele é uma marca assim como as letras;

b) entender que o espaço pode ter diferentes significados dependendo do contexto em que aparece.

Compreender os diferentes significados do espaço é importante para que o professor possa trabalhar com alguns "problemas" apresentados pelas crianças de 1ª série, tais como:

- Aglutinação de palavras.
- Diagramação do texto:
  a) os alunos costumam escrever o texto "denteado", ou seja, começando e terminando em qualquer ponto da linha;
  b) escrevem o título e iniciam o texto em seguida, na mesma linha;
  c) não conseguem saber, ao copiar da lousa, quando o professor muda de linha e eles também devem mudar e quando o professor muda de linha mas eles devem continuar escrevendo na mesma linha. O mesmo acontece quando copiam de outro local;
  d) não deixam a marca espacial de parágrafo;
  e) não separam espacialmente narrador e personagem, escrevendo o que é de um e de outro em seguida, na mesma linha.

Para que possam transformar estes procedimentos de forma significativa e não como simples exigência estética, na discussão sobre o espaço na escrita o aluno da 1ª série precisa:

1) Compreender que a escrita da prosa vai de um extremo a outro da linha (da esquerda para a direita), portanto ele deve evitar o uso do texto "denteado" para garantir a significação do tipo de texto e do parágrafo.
2) Entender que o espaço entre as palavras define a própria identidade delas, conceito este que vai permitir que:
   a) compreendam por que não devem aglutinar as palavras e,
   b) posteriormente, possam também utilizar o conceito no trabalho de ortografia. Exemplo: **a gente — agente**.
3) Compreender que a localização do título antes do texto, no centro da página e separado por um espaço dá-lhe a importância de elemento antecipatório do próprio texto: desperta a curiosidade do leitor e abre o espaço da intertextualidade, na medida em que o remeterá a todos os outros textos que conhece sobre o assunto.

Nossa proposta de trabalho é que o aluno desenvolva uma *postura de leitura*. Ele, enquanto leitor, está numa situação de troca com o texto. Ele traz todo seu universo de conhecimentos anteriores, tanto do mundo quanto sobre o assunto específico do texto, o que lhe permite todo um trabalho de antecipação de significados. É esta postura que transforma a leitura e viabiliza a própria possibilidade de compreensão do texto.

4) Compreender que o nome do autor, escrito abaixo do título, um pouco à direita, apresenta-se, da mesma forma que o título, como mais um elemento antecipador, estabelecendo-se como mais um aspecto de intertextualidade. Quem conhece Carlos Drummond, ao ler seu nome como autor já espera um tipo de texto e um tratamento do tema diferente de um Millôr Fernandes, por exemplo, ainda que o título do texto seja o mesmo.
5) Entender que a noção de parágrafo inscreve três relações simultâneas do ponto de vista do espaço:
   a) há uma certa distância entre a margem esquerda e o início da escrita;
   b) a escrita inicia-se com letra maiúscula;
   c) a continuação da escrita, ao mudar de linha, dá-se próxima à margem esquerda, em oposição ao início do parágrafo.

É a consciência dessas três relações simultâneas que definirão o parágrafo e levarão à escrita do texto "não denteado" e, posteriormente, à compreensão da diagramação espacial do discurso direto.

A reflexão sobre o significado e o uso do parágrafo encontra-se no **Módulo V — Pontuação** e no **Apêndice I — Paragrafação**.

6) Compreender a diferenciação entre prosa e poesia sob o ponto de vista do espaço, observando a diagramação dos versos e estrofes em oposição ao uso da linha toda e do parágrafo na prosa.

Estes não são os únicos espaços significativos nos diferentes portadores e tipos de textos. Mas para não haver acúmulo de informação na 1ª série, trabalharemos apenas estes por serem os mais freqüentes nos tipos de textos que são utilizados nesta série. É importante lembrarmos que os poetas concretistas levaram a significação do espaço ao extremo, e que a compreensão desse significado depende de poder ver o espaço como significante.

2. Estratégias para se trabalhar a significação do espaço

1. Pedir aos alunos que copiem um poema sem que se dê **nenhuma instrução** sobre a ocupação do espaço. Isto é importante para que o professor possa observar quais os espaços que os alunos já enxergam, e a partir daí trabalhar com o "erro" (não-observação do espaço no ato da cópia), transformando-o em algo observável. Constatadas as diferenças entre as cópias de diversas crianças entre si e em relação ao modelo, o professor apresenta a seguinte questão: *Será que faz diferença escrever de uma maneira ou de outra? Tanto faz escrever começando aqui ou ali?*

Lançada a pergunta, o professor ouve as crianças e, a partir de suas colocações, propõe que observem diferentes textos em prosa e verso para que verifiquem o que se repete e o que se diferencia na maneira de diagramar esses textos.

2. Para que fiquem evidentes os significados do espaço, oferecer aos alunos dois textos sem palavras.

Atividades no *Livro do Aluno:*
M MMMMMMMMMMM (prosa) e
MMMMMMMM (poesia)

A partir destes exercícios, perguntar-lhes: *Se houvesse palavras, o que poderia estar escrito em cada parte?* Apontar o título, o nome do autor, onde começaria e terminaria a história; perguntar quantas palavras haveria na primeira e na segunda linha; na poesia, se não existisse a margem do lado esquerdo e se o texto fosse copiado direto de um extremo a outro, se seria a mesma coisa, etc.

3. Sistematização

O objetivo primeiro dessa conscientização do espaço na escrita é iniciar uma reflexão sobre sua significação e sua aplicação na escrita da criança. Para sistematizar essas descobertas, o professor pode:

- Rediscutir com os alunos quando estes devem ou não mudar de linha ao copiar textos ou atividades da lousa. É importante que o olhar do professor esteja dirigido para a importância de discutir por que eles mudariam ou não de linha e não simplesmente dar a resposta do certo ou errado naquela situação.
- Pode também oferecer alguns textos com falhas de diagramação e pedir que as crianças identifiquem onde elas se encontram.

Ver, no *Livro do Aluno*, as atividades:
DESCUBRA OS ERROS!
E AGORA?
CONTINUANDO...
AH! OS HOMENS...

Tais atividades levam a estas reflexões. O professor deve sempre retomar os conceitos trabalhados nas situações do dia-a-dia sempre que a oportunidade e a necessidade aparecerem. Uma vez desenvolvido este “olhar geral” sobre os sentidos do espaço, começaremos a discutir mais profundamente alguns espaços.

O trabalho com a partição de palavras deve aprofundar-se mais ou menos, dependendo da situação da classe.

No *Livro do Aluno* há as propostas:
A ILHA DO PAVÃO
BATATINHA QUANDO NASCE
UM BILHETE MEIO ESTRANHO

Estas atividades pretendem aprofundar a discussão de como pensar para separar uma palavra da outra dentro de um texto.

A ILHA DO PAVÃO

É um poema que nos remete a uma imagem muito bonita. No geral, as crianças conhecem o pavão e o pôr-do-sol, mas não sabem o que é um delta. Assim, vale a pena começar a explorar o poema, pedindo que imaginem o pavão de cauda aberta no pôr-do-sol, e depois explique que o delta é *uma forma de um rio desaguar no mar, abrindo-se em* *canais com ilhas*. Se possível, mostrar fotografias de deltas. Poderão, então, perceber que nas três imagens — pavão, pôr-do-sol e delta — há um movimento de abrir-se em leque. Peça-lhes, então, que façam uma ilustração no livro, compondo a imagem final sugerida pelo poema.

Saboreada a beleza do poema, pedir que realizem a tarefa solicitada no exercício. A questão 4 é a mais importante, pois as crianças costumam saber na prática quando uma palavra termina e começa a outra, mas não têm consciência de que é o espaço entre elas que é observado para se ter esta certeza. Por isso, é importante que o professor aproveite o espaço aberto pela questão para ajudá-los a "enxergar" o espaço que dá a identidade das palavras.

A atividade BATATINHA QUANDO NASCE procura sistematizar esta idéia de forma bem concreta.

UM BILHETE MEIO ESTRANHO, que também sistematiza o espaço entre palavras, deve ser realizada **em grupos** e, se possível, com o alfabeto de letras móveis para que as crianças investiguem "concretamente" as várias possibilidades de partição. Há alfabetos de letras móveis à disposição no mercado, mas, caso você não os tenha à disposição, poderá confeccioná-los com cartolina, pois o uso das letras móveis é riquíssimo para o trabalho de partição de palavras. Com ele, as crianças podem manusear as letras, pensar e discutir livremente, uma vez que ele não fixa a forma como acontece com a escrita (que, depois de realizada, só desaparece sendo apagada). Concluída a melhor partição, eles copiam a solução, resultando um trabalho muito significativo.

No *Livro do Aluno* há também as atividades:
VERSINHOS
UM... DOIS...
CÓDIGO...
QUAIS SÃO?

Repare que em todas estas atividades foram utilizados textos populares para que a compreensão do significado **ajude as crianças a compreender a relação entre a presença do espaço e o significado das palavras como critério de decisão sobre onde colocar o espaço**. Além destas situações o professor deve criar outras com sua classe, se houver necessidade.

A construção desta segmentação das palavras não se dá de forma imediata. Muitas vezes nós, professores, não temos consciência das dificuldades conceituais envolvidas nos diferentes conteúdos e não agüentamos esperar o tempo de que o aluno necessita para a sua elaboração interna. Depois de realizado o trabalho com segmentação das palavras, ainda costumam permanecer situações em que as crianças emendam artigos e preposições a substantivos, pois para deixarem de fazer isso precisam resolver um difícil problema conceitual: admitir que uma letra sozinha possa existir como palavra. Em geral, mesmo já sendo alfabéticos há algum tempo, não conseguem reconhecer como palavra algo que tem tão poucas letras e nenhum significado (*qual o sentido de A*?). É por isso que propomos a investigação que segue.

4. Palavras de uma e duas letras

As crianças costumam aglutinar os artigos e preposições às **palavras grandes das quais estão próximas.** Escrevem "amenina", "doce deleite", "udinossauro", etc. Deixar de aglutinar estas palavras implica admitirem que existam palavras de uma e duas letras, o que conceitualmente é algo complicado para elas: são poucas letras para serem palavras e não têm significação, coisas muito difíceis de serem admitidas pelas crianças. Além disto, elas costumam grafá-las incorretamente, escrevendo-as como falam. Costumam escrever: "U Pedro i a Maria", "gosto di voce", "foi nu cinema", etc. Assim, vale a pena propor-lhes uma investigação sobre estas palavras para que possam descobrir recursos de decisão ortográfica ao compreenderem algumas propriedades do sistema da língua.

Estratégia

Peça às crianças que pintem com caneta colorida as palavras de uma letra de um texto qualquer do livro. Faça esta proposta na classe, **nunca como lição de casa**.

Este pedido costuma desencadear uma discussão importante, pois as crianças no início não admitem que uma só letra possa ser palavra. Peça, então, que pintem as palavras da primeira linha, uma palavra de cada cor. Elas costumam cumprir a tarefa sem problemas.

Depois, pergunte-lhes: *O que vocês olharam para saber que havia terminado uma palavra e começado a outra? O que a cabeça pensava para saber quando acabava a palavra?* Uma vez que muitas atividades sobre o valor do espaço entre as palavras já foram realizadas, acreditamos que as crianças cumprirão a tarefa sem problema.

Concluída a discussão, defina com eles que *palavra é quando há uma ou mais letras entre dois espaços*. Peça-lhes, em seguida, que investiguem se há *letras* que são *palavras* porque estão entre dois espaços.

Ao fazerem a investigação, descobrirão que existem palavras de uma letra. Se necessário, peça-lhes de lição de casa, que investiguem também em jornais, revistas e livros. Depois discuta com eles em classe e vá fazendo as descobertas. Poderão descobrir que:

1) Só existem 4 palavras de uma letra (**a**, **e**, **o**, **é**).
2) Só podem ser vogais.
3) O **I** e o **U** nunca são palavras (ou nunca aparecem sozinhos).
4) Não existe nenhuma consoante que apareça sozinha.
5) Existe **E** e **É**, um com acento e outro sem. Defina com eles quando se usa um ou outro.

Depois de realizadas as descobertas, em outro dia, peça-lhes que investiguem as palavras de duas letras. Encontrarão: **ao**, **ou**, **as**, **os**, **da**, **de**, **do**, **na**, **no**, **em**, **um**, **se**, **si**, **eu**, **ia**, **me**, **já**, **lá**, **pá**, **vá**, **fé**, **pó**, **pé**, **vó**, **vô**, **rã**, **vê**, **vi**, **só**, **ré**, **nu** e outras.

Coletadas as palavras, o professor pede que observem tudo o que podem descobrir e que possa ajudá-los a escrever ou a decidir quando usar uma letra ou outra. Poderão descobrir que:

1) Existem muitas palavras de duas letras.
2) Algumas aparecem muitas vezes (**os**, **as**, **um**, **na**, **no**, **da**, **de**, **do**, **ao**, **em**, **se**).
3) Não existem: **ne**, **ni**; **di**, **du**.
4) Quando é **AO** é sempre com **O. AI** não existe, e **AU** existe mas é o *barulho do cachorro,* e só aparece de vez em quando. Este que aparece sempre é sempre **AO**.
5) O **SE** que aparece com freqüência é sempre com **S. CE** nunca aparece sozinho como palavra, sempre grudado em mais letras, como parte de palavra.
6) A palavra **NU** existe, mas quer dizer pelado e só aparece de vez em quando. Este que aparece sempre é **NO**, com **O**, nunca com **U**.
7) **IS**, **ES**, **US** não existem. Não aparecem sozinhos.
8) Existem palavras de duas letras formadas por duas vogais ou por uma vogal e uma consoante, mas nenhuma de duas consoantes.

Dependendo do envolvimento e fôlego da classe, o professor pode aprofundar mais ou menos essas questões. Pode-se, além das conclusões acima expostas, descobrir-se que:

9) As palavras de duas letras que mais aparecem *não querem dizer nada que tem no mundo.*
10) Algumas palavras de duas letras querem *dizer coisas que tem no mundo*, como **fé**, **pó**, etc., mas estas aparecem poucas vezes.
11) Quando elas não querem dizer nada que existe no mundo, elas não costumam ter acento; as que querem dizer coisas que existem no mundo podem ter acento (a maioria), ou não.
12) A maior parte das palavras de duas letras termina por **A**, **E**, **O**.
13) Quando terminam por consoante, são sempre **S**, **M**, **R**.

O procedimento do professor ao longo da estratégia deve ser de desencadear as descobertas através de perguntas que façam as crianças refletirem sobre as propriedades da língua. Por exemplo, quando as crianças dizem que encontraram **DA DE DO**, o professor pergunta: *E **Di** e **DU**, alguém encontrou?* Como ninguém encontrará, o professor continua: *Será que ninguém encontrou ou não existe mesmo? Vamos verificar?* e assim por diante.

As descobertas feitas pelas crianças devem ser escritas na lousa pelo professor e copiadas no Caderno de Descobertas pelos alunos. Como há um número muito grande de descobertas e os alunos ainda são lentos para copiar, tem se revelado uma boa estratégia o professor copiar em papel Kraft e deixar afixado na classe para que possam copiá-las aos pouquinhos.

A consciência das propriedades das palavras de uma e duas letras leva os alunos a se colocarem numa postura de investigadores, tendo a ortografia como um objeto de reflexão, além de, através dela, diminuírem uma boa quantidade de erros de grafia.

Além destas investigações, ainda ligadas à idéia de partição, encontramos as atividades FIM DA LINHA! e SEPARANDO EM DOIS!, que têm por objetivo discutir com as crianças como se pensar para separar uma palavra que não está cabendo na linha. Optamos por incluir este item no módulo de significação do espaço por estar a solução deste problema ligada a possibilidades de se organizar o texto. As crianças costumam utilizar espontaneamente algumas soluções: espremem a letra para que a palavra caiba inteira na linha; algumas vão escrevendo de lado, quase na vertical do canto da folha, a maioria escreve a palavra completa na outra linha e, para isso, deixa um espaço enorme na linha de cima, fazendo com que o texto fique denteado.

Ressaltamos aqui que nosso objetivo não é trabalhar com divisão silábica. A divisão silábica encerra algumas complexidades a mais do que a partição das palavras no final da linha, além das regras não serem todas as mesmas. Nossa questão será: de que formas posso partir uma palavra em dois pedaços? Como eu penso para saber onde faço essa partição?

Sugerimos que você proponha que as crianças se reúnam em grupos e descubram de quantos jeitos pode-se partir uma lista de palavras que você vai oferecer a elas, sempre em dois pedaços. Deixe que façam as partições espontaneamente e, em cima do que tiverem trazido como soluções possíveis, discuta com a classe. Em primeiro lugar, escolha palavras de número variado de sílabas (2, 3, 4, 5, 6 etc.) para a atividade. Procure garantir também que apareçam palavras como **martelo**, **esmago**, **brinquedo**, **cantiga**, **cambalhota**, **almoço**, **texto.** Nelas aparecem os finais de sílabas por consoantes mais freqüentes, para que possam trabalhar com esta idéia. Conforme os grupos forem mostrando suas soluções, discuta com eles que letra vem depois, quando que pode terminar por consoante, quando não pode. Os alunos vão poder tirar estas conclusões a partir da análise das partições que fizerem.

Depois de realizada a discussão, é interessante fazer as atividades do livro. Elas não estão presentes em número suficiente propositadamente. Crie outras de comum acordo com a classe e seu universo cultural.

Além de textos com a última palavra da linha faltando para o professor ditar e os alunos completarem dividindo a palavra em dois, pode-se fazer a brincadeira da máquina de escrever, que começa o parágrafo cada vez em um lugar. Exemplo:

Foi quando encontrei o primeiro dragão da minha vi-
da.
Foi quando encontrei o primeiro dragão da mi-
nha vida.
Foi quando encontrei o primeiro dra-
gão da minha vida.
Foi quando encontrei o primei-
ro dragão da minha vida.

E assim por diante. Não imagine que as crianças sejam capazes de superar todas as situações de partição de palavras em final de linha na 1ª série. É um longo processo que tem início neste momento, mas que vai precisar de elementos conceituais ainda não trabalhados para ser totalmente resolvido. O que buscamos é um início de reflexão, a superação de um bom número de situações, mas não a solução de qualquer situação.

RESPOSTAS DAS ATIVIDADES DO MÓDULO III

M MMMMMMMMMMM (prosa)

1. O aluno pode citar qualquer texto que seja em prosa.
2. Título. Às vezes os alunos se referem a "nome do texto" por desconhecer o termo "título". Neste caso, aceitar e dar o nome "título" como o oficial, convencional.
3. O nome do autor.
4. Sete palavras. Muitas vezes esta resposta gera polêmica por acharem que com uma letra não poderia ser palavra. Neste caso, não dar simplesmente a resposta correta, mas estimular e ampliar o debate. Veja no item 2 as instruções sobre a forma de conduzir esta discussão.
5. Os espaços entre elas.
6. Resposta pessoal das crianças. O objetivo da pergunta é dirigir o olhar delas para a presença de espaços entre as palavras que facilitam a identificação de cada uma.
7. Também resposta pessoal das crianças. O objetivo da pergunta é fazê-las observar a marca do parágrafo.

MMMMMMMM (poesia)

1. O aluno pode citar qualquer poesia que conheça.
2. Poesia.
3. Título.
4. O nome do autor, do escritor.
5. Não.
6. Dar aos alunos a oportunidade de discutir a resposta antes de redigi-la. O importante não é obter uma resposta padrão, mas fazer as crianças raciocinarem e elaborarem a resposta com suas próprias palavras. Nosso objetivo é fazê-las perceber que cada espaço dentro da escrita tem um significado.

A ILHA DO PAVÃO

Dar oportunidade aos alunos de discutirem as respostas antes de redigi-las. O importante não é obter uma resposta padrão, mas que os próprios alunos tentem raciocinar e elaborar as respostas com suas próprias palavras. Por exemplo, nas questões 3 e 4 nosso objetivo é que percebam a presença do espaço entre as palavras, mais do que simplesmente obter a resposta: 5 palavras.

BATATINHA QUANDO NASCE

Batatinha quando nasce
espalha a rama pelo chão.
O menino quando dorme
puxa a cama e cai no chão.

UM BILHETE MEIO ESTRANHO

Tia Carmen

Hoje eu vou a sua casa para jogar futebol com os meus primos. Faça, por favor, aquele bolo de chocolate que eu gosto tanto, tá bom?

Obrigado. Um beijo.

Pedrinho

VERSINHOS

Retiramos as letras maiúsculas ao escrever sem separação para não induzir a resposta. Quando discutir com as crianças, levantar a polêmica: é prosa ou poesia? como seria organizado? etc. O mais importante é a própria discussão, e não a oferta de uma resposta correta para ser copiada.

Lá em cima daquele morro
passa boi, passa boiada.
Também passa você
com a roupa rasgada!
Lá em cima do piano
tem um copo de veneno.
Quem bebeu morreu.
O azar foi seu.
Rei, capitão,
soldado, ladrão.
Moça bonita
do meu coração.

UM... DOIS...

Um, dois, feijão com arroz,
três, quatro, feijão no prato,
cinco, seis, feijão inglês,
sete, oito, comer biscoito,
nove, dez, comer pastéis.

CÓDIGO...

Picolé

Amanhã esperamos você no pátio da escola, perto da cantina, na hora do recreio para terminarmos de combinar o plano de ataque.

assinado: Franjinha

QUAIS SÃO?

O trem maluco
quando sai de Pernambuco
vai fazendo
xique-xique
até chegar no Ceará.

Rebola, bola,
você diz que dá e dá,
você diz que dá na bola,
mas na bola você não dá.

Rebola pai,
rebola mãe,
rebola filha,
eu também sou da família,
também quero rebolar.

DESCUBRA OS ERROS!

Erros: localização do título e do nome do autor na linha:

Tatu na casca

Tatiana Belinky

O Saci estava contente...

E AGORA?/ CONTINUANDO...

Discuta e redija a resposta com a classe incentivando os alunos a refletir sobre a questão e formular a resposta com suas próprias palavras.

O importante nestas duas atividades é que o aluno perceba a importância da disposição do texto na página, sabendo que neste caso o texto deve ocupar todo o espaço da linha, respeitando o espaço para indicar o parágrafo.

AH! OS HOMENS...

Criar um clima de suspense durante a leitura desta parte da história, motivando cada aluno a escrever seu próprio final da história.

Final da história de Tatiana Belinky:

— E faz muito bem, primo Caipora — aprovou o Saci. — Não sei o que seria dos bichos desta floresta sem a sua proteção.

— É isso aí — confirmou o Caipora. — Pacas, tatus, cutias, antas, veados, macacos, porcos, tamanduás e mesmo onças, todos os bichos de pêlo, de couro e de chifre são meus amigos e têm a minha proteção! E agora eu já vou indo, que estou com pressa!

O Caipora cutucou a sua feia montaria e saiu à toda, sacudindo o comprido chuço de ponta de ferrão. Um ferrão com poderes mágicos, como vocês vão ver logo.

Mas o Saci, xereta como ele só, foi pulandinho atrás dele, pra espiar o que o Caipora ia fazer...

Anoitecia, e os caçadores que o protetor dos bichos procurava já tinham acampado numa clareira, para preparar a janta. Estavam todos satisfeitos com a rica caçada, pois haviam matado uma porção de bichos, na verdade muito mais do que podiam carregar — que dirá comer. E agora estavam assando sobre a fogueira, dentro da sua própria carapaça, um tatu destripado, espetado numa vareta de espingarda, enquanto os cães de caça aguardavam impacientes a sua vez de comer.

Homens e cachorros já lambiam os beiços, curtindo o cheirinho de churrasco de tatu, quando, de repente, com grande alarido de gritos selvagens e assovios estridentes, montado no caititu e sacudindo o seu chuço, surgiu o Caipora!

Que susto! E, antes que os homens pudessem gritar “Socorro!”, já o Caipora, rápido como um raio, apagou a fogueira, deu uma surra nos cachorros, que ganiam desesperados, e espalhou os caçadores para todos os lados, pondo-os a correr em fuga desabalada, largando armas e bagagens.

Enquanto os homens fugiam apavorados, o Caipora foi cutucando os bichos abatidos com o seu ferrão mágico, gritando: “Acorda, preguiçoso!” E vejam só: pacas, veados e cutias baleados ressuscitavam na mesma hora, acordavam da morte e corriam a embrenhar-se na mata, vivinhos da Silva. Só o pobre tatu continuava pendurado no espeto, já meio assado no próprio casco.

Então o Caipora foi e deu um cutucão mais forte nele, soltando um formidável grito de comando:

— Upa! Vambora, Tatu!

E o tatu, destripado e meio assado como estava, pulou do espeto e saiu correndo atrás do Caipora, mais rápido que ligeiro, enquanto o Saci, que tinha assistido a tudo, pulava de alegria, soltava baforadas do seu pito, e batia palmas, aplaudindo o primo Caipora.

E os caçadores? Ah, esses nunca mais voltaram a caçar por aquelas bandas!!

FIM DA LINHA!

Meu primeiro dragão

Josué Guimarães

Meu avô era lenhador e por causa disso a gente **morava** no meio do mato. Foi quando encontrei o **primeiro** dragão da minha vida. Assim que vi o **bichinho** cheguei a pensar que se tratava de um sapo-cururu. Tinha a pele escamada, viscosa, era cor-de-cinza e não **verde**, mal sabia caminhar e não chegava ao tamanho de um gato. Eu vi logo que não era gato porque não miava. Também não era sapo, claro, pois nem pulava. Era um dragão.

Meu avô, muito entendido nessas coisas de floresta, me disse assim que lhe dei a notícia:

— É um filhote de dragão.

Portanto, era um dragão. Levei o pobrezinho para casa e comecei a sonhar com o dia em que ele fosse um **dragão** de verdade, dos grandes, com aquela bocarra a **cuspir** fogo, rabo todo feito de espinhos e garras de abrir **cobra** jibóia pelo meio. Aprendi muito sobre dragão, mas o filhote que eu tinha, coitadinho, até parecia um sapo **doente**. Meu avô disse que era assim mesmo e eles já **comiam**, naquela idade, pequenos insetos assados.

SEPARANDO EM DOIS!

O macaco e o coelho

Monteiro Lobato

Um macaco e um coelho fizeram a combinação de um matar as borboletas e outro matar as cobras. Logo **depois**, o coelho dormiu. O macaco veio e puxou-lhe as orelhas.

— Que é isso? — gritou o coelho, acordando dum **pulo**.

O macaco deu uma risada.

— Ah!, ah! Pensei que fossem duas borboletas...

O coelho danou com a brincadeira e disse lá **consigo**: “Espere que te curo”.

Logo depois o macaco se sentou numa pedra para **comer** uma banana. O coelho veio por trás, com um pau, e *lepte!* pregou-lhe uma grande paulada no rabo.

O macaco deu um berro, pulando para cima duma **árvore**, a gemer.

— Desculpe, amigo — disse lá debaixo o coelho. — Vi aquele rabo torcidinho em cima da pedra e pensei que **fosse** cobra.

Foi desde aí que o coelho, de medo do macaco **vingar-se**, passou a morar em buracos.

MÓDULO IV — Análise do sistema ortográfico

1. Objetivos

Uma vez construídos os conceitos de letra, vogal, consoante, sílaba e palavra, podemos começar a ajudar as crianças na investigação que elas começaram a fazer espontaneamente para aprender a escrever.

É importante que nós, professores, compreendamos que a criança se coloca diante da Ortografia como um objeto de conhecimento à semelhança de qualquer outro. Ela busca compreendê-lo, encontrar suas propriedades e regularidades, para que ele constitua um sistema organizado. O erro ortográfico da criança não é, nesta perspectiva, produto de falha de memorização, mas hipótese sobre a maneira como se constitui este sistema ortográfico. Assim sendo, nosso papel deixa de ser o de impedir-lhes a reflexão, trabalhando apenas pela aceitação passiva de modelos pelos alunos, para deslocar-se para a função de alguém que irá ajudá-los a refletir, a buscar possibilidades de articulação, a evitar as falsas generalizações e a enxergar mais rapidamente alguns detalhes do sistema.

O fato de o sistema ortográfico não apresentar uma regularidade na superfície não significa que não haja leis de composição internas que o constituam. Serão essas leis que buscaremos no trabalho, através da busca das identidades, das classificações de casos e da análise das séries de letras.

Neste Módulo, são apresentadas atividades de análise e de sistematização de alguns aspectos do sistema ortográfico da Língua Portuguesa. Estas atividades estão organizadas em série (uma após a outra), mas gostaríamos de esclarecer que esta ordem é arbitrária. O professor deve observar quais são os erros ortográficos mais evidentes na média de sua classe e utilizar as atividades na ordem que eles apontarem.

A seleção e a abordagem dos aspectos ortográficos trabalhados nas quatro séries obedeceram às seguintes premissas:

1. Foram escolhidos itens que permitissem análises que levassem a uma compreensão da Ortografia enquanto **sistema** de leis articuladas.
2. Foram escolhidos, para as séries iniciais, aqueles itens que propiciavam a correção do maior número de erros já observados em produções de texto de alunos de cada série.
3. Foram escolhidas questões ortográficas que permitissem uma discussão integrada com aspectos da Gramática, de acordo com a possibilidade de aquisição conceitual pelos alunos de cada série.

2. Reflexões sobre a letra H

Iniciaremos o trabalho de descoberta pela letra **H**, pois ela favorece uma discussão sobre a estrutura da sílaba de três letras.

Estratégias

1º momento

1) Pedir que as crianças recortem de revistas, jornais etc. palavras em que a letra **H** apareça (lição de casa).

2) No dia seguinte, reuni-las em grupos de 4 ou 5. Juntar as palavras de todas as crianças do grupo. Pedir que escrevam as palavras encontradas em uma folha de papel sulfite e depois pintem com caneta colorida a letra **H**. Em seguida, pedir que recortem cada palavra de tal forma que cada uma fique isolada em um retângulo.

3) A seguir, proponha às equipes que observem bem as palavras à sua frente e organizem-nas em grupos deixando juntas as que podem "morar juntas" por alguma razão. O que pedimos neste momento é uma classificação espontânea das crianças. Nosso objetivo é que percebam que a língua é um objeto do mundo que, como qualquer outro, pode ser pensado, arrumado, organizado, de diversas formas, dependendo do recorte que se faz. Essa é uma descoberta importante, pois todo o trabalho desenvolvido em Gramática e Ortografia será visto como formas possíveis de se pensar e organizar a língua a fim de compreender suas leis de composição interna.

As classificações mais freqüentes que as crianças costumam fazer são agrupar:

a) pela letra inicial;
b) pela letra final;
c) as iniciadas por vogal ou por consoante;
d) pelo número de sílabas.

Surgem também outras formas de agrupamento cujo pensamento é frágil do ponto de vista lógico, como por exemplo agrupamentos pelo significado das palavras (eles não conseguem manter um critério estável e os grupos ficam confusos), ou critérios vagos como "palavras grandes, médias e pequenas". Nestes casos, o papel do professor é, ao ir circulando pelos grupos, fazer perguntas que possam ajudá-los a perceber a fragilidade do critério para que possa retomá-lo. Por exemplo, se fizeram agrupamentos em palavras grandes ou pequenas, o professor pode perguntar: *Como eu sei quando passou de grande para média e de média para pequena? E tal palavra, é grande ou média? E esta outra? Foram as sílabas que vocês observaram, ou o número de letras?* (com freqüência eles usam critérios duplos, como por exemplo **prenda** é média e **pega** é pequena; **pelada** é média e **peguei** é pequena. O que está em questão para decidir o tamanho das palavras é o número de sílabas, ou de letras?

Quando as equipes apresentam, depois de terem arrumado as palavras, como pensaram para fazer os agrupamentos, o professor vai ajudando os alunos a observarem, caso haja coincidência de critérios, que também os estudiosos pensaram daquela forma e organizaram as palavras da mesma maneira, etc. Esta atitude é importante para que percebam sua sabedoria e o quanto são capazes.

4) A seguir, peça às crianças que juntem novamente suas palavras e que observem a letra **H** e depois arrumem as palavras em dois grupos: das palavras em que o **H** é a primeira letra e o outro em que o **H não** é a primeira letra.

5) Após a classificação, pedir que observem as palavras que começam com a letra **H** dos grupos e descubram tudo o que há de comum entre elas. Como as crianças ainda não viveram esta experiência de pesquisar em Ortografia, é preciso que o professor as ajude dirigindo-lhes o olhar para os aspectos relevantes através de perguntas desencadeadoras de conhecimento, perguntas que as façam observar a letra anterior ou posterior, a posição do **H** na sílaba, a freqüência com que aparece nas palavras, na sílaba, etc. Para isto, você pode fazer perguntas como: *Observem em suas palavras quais as letras que aparecem depois do **H**. Fulano está dizendo que nas palavras dele só aparecem **a** e **o**. Isto confere com as palavras de vocês ou alguém encontrou outras letras? Olhem, Beltrano encontrou também **i** e **e** e só uma com **u**. Confere para os outros grupos? Podemos então dizer que depois do **H** inicial aparecem as vogais todas, mas as que são mais freqüentes são **a**, **e**, **o**? E consoantes, podem aparecer? Então posso dizer que depois do **H só** podem aparecer vogais. Vamos registrar a descoberta. E quanto à posição na sílaba? Ele é a primeira, segunda, terceira letra? Verifiquem. Ele é sempre a primeira letra, como falou Fulano ou alguém encontrou algo diferente?* E assim por diante. Repare que a postura do professor é a de ajudá-los a investigar, e para isso vai fazendo perguntas que dirijam seu olhar, mas nunca dá a resposta. Esta, eles vão buscar na própria língua, que ao ser observada vai se desvendando e se organizando em sistema de possíveis e impossíveis; de prováveis e pouco prováveis.

Este deve ser o procedimento a ser mantido em todas as investigações. Através dele o professor vai mostrando para os alunos que aprender é investigar, descobrir relações, fazer generalizações, enfim, produzir conhecimento. Depois de pouco tempo eles já sabem qual o caminho do olhar e passam a procurar sozinhos. Neste momento, a interferência do professor vai se tornando mais suave e eles passam a se fazer as perguntas internamente.

Discutem-se as descobertas e as que são válidas são registradas na lousa e os alunos copiam depois no caderno.

Apresentamos a seguir algumas das descobertas possíveis de serem feitas pelas crianças ao longo da investigação. Não se prenda a elas, pois nosso objetivo não foi esgotá-las.

Descobertas esperadas sobre o **H** no início das palavras.

Esperamos que no decorrer do trabalho os alunos descubram que:

a) ele não é pronunciado;
b) vem sempre seguido de vogal;
c) são poucas as palavras que apresentam o **H** inicial;
d) ele é sempre a primeira letra da sílaba.

Para sistematizar estas descobertas sugerimos as atividades do livro:
LABIRINTO
SUPER-SUPER

2º momento

1) Retomar o grupo das palavras encontradas por eles com **H** interno e pedir que pintem com caneta de outra cor a letra anterior e posterior ao **H.** Pede-se, em seguida, que observem o que há em comum entre as palavras, esperando-se que digam que sempre vem uma consoante antes e uma vogal depois.
2) O professor pergunta, neste momento: *Pode-se utilizar qualquer consoante antes do **H**?* Verificarão, então, que apenas **n**, **l**, **c** apareceram. Diante desta hipótese, o professor deve pedir que eles verifiquem se alguém encontrou outra letra, ou se alguém lembra de outra palavra que tenha outra letra antes do **H.** Este momento é importante para que as crianças comecem a lidar com suas descobertas sobre o sistema da língua escrita tendo a própria língua como referencial, deslocando o papel de definidor de certo e errado que sempre coube ao professor.
3) Para discutir se a presença e a ausência da letra **H** interna produz diferenças sonoras e significativas, escolher algumas das palavras encontradas pelas crianças e escrevê-las na lousa com **H** e sem **H.** Exemplo: cachorro e "cacorro", galho e galo, casinha e "casina". Ler com as crianças em voz alta e perguntar que diferenças observam. Espera-se que constatem que a presença do **H** modifica o som e o significado das palavras. Descobertas as três consoantes que precedem o **H**, pedir que organizem as palavras nos grupos **NH**, **LH** e **CH** e façam novas descobertas.

a) **H** interno
— sempre aparece em composição com outras letras, modificando o som delas. Exemplos: **ca** — **cha**; **la** — **lha**; **na** — **nha**;
— são apenas as letras **c**, **l**, **n** que permitem essa combinação;
— sempre constituirá sílabas de consoante-h-vogal e jamais de outra série.

b) **CH**
— o **CH** aparece com a mesma freqüência em qualquer posição dentro da palavra;
— todas as vogais aparecem igualmente depois do **CH**;
— o som do **CH** confunde-se com o do **X**;
— antes do **CH** podem aparecer todas as vogais e as consoantes **n**, **l**, **r**, **s**.

c) **LH**
— o **LH** quase nunca aparece na primeira sílaba da palavra (apenas na palavra **lhama**);
— depois do **LH** costumam aparecer **a**, **o**, **e**. As vogais **i**, **u** são pouco freqüentes;
— antes dele aparecem vogais, não consoantes;
— quando depois dele vem **a**, ele costuma ser confundido com **lia** (filha — "filia").

d) **NH**

— o **NH** não costuma aparecer na primeira sílaba da palavra;

— depois dele costumam vir as vogais: **a**, **e**, **o**. As vogais **i**, **u** são pouco freqüentes;

— antes dele costuma vir vogal, não consoante.

Para a sistematização dessas descobertas, há, no *Livro do Aluno*, as atividades:
SEM H... COM H
JOGO DOS SETE ERROS
ESCONDE... E ACHA!

Ao fazer a correção das atividades, é importante estar atento aos erros dos alunos pois eles revelam o que as crianças estão pensando sobre este assunto. Nesta perspectiva, a correção das atividades deve ser aproveitada como uma situação de discussão e crescimento, e não como um simples momento de dizer CERTO ou ERRADO.

3. Reflexões sobre a letra R

A letra **R** é bastante complexa, pois se apresenta em vários contextos, com várias possibilidades de som. As crianças da 1ª série costumam produzir uma série de erros de grafia ligados à omissão da letra **R** (escrevem pato e não prato ou parto), a seu uso no contexto indevido (escrevem "barço" e não braço; escrevem "honrra" e não honra; aranha e não arranha). Nossa investigação tem, assim, o duplo objetivo de:

a) ajudá-los a compreender um pouco mais como se comporta o sistema ortográfico em relação à letra **R**;

b) ajudá-los a descobrir elementos de reflexão que possam auxiliá-los a decidir qual letra colocar e onde.

Pela variedade de contextos onde a letra **R** pode aparecer, a investigação torna-se um pouco longa e por isso é preciso que o professor desenvolva-a em passos. Procuraremos ajudá-lo a descobrir uma possibilidade de percurso.

1º momento

1) Peça de lição de casa que as crianças pesquisem palavras onde a letra **R** apareça e tragam um número grande de palavras (umas 15 palavras por criança). No dia seguinte, em classe, reúna-os em grupos de 4 ou 5 e ofereça-lhes papéis cortados em retângulos para que copiem as palavras encontradas.

2) Dê-lhes 3 canetas de cores diferentes e peça que pintem: uma cor para a letra **R** ; outra cor para as vogais anteriores ou posteriores ao **R** (só as vizinhas); outra cor para as consoantes anteriores ou posteriores ao **R**. Assim, por exemplo, se a palavra fosse **artigo**, o **R** poderia ser em vermelho, o **a** anterior verde e o **t** posterior, azul. Feita a tarefa, podemos começar a pesquisa. Como não é a primeira vez que realizam, já têm uma certa noção de como proceder.

3) Peça aos grupos que observem as letras vizinhas do **R**. O que observam? Poderão verificar que ele aparece entre vogais (a**r**anha ou a**rr**anha) ou entre uma consoante e uma vogal (a**r**tigo ou t**ra**ço ou hon**ra**) ou no início da palavra (**r**ato).

Peça, então, que dividam as palavras em dois grupos: um quando depois do **R** vem vogal, e outro quando depois do **R** vem consoante. Ficarão com um universo grande de palavras onde depois do **R** vem vogal (rato, arranha, aranha, traço, honra) e outro menos extenso, quando depois do **R** vem consoante (artigo, barco). Peça-lhes que acionem seu lado "detetive"e comecem a observar o que todas as palavras com **R** + consoante têm em comum. Poderão descobrir que:

a) sempre antes do **R** vem vogal;

b) podem aparecer todas as vogais igualmente;

c) o **R** é sempre a última letra da sílaba;

Observação: Não colocamos aqui a situação de *perscrutar*, em que o **R** está interno à sílaba *pers*. Caso a situação apareça em sua classe, analise-a com eles.

d) depois de **R** podem vir as consoantes: **b** (barbante), **c** (barco), **d** (ardido), **f** (garfo), **g** (garganta), **l** (Carla), **m** (Carmen), **n** (carne), **p** (carpa), **q** (arquiteto), **s** (corsa), **t** (carta), **v** (árvore) **z** (marzão);

e) depois de **R** não aparecem as consoantes: **h** e **x**. Exceção: marxismo.

f) depois de **R** raramente aparece a letra **j**, e quando aparece é com **ja** (forjar, corja). Veja só que grande dica: se depois do **R** nunca aparece **ji**, a criança já tem um critério de decisão quando tiver dúvida se argila é com **g** ou com **j**! Com **g**, já que depois de **R** não se usa **j**!
g) quando o **R** aparece nesta posição, ele modifica o som e o significado da vogal anterior (cata é muito diferente de carta).

Ouça primeiro e depois registre todas as descobertas que eles fizerem espontaneamente. Ajude-os neste caminho através de questões que lhes dirijam o olhar para aspectos relevantes: *Qual a posição na sílaba? Pode aparecer qualquer consoante? Vamos verificar: alguém achou r + b? E r + c? E r + d? Será que não existe ou nós é que não achamos? Vamos ver se alguém se lembra de alguma palavra com*... e assim por diante.

No *Livro do Aluno* há as atividades:
QUE PERFUME...
ÀS VEZES DE NOITE
BOLHAS

O objetivo dessas atividades é sistematizar os diferentes contextos em que a letra **R** pode aparecer. Para continuar o trabalho de sistematização, propomos esperar que a pesquisa esteja um pouco mais adiantada.

Em um segundo momento, peça-lhes que peguem as palavras que encontraram com **r + vogal** e observem-nas.

2º momento

1) Pedir que peguem as palavras que encontraram com **r + vogal** e observem-nas. *Antes nós havíamos organizado as palavras pensando apenas na letra posterior ao **R**. Vamos agora organizar pensando na letra anterior. Olhem para suas palavras e vejam que é possível formar grupos: vogal + **r** + vogal (aranha e arranha) e consoante + **r** + vogal (traço e honra). Vamos então organizar os dois grupos.*
2) Pedir que olhem apenas para as palavras que têm o **R** entre duas vogais e digam tudo o que podem observar. Eles de imediato observam que aparecem palavras com **R** e com **RR.** Vamos dividir novamente em dois grupos e verificar o que podem descobrir.
Possíveis descobertas:

Vogal + r + vogal
a) é a primeira letra da sílaba;
b) o som é fraco;
c) podem aparecer quaisquer vogais antes e depois do **R.**

Vogal + rr + vogal
a) o som é forte;
b) podem aparecer entre quaisquer vogais;
c) há poucas palavras com **RR.**

No *Livro do Aluno* há algumas atividades específicas para estas reflexões:
COM TANTOS RR, NÃO ERRES!
DESCUBRA O SEGREDO

COM TANTOS RR, NÃO ERRES!

Nela o aluno entra em contato, através do diagrama, com um universo de palavras com **RR**. As chamadas para a solução são com sinônimos e antônimos.

DESCUBRA O SEGREDO

A criança tem que descobrir a letra que falta e formar as palavras. Pretendemos mostrar o quanto a presença de um ou dois **R** modifica som e significado. Se esquecermos de escrever uma letra, corremos o risco de dizer outra coisa!

3º momento

Consoante + r + vogal

Em um terceiro momento, peça que peguem as palavras que têm **consoante + r + vogal** (traço e honra). Pergunte-lhes o que podem observar e vá organizando e registrando as descobertas espontâneas. Depois, vá fazendo perguntas semelhantes às já feitas anteriormente, e amplie o universo de conhecimento das crianças. Poderão descobrir que:

a) antes do **R** podem aparecer as consoantes: **b** (braço), **c** (cravo), **d** (droga), **f** (fraco), **g** (grave), **l** (melro), **n** (honra, Henrique), **p** (pretendo), **s** (desrespeito), **t** (traço), **v** (lavrador);

b) antes do **R** não podem aparecer as consoantes: **h**, **j**, **m**, **q**, **s**, **x**, **z**;

c) quando vem consoante antes do **R** podem aparecer dois sons: **R** forte (honra), e um **R**, que vibra a língua e muda o som da consoante (droga);

Observação: Anotar todas estas descobertas com as palavras das crianças, da forma como se expressarem.

d) quando antes do **R** vem **c**, **d**, **f**, **g**, **p**, **t** e **v**, a consoante anterior é a primeira letra da sílaba e o **R** sempre a segunda letra;

e) quando antes vem **l** ou **n**, o **R** é forte e é a primeira letra da sílaba. (Descobrir isto ajuda a evitar que escrevam "enrriquecer, Henrrique" etc., pois acham que se o **R** for forte dentro da palavra, tem que ser **RR**).

Atividades para a sistematização das descobertas do **R** no *Livro do Aluno:*
SALADA DE LETRAS COM R
PRODUÇÕES
DESENHANDO
STOP
DESCOBRINDO

SALADA DE LETRAS COM R

É um jogo interessantíssimo que tem vários objetivos:

1) Trabalha com a importância do valor posicional dentro da escrita. É como se ele dissesse: "Olha aqui, meu caro, se você mudar a posição de uma única letra, muda tudo, som e significado. Portanto, atenção ao escrever."
2) O aluno tem que aplicar seu conhecimento de língua para saber quais são as séries de letras possíveis em nossa língua para tentar a posição (se ele não souber que é possível haver sílaba terminada por **p** mudo nem tentará formar uma palavra como **optar**!).
3) Instiga o desafio de pensar todos os possíveis de uma determinada situação. Aconselhamos o uso de letras móveis para a solução do SALADA DE LETRAS, pois só mentalmente ela é difícil demais para as crianças da 1ª série.

PRODUÇÕES

É uma cruzadinha onde as palavras estão dadas, mas não a posição dentro da cruzadinha. Para realizá-la, terão que trabalhar com número de letras e valor posicional dentro da cruzada para verificar quais as posições possíveis.

DESENHANDO

É um caça-palavras comum que pede que depois as crianças desenhem os animais encontrados. Não é dada nenhuma dica sobre o tipo de universo vocabular, apenas duas pistas: todas as palavras se referem a um mesmo tipo de ser e todas têm **R.** Esse tipo de ordem exige das crianças um raciocínio dedutivo importante de ser desenvolvido.

STOP

Como todos os jogos de *Stop*, pode ser realizado como uma competição para ver quem acaba primeiro, ou contra um determinado tempo marcado pelo professor. Nele, a ordem das colunas para se organizar as palavras não está dada para que os alunos não façam o jogo em casa, o que deixaria alguns em vantagem sobre os outros. As ordens a serem dadas nas colunas são: **consoante + vogal**; **consoante + r + vogal**; **consoante + vogal + r**. Coloque a ordem na lousa e comece a contagem do tempo. Observe que todas as palavras formam pares ou trios em que a única diferença é haver ou não a letra **R**, ou a posição onde o **R** se encontra. Formamos assim: pato — parto; trota — torta; fruta — furta; grota — gota (peça-lhes que procurem grota no dicionário, pois provavelmente eles não sabem seu significado); pata — parta — prata; bota — brota; cravo — cavo.

DESCOBRINDO

É mais um jogo de *Stop*. Através dele podemos trabalhar com a imagem mental das palavras e a ampliação do vocabulário passivo das crianças. Pode ser jogado individualmente ou em equipes. A ordem a ser dada é a seguinte: *Descubram que palavras podem ser escritas respeitando os espaços indicados.* Nos espaços pode-se colocar uma ou mais letras, indiferentemente. Por exemplo: na primeira linha r————r pode-se completar com **rir**, com **reparar**, **roer** ou qualquer outra palavra que tenha **R** no início e final simultaneamente.

Quando aparece **FER** ou **TOR**, o **R** deve ser a última letra da sílaba, ou seja, não pode ser colocada uma vogal em seguida. Assim sendo, vale **fermento** mas não vale **fera**.

A contagem dos pontos é feita da seguinte maneira:

1) Só um aluno ou equipe colocou aquela palavra — 10 pontos.
2) Dois ou mais alunos ou equipes puseram a mesma palavra — 5 pontos para cada um(a).
3) Só um aluno ou equipe completou e todos os outros deixaram em branco — 15 pontos.
4) Palavra com erro de grafia — 0 ponto.

Para a correção, pedir a cada aluno ou à equipe que diga a palavra escrita e escreva-a na lousa. Todos copiam. Ao falarem, já vá pontuando os pontos: ***reparar** apareceu novamente, 5 pontos, etc*.

Sugestão de jogo em classe: Jogo do 1, 2, 3

Este jogo proporciona uma situação para a criança trabalhar com a imagem mental da palavra, a rapidez de decisão e com a antecipação no momento da escrita, além de, por ser rápido, permitir o trabalho com um grande número de palavras.

Pode ser realizado organizando os alunos individualmente, em grupos ou por fileiras. Seu desenrolar é o seguinte:

1) O professor escreve na lousa os três grupos: 1: **consoante + vogal**; 2: **consoante + r + vogal**; 3: **consoante + vogal + r**.
2) Propõe que para cada palavra que ele fale, o aluno, fileira ou grupo indicado diga se a palavra se encaixa no grupo 1, 2, ou 3.

É importante que o jogo tenha um desenvolvimento rápido para ser divertido, por isso aconselhamos que o professor leve uma lista de palavras prontas para não ter que pensar na hora, o que tornaria o ritmo mais lento e a atividade, monótona.

Vence o aluno, grupo ou fileira que obtiver o maior número de pontos.

Depois de realizado com o professor algumas vezes, pode-se pedir que façam uma lista de palavras com **R** como lição de casa e que depois joguem entre si, organizados em grupos.

Esta lista de palavras também pode ser usada para o jogo SOLETRANDO, que está descrito no final do livro.

Crie outras situações para continuar sistematizando a letra **R**. No final do Livro do Professor há uma série de sugestões de jogos que podem ser utilizados para realizá-la. Sugerimos também que as novas atividades tentem manter o desafio para as crianças, fugindo da situação tradicional de mera memorização.

4. Reflexões sobre a letra L

Escolhemos a letra **L** como objeto de reflexão por apresentar, como o **R**:

a) uma multiplicidade de contextos diferentes onde ela aparece;
b) por permitir uma análise do sistema ortográfico em suas leis de composição; e
c) por ser alvo de muitos erros cometidos pelas crianças.

Assim, ao desvendá-la, podemos oferecer-lhes um instrumento de decisão no caso de um grande número de dúvidas.

Seu caminho de investigação segue os mesmos passos que o das investigações anteriores. Os princípios são os mesmos: colocá-los diante da língua em busca de respostas diante das questões formuladas. Vale a pena ressaltar novamente que é importante que a investigação seja feita em jornais, revistas, livros, enfim, em um número grande de textos diferentes e com uma amostragem grande de palavras para possibilitar a descoberta e diminuir o risco de falsas generalizações. Como as crianças já realizaram outras investigações anteriores, apesar desta ser complexa, elas já sabem o que buscar e como encontrar, tornando-se, nesta medida, possível realizá-la com eles sem dificuldade. Iremos descrevê-la como sugestão de um caminho de investigação.

1º momento

Objetivo: Organização da amostra de palavras.

Procedimento: Como nas investigações anteriores.

1) Peça de lição de casa que pesquisem em jornais, revistas e livros palavras em que a letra **L** aparece.
2) No dia seguinte, reúna-os em grupos, peça que juntem as palavras encontradas e pintem as letras (como na atividade do **R**), sendo o **L** de uma cor; a vogal anterior ou posterior de outra cor, e a consoante anterior ou posterior de outra.
3) Pintura feita, peça-lhes que organizem as palavras em dois grupos: um das palavras que têm vogal depois do **L** e outro das palavras que têm consoante depois do **L**. Ficarão com um agrupamento de palavras como laranja, alagado, blusa, Carla, e outro grupo formado por palavras como calçada, pincel, anzol, pulga, funil.
4) Feita a classificação, peça-lhes primeiramente que façam observações gerais. Poderão perceber, por exemplo, que há um número muito maior de palavras com **l + vogal**.

2º momento

Como o número de palavras com **l + consoante** é menor, iniciaremos a investigação por este grupo. Peça-lhes que observem todas as palavras que encontraram e vejam o que elas têm em comum. Poderão concluir que:

L + consoante

1) Sempre antes do **L** vem uma vogal (formam as sílabas **al**, **el**, **il**, **ol**, **ul**). Não aparece nunca a série **consoante + l + consoante**.
2) Quando depois vem consoante, o **L** é sempre a última letra da sílaba, a não ser que depois dele venha a letra **h**, formando o **lh** (neste caso ele é a primeira letra da sílaba).
3) Quando depois do **L** vem consoante, o som dele é semelhante ao do **u**.
4) Não é qualquer consoante que pode aparecer depois. Apenas o **b** (albino), **c** (alcaide), **ç** (alça), **d** (aldeia), **f** (alfinete), **g** (algema), **h** (palha), **j** (aljuba; vale observar que é muito pequeno o número de palavras que apresenta a série **l** + **j**, e são pouco comuns), **m** (almofada), **p** (alpiste), **q** (alquimista), **r** (melro; há apenas umas poucas palavras com **r** após o **L**, portanto antes do **r** deve ser **u**), **s** (bolsa), **t** (altivo), **v** (alvo), **x** (alxaima; mas são raras as palavras).
5) Concluindo:
   a) as consoantes **b**, **c**, **ç**, **f**, **g**, **h**, **m**, **p**, **s**, **t**, **v** aparecem com freqüência após o **L**;
   b) as consoantes **j**, **r**, **x** são possíveis, mas raras as palavras em que elas aparecem;
   c) Não encontramos as consoantes **n**, **z** em nenhuma palavra.
6) Quando depois do **L** aparece o **h**, ele compõe sílaba com o **h** e passa a ser a primeira letra da sílaba.

Caso estas descobertas não surjam espontaneamente, faça perguntas desencadeadoras, do tipo: *Depois do **L** pode aparecer qualquer consoante ou apenas algumas? Quais? Alguém se lembra de alguma palavra que tenha **l** + **r*** etc. Mesmo que as crianças não cheguem a todas as conclusões ou façam alguma falsa generalização, não há problema maior, pois podem fazer correções posteriores. Afinal, pesquisa é um eterno investigar e corrigir hipóteses.

3º momento

Encerradas as conclusões sobre o **l + consoante**, pede-se que peguem o universo de palavras de **l + vogal** e comecem a analisar. Peça que organizem as palavras em agrupamentos: palavras que podem estar juntas porque são de casos semelhantes. Deixe a princípio a organização livre, e só determine o critério se for necessário. É possível fazer descobertas interessantes por critérios diferentes do nosso.

Quando depois do **L** vem uma vogal, antes dele podem aparecer tanto uma vogal quanto uma consoante. Por isso, peça às crianças que observem a letra anterior ao **L** e organizem as palavras com **l + vogal** em dois subgrupos: **vogal + l + vogal** e **consoante + l + vogal**.

Definido o critério, as crianças arrumam as palavras e começam a tirar as regras. Podem então concluir que na seqüência **vogal + l + vogal**:

1) antes do **L** pode aparecer qualquer vogal (**a**lagado, **e**lefante, c**i**lada, b**o**lo, p**u**lo);
2) o **L** sempre é a primeira letra da sílaba;
3) depois do **L** pode aparecer qualquer vogal (fal**a**, pel**e**, al**i**, cal**o**, al**u**no).

Consoante + l + vogal

1) Antes do **L** aparecem apenas as consoantes **b** (blusa), **c** (clube), **f** (fluminense), **g** (aglomerado), **n** (enlaçar), **p** (pluma), **r** (irlandês), **s** (eslavo), **t** (Atlântico), **v** (Vladimir).
2) As consoantes **d**, **h**, **j**, **m**, **q**, **x**, **z** nunca aparecem antes do **L**.
3) Quando aparecem as consoantes **b**, **c**, **f**, **g**, **p**, **t**, **v**, o **L** é a segunda letra da sílaba.
4) Quando antes aparecem **n**, **r**, **s** ele é a primeira letra da sílaba.

No *Livro do Aluno*, encontramos algumas propostas de sistematização das descobertas da letra **L**. São elas:

CRUZANDO PALAVRAS

É uma atividade simples, para ser dada como lição de casa, onde poderão utilizar palavras com a letra **L**.

O BICHO QUE COME A LUA

A necessidade de descobrir em qual dos espaços cada palavra se encaixa leva os alunos a contar letras e a pensar por exclusão, observando a posição da letra dentro da palavra. É uma atividade desafiadora para crianças de primeira série, mas possível de ser resolvida sozinha.

A poesia de Cassiano Ricardo é belíssima e deve ser lida, discutida e saboreada antes da atividade.

CUIDADO COM O MINOTAURO!

Ao fazerem a classificação das palavras pelas quais passaram, aplicar as regras descobertas. É uma atividade simples, que pode ser realizada como lição de casa. Caso você tenha a possibilidade, é um excelente pretexto para se contar a lenda do Minotauro e falar um pouco sobre mitologia grega!

CAÇA-PALAVRAS COM L

O caça-palavras é mais um pretexto para a proposta de classificação das palavras pela posição da letra **L** dentro das séries apresentadas no exercício 3. Observe que há mais de uma palavra com 7 letras, por exemplo, e portanto só pela observação da série de vogais e consoantes é que eles poderão decidir onde fica cada palavra.

SEM L... COM L

À semelhança de outros já feitos anteriormente, os alunos devem descobrir as palavras formadas acrescentando-se apenas a letra **L**. Mais uma vez a idéia da relevância da presença de cada letra e da posição que ela ocupa fica marcada: mudou a letra de lugar, ou esqueceu-se de colocar uma letra que seja, mudou tudo, som e significado.

ANEL OU LENA?

Ao encontrar as palavras no caça-palavras, poderão descobrir que há palavras que lidas de “trás pra frente” podem ser as mesmas como Ana, ama, osso, ou formar outras como animal e lâmina; amam e mama; adia e aida; Roma e amor; ramo e Omar. O próprio título da atividade é também um exemplo desta brincadeira.

VOCÊ É O DETETIVE...

Faz uma pequena revisão de todos os conceitos trabalhados até então através das dicas.

5. Reflexões sobre o sistema de nasalização

É importante que os alunos percebam que na Língua Portuguesa há sons orais e sons nasais, e que a língua oferece mais de uma forma possível de se marcar os sons nasais: **m** e **n** em final de sílaba e o til. Além das sílabas com nasalização marcada, há as que têm som nasal sem marca (exemplo: **A**na), por contaminação do **m** ou **n** da sílaba seguinte. Cada uma dessas formas de nasalização tem suas propriedades e séries que a compõem. Por desconhecerem algumas destas propriedades, as crianças de 1ª série costumam cometer erros com as seguintes características:

1) saboře**ã**do/**ã**tigo — marcam com til sílaba interna ou inicial.
2) m**ã**nh**ã** — colocam 2 marcas de nasalização por til na mesma palavra.
3) alem**ãm** — colocam 2 marcas de nasalização na mesma sílaba.
4) **a**tigo — omitem a marca de nasalização.
5) **am**tigo — utilizam o **m** onde deveria ser utilizado o **n**.
6) co**n**pra — utilizam o **n** onde deveriam usar o **m**.
7) fal**ão** (por falam) — trocam **ão**/**am** em final de verbos.

Estratégia

Com o objetivo de ajudá-los a descobrir as leis de composição do sistema de nasalização para que tenham um instrumento de decisão na hora da dúvida, sugerimos a seguinte estratégia:

Para que percebam os sons nasais, ofereça-lhes alguns pares de palavras com oposição: tampa/tapa, bamba/baba por exemplo, discutindo com eles se o fato de a palavra ter ou não **m** ou **n** traz modificações. Poderão observar que muda o significado e o som. *Muda de que forma?* O professor poderá perguntar em busca da precisão de resposta — que o som muda ficando nasal. (É claro que dito com as palavras dos alunos!)

Peça-lhes em seguida para fazerem em grupo o exercício do *Livro do Aluno*: CIRCULANDO.

Neste exercício, propomos uma reflexão sobre algumas propriedades do sistema de nasalização que podem ajudá-los a resolver alguns erros comuns.

É uma atividade de descoberta, longa, para ser realizada em grupo, e onde as dúvidas sobre o sistema devem surgir, ser discutidas e resolvidas. Para que isto possa acontecer, é fundamental que o professor abra este espaço de discussão, pedindo-lhes, em caso, por exemplo, de dois grupos darem respostas diferentes, que expliquem como pensaram para chegar às respostas, explorando as colocações de forma a ampliar o conceito ou fazer correções no rumo do pensamento. Nestes momentos é sempre importante que não se proceda apenas corrigindo, dizendo certo ou errado, para que nosso objetivo possa ser atingido.

Ao realizarem a atividade, poderão fazer algumas descobertas sobre o sistema de nasalização, tais como:

Descobertas gerais

1) Há sons orais e sons nasais na Língua Portuguesa.
2) Nem todas as palavras têm som nasal.

3) Pode haver mais de uma sílaba com som nasal na mesma palavra.
4) Em geral o som nasal é marcado por **m** ou **n** em final de sílaba ou por til (~).
5) Às vezes há som nasal, mas não há marca.

Peça, em outro momento, que façam a atividade do *Livro do Aluno* DESCOBRINDO O **M**, O **N** E O TIL.

Algumas descobertas possíveis sobre a nasalização por **m**:
1) Pode haver mais de uma sílaba com a nasalização marcada por **m** (compram).
2) Depois do **m** sempre vem uma consoante, nunca uma vogal.
3) Não aparece qualquer consoante, apenas **p** ou **b**.
4) A sílaba com nasalização marcada por **m** pode ser a primeira da palavra (**am**plo), no meio dela (re**lâm**pago) ou a última (fa**lam**).

Se esta atividade estiver sendo realizada com crianças de séries mais adiantadas, que já trabalharam com tonicidade, poderão descobrir que:
1) As palavras terminadas em **am** e **em** sem acento são paroxítonas (falam, comem).
2) As palavras terminadas em **im**, **om**, **um** sem acento são oxítonas (amendoim, bombom, algum).
3) Quando terminar por **am** é sempre final de verbo no presente ou no passado.

Algumas descobertas possíveis sobre a nasalização por **n**:
1) Pode haver mais de uma sílaba marcada por **n** na mesma palavra.
2) Depois do **n** sempre vem uma consoante, nunca uma vogal.
3) Podem aparecer as consoantes **c** (encantamento), **d** (andino), **f** (enforcar), **g** (angolano), **h** (unha), **j** (enjaular), **l** (enluarado), **q** (banqueiro), **r** (enriquecer), **s** (transformar, ensinar), **t** (centauro), **v** (enviuvar), **x** (enxame), **z** (enzima).
4) As consoantes **b**, **m**, **n**, **p** nunca aparecem depois do **n**.
5) Quando aparece o **h**, o **n** compõe sílaba com ele, formando o **nh**. Neste caso, o **n** não é marca de nasalização.
6) Quando depois do **n** aparece o **s**, este **s** pode ser a última letra da sílaba, como em transformar, ou a primeira letra da sílaba seguinte, como em ensinar. Nos dois casos o **n** continua como marca de nasalização.
7) A sílaba com marca de nasalização por **n** pode ser a primeira da palavra ou no meio. Não costuma aparecer **n** no final de palavra (há apenas em alguns nomes próprios ou em hífen, éden).

Algumas descobertas possíveis sobre a nasalização por til (~):
1) Não pode haver mais de uma sílaba marcada por til na mesma palavra.
2) O til só aparece sobre vogais, nunca sobre uma consoante.
3) Não pode ser qualquer vogal, apenas o **a** e **o** aceitam o til.
4) O til aparece quase sempre na última sílaba da palavra.
5) As sílabas internas não costumam ser marcadas por til.
6) Quando o til aparece dentro da palavra é porque é um diminutivo ou aumentativo, e a palavra anterior (primitiva), tinha til (irmãzinha).
7) Quando aparece o **ã** depois podem aparecer as vogais **e**, **o** (anão, pães), as consoantes **s** ou **z** (alemãs, alemãzinha), ou o **ã** pode ser a última letra da sílaba.
8) O **õ** nunca aparece sozinho. Ele sempre aparece na série **õe**(**s**).

Se a atividade estiver sendo realizada com alunos de séries mais adiantadas, que já trabalham com tonicidade, pode-se também concluir que, se não houver acento na palavra, a sílaba com til é a tônica, ou seja, as palavras terminadas por **ã**, **ão**, **õe** e seus plurais são naturalmente oxítonas.

Faça a atividade do *Livro do Aluno* DESCOBRINDO O SOM NASAL SEM MARCA e registre com eles as descobertas feitas.

Algumas descobertas possíveis sobre a nasalização sem marca:
1) São sempre sílabas terminada pela vogal **a**(**A**na).
2) Depois dela sempre aparecem as consoantes **m** ou **n**, nunca outra.

3) Pode haver mais de uma sílaba com som nasal sem marca na mesma palavra (banana).
4) A palavra **muito** costuma trazer uma dificuldade especial para as crianças por apresentar som nasal sem marca depois do **i**, o que obrigaria a marcar com **n** ("muinto"). É uma exceção dentro do sistema de nasalização, por isso vale a pena destacá-lo como tal para diminuir a ocorrência da supercorreção: ao admitirem o som nasal sem marca em caso fora do sistema, passam a deixar de marcar a nasalização em qualquer situação, como em "copra" (compra).

Concluídas investigação e levantamento das leis do sistema, o professor pode pedir como lição de casa que busquem em jornais, livros, revistas palavras que tenham som nasal, e que as tragam com a ou as sílabas nasais pintadas. No dia seguinte, pede que agrupem todas as palavras em 5 grupos: nasalização por **m**, por **n**, por til, sem marca e outros casos (se houver).

Dividir a classe em 5 grupos e juntar todas as palavras da classe de cada tipo de nasalização. Por exemplo, um grupo fica responsável apenas pelas palavras com nasalização marcada por **m** da classe toda, outro grupo pelas marcadas por **n** e assim por diante. Cada grupo deve verificar se as descobertas já feitas são realmente válidas, se é possível fazer outras descobertas. Caso façam, incorporar no registro, socializando para a classe. Este procedimento tem como objetivo desenvolver a necessidade de verificação, imprescindível ao desenvolvimento do espírito científico, e ampliar o olhar deles, pois até este momento haviam trabalhado com um grupo de palavras predeterminado pelo exercício do *Livro do Aluno*.

No *Livro do Aluno:*
ESCONDE-ESCONDE
ACHOU?!?
DESCUBRA O SEGREDO
HUM... HUM!...

ESCONDE-ESCONDE

Encontradas as palavras do caça-palavras, pedimos que descubram o que elas têm em comum: todas têm som nasal. Às vezes as crianças descobrem outros aspectos comuns, como, por exemplo, que todas têm mais de três letras. Neste caso, aceite, registre e coloque como mais uma característica do grupo de palavras. O mais importante é manter o espírito de investigação, verificando toda hipótese levantada por eles.

ACHOU?!?

Nosso objetivo nesta atividade é que percebam o quanto a omissão da marca de nasalização transforma tudo: som e significado. Quem sabe desta forma não consigam estar mais atentos à importância de escrevê-las! Ao corrigir a atividade, destaque com eles os locais onde aparecem as marcas: no interior da palavra ou no final.

DESCUBRA O SEGREDO

O objetivo desta atividade é o mesmo que o da anterior. Entre *mete* e *mente* só há uma letra de diferença, mas a presença ou ausência dela muda som e significado: você diz outra coisa.

HUM... HUM!...

Este é mais um jogo de *STOP*. As regras não estão dadas para impedi-los de preencher a tabela, estragando a brincadeira. Reúna-os em pequenos grupos e determine um tempo para completarem a tabela. Eles podem completá-la com mais uma letra, uma sílaba ou várias. Só valem palavras dicionarizadas, e o dicionário não pode ser usado como fonte de pesquisa. Desta forma, por exemplo, a primeira palavra poderia ser: pão, anão, comilão, etc.

Concluído o preenchimento da tabela, procede-se à correção na lousa. Um elemento de cada grupo muda para outro para fiscalizar a correção, e o professor vai pedindo que cada grupo, em sua vez, diga a palavra que formou. A contagem é como das outras vezes: dois grupos colocaram a mesma palavra, 5 pontos para cada um; só um grupo colocou, 10 pontos para ele; há erro de grafia, 0 ponto.

Vence a equipe que obtiver o maior total de pontos. Concluída a correção o professor utiliza as palavras para outras atividades. Sugestões: Cada grupo escolhe algumas das palavras e monta um jogo de palavras cruzadas, ou um caça-palavras; fazer agrupamentos por tonicidade (das oxítonas, paroxítonas, proparoxítonas); utilizar para um jogo do 1, 2, 3 (descrito neste mesmo Módulo, nas Reflexões sobre a letra **R**) ou outra atividade de sua criação.

RESPOSTAS DAS ATIVIDADES DO MÓDULO IV

Reflexões sobre a letra H

LABIRINTO

1. e 2. Palavras a serem seguidas: hoje — homem — holandesa — hospital — hipopótamo
3. Palavras que começam com **H**.

SUPER-SUPER

1. hortelã, homem, herói, harpa, hotel, hospital, hélice, horta
2. Todas as palavras começam com **H**.
3. **H**omem-Aran**h**a, **H**ulk, Mul**h**er-Maravil**h**a, Super-**H**omem, etc.

SEM H... COM H

chama — tinha — cheia — chave — chá — velha — chegar — bicho — calha — molha — mancha — sonho — falhou — ralhei

JOGO DOS SETE ERROS

urso — hoje — ontem — homem — sete horas — ovelha — tenho

ESCONDE... E ACHA!

1. coelho, passarinho, cachorro, galinha, minhoca
2. **lh**: coelho; **nh**: galinha, passarinho, minhoca; **ch**: cachorro

Reflexões sobre o R

QUE PERFUME...

1. orquídea, lírio, papoula, cravo, dália, rosa, camélia
3. início da palavra: rosa
   início da sílaba: rosa, lírio
   meio da sílaba: cravo
   fim da sílaba: orquídea

ÀS VEZES DE NOITE

começa com **r**: roubar, rio
com dois **r**: corre
r no meio da sílaba: segredos, tremer, frio, cresci
r no final da sílaba: acordo, roubar, adormeço, desperta

BOLHAS

roubar, rua, resto, repente, rebelde, rico, rato

COM TANTOS RR, NÃO ERRES!

1. barro; 2. ferreiro; 3. burro; 4. barriga; 5. guerra; 6. serrote; 7. borracha; 8. carroça; 9. errar; 10. ferradura

DESCUBRA O SEGREDO

aranha/arranha; fora/forra; caro/carro; carinho/carrinho; moro/morro; cora/corra; tora/torra; fera/ferra

Dar oportunidade aos alunos de discutirem as respostas antes de redigi-las. O importante não é obter uma resposta padrão, mas que os próprios alunos tentem raciocinar e elaborar as respostas com suas próprias palavras.

SALADA DE LETRAS COM R

Não se esqueça de oferecer letras móveis para as crianças realizarem esta atividade. Não é esperado que as crianças consigam descobrir todas as palavras.

- prato, parto, porta, rapto, trapo, tropa, optar, potra, topar
- morte, tremo, metro, temor, metrô
- preto, perto, torpe, trepo, porte, repto (desafio)

DESENHANDO

touro, dragão, tigre, cabrito, cabra, lebre, potro

STOP

1. **consoante + vogal**: pato, gota, bota, pata, cavo
   consoante + r + vogal: trota, grota, prata, cravo, fruta, brota
   consoante + vogal + r: furta, parta, parto, torta
2. Discuta e redija a resposta com a classe incentivando os alunos a refletir sobre a questão e formular a resposta com suas próprias palavras. O importante nesta atividade é que o aluno perceba as diferenças de significado ocasionadas pelas mudanças de posição da letra **r** na palavra: pato/parto; trota/torta; furta/fruta; gota/grota; pata/parta/prata; bota/brota; cavo/cravo.

DESCOBRINDO

As palavras são livres. Pode ser qualquer uma que cumpra o pedido.

Exemplos: remar/rir/resolver; errar/desenterrar/arrastar; regra/regravar/agravar; aperta/aperfeiçoar/desperdiçar; torta/torneira/tornozelo/torpedo; nadar/par/comprar/realizar

Reflexões sobre o L

CRUZANDO PALAVRAS

1. sinal, 2. bicicleta, 3. alfinete, 4. pincel, 5. chiclete, 6. blusa

O BICHO QUE COME A LUA

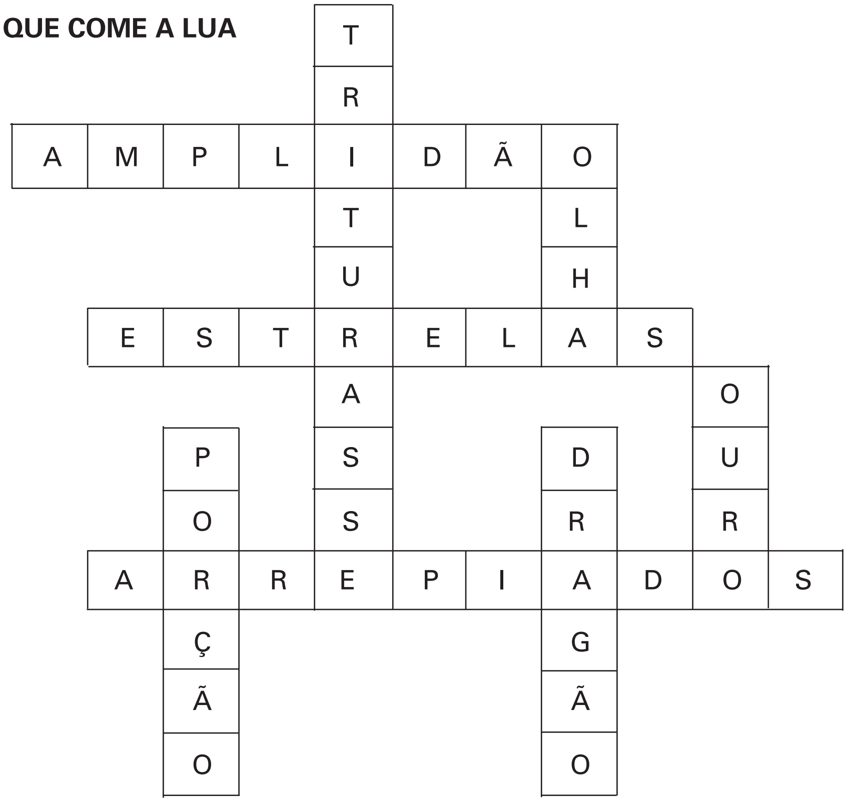

CUIDADO COM O MINOTAURO!

1. Passará pelas placas: legal; adorável; Carol; natural; Daniel; igualmente; principalmente; algumas; dificuldades.
2. Passou pelas palavras: legal; adorável; Carol; natural; Daniel; igualmente; principalmente; algumas; dificuldades.
   Não passou pelas palavras: reclamar; maravilhosa; filho; reclamam; flor.
3. **L** no final de uma das sílabas.

CAÇA-PALAVRAS COM L

1. geladeira, espelho, avental, louça, móvel, poltrona, flanela, toalha
   Observação: A palavra **box** pode ser encontrada na 3ª linha do caça-palavras e refere-se a algo que pode ser encontrado numa casa; mas não serve para a resposta pois não tem a letra **L**. Deixamos que ela permanecesse pois possibilita um exercício de interpretação de texto muito importante, além de exigir que as crianças trabalhem com duas variáveis: a palavra tem que ter **simultaneamente** duas propriedades. Aproveite a situação para discutir com a classe.

3.

C V **L** V C V V C V — geladeira
L V V C V — louça
C V **L** C C V C V — poltrona
C V C V **L** — móvel
V C V C C V **L** — avental
V C C V **L** C V — espelho
C V V **L** C V — toalha
C **L** V C V **L** V — flanela

SEM L... COM L

calma/clama; lama/alma; plano; cola; pluma; claro/Carol; mal; polvo; bola; animal

ANEL OU LENA?

Observação: Neste caça-palavras podemos encontrar também outras palavras: por, rua, age, no. Deixamos que elas permanecessem pelas mesmas razões expostas na atividade Caça-palavras com **L**.

animal, amável, glória, problema, anel, algum, lição, clara, almoço

VOCÊ É O DETETIVE...

1. dificuldade
2. qualquer
3. algodão; caldeirão
4. avulso; resolveu *
5. alça; alma*

* Novamente aqui pretendemos um exercício de interpretação de texto. Exemplo: no exercício 4 há outras palavras com 3 letras na sílaba, sendo **L** a última letra, mas que não são a 2ª sílaba da palavra. Aproveite a oportunidade para desenvolver esta discussão.

Reflexões sobre o sistema de nasalização

ESCONDE-ESCONDE

corações, ambulância, mexerão, gostaram, sorriram, brinque, camaleão, então, dragão, iam
Todas as palavras têm um som nasal.

CIRCULANDO

1. Nem todas as palavras têm som nasal.
2. pássaro, cachorro, cálice, vaca, leque, bode, borboleta, cavalo, apaga, gato
3. Sílabas que terminam com **m** ou **n**, e til sobre as vogais. Redigir com as palavras das crianças.
4. campeões, bombom, mansão, descansam, cumprimento, incompleto, anteontem, manhã, canção, pensamento, campeã
5. Não.
6. banana, Ana, cama

DESCOBRINDO O *M,* O *N* E O TIL

Som nasal marcado por **m**: pomba, Humberto, campeões, impossível, bombom, capim, homem, descansam, bamba, cumprimento, tempestade, embelezar, incompleto, algum, anteontem, lâmpada, campeã, completo, imbatível.

Som nasal marcado por **n**: elefante, rinoceronte, onça, infeliz, mansão, descansam, cumprimento, incompleto, anteontem, canção, pensamento, hífen.

Som nasal marcado por til: lãzinha, romã, campeões, mãe, cidadãos, anão, maçã, mansão, alemão, manhã, canção, campeã, mãezona, alemãozinho.

1. a) bombom
   b) pensamento, anteontem
   c) Pela Gramática Normativa Tradicional, não deveriam existir. Porém, os alunos podem encontrar em livros de histórias ou textos em linguagem bem informal, formas como balãozão, por exemplo. O importante, neste momento, é que os alunos sintam a possibilidade de discutir os dados levantados por eles mesmos, em pesquisas, revistas, *outdoors,* etc.

2. a) **p** e **b**
   b) no início: embelezam; no meio: incompleto; no fim: algum
   c) Sim.
   d) Sim. O objetivo desta questão é fazer as crianças observarem que há muitas palavras terminadas em **m**, mas poucas terminadas em **n**, e passarem a optar pelo **m** em final de palavras evitando erros comuns como: con, falan, etc.

3. a) nas palavras do exercício: **t**, **ç**, **f**, **s**. Incentivar os alunos a pesquisarem outras palavras.
   b) no início: infeliz; no meio: descansam; no fim: hífen
   c) Sim.
   d) Não. Há poucas palavras terminadas por **n**.

4. a) **ã** e **õ**
   b) **o**, **e** (ão, ães)
   c) maçã, manhã, romã, campeã
   d) Não.
   e) **e** (ões)
   f) no início: lãzinha; no meio: alemãozinho; no fim: manhã
   g) Sim. Neste ponto, peça às crianças que digam outras palavras começadas por sílaba marcada por til. Faça-as observar que são sempre diminutivos.

DESCOBRINDO O SOM NASAL SEM MARCA

Palavras com som nasal sem marca: banana, Ana, cama.

1. **a**
2. **m** ou **n**
3. Dar oportunidade aos alunos de discutirem as respostas antes de redigi-las, sem esperar obter uma resposta padrão. O importante é que os alunos compreendam a influência que as letras **m** e **n** exercem sobre a vogal anterior.

ACHOU?!?

botão, botam; tampa, tampam, tampão, tapam; canta, cantam, catam, cantão; babão, babam, bamba; bobão, bomba, bombam

DESCUBRA O SEGREDO

mete — mente; pesando — pensando; ficava — fincava; nuca — nunca; ouvido — ouvindo; sete — sente; rede — rende; criado — criando; pesar — pensar; logo — longo; mudo — mundo; pelado — pelando

MÓDULO V — Pontuação

1. Observações gerais

O trabalho de pontuação na 1ª série deve ter início quando a criança estiver escrevendo um texto que seja um embrião de uma pequena história ou um relato do que aconteceu em alguma circunstância, ou ainda, quando o professor perceber que um número significativo de alunos começa a fazer perguntas sobre os sinais que aparecem nos textos, ou começa a tentar utilizá-los em sua escrita.

A pontuação pode ser expressiva e/ou lógica. A pontuação expressiva corresponde a um uso que traduza as emoções ou estabeleça jogos de efeitos dentro do texto. A pontuação lógica é de uso estritamente formal, organizadora das informações.

Por terem funções diferentes e momentos de apreensão diferentes por parte das crianças, trataremos das duas distintamente. Vale a pena termos clareza de que há todo um processo de descoberta das pontuações por parte das crianças, no qual muitas questões têm de ser resolvidas: que pontuação utilizar, onde, como usá-la para traduzir sensações diferentes. Todas essas descobertas não são simples de serem realizadas. Durante muito tempo a criança faz uso da pontuação intuitivamente, e sua tomada de consciência é gradativa.

A observação de textos das crianças tem-nos mostrado que, ao longo do processo de apropriação da pontuação, esses escritores iniciantes passam pelos seguintes momentos:

1) A pontuação não é um observável, portanto, não aparece no texto que ela escreve.
2) Aparecem pontos-finais e vírgulas colocados sem vínculo com a significação. Às vezes em todo final de linha, às vezes em situações do tipo “doce de. leite”, ou “e. a menina”.
3) Aparecem pontos-de-exclamação, interrogação, reticências, que logo passam a ser utilizados adequadamente. No inicio é um uso — ou às vezes até abuso — que marca um momento de emoção do ponto de vista da criança-autora, aparecendo inclusive em meio de frases, de palavras, de cenas. Depois, tende a se estabilizar e caminha para um uso mais controlado e adequado.
4) A vírgula e o ponto começam a ser utilizados buscando uma relação com o significado, mas nem sempre seu uso é adequado do ponto de vista formal. Primeiramente eles são capazes de observar **onde** colocar o ponto e só depois de analisar conseguem saber **qual** ponto será.
5) Abre-se um leque de variedade de pontuações: as aspas, parênteses, travessões e dois-pontos, além das interrogações, exclamações, pontos e vírgulas começam a ser utilizados, caminhando para um uso formal.
6) A pontuação toda é utilizada formalmente.

É importante que nesse trabalho de descoberta a pontuação seja trabalhada como possibilidade e não como situações rígidas da Gramática.

2. O trabalho de pontuação na 1ª série

Objetivo: Transformar a pontuação em algo observável para a criança.

Estratégia

O trabalho começa no livro de textos *Construindo a escrita — Leitura e interpretação de textos* — 1ª série, na página 37, quando se pede que as crianças assinalem os sinais que não são letras, no texto *Maria-vai-com-as-outras*.

Aparecerão marcados, então, os sinais de pontuação, provavelmente os acentos e o til. Feitas as marcas, o professor dá início a uma discussão livre em que as crianças levantarão hipóteses do que elas acham que sejam esses sinais, para que servem, etc.

Ao ouvir todas as colocações, o professor deve estar mais atento em perceber quais são as idéias das crianças do que preocupado com o certo e o errado. Caso surjam marcados os sinais de acentuação e o til, o professor pode pedir que observem onde os sinais aparecem. Verificarão que alguns estão sobre as palavras (os de acentuação) e outros entre elas (os de pontuação). Observada a diferença, propõe-se que digam se não teriam funções diferentes.

Ouvidas as diferenças, e sem definir o que seja cada um, o professor diz que vai ajudá-los a descobrir o que são esses sinais. Começa então a contar uma história, transcrita a seguir. (O professor deve contá-la ou lê-la, mas sempre garantindo um clima de muito envolvimento e emoção ao longo da narrativa!)

O príncipe Harum

Há muito tempo atrás, em um lugar muito distante, havia um reino governado por um rei muito justo. Por isso, era um país próspero, onde as pessoas se sentiam bem e viviam muito felizes. No palácio, moravam o rei, a rainha e a princesinha, filha dos dois e que era a grande paixão do monarca.

Tudo transcorreu em harmonia naquele lugar enquanto a princesa era criança, mas, depois que ela foi crescendo e se aproximando da idade de se casar, seu pai, o rei, começou a ficar intranqüilo. Ciumento como era, tinha medo do dia em que sua filhinha se casasse e fosse morar em outro lugar, longe dele.

Uma vez que a princesa era uma moça linda, alegre e simpática, sua fama logo se espalhou pelos reinos vizinhos e de todas as partes do mundo começaram a chegar príncipes interessados em se casar com uma jovem tão especial. O rei, como vocês devem imaginar, ficou desesperado e resolveu montar um plano para que sua filha não saísse de seu lado. Assim sendo, com cada príncipe que vinha pedi-la em casamento travava o seguinte diálogo:

— Muito bem, príncipe, já que você deseja a mão de minha filha em casamento, precisa provar-me que é forte e corajoso o suficiente para dela cuidar e eu poder estar tranqüilo de que ela estará bem. Para isso precisará enfrentar provas de coragem, força e astúcia, que o colocarão em risco. Estás disposto a enfrentá-las?

— Sem dúvida, majestade, estou disposto a provar-lhe o quanto sou merecedor de tão grande honra e responsabilidade como desposar sua linda filha!

E o rei, então, encarregava os príncipes de cumprirem missões dificílimas, longas e impossíveis, como buscar uma flor que nascia no pico da montanha mais alta, ou matar um dragão ferocíssimo que morava numa caverna de um país distante, ou ainda trazer um pedaço da barba do gigante mais temido. Desta forma, os príncipes partiam e jamais voltavam, perdidos pelo mundo ou mortos em algum canto em conseqüência de suas aventuras. E o rei permanecia feliz, com sua filha pertinho...

Um dia, estavam todos reunidos no salão real quando o arauto, batendo com a lança no chão, anunciou:

— Encontra-se nos portões do palácio um príncipe chamado Harum que, vindo de reino distante, pede licença para falar com sua majestade.

— Mande-o entrar — ordenou o rei.

Jovem, altivo e garboso, Harum entrou pela porta do salão inundando o ambiente de força e energia. A princesa, ao vê-lo, ficou imediatamente fascinada, e pela primeira vez desejou ardentemente que a prova fosse vencida e ela pudesse partilhar do convívio daquele jovem tão especial. O rei, percebendo a força do rapaz e o interesse da filha, sentiu como nunca o perigo de perdê-la se aproximando e resolveu que a prova que escolheria deveria ser mais terrível do que nunca. Assim sendo, diante do pedido de casamento feito por Harum, avisou-o da prova que teria que enfrentar e, diante de sua concordância em dela participar, anunciou-lhe:

— Para provar sua coragem e astúcia, deverás fugir durante 24 horas dos guardas e cães amestrados do meu reino, ficando todas as pessoas proibidas de ajudá-lo ao longo da prova. Se, depois do prazo corrido, conseguires voltar com vida a essa sala do palácio, poderás desposar minha amada filha. Estás disposto a enfrentar o risco da morte por ela?

— Sim, majestade. Pode dar início à prova quando achares conveniente.

O rei, nesse momento, levantou-se e ordenou:

— Que toquem todas as trombetas do reino dando início à prova, e daqui a quinze minutos que toquem novamente, para que todos os guardas e cães partam na perseguição mortal.

Todos os presentes ouviram as trombetas soarem com o coração nas mãos. A princesa, sufocada pela angústia, mal conseguia se controlar. A rainha, sem saber a quem agradar, se ao marido ou à filha, olhava de um lado para o outro, tentando descobrir o que pensava de toda aquela situação...

Seguiu-se, então, longa espera. De tempos em tempos chegavam notícias e todos paravam para ouvi-las atentamente.

— O príncipe Harum foi visto com vida no condado de Hamphisfire, escondido no celeiro de uma fazenda. Os cães e guardas tentaram alcançá-lo, mas ele foi mais ágil, e fugiu! — anunciava o arauto.

Suspirava de alívio a princesa, roía-se de raiva o rei, comentavam a meia voz a corte toda...

Horas depois o arauto voltava a anunciar:

— O príncipe foi pego pelos cães reais e estraçalhado. As notícias indicam que a prova está terminada.

Caía em prantos a princesa, rejubilava-se o pai, permanecia em suspenso a rainha. A corte parava de sorrir e todos comentavam o fato entre sussurros. Era como se um véu baixasse sobre o reino.

Mas quando tudo parecia perdido, chegavam novas notícias, vindas por outros emissários:

— O príncipe foi visto na vila de Sesquaire sobre os telhados de algumas casas.

Emoção geral. A princesa quase desmaiava de alegria, o pai rugia de raiva! E, nesses encontros e desencontros das notícias, ninguém sabia o que efetivamente havia acontecido! Estaria o príncipe vivo? Teria morrido? A dúvida e a emoção pairavam no ar...

Vinte e quatro horas depois de iniciada a prova, encontravam-se todos no salão real. A princesa roía as unhas, tirando peles e sangue dos cantinhos... o rei, rugas na testa, mãos para trás, andava para lá e para cá... a rainha ora contava algo para a filha, ora caminhava em silêncio ao lado do marido. O clima era de expectativa geral, quando as trombetas soaram e as portas do salão foram escancaradas.

Pararam todos como autômatos. O silêncio era tão grande que se ouviam os corações batendo, quando o arauto entrou, bateu com a lança no chão e falou:

— O príncipe voltou.

— O príncipe voltou?!? — rugiu entre dentes o rei.

— O príncipe voltou!!... — murmurou a princesa.

— O príncipe voltou!?! — perguntava-se a rainha.

Adentrou, então, o salão o jovem príncipe, sujo e rasgado das aventuras e perigos que tivera que enfrentar para conquistar o amor da amada. A corte aplaudia em pé, entusiasmada, tanta coragem. É claro, leitor, que o rei não teve outra saída, e os dois jovens casaram-se e viveram felizes para sempre... Ou não?

Concluída a história, o professor pede que as crianças digam o que falou o guarda, o rei, a rainha e a princesa no final da história e vai escrevendo na lousa o que cada um disse, acompanhado do nome de quem falou e sem nenhuma pontuação.

Ex.:	guarda	O príncipe voltou
	rei	O príncipe voltou
	rainha	O príncipe voltou
	princesa	O príncipe voltou

Ao escrever tudo igual, as crianças às vezes protestam. Quando protestam costumam dizer: *Quando você falou, era diferente e agora ficou tudo igual!* A partir dessa interferência ou outras semelhantes, o professor pede que as crianças digam o que era diferente, e elas costumam dizer: *O rei falou com raiva, ou numa hora você falou forte, na outra falou normal* ou coisas assim. O professor então escreve à direita de cada personagem, com as palavras das crianças, como estava se sentindo cada personagem ao dizer: "O príncipe voltou".

Ex.:	guarda	O príncipe voltou	(normal)	
	rei	O príncipe voltou	(raiva, bravo)	etc.

Caso as crianças não protestem, o professor pode dizer o seguinte: *Imaginem que vocês gostaram muito desta história e resolveram escrevê-la para um primo ou amigo que mora longe.* Nesse momento, o professor diz para as crianças que, quando ele contava a história, ao dizer essas coisas mudava a voz, tinha a expressão do rosto, fazia gestos, etc., que traduziam o que cada um sentia. Mas, quando se está escrevendo, nada disso existe. Como, então, eles acham que, ao escrever, se poderia mostrar para o leitor o que a personagem sentia?

É interessantíssimo observar as soluções dadas pelas crianças nessa situação. Dificilmente eles sugerem a pontuação como um recurso. Antes dela, propõem soluções mais concretas, como por exemplo mudanças na letra ou desenhos ao redor das palavras. Dizem: "podemos mostrar que o rei estava bravo fazendo as letras grandes e tremidas, ou desenhando rainhos ao redor da palavra" ou "podemos mostrar que a princesa estava apaixonada, feliz, fazendo corações ao redor das palavras”, etc. Ou sugerem que se escreva assim: “E a princesa falou apaixonadamente, ou o rei falou com raiva”.

O professor conversa com eles no sentido de que as soluções propostas são possíveis, mas que seria mais adequado combinar um jeito de marcar essas modulações da voz que traduzem emoções tão diferentes, de uma forma que fosse igual para todas as pessoas. Assim, aquilo que se escreve aqui, pode ser lido e entendido por alguém em outro lugar, ou aquilo que se escreveu há duzentos anos pode ser lido hoje ou daqui a cem anos. Por isso, todos têm de utilizar o mesmo sistema de representação.

Após essa conversa informal, o professor lê o texto *Se não me falha a memória,* página 113 do *Livro do Aluno,* e pede que eles observem o que será que indica que ele deve mudar a expressão na leitura. Caso os alunos ainda não percebam que é a pontuação, ele aponta os sinais, diz que são eles que mostram e pede que descubram, então, o que cada um indica.

Volta em seguida para a frase da história e pontua com eles cada fala das personagens. Use e abuse, nesse momento, dos sinais, utilizando pontuações simultâneas.

Ex.:	rei	O príncipe voltou??!?
	princesa	O príncipe voltou!.
	rainha	O príncipe voltou !?!
	guarda	O príncipe voltou.

Após a descoberta, é interessante que façam o jogo da pontuação.

O professor propõe que as crianças se reúnam em pequenos grupos, inventem uma frase que traduza possibilidades de interpretação (Ex.: A escola pegou fogo), criem uma dramatização na qual, pelo contexto, várias pessoas digam a frase sentindo emoções diferentes. O outro grupo escreve a frase na lousa e vai pontuando de acordo com as cenas. Em seguida, invertem-se as posições: quem dramatizou, pontua; quem pontuou, dramatiza.

É essencial que, a partir desse momento, o professor aproveite para analisar em todos os textos lidos em sala de aula, os jogos de pontuação presentes.

No *Livro do Aluno* há propostas de pontuação de histórias em quadrinhos, para que as crianças recuperem os sentimentos das personagens, o clima, a emoção, através da pontuação.

Esse trabalho de pontuação em textos prontos deve estender-se ao longo do ano.

3. A pontuação interna

Para a conquista da pontuação interna do parágrafo, que é muito mais difícil de ser percebida e utilizada, os alunos costumam passar por algumas fases. Inicialmente, usam o ponto-final em qualquer posição, sem uma relação direta com o significado. Aos poucos, vão investigando a relação entre o ponto-final e o sentido. O que se observa é que a compreensão dessa relação envolve muitas dificuldades: em primeiro lugar, decidir onde colocar esse ponto; depois, se é um ponto ou uma vírgula. Por isso, durante um longo tempo, eles utilizam esses dois sinais de uma maneira instável, ora não colocando nada, ora trocando um pelo outro.

Uma vez que inicialmente a pontuação interna não é observada pela criança, propomos no livro dois textos iguais, só que o primeiro não aparecerá pontuado, e o segundo sim. O professor não deverá lê-los em voz alta. As crianças lerão um e o outro e, depois, será proposta uma discussão buscando os seguintes aspectos:

1) *Como vocês se sentiram lendo cada um dos dois textos?*
2) *O que vocês observaram que havia de diferente entre eles?*
3) *Então, para que vocês acham que servem os pontos?*

O objetivo dessa situação é que eles enxerguem a existência da pontuação e sua função organizadora das idéias do texto, podendo, a partir daí, dar continuidade ao estudo da pontuação interna do parágrafo.

Para desenvolver esse trabalho, o que tem se mostrado como mais efetivo é a discussão da pontuação (além de todos os outros aspectos textuais) proporcionada pela produção de histórias coletivas. Ao escrevê-las, o professor vai discutindo com os alunos se ocorreria naquele determinado lugar algum sinal de pontuação e qual seria ele. Ao longo da produção das histórias, o professor deve ir polemizando as escolhas das crianças, questionando-as de tal forma que sejam levadas a pensar no que determinaria o uso daquele sinal, naquele lugar. Mais importante do que estar preocupado com o erro ou o acerto, o professor deve estar atento às respostas das crianças.

Gostaríamos que ficasse claro que o conceito utilizado por nós para a decisão de uma pontuação não tem por base a idéia de que os sinais de pontuação marcam uma pausa para a respiração, mas sim de que eles são elementos que organizam lógica e expressivamente as idéias do texto.

Ao longo da 1ª série a criança vai trabalhar com a pontuação interna de uma forma global, nas situações de análise de texto do autor ou de escrita coletiva, como foi proposto acima. A análise das partes e relações das informações que justificam a pontuação interna será assunto das séries posteriores.

Uma vez que as crianças desde a 1ª série utilizam o discurso direto em seus textos, consideramos ser o momento de iniciar uma investigação sobre suas propriedades. Assim sendo, paralelamente ao trabalho geral de pontuação, desenvolveremos atividades específicas sobre esse assunto.

4. O discurso direto

A construção do discurso direto envolve a compreensão de três elementos que aparecem articulados entre si:

1) Diferenciação entre os trechos de narração, expressos através do narrador e as falas das personagens.
2) Utilização de uma pontuação específica ao discurso direto.
3) Organização espacial adequada, que envolve mudança da linha, como marca de mudança de parágrafo.

Se o discurso direto tem essas propriedades, o trabalho buscará a reflexão sobre todas elas. O primeiro momento proporcionará a consciência da necessidade de organizá-lo de uma forma particular.

Estratégia

O professor divide a classe em duas metades e escolhe dois alunos, em cada uma das partes, para fazerem uma dramatização. O restante do grupo assume a função de redator. O professor combina com os quatro atores uma situação do tipo conversa telefônica ou entrevista com alguém da escolha deles. É importante que o professor determine apenas a situação. O conteúdo da conversa ou da entrevista será criado pelas crianças. Enquanto os atores combinam sua atuação, o professor instrui o restante da classe de que serão jornalistas que deverão registrar o que irá acontecer da maneira mais fiel possível. (É essencial que o professor não antecipe para os alunos a forma de registro.)

Os dois grupos ficam, então, um de costas para o outro, de tal forma que um não possa ouvir nem ver o desenrolar da conversa ou da entrevista do outro.

Terminada a pequena dramatização, o professor pedirá que as crianças divididas nas duas metades se reúnam para escrever o que ouviram.

Concluídos os textos, os grupos de cada dramatização trocam os textos, de tal forma que quem assistiu à dramatização A, lê o texto da B, e vice-versa.

Espera-se que, pelo fato de as crianças não utilizarem uma organização adequada de discurso direto, surjam muitas confusões para se compreender quem falou o quê, ou que surjam formas diferenciadas entre grupos para determinar as falas. A partir dessa situação desequilibradora, o professor ouvirá as sugestões de soluções propostas pela classe, não como certas e erradas, mas como formas possíveis. Ao término desse momento, ele entrará com a necessidade de se estabelecer uma convenção social para essa representação. Caso contrário, o que uma pessoa escreve em um determinado lugar não pode ser compreendido em outro espaço ou época.

Para a descoberta de como se convencionou organizar o discurso direto, o professor deve pegar um dos textos que os alunos tenham no livro e ler novamente para eles, pedindo que observem quem fala cada pedaço. Os alunos não costumam ter dificuldade nessa identificação global. Uma vez verificado, o professor vai pedir, em seguida, que digam o que, na forma como o texto está escrito, indicava para eles quando cada um falava.

Analisado e discutido no texto do autor, o professor pede que os grupos se reúnam novamente e tentem reescrever o texto, observando as descobertas feitas.

Um dos textos produzidos e que o grupo ofereça é escolhido para ser colocado na lousa e discutido pela classe toda.

No *Livro do Aluno* há pequenos textos com discurso direto em trechos narrativos. O professor deverá pedir aos alunos que, em pequenos grupos, sublinhem com uma cor as falas das personagens e com outra os trechos do narrador. Ao longo dessa atividade, o professor deve estar atento à forma como as crianças pensam, para tomar as decisões e fazer interferências que os ajudem a descobrir as marcas de cada um. Por exemplo: as falas das personagens vêm introduzidas por travessão e as do narrador não; as diversas posições dos verbos de elocução (dizer, falar, responder, perguntar, exclamar, pedir, etc.): antes da fala da personagem, no meio da fala e depois.

Sistematização

No *Livro do Aluno* encontram-se textos sem pontuação, para as crianças reescreverem pontuando, observando o discurso direto. Vale a pena deixar claro que o mais importante para o trabalho de pontuação, tanto do discurso direto, quanto das outras pontuações, é a análise das situações nos diversos textos e nas produções coletivas.

RESPOSTAS DAS ATIVIDADES DO MÓDULO V

ONDE?!

Não daremos a solução do autor. Nosso objetivo é a discussão sobre as pontuações possíveis, se há uma melhor e por quê.

TUDO PRONTO PRA FESTA SURPRESA?

— Não! Falta a velinha!
— Maluquinho!
— Rápido! Arranja uma velinha pro bolo!
— Serve a minha vó?

Observação: Aproveite a discussão sobre qual “a graça” da piada para discutir com eles a diferença entre **velinha** e **velhinha**. Sem esta compreensão não há humor nos quadrinhos.

CEBOLINHA?!

Leve as crianças a observarem os sentimentos traduzidos pelos desenhos e discuta com eles qual poderia ser a pontuação que melhor os traduziria. Aqui, mais uma vez, a discussão é o nosso objetivo, e não a obtenção de uma resposta correta.

FIM DE DOMINGO

Observe que em cada atividade algo diferente é pedido. Nesta, damos o número de pontuações mas não dizemos quais são, nem onde colocá-las. Nosso objetivo é que eles, observando as emoções indicadas pelo texto e pelo desenho pensem como traduzi-las através da pontuação. Aqui, novamente, a discussão é sobre quais seriam as pontuações possíveis, e não a correta (por esta razão não daremos a solução do autor).

BOI DA CARA PRETA!?!

Nesta atividade a criança estará totalmente livre. Discutir soluções possíveis.

PARA LER E PENSAR

O objetivo da leitura deste texto é que os alunos descubram o que você, professor, observa para saber que sentimento será traduzido ao ler o texto. Promova uma discussão aberta sobre as hipóteses das crianças.

Alguns termos, como *escrivão*, *cartório*, *inventário* e outros podem não fazer parte do vocabulário da classe. Neste caso, ajude-os a deduzir o significado pelo sentido geral. Uma boa sugestão é pedir que tragam a certidão de nascimento e, a partir dela, converse com eles sobre a função social dela, sobre os dados presentes, sobre a presença da letra maiúscula e outras questões que porventura surjam.

POSSO BRINCAR NA CHUVA?

Discutir com eles o sentimento de Tiago e como poderia ser traduzido pela pontuação. Não colocamos a solução do autor pois o que importa é a discussão de formas possíveis de se traduzir os sentimentos.

AH! AH! AH!!!

1. Faltam apenas os travessões que introduzem a fala dos personagens.
2. É necessário separar narrador e personagem.

O guia do museu diz para os visitantes:

— Este esqueleto de dinossauro tem dois mil anos, dois meses e quinze dias.

Um dos turistas se espantou:

— Como o senhor sabe a idade com tanta precisão?

— É que quando eu entrei para o museu ele tinha dois mil anos. Mais o tempo que eu estou trabalhando aqui…

O MENINO QUE APRENDEU A VER

Nesta série de atividades o que se busca é a construção dos elementos organizadores do discurso direto. A discussão de quais são eles, como e quando usá-los é o nosso objetivo.

1ª parte

1. Eram letras. (Mas caso as crianças façam outra leitura que tenha lógica dentro do contexto do texto, também será considerada válida.)

2.
- Ruth Rocha. Retome com eles a questão da localização do nome do autor e discuta a diferença entre autor e narrador.
- Discuta e redija a resposta com as palavras das crianças.
- João e sua mãe. Nosso objetivo é que percebam a diferença entre autor, narrador e personagem. Discuta com eles todas as marcas de diferenciação entre os três.

3.
- — O que é aquela placa, mãe? Todas as esquinas têm.
  — É o nome da rua, filho.
- Todo o restante do texto.

O MENINO QUE APRENDEU A VER

2ª parte

1. Todas introduzidas pelo travessão.
2. Nosso objetivo é que pintem o travessão, além de começarem a prestar atenção a marcas como: se o texto diz: "Meu filho", só pode ser a mãe falando!; se diz: "Que coisas, mãe?", só pode ser o filho; se diz: "O que vai para a minha escola", só pode ser o filho e outras marcas semânticas. Promova uma discussão em que as crianças possam dizer o que do texto dá essas informações.
3. O objetivo é confrontar a presença do travessão antes da fala dos personagens à ausência deles antes do narrador.

O MENINO QUE APRENDEU A VER

3ª parte

1. Resposta pessoal. Incentivar os alunos a argumentarem e retomarem seu processo.
2. — Eu não estou vendo Rio Bonito nenhum...
   — Olha, mamãe, quantos AAA nas paredes...
   — Será que enquanto eu fui pra escola pintaram todos esses desenhos?
   — DDD

O MENINO QUE APRENDEU A VER

4ª parte

1. Nosso objetivo é que eles notem que a partir do momento em que conseguem perceber o significado das marcas, tudo se organiza e torna-se fácil saber quando é personagem ou narrador, assim como aconteceu com o Joãozinho ao ir conferindo significado aos sinais que via pelo mundo.

APÊNDICE

Paragrafação

Os professores costumam iniciar o trabalho com o parágrafo dizendo às crianças que *usa-se parágrafo quando vamos mudar de assunto* e, a partir daí, trabalha-se através da correção, ou seja, no texto escrito pela criança, o professor assinala de alguma forma indicando a ausência do parágrafo, ou seu uso inadequado, mostrando a forma correta. Ao dar uma explicação para a correção, repete a mesma frase de sempre: *tinha que ter parágrafo, porque mudou de assunto*.

Consideramos que esse tipo de intervenção apresenta três problemas:

1. Agindo assim, o professor está trabalhando o produto, ou seja, a decisão final da criança (se tem ou não tem parágrafo), o que não a ajuda a descobrir como pensar para decidir sobre o uso do parágrafo. Se ela erra porque não tem um instrumento de decisão, nosso papel é ajudá-la nessa reflexão.
2. Dizer que se muda de parágrafo quando se muda de assunto é trabalhar com um conceito muito reducionista do parágrafo. Esta é uma das razões de mudança, mas não é a única. Há paragrafações por mudanças de tempo, de espaço, de personagens, de foco, etc.
3. Mesmo que a explicação da mudança de assunto fosse satisfatória do ponto de vista lingüístico, não faz sentido para os alunos, porque se eles estão lendo um texto informativo sobre aranhas, o assunto é sempre o mesmo. Então por que paragrafar? Se o texto conta a história do Chapeuzinho, o tempo todo é o mesmo assunto. Ou seja, essa explicação não é suficiente para as crianças.

Observamos, além disso, que o texto da criança mostra que há momentos diferentes ao longo da conquista da paragrafação.

a) Há um primeiro momento, em que a criança não enxerga o parágrafo e, portanto, escreve em um único bloco.
b) Ao começar a observar o texto, passa a fragmentá-lo em grandes blocos, geralmente dois ou três.
c) Freqüentemente, ao momento dos grandes blocos sucede-se o parágrafo simples, quando a criança *escreve uma idéia em cada parágrafo*.
d) A próxima conquista costuma ser a descoberta da possibilidade do parágrafo complexo, que surge primeiramente inadequado e vai aos poucos conquistando sua formalização.

Todo esse longo processo leva tempo. A criança, na 1ª série, não costuma ultrapassar os dois primeiros momentos descritos acima, se lhe for permitido escrever suas histórias, produtos de seu mundo interno e conhecimento pessoal.

Por tudo o que foi discutido acima, o trabalho de paragrafação com os alunos de 1ª série se circunscreverá aos seguintes objetivos:

a) levar os alunos a enxergar a existência do parágrafo;
b) criar situações para que comecem a investigar seu uso, mesmo que de maneira informal, assistemática.

O trabalho com o parágrafo deve ser iniciado com a discussão do significado do espaço no texto, sendo o parágrafo um dos tipos de espaço. Veja o **Módulo IV —Significação do espaço na escrita**.

Uma vez que se tome consciência da existência desse espaço, é preciso marcá-lo com mais eficácia. Para tanto, o professor pode pedir que as crianças assinalem com lápis colorido, em textos de autores já publicados, o espaço que aparece como parágrafo. Uma vez marcados, tem início uma discussão informal em que o professor vai pedir que os alunos tentem descobrir por que o autor usou o parágrafo. O mais importante de tudo nessa atividade é ouvir as explicações dos alunos, pois elas constituem as primeiras hipóteses elaboradas por eles. O professor, portanto, não deve preocupar-se com o fato de que eles, nesse momento, não dêem explicações “corretas”, pois o objetivo é ouvi-los e fazê-los refletir sobre esse objeto. Queremos enfatizar que o professor não deve ficar dando “explicações corretas”, pois elas dificultariam a busca das crianças.

Ao longo da 2ª série há todo um trabalho que tem por objetivo sistematizar o uso do parágrafo. Por acreditarmos que na 1ª série os alunos devem estar mais preocupados em descobrir-se como autores e aumentar o fôlego da escrita, não iremos dar ênfase maior aos aspectos formais.

Sugestões de jogos ortográficos para sistematização

Jogos de *Stop*

Os jogos de *Stop* são altamente lúdicos, costumam mobilizar muito as crianças, e caracterizam-se por pedirem uma tarefa que deverá ser cumprida em um prazo curto. Cada um dos tipos de *Stop* propicia uma forma própria de atuação e tem um objetivo específico. Assim sendo, o professor poderá escolher o jogo adequando-o aos conteúdos a serem trabalhados.

***Stop* ortográfico**

Objetivos pedagógicos

1) Sistematizar dificuldades ortográficas que o professor considere relevantes.
2) Trabalhar com a imagem mental das palavras.
3) Acionar o vocabulário ativo e passivo dos alunos.
4) Revisar conteúdos gramaticais (tonicidade, classes gramaticais e outros).
5) Utilizar as descobertas e regras que os alunos tenham feito sobre Ortografia e/ou Gramática.

Descrição do jogo

Cada aluno ou equipe devem ter uma folha com um quadriculado grande, que pode variar de tamanho dependendo da faixa etária que estiver jogando. Por exemplo: jogo com 16 palavras: pedir que os alunos façam uma tabela de 5 x 5 quadrinhos, que deve ser preenchida da seguinte forma:

a) na 1ª linha superior colocam-se as dificuldades que serão trabalhadas. É importante notar que o objetivo do jogo é encontrar palavras que tenham essa(s) letra(s) ou dificuldades, e não palavras que comecem com elas;
b) na 1ª coluna da esquerda, completar os espaços indicando o campo semântico a que as palavras devem pertencer, e que podem variar segundo os interesses das crianças. Os alunos gostam de universos vocabulares tais como CEP (cidade ou estado ou país), marcas de carros, cigarros, frutas, animais, partes do corpo humano, objetos de uma casa ou de um escritório, ou ainda, palavras oxítonas, paroxítonas, proparoxítonas, substantivos, verbos, adjetivos, etc.;
c) a um sinal do professor, as equipes devem preencher os quadrados de acordo com os pedidos da 1ª linha e da 1ª coluna;
d) não vale escrever mais de uma palavra por quadrinho;
e) a primeira equipe que terminar de preencher a tabela deve dizer *Stop* e todas as outras param imediatamente de escrever.

Exemplo:

	X	CH	Ç	SS	S
CIDADES					
ESTADOS					
PAÍSES					
ANIMAIS					
CARROS					

Da correção e contagem dos pontos

Para a correção, os alunos devem permanecer organizados em equipes, e um aluno de cada equipe se levanta e vai com a solução do *Stop* para a equipe ao lado, de tal forma que o jogo da equipe A seja corrigido pela equipe B, sob o controle do fiscal da equipe A. Isto evita mal-entendidos. O professor vai, então, pedindo que cada equipe diga sua palavra daquele quadrinho. Por exemplo: a 1ª equipe diz sua palavra de CIDADE com X, depois a segunda diz a sua, e assim sucessivamente; em seguida, cada equipe vai falando um nome de animal com X, etc., e o professor vai escrevendo cada palavra na lousa.

Quando a palavra oferece alguma dificuldade maior ou é um “tipo” que os alunos costumam errar na grafia, o professor pede que a equipe soletre para ele escrever, ou um aluno levanta-se e vai escrever na lousa. Com isso garante-se o cuidado com a grafia, uma vez que a correção deve ser uma necessidade inerente ao jogo.

Conforme os alunos vão falando suas palavras, o professor já vai anotando os pontos de cada grupo. Vence o grupo que obtiver o maior total de pontos na tabela.

Para a contagem dos pontos, devem-se observar os seguintes critérios:

— Se dois ou mais grupos escreveram a mesma palavra, **5** pontos para cada grupo.
— Se um único grupo escreveu aquela palavra, **10** pontos para esse grupo.
— Se um único grupo conseguiu preencher aquele quadrinho e os outros todos deixaram em branco, este grupo recebe **15** pontos.
— Se o quadrinho ficou em branco ou a palavra escrita apresentava algum erro na grafia, **0** ponto.

***Stop* no texto**

Objetivo pedagógico

O objetivo desse jogo é desenvolver a postura do **revisor** nos alunos, para que possam exercê-la na revisão de seus próprios textos. Para desenvolvê-la, é preciso aprender a olhar o texto pela forma e não pelo conteúdo.

É um jogo que pode ser realizado nos minutos finais da aula, de improviso. É importante que seja repetido com certa freqüência para que atinja os objetivos pedagógicos estabelecidos.

O jogo

O professor pode aproveitar o texto que está sendo lido na classe para interpretação, por exemplo, e pedir que encontrem nesse texto um número X de palavras com uma determinada letra. Por exemplo, com **H** em qualquer posição. Todas as palavras devem ser sublinhadas no texto.

Vence o aluno que conseguir encontrá-las primeiro. Caso você tenha alguns alunos que sejam rápidos demais e nunca deixam os outros chegarem próximos do fim, vá até o 5º ou o 6º colocados.

É um jogo rápido, que anima muito a classe, desenvolve o papel do revisor nas crianças, e as palavras obtidas podem servir de universo para outras atividades.

***Stop* em colunas**

Objetivos pedagógicos

Esta modalidade de *Stop* é mais uma forma de sistematização interessante de ser desenvolvida depois de atividades de descoberta sobre o sistema ortográfico. Ele jamais deve ser jogado como ponto de partida ou sem que tenha sido feita a análise do sistema anteriormente.

O *Stop* em colunas propicia um novo defrontar com a série de palavras em que a letra se encontra, aguçando o olhar da criança para esse tipo de propriedade do sistema ortográfico. É muito bom para desenvolver o “papel do revisor” na criança.

O jogo

Esse jogo consta de uma folha de sulfite com uma lista de palavras que devem ser organizadas em colunas, de acordo com as dificuldades indicadas. O procedimento do jogo é simples.

1) Uma vez distribuídas as folhas, o professor fala *Já!* e todos arrumam as palavras nas colunas. O professor pode, também, determinar um tempo. Por exemplo: *Vocês têm 2 minutos (ou 5 minutos) para preencher a tabela.* Especialmente com crianças menores esta forma tem se mostrado mais eficiente.
2) Quem terminar primeiro e corretamente vence. É importante que o professor verifique se o aluno preencheu criteriosamente, pois há crianças que, no desespero de ganhar fazem qualquer coisa, só para terminar primeiro, e impedem que todos possam pensar e aprender.
3) O momento da correção deve ser utilizado para observar e trabalhar com os "erros" dos alunos, e não simplesmente dizer *Certo* ou *Errado*.
4) A correção ocorre na lousa, e não há contagem de pontos.

Exemplo de uma tabela de *Stop* em colunas com a letra R:

rapaz
perto
drama
empurrado
topar
acordei
selar
enviar
agressivo
parado
ricaço
Araraquara
arranha
ordem
aranha
ruína
arrastou
artigo
certeza

R+vogal	vogal + R	consoante + R + vogal
rapaz...		
...		

R entre vogais	RR entre vogais

***Stop* de descoberta**

Esta variação de *Stop* é uma atividade muito rica, que permite o trabalho com uma variedade muito grande de palavras. O número de palavras propostas deve variar de acordo com a série do aluno, podendo ser realizado de 1ª a 8ª série com sucesso.

Objetivos pedagógicos:
1) Trabalhar com a imagem mental da palavra.
2) Acionar o vocabulário passivo do aluno.
3) Desenvolver estratégias de pensamento.
4) Desenvolver estratégias de decisão sobre a ortografia da palavra.
5) Sistematizar um determinado aspecto ortográfico.

Objetivos do jogo
1) Completar a tabela com a maior rapidez possível.
2) Obter o maior número de pontos ao completá-la. Vence o aluno que obtiver o maior total de pontos na tabela e não o que terminou primeiro.

O jogo
1) Os alunos podem jogar individualmente ou em grupos (nunca mais de quatro elementos).
2) Cada aluno ou grupo deve encontrar uma palavra que satisfaça as características dadas pela tabela.
3) Quando algum aluno ou grupo termina, grita *Stop!* e todos devem parar de escrever. Procede-se, então, à correção na lousa, com a análise dos pontos obtidos.
4) Após a contagem, indicar o(s) vencedor(es).

Contagem dos pontos

1) Se mais de um aluno completou com a mesma palavra, **5** pontos para cada um.
2) Se só um aluno (ou grupo) escreveu aquela palavra, **10** pontos para ele.
3) Se só um aluno (ou grupo) preencheu o espaço e mais ninguém descobriu uma palavra para aquela lacuna, **15** pontos para ele.
4) Palavra com erro de ortografia, **0** ponto.

Não permitir o uso do dicionário ao longo do jogo, para levar os alunos a acionarem as regras de ortografia que tiverem construído.

Veja exemplo de tabela do *Stop* de descoberta no *Livro do Aluno*, atividade DESCOBRINDO.

Caso a tabela seja semelhante a esta, não esquecer de avisar os alunos de que quando o **r** aparece em séries como **tor**, o **r** deve ser a última letra da sílaba. Por exemplo: não vale palavra como **tora**, vale **torneira**.

Explicar também que o espaço marcado na tabela não tem a ver com o número de letras ou sílabas que a palavra deve ter. Valem, por exemplo, **torneira**, **torpedo**, **torpedinho**, **torta**.

Bingo ortográfico

Objetivos pedagógicos:

1) Sistematizar a grafia de determinadas palavras.
2) Construir regras ortográficas a partir da observação de elementos lingüísticos.

O jogo

Durante o sorteio das palavras pelo professor, o objetivo é ser o primeiro a completar uma linha ou coluna de palavras sorteadas e grafadas corretamente.

1) Distribuir uma folha com uma tabela ou pedir aos alunos que façam uma tabela com 16 ou 25 quadrados (4 x 4 ou 5 x 5).
2) O professor seleciona as 16 ou 25 palavras (depende da tabela que estiver utilizando), dita uma a uma e vai escrevendo cada uma em um pedaço de papel cortado. Fecha cada palavra e joga os papéis dentro de um saco plástico, para o sorteio.
3) Cada aluno irá escrever a palavra ditada em algum lugar da tabela, de tal forma que, ao final, cada um terá uma tabela organizada de forma diferente.
4) Tabelas preenchidas, o professor começa a sortear as palavras e os alunos vão assinalando em suas tabelas as que saíram. Quando alguém preencher uma linha, coluna ou diagonal passando pelo centro, levanta a mão e mostra para o professor. Se todas as palavras da linha completada estiverem corretas, o aluno vence. Se alguma apresentar grafia incorreta, o professor avisa que há erro mas não indica onde, e o aluno continua participando com outra linha ou coluna.
5) Como a intenção é aprender e jogar, vencer se torna menos relevante. Portanto, o professor continua o sorteio de palavras até quando achar conveniente para sua classe, não importando quantos vencedores houver.

A correção

A correção deve ser feita na lousa e utilizada como um espaço para a discussão e reflexão sobre algum aspecto ortográfico. Por exemplo, se o objetivo do Bingo fosse a descoberta de diferenças entre **am** e **ão**, o professor ditaria no Bingo apenas palavras com essas duas terminações e que não tivessem acento, e no momento da correção perguntaria aos alunos: *O que há em comum entre as palavras que foram ditadas?* Os alunos costumam responder que todas terminam em **am** ou **ão**. O professor faz uma divisão na lousa e vai corrigindo de forma que cada terminação fique em uma coluna. Ao terminar de colocar as palavras na lousa, pergunta para os alunos: *O que todas essas palavras têm em comum além do fato de terminarem em **am**?* (A mesma pergunta é feita para a outra coluna.) Os alunos poderão constatar que as palavras terminadas em **am** são paroxítonas e as terminadas em **ão** são oxítonas, se não tiverem acento.

A descoberta é registrada no Caderno de Descobertas, e as palavras do Bingo, copiadas no caderno.

Jogo das dicas

Objetivos pedagógicos

1) Revisar conteúdos já trabalhados, aplicados a uma situação ortográfica.
2) Aprender a ouvir ordens, estando atento aos detalhes do enunciado.

O jogo

O objetivo do jogo é descobrir qual é a palavra que está sendo ditada, a partir de dicas dadas pelo professor.

1) É para ser jogado individualmente, com a classe toda.
2) O professor seleciona um número X de palavras com a dificuldade que pretende trabalhar, e propõe para a classe que, ao invés de falar a palavra, dará dicas e cada aluno deverá escrever a palavra que imaginou em seu caderno.
3) O professor deverá utilizar critérios variados para dar as dicas e poderá aproveitar para trabalhar conceitos de todas as áreas. Exemplos de dicas:
   a) A palavra na qual estou pensando tem (número) letras e (número) sílabas e é sinônimo de...
   b) É o nome que se dá ao processo de nascimento e crescimento de uma semente.
   c) É um substantivo trissílabo que dá nome a um sentimento que temos quando…
   d) É um adjetivo que é antônimo de..., etc.

Esse jogo é muito bom para se trabalhar com palavras homófonas (que são pronunciadas da mesma forma, mas grafadas de forma diferente), tais como **chá** e **xá**, **auto** e **alto**, **acender** e **ascender**, etc. Ao utilizá-lo dessa forma, estaremos reforçando nas crianças a concepção de que ortografia e significado estão relacionados.

Contagem de pontos

— palavra certa no sentido e na ortografia — **2** pontos;
— palavra certa no sentido e errada na ortografia — **1** ponto;
— palavra errada nos dois — **0** ponto.

Palavras cruzadas

Objetivos pedagógicos

a) Descobrir regras ortográficas.
b) Utilizar conceitos já trabalhados.

O jogo

O jogo de palavras cruzadas já é conhecido de todos. Podemos utilizá-lo para trabalhar Ortografia e os conceitos que quisermos, basta selecionarmos as palavras mais interessantes para o assunto a ser trabalhado.

Para tal, é importante que o professor tenha em mente que o objetivo do jogo não é simplesmente ser divertido, mas que através dele conteúdos lingüísticos e psicológicos estão sendo trabalhados.

Pode ser também indicado como lição de casa que o aluno monte palavras cruzadas com determinada dificuldade ortográfica para que os colegas respondam. No dia seguinte todos trocam de jogos e um responde o do outro.

A montagem dos jogos exige raciocínio e capacidade de definição, dois elementos importantes de serem trabalhados. É interessante que na primeira vez, esta atividade seja realizada em sala de aula, para que o professor possa auxiliá-los nessa descoberta.

Soletrando

Objetivos pedagógicos

a) Trabalhar com a imagem mental da palavra.
b) Distinguir as noções de letra e nome da letra.

O jogo

O objetivo do jogo é conseguir soletrar a palavra corretamente.

1) O professor pede que os alunos pesquisem, em casa, palavras com uma determinada dificuldade ortográfica e tragam o jogo em classe. Por exemplo, palavras que tenham **R**, ou que tenham **X**, **CH**.
2) No dia seguinte, a classe deve ser dividida em equipes de 3 ou 4 elementos, que serão, daí por diante, chamados de aluno número 1, 2, 3, 4, em cada equipe.
3) O jogador número 1 escolhe uma de suas palavras e pede que o jogador número 2 a soletre, isto é, *deve escrever a palavra na cabeça e soletrá-la letra a letra, na seqüência certa*. Enquanto isso, o jogador número 1 (o que ditou a palavra) vai escrevendo cada letra ditada.
4) Quando o jogador número 2 termina de soletrar, o número 1 diz se ele acertou ou errou. Se o 2 acertou, ganha um ponto e dita uma palavra para o 3. Se o 2 errou, o número 1 avisa que está errado e pede que o jogador 3 soletre a palavra, e o ponto é dele (o número 3), caso acerte.
5) O jogo termina após terem sido ditadas todas as palavras selecionadas, ou após um tempo determinado, pelo professor ou combinado com a classe.

Jogo dos animais

Objetivos pedagógicos

a) Utilizar os conhecimentos gerados nas atividades de reflexão sobre uma determinada letra.
b) Trabalhar com a imagem mental das palavras.
c) Utilizar os processos mentais de classificação e seriação a uma situação ortográfica.

O jogo

O objetivo do jogo é que o aluno descubra como deve organizar letras móveis para formar as palavras que foram sugeridas através das dicas dadas na tabela.

O professor divide a classe em grupos de 4 elementos e entrega para cada grupo uma tabela como a que será mostrada mais adiante, junto com um montinho de letras coloridas já selecionadas para formar as palavras. Esse jogo pode ser feito com cartolina e canetinha hidrocor.

Organizada a classe, o professor dá as dicas do jogo. Exemplo: *Com essas letras dá para vocês montarem 9 palavras. Todas elas são nomes de animais. Todos os nomes têm a letra* ***H****.*

Dadas as dicas, o professor pede aos alunos que descubram e organizem as palavras na tabela, encontrando o lugar certo de cada uma.

Vence(m) o(s) grupo(s) que conseguir(em) organizar a tabela corretamente.

Veja um exemplo, no *Livro do Aluno,* atividade CAÇA-PALAVRAS COM **L**.

Bibliografia para pesquisa teórica

FERREIRO, Emilia. *Alfabetização em processo*. São Paulo, Cortez, 1986.

__________. *O texto: escrita e leitura*. Organização e revisão técnica da tradução: Charlotte Galves, Eni Pulcinelli Orlandi, Paulo Otoni. Campinas, Pontes, 1988.

__________ & TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1973.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. São Paulo, Contexto, 1991.

MACEDO, Lino de. *Ensaios construtivistas*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1994.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas, Pontes, 1987.

__________. *Discurso e leitura*. São Paulo, Cortez, 1988.

PIAGET, Jean. *A tomada de consciência*. Tradução de Edson Braga de Souza. São Paulo, Melhoramentos/Edusp, 1977.

__________. *Fazer e compreender*. Tradução de Cristina Larroudé de Paula Leite. São Paulo, Melhoramentos/Edusp, 1978.

__________ & INHELDER, Barbel. *A psicologia da criança*. Tradução de Otávio Mendes Campos. São Paulo, Difel, 1980.

Reportagem

Gênero textual jornalístico de caráter dissertativo-expositivo. Tem por objetivo informar e levar os fatos ao leitor de uma maneira clara, com linguagem direta.

Estrutura

→ ***Título ou manchete**:* formulado de forma a chamar a atenção e despertar o interesse dos receptores. Consiste, geralmente, em frases de efeito concisas.

→ ***Subtítulo ou título secundário**:* complementa o título principal e apresenta mais informações, ainda que breves, sobre o que será encontrado no texto. Esse elemento é facultativo.

→ ***Lide ou lead**:* primeiro parágrafo do texto no qual são apresentadas as principais informações da matéria. Devido ao caráter mais detalhado da reportagem, a lide não precisa responder todas as perguntas (O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê?)

→ ***Corpo do texto**:* é o desenvolvimento da reportagem. É o elemento do texto que vai reunir todas as informações adquiridas pelo repórter, como pesquisas, entrevistas, material gráfico, etc.

Características

→ Texto em primeira ou terceira pessoa;

→ Presença de títulos;

→ Temas sociais, políticos, econômicos;

→ Linguagem simples, clara e dinâmica;

→ Discurso direto e indireto;

→ Objetividade e subjetividade;

→ Linguagem formal;

→ Textos assinados pelo autor.

Tipos de Reportagem

→ ***Expositivas***: quando apenas apresentam os fatos de forma objetiva e imparcial.

→ ***Opinativas***: quando os fatos são apresentados em conjunto com o ponto de vista do repórter.

→ ***Interpretativa***: quando os fatos são analisados em conjunto com outros elementos, sugerindo uma determinada conclusão sobre o tema.

Observação

A reportagem não precisa ser estruturada no modelo de **pirâmide invertida**, em que os fatos mais relevantes são apresentados por primeiro, seguidos de suas explicações e desdobramentos.

C.Melo2020

PORTUGUÊS

Crase – Parte II

Prof.ª Isabel Vega

► CASOS ESPECIAIS EM QUE OCORRE A CRASE:

I) Em locuções com núcleos substantivos femininos.

Ex.:à caneta / a lápis
à gasolina / a álcool
à tinta / a óleo
à medida que

barco à vela
ensino à distância
venda à vista
à frente de

II) Antes de substantivos masculinos, quando estão subentendidas as palavras “moda” ou “faculdade” (ou empresa, escola e análogos).

Ex.: Ele escreve à Rui Barbosa. (à moda de Rui Barbosa)
O governo não fez concessões à Ford. (à fábrica Ford.)

III) Topônimos (nomes de lugar).

Só ocorrerá crase se o topônimo for antecedido de artigo a.

Ex.1: Vou à Itália. (Ir a + a Itália)
(Eu vim da Itália → da: preposição de + artigo a)

Ex.2: Vou a Portugal. (Ir a + Portugal)
(Vim de Portugal → de: só preposição)

IV) Antes da palavra CASA.

Quando tem a acepção de lar, morada e não vem acompanhada de algum termo restritivo ou modificador, a palavra casa não é antecedida de artigo.

Crase – Parte II

Ex.: Fui a casa apanhar os documentos do carro.
preposição

Uso informal:Fui em casa apanhar os documentos.
preposição

A palavra casa, porém, vem precedida de artigo quando significa edifício, prédio, estabelecimento comercial, dinastia, ou quando se refere a qualquer instituição ou sociedade.

Ex.: Fui à casa de Maria apanhar os documentos.
preposição a + artigo a

Uso informal: Fui na casa de Maria.
preposição em + artigo a

V) Antes do pronome relativo a qual.

Ex.: A menina à qual me refiro é muita estudiosa.
(referir-se a + a qual)

VI) Antes do pronome de tratamento senhora, que é acompanhado por artigo definido.

Ex.: Ele explicou o caso à senhora?
(explicar a + a senhora)

OBS.: Os pronomes de tratamento iniciados por pronomes possessivos não vêm antecedidos de artigos, portanto, **não ocorre** crase antes deles.

Ex.: Ele explicou o caso a Vossa Excelência?

VII) Antes da palavra TERRA

A palavra **terra**, na maioria das suas acepções, pode vir precedida do artigo **a**.

Ex.1: Voltou **à** terra onde nascera.
(Voltar a + a terra)

Ex.2: O agricultor tem apego **à** terra.
(apego a + a terra)

Quando, porém, a palavra **terra** opõe-se à palavra bordo, é considerada indeterminada, e não admite artigo nem crase.

Ex.: Logo que o navio aportou, os marinheiros desceram **a terra**.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ARTIGO

1. DEFINIÇÃO

É a classe de palavra variável que, anteposta ao substantivo, determina-o ou indetermina-o. O artigo, portanto, interfere na extensão semântica do substantivo.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ARTIGO

Exemplos:

* Por favor, pegue um livro para estudar.

* Por favor, pegue o livro para estudar.

* Ele gosta de fruta.

* Ele gosta da fruta.

Português – começando do ZERO

CLASSIFICAÇÃO DOS ARTIGOS

	MASCULINOS		FEMININOS	
	SINGULAR	**PLURAL**	**SINGULAR**	**PLURAL**
ARTIGOS DEFINIDOS	**O**	**OS**	**A**	**AS**
ARTIGOS INDEFINIDOS	**UM**	**UNS**	**UMA**	**UMAS**

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ARTIGO

Emprego dos artigos definidos

Regra principal:

Em geral, usa-se o artigo definido com os substantivos tomados em sentido determinado, isto é, que tenham qualquer caracterização clara ou implícita.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ARTIGO

Emprego dos artigos definidos

* **As** ruas daquela cidade estavam repletas de panfletos **do** candidato adversário.

* "João Romão foi, **dos** treze **aos** vinte e cinco anos, empregado de um vendeiro que enriqueceu entre **as** quatro paredes de uma suja e obscura taverna **nos** refolhos do bairro **do** Botafogo." (Aluísio Azevedo)

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ARTIGO

Empregos particulares do artigo definido

1. Emprega-se o artigo definido antes de nomes próprios de países, regiões, continentes, mares, ilhas, desertos, montes, vulcões, rios, oceanos, lagos, arquipélagos.

* o Paquistão
* os Alpes
* as Malvinas (ilhas)
* o Kilauea (vulcão)
* o Brasil
* o Atlântico (oceano)
* o Atacama (deserto)
* o Ártico

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ARTIGO

Empregos particulares do artigo definido

2. Emprega-se o artigo definido antes de nomes indicadores de ideias abstratas, como "virtudes e vícios, faculdades e operações da alma, das ciências e das artes".

* Ele sempre amou **a** justiça.

* Ele sempre buscou **a** arquitetura.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ARTIGO

Empregos particulares do artigo definido

3. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de idiomas.

* Ele fala muito bem o inglês.

* Ainda não domino o alemão.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ARTIGO

Empregos particulares do artigo definido

4. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de designam, no singular ou no plural, espécies e gêneros.

* **O** homem é o único ser racional do planeta.

* **As** orquídeas valem muito no mercado externo.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ARTIGO

Empregos particulares do artigo definido

5. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de pessoas quando são usados no trato familiar para indicar afetividade, quando significam membros da mesma família ou quando tais nomes vêm precedidos de qualificativos.

* **O** Marcos arrebentou na prova de Química.

* Ainda não falamos com **o** Antônio sobre o problema.

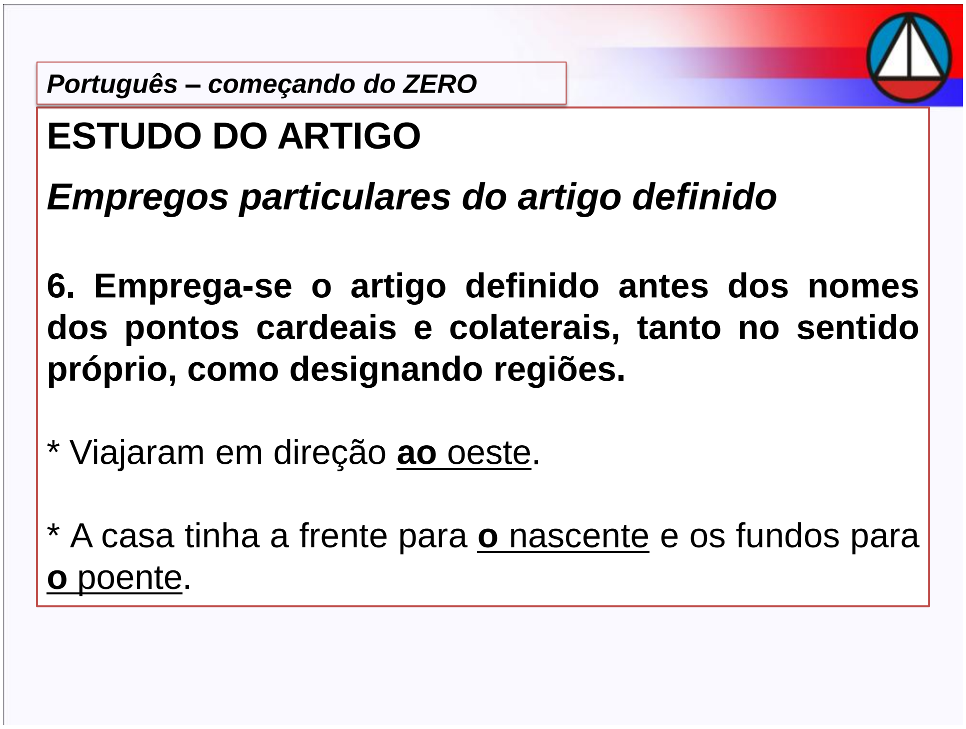

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ARTIGO

Empregos particulares do artigo definido

6. Emprega-se o artigo definido antes dos nomes dos pontos cardeais e colaterais, tanto no sentido próprio, como designando regiões.

* Viajaram em direção **ao** oeste.

* A casa tinha a frente para **o** nascente e os fundos para **o** poente.

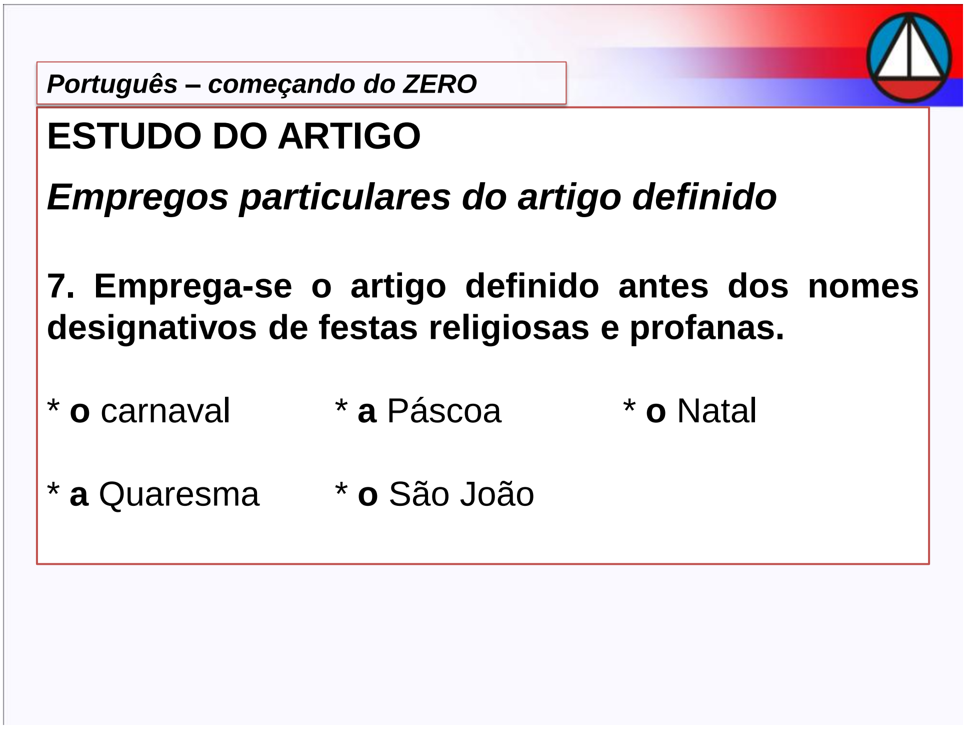

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ARTIGO

Empregos particulares do artigo definido

7. Emprega-se o artigo definido antes dos nomes designativos de festas religiosas e profanas.

* **o** carnaval

* **a** Páscoa

* **o** Natal

* **a** Quaresma

* **o** São João

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ARTIGO

Empregos particulares do artigo definido

8. É facultativo o emprego do artigo definido antes de pronomes possessivos adjetivos.

* seu livro / o seu livro

* nossas considerações / as nossas considerações

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ARTIGO

Empregos particulares do artigo definido

9. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de sentidos opostos (antíteses):

* Sr. João ficou entre **a** vida e **a** morte.

* Tudo que nasce na terra **o** sol e **a** chuva criam.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ARTIGO

Empregos particulares do artigo definido

Não se emprega o artigo definido

1. Antes de vocativos:

- Vós, **poderoso rei**, bem sabeis a importância de vossas decisões.

2. Em provérbios, máximas, adágios e definições:

* **Palavra** de rei não volta atrás.

* **Galinha** de olho torto procura **poleiro** cedo.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ARTIGO

Empregos particulares do artigo definido

Não se emprega o artigo definido

3. Entre o pronome relativo "cujo" e suas flexões e o substantivo posposto.

* Adquirimos dois livros **cujas capas** são de madeira.

4. Antes da palavra "casa" quando não acompanhada de determinante:

* Vim **de casa**.
* Passei **em casa** na parte da manhã.

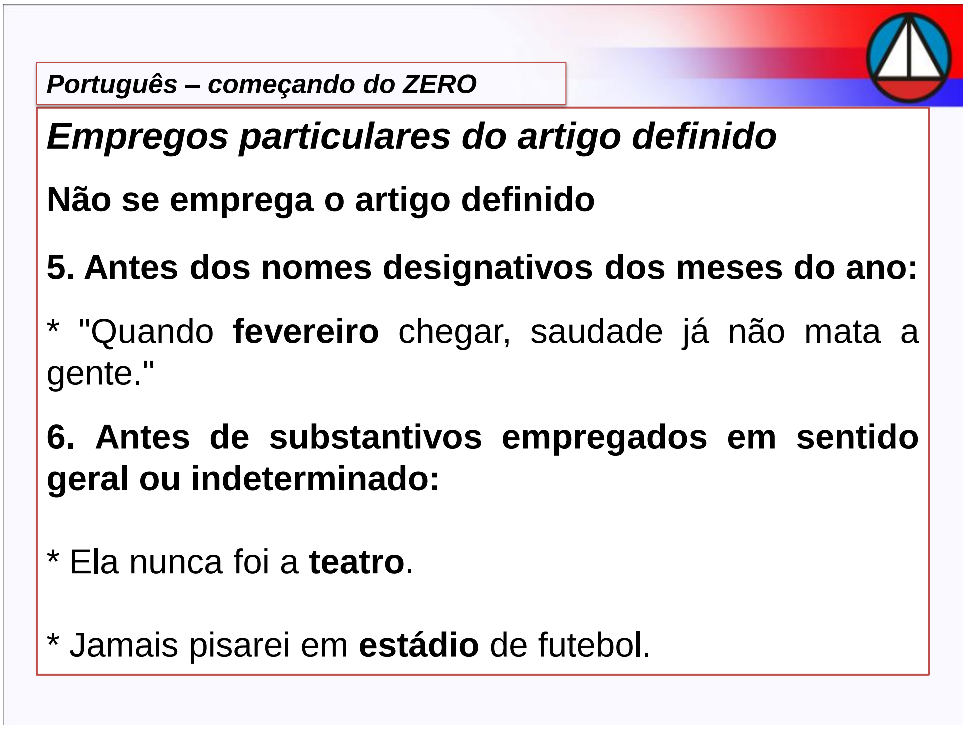

Português – começando do ZERO

Empregos particulares do artigo definido

Não se emprega o artigo definido

5. Antes dos nomes designativos dos meses do ano:

* "Quando **fevereiro** chegar, saudade já não mata a gente."

6. Antes de substantivos empregados em sentido geral ou indeterminado:

* Ela nunca foi a **teatro**.

* Jamais pisarei em **estádio** de futebol.

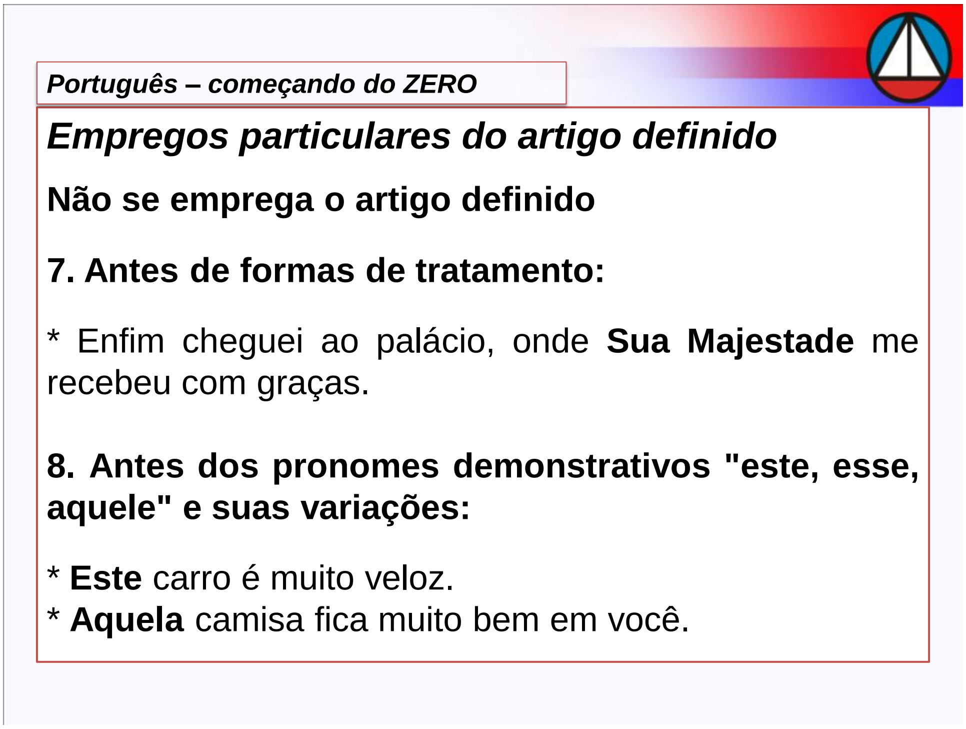

Português – começando do ZERO

Empregos particulares do artigo definido

Não se emprega o artigo definido

7. Antes de formas de tratamento:

* Enfim cheguei ao palácio, onde **Sua Majestade** me recebeu com graças.

8. Antes dos pronomes demonstrativos "este, esse, aquele" e suas variações:

* **Este** carro é muito veloz.
* **Aquela** camisa fica muito bem em você.

Português – começando do ZERO

Empregos particulares do artigo definido

Observação:

Não se contrai a preposição com o artigo quando este anteceder títulos de obras artísticas, de obras literárias, de jornais, de periódicos etc. Veja:

* Lemos isto em “O Estado de São Paulo”.

* Ele fará uma análise de “Os Lusíadas”.

Português – começando do ZERO

Empregos particulares dos artigos indefinidos

Regra principal:

Em geral, usa-se o artigo indefinido antes dos nomes tomados em sentido vago e indeterminado.

* "Levou Deus **um** dia em espírito ao Profeta Ezequiel a Jerusalém, e o que viu o Profeta foi **uma** parede ou fachada em que estava **um** ídolo do zêlo."

* " O presbítero Eurico era o pastor da pobre paróquia de Cartéia. Descendente de **uma** antiga família bárbara.”

Português – começando do ZERO

Empregos particulares dos artigos indefinidos

1. Não se deve empregar artigo indefinido antes do adjetivo "outro":

* Deve haver outro governo melhor do que este.

2. Por questão de estilo, deve-se evitar o emprego do artigo indefinido antes de apostos explicativos:

* "Recife, cidade de Pernambuco, é considerada a "Veneza brasileira".

Português – começando do ZERO

Empregos particulares dos artigos indefinidos

3. Pode-se antepor o artigo indefinido a um numeral cardinal para indicar aproximação numérica:

* Faz **uns** três anos que ela não dá notícias.

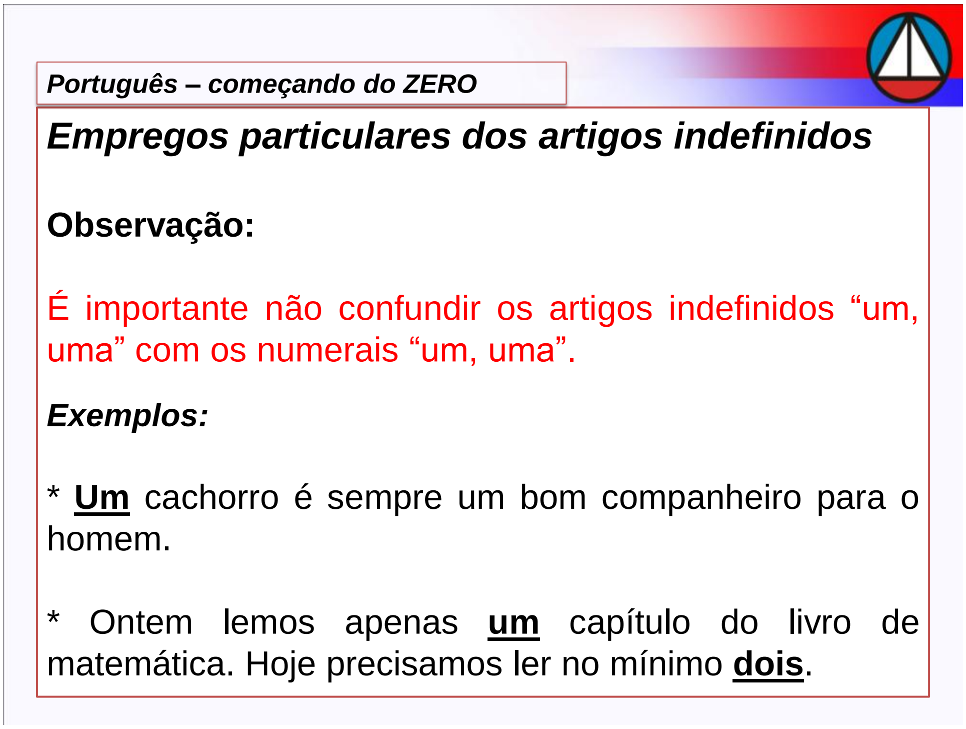

Português – começando do ZERO

Empregos particulares dos artigos indefinidos

Observação:

É importante não confundir os artigos indefinidos “um, uma” com os numerais “um, uma”.

Exemplos:

* **Um** cachorro é sempre um bom companheiro para o homem.

* Ontem lemos apenas **um** capítulo do livro de matemática. Hoje precisamos ler no mínimo **dois**.

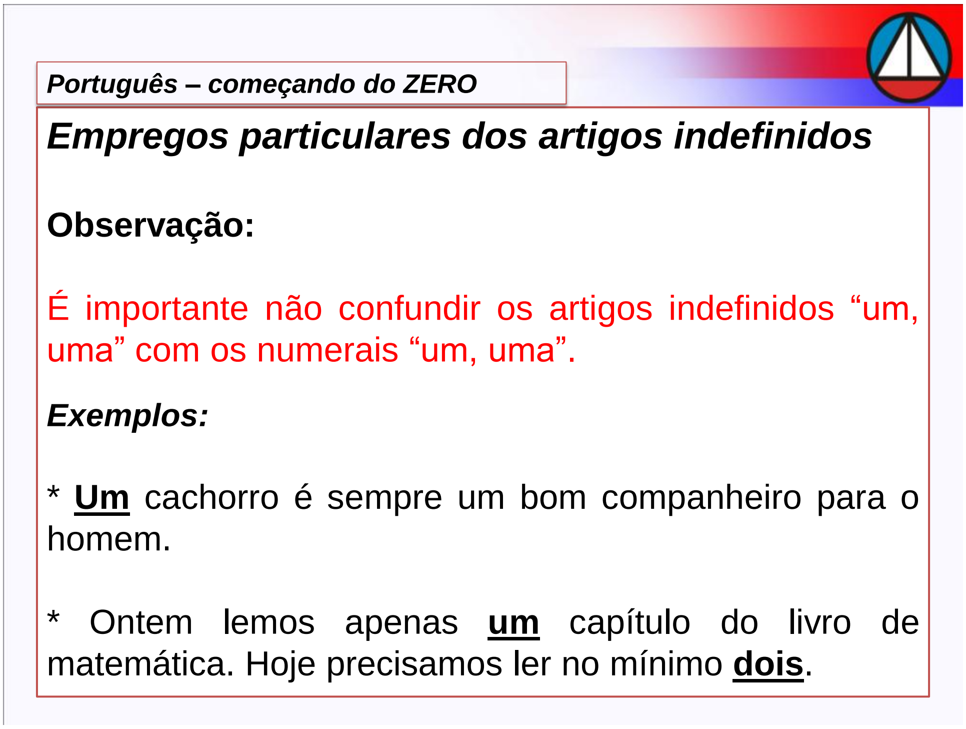

Português – começando do ZERO

Empregos particulares dos artigos indefinidos

Observação:

É importante não confundir os artigos indefinidos “um, uma” com os numerais “um, uma”.

Exemplos:

* **Um** cachorro é sempre um bom companheiro para o homem.

* Ontem lemos apenas **um** capítulo do livro de matemática. Hoje precisamos ler no mínimo **dois**.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO NUMERAL

1. DEFINIÇÃO

É a palavra variável que, acompanhando ou substituindo o substantivo, transmite uma noção de quantidade ou de ordem numérica.

* **Dois terços** do Congresso Nacional votaram contra a medida.

* João foi aprovado em **centésimo quinquagésimo lugar**.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO NUMERAL

Considerações iniciais sobre os numerais

1. Os numerais geralmente são termos adjetivos, ou seja, acompanham o substantivo em função de adjunto adnominal. Daí serem também chamados de "numerais adjetivos". Quando assumem a posição do substantivo, são denominados de "numerais substantivos", à semelhança dos pronomes.

* No encontro havia **dois** mestres em Direito Constitucional.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO NUMERAL

Classificação dos numerais

De acordo com as suas funções, os numerais são classificados em:

a) cardinais
b) ordinais
c) fracionários
d) multiplicativos
e) coletivos

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO NUMERAL

Regras gerais para o emprego dos numerais

1. Empregam-se os cardinais para a designação de datas e horas, como também para designar capítulos, parágrafos, folhas ou quaisquer divisões de uma obra.

* Recife, 23 de junho de 2008.

* Em São Paulo, são 23h38min.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO NUMERAL

Regras gerais para o emprego dos numerais

Observações:

a) Pode-se dizer corretamente: a páginas 25 ou na página 25; 14 de janeiro, a 14 de janeiro, em 14 de janeiro ou aos 14 de janeiro.

b) Como já se disse, na computação dos dias dos meses empregam-se os numerais cardinais à exceção do primeiro dia de cada mês, para o qual se emprega o ordinal: primeiro de abril, primeiro de setembro etc.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO NUMERAL

Regras gerais para o emprego dos numerais

2. Em alguns contextos, os cardinais são empregados em sentido indefinido.

* Preciso lhe dizer **duas** palavras. (duas = algumas)

* Já lhe disse isso **mil** vezes. (mil = várias)

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO NUMERAL

Regras gerais para o emprego dos numerais

3. "Ambos" e "ambas" são considerados numerais duais, pois sempre se referem a um par de coisas ou de pessoas. Logo, "ambos os dois", "ambos de dois" são expressões pleonásticas e devem ser evitadas em linguagem formal.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO NUMERAL

Regras gerais para o emprego dos numerais

4. Na designação de reis, papas, soberanos, séculos e partes de uma obra (capítulos, tomos etc), empregam-se os ordinais até o dez e os cardinais daí por diante. Se o numeral anteceder o substantivo, empregam-se os ordinais.

* Século **sexto**

* Capítulo **segundo**

* João **vinte e três**

* Século **vinte e um**

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO NUMERAL

Regras gerais para o emprego dos numerais

5. Na designação de artigos de leis, decretos, portarias, regulamentos etc, usam-se os ordinais até nove e os cardinais de dez em diante. Se o numeral vier anteposto, empregam-se os ordinais.

* artigo **segundo**	* inciso **quarto**
* parágrafo **nono**	* artigo **vinte e três**
* inciso **catorze**	* parágrafo **doze**

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO NUMERAL

Regras gerais para o emprego dos numerais

6. Ao lado das grafias “bilhão”, “trilhão” e “quatrilhão”, existem as menos usuais, mas igualmente corretas, “bilião”, “trilião” e “quatrilião”. Esses numerais não apresentam flexão de gênero – apresentam-se tão-somente sob a forma masculina.

* Ninguém conseguiu acertar todas as questões dentre os 15 milhões de pessoas participantes.

ESTUDO DO ARTIGO

1. DEFINIÇÃO

É a classe de palavra variável que, anteposta ao substantivo, determina-o ou indetermina-o. O artigo, portanto, interfere na extensão semântica do substantivo.

ESTUDO DO ARTIGO

Exemplos:

* Por favor, pegue um livro para estudar.

* Por favor, pegue o livro para estudar.

* Ele gosta de fruta.

* Ele gosta da fruta.

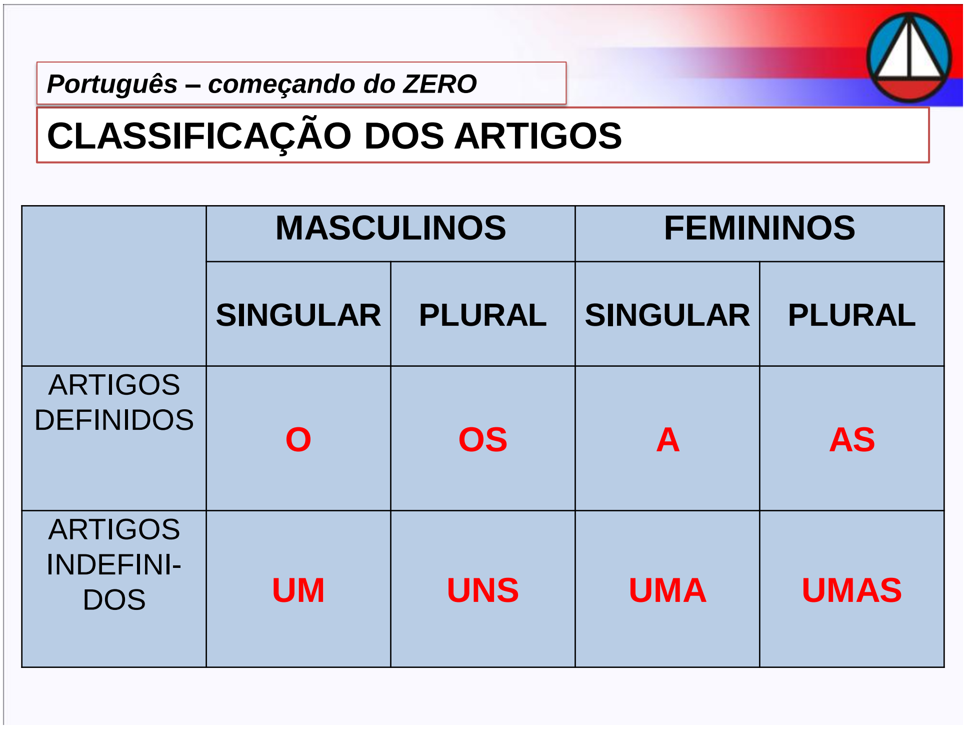

Português – começando do ZERO

CLASSIFICAÇÃO DOS ARTIGOS

	MASCULINOS		FEMININOS	
	SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
ARTIGOS DEFINIDOS	O	OS	A	AS
ARTIGOS INDEFINIDOS	UM	UNS	UMA	UMAS

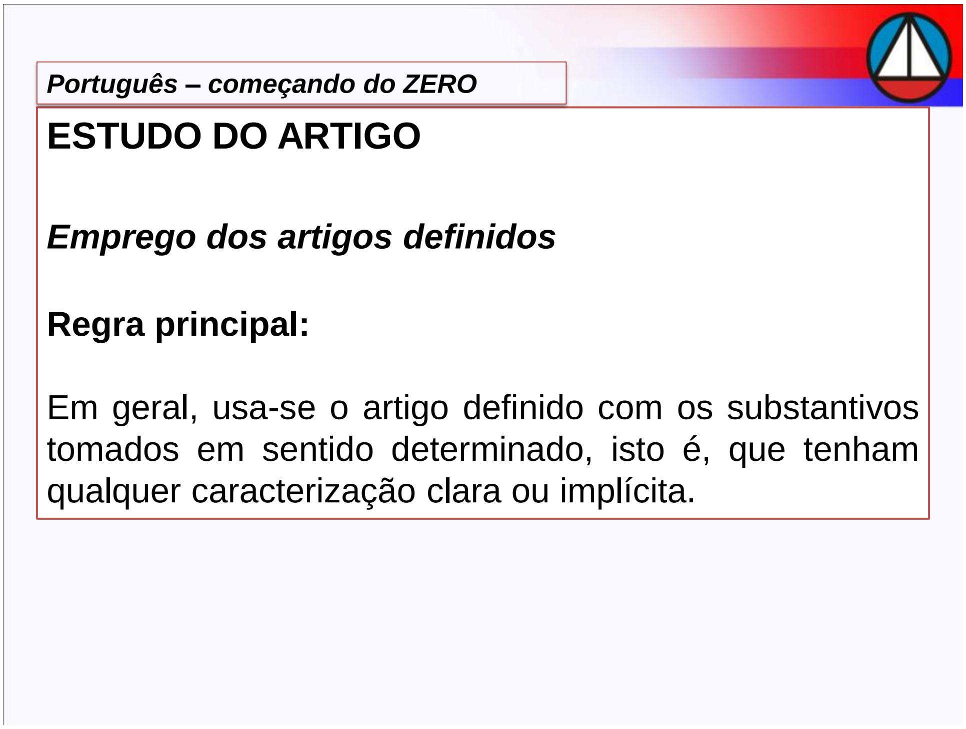

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ARTIGO

Emprego dos artigos definidos

Regra principal:

Em geral, usa-se o artigo definido com os substantivos tomados em sentido determinado, isto é, que tenham qualquer caracterização clara ou implícita.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ARTIGO

Emprego dos artigos definidos

* **As** ruas daquela cidade estavam repletas de panfletos **do** candidato adversário.

* "João Romão foi, **dos** treze **aos** vinte e cinco anos, empregado de um vendeiro que enriqueceu entre **as** quatro paredes de uma suja e obscura taverna **nos** refolhos do bairro **do** Botafogo." (Aluísio Azevedo)

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ARTIGO

Empregos particulares do artigo definido

1. Emprega-se o artigo definido antes de nomes próprios de países, regiões, continentes, mares, ilhas, desertos, montes, vulcões, rios, oceanos, lagos, arquipélagos.

* o Paquistão
* os Alpes
* as Malvinas (ilhas)
* o Kilauea (vulcão)
* o Brasil
* o Atlântico (oceano)
* o Atacama (deserto)
* o Ártico

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ARTIGO

Empregos particulares do artigo definido

2. Emprega-se o artigo definido antes de nomes indicadores de ideias abstratas, como "virtudes e vícios, faculdades e operações da alma, das ciências e das artes".

* Ele sempre amou **a** justiça.

* Ele sempre buscou **a** arquitetura.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ARTIGO

Empregos particulares do artigo definido

3. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de idiomas.

* Ele fala muito bem o inglês.

* Ainda não domino o alemão.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ARTIGO

Empregos particulares do artigo definido

4. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de designam, no singular ou no plural, espécies e gêneros.

* **O** homem é o único ser racional do planeta.

* **As** orquídeas valem muito no mercado externo.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ARTIGO

Empregos particulares do artigo definido

5. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de pessoas quando são usados no trato familiar para indicar afetividade, quando significam membros da mesma família ou quando tais nomes vêm precedidos de qualificativos.

* **O** Marcos arrebentou na prova de Química.

* Ainda não falamos com **o** Antônio sobre o problema.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ARTIGO

Empregos particulares do artigo definido

6. Emprega-se o artigo definido antes dos nomes dos pontos cardeais e colaterais, tanto no sentido próprio, como designando regiões.

* Viajaram em direção **ao** oeste.

* A casa tinha a frente para **o** nascente e os fundos para **o** poente.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ARTIGO

Empregos particulares do artigo definido

7. Emprega-se o artigo definido antes dos nomes designativos de festas religiosas e profanas.

* **o** carnaval
* **a** Páscoa
* **o** Natal

* **a** Quaresma
* **o** São João

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ARTIGO

Empregos particulares do artigo definido

8. É facultativo o emprego do artigo definido antes de pronomes possessivos adjetivos.

* seu livro / o seu livro

* nossas considerações / as nossas considerações

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ARTIGO

Empregos particulares do artigo definido

9. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de sentidos opostos (antíteses):

* Sr. João ficou entre **a** vida e **a** morte.

* Tudo que nasce na terra **o** sol e **a** chuva criam.

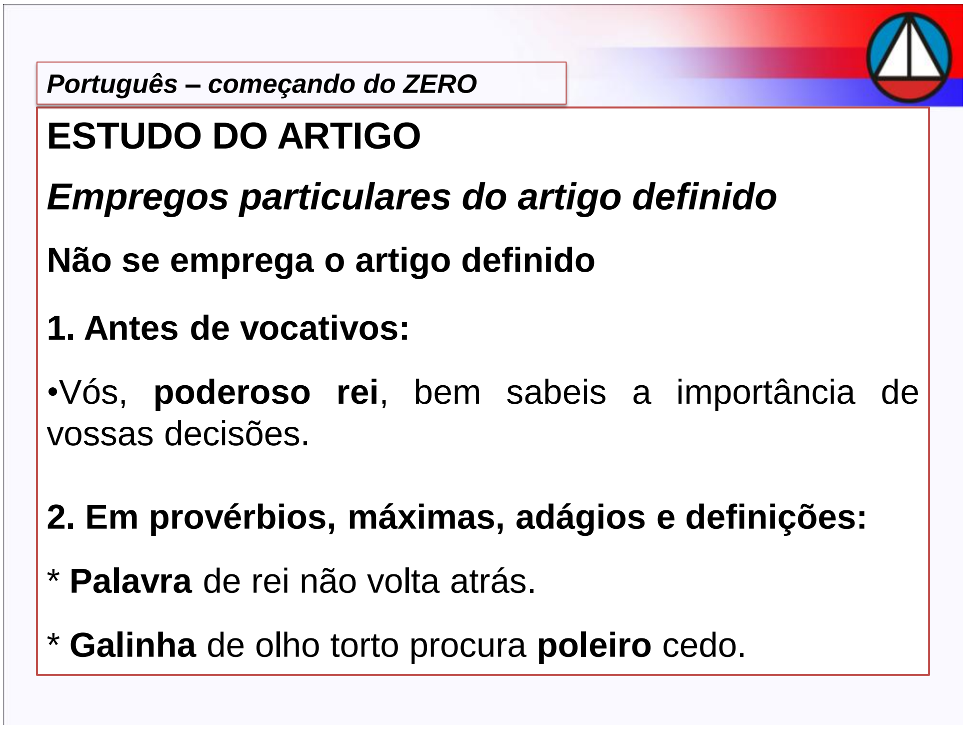

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ARTIGO

Empregos particulares do artigo definido

Não se emprega o artigo definido

1. Antes de vocativos:

•Vós, **poderoso rei**, bem sabeis a importância de vossas decisões.

2. Em provérbios, máximas, adágios e definições:

* **Palavra** de rei não volta atrás.

* **Galinha** de olho torto procura **poleiro** cedo.

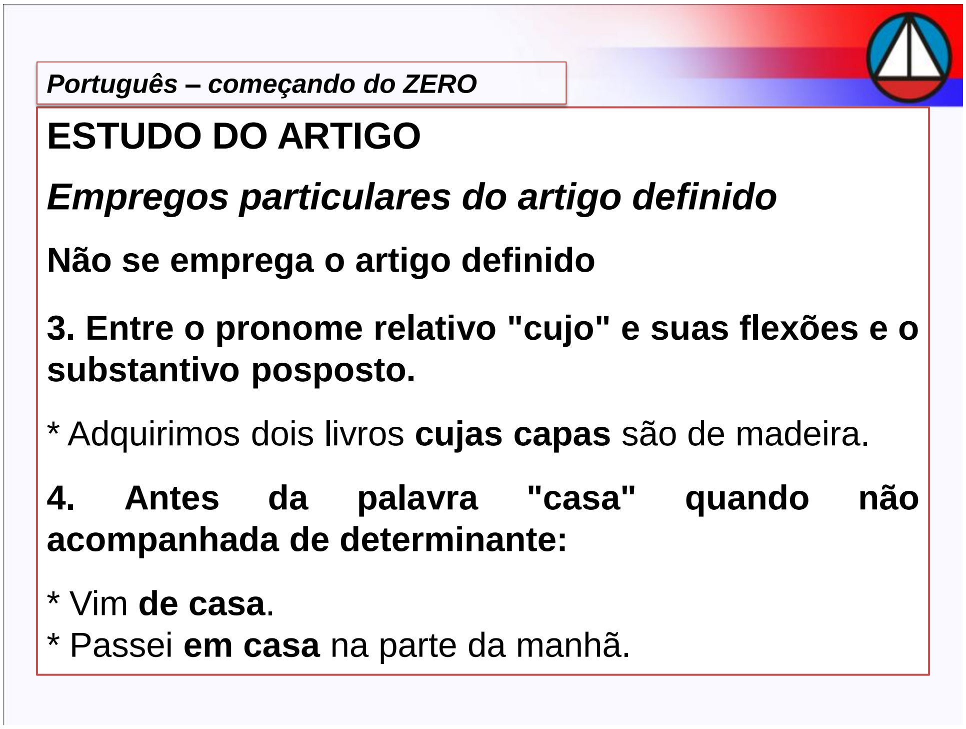

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ARTIGO

Empregos particulares do artigo definido

Não se emprega o artigo definido

3. Entre o pronome relativo "cujo" e suas flexões e o substantivo posposto.

* Adquirimos dois livros **cujas capas** são de madeira.

4. Antes da palavra "casa" quando não acompanhada de determinante:

* Vim **de casa**.
* Passei **em casa** na parte da manhã.

Português – começando do ZERO

Empregos particulares do artigo definido

Não se emprega o artigo definido

5. Antes dos nomes designativos dos meses do ano:

* "Quando **fevereiro** chegar, saudade já não mata a gente."

6. Antes de substantivos empregados em sentido geral ou indeterminado:

* Ela nunca foi a **teatro**.

* Jamais pisarei em **estádio** de futebol.

Português – começando do ZERO

Empregos particulares do artigo definido

Não se emprega o artigo definido

7. Antes de formas de tratamento:

* Enfim cheguei ao palácio, onde **Sua Majestade** me recebeu com graças.

8. Antes dos pronomes demonstrativos "este, esse, aquele" e suas variações:

* **Este** carro é muito veloz.
* **Aquela** camisa fica muito bem em você.

Português – começando do ZERO

Empregos particulares do artigo definido

Observação:

Não se contrai a preposição com o artigo quando este anteceder títulos de obras artísticas, de obras literárias, de jornais, de periódicos etc. Veja:

* Lemos isto em “O Estado de São Paulo”.

* Ele fará uma análise de “Os Lusíadas”.

Português – começando do ZERO

Empregos particulares dos artigos indefinidos

Regra principal:

Em geral, usa-se o artigo indefinido antes dos nomes tomados em sentido vago e indeterminado.

* "Levou Deus **um** dia em espírito ao Profeta Ezequiel a Jerusalém, e o que viu o Profeta foi **uma** parede ou fachada em que estava **um** ídolo do zêlo."

* " O presbítero Eurico era o pastor da pobre paróquia de Cartéia. Descendente de **uma** antiga família bárbara.”

Português – começando do ZERO

Empregos particulares dos artigos indefinidos

1. Não se deve empregar artigo indefinido antes do adjetivo "outro":

* Deve haver outro governo melhor do que este.

2. Por questão de estilo, deve-se evitar o emprego do artigo indefinido antes de apostos explicativos:

* "Recife, cidade de Pernambuco, é considerada a "Veneza brasileira".

Português – começando do ZERO

Empregos particulares dos artigos indefinidos

3. Pode-se antepor o artigo indefinido a um numeral cardinal para indicar aproximação numérica:

* Faz **uns** três anos que ela não dá notícias.

Português – começando do ZERO

Empregos particulares dos artigos indefinidos

Observação:

É importante não confundir os artigos indefinidos “um, uma” com os numerais “um, uma”.

Exemplos:

* **Um** cachorro é sempre um bom companheiro para o homem.

* Ontem lemos apenas **um** capítulo do livro de matemática. Hoje precisamos ler no mínimo **dois**.

Português – começando do ZERO

Empregos particulares dos artigos indefinidos

Observação:

É importante não confundir os artigos indefinidos “um, uma” com os numerais “um, uma”.

Exemplos:

* **Um** cachorro é sempre um bom companheiro para o homem.

* Ontem lemos apenas **um** capítulo do livro de matemática. Hoje precisamos ler no mínimo **dois**.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO NUMERAL

1. DEFINIÇÃO

É a palavra variável que, acompanhando ou substituindo o substantivo, transmite uma noção de quantidade ou de ordem numérica.

* **Dois terços** do Congresso Nacional votaram contra a medida.

* João foi aprovado em **centésimo quinquagésimo lugar**.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO NUMERAL

Considerações iniciais sobre os numerais

1. Os numerais geralmente são termos adjetivos, ou seja, acompanham o substantivo em função de adjunto adnominal. Daí serem também chamados de "numerais adjetivos". Quando assumem a posição do substantivo, são denominados de "numerais substantivos", à semelhança dos pronomes.

* No encontro havia **dois** mestres em Direito Constitucional.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO NUMERAL

Classificação dos numerais

De acordo com as suas funções, os numerais são classificados em:

a) cardinais
b) ordinais
c) fracionários
d) multiplicativos
e) coletivos

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO NUMERAL

Regras gerais para o emprego dos numerais

1. Empregam-se os cardinais para a designação de datas e horas, como também para designar capítulos, parágrafos, folhas ou quaisquer divisões de uma obra.

* Recife, 23 de junho de 2008.

* Em São Paulo, são 23h38min.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO NUMERAL

Regras gerais para o emprego dos numerais

Observações:

a) Pode-se dizer corretamente: a páginas 25 ou na página 25; 14 de janeiro, a 14 de janeiro, em 14 de janeiro ou aos 14 de janeiro.

b) Como já se disse, na computação dos dias dos meses empregam-se os numerais cardinais à exceção do primeiro dia de cada mês, para o qual se emprega o ordinal: primeiro de abril, primeiro de setembro etc.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO NUMERAL

Regras gerais para o emprego dos numerais

2. Em alguns contextos, os cardinais são empregados em sentido indefinido.

* Preciso lhe dizer **duas** palavras. (duas = algumas)

* Já lhe disse isso **mil** vezes. (mil = várias)

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO NUMERAL

Regras gerais para o emprego dos numerais

3. "Ambos" e "ambas" são considerados numerais duais, pois sempre se referem a um par de coisas ou de pessoas. Logo, "ambos os dois", "ambos de dois" são expressões pleonásticas e devem ser evitadas em linguagem formal.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO NUMERAL

Regras gerais para o emprego dos numerais

4. Na designação de reis, papas, soberanos, séculos e partes de uma obra (capítulos, tomos etc), empregam-se os ordinais até o dez e os cardinais daí por diante. Se o numeral anteceder o substantivo, empregam-se os ordinais.

* Século **sexto**
* Capítulo **segundo**
* João **vinte e três**
* Século **vinte e um**

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO NUMERAL

Regras gerais para o emprego dos numerais

5. Na designação de artigos de leis, decretos, portarias, regulamentos etc, usam-se os ordinais até nove e os cardinais de dez em diante. Se o numeral vier anteposto, empregam-se os ordinais.

* artigo **segundo**

* parágrafo **nono**

* inciso **catorze**

* inciso **quarto**

* artigo **vinte e três**

* parágrafo **doze**

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO NUMERAL

Regras gerais para o emprego dos numerais

6. Ao lado das grafias “bilhão”, “trilhão” e “quatrilhão”, existem as menos usuais, mas igualmente corretas, “bilião”, “trilião” e “quatrilião”. Esses numerais não apresentam flexão de gênero – apresentam-se tão-somente sob a forma masculina.

* Ninguém conseguiu acertar todas as questões dentre os 15 milhões de pessoas participantes.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ARTIGO

1. DEFINIÇÃO

É a classe de palavra variável que, anteposta ao substantivo, determina-o ou indetermina-o. O artigo, portanto, interfere na extensão semântica do substantivo.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ARTIGO

Exemplos:

* Por favor, pegue um livro para estudar.

* Por favor, pegue o livro para estudar.

* Ele gosta de fruta.

* Ele gosta da fruta.

Português – começando do ZERO

CLASSIFICAÇÃO DOS ARTIGOS

	MASCULINOS		FEMININOS	
	SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
ARTIGOS DEFINIDOS	O	OS	A	AS
ARTIGOS INDEFINIDOS	UM	UNS	UMA	UMAS

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ARTIGO

Emprego dos artigos definidos

Regra principal:

Em geral, usa-se o artigo definido com os substantivos tomados em sentido determinado, isto é, que tenham qualquer caracterização clara ou implícita.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ARTIGO

Emprego dos artigos definidos

* **As** ruas daquela cidade estavam repletas de panfletos **do** candidato adversário.

* "João Romão foi, **dos** treze **aos** vinte e cinco anos, empregado de um vendeiro que enriqueceu entre **as** quatro paredes de uma suja e obscura taverna **nos** refolhos do bairro **do** Botafogo." (Aluísio Azevedo)

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ARTIGO

Empregos particulares do artigo definido

1. Emprega-se o artigo definido antes de nomes próprios de países, regiões, continentes, mares, ilhas, desertos, montes, vulcões, rios, oceanos, lagos, arquipélagos.

* o Paquistão
* os Alpes
* as Malvinas (ilhas)
* o Kilauea (vulcão)
* o Brasil
* o Atlântico (oceano)
* o Atacama (deserto)
* o Ártico

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ARTIGO

Empregos particulares do artigo definido

2. Emprega-se o artigo definido antes de nomes indicadores de ideias abstratas, como "virtudes e vícios, faculdades e operações da alma, das ciências e das artes".

* Ele sempre amou **a** justiça.

* Ele sempre buscou **a** arquitetura.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ARTIGO

Empregos particulares do artigo definido

3. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de idiomas.

* Ele fala muito bem o inglês.

* Ainda não domino o alemão.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ARTIGO

Empregos particulares do artigo definido

4. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de designam, no singular ou no plural, espécies e gêneros.

* **O** homem é o único ser racional do planeta.

* **As** orquídeas valem muito no mercado externo.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ARTIGO

Empregos particulares do artigo definido

5. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de pessoas quando são usados no trato familiar para indicar afetividade, quando significam membros da mesma família ou quando tais nomes vêm precedidos de qualificativos.

* **O** Marcos arrebentou na prova de Química.

* Ainda não falamos com **o** Antônio sobre o problema.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ARTIGO

Empregos particulares do artigo definido

6. Emprega-se o artigo definido antes dos nomes dos pontos cardeais e colaterais, tanto no sentido próprio, como designando regiões.

* Viajaram em direção **ao** oeste.

* A casa tinha a frente para **o** nascente e os fundos para **o** poente.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ARTIGO

Empregos particulares do artigo definido

7. Emprega-se o artigo definido antes dos nomes designativos de festas religiosas e profanas.

* **o** carnaval
* **a** Páscoa
* **o** Natal

* **a** Quaresma
* **o** São João

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ARTIGO

Empregos particulares do artigo definido

8. É facultativo o emprego do artigo definido antes de pronomes possessivos adjetivos.

* seu livro / o seu livro

* nossas considerações / as nossas considerações

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ARTIGO

Empregos particulares do artigo definido

9. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de sentidos opostos (antíteses):

* Sr. João ficou entre **a** vida e **a** morte.

* Tudo que nasce na terra **o** sol e **a** chuva criam.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ARTIGO

Empregos particulares do artigo definido

Não se emprega o artigo definido

1. Antes de vocativos:

•Vós, **poderoso rei**, bem sabeis a importância de vossas decisões.

2. Em provérbios, máximas, adágios e definições:

* **Palavra** de rei não volta atrás.

* **Galinha** de olho torto procura **poleiro** cedo.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO ARTIGO

Empregos particulares do artigo definido

Não se emprega o artigo definido

3. Entre o pronome relativo "cujo" e suas flexões e o substantivo posposto.

* Adquirimos dois livros **cujas capas** são de madeira.

4. Antes da palavra "casa" quando não acompanhada de determinante:

* Vim **de casa**.
* Passei **em casa** na parte da manhã.

Português – começando do ZERO

Empregos particulares do artigo definido

Não se emprega o artigo definido

5. Antes dos nomes designativos dos meses do ano:

* "Quando **fevereiro** chegar, saudade já não mata a gente."

6. Antes de substantivos empregados em sentido geral ou indeterminado:

* Ela nunca foi a **teatro**.

* Jamais pisarei em **estádio** de futebol.

Português – começando do ZERO

Empregos particulares do artigo definido

Não se emprega o artigo definido

7. Antes de formas de tratamento:

* Enfim cheguei ao palácio, onde **Sua Majestade** me recebeu com graças.

8. Antes dos pronomes demonstrativos "este, esse, aquele" e suas variações:

* **Este** carro é muito veloz.
* **Aquela** camisa fica muito bem em você.

Português – começando do ZERO

Empregos particulares do artigo definido

Observação:

Não se contrai a preposição com o artigo quando este anteceder títulos de obras artísticas, de obras literárias, de jornais, de periódicos etc. Veja:

* Lemos isto em “O Estado de São Paulo”.

* Ele fará uma análise de “Os Lusíadas”.

Português – começando do ZERO

Empregos particulares dos artigos indefinidos

Regra principal:

Em geral, usa-se o artigo indefinido antes dos nomes tomados em sentido vago e indeterminado.

* "Levou Deus **um** dia em espírito ao Profeta Ezequiel a Jerusalém, e o que viu o Profeta foi **uma** parede ou fachada em que estava **um** ídolo do zêlo."

* " O presbítero Eurico era o pastor da pobre paróquia de Cartéia. Descendente de **uma** antiga família bárbara.”

Português – começando do ZERO

Empregos particulares dos artigos indefinidos

1. Não se deve empregar artigo indefinido antes do adjetivo "outro":

* Deve haver outro governo melhor do que este.

2. Por questão de estilo, deve-se evitar o emprego do artigo indefinido antes de apostos explicativos:

* "Recife, cidade de Pernambuco, é considerada a "Veneza brasileira".

Português – começando do ZERO

Empregos particulares dos artigos indefinidos

3. Pode-se antepor o artigo indefinido a um numeral cardinal para indicar aproximação numérica:

* Faz **uns** três anos que ela não dá notícias.

Português – começando do ZERO

Empregos particulares dos artigos indefinidos

Observação:

É importante não confundir os artigos indefinidos “um, uma” com os numerais “um, uma”.

Exemplos:

* **Um** cachorro é sempre um bom companheiro para o homem.

* Ontem lemos apenas **um** capítulo do livro de matemática. Hoje precisamos ler no mínimo **dois**.

Português – começando do ZERO

Empregos particulares dos artigos indefinidos

Observação:

É importante não confundir os artigos indefinidos “um, uma” com os numerais “um, uma”.

Exemplos:

* **Um** cachorro é sempre um bom companheiro para o homem.

* Ontem lemos apenas **um** capítulo do livro de matemática. Hoje precisamos ler no mínimo **dois**.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO NUMERAL

1. DEFINIÇÃO

É a palavra variável que, acompanhando ou substituindo o substantivo, transmite uma noção de quantidade ou de ordem numérica.

* **Dois terços** do Congresso Nacional votaram contra a medida.

* João foi aprovado em **centésimo quinquagésimo lugar**.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO NUMERAL

Considerações iniciais sobre os numerais

1. Os numerais geralmente são termos adjetivos, ou seja, acompanham o substantivo em função de adjunto adnominal. Daí serem também chamados de "numerais adjetivos". Quando assumem a posição do substantivo, são denominados de "numerais substantivos", à semelhança dos pronomes.

* No encontro havia **dois** mestres em Direito Constitucional.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO NUMERAL

Classificação dos numerais

De acordo com as suas funções, os numerais são classificados em:

a) cardinais
b) ordinais
c) fracionários
d) multiplicativos
e) coletivos

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO NUMERAL

Regras gerais para o emprego dos numerais

1. Empregam-se os cardinais para a designação de datas e horas, como também para designar capítulos, parágrafos, folhas ou quaisquer divisões de uma obra.

* Recife, 23 de junho de 2008.

* Em São Paulo, são 23h38min.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO NUMERAL

Regras gerais para o emprego dos numerais

Observações:

a) Pode-se dizer corretamente: a páginas 25 ou na página 25; 14 de janeiro, a 14 de janeiro, em 14 de janeiro ou aos 14 de janeiro.

b) Como já se disse, na computação dos dias dos meses empregam-se os numerais cardinais à exceção do primeiro dia de cada mês, para o qual se emprega o ordinal: primeiro de abril, primeiro de setembro etc.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO NUMERAL

Regras gerais para o emprego dos numerais

2. Em alguns contextos, os cardinais são empregados em sentido indefinido.

* Preciso lhe dizer **duas** palavras. (duas = algumas)

* Já lhe disse isso **mil** vezes. (mil = várias)

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO NUMERAL

Regras gerais para o emprego dos numerais

3. "Ambos" e "ambas" são considerados numerais duais, pois sempre se referem a um par de coisas ou de pessoas. Logo, "ambos os dois", "ambos de dois" são expressões pleonásticas e devem ser evitadas em linguagem formal.

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO NUMERAL

Regras gerais para o emprego dos numerais

4. Na designação de reis, papas, soberanos, séculos e partes de uma obra (capítulos, tomos etc), empregam-se os ordinais até o dez e os cardinais daí por diante. Se o numeral anteceder o substantivo, empregam-se os ordinais.

* Século **sexto**

* Capítulo **segundo**

* João **vinte e três**

* Século **vinte e um**

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO NUMERAL

Regras gerais para o emprego dos numerais

5. Na designação de artigos de leis, decretos, portarias, regulamentos etc, usam-se os ordinais até nove e os cardinais de dez em diante. Se o numeral vier anteposto, empregam-se os ordinais.

* artigo **segundo**

* parágrafo **nono**

* inciso **catorze**

* inciso **quarto**

* artigo **vinte e três**

* parágrafo **doze**

Português – começando do ZERO

ESTUDO DO NUMERAL

Regras gerais para o emprego dos numerais

6. Ao lado das grafias “bilhão”, “trilhão” e “quatrilhão”, existem as menos usuais, mas igualmente corretas, “bilião”, “trilião” e “quatrilião”. Esses numerais não apresentam flexão de gênero – apresentam-se tão-somente sob a forma masculina.

* Ninguém conseguiu acertar todas as questões dentre os 15 milhões de pessoas participantes.

MINHA ROTINA

DIA:___ /___ /___

TEATIVIDADES

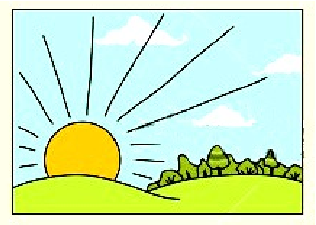

MANHÃ

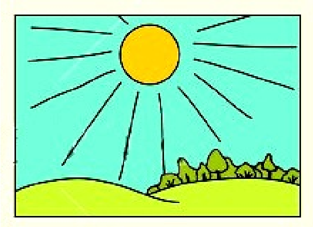

TARDE

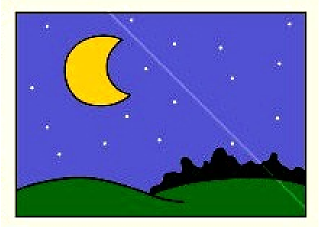

NOITE

CONHEÇAM OUTRO MATERIAIS EM NOSSA
PÁGINA NO INSTA

@MATERIAISADAPTADOS

Bê adapt
Materiais adaptados

Curso Completo de Português

Prof. Fernando Pestana

(Autor do livro “A Gramática para Concursos Públicos”)

Classes de Palavras - Verbo

— ***Definição***

1. Identificação:

- O aluno estudou muito.
- A aluna está feliz.
- Amanhã choverá muito no RJ.
- Só há dois amores na minha vida.
- Queria o Pestana no dia da prova.
- Precisarei de sua ajuda.

2. Flexões Verbais: modo, tempo, número e pessoa.

- Finalmente ele conseguiu a vaga.

- Ah!... Se tivéssemos dinheiro...

- Mudem seus modos!

3. Locução Verbal:

Eu vou encontrar o caminho.
Eu espero encontrar o caminho.
Eu o mandei encontrar seu caminho.

Eu estou estudando Português.
Eu continuo a estudar Português.

Eu fui aprovado pela banca.
Eu tinha gabaritado a prova.

4. Aspecto Verbal: I) pontual; II) incoativo (ou inceptivo); III) cursivo (ou durativo); IV) cessativo (ou conclusivo); V) iterativo (reiterativo); VI) permansivo; VII) atemporal; VIII) iminencial.

I) Maria caiu no buraco. / II) Meu filho começou a andar. / III) Fazíamos melhorias nas estradas. / IV) Malhei muito hoje. / V) Rezo todo domingo. / VI) Enfim aprendi Português. / VII) A Terra é redonda. / VIII) Nós vamos cair!...

5. Formas nominais do verbo: I) infinitivo[1], II) gerúndio e III) particípio[2].

I) Fumar é ilegal aqui.

II) Ele fala gritando.

III) João é um homem abençoado por Deus.

[1] Pode variar em número e pessoa e [2] pode variar em gênero e número.

6. Voz verbal: I) ativa; II) passiva (analítica e sintética); III) reflexiva (recíproca); IV) transposição de voz.

I) O menino quebrou a vidraça.

Nós havíamos arrumado a casa.

** Necessitamos de dinheiro. / Cheguei tarde ontem. / Ela é bem honesta. / O menino levou uma surra.*

II) A vidraça foi quebrada pelo menino.

Quebrou-se a vidraça.

III) O mágico se cortou na apresentação.

Os amantes se beijaram.

IV) VA: Conquistaram a vaga.

VPA:

VPS:

VA: O aluno conquistará a vaga.

VPA:

VA: O aluno vai conquistar a vaga.

VPA:

VA: O aluno tinha conquistado a vaga.

VPA:

7. Formação do imperativo (uniformidade):

Pres. Ind.	Imp. Af.	Pres. Subj.	Imp. Neg.
Eu			
Tu			
Ele			
Nós			
Vós			
Eles			

- Entre por essa porta agora e diga que me adora; você tem meia hora pra mudar a minha vida; vem, vambora...

- Não deixe atrapalharem a tua vida.

8. Emprego de Tempos e Modos Verbais

Presente do Indicativo

Ouço vozes estranhas vindo lá de fora...

Aos domingos, vou à missa.

Morre uma pessoa a cada 5 segundos.

Os cientistas estudam a cura definitiva da AIDS.

Flamengo vence o Vasco por 3x2 no Maracanã.

Vou viajar amanhã!

Pretérito Perfeito do Indicativo

O Rock’n Rio foi um sucesso.

Eu tenho estudado muito esses dias.

Pretérito Imperfeito do Indicativo

Betinho lutava pela erradicação da fome.

A velhinha foi atropelada quando eu atravessava a rua.

Impressionante! Eu chegava, ela saía.

Você podia me ajudar?

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

Depois que ela me pedira um favor, tive de sair de casa.

Quem me dera passar na prova!

Eu já havia estudado com o Pestana.

Futuro do Presente do indicativo

Tu te classificarás tão logo, meu nobre.

Ela terá seus quarenta anos, no máximo.

Não matarás, nem cobiçarás!

Quando você chegar, eu já terei partido.

Futuro do Pretérito do Indicativo

Você me prometeu que passaria de ano.

Eu levaria uma bronca se não fizesse os exercícios.

Seria o sol o causador destas queimaduras?

Teria feito diferente se tivesse tempo.

Eu agora pediria que todos saíssem...

Presente do Subjuntivo

Deus te guie!

Talvez a realidade seja mais forte que a ficção.

Receio que aconteça o pior.

Quando chegarmos, é provável que a palestra já tenha acabado.

Pretérito Imperfeito do Subjuntivo

Não admitia que se fizesse greve.

Era provável que surgisse outra oportunidade.

Proibiu que revelassem o acordo.

Se tivesses paciência, obterias o que pretendes.

Teríamos ficado aqui, se você não tivesse arrumado problemas.

Futuro do Subjuntivo

Quando puderes, vem visitar-nos.

Se ele puder, trará o livro.

Assim que você tiver terminado sua leitura, descanse um pouco.

Para eu estudar, precisarei de apoio.

Estudar Português exige apoio.

Quando eu estudar, precisarei de apoio.

Aquele que estudar precisará de apoio.

Quem estudar precisará de apoio.

9. Correlação Verbal:

- Caso eu tivesse dinheiro, fazia um curso.

- Você quer que eu te ajudo agora?

- Cuide dessa gripe, antes que ela se transforma em pneumonia.

- Se estudar, passará.

10. Classificação dos verbos: I) regular, II) irregular, III) anômalo, IV) defectivo, V) abundante, VI) pronominal (reflexivo), VII) vicário, VIII) expletivo.

I) amar, vender, partir...

II) poder, fazer, caber, pôr...

III) ser e ir.

IV) abolir, reaver, precaver, adequar, miar, chover...

V) tinha pagado, havia pegado, tenho imprimido, haveria limpado...; está pago, foi pego, será impresso, estaria limpo...

VI) suicidar-se, queixar-se, arrepender-se, lembrar-se*...; furar-se, atribuir-se, pentear-se...

VII) ser e fazer.

VIII) ser.

11. Conjugação Verbal:

-ear, -iar, caber, valer, requerer, precaver-se, reaver, prover, viger, aderir (competir, preterir, discernir, concernir, impelir, expelir, repelir), ser, ir, **vir, pôr, ter, ver**, haver, sortir/surtir, construir/destruir, obstruir...

12. Valor discursivo: I) dissertação, II) narração, III) descrição, IV) injunção.

I) presente e futuro do presente

II) pretéritos

III) presente e pretérito imperfeito (no relato)

IV) imperativo (tom)

FOCA
NA
GRAMÁTICA

Clams
FERNANDO PESTANA
A Gramática para Concursos Públicos

Curso Completo de Português

Prof. Fernando Pestana

(Autor do livro "A Gramática para Concursos Públicos")

Classes de Palavras - Verbo

— ***Definição***

1. Identificação:

- O aluno estudou muito.
- A aluna está feliz.
- Amanhã choverá muito no RJ.
- Só há dois amores na minha vida.
- Queria o Pestana no dia da prova.
- Precisarei de sua ajuda.

2. Flexões Verbais: modo, tempo, número e pessoa.

- Finalmente ele conseguiu a vaga.

- Ah!... Se tivéssemos dinheiro...

- Mudem seus modos!

3. Locução Verbal:

Eu vou encontrar o caminho.
Eu espero encontrar o caminho.
Eu o mandei encontrar seu caminho.

Eu estou estudando Português.
Eu continuo a estudar Português.

Eu fui aprovado pela banca.
Eu tinha gabaritado a prova.

4. Aspecto Verbal: I) pontual; II) incoativo (ou inceptivo); III) cursivo (ou durativo); IV) cessativo (ou conclusivo); V) iterativo (reiterativo); VI) permansivo; VII) atemporal; VIII) iminencial.

I) Maria caiu no buraco. / II) Meu filho começou a andar. / III) Fazíamos melhorias nas estradas. / IV) Malhei muito hoje. / V) Rezo todo domingo. / VI) Enfim aprendi Português. / VII) A Terra é redonda. / VIII) Nós vamos cair!...

5. Formas nominais do verbo: I) infinitivo[1], II) gerúndio e III) particípio[2].

I) Fumar é ilegal aqui.

II) Ele fala gritando.

III) João é um homem abençoado por Deus.

[1] Pode variar em número e pessoa e [2] pode variar em gênero e número.

6. Voz verbal: I) ativa; II) passiva (analítica e sintética); III) reflexiva (recíproca); IV) transposição de voz.

I) O menino quebrou a vidraça.

Nós havíamos arrumado a casa.

** Necessitamos de dinheiro. / Cheguei tarde ontem. / Ela é bem honesta. / O menino levou uma surra.*

II) A vidraça foi quebrada pelo menino.

Quebrou-se a vidraça.

III) O mágico se cortou na apresentação.

Os amantes se beijaram.

IV) VA: Conquistaram a vaga.

VPA:

VPS:

VA: O aluno conquistará a vaga.

VPA:

VA: O aluno vai conquistar a vaga.

VPA:

VA: O aluno tinha conquistado a vaga.

VPA:

7. Formação do imperativo (uniformidade):

Pres. Ind.	Imp. Af.	Pres. Subj.	Imp. Neg.
Eu			
Tu			
Ele			
Nós			
Vós			
Eles			

- Entre por essa porta agora e diga que me adora; você tem meia hora pra mudar a minha vida; vem, vambora...

- Não deixe atrapalharem a tua vida.

8. Emprego de Tempos e Modos Verbais

Presente do Indicativo

Ouço vozes estranhas vindo lá de fora...

Aos domingos, vou à missa.

Morre uma pessoa a cada 5 segundos.

Os cientistas estudam a cura definitiva da AIDS.

Flamengo vence o Vasco por 3x2 no Maracanã.

Vou viajar amanhã!

Pretérito Perfeito do Indicativo

O Rock’n Rio foi um sucesso.

Eu tenho estudado muito esses dias.

Pretérito Imperfeito do Indicativo

Betinho lutava pela erradicação da fome.

A velhinha foi atropelada quando eu atravessava a rua.

Impressionante! Eu chegava, ela saía.

Você podia me ajudar?

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

Depois que ela me pedira um favor, tive de sair de casa.

Quem me dera passar na prova!

Eu já havia estudado com o Pestana.

Futuro do Presente do indicativo

Tu te classificarás tão logo, meu nobre.

Ela terá seus quarenta anos, no máximo.

Não matarás, nem cobiçarás!

Quando você chegar, eu já terei partido.

Futuro do Pretérito do Indicativo

Você me prometeu que passaria de ano.

Eu levaria uma bronca se não fizesse os exercícios.

Seria o sol o causador destas queimaduras?

Teria feito diferente se tivesse tempo.

Eu agora pediria que todos saíssem...

Presente do Subjuntivo

Deus te guie!

Talvez a realidade seja mais forte que a ficção.

Receio que aconteça o pior.

Quando chegarmos, é provável que a palestra já tenha acabado.

Pretérito Imperfeito do Subjuntivo

Não admitia que se fizesse greve.

Era provável que surgisse outra oportunidade.

Proibiu que revelassem o acordo.

Se tivesses paciência, obterias o que pretendes.

Teríamos ficado aqui, se você não tivesse arrumado problemas.

Futuro do Subjuntivo

Quando puderes, vem visitar-nos.

Se ele puder, trará o livro.

Assim que você tiver terminado sua leitura, descanse um pouco.

Para eu estudar, precisarei de apoio.

Estudar Português exige apoio.

Quando eu estudar, precisarei de apoio.

Aquele que estudar precisará de apoio.

Quem estudar precisará de apoio.

9. Correlação Verbal:

- Caso eu tivesse dinheiro, fazia um curso.

- Você quer que eu te ajudo agora?

- Cuide dessa gripe, antes que ela se transforma em pneumonia.

- Se estudar, passará.

10. Classificação dos verbos: I) regular, II) irregular, III) anômalo, IV) defectivo, V) abundante, VI) pronominal (reflexivo), VII) vicário, VIII) expletivo.

I) amar, vender, partir...

II) poder, fazer, caber, pôr...

III) ser e ir.

IV) abolir, reaver, precaver, adequar, miar, chover...

V) tinha pagado, havia pegado, tenho imprimido, haveria limpado...; está pago, foi pego, será impresso, estaria limpo...

VI) suicidar-se, queixar-se, arrepender-se, lembrar-se*...; furar-se, atribuir-se, pentear-se...

VII) ser e fazer.

VIII) ser.

11. Conjugação Verbal:

-ear, -iar, caber, valer, requerer, precaver-se, reaver, prover, viger, aderir (competir, preterir, discernir, concernir, impelir, expelir, repelir), ser, ir, **vir, pôr, ter, ver**, haver, sortir/surtir, construir/destruir, obstruir...

12. Valor discursivo: I) dissertação, II) narração, III) descrição, IV) injunção.

I) presente e futuro do presente

II) pretéritos

III) presente e pretérito imperfeito (no relato)

IV) imperativo (tom)

FOCA
NA
GRAMÁTICA

Clams
FERNANDO PESTANA
A Gramática para Concursos Públicos

AF
CURSOS

ADVÉRBIO

01. (VUNESP – IPSM – ASSISTENTE DE GESTÃO MUNICIPAL - 2018)

Assinale a alternativa em que o termo em destaque é advérbio, expressando sentido de afirmação.

a) **Muita** gente acredita que, ao contrário de todas as demais atividades humanas…

b) Porque é especial **demais**, elevada demais, dizem alguns.

c) "… quem não tem, não vai **nunca** aprender…"

d) Há os que chegam à **mesma** conclusão pelo lado oposto…

e) Talento literário é raro **mesmo**, mas não se trata disso.

02. (FGV – PREFEITURA DE SALVADOR - BA – AUXILIAR DE DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL - 2017)

"Depois de um certo tempo, o menino começou a gritar desesperadamente que havia uma cobra com ele, mas, como ele era muito mentiroso, ninguém levou a sério."

Nesse segmento do texto, o advérbio "desesperadamente" pode ser substituído por "com desespero".

Assinale a opção que apresenta a substituição do mesmo tipo que está ***incorreta.***

a) Reagiu raivosamente = Reagiu com raiva.

b) Cantou tristemente = Cantou com tristeza.

c) Agiu solenemente = Agiu sozinho.

d) Gritava nervosamente = Gritava com nervosismo.

e) Comia vorazmente = Comia com voracidade.

03. (VUNESP – PREFEITURA DE MARÍLIA - SP – AUXILIAR DE ESCRITA - 2017)

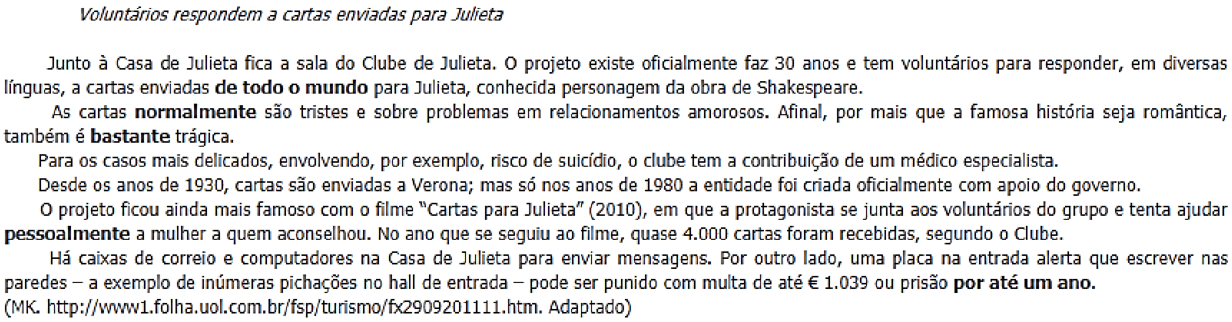

Voluntários respondem a cartas enviadas para Julieta

Junto à Casa de Julieta fica a sala do Clube de Julieta. O projeto existe oficialmente faz 30 anos e tem voluntários para responder, em diversas línguas, a cartas enviadas **de todo o mundo** para Julieta, conhecida personagem da obra de Shakespeare.

As cartas **normalmente** são tristes e sobre problemas em relacionamentos amorosos. Afinal, por mais que a famosa história seja romântica, também é **bastante** trágica.

Para os casos mais delicados, envolvendo, por exemplo, risco de suicídio, o clube tem a contribuição de um médico especialista.

Desde os anos de 1930, cartas são enviadas a Verona; mas só nos anos de 1980 a entidade foi criada oficialmente com apoio do governo.

O projeto ficou ainda mais famoso com o filme "Cartas para Julieta" (2010), em que a protagonista se junta aos voluntários do grupo e tenta ajudar **pessoalmente** a mulher a quem aconselhou. No ano que se seguiu ao filme, quase 4.000 cartas foram recebidas, segundo o Clube.

Há caixas de correio e computadores na Casa de Julieta para enviar mensagens. Por outro lado, uma placa na entrada alerta que escrever nas paredes – a exemplo de inúmeras pichações no hall de entrada – pode ser punido com multa de até € 1.039 ou prisão **por até um ano.**

(MK. http://www1.folha.uol.com.br/fsp/turismo/fx2909201111.htm. Adaptado)

No quinto parágrafo, em – O projeto ficou **ainda mais** famoso com o filme… –, a expressão destacada apresenta circunstância adverbial de intensidade, como no trecho:

a) … a cartas enviadas **de todo o mundo** para Julieta… (1° parágrafo)
b) As cartas **normalmente** são tristes… (2° parágrafo)
c) … a famosa história seja romântica, também é **bastante** trágica. (2°parágrafo)
d) … tenta ajudar **pessoalmente** a mulher a quem aconselhou. (5° parágrafo)
e) … com multa de até € 1.039 ou prisão **por até um ano**. (último parágrafo)

04. (VUNESP – IPRESB- SP – AGENTE PENITENCIÁRIO - 2017)

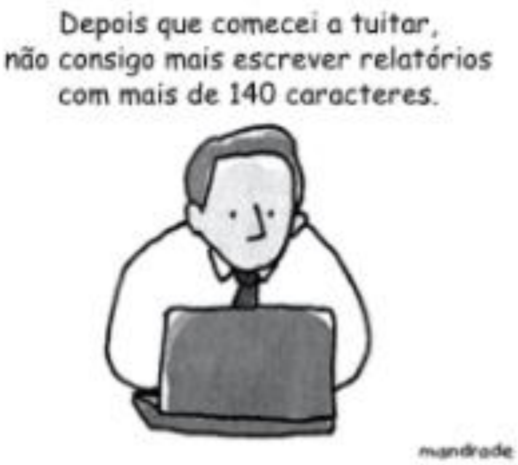
Depois que comecei a tuitar,
não consigo mais escrever relatórios
com mais de 140 caracteres.
mandrade

(Folha de S. Paulo, 20.09.2010. Adaptado)

Leia a frase reelaborada a partir da fala da personagem.

Depois que comecei a tuitar **diariamente**, não consigo mais escrever os relatórios **com perfeição.**

As expressões destacadas apresentam, respectivamente, as circunstâncias de:

a) tempo e de modo.

b) tempo e de intensidade.

c) modo e de afirmação.

d) modo e de intensidade.

e) afirmação e de modo.

05. (VUNESP – CÂMARA SE SUMARÉ - SP – ESCRITURÁRIO - 2017)

Assinale a alternativa em que as duas expressões destacadas introduzem na frase, respectivamente, as circunstâncias de modo e tempo.

a) Até os cães usam **pomposamente** trajes à Guilherme de Orange e se divertem **ao longo do dia** pelas ruas e canais da cidade.

b) **Para diversão dos turistas**, até os cães usam trajes à Guilherme de Orange e se divertem **sem receio** pelas ruas e canais da cidade.

c) Até os cães usam **sem cerimônia** trajes à Guilherme de Orange e se divertem **nos barcos e pelas ruas da cidade.**

d) **Dia e noite**, até os cães usam trajes à Guilherme de Orange e se divertem **com seus donos** pelos 156 canais da cidade.

e) Até os cães usam trajes à Guilherme de Orange e se divertem **muito** pelos 156 canais por onde circulam **alegremente** os holandeses.

06. (VUNESP – CÂMARA SE SUMARÉ - SP – AJUDANTE ADMINISTRATIVO - 2017)

A alternativa em que a palavra destacada estabelece sentido de intensidade é:

a) … desde a **mais** tenra infância.

b) … que **já** desenvolveram múltiplas e variadas atividades…

c) – E **depois**?

d) A vida **não** é uma eterna brincadeira.

e) E foi ficando adulto **antes** do tempo…

07. (VUNESP – TJ - SP – ASSISTENTE SOCIAL JUDICIÁRIO - 2017)

Com base no verso “O que a cidade tem, **no duro**...”, assinale a alternativa que traz, correta e respectivamente, a relação de sentido estabelecida pela locução adverbial destacada e o advérbio que pode substituí-la nesse contexto.

a) Intensidade / excessivamente.

b) Tempo / hodiernamente.

c) Afirmação / certamente.

d) Modo / rigorosamente.

e) Dúvida / provavelmente.

08. (VUNESP – TJ - SP – ASSISTENTE SOCIAL JUDICIÁRIO - 2017)

Nos trechos “Remígio dizia, **sinceramente**, quem sabe?” e “Remígio é **atualmente** um alto funcionário”, os advérbios em destaque, no contexto em que ocorrem, estabelecem, respectivamente, relações de sentido de:

a) afirmação e tempo.

b) modo e tempo.

c) afirmação e intensidade.

d) modo e lugar.

e) negação e lugar.

09. FGV – TJ – PI – ANALISTA JUDICIÁRIO 2015

Entre os advérbios sublinhados abaixo, aquele que mostra o valor de tempo é:

a) “Atualmente, a grande maioria dos casos de adultério é combinada por telefones pessoais, pois dessa forma não há tanto risco de outra pessoa atender às ligações".

b) "Isso sem falar em reuniões familiares, que são constantemente atrapalhadas (ou ignoradas) por filhos e filhas".

c) “Isso acontece porque o telefone realmente tira a atenção dos motoristas".

d) “as pessoas envolvidas conseguiam decifrar os códigos mais rapidamente".

e) “Possivelmente os celulares estejam fazendo com que seus olhos sejam afetados".

10. VUNESP – SAEG – AUXILIAR DE SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS – 2015

Em – **bem** transparentes –, o termo em destaque expressa circunstância adverbial de

a) modo; também presente em: As empresas idôneas trabalham **exaustivamente** para aprimorar seus produtos.

b) modo; também presente em: Atualmente se vendem **mais** purificadores que filtros convencionais.

c) afirmação; também presente em: Esta água **certamente** é potável.

d) intensidade; também presente em: A confiabilidade nos fornecedores é qualidade **bastante** apreciada pelos clientes.

e) intensidade; também presente em: Os consumidores **sempre** estão procurando produtos que facilitem as tarefas diárias.

11. VUNESP – PREFEITURA DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – AGENTE ADMINISTRATIVO – 2015

em – Belmiro, de volta à cidade, **casualmente** comprara o calendário –, a expressão destacada expressa circunstância adverbial de ______________, o que também ocorre em: ___________.

Para que a afirmação seja correta, as lacunas devem ser preenchidas, respectivamente, por:

a) afirmação \ "… não era **certamente** um modelo desses que desfilam em passarela…"

b) dúvida \ "Mesmo que isso acontecesse, **talvez** até a apoiassem; eram jovens modernos…"

c) lugar \ "… e no dia lá estava ela, sem roupa mas **atrás de flores**, posando para o fotógrafo."

d) tempo \ " **A principio** sentiu-se constrangida, mas lá pelas tantas estava até gostando..."

e) modo \ "... estava viúvo; e, como ela, recordava **com saudades** os tempos de namoro

12. FCC – TRT – 3ª REGIÃO – ANALISTA JUDICIÁRIO - 2015

A guerra continua, está aí, espalhada pelo mundo, camuflada por diferentes nomenclaturas, inconfundível, salvo em breves hiatos sem hostilidades, porém com intensos ressentimentos.

Justifica-se o emprego do advérbio **aí,** na frase, do seguinte modo:

a) a palavra delimita o lugar da guerra, aquele em que o interlocutor se encontra.
b) a palavra remete ao lugar a que se fez referência anteriormente: ao espaço dos Aliados
c) a palavra tem o sentido de "nesse ponto", como em "É aí que está o X da questão".
d) a palavra compõe expressão que tem o sentido de "apresenta-se por lugares incertos, de modo disseminado".
e) a palavra tem seu sentido associado ao da palavra inconfundível, para expressarem, juntas, a ideia de "contorno único".

MMF
EPCAR
CEFET
ENEM
ESSA
COLÉGIO NAVAL
CONCURSO PÚBLICO
VESTIBULAR
http://vamospraticar.blogspot.com.br/
VAMOS PRATICAR! SÓ EXERCÍCIOS.
TUDO QUE VOCÊS PRECISA PARA PASSAR EM CONCUSO..

REGÊNCIA NOMINAL E VERBAL

1. (IBGE) Assinale a opção que apresenta a regência verbal incorreta, de acordo com a norma culta da língua:

a) Os sertanejos aspiram a uma vida mais confortável.

b) Obedeceu rigorosamente ao horário de trabalho do corte de cana.

c) O rapaz presenciou o trabalho dos canavieiros.

d) O fazendeiro agrediu-lhe sem necessidade.

e) Ao assinar o contrato, o usineiro visou, apenas, ao lucro pretendido.

2. (IBGE) Assinale a opção que contém os pronomes relativos, regidos ou não de preposição, que completam **corretamente** as frase abaixo: Os navios negreiros, ... donos eram traficantes, foram revistados. Ninguém conhecia o traficante .... o fazendeiro negociava.

a) nos quais / que d) de cujos / com quem

b) cujos / com quem e) cujos / de quem

c) que / cujo

3. (IBGE) Assinale a opção em que as **duas** frases se completam **corretamente** com o pronome **lhe**:

a) Não ..... amo mais. / O filho não ..... obedecia.

b) Espero-..... há anos. / Eu já ..... conheço bem.

c) Nós ..... queremos muito bem. / Nunca ..... perdoarei, João.

d) Ainda não ..... encontrei trabalhando, rapaz. / Desejou-..... felicidades.

e) Sempre ..... vejo no mesmo lugar. / Chamou-..... de tolo.

4. (IBGE) Assinale a opção em que todos os adjetivos devem ser seguidos pela mesma preposição:

a) ávido / bom / inconseqüente d) orgulhoso / rico / sedento

b) indigno / odioso / perito e) oposto / pálido / sábio

c) leal / limpo / oneroso

5. (UF-FLUMINENSE) Assinale a frase em que está usado indevidamente um dos pronomes seguintes: o, lhe.

a) Não lhe agrada semelhante providência?

b) A resposta do professor não o satisfez.

c) Ajudá-lo-ei a preparar as aulas.

d) O poeta assistiu-a nas horas amargas, com extrema dedicação.

e) Vou visitar-lhe na próxima semana.

6. (BB) Regência imprópria:

a) Não o via desde o ano passado.

b) Fomos à cidade pela manhã.

c) Informou ao cliente que o aviso chegara.

d) Respondeu à carta no mesmo dia.

e) Avisamos-lhe de que o cheque foi pago.

7. (BB) Alternativa correta:

a) Precisei de que fosses comigo.

b) Avisei-lhe da mudança de horário.

c) Imcumbiu-me para realizar o negócio.

d) Recusei-me em fazer os exames.

e) Convenceu-se nos erros cometidos.

MMF
EPCAR
CEFET
ENEM
ESSA
COLÉGIO NAVAL
CONCURSO PÚBLICO
VESTIBULAR
http://vamospraticar.blogspot.com.br/
VAMOS PRATICAR! SÓ EXERCÍCIOS.
TUDO QUE VOCÊS PRECISA PARA PASSAR EM CONCUSO..

8. (EPCAR) O que devidamente empregado só não seria regido de preposição na opção:

a) O cargo .... aspiro depende de concurso.

b) Eis a razão .... não compareci.

c) Rui é o orador .... mais admiro.

d) O jovem .... te referiste foi reprovado.

e) Ali está o abrigo .... necessitamos.

9. (UNIFIC) Os encargos .... nos obrigaram são aqueles .... o diretor se referia.

a) de que - que d) cujos - cujo

b) a cujos - cujos e) a que - a que

c) por que - que

10. (FTM-ARACAJU) As mulheres da noite .... o poeta faz alusão ajudam a colorir Aracaju, ... coração bate de noite, no silêncio.

A alternativa que completa corretamente as lacunas da frase acima é:

a) as quais / de cujo d) às quais / cujo

b) a que / no qual e) que / em cujo

c) de que / o qual

11. (SANTA CASA) É tal a simplicidade .... se reveste a redação desse documento, que ele não comporta as formalidades .... demais.

a) que - os d) em que - nos

b) de que - aos e) a que - dos

c) com que - para os

12. (PUC-RS) Diferentes são os tratamentos .... se pode submeter o texto literário. Sempre se deve aspirar, no entanto, ... objetividade científica, fugindo .... subjetivismo.

a) à que, a, do d) a que, a, do

b) que, a, ao e) a que, à, ao

c) à que, à, ao

13. (PUC-RS) Alguns demonstram verdadeira aversão ..... exames, porque nunca se empenharam o suficiente ..... utilização do tempo ..... dispunham para o estudo.

a) com - pela - de que d) com - na - que

b) por - com - que e) a - na - de que

c) a - na - que

14. (BB) "Ele não ..... viu". **não cabe** na frase:

a) nos d) te

b) lhe e) o

c) me

15. (BB) Emprego indevido de **o**:

a) O irmão **o** abraçou. d) O irmão **o** obedeceu.

b) O irmão **o** encontrou. e) O irmão **o** ouviu.

c) O irmão **o** atendeu.

16. (UF-RS) Isso ..... autorizava ..... tomar a iniciativa.

a) o - à d) o - a

b) lhe - de e) lhe - a

c) o - de

17. (CESESP-PE) "... trepado numa rede afavelada cujas varandas serviam-lhe de divisórias do casebre". Em qual das alternativas o uso de **cujo** não está conforme a norma culta?

a) Tenho um amigo cujos filhos vivem na Europa.

b) Rico é o livro cujas páginas há lições de vida.

c) Naquela sociedade, havia um mito cuja memória não se apagava.

d) Eis o poeta cujo valor exaltamos.

MMF
EPCAR
CEFET
ENEM
ESSA
COLÉGIO NAVAL
CONCURSO PÚBLICO
VESTIBULAR
http://vamospraticar.blogspot.com.br/
VAMOS PRATICAR! SÓ EXERCÍCIOS.
TUDO QUE VOCÊS PRECISA PARA PASSAR EM CONCUSO..

e) Afirmam-se muitos fatos de cuja veracidade se deve desconfiar.

18. (CESGRANRIO) Assinale a opção cuja lacuna **não** pode ser preenchida pela preposição entre parênteses:

1. uma companheira desta, ... cuja figura os mais velhos se comoviam. (com)
2. uma companheira desta, ... cuja figura já nos referimos anteriormente. (a)
3. uma companheira desta, ... cuja figura havia um ar de grande dama decadente. (em)
4. uma companheira desta, ... cuja figura andara todo o regimento apaixonado. (por)
5. uma companheira desta, ... cuja figura as crianças se assustavam. (de)

19. (UF-PR) Assinale a alternativa que substitui corretamente as palavras sublinhadas:

1. Assistimos **à inauguração da piscina**.

2. O governo **assiste os flagelados**.

3. Ele aspirava **a uma posição de maior destaque**.

4. Ele aspirava **o aroma das flores**.

5. O aluno obedece **aos mestres**.

a) lhe, os, a ela, a ele, lhes d) a ela, a eles, lhe, lhe, lhes

b) a ela, os, a ela, o, lhe e) lhe, a eles, a ela, o, lhes

c) a ela, os, a, a ele, os

20. (CESGRANRIO) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase: Toda comunidade, ... aspirações e necessidades devem vincular-se os temas da pesquisa científica, possui uma cultura própria, ... precisa ser preservada.

a) cujas / de que d) cuja / que

b) a cujas / que e) a cujas / de que

c) cujas / pela qual

21. (FUVEST) Assinale a alternativa gramaticalmente **correta**:

a) Não tenham dúvidas que ele vencerá.

b) O escravo ama e obedece o seu senhor.

c) Prefiro estudar do que trabalhar.

d) O livro que te referes é célebre.

e) Se lhe disserem que não o respeito, enganam-no.

22. (UF-UBERLÂNDIA) Assinale o período em que foi empregado o pronome relativo inadequado:

a) O livro a que eu me refiro é *Tarde da Noite*.

b) Ele é uma pessoa de cuja honestidade ninguém duvida.

c) O livro em cujos dados nos apoiamos é este.

d) A pessoa perante a qual comparecemos foi muito agradável.

e) O moço de cujo lhe falei ontem é este.

23. (PUC) Assinale a alternativa que preencha **corretamente** as lacunas abaixo:

1. Veja bem estes olhos .... se tem ouvido falar.

2. Veja bem estes olhos .... se dedicaram muitos versos.

3. Veja bem estes olhos .... brilho fala o poeta.

4. Veja bem estes olhos .... se extraem confissões e promessas.

a) de que - a que - sobre o qual - dos quais

b) que - que - sobre o qual - que

c) sobre os quais - que - de que - de onde

d) dos quais - aos quais - sobre cujo - dos quais

e) em quais - aos quais - a cujo - que

MMF
EPCAR
CEFET
ENEM
ESSA
COLÉGIO NAVAL
CONCURSO PÚBLICO
VESTIBULAR
http://vamospraticar.blogspot.com.br/
VAMOS PRATICAR! SÓ EXERCÍCIOS.
TUDO QUE VOCÊS PRECISA PARA PASSAR EM CONCUSO..

24. (SANTA CASA) São excelentes técnicos, ... colaboração não podemos prescindir.

a) cuja d) de que a

b) de cuja e) dos quais a

c) que a

25. (FUVEST) Indique a alternativa correta:

a) Preferia brincar do que trabalhar.

b) Preferia mais brincar a trabalhar.

c) Preferia brincar a trabalhar.

d) Preferia brincar à trabalhar.

e) Preferia mais brincar que trabalhar.

26. (FUVEST) Destaque a frase em que o pronome relativo está empregado corretamente:

a) É um cidadão em cuja honestidade se pode confiar.

b) Feliz o pai cujos filhos são ajuizados.

c) Comprou uma casa maravilhosa, cuja casa lhe custou uma fortuna.

d) Preciso de um pincel delicado, sem o cujo não poderei terminar meu quadro.

e) Os jovens, cujos pais conversei com eles, prometeram mudar de atitude.

27. (CESCEM) Sendo o carnaval uma das festas ..... mais gosto, achei preferível ir ao baile ..... viajar para a praia.

a) que - à d) de que - a

b) que - do que e) de que - do que

c) das quais - que

28. (CESCEM) Embora pobre e falto ..... recursos, foi fiel ..... ele, que ..... queria bem com igual constância.

a) em - a - o d) de - a - lhe

b) em - para - o e) de - para - lhe

c) de - para - o

29. (CESCEA) As palavras ansioso, contemporâneo e misericordioso regem, respectivamente, as preposições:

a) em - de - para d) de - com - para com

b) de - a - de e) com - a - a

c) por - com - de

30. (MACK) Indique a alternativa que completa corretamente as lacunas do seguinte período: "Era um tique peculiar ..... cavalariço o de deixar caído, ... canto da boca, o cachimbo vazio ..... fumo, enquanto alheio ..... tudo e solícito apenas ..... animais, prosseguia ..... seu serviço."

a) ao - ao - de - a - com os - em

b) do - no - em - de - dos - para

c) para o - no - de - com - pelos - a

d) ao - pelo - do - por - sobre - em

e) do - para o - no - para - para com os - no

31. (FMU) Observe o verbo que se repete: "aspirou o ar" e "aspirou à glória". Tal verbo:

1. apresenta a mesma regência e o mesmo sentido nas duas orações
2. embora apresente regências diferentes, ele tem sentido equivalente nas duas orações
3. poderia vir regido de preposição também na primeira oração sem que se modificasse o sentido dela
4. apresenta regência e sentidos diferentes nas duas orações
5. embora tenha o mesmo sentido nas duas orações, ele apresenta regência diferente em cada uma delas

MMF
EPCAR
CEFET
ENEM
ESSA
COLÉGIO NAVAL
CONCURSO PÚBLICO
VESTIBULAR
http://vamospraticar.blogspot.com.br/
VAMOS PRATICAR! SÓ EXERCÍCIOS.
TUDO QUE VOCÊS PRECISA PARA PASSAR EM CONCUSO..

32. (CESGRANRIO) Assinale o item em que a regência do verbo proceder contraria a norma culta da língua:

a) O juiz procedeu ao julgamento.

b) Não procede este argumento.

c) Procedo um inquérito.

d) Procedia de uma boa família.

e) Procede-se cautelosamente em tais situações.

33. (UM-SP)

I - Certifiquei-o .... que uma pessoa muito querida aniversaria neste mês;

II - Lembre-se .... que, baseada em caprichos, não obterá bons resultados;

III - Cientificaram-lhe .... que aquela imagem refletia a alvura de seu mundo interno. De acordo com a regência verbal, a preposição **de** cabe:

a) nos períodos I e II d) em nenhum dos três períodos

b) apenas no período II e) nos três períodos

c) nos períodos I e III

34. (PUCC) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada: O projeto, ... realização sempre duvidara, exigiria toda a dedicação .... fosse capaz.

a) do qual a, que d) que sua, de cuja

b) cuja a, da qual e) cuja, a qual

c) de cuja, de que

35. (UNIMEP-SP) Quando implicar tem sentido de "acarretar", "produzir como conseqüência", constrói-se a oração como objeto direto, como se vê em:

a) Quando era pequeno, todos sempre implicavam comigo.

b) Muitas patroas costumam implicar com as empregadas domésticas.

c) Pelo que diz o assessor, isso implica em gastar mais dinheiro.

d) O banqueiro implicou-se em negócios escusos.

e) Um novo congelamento de salários implicará uma reação dos trabalhadores.

36. (FMU) Assinale a única alternativa incorreta quanto à regência do verbo:

a) Perdoou nosso atraso no imposto.

b) Lembrou ao amigo que já era tarde.

c) Moraram na rua da Paz.

d) Meu amigo perdoou ao pai.

e) Lembrou de todos os momentos felizes.

37. (UF-PA) Assinale a alternativa que contém as respostas certas:

1. Visando apenas os seus próprios interesses, ele, involuntariamente, prejudicou toda uma família.
2. Como era orgulhoso, preferiu declarar falida a firma a aceitar qualquer ajuda do sogro.
3. Desde criança sempre aspirava a uma posição de destaque, embora fosse tão humilde.
4. Aspirando o perfume das centenas de flores que enfeitavam a sala, desmaiou.

a) II - III - IV d) I - III

b) I - II - III e) I - II

c) I - III - IV

38. (TTN) Há erro de regência no item:

1. Algumas idéias vinham ao encontro das reivindicações dos funcionários, contentando-

MMF
EPCAR
CEFET
ENEM
ESSA
COLÉGIO NAVAL
CONCURSO PÚBLICO
VESTIBULAR
http://vamospraticar.blogspot.com.br/
VAMOS PRATICAR! SÓ EXERCÍCIOS.
TUDO QUE VOCÊS PRECISA PARA PASSAR EM CONCUSO..

os, outras não.

2. Todos aspiravam a uma promoção funcional, entretanto poucos se dedicavam àquele trabalho, por ser desgastante.
3. Continuaram em silêncio, enquanto o relator procedia à leitura do texto final.
4. No momento este Departamento não pode prescindir de seus serviços devido ao grande volume de trabalho.
5. Informamos a V. Senhoria sobre os prazos de entrega das novas propostas, às quais devem ser respondidas com urgência.

39. (FFCL SANTO ANDRÉ) Assinale a alternativa em que a regência verbal está correta:

a) Prefiro mais a cidade que o campo.

b) Chegamos finalmente em Santo André.

c) Esta é a cidade que mais gosto.

d) Assisti ao concerto de que você tanto gostou.

e) Ainda não paguei o médico.

40. (AMAN) Escolha, abaixo, a exata regência do verbo chamar:

a) Chamamo-lo inteligente.

b) Chamamo-lo de inteligente.

c) Chamamos-lhe inteligente.

d) Chamamos-lhe de inteligente.

e) Todas as regências acima estão corretas.

41. (UFF) Assinale a frase que apresenta um erro de regência verbal:

a) Este autor tem idéias com que todos nós simpatizamos.

b) Eis a ordem de que nos insurgimos.

c) Aludiram a incidentes de que já ninguém se lembrava.

d) Qual o cargo a que aspiras?

e) Há fatos que nunca esquecemos.

42. (CARLOS CHAGAS-BA) Quanto a amigos, prefiro João .... Paulo, ... quem sinto .... simpatia.

a) a, por, menos d) do que, com, menos

b) do que, por, menos e) do que, para, menos

c) a, para, menos

43. (CARLOS CHAGAS-BA) O projeto .... estão dando andamento é incompatível .... tradições da firma.

a) de que, com as d) à que, às

b) a que, com as e) que, com as

c) que, as

44. (CARLOS CHAGAS-BA) Como não .... vi, chamei o contínuo e mandei-.........., então, ...

a) o - o - procurá-lo d) o - ele - procurar-lhe

b) lhe - o - procurá-lo e) lhe - lhe - procurá-lo

c) lhe - lhe - procurar-lhe

45. (UF-PR) Preencha convenientemente as lacunas das frases seguintes, indicando o conjunto obtido:

1. A planta .... frutos são venenosos foi derrubada.

2. O estado .... capital nasci é este.

3. O escritor .... obra falei morreu ontem.

4. Este é o livro .... páginas sempre me referi.

5. Este é o homem .... causa lutei.

a) em cuja, cuja, de cuja, a cuja, por cuja

b) cujos, em cuja, de cuja, cujas, cuja

c) cujos, em cuja, de cuja, a cujas, por cuja

d) cujos, cujas, cuja, a cujas, por cuja

e) cuja, em cuja, cuja, cujas, cuja

46. (TTN) Considere o texto abaixo:

- "Eu queria saber é quem está no aparelho.

- Ah, sim. No aparelho não está ninguém.

- Como não está, se você está me respondendo?

- Eu estou fora do aparelho. Dentro do aparelho não cabe ninguém.

- Engraçadinho! Então, quem está ao aparelho?

- Agora melhorou. Estou eu, para servi-lo."

(C. Drummond de Andrade)

Marque o par de verbos com problema de regência idêntico ao do texto:

a) Meditar um assunto - meditar sobre um assunto

b) Sentar à mesa - sentar na mesa

c) Estar em casa - estar na casa

d) Assistir o doente - assistir ao doente

e) Chamar o padre - chamar pelo padre

47. (SANTA CASA) Assinale a alternativa correta quanto à regência:

a) Fomos ao cinema e assistimos um filme.

b) Prefiro mais trabalhar do que estudar.

c) Iremos para o Rio de Janeiro nas próximas férias.

d) Ele está curioso em saber a resposta.

e) Ele aspira a um cargo de chefia.

48. (SANTA CASA) Observe as frases seguintes:

I - Pedro pagou os tomates.

II - Pedro pagou o feirante.

III - Pedro pagou os tomates ao feirante.

Assinale a alternativa que teve considerações corretas sobre tais frases:

1. Estão corretas apenas a I e II porque o verbo pagar é transitivo direto.
2. A II está errada, porque pagar tem por objeto um nome de pessoa, é transitivo indireto (o certo seria "ao feirante").
3. Apenas a I está correta.
4. A frase III é a única correta e pagar é transitivo direto nesta frase.
5. Todas as frases estão construídas conforme as regras de regência do verbo pagar.

49. (FUVEST)

I - A arma .... se feriu desapareceu.

II - Estas são as pessoas .... que lhe falei.

III- Aqui está a foto .... que me referi.

IV - Encontrei um amigo de infância .... nome não me lembrava.

V- Passei por uma fazenda .... se criavam búfalos.

a) que, de que, à que, cujo, que

b) com que, que, a que, cujo qual, onde

c) com que, das quais, a que, de cujo, onde

d) com a qual, de que, que, do qual, onde

e) que, cujas, as quais, do cujo, na cuja

50. (TTN) Assinale a alternativa incorreta quanto à regência:

1. Creio que os trabalhadores estão muito conscientes de suas obrigações para com a Pátria.
2. O filme a que me refiro aborda corajosamente

MMF
EPCAR
CEFET
ENEM
ESSA
COLÉGIO NAVAL
CONCURSO PÚBLICO
VESTIBULAR
http://vamospraticar.blogspot.com.br/
VAMOS PRATICAR! SÓ EXERCÍCIOS.
TUDO QUE VOCÊS PRECISA PARA PASSAR EM CONCUSO..

a problemática dos direitos humanos.

3. Esta nova adaptação teatral do grande romance não está agradando ao público; eu, porém, prefiro esta àquela.
4. O trabalho inovador de Gláuber Rocha que lhe falei chama-se Deus e o Diabo na Terra do Sol.
5. José crê que a classe operária está em condições de desempenhar um papel importante na condução dos problemas nacionais.

51. (FUVEST) Indique a alternativa na qual a regência utilizada desobedece ao padrão da gramática normativa:

a) Esta alternativa obedece o padrão da gramática normativa.

b) Entretanto, não costuma haver distúrbios na fila.

c) Jamais poderão existir tantos recursos para tantos planos.

d) Só lhe faltou mandar-me embora de casa.

e) Quando Lígia entrou, bateram onze horas no relógio da sala.

52. (CESGRANRIO) A linguagem especial, ... emprego se opõe o uso da comunidade, constitui um meio .... os indivíduos de determinado grupo dispõem para satisfazer o desejo de auto-afirmação.

a) a cujo, de que d) o qual, a que

b) do qual, ao qual e) de cujo, do qual

c) cujo, que

53. (CESGRANRIO) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase: "O controle biológico de pragas, ... o texto faz referência, é certamente o mais eficiente e adequado recurso .... os lavradores dispõem para proteger a lavoura sem prejudicar o solo."

a) do qual, com que d) ao qual, cujos

b) de que, que e) a que, de que

c) que, o qual

54. (CESGRANRIO) Assinale a opção em que o verbo exige a mesma preposição que **referir-se** em "... a boneca de pano a que me referi":

a) O homem .... quem conversei há pouco.

b) O livro .... que lhe falei há pouco.

c) A criança .... quem aludi há pouco.

d) O tema .... que escrevi há pouco.

e) A fazenda .... que estive há pouco.

55. (UFV-MG) Assinale a alternativa correta:

a) Preferia antes morrer que fugir como covarde.

b) A cortesia mandava obedecer os desejos da minha antiga dama.

c) A legenda ficou, mas a lição esqueceu.

d) O país inteiro simpatizou-se com esse princípio.

e) Jesus perdoou o pecador.

56. (FUMEG-MG) Com referência à regência do verbo **assistir**, todas as alternativas estão corretas, exceto em:

a) Assistimos ontem um belo filme na televisão.

b) Os médicos assistiram os doentes durante a guerra.

c) O técnico assistiu os jogadores no treino.

d) Assistiremos amanhã a uma missa de sétimo dia.

e) Machado de Assis assistia em Botafogo.

57. (UEPG-PR) A alternativa **incorreta** de acordo com a gramática da língua culta é:

a) Obedeça o regulamento.

MMF
EPCAR
CEFET
ENEM
ESSA
COLÉGIO NAVAL
CONCURSO PÚBLICO
VESTIBULAR
http://vamospraticar.blogspot.com.br/
VAMOS PRATICAR! SÓ EXERCÍCIOS.
TUDO QUE VOCÊS PRECISA PARA PASSAR EM CONCUSO..

b) Custa crer que eles brigaram.

c) Aspiro o ar da montanha.

d) Prefiro passear a ver televisão.

e) O caçador visou o alvo.

58. (UFPEL-RS) A frase que não apresenta problema(s) de regência, levando-se em consideração a língua escrita, é:

a) Preferiu sair antes do que ficar até o fim da peça.

b) O cargo a que todos visavam já foi preenchido.

c) Lembrou de que precisava voltar ao trabalho.

d) As informações que dispomos não são suficientes para esclarecer o caso.

e) Não tenho dúvidas que ele chegará breve.

59. (CFET-PR) Assinale a alternativa que apresenta incorreção quanto à regência:

a) Nós nos valemos dos artifícios que dispúnhamos para vencer.

b) Ele preferiu pudim a groselha.

c) O esporte de que gosto não é praticado no meu colégio.

d) Sua beleza lembrava a mãe, quando apenas casada.

e) Não digo com quem eu simpatizei, pois não lhe interessa.

60. (ITA) Assinale a alternativa correta:

a) Antes prefiro aspirar uma posição honesta que ficar aqui.

b) Prefiro aspirar uma posição honesta que ficar aqui.

c) Prefiro aspirar a uma posição honesta que ficar aqui.

d) Prefiro antes aspirar a uma posição honesta que ficar aqui.

e) Prefiro aspirar a uma posição honesta a ficar aqui.

61. (FESP) Sua avidez .... lucros, ... riquezas, não era compatível .... seus sentimentos de amor .... próximo.

a) por, por, em, do d) para, para, de, pelo

b) de, de, com, para o e) por, por, com, ao

c) de, de, por, para com o

62. (UM-SP) Em qual das alternativas ocorre **erro** de regência verbal?

a) Esqueceu-me o desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

1. Lembrou-me a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira.
2. Prefiro os casos que a inteligência discute a formas tecnocráticas da resolução dos problemas.
3. Aqui se jogam as sementes para informar-lhes de que a cultura não deve ser acadêmica.
4. Procede-se com brandura quando querem detectar falhas no relacionamento humano.

63. (UM-SP) Assinale a alternativa incorreta quanto à regência verbal:

a) Ele custará muito para me entender.

b) Hei de querer-lhe como se fosse minha filha.

1. Em todos os recantos do sítio, as crianças sentem-se felizes, porque aspiram o ar puro.
2. O presidente assiste em Brasília há quatro anos.
3. Chamei-lhe sábio, pois sempre soube decifrar os enigmas da vida.

64. (PUC-RS) Obedeça-..........., estime-........... e sempre que precisar ....

a) os, os, recorra a eles d) os, lhes, recorra-lhes

b) lhes, os, recorra a eles e) os, lhes, recorra a eles

c) lhes, lhe, recorra-lhes

MMF
EPCAR
CEFET
ENEM
ESSA
COLÉGIO NAVAL
CONCURSO PÚBLICO
VESTIBULAR
http://vamospraticar.blogspot.com.br/
VAMOS PRATICAR! SÓ EXERCÍCIOS.
TUDO QUE VOCÊS PRECISA PARA PASSAR EM CONCUSO..

65. (GAMA FILHO) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas da frase: "As mulheres, ... olhos as lágrimas caíam, assistiram a uma cena .... não gostavam."

a) cujos - que d) cujos - de que

b) em cujos - que e) de cujos - que

c) de cujos - de que

66. (BB) Opção que completa corretamente os claros: Obedeceu ..... instruções ..... tratam as normas.

a) a, que d) à, de que

b) às, que e) às, de que

c) as, de que

67. (BB) Complete corretamente o texto: Em atenção .... sua carta, envio-lhe o pedido.

1. à 2. a 3. de 4. com 5. para

a) 5 e 1 d) 4 e 5

b) 2 e 4 e) 1 e 2

c) 3 e 1

68. (BB) Única frase com regência verbal incorreta:

a) Trata-se do ideal a que me referi.

b) As leis que carecemos são outras.

c) Encerrou-se o inquérito a que se procedeu.

d) São justas as punições de que se queixam?

e) Empenhemo-nos em produzir mais.

69. (BB) Opção incorreta:

a) Prefiro ganhar a perder. d) Assisti a um filme.

b) Esqueceram-se de tudo. e) Eu lhe estimo muito.

c) Há muito que não o vejo.

70. (TRT) Assinale a alternativa que completa convenientemente as lacunas abaixo:

I - Certifiquei .... de que o prazo esgotara-se.

II - Recebi .... em meu escritório.

III - Informo .... que as notas fiscais estão rasuradas.

IV - Avisei .... de que tudo fora resolvido.

a) o - o - lhe - o d) o - lhe - lhe - o

b) o - o - o - o e) lhe - lhe - o - o

c) lhe - lhe - lhe - o

71. (TTN) Assinale o trecho que apresenta sintaxe de regência correta:

1. A rigorosa seca que assola os estados do Nordeste impede que essa região desenvolva e atinja os níveis de crescimento sócio-econômicos desejados.
2. Se o Brasil tornasse independente dos empréstimos externos, poderia voltar a crescer no mesmo ritmo de desenvolvimento das décadas anteriores.
3. Surpreende-nos o fato de o Estado de São Paulo, que muito se difere do sul do país, ter engrossado as estatísticas favoráveis à criação de um Brasil do sul.
4. É reducionista atribuirmos apenas à seca a razão que leva a população do norte e nordeste a se migrar para o sul.
5. A pretendida separação que pleiteiam os estados do sul acarretará, se vier a se concretizar, a perda da identidade nacional.

72. (BANESPA) Assinale a alternativa em que o pronome relativo está empregado corretamente:

a) Aqui está o dinheiro de que te prometera.

b) Preciso de um livro, sem o cujo não poderei fazer a prova.

c) É um cidadão em cuja honestidade se pode confiar.

d) Voltou à terra em que nasceu.

MMF
EPCAR
CEFET
ENEM
ESSA
COLÉGIO NAVAL
CONCURSO PÚBLICO
VESTIBULAR
http://vamospraticar.blogspot.com.br/
VAMOS PRATICAR! SÓ EXERCÍCIOS.
TUDO QUE VOCÊS PRECISA PARA PASSAR EM CONCUSO..

e) Aquele é o homem que me referi.

73. (BANESPA) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas do período ao lado: "Não nos interessa .... eles vêm, ... moram, nem .... pretendem ir."

a) donde - onde - aonde d) de onde - aonde - onde

b) aonde - onde - aonde e) donde - aonde - onde

c) donde - aonde - aonde

74. (BANESPA) Assinale a alternativa em que a regência verbal é incorreta:

a) É saudável aspirar o ar da manhã.

b) Concentrei-me, visei o alvo ... e errei.

c) Informe a ele que o trem já partiu.

d) Os torcedores assistiram um grande jogo de futebol.

e) Chegou cedo a casa, e logo dormiu.

75. (ESAF) Observe as palavras sublinhadas e indique a frase que apresenta regência nominal correta:

a) Por ser muito estudioso, ele tinha grande amor a seus livros.

1. Havia muitos anos que não via o filho, por isso estava ansioso em vê-lo.
2. Alheio para com o julgamento, o réu permanecia calado.
3. Coitado! Foi preso porque era suspeito por um crime que não cometeu.
4. Tínhamos o propósito em dizer toda a verdade, mas nos impediram de fazê-lo.

76. (ESAF) A frase que apresenta erro de regência do verbo ASSISTIR é:

a) Não fui ver o filme, embora quisesse assistir-lhe.

b) Não lhe assiste o direito de humilhar ninguém.

c) Ele assiste às aulas sempre com muita serenidade.

d) Aqueles médicos assistem os doentes com dedicação.

e) Assistiu aos jogos da Seleção sem nenhum entusiasmo.

77. (ESAF) Observe, nos períodos abaixo, a regência dos verbos e dos nomes:

1. As constantes faltas ao trabalho implicaram a sua demissão.
2. Procederemos à abertura do inquérito.
3. O cargo a que aspiramos é disputado por todos.
4. Prefiro mais estudar do que trabalhar.
5. Sua atitude é incompatível ao ambiente.

Assinale a seqüência que corresponde aos períodos corretos:

a) I, II e IV d) I, II e III

b) II, III e IV e) I, III e IV

c) II, IV e V

78. (CARLOS CHAGAS) Preveniu- .... logo .... perigos que .... ameaçavam.

a) lhe - dos - o d) o - dos - o

b) o - face os - lhe e) lhe - dos - lhe

c) lhe - face os - o

79. (CARLOS CHAGAS) O funcionário ...... ele se referiu é pessoa ...... se pode confiar.

a) que - da qual d) do qual - que

b) a que - quem e) o qual - em que

c) a quem - em que

80. (FUVEST) Assinale a alternativa que preencha corretamente os espaços. Posso informar ..... senhores ..... ninguém, na reunião, ousou aludir ..... tão delicado assunto.

a) aos - de que - o d) os - que - à

b) aos - de que - ao e) os - de que - a

c) aos - que - à

81. (CEET) Assinale a alternativa que apresenta erro:

a) Esqueci o nome dele.

b) Esqueci de meu irmão.

c) Esqueceu-me o nome dele.

d) Nunca me esqueceu esse fenômeno.

e) Esqueci-me do nome dele.

82. (AFTN) Assinale a única frase cuja lacuna não deve ser preenchida por um pronome relativo preposicionado:

1. O relator da emenda constitucional apresentou proposições ..... todos simpatizavam.
2. Recordaram com carinho a ponte ..... trocaram o primeiro beijo.
3. Fui ver hoje o filme ..... mais gosto.
4. Guimarães Rosa é o escritor brasileiro ..... mais gosto.
5. Esta é a região .... fronteira agrícola deve ser aplicada.

83. (MACK) Indique a alternativa correta:

a) Prefiro correr do que nadar. d) Prefiro correr a nadar.

b) Prefiro mais correr que nadar. e) Prefiro correr à nadar.

c) Prefiro mais correr a nadar.

84. (FATEC) Indique a alternativa que completa corretamente as lacunas das frases abaixo:

1. Não foi essa a pessoa .... aludi.
2. Há certos acontecimentos .... nunca nos esquecemos.
3. Itaipu foi uma das obras .... construção mais se comprometeu o orçamento nacional.
4. A conclusão .... chegou não tem o menor fundamento.
5. O conferencista, ... conhecimentos desconfiávamos, foi infeliz em suas colocações.

a) à qual de que em cuja a que de cujos

b) à que que cuja à que em cujos

c) a qual dos quais com cuja a qual dos quais

d) a quem que em cuja à qual em cujos

e) a que de que cuja à que de cujos

85. (FATEC) Aponte a alternativa incorreta quanto à regência nominal:

a) Este caso é análogo ao que foi discutido ontem.

b) É preferível remodelar o antigo projeto a contratar um novo projeto.

c) Foi reintegrado no Ministério que ocupava.

d) Pretendemos estar presentes na reunião.

e) Sua situação profissional é caracterizada pelo interesse de projetar-se a qualquer custo.

86. (TRE-SP) Convenceram-..... .... contrário.

a) no - do d) lhe - o

b) lhe - do e) lhe - ao

c) no - o

87. (TRE-SP) O auxiliar judiciário, ... méritos não se discutem, merece confiança.

a) de cujos d) cujos os

b) em cujos e) por cujos

c) cujos

88. (TRE-MT) Há **erro** de regência verbal, de acordo com a norma culta, em:

a) O informante não precisou do dinheiro ganho.

MMF
EPCAR
CEFET
ENEM
ESSA
COLÉGIO NAVAL
CONCURSO PÚBLICO
VESTIBULAR
http://vamospraticar.blogspot.com.br/
VAMOS PRATICAR! SÓ EXERCÍCIOS.
TUDO QUE VOCÊS PRECISA PARA PASSAR EM CONCUSO..

b) Eles se referiram sobre o outro governo.

c) Todos preferiram o elogio à censura.

d) Eis o ponto de que discordo.

e) Seu telefone não atende às chamadas.

89. (TRE-MT)

I - O livro .... me refiro não está traduzido.

II - Os candidatos .... cartões foram extraviados, poderão fazer a

prova. Os termos que completam, respectivamente, as lacunas das

frases acima são:

a) que - cujos os d) a que - cujos

b) ao qual - dos quais e) que - dos quais

c) onde - cujos

90. (TRE-MG) Observe a regência dos verbos das frases reescritas nos itens a seguir:

I - Chamaremos os inimigos de hipócritas. **Chamaremos aos inimigos de hipócritas**;

II - Informei-lhe o meu desprezo por tudo. **Informei-lhe do meu desprezo por tudo**;

III - O funcionário esqueceu o importante acontecimento. **O funcionário esqueceu-se o importante acontecimento**. A frase reescrita está com a regência correta em:

a) I apenas d) I e III apenas

b) II apenas e) I, II e III

c) III apenas

91. (TRE-RJ) A desigualdade jurídica do feudalismo ..... alude o autor se faz presente ainda hoje nos países ..... terras existe visível descompasso entre a riqueza e a pobreza. Tendo em vista o emprego dos pronomes relativos, completam-se corretamente as lacunas da sentença acima com:

a) a qual / cujas d) o qual / por cujas

b) a que / em cujas e) ao qual / cuja as

c) à qual / em cuja as

92. (TRE-RJ) "porque implica em cobrar o tempo" / porque implica cobrar o tempo. A construção do verbo implicar com a preposição em resulta, provavelmente, de um cruzamento sintático com verbo sinônimo (importar), sendo considerada errônea por alguns gramáticos. A alternativa em que há erro de regência na segunda das sentenças é:

1. Preferimos pagar juros a ficar sem o produto. / Preferimos pagar juros do que ficar sem o produto.
2. Esquecemos facilmente o belo arrazoado aquiniano. / Esquecemo-nos facilmente do belo arrazoado aquiniano.
3. Queremos informar-lhes que nossos juros são baixos. / Queremos informá-los de que nossos juros são baixos.
4. Ainda nos lembramos da belíssima aula de filosofia tomista. / Ainda nos lembra a belíssima aula de filosofia tomista.
5. Se cobrar juros é pecado, chamamos de pecadores todos os banqueiros... / Se cobrar juros é pecado, chamamos pecadores a todos os banqueiros.

93. (TRE-RO)

I - Pé-de-Meia é cabo eleitoral .... mostra serviço;

II - O homem .... te referiste é alistador de gente.

III - Eis os documentos .... necessitamos para o registro do candidato. A opção que completa corretamente as frases é:

a) que / o qual / os quais d) a que / a que / que

b) que / o qual / de que e) cujo / a que / que

c) que / a que / de que

94. (TRE-MT) A lacuna da frase "A situação .... aspiro começou a se delinear" é preenchida, de

MMF
EPCAR
CEFET
ENEM
ESSA
COLÉGIO NAVAL
CONCURSO PÚBLICO
VESTIBULAR
http://vamospraticar.blogspot.com.br/
VAMOS PRATICAR! SÓ EXERCÍCIOS.
TUDO QUE VOCÊS PRECISA PARA PASSAR EM CONCUSO..

acordo com a norma culta, por:

a) onde d) que

b) cujo e) a qual

c) a que

95. (TRE-MG) A preposição nos parênteses **não** preenche corretamente a lacuna do período em:

1. O perigo .... o qual informaram a mulher era conhecido de quase todos. (sobre)
2. A menina .... que ele deparou trouxe-lhe muita esperança. (com)
3. O triste acontecimento .... que lembramos esclareceu a verdade. (de)
4. O jovem .... que chamamos de imprudente saiu às pressas. (a)
5. A verdade .... que ansiávamos surgiria a qualquer momento. (por)

96. (IBGE) Assinale a opção correta quanto à regência:

a) Os autores fazem referências desabonadoras as características do brasileiro.

b) A atenção à modernidade é indispensável àqueles comentários.

c) As pessoas são críticas no tocante as virtudes que possuem.

d) Os entrevistados se põem a responder as perguntas feitas.

e) Será pedida à entrevistada àquela resposta relativa a profissão.

97. (ETF-SP) .... você estima o orçamento .... solicitei?

a) Quanto - em que lhe d) Em quanto - de que o

b) Quanto - por que lhe e) Em quanto - que o

c) Em quanto - que lhe

98. (MACK) Visando ..... objetivo, visou ..... cheque e retirou-se. De acordo com a regência do verbo visar, o preenchimento adequado das lacunas seria:

a) o - ao d) ao - ao

b) a - ao e) o - o

c) ao - o

99. (PUC) Assinale a alternativa que preencha, pela ordem, corretamente, às

lacunas:

1. A aurora é o terceiro tom .... fala o poeta.

2. A aurora é o terceiro tom .... se refere o poeta.

3. A aurora é o terceiro tom .... propõe o poeta.

4. A aurora é o terceiro tom .... faz menção o poeta.

a) de que, a que, a que, que

b) que, a que, que, a que

c) de que, a que, que, a que

d) a que, a que, que, que

e) de que, que, de que, a que

100. (TTN) Marque a alternativa incorreta quanto à regência verbal:

1. Na verdade, não simpatizo com suas idéias inovadoras.
2. Para trabalhar, muitos preferem a empresa privada ao serviço público.
3. Lamentavelmente, não conheço a lei que te referes.
4. Existem muitos meios a que podemos

recorrer neste caso.

5. Se todos chegam à mesma conclusão, devem estar certos.

REGÊNCIA NOMINAL E VERBAL

1 - D 21 - E 41 - B 61 - E 81 - B

2 -B 22 - E 42 - A 62 - B 82 - E

3 - C 23 - D 43 - B 63 - A 83 - D

4 - D 24 - B 44 - A 64 - B 84 - A

5 - E 25 - C 45 - C 65 - C 85 - D

6 - E 26 - A 46 - B 66 - E 86 - A

7 - A 27 - D 47 - E 67 - E 87 - C

8 - E 28 - D 48 - B 68 - B 88 - B

9 - E 29 - C 49 - C 69 - E 89 - D

10 - D 30 - A 50 - D 70 - A 90 - D

11 - B 31 - D 51 - A 71 - E 91 - A

12 - E 32 - C 52 - A 72 - C 92 - A

13 - E 33 - A 53 - E 73 - A 93 - C

14 - B 34 - C 54 - C 74 - D 94 - C

15 - D 35 - E 55 - C 75 - A 95 - C

16 - D 36 - E 56 - A 76 - A 96 - B

17 - B 37 - A 57 - A 77 - D 97 - C

18 - E 38 - E 58 - B 78 - D 98 - C

19 - B 39 - D 59 - A 79 - C 99 - C

20 - B 40 - E 60 - E 80 - E 100 - C

Leitura

Definição

É basicamente um processo de representação. Ler é olhar para uma coisa e ver outra; é reconhecer o mundo através de espelhos; é atribuir sentido ao texto escrito, é compreender, interpretar e significar um texto escrito.

Dicas

Leia com atenção

Leia com calma; se não compreender, volte e releia; se não sabe o significado, recorra ao dicionário.

Leia em voz alta

Facilita a leitura e compreensão do texto (estrutura, palavras, vírgulas, discurso, etc.

Leia textos Variados

Livros, jornais, revistas, quadrinhos, etc.

Estratégias

Procedimentos mentais que envolvem funções cognitivas (do conhecimento), linguísticas e afetivas.

Decifração / Decodificação

Correspondência entre escrito e enunciação; reconhecimento global das palavras.

Seleção

Atenção a partes relevantes do texto, palavras-chaves.

Antecipação

Previsões/suposições com base em informações explícitas e conhecimentos prévios.

Inferências

Entrelinhas do texto; adivinhações com base em pistas e conhecimentos prévios do contexto e/ou circunstâncias.

Checagem

Processamento de informações; confirmação ou não daquilo que você inferiu segundo o texto.

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

VOCÊ SABIA?

Se você ler 10 páginas por dia...

Serão 300 páginas por mês (1 a 2 livros)...

Serão 3600 páginas por ano! (10 a 15 livros)

Verbo

Classe gramatical variável – pode ser flexionado em tempo, modo, número, pessoa e voz – que pode exprimir estado, ação ou fenômeno da natureza.

Ela **anda** muito quieta**.** **(verbo exprimindo estado; algo momentâneo)**

Ela **anda** engraçado. **(verbo exprimindo ação do sujeito)**

Choveu muito hoje à tarde. **(verbo indicando fenômeno da natureza, no sentido objetivo)**

Elementos mórficos do verbo

As palavras são subdivididas por partes significativas, denominadas **elementos mórficos** ou **morfemas**. Em um verbo, podemos encontrar os seguintes morfemas:

- **Radical –** A base do verbo que indica o significado principal da palavra.

  CANT – EI   VIV - ERAM   DORM – I

- **Vogal Temática –** Estão entre o radical e suas desinências e indicam a conjugação verbal do verbo. São: **A** (**1° conjugação**), **E/O** (**2° conjugação**) ou **I** (**3° conjugação**).

  CANT – A – MOS   VIV – E - REMOS   DORM – I – REI

- **Tema –** Junção do radical com a vogal temática.

  CANTA – RIA   AMA – SSE   DORMI – MOS

- **Desinência Modo – Temporal:** Flexão que indica o **modo** (Indicativo, Subjuntivo ou Imperativo) e o **tempo** (Presente, Pretérito ou Futuro) do verbo.

  Exemplos:

- As desinências **-va** e **-ia** indicam o pretérito imperfeito do indicativo: fala**va**, corr**ia**.
- A desinência **-ra** indica o pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fala**ra**.
- A desinência **-ria** indica o futuro do pretérito do indicativo: fala**ria**.
- A desinência **-sse** indica o pretérito imperfeito do subjuntivo: fala**sse**.

- **DESINÊNCIA Número – Pessoal:** Flexão que indica o **número** (singular ou plural) e a pessoa (1°, 2° ou 3°) do verbo.

Exemplos:

- fala**mos** (**-mos**): desinência que indica a primeira pessoa do plural.
- fala**s** (**-s**): desinência que indica a segunda pessoa do singular.
- fala**m** (**-m**): desinência que indica a terceira pessoa do plural.

Conjugação dos verbos

AR – 1° Conjugação (amar; falar; trabalhar; importunar; lavar; etc.)

ER/OR – 2° Conjugação (vender; comer; pôr e derivados; viver; interceder; etc.)

IR – 3° Conjugação (dormir; coagir; vir; prosseguir; cuspir; interagir; etc.)

Modos e Tempos verbais

MODO INDICATIVO – Exprime *certeza*. São os verbos da narrativa.

- **Presente** – Agora; ação habitual; constância

Eu **trabalho** pelos meus filhos.

- **Pretérito**
  - Imperfeito – Ação interrompida. Ela **trabalhava** na loja.
  - Perfeito – Ação concluída. Ele **casou** ano passado.
  - Mais- que-perfeito – Alguém no passado contando um fato no passado.

Sempre terá a desinência modo-temporal **–RA.** Ele **casara** com ela.

- **Futuro**
  - do pretérito – Ação hipotética. Nós **estudaríamos**, se ela não **estivesse** doente.
    - (Vem com um "obstáculo" inserido pelo pretérito imperfeito do subjuntivo.)
  - do presente – Ação certa. Eu **passarei** no concurso.

Bizu:

Nós dançamos na escola.

O verbo está no presente ou no pretérito perfeito?

Presente – Não especificado.

Pretérito Perfeito – Especificado.

Portanto, a frase acima possui um verbo no **pretérito perfeito**.

MODO SUBJUNTIVO OU CONJUNTIVO – Apresenta uma *ação hipotética* (que pode acontecer ou não). Virá, frequente mente, acompanhado de conjunções.

- **Presente** – Indica uma possibilidade; um fato incerto no presente.

“Ainda **que eu ande** pelo vale da sombra da morte, ...” (Bíblia Sagrada)

- **Pretérito Imperfeito** – Indica a possibilidade de um fato ter acontecido ou não.

“**Se eu pudesse** controlar o tempo/ eu **faria** tudo diferente...”

(Turma do Pagode – Se eu pudesse)

Obs.: Observe que o verbo no futuro do pretérito do indicativo acompanha esse tempo verbal, pois é uma certeza daquilo que poderia acontecer diante da possibilidade de um fato.

- **Futuro** – Indica a possibilidade de um fato acontecer.

Quando eu passar no concurso, **comprarei** um carro.

Obs.: Utilizando o verbo no futuro do subjuntivo, tenho o acompanhamento do futuro do presente para tratar a possibilidade de um fato acontecer sendo seguida de uma ação certa.

MODO IMPERATIVO – Exprime *ordem; pedido, aconselhamento; prescrição*.

PRESENTE DO INDICATIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
EU FALO	XXX	QUE EU FALE	XXX
TU FALAS	FALA TU	QUE TU FALES	NÃO FALES TU
ELE FALA	FALE VOCÊ	QUE ELE FALE	NÃO FALE VOCÊ
NÓS FALAMOS	FALEMOS NÓS	QUE NÓS FALEMOS	NÃO FALEMOS NÓS
VÓS FALAIS	FALAI VÓS	QUE VÓS FALEIS	NÃO FALEIS VÓS
ELES FALAM	FALEM VOCÊS	QUE ELES FALEM	NÃO FALEM VOCÊS

Na tabela acima, os verbos no imperativo afirmativo da segunda pessoa (tu;vós) possuem semelhante estrutura das mesmas pessoas do presente do indicativo, tendo a variação somente da desinência de número-pessoal (-s). O restante dos verbos desse tempo e do imperativo negativo possuem a mesma estrutura dos verbos no presente do subjuntivo. A partir dessas observações, pode-se afirmar que qualquer verbo regular pode ser conjugado no imperativo se apoiando aos outros tempos expostos na tabela (presente do indicativo e presente do subjuntivo).

Bizu:

"**Vem** pra Caixa **você** também!"

O verbo está no imperativo afirmativo e é conjugado na segunda pessoa do singular (TU). Entretanto, na propaganda, temos o verbo acompanhando o pronome de tratamento (VOCÊ), que me indica que o verbo deveria estar, na linguagem formal, na terceira pessoa do singular. Todavia, a estrutura da frase se faz dessa forma por "licença poética" utilizada para harmonização da mensagem.

A frase, na forma gramaticalmente correta, seria:

Venha para a Caixa você também! ou **Vem para Caixa tu também!**

Bizu 2:

Conta a tua história. / Conte a sua história.

Com **seu/sua (s): Você**

Com **teu/tua (s): Tu**

Classificação dos verbos

- **Regular –** Quando os verbos não são modificados na sua estrutura na conjugação, seja no radical, conservando identidade fonética do verbo, e nas desinências.

VERBO AMAR	VERBO FICAR
EU AMO	**EU FICO**
TU AMAS	**TU FICAS**
ELE AMA	**ELE FICA**

Perceba que o radical dos verbos permaneceu sem alteração na fonética e as desinências se repetem com os dois verbos, sem mudanças na conjugação.

- **Irregular –** Quando os verbos são modificados no radical **ou** na desinência.

VERBO PEDIR	VERBO ESTAR
EU PEÇO	**EU ESTOU**
TU PEDES	**TU ESTÁS**
ELE PEDE	**ELE ESTÁ**

Note que o verbo pedir foi modificado na primeira pessoa, tanto na escrita quanto na fonética. Já o verbo estar foi modificado na primeira pessoa, em sua desinência. Desse modo, ambos são considerados como irregulares.

Bizu do MARIO:

Os verbos com terminação em **–IAR** são **REGULARES**, com exceção dos verbos do **MARIO**:

M EDIAR (eu medeio; tu medeias; ...)

A NSIAR (eu anseio; tu anseias; ...)

R EMEDIAR (eu remedeio; tu remedeias; ...)

I NCENDIAR (eu incendeio; tu incendeias; ...)

O DIAR (eu odeio; tu odeias; ...)

Obs.: O verbo **MAQUIAR** é *regular* como o verbo **COPIAR**. (eu MAQU**IO**/ COP**IO**; tu MAQU**IAS**/ COP**IAS**; ...) A estrutura MAQUEIO não está de acordo com a norma culta da língua.

- **Anômalo –** Quando os verbos são modificados no radical **e** na desinência **(SER/IR).**

VERBO SER	VERBO IR
EU SOU	**EU VOU**
TU ÉS	**TU VAIS**
ELE É	**ELE VAI**

Os verbos SER e IR são os verbos principais que modificam toda a sua estrutura nas conjugações, por isso considerados anômalos.

- **Defectivo –** Quando falta conjugação em alguma (s) pessoa (s) nos tempos verbais.

VERBO REAVER
PRESENTE DO INDICATIVO
EU -
TU -
ELE -
NÓS REAVEMOS
VÓS REAVEIS
ELES -

- **Abundante –** Quando há mais de uma forma de **particípio** (Regular e Irregular) no verbo principal em uma locução verbal ou tempo composto.

→ Com os verbos auxiliares **TER/HAVER** – **Regular**

Ele **tinha pagado** o boleto.

→ Com os verbos auxiliares **SER/ESTAR** - **Irregular**

O boleto já **está pago**.

Bizu:

1. Gasto/gastado; Pago/pagado; Ganho/ ganhado – **Certo!**
2. Chegado/chego; Trazido/trago – **Errado!** As formas **CHEGADO** e **TRAZIDO** não são abundantes. Só possuem a forma de particípio regular.
3. Aberto/abrido; Coberto/cobrido; Escrito/Escrevido; Feito/fazido – **Errado!** As formas **ABERTO, COBERTO, ESCRITO E FEITO** não são abundantes. Só possuem a forma de particípio irregular.

- **Auxiliar –** Acompanham o verbo principal na forma nominal e indicam o tempo e o modo verbal.

Seus óculos **foram feitos** naquela loja.

Verbo auxiliar que indica a locução no modo indicativo no pretérito perfeito.

- **Pronominais –** Quando os verbos vêm acompanhados de pronomes oblíquos átonos – *me; te; se; nos; vos* -, mas não são reflexivos.

  Esses verbos podem ser de dois tipos:

  - **Essencialmente pronominais** – são sempre acompanhados dos pronomes oblíquos átonos.

    Exemplos: *queixar-se; ausentar-se; candidatar-se; suicidar-se.*

- **Acidentalmente pronominais –** podem ser conjugados com ou sem auxílio do pronome oblíquo átono.

  Exemplos: *lembrar-se; esquecer-se; debater-se; enganou-se.*

- **Unipessoais** – Possuem a conjugação somente na 3° pessoa do singular/plural e exprimem ações ou estados relativos a vozes de animais.

  Exemplos: cacarejar; mugir; miar; latiu; ...

Formas Nominais dos verbos

Não apresentam flexão de tempo e modo e podem ser tomados como nome (substantivo, advérbio ou adjetivo).

Eles estão **preparados** para a prova.

Verbo na forma nominal de particípio regular que, nesse caso, pode fazer função de adjetivo e, sintaticamente, de predicativo do sujeito.

- Infinitivo **(-R)** – Estado natural do verbo. Pode ser:

  - Pessoal: O verbo se liga ao sujeito definido na frase.

  Parei para **eles verem**.

  - Impessoal: O verbo não se liga a nenhum termo na oração, sendo invariável no número (sempre virá na forma de **singular**).

  Eles gostam de **ouvir**.

- Gerúndio **(-NDO)** – Ação ainda em curso; continuidade.

  Estou **saindo** agora do trabalho.

- Particípio **(-IDO/-ADO Regular)** – Ação depois de finalizada.

  O homem tinha **ganhado** na loteria.

Tempos compostos

Os tempos verbais terão como verbo auxiliar **TER** ou **HAVER** e podem ser:

- **MODO INDICATIVO –**

  - *Pretérito Perfeito*

    Eu **tenho trabalhado** demais.

  - *Pretérito mais-que-perfeito*

    Eu já **tinha estudado** esse conteúdo antes.

  - *Futuro do presente*

    Eu já **terei partido** pela manhã, quando você acordar.

  - *Futuro do pretérito*

    Eu **teria estudado** para a prova, se soubesse.

- **MODO SUBJUNTIVO –**

  - *Pretérito perfeito*

    Espero que você **tenha estudado** o suficiente para a prova.

  - *Pretérito mais-que-perfeito*

    Se **tivesse estudado** mais, tiraria uma boa nota.

  - *Futuro*

    Quando **tiver comido** tudo, poderá sair.

Bizu dos verbos regulares derivados: Observando esses dois exemplos, pode-se afirmar que todo verbo regular derivado será conjugado com a mesma estrutura do verbo de origem, tendo a diferença do prefixo.

Eu **tenho** uma casa de praia. (*verbo TER na primeira pessoa do presente no modo indicativo)*

Eu **mantenho** meus estudos em dia. *(verbo MAN**TER** na primeira pessoa do presente no modo indicativo).*

Sintaxe Gerativa

Eduardo Kenedy

O que é Sintaxe Gerativa?

A Sintaxe Gerativa é uma das mais influentes abordagens a respeito da gramática das línguas humanas. Formulada por Noam Chomsky em meados do século XX, a maneira gerativista de observar, descrever e explicar fenômenos sintáticos transformou-se ao longo dos anos numa teoria linguística complexa e diversificada que, até os dias atuais, permanece produtiva e bem-sucedida (cf. CHOMSKY, 2013). Com efeito, grande parte da história dos estudos em sintaxe no curso das últimas quatro décadas define-se a partir da Sintaxe Gerativa, seja, por um lado, para desenvolvê-la em modelos gerativistas mais específicos e pontuais (como o minimalismo, a otimidade, a sintaxe experimental ou a HSPG)[1], seja, por outro lado, para criticá-la e, fazendo-lhe oposição, fundar novos paradigmas (como o funcionalismo ou o construcionismo)[2]. Em pleno século XXI, parte considerável dos sintaticistas do mundo é formada por gerativistas e mesmo aqueles que não se veem como tal reconhecem a relevância da abordagem chomskiana e seu legado para a linguística contemporânea.

Em suas origens (CHOMSKY, 1955, 1957, 1965), a Sintaxe Gerativa estabeleceu-se como parte de um novo paradigma na linguística que se opunha ao então dominante estruturalismo. Os mais influentes estruturalistas, como o europeu Ferdinand de Saussure e o norte-americano Leonard Bloomfield, assumiam a premissa de que as ciências da linguagem tinham a função precípua de descrever as relações entre os elementos básicos dos sistemas linguísticos – os seus signos (morfemas, palavras) e as suas unidades distintivas (fonemas). Chomsky reconhecia a importância do descritivismo estruturalista, mas, para ele, a linguística deveria assumir uma tarefa mais básica e fundamental: explicar o *caráter gerativo* das línguas naturais. Para Chomsky, o caráter gerativo da linguagem caracteriza-se pelo fato de que, em todas as línguas humanas, é possível criar um número infinito de expressões linguísticas utilizando-se, para tanto, uma quantidade finita de elementos constitutivos. Dizendo de outra forma, Chomsky notou que não existem limites para o número de frases que um falante de uma língua particular, seja ela qual for, pode produzir e compreender. Em qualquer língua humana, é possível gerar uma quantidade infinita de frases, que são formadas com base em um conjunto limitado de fonemas, de morfemas, de palavras e de regras computacionais. Segundo a nova linguística chomskiana, a capacidade gerativa das línguas consistiria justamente em fazer uso infinito dos recursos finitos existentes em seu léxico e em sua gramática. Essa capacidade seria, para Chomsky, o traço mais fundamental da linguagem humana e é sobre ele que a linguística deveria debruçar-se.

---

[1] Veja, por exemplo, os capítulos **Sintaxe Minimalista**, **Sintaxe em Teoria da Otimidade**, **Sintaxe Experimental** e **Sintaxe Lexical**, neste volume.

[2] Veja, por exemplo, os capítulos **Sintaxe Funcional** e **Sintaxe Construcionista**, neste volume.

Unidade	Quantidade de itens numa língua	Significado
fonema	de 20 a 40	nenhum
morfema	mais de 10 mil	fração do significado de uma palavra
palavra	mais de 50 mil	conceitos e combinações simples
frase	infinito	expressão de pensamentos

Tabela 1: Em número aproximados, unidades linguísticas e o caráter gerativo da linguagem.

De fato, como se vê na tabela 1, o número de fonemas, morfemas e palavras que existem numa língua pode ser muito grande. Contudo, por mais extenso que seja, esse número é sempre limitado. Já a quantidade de frases que podemos produzir e compreender em qualquer língua é ilimitada. A todo momento, os falantes das línguas humanas criam e ouvem frases novas, inéditas[3], nunca produzidas antes na história de sua língua. Ora, a originalidade da abordagem chomskiana caracterizava-se por indagar: como os humanos são capazes de gerar infinitas frases com base nos recursos finitos das línguas? O que há por trás dessa capacidade gerativa? Buscar respostas científicas para essas indagações foi a agenda de trabalho trazida à linguística por Chomsky.

No empreendimento proposto pela linguística gerativa, a sintaxe sempre ocupou um lugar central. Isso acontece porque o caráter gerativo das línguas revela-se exatamente no componente sintático da gramática. Entenderemos isso se considerarmos que, para o gerativismo, a linguagem humana possui dois componentes fundamentais: o léxico e as regras computacionais. É no léxico que são depositadas as unidades mínimas da língua (fonemas, morfemas, palavras, idiomatismos, expressões fixas), que, por se tratar de itens finitos, devem ser memorizados pelos falantes de uma língua específica. Já as regras computacionais são também finitas, mas, quando aplicadas sobre os itens presentes no léxico, criam unidades infinitas como sintagmas[4] e frases. Essas unidades são geradas composicionalmente, isto é, vêm à luz no momento em que são engendradas pela sintaxe, e assim não podem ser memorizadas pelos falantes. De acordo com os sintaticistas de orientação gerativista, as regras computacionais da linguagem pertencem ao domínio da sintaxe e cabe à Sintaxe Gerativa descrevê-las e explicá-las.

---

[3] O ineditismo das frases que podem ser geradas em qualquer língua humana é a situação típica do uso da linguagem. Não obstante, frases repetidas, como *frases feitas*, *frases-chavão* e *frases-clichê*, constituem diminutas exceções ao aspecto criativo da sintaxe.

Como podemos entender, a proposta original chomskiana estabelece que a infinitude discreta[5] é a propriedade basilar das línguas humanas, e tal propriedade emerge do componente sintático da gramática. Esse caráter central atribuído à sintaxe faz com que, algumas vezes, estudiosos não gerativistas interpretem linguística gerativa e Sintaxe Gerativa como termos sinônimos. Entretanto, devemos ter em conta que a linguística gerativa dedica-se também ao estudo dos demais componentes de uma língua – a fonologia, a morfologia, o léxico, a semântica, a pragmática e o discurso, tomados isoladamente ou em interação, inclusive com a sintaxe. A Sintaxe Gerativa é, portanto, apenas uma fração do gerativismo. Além disso, não podemos nos esquecer de que a linguística gerativa é também uma teoria geral, abrangente e multifacetada a respeito da Faculdade da Linguagem humana, sua natureza, evolução, aquisição e uso – e não apenas sobre a sintaxe das línguas (cf., entre outros, CHOMSKY, 1986, 1995; HAUSER, CHOMSKY & FITCH, 2002; PINKER & JACKENDOFF, 2005). De fato, o gerativismo consolidou-se na história do conhecimento como uma das disciplinas das ciências da cognição responsáveis pela revolução cognitiva dos anos 50 e 60 do século XX (cf. GARDNER, 2003). Sua inserção entre as ciências cognitivas faz com que a linguística gerativa possua uma grande rede de conceitos relativos à natureza da linguagem na cognição da espécie humana, os quais nem sempre estão explicitamente em análise quando fazemos Sintaxe Gerativa a respeito de um fenômeno morfossintático particular. Isso quer dizer que noções como *inatismo, modularidade, pobreza de estímulos, gramática universal, faculdade da linguagem em sentido amplo e restrito,* etc. podem não ter uma relação imediata e explícita com o fazer mais pontual da Sintaxe Gerativa[6]. A respeito desse aspecto cognitivista e epistemológico do gerativismo, o mínimo que precisamos saber, para os propósitos do presente capítulo, é que, segundo os gerativistas, tanto os itens atômicos do léxico quanto as regras computacionais da sintaxe têm lugar na mente humana e compõem o conhecimento linguístico tácito (a *competência linguística*) que cada indivíduo possui quando se torna capaz de produzir e compreender um número infinito frases em sua língua.

---

[4] Em sintaxe, sintagma é uma unidade intermediária entre a unidade mínima (a palavra) e a unidade máxima (a frase) das computações sintáticas. Um sintagma é tipicamente um conjunto de palavras ou de outros sintagmas, mas pode ser também constituído por único elemento (sintagma unitário), por ou uma ou mais orações ou pode ser nulo (sintagma vazio). Para noções básicas sobre sintagma, ver Unidade 8 de Kenedy (2013).

[5] O termo “infinitude discreta” é usado em linguística para fazer referência às unidades atômicas (discretas) da língua – por exemplo, palavras, morfemas – que são combinadas pelas regras computacionais da sintaxe e dão à luz um número infinito de frases. O caráter gerativo das línguas decorre da infinitude discreta.

[6] Como leitura básica sobre a epistemologia da linguística gerativa, ver Borges Neto (2004).

O que a Sintaxe Gerativa estuda?

Ao fazer emergir o caráter gerativo da linguagem, a sintaxe utiliza regras computacionais para construir sintagmas e frases. A mera existência de tais regras deixa transparecer que, em nenhuma língua, é possível combinar aleatoriamente itens lexicais, sintagmas ou orações e ter como resultado uma frase normal. Na verdade, em qualquer língua, somente algumas combinações sintáticas são permitidas, isto é, apenas certos tipos de estruturas são gramaticais e bem formados. A Sintaxe Gerativa nos ensina que, ao usarmos uma língua, podemos construir um número infinito de frases, mas ao fazermos isso obedecemos regras sintáticas: a criatividade linguística é sempre regida por regras. Por exemplo, em português, na composição de um sintagma nominal (SN), uma regra computacional determina que artigos (ART) devem sempre anteceder o núcleo N desse sintagma, do contrário a estrutura será agramatical[7], mal formada. É isso o que vemos nos exemplos a seguir: (1) [o livro][8] é possível na língua, mas (2) [livro o] não.

(1) [$_{SN}$ [$_{ART}$ o [$_{N}$ livro]

(2) * [$_{SN}$ [$_{N}$ livro [$_{ART}$ o]]

A Sintaxe Gerativa interessa-se por estudar como as regras do componente sintático são aplicadas nas diferentes línguas humanas. O objetivo de um sintaticista gerativista é descrever quais são as regras de uma língua que geram estruturas sintáticas gramaticais e, ao mesmo tempo, impedem a geração de estruturas agramaticais. Ao longo dos anos de amadurecimento da Sintaxe Gerativa, os sintaticistas vêm analisando inúmeras línguas e, como era de se esperar, têm descoberto que certas regras computacionais aplicam-se a um dado conjunto de línguas, mas não a todas as línguas naturais. A regra sintática que determina a anteposição de artigos a nomes é um exemplo disso. Ela se aplica ao português e a muitas outras línguas, porém não é universal. De fato, algumas línguas sequer possuem artigos, e outras os pospõem aos nomes, como é o caso do romeno. Por outro lado, os gerativistas também vêm descobrindo que muitos fenômenos sintáticos realizam-se uniformemente entre as línguas. Por exemplo, quando usamos um pronome anafórico para estabelecer correferência com uma expressão nominal, pronome e referente devem ocupar orações diferentes numa dada frase, como vemos acontecer em (3) na língua portuguesa. Se quisermos fazer correferência entre um pronome e um referente presentes no interior de numa mesma oração, então devemos usar um pronome reflexivo, tal como se ilustra em (4).

---

[7] Na literatura gerativista, o asterisco antes de uma estrutura indica sua agramaticalidade. O uso de um ponto de interrogação antes de estruturas indica dúvida a respeito de sua gramaticalidade.

[8] Na Sintaxe Gerativa, utilizam-se colchetes para indicar limites entre sintagmas. Numa representação desse tipo, o colchete à esquerda indica o início de um sintagma e a ele deve corresponder um colchete à direita, que sinaliza o fechamento do mesmo sintagma: [livro]. Esses colchetes podem ser etiquetados, indicando-se em fonte subscrita o tipo do sintagma (SN (sintagma nominal), SV (sintagma verbal), SP (sintagma preposicional), etc.): [$_{SN}$ livro]. Havendo sintagmas dentro de sintagmas, os colchetes à esquerda indicarão a abertura de novos sintagmas, que serão fechados à direita por um colchete respectivo: [$_{SV}$ li [$_{SN}$ livros]].

(3) a. [O professor$_i$ disse [que o aluno não o$_i$ reconheceu festa]].
b. * [O professor disse [que o aluno$_i$ não o$_i$ reconheceu festa]].

(4) a. * [O professor$_i$ disse [que o aluno não se$_i$ reconheceu festa]].
b. [O professor disse [que o aluno$_i$ não se$_i$ reconheceu festa]].

Em (3a), o pronome anafórico [o] ocupa a oração subordinada iniciada com [que], enquanto seu referente, a expressão nominal [o professor], encontra-se noutra oração, a oração principal da frase. Em função dessa distribuição, a correferência entre esses dois elementos, que se indica pelo “i” subscrito, é gramatical. Como resultado, temos uma frase bem formada em português. Já em (3b), o pronome [o] toma como referente a expressão [o aluno]. Nesse caso, pronome e referente encontram-se na mesma oração, iniciada com o conectivo [que]; logo, o resultado é uma construção agramatical na língua.

Essa lógica se inverte quando analisamos os pronomes reflexivos. Em (4a), a correferência foi estabelecida entre a expressão nominal [o professor] e o reflexivo [se], que ocupam orações diferentes e, dessa forma, provocam agramaticalidade. Já em (4b), [o aluno] e [se] compartilham a mesma oração e isso faz com a correferência seja gramatical. O fato interessante – e mais importante para a caracterização da Sintaxe Gerativa – é que, se traduzirmos os exemplos (3) e (4) para qualquer língua humana, as regras sintáticas serão as mesmas: pronomes anafóricos ocuparão uma oração diferente da de seu referente, enquanto pronomes reflexivos e referentes ocuparão a mesma oração; do contrário, teremos agramaticalidade.

O que devemos entender a partir desses exemplos é que, ao passo que certas regras sintáticas são particulares e dependentes de uma língua ou de uma tipologia linguística, como ocorre em (1) e (2), outras regras são universais e independentes de uma língua específica, tal como acontece em (3) e (4). Pois bem: a principal agenda de pesquisa em Sintaxe Gerativa consiste justamente em investigar a sintaxe das diversas línguas humanas e descobrir o que é universal e o que é particular nas regras que governam a infinitude discreta.

Na tarefa de descrever a sintaxe das línguas, os sintaticistas de formação gerativista possuem uma teoria bastante madura e poderosa: a Teoria de Princípios e Parâmetros (cf. CHOMSKY, 1981, 1995). Essa teoria é capaz de fornecer explicações para a universalidade dos fenômenos sintáticos, bem como para as possíveis variações da sintaxe de uma língua para a outra. Segundo a Teoria de Princípios e Parâmetros, as línguas humanas possuem todas uma origem comum: a Gramática Universal (GU). A GU é composta por dois tipos de informação diretamente relacionados à sintaxe: (i) os Princípios, que são universais e invariantes entre as línguas, e (ii) os Parâmetros, que são também universais, mas variam de maneira limitada de uma língua para a outra.

Na Sintaxe Gerativa, assume-se que, enquanto os Princípios são invariantes e, assim, fazem parte da cognição humana mesmo antes de sua experiência linguística, os Parâmetros da GU, por sua vez, precisam ser formatados durante o processo de aquisição da linguagem. A necessidade de formatar os Parâmetros da GU e, desse modo, criar o conhecimento de uma língua específica, é, por assim dizer, motor principal da aquisição da sintaxe do português, do japonês ou de qualquer língua natural. A aquisição de Parâmetros pode ser entendida como uma espécie de escolha entre opções de configurações sintáticas preexistentes na GU. Por exemplo, durante a aquisição da língua de seu ambiente, uma criança precisa descobrir (tacitamente) se essa língua possui sujeitos nulos ou preenchidos, núcleos sintáticos finais ou iniciais, movimento de QU-[9] ou QU- *in situ*, concordância morfossintática ou não, etc. No curso de alguns anos, esses Parâmetros são formatados com um “sim ou não”, um “positivo ou negativo”, e, finalmente, formam uma grande rede de relações gramaticais da qual emerge o conhecimento da sintaxe de uma língua. Uma criança exposta a uma variedade do português do Brasil, por exemplo, formatará os Parâmetros de sua GU de tal forma que a sintaxe de sua língua terá sujeitos nulos, núcleos iniciais, movimento de QU-, concordância, e uma gama de outros fenômenos gramaticais variáveis entre as línguas.

---

[9] Um “QU-“ é um pronome como *que*, *quando*, *quem*, *qual* e expressões equivalentes como *onde* (em que lugar), *como* (de que maneira) etc. Em Sintaxe Gerativa, entende-se que o movimento de QU- acontece quando um elemento desse tipo ocupa, na frase, uma posição linear diferente daquele em que esse mesmo elemento é interpretado. Por exemplo, em “[Que livro você acha que o João ainda não leu]?”, o QU- aparece ao início da frase, mas é interpretado somente em seu final, como complemento do verbo “ler”. Nesses casos, diz-se ter ocorrido movimento de QU-. Em línguas de QU- *in situ*, como o chinês, elementos QU- sempre ocupam a posição em que recebem interpretação, sem sofrer movimento. Ver mais sobre o assunto nos capítulos **Sintaxe Tipológica** e **Sintaxe em Teoria da Otimidade**, neste volume.

Com base na Teoria de Princípios e Parâmetros, um sintaticista poderá descrever as semelhanças e as diferenças entre duas línguas distantes tipologicamente, como, digamos, o português e o japonês, de uma maneira sistemática e interessante. Por exemplo, essas duas línguas compartilharão Princípios – afinal, esses são os mesmos para todas as línguas humanas. O Princípio da Subordinação, para citar apenas um exemplo[10], estabelece que uma oração pode ser estruturada numa dada frase como complemento de outra oração, à qual se subordina. Assim, uma construção como [João é feliz] pode ser o constituinte de outra oração hierarquicamente superior: [Paulo acha que [João é feliz]]. Já que se trata de um Princípio, a Subordinação é um fenômeno sintático que será encontrado em português, em japonês e em qualquer outra língua. Mas é claro que português e japonês também apresentarão diversas diferenças sintáticas. Muitas dessas diferenças poderão ser explicadas em função da maneira pela qual cada uma dessas línguas formatou Parâmetros da GU.[11] O Parâmetro do Núcleo, por exemplo, estabelece que as línguas particulares deverão formatar sua gramática como Núcleo Inicial ou Núcleo Final (ou, se quisermos simplificar a descrição, Núcleo + Final ou Núcleo – Final). Em português, tal Parâmetro é formatado como Núcleo Inicial e, dessa forma, núcleos sintáticos antecedem seus respectivos complementos estruturais: dizemos [eu *comprei doce*] e não *[eu *doce comprei*]. Em japonês, o mesmo Parâmetro é formatado como Núcleo Final e, assim, complementos estruturais devem anteceder os seus respectivos núcleos. Nessa língua, devemos dizer algo como [eu *doce comprei*] e não *[eu *comprei doce*].

Em suma, a Sintaxe Gerativa estuda o componente sintático das diversas línguas humanas e, ao fazê-lo, tem o objetivo de caracterizar o que é universal e o que é particular nos inúmeros fenômenos sintáticos que dão vida à infinitude discreta. Ao fazer isso, os sintaticistas procuram descobrir quais Princípios e quais Parâmetros da GU motivam as regras sintáticas que geram estruturas gramaticais e proíbem as agramaticais numa dada língua ou em todas as línguas naturais.

---

[10] Outro exemplo de Princípio da GU são os Princípios de Ligação, que explicam, entre outros fenômenos, a universalidade do comportamento de relações de correferência como as ilustradas em (3) e (4). Para saber mais sobre Ligação, ver capítulo 8 de Hornstein, Nunes & Grohmann (2005).

[11] Note-se que nem todos os fenômenos sintáticos das línguas naturais podem ser reduzidos a uma variação de Parâmetros da GU. A própria anteposição de artigos a nomes em português, citada em (1) e (2), é ilustração disso. Muitas particularidades sintáticas das línguas específicas derivam de idiossincrasias presentes em seu léxico. Entender o léxico como fonte dos traços gramaticais que provocam as variações sintáticas, paramétricas ou não, é algo bem estabelecido na linguística gerativa contemporânea (cf. CHOMSKY, 1998).

Como estudar um desses fenômenos usando a Sintaxe Gerativa?

Ao estudar a sintaxe das línguas, um sintaticista gerativista lançará mão de pelo menos dois princípios metodológicos fundamentais: os julgamentos de gramaticalidade e o formalismo.

Os julgamentos de gramaticalidade dizem respeito às intuições que um falante nativo da língua em estudo, que pode ser o próprio linguista e/ou alguém que lhe sirva de informante, tem sobre certas estruturas sintáticas numa dada língua. Por exemplo, as seguintes frases do português têm seu *status* gramatical definido conforme a intuição do próprio autor deste capítulo.

(5) a. Os alunos parecem estar cansados.
b. * Os alunos parece estar cansados.
c. * Os alunos parece estarem cansados.
d. * Os alunos parecem estarem cansados.

A partir dessas intuições, seria possível elaborar uma generalização descritiva interessante e estabelecer que, na língua portuguesa, o infinito flexionado só é gramatical em locuções verbais quando as marcas de concordância acontecem no verbo auxiliar e somente nele. Isso seria atestado pela gramaticalidade de (5a), por contraste à agramaticalidade das demais possibilidades.

Muitas vezes, os julgamentos não são uma questão de tudo ou nada, e o falante nativo pode ter dúvidas quanto à gramaticalidade de uma estrutura. Nesse caso, ele deverá indicar sua incerteza quanto à construção, como se vê em (6c).

(6) a. O livro que encomendei chegou.
b. * O livro quem encomendei chegou.
c. ? O livro o qual encomendei chegou.

De acordo com quem julgou as frases em (6), (6a) é claramente gramatical e (6b), agramatical. Há, contudo, dúvida sobre (6c): o uso de [o qual] só parece gramatical quando a oração relativa em que se insere é uma *explicativa*, mas não uma *restritiva* como a do exemplo. Todavia, é possível que outros falantes do português não compartilhem dessa intuição, logo qualquer generalização descritiva sobre (6) poderá ser posta em xeque.

Os julgamentos de gramaticalidade são indispensáveis no fazer da Sintaxe Gerativa. É partir deles que se torna possível investigar, de uma maneira relativamente simples, o resultado (gramatical ou agramatical) de certas operações sintáticas numa dada língua. É também por meio desses julgamentos que podemos investigar, sem necessitar de recursos muito elaborados e caros, as diferenças e as identidades entre a sintaxe das diferentes línguas. Não obstante, tais julgamentos devem ser aferidos de maneira rigorosa, preferencialmente com recurso a experimentos[12]; do contrário, podem incorrer em problemas metodológicos que enfraquecerão as generalizações descritivas propostas pelo sintaticista[13].

O segundo princípio metodológico assumido pelos sintaticistas de orientação gerativa é o *formalismo*. Esse termo, na Sintaxe Gerativa, possui pelo menos duas acepções. Em primeiro lugar, formalismo diz respeito à formalização adequada das generalizações descritivas propostas pelo linguista. Assumindo esse tipo de formalismo, um sintaticista, ao descobrir uma regra computacional, um Princípio, um Parâmetro, um fenômeno sintático etc., deverá apresentar o seu achado da maneira mais explícita e inequívoca possível, evitando as ambiguidades, as múltiplas interpretações e as subjetividades que se mostram indefectíveis fora de uma linguagem não científica e não formalizada. Vemos um exemplo de formalização a seguir.

(7) DOMINÂNCIA: α domina β se e somente se existe uma sequência conexa de uma ou mais ramificações sintáticas entre α e β e o percurso de α até β por essas ramificações é unicamente descendente. (MIOTO, SILVA & LOPES, 2013: 54 – adaptado)

---

[12] Hoje em dia, o recurso a alguma metodologia experimental é cada vez mais acessível aos sintaticistas (cf. MAIA, 2012). Para saber mais sobre isso, ver o capítulo **Sintaxe Experimental** do presente volume.

[13] Muitos fenômenos extrassintáticos podem influenciar ou determinar os julgamentos de gramaticalidade e, por isso, precisam estar sob o controle do sintaticista. O mais problemático deles é o efeito de saciação (SNYDER, 2000). Para saber mais sobre esse efeito, ver o capítulo **Sintaxe Experimental** neste volume. Outros fenômenos não sintáticos interferentes nos julgamentos são os seguintes: frequência de determinado item lexical, suporte discursivo e referencial para expressões nominais ou para proposições, demanda da memória de trabalho do ouvinte/leitor, interveniência de elementos semelhantes ou díspares numa mesma estrutura frasal, *status* discursivo das expressões nominais presentes na frase, diferenças dialetais, assimetrias entre intuições automáticas e intuições frutos de reflexão, etc. Para uma revisão sobre metodologias adequadas para julgamentos de gramaticalidade, ver Cowart (1997).

Não é preciso explicar os detalhes dessa definição, pois o necessário para o momento é entendermos que, com base nela, os sintaticistas poderão falar sobre dominância, identificar um constituinte que domina e o outro que é dominado, formular regras computacionais a partir da noção de dominância etc. sem que haja confusões ou desentendimentos sobre o que é *dominância*. Com efeito, o mesmo tipo de formalização é esperado, na Sintaxe Gerativa, para qualquer definição, generalização descritiva ou proposição geral aduzidas pelos estudiosos[14].

A outra acepção do termo *formalismo* refere-se à concepção gerativista segundo a qual as formas da sintaxe possuem natureza e funcionamento independentes do conteúdo e das funções que tais formas eventualmente veiculem no uso da linguagem. Isso quer dizer que, para a Sintaxe Gerativa, a sintaxe é um componente autônomo na arquitetura da linguagem humana. De acordo com os sintaticistas gerativistas, as regras computacionais da sintaxe são um conjunto de operações formais que constroem sintagmas e frases. Essas regras seriam exclusivamente sintáticas e não seriam afetadas por informações de outra natureza (tais como semântica, pragmática, discursiva). Desse modo, uma pesquisa em Sintaxe Gerativa a respeito de um fenômeno linguístico específico descreverá esse fenômeno em função tão somente de certas operações formais. É em virtude da adoção desse tipo de formalismo que a pesquisa em Sintaxe Gerativa tipicamente trabalha com frases isoladas, fora de contexto, as quais apresentam as informações necessárias e suficientes para explicar o funcionamento formal da sintaxe.

A autonomia da sintaxe em relação aos demais componentes da linguagem foi ilustrada por Chomsky no seu clássico exemplo de 1957, que traduzimos como se segue.

(8) Ideias verdes incolores dormem furiosamente.

Para Chomsky, essa frase, apesar de ser sintaticamente gramatical, é inaceitável de um ponto de vista semântico; afinal de contas, “ideias” não possuem cor e, se pudessem ser “verdes”, esse “verde” não poderia ser do tipo “incolor”. Além disso, “ideias” são abstratas e não podem exercer atividade física concreta, como “dormir” e, por fim, dormir envolve repouso e tranquilidade, algo incompatível com a semântica do advérbio “furiosamente”. O argumento de Chomsky era claro: a sintaxe é autônoma em relação à semântica porque é capaz de gerar formas gramaticais sem conteúdo semântico normal, tal como se vê em (8). Note-se que, se a sintaxe por ela mesma fosse violada e uma estrutura agramatical fosse gerada, sequer conseguiríamos imaginar um conteúdo semântico relacionado a uma sopa de palavras como “* Furiosamente ideias dormem incolores verdes”.

---

[14] A formalização não é exclusividade da Sintaxe Gerativa, sendo buscada também por outras abordagens. Deve-se notar que a formalização faz com que a linguística se aproxime do modo de fazer ciência das disciplinas formais e naturais, algo que não é a prática mais comum nos estudos sobre linguagem. Com efeito, o pouco uso de formalizações produz, na linguística, muitas querelas a respeito de conceitos básicos como “linguagem”, “língua”, “discurso” ou mesmo “sintaxe”. Em Sintaxe Gerativa, é comum, por exemplo, utilizar-se o termo “Sistema Computacional da Linguagem Humana” para fazer referência à sintaxe das línguas naturais, de modo a evitar confusões com outras acepções da palavra “sintaxe”. Para saber mais sobre disputas na linguística, ver Harris (1993).

Poderia me dar um exemplo?

A Sintaxe Gerativa, ao descrever as operações formais que geram as estruturas sintáticas das línguas, assume uma noção fundamental: as frases que produzimos e compreendemos quando usamos a linguagem são, na verdade, o resultado de um processo computacional. Segundo os gerativistas, para entendermos como a sintaxe funciona, devemos ir além do que vemos na superfície de uma dada frase e procurar reconstituir cada operação sintática do processo que lhe deu origem. Em Sintaxe Gerativa, o conjunto das computações que geram uma frase é chamado de *derivação*[15], enquanto os sintagmas e as frases que resultam das operações sintáticas denominam-se *representação*.

A fim de exemplificar o fazer da Sintaxe Gerativa, analisemos um fenômeno bem específico: o licenciamento de sintagmas de valor nominal com algum *Caso*. Diante das representações (9a) e (9b) a seguir, um sintaticista irá indagar-se sobre as razões formais que tornam a primeira frase gramatical e a segunda, agramatical.

(9) a. Paulo quer que João estude.
b. * Paulo quer João estudar.

---

[15] O termo clássico para descrever o que chamamos hoje de derivação é *transformação*. Em suas origens, a Sintaxe Gerativa era também chamada de *transformacional*, termo que se usava para fazer alusão às “transformações” que uma estrutura sofria até que uma frase fosse completamente formada. Nos anos anteriores aos 1990, a noção de *transformação* era explicitada pela assunção de dois níveis de representação: *Estrutura Profunda* e *Estrutura Superficial*. Na estrutura profunda, seriam estabelecidas as relações semânticas básicas de uma frase e, sobre ela, seriam aplicadas regras transformacionais que gerariam a estrutura de superfície, a qual seria então encaminhada para outros níveis representacionais – a *Forma Fonética* e a *Forma Logica*. Dos anos 1990 em diante, as noções de Estrutura Profunda e Superficial foram abandonadas e assume-se que a derivação aconteça sobre itens retirados do léxico (e organizados numa numeração) e sobre sintagmas e orações formadas a partir deles, até que representações sejam construídas e encaminhadas para a Forma Fonética e a Forma Lógica.

Algum fenômeno sintático acontece na computação de (9a) e falta em (9b). Se analisarmos os exemplos (10a) e (10b), teremos mais evidências para tentar descobrir do que se trata.

(10) a. Maria parece gostar de sintaxe.
b. * Parece Maria gostar de sintaxe.

Na análise de frases dos tipos (9) e (10) em diversas línguas, os estudiosos da Sintaxe Gerativa formularam a noção de *Filtro de Caso*. Esse Filtro estabelece que, no curso de uma derivação, expressões nominais visíveis – sintagmas plenos como [João], [Maria], [o livro], [aquele gato], [todos os meus alunos] etc. – precisam ser licenciadas com algum Caso (nominativo, acusativo, oblíquo ou outro) para poderem figurar numa representação qualquer. Se sintagmas desse tipo não forem licenciados com algum Caso, então a estrutura resultante será agramatical. Numa frase, são poucas as posições sintáticas que licenciam o Caso em expressões nominais. Uma delas é a posição de sujeito de um verbo finito, em que o nominativo é licenciado. Na frase (9a), reproduzida abaixo como (11), o verbo finito da oração principal, [quer], licencia seu sujeito [Paulo], enquanto o verbo finito da oração subordinada, [estude], licencia seu respectivo sujeito [João].

(11) [[Paulo [quer [que [João [estude]]]]]

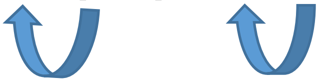

Expressões nominais visíveis licenciadas com Caso (nominativo). Filtro de caso OK.

Já na frase (9b), o verbo [estudar], presente na oração subordinada, encontra-se em forma infinita e, assim, não é capaz de atribuir Caso a seu sujeito. Note-se que não há nessa frase nenhuma outra posição para onde o sintagma [João] pudesse ser deslocado, a fim de ser licenciado e preservar o Filtro de Caso. Como consequência, temos uma construção agramatical. A situação das frases em (10) é um pouco diferente. Em (10b), a representação, tal como se encontra, é agramatical; afinal, o sintagma [Maria] é pleno, isto é, possui matriz fonética (não é nulo, oculto) e está posicionado como sujeito de [gostar], verbo que, em forma infinita, não consegue licenciar sujeitos. Ocorre, no entanto, que nessa frase existe uma posição sintática livre que é capaz de licenciar uma expressão nominal com o Caso nominativo: trata-se da posição de sujeito do verbo finito [parece][16]. Durante a derivação dessa frase, o Filtro de Caso será preservado se uma operação sintática deslocar o constituinte [Maria] para essa posição, evitando que ele seja visível no local de onde é deslocado. É exatamente essa operação que se aplicou em (10a), frase reproduzida a seguir como (12). O movimento do sintagma para uma posição licenciada (indicado pela seta) e seu respectivo pagamento fonético na posição não licenciada (indicado pelo tachado duplo) são operações formais que tornam a frase gramatical.

(12) [Maria [parece [~~Maria~~ [gostar [de [sintaxe]]]]]]

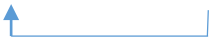

Regra desloca [Maria] para uma posição em que é licenciado com nominativo. Filtro de caso OK.

O que vemos em (11) e (12) é uma breve ilustração da maneira pela qual, em Sintaxe Gerativa, se postula a existência de operações formais que são necessárias e suficientes para gerar estruturas sintáticas gramaticais (e eliminar as agramaticais) numa língua. Em seu trabalho, o sintaticista gerativista formulará tais operações e verificará como elas são ou não invariantes entre as línguas. Naturalmente, uma operação formal advogada pelo pesquisador em Sintaxe Gerativa deverá dar conta de uma vasta gama de fenômenos linguísticos, e não apenas de um fato em isolado. As regras de movimento são, por exemplo, uma computação pervasiva no sistema formal das línguas. Elas se aplicam não só em relação ao licenciamento de sintagmas com o Filtro de Caso, mas também, entre outros fenômenos, sobre elementos QU-. Em línguas como o português, elementos QU- são tipicamente deslocados para a periferia esquerda da frase, onde assinalam a força ilocucionária das orações interrogativas. É isso o que vemos representado em (13).

(13) [Que [livro [o João [leu ~~[que [livro]~~]]]]]?

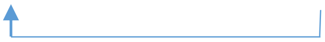

Ao formular regras descritivas, o estudioso da Sintaxe Gerativa também deverá investigar sob que circunstâncias sintáticas as operações descritas pelas regras são aplicadas. É muito comum que existam restrições à aplicação de regras computacionais.

---

[16] Um detalhe importante é que a posição de sujeito do verbo [parecer] encontra-se vazia em virtude de esse verbo selecionar do léxico (na numeração) apenas complemento [Maria gostar de sintaxe], mas não sujeito. Como não há sujeito na numeração (isto é, nos itens retirados do léxico a serem usados na derivação), então a sintaxe deslocará o sujeito sem caso da oração subordinada diretamente para a posição disponível na oração principal, fenômeno denominado em Sintaxe Gerativa como *alçamento*. Para saber mais sobre noções como numeração e derivação, ver **Sintaxe Minimalista**, neste volume.

Uma regra de movimento, por exemplo, aplica-se para deslocar constituintes somente em distâncias locais. Cruzar, por meio de movimento, longas distâncias, como orações inteiras, é algo que provoca agramaticalidade, como se vê acontecer em (14).

(14) * [Que [livro [o João [conheceu [uma pessoa [que [leu ~~[que [livro]~~]]]]]]]]?

Em resumo, ao sintaticista de orientação gerativa compete descobrir e descrever as regras computacionais que atuam na derivação de representações gramaticais, seja numa língua específica, numa tipologia linguística ou universalmente. Ao formular suas descrições, o sintaticista deverá ser o mais abrangente possível e estar atento à produtividade e às restrições relacionadas às regras que descobriu.

Quais são as grandes linhas de investigação em Sintaxe Gerativa?

Como a Sintaxe Gerativa possui uma tradição muito longa, é muito difícil descrever de maneira sistemática e adequada todas as grandes linhas de investigação que foram desenvolvidas nesses quase 60 anos de história da área. O que apresentamos a seguir é somente uma indicação de alguns grupos de trabalho importantes que vêm sendo desenvolvido por pesquisadores brasileiros no curso das últimas décadas.

Teoria da Gramática. Essa linha pode ser considerada a abordagem clássica da Sintaxe Gerativa. Nela, desenvolvem-se modelos formais abstratos que buscam descrever tanto a competência linguística dos falantes de uma língua como fenômenos sintáticos mais específicos.

Sintaxe Experimental. Essa linha complementa-se à Teoria da Gramática por sempre utilizar experimentos linguísticos para investigar questões relativas à competência sintática dos falantes de um ponto de vista cognitivo.

Sintaxe Comparativa. Essa linha visa comparar um conjunto de línguas para verificar o comportamento de Parâmetros e ensejar a descoberta de novos Princípios e Parâmetros ou de novos fenômenos morfossintáticos específicos.

Sintaxe Histórica e Sintaxe Paramétrica. Essa linha dedica-se ao estudo da história antiga ou mais recente de determinada língua, a fim de pesquisar, entre outros fenômenos, a formação e a modificação de certos Parâmetros, e o surgimento, a variação e a mudança de aspectos morfossintáticos.

Aquisição da Sintaxe. Essa linha é parte dos estudos em Aquisição da Linguagem e visa estudar especificamente como se dá a aquisição de aspectos sintáticos da(s) língua(s) do ambiente da criança.

Processamento da Sintaxe. Essa linha é parte dos estudos em Psicolinguística e tem o objetivo de investigar a dimensão psicológica das computações sintáticas na produção e na compreensão de frases em tempo real.

Sintaxe Computacional. Essa linha visa desenvolver aspectos da inteligência artificial e da engenharia de softwares relacionados à produção e à interpretação de frases por máquinas, com base nos modelos desenvolvidos por estudos em Sintaxe Gerativa.

Evolução da Sintaxe. Essa linha dedica-se à pesquisa em evolução da linguagem humana e tem o objetivo de levantar hipóteses a respeito do surgimento da sintaxe como capacidade cognitiva do *homo sapiens*.

O que eu poderia ler para saber mais?

As seguintes leituras em português são essenciais para os primeiros contatos com a Sintaxe Gerativa no nível acadêmico da graduação.

Livros

CHOMSKY, N. *O conhecimento da língua, sua natureza, origem e uso*. Lisboa: Caminho, 1994.

KENEDY, E. *Curso básico de linguística gerativa*. SP: Contexto, 2013.

MIOTO, C.; SILVA, M. C. & LOPES, R. V. *Novo Manual de Sintaxe*. SP: Contexto, 2013.

Capítulos de livro

BERLINK, R.; AUGUSTO, M. & SCHER, A. Sintaxe. In: MUSSALIM, F. & BENTES, A. C. (Org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. *V.1*. São Paulo: Cortez, 2001. pp. 207-244.

BORGES NETO, J. O empreendimento gerativo. In: MUSSALIM, F. & BENTES, A. C. (Org.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. *V.3.* São Paulo: Cortez, 2004. pp. 93-129.

FIGUEIREDO SILVA, M. C. & COSTA, J. Os anos 1990 na Gramática Gerativa. In: MUSSALIM, F. & BENTES, A. C. (Org.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. *V.3.* São Paulo: Cortez, 2004. pp. 131-164.

GALVES, C. & FERNANDES, F. Morfologia e Sintaxe. In: GUIMARÃES, E. & ZOPPI-FONTANA, M. (Org.). *Introdução às Ciências da Linguagem – A palavra e a frase*. Campinas: Pontes, 2006. pp. 75-112.

KENEDY, E. Gerativismo. IN.: MARTELOTTA, M. (org) *Manual de linguística*. SP: Contexto, 2008.

NEGRÃO, E.; SCHER, A. & VIOTTI, E. A competência linguística. IN: FIORIN, J. L. (org). *Introdução à linguística: I. objetos teóricos*. SP: Contexto 2002. pp. 95-119.

NEGRÃO, E.; SCHER, A. & VIOTTI, E. Sintaxe: explorando a estrutura da sentença. FIORIN, J. L. (org). *Introdução à linguística: II. princípios de análise*. SP: Contexto, 2003. pp. 81-109.

PINKER, S. *O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem*. SP: Martins Fontes, 2003. (Capítulo 4, “Como a linguagem funciona”. pp. 95-149)

Referências

BORGES NETO, J. O empreendimento gerativo. In: MUSSALIM, F. & BENTES, A. C. (Org.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. *V.3.* São Paulo: Cortez, 2004. pp. 93-129.

CHOMSKY, N.

Logical Structure of Linguistic Theory. (Tese de doutorado), 1955. Publicado por Springer em 1975.

CHOMSKY, N. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton, 1957.

CHOMSKY, N. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.

CHOMSKY, N. *Lectures on government and binding*. Dordrecht, Netherlands: Foris, 1981.

CHOMSKY, N. *Knowledge of Language: Its Nature, Origin and Use*. NY: Praeger, 1986.

CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

CHOMSKY, N. Derivation by phase. *MIT Occasional Papers in Linguistics*, 18, 1998.

CHOMSKY, N. Problems of projection. *Lingua* 130, 2013. pp. 33-49

COWART, W. *Experimental syntax: applying objective methods to sentence judgments*. London: Sage Publications, 1997.

GARDNER, H. *A nova ciência da mente*: uma história da revolução cognitiva. SP: Edusp, 2003.

HORNSTEIN, N., NUNES, J. & GROHMANN, K. *Understanding Minimalism.* Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

HARRIS, R. The linguistics wars. Oxford, Oxford Univesity Press, 1993.

HAUSER, M., CHOMSKY, N., & FITCH, W. T. The language faculty: What is it, who has it, and how did it evolve? *Science*, 298. 2002. pp. 1569–1579.

KENEDY, E. *Curso básico de linguística gerativa*. SP: Contexto, 2013.

MIOTO, C.; SILVA, M. C. & LOPES, R. V. *Novo Manual de Sintaxe*. SP: Contexto, 2013.

PINKER, S. & JACKENDOFF, R. The faculty of language: what's special about it? *Cognition*, 95, 2005. pp. 201-236.

SNYDER, W. An Experimental Investigation of Syntactic Satiation Effects. *Linguistic Inquiry*, Vol. 31, No. 3, 2000. pp. 575-582.

Poema

Gênero textual que utiliza as palavras como matéria-prima, organizando-as em versos, estrofes ou prosa, ou seja, apresenta uma estrutura que permite defini-lo como gênero. A palavra poema é derivada do verbo grego *poein*, que significa "fazer, criar, compor".

Elementos

☆ ***Verso***: cada uma das linhas.
☆ ***Estrofe***: cada um dos conjuntos de linhas.
☆ ***Métrica***: contagem das sílabas poéticas.
☆ ***Rima***: combinação de sons iguais ou semelhantes nas palavras.
☆ ***Ritmo***: confere sonoridade e melodia ao poema.

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Características

→ Tem por finalidade expressar sentimentos, emocionar, entreter.
→ Organiza-se em versos, que podem se agrupar em uma ou mais estrofes.
→ Utiliza linguagem expressiva, figurada, pessoal e subjetiva.
→ Pode apresentar palavras e expressões em sentido conotativo e denotativo.
→ Explora a sonoridade, o ritmo e a rima das palavras.
→ Pode apresentar palavras e expressões repetidas.

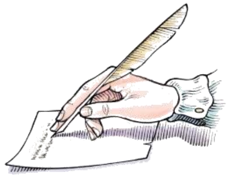

Espécies

Soneto: Foi criado no século XIV sendo composto por catorze versos, dos quais dois deles são quartetos (estrofe de 4 versos) e dois são tercetos (estrofe de 3 versos).

Balada: Poema de narrativa de lendas e tradições, originária dos povos do Norte da Europa, composto de três estrofes de 8 ou 10 versos, que finalizam com o mesmo refrão e com uma dedicatória.

Trova: Composição poética de quatro versos de sete sílabas cada um, rimando pelo menos o segundo com o quarto verso. É criação popular, que fala diretamente ao coração do povo.

Poema visual: são produções literárias em que as imagens, formas e tudo o que é capaz de ser captado pela visão, ganham destaque.

Haicai: É um poema curto de origem japonesa. "*hai*" (brincadeira, gracejo) e "*kai*" (harmonia, realização), ou seja, representa um poema humorístico. Composto de três versos (terceto), sendo o primeiro e o último de 5 sílabas e o segundo de 7, totalizando 17 sílabas poéticas.

Cordel: O texto é escrito com métrica fixa e rimas que fazem a musicalidade dos versos; tratam dos costumes locais, fortalecendo as identidades regionais.

Acróstico: composição que consiste em formar uma palavra vertical com as letras iniciais ou finais de cada verso gerando um nome próprio ou uma sequência significativa.

Poetrix: poema minimalista, criado por Goulart Gomes, composto de um título e uma estrofe de três versos com, no máximo, trinta sílabas métricas.

AF
CURSOS

SEMÂNTICA DOS VERBOS

VERBOS

Observe que são três os modos verbais:

1-Indicativo: é o modo que assegura algo.

2-Subjuntivo: é o modo que indica possibilidade, hipótese.

3-Imperativo: é o modo que apresenta ideias de ordem, pedido, convite, súplica.

I – O Modo Indicativo

Expressa um fato real, de maneira definida. Divide-se nos seguintes tempos:

a) Presente

É empregado para expressar um fato que ocorre no momento em que se fala. Exemplo:

Guilherme está cansado.

(Isso é algo que ocorre no momento em que se fala.)

- Pode ser usado também para exprimir outras ideias.

Conferir realidade a fatos passados.

Ex.: Em 1500 Cabral descobre o Brasil.

-Indicar futuro próximo.

Ex.: Vou amanhã para Búzios.

b) Pretérito imperfeito

Pode ser utilizado para expressar:

- Fatos repetidos, frequentes, habituais no passado.

Ex.: Quando era pequena, brincava de boneca.

(Observe que as duas ações que estão no pretérito imperfeito indicam fatos frequentes no passado.)

- Uma ação que estava ocorrendo quando outra, geralmente no pretérito perfeito, aconteceu.

Ex.: Pedro tomava banho quando o telefone tocou.

(Temos aqui duas ações pretéritas: a ação de tomar banho é durativa, enquanto que a ação de o telefone tocar é instantânea, estando, pois, no pretérito perfeito.)

- Uma ação planejada, esperada, e não realizada.

Ex.: Pretendíamos ir até sua casa, mas não foi possível.

c) Pretérito perfeito simples

Expressa um fato que começou e terminou no passado, próximo ou distante.

Ex.: Conversei com Andreia hoje (passado próximo).

em 1990 (passado distante).

d) Pretérito mais-que-perfeito

É utilizado, em geral, para expressar um fato já terminado antes de outro no passado. Gosto de dizer que ele é o **passado anterior** ao pretérito perfeito.

Ex.: Ele já estudara quando sua namorada ligou.

(Observe que há duas ações no passado: a ação de estudar ocorre antes da ação de *ligar*, daí ela vir no pretérito mais-que-perfeito.)

e) Futuro do presente

Em geral, é usado para indicar um fato futuro em relação ao momento em que se fala. É um fato futuro, posterior ao presente.

Ex.: Viajarei na próxima semana.

f) Futuro do pretérito

É utilizado nas seguintes situações:

- Para indicar um fato futuro em relação a outro no passado.

Ex.: Ele disse que faria todos os deveres.

(Esse é o uso mais comum do futuro do pretérito: ele aqui vem combinado ao pretérito perfeito – disse – e indica uma ação futura, posterior a outra no passado.)

- Para expressar dúvida, incerteza.

Ex.: Quem estaria lá?

(Perceba que tanto o futuro do presente quanto o futuro do pretérito podem, portanto, indicar dúvida, incerteza).

- Para denotar desejo, em tom polido.

Ex.: Gostaria de um café ?

(Observe que, nesse caso, poderíamos até usar um verbo no presente do indicativo – *Aceita um café*? –, mas a frase perderia seu tom polido, educado.)

QUESTÕES

01. FCC – DPE – AM – ASSISTENTE TÉCNICO DE DEFENSORIA - ASSISTENTE TÉCNICO ADMINISTRATIVO – 2018

Há correspondência entre tempos e modos entre as formas verbais empregadas em:

a) Caso estivesse vivo hoje, o filósofo Auguste Comte teria a oportunidade de constatar o quanto suas suposições se distanciaram da experiência.

b) Independentemente da época em que fossem expressas, as previsões sobre o futuro sempre dirão muito mais sobre o presente de quem se arriscar a fazê-las.

c) Por mais precisos que nossos instrumentos de medição de engarrafamentos venham a se tornar, é improvável que fôssemos capazes de fazer previsões a longo prazo.

d) Quando a extensão do cosmo puder ser medida, tivéssemos chegado a um novo patamar da experiência humana, nunca vislumbrado por cientistas ou filósofos.

e) O conhecimento humano possui limitações, mas é função da ciência pôr essas limitações à prova, a fim de que poderíamos avançar continuamente.

02. FGV – TJ – AL – ANALISTA JUDICIÁRIO – OFICIAL DE JUSTIÇA AVALIADOR – 2018

Texto 2 - A Copa do Mundo da Rússia só começa no dia 22 de junho, mas a febre dos álbuns com os jogadores das seleções já se espalhou e chegou até ao plenário de uma assembleia legislativa brasileira. O flagrante de dois assessores trocando figurinhas durante uma sessão foi divulgado pelas redes sociais e a cena se espalhou.

No post, que teve mais de 16 mil compartilhamentos e 26 mil curtidas no Twitter, o internauta chega a especular que seriam deputados, mas a direção da casa esclareceu tratarem-se de assessores. "Votação importante hoje (19/02) e os deputados ao invés de estarem trabalhando e fazendo jus ao salário superior a 25 mil reais, estão trocando e colando figurinha da Copa do Mundo em meio à votação. Se eu falasse, ninguém acreditaria", diz o post.

Outro post com mais de 40 mil compartilhamentos traz um vídeo mostrando que a troca ocorreu enquanto uma deputada discursava sobre uma proposta.

A direção da casa legislativa confirmou que as imagens foram feitas durante a sessão da quarta feira e esclareceu que elas mostram dois "assessores de deputados" trocando figurinhas durante a sessão. "O comportamento não é justificável. Os gabinetes dos deputados aos quais os assessores pertencem, já foram informados, e cabe aos parlamentares decidir como proceder". (adaptado)

"Se eu falasse, ninguém acreditaria".

O emprego de tempos verbais nesse segmento do texto 2 está correto, segundo a norma culta; a frase abaixo em que se mantém a correção gramatical é:

a) Se eu falasse, ninguém acreditava;

b) Se eu falo, ninguém acreditaria;

c) Caso eu falasse, ninguém acreditava;

d) Caso eu fale, ninguém acredita;

e) Se eu falava, ninguém acreditaria.

03. VUNESP – PREFEITURA DE SUZANO – SP – GUARDA CIVIL MUNICIPAL – 2018

A frase do texto – Se a gente não começa criancinha, é difícil pegar o jeito. – está reescrita apresentando a relação correta entre os tempos verbais em:

a) Será fácil pegar o jeito, se a gente começava criancinha.

b) É fácil pegar o jeito, se a gente terá começado criancinha.

c) Era fácil pegar o jeito, se a gente tem começado criancinha.

d) Teria sido fácil pegar o jeito, se a gente tivesse começado criancinha.

e) Terá sido fácil pegar o jeito, se a gente teria começado criancinha.

04. CESPE – TCM-BA – AUDITOR ESTADUAL DE CONTROLE EXTERNO – 2018

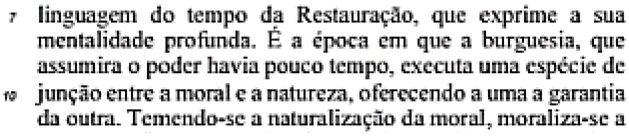

linguagem do tempo da Restauração, que exprime a sua mentalidade profunda. É a época em que a burguesia, que assumira o poder havia pouco tempo, executa uma espécie de junção entre a moral e a natureza, oferecendo a uma a garantia da outra. Temendo-se a naturalização da moral, moraliza-se a

No texto 1A1AAA, com o emprego da forma verbal “assumira” (ℓ.9), exprime-se

a) a continuidade de uma ação ocorrida no passado.

b) a concomitância de uma ação em relação a outra.

c) o resultado presente de ação ocorrida no passado.

d) o ponto inicial de ação ocorrida no passado.

e) a anterioridade de uma ação em relação a outra.

05. FCC – SABESP – ANALISTA DE GESTÃO - ADMINISTRAÇÃO – 2018

Em *Se os países africanos suprimirem a palavra “pobreza”, ela desaparece*?, mantêm-se a adequada correlação entre os verbos substituindo-os respectivamente por

a) tenham suprimido − desaparecera

b) suprimam − desapareça

c) tem suprimido − tinha desaparecido

d) teriam suprimido − há de desaparecer

e) suprimissem – desapareceria

06. FCC – METRÔ - SP – OFICIAL DE LOGÍSTICA ALMOXARIFADO – 2018

Levante a mão quem nunca teve o azar de ser amado pelas razões erradas. Eis uma experiência capaz de produzir a angústia de quem se depara com um duplo de si mesmo: o espelho do olhar do outro te devolve uma imagem que parece sua, mas na qual você não se reconhece. Claro que ninguém ama com objetividade. O que o amante vê no ser amado é sempre contaminado pela fantasia. Não me refiro, então, à impossibilidade fundamental de complementaridade entre os casais, mas aos encontros que se dão na base do puro mal-entendido. Sentir-se amado por qualidades que o outro imagina, mas não têm nada a ver com você, pode ser muito angustiante. E sedutor. Vale lembrar que a palavra “sedução” indica o ato de desviar alguém de seu caminho: “eis que chega a roda-viva e carrega o destino pra lá”.

Pensava essas coisas de meu lugar na plateia lotada do Credicard Hall (que nome para um teatro, caramba!), onde fui ver o show de uma de minhas cantoras favoritas no momento: Maria Gadú. Com jeito de moleque, encarapitada no banquinho, de onde não desceu para rebolar nenhuma vez, composições muito pessoais que escapam ao clichê romântico e uma rara sofisticação musical, Maria Gadú parecia não se reconhecer diante do público que – vibrava? Não, vibrar seria compreensível. Delirava? Sim; mas o entusiasmo foi muito além disso. O público ululava desde os primeiros acordes de cada canção, que todos sabiam de cor, mas não conseguiam escutar. A energia com que aplaudiam mais parecia uma fúria, que a timidez da artista só fazia excitar mais e mais. Pareciam todos sedentos por uma experiência musical autêntica, promovida por alguém que não vendesse sensualidade barata, e ao mesmo tempo não se conformavam de não conseguir puxar a cantora para o terreno familiar da vulgaridade e do sex appeal.

Mas estava espantada com a dimensão do sucesso. Como responderá ao apelo de um público que talvez esteja apaixonado por ela pelas razões erradas? Como não se espelhar na imagem banal de pop star que lhe oferecem? O que é mais difícil de enfrentar, na vida artística: a resistência do público para quem sua obra se dirige ou a fama vertiginosa que alavanca (ops) a carreira de alguns artistas iniciantes para o topo do mercado em algumas semanas?

Ela diz ter com a música uma aliança impossível de desfazer. Sua intuição musical parece capaz de levá-la muito além da próxima esquina, e a sutil entonação dolorida na voz talvez não permita que ela vire uma espécie de Ivete Sangalo paulistana. O CD de estreia é dedicado à avó Cila. A terceira faixa é uma homenagem fúnebre tocante, uma toada em feitio de oração. Como outro grande compositor negro, Gilberto Gil, Gadú se mostra capaz de reverenciar a força de seus ancestrais. “Se queres partir, ir embora / me olhe de onde estiver”, pede para a avó, contando com a ajuda dos orixás. Quem sabe a forte conexão com sua origem a proteja de se transformar em fast food para a voracidade dos consumidores.

(Adaptado de: KEHL, Maria Rita. **18 crônicas e mais algumas**. São Paulo: Boitempo, 2011)

Sua intuição musical parece capaz de levá-la muito além da próxima esquina, e a sutil entonação dolorida na voz talvez não permita que ela vire uma espécie de Ivete Sangalo paulistana. (último parágrafo)

Alterando-se tão somente o tempo, e não o modo, dos verbos da frase acima, está correta a redação que se encontra em:

a) Sua intuição musical teria parecido capaz de levá-la muito além da próxima esquina, e a sutil entonação dolorida na voz talvez não teria permitido que ela houvesse virado uma espécie de Ivete Sangalo paulistana.

b) Sua intuição musical parecerá capaz de levá-la muito além da próxima esquina, e a sutil entonação dolorida na voz talvez não permitirá que ela vire uma espécie de Ivete Sangalo paulistana.

c) Sua intuição musical parecesse capaz de levá-la muito além da próxima esquina, e a sutil entonação dolorida na voz talvez não permitisse que ela virasse uma espécie de Ivete Sangalo paulistana.

d) Sua intuição musical tinha parecido capaz de levá-la muito além da próxima esquina, e a sutil entonação dolorida na voz talvez não permitiu que ela virasse uma espécie de Ivete Sangalo paulistana.

e) Sua intuição musical parecia capaz de levá-la muito além da próxima esquina, e a sutil entonação dolorida na voz talvez não permitisse que ela virasse uma espécie de Ivete Sangalo paulistana.

07. FCC – SEGEP – MA – TÉCNICO DE FISCALIZAÇÃO AGROPECUÁRIO – 2018

Há correspondência correta entre tempos e modos verbais na seguinte frase:

a) É preciso que se aumente o investimento em pesquisa para que o agronegócio brasileiro não precisasse importar tanto maquinário.

b) Se houvesse maior difusão das novas tecnologias, o agronegócio brasileiro será uma das principais áreas a se beneficiar.

c) O presidente da Embrapa demonstrou convicção ao defender que as novas tecnologias revolucionarão o futuro do agronegócio.

d) A agricultura de precisão já esteja sendo necessária nos dias atuais, mas talvez tivesse sido mais determinante para o futuro do agronegócio.

e) Quando a carne produzida em laboratório tiver amplo consumo é que poderíamos dizer se os recursos gastos em seu desenvolvimento sejam válidos.

08. FCC – SEGEP – MA – TÉCNICO DE FISCALIZAÇÃO AGROPECUÁRIO – 2018

Há correspondência plena entre as formas verbais na frase:

a) O litoral maranhense tenha sido esquecido pelos portugueses, antes mesmo que os franceses o ocupariam.

b) Se os portugueses tivessem se preocupado com o litoral maranhense, os franceses não o tivessem frequentado.

c) Já que os portugueses não se preocuparão com o litoral maranhense, os franceses o ocupassem oportunamente.

d) Os franceses começaram a frequentar o litoral maranhense, mas os portugueses não terão se preocupado com isso.

e) Como os portugueses não se preocuparam com o litoral maranhense, os franceses começaram a frequentá-lo.

09. FCC – SEGEP – MA – FISCAL ESTADUAL AGROPECUÁRIO – MÉDICO VETERINÁRIO – 2018

(...) *retire-se a afeição, e não haverá mais amizade digna desse nome, mas o parentesco sempre subsiste.*

Alterando-se as formas verbais sublinhadas na frase acima, manter-se-á uma correta articulação temporal entre elas caso sejam substituídas, respectivamente, por:

a) fosse retirada − não terá havido − subsistiu

b) venha a retirar-se − não haveria − subsistirá

c) retiremos − não haja − subsistira

d) retirássemos − não haveria − subsistiria

e) retirou-se − tem havido – subsista

10. VUNESP – PC – BA – DELEGADO DE POLÍCIA – 2018

Há emprego correto das formas verbais e correlação adequada entre tempos e modos, conforme a norma-padrão, em:

a) Talvez seja válido considerar que o que nos desagradasse na adaptação de determinado livro seja a ausência de nossa própria leitura, pois sempre esperarmos ver nossas expectativas correspondidas na tela.

b) Por mais que uma adaptação se proposse a ser fiel à obra em que se baseou, sempre haveria aspectos de divergência, uma vez que o filme tivera uma linguagem própria e traduzira uma leitura particular.

c) Considerando que os leitores tenham modos peculiares de pensar e sentir, a apreensão de um texto literário não será a mesma para todos, ainda que determinadas interpretações possam ser partilhadas.

d) Se as pessoas manterem o hábito de ler textos literários, teriam muito a ganhar, pois a literatura não apenas é fundamental para que desenvolvêssemos nosso intelecto mas também é importante para expandirmos a imaginação.

e) Quando as pessoas passassem a dedicar mais tempo à leitura e à introspecção, será possível ampliar suas potencialidades intelectuais e emocionais, de modo que isso alterará a maneira como elas executariam todas as suas atividades cotidianas.

GABARITO

01. A

02. D

03. D

04. E

05. E

06. E

07. C

08. E

09. D

10. C

Língua Portuguesa – começando do ZERO

Apostila 04 (Teoria e questões)

O verbo (informações essenciais)

Considerações iniciais

Passaremos a estudar um dos assuntos mais longos da gramática normativa – o verbo. Provavelmente você, estudante, deparar-se-á com um sem-número de informações, detalhes, características, exceções etc, etc, os quais fazem deste assunto um dos mais temidos da gramática. Sugerimos, portanto, estudá-lo aos poucos. Saliento: não se trata de um assunto difícil. É apenas um assunto longo e cheio de detalhes. É essencial, portanto, estudá-lo mais de uma vez. Procure também resolver todos os exercícios propostos ao final do capítulo. A resolução vai reforçar seu aprendizado.

Definição

Observe atentamente os períodos abaixo:

* O Brasil **jogará** contra a Argentina no domingo. (→ indica uma ação futura)

* A vida **seria** fácil se não fossem as dificuldades. (→ indica um estado)

* Na próxima madrugada, **nevará** em Caxias do Sul. (→ indica um fato, um fenômeno)

* João **fuma** bastante. (→ indica um fato habitual, freqüente)

Todos os termos em negrito acima são verbos.

Em sentido estrito, verbo é, pois, uma palavra variável capaz de exprimir "uma ação, um estado, um fenômeno da natureza ou um fato".

Verbo é o nome flexionado em modo, tempo, número e pessoa, isto é, a palavra variável que apresenta o maior número de flexões na língua portuguesa.

Elementos estruturais do verbo

São os seguintes os elementos mórficos formadores do verbo: radical, vogal temática, tema e desinências modo-temporal e número-pessoal. Nem todas as formas verbais, contudo, apresentam todos esses elementos. Daí ser importante distinguir minimamente o "radical" da "terminação verbal". Analisemos as formas verbais "cantássemos, venderemos e partíramos"

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	TEMA	DESINÊNCIA MODO-TEMPORAL	DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL
cant	a	**canta**	sse	mos
vend	e	**vende**	re	mos
part	i	**parti**	ra	mos

Radical

É o elemento mórfico verbal principal, pois contém a significação do verbo. Nos verbos, o radical representa a parte imutável, que traz consigo a semântica verbal. Geralmente, obtém o radical com a supressão da vogal temática e da desinência do infinitivo "-r". Observe:

* cantar → $\underbrace{\textbf{cant}}_{\textit{radical}}$ – ar	* vender → $\underbrace{\textbf{vend}}_{\textit{radical}}$ – er	* partir → $\underbrace{\textbf{part}}_{\textit{radical}}$ – ir

Vogal temática

É o elemento mórfico vocálico que se junta ao radical para formar o tema verbal. Nos verbos, a vogal temática situa-se entre o radical e a desinência do infinitivo impessoal "-r". A vogal temática indicará a que conjugação pertence o verbo: Portanto:

a) A vogal temática "-a" indicará os verbos pertencentes à 1ª conjugação:

* cant**A**r * am**A**r

b) A vogal temática "-e" indicará os verbos pertencentes à 2ª conjugação:

* vend**E**r * beb**E**r

c) A vogal temática "-i" indicará os verbos pertencentes à 3ª conjugação:

* sa**I**r * part**I**r

Tema

É o conjunto formado pelo radical mais a vogal temática. Nos verbos, basta a retirada da desinência do infinitivo impessoal "-r" para se obter o tema.

* falar → $\underbrace{\textbf{fala}}_{\textit{tema}}$ – r	* caber → $\underbrace{\textbf{cabe}}_{\textit{tema}}$ – r	* abrir → $\underbrace{\textbf{abri}}_{\textit{tema}}$ – r

Desinências

São elementos mórficos que se acoplam ao tema ou à forma infinita do verbo para indicar as flexões de modo, tempo, número e pessoal. Há em português duas desinências verbais:

a) Desinência modo-temporal → Indica o modo (indicativo, subjuntivo ou imperativo) e o tempo (presente, passado ou futuro) em que se encontra o verbo.

* cantá**va**mos → canta – **VA** – mos (desinência que indica o "pretérito imperfeito do indicativo")

* falá**sse**mos → falá – **SSE** – mos (desinência que indica o "pretérito imperfeito do subjuntivo")

* partir**ía**mos → partir – **ÍA** – mos (desinência que indica o "futuro do pretérito do indicativo")

b) Desinência número-pessoal → Indica o número (singular ou plural) e a pessoa (1ª, 2ª ou 3ª) em que o verbo se encontra.

* cantastes → cantas – **TES** (desinência que indica a 2ª pessoa do plural – vós)

* vendêssemos → vendêsse – **MOS** (desinência que indica a 1ª pessoa do plural – nós)

* partiriam → partiri – **AM** (desinência que indica a 3ª pessoa do plural – eles/elas)

Flexões do verbo

Como já vimos em sua definição, o verbo é a palavra em língua portuguesa que apresenta o maior número de flexões. Ao conjunto de flexões de um verbo dá-se o nome de "**conjugação**".

O verbo apresenta as seguintes flexões: pessoa, número, modo e tempo.

Flexões de pessoa e de número

Em relação à pessoa, o verbo apresenta as flexões relacionadas ao ser que lhe serve de sujeito. No que diz respeito ao número, o verbo pode-se apresentar tanto no singular (eu, tu e ele/ela) quanto no plural (nós, vós, eles/elas). Logo, teremos as seguintes flexões:

a) 1ª pessoa – diz respeito ao falante, tanto no singular (eu) quanto no plural (nós).

1ª PESSOA	
SINGULAR (EU)	**PLURAL (NÓS)**
canto	cantamos
bebo	bebemos
parto	partimos

b) 2ª pessoa – diz respeito ao ouvinte, tanto no singular (tu) quanto no plural (nós).

2ª PESSOA	
SINGULAR (TU)	**PLURAL (VÓS)**
cantas	cantais
bebes	bebeis
partes	partis

c) 3ª pessoa – diz respeito àquele(s), àquela(s), àquilo de que se fala, tanto no singular (ele/ela) quanto no plural (eles/elas).

3ª PESSOA	
SINGULAR (ELE/ELA)	**PLURAL (ELES/ELAS)**
canta	cantam
bebe	bebem
parte	partem

Flexões de modo

As flexões de modo dizem respeito às formas assumidas pelo verbo para indicarem certos estados de espírito em relação ao fato ou estado expressos por ele, ou seja, mostram a atitude (certeza, dúvida, ordem etc) da pessoa que fala em relação ao fato anunciado.

Em português, três são os modos verbais: **indicativo, subjuntivo e imperativo**.

Esses modos compõem as chamadas "formas finitas do verbo", em oposição ao infinitivo, o qual com o gerúndio e o particípio compõem as "formas infinitas do verbo" ou "formas nominais do verbos", as quais estudaremos mais adiante.

Modo indicativo

O modo indicativo é o modo da realidade: serve para enunciar um fato ou um estado verdadeiros ou supostos verdadeiros, em orações independentes ou dependentes, declarativas, interrogativas ou exclamativas, quer afirmando, quer negando.

De acordo com o insigne mestre Augusto Epifânio da Silva Dias, "o indicativo é empregado em todas as orações para as quais não há regra que exija outro modo".

* "Que acusação **trazeis** contra este homem?" (Rui Barbosa)

* "Quem **canta** seus males **espanta**." (Provérbio)

* "Em certos pontos não se **encontrava** viva alma na rua; (...) ;só os pretos **faziam** as compras para o jantar ou **andavam** no ganho."(Aluísio Azevedo)

Modo subjuntivo

O modo subjuntivo (antigo "modo conjuntivo") é o modo próprio da incerteza, da possibilidade, da dúvida, da futuridade, da vontade, do desejo, da esperança, da suposição, da concessão. De fato, são muitas as ideias significadas pelo subjuntivo.

A despeito de aparecer em orações independentes, o subjuntivo é próprio das orações dependentes, isto é, do processo subordinado, como o próprio nome já o diz – "subjuntivo = latim, *subjunctivus* = que liga, que une, que subordina.

* "Queimado **sejas** tu e teus enganos /
Amor escandaloso, mau, cruel." (Camões)

* "Eu vou para Coimbra logo que **esteja** bom, e a menina da cidade fica em sua casa." (Camilo Castelo Branco)

* "Não me parece bonito que o nosso Bentinho **ande** metido nos cantos com a filha do Tartaruga." (Machado de Assis)

Modo imperativo

O modo imperativo serve para expressar uma ordem, um preceito, um conselho, uma exortação, um pedido, um convite.

* "Agora **escutai** e **respondei** sinceramente às minhas perguntas." (A. Herculano)

* "**Guardai** o meu sábado, porque ele deve ser santo para vós." (Bíblia Sagrada)

* "O pão nosso de cada dia nos **dai** hoje." (Bíblia Sagrada)

Formação do modo imperativo

O modo imperativo é por inteiro um modo derivado: ora do presente do indicativo, ora do presente do subjuntivo. São, portanto, estes dois últimos tempos modais que formam o imperativo, o qual se divide em "imperativo afirmativo" e "imperativo negativo".

1. Imperativo afirmativo → Forma-se tanto do presente do indicativo ("tu" e "vós" com a retirada da letra "s") quanto do presente do subjuntivo ("você", "nós" e "vocês").

Observe a formação do modo imperativo dos verbos VIVER e IR

PRESENTE DO INDICATIVO		**IMPERATIVO AFIRMATIVO**		**PRESENTE DO SUBJUNTIVO**
vivo		–		viva
vives	→	**VIVE (tu)**		vivas
vive		**VIVA (você)**	←	viva
vivemos		**VIVAMOS (nós)**	←	vivamos
viveis	→	**VIVEI (vós)**		vivais
vivem		**VIVAM (vocês)**	←	vivam

2. Imperativo negativo → É extraído totalmente do presente do subjuntivo. Conjuga-se com a anteposição do advérbio negativo "não".

PRESENTE DO SUBJUNTIVO		**IMPERATIVO NEGATIVO**
viva		–
vivas	→	**não VIVAS (tu)**
viva	→	**não VIVA (você)**
vivamos	→	**não VIVAMOS (nós)**
vivais	→	**não VIVAIS (vós)**
vivam	→	**não VIVAM (vocês)**

Flexões de tempo

Os tempos são as épocas da duração em que se realiza a ação ou o fato enunciado pelo verbo. Em português, tais épocas, indicadas por flexões próprias, são três: o presente, o passado (pretérito) e o futuro.

Observe o diagrama abaixo:

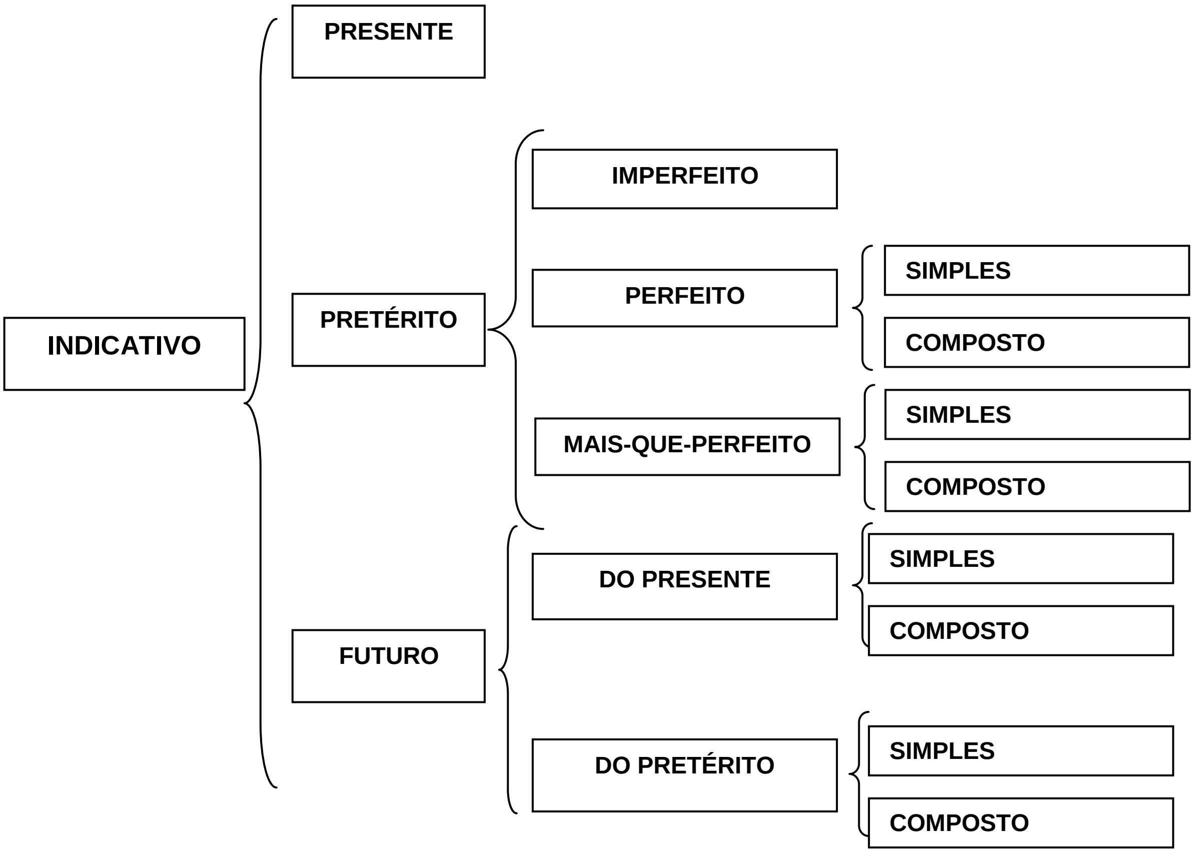
INDICATIVO
PRESENTE
PRETÉRITO
FUTURO
IMPERFEITO
PERFEITO
MAIS-QUE-PERFEITO
DO PRESENTE
DO PRETÉRITO
SIMPLES
COMPOSTO
SIMPLES
COMPOSTO
SIMPLES
COMPOSTO
SIMPLES
COMPOSTO

Emprego dos modos e dos tempos verbais simples e compostos

Modo é a propriedade que tem o verbo de enunciar a atitude de quem fala ao relatar o fato que comunica, as condições em que o fato se passa, o estado da ação etc. São três os modos em Português: o indicativo, o subjuntivo e o imperativo.

A. INDICATIVO

O indicativo expressa um fato de maneira definida, real, no presente, no passado ou no futuro, quer esteja na afirmativa, na negativa ou na interrogativa: *Estudo. Não foi. Irão?* Ainda *não foram?* O indicativo é, em essência, o modo da oração principal. Encontra-se subdividido nos seguintes tempos:

1. Presente

Emprega-se o presente do indicativo para indicar um fato que se realiza no momento em que se fala: Ele *estuda* Português. A lição não *é* fácil.

Nem sempre, porém, indica fato ou ação contemporânea ao momento em que se fala. Pode-se ainda empregá-lo para:

a) descrever um fato ou estado permanente: O Sol *aquece* a Terra. Maria *é* mãe de Jesus. As leis do Universo *são* imutáveis.

b) indicar ação habitual ou que se pratica constantemente: Maria *fuma* demais. *Vou* ao cinema todos os domingos.

c) dar realismo a fatos passados: Cabral *descobre* o Brasil em 1500. Os bandeirantes *abrem* o sertão brasileiro e *conquistam* a terra.

d) indicar futuro próximo (nesse caso, é geralmente acompanhado de um adjunto adverbial): Terminei meus negócios e *sigo amanhã* para Nova Iorque.

e) substituir o imperativo, quando se deseja denotar mais um pedido do que uma ordem: Você me *faz* isso amanhã (= faça-me isso amanhã) .

O presente dos verbos regulares é formado adicionando-se ao radical as seguintes terminações:

a) l.a conjugação: -o, -as, -a, -amos, -ais, -amo
b) 2. a conjugação: -o, -es, -e, -emos, -eis, -em.
c) 3.a conjugação: -o, -es, -e, -imos, -is, -em.

2. Pretérito imperfeito

O pretérito imperfeito indica uma ação passada em relação ao momento em que se fala, porém presente em relação a outro fato passado. Emprega-se o pretérito imperfeito para:

a) descrever fatos freqüentes ou repetidos no passado: Quando *era* criança *ia* sempre à casa de vovó, onde *brincava* com Maria.

b) designar fatos indicando continuidade no passado: As diversas tribos que *habitavam* o continente americano *eram* de cultura diferente; algumas *caçavam* e *pescavam,* ao passo que outras já *tinham* conhecimento de agricultura.

c) descrever pessoas, fatos ou coisas no passado: Ela *parecia* inteligente. O rio *fazia* uma pequena curva antes de cair em catarata.

d) indicar época ou tempo no passado: *Era* época da seca quando José deixou o Nordeste. *Eram* seis horas da tarde quando Ana telefonou.

e) indicar, entre duas ou mais ações simultâneas, qual estava ocorrendo quando sobreveio a outra (nesse caso, o segundo verbo é geralmente usado no pretérito perfeito simples): Pedro *entrava* quando eu *saí. Conversávamos* quando a criança *caiu.*

f) expressar freqüência, repetição, causa e conseqüência (nesse caso, os verbos vêm ambos no pretérito imperfeito): Eu *saía* quando ele *entrava.*

g) descrever ação planejada e não realizada: Eu *ia* passear, mas começou a chover e desisti. *Pretendíamos* falar com ele, mas não tivemos tempo.

h) narrar fábulas, lendas ou contos, situando-os no passado (nesse caso, usa-se o pretérito imperfeito do verbo *ser): Era* uma vez um príncipe. .. *Era* uma vez, há muito tempo, uma índia velha que se comunicava com o espírito das plantas e dos animais.

i) indicar um só fato preciso no passado, quando a época ou a data em que ocorreu a ação vem claramente mencionada: Duas horas depois de receber o telegrama, Geraldo *partia* do aeroporto de Congonhas. Passado o tempo exigido por lei, João se *naturalizava.*

O pretérito imperfeito dos verbos é formado adicionando-se ao radical as seguintes terminações:

a) l.a conjugação: -ava, -avas, -ava, -ávamos, -áveis, -avam.

b) 2ª e 3ª conjugações: -ia, -ias, -ia, -íamos, -íeis, -iam.

3. Pretérito perfeito simples

O pretérito perfeito simples indica uma ação, geralmente não habitual, concluída antes do ato de falar; o fato começou e terminou no passado, seja passado remoto ou próximo: *Fui* ao mercado hoje de manhã. *Estive* com ele em 1980.

O pretérito perfeito simples dos verbos regulares é formado adicionando-se ao radical as seguintes terminações:

a) l.a conjugação: -ei, -aste, *-ou,* -amos, -astes, -aram.

b) 2. a conjugação: -i, -este, -eu, -emos, -estes, -eram.

c) 3.a conjugação: -i, -iste, -iu, -imos, -istes, -ram.

4. Pretérito perfeito composto

O pretérito perfeito composto indica a repetição ou a continuidade de um fato iniciado no passado e que ainda se realiza no presente, vindo acompanhado de adjuntos adverbiais como *desde, ultimamente, esses dias* etc.: *Tenho feito* tudo por ele *desde* que quebrou o braço. Não *temos tido* sorte *ultimamente.*

O pretérito perfeito composto é formado com o presente do indicativo do verbo *ter* (ou, ainda, *haver)* mais o particípio do verbo principal.

5. Pretérito mais-que-perfeito simples

O pretérito mais-que-perfeito simples expressa um fato já concluído antes de outro também no passado. Emprega-se:

a) em situações formais na língua escrita: *Viera* especialmente para o concerto.

b) para substituir o pretérito imperfeito do subjuntivo: Comportou-se como se *fora* (= fosse) senhora das terras.

c) em certas frases exclamativas: Quem me *dera* ser rico!

O pretérito mais-que-perfeito simples dos verbos é formado substituindo-se a terminação *-ram* da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito simples pelas seguintes terminações para as três conjugações: -ra, -ras, -ra, -ramos, -reis, -ram.

6. Pretérito mais-que-perfeito composto

O pretérito mais-que-perfeito composto é empregado, como o simples, para expressar um fato já concluído

antes de outro também no passado. É usado na língua falada e, em geral, também na escrita: *Tinha vindo* especialmente para o concerto.

O pretérito mais-que-perfeito composto é formado com o pretérito imperfeito do indicativo do verbo *ter* (ou, ainda, *haver)* mais o particípio do verbo principal.

7. Futuro do presente simples

O futuro do presente simples é usado para indicar um fato futuro em relação ao momento em que se fala: *Irei* à praia neste fim de semana. Emprega-se também para:

a) indicar fatos de realização provável, pois estão mediante certa condição: Se ele vier, *falarei* com ele.

b) indicar incerteza, dúvida, suposição: *Será* possível uma coisa dessas? *Estarei* eu aqui pela providência divina?

Observação

O futuro do presente simples é comumente substituído, na língua falada, por locuções verbais (conjunto inseparável formado de um verbo auxiliar e de um principal usado no infinitivo, no particípio ou no gerúndio), como:

a) o presente do indicativo do verbo *haver,* mais preposição *de,* mais infinitivo impessoal do verbo principal para exprimir intenção: *Hei de falar* com ele antes do fim do mês.

b) o presente do indicativo do verbo *ter,* mais *que,* mais infinitivo impessoal do verbo principal para indicar obrigatoriedade: *Tenho que falar* com ele antes do fim do mês.

c) o presente do indicativo do verbo *ir,* mais infinitivo impessoal do verbo principal (que pode ser qualquer verbo da língua, exceto o verbo *ir* mesmo e o *vir)* para indicar futuro próximo ou imediato: Estou com fome, *vou almoçar.* Corra! O ônibus *vai partir!*

O futuro do presente simples dos verbos é formado adicionando-se ao infinitivo impessoal as seguintes terminações para as três conjugações: -ei, -ás, -á, -em os, -eis, -ão.

8. Futuro do presente composto

O futuro do presente composto indica:

a) ação futura consumada antes de outra também futura: Já *teremos terminado* o trabalho quando eles chegarem.

b) possibilidade de uma ação já ter se consumado: Já *terão saído?*

O futuro do presente composto é formado com o futuro do presente simples do verbo *ter* (ou, ainda, *haver)* mais o particípio do verbo principal.

9. Futuro do pretérito simples

Usa-se o futuro do pretérito simples:

a) para indicar um fato futuro em relação a um fato passado: Ele prometeu a Maria que *chegaria* antes das seis.

b) quando a oração subordinada revela um fato não realizado ou que talvez não se realize: *Iríamos* se ele permitisse.

c) para exprimir incerteza ou dúvida sobre fatos passados: Quem *estaria* lá? Ele *teria* uns vinte anos quando se casou.

d) em certas orações exclamativas ou interrogativas que denotam surpresa ou indignação: Nunca *agiríamos* dessa maneira! *Seria* possível uma calúnia dessas?

e) em tom polido, denotando desejo presente: *Gostariam* de ir conosco? *Poderia* emprestar-me esse livro?

O futuro do pretérito simples dos verbos é formado adicionando-se ao infinitivo impessoal as seguintes terminações para as três conjugações: -ia, -ias, -ia, -íamos, -íeis, -iam.

10. Futuro do pretérito composto

Emprega-se o futuro do pretérito composto para:

a) indicar que um fato teria acontecido no passado mediante certa condição: Se Roberto estudasse *teria tido* boa nota.

b) exprimir incerteza sobre fatos passados em orações interrogativas: Quando *teriam visto* o fugitivo?

c) exprimir possibilidade de um fato passado: *Teria sido* preferível não terem ido.

O futuro do pretérito composto é formado com o futuro do pretérito simples do verbo *ter* (ou, ainda, *haver)* mais o particípio do verbo principal.

B. SUBJUNTIVO

O subjuntivo expressa um fato incerto, duvidoso, eventual ou mesmo irreal, dependendo da vontade e sentimento de quem o emprega. A noção de tempo que encerra não é tão precisa quanto a indicada nos tempos do modo indicativo. Em princípio, verbos de ordem, de proibição, de desejo, de vontade, de súplica e outros correlatos exigem o modo subjuntivo. É usado especialmente em orações subordinadas:

Duvido que Maria *venha* sozinha. Gostaria que Maria *viesse* sozinha. Será melhor se Maria *vier* sozinha.

Observação:

Há casos em que, por questão de eufonia ou de estilo, não se emprega o subjuntivo; quando isso acontece, usa-se uma forma equivalente. Os substitutos mais usados são:

a) o infinitivo: Pediu para *estudarmos* mais (= que estudássemos mais).
b) o gerúndio (principalmente em orações condicionais): *Falando* inglês (= se falassem inglês), seriam promovidos.
c) um substantivo abstrato: Não acredito em sua *inocência* (= que seja inocente) .
d) imperativo: *Façam* a lição (= preferia que fizessem a lição) sozinhos.

O subjuntivo encontra-se subdividido nos seguintes tempos:

1. Presente

O presente do subjuntivo indica presente ou futuro, dependendo do conteúdo semântico do verbo: É pena que elas *estejam* doentes (presente). Espero que eles *venham* (futuro).

O presente do subjuntivo dos verbos é formado substituindo-se a terminação *-o* da primeira pessoa do singular do presente do indicativo pelas seguintes terminações:

a) l.a conjugação: -e, -es, -e, -emos, -eis, -em.
b) 2.a e 3.a conjugações: -a, -as, -a, -amos, -ais, -amo

Observação: Aplica-se essa regra a todos os verbos, exceto *dar, ir, ser, estar, querer, saber* e *haver.*

2. Pretérito imperfeito

O pretérito imperfeito do subjuntivo indica uma ação simultânea ou futura em relação ao tempo do verbo da oração principal (que pode ser o pretérito perfeito simples, o pretérito imperfeito ou o futuro do pretérito do indicativo): Duvidei que ele *terminasse* o trabalho. Eu queria que ela *fosse* logo. Gostaríamos que eles *trouxessem* as crianças.

O pretérito imperfeito do subjuntivo dos verbos é formado substituindo-se a terminação *-ram* da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito simples do indicativo pelas seguintes terminações para as três conjugações: -sse, -sses, -sse, -ssemos, -sseis, -ssem.

3. Pretérito perfeito

O pretérito perfeito do subjuntivo pode exprimir:

a) passado, supostamente concluído em relação ao tempo em que se fala: Talvez ele já *tenha feito* o trabalho. Duvido que ele *tenha ido* sozinho.

b) futuro, indicando fato terminado em relação a outro fato futuro: É possível que eles já *tenha terminado* o trabalho quando vocês voltarem.

O pretérito perfeito do subjuntivo é formado com o presente do subjuntivo do verbo *ter* (ou, ainda, *haver)* mais o particípio do verbo principal.

4. Pretérito mais-Que-perfeito

O pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo expressa uma ação anterior a outra ação passada, em relação ao tempo do verbo da oração principal (que pode ser o pretérito perfeito simples, o pretérito imperfeito ou o futuro do pretérito do indicativo): Se *tivessem lido* o romance pedido, poderiam discutir melhor sobre esse período de nossa história.

O pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo é formado com o pretérito imperfeito do subjuntivo do verbo *ter* (ou, ainda, *haver)* mais o particípio do verbo principal.

5. Futuro simples

O futuro simples do subjuntivo indica eventualidade no futuro, sendo que o verbo da oração principal pode estar no presente ou no futuro do presente do indicativo: Posso levar o que *quiser.* Poderei levar o que *quiser.*

O futuro simples do subjuntivo dos verbos é formado substituindo-se a terminação *-ram* da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito simples do indicativo pelas seguintes terminações para as três conjugações: -r, -res, -r, -rmos, -rdes, -rem.

6. Futuro composto

O futuro composto do subjuntivo indica uma ação futura que se passa anteriormente a outra ação também futura, sendo que o verbo da oração principal deve estar, de regra, no futuro do presente do indicativo: Isso será resolvido depois que *tivermos escrito* a carta.

O futuro composto do subjuntivo é formado com o futuro simples do subjuntivo do verbo *ter* (ou, ainda, *haver)* mais o particípio do verbo principal.

Classificação morfológica dos verbos

São vários os critérios para a classificação morfológica dos verbos. Estudaremos os principais.

Quanto à terminação

Os verbos podem ser de 1ª CONJUGAÇÃO, de 2ª CONJUGAÇÃO e de 3ª CONJUGAÇÃO.

1. São de 1ª conjugação os verbos que apresentam infinitivo em “AR”. São exemplos de verbos de 1ª conjugação “amar, falar, bebericar, matar, calar, farfalhar.”

2. São de 2ª conjugação os verbos que apresentam infinitivo em “ER”. São exemplos de verbos de 2ª conjugação “beber, fenecer, ler, amanhecer, dever.”

3. São de 3ª conjugação os verbos que apresentam infinitivo em “IR”. São exemplos de verbos de 3ª conjugação “partir, falir, partir, combalir, embair, cair.”

Observação: O verbo “pôr”, em virtude de sua etimologia “poer”, pertence à 2ª conjugação.

Quanto à flexão ou à conjugação

Os verbos podem ser REGULARES, IRREGULARES, DEFECTIVOS, ABUNDANTES e PRONOMINAIS.

1) Verbo regular é aquele cujo tema permanece invariável, e a terminação se flexiona de acordo com um tipo geral ou modelo da conjugação, chamado de “paradigma da conjugação.” Como exemplos de verbos regulares, podemos citar: andar, cantar, falar (1ª conjugação); beber, comer, viver (2ª conjugação); partir,

2) Verbo irregular é aquele que não segue o paradigma regular de sua conjugação. O verbo irregular se caracteriza por sofrer alterações em seu tema na sua conjugação. Podemos citar como exemplos de verbos irregulares os verbos “perder, dormir, ter, trazer” etc.

Observação: Há dois verbos irregulares na língua portuguesa que, em virtude das profundas mudanças por que passam em suas conjugações, recebem a denominação especial de “**anômalos**”. São os verbos “ser” e “ir”, pois apresentam formas como “sou, fui, era, serei, for” etc.

3) Verbo defectivo é aquele que não apresenta todos os modos, tempos ou pessoas próprios dos verbos. Como a próprio nome já o diz, é o verbo que apresenta algum “defeito” em sua conjugação. Podemos citar como exemplo de verbos defectivos “precaver, reaver, demolir, falir, prazer, florir, soer, abolir, ruir, carpir, adir, adequar” etc.

Obs.: Os verbos defectivos serão estudados em parte específica, um pouco mais à frente.

4. Verbo abundante é aquele que apresenta mais de uma forma de conjugação para certos tempos, modos ou pessoas. Geralmente esta abundância se dá no particípio – o qual já foi objeto de estudo. Raros são os verbos que apresentam abundância fora da forma participial. Podemos citar à guisa de exemplo os verbos “construir (apresenta as formas “construís” ou “constróis”) e comprazer (apresenta as formas “comprazi-me e comprouve-me”).

Observação: Para estudar um pouco mais sobre os verbos abundantes, sugerimos que revise o tópico “verbos com duplo particípio”.

5. Verbo pronominal é aquele que só é conjugado com o auxilio de um pronome pessoal oblíquo, átono. Os pronominais são divididos em:

a) **Essencialmente pronominais** (são sempre conjugados com o pronome oblíquo): “arrepender-se, queixar-se, dignar-se, abster-se, apoderar-se, suicidar-se, ausentar-se, atrever-se, comportar-se”.

b) **Acidentalmente pronominais** (aqueles que podem ser conjugados com ou sem o auxílio do pronome oblíquo): “ajuntar-se, matar-se, atribuir-se, lembrar-se, debater-se, enganar-se, pentear-se, destinar-se, defender-se.”

Observação: Veja um pouco mais à frente a conjugação de um verbo pronominal.

Verbos defectivos

Como já mencionamos, verbos defectivos (latim “defectum” = defeituoso, deficiente) são aqueles que não apresentam conjugação completa, pois, em virtude de alguns fatores, tais verbos são faltantes em modos, tempos e pessoas.

Na língua portuguesa, são defectivos os seguintes verbos e/ou grupos verbais:

1. Todos os verbos impessoais – verbos que não apresentam sujeito e, portanto, só são empregados, por convenção, na 3ª pessoa do singular. São denominados de “verbos defectivos impessoais”.

Convém a esta altura salientar que a defectividade, na língua portuguesa, não é só em relação à ausência do modo, do tempo ou da pessoa por parte de um verbo, mas ela se dá também em relação ao emprego do verbo. Se prestarmos atenção, perceberemos que o verbo HAVER é conjugado em todos os modos, tempos e pessoas. Entretanto, quando é empregado no sentido de “existir, ocorrer, realizar-se, acontecer”, só pode ser usado na 3ª pessoa do singular. Por isso, diz-se que a impessoalidade é um caso de defectividade na língua portuguesa.

Observação: Alguns casos de verbos impessoais – como os verbos que indicam fenômenos da natureza – já foram mencionados acima. Os demais casos se encontram em sintaxe no tópico sobre a “oração sem sujeito”.

2. Todos os verbos unipessoais – verbos que, por situações especiais, são conjugados tão-somente na 3ª pessoa do singular ou do plural. Isso ocorre frequentemente com os verbos “convir, acontecer, doer, ocorrer, suceder, importar, constar” e com os verbos que indicam sons dos animais, como “latir, miar, grunhir, mugir, relinchar, cacarejar, silvar, grugulejar etc”.

3. Verbos que, por questões fonéticas (podem provocar confusão com as formas de outro verbo ou apresentam uma sonoridade reprovável), não apresentam a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, nem o presente do subjuntivo. Tais verbos só apresentam as pessoas “tu” e “vós” no imperativo afirmativo, já que o imperativo negativo para eles inexiste. Pertencem a este grupo os verbos “abolir, banir, carpir (capinar, arrancar), colorir, delinquir, delir (apagar, esvanecer), demolir, exaurir (esgotar, acabar), extorquir, florir, fulgir (brilhar, resplandecer), jungir (juntar, unir, ligar), retorquir (argumentar contrariamente, replicar), soer (costumar, acontecer com frequência), urgir (ser urgente), tinir (soar).”

4. Verbos que, por questões fonéticas (podem provocar confusão com as formas de outro verbo ou apresentam uma sonoridade reprovável), não apresentam as três pessoas do singular e a 3ª pessoa do plural do presente de indicativo, nem o presente do subjuntivo. No imperativo afirmativo, só apresentam o “vós”. Inexiste, por conseguinte, o imperativo negativo. Pertencem a este grupo os verbos “precaver, aguerrir, adequar, empedernir (petrificar), remir (resgatar), fornir (abastecer, prover), falir, embair (iludir, seduzir), adir (acrescentar, adicionar), renhir (disputar, pleitear).”

5. O verbo REAVER. Este verbo é inteiramente derivado do verbo HAVER, mas só se conjuga nas formas em que o seu primitivo apresenta a letra “V”. No presente do indicativo só apresenta a 1ª e 2ª pessoas. Logo, não apresenta nenhuma forma do presente do subjuntivo. No imperativo afirmativo, só possui a 2ª pessoa do plural. Observe:

PRESENTE DO INDICATIVO DO VERBO “HAVER”	**PRESENTE DO INDICATIVO DO VERBO “REAVER”**	**IMPERATIVO DO VERBO “REAVER”**	
		AFIRMATIVO	**NEGATIVO**
hei	**–**	**–**	**–**
hás	**–**	**–**	**–**
há	**–**	**–**	**–**
havemos	**reavemos**	**–**	**–**
haveis	**reaveis**	**reavei**	**–**
hão	**–**	**–**	**–**

Questões e testes de concursos públicos (Nível essencial)

1. Preencha os espaços, flexionando os verbos indicados nos parênteses no PRESENTE DO SUBJUNTIVO. Respeite as normas de concordância.

Para que se _____ (construir) uma nova educação, é necessário que a escola se _____ (adaptar) à realidade social, que seus objetivos _____ (propor) uma nova visão de mundo, que suas ações não _____ (impedir) a liberdade de pensar, mas _____ (favorecer) o desenvolvimento do senso crítico.

2. Nas frases:

1. "ACELERE, feminista!"
2. "Talvez a saída SEJA fazer como um amigo meu."
3. "Na menor brecadinha, SERIA uma batida na certa."
4. "... deixei que todas PAGASSEM a conta inteira."

os verbos em maiúsculo estão, respectivamente, no:

a) imperativo afirmativo; presente do subjuntivo; futuro do pretérito do indicativo; pretérito imperfeito do subjuntivo;
b) imperativo afirmativo; imperativo afirmativo; futuro do presente do indicativo; presente do indicativo;
c) presente do indicativo; presente do subjuntivo; futuro do pretérito do indicativo; pretérito imperfeito do subjuntivo;
d) presente do subjuntivo; imperativo afirmativo; futuro do pretérito do indicativo; pretérito imperfeito do subjuntivo;
e) imperativo afirmativo; presente do subjuntivo; futuro do pretérito do indicativo; presente do indicativo.

3. "Cale-se ou expulso a senhora da sala".

Assinale a alternativa em que conjuga erradamente o imperativo:
a) cala-te / não te cales
b) cale-se / não se cale
c) calemo-nos / não nos calemos
d) calai-vos / não vos calais
e) calem-se / não se calem

4. "...TENDO antes o cuidado de FECHAR a porta da rua e RETIRAR a chave, como ele FIZERA com a da despensa."

Os verbos em letra maiúscula identificam-se, respectivamente, com:
a) infinitivo, gerúndio, gerúndio, pretérito perfeito.
b) gerúndio, infinitivo, infinitivo, pretérito mais que perfeito.
c) gerúndio, pretérito imperfeito infinitivo, presente.
d) gerúndio, futuro do presente do subjuntivo, infinitivo, pretérito mais que perfeito.
e) infinitivo, infinitivo, gerúndio, futuro do presente do subjuntivo.

5. "Vêem o que lá não está".

Assinale a forma errada do imperativo afirmativo:
a) Vê tu o que lá está
b) Veja você o que lá está
c) Vejamos nós o que lá está
d) Vejais vós o que lá está
e) Vejam vocês o que lá está

6. Se o Ocidente se .... de assumir suas responsabilidades e se organismos internacionais não .... para evitar uma possível guerra, ... todos pela sorte do continente africano.

a) abstiver - intervierem - receemos
b) abster - intervierem - receemos
c) abstiver - intervirem - receemos
d) abster - intervirem - receiemos
e) abstiver - intervirem - receiemos

7. Assinale a forma errada do imperativo:
a) põe-te na ponta dos pés / não te ponhas na ponta dos pés
b) ponha-se na ponta dos pés / não se ponha na ponta dos pés
c) ponhamos-nos na ponta dos pés / não nos ponhamos na ponta dos pés
d) ponhais-vos na ponta dos pés / não vos ponhais na ponta dos pés
e) ponham-se na ponta dos pés / não se ponham na ponta dos pés

8. Em "Se aceitas a comparação, distinguirás...", se a forma "aceitas" for substituída por aceitasses, a forma "distinguirás" deverá ser alterada para
a) vais distinguir.
b) distinguindo.
c) distingues.
d) distinguirias.
e) terás distinguido.

9. Se você não ..... o que sacou da minha conta e se eu não ..... meu crédito junto à gerência, ... responder a um processo.

a) repuser - reaver - caber-lhe-á
b) repuser - reouver - caber-lhe-á
c) repor - reouver - couber-lhe-á
d) repor - reaver - caber-lhe-á
e) repuser - reouver - couber-lhe-á

10. O professor, ... que alguém ..... resultados negativos, ... a tempo.

a) receando - previsse - interveio
b) receiando - prevesse - interveio
c) receiando - previsse - interviu

d) receando - prevesse - interviu
e) receando - previsse - interviu

11. Daquela escola ..... recursos para que os funcionários se ..... contra novas crises e ..... a cantina.

a) provieram - precavissem - provissem
b) provieram - precavessem - provessem
c) proviram - precavessem - provessem
d) proviram - precavissem - provissem
e) provieram - precavissem – provessem

12. "Ó tu que vens de longe, ó tu que vens cansada,
entra, e sob este teto encontrarás carinho".

Na terceira pessoa do plural escreveríamos assim:

a) Ó elas que veem de longe, ó elas que veem cansadas entrão, e sob este teto encontrarão carinho.
b) Ó elas que vêem de longe, ó elas que vêem cansadas entram e sob este teto encontrareis carinho.
c) Ó elas que vêm de longe, ó elas que vêm cansadas entrem e sob este teto encontrarão carinho.
d) Ó elas que vem de longe, ó elas que vem cansadas entrem e sob este teto encontrarão carinho.
e) Ó elas que vêm de longe, ó elas que vêem cansadas entrão e sob este teto encontrareis carinho.

13. Indique a alternativa em que há erro gramatical:

a) Não sei por que razões ele se indispõe comigo.
b) Ele saiu porque estava aqui há muito tempo?
c) Não agüenta mais isso porquê? Por que é demais?
d) Foi há mais de dois quilômetros que o avisei.
e) Além de ser mau sujeito, é mal humorado.

14. Assinalar a alternativa que completa corretamente as lacunas das seguintes orações:

I. Nós_____a Brasília e_____a Praça dos Três Poderes.
II. O professor_____a prova a pedido do aluno.
III. _____eles os objetos que haviam perdido?

a) vimos - viemos - reveu - reouveram
b) revimos - vimos - reviu - reaveram
c) viemos - vemos - reveu - reouveram
d) vimos - viemos - reviu - reaveram
e) viemos - vimos - reviu - reouveram

15. Preencha os espaços da frase transformada com as formas adequadas dos verbos assinalados na frase original.

Original:

Para você "vir" à Cidade Universitária é preciso "virar" à direita ao "ver" a ponte da Alvarenga.

Transformada:

Para tu _______ à Cidade Universitária é preciso que ________ à direita quando ________ a ponte da Alvarenga.

a) vir - vire - ver.
b) vires - vires - veres.
c) venhas - vires - vejas.
d) vir - viras - ver.

e) vires - vires - vires.

16. "Quanto a mim, se 'vos disser' que li o bilhete três ou quatro vezes, naquele dia, 'acreditai-o', que é verdade; se vos disser mais que o reli no dia seguinte, antes e depois do almoço, 'podeis crê-lo', é a realidade pura. Mas se vos disser a comoção que tive, 'duvidai' um pouco da asserção, e 'não a aceiteis' sem provas."

Mudando o tratamento para a terceira pessoa do plural, as expressões entre aspas, passam a ser:

a) lhes disser; acreditem-no; podem crê-lo; duvidem; não a aceitem.
b) lhes disserem; acreditem-lo; podem crê-lo; duvidam; não a aceitem.
c) lhe disser; acreditam-no; podem crer-lhe; duvidam; não a aceitam.
d) lhe disserem; acreditam-no; possam crê-lo; duvidassem; não a aceiteis.
e) lhes disser, acreditem-o; podem crê-lo; duvidem; não lhe aceitem.

17. Assinalar a alternativa que preenche corretamente as lacunas da seguinte frase:

Quando você ..... seu irmão, ...-o aqui para nos ..... .

a) ver, traze, cumprimentarmos;
b) vir, traga, cumprimentarmos;
c) vir, traze, comprimentarmos,
d) ver, traga, cumprimentarmos;
e) ver, traze, comprimentarrnos.

18. Assinalar a ÚNICA frase cuja forma verbal esteja correta:

a) Se vocês não prestarem atenção vocês não vêm o cometa;
b) Se ele vir, entregue-lhe a encomenda;
c) Quando você o vir, dê-lhe os parabéns;
d) Cuidado que eles vêem chegando;
e) Eles crêm em tudo.

19. Indique a alternativa em que há erro gramatical:

a) Quando você reouver o carro, estará "depenado".
b) Bom seria que vocês se contivessem em seus desejos.
c) Perdi dinheiro, mas já o reouve.
d) É necessário que você se precaveja contra contaminações.
e) Eu me comprouve em olhar apenas.

20. Indique a alternativa em que há erro gramatical:

a) Eles se entreteram, contando piadas.
b) Entrevi uma solução em todo este emaranhado.
c) Para que não caiais em tentação, rezai.
d) Ele se proveu do necessário e partiu.
e) Quando o vir de novo, reconhecê-lo-ei.

GABARITO

1. Para que se CONSTRUA uma nova educação, é necessário que a escola se ADAPTE à realidade social, que seus objetivos PROPONHAM uma nova visão de mundo, que suas ações não IMPEÇAM a liberdade de pensar, mas FAVOREÇAM o desenvolvimento do senso crítico.

2. [A]
3. [D]

4. [B]
5. [D]
6. [A]
7. [D]
8. [D]
9. [B]
10. [A]
11. [B]
12. [C]
13. [C]
14. [E]
15. [E]
16. [A]
17. [B]
18. [C]
19. [D]
20. [A]

Língua Portuguesa – começando do ZERO

Apostila 04 (Teoria e questões)

O verbo (informações essenciais)

Considerações iniciais

Passaremos a estudar um dos assuntos mais longos da gramática normativa – o verbo. Provavelmente você, estudante, deparar-se-á com um sem-número de informações, detalhes, características, exceções etc, etc, os quais fazem deste assunto um dos mais temidos da gramática. Sugerimos, portanto, estudá-lo aos poucos. Saliento: não se trata de um assunto difícil. É apenas um assunto longo e cheio de detalhes. É essencial, portanto, estudá-lo mais de uma vez. Procure também resolver todos os exercícios propostos ao final do capítulo. A resolução vai reforçar seu aprendizado.

Definição

Observe atentamente os períodos abaixo:

* O Brasil **jogará** contra a Argentina no domingo. (→ indica uma ação futura)

* A vida **seria** fácil se não fossem as dificuldades. (→ indica um estado)

* Na próxima madrugada, **nevará** em Caxias do Sul. (→ indica um fato, um fenômeno)

* João **fuma** bastante. (→ indica um fato habitual, freqüente)

Todos os termos em negrito acima são verbos.

Em sentido estrito, verbo é, pois, uma palavra variável capaz de exprimir "uma ação, um estado, um fenômeno da natureza ou um fato".

Verbo é o nome flexionado em modo, tempo, número e pessoa, isto é, a palavra variável que apresenta o maior número de flexões na língua portuguesa.

Elementos estruturais do verbo

São os seguintes os elementos mórficos formadores do verbo: radical, vogal temática, tema e desinências modo-temporal e número-pessoal. Nem todas as formas verbais, contudo, apresentam todos esses elementos. Daí ser importante distinguir minimamente o "radical" da "terminação verbal". Analisemos as formas verbais "cantássemos, venderemos e partíramos"

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	TEMA	DESINÊNCIA MODO-TEMPORAL	DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL
cant	a	**canta**	sse	mos
vend	e	**vende**	re	mos
part	i	**parti**	ra	mos

Radical

É o elemento mórfico verbal principal, pois contém a significação do verbo. Nos verbos, o radical representa a parte imutável, que traz consigo a semântica verbal. Geralmente, obtém o radical com a supressão da vogal temática e da desinência do infinitivo "-r". Observe:

* cantar → **cant** – ar　　　* vender → **vend** – er　　　* partir → **part** – ir
radical　　　*radical*　　　*radical*

Vogal temática

É o elemento mórfico vocálico que se junta ao radical para formar o tema verbal. Nos verbos, a vogal temática situa-se entre o radical e a desinência do infinitivo impessoal "-r". A vogal temática indicará a que conjugação pertence o verbo: Portanto:

a) A vogal temática "-a" indicará os verbos pertencentes à 1ª conjugação:

* cant**A**r　　　* am**A**r

b) A vogal temática "-e" indicará os verbos pertencentes à 2ª conjugação:

* vend**E**r　　　* beb**E**r

c) A vogal temática "-i" indicará os verbos pertencentes à 3ª conjugação:

* sa**I**r　　　* part**I**r

Tema

É o conjunto formado pelo radical mais a vogal temática. Nos verbos, basta a retirada da desinência do infinitivo impessoal "-r" para se obter o tema.

* falar → **fala** – r　　　* caber → **cabe** – r　　　* abrir → **abri** – r
tema　　　*tema*　　　*tema*

Desinências

São elementos mórficos que se acoplam ao tema ou à forma infinita do verbo para indicar as flexões de modo, tempo, número e pessoal. Há em português duas desinências verbais:

a) Desinência modo-temporal → Indica o modo (indicativo, subjuntivo ou imperativo) e o tempo (presente, passado ou futuro) em que se encontra o verbo.

* cantá**va**mos → canta – **VA** – mos (desinência que indica o "pretérito imperfeito do indicativo")

* falá**sse**mos → falá – **SSE** – mos (desinência que indica o "pretérito imperfeito do subjuntivo")

* partir**ía**mos → partir – **ÍA** – mos (desinência que indica o "futuro do pretérito do indicativo")

b) Desinência número-pessoal → Indica o número (singular ou plural) e a pessoa (1ª, 2ª ou 3ª) em que o verbo se encontra.

* cantastes → cantas – **TES** (desinência que indica a 2ª pessoa do plural – vós)

* vendêssemos → vendêsse – **MOS** (desinência que indica a 1ª pessoa do plural – nós)

* partiriam → partiri – **AM** (desinência que indica a 3ª pessoa do plural – eles/elas)

Flexões do verbo

Como já vimos em sua definição, o verbo é a palavra em língua portuguesa que apresenta o maior número de flexões. Ao conjunto de flexões de um verbo dá-se o nome de "**conjugação**".

O verbo apresenta as seguintes flexões: pessoa, número, modo e tempo.

Flexões de pessoa e de número

Em relação à pessoa, o verbo apresenta as flexões relacionadas ao ser que lhe serve de sujeito. No que diz respeito ao número, o verbo pode-se apresentar tanto no singular (eu, tu e ele/ela) quanto no plural (nós, vós, eles/elas). Logo, teremos as seguintes flexões:

a) 1ª pessoa – diz respeito ao falante, tanto no singular (eu) quanto no plural (nós).

1ª PESSOA	
SINGULAR (EU)	**PLURAL (NÓS)**
canto	cantamos
bebo	bebemos
parto	partimos

b) 2ª pessoa – diz respeito ao ouvinte, tanto no singular (tu) quanto no plural (nós).

2ª PESSOA	
SINGULAR (TU)	**PLURAL (VÓS)**
cantas	cantais
bebes	bebeis
partes	partis

c) 3ª pessoa – diz respeito àquele(s), àquela(s), àquilo de que se fala, tanto no singular (ele/ela) quanto no plural (eles/elas).

3ª PESSOA	
SINGULAR (ELE/ELA)	**PLURAL (ELES/ELAS)**
canta	cantam
bebe	bebem
parte	partem

Flexões de modo

As flexões de modo dizem respeito às formas assumidas pelo verbo para indicarem certos estados de espírito em relação ao fato ou estado expressos por ele, ou seja, mostram a atitude (certeza, dúvida, ordem etc) da pessoa que fala em relação ao fato anunciado.

Em português, três são os modos verbais: **indicativo, subjuntivo e imperativo**.

Esses modos compõem as chamadas "formas finitas do verbo", em oposição ao infinitivo, o qual com o gerúndio e o particípio compõem as "formas infinitas do verbo" ou "formas nominais do verbos", as quais estudaremos mais adiante.

Modo indicativo

O modo indicativo é o modo da realidade: serve para enunciar um fato ou um estado verdadeiros ou supostos verdadeiros, em orações independentes ou dependentes, declarativas, interrogativas ou exclamativas, quer afirmando, quer negando.

De acordo com o insigne mestre Augusto Epifânio da Silva Dias, "o indicativo é empregado em todas as orações para as quais não há regra que exija outro modo".

* "Que acusação **trazeis** contra este homem?" (Rui Barbosa)

* "Quem **canta** seus males **espanta**." (Provérbio)

* "Em certos pontos não se **encontrava** viva alma na rua; (...) ;só os pretos **faziam** as compras para o jantar ou **andavam** no ganho."(Aluísio Azevedo)

Modo subjuntivo

O modo subjuntivo (antigo "modo conjuntivo") é o modo próprio da incerteza, da possibilidade, da dúvida, da futuridade, da vontade, do desejo, da esperança, da suposição, da concessão. De fato, são muitas as ideias significadas pelo subjuntivo.

A despeito de aparecer em orações independentes, o subjuntivo é próprio das orações dependentes, isto é, do processo subordinado, como o próprio nome já o diz – "subjuntivo = latim, *subjunctivus* = que liga, que une, que subordina.

* "Queimado **sejas** tu e teus enganos /
Amor escandaloso, mau, cruel." (Camões)

* "Eu vou para Coimbra logo que **esteja** bom, e a menina da cidade fica em sua casa." (Camilo Castelo Branco)

* "Não me parece bonito que o nosso Bentinho **ande** metido nos cantos com a filha do Tartaruga." (Machado de Assis)

Modo imperativo

O modo imperativo serve para expressar uma ordem, um preceito, um conselho, uma exortação, um pedido, um convite.

* "Agora **escutai** e **respondei** sinceramente às minhas perguntas." (A. Herculano)

* "**Guardai** o meu sábado, porque ele deve ser santo para vós." (Bíblia Sagrada)

* "O pão nosso de cada dia nos **dai** hoje." (Bíblia Sagrada)

Formação do modo imperativo

O modo imperativo é por inteiro um modo derivado: ora do presente do indicativo, ora do presente do subjuntivo. São, portanto, estes dois últimos tempos modais que formam o imperativo, o qual se divide em "imperativo afirmativo" e "imperativo negativo".

1. Imperativo afirmativo → Forma-se tanto do presente do indicativo ("tu" e "vós" com a retirada da letra "s") quanto do presente do subjuntivo ("você", "nós" e "vocês").

Observe a formação do modo imperativo dos verbos VIVER e IR

PRESENTE DO INDICATIVO		IMPERATIVO AFIRMATIVO		PRESENTE DO SUBJUNTIVO
vivo		–		viva
vives	→	**VIVE (tu)**		vivas
vive		**VIVA (você)**	←	viva
vivemos		**VIVAMOS (nós)**	←	vivamos
viveis	→	**VIVEI (vós)**		vivais
vivem		**VIVAM (vocês)**	←	vivam

2. Imperativo negativo → É extraído totalmente do presente do subjuntivo. Conjuga-se com a anteposição do advérbio negativo "não".

PRESENTE DO SUBJUNTIVO		IMPERATIVO NEGATIVO
viva		–
vivas	→	**não VIVAS (tu)**
viva	→	**não VIVA (você)**
vivamos	→	**não VIVAMOS (nós)**
vivais	→	**não VIVAIS (vós)**
vivam	→	**não VIVAM (vocês)**

Flexões de tempo

Os tempos são as épocas da duração em que se realiza a ação ou o fato enunciado pelo verbo. Em português, tais épocas, indicadas por flexões próprias, são três: o presente, o passado (pretérito) e o futuro.

Observe o diagrama abaixo:

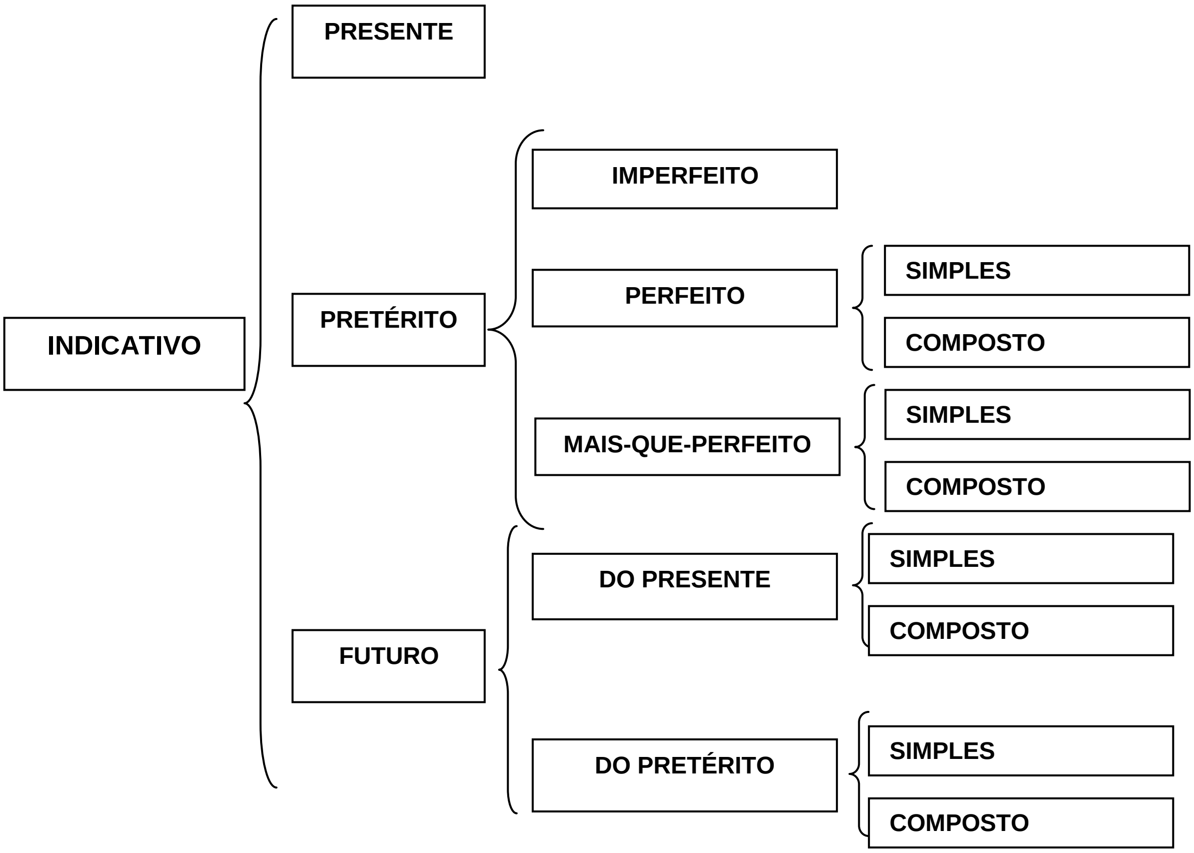
INDICATIVO
PRESENTE
PRETÉRITO
IMPERFEITO
PERFEITO
SIMPLES
COMPOSTO
MAIS-QUE-PERFEITO
SIMPLES
COMPOSTO
FUTURO
DO PRESENTE
SIMPLES
COMPOSTO
DO PRETÉRITO
SIMPLES
COMPOSTO

Emprego dos modos e dos tempos verbais simples e compostos

Modo é a propriedade que tem o verbo de enunciar a atitude de quem fala ao relatar o fato que comunica, as condições em que o fato se passa, o estado da ação etc. São três os modos em Português: o indicativo, o subjuntivo e o imperativo.

A. INDICATIVO

O indicativo expressa um fato de maneira definida, real, no presente, no passado ou no futuro, quer esteja na afirmativa, na negativa ou na interrogativa: *Estudo. Não foi. Irão?* Ainda *não foram?* O indicativo é, em essência, o modo da oração principal. Encontra-se subdividido nos seguintes tempos:

1. Presente

Emprega-se o presente do indicativo para indicar um fato que se realiza no momento em que se fala: Ele *estuda* Português. A lição não *é* fácil.

Nem sempre, porém, indica fato ou ação contemporânea ao momento em que se fala. Pode-se ainda empregá-lo para:

a) descrever um fato ou estado permanente: O Sol *aquece* a Terra. Maria *é* mãe de Jesus. As leis do Universo *são* imutáveis.

b) indicar ação habitual ou que se pratica constantemente: Maria *fuma* demais. *Vou* ao cinema todos os domingos.

c) dar realismo a fatos passados: Cabral *descobre* o Brasil em 1500. Os bandeirantes *abrem* o sertão brasileiro e *conquistam* a terra.

d) indicar futuro próximo (nesse caso, é geralmente acompanhado de um adjunto adverbial): Terminei meus negócios e *sigo amanhã* para Nova Iorque.

e) substituir o imperativo, quando se deseja denotar mais um pedido do que uma ordem: Você me *faz* isso amanhã (= faça-me isso amanhã) .

O presente dos verbos regulares é formado adicionando-se ao radical as seguintes terminações:

a) l.a conjugação: -o, -as, -a, -amos, -ais, -amo
b) 2. a conjugação: -o, -es, -e, -emos, -eis, -em.
c) 3.a conjugação: -o, -es, -e, -imos, -is, -em.

2. Pretérito imperfeito

O pretérito imperfeito indica uma ação passada em relação ao momento em que se fala, porém presente em relação a outro fato passado. Emprega-se o pretérito imperfeito para:

a) descrever fatos freqüentes ou repetidos no passado: Quando *era* criança *ia* sempre à casa de vovó, onde *brincava* com Maria.

b) designar fatos indicando continuidade no passado: As diversas tribos que *habitavam* o continente americano *eram* de cultura diferente; algumas *caçavam* e *pescavam,* ao passo que outras já *tinham* conhecimento de agricultura.

c) descrever pessoas, fatos ou coisas no passado: Ela *parecia* inteligente. O rio *fazia* uma pequena curva antes de cair em catarata.

d) indicar época ou tempo no passado: *Era* época da seca quando José deixou o Nordeste. *Eram* seis horas da tarde quando Ana telefonou.

e) indicar, entre duas ou mais ações simultâneas, qual estava ocorrendo quando sobreveio a outra (nesse caso, o segundo verbo é geralmente usado no pretérito perfeito simples): Pedro *entrava* quando eu *saí. Conversávamos* quando a criança *caiu.*

f) expressar freqüência, repetição, causa e conseqüência (nesse caso, os verbos vêm ambos no pretérito imperfeito): Eu *saía* quando ele *entrava.*

g) descrever ação planejada e não realizada: Eu *ia* passear, mas começou a chover e desisti. *Pretendíamos* falar com ele, mas não tivemos tempo.

h) narrar fábulas, lendas ou contos, situando-os no passado (nesse caso, usa-se o pretérito imperfeito do verbo *ser): Era* uma vez um príncipe. .. *Era* uma vez, há muito tempo, uma índia velha que se comunicava com o espírito das plantas e dos animais.

i) indicar um só fato preciso no passado, quando a época ou a data em que ocorreu a ação vem claramente mencionada: Duas horas depois de receber o telegrama, Geraldo *partia* do aeroporto de Congonhas. Passado o tempo exigido por lei, João se *naturalizava.*

O pretérito imperfeito dos verbos é formado adicionando-se ao radical as seguintes terminações:

a) l.a conjugação: -ava, -avas, -ava, -ávamos, -áveis, -avam.

b) 2ª e 3ª conjugações: -ia, -ias, -ia, -íamos, -íeis, -iam.

3. Pretérito perfeito simples

O pretérito perfeito simples indica uma ação, geralmente não habitual, concluída antes do ato de falar; o fato começou e terminou no passado, seja passado remoto ou próximo: *Fui* ao mercado hoje de manhã. *Estive* com ele em 1980.

O pretérito perfeito simples dos verbos regulares é formado adicionando-se ao radical as seguintes terminações:

a) l.a conjugação: -ei, -aste, *-ou,* -amos, -astes, -aram.

b) 2. a conjugação: -i, -este, -eu, -emos, -estes, -eram.

c) 3.a conjugação: -i, -iste, -iu, -imos, -istes, -ram.

4. Pretérito perfeito composto

O pretérito perfeito composto indica a repetição ou a continuidade de um fato iniciado no passado e que ainda se realiza no presente, vindo acompanhado de adjuntos adverbiais como *desde, ultimamente, esses dias* etc.: *Tenho feito* tudo por ele *desde* que quebrou o braço. Não *temos tido* sorte *ultimamente.*

O pretérito perfeito composto é formado com o presente do indicativo do verbo *ter* (ou, ainda, *haver)* mais o particípio do verbo principal.

5. Pretérito mais-que-perfeito simples

O pretérito mais-que-perfeito simples expressa um fato já concluído antes de outro também no passado. Emprega-se:

a) em situações formais na língua escrita: *Viera* especialmente para o concerto.

b) para substituir o pretérito imperfeito do subjuntivo: Comportou-se como se *fora* (= fosse) senhora das terras.

c) em certas frases exclamativas: Quem me *dera* ser rico!

O pretérito mais-que-perfeito simples dos verbos é formado substituindo-se a terminação *-ram* da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito simples pelas seguintes terminações para as três conjugações: -ra, -ras, -ra, -ramos, -reis, -ram.

6. Pretérito mais-que-perfeito composto

O pretérito mais-que-perfeito composto é empregado, como o simples, para expressar um fato já concluído

antes de outro também no passado. É usado na língua falada e, em geral, também na escrita: *Tinha vindo* especialmente para o concerto.

O pretérito mais-que-perfeito composto é formado com o pretérito imperfeito do indicativo do verbo *ter* (ou, ainda, *haver)* mais o particípio do verbo principal.

7. Futuro do presente simples

O futuro do presente simples é usado para indicar um fato futuro em relação ao momento em que se fala: *Irei* à praia neste fim de semana. Emprega-se também para:

a) indicar fatos de realização provável, pois estão mediante certa condição: Se ele vier, *falarei* com ele.

b) indicar incerteza, dúvida, suposição: *Será* possível uma coisa dessas? *Estarei* eu aqui pela providência divina?

Observação

O futuro do presente simples é comumente substituído, na língua falada, por locuções verbais (conjunto inseparável formado de um verbo auxiliar e de um principal usado no infinitivo, no particípio ou no gerúndio), como:

a) o presente do indicativo do verbo *haver,* mais preposição *de,* mais infinitivo impessoal do verbo principal para exprimir intenção: *Hei de falar* com ele antes do fim do mês.

b) o presente do indicativo do verbo *ter,* mais *que,* mais infinitivo impessoal do verbo principal para indicar obrigatoriedade: *Tenho que falar* com ele antes do fim do mês.

c) o presente do indicativo do verbo *ir,* mais infinitivo impessoal do verbo principal (que pode ser qualquer verbo da língua, exceto o verbo *ir* mesmo e o *vir)* para indicar futuro próximo ou imediato: Estou com fome, *vou almoçar.* Corra! O ônibus *vai partir!*

O futuro do presente simples dos verbos é formado adicionando-se ao infinitivo impessoal as seguintes terminações para as três conjugações: -ei, -ás, -á, -em os, -eis, -ão.

8. Futuro do presente composto

O futuro do presente composto indica:

a) ação futura consumada antes de outra também futura: Já *teremos terminado* o trabalho quando eles chegarem.

b) possibilidade de uma ação já ter se consumado: Já *terão saído?*

O futuro do presente composto é formado com o futuro do presente simples do verbo *ter* (ou, ainda, *haver)* mais o particípio do verbo principal.

9. Futuro do pretérito simples

Usa-se o futuro do pretérito simples:

a) para indicar um fato futuro em relação a um fato passado: Ele prometeu a Maria que *chegaria* antes das seis.

b) quando a oração subordinada revela um fato não realizado ou que talvez não se realize: *Iríamos* se ele permitisse.

c) para exprimir incerteza ou dúvida sobre fatos passados: Quem *estaria* lá? Ele *teria* uns vinte anos quando se casou.

d) em certas orações exclamativas ou interrogativas que denotam surpresa ou indignação: Nunca *agiríamos* dessa maneira! *Seria* possível uma calúnia dessas?

e) em tom polido, denotando desejo presente: *Gostariam* de ir conosco? *Poderia* emprestar-me esse livro?

O futuro do pretérito simples dos verbos é formado adicionando-se ao infinitivo impessoal as seguintes terminações para as três conjugações: -ia, -ias, -ia, -íamos, -íeis, -iam.

10. Futuro do pretérito composto

Emprega-se o futuro do pretérito composto para:

a) indicar que um fato teria acontecido no passado mediante certa condição: Se Roberto estudasse *teria tido* boa nota.

b) exprimir incerteza sobre fatos passados em orações interrogativas: Quando *teriam visto* o fugitivo?

c) exprimir possibilidade de um fato passado: *Teria sido* preferível não terem ido.

O futuro do pretérito composto é formado com o futuro do pretérito simples do verbo *ter* (ou, ainda, *haver)* mais o particípio do verbo principal.

B. SUBJUNTIVO

O subjuntivo expressa um fato incerto, duvidoso, eventual ou mesmo irreal, dependendo da vontade e sentimento de quem o emprega. A noção de tempo que encerra não é tão precisa quanto a indicada nos tempos do modo indicativo. Em princípio, verbos de ordem, de proibição, de desejo, de vontade, de súplica e outros correlatos exigem o modo subjuntivo. É usado especialmente em orações subordinadas:
Duvido que Maria *venha* sozinha. Gostaria que Maria *viesse* sozinha. Será melhor se Maria *vier* sozinha.

Observação:

Há casos em que, por questão de eufonia ou de estilo, não se emprega o subjuntivo; quando isso acontece, usa-se uma forma equivalente. Os substitutos mais usados são:

a) o infinitivo: Pediu para *estudarmos* mais (= que estudássemos mais).
b) o gerúndio (principalmente em orações condicionais): *Falando* inglês (= se falassem inglês), seriam promovidos.
c) um substantivo abstrato: Não acredito em sua *inocência* (= que seja inocente) .
d) imperativo: *Façam* a lição (= preferia que fizessem a lição) sozinhos.

O subjuntivo encontra-se subdividido nos seguintes tempos:

1. Presente

O presente do subjuntivo indica presente ou futuro, dependendo do conteúdo semântico do verbo: É pena que elas *estejam* doentes (presente). Espero que eles *venham* (futuro).

O presente do subjuntivo dos verbos é formado substituindo-se a terminação *-o* da primeira pessoa do singular do presente do indicativo pelas seguintes terminações:

a) l.a conjugação: -e, -es, -e, -emos, -eis, -em.
b) 2.a e 3.a conjugações: -a, -as, -a, -amos, -ais, -amo

Observação: Aplica-se essa regra a todos os verbos, exceto *dar, ir, ser, estar, querer, saber* e *haver.*

2. Pretérito imperfeito

O pretérito imperfeito do subjuntivo indica uma ação simultânea ou futura em relação ao tempo do verbo da oração principal (que pode ser o pretérito perfeito simples, o pretérito imperfeito ou o futuro do pretérito do indicativo): Duvidei que ele *terminasse* o trabalho. Eu queria que ela *fosse* logo. Gostaríamos que eles *trouxessem* as crianças.

O pretérito imperfeito do subjuntivo dos verbos é formado substituindo-se a terminação *-ram* da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito simples do indicativo pelas seguintes terminações para as três conjugações: -sse, -sses, -sse, -ssemos, -sseis, -ssem.

3. Pretérito perfeito

O pretérito perfeito do subjuntivo pode exprimir:

a) passado, supostamente concluído em relação ao tempo em que se fala: Talvez ele já *tenha feito* o trabalho. Duvido que ele *tenha ido* sozinho.

b) futuro, indicando fato terminado em relação a outro fato futuro: É possível que eles já *tenha terminado* o trabalho quando vocês voltarem.

O pretérito perfeito do subjuntivo é formado com o presente do subjuntivo do verbo *ter* (ou, ainda, *haver)* mais o particípio do verbo principal.

4. Pretérito mais-Que-perfeito

O pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo expressa uma ação anterior a outra ação passada, em relação ao tempo do verbo da oração principal (que pode ser o pretérito perfeito simples, o pretérito imperfeito ou o futuro do pretérito do indicativo): Se *tivessem lido* o romance pedido, poderiam discutir melhor sobre esse período de nossa história.

O pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo é formado com o pretérito imperfeito do subjuntivo do verbo *ter* (ou, ainda, *haver)* mais o particípio do verbo principal.

5. Futuro simples

O futuro simples do subjuntivo indica eventualidade no futuro, sendo que o verbo da oração principal pode estar no presente ou no futuro do presente do indicativo: Posso levar o que *quiser.* Poderei levar o que *quiser.*

O futuro simples do subjuntivo dos verbos é formado substituindo-se a terminação *-ram* da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito simples do indicativo pelas seguintes terminações para as três conjugações: -r, -res, -r, -rmos, -rdes, -rem.

6. Futuro composto

O futuro composto do subjuntivo indica uma ação futura que se passa anteriormente a outra ação também futura, sendo que o verbo da oração principal deve estar, de regra, no futuro do presente do indicativo: Isso será resolvido depois que *tivermos escrito* a carta.

O futuro composto do subjuntivo é formado com o futuro simples do subjuntivo do verbo *ter* (ou, ainda, *haver)* mais o particípio do verbo principal.

Classificação morfológica dos verbos

São vários os critérios para a classificação morfológica dos verbos. Estudaremos os principais.

Quanto à terminação

Os verbos podem ser de 1ª CONJUGAÇÃO, de 2ª CONJUGAÇÃO e de 3ª CONJUGAÇÃO.

1. São de 1ª conjugação os verbos que apresentam infinitivo em “AR”. São exemplos de verbos de 1ª conjugação “amar, falar, bebericar, matar, calar, farfalhar.”

2. São de 2ª conjugação os verbos que apresentam infinitivo em “ER”. São exemplos de verbos de 2ª conjugação “beber, fenecer, ler, amanhecer, dever.”

3. São de 3ª conjugação os verbos que apresentam infinitivo em “IR”. São exemplos de verbos de 3ª conjugação “partir, falir, partir, combalir, embair, cair.”

Observação: O verbo “pôr”, em virtude de sua etimologia “poer”, pertence à 2ª conjugação.

Quanto à flexão ou à conjugação

Os verbos podem ser REGULARES, IRREGULARES, DEFECTIVOS, ABUNDANTES e PRONOMINAIS.

1) Verbo regular é aquele cujo tema permanece invariável, e a terminação se flexiona de acordo com um tipo geral ou modelo da conjugação, chamado de “paradigma da conjugação.” Como exemplos de verbos regulares, podemos citar: andar, cantar, falar (1ª conjugação); beber, comer, viver (2ª conjugação); partir,

2) Verbo irregular é aquele que não segue o paradigma regular de sua conjugação. O verbo irregular se caracteriza por sofrer alterações em seu tema na sua conjugação. Podemos citar como exemplos de verbos irregulares os verbos “perder, dormir, ter, trazer” etc.

Observação: Há dois verbos irregulares na língua portuguesa que, em virtude das profundas mudanças por que passam em suas conjugações, recebem a denominação especial de “**anômalos**”. São os verbos “ser” e “ir”, pois apresentam formas como “sou, fui, era, serei, for” etc.

3) Verbo defectivo é aquele que não apresenta todos os modos, tempos ou pessoas próprios dos verbos. Como a próprio nome já o diz, é o verbo que apresenta algum “defeito” em sua conjugação. Podemos citar como exemplo de verbos defectivos “precaver, reaver, demolir, falir, prazer, florir, soer, abolir, ruir, carpir, adir, adequar” etc.

Obs.: Os verbos defectivos serão estudados em parte específica, um pouco mais à frente.

4. Verbo abundante é aquele que apresenta mais de uma forma de conjugação para certos tempos, modos ou pessoas. Geralmente esta abundância se dá no particípio – o qual já foi objeto de estudo. Raros são os verbos que apresentam abundância fora da forma participial. Podemos citar à guisa de exemplo os verbos “construir (apresenta as formas “construís” ou “constróis”) e comprazer (apresenta as formas “comprazi-me e comprouve-me”).

Observação: Para estudar um pouco mais sobre os verbos abundantes, sugerimos que revise o tópico “verbos com duplo particípio”.

5. Verbo pronominal é aquele que só é conjugado com o auxilio de um pronome pessoal oblíquo, átono. Os pronominais são divididos em:

a) **Essencialmente pronominais** (são sempre conjugados com o pronome oblíquo): “arrepender-se, queixar-se, dignar-se, abster-se, apoderar-se, suicidar-se, ausentar-se, atrever-se, comportar-se”.

b) **Acidentalmente pronominais** (aqueles que podem ser conjugados com ou sem o auxílio do pronome oblíquo): “ajuntar-se, matar-se, atribuir-se, lembrar-se, debater-se, enganar-se, pentear-se, destinar-se, defender-se.”

Observação: Veja um pouco mais à frente a conjugação de um verbo pronominal.

Verbos defectivos

Como já mencionamos, verbos defectivos (latim “defectum” = defeituoso, deficiente) são aqueles que não apresentam conjugação completa, pois, em virtude de alguns fatores, tais verbos são faltantes em modos, tempos e pessoas.

Na língua portuguesa, são defectivos os seguintes verbos e/ou grupos verbais:

1. Todos os verbos impessoais – verbos que não apresentam sujeito e, portanto, só são empregados, por convenção, na 3ª pessoa do singular. São denominados de “verbos defectivos impessoais”.

Convém a esta altura salientar que a defectividade, na língua portuguesa, não é só em relação à ausência do modo, do tempo ou da pessoa por parte de um verbo, mas ela se dá também em relação ao emprego do verbo. Se prestarmos atenção, perceberemos que o verbo HAVER é conjugado em todos os modos, tempos e pessoas. Entretanto, quando é empregado no sentido de “existir, ocorrer, realizar-se, acontecer”, só pode ser usado na 3ª pessoa do singular. Por isso, diz-se que a impessoalidade é um caso de defectividade na língua portuguesa.

Observação: Alguns casos de verbos impessoais – como os verbos que indicam fenômenos da natureza – já foram mencionados acima. Os demais casos se encontram em sintaxe no tópico sobre a “oração sem sujeito”.

2. Todos os verbos unipessoais – verbos que, por situações especiais, são conjugados tão-somente na 3ª pessoa do singular ou do plural. Isso ocorre frequentemente com os verbos “convir, acontecer, doer, ocorrer, suceder, importar, constar” e com os verbos que indicam sons dos animais, como “latir, miar, grunhir, mugir, relinchar, cacarejar, silvar, grugulejar etc”.

3. Verbos que, por questões fonéticas (podem provocar confusão com as formas de outro verbo ou apresentam uma sonoridade reprovável), não apresentam a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, nem o presente do subjuntivo. Tais verbos só apresentam as pessoas “tu” e “vós” no imperativo afirmativo, já que o imperativo negativo para eles inexiste. Pertencem a este grupo os verbos “abolir, banir, carpir (capinar, arrancar), colorir, delinquir, delir (apagar, esvanecer), demolir, exaurir (esgotar, acabar), extorquir, florir, fulgir (brilhar, resplandecer), jungir (juntar, unir, ligar), retorquir (argumentar contrariamente, replicar), soer (costumar, acontecer com frequência), urgir (ser urgente), tinir (soar).”

4. Verbos que, por questões fonéticas (podem provocar confusão com as formas de outro verbo ou apresentam uma sonoridade reprovável), não apresentam as três pessoas do singular e a 3ª pessoa do plural do presente de indicativo, nem o presente do subjuntivo. No imperativo afirmativo, só apresentam o “vós”. Inexiste, por conseguinte, o imperativo negativo. Pertencem a este grupo os verbos “precaver, aguerrir, adequar, empedernir (petrificar), remir (resgatar), fornir (abastecer, prover), falir, embair (iludir, seduzir), adir (acrescentar, adicionar), renhir (disputar, pleitear).”

5. O verbo REAVER. Este verbo é inteiramente derivado do verbo HAVER, mas só se conjuga nas formas em que o seu primitivo apresenta a letra "V". No presente do indicativo só apresenta a 1ª e 2ª pessoas. Logo, não apresenta nenhuma forma do presente do subjuntivo. No imperativo afirmativo, só possui a 2ª pessoa do plural. Observe:

PRESENTE DO INDICATIVO DO VERBO "HAVER"	PRESENTE DO INDICATIVO DO VERBO "REAVER"	IMPERATIVO DO VERBO "REAVER"	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
hei	**–**	**–**	**–**
hás	**–**	**–**	**–**
há	**–**	**–**	**–**
havemos	**reavemos**	**–**	**–**
haveis	**reaveis**	**reavei**	**–**
hão	**–**	**–**	**–**

Questões e testes de concursos públicos (Nível essencial)

1. Preencha os espaços, flexionando os verbos indicados nos parênteses no PRESENTE DO SUBJUNTIVO. Respeite as normas de concordância.

Para que se _____ (construir) uma nova educação, é necessário que a escola se _____ (adaptar) à realidade social, que seus objetivos _____ (propor) uma nova visão de mundo, que suas ações não _____ (impedir) a liberdade de pensar, mas _____ (favorecer) o desenvolvimento do senso crítico.

2. Nas frases:

1. "ACELERE, feminista!"
2. "Talvez a saída SEJA fazer como um amigo meu."
3. "Na menor brecadinha, SERIA uma batida na certa."
4. "... deixei que todas PAGASSEM a conta inteira."

os verbos em maiúsculo estão, respectivamente, no:

a) imperativo afirmativo; presente do subjuntivo; futuro do pretérito do indicativo; pretérito imperfeito do subjuntivo;
b) imperativo afirmativo; imperativo afirmativo; futuro do presente do indicativo; presente do indicativo;
c) presente do indicativo; presente do subjuntivo; futuro do pretérito do indicativo; pretérito imperfeito do subjuntivo;
d) presente do subjuntivo; imperativo afirmativo; futuro do pretérito do indicativo; pretérito imperfeito do subjuntivo;
e) imperativo afirmativo; presente do subjuntivo; futuro do pretérito do indicativo; presente do indicativo.

3. "Cale-se ou expulso a senhora da sala".

Assinale a alternativa em que conjuga erradamente o imperativo:
a) cala-te / não te cales
b) cale-se / não se cale
c) calemo-nos / não nos calemos
d) calai-vos / não vos calais
e) calem-se / não se calem

4. "...TENDO antes o cuidado de FECHAR a porta da rua e RETIRAR a chave, como ele FIZERA com a da despensa."

Os verbos em letra maiúscula identificam-se, respectivamente, com:
a) infinitivo, gerúndio, gerúndio, pretérito perfeito.
b) gerúndio, infinitivo, infinitivo, pretérito mais que perfeito.
c) gerúndio, pretérito imperfeito infinitivo, presente.
d) gerúndio, futuro do presente do subjuntivo, infinitivo, pretérito mais que perfeito.
e) infinitivo, infinitivo, gerúndio, futuro do presente do subjuntivo.

5. "Vêem o que lá não está".

Assinale a forma errada do imperativo afirmativo:
a) Vê tu o que lá está
b) Veja você o que lá está
c) Vejamos nós o que lá está
d) Vejais vós o que lá está
e) Vejam vocês o que lá está

6. Se o Ocidente se .... de assumir suas responsabilidades e se organismos internacionais não .... para evitar uma possível guerra, ... todos pela sorte do continente africano.

a) abstiver - intervierem - receemos
b) abster - intervierem - receemos
c) abstiver - intervirem - receemos
d) abster - intervirem - receiemos
e) abstiver - intervirem - receiemos

7. Assinale a forma errada do imperativo:
a) põe-te na ponta dos pés / não te ponhas na ponta dos pés
b) ponha-se na ponta dos pés / não se ponha na ponta dos pés
c) ponhamos-nos na ponta dos pés / não nos ponhamos na ponta dos pés
d) ponhais-vos na ponta dos pés / não vos ponhais na ponta dos pés
e) ponham-se na ponta dos pés / não se ponham na ponta dos pés

8. Em "Se aceitas a comparação, distinguirás...", se a forma "aceitas" for substituída por aceitasses, a forma "distinguirás" deverá ser alterada para
a) vais distinguir.
b) distinguindo.
c) distingues.
d) distinguirias.
e) terás distinguido.

9. Se você não ..... o que sacou da minha conta e se eu não ..... meu crédito junto à gerência, ... responder a um processo.

a) repuser - reaver - caber-lhe-á
b) repuser - reouver - caber-lhe-á
c) repor - reouver - couber-lhe-á
d) repor - reaver - caber-lhe-á
e) repuser - reouver - couber-lhe-á

10. O professor, ... que alguém ..... resultados negativos, ... a tempo.

a) receando - previsse - interveio
b) receiando - prevesse - interveio
c) receiando - previsse - interviu

d) receando - prevesse - interviu
e) receando - previsse - interviu

11. Daquela escola ..... recursos para que os funcionários se ..... contra novas crises e ..... a cantina.

a) provieram - precavissem - provissem
b) provieram - precavessem - provessem
c) proviram - precavessem - provessem
d) proviram - precavissem - provissem
e) provieram - precavissem – provessem

12. "Ó tu que vens de longe, ó tu que vens cansada,
entra, e sob este teto encontrarás carinho".

Na terceira pessoa do plural escreveríamos assim:

a) Ó elas que veem de longe, ó elas que veem cansadas entrão, e sob este teto encontrarão carinho.
b) Ó elas que vêem de longe, ó elas que vêem cansadas entram e sob este teto encontrareis carinho.
c) Ó elas que vêm de longe, ó elas que vêm cansadas entrem e sob este teto encontrarão carinho.
d) Ó elas que vem de longe, ó elas que vem cansadas entrem e sob este teto encontrarão carinho.
e) Ó elas que vêm de longe, ó elas que vêem cansadas entrão e sob este teto encontrareis carinho.

13. Indique a alternativa em que há erro gramatical:

a) Não sei por que razões ele se indispõe comigo.
b) Ele saiu porque estava aqui há muito tempo?
c) Não agüenta mais isso porquê? Por que é demais?
d) Foi há mais de dois quilômetros que o avisei.
e) Além de ser mau sujeito, é mal humorado.

14. Assinalar a alternativa que completa corretamente as lacunas das seguintes orações:

I. Nós_____a Brasília e_____a Praça dos Três Poderes.
II. O professor_____a prova a pedido do aluno.
III. _____eles os objetos que haviam perdido?

a) vimos - viemos - reveu - reouveram
b) revimos - vimos - reviu - reaveram
c) viemos - vemos - reveu - reouveram
d) vimos - viemos - reviu - reaveram
e) viemos - vimos - reviu - reouveram

15. Preencha os espaços da frase transformada com as formas adequadas dos verbos assinalados na frase original.

Original:

Para você "vir" à Cidade Universitária é preciso "virar" à direita ao "ver" a ponte da Alvarenga.

Transformada:

Para tu _______ à Cidade Universitária é preciso que ________ à direita quando ________ a ponte da Alvarenga.

a) vir - vire - ver.
b) vires - vires - veres.
c) venhas - vires - vejas.
d) vir - viras - ver.

e) vires - vires - vires.

16. "Quanto a mim, se 'vos disser' que li o bilhete três ou quatro vezes, naquele dia, 'acreditai-o', que é verdade; se vos disser mais que o reli no dia seguinte, antes e depois do almoço, 'podeis crê-lo', é a realidade pura. Mas se vos disser a comoção que tive, 'duvidai' um pouco da asserção, e 'não a aceiteis' sem provas."

Mudando o tratamento para a terceira pessoa do plural, as expressões entre aspas, passam a ser:

a) lhes disser; acreditem-no; podem crê-lo; duvidem; não a aceitem.
b) lhes disserem; acreditem-lo; podem crê-lo; duvidam; não a aceitem.
c) lhe disser; acreditam-no; podem crer-lhe; duvidam; não a aceitam.
d) lhe disserem; acreditam-no; possam crê-lo; duvidassem; não a aceiteis.
e) lhes disser, acreditem-o; podem crê-lo; duvidem; não lhe aceitem.

17. Assinalar a alternativa que preenche corretamente as lacunas da seguinte frase:

Quando você ..... seu irmão, ...-o aqui para nos ..... .

a) ver, traze, cumprimentarmos;
b) vir, traga, cumprimentarmos;
c) vir, traze, comprimentarmos,
d) ver, traga, cumprimentarmos;
e) ver, traze, comprimentarrnos.

18. Assinalar a ÚNICA frase cuja forma verbal esteja correta:

a) Se vocês não prestarem atenção vocês não vêm o cometa;
b) Se ele vir, entregue-lhe a encomenda;
c) Quando você o vir, dê-lhe os parabéns;
d) Cuidado que eles vêem chegando;
e) Eles crêm em tudo.

19. Indique a alternativa em que há erro gramatical:

a) Quando você reouver o carro, estará "depenado".
b) Bom seria que vocês se contivessem em seus desejos.
c) Perdi dinheiro, mas já o reouve.
d) É necessário que você se precaveja contra contaminações.
e) Eu me comprouve em olhar apenas.

20. Indique a alternativa em que há erro gramatical:

a) Eles se entreteram, contando piadas.
b) Entrevi uma solução em todo este emaranhado.
c) Para que não caiais em tentação, rezai.
d) Ele se proveu do necessário e partiu.
e) Quando o vir de novo, reconhecê-lo-ei.

GABARITO

1. Para que se CONSTRUA uma nova educação, é necessário que a escola se ADAPTE à realidade social, que seus objetivos PROPONHAM uma nova visão de mundo, que suas ações não IMPEÇAM a liberdade de pensar, mas FAVOREÇAM o desenvolvimento do senso crítico.

2. [A]
3. [D]

4. [B]
5. [D]
6. [A]
7. [D]
8. [D]
9. [B]
10. [A]
11. [B]
12. [C]
13. [C]
14. [E]
15. [E]
16. [A]
17. [B]
18. [C]
19. [D]
20. [A]

Língua Portuguesa – começando do ZERO

Apostila 04 (Teoria e questões)

O verbo (informações essenciais)

Considerações iniciais

Passaremos a estudar um dos assuntos mais longos da gramática normativa – o verbo. Provavelmente você, estudante, deparar-se-á com um sem-número de informações, detalhes, características, exceções etc, etc, os quais fazem deste assunto um dos mais temidos da gramática. Sugerimos, portanto, estudá-lo aos poucos. Saliento: não se trata de um assunto difícil. É apenas um assunto longo e cheio de detalhes. É essencial, portanto, estudá-lo mais de uma vez. Procure também resolver todos os exercícios propostos ao final do capítulo. A resolução vai reforçar seu aprendizado.

Definição

Observe atentamente os períodos abaixo:

* O Brasil **jogará** contra a Argentina no domingo. (→ indica uma ação futura)

* A vida **seria** fácil se não fossem as dificuldades. (→ indica um estado)

* Na próxima madrugada, **nevará** em Caxias do Sul. (→ indica um fato, um fenômeno)

* João **fuma** bastante. (→ indica um fato habitual, freqüente)

Todos os termos em negrito acima são verbos.

Em sentido estrito, verbo é, pois, uma palavra variável capaz de exprimir "uma ação, um estado, um fenômeno da natureza ou um fato".

Verbo é o nome flexionado em modo, tempo, número e pessoa, isto é, a palavra variável que apresenta o maior número de flexões na língua portuguesa.

Elementos estruturais do verbo

São os seguintes os elementos mórficos formadores do verbo: radical, vogal temática, tema e desinências modo-temporal e número-pessoal. Nem todas as formas verbais, contudo, apresentam todos esses elementos. Daí ser importante distinguir minimamente o "radical" da "terminação verbal". Analisemos as formas verbais "cantássemos, venderemos e partíramos"

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	TEMA	DESINÊNCIA MODO-TEMPORAL	DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL
cant	a	**canta**	sse	mos
vend	e	**vende**	re	mos
part	i	**parti**	ra	mos

Radical

É o elemento mórfico verbal principal, pois contém a significação do verbo. Nos verbos, o radical representa a parte imutável, que traz consigo a semântica verbal. Geralmente, obtém o radical com a supressão da vogal temática e da desinência do infinitivo "-r". Observe:

* cantar → **cant** – ar *radical* * vender → **vend** – er *radical* * partir → **part** – ir *radical*

Vogal temática

É o elemento mórfico vocálico que se junta ao radical para formar o tema verbal. Nos verbos, a vogal temática situa-se entre o radical e a desinência do infinitivo impessoal "-r". A vogal temática indicará a que conjugação pertence o verbo: Portanto:

a) A vogal temática "-a" indicará os verbos pertencentes à 1ª conjugação:

* cant**A**r * am**A**r

b) A vogal temática "-e" indicará os verbos pertencentes à 2ª conjugação:

* vend**E**r * beb**E**r

c) A vogal temática "-i" indicará os verbos pertencentes à 3ª conjugação:

* sa**I**r * part**I**r

Tema

É o conjunto formado pelo radical mais a vogal temática. Nos verbos, basta a retirada da desinência do infinitivo impessoal "-r" para se obter o tema.

* falar → **fala** – r *tema* * caber → **cabe** – r *tema* * abrir → **abri** – r *tema*

Desinências

São elementos mórficos que se acoplam ao tema ou à forma infinita do verbo para indicar as flexões de modo, tempo, número e pessoal. Há em português duas desinências verbais:

a) Desinência modo-temporal → Indica o modo (indicativo, subjuntivo ou imperativo) e o tempo (presente, passado ou futuro) em que se encontra o verbo.

* cantá**va**mos → canta – **VA** – mos (desinência que indica o "pretérito imperfeito do indicativo")

* falá**sse**mos → falá – **SSE** – mos (desinência que indica o "pretérito imperfeito do subjuntivo")

* partir**ía**mos → partir – **ÍA** – mos (desinência que indica o "futuro do pretérito do indicativo")

b) Desinência número-pessoal → Indica o número (singular ou plural) e a pessoa (1ª, 2ª ou 3ª) em que o verbo se encontra.

* cantastes → cantas – **TES** (desinência que indica a 2ª pessoa do plural – vós)

* vendêssemos → vendêsse – **MOS** (desinência que indica a 1ª pessoa do plural – nós)

* partiriam → partiri – **AM** (desinência que indica a 3ª pessoa do plural – eles/elas)

Flexões do verbo

Como já vimos em sua definição, o verbo é a palavra em língua portuguesa que apresenta o maior número de flexões. Ao conjunto de flexões de um verbo dá-se o nome de "**conjugação**".

O verbo apresenta as seguintes flexões: pessoa, número, modo e tempo.

Flexões de pessoa e de número

Em relação à pessoa, o verbo apresenta as flexões relacionadas ao ser que lhe serve de sujeito. No que diz respeito ao número, o verbo pode-se apresentar tanto no singular (eu, tu e ele/ela) quanto no plural (nós, vós, eles/elas). Logo, teremos as seguintes flexões:

a) 1ª pessoa – diz respeito ao falante, tanto no singular (eu) quanto no plural (nós).

1ª PESSOA	
SINGULAR (EU)	**PLURAL (NÓS)**
canto	cantamos
bebo	bebemos
parto	partimos

b) 2ª pessoa – diz respeito ao ouvinte, tanto no singular (tu) quanto no plural (nós).

2ª PESSOA	
SINGULAR (TU)	**PLURAL (VÓS)**
cantas	cantais
bebes	bebeis
partes	partis

c) 3ª pessoa – diz respeito àquele(s), àquela(s), àquilo de que se fala, tanto no singular (ele/ela) quanto no plural (eles/elas).

3ª PESSOA	
SINGULAR (ELE/ELA)	**PLURAL (ELES/ELAS)**
canta	cantam
bebe	bebem
parte	partem

Flexões de modo

As flexões de modo dizem respeito às formas assumidas pelo verbo para indicarem certos estados de espírito em relação ao fato ou estado expressos por ele, ou seja, mostram a atitude (certeza, dúvida, ordem etc) da pessoa que fala em relação ao fato anunciado.

Em português, três são os modos verbais: **indicativo, subjuntivo e imperativo**.

Esses modos compõem as chamadas "formas finitas do verbo", em oposição ao infinitivo, o qual com o gerúndio e o particípio compõem as "formas infinitas do verbo" ou "formas nominais do verbos", as quais estudaremos mais adiante.

Modo indicativo

O modo indicativo é o modo da realidade: serve para enunciar um fato ou um estado verdadeiros ou supostos verdadeiros, em orações independentes ou dependentes, declarativas, interrogativas ou exclamativas, quer afirmando, quer negando.

De acordo com o insigne mestre Augusto Epifânio da Silva Dias, "o indicativo é empregado em todas as orações para as quais não há regra que exija outro modo".

* "Que acusação **trazeis** contra este homem?" (Rui Barbosa)

* "Quem **canta** seus males **espanta**." (Provérbio)

* "Em certos pontos não se **encontrava** viva alma na rua; (...) ;só os pretos **faziam** as compras para o jantar ou **andavam** no ganho."(Aluísio Azevedo)

Modo subjuntivo

O modo subjuntivo (antigo "modo conjuntivo") é o modo próprio da incerteza, da possibilidade, da dúvida, da futuridade, da vontade, do desejo, da esperança, da suposição, da concessão. De fato, são muitas as ideias significadas pelo subjuntivo.

A despeito de aparecer em orações independentes, o subjuntivo é próprio das orações dependentes, isto é, do processo subordinado, como o próprio nome já o diz – "subjuntivo = latim, *subjunctivus* = que liga, que une, que subordina.

* "Queimado **sejas** tu e teus enganos /
Amor escandaloso, mau, cruel." (Camões)

* "Eu vou para Coimbra logo que **esteja** bom, e a menina da cidade fica em sua casa." (Camilo Castelo Branco)

* "Não me parece bonito que o nosso Bentinho **ande** metido nos cantos com a filha do Tartaruga." (Machado de Assis)

Modo imperativo

O modo imperativo serve para expressar uma ordem, um preceito, um conselho, uma exortação, um pedido, um convite.

* "Agora **escutai** e **respondei** sinceramente às minhas perguntas." (A. Herculano)

* "**Guardai** o meu sábado, porque ele deve ser santo para vós." (Bíblia Sagrada)

* "O pão nosso de cada dia nos **dai** hoje." (Bíblia Sagrada)

Formação do modo imperativo

O modo imperativo é por inteiro um modo derivado: ora do presente do indicativo, ora do presente do subjuntivo. São, portanto, estes dois últimos tempos modais que formam o imperativo, o qual se divide em "imperativo afirmativo" e "imperativo negativo".

1. Imperativo afirmativo → Forma-se tanto do presente do indicativo ("tu" e "vós" com a retirada da letra "s") quanto do presente do subjuntivo ("você", "nós" e "vocês").

Observe a formação do modo imperativo dos verbos VIVER e IR

PRESENTE DO INDICATIVO		**IMPERATIVO AFIRMATIVO**		**PRESENTE DO SUBJUNTIVO**
vivo		–		viva
vives	→	**VIVE (tu)**		vivas
vive		**VIVA (você)**	←	viva
vivemos		**VIVAMOS (nós)**	←	vivamos
viveis	→	**VIVEI (vós)**		vivais
vivem		**VIVAM (vocês)**	←	vivam

2. Imperativo negativo → É extraído totalmente do presente do subjuntivo. Conjuga-se com a anteposição do advérbio negativo "não".

PRESENTE DO SUBJUNTIVO		**IMPERATIVO NEGATIVO**
viva		–
vivas	→	**não VIVAS (tu)**
viva	→	**não VIVA (você)**
vivamos	→	**não VIVAMOS (nós)**
vivais	→	**não VIVAIS (vós)**
vivam	→	**não VIVAM (vocês)**

Flexões de tempo

Os tempos são as épocas da duração em que se realiza a ação ou o fato enunciado pelo verbo. Em português, tais épocas, indicadas por flexões próprias, são três: o presente, o passado (pretérito) e o futuro.

Observe o diagrama abaixo:

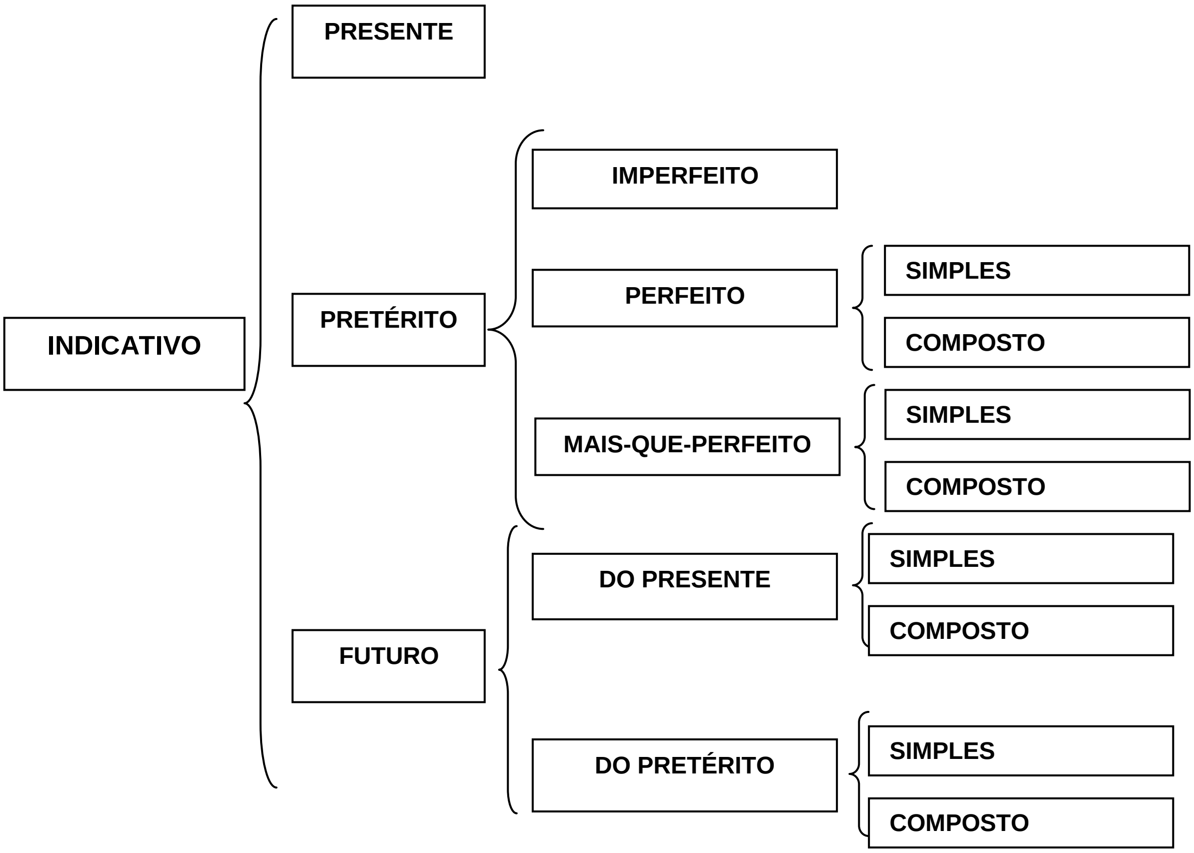
INDICATIVO
PRESENTE
PRETÉRITO
FUTURO
IMPERFEITO
PERFEITO
MAIS-QUE-PERFEITO
SIMPLES
COMPOSTO
SIMPLES
COMPOSTO
DO PRESENTE
SIMPLES
COMPOSTO
DO PRETÉRITO
SIMPLES
COMPOSTO

Emprego dos modos e dos tempos verbais simples e compostos

Modo é a propriedade que tem o verbo de enunciar a atitude de quem fala ao relatar o fato que comunica, as condições em que o fato se passa, o estado da ação etc. São três os modos em Português: o indicativo, o subjuntivo e o imperativo.

A. INDICATIVO

O indicativo expressa um fato de maneira definida, real, no presente, no passado ou no futuro, quer esteja na afirmativa, na negativa ou na interrogativa: *Estudo. Não foi. Irão?* Ainda *não foram?* O indicativo é, em essência, o modo da oração principal. Encontra-se subdividido nos seguintes tempos:

1. Presente

Emprega-se o presente do indicativo para indicar um fato que se realiza no momento em que se fala: Ele *estuda* Português. A lição não *é* fácil.

Nem sempre, porém, indica fato ou ação contemporânea ao momento em que se fala. Pode-se ainda empregá-lo para:

a) descrever um fato ou estado permanente: O Sol *aquece* a Terra. Maria *é* mãe de Jesus. As leis do Universo *são* imutáveis.

b) indicar ação habitual ou que se pratica constantemente: Maria *fuma* demais. *Vou* ao cinema todos os domingos.

c) dar realismo a fatos passados: Cabral *descobre* o Brasil em 1500. Os bandeirantes *abrem* o sertão brasileiro e *conquistam* a terra.

d) indicar futuro próximo (nesse caso, é geralmente acompanhado de um adjunto adverbial): Terminei meus negócios e *sigo amanhã* para Nova Iorque.

e) substituir o imperativo, quando se deseja denotar mais um pedido do que uma ordem: Você me *faz* isso amanhã (= faça-me isso amanhã) .

O presente dos verbos regulares é formado adicionando-se ao radical as seguintes terminações:

a) l.a conjugação: -o, -as, -a, -amos, -ais, -amo
b) 2. a conjugação: -o, -es, -e, -emos, -eis, -em.
c) 3.a conjugação: -o, -es, -e, -imos, -is, -em.

2. Pretérito imperfeito

O pretérito imperfeito indica uma ação passada em relação ao momento em que se fala, porém presente em relação a outro fato passado. Emprega-se o pretérito imperfeito para:

a) descrever fatos freqüentes ou repetidos no passado: Quando *era* criança *ia* sempre à casa de vovó, onde *brincava* com Maria.

b) designar fatos indicando continuidade no passado: As diversas tribos que *habitavam* o continente americano *eram* de cultura diferente; algumas *caçavam* e *pescavam,* ao passo que outras já *tinham* conhecimento de agricultura.

c) descrever pessoas, fatos ou coisas no passado: Ela *parecia* inteligente. O rio *fazia* uma pequena curva antes de cair em catarata.

d) indicar época ou tempo no passado: *Era* época da seca quando José deixou o Nordeste. *Eram* seis horas da tarde quando Ana telefonou.

e) indicar, entre duas ou mais ações simultâneas, qual estava ocorrendo quando sobreveio a outra (nesse caso, o segundo verbo é geralmente usado no pretérito perfeito simples): Pedro *entrava* quando eu *saí. Conversávamos* quando a criança *caiu.*

f) expressar freqüência, repetição, causa e conseqüência (nesse caso, os verbos vêm ambos no pretérito imperfeito): Eu *saía* quando ele *entrava.*

g) descrever ação planejada e não realizada: Eu *ia* passear, mas começou a chover e desisti. *Pretendíamos* falar com ele, mas não tivemos tempo.

h) narrar fábulas, lendas ou contos, situando-os no passado (nesse caso, usa-se o pretérito imperfeito do verbo *ser): Era* uma vez um príncipe. .. *Era* uma vez, há muito tempo, uma índia velha que se comunicava com o espírito das plantas e dos animais.

i) indicar um só fato preciso no passado, quando a época ou a data em que ocorreu a ação vem claramente mencionada: Duas horas depois de receber o telegrama, Geraldo *partia* do aeroporto de Congonhas. Passado o tempo exigido por lei, João se *naturalizava.*

O pretérito imperfeito dos verbos é formado adicionando-se ao radical as seguintes terminações:

a) l.a conjugação: -ava, -avas, -ava, -ávamos, -áveis, -avam.

b) 2ª e 3ª conjugações: -ia, -ias, -ia, -íamos, -íeis, -iam.

3. Pretérito perfeito simples

O pretérito perfeito simples indica uma ação, geralmente não habitual, concluída antes do ato de falar; o fato começou e terminou no passado, seja passado remoto ou próximo: *Fui* ao mercado hoje de manhã. *Estive* com ele em 1980.

O pretérito perfeito simples dos verbos regulares é formado adicionando-se ao radical as seguintes terminações:

a) l.a conjugação: -ei, -aste, *-ou,* -amos, -astes, -aram.

b) 2. a conjugação: -i, -este, -eu, -emos, -estes, -eram.

c) 3.a conjugação: -i, -iste, -iu, -imos, -istes, -ram.

4. Pretérito perfeito composto

O pretérito perfeito composto indica a repetição ou a continuidade de um fato iniciado no passado e que ainda se realiza no presente, vindo acompanhado de adjuntos adverbiais como *desde, ultimamente, esses dias* etc.: *Tenho feito* tudo por ele *desde* que quebrou o braço. Não *temos tido* sorte *ultimamente.*

O pretérito perfeito composto é formado com o presente do indicativo do verbo *ter* (ou, ainda, *haver)* mais o particípio do verbo principal.

5. Pretérito mais-que-perfeito simples

O pretérito mais-que-perfeito simples expressa um fato já concluído antes de outro também no passado. Emprega-se:

a) em situações formais na língua escrita: *Viera* especialmente para o concerto.

b) para substituir o pretérito imperfeito do subjuntivo: Comportou-se como se *fora* (= fosse) senhora das terras.

c) em certas frases exclamativas: Quem me *dera* ser rico!

O pretérito mais-que-perfeito simples dos verbos é formado substituindo-se a terminação *-ram* da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito simples pelas seguintes terminações para as três conjugações: -ra, -ras, -ra, -ramos, -reis, -ram.

6. Pretérito mais-que-perfeito composto

O pretérito mais-que-perfeito composto é empregado, como o simples, para expressar um fato já concluído

antes de outro também no passado. É usado na língua falada e, em geral, também na escrita: *Tinha vindo* especialmente para o concerto.

O pretérito mais-que-perfeito composto é formado com o pretérito imperfeito do indicativo do verbo *ter* (ou, ainda, *haver)* mais o particípio do verbo principal.

7. Futuro do presente simples

O futuro do presente simples é usado para indicar um fato futuro em relação ao momento em que se fala: *Irei* à praia neste fim de semana. Emprega-se também para:

a) indicar fatos de realização provável, pois estão mediante certa condição: Se ele vier, *falarei* com ele.

b) indicar incerteza, dúvida, suposição: *Será* possível uma coisa dessas? *Estarei* eu aqui pela providência divina?

Observação

O futuro do presente simples é comumente substituído, na língua falada, por locuções verbais (conjunto inseparável formado de um verbo auxiliar e de um principal usado no infinitivo, no particípio ou no gerúndio), como:

a) o presente do indicativo do verbo *haver,* mais preposição *de,* mais infinitivo impessoal do verbo principal para exprimir intenção: *Hei de falar* com ele antes do fim do mês.

b) o presente do indicativo do verbo *ter,* mais *que,* mais infinitivo impessoal do verbo principal para indicar obrigatoriedade: *Tenho que falar* com ele antes do fim do mês.

c) o presente do indicativo do verbo *ir,* mais infinitivo impessoal do verbo principal (que pode ser qualquer verbo da língua, exceto o verbo *ir* mesmo e o *vir)* para indicar futuro próximo ou imediato: Estou com fome, *vou almoçar.* Corra! O ônibus *vai partir!*

O futuro do presente simples dos verbos é formado adicionando-se ao infinitivo impessoal as seguintes terminações para as três conjugações: -ei, -ás, -á, -em os, -eis, -ão.

8. Futuro do presente composto

O futuro do presente composto indica:

a) ação futura consumada antes de outra também futura: Já *teremos terminado* o trabalho quando eles chegarem.

b) possibilidade de uma ação já ter se consumado: Já *terão saído?*

O futuro do presente composto é formado com o futuro do presente simples do verbo *ter* (ou, ainda, *haver)* mais o particípio do verbo principal.

9. Futuro do pretérito simples

Usa-se o futuro do pretérito simples:

a) para indicar um fato futuro em relação a um fato passado: Ele prometeu a Maria que *chegaria* antes das seis.

b) quando a oração subordinada revela um fato não realizado ou que talvez não se realize: *Iríamos* se ele permitisse.

c) para exprimir incerteza ou dúvida sobre fatos passados: Quem *estaria* lá? Ele *teria* uns vinte anos quando se casou.

d) em certas orações exclamativas ou interrogativas que denotam surpresa ou indignação: Nunca *agiríamos* dessa maneira! *Seria* possível uma calúnia dessas?

e) em tom polido, denotando desejo presente: *Gostariam* de ir conosco? *Poderia* emprestar-me esse livro?

O futuro do pretérito simples dos verbos é formado adicionando-se ao infinitivo impessoal as seguintes terminações para as três conjugações: -ia, -ias, -ia, -íamos, -íeis, -iam.

10. Futuro do pretérito composto

Emprega-se o futuro do pretérito composto para:

a) indicar que um fato teria acontecido no passado mediante certa condição: Se Roberto estudasse *teria tido* boa nota.

b) exprimir incerteza sobre fatos passados em orações interrogativas: Quando *teriam visto* o fugitivo?

c) exprimir possibilidade de um fato passado: *Teria sido* preferível não terem ido.

O futuro do pretérito composto é formado com o futuro do pretérito simples do verbo *ter* (ou, ainda, *haver)* mais o particípio do verbo principal.

B. SUBJUNTIVO

O subjuntivo expressa um fato incerto, duvidoso, eventual ou mesmo irreal, dependendo da vontade e sentimento de quem o emprega. A noção de tempo que encerra não é tão precisa quanto a indicada nos tempos do modo indicativo. Em princípio, verbos de ordem, de proibição, de desejo, de vontade, de súplica e outros correlatos exigem o modo subjuntivo. É usado especialmente em orações subordinadas:

Duvido que Maria *venha* sozinha. Gostaria que Maria *viesse* sozinha. Será melhor se Maria *vier* sozinha.

Observação:

Há casos em que, por questão de eufonia ou de estilo, não se emprega o subjuntivo; quando isso acontece, usa-se uma forma equivalente. Os substitutos mais usados são:

a) o infinitivo: Pediu para *estudarmos* mais (= que estudássemos mais).
b) o gerúndio (principalmente em orações condicionais): *Falando* inglês (= se falassem inglês), seriam promovidos.
c) um substantivo abstrato: Não acredito em sua *inocência* (= que seja inocente) .
d) imperativo: *Façam* a lição (= preferia que fizessem a lição) sozinhos.

O subjuntivo encontra-se subdividido nos seguintes tempos:

1. Presente

O presente do subjuntivo indica presente ou futuro, dependendo do conteúdo semântico do verbo: É pena que elas *estejam* doentes (presente). Espero que eles *venham* (futuro).

O presente do subjuntivo dos verbos é formado substituindo-se a terminação *-o* da primeira pessoa do singular do presente do indicativo pelas seguintes terminações:

a) l.a conjugação: -e, -es, -e, -emos, -eis, -em.
b) 2.a e 3.a conjugações: -a, -as, -a, -amos, -ais, -amo

Observação: Aplica-se essa regra a todos os verbos, exceto *dar, ir, ser, estar, querer, saber* e *haver.*

2. Pretérito imperfeito

O pretérito imperfeito do subjuntivo indica uma ação simultânea ou futura em relação ao tempo do verbo da oração principal (que pode ser o pretérito perfeito simples, o pretérito imperfeito ou o futuro do pretérito do indicativo): Duvidei que ele *terminasse* o trabalho. Eu queria que ela *fosse* logo. Gostaríamos que eles *trouxessem* as crianças.

O pretérito imperfeito do subjuntivo dos verbos é formado substituindo-se a terminação *-ram* da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito simples do indicativo pelas seguintes terminações para as três conjugações: -sse, -sses, -sse, -ssemos, -sseis, -ssem.

3. Pretérito perfeito

O pretérito perfeito do subjuntivo pode exprimir:

a) passado, supostamente concluído em relação ao tempo em que se fala: Talvez ele já *tenha feito* o trabalho. Duvido que ele *tenha ido* sozinho.

b) futuro, indicando fato terminado em relação a outro fato futuro: É possível que eles já *tenha terminado* o trabalho quando vocês voltarem.

O pretérito perfeito do subjuntivo é formado com o presente do subjuntivo do verbo *ter* (ou, ainda, *haver)* mais o particípio do verbo principal.

4. Pretérito mais-Que-perfeito

O pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo expressa uma ação anterior a outra ação passada, em relação ao tempo do verbo da oração principal (que pode ser o pretérito perfeito simples, o pretérito imperfeito ou o futuro do pretérito do indicativo): Se *tivessem lido* o romance pedido, poderiam discutir melhor sobre esse período de nossa história.

O pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo é formado com o pretérito imperfeito do subjuntivo do verbo *ter* (ou, ainda, *haver)* mais o particípio do verbo principal.

5. Futuro simples

O futuro simples do subjuntivo indica eventualidade no futuro, sendo que o verbo da oração principal pode estar no presente ou no futuro do presente do indicativo: Posso levar o que *quiser.* Poderei levar o que *quiser.*

O futuro simples do subjuntivo dos verbos é formado substituindo-se a terminação *-ram* da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito simples do indicativo pelas seguintes terminações para as três conjugações: -r, -res, -r, -rmos, -rdes, -rem.

6. Futuro composto

O futuro composto do subjuntivo indica uma ação futura que se passa anteriormente a outra ação também futura, sendo que o verbo da oração principal deve estar, de regra, no futuro do presente do indicativo: Isso será resolvido depois que *tivermos escrito* a carta.

O futuro composto do subjuntivo é formado com o futuro simples do subjuntivo do verbo *ter* (ou, ainda, *haver)* mais o particípio do verbo principal.

Classificação morfológica dos verbos

São vários os critérios para a classificação morfológica dos verbos. Estudaremos os principais.

Quanto à terminação

Os verbos podem ser de 1ª CONJUGAÇÃO, de 2ª CONJUGAÇÃO e de 3ª CONJUGAÇÃO.

1. São de 1ª conjugação os verbos que apresentam infinitivo em "AR". São exemplos de verbos de 1ª conjugação "amar, falar, bebericar, matar, calar, farfalhar."

2. São de 2ª conjugação os verbos que apresentam infinitivo em "ER". São exemplos de verbos de 2ª conjugação "beber, fenecer, ler, amanhecer, dever."

3. São de 3ª conjugação os verbos que apresentam infinitivo em "IR". São exemplos de verbos de 3ª conjugação "partir, falir, partir, combalir, embair, cair."

Observação: O verbo "pôr", em virtude de sua etimologia "poer", pertence à 2ª conjugação.

Quanto à flexão ou à conjugação

Os verbos podem ser REGULARES, IRREGULARES, DEFECTIVOS, ABUNDANTES e PRONOMINAIS.

1) Verbo regular é aquele cujo tema permanece invariável, e a terminação se flexiona de acordo com um tipo geral ou modelo da conjugação, chamado de "paradigma da conjugação." Como exemplos de verbos regulares, podemos citar: andar, cantar, falar (1ª conjugação); beber, comer, viver (2ª conjugação); partir,

2) Verbo irregular é aquele que não segue o paradigma regular de sua conjugação. O verbo irregular se caracteriza por sofrer alterações em seu tema na sua conjugação. Podemos citar como exemplos de verbos irregulares os verbos "perder, dormir, ter, trazer" etc.

Observação: Há dois verbos irregulares na língua portuguesa que, em virtude das profundas mudanças por que passam em suas conjugações, recebem a denominação especial de "**anômalos**". São os verbos "ser" e "ir", pois apresentam formas como "sou, fui, era, serei, for" etc.

3) Verbo defectivo é aquele que não apresenta todos os modos, tempos ou pessoas próprios dos verbos. Como a próprio nome já o diz, é o verbo que apresenta algum "defeito" em sua conjugação. Podemos citar como exemplo de verbos defectivos "precaver, reaver, demolir, falir, prazer, florir, soer, abolir, ruir, carpir, adir, adequar" etc.

Obs.: Os verbos defectivos serão estudados em parte específica, um pouco mais à frente.

4. Verbo abundante é aquele que apresenta mais de uma forma de conjugação para certos tempos, modos ou pessoas. Geralmente esta abundância se dá no particípio – o qual já foi objeto de estudo. Raros são os verbos que apresentam abundância fora da forma participial. Podemos citar à guisa de exemplo os verbos "construir (apresenta as formas "construís" ou "constróis") e comprazer (apresenta as formas "comprazi-me e comprouve-me").

Observação: Para estudar um pouco mais sobre os verbos abundantes, sugerimos que revise o tópico “verbos com duplo particípio”.

5. Verbo pronominal é aquele que só é conjugado com o auxilio de um pronome pessoal oblíquo, átono. Os pronominais são divididos em:

a) **Essencialmente pronominais** (são sempre conjugados com o pronome oblíquo): “arrepender-se, queixar-se, dignar-se, abster-se, apoderar-se, suicidar-se, ausentar-se, atrever-se, comportar-se”.

b) **Acidentalmente pronominais** (aqueles que podem ser conjugados com ou sem o auxílio do pronome oblíquo): “ajuntar-se, matar-se, atribuir-se, lembrar-se, debater-se, enganar-se, pentear-se, destinar-se, defender-se.”

Observação: Veja um pouco mais à frente a conjugação de um verbo pronominal.

Verbos defectivos

Como já mencionamos, verbos defectivos (latim “defectum” = defeituoso, deficiente) são aqueles que não apresentam conjugação completa, pois, em virtude de alguns fatores, tais verbos são faltantes em modos, tempos e pessoas.

Na língua portuguesa, são defectivos os seguintes verbos e/ou grupos verbais:

1. Todos os verbos impessoais – verbos que não apresentam sujeito e, portanto, só são empregados, por convenção, na 3ª pessoa do singular. São denominados de “verbos defectivos impessoais”.

Convém a esta altura salientar que a defectividade, na língua portuguesa, não é só em relação à ausência do modo, do tempo ou da pessoa por parte de um verbo, mas ela se dá também em relação ao emprego do verbo. Se prestarmos atenção, perceberemos que o verbo HAVER é conjugado em todos os modos, tempos e pessoas. Entretanto, quando é empregado no sentido de “existir, ocorrer, realizar-se, acontecer”, só pode ser usado na 3ª pessoa do singular. Por isso, diz-se que a impessoalidade é um caso de defectividade na língua portuguesa.

Observação: Alguns casos de verbos impessoais – como os verbos que indicam fenômenos da natureza – já foram mencionados acima. Os demais casos se encontram em sintaxe no tópico sobre a “oração sem sujeito”.

2. Todos os verbos unipessoais – verbos que, por situações especiais, são conjugados tão-somente na 3ª pessoa do singular ou do plural. Isso ocorre frequentemente com os verbos “convir, acontecer, doer, ocorrer, suceder, importar, constar” e com os verbos que indicam sons dos animais, como “latir, miar, grunhir, mugir, relinchar, cacarejar, silvar, grugulejar etc”.

3. Verbos que, por questões fonéticas (podem provocar confusão com as formas de outro verbo ou apresentam uma sonoridade reprovável), não apresentam a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, nem o presente do subjuntivo. Tais verbos só apresentam as pessoas “tu” e “vós” no imperativo afirmativo, já que o imperativo negativo para eles inexiste. Pertencem a este grupo os verbos “abolir, banir, carpir (capinar, arrancar), colorir, delinquir, delir (apagar, esvanecer), demolir, exaurir (esgotar, acabar), extorquir, florir, fulgir (brilhar, resplandecer), jungir (juntar, unir, ligar), retorquir (argumentar contrariamente, replicar), soer (costumar, acontecer com frequência), urgir (ser urgente), tinir (soar).”

4. Verbos que, por questões fonéticas (podem provocar confusão com as formas de outro verbo ou apresentam uma sonoridade reprovável), não apresentam as três pessoas do singular e a 3ª pessoa do plural do presente de indicativo, nem o presente do subjuntivo. No imperativo afirmativo, só apresentam o “vós”. Inexiste, por conseguinte, o imperativo negativo. Pertencem a este grupo os verbos “precaver, aguerrir, adequar, empedernir (petrificar), remir (resgatar), fornir (abastecer, prover), falir, embair (iludir, seduzir), adir (acrescentar, adicionar), renhir (disputar, pleitear).”

5. O verbo REAVER. Este verbo é inteiramente derivado do verbo HAVER, mas só se conjuga nas formas em que o seu primitivo apresenta a letra “V”. No presente do indicativo só apresenta a 1ª e 2ª pessoas. Logo, não apresenta nenhuma forma do presente do subjuntivo. No imperativo afirmativo, só possui a 2ª pessoa do plural. Observe:

PRESENTE DO INDICATIVO DO VERBO “HAVER”	PRESENTE DO INDICATIVO DO VERBO “REAVER”	IMPERATIVO DO VERBO “REAVER”	
		AFIRMATIVO	**NEGATIVO**
hei	**–**	**–**	**–**
hás	**–**	**–**	**–**
há	**–**	**–**	**–**
havemos	**reavemos**	**–**	**–**
haveis	**reaveis**	**reavei**	**–**
hão	**–**	**–**	**–**

Questões e testes de concursos públicos (Nível essencial)

1. Preencha os espaços, flexionando os verbos indicados nos parênteses no PRESENTE DO SUBJUNTIVO. Respeite as normas de concordância.

Para que se _____ (construir) uma nova educação, é necessário que a escola se _____ (adaptar) à realidade social, que seus objetivos _____ (propor) uma nova visão de mundo, que suas ações não _____ (impedir) a liberdade de pensar, mas _____ (favorecer) o desenvolvimento do senso crítico.

2. Nas frases:

1. "ACELERE, feminista!"
2. "Talvez a saída SEJA fazer como um amigo meu."
3. "Na menor brecadinha, SERIA uma batida na certa."
4. "... deixei que todas PAGASSEM a conta inteira."

os verbos em maiúsculo estão, respectivamente, no:

a) imperativo afirmativo; presente do subjuntivo; futuro do pretérito do indicativo; pretérito imperfeito do subjuntivo;
b) imperativo afirmativo; imperativo afirmativo; futuro do presente do indicativo; presente do indicativo;
c) presente do indicativo; presente do subjuntivo; futuro do pretérito do indicativo; pretérito imperfeito do subjuntivo;
d) presente do subjuntivo; imperativo afirmativo; futuro do pretérito do indicativo; pretérito imperfeito do subjuntivo;
e) imperativo afirmativo; presente do subjuntivo; futuro do pretérito do indicativo; presente do indicativo.

3. "Cale-se ou expulso a senhora da sala".

Assinale a alternativa em que conjuga erradamente o imperativo:
a) cala-te / não te cales
b) cale-se / não se cale
c) calemo-nos / não nos calemos
d) calai-vos / não vos calais
e) calem-se / não se calem

4. "...TENDO antes o cuidado de FECHAR a porta da rua e RETIRAR a chave, como ele FIZERA com a da despensa."

Os verbos em letra maiúscula identificam-se, respectivamente, com:
a) infinitivo, gerúndio, gerúndio, pretérito perfeito.
b) gerúndio, infinitivo, infinitivo, pretérito mais que perfeito.
c) gerúndio, pretérito imperfeito infinitivo, presente.
d) gerúndio, futuro do presente do subjuntivo, infinitivo, pretérito mais que perfeito.
e) infinitivo, infinitivo, gerúndio, futuro do presente do subjuntivo.

5. "Vêem o que lá não está".

Assinale a forma errada do imperativo afirmativo:
a) Vê tu o que lá está
b) Veja você o que lá está
c) Vejamos nós o que lá está
d) Vejais vós o que lá está
e) Vejam vocês o que lá está

6. Se o Ocidente se .... de assumir suas responsabilidades e se organismos internacionais não .... para evitar uma possível guerra, ... todos pela sorte do continente africano.

a) abstiver - intervierem - receemos
b) abster - intervierem - receemos
c) abstiver - intervirem - receemos
d) abster - intervirem - receiemos
e) abstiver - intervirem - receiemos

7. Assinale a forma errada do imperativo:
a) põe-te na ponta dos pés / não te ponhas na ponta dos pés
b) ponha-se na ponta dos pés / não se ponha na ponta dos pés
c) ponhamos-nos na ponta dos pés / não nos ponhamos na ponta dos pés
d) ponhais-vos na ponta dos pés / não vos ponhais na ponta dos pés
e) ponham-se na ponta dos pés / não se ponham na ponta dos pés

8. Em "Se aceitas a comparação, distinguirás...", se a forma "aceitas" for substituída por aceitasses, a forma "distinguirás" deverá ser alterada para
a) vais distinguir.
b) distinguindo.
c) distingues.
d) distinguirias.
e) terás distinguido.

9. Se você não ..... o que sacou da minha conta e se eu não ..... meu crédito junto à gerência, ... responder a um processo.

a) repuser - reaver - caber-lhe-á
b) repuser - reouver - caber-lhe-á
c) repor - reouver - couber-lhe-á
d) repor - reaver - caber-lhe-á
e) repuser - reouver - couber-lhe-á

10. O professor, ... que alguém ..... resultados negativos, ... a tempo.

a) receando - previsse - interveio
b) receiando - prevesse - interveio
c) receiando - previsse - interviu

d) receando - prevesse - interviu
e) receando - previsse - interviu

11. Daquela escola ..... recursos para que os funcionários se ..... contra novas crises e ..... a cantina.

a) provieram - precavissem - provissem
b) provieram - precavessem - provessem
c) proviram - precavessem - provessem
d) proviram - precavissem - provissem
e) provieram - precavissem – provessem

12. "Ó tu que vens de longe, ó tu que vens cansada,
entra, e sob este teto encontrarás carinho".

Na terceira pessoa do plural escreveríamos assim:

a) Ó elas que veem de longe, ó elas que veem cansadas entrão, e sob este teto encontrarão carinho.
b) Ó elas que vêem de longe, ó elas que vêem cansadas entram e sob este teto encontrareis carinho.
c) Ó elas que vêm de longe, ó elas que vêm cansadas entrem e sob este teto encontrarão carinho.
d) Ó elas que vem de longe, ó elas que vem cansadas entrem e sob este teto encontrarão carinho.
e) Ó elas que vêm de longe, ó elas que vêem cansadas entrão e sob este teto encontrareis carinho.

13. Indique a alternativa em que há erro gramatical:

a) Não sei por que razões ele se indispõe comigo.
b) Ele saiu porque estava aqui há muito tempo?
c) Não agüenta mais isso porquê? Por que é demais?
d) Foi há mais de dois quilômetros que o avisei.
e) Além de ser mau sujeito, é mal humorado.

14. Assinalar a alternativa que completa corretamente as lacunas das seguintes orações:

I. Nós_____a Brasília e_____a Praça dos Três Poderes.
II. O professor_____a prova a pedido do aluno.
III. _____eles os objetos que haviam perdido?

a) vimos - viemos - reveu - reouveram
b) revimos - vimos - reviu - reaveram
c) viemos - vemos - reveu - reouveram
d) vimos - viemos - reviu - reaveram
e) viemos - vimos - reviu - reouveram

15. Preencha os espaços da frase transformada com as formas adequadas dos verbos assinalados na frase original.

Original:

Para você "vir" à Cidade Universitária é preciso "virar" à direita ao "ver" a ponte da Alvarenga.

Transformada:

Para tu _______ à Cidade Universitária é preciso que ________ à direita quando ________ a ponte da Alvarenga.

a) vir - vire - ver.
b) vires - vires - veres.
c) venhas - vires - vejas.
d) vir - viras - ver.

e) vires - vires - vires.

16. "Quanto a mim, se 'vos disser' que li o bilhete três ou quatro vezes, naquele dia, 'acreditai-o', que é verdade; se vos disser mais que o reli no dia seguinte, antes e depois do almoço, 'podeis crê-lo', é a realidade pura. Mas se vos disser a comoção que tive, 'duvidai' um pouco da asserção, e 'não a aceiteis' sem provas."

Mudando o tratamento para a terceira pessoa do plural, as expressões entre aspas, passam a ser:

a) lhes disser; acreditem-no; podem crê-lo; duvidem; não a aceitem.
b) lhes disserem; acreditem-lo; podem crê-lo; duvidam; não a aceitem.
c) lhe disser; acreditam-no; podem crer-lhe; duvidam; não a aceitam.
d) lhe disserem; acreditam-no; possam crê-lo; duvidassem; não a aceiteis.
e) lhes disser, acreditem-o; podem crê-lo; duvidem; não lhe aceitem.

17. Assinalar a alternativa que preenche corretamente as lacunas da seguinte frase:

Quando você ..... seu irmão, ...-o aqui para nos ..... .

a) ver, traze, cumprimentarmos;
b) vir, traga, cumprimentarmos;
c) vir, traze, comprimentarmos,
d) ver, traga, cumprimentarmos;
e) ver, traze, comprimentarrnos.

18. Assinalar a ÚNICA frase cuja forma verbal esteja correta:

a) Se vocês não prestarem atenção vocês não vêm o cometa;
b) Se ele vir, entregue-lhe a encomenda;
c) Quando você o vir, dê-lhe os parabéns;
d) Cuidado que eles vêem chegando;
e) Eles crêm em tudo.

19. Indique a alternativa em que há erro gramatical:

a) Quando você reouver o carro, estará "depenado".
b) Bom seria que vocês se contivessem em seus desejos.
c) Perdi dinheiro, mas já o reouve.
d) É necessário que você se precaveja contra contaminações.
e) Eu me comprouve em olhar apenas.

20. Indique a alternativa em que há erro gramatical:

a) Eles se entreteram, contando piadas.
b) Entrevi uma solução em todo este emaranhado.
c) Para que não caiais em tentação, rezai.
d) Ele se proveu do necessário e partiu.
e) Quando o vir de novo, reconhecê-lo-ei.

GABARITO

1. Para que se CONSTRUA uma nova educação, é necessário que a escola se ADAPTE à realidade social, que seus objetivos PROPONHAM uma nova visão de mundo, que suas ações não IMPEÇAM a liberdade de pensar, mas FAVOREÇAM o desenvolvimento do senso crítico.

2. [A]
3. [D]

4. [B]
5. [D]
6. [A]
7. [D]
8. [D]
9. [B]
10. [A]
11. [B]
12. [C]
13. [C]
14. [E]
15. [E]
16. [A]
17. [B]
18. [C]
19. [D]
20. [A]

Literatura de Cordel

Características

☆Tradição literária regional;
☆Oposta à literatura tradicional;
☆Gênero literário em versos;
☆Temas populares e da cultura popular brasileira;
☆Linguagem popular, oral, regional e informal
☆Uso de humor, ironia e sarcasmo;
☆Temas diversos: folclore brasileiro, religiosos, profanos, políticos, episódios históricos, realidade social, etc.;
☆Presença de rimas, métrica e oralidade.

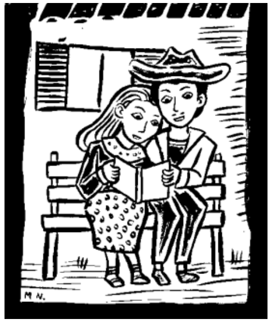

Manifestação literária tradicional da cultura popular brasileira, mais precisamente do interior nordestino, com destaque para os estados de Pernambuco, Alagoas, Paraíba, Pará, Rio Grande do Norte e Ceará.

Origem

O termo "Cordel" é de herança portuguesa. Essa manifestação artística foi introduzida por eles no Brasil em fins do século XVIII, adquirindo força e se popularizando no século XIX, sobretudo entre 1930 e 1960.

Função

Sua principal função social é de informar, ao mesmo tempo que diverte os leitores.

Curiosidades

⇨*Academia Brasileira de Literatura de Cordel* (ABLC), fundada em 1989, no bairro de Santa Tereza-RJ, com o intuito de resgatar a memória da literatura de cordel, reúne cerca de 7 mil documentos, desde pesquisas, livro e folhetos de cordéis.

⇨A literatura de cordel e o repente são duas manifestações populares e culturais distintas. Embora sejam parecidas, cada um possui suas peculiaridades.

↳*Repente:* feito pelos repentistas, é baseado na poesia falada e improvisada, geralmente acompanhado de instrumentos musicais.

↳ *Cordel:* feito pelos cordelistas, é uma poesia popular, com traços de oralidade divulgada em folhetos.

Folhetos

Pequenos livros com capas de xilogravura (técnica de impressão de uma gravura em relevo; a imagem é esculpida na madeira e depois coberta de tinta para ser transferida para o papel),que ficam pendurados em barbantes ou cordas, e daí surge seu nome.

Representantes

Apolônio Alves dos Santos, Cego Aderaldo, Cuica de Santo Amaro, Guaipuan Vieira, Firmino Teixeira do Amaral, João Ferreira de Lima, João Martins de Athayde, Manoel Monteiro, Leandro Gomes de Barros, José Alves Sobrinho, Homero do Rego Barros, Patativa do Assaré (Antônio Gonçalves da Silva), Téo Azevedo, Gonçalo Ferreira da Silva, João de Cristo Rei

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

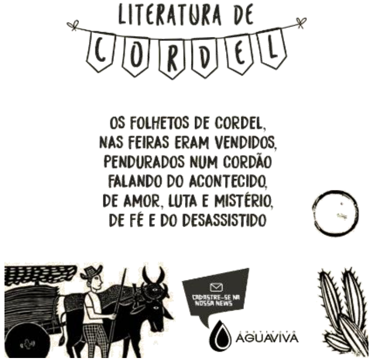

Advérbios

Classe de palavra que atribui uma _circunstância_ aos **Verbos** e _intensifica_ o sentido de **adjetivos** e outros **advérbios.**

Grau

Superlativo

→ _Analítico_: quando acompanhado de outro advérbio.

→ _Sintético_**:** quando é formado por sufixos.

Comparativo:

→_Igualdade_: formado por "tão + advérbio + quanto" (como)

→_Inferioridade_: formado por "menos + advérbio + que" (do que)

→_Superioridade_:

↳ _Analítico_: formado por "mais + advérbio + que" (do que)

↳ _Sintético_: formado por "melhor ou pior que" (do que).

Interrogação

Quando, como, onde, aonde, donde e por que

Ordem

Ultimamente, depois, primeiramente

Inclusão

Também, mesmo, até, inclusivamente, ainda.

Exclusão

Só, somente, salvo, exclusivamente, apenas

Dúvida

Possivelmente, provavelmente, acaso, porventura, quiçá, será, talvez, casualmente.

Afirmação

Sim, deveras, indubitavelmente, decididamente, certamente, realmente, decerto, certo, efetivamente.

Negação

Não, nem, tampouco, nunca, jamais.

Tempo

Hoje, já, afinal, logo, agora, amanhã, amiúde, antes, ontem, tarde, breve, cedo, depois, enfim, entrementes, ainda, jamais, nunca, sempre, doravante, outrora, primeiramente, imediatamente, antigamente, provisoriamente, sucessivamente, constantemente.

Lugar

Aí, aqui, acolá, cá, lá, ali, adiante, abaixo, embaixo, acima, adentro, dentro, afora, fora, defronte, atrás, detrás, atrás, além, aquém, antes, algures, nenhures, alhures, aonde, longe, perto.

Modo

Bem, mal, assim, adrede (de propósito), melhor, pior, depressa, devagar, acinte, debalde e grande parte das palavras que terminam em "-mente": cuidadosamente, calmamente, tristemente, dentre outros.

Intensidade

Muito, demais, pouco, tão, quão, demasiado, bastante, imenso, demais, mais, menos, quanto, quase, tanto, assaz, tudo, nada, todo.

Locução Adverbial

São duas ou mais palavras que exercem a função de advérbio.

Claudenice Melo

Professora de Língua Portuguesa

Literatura Negra no Brasil

Produção literária feita por pessoas negras no Brasil.

Características

- ✓ Representação da identidade do negro;
- ✓ Atitude engajada no combate ao racismo/preconceito;
- ✓ O negro deixa de ser observado (sujeito da história) e passa a ser observador (sujeito da própria história);
- ✓ Resgate da ancestralidade e da identidade negra e denúncia das opressões.

Representantes

Maria Firmina dos Reis (1822-1917): primeira romancista brasileira – Úrsula (1859), Gupeva (1861-62), A Escrava (1887), Hino da libertação dos escravos (1888).

Coralina Maria de Jesus (1914-1977): Quarto de despejo (1960), Casa de alvenaria (1961), Pedaços de fome (1963).

Ana Maria Gonçalves (1970): Ao lado da margem do que sentes por mim (2002), Um defeito de cor (2006).

Maria da Conceição Evaristo de Brito (1946): Ponciá Vicencio (2003), Becos da Memória (2006), Insubmissas lágrimas de mulheres (2011).

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Luiz Gama (1830-1882): Primeiras trovas burlescas (1859).

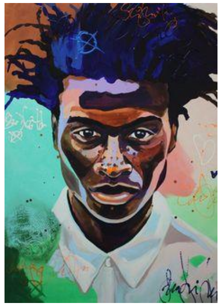

Solano Trindade (1908-1974): Poemas de uma vida simples (1944), Cantares ao povo (1963)

Luiz Silva – Cuti (1951): Poemas da carapina (1978), Batuque de tocaia (1982), Flash crioulo sobre o sangue e o sonho (1987), Negroesia (2007), Moreno, negrinho, pretinho (2009), Quem tem medo da palavra negro (2012)

Você Sabia?

Mesmo sendo retratado em obras literárias por escritores "brancos", o negro era carregado de preconceitos. A Literatura Negra surge, justamente, para lutar contra essa imagem estereotipada:

→ *Escravo nobre*: é fiel, submisso, que supera todas as humilhações e vence a crueldade dos senhores pelo "branqueamento" (são filhos de escravos, mas de pele clara);

→ *Negro vítima:* submisso, servil, vítima de um sistema desumano (buscava exaltar o projeto abolicionista);

→ *Negro infantilizado***:** subalterno e serviçal, é colocado como incapaz, tido como ignorante e tem as características de seu fenótipo negro como ofensivas, sinais de feiura e inferioridade;

→ *Negro animalizado, hipersexualizado e pervertido*: é violento, abusivo, depravado, exótico e pecaminoso.

→ *Erotização da negra:* é vista como um objeto sexual, exótico e atraente.

APOSTILA DE REDAÇÃO OFICIAL

Conteúdo:

1. Redação Oficial: qualidade e técnica

Modelos e descrição de documentos

2. Apostila
3. Ata
4. Atestado
5. Aviso
6. Ato declaratório
7. Alvará
8. Autorização
9. Carta
10. Certidão
11. Circular
12. Contrato
13. Convênio
14. Correspondência interna
15. Decreto
16. Deliberação
17. Despacho
18. Declaração
19. Edital
20. Exposição de motivos
21. Informação
22. Instrução normativa
23. Lei
24. Mensagem
25. Memorando
26. Ofício
27. Ordem de serviço
28. Parecer
29. Pauta de reunião
30. Portaria
31. Procuração
32. Relato de reunião
33. Relatório
34. Requerimento
35. Resolução
36. Termo aditivo

Apêndices

37. Abreviaturas
38. Siglas
39. Expressões de tratamento e vocativos
40. Glossário

INTRODUÇÃO

A comunicação é necessidade básica da pessoa humana, do homem social: constitui o canal pelo qual os padrões de sua cultura lhe são transmitidos e, mediante o qual, aprende a ser membro de uma sociedade. A vida em sociedade supõe *intercâmbio* e *comunicação,* que se realizam fundamentalmente pela *língua*, cujo papel é cada vez mais importante nas relações humanas.

As relações de trabalho demandam atenção especial com a forma escrita da *língua* e seu registro adequado, para que estabeleça o entendimento comum. E comunicação é isso: participação, transmissão, troca de idéias, conhecimentos e experiências.

Os textos constituem a expressão materializada da comunicação humana, pois com eles os homens se tornam contemporâneos do passado e do futuro a um só tempo. O próprio conceito de *história* vem da noção de escrita: quem deixa documentos escritos está num período de *história;* quem não escreve, está na *pré-história*. Logo, a responsabilidade de cada cidadão é muito grande, seja com sua história pessoal, da comunidade e, até, da própria humanidade.

Os funcionários públicos não expedem mensagens para exibir conhecimentos; escrevem-nas para trocar informações, reconhecer direitos e vantagens, estabelecer obrigações, comunicar intenções, realizar negócios.

Assim, um texto oficial de boa qualidade, especialmente aqueles que podem criar direitos, obrigações e compromissos, depende de certos pré-requisitos, aqui chamados *fundamentos*. Esses fundamentos são de ordem ética, legal, lingüística e estética.

Fundamentos Éticos

A **ética** é a parte da filosofia que propõe discutir o *bem comum* - ou seja, o interesse da sociedade que, muitas vezes, se contrapõe ao interesse individual. Não se pretende apresentar aqui uma lista de *obrigações*, nenhum *decálogo* de moral e civismo. Mas, ao exercer suas funções, o servidor público se obriga a colocar o *interesse coletivo* acima do particular.

No caso de elaboração e emissão de documentos, essas preocupações presidem as ações. Ao lado da boa-vontade, a honestidade deve pautar a conduta funcional, e os documentos elaborados representar obrigatoriamente a verdade, sem nada acrescentar ou subtrair.

Todo cidadão tem direito de receber do funcionário público tratamento correto quando recorre ao **GOVERNO**, instituição impessoal que deve representar a vontade pública do *bem comum*. Dessa forma, espera-se que todos os que utilizarem este *Manual* não percam de vista o compromisso de bem servir, tendo a verdade e o bem comum como metas da sua atuação.

REDAÇÃO OFICIAL

Redação oficial é a maneira de redigir própria da Administração Pública. Sua finalidade básica é possibilitar a elaboração de comunicações e normativos oficiais claros e impessoais, pois o objetivo é transmitir a mensagem com eficácia, permitindo entendimento imediato.

A eficácia da comunicação oficial depende basicamente do uso de linguagem simples e direta, chegando ao assunto que se deseja expor sem passar, por exemplo, pelos atalhos das fórmulas de refinada cortesia usuais no século passado. Ontem o estilo tendia ao rebuscamento, aos rodeios ou aos circunlóquios; hoje, a vida moderna obriga a uma redação mais objetiva e concisa.

Considere-se, entretanto, que não há uma forma específica de linguagem administrativa, mas sim qualidades comuns a qualquer bom texto, seja ele oficial ou literário, aplicáveis à redação oficial: clareza, coesão, concisão, correção gramatical. Além disso, merecem destaque algumas características peculiares identificáveis na forma oficial de redigir: formalidade, uniformidade e impessoalidade.

A seguir, apresenta-se análise pormenorizada de cada uma dessas qualidades e características.

QUALIDADES E CARACTERÍSTICAS FUNDAMENTAIS DA REDAÇÃO OFICIAL

Clareza

Clareza é a qualidade do que é inteligível, facilmente compreensível. Já que se busca, então, com a clareza, fazer-se facilmente entendido, é preciso que o pensamento de quem comunica também seja claro, com as idéias, ordenadas; a pontuação, correta; as palavras, bem dispostas na frase; as intercalações, reduzidas a um mínimo; a precisão vocabular, uma constante.

Da mesma forma, a indispensável releitura do texto contribui para obtenção da clareza. A ocorrência de trechos obscuros e de erros gramaticais em textos oficiais provém principalmente da falta da releitura, que torna possível sua correção.

Além disso, a falsa idéia de que “escreve bem quem escreve difícil” também contribui para a obscuridade do texto. Ora, quem escreve difícil dificilmente é compreendido. Cada palavra dessa natureza é um tropeço para a leitura e só pode desvalorizar o que se escreve.

Alguns preceitos para a redação de textos claros:

a) utilizar preferencialmente a ordem direta ou lógica (sujeito, verbo, complementos); às vezes essa ordem precisa ser alterada em benefício da própria clareza;

b) usar as palavras e as expressões em seu sentido mais comum;

c) evitar períodos com negativas múltiplas;

d) transformar as orações negativas em positivas, sempre que possível;

e) buscar a uniformidade do tempo verbal em todo o texto;

f) escolher com cuidado o vocabulário, evitando o jargão técnico;

g) evitar neologismos (palavras, frases ou expressões novas, ou palavras antigas com sentidos novos), preciosismos (delicadeza ou sutileza excessiva no escrever) e regionalismos;

h) utilizar palavras ou expressões de língua estrangeira somente quando indispensável.

Exemplos de textos obscuros, que devem ser evitados:

a) mudança de sentido com a mudança da pontuação: Aprovas?

Não discordo. (Compare-se: Aprovas? Não! Discordo.);

b) má disposição das palavras na frase: A Defesa Civil pede, neste ofício, cobertores para casal de lã. (Compare-se: A Defesa Civil pede, neste ofício, cobertores de lã para casal.);

c) ambigüidade: Ela pensava no tempo em que trabalhara com o Cassiano e concluía que a sua falta de visão teria contribuído para o fracasso do projeto.

(Ambigüidade ocasionada peloemprego do pronome sua, que é válido tanto para ela como para ele; falta de visão dele ou dela?);

d) excesso de intercalações: O planejamento estratégico, que é um instrumento valioso para a gestão da empresa pública, e esta, uma alavanca indispensável ao desenvolvimento econômico-social, deve periodicamente passar por um processo de revisão, que o atualiza perante as velozes mudanças do mundo moderno. (Compare-se: O planejamento estratégico deve periodicamente passar por um processo de revisão.).

Coesão

O termo coesão pode ser conceituado como a união íntima das partes de um todo. Assim, o texto coeso é aquele em que as palavras, as orações, os períodos e os parágrafos estão interligados e coerentemente dispostos.

Às vezes, o cuidado com a estrutura do parágrafo pode induzir ao equívoco de encará-lo como redação autônoma, bastante em si mesmo. Apesar de ser uma unidade lógica completa (começo, meio e fim), não pode estar solto do restante do texto.

Para que esse desligamento não ocorra, temos de trabalhar com mecanismos de ligação entre os parágrafos. A utilização desses mecanismos chama-se transição ou coesão.

A transição não é necessariamente feita por partículas ou expressões. Ela pode ocorrer, por exemplo, com a utilização do mesmo sujeito da oração precedente. O importante nos mecanismos de transição é manter a fluência do texto.

Exemplos de algumas partículas e expressões de transição: *da mesma forma, aliás, também, mas, por fim, pouco depois, pelo contrário, assim, enquanto isso, além disso, a propósito,* *em primeiro lugar, no entanto, finalmente, em resumo, portanto, por isso, em seguida, então, já que, ora, daí, dessa forma, além do mais.*

Concisão

A concisão consiste em expressar com um mínimo de palavras um máximo de informações, desde que não se abuse da síntese a tal ponto que a idéia se torne incompreensível. Afinal, o tempo é precioso, e quanto menos se rechear a frase com adjetivos, imagens, pormenores desnecessários ou perífrases (rodeios de palavras), mais o leitor se sentirá respeitado.

Para que se redija um texto conciso, é fundamental que se tenha, além de conhecimento do assunto sobre o qual se escreve, o tempo necessário para revisá-lo depois de pronto. É nessa revisão que muitas vezes se percebem eventuais redundâncias ou repetições desnecessárias de idéias. Veja-se, por exemplo, o seguinte texto:

> *A partir desta década, o número cada vez maior e, por isso mesmo, mais alarmante de desempregados, problema que aflige principalmente os países em desenvolvimento, tem alarmado as autoridades governamentais, guardiãs perenes do bem-estar social, principalmente pelas conseqüências adversas que tal fato gera na sociedade, desde o aumento da mortalidade infantil por desnutrição aguda até o crescimento da violência urbana que aterroriza a família, esteio e célula-mater da sociedade.*

Se esse mesmo trecho for reescrito sem a carga informativa desnecessária, obtém-se um texto conciso e não prolixo:

> *O número cada vez maior de desempregados tem alarmado as autoridades governamentais, pelas conseqüências adversas que tal fato gera na sociedade, desde o aumento da mortalidade infantil por desnutrição aguda até o crescimento da violência urbana.*

Vê-se, assim, como é importante o texto enxuto. Economizar palavras traz benefícios ao texto: o primeiro é errar menos; o segundo, poupar tempo; o terceiro, respeitar a paciência do leitor. Pode-se adotar como regra não dizer mais nem menos do que precisa ser dito. Isso não significa fazer breves todas as frases, nem evitar todo o detalhe, nem tratar os temas apenas na superfície; significa, apenas que cada palavra é importante.)

Procedimentos para redigir textos concisos:

a) eliminar palavras ou expressões desnecessárias:

ato de natureza hostil => ato hostil;

decisão tomada no âmbito da diretoria => decisão da diretoria;

pessoa sem discrição => pessoa indiscreta;

neste momento nós acreditamos => acreditamos;

travar uma discussão => discutir;

na eventualidade de => se;

com o objetivo de => para;

b) evitar o emprego de adjetivação excessiva:

o difícil e alarmante problema da seca => o problema da seca;

c) dispensar, nas datas, os substantivos dia, mês e ano:

no dia 12 de janeiro => em 12 de janeiro;

no mês de fevereiro => em fevereiro;

no ano de 2000 = > em 2000;

d) trocar a locução verbo + substantivo pelo verbo:

fazer uma viagem => viajar;

fazer uma redação => redigir;

pôr as idéias em ordem => ordenar as idéias;

pôr moedas em circulação => emitir moedas;

e) usar o aposto em lugar da oração apositiva:

O contrato previa a construção da ponte em um ano, que era prazo mais do que suficiente => O contrato previa a construção da ponte em um ano, prazo mais do que suficiente.

O que se tem é a anarquia, que é a bagunça pura e simples, irmã gêmea do caos => O que se tem é a anarquia, bagunça pura e simples, irmã gêmea do caos;

f) empregar o particípio do verbo para reduzir orações:

Agora que expliquei o título, passo a escrever o texto => Explicado o título, passo a escrever o texto.

Depois de terminar o trabalho, ligo pra você => Terminado o trabalho, ligo pra você.

Quando terminar o preâmbulo, passarei ao assunto principal => Terminado o preâmbulo, passarei ao assunto principal;

g) eliminar, sempre que possível, os indefinidos um e uma:

Dante quer (um) inquérito rigoroso e rápido.

Timor-Leste se torna (uma) terra de ninguém.

A cultura da paz é (uma) iniciativa coletiva.

Correção gramatical

Correção gramatical é a utilização do padrão culto de linguagem, ou seja, é escrever sem desrespeitar os fatos particulares da língua e as regras apropriadas para o seu perfeito uso. As incorreções gramaticais desmerecem o redator e põem em dúvida sua autoridade para falar sobre qualquer assunto.

Além disso, conhecer a própria língua não é privilégio de gramáticos, senão dever de todos aqueles que dela se utilizam. É erro de conseqüências imprevisíveis acreditar que só os escritores profissionais têm a obrigação de saber escrever. Saber escrever a própria língua faz parte dos deveres cívicos. A língua é a mais viva expressão da nacionalidade.

Formalidade e uniformidade

A formalidade consiste na observância das normas de tratamento usuais na correspondência oficial. Não se trata somente da eterna dúvida quanto ao correto emprego deste ou daquele pronome de tratamento para uma autoridade de certo nível; mais do que isso, a formalidade diz respeito à polidez, à civilidade no tratamento do assunto do qual cuida a comunicação.

É importante salientar que a formalidade de tratamento vincula-se, também, à necessária uniformidade das comunicações. Ora, se a Administração Pública (municipal, estadual, distrital ou federal) é una, é natural que suas comunicações sigam um mesmo padrão. O estabelecimento desse padrão exige atenção a todas as características da redação oficial e cuidado com a apresentação dos textos. O uso de papéis uniformes e a correta diagramação do texto são indispensáveis para a padronização das comunicações oficiais.

Impessoalidade

A finalidade pública está sempre presente na redação oficial, daí a necessidade de ser ela isenta de interferência da individualidade de quem a elabora. O tratamento impessoal que deve ser dado aos assuntos constantes das comunicações oficiais decorre:

a) da ausência de impressões individuais da pessoa que comunica: independentemente de quem assina um expediente, a comunicação é sempre feita em nome do serviço público;

b) da impessoalidade de quem recebe a comunicação: seja um cidadão, seja um órgão público, o destinatário é sempre considerado de forma homogênea e impessoal;

c) do caráter impessoal do próprio assunto tratado: as comunicações oficiais restringem-se a questões referentes ao interesse público; não cabe nelas, portanto, qualquer tom particular ou pessoal.

Desse modo, não há lugar na redação oficial para impressões pessoais, como as que, por exemplo, constam de uma carta a um amigo, ou de um artigo assinado de jornal, ou mesmo de um texto literário. É importante salientar que o caráter impessoal do texto é mantido pela utilização do verbo na terceira pessoa do singular ou plural, ou ainda na primeira pessoa do plural.

ORIENTAÇÕES BÁSICAS SOBRE O ATO DE ESCREVER

Estilo

Tudo que o ser humano faz tem a marca de sua individualidade. Essa maneira pessoal de as pessoas expressarem-se, dentro de uma determinada época, por meio da música, da literatura, da pintura, da escultura é o que se chama estilo. Em relação ao ato de redigir, estilo é, portanto, a maneira peculiar de cada escritor expressar os seus pensamentos.

Também nos textos oficiais pode-se identificar o estilo de cada pessoa. Convém respeitá-lo, apenas requerendo do redator a observância das qualidades e características fundamentais da redação oficial, já explicitadas nos tópicos anteriores.

Qualidades da harmonia e da polidez

As qualidades tradicionalmente conhecidas da expressão verbal — a clareza, a coesão, a concisão, a correção gramatical, a harmonia, a polidez — adquirem proeminência indiscutível na redação. A clareza, a coesão, a concisão e a correção gramatical já foram comentadas nos tópicos anteriores; resta fazer breves observações a respeito da harmonia e da polidez.

Harmonia:

Uma mensagem é harmoniosa quando é elegante, ou seja, quando soa bem aos nossos ouvidos. Muitos fatores prejudicam a harmonia na redação oficial, tais como:

a) a aliteração (repetição do mesmo fonema): Na certeza de que *seria bem sucedido, o sucessor fez a seguinte asserção: ...* (aliteração do fonema);

b) a emenda de vogais (ou hiatismo): Obedeça à autoridade;

c) a cacofonia (encontro de sílabas em que a malícia descobre um novo termo com sentido torpe ou ridículo) : Dê-me já aquela *garrafa;*

d) a rima: O diretor chamou, com muita dor, o assessor, dizendo-*lhe que, embora reconhecendo ser o mesmo trabalhador, não lhe poderia fazer esse favor;*

e) a repetição excessiva de palavras: O presidente da nossa *empresa é primo do presidente daquela transportadora, sendo um presidente muito ativo;*

f) o excesso de que: Solicitei-lhe que me remetesse o parecer *que me prometera a fim de que eu pudesse concluir a análise que me fora solicitada.*

Polidez:

O texto polido revela civilidade, cortesia. A finalidade, especialmente nas correspondências oficiais, é impressionar o destinatário de forma favorável, evitando frases grosseiras ou insultuosas, expressando respeito sem rebaixamento próprio. Expressar consideração pelo outro, sem ao mesmo tempo rebaixar-se, por vezes até compensa falhas nas outras qualidades fundamentais do texto antes examinadas. Correspondência é contato humano e, como tal, deve ser pautada pelos mesmos princípios de convivência pacífica da vida social.

Uso elegante de pronomes oblíquos

Os pronomes oblíquos (me, lhe, nos) substituem muito elegantemente os possessivos (minha, sua) em frases como as seguintes:

O barulho perturba-me as idéias (em vez de: O barulho perturba as minhas idéias).

Ninguém lhe ouvia as propostas (em vez de: Ninguém ouvia as suas propostas).

A solução do problema nos tomou o dia (em vez de: A solução do problema tomou o nosso dia).

Uso (não aconselhável) de cacófatos, chavões e pleonasmos

Cacófato (ou cacofonia):

É o som desagradável, ou a palavra obscena, proveniente da união das sílabas finais de uma palavra com as iniciais da seguinte:

Metalúrgica gaúcha espera crescer 40%. Eva e Adão. Ela trina muito bem. Uma prima minha. Dê-me já.

Só haverá cacofonia quando a palavra produzida for torpe, obscena, ridícula. É infundado o exagerado escrúpulo de quem diz haver cacófato em por cada, ela tinha, só linha. Citem-se, a propósito, os dizeres de Rui Barbosa: *“Se a idéia de ‘porta’, suscitada em ‘por tal’, irrita a cacofatomania desses críticos... outras locuções vernáculas têm de ser, como essa, refugadas”*

Chavão:

É lugar comum, clichê. É o que se faz, se diz ou se escreve por costume. De tanto ser repetido, o chavão perde a força original, envelhece o texto. Recorrer a eles poderá denotar falta de imaginação, preguiça ou pobreza vocabular. Por isso, deve-se procurar evitá-los. Exemplos de chavões:

a cada dia que passa
a olhos vistos
abrir com chave de ouro
acertar os ponteiros
ao apagar das luzes
assolar o país
astro-rei (sol)
baixar a guarda
cair como uma bomba
calor escaldante
crítica construtiva
depois de longo e tenebroso silêncio
singela homenagem
tábua de salvação
vaias estrepitosas
voltar à estaca zero
hora da verdade
inflação galopante
inserido no contexto
mestre Aurélio (dicionário)
obra faraônica
óbvio ululante
parece que foi ontem
passar em brancas nuvens
perda irreparável
perder o bonde da história
pomo da discórdia
sepulcral inverno
dizer cobras e lagartos
em sã consciência
estar no fundo do poço

Pleonasmo:

Indica redundância de expressão, ou seja, repetição de uma mesma idéia, mediante palavras diferentes. Quando a repetição de idéia não traz nenhuma energia à expressão, o pleonasmo passa a ser vício, devendo, nesse caso, ser evitado. Exemplos de pleonasmos indesejáveis:

acabamento final
a razão é porque
a seu critério pessoal
certeza absoluta
comer com a boca
conviver junto
criação nova
descer para baixo
destaque excepcional
elo de ligação
em duas metades iguais
empréstimo temporário
encarar de frente
expressamente proibido
fato real
há anos atrás
meu amigo particular
multidão de pessoas
planejar antecipadamente
relações bilaterais entre dois países
sintomas indicativos
subir para cima
surpresa inesperada
todos foram unânimes
ver com os olhos

Problemas na construção de frases

A clareza e a concisão na forma escrita são alcançadas principalmente pela construção adequada da frase. Alguns problemas mais freqüentemente encontrados na construção de frases dizem respeito à utilização do sujeito da oração como complemento, à ambigüidade da idéia expressa, à elaboração de falsos paralelismos e aos erros de comparação, conforme exemplificado a seguir.

Uso indevido do sujeito como complemento:

Sujeito é o ser de quem se fala ou que executa a ação enunciada na oração. Ele pode ter complemento, mas não ser complemento. Devem ser evitadas, portanto, construções como:

Errado: É tempo dos parlamentares votarem o projeto.
Certo: É tempo de os parlamentares votarem o projeto.

Errado: Antes desses requisitos serem cumpridos...
Certo: Antes de esses requisitos serem cumpridos...

Errado: Apesar da Assessoria ter informado em tempo...
Certo: Apesar de a Assessoria ter informado em tempo...

Ambigüidade:

Ambígua é a frase ou oração que pode ser tomada em mais de um sentido. Como a clareza é requisito básico de todo texto oficial, deve- se atentar para as construções que possam gerar equívocos de compreensão. A ambigüidade decorre, em geral, da dificuldade de identificar-se a que palavra se refere um pronome que possui mais de um antecedente na terceira pessoa. Outro tipo de ambigüidade decorre da dúvida sobre a que se refere a oração reduzida. Exemplos:

Ambíguo: O Chefe de Gabinete comunicou ao Diretor que ele seria exonerado. (Quem seria exonerado? O Chefe de Gabinete? O Diretor?)

Claro: O Chefe de Gabinete comunicou a exoneração dele ao Diretor. *(O Chefe de Gabinete foi exonerado.)*

Claro: O Chefe de Gabinete comunicou ao Diretor a exoneração deste. *(O Diretor foi exonerado.)*

Ambíguo: O Deputado saudou o Presidente da República, em seu discurso, e solicitou sua intervenção no seu Estado, mas isso não o surpreendeu. (Discurso de quem? Estado de quem? Quem não se surpreendeu?)

Claro: Em seu discurso, o Deputado saudou o Presidente da República. No pronunciamento, solicitou a intervenção federal em seu Estado, o que não surpreendeu o Presidente. *(Discurso do Deputado. Estado do Deputado. O Presidente não se surpreendeu.)*

Ambíguo: Sendo indisciplinado, o Chefe admoestou o funcionário. (Quem é indisciplinado?)

Claro: O Chefe admoestou o funcionário por ser este *indisciplinado.*

Erros de paralelismo:

Uma das convenções estabelecidas na língua escrita consiste em apresentar idéias similares numa forma gramatical idêntica, o que se chama de paralelismo. Assim, incorre-se em erro ao conferir forma não paralela a elementos paralelos. Exemplos:

Errado: Pelo aviso circular recomendou-se às unidades economizar energia e que elaborassem planos de

redução de despesas.

Certo: Pelo aviso circular, recomendou-se às unidades que economizassem energia e (que) elaborassem planos para redução de despesas.

Certo: Pelo aviso circular, recomendou-se às unidades economizar energia e elaborar planos para redução de despesas.

Errado: No discurso de posse, mostrou determinação, não ser inseguro, inteligência e ter ambição.

Certo: No discurso de posse, mostrou determinação, segurança, inteligência e ambição.

Certo: No discurso de posse, mostrou ser determinado e seguro, ter inteligência e ambição.

Errado: O novo procurador é jurista renomado, e que tem sólida formação acadêmica.

Certo: O novo procurador é jurista renomado e tem sólida formação acadêmica.

Certo: O novo procurador é jurista renomado, que tem sólida formação acadêmica.

Erros de comparação:

A omissão de certos termos ao se fazer uma comparação deve ser evitada ao redigir, pois compromete a clareza do texto: nem sempre é possível identificar, pelo contexto, qual o termo omitido. A ausência indevida de um termo pode impossibilitar o entendimento do sentido que se quer dar a uma frase:

Errado: O salário de um professor é mais baixo do que um médico.

Certo: O salário de um professor é mais baixo do que o salário de um médico.

Certo: O salário de um professor é mais baixo do que o de um médico.

Errado: O alcance da Resolução é diferente da Portaria.

Certo: O alcance da Resolução é diferente do alcance da Portaria.

Certo: O alcance da Resolução é diferente do da Portaria.

Errado: A Secretaria de Educação dispõe de mais verbas do que as Secretarias do Governo.

Certo: A Secretaria de Educação dispõe de mais verbas do que as outras Secretarias do Governo.

Certo: A Secretaria de Educação dispõe de mais verbas do que as demais Secretarias do Governo.

APOSTILA

Aditamento a ato enunciativo ou declaratório de uma situação anterior criada por lei. É utilizado, também, nos casos de retificação e atualização de dados funcionais, averbando abaixo dos textos ou no verso de decretos e portarias pessoais (nomeação, promoção, ascensão, recondução, remoção, reintegração, dispensa, disponibilidade, demissão, aposentadoria, reintegração, readaptação e aproveitamento).

Ao apostilar título, a Administração não cria direito, pois apenas reconhece a existência de um direito criado por norma legal.

Suas partes componentes são:

1. Título (a palavra APOSTILA), em letras maiúsculas e centralizado sobre o texto.
2. Texto paragrafado, explicitando o ato (em letras maiúsculas) e a quem se refere, com indicação de matrícula.
3. Local e data, por extenso.
4. Assinatura, nome e cargo da autoridade ou chefia que subscreve a Apostila.

EXEMPLO I

APOSTILA

ATO DE 19.08.96 - Maria José da Silva, matrícula n.º 000-4 - Tendo em vista o que consta no Processo n.º E01/0000/95, fica retificada para 02.05.95 a validade de exoneração de que trata o presente ato.

Rio de Janeiro, 24 de maio de 1999

HUGO LEAL MELO DA SILVA
Secretário de Estado de Administração
e Reestruturação

EXEMPLO II

APOSTILA

ATO DE INVESTIDURA DE 17.03.88 - José da Silva, matrícula n.º 000-4 - Fica o servidor a quem se refere o presente título, reposicionado no nível I da categoria funcional de Administrador, com validade a contar de 19.04.97, por ter completado mais de 15 anos no cargo, de acordo com o processo n.º E01/000/87.

Rio de Janeiro, 12 de março de 1999

ELIZABETH COSCARELLI SABATINI
Coordenador de Administração de Pessoal

ATA

É o documento de valor jurídico, que consiste no resumo fiel dos fatos, ocorrências e decisões de sessões, reuniões ou assembléias, realizadas por comissões, conselhos, congregações, ou outras entidades semelhantes, de acordo com uma pauta, ou ordem-do-dia, previamente divulgada. É geralmente lavrada em livro próprio, autenticada, com as páginas rubricadas pela mesma autoridade que redige os termos de abertura e de encerramento.

O texto apresenta-se seguidamente, sem parágrafos, ocupando cada linha inteira, sem espaços em branco ou rasuras, para evitar fraudes. A fim de ressalvar os erros, durante a redação, usar-se-á a palavra **digo**; se for constatado erro ou omissão, depois de escrito o texto, usar-se-á a expressão **em tempo**. Quem redige a ata é o secretário (efetivo do órgão, ou designado *ad hoc* para a reunião). A ata vai assinada por todos os presentes, ou somente pelo presidente e pelo secretário, quando houver registro específico de freqüência.

Observações:

Com o advento do computador, as atas têm sido elaboradas e digitadas, para posterior encadernação em livros de ata. Se isto ocorrer, deve ser indicado nos termos de abertura e fechamento, rubricando-se as páginas e mantendo-se os mesmos cuidados referentes às atas manuscritas. Dispensam-se as correções do texto, como indicado anteriormente.

No caso de se identificar, posteriormente, algum erro ou imprecisão numa ata, faz-se a *ressalva*, apresentando nova redação para o trecho. Assim, submetida novamente à aprovação do plenário, ficará consagrada. O novo texto será exarado na ata do dia em que foi aprovado, mencionando-se a ata e o trecho original.

Suas partes componentes são:

1. Cabeçalho, onde aparece o número (ordinal) da ata e o nome do órgão que a subscreve.

2. Texto sem delimitação de parágrafos, que se inicia pela enunciação da data, horário e local de realização da reunião, por extenso, objeto da lavratura da Ata.

3. Fecho, seguido da assinatura de presidente e secretário, e dos presentes, se for o caso.

EXEMPLO

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA
CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA
ATA da 1022ª Sessão Plenária do Conselho Estadual de Cultura
Aos dezenove dias do mês de maio de mil novecentos e noventa e nove, às dez horas, em sua sede na Avenida Erasmo Braga, cento e dezoito, décimo andar, realizou-se a milésima vigésima segunda Sessão Plenária do Conselho Estadual de Cultura, presentes os Senhores Conselheiros Moacyr Werneck de Castro - no exercício da Presidência, Caíque Botkay, Dina Lerner, Edino Krieger, Fausto Wolff, Fernando Cotta Portella, João Leão Sattamini Netto, José Lewgoy, Léa Garcia, Martha Carvalho Rocha, Paulo Roberto Menezes Direito, Ubiratan Corrêa e - Suplentes - Luiz Carlos Ribeiro Prestes e Frederico Augusto Liberalli de Góes. Justificaram a ausência os Senhores conselheiros Luiz Emygdio de Mello Filho - Presidente, Ana Arruda Callado - Vice-Presidente, Arthur Moreira Lima, Beth Carvalho, Carlos Heitor Cony, Lena Frias, Nélida Piñon e Oscar Niemeyer. No expediente: ata da sessão anterior - aprovada; convite do MinC, para a exposição "KENE", convite da UFRJ, para a exposição de fotos e textos "Dois séculos de poesia"; comunicado da Academia Brasileira de Música, com programação de evento, em continuidade à Série Brasiliana; Ofício do MinC, encaminhando resposta ao Ofício vinte, de noventa e nove, deste Conselho, que solicitava uma ação daquele Ministério sobre a retenção das obras de Frans Krajeberg; nas Publicações: JORNAL DA CÂMARA, cinqüenta e nove a sessenta e um; CULTURA DE HOJE, sessenta; NOTÍCIAS DE ANGOLA, cento e quatro; INFORMATIVO FILATÉLICO, quatro. Iniciando os trabalhos, o Senhor Conselheiro Moacyr Werneck de Castro, dizendo-se constrangido em assumir a Presidência dos trabalhos, em função do dispositivo regimental que atribuía ao Conselheiro com mais idade aquela substituição, passou à apreciação da Ordem do Dia - Visitas do Conselho a instituições culturais e de personalidades da Cultura ao Conselho. Declarando haver um número excessivo de convites para a realização de Sessões em outras localidades e, com isso, segundo entendia, tais reuniões, embora proveitosas, deixaram o Plenário com dificuldades para tratar dos problemas que lhe diziam respeito. A Conselheira Dina Lerner, com a palavra, declarou que considerava contraproducente realizar as Sessões fora da sede do Conselho, dizendo que, no caso especial da ida à Ilha Fiscal - apesar de

aquela recuperação ter sido um ganho extraordinário para o Estado -, os realizadores de tal obra não haviam seguido as orientações do INEPAC e que estariam ainda em dívida com o Estado, por não entregarem o dossiê sobre a restauração realizada. Em aparte, o Conselheiro Luiz Carlos Ribeiro Prestes, concordando com as palavras da Conselheira Dina Lerner, sugeriu que o órgão responsável pela obra realizada na Ilha Fiscal mantivesse contato com o Conselho de Cultura, opinando, ainda, no sentido de que as visitas fossem realizadas em dias diferentes dos das Sessões Plenárias. O Conselheiro Moacyr Werneck, intervindo, considerou uma questão diplomática a ação de solicitar o projeto de recuperação da Ilha Fiscal e que sua preocupação, no momento, cingia-se à periodicidade das visitas. O Conselheiro Fernando Portella, no uso da palavra, indagou a Presidência sobre possíveis assuntos submetidos pela Secretaria de Estado de Cultura à apreciação do Conselho, declarando que, se tal ação não acontecesse, o Conselho somente produziria para consumo interno. Retomando a palavra, o Conselheiro Moacyr Werneck de Castro foi de opinião de que a atividade do Conselho não dependeria somente de matéria encaminhada pela Secretaria de Estado de Cultura, mas também de estudos e tarefas inerentes à função de assessoramento, levando propostas e sugestões às autoridades superiores. A seguir, ainda sobre as visitas do Conselho já relacionadas, o Conselheiro Moacyr Werneck de Castro, dado que alguns dos Conselheiros não poderiam dispor de outros horários para realizá-las, sugeriu que fosse designada uma Comissão para comparecer aos locais programados, apresentando, posteriormente, relato em Plenário. Como segunda opção, sugeriu que fossem consideradas voluntárias as adesões às visitas ou, ainda, que tais visitas fossem adiadas para mais tarde, uma vez que o colegiado ainda estava em fase de instalação. O Conselheiro Fausto Wolff, em aparte, declarou que não poderia dispor de outro horário para comparecer às reuniões fora da sede. O Conselheiro Caíque Botkay, com a palavra, foi de opinião de que seria razoável que fosse enviado ofício ao Ministério da Marinha solicitando o dossiê relativo à restauração da Ilha Fiscal, uma vez que o tombamento daquele imóvel era da alçada do Estado. A Conselheira Dina Lerner, intervindo, informou que eram muitos os problemas daquela ordem no Estado e que o IPHAN não acompanhara a obra, por ser um bem tombado pelo Estado. Comprometeu-se, então, em levantar a documentação sobre a questão e apresentá-la em reunião próxima. O Conselheiro Moacyr Werneck de Castro, considerou que o encaminhamento das discussões o levaram a propor que as visitas ficassem em suspenso, o que foi aprovado pelo Plenário. A seguir, o Conselheiro Luiz Carlos Prestes apresentou ao Plenário o cineasta Paulo Thiago, solicitando permissão para que o mesmo fizesse um relato sobre a situação da área do audiovisual. O Conselheiro Moacyr Werneck de Castro convidou o visitante para compor a Mesa, solicitando, no entanto, ao Conselheiro proponente que submetesse ao Plenário, antecipadamente, os nomes das personalidades a serem convidadas. Com a palavra, o cineasta Paulo Thiago considerou da maior relevância o Governo do Rio de Janeiro criar uma política de produção audiovisual para o Estado, dado que, nos dias atuais, havia quase uma hegemonia paulista no processo cultural brasileiro, o que considerava prejudicial para o País. Destacou que, por exemplo, na Feira do Livro realizada em São Paulo, haviam sido relacionados os - considerados - melhores livros de todos os tempos, em várias áreas, sem a participação do Rio de Janeiro, impondo-se a escolha paulista. Declarou, ainda, o convidado, que ficara chocado ao verificar que nenhuma das obras de Darcy Ribeiro estava relacionada e que não conseguira detectar, também, obras de autores do Rio de Janeiro nem do eixo nordestino. Ainda com a palavra, o cineasta Paulo Thiago declarou que, caso não houvesse uma reação dos intelectuais do Rio de Janeiro, a presença política do nosso Estado continuaria, gradativamente, sofrendo perdas, considerando-se, ainda, que o Ministro da Cultura era paulista. O Conselheiro Moacyr Werneck de Castro, agradeceu a presença do cineasta Paulo Thiago, trazendo a Plenário questão tão relevante, que, no seu entender, deveria ser melhor estudada em Sessão próxima, aduzindo que o descrédito dos valores intelectuais do Rio de Janeiro poderia ser reiterado pelas menções do Conselheiro José Lewgoy quanto ao caso da TV Manchete e, ainda, pela situação falimentar com que se defrontava o JORNAL DO BRASIL. A seguir, propôs - e o Plenário aprovou - voto de pesar pelo passamento do dramaturgo Alfredo Dias Gomes, destacando que o povo comparecera em massa ao velório realizado na Academia Brasileira de Letras, representando a sensibilidade da extensa obra daquele homem de letras. Nada mais havendo a tratar, o Conselheiro Moacyr Werneck de Castro deu por encerrados os trabalhos, antes convocando os Senhores Conselheiros para a próxima Sessão, a ser realizada no dia vinte e seis de maio, às dez horas. Eu, Paulo Pimenta Gomes, Secretário Geral, lavrei a presente ata.

Presidente
Secretário

ATESTADO

Documento firmado por servidor em razão do cargo que ocupa, ou função que exerce, declarando um fato existente, do qual tem conhecimento, a favor de uma pessoa.

Suas partes componentes são:

1. Título (a palavra ATESTADO), em letras maiúsculas e centralizado sobre o texto.
2. Texto constante de um parágrafo, indicando a quem se refere, o número de matrícula e a lotação, caso seja servidor, e a matéria do Atestado.
3. Local e data, por extenso.
4. Assinatura, nome e cargo da chefia que expede o Atestado.

EXEMPLO

ATESTADO

Atesto, para os devidos fins, que José da Silva, Redator, classe A, matrícula n.º 0000-0, lotado na Assessoria de Imprensa desta Secretaria, teve freqüência integral no período de 1º de janeiro a 30 de abril do corrente ano.

Rio de Janeiro, 6 de maio de 1999

JOSÉ DA SILVA
Assessor-Chefe

AVISO

Aviso é a comunicação pela qual os titulares de órgãos e entidades comunicam ao público assunto de seu interesse e solicitam a sua participação.

Estrutura

1. designação do órgão, dentro de sua respectiva ordem hierárquica;
2. denominação do ato - AVISO, com sua respectiva identificação;
3. objeto - resumo do assunto;
4. autor - autoridade investida de poderes legais para baixar o ato;
5. texto - pode ser desdobrado em itens;
6. local e data;
7. assinatura;
8. nome;
9. cargo.

Observação

O aviso deverá ser publicado no Diário Oficial do Distrito Federal.

EXEMPLO

GOVERNO DO ESTADO DE 1*
SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA

AVISO DE ABERTURA DE PROPOSTAS 2
TOMADA DE PREÇOS Nº ....

Objeto: Aquisição, por itens, de equipamentos de softwares de informática para o Conselho de Segurança Pública do Entorno do 3

A COMISSÃO PERMANENTE DE LICITAÇÃO - CPL torna público aos licitantes e demais interessados que realizará reunião para abertura das propostas de preços, no dia .... às .... horas, no auditório ...., situado no ...., Brasília - DF, telefones: 4,5

Brasília,.......... de..............de................ 6

Assinatura
Nome por extenso 7,8,9
Cargo

* A numeração colocada à margem direita dos atos administrativos exemplificados neste documento corresponde à encontrada em todas as estruturas apresentadas.

ATO DECLARATÓRIO

Ato Declaratório é o instrumento pelo qual dirigentes de órgãos e entidades da Administração Direta, Indireta e Fundacional declaram um fato ou uma situação com base em dispositivo legal.

Estrutura

1. preâmbulo:

1.1. designação do órgão, dentro de sua respectiva ordem hierárquica;

1.2. denominação do ato - ATO DECLARATÓRIO, número, ano e sigla;

1.3. ementa;

1.4. autor e fundamento legal;

1.5. ordem de execução - DECLARA;

2. texto;

3. local e data;

4. assinatura;

5. nome.

EXEMPLO

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DA FAZENDA
SUBSECRETARIA DA RECEITA

ATO DECLARATÓRIO Nº........... SR/SEF

Imunidade quanto ao ISS para entidade de Assistência Social. 1

O SUBSECRETÁRIO DA RECEITA DA SECRETARIA DE FAZENDA DO DISTRITO FEDERAL, no uso da competência que lhe confere o artigo 13, inciso III, do Regimento aprovado pelo Decreto nº ...., e fundamentado no artigo 150, inciso VI, alínea "c", da Constituição Federal, combinado com o artigo 14 da Lei nº 5.172/66 - Código Tributário Nacional - e considerando ainda o que consta do processo nº..................................., DECLARA:

A AÇÃO DO PLANALTO - ASP, CGC/MF nº................................, imune quanto ao Imposto Sobre Serviços - ISS, no tocante aos serviços por ela prestados em função do cumprimento de suas finalidades essenciais (parágrafo 4º, artigo 150, CF), excluídos os serviços de terceiros prestados à instituição, salvo se também forem detentores de títulos de reconhecimento de imunidade, isenção ou não-incidência do ISS. 2

Brasília, ...de............de............. . 3

Assinatura
Nome por extenso 4,5

ALVARÁ

Alvará é o documento firmado por autoridade competente, certificando, autorizando ou aprovando atos ou direitos.

EXEMPLO

DISTRITO FEDERAL	ALVARÁ DE FUNCIONAMENTO	Nº RA
1- APRESENTAÇÃO		
2- IDENTIFICAÇÃO 1. Razão Social		
2. Endereço		
3. Atividades		
3 - FECHAMENTO		
4. Horário Normal	5. Horário Especial	6. Inscrição no GDF
4 - OBSERVAÇÕES		
5 - AUTENTICAÇÃO		8. Data
7. Local		
9. Carimbos e Assinaturas		

AUTORIZAÇÃO

Autorização é o ato administrativo ou particular que permite ao pretendente realizar atividades ou utilizar determinado bem fora das rotinas estabelecidas.

Estrutura

1. denominação do ato - AUTORIZAÇÃO;
2. emitente - precedido pela palavra DE, seguido de dois pontos;
3. destinatário - precedido pela palavra PARA, seguida de dois pontos;
4. texto:
   4.1. iniciado pelo termo - AUTORIZO;
   4.2. objeto da autorização;
   4.3. qualificação da pessoa;
5. local e data;
6. assinatura;
7. nome/identidade.

EXEMPLO

AUTORIZAÇÃO

DE: ....

PARA: ....

AUTORIZO a entrega do bilhete de passagem referente ao PTA nº ...., dessa Companhia, emitido em meu nome, para o trecho .... ao Sr. .... Carteira de Identidade nº ....

Maringá, ... de .... de ....

Assinatura
Nome por extenso
RG nº

CARTA

Forma de comunicação externa dirigida a pessoa (física ou jurídica) estranha à administração pública, utilizada para fazer solicitações, convites, externar agradecimentos, ou transmitir informações.

Suas partes componentes são:

1. Local e data, por extenso, à esquerda da página.
2. Endereçamento (alinhado à esquerda): nome do destinatário, precedido da forma de tratamento, e o endereço.
3. Vocativo: a palavra Senhor (a), seguida do cargo do destinatário, e de vírgula.
4. Texto paragrafado, com a exposição do(s) assunto(s) e o objetivo da carta.
5. Fecho de cortesia, seguido de advérbio adequado*: Cordialmente, Atenciosamente,* ou *Respeitosamente.*
6. Assinatura, nome e cargo do emitente da carta.

EXEMPLO

Rio de Janeiro, 28 de abril de 1999

Ilm.º Sr.
Professor Evanildo Bechara
Rua da Ajuda n.º 0 / apto 208
Centro - Rio de Janeiro - RJ
20000-000

Senhor Professor,

A Secretaria de Estado de Administração e Reestruturação vem desenvolvendo ações no sentido de uniformizar e racionalizar os procedimentos administrativos do Governo do Estado do Rio de Janeiro, visando à transparência dos atos governamentais, à melhoria dos serviços prestados e ao controle, por parte do cidadão, das políticas públicas implementadas.

Para atender aos objetivos propostos, estão sendo desenvolvidos diversos projetos que alcançam diferentes setores da administração, dentre eles, o Manual de Redação Oficial do Estado do Rio de Janeiro.

Os trabalhos de seleção dos atos, conceituação e elaboração de modelos foram realizados por grupo de especialistas das áreas de direito, letras, administração, documentação e comunicação e já se encontram em fase final. No entanto, ainda se faz necessária uma revisão por profissional de reconhecida experiência, para garantir a excelência da publicação.

Para este fim, conforme entendimentos anteriores havidos com a Professora Helenice Valias de Moraes, venho solicitar sua colaboração.

Na expectativa de pronunciamento favorável, agradecemos antecipadamente a gentileza.

Atenciosamente

HUGO LEAL MELO DA SILVA
Secretário de Estado de Administração e Reestruturação

CERTIDÃO

Declaração feita por escrito, objetivando comprovar ato ou assentamento constante de processo, livro ou documento que se encontre em repartições públicas. Podem ser de inteiro teor - transcrição integral, também chamada **traslado** - ou resumidas, desde que exprimam fielmente o conteúdo do original.

Observação:

Certidões autenticadas têm o mesmo valor probatório do original e seu fornecimento, gratuito por parte da repartição pública, é obrigação constitucional (Const. Fed. 1988, art. 5º, XXXIV, b).

Suas partes componentes são:

1. Título (a palavra CERTIDÃO), em letras maiúsculas, à esquerda, sobre o texto, com numeração.
2. Texto constante de um parágrafo, com o teor da Certidão.
3. Local e data, por extenso, em seqüência ao texto.
4. Assinaturas: do datilógrafo ou digitador da Certidão e do funcionário que a confere, confirmadas pelo visto da chefia maior.

EXEMPLO

CERTIDÃO n.º 254/99

Certifico, em cumprimento do despacho exarado em quatro de outubro de mil novecentos e oitenta e nove pelo Senhor Diretor do Departamento de Cadastro da Superintendência Central de Recursos Humanos desta Secretaria de Estado de Administração e Reestruturação, no processo autuado sob o número E-03/22743/99, em aditamento à certidão número 076, datada de 11/05/87, para fins de prova junto à Câmara Municipal do Rio de Janeiro, que, de acordo com o consignado no processo número E-03/0000/66, a ex-servidora Maria José da Silva, matrícula 000, gozou 6 (seis) meses de licença especial de 7/8 a 6/11/71, 3 (três) meses e de 16/2 a 15/5/72, 3 (três) meses referentes ao período-base de tempo de serviço apurado entre 07/04/60 a 04/04/70. E, por nada mais constar, eu José da Silva, Agente Administrativo, matrícula número 000-0, datilografei a presente certidão que dato e assino.

Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 1999

Confere

JOSÉ DA SILVA
Agente Administrativo

Visto

ANTÔNIO DE SOUSA
Diretor do Departamento de Cadastro

CIRCULAR

Comunicação oficial, interna ou externa, expedida para diversas unidades administrativas ou determinados funcionários.

Suas partes componentes são:

1. Título (a palavra CIRCULAR), em letras maiúsculas, sigla do órgão que o expede e número, à esquerda da folha.
2. Local e data à direita da folha, e por extenso, na mesma linha do título.
3. Destinatário, após a palavra Para (com inicial maiúscula).
4. Assunto, expressado sinteticamente.
5. Texto paragrafado, contendo a exposição do(s) assunto(s) e o objetivo da Circular.
6. Fecho de cortesia, seguido do advérbio *Atenciosamente*.
7. Assinatura, nome e cargo da autoridade ou chefia que subscreve a Circular.

EXEMPLO

CIRCULAR SARE / SUPDIN / n.º 227 Rio de Janeiro, 10 de março de 1999

Para: Titulares de Órgãos Públicos

Assunto: Manual de Organização do Poder Executivo

A Secretaria de Estado de Administração e Reestruturação deverá elaborar, no prazo de 90 (noventa) dias, o Manual de Organização do Poder Executivo, conforme o art. 9º do Decreto n.º 25.205 de 05 de março de 1999.

Para este fim, solicito encaminhar à Superintendência de Desenvolvimento Institucional, unidade administrativa daquela Secretaria e responsável pela organização do citado Manual, documentos referentes à estrutura básica, competência e organogramas para subsidiar os trabalhos de edição.

Atenciosamente

MARIA JOSÉ DA SILVA
Superintendente de Desenvolvimento Institucional

CONTRATO

É o acordo de vontades firmado pelas partes objetivando criar direitos e obrigações recíprocas.

Tratando-se de negócio jurídico bilateral ou plurilateral, pressupõe o consenso, capacidade das partes (contratantes), objetivo lícito e vontade sem vício.

A Administração Pública pode celebrar contratos de direito privado da administração e contratos administrativos. Os primeiros regem-se pelo direito privado quanto ao conteúdo e efeitos e os segundos, regem-se pelo direito administrativo.

Modelo Anexo I: Contrato de direito privado da administração.

Modelo Anexo II: Contrato administrativo.

Exemplo de :

1 - Contrato da administração (de direito privado) - contrato de locação de imóveis quando a locatária for órgão da Administração Pública; compra de um imóvel pela Administração Pública.

2 - Contrato ADMINISTRATIVO (de direito administrativo) - contrato de obra pública; de concessão de serviço público; de concessão de uso de bem público.

Observação:

Reproduziremos a minuta-padrão n.º 32, aprovada pela Resolução Normativa n.º 71, de 11 de março de 1980, da Procuradoria Geral do Estado do Rio de Janeiro.

Suas partes componentes são:

1. Ementa do assunto contratado, em letras maiúsculas, colocada no alto da página, à direita.
2. Introdução, constando dos nomes e qualificação dos contratantes.
3. Cláusulas (explanadas em parágrafos e alíneas), contendo a matéria específica do Contrato.
4. Fecho, com a fórmula de praxe.
5. Local e data da assinatura do Contrato (por extenso).
6. Assinaturas na seguinte ordem: contratante(s), contratado(s) e testemunhas, alinhadas à esquerda.

EXEMPLO

Modelo Anexo I: Contrato de direito privado da administração.

Contrato de locação de imóvel entre 1) Estado do Rio de Janeiro e 2) _________________ ________________.

Aos ___ dias do mês de ____________ de 19__, na Secretaria de Estado de ____________, entre o ESTADO DO RIO DE JANEIRO, representado pelo Secretário de Estado de _____ ___________, Senhor _________________, neste contrato doravante designado como ESTADO, e 2) _____________ (nome, nacionalidade, estado civil, profissão, residência, C.P.F.), proprietário do imóvel situado na Rua _________ n.º ______, Município de a seguir designado como LOCADOR, perante as testemunhas abaixo assinadas, é ajustada e contratada a locação do mencionado imóvel, contratação em que a licitação foi considerada inexigível por ato de / / , ratificado pelo de / / , como consta no processo administrativo n.º ________________. O presente contrato se regerá no que diz respeito a formalidades administrativas e de administração financeira, pelas normas da Lei n.º 287, de 04.12.79 e de seu Regulamento, aprovado pelo Decreto n.º 3149, de 28.04.80, bem como pelas Normas Gerais constantes do Decreto-Lei n.º 2300, de 21.11.86, que se consideram integrantes do presente, observando-se, no mais, o que a seguir se dispõe:

> Nota - A referência à inexigibilidade de licitação só é aplicável aos casos em que presentes os requisitos que a configuram (Lei2300/86, art. 23, IV). Quando as necessidades de instalação ou localização não condicionarem a escolha do imóvel, a licitação será exigível, embora possa ser dispensada, desde que, mediante a devida justificação, a hipótese possa ser enquadrada entre as previstas no art. 22 do Dec. Lei 2300/86.

CLÁUSULA PRIMEIRA (Legislação aplicável) - A presente locação se regerá pela lei Federal n.º 8245, de 18.10.91.

CLÁUSULA SEGUNDA (Objeto da locação) - O imóvel objeto da locação fica situado na Rua ____________, n.º ___, Município de ____________ (quando necessário, fazer uma descrição sumária, com menção a circunstâncias essenciais, como a existência de anexos, vagas de garagem etc).

CLÁUSULA TERCEIRA (Prazo e datas de início e término) - O prazo da locação será de ____ (meses ou anos), a contar de ___ de ___________ de 19___ e a terminar em ___ de ___________ de 19___.

Parágrafo 1º - O ESTADO poderá, independentemente do pagamento a qualquer multa ou indenização, denunciar a locação antes do término do prazo acima, desde que notifique o LOCADOR com a antecedência mínima de ___ dias.

> Nota - Em princípio, a disposição constante deste parágrafo somente deverá ser pleiteada nas locações por prazo maior que o anual, ou naquelas em que se possa desde logo prever a conveniência de sua adoção.

Parágrafo 2º - Se, findo o prazo fixado nesta cláusula, convier ao Estado a manutenção da locação, as partes diligenciarão no sentido no sentido da assinatura de novo contrato, continuando a locação, até que isso ocorra, em vigência por prazo indeterminado, nos termos previstos no § único do art. 56 da Lei n.º 8245, de 18.10.91.

> Nota - A autoridade competente deverá manifestar-se no processo antes do encerramento do prazo contratual, de modo a permitir, se for o caso, mesmo que por estimativa, o empenho da quantia suficiente ao atendimento dos aluguéis no período das tratativas. No caso de recusa do locador à outorga de novo contrato por prazo determinado, não há impedimento a que o aluguel continue sendo pago regularmente, enquanto a ocupação persistir, desde que feito o empenho, previamente. Deve a Administração, entretanto, considerar a precariedade e excepcionalidade da locação a prazo indeterminado.

CLÁUSULA QUARTA - (Aluguel) - O aluguel mensal será de Cr$ ___________ (extenso).

Parágrafo único (Encargos locativos) - Além do aluguel, o locatário reembolsará o LOCADOR, pelo respectivo valor, sem quaisquer acréscimos ou multas, mediante a apresentação prévia dos respectivos comprovantes de pagamento:

> Nota - indicar os encargos locativos expressamente transferidos à responsabilidade do ESTADO, tais como impostos, taxas e prêmio de seguro complementar contra fogo, que incidem sobre o imóvel, e despesas ordinárias de condomínio, quando se tratar de unidade autônoma em prédio em condomínio ou em prédio de um único dono.

CLÁUSULA QUINTA - (Reajustamento do aluguel) - O aluguel ajustado na cláusula anterior será reajustado a cada ____, de acordo com o índice ____.

> Nota - A convenção de reajustamento é livre, tanto quanto à periodicidade quanto ao índice a adotar, vedada apenas sua vinculação à variação cambial ou ao salário mínimo. Aconselha-se periodicidade não inferior à semestral e a adoção, entre os índices disponíveis, do mais favorável à Administração.

Parágrafo único - No caso de vir a ser suprimido o índice escolhido pelas partes, será adotado, em substituição, o que no mês do último reajustamento dele mais se houver aproximado, sem excedê-lo.

CLÁUSULA SEXTA - (Forma de pagamento do aluguel) - O aluguel e os encargos locativos (ressalvado, quanto a estes, o procedimento previsto no § único da cláusula 4º) serão pagos mensalmente, mediante crédito em conta bancária, do LOCADOR, n.º ______, na Agência __________ do BANERJ, até o __ dia útil do mês seguinte vencido.

> Nota: 1) Quando o LOCADOR não concordar com o esquema acima, o texto poderá ser substituído pelo seguinte:
>
> "Os pagamentos devidos ao LOCADOR em decorrência do presente contrato serão efetuados, uma vez obedecidas as formalidades legais e contratuais pertinentes, mediante ordem de pagamento contra agência do BANERJ (n.º e nome), sendo no ato da emissão da ordem deduzidas as despesas bancárias correspondentes, conforme autorizadas pelo Banco Central do Brasil";
>
> 2) A Administração deverá pleitear do LOCADOR a fixação de prazo suficiente à efetivação do pagamento, consideradas todas as providências administrativas indispensáveis.

CLÁUSULA SÉTIMA (Utilização do imóvel) - O imóvel locado poderá ser utilizado por quaisquer dos órgãos da Administração Direta ou Indireta do Estado do Rio de Janeiro.

CLÁUSULA OITAVA (Vigência em caso de alienação do imóvel) - O presente contrato obriga os contratantes e todos os seus sucessores a título singular ou universal, continuando em vigor ainda que o imóvel seja transferido a terceiros. Com vistas ao exercício, pelo LOCATÁRIO, desse seu direito, obriga-se o LOCADOR a fazer constar a existência do presente contrato em qualquer instrumento que venha a firmar, tendo por objeto o imóvel locado, com expressa manifestação do conhecimento e concordância com suas cláusulas, pela outra parte.

CLÁUSULA NONA (Conservação e reparos. Obras) - O ESTADO obriga-se: a) a bem conservar o imóvel locado e a realizar nele, por sua conta, as obras de reparação dos estragos a que der causa, desde que não provenientes de seu uso normal; b) a restituí-lo, quando finda a locação, no estado em que o recebeu, salvo as deteriorações decorrentes de seu uso normal.

Parágrafo 1º - Obriga-se o LOCADOR a executar no imóvel locado as repartições de que venha o mesmo a necessitar, que não constituam encargo do LOCATÁRIO, nos termos da alínea "a" do caput desta cláusula.

Parágrafo 2º - O LOCATÁRIO poderá realizar benfeitorias no imóvel locado, com vistas à sua melhor utilização, sendo-lhe facultado levantar, a qualquer tempo, aquelas cuja retirada se possa fazer sem detrimento do imóvel.

Parágrafo 3º - O LOCATÁRIO poderá exercer o direito de retenção do imóvel locado até que seja devidamente indenizado pela execução, nele: a) de benfeitorias necessárias, quando o LOCADOR, previamente notificado, houver se recusado a realizá-las ele próprio; b) de benfeitorias úteis que, por não poderem ser levantadas, a ele se incorporaram.

CLÁUSULA DÉCIMA (Seguros) - Caberá ao LOCADOR manter segurado o imóvel pelo valor que entender adequado, correndo por sua conta o pagamento dos prêmios correspondentes, excetuados os relativos aos seguros contra fogo (cláusula 4º, parágrafo único).

CLÁUSULA DÉCIMA-PRIMEIRA (Impedimento à utilização do imóvel) - No caso de incêndio ou de ocorrência de qualquer outro motivo de força maior que impeça a utilização parcial ou total do imóvel ora locado, por parte do ESTADO, poderá este, alternativamente: a) considerar suspensas, no todo ou em parte, as obrigações deste contrato, obrigando-se o LOCADOR a prorrogar o prazo de locação pelo tempo equivalente à realização das obras de restauração ou pelo tempo equivalente à realização das obras de restauração ou pelo tempo correspondente ao impedimento de uso; b) considerar rescindido o presente contrato, sem que ao LOCADOR assista o direito a qualquer indenização.

CLÁUSULA DÉCIMA-SEGUNDA (Mora e sua purgação) - O LOCADOR reconhece ao ESTADO, expressamente, o direito de purgar a mora em Juízo, em quaisquer circunstâncias e sem as limitações estabelecidas no artigo 62, § único, da Lei 8245, de 18.10.91.

CLÁUSULA DÉCIMA-TERCEIRA (Valor e empenho) - O valor global deste contrato é estimado em CR$ ______ (extenso). As despesas referentes ao corrente exercício, no valor de CR$ ______ (extenso) correrão à conta da dotação orçamentária ____________ Elemento de Despesa ________________, tendo sido empenhadas as importâncias de CR$ ______ (extenso), por estimativa, com referência aos encargos locativos conforme Empenhos n.ºs _____ e ______, de ____________. As despesas relativas aos exercícios subsequentes correrão por conta das dotações orçamentárias respectivas, devendo ser empenhadas no início de cada exercício.

CLÁUSULA DÉCIMA-QUARTA (Registro, publicação e remessa de cópias) - Para os fins previstos nos artigos1197, do Código Civil; 167, I, 3, da Lei 6015, de 31.12.73 e 8º da Lei 8245, de 18.10.91, o ESTADO promoverá, no prazo de 30 dias, a partir da assinatura do presente, o registro deste contrato no competente Cartório do Registro Geral de Imóveis.

Parágrafo 1º - Serão providenciados, nos prazos abaixo: a) pelo LOCADOR, em 20 dias, contados da assinatura, a publicação do presente, em extrato, no Diário Oficial do Estado, como condição indispensável à sua validade e, portanto, ao início do pagamento dos aluguéis; b) pelo ESTADO, até o 5º dia útil o seguinte ao de sua assinatura, o envio de cópias autenticadas deste contrato ao seu Tribunal de Contas e à Contadoria Seccional na Secretaria de Estado de _____________.

> Nota: Da efetivação do registro previsto no *caput* desta cláusula dependerá a garantia de vigência do contrato no caso de alienação do imóvel (cláusula 8º).
>
> Trata-se, assim, de providência inafastável, cuja omissão poderá acarretar a responsabilização dos servidores incumbidos do registro.

CLÁUSULA DÉCIMA-QUINTA (Documentação apresentada) - O LOCADOR já apresentou, e consta do processo, a documentação relativa ao imóvel locado e apresenta, neste ato, os documentos comprobatórios das condições jurídico-pessoais indispensáveis à lavratura do presente contrato.

CLÁUSULA DÉCIMA SEXTA (Fôro) - Fica eleito o fôro da Cidade do Rio de Janeiro para dirimir quaisquer dúvidas ou litígios decorrentes do presente contrato, renunciando as partes contratantes a qualquer outro que tenham ou venham a ter, por mais especial ou privilegiado que seja.

E por estarem assim justos e contratados, assinam o presente instrumento em ___ (extenso) vias, na presença das testemunhas abaixo assinadas.

Rio de Janeiro, de de 19

____

____

TESTEMUNHAS:
1. __________________________________ (qualificar as testemunhas)

2. __________________________________

Modelo Anexo II: Contrato administrativo.

CONVÊNIO

Acordo firmado por entidades públicas de qualquer espécie, ou entre estas e entidades particulares, para realização de objetivos de interesse comum dos partícipes. Convênio é acordo, mas não é contrato. No convênio, a posição jurídica dos signatários é uma só, idêntica para todos, podendo haver apenas diversidade na forma de cooperação de cada um, segundo suas possibilidades, para a consecução do objetivo comum.

Observação:

No Convênio os signatários são chamados de partícipes, pois manifestam pretensões comuns (união de esforços e recursos).

Suas partes componentes são:

1. Título (a palavra CONVÊNIO), em letras maiúsculas.
2. Ementa, em letras maiúsculas, no alto da página, à direita.
3. Introdução, constando dos nomes e qualificação dos convenentes.
4. Cláusulas, seqüenciadas em ordinal, por extenso e em letras maiúsculas, tratando de tópicos específicos: objeto, obrigações, prazos de vigência etc.
5. Termo (ou fecho).
6. Assinaturas das partes convenentes e das testemunhas.

EXEMPLO

CONVÊNIO QUE ENTRE SI CELEBRAM O ESTADO DO RIO DE JANEIRO E A UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, OBJETIVANDO ESTABELECER UM PROGRAMA DE COOPERAÇÃO TÉCNICA EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA.

O Estado do Rio de Janeiro, através da Secretaria de Estado de , com CGC de n.º , situada à Rua da Ajuda n.º 5, 10º andar, neste ato representada pelo seu respectivo Secretário, , brasileiro, identidade n.º - IFP, e CPF n.º , doravante denominada SECT, e a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, com CGC de n.º 29.427.465/0001-05, situada no Km 47, da antiga Estrada Rio/São Paulo, doravante denominada UFRRJ, representada neste ato pelo seu Reitor, , identidade n.º - IFP, e CPF n.º , resolvem celebrar o presente convênio para estabelecer um programa de cooperação e intercâmbio científico e tecnológico, de interesse dos Convenentes, com dispensa de licitação, nos termos do art. 24, XIII Lei n.º 8666/93, conforme decidido no processo administrativo n.º E , obedecidas a mesma Lei n.º 3149 e 16661/91, e as cláusulas abaixo:

CLÁUSULA PRIMEIRA - DO OBJETO

O presente Convênio tem por objeto promover a cooperação técnica entre o Estado do Rio de Janeiro, através da SECT e a UFRRJ, para o desenvolvimento de atividades, programas e projetos na área de Ciência e Tecnologia.

CLÁUSULA SEGUNDA - DAS ATRIBUIÇÕES

CABE À SECT

Manter contatos permanentes com a UFRRJ, através dos profissionais envolvidos nos projetos, e a ela disponibilizar os resultados dos trabalhos desenvolvidos em conjunto.

Alocar, dentro das suas disponibilidades orçamentárias e financeiras, de pessoal, recursos materiais ou humanos para a execução das ações conjuntas de acordo com o objetivo do presente convênio.

Apoiar, dentro de suas disponibilidades, as ações da UFRRJ no âmbito das atividades de Ciência e Tecnologia.

CABE À UFRRJ

Garantir a participação e a cooperação de seus profissionais em projetos nas áreas indicadas na cláusula anterior, no âmbito da SECT, assegurando-lhes seus direitos e vantagens, e a continuidade de suas atividades na Universidade.

Assessorar, dentro de suas possibilidades, a SECT, no âmbito do objeto do presente Convênio.
PARÁGRAFO ÚNICO

Fica estabelecido que, para a referida cooperação, bastará a solicitação do Secretário de Estado de Ciência e Tecnologia e a autorização do Magnífico Reitor da UFRRJ, ou vice-versa.

CLÁUSULA TERCEIRA - VIGÊNCIA E DENÚNCIA

Este Convênio terá vigência de 31 de dezembro de 2002, podendo cada Convenente, a qualquer tempo denunciá-lo, sem qualquer tipo de indenização, devendo ser comunicada tal decisão ao outro Convenente, por escrito, com antecedência mínima de 90 (noventa) dias.

A denúncia do presente Convênio não prejudicará as atividades então em vigor.

CLÁUSULA QUARTA - PUBLICAÇÃO

A SECT compromete-se a , no prazo de 20 (vinte) dias, a contar da data da assinatura do presente Convênio, providenciar a publicação do mesmo, por extrato, no Diário Oficial do Rio de Janeiro, e a UFRRJ no Diário Oficial da União.

CLÁUSULA QUINTA - FORO

Fica eleito o foro da Justiça Federal, seção Judiciária do Rio de Janeiro para dirimir as questões oriundas do presente Convênio e dos termos aditivos que dele seja, originários, renunciando a qualquer outro, por mais privilegiado que seja.

E, assim, justos e acordados, firmam o presente em 03 (três) vias de igual teor e forma na presença das testemunhas abaixo.

Rio de Janeiro,

REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

SECRETÁRIO DA SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Testemunha

Testemunha

CORRESPONDÊNCIA INTERNA

É o instrumento de comunicação para assuntos internos, entre chefias de unidades administrativas de um mesmo órgão. É o veículo de mensagens rotineiras, objetivas e simples, que não venham a criar, alterar ou suprimir direitos e obrigações, nem tratar de assuntos de ordem pessoal.

Observação:

A Correspondência Interna - CI substitui o *memorando*, cuja nomenclatura não deve ser mais utilizada.

Suas partes componentes são:

1. Título (abreviado - CI - com a sigla do órgão emitente e o número do documento), em letras maiúsculas
2. Data, por extenso, à direita da página
3. Destinatário, precedido da preposição **Para**
4. Remetente, precedido da preposição **De**
5. Assunto, expresso sinteticamente
6. Texto, paragrafado, explanando o assunto da CI
7. Fecho de cortesia, com o advérbio *Atenciosamente*
8. Assinatura, nome e cargo da autoridade ou chefia que subscreve a CI

EXEMPLO

CI SARE / CCP n.º 020 Rio de Janeiro, 10 de abril de 1999

Para: Departamento de Pessoal

De: Coordenação de Capacitação de Pessoal

Assunto: Divulgação de Manual

Encaminhamos a esse Departamento exemplar do MANUAL DE REDAÇÃO OFICIAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, elaborado por esta Coordenação, para auxiliar os servidores nas tarefas que exijam a composição de textos oficiais.

Solicitamos que a publicação fique exposta em local visível, de fácil acesso àqueles que dela necessitem.

Atenciosamente

JOSÉ DA SILVA
Coordenador de Capacitação de Pessoal

DECRETO

Ato administrativo destinado a prover situações gerais e individuais, abstratamente previstas de modo expresso, ou implícito na lei. São da competência exclusiva dos chefes do Executivo.

O Decreto pode ser:

- regulamentar, visando a explicar a lei e a facilitar a sua execução;
- individual ou coletivo, relacionando-se a situações funcionais.

Suas partes componentes são:

1. Preâmbulo

1.1. Título (a palavra DECRETO), número e data de expedição em letras maiúsculas.

1.2. Ementa da matéria do Decreto, em letras maiúsculas e à direita da página.

1.3. A palavra CONSIDERANDO em letras maiúsculas, seguida de dois pontos à esquerda. Abaixo dela, as considerações discriminadas.

1.4. A palavra DECRETA, em letras maiúsculas e negrito, à esquerda, seguida de dois pontos.

2. Ordem de Execução

Texto: exposição do conteúdo do Decreto, constituído de tantos artigos quantos forem necessários, todos numerados. Os artigos podem conter parágrafos, itens e alíneas. A expressão "parágrafo único" deve ser grafado por extenso.

3.Encerramento

3.1. Cláusula de vigência.

3.2. Cláusula revogatória.

4. Fecho

4.1. Local e data, por extenso.

4.2. Assinatura do Chefe de Governo.

EXEMPLO

DECRETO N.º 000, DE 12 DE MARÇO DE 1999

DISPÕE SOBRE REDAÇÃO, ESTRUTURA E FORMA DO DECRETO, E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, no uso de suas atribuições legais,

CONSIDERANDO:

- a necessidade de definir padrões para a elaboração dos atos normativos do Poder Executivo; e;
- a política de modernização administrativa do Estado,

DECRETA:

Art. 1º Os artigos devem ser designados pela forma abreviada "Art.", seguido de algarismo arábico e do símbolo de número ordinal "º" até o de número 9, inclusive ("Art. 1º", "Art. 2º", etc.); a partir do de número 10, segue-se o algarismo arábico correspondente, seguido de ponto ("Art. 10.", "Art. 11.", etc.).

Art. 2º A indicação de artigo é separada do texto por um espaço em branco, sem traços ou outros sinais. O texto de artigo inicia-se sempre por maiúscula e termina por ponto, salvo nos casos em que contiver incisos, quando deverá terminar por dois pontos:

I - os incisos dos artigos devem ser designados por algarismos romanos seguidos de hífen, e iniciados por letra minúscula, a menos que a primeira palavra seja nome próprio;

II - ao final, os incisos são pontuados com ponto-e-vírgula, exceto o último, que se encerra em ponto;

III - aquele que contiver desdobramento em alíneas, encerra-se em dois-pontos:

a)as alíneas ou letras de um inciso deverão ser grafadas com a letra minúscula correspondente, segui ida de parêntese: "a)", "b)", etc.;
b)se necessário, a alínea poderá ser desdobrada em números, caso em que se encerra com dois-pontos:

1. os números que correspondem ao desdobramento de alíneas deverão ser grafados em algarismos arábicos, seguidos de ponto ("1.", "2.", etc.);
2. o texto dos números e das alíneas inicia-se por minúscula e termina em ponto-e-vírgula, salvo o último, que se deve encerrar por ponto.

§ 1º - O parágrafo único de artigo deve ser designado pela expressão "Parágrafo único", seguida de ponto.

§ 2º - Quando um artigo contiver mais de um parágrafo, estes serão designados pelo símbolo "§", seguido do algarismo arábico correspondente e do símbolo de numeral ordinal, até o nono parágrafo inclusive ("§ 1º", "§ 2º", etc.).

§ 3º - A partir do número 10, a designação deve ser feita pelo símbolo "§", seguido do algarismo arábico correspondente e de ponto ("§ 10.", "§ 11.", etc.); quando necessário, os parágrafos podem ser subdivididos da seguinte forma:

a)as alíneas ou letras de um parágrafo deverão ser grafadas com a letra minúscula correspondente, seguida de parênteses: "a)", "b)", etc.;
b)caso necessário, a alínea poderá ser desdobrada em números; neste caso, encerra-se com dois-pontos:

1. os números que correspondem ao desdobramento de alíneas de parágrafos deverão ser grafados em algarismos arábicos, seguidos de ponto ("1.", "2.", etc.).
2. o texto dos números inicia-se por minúscula e termina por ponto-e-vírgula, salvo o último, que se deve encerrar por ponto.

Art. 3º Caso a lei não consigne data ou prazo para a sua entrada em vigor, aplica-se o preceito constante do art. 1º da Lei de Introdução do Código Civil, segundo o qual, salvo disposição em contrário, a lei começa a vigorar em todo o país 45 dias após a sua publicação.

Art. 4º A revogação do ato deverá ser específica, devendo ser evitada a cláusula revogatória geral "Revogam-se as disposições em contrário".

Rio de Janeiro, 12 de março de 1999

DELIBERAÇÃO

É espécie do gênero ato administrativo normativo ou decisório praticado pelo órgão colegiado.

Suas partes componentes são:

1. Título (a palavra DELIBERAÇÃO), com a sigla do órgão emitente e o número (à esquerda), e a data por extenso (à direita) em letras maiúsculas, na mesma linha.
2. Ementa da matéria da Deliberação, em letras maiúsculas, à direita da página.
3. Preâmbulo, seguido da fundamentação e da palavra DELIBERA, alinhada à esquerda, seguida de dois pontos.
4. Texto: exposição do conteúdo da Deliberação, distribuído em artigos, parágrafos e alíneas.
5. Local e data, por extenso.
6. Assinatura, nome e cargo da autoridade que expede a Deliberação.

EXEMPLO

DELIBERAÇÃO CD/PED N.º 001 DE 10 DE FEVEREIRO DE 1999

DISPÕE SOBRE A EXECUÇÃO DO ESTUDO DE VIABILIDADE DA IMPLEMENTAÇÃO DO TRECHO FERROVIÁRIO NITERÓI - SÃO GONÇALO - ITABORAÍ

A COMISSÃO DIRETORA DO PROGRAMA ESTADUAL DE DESESTATIZAÇÃO no uso da sua atribuição que lhe confere a Lei n.º 2.470, de 28 de novembro de 1995,

DELIBERA:

Art. 1º - Os atos administrativos referentes ao procedimento licitatório tendente à contratação do estudo de viabilidade da implementação do trecho ferroviário Niterói - São Gonçalo - Itaboraí serão processados no âmbito da Secretaria de Estado de Transportes.
Art. 2º - A disposição do artigo anterior não exclui o exercício das competências de coordenação, fiscalização e supervisão atribuídas pela Lei n.º 2.470, de 28 de novembro de 1995, e legislação regulamentar.

Art. 3º - Esta Deliberação entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 1999

CARLOS ANTONIO SASSE
Secretário de Estado de Fazenda
Presidente da Comissão Diretora
do Programa Estadual de Desestatização

DESPACHO

É espécie do gênero ato administrativo ordinatório.

Os despachos podem ser informativos (ordinatórios ou de mero expediente) ou decisórios. Isto posto, podem ter conteúdo de mera informação dando prosseguimento a um processo ou expediente ou conter uma decisão administrativa.

Observações:

1 - O Despacho não deve ser exarado na mesma folha do original submetido à autoridade, e sim em folha separada, para permitir o correto arquivamento dos autos.

2 - A publicação do Despacho é o princípio que tem por objetivo assegurar moralidade administrativa, excetuados os Despachos considerados sigilosos.

Suas partes componentes são:

1. Destinatário, precedido da preposição adequada.
2. Texto que expressa o teor da decisão.
3. Local e data, por extenso.
4. Assinatura, nome e cargo da autoridade que exara o Despacho.

EXEMPLO I

Ao Sr. Diretor Geral de Administração

Defiro o pedido formulado por Maria José da Silva, Professor Docente I, matrícula n.º 000-0, tendo em vista o que consta das informações de fls. 4. do presente processo.

Dê-se ciência ao interessado.

Rio de Janeiro, 1º de fevereiro de 1999

LÚCIA ALVES
Subsecretária de Estado de Educação

EXEMPLO II

À Superintendência de Desenvolvimento Institucional

Para ciência e manifestação quanto à proposição de fls. 07, esclarecemos que a orientação preliminar desta Subsecretaria foi aquela constante do Memo GAB/SUB n.º 01/99, cujas linhas gerais foram reiteradas através do Memo ASJUR n.º 38/99. (cópias às fls. 09/10)
Na oportunidade, manifestamos especial preocupação em relação às atribuições que irão remanescer com a Superintendência Central de Inquéritos Administrativos, para seu funcionamento como Órgão Central do Sistema de Inquéritos Administrativos, pois, a nosso juízo, tais atribuições devem merecer referência expressa no Anteprojeto de Lei.

Rio de Janeiro, 15 de junho de 1999

JOSÉ ROBERTO DE ANDRADE COUTINHO
Subsecretário Adjunto para Assuntos Jurídicos e Administrativos

DECLARAÇÃO

Declaração é o documento de manifestação administrativa, declaratório da existência ou não de um direito ou de um fato.

EXEMPLO

GOVERNO DO ESTADO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO

DECLARAÇÃO

Declaro, para os devidos fins, que o servidor ....

...., matrícula nº .... cargo ou função ...., exerceu, no período de ..../......../........ a ..../......../........, os seguintes cargos em comissão: ....

Florianópolis, ... de .... de ....

Assinatura
Nome por extenso
Cargo

EDITAL

Instrumento pelo qual a Administração dá conhecimento ao público sobre: licitações, concursos públicos, atos deliberativos etc.

Observação:

É obrigatória a divulgação do edital, pela imprensa, integralmente ou como **"aviso de Edital"**, dando informações gerais e o local onde é possível obtê-lo na íntegra.

Suas partes componentes são:

1. Título (a palavra EDITAL, em letras maiúsculas, em negrito e centralizada sobre o texto).
2. CITAÇÃO DO OBJETO DO EDITAL em letras maiúsculas, em negrito alinhado à esquerda.
3. Preâmbulo: parte introdutória, apresentando o assunto e a identificação do órgão responsável.
4. Texto: parte fundamental do edital que define o objeto e estabelece as condições de participação.
5. Fecho: encerramento do edital, com as determinações finais sobre sua divulgação
6. Local e data por extenso.
7. Assinatura e cargo da autoridade responsável.

EXEMPLO

EDITAL

TOMADA DE PREÇOS N.º 00/99

O Departamento de Material da Secretaria de Estado de Administração e Reestruturação, em decorrência de superior autorização exarada no Processo n.º, torna público, para conhecimento dos interessados, que às 10:00 horas do dia 1º de abril de 1999, na repartição situada na Av. Erasmo Braga, 118 sala 1202, Centro, Rio de Janeiro, RJ, será realizada, em sessão pública, pela Comissão Permanente de Licitação desta Secretaria, designada pela Resolução SARE/n.º 00, de 1º de abril de 1999, publicada no Diário Oficial de 1º de abril de 1999, a licitação sob a modalidade de Tomada de Preços, do tipo menor preço, observados os preceitos legais em vigor, especialmente a Lei Federal n.º 8.666, de 21.06.93, a Lei Estadual n.º 287, de 04.12.79, os Decretos Estaduais n.º 3149, de 28.04.80 e n.º 16.672, de 28.06.91 e suas alterações subseqüentes, bem como os regulamentos e normas vigentes no Sistema de Suprimentos do Estado do Rio de Janeiro.

1 - OBJETO DA LICITAÇÃO

Prestação de serviços de manutenção preventiva e corretiva em 40 (quarenta) equipamentos gráficos, incluindo a eletromecânica, assistência técnica, fornecimento de peças originais, transporte e todo material que se fizer necessário ao bom funcionamento dos equipamentos, de acordo com as especificações e condições constantes na Proposta-Detalhe e no Anexo, considerados partes integrantes deste Edital.

2 - DOS RECURSOS ORÇAMENTÁRIOS

2.1 - Os recursos orçamentários à prestação de serviços ora licitada, correrão à conta da dotação orçamentária no exercício de 1999.
PROGRAMAÇÃO DE TRABALHO: 1203.03070212.250
NATUREZA DA DESPESA: 34903 9.17

2.2 - O saldo complementar deverá ser oportunamente empenhado à conta da dotação orçamentária no exercício de 2000.

3 - CONDIÇÕES DE PARTICIPAÇÃO NA LICITAÇÃO

3.1 - Poderão participar da licitação as empresas com atividade específica do ramo pertinente ao objeto desta Tomada de Preços que estejam com inscrição válida no Registro Central de Fornecedores do Estado, mantido pela Superintendência de Suprimentos da Secretaria de Estado de Administração e Reestruturação.

3.1.1 - Terá o mesmo valor da inscrição no Registro Central de Fornecedores do Estado, de que trata o item 3.1, o original da declaração exarada pela Superintendência de Suprimentos, específica para esta licitação, que ateste o atendimento de todas as condições exigidas para o cadastramento e que deverá ser obtida até 72 (setenta e duas) horas antes da data de realização da licitação.

3.2 - Estes documentos que habilitam a participação na licitação deverão ser entregues em envelope opaco tamanho ofício, fechado, denominado DOCUMENTAÇÃO, com identificação do proponente e da licitação, na sala 1313 onde se realizará a licitação, ou na sala 7777, Departamento de Material, até 30 (trinta) minutos antes da abertura do pleito, contra recibo.

3.3 - As empresas participantes da Tomada de Preços poderão ser representadas por representante legalmente habilitado, desde que apresentado o instrumento habilitatório, com firma reconhecida, ou ainda original ou cópia autenticada do ato constitutivo acompanhado de Carteira de Identidade, na hipótese de Sócio ou Diretor.

4 - PREÇOS

4.1 - O preço proposto deverá corresponder ao praticado pelo licitante à data da realização da presente Tomada de Preços, englobando todas as despesas relativas à prestação de serviços, inclusive os gastos com a troca de qualquer peça do equipamento, para pagamento à vista, vedado embutir no preço a expectativa inflacionária ou quaisquer formas de compensação financeira em razão das obrigações de pagamento por parte da Administração.

4.2 - O valor proposto será irreajustável durante o período de vigência do contrato, de acordo com a legislação em vigor.

4.3 - Caso surjam dúvidas, de qualquer natureza, quanto aos valores apresentados por qualquer licitante, a Comissão poderá solicitar que eles sejam demonstrados mediante planilhas.

5 - IMPRESSO PADRONIZADO PROPOSTA-DETALHE

5.1 - O impresso deverá ser preenchido rigorosamente em conformidade com as observações nele constantes, sendo assinado pelo representante legal da empresa.

5.2 - O licitante deverá apor a razão social, o endereço comercial, o C.G.C., a Inscrição Estadual e Municipal, o número de inscrição no RCF e o número do certificado do ano, Resolução SARE/n.º 100/99.

5.3 - A Proposta-Detalhe deverá ser entregue em envelope opaco tamanho ofício, fechado, denominado PROPOSTA, com identificação do proponente e da licitação, na sala 1313 onde se realizará a licitação, ou na sala 7777, onde foi retirada, até 30 (trinta) minutos antes da abertura do pleito, devidamente recibado. Não serão considerados os envelopes entregues em local diferente ou após o horário previsto.

5.4 - Os preços por extenso serão apostos na coluna destinada à especificação, prevalecendo, em caso de discordância, estes valores sobre os expressos em algarismos.

6 - ABERTURA E JULGAMENTO

6.1 - No dia, hora e local mencionados no preâmbulo desta Tomada de Preços, após atendidas as exigências de habilitação enumeradas no item 3, os envelopes PROPOSTA dos licitantes habilitados serão abertos à vista de todos os interessados presentes e por todos rubricados, proclamando-se de imediato o vencedor, se outras diligências não forem necessárias, a juízo da Comissão, ou se houver desistência expressa de interposição de recurso.

6.2 - O critério de julgamento das propostas será o de menor preço, observadas as especificações da Proposta-Detalhe deste Edital, e das normas e princípios estabelecidos pela legislação vigente, inclusive a compatibilidade das cotações com os preços correntes de mercado.

6.3 - Em caso de empate entre duas ou mais propostas, procederá a Comissão em conformidade com o disposto no parágrafo 2º do art. 3º da Lei Federal n.º 8666/93, observada a Emenda Constitucional n.º 06, publicada no DOU de 16-08-95; caso persista a igualdade na classificação, será realizado sorteio, em ato público, para o qual todos os licitantes serão convocados.

6.3.1 - Na hipótese de o julgamento ocorrer na sessão de abertura das propostas, será realizado de imediato o sorteio.

7 - PRAZO

7.1 - O prazo para a prestação dos serviços será de 12 (doze) meses, a partir da data da assinatura do contrato.

8 - PAGAMENTO

8.1 - O pagamento será efetuado obrigatoriamente, mediante crédito, em conta no BANCO S.A., cujo numerário e agência deverão ser informados pelo licitante vencedor no prazo de 10 (dez) dias, contados da homologação do resultado.

8.2 - Os pagamentos dos valores contratados dar-se-ão em 30 (trinta) dias a contar da data final de cada período de aferição, a qual coincidirá com o último dia útil de cada mês de execução dos serviços, mediante apresentação da correspondente fatura devidamente atestada por dois funcionários da Divisão de Serviços Gráficos/DGA/SARE, que não seja o Ordenador de Despesa.

8.3 - Para fins do disposto no art. 40, inciso XIV, alínea "d" da Lei n.º 8666, de 21.06.93, fica estabelecido o seguinte:

a)havendo atraso no pagamento, incidirá sobre os valores respectivos, compensação financeira, **"pro rata tempore"**, pela variação diária da TR, limitada ao percentual de 1% ao mês;

b) nas eventuais antecipações de pagamento, incidirão sobre os valores respectivos descontos **"pro rata tempore",** pela variação da TR, limitada ao percentual de 1% ao mês.

9 - OBRIGAÇÕES DA SARE

A SARE fica obrigada a:

a) oferecer condições de fácil acesso às dependências da Secretaria de Estado de Administração e Reestruturação aos empregados da CONTRATADA, para a execução dos serviços pertinentes;
b) manter ação fiscalizadora para verificar a perfeita execução dos serviços no rigoroso cumprimento do Contrato.

10 - RESPONSABILIDADE DA CONTRATADA

10.1 - A contratada assume, como exclusivamente seus, os riscos e as despesas decorrentes com a eletromecânica, assistência técnica, fornecimento de peças originais, transporte e com todo material necessário ao bom funcionamento dos equipamentos.

10.2 - Responsabiliza-se, também, pela idoneidade e pelo comportamento de seus empregados, prepostos ou subordinados, e ainda por quaisquer prejuízos que sejam causados ao ESTADO, ou a terceiros.

11 - SANÇÕES ADMINISTRATIVAS:

11.1 - Aos licitantes, adjudicatários ou contratados inadimplentes, serão aplicadas as sanções administrativas constantes na Lei n.º 8666/93 (artigos 86 a 88) e da Resolução SARE n.º 2150, de 20.05.93, normatizada pela Portaria AMT n.º 38, de 02.07.93.

11.2 - As penalidades mencionadas no item anterior dar-se-ão sem prejuízo das mencionadas na Seção III do Capítulo IV da Lei Federal n.º 8666/93.

11.3 - O licitante, adjudicatário ou contratado que elevar arbitrariamente os preços, prestar serviço diferente do previsto, ou ainda tornar injustamente mais onerosa a proposta, ficará sujeito a pena de detenção de 03 (três) a 06 (seis) anos e multa, mediante ação penal pública incondicionada, promovida pelo Ministério Público.

12 - DISPOSIÇÕES FINAIS

12.1 - O vencedor deverá apresentar-se ao Departamento de Material do Departamento Geral de Administração da SARE, no prazo de até 03 (três) dias úteis, contados de sua convocação, prorrogável por igual período, para a assinatura do Contrato, sob pena de decair do direito à contratação, sem prejuízo das sanções cabíveis.

12.2 - Na hipótese do não-comparecimento, procederá a Administração conforme o disposto no parágrafo 2º do artigo 64 da Lei Federal n.º 8666/93.

12.3 - Constituem anexos a este Edital de Tomada de Preços a Proposta-Detalhe e o Anexo, em 05 (cinco) vias e a minuta de Contrato.

12.4 - Os esclarecimentos e informações complementares relativos a esta licitação poderão ser obtidos no Departamento de Material, na Av. Erasmo Braga, 118, sala 7777, tel.: 513-7777, Fax: 577-1313, das 10 às 17 horas.

Rio de Janeiro,   de   de 1999

JOSÉ DA SILVA
Presidente
Comissão Permanente de Licitação
DGA/SARE

EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

É integrante da estrutura da correspondência oficial endereçada ao Governador por titular de Secretaria de Estado ou órgão equivalente, propondo e justificando a necessidade da explicação de algum ato. Comporta as considerações preliminares e doutrinárias que justificam a medida solicitada. Os parágrafos devem ser numerados, com exceção do 1º e do fecho.

Observação:

A Exposição de Motivos que submeta à consideração do Governador do Estado a sugestão de medidas a serem adotadas ou que apresente, projeto de ato normativo devem obrigatoriamente, apontar o problema, o porquê da medida e o ato normativo que deve ser editado para a solução do problema. Deve ainda, trazer apensos os anexos necessários ao esclarecimento das questões.

Suas partes componentes são:

1. Título abreviado - EM - seguido da sigla do órgão expedidor e sua esfera administrativa, à esquerda da página.
2. Local e data por extenso, à direita da página, na mesma linha do Título.
3. Vocativo: a palavra Senhor (a) seguida de vírgula, e o cargo da autoridade a quem se destina o documento.
4. Texto, composto de:

4.1. introdução, onde se esclarece o problema que está exigindo a adoção da medida ou ato normativo proposto;

4.2. desenvolvimento, onde se esclarecem as razões de ser da medida ou ato normativo oportuno para o problema exposto;

4.3. conclusão: repetição, para efeito de ênfase da validade da medida para solucionar o problema exposto.

5. Fecho de cortesia, com o advérbio *Respeitosamente*.
6. Assinatura e identificação do signatário.

EXEMPLO

EM / SARE / n.º   Rio de Janeiro, 1º de março de 1999

Senhor Governador,

No Processo que acompanha a presente Exposição de Motivos, a empresa pública de Água e Esgoto S. A solicita autorização para admitir, em caráter excepcional, conforme previsto no inciso 0, do artigo 0 da Constituição Estadual, 10 (dez) técnicos em hidráulica, a fim de atender ao crescente aumento dos serviços afetos à empresa.

Os indicados à contratação preenchem todos os requisitos profissionais exigidos, inclusive quanto à experiência anterior, uma vez que são oriundos de empresa congênere que se retirou do mercado.

Justificando a proposta ,alegou a empresa interessada encontrar-se em sérias dificuldades para o perfeito atendimento à sua clientela, com riscos de prejuízos financeiros e políticos.

Nestas condições, tenho a honra de submeter o assunto à deliberação de Vossa Excelência, solicitando a autorização para efetuar as contratações.

Respeitosamente

JOSÉ DA SILVA
Secretário de Estado de Administração e Reestruturação

INFORMAÇÃO

Esclarecimento fundamentado sobre determinados assuntos, prestados por funcionário, em documentos. Deve ser concisa, atendendo-se ao imprescindível, à solução do que consta do processo, e, apesar do caráter informativo, não tem força de decisão, uma vez que será submetida a autoridade superior que poderá, se assim julgar necessário, solicitar parecer, este sim decisivo, de especialista da área.

Suas partes componentes são:

1. Vocativo: a palavra Senhor seguida de vírgula, e o cargo da autoridade a quem se dirige a informação.

2. Texto (introdução fazendo referência ao assunto tratado; apreciação em que se desenvolve o assunto, com os esclarecimentos e informações que o ilustrem e, conclusão, clara e precisa). Qualquer referência a elementos constantes no processo deve ser feita com indicação do número da folha respectiva.

3. Fecho (denominação do órgão em que tenha exercício o servidor, data, assinatura, nome e cargo ou função do servidor).

EXEMPLO

Senhor Diretor do DGA,

O servidor a quem se refere o presente processo, solicita a vantagem de que trata a Lei n.º 530 de março de 1982.

De acordo com as informações constantes do processo, o requerente apresentava, até 20/2/86, 10 (dez) anos ininterruptos de permanência em funções de confiança, na forma das disposições do referido diploma legal, fazendo jus, destarte, desde 20 de fevereiro de 1986, com fundamento nos artigos 10 e 13 da lei n.º 530/82, a título de direito pessoal de 70 % (setenta por cento) do valor do DAS-7 do cargo em comissão de Direção e Assessoramento Superior de Secretário Geral do Conselho Estadual de Cultura, da Secretaria de Estado de Cultura, calculado na forma dos itens 5 e 7 do Anexo I, do Decreto-Lei n.º 408/79.

Em, 10 de outubro de 1986

JOSÉ DA SILVA
Coordenador de Pessoal

INSTRUÇÃO NORMATIVA

Ato assinado por titular de órgão responsável por atividades sistêmicas, visando a orientar órgãos setoriais e seccionais, a fim de facilitar a tramitação de expedientes relacionados com o sistema e que estejam com instrução e resolução sob responsabilidade desses órgãos. Trata, também, da execução de leis, decretos e regulamentos.

Suas partes componentes são:

1. Título (a expressão INSTRUÇÃO NORMATIVA), sigla do órgão expedidor, seguidos de número e data, em letras maiúsculas.
2. Ementa da matéria da Instrução Normativa, em letras maiúsculas e à direita da página.
3. Autoria, em letras maiúsculas e negrito, fundamento legal, seguida de vírgula e do conectivo **e**.
4. A palavra CONSIDERANDO, em letras maiúsculas, seguida de dois pontos, à esquerda e abaixo da Autoria.
5. A palavra RESOLVE, em letras maiúsculas, alinhada à esquerda e seguida de dois pontos.
6. Texto: exposição do conteúdo da Instrução Normativa, constituído de tantos artigos quantos forem necessários, todos numerados. Os artigos podem conter parágrafos, itens e alíneas. A expressão parágrafo único deve ser grafado por extenso.
7. Local e data, por extenso.
8. Assinatura, nome e cargo da autoridade ou chefia que expede a Instrução.

EXEMPLO

INSTRUÇÃO NORMATIVA SRH/SARE N.º 155, DE 10 DE SETEMBRO DE 1990

PADRONIZA MODELOS DE ATO DE
INVESTIDURA E TERMO DE POSSE.

A SUPERINTENDENTE DE RECURSOS HUMANOS, no uso de suas atribuições legais, e

CONSIDERANDO:

- o contido na Resolução SAD n.º 1627, de 03.09.90, que fixou normas gerais de procedimentos para implementação do regime jurídico único instituído pela Lei n.º 1698, de 23.08.90; e;

- especialmente, o disposto no artigo 2º, *in fine*, da acima mencionada Resolução,

RESOLVE:

Art. 1º - Ficam padronizados, na forma dos modelos (Anexos I e II), o Ato de Investidura e o Termo de Posse, a que se refere o supracitado artigo.

Art. 2º - A presente Instrução Normativa entrará em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Ficam revogadas as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 10 de setembro de 1990

ELY DE SOUSA MORAES
Superintendente de Recursos Humanos

ANEXO I

ATO DE INVESTIDURA

____
(Titular do órgão ou entidade)

____
no uso de suas atribuições legais,

RESOLVE promover a emissão do presente ato individual, relativo a _____________, matrícula n.º ____________, investido, a contar de 24.08.90, no cargo de _____________, resultante da transformação do emprego em cargo, decorrente da aplicação do regime jurídico único, instituído pela Lei n.º 1698, de 23.08.90, publicada em 24.08.90.

ANEXO II

TERMO DE POSSE

Aos _____ dias do mês de _________ do ano de mil novecentos e noventa, no _________ _____________ (órgão de pessoal) compareceu ______________________, matrícula n.º _____________, investido, a contar de 24.08.90, no cargo de _____________ , por força da transformação de seu emprego em cargo, decorrente da aplicação do regime jurídico único, instituído pela Lei n.º 1698, de 23.08.90, publicada em 24.08.90, o qual tomou posse nesta data, com validade a contar de 24.08.90. E, para constar, lavrou-se o presente termo que vai assinado por mim, pelo Dirigente de Pessoal e pelo empossado.

LEI

É a ordem ou regra imposta à obediência de todos, pela autoridade competente.

Suas partes componentes são:

1. Preâmbulo

1.1. Título (a palavra LEI), número e data, em letras maiúsculas, à esquerda.

1.2. Ementa da matéria da Lei, em letras maiúsculas e à direita da página.

1.3. Autoria e enunciação da autoridade, em letras maiúsculas e negrito, sancionando a Lei.

2. Ordem de Execução

2.1. Texto constituído de tantos artigos quantos forem necessários, todos numerados. Os artigos podem conter parágrafos, incisos e alíneas. A expressão "Parágrafo único" deve ser grafada por extenso.

3. Fecho

3.1. Local e data, por extenso.

3.2. Assinatura do Chefe de Governo.

NOTA: O Processo de formação da Lei, previsto no Art.112, e seguintes da Constituição do Estado do Rio de Janeiro, é deflagrado pelo **Projeto de Lei** cujo exemplo segue anexo:

Lei Complementar: È espécie normativa complementar cujo âmbito material é predeterminado pela Constituição e observa, para sua aprovação o voto da maioria absoluta dos membros componentes da Casa Legislativa.

Exemplo:

Projeto de LEI N.º

INSTITUI NO ÂMBITO DO PODER EXECUTIVO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO A CAMPANHA DO "FUNCIONÁRIO PADRÃO".

A ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO:

RESOLVE:

Art. 1º - Anualmente, conforme calendário a ser elaborado pela Secretaria de Estado de Administração e Reestruturação, serão eleitos os "Funcionários Padrão" das Secretarias de Estado e de Órgãos equivalentes.

Parágrafo único - Os funcionários eleitos, observadas as normas elaboradas pelo Clube Municipal, concorrendo ao título de "Funcionário Padrão do Estado do Rio de Janeiro" em certame a ser realizado no mês de outubro de cada ano no Salão Principal do Clube Municipal.

Art. 2º - Na cerimônia de entrega do título de "Funcionário Padrão do Estado do Rio de Janeiro", sob presidência do Governador do Estado, comparecerão, além do Secretário de Estado de Administração e Reestruturação, autoridades especialmente convidadas para o evento.

Art. 3º - Ao "Funcionário Padrão do Estado do Rio de Janeiro" será atribuído, também, prêmio em dinheiro, cujo o valor constará do calendário a que se refere o Art. 1º desta Lei.

Art. 4º - Esta Lei entrará em vigor na data da sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

MENSAGEM

É o instrumento de comunicação oficial entre os Chefes dos Poderes Públicos, notadamente as mensagens enviadas pelo Chefe do Poder Executivo ao Poder Legislativo para informar sobre fato da Administração Pública; expor o plano de governo por ocasião da abertura de sessão legislativa; submeter ao Congresso Nacional (ou Assembléia Legislativa ou Câmara Municipal) matérias que dependem de deliberação de suas Casas; apresentar veto; enfim, fazer e agradecer comunicações de tudo quanto seja de interesse dos poderes públicos e da Nação, do Estado ou Município.

Suas partes componentes são:

1. Título (a palavra MENSAGEM), seguido da numeração e data da expedição, em letras maiúsculas, à esquerda.
2. Vocativo e cargo da(s) autoridade(s) destinatária(s), em negrito, seguidos de vírgula.
3. Texto paragrafado, explicitando a matéria da Mensagem.
4. Fecho de cortesia.
5. Assinatura do Chefe do Governo, sem datilografar / digitar o nome e o cargo.

EXEMPLO

MENSAGEM N.º 08/99, DE 02 DE FEVEREIRO DE 1999

Excelentíssimos Senhores Presidente e demais Membros da Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro,

Tenho a honra de encaminhar à deliberação dessa Egrégia Casa a inclusa Proposta de Emenda Constitucional que **Dispõe sobre a Unificação dos Contracheques do Funcionalismo Público no âmbito dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário.**

A iniciativa, em consonância com os princípios inspiradores dos limites das despesas com pessoal estabelecidos na Lei Complementar Estadual n.º 84, de 14 de maio de 1996, e na Lei Complementar Federal n.º 82, de 27 de maio de 1995, defluentes da matriz do art. 169 do Diploma Político Fundamental, tem por objetivo viabilizar de modo eficiente o cumprimento da vedação de acumulação remunerada de cargos públicos, prevista no art. 37, XVI e XVII, da Constituição Federal.

Sob outro ângulo, também é de se destacar que a Emenda, ao assegurar o efetivo controle do valor máximo da remuneração percebida, cumulativamente ou não, pelos servidores ativos inativos e pensionistas dentro do âmbito de cada Poder, conforme preceituado nos artigos 37, XI e 40, § 11 da Constituição da República, confere, ainda, efetividade aos cânones constitucionais da economicidade, moralidade e legalidade.

Na certeza de contar, uma vez mais, com o apoio do Poder Legislativo, reitero a Vossas Excelências meus protestos de elevada estima e consideração.

(ASSINATURA DO GOVERNADOR)

MEMORANDO

O memorando é a modalidade de comunicação entre unidades administrativas de um mesmo órgão, que podem estar hierarquicamente em mesmo nível ou em nível diferente. Trata-se, portanto, de uma forma de comunicação eminentemente interna.

Pode ter caráter meramente administrativo, ou ser empregado para a exposição de projetos, idéias, diretrizes, etc. a serem adotados por determinado setor do serviço público.

Sua característica principal é a agilidade. A tramitação do memorando em qualquer órgã o deve pautar-se pela rapidez e pela simplicidade de procedimentos burocráticos. Para evitar desnecessário aumento do número de comunicações, os despachos ao memorando devem ser dados no próprio documento e, no caso de falta de espaço, em folha de continuação. Esse procedimento permite formar uma espécie de processo simplificado, assegurando maior transparência à tomada de decisões, e permitindo que se historie o andamento da matéria tratada no memorando.

Quanto a sua forma, o memorando segue o modelo do padrão ofício, com a diferença de que o seu destinatário deve ser mencionado pelo cargo que ocupa.

Exemplos:

Ao Sr. Chefe do Departamento de Administração   Ao Sr. Subchefe para Assuntos Jurídicos

EXEMPLO

Mem. 118/DJ

Em 12 de abril de 1991

Ao Sr. Chefe do Departamento de Administração

Assunto: **Administração. Instalação de microcomputadores**

1. Nos termos do Plano Geral de informatização, solicito a Vossa Senhoria verificar a possibilidade de que sejam instalados três microcomputadores neste Departamento.

2 Sem descer a maiores detalhes técnicos, acrescento, apenas, que o ideal seria que o equipamento fosse dotado de disco rígido e de monitor padrão EGA. Quanto a programas, haveria necessidade de dois tipos: um processador de textos, e outro gerenciador de banco de dados.

3. O treinamento de pessoal para operação dos micros poderia ficar a cargo da Seção de Treinamento do Departamento de Modernização, cuja chefia já manifestou seu acordo a respeito.

4. Devo mencionar, por fim, que a informatização dos trabalhos deste Departamento ensejará racional distribuição de tarefas entre os servidores e, sobretudo, uma melhoria na qualidade dos serviços prestados.

Atenciosamente,

[nome do signatário]
[cargo do signatário]

OFÍCIO

Correspondência pela qual se mantém intercâmbio de informações a respeito de assunto técnico ou administrativo, cujo teor tenha caráter exclusivamente institucional. São objetos de ofícios as comunicações realizadas entre dirigentes de entidades públicas, podendo ser também dirigidos a entidade particular.

Suas partes componentes são:

1. Título abreviado - Of.-, acompanhado da sigla do órgão expedidor, sua esfera administrativa e numeração, à esquerda da página.
2. Local e data, por extenso, à direita da página, na mesma linha do título.
3. Endereçamento (alinhado à esquerda): nome do destinatário, precedido da forma de tratamento, e o endereço.
4. Vocativo: a palavra Senhor(a), seguida do cargo do destinatário e de vírgula.
5. Texto paragrafado, com a exposição do(s) assunto(s) e o objetivo do Ofício.
6. Fecho de cortesia, expresso por advérbios: *Atenciosamente, Cordialmente ou Respeitosamente.*
7. Assinatura, nome e cargo do emitente do Ofício.

EXEMPLO

Of. FESP/ GP n.º 320 Rio de Janeiro, 19 de março de 1999

Ilmo Sr.
José da Silva
Presidente do Departamento de Trânsito - RJ

Senhor Presidente,

Com o objetivo de prosseguir no detalhamento do programa de treinamento para dirigentes e instrutores dos Centros de Formação dos Condutores - CFC, solicitamos o envio urgente das seguintes informações sobre a clientela a ser contemplada para atender às exigências imediatas do DENATRAN:
- estimativa de profissionais por categoria (instrutor, diretor geral, diretor de ensino e examinador) e sua distribuição geográfica, se possível por município;
- quantitativos, categorias e distribuição geográfica dos profissionais já treinados com base na Resolução SARE n.º 734/89;
- atos de regulamentação dos cursos ministrados, com base na Resolução SARE n.º 734/89, e forma de certificação adotada.

O Programa em desenvolvimento deverá integrar o Convênio e consubstanciar o Ato de Credenciamento para ministrar os cursos e certificar os aprovados necessários à formalização de nossos entendimentos.

Atenciosamente

RÍZIO FRANCISCO VIEIRA BARBOSA
Diretor-Presidente

ORDEM DE SERVIÇO

Ato por que se baixam instruções a respeito de normas de serviço ou de administração de pessoal. São objeto de ordens de serviço, datadas e numeradas, as determinações administrativas de caráter específico e as decisões relativas a pessoal, desde que não sejam estas objeto de portarias.

Suas partes componentes são:

1. Título (a expressão ORDEM DE SERVIÇO), número e data, por extenso, em letras maiúsculas e negrito.

2. Preâmbulo:

2.1. denominação da autoridade expedidora, em letras maiúsculas e negrito;

2.2. fundamento legal e a matéria em pauta;

2.3. a palavra RESOLVE, em letras maiúsculas e negrito, seguida de dois pontos, à esquerda da página.

3. Texto: explicitação da matéria desdobrada em artigos, parágrafos, alíneas e incisos, se for o caso.

4. Local e data.

5. Assinatura, nome e cargo da autoridade ou chefia que expede a Ordem de Serviço.

EXEMPLO

ORDEM DE SERVIÇO SUCTOF N.º 001, DE 7 DE ABRIL DE 1999

O SUPERINTENDENTE CENTRAL DE TRANSPORTES OFICIAIS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, no uso de suas atribuições legais e tendo em vista a necessidade de disciplinar a distribuição das quotas de combustível,

RESOLVE:

Art. 1º - A entrega da quota mensal de combustível ao órgão participante do sistema de controle de combustível será feita a pessoa credenciada, mediante ofício do órgão participante, indicando o quantitativo desejado, que só será liberado após análise desta **SUCTOF**.

Art. 2º - Esta Ordem de Serviço entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 7 de abril de 1999

Antônio Carlos G. de Lima
Superintendente Central de Transportes Oficiais

PARECER

Manifestação de órgãos especializados sobre assuntos submetidos à sua consideração; indica a solução, ou razões e fundamentos necessários à decisão a ser tomada pela autoridade competente. Pode ser enunciativo, opinativo ou normativo. Em se tratando de parecer emitido por colegiado, este somente surtirá efeitos se aprovado pelo plenário, caso em que deve ser explicitado no documento.

Suas partes componentes são:

1. Título (a palavra PARECER), seguido de numeração e sigla do órgão em letras maiúsculas.
2. Número do processo, seguido de numeração e sigla do órgão em letras maiúsculas.
3. Ementa da matéria do Parecer, em letras maiúsculas e à direita da página.
4. Texto paragrafado, analisando a matéria em questão e formulando o Parecer.
5. Data, por extenso.
6. Assinatura, nome e cargo da autoridade ou chefia que emite o Parecer.

EXEMPLO

PARECER N.º 000/00 - ASJUR/SARE
PROCESSO N.º E.01/00000/00 - GAB/SARE

TRANSFORMAÇÃO DE CARGO DE AUXILIAR TÉCNICO NO DE ENGENHEIRO, EM FUNDAÇÃO ESTADUAL. INVIABILIDADE, À LUZ DA CONSTITUIÇÃO DE 1988.

Remetido pelo Senhor Secretário de Estado de Administração e Reestruturação, chegou o presente processo a este órgão de Consultoria Jurídica, para pronunciamento quanto à viabilidade da transformação de cargo de Auxiliar Técnico no de Engenheiro no Departamento de Trânsito do Estado do Rio de Janeiro.

Às fls. 00/00 encontra-se pronunciamento da Superintendência Central de Recursos Humanos, que sugeriu fosse ouvido este órgão, adiantando-se ali que há manifestação "favorável à realização de Concurso Público, salvo nos casos de ascensão em áreas vinculadas ou planos de carreiras".

Desconheço tal manifestação e acredito que a transformação, como pretendida, contraria a Constituição da República.

A nova Carta Magna trata, de modo bastante rigoroso, a exigência do Concurso Público, exigindo-o não apenas para a primeira investidura, mas para qualquer outro tipo de investidura em cargo ou emprego público.

Não vejo, portanto, como se possa admitir que Auxiliar Técnico passe a Engenheiro com responsabilidades, tarefas e atribuições tão diferentes.

Outra não parece ter sido a razão da norma constitucional aludida senão impedir que, sem Concurso Público, o servidor venha a ocupar cargo ou emprego público mais elevado do que aquele no qual ingressou.

Opino, assim, que a transformação aqui tratada é inviável, de acordo com as normas constitucionais vigentes.

É o parecer, sub censura.
Rio de Janeiro, 21 de março de 1999

JOSÉ DA SILVA
Assessor Jurídico

PAUTA DE REUNIÃO

Relação dos assuntos a serem tratados em reunião. Deve ser dada a público com antecedência, quando se tratar de assuntos de interesse de terceiros, para que esses possam se manifestar. Dela constarão, também, data, horário e endereço do local em que se realizará a reunião, além do *quorum* necessário, se for o caso.

EXEMPLO

PAUTA DE REUNIÃO

Data - 16/3/99 Horário - 10 h

Local - Secretaria de Estado de Administração e Reestruturação
Av. Erasmo Braga, 118, 10º andar - Plenário do CEE/CEC

Objeto - Revisão do Estatuto dos Funcionários Civis do Poder Executivo

Participantes - Maria José da Silva representante do Sindicato dos Funcionários Públicos Civis do Estado; Antônio da Silva, Vice-Presidente do CRASE; José da Silva, advogado trabalhista - *ad hoc;* Manoel da Silva, Assessor Jurídico da SARE.

Assuntos:

1 - Instalação da Comissão de Revisão do Estatuto dos Funcionários Públicos do Estado do Rio de Janeiro, determinada pela Resolução SARE n.º 001, de 1º de janeiro de 1999.

2 - Estabelecimento de diretrizes para a elaboração de projeto específico para o desenvolvimento dos trabalhos.

3 - Discussão e elaboração de elenco de parcerias possíveis.

Rio de Janeiro, 2 de março de 1999

JOSÉ DA SILVA
Assessor Especial

PORTARIA

Ato pelo qual as autoridades competentes (titulares de órgãos) determinam providências de caráter administrativo, visando a estabelecer normas de serviço e procedimentos para o(s) órgão(s), bem como definir situações funcionais e medidas de ordem disciplinar.

Suas partes componentes são:

1. Título (a palavra PORTARIA), seguido da sigla do órgão, numeração e data, em letras maiúsculas, e em negrito.
2. Ementa da matéria da Portaria, em letras maiúsculas, à direita da página.
3. Preâmbulo: denominação completa da autoridade que expede o documento, em maiúsculas e negrito; fundamentação legal, seguida da palavra RESOLVE, também em maiúsculas, acompanhada de dois pontos, à esquerda da folha.
4. Texto, subdividido em artigos, parágrafos e alíneas, explicitando a matéria da Portaria.
5. Local e data, por extenso.
6. Assinatura, nome e cargo da autoridade que subscreve a Portaria.

EXEMPLO

PORTARIA IPEM / GP N.º 011, DE 03 DE MAIO DE 1999

DISCIPLINA O USO DE LINHAS TELEFÔNICAS EM LIGAÇÕES INTERURBANAS E TELEGRAMAS-FONADOS.

O PRESIDENTE DO INSTITUTO DE PESOS E MEDIDAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - IPEM-RJ, no uso de suas atribuições legais**,**

RESOLVE:

Art. 1º - O uso das linhas telefônicas em ligações interurbanas ou para telefones móveis (celulares) obedecerá aos seguintes critérios:

I. Todas as ligações interurbanas ou para telefones móveis (celulares) somente poderão ser feitas mediante solicitação à telefonista.

II. Ao solicitar a ligação, o servidor deverá informar à telefonista, que anotará no formulário próprio, se esta será em caráter particular ou a serviço.

Art. 2º - No caso de setores que disponham de linhas diretas, bem como nas Regionais, deverá ser preenchido, diariamente, formulário próprio anotando-se, ao lado de cada ligação efetuada, os termos "a serviço" ou "particular".

Parágrafo Único - Ao final de cada semana, os formulários a que se refere o "caput" desta cláusula serão encaminhados à Divisão de Material e Serviços Gerais, para controle e devidas anotações.

Art. 3º - A Divisão de Material e Serviços Gerais, após receber as faturas, encaminhará a cada usuário o total de suas ligações particulares, com vistas a seu ressarcimento, no prazo máximo de 5 (cinco) dias.

Art. 4º - Os telegramas fonados deverão ser requisitados, diretamente, à chefia imediata que, após aprová-los, providenciará sua expedição.

Art. 5º - Cada chefia deverá instruir seus subordinados, no sentido do pleno atendimento às disposições desta Portaria.

Art. 6º - Quaisquer ligações interurbanas ou para telefones móveis (celulares) não identificadas nos formulários próprios terão o respectivo valor rateado entre os servidores do setor que as originou.

Art. 7º - Caberá ao Diretor de Administração e Finanças implantar os formulários a que se referem os artigos 1º e 2º.

Art. 8º - O não-cumprimento da presente Portaria acarretará as penalidades previstas no Estatuto dos Funcionários Públicos Civis do Estado do Rio de Janeiro.

Art. 9º - Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário, em especial a Ordem de Serviço DAF n.º 002/98.

Rio de Janeiro, 03 de maio de 1999

ANTÔNIO CÉSAR E SILVA
Presidente

PROCURAÇÃO

Procuração é o instrumento pelo qual uma pessoa recebe de outra poderes para, em nome dela, praticar atos ou administrar haveres.

Estrutura

1. denominação do ato - PROCURAÇÃO;

2. texto:

2.1. qualificação do outorgante e do outorgado;

2.2. objeto da procuração e substabelecimento quando for o caso;

3. local e data;

4. assinatura;

5. nome.

Observações

1. A procuração pode ser por instrumento particular, se passada de próprio punho ou digitada, e por instrumento público, se lavrada em cartório.

2. Deixa de haver exemplificação de procuração por instrumento público por ser específica de cartório.

3. A assinatura deve ser reconhecida em cartório.

EXEMPLO

PROCURAÇÃO 1

Por este instrumento particular de procuração, eu, ..., portador da Carteira de Identidade nº ...., CPF nº ...., residente ...., na cidade ...., nomeio e constituo meu bastante procurador o Sr. ...., portador da Carteira de Identidade nº ...., CPF nº .... e residente ...., na .... para o fim específico de ...., estando, para tal fim, autorizado a assinar recibos e documentos e a praticar todos os atos necessários ao fiel desempenho deste mandato. 2

São José do Rio Preto, ... de .... de 3

Assinatura
Nome por extenso 4,5

RELATO DE REUNIÃO

É a forma simplificada do relato de fatos e decisões de reuniões para assuntos rotineiros, de procedimento padronizado.

Suas partes componentes são:

1. Título (a expressão RELATO DE REUNIÃO), em letras maiúsculas.
2. Data e horário, explicitando o início e o término.
3. Local.
4. Assunto, exposto sinteticamente, em letras maiúsculas.
5. Texto (com citação de OCORRÊNCIAS e DECISÕES, quando necessário), com linguagem sucinta e clara.
6. Citação dos presentes.
7. Assinatura (do relator).

EXEMPLO

Título: RELATO DE REUNIÃO

Data: 16/03/99 Início: 14 h 30 min. Término: 17 h 30 min

Local: Secretaria de Estado de Administração e Reestruturação

Assunto: PADRÃO E ESTRUTURA DO MANUAL DE REDAÇÃO OFICIAL

OCORRÊNCIAS: Discutiram-se as normas de digitação e estrutura que deverão nortear o Manual de Redação Oficial, delimitando-se as margens do papel, e à direita, a separação (ou não) de sílabas; também foi tema de debate a apresentação de lista de abreviaturas e siglas no Manual; definiu-se, também, a relação de palavras que irão compor o Glossário.

DECISÕES: Os textos se apresentarão em bloco, junto à margem esquerda, sem recuo de parágrafo; não haverá rigor para o alinhamento na margem direita, mas deverão ser obedecidas as normas gramaticais de separação de sílabas. Foram selecionadas as abreviaturas que constarão do Manual, bem como os termos do Glossário. Ficou para discutir-se na próxima reunião o aspecto da apresentação gráfica dos formulários, de acordo com cada uma das formas de redação.

PRESENTES: Albertina Ramos, Eliana R. Furtado de Mendonça, Eliane Donni, Helenice Valias de Moraes, John Wesley Freire, Sheila Lobo

NIVALDO GUIMARÃES
Relator

RELATÓRIO

É a exposição circunstanciada de atividades levadas a termo por funcionário, no desempenho das funções do cargo que exerce, ou por ordem de autoridade superior. É geralmente feito para expor: situações de serviço, resultados de exames, eventos ocorridos em relação a planejamento, prestação de contas ao término de um exercício etc.

Suas partes componentes são:

1. Título (a palavra RELATÓRIO), em letras maiúsculas.
2. Vocativo: a palavra Senhor(a), seguida do cargo do destinatário, e de vírgula.
3. Texto paragrafado, composto de introdução, desenvolvimento e conclusão. Na introdução se enuncia o propósito do relatório; no desenvolvimento - corpo do relatório - a exposição minudente dos fatos; e, na conclusão, o resultado ou síntese do trabalho, bem como a recomendação de providências cabíveis.
4. Fecho, utilizando as fórmulas usuais de cortesia, como as do ofício.
5. Local e data, por extenso.
6. Assinatura, nome e cargo ou função do signatário.
7. Anexos, complementando o Relatório, com material ilustrativo e/ou documental.

EXEMPLO

RELATÓRIO

Senhor Secretário

Ao término do 1º semestre de 1999, vimos apresentar a V.Ex.ª o Relatório de Atividades pertinentes à Superintendência de Desenvolvimento Institucional, ao qual se anexam quadros demonstrativos onde se expressam os dados quantitativos das atividades operacionais.

Seguindo as diretrizes determinadas pelo plano Estratégico desta Secretaria para o ano de 1999, pôde esta unidade alcançar as metas previstas nos projetos, conforme se segue.
____
____

Apesar das dificuldades em relação às condições de trabalho, com número reduzido de pessoal qualificado e carência de materiais específicos e equipamentos, consideramos bastante positivos os resultados obtidos nestes primeiros meses da atual gestão.

Rio de Janeiro, 10 de julho de 1999

JOSÉ DA SILVA
SUPERINTENDENTE DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL

Anexos:

REQUERIMENTO

Documento pelo qual o interessado solicita ao Poder Público algo a que se julga com direito, ou para se defender de ato que o prejudique.

Suas partes componentes são:

1. Vocativo: a palavra Senhor, precedida da forma de tratamento, o título completo da autoridade a quem se destina, seguida de vírgula.
2. Preâmbulo: nome do requerente (em maiúsculas), seguido dos dados de identificação: nacionalidade, estado civil, filiação, idade, naturalidade, domicílio, residência etc. Sendo funcionário do órgão, apresentar apenas os dados de identificação funcional.
3. Texto: exposição do pedido, de forma clara e objetiva, citando o fundamento legal que permite a solicitação.
4. Fecho: parte que encerra o documento, usando-se, alinhada à esquerda a fórmula:

Nestes Termos,

Pede Deferimento.

5. Local e data, por extenso.
6. Assinatura do requerente.

Observação: Entre o vocativo e o preâmbulo é praxe deixarem-se oito espaços.

EXEMPLO

Excelentíssimo Senhor Governador do Estado do Rio de Janeiro,

JOSÉ JOAQUIM, agente administrativo, nível I, matrícula n.º 0000-0, lotado nesta Secretaria, com exercício no Departamento Geral de Administração, requer revisão de seus proventos, por discordar do disposto em seu contracheque.

Nestes Termos,
Pede Deferimento.

Rio de Janeiro, 26 de abril de 1999

Assinatura

RESOLUÇÃO

Ato assinado por Secretários de Estado e / ou titulares de Órgãos diretamente subordinados ao Governador do Estado, visando a instruir normas a serem observadas no âmbito da respectiva área de atuação.

Denominar-se-á **Resolução Conjunta** quando o assunto abranger área de competência de mais de um órgão.

Suas partes componentes são:

1. Título (a palavra RESOLUÇÃO à esquerda), seguido de sigla do órgão, e numeração; data (por extenso) e em letras maiúsculas, na mesma linha, à direita.
2. Ementa, em letras maiúsculas, à direita da página.
3. Preâmbulo: denominação completa da autoridade, em maiúsculas, e negrito; fundamento legal do ato, seguido da palavra RESOLVE (em maiúsculas), à esquerda da página, duas linhas abaixo.
4. Texto, dividido ou não em artigos, parágrafos e alíneas.
5. Local e data, por extenso.
6. Assinatura, nome e cargo da autoridade que subscreve a Resolução.

EXEMPLO

RESOLUÇÃO SARE N.º 2745 DE 1º DE FEVEREIRO DE 1999

CRIA GRUPO DE TRABALHO PARA DESENVOLVER ESTUDOS E ELABORAR O MANUAL DE REDAÇÃO OFICIAL DO GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO.

O SECRETÁRIO DE ESTADO DE ADMINISTRAÇÃO E REESTRUTURAÇÃO, no uso de suas atribuições legais, considerando o artigo 1º do Decreto n.º 25166, de 1º de janeiro de 1999,

RESOLVE:

Art. 1º - Constituir Grupo de Trabalho para desenvolver estudos e elaborar o Manual de Redação Oficial do Governo do Estado do Rio de Janeiro, com vistas a padronizar e uniformizar a redação das comunicações oficiais.

Art. 2º - O Grupo de Trabalho citado no artigo anterior será composto dos seguintes servidores do Estado, sob a coordenação do primeiro:

ELIANA REZENDE FURTADO DE MENDONÇA, matrícula 811.213-8
SHEYLA LOBO, matrícula 249.786-5;
HELENICE VALIAS DE MORAES, matrícula 1.154.947-4;
JOHN WESLEY FREIRE, matrícula 239.409-6.

Art. 3º - A presente Resolução entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 1º de fevereiro de 1999

HUGO LEAL MELO DA SILVA
Secretário de Estado de Administração e Reestruturação

TERMO ADITIVO

Documento firmado pelas partes contratadas e que visa a alterar cláusulas contratuais para incluir ou excluir novas obrigações relacionadas com os objetivos do contrato original.

O Termo Aditivo também pode ser aplicado a Convênios e Termos de Cooperação Técnica.

Observação:

Reproduzimos a minuta - padrão n.º 38, aprovada pela Resolução Normativa n.º 120, de 31 de agosto de 1982, da Procuradoria Geral do Estado.

Suas partes componentes são:

1. Ementa, onde se destacam o título e o propósito do ato, em letras maiúsculas.
2. Caracterização das partes convenentes e respectivos representantes.
3. Texto, subdividido em cláusulas, parágrafos e alíneas.
4. Fecho.
5. Local e data, por extenso.
6. Assinaturas na seguinte ordem: contratante(s), contratado(s) e testemunhas, à esquerda da página.

EXEMPLO

TERMO ADITIVO DE PRORROGAÇÃO DO CONTRATO (CONVÊNIO-ACORDO-AJUSTE) DE ___________________________ CELEBRADO EM ____ DE ________ DE 19___ ENTRE O ESTADO DO RIO DE JÁNEIRO ATRAVÉS DA SECRETARIA DE ESTADO DE ____________________________, E ______________________________.

Aos ___ dias do mês de _________ de 19___, o ESTADO DO RIO DE JANEIRO, doravante denominado simplesmente Estado, pela sua Secretaria de Estado de _____ _____________________________ (____________), neste ato representada pelo Dr. __________________, na qualidade de seu titular, e, de outro lado, _________ doravante designada ______________ inscrita no Cadastro Geral de Contribuintes do Ministério da Fazenda sob o n.º _________, com sede na cidade de _____________, na ____________ ______________ n.º ____, neste ato representada pelo Sr. _______________., na qualidade de seu _______________, tendo em vista o decidido no processo administrativo n.º ______, assinam o presente termo aditivo, que se regerá por toda a legislação aplicável à espécie, e, especialmente, pelo Código de Administração Financeira e Contabilidade Pública do Estado do Rio de Janeiro (Lei n.º _____, de ___ de ________ de 19__) e pelo Regulamento do Título XI da referida Lei (Decreto n.º ___, de ___ de _______ de 19__), de conformidade com a cláusulas e condições a seguir expostas.

CLÁUSULA PRIMEIRA - Fica prorrogado para _______ de 19___ o prazo de vigência originalmente estabelecido na cláusula (__________) do contrato (CONVÊNIO-ACORDO-AJUSTE) de celebrado, em ___ de __________ de 19___ entre o ESTADO e a ________________.

CLÁUSULA SEGUNDA - Excetuando-se o disposto na cláusula antecedente, continuam em vigor, e com suas primitivas redações, todas as cláusulas do contrato (CONVÊNIO-ACORDO-AJUSTE) ora aditado, que não estejam sendo expressamente alteradas por força do presente instrumento.

CLÁUSULA TERCEIRA - O ESTADO providenciará, no prazo de 30 (trinta) dias a contar de sua assinatura, o encaminhamento de uma cópia deste instrumento ao Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro e à Inspetoria Setorial de Finanças respectiva.

CLÁUSULA QUARTA - Dentro do prazo de 20 (vinte) dias contados da sua assinatura, deverá o presente termo ser publicado, em extrato, no Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro, correndo os encargos daí decorrentes por conta da ___________________.

E, por estarem de acordo, lavrou-se o presente Termo, em ___ (______) vias, de igual teor e validade, na presença das 2 (duas) testemunhas abaixo subscritas.

Rio de Janeiro, ___ de ________ de 1999

Contratante

Contratado

Testemunha

Testemunha

Apêndice

ABREVIATURA DOS MESES
janeiro - jan.
fevereiro - fev.
março - mar.
abril - abr.
maio - maio
junho - jun.
julho - jul.
agosto - ago.
setembro - set.
outubro - out.
novembro - nov.
dezembro - dez.

SIGLAS DAS UNIDADES DA FEDERAÇÃO

ESTADO - SIGLA
Acre - AC
Alagoas - AL
Amazonas - AM
Amapá - AP
Bahia - BA
Ceará - CE
Distrito Federal - DF
Espírito Santo - ES
Goiás - GO
Maranhão - MA
Minas Gerais - MG
Mato Grosso do Sul - MS
Mato Grosso - MT
Pará - PA
Paraíba - PB
Paraná - PR
Pernambuco - PE
Piauí - PI
Rio de Janeiro - RJ
Rio Grande do Norte - RN
Rio Grande do Sul - RS
Rondônia - RO
Roraima - RR
Santa Catarina - SC
São Paulo - SP
Sergipe - SE
Tocantins - TO

ABREVIATURAS DE TÍTULOS, POSTOS E FORMAS DE TRATAMENTO

EXTENSO - ABREVIATURA
Almirante   Alm.
Arcebispo   Arco.
Bacharel   Bel.
Bachareis   Béis.
Bispo   Bpo.
Contra-Almirante   C.-Alm.
Capitão   Cap.
Cardeal   Card.
Coronel   Cel.
Comandante   Com.
Comendador   Com.
Cônego   Con.
Conselheiro   Cons.

Digno	D.
Dom / Dona	D.
Digníssimo	DD.
Doutor / Doutores	Dr. / Drs.
Doutora / Doutoras	Drª. / Drªs.
Embaixador	Emb.
Eminentíssimo	Emmo.
Engenheiro	Engo.
Excelentíssimo	Exmo.
General	Gal. / Gen.
Ilustríssimo	Ilmo.
Licenciado	Ldo.
Major	Maj.
Marechal	Mar. ou mal.
Muito Digno	M.D.
Médico	Méd.
Meritíssimo	MM.
Monsenhor	Mons.
Nosso Senhor	N.S.
Nossa Senhora	N.Sa.
Padre	Pe.
Pároco	Páro.
Presidente	Pres.
Procurador	Proc.
Professor / professores	Prof. / profs.
Professora / professoras	Profa./ profas.
Reverendo	R e v. ou revdo.
Reverendíssimo	Revmo.
Santo Padre	S.P.

ABREVIATURAS DE TÍTULOS, POSTOS E FORMAS DE TRATAMENTO

EXTENSO - ABREVIATURA

Senhor / Senhores - Sr. / Srs.
Senhora / Senhoras - Sra. / Sras.
Senhorita / Senhorita - Srta. / Srtas.
Tenente - Ten. ou tte.

EXPRESSÕES DE TRATAMENTO E VOCATIVOS

Vossa Excelência Ou Sua Excelência - Não se usa   Excelentíssimo Senhor......
(respectivo cargo)   Presidente da República, Presidentes do Congresso Nacional e do Supremo Tribunal Federal

Vossa Excelência Ou Sua Excelência - V.Exa.(s) S.Exa.(s)   Senhor .....
(cargo respectivo)   Vice-Presidente da República, Ministros de Estado, Secretário-Geral da Presidência da República, Chefe do Estado Maior das Forças Armadas, Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República, Chefe do Gabinete Pessoal do Presidente da República, Procurador Geral da República, Governadores e Vice-Governadores de Estado, Chefes de Estado Maior das Três Armas, Oficiais-Generais das Forças Armadas, Embaixadores, Secretários-Executivos de Ministérios, Secretários de Estado dos Governos Estaduais, Prefeitos Municipais, Presidentes, Vice-Presidentes e Membros da Câmara dos Deputados e do Senado Federal, Presidentes e Membros de Tribunais, Presidentes e Membros das Assembléias Legislativas Estaduais, Presidentes das Câmaras Municipais, Juízes, Desembargadores e Auditores da Justiça Militar.

Vossa Senhoria Ou Sua Senhoria - V.Sª.(s) S.Sª.(s)   Senhor .....
(cargo respectivo)   Demais autoridades e particulares

Vossa Magnificência Ou Sua Magnificência - V.Maga.(s)
S.Maga.(s)   Magnífico Reitor   Reitores de Universidades

Vossa Santidade Ou Sua Santidade - V.S. S.S.   Santíssimo Padre   Papa

Vossa Eminência Ou Sua Eminência - Vossa Eminência Reverendíssima
Ou Sua Eminência Reverendíssima V.Ema.(s) S.Ema.(s)
Eminentíssimo Senhor Cardeal ou Eminentíssimo e
Reverendíssimo Senhor Cardeal Cardeais Vossa Excelência Reverendíssima Ou Sua Excelência Reverendíssima V.Exa.(s) Excelência Reverendíssima Arcebispos e Bispos Vossa Reverendíssima Ou Sua Reverendíssima Ou
Vossa Senhoria Reverendíssima V.Revma.(s) S.Revma.(s)
Reverendo Monsenhores, Cônegos e superiores religiosos Vossa Reverência Ou Sua Reverência V.Revª.S.Revª, Reverendo Sacerdotes, clérigos e demais religiosos

Glossário

ABONAR Justificar, condescender.
ABREVIAR Simplificar, resumir.
AB-ROGAR Revogar lei, decreto, regra ou regulamento; tornar nulo ou sem efeito um ato anterior.
ABSTENÇÃO Recusa voluntária de participar de qualquer ato; neutralidade.
ACAREAÇÃO Ato de colocar em confronto duas ou mais pessoas acusadas ou testemunhas, por terem sido divergentes ou obscuros seus depoimentos anteriores.
ACATAR Obedecer; seguir; cumprir; respeitar.
ACERVO Conjunto de bens que integram um patrimônio.
ACÓRDÃO Decisão tomada por voto em tribunal judiciário; sentença de órgão colegiado da administração pública.
ADÁGIO Enunciação breve, sintetizando uma regra de direito ou um princípio de largo alcance.
ADITAMENTO Acréscimo.
ADESÃO Assentimento; concordância, anuência.
AD HOC Indica o substituto ocasional designado no impedimento do titular efetivo de um cargo.
ADIMPLENTE Aquele que cumpre no devido termo as obrigações contratuais.
ADITIVO Acréscimo; prorrogação de validade; complemento.
ADJUDICAR Conceder posse por decisão ou sentença de autoridade judicial ou administrativa; considerar como autor origem ou causa.
AD REFERENDUM Indica o ato praticado por alguém e que, para ser válido necessita da aprovação de autoridade superior.
ADULTERAR Falsificar; alterar; modificar; deformar.
AFERIR Ajustar ao padrão; conferir; comparar.
AGRAVO Recurso de direito que se interpõe para instância superior. Ofensa, injúria, prejuízo, dano.
AJUIZAR Formar juízo, conceituar, avaliar, ponderar, calcular.
ALÇADA Limite da ação; autoridade ou influência de alguém, jurisdição; competência.
ALÍNEA Subdivisão de um artigo ou parágrafo de lei, decreto ou de qualquer ato deliberativo-normativo, normalmente designada por letra ou algarismo romano.
ANTECIPAÇÃO Realização de ato antes do tempo determinado, por convenção das partes, ou determinação de lei.
ANTEPROJETO DE LEI Minuta de projeto de lei a ser submetida ao Poder Legislativo.
ANUÊNCIA Ratificação, manifestação favorável, aprovação, aquiescência.
APARTE Palavra ou frase com que se interrompe o orador.
APELAÇÃO Recurso a instância, imediatamente superior, para pedir reforma de decisão.
APÊNDICE Parte anexa ou acrescentada a uma obra; acréscimo; anexo.
APENSAR Ato de colocar processo junto ao outro, sem que forme parte integrante do mesmo.
APÓCRIFO De autenticidade não provada; que não merece fé.
APOLOGIA Defesa; justificação; louvor; elogio.
A POSTERIORI Posteriormente; depois de; após.
APRECIAÇÃO Exame; análise; argumentação.
A PRIORI Antes de; previamente; antecipadamente.
AQUIESCÊNCIA Consentimento; aprovação; adesão; ratificação; anuência.
ARBITRAR Julgar como árbitro; determinar; decidir; resolver.
ARRESTO Apreensão judicial da coisa em litígio; embargo.
ARROGAR Atribuir a si coisa que não lhe compete; exigir qualidade ou direito que não lhe compete.
ARROLAR Relacionar; tornar em rol; inventariar; classificar.
ARTIGO Unidade elementar das leis, decretos, regulamentos, regimentos, rigorosamente numerada, que contém uma norma ou regra a ser cumprida.
ASSENTAMENTO Averbação ou registro de ato público ou privado; lançamento; anotação.

A TÍTULO PRECÁRIO   Diz-se do que se concede ou se goza por favor, provisoriamente, sem constituir direito.

ATO   Documento assinado por autoridade, consignando fatos ou fixando normas. Atitude; procedimento.

ATO CONSTITUCIONAL   Conjunto de normas legais, fundamentais, decretadas por governo e subsidiárias à Constituição do país.

ATO INSTITUCIONAL   Conjunto de normas legais, fundamentais, transitórias, complementares à Constituição do país, visando a restabelecer a ordem política, garantir a integridade dos poderes públicos e a soberania nacional.

AUTARQUIA   Serviço autônomo criado por lei, com personalidade jurídica, patrimônio e receita próprios, para executar atividades típicas da administração pública que requeiram, para seu melhor funcionamento, gestão administrativa e financeira descentralizada.

AUTENTICAÇÃO   Confirmação; ratificação.

AUTÓGRAFO   Escrito do próprio autor; assinatura ou grafia autêntica, de próprio punho.

AUTORIDADE ADMINISTRATIVA   Designa a pessoa que tem poder de mando em um órgão público.

AUTOS   Conjunto de documentos que constituem um processo.

AUTUAR   Reunir, ordenar ou renumerar dos documentos de um processo; indexar.

AVERBAR   Ato ou efeito de anotar ou apostilar, em assento ou documento, qualquer fato que posteriormente o altere, modifique ou amplie.

CABEÇALHO   Título de capítulo. Indicação do destinatário de ofício ou carta.

CADUCAR   Perder o direito, a validade ou o efeito jurídico.

CAPACIDADE   Aptidão legal; habilidade; competência.

CAPÍTULO   Divisão de lei, regulamento, livro ou discurso.

CAPUT   Diz-se do começo ou da primeira parte de um artigo em texto legal.

CARGO PÚBLICO   Função instituída na organização do serviço público, com denominação própria, atribuições e responsabilidades específicas e estipêndio correspondente, para ser provido e exercido por um titular, na forma estabelecida em lei.

CARGO EM COMISSÃO   Cargo que só admite provimento em caráter provisório. Destina-se às funções de confiança dos superiores hierárquicos.

CARREIRA   É o agrupamento de classe da mesma profissão ou atividade, escalonadas segundo a hierarquia do serviço para acesso privativo dos titulares dos cargos que a integram.

CARTA-CONVITE   Instrumento convocatório dos interessados na modalidade de licitação denominada convite. É uma forma simplificada de edital que, por lei, dispensa a publicação. É enviada diretamente aos possíveis proponentes, escolhidos pela própria repartição interessada.

CASSAR   Cancelar; desautorizar; anular.

CLÁUSULA   Disposição contida num contrato, título ou documento.

CÓDIGO   Conjunto metódico e sistemático de disposições legais relativas a um assunto. Vocabulário ou sistema de sinais convencionais ou secretos utilizados em correspondência, comunicações ou processamento de dados.

COMPETÊNCIA   Faculdade legal para apreciar e julgar; qualidade de quem é capaz de julgar.

COMPROBATÓRIO   Que contém provas do que diz; que serve para comprovar.

COMUTAÇÃO DE PENA   Atenuação ou substituição da pena imposta ao condenado.

COMUTAR   Permutar; substituir; trocar.

CONCORRÊNCIA   Modalidade de licitação própria para contratos de grande valor, em que se admite a participação de qualquer interessado que satisfaça as exigências do edital. A convocação tem antecedência mínima de 30 dias, e o edital deve ter ampla publicidade na imprensa oficial e particular.

CONCURSO   É a modalidade de licitação destinada à escolha de trabalho técnico ou artístico, predominantemente de criação intelectual. Deve ser anunciado por edital, com larga publicidade na imprensa oficial e particular, com antecedência mínima de 45 dias.

CONFISCAR   Apreender ou recolher em benefício do fisco.

CONSIDERANDO   Cada um dos fundamentos sucessivamente expostos, justificando uma proposição.

CONSOLIDAÇÃO   Reunião de leis, normas ou direitos sobre a mesma matéria ou pessoa.

CONSTITUCIONALIDADE   Em conformidade com os preceitos da Constituição.

CONSTITUIÇÃO   Lei fundamental e suprema de um país, contendo normas em relação à formação dos poderes públicos, a formas de governo, aos direitos e deveres dos cidadãos. Carta Constitucional. Lei Magna.

CONTRAFAÇÃO   Imitação fraudulenta; reprodução inautêntica; falsificação.

CONVITE   É a modalidade mais simples de licitação, destinada a contratações de pequeno valor. Consiste na solicitação escrita a pelo menos 3 interessados do ramo, registrados ou não, para que apresentem suas propostas num prazo mínimo de 3 dias. O convite não exige publicação na imprensa oficial porque é feito diretamente aos escolhidos, mediante carta-convite.

CÓPIA AUTENTICA Transcrição textual de ato escrito cuja exatidão é devidamente certificada.

CÓPIA IDÊNTICA Reprodução de documento; fax símile.

CORREGEDOR Magistrado a quem compete fiscalizar todos os juizados sob sua jurisdição.

CRÉDITO ADICIONAL Autorização de despesa não computada ou insuficiente dotada na lei do orçamento.

CRÉDITO ESPECIAL Crédito adicional destinado a despesa para a qual não haja dotação orçamentária específica.

CRÉDITO EXTRAORDINÁRIO Crédito adicional destinado a despesas urgentes e imprevistas, em caso de calamidade pública ou guerra.

CRÉDITO ORÇAMENTÁRIO Autorização para despesas fornecida por autoridade que estabelece, aprova e regulamenta o orçamento.

CRÉDITO SUPLEMENTAR Crédito adicional destinado a reforço da dotação orçamentária.

CRONOGRAMA Gráfico onde são indicados os prazos previstos para executar um trabalho.

CURRICULUM VITAE Descrição pormenorizada dos atos e fatos que compõem a vida profissional de um indivíduo.

CUSTAS Despesas feitas em um processo judicial, taxadas em lei.

DATA VENIA Com sua permissão, com sua licença.

DEFERIDO Despachado favoravelmente; atendido; outorgado; aprovado.

DELEGAÇÃO DE COMPETÊNCIA Ato pelo qual uma autoridade transfere a subordinado poderes, incumbências e responsabilidades, mediante ato próprio que indique com clareza e precisão a autoridade delegante, delegada e o objeto da delegação.

DELIBERAÇÃO Resolução. Decisão aprovada por várias pessoas ou pelo voto da maioria.

DEMITIR Destituir; dispensar; rescindir contrato; exonerar.

DENEGAÇÃO Recusa ou negação de pedido; indeferimento.

DERROGAÇÃO Revogação parcial de uma lei ou requerimento.

DESAFORAMENTO Ato pelo qual se retira de um foro o processo já iniciado para ser remetido a outro; transferir para outro foro.

DESANEXAR Separar; desligar.

DESFECHO Conclusão; remate; epílogo.

DESPACHO Opinião exarada por autoridade sobre matéria submetida a seu exame. Horário fixado por dirigente para resolver, em reunião com auxiliares, assuntos pendentes, em sua área.

DESTITUIÇÃO Demissão; exoneração.

DIÁRIA Auxílio pecuniário percebido por funcionário para cobrir despesas de alimentação e pousada durante o tempo em que estiver afastado a serviço.

DISPOSIÇÕES GERAIS Normas ordinariamente estabelecidas em título ou capítulo final de texto legal, com o fim de esclarecê-lo ou completá-lo.

DISPOSIÇÕES TRANSITÓRIAS Preceitos de duração temporária numa lei; destinados a reger certas relações jurídicas modificáveis ou de efeito predeterminado.

DISPOSITIVO Que contém disposição, ordem, prescrição; regra; preceito; parte de lei; regulamento ou norma.

DOTAÇÃO ORÇAMENTÁRIA Valor consignado no orçamento para fazer face a determinado serviço público; recursos financeiros destinados à manutenção de pessoas ou de organizações.

EGRÉGIO Insigne; ilustre.

EMBARGOS Recurso impetrado ao juiz ou ao tribunal prolator de sentença ou acórdão para que os declare, reforme ou revogue.

EMENDA CONSTITUCIONAL Modificação na Constituição.

EMENTA Parte do preâmbulo de lei, decreto, portaria ou parecer, que sintetiza o contexto do ato, permitindo conhecimento prévio da matéria.

EMPENHO DE DESPESA Ato emanado de autoridade competente, que cria para o Estado obrigação de pagamento, pendente ou não de implemento de condição.

EMPRESA PÚBLICA Entidade dotada de personalidade jurídica de direito privado, com patrimônio próprio e capital exclusivo da União, criada por lei para exportação de atividade econômica que o governo seja levado a exercer, por força de contingência ou de conveniência administrativa, podendo revestir-se de qualquer das formas admitidas em direito.

EMPRÉSTIMO COMPULSÓRIO Operação de crédito realizada com a finalidade de obter recursos financeiros extraordinários para atender a projeto de interesse prioritário ou por motivo de emergência.

ERÁRIO Tesouro Público; Fazenda Nacional; conjunto de órgãos responsáveis pela arrecadação e fiscalização dos tributos.

ESCALÃO Nível; grau hierárquico.

ESTANDARDIZAR Padronizar; uniformizar.

EXARAR Lavrar; consignar por escrito despacho, decisão ou parecer.

EXECUTIVO O que é incumbido de dar execução às leis, de governar, de gerir negócios; administrador de empresas ou de órgão público.

EX LEGE   De acordo com a lei.
EX OFFÍCIO   Oficialmente; em função do cargo.
EXPULSÃO   Decreto pelo qual o governo obriga a sair do território nacional o estrangeiro cujas atividades forem consideradas nocivas ao país.
EXTRADIÇÃO   Processo pelo qual o Estado, fazendo valer sua lei penal, solicita e consegue a entrega, pelas autoridades de outro Estado, do criminoso ali foragido, para ser julgado pela autoridade judiciária do Estado Requisitante.
EX VI LEGE   Em virtude da lei; por força de lei.
FAC SIMILE   Reprodução exata, idêntica.
FORMULÁRIO   Impresso padronizado de uso geral.
GABARITO   Medida; padrão; modelo.
HABEAS CORPUS   Garantia constitucional outorgada em favor de alguém que sofre ou se supõe sofrer coação na sua liberdade de locomoção.
HOMOLOGAÇÃO   Ato de ratificar, confirmar ou aprovar.
IMPETRAR   Requerer a decretação de certas medidas legais; postular; pedir em juízo.
IMPOSTO   Prestação pecuniária direta ou indireta que o Estado exige de cada pessoa física ou jurídica para fazer face a despesas de administração; fonte de receita; tributo.
IMPRECAÇÃO   Ação de pedir; requerer.
IMPRETERÍVEL   Inadiável; improrrogável; inflexível.
IMPROCEDENTE   Inadmissível; inaceitável.
IMPUGNAÇÃO   Conjunto de razões com que se contraria pedido ou decisão; desaprovação; indeferimento.
IMPUTAÇÃO   Ato ou efeito de atribuir a alguém ato punível ou a responsabilidade penal de certo fato.
INADIMPLENTE   Contratante que não cumpriu obrigação previamente ajustada.
INCISO   Divisão de um parágrafo, normalmente designado por numeração romana.
INCOMUTÁVEL   Imutável; irredutível.
INCUMBÊNCIA   Encargo; missão.
INDICIADO   Acusado; denunciado.
IN DUBIO   Em caso de dúvida.
INDULTO   Dispensa do castigo; perdão da pena.
INFLIGIR   Impor; aplicar pena.
INFRINGIR   Violar lei.
INSTAURAR   Começar; iniciar; instalar.
INSTITUIR   Estabelecer; fundar; criar.
INSTRUÇÃO   Explicação fornecida para determinado fim; despacho; parecer; informação.
IN SUMA   Em resumo; em síntese.
INTERPELAÇÃO   Pedido de explicações; solicitação de esclarecimento.
INTERSTÍCIO   Lapso ou intervalo de tempo.
INTIMAÇÃO   Notificação; solicitação de comparecimento.
INTRODUÇÃO   Preparação preliminar de um assunto; apresentação; início.
INVENTÁRIO   Lista discriminada de bens e mercadorias.
IN VERBIS   Nestas palavras; nestes termos.
IPSIS VERBIS   Pelas mesmas palavras; exatamente; textualmente.
IPSO FACTO   Por isso mesmo.
IRREVOGÁVEL   Que não pode ser revogado ou anulado.
ISENÇÃO   Ato de eximir, livrar ou excluir alguém de determinada obrigação.
ISONOMIA   Igualdade perante a lei.
ITEM   Subdivisão de um artigo ou parágrafo; inciso.
JETON   Importância monetária paga a membros de órgãos colegiados por sessão a que comparecem.
JUDICATURA   Poder de julgar; exercício da função do juiz; administração da justiça.
JUDICANTE   Que julga; judicativo; que exerce as funções de juiz.
JUDICIAL   Indica os atos que se fazem em juízo, ou segundo a autoridade do juiz e que pertencem à Justiça.
JUDICIÁRIO   Designa um dos poderes públicos, a quem compete a autoridade de administrar a Justiça.
JUIZ   Pessoa que, investida de autoridade pública, administra a justiça em nome do Estado.
JUNTADA   Ato de unir ao processo um documento que lhe era estranho, que passa a fazer parte dele, integrando-se em seus autos; anexação.
JURISCONSULTO   Aquele que é consultado sobre Direito; aquele que costuma dar pareceres sobre questões jurídicas.
JURISDIÇÃO   A extensão e o limite do poder de julgar de um juiz; alçada; vara; área territorial onde se exerce o poder de julgar.

JURISTA   Aquele que se dedica ao Direito.

JUS   Direito.

JUSTA CAUSA   Causa legítima; motivo justo.

JUSTIFICATIVA   Arrazoado; razões; explicação.

LATO SENSU   Em sentido amplo; em sentido geral.

LAUDA   Página de livro; impresso padronizado com espaço delimitado para datilografia, utilizado para apresentação de originais.

LAUDO   Parecer conclusivo e por escrito.

LAYOUT   Representação gráfica que propõe distribuição racional do espaço físico.

LEGISLAÇÃO   Conjunto de leis aprovadas e promulgadas.

LEGISLATURA   Indica o funcionamento da instituição a quem se atribui o poder de legislar. Período em que os membros do Poder Legislativo exercem o respectivo mandato.

LEGITIMIDADE   Qualidade ou caráter do que é legítimo ou do que se apoia na lei.

LEILÃO   Modalidade de licitação utilizável para venda de bens móveis e semoventes da administração. O leilão deve ser precedido de ampla publicidade, mediante edital que indique seu objeto e local, dia e hora em que será apregoado.

LESIVO   Ato praticado em prejuízo ou prejudicial aos interesses de alguém.

LETRA MORTA   Dispositivo legal não aplicado; lei que não é cumprida.

LICITAÇÃO   Processo que regula as compras e a contratação de obras e serviços na Administração Pública e compreende a concorrência, a tomada de preços e o convite.

LÍCITO   Legítimo; justo; permitido; legal; regular.

LIMINAR   O que antecede o assunto principal; o que ocorre no início de um processo.

LITÍGIO   Controvérsia judicial; demanda; disputa.

MAGISTRADO   Designa a autoridade judiciária investida do poder de julgar as questões jurídicas.

MAGISTRATURA   Exprime o corpo ou a classe dos magistrados.

MALVERSAÇÃO   Administração nociva de negócios alheios, com desvio de bens ou dinheiro.

MANDADO   Ato escrito, emanado de autoridade pública, judicial ou administrativa, em virtude do qual deve ser cumprida a diligência ou a medida que ali se ordena.

MANDADO DE SEGURANÇA   Ordem jurídica expedida em favor de titular de direito contra autoridade pública de qualquer categoria por ilegalidade ou abuso do poder.

MANDATÁRIO   Pessoa a quem é conferido mandato ou encargo; procurador.

MANDATO   Autorização que alguém confere a outrem para praticar, em seu nome, certos atos; procuração; delegação.

MINUTA   Rascunho; anteprojeto.

MODUS FACIENDI   Modo de fazer; maneira de agir.

NACIONALIDADE   País de nascimento; laço jurídico pelo qual a pessoa se vincula a uma nação determinada.

NATURALIDADE   Local de nascimento.

NATURALIZAÇÃO   Ato pelo qual o governo de um país concede a estrangeiro nele domiciliado, a seu requerimento, e satisfeitos certos requisitos, os mesmos direitos e prerrogativas dos nacionais.

NIHIL OBSTAT   Nada a opor.

NORMALIZAR   Regularizar; voltar ao normal; por em ordem.

NORMATIZAR   Estabelecer normas para.

NOTA DE EMPENHO   É o documento extraído de cada empenho, indicando o nome do credor, especificação e a importância da despesa, bem como a dedução desta do saldo da dotação própria.

NOTIFICAÇÃO   Dar conhecimento ou ciência de fato judicial, de decisão; intimação, ordem judicial.

ÓBICE   Impecilho; obstáculo; embaraço.

OBJEÇÃO   Alegação em contrário; réplica; desaprovação.

OBSERVÂNCIA   Execução fiel; cumprimento rigoroso; prática; uso.

OCORRÊNCIA   Incidente; acontecimento; acaso; circunstância.

ÔNUS   Encargo; sobrecarga; obrigação; dever.

ORÇAMENTO - PROGRAMA   Instrumento de planejamento a curto prazo, pelo qual o governo estima a receita e fixa a despesa, para um dado exercício financeiro, de modo a evidenciar a política econômico-financeira e o programa de trabalho do governo.

ORÇAMENTO PÚBLICO   Instrumento pelo qual o governo especifica, avalia e calcula os gastos, prevê a receita e fixa a despesa para determinado exercício financeiro.

ORDEM DO DIA   Disposição metódica dos assuntos a serem considerados em data previamente determinada.

ORDENADOR DE DESPESAS   É a autoridade de cujos atos resultaram emissão de empenho, autorização de pagamento, suprimento ou dispêndio de recursos do Estado.

ORGANOGRAMA   Gráfico representativo de uma organização, indicando as inter-relações de suas unidades constitutivas e o limite das atribuições de cada uma.

OUTORGA   Consentimento; licença.

PADRONIZAÇÃO   Estandardização; uniformização; estabelecimento de modelo; de norma ou de

padrão.
PÁGINA Uma das faces das folhas de um livro ou documento.
PARAESTATAL Organização que, embora não pertence à administração direta, é instituída pela vontade do Estado e se mantém sob sua proteção e dependência.
PARÁGRAFO Desdobramento de artigos num texto legal. Seção de discurso ou de capítulo que forma sentido completo, e que usualmente se inicia com a mudança de linha.
PARIDADE Relação de igualdade entre duas coisas.
PARI PASSU Simultaneamente; concomitantemente.
PAUTA Agenda; ordem do dia; lista; relação.
PENDENTE Não resolvido; em estudo.
PER CAPITA Individualmente; por pessoa.
PERPETRAR Praticar, consumar ou executar ato punível.
PERSONA GRATA Pessoa bem-vinda; bem aceita; recebida com agrado.
PERTINENTE Cabível; concernente; atinente.
PETIÇÃO Solicitação por escrito; requerimento.
PETICIONÁRIO Aquele que formula petição ou requerimento; requerente.
PLEITEAR Solicitar; questionar em juízo; demandar; requerer.
PLENÁRIO Assembléia ou tribunal que reúne em sessão.
PODER ABSOLUTO Poder uno, completo, indivisível.
PODER DE FATO Poder exercido sem base legal.
POSTULADO Princípio ou fato reconhecido mas não provado; proposição não demandada, que se admite como princípio; hipótese.
POSTULAR Requerer; pretender; candidatar-se.
PRAXE Rotina, aquilo que se pratica habitualmente; uso constante; hábito.
PREÂMBULO Exposição inicial que antecede o texto de lei ou decreto; prefácio.
PRECEDENTE Antecedente; anterior.
PRECEITO Regra de procedimento; norma; doutrina; ensinamento.
PREPOSTO Representante; aquele que dirige um serviço, por delegação de competência.
PROCESSO Correspondência ou documento que, para ser submetido à opinião de várias autoridades, é registrado e autuado na unidade própria da instituição.
PROJETO DE LEI Proposta de texto legal apresentada ao Congresso Nacional pelo poder Executivo ou por membro do Poder Legislativo.
PRO LABORE Remuneração ou ganho percebido como compensação pelo trabalho realizado.
PROMULGAÇÃO Ordenar a publicação da lei.
PROVENTO Rendimento; honorário; vencimento.
PROVER Nomear; designar; indicar alguém para ocupar um cargo.
QUORUM Número mínimo de pessoas presentes, exigido por lei ou estatuto, para que um órgão coletivo funcione.
RATIFICAR Confirmar; reafirmar; endossar.
REFERENDAR Assinar um documento como responsável; aceitar a responsabilidade de algo já aprovado por outrem.
REIVINDICAR Reclamar; requerer; tentar recuperar.
RESCISÃO Anulação de contrato; rompimento.
RESSALVA Nota destinada a corrigir erro ou omissão; errata.
RESSARCIR Indenizar; compensar; pagar; prover.
RESTOS A PAGAR Diz-se das despesas empenhadas e não pagas dentro do mesmo exercício financeiro.
RETIFICAR Corrigir; emendar.
RETROAGIR Retroceder; ter efeito sobre o passado; voltar.
REVALIDAR Validar de novo; legitimar; ratificar.
REVOGAR Extinguir; invalidar; anular total ou parcialmente.
ROTINA Prática seguida diariamente; procedimento regular que se repete por hábito.
RUBRICA Firma ou assinatura abreviada. Título sob o qual se inscreve uma verba.
SANÇÃO Parte em lei em que se apontam as penas contra os seus infratores. Aprovação; ratificação.
SIC Palavra empregada entre parênteses e após uma citação para exprimir que o texto se acha literalmente reproduzido.
SINDICÂNCIA Conjunto de atos realizados com o fim de formar prova sobre fato ou ocorrência.
SINE DIE Sem dia prefixado; por tempo indeterminado.
SINE QUA NON Obrigatório; indispensável; impreterível.
STATUS QUO Estado atual; realidade; momento presente; sem alteração.
STRICTO SENSU No sentido estrito.
SUB CENSURA Para censura; sujeito à crítica, submetido à aprovação.
SUB JUDICE Causa em julgamento; pendente de apreciação judicial.

SUBSCREVER Assinar, conferindo autenticidade a documento.

SUBSÍDIO Elemento, dado, informação. Auxílio pecuniário prestado a alguém.

SUBVENÇÃO Auxílio pecuniário concedido pela administração ou governo para ajudar a manutenção de entidade beneficente regularmente organizada.

SUPRESSÃO Corte; eliminação; anulação.

SUPRIMENTO DE FUNDOS Autorização concedida por autoridade ordenadora, quando houver despesas não-contábeis necessárias e fixando-se prazo para comprovação dos gastos.

SURSIS Prorrogação; dilatação; espera; suspensão condicional de pena; moratória.

TAREFA Trabalho que deve ser realizado em determinado tempo; atividade rotineira.

TARIFA Imprime a quantia, a importância, o valor em que se fixam o imposto, a taxa ou o preço de alguma coisa.

TEXTUAL Reproduzido fielmente; transcrito.

TOMADA DE PREÇOS É a forma de licitação realizada entre interessados previamente registrados, observada a necessária habilitação. Convocação publicada na imprensa oficial e particular, com antecedência mínima de 15 dias. É admissível para contratações de obras, serviços ou compras, dentro dos limites de valor estabelecidos legalmente.

TOMBAMENTO Registrar; arrolar; inventariar. Incorporação de bens ao patrimônio histórico.

TRÂMITE Andamento regular pelas vias legais ou processuais apropriadas.

TRANSCREVER Reproduzir textualmente; trasladar.

TRANSLADADO Transferido; removido.

TRASLADADO Copiado; transcrito.

ULTERIOR Posterior; derradeiro.

ULTIMATO Declaração final e irrevogável para satisfação de certas exigências.

UNANIMIDADE Concordância de voto ou de opinião; consenso.

VACANTE Vago; não ocupado; não provido.

VADE MECUM Compêndio ou livro onde se acham as noções fundamentais de uma disciplina.

VARA Jurisdição, cargo ou função de um juiz.

VEDAR Proibir; impedir; sustar.

VERBA LEGIS Palavra da lei.

VEREDITO Decisão; juízo pronunciado em qualquer matéria.

VETO Recusa do Chefe do Estado em sancionar projeto de lei, aprovado pelo Poder Legislativo; desaprovação; discordância.

VIA ORDINÁRIA Meio objetivo, comum e hábil de reclamar em juízo o reconhecimento de um direito.

VIGER Estar em vigor; vigorar.

VIOLAÇÃO Ofensa a direito alheio; infração à norma legal ou contratual.

VISAR Validar ou autenticar documento por assinatura.

VISTO DE PERMANÊNCIA Documento concedido a pessoa de nacionalidade estrangeira para poder residir no país, temporária ou permanentemente.

SEMIÓTICA E LINGÜÍSTICA

José Luiz Fiorin
UNESP - Araraquara

"Eu tenho a vista e a visão,
Soldei concreto e abstrato ".
MURILO MENDES

A Lingüística conheceu nas últimas décadas duas situações opostas: fastígio e desprestígio . Foi considerada, por muito tempo, a ciência-piloto das demais ciências humanas. Nessa época, transplantaram-se seus conceitos para as demais ciências e foram eles usados de forma metafórica e abusiva. Foi o período da exorbitância da linguagem. Quando Lévi-Strauss reduz as sociedades a um sistema de trocas de objetos, de mulheres e de palavras, comete graves equívocos como juntar elementos não submetidos à lei da escassez natural (palavras) a elementos sujeitos a ela (mercadorias e mulheres); como reunir uma instituição cujas mudanças se fazem de maneira imperceptível e não por meio de sujeitos sociais (o sistema lingüístico) e instituições que são alteradas de maneira brusca por sujeitos sociais; como considerar a troca e não a produção o fundamento último das sociedades. Mas não somente Lévi -

Strauss adotou essa atitude, também Lacan e outros. Por todos esses equívocos, a Lingüística tornou-se responsável. Ao mesmo tempo, os lingüistas começaram a sentir as insuficiências da teoria e a estreiteza do seu objeto de estudos, a colocar problemas novos que foram ajuntando-se ao clássico objeto da Lingüística como espécies de anexos mais ou menos heterogêneos em relação ao corpo da teoria. A Lingüística começa, então, a viver a sua crise epistemológica.

Lembremos rapidamente algumas formulações de Saussure. Quando lança ele as bases da Lingüística moderna, ao constatar que a linguagem é um "fenômemo multiforme e heteróclito", estabelece a dicotomia *langue/parole*. Deixa bem claro, ao constituir uma lingüística da *langue*, que se poderia construir também uma lingüística da *parole*, embora não fosse este o seu objetivo.Em segundo lugar, ao mostrar que a língua é uma instituição social, ressalta a sua singularidade dentre as demais instituições. É curioso que todos os que identificaram linguagem e sociedade, linguagem e inconsciente , linguagem e mito se tenham declarado discípulos de Saussure, embora, na realidade, não tenham feito outra coisa senão desrespeitar uma das formulações básicas do mestre genebrino que é a de que a língua não se confunde com as demais instituições sociais.

A linguística da *langue* começa a constituir-se: a fonologia de Praga, o Círculo de Copenha gen, o funcionalismo de Paris, o distribucionalismo americano, etc., etc., etc. Mas o modelo torna-se cada vez mais insuficiente. Novos problemas se colocam: o problema do uso da linguagem, dos atos de fala, da contextualização, das relações entre linguagem e sociedade, das condições de produção do discurso, da argumentação, da enunciação, da textualização. O número das novas questões que se discutem é imenso.

Ocorre também, nesse período, uma reordenação do conjunto das disciplinas filosóficas. Durante muito tempo, a ontologia ocupou lugar de destaque entre as disciplinas filosóficas com a sua preocupação com o ser. Cedeu lugar depois à epistemologia, que busca compreender o conhecimento, isto é, a relação sujeito - objeto. A constatação de que a relação entre o sujeito e o mundo não é transparente, mas é mediatizada pela linguagem, provoca uma nova alteração dentro da filosofia, surgindo, assim, uma nova proto-filosofia.

A semiótica surge, pois,de uma dupla necessidade: de um lado, criar uma teoria homogênea para explicar o processo de produção e compreensão do sentido; de outro, constituir uma nova proto-filosofia. Segundo Herman Parret, a semiótica é a proto-filosofia da nossa época, estando no lugar já ocupado sucessivamente pela ontologia e pela epistemologia. Essa proto-filosofia não é, necessariamente, a semiótica já constituída, mas uma abordagem semiótica, cuja especifi cidade é a afirmação da tripolaridade sujeito-linguagem-objeto. Sendo a proto-filosofia de nossa época, a semiótica não é uma disciplina como as outras nem uma interdisciplina, mas uma transdisciplina, pois trabalha nas fronteiras das demais disciplinas. Isso significa que a semiótica não pode ocupar o lugar da lingüística, mas deve oferecer a essa ciência as suas aquisições teóricas.

O objetivo fundamental da teoria semiótica é explicitar as condições de produção e de compreensão do sentido que está presente nas diferentes semióticas que se manifestam quer pelas línguas naturais quer por outros meios de expressão. Uma semiótica tem, pois, que explicar o funcionamento do discurso , pois é este a única realidade que se apresenta para o falante/ouvinte.

Alguns projetos semióticos partem da idéia de que o sentido se constrói num percurso gerativo que vai do mais abstrato e geral ao mais concreto e figurativo. Cada um dos patamares do percurso gerativo de sentido é suscetível de receber uma descrição metalingüística adequada. Cada um deles contém seus elementos pertinentes e suas regras de relação e cada um retoma, enriquece e ordena, por meio de procedimentos de conversão, os elementos do patamar anterior.

O projeto semiótico greimasiano, por exemplo, admite esse mecanismo como o meio básico de engendramento do sentido. Nele, temos um nível profundo que opera com os valores mínimos de conteúdo, ou seja, com as estruturas elementares que condicionam a produção e a compreensão da significação em geral. Nesse nível, há uma sintaxe que estuda relações e operações com esses valores mínimos e uma semântica que analisa os valores que são investidos nessas relações fundamentais. Os valores mínimos de conteúdo são *classemas*, que, quando redundantes, constituem uma isotopia semântica, e *semas nucleares*. A combinação desses elementos produz os efeitos de sentido. Os *semas nucleares* definem os sememas e os *classemas* permitem a sua contextualização. Se o projeto parasse nesse ponto, ele não passaria de mais uma semântica de cunho componencialista, que não permitiria explicar a produção do discurso, mas se limitaria a explicar a combinatória dos lexemas no interior das frases. Não é isso, porém, o que ocorre com esse projeto.

O nível superior ao nível fundamental é o nível narrativo. Distinguem-se narratividade (= sucessão de estados e transformações), presente em todo discurso, e narração, que é um tipo particular de discurso. Há nesse nível uma sintaxe, que descreve as operações de transformação narrativa, e uma semântica, que estuda os objetos de valor aí investidos.

Os dois primeiros níveis constituem a competência semiótica do falante. O terceiro nível, o discursivo, constitui a perfomance. A instância responsável pela passagem da competência à perfomance é a enunciação. O nível discursivo possui uma sintaxe que, trabalhando com os mecanismos de debreagem e embreagem enunciativas e enuncivas, espacializa, temporaliza e actorializa as estruturas narrativas. Possui também uma semântica, que estuda temas e figuras, que revestem o arcabouço abstrato da narratividade.

Esse projeto apresenta problemas, porque estão na sua origem três gestos: a narratologia, o estruturalismo e a fenomenologia. A narratologia que está na base do projeto é a de Propp e de Brémond, que vêem a narrativa como um elemento a-histórico, uma vez que descartam dela a presença do tempo. Daí, passa-se a considerar o mundo natural, a cidade, a sociedade como uma narrativa atemporal. Com o estruturalismo, entra no projeto a ideologia da morte do sujeito. Da fenomenologia de Merleau-Ponty, origina-se a concepção de diferença, que é definida em termos de percepção, o que causa uma certa dificuldade numa teoria que se quer formalista, pois o conceito de diferença definido em termos de percepção é substancialista. Mas, apesar desses problemas, a idéia do percurso gerativo de sentido, que precisa, é evidente, ser reformulado, é extremamente fecunda, pois permitirá integrar, de forma homogênea, diversos problemas que têm preocupado lingüistas, semiólogos e semioticistas.

Quando a semiótica começou a estudar a narrativa o que pretendia era elaborar uma teoria da ação que explicasse os diferentes tipos de fazer: pragmático e cognitivo, manipulatório ou sancionador, etc. O problema dos atos da fala encontraria o seu lugar numa teoria geral da ação, pois o fazer comunicativo é um tipo de fazer, apresentando, portanto, em relação a outros, conjunções e disjunções.

Ao estabelecer que a enunciação é a instância que opera a passagem da competência à perfomance, coloca não só o problema da enunciação, mas abre caminhos para a constituição de uma teoria da fala, uma teoria do discurso. Coloca também o problema do sujeito na linguagem e, portanto, das condições de produção discursiva. Se é verdade que a enunciação é efeito do enunciado, deve-se notar que nem toda enunciação é enunciada. Ela não está apenas empiricamente marcada no enunciado. É preciso um esforço de interpretação (transposição de sentido), é necessário preencher um espaço elíptico para se chegar a ela. Como é um sujeito dotado de uma competência ideológica e de uma competência passional que projeta a enunciação, o seu deciframento é da ordem da ideologia e do sentimento, ou seja, da intersubjetividade, da evocação das competências ideológica e passional.

Há, segundo Herman Parret, três componentes proto-teóricos no conceito de enunciação: subjetividade, racionalidade e intencionalidade. Essa protò-teoria não é um objeto semiótico. Deve ela ser traduzida pelos conceitos de modalização e deictização.

É uma subjetividade objetivada que produz a enunciação. Essas condições de subjetividade objetivada de produção do sentido são semioticamente descritíveis não por análise, mas por catálise, método que ainda não mereceu a devida atenção dos lingüistas e semioticistas. Por não ser o sujeito objeto de análise, a racionalidade não pode ser reconstruída nem como uma sintagmática,que funcionaria como um pensamento causal, nem como uma paradigmática, mas poderia sê-lo por uma lógica inferencial que estudasse as causas por que a enunciação foi feita, julgasse-as e avaliasse o seu valor . A intencionalidade seria analisada não em termos de categorialidade, mas em termos de tensividade gradual.

Ao interpretar a subjetividade objetivada, a racionalidade e a intencionalidade do sujeito da enunciação, chegar-se-ia às determinantes ideológicas e pulsionais que incidem sobre o sujeito da enunciação e condicionam o que enunciar e como enunciar. Ao afirmar que a comunicação é uma relação entre enunciador e enunciatário, a semiótica abre caminho para o estudo da argumentação e da relação entre recepção e produção do sentido.

Há ainda um nível no percurso gerativo

de sentido: o da manifestação. Ela ocorre quando um plano de conteúdo se encontra com um plano de expressão, que, como já dissemos, pode ser uma língua natural ou qualquer outro meio de expressão (gestual, visual, etc.). Esse é o lugar da Lingüística. Deve ela estudar todos os meios para a manifestação verbal do sentido produzido: meios mórficos, sintáticos e fônicos, etc. Quando a semiótica tenta não só construir uma teoria de competência, mas também uma teoria da perfomance permite que os problemas da gramática do texto, como, por exemplo, o estudo dos mecanismos de coesão, integrem-se harmoniosamente à teoria. Possibilita também que a estilística não seja um ramo um tanto marginal dos estudos lingüísticos. Mostra que há efeitos de sentido que são criados no nível da manifestação por meio da conformidade estrutural dos dois planos de linguagem: o conteúdo e a expressão.

Qual é, pois, a relação entre a Semiótica e a Lingüística? Não vai ela tomar o lugar da Lingüística, substituí-la, jogá-la na lata do lixo da história, pois a Lingüística tem um objeto específico, que é estudar os meios verbais, tanto no âmbito da competência como no da perfomance, de manifestação do sentido. A função da Semiótica, ao estudar o processo de engendramento de sentido, é uma função integradora, é a de explicar como o homem produz e compreende elementos significantes. Ao fazer isso, ela respeitará a Lingüística, pois acreditará no postulado saussuriano da singularidade e da especificidade da língua e, ao mesmo tempo, colocará em prática o programa saussuriano que previa que a Linguística seria parte de uma ciência mais geral, que seria chamada Semiologia e que estudaria a produção das práticas significantes. Mas o programa de Saussure não pára aí. Para ele, a Semiologia integrar-se-ia numa disciplina mais vasta, a Psicologia Social. Substituiríamos o que Saussure chamou, certamente por influência das idéias científicas do seu tempo, Psicologia Social por Ciência da História. A Semiótica deve integrar a Ciência da História, pois não podemos esquecer-nos de que ela faz parte das chamadas ciências do homem e, como tal, deve ter como seu objetivo o que Guimarães Rosa chamava o "homem humano", deve ajudá-lo a resolver os problemas que a significação lhe coloca.

Quase tudo está por fazer. Esboça-se a construção de uma semiótica. Estamos ainda longe de fazer dessa semiótica uma parte da Ciência da História.

Devem servir como programa para nós os versos de Drummond:

> *"É hora de recomeçar tudo de novo,*
> *sem ilusão e sem pressa,*
> *mas com a teimosia do inseto*
> *que busca um caminho no terremoto".*

Naturalismo Português

É considerado uma radicalização do realismo. Ele envolve personagens de qualquer classe social, os prazeres carnais, o sensualismo e o erotismo. Diferente do realismo, essa tendência surge com o intuito de chocar o público e apresentar uma nova realidade "nua e crua".

Características

- ✓ Objetividade e Materialismo
- ✓ Cientificismo e Determinismo
- ✓ Positivismo e Darwinismo
- ✓ Linguagem simples e coloquial
- ✓ Descrições minuciosas
- ✓ Realidade e denúncia social
- ✓ Temas polêmicos
- ✓ Leis na natureza
- ✓ Paisagens rurais
- ✓ Instinto humano
- ✓ Homem como produto biológico
- ✓ Personagens marginalizados
- ✓ Negação dos aspectos românticos

Contexto Histórico

- ☆ Desenvolvimento de teorias científicas na Europa;
- ☆ Darwinismo (acreditava na dominação dos mais fortes sobre os mais fracos);
- ☆ Comunismo;
- ☆ Determinismo (crendo que o homem era influenciado por meio social, sua raça e pelo momento histórico que vivia);
- ☆ Positivismo (pregava que toda teoria deveria ter um fundamento científico).

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Representantes

Eça de Queirós (1845-1900): O Mistério da Estrada de Sintra (1970), O Crime do Padre Amaro (1875) e A Tragédia da Rua das Flores (1877).

Francisco Teixeira de Queirós (1848-1919): Os Meus Primeiros Contos (1876), Amor Divino (1877) e Os Noivos (1879)

Júlio Lourenço Pinto (1842-1907): Margarida (1879), Vida Atribulada (1880) e Esboços do Natural (1882).

Abel Botelho (1854-1917): Claudina (1890), O Barão De Lavos (1891), Os Vencidos Da Vida (1892).

O Naturalismo ocorre paralelamente ao movimento do Realismo. Tem início na década de 1875 com a publicação da obra de "O Crime do Padre Amaro" (1875) de Eça de Queirós.

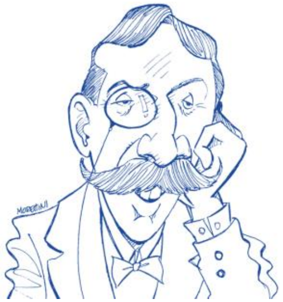

"Quando não se tem aquilo que se gosta, é necessário gostar-se daquilo que se tem"

Eça de Queiroz

Naturalismo Brasileiro

O Naturalismo ocorre paralelamente ao movimento do Realismo. Tem como marco inicial a publicação do romance "*O Mulato*" (1881) do maranhense Aluísio de Azevedo.

Empenhados em escrever um retrato fidedigno da realidade, os naturalistas desenvolveram um estilo literário objetivo e anatômico: o "retorno à natureza" focalizava o lado mais animalesco do homem, em frequentes descrições patológicas – doenças, hereditariedade, influências do meio, em uma constante luta pela sobrevivência.

Características

- ✓ Linguagem coloquial
- ✓ Observação da realidade
- ✓ Retrato objetivo da sociedade
- ✓ Evolucionismo, cientificismo e positivismo
- ✓ Descrição de ambientes e personagens
- ✓ Problemas humanos e sociais

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Representantes

Aluísio Azevedo (1857-1913) – O mulato (1881), Casa de Pensão (1884) e O cortiço (1890);
Adolfo Ferreira Caminha (1867-1897) – Casa de Pensão (1893)

Contexto Histórico

- ☆ Decadência econômica açucareira;
- ☆ Crescimento do prestígio dos estados do sul;
- ☆ Descontentamento da classe burguesa em ascensão na época;
- ☆ Abolição da escravatura no Brasil, em 1888;
- ☆ Proclamação da República brasileira, em 1889.

"E que mais é o nosso viver nesta espécie de mundo, senão uma ilusão entre dois nadas: o presente e o futuro?"
Aluísio Azevedo

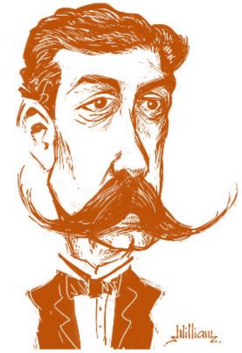

Fique Atento!

⇨Quando surgem por descuido, as ambiguidades são consideradas *vícios de linguagem*.

⇨ Quando seu uso é intencional (na poesia ou propaganda, por exemplo), as ambiguidades são consideradas *figuras de linguagem*.

Ambiguidade

É o *duplo sentido* em uma mesma sentença ou frase. É quando temos palavras ou estruturas que podem ser interpretadas de duas formas diferentes, causando confusão no discurso.

Ambiguidade Lexical

Tem a ver com as palavras em si. Ou seja, quando temos em uma frase alguma palavra que possa ser interpretada de duas formas diferentes, causando confusão no leitor.

⇨ Pedi um *prato* ao garçom. (Refeição ou objeto).

Ambiguidade Estrutural

É quando a ambiguidade resulta da posição das palavras na oração.

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

✰ Inadequação relacionada ao uso dos pronomes relativos:

→ Durante a viagem, saboreamos alimentos e bebidas cuja qualidade é inigualável. (Qual qualidade era inigualável: dos alimentos ou das bebidas).

✰ Uso indevido dos elementos coordenativos:

→ Beatriz e Paulo desejam noivar-se. (Entre si ou com pessoas distintas?)

✰ Uso inadequado de formas nominais:

→ O supervisor de turma pegou o aluno correndo no pátio da escola. (Quem estava correndo: o supervisor ou o aluno?)

✰ Uso de forma indistinta entre a conjunção integrante e o pronome relativo:

→ O turista disse ao guia que era pernambucano. (Quem era pernambucano: o turista ou o guia?)

✰ Colocação inadequada de algumas palavras:

→ O vizinho espantado resolveu ver o que estava acontecendo àquela hora da noite. (Espantado é característica permanente ou momentânea?)

SE LIGA NESSA DICA

Como figura de linguagem, a ambiguidade também é conhecida por *Anfibologia*.

Simbolismo Português

Contexto Histórico

- 25 de junho de 1857, *As flores do mal,* do francês Charles Bauderlaire;
- 2ª Revolução Industrial;
- Crise econômica europeia;
- Capitalismo liberal → pobreza e desigualdade;
- Desilusão com a realidade;
- Crise da monarquia, econômica e financeira de Portugal;
- Ultimato inglês ocorre a partir de 1870 (em Portugal), quando a Inglaterra inicia o plano expansionista com o lema: um domínio do Cabo do Cairo.

O movimento Simbolista em Portugal está intimamente ligado ao estado de depressão que domina a sociedade. Marco inicial publicação da obra ***Oaristos*** (1890), livro de poemas de Eugênio de Castro e se estende até a proclamação da República em 1910.

Características

- ✓ Rejeição ao cientificismo, materialismo e racionalismo
- ✓ Manifestações metafísicas e espirituais
- ✓ Negação ao naturalismo
- ✓ Exaltação à realidade subjetiva
- ✓ Sublimação
- ✓ Subjetivismo
- ✓ Uso de Sinestesias e aliterações
- ✓ Musicalidade

Representantes

Eugênio de Castro (1869-1944): Oaristos.
António Nobre (1867-1900): Torres.
Camilo Pessanha (1867-1926): Clepsidra.

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

> "Porque o melhor, enfim, é não viver nem ver... Passarem sobre mim e nada me doer!"
> Camilo Pessanha

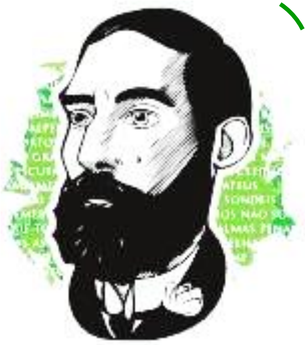

Simbolismo Brasileiro

O Brasil não teve um movimento simbolista típico, sendo essa escola literária, no confronto com as demais, a mais europeia dentre as que contaram com seguidores em nossa terra. Seu marco inicial é o ano de 1893 com a publicação de "***Missal***" e "***Broquéis***", de Cruz e Souza.

Representantes

João da Cruz e Sousa (1861-1898): Missal (1893), Broquéis (1893), Tropos e fantasias (1885), Faróis (1900) e Últimos Sonetos (1905).

Afonso Henrique da Costa Guimarães (Alphonsos de Guimarães, 1870-1921): Setenário das dores de Nossa Senhora (1899), Dona Mística (1899), Kyriale (1902), Pastoral aos crentes do amor e da morte (1923).

Augusto dos Anjos (1884-1914): Eu (1912)

Contexto Histórico

- ☆ Transição de Monarquia para República (política do café-com-leite);
- ☆ Política das Espadas e das Oligarquias.
- ☆ Guerra de Canudos (1896-1897)
- ☆ Revolução Federalista (1893-1895);
- ☆ Revolta Armada (1893)

Características

- ✓ Não-racionalidade
- ✓ Subjetivismo, individualismo e imaginação
- ✓ Espiritualidade e transcendentalidade
- ✓ Subconsciente e inconsciente
- ✓ Musicalidade e misticismo
- ✓ Linguagem subjetiva, imprecisa, vaga, transcendental, sensorial, fluida, onírica, libertária, expressiva, musical, criativa, mística, misteriosa, sensual e espiritual
- ✓ Figuras de linguagem: sinestesia, aliteração, as sonância.

"Sonho profundo, ó
Sonho doloroso, doloroso
e profundo sentimento!
Vai, vai nas harpas
trêmulas do vento chorar o
teu mistério tenebroso"
Cruz e Souza

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Texto Instrucional

Serve para explicar quais os procedimentos a executar de forma a realizar determinada ação, ou a aplicar determinado produto.

Exemplos

- ☆ Receitas culinárias;
- ☆ Bulas de medicamentos;
- ☆ Manuais de instrução de aparelhos eletrônicos;
- ☆ Guias e mapas rodoviários;
- ☆ Editais de concursos públicos;
- ☆ Manuais de jogos, dentre outros.

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Características

- ⇨ Linguagem clara e objetiva;
- ⇨ Verbos no imperativo ou no infinitivo;
- ⇨ Informações simples e precisas;
- ⇨ Frases curtas;
- ⇨ Dá instruções que permitam ao leitor concretizar corretamente uma ação, mesmo que pela primeira vez.

Estrutura

Vai depender do gênero textual. (Seguem dois exemplos)

Manual de Instruções

- ✓ Título (nome do produto);
- ✓ Descrição do produto;
- ✓ Procedimentos antes do uso;
- ✓ Modo de operação;
- ✓ Solução de problemas.

Receita Culinária

- Título (nome do prato);
- Ingredientes necessários;
- Modo de preparo.

Abaixo Assinado

Tipo de solicitação coletiva feita em um documento para pedir algo de interesse comum a uma autoridade ou para manifestar apoio a alguém ou demonstrar queixa ou protesto coletivo.

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Características

- Utiliza-se a norma-padrão;
- Geralmente são empregados verbos no presente do indicativo;
- Usa-se a 1ª pessoa do plural, quando se busca maior pessoalidade, e a 3ª pessoa do plural, quando se busca maior impessoalidade;
- Possui uma sequência textual predominantemente argumentativa;

Estrutura

Vocativo

Espaço no qual deverá conter o nome do destinatário e/ou o cargo, seguido do pronome de tratamento adequado.

Corpo do Texto

Apresenta a exposição dos argumentos propriamente ditos, acompanhados das respectivas solicitações que os justifiquem.

Local, Data e Assinaturas

Junto das assinaturas é possível conter dados pessoais, tais como o documento de identidade, endereço, entre outros.

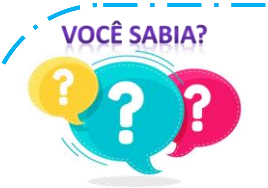

Abaixo-assinados Virtuais

- ✓ Atualmente, é possível encontrar petições virtuais de todos os tipos, como as de cunho político ou até mesmo para proteger o habitat de algum animal em extinção.
- ✓ Através de uma plataforma de petições, os usuários podem criar gratuitamente seu próprio abaixo-assinado e divulgá-los em redes sociais e sites em geral, tudo de forma gratuita.
- ✓ Os abaixo-assinados virtuais prestam o papel de pressionar os poderes instituídos por mudanças, mas faltam mecanismos legais para que a população possa fazer valer a sua vontade.
- ✓ ***Cuidado***, os abaixo-assinados virtuais podem ser utilizados para roubar dados dos assinantes.

Abaixo Assinado

Crase

É a união da preposição “a” com o artigo definido “a(s)”, ou com o “a” inicial dos pronomes demonstrativos “aquele(s)”, “aquela(s)” e “aquilo”, ou, ainda, com o “a” inicial dos pronomes relativos “a qual” e “as quais”, indicados na escrita pelo uso do acento grave (`).

Pode ocorrer *crase antes de um substantivo masculino* desde que haja uma palavra feminina que se encontre subentendida, como no caso das locuções “à moda de” e “à maneira de”.

Obrigatória

→ ***Antes de palavras femininas:*** à ➢ feminino = ao ➢ masculino.

→ ***Antes de expressões adverbiais, locuções prepositivas e conjuntivas:*** à noite, à direita, às vezes, à parte, à media que, etc.

→ ***Antes de horas:*** indicação exata e determinada.

→ ***Expressões de modo ou circunstância:*** transmite clareza.

→ ***Antes de nomes de localidades:*** se estiver determinado ou sempre que se substituir a preposição A por DE ou EM = DA, NA.

→ ***Antes da palavra terra:*** sentido de Planeta Terra ou localidade determinada.

→ ***Antes da palavra casa:*** quando determinada.

→ ***Expressões de modo ou circunstância:*** transmite clareza.

Proibida

→ ***Antes de substantivos masculinos:*** não admitem o artigo A, apenas O (usa-se AO).

→ ***Antes de verbos:*** não admitem uso de artigo, apenas preposição.

→ ***Antes da maioria dos pronomes:*** pessoais, demonstrativos, de tratamento, indefinidos e relativos.

→ ***Antes de palavra repetidas:*** mesmo que femininas, não se usa.

→ ***Antes de nomes de cidades:*** (feminino) desde que não esteja determinada.

→ ***Diante de substantivos no plural:*** exceto se especificados pelo artigo AS.

→ ***Diante de numerais:*** Exceto no caso de horas.

Facultativa

→ ***Antes de nomes de mulheres:*** desde que não sejam célebres.

→ ***Antes de pronomes possessivos:*** minha, nossa, sua, tua, vossa.

→ ***Depois da preposição ATÉ:*** desde que anteceda substantivo feminino.

→ ***Pronomes de tratamento:*** APENAS senhora, senhorita.

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Crase

Pode ocorrer *crase* *antes de um substantivo masculino* desde que haja uma palavra feminina que se encontre subentendida, como no caso das locuções "à moda de" e "à maneira de".

É a união da preposição "a" com o artigo definido "a(s)", ou com o "a" inicial dos pronomes demonstrativos "aquele(s)", "aquela(s)" e "aquilo", ou, ainda, com o "a" inicial dos pronomes relativos "a qual" e "as quais", indicados na escrita pelo uso do acento grave (`).

Obrigatória

→ ***Antes de palavras femininas:*** à ➢ feminino = ao ➢ masculino.

→ ***Antes de expressões adverbiais, locuções prepositivas e conjuntivas:*** à noite, à direita, às vezes, à parte, à media que, etc.

→ ***Antes de horas:*** indicação exata e determinada.

→ ***Expressões de modo ou circunstância:*** transmite clareza.

→ ***Antes de nomes de localidades:*** se estiver determinado ou sempre que se substituir a preposição A por DE ou EM = DA, NA.

→ ***Antes da palavra terra:*** sentido de Planeta Terra ou localidade determinada.

→ ***Antes da palavra casa:*** quando determinada.

→ ***Expressões de modo ou circunstância:*** transmite clareza.

Proibida

→ ***Antes de substantivos masculinos:*** não admitem o artigo A, apenas O (usa-se AO).

→ ***Antes de verbos:*** não admitem uso de artigo, apenas preposição.

→ ***Antes da maioria dos pronomes:*** pessoais, demonstrativos, de tratamento, indefinidos e relativos.

→ ***Antes de palavra repetidas:*** mesmo que femininas, não se usa.

→ ***Antes de nomes de cidades:*** (feminino) desde que não esteja determinada.

→ ***Diante de substantivos no plural:*** exceto se especificados pelo artigo AS.

→ ***Diante de numerais:*** Exceto no caso de horas.

Facultativa

→ ***Antes de nomes de mulheres:*** desde que não sejam célebres.

→ ***Antes de pronomes possessivos:*** minha, nossa, sua, tua, vossa.

→ ***Depois da preposição ATÉ:*** desde que anteceda substantivo feminino.

→ ***Pronomes de tratamento:*** APENAS senhora, senhorita.

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Crase

É a união da preposição "a" com o artigo definido "a(s)", ou com o "a" inicial dos pronomes demonstrativos "aquele(s)", "aquela(s)" e "aquilo", ou, ainda, com o "a" inicial dos pronomes relativos "a qual" e "as quais", indicados na escrita pelo uso do acento grave (`).

Pode ocorrer *crase antes de um substantivo masculino* desde que haja uma palavra feminina que se encontre subentendida, como no caso das locuções "à moda de" e "à maneira de".

Obrigatória

→ ***Antes de palavras femininas:*** à ➢ feminino = ao ➢ masculino.

→ ***Antes de expressões adverbiais, locuções prepositivas e conjuntivas:*** à noite, à direita, às vezes, à parte, à media que, etc.

→ ***Antes de horas:*** indicação exata e determinada.

→ ***Expressões de modo ou circunstância:*** transmite clareza.

→ ***Antes de nomes de localidades:*** se estiver determinado ou sempre que se substituir a preposição A por DE ou EM = DA, NA.

→ ***Antes da palavra terra:*** sentido de Planeta Terra ou localidade determinada.

→ ***Antes da palavra casa:*** quando determinada.

→ ***Expressões de modo ou circunstância:*** transmite clareza.

Proibida

→ ***Antes de substantivos masculinos:*** não admitem o artigo A, apenas O (usa-se AO).

→ ***Antes de verbos:*** não admitem uso de artigo, apenas preposição.

→ ***Antes da maioria dos pronomes:*** pessoais, demonstrativos, de tratamento, indefinidos e relativos.

→ ***Antes de palavra repetidas:*** mesmo que femininas, não se usa.

→ ***Antes de nomes de cidades:*** (feminino) desde que não esteja determinada.

→ ***Diante de substantivos no plural:*** exceto se especificados pelo artigo AS.

→ ***Diante de numerais:*** Exceto no caso de horas.

Facultativa

→ ***Antes de nomes de mulheres:*** desde que não sejam célebres.

→ ***Antes de pronomes possessivos:*** minha, nossa, sua, tua, vossa.

→ ***Depois da preposição ATÉ:*** desde que anteceda substantivo feminino.

→ ***Pronomes de tratamento:*** APENAS senhora, senhorita.

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Metalinguagem

É a linguagem que descreve sobre ela mesma. Ou seja, ela utiliza o próprio código para explicá-lo.

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Onde está
a poesia? indaga-se
por toda parte. E a poesia
vai à esquina comprar jornal.
(Ferreira Gullar)

Desenho

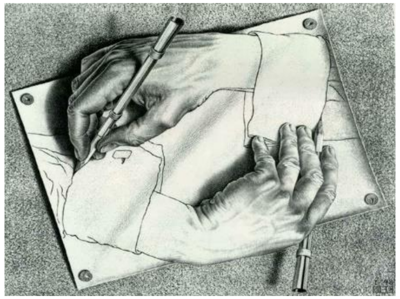

Pintura

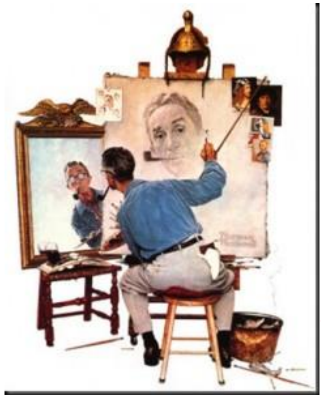

Poesia

Música

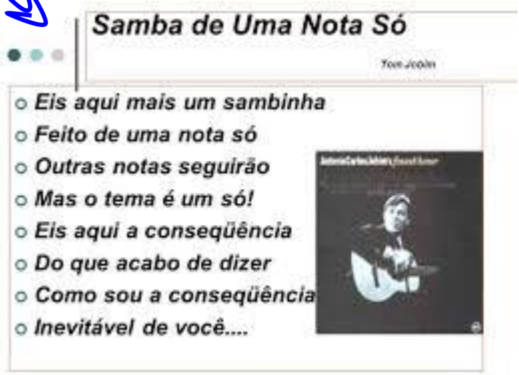

Samba de Uma Nota Só

Tom Jobim

- *Eis aqui mais um sambinha*
- *Feito de uma nota só*
- *Outras notas seguirão*
- *Mas o tema é um só!*
- *Eis aqui a conseqüência*
- *Do que acabo de dizer*
- *Como sou a conseqüência*
- *Inevitável de você....*

Cinema

Gramática

O imperativo
Que aperta os outros
E deixa mudo

Imperativo

É o modo verbal que exprime ordem, pedido, conselho, proibição.

(TUFANO, 2004, p. 242)

Propaganda

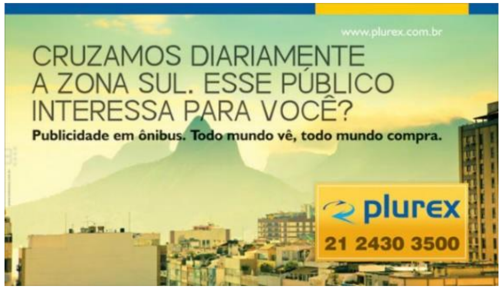

www.plurex.com.br

CRUZAMOS DIARIAMENTE A ZONA SUL. ESSE PÚBLICO INTERESSA PARA VOCÊ?

Publicidade em ônibus. Todo mundo vê, todo mundo compra.

plurex
21 2430 3500

Parnasianismo Português

Foi um movimento literário restrito baseado no parnasianismo francês e no lema “arte pela arte”. O poeta João Penha (1838-1919) é considerado o introdutor do movimento no país.

Características

- ✓ Linguagem objetiva e impessoal
- ✓ Descrição visual
- ✓ Estilo ornado e culto
- ✓ Preocupação com a estética
- ✓ Perfeição formal
- ✓ Metrificação e versificação
- ✓ Preciosismo (palavras e rimas raras)
- ✓ Espírito científico
- ✓ Temas da realidade cotidiana
- ✓ Valorização dos temas clássicos
- ✓ Preferência pelas formas poéticas fixas (soneto)

Contexto Histórico

- ☆ Desenvolvimento de teorias científicas na Europa;
- ☆ Darwinismo (acreditava na dominação dos mais fortes sobre os mais fracos);
- ☆ Comunismo;
- ☆ Determinismo (crendo que o homem era influenciado por meio social, sua raça e pelo momento histórico que vivia);
- ☆ Positivismo (pregava que toda teoria deveria ter um fundamento científico).

Representantes

João Penha (1838-1919):
Rimas (1882), *Novas Rimas* (1905) e *Últimas Rimas* (1919).

Gonçalves Crespo (1846-1883):
Miniaturas (1870), *Nocturnos* (1882) e *Obras Completas* (1887).

António Feijó (1859-1917):
Transfigurações (1862), *Líricas e Bucólicas* (1884) e *Ilha dos Amores* (1897).

Cesário Verde (1855-1886):
“*Nós*” (1884) e a compilação póstuma de seus poemas “*O Livro de Cesário Verde*”

ALERTA

Em Portugal, *não apresentou um projeto consistente*. Por isso, é, comumente, integrado à produção do realismo-naturalismo português (1865-1900).

“Para alguém sou a vida e a luz dos olhos,
E, se na Terra existe, é porque existo”
Gonçalves Crespo

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Parnasianismo Brasileiro

Foi um estilo poético que marcou a elite literária brasileira do final do século XIX, já que, entre os fundadores da Academia Brasileira de Letras, criada em 1897, a maioria dos poetas eram parnasianos.

Características

- ✓ Arte pela arte
- ✓ Objetivismo e universalismo
- ✓ Cientificismo e positivismo
- ✓ Temas baseados na realidade (objetos e paisagens), fatos históricos, mitologia grega e cultura clássica
- ✓ Busca da perfeição
- ✓ Sacralidade e o culto à forma
- ✓ Preocupação com a estética, metrificação, versificação
- ✓ Utilização de rimas ricas e palavras raras
- ✓ Preferência por estruturas fixas (soneto)
- ✓ Descrição visual bem detalhada

Representantes

Teófilo Odorico Dias Mesquita (1854-1889): Flores e Amoras (1874), Cantos Tropicais (1878), Lira dos Verdes Anos (1878), A Comédia dos Deuses (1888).

Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac (1865-1918): Poesias (1888), Crônicas e Novelas (1894), Crítica e Fantasia (1904), Ironia e Piedade (1916), Tarde (1919).

Antônio Mariano de Oliveira (Alberto de Oliveira – 1857-1937): Canções Romântica (1878), Meridionais (1884), Poesias (1900), Céu, Terra e Mar (1914).

Raimundo da Motta de Azevedo Corrêa (1859-1911): Primeiros Sonhos (1879), Sinfonias (1883), Versos e Verões (1887), Aleluias (1891), Poesia (1898).

Contexto Histórico

- ☆ Decadência econômica açucareira;
- ☆ Crescimento do prestígio dos estados do sul;
- ☆ Descontentamento da classe burguesa em ascensão na época;
- ☆ Abolição da escravatura no Brasil, em 1888;
- ☆ Proclamação da República brasileira, em 1889.

ALERTA

O Parnasianismo foi contemporâneo do Realismo e do Naturalismo. Teve como marco inicial a publicação da obra "*Fanfarras*", de Teófilo Dias, em 1882.

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

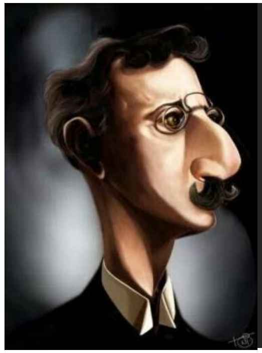

> "Há quem me julgue perdido,
> porque ando a ouvir estrelas.
> Só quem ama tem ouvidos
> para ouvi-las e entendê-las"
> Olavo Bilac

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTE
NÚCLEO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DE GUARAPUAVA
USINA DE CONHECIMENTO DE GUARAPUAVA – UD

ORTOGRAFIA

ORTHOS - (correta) + GRAFIA (escrita) » escrita correta

A função da ortografia é o emprego correto das letras e dos sinais gráficos na língua escrita, ou seja, definir normas as quais as palavras devem ser escritas corretamente.

I -**Teresinha**, a esposa do **camponês inglês**, avisou que cantaria de **improviso**.
II -**Aterrorizada** pela **embriaguez** do marido, a **mulherzinha** não fez a **limpeza**.

01. Usa-se o **sufixo** indicador de diminutivo **INHO** com s quando esta letra fizer parte do radical da palavra de origem; com **z** quando a palavra de origem não tiver o radical terminado em **s**:

A.Teresa = ____________________________________
B.Casa = ______________________________________
C.Mulher = ____________________________________
D.Pão = _______________________________________

02. Os verbos terminados em **ISAR** serão escritos com s quando esta letra fizer parte do radical da palavra de origem; os terminados em **IZAR** serão escritos com **z** quando a palavra de origem não tiver o radical terminado em **s**:

A.improviso = _________________________________
B.análise = ___________________________________
C.pesquisa = __________________________________
D.terror = ____________________________________
E.útil = ______________________________________
F.economia = __________________________________

03. As palavras terminadas em **ÊS e ESA** serão escritas com s quando indicarem **nacionalidade, títulos** ou **nomes próprios**; as terminadas em **EZ e EZA** serão escritas com **z** quando forem substantivos abstratos provindos de adjetivos, ou seja, quando indicarem qualidade:

A.Camponês = __________________________________
B.Inglês= _____________________________________
C.Embriaguez = ________________________________
D.Limpeza = ___________________________________

O **excesso** de **concessões** dava a **impressão** de **compromisso** com o **progresso**.

04. Os verbos terminados em **CEDER** terão palavras derivadas escritas com **CESS**:

A.exceder = ___________________________________
B.conceder = __________________________________
C.proceder = __________________________________

05. Os verbos terminados em **PRIMIR** terão palavras derivadas escritas com **PRESS**:

A.imprimir = __________________________________

B.deprimir = ______________________________
C.comprimir = _____________________________

06. Os verbos terminados em **GREDIR**terão palavras derivadas escritas com **GRESS**:
A.progredir = ______________________________________
B.agredir = ____
C.transgredir = _____________________________________

07. Os verbos terminados em **METER** terão palavras derivadas escritas com **MISS** ou **MESS**:
A.comprometer = _____________________________________
B.prometer = ____
C.intrometer = _______________________________________
D.remeter = ____

Para que os filhos se **encorajem**, o **lojista** come **jiló** com **canjica**.

08. Escreve-se com **j** a conjugação dos verbos terminados em **JAR**:
A.Viajar = Espero que eles ______________________________.
B.Encorajar = Para que eles se __________________________.
C.Enferrujar = Que não se ________________________as portas.

09. Escrevem-se com **j** as palavras derivadas de vocábulos terminados em **JA**:
A.loja = _______________________
B.canja = ______________________
C.sarja = ______________________
D.gorja = ______________________

OBS.:Escrevem com j as palavras de origem tupi-guarani = Jiló / Jiboia / Jirau

O **relógio** que ele trouxe da **viagem** ao **México** em uma **caixa** de madeira caiu na **enxurrada**.

10. Escrevem-se com **g** as palavras terminadas em **ÁGIO, ÉGIO, ÍGIO, ÓGIO, ÚGIO**:
A.pedá ________io B.sacrilé ______io C.prestí______io
D.reló______io E.refú______io

11. Escrevem-se com **g** os substantivos terminados em **GEM**:
A.a via______em B.a cora______em C.a ferru______em
Exceções: pajem, lambujem

12. Palavras iniciadas por **ME** serão escritas com **x**:
A.Me______erica B. Mé______ ico C. Me______ilhão D. Me______er
Exceção: mecha de cabelos

12. As palavras iniciadas por **EN** serão escritas com **x**, a não ser que provenham de vocábulos iniciados por **ch**:
A.En______ada B.En______erto C.En______urrada
D,En______er **(provém de cheio)** E. En______umaçar **(provém de chumaço)**

13. Usa-s **x** após ditongo:
A.amei______a B. cai______a C. pei______e

Exceções: recauchutar, guache

14. VIR / VIER. Vir - futuro do subjuntivo do verbo ver. **Vier** - futuro do subjuntivo do verbo vir
Complete as frases usando *vir* ou *vier* :

A. Quando ela ________________, todos deverão levantar-se.
B. Se você ________________algum erro, deverá denunciá-lo.
C. Se você _________________a professora, chame-a.
D. Se ela ___________________ isso, certamente chamará sua atenção.
E. Quem _________________à festa do dia 1ª de maio, não se esqueça de trazer um par.
F. Se o professor _________________você trabalhando desse modo, vai repreendê-lo.
G. Se o aluno _____________________só, não poderá entrar na escola.

15. TÃO POUCO / TAMPOUCO

A expressão TÃO POUCO acompanha um *substantivo;* e a palavra "pouco", no caso, é variável.
Exemplos:
Eu tive tão *pouco tempo* para preparar a festa de 1º de maio!
Ele estava com *tão pouca* disposição para o trabalho!

A expressão TAMPOUCO se refere a um verbo: é, portanto, invariável e significa "*também não*".
Exemplo:
Se a professora não resolveu o problema, *tampouco* o inspetor resolverá.

Complete as frases corretamente.

A. Eu tive __________________________oportunidades!
B. Tenho__________________________alunos, que cabem todos naquela salinha.
C. Ele não veio; __________________________virão seus amigos.
D. Eu tenho __________________________tempo para estudar.
E. Nunca tive gosto para dançar; __________________________para tocar piano.
F. As pessoas que não amam, __________________________são felizes.
G. As pessoas têm__________________________atitudes de amizade.
H. O governo daquele país não resolve seus problemas, _______________se preocupa em resolvê-los.

16. À-TOA / À TOA.

À-TOA: é adjetivo (invariável), vem com hífen e exige crase. Significa: impensado, inútil, fácil, desprezível, insignificante. Exemplo: Eram comentários *à-toa!*
À TOA é locução adverbial, com crase. Significa: ao acaso, sem fazer nada. Exemplos: Ninguém vem ao mundo *à toa.*

Complete as frases corretamente.

A. Mas que sujeito ____________________________ !
B. Essa é uma afirmação _________________________ .
C. Estava _______________ na vida, o meu amor me chamou.

Org. Neusa Moro

Qconcursos.com

PORTUGUÊS

Interpretação de texto

Tipologia textual – parte II

Profª. Isabel Vega

Qconcursos.com

Tipo dissertativo – exposição de ideias

a) expositivo → informação
b) argumentativo → defesa de opinião.

Exemplo: trecho de "Nós, escravocratas", de Cristovam Buarque.

"Há exatos cem anos, saía da vida para a história um dos maiores brasileiros de todos os tempos: o pernambucano Joaquim Nabuco. Político que ousou pensar, intelectual que não se omitiu em agir, pensador e ativista com causa, principal artífice da abolição do regime escravocrata no Brasil.

Apesar da vitória conquistada, Joaquim Nabuco reconhecia:

Qconcursos.com

Tipologia textual – parte II

"Acabar com a escravidão não basta. É preciso acabar com a obra da escravidão", como lembrou na semana passada Marcos Vinicios Vilaça, em solenidade na Academia Brasileira de Letras.

Mas a obra da escravidão continua viva, sob a forma da exclusão social: pobres, especialmente negros, sem terra, sem emprego, sem casa, sem água, sem esgoto, muitos ainda sem comida; sobretudo sem acesso à educação de qualidade. Ainda que não aceitemos vender, aprisionar e condenar seres humanos ao trabalho forçado pela escravidão – mesmo quando o trabalho escravo permanece em diversas partes do território brasileiro –, por falta de qualificação, condenamos milhões ao desemprego ou ao trabalho humilhante."

Qconcursos.com

Tipologia textual – parte II

IV) Injuntivo / Instrucional → direcionamento da ação

Nesse tipo de texto, há a condução do leitor pelo autor. É muito empregado o modo imperativo.

a) **diretivo** – orientação de comportamentos

Exemplo:

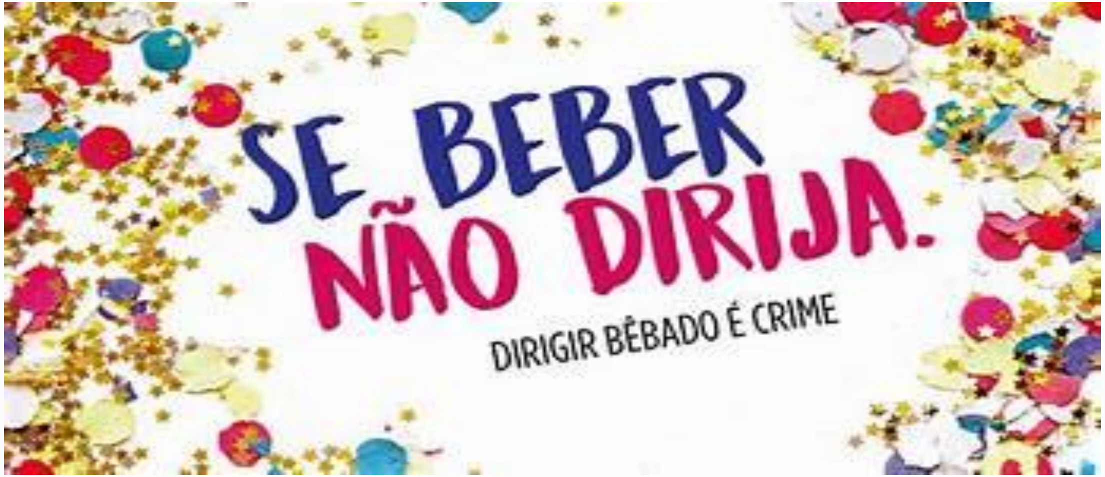
SE BEBER
NÃO DIRIJA.
DIRIGIR BÊBADO É CRIME

Qconcursos.com

Tipologia textual – parte II

b) preditivo – antecipação de ações futuras

Exemplo: trecho de horóscopo.

"Você tem em mente muitos projetos novos, porém para implantá-los terá necessidade de abrir mão de alguma coisa, se quiser dar conta de tudo. Saiba eleger as prioridades e deixe para mais tarde as coisas que não têm tanta urgência. Aproveite as energias desta semana para fortalecer os relacionamentos pessoais que você tem negligenciado em algumas ocasiões. Mantenha as suas conexões aprendendo a ser tolerante com aqueles que pensam de forma diferente e se enriqueça com as suas sugestões e conselhos."

Qconcursos.com

Tipologia textual – parte II

OBS.1: Poesia e Prosa são formas literárias. Existem, por exemplo, poemas descritivos, narrativos, argumentativos e injuntivos.

OBS.2: Gêneros literários: épico/narrativo, lírico e dramático.

Realismo Português

Foi um movimento artístico e cultural desenvolvido nos anos de 1960. A corrente criticava o Romantismo e a estrutura social que estava em vigor desde então. Desejava a renovação dos valores e tentava contribuir para que o país alcançasse os ideais do mundo moderno.

Contexto Histórico

- ☆ Desenvolvimento de teorias científicas na Europa;
- ☆ Darwinismo (acreditava na dominação dos mais fortes sobre os mais fracos);
- ☆ Comunismo;
- ☆ Determinismo (crendo que o homem era influenciado por meio social, sua raça e pelo momento histórico que vivia);
- ☆ Positivismo (pregava que toda teoria deveria ter um fundamento científico).

Características

Ênfase nas ideias socialistas e de revolução;
Objetivismo e cientificismo;
Preocupação com a realidade imediata de Portugal;
Foco na vida cotidiana e destaque para as pessoas comuns;
Ataque aos falsos valores;
Rejeição ao clérigo e a monarquia;
Negação da idealização;
Opiniões objetivas.

Representantes

Antero de Quental (1842 - 1891): Odes Modernas (1865); Bom Senso e Bom Gosto (cartas de 1865); A Dignidade das Letras e as Literaturas Oficiais (1865); Defesa da Carta Encíclica de Sua Santidade Pio IX (1865); Causas da decadência dos povos peninsulares (1871).

José Maria de Eça de Queiroz (1845 - 1900): O Mistério da Estrada de Sintra (1870); O Crime do Padre Amaro (1875); A Tragédia da Rua das Flores (1877-78); O Primo Basílio (1878); O Mandarim (1880); A Relíquia (1887); Os Maias (1888).

Políticos e fraldas devem ser trocados de tempos em tempos pelo mesmo motivo.

Eça de Queirós

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Realismo Brasileiro

Marcado pelo objetivismo, pela veracidade e pela denúncia social, o Realismo brasileiro tem início com a obra de Machado de Assis "Memórias Póstumas de Brás Cubas", publicada em 1881.

Contexto Histórico

- Decadência econômica açucareira;
- Crescimento do prestígio dos estados do sul;
- Descontentamento da classe burguesa em ascensão na época;
- Abolição da escravatura no Brasil, em 1888;
- Proclamação da República brasileira, em 1889.

Representantes

Machado de Assis (1839-1908) foi o principal autor do movimento literário Realismo no Brasil. Entre suas obras destacam-se: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro*, *Esaú e Jacó* e *Memorial de Aires*.

Raul Pompeia (1863-1895) destaca-se com sua obra *O Ateneu*

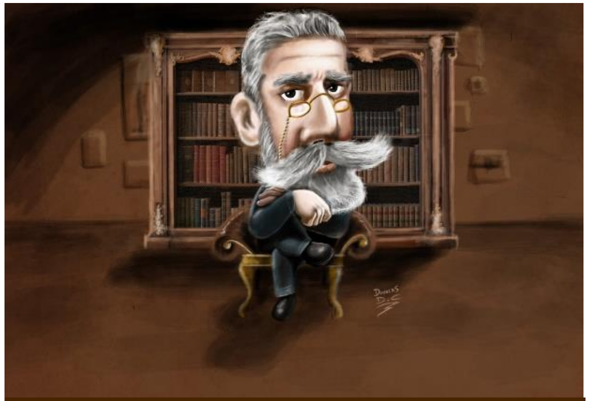

Palavra puxa palavra, uma ideia traz outra, e assim se faz um livro, um governo ou uma revolução...

Machado de Assis

Características

- ✓ Realidade como fundamento;
- ✓ Temas do cotidiano, egoísmo, adultério;
- ✓ Destaque da classe trabalhadora nas obras;
- ✓ Descrição, análise e crítica da sociedade;
- ✓ Fiel no trato dos personagens, excesso de detalhes;
- ✓ Objetividade e materialismo;
- ✓ Personagens analisados psicologicamente;
- ✓ Enredo em 3ª pessoa – onisciente, imparcial e impessoal;
- ✓ Demonstração dos defeitos e detalhes da mulher
- ✓ Subordinação do amor aos interesses sociais
- ✓ Heróis são mostrados como pessoas comuns, com defeitos, incertezas e manias
- ✓ Críticas às instituições sociais e aos valores burgueses
- ✓ Universalismo e cientificismo

Claudenice Melo

Professora de Língua Portuguesa

Exercícios de Português
Interpretação de Textos – Lista 2

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES.

(Fuvest) "Vivemos mais uma grave crise, repetitiva dentro do ciclo de graves crises que ocupa a energia desta nação. A frustração cresce e a desesperança não cede. Empresários empurrados à condição de liderança oficial se reúnem em eventos como este, para lamentar o estado de coisas. O que dizer sem resvalar para o pessimismo, a crítica pungente ou a auto-absolvição?

É da história do mundo que as elites nunca introduziram mudanças que favorecessem a sociedade como um todo. Estaríamos nos enganando se achássemos que estas lideranças empresariais aqui reunidas teriam a motivação para fazer a distribuição de poderes e rendas que uma nação equilibrada precisa ter. Aliás, é ingenuidade imaginar que a vontade de distribuir renda passe pelo empobrecimento da elite. É também ocioso pensar que nós, da tal elite, temos riqueza suficiente para distribuir. Faço sempre, para meu desânimo, a soma do faturamento das nossas mil maiores e melhores empresas, e chego a um número menor do que o faturamento de apenas duas empresas japonesas. Digamos, a Mitsubishi e mais um pouquinho. Sejamos francos. Em termos mundiais somos irrelevantes como potência econômica, mas ao mesmo tempo extremamente representativos como população. "

("Discurso de Semler aos Empresários", Folha de S. Paulo, 11/09/91)

1. Segundo se depreende do texto, é possível afirmar que:
a) toda mudança social provém do esforço conjunto das elites do país;
b) nenhum povo é capaz de alterar suas estruturas sem o apoio das elites;
c) as elites empresariais, produzindo riquezas, aceleram as mudanças sociais;
d) em qualquer tempo, as elites sempre se dispõem a participar do processo de distribuição de renda;
e) não é próprio das elites lançar projetos que estimulem mudanças na sociedade como um todo.

2. Segundo o espírito do texto, pode-se dizer também que, no Brasil, só não há melhor distribuição de renda:
a) por falta de uma política econômica melhor dirigida;
b) porque não é do interesse das elites, nem têm elas possibilidades de favorecer essa distribuição;
c) porque as elites estão sempre com um pé atrás, desconfiadas do poder público;
d) porque os recursos acumulados, embora suficientes, são manipulados pelas elites;
e) porque, se assim fosse feito, as elites reagiriam ao processo de seu empobrecimento.

3. O texto permite afirmar que:
a) potência mundial de peso, o Brasil está entre as maiores economias do primeiro mundo;
b) economicamente, o Brasil não tem relevo como potência de primeira ordem;
c) as dificuldades do Brasil são conjunturais e se devem especialmente às pressões internacionais;
d) as indústrias de ponta no Brasil estão entre as que têm mais alto faturamento universal;
e) só o idealismo do empresariado brasileiro pode reerguer nosso potencial econômico.

4. O ciclo de crises vivido pelo Brasil, segundo o texto, constitui:
a) um componente instigante para vencer nossas dificuldades;
b) fator conhecido e repetitivo, desimportante de nossa história;
c) algo que não passa de invenção de pessimistas desocupados;
d) recurso eficaz para chamar a atenção para a nossa realidade;
e) outra forma de desgaste e de consumo de nossas energias.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES.

(ITA) As questões a seguir referem-se ao texto adiante. Analise-as e assinale, para cada uma, a alternativa incorreta.

Hino Nacional

Carlos Drummond de Andrade

Precisamos descobrir o Brasil!
Escondido atrás das florestas,
com a água dos rios no meio,
o Brasil está dormindo, coitado.
Precisamos colonizar o Brasil.

Precisamos educar o Brasil.
Compraremos professôres e livros,
assimilaremos finas culturas,
abriremos 'dancings' e
[subconvencionaremos as elites.
O que faremos importando francesas
muito louras, de pele macia
alemãs gordas, russas nostálgicas para
'garçonettes' dos restaurantes noturnos.
E virão sírias fidelíssimas.
Não convém desprezar as japonêsas...

Cada brasileiro terá sua casa
com fogão e aquecedor elétricos, piscina,
salão para conferências científicas.

E cuidaremos do Estado Técnico.

Precisamos louvar o Brasil.
Não é só um país sem igual.
Nossas revoluções são bem maiores
do que quaisquer outras; nossos erros
[também.
E nossas virtudes? A terra das sublimes
[paixões...
os Amazonas inenarráveis... os incríveis
[João-Pessoas...

Precisamos adorar o Brasil!
Se bem que seja difícil caber tanto oceano
[e tanta solidão
no pobre coração já cheio de
[compromissos...
se bem que seja difícil compreender o que
[querem êsses homens,
por que motivo êles se ajuntaram e qual a
[razão de seus sofrimentos.

Precisamos, precisamos esquecer o Brasil!
Tão majestoso, tão sem limites, tão
[despropositado,
êle quer repousar de nossos terríveis
[carinhos.
O Brasil não nos quer! Está farto de nós!
Nosso Brasil é o outro mundo. Êste não é o
[Brasil.
Nenhum Brasil existe. E acaso existirão os
[brasileiros?

5. a) Geograficamente se denomina uma região com a água dos rios no meio (v.3) de 'mesopotâmica'.
b) 'E nossas virtudes?' (v.24) não tem sentido de indagação apenas.
c) Quando o Autor afirma 'Precisamos adorar' (v.26), ele não quer dizer que não o fazemos, só que o fazemos erradamente; isto se comprova com a afirmação 'terríveis carinhos'.
d) A proposta de educação para o Brasil (segunda estrofe) traz desnacionalização.
e) A Nação rejeita seus componentes (última estrofe).

6. a) Não são propriamente as japonesas (v.15) que são reticentes e sim o julgamento que sobre elas se faz.
b) O poema não parece confirmar a lenda das amazonas (v.25).
c) A carência brasileira não é só de bem-estar físico.
d) Nesse Hino os versos são brancos.
e) Através de 'Precisamos' (no início de quase todas as estrofes) são introduzidos verbos que, no decorrer do poema, vão num crescendo cujo clímax está na estrofe final.

7. a) Esse hino não tem o tom épico do Hino Nacional brasileiro.
b) Nesse hino predomina a função conativa (ou imperativa), ele é normativo.
c) O hino de Drummond é tão ufanista quanto o Hino Nacional brasileiro.
d) Diferentemente do Hino Nacional brasileiro, este não tem estribilho.
e) O ritmo também marca distância entre o Hino Nacional do Brasil e o de Drummond.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO
(Pucsp) (...) Da garrafa estilhaçada,
no ladrilho já sereno
escorre uma coisa espessa
que é leite, sangue... não sei.
Por entre objetos confusos,
mal redimidos da noite,
duas cores se procuram,
suavemente se tocam,
amorosamente se enlaçam,
formando um terceiro tom
a que chamamos aurora.
Carlos Drummond de Andrade

8. No fragmento anterior, Carlos Drummond de Andrade constrói, poeticamente, a aurora. O que permite visualizar este momento do dia corresponde:
a) a objetos confusos mal redimido da noite.
b) à garrafa estilhaçada e ao ladrilho sereno.
c) à aproximação suave de dois corpos.
d) ao enlace amoroso de duas cores.
e) ao fluir espesso do sangue sobre o ladrilho.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES.
(Fuvest) Além de parecer não ter rotação, a Terra parece também estar imóvel no meio dos céus. Ptolomeu dá argumentos astronômicos para tentar mostrar isso. Para entender esses argumentos, é necessário lembrar que, na antigüidade, imaginava-se que todas as estrelas (mas não os planetas) estavam distribuídas sobre uma superfície esférica, cujo raio não parecia ser muito superior à distância da Terra aos planetas. Suponhamos agora que a Terra esteja no centro da esfera das estrelas. Neste caso, o céu visível à noite deve abranger, de cada vez, exatamente a metade da esfera das estrelas. E assim parece realmente ocorrer: em qualquer noite, de horizonte a horizonte, é possível contemplar, a cada instante, a metade do zodíaco. Se, no entanto, a Terra estivesse longe do centro da esfera estrelar, então o campo de visão à noite não seria, em geral, a metade da esfera: algumas vezes poderíamos ver mais da metade, outras vêzes poderíamos ver menos da metade do zodíaco, de horizonte a horizonte. Portanto, a evidência astronômica parece indicar que a Terra está no

centro da esfera de estrelas. E se ela está sempre nesse centro, ela não se move em relação às estrelas.

(Roberto de A. Martins, Introdução geral ao Commentariolus de Nicolau Copernico)

9. O terceiro período ("Para entender esses... da Terra aos planetas.") representa, no texto,
a) o principal argumento de Ptolomeu.
b) o pressuposto da teoria de Ptolomeu.
c) a base para as teorias posteriores à de Ptolomeu.
d) a hipótese suficiente para Ptolomeu retomar as teorias anteriores.
e) o fundamento para o desmentido da teoria de Ptolomeu.

10. Expressões que, no texto, denunciam subjetividade na apresentação dos fatos são:
a) parece também estar imóvel - dá argumentos - é necessário lembrar.
b) é necessário lembrar - imaginava-se - suponhamos.
c) imaginava-se - esteja - deve abranger.
d) tentar mostrar - suponhamos - parece realmente ocorrer.
e) parece realmente ocorrer - é possível contemplar - não se move.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES.

(Fuvest) - Haveis de entender, começou ele, que a virtude e o saber têm duas existências paralelas, uma no sujeito que as possui, outra no espírito dos que o ouvem ou contemplam. Se puserdes as mais sublimes virtudes e os mais profundos conhecimentos em um sujeito solitário, remoto de todo contato com outros homens, é como se eles não existissem. Os frutos de uma laranjeira, se ninguém os gostar, valem tanto como as urzes e plantas bravias, e, se ninguém os vir, não valem nada; ou, por outras palavras mais enérgicas, não há espetáculo sem espectador. Um dia, estando a cuidar nestas coisas, considerei que, para o fim de alumiar um pouco o entendimento, tinha consumido os meus longos anos, e, aliás, nada chegaria a valer sem a existência de outros homens que me vissem e honrassem; então cogitei se não haveria um modo de obter o mesmo efeito, poupando tais trabalhos, e esse dia posso agora dizer que foi o da regeneração dos homens, pois me deu a doutrina salvadora.

(Machado de Assis, O segredo do bonzo)

11. De acordo com o texto,
a) os homens que sabem ouvir e contemplar tornam-se sábios e virtuosos.
b) a virtude e o saber adquirem existência quando compartilhados pelos homens.
c) a virtude e o saber existem no espírito do homem que consegue perceber a dualidade da existência.
d) a virtude e o saber, por terem realidades paralelas, devem ser conquistados individualmente.
e) o homem sábio e virtuoso, para iluminar-se, deve buscar uma vida isolada e contemplativa.

12. No texto, ao afirmar "então cogitei se não haveria um modo de obter o mesmo efeito, poupando tais trabalhos", a personagem:
a) expressa a intenção de divulgar seus conhecimentos, aproximando-se dos outros homens.
b) procura convencer o leitor a poupar esforços na busca do conhecimento.
c) demonstra que a virtude e o saber exigem muito trabalho dos homens.
d) resume no conceito da doutrina salvadora, desenvolvida no parágrafo.
e) exprime a idéia de que a admiração dos outros é mais importante do que o conhecimento em si.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES.

(Fuvest) Os principais problemas da agricultura brasileira referem-se muito mais à diversidade dos impactos causados pelo caráter truncado da modernização, do que à persistência de segmentos que dela teriam ficado imunes. Se hoje existem milhões de estabelecimentos agrícolas marginalizados, isso se deve muito mais à natureza do próprio processo de modernização, do que à sua suposta falta de abrangência.

(Folha de S. Paulo, 13/09/94, 2-2)

13. Segundo o texto,
a) o processo de modernização deve tornar-se mais abrangente para implementar a agricultura.
b) os problemas da agricultura resultam do impacto causado pela modernização progressiva do setor.
c) os problemas da agricultura resultam da inadequação do processo de modernização do setor.
d) segmentos do setor agrícola recusam-se a adotar processos de modernização.
e) os problemas da agricultura decorrem da não-modernização de estabelecimentos agrícolas marginalizados.

14. No trecho "à persistência de segmentos que dela teriam ficado imunes.", a expressão teriam ficado exprime:
a) o desejo de que esse fato não tenha ocorrido.
b) a certeza de que a imunidade à modernização é própria de estabelecimentos agrícolas marginalizados.
c) a hipótese de que esse fato tenha ocorrido.
d) a certeza de que esse fato realmente não ocorreu.
e) a possibilidade de a imunidade à modernização ser decorrente da persistência de certos segmentos.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO
(Fuvest) - Ah, não sabe? Não o sabes? Sabes-lo não?
- Esquece.
- Não. Como "esquece"? Você prefere falar errado? E o certo é "esquece" ou "esqueça"? Ilumine-me. Mo diga. Ensines-lo-me, vamos.
- Depende.
- Depende. Perfeito. Não o sabes.
Ensinar-me-lo-ias se o soubesses, mas não sabes-o.
- Está bem. Está bem. Desculpe. Fale como quiser.
(L.F. Veríssimo, Jornal do Brasil, 30/12/94)

15. O texto tem por finalidade
a) satirizar a preocupação com o uso e a colocação das formas pronominais átonas.
b) ilustrar ludicamente várias possibilidades de combinação de formas pronominais.
c) esclarecer pelo exemplo certos fatos da concordância de pessoa gramatical.
d) exemplificar a diversidade de tratamentos que é comum na fala corrente.
e) valorizar a criatividade na aplicação das regras de uso das formas pronominais.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO
(PUC-SP) Iria morrer, quem sabe naquela noite mesmo? E que tinha ele feito de sua vida? Nada. Levara toda ela atrás da miragem de estudar a pátria, por amá-la e querê-la muito, no intuito de contribuir para a sua felicidade e prosperidade. Gastara a sua mocidade nisso, a sua virilidade também; e, agora que estava na velhice, como ela o recompensava, como ela o premiava, como ela o condecorava? Matando-o. E o que não deixara de ver, de gozar, de fruir, na sua vida? Tudo. Não brincara, não pandegara, não amara - todo esse lado da existência que parece fugir um pouco à sua tristeza necessária, ele não vira, ele não provara, ele não experimentara.
Desde dezoito anos que o tal patriotismo lhe absorvia e por ele fizera a tolice de estudar inutilidades. Que lhe importavam os rios? Eram grandes? Pois se fossem... Em que lhe contribuiria para a felicidade saber o nome dos heróis do Brasil? Em nada... O importante é que ele tivesse sido feliz. Foi? Não. Lembrou-se das suas causas de tupi, do folklore, das suas tentativas agrícolas... Restava disso tudo em sua alma uma satisfação? Nenhuma! Nenhuma!

Lima Barreto

16. O trecho acima pertence ao romance O TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA, de Lima Barreto. Da personagem que dá título ao romance, podemos afirmar que:
a) foi um nacionalista extremado, mas nunca estudou com afinco as coisas brasileiras.
b) perpetrou seu suicídio, porque se sentia decepcionado com a realidade brasileira.
c) defendeu os valores nacionais, brigou por eles a vida toda e foi condenado à morte justamente pelos valores que defendia.
d) foi considerado traidor da pátria, porque participou da conspiração contra Floriano Peixoto.
e) era um louco e, por isso, não foi levado a sério pelas pessoas que o cercavam.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES.
(Fuvest) GOLS DE COCURUTO

O melhor momento do futebol para um tático é o minuto de silêncio. É quando os times ficam perfilados, cada jogador com as mãos nas costas e mais ou menos no lugar que lhes foi designado no esquema - e parados. Então o tático pode olhar o campo como se fosse um quadro negro e pensar no futebol como alguma coisa lógica e diagramável. Mas aí começa o jogo e tudo desanda. Os jogadores se movimentam e o futebol passa a ser regido pelo imponderável, esse inimigo mortal de qualquer estrategista. O futebol brasileiro já teve grandes estrategistas cruelmente traídos pela dinâmica do jogo. O Tim, por exemplo. Tático exemplar, planejava todo o jogo numa mesa de botão. Da entrada em campo até a troca de camisetas, incluindo o minuto de silêncio. Foi um técnico de sucesso mas nunca conseguiu uma reputação no campo à altura de sua reputação no vestiário. Falava um jogo e o time jogava outro. O problema do Tim, diziam todos, era que seus botões eram mais inteligentes do que seus jogadores.
(L. F. Veríssimo, O Estado de São Paulo, 23/08/93)

17. A tese que o autor defende é a de que, em futebol,
a) o planejamento tático está sujeito à interferência do acaso.
b) a lógica rege as jogadas.
c) a inteligência dos jogadores é que decide o jogo.
d) os momentos iniciais decidem como será o jogo.
e) a dinâmica do jogo depende do planejamento que o técnico faz.

18. No texto, a comparação do campo com um quadro negro aponta

a) o pessimismo do tático em relação ao futuro do jogo.
b) um recurso utilizado no vestiário.
c) a visão de jogo como movimento contínuo.
d) o recurso didático preferido pelo técnico Tim.
e) um meio de pensar o jogo como algo previsível.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 5 QUESTÕES.

(Fuvest) Conheci que Madalena era boa em demasia, mas não conheci tudo de uma vez. Ela se revelou pouco a pouco, e nunca se revelou inteiramente. A culpa foi minha, ou antes, a culpa foi desta vida agreste, que me deu uma alma agreste.

E, falando assim, compreendo que perco o tempo. Com efeito, se me escapa o retrato moral de minha mulher, para que serve esta narrativa? Para nada, mas sou forçado a escrever.

Quando os grilos cantam, sento-me aqui à mesa da sala de jantar, bebo café, acendo o cachimbo. Às vezes as idéias não vêm, ou vêm muito numerosas - e a folha permanece meio escrita, como estava na véspera. Releio algumas linhas, que me desagradam. Não vale a pena tentar corrigi-las. Afasto o papel.

Emoções indefiníveis me agitam - inquietação terrível, desejo doido de voltar, tagarelar novamente com Madalena, como fazíamos todos os dias, e esta hora. Saudade? Não, não é isto: é desespero, raiva, um peso enorme no coração.

Procuro recordar o que dizíamos. Impossível. As minhas palavras eram apenas palavras, reprodução imperfeita de fatos exteriores, e as dela tinham alguma coisa que não consigo exprimir. Para senti-las melhor, eu apagava as luzes, deixava que a sombra nos envolvesse até ficarmos dois vultos indistintos na escuridão.

Lá fora os sapos arengavam, o vento gemia, as árvores do pomar tornavam-se massas negras.

- Casimiro!

Casimiro Lopes estava no jardim, acocorado ao pé da janela, vigiando.

- Casimiro!

A figura de Casimiro Lopes aparece à janela, os sapos gritam, o vento sacode as árvores, apenas visíveis na treva. Maria das Dores entra e vai abrir o comutador. Detenho-a: não quero luz.

O tique-taque do relógio diminui, os grilos começam a cantar. E Madalena surge no lado de lá da mesa. Digo baixinho:

- Madalena!

A voz dela me chega aos ouvidos. Não, não é aos ouvidos. Também já não a vejo com os olhos.

Estou encostado na mesa, as mãos cruzadas. Os objetos fundiram-se, e não enxergo sequer a toalha branca.

- Madalena...

A voz de Madalena continua a acariciar-me. Que diz ela? Pede-me naturalmente que mande algum dinheiro a mestre Caetano. Isto me irrita, mas a irritação é diferente das outras, é uma irritação antiga, que me deixa inteiramente calmo. Loucura estar uma pessoa ao mesmo tempo zangada e tranqüila. Mas estou assim. Irritado contra quem? Contra mestre Caetano. Não obstante ele ter morrido, acho bom que vá trabalhar. Mandrião!

A toalha reaparece, mas não sei se é esta toalha que tenho sobre as mãos cruzadas ou a que estava aqui há cinco anos.

Rumor do vento, dos sapos, dos grilos. A porta do escritório abre-se de manso, os passos de seu Ribeiro afastam-se. Uma coruja pia na torre da igreja. Terá realmente piado a coruja? Será a mesma que piava há dois anos? Talvez seja até o mesmo pio daquele tempo.

Agora seu Ribeiro esta conversando com D. Glória no salão. Esqueço que eles me deixaram e que esta casa está quase deserta.

- Casimiro!

Penso que chamei Casimiro Lopes. A cabeça dele, com o chapéu de couro de sertanejo, assoma de quando em quando à janela, mas ignoro se a visão que me dá é atual ou remota.

Agitam-se em mim sentimentos inconciliáveis: encolerizo-me e enterneço-me; bato na mesa e tenho vontade de chorar.

Aparentemente estou sossegado: as mãos continuam cruzadas sobre a toalha e os dedos parecem de pedra. Entretanto ameaço Madalena com o punho. Esquisito.

Distingo no ramerrão da fazenda as mais insignificantes minudências. Maria das Dores, na cozinha, dá lição ao papagaio. Tubarão rosna acolá no jardim. O gado muge no estábulo.

O salão fica longe: para irmos lá temos de atravessar um corredor comprido. Apesar disso a palestra de seu Ribeiro e D. Glória é bastante clara. A dificuldade seria reproduzir o que eles dizem. É preciso admitir que estão conversando sem palavras.

Padilha assobia no alpendre. Onde andará Padilha?

Se eu convencesse Madalena de que ela não tem razão... Se lhe explicasse que é necessário vivermos em paz... Não me entende. Não nos entendemos. O que vai acontecer será muito diferente do que esperamos. Absurdo.

Há um grande silêncio. Estamos em julho. O nordeste não sopra e os sapos dormem. Quanto às corujas, Marciano subiu ao forro da igreja e acabou com elas a pau. E foram tapados os buracos de grilos.

Repito que tudo isso continua a azucrinar-me.

O que não percebo é o tique-taque do relógio. Que horas são? Não posso ver o mostrador assim às escuras. Quando me sentei aqui, ouviam-se as pancadas do pêndulo, ouviam-se muito bem. Seria conveniente dar corda ao relógio, mas não consigo mexer-me.

(Ramos, Graciliano, SÃO BERNARDO, Rio de Janeiro, Record, 1989)

19. Escolha a alternativa que explica melhor o que se está passando com a personagem-narrador, Paulo Honório.
a) Abandonado há pouco pela amada, encontra-se numa fase transitória de solidão.
b) Preocupado em compreender o que se passou, busca recompor a imagem difusa da amada.
c) Trata-se simplesmente de um sadomasoquista a escarafunchar sentimentos idos e vividos.
d) Percebe-se a existência de um homem de extrema sensibilidade, esmagado por um golpe da fatalidade.
e) Entre ele e a amada havia tal quantidade de problemas que a convivência se tornou impossível.

20. A leitura do texto mostra uma interpenetração de pessoas, fatos objetos e atos que se misturam, enquanto revelam uma escrita dificultosa na apreensão de uma realidade difusa. Dentre as respostas a seguir, qual seria a mais adequada para dar conta dessa aparência de caos?
a) Visando ao refinamento da escrita, o romancista embaralha intencionalmente os acontecimentos.
b) Trata-se de técnica modernista, empregada para traduzir confusão e embaralhamento.
c) A dificuldade decorre da natureza do assunto e do estado psicológico do narrador.
d) A interpretração é provocada pela complexidade do assunto e distanciamento dos fatos.
e) Homem rude e agreste, afeito ao trabalho bruto, o narrador não é capaz de ordenar acontecimentos.

21. Escolha a alternativa que retrata melhor, à luz do texto e do próprio romance, o sentido da expressão "sou forçado", presente no 2Ž parágrafo.
a) É uma obrigação moral de reparar erro cometido no passado.
b) Há uma imposição externa que obriga o narrador a revelar seu drama.
c) Existe uma vontade de autopunir-se para livrar se do remorso pelo mal cometido.
d) O narrador tem necessidade de escrever para provar sua capacidade.
e) Trata-se de um impulso interior, que leva o narrador a escrever para autoconhecer-se.

22. "Agitam-se em mim sentimentos inconciliáveis: encolerizo-me e enterneço-me: bato na mesa e tenho vontade de chorar."

Momento central do texto em questão, ajuda a compreender a personalidade e Paulo Honório, personagem-narrador do romance. Podemos dizer que se trata de:
a) personagem fraca, abatida pelas circunstâncias.
b) personalidade rica de humanidade, que se perturba diante da adversidade.
c) personalidade complexa, perturbada diante dos acontecimentos.
d) homem forte, revoltado contra tudo e contra todos.
e) homem sentimental e lírico, incapaz de conciliar os próprios sentimentos.

23. "A voz dela me chega aos ouvidos. Não, não é aos ouvidos. Também já não a vejo com os olhos."

A leitura atenta do texto permite dizer que:
a) em virtude de sua perturbação psicológica, o narrador não consegue recordar com nitidez os acontecimentos.
b) é puro jogo de palavras sem outra intenção que a de confundir aos acontecimentos.
c) a confusão provocada pelo estado de choque do narrador possibilita a recuperação da consciência.
d) fragilizada, a personagem não consegue operar a distinção entre real e imaginário.
e) tudo é possível no estado de convulsão em que se encontra o mundo do narrador.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES.
(Fuvest) "O possuidor turbado, ou esbulhado, poderá manter-se, ou restituir-se, por sua própria força, contanto que o faça logo." Ao trazer a discussão para o campo jurídico, o antigo magistrado tentou amenizar o que dissera; a rigor, no entanto, suscitou dúvidas cruéis; que quer dizer "por sua própria força?" Será a força física do posseiro, ou essa mais aquela que a ela se soma pelo emprego das armas? O parágrafo único do Código Civil admite dúvidas: "Os atos de defesa, ou de desforço, não podem ir além do indispensável à manutenção ou restituição da posse". Se o invasor vem armado, o posseiro pode usar armas? Se o invasor é plural, vem em bandos, o posseiro pode contar com a ajuda de amigos ou contratar seguranças (ou até jagunços) para defender o que é seu?

(O Estado de S. Paulo, 04/06/94, A 3)

24. A formulação de uma série de perguntas
a) intenta destacar as contradições do texto legal.
b) visa a pôr o leitor em dúvida sobre a exatidão da citação.
c) pretende representar as inquietações infundadas do editorialista.
d) procura chamar a atenção para a injustiça do texto legal.
e) busca desacreditar o argumento representado pela citação da lei.

25. A frase "O possuidor turbado, ou esbulhado, poderá manter-se, ou restituir-se, por sua própria força, contanto que o faça logo". poderá ser corretamente substituída, SEM que haja alteração das relações lógicas, por:
a) Assim que o fez, o possuidor turbado, ou esbulhado, pode manter-se, ou restituir-se, por sua própria força.
b) Podendo manter-se, ou restituir-se, por sua própria força, o possuidor turbado, ou esbulhado, fá-lo-á logo.
c) Fazendo-o logo, o possuidor turbado, ou esbulhado, poderá manter-se, ou restituir-se, por sua própria força.
d) O possuidor turbado, ou esbulhado, poderá manter-se, ou restituir-se, por sua própria força, mesmo que o faça logo.
e) O possuidor turbado, ou esbulhado, poderá, manter-se, ou restituir-se, por sua própria força, antes que o façam.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES.
(Fuvest) - Primo Argemiro!

E, com imenso trabalho, ele gira no assento, conseguindo pôr-se de-banda, meio assim.

Primo Argemiro pode mais: transporta uma perna e se escancha no cocho.

- Que é, Primo Ribeiro?

- Lhe pedir uma coisa... Você faz?

- Vai dizendo, Primo.

- Pois então, olha: quando for a minha hora você não deixe me levarem p'ra o arraial... Quero ir mais é p'ra o cemitério do povoado... Está desdeixado, mas ainda é chão de Deus... Você chama o padre, bem em-antes... E aquelas coisinhas que estão numa capanga bordada, enroladas em papel-de-venda e tudo passado com cadarço, no fundo da canastra... se rato não roeu... você enterra junto comigo... Agora eu não quero mexer lá... Depois tem tempo... Você promete?...

- Deus me livre e guarde, Primo Ribeiro... O senhor ainda vai durar mais do que eu.

- Eu só quero saber é se você promete...

- Pois então, se tiver de ser desse jeito de que Deus não há-de querer, eu prometo.

- Deus lhe ajude, Primo Argemiro.

E Primo Ribeiro desvira o corpo e curva ainda mais a cara.

Quem sabe se ele não vai morrer mesmo? Primo Argemiro tem medo do silêncio.

- Primo Ribeiro, o senhor gosta d'aqui?...

- Que pergunta! Tanto faz... É bom p'ra se acabar mais ligeiro... O doutor deu prazo de um ano... Você lembra?

- Lembro! Doutor apessoado, engraçado... Vivia atrás dos mosquitos, conhecia as raças lá deles, de olhos fechados, só pela toada da cantiga... Disse que não era das frutas e nem da água... Que era o mosquito que punha um bichinho amaldiçoado no sangue da gente... Ninguém não acreditou... Nem o arraial. Eu estive 1á com ele...

- Primo Argemiro o que adianta...

- ... E então ele ficou bravo, pois não foi? Comeu goiaba, comeu melancia da beira do rio, bebeu água do Pará e não teve nada...

- Primo Argemiro...

- ... Depois dormiu sem cortinado, com janela aberta... Apanhou a intermitente; mas o povo ficou acreditando...

- Escuta! Primo Argemiro... Você está falando de-carreira, só para não me deixar falar!

- Mas, então, não fala em morte Primo Ribeiro!... Eu, por nada que não queria ver o senhor se ir primeiro do que eu...

- P'ra ver!... Esta carcaça bem que está agüentando... Mas, agora, já estou vendo o meu descanso, que está chega-não-chega, na horinha de chegar...

- Não fala isso Primo!... Olha aqui: não foi pena ele ter ido s'embora? Eu tinha fé em que acabava com a doença...

- Melhor ter ido mesmo... Tudo tem de chegar e de ir s'embora outra vez... Agora é a minha cova que está me chamando... Aí é que eu quero ver! Nenhumas ruindades deste mundo não têm poder de segurar a gente p'ra sempre, Primo Argemiro...

- Escuta Primo Ribeiro: se alembra de quando o doutor deu a despedida p'ra o povo do povoado? Foi de manhã cedo, assim como agora... O pessoal estava todo sentado nas portas das casas, batendo queixo. Ele ajuntou a gente... Estava muito triste... Falou: - 'Não adianta tomar remédio, porque o mosquito torna a picar... Todos têm de se, mudar daqui... Mas andem depressa pelo amor de Deus!' -... -Foi no tempo da eleição de seu Major Vilhena... Tiroteio com três mortes...

- Foi seis meses em-antes-de ela ir s'embora...

De branco a mais branco, olhando espantado para o outro, Primo Argemiro se perturbou. Agora está vermelho, muito.

Desde que ela se foi, não falaram mais no seu nome. Nem uma vez. Era como se não tivesse existido. E, agora...

João Guimarães Rosa, "Sarapalha",
do livro SAGARANA.

26. "Disse que não era das frutas e nem da água...
Que era o mosquito que punha um bichinho amaldiçoado no sangue da gente..."
"O pessoal estava todo sentado nas portas das casas, batendo o queixo".
Estas duas passagens apresentam a causa e os sintomas da doença nomeada: "Apanhou a intermitente''.

Qual das alternativas identifica a doença?
a) febre amarela
b) maleita
c) tifo
d) esquistossomose
e) doença de Chagas

27. "Foi seis meses em-antes-de ela ir-s'embora..."
"Desde que ela se foi, não falaram mais no seu nome. Nem uma vez. Era como se não tivesse existido."

Estas duas passagens fazem referência explícita ao motivo central da narrativa:
a) Primo Ribeiro é casado com Luísa por quem Argemiro se apaixona, a ponto de matar o primo.
b) Primo Argemiro é casado com Luísa por quem Ribeiro se apaixona, a ponto de provocar a morte do primo.
c) Luísa é casada com Ribeiro, mas apaixona-se por um boiadeiro que Argemiro mata, em consideração ao primo.
d) Luísa é casada com Ribeiro; o Primo Argemiro é apaixonado por ela, mas ela foge com um boiadeiro.
e) Um boiadeiro, que passa duas vezes pela casa dos primos Ribeiro e Argemiro, casa-se com Luísa, que morava com eles.

28. "Canta, canta, canarinho, ai, ai, ai...
Não cantes fora de hora ai, ai, ai...
A barra do dia aí vem, ai, ai, ai...
Coitado de quem namora!..."

Esta quadrinha é a epígrafe do conto Sarapalha. Ela aponta para o clímax da estória que se dá por ocasião:
a) da eleição de seu Major Vilhena: tiroteio com três mortes.
b) da confissão de Argemiro e sua expulsão da casa de Ribeiro.
c) do casamento de Luísa com o boiadeiro e despedida dos primos.
d) da morte do boiadeiro, que Argemiro mata em respeito ao primo.
e) da declaração de Ribeiro e ruptura deste com o boiadeiro.

29. João Guimarães Rosa, em Sagarana, permite ao leitor observar que:
a) explora o folclórico do sertão.
b) em episódios muitas vezes palpitantes surpreende a realidade nos mais leves pormenores e trabalha a linguagem com esmero.
c) limita-se ao quadro do regionalismo brasileiro.
d) é muito sutil na apresentação do cotidiano banal do jagunço.
e) é intimista hermético.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

(Fuvest) Em nossa última conversa, dizia-me o grande amigo que não esperava viver muito tempo, por ser um "cardisplicente"

- O quê?

- Cardisplicente. Aquele que desdenha do próprio coração.

Entre um copo e outro de cerveja, fui ao dicionário.

- "Cardisplicente" não existe, você inventou - triunfei.

- Mas se eu inventei, como é que não existe? - espantou-se o meu amigo.

Semanas depois deixou em saudades fundas companheiros, parentes e bem-amadas. Homens de bom coração não deveriam ser cardisplicentes.

30. "- Mas se eu inventei, como é que não existe?"

Segundo se deduz da fala espantada do amigo do narrador, a língua, para ele, era um código aberto,
a) ao qual se incorporariam palavras fixadas no uso popular.
b) a ser enriquecido pela criação de gírias.
c) pronto para incorporar estrangeirismos.
d) que se amplia graças à tradução de termos científicos.
e) a ser enriquecido com contribuições pessoais.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 5 QUESTÕES.

(Unitau) "Vivemos numa época de tamanha insegurança externa e interna, e de tamanha carência de objetivos firmes, que a simples confissão de nossas convicções pode ser importante, mesmo que essas convicções, como todo julgamento de valor, não possam ser provadas por deduções lógicas.

Surge imediatamente a pergunta: podemos considerar a busca da verdade - ou, para dizer mais modestamente, nossos esforços para compreender o universo cognoscível através do pensamento lógico construtivo - como um objeto autônomo de nosso trabalho? Ou nossa busca da verdade deve ser subordinada a algum outro objetivo, de caráter prático, por exemplo? Essa questão não pode ser resolvida em bases lógicas. A decisão, contudo, terá considerável influência sobre nosso pensamento e nosso julgamento moral, desde que se origine numa convicção profunda e inabalável Permitam-me fazer uma confissão:

para mim, o esforço no sentido de obter maior percepção e compreensão é um dos objetivos independentes sem os quais nenhum ser pensante é capaz de adotar uma atitude consciente e positiva ante a vida.

Na própria essência de nosso esforço para compreender o fato de, por um lado, tentar englobar a grande e complexa variedade das experiências humanas, e de, por outro lado, procurar a simplicidade e a economia nas hipóteses básicas. A crença de que esses dois objetivos podem existir paralelamente é, devido ao estágio primitivo de nosso conhecimento científico, uma questão de fé. Sem essa fé eu não poderia ter uma convicção firme e inabalável acerca do valor independente do conhecimento.

Essa atitude de certo modo religiosa de um homem engajado no trabalho científico tem influência sobre toda sua personalidade. Além do conhecimento proveniente da experiência acumulada, e além das regras do pensamento lógico, não existe, em princípio, nenhuma autoridade cujas confissões e declarações possam ser consideradas "Verdade " pelo cientista. Isso leva a uma situação paradoxal: uma pessoa que devota todo seu esforço a objetivos materiais se tornará, do ponto de vista social, alguém extremamente individualista, que, a princípio, só tem fé em seu próprio julgamento, e em nada mais. É possível afirmar que o individualismo intelectual e a sede de conhecimento científico apareceram simultaneamente na história e permaneceram inseparáveis desde então. "

(Einstein, in: "O Pensamento Vivo de Einstein", p. 13 e 14, 5a. edição, Martin Claret Editores)

31. Leia as frases a seguir:

I. A lógica tem base no pensamento e no julgamento moral.
II. As pessoas que pensam podem adotar uma atitude consciente e positiva ante a vida.
III. Os seres humanos tentam ou englobar as experiências ou buscar a simplicidade para entender a vida.
IV. O cientista não acredita que a "verdade" exista.
V. Apesar de ser um contra-senso, o cientista é ao mesmo tempo individualista intelectualmente e sedento por conhecimento.

Para o autor são falsas as afirmações:
a) I, II, III, IV
b) I, II, V
c) III e V.
d) II e IV
e) I, II, III, IV e V.

32. No último parágrafo, o autor quer transmitir essencialmente a idéia de que
a) a personalidade e o trabalho científico são coisas distintas.
b) a verdade provém da autoridade.
c) o conhecimento científico é exclusivamente individualista.
d) o conhecimento é extremamente materialista.
e) o conhecimento científico e o individualismo material são inseparáveis.

33. Em "A crença de que ESSES dois objetivos podem existir paralelamente é, devido ao estágio primitivo de nosso conhecimento científico, uma questão de fé", o autor empregou a palavra em destaque porque
a) é uma indicação da distância espacial entre o escritor e o leitor.
b) é uma indicação da proximidade temporal entre o escritor e o leitor.
c) é uma indicação da distância temporal entre o escritor e o leitor.
d) é uma referência coesiva a elementos da frase posterior.
e) é uma referência coesiva a elementos da frase anterior.

34. Na primeira frase do segundo parágrafo, há dois travessões que indicam
a) mudança de interlocutor.
b) explicação complementar de dados.
c) diálogo.
d) explicação da opinião de outra pessoa que não a do autor.
e) explicação absolutamente desnecessária.

35. No primeiro parágrafo, o autor repete as palavras "tamanha" e "convicções" para dar ao leitor a idéia de
a) dúvida.
b) ênfase.
c) condição.
d) proporção.
e) efeito.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

(Fuvest) Ora, aí está justamente e epígrafe do livro, se eu lhe quisesse pôr alguma, e não me ocorresse outra. Não é somente um meio de completar as pessoas da narração com as idéias que deixarem, mas ainda um par de lunetas para que o leitor do livro penetre o que for menos claro ou totalmente escuro.

Por outro lado, há proveito em irem as pessoas da minha história colaborando nela, ajudando o autor, por uma lei de solidariedade, espécie de troca de serviços, entre o enxadrista e os seus trebelhos(*).

Se aceitas a comparação, distinguirás o rei e a dama, o bispo e o cavalo, sem que o cavalo possa fazer de torre, nem a torre de peão. Há ainda a diferença da cor, branca e preta, mas esta não tira o poder da marcha de cada peça, e afinal umas e outras podem ganhar a partida, e assim vai o mundo.

(Machado de Assis, Esaú e Jacó)

(*) Trebelhos: peças do jogo de xadrez.

36. A intervenção direta do narrador no texto cumpre a função de

a) distanciar o leitor da articulação da história, evitando identificação emocional com as personagens.

b) despertar a atenção do leitor para a estrutura da obra, convidando-o a participar da organização da narrativa.

c) levar o leitor a refletir sobre as narrativas tradicionais, cuja seqüência lógico-temporal é complexa.

d) sintetizar a seqüência dos episódios, para explicar a trama da narração.

e) confundir o leitor, provocando incompreensão da seqüência narrativa.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES.

(Fuvest-gv) "Busque Amor novas artes, novo engenho
para matar-me, e novas esquivanças;
que não pode tirar-me as esperanças
que mal me tirará o que eu não tenho.

Olhai de que esperanças me mantenho!
vede que perigosas seguranças:
que não temo contrastes nem mudanças
andando em bravo mar perdido o lenho.

Mas, conquanto não pode haver desgosto
onde esperança falta, lá me esconde
Amor um mal, que mata e não se vê;

que dias há que na alma me tem posto
um não sei quê, que nasce não sei onde
vem não sei como e dói não sei porquê."

37. Neste poema é possível reconhecer que uma dialética amorosa trabalha a oposição entre:

a) o bem e o mal;

b) a proximidade e a distância;

c) o desejo e a idealização;

d) a razão e o sentimento;

e) o mistério e a realidade.

38. Uma imagem de forte expressividade deixa implícita uma comparação com o arriscado jogo do amor. Assinalar a alternativa que contém essa imagem:

a) o engenho do amor;

b) o perigo da segurança;

c) naufrágio em bravo mar;

d) mar tempestuoso;

e) um não sei quê.

39. Assinalar a alternativa que melhor expressa o entendimento do poema:

a) Novas artes e novo engenho do amor fazem o poeta perder as esperanças.

b) O poeta está, em relação ao amor, como um náufrago que morreu em alto mar.

c) Novas artes e novo engenho do amor alimentam as esperanças outrora perdidas.

d) O poeta está, em relação ao amor, desesperado como um náufrago em bravo mar.

e) O amor destruiu as esperanças do poeta porque inoculou nele um mal desconhecido.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES.

(Fuvest) Pouco a pouco o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano. E quando não tinha mais nada para vender, o sertanejo endividava-se. Ao chegar a partilha, estava encalacrado, e na hora das contas davam-lhe uma ninharia.

Ora, daquela vez, como das outras, Fabiano ajustou o gado, arrependeu-se, enfim deixou a transação meio apalavrada e foi consultar a mulher. Sinhá Vitória mandou os meninos para o banheiro, sentou-se na cozinha, concentrou-se, distribuiu no chão sementes de várias espécies, realizou somas e diminuições. No dia seguinte Fabiano voltou à cidade, mas ao fechar o negócio notou que as operações de Sinhá Vitória, como de costume, diferiam das do patrão. Reclamou e obteve a explicação habitual: a diferença era proveniente de juros.

Não se conformou: devia haver engano. Ele era bruto, sim senhor, via-se perfeitamente que era bruto, mas a mulher tinha miolo. Com certeza havia um erro no papel do branco. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria!

O patrão zangou-se, repeliu a insolência, achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço noutra fazenda.

Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou. Bem, bem. Não era preciso barulho não. Se havia dito palavra à-toa pedia desculpa. Era bruto, não fora ensinado. Atrevimento não tinha, conhecia o seu lugar. Um cabra Ia lá puxar questão com gente rica? Bruto, sim senhor, mas sabia respeitar os homens. Devia ser ignorância da mulher, provavelmente devia ser ignorância da mulher. Até estranhara as contas dela. Enfim, como não sabia ler (um bruto, sim senhor), acreditara na sua velha. Mas pedia desculpa e jurava não cair noutra.

O amo abrandou, e Fabiano saiu de costas, o chapéu varrendo o tijolo. Na porta, virando-se, enganchou as rosetas das esporas, afastou-se tropeçando, os sapatões de couro cru batendo no chão como cascos.

Foi até a esquina, parou, tomou fôlego. Não deviam tratá-lo assim. Dirigiu-se ao quadro lentamente. Diante da bodega de seu Inácio virou o rosto e fez uma curva larga. Depois que acontecera aquela miséria, temia passar ali. Sentou-se numa calçada, tirou do bolso o dinheiro, examinou-o, procurando adivinhar quanto lhe tinham furtado. Não podia dizer em voz alta que aquilo era um furto, mas era. Tomavam-lhe o gado quase de graça e ainda inventavam juro. Que juro! O que havia era safadeza.

(Graciliano Ramos, Vidas Secas)

40. O texto, no seu conjunto, revela que Fabiano:
a) ousou enfrentar o branco provando-lhe que as contas dele estavam erradas.
b) ao perceber que era lesado, defendeu com êxito seus direitos.
c) conscientizou-se de que era vítima de safadeza, e conseguiu justiça.
d) concluiu que era explorado na venda do gado e nas contas.
e) indignou-se com sua situação mas voltou às boas com o patrão.

41. A respeito de Sinhá Vitória, a mulher de Fabiano, é possível afirmar que:
a) tinha miolo, não errava nas operações e tentava atenuar os conflitos do marido com o patrão.
b) era mesmo ignorante; quando Fabiano percebeu seu erro, foi pedir desculpas ao patrão.
c) além de errar nas contas, irritava-se com a diferença dos juros.
d) suas contas sempre diferiam das do patrão, mas ela pedia a Fabiano que se conformasse.
e) era o único apoio do vaqueiro, mas infelizmente sua ação não tinha efeito.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

(Fuvest) "A triste verdade é que passei as férias no calçadão do Leblon, nos intervalos do novo livro que venho penosamente perpetrando. Estou ficando cobra em calçadão, embora deva confessar que o meu momento calçadônico mais alegre é quando, já no caminho de volta, vislumbro o letreiro do hotel que marca a esquina da rua onde finalmente terminarei o programa-saúde do dia. Sou, digamos, um caminhante resignado. Depois dos 50, a gente fica igual a carro usado, todo o dia tem uma coisa dando errado, é a suspensão, é a embreagem, é o radiador, é o contraplano do rolabrequim, é o contrafarto do mesocárdio epidítico, a falta de serotorpina folimolecular, é o que mecânicos e médicos disseram. Aí, para conseguir ir segurando a barra, vou acatando os conselhos. Andar é bom para mim, digo sem muita convicção a meus entediados botões, é bom para todos."
(João Ubaldo Ribeiro, "O Estado de S. Paulo", 06/08/95)

42. No período que se inicia em "Depois dos 50...", o uso de termos (já existentes ou inventados) referentes a áreas diversas tem como resultado:
a) um tom de melancolia, pela aproximação entre um carro usado e um homem doente.
b) um efeito de ironia, pelo uso paralelo de termos da medicina e da mecânica.
c) uma certa confusão no espírito do leitor, devido à apresentação de termos novos e desconhecidos.
d) a invenção de uma metalinguagem, pelo uso de termos médicos em lugar de expressões corriqueiras.
e) a criação de uma metáfora existencial, pela oposição entre o ser humano e objetos.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES.

(Fuvest) Eu considerei a glória de um pavão ostentando o esplendor de suas cores; é um luxo imperial. Mas andei lendo livros, e descobri que aquelas cores todas não existem na pena do pavão. Não há pigmentos. O que há são minúsculas bolhas d'água em que a luz se fragmenta, como em um prisma. O pavão é um arco-íris de plumas.

Eu considerei que este é o luxo do grande artista, atingir o máximo de matizes com um mínimo de elementos. De água e luz ele faz seu esplendor; seu grande mistério é a simplicidade.

Considerei, por fim, que assim é o amor, oh minha amada; de tudo que ele suscita e esplende e estremece e delira em mim existem apenas meus olhos recebendo a luz do teu olhar. Ele me cobre de glórias e me faz magnífico.

[Rubem Braga, 200 Crônicas Escolhidas]

43. Nas três 'considerações' do texto, o cronista preserva, como elemento comum, a idéia de que a sensação de esplendor
a) ocorre de maneira súbita, acidental e efêmera.
b) é uma reação mecânica dos nossos sentidos estimulados.
c) decorre da predisposição de quem está apaixonado.
d) projeta-se além dos limites físicos do que a motivou.
e) resulta da imaginação com que alguém se vê a si mesmo.

44. Atente para as seguintes afirmações:

I. O esplendor do pavão e o da obra de arte implicam algum grau de ilusão.
II. O ser que ama sente refletir-se em si mesmo um atributo do ser amado.
III. O aparente despojamento da obra de arte oculta os recursos complexos de sua elaboração.

De acordo com o que o texto permite deduzir, apenas:
a) as afirmações I e III estão corretas.
b) as afirmações I e II estão corretas.
c) as afirmações II e III estão corretas.
d) a afirmação I está correta.
e) a afirmação II está correta.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES.
(Unitau) "Certas instituições encontram sua autoridade na palavra divina. Acreditemos ou não nos dogmas, é preciso reconhecer que seus dirigentes são obedecidos porque um Deus fala através de sua boca. Suas qualidades pessoais importam pouco. Quando prevaricam, eles são punidos no inferno, como aconteceu, na opinião de muita gente boa, com o Papa Bonifácio VIII, simoníaco reconhecido. Mas o carisma é da própria Igreja, não de seus ministros. A prova de que ela é divina, dizia um erudito, é que os homens ainda não a destruíram.

Outras associações humanas, como a universidade, retiram do saber o respeito pelos seus atos e palavras. Sem a ciência rigorosa e objetiva, ela pode atingir situações privilegiadas de mando, como ocorreu com a Sorbonne. Nesse caso, ela é mais temida do que estimada pelos cientistas, filósofos, pesquisadores. Jaques Le Goff mostra o quanto a universidade se degradou quando se tornou uma polícia do intelecto a serviço do Estado e da Igreja.

As instituições políticas não possuem nem Deus nem a ciência como fonte de autoridade. Sua justificativa é impedir que os homens se destruam mutuamente e vivam em segurança anímica e corporal. Se um Estado não garante esses itens, ele não pode aspirar à legítima obediência civil ou armada. Sem a confiança pública, desmorona a soberania justa. Só resta a força bruta ou a propaganda mentirosa para amparar uma potência política falida.

O Estado deve ser visto com respeito pelos cidadãos. Há uma espécie de aura a ser mantida, através do essencial decoro. Em todas as suas falas e atos, os poderosos precisam apresentar-se ao povo como pessoas confiáveis e sérias. No Executivo, no Parlamento e, sobretudo, no Judiciário, esta é a raiz do poder legítimo.

Com a fé pública, os dirigentes podem governar em sentido estrito, administrando as atividades sociais, econômicas, religiosas, etc. Sem ela, os governantes são reféns das oligarquias instaladas no próprio âmbito do Estado. Essas últimas, sugando para si o excedente econômico, enfraquecem o Estado, tornando-o uma instituição inane."

(Roberto Romano, excerto do texto "Salários de Senadores e legitimidade do Estado", publicado na Folha de São Paulo, 17/10/1994, 1Ž caderno, página 3)

45. O Estado torna-se sem força quando
a) as instituições políticas não possuem nem Deus, nem a ciência.
b) os governantes são subjugados pelos poderosos que estão instalados no seio do Estado.
c) o poder é simoníaco.
d) o povo confia cegamente no Executivo, no Parlamento e sobretudo no Judiciário.
e) a ciência, rigorosa e objetiva, deixa de ser o eixo protetor da Universidade, da sociedade civil e da sociedade como um todo.

46. Observe as seguintes frases:

I - Com a fé pública os dirigentes podem dirigir em sentido estrito.
II - Em todas as suas falas e atos, os poderosos precisam apresentar-se ao povo como pessoas confiáveis e sérias.
III - O Estado deve ser visto com respeito pelos cidadãos.
IV - Sem a confiança pública, desmorona a soberania justa.
V - Outras associações humanas, como a Universidade, retiram do saber o respeito pelos seus atos e palavras.
VI - Certas instituições encontram sua autoridade na palavra divina.

Segundo o texto, o autor combate as idéias contidas em:
a) I, II, III, V
b) IV e VI
c) I e II
d) III e II
e) V e VI

47. Em:
"Acreditemos ou não nos dogmas, é preciso reconhecer que seus dirigentes são obedecidos porque um Deus fala através de sua boca", o verbo que encabeça a frase está no subjuntivo presente por expressar idéia de
a) sucessão de dois fatos reciprocamente exclusivos.
b) sucessão de dois fatos reciprocamente inclusivos.
c) sucessão de dois ou mais fatos com idéia de dúvida.
d) sucessão de vários fatos que são causas.
e) sucessão de dois fatos que são efeitos.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO
(Fuvest) Por onde passava, ficava um fermento de desassossego, os homens não reconheciam as suas mulheres, que subitamente se punham a olhar para eles, com pena de que não tivessem desaparecido, para enfim

poderem procurá-los. Mas esses mesmos homens perguntavam, Já se foi, com uma inexplicável tristeza no coração, e se lhes respondiam, Ainda anda por aí, tornavam a sair com a esperança de a encontrar naquele bosque, na seara alta, banhando os pés no rio ou despindo-se atrás dum canavial, tanto fazia, que do vulto só os olhos gozavam, entre a mão e o fruto há um espigão de ferro, felizmente ninguém mais teve de morrer.

(José Saramago, Memorial do Convento)

48. Aos outros dons extraordinários de Blimunda vem somar-se, no trecho citado, a capacidade de despertar inquietação, encantamento e atração erótica. No âmbito do livro, esse magnetismo da personagem representa simbolicamente
a) sua natureza pagã, infensa a considerações de ordem moral e social.
b) sua sexualidade híbrida, capaz de pertubar igualmente a homens e mulheres.
c) sua fidelidade apaixonada e sua clareza quanto aos valores essenciais.
d) sua oposição radical à Natureza e seus vínculos com a Espiritualidade, de onde lhe vêm os poderes mágico-religiosos.
e) seu caráter misterioso de mulher sem origem nem destino - o poder do Eterno Feminino.

49. **(Fuvest)** A leitura de "Mensagem", de Fernando Pessoa, permite a identificação de certas linhas de força que guiam e, até certo ponto, singularizam o espírito do homem português, dando-lhe marca muito especial.
Dentre as alternativas a seguir, em qual se enquadraria melhor essa idéia?
a) Preocupação com os destinos de Portugal do século vinte.
b) Preocupação com a história político-social de Portugal.
c) Recorrência de certas constantes culturais portuguesas, como o messianismo.
d) Reordenação da história portuguesa desde Dom Sebastião.
e) A marca da religião católica na alma portuguesa como força determinante.

50. **(Fuvest)** Empenhado em diagnosticar problemas da sociedade, o romance realista-naturalista os toma como peças de demonstração de tese. Com o "Primo Basílio", Eça de Queirós trata o adultério na sociedade lisboeta, buscando as causas que teriam levado Luísa, a personagem principal, a cometê-lo.
Escolha dentre as alternativas seguintes a que mais se aproxima das causas que abriram a Luísa o caminho do adultério.
a) Personalidade forte, Luísa conduz a ação de acordo com suas ambições pessoais.
b) Frívola e em disponibilidade, ela fica a mercê de circunstâncias propícias.
c) Doentiamente apaixonada pelo primo, deixa-se conduzir sem opor resistência.
d) Insatisfeita com o marido, burguês insensível, busca na aventura sua satisfação.
e) Conhecedora dos casos extra-conjugais do marido, procura uma forma de vingança.

51. **(Fuvest)** O Ministério da Fazenda descobriu uma nova esperteza no Instituto de Resseguros do Brasil. O Instituto alardeou um lucro no primeiro semestre de 3,1 bilhões de cruzeiros, que esconde na verdade um prejuízo de 2bi. Brasil, Cuba e Costa Rica são os três únicos países cujas empresas de resseguro são estatais.

("Veja", 1/9/93, pág. 31)

Conclui-se do texto que seu autor:
a) acredita que a esperteza do Instituto de Resseguros gerou lucro e não prejuízo.
b) dá como certo que o prejuízo do Instituto é maior do que o lucro alardeado.
c) julga que o Instituto de Resseguros agiu de boa fé.
d) dá a entender que é contrário ao fato de o Instituto de Resseguros ser estatal.
e) tem informação de que em Cuba e na Costa Rica os institutos de resseguros camuflam seus prejuízos.

52. **(Fuvest)** De acordo com o ditado popular "invejoso nunca medrou, nem quem perto dele morou":
a) o invejoso nunca teve medo, nem amedronta seus vizinhos.
b) enquanto o invejoso prospera, seus vizinhos empobrecem.
c) o invejoso não cresce e não permite o crescimento dos vizinhos.
d) o temor atinge o invejoso e também seus vizinhos.
e) o invejoso não provoca medo nos seus vizinhos.

53. **(Fuvest)** Folha - De todos os ditados envolvendo o seu nome, qual o que mais lhe agrada?
Satã - O diabo ri por último.
Folha - Riu por último.
Satã - Se é por último, o verbo não pode vir no passado.
["O Inimigo Cósmico", Folha de S. Paulo, 03/09/95]

Rejeitando a correção ao ditado, Satã mostra ter usado o presente do indicativo com o mesmo valor que tem em:

a) Romário recebe a bola e chuta. Gooool!
b) D. Pedro, indignado, ergue a espada e dá o brado de independência.
c) Todo dia ela faz tudo sempre igual...
d) O quadrado da hipotenusa é igual à soma dos quadrados dos catetos.
e) Uma manhã destas, Jacinto, apareço no 202 para almoçar contigo.

54. **(Unitau)** "Brás, Bexiga e Barra Funda"... tenta fixar tão-somente alguns aspectos da vida trabalhadeira, íntima e cotidiana desses novos mestiços nacionais e nacionalistas".

É dessa forma que Antonio de Alcântara Machado explica sua obra. Indique a alternativa que responde corretamente à nacionalidade referida pelo autor
a) aos ingleses.
b) aos italianos.
c) aos alemães.
d) aos portugueses.
e) aos índios.

55. **(Fuvest)** "CLESSI (choramingando) - O olhar daquele homem despe a gente!

MÃE (com absoluta falta de compostura) - Você exagera, Scarlett!

CLESSI - Rett é indigno de entrar numa casa de família!

MÃE (cruzando as pernas; incrível falta de modos) - Em compensação, Ashley é espiritual demais. Demais! Assim também não gosto.

CLESSI (chorando despeitada) - Ashley pediu a mão de Melânie! Vai-se casar com Melânie!

MÃE (saliente) - Se eu fosse você, preferia RETT (Noutro tom). Cem vezes melhor que o outro!

CLESSI (chorosa) - Eu não acho!

MÃE (sensual e descritiva) - Mas é, minha filha! Você viu como ele é forte? Assim! forte mesmo!"

No trecho acima, as personagens de 'Vestido de noiva' subitamente se põem a recitar os diálogos do filme 'E o Vento levou'. No contexto dessa obra de Nelson Rodrigues, esse recurso de composição configura-se como:
a) crítica à internacionalização da cultura, reivindicando o privilégio dos temas nacionais.
b) sátira do melodrama, o que dá dimensão autocrítica à peça.
c) sátira do cinema, indicando a superioridade estética do teatro.
d) intertextualidade, visando a indicar o caráter universal das paixões humanas.
e) metalinguagem, visando a revelar o caráter ficcional da construção dramática

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO
(Unitau) "A questão central da pedagogia é o problema das formas, dos processos dos métodos; certamente, não considerados em si mesmos, pois as formas só fazem sentido na medida em que viabilizam o domínio de determinados conteúdos.

O método é essencial ao processo pedagógico. Pedagogia, como é sabido, significa literalmente a condução da criança, e a sua origem está no escravo que levava a criança até o local dos jogos, ou o local em que ela recebia instrução do preceptor. Depois, esse escravo passou a ser o próprio educador. Os romanos, percebendo o nível de cultura dos escravos gregos, confiavam a eles a educação dos filhos. Essa é a etimologia da palavra. Do ponto de vista semântico, o sentido se alterou. No entanto, a paidéia não significava apenas infância, paidéia significava cultura, os ideais da cultura grega. Assim, a palavra pedagogia, partindo de sua própria etimologia, significa não apenas a condução da criança, mas a introdução da criança na cultura.

A pedagogia é o processo através do qual o homem se torna plenamente humano. No meu discurso distingui entre a pedagogia geral, que envolve essa noção de cultura como tudo o que o homem constrói, e a pedagogia escolar, ligada à questão do saber sistematizado, do saber elaborado, do saber metódico. A escola tem o papel de possibilitar o acesso das novas gerações ao mundo do saber sistematizado, do saber metódico, científico. Ela necessita organizar processos, descobrir formas adequadas a essa finalidade. Esta é a questão central da pedagogia escolar. Os conteúdos não apresentam a questão central da pedagogia, porque se produzem a partir das relações sociais e se sistematizam com autonomia em relação à escola. A sistematização dos conteúdos pressupõe determinadas habilidades que a escola geralmente garante, mas não ocorre no interior das escolas de primeiro e segundo graus. A existência do saber sistematizado coloca à pedagogia o seguinte problema: como torná-lo assimilável pelas novas gerações, ou seja, por aqueles que participam de algum modo de sua produção enquanto agentes sociais, mas participam num estágio determinado, estágio esse que é decorrente de toda uma trajetória histórica?"

(SAVIANI, D. "A pedagogia histórico-crítica no quadro das tendências críticas da Educação Brasileira", adap. da fala em Seminário, Niterói, 1985).

56. Leia as frases a seguir:

I. O saber sistematizado, elaborado e metódico está ligado à pedagogia escolar.
II. O saber sistematizado, metódico e científico é transmitido às novas gerações através da escola.
III. Os conteúdos se sistematizam nas relações sociais, por isso não estão no cerne da pedagogia.
IV. Os conteúdos sistematizados são geralmente garantidos pela escola.
V. O saber sistematizado deve ser assimilável pelos que tomam parte de sua produção.

Indique a alternativa cujos itens fazem parte da indagação do autor do texto:
a) I, II, III, IV e V
b) I, II e III
c) IV e V
d) V
e) III

GABARITO

1. E
2. B
3. B
4. E
5. A
6. E
7. C
8. D
9. B
10. D
11. B
12. E
13. C
14. C
15. A
16. C
17. A
18. E
19. B
20. C
21. E
22. C
23. A
24. E
25. C
26. B
27. D
28. B
29. B
30. E
31. A
32. E
33. E
34. B
35. B
36. B
37. D
38. C
39. D
40. D
41. E
42. B
43. D
44. B
45. B
46. E
47. A
48. C
49. C
50. B
51. D
52. C
53. D
54. B
55. B
56. D

Júlio Sousa
contatos@projetomedicina.com.br

ENEM

1. Diante do número de óbitos provocados pela gripe H1N1 – gripe suína – no Brasil, em 2009, o Ministro da Saúde fez um pronunciamento público na TV e no rádio. Seu objetivo era esclarecer a população e as autoridades locais sobre a necessidade do adiamento do retorno às aulas, em agosto, para que se evitassem a aglomeração de pessoas e a propagação do vírus.

Fazendo uso da norma padrão da língua, que se pauta pela correção gramatical, seria correto o Ministro ler, em seu pronunciamento, o seguinte trecho:

a) Diante da gravidade da situação e do risco de que nos expomos, há a necessidade de se evitar aglomerações de pessoas, para que se possa conter o avanço da epidemia.
b) Diante da gravidade da situação e do risco a que nos expomos, há a necessidade de se evitarem aglomerações de pessoas, para que se possam conter o avanço da epidemia.
c) Diante da gravidade da situação e do risco a que nos expomos, há a necessidade de se evitarem aglomerações de pessoas, para que se possa conter o avanço da epidemia.
d) Diante da gravidade da situação e do risco os quais nos expomos, há a necessidade de se evitar aglomerações de pessoas, para que se possa conter o avanço da epidemia.
e) Diante da gravidade da situação e do risco com que nos expomos, tem a necessidade de se evitarem aglomerações de pessoas, para que se possa conter o avanço da epidemia.

Resposta correta: C

2.

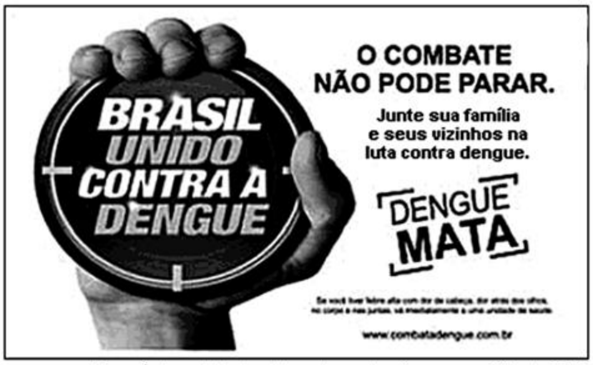
BRASIL UNIDO CONTRA A DENGUE
O COMBATE NÃO PODE PARAR.
Junte sua família e seus vizinhos na luta contra dengue.
DENGUE MATA
www.combatadengue.com.br

Disponível em: http://portal.saude.gov.br. Acesso em: 03 set. 2010.

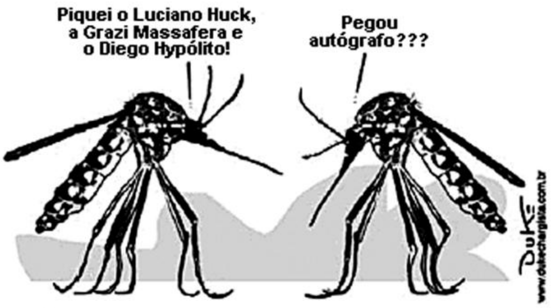
Piquei o Luciano Huck, a Grazi Massafera e o Diego Hypólito!
Pegou autógrafo???
Duke
www.dukechargista.com.br

Disponível em: http://www.dukechargista.com.br. Acesso em: 03 set. 2010.

Todo texto apresenta uma intenção, da qual derivam as escolhas linguísticas que o compõem. O texto da campanha publicitária e o da charge apresentam, respectivamente, composição textual pautada por uma estratégia

a) expositiva, porque informa determinado assunto de modo isento; e interativa, porque apresenta intercâmbio verbal entre dois personagens.

b) descritiva, pois descreve ações necessárias ao combate à dengue; e narrativa, pois um dos personagens conta um fato, um acontecimento.

c) injuntiva, uma vez que, por meio do cartaz, diz como se deve combater a dengue; e dialogal, porque estabelece uma interação oral.

d) narrativa, visto que apresenta relato de ações a serem realizadas; e descritiva, pois um dos personagens descreve a ação realizada.

e) persuasiva, com o propósito de convencer o interlocutor a combater a dengue; e dialogal, pois há a interação oral entre os personagens.

Resposta correta: E

Qconcursos.com

PORTUGUÊS

Interpretação de texto

Tipologia textual – parte I

Profª. Isabel Vega

Qconcursos.com

Tipologia textual – parte I

► Modos de organização do discurso – tipos textuais

I) Narrativo → conta uma história. Elementos da narrativa:

a) narrador: personagem / observador / onisciente / intruso

b) foco narrativo: 1ª pessoa ou 3ª pessoa

c) ação: apresentação/ desenvolvimento / clímax / desfecho

d) personagens: protagonista / antagonista / secundários

e) tempo: cronológico / psicológico

f) espaço: físico / imaginário / social

Qconcursos.com

Tipologia textual – parte I

Exemplo:

Anedota búlgura
Carlos Drummond de Andrade

Era uma vez um czar naturalista
que caçava homens.
Quando lhe disseram que também se caçam borboletas e andorinhas,
ficou muito espantado
e achou uma barbaridade.

Qconcursos.com

II) Tipo Descritivo → retrato

Descrição de características de pessoas, objetos, cenários, animais, entre outros. Não há privilégio da ação, em um determinado tempo e lugar.

Exemplo: trecho de “Tarde de sábado”, de Cecília Meireles.

“A tardezinha de sábado, um pouco cinzenta, um pouco fria, parece não possuir nada de muito particular para ninguém. Os automóveis deslizam; as pessoas entram e saem dos cinemas; os namorados conversam por aqui e por ali; os bares funcionam ativamente, numa fabulosa produção

Qconcursos.com

Tipologia textual – parte I

De sanduíches e cachorros-quentes. Apesar da fresquidão, as mocinhas trazem nos pés sandálias douradas, enquanto agasalham a cabeça em echarpes de muitas voltas. (...)

Andam barquinhos pela baía, com um raio de sol a brilhar nas velas; há uns pescadores carregados de linhas, samburás, caniços, muito compenetrados da sua perícia; há famílias inteiras que não se sabe de onde vêm nem se pode imaginar para onde vão, e que ocupam muito lugar na calçada, com a boca cheia de coisas que devem ser balas, caramelos, pipocas, que passam de uma bochecha para a outra e lhes devem causar uma delícia infinita. (...)”

Qconcursos.com

Tipologia textual – parte I

III) Dissertativo → exposição de tema, com reflexão e argumentação clara ou não.

a) expositivo → caráter predominantemente informativo.

Exemplo: trecho de *O nascimento da política moderna*, de Luís Felipe Miguel.

“A obra de Maquiavel causou bastante polêmica por romper com a visão usual da atividade política. Na tradição cristã, a política era vista como uma forma de preparar a Cidade de Deus na terra. Na Antiguidade, era uma maneira

Qconcursos.com

Tipologia textual – parte I

de ‘promover o bem comum’. Havia sempre a referência a um objetivo transcendente, a um padrão implícito ou explícito de justiça.

Para Maquiavel, o que importa, na política, é o poder real. Não é uma questão de justiça ou de princípios, mas de capacidade de impor-se aos outros. N’*O Príncipe*, Maquiavel ensina que a meta de toda ação política é ampliar o próprio poder em relação aos outros. É necessário reduzir o poder dos adversários: semear a discórdia nos territórios conquistados, enfraquecer os fortes e fortalecer os fracos; em suma, dividir para reinar.”

Spoiler

Informação que afeta a tensão ou a surpresa do filme. Uma informação, para ser considerada *spoiler*, deve ser capaz de atrapalhar a atividade de experienciar aquele livro, filme ou serie pela primeira vez.

Características

☆ Revela qualquer informação a respeito de um livro, filme, anime ou série;

☆ Quebra a experiência singular de sentir a emoção daquele conteúdo pela primeira vez.

SPOILER
ALERT!

Gravidade

⇨ É diretamente proporcional ao interesse apresentado por uma história.

⇨ Depende da importância da obra em si, das expectativas dos fãs e do que realmente é dito.

⇨ Há aqueles que, intencionalmente, buscam por essas informações antes de ter acesso a obra.

Origem

Palavra de origem inglesa que vem do verbo *to spoil*, que significa estragar, subtrair deteriorando, degradando, dilapidando ou depredando algo.

Porque as pessoas dão spoilers

✓ Prazer em contar algo para alguém pelo simples fato de acharem a situação engraçada/interessante;

✓ Infantilidade em se satisfazer com a irritação alheia;

✓ Anseio por atenção, já que a novidade desperta a curiosidade alheia;

✓ Ingenuidade por não compreender que pode prejudicar a experiência de consumo dos outros.

Seja educado, não dê spoilers

↳ *Controle-se:* Está de bobeira nas redes sociais enquanto acompanha sua série preferida? Não conte o que aconteceu e nem poste fotos ou vídeos da cena em questão

↳ *Avise!* Precisa muito postar sobre o que aconteceu? Coloque um aviso antes, seja em seu blog ou nas redes sociais.

↳ *Pergunte o que já sabem:* Vai encontrar com os amigos e é inevitável falar sobre alguma série? Não custa nada perguntar em que ponto eles estão - aí vocês só conversam até o ponto que ambos acompanharam.

Alerta:Spoiler

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Curso Completo de Português

Prof. Fernando Pestana

(Autor do livro "A Gramática para Concursos Públicos")

Classes de Palavras - Artigo

— ***Definição***

1. Classificação: definidos e indefinidos.*

> *o, a, os, as*

> *um, uns, uma, umas*

** Contração de preposição com artigo*

2. Identificação: I) vem antes de um substantivo, normalmente; II) serve para substantivar; III) não confunda com pronome (oblíquo, demonstrativo ou indefinido), preposição ou numeral.

I) As grandes e frequentes crises econômicas vêm atrapalhando certos países. / Pai, mãe e filha ceavam: os três eram bastante humildes. / O que você tem a ver com isso? / Ela tem mais personalidade do que ele...

II) Estou entre o sim e o não. / O professor perguntou ao aluno: “Na frase *A língua é coisa muito complexa*, o a da frase é um artigo?” / O *Aí eu vou pra galeeeeeeera!* é um bordão inesquecível...

III) Eu os convidei para a festa. / As do sudeste são mais atraentes que as do norte. / Gosto dos alunos, mas só dos que são disciplinados*. / Sou o que sou. / Pedro e João eram apóstolos: um era impetuoso, o outro era emotivo. / Sou fiel a Deus. / Dentre dez alunas, uma passou no concurso.

** Bechara e Luft (Esaf)*

3. Principais empregos:

- Fizeram alusão a (ou aos) meus ideais, não aos seus.

- Certos membros religiosos não vão a festas. / A pesquisa não se refere a mulher casada, a homem casado, mas tão somente a solteiros.

- Enfim, chegamos à casa de praia. / Abriu um novo restaurante; disseram que a casa é ótima.

- Os marinheiros retornaram a terra. / Conseguiu chegar à terra natal. / Da terra viestes, à terra voltarás. / Quem não gosta da Terra?

- Eu amo (a) Maria.

- Passeei em Ipanema. / Passeei na famosa Ipanema.

- Todos os quatro filhos acompanharam o pai. / O pai veio e saiu com todos quatro.

- Esta carteira é válida em todo território nacional. / Esta carteira é válida em todo o território nacional.

- O homem cuja a persistência é grande logra êxito.

- Fui até a praia. / Fui até à praia.

4. Valor discursivo:

- João foi ao parque do bairro com seu pai. Chegando lá o pai viu o garoto se afogar no lago.

- Ele é o homem, eu sou apenas uma mulher. / Ela é dona da casa, eu sou dona de casa. / Engordei uns cinco quilos. / Estou com uma fome!

FOCA
NA
GRAMÁTICA

Clams
FERNANDO PESTANA
A Gramática para Concursos Públicos
SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

Curso Completo de Português

Prof. Fernando Pestana

(Autor do livro "A Gramática para Concursos Públicos")

Classes de Palavras - Artigo

— ***Definição***

1. Classificação: definidos e indefinidos.*

> *o, a, os, as*

> *um, uns, uma, umas*

* *Contração de preposição com artigo*

2. Identificação: I) vem antes de um substantivo, normalmente; II) serve para substantivar; III) não confunda com pronome (oblíquo, demonstrativo ou indefinido), preposição ou numeral.

I) As grandes e frequentes crises econômicas vêm atrapalhando certos países. / Pai, mãe e filha ceavam: os três eram bastante humildes. / O que você tem a ver com isso? / Ela tem mais personalidade do que ele...

II) Estou entre o sim e o não. / O professor perguntou ao aluno: “Na frase *A língua é coisa muito complexa*, o a da frase é um artigo?” / O *Aí eu vou pra galeeeeeera!* é um bordão inesquecível...

III) Eu os convidei para a festa. / As do sudeste são mais atraentes que as do norte. / Gosto dos alunos, mas só dos que são disciplinados*. / Sou o que sou. / Pedro e João eram apóstolos: um era impetuoso, o outro era emotivo. / Sou fiel a Deus. / Dentre dez alunas, uma passou no concurso.

** Bechara e Luft (Esaf)*

3. Principais empregos:

- Fizeram alusão a (ou aos) meus ideais, não aos seus.

- Certos membros religiosos não vão a festas. / A pesquisa não se refere a mulher casada, a homem casado, mas tão somente a solteiros.

- Enfim, chegamos à casa de praia. / Abriu um novo restaurante; disseram que a casa é ótima.

- Os marinheiros retornaram a terra. / Conseguiu chegar à terra natal. / Da terra viestes, à terra voltarás. / Quem não gosta da Terra?

- Eu amo (a) Maria.

- Passeei em Ipanema. / Passeei na famosa Ipanema.

- Todos os quatro filhos acompanharam o pai. / O pai veio e saiu com todos quatro.

- Esta carteira é válida em todo território nacional. / Esta carteira é válida em todo o território nacional.

- O homem cuja a persistência é grande logra êxito.

- Fui até a praia. / Fui até à praia.

4. Valor discursivo:

- João foi ao parque do bairro com seu pai. Chegando lá o pai viu o garoto se afogar no lago.

- Ele é o homem, eu sou apenas uma mulher. / Ela é dona da casa, eu sou dona de casa. / Engordei uns cinco quilos. / Estou com uma fome!

FOCA
NA
GRAMÁTICA

Clams
FERNANDO PESTANA
A Gramática para Concursos Públicos

Curso Completo de Português

Prof. Fernando Pestana

(Autor do livro "A Gramática para Concursos Públicos")

Classes de Palavras - Substantivo

— ***Definição***

1. Identificação:

- O amor dos pais não tem limite.

- Tudo tem seus prós e seus contras.

- Preta, você me ama?

** sintagma nominal*

2. Nominalização:

- Alguns jornais fabricam informações > A fabricação de informações é feita por alguns jornais.

- Surgiram novos problemas no trabalho, atrapalhando-me > O surgimento de novos problemas no trabalho atrapalhou-me.

- Quem canta os males espanta > O canto espanta os males.

3. Locução Substantiva: anjo da guarda, dona de casa, ponto de vista, fim de semana, Belo Horizonte, Rio de Janeiro...

4. Classificação: I) primitivo, II) derivado, III) simples, IV) composto, V) comum, VI) próprio, VII) abstrato, VIII) concreto, IX) coletivo.

I) pedra, flor, mesa...

II) pedreiro, florista, mesário...

III) samba, enredo, ponta, pé...

IV) samba-enredo, pontapé...

V) homem, bairro, cão...

VI) João, Copacabana, Totó...

VII) beijo, morte, alegria, saudade...

VIII) Deus, vampiro, chupa-cabra, plantação*...

IX) vara, matilha, esquadra, cacho...

5. Variação em gênero: I) biforme e uniforme, II) gêneros confundíveis, III) mudança de gênero > mudança de sentido.

I) biforme: aluno/aluna, elefante/elefanta, conde/condessa, imperador/imperatriz, avô/avó, homem/mulher, boi/vaca...; uniforme: um dentista/uma dentista, meu agente/minha agente; o cônjuge, a testemunha; o jacaré macho/fêmea, a pulga macho/fêmea...

II) o champanha, o dó, o herpes, o apêndice; a musse, a alface, a cal, a apendicite; o/a tapa, o/a dengue, o/a diabete(s)...

III) a cabeça > o cabeça, a caixa > o caixa, a moral > o moral, a cisma > o cisma...

6. Variação em número: I) mudança de número > mudança de sentido, II) simples, III) compostos.

I) bem > bens, costa > costas, féria > férias...

II) -**ão** (s, es, ões): mãos, alemães, feijões...; **-al/-el/-ol-/ul** (is): canais, aneis, anzois, pauis...; -**il** (s, eis): fuzis, fósseis...; -**m** (ns): dons...; -n (s, es): hifens, hífenes...; -**r** (es): hambúrgueres...; -**s** (es): meses, atlas, víveres...; -**x**: as xérox...; -**z** (es): gravidezes...; **plural com diminutivo**: balão > balões > balõe + zinhos = balõezinhos; **plural de letra e sigla**: ii (os is), DVDs...; **plural metafônico**: miolos, choros, fornos, trocos...

III) **regra geral**: tio-avô, cachorro-quente, sexta-feira...; porta-bandeira, sempre-viva, ave-maria...; **2º delimitando o 1º**: peixe-espada, pombo-correio, navio-escola...; **subst. + prep. + subst**.: pé de moleque, pôr do sol, pai dos burros...; **grã-, grão-, bel-, são-**: grã-duquesa, grão-mestre, bel-prazer, são-bernardo...; **gentílicos**: nova-iorquino, sul-coreano, afro-brasileiro...; **verbos iguais**: corre-corre, pega-pega...; **onomatopeias**: bem-te-vi, reco-reco...; **frase substantivada**: maria vai com as outras, leva e traz...; **guarda + subst. / guarda + adj**.: guarda-chuva, guarda-civil...

7. Variação em grau: I) aumentativo (analítico e sintético), II) diminutivo (analítico e sintético), III) grau estilístico.

I) cão grande, canzarrão...

II) cão pequeno, cãozinho...

III) sabichão, carrão, paizão...; gatinha, timinho, amorzinho...

8. Valor discursivo:

“Gosto muito do Flamengo, mas esse Flamengo de hoje vem me cansando. Saber que o Mengão está em má fase provoca em mim uma revolta muito grande, pois meu grande time é sinônimo de tradição e talento.”

“Os pais discutiam frequentemente com a filha por causa do namorado dela. O imbróglio se devia ao mau-caráter dele”.

FOCA
NA
GRAMÁTICA

Clams
FERNANDO PESTANA
A Gramática para Concursos Públicos

Língua Portuguesa – começando do ZERO

Apostila 14 (Teoria essencial)

Emprego dos sinais de pontuação

Principais sinais de pontuação

Pontuar é, antes de mais nada, dividir o discurso, separar-lhe as partes quando for necessário. Clara definição para o que vem a ser "pontuar" nos deixou o ilustre mestre Celso Pedro Luft: "Pontuar bem é ter visão clara da estrutura do pensamento e da frase. Pontuar bem é governar as rédeas da frase. Pontuar bem é ter ordem no pensar e na expressão".

Para que bem se efetue esse domínio, empregam-se os sinais de pontuação os quais se dividem em sinais de pausa e sinais de entonação ou melódicos.

1. Sinais de pausa:

a) a vírgula (,);
b) o ponto (.);
c) o ponto-e-vírgula(;)

2. Sinais de entonação ou melódicos:

a) os dois-pontos (:);
b) o ponto de exclamação (!);
c) o ponto de interrogação (?);
d) as reticências (...);
e) as aspas (“   “)
f) os parênteses (( ));
g) os colchetes ([ ])
h) o travessão (–).

I – EMPREGO DA VÍRGULA (,)

Para se estudar o emprego da vírgula, primeiro é preciso entender que ela pode ser usada tanto para isolar termos dentro das orações quanto para separar orações dentro de um período composto. Por isso, dividimos seu emprego em:

1. A VÍRGULA ENTRE OS TERMOS DE UMA ORAÇÃO

Emprega-se a vírgula:

a) Para separar termos coordenados assindéticos (sem ligação por conectivo), de mesma função sintática, que formam, muitas vezes, enumerações.

* Deparamo-nos em nossa viagem com uma paisagem paradisíaca na qual se viam o sol, algumas nuvens, o mar ao longe, alguns coqueiros e duas casas numa restinga.

Observações:

- Quando o último elemento de uma série enumerativa vier precedido da conjunção “e”, a vírgula é não é empregada.

* Na festa, todos saltavam, riam, cantavam e dançavam freneticamente.

- Não se deve empregar a vírgula antes das conjunções “e, ou, nem” quando estas ligarem palavras ou mesmo orações de pequena extensão.

* “Todo ele era atenção e interrogação.” (Machado de Assis)

- Emprega-se a vírgula antes do “e” quando este vier repetido antes de cada um dos elementos (polissíndeto).

“Tua irmã é carinhosa, e doce, e meiga, e casta, e consoladora.” (Eça de Queiroz)

b) Para isolar vocativos:

* “Mas olha, meu Telmo, torno a dizer-to: eu não sei como hei de fazer para te dar conselhos.” (A. Garrett)

c) Para separar adjuntos adverbiais locucionais deslocados dentro da estrutura oracional.

* “A morte de Afonso VI, quase no fim da primeira década do século XII, deu origem a acontecimentos ainda mais graves do que os por ele previstos...” (A. Herculano)

* “Desde as quatro horas da tarde, no calor e silêncio do domingo de junho, o Fidalgo da Torre (...) trabalhava.” (Eça de Queiroz)

d) Para isolar apostos explicativos:

* “Vós fostes o aio e amigo de meu senhor... de meu primeiro marido, o Senhor D. João de Portugal...” (A. Garrett)

e) Para isolar o nome do lugar quando seguido de data:

* Palmares, 2 de fevereiro de 2004.

f) Para isolar alguns termos sintáticos – geralmente complementos verbais – postos no início do período (anástrofe), com o intuito de conferir-lhes ênfase, desde que sejam retomados de forma pleonástica por pronome oblíquo.

* As idéias do nosso presidente, já não mais as defendo.

* Aos amigos do alheio, difícil é perdoar-lhes os prejuízos que causam.

g) Para isolar o predicativo do sujeito deslocado dentro da estrutura oracional quando o verbo não é de ligação.

* Triste com a notícia, o rapaz deixou a sala em silêncio.

h) Para indicar uma elipse (ocultação), geralmente, de um verbo:

* O Brasil sempre exportou carnes; a Argentina, sapatos e couro; a Venezuela, petróleo. (Elipse do verbo “exportar”)

i) Para separar expressões explicativas, conclusivas e retificativas, interpostas na oração como "*isto é, a saber, ou seja, por exemplo, ou melhor, outrossim, com efeito, assim, então, por assim dizer, além disso, ademais etc*".

* "Quaresma fez o "Tangolomango", isto é, vestiu uma velha sobrecasaca do general..." (Lima Barreto)

j) Para separar os elementos paralelos nas frases proverbiais.

* O velho a estirar, o diabo a enrugar.

* Dinheiro na mão, amigos no portão.

2. A VÍRGULA ENTRE AS ORAÇÕES

a) Para separar orações coordenadas assindéticas.

* "Entregou a espingarda a sinhá Vitória, pôs o filho no cangote, levantou-se, agarrou os bracinhos..." (Graciliano Ramos)

b) Emprega-se a vírgula para separar as orações coordenadas sindéticas, exceto as introduzidas pelo conectivo aditivo "e".

* "... as duas janelas estavam cerradas, mas sentia-se fora o sol faiscar nas vidraças..." (Eça de Queiroz)

* "Não freqüentava botequins, nem fazia noitadas." (Eça de Queiroz)

c) Para separar orações subordinadas adjetivas explicativas:

* "Aquele olhar profundo, que parecia despedir os fogos surdos de uma labareda oculta, incutia nela um desassossego íntimo." (José de Alencar)

d) Para separar orações subordinadas adverbiais desenvolvidas quando antepostas à oração principal ou intercaladas nela.

* "Logo que começou a revolver os papéis, a mão do médico tornou-se mais febril." (Machado de Assis)

* O conselheiro, embora não figurasse em nenhum grande cargo do Estado, ocupava elevado lugar na sociedade. (Machado de Assis)

e) Para separar as orações reduzidas (de gerúndio, de infinitivo e de particípio) adverbiais e adjetivas quando antepostas à oração principal ou intercaladas nela.

* "Hoje, pensando melhor, acho que servi de alívio." (Machado de Assis)

* Acabada a balada, retiraram-se os convidados.

f) Para separar orações intercaladas.

* "Venha, acudiu ele, venha o grande o homem." (Machado de Assis)

3. NÃO SE EMPREGA A VÍRGULA

a) Entre o sujeito e o seu verbo quando juntos, ainda que um preceda ao outro:

* A indignação de muitos estudantes, não transpõe o âmbito das conversas privadas.

b) Entre o verbo e o(s) seu(s) complemento(s) quando juntos, ainda que um preceda ao outro:

* O artigo 273 do CPC garante, ao autor, a antecipação dos efeitos da tutela.

* Deverão ser entregues ao auditor, todas as cópias, devidamente autenticadas.

c) Entre o nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) é o seu complemento quando estão juntos:

* Ele sempre exerceu uma forte influência, na investigação dos casos de corrupção no Brasil.

d) Entre o nome (substantivo) e o seu adjunto adnominal:

* A casa e todos os bens, de nossos avós, foram doados para abrigos de idosos.

* Ficou durante um bom tempo impressionado com o nome, do marido dela.

e) Entre o nome e a oração subordinada adjetiva restritiva.

* O homem, que fuma, aumenta a probabilidade de desenvolver câncer de pulmão.
vírgulas inadequadas – a oração adjetiva é restritiva

* O deputado, que é honesto, possui mais facilidade para se reeleger em uma segunda eleição.
vírgulas inadequadas – a oração adjetiva é restritiva

f) Entre a oração principal e a oração subordinada substantiva, salvo a oração subordinada substantiva apositiva.

* Mostrou-se bastante ansioso, por que o problema logo fosse resolvido.

* O deputado secretamente nos disse, que o Brasil certamente passará por uma crise financeira em breve.

II – EMPREGO DO PONTO-E-VÍRGULA (;)

O ponto-e-vírgula representa uma pausa maior que a vírgula e menor que o ponto final. Não há regras bem delimitadas para o seu emprego. É comum empregar-se:

a) Para separar os incisos de leis, decretos, portarias etc.

Art. 3º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

I - construir uma sociedade livre, justa e solidária;

II - garantir o desenvolvimento nacional;

III - erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;

IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

b) Para separar orações coordenadas de sentidos opostos:

* A irmã odeia esportes; o irmão ama tudo que exige movimento.

c) Para separar orações coordenadas de considerável extensão, principalmente quando em qualquer destas proposições já existe pausa mais fraca assinalada por vírgula.

* A porta ficava à direita da grande coluna de entrada do templo budista; a sala do mestre localizava-se depois dessa porta.

III – EMPREGO DOS DOIS-PONTOS (:)

Os dois-pontos representam geralmente uma pausa repentina, instantânea, um pouco mais intensa que a vírgula, indicando, na maioria dos casos, uma estrutura incompleta. São empregados para:

a) Separar o verbo de dizer (dicendi) do discurso direto (fala) da personagem:

* E a filha, cingindo-lhe ao pescoço, exclamara:
– E quando vamos? (Camilo Castelo Branco)

b) Enunciar uma enumeração:

* Frequentemente lia os clássicos portugueses: Camões, Camilo, Herculano e Quental.

c) Separar expressões que explicam ou completam o que foi dito anteriormente:

* “Mal, porém o marido lhe dava as costas, voltava-lhe a fraqueza : vinham-lhe as lágrimas, tornavam as agonias.” (Lima Barreto)

d) Indicar uma citação, alheia ou própria:

* Pensamos como Pitágoras: “Educai as crianças e não será preciso castigar os homens”.

IV – PARÊNTESES (( ))

Os parênteses são frequentemente usados na escrita para isolar termos, palavras, expressões e orações intercalados na estrutura oracional e muitas vezes deslocados dentro dela. Por isso, são empregados para:

a) Isolar – à semelhança do emprego da vírgula e do travessão – termos, notas e orações acessórios, intercalados no período.

* "A entrada ao que me dizem (eu nunca entrei a barra) é um panorama grandioso, rival das Constantinoplas e das Nápoles." (Eça de Queiroz)

b) Isolar palavras e expressões de valor explicativo dentro do período á semelhança do emprego da vírgula e do travessão.

* "Chegamos ao Inn (estalagem), triste casa solitária no meio dos campos à borda da estrada." (A. Garret)

c) Isolar – à semelhança da vírgula e do travessão – a oração adjetiva explicativa:

* "O vaqueiro separa escrupulosamente a grande maioria de novas cabeças pertencentes ao patrão (nas quais imprime o sinal da fazenda) das poucas, um quarto, que lhe couberam por sorte." (Euclides da Cunha)

d) Indicar o comportamento da(s) personagem(ns) em textos narrativos ou peças escritas para o teatro.

* "Não tem outro defeito; é uma alma lavada, e amiga da sua amiga. Verdade, que, às vezes... (aqui a prelada ergueu-se a escutar nos dormitórios, e fechou por dentro a porta); ..." (Camilo Castelo Branco)

e) Isolar orações subordinadas reduzidas e desenvolvidas intercaladas:

* " Quando eu referi a Escobar aquela opinião de minha mãe (sem lhe contar as outras naturalmente) vi que o prazer dele foi extraordinário." (Machado de Assis)

V – TRAVESSÃO

É o sinal de pontuação representado por um traço de certa extensão, um pouco mais longo que o hífen, que geralmente simboliza pausas dentro da estrutura oracional. Logo, emprega-se para:

a) Substituir a vírgula e até mesmo os parênteses, indicando uma pausa mais extensa, mais profunda, mais enfática.

* "Todo aquele dia lhe aparecia como enevoado, sem contornos, à maneira de um sonho antigo — onde destacava a cara balofa e amarelada do padre, e a figura medonha de uma velha, que estendia a mão adunca, com uma sofreguidão colérica, empurrando, rogando pragas, quando, à porta da igreja, Jorge comovido distribuía patacos." (Eça de Queiroz)

b) Para indicar a mudança de interlocutor nos discursos narrativos:

"Na varanda achei prima Justina, passeando de um lado para outro. Veio ao patamar e perguntou-me onde estivera.
- Estive aqui ao pé, conversando com D. Fortunata, e distraí-me. É tarde, não é? Mamãe perguntou por mim?
- Perguntou, mas eu disse que você já tinha vindo." (Machado de Assis)

Teste seus conhecimentos – Questões sobre pontuação

1. Assinale a alternativa em que o período proposto está corretamente pontuado.

a) Neste ponto viúva amiga, é natural que lhe perguntes, a propósito da Inglaterra como é que se explica, a vitória eleitoral de Gladstone.
b) Neste ponto, viúva amiga, é natural que lhe perguntes, a propósito da Inglaterra, como é que se explica a vitória eleitoral de Gladstone.
c) Neste ponto, viúva amiga é natural que, lhe perguntes a propósito da Inglaterra, como é que explica a vitória eleitoral, de Gladstone?
d) Neste ponto, viúva amiga, é natural, que lhe perguntes a propósito da Inglaterra, como é que, se explica a vitória eleitoral de Gladstone.
e) Neste ponto viúva amiga, é natural que lhe perguntes a propósito da Inglaterra como é, que se explica, a vitória eleitoral de Gladstone?

2. As experiências dessa natureza em curso em outros países não apresentam resultados animadores.

A frase anterior, com elementos deslocados, está corretamente pontuada em:

a) Não apresentam resultados, animadores em outros países, as experiências dessa natureza em curso.
b) Em curso em outros países, as experiências dessa natureza, não apresentam resultados animadores.
c) Em outros países, não apresentam resultados animadores - as experiências dessa natureza em curso.
d) Em outros países as experiências dessa natureza, em curso, não apresentam, resultados animadores.
e) Não apresentam, as experiências dessa natureza em curso em outros países, resultados animadores.

3. Assinalar a alternativa cujo período dispensa o uso de vírgula:

a) Nesse trabalho ficou patente a competência dos jovens frente à nova situação.
b) O autor busca um meio capaz de gerar um conjunto potencialmente infinito de formas com suas propriedades típicas.

c) Apreensivo ora se voltava para a janela ora examinava o documento.
d) Suas palavras embora gentis continham um fundo de ironia.
e) Tudo isto é muito válido mas tem seus inconvenientes.

4. Assinale a alternativa que está com a pontuação correta.

a) Citando o dito da rainha de Navarra, ocorre-me que entre nosso povo, quando uma pessoa vê outra pessoa arrufada, costuma perguntar-lhe: "Gentes, quem matou seus cachorrinhos?"
b) Citando o dito, da rainha de Navarra, ocorre-me que entre nosso povo quando, uma pessoa vê outra pessoa arrufada costuma perguntar-lhe: "Gentes, quem matou seus cachorrinhos?"
c) Citando, o dito da rainha de Navarra, ocorre-me que entre nosso povo, quando uma pessoa vê outra pessoa arrufada costuma perguntar-lhe: "Gentes quem matou seus cachorrinhos?"
d) Citando o dito da rainha de Navarra, ocorre-me que entre nosso povo, quando uma pessoa vê outra pessoa arrufada, costuma perguntar-lhe: "Gentes quem matou seus cachorrinhos?"
e) Citando o dito, da rainha de Navarra, ocorre-me, que, entre nosso povo, quando uma pessoa, vê outra pessoa arrufada, costuma perguntar-lhe: "Gentes, quem matou seus cachorrinhos?"

5. Considere os períodos I, II e III, pontuados por duas maneiras diferentes.

I - Ouvi dizer de certa cantora que era um elefante que engolira um rouxinol.
Ouvi dizer de certa cantora, que era um elefante, que engolira um rouxinol.
II - A versão apresentada à imprensa é evidentemente falsa.
A versão apresentada à imprensa é, evidentemente, falsa.
III - Os freios do Buick guincham nas rodas e os pneumáticos deslizam rente à calçada.
Os freios do Buick guincham nas rodas, e os pneumáticos deslizam rente à calçada.

Com pontuação diferente ocorre alteração de sentido somente em:

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

6. Das frases adiantes, a única inteiramente de acordo com as normas gramaticais é:

a) Os votos e as sentenças do ministro, por mais que se os vejam de prismas diversos, atestam cultura jurídica indiscutível.
b) Soltam rojões contra o gabinete do ministro e depois se cotizam para pagar os vidros que as explosões dos rojões quebraram.
c) O maestro diz que lhe dói os ouvidos quando escuta uma nova desafinada.
d) Deve haver uma lei geral e devem haver leis especiais.
e) Nós é que, senhor Presidente, não podemos concordar com tal ilegalidade.

7. "Podem me chamar de porco chauvinista. Mas feminista ao volante me tira do sério."

Este trecho admite algumas outras pontuações. Assinalar a alternativa cuja pontuação seja inadmissível.

a) Podem me chamar de porco chauvinista, mas feminista ao volante me tira do sério.
b) Podem me chamar de, porco chauvinista. Mas feminista ao volante me tira do sério.
c) Podem me chamar de porco chauvinista, mas feminista, ao volante, me tira do sério.
d) Podem me chamar de porco chauvinista. Mas feminista, ao volante, me tira do sério.
e) Podem me chamar de porco, chauvinista, mas feminista ao volante me tira do sério.

8. Assinale a opção que melhor reestrutura - gramatical e estilisticamente - o seguinte grupo de frases:

“Uma tarde destas eu vinha da cidade para o Brás. Então encontrei no Metrô uma garota aqui do bairro. E eu conheço essa garota de vista e de chapéu”.

a) Ao vir da cidade para o Brás uma tarde destas, encontrei no Metrô uma garota aqui do bairro que conheço de vista e de chapéu.
b) Uma tarde destas, quando eu vinha da cidade para o Brás de chapéu, no Metrô aqui do bairro encontrei uma garota, a qual conheço de vista.
c) Ao vir da cidade para o Brás uma tarde destas, encontrei, aqui do bairro, uma garota no Metrô que conheço de vista e de chapéu.
d) Eu conheço uma garota aqui do bairro, de vista e de chapéu, que encontrei no Metrô, quando vinha da cidade para o bairro.
e) Uma tarde destas, vindo da cidade para o Brás, encontrei no Metrô uma garota aqui do bairro, a qual conheço de vista e de chapéu.

9. Assinale a opção que corresponde ao período com a melhor pontuação:

a) "Cada estação da vida é uma edição, que corrige a anterior, e que será corrigida, também, até a edição definitiva, que o editor dá, de graça, aos vermes".
b) "Cada estação da vida é uma edição que corrige a anterior, e que será corrigida; também, até a edição definitiva, que o editor dá de graça aos vermes".
c) "Cada estação da vida é uma edição, que corrige a anterior; e que será corrigida também; até a edição definitiva que o editor dá de graça aos vermes".
d) "Cada estação da vida é uma edição que corrige a anterior, e que será corrigida também, até a edição definitiva, que o editor dá de graça aos vermes".

10. Os trechos a seguir tiveram sinais de pontuação suprimidos e alterados. Aponte aquele cuja pontuação permaneceu gramaticalmente correta.

a) "A idéia do ministro extraordinário dos Esportes, Édson Arantes do Nascimento, o Pelé de colocar na cadeia 'os meninos' que participam de brigas entre torcidas organizadas é para ficar no jargão esportivo, uma 'bola fora'."
b) "Parece que, o Pelé do milésimo gol, que pedia escola para 'esses meninos,' também era bem mais sábio do que o que hoje lhes propõe 'cadeia'."
c) "Os otimistas olham e dizem: Ah, está meio cheio. Mas os pessimistas, vêem o mesmo copo, a mesma quantidade de água e acham que está meio vazio."
d) "A pesquisa, descrita na edição de hoje da revista científica britânica 'Nature', é mais um dado na busca pelos cientistas de compreender os mecanismos moleculares da embriogênese, ou seja, a formação e desenvolvimento dos seres vivos."
e) "Como os bens públicos não podem ser penhorados os precatórios entram em ordem cronológica no orçamento do governo."

11. Identifique a alternativa em que se corrige a má estruturação do texto a seguir:

Ele chegou cansado do trabalho. Parecendo mesmo desanimado. Assistindo à televisão a família não o notou.

a) Uma vez chegado do trabalho, cansado, parecia até mesmo desanimado. A família não o notou enquanto assistia à televisão.
b) Tendo chegado do trabalho cansado, parecia mesmo desanimado. A família assistia à televisão. Não o notaram.
c) Desde que chegou cansado do trabalho, parecia mesmo desanimado. Como assistisse à televisão, a família não o notou.
d) Chegou cansado do trabalho, parecendo mesmo desanimado. A família, que assistia à televisão, nem o notou.
e) Parecia mesmo desanimado, porque chegava do trabalho cansado. Enquanto que a família nem o notara, assistindo à televisão.

12. Indique a alternativa em que a justificativa de emprego da vírgula está INCORRETA.

a) "E isso não é para admirar, pois o dinheiro representa realmente o denominador comum de tudo que tem valor material nesta vida (...)" - A vírgula foi empregada para assinalar o limite entre orações subordinadas.
b) "E contudo não há coisa mais limitada do que o dinheiro, a riqueza." - A vírgula foi empregada para isolar expressões de igual função sintática.
c) "Pois que ele só nos vale até certo ponto, ou seja, até se chocar com os limites dessa coisa intransponível que se chama a natureza humana. - As duas vírgulas marcam a inserção de uma expressão explicativa.

d) "A roda da grã-finagem internacional, que também se chama o café-society ou os idle-rich, os riscos ociosos." - A vírgula antes de QUE se justifica porque marca o início de uma oração adjetiva explicativa.
e) "Se você perde a perna num acidente, o dinheiro lhe dará a melhor perna artificial do mundo - mas ARTIFICIAL." - A vírgula marca a posição antecipada da oração subordinada em relação à oração principal.

13. Os períodos a seguir apresentam diferenças de pontuação. Assinale a alternativa que corresponde ao período de pontuação correta.

a) Seria inaceitável acreditar que as notas passadas para a relação definitiva não correspondiam ao mérito dos alunos.
b) Seria inaceitável acreditar, que as notas passadas para a relação definitiva não correspondiam ao mérito dos alunos.
c) Seria inaceitável, acreditar que as notas, passadas para a relação definitiva, não correspondiam ao mérito dos alunos.
d) Seria inaceitável acreditar, que as notas passadas, para a relação definitiva, não correspondiam ao mérito dos alunos.
e) Seria inaceitável, acreditar que as notas passadas para a relação definitiva não correspondiam, ao mérito dos alunos.

14. Os períodos a seguir apresentam diferenças de pontuação. Assinale a alternativa que corresponde ao período de pontuação correta.

a) O carteiro conversador amável não gosta de livros, tornam pesada a carga, matinal, e não são, mais úteis, que as cartas.
b) O carteiro, conversador, amável, não gosta de livros, tornam pesada a carga, matinal e não são mais úteis: que as cartas.
c) O carteiro, conversador amável, não gosta de livros: tornam pesada a carga matinal e não são mais úteis que as cartas.
d) O carteiro, conversador amável, não gosta de livros, tornam pesada: a carga matinal e não são mais úteis que as cartas.
e) O carteiro, conversador amável não gosta: de livros, tornam pesada a carga, matinal, e não são mais úteis que as cartas.

15. Os períodos a seguir apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

a) Seria oportuno afirmar que nem todos são capazes de uma resposta adequada a tantas perguntas feitas pelos examinadores.
b) Seria oportuno afirmar, que nem todos são capazes de uma resposta, adequada a tantas perguntas feitas pelos examinadores.
c) Seria oportuno, afirmar que nem todos são capazes, de uma resposta adequada a tantas perguntas feitas pelos examinadores.
d) Seria oportuno afirmar que, nem todos são capazes de uma resposta adequada, a tantas perguntas feitas pelos examinadores.
e) Seria oportuno, afirmar que nem todos são capazes de uma resposta adequada a tantas perguntas feitas, pelos examinadores.

16. Assinale a alternativa em que a pontuação NÃO está correta.

a) Releiam as últimas linhas do texto; elas parecem totalmente sem sentido.
b) Nem todos redigiram, em poucos minutos o bilhete solicitado; mas o professor, fez questão, de ler todos os textos cuidadosamente.
c) Deixei-lhes um aviso bem claro: não pretendo refazer o que está ruim por desleixo deles próprios.
d) Assim que a secretária, entrando na sala distraidamente, viu o advogado, compreendeu a gravidade do fato.
e) Vocês, testemunhas oculares do fato, podem contestar a versão do rapaz, que, aliás, não é nada convincente.

17. Considere os períodos I, II e III, pontuados de duas maneiras diferentes.

I. Pedro, o gerente do banco ligou e deixou um recado.

Pedro, o gerente do banco, ligou e deixou um recado.
II. De repente perceberam que estavam brigando à toa.
De repente, perceberam que estavam brigando à toa.
III. Os doces visivelmente deteriorados foram postos na lixeira.
Os doces, visivelmente deteriorados, foram postos na lixeira.

Com a alteração da pontuação, houve mudança de sentido SOMENTE em
a) I
b) II
c) I e II.
d) I e III.
e) II e III.

18. "Diz um conhecido provérbio nos países orientais que para se caminhar mil milhas é preciso dar o primeiro passo."

O texto está corretamente pontuado em:

a) Diz um conhecido provérbio, nos países orientais, que para se caminhar mil milhas, é preciso dar o primeiro passo.
b) Diz um conhecido provérbio nos países orientais, que, para se caminhar mil milhas é preciso, dar o primeiro passo.
c) Diz um conhecido provérbio nos países orientais, que para se caminhar mil milhas, é preciso dar o primeiro passo.
d) Diz um conhecido provérbio, nos países orientais, que, para se caminhar mil milhas, é preciso dar o primeiro passo.
e) Diz, um conhecido provérbio nos países orientais, que para se caminhar mil milhas, é preciso dar o primeiro passo.

19. Assinale O PAR de frases que apresenta falha(s), na pontuação.

a) As mulheres, dizem as feministas, aperfeiçoam os homens.
A voz de Gilka, está cheia de acentos nunca dantes escutados.

b) Nada, nos másculos versos de Francisca Júlia denuncia, a mulher.
Em TRÊS MARIAS, o esmagamento do personagem é mais contundente.

c) Em 1980, a autora, sai de cena, discretamente, como sempre viveu.
Agora, na residência deles, falou da viagem das irmãs.

d) A garota, sentia-se como única responsável pela caçula.
O olhar, iluminava sua face, com um sorriso doce.

e) Menina, venha cá. Vamos nadar?
Durante 10 anos, o governo holandês ocupou a ilha.

20. Assinalar a alternativa em que a acentuação e a pontuação estejam corretas:

a) Multidão, cujo amor cobicei, até à morte, era assim que eu me vingava, às vezes, de ti, deixava burburinhar em volta do meu corpo a gente humana sem a ouvir como o Prometeu de Esquilo fazia aos seus verdugos.
b) Multidão cujo amor cobicei até à morte, era assim que eu me vingava as vezes de ti, deixava burburinhar, em volta do meu corpo, a gente humana sem a ouvir, como o Prometeu de Ésquilo, fazia aos seus verdugos.
c) Multidão, cujo amor cobicei até à morte; era assim que eu me vingava as vezes de ti; deixava burburinhar em volta do meu corpo a gente humana; sem a ouvir como o Prometeu de Esquilo fazia aos seus verdugos.
d) Multidão, cujo amor cobicei até à morte, era assim que eu me vingava às vezes de ti; deixava burburinhar em volta do meu corpo a gente humana, sem a ouvir, como o Prometeu de Ésquilo fazia aos seus verdugos.
e) Multidão, cujo amor cobicei até à morte, era assim que eu me vingava, às vêzes, de ti, deixava burburinhar em volta do meu corpo, a gente humana, sem a ouvir, como o 'Prometeu de Ésquilo fazia aos seus verdugos.

GABARITO

1. [B]

2. [E]

3. [B]

4. [A]

5. [D]

6. [E]

7. [B]

8. [E]

9. [D]

10. [D]

11. [D]

12. [A]

13. [A]

14. [C]

15. [A]

16. [B]

17. [D]

18. [D]

19. [D]

20. [D]

Língua Portuguesa – começando do ZERO

Apostila 14 (Teoria essencial)

Emprego dos sinais de pontuação

Principais sinais de pontuação

Pontuar é, antes de mais nada, dividir o discurso, separar-lhe as partes quando for necessário. Clara definição para o que vem a ser "pontuar" nos deixou o ilustre mestre Celso Pedro Luft: "Pontuar bem é ter visão clara da estrutura do pensamento e da frase. Pontuar bem é governar as rédeas da frase. Pontuar bem é ter ordem no pensar e na expressão".

Para que bem se efetue esse domínio, empregam-se os sinais de pontuação os quais se dividem em sinais de pausa e sinais de entonação ou melódicos.

1. Sinais de pausa:

a) a vírgula (,);
b) o ponto (.);
c) o ponto-e-vírgula(;)

2. Sinais de entonação ou melódicos:

a) os dois-pontos (:);
b) o ponto de exclamação (!);
c) o ponto de interrogação (?);
d) as reticências (...);
e) as aspas (“   “)
f) os parênteses (( ));
g) os colchetes ([ ])
h) o travessão (–).

I – EMPREGO DA VÍRGULA (,)

Para se estudar o emprego da vírgula, primeiro é preciso entender que ela pode ser usada tanto para isolar termos dentro das orações quanto para separar orações dentro de um período composto. Por isso, dividimos seu emprego em:

1. A VÍRGULA ENTRE OS TERMOS DE UMA ORAÇÃO

Emprega-se a vírgula:

a) Para separar termos coordenados assindéticos (sem ligação por conectivo), de mesma função sintática, que formam, muitas vezes, enumerações.

* Deparamo-nos em nossa viagem com uma paisagem paradisíaca na qual se viam o sol, algumas nuvens, o mar ao longe, alguns coqueiros e duas casas numa restinga.

Observações:

- Quando o último elemento de uma série enumerativa vier precedido da conjunção "e", a vírgula é não é empregada.

* Na festa, todos saltavam, riam, cantavam e dançavam freneticamente.

- Não se deve empregar a vírgula antes das conjunções "e, ou, nem" quando estas ligarem palavras ou mesmo orações de pequena extensão.

* "Todo ele era atenção e interrogação." (Machado de Assis)

- Emprega-se a vírgula antes do "e" quando este vier repetido antes de cada um dos elementos (polissíndeto).

"Tua irmã é carinhosa, e doce, e meiga, e casta, e consoladora." (Eça de Queiroz)

b) Para isolar vocativos:

* "Mas olha, meu Telmo, torno a dizer-to: eu não sei como hei de fazer para te dar conselhos." (A. Garrett)

c) Para separar adjuntos adverbiais locucionais deslocados dentro da estrutura oracional.

* "A morte de Afonso VI, quase no fim da primeira década do século XII, deu origem a acontecimentos ainda mais graves do que os por ele previstos..." (A. Herculano)

* "Desde as quatro horas da tarde, no calor e silêncio do domingo de junho, o Fidalgo da Torre (...) trabalhava." (Eça de Queiroz)

d) Para isolar apostos explicativos:

* "Vós fostes o aio e amigo de meu senhor... de meu primeiro marido, o Senhor D. João de Portugal..." (A. Garrett)

e) Para isolar o nome do lugar quando seguido de data:

* Palmares, 2 de fevereiro de 2004.

f) Para isolar alguns termos sintáticos – geralmente complementos verbais – postos no início do período (anástrofe), com o intuito de conferir-lhes ênfase, desde que sejam retomados de forma pleonástica por pronome oblíquo.

* As idéias do nosso presidente, já não mais as defendo.

* Aos amigos do alheio, difícil é perdoar-lhes os prejuízos que causam.

g) Para isolar o predicativo do sujeito deslocado dentro da estrutura oracional quando o verbo não é de ligação.

* Triste com a notícia, o rapaz deixou a sala em silêncio.

h) Para indicar uma elipse (ocultação), geralmente, de um verbo:

* O Brasil sempre exportou carnes; a Argentina, sapatos e couro; a Venezuela, petróleo. (Elipse do verbo "exportar")

i) Para separar expressões explicativas, conclusivas e retificativas, interpostas na oração como “*isto é, a saber, ou seja, por exemplo, ou melhor, outrossim, com efeito, assim, então, por assim dizer, além disso, ademais etc*”.

* “Quaresma fez o “Tangolomango”, isto é, vestiu uma velha sobrecasaca do general...” (Lima Barreto)

j) Para separar os elementos paralelos nas frases proverbiais.

* O velho a estirar, o diabo a enrugar.

* Dinheiro na mão, amigos no portão.

2. A VÍRGULA ENTRE AS ORAÇÕES

a) Para separar orações coordenadas assindéticas.

* “Entregou a espingarda a sinhá Vitória, pôs o filho no cangote, levantou-se, agarrou os bracinhos...” (Graciliano Ramos)

b) Emprega-se a vírgula para separar as orações coordenadas sindéticas, exceto as introduzidas pelo conectivo aditivo “e”.

* “... as duas janelas estavam cerradas, mas sentia-se fora o sol faiscar nas vidraças...” (Eça de Queiroz)

* “Não freqüentava botequins, nem fazia noitadas.” (Eça de Queiroz)

c) Para separar orações subordinadas adjetivas explicativas:

* “Aquele olhar profundo, que parecia despedir os fogos surdos de uma labareda oculta, incutia nela um desassossego íntimo.” (José de Alencar)

d) Para separar orações subordinadas adverbiais desenvolvidas quando antepostas à oração principal ou intercaladas nela.

* “Logo que começou a revolver os papéis, a mão do médico tornou-se mais febril.” (Machado de Assis)

* O conselheiro, embora não figurasse em nenhum grande cargo do Estado, ocupava elevado lugar na sociedade. (Machado de Assis)

e) Para separar as orações reduzidas (de gerúndio, de infinitivo e de particípio) adverbiais e adjetivas quando antepostas à oração principal ou intercaladas nela.

* “Hoje, pensando melhor, acho que servi de alívio.” (Machado de Assis)

* Acabada a balada, retiraram-se os convidados.

f) Para separar orações intercaladas.

* “Venha, acudiu ele, venha o grande o homem.” (Machado de Assis)

3. NÃO SE EMPREGA A VÍRGULA

a) Entre o sujeito e o seu verbo quando juntos, ainda que um preceda ao outro:

* A indignação de muitos estudantes, não transpõe o âmbito das conversas privadas.

b) Entre o verbo e o(s) seu(s) complemento(s) quando juntos, ainda que um preceda ao outro:

* O artigo 273 do CPC garante, ao autor, a antecipação dos efeitos da tutela.

* Deverão ser entregues ao auditor, todas as cópias, devidamente autenticadas.

c) Entre o nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) é o seu complemento quando estão juntos:

* Ele sempre exerceu uma forte influência, na investigação dos casos de corrupção no Brasil.

d) Entre o nome (substantivo) e o seu adjunto adnominal:

* A casa e todos os bens, de nossos avós, foram doados para abrigos de idosos.

* Ficou durante um bom tempo impressionado com o nome, do marido dela.

e) Entre o nome e a oração subordinada adjetiva restritiva.

* O homem, que fuma, aumenta a probabilidade de desenvolver câncer de pulmão.
vírgulas inadequadas – a oração adjetiva é restritiva

* O deputado, que é honesto, possui mais facilidade para se reeleger em uma segunda eleição.
vírgulas inadequadas – a oração adjetiva é restritiva

f) Entre a oração principal e a oração subordinada substantiva, salvo a oração subordinada substantiva apositiva.

* Mostrou-se bastante ansioso, por que o problema logo fosse resolvido.

* O deputado secretamente nos disse, que o Brasil certamente passará por uma crise financeira em breve.

II – EMPREGO DO PONTO-E-VÍRGULA (;)

O ponto-e-vírgula representa uma pausa maior que a vírgula e menor que o ponto final. Não há regras bem delimitadas para o seu emprego. É comum empregar-se:

a) Para separar os incisos de leis, decretos, portarias etc.

Art. 3º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

I - construir uma sociedade livre, justa e solidária;

II - garantir o desenvolvimento nacional;

III - erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;

IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

b) Para separar orações coordenadas de sentidos opostos:

* A irmã odeia esportes; o irmão ama tudo que exige movimento.

c) Para separar orações coordenadas de considerável extensão, principalmente quando em qualquer destas proposições já existe pausa mais fraca assinalada por vírgula.

* A porta ficava à direita da grande coluna de entrada do templo budista; a sala do mestre localizava-se depois dessa porta.

III – EMPREGO DOS DOIS-PONTOS (:)

Os dois-pontos representam geralmente uma pausa repentina, instantânea, um pouco mais intensa que a vírgula, indicando, na maioria dos casos, uma estrutura incompleta. São empregados para:

a) Separar o verbo de dizer (dicendi) do discurso direto (fala) da personagem:

* E a filha, cingindo-lhe ao pescoço, exclamara:
– E quando vamos? (Camilo Castelo Branco)

b) Enunciar uma enumeração:

* Frequentemente lia os clássicos portugueses: Camões, Camilo, Herculano e Quental.

c) Separar expressões que explicam ou completam o que foi dito anteriormente:

* “Mal, porém o marido lhe dava as costas, voltava-lhe a fraqueza : vinham-lhe as lágrimas, tornavam as agonias.” (Lima Barreto)

d) Indicar uma citação, alheia ou própria:

* Pensamos como Pitágoras: “Educai as crianças e não será preciso castigar os homens”.

IV – PARÊNTESES (( ))

Os parênteses são frequentemente usados na escrita para isolar termos, palavras, expressões e orações intercalados na estrutura oracional e muitas vezes deslocados dentro dela. Por isso, são empregados para:

a) Isolar – à semelhança do emprego da vírgula e do travessão – termos, notas e orações acessórios, intercalados no período.

* "A entrada ao que me dizem (eu nunca entrei a barra) é um panorama grandioso, rival das Constantinoplas e das Nápoles." (Eça de Queiroz)

b) Isolar palavras e expressões de valor explicativo dentro do período á semelhança do emprego da vírgula e do travessão.

* "Chegamos ao Inn (estalagem), triste casa solitária no meio dos campos à borda da estrada." (A. Garret)

c) Isolar – à semelhança da vírgula e do travessão – a oração adjetiva explicativa:

* "O vaqueiro separa escrupulosamente a grande maioria de novas cabeças pertencentes ao patrão (nas quais imprime o sinal da fazenda) das poucas, um quarto, que lhe couberam por sorte." (Euclides da Cunha)

d) Indicar o comportamento da(s) personagem(ns) em textos narrativos ou peças escritas para o teatro.

* "Não tem outro defeito; é uma alma lavada, e amiga da sua amiga. Verdade, que, às vezes... (aqui a prelada ergueu-se a escutar nos dormitórios, e fechou por dentro a porta); ..." (Camilo Castelo Branco)

e) Isolar orações subordinadas reduzidas e desenvolvidas intercaladas:

* " Quando eu referi a Escobar aquela opinião de minha mãe (sem lhe contar as outras naturalmente) vi que o prazer dele foi extraordinário." (Machado de Assis)

V – TRAVESSÃO

É o sinal de pontuação representado por um traço de certa extensão, um pouco mais longo que o hífen, que geralmente simboliza pausas dentro da estrutura oracional. Logo, emprega-se para:

a) Substituir a vírgula e até mesmo os parênteses, indicando uma pausa mais extensa, mais profunda, mais enfática.

* "Todo aquele dia lhe aparecia como enevoado, sem contornos, à maneira de um sonho antigo — onde destacava a cara balofa e amarelada do padre, e a figura medonha de uma velha, que estendia a mão adunca, com uma sofreguidão colérica, empurrando, rogando pragas, quando, à porta da igreja, Jorge comovido distribuía patacos." (Eça de Queiroz)

b) Para indicar a mudança de interlocutor nos discursos narrativos:

"Na varanda achei prima Justina, passeando de um lado para outro. Veio ao patamar e perguntou-me onde estivera.
- Estive aqui ao pé, conversando com D. Fortunata, e distraí-me. É tarde, não é? Mamãe perguntou por mim?
- Perguntou, mas eu disse que você já tinha vindo." (Machado de Assis)

Teste seus conhecimentos – Questões sobre pontuação

1. Assinale a alternativa em que o período proposto está corretamente pontuado.

a) Neste ponto viúva amiga, é natural que lhe perguntes, a propósito da Inglaterra como é que se explica, a vitória eleitoral de Gladstone.
b) Neste ponto, viúva amiga, é natural que lhe perguntes, a propósito da Inglaterra, como é que se explica a vitória eleitoral de Gladstone.
c) Neste ponto, viúva amiga é natural que, lhe perguntes a propósito da Inglaterra, como é que explica a vitória eleitoral, de Gladstone?
d) Neste ponto, viúva amiga, é natural, que lhe perguntes a propósito da Inglaterra, como é que, se explica a vitória eleitoral de Gladstone.
e) Neste ponto viúva amiga, é natural que lhe perguntes a propósito da Inglaterra como é, que se explica, a vitória eleitoral de Gladstone?

2. As experiências dessa natureza em curso em outros países não apresentam resultados animadores.

A frase anterior, com elementos deslocados, está corretamente pontuada em:

a) Não apresentam resultados, animadores em outros países, as experiências dessa natureza em curso.
b) Em curso em outros países, as experiências dessa natureza, não apresentam resultados animadores.
c) Em outros países, não apresentam resultados animadores - as experiências dessa natureza em curso.
d) Em outros países as experiências dessa natureza, em curso, não apresentam, resultados animadores.
e) Não apresentam, as experiências dessa natureza em curso em outros países, resultados animadores.

3. Assinalar a alternativa cujo período dispensa o uso de vírgula:

a) Nesse trabalho ficou patente a competência dos jovens frente à nova situação.
b) O autor busca um meio capaz de gerar um conjunto potencialmente infinito de formas com suas propriedades típicas.

c) Apreensivo ora se voltava para a janela ora examinava o documento.
d) Suas palavras embora gentis continham um fundo de ironia.
e) Tudo isto é muito válido mas tem seus inconvenientes.

4. Assinale a alternativa que está com a pontuação correta.

a) Citando o dito da rainha de Navarra, ocorre-me que entre nosso povo, quando uma pessoa vê outra pessoa arrufada, costuma perguntar-lhe: "Gentes, quem matou seus cachorrinhos?"
b) Citando o dito, da rainha de Navarra, ocorre-me que entre nosso povo quando, uma pessoa vê outra pessoa arrufada costuma perguntar-lhe: "Gentes, quem matou seus cachorrinhos?"
c) Citando, o dito da rainha de Navarra, ocorre-me que entre nosso povo, quando uma pessoa vê outra pessoa arrufada costuma perguntar-lhe: "Gentes quem matou seus cachorrinhos?"
d) Citando o dito da rainha de Navarra, ocorre-me que entre nosso povo, quando uma pessoa vê outra pessoa arrufada, costuma perguntar-lhe: "Gentes quem matou seus cachorrinhos?"
e) Citando o dito, da rainha de Navarra, ocorre-me, que, entre nosso povo, quando uma pessoa, vê outra pessoa arrufada, costuma perguntar-lhe: "Gentes, quem matou seus cachorrinhos?"

5. Considere os períodos I, II e III, pontuados por duas maneiras diferentes.

I - Ouvi dizer de certa cantora que era um elefante que engolira um rouxinol.
Ouvi dizer de certa cantora, que era um elefante, que engolira um rouxinol.
II - A versão apresentada à imprensa é evidentemente falsa.
A versão apresentada à imprensa é, evidentemente, falsa.
III - Os freios do Buick guincham nas rodas e os pneumáticos deslizam rente à calçada.
Os freios do Buick guincham nas rodas, e os pneumáticos deslizam rente à calçada.

Com pontuação diferente ocorre alteração de sentido somente em:

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

6. Das frases adiantes, a única inteiramente de acordo com as normas gramaticais é:

a) Os votos e as sentenças do ministro, por mais que se os vejam de prismas diversos, atestam cultura jurídica indiscutível.
b) Soltam rojões contra o gabinete do ministro e depois se cotizam para pagar os vidros que as explosões dos rojões quebraram.
c) O maestro diz que lhe dói os ouvidos quando escuta uma nova desafinada.
d) Deve haver uma lei geral e devem haver leis especiais.
e) Nós é que, senhor Presidente, não podemos concordar com tal ilegalidade.

7. "Podem me chamar de porco chauvinista. Mas feminista ao volante me tira do sério."

Este trecho admite algumas outras pontuações. Assinalar a alternativa cuja pontuação seja inadmissível.

a) Podem me chamar de porco chauvinista, mas feminista ao volante me tira do sério.
b) Podem me chamar de, porco chauvinista. Mas feminista ao volante me tira do sério.
c) Podem me chamar de porco chauvinista, mas feminista, ao volante, me tira do sério.
d) Podem me chamar de porco chauvinista. Mas feminista, ao volante, me tira do sério.
e) Podem me chamar de porco, chauvinista, mas feminista ao volante me tira do sério.

8. Assinale a opção que melhor reestrutura - gramatical e estilisticamente - o seguinte grupo de frases:

“Uma tarde destas eu vinha da cidade para o Brás. Então encontrei no Metrô uma garota aqui do bairro. E eu conheço essa garota de vista e de chapéu”.

a) Ao vir da cidade para o Brás uma tarde destas, encontrei no Metrô uma garota aqui do bairro que conheço de vista e de chapéu.
b) Uma tarde destas, quando eu vinha da cidade para o Brás de chapéu, no Metrô aqui do bairro encontrei uma garota, a qual conheço de vista.
c) Ao vir da cidade para o Brás uma tarde destas, encontrei, aqui do bairro, uma garota no Metrô que conheço de vista e de chapéu.
d) Eu conheço uma garota aqui do bairro, de vista e de chapéu, que encontrei no Metrô, quando vinha da cidade para o bairro.
e) Uma tarde destas, vindo da cidade para o Brás, encontrei no Metrô uma garota aqui do bairro, a qual conheço de vista e de chapéu.

9. Assinale a opção que corresponde ao período com a melhor pontuação:

a) "Cada estação da vida é uma edição, que corrige a anterior, e que será corrigida, também, até a edição definitiva, que o editor dá, de graça, aos vermes".
b) "Cada estação da vida é uma edição que corrige a anterior, e que será corrigida; também, até a edição definitiva, que o editor dá de graça aos vermes".
c) "Cada estação da vida é uma edição, que corrige a anterior; e que será corrigida também; até a edição definitiva que o editor dá de graça aos vermes".
d) "Cada estação da vida é uma edição que corrige a anterior, e que será corrigida também, até a edição definitiva, que o editor dá de graça aos vermes".

10. Os trechos a seguir tiveram sinais de pontuação suprimidos e alterados. Aponte aquele cuja pontuação permaneceu gramaticalmente correta.

a) "A idéia do ministro extraordinário dos Esportes, Édson Arantes do Nascimento, o Pelé de colocar na cadeia 'os meninos' que participam de brigas entre torcidas organizadas é para ficar no jargão esportivo, uma 'bola fora'."
b) "Parece que, o Pelé do milésimo gol, que pedia escola para 'esses meninos,' também era bem mais sábio do que o que hoje lhes propõe 'cadeia'."
c) "Os otimistas olham e dizem: Ah, está meio cheio. Mas os pessimistas, vêem o mesmo copo, a mesma quantidade de água e acham que está meio vazio."
d) "A pesquisa, descrita na edição de hoje da revista científica britânica 'Nature', é mais um dado na busca pelos cientistas de compreender os mecanismos moleculares da embriogênese, ou seja, a formação e desenvolvimento dos seres vivos."
e) "Como os bens públicos não podem ser penhorados os precatórios entram em ordem cronológica no orçamento do governo."

11. Identifique a alternativa em que se corrige a má estruturação do texto a seguir:

Ele chegou cansado do trabalho. Parecendo mesmo desanimado. Assistindo à televisão a família não o notou.

a) Uma vez chegado do trabalho, cansado, parecia até mesmo desanimado. A família não o notou enquanto assistia à televisão.
b) Tendo chegado do trabalho cansado, parecia mesmo desanimado. A família assistia à televisão. Não o notaram.
c) Desde que chegou cansado do trabalho, parecia mesmo desanimado. Como assistisse à televisão, a família não o notou.
d) Chegou cansado do trabalho, parecendo mesmo desanimado. A família, que assistia à televisão, nem o notou.
e) Parecia mesmo desanimado, porque chegava do trabalho cansado. Enquanto que a família nem o notara, assistindo à televisão.

12. Indique a alternativa em que a justificativa de emprego da vírgula está INCORRETA.

a) "E isso não é para admirar, pois o dinheiro representa realmente o denominador comum de tudo que tem valor material nesta vida (...)" - A vírgula foi empregada para assinalar o limite entre orações subordinadas.
b) "E contudo não há coisa mais limitada do que o dinheiro, a riqueza." - A vírgula foi empregada para isolar expressões de igual função sintática.
c) "Pois que ele só nos vale até certo ponto, ou seja, até se chocar com os limites dessa coisa intransponível que se chama a natureza humana. - As duas vírgulas marcam a inserção de uma expressão explicativa.

d) "A roda da grã-finagem internacional, que também se chama o café-society ou os idle-rich, os riscos ociosos." - A vírgula antes de QUE se justifica porque marca o início de uma oração adjetiva explicativa.
e) "Se você perde a perna num acidente, o dinheiro lhe dará a melhor perna artificial do mundo - mas ARTIFICIAL." - A vírgula marca a posição antecipada da oração subordinada em relação à oração principal.

13. Os períodos a seguir apresentam diferenças de pontuação. Assinale a alternativa que corresponde ao período de pontuação correta.

a) Seria inaceitável acreditar que as notas passadas para a relação definitiva não correspondiam ao mérito dos alunos.
b) Seria inaceitável acreditar, que as notas passadas para a relação definitiva não correspondiam ao mérito dos alunos.
c) Seria inaceitável, acreditar que as notas, passadas para a relação definitiva, não correspondiam ao mérito dos alunos.
d) Seria inaceitável acreditar, que as notas passadas, para a relação definitiva, não correspondiam ao mérito dos alunos.
e) Seria inaceitável, acreditar que as notas passadas para a relação definitiva não correspondiam, ao mérito dos alunos.

14. Os períodos a seguir apresentam diferenças de pontuação. Assinale a alternativa que corresponde ao período de pontuação correta.

a) O carteiro conversador amável não gosta de livros, tornam pesada a carga, matinal, e não são, mais úteis, que as cartas.
b) O carteiro, conversador, amável, não gosta de livros, tornam pesada a carga, matinal e não são mais úteis: que as cartas.
c) O carteiro, conversador amável, não gosta de livros: tornam pesada a carga matinal e não são mais úteis que as cartas.
d) O carteiro, conversador amável, não gosta de livros, tornam pesada: a carga matinal e não são mais úteis que as cartas.
e) O carteiro, conversador amável não gosta: de livros, tornam pesada a carga, matinal, e não são mais úteis que as cartas.

15. Os períodos a seguir apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

a) Seria oportuno afirmar que nem todos são capazes de uma resposta adequada a tantas perguntas feitas pelos examinadores.
b) Seria oportuno afirmar, que nem todos são capazes de uma resposta, adequada a tantas perguntas feitas pelos examinadores.
c) Seria oportuno, afirmar que nem todos são capazes, de uma resposta adequada a tantas perguntas feitas pelos examinadores.
d) Seria oportuno afirmar que, nem todos são capazes de uma resposta adequada, a tantas perguntas feitas pelos examinadores.
e) Seria oportuno, afirmar que nem todos são capazes de uma resposta adequada a tantas perguntas feitas, pelos examinadores.

16. Assinale a alternativa em que a pontuação NÃO está correta.

a) Releiam as últimas linhas do texto; elas parecem totalmente sem sentido.
b) Nem todos redigiram, em poucos minutos o bilhete solicitado; mas o professor, fez questão, de ler todos os textos cuidadosamente.
c) Deixei-lhes um aviso bem claro: não pretendo refazer o que está ruim por desleixo deles próprios.
d) Assim que a secretária, entrando na sala distraidamente, viu o advogado, compreendeu a gravidade do fato.
e) Vocês, testemunhas oculares do fato, podem contestar a versão do rapaz, que, aliás, não é nada convincente.

17. Considere os períodos I, II e III, pontuados de duas maneiras diferentes.

I. Pedro, o gerente do banco ligou e deixou um recado.

Pedro, o gerente do banco, ligou e deixou um recado.
II. De repente perceberam que estavam brigando à toa.
De repente, perceberam que estavam brigando à toa.
III. Os doces visivelmente deteriorados foram postos na lixeira.
Os doces, visivelmente deteriorados, foram postos na lixeira.

Com a alteração da pontuação, houve mudança de sentido SOMENTE em
a) I
b) II
c) I e II.
d) I e III.
e) II e III.

18. "Diz um conhecido provérbio nos países orientais que para se caminhar mil milhas é preciso dar o primeiro passo."

O texto está corretamente pontuado em:

a) Diz um conhecido provérbio, nos países orientais, que para se caminhar mil milhas, é preciso dar o primeiro passo.
b) Diz um conhecido provérbio nos países orientais, que, para se caminhar mil milhas é preciso, dar o primeiro passo.
c) Diz um conhecido provérbio nos países orientais, que para se caminhar mil milhas, é preciso dar o primeiro passo.
d) Diz um conhecido provérbio, nos países orientais, que, para se caminhar mil milhas, é preciso dar o primeiro passo.
e) Diz, um conhecido provérbio nos países orientais, que para se caminhar mil milhas, é preciso dar o primeiro passo.

19. Assinale O PAR de frases que apresenta falha(s), na pontuação.

a) As mulheres, dizem as feministas, aperfeiçoam os homens.
A voz de Gilka, está cheia de acentos nunca dantes escutados.

b) Nada, nos másculos versos de Francisca Júlia denuncia, a mulher.
Em TRÊS MARIAS, o esmagamento do personagem é mais contundente.

c) Em 1980, a autora, sai de cena, discretamente, como sempre viveu.
Agora, na residência deles, falou da viagem das irmãs.

d) A garota, sentia-se como única responsável pela caçula.
O olhar, iluminava sua face, com um sorriso doce.

e) Menina, venha cá. Vamos nadar?
Durante 10 anos, o governo holandês ocupou a ilha.

20. Assinalar a alternativa em que a acentuação e a pontuação estejam corretas:

a) Multidão, cujo amor cobicei, até à morte, era assim que eu me vingava, às vezes, de ti, deixava burburinhar em volta do meu corpo a gente humana sem a ouvir como o Prometeu de Esquilo fazia aos seus verdugos.
b) Multidão cujo amor cobicei até à morte, era assim que eu me vingava as vezes de ti, deixava burburinhar, em volta do meu corpo, a gente humana sem a ouvir, como o Prometeu de Ésquilo, fazia aos seus verdugos.
c) Multidão, cujo amor cobicei até à morte; era assim que eu me vingava as vezes de ti; deixava burburinhar em volta do meu corpo a gente humana; sem a ouvir como o Prometeu de Esquilo fazia aos seus verdugos.
d) Multidão, cujo amor cobicei até à morte, era assim que eu me vingava às vezes de ti; deixava burburinhar em volta do meu corpo a gente humana, sem a ouvir, como o Prometeu de Ésquilo fazia aos seus verdugos.
e) Multidão, cujo amor cobicei até à morte, era assim que eu me vingava, às vêzes, de ti, deixava burburinhar em volta do meu corpo, a gente humana, sem a ouvir, como o 'Prometeu de Ésquilo fazia aos seus verdugos.

GABARITO

1. [B]

2. [E]

3. [B]

4. [A]

5. [D]

6. [E]

7. [B]

8. [E]

9. [D]

10. [D]

11. [D]

12. [A]

13. [A]

14. [C]

15. [A]

16. [B]

17. [D]

18. [D]

19. [D]

20. [D]

Texto Narrativo

Texto narrativo é um tipo de texto que esboça as ações de **personagens** num determinado **tempo** e **espaço**. Geralmente, ele é escrito em prosa e nele são narrados (contados) alguns fatos e acontecimentos.

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Estrutura

Apresentação

WWD
BULLET
NYLON
V MAGAZINE
VOGUE
DAZED
W

Também chamada de introdução, nessa parte inicial o autor do texto apresenta os personagens, o local e o tempo em que se desenvolverá a trama.

Desenvolvimento

Grande parte da história é desenvolvida com foco nas ações dos personagens.

Clímax

Parte do desenvolvimento da história, o clímax designa o momento de maior tensão, mais emocionante da narrativa.

Desfecho

Também chamada de conclusão, ele é determinado pela parte final da narrativa, onde a partir dos acontecimentos, os conflitos vão sendo resolvidos.

Elementos

Tempo

Está relacionado com a marcação do tempo dentro da narrativa, por exemplo, uma data ou um momento específico. O tempo pode ser cronológico ou psicológico.

☆ *Tempo cronológico:* Você sabe exatamente quando aconteceu determinado fato. O autor deixa claro que a passagem de tempo.

☆ *Tempo psicológico:* passa apenas na cabeça do personagem e é comum que ele faça confusão com o tempo em que se passou o fato.

Espaço

Local ou locais onde a narrativa se desenvolve. Podem ocorrer num ambiente físico, ambiente psicológico ou ambiente social.

Personagens

São aqueles que compõem a narrativa sendo classificados em: personagens principais (protagonista e antagonista) e personagens secundários (adjuvante ou coadjuvante).

Narrador

É aquele que narra a história. Dividem-se em: narrador observador, narrador personagem e narrador onisciente.

Enredo

Trata-se da estrutura da narrativa, ou seja, a trama em que se desenrolam as ações. São classificados em: linear e não linear.

☆ *Enredo linear:* apresentado de maneira lógica;

☆ *Enredo não linear:* desenvolve-se descontinuamente, com saltos, antecipações, retrospectivas e rupturas de tempo e espaço.

ortografia
aprendizagem
sistematização
revisão
ensino
compreensão
oralidade
análise
escrita
diálogo
social
pesquisa
etimologia
currículo
avaliação
reflexão
regularidades
vocabulário
padrão
irregularidades
escrever
variante
dúvidas
dicionário
segmentação
regra
conhecimento
leitura

ATIVIDADES ORTOGRAFIA

Embora se saiba "***que é falando que a gente se entende***", ***temos*** uma série de dificuldades que podem comprometer a nossa comunicação escrita. ***Esses são alguns problemas***

E você? Como anda a sua comunicação escrita??? Vamos ver... Assinale a alternativa correta!!!

	Casas germinadas	X	Casas geminadas
	Sou de menor	X	Sou menor
X	Sou maior de idade		Sou de maior
X	O feriado caiu num domingo.		O feriado caiu de domingo.
	De sábado, não trabalho.	X	Aos sábados, não trabalho.
X	Aguardo notícias.		Estou no aguardo de notícias.
X	Caderno espiral		Caderno aspiral
X	A mala está leve.		A mala está leviana.
X	Fiquei fora de mim.		Fiquei fora de si.
	Não saí por causa que estava chovendo.	X	Não saí porque estava chovendo.
	O paciente sofreu melhoras.	X	O paciente sentiu melhoras.
X	Ele já acordou.		Ele já se acordou.
	O motorista perdeu a direção do veículo.	X	O motorista perdeu o controle do veículo.
	Tenho menas sorte que você.	X	Tenho menos sorte que você.
	O pessoal não gostaram do filme.	X	O pessoal não gostou do filme.
X	Não poderia dizer isso perante ela.		Não poderia dizer isso perante a ela.
	Fazem 12 anos que não viajo ao exterior.	X	Faz 12 anos que não viajo ao exterior.
X	Este livro é para eu ler.		Este livro é para mim ler.
	Porque você não foi à escola?	X	Por que você não foi à escola?
X	Prefiro leite a café.		Prefiro mais café do que leite.
X	O prefeito prometeu novas denúncias.		O prefeito prometeu, novas denúncias.
X	Bem-vindos a Cândido de Abreu!		Bem vindos a Cândido de Abreu!

X	Comprei-o para você.		Comprei ele para você.
	Amo-lhe muito.	X	Amo-a muito.
X	As crianças foram ao cinema.		As crianças foram no cinema.
	Espécie em vias de extinção.	X	Espécie em via de extinção.
	O alface estava gostoso.	X	A alface estava gostosa.
X	Preços a partir de R$1,99.		Preços apartir de R$1,99.
	A professora era meia louca.	X	A professora era meio louca.
	O assunto não tem nada haver com você.	X	O assunto não tem nada a ver com você.
X	O garoto foi tachado de ladrão.		O garoto foi taxado de ladrão.
	Quero calças cinzas.	X	Quero calças cinza.
X	Todos queriam namorar a Marisa.		Todos queriam namorar com Marisa.
	Sentou-se na mesa para comer.	X	Sentou-se à mesa para comer.
	Eles tem razão.	X	Eles têm razão.
	Todos amigos o elogiavam.	X	Todos os amigos o elogiavam.
	Ela mesmo arrumou a sala.	X	Ela mesma arrumou a sala.
	A temperatura chegou a zero graus.	X	A temperatura chegou a zero grau.
X	Maria quis viajar ontem.		Maria quiz viajar ontem.
	Venha por a roupa.	X	Venha pôr a roupa.
	A modelo pousou o dia todo.	X	A modelo posou o dia todo.
X	Espero que viajem hoje.		Espero que viagem hoje.
	Já é oito horas.	X	Já são oito horas.
X	A festa começa às 8 h.		A festa começa às 8 hrs.
X	Que seja feliz		Que seje feliz.
	Falo alto porque ele houve mal.	X	Falo alto porque ele ouve mal.
X	Se tivesse saído mais cedo.		Se estivesse voltado mais cedo.
	Eu ia ao cinema, mais choveu!	X	Eu ia ao cinema, mas choveu!

Baseado no livro "Não Erre Mais!", de Luiz Antônio Sacconi

Semana de Arte Moderna

Manifestação artístico-cultural que ocorreu no *Theatro Municipal de São Paulo* entre os dias 11 a 18 de fevereiro de 1922. O evento reuniu diversas apresentações de dança, música, recital de poesia, exposição de obras e palestras. Foi um marco para a arte e a intelectualidade nacional, promovendo a divulgação da nova forma de pensar e produzir, atualizando a inteligência brasileira.

Contexto Histórico

✰ Industrialização paulistana;
✰ Aumento do número de imigrantes europeus;
✰ Surgimento de uma burguesia industrial ainda marginalizada politicamente;
✰ Política governamental voltada à exportação do café;
✰O período era o da República Velha, liderada por oligarquias do café.
✰ Arte brasileira demonstrava influências europeias;

Evento

⇨ *13 de fevereiro de 1922* (segunda-feira):
↳ Abertura oficial do evento;
↳ "A emoção estética da Arte Moderna", por Graça Aranha;
↳ "A Pintura e a Escultura Moderna do Brasil", por Ronald de Carvalho;
↳ Ernani Braga apresenta músicas com críticas a Chopin;
↳ Villa-Lobos apresentou peças musicais e danças africanas.
⇨ *15 de fevereiro de 1922* (quarta-feira):
↳ Guiomar Novaes toca alguns clássicos;
↳ Menotti del Picchia apresenta os novos escritores: Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Plínio Salgado;
↳ Mário de Andrade apresenta o manifesto "A escrava que não era Isaura".
⇨ *17 de fevereiro de 1922* (sexta-feira):
↳ A tranquilidade veio muito por conta das galerias que ficaram vazias.

Estética

✓ O movimento ainda era desorganizado, sem uma linha própria.
✓ A crítica limitou a produção dos modernos à mera cópia do futurismo italiano.
✓ Influência das Vanguardas Europeias.
✓ Os artistas que participaram eram retratados como *futuristas endiabrados, subversores da arte*, etc.
✓ A burguesia, habituada aos modelos estéticos europeus mais arcaicos, se incomodou com a possível mudança.

Antecedentes

→ 1911: fundação da revista *O Pirralho*, por Oswald de Andrade.
→ 1912: chegada de Oswald da Europa trazendo as ideias cubistas e futuristas.
→ 1913: exposição de pintura expressionista de Lasar Segall.
→ 1917: exposição de Anita Mafaltti – causa o primeiro confronto aberto entre o velho (Monteiro Lobato com o artigo "Paranoia ou Mistificação?") e o novo (jovens artistas).

Desdobramentos

➢Revista Klaxon (1922)
➢Revista Estética (1924)
➢Movimento Pau-Brasil (1924)
➢Movimento Verde-Amarelo (1924)
➢A Revista (1925)
➢Manifesto Regionalista (1926)
➢Terra Roxa (1927)
➢Outras Terras (1927)
➢Revista de Antropofagia (1928)
➢Movimento Antropofágico (1928)

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

MECANISMOS DE COESÃO TEXTUAL

(PARTE IV)

PRONOMES RELATIVOS – são os pronomes que retomam um termo já citado na oração (ou seja, têm função **anafórica**), substituindo-o no início da oração seguinte. Veja:

Eu trouxe os lápis. Você precisará desses lápis.
Eu trouxe os lápis de que você precisará.

Os pronomes relativos podem ser:

VARIÁVEIS: o/a qual, os/as quais; cujo(s), cuja(s); quanto(s), quanta(s).

INVARIÁVEIS: que, quem, onde, como, quando.

OBS.: Como os pronomes relativos são usados para substituir termos e assim evitar que se repitam eles funcionam como recursos coesivos por excelência!

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DOS PRONOMES RELATIVOS:

1ª) Os relativos sempre iniciam uma nova oração.

Visitaremos a cidade / onde eu nasci.

Oração A *Oração B*

2ª) A maioria das bancas examinadoras do país gosta de cobrar os pronomes relativos atrelados à regência (nominal ou verbal). Exemplos:

Ele é o rapaz ***a*** cujas ideias me ***refiro***.
Ele é o rapaz ***de*** cujas ideias ***discordo***.
Ele é o rapaz ***com*** cujas ideias ***concordo***.
Ele é o rapaz ***de*** cujas ideias ***desconfio***.
Ele é o rapaz ***em*** cujas ideias me ***confio***.

4ª) O relativo **quem** só é usado para retomar palavras que designam **pessoas**.
Ex.: Ela é a pessoa com quem você conversava.

5ª) Os relativos **cujo(a), cujos(as)** são usados entre dois substantivos, estabelecendo entre eles uma ideia de **posse**.
Exemplo:
Discutiremos um assunto cujas causas são complexas.
(cujas causas = as causas do assunto)

6ª) Os relativos **onde, aonde** sempre indicam **lugar** (mesmo que em sentido figurado) e têm empregos diferentes.

Onde – indica "lugar em que". Exemplo:
Fui à cidade *onde você nasceu*. (Quem nasce, nasce em).

Aonde – indica "lugar a que". Exemplo:
Conheço a cidade *aonde você vai*. (Quem vai, vai a).

7ª) Os relativos ***quanto(s)*** e ***quanta(s)*** são precedidos de ***tudo***, ***todo***, ***tanto*** (e variações). Exemplos:

Esqueceu-se de tudo quanto prometera.
Todos quantos assistiram ao filme ficaram decepcionados.
Você quer provas de concurso? Pegue tantas quantas quiser.

8ª) O relativo **como** tem sempre as palavras "modo", "maneira" ou "forma" como antecedentes e equivale semanticamente a ***pelo qual*** (e variações). Exemplos:
Contaram-me a maneira **como** você se comportou.
(pela qual)
Vamos acertar o modo **como** irei trabalhar.
(pelo qual)

9ª) O relativo **quando** sempre terá um antecedente que dê ideia de tempo (equivalendo a '***em que'***). Veja os exemplos:
Era chegado o dia **quando** teríamos que resolver o caso.
(em que)

VEJA, AGORA, COMO OS PRONOMES RELATIVOS SÃO COBRADOS NAS PROVAS:

1. A oração “que ameniza a pena, em troca do pecado” poderia, com igual correção, estar expressa com a seguinte estrutura: onde, em troca do pecado, ameniza-se a pena.

2. No trecho “A experiência brasileira com o Plano Real é singular entre os países que adotaram políticas de estabilização monetária, uma vez que a reversão das taxas inflacionárias não resultou na fuga de capitais líquidos do sistema financeiro para os ativos reais” seria mantida a correção gramatical do texto caso a forma verbal “adotaram” fosse flexionada no singular, dada a possibilidade de a concordância ser feita, no contexto, também com o vocábulo “que”, sujeito da oração.

3. No período “São como escolas da palavra, onde a história de suas linhagens é ensinada às crianças, desde os sete anos, seguindo uma pedagogia com base na memorização” o termo “onde” pode ser substituído por **na qual**.

4. No trecho “A Declaração Universal dos Direitos Humanos é um dos documentos básicos das Nações unidas e foi assinada em 10 de dezembro de 1948. Nela, são enumerados os direitos que todos os seres humanos possuem”, as ideias originais do texto serão mantidas e a oração ficará gramaticalmente correta ao se substituir “que” por **aos quais**.

5. No trecho “Os criacionistas dizem que existem buracos demais, que a complexidade do ser humano não pode ser explicada apenas por mutações e seleção natural. Somos, segundo eles, produto de um criador, que tinha planos bem claros.”, o pronome “que” substitui a expressão “produto de um criador”.

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Editorial

Artigo que exprime a opinião do órgão jornalístico. Normalmente redigido pelo redator chefe, não tem compromisso com a objetividade nem com a imparcialidade.

Características

- ☆ Linguagem impessoal (3ª pessoa);
- ☆ Verbos no presente do indicativo;
- ☆ Variedade padrão da língua;
- ☆ Veiculado através dos meios de comunicação jornalísticos.

Estrutura

Introdução

Apresentação da tese: síntese e contextualização do assunto. Geralmente aborda um tema do momento, que está em discussão na sociedade.

Desenvolvimento

Análise e argumentação da tese com base em dados. Refletem conhecimento utilizando dados de notícias e reportagens com suporte para o posicionamento que assumem. Possui argumentos e contra-argumentos indispensáveis à discussão e à defesa do ponto de vista do jornal.

Conclusão

Síntese das ideias anteriormente desenvolvidas. Apresenta uma solução ou conduz o leitor a pensar sobre o assunto.

Editorial	Expressa a opinião do veículo de comunicação.
Artigo de Opinião	Traz a opinião do autor do artigo, seja ela convergente ou divergente do veículo que a faz a sua publicação.

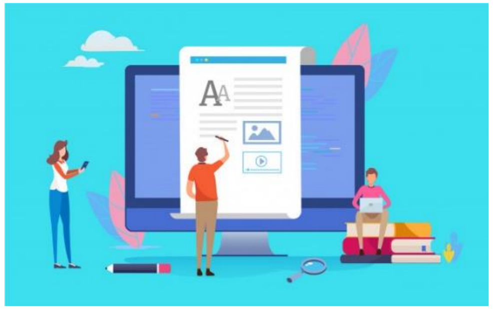

Classicismo

Contexto Histórico

- Teve início na Itália (antiga sede do Império Romano);
- Diversas atividades comerciais;
- Mecenato → patrocínio e proteção dos artistas;
- Reforma Protestante → movimento religioso contrário às ações e regras impostas pela igreja católica;
- Em Portugal: 1537 – Francisco Sá de Miranda; a 1580 – morte de Camões.

- Avanços na medicina, física, química, matemática e biologia (Método de pesquisa e investigação; Gutemberg: invenção da prensa; Isaac Newton: gravitação universal; Johannes Kepler: movimento elíptico; Giordano Bruno: universo infinito; Nicolau Copérnico: teoria heliocêntrica (sol centro do universo); Galileu Galilei: aperfeiçoou o telescópio e criou o microscópio.

Características

- ✓ Imitação dos modelos clássicos greco-romanos – *dolce stil nuevo* (doce estilo novo);
- ✓ Temas explorados: a moral, a filosofia, a religião, a mitologia e a política. Busca da perfeição estética;
- ✓ Racionalismo, nacionalismo e cientificismo;
- ✓ Humanismo renascentista;

Movimento de artístico cultural que ocorreu durante o período do ***Renascimento*** (a partir do século XV) na Europa.

Luiz Vaz de Camões

Os Lusíadas: luso = Portugal.

- Começou a ser escrito na Itália e foi concluído provavelmente em 1556;
- Poema composto por 8.816 versos decassílabos (10 sílabas), organizados em oitavas (estrofes de 8 versos) e divididos em 10 cantos.
- Todas as 1102 estrofes seguem o mesmo esquema de rima ABABABCC.

- Dividido em 5 partes:

Proposição: declaração do assunto que será tratado: navegações, reis, heróis, história dos portugueses;

Invocação: pedido de ajuda às musas do Tejo (tágides);

Dedicatória: ao rei Dom Sebastião;

Narrativa: a viagem de Vasco da Gama e a história portuguesa;

Epílogo: encerramento do poema.

Obra lírica: sonetos.

- Marca a transição da medida velha (redondilha usada na Idade média) para a medida nova (soneto);
- Sua obra foi publicada como "Rimas", os temas tradicionais e populares são geralmente ingênuos e graciosos. Versam sobre amor, natureza, ambiente palaciano e saudade.

C.Melo2020

PT8CDR © Porto Editora

Flexão verbal

O verbo é uma palavra variável, apresentando variação em pessoa, número, tempo e modo.

1. Categorias relevantes para a flexão verbal

1.1. Pessoa

Os verbos variam, tendo em conta a sua flexão, na 1.ª, 2.ª ou 3.ª pessoas.

1.2. Número

Os verbos variam em número, ou seja, apresentam diferentes formas para o singular e para o plural.

1.3. Tempo

Na flexão verbal, é possível distinguir os seguintes tempos principais: **pretérito mais-que-perfeito**, **pretérito perfeito**, **pretérito imperfeito**, **presente** e **futuro**.

Os tempos verbais podem ser **simples**, quando existe apenas uma forma do verbo principal ou copulativo, ou **compostos**, quando constituídos por um verbo auxiliar e um verbo principal ou copulativo no particípio passado.

1.4. Modo

Os verbos podem apresentar diferentes modos. Nas formas verbais finitas, podemos distinguir o **indicativo**, o **conjuntivo**, o **imperativo** e o **condicional**. Nas formas verbais não finitas, a distinção é feita entre **infinitivo**, **gerúndio** e **particípio passado**.

2. Especificidades da flexão verbal

- **Verbo regular** – verbo que respeita a flexão do paradigma a que pertence.
  Ex.: *cantar*
- **Verbo irregular** – verbo que apresenta desvios da flexão do paradigma a que pertence.
  Ex.: *ser*
- **Verbo defetivo** – verbo cuja conjugação é incompleta, não apresentando flexão em todas as formas possíveis.
  Ex.: *florir*
- **Verbo impessoal** – verbo que flexiona apenas no infinitivo 3.ª pessoa do singular.
  Ex.: *chover*
- **Verbo unipessoal** - verbo que flexiona apenas no infinitivo e na 3.ª pessoa do singular e do plural.
  Ex.: *miar*

PT8CDR © Porto Editora

Paradigmas flexionais

Tempos simples

Verbos regulares de 1.ª, 2.ª e 3.ª conjugações

Verbo regular de 1.ª conjugação: terminação em *-ar*

Verbo *cantar*

Indicativo				
Presente	Pretérito perfeito	Pretérito imperfeito	Pretérito mais-que-perfeito	Futuro
Eu canto Tu cantas Ele canta Nós cantamos Vós cantais Eles cantam	Eu cantei Tu cantaste Ele cantou Nós cantámos Vós cantastes Eles cantaram	Eu cantava Tu cantavas Ele cantava Nós cantávamos Vós cantáveis Eles cantavam	Eu cantara Tu cantaras Ele cantara Nós cantáramos Vós cantáreis Eles cantaram	Eu cantarei Tu cantarás Ele cantará Nós cantaremos Vós cantareis Eles cantarão

Conjuntivo		
Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
(Que) eu cante (Que) tu cantes (Que) ele cante (Que) nós cantemos (Que) vós canteis (Que) eles cantem	(Se) eu cantasse (Se) tu cantasses (Se) ele cantasse (Se) nós cantássemos (Se) vós cantásseis (Se) eles cantassem	(Quando) eu cantar (Quando) tu cantares (Quando) ele cantar (Quando) nós cantarmos (Quando) vós cantardes (Quando) eles cantarem

Condicional	Imperativo
Eu cantaria Tu cantarias Ele cantaria Nós cantaríamos Vós cantaríeis Eles cantariam	Canta (tu) Cantai (vós)

Infinitivo		Gerúndio
Pessoal	Impessoal	
cantar cantares cantar cantarmos cantardes cantarem	cantar	cantando **Particípio passado** cantado

PT8CDR © Porto Editora

Verbo regular de 2.ª conjugação: terminação em *-er*

Verbo *comer*

Indicativo				
Presente	Pretérito perfeito	Pretérito imperfeito	Pretérito mais-que-perfeito	Futuro
Eu como Tu comes Ele come Nós comemos Vós comeis Eles comem	Eu comi Tu comeste Ele comeu Nós comemos Vós comestes Eles comeram	Eu comia Tu comias Ele comia Nós comíamos Vós comíeis Eles comiam	Eu comera Tu comeras Ele comera Nós comêramos Vós comêreis Eles comeram	Eu comerei Tu comerás Ele comerá Nós comeremos Vós comereis Eles comerão

Conjuntivo		
Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
(Que) eu coma (Que) tu comas (Que) ele coma (Que) nós comamos (Que) vós comais (Que) eles comam	(Se) eu comesse (Se) tu comesses (Se) ele comesse (Se) nós comêssemos (Se) vós comesseis (Se) eles comessem	(Quando) eu comer (Quando) tu comeres (Quando) ele comer (Quando) nós comermos (Quando) vós comerdes (Quando) eles comerem

Condicional	Imperativo
Eu comeria Tu comerias Ele comeria Nós comeríamos Vós comeríeis Eles comeriam	Come (tu) Comei (vós)

Infinitivo		Gerúndio
Pessoal	Impessoal	comendo
comer comeres comer comermos comerdes comerem	comer	Particípio passado comido

PT8CDR © Porto Editora

Verbo regular de 3.ª conjugação: terminação em *-ir*

Verbo *partir*

Indicativo				
Presente	Pretérito perfeito	Pretérito imperfeito	Pretérito mais-que-perfeito	Futuro
Eu parto Tu partes Ele parte Nós partimos Vós partis Eles partem	Eu parti Tu partiste Ele partiu Nós partimos Vós partistes Eles partiram	Eu partia Tu partias Ele partia Nós partíamos Vós partíeis Eles partiam	Eu partira Tu partiras Ele partira Nós partíramos Vós partíreis Eles partiram	Eu partirei Tu partirás Ele partirá Nós partiremos Vós partireis Eles partirão

Conjuntivo		
Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
(Que) eu parta (Que) tu partas (Que) ele parta (Que) nós partamos (Que) vós partais (Que) eles partam	(Se) eu partisse (Se) tu partisses (Se) ele partisse (Se) nós partíssemos (Se) vós partísseis (Se) eles partissem	(Quando) eu partir (Quando) tu partires (Quando) ele partir (Quando) nós partirmos (Quando) vós partirdes (Quando) eles partirem

Condicional	Imperativo
Eu partiria Tu partirias Ele partiria Nós partiríamos Vós partiríeis Eles partiriam	Parte (tu) Parti (vós)

Infinitivo		Gerúndio
Pessoal	Impessoal	
partir partires partir partirmos partirdes partirem	partir	partindo
		Particípio passado
		partido

PT8CDR © Porto Editora

Tempos simples

Verbos irregulares

Verbo *ser*

Indicativo				
Presente	Pretérito perfeito	Pretérito imperfeito	Pretérito mais-que-perfeito	Futuro
Eu sou Tu és Ele é Nós somos Vós sois Eles são	Eu fui Tu foste Ele foi Nós fomos Vós fostes Eles foram	Eu era Tu eras Ele era Nós éramos Vós éreis Eles eram	Eu fora Tu foras Ele fora Nós fôramos Vós fôreis Eles foram	Eu serei Tu serás Ele será Nós seremos Vós sereis Eles serão

Conjuntivo		
Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
(Que) eu seja (Que) tu sejas (Que) ele seja (Que) nós sejamos (Que) vós sejais (Que) eles sejam	(Se) eu fosse (Se) tu fosses (Se) ele fosse (Se) nós fôssemos (Se) vós fôsseis (Se) eles fossem	(Quando) eu for (Quando) tu fores (Quando) ele for (Quando) nós formos (Quando) vós fordes (Quando) eles forem

Condicional	Imperativo
Eu seria Tu serias Ele seria Nós seríamos Vós seríeis Eles seriam	Sê (tu) Sede (vós)

Infinitivo		Gerúndio
Pessoal	Impessoal	
ser seres ser sermos serdes serem	ser	sendo
		Particípio passado
		sido

PT8CDR © Porto Editora

Verbo *estar*

Indicativo				
Presente	Pretérito perfeito	Pretérito imperfeito	Pretérito mais-que-perfeito	Futuro
Eu estou Tu estás Ele está Nós estamos Vós estais Eles estão	Eu estive Tu estiveste Ele esteve Nós estivemos Vós estivestes Eles estiveram	Eu estava Tu estavas Ele estava Nós estávamos Vós estáveis Eles estavam	Eu estivera Tu estiveras Ele estivera Nós estivéramos Vós estivéreis Eles estiveram	Eu estarei Tu estarás Ele estará Nós estaremos Vós estareis Eles estarão

Conjuntivo		
Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
(Que) eu esteja (Que) tu estejas (Que) ele esteja (Que) nós estejamos (Que) vós estejais (Que) eles estejam	(Se) eu estivesse (Se) tu estivesses (Se) ele estivesse (Se) nós estivéssemos (Se) vós estivésseis (Se) eles estivessem	(Quando) eu estiver (Quando) tu estiveres (Quando) ele estiver (Quando) nós estivermos (Quando) vós estiverdes (Quando) eles estiverem

Condicional	Imperativo
Eu estaria Tu estarias Ele estaria Nós estaríamos Vós estaríeis Eles estariam	Está (tu) Estai (vós)

Infinitivo		Gerúndio
Pessoal	Impessoal	
estar estares estar estarmos estardes estarem	estar	estando **Particípio passado** estado

PT8CDR © Porto Editora

Verbo *ter*

Indicativo				
Presente	Pretérito perfeito	Pretérito imperfeito	Pretérito mais-que-perfeito	Futuro
Eu tenho Tu tens Ele tem Nós temos Vós tendes Eles têm	Eu tive Tu tiveste Ele teve Nós tivémos Vós tivestes Eles tiveram	Eu tinha Tu tinhas Ele tinha Nós tínhamos Vós tínheis Eles tinham	Eu tivera Tu tiveras Ele tivera Nós tivéramos Vós tivéreis Eles tiveram	Eu terei Tu terás Ele terá Nós teremos Vós tereis Eles terão

Conjuntivo		
Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
(Que) eu tenha (Que) tu tenhas (Que) ele tenha (Que) nós tenhamos (Que) vós tenhais (Que) eles tenham	(Se) eu tivesse (Se) tu tivesses (Se) ele tivesse (Se) nós tivéssemos (Se) vós tivésseis (Se) eles tivessem	(Quando) eu tiver (Quando) tu tiveres (Quando) ele tiver (Quando) nós tivermos (Quando) vós tiverdes (Quando) eles tiverem

Condicional	Imperativo
Eu teria Tu terias Ele teria Nós teríamos Vós teríeis Eles teriam	Tem (tu) Tende (vós)

Infinitivo		Gerúndio
Pessoal	Impessoal	tendo
		Particípio passado
ter teres ter termos terdes terem	ter	tido

Nota: Como o verbo *ter*, conjugam-se os verbos *reter*, *deter*, *obter*, *manter*, *entreter*, etc.

PT8CDR © Porto Editora

Verbo *ver*

Indicativo				
Presente	Pretérito perfeito	Pretérito imperfeito	Pretérito mais-que-perfeito	Futuro
Eu vejo Tu vês Ele vê Nós vemos Vós vedes Eles veem	Eu vi Tu viste Ele viu Nós vimos Vós vistes Eles viram	Eu via Tu vias Ele via Nós víamos Vós víeis Eles viam	Eu vira Tu viras Ele vira Nós víramos Vós víreis Eles viram	Eu verei Tu verás Ele verá Nós veremos Vós vereis Eles verão

Conjuntivo		
Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
(Que) eu veja (Que) tu vejas (Que) ele veja (Que) nós vejamos (Que) vós vejais (Que) eles vejam	(Se) eu visse (Se) tu visses (Se) ele visse (Se) nós víssemos (Se) vós vísseis (Se) eles vissem	(Quando) eu vir (Quando) tu vires (Quando) ele vir (Quando) nós virmos (Quando) vós virdes (Quando) eles virem

Condicional	Imperativo
Eu veria Tu verias Ele veria Nós veríamos Vós veríeis Eles veriam	Vê (tu) Vede (vós)

Infinitivo		Gerúndio
Pessoal	Impessoal	
ver veres ver vermos verdes verem	ver	vendo
		Particípio passado
		visto

Nota: Como o verbo *ver*, conjugam-se os verbos *rever*, *prever*, *antever*, etc.

PT8CDR © Porto Editora

Verbo *vir*

Indicativo				
Presente	Pretérito perfeito	Pretérito imperfeito	Pretérito mais-que-perfeito	Futuro
Eu venho	Eu vim	Eu vinha	Eu viera	Eu virei
Tu vens	Tu vieste	Tu vinhas	Tu vieras	Tu virás
Ele vem	Ele veio	Ele vinha	Ele viera	Ele virá
Nós vimos	Nós viemos	Nós vínhamos	Nós viéramos	Nós viremos
Vós vindes	Vós viestes	Vós vínheis	Vós viéreis	Vós vireis
Eles vêm	Eles vieram	Eles vinham	Eles vieram	Eles virão

Conjuntivo		
Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
(Que) eu venha	(Se) eu viesse	(Quando) eu vier
(Que) tu venhas	(Se) tu viesses	(Quando) tu vieres
(Que) ele venha	(Se) ele viesse	(Quando) ele vier
(Que) nós venhamos	(Se) nós viéssemos	(Quando) nós viermos
(Que) vós venhais	(Se) vós viésseis	(Quando) vós vierdes
(Que) eles venham	(Se) eles viessem	(Quando) eles vierem

Condicional	Imperativo
Eu viria	
Tu virias	
Ele viria	Vem (tu)
Nós viríamos	Vinde (vós)
Vós viríeis	
Eles viriam	

<table>
<tr><th colspan="2">Infinitivo</th><th rowspan="2">Gerúndio</th></tr>
<tr><th>Pessoal</th><th>Impessoal</th></tr>
<tr><td rowspan="3">vir
vires
vir
virmos
virdes
virem</td><td rowspan="3">vir</td><td>vindo</td></tr>
<tr><th>Particípio passado</th></tr>
<tr><td>vindo</td></tr>
</table>

Nota: Como o verbo *vir*, conjugam-se os verbos *advir*, *convir*, *intervir*, *provir*, *sobrevir*, etc.

PT8CDR © Porto Editora

Verbo *ir*

Indicativo				
Presente	Pretérito perfeito	Pretérito imperfeito	Pretérito mais-que-perfeito	Futuro
Eu vou Tu vais Ele vai Nós vamos Vós ides Eles vão	Eu fui Tu foste Ele foi Nós fomos Vós fostes Eles foram	Eu ia Tu ias Ele ia Nós íamos Vós íeis Eles iam	Eu fora Tu foras Ele fora Nós fôramos Vós fôreis Eles foram	Eu irei Tu irás Ele irá Nós iremos Vós ireis Eles irão

Conjuntivo		
Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
(Que) eu vá (Que) tu vás (Que) ele vá (Que) nós vamos (Que) vós vades (Que) eles vão	(Se) eu fosse (Se) tu fosses (Se) ele fosse (Se) nós fôssemos (Se) vós fôsseis (Se) eles fossem	(Quando) eu for (Quando) tu fores (Quando) ele for (Quando) nós formos (Quando) vós fordes (Quando) eles forem

Condicional	Imperativo
Eu iria Tu irias Ele iria Nós iríamos Vós iríeis Eles iriam	Vai (tu) Ide (vós)

Infinitivo		Gerúndio
Pessoal	Impessoal	
ir ires ir irmos irdes irem	ir	indo
		Particípio passado
		ido

PT8CDR © Porto Editora

Verbo *pôr*

Indicativo				
Presente	Pretérito perfeito	Pretérito imperfeito	Pretérito mais-que-perfeito	Futuro
Eu ponho	Eu pus	Eu punha	Eu pusera	Eu porei
Tu pões	Tu puseste	Tu punhas	Tu puseras	Tu porás
Ele põe	Ele pôs	Ele punha	Ele pusera	Ele porá
Nós pomos	Nós pusemos	Nós púnhamos	Nós puséramos	Nós poremos
Vós pondes	Vós pusestes	Vós púnheis	Vós puséreis	Vós poreis
Eles põem	Eles puseram	Eles punham	Eles puseram	Eles porão

Conjuntivo		
Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
(Que) eu ponha	(Se) eu pusesse	(Quando) eu puser
(Que) tu ponhas	(Se) tu pusesses	(Quando) tu puseres
(Que) ele ponha	(Se) ele pusesse	(Quando) ele puser
(Que) nós ponhamos	(Se) nós puséssemos	(Quando) nós pusermos
(Que) vós ponhais	(Se) vós pusésseis	(Quando) vós puserdes
(Que) eles ponham	(Se) eles pusessem	(Quando) eles puserem

Condicional	Imperativo
Eu poria Tu porias Ele poria Nós poríamos Vós poríeis Eles poriam	Põe (tu) Ponde (vós)

Infinitivo		Gerúndio
Pessoal	Impessoal	
pôr pores pôr pormos pordes porem	pôr	pondo
		Particípio passado
		posto

Nota: Como o verbo *pôr*, conjugam-se os verbos que dele derivam, como *dispor*, *repor*, *propor*, *antepor*, *contrapor*, etc.

PT8CDR © Porto Editora

Conjugação pronominal reflexa

Verbo *lavar-se*

(Tempos simples)

Indicativo				
Presente	Pretérito perfeito	Pretérito imperfeito	Pretérito mais-que-perfeito	Futuro
Eu lavo-me Tu lavas-te Ele lava-se Nós lavamo-nos Vós lavais-vos Eles lavam-se	Eu lavei-me Tu lavaste-te Ele lavou-se Nós lavámo-nos Vós lavastes-vos Eles lavaram-se	Eu lavava-me Tu lavavas-te Ele lavava-se Nós lavávamo-nos Vós laváveis-vos Eles lavavam-se	Eu lavara-me Tu lavaras-te Ele lavara-se Nós laváramo-nos Vós laváreis-vos Eles lavaram-se	Eu lavar-me-ei Tu lavar-te-ás Ele lavar-se-á Nós lavar-nos-emos Vós lavar-vos-eis Eles lavar-se-ão

Conjuntivo		
Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
(Que) eu me lave (Que) tu te laves (Que) ele se lave (Que) nós nos lavemos (Que) vós vos laveis (Que) eles se lavem	(Se) eu me lavasse (Se) tu te lavasses (Se) ele se lavasse (Se) nós nos lavássemos (Se) vós vos lavásseis (Se) eles se lavassem	(Quando) eu me lavar (Quando) tu te lavares (Quando) ele se lavar (Quando) nós nos lavarmos (Quando) vós vos lavardes (Quando) eles se lavarem

Condicional	Imperativo
Eu lavar-me-ia Tu lavar-te-ias Ele lavar-se-ia Nós lavar-nos-íamos Vós lavar-vos-íeis Eles lavar-se-iam	Lava-te (tu) Lavai-vos (vós)

Infinitivo		Gerúndio
Pessoal	Impessoal	
lavar-me lavares-te lavar-se lavarmo-nos lavardes-vos lavarem-se	lavar-se	lavando-se
		Particípio passado
		—

PT8CDR © Porto Editora

Verbo *lavar-se*

(Tempos compostos)

Indicativo		
Pretérito perfeito composto	Pretérito mais-que-perfeito composto	Futuro composto
Eu tenho-me lavado Tu tens-te lavado Ele tem-se lavado Nós temo-nos lavado Vós tendes-vos lavado Eles têm-se lavado	Eu tinha-me lavado Tu tinhas-te lavado Ele tinha-se lavado Nós tínhamo-nos lavado Vós tínheis-vos lavado Eles tinham-se lavado	Eu ter-me-ei lavado Tu ter-te-ás lavado Ele ter-se-á lavado Nós ter-nos-emos lavado Vós ter-vos-eis lavado Eles ter-se-ão lavado

Conjuntivo		
Pretérito perfeito composto	Pretérito mais-que-perfeito composto	Futuro composto
(Que) eu me tenha lavado (Que) tu te tenhas lavado (Que) ele se tenha lavado (Que) nós nos tenhamos lavado (Que) vós vos tenhais lavado (Que) eles se tenham lavado	(Se) eu me tivesse lavado (Se) tu te tivesses lavado (Se) ele se tivesse lavado (Se) nós nos tivéssemos lavado (Se) vós vos tivésseis lavado (Se) eles se tivessem lavado	(Quando) eu me tiver lavado (Quando) tu te tiveres lavado (Quando) ele se tiver lavado (Quando) nós nos tivermos lavado (Quando) vós vos tiverdes lavado (Quando) eles se tiverem lavado

Condicional
Eu ter-me-ia lavado Tu ter-te-ias lavado Ele ter-se-ia lavado Nós ter-nos-íamos lavado Vós ter-vos-íeis lavado Eles ter-se-iam lavado

Infinitivo		Gerúndio
Pessoal	Impessoal	
ter-me lavado teres-te lavado ter-se lavado termo-nos lavado terdes-vos lavado terem-se lavado	ter-se lavado	tendo-se lavado

PT8CDR © Porto Editora

Tempos formados com verbos auxiliares

Formação da passiva (Verbo auxiliar *ser*)

Verbo *amar*

Indicativo				
Presente	Pretérito perfeito	Pretérito imperfeito	Pretérito mais-que-perfeito	Futuro
Eu sou amado Tu és amado Ele é amado Nós somos amados Vós sois amados Eles são amados	Eu fui amado Tu foste amado Ele foi amado Nós fomos amados Vós fostes amados Eles foram amados	Eu era amado Tu eras amado Ele era amado Nós éramos amados Vós éreis amados Eles eram amados	Eu fora amado Tu foras amado Ele fora amado Nós fôramos amados Vós fôreis amados Eles foram amados	Eu serei amado Tu serás amado Ele será amado Nós seremos amados Vós sereis amados Eles serão amados

Conjuntivo		
Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
(Que) eu seja amado (Que) tu sejas amado (Que) ele seja amado (Que) nós sejamos amados (Que) vós sejais amados (Que) eles sejam amados	(Se) eu fosse amado (Se) tu fosses amado (Se) ele fosse amado (Se) nós fôssemos amados (Se) vós fôsseis amados (Se) eles fossem amados	(Quando) eu for amado (Quando) tu fores amado (Quando) ele for amado (Quando) nós formos amados (Quando) vós fordes amados (Quando) eles forem amados

Condicional	Imperativo
Eu seria amado Tu serias amado Ele seria amado Nós seríamos amados Vós seríeis amados Eles seriam amados	Sê amado (tu) Sede amados (vós)

Infinitivo		Gerúndio
Pessoal	Impessoal	
ser amado seres amado ser amado sermos amados serdes amados serem amados	ser amado	sendo amado **Particípio passado** sido amado

PT8CDR © Porto Editora

Tempos compostos (Verbo auxiliar *ter*)

Verbo *falar*

Indicativo		
Pretérito perfeito composto	Pretérito mais-que-perfeito composto	Futuro composto
Eu tenho falado Tu tens falado Ele tem falado Nós temos falado Vós tendes falado Eles têm falado	Eu tinha falado Tu tinhas falado Ele tinha falado Nós tínhamos falado Vós tínheis falado Eles tinham falado	Eu terei falado Tu terás falado Ele terá falado Nós teremos falado Vós tereis falado Eles terão falado

Conjuntivo		
Pretérito perfeito composto	Pretérito mais-que-perfeito composto	Futuro composto
(Que) eu tenha falado (Que) tu tenhas falado (Que) ele tenha falado (Que) nós tenhamos falado (Que) vós tenhais falado (Que) eles tenham falado	(Se) eu tivesse falado (Se) tu tivesses falado (Se) ele tivesse falado (Se) nós tivéssemos falado (Se) vós tivésseis falado (Se) eles tivessem falado	(Quando) eu tiver falado (Quando) tu tiveres falado (Quando) ele tiver falado (Quando) nós tivermos falado (Quando) vós tiverdes falado (Quando) eles tiverem falado

Condicional
Eu teria falado Tu terias falado Ele teria falado Nós teríamos falado Vós teríeis falado Eles teriam falado

Infinitivo		Gerúndio
Pessoal	Impessoal	
ter falado teres falado ter falado termos falado terdes falado terem falado	ter falado	tendo falado

PT8CDR © Porto Editora

Flexão verbal

O verbo é uma palavra variável, apresentando variação em pessoa, número, tempo e modo.

1. Categorias relevantes para a flexão verbal

1.1. Pessoa

Os verbos variam, tendo em conta a sua flexão, na 1.ª, 2.ª ou 3.ª pessoas.

1.2. Número

Os verbos variam em número, ou seja, apresentam diferentes formas para o singular e para o plural.

1.3. Tempo

Na flexão verbal, é possível distinguir os seguintes tempos principais: **pretérito mais-que-perfeito**, **pretérito perfeito**, **pretérito imperfeito**, **presente** e **futuro**.

Os tempos verbais podem ser **simples**, quando existe apenas uma forma do verbo principal ou copulativo, ou **compostos**, quando constituídos por um verbo auxiliar e um verbo principal ou copulativo no particípio passado.

1.4. Modo

Os verbos podem apresentar diferentes modos. Nas formas verbais finitas, podemos distinguir o **indicativo**, o **conjuntivo**, o **imperativo** e o **condicional**. Nas formas verbais não finitas, a distinção é feita entre **infinitivo**, **gerúndio** e **particípio passado**.

2. Especificidades da flexão verbal

- **Verbo regular** – verbo que respeita a flexão do paradigma a que pertence.
  Ex.: *cantar*
- **Verbo irregular** – verbo que apresenta desvios da flexão do paradigma a que pertence.
  Ex.: *ser*
- **Verbo defetivo** – verbo cuja conjugação é incompleta, não apresentando flexão em todas as formas possíveis.
  Ex.: *florir*
- **Verbo impessoal** – verbo que flexiona apenas no infinitivo 3.ª pessoa do singular.
  Ex.: *chover*
- **Verbo unipessoal** - verbo que flexiona apenas no infinitivo e na 3.ª pessoa do singular e do plural.
  Ex.: *miar*

PT8CDR © Porto Editora

Paradigmas flexionais

Tempos simples

Verbos regulares de 1.ª, 2.ª e 3.ª conjugações

Verbo regular de 1.ª conjugação: terminação em *-ar*

Verbo *cantar*

Indicativo				
Presente	**Pretérito perfeito**	**Pretérito imperfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**	**Futuro**
Eu canto Tu cantas Ele canta Nós cantamos Vós cantais Eles cantam	Eu cantei Tu cantaste Ele cantou Nós cantámos Vós cantastes Eles cantaram	Eu cantava Tu cantavas Ele cantava Nós cantávamos Vós cantáveis Eles cantavam	Eu cantara Tu cantaras Ele cantara Nós cantáramos Vós cantáreis Eles cantaram	Eu cantarei Tu cantarás Ele cantará Nós cantaremos Vós cantareis Eles cantarão

Conjuntivo		
Presente	**Pretérito imperfeito**	**Futuro**
(Que) eu cante (Que) tu cantes (Que) ele cante (Que) nós cantemos (Que) vós canteis (Que) eles cantem	(Se) eu cantasse (Se) tu cantasses (Se) ele cantasse (Se) nós cantássemos (Se) vós cantásseis (Se) eles cantassem	(Quando) eu cantar (Quando) tu cantares (Quando) ele cantar (Quando) nós cantarmos (Quando) vós cantardes (Quando) eles cantarem

Condicional	Imperativo
Eu cantaria Tu cantarias Ele cantaria Nós cantaríamos Vós cantaríeis Eles cantariam	Canta (tu) Cantai (vós)

Infinitivo		Gerúndio
Pessoal	**Impessoal**	
cantar cantares cantar cantarmos cantardes cantarem	cantar	cantando **Particípio passado** cantado

PT8CDR © Porto Editora

Verbo regular de 2.ª conjugação: terminação em *-er*

Verbo *comer*

Indicativo				
Presente	Pretérito perfeito	Pretérito imperfeito	Pretérito mais-que-perfeito	Futuro
Eu como	Eu comi	Eu comia	Eu comera	Eu comerei
Tu comes	Tu comeste	Tu comias	Tu comeras	Tu comerás
Ele come	Ele comeu	Ele comia	Ele comera	Ele comerá
Nós comemos	Nós comemos	Nós comíamos	Nós comêramos	Nós comeremos
Vós comeis	Vós comestes	Vós comíeis	Vós comêreis	Vós comereis
Eles comem	Eles comeram	Eles comiam	Eles comeram	Eles comerão

Conjuntivo		
Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
(Que) eu coma	(Se) eu comesse	(Quando) eu comer
(Que) tu comas	(Se) tu comesses	(Quando) tu comeres
(Que) ele coma	(Se) ele comesse	(Quando) ele comer
(Que) nós comamos	(Se) nós comêssemos	(Quando) nós comermos
(Que) vós comais	(Se) vós comesseis	(Quando) vós comerdes
(Que) eles comam	(Se) eles comessem	(Quando) eles comerem

Condicional	Imperativo
Eu comeria	
Tu comerias	
Ele comeria	Come (tu)
Nós comeríamos	Comei (vós)
Vós comeríeis	
Eles comeriam	

Infinitivo		Gerúndio
Pessoal	Impessoal	
comer	comer	comendo
comeres		**Particípio passado**
comer		comido
comermos		
comerdes		
comerem		

PT8CDR © Porto Editora

Verbo regular de 3.ª conjugação: terminação em *-ir*

Verbo *partir*

Indicativo				
Presente	Pretérito perfeito	Pretérito imperfeito	Pretérito mais-que-perfeito	Futuro
Eu parto Tu partes Ele parte Nós partimos Vós partis Eles partem	Eu parti Tu partiste Ele partiu Nós partimos Vós partistes Eles partiram	Eu partia Tu partias Ele partia Nós partíamos Vós partíeis Eles partiam	Eu partira Tu partiras Ele partira Nós partíramos Vós partíreis Eles partiram	Eu partirei Tu partirás Ele partirá Nós partiremos Vós partireis Eles partirão

Conjuntivo		
Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
(Que) eu parta (Que) tu partas (Que) ele parta (Que) nós partamos (Que) vós partais (Que) eles partam	(Se) eu partisse (Se) tu partisses (Se) ele partisse (Se) nós partíssemos (Se) vós partísseis (Se) eles partissem	(Quando) eu partir (Quando) tu partires (Quando) ele partir (Quando) nós partirmos (Quando) vós partirdes (Quando) eles partirem

Condicional	Imperativo
Eu partiria Tu partirias Ele partiria Nós partiríamos Vós partiríeis Eles partiriam	Parte (tu) Parti (vós)

Infinitivo		Gerúndio
Pessoal	Impessoal	
partir partires partir partirmos partirdes partirem	partir	partindo
		Particípio passado
		partido

PT8CDR © Porto Editora

Tempos simples

Verbos irregulares

Verbo *ser*

Indicativo				
Presente	Pretérito perfeito	Pretérito imperfeito	Pretérito mais-que-perfeito	Futuro
Eu sou Tu és Ele é Nós somos Vós sois Eles são	Eu fui Tu foste Ele foi Nós fomos Vós fostes Eles foram	Eu era Tu eras Ele era Nós éramos Vós éreis Eles eram	Eu fora Tu foras Ele fora Nós fôramos Vós fôreis Eles foram	Eu serei Tu serás Ele será Nós seremos Vós sereis Eles serão

Conjuntivo		
Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
(Que) eu seja (Que) tu sejas (Que) ele seja (Que) nós sejamos (Que) vós sejais (Que) eles sejam	(Se) eu fosse (Se) tu fosses (Se) ele fosse (Se) nós fôssemos (Se) vós fôsseis (Se) eles fossem	(Quando) eu for (Quando) tu fores (Quando) ele for (Quando) nós formos (Quando) vós fordes (Quando) eles forem

Condicional	Imperativo
Eu seria Tu serias Ele seria Nós seríamos Vós seríeis Eles seriam	Sê (tu) Sede (vós)

Infinitivo		Gerúndio
Pessoal	Impessoal	
ser seres ser sermos serdes serem	ser	sendo

Particípio passado
sido

PT8CDR © Porto Editora

Verbo *estar*

Indicativo				
Presente	Pretérito perfeito	Pretérito imperfeito	Pretérito mais-que-perfeito	Futuro
Eu estou Tu estás Ele está Nós estamos Vós estais Eles estão	Eu estive Tu estiveste Ele esteve Nós estivemos Vós estivestes Eles estiveram	Eu estava Tu estavas Ele estava Nós estávamos Vós estáveis Eles estavam	Eu estivera Tu estiveras Ele estivera Nós estivéramos Vós estivéreis Eles estiveram	Eu estarei Tu estarás Ele estará Nós estaremos Vós estareis Eles estarão

Conjuntivo		
Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
(Que) eu esteja (Que) tu estejas (Que) ele esteja (Que) nós estejamos (Que) vós estejais (Que) eles estejam	(Se) eu estivesse (Se) tu estivesses (Se) ele estivesse (Se) nós estivéssemos (Se) vós estivésseis (Se) eles estivessem	(Quando) eu estiver (Quando) tu estiveres (Quando) ele estiver (Quando) nós estivermos (Quando) vós estiverdes (Quando) eles estiverem

Condicional	Imperativo
Eu estaria Tu estarias Ele estaria Nós estaríamos Vós estaríeis Eles estariam	Está (tu) Estai (vós)

Infinitivo		Gerúndio
Pessoal	Impessoal	
estar estares estar estarmos estardes estarem	estar	estando **Particípio passado** estado

PT8CDR © Porto Editora

Verbo *ter*

Indicativo				
Presente	Pretérito perfeito	Pretérito imperfeito	Pretérito mais-que-perfeito	Futuro
Eu tenho Tu tens Ele tem Nós temos Vós tendes Eles têm	Eu tive Tu tiveste Ele teve Nós tivémos Vós tivestes Eles tiveram	Eu tinha Tu tinhas Ele tinha Nós tínhamos Vós tínheis Eles tinham	Eu tivera Tu tiveras Ele tivera Nós tivéramos Vós tivéreis Eles tiveram	Eu terei Tu terás Ele terá Nós teremos Vós tereis Eles terão

Conjuntivo		
Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
(Que) eu tenha (Que) tu tenhas (Que) ele tenha (Que) nós tenhamos (Que) vós tenhais (Que) eles tenham	(Se) eu tivesse (Se) tu tivesses (Se) ele tivesse (Se) nós tivéssemos (Se) vós tivésseis (Se) eles tivessem	(Quando) eu tiver (Quando) tu tiveres (Quando) ele tiver (Quando) nós tivermos (Quando) vós tiverdes (Quando) eles tiverem

Condicional	Imperativo
Eu teria Tu terias Ele teria Nós teríamos Vós teríeis Eles teriam	Tem (tu) Tende (vós)

Infinitivo		Gerúndio
Pessoal	Impessoal	tendo
ter teres ter termos terdes terem	ter	**Particípio passado** tido

Nota: Como o verbo *ter*, conjugam-se os verbos *reter*, *deter*, *obter*, *manter*, *entreter*, etc.

PT8CDR © Porto Editora

Verbo *ver*

Indicativo				
Presente	Pretérito perfeito	Pretérito imperfeito	Pretérito mais-que-perfeito	Futuro
Eu vejo Tu vês Ele vê Nós vemos Vós vedes Eles veem	Eu vi Tu viste Ele viu Nós vimos Vós vistes Eles viram	Eu via Tu vias Ele via Nós víamos Vós víeis Eles viam	Eu vira Tu viras Ele vira Nós víramos Vós víreis Eles viram	Eu verei Tu verás Ele verá Nós veremos Vós vereis Eles verão

Conjuntivo		
Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
(Que) eu veja (Que) tu vejas (Que) ele veja (Que) nós vejamos (Que) vós vejais (Que) eles vejam	(Se) eu visse (Se) tu visses (Se) ele visse (Se) nós víssemos (Se) vós vísseis (Se) eles vissem	(Quando) eu vir (Quando) tu vires (Quando) ele vir (Quando) nós virmos (Quando) vós virdes (Quando) eles virem

Condicional	Imperativo
Eu veria Tu verias Ele veria Nós veríamos Vós veríeis Eles veriam	Vê (tu) Vede (vós)

Infinitivo		Gerúndio
Pessoal	Impessoal	
ver veres ver vermos verdes verem	ver	vendo
		Particípio passado
		visto

Nota: Como o verbo *ver*, conjugam-se os verbos *rever*, *prever*, *antever*, etc.

PT8CDR © Porto Editora

Verbo *vir*

Indicativo				
Presente	Pretérito perfeito	Pretérito imperfeito	Pretérito mais-que-perfeito	Futuro
Eu venho Tu vens Ele vem Nós vimos Vós vindes Eles vêm	Eu vim Tu vieste Ele veio Nós viemos Vós viestes Eles vieram	Eu vinha Tu vinhas Ele vinha Nós vínhamos Vós vínheis Eles vinham	Eu viera Tu vieras Ele viera Nós viéramos Vós viéreis Eles vieram	Eu virei Tu virás Ele virá Nós viremos Vós vireis Eles virão

Conjuntivo		
Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
(Que) eu venha (Que) tu venhas (Que) ele venha (Que) nós venhamos (Que) vós venhais (Que) eles venham	(Se) eu viesse (Se) tu viesses (Se) ele viesse (Se) nós viéssemos (Se) vós viésseis (Se) eles viessem	(Quando) eu vier (Quando) tu vieres (Quando) ele vier (Quando) nós viermos (Quando) vós vierdes (Quando) eles vierem

Condicional	Imperativo
Eu viria Tu virias Ele viria Nós viríamos Vós viríeis Eles viriam	Vem (tu) Vinde (vós)

Infinitivo		Gerúndio
Pessoal	Impessoal	
vir vires vir virmos virdes virem	vir	vindo **Particípio passado** vindo

Nota: Como o verbo *vir*, conjugam-se os verbos *advir*, *convir*, *intervir*, *provir*, *sobrevir*, etc.

PT8CDR © Porto Editora

Verbo *ir*

Indicativo				
Presente	Pretérito perfeito	Pretérito imperfeito	Pretérito mais-que-perfeito	Futuro
Eu vou	Eu fui	Eu ia	Eu fora	Eu irei
Tu vais	Tu foste	Tu ias	Tu foras	Tu irás
Ele vai	Ele foi	Ele ia	Ele fora	Ele irá
Nós vamos	Nós fomos	Nós íamos	Nós fôramos	Nós iremos
Vós ides	Vós fostes	Vós íeis	Vós fôreis	Vós ireis
Eles vão	Eles foram	Eles iam	Eles foram	Eles irão

Conjuntivo		
Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
(Que) eu vá	(Se) eu fosse	(Quando) eu for
(Que) tu vás	(Se) tu fosses	(Quando) tu fores
(Que) ele vá	(Se) ele fosse	(Quando) ele for
(Que) nós vamos	(Se) nós fôssemos	(Quando) nós formos
(Que) vós vades	(Se) vós fôsseis	(Quando) vós fordes
(Que) eles vão	(Se) eles fossem	(Quando) eles forem

Condicional	Imperativo
Eu iria Tu irias Ele iria Nós iríamos Vós iríeis Eles iriam	Vai (tu) Ide (vós)

<table>
<tr><th colspan="2">Infinitivo</th><th rowspan="2">Gerúndio</th></tr>
<tr><th>Pessoal</th><th>Impessoal</th></tr>
<tr><td rowspan="4">ir
ires
ir
irmos
irdes
irem</td><td rowspan="4">ir</td><td>indo</td></tr>
<tr><th>Particípio passado</th></tr>
<tr><td>ido</td></tr>
</table>

PT8CDR © Porto Editora

Verbo *pôr*

Indicativo				
Presente	Pretérito perfeito	Pretérito imperfeito	Pretérito mais-que-perfeito	Futuro
Eu ponho Tu pões Ele põe Nós pomos Vós pondes Eles põem	Eu pus Tu puseste Ele pôs Nós pusemos Vós pusestes Eles puseram	Eu punha Tu punhas Ele punha Nós púnhamos Vós púnheis Eles punham	Eu pusera Tu puseras Ele pusera Nós puséramos Vós puséreis Eles puseram	Eu porei Tu porás Ele porá Nós poremos Vós poreis Eles porão

Conjuntivo		
Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
(Que) eu ponha (Que) tu ponhas (Que) ele ponha (Que) nós ponhamos (Que) vós ponhais (Que) eles ponham	(Se) eu pusesse (Se) tu pusesses (Se) ele pusesse (Se) nós puséssemos (Se) vós pusésseis (Se) eles pusessem	(Quando) eu puser (Quando) tu puseres (Quando) ele puser (Quando) nós pusermos (Quando) vós puserdes (Quando) eles puserem

Condicional	Imperativo
Eu poria Tu porias Ele poria Nós poríamos Vós poríeis Eles poriam	Põe (tu) Ponde (vós)

Infinitivo		Gerúndio
Pessoal	Impessoal	
pôr pores pôr pormos pordes porem	pôr	pondo
		Particípio passado
		posto

Nota: Como o verbo *pôr*, conjugam-se os verbos que dele derivam, como *dispor*, *repor*, *propor*, *antepor*, *contrapor*, etc.

PT8CDR © Porto Editora

Conjugação pronominal reflexa

Verbo *lavar-se*

(Tempos simples)

Indicativo				
Presente	Pretérito perfeito	Pretérito imperfeito	Pretérito mais-que-perfeito	Futuro
Eu lavo-me	Eu lavei-me	Eu lavava-me	Eu lavara-me	Eu lavar-me-ei
Tu lavas-te	Tu lavaste-te	Tu lavavas-te	Tu lavaras-te	Tu lavar-te-ás
Ele lava-se	Ele lavou-se	Ele lavava-se	Ele lavara-se	Ele lavar-se-á
Nós lavamo-nos	Nós lavámo-nos	Nós lavávamo-nos	Nós laváramo-nos	Nós lavar-nos-emos
Vós lavais-vos	Vós lavastes-vos	Vós laváveis-vos	Vós laváreis-vos	Vós lavar-vos-eis
Eles lavam-se	Eles lavaram-se	Eles lavavam-se	Eles lavaram-se	Eles lavar-se-ão

Conjuntivo		
Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
(Que) eu me lave	(Se) eu me lavasse	(Quando) eu me lavar
(Que) tu te laves	(Se) tu te lavasses	(Quando) tu te lavares
(Que) ele se lave	(Se) ele se lavasse	(Quando) ele se lavar
(Que) nós nos lavemos	(Se) nós nos lavássemos	(Quando) nós nos lavarmos
(Que) vós vos laveis	(Se) vós vos lavásseis	(Quando) vós vos lavardes
(Que) eles se lavem	(Se) eles se lavassem	(Quando) eles se lavarem

Condicional	Imperativo
Eu lavar-me-ia Tu lavar-te-ias Ele lavar-se-ia Nós lavar-nos-íamos Vós lavar-vos-íeis Eles lavar-se-iam	Lava-te (tu) Lavai-vos (vós)

Infinitivo		Gerúndio
Pessoal	Impessoal	
lavar-me lavares-te lavar-se lavarmo-nos lavardes-vos lavarem-se	lavar-se	lavando-se
		Particípio passado
		—

PT8CDR © Porto Editora

Verbo *lavar-se*

(Tempos compostos)

Indicativo		
Pretérito perfeito composto	Pretérito mais-que-perfeito composto	Futuro composto
Eu tenho-me lavado Tu tens-te lavado Ele tem-se lavado Nós temo-nos lavado Vós tendes-vos lavado Eles têm-se lavado	Eu tinha-me lavado Tu tinhas-te lavado Ele tinha-se lavado Nós tínhamo-nos lavado Vós tínheis-vos lavado Eles tinham-se lavado	Eu ter-me-ei lavado Tu ter-te-ás lavado Ele ter-se-á lavado Nós ter-nos-emos lavado Vós ter-vos-eis lavado Eles ter-se-ão lavado

Conjuntivo		
Pretérito perfeito composto	Pretérito mais-que-perfeito composto	Futuro composto
(Que) eu me tenha lavado (Que) tu te tenhas lavado (Que) ele se tenha lavado (Que) nós nos tenhamos lavado (Que) vós vos tenhais lavado (Que) eles se tenham lavado	(Se) eu me tivesse lavado (Se) tu te tivesses lavado (Se) ele se tivesse lavado (Se) nós nos tivéssemos lavado (Se) vós vos tivésseis lavado (Se) eles se tivessem lavado	(Quando) eu me tiver lavado (Quando) tu te tiveres lavado (Quando) ele se tiver lavado (Quando) nós nos tivermos lavado (Quando) vós vos tiverdes lavado (Quando) eles se tiverem lavado

Condicional
Eu ter-me-ia lavado Tu ter-te-ias lavado Ele ter-se-ia lavado Nós ter-nos-íamos lavado Vós ter-vos-íeis lavado Eles ter-se-iam lavado

Infinitivo		Gerúndio
Pessoal	Impessoal	
ter-me lavado teres-te lavado ter-se lavado termo-nos lavado terdes-vos lavado terem-se lavado	ter-se lavado	tendo-se lavado

PT8CDR © Porto Editora

Tempos formados com verbos auxiliares

Formação da passiva (Verbo auxiliar *ser*)

Verbo *amar*

Indicativo				
Presente	Pretérito perfeito	Pretérito imperfeito	Pretérito mais-que-perfeito	Futuro
Eu sou amado	Eu fui amado	Eu era amado	Eu fora amado	Eu serei amado
Tu és amado	Tu foste amado	Tu eras amado	Tu foras amado	Tu serás amado
Ele é amado	Ele foi amado	Ele era amado	Ele fora amado	Ele será amado
Nós somos amados	Nós fomos amados	Nós éramos amados	Nós fôramos amados	Nós seremos amados
Vós sois amados	Vós fostes amados	Vós éreis amados	Vós fôreis amados	Vós sereis amados
Eles são amados	Eles foram amados	Eles eram amados	Eles foram amados	Eles serão amados

Conjuntivo		
Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
(Que) eu seja amado	(Se) eu fosse amado	(Quando) eu for amado
(Que) tu sejas amado	(Se) tu fosses amado	(Quando) tu fores amado
(Que) ele seja amado	(Se) ele fosse amado	(Quando) ele for amado
(Que) nós sejamos amados	(Se) nós fôssemos amados	(Quando) nós formos amados
(Que) vós sejais amados	(Se) vós fôsseis amados	(Quando) vós fordes amados
(Que) eles sejam amados	(Se) eles fossem amados	(Quando) eles forem amados

Condicional	Imperativo
Eu seria amado	
Tu serias amado	
Ele seria amado	Sê amado (tu)
Nós seríamos amados	Sede amados (vós)
Vós seríeis amados	
Eles seriam amados	

<table>
<tr><th colspan="2">Infinitivo</th><th rowspan="2">Gerúndio</th></tr>
<tr><th>Pessoal</th><th>Impessoal</th></tr>
<tr><td rowspan="3">ser amado
seres amado
ser amado
sermos amados
serdes amados
serem amados</td><td rowspan="3">ser amado</td><td>sendo amado</td></tr>
<tr><th>Particípio passado</th></tr>
<tr><td>sido amado</td></tr>
</table>

PT8CDR © Porto Editora

Tempos compostos (Verbo auxiliar *ter*)

Verbo *falar*

Indicativo		
Pretérito perfeito composto	Pretérito mais-que-perfeito composto	Futuro composto
Eu tenho falado Tu tens falado Ele tem falado Nós temos falado Vós tendes falado Eles têm falado	Eu tinha falado Tu tinhas falado Ele tinha falado Nós tínhamos falado Vós tínheis falado Eles tinham falado	Eu terei falado Tu terás falado Ele terá falado Nós teremos falado Vós tereis falado Eles terão falado

Conjuntivo		
Pretérito perfeito composto	Pretérito mais-que-perfeito composto	Futuro composto
(Que) eu tenha falado (Que) tu tenhas falado (Que) ele tenha falado (Que) nós tenhamos falado (Que) vós tenhais falado (Que) eles tenham falado	(Se) eu tivesse falado (Se) tu tivesses falado (Se) ele tivesse falado (Se) nós tivéssemos falado (Se) vós tivésseis falado (Se) eles tivessem falado	(Quando) eu tiver falado (Quando) tu tiveres falado (Quando) ele tiver falado (Quando) nós tivermos falado (Quando) vós tiverdes falado (Quando) eles tiverem falado

Condicional
Eu teria falado Tu terias falado Ele teria falado Nós teríamos falado Vós teríeis falado Eles teriam falado

Infinitivo		Gerúndio
Pessoal	Impessoal	
ter falado teres falado ter falado termos falado terdes falado terem falado	ter falado	tendo falado

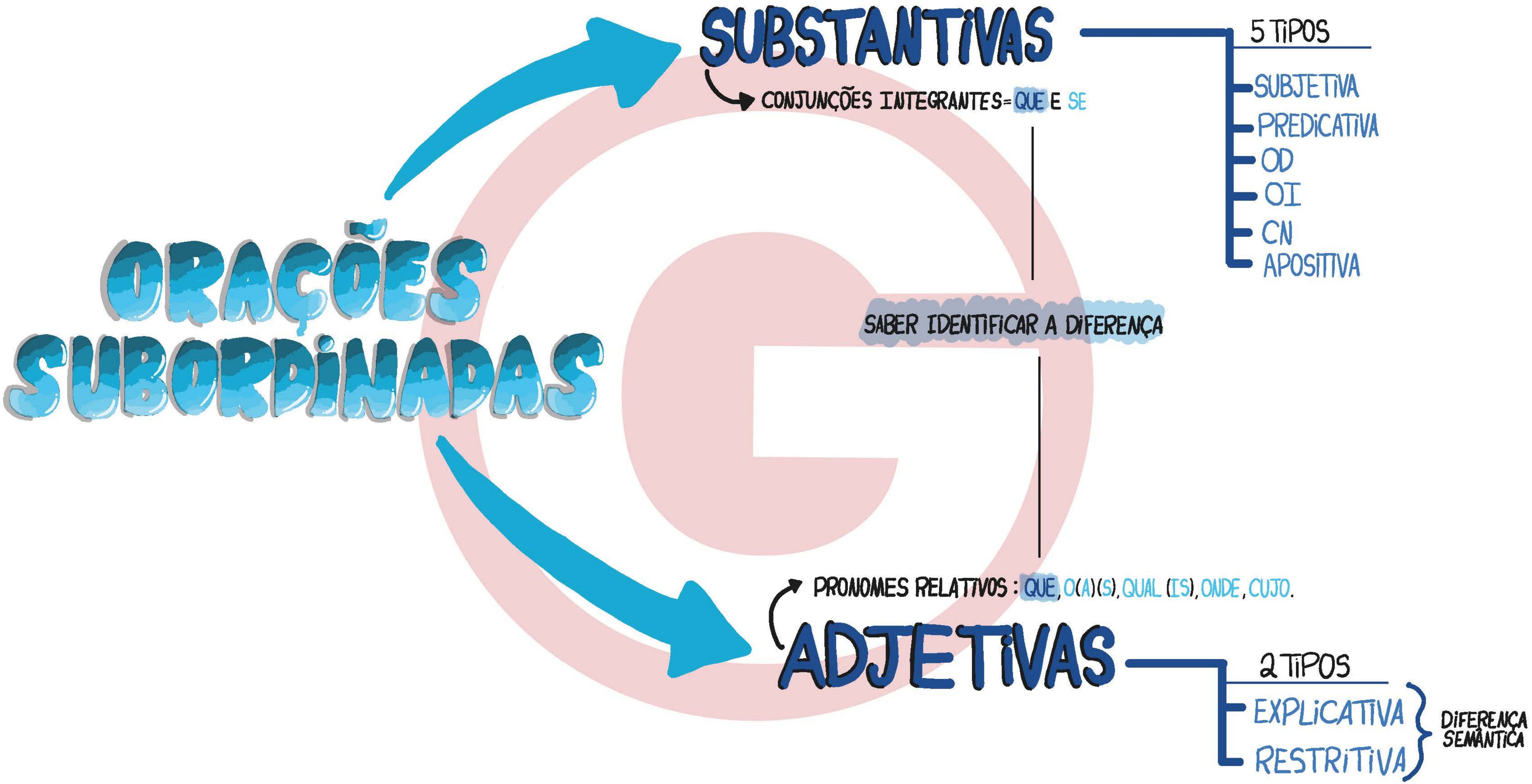

ORAÇÕES SUBORDINADAS

SUBSTANTIVAS

CONJUNÇÕES INTEGRANTES = QUE E SE

5 TIPOS

- SUBJETIVA
- PREDICATIVA
- OD
- OI
- CN
- APOSITIVA

SABER IDENTIFICAR A DIFERENÇA

PRONOMES RELATIVOS: QUE, O(A)(S), QUAL (IS), ONDE, CUJO.

ADJETIVAS

2 TIPOS

- EXPLICATIVA
- RESTRITIVA

DIFERENÇA SEMÂNTICA

Idealizado por: Elias Santana
Ilustrado por: Fábio Henrique

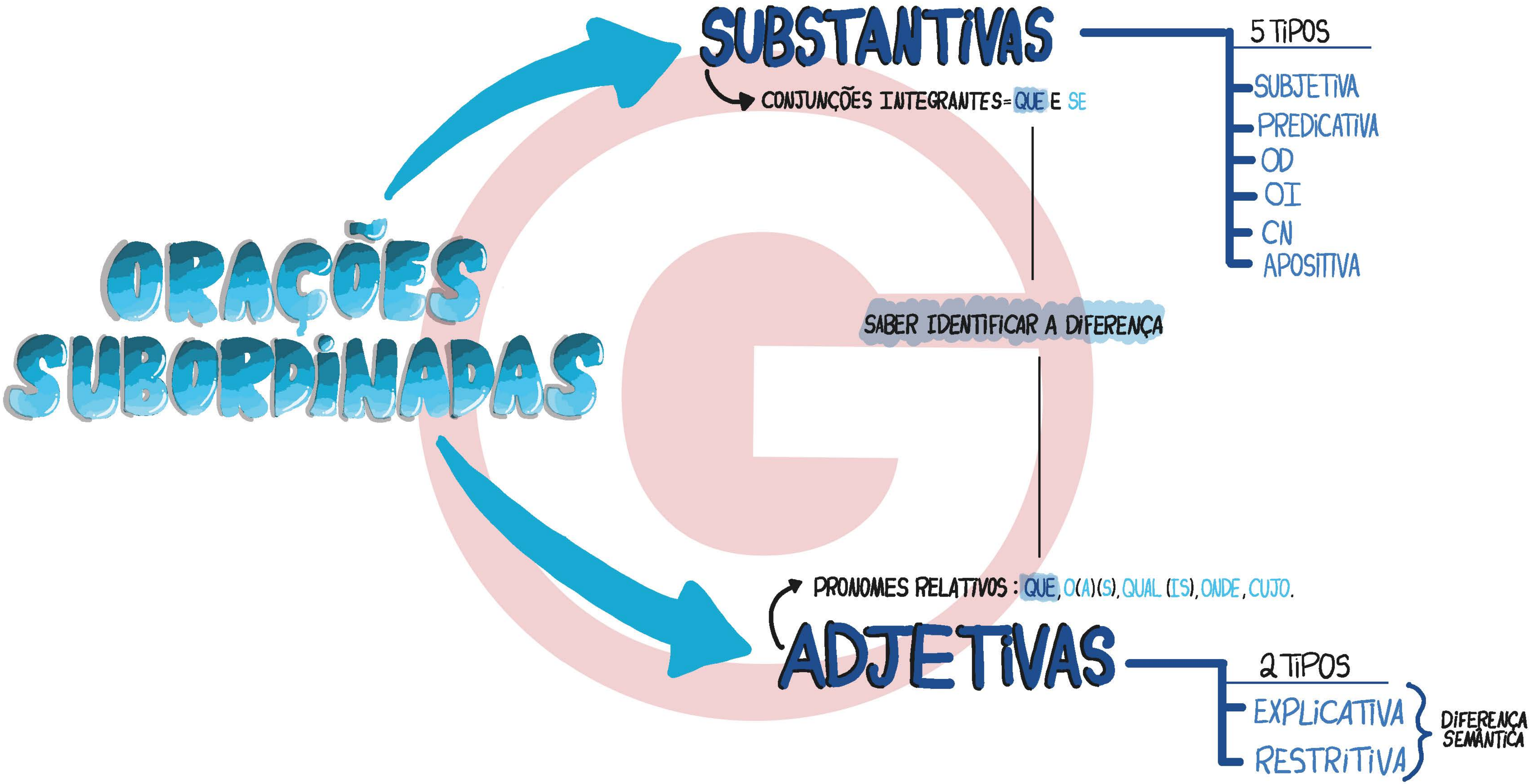

ORAÇÕES SUBORDINADAS

SUBSTANTIVAS

CONJUNÇÕES INTEGRANTES = QUE E SE

5 TIPOS
- SUBJETIVA
- PREDICATIVA
- OD
- OI
- CN
- APOSITIVA

SABER IDENTIFICAR A DIFERENÇA

PRONOMES RELATIVOS : QUE, O(A)(S), QUAL (IS), ONDE, CUJO.

ADJETIVAS

2 TIPOS
- EXPLICATIVA
- RESTRITIVA

} DIFERENÇA SEMÂNTICA

Idealizado por: Elias Santana
Ilustrado por: Fábio Henrique

Sequência didática 6: Pronomes pessoais e possessivos

Objetivos de aprendizagem	Objetos de conhecimento	Habilidades
• Identificar informações pontuais nos textos.	• Localização de informações em textos	**(EF04LP08)** Localizar e comparar informações explícitas em textos.
• Identificar em diferentes textos pistas que possibilitam deduzir informações implícitas.	• Dedução e inferência de informações	**(EF04LP10)** Inferir informações implícitas em textos.
• Empregar mecanismos de coesão por substituição.	• Reflexão sobre os procedimentos estilístico-enunciativos do texto	**(EF04LP15)** Recuperar relações entre partes de um texto, identificando substituições lexicais (de substantivos por sinônimos) ou pronominais (uso de pronomes anafóricos – pessoais, possessivos, demonstrativos), que contribuem para a continuidade do texto.

Objetivos e conteúdos de ensino

O estudo da classe gramatical dos pronomes ajuda o aluno a produzir textos mais coesos.

Duração

2 aulas

Material:

- lápis preto;
- lápis de cor;
- caderno para registro;
- textos:
    - fragmento do texto “Ovelhas conseguem reconhecer os rostos de pessoas famosas”, publicado na revista *Galileu*;
    - fragmento da fábula ”O julgamento da ovelha”, de Monteiro Lobato;
    - fragmento de notícia publicada no portal Ambiente Brasil, em 14 de fevereiro de 2013;
    - fragmento do romance “O menino no espelho”, de Fernando Sabino;
    - fragmento de texto instrucional do *site Canal do Pet*;
- material impresso (opcional).

Onde realizar

Em sala de aula.

Como encaminhar

O texto poderá ser projetado na lousa ou, se preferir, providencie cópias impressas para os alunos, que, após a leitura, devem colá-las no caderno. Caso você opte por projetar os textos e as atividades na lousa, organize a sala em U para que todos consigam visualizá-la sem dificuldade.

Desenvolva a primeira atividade em conjunto com toda a turma. Um aluno pode ler o texto em voz alta, e outro, os subitens da atividade. Em seguida, estimule todos a participarem das discussões propostas.

Conteúdo com licença aberta do tipo *Creative Commons* – Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (CC BY NC 4.0), com possibilidade de cópia e redistribuição em qualquer suporte ou formato. São permitidas a modificação, a adaptação e a criação para fins não comerciais, com a atribuição do devido crédito. Mudanças devem ser indicadas, além de um *link* para a licença.

1ª aula

1. Leia um trecho do texto publicado na revista *Galileu* e faça o que se pede.

> **Ovelhas conseguem reconhecer o rosto de pessoas famosas**
>
> [...]
>
> “Qualquer um que já passou um tempo trabalhando com ovelhas sabe que elas são animais inteligentes e individuais que são capazes de reconhecer seus treinadores”, disse a professora Jenny Morton, que conduziu o estudo. [...]
>
> *Galileu*, 9 nov. 2017. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2017/11/ovelhas-conseguem-reconhecer-os-rostos-de-pessoas-famosas.html>. Acesso em: 3 jan. 2018.

a) Que características citadas no texto explicam o fato de as ovelhas conseguirem reconhecer pessoas famosas?

____

b) Pinte de **vermelho** a palavra empregada para evitar a repetição do substantivo “ovelhas” no texto.

c) Que palavra no texto estabelece uma relação de posse entre termos?

____

d) Que palavras estabelecem entre si a relação de posse?

____

____

2. Leia a introdução da fábula “O julgamento da ovelha”, de Monteiro Lobato, e faça o que se pede.

> **O julgamento da ovelha**
>
> Um cachorro de maus bofes acusou uma pobre ovelhinha de lhe haver roubado um osso.
>
> – Para que furtaria eu esse osso – alegou ela – se sou herbívora e um osso para mim vale tanto quanto um pedaço de pau?
>
> [...]
>
> Monteiro Lobato. *Fábulas*. São Paulo: Globo, 2008. p. 28.

Conteúdo com licença aberta do tipo *Creative Commons* – Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (CC BY NC 4.0), com possibilidade de cópia e redistribuição em qualquer suporte ou formato. São permitidas a modificação, a adaptação e a criação para fins não comerciais, com a atribuição do devido crédito. Mudanças devem ser indicadas, além de um *link* para a licença.

a) Na fábula, o osso do cachorro despertou o interesse da ovelha? Como você chegou a essa conclusão?

____

____

____

____

b) O osso, portanto, tem o mesmo valor para a ovelha e o cachorro? Explique sua resposta.

____

____

c) Reflita e conclua: Qual o sentido da palavra “herbívora” no contexto em que está empregada?

____

____

d) No fragmento da fábula, o substantivo “ovelhinha” é substituído por outras três palavras. Sublinhe no texto essas palavras.

e) Vamos organizar nossas observações. Preencha as lacunas.

> Observei que, na atividade 1, o substantivo “ovelhas” foi substituída por __________; e, na atividade 2, __________, __________ e __________ substituem o substantivo “ovelhinha”.
>
> Ainda identifiquei que “seus” estabelece uma relação de posse entre ________________ e ________________.

As palavras que você identificou nas atividades 1 e 2 são chamadas de **pronomes**.

Conteúdo com licença aberta do tipo *Creative Commons* – Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (CC BY NC 4.0), com possibilidade de cópia e redistribuição em qualquer suporte ou formato. São permitidas a modificação, a adaptação e a criação para fins não comerciais, com a atribuição do devido crédito. Mudanças devem ser indicadas, além de um *link* para a licença.

3. Na fábula, dois pronomes substituem quem fala, a “ovelhinha”. Quais desses pronomes se referem à pessoa que fala?

____

____

a) Releia a fala da ovelhinha:

> – Para que furtaria eu esse osso – alegou ela – se sou herbívora e um osso para mim vale tanto quanto um pedaço de pau?

Circule no trecho acima a observação do narrador.

> Os pronomes que substituem as pessoas do discurso, isto é, as pessoas em situação de comunicação, são **pronomes pessoais**.

4. Leia um trecho do romance *O menino no espelho*, de Fernando Sabino.

> Um dia perguntei à Mariana:
>
> – Você quer ser minha namorada?
>
> A sociedade secreta Olho de Gato havia deixado de se reunir, mas Mariana e eu continuávamos nos encontrando, apenas como amigos. Os outros dois agentes secretos continuavam também por ali, prontos para entrar em ação, quando convocados: Hindemburgo com suas cachorrices, e Pastoff, sempre ajoelhado no fundo do quintal.
>
> [...]
>
> Fernando Sabino. *O menino no espelho*. 54. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 157.

a) Na primeira linha do texto, é possível acrescentar um pronome pessoal que substitua o nome do narrador.

Acrescente-o:

> Um dia __________________ perguntei à Mariana.

b) O narrador está em uma situação de comunicação com Mariana. Ao se dirigir a ela, Fernando não emprega o substantivo Mariana, mas um pronome. Qual é ele?

____

Conteúdo com licença aberta do tipo *Creative Commons* – Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (CC BY NC 4.0), com possibilidade de cópia e redistribuição em qualquer suporte ou formato. São permitidas a modificação, a adaptação e a criação para fins não comerciais, com a atribuição do devido crédito. Mudanças devem ser indicadas, além de um *link* para a licença.

c) Releia este trecho:

> [...] mas Mariana e eu continuávamos nos encontrando [...].
>
> Fernando Sabino. *O menino no espelho*. 54. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 159.

Há um pronome que substitui "Mariana e eu" mantendo o mesmo sentido na frase. Qual é?

____

5. Até aqui você conheceu vários pronomes pessoais que substituem os substantivos e indicam as três pessoas do discurso. Complete as lacunas com os pronomes pessoais do quadro.

> eles, elas, eu, ela, tu, vós, você, eles, nós, elas

1ª pessoa (quem fala ou o locutor): _________ (singular), _________ (plural)

2ª pessoa (com quem o locutor fala ou locutário): __________ (singular), __________ (plural)

3ª pessoa (de quem ou de que o locutor fala): _____, _____ (singular), ______, ______ (plural)

6. Responda oralmente:

a) Na cidade onde você mora, as pessoas tratam aqueles com quem falam por **tu** ou **você**?

b) Quando conversamos informalmente, muitas vezes não utilizamos o pronome **nós**. Que expressão você conhece para substituir **nós** na frase a seguir?

> [...] Para nós, homens de sete, oito, nove anos, namorar era uma bobagem [...].
>
> Fernando Sabino. *O menino no espelho*. 54. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 159.

O pronome **vós** é pouco usado, apenas em textos jurídicos, bíblicos e políticos.

Conteúdo com licença aberta do tipo *Creative Commons* – Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (CC BY NC 4.0), com possibilidade de cópia e redistribuição em qualquer suporte ou formato. São permitidas a modificação, a adaptação e a criação para fins não comerciais, com a atribuição do devido crédito. Mudanças devem ser indicadas, além de um *link* para a licença.

2ª aula

Retome com os alunos as atividades realizadas na aula anterior: identificar palavras (pronomes pessoais) que substituem substantivos e indicam as pessoas envolvidas em situação de comunicação.

Antes de iniciar esta atividade, converse com os alunos e pergunte a eles se já ouviram falar em clonagens ou clones. Informe a eles que, apesar de a notícia ser de 2003, ela é importante porque a ovelha Dolly, como informado no título, foi o primeiro mamífero clonado. A técnica revolucionária, desenvolvida pela equipe do cientista escocês Ian Wilmut, criou um mamífero idêntico à ovelha que a gerou. Muitos trabalhos científicos foram realizados a partir dessa primeira conquista, embora esse assunto enfrente questões éticas.

1. Leia o título e o lide da notícia a seguir, responda às questões e faça o que se pede.

Morre a ovelha Dolly, primeiro mamífero clonado da história

Foi anunciada nesta sexta-feira (14) a morte da ovelha Dolly. O primeiro animal clonado foi sacrificado, seis anos depois de seu nascimento, por causa de uma doença pulmonar. […]

AmbienteBrasil. Disponível em: <http://noticias.ambientebrasil.com.br/clipping/2003/02/14/9701-morre-a-ovelha-dolly-primeiro-mamifero-clonado-da-historia.html>. Acesso em: 4 jan. 2018.

Glossário:

Clonado: produzido por técnica de clonagem, processo de produção de cópias idênticas de seres vivos por meio de um fragmento específico do DNA.

a) No lide da notícia, sublinhe o pronome.

b) Que substantivo esse pronome acompanha?

____

c) Que ideia esse pronome expressa?

____

Conteúdo com licença aberta do tipo *Creative Commons* – Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (CC BY NC 4.0), com possibilidade de cópia e redistribuição em qualquer suporte ou formato. São permitidas a modificação, a adaptação e a criação para fins não comerciais, com a atribuição do devido crédito. Mudanças devem ser indicadas, além de um *link* para a licença.

2. Leia as informações sobre a animação *Shaun, o carneiro* para responder às questões a seguir.

> [...]
>
> Na fazenda do Fazendeiro, as ovelhas acordam, trabalham, dormem; acordam, trabalham, dormem. E... acordam, trabalham, dormem. [...] E elas não são maltratadas [...]. Entediada, uma ovelha, Shaun, resolve quebrar a rotina por um dia, mas o plano sai do controle e seu dono acaba indo parar na Cidade Grande, acidentalmente, onde perde a memória.
>
> [...]
>
> Renato Hermsdorf. Shaun, o carneiro. *AdoroCinema*, [s.d.]. Disponível em: <www.adorocinema.com/filmes/filme-221093/criticas-adorocinema>. Acesso em: 9 nov. 2017.

a) O que a repetição dos verbos "acordar", "trabalhar" e "dormir" indicam a respeito da rotina das ovelhas?

____

____

b) Que ovelha demonstra ter inteligência para quebrar a rotina da fazenda?

____

c) Que pronome indica posse? Que substantivo esse pronome acompanha?

____

____

3. Nas atividades 1 e 2, você identificou pronomes que dão ideia de posse. Vamos construir uma tabela para os pronomes possessivos. Complete as lacunas.

Pessoas do singular		
1ª		meu(s)
2ª	tua(s)	teu(s)
3ª	sua(s)	
Pessoas do plural		
1ª	nossa(s)	
2ª	vossa(s)	vosso(s)
3ª	sua(s)	seu(s)

Conteúdo com licença aberta do tipo *Creative Commons* – Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (CC BY NC 4.0), com possibilidade de cópia e redistribuição em qualquer suporte ou formato. São permitidas a modificação, a adaptação e a criação para fins não comerciais, com a atribuição do devido crédito. Mudanças devem ser indicadas, além de um *link* para a licença.

4. Leia o fragmento de um texto que orienta os leitores donos de cães em relação ao lugar que o animal dorme.

> [...]
>
> Se o seu cachorro não fica nunca na caminha **dele**, deixe esse ambiente muito legal, brinque com ele por lá, sente-se na cama com ele, ofereça um petisco [...].
>
> *Canal do Pet* – *iG*.Disponível em: <http://canaldopet.ig.com.br/adestramento/dicas/2017-02-08/cachorro-dormir-cama.html>. Acesso em: 15 jan. 2018.

a) O pronome destacado pode ser classificado como possessivo?

____

____

b) Que problema surgiria no texto se trocássemos "dele" por **sua**? Observe para responder.

> Se o seu cachorro não fica nunca na **sua** caminha, deixe esse ambiente muito legal.

____

____

____

____

c) Acrescente **dele**(s), **dela**(s) à tabela dos possessivos.

Conteúdo com licença aberta do tipo *Creative Commons* – Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (CC BY NC 4.0), com possibilidade de cópia e redistribuição em qualquer suporte ou formato. São permitidas a modificação, a adaptação e a criação para fins não comerciais, com a atribuição do devido crédito. Mudanças devem ser indicadas, além de um *link* para a licença.

5. Leia o texto abaixo para fazer as atividades seguintes.

Como a mochila surgiu?

Ela é sua companheira na escola, nas viagens, nos passeios... Mas você sabe como a mochila foi inventada? Descubra!

[...]

Recreio, 9 nov. 2017. Disponível em: <http://recreio.uol.com.br/noticias/curiosidades/como-a-mochila-surgiu-historia-escola-.phtml#.WmDwKExFyM9>. Acesso em: 4 jan. 2018.

a) Contorne no diagrama de palavras os pronomes empregados no texto.

Q	O	S	E	I	I	E	C	V	P	S	I	E	O	M	P	T
R	A	E	L	S	E	O	M	P	T	S	S	L	E	Á	G	A
N	S	X	A	O	L	E	Á	G	A	O	O	A	O	F	O	G
I	E	C	Q	P	Q	O	S	S	I	V	P	Q	O	S	S	I
E	O	M	F	T	R	A	E	S	S	U	A	F	Ã	A	T	N
L	E	Á	Ó	A	N	S	X	O	O	G	A	Ó	B	S	S	I
X	O	O	R	E	Á	E	C	V	P	L	E	R	A	E	S	S
C	V	P	N	O	S	O	M	P	T	Q	O	N	S	X	O	O
M	P	T	I	A	E	E	Á	G	A	R	A	I	E	C	V	P
Á	G	A	N	S	X	S	X	O	O	N	S	V	O	C	Ê	S

b) Preencha o quadro abaixo com os pronomes que você localizou no diagrama. Classifique esses pronomes e indique os seres aos quais eles se referem.

Pronome	Classificação	Palavras a que se refere

Conteúdo com licença aberta do tipo *Creative Commons* – Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (CC BY NC 4.0), com possibilidade de cópia e redistribuição em qualquer suporte ou formato. São permitidas a modificação, a adaptação e a criação para fins não comerciais, com a atribuição do devido crédito. Mudanças devem ser indicadas, além de um *link* para a licença.

Atividade complementar

Leia o texto a seguir para fazer as atividades 1 e 2.

Tesouro de família

A vida de Leo Zifkak mudou para sempre no dia em que __________________ (pronome pessoal) se tornou dono da caixa de música.

Leo não soube disso na ocasião. __________________ (pronome possessivo) coração não disparou quando __________________ (pronome pessoal) recebeu a caixa de __________________ (pronome possessivo) mãe e a colocou sobre a mesa. __________________ (pronome pessoal) não fazia ideia do que tinha em __________________ (pronome possessivo) mãos.

[...]

Emily Rodda. *A chave para Rondo*. São Paulo: Fundamento Educacional, 2010. p. 5.

1. Complete as lacunas do texto que você leu. Observe o contexto e o que se pede entre parênteses.

2. Qual é a função dos pronomes quando escrevemos um texto, expomos uma ideia ou contamos um fato?

____

____

____

____

Conteúdo com licença aberta do tipo *Creative Commons* – Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (CC BY NC 4.0), com possibilidade de cópia e redistribuição em qualquer suporte ou formato. São permitidas a modificação, a adaptação e a criação para fins não comerciais, com a atribuição do devido crédito. Mudanças devem ser indicadas, além de um *link* para a licença.

Gabarito da 1ª aula

1. a) “Inteligentes” e “individuais”.

b) O aluno deverá pintar de vermelho ou copiar o pronome “Elas”. Pronome pessoal.

c) O pronome que estabelece relação de posse entre termos no texto é “seus”.

d) “Ovelhas” e “treinadores”.

2. Sugerimos o desenvolvimento desta atividade em duplas.

a) Não. A ovelha diz que o osso tem o valor de “um pedaço de pau”, ou seja, tem pouco ou valor nenhum. Resposta pessoal.

b) Não, para a ovelha o osso não tem valor. Para o cachorro, porém, vale muito, pois o animal ficou bravo ao desconfiar que a ovelha roubara seu osso.

c) Significa que a ovelha não come carne, pois não se interessou pelo osso do cachorro.

d)

> Um cachorro de maus bofes acusou uma pobre ovelhinha de lhe haver roubado um osso.
>
> – Para que furtaria **eu** esse osso – alegou **ela** – se sou herbívora e um osso para **mim** vale tanto quanto um pedaço de pau?
>
> [...]

e)

> Observei que, na atividade 1, o substantivo “ovelhas” foi substituída por **elas**; e, na atividade 2, **eu**, **ela** e **mim** substituem o substantivo “ovelhinha”.
>
> Ainda identifiquei que “seus” estabelece uma relação de posse entre **ovelhas** e **treinador**.

Oriente os alunos a colarem as atividades impressas no caderno ou copiarem os quadros que organizam as observações.

Oriente-os a registrar o quadro no caderno.

> **Pronomes** são palavras que **substituem** pessoas ou coisas mencionadas anteriormente ou **acompanham** um substantivo.

Embora o estudo se refira aos pronomes pessoais do caso reto, os alunos podem reconhecer os oblíquos, que também estabelecem relações coesiva.

3. Eu e mim.

a) O aluno deve circular no trecho: “alegou ela”.

4. a) eu

b) você

c) nós

5. 1ª pessoa (quem fala ou o locutor): **eu** (singular), **nós** (plural)

2ª pessoa (com quem o locutor fala ou locutário): **tu** (singular), **vós** (plural)

3ª pessoa (de quem ou de que o locutor fala): **ele**, **ela** (singular), **eles**, **elas** (plural)

6. Respostas pessoais.

Conteúdo com licença aberta do tipo *Creative Commons* – Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (CC BY NC 4.0), com possibilidade de cópia e redistribuição em qualquer suporte ou formato. São permitidas a modificação, a adaptação e a criação para fins não comerciais, com a atribuição do devido crédito. Mudanças devem ser indicadas, além de um *link* para a licença.

Gabarito da 2ª aula

1. a) O aluno deve sublinhar “seu”.

b) “Nascimento”.

c) Posse.

2. a) Indicam que a rotina das ovelhas nunca muda; elas fazem sempre as mesmas coisas, na mesma sequência.

b) Shaun.

c) “Seu”; “dono”.

3.

Pessoas do singular		
1ª	minhas(s)	meu(s)
2ª	tua(s)	teu(s)
3ª	sua(s)	seus(s)
Pessoas do plural		
1ª	nossa(s)	nosso(s)
2ª	vossa(s)	vosso(s)
3ª	sua(s)	seu(s)

Oriente-os a registrar a definição a seguir no caderno.

Os pronomes que estabelecem relação de posse entre o possuidor e o ser possuído são **pronomes possessivos**.

Comente com os alunos que, embora o pronome “você” seja usado para se referir ao locutário ou interlocutor, os possesivos que correspondem a ele são os da 3ª pessoa.

4. a) Sim, ele estabelece relação de posse entre “cama” (objeto possuído) e “ele”, o cachorro, (possuidor).

b) A troca do “dele” por “sua” cria um duplo sentido (ambiguidade) pode-se entender que a caminha pertence ao leitor.

c) O aluno deve acrescentar, na 3ª pessoa do singular e na do plural, os pronomes **dele**(s) (masculino) **dela**(s) (feminino).

A cada bloco de exercícios, faça a correção com os alunos e dê a ales a oportunidade de expor as dúvidas e trocar opinião com os colegas.

Conteúdo com licença aberta do tipo *Creative Commons* – Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (CC BY NC 4.0), com possibilidade de cópia e redistribuição em qualquer suporte ou formato. São permitidas a modificação, a adaptação e a criação para fins não comerciais, com a atribuição do devido crédito. Mudanças devem ser indicadas, além de um *link* para a licença.

5. a)

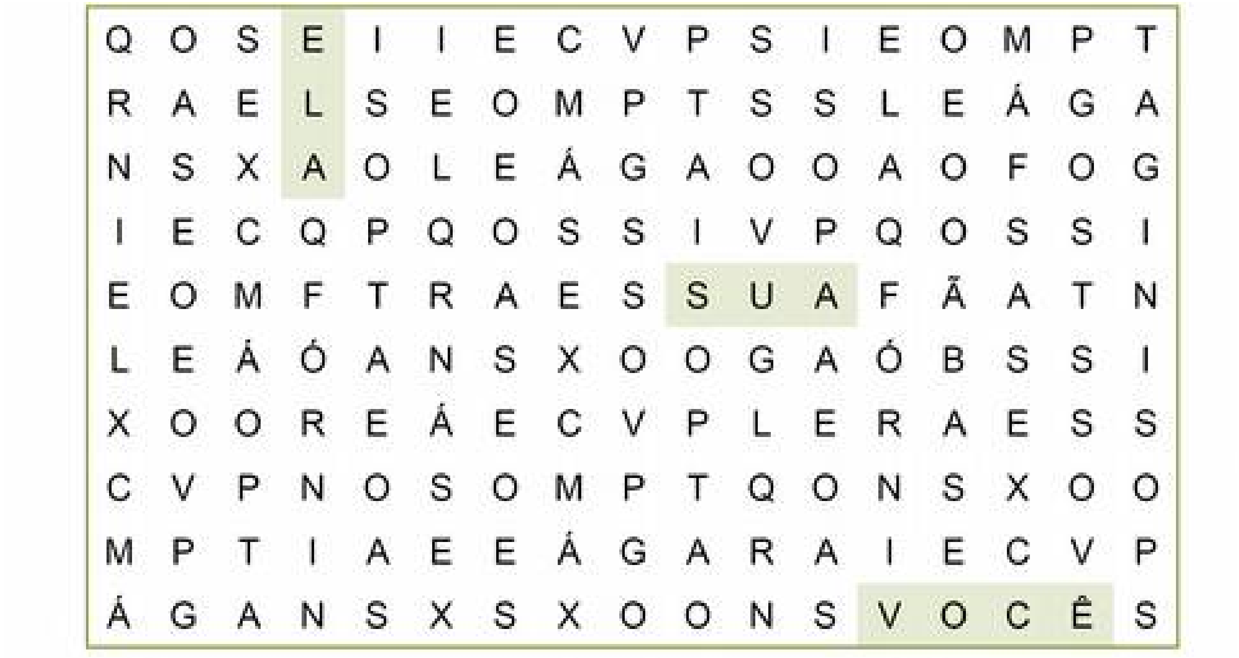

Q	O	S	E	I	I	E	C	V	P	S	I	E	O	M	P	T
R	A	E	L	S	E	O	M	P	T	S	S	L	E	Á	G	A
N	S	X	A	O	L	E	Á	G	A	O	O	A	O	F	O	G
I	E	C	Q	P	Q	O	S	S	I	V	P	Q	O	S	S	I
E	O	M	F	T	R	A	E	S	S	U	A	F	Ã	A	T	N
L	E	Á	Ó	A	N	S	X	O	O	G	A	Ó	B	S	S	I
X	O	O	R	E	Á	E	C	V	P	L	E	R	A	E	S	S
C	V	P	N	O	S	O	M	P	T	Q	O	N	S	X	O	O
M	P	T	I	A	E	E	Á	G	A	R	A	I	E	C	V	P
Á	G	A	N	S	X	S	X	O	O	N	S	V	O	C	Ê	S

b)

Pronome	Classificação	Palavras a que se refere
ela	pessoal	mochila
sua	possessivo	companheira
você	pessoal	interlocutor/leitor

Gabarito da atividade complementar

1. O aluno deve completar as lacunas na seguinte ordem: ele, seu, ele, sua, ele, suas.

2. Os pronomes evitam repetição, são, por isso, importantes elementos coesivos. Ao fazer a relação entre as palavras, frases e ideias, os pronomes atribuem clareza e coesão aos textos.

Conteúdo com licença aberta do tipo *Creative Commons* – Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (CC BY NC 4.0), com possibilidade de cópia e redistribuição em qualquer suporte ou formato. São permitidas a modificação, a adaptação e a criação para fins não comerciais, com a atribuição do devido crédito. Mudanças devem ser indicadas, além de um *link* para a licença.

Como avaliar

O objetivo das atividades em grupo é não somente desenvolver a autonomia dos alunos mas também oferecer a você a oportunidade de observar e escutar como eles resolvem as situações propostas. Por isso, além de atividades para verificar o aprendizado, sugerimos questões para autoavaliação.

	Sim	Mais ou menos	Não
Ouvi com atenção as orientações do professor?			
Tive alguma dificuldade nessa atividade?			
Ouvi e respeitei a opinião do colega durante a atividade?			
Cumpri a proposta da atividade?			

Conteúdo com licença aberta do tipo *Creative Commons* – Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (CC BY NC 4.0), com possibilidade de cópia e redistribuição em qualquer suporte ou formato. São permitidas a modificação, a adaptação e a criação para fins não comerciais, com a atribuição do devido crédito. Mudanças devem ser indicadas, além de um *link* para a licença.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTE
NÚCLEO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DE GUARAPUAVA
USINA DE CONHECIMENTO DE GUARAPUAVA – UD

ATIVIDADES ORTOGRAFIA

ortografia
aprendizagem
sistematização
revisão
ensino
compreensão
oralidade
análise
escrita
social
pesquisa
etimologia
currículo
diálogo
avaliação
conhecimento
vocabulário
regularidades
reflexão
padrão
irregularidades
descrever
variante
dúvidas
dicionário
segmentação
regra

Embora se saiba "***que é falando que a gente se entende***", ***temos*** uma série de dificuldades que podem comprometer a nossa comunicação escrita. **E você? Como anda a sua comunicação escrita??? Vamos ver... Assinale a alternativa correta!!!**

	Casas germinadas		Casas geminadas
	Sou de menor		Sou menor
	Sou maior de idade		Sou de maior
	O feriado caiu num domingo.		O feriado caiu de domingo.
	De sábado, não trabalho.		Aos sábados, não trabalho.
	Aguardo notícias.		Estou no aguardo de notícias.
	Caderno espiral		Caderno aspiral
	A mala está leve.		A mala está leviana.
	Fiquei fora de mim.		Fiquei fora de si.
	Não saí por causa que estava chovendo.		Não saí porque estava chovendo.
	O paciente sofreu melhoras.		O paciente sentiu melhoras.
	Ele já acordou.		Ele já se acordou.
	O motorista perdeu a direção do veículo.		O motorista perdeu o controle do veículo.
	Tenho menas sorte que você.		Tenho menos sorte que você.
	O pessoal não gostaram do filme.		O pessoal não gostou do filme.
	Não poderia dizer isso perante ela.		Não poderia dizer isso perante a ela.
	Fazem 12 anos que não viajo ao exterior.		Faz 12 anos que não viajo ao exterior.
	Este livro é para eu ler.		Este livro é para mim ler.
	Porque você não foi à escola?		Por que você não foi à escola?
	Prefiro leite a café.		Prefiro mais café do que leite.
	O prefeito prometeu novas denúncias.		O prefeito prometeu, novas denúncias.
	Bem-vindos a Cândido de Abreu!		Bem vindos a Cândido de Abreu!

	Comprei-o para você.		Comprei ele para você.
	Amo-lhe muito.		Amo-a muito.
	As crianças foram ao cinema.		As crianças foram no cinema.
	O alface estava gostoso.		A alface estava gostosa.
	Preços a partir de R$1,99.		Preços apartir de R$1,99.
	A professora era meia louca.		A professora era meio louca.
	O assunto não tem nada haver com você.		O assunto não tem nada a ver com você.
	O garoto foi tachado de ladrão.		O garoto foi taxado de ladrão.
	Quero calças cinzas.		Quero calças cinza.
	Todos queriam namorar a Marisa.		Todos queriam namorar com Marisa.
	Sentou-se na mesa para comer.		Sentou-se à mesa para comer.
	Eles tem razão.		Eles têm razão.
	Ela mesmo arrumou a sala.		Ela mesma arrumou a sala.
	A temperatura chegou a zero graus.		A temperatura chegou a zero grau.
	Maria quis viajar ontem.		Maria quiz viajar ontem.
	Venha por a roupa.		Venha pôr a roupa.
	A modelo pousou o dia todo.		A modelo posou o dia todo.
	Espero que viajem hoje.		Espero que viagem hoje.
	Já é oito horas.		Já são oito horas.
	A festa começa às 8 h.		A festa começa às 8 hrs.
	Que seja feliz.		Que seje feliz.
	Falo alto porque ele houve mal.		Falo alto porque ele ouve mal.
	Eu ia ao cinema, mais choveu!		Eu ia ao cinema, mas choveu!

Baseado no livro "Não Erre Mais!", de Luiz Antônio Sacconi

CONCORDÂNCIA VERBAL III

Com verbos

Verbo + se

- ✓ **Verbo intransitivo + se (= índice de indeterminação do sujeito)**

O verbo estará no singular.

Ex.:
Riu-se muito.

- ✓ **Verbo transitivo indireto + se (índice de indeterminação do sujeito)**

O verbo ficará no singular.

Ex.:
Precisa-se de ferramentas.

- ✓ **Verbo transitivo direto +se (pronome apassivador)**

O verbo concordará com o substantivo (=sujeito).

Observação: A frase pode ser transformada na voz passiva analítica.

Ex.:
Cometeram-se os mesmos erros.
(Os mesmos erros foram cometidos).

Verbos Impessoais

- ✓ **Verbos que indicam fenômenos da natureza (= chover, nevar, ventar, amanhecer, etc.)**

O verbo ficará no singular.

Ex.:
Choveu muito ontem.

- ✓ **Verbo haver (= existir)**

O verbo estará no singular.

Ex.:
Havia muitas cadeiras vazias na sala.

- ✓ **Verbos que fazem referência a tempo (haver, fazer, ir, estar, ser)**

O verbo ficará no singular.

Ex.:
Há cinco meses que não aparece
Faz cinco meses que não aparece
É tarde.

Faz muito calor.

Fará invernos rigorosos.

Obs.: Nas locuções verbais, os verbos impessoais referidos anteriormente transmitem sua impessoalidade ao verbo anterior, chamado de auxiliar.

Ex.:

Vai fazer cinco anos que...

Pode haver outras alternativas.

- ✓ **Verbos "dar", "soar" e "bater" + horas**

O verbo concordará com as horas (=sujeito).

Ex.:

Deu uma hora.

Bateram duas horas.

Obs.: Numa locução verbal, o verbo auxiliar concordará com as horas.

Ex.:

Iam dar duas horas.

- ✓ **Verbos "existir", "acontecer", "faltar", "sobrar", etc. (empregados normalmente com sujeito posposto)**

O verbo concordará com o sujeito posposto.

Ex.:

Existem razões suficientes.

Faltam razões.

Sobram razões.

Obs.: Numa locução verbal, com verbos dessa natureza, o verbo auxiliar concordará com o sujeito posposto.

Ex.:

Devem existir razões.

Podem faltar razões.

Devem sobrar razões.

- ✓ **Verbo "parecer" + outro verbo**

a) "parecer" concordará com o substantivo + outro verbo no infinitivo.

Ex.:

As estrelas parecem brilhar no céu.

b) "parecer" na 3ª pessoa do singular + verbo concordando com o substantivo.

Ex.:

As estrelas parece brilharem no céu.

Com o verbo "ser"

✓ Sujeito (= "quem", "tudo", "isso", "isto", "aquilo") + verbo ser + substantivo predicativo plural.

O verbo estará no singular ou plural.

Ex.:
Tudo são sonhos dormidos ou dormentes
(Cecília Meireles)

Tudo é flores no presente

Anúncio

Gênero de natureza argumentativo-persuasiva, de função conativa (objetiva persuadir, convencer).

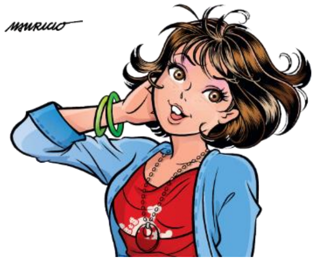

Esquema de Construção

Discurso de Autoridade

Utiliza-se de um depoimento, fala, pensamento ou atitude de especialistas. *Pseudo-autoridades*: indivíduos que possuem reconhecimento na sociedade.

Afirmação e Repetição

Expressa verdades incontestáveis e como um "mantra", repetindo os slogans.

Criação Antagonista

O objetivo é transformar o produto ou ideia em herói, enaltecendo suas qualidades.

Uso de Eufemismo e Hipérbole

Intenção de influenciar o entendimento do público, escondendo ou minimizando problemas, acusando concorrentes ou potencializando aspectos do próprio produto.

Uso de Estereótipo

Uso de esquemas e de fórmulas conhecidas e consagradas, ainda que não correspondam a uma verdade. *Atenção*: Vem caindo em desuso (parte de determinados grupos se sentem atingidos por eles).

Vantagens Temáticas

Quantitativas

O produto é mais barato, rende mais, tem mais quantidade de algo, é o mais vendido, favorito, campeão de vendas, etc.

Qualitativas

O produto é melhor, mais gostoso, mais nutritivo, melhor acabamento, etc.

Ideológicas

Exclusividade, classe, estilo, público restrito ou diferenciado, comprometimento com alguma causa etc.

Características

⇨ Apresentação em linguagem mista, com elementos verbais e não verbais.

⇨ Linguagem persuasiva, voltada à despertar reações no público.

⇨ Adequação da linguagem às características do público-alvo.

⇨ Uso de verbos no imperativo.

⇨ Uso de recursos estilísticos como figuras de linguagem, jogos de palavras etc.

⇨ Estrutura variável, mas com a presença comum de frases de impacto, slogan e nome da marca/produto.

Claudenice Melo

Professora de Língua Portuguesa

Bilhete

São textos comunicativos que contém *mensagens simples* os quais são escritos em pequenos papéis e enviados para a amiga de escola, irmão, mãe, dentre outros.

Características

- Textos cotidiano e breves;
- Escritos em primeira pessoa;
- Linguagem coloquial;
- Marcas de oralidade;
- Estrutura livre;
- Caráter informativo;
- Presença de Emissor e Receptor;
- Uso do Vocativo.

Elementos

Destinatário

Pessoa a quem se destina o bilhete.

Remetente

Pessoa que escreve o bilhete. Geralmente aparece no final (assinatura).

Corpo do Texto

Mensagem curta que será transmitida. Inclui, portanto, o assunto (tema).

Despedida

Na linguagem informal. Pode ser: até logo, beijos, abraços, saudade, se cuida, etc.

Data

Quando o bilhete foi escrito.

P.S.

Post Scriptum (escrito após): assinala uma informação adicional que foi colocada após o final do texto, depois da assinatura ou dos cumprimentos.

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

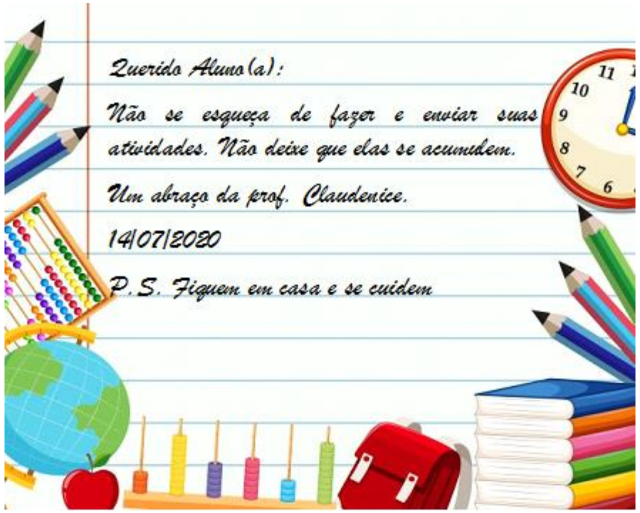

Querido Aluno(a):

Não se esqueça de fazer e enviar suas atividades. Não deixe que elas se acumulem.

Um abraço da prof. Claudenice.

14/07/2020

P.S. Fiquem em casa e se cuidem

Qconcursos.com

PORTUGUÊS

Interpretação de texto

Gêneros textuais

Profª. Isabel Vega

Qconcursos.com

Gêneros textuais

I) Tipos textuais → **modos de organização do discurso**

- a) narrativo
- b) descritivo
- c) dissertativo
- d) injuntivo

II) Gêneros textuais → **desmembramentos dos tipos textuais, que se caracterizam por apresentarem estruturas recorrentes e específicas que permitem diferenciá-los entre si. São muito flexíveis e adaptáveis às várias situações do cotidiano, o que contribui para a grande diversidade e quantidade de gêneros existentes.**

Qconcursos.com

Gêneros textuais

- **Exemplo da atualização dos gêneros:**

a) carta → e-mail;
b) bilhete → *whatsapp* / mensagem de texto, etc.

- **Exemplos de gêneros textuais do tipo narrativo:**

a) fábula (moral da história);
b) anedota/piada (narrativa curtíssima, com tom lúdico);
c) conto (narrativa curta);
d) novela (narrativa curta, porém maior que o conto);
e) romance (narrativa média ou longa);
f) notícia / reportagem (domínio jornalístico), etc.

Qconcursos.com

Gêneros textuais

Obs.1: crônica (temática cotidiana) – pode ser apresentada por meio de vários tipos.

Obs.2: diário pessoal (intimismo) – normalmente contém vários tipos, embora predomine o narrativo.

- **Exemplos de gêneros textuais do tipo descritivo:**

  a) bula de remédio (composição, efeitos colaterais);
  b) classificados (características);
  c) tabelas;
  d) gráficos;
  e) manual de instrução (função de botões), etc.

Qconcursos.com

Gêneros textuais

- **Exemplos de gêneros textuais do tipo dissertativo:**

  a) artigo de opinião / carta do leitor (domínio jornalístico);
  b) artigo científico;
  c) redação de concurso;
  d) monografia;
  e) editorial, etc.

- **Exemplos de gêneros textuais do tipo injuntivo ou instrucional:**

  a) receita de bolo;
  b) bula de remédio (posologia);

Qconcursos.com

Gêneros textuais

c) texto teatral;
d) requerimento;
e) anúncio publicitário;
f) campanha de saúde pública;
g) previsão do tempo;
h) horóscopo, etc.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTE
NÚCLEO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DE GUARAPUAVA
USINA DE CONHECIMENTO DE GUARAPUAVA – UD

ortografia
aprendizagem
sistematização
revisão
ensino
compreensão
oralidade
análise
escrita
pesquisa
etimologia
currículo
diálogo
avaliação
social
vocabulário
regularidades
reflexão
padrão
irregularidades
escrever
variante
dúvidas
dicionário
segmentação
regra
conhecimento

ATIVIDADES ORTOGRAFIA

Embora se saiba “***que é falando que a gente se entende”, temos*** uma série de dificuldades que podem comprometer a nossa comunicação escrita. ***Esses são alguns problemas***

E você? Como anda a sua comunicação escrita??? Vamos ver... Assinale a alternativa correta!!!

	Casas germinadas	X	Casas geminadas
	Sou de menor	X	Sou menor
X	Sou maior de idade		Sou de maior
X	O feriado caiu num domingo.		O feriado caiu de domingo.
	De sábado, não trabalho.	X	Aos sábados, não trabalho.
X	Aguardo notícias.		Estou no aguardo de notícias.
X	Caderno espiral		Caderno aspiral
X	A mala está leve.		A mala está leviana.
X	Fiquei fora de mim.		Fiquei fora de si.
	Não saí por causa que estava chovendo.	X	Não saí porque estava chovendo.
	O paciente sofreu melhoras.	X	O paciente sentiu melhoras.
X	Ele já acordou.		Ele já se acordou.
	O motorista perdeu a direção do veículo.	X	O motorista perdeu o controle do veículo.
	Tenho menas sorte que você.	X	Tenho menos sorte que você.
	O pessoal não gostaram do filme.	X	O pessoal não gostou do filme.
X	Não poderia dizer isso perante ela.		Não poderia dizer isso perante a ela.
	Fazem 12 anos que não viajo ao exterior.	X	Faz 12 anos que não viajo ao exterior.
X	Este livro é para eu ler.		Este livro é para mim ler.
	Porque você não foi à escola?	X	Por que você não foi à escola?
X	Prefiro leite a café.		Prefiro mais café do que leite.
X	O prefeito prometeu novas denúncias.		O prefeito prometeu, novas denúncias.
X	Bem-vindos a Cândido de Abreu!		Bem vindos a Cândido de Abreu!

X	Comprei-o para você.		Comprei ele para você.
	Amo-lhe muito.	X	Amo-a muito.
X	As crianças foram ao cinema.		As crianças foram no cinema.
	Espécie em vias de extinção.	X	Espécie em via de extinção.
	O alface estava gostoso.	X	A alface estava gostosa.
X	Preços a partir de R$1,99.		Preços apartir de R$1,99.
	A professora era meia louca.	X	A professora era meio louca.
	O assunto não tem nada haver com você.	X	O assunto não tem nada a ver com você.
X	O garoto foi tachado de ladrão.		O garoto foi taxado de ladrão.
	Quero calças cinzas.	X	Quero calças cinza.
X	Todos queriam namorar a Marisa.		Todos queriam namorar com Marisa.
	Sentou-se na mesa para comer.	X	Sentou-se à mesa para comer.
	Eles tem razão.	X	Eles têm razão.
	Todos amigos o elogiavam.	X	Todos os amigos o elogiavam.
	Ela mesmo arrumou a sala.	X	Ela mesma arrumou a sala.
	A temperatura chegou a zero graus.	X	A temperatura chegou a zero grau.
X	Maria quis viajar ontem.		Maria quiz viajar ontem.
	Venha por a roupa.	X	Venha pôr a roupa.
	A modelo pousou o dia todo.	X	A modelo posou o dia todo.
X	Espero que viajem hoje.		Espero que viagem hoje.
	Já é oito horas.	X	Já são oito horas.
X	A festa começa às 8 h.		A festa começa às 8 hrs.
X	Que seja feliz		Que seje feliz.
	Falo alto porque ele houve mal.	X	Falo alto porque ele ouve mal.
X	Se tivesse saído mais cedo.		Se estivesse voltado mais cedo.
	Eu ia ao cinema, mais choveu!	X	Eu ia ao cinema, mas choveu!

Baseado no livro "Não Erre Mais!", de Luiz Antônio Sacconi

Língua Portuguesa – Começando do ZERO

Apostila 01 (Teoria e questões)

O substantivo

Definição:

É a classe de palavra variável com a qual se denomina os seres em geral. Aqui, a palavra “ser” precisa ser entendida não só como aquilo que possui uma existência concreta (pedra, homem, carro, lua), mas também como aquilo que possui uma existência imaginária (Saci, fada, Minotauro), abstrata (fé, alegria, tristeza), ou mesmo de comprovação discutível (anjo, alma, inferno).

Por isso, classificam-se como substantivos as coisas, os sentimentos, as qualidades, as ações, os estados, considerados em si mesmos.

Observe os primeiros exemplos:

* beleza * morte * vida * vingança * casamento * vento

Classificação do substantivo

Os substantivos podem ser classificados em: concretos, abstratos, próprios, comuns, simples, compostos, primitivos, derivados e coletivos.

1. Concretos e abstratos: Os primeiros indicam os seres que possuem existência própria independente dos demais seres, não importando se são reais ou imaginários. Já os segundos indicam os seres que dependem da existência de outros seres para existirem. Estes últimos indicam qualidades, ações ou estados.

* mesa – faca – lápis – apontador – lua = são exemplos de substantivos concretos.

* pânico – medo – tristeza – bondade = são exemplos de substantivos abstratos.

2. Próprios e comuns: Os próprios designam um ser específico, determinado dentre os outros de sua espécie. Já os comuns designam os seres de uma espécie de forma genérica.

* rua – casa – flor – carro – aliança – cidade – rio = são substantivos comuns

* Pedro – Brasil – Nova Iorque – São Francisco – Jesus Cristo = são substantivos próprios

3. Simples e compostos: São simples os substantivos formados por um só elemento, um só radical. Já os compostos são constituídos por mais de um radical ou elemento formador.

* terra – fruta – cavalo – pau = são substantivos simples.

* terra-cozida – fruta-pão – cavalo-vapor – pau-brasil = são substantivos compostos

4. Primitivos e derivados: Os primitivos são aqueles substantivos que não resultam de nenhuma outra palavra pré-existente. Já os derivados, como o próprio nome já o denuncia, são os substantivos oriundos de outras palavras, ditas primitivas.

* terra – pedra – mar – luz – folha = são substantivos primitivos

* terraplanagem – pedreira – maremoto – luzeiro – folhagem = são substantivos derivados

5. Coletivos: são os substantivos que, no singular, indicam uma coleção, um agrupamento, um conjunto de seres da mesma espécie. Observe abaixo uma tabela com os principais coletivos:

NOME	COLETIVO DE
acervo	obras artísticas
alcatéia	lobos
álbum	fotografias
bandeira	exploradores, garimpeiros
bando	aves, animais, pessoas em geral
banca	examinadores
cacho	uvas, bananas
caravana	viajantes
clero	sacerdotes
elenco	artistas
falange	soldados, anjos
girândola	fogos de artifício
horda	invasores, selvagens, bárbaros
legião	anjos, soldados, demônios
molho	chaves
plantel	animais de raça, atletas
rebanho	gado, animais em geral
resma	papel
súcia	pessoas desonestas
vocabulário	palavras

Flexões dos substantivos

Como palavras variáveis que são, os substantivos se flexionam em: **gênero**, **número** e **grau**.

I – Flexões de gênero

Em primeiro lugar, é importante dizer que o gênero é uma classificação puramente gramatical. Segundo o gênero, os substantivos são agrupados em **masculinos** e **femininos**.

Em tese, são masculinos todos os substantivos aos quais se pode antepor o artigo definido masculino "o(s)". Por outro lado, são femininos todos os que admitem o artigo definido feminino "a(s)".

São masculinos	São femininos
o cordão – os sapatos – os lençóis – o azeite	a fralda – a sandália – a leoa – a patroa – a câmera
o cidadão – o ator – o imperador – o compadre	a internet – a libélula – a freira – a mãe – a dama

Formação do feminino

Substantivos biformes – regras principais

A maioria dos substantivos na língua portuguesa apresenta formas distintas para o masculino e para o feminino – são denominados de "**BIFORMES**". Para os substantivos desse grupo, o feminino geralmente se forma a partir da(o):

a) Mudança da terminação "-o" por "-a":

- filho → filha
- aluno → aluna

b) Mudança da terminação “-e” por “-a”:

- elefante → elefanta
- monge → monja
- parente → parenta

c) Mudança das terminações “-e” e “-a” por “-essa, -esa, -isa”.

- sacerdote → sacerdotisa
- diácono → diaconisa
- barão → baronesa
- abade → abadessa

d) Mudança da terminação “-ão” por “-ã, -oa, -ona”.

- alemão → alemã
- irmão → irmã
- leitão → leitoa

e) Mudança da terminação “-eu” por “-eia”:

- europeu → europeia
- plebeu → plebeia

Observação: Inúmeros são os procedimentos para a formação do feminino na língua portuguesa, e não há uma regra que consiga abarcar todas as situações. Daí a quantidade exorbitante de substantivos os quais possuem formas totalmente diferentes para indicar o masculino e o feminino. Estes substantivos são denominados de “heterônimos”. Segue abaixo uma lista sucinta de tais substantivos (denominados de “**biformes**”, diga-se por conveniência) e seus respectivos femininos.

MASCULINO	FEMININO
parente	parenta
monge	monja
mestre	mestra
oficial	oficiala
cidadão	cidadã
charlatão	charlatã
capitão	capitã ou capitoa
leitão	leitoa
mocetão	mocetona
glutão	glutona
embaixador	embaixadora
vindicador	vindicatriz
cônsul	consulesa
marquês	marquesa
czar	czarina
perdigão	perdiz
pigmeu	pigmeia
plebeu	plebeia
judeu	judia
frade	freira
frei	soror ou sóror
padre	madre
padrinho	madrinha
dom	dona
carneiro	ovelha

Substantivos uniformes

Um outro grande grupo de substantivos possui apenas uma única forma gráfica para designar tanto o masculino quanto o feminino – são os denominados de **UNIFORMES**. Dividem-se em:

a) Sobrecomuns – são substantivos que possuem uma única forma para o masculino e para o feminino. Até o artigo que acompanha estes substantivos é comum aos dois gêneros.

* o monstro * o cadáver * a criança * o sujeito * o defunto * o ídolo * o cônjuge

b) Comuns de dois gêneros – são substantivos que possuem uma única forma gráfica para os dois gêneros, mas se faz a distinção do masculino e do feminino pela utilização de artigos “o, a, os, as, um, uns, uma, umas”.

* o/a cliente * o/a acrobata * o/a diplomata * o/a estudante * o/a artista * o/a agente * o/a agiota

c) Epicenos – são substantivos relativos a animais que possuem uma única forma para designar o masculino e o feminino. A distinção entre os sexos se dará pelo acréscimo das palavras “macho” e “fêmea”.

* a cobra macho / a cobra fêmea * o crocodilo macho / o crocodilo fêmea

Oposição entre o gênero e o sentido

Muitos substantivos mudam de sentido quando têm seu gênero alterado. Diz-se, então, que houve um gênero aparente, já que a outra forma não representa o sexo oposto, mas uma palavra com um significado totalmente diferente do significado da primeira. Observe:

o língua (o intérprete)	a língua (órgão do corpo humano)
o caixa (funcionário)	a caixa (receptáculo)
o razão (livro mercantil)	a razão (faculdade intelectual)
o guarda (policial)	a guarda (corporação, proteção, cuidado)
o capital (dinheiro)	a capital (cidade sede de governo)

Gênero de alguns substantivos

Há vários substantivos na Língua Portuguesa que frequentemente suscitam dúvidas quanto ao gênero. Por isso, é bom ficar atento, pois:

a) São masculinos

- o apêndice
- o alvará
- o aneurisma
- o champanha
- o charque (carne-seca, jabá)

b) São femininos

- a abusão (engano, erro)
- a dinamite
- a acne

II – Flexões de número

O número é capacidade que possuem alguns nomes de indicar um ou mais seres ou coisas. Como o gênero, a flexão de número é uma categoria gramatical. Em português, existem dois números gramaticais: o singular e o plural. O primeiro indica um ser ou um grupo de seres (flor, soldado, avião, ramalhete, exército, esquadrilha); já o segundo indica mais de um ser ou grupo de seres (flores, soldados, aviões, ramalhetes, exércitos etc.)

Regras para a formação do plural dos substantivos

1. Em geral os substantivos formam o plural com o acréscimo da desinência “-s” ao singular. Isso frequentemente ocorre com os substantivos terminados em vogal ou em ditongo:
Ex.:

* casa → casas
* janela → janelas
* pé → pés
* prédio → prédios

2. Os substantivos terminados em “-ão” fazem o plural de três maneiras:

a) Alguns simplesmente seguem a regra geral e acrescentam “-s” ao “-ão”:

* mão → mãos
* cristão → cristãos
* grão → grãos
* chão → chãos

b) Outros trocam o “-ão” por “-ães”:

* escrivão → escrivães
* pão → pães
* cão → cães
*capitão → capitães

c) Um grande grupo troca o “-ão” por “-ões”:

* leão → leões
* limão → limões
* balão → balões
* caixão → caixões

3. Os substantivos terminados em “-r, e -z" formam o plural com o acréscimo da terminação “-es”, uma vez que a língua não aceita as terminações “-rs e -zs".

* flor → flores
* juiz → juízes
* amor → amores

* gravidez → gravidezes
* arroz → arrozes
* mulher → mulheres

4. Os substantivos terminados em “-n” fazem o plural tanto com o acréscimo de “-es” quanto com o acréscimo de “-s”.

* próton → prótones ou prótons
* nêutron → nêutrones ou nêutrons

Observação: Os substantivos “pólen” e “cânon” fazem os plurais “polens” e “cânones”, respectivamente.

5. Os substantivos terminados em “-al, -el, -ol e -ul" trocam o “l” por “is”. Observe:

* anel → anéis
* farol → faróis
* paul → pauis
* anzol → anzóis

6. Os substantivos terminados em “-il” formam o plural de acordo com duas regras:

a) Se for oxítono, trocará o “-il” por “is”:

* anil → anis
* funil → funis
* barril → barris
* perfil → perfis

b) Se for paroxítono, trocará o “-il” por “-eis”:

* fóssil → fósseis
* réptil → répteis
* projétil → projéteis
* têxtil → têxteis

7. Os substantivos terminados em “-m” trocam esta letra por “-ns”. Veja:

* fim → fins
* jardim → jardins
* Vintém → vinténs
* bombom → bombons

8. Os substantivos terminados em "-s" fazem o plural segundo duas regras:

a) Os monossílabos e os oxítonos recebem "-es":

* gás → gases * rês → reses * mês → meses * deus → deuses

b) Os paroxítonos e os proparoxítonos terminados em "-s" são invariáveis:

* o pires → os pires * o ônibus → os ônibus * o lápis → os lápis

9. Os substantivos terminados em "-x" são invariáveis.

* o tórax → os tórax * o ônix → os ônix * a fênix → as fênix

Observação: Há substantivos que só existem na forma "plural". Veja alguns exemplos:

* as fezes * os Alpes * os pêsames * as alvíssaras * as cãs

Plural dos substantivos compostos

Os substantivos compostos apresentam um vasto conjunto de regras especiais para a formação de seus plurais. Vários substantivos fogem das orientações abaixo e apresentam uma forma própria, particular para o seu plural. Por isso, apresentaremos abaixo as regras mais comuns para a flexão de número de tais nomes compostos.

1ª regra: Substantivos compostos formados por palavras variáveis quanto ao número → ambas as palavras devem ir para o plural. As palavras que formam o composto devem, portanto, ser analisadas se, isoladamente, são suscetíveis de ir para o plural.

* couve-flor (substantivo + substantivo) → couves-flores

* terça-feira (numeral + substantivo) → terças-feiras

2ª regra: Substantivos compostos formados por palavra invariável mais uma palavra variável → só o segundo elemento deverá ir para o plural.

* abaixo-assinado (advérbio + particípio na função de adjetivo) → abaixo-assinados

* quebra-mar (verbo + substantivo) → quebra-mares

3ª regra: Substantivos compostos unidos por preposição → só o primeiro elemento varia.

* pé-de-moleque → pés-de-moleque * joão-de-barro → joões-de-barro

4ª regra: Substantivos compostos em que o segundo elemento delimita o primeiro → só o primeiro elemento varia.

* navio-escola → navios-escola * peixe-boi → peixes-boi *banana-maçã → bananas-maçã

5ª regra: Substantivos compostos formados por palavras repetidas ou palavras onomatopaicas (reprodução de sons das coisas, dos animais) → só o segundo elemento se flexiona.

* reco-reco → reco-recos	* pisca-pisca → pisca-piscas

6ª regra: Substantivos compostos em que o primeiro elemento for uma das formas "**grão**, **grã**, **ex-**, **dom**, **são** e **bel**" → só o segundo elemento se flexiona.

* grão-duque → grão-duques	* grão-mestre → grão-mestres	* grã-cruz → grã-cruzes

7ª regra: São substantivos compostos invariáveis:

* o louva-a-deus → os louva-a-deus (invariável)

* o saca-rolhas → os saca-rolhas (invariável)

III – Flexões de grau

Como sabemos, o substantivo é uma classe gramatical que designa os seres em geral. Os seres designados podem se apresentar em tamanhos diversos. À propriedade dos substantivos de indicar a dimensão dos seres dá-se o nome de "flexão de grau". Em português, há duas flexões de grau: o **aumentativo** e o **diminutivo**. Estas flexões tanto podem ser obtidas com a utilização de sufixos (forma sintética) quanto com a utilização de adjetivos (forma analítica). Estudaremos primeiramente a formação do grau com a utilização de sufixos e prefixos.

1. Grau aumentativo: o substantivo se apresenta em tamanho aumentado. Geralmente são utilizados os sufixos "-ão, -arão, -arrão, - zarrão, -eirão, -alhão, -gão".
Ex.:

* buraco → buracão	* casa → casarão	* nariz → narigão	* vaga → vagalhão

2. Grau diminutivo: o substantivo se apresenta em tamanho reduzido, diminuto. Para a formação deste grau, sinteticamente, utilizam-se também uma série de sufixos. Os mais usuais são:

Sufixos	**Exemplos**
-ebre	casebre
-acho	riacho, populacho
-culo	ossículo, cospúsculo
- eco	livreco, boteco
-ete	filete, filmete
-inho	filhinho, galinho

Plural dos substantivos diminutivos

Para a formação do plural dos substantivos diminutivos deve-se obedecer às seguintes orientações:

1º → coloca-se o substantivo, sem os sufixos do diminutivo, no plural → coração faz corações
2º → retira-se o "-s" do plural deste substantivo → corações – "s" fica coraçõe
3º → acrescenta-se o sufixo do diminutivo → coraçõe + zinho fica coraçõezinho
4º → acrescenta-se o fonema "-s" que foi retirado → coraçõezinho + s fica finalmente "coraçõezinhos

Outros exemplos:

* pãozinho → pãezinhos * papelzinho → papeizinhos * barzinho → barezinhos

Resolução de questões

1.(FGV)

Assinale a alternativa em que o termo indicado seja classificado como advérbio.

(A) mais (L.124) ➔ “...que dispõem de mais recursos e mais informações?”

(B) conforme (L.12) ➔ “...A despeito de sua natureza relativamente controversa, a ética tributária, ao menos conforme admite o senso comum, vincula-se à concepção e à prática de regras justas e razoáveis em matéria tributária.

(C) nenhum (L.41) ➔ “...Não causa estranheza o empresário afirmar, sem nenhum sentimento de culpa,...”

(D) Nada (L.4) ➔ “...Nada diferente do que ocorre em relação à acepção da ética em outros domínios da política e da economia.”

(E) demais (L.51) ➔ “A mais conhecida é o propósito ilícito de auferir vantagens em relação aos demais contribuintes.”

2.(FGV)

Dentre as alternativas a seguir, uma não exerce papel adjetivo no texto I. Assinale-a.

(A) de periferia (L.1)

(B) de barro (L.1)

“Pense num bairro de periferia, numa rua ainda de barro,numa pré-escola de terra batida...”

(C) segunda (L.7)

“...onde foi inaugurada a segunda Casa de Leitura da capital.”

(D) com Internet (L.29)

“Uma sala com Internet convida os jovens a outras leituras, com CDs, música e plástica.”

Língua Portuguesa – Começando do ZERO

Apostila 01 (Teoria e questões)

O substantivo

Definição:

É a classe de palavra variável com a qual se denomina os seres em geral. Aqui, a palavra “ser” precisa ser entendida não só como aquilo que possui uma existência concreta (pedra, homem, carro, lua), mas também como aquilo que possui uma existência imaginária (Saci, fada, Minotauro), abstrata (fé, alegria, tristeza), ou mesmo de comprovação discutível (anjo, alma, inferno).

Por isso, classificam-se como substantivos as coisas, os sentimentos, as qualidades, as ações, os estados, considerados em si mesmos.

Observe os primeiros exemplos:

* beleza * morte * vida * vingança * casamento * vento

Classificação do substantivo

Os substantivos podem ser classificados em: concretos, abstratos, próprios, comuns, simples, compostos, primitivos, derivados e coletivos.

1. Concretos e abstratos: Os primeiros indicam os seres que possuem existência própria independente dos demais seres, não importando se são reais ou imaginários. Já os segundos indicam os seres que dependem da existência de outros seres para existirem. Estes últimos indicam qualidades, ações ou estados.

* mesa – faca – lápis – apontador – lua = são exemplos de substantivos concretos.

* pânico – medo – tristeza – bondade = são exemplos de substantivos abstratos.

2. Próprios e comuns: Os próprios designam um ser específico, determinado dentre os outros de sua espécie. Já os comuns designam os seres de uma espécie de forma genérica.

* rua – casa – flor – carro – aliança – cidade – rio = são substantivos comuns

* Pedro – Brasil – Nova Iorque – São Francisco – Jesus Cristo = são substantivos próprios

3. Simples e compostos: São simples os substantivos formados por um só elemento, um só radical. Já os compostos são constituídos por mais de um radical ou elemento formador.

* terra – fruta – cavalo – pau = são substantivos simples.

* terra-cozida – fruta-pão – cavalo-vapor – pau-brasil = são substantivos compostos

4. Primitivos e derivados: Os primitivos são aqueles substantivos que não resultam de nenhuma outra palavra pré-existente. Já os derivados, como o próprio nome já o denuncia, são os substantivos oriundos de outras palavras, ditas primitivas.

* terra – pedra – mar – luz – folha = são substantivos primitivos

* terraplanagem – pedreira – maremoto – luzeiro – folhagem = são substantivos derivados

5. Coletivos: são os substantivos que, no singular, indicam uma coleção, um agrupamento, um conjunto de seres da mesma espécie. Observe abaixo uma tabela com os principais coletivos:

NOME	COLETIVO DE
acervo	obras artísticas
alcatéia	lobos
álbum	fotografias
bandeira	exploradores, garimpeiros
bando	aves, animais, pessoas em geral
banca	examinadores
cacho	uvas, bananas
caravana	viajantes
clero	sacerdotes
elenco	artistas
falange	soldados, anjos
girândola	fogos de artifício
horda	invasores, selvagens, bárbaros
legião	anjos, soldados, demônios
molho	chaves
plantel	animais de raça, atletas
rebanho	gado, animais em geral
resma	papel
súcia	pessoas desonestas
vocabulário	palavras

Flexões dos substantivos

Como palavras variáveis que são, os substantivos se flexionam em: **gênero**, **número** e **grau**.

I – Flexões de gênero

Em primeiro lugar, é importante dizer que o gênero é uma classificação puramente gramatical. Segundo o gênero, os substantivos são agrupados em **masculinos** e **femininos**.

Em tese, são masculinos todos os substantivos aos quais se pode antepor o artigo definido masculino “o(s)”. Por outro lado, são femininos todos os que admitem o artigo definido feminino “a(s)”.

São masculinos	São femininos
o cordão – os sapatos – os lençóis – o azeite	a fralda – a sandália – a leoa – a patroa – a câmera
o cidadão – o ator – o imperador – o compadre	a internet – a libélula – a freira – a mãe – a dama

Formação do feminino

Substantivos biformes – regras principais

A maioria dos substantivos na língua portuguesa apresenta formas distintas para o masculino e para o feminino – são denominados de “**BIFORMES**”. Para os substantivos desse grupo, o feminino geralmente se forma a partir da(o):

a) Mudança da terminação “-o” por “-a”:

- filho → filha
- aluno → aluna

b) Mudança da terminação “-e” por “-a”:

- elefante → elefanta
- monge → monja
- parente → parenta

c) Mudança das terminações “-e” e “-a” por “-essa, -esa, -isa”.

- sacerdote → sacerdotisa
- diácono → diaconisa
- barão → baronesa
- abade → abadessa

d) Mudança da terminação “-ão” por “-ã, -oa, -ona”.

- alemão → alemã
- irmão → irmã
- leitão → leitoa

e) Mudança da terminação “-eu” por “-eia”:

- europeu → europeia
- plebeu → plebeia

Observação: Inúmeros são os procedimentos para a formação do feminino na língua portuguesa, e não há uma regra que consiga abarcar todas as situações. Daí a quantidade exorbitante de substantivos os quais possuem formas totalmente diferentes para indicar o masculino e o feminino. Estes substantivos são denominados de “heterônimos”. Segue abaixo uma lista sucinta de tais substantivos (denominados de “**biformes**”, diga-se por conveniência) e seus respectivos femininos.

MASCULINO	**FEMININO**
parente	parenta
monge	monja
mestre	mestra
oficial	oficiala
cidadão	cidadã
charlatão	charlatã
capitão	capitã ou capitoa
leitão	leitoa
mocetão	mocetona
glutão	glutona
embaixador	embaixadora
vindicador	vindicatriz
cônsul	consulesa
marquês	marquesa
czar	czarina
perdigão	perdiz
pigmeu	pigmeia
plebeu	plebeia
judeu	judia
frade	freira
frei	soror ou sóror
padre	madre
padrinho	madrinha
dom	dona
carneiro	ovelha

Substantivos uniformes

Um outro grande grupo de substantivos possui apenas uma única forma gráfica para designar tanto o masculino quanto o feminino – são os denominados de **UNIFORMES**. Dividem-se em:

a) Sobrecomuns – são substantivos que possuem uma única forma para o masculino e para o feminino. Até o artigo que acompanha estes substantivos é comum aos dois gêneros.

* o monstro   * o cadáver   * a criança   * o sujeito   * o defunto   * o ídolo   * o cônjuge

b) Comuns de dois gêneros – são substantivos que possuem uma única forma gráfica para os dois gêneros, mas se faz a distinção do masculino e do feminino pela utilização de artigos “o, a, os, as, um, uns, uma, umas”.

* o/a cliente * o/a acrobata * o/a diplomata * o/a estudante * o/a artista * o/a agente * o/a agiota

c) Epicenos – são substantivos relativos a animais que possuem uma única forma para designar o masculino e o feminino. A distinção entre os sexos se dará pelo acréscimo das palavras “macho” e “fêmea”.

* a cobra macho / a cobra fêmea * o crocodilo macho / o crocodilo fêmea

Oposição entre o gênero e o sentido

Muitos substantivos mudam de sentido quando têm seu gênero alterado. Diz-se, então, que houve um gênero aparente, já que a outra forma não representa o sexo oposto, mas uma palavra com um significado totalmente diferente do significado da primeira. Observe:

o língua (o intérprete)	a língua (órgão do corpo humano)
o caixa (funcionário)	a caixa (receptáculo)
o razão (livro mercantil)	a razão (faculdade intelectual)
o guarda (policial)	a guarda (corporação, proteção, cuidado)
o capital (dinheiro)	a capital (cidade sede de governo)

Gênero de alguns substantivos

Há vários substantivos na Língua Portuguesa que frequentemente suscitam dúvidas quanto ao gênero. Por isso, é bom ficar atento, pois:

a) São masculinos

- o apêndice
- o alvará
- o aneurisma
- o champanha
- o charque (carne-seca, jabá)

b) São femininos

- a abusão (engano, erro)
- a dinamite
- a acne

II – Flexões de número

O número é capacidade que possuem alguns nomes de indicar um ou mais seres ou coisas. Como o gênero, a flexão de número é uma categoria gramatical. Em português, existem dois números gramaticais: o singular e o plural. O primeiro indica um ser ou um grupo de seres (flor, soldado, avião, ramalhete, exército, esquadrilha); já o segundo indica mais de um ser ou grupo de seres (flores, soldados, aviões, ramalhetes, exércitos etc.)

Regras para a formação do plural dos substantivos

1. Em geral os substantivos formam o plural com o acréscimo da desinência “-s” ao singular. Isso frequentemente ocorre com os substantivos terminados em vogal ou em ditongo:
Ex.:

* casa → casas   * janela → janelas   * pé → pés   * prédio → prédios

2. Os substantivos terminados em “-ão” fazem o plural de três maneiras:

a) Alguns simplesmente seguem a regra geral e acrescentam “-s” ao “-ão”:

* mão → mãos   * cristão → cristãos   * grão → grãos   * chão → chãos

b) Outros trocam o “-ão” por “-ães”:

* escrivão → escrivães   * pão → pães   * cão → cães   *capitão → capitães

c) Um grande grupo troca o “-ão” por “-ões”:

* leão → leões   * limão → limões   * balão → balões   * caixão → caixões

3. Os substantivos terminados em “-r, e -z" formam o plural com o acréscimo da terminação “-es”, uma vez que a língua não aceita as terminações “-rs e -zs".

* flor → flores   * juiz → juízes   * amor → amores

* gravidez → gravidezes   * arroz → arrozes   * mulher → mulheres

4. Os substantivos terminados em “-n” fazem o plural tanto com o acréscimo de “-es” quanto com o acréscimo de “-s”.

* próton → prótones ou prótons   * nêutron → nêutrones ou nêutrons

Observação: Os substantivos “pólen” e “cânon” fazem os plurais “polens” e “cânones”, respectivamente.

5. Os substantivos terminados em “-al, -el, -ol e -ul" trocam o “l” por “is”. Observe:

* anel → anéis   * farol → faróis   * paul → pauis   * anzol → anzóis

6. Os substantivos terminados em “-il” formam o plural de acordo com duas regras:

a) Se for oxítono, trocará o “-il” por “is”:

* anil → anis   * funil → funis   * barril → barris   * perfil → perfis

b) Se for paroxítono, trocará o “-il” por “-eis”:

* fóssil → fósseis   * réptil → répteis   * projétil → projéteis   * têxtil → têxteis

7. Os substantivos terminados em “-m” trocam esta letra por “-ns”. Veja:

* fim → fins   * jardim → jardins   * Vintém → vinténs   * bombom → bombons

8. Os substantivos terminados em “-s” fazem o plural segundo duas regras:

a) Os monossílabos e os oxítonos recebem “-es”:

* gás → gases * rês → reses * mês → meses * deus → deuses

b) Os paroxítonos e os proparoxítonos terminados em “-s” são invariáveis:

* o pires → os pires * o ônibus → os ônibus * o lápis → os lápis

9. Os substantivos terminados em “-x” são invariáveis.

* o tórax → os tórax * o ônix → os ônix * a fênix → as fênix

Observação: Há substantivos que só existem na forma “plural”. Veja alguns exemplos:

* as fezes * os Alpes * os pêsames * as alvíssaras * as cãs

Plural dos substantivos compostos

Os substantivos compostos apresentam um vasto conjunto de regras especiais para a formação de seus plurais. Vários substantivos fogem das orientações abaixo e apresentam uma forma própria, particular para o seu plural. Por isso, apresentaremos abaixo as regras mais comuns para a flexão de número de tais nomes compostos.

1ª regra: Substantivos compostos formados por palavras variáveis quanto ao número → ambas as palavras devem ir para o plural. As palavras que formam o composto devem, portanto, ser analisadas se, isoladamente, são suscetíveis de ir para o plural.

* couve-flor (substantivo + substantivo) → couves-flores

* terça-feira (numeral + substantivo) → terças-feiras

2ª regra: Substantivos compostos formados por palavra invariável mais uma palavra variável → só o segundo elemento deverá ir para o plural.

* abaixo-assinado (advérbio + particípio na função de adjetivo) → abaixo-assinados

* quebra-mar (verbo + substantivo) → quebra-mares

3ª regra: Substantivos compostos unidos por preposição → só o primeiro elemento varia.

* pé-de-moleque → pés-de-moleque * joão-de-barro → joões-de-barro

4ª regra: Substantivos compostos em que o segundo elemento delimita o primeiro → só o primeiro elemento varia.

* navio-escola → navios-escola * peixe-boi → peixes-boi *banana-maçã → bananas-maçã

5ª regra: Substantivos compostos formados por palavras repetidas ou palavras onomatopaicas (reprodução de sons das coisas, dos animais) → só o segundo elemento se flexiona.

* reco-reco → reco-recos   * pisca-pisca → pisca-piscas

6ª regra: Substantivos compostos em que o primeiro elemento for uma das formas "**grão**, **grã**, **ex-**, **dom**, **são** e **bel**" → só o segundo elemento se flexiona.

* grão-duque → grão-duques   * grão-mestre → grão-mestres   * grã-cruz → grã-cruzes

7ª regra: São substantivos compostos invariáveis:

* o louva-a-deus → os louva-a-deus (invariável)

* o saca-rolhas → os saca-rolhas (invariável)

III – Flexões de grau

Como sabemos, o substantivo é uma classe gramatical que designa os seres em geral. Os seres designados podem se apresentar em tamanhos diversos. À propriedade dos substantivos de indicar a dimensão dos seres dá-se o nome de "flexão de grau". Em português, há duas flexões de grau: o **aumentativo** e o **diminutivo**. Estas flexões tanto podem ser obtidas com a utilização de sufixos (forma sintética) quanto com a utilização de adjetivos (forma analítica). Estudaremos primeiramente a formação do grau com a utilização de sufixos e prefixos.

1. Grau aumentativo: o substantivo se apresenta em tamanho aumentado. Geralmente são utilizados os sufixos "-ão, -arão, -arrão, - zarrão, -eirão, -alhão, -gão".
Ex.:

* buraco → buracão   * casa → casarão   * nariz → narigão   * vaga → vagalhão

2. Grau diminutivo: o substantivo se apresenta em tamanho reduzido, diminuto. Para a formação deste grau, sinteticamente, utilizam-se também uma série de sufixos. Os mais usuais são:

Sufixos	Exemplos
-ebre	casebre
-acho	riacho, populacho
-culo	ossículo, cospúsculo
- eco	livreco, boteco
-ete	filete, filmete
-inho	filhinho, galinho

Plural dos substantivos diminutivos

Para a formação do plural dos substantivos diminutivos deve-se obedecer às seguintes orientações:

1º → coloca-se o substantivo, sem os sufixos do diminutivo, no plural → coração faz corações
2º → retira-se o "-s" do plural deste substantivo → corações – "s" fica coraçõe
3º → acrescenta-se o sufixo do diminutivo → coraçõe + zinho fica coraçõezinho
4º → acrescenta-se o fonema "-s" que foi retirado → coraçõezinho + s fica finalmente "coraçõezinhos

Outros exemplos:

* pãozinho → pãezinhos   * papelzinho → papeizinhos   * barzinho → barezinhos

Resolução de questões

1.(FGV)

Assinale a alternativa em que o termo indicado seja classificado como advérbio.

(A) mais (L.124) ➔ "...que dispõem de mais recursos e mais informações?"

(B) conforme (L.12) ➔ "...A despeito de sua natureza relativamente controversa, a ética tributária, ao menos conforme admite o senso comum, vincula-se à concepção e à prática de regras justas e razoáveis em matéria tributária.

(C) nenhum (L.41) ➔ "...Não causa estranheza o empresário afirmar, sem nenhum sentimento de culpa,..."

(D) Nada (L.4) ➔ "...Nada diferente do que ocorre em relação à acepção da ética em outros domínios da política e da economia."

(E) demais (L.51) ➔ "A mais conhecida é o propósito ilícito de auferir vantagens em relação aos demais contribuintes."

2.(FGV)

Dentre as alternativas a seguir, uma não exerce papel adjetivo no texto I. Assinale-a.

(A) de periferia (L.1)

(B) de barro (L.1)

"Pense num bairro de periferia, numa rua ainda de barro,numa pré-escola de terra batida..."

(C) segunda (L.7)

"...onde foi inaugurada a segunda Casa de Leitura da capital."

(D) com Internet (L.29)

"Uma sala com Internet convida os jovens a outras leituras, com CDs, música e plástica."

Língua Portuguesa – Começando do ZERO

Apostila 01 (Teoria e questões)

O substantivo

Definição:

É a classe de palavra variável com a qual se denomina os seres em geral. Aqui, a palavra “ser” precisa ser entendida não só como aquilo que possui uma existência concreta (pedra, homem, carro, lua), mas também como aquilo que possui uma existência imaginária (Saci, fada, Minotauro), abstrata (fé, alegria, tristeza), ou mesmo de comprovação discutível (anjo, alma, inferno).

Por isso, classificam-se como substantivos as coisas, os sentimentos, as qualidades, as ações, os estados, considerados em si mesmos.

Observe os primeiros exemplos:

* beleza * morte * vida * vingança * casamento * vento

Classificação do substantivo

Os substantivos podem ser classificados em: concretos, abstratos, próprios, comuns, simples, compostos, primitivos, derivados e coletivos.

1. Concretos e abstratos: Os primeiros indicam os seres que possuem existência própria independente dos demais seres, não importando se são reais ou imaginários. Já os segundos indicam os seres que dependem da existência de outros seres para existirem. Estes últimos indicam qualidades, ações ou estados.

* mesa – faca – lápis – apontador – lua = são exemplos de substantivos concretos.

* pânico – medo – tristeza – bondade = são exemplos de substantivos abstratos.

2. Próprios e comuns: Os próprios designam um ser específico, determinado dentre os outros de sua espécie. Já os comuns designam os seres de uma espécie de forma genérica.

* rua – casa – flor – carro – aliança – cidade – rio = são substantivos comuns

* Pedro – Brasil – Nova Iorque – São Francisco – Jesus Cristo = são substantivos próprios

3. Simples e compostos: São simples os substantivos formados por um só elemento, um só radical. Já os compostos são constituídos por mais de um radical ou elemento formador.

* terra – fruta – cavalo – pau = são substantivos simples.

* terra-cozida – fruta-pão – cavalo-vapor – pau-brasil = são substantivos compostos

4. Primitivos e derivados: Os primitivos são aqueles substantivos que não resultam de nenhuma outra palavra pré-existente. Já os derivados, como o próprio nome já o denuncia, são os substantivos oriundos de outras palavras, ditas primitivas.

* terra – pedra – mar – luz – folha = são substantivos primitivos

* terraplanagem – pedreira – maremoto – luzeiro – folhagem = são substantivos derivados

5. Coletivos: são os substantivos que, no singular, indicam uma coleção, um agrupamento, um conjunto de seres da mesma espécie. Observe abaixo uma tabela com os principais coletivos:

NOME	COLETIVO DE
acervo	obras artísticas
alcatéia	lobos
álbum	fotografias
bandeira	exploradores, garimpeiros
bando	aves, animais, pessoas em geral
banca	examinadores
cacho	uvas, bananas
caravana	viajantes
clero	sacerdotes
elenco	artistas

falange	soldados, anjos
girândola	fogos de artifício
horda	invasores, selvagens, bárbaros
legião	anjos, soldados, demônios
molho	chaves
plantel	animais de raça, atletas
rebanho	gado, animais em geral
resma	papel
súcia	pessoas desonestas
vocabulário	palavras

Flexões dos substantivos

Como palavras variáveis que são, os substantivos se flexionam em: **gênero**, **número** e **grau**.

I – Flexões de gênero

Em primeiro lugar, é importante dizer que o gênero é uma classificação puramente gramatical. Segundo o gênero, os substantivos são agrupados em **masculinos** e **femininos**.

Em tese, são masculinos todos os substantivos aos quais se pode antepor o artigo definido masculino "o(s)". Por outro lado, são femininos todos os que admitem o artigo definido feminino "a(s)".

São masculinos	São femininos
o cordão – os sapatos – os lençóis – o azeite	a fralda – a sandália – a leoa – a patroa – a câmera
o cidadão – o ator – o imperador – o compadre	a internet – a libélula – a freira – a mãe – a dama

Formação do feminino

Substantivos biformes – regras principais

A maioria dos substantivos na língua portuguesa apresenta formas distintas para o masculino e para o feminino – são denominados de "**BIFORMES**". Para os substantivos desse grupo, o feminino geralmente se forma a partir da(o):

a) Mudança da terminação "-o" por "-a":

- filho → filha
- aluno → aluna

b) Mudança da terminação “-e” por “-a”:

- elefante → elefanta
- monge → monja
- parente → parenta

c) Mudança das terminações “-e” e “-a” por “-essa, -esa, -isa”.

- sacerdote → sacerdotisa
- diácono → diaconisa
- barão → baronesa
- abade → abadessa

d) Mudança da terminação “-ão” por “-ã, -oa, -ona”.

- alemão → alemã
- irmão → irmã
- leitão → leitoa

e) Mudança da terminação “-eu” por “-eia”:

- europeu → europeia
- plebeu → plebeia

Observação: Inúmeros são os procedimentos para a formação do feminino na língua portuguesa, e não há uma regra que consiga abarcar todas as situações. Daí a quantidade exorbitante de substantivos os quais possuem formas totalmente diferentes para indicar o masculino e o feminino. Estes substantivos são denominados de “heterônimos”. Segue abaixo uma lista sucinta de tais substantivos (denominados de “**biformes**”, diga-se por conveniência) e seus respectivos femininos.

MASCULINO	FEMININO
parente	parenta
monge	monja
mestre	mestra
oficial	oficiala
cidadão	cidadã
charlatão	charlatã
capitão	capitã ou capitoa
leitão	leitoa
mocetão	mocetona
glutão	glutona
embaixador	embaixadora
vindicador	vindicatriz
cônsul	consulesa
marquês	marquesa
czar	czarina
perdigão	perdiz
pigmeu	pigmeia
plebeu	plebeia
judeu	judia
frade	freira
frei	soror ou sóror
padre	madre
padrinho	madrinha
dom	dona
carneiro	ovelha

Substantivos uniformes

Um outro grande grupo de substantivos possui apenas uma única forma gráfica para designar tanto o masculino quanto o feminino – são os denominados de **UNIFORMES**. Dividem-se em:

a) Sobrecomuns – são substantivos que possuem uma única forma para o masculino e para o feminino. Até o artigo que acompanha estes substantivos é comum aos dois gêneros.

* o monstro   * o cadáver   * a criança   * o sujeito   * o defunto   * o ídolo   * o cônjuge

b) Comuns de dois gêneros – são substantivos que possuem uma única forma gráfica para os dois gêneros, mas se faz a distinção do masculino e do feminino pela utilização de artigos "o, a, os, as, um, uns, uma, umas".

* o/a cliente * o/a acrobata * o/a diplomata * o/a estudante * o/a artista * o/a agente * o/a agiota

c) Epicenos – são substantivos relativos a animais que possuem uma única forma para designar o masculino e o feminino. A distinção entre os sexos se dará pelo acréscimo das palavras "macho" e "fêmea".

* a cobra macho / a cobra fêmea * o crocodilo macho / o crocodilo fêmea

Oposição entre o gênero e o sentido

Muitos substantivos mudam de sentido quando têm seu gênero alterado. Diz-se, então, que houve um gênero aparente, já que a outra forma não representa o sexo oposto, mas uma palavra com um significado totalmente diferente do significado da primeira. Observe:

o língua (o intérprete)	a língua (órgão do corpo humano)
o caixa (funcionário)	a caixa (receptáculo)
o razão (livro mercantil)	a razão (faculdade intelectual)
o guarda (policial)	a guarda (corporação, proteção, cuidado)
o capital (dinheiro)	a capital (cidade sede de governo)

Gênero de alguns substantivos

Há vários substantivos na Língua Portuguesa que frequentemente suscitam dúvidas quanto ao gênero. Por isso, é bom ficar atento, pois:

a) São masculinos

- o apêndice
- o alvará
- o aneurisma
- o champanha
- o charque (carne-seca, jabá)

b) São femininos

- a abusão (engano, erro)
- a dinamite
- a acne

II – Flexões de número

O número é capacidade que possuem alguns nomes de indicar um ou mais seres ou coisas. Como o gênero, a flexão de número é uma categoria gramatical. Em português, existem dois números gramaticais: o singular e o plural. O primeiro indica um ser ou um grupo de seres (flor, soldado, avião, ramalhete, exército, esquadrilha); já o segundo indica mais de um ser ou grupo de seres (flores, soldados, aviões, ramalhetes, exércitos etc.)

Regras para a formação do plural dos substantivos

1. Em geral os substantivos formam o plural com o acréscimo da desinência "-s" ao singular. Isso frequentemente ocorre com os substantivos terminados em vogal ou em ditongo:
Ex.:

* casa → casas
* janela → janelas
* pé → pés
* prédio → prédios

2. Os substantivos terminados em "-ão" fazem o plural de três maneiras:

a) Alguns simplesmente seguem a regra geral e acrescentam "-s" ao "-ão":

* mão → mãos
* cristão → cristãos
* grão → grãos
* chão → chãos

b) Outros trocam o "-ão" por "-ães":

* escrivão → escrivães
* pão → pães
* cão → cães
*capitão → capitães

c) Um grande grupo troca o "-ão" por "-ões":

* leão → leões
* limão → limões
* balão → balões
* caixão → caixões

3. Os substantivos terminados em "-r, e -z" formam o plural com o acréscimo da terminação "-es", uma vez que a língua não aceita as terminações "-rs e -zs".

* flor → flores
* juiz → juízes
* amor → amores

* gravidez → gravidezes
* arroz → arrozes
* mulher → mulheres

4. Os substantivos terminados em "-n" fazem o plural tanto com o acréscimo de "-es" quanto com o acréscimo de "-s".

* próton → prótones ou prótons
* nêutron → nêutrones ou nêutrons

Observação: Os substantivos "pólen" e "cânon" fazem os plurais "polens" e "cânones", respectivamente.

5. Os substantivos terminados em "-al, -el, -ol e -ul" trocam o "l" por "is". Observe:

* anel → anéis
* farol → faróis
* paul → pauis
* anzol → anzóis

6. Os substantivos terminados em "-il" formam o plural de acordo com duas regras:

a) Se for oxítono, trocará o "-il" por "is":

* anil → anis
* funil → funis
* barril → barris
* perfil → perfis

b) Se for paroxítono, trocará o "-il" por "-eis":

* fóssil → fósseis
* réptil → répteis
* projétil → projéteis
* têxtil → têxteis

7. Os substantivos terminados em "-m" trocam esta letra por "-ns". Veja:

* fim → fins
* jardim → jardins
* Vintém → vinténs
* bombom → bombons

8. Os substantivos terminados em "-s" fazem o plural segundo duas regras:

a) Os monossílabos e os oxítonos recebem "-es":

* gás → gases * rês → reses * mês → meses * deus → deuses

b) Os paroxítonos e os proparoxítonos terminados em "-s" são invariáveis:

* o pires → os pires * o ônibus → os ônibus * o lápis → os lápis

9. Os substantivos terminados em "-x" são invariáveis.

* o tórax → os tórax * o ônix → os ônix * a fênix → as fênix

Observação: Há substantivos que só existem na forma "plural". Veja alguns exemplos:

* as fezes * os Alpes * os pêsames * as alvíssaras * as cãs

Plural dos substantivos compostos

Os substantivos compostos apresentam um vasto conjunto de regras especiais para a formação de seus plurais. Vários substantivos fogem das orientações abaixo e apresentam uma forma própria, particular para o seu plural. Por isso, apresentaremos abaixo as regras mais comuns para a flexão de número de tais nomes compostos.

1ª regra: Substantivos compostos formados por palavras variáveis quanto ao número → ambas as palavras devem ir para o plural. As palavras que formam o composto devem, portanto, ser analisadas se, isoladamente, são suscetíveis de ir para o plural.

* couve-flor (substantivo + substantivo) → couves-flores

* terça-feira (numeral + substantivo) → terças-feiras

2ª regra: Substantivos compostos formados por palavra invariável mais uma palavra variável → só o segundo elemento deverá ir para o plural.

* abaixo-assinado (advérbio + particípio na função de adjetivo) → abaixo-assinados

* quebra-mar (verbo + substantivo) → quebra-mares

3ª regra: Substantivos compostos unidos por preposição → só o primeiro elemento varia.

* pé-de-moleque → pés-de-moleque * joão-de-barro → joões-de-barro

4ª regra: Substantivos compostos em que o segundo elemento delimita o primeiro → só o primeiro elemento varia.

* navio-escola → navios-escola * peixe-boi → peixes-boi *banana-maçã → bananas-maçã

5ª regra: Substantivos compostos formados por palavras repetidas ou palavras onomatopaicas (reprodução de sons das coisas, dos animais) → só o segundo elemento se flexiona.

* reco-reco → reco-recos * pisca-pisca → pisca-piscas

6ª regra: Substantivos compostos em que o primeiro elemento for uma das formas "**grão**, **grã**, **ex-**, **dom**, **são** e **bel**" → só o segundo elemento se flexiona.

* grão-duque → grão-duques * grão-mestre → grão-mestres * grã-cruz → grã-cruzes

7ª regra: São substantivos compostos invariáveis:

* o louva-a-deus → os louva-a-deus (invariável)

* o saca-rolhas → os saca-rolhas (invariável)

III – Flexões de grau

Como sabemos, o substantivo é uma classe gramatical que designa os seres em geral. Os seres designados podem se apresentar em tamanhos diversos. À propriedade dos substantivos de indicar a dimensão dos seres dá-se o nome de "flexão de grau". Em português, há duas flexões de grau: o **aumentativo** e o **diminutivo**. Estas flexões tanto podem ser obtidas com a utilização de sufixos (forma sintética) quanto com a utilização de adjetivos (forma analítica). Estudaremos primeiramente a formação do grau com a utilização de sufixos e prefixos.

1. Grau aumentativo: o substantivo se apresenta em tamanho aumentado. Geralmente são utilizados os sufixos "-ão, -arão, -arrão, - zarrão, -eirão, -alhão, -gão".
Ex.:

* buraco → buracão * casa → casarão * nariz → narigão * vaga → vagalhão

2. Grau diminutivo: o substantivo se apresenta em tamanho reduzido, diminuto. Para a formação deste grau, sinteticamente, utilizam-se também uma série de sufixos. Os mais usuais são:

Sufixos	Exemplos
-ebre	casebre
-acho	riacho, populacho
-culo	ossículo, cospúsculo
- eco	livreco, boteco
-ete	filete, filmete
-inho	filhinho, galinho

Plural dos substantivos diminutivos

Para a formação do plural dos substantivos diminutivos deve-se obedecer às seguintes orientações:

1º → coloca-se o substantivo, sem os sufixos do diminutivo, no plural → coração faz corações
2º → retira-se o "-s" do plural deste substantivo → corações – "s" fica coraçõe
3º → acrescenta-se o sufixo do diminutivo → coraçõe + zinho fica coraçõezinho
4º → acrescenta-se o fonema "-s" que foi retirado → coraçõezinho + s fica finalmente "coraçõezinhos

Outros exemplos:

* pãozinho → pãezinhos   * papelzinho → papeizinhos   * barzinho → barezinhos

Resolução de questões

1.(FGV)

Assinale a alternativa em que o termo indicado seja classificado como advérbio.

(A) mais (L.124) ➔ "...que dispõem de mais recursos e mais informações?"

(B) conforme (L.12) ➔ "...A despeito de sua natureza relativamente controversa, a ética tributária, ao menos conforme admite o senso comum, vincula-se à concepção e à prática de regras justas e razoáveis em matéria tributária.

(C) nenhum (L.41) ➔ "...Não causa estranheza o empresário afirmar, sem nenhum sentimento de culpa,..."

(D) Nada (L.4) ➔ "...Nada diferente do que ocorre em relação à acepção da ética em outros domínios da política e da economia."

(E) demais (L.51) ➔ "A mais conhecida é o propósito ilícito de auferir vantagens em relação aos demais contribuintes."

2.(FGV)

Dentre as alternativas a seguir, uma não exerce papel adjetivo no texto I. Assinale-a.

(A) de periferia (L.1)

(B) de barro (L.1)

"Pense num bairro de periferia, numa rua ainda de barro,numa pré-escola de terra batida..."

(C) segunda (L.7)

"...onde foi inaugurada a segunda Casa de Leitura da capital."

(D) com Internet (L.29)

"Uma sala com Internet convida os jovens a outras leituras, com CDs, música e plástica."

Português

Redação - Redação - Texto Literário e Não Literário - [Difícil]

01 - (UFRN)

O livro *Comédias para se ler na escola*, de Luís Fernando Veríssimo, pode ser considerado um livro de crônicas porque seus textos

a) abordam situações cotidianas com uma linguagem simples.

b) apresentam com humor temas fundamentais da história do país.

c) retratam fatos históricos com uma linguagem sóbria.

d) registram, com uma linguagem formal, temas do dia a dia.

GABARITO:

1) Gab: A

Língua Portuguesa – começando do ZERO

Apostila 10 (Teoria essencial)

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA

A CONCORDÂNCIA VERBAL

I – REGRA GERAL DE CONCORDÂNCIA VERBAL

→ **O verbo concorda em número (singular ou plural) e em pessoa (1ª, 2ª ou 3ª) com o seu sujeito simples.**

* O **pensamento** dos novos filósofos contemporâneos não **se antepõe** ao pensamento grego.
Núcleo do sujeito – 3ª P.Singular verbo na 3ª P. do singular

* Grandes golpes **sofreram** nossos **antepassados** quando muitas **doenças** **assolaram** cidades inteiras.
Verbo na 3ª p. plural núcleo do sujeito núcleo do sujeito verbo na 3ª p. do plural

* Do Norte e Nordeste brasileiro, **advieram**, nas décadas de 60 e 70, muitos **imigrantes** para São Paulo.
Verbo na 3ª p. plural núcleo do sujeito na 3ª p. plural

II — SUJEITO FORMADO POR PESSOAS GRAMATICAIS DIFERENTES

Regra: Quando o sujeito é formado por pessoas gramaticais diferentes, obedece-se à seguinte lei de prevalência:

* **1ª pessoa** + **2ª pessoa** = 1ª pessoa do plural (a primeira prevalece sobre a segunda) → NÓS

* **1ª pessoa** + **3ª pessoa** = 1ª pessoa do plural (a primeira prevalece sobre a terceira) → NÓS

* **2ª pessoa** + **3ª pessoa** = 2ª pessoa do plural (a segunda prevalece sobre a terceira) → VÓS

* **Resumindo**: A primeira pessoa prevalece sobre as demais e a segunda pessoa prevalece sobre a terceira.

* O **Ministro** dos Esportes e **eu**, na próxima semana, **inauguraremos** um novo estádio de futebol.
sujeito composto por pessoas gramaticais diferentes verbo na 1ª pessoa do plural

* Vossa **tia** e **tu**, quando toda a comitiva chegar, **devíeis** providenciar imediatamente um local para descanso.
sujeito composto por pessoas gramaticais diferentes verbo na 2ª pessoa do plural

III – REGRAS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA VERBAL COM O SUJEITO SIMPLES

1. Quando o sujeito é formado por **expressões partitivas** (uma parte de, a metade de, o grosso de, um grande número de, uma porção de, a maioria de etc) o verbo deverá concordar, no singular, com o núcleo dessas expressões ou com o termo da expressão explicativa ou especificativa que as acompanha.

* Boa **parte** dos **inscritos** no último concurso **irá / irão** realizar a prova no centro da cidade.
sujeito

* Grande **número** de **automóveis** **circula / circulam** nas principais capitais brasileiras.
sujeito

2. Quando o sujeito é formado por **numerais percentuais** ou **fracionários** seguidos de uma especificação, o verbo poderá concordar tanto com o numeral quanto com a expressão especificativa.

* **32%** de todo o **dinheiro** arrecadado { **será doado**
serão doados para instituições de caridade.
sujeito

* **8,6%** dos **entrevistados** **alegaram** que não gostam de comprar a prazo.
sujeito

3. Quando o sujeito é formado por expressões que indicam quantidade aproximada (cerca de, perto de, mais de, menos de, coisa de, obra de, passante de etc) seguidas de um numeral, o verbo concordará com este numeral que acompanha as expressões.

* Perto de **quinze** manifestantes **se aglomeraram** em frente ao Palácio do Planalto.
sujeito

* Mais de **vinte** alunos **foram** reprovados neste ano em nossa escola.
sujeito

4. Com a expressão **"Mais de um"** o verbo deverá ficar, portanto, no singular.

* A polícia percebeu que mais de **um** bandido **se escondia** na mata.
sujeito

* Mais de **uma** criança **se entreteve** com o novo brinquedo que fora colocado no salão de jogos.
sujeito

Observações:

a) Caso a expressão "Mais de um" apareça repetida ou venha acompanhada de um verbo que indique reciprocidade, a concordância será feita no plural.

* **Mais de um** interventor, **mais de um** advogado, **mais de um** engenheiro **compareceram** ao prédio que ruiu.
sujeito composto – expressão "mais de um" aparece repetida

* Mais de um deputado **se agrediram** na última sessão plenária.
sujeito verbo indica reciprocidade

6. Quando o sujeito é a expressão "**um dos que**", o verbo poderá concordar, na maioria dos casos, tanto no singular quanto no plural.

* Ele foi um dos alunos que mais { **se destacou**
se destacaram neste ano.

7. Quando o sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido no plural (**Quais, Quantos, Alguns, Poucos, Muitos, Quaisquer** etc), seguido de uma das expressões "**de nós**" ou "**de vós**", o verbo poderá concordar tanto com o pronome interrogativo, indefinido ou demonstrativo quanto com os pronomes "nós" ou "vós".

* Certamente muitos de vós { **proporão**
proporeis } mudanças para a nossa administração.

* Eles perceberam que quaisquer de nós { **poderiam**
poderíamos } resolver aquela situação.

Observação importante:

a) Se o pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido estiver no singular (Qual, Algum, Qualquer etc), o verbo obrigatoriamente ficará no singular.

* **Quem** de nós, na mesma situação, não **agiria** daquele jeito?

* **Qual** de vós **conhece** o segredo do cofre?

8. Quando o sujeito é o pronome relativo “**QUE**”, o verbo concordará com o termo antecedente.

* De repente, apareceram muitos companheiros **que** apoiaram de imediato o protesto.

* Fomos nós **que** propiciamos todo aquele contratempo.

10. Quando o sujeito é formado por nomes próprios que só existem no plural (Estados Unidos, Andes, Patos, Minas Gerais, Alagoas, por exemplo), o verbo ficará no singular se estes nomes não vierem precedidos de artigo ou se o artigo estiver no singular. Caso apareça um artigo no plural, a concordância será feita no plural.

* Estados Unidos ainda não **encontrou** uma saída para o Iraque.

* Ilhéus sempre **foi** uma bela cidade para o turismo.

* **O** Marrocos sempre **encanta** os turistas que por lá passam.

Observação: Caso o nome no plural se refira a uma obra artística ou literária, tanto o singular quanto o plural são corretos para o verbo da concordância.

* “Os Lusíadas” { **imortalizaram**
imortalizou } Luis Vaz de Camões.

* “Os Sertões” de Euclides da Cunhas { **representaram**
representou } um marco para a Literatura brasileira.

11. Quando o sujeito é formado por um substantivo coletivo seguido de uma especificação, o verbo poderá concordar tanto o coletivo quanto com a especificação.

* Um grupo de arruaceiros { **invadiu**
invadiram } várias lojas no centro da cidade.

* Um bando de aves selvagens { **sobrevoava**
sobrevoavam } a cidade naquele instante.

12. Os verbos “**dar**, **bater** e **soar**”, por serem pessoais, concordam com os seus respectivos sujeitos.

* Já **bateram** nos relógios da cidade as horas necessárias para o início do evento.
sujeito

* **Soou** uma hora da tarde no sino da igreja.
sujeito

13. O pronome apassivador “SE” exige que o verbo (transitivo direto ou transitivo direto e indireto) concorde com o seu sujeito passivo.

* **Transmitiram**-se-lhe novas informações sobre o caso investigado pela Polícia Federal.
VTDI sujeito passivo

* **Desfizeram**-se todas as dúvidas quando se **apresentaram** as novas provas.
VTD sujeito passivo VTD sujeito passivo

14. Os verbos intransitivos, os transitivos indiretos e os de ligação associados a um pronome “SE” ficam na terceira pessoa do singular. O “SE” funcionará como **“índice de indeterminação do sujeito”.**

* Nunca mais **se falou** do esfacelamento do império russo.
IIS VTI

* **Assistiu-se** a muitos filmes nestas férias.
VTI IIS

IV – REGRAS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA VERBAL COM O SUJEITO COMPOSTO

Regra geral: O sujeito composto exige o verbo da concordância no plural.

* Todos os argumentos e todas as formas de intervenção **foram utilizadas** para mudar o pensamento dele.
sujeito composto verbo na 3ª pessoa do plural

* O líder comunitário e todas as mulheres ofendidas com a ação do marginal **deporão** na delegacia mais próxima.
sujeito composto verbo na 3ª pessoa do plural

Regras especiais com o sujeito composto

1. Quando o **sujeito composto vier posposto ao verbo**, é lícito que se concorde com o núcleo mais próximo desse sujeito ou, como nos orienta a regra geral, com ambos os núcleos.

* Das indagações do novo funcionário **adveio** / **advieram** uma nova idéia para a equipe e uma nova forma de pensar a empresa.
sujeito composto posposto ao verbo

* Não **convém** / **convêm** aos iniciantes na carreira advocatícia nem a liberalidade dos anarquistas nem a seriedade dos monges.
sujeito composto posposto ao verbo

2. Quando o **sujeito composto é resumido por um pronome indefinido** (tudo, toda, nada, ninguém, cada um etc), o verbo concordará com este pronome resumitivo.

* O mar, os céus, a terra, **tudo apregoa** a glória de Deus.
pronome resumitivo

* Doenças, desemprego, morte na família, **nada** o **fazia** pensar sobre a vida.
pronome resumitivo

3. Quando os **núcleos do sujeito são infinitivos** não precedidos de determinante, o verbo concordará na terceira pessoa do singular.

* **Fazer** exercícios regulares e **dormir** oito horas diárias **faz** bem à saúde.
sujeito composto cujos núcleos são infinitivos

* **Fumar** e **beber** em ambiente de trabalho **é** terminantemente proibido.
sujeito composto cujos núcleos são infinitivos

4. Quando os **núcleos do sujeito são ligados por “OU”**, devem-se observar as seguintes orientações:

a) Se houver idéia de exclusão ou de sinonímia ➔ o verbo concordará com o núcleo do sujeito mais próximo
b) Se houver idéia de inclusão ➔ o verbo concordará com ambos os núcleos
c) Se houver idéia de retificação ➔ o verbo concordará com o núcleo do sujeito mais próximo

* Toda a empresa está certa de que ele **ou** tu **serás** o novo presidente.
A partícula indica exclusão

* Guará **ou** Guaratinguetá sempre **foi** uma excelente cidade para o turismo.
A partícula indica sinonímia

* João Paulo **ou** André **casará** com a filha do prefeito.
A partícula indica exclusão

* Laranja **ou** abacaxi após o almoço fazem bem à digestão.
A partícula indica inclusão

5. Quando o **sujeito é formado pela expressão “um ou outro”**, o verbo da concordância fica obrigatoriamente no singular.

* Você não dá esmolas, mas um ou outro amigo seu **dá**.

* Acredito que uma ou outra camisa lhe **fica** muito bem.

6. Quando o **sujeito é formado pelas expressões “Um e outro” ou “Nem um nem outro”**, embora haja uma preferência para o plural, a concordância poderá ser feita tanto no singular quanto no plural.

* Não adianta correr, pois nem um nem outro **escapará** / **escaparão**.

* Um e outro participante da maratona **alegou** / **alegaram** que houve fraude na competição.

7. Quando **os núcleos do sujeito são unidos por “Nem... nem...”**, o verbo da concordância poderá ficar tanto no singular quanto no plural.

* Nem o Sport nem o Náutico **ganhará / ganharão** o torneio este ano.

* Nem honra, nem desonra, nem alegria, nem tristeza o **faziam** / **fazia** chorar.

8. Quando **os núcleos do sujeito são unidos pela preposição “COM”**, o verbo da concordância poderá ficar no singular ou no plural.

* O amigo **com** os seus melhores colegas **foi** / **foram** tomar satisfações com o outro grupo em virtude do ocorrido.

* Ele ficou sabendo que o bandido **com** vários de seus comparsas **tentariam** / **tentaria** invadir a fábrica à noite.

9. Quando os **núcleos do sujeito vierem unidos pela conjunção "como"**, embora haja a preferência para o plural, o verbo da concordância poderá ficar no singular ou no plural.

* A tarifa de energia elétrica **como** a da água e esgoto **subiu** / **subiram** de preço esta semana.
sujeito

* A criança **como** o adulto só **aprende** / **aprendem** na vida quando se está diante de uma dificuldade.
Sujeito

10. Quando os núcleos do sujeito vierem ligados por conjunções correlatas (Não só... mas também; Não só... bem como; Não só... mas também; Tanto... quanto; Tanto... como etc), o verbo vai para o plural.

* **Não só** o Ministro da fazenda, **mas também** todo o seu séqüito **irão** participar da inauguração das obras.
Sujeito

* **Tanto** a moça **quanto** o seu pai **homenagearão** os professores do curso.
Sujeito

V – CONCORDÂNCIA DO VERBO "SER"

O verbo "SER" é, como já disse, um verbo especial. Para a gramática normativa ele é considerado, quando empregado na função de verbo de ligação, um verbo desprovido de significado, não-nocional. Em virtude desse esvaziamento semântico e da busca por uma melhor eufonia, em muitos casos o verbo SER deixará de concordar com o seu sujeito e passará a concordar com o seu predicativo. Observe agora as regras mais comuns para o emprego correto deste verbo:

a) Quando o sujeito é representado pelos pronomes neutros "tudo, isto, aquilo, o", o verbo SER poderá concordar tanto com o seu sujeito quanto com o seu predicativo:

* Como se sabe, nem tudo na vida **é / são** flores.

* **O** que ele mais admira em você **é / são** seus belos olhos verdes.

b) Quando o sujeito é formado por um substantivo e o predicativo também é um substantivo, ambos indicando coisas, o verbo SER poderá concordar tanto com o sujeito quanto com o predicativo:

* A maior parte de todo o problema **era / eram** fricotes da moça.

* A cama dele sempre **foi / foram** restos de jornais velhos.

c) Quando o sujeito for representado por uma pessoa – sujeito personativo –, o verbo SER deverá obrigatoriamente concordar com este sujeito.

* **Milena era** as alegrias de toda a família.

* A **criancinha** doente **é** as preocupações de seus pais.

d) Quando o verbo SER fizer parte de uma expressão que indica quantidade (peso, medida, preço), ele sempre ficará no singular.

* Duzentos gramas de presunto **é pouco** para a lasanha.

* Dez mil reais **fora** o bastante para ele comprar um bom automóvel.

e) Quando o sujeito ou o predicativo é representado por um pronome do caso reto, o verbo SER obrigatoriamente concordará com esse pronome.

* **Ele** sempre **foi** os olhos da família.

* Nesta terra, o chefe **sois vós**.

f) Quando o verbo SER fizer parte de locuções que indiquem tempo ou distância, ele obrigatoriamente concordará, embora seja impessoal, com a expressão numérica que acompanha tais locuções:

* Entre 1964 e 1985 **foram vinte e um** anos de muita repressão.

* Já **devem ser**, pela posição do sol, **umas cinco horas** da tarde.

g) Quando o verbo SER fizer parte da locução expletiva ou de realce "**É QUE**", ele permanece invariável.

* **É** nas horas difíceis **que** se conhecem os verdadeiros amigos.

* Na realidade os homens **é que** deveriam se amar mais uns aos outros.

h) Quando o sujeito é formado por um pronome interrogativo **QUE** ou **QUEM**, o verbo SER concordará obrigatoriamente com o seu predicativo.

* Quem **foram os culpados** por esta desordem?

* Que **horas são** agora, por favor?

VI - PARTE ESPECIAL

A CONCORDÂNCIA COM O SUJEITO ORACIONAL

Um dos pontos bastante explorado pelas bancas examinadoras é a concordância com o sujeito oracional. Acompanhe o desenvolvimento abaixo:

* **São** fundamentais **as assinaturas dos sócios no contrato**.
Verbo concorda com o sujeito Sujeito simples

* **É** fundamental **que os sócios assinem o contrato**.
Verbo concorda na 3ª pessoa do singular Sujeito oracional

Regra geral: O verbo sempre concordará na terceira pessoa do singular com o sujeito oracional.

Testes de concursos (Públicos e Vestibulares)

1. O verbo concorda em número e pessoa com o sujeito. Portanto não está correta a alternativa:

   a. Faltam ainda seis meses para o vencimento.
   b. Existem fortes indícios de melhoria geral.
   c. Não provém daí os males sofridos.
   d. Os fatos que perturbam são bem poucos.
   e. Serão considerados válidos tais argumentos?

2. Em uma das frases apresentadas nas opções seria correta a variação da concordância verbal. Assinale-a.:

    a. “A presença do Capitão-General causou grande rebuliço na sala.”
    b. “Bastavam-lhe a paz, a promessa”.
    c. “De nada valeram as lágrimas de Mariana, os gritos da mãe, os ataques do pai”.
    d. “As coisas eram tristes, frias e silenciosas, opacas e duras.”
    e. “Meu Deus, agora trouxeram flores, grandes vasos de flores”.

3. Nas cinco alternativas, há duas concordâncias verbais erradas. Identifique-as:

    a. Margarida, e vossa tia seguireis primeiro.
    b. Eu, tu e nossos amigos iremos no mesmo avião.
    c. Tu e meus amigos ireis no mesmo trem.
    d. Tu e meus amigos irão no mesmo trem.
    e. V. Exa., eles e aqueles garotos seguireis depois.

4. Indique a alternativa correta:

    a. Tratavam-se de questões fundamentais.
    b. Comprou-se terrenos no subúrbio.
    c. Precisam-se de datilógrafas.
    d. Reformaram-se terrenos
    e. Obedeceram-se aos severos regulamentos.

5. Num dos provérbios abaixo a concordância prescrita pela gramática foi desrespeitada. Indique-a:

    a. Não se apanham moscas com vinagre.
    b. Casamento e mortalha no céu se talha
    c. Quem ama o feio, bonito lhe parece.
    d. De boas ceias, as sepulturas estão cheias
    e. Quem cabras não tem e cabritos vende, de algum lugar lhe vêm.

6. Indique a alternativa gramaticalmente incorreta:

    a. Deram duas horas.
    b. O relógio deu duas horas.
    c. Tinha soado seis horas.
    d. Bateu uma hora.
    e. O sino bateu duas horas.

7. Assinale a opção em que a lacuna pode ser preenchida por qualquer das duas formas verbais indicadas entre parênteses.

    a. Um dos seus sonhos ________ morrer na terra natal. (era, eram)
    b. Aqui não _____________ os sítios onde eu brincava. (existe – existem)
    c. Uma porção de sabiás ________________________________ na laranjeira (cantava, cantavam)
    d. Não __________ em minha terra belezas naturais. (falta, faltam)
    e. Sou eu que ___________morrer ouvindo o canto do sabiá (quero, quer)

8. Marque as alternativas certas quanto à concordância verbal:

    a. Fomos nós quem se responsabilizou pela operação de resgate
    b. Os estudantes somos, em geral, muito vibradores.
    c. Os jovens parece ficarem cônscios da responsabilidade de votar.
    d. Quando cuidamos, restava apenas alguns objetos imprestáveis.
    e. Não sabemos quais de nós deve se submeter ao concurso.

9. A concordância verbal incorreta é:

    a. **Os lusíadas** imortalizaram Camões.
    b. Quais de vós ireis à escola?
    c. Outrora poderia existir opiniões diferentes sobre o assunto.
    d. Quem de nós pagará as despesas.

10. Qual das duas é correta: “Sou um dos cidadãos brasileiros que mais trabalha.” ou “Sou um dos cidadãos brasileiros que mais trabalham.”
    R. ____

11. Assinale quando houver concordância errada:

    a. Nem um nem outro renegaram a fé.
    b. Nem um nem outro apareceu
    c. Mais de um constituinte votou a favor do projeto
    d. Mais de um constituinte cumprimentaram-se com efusão.
    e. n.d.a.

12. Qual das orações é correta: “As estrelas perece brilharem.” ou “As estrelas parecem brilhar.”?

    R. ____

13. Reescreva as frases, substituindo **existir** por **haver** e vice-versa:
    a. “**Existiam** jardins e manhãs naquele tempo: **havia** paz em toda parte.”
    b. “Se **existissem** mais homens honestos, não **haveria** tantas brigas por justiça.”

    Respostas:
    a. ____

    ____

    b. ____

    ____

14. Não _________ meios de avisá-los de que já ________ fazer anos que __________ em nosso estoque esses livros.

    a. Houve – deve – faltam.
    b. Houve – devem – falta.
    c. Houve -- devem – faltam.
    d. Houveram – devem – faltam.
    e. Houveram – deve – falta

15. _______________dez horas que se _________ iniciado os trabalhos de apuração dos votos sem que se ______________quais seriam os candidatos vitoriosos.

    a. Fazia – haviam – previsse
    b. Faziam – haviam – prevesse
    c. Fazia – havia – previsse
    d. Faziam – havia – previssem
    e. Fazia – haviam – previssem

16. Assinale a alternativa abaixo, cuja seqüência enumera **corretamente** as frases:

    (1) Concordância verbal **correta**.
    (2) Concordância verbal **incorreta**.

    ( ) Ireis de carro tu, vossos primos e eu.
    ( ) O pai ou o filho assumirá a direção do colégio.
    ( ) Mais de um dos candidatos se insultaram.
    ( ) Os meninos parecem gostarem dos brinquedos.
    ( ) Faz dez anos todos esses fatos.

    a. 1, 2, 2, 2, 1
    b. 2, 2, 2, 1, 2
    c. 1, 1, 2, 1, 1
    d. 1, 2, 1, 1, 2
    e. 2, 1, 1, 2, 1

17. Passe para o plural:

    Houve uma conversa meio longa.
    ____
    ____

18. Indique a alternativa correta

a. A pátria não é ninguém: são todos.
b. Se não vier as chuvas, como faremos?
c. É precaríssima as condições do prédio.
d. Vossa Senhoria vos preocupais demasiadamente com a vossa imagem

19. Assinale a opção correta:

a. Mais de um retirante se afastou do serviço.
b. Qual de vós sabeis o destino do retirante?
c. Podem haver, no campo, dias horríveis.
d. Espera-se dias mais propícios.
e. n.d.a.

GABARITO:

1. C
2. B
3. A e E
4. D
5. B
6. C
7. C
8. A e C
9. C
10. Ambas estão corretas
11. E
12. Ambas estão corretas
13. a) havia – existia
b) houvesse – existiriam
15. A
16. E
17. E
18. Houve umas conversas meio longas.
19. A
20. A

Língua Portuguesa – começando do ZERO

Apostila 10 (Teoria essencial)

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA

A CONCORDÂNCIA VERBAL

I – REGRA GERAL DE CONCORDÂNCIA VERBAL

→ O verbo concorda em número (singular ou plural) e em pessoa (1ª, 2ª ou 3ª) com o seu sujeito simples.

* O **pensamento** dos novos filósofos contemporâneos não **se antepõe** ao pensamento grego.
Núcleo do sujeito – 3ª P.Singular verbo na 3ª P. do singular

* Grandes golpes **sofreram** nossos **antepassados** quando muitas **doenças** **assolaram** cidades inteiras.
Verbo na 3ª p. plural núcleo do sujeito núcleo do sujeito verbo na 3ª p. do plural

* Do Norte e Nordeste brasileiro, **advieram**, nas décadas de 60 e 70, muitos **imigrantes** para São Paulo.
Verbo na 3ª p. plural núcleo do sujeito na 3ª p. plural

II — SUJEITO FORMADO POR PESSOAS GRAMATICAIS DIFERENTES

Regra: Quando o sujeito é formado por pessoas gramaticais diferentes, obedece-se à seguinte lei de prevalência:

* **1ª pessoa** + **2ª pessoa** = 1ª pessoa do plural (a primeira prevalece sobre a segunda) → NÓS

* **1ª pessoa** + **3ª pessoa** = 1ª pessoa do plural (a primeira prevalece sobre a terceira) → NÓS

* **2ª pessoa** + **3ª pessoa** = 2ª pessoa do plural (a segunda prevalece sobre a terceira) → VÓS

* **Resumindo**: A primeira pessoa prevalece sobre as demais e a segunda pessoa prevalece sobre a terceira.

* O **Ministro** dos Esportes e **eu**, na próxima semana, **inauguraremos** um novo estádio de futebol.
sujeito composto por pessoas gramaticais diferentes verbo na 1ª pessoa do plural

* Vossa **tia** e **tu**, quando toda a comitiva chegar, **devíeis** providenciar imediatamente um local para descanso.
sujeito composto por pessoas gramaticais diferentes verbo na 2ª pessoa do plural

III – REGRAS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA VERBAL COM O SUJEITO SIMPLES

1. Quando o sujeito é formado por **expressões partitivas** (uma parte de, a metade de, o grosso de, um grande número de, uma porção de, a maioria de etc) o verbo deverá concordar, no singular, com o núcleo dessas expressões ou com o termo da expressão explicativa ou especificativa que as acompanha.

* Boa **parte** dos **inscritos** no último concurso **irá / irão** realizar a prova no centro da cidade.
sujeito

* Grande **número** de **automóveis** **circula / circulam** nas principais capitais brasileiras.
sujeito

2. Quando o sujeito é formado por **numerais percentuais** ou **fracionários** seguidos de uma especificação, o verbo poderá concordar tanto com o numeral quanto com a expressão especificativa.

* **32%** de todo o **dinheiro** arrecadado $\left\{\begin{array}{l}\textbf{será doado}\\ \textbf{serão doados}\end{array}\right.$ para instituições de caridade.
sujeito

* **8,6%** dos **entrevistados** **alegaram** que não gostam de comprar a prazo.
sujeito

3. Quando o sujeito é formado por expressões que indicam quantidade aproximada (cerca de, perto de, mais de, menos de, coisa de, obra de, passante de etc) seguidas de um numeral, o verbo concordará com este numeral que acompanha as expressões.

* Perto de **quinze** manifestantes **se aglomeraram** em frente ao Palácio do Planalto.
sujeito

* Mais de **vinte** alunos **foram** reprovados neste ano em nossa escola.
sujeito

4. Com a expressão **"Mais de um"** o verbo deverá ficar, portanto, no singular.

* A polícia percebeu que mais de **um** bandido **se escondia** na mata.
sujeito

* Mais de **uma** criança **se entreteve** com o novo brinquedo que fora colocado no salão de jogos.
sujeito

Observações:

a) Caso a expressão "Mais de um" apareça repetida ou venha acompanhada de um verbo que indique reciprocidade, a concordância será feita no plural.

* **Mais de um** interventor, **mais de um** advogado, **mais de um** engenheiro **compareceram** ao prédio que ruiu.
sujeito composto – expressão "mais de um" aparece repetida

* Mais de um deputado **se agrediram** na última sessão plenária.
sujeito verbo indica reciprocidade

6. Quando o sujeito é a expressão "**um dos que**", o verbo poderá concordar, na maioria dos casos, tanto no singular quanto no plural.

* Ele foi um dos alunos que mais $\left\{\begin{array}{l}\textbf{se destacou}\\ \textbf{se destacaram}\end{array}\right.$ neste ano.

7. Quando o sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido no plural (**Quais, Quantos, Alguns, Poucos, Muitos, Quaisquer** etc), seguido de uma das expressões "**de nós**" ou "**de vós**", o verbo poderá concordar tanto com o pronome interrogativo, indefinido ou demonstrativo quanto com os pronomes "nós" ou "vós".

* Certamente muitos de vós $\left\{\begin{array}{l}\textbf{proporão}\\ \textbf{proporeis}\end{array}\right.$ mudanças para a nossa administração.

* Eles perceberam que quaisquer de nós $\left\{\begin{array}{l}\textbf{poderiam}\\ \textbf{poderíamos}\end{array}\right.$ resolver aquela situação.

Observação importante:

a) Se o pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido estiver no singular (Qual, Algum, Qualquer etc), o verbo obrigatoriamente ficará no singular.

* **Quem** de nós, na mesma situação, não **agiria** daquele jeito?

* **Qual** de vós **conhece** o segredo do cofre?

8. Quando o sujeito é o pronome relativo “**QUE**”, o verbo concordará com o termo antecedente.

* De repente, apareceram muitos companheiros **que** apoiaram de imediato o protesto.

* Fomos nós **que** propiciamos todo aquele contratempo.

10. Quando o sujeito é formado por nomes próprios que só existem no plural (Estados Unidos, Andes, Patos, Minas Gerais, Alagoas, por exemplo), o verbo ficará no singular se estes nomes não vierem precedidos de artigo ou se o artigo estiver no singular. Caso apareça um artigo no plural, a concordância será feita no plural.

* Estados Unidos ainda não **encontrou** uma saída para o Iraque.

* Ilhéus sempre **foi** uma bela cidade para o turismo.

* **O** Marrocos sempre **encanta** os turistas que por lá passam.

Observação: Caso o nome no plural se refira a uma obra artística ou literária, tanto o singular quanto o plural são corretos para o verbo da concordância.

* “Os Lusíadas” $\left\{\begin{array}{l}\textbf{imortalizaram}\\ \textbf{imortalizou}\end{array}\right.$ Luis Vaz de Camões.

* “Os Sertões” de Euclides da Cunhas $\left\{\begin{array}{l}\textbf{representaram}\\ \textbf{representou}\end{array}\right.$ um marco para a Literatura brasileira.

11. Quando o sujeito é formado por um substantivo coletivo seguido de uma especificação, o verbo poderá concordar tanto o coletivo quanto com a especificação.

* Um grupo de arruaceiros $\left\{\begin{array}{l}\textbf{invadiu}\\ \textbf{invadiram}\end{array}\right.$ várias lojas no centro da cidade.

* Um bando de aves selvagens $\left\{\begin{array}{l}\textbf{sobrevoava}\\ \textbf{sobrevoavam}\end{array}\right.$ a cidade naquele instante.

12. Os verbos “**dar**, **bater** e **soar**”, por serem pessoais, concordam com os seus respectivos sujeitos.

* Já **bateram** nos relógios da cidade $\underbrace{\text{as horas necessárias}}_{\text{sujeito}}$ para o início do evento.

* **Soou** uma hora da tarde no sino da igreja.
sujeito

13. O pronome apassivador "SE" exige que o verbo (transitivo direto ou transitivo direto e indireto) concorde com o seu sujeito passivo.

* **Transmitiram**-se-lhe novas informações sobre o caso investigado pela Polícia Federal.
VTDI sujeito passivo

* **Desfizeram**-se todas as dúvidas quando se **apresentaram** as novas provas.
VTD sujeito passivo VTD sujeito passivo

14. Os verbos intransitivos, os transitivos indiretos e os de ligação associados a um pronome "SE" ficam na terceira pessoa do singular. O "SE" funcionará como **"índice de indeterminação do sujeito".**

* Nunca mais **se** **falou** do esfacelamento do império russo.
IIS VTI

* **Assistiu**-**se** a muitos filmes nestas férias.
VTI IIS

IV – REGRAS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA VERBAL COM O SUJEITO COMPOSTO

Regra geral: O sujeito composto exige o verbo da concordância no plural.

* Todos os argumentos e todas as formas de intervenção **foram utilizadas** para mudar o pensamento dele.
sujeito composto verbo na 3ª pessoa do plural

* O líder comunitário e todas as mulheres ofendidas com a ação do marginal **deporão** na delegacia mais próxima.
sujeito composto verbo na 3ª pessoa do plural

Regras especiais com o sujeito composto

1. Quando o **sujeito composto vier posposto ao verbo**, é lícito que se concorde com o núcleo mais próximo desse sujeito ou, como nos orienta a regra geral, com ambos os núcleos.

* Das indagações do novo funcionário **adveio** / **advieram** uma nova idéia para a equipe e uma nova forma de pensar a empresa.
sujeito composto posposto ao verbo

* Não **convém** / **convêm** aos iniciantes na carreira advocatícia nem a liberalidade dos anarquistas nem a seriedade dos monges.
sujeito composto posposto ao verbo

2. Quando o **sujeito composto é resumido por um pronome indefinido** (tudo, toda, nada, ninguém, cada um etc), o verbo concordará com este pronome resumitivo.

* O mar, os céus, a terra, **tudo** **apregoa** a glória de Deus.
pronome resumitivo

* Doenças, desemprego, morte na família, **nada** o **fazia** pensar sobre a vida.
pronome resumitivo

3. Quando os **núcleos do sujeito são infinitivos** não precedidos de determinante, o verbo concordará na terceira pessoa do singular.

* **Fazer** exercícios regulares e **dormir** oito horas diárias **faz** bem à saúde.
sujeito composto cujos núcleos são infinitivos

* **Fumar** e **beber** em ambiente de trabalho **é** terminantemente proibido.
sujeito composto cujos núcleos são infinitivos

4. Quando os **núcleos do sujeito são ligados por "OU"**, devem-se observar as seguintes orientações:

a) Se houver idéia de exclusão ou de sinonímia ➔ o verbo concordará com o núcleo do sujeito mais próximo
b) Se houver idéia de inclusão ➔ o verbo concordará com ambos os núcleos
c) Se houver idéia de retificação ➔ o verbo concordará com o núcleo do sujeito mais próximo

* Toda a empresa está certa de que ele **ou** tu **serás** o novo presidente.
A partícula indica exclusão

* Guará **ou** Guaratinguetá sempre **foi** uma excelente cidade para o turismo.
A partícula indica sinonímia

* João Paulo **ou** André **casará** com a filha do prefeito.
A partícula indica exclusão

* Laranja **ou** abacaxi após o almoço fazem bem à digestão.
A partícula indica inclusão

5. Quando o **sujeito é formado pela expressão "um ou outro"**, o verbo da concordância fica obrigatoriamente no singular.

* Você não dá esmolas, mas um ou outro amigo seu **dá**.

* Acredito que uma ou outra camisa lhe **fica** muito bem.

6. Quando o **sujeito é formado pelas expressões "Um e outro" ou "Nem um nem outro"**, embora haja uma preferência para o plural, a concordância poderá ser feita tanto no singular quanto no plural.

* Não adianta correr, pois nem um nem outro **escapará** / **escaparão**.

* Um e outro participante da maratona **alegou** / **alegaram** que houve fraude na competição.

7. Quando **os núcleos do sujeito são unidos por "Nem... nem..."**, o verbo da concordância poderá ficar tanto no singular quanto no plural.

* Nem o Sport nem o Náutico **ganhará / ganharão** o torneio este ano.

* Nem honra, nem desonra, nem alegria, nem tristeza o **faziam** / **fazia** chorar.

8. Quando **os núcleos do sujeito são unidos pela preposição "COM"**, o verbo da concordância poderá ficar no singular ou no plural.

* O amigo **com** os seus melhores colegas **foi** / **foram** tomar satisfações com o outro grupo em virtude do ocorrido.

* Ele ficou sabendo que o bandido **com** vários de seus comparsas **tentariam** / **tentaria** invadir a fábrica à noite.

9. Quando os **núcleos do sujeito vierem unidos pela conjunção "como"**, embora haja a preferência para o plural, o verbo da concordância poderá ficar no singular ou no plural.

* A tarifa de energia elétrica **como** a da água e esgoto **subiu** / **subiram** de preço esta semana.
sujeito

* A criança **como** o adulto só **aprende** / **aprendem** na vida quando se está diante de uma dificuldade.
Sujeito

10. Quando os núcleos do sujeito vierem ligados por conjunções correlatas (Não só... mas também; Não só... bem como; Não só... mas também; Tanto... quanto; Tanto... como etc), o verbo vai para o plural.

* **Não só** o Ministro da fazenda, **mas também** todo o seu séqüito **irão** participar da inauguração das obras.
Sujeito

* **Tanto** a moça **quanto** o seu pai **homenagearão** os professores do curso.
Sujeito

V – CONCORDÂNCIA DO VERBO "SER"

O verbo "SER" é, como já disse, um verbo especial. Para a gramática normativa ele é considerado, quando empregado na função de verbo de ligação, um verbo desprovido de significado, não-nocional. Em virtude desse esvaziamento semântico e da busca por uma melhor eufonia, em muitos casos o verbo SER deixará de concordar com o seu sujeito e passará a concordar com o seu predicativo. Observe agora as regras mais comuns para o emprego correto deste verbo:

a) Quando o sujeito é representado pelos pronomes neutros "tudo, isto, aquilo, o", o verbo SER poderá concordar tanto com o seu sujeito quanto com o seu predicativo:

* Como se sabe, nem tudo na vida **é / são** flores.

* **O** que ele mais admira em você **é / são** seus belos olhos verdes.

b) Quando o sujeito é formado por um substantivo e o predicativo também é um substantivo, ambos indicando coisas, o verbo SER poderá concordar tanto com o sujeito quanto com o predicativo:

* A maior parte de todo o problema **era / eram** fricotes da moça.

* A cama dele sempre **foi / foram** restos de jornais velhos.

c) Quando o sujeito for representado por uma pessoa – sujeito personativo –, o verbo SER deverá obrigatoriamente concordar com este sujeito.

* **Milena era** as alegrias de toda a família.

* A **criancinha** doente **é** as preocupações de seus pais.

d) Quando o verbo SER fizer parte de uma expressão que indica quantidade (peso, medida, preço), ele sempre ficará no singular.

* Duzentos gramas de presunto **é pouco** para a lasanha.

* Dez mil reais **fora** o bastante para ele comprar um bom automóvel.

e) Quando o sujeito ou o predicativo é representado por um pronome do caso reto, o verbo SER obrigatoriamente concordará com esse pronome.

* **Ele** sempre **foi** os olhos da família.

* Nesta terra, o chefe **sois vós**.

f) Quando o verbo SER fizer parte de locuções que indiquem tempo ou distância, ele obrigatoriamente concordará, embora seja impessoal, com a expressão numérica que acompanha tais locuções:

* Entre 1964 e 1985 **foram vinte e um** anos de muita repressão.

* Já **devem ser**, pela posição do sol, **umas cinco horas** da tarde.

g) Quando o verbo SER fizer parte da locução expletiva ou de realce "**É QUE**", ele permanece invariável.

* **É** nas horas difíceis **que** se conhecem os verdadeiros amigos.

* Na realidade os homens **é que** deveriam se amar mais uns aos outros.

h) Quando o sujeito é formado por um pronome interrogativo **QUE** ou **QUEM**, o verbo SER concordará obrigatoriamente com o seu predicativo.

* Quem **foram os culpados** por esta desordem?

* Que **horas são** agora, por favor?

VI - PARTE ESPECIAL

A CONCORDÂNCIA COM O SUJEITO ORACIONAL

Um dos pontos bastante explorado pelas bancas examinadoras é a concordância com o sujeito oracional. Acompanhe o desenvolvimento abaixo:

* **São** fundamentais **as assinaturas dos sócios no contrato**.
Verbo concorda com o sujeito   Sujeito simples

* **É** fundamental **que os sócios assinem o contrato**.
Verbo concorda na   Sujeito oracional
3ª pessoa do singular

Regra geral: O verbo sempre concordará na terceira pessoa do singular com o sujeito oracional.

Testes de concursos (Públicos e Vestibulares)

1. O verbo concorda em número e pessoa com o sujeito. Portanto não está correta a alternativa:

   a. Faltam ainda seis meses para o vencimento.
   b. Existem fortes indícios de melhoria geral.
   c. Não provém daí os males sofridos.
   d. Os fatos que perturbam são bem poucos.
   e. Serão considerados válidos tais argumentos?

2. Em uma das frases apresentadas nas opções seria correta a variação da concordância verbal. Assinale-a.:

    a. "A presença do Capitão-General causou grande rebuliço na sala."
    b. "Bastavam-lhe a paz, a promessa".
    c. "De nada valeram as lágrimas de Mariana, os gritos da mãe, os ataques do pai".
    d. "As coisas eram tristes, frias e silenciosas, opacas e duras."
    e. "Meu Deus, agora trouxeram flores, grandes vasos de flores".

3. Nas cinco alternativas, há duas concordâncias verbais erradas. Identifique-as:

    a. Margarida, e vossa tia seguireis primeiro.
    b. Eu, tu e nossos amigos iremos no mesmo avião.
    c. Tu e meus amigos ireis no mesmo trem.
    d. Tu e meus amigos irão no mesmo trem.
    e. V. Exa., eles e aqueles garotos seguireis depois.

4. Indique a alternativa correta:

    a. Tratavam-se de questões fundamentais.
    b. Comprou-se terrenos no subúrbio.
    c. Precisam-se de datilógrafas.
    d. Reformaram-se terrenos
    e. Obedeceram-se aos severos regulamentos.

5. Num dos provérbios abaixo a concordância prescrita pela gramática foi desrespeitada. Indique-a:

    a. Não se apanham moscas com vinagre.
    b. Casamento e mortalha no céu se talha
    c. Quem ama o feio, bonito lhe parece.
    d. De boas ceias, as sepulturas estão cheias
    e. Quem cabras não tem e cabritos vende, de algum lugar lhe vêm.

6. Indique a alternativa gramaticalmente incorreta:

    a. Deram duas horas.
    b. O relógio deu duas horas.
    c. Tinha soado seis horas.
    d. Bateu uma hora.
    e. O sino bateu duas horas.

7. Assinale a opção em que a lacuna pode ser preenchida por qualquer das duas formas verbais indicadas entre parênteses.

    a. Um dos seus sonhos ________ morrer na terra natal. (era, eram)
    b. Aqui não _____________ os sítios onde eu brincava. (existe – existem)
    c. Uma porção de sabiás ________________________________ na laranjeira (cantava, cantavam)
    d. Não __________ em minha terra belezas naturais. (falta, faltam)
    e. Sou eu que ___________morrer ouvindo o canto do sabiá (quero, quer)

8. Marque as alternativas certas quanto à concordância verbal:

    a. Fomos nós quem se responsabilizou pela operação de resgate
    b. Os estudantes somos, em geral, muito vibradores.
    c. Os jovens parece ficarem cônscios da responsabilidade de votar.
    d. Quando cuidamos, restava apenas alguns objetos imprestáveis.
    e. Não sabemos quais de nós deve se submeter ao concurso.

9. A concordância verbal incorreta é:

    a. **Os lusíadas** imortalizaram Camões.
    b. Quais de vós ireis à escola?
    c. Outrora poderia existir opiniões diferentes sobre o assunto.
    d. Quem de nós pagará as despesas.

10. Qual das duas é correta: "Sou um dos cidadãos brasileiros que mais trabalha." ou "Sou um dos cidadãos brasileiros que mais trabalham."
    R. ____

11. Assinale quando houver concordância errada:

    a. Nem um nem outro renegaram a fé.
    b. Nem um nem outro apareceu
    c. Mais de um constituinte votou a favor do projeto
    d. Mais de um constituinte cumprimentaram-se com efusão.
    e. n.d.a.

12. Qual das orações é correta: “As estrelas perece brilharem.” ou “As estrelas parecem brilhar.”?

    R. ____

13. Reescreva as frases, substituindo **existir** por **haver** e vice-versa:
    a. “**Existiam** jardins e manhãs naquele tempo: **havia** paz em toda parte.”
    b. “Se **existissem** mais homens honestos, não **haveria** tantas brigas por justiça.”

    Respostas:
    a. ____
    ____
    b. ____
    ____

14. Não _________ meios de avisá-los de que já ________ fazer anos que __________ em nosso estoque esses livros.

    a. Houve – deve – faltam.
    b. Houve – devem – falta.
    c. Houve -- devem – faltam.
    d. Houveram – devem – faltam.
    e. Houveram – deve – falta

15. _______________dez horas que se _________ iniciado os trabalhos de apuração dos votos sem que se ______________quais seriam os candidatos vitoriosos.

    a. Fazia – haviam – previsse
    b. Faziam – haviam – prevesse
    c. Fazia – havia – previsse
    d. Faziam – havia – previssem
    e. Fazia – haviam – previssem

16. Assinale a alternativa abaixo, cuja seqüência enumera **corretamente** as frases:

    (1) Concordância verbal **correta**.
    (2) Concordância verbal **incorreta**.

    ( ) Ireis de carro tu, vossos primos e eu.
    ( ) O pai ou o filho assumirá a direção do colégio.
    ( ) Mais de um dos candidatos se insultaram.
    ( ) Os meninos parecem gostarem dos brinquedos.
    ( ) Faz dez anos todos esses fatos.

    a. 1, 2, 2, 2, 1
    b. 2, 2, 2, 1, 2
    c. 1, 1, 2, 1, 1
    d. 1, 2, 1, 1, 2
    e. 2, 1, 1, 2, 1

17. Passe para o plural:

    Houve uma conversa meio longa.
    ____
    ____

18. Indique a alternativa correta

    a. A pátria não é ninguém: são todos.
    b. Se não vier as chuvas, como faremos?
    c. É precaríssima as condições do prédio.
    d. Vossa Senhoria vos preocupais demasiadamente com a vossa imagem

19. Assinale a opção correta:

    a. Mais de um retirante se afastou do serviço.
    b. Qual de vós sabeis o destino do retirante?
    c. Podem haver, no campo, dias horríveis.
    d. Espera-se dias mais propícios.
    e. n.d.a.

GABARITO:

1. **C**
2. **B**
3. **A e E**
4. **D**
5. **B**
6. **C**
7. **C**
8. **A e C**
9. **C**
10. **Ambas estão corretas**
11. **E**
12. **Ambas estão corretas**
13. **a) havia – existia**
    b) houvesse – existiriam
15. **A**
16. **E**
17. **E**
18. **Houve umas conversas meio longas.**
19. **A**
20. **A**

Língua Portuguesa – começando do ZERO

Apostila 10 (Teoria essencial)

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA

A CONCORDÂNCIA VERBAL

I – REGRA GERAL DE CONCORDÂNCIA VERBAL

→ O verbo concorda em número (singular ou plural) e em pessoa (1ª, 2ª ou 3ª) com o seu sujeito simples.

* O **pensamento** dos novos filósofos contemporâneos não **se antepõe** ao pensamento grego.
Núcleo do sujeito – 3ª P.Singular verbo na 3ª P. do singular

* Grandes golpes **sofreram** nossos **antepassados** quando muitas **doenças** **assolaram** cidades inteiras.
Verbo na 3ª p. plural núcleo do sujeito núcleo do sujeito verbo na 3ª p. do plural

* Do Norte e Nordeste brasileiro, **advieram**, nas décadas de 60 e 70, muitos **imigrantes** para São Paulo.
Verbo na 3ª p. plural núcleo do sujeito na 3ª p. plural

II — SUJEITO FORMADO POR PESSOAS GRAMATICAIS DIFERENTES

Regra: Quando o sujeito é formado por pessoas gramaticais diferentes, obedece-se à seguinte lei de prevalência:

* **1ª pessoa** + **2ª pessoa** = 1ª pessoa do plural (a primeira prevalece sobre a segunda) → NÓS

* **1ª pessoa** + **3ª pessoa** = 1ª pessoa do plural (a primeira prevalece sobre a terceira) → NÓS

* **2ª pessoa** + **3ª pessoa** = 2ª pessoa do plural (a segunda prevalece sobre a terceira) → VÓS

* **Resumindo**: A primeira pessoa prevalece sobre as demais e a segunda pessoa prevalece sobre a terceira.

* O **Ministro** dos Esportes e **eu**, na próxima semana, **inauguraremos** um novo estádio de futebol.
sujeito composto por pessoas gramaticais diferentes verbo na 1ª pessoa do plural

* Vossa **tia** e **tu**, quando toda a comitiva chegar, **devíeis** providenciar imediatamente um local para descanso.
sujeito composto por pessoas gramaticais diferentes verbo na 2ª pessoa do plural

III – REGRAS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA VERBAL COM O SUJEITO SIMPLES

1. Quando o sujeito é formado por **expressões partitivas** (uma parte de, a metade de, o grosso de, um grande número de, uma porção de, a maioria de etc) o verbo deverá concordar, no singular, com o núcleo dessas expressões ou com o termo da expressão explicativa ou especificativa que as acompanha.

* Boa **parte** dos **inscritos** no último concurso **irá / irão** realizar a prova no centro da cidade.
sujeito

* Grande **número** de **automóveis** **circula / circulam** nas principais capitais brasileiras.
sujeito

2. Quando o sujeito é formado por **numerais percentuais** ou **fracionários** seguidos de uma especificação, o verbo poderá concordar tanto com o numeral quanto com a expressão especificativa.

* **32%** de todo o **dinheiro** arrecadado
será doado
serão doados
para instituições de caridade.
sujeito

* **8,6%** dos **entrevistados** **alegaram** que não gostam de comprar a prazo.
sujeito

3. Quando o sujeito é formado por expressões que indicam quantidade aproximada (cerca de, perto de, mais de, menos de, coisa de, obra de, passante de etc) seguidas de um numeral, o verbo concordará com este numeral que acompanha as expressões.

* Perto de **quinze** manifestantes **se aglomeraram** em frente ao Palácio do Planalto.
sujeito

* Mais de **vinte** alunos **foram** reprovados neste ano em nossa escola.
sujeito

4. Com a expressão **"Mais de um"** o verbo deverá ficar, portanto, no singular.

* A polícia percebeu que mais de **um** bandido **se escondia** na mata.
sujeito

* Mais de **uma** criança **se entreteve** com o novo brinquedo que fora colocado no salão de jogos.
sujeito

Observações:

a) Caso a expressão "Mais de um" apareça repetida ou venha acompanhada de um verbo que indique reciprocidade, a concordância será feita no plural.

* **Mais de um** interventor, **mais de um** advogado, **mais de um** engenheiro **compareceram** ao prédio que ruiu.
sujeito composto – expressão "mais de um" aparece repetida

* Mais de um deputado **se agrediram** na última sessão plenária.
sujeito verbo indica reciprocidade

6. Quando o sujeito é a expressão "**um dos que**", o verbo poderá concordar, na maioria dos casos, tanto no singular quanto no plural.

* Ele foi um dos alunos que mais
se destacou
se destacaram
neste ano.

7. Quando o sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido no plural (**Quais, Quantos, Alguns, Poucos, Muitos, Quaisquer** etc), seguido de uma das expressões "**de nós**" ou "**de vós**", o verbo poderá concordar tanto com o pronome interrogativo, indefinido ou demonstrativo quanto com os pronomes "nós" ou "vós".

* Certamente muitos de vós $\left\{\begin{array}{l}\textbf{proporão}\\ \textbf{proporeis}\end{array}\right.$ mudanças para a nossa administração.

* Eles perceberam que quaisquer de nós $\left\{\begin{array}{l}\textbf{poderiam}\\ \textbf{poderíamos}\end{array}\right.$ resolver aquela situação.

Observação importante:

a) Se o pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido estiver no singular (Qual, Algum, Qualquer etc), o verbo obrigatoriamente ficará no singular.

* **Quem** de nós, na mesma situação, não **agiria** daquele jeito?

* **Qual** de vós **conhece** o segredo do cofre?

8. Quando o sujeito é o pronome relativo "**QUE**", o verbo concordará com o termo antecedente.

* De repente, apareceram muitos companheiros **que** apoiaram de imediato o protesto.

* Fomos nós **que** propiciamos todo aquele contratempo.

10. Quando o sujeito é formado por nomes próprios que só existem no plural (Estados Unidos, Andes, Patos, Minas Gerais, Alagoas, por exemplo), o verbo ficará no singular se estes nomes não vierem precedidos de artigo ou se o artigo estiver no singular. Caso apareça um artigo no plural, a concordância será feita no plural.

* Estados Unidos ainda não **encontrou** uma saída para o Iraque.

* Ilhéus sempre **foi** uma bela cidade para o turismo.

* **O** Marrocos sempre **encanta** os turistas que por lá passam.

Observação: Caso o nome no plural se refira a uma obra artística ou literária, tanto o singular quanto o plural são corretos para o verbo da concordância.

* "Os Lusíadas" $\left\{\begin{array}{l}\textbf{imortalizaram}\\ \textbf{imortalizou}\end{array}\right.$ Luis Vaz de Camões.

* "Os Sertões" de Euclides da Cunhas $\left\{\begin{array}{l}\textbf{representaram}\\ \textbf{representou}\end{array}\right.$ um marco para a Literatura brasileira.

11. Quando o sujeito é formado por um substantivo coletivo seguido de uma especificação, o verbo poderá concordar tanto o coletivo quanto com a especificação.

* Um grupo de arruaceiros $\left\{\begin{array}{l}\textbf{invadiu}\\ \textbf{invadiram}\end{array}\right.$ várias lojas no centro da cidade.

* Um bando de aves selvagens $\left\{\begin{array}{l}\textbf{sobrevoava}\\ \textbf{sobrevoavam}\end{array}\right.$ a cidade naquele instante.

12. Os verbos "**dar**, **bater** e **soar**", por serem pessoais, concordam com os seus respectivos sujeitos.

* Já **bateram** nos relógios da cidade $\underbrace{\text{as horas necessárias}}_{\text{sujeito}}$ para o início do evento.

* **Soou** uma hora da tarde no sino da igreja.
sujeito

13. O pronome apassivador "SE" exige que o verbo (transitivo direto ou transitivo direto e indireto) concorde com o seu sujeito passivo.

* **Transmitiram**-se-lhe novas informações sobre o caso investigado pela Polícia Federal.
VTDI sujeito passivo

* **Desfizeram**-se todas as dúvidas quando se **apresentaram** as novas provas.
VTD sujeito passivo VTD sujeito passivo

14. Os verbos intransitivos, os transitivos indiretos e os de ligação associados a um pronome "SE" ficam na terceira pessoa do singular. O "SE" funcionará como **"índice de indeterminação do sujeito".**

* Nunca mais **se falou** do esfacelamento do império russo.
IIS VTI

* **Assistiu-se** a muitos filmes nestas férias.
VTI IIS

IV – REGRAS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA VERBAL COM O SUJEITO COMPOSTO

Regra geral: O sujeito composto exige o verbo da concordância no plural.

* Todos os argumentos e todas as formas de intervenção **foram utilizadas** para mudar o pensamento dele.
sujeito composto verbo na 3ª pessoa do plural

* O líder comunitário e todas as mulheres ofendidas com a ação do marginal **deporão** na delegacia mais próxima.
sujeito composto verbo na 3ª pessoa do plural

Regras especiais com o sujeito composto

1. Quando o **sujeito composto vier posposto ao verbo**, é lícito que se concorde com o núcleo mais próximo desse sujeito ou, como nos orienta a regra geral, com ambos os núcleos.

* Das indagações do novo funcionário **adveio** / **advieram** uma nova idéia para a equipe e uma nova forma de pensar a empresa.
sujeito composto posposto ao verbo

* Não **convém** / **convêm** aos iniciantes na carreira advocatícia nem a liberalidade dos anarquistas nem a seriedade dos monges.
sujeito composto posposto ao verbo

2. Quando o **sujeito composto é resumido por um pronome indefinido** (tudo, toda, nada, ninguém, cada um etc), o verbo concordará com este pronome resumitivo.

* O mar, os céus, a terra, **tudo apregoa** a glória de Deus.
pronome resumitivo

* Doenças, desemprego, morte na família, **nada** o **fazia** pensar sobre a vida.
pronome resumitivo

3. Quando os **núcleos do sujeito são infinitivos** não precedidos de determinante, o verbo concordará na terceira pessoa do singular.

* **Fazer** exercícios regulares e **dormir** oito horas diárias **faz** bem à saúde.
sujeito composto cujos núcleos são infinitivos

* **Fumar** e **beber** em ambiente de trabalho **é** terminantemente proibido.
sujeito composto cujos núcleos são infinitivos

4. Quando os **núcleos do sujeito são ligados por "OU"**, devem-se observar as seguintes orientações:

a) Se houver idéia de exclusão ou de sinonímia ➔ o verbo concordará com o núcleo do sujeito mais próximo
b) Se houver idéia de inclusão ➔ o verbo concordará com ambos os núcleos
c) Se houver idéia de retificação ➔ o verbo concordará com o núcleo do sujeito mais próximo

* Toda a empresa está certa de que ele **ou** tu **serás** o novo presidente.
A partícula indica exclusão

* Guará **ou** Guaratinguetá sempre **foi** uma excelente cidade para o turismo.
A partícula indica sinonímia

* João Paulo **ou** André **casará** com a filha do prefeito.
A partícula indica exclusão

* Laranja **ou** abacaxi após o almoço fazem bem à digestão.
A partícula indica inclusão

5. Quando o **sujeito é formado pela expressão "um ou outro"**, o verbo da concordância fica obrigatoriamente no singular.

* Você não dá esmolas, mas um ou outro amigo seu **dá**.

* Acredito que uma ou outra camisa lhe **fica** muito bem.

6. Quando o **sujeito é formado pelas expressões "Um e outro" ou "Nem um nem outro"**, embora haja uma preferência para o plural, a concordância poderá ser feita tanto no singular quanto no plural.

* Não adianta correr, pois nem um nem outro **escapará** / **escaparão**.

* Um e outro participante da maratona **alegou** / **alegaram** que houve fraude na competição.

7. Quando **os núcleos do sujeito são unidos por "Nem... nem..."**, o verbo da concordância poderá ficar tanto no singular quanto no plural.

* Nem o Sport nem o Náutico **ganhará / ganharão** o torneio este ano.

* Nem honra, nem desonra, nem alegria, nem tristeza o **faziam** / **fazia** chorar.

8. Quando **os núcleos do sujeito são unidos pela preposição "COM"**, o verbo da concordância poderá ficar no singular ou no plural.

* O amigo **com** os seus melhores colegas **foi** / **foram** tomar satisfações com o outro grupo em virtude do ocorrido.

* Ele ficou sabendo que o bandido **com** vários de seus comparsas **tentariam** / **tentaria** invadir a fábrica à noite.

9. Quando os **núcleos do sujeito vierem unidos pela conjunção “como”**, embora haja a preferência para o plural, o verbo da concordância poderá ficar no singular ou no plural.

* A tarifa de energia elétrica **como** a da água e esgoto **subiu** / **subiram** de preço esta semana.
sujeito

* A criança **como** o adulto só **aprende** / **aprendem** na vida quando se está diante de uma dificuldade.
Sujeito

10. Quando os núcleos do sujeito vierem ligados por conjunções correlatas (Não só... mas também; Não só... bem como; Não só... mas também; Tanto... quanto; Tanto... como etc), o verbo vai para o plural.

* **Não só** o Ministro da fazenda, **mas também** todo o seu séqüito **irão** participar da inauguração das obras.
Sujeito

* **Tanto** a moça **quanto** o seu pai **homenagearão** os professores do curso.
Sujeito

V – CONCORDÂNCIA DO VERBO “SER”

O verbo “SER” é, como já disse, um verbo especial. Para a gramática normativa ele é considerado, quando empregado na função de verbo de ligação, um verbo desprovido de significado, não-nocional. Em virtude desse esvaziamento semântico e da busca por uma melhor eufonia, em muitos casos o verbo SER deixará de concordar com o seu sujeito e passará a concordar com o seu predicativo. Observe agora as regras mais comuns para o emprego correto deste verbo:

a) Quando o sujeito é representado pelos pronomes neutros “tudo, isto, aquilo, o”, o verbo SER poderá concordar tanto com o seu sujeito quanto com o seu predicativo:

* Como se sabe, nem tudo na vida **é / são** flores.

* **O** que ele mais admira em você **é / são** seus belos olhos verdes.

b) Quando o sujeito é formado por um substantivo e o predicativo também é um substantivo, ambos indicando coisas, o verbo SER poderá concordar tanto com o sujeito quanto com o predicativo:

* A maior parte de todo o problema **era / eram** fricotes da moça.

* A cama dele sempre **foi / foram** restos de jornais velhos.

c) Quando o sujeito for representado por uma pessoa – sujeito personativo –, o verbo SER deverá obrigatoriamente concordar com este sujeito.

* **Milena era** as alegrias de toda a família.

* A **criancinha** doente **é** as preocupações de seus pais.

d) Quando o verbo SER fizer parte de uma expressão que indica quantidade (peso, medida, preço), ele sempre ficará no singular.

* Duzentos gramas de presunto **é pouco** para a lasanha.

* Dez mil reais **fora** o bastante para ele comprar um bom automóvel.

e) Quando o sujeito ou o predicativo é representado por um pronome do caso reto, o verbo SER obrigatoriamente concordará com esse pronome.

* **Ele** sempre **foi** os olhos da família.

* Nesta terra, o chefe **sois vós**.

f) Quando o verbo SER fizer parte de locuções que indiquem tempo ou distância, ele obrigatoriamente concordará, embora seja impessoal, com a expressão numérica que acompanha tais locuções:

* Entre 1964 e 1985 **foram vinte e um** anos de muita repressão.

* Já **devem ser**, pela posição do sol, **umas cinco horas** da tarde.

g) Quando o verbo SER fizer parte da locução expletiva ou de realce "**É QUE**", ele permanece invariável.

* **É** nas horas difíceis **que** se conhecem os verdadeiros amigos.

* Na realidade os homens **é que** deveriam se amar mais uns aos outros.

h) Quando o sujeito é formado por um pronome interrogativo **QUE** ou **QUEM**, o verbo SER concordará obrigatoriamente com o seu predicativo.

* Quem **foram os culpados** por esta desordem?

* Que **horas são** agora, por favor?

VI - PARTE ESPECIAL

A CONCORDÂNCIA COM O SUJEITO ORACIONAL

Um dos pontos bastante explorado pelas bancas examinadoras é a concordância com o sujeito oracional. Acompanhe o desenvolvimento abaixo:

* **São** fundamentais **as assinaturas dos sócios no contrato**.
Verbo concorda com o sujeito Sujeito simples

* **É** fundamental **que os sócios assinem o contrato**.
Verbo concorda na Sujeito oracional
3ª pessoa do singular

Regra geral: O verbo sempre concordará na terceira pessoa do singular com o sujeito oracional.

Testes de concursos (Públicos e Vestibulares)

1. O verbo concorda em número e pessoa com o sujeito. Portanto não está correta a alternativa:

   a. Faltam ainda seis meses para o vencimento.
   b. Existem fortes indícios de melhoria geral.
   c. Não provém daí os males sofridos.
   d. Os fatos que perturbam são bem poucos.
   e. Serão considerados válidos tais argumentos?

2. Em uma das frases apresentadas nas opções seria correta a variação da concordância verbal. Assinale-a.:

    a. "A presença do Capitão-General causou grande rebuliço na sala."
    b. "Bastavam-lhe a paz, a promessa".
    c. "De nada valeram as lágrimas de Mariana, os gritos da mãe, os ataques do pai".
    d. "As coisas eram tristes, frias e silenciosas, opacas e duras."
    e. "Meu Deus, agora trouxeram flores, grandes vasos de flores".

3. Nas cinco alternativas, há duas concordâncias verbais erradas. Identifique-as:

    a. Margarida, e vossa tia seguireis primeiro.
    b. Eu, tu e nossos amigos iremos no mesmo avião.
    c. Tu e meus amigos ireis no mesmo trem.
    d. Tu e meus amigos irão no mesmo trem.
    e. V. Exa., eles e aqueles garotos seguireis depois.

4. Indique a alternativa correta:

    a. Tratavam-se de questões fundamentais.
    b. Comprou-se terrenos no subúrbio.
    c. Precisam-se de datilógrafas.
    d. Reformaram-se terrenos
    e. Obedeceram-se aos severos regulamentos.

5. Num dos provérbios abaixo a concordância prescrita pela gramática foi desrespeitada. Indique-a:

    a. Não se apanham moscas com vinagre.
    b. Casamento e mortalha no céu se talha
    c. Quem ama o feio, bonito lhe parece.
    d. De boas ceias, as sepulturas estão cheias
    e. Quem cabras não tem e cabritos vende, de algum lugar lhe vêm.

6. Indique a alternativa gramaticalmente incorreta:

    a. Deram duas horas.
    b. O relógio deu duas horas.
    c. Tinha soado seis horas.
    d. Bateu uma hora.
    e. O sino bateu duas horas.

7. Assinale a opção em que a lacuna pode ser preenchida por qualquer das duas formas verbais indicadas entre parênteses.

    a. Um dos seus sonhos ________ morrer na terra natal. (era, eram)
    b. Aqui não ____________ os sítios onde eu brincava. (existe – existem)
    c. Uma porção de sabiás ________________________________ na laranjeira (cantava, cantavam)
    d. Não __________ em minha terra belezas naturais. (falta, faltam)
    e. Sou eu que ___________morrer ouvindo o canto do sabiá (quero, quer)

8. Marque as alternativas certas quanto à concordância verbal:

    a. Fomos nós quem se responsabilizou pela operação de resgate
    b. Os estudantes somos, em geral, muito vibradores.
    c. Os jovens parece ficarem cônscios da responsabilidade de votar.
    d. Quando cuidamos, restava apenas alguns objetos imprestáveis.
    e. Não sabemos quais de nós deve se submeter ao concurso.

9. A concordância verbal incorreta é:

    a. **Os lusíadas** imortalizaram Camões.
    b. Quais de vós ireis à escola?
    c. Outrora poderia existir opiniões diferentes sobre o assunto.
    d. Quem de nós pagará as despesas.

10. Qual das duas é correta: "Sou um dos cidadãos brasileiros que mais trabalha." ou "Sou um dos cidadãos brasileiros que mais trabalham."
    R. ____

11. Assinale quando houver concordância errada:

a. Nem um nem outro renegaram a fé.
b. Nem um nem outro apareceu
c. Mais de um constituinte votou a favor do projeto
d. Mais de um constituinte cumprimentaram-se com efusão.
e. n.d.a.

12. Qual das orações é correta: “As estrelas perece brilharem.” ou “As estrelas parecem brilhar.”?

R. ____

13. Reescreva as frases, substituindo **existir** por **haver** e vice-versa:
a. “**Existiam** jardins e manhãs naquele tempo: **havia** paz em toda parte.”
b. “Se **existissem** mais homens honestos, não **haveria** tantas brigas por justiça.”

Respostas:
a. ____

____

b. ____

____

14. Não _________ meios de avisá-los de que já ________ fazer anos que __________ em nosso estoque esses livros.

a. Houve – deve – faltam.
b. Houve – devem – falta.
c. Houve -- devem – faltam.
d. Houveram – devem – faltam.
e. Houveram – deve – falta

15. _______________dez horas que se _________ iniciado os trabalhos de apuração dos votos sem que se ______________quais seriam os candidatos vitoriosos.

a. Fazia – haviam – previsse
b. Faziam – haviam – prevesse
c. Fazia – havia – previsse
d. Faziam – havia – previssem
e. Fazia – haviam – previssem

16. Assinale a alternativa abaixo, cuja seqüência enumera **corretamente** as frases:

(1) Concordância verbal **correta**.
(2) Concordância verbal **incorreta**.

( ) Ireis de carro tu, vossos primos e eu.
( ) O pai ou o filho assumirá a direção do colégio.
( ) Mais de um dos candidatos se insultaram.
( ) Os meninos parecem gostarem dos brinquedos.
( ) Faz dez anos todos esses fatos.

a. 1, 2, 2, 2, 1
b. 2, 2, 2, 1, 2
c. 1, 1, 2, 1, 1
d. 1, 2, 1, 1, 2
e. 2, 1, 1, 2, 1

17. Passe para o plural:

Houve uma conversa meio longa.
____
____

18. Indique a alternativa correta

   a. A pátria não é ninguém: são todos.
   b. Se não vier as chuvas, como faremos?
   c. É precaríssima as condições do prédio.
   d. Vossa Senhoria vos preocupais demasiadamente com a vossa imagem

19. Assinale a opção correta:

   a. Mais de um retirante se afastou do serviço.
   b. Qual de vós sabeis o destino do retirante?
   c. Podem haver, no campo, dias horríveis.
   d. Espera-se dias mais propícios.
   e. n.d.a.

GABARITO:

1. **C**
2. **B**
3. **A e E**
4. **D**
5. **B**
6. **C**
7. **C**
8. **A e C**
9. **C**
10. **Ambas estão corretas**
11. **E**
12. **Ambas estão corretas**
13. **a) havia – existia**
    b) houvesse – existiriam
15. **A**
16. **E**
17. **E**
18. **Houve umas conversas meio longas.**
19. **A**
20. **A**

Língua Portuguesa – começando do ZERO

Apostila 10 (Teoria essencial)

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA

A CONCORDÂNCIA VERBAL

I – REGRA GERAL DE CONCORDÂNCIA VERBAL

→ **O verbo concorda em número (singular ou plural) e em pessoa (1ª, 2ª ou 3ª) com o seu sujeito simples.**

* O **pensamento** dos novos filósofos contemporâneos não **se antepõe** ao pensamento grego.
Núcleo do sujeito – 3ª P.Singular verbo na 3ª P. do singular

* Grandes golpes **sofreram** nossos **antepassados** quando muitas **doenças** **assolaram** cidades inteiras.
Verbo na 3ª p. plural núcleo do sujeito núcleo do sujeito verbo na 3ª p. do plural

* Do Norte e Nordeste brasileiro, **advieram**, nas décadas de 60 e 70, muitos **imigrantes** para São Paulo.
Verbo na 3ª p. plural núcleo do sujeito na 3ª p. plural

II — SUJEITO FORMADO POR PESSOAS GRAMATICAIS DIFERENTES

Regra: Quando o sujeito é formado por pessoas gramaticais diferentes, obedece-se à seguinte lei de prevalência:

* **1ª pessoa** + **2ª pessoa** = 1ª pessoa do plural (a primeira prevalece sobre a segunda) → NÓS

* **1ª pessoa** + **3ª pessoa** = 1ª pessoa do plural (a primeira prevalece sobre a terceira) → NÓS

* **2ª pessoa** + **3ª pessoa** = 2ª pessoa do plural (a segunda prevalece sobre a terceira) → VÓS

* **Resumindo**: A primeira pessoa prevalece sobre as demais e a segunda pessoa prevalece sobre a terceira.

* O **Ministro** dos Esportes e **eu**, na próxima semana, **inauguraremos** um novo estádio de futebol.
sujeito composto por pessoas gramaticais diferentes verbo na 1ª pessoa do plural

* Vossa **tia** e **tu**, quando toda a comitiva chegar, **devíeis** providenciar imediatamente um local para descanso.
sujeito composto por pessoas gramaticais diferentes verbo na 2ª pessoa do plural

III – REGRAS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA VERBAL COM O SUJEITO SIMPLES

1. Quando o sujeito é formado por **expressões partitivas** (uma parte de, a metade de, o grosso de, um grande número de, uma porção de, a maioria de etc) o verbo deverá concordar, no singular, com o núcleo dessas expressões ou com o termo da expressão explicativa ou especificativa que as acompanha.

* Boa **parte** dos **inscritos** no último concurso **irá / irão** realizar a prova no centro da cidade.
sujeito

* Grande **número** de **automóveis** **circula / circulam** nas principais capitais brasileiras.
sujeito

2. Quando o sujeito é formado por **numerais percentuais** ou **fracionários** seguidos de uma especificação, o verbo poderá concordar tanto com o numeral quanto com a expressão especificativa.

* **32%** de todo o **dinheiro** arrecadado $\begin{cases}\textbf{será doado}\\ \textbf{serão doados}\end{cases}$ para instituições de caridade.
sujeito

* **8,6%** dos **entrevistados** **alegaram** que não gostam de comprar a prazo.
sujeito

3. Quando o sujeito é formado por expressões que indicam quantidade aproximada (cerca de, perto de, mais de, menos de, coisa de, obra de, passante de etc) seguidas de um numeral, o verbo concordará com este numeral que acompanha as expressões.

* Perto de **quinze** manifestantes **se aglomeraram** em frente ao Palácio do Planalto.
sujeito

* Mais de **vinte** alunos **foram** reprovados neste ano em nossa escola.
sujeito

4. Com a expressão **"Mais de um"** o verbo deverá ficar, portanto, no singular.

* A polícia percebeu que mais de **um** bandido **se escondia** na mata.
sujeito

* Mais de **uma** criança **se entreteve** com o novo brinquedo que fora colocado no salão de jogos.
sujeito

Observações:

a) Caso a expressão "Mais de um" apareça repetida ou venha acompanhada de um verbo que indique reciprocidade, a concordância será feita no plural.

* **Mais de um** interventor, **mais de um** advogado, **mais de um** engenheiro **compareceram** ao prédio que ruiu.
sujeito composto – expressão "mais de um" aparece repetida

* Mais de um deputado **se agrediram** na última sessão plenária.
sujeito verbo indica reciprocidade

6. Quando o sujeito é a expressão "**um dos que**", o verbo poderá concordar, na maioria dos casos, tanto no singular quanto no plural.

* Ele foi um dos alunos que mais $\begin{cases}\textbf{se destacou}\\ \textbf{se destacaram}\end{cases}$ neste ano.

7. Quando o sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido no plural (**Quais, Quantos, Alguns, Poucos, Muitos, Quaisquer** etc), seguido de uma das expressões "**de nós**" ou "**de vós**", o verbo poderá concordar tanto com o pronome interrogativo, indefinido ou demonstrativo quanto com os pronomes "nós" ou "vós".

* Certamente muitos de vós { **proporão** / **proporeis** } mudanças para a nossa administração.

* Eles perceberam que quaisquer de nós { **poderiam** / **poderíamos** } resolver aquela situação.

Observação importante:

a) Se o pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido estiver no singular (Qual, Algum, Qualquer etc), o verbo obrigatoriamente ficará no singular.

* **Quem** de nós, na mesma situação, não **agiria** daquele jeito?

* **Qual** de vós **conhece** o segredo do cofre?

8. Quando o sujeito é o pronome relativo "**QUE**", o verbo concordará com o termo antecedente.

* De repente, apareceram muitos companheiros **que** apoiaram de imediato o protesto.

* Fomos nós **que** propiciamos todo aquele contratempo.

10. Quando o sujeito é formado por nomes próprios que só existem no plural (Estados Unidos, Andes, Patos, Minas Gerais, Alagoas, por exemplo), o verbo ficará no singular se estes nomes não vierem precedidos de artigo ou se o artigo estiver no singular. Caso apareça um artigo no plural, a concordância será feita no plural.

* Estados Unidos ainda não **encontrou** uma saída para o Iraque.

* Ilhéus sempre **foi** uma bela cidade para o turismo.

* **O** Marrocos sempre **encanta** os turistas que por lá passam.

Observação: Caso o nome no plural se refira a uma obra artística ou literária, tanto o singular quanto o plural são corretos para o verbo da concordância.

* "Os Lusíadas" { **imortalizaram** / **imortalizou** } Luis Vaz de Camões.

* "Os Sertões" de Euclides da Cunhas { **representaram** / **representou** } um marco para a Literatura brasileira.

11. Quando o sujeito é formado por um substantivo coletivo seguido de uma especificação, o verbo poderá concordar tanto o coletivo quanto com a especificação.

* Um grupo de arruaceiros { **invadiu** / **invadiram** } várias lojas no centro da cidade.

* Um bando de aves selvagens { **sobrevoava** / **sobrevoavam** } a cidade naquele instante.

12. Os verbos "**dar**, **bater** e **soar**", por serem pessoais, concordam com os seus respectivos sujeitos.

* Já **bateram** nos relógios da cidade as horas necessárias para o início do evento.
sujeito

* **Soou** uma hora da tarde no sino da igreja.
sujeito

13. O pronome apassivador "SE" exige que o verbo (transitivo direto ou transitivo direto e indireto) concorde com o seu sujeito passivo.

* **Transmitiram**-se-lhe novas informações sobre o caso investigado pela Polícia Federal.
VTDI sujeito passivo

* **Desfizeram**-se todas as dúvidas quando se **apresentaram** as novas provas.
VTD sujeito passivo VTD sujeito passivo

14. Os verbos intransitivos, os transitivos indiretos e os de ligação associados a um pronome "SE" ficam na terceira pessoa do singular. O "SE" funcionará como **"índice de indeterminação do sujeito".**

* Nunca mais **se falou** do esfacelamento do império russo.
IIS VTI

* **Assistiu**-**se** a muitos filmes nestas férias.
VTI IIS

IV – REGRAS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA VERBAL COM O SUJEITO COMPOSTO

Regra geral: O sujeito composto exige o verbo da concordância no plural.

* Todos os argumentos e todas as formas de intervenção **foram utilizadas** para mudar o pensamento dele.
sujeito composto verbo na 3ª pessoa do plural

* O líder comunitário e todas as mulheres ofendidas com a ação do marginal **deporão** na delegacia mais próxima.
sujeito composto verbo na 3ª pessoa do plural

Regras especiais com o sujeito composto

1. Quando o **sujeito composto vier posposto ao verbo**, é lícito que se concorde com o núcleo mais próximo desse sujeito ou, como nos orienta a regra geral, com ambos os núcleos.

* Das indagações do novo funcionário **adveio** / **advieram** uma nova idéia para a equipe e uma nova forma de pensar a empresa.
sujeito composto posposto ao verbo

* Não **convém** / **convêm** aos iniciantes na carreira advocatícia nem a liberalidade dos anarquistas nem a seriedade dos monges.
sujeito composto posposto ao verbo

2. Quando o **sujeito composto é resumido por um pronome indefinido** (tudo, toda, nada, ninguém, cada um etc), o verbo concordará com este pronome resumitivo.

* O mar, os céus, a terra, **tudo apregoa** a glória de Deus.
pronome resumitivo

* Doenças, desemprego, morte na família, **nada** o **fazia** pensar sobre a vida.
pronome resumitivo

3. Quando os **núcleos do sujeito são infinitivos** não precedidos de determinante, o verbo concordará na terceira pessoa do singular.

* **Fazer** exercícios regulares e **dormir** oito horas diárias **faz** bem à saúde.
sujeito composto cujos núcleos são infinitivos

* **Fumar** e **beber** em ambiente de trabalho **é** terminantemente proibido.
sujeito composto cujos núcleos são infinitivos

4. Quando os **núcleos do sujeito são ligados por "OU"**, devem-se observar as seguintes orientações:

a) Se houver idéia de exclusão ou de sinonímia ➔ o verbo concordará com o núcleo do sujeito mais próximo
b) Se houver idéia de inclusão ➔ o verbo concordará com ambos os núcleos
c) Se houver idéia de retificação ➔ o verbo concordará com o núcleo do sujeito mais próximo

* Toda a empresa está certa de que ele **ou** tu **serás** o novo presidente.
A partícula indica exclusão

* Guará **ou** Guaratinguetá sempre **foi** uma excelente cidade para o turismo.
A partícula indica sinonímia

* João Paulo **ou** André **casará** com a filha do prefeito.
A partícula indica exclusão

* Laranja **ou** abacaxi após o almoço fazem bem à digestão.
A partícula indica inclusão

5. Quando o **sujeito é formado pela expressão "um ou outro"**, o verbo da concordância fica obrigatoriamente no singular.

* Você não dá esmolas, mas um ou outro amigo seu **dá**.

* Acredito que uma ou outra camisa lhe **fica** muito bem.

6. Quando o **sujeito é formado pelas expressões "Um e outro" ou "Nem um nem outro"**, embora haja uma preferência para o plural, a concordância poderá ser feita tanto no singular quanto no plural.

* Não adianta correr, pois nem um nem outro **escapará** / **escaparão**.

* Um e outro participante da maratona **alegou** / **alegaram** que houve fraude na competição.

7. Quando **os núcleos do sujeito são unidos por "Nem... nem..."**, o verbo da concordância poderá ficar tanto no singular quanto no plural.

* Nem o Sport nem o Náutico **ganhará / ganharão** o torneio este ano.

* Nem honra, nem desonra, nem alegria, nem tristeza o **faziam** / **fazia** chorar.

8. Quando **os núcleos do sujeito são unidos pela preposição "COM"**, o verbo da concordância poderá ficar no singular ou no plural.

* O amigo **com** os seus melhores colegas **foi** / **foram** tomar satisfações com o outro grupo em virtude do ocorrido.

* Ele ficou sabendo que o bandido **com** vários de seus comparsas **tentariam** / **tentaria** invadir a fábrica à noite.

9. Quando os **núcleos do sujeito vierem unidos pela conjunção "como"**, embora haja a preferência para o plural, o verbo da concordância poderá ficar no singular ou no plural.

* A tarifa de energia elétrica **como** a da água e esgoto **subiu** / **subiram** de preço esta semana.
sujeito

* A criança **como** o adulto só **aprende** / **aprendem** na vida quando se está diante de uma dificuldade.
Sujeito

10. Quando os núcleos do sujeito vierem ligados por conjunções correlatas (Não só... mas também; Não só... bem como; Não só... mas também; Tanto... quanto; Tanto... como etc), o verbo vai para o plural.

* **Não só** o Ministro da fazenda, **mas também** todo o seu séqüito **irão** participar da inauguração das obras.
Sujeito

* **Tanto** a moça **quanto** o seu pai **homenagearão** os professores do curso.
Sujeito

V – CONCORDÂNCIA DO VERBO "SER"

O verbo "SER" é, como já disse, um verbo especial. Para a gramática normativa ele é considerado, quando empregado na função de verbo de ligação, um verbo desprovido de significado, não-nocional. Em virtude desse esvaziamento semântico e da busca por uma melhor eufonia, em muitos casos o verbo SER deixará de concordar com o seu sujeito e passará a concordar com o seu predicativo. Observe agora as regras mais comuns para o emprego correto deste verbo:

a) Quando o sujeito é representado pelos pronomes neutros "tudo, isto, aquilo, o", o verbo SER poderá concordar tanto com o seu sujeito quanto com o seu predicativo:

* Como se sabe, nem tudo na vida **é / são** flores.

* **O** que ele mais admira em você **é / são** seus belos olhos verdes.

b) Quando o sujeito é formado por um substantivo e o predicativo também é um substantivo, ambos indicando coisas, o verbo SER poderá concordar tanto com o sujeito quanto com o predicativo:

* A maior parte de todo o problema **era / eram** fricotes da moça.

* A cama dele sempre **foi / foram** restos de jornais velhos.

c) Quando o sujeito for representado por uma pessoa – sujeito personativo –, o verbo SER deverá obrigatoriamente concordar com este sujeito.

* **Milena era** as alegrias de toda a família.

* A **criancinha** doente **é** as preocupações de seus pais.

d) Quando o verbo SER fizer parte de uma expressão que indica quantidade (peso, medida, preço), ele sempre ficará no singular.

* Duzentos gramas de presunto **é pouco** para a lasanha.

* Dez mil reais **fora** o bastante para ele comprar um bom automóvel.

e) Quando o sujeito ou o predicativo é representado por um pronome do caso reto, o verbo SER obrigatoriamente concordará com esse pronome.

* **Ele** sempre **foi** os olhos da família.

* Nesta terra, o chefe **sois vós**.

f) Quando o verbo SER fizer parte de locuções que indiquem tempo ou distância, ele obrigatoriamente concordará, embora seja impessoal, com a expressão numérica que acompanha tais locuções:

* Entre 1964 e 1985 **foram vinte e um** anos de muita repressão.

* Já **devem ser**, pela posição do sol, **umas cinco horas** da tarde.

g) Quando o verbo SER fizer parte da locução expletiva ou de realce "**É QUE**", ele permanece invariável.

* **É** nas horas difíceis **que** se conhecem os verdadeiros amigos.

* Na realidade os homens **é que** deveriam se amar mais uns aos outros.

h) Quando o sujeito é formado por um pronome interrogativo **QUE** ou **QUEM**, o verbo SER concordará obrigatoriamente com o seu predicativo.

* Quem **foram os culpados** por esta desordem?

* Que **horas são** agora, por favor?

VI - PARTE ESPECIAL

A CONCORDÂNCIA COM O SUJEITO ORACIONAL

Um dos pontos bastante explorado pelas bancas examinadoras é a concordância com o sujeito oracional. Acompanhe o desenvolvimento abaixo:

* **São** fundamentais **as assinaturas dos sócios no contrato**.
Verbo concorda com o sujeito Sujeito simples

* **É** fundamental **que os sócios assinem o contrato**.
Verbo concorda na Sujeito oracional
3ª pessoa do singular

Regra geral: O verbo sempre concordará na terceira pessoa do singular com o sujeito oracional.

Testes de concursos (Públicos e Vestibulares)

1. O verbo concorda em número e pessoa com o sujeito. Portanto não está correta a alternativa:

   a. Faltam ainda seis meses para o vencimento.
   b. Existem fortes indícios de melhoria geral.
   c. Não provém daí os males sofridos.
   d. Os fatos que perturbam são bem poucos.
   e. Serão considerados válidos tais argumentos?

2. Em uma das frases apresentadas nas opções seria correta a variação da concordância verbal. Assinale-a.:

   a. “A presença do Capitão-General causou grande rebuliço na sala.”
   b. “Bastavam-lhe a paz, a promessa”.
   c. “De nada valeram as lágrimas de Mariana, os gritos da mãe, os ataques do pai”.
   d. “As coisas eram tristes, frias e silenciosas, opacas e duras.”
   e. “Meu Deus, agora trouxeram flores, grandes vasos de flores”.

3. Nas cinco alternativas, há duas concordâncias verbais erradas. Identifique-as:

   a. Margarida, e vossa tia seguireis primeiro.
   b. Eu, tu e nossos amigos iremos no mesmo avião.
   c. Tu e meus amigos ireis no mesmo trem.
   d. Tu e meus amigos irão no mesmo trem.
   e. V. Exa., eles e aqueles garotos seguireis depois.

4. Indique a alternativa correta:

   a. Tratavam-se de questões fundamentais.
   b. Comprou-se terrenos no subúrbio.
   c. Precisam-se de datilógrafas.
   d. Reformaram-se terrenos
   e. Obedeceram-se aos severos regulamentos.

5. Num dos provérbios abaixo a concordância prescrita pela gramática foi desrespeitada. Indique-a:

   a. Não se apanham moscas com vinagre.
   b. Casamento e mortalha no céu se talha
   c. Quem ama o feio, bonito lhe parece.
   d. De boas ceias, as sepulturas estão cheias
   e. Quem cabras não tem e cabritos vende, de algum lugar lhe vêm.

6. Indique a alternativa gramaticalmente incorreta:

   a. Deram duas horas.
   b. O relógio deu duas horas.
   c. Tinha soado seis horas.
   d. Bateu uma hora.
   e. O sino bateu duas horas.

7. Assinale a opção em que a lacuna pode ser preenchida por qualquer das duas formas verbais indicadas entre parênteses.

   a. Um dos seus sonhos ________ morrer na terra natal. (era, eram)
   b. Aqui não _____________ os sítios onde eu brincava. (existe – existem)
   c. Uma porção de sabiás ________________________________ na laranjeira (cantava, cantavam)
   d. Não __________ em minha terra belezas naturais. (falta, faltam)
   e. Sou eu que ___________morrer ouvindo o canto do sabiá (quero, quer)

8. Marque as alternativas certas quanto à concordância verbal:

   a. Fomos nós quem se responsabilizou pela operação de resgate
   b. Os estudantes somos, em geral, muito vibradores.
   c. Os jovens parece ficarem cônscios da responsabilidade de votar.
   d. Quando cuidamos, restava apenas alguns objetos imprestáveis.
   e. Não sabemos quais de nós deve se submeter ao concurso.

9. A concordância verbal incorreta é:

   a. **Os lusíadas** imortalizaram Camões.
   b. Quais de vós ireis à escola?
   c. Outrora poderia existir opiniões diferentes sobre o assunto.
   d. Quem de nós pagará as despesas.

10. Qual das duas é correta: “Sou um dos cidadãos brasileiros que mais trabalha.” ou “Sou um dos cidadãos brasileiros que mais trabalham.”
    R. ____

11. Assinale quando houver concordância errada:

    a. Nem um nem outro renegaram a fé.
    b. Nem um nem outro apareceu
    c. Mais de um constituinte votou a favor do projeto
    d. Mais de um constituinte cumprimentaram-se com efusão.
    e. n.d.a.

12. Qual das orações é correta: “As estrelas perece brilharem.” ou “As estrelas parecem brilhar.”?

    R. ____

13. Reescreva as frases, substituindo **existir** por **haver** e vice-versa:
    a. “**Existiam** jardins e manhãs naquele tempo: **havia** paz em toda parte.”
    b. “Se **existissem** mais homens honestos, não **haveria** tantas brigas por justiça.”

    Respostas:
    a. ____

    ____

    b. ____

    ____

14. Não _________ meios de avisá-los de que já ________ fazer anos que __________ em nosso estoque esses livros.

    a. Houve – deve – faltam.
    b. Houve – devem – falta.
    c. Houve -- devem – faltam.
    d. Houveram – devem – faltam.
    e. Houveram – deve – falta

15. _______________dez horas que se _________ iniciado os trabalhos de apuração dos votos sem que se ______________quais seriam os candidatos vitoriosos.

    a. Fazia – haviam – previsse
    b. Faziam – haviam – prevesse
    c. Fazia – havia – previsse
    d. Faziam – havia – previssem
    e. Fazia – haviam – previssem

16. Assinale a alternativa abaixo, cuja seqüência enumera **corretamente** as frases:

    (1) Concordância verbal **correta**.
    (2) Concordância verbal **incorreta**.

    ( ) Ireis de carro tu, vossos primos e eu.
    ( ) O pai ou o filho assumirá a direção do colégio.
    ( ) Mais de um dos candidatos se insultaram.
    ( ) Os meninos parecem gostarem dos brinquedos.
    ( ) Faz dez anos todos esses fatos.

    a. 1, 2, 2, 2, 1
    b. 2, 2, 2, 1, 2
    c. 1, 1, 2, 1, 1
    d. 1, 2, 1, 1, 2
    e. 2, 1, 1, 2, 1

17. Passe para o plural:

    Houve uma conversa meio longa.
    ____
    ____

18. Indique a alternativa correta

   a. A pátria não é ninguém: são todos.
   b. Se não vier as chuvas, como faremos?
   c. É precaríssima as condições do prédio.
   d. Vossa Senhoria vos preocupais demasiadamente com a vossa imagem

19. Assinale a opção correta:

   a. Mais de um retirante se afastou do serviço.
   b. Qual de vós sabeis o destino do retirante?
   c. Podem haver, no campo, dias horríveis.
   d. Espera-se dias mais propícios.
   e. n.d.a.

GABARITO:

1. **C**
2. **B**
3. **A e E**
4. **D**
5. **B**
6. **C**
7. **C**
8. **A e C**
9. **C**
10. **Ambas estão corretas**
11. **E**
12. **Ambas estão corretas**
13. **a) havia – existia**
    b) houvesse – existiriam

15. A
16. E
17. E
18. Houve umas conversas meio longas.
19. A
20. A

Língua Portuguesa – começando do ZERO

Apostila 10 (Teoria essencial)

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA

A CONCORDÂNCIA VERBAL

I – REGRA GERAL DE CONCORDÂNCIA VERBAL

→ O verbo concorda em número (singular ou plural) e em pessoa (1ª, 2ª ou 3ª) com o seu sujeito simples.

* O **pensamento** dos novos filósofos contemporâneos não **se antepõe** ao pensamento grego.
Núcleo do sujeito – 3ª P.Singular verbo na 3ª P. do singular

* Grandes golpes **sofreram** nossos **antepassados** quando muitas **doenças** **assolaram** cidades inteiras.
Verbo na 3ª p. plural núcleo do sujeito núcleo do sujeito verbo na 3ª p. do plural

* Do Norte e Nordeste brasileiro, **advieram**, nas décadas de 60 e 70, muitos **imigrantes** para São Paulo.
Verbo na 3ª p. plural núcleo do sujeito na 3ª p. plural

II — SUJEITO FORMADO POR PESSOAS GRAMATICAIS DIFERENTES

Regra: Quando o sujeito é formado por pessoas gramaticais diferentes, obedece-se à seguinte lei de prevalência:

* **1ª pessoa** + **2ª pessoa** = 1ª pessoa do plural (a primeira prevalece sobre a segunda) → NÓS

* **1ª pessoa** + **3ª pessoa** = 1ª pessoa do plural (a primeira prevalece sobre a terceira) → NÓS

* **2ª pessoa** + **3ª pessoa** = 2ª pessoa do plural (a segunda prevalece sobre a terceira) → VÓS

* **Resumindo**: A primeira pessoa prevalece sobre as demais e a segunda pessoa prevalece sobre a terceira.

* O **Ministro** dos Esportes e **eu**, na próxima semana, **inauguraremos** um novo estádio de futebol.
sujeito composto por pessoas gramaticais diferentes verbo na 1ª pessoa do plural

* Vossa **tia** e **tu**, quando toda a comitiva chegar, **devíeis** providenciar imediatamente um local para descanso.
sujeito composto por pessoas gramaticais diferentes verbo na 2ª pessoa do plural

III – REGRAS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA VERBAL COM O SUJEITO SIMPLES

1. Quando o sujeito é formado por **expressões partitivas** (uma parte de, a metade de, o grosso de, um grande número de, uma porção de, a maioria de etc) o verbo deverá concordar, no singular, com o núcleo dessas expressões ou com o termo da expressão explicativa ou especificativa que as acompanha.

* Boa **parte** dos **inscritos** no último concurso **irá / irão** realizar a prova no centro da cidade.
sujeito

* Grande **número** de **automóveis** **circula / circulam** nas principais capitais brasileiras.
sujeito

2. Quando o sujeito é formado por **numerais percentuais** ou **fracionários** seguidos de uma especificação, o verbo poderá concordar tanto com o numeral quanto com a expressão especificativa.

* **32%** de todo o **dinheiro** arrecadado { **será doado** / **serão doados** } para instituições de caridade.
sujeito

* **8,6%** dos **entrevistados** **alegaram** que não gostam de comprar a prazo.
sujeito

3. Quando o sujeito é formado por expressões que indicam quantidade aproximada (cerca de, perto de, mais de, menos de, coisa de, obra de, passante de etc) seguidas de um numeral, o verbo concordará com este numeral que acompanha as expressões.

* Perto de **quinze** manifestantes **se aglomeraram** em frente ao Palácio do Planalto.
sujeito

* Mais de **vinte** alunos **foram** reprovados neste ano em nossa escola.
sujeito

4. Com a expressão **"Mais de um"** o verbo deverá ficar, portanto, no singular.

* A polícia percebeu que mais de **um** bandido **se escondia** na mata.
sujeito

* Mais de **uma** criança **se entreteve** com o novo brinquedo que fora colocado no salão de jogos.
sujeito

Observações:

a) Caso a expressão "Mais de um" apareça repetida ou venha acompanhada de um verbo que indique reciprocidade, a concordância será feita no plural.

* **Mais de um** interventor, **mais de um** advogado, **mais de um** engenheiro **compareceram** ao prédio que ruiu.
sujeito composto – expressão "mais de um" aparece repetida

* Mais de um deputado **se agrediram** na última sessão plenária.
sujeito verbo indica reciprocidade

6. Quando o sujeito é a expressão "**um dos que**", o verbo poderá concordar, na maioria dos casos, tanto no singular quanto no plural.

* Ele foi um dos alunos que mais { **se destacou** / **se destacaram** } neste ano.

7. Quando o sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido no plural (**Quais, Quantos, Alguns, Poucos, Muitos, Quaisquer** etc), seguido de uma das expressões "**de nós**" ou "**de vós**", o verbo poderá concordar tanto com o pronome interrogativo, indefinido ou demonstrativo quanto com os pronomes "nós" ou "vós".

* Certamente muitos de vós {
proporão
proporeis
mudanças para a nossa administração.

* Eles perceberam que quaisquer de nós {
poderiam
poderíamos
resolver aquela situação.

Observação importante:

a) Se o pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido estiver no singular (Qual, Algum, Qualquer etc), o verbo obrigatoriamente ficará no singular.

* **Quem** de nós, na mesma situação, não **agiria** daquele jeito?

* **Qual** de vós **conhece** o segredo do cofre?

8. Quando o sujeito é o pronome relativo "**QUE**", o verbo concordará com o termo antecedente.

* De repente, apareceram muitos companheiros **que** apoiaram de imediato o protesto.

* Fomos nós **que** propiciamos todo aquele contratempo.

10. Quando o sujeito é formado por nomes próprios que só existem no plural (Estados Unidos, Andes, Patos, Minas Gerais, Alagoas, por exemplo), o verbo ficará no singular se estes nomes não vierem precedidos de artigo ou se o artigo estiver no singular. Caso apareça um artigo no plural, a concordância será feita no plural.

* Estados Unidos ainda não **encontrou** uma saída para o Iraque.

* Ilhéus sempre **foi** uma bela cidade para o turismo.

* **O** Marrocos sempre **encanta** os turistas que por lá passam.

Observação: Caso o nome no plural se refira a uma obra artística ou literária, tanto o singular quanto o plural são corretos para o verbo da concordância.

* "Os Lusíadas" {
imortalizaram
imortalizou
Luis Vaz de Camões.

* "Os Sertões" de Euclides da Cunhas {
representaram
representou
um marco para a Literatura brasileira.

11. Quando o sujeito é formado por um substantivo coletivo seguido de uma especificação, o verbo poderá concordar tanto o coletivo quanto com a especificação.

* Um grupo de arruaceiros {
invadiu
invadiram
várias lojas no centro da cidade.

* Um bando de aves selvagens {
sobrevoava
sobrevoavam
a cidade naquele instante.

12. Os verbos "**dar**, **bater** e **soar**", por serem pessoais, concordam com os seus respectivos sujeitos.

* Já **bateram** nos relógios da cidade as horas necessárias para o início do evento.
sujeito

* **Soou** uma hora da tarde no sino da igreja.
sujeito

13. O pronome apassivador “SE” exige que o verbo (transitivo direto ou transitivo direto e indireto) concorde com o seu sujeito passivo.

* **Transmitiram**-se-lhe novas informações sobre o caso investigado pela Polícia Federal.
VTDI sujeito passivo

* **Desfizeram**-se todas as dúvidas quando se **apresentaram** as novas provas.
VTD sujeito passivo VTD sujeito passivo

14. Os verbos intransitivos, os transitivos indiretos e os de ligação associados a um pronome “SE” ficam na terceira pessoa do singular. O “SE” funcionará como **“índice de indeterminação do sujeito”.**

* Nunca mais **se falou** do esfacelamento do império russo.
IIS VTI

* **Assistiu**-**se** a muitos filmes nestas férias.
VTI IIS

IV – REGRAS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA VERBAL COM O SUJEITO COMPOSTO

Regra geral: O sujeito composto exige o verbo da concordância no plural.

* Todos os argumentos e todas as formas de intervenção **foram utilizadas** para mudar o pensamento dele.
sujeito composto verbo na 3ª pessoa do plural

* O líder comunitário e todas as mulheres ofendidas com a ação do marginal **deporão** na delegacia mais próxima.
sujeito composto verbo na 3ª pessoa do plural

Regras especiais com o sujeito composto

1. Quando o **sujeito composto vier posposto ao verbo**, é lícito que se concorde com o núcleo mais próximo desse sujeito ou, como nos orienta a regra geral, com ambos os núcleos.

* Das indagações do novo funcionário **adveio** / **advieram** uma nova idéia para a equipe e uma nova forma de pensar a empresa.
sujeito composto posposto ao verbo

* Não **convém** / **convêm** aos iniciantes na carreira advocatícia nem a liberalidade dos anarquistas nem a seriedade dos monges.
sujeito composto posposto ao verbo

2. Quando o **sujeito composto é resumido por um pronome indefinido** (tudo, toda, nada, ninguém, cada um etc), o verbo concordará com este pronome resumitivo.

* O mar, os céus, a terra, **tudo apregoa** a glória de Deus.
pronome resumitivo

* Doenças, desemprego, morte na família, **nada** o **fazia** pensar sobre a vida.
pronome resumitivo

3. Quando os **núcleos do sujeito são infinitivos** não precedidos de determinante, o verbo concordará na terceira pessoa do singular.

* **Fazer** exercícios regulares e **dormir** oito horas diárias **faz** bem à saúde.
sujeito composto cujos núcleos são infinitivos

* **Fumar** e **beber** em ambiente de trabalho **é** terminantemente proibido.
sujeito composto cujos núcleos são infinitivos

4. Quando os **núcleos do sujeito são ligados por "OU"**, devem-se observar as seguintes orientações:

a) Se houver idéia de exclusão ou de sinonímia ➔ o verbo concordará com o núcleo do sujeito mais próximo
b) Se houver idéia de inclusão ➔ o verbo concordará com ambos os núcleos
c) Se houver idéia de retificação ➔ o verbo concordará com o núcleo do sujeito mais próximo

* Toda a empresa está certa de que ele **ou** tu **serás** o novo presidente.
A partícula indica exclusão

* Guará **ou** Guaratinguetá sempre **foi** uma excelente cidade para o turismo.
A partícula indica sinonímia

* João Paulo **ou** André **casará** com a filha do prefeito.
A partícula indica exclusão

* Laranja **ou** abacaxi após o almoço fazem bem à digestão.
A partícula indica inclusão

5. Quando o **sujeito é formado pela expressão "um ou outro"**, o verbo da concordância fica obrigatoriamente no singular.

* Você não dá esmolas, mas um ou outro amigo seu **dá**.

* Acredito que uma ou outra camisa lhe **fica** muito bem.

6. Quando o **sujeito é formado pelas expressões "Um e outro" ou "Nem um nem outro"**, embora haja uma preferência para o plural, a concordância poderá ser feita tanto no singular quanto no plural.

* Não adianta correr, pois nem um nem outro **escapará** / **escaparão**.

* Um e outro participante da maratona **alegou** / **alegaram** que houve fraude na competição.

7. Quando **os núcleos do sujeito são unidos por "Nem... nem..."**, o verbo da concordância poderá ficar tanto no singular quanto no plural.

* Nem o Sport nem o Náutico **ganhará / ganharão** o torneio este ano.

* Nem honra, nem desonra, nem alegria, nem tristeza o **faziam** / **fazia** chorar.

8. Quando **os núcleos do sujeito são unidos pela preposição "COM"**, o verbo da concordância poderá ficar no singular ou no plural.

* O amigo **com** os seus melhores colegas **foi** / **foram** tomar satisfações com o outro grupo em virtude do ocorrido.

* Ele ficou sabendo que o bandido **com** vários de seus comparsas **tentariam** / **tentaria** invadir a fábrica à noite.

9. Quando os **núcleos do sujeito vierem unidos pela conjunção "como"**, embora haja a preferência para o plural, o verbo da concordância poderá ficar no singular ou no plural.

* A tarifa de energia elétrica **como** a da água e esgoto **subiu** / **subiram** de preço esta semana.
sujeito

* A criança **como** o adulto só **aprende** / **aprendem** na vida quando se está diante de uma dificuldade.
Sujeito

10. Quando os núcleos do sujeito vierem ligados por conjunções correlatas (Não só... mas também; Não só... bem como; Não só... mas também; Tanto... quanto; Tanto... como etc), o verbo vai para o plural.

* **Não só** o Ministro da fazenda, **mas também** todo o seu séqüito **irão** participar da inauguração das obras.
Sujeito

* **Tanto** a moça **quanto** o seu pai **homenagearão** os professores do curso.
Sujeito

V – CONCORDÂNCIA DO VERBO "SER"

O verbo "SER" é, como já disse, um verbo especial. Para a gramática normativa ele é considerado, quando empregado na função de verbo de ligação, um verbo desprovido de significado, não-nocional. Em virtude desse esvaziamento semântico e da busca por uma melhor eufonia, em muitos casos o verbo SER deixará de concordar com o seu sujeito e passará a concordar com o seu predicativo. Observe agora as regras mais comuns para o emprego correto deste verbo:

a) Quando o sujeito é representado pelos pronomes neutros "tudo, isto, aquilo, o", o verbo SER poderá concordar tanto com o seu sujeito quanto com o seu predicativo:

* Como se sabe, nem tudo na vida **é / são** flores.

* **O** que ele mais admira em você **é / são** seus belos olhos verdes.

b) Quando o sujeito é formado por um substantivo e o predicativo também é um substantivo, ambos indicando coisas, o verbo SER poderá concordar tanto com o sujeito quanto com o predicativo:

* A maior parte de todo o problema **era / eram** fricotes da moça.

* A cama dele sempre **foi / foram** restos de jornais velhos.

c) Quando o sujeito for representado por uma pessoa – sujeito personativo –, o verbo SER deverá obrigatoriamente concordar com este sujeito.

* **Milena era** as alegrias de toda a família.

* A **criancinha** doente **é** as preocupações de seus pais.

d) Quando o verbo SER fizer parte de uma expressão que indica quantidade (peso, medida, preço), ele sempre ficará no singular.

* Duzentos gramas de presunto **é pouco** para a lasanha.

* Dez mil reais **fora** o bastante para ele comprar um bom automóvel.

e) Quando o sujeito ou o predicativo é representado por um pronome do caso reto, o verbo SER obrigatoriamente concordará com esse pronome.

* **Ele** sempre **foi** os olhos da família.

* Nesta terra, o chefe **sois vós**.

f) Quando o verbo SER fizer parte de locuções que indiquem tempo ou distância, ele obrigatoriamente concordará, embora seja impessoal, com a expressão numérica que acompanha tais locuções:

* Entre 1964 e 1985 **foram vinte e um** anos de muita repressão.

* Já **devem ser**, pela posição do sol, **umas cinco horas** da tarde.

g) Quando o verbo SER fizer parte da locução expletiva ou de realce "**É QUE**", ele permanece invariável.

* **É** nas horas difíceis **que** se conhecem os verdadeiros amigos.

* Na realidade os homens **é que** deveriam se amar mais uns aos outros.

h) Quando o sujeito é formado por um pronome interrogativo **QUE** ou **QUEM**, o verbo SER concordará obrigatoriamente com o seu predicativo.

* Quem **foram os culpados** por esta desordem?

* Que **horas são** agora, por favor?

VI - PARTE ESPECIAL

A CONCORDÂNCIA COM O SUJEITO ORACIONAL

Um dos pontos bastante explorado pelas bancas examinadoras é a concordância com o sujeito oracional. Acompanhe o desenvolvimento abaixo:

* **São** fundamentais **as assinaturas dos sócios no contrato**.
Verbo concorda com o sujeito Sujeito simples

* **É** fundamental **que os sócios assinem o contrato**.
Verbo concorda na 3ª pessoa do singular Sujeito oracional

Regra geral: O verbo sempre concordará na terceira pessoa do singular com o sujeito oracional.

Testes de concursos (Públicos e Vestibulares)

1. O verbo concorda em número e pessoa com o sujeito. Portanto não está correta a alternativa:

    a. Faltam ainda seis meses para o vencimento.
    b. Existem fortes indícios de melhoria geral.
    c. Não provém daí os males sofridos.
    d. Os fatos que perturbam são bem poucos.
    e. Serão considerados válidos tais argumentos?

2. Em uma das frases apresentadas nas opções seria correta a variação da concordância verbal. Assinale-a.:

    a. “A presença do Capitão-General causou grande rebuliço na sala.”
    b. “Bastavam-lhe a paz, a promessa”.
    c. “De nada valeram as lágrimas de Mariana, os gritos da mãe, os ataques do pai”.
    d. “As coisas eram tristes, frias e silenciosas, opacas e duras.”
    e. “Meu Deus, agora trouxeram flores, grandes vasos de flores”.

3. Nas cinco alternativas, há duas concordâncias verbais erradas. Identifique-as:

    a. Margarida, e vossa tia seguireis primeiro.
    b. Eu, tu e nossos amigos iremos no mesmo avião.
    c. Tu e meus amigos ireis no mesmo trem.
    d. Tu e meus amigos irão no mesmo trem.
    e. V. Exa., eles e aqueles garotos seguireis depois.

4. Indique a alternativa correta:

    a. Tratavam-se de questões fundamentais.
    b. Comprou-se terrenos no subúrbio.
    c. Precisam-se de datilógrafas.
    d. Reformaram-se terrenos
    e. Obedeceram-se aos severos regulamentos.

5. Num dos provérbios abaixo a concordância prescrita pela gramática foi desrespeitada. Indique-a:

    a. Não se apanham moscas com vinagre.
    b. Casamento e mortalha no céu se talha
    c. Quem ama o feio, bonito lhe parece.
    d. De boas ceias, as sepulturas estão cheias
    e. Quem cabras não tem e cabritos vende, de algum lugar lhe vêm.

6. Indique a alternativa gramaticalmente incorreta:

    a. Deram duas horas.
    b. O relógio deu duas horas.
    c. Tinha soado seis horas.
    d. Bateu uma hora.
    e. O sino bateu duas horas.

7. Assinale a opção em que a lacuna pode ser preenchida por qualquer das duas formas verbais indicadas entre parênteses.

    a. Um dos seus sonhos ________ morrer na terra natal. (era, eram)
    b. Aqui não _____________ os sítios onde eu brincava. (existe – existem)
    c. Uma porção de sabiás ________________________________ na laranjeira (cantava, cantavam)
    d. Não __________ em minha terra belezas naturais. (falta, faltam)
    e. Sou eu que ___________morrer ouvindo o canto do sabiá (quero, quer)

8. Marque as alternativas certas quanto à concordância verbal:

    a. Fomos nós quem se responsabilizou pela operação de resgate
    b. Os estudantes somos, em geral, muito vibradores.
    c. Os jovens parece ficarem cônscios da responsabilidade de votar.
    d. Quando cuidamos, restava apenas alguns objetos imprestáveis.
    e. Não sabemos quais de nós deve se submeter ao concurso.

9. A concordância verbal incorreta é:

    a. **Os lusíadas** imortalizaram Camões.
    b. Quais de vós ireis à escola?
    c. Outrora poderia existir opiniões diferentes sobre o assunto.
    d. Quem de nós pagará as despesas.

10. Qual das duas é correta: “Sou um dos cidadãos brasileiros que mais trabalha.” ou “Sou um dos cidadãos brasileiros que mais trabalham.”
    R. ____

11. Assinale quando houver concordância errada:

    a. Nem um nem outro renegaram a fé.
    b. Nem um nem outro apareceu
    c. Mais de um constituinte votou a favor do projeto
    d. Mais de um constituinte cumprimentaram-se com efusão.
    e. n.d.a.

12. Qual das orações é correta: “As estrelas perece brilharem.” ou “As estrelas parecem brilhar.”?

    R. ____

13. Reescreva as frases, substituindo **existir** por **haver** e vice-versa:
    a. “**Existiam** jardins e manhãs naquele tempo: **havia** paz em toda parte.”
    b. “Se **existissem** mais homens honestos, não **haveria** tantas brigas por justiça.”

    Respostas:
    a. ____

    ____

    b. ____

    ____

14. Não _________ meios de avisá-los de que já ________ fazer anos que __________ em nosso estoque esses livros.

    a. Houve – deve – faltam.
    b. Houve – devem – falta.
    c. Houve -- devem – faltam.
    d. Houveram – devem – faltam.
    e. Houveram – deve – falta

15. _______________dez horas que se _________ iniciado os trabalhos de apuração dos votos sem que se ______________quais seriam os candidatos vitoriosos.

    a. Fazia – haviam – previsse
    b. Faziam – haviam – prevesse
    c. Fazia – havia – previsse
    d. Faziam – havia – previssem
    e. Fazia – haviam – previssem

16. Assinale a alternativa abaixo, cuja seqüência enumera **corretamente** as frases:

    (1) Concordância verbal **correta**.
    (2) Concordância verbal **incorreta**.

    ( ) Ireis de carro tu, vossos primos e eu.
    ( ) O pai ou o filho assumirá a direção do colégio.
    ( ) Mais de um dos candidatos se insultaram.
    ( ) Os meninos parecem gostarem dos brinquedos.
    ( ) Faz dez anos todos esses fatos.

    a. 1, 2, 2, 2, 1
    b. 2, 2, 2, 1, 2
    c. 1, 1, 2, 1, 1
    d. 1, 2, 1, 1, 2
    e. 2, 1, 1, 2, 1

17. Passe para o plural:

    Houve uma conversa meio longa.
    ____
    ____

18. Indique a alternativa correta

   a. A pátria não é ninguém: são todos.
   b. Se não vier as chuvas, como faremos?
   c. É precaríssima as condições do prédio.
   d. Vossa Senhoria vos preocupais demasiadamente com a vossa imagem

19. Assinale a opção correta:

   a. Mais de um retirante se afastou do serviço.
   b. Qual de vós sabeis o destino do retirante?
   c. Podem haver, no campo, dias horríveis.
   d. Espera-se dias mais propícios.
   e. n.d.a.

GABARITO:

1. C
2. B
3. A e E
4. D
5. B
6. C
7. C
8. A e C
9. C
10. Ambas estão corretas
11. E
12. Ambas estão corretas
13. a) havia – existia
b) houvesse – existiriam
15. A
16. E
17. E
18. Houve umas conversas meio longas.
19. A
20. A

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

MECANISMOS DE COESÃO TEXTUAL

(PARTE I)

UM TEXTO ADEQUADO É AQUELE QUE RESUME AS SEGUINTES QUALIDADES:

CORREÇÃO: implica obediência às regras gerais da língua (norma culta), ressalvando-se algumas liberdades como consequência do estilo do próprio autor. O emprego da modalidade culta aporta maior credibilidade às informações fornecidas no texto.

* **ADEQUAÇÃO:** caracteriza o uso do português brasileiro nos textos pertencentes aos discursos jornalístico e literário.

CONCISÃO: é o resultado do uso de linguagem precisa/enxuta, sem, contudo, comprometer a clareza da informação. O procedimento oposto é chamado de **prolixidade** (defeito que precisa ser evitado).

COESÃO: ocorre quando as palavras (ou termos das orações) e mesmo as orações se ligam para formar um texto. Essa ligação se dá por meio dos **mecanismos de coesão** (recursos vocabulares, sintáticos e semânticos).

COERÊNCIA: é a exata adequação entre o que o autor afirma e o que diz o próprio contexto (nesse caso, é imprescindível que o leitor conheça o assunto a que esse texto faz referência. A clareza é imprescindível para que o autor ganhe mais facilmente a adesão do leitor às suas ideias.

OBS.: Assim como a coesão está relacionada com a parte visível (superfície) do texto, a coerência está atrelada ao que se deduz do todo. Desse modo, a coerência exige uma concatenação perfeita entre as diversas frases, sempre em busca de uma unidade de sentido.

COESÃO TEXTUAL

Ao escrevermos um texto, uma das maiores preocupações é como amarrar a frase seguinte à anterior e isso só é possível se dominarmos os princípios básicos da coesão.

A cada frase enunciada, devemos ver se ela mantém um vínculo com a anterior, ou anteriores (relação anafórica) e até mesmo com a posterior, ou posteriores (relação catafórica) para não perdemos o fio do pensamento. Se não for assim, teremos apenas uma sequência de frases sem sentido, sucedendo-se umas às outras sem muita lógica, sem coerência.

O trecho que será apresentado, a seguir, foi extraído de um artigo da revista Veja, escrito por Roberto Pompeu de Toledo, sobre Ulysses Guimarães. Você irá observar que é a retomada, direta ou indireta, do nome de Ulysses que dá estabilidade ao texto, encaminhando-o numa só direção: fazer uma descrição precisa da figura desse importante político.

Neste texto, as frases estão bem amarradas porque o redator soube usar com precisão alguns recursos coesivos importantes para marcar os vínculos lógicos tanto dentro das orações quanto ao passar de uma oração para outra (veja que a coesão interna é tão importante quanto a externa). Assim, em nenhum momento ele se desvia do assunto (Ulysses Guimarães) porque se mantém atento à coesão. Veja a seguir:

"Ulysses era impressionante sob vários aspectos, o primeiro e mais óbvio dos quais era a sua própria figura. Contemplado de perto, cara a cara, ele tinha a oferecer o contraste entre as longas pálpebras, que subiam e desciam pesadas como cortinas de ferro; e os olhos claríssimos, de um azul leve como o ar. As pálpebras anunciavam profundezas insondáveis. Quando ele as abria parecia estar chegando de regiões inacessíveis, a região dentro de si mesmo onde guardava sua força."

Analisemos, então, os recursos usados por Pompeu de Toledo para manter a **coesão interna (dentro de cada oração):**

- ✓ Na primeira oração, a expressão "*vários aspectos*" já projeta o texto para adiante. A palavra *aspectos* é retomada pelo segmento "o *primeiro e mais óbvio dos quais*";
- ✓ Na segunda oração, o pronome relativo "que" retoma "as *longas pálpebras*" - *que* (as quais) *subiam e desciam*.
- ✓ Na última oração, o pronome relativo "*onde*" mantém o elo com "a *região dentro de si mesmo*"; *já* os pronomes ***si*** (dentro de **si** mesmo) e ***sua*** (sua força) reportam-se ao sujeito "*ele*" da oração "*quando **ele** as abria*".

Analisemos, agora, como o autor articula a **coesão externa (de oração para oração):**

- ✓Na segunda oração, o pronome "*ele*" retoma o nome "*Ulysses*", enunciado logo no início da primeira oração;
- ✓Na terceira oração, a expressão "As *pálpebras*" retoma "as *longas pálpebras*", da segunda oração;
- ✓Na última oração, em "*quando* ***ele as*** *abria*", *o sujeito "ele"* refere-se, mais uma vez, a "*Ulysses*" e o pronome "*as*" retoma "*pálpebras*", da frase anterior.

ATENÇÃO!!!!

Para determinar a coerência de um texto é necessário considerar o tipo de texto que está sendo analisado. Por exemplo, em um texto dissertativo, o que se põe em relevo é a capacidade do autor para relacionar os argumentos e organizá-los de forma a deles extrair conclusões apropriadas; em um texto narrativo, o que se destaca é a capacidade do autor de construir personagens e de relacionar, de forma verossímil, ações e motivações.

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

MECANISMOS DE COESÃO TEXTUAL

(PARTE I)

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Criminologia......2

Fundamentos Teóricos: Conceito, Objeto, Método e Finalidade......2

Objeto......2

Delito......2

Delinquente......3

Vítima......3

Controle social......3

Método......4

Finalidade......5

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Criminologia

Fundamentos Teóricos: Conceito, Objeto, Método e Finalidade

O termo Criminologia foi usado, pela primeira vez, em 1879, pelo antropólogo francês Paul Topinard (1830-1911). Porém, foi o jurista italiano Rafaelle Garofalo (1851-1934) quem fez uso do termo como ciência, internacionalmente, em sua obra de mesmo nome ("Criminologia", 1885). Trata-se da ciência que estuda os fenômenos criminológicos em sua causa explicativa, e não lógico-dedutiva.

Para a maior parte da doutrina, a Criminologia é uma ciência autônoma, e não apenas uma disciplina. Para Antonio García-Pablos de Molina, a Criminologia é a ciência empírica e interdisciplinar, que tem por objeto o crime, o delinquente, a vítima e o controle social do comportamento delitivo, o qual será estudado posteriormente.

A Criminologia é ciência empírica, porque é baseada na observação e na experiência, e interdisciplinar, porque se relaciona com o Direito Penal, a Biologia, a Psiquiatria, a Psicologia, a Sociologia etc.

Além disso, a Criminologia, como ciência humana e social, é dotada de leis evolutivas e flexíveis, pois está em constante mutação, divergindo assim das ciências exatas, cujas leis são imutáveis e inflexíveis, é possível sua permanente evolução com o fito de aperfeiçoamento em busca da prevenção do delito e do alcance da paz pública e social. Aqui a Criminologia se preocupa com o ser e não com o dever-ser.

Objeto

Toda ciência possui objeto próprio. Posto que a Criminologia é uma ciência, temos que conhecer (e compreender) o seu objeto.

O objeto da Criminologia é científico enquanto que o do Direito Penal é normativo. Estas duas ciências se distinguem pelo objeto e pelo método. Apesar de o Direito Penal e a Criminologia estudarem o mesmo fato, o crime, cada uma dessas ciências o faz a seu modo.

Em princípio, o objeto de estudo da Criminologia se limitava ao estudo do crime (clássicos). Posteriormente, passou ao estudo do criminoso (primórdios do positivismo). Após a Segunda Guerra Mundial é que ganhou espaço o estudo da vítima e do controle social. Atualmente, o objeto da Criminologia está dividido em quatro pilares: delito, delinquente, vítima e controle social.

OBJETO	Delito
	Delinquente
	Vítima
	Controle Social

Delito

O conceito de delito não é o mesmo para o Direito Penal e a Criminologia. Para o Direito Penal, delito é a ação ou omissão típica, ilícita e culpável. Para a Criminologia, no entanto, tal conceituação é insuficiente, sendo que o delito deve ser encarado como um fenômeno comunitário e um problema social.

Para que a conduta seja considerada crime, na Criminologia deve haver a chamada incidência aflitiva e massiva. A incidência aflitiva se confunde com a geração de dor, ou seja, o crime deve causar sofrimento. No entanto, no Direito Penal percebe-se que nem sempre isso acontece, como no caso da Lei do Couro, a qual proíbe o uso do termo "couro sintético".

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

No caso da incidência massiva, a Criminologia explica que o ato criminoso deve acontecer com certa frequência e regularidade. Mas como previsto, nem todo crime acontece com frequência, como no caso do crime de molestar cetáceo.

Por fim, a Criminologia também explicita que a conduta deve ocorrer em vários locais e não ser restrita. Além disso, deve ser mais frequente que certas "modas", ou seja, deve persistir no tempo e no espaço.

Delinquente

É a pessoa que infringe a norma penal, sem justificação e de forma reprovável. Entende-se que o delinquente (criminoso) é um ser histórico, real, complexo e enigmático. O delito foi o principal objeto de estudo da Escola Clássica. Com o surgimento da Escola Positiva, passou para a pessoa do delinquente. Na moderna Criminologia, ainda que não se tenha abandonado a pessoa do delinquente, o objeto deslocou-se para a conduta delitiva, a vítima e o controle social.

Vertentes do Conceito de Delinquente	Característica
Biológica	**Envolve fatores genéticos, psicológicos e genéticos.**
Sociológica	**Crime é fruto do meio social.**
Jurídica	**Criminoso é aquele definido por lei em condutas típicas.**
Política	**Manutenção do** *status quo* **da classe dominante.**

Vítima

Vítima é a pessoa que, individual ou coletivamente, tenha sofrido danos, inclusive lesões físicas ou mentais, sofrimento emocional, perda financeira ou diminuição substancial de seus direitos fundamentais, como consequência de ações ou omissões que violem a legislação penal vigente.

A Criminologia busca descobrir as consequências da prática do crime em relação à pessoa da vítima. Os estudos criminológicos da vítima se multiplicaram na segunda parte do século XX, tendo sido fundada nova disciplina (ciência): a Vitimologia.

Controle social

É o quarto e mais importante objeto de estudo da Criminologia. É o conjunto de instituições, estratégias e sanções sociais que pretendem promover e garantir a submissão dos indivíduos aos modelos e normas comunitárias.

→ A operacionalização do controle social se dá por meio dos agentes de controle. Estes podem ser:

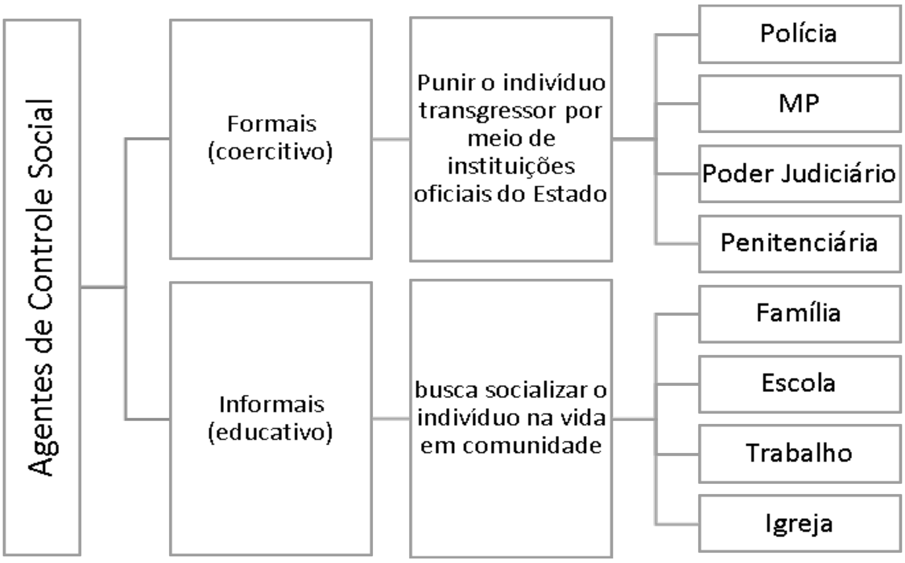
Agentes de Controle Social
Formais (coercitivo)
Punir o indivíduo transgressor por meio de instituições oficiais do Estado
Polícia
MP
Poder Judiciário
Penitenciária
Informais (educativo)
busca socializar o indivíduo na vida em comunidade
Família
Escola
Trabalho
Igreja

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Os controles formais são exercidos pelos diversos órgãos públicos que atuam na esfera criminal, como as polícias, Ministério Público, sistema penitenciário etc. Na prática, e em princípio, a polícia definitivamente possui todas as aptidões necessárias para exercer o controle social informal.

Os agentes de controle social informal correspondem ao do dia a dia das pessoas. Tratam de condicionar o indivíduo, de discipliná-los por meio de um largo e sutil processo que começa no núcleo primário (família), passando pela escola, profissão, local de trabalho, e culminando com a obtenção de sua aptidão conformista, interiorizando no indivíduo as pautas de conduta transmitidas e aprendidas (processo de socialização).

Método

Conhecido o objeto da Criminologia, parte-se para o estudo do método, isto é, o caminho, o meio, para se chegar ao conhecimento do objeto.

A palavra método vem do grego "méthodos", que significa "caminho que se deve seguir". Método é o meio pelo qual o raciocínio humano procura desvendar um fato, referente à natureza, à sociedade ou ao próprio homem. No campo da Criminologia, essa reflexão humana deve estar apoiada em bases científicas, sistematizadas por experiências, comparadas e repetidas.

O método utilizado pela Criminologia é o empírico, em que se busca a análise, bem como a observação, utilizando-se da indução para estabelecer suas regras.

Com a Escola Positiva, surgiu a fase científica da Criminologia e generalizou-se a utilização do método empírico na análise do fenômeno criminal.

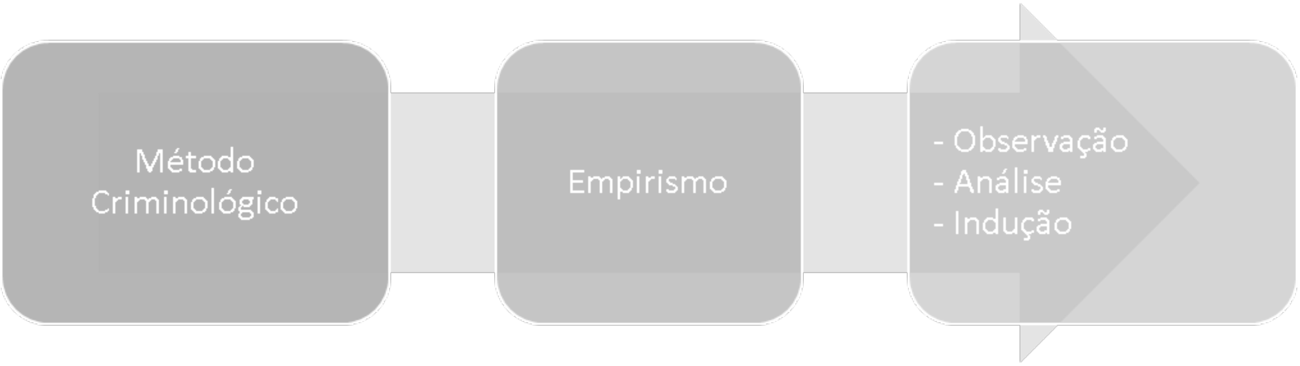

A Criminologia e o Direito Penal não se confundem. Vejamos algumas diferenças fundamentais entre estas duas ciências:

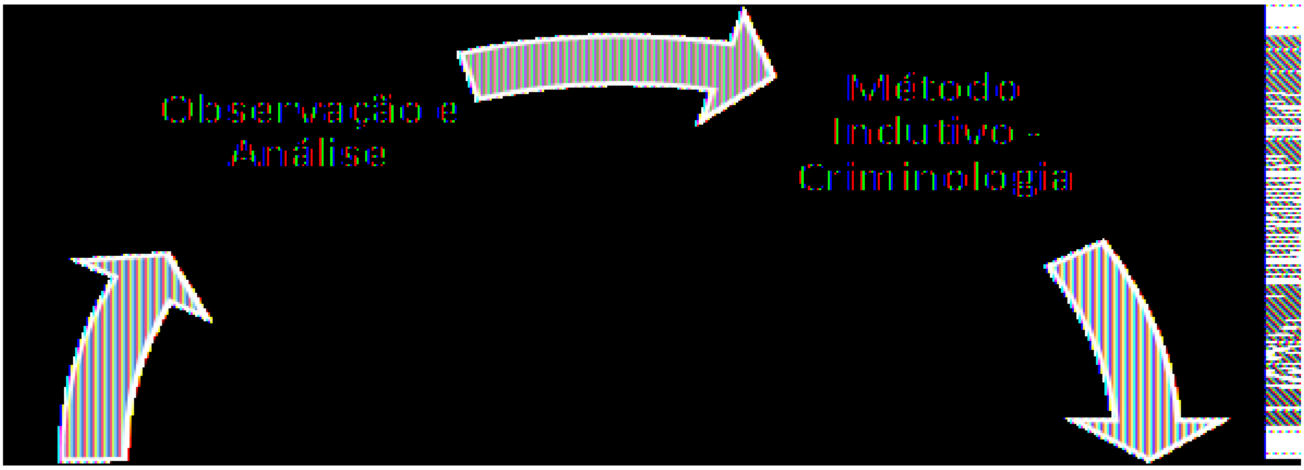

O método de investigação criminológico (indutivo) é, portanto, diverso do método utilizado pelo Direito Penal (dedutivo). Segue esquema que elucida os dois métodos:

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

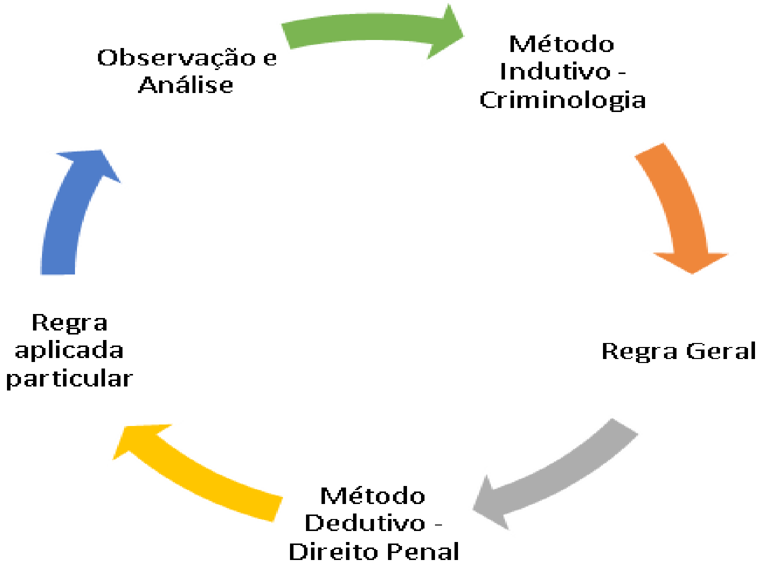
Observação e Análise
Método Indutivo - Criminologia
Regra Geral
Método Dedutivo - Direito Penal
Regra aplicada particular

→ A dedução é um tipo de raciocínio que parte de uma proposição geral (referente a todos os elementos de um conjunto) e conclui com uma proposição particular (referente à parte dos elementos de um conjunto), que se apresenta como necessária, ou seja, que deriva logicamente das premissas. Vejamos dois exemplos:

- Todo metal é dilatado pelo calor. (Premissa maior)
- Ora, a prata é um metal. (Premissa menor)
- Logo, a prata é dilatada pelo calor. (Conclusão)

A indução consiste em afirmar acerca de todos, aquilo que foi possível observar em alguns. Ou seja, por meio de uma amostra definimos uma teoria genérica, incluindo elementos que não faziam parte dessa amostra/estudo. A indução faz a generalização, isto é, cria proposições universais a partir de proposições particulares. É, portanto, uma forma de raciocínio pouco credível e muito mais susceptível de refutação.

Exemplo: Pedro joga basquete e é alto.

- Portanto, todo jogador de basquete é alto.

***CUIDADO**! Não se deve confundir método empírico com método experimental. O método experimental é um método empírico, de observação, mas nem todo método empírico é experimental.

Finalidade

→ A Criminologia tem como finalidades básicas os seguintes tópicos:

- Informar a sociedade e os poderes constituídos acerca do delito e do delinquente, da vítima e do controle social.
- Lutar contra a criminalidade (controle e prevenção criminal).

Verifica-se, portanto, que a Criminologia tem como finalidade uma análise completa do fato criminoso, abordando todos os seus aspectos (contexto) e não apenas o crime em si, buscando, ainda, compreender cientificamente o problema criminal, preveni-lo e intervir com eficácia e de modo positivo no homem delinquente.

Vale ressaltar que a Criminologia hoje estuda o crime como fato biopsicossocial e o criminoso em sua integralidade, considerando a vida e o histórico social, biológico, psicológico e psiquiátrico do indivíduo, não ficando adstrito ao terreno científico.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

EXERCÍCIOS

01. A Criminologia dos dias atuais:

- ***a)*** é uma ciência empírica, interdisciplinar, multidisciplinar e integrada.
- ***b)*** é uma ciência jurídica, autônoma, não controlável e sistematizada.
- ***c)*** não é considerada uma ciência, mas parte do Direito Penal.
- ***d)*** não é considerada uma ciência, mas parte da Sociologia.
- ***e)*** não é considerada uma ciência, mas parte da Antropologia.

02. Contemporaneamente, a Criminologia é conceituada como

- ***a)*** uma ciência empírica e social que estuda o criminoso, a pena e o controle social.
- ***b)*** uma ciência empírica e multidisciplinar que estuda as formas como os crimes são cometidos.
- ***c)*** uma ciência empírica e interdisciplinar que estuda o crime, o criminoso, a vítima e o controle social.
- ***d)*** uma ciência jurídica e interdisciplinar que estuda as formas como os crimes são cometidos.
- ***e)*** uma ciência jurídica e multidisciplinar que estuda o crime, o criminoso, a pena e a vítima.

03. Constituem objeto de estudo da Criminologia

- ***a)*** o delinquente, a vítima, o controle social e o empirismo.
- ***b)*** o delito, o delinquente, a interdisciplinaridade e o controle social
- ***c)*** o delito, o delinquente, a vítima e o controle social.
- ***d)*** o delinquente, a vítima, o controle social e a interdisciplinaridade.
- ***e)*** o delito, o delinquente, a vítima e o método.

04. Enquanto a Criminologia pode ser identificada como a ciência que se dedica ao estudo do crime, do criminoso e dos fatores da criminalidade, a Vitimologia tem por objeto o estudo da vítima e de suas peculiaridades, sendo considerada por alguns autores como ciência autônoma.

Certo ( ) Errado ( )

GABARITO

01 – A

02 – C

03 – C

04 – CERTO

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Relato Pessoal

Modalidade textual que apresenta uma narração sobre um fato ou acontecimento marcante da vida de uma pessoa, destacando suas emoções e sentimentos

Características

- ☆ Textos narrados em 1ª pessoa;
- ☆ Verbos no presente e em grande parte no pretérito (passado);
- ☆ Caráter subjetivo;
- ☆ Experiências pessoais;
- ☆ Presença de emissor e receptor.

Elementos

Ao produzir um relato pessoal é essencial estar atentos a alguns pontos.

Quem? Narrador e personagens

Como? De que maneira aconteceu.

Por quê? O que causou o fato.

Quando? Tempo.

O quê? Fato que aconteceu

Estrutura

Título Ainda que não seja necessário, geralmente aborda o tema que será tratado no texto.

Tema É importante delimitá-lo, seja um evento que ocorreu, uma fase da vida, uma conquista, uma superação, ou até mesmo uma história triste.

Introdução Pequeno trecho em que se apresenta a ideia do que se vai relatar.

Contexto Apresentação dos fatos que serão narrados. Obedece à sequência cronológica em que eles ocorreram.

Desfecho É extremamente importante pensar numa conclusão para seu relato, seja uma questão que surgiu com a escrita, ou mesmo uma sugestão para as pessoas enfrentam tal problema.

Relato oral: presença da oralidade com uma linguagem mais descontraída.
Relato escrito: linguagem formal é utilizada seguindo as normas da língua como concordâncias, pontuação, ortografia, dentre outros

Fique Ligado

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Classe de Palavras 2
Pronomes Pessoais 2
Pronomes Possessivos 3
Pronomes Demonstrativos 3
Pronomes Indefinidos 4

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Classe de Palavras

CONCEITO: palavra que está em função do nome (substantivo) e que pode substituí-lo (retomando-o) ou referir-se a ele.

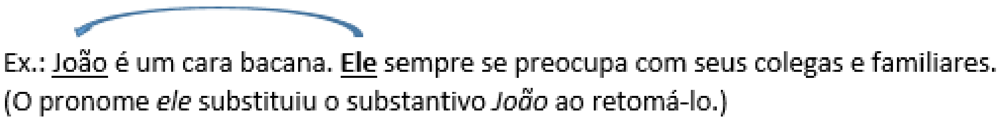

Ex.: João é um cara bacana. **Ele** sempre se preocupa com seus colegas e familiares.
(O pronome *ele* substituiu o substantivo *João* ao retomá-lo.)

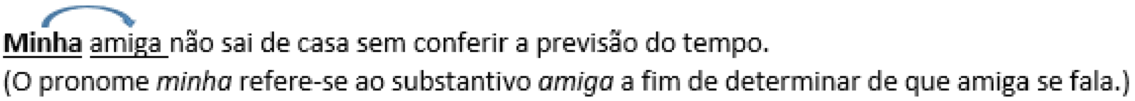

Minha amiga não sai de casa sem conferir a previsão do tempo.
(O pronome *minha* refere-se ao substantivo *amiga* a fim de determinar de que amiga se fala.)

Há seis tipos de pronomes: *pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, relativos* e *interrogativos.*

Pronomes Pessoais

→ **Do caso RETO:**

- Exercem função de sujeito.
- Substituem o nome.
- Determinam as pessoas do discurso.

PESSOAS DO DISCURSO					
1ª pessoa do singular	2ª pessoa do singular	3ª pessoa do singular	1ª pessoa do plural	2ª pessoa do plural	3ª pessoa do plural
EU	TU	ELE(A)	NÓS	VÓS	ELES(AS)

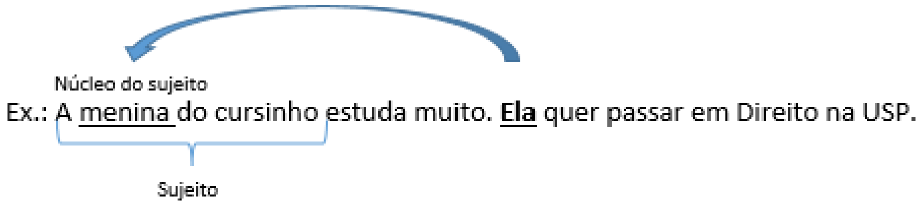

Núcleo do sujeito

Ex.: A menina do cursinho estuda muito. **Ela** quer passar em Direito na USP.

Sujeito

→ **Do caso OBLÍQUO:**

- Exercem função de objeto (complemento) de um verbo.
- Substituem o nome.
- Determinam as pessoas do discurso.

PESSOAS DO DISCURSO					
1ª pessoa do singular	2ª pessoa do singular	3ª pessoa do singular	1ª pessoa do plural	2ª pessoa do plural	3ª pessoa do plural
ME, MIM, COMIGO.	TE, TI, CONTIGO.	O, A, LHE, SE, SI, CONSIGO.	NOS, CONOSCO.	VOS, CONCOSCO.	OS, AS, LHES, SE, SI, CONSIGO.

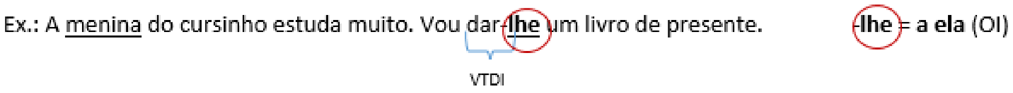

Ex.: A menina do cursinho estuda muito. Vou dar-**lhe** um livro de presente.   -lhe = a ela (OI)

VTDI

Dica[1]:

Se os pronomes pessoais do caso oblíquo desempenham função de objeto (complemento) do verbo, isso significa que podem ser objeto direto ou indireto. É muito comum a confusão entre os pronomes ***o***, ***a*** e ***lhe*** (no plural ou singular). Para não errar mais, atenção:

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

→ **o(s), a(s) e variações (-lo, – la, – no, – na):** serão sempre **objetos DIRETOS**.

→ **lhe(s):** serão sempre **objetos INDIRETOS**.

Dica^2:

Após o uso de preposições ENTRE E SEM, o correto é utilizar um pronome reto e outro oblíquo:

ENTRE MIM E ___ (VOCÊ, ELE, TI, VÓS ETC.)

SEM MIM E ___ (VOCÊ, ELE, TI, VÓS ETC.)

Pronomes Possessivos

Referem-se às pessoas do discurso, indicando-lhes a posse de algo.

PESSOAS DO DISCURSO	PRONOMES POSSESSIVOS
1ª s.	MEU, MINHA, MEUS, MINHAS.
2ª s.	TEU, TUA, TEUS, TUAS.
3ª s.	SEU, SUA, SEUS, SUAS.
1ª p.	NOSSO, NOSSA, NOSSOS, NOSSAS.
2ª p.	VOSSO, VOSSA, VOSSOS, VOSSAS.
3ª p.	SEUS, SUAS.

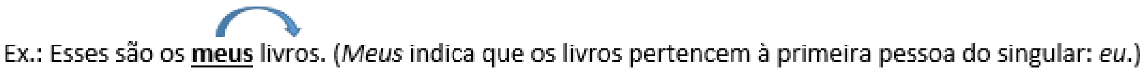

Ex.: Esses são os **meus** livros. (*Meus* indica que os livros pertencem à primeira pessoa do singular: *eu*.)

Dica^1:

O pronome de tratamento VOCÊ, conforme verificamos na aula anterior, concorda com a 3ª pessoa do discurso, ainda que seja utilizado para se referir à 2ª pessoa. Portanto, tenha cuidado!

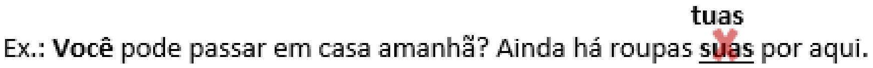

Ex.: **Você** pode passar em casa amanhã? Ainda há roupas ~~suas~~ **tuas** por aqui.

Dica^2:

Cuidado com a ambiguidade permitida pelo pronome *seu* ou *sua*.

Ex.: João levou Pedro para a casa de sua namorada. (a namorada é de João ou de Pedro?)

Possível solução: João levou Pedro para a casa da namorada deste. (Veremos a seguir a utilização dos pronomes demonstrativos: no caso, o *este*.)

Pronomes Demonstrativos

São aqueles que indicam lugar, posição ou identidade dos seres.

PRONOMES DEMONSTRATIVOS
ESTE(S), ESTA(S), ISTO.
ESSE(S), ESSA(S), ISSO.
AQUELE(S), AQUELA(S), AQUILO.

USOS			
	ST	SS	QU
LUGAR | POSIÇÃO	Aqui	Aí	Lá
TEMPO	Presente	Próximo	Distante
PESSOA	1ª	2ª	3ª
REFERÊNCIA NO TEXTO	Elemento mais próximo	Elemento intermediário (se houver)	Elemento mais distante

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Ex.:

Tempo

Esta aula é divertida. (esta aqui)

Essa semana eu completei mais um ano de vida. (semana passada)

Naquela época, eu não conhecia gramática. (tempo distante)

Lugar e Pessoa

Esta caneta é minha. (está em minha mão – 1ª pessoa)

Esse corretivo ainda funciona? (está na sua mão – 2ª pessoa)

Alguém esqueceu aquele livro. (longe de mim e de você – 3ª pessoa)

Referência no texto

Maria e Joana gostam muito de estudar. Esta cursa letras; aquela, jornalismo.

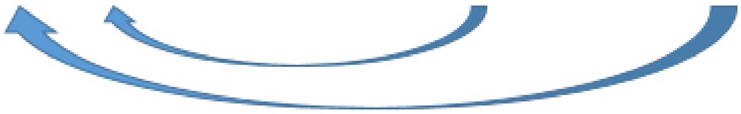

Pronomes Indefinidos

São aqueles que se referem à 3ª pessoa do discurso, designando-a de modo vago, impreciso, indeterminado.

Veja alguns exemplos:

ALGO	ALGUÉM	NINGUÉM	NADA
OUTREM	QUEM	TODOS	TUDO
CADA	CERTO(A)	NENHUM	POUCO
MAIS	BASTANTE	MENOS	MUITO
TANTAS	TAL	OUTRO(A)	QUALQUER

Ex.: Ninguém foi ao aniversário do Pedro. (Não há uma especificação de quem não foi)

Atenção!

O sentido da frase pode mudar conforme a posição do pronome indefinido. Veja:

Algum homem pode me ajudar. (= qualquer homem)

Homem algum pode me ajudar. (= nenhum homem)

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Classe de Palavras 2

Pronomes Pessoais 2

Pronomes Possessivos 3

Pronomes Demonstrativos 3

Pronomes Indefinidos 4

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Classe de Palavras

CONCEITO: palavra que está em função do nome (substantivo) e que pode substituí-lo (retomando-o) ou referir-se a ele.

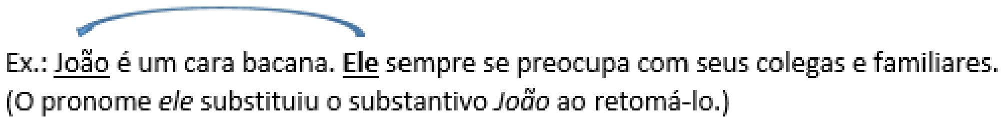

Ex.: João é um cara bacana. **Ele** sempre se preocupa com seus colegas e familiares.
(O pronome *ele* substituiu o substantivo *João* ao retomá-lo.)

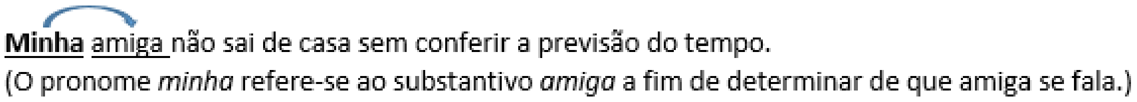

Minha amiga não sai de casa sem conferir a previsão do tempo.
(O pronome *minha* refere-se ao substantivo *amiga* a fim de determinar de que amiga se fala.)

Há seis tipos de pronomes: *pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, relativos* e *interrogativos*.

Pronomes Pessoais

→ **Do caso RETO:**

> Exercem função de sujeito.

> Substituem o nome.

> Determinam as pessoas do discurso.

PESSOAS DO DISCURSO					
1ª pessoa do singular	2ª pessoa do singular	3ª pessoa do singular	1ª pessoa do plural	2ª pessoa do plural	3ª pessoa do plural
EU	TU	ELE(A)	NÓS	VÓS	ELES(AS)

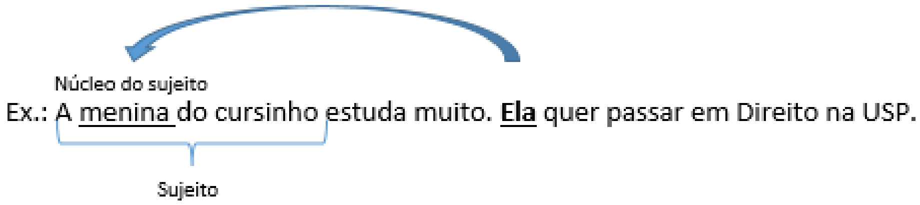

Núcleo do sujeito

Ex.: A menina do cursinho estuda muito. **Ela** quer passar em Direito na USP.

Sujeito

→ **Do caso OBLÍQUO:**

> Exercem função de objeto (complemento) de um verbo.

> Substituem o nome.

> Determinam as pessoas do discurso.

PESSOAS DO DISCURSO					
1ª pessoa do singular	2ª pessoa do singular	3ª pessoa do singular	1ª pessoa do plural	2ª pessoa do plural	3ª pessoa do plural
ME, MIM, COMIGO.	TE, TI, CONTIGO.	O, A, LHE, SE, SI, CONSIGO.	NOS, CONOSCO.	VOS, CONCOSCO.	OS, AS, LHES, SE, SI, CONSIGO.

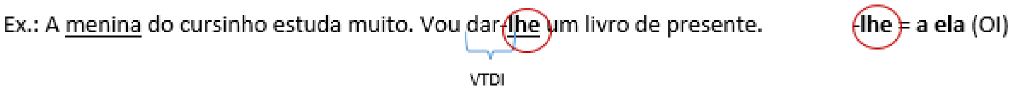

Ex.: A menina do cursinho estuda muito. Vou dar-**lhe** um livro de presente.   -**lhe** = a ela (OI)

VTDI

Dica[1]:

Se os pronomes pessoais do caso oblíquo desempenham função de objeto (complemento) do verbo, isso significa que podem ser objeto direto ou indireto. É muito comum a confusão entre os pronomes ***o***, ***a*** e ***lhe*** (no plural ou singular). Para não errar mais, atenção:

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

→ **o(s), a(s) e variações (-lo, – la, – no, – na):** serão sempre **objetos DIRETOS**.

→ **lhe(s):** serão sempre **objetos INDIRETOS**.

Dica²:

Após o uso de preposições ENTRE E SEM, o correto é utilizar um pronome reto e outro oblíquo:

ENTRE MIM E ___ (VOCÊ, ELE, TI, VÓS ETC.)

SEM MIM E ___ (VOCÊ, ELE, TI, VÓS ETC.)

Pronomes Possessivos

Referem-se às pessoas do discurso, indicando-lhes a posse de algo.

PESSOAS DO DISCURSO	PRONOMES POSSESSIVOS
1ª s.	MEU, MINHA, MEUS, MINHAS.
2ª s.	TEU, TUA, TEUS, TUAS.
3ª s.	SEU, SUA, SEUS, SUAS.
1ª p.	NOSSO, NOSSA, NOSSOS, NOSSAS.
2ª p.	VOSSO, VOSSA, VOSSOS, VOSSAS.
3ª p.	SEUS, SUAS.

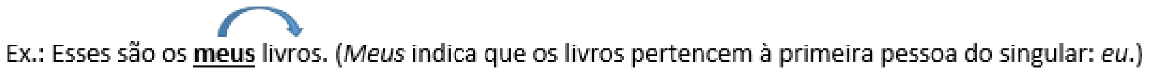

Ex.: Esses são os **meus** livros. (*Meus* indica que os livros pertencem à primeira pessoa do singular: *eu*.)

Dica¹:

O pronome de tratamento VOCÊ, conforme verificamos na aula anterior, concorda com a 3ª pessoa do discurso, ainda que seja utilizado para se referir à 2ª pessoa. Portanto, tenha cuidado!

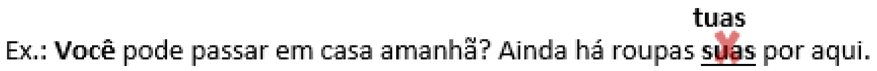

tuas
Ex.: **Você** pode passar em casa amanhã? Ainda há roupas ~~suas~~ por aqui.

Dica²:

Cuidado com a ambiguidade permitida pelo pronome *seu* ou *sua*.

Ex.: João levou Pedro para a casa de sua namorada. (a namorada é de João ou de Pedro?)

Possível solução: João levou Pedro para a casa da namorada deste. (Veremos a seguir a utilização dos pronomes demonstrativos: no caso, o *este*.)

Pronomes Demonstrativos

São aqueles que indicam lugar, posição ou identidade dos seres.

PRONOMES DEMONSTRATIVOS
ESTE(S), ESTA(S), ISTO.
ESSE(S), ESSA(S), ISSO.
AQUELE(S), AQUELA(S), AQUILO.

USOS			
	ST	SS	QU
LUGAR | POSIÇÃO	Aqui	Aí	Lá
TEMPO	Presente	Próximo	Distante
PESSOA	1ª	2ª	3ª
REFERÊNCIA NO TEXTO	Elemento mais próximo	Elemento intermediário (se houver)	Elemento mais distante

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Ex.:

Tempo

Esta aula é divertida. (esta aqui)

Essa semana eu completei mais um ano de vida. (semana passada)

Naquela época, eu não conhecia gramática. (tempo distante)

Lugar e Pessoa

Esta caneta é minha. (está em minha mão – 1ª pessoa)

Esse corretivo ainda funciona? (está na sua mão – 2ª pessoa)

Alguém esqueceu aquele livro. (longe de mim e de você – 3ª pessoa)

Referência no texto

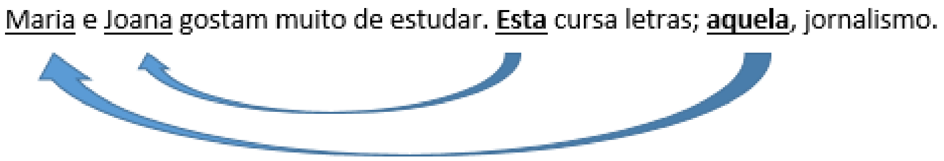

Maria e Joana gostam muito de estudar. Esta cursa letras; aquela, jornalismo.

Pronomes Indefinidos

São aqueles que se referem à 3ª pessoa do discurso, designando-a de modo vago, impreciso, indeterminado.

Veja alguns exemplos:

ALGO	ALGUÉM	NINGUÉM	NADA
OUTREM	QUEM	TODOS	TUDO
CADA	CERTO(A)	NENHUM	POUCO
MAIS	BASTANTE	MENOS	MUITO
TANTAS	TAL	OUTRO(A)	QUALQUER

Ex.: Ninguém foi ao aniversário do Pedro. (Não há uma especificação de quem não foi)

Atenção!

O sentido da frase pode mudar conforme a posição do pronome indefinido. Veja:

Algum homem pode me ajudar. (= qualquer homem)

Homem algum pode me ajudar. (= nenhum homem)

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

QUESTÃO 1

Classifique os verbos abaixo sublinhados em:

(**VTD**) Verbo Transitivo Direto (**A**)
(**VT Ind**) Verbo Transitivo Indireto (**B**)
(**V Int**) Verbo Intransitivo (**C**)

01. Amo tanto e de tanto amar acho que ela é bonita. (A)
02. Dorme, anjo, que o boi pega neném. C
03. Só eu velo por você meu bem . (B)
04. Boi da cara-preta, pega essa criança que tem medo de careta. (A)
05. A mão que toca um violão, se for preciso, faz a guerra ... (A)
06. O mesmo pé que dança um samba, se preciso, vai à luta ... (A)
07. Ela mora atrás da igreja. (C)
08. Não entregaremos as pizzas sem pagamento prévio. (A)
09. Não vendemos fiado. (C)
10. Eles cumpriram suas promessas. (A)
11. As estagiárias assistiram as enfermas. (A)
12. Elas assistiram ao show sertanejo. (B)
13. Este aparelho trabalha glúteos. (A)
14. João trabalha em Guaratinguetá. (C)
15. Nem relógio trabalha dado. (C)
16. Ela vive por sua filha. (B)
17. Ela vive bem nessa cidade. (C)
18. Ela vive uma vida feliz. (A)
19. Ela pagou o livro. (A)
20. Ela pagou ao livreiro. (B)

21. Ela comprou a casa nova que tanto queria. (A)
22. Ela comprou de sua prima. (B)
23. Andrea passou por lindas cidades em suas viagens. (B)
24. Márcia passou toda a roupa antes de viajar. (A)
25. Maria não quer abrir o portão. (A)
26. Abra para sua mãe, Maria. (B)
27. Ângela ralhou com o filho. (B)
28. Compreendeu tudo? Não entendeu nada? (A)

QUESTÃO 2

Classifique os verbos sublinhados segundo a indicação abaixo:

(1) verbo **intransitivo** **(3)** verbo **transitivo direto**
(2) verbo **transitivo indireto** **(4)** verbo **de ligação**

(3) Os índios fabricavam enfeites e cestos.
(3) Eles não produziam lixo.
(2) Esses homens precisam de máscaras.
(4) As margens do rio estavam sujas.
(2) Gostamos de professor de matemática
1 (2) A gurizada brincava ao léu, empinando papagaio.
(2) Em breve, ombreará com os mestres.
(2) Acredito em sua palavra.
(3) O lixo sempre traz epidemias.
(2) Os índios cuidavam do seu rio.
(1) As árvores e as plantas cresceram.
(3) Os homens procuravam alimentos.
(2) Meus amigos gostam muito de peixe.
(1)Apareceram , um dia, os meus próis livros.
(1) O hipocondríaco morreu, mas ninguém acreditou.
(3) De lá você enxergará o horizonte.
(2) Quem não tem boca também vai a Roma, mas não conversa com ninguém.
(4)Todos pareciam cansados.
(4) Aqui todos são alegre e saudáveis.
(4) O doce está gelado.
(3) Os animais procuravam pousada.
(2) O marquês desobedece às ordens do rei.
(4) Em toda a parte andava acesa a guerra.
(1) Em pouco tempo a semente germinou.
(1)Todos roncavam, menos o enfermo.
(3) Maria galgou as escadas.
(2) É preciso crer em alguma coisa.
(3) Disse algumas palavras.
(4) Não estou doente.
(4) A terra permanece elevada.
(4) Os jovens estavam entusiasmados.
(1) Mamãe caiu. Venha.

QUESTÕES BANCAS DIVERSAS

1) É errada a análise da predicação verbal na letra:
a) Isso não me convém. (transitivo indireto) C
b) Não lhe telefonarei amanhã. (transitivo indireto) C
c) Saudaram-nos pela vitória. (transitivo indireto) C
d) A verdade me constrangeu. (transitivo direto) E

e) A inocente menina é bela como um anjo. (de ligação)

2) Prova: INSTITUTO CIDADES - 2012 - TCM-GO - Auditor de Controle Externo - Informática

Assinale a análise correta do termo da oração destacado.

O filme "O Artista" ultrapassou os limites do público segmentado.

[✓ a)] Objeto direto.
b) Objeto indireto.
c) Sujeito.
d) Predicativo do sujeito.
e) Agente da passiva.

3 Prova: FCC - 2012 - INSS - Técnico do Seguro Social

Na frase O compositor dedicava inteiramente à criação musical os meses de verão, o termo sublinhado exerce a mesma função sintática que o termo em destaque na frase: ADJ ADV

a) A visão de mundo de uma geração mais jovem teve influência central aqui. PS
b) Intérpretes conhecidos e pesquisadores descobriram o compositor. SUJ
[✓ c)] Em vida, Mahler foi alvo de intensas polêmicas. ADJ ADV
d) Mahler empreendia longas caminhadas que lhe proporcionaram inspiração para grandiosas sinfonias. PO
e) Essas casinhas das alturas alpinas hoje se transformaram em memoriais. ADJ ADN

4) ESAF - TJ-CE - Auxiliar Judiciário

CUIDADO!

Não se sente o efeito dos agrotóxicos nos alimentos ao _____________, porém o envenenamento é progressivo e cumulativo ao longo dos anos.

Assinale a opção que completa a lacuna de forma correta.

a) ingerir-lhes
b) ingerir eles
c) ingeri-lhes
[✓ d)] ingeri-los
e) ingerir-los

5. (UGF - Escola Médica do RJ) Assinale o único caso em que o pronome oblíquo átono exerce a função de objeto indireto:

a) Contive-me.
b) Ele aguardava-me desde cedo.
[✓ c)] Isto me agrada
d) O aluno me viu.
e) Socorram-me.

6 CESPE – INSTITUTO RIO BRANCO

Em "por muito que isso pese a Fernando Pessoa" (l.3-4), a forma "pese" remete a **peso** e está empregada como verbo transitivo direto. ERRADO

7. CESPE – Instituto Rio Branco

Com o objetivo de apresentar boas práticas da organização judicial e discutir os desafios e perspectivas do Poder Judiciário no atual cenário de mudanças tecnológicas e 4 organizacionais, acontecerá o seminário Atualidade e Futuro da Administração da Justiça, nos dias 11 e 12 de março de 2013, em Porto Alegre.

Os termos "os desafios e perspectivas do Poder Judiciário" (R.1) e "o seminário Atualidade e Futuro da Administração da Justiça" exercem a mesma função sintática no contexto em que se inserem.

ERRADO

8 CONSULPLAN TRE-RS 2008 Técnico

"Se ainda existe alguém que duvida que os EUA são um lugar onde tudo é possível, que ainda conjectura se os sonhos de nossos fundadores continuam vivos, que ainda questiona o poder de nossa democracia, esta noite é a resposta."" O trecho grifado tem a mesma função sintática que o destacado OBJ DIRETO em:

[✓ A)] Preserve a Mata Atlântica.
B) Faça uma cuidadosa leitura da prova. PO
C) Ele mora perto de um grande monumento. ADJ ADV
D) A preservação da biodiversidade é necessária às gerações futuras. ADJ ADN
E) Fui enganado por ambos. OBJ IND
."

9. CONSULPLAN - SEJUCI-RN 2009 Agente Penitenciário

Considere o seguinte trecho: *"Um adolescente empurra a professora..".*

Em qual das alternativas abaixo, o termo destacado **NÃO** apresenta a mesma função sintática do termo sublinhado anteriormente? OBJ DIRETO

A) “Um menininho chama a professora...” OD
B) “Na outra ponta, temos o espetáculo deprimente...” OD
C) “Não vi ainda ações eficazes”. OD
D) “... que provoca violência física...” OD
E) “Quase todos os países foram responsáveis pela gravíssima crise...”

10. CETRO Prefeitura Municipal de Pinheiral – Agente Fiscal de Obras e Posturas

Assinale a alternativa que possua, na mesma ordem, dois verbos com a mesma transitividade dos grifados na oração:
Um jogador que **confunde** o entrevistador, pois não **corresponde** à expectativa... VTD / VTI
(A) O rapaz **agrediu** o chefe, porque não **tinha** argumentos de defesa. VTD / VTD
(B) Embora **gostasse** de praia, **preferiu** o campo. VTI/VTD
(C) Jorge **conversou** com a filha e **resolveu** as mágoas. VTI/ VTD
(D) A atriz **conquistou** a platéia que **necessitava** daquele humor. VTD/ VTI
(E) O acidente **provocou** mortes e **atrapalhou** o trânsito. VTD/VTD

11. Prova: FCC - 2013 - TRT - 9ª REGIÃO (PR) - Técnico Judiciário
...redes sociais que moldaram o pensamento... VTD

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:

a) ... que nada mais são do que as velhas redes sociais... VL
b) Nessas populações, as redes operavam por meio de conversas face a face... VTI
c) Desde que nossos ancestrais andavam em bandos pelas estepes africanas... VI
d) ...na última década surgiu a comunicação digital... VI
e) ...as novas redes sociais influenciam comportamentos e crenças... VTD

12. Prova: FCC - 2013 - TRT - 1ª REGIÃO (RJ) - Técnico Judiciário

E como dizer que a cidade, ao fim, deixara de corresponder à modernidade empenhada? VTI

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está empregado em:

a) Houve um sonho monumental... VI
b) Nada superará a beleza... VTD
c) Filho de fazendeiros, fora o único ateu e comunista da família...
d) No Planalto Central, construíra a identidade escultural do Brasil. VTD
e) Brasília [...] resultara em alguma decepção. VTI

.

13. Prova: FCC - 2012 - MPE-PE - Técnico Ministerial - Área Administrativa
... de modo que ele próprio o anunciou no orçamento de 1925. VTD

Considerando-se o contexto, o verbo grifado acima está empregado como

a) transitivo indireto pronominal.
b) transitivo indireto.
c) bitransitivo.
d) transitivo direto.
e) intransitivo.

14. INFADU – Cargo: Datilógrafo

O pedido da ONU foi feito por meio de comunicado conjunto do ACNUR e do Alto Comissariado da ONU para Direitos Humanos (OHCHR, da sigla em inglês). Estima-se que 680 mil pessoas ainda **estão** deslocadas dentro do Haiti, e estão espalhadas entre mais de 1.000 acampamentos na capital, Port-au-Prince, e outras áreas afetadas pelo terremoto. Um número desconhecido **permanece** fora do país.

VL / VT

Os verbos “estão” e “permanece” são verbos de ligação nas duas ocorrências do texto acima.

ERRADO

15. (Uni-Rio-RJ) Assinale a opção correta quanto à predicação atribuída ao verbo sublinhado na passagem do texto.
a) "A casa fica num alto lavado de ventos." - ligação; VI
b) "Aqui não há encantos." - intransitivo;

c) "... as zínias e os manjericões que levantavam um muro colorido ao pé dos estacotes" - transitivo direto e indireto; VTD
d) "Sim, só comparo o Nordeste à Tera Santa." - intransitivo; VTI
e) "... em torno do qual gravitam as plantas, os homens e os bichos." - intransitivo. VTD

16. Prova: MPE-SC - 2013 - MPE-SC - Promotor de Justiça - Tarde

Considerando que o verbo "abraçar" é transitivo direto no sentido de "apertar com os braços", o pronome oblíquo destacado está corretamente empregado na frase a seguir:
Na visita ao Sumo Pontífice, a mandatária argentina apesar de muito lhe querer abraçar, conteve-se a tempo.

ERRADO

17. CETRO Prefeitura Municipal de Pinheiral – Agente Fiscal de Obras e Posturas

Assinale a alternativa que possua, na mesma ordem, dois verbos com a mesma transitividade dos grifados na oração:
Um jogador que **confunde** o entrevistador, pois não **corresponde** à expectativa... VTD/VTI
(A) O rapaz **agrediu** o chefe, porque não **tinha** argumentos de defesa. VTD/VTD
(B) Embora **gostasse** de praia, **preferiu** o campo. VTI/VTD
(C) Jorge **conversou** com a filha e **resolveu** as mágoas. VTI/VTD
[✓ (D)] A atriz **conquistou** a platéia que **necessitava** daquele humor. VTD/VTI
(E) O acidente **provocou** mortes e **atrapalhou** o trânsito. VTD/VTD

GABARITO

QUESTÃO 1

1. A	7. C	14. C	21. A	28. A
2. C	8. A	15. C	22. B	
3. B	9. C	16. B	23. B	G
4. A	10. A	17. C	24. A	R
5. A	11. A	18. A	25. A	A
6. A	12. B	19. A	26. B	N
	13. A	20. B	27. B	

GABARITO 01a, 02c, 03b, 04a, 05a, 06a, 07c, 08a, 09c, 10a, 11a, 12b, 13a, 14c, 15c, 16b, 17c, 18a, 19a, 20b, 21 a, 22b, 23b, 24 a, 25 a, 26 b, 27 b, 28 a.

QUESTÃO 2

GABARITO

(3) Os índios fabricavam enfeites e cestos.
(3) Eles não produziam lixo.
(2) Esses homens precisam de máscaras.
(4) As margens do rio estavam sujas.
(2) Gostamos de professor de matemática
(1) A gurizada brincava ao léu, empinando papagaio.
(2) Em breve, ombreará com os mestres.
(2) Acredito em sua palavra.
(3) O lixo sempre traz epidemias.
(2) Os índios cuidavam do seu rio.
(1) As árvores e as plantas cresceram.
(3) Os homens procuravam alimentos.
(3) Meus amigos gostam muito de peixe.
(3)Apareceram , um dia, os meus próprios livros.
(1) O hipocondríaco morreu, mas ninguém acreditou.
(3) De lá você enxergará o horizonte.
(2) Quem não tem boca também vai a Roma, mas não conversa com ninguém.
(4)Todos pareciam cansados.
(4) Aqui todos são alegre e saudáveis.
(4) O doce está gelado.
(3) Os animais procuravam pousada.
(2) O marquês desobedece às ordens do rei.
(4) Em toda a parte andava acesa a guerra.
(1) Em pouco tempo a semente germinou.
(1)Todos roncavam, menos o enfermo.
(3) Maria galgou as escadas.
(2) É preciso crer em alguma coisa.
(3) Disse algumas palavras.
(4) Não estou doente.
(4) A terra permanece elevada.

(4) Os jovens estavam entusiasmados.
(1 - 1) Mamãe caiu. Venha.

QUESTÕES BANCAS DIVERSAS

1. C	7. E	14. E	
2. A	8. A	15. E	
3. A	9. E	16. E	G
4. D	10. D	17. D	R
5. C	11. E		A
6. E	12. E	BOA	N
	13. D	SORTE!	

GRAN CURSOS

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTE
NÚCLEO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DE GUARAPUAVA
USINA DE CONHECIMENTO DE GUARAPUAVA – UD

USINA DE CONHECIMENTO

ATIVIDADES ORTOGRAFIA

ortografia
aprendizagem
sistematização
revisão
ensino
oralidade
pesquisa
etimologia
análise
escrita
currículo
diálogo
avaliação
social
compreensão
conhecimento
segmentação
dicionário
dúvidas
variante
descrever
irregularidades
padrão
vocabulário
regularidades
reflexão

Embora se saiba "***que é falando que a gente se entende***", ***temos*** uma série de dificuldades que podem comprometer a nossa comunicação escrita. **E você? Como anda a sua comunicação escrita??? Vamos ver... Assinale a alternativa correta!!!**

	Casas germinadas		Casas geminadas
	Sou de menor		Sou menor
	Sou maior de idade		Sou de maior
	O feriado caiu num domingo.		O feriado caiu de domingo.
	De sábado, não trabalho.		Aos sábados, não trabalho.
	Aguardo notícias.		Estou no aguardo de notícias.
	Caderno espiral		Caderno aspiral
	A mala está leve.		A mala está leviana.
	Fiquei fora de mim.		Fiquei fora de si.
	Não saí por causa que estava chovendo.		Não saí porque estava chovendo.
	O paciente sofreu melhoras.		O paciente sentiu melhoras.
	Ele já acordou.		Ele já se acordou.
	O motorista perdeu a direção do veículo.		O motorista perdeu o controle do veículo.
	Tenho menas sorte que você.		Tenho menos sorte que você.
	O pessoal não gostaram do filme.		O pessoal não gostou do filme.
	Não poderia dizer isso perante ela.		Não poderia dizer isso perante a ela.
	Fazem 12 anos que não viajo ao exterior.		Faz 12 anos que não viajo ao exterior.
	Este livro é para eu ler.		Este livro é para mim ler.
	Porque você não foi à escola?		Por que você não foi à escola?
	Prefiro leite a café.		Prefiro mais café do que leite.
	O prefeito prometeu novas denúncias.		O prefeito prometeu, novas denúncias.
	Bem-vindos a Cândido de Abreu!		Bem vindos a Cândido de Abreu!

	Comprei-o para você.		Comprei ele para você.
	Amo-lhe muito.		Amo-a muito.
	As crianças foram ao cinema.		As crianças foram no cinema.
	O alface estava gostoso.		A alface estava gostosa.
	Preços a partir de R$1,99.		Preços apartir de R$1,99.
	A professora era meia louca.		A professora era meio louca.
	O assunto não tem nada haver com você.		O assunto não tem nada a ver com você.
	O garoto foi tachado de ladrão.		O garoto foi taxado de ladrão.
	Quero calças cinzas.		Quero calças cinza.
	Todos queriam namorar a Marisa.		Todos queriam namorar com Marisa.
	Sentou-se na mesa para comer.		Sentou-se à mesa para comer.
	Eles tem razão.		Eles têm razão.
	Ela mesmo arrumou a sala.		Ela mesma arrumou a sala.
	A temperatura chegou a zero graus.		A temperatura chegou a zero grau.
	Maria quis viajar ontem.		Maria quiz viajar ontem.
	Venha por a roupa.		Venha pôr a roupa.
	A modelo pousou o dia todo.		A modelo posou o dia todo.
	Espero que viajem hoje.		Espero que viagem hoje.
	Já é oito horas.		Já são oito horas.
	A festa começa às 8 h.		A festa começa às 8 hrs.
	Que seja feliz.		Que seje feliz.
	Falo alto porque ele houve mal.		Falo alto porque ele ouve mal.
	Eu ia ao cinema, mais choveu!		Eu ia ao cinema, mas choveu!

Baseado no livro "Não Erre Mais!", de Luiz Antônio Sacconi

SuperTráfego
www.supertrafego.com
HOTEL DA WEB
COMPRE JÁ!
1000 apostilas + provas + resumos + teses
Buscar na web
super Ofertas

Preposições

Uma preposição mostra uma relação entre o seu objeto e outra palavra numa sentença. A preposição pode aparecer sob a forma de uma palavra (at, by, in, on, etc...) ou sob a forma de uma “frase” que funciona como uma unidade (in front of, by way of, etc...).

Algumas das relações que as preposições expressam são: lugar ou posição, direção, tempo, maneira (modo), e agente (ou instrumento).

The book is on the desk. (lugar ou posição)

The boy ran toward the house. (direção)

The man arrived at ten o’clock. (tempo)

The woman travels by train. (maneira ou modo)

The book was written by him. (agente)

Uma preposição + um objeto forma uma frase. Este tipo de frase usualmente funciona como um modificador (adjetivo ou advérbio).

The report of the meeting was read. (adjetivo)

We go to class at ten o’clock. (advérbio)

AT, IN, ON

Em geral as três preposições significam “em”.

Usos:

1) A preposição at é usada:

a) com horas (significando “às”).

Exemplo: He came here at six o’clock.

b) com datas comemorativas.

Exemplos: A party will be at Christmas.

I wasn’t here at Easter.

Quando há a palavra day, usa-se on.

SuperTráfego
www.supertrafego.com
HOTEL DA WEB
COMPRE JÁ!
1000 apostilas + provas + resumos + teses
Buscar na web
super Ofertas

Exemplo: She will arrive on Christmas Day.

c) com noon, night, midnight e dawn.

Exemplo: Lunch will be served at noon.

d) com lugares, sem necessariamente indicar dentro.

Exemplo: They are at the bus stop.

There were a lot of people at the station.

The cab driver is at the gas station.

Ann must be at the movies now.

There’s a cat at the door.

e) com cidades pequenas.

Exemplo: He was born at Olinda.

f) com endereços completos.

Exemplo Barbara lives at 308 Lincoln Street.

2) A preposição in é usada:

a) com períodos do dia (exceto noon, night, midnight e dawn).

Exemplos: He studies in the morning.

Your daughter doesn’t work in the evening, does she?

b) com meses.

Exemplo: The course will begin in July.

c) com estações do ano.

Exemplo: It’s very cold in winter.

d) com anos.

Exemplo: Brazil won the World Cup in 1970.

e) com séculos:

SuperTráfego
www.supertrafego.com
HOTEL DA WEB
COMPRE JÁ!
1000 apostilas + provas + resumos + teses
Buscar na web
super Ofertas

Exemplo: Brasília was not founded in the 19th century.

f) com expressões de tempo:

Exemplo: The manager will come in a few days.

g) com espressões de lugar, indicando dentro.

Exemplos: They are in the house now.

The students were in the classroom.

The maid is working in the kitchen.

My books are in that box.

h) com tipos de residência.

Exemplos: I live in an apartment.

Peter lived in a humble house years ago.

i) Com cidades grandes.

Exemplo: Mark's cousin lives in London.

j) com estados.

Exemplo: There's a lot of poverty in Paraíba, Piauí and Maranhão.

k) com países.

Exemplo: He's going to spend his vacation in Europe.

l) com continentes.

Exemplo: There are many developed countries in Europe.

3) A preposição on é usada:

a) com o significado de "sobre", "em cima de".

Exemplo: Our bags are on the table.

b) com dias da semana.

SuperTráfego
www.supertrafego.com
HOTEL DA WEB
COMPRE JÁ!
1000 apostilas + provas + resumos + teses
Buscar na web
super Ofertas

Exemplo: I have a class on Tuesday.

c) com datas.

Exemplos: The baby was born on February, 14th.

That accident happened on September 6th, 1998.

d) com meios de transportes coletivos.

Exemplos: There are more than sixty people on the bus.

The passengers on the plane are scared.

Mas: in the car

in the taxi.

e) com nomes de ruas ou avenidas.

Exemplos: The Gordons live on Washington Street.

Evelyn has a shop on Kennedy Avenue.

f) com referência a ilhas ou fazendas.

Exemplos: The man lived on an island for many years.

I spent five days on a farm.

g) com a palavra floor (andar).

Exemplo: Joe lives on the first floor, not on the third.

OTHER PREPOSITIONS

about - sobre; a respeito de.

Exemplo: The teacher is talking about conjunctions.

above – acima de.

Exemplo: The plane is flying above the clouds.

across – através de (indicando de um lado a outro); do outro lado de.

Exemplos: He walked across the bridge.

SuperTráfego
www.supertrafego.com
HOTEL DA WEB
COMPRE JÁ!
1000 apostilas + provas + resumos + teses
Buscar na web
super Ofertas

There’s a store across the street.

after – depois de; atrás de (no sentido de perseguição).

Exemplos: I’ll talk to you after seven o’clock.

The policeman is running after the thief.

against – contra.

Exemplo: Brazil played against Argentina last year.

among – entre; no meio de (várias pessoas ou coisas).

Exemplo: There was a pickpocket among those people.

around/ round – ao redor de; em torno de.

Exemplos: The kids are running around the house.

The earth moves round the sun.

as far as – até (em relação a lugar).

Exemplo: We traveled as far as England on our vacation.

before – antes de; diante de.

Exemplos: The class always begins before eight-thirty.

The woman is standing before the mirror.

behind – atrás de.

Exemplo: They hid behind that tree.

below – abaixo de.

Exemplo: The temperature is below zero now.

beside – ao lado de.

Exemplo: Mike always sits beside Bob in the classroom.

besides – além de.

SuperTráfego
www.supertrafego.com
HOTEL DA WEB
COMPRE JÁ!
1000 apostilas + provas + resumos + teses
Buscar na web
super Ofertas

Exemplo: What languages do you speak besides Portuguese?

between – entre, no meio de (duas pessoas ou coisas).

Exemplo: Lucy is sitting between Fred and Chris.

beyond – além de (referindo-se a lugar).

Exemplo: He lives somewhere beyond the mountains.

by - junto a; perto de; no mais tardar (com expressões de tempo); por (autoria; antes do agente da passiva); de (com meios de transporte).

Exemplos: Everybody is sitting by the fire.

They will be at the party by midnight.

This poem was written by Poe.

I come to school by bus.

Mas: I went to school on foot.

down – para baixo.

Exemplo: I carried the baggage down the garage.

for - por; durante; para (em referência a alguém ou a alguma coisa e com alguns verbos de movimento, tais como: to leave, to start, to sail, etc.).

Exemplos: I bought the book for four dollars.

Mark has worked here for 25 years.

This is for you, darling.

He left for Miami last year.

from – de (indicando origem ou ponto de partida).

Exemplos: Bono Voz is from Dublin.

That bus comes from Recife.

into – para dentro (indica movimento de entrada).

Exemplo: He is going into the house now.

SuperTráfego
www.supertrafego.com
HOTEL DA WEB
COMPRE JÁ!
1000 apostilas + provas + resumos + teses
Buscar na web
super Ofertas

in front of – na frente de.

Exemplo: This line is too long. There are 200 people in front of mine.

near – perto de.

Exemplo: My mother lives near the church.

of – de.

Exemplos: Could you give me a cup of coffee?

This is the president of this company.

off – fora de (indica fora da superfície de algo, opondo-se a on).

Exemplo: The car is off the road.

opposite – em frente a; do lado oposto.

Exemplo: There’s a supermarket opposite the bank.

out of - fora de (indica que algo ou alguém não estáa dentro, opondo-se a in).

Exemplo: The students are out of the class.

over – sobre; por cima de (sem estar em contato).

Exemplos: The cat jumped over the fence.

There’s a lamp over the table.

since – desde.

Exemplo: I haven’t heard from Jim since January.

through – através de (passando por dentro).

Exemplo: The boy made a hole through the wall.

throughout – por todo; de um extremo a outro.

Exemplo: He traveled throughout the country two years ago.

until/ till - até (em relação a tempo).

SuperTráfego
www.supertrafego.com
HOTEL DA WEB
COMPRE JÁ!
1000 apostilas + provas + resumos + teses
Buscar na web
super Ofertas

Exemplo: They will wait until Wednesday.

to – para.

Exemplos: This is not the road to the hospital.

The children are going to school now.

That strange man turned to the left.

towards – em direção a.

Exemplo: There’s a strange man walking towards you.

under – embaixo de.

Exemplo: Look! Your dog is under the table.

up - para cima.

Exemplo: She carried the heavy box up the stairs.

with – com.

Exemplo: I live with my cousins.

within – em; dentro de (usada com expressões de tempo).

Exemplo: She will come here within two months.

without - sem.

Exemplo: He went to the cinema without any money.

Notas:

Certos verbos, adjetivos e substantivos exigem preposições que, em muitos casos, diferem do português.

a) Verbos:

to believe in – acreditar

to consist of – consistir em

to depend on/upon – depender de

SuperTráfego
www.supertrafego.com
HOTEL DA WEB
COMPRE JÁ!
1000 apostilas + provas + resumos + teses
Buscar na web
super Ofertas

to dream about/of – sonhar com

to insist on – insistir em

to rely on – contar com

to think about/of – pensar em

b) Adjetivos:

to be addicted to – ser viciado em

to be ashamed of – ter vergonha de, estar envergonhado por (de, com)

to be dressed in (white, black...) – estar vestido de (branco,preto...)

to be free from/of – estar livre de

to be good /bad at (math, biology...) – ser bom/mau em (Matemática, Biologia...)

c) Substantivos:

at hand – à mão

at work – no trabalho

by heart – de cor

by mistake – por engano

in bed – de cama

in a hurry – com pressa

in ink – a tinta

in mourning – de luto

in pencil – a lápis

in time – em tempo; com tempo

on business – a negócios

on time – na hora certa; no horário

Usos do Que

Pronome Relativo

Introduz oração adjetiva. {o (a) qual; os (as) quais}
→ O vírus que circula transmite a Covid-19 (o qual)

C.Melo2020

Conjunção Integrante

Introduz oração adjetiva. (que + oração = isso)
→ Quero que a pandemia termine. (quero isso)

Conjunção Explicativa

Introduz oração coordenada explicativa. (= porque)
→ Fique calmo; que a pandemia há de passar. (porque)

Expletivo

Podem ser suprimidos sem prejuízo ao sentido (trata-se de uma partícula de realce).
→ ~~É~~ o coronavírus ~~que~~ circula entre a população. (~~É~~ e ~~que~~ – podem ser suprimidos)

Frequentemente haverá, antes do que, uma forma do verbo ser, sendo ambos dispensáveis para a estrutura da sentença.

Pronome Interrogativo

Aparece em frases interrogativas. Pode ser usado também com o artigo: o/a que.
→ O que é a Covid-19?

"Conjunção Adverbial"

Introduz oração adverbial.
→ Ainda que fique em casa, não deixarei de estudar.

- Faz parte de locuções adverbiais "a que", "já que", "ainda que", etc.
- Nesses casos, a classificação é de toda a locução.

(CESPE Analista de Controle Externo TCU) A modalidade de licitação denominada pregão pode ser utilizada para a aquisição de bens e serviços de informática e automação, considerados como bens e serviços comuns.

(CESPE Papiloscopista de Polícia Federal) No Brasil, não são irrestritamente aceitos os chamados decretos autônomos.

Elyesley Silva do Nascimento
Curso de Direito Administrativo
Síntese do conteúdo em mais de 200 mapas mentais e quadros esquemáticos distribuídos ao longo do livro.
Editora Impetus
Curso de Direito Administrativo
Elyesley Silva do Nascimento

(CESPE Juiz Substituto TJ/BA) A correta observância do princípio da legalidade no âmbito da Administração Pública consiste essencialmente na ausência de oposição dos atos administrativos à lei.

(CESPE - Advogado - AGU) Autorizada a cumulação do pedido condenatório e do de ressarcimento em ação por improbidade administrativa, a rejeição do pedido condenatório por prescrição não obsta o prosseguimento da demanda relativa ao pedido de ressarcimento, que é imprescritível.

FALA, CESPE!!

É possível a condenação por improbidade administrativa que gera enriquecimento ilícito pelo simples fato de o agente público adquirir bens e valores desproporcionais à evolução de seu patrimônio, sem demonstração da origem ilícita desse bens?

Pontuação

Os **Sinais de pontuação** são recursos prosódicos que conferem às orações ritmo, entoação e pausa, bem como indicam limites sintáticos e unidades de sentido.

Aspas
“ ”

- ⇨ Isola palavras ou expressões que fogem à norma culta, como gírias, estrangeirismos, palavrões, neologismos, arcaísmos e expressões populares.
- ⇨ Indica uma citação direta

Quando houver necessidade de utilizar aspas dentro de uma sentença onde ela já esteja presente, usa-se a marcação simples (').

Dois Pontos
:

- ⇨ Iniciar fala de personagens.
- ⇨ Anteceder apostos ou orações apositivas, enumerações ou sequência de palavras que explicam e/ou resumem ideias anteriores.
- ⇨ Anteceder citação direta.

Ponto Final
.

- ⇨ Indicar o final de uma frase declarativa.
- ⇨ Separar períodos.
- ⇨ Abreviar palavras.

Reticências
...

- ⇨ Indicar dúvidas ou hesitação.
- ⇨ Interromper uma frase incompleta sintaticamente.
- ⇨ Concluir uma frase gramaticalmente incompleta com a intenção de estender a reflexão.
- ⇨ Suprimir palavras em uma transcrição.

Parênteses
( )

- ⇨ Isolar palavras, frases intercaladas de caráter explicativo, datas e, também, podem substituir a vírgula ou o travessão.

Travessão
—

- ⇨ Inicia a fala de um personagem no discurso direto.
- ⇨ Indica mudança do interlocutor nos diálogos.
- ⇨ Uni grupos de palavras que indicam itinerários.
- ⇨ Substitui a vírgula em expressões ou frases explicativas.

Ponto de Exclamação
!

- ⇨ Após o vocativo.
- ⇨ Final de frases imperativas.
- ⇨ Após interjeições.
- ⇨ Após palavras ou frases de caráter emotivo, expressivo.

Ponto de Interrogação
?

- ⇨ Em perguntas diretas.
- ⇨ Às vezes, pode ser utilizada junto com o ponto de exclamação para enfatizar o enunciado.

Vírgula
,

- ⇨ Marca pausas no enunciado, indicando que os termos por ela separados não formam uma unidade sintática, apesar de estarem na mesma oração.

Ponto e Vírgula
;

- ⇨ Usado para separar os itens de uma sequência.
- ⇨ Usado para separar orações coordenadas muito extensas ou orações coordenadas nas quais já se tenha utilizado a vírgula.

Veja os casos de seu uso no mapa conceitual sobre vírgula.

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Panfleto

Conceito

Meio de divulgação de uma ideia, evento ou marca que pode conter uma variedade de informações, desde instruções sobre utensílios de cozinha, até informações médicas, promoções ou tratados religiosos.

Características

→ Dirige-se diretamente ao destinatário da mensagem.
→ Utiliza frase imperativa exclamativa.
→ Possui mensagem informativa curta.
→ Linguagem verbal formal/informal (depende do público alvo e do seu objetivo).
→ Linguagem não verbal (imagens coloridas, que chamem a atenção do leitor).
→ Tamanho – geralmente usa-se a folha A5 (equivalente à metade de uma folha A4).
→ Possui ampla distribuição.

Estrutura

→ ***Título***: destacado para atrair a atenção do leitor.
→ ***Texto***: possui argumentos convincentes, linguagem apelativa, dialogando com o leitor.
→ ***Assinatura***: no canto direito inferior – sigla do órgão ou logotipo.
→ ***Imagem***: chamativa, colorida, com movimento, luz, textura, etc.

Textos Semelhantes

Folheto

Costuma ser fabricado em papel de melhor qualidade, no tamanho A4; usa misturas de cores mais chamativas e não é distribuído em massa como os panfletos, mas sim para potenciais clientes.

Folder

Tem pelo menos uma dobra (folder = pasta, dobra). É mais refinado e exige um maior investimento em design, pois oferece maiores possibilidades criativas e permite uma quantidade maior de informações. É excelente para apresentações corporativas, lançamentos e descrições detalhadas de produtos e serviços

Flyer

Ganhou o nome devido à sua velocidade de distribuição (flyer = voador), mas ainda preserva a característica básica do panfleto: é direto e possui pouca informação, porem a sua qualidade é bem maior. Costuma ser impresso em grandes quantidades, em papéis de maior qualidade e com um trabalho estético mais apurado.

Língua Portuguesa – começando do ZERO

Apostila 03 (Teoria e questões)

O pronome

Definição:

A partir do exemplo dado, podemos dizer que a classe de palavra variável que substitui ou acompanha o substantivo, situando-o numa das pessoas do discurso, é denominada de **pronome**.

As pessoas do discurso são:

a) o ser que fala – **1ª pessoa** (eu e nós)
b) o ser com quem se fala – **2ª pessoa** (tu e vós)
c) o ser (ou coisa) de que se fala – **3ª pessoa** (ele e eles)

Pronomes adjetivos e pronomes substantivos

De acordo com as afirmações iniciais, podemos classificar de antemão os pronomes em: substantivos e adjetivos.

→ **Pronome substantivo**, como o próprio nome já o diz, é aquele que se põe no lugar do substantivo e passa a exercer uma função típica deste.

→ **Pronome adjetivo**, por outro lado, é aquele que acompanha o substantivo, atribuindo-lhe informações acessórias.

Observe:

* **Ele** jamais desconfiou de **nossa** honestidade.
pronome substantivo pronome adjetivo

* O rapaz **o** comprou por **meu** intermédio.
pronome substantivo pronome adjetivo

Classificação dos pronomes

Os pronomes se classificam de acordo com suas funções em:

I. **Pronomes pessoais**
II. **Pronomes demonstrativos**
III. **Pronomes indefinidos**
IV. **Pronomes possessivos**
V. **Pronomes relativos**
VI. **Pronomes interrogativos**

OS PRONOMES PESSOAIS

São assim denominados os pronomes que indicam diretamente as pessoas gramaticais: o falante (1ª pessoa), o ouvinte (2ª pessoa) e o que não toma parte na conversa (3ª pessoa). São classificados em **retos**, **oblíquos** e **de tratamento**.

PRONOMES PESSOAIS

RETOS	OBLÍQUOS	
	Átonos	**Tônicos**
EU	ME	MIM, COMIGO
TU	TE	TI, CONTIGO
ELE	O, A, LHE, SE	SI, CONSIGO, ELE, ELA
NÓS	NOS	CONOSCO, NÓS
VÓS	VOS	CONVOSCO, VÓS
ELES	OS, AS, LHE, SE	SI, CONSIGO, ELES, ELAS

Emprego dos pronomes pessoais do caso reto:

1. A princípio, convém dizer que os pronomes são denominados de “retos” porque exercem função subjetiva, ou seja, funcionam como sujeito de um verbo. Por outro lado, são denominados de oblíquos os pronomes que exercem função complementar.

* **Eles** jamais deixarão os juros caírem demais.
caso reto

* Todos irão **conosco**, João.
caso oblíquo

* Ainda não **me** comunicaram o fato.
caso oblíquo

* **Nós** encontrá-**lo**-emos no shopping à tarde.
caso reto caso oblíquo

OS PRONOMES DE TRATAMENTO

Uma divisão interessante dos pronomes pessoais são os pronomes de tratamento. São assim denominados porque se usam tais pronomes em referência a certas pessoas consideradas autoridades ou em certos contextos comunicativos quando a formalidade os exige.

Principais pronomes de tratamento e seus respectivos empregos:

PRONOME DE TRATAMENTO	ABREVIATURA	EMPREGO
você, vocês	v.	Tratamento familiar, informal
senhor, senhores	Sr. Sr.^{es}	Tratamento respeitoso
senhorita, senhoritas	Sr^{ta}, Sr^{tas}	Para mulheres solteiras
senhora, senhoras	Sr.^{a}, Sras	Tratamento respeitoso
Vossa Senhoria, Vossas Senhorias	V.S.^{a}, V. S.^{as}	Para pessoas que exercem cargos importantes
Vossa Excelência, Vossas Excelências	V. Ex.ª, V. Ex.^{as}	Para autoridades superiores (presidentes, juízes, deputados, senadores, governadores etc).
Vossa Eminência, Vossas Eminências	V. Em.^{a}, V. Em.^{as}	Para cardeais
Vossa Alteza, Vossas Altezas	V.A., VV.AA.	Para príncipes, princesas e duques.
Vossa Majestade, Vossas Majestades	V.M., VV.MM.	Para reis e rainhas
Vossa Meritíssima	Por extenso	Juízes
Vossa Magnificência, Vossas Magnificências	V. Mag.^{a}, V. Mag.^{as}	Reitores
Vossa Reverendíssima, Vossas Reverendíssimas	V.Rev.^{ma}, V. Rev.^{mas}	Sacerdotes religiosos, bispos, padres, pastores.
Vossa Santidade	V.S.	Papa

Observação sobre os pronomes de tratamento:

a) Os pronomes de tratamento são pronomes que se referem à segunda pessoa do discurso. Entretanto, exigem a concordância verbal na terceira pessoa. Ademais, devem também ficar na terceira pessoa todos os elementos que a tais pronomes se refiram.

* Suas Excelências ainda não **deixaram** os seus despachos.   * Vossa Senhoria **deseja** um pouco de água?

* Vossas Majestades ainda não **inspecionaram** os **seus** cavalos este mês?

OS PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Outra categoria bastante usual na língua portuguesa é a dos pronomes demonstrativos. São denominados de demonstrativos porque situam as pessoas ou coisas no tempo ou no espaço, postas em relação às pessoas do discurso. Os pronomes demonstrativos apresentam formas variáveis e invariáveis.

PRONOMES DEMONSTRATIVOS			
	VARIÁVEIS		INVARIÁVEIS
	MASCULINOS	FEMININOS	
1ª PESSOA	este, estes	esta, estas	isto
2ª PESSOA	esse, esses	essa, essas	isso
3ª PESSOA	aquele, aqueles	aquela, aquelas	aquilo

Além dos pronomes acima, são igualmente demonstrativos os seguintes pronomes: “mesmo(s), mesma(s), próprio(s), própria(s), tal, tais, semelhante(s)”.

Emprego dos pronomes demonstrativos

O emprego dos pronomes demonstrativos representa um dos pontos mais discutidos pelos estudiosos da língua, já que em muitos escritores encontram-se empregos controvertidos dos tais pronomes. Para facilitar o entendimento, dividimos o emprego dos demonstrativos em relação à três aspectos: localização espacial do referente, localização temporal do referente e localização textual do referente.

I) Quanto à localização espacial do referente temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se “este, esta, isto e variações” quando o referente se encontra com o ser que fala.

* **Esta** camisa aqui custou-me quarenta reais.

b) Emprega-se “esse, essa, isso e variações” quando o referente se encontra próximo, perto de quem fala.

* Quanto custou **essa** camisa que você está usando?

c) Empregam-se “aquele, aquela, aquilo e variações” quando o referente se encontra distante do ser que fala.

* **Aquele** menino acolá passou em um concurso para juiz federal.

II) Quanto à localização temporal do referente, temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se “este, esta, isto e variações” quando se faz referências a um tempo presente em relação à pessoa que fala.

* Ainda este ano irei à Europa. * Nesta tarde resolverei todo o problema com o síndico.

b) Empregam-se “esse, essa, isso e variações” quando se faz referências a um tempo passado ou futuro em relação à pessoa que fala.

* O ano passado marcou minha vida. **Nesse** ano nasceu meu filho.

c) Empregam-se "aquele, aquela, aquilo e variações" quando se faz referências a passado distante em relação ao ser que fala.

* Em 1980 a inflação era galopante. **Naquele** ano, viviam-se os últimos anos do milagre econômico brasileiro.

* 0s anos de 1939 a 1945 marcaram a humanidade. Durante **aqueles** anos, desenvolveu-se um dos maiores massacres perpetrados contra a humanidade: o extermínio dos judeus.

III) Quanto à localização textual do referente, temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se “esse, essa, isso e variações” para retomar termos e informações já mencionados. Tais pronomes funcionarão como “elementos de coesão referencial anafórica”.

* A violência assola o pais de norte a sul. **Esse** problema inviabiliza muitos negócios comerciais no Brasil.

* Ao coração cabe toda a função de bombeamento sanguíneo. **Esse** órgão bate, quando regular, cerca de 80 vezes por minuto.

b) Empregam-se “este, esta, isto e variações” para antecipar termos e informações que ainda vão ser mencionados. Tais pronomes funcionarão, portanto, como “elementos de coesão referencial catafórica”.

* O Brasil precisa disto: educação igualitária – de qualidade – para todos.

* Esta indagação jamais será respondida satisfatoriamente: “Quem nasceu primeiro: o ovo ou a galinha?”

c) Empregam-se “este, esta, isto e variações” para retomar, dentro de um período, o termo mais próximo, ou seja, o enunciado em segundo lugar, a fim de se evitar uma possível ambigüidade que os demonstrativos “esse, essa, isso e variações” poderiam gerar. Por outro lado, empregam-se “aquele, aquela, aquilo e variações” para retomar, dentro do período, o termo mais distante, ou seja, o enunciado em primeiro lugar.

* Brasil e Argentina travaram novos acordos comerciais. **Este** exportará carnes nobres e importará frutas tropicais **daquele**. → Este = Argentina / Daquele = Brasil.

* Os otimistas não julguem os pessimistas, nem **estes àqueles**, pois ambos convergem para alguma forma de idealismo. → Estes = pessimistas / Aqueles = otimistas.

OS PRONOMES INDEFINIDOS

São denominados de indefinidos os pronomes que se referem à 3ª pessoa do discurso quando esta tem sentido vago e indeterminado.

Apresentam-se na língua portuguesa em um bom número – alguns são invariáveis e outros tantos variáveis.

INDEFINIDOS INVARIÁVEIS	INDEFINIDOS VARIÁVEIS
- alguém, ninguém; - tudo, nada; - algo; - cada; - outrem; - mais, menos, demais.	- algum, alguns, alguma, algumas; - nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhumas; - todo, toda, todos, todas; - muito, muitos, muita, muitas; - pouco, pouca, poucos, poucas; - certo, certa, certos, certas; - vário, vários, vária, várias; - tanto, tantos, tanta, tantas; - quanto, quantos, quanta, quantas; - um, uns, uma, umas; - bastante, bastantes; - qualquer, quaisquer.

Além dos indefinidos acima, existem as chamadas "locuções pronominais indefinidas", que nada mais são do que a junção de mais de um vocábulo com função de um pronome indefinido. São exemplos dessas locuções: **cada um, cada qual, qualquer outro, quem quer que seja, fosse quem fosse, outro qualquer, todo aquele que, tudo o mais, seja qual for, um ou outro, todo o mundo** etc.

PRONOMES POSSESSIVOS

São denominados de possessivos os pronomes que estabelecem uma noção de posse em referência às pessoas do discurso (1ª, 2ª e 3ª), isto é, designam a pessoa gramatical a quem pertence o ser.

PRONOMES POSSESSIVOS		
SINGULAR	**1ª PESSOA**	**MEU, MINHA, MEUS, MINHAS**
	2ª PESSOA	**TEU, TUA, TEUS, TUAS**
	3ª PESSOA	**SEU, SUA, SEUS, SUAS**
PLURAL	**1ª PESSOA**	**NOSSO, NOSSA, NOSSOS, NOSSAS**
	2ª PESSOA	**VOSSO, VOSSA, VOSSOS, VOSSAS**
	3ª PESSOA	**SEU, SUA, SEUS, SUAS**

Emprego dos pronomes possessivos

1. Em geral, os pronomes possessivos adjetivos facultam a anteposição de um artigo (determinante).

* Ainda não levei { **seu carro** / ou / **o seu carro** } para o lava-jato.

* Muitos professores elogiaram { **nosso projeto.** / ou / **o nosso projeto.** }

2. Quando o pronome possessivo é empregado substantivamente, a presença do artigo ou de outro determinante que o substitua é indispensável.

* Encontrei { **meu livro**
ou
o meu livro } , mas não vi **o teu**.

* Este carro aqui não é mais caro que **o seu**.

PRONOMES RELATIVOS

São denominados de relativos os pronomes que representam um ser já expresso (antecedente). Entretanto, só isso não basta para caracterizá-los, uma vez que outros pronomes também o fazem. A principal característica do pronome relativo é servir de vínculo gramatical entre duas orações, estabelecendo uma relação de subordinação. Daí serem também chamados tais pronomes de "relativos-conjuntivos".

Os principais pronomes relativos são:

PRONOMES RELATIVOS	
INVARIÁVEIS	**VARIÁVEIS**
QUE	**O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS**
QUEM	**CUJO, CUJA, CUJOS, CUJAS**
ONDE	**QUANTO, QUANTA, QUANTOS, QUANTAS**

Observação: Funcionam também como pronomes relativos os vocábulos "como" e "quando", quando retomam termos anteriormente mencionados.

PRONOMES INTERROGATIVOS

São assim denominados os pronomes "**que**, **quem**, **qual** e **quanto**" quando empregados em orações interrogativas diretas e indiretas. Tais pronomes se referem a pessoa ou a coisa desconhecida.

* "**Qual**, de entre tantos Orfeus que a gente por aí vê e ouve, foi o que obrou a maravilha?" (A. Garret)

* "**Quantos** pobres galileus não fez ele matar sem licença do tetrarca?" (Eça de Queiroz)

Observações sobre os pronomes interrogativos:

a) O pronome interrogativo "qual" é usado para distinguir uma pessoa, uma coisa ou uma qualidade dentre várias existentes.

* "Dizei-me: qual é mais poderosa, a graça ou a natureza?" *(Vieira, apud Sousa da Silveira)*

b) Embora seja condenado por renomados estudiosos da língua portuguesa, o emprego da forma interrogativa "o que" é largamente usado em nossa língua.

* "O que está naquela arca?" (A. Herculano)

* "Reis da terra, o que sois?" (Gonçalves Dias)

Teste seus conhecimentos (Questões básicas – Nível “Teletubbies”):

1. Na frase “**Todo** homem é mortal, porém o homem **todo** não é mortal”, o termo todo é impregado com significados diferentes.

   a) Indique o sentido em cada uma das espressões.
   b) Justifique sua resposta

2. Das alternativas abaixo, apenas uma preenche de modo correto as lacunas da frases. Assinale-a

   Quando saíres, avisa-nos que iremos ....
   Meu pai deu um livro para .... ler.
   Não se ponha entre .... e ela.
   Mandou um recado para você e ....

   a) Contigo, eu, eu, eu.
   b) Com você, mim, mim, mim
   c) Consigo, mim, mim, eu.
   d) Consigo, eu, mim, mim
   e) Contigo, eu, mim, mim

3. “Eu não ... vi na festa do clube ontem. Os diretores não ... convidaram? Não ... disseram que era ontem? Eu ... avisei de que não podia confiar neles!”

   a) o, o, o, o
   b) o, lhe, lhe, o
   c) o, o, lhe, o
   d) lhe, lhe, lhe, lhe
   e) lhe, lhe, o, o

4. Foram divididos .... próprios os trabalhos que .... em equipe.

   a) Conosco, se devem realizar
   b) Com nós, devem-se realizar
   c) Conosco, devem realizar-se
   d) Com nós, se devem realizar
   e) Conosco, devem-se realizar

5. “Este é um assunto entre........................ .
   Não tem nada a ver ....”

   Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

   a) Eu e ele, contigo
   b) Eu e ele, consigo
   c) Mim e ele, com você
   d) Mim e ele, consigo
   e) Mim e ti, consigo

6.
   a) Reescreva o período seguinte, substituindo o pronome destacado por outro, sem alterar o sentido da frase.
   “O barbeiro não parou de falar, enquanto cortava os **meus** cabelos.”

   b) Empregando exatamente as mesmas palavras, reescreva a frase seguinte, alterando-a de modo a que adquira sentido negativo. “Algum amigo me ajudará.”

7. Por favor, passe .... caneta que está aí perto de você; .... aqui não serve para .... desenhar

   a) aquela, esta, mim
   b) esta, esta, mim
   c) essa, esta, eu
   d) essa, essa, mim
   e) aquela, essa, eu

8. Dadas as sentenças:

   I. Confesso que fiquei fora de si quando recebi o telefonema
   II. O nome do sinal em forma de estrela (*) é asterístico.
   III. Ela é uma pessoa bastante arvoada.

   Deduzimos que:

   a) Apenas a sentença I está correta
   b) Apenas a sentença II está correta
   c) Apenas a sentença III está correta
   d) Todas estão corretas.

e) N.d.a

9. Dadas as sentenças:

   I. Ela comprou um livro para mim ler.
   II. Nada há entre mim e ti.
   III. Alvimar, gostaria de falar consigo.

   verificamos que está (estão) corretas (s):

   a) Apenas a sentença I
   b) Apenas a sentença II
   c) Apenas a sentença III
   d) Apenas as sentenças I e II
   e) Todas as sentenças.

10. Considere o uso dos pronomes pessoais nas frases abaixo e coloque C (certo) ou E (errado)

    a) Perante eu e tu não há maiores segredos. ( )
    b) Entre eu e ela existe confiança mútua. ( )
    c) Papai emprestou o carro para mim dirigir. ( )

11. Identifique a oração em que a palavra “**certo”** é pronome indefinido.

    a) Certo perdeste o juízo.
    b) Certo rapaz te procurou.
    c) Escolheste o rapaz certo
    d) Marque o conceito certo
    e) Não deixe o certo pelo errado.

12. O período em que o pronome possessivo destacado está mal empregado é:

    a) Dirijo-me a ele, a fim de solicitar o *seu* apoio.
    b) Dirijo-me a ti, a fim de solicitar o *teu* apoio
    c) Dirijo-me a vós, a fim de solicitar o *vosso* apoio.
    d) Dirijo-me a Vossa Senhoria, a fim de solicitar o *seu* apoio.
    e) Dirijo-me a Vossa Senhoria, a fim de solicitar o *vosso* apoio

13. A carta vinha endereçada para ... e para ...; ...é que a abri.

    a) Mim, tu, por isso
    b) Mim, ti, porisso
    c) Mim, ti, por isso
    d) Eu, ti, porisso
    e) Eu, tu, por isso

14. “Vi uma fotografia sua no metrô”.

    Explique pelo menos dois dos vários sentidos que podem ser atribuídos à frase acima.

GABARITO:

1.
a) qualquer / totalidade
b) “Todo anteposto equivale a “qualquer”; posposto, equivale a “totalidade”.
2. E
3. C
4. D
5. C
6.
a) me
b) amigo algum
7. C
8. C
9. B
10. E – E – E
11. B
12. E
13. C
14.
a) Um fotografia tirada por você, ou uma fotografia tirada de você.

Língua Portuguesa – começando do ZERO

Apostila 03 (Teoria e questões)

O pronome

Definição:

A partir do exemplo dado, podemos dizer que a classe de palavra variável que substitui ou acompanha o substantivo, situando-o numa das pessoas do discurso, é denominada de **pronome**.

As pessoas do discurso são:

a) o ser que fala – **1ª pessoa** (eu e nós)
b) o ser com quem se fala – **2ª pessoa** (tu e vós)
c) o ser (ou coisa) de que se fala – **3ª pessoa** (ele e eles)

Pronomes adjetivos e pronomes substantivos

De acordo com as afirmações iniciais, podemos classificar de antemão os pronomes em: substantivos e adjetivos.

→ **Pronome substantivo**, como o próprio nome já o diz, é aquele que se põe no lugar do substantivo e passa a exercer uma função típica deste.

→ **Pronome adjetivo**, por outro lado, é aquele que acompanha o substantivo, atribuindo-lhe informações acessórias.

Observe:

* **Ele** jamais desconfiou de **nossa** honestidade.
pronome substantivo — pronome adjetivo

* O rapaz **o** comprou por **meu** intermédio.
pronome substantivo — pronome adjetivo

Classificação dos pronomes

Os pronomes se classificam de acordo com suas funções em:

I. **Pronomes pessoais**
II. **Pronomes demonstrativos**
III. **Pronomes indefinidos**
IV. **Pronomes possessivos**
V. **Pronomes relativos**
VI. **Pronomes interrogativos**

OS PRONOMES PESSOAIS

São assim denominados os pronomes que indicam diretamente as pessoas gramaticais: o falante (1ª pessoa), o ouvinte (2ª pessoa) e o que não toma parte na conversa (3ª pessoa). São classificados em **retos**, **oblíquos** e **de tratamento**.

PRONOMES PESSOAIS		
RETOS	OBLÍQUOS	
	Átonos	Tônicos
EU	ME	MIM, COMIGO
TU	TE	TI, CONTIGO
ELE	O, A, LHE, SE	SI, CONSIGO, ELE, ELA
NÓS	NOS	CONOSCO, NÓS
VÓS	VOS	CONVOSCO, VÓS
ELES	OS, AS, LHE, SE	SI, CONSIGO, ELES, ELAS

Emprego dos pronomes pessoais do caso reto:

1. A princípio, convém dizer que os pronomes são denominados de “retos” porque exercem função subjetiva, ou seja, funcionam como sujeito de um verbo. Por outro lado, são denominados de oblíquos os pronomes que exercem função complementar.

* **Eles** jamais deixarão os juros caírem demais.
caso reto

* Ainda não **me** comunicaram o fato.
caso oblíquo

* Todos irão **conosco**, João.
caso oblíquo

* **Nós** encontrá-**lo**-emos no shopping à tarde.
caso reto caso oblíquo

OS PRONOMES DE TRATAMENTO

Uma divisão interessante dos pronomes pessoais são os pronomes de tratamento. São assim denominados porque se usam tais pronomes em referência a certas pessoas consideradas autoridades ou em certos contextos comunicativos quando a formalidade os exige.

Principais pronomes de tratamento e seus respectivos empregos:

PRONOME DE TRATAMENTO	ABREVIATURA	EMPREGO
você, vocês	v.	Tratamento familiar, informal
senhor, senhores	Sr. Sr.^{es}	Tratamento respeitoso
senhorita, senhoritas	Sr^{ta}, Sr^{tas}	Para mulheres solteiras
senhora, senhoras	Sr.^{a}, Sras	Tratamento respeitoso
Vossa Senhoria, Vossas Senhorias	V.S.^{a}, V. S.^{as}	Para pessoas que exercem cargos importantes
Vossa Excelência, Vossas Excelências	V. Ex.ª, V. Ex.^{as}	Para autoridades superiores (presidentes, juízes, deputados, senadores, governadores etc).
Vossa Eminência, Vossas Eminências	V. Em.^{a}, V. Em.^{as}	Para cardeais
Vossa Alteza, Vossas Altezas	V.A., VV.AA.	Para príncipes, princesas e duques.
Vossa Majestade, Vossas Majestades	V.M., VV.MM.	Para reis e rainhas
Vossa Meritíssima	Por extenso	Juízes
Vossa Magnificência, Vossas Magnificências	V. Mag.^{a}, V. Mag.^{as}	Reitores
Vossa Reverendíssima, Vossas Reverendíssimas	V.Rev.^{ma}, V. Rev.^{mas}	Sacerdotes religiosos, bispos, padres, pastores.
Vossa Santidade	V.S.	Papa

Observação sobre os pronomes de tratamento:

a) Os pronomes de tratamento são pronomes que se referem à segunda pessoa do discurso. Entretanto, exigem a concordância verbal na terceira pessoa. Ademais, devem também ficar na terceira pessoa todos os elementos que a tais pronomes se refiram.

* Suas Excelências ainda não **deixaram** os seus despachos.   * Vossa Senhoria **deseja** um pouco de água?

* Vossas Majestades ainda não **inspecionaram** os **seus** cavalos este mês?

OS PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Outra categoria bastante usual na língua portuguesa é a dos pronomes demonstrativos. São denominados de demonstrativos porque situam as pessoas ou coisas no tempo ou no espaço, postas em relação às pessoas do discurso. Os pronomes demonstrativos apresentam formas variáveis e invariáveis.

PRONOMES DEMONSTRATIVOS			
	VARIÁVEIS		INVARIÁVEIS
	MASCULINOS	FEMININOS	
1ª PESSOA	este, estes	esta, estas	isto
2ª PESSOA	esse, esses	essa, essas	isso
3ª PESSOA	aquele, aqueles	aquela, aquelas	aquilo

Além dos pronomes acima, são igualmente demonstrativos os seguintes pronomes: “mesmo(s), mesma(s), próprio(s), própria(s), tal, tais, semelhante(s)”.

Emprego dos pronomes demonstrativos

O emprego dos pronomes demonstrativos representa um dos pontos mais discutidos pelos estudiosos da língua, já que em muitos escritores encontram-se empregos controvertidos dos tais pronomes. Para facilitar o entendimento, dividimos o emprego dos demonstrativos em relação à três aspectos: localização espacial do referente, localização temporal do referente e localização textual do referente.

I) Quanto à localização espacial do referente temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se “este, esta, isto e variações” quando o referente se encontra com o ser que fala.

* **Esta** camisa aqui custou-me quarenta reais.

b) Emprega-se “esse, essa, isso e variações” quando o referente se encontra próximo, perto de quem fala.

* Quanto custou **essa** camisa que você está usando?

c) Empregam-se “aquele, aquela, aquilo e variações” quando o referente se encontra distante do ser que fala.

* **Aquele** menino acolá passou em um concurso para juiz federal.

II) Quanto à localização temporal do referente, temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se “este, esta, isto e variações” quando se faz referências a um tempo presente em relação à pessoa que fala.

* Ainda este ano irei à Europa. * Nesta tarde resolverei todo o problema com o síndico.

b) Empregam-se “esse, essa, isso e variações” quando se faz referências a um tempo passado ou futuro em relação à pessoa que fala.

* O ano passado marcou minha vida. **Nesse** ano nasceu meu filho.

c) Empregam-se "aquele, aquela, aquilo e variações" quando se faz referências a passado distante em relação ao ser que fala.

* Em 1980 a inflação era galopante. **Naquele** ano, viviam-se os últimos anos do milagre econômico brasileiro.

* 0s anos de 1939 a 1945 marcaram a humanidade. Durante **aqueles** anos, desenvolveu-se um dos maiores massacres perpetrados contra a humanidade: o extermínio dos judeus.

III) Quanto à localização textual do referente, temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se “esse, essa, isso e variações” para retomar termos e informações já mencionados. Tais pronomes funcionarão como “elementos de coesão referencial anafórica”.

* A violência assola o pais de norte a sul. **Esse** problema inviabiliza muitos negócios comerciais no Brasil.

* Ao coração cabe toda a função de bombeamento sanguíneo. **Esse** órgão bate, quando regular, cerca de 80 vezes por minuto.

b) Empregam-se “este, esta, isto e variações” para antecipar termos e informações que ainda vão ser mencionados. Tais pronomes funcionarão, portanto, como “elementos de coesão referencial catafórica”.

* O Brasil precisa disto: educação igualitária – de qualidade – para todos.

* Esta indagação jamais será respondida satisfatoriamente: “Quem nasceu primeiro: o ovo ou a galinha?”

c) Empregam-se “este, esta, isto e variações” para retomar, dentro de um período, o termo mais próximo, ou seja, o enunciado em segundo lugar, a fim de se evitar uma possível ambigüidade que os demonstrativos “esse, essa, isso e variações” poderiam gerar. Por outro lado, empregam-se “aquele, aquela, aquilo e variações” para retomar, dentro do período, o termo mais distante, ou seja, o enunciado em primeiro lugar.

* Brasil e Argentina travaram novos acordos comerciais. **Este** exportará carnes nobres e importará frutas tropicais **daquele**. → Este = Argentina / Daquele = Brasil.

* Os otimistas não julguem os pessimistas, nem **estes àqueles**, pois ambos convergem para alguma forma de idealismo. → Estes = pessimistas / Aqueles = otimistas.

OS PRONOMES INDEFINIDOS

São denominados de indefinidos os pronomes que se referem à 3ª pessoa do discurso quando esta tem sentido vago e indeterminado.

Apresentam-se na língua portuguesa em um bom número – alguns são invariáveis e outros tantos variáveis.

INDEFINIDOS INVARIÁVEIS	**INDEFINIDOS VARIÁVEIS**
- alguém, ninguém; - tudo, nada; - algo; - cada; - outrem; - mais, menos, demais.	- algum, alguns, alguma, algumas; - nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhumas; - todo, toda, todos, todas; - muito, muitos, muita, muitas; - pouco, pouca, poucos, poucas; - certo, certa, certos, certas; - vário, vários, vária, várias; - tanto, tantos, tanta, tantas; - quanto, quantos, quanta, quantas; - um, uns, uma, umas; - bastante, bastantes; - qualquer, quaisquer.

Além dos indefinidos acima, existem as chamadas "locuções pronominais indefinidas", que nada mais são do que a junção de mais de um vocábulo com função de um pronome indefinido. São exemplos dessas locuções: **cada um, cada qual, qualquer outro, quem quer que seja, fosse quem fosse, outro qualquer, todo aquele que, tudo o mais, seja qual for, um ou outro, todo o mundo** etc.

PRONOMES POSSESSIVOS

São denominados de possessivos os pronomes que estabelecem uma noção de posse em referência às pessoas do discurso (1ª, 2ª e 3ª), isto é, designam a pessoa gramatical a quem pertence o ser.

PRONOMES POSSESSIVOS		
SINGULAR	**1ª PESSOA**	**MEU, MINHA, MEUS, MINHAS**
	2ª PESSOA	**TEU, TUA, TEUS, TUAS**
	3ª PESSOA	**SEU, SUA, SEUS, SUAS**
PLURAL	**1ª PESSOA**	**NOSSO, NOSSA, NOSSOS, NOSSAS**
	2ª PESSOA	**VOSSO, VOSSA, VOSSOS, VOSSAS**
	3ª PESSOA	**SEU, SUA, SEUS, SUAS**

Emprego dos pronomes possessivos

1. Em geral, os pronomes possessivos adjetivos facultam a anteposição de um artigo (determinante).

* Ainda não levei { **seu carro** / ou / **o seu carro** } para o lava-jato.

* Muitos professores elogiaram { **nosso projeto.** / ou / **o nosso projeto.** }

2. Quando o pronome possessivo é empregado substantivamente, a presença do artigo ou de outro determinante que o substitua é indispensável.

* Encontrei { **meu livro** / ou / **o meu livro** }, mas não vi **o teu**.

* Este carro aqui não é mais caro que **o seu**.

PRONOMES RELATIVOS

São denominados de relativos os pronomes que representam um ser já expresso (antecedente). Entretanto, só isso não basta para caracterizá-los, uma vez que outros pronomes também o fazem. A principal característica do pronome relativo é servir de vínculo gramatical entre duas orações, estabelecendo uma relação de subordinação. Daí serem também chamados tais pronomes de "relativos-conjuntivos".

Os principais pronomes relativos são:

PRONOMES RELATIVOS	
INVARIÁVEIS	**VARIÁVEIS**
QUE	**O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS**
QUEM	**CUJO, CUJA, CUJOS, CUJAS**
ONDE	**QUANTO, QUANTA, QUANTOS, QUANTAS**

Observação: Funcionam também como pronomes relativos os vocábulos "como" e "quando", quando retomam termos anteriormente mencionados.

PRONOMES INTERROGATIVOS

São assim denominados os pronomes "**que**, **quem**, **qual** e **quanto**" quando empregados em orações interrogativas diretas e indiretas. Tais pronomes se referem a pessoa ou a coisa desconhecida.

* "**Qual**, de entre tantos Orfeus que a gente por aí vê e ouve, foi o que obrou a maravilha?" (A. Garret)

* "**Quantos** pobres galileus não fez ele matar sem licença do tetrarca?" (Eça de Queiroz)

Observações sobre os pronomes interrogativos:

a) O pronome interrogativo "qual" é usado para distinguir uma pessoa, uma coisa ou uma qualidade dentre várias existentes.

* "Dizei-me: qual é mais poderosa, a graça ou a natureza?" *(Vieira, apud Sousa da Silveira)*

b) Embora seja condenado por renomados estudiosos da língua portuguesa, o emprego da forma interrogativa "o que" é largamente usado em nossa língua.

* "O que está naquela arca?" (A. Herculano)

* "Reis da terra, o que sois?" (Gonçalves Dias)

Teste seus conhecimentos (Questões básicas – Nível “Teletubbies”):

1. Na frase “**Todo** homem é mortal, porém o homem **todo** não é mortal”, o termo todo é impregado com significados diferentes.

   a) Indique o sentido em cada uma das espressões.
   b) Justifique sua resposta

____
____
____
____
____
____
____
____

2. Das alternativas abaixo, apenas uma preenche de modo correto as lacunas da frases. Assinale-a

   Quando saíres, avisa-nos que iremos ....
   Meu pai deu um livro para .... ler.
   Não se ponha entre .... e ela.
   Mandou um recado para você e ....

   a) Contigo, eu, eu, eu.
   b) Com você, mim, mim, mim
   c) Consigo, mim, mim, eu.
   d) Consigo, eu, mim, mim
   e) Contigo, eu, mim, mim

3. “Eu não ... vi na festa do clube ontem. Os diretores não ... convidaram? Não ... disseram que era ontem? Eu ... avisei de que não podia confiar neles!”

   a) o, o, o, o
   b) o, lhe, lhe, o
   c) o, o, lhe, o
   d) lhe, lhe, lhe, lhe
   e) lhe, lhe, o, o

4. Foram divididos .... próprios os trabalhos que .... em equipe.

   a) Conosco, se devem realizar
   b) Com nós, devem-se realizar
   c) Conosco, devem realizar-se
   d) Com nós, se devem realizar
   e) Conosco, devem-se realizar

5. “Este é um assunto entre........................ .
   Não tem nada a ver ....”

   Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

   a) Eu e ele, contigo
   b) Eu e ele, consigo
   c) Mim e ele, com você
   d) Mim e ele, consigo
   e) Mim e ti, consigo

6.
   a) Reescreva o período seguinte, substituindo o pronome destacado por outro, sem alterar o sentido da frase.
   “O barbeiro não parou de falar, enquanto cortava os **meus** cabelos.”

   ____
   ____
   ____
   ____

   b) Empregando exatamente as mesmas palavras, reescreva a frase seguinte, alterando-a de modo a que adquira sentido negativo. “Algum amigo me ajudará.”

   ____
   ____
   ____
   ____

7. Por favor, passe .... caneta que está aí perto de você; .... aqui não serve para .... desenhar

   a) aquela, esta, mim
   b) esta, esta, mim
   c) essa, esta, eu
   d) essa, essa, mim
   e) aquela, essa, eu

8. Dadas as sentenças:

   I. Confesso que fiquei fora de si quando recebi o telefonema
   II. O nome do sinal em forma de estrela (*) é asterístico.
   III. Ela é uma pessoa bastante arvoada.

   Deduzimos que:

   a) Apenas a sentença I está correta
   b) Apenas a sentença II está correta
   c) Apenas a sentença III está correta
   d) Todas estão corretas.

e) N.d.a

9. Dadas as sentenças:

I. Ela comprou um livro para mim ler.
II. Nada há entre mim e ti.
III. Alvimar, gostaria de falar consigo.

verificamos que está (estão) corretas (s):

a) Apenas a sentença I
b) Apenas a sentença II
c) Apenas a sentença III
d) Apenas as sentenças I e II
e) Todas as sentenças.

10. Considere o uso dos pronomes pessoais nas frases abaixo e coloque C (certo) ou E (errado)

a) Perante eu e tu não há maiores segredos. ( )
b) Entre eu e ela existe confiança mútua. ( )
c) Papai emprestou o carro para mim dirigir. ( )

11. Identifique a oração em que a palavra "**certo**" é pronome indefinido.

a) Certo perdeste o juízo.
b) Certo rapaz te procurou.
c) Escolheste o rapaz certo
d) Marque o conceito certo
e) Não deixe o certo pelo errado.

12. O período em que o pronome possessivo destacado está mal empregado é:

a) Dirijo-me a ele, a fim de solicitar o *seu* apoio.
b) Dirijo-me a ti, a fim de solicitar o *teu* apoio
c) Dirijo-me a vós, a fim de solicitar o *vosso* apoio.
d) Dirijo-me a Vossa Senhoria, a fim de solicitar o *seu* apoio.
e) Dirijo-me a Vossa Senhoria, a fim de solicitar o *vosso* apoio

13. A carta vinha endereçada para ... e para ...; ...é que a abri.

a) Mim, tu, por isso
b) Mim, ti, porisso
c) Mim, ti, por isso
d) Eu, ti, porisso
e) Eu, tu, por isso

14. "Vi uma fotografia sua no metrô".

Explique pelo menos dois dos vários sentidos que podem ser atribuídos à frase acima.

GABARITO:

1.
a) qualquer / totalidade
b) “Todo anteposto equivale a “qualquer”; posposto, equivale a “totalidade”.
2. E
3. C
4. D
5. C
6.
a) me
b) amigo algum
7. C
8. C
9. B
10. E – E – E
11. B
12. E
13. C
14.
a) Um fotografia tirada por você, ou uma fotografia tirada de você.

Língua Portuguesa – começando do ZERO

Apostila 03 (Teoria e questões)

O pronome

Definição:

A partir do exemplo dado, podemos dizer que a classe de palavra variável que substitui ou acompanha o substantivo, situando-o numa das pessoas do discurso, é denominada de **pronome**.

As pessoas do discurso são:

a) o ser que fala – **1ª pessoa** (eu e nós)
b) o ser com quem se fala – **2ª pessoa** (tu e vós)
c) o ser (ou coisa) de que se fala – **3ª pessoa** (ele e eles)

Pronomes adjetivos e pronomes substantivos

De acordo com as afirmações iniciais, podemos classificar de antemão os pronomes em: substantivos e adjetivos.

→ **Pronome substantivo**, como o próprio nome já o diz, é aquele que se põe no lugar do substantivo e passa a exercer uma função típica deste.

→ **Pronome adjetivo**, por outro lado, é aquele que acompanha o substantivo, atribuindo-lhe informações acessórias.

Observe:

* **Ele** jamais desconfiou de **nossa** honestidade.
pronome substantivo pronome adjetivo

* O rapaz **o** comprou por **meu** intermédio.
pronome substantivo pronome adjetivo

Classificação dos pronomes

Os pronomes se classificam de acordo com suas funções em:

I. **Pronomes pessoais**
II. **Pronomes demonstrativos**
III. **Pronomes indefinidos**
IV. **Pronomes possessivos**
V. **Pronomes relativos**
VI. **Pronomes interrogativos**

OS PRONOMES PESSOAIS

São assim denominados os pronomes que indicam diretamente as pessoas gramaticais: o falante (1ª pessoa), o ouvinte (2ª pessoa) e o que não toma parte na conversa (3ª pessoa). São classificados em **retos**, **oblíquos** e **de tratamento**.

PRONOMES PESSOAIS		
RETOS	OBLÍQUOS	
	Átonos	Tônicos
EU	ME	MIM, COMIGO
TU	TE	TI, CONTIGO
ELE	O, A, LHE, SE	SI, CONSIGO, ELE, ELA
NÓS	NOS	CONOSCO, NÓS
VÓS	VOS	CONVOSCO, VÓS
ELES	OS, AS, LHE, SE	SI, CONSIGO, ELES, ELAS

Emprego dos pronomes pessoais do caso reto:

1. A princípio, convém dizer que os pronomes são denominados de “retos” porque exercem função subjetiva, ou seja, funcionam como sujeito de um verbo. Por outro lado, são denominados de oblíquos os pronomes que exercem função complementar.

* **Eles** jamais deixarão os juros caírem demais.
caso reto

* Ainda não **me** comunicaram o fato.
caso oblíquo

* Todos irão **conosco**, João.
caso oblíquo

* **Nós** encontrá-**lo**-emos no shopping à tarde.
caso reto caso oblíquo

OS PRONOMES DE TRATAMENTO

Uma divisão interessante dos pronomes pessoais são os pronomes de tratamento. São assim denominados porque se usam tais pronomes em referência a certas pessoas consideradas autoridades ou em certos contextos comunicativos quando a formalidade os exige.

Principais pronomes de tratamento e seus respectivos empregos:

PRONOME DE TRATAMENTO	ABREVIATURA	EMPREGO
você, vocês	v.	Tratamento familiar, informal
senhor, senhores	Sr. Sr.^{es}	Tratamento respeitoso
senhorita, senhoritas	Sr^{ta}, Sr^{tas}	Para mulheres solteiras
senhora, senhoras	Sr.^{a}, Sras	Tratamento respeitoso
Vossa Senhoria, Vossas Senhorias	V.S.^{a}, V. S.^{as}	Para pessoas que exercem cargos importantes
Vossa Excelência, Vossas Excelências	V. Ex.ª, V. Ex.^{as}	Para autoridades superiores (presidentes, juízes, deputados, senadores, governadores etc).
Vossa Eminência, Vossas Eminências	V. Em.^{a}, V. Em.^{as}	Para cardeais
Vossa Alteza, Vossas Altezas	V.A., VV.AA.	Para príncipes, princesas e duques.
Vossa Majestade, Vossas Majestades	V.M., VV.MM.	Para reis e rainhas
Vossa Meritíssima	Por extenso	Juízes
Vossa Magnificência, Vossas Magnificências	V. Mag.^{a}, V. Mag.^{as}	Reitores
Vossa Reverendíssima, Vossas Reverendíssimas	V.Rev.^{ma}, V. Rev.^{mas}	Sacerdotes religiosos, bispos, padres, pastores.
Vossa Santidade	V.S.	Papa

Observação sobre os pronomes de tratamento:

a) Os pronomes de tratamento são pronomes que se referem à segunda pessoa do discurso. Entretanto, exigem a concordância verbal na terceira pessoa. Ademais, devem também ficar na terceira pessoa todos os elementos que a tais pronomes se refiram.

* Suas Excelências ainda não **deixaram** os seus despachos.   * Vossa Senhoria **deseja** um pouco de água?

* Vossas Majestades ainda não **inspecionaram** os **seus** cavalos este mês?

OS PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Outra categoria bastante usual na língua portuguesa é a dos pronomes demonstrativos. São denominados de demonstrativos porque situam as pessoas ou coisas no tempo ou no espaço, postas em relação às pessoas do discurso. Os pronomes demonstrativos apresentam formas variáveis e invariáveis.

PRONOMES DEMONSTRATIVOS			
	VARIÁVEIS		**INVARIÁVEIS**
	MASCULINOS	**FEMININOS**	
1ª PESSOA	este, estes	esta, estas	isto
2ª PESSOA	esse, esses	essa, essas	isso
3ª PESSOA	aquele, aqueles	aquela, aquelas	aquilo

Além dos pronomes acima, são igualmente demonstrativos os seguintes pronomes: “mesmo(s), mesma(s), próprio(s), própria(s), tal, tais, semelhante(s)”.

Emprego dos pronomes demonstrativos

O emprego dos pronomes demonstrativos representa um dos pontos mais discutidos pelos estudiosos da língua, já que em muitos escritores encontram-se empregos controvertidos dos tais pronomes. Para facilitar o entendimento, dividimos o emprego dos demonstrativos em relação à três aspectos: localização espacial do referente, localização temporal do referente e localização textual do referente.

I) Quanto à localização espacial do referente temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se “este, esta, isto e variações” quando o referente se encontra com o ser que fala.

* **Esta** camisa aqui custou-me quarenta reais.

b) Emprega-se “esse, essa, isso e variações” quando o referente se encontra próximo, perto de quem fala.

* Quanto custou **essa** camisa que você está usando?

c) Empregam-se “aquele, aquela, aquilo e variações” quando o referente se encontra distante do ser que fala.

* **Aquele** menino acolá passou em um concurso para juiz federal.

II) Quanto à localização temporal do referente, temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se "este, esta, isto e variações" quando se faz referências a um tempo presente em relação à pessoa que fala.

* Ainda este ano irei à Europa. * Nesta tarde resolverei todo o problema com o síndico.

b) Empregam-se "esse, essa, isso e variações" quando se faz referências a um tempo passado ou futuro em relação à pessoa que fala.

* O ano passado marcou minha vida. **Nesse** ano nasceu meu filho.

c) Empregam-se "aquele, aquela, aquilo e variações" quando se faz referências a passado distante em relação ao ser que fala.

* Em 1980 a inflação era galopante. **Naquele** ano, viviam-se os últimos anos do milagre econômico brasileiro.

* 0s anos de 1939 a 1945 marcaram a humanidade. Durante **aqueles** anos, desenvolveu-se um dos maiores massacres perpetrados contra a humanidade: o extermínio dos judeus.

III) Quanto à localização textual do referente, temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se "esse, essa, isso e variações" para retomar termos e informações já mencionados. Tais pronomes funcionarão como "elementos de coesão referencial anafórica".

* A violência assola o pais de norte a sul. **Esse** problema inviabiliza muitos negócios comerciais no Brasil.

* Ao coração cabe toda a função de bombeamento sanguíneo. **Esse** órgão bate, quando regular, cerca de 80 vezes por minuto.

b) Empregam-se "este, esta, isto e variações" para antecipar termos e informações que ainda vão ser mencionados. Tais pronomes funcionarão, portanto, como "elementos de coesão referencial catafórica".

* O Brasil precisa disto: educação igualitária – de qualidade – para todos.

* Esta indagação jamais será respondida satisfatoriamente: "Quem nasceu primeiro: o ovo ou a galinha?"

c) Empregam-se "este, esta, isto e variações" para retomar, dentro de um período, o termo mais próximo, ou seja, o enunciado em segundo lugar, a fim de se evitar uma possível ambigüidade que os demonstrativos "esse, essa, isso e variações" poderiam gerar. Por outro lado, empregam-se "aquele, aquela, aquilo e variações" para retomar, dentro do período, o termo mais distante, ou seja, o enunciado em primeiro lugar.

* Brasil e Argentina travaram novos acordos comerciais. **Este** exportará carnes nobres e importará frutas tropicais **daquele**. → Este = Argentina / Daquele = Brasil.

* Os otimistas não julguem os pessimistas, nem **estes àqueles**, pois ambos convergem para alguma forma de idealismo. → Estes = pessimistas / Aqueles = otimistas.

OS PRONOMES INDEFINIDOS

São denominados de indefinidos os pronomes que se referem à 3ª pessoa do discurso quando esta tem sentido vago e indeterminado.

Apresentam-se na língua portuguesa em um bom número – alguns são invariáveis e outros tantos variáveis.

INDEFINIDOS INVARIÁVEIS	INDEFINIDOS VARIÁVEIS
- alguém, ninguém; - tudo, nada; - algo; - cada; - outrem; - mais, menos, demais.	- algum, alguns, alguma, algumas; - nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhumas; - todo, toda, todos, todas; - muito, muitos, muita, muitas; - pouco, pouca, poucos, poucas; - certo, certa, certos, certas; - vário, vários, vária, várias; - tanto, tantos, tanta, tantas; - quanto, quantos, quanta, quantas; - um, uns, uma, umas; - bastante, bastantes; - qualquer, quaisquer.

Além dos indefinidos acima, existem as chamadas "locuções pronominais indefinidas", que nada mais são do que a junção de mais de um vocábulo com função de um pronome indefinido. São exemplos dessas locuções: **cada um, cada qual, qualquer outro, quem quer que seja, fosse quem fosse, outro qualquer, todo aquele que, tudo o mais, seja qual for, um ou outro, todo o mundo** etc.

PRONOMES POSSESSIVOS

São denominados de possessivos os pronomes que estabelecem uma noção de posse em referência às pessoas do discurso (1ª, 2ª e 3ª), isto é, designam a pessoa gramatical a quem pertence o ser.

PRONOMES POSSESSIVOS		
SINGULAR	**1ª PESSOA**	**MEU, MINHA, MEUS, MINHAS**
	2ª PESSOA	**TEU, TUA, TEUS, TUAS**
	3ª PESSOA	**SEU, SUA, SEUS, SUAS**
PLURAL	**1ª PESSOA**	**NOSSO, NOSSA, NOSSOS, NOSSAS**
	2ª PESSOA	**VOSSO, VOSSA, VOSSOS, VOSSAS**
	3ª PESSOA	**SEU, SUA, SEUS, SUAS**

Emprego dos pronomes possessivos

1. Em geral, os pronomes possessivos adjetivos facultam a anteposição de um artigo (determinante).

* Ainda não levei { **seu carro**
ou
o seu carro } para o lava-jato.

* Muitos professores elogiaram { **nosso projeto.**
ou
o nosso projeto. }

2. Quando o pronome possessivo é empregado substantivamente, a presença do artigo ou de outro determinante que o substitua é indispensável.

* Encontrei **meu livro**
ou
o meu livro
, mas não vi **o teu**.

* Este carro aqui não é mais caro que **o seu**.

PRONOMES RELATIVOS

São denominados de relativos os pronomes que representam um ser já expresso (antecedente). Entretanto, só isso não basta para caracterizá-los, uma vez que outros pronomes também o fazem. A principal característica do pronome relativo é servir de vínculo gramatical entre duas orações, estabelecendo uma relação de subordinação. Daí serem também chamados tais pronomes de "relativos-conjuntivos".

Os principais pronomes relativos são:

PRONOMES RELATIVOS	
INVARIÁVEIS	**VARIÁVEIS**
QUE	**O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS**
QUEM	**CUJO, CUJA, CUJOS, CUJAS**
ONDE	**QUANTO, QUANTA, QUANTOS, QUANTAS**

Observação: Funcionam também como pronomes relativos os vocábulos "como" e "quando", quando retomam termos anteriormente mencionados.

PRONOMES INTERROGATIVOS

São assim denominados os pronomes "**que**, **quem**, **qual** e **quanto**" quando empregados em orações interrogativas diretas e indiretas. Tais pronomes se referem a pessoa ou a coisa desconhecida.

* "**Qual**, de entre tantos Orfeus que a gente por aí vê e ouve, foi o que obrou a maravilha?" (A. Garret)

* "**Quantos** pobres galileus não fez ele matar sem licença do tetrarca?" (Eça de Queiroz)

Observações sobre os pronomes interrogativos:

a) O pronome interrogativo "qual" é usado para distinguir uma pessoa, uma coisa ou uma qualidade dentre várias existentes.

* "Dizei-me: qual é mais poderosa, a graça ou a natureza?" *(Vieira, apud Sousa da Silveira)*

b) Embora seja condenado por renomados estudiosos da língua portuguesa, o emprego da forma interrogativa "o que" é largamente usado em nossa língua.

* "O que está naquela arca?" (A. Herculano)

* "Reis da terra, o que sois?" (Gonçalves Dias)

Teste seus conhecimentos (Questões básicas – Nível “Teletubbies”):

1. Na frase “**Todo** homem é mortal, porém o homem **todo** não é mortal”, o termo todo é impregado com significados diferentes.

   a) Indique o sentido em cada uma das espressões.
   b) Justifique sua resposta

____
____
____
____
____
____
____
____

2. Das alternativas abaixo, apenas uma preenche de modo correto as lacunas da frases. Assinale-a

   Quando saíres, avisa-nos que iremos ....
   Meu pai deu um livro para .... ler.
   Não se ponha entre .... e ela.
   Mandou um recado para você e ....

   a) Contigo, eu, eu, eu.
   b) Com você, mim, mim, mim
   c) Consigo, mim, mim, eu.
   d) Consigo, eu, mim, mim
   e) Contigo, eu, mim, mim

3. “Eu não ... vi na festa do clube ontem. Os diretores não ... convidaram? Não ... disseram que era ontem? Eu ... avisei de que não podia confiar neles!”

   a) o, o, o, o
   b) o, lhe, lhe, o
   c) o, o, lhe, o
   d) lhe, lhe, lhe, lhe
   e) lhe, lhe, o, o

4. Foram divididos .... próprios os trabalhos que .... em equipe.

   a) Conosco, se devem realizar
   b) Com nós, devem-se realizar
   c) Conosco, devem realizar-se
   d) Com nós, se devem realizar
   e) Conosco, devem-se realizar

5. “Este é um assunto entre....................... .
   Não tem nada a ver ....”

   Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

   a) Eu e ele, contigo
   b) Eu e ele, consigo
   c) Mim e ele, com você
   d) Mim e ele, consigo
   e) Mim e ti, consigo

6.
   a) Reescreva o período seguinte, substituindo o pronome destacado por outro, sem alterar o sentido da frase.
   “O barbeiro não parou de falar, enquanto cortava os **meus** cabelos.”

   ____
   ____
   ____
   ____

   b) Empregando exatamente as mesmas palavras, reescreva a frase seguinte, alterando-a de modo a que adquira sentido negativo. “Algum amigo me ajudará.”

   ____
   ____
   ____
   ____

7. Por favor, passe .... caneta que está aí perto de você; .... aqui não serve para .... desenhar

   a) aquela, esta, mim
   b) esta, esta, mim
   c) essa, esta, eu
   d) essa, essa, mim
   e) aquela, essa, eu

8. Dadas as sentenças:

   I. Confesso que fiquei fora de si quando recebi o telefonema
   II. O nome do sinal em forma de estrela (*) é asterístico.
   III. Ela é uma pessoa bastante arvoada.

   Deduzimos que:

   a) Apenas a sentença I está correta
   b) Apenas a sentença II está correta
   c) Apenas a sentença III está correta
   d) Todas estão corretas.

e) N.d.a

9. Dadas as sentenças:

I. Ela comprou um livro para mim ler.
II. Nada há entre mim e ti.
III. Alvimar, gostaria de falar consigo.

verificamos que está (estão) corretas (s):

a) Apenas a sentença I
b) Apenas a sentença II
c) Apenas a sentença III
d) Apenas as sentenças I e II
e) Todas as sentenças.

10. Considere o uso dos pronomes pessoais nas frases abaixo e coloque C (certo) ou E (errado)

a) Perante eu e tu não há maiores segredos. ( )
b) Entre eu e ela existe confiança mútua. ( )
c) Papai emprestou o carro para mim dirigir. ( )

11. Identifique a oração em que a palavra “**certo”** é pronome indefinido.

a) Certo perdeste o juízo.
b) Certo rapaz te procurou.
c) Escolheste o rapaz certo
d) Marque o conceito certo
e) Não deixe o certo pelo errado.

12. O período em que o pronome possessivo destacado está mal empregado é:

a) Dirijo-me a ele, a fim de solicitar o *seu* apoio.
b) Dirijo-me a ti, a fim de solicitar o *teu* apoio
c) Dirijo-me a vós, a fim de solicitar o *vosso* apoio.
d) Dirijo-me a Vossa Senhoria, a fim de solicitar o *seu* apoio.
e) Dirijo-me a Vossa Senhoria, a fim de solicitar o *vosso* apoio

13. A carta vinha endereçada para ... e para ...; ...é que a abri.

a) Mim, tu, por isso
b) Mim, ti, porisso
c) Mim, ti, por isso
d) Eu, ti, porisso
e) Eu, tu, por isso

14. “Vi uma fotografia sua no metrô”.

Explique pelo menos dois dos vários sentidos que podem ser atribuídos à frase acima.

GABARITO:

1.
a) qualquer / totalidade
b) “Todo anteposto equivale a “qualquer”; posposto, equivale a “totalidade”.
2. E
3. C
4. D
5. C
6.
a) me
b) amigo algum
7. C
8. C
9. B
10. E – E – E
11. B
12. E
13. C
14.
a) Um fotografia tirada por você, ou uma fotografia tirada de você.

E-mail

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Características

Endereço: nome@provedor.com.br
→ Nome: ou apelido do usuário;
→ @ (arroba): sinal que em inglês significa "at", ou seja, indica o lugar (localização dos endereços de e-mail);
→ Provedor: empresa destinada a esse tipo de serviço (gmail, Hotmail, yahoo, etc.);
→ Abreviações: indicam a que se destina o endereço de e-mail: ".com" - e-mail comercial; ".mg" – ou sigla de outro estado, que se trata de um e-mail institucional; ".gov" - o e-mail é de domínio do poder público, governamental; ".edu" - e-mail de instituição de ensino; ".br": indica o país de domínio (Brasil)
→ Senha/ Password: criada pelo usuário para acessar o e-mail. Tem o objetivo de impedir a invasão de privacidade.

Curiosidades

Tudo fica gravado no sistema e ainda separados por pastas no e-mail e o próprio utilizador pode criar pastas e organizar as informações da maneira que preferir.

Spam é uma pasta que armazena geralmente as mensagens publicitárias recebidas. O termo é uma sigla que pode significar "enviar e postar publicidade em massa" (em inglês "*Sending and Posting Advertisement in Mass*") ou "mensagens irritantes, inúteis e estúpidas" (em inglês "*Stupid Pointless Annoying Messages*").

Abreviação *eletronic mail*, é uma mensagem eletrônica muito utilizada atualmente.

Elementos

✓ **Para/To:** local em que deve ser inserido o endereço de e-mail do destinatário, que pode ser para uma ou para várias pessoas.
✓ **"Cc"** (com cópia): pode ser inserido outro (s) endereço (s) de e-mail (s) onde as pessoas que o recebem conseguem visualizar para quem ele foi enviado.
✓ **"Cco"** (com cópia oculta): indica que a mensagem será enviada com cópia para outros e-mails. No entanto, as pessoas que o recebem não conseguem visualizar os outros receptores (remetentes).
✓ **Assunto/Subject:** Representa o tema do e-mail preenchido na caixa de diálogo que aparece acima do corpo da mensagem.
✓ **Caixa de texto:** local destinado para se escrever a mensagem desejada.
✓ **Anexos:** você pode enviar, junto com a mensagem, arquivos em anexo (fotos, documentos, imagens, vídeos, etc.) Basta clicar no grampo 📎 e selecionar seu arquivo.
✓ **Enviar/send:** após redigir o e-mail, basta clicar nesse botão para que a mensagem seja enviada.
✓ **Data e hora:** são anexadas de maneira automática quando a mensagem é enviada.

Estrutura

Vocativo: Já no corpo da mensagem, coloca-se o nome do receptor, ou seja, para quem a mensagem está sendo destinada
Corpo de texto: São colocadas as informações que o emissor quer expressar segundo o assunto da mensagem.
***Despedida*:** Indica a finalização da mensagem com expressões de despedida, pode ser formal ou informal, a depender do destinatário e assunto da mensagem.
Assinatura: Ao final da mensagem, o emissor assina seu nome. Dependendo do teor da mensagem, a linguagem deve ser mais formal, onde o emissor assina seu nome completo; ou informal, com abreviações, nomes no diminutivo, apelido, etc.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Crase....................2
- Parte I....................2
  - Crases Obrigatórias....................2
- Parte II....................3
  - Casos Especiais....................3
  - Casos Facultativos....................3
  - Nunca se Usa Crase....................4

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Crase

Parte I

Conceito: é a fusão entre a preposição a + o artigo a.

Para isso, você precisa sempre observar dois aspectos da frase:

1) Encontre o verbo (ou locução verbal) e questione-o para descobrir sua regência, ou seja, se ele pede ou não a preposição *a*.

2) Encontre o nome a que essa preposição, caso exista, se refere e verifique se ele aceita ou não o artigo *a* definindo-o.

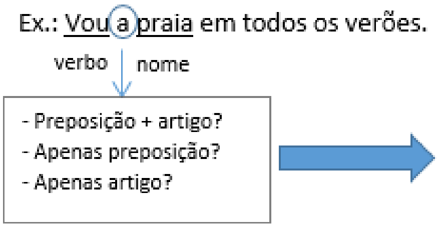
Ex.: Vou a praia em todos os verões.

- Preposição + artigo?
- Apenas preposição?
- Apenas artigo?

- Verbo *ir* (vou): quem vai, vai a algum lugar.
Isso significa que o verbo PEDE preposição A.

- Nome *praia*: posso formar a frase "A praia é linda"? Posso!
Isso significa que termo *praia* ACEITA o artigo A definindo-o.

Bem, temos, então, uma composição de PREPOSIÇÃO *A* + ARTIGO *A*. Ou seja, há CRASE.

CURIOSIDADE!

CRASE refere-se apenas à fusão entre os termos. Ou seja, é nome do fenômeno. O acento (`) que vemos representado chama-se ACENTO GRAVE. No entanto, na fala corriqueira, acaba-se utilizando o termo *crase* em geral. Ex.: "Professor, vai crase nesse *a*?", em vez de: "Professor, vai acento grave nesse *a*?".

→ Outra maneira comum de verificar se a crase ocorre é trocando a palavra feminina, se houver, por uma masculina. Se o *a* se transformar em *ao*, significa que existe crase.

Ex.: João voltou à cidade natal. | João voltou ao país natal.

→ Dica para nomes geográficos:

Se for A e voltar DA, crase no A. → Vou à Bahia = Volto da Bahia.

Se for A e voltar DE, crase pra quê? → Vou a Curitiba = Volto de Curitiba.

Crases Obrigatórias

➔ Locuções adverbiais femininas

Às pressas	**Às vezes**	**À risca**	**À noite**	**À direita**
À esquerda	**À maneira de**	**À moda de**	**À mercê de**	**À toa**
À medida que	**À custa de**	**À vista**	**Às custas de**	**À proporção de**

*Exceção: expressão *a distância*. (Ex.: Ensino a distância)

Ex.: Seu pai saiu às pressas.

ATENÇÃO! Quando tenho ocultas as expressões *à moda de, à maneira de*, ainda que a preposição seja seguida de palavra masculina, ocorre crase, pois significa que determinada ação foi feita à maneira ou à moda de.

Ex.: Bife à milanesa (= à moda de Milão)

Poesia à Camões (= à maneira de Camões)

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

→ **Pronomes demonstrativos *aquele, aquela, aquilo***

Ocorrerá crase se o verbo que o antecede pedir preposição.

Ex.: Cheguei àquele lugar. (= a este)

Refiro-me àquela moça. (= a esta)

→ **Pronome relativo *a qual***

Ocorrerá crase se o verbo que o antecede pedir preposição.

Ex.: Eis a moça à qual você se referiu. | Troca: Eis o moco ao qual você se referiu.

Parte II

Casos Especiais

→ **Termos *Casa* e *Terra***

Casa

> Quando não estiver especificada, não haverá crase.

Ex.: Voltei a casa cedo.

> Quando estiver especificada, haverá crase.

Ex.: Voltei à casa dos meus pais ontem.

Terra

> Quando não estiver especificada, não haverá crase.

Ex.: Eles chegaram a terra.

> Quando estiver especificada, haverá crase.

Ex.: Eles chegaram à terra de seus antepassados.

Dica: quando queremos dizer que estamos em nossa própria casa, dizemos "Estou em casa", e não "Estou na casa". No entanto, quando estamos em outra casa, dizemos "Estou na casa de (...)", por exemplo. Isso significa que o termo *casa* não especificado não admite artigo *a*, enquanto que o especificado pede esse artigo. Compreendeu melhor agora?

Casos Facultativos

→ **Antes de pronomes possessivos femininos**

Ex.: Ele se refere a minha mãe.

à minha mãe.

→ **Antes de nomes femininos não especificados**

Ex.: Eu me referi a Joana.

à Joana.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

→ **Depois da palavra *até***

Ex.: Todos os alunos foram até a escola.

até à escola.

Nunca se Usa Crase

→ **Antes de palavras masculinas**

Ex.: Refiro-me a João.

Obs.: a única exceção que compõe essa regra é o caso visto em que expressões como "à maneira de" estão subentendidas na frase. Ex.: Fiz um gol à Pelé. (= à maneira de Pelé)

→ **Antes de verbos**

Ex.: Estou apto a discutir.

→ **Entre palavras repetidas**

Ex.: Ficamos cara a cara.

→ **Antes de expressões que exprimem ideias de tempo futuro ou distância**

Ex.: Sairá daqui a pouco

Estou a 1 metro da escola.

→ **Antes de pronomes de tratamento**

Ex.: Entregarei o buquê a você.

*Exceção: dona, senhora e senhorita. Ex.: Entregarei o buquê à senhorita.

→ **Antes de pronomes indefinidos e dos demonstrativos *esse, essa, isso, este, esta, isto***

Ex.: Obrigada a todos.

Observe a frase seguinte:

» Não darei o documento a pessoas estranhas.

Nesse caso, o verbo pede preposição *a* e o termo que sucede essa preposição é um nome feminino; portanto, deveria ocorrer crase, não acha? Acontece que esse termo feminino está no plural, e o *a* de nossa frase está no singular, pois se trata apenas de preposição. Nesse caso, NÃO ocorrerá crase. Caso você queria utilizá-la, deverá unir o artigo *as* à preposição *a,* compondo:

» Não darei o documento às pessoas estranhas.

Exercícios

01. Leia as frases a seguir.

I. Mandarei um e-mail a ela.

II. Emprestarei a roupa para sua filha.

III. Essa é a preposição a qual me referia antes.

A respeito dos termos em destaque, é correto afirmar que

a) Em I, II e III o *a* em destaque caracteriza a fusão de preposição *a* + artigo *a*.

b) Apenas em I e III o *a* em destaque caracteriza a fusão de preposição *a* + artigo *a*. Deveria, portanto, ocorrer a marcação da crase.

c) Em I, trata-se apenas da preposição *a;* em II, apenas de artigo *a*; em III, de preposição *a* + artigo *a*. Portanto, em III, deveria haver acento grave (crase).

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

- ***d)*** Em I, trata-se de preposição *a* + artigo *a*; em II, apenas de artigo *a*; em III, apenas de preposição *a*. Portanto, em I, deveria haver acento grave (crase).
- ***e)*** Em nenhum dos casos deveria haver marcação da crase pelo acento grave.

02. Leia as frases a seguir.

- ***I.*** Miguel saiu às pressas.
- ***II.*** Fui à Argentina no inverno passado.
- ***III.*** Adoro escrever à Guimarães Rosa, com vários neologismos.

A respeito dos termos em destaque, é correto afirmar que

- ***a)*** Em I, ocorre crase porque o verbo *sair* pede preposição *a* e *pressas* aceita o artigo *as*.
- ***b)*** Em II, ocorre crase porque o verbo *ir* pede preposição *a* e *Argentina* aceita o artigo *a*.
- ***c)*** Em III, não deveria ocorrer crase, pois *Guimarães Rosa* é um nome masculino e não aceita artigo *a*.
- ***d)*** Em I, não deveria ocorrer crase, pois o verbo *sair* é intransitivo, ou seja, não pede preposição *a*.
- ***e)*** Em III, ocorre crase porque o verbo escrever é transitivo indireto.

Gabarito

01 - C

02 - B

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Crase....................2
Parte I....................2
Crases Obrigatórias....................2
Parte II....................3
Casos Especiais....................3
Casos Facultativos....................3
Nunca se Usa Crase....................4

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Crase

Parte I

Conceito: é a fusão entre a preposição a + o artigo a.

Para isso, você precisa sempre observar dois aspectos da frase:

1) Encontre o verbo (ou locução verbal) e questione-o para descobrir sua regência, ou seja, se ele pede ou não a preposição *a*.

2) Encontre o nome a que essa preposição, caso exista, se refere e verifique se ele aceita ou não o artigo *a* definindo-o.

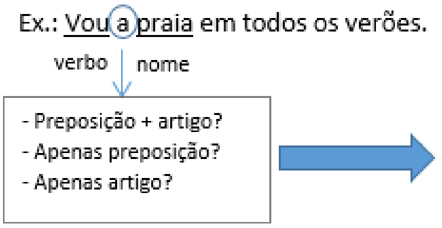

Ex.: Vou a praia em todos os verões.

- Preposição + artigo?
- Apenas preposição?
- Apenas artigo?

- Verbo *ir* (vou): quem vai, vai a algum lugar.
Isso significa que o verbo PEDE preposição A.

- Nome *praia*: posso formar a frase "A praia é linda"? Posso!
Isso significa que termo *praia* ACEITA o artigo A definindo-o.

Bem, temos, então, uma composição de PREPOSIÇÃO *A* + ARTIGO *A*. Ou seja, há CRASE.

CURIOSIDADE!

CRASE refere-se apenas à fusão entre os termos. Ou seja, é nome do fenômeno. O acento (`) que vemos representado chama-se ACENTO GRAVE. No entanto, na fala corriqueira, acaba-se utilizando o termo *crase* em geral. Ex.: "Professor, vai crase nesse *a*?", em vez de: "Professor, vai acento grave nesse *a*?".

→ Outra maneira comum de verificar se a crase ocorre é trocando a palavra feminina, se houver, por uma masculina. Se o *a* se transformar em *ao*, significa que existe crase.

Ex.: João voltou à cidade natal. | João voltou ao país natal.

→ Dica para nomes geográficos:

Se for A e voltar DA, crase no A. → Vou à Bahia = Volto da Bahia.

Se for A e voltar DE, crase pra quê? → Vou a Curitiba = Volto de Curitiba.

Crases Obrigatórias

➔ Locuções adverbiais femininas

Às pressas	**Às vezes**	**À risca**	**À noite**	**À direita**
À esquerda	**À maneira de**	**À moda de**	**À mercê de**	**À toa**
À medida que	**À custa de**	**À vista**	**Às custas de**	**À proporção de**

*Exceção: expressão *a distância*. (Ex.: Ensino a distância)

Ex.: Seu pai saiu às pressas.

ATENÇÃO! Quando tenho ocultas as expressões *à moda de, à maneira de*, ainda que a preposição seja seguida de palavra masculina, ocorre crase, pois significa que determinada ação foi feita à maneira ou à moda de.

Ex.: Bife à milanesa (= à moda de Milão)

Poesia à Camões (= à maneira de Camões)

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

→ **Pronomes demonstrativos *aquele, aquela, aquilo***

Ocorrerá crase se o verbo que o antecede pedir preposição.

Ex.: Cheguei àquele lugar. (= a este)

Refiro-me àquela moça. (= a esta)

→ **Pronome relativo *a qual***

Ocorrerá crase se o verbo que o antecede pedir preposição.

Ex.: Eis a moça à qual você se referiu. | Troca: Eis o moco ao qual você se referiu.

Parte II

Casos Especiais

→ **Termos *Casa* e *Terra***

Casa

> Quando não estiver especificada, não haverá crase.

Ex.: Voltei a casa cedo.

> Quando estiver especificada, haverá crase.

Ex.: Voltei à casa dos meus pais ontem.

Terra

> Quando não estiver especificada, não haverá crase.

Ex.: Eles chegaram a terra.

> Quando estiver especificada, haverá crase.

Ex.: Eles chegaram à terra de seus antepassados.

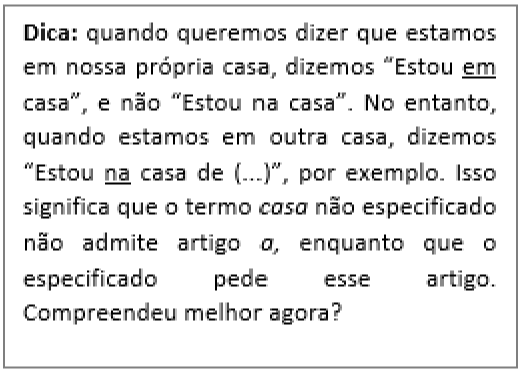

Dica: quando queremos dizer que estamos em nossa própria casa, dizemos "Estou em casa", e não "Estou na casa". No entanto, quando estamos em outra casa, dizemos "Estou na casa de (...)", por exemplo. Isso significa que o termo *casa* não especificado não admite artigo *a*, enquanto que o especificado pede esse artigo. Compreendeu melhor agora?

Casos Facultativos

→ **Antes de pronomes possessivos femininos**

Ex.: Ele se refere a minha mãe.

à minha mãe.

→ **Antes de nomes femininos não especificados**

Ex.: Eu me referi a Joana.

à Joana.

→ **Depois da palavra *até***

Ex.: Todos os alunos foram até a escola.

até à escola.

Nunca se Usa Crase

→ **Antes de palavras masculinas**

Ex.: Refiro-me a João.

Obs.: a única exceção que compõe essa regra é o caso visto em que expressões como "à maneira de" estão subentendidas na frase. Ex.: Fiz um gol à Pelé. (= à maneira de Pelé)

→ **Antes de verbos**

Ex.: Estou apto a discutir.

→ **Entre palavras repetidas**

Ex.: Ficamos cara a cara.

→ **Antes de expressões que exprimem ideias de tempo futuro ou distância**

Ex.: Sairá daqui a pouco

Estou a 1 metro da escola.

→ **Antes de pronomes de tratamento**

Ex.: Entregarei o buquê a você.

*Exceção: dona, senhora e senhorita. Ex.: Entregarei o buquê à senhorita.

→ **Antes de pronomes indefinidos e dos demonstrativos *esse, essa, isso, este, esta, isto***

Ex.: Obrigada a todos.

Observe a frase seguinte:

» Não darei o documento a pessoas estranhas.

Nesse caso, o verbo pede preposição *a* e o termo que sucede essa preposição é um nome feminino; portanto, deveria ocorrer crase, não acha? Acontece que esse termo feminino está no plural, e o *a* de nossa frase está no singular, pois se trata apenas de preposição. Nesse caso, NÃO ocorrerá crase. Caso você queria utilizá-la, deverá unir o artigo *as* à preposição *a,* compondo:

» Não darei o documento às pessoas estranhas.

Exercícios

01. Leia as frases a seguir.

I. Mandarei um e-mail a ela.

II. Emprestarei a roupa para sua filha.

III. Essa é a preposição a qual me referia antes.

A respeito dos termos em destaque, é correto afirmar que

a) Em I, II e III o *a* em destaque caracteriza a fusão de preposição *a* + artigo *a*.

b) Apenas em I e III o *a* em destaque caracteriza a fusão de preposição *a* + artigo *a*. Deveria, portanto, ocorrer a marcação da crase.

c) Em I, trata-se apenas da preposição *a;* em II, apenas de artigo *a*; em III, de preposição *a* + artigo *a*. Portanto, em III, deveria haver acento grave (crase).

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

d) Em I, trata-se de preposição *a* + artigo *a*; em II, apenas de artigo *a*; em III, apenas de preposição *a*. Portanto, em I, deveria haver acento grave (crase).

e) Em nenhum dos casos deveria haver marcação da crase pelo acento grave.

02. Leia as frases a seguir.

I. Miguel saiu às pressas.

II. Fui à Argentina no inverno passado.

III. Adoro escrever à Guimarães Rosa, com vários neologismos.

A respeito dos termos em destaque, é correto afirmar que

a) Em I, ocorre crase porque o verbo *sair* pede preposição *a* e *pressas* aceita o artigo *as*.

b) Em II, ocorre crase porque o verbo *ir* pede preposição *a* e *Argentina* aceita o artigo *a*.

c) Em III, não deveria ocorrer crase, pois *Guimarães Rosa* é um nome masculino e não aceita artigo *a*.

d) Em I, não deveria ocorrer crase, pois o verbo *sair* é intransitivo, ou seja, não pede preposição *a*.

e) Em III, ocorre crase porque o verbo escrever é transitivo indireto.

Gabarito

01 - C

02 - B

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Exercícios Objetivos

1. (2009) Canção do vento e da minha vida O vento varria as folhas,
O vento varria os frutos,
O vento varria as flores...
E a minha vida ficava
Cada vez mais cheia
De frutos, de flores, de folhas.

...

O vento varria os sonhos
E varria as amizades...
O vento varria as mulheres...
E a minha vida ficava
Cada vez mais cheia
De afetos e de mulheres.
O vento varria os meses
E varria os teus sorrisos...
O vento varria tudo!
E a minha vida ficava
Cada vez mais cheia
De tudo.

BANDEIRA, M. Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1967.

Na estruturação do texto, destaca-se

(a) a construção de oposições semânticas.

(b) a apresentação de ideias de forma objetiva.

(c) o emprego recorrente de figuras de linguagem, como o eufemismo.

(d) a repetição de sons e de construções sintáticas semelhantes.

(e) a inversão da ordem sintática das palavras.

2. (2010) Os filhos de Ana eram bons, uma coisa verdadeira e sumarenta. Cresciam, tomavam banho, exigiam para si, malcriados, instantes cada vez mais completos. A cozinha era enfim espaçosa, o fogão enguiçado dava estouros. O calor era forte no apartamento que estavam aos poucos pagando. Mas o vento batendo nas cortinas que ela mesma cortara lembrava-lhe que se quisesse podia parar e enxugar a testa, olhando o calmo horizonte. Como um lavrador. Ela plantara as sementes que tinha na mão, não outras, mas essas apenas.

LISPECTOR, C. Laços de família. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

A autora emprega por duas vezes o conectivo mas no fragmento apresentado. Observando aspectos da organização, estruturação e funcionalidade dos elementos que articulam o texto, o conectivo mas

(a) expressa o mesmo conteúdo nas duas situações em que aparece no texto.

(b) quebra a fluidez do texto e prejudica a compreensão, se usado no início da frase.

(c) ocupa posição fixa, sendo inadequado seu uso na abertura da frase.

(d) contém uma ideia de sequência temporal que direciona a conclusão do leitor.

(e) assume funções discursivas distintas nos dois contextos de uso.

3. (2010) O Flamengo começou a partida no ataque, **enquanto** o Botafogo procurava fazer uma forte marcação no meio campo e tentar lançamentos para Victor Simões, isolado entre os zagueiros rubro-negros. **Mesmo** com mais posse de bola, o time dirigido por Cuca tinha grande dificuldade de chegar à área alvinegra **por causa do** bloqueio montado pelo Botafogo na frente da sua área.
No entanto, na primeira chance rubro-negra, saiu o gol. **Após** cruzamento da direita de Ibson, a zaga alvinegra rebateu a bola de cabeça para o meio da área. Kléberson apareceu na jogada e cabeceou por cima do goleiro Renan. Ronaldo Angelim apareceu nas costas da defesa e empurrou para o fundo da rede quase que em cima da linha: Flamengo 1 a 0.

Disponível em: http://momentodofutebol.blogspot.com (adaptado).

O texto, que narra uma parte do jogo final do Campeonato Carioca de futebol, realizado em 2009, contém vários conectivos, sendo que

(a) **após** é conectivo de causa, já que apresenta o motivo de a zaga alvinegra ter rebatido a bola de cabeça.

(b) **enquanto** tem um significado alternativo, porque conecta duas opções possíveis para serem aplicadas no jogo.

(c) ***no entanto*** tem significado de tempo, porque ordena os fatos observados no jogo em ordem cronológica de ocorrência.

(d) **mesmo** traz ideia de concessão, já que “com mais posse de bola”, ter dificuldade não é algo naturalmente esperado.

(e) **por causa de** indica consequência, porque as tentativas de ataque do Flamengo motivaram o Botafogo a fazer um bloqueio.

4. (2011) Cultivar um estilo de vida saudável é extremamente importante para diminuir o risco de infarto, mas também de problemas como morte súbita e derrame. Significa que manter uma alimentação saudável e praticar atividade física regularmente já reduz, por si só, as chances de desenvolver vários problemas. Além disso, é importante para o controle da pressão arterial, dos níveis de colesterol e de glicose no sangue. Também ajuda a diminuir o estresse e aumentar a capacidade física, fatores que, somados, reduzem as chances de infarto. Exercitar-se, nesses casos, com acompanhamento

ATALIA, M. Nossa vida. Época, 23 mar. 2009.

As ideias veiculadas no texto se organizam estabelecendo relações que atuam na construção do sentido. A esse respeito, identifica-se, no fragmento, que

(a) a expressão “Além disso”marca uma sequenciação de ideias.

(b) o conectivo “mas também”inicia oração que exprime ideia de contraste.

(c) o termo “como”, em “como morte súbita e derrame”, introduz uma generalização.

(d) o termo “Também”exprime uma justificativa.

(e) o termo “fatores”retoma coesivamente “níveis de colesterol e de glicose no sangue”.

5. (2011)

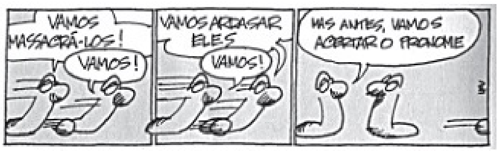
VAMOS MASSACRÁ-LOS!
VAMOS!
VAMOS ARRASAR ELES
VAMOS!
MAS ANTES, VAMOS ACERTAR O PRONOME

VERÍSSIMO, L. F. As cobras em: Se Deus existe que eu seja atingido por um raio. Porto Alegre: L&PM, 1997.

O humor da tira decorre da reação de uma das cobras com relação ao uso de pronome pessoal reto, em vez de pronome oblíquo. De acordo com a norma padrão da língua, esse uso é inadequado, pois

(a) contraria o uso previsto para o registro oral da língua.

(b) contraria a marcação das funções sintáticas de sujeito e objeto.

(c) gera inadequação na concordância com o verbo.

(d) gera a ambiguidade na leitura do texto.

(e) apresenta dupla marcação de sujeito.

6. (2012) A substituição do haver por ter em construções existenciais, no português do Brasil, corresponde a um dos processos mais característicos da história da língua portuguesa, paralelo ao que já ocorrera em relação à ampliação do domínio de ter na área semântica de “posse”, no final da fase arcaica. Mattos e Silva (2001:136) analisa as vitórias de ter sobre haver e discute a emergência de ter existencial, tomando por base a obra pedagógica de João de Barros. Em textos escritos nos anos quarenta e cinquenta do século XVI, encontram-se evidências, embora raras, tanto de ter “existencial”, não mencionado pelos clássicos estudos de sintaxe histórica, quanto de haver como verbo existencial com concordância, lembrado por Ivo Castro, e anotado como “novidade”no século XVIII por Said Ali.
Como se vê, nada é categórico e um purismo estreito só revela um conhecimento deficiente da língua. Há mais perguntas que respostas. Pode-se conceber uma norma única e prescritiva? É válido confundir o bom uso e a norma com a própria língua e dessa forma fazer uma avaliação crítica e hierarquizante de outros usos e, através deles, dos usuários? Substitui-se uma norma por outra?

CALLOU, D. A propósito de norma, correção e preconceito linguístico: do presente para o passado. In: Cadernos de Letras da UFF, n. 36, 2008. Disponível em: www.uff.br. Acesso em: 26 fev. 2012 (adaptado).

Para a autora, a substituição de “haver”por “ter”em diferentes contextos evidencia que

(a) o estabelecimento de uma norma prescinde de uma pesquisa histórica.

(b) os estudos clássicos de sintaxe histórica enfatizam a variação e a mudança na língua.

(c) a avaliação crítica e hierarquizante dos usos da língua fundamenta a definição da norma.

(d) a adoção de uma única norma revela uma atitude adequada para os estudos linguísticos.

(e) os comportamentos puristas são prejudiciais à compreensão da constituição linguística.

7. (2013)

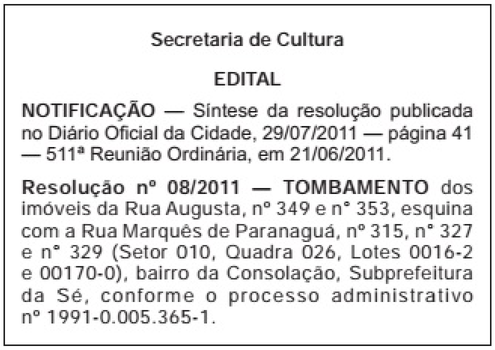

Secretaria de Cultura

EDITAL

NOTIFICAÇÃO — Síntese da resolução publicada no Diário Oficial da Cidade, 29/07/2011 — página 41 — 511ª Reunião Ordinária, em 21/06/2011.

Resolução nº 08/2011 — TOMBAMENTO dos imóveis da Rua Augusta, nº 349 e nº 353, esquina com a Rua Marquês de Paranaguá, nº 315, nº 327 e nº 329 (Setor 010, Quadra 026, Lotes 0016-2 e 00170-0), bairro da Consolação, Subprefeitura da Sé, conforme o processo administrativo nº 1991-0.005.365-1.

Folha de S. Paulo, 5 ago. 2011 (adaptado).

Um leitor interessado nas decisões governamentais escreve uma carta para o jornal que publicou o edital, concordando com a resolução sintetizada no Edital da Secretaria de Cultura. Uma frase adequada para expressar sua concordância é:

(a) Que sábia iniciativa! Os prédios em péssimo estado de conservação devem ser derrubados.

(b) Até que enfim! Os edifícios localizados nesse trecho descaracterizam o conjunto arquitetônico da Rua Augusta.

(c) Parabéns! O poder público precisa mostrar sua força como guardião das tradições dos moradores locais.

(d) Justa decisão! O governo dá mais um passo rumo à eliminação do problema da falta de moradias populares.

(e) Congratulações! O patrimônio histórico da cidade merece todo empenho para ser preservado.

8. (2013)

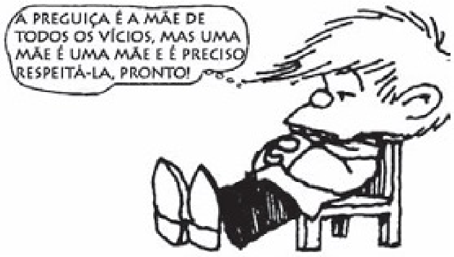
A PREGUIÇA É A MÃE DE TODOS OS VÍCIOS, MAS UMA MÃE É UMA MÃE E É PRECISO RESPEITÁ-LA, PRONTO!

Disponível em: http://clubedamafalda.blogspot.com.br. Acesso em: 21 set. 2011.

Nessa charge, o recurso morfossintático que colabora para o efeito de humor está indicado pelo(a)

(a) emprego de uma oração adversativa, que orienta a quebra da expectativa ao final.

(b) uso de conjunção aditiva, que cria uma relação de causa e efeito entre as ações.

(c) retomada do substantivo "mãe", que desfaz a ambiguidade dos sentidos a ele atribuídos.

(d) utilização da forma pronominal "la", que reflete um tratamento formal do filho em relação à "mãe".

(e) repetição da forma verbal "é", que reforça a relação de adição existente entre as orações.

9. (2013) Gripado, penso entre espirros em como a palavra gripe nos chegou após uma série de contágios entre línguas. Partiu da Itália em 1743 a epidemia de gripe que disseminou pela Europa, além do vírus propriamente dito, dois vocábulos virais: o italiano *influenza* e o francês *grippe*. O primeiro era um termo derivado do latim medieval *influentia*, que significava "influência dos astros sobre os homens". O segundo era apenas a forma nominal do verbo *gripper*, isto é, "agarrar". Supõe-se que fizesse referência ao modo violento como o vírus se apossa do organismo infectado.

RODRIGUES, S. Sobre palavras.Veja, São Paulo, 30 nov. 2011.

Para se entender o trecho como uma unidade de sentido, é preciso que o leitor reconheça a ligação entre seus elementos. Nesse texto, a coesão é construída predominantemente pela retomada de um termo por outro e pelo uso da elipse. O fragmento do texto em que há coesão por elipse do sujeito é:

(a) "(...) a palavra gripe nos chegou após uma série de contágios entre línguas."

(b) "Partiu da Itália em 1743 a epidemia de gripe (...)".

(c) "O primeiro era um termo derivado do latim medieval *influentia*, que significava 'influência dos astros sobre os homens'."

(d) "O segundo era apenas a forma nominal do verbo *gripper* (...)".

(e) "Supõe-se que fizesse referência ao modo violento como o vírus se apossa do organismo infectado."

10. (2014) Há qualquer coisa de especial **nisso** de botar a cara na janela em crônica de jornal - eu não fazia **isso** há muitos anos, enquanto me escondia em poesia e ficção. Crônica algumas vezes também é feita, intencionalmente, para provocar. Além do mais, em certos dias mesmo o escritor mais escolado não está lá grande coisa. Tem os que mostram sua cara escrevendo para reclamar: moderna demais, antiquada demais. **Alguns** discorrem sobre o assunto, e é gostoso compartilhar ideias. Há os textos que parecem passar despercebidos, outros rendem um montão de recados: "Você escreveu exatamente o que eu sinto", "Isso é exatamente o que falo com meus pacientes", "É isso que digo para meus pais", "Comentei com minha namorada". Os estímulos são valiosos pra quem nesses tempos andava meio **assim**: é como me botarem no colo - também eu preciso. Na verdade, nunca fui tão posta no colo por leitores como na janela do jornal. De modo que está sendo ótima, **essa** brincadeira séria, com alguns textos que iam acabar neste livro, outros espalhados por aí. Porque eu levo a sério ser sério ... mesmo quando parece que estou brincando: **essa** é uma das maravilhas de escrever. Como escrevi há muitos anos e continua sendo a minha verdade: palavras são meu jeito mais secreto de calar.

LUFT, L. Pensar é transgredir. Rio de Janeiro: Record, 2004.

Os textos fazem uso constante de recursos que permitem a articulação entre suas partes. Quanto à construção do fragmento, o elemento

(a) "nisso" introduz o fragmento "botar a cara na janela em crônica de jornal".

(b) "assim" é uma paráfrase de "é como me botarem no colo".

(c) "isso" remete a "escondia em poesia e ficção".

(d) "alguns" antecipa a informação "É isso que digo para meus pais".

(e) "essa" recupera a informação anterior "janela do jornal".

11. (2014) E se a água potável acabar? O que aconteceria se a água potável do mundo acabasse? As teorias mais pessimistas dizem que a água potável deve acabar logo, em 2050. Nesse ano, ninguém mais tomará banho todo dia. Chuveiro com água só duas vezes por semana. Se alguém exceder 55 litros de consumo (metade do que a ONU recomenda), seu abastecimento será interrompido. Nos mercados, não haveria carne, pois, se não há água para você, imagine para o gado. Gastamse 43 mil litros de água para produzir 1 kg de carne. Mas, não é só ela que faltará. A Região Centro-Oeste do Brasil, maior produtor de grãos da América Latina em 2012, não conseguiria manter a produção. Afinal, no país, a agricultura e a agropecuária são, hoje, as maiores consumidoras de água, com mais de 70% do uso. Faltariam arroz, feijão, soja, milho e outros grãos.

Disponível em: http://super.abrilcom.br.
Acesso em: 30 jul. 2012.

A língua portuguesa dispõe de vários recursos para indicar a atitude do falante em relação ao conteúdo de seu enunciado. No início do texto, o verbo "dever" contribui para expressar

(a) uma constatação sobre como as pessoas administram os recursos hídricos.

(b) a habilidade das comunidades em lidar com problemas ambientais contemporâneos.

(c) a capacidade humana de substituir recursos naturais renováveis.

(d) uma previsão trágica a respeito das fontes de água potável.

(e) uma situação ficcional com base na realidade ambiental brasileira.

12. (2014)

Tarefa

Morder o fruto amargo e não cuspir
Mas avisar aos outros quanto é amargo
Cumprir o trato injusto e não falhar
Mas avisar aos outros quanto é injusto
Sofrer o esquema falso e não ceder
Mas avisar aos outros quanto é falso

Dizer também que são coisas mutáveis ...
E quando em muitos a não pulsar
- do amargo e injusto e falso por mudar -
então confiar à gente exausta o plano
de um mundo novo e muito mais humano.

CAMPOS, G. Tarefa. Rio de Janeiro:
Civilização Brasileira, 1981.

Na organização do poema, os empregos da conjunção “mas”articulam, para além de sua função sintática,

(a) a ligação entre verbos semanticamente semelhantes.

(b) a oposição entre ações aparentemente inconciliáveis.

(c) a introdução do argumento mais forte de uma sequência.

(d) o reforço da causa apresentada no enunciado introdutório.

(e) a intensidade dos problemas sociais presentes no mundo.

Gabarito

1. D
2. E
3. D
4. A
5. B
6. E
7. E
8. A
9. E
10. A
11. D
12. C

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

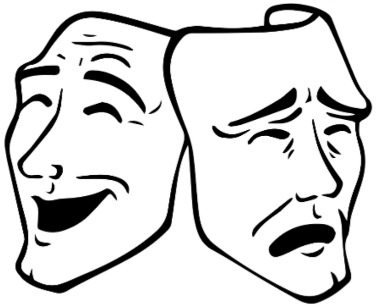

Texto Teatral

Definição

Textos literários feitos com o intuito de serem encenados ou dramatizados. Podem ser escritos em prosa ou verso.

Características

- # Textos encenados;
- # Gênero narrativo;
- # Diálogo entre personagens;
- # Discurso direto;
- # Atores, plateia e palco;
- # Cenário, figurino e sonoplastia;
- # Linguagem corporal e gestual;
- # Ausência de narrador.

Elementos

Internos

Tempo: *tempo real* (que indica o da representação), *"tempo dramático"* (quando acontece os fatos narrados) e o *"tempo da escrita"* (indica quando foi produzida a obra).
Espaço: o chamado “espaço cênico” local em que será apresentado a história; “espaço dramático” local em que serão desenvolvidas as ações dos personagens.
Personagens: principais (protagonista / antagonista); secundários e figurantes.

Apresentação: faz-se a exposição tanto dos personagens quanto da ação a ser desenvolvida.
Conflito: o momento em que surge as peripécias da ação dramática.
Desenlace: Momento de conclusão, encerramento ou desfecho da ação dramática.

Externos

Cena: designa as mudanças (entrada ou saída) dos personagens.
Ato: mudança dos cenários necessários para a representação.
Rubrica: (ou didascálias) Indicações cênicas.
Discurso direto: Fala dos personagens.

Gêneros Teatrais

Tragédia: representa fato trágico, suscetível de causar compaixão e terror.
Comédia: representação de um fato inspirado na vida e no sentimento comum, de riso fácil, em geral criticando os costumes.
Tragicomédia: mistura elementos trágicos e cômicos.
Farsa: pequena peça teatral, de caráter ridículo e caricatural.
Auto: pequena peça teatral, de conteúdo religioso e profano.
Drama: caracterizado pela seriedade em oposição à comédia.

CADERNO DE EXERCÍCIOS

PONTUAÇÃO

RIO DE JANEIRO
2005

CADERNO DE EXERCÍCIOS

PONTUAÇÃO

Coordenação do projeto
Profª Néli Luiza Cavalieri Fetzner

Professores autores
Francisco José Neiva Lacerda
Iraélcio Ferreira Macedo
João Soares de Lima
Mara Cristina Haum Elian
Marta Nascimento Faraco Pimentel
Martha Alkimim de Araújo Vieira
Néli Luiza Cavalieri Fetzner
Nelson Tavares
Rosaura de Barros Baião
Valquíria da Cunha Paladino

Obra publicada pela EDITORA RIO

PONTUAÇÃO

A pontuação é importante para a leitura, pois dela depende a compreensão segura do que se pretende comunicar.

A pontuação é o emprego de sinais convencionais que se colocam entre as orações e partes da oração para estabelecer pausas e inflexões da voz (a entonação) na leitura; dar destaque a expressões ou palavras; evitar ambigüidade.

As regras de pontuação tornam-se, entretanto, muitas vezes difíceis de explicar, devido às dificuldades que nosso graduando tem em relação à análise sintática.

Para mostrar como, realmente, a pontuação é de suma importância, observe o texto abaixo:

Um homem rico, à beira da morte, deixa o seu testamento assim:

“Deixo meus bens a minha irmã não a meu sobrinho jamais será paga a conta do alfaiate nada aos pobres”.

Cada um dos herdeiros apresentou uma interpretação diferente. Lógico, todos reescreveram o texto em benefício próprio.

Sendo assim, produziu-se o texto de várias formas.

Sobrinho

“Deixo meus bens: a minha irmã, não; a meu sobrinho. Jamais será paga a conta do alfaiate. Nada aos pobres”.

Irmã

“Deixo meus bens a minha irmã. Não a meu sobrinho. Jamais será paga a conta do alfaiate. Nada aos pobres”.

Alfaiate

“Deixo meus bens: a minha irmã, não; a meu sobrinho, jamais. Será paga a conta do alfaiate. Nada aos pobres”.

O juiz, diante de tamanho conflito, decide doar aos pobres e reescreve o testamento.

Juiz

“Deixo meus bens: a minha irmã, não; a meu sobrinho, jamais; será paga a conta do alfaiate? Nada; aos pobres!”

Passamos, agora, aos sinais usados na pontuação e seus empregos.

VÍRGULA

Indica ligeira pausa na leitura. Emprega-se nos seguintes casos:

1) Para marcar a inversão ou a interlocução do adjunto adverbial.

- Na mesma data solicitada, o processo fora remetido ao MP.
- O reclamante, presumivelmente, fala a verdade.
- Amanhã, alguém deve acompanhar o julgamento da apelação.

Observação: Quando o adjunto adverbial é curto, com três sílabas ou menos, pode dispensar o sinal indicativo de sua inversão (facultativo). Entretanto, é certo que seu isolamento pela vírgula lhe confere maior realce na oração.

2) Para separar orações interferentes, justapostas ou intercaladas.

- O professor, falou o discípulo, distribuiu as notas aos alunos.
- História, diz Cícero, é a mestra da vida.

3) Para indicar elipse de um verbo.

- Os homens fazem as leis; as mulheres, os costumes.
- Uns dizem que se matou, outros, que fora para o Acre.
- Eu votei no atual presidente. Você, não.

4) Para isolar expressões corretivas ou explicativas, como: *isto é, a saber*, *por exemplo*, *ou seja*, *aliás*, *digo*, *ou melhor,* etc. e, ainda, algumas conjunções coordenativas deslocadas.

- O indiciado, ou melhor, o declarante diz desconhecer qualquer fato criminoso envolvendo seu irmão.
- O governo disse que vai flexibilizar custos, ou seja, vai aumentar tarifas e taxas de juros.
- Havia, porém, uma circunstância que precedera isso tudo.

5) Para separar os elementos paralelos de um provérbio.

- Mocidade ociosa, velhice vergonhosa.
- Um dia é da caça, outro é do caçador.

6) Para separar elementos coordenados, os que têm a mesma função sintática.

- Receptação, tráfico de drogas e estupro merecem penas mais severas.
- Falante, sorridente, simpático, o escrivão deixou todos à vontade.

7) Quando as palavras são repetidas e há desejo de se dar relevo ou insistência.

- Ora eu, ora ele.
- Nem eu, nem ele.

8) Para separar termos que desejamos realçar.

- O dinheiro, Anderson o trazia escondido nas mangas do paletó.

9) Para separar termo pleonástico.

- Professor desta turma, já não o sou.
- A mim, deu-me tudo.

10) Para separar orações ligadas pela conjunção *e* com sujeitos diferentes.

- Advogado ingressou nos autos, e o juiz deu despacho favorável.
- Dispositivo não se aplica à matéria, e a jurisprudência é pacífica.

11) Para separar termos de ordem inversa.

- Lentos e tristes, os retirantes iam passando.

12) Para separar nome de lugar nas datações e endereços.

- Rio de Janeiro, 14 de agosto de 2004.

13) Para separar ou intercalar apostos e vocativos.

- Encaminhamos, Excelência, as provas anexas.
- Carlos Gomes, autor da ópera Guarani, é uma das nossas glórias nacionais.

14) Para separar palavras, ou orações coordenadas assindéticas.

- Os passantes chegam, olham, perguntam e prosseguem.
- A terra, o mar, o céu, tudo apregoa a glória de Deus.

A VÍRGULA entre as orações do período

1) Orações coordenadas

a) As orações coordenadas assindéticas são sempre separadas entre si por vírgulas.

Fiz a inicial, redigi a réplica, impetrei agravo de instrumento.

b) As orações coordenadas sindéticas também são isoladas por vírgulas

O relator e o revisor deram voto a nosso favor, mas parece que o terceiro juiz irá negar provimento ao recurso.

c) As orações coordenadas sindéticas aditivas iniciadas pela conjunção **E** dispensam a vírgula.

O reclamante fez hora extra e trabalhou durante suas férias.

Observações:

● Recomenda-se, entretanto, o uso da vírgula separando as orações aditivas iniciadas pela conjunção ***E*** quando forem diferentes os sujeitos de cada oração coordenada.

> O desembargador deu voto a nosso favor, e o terceiro juiz pediu vista.

● Quando a conjunção ***E*** funciona com valor adversativo, exige vírgula.

> Usufruí dos seus serviços, e não os paguei.

2) Orações subordinadas substantivas

As orações subordinadas substantivas não são separadas por vírgula da oração principal, exceção feita à subordinada substantiva apositiva. Esta, porque tem função de aposto, vem sempre isolada da oração principal por meio de vírgula ou de dois pontos.

Só lhe faço uma observação: que não desrespeite seus colegas.

3) Orações subordinadas adverbiais

As orações subordinadas adverbiais podem ser separadas por vírgula da oração principal quando forem pospostas a esta (facultativo).

Redija memoriais, para poder contraditar o parecer do Ministério Público.
Redija memoriais para poder contraditar o parecer do Ministério Público.

4) Orações subordinadas adjetivas

As adjetivas explicativas sempre são isoladas por vírgula.

O Tribunal, que é uma corte de julgamento, cumpre sua função.
(Explicação alusiva ao substantivo que lhe antecede – Tribunal).

● As adjetivas restritivas não são separadas por vírgula.
O **relator** que devolveu os autos sem despacho, **estará** na sessão*.
(Refere-se estritamente àquele substantivo que a antecede – relator).

Importante: Não deveria haver vírgula antes de **estará (o sujeito de **estará** é **relator**), mas, no fim de orações restritivas, sobretudo as longas, o uso desse sinal é facultativo.*

5) Orações reduzidas

As regras de pontuação que valem para as orações subordinadas desenvolvidas, valem para as reduzidas.

Redigida a ata, avise-me na sala dos advogados.
O promitente vendedor afirmou ter vários outros imóveis nesta comarca.
Encontrei seu pai, usando gravata borboleta.

Não se usa vírgula:

1) Entre o sujeito e o verbo da oração, quando juntos.

O representante do MPF no Estado do Rio de Janeiro prolatou manifestação intempestivamente.
A preliminar de exceção de declaração de impedimento do digno magistrado da primeira vara cível desta comarca não deveria ter ido ainda para o MP.

2) Entre o verbo e seus complementos, quando juntos.

O réu confirmou todo seu depoimento.

3) Separando nome e adjunto adnominal ou nome e complemento nominal.

O juiz de alçada reclamou da caudalosa petição que o advogado apresentara.
Mas subsiste o medo de que ele ameace as testemunhas.

SITUAÇÕES ESPECIAIS
1) A vírgula antes de oração subordinada adverbial consecutiva.

É comum não haver vírgula antes do **que**:

O vento soprou tão forte **que** arrancou mais de uma árvore.
Foi tão ágil e rápida a saída **que** Jandira achou graça. (Ciro dos Anjos)

Mas há também muitos exemplos de construções com vírgula antes do **que**:

Deu um filão de tal sorte, **que** eram carros e carros e volfrâmio estreme. (Miguel Torga)
A noite estava tão escura, **que** mal víamos os obstáculos da trilha.
Tão temerosa vinha e carregada, **que** pôs nos corações um grande medo. (Camões)

2) A vírgula antes de ETC.

Muitos autores e veículos de comunicação não utilizam vírgula antes de **etc.**, que é uma forma latina justaposta e reduzida de ***et cetera***, cujo significado é "e outras coisas".

Assim, como nessa expressão já existe um **e** [*et* em latim], muitos autores não recomendam a vírgula. Outros, entretanto, consideram que a expressão, por ser um termo fossilizado, já perdeu o sentido formal latino e, por isso, pode receber vírgula.

Sobre o assunto, vale a leitura das seguintes considerações:

Podemos usar vírgula antes de etc.?
Sim. É correto. Podemos usar vírgula, ponto, ponto-e-vírgula sem medo de errar.

Etc. é a abreviatura da expressão latina *et caetera*, que significa "e outras coisas".
Com o tempo, a expressão desligou-se do rigoroso sentido originário – **e outras coisas**, podendo hoje designar também pessoas – **e outras pessoas**.
Quanto à virgula antes de etc., tem havido polêmica de sobra.
Alguns autores entendem que essa expressão por conter a conjunção "e" dispensa a vírgula.
É a posição, por exemplo, do professor Napoleão Mendes de Almeida. Ele a defende na página 195 do seu *Dicionário de Questões Vernáculas* (Editora Ática, 1996).
Muito mais do que uma questão de certo ou errado, essa pontuação é uma questão de uso. E não faltam exemplos:

- A pontuação antes de etc. é até oficial. No Pequeno vocabulário ortográfico da língua portuguesa – do Acordo Luso-Brasileiro de 1943 – essa pontuação está sempre presente. Sem exceção.
- E muito mais: consulte a gramática dos professores Celso Cunha & Luís Lindley Cintra (Editora Nova Fronteira, 1985). Vá lá na página 71, por exemplo, na sexta observação: "Põe-se o acento agudo na base dos ditongos semi-abertos éi, éu, ói, quando tônicos: bacharéis, chapéu, jibóia, lóio, paranóico, rouxinóis, etc."

- Mais? Consulte a Moderna Gramática Portuguesa, do professor Evanildo Bechara (Editora Lucerna, 1999). Consulte, por exemplo, as páginas 96 e 97. Agora, conte quantas vezes Bechara emprega a vírgula antes de etc. Pois é, quase vinte.
- E mais: Em *A vírgula*, do professor Celso Pedro Luft (Editora Ática, 1996). Apareça lá na página 42. E depois, leia o livro todo. O professor Luft tem uma outra obra, que recomendo – Grande manual de ortografia Globo (Editora Globo, 1985). Fantástica. Na página 128, podemos ler os seguintes exemplos:
- Comprou livros, revistas, cadernos, etc.

- Palavras que se escrevem com *rr* e *ss*: carro, narrar; excesso, remessa; etc.
- Levantar cedo. Respirar o ar puro da manhã. Fazer ginástica. Etc.

PONTO–E–VÍRGULA

O ponto-e-vírgula marca uma pausa intermediária entre o ponto e a vírgula.
Geralmente, separa orações coordenadas quando uma delas já tiver vírgula, ou quando tiverem sentido oposto.

As provas foram poucas, sem importância; o réu não reconhece sua culpa.
O autor foi condenado; o réu absolvido.

Usamos também ponto–e–vírgula para separar parágrafos e seqüência enumerativa.

Considerando a natureza do crime praticado; considerando que o acusado é réu pela segunda vez; considerando que as provas são cabais; considerando, ainda, que não resta dúvida quanto à sua culpabilidade, decreto sua prisão (...).

Observação:

● O **ponto-e-vírgula** só pode ser usado para separar orações coordenadas.
Nunca separamos por esse sinal de pontuação orações subordinadas.

DOIS-PONTOS

Apresentam uma função bastante própria; a da ENUNCIAÇÃO. Funciona como pausa melódica, que aparece em frases não concluídas. A suspensão da voz, de que se utiliza a linguagem oral, tem um objetivo de organizar e separar as partes componentes do período.

São empregados nos seguintes casos:

1) **Antes de uma citação**.

O chefe disse: o horário de trabalho é igual para todos.
“Como dizia o pai de um filho burro: ‘Às vezes tenho que concordar que meu filho não atingiu o índice normal de aproveitamento para meninos de sua idade’”.

2) **Antes de uma enumeração.**

É dever de todo funcionário: 1) cumprir a lei; 2) ler e interpretar o estatuto da empresa; 3) não faltar.
Só é permitida a permanência de: a) maiores; b) fumantes; c) animais.

3) Antes de uma explicação ou desdobramento de idéia, indicando conclusão, síntese, esclarecimento, conseqüência.

São causas da doença: falta de alimentação adequada, estresse e noites sem dormir.
“Ameaça-me sempre dum castigo tremendo: depenar-me”.

4) Para caracterizar os diálogos, antes dos discursos diretos, aparecendo depois, geralmente, de um verbo *dicendi* (perguntar, responder, dizer, falar, acrescentar, gritar, inquirir etc.) quando se segue letra minúscula, salvo se se tratar de palavras textuais.

“Ergueu o revólver e disse para o homem aturdido:
— Vou matá-lo”.
“Mais para tarde, o capitão chegou à varanda do sobrado e gritou:
— Podem encher a barriga!”
“Acrescentou, em voz meio surda, como se lhe custasse sair do coração apertado esta palavra de agradecimento: — Obrigada”.

5) Para acompanhar, antes ou depois, aposto resumitivo ou discriminativo.

A ira, a inveja, a soberba, a cólera: tudo enfraquece o homem.
“Na caixinha de papelão todo o seu tesouro: a trouxa de roupa, bijuteria barata, alguma louça, umas panelas”.
O barulho do vento, o barulho das ondas, o barulho das crianças a sua volta: nada perturbava o seu estudo.

6) Modernamente, quando as palavras de um segmento dão explicação, esclarecimento do segmento anterior.

“Não sou alegre nem triste: sou poeta”.

7) Para substituir a vírgula na separação de orações coordenadas explicativas (e também de subordinadas causais), com a vantagem estilística de dispensar a conjunção, caso esta devesse ocorrer.

“Na verdade nem tentava qualquer esforço: /o exercício me produzia enjôo”. (G.R. *Infância*.) [Subentende-se uma conjunção causal (pois, porque, uma vez que).]

Igualmente quando se subentende uma conjunção adversativa:

“A morte não extingue: / transforma; não aniquila: / renova; não divorcia: / aproxima”. (R.B. *O Adeus da Academia a Machado de Assis*.)

Observação:

- São os dois pontos o sinal de pontuação preferível após o vocativo que encabeça uma carta,

requerimento, ofício etc. (quando menos por motivos estéticos, já que acaba uma linha, e a
seguinte começa com inicial maiúscula), embora muitos empreguem vírgula, ponto de exclamação, ponto, ou mesmo dispensem qualquer sinal.

Caro amigos: Prezados Senhores: Senhor Diretor: etc.

PONTO FINAL

É um silêncio prolongado, maior que o da vírgula e o do ponto-e-vírgula, e costuma ser usado como artifício para organizar idéias, separar orações ou frases, indicando o término do período, além do caráter abreviativo e expressivo. Na escrita, é usado quando se deseja fazer uma pausa a fim de encerrar o pensamento proposto ou a linha de raciocínio desenvolvida.

1) Encerrar enunciados escritos de modo definitivo (ponto-final).

A maioria das pessoas demonstra dificuldade em usar o ponto.

2) Separar um parágrafo (grupos de idéias distintas) de outro (ponto parágrafo).

“O engenho dava-me assim as suas despedidas, como os namorados, fazendo os derradeiros agrados”. (ponto parágrafo)
“Na estação estava o povo de Angico esperando o trem”. (J.L.R.)

3) Separar orações independentes, dentro de um mesmo parágrafo.

Atravessara o seu amor e o seu inferno. Penteava-se diante do espelho. Estava vazio o seu coração.

4) Indicar o término de um pensamento, coincidindo com o final da frase.

Senti de um corvo sobre mim as asas.

5) Escrever as abreviaturas de palavras.

Prof. / U.S.A.

PONTO-DE-EXCLAMAÇÃO

É importante recurso para dar expressividade à leitura e à escrita.
É responsável pela variação melódica que imprimimos à voz.

1) É empregado para indicar, dependendo da intenção da mensagem, surpresa, espanto, animação, alegria, ironia, dor, além de acompanhar as interjeições e intensificar as mensagens imperativas.

— Belíssimo enterro!
— Minha nossa!
— Pega!
— Ele está fugindo!

2) Pode ser associado ao ponto de interrogação para indicar uma atitude de surpresa ou uma expectativa diante de algum fato, com ausência de resposta.

"— Que é que a gente podia fazer?!"

3) Algumas vezes aparece nas exclamações que contém certo tom interrogativo.

"Que faremos com os mortos!"

4) Usa-se geralmente letra maiúscula após tal pontuação. Há ocasiões em que aparece no interior da frase, nos casos em que o período continua para além do diálogo citado ou quando a seqüência se prende fortemente ao texto anterior, sem ser preciso o uso de letra maiúscula após ele.

"— Dê cá a mão! Dê cá! Vamos!"
5) O uso de vários pontos de exclamação seguidos denota ênfase.

— Fogo!!!!!!

PONTO-DE-INTERROGAÇÃO

Seu uso implica uma inflexão de voz bem característica quando lemos o texto em que ele aparece ou mesmo quando ao suscitar dúvida ou expectativa nas interrogações diretas.

Normalmente é usado para indicar interrogações diretas – típicas dos diálogos – e nas interrogações indiretas livres – fusão das linguagens do narrador e personagem. Usa-se este ponto:

1) Quando o período pede uma resposta.

Quem fez isso? Como te chamas?
"— Você já pensou mesmo em sair de casa?" "Como será a casa?" [...]
"Que árvores plantarei? "

2) Geralmente depois do advérbio NÃO, quando se deseja confirmar uma idéia.

Esse filho é seu mesmo, não? Dia cinco é o aniversário de mamãe, não?

3) Para indicar dúvidas, expressas no interior da narrativa, referentes a idéias já apresentadas.

"...Egídio Jóia, presidente do Clube Comercial, tenta, em vão?, defender a baixada".

Observações:

● Usa-se geralmente letra maiúscula depois do ponto de interrogação.

"Tem ali um sujeito comendo coalhada. É feita de quê? O quê: coalhada? Então o senhor não sabe de que é feita a coalhada?" (F. Sabino)

● Usa-se, também, letra minúscula após a interrogação, se há duas perguntas seguidas.

Foi você? foi você, seu cabra?

- Quando usado repetidas vezes, realiza um precioso recurso expressivo.

Por que você não olha para mim??????? Quer falar comigo??????

RETICÊNCIAS

Usadas com o propósito da sugestão, dizem respeito à natureza emocional do escrito que intenta tocar a imaginação do leitor com a interrupção violenta ou suave em determinado pensamento. São empregadas para:

1) Indicar a supressão de pensamento ou suspensão do sentido da frase.

És tu que tens um primo que na loja....

2) Indicar:

a) hesitações naturais do falante, sugerindo ironia, alegria, distância, surpresa, dúvida, ameaça, sonho, melancolia, receio, censura;

b) as partes omitidas numa citação;

c) pausas propositadas para explorar o poder de sugestão de uma idéia, atribuindo-lhe maior ênfase.

─ Saiba que fiz... fiz um drama.

“...surpreendidos deparamos com a mesa. Não podia ser para nós...”. (C.L.)
“Desça daí, menino! Me prega cada susto...”. (F.S.)
“Olham para mim; naturalmente porque não sou feia...”.
“Paixão... Amor... Lutara contra aquelas palavras”. (J. A.)

3) Quando forem reticências iniciais para indicar que se omitiu parte do texto, devem de preferência vir entre colchetes.

“As armas e os barões assinalados,[...] Cantando espalharei..”. (Camões)

4) Salientar o silêncio em uma situação de diálogo, nas narrativas.

“— O mundo parece chato mas eu sei que não é.
— ...
— Sabe por que parece chato?”
“Pára, que não quero levantar a voz... Bem, assim...”.

5) Mostrar que o assunto será breve.

“— Não, defunto não, mas é que...”. (M.A.)

Observação:

● Usa-se letra maiúscula geralmente após as reticências, a não ser que haja prosseguimento do período ou se for diálogo citado.

Deitei-me no sofá e fiquei olhando os objetos de minha sala... O retrato de meus pais... o piano, a máscara mortuária de Beethoven... a estante de livros, as partituras de música, o velho tapete...

ASPAS

Costuma-se aspear:

1) Antes e depois de uma citação textual retirada de outro qualquer documento escrito.

“A bomba não tem endereço certo”.
Era um desses que não resistem à pergunta: “Você é um homem ou um rato?”

2) Expressões ou conceitos que se deseja pôr em evidência.

Muitos usam as aspas a fim de chamar a atenção sobre um vocábulo específico, uma forma “sutil” de evidenciar uma idéia que acham “importante”.

2) Ou, então, grifam-se termos da gíria, palavras ou expressões, estrangeiras ou não, revelando ironia ou simplesmente marcando termos não muito usuais na linguagem normal de quem escreve.

Assim me contou o “tira”... (A.M.)
– O senhor promete que não “espaia”? (S.P.P.)
A “parteira” se fechou novamente no quarto de Helena. (A.M.)

4) Título de artigos, de periódicos e de capítulos ou partes de um livro, ou de uma publicação.

O livro “Os Sertões” foi escrito por Euclides da Cunha.

5) Quando se deseja indicar o lado material e não o significado da palavra.

“Professores” já não leva mais acento diferencial.

6) Para indicar a origem estrangeira do vocábulo.

“Sorry”, disse o cavalheiro elegantemente para a jovem dama.

7) Isolar contextos ou falas ou pensamentos de personagens.

Nunca aludia ao coronel, que não dissesse: “Deus lhe fale n’alma!” (M. A)

Observação:

● Há uma tendência, hoje em dia, de empregar o tipo itálico (grifo), no lugar das aspas, principalmente nas expressões de origem estrangeira e nos títulos de livros, revistas, jornais, filmes etc.

Recebemos ***O Globo*** sempre aos domingos
Estudou ***ballet*** e música clássica.

PARÊNTESES

São empregados para isolar palavras, locuções ou frases intercaladas no período, com caráter explicativo ou acessório, que nem sempre se encaixam na seqüência lógica do período, caso em que se proferem em tom de voz mais baixo.

Usam-se parênteses:

1) Para substituir a vírgula ou o travessão.

“Um gaiato anônimo, que sempre os há, comentou (e a piada se espalhou pela cidade) que só faltavam ao arranjo floral alguns cravos-de-defunto”.
“ ─ Na verdade Deus ajuda... (os ricos)”.
“Ora (direis) ouvir estrelas!”

2) Por vezes se escreve entre parênteses todo um período, com uma explicação, um comentário incidental ou de natureza emotiva, intercalado no período principal ou a ele justaposto.

“Houve depois um momento em que se sentiu vítima duma injustiça. ('Andariam me intrigando com o presidente?')”.

3) Nas indicações bibliográficas, de que dão exemplo as numerosas abonações de autores, sempre seguidas de indicação bibliográfica entre parênteses.

“Labuto quinze, vinte horas por dia (e muitas vezes grátis!), durmo três, no máximo cinco horas por noite”.

4) Nas indicações cênicas, em peças de teatro ou similares; de regra vêm grifadas**.**

ALAÍDE (Trazendo, de braço, a primeira mulher, para um canto.)
─ Aquele homem ali. Quem é? (Indica um homem que acaba de entrar e que fica olhando Alaíde.)

5) Na indicação do significado de uma palavra, ou de sua forma original, ou da sua pronúncia, de um exemplo etc.

“O jornal interpretou o fato como sendo um ***hoax*** (mistificação)”.

COLCHETES

Têm a mesma finalidade que os parênteses, contudo, seu emprego restringe-se quase exclusivamente a obras de natureza científica (especialmente bibliográficas, filológicas e lingüísticas), regulado por convenções muitas vezes próprias de cada obra.

São usados para:

1) Indicar a intercalação de palavras ou sinais não pertencentes ao texto, numa transcrição com o propósito de:

a) Suprir eventual omissão:

Dom Casmurro. Por Machado de Assis, da Academia Brasileira H. Garnier, Livreiro-Editor – 71, Rua Moreira César, 71, Rio de Janeiro – 6, rue des Saints-Pères, 6 – Paris [1899]

b) Indicar corte de palavras ou frases não relevantes numa citação (caso em que é de hábito usar três pontos entre os colchetes):

Insiste Rui: “Tratar [...] a desiguais com igualdade seria desigualdade flagrante, [...]”.

c) Inserir observações do comentador em textos alheios:

Tristão de Ataíde [pseudônimo de Alceu Amoroso Lima], nos seus estudos, valorizou uma série de escritores novos.

2) Indicam inclusão de palavra(s) na transcrição de um texto.

“Luzente. [Do lat. Lucente.] Adj. 2 g. Que luz ou brilha”. (Novo Dicionário Aurélio)
“O [peixe] do meio trazia uma concha na boca..”.

Observação:

● O termo latino ***sic*** (“assim mesmo”) será empregado entre colchetes quando alguma forma
apresentada no texto causar estranheza.

Era pior [sic] do que fazer-me esbirro alugado.

TRAVESSÃO

Não pode ser confundido com o hífen já que é um traço maior. Pode também funcionar como um importante recurso expressivo, no caso de querermos dar ênfase a certa expressão ou palavra especial. É o sinal do diálogo.

Usa-se:

1) Nos diálogos, para indicar mudança de interlocutor, ou para marcar o início de fala de um
personagem; repete-se antes dos verbos dicendi e ao terminar a intervenção esclarecedora do autor, se a fala prossegue**.**

“ — Quem vem lá? Perguntou o capataz.
— Sou eu! Respondeu o patrão.”
— Vai para casa, mulher! — dizia o pai-de-terreiro.
— Ele volta! Um dia ele volta!

2) Geralmente, duplo travessão, para isolar palavras ou orações que se quer realçar ou enfatizar, ocupando o lugar da vírgula, dos dois-pontos ou dos parênteses, e ainda para separar expressões ou frases apositivas, explicativas ou intercaladas que se deseja salientar**.**

“Uma tarde, logo depois do almoço, saímos eu e um primo mais novo ─ o Astronauta n° 2 ─ para a rua tranqüila de nosso bairro..”.
“Acrescente que chovia ─ peneirava ─ uma chuvinha miúda, triste..”.
“Em paga de tão duro desvelo ─ cólera, destruição”.

3) Para ligar palavras em cadeia de um itinerário, indicando enlace de vocábulos, mas sem formar palavras compostas.

A Belém ─ Brasília está esquecida.
O relacionamento Governo ─ Congresso está abalado.
A estrada Rio ─ São Paulo.

EMPREGO DO ASTERISCO

Asterisco é uma palavra de origem grega e significa estrelinha.
Para que serve? O asterisco é um sinal gráfico em forma de estrela (*) e serve para voltarmos a um assunto, dar uma explicação sobre algum termo que foi citado em um texto (esse termo estará assinalado com o asterisco). Serve também para omitir um nome em uma citação. Nesse caso costumamos usar três de uma vez só.

Exemplos:
Madame *** foi vista em companhia de um musculoso rapaz. (neste caso, *** substitui o nome da madame)
Os reajustes obedecerão à legislação* em vigor.

*Lei 100 (neste caso, Lei 100 é um complemento à informação dada anteriormente. Assim, o uso dos asteriscos permite essa ligação.)

EXERCÍCIOS

01) Aponte o segmento com estruturação sintática e pontuação corretas.

a) Disseram que em matéria econômica, o Brasil já chegou ao futuro, talvez. Em todo caso não se pode dizer o mesmo da cultura. Nesse campo, nós somos ainda o país do futuro: quais os significados novos que se plasmam na cultura brasileira? Minha primeira resposta é a que, nas muitas misturas deste País continente nós estamos formando uma nova figura nacional para juntar-se às muitas outras que já se encontra no mundo.

b) Dizem, que em matéria econômica o Brasil já chegou ao futuro. Talvez, em todo caso, não se pode dizer o mesmo da cultura. Nesse campo, nós somos ainda o país do futuro. Quais os significados novos de que plasma a cultura brasileira? Minha primeira resposta é a que (nas muitas misturas desse País continente) nós estamos formando uma nova figura nacional para juntar-se às muitas outras que já se encontram no mundo.

c) Disse que, em matéria econômica, o Brasil já chegou ao futuro: talvez... Em todo o caso, não se pode dizer o mesmo da cultura. Nesse campo, nós somos, ainda, o país do futuro. Quais os significados novos em que se plasmam a cultura brasileira? Minha primeira resposta é a que, nas muitas misturas deste País continente, nós estamos formando uma nova figura nacional para juntar-se as muitas outras, que já se encontram no mundo.

d) Dizem: em matéria econômica, o Brasil já chegou ao futuro. Talvez, em todo o caso. Não se pode dizer o mesmo da cultura. Nesse campo, nós somos ainda o país do futuro. Quais os significados novos que se plasma na cultura brasileira? Minha primeira resposta é a que, nas muitas misturas deste País continente, nós estamos formando uma nova figura nacional para juntar-se a muitas outras que já se encontram no mundo.

e) Diz-se que, em matéria econômica, o Brasil já chegou ao futuro. Talvez. Em todo caso, não se pode dizer o mesmo da cultura. Nesse campo, nós somos ainda o país do futuro. Quais os significados novos que se plasmam na cultura brasileira? Minha primeira resposta é a que, nas muitas misturas deste País continente, nós estamos formando uma nova figura nacional para juntar-se às muitas outras que já se encontram no mundo.

02) (AFTN-ESAF/01) Assinale a seqüência de sinais de pontuação que preenche corretamente os espaços numerados no texto.

"*É através da dinâmica institucional* ***1*** *que se fabrica* ***2*** *quase sempre* ***3*** *o delinqüente juvenil. A instituição* ***4*** *ao invés de recuperar* ***5*** *perverte* ***6*** *em vez de reintegrar e ressocializar* ***7*** *exclui e marginaliza* ***8*** *ao invés de proteger* ***9*** *estigmatiza".*

a) 1(,); 2(-); 3(-); 4(,); 5(,); 6(;); 7(,); 8(;); 9(,);
b) 1(-); 2(,); 3(,); 4(,); 5(,); 6(;); 7(,); 8(;); 9(,);
c) 1(-); 2(,); 3(,); 4(-); 5(:); 6(;); 7(:); 8(;); 9(:);
d) 1(-); 2(,); 3(,); 4(-); 5(-); 6(,); 7(-); 8(,); 9(-);
e) 1(,); 2(,); 3(,); 4(-); 5(-); 6(,); 7(,); 8(;); 9(,).

03) (TRF-ESAF/02) Julgue os itens a respeito do emprego das palavras e dos sinais de pontuação do texto, para, em seguida, marcar a opção CORRETA.

TEXTO I

A secular luta da mulher pela realização profissional enfrenta também, a negligência do registro histórico e suas conquistas, por muitos historiadores. Sob esse aspecto, não apenas as realizações das mulheres, mas também as de qualquer grupo menos privilegiado, acabem sempre sepultadas no silêncio da história ou, o que é pior, na sua má versão.

Quantos de nós conhecem a história de seu próprio povo escrita sob a visão dos menos privilegiados ou mesmo dos vencidos?

No particular da mulher, cuja discriminação é de âmbito quase universal, são também raras as interpretações de libertação.

(AZEVEDO, Eliane; FORTUNA,Cristina. *Ciência e Cultura*. Revista da SBPC, novembro de 1989, com adaptações)

Para que o texto fique gramaticalmente correto, é obrigatória a seguinte alteração:

I. a vírgula após "também" (l. 1) deve ser retirada
II. a forma verbal "acabem" (l. 3) deve ser substituída por **acabam**
III. a forma verbal "conhecem" (l. 5) deve ser substituída por **conhecemos**
IV. ponto de interrogação (l. 6) deve ser substituído por vírgula
V. deve ser inserida a preposição **de** antes do pronome "cuja" (l. 7)

Estão corretos apenas os itens:
a) I e II
b) I, II e III
c) II e III
d) II, III e IV
e) II, IV e V

04 (FGV/SP) Leia atentamente: *"A maior parte dos funcionários classificados no último concurso, optou pelo regime de tempo integral".*

Na frase há um erro de pontuação, pois a vírgula está separando de modo incorreto:

a) o sujeito e o predicado
b) o aposto e o objeto direto
c) o adjunto adnominal e o predicativo do sujeito
d) o sujeito e o predicativo do objeto
e) o objeto indireto e o agente da passiva

05) (TTN-ESAF/98) Identifique o item em que a pontuação está CORRETA.

a) Sobre a sociedade, acima das classes, o aparelhamento político: uma camada social, comunitária embora nem sempre articulada impera, rege e governa, em nome próprio, num círculo impermeável, de comando. Esta camada, que não representa a nação, quando forçada pela lei do tempo, renova-se e, substitui velhos por moços, inaptos por aptos, num processo que cunha e nobilita os recém-vindos, imprimindo-lhes, os seus valores.

b) Sobre a sociedade acima das classes, o aparelhamento político – uma camada social, comunitária embora nem sempre articulada; impera, rege e governa, em nome próprio, num círculo impermeável de comando. Esta camada, que não representa a nação, quando forçada pela lei do tempo, renova-se e substitui velhos por moços, inaptos por aptos, num processo que cunha, e nobilita os recém-vindos, imprimindo-lhes os seus valores.

c) Sobre a sociedade, acima das classes, o aparelhamento político – uma camada social, comunitária embora nem sempre articulada – impera, rege e governa, em nome próprio, num círculo impermeável de comando. Esta camada, que não representa a nação, quando forçada pela lei do tempo, renova-se e substitui velhos por moços, inaptos por aptos, num processo que cunha e nobilita os recém-vindos, imprimindo-lhes os seus valores.

d) Sobre a sociedade acima das classes, o aparelhamento político; uma camada social, comunitária embora nem sempre articulada; impera, rege e governa em nome próprio, num círculo impermeável, de comando. Esta camada, que não representa a nação, quando forçada pela lei do tempo, renova-se e substitui, velhos, por moços, inaptos por aptos num processo que cunha e nobilita, os recém-vindo, imprimindo-lhes os seus valores.

e) Sobre a sociedade acima das classes o aparelhamento político. Uma camada social, comunitária embora nem sempre articulada – impera rege e governa, em nome próprio, num círculo impermeável de comando. Esta camada, que não representa, a nação quando forçada pela lei do tempo renova-se e substitui velhos por moços, inaptos por aptos, num processo que cunha, e nobilita os recém-vindos, imprimindo-lhes os seus valores.

(FAORO, Raymundo. *Os Donos do Poder)*

06) (AJ-ESAF) Quanto à pontuação, a frase CORRETA é:

a) Quando trazidos do exterior os vinhos e seus derivados, exceto os industrializados, serão submetidos, a controle especial do Ministério da Agricultura.

b) Quando, trazidos do exterior, os vinhos e seus derivados exceto os industrializados serão submetidos a controle especial, do Ministério da Agricultura.

c) Quando trazidos do exterior os vinhos, e seus derivados exceto os industrializados serão submetidos a controle, especial, do Ministério da Agricultura.

d) Quando trazidos do exterior, os vinhos e seus derivados exceto os industrializados serão submetidos a controle especial, do Ministério da Agricultura.

e) Quando trazidos do exterior, os vinhos e seu derivados, exceto os industrializados, serão submetidos a controle especial do Ministério da Agricultura.

07) (TST-SANEPAR/01) Apresenta uma pontuação adequada e alternativa:

a) A discriminação racial no Brasil, tem sido historicamente negada por uma conjunção que por vias transversas, une a direita e a esquerda. A direita que por princípio não quer mudar nada, acredita na democracia racial. A esquerda aposta na luta de classes.

b) A discriminação racial no Brasil tem sido historicamente negada, por uma conjunção, que por vias transversas une a direita e a esquerda; a direita; que por princípio não quer mudar nada; acredita na democracia racial. A esquerda aposta, na luta de classes.

c) A discriminação racial no Brasil, tem sido historicamente negada por uma conjunção que, por vias transversas, une a direita e a esquerda: a direita, que por princípio não quer mudar nada, acredita na democracia racial; a esquerda aposta na luta de classes.

d) A discriminação racial no Brasil tem sido historicamente, negada por uma conjunção que, por vias transversas une a direita e a esquerda. A direita – que por princípio não quer mudar nada – acredita na democracia racial: a esquerda aposta na luta de classes.

e) A discriminação racial, no Brasil, tem sido, historicamente, negada por uma conjunção que por vias transversas une a direita e a esquerda, a direita, que por princípio não quer mudar nada acredita, na democracia racial a esquerda, aposta na luta de classes.

08) (CESGRANRIO) Assinale a opção em que a vírgula está empregada para separar dois termos que possuem a mesma função na frase:

a) “Minhas senhoras, seu Mendonça pintou o diabo enquanto viveu”.
b) “Respeitei o engenho do Dr. Magalhães, juiz”.
c) “E fui mostrar ao ilustre hóspede a serraria, o descaroçador e o estábulo”.
d) “Depois da morte do Mendonça, derrubei a cerca...”.
e) “Não obstante essa propaganda, as dificuldades surgiram”.

Texto II (fragmento)

O homem

O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral.

A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas. É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gingante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. A pé, quando parado, recosta-se invariavelmente ao primeiro umbral ou parede que encontra; a cavalo, se sofreia o animal para trocar duas palavras com um conhecido, cai logo sobre um dos estribo, descansando sobre a espenda da sela. (...) E se na marcha estaca pelo motivo mais vulgar, para enrolar um cigarro, bater o isqueiro, ou travar ligeira conversa com um amigo, cai logo – cai é o termo – de cócoras, atravessando largo tempo numa posição de equilíbrio instável, em que todo o seu corpo fica suspenso pelos dedos dos pés, sentado sobre os calcanhares, com uma simplicidade a um tempo ridícula e adorável.

É o homem permanentemente fatigado.
(...)

Entretanto, toda esta aparência de cansaço ilude.

Nada é mais surpreendedor do que vê-la desaparecer de improviso. Naquela organização combalida operam-se, em segundos, transmutações completas. Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormecidas. O homem transfigura-se. Empertiga-se, estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto; e a cabeça firma-se-lhe, alta, sobre os ombros possantes, aclarada pelo olhar desassombrado e forte; e corrigem-se-lhe, prestes, numa descarga nervosa instantânea, todos os efeitos o relaxamento habitual dos órgãos e da figura vulgar do tabaréu canhestro, reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias.

(CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*)

09) (TJDFT-CESPE-UnB/00) Assinale a opção em que a mudança efetuada na sintaxe e na pontuação do fragmento do último parágrafo do texto mantém o sentido da mensagem original.

a) Linhas 20 e 21: O sertão se empertiga estadeando novos relevos e novas linhas na estatura e no gesto.
b) Linhas 22 e 22: sobre os ombros possantes, a cabeça; firma-se forte, aclarada pelo olhar desassombrado e alto.
c) Linhas 22 e 23: todos os efeitos do relaxamento habitual do órgãos corrigem-se-lhe prestes**,** em uma descarga nervosa instantânea**.**
d) Linhas 23 e 24: da figura do tabaréu vulgar e canhestro, reponta inesperadamente, aspecto dominador de um titã.

e) Linhas 24 e 25: acobreado e potente surge, em um desdobramento surpreendente o sertanejo de força e agilidade extraordinária**.**

Texto III (fragmento)

Lógica da Vingança

No nosso cotidiano, estamos tão envolvidos com a violência, que tendemos a acreditar que o mundo nunca foi tão violento como agora: pelo que nos contam nossos pais e outras pessoas mais velhas, há dez, vinte ou trinta anos, a vida era mais segura, certos valores eram mais respeitados e cada coisa parecia ter o seu lugar.

Essa percepção pode ser correta, mas precisamos pensar nas diversas dimensões em que pode ser interpretada. Se ampliarmos o tempo histórico, por exemplo, ela poderá se mostrar incorreta.

Em um dos volumes da coleção *História da vida privada*, Michel Rouché afirma, em seu artigo sobre a criminalidade na Alta Idade Média (por volta do século VI), que, se fôssemos comparar o número de assassinatos que ocorriam naquele período, proporcionalmente à população mundial de então, com o dos dias atuais, veríamos que antes eles eram bem mais comuns do que são agora. Segundo esse autor, naquela época, “cada qual via a justiça em sua própria vontade”, e o ato de matar não era reprovado – era até visto como sinal de virilidade: a agressividade era uma característica cultivada pelos homens, fazia parte de sua educação.

O autor afirma, ainda, que torturas e assassinatos, bastante comuns naqueles tempos, ocorriam em grande, parte por vingança: “Cometido um assassinato, a linhagem da vítima tinha o imperioso dever religioso de vingar, essa morte, fosse no culpado, fosse num membro da parentela”. Realizada a vingança e assassinado o culpado da primeira morte, a mesma lógica passava a valer para parentes deste, que deveriam vingá-lo, criando assim uma interminável cadeia de vinganças, que podia estender-se por várias gerações.

(BUORO, A.; SCHILLING, F.; SOARES, M.)

10) (CEBERJ/00) O uso de aspas, em alguns segmentos do texto, indica que:

a) devem ser lidos com mais atenção;
b) são reproduções do texto de outro autor;
c) foram traduzidos de outra língua;
d) correspondem a textos antigos;
e) mostram o mais importante do conteúdo.

11) (CEBERJ/02) Marque a alternativa pontuada corretamente.

a) Com as graças de Deus vou bem doutor Ricardo!
b) Com as graças de Deus, vou bem doutor Ricardo!
c) Com as graças de Deus, vou bem, doutor Ricardo!
d) Com as graças, de Deus, vou bem, doutor Ricardo!
e) Com as graças, de Deus, vou bem doutor, Ricardo!

Texto IV (fragmento)

As versões anteriores sobre a existência, no Novo Mundo, de alguma noção de mulheres adversas ao jugo varonil, deviam predispor os aventureiros europeus a acolher, colorindo-as e enriquecendo-as, segundo lhes pediam a imaginação, certas notícias sobre tribos indígenas onde as esposas porfiavam com os maridos na faina guerreira. Foi às beiradas daquele rio-mar, porém, e quando pela primeira vez na história um bando de espanhóis o cursou em sua maior extensão até chegar à embocadura, que elas vieram a ganhar corpo.

Tendo saído de Quito em 1541, rumo ao imaginário País da Canela, Francisco de Orellana e seus companheiros, foram avisados de que, águas abaixo, no grande rio, se achavam amazonas, e que apartadas dele e metida terra a dentro estavam as dependências do chefe Inca, abundantíssimas em metal amarelo. Esse último senhorio nunca o viram e nem ouviram falar os expedicionários. Das amazonas, no entanto, voltaram a ter notícia, quando mais adiante, lhes advertiram- nos outros índios do perigo a que se expunham de alcançá-las, por serem poucos e elas muitas.

HOLANDA, Sérgio Buarque de

12) (TRF-ESA/00) Ocorre ERRO de pontuação na linha:

a) 3
b) 8
c) 12
d) 9
e) 10

13) (F. Objetivo/SP) Quando se trata de trabalho científico ( ) duas coisas devem ser consideradas ( ) uma é a contribuição teórica que o trabalho oferece ( ) a outra é o valor prático que possa ter.

a) dois-pontos – ponto-e-vírgula – ponto-e-vírgula
b) dois-pontos – vírgula – ponto-e-vírgula
c) vírgula – dois-pontos – ponto-e-vírgula
d) ponto-e-vírgula – dois-pontos – ponto-e-vírgula
e) ponto-e-vírgula – vírgula - vírgula

14) (TFC-ESAF/93) Assinale o período corretamente pontuado.

a) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choque nos acidentes.

b) Os carros modernos, são feitos com chapas bastante flexíveis que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

d) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

e) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

f) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis que num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

15) (SMA/99) Mas hoje um juiz às vezes evita dar uma condenação pela desproporcionalidade entre o crime e a pena.

Reescrevendo-se a passagem transcrita, assinale a alternativa CORRETA do uso da vírgula:

a) Mas hoje um juiz, às vezes evita dar uma condenação pela desproporcionalidade entre o crime e a pena.

b) Mas hoje um juiz às vezes, evita dar uma condenação pela desproporcionalidade entre crime e a pena.

c) Mas hoje um juiz, às vezes, evita dar uma condenação pela desproporcionalidade entre o crime e a pena.

d) Mas hoje um juiz às vezes evita dar, uma condenação pela desproporcionalidade entre o crime e a pena.

e) Mas hoje um juiz às vezes, evita dar, uma condenação pela desproporcionalidade entre o crime e a pena.

16) (GDF-SEA/96) O texto CORRETO quanto à pontuação é:

a) “A linguagem é um mecanismo indispensável à vida humana; da vida que, como a nossa, é plasmada, orientada, enriquecida e tornada possível, graças ao acúmulo de experiências passadas dos membros da própria espécie”.

b) “A linguagem é um mecanismo, indispensável à vida humana; da vida, que como a nossa, é plasmada, orientada, enriquecida, e tornada possível graças ao acúmulo, de experiências passadas dos membros da própria espécie”.

c) “A linguagem é um mecanismo indispensável à vida humana, da vida que, como a nossa, é plasmada, orientada, enriquecida e tornada possível, graças ao acúmulo, de experiências passadas, dos membros da própria espécie”.

d) “A linguagem é um mecanismo, indispensável, à vida humana, da vida que como a nossa, é plasmada, orientada, enriquecida e tornada possível, graças ao acúmulo de experiências passadas dos membros da própria espécie”.

17) (TCU-CESPE-UnB)

A pontuação é um fator muito importante para a compreensão das idéias de um texto. Assinale a opção em que a reescrita do que se lê abaixo permanece CORRETA:

TEXTO V

A polícia mata (“executa”, palavra com que certa imprensa parece querer nobilitar o assassinato) e não mata somente o bandido, mas também o cidadão que está por perto. Comerciantes contratam “justiceiros” que tomam a si o encargo de eliminar quem quer que pareça uma ameaça. Viajar de ônibus passou a ser uma aventura cotidiana, pois raro é o dia que um ou mais não são assaltados, com direito a tiroteio. Hospitais, berçários, asilos de velhos e clínicas matam em níveis reminescentes do nazismo. Morre-se de fome nas cidades e no campo, e por aí vamos.

a) A polícia mata, ou melhor, “executa” – palavra com que certa imprensa parece querer nobilitar o assassinato – e não mata somente o bandido; mas também o cidadão que está por perto. Comerciantes contratam “justiceiros” que tomam a si o encargo de eliminar quem quer que pareça uma ameaça. Viajar de ônibus passou a ser uma aventura cotidiana, pois raro é o dia que um ou mais não são assaltados, com direito a tiroteio. Hospitais, berçários, asilos de velhos, clínicas matam em níveis reminiscentes do nazismo. Morre-se de fome, nas cidades e no campo, e por aí vamos.

b) A polícia mata (“executa”, palavra com que certa imprensa parece querer nobilitar o assassinato), e não mata somente o bandido: mas também o cidadão que está por perto. Comerciantes contratam “justiceiros”; que tomam a si o encargo de eliminar quem quer que pareça uma ameaça. Viajar de ônibus passou a ser uma aventura cotidiana, pois raro é o dia que um ou mais não são assaltados, com direito a tiroteio. Hospitais, berçários, asilos de velhos e clínicas matam em níveis reminiscentes do nazismo. Morre-se de fome nas cidades e no campo, e por aí vamos.

c) A polícia mata – “executa”, palavra com que certa imprensa parece querer nobilitar o assassinato –, e não mata somente o bandido, mas também o cidadão que está por perto. Comerciantes contratam “justiceiros”, que tomam a si o encargo de eliminar quem quer que pareça uma ameaça. Viajar de ônibus passou a ser uma aventura cotidiana pois raro é o dia que um ou mais não são assaltados, com direito a tiroteio. Hospitais, berçários, asilos de velhos, e clínicas matam em níveis reminiscentes do nazismo. Morre-se de fome nas cidades e no campo, e por aí vamos.

d) A polícia mata (“executa”, palavra com que certa imprensa parece querer nobilitar o assassinato) e não mata somente o bandido. Mas também o cidadão que está por perto. Comerciantes contratam “justiceiros”, que tomam a si o encargo de eliminar quem quer que, pareça uma ameaça. Viajar de ônibus, passou a ser uma aventura cotidiana, pois raro é o dia que, um ou mais, não são assaltados, com direito a tiroteio. Hospitais, berçários, asilos de velhos e clínicas matam em níveis reminiscentes do nazismo. Morre-se de fome nas cidades e no campo, e por aí vamos.

e) A polícia mata: “executa, palavra com que certa imprensa parece querer nobilitar o assassinato, e não mata somente o bandido, mas também o cidadão que está por perto. Comerciantes contratam “justiceiros” que tomam a si o encargo de eliminar quem quer que pareça uma ameaça. Viajar de ônibus passou a ser uma aventura cotidiana: pois raro é o dia que um ou mais não são assaltados com direito a tiroteio. Hospitais, berçários; asilos de velhos e clínicas matam em níveis reminiscentes do nazismo. Morre-se de fome, nas cidades e no campo, e por aí vamos.

TEXTO VI (fragmento)

Governo

Creio no governo pelo povo; creio, porém, que o governo do povo pelo povo tem a base de sua legitimidade na cultura da inteligência nacional pelo desenvolvimento nacional do ensino, para o qual as maiores liberalidades do Tesouro constituirão sempre o mais reprodutivo emprego da riqueza pública...

BARBOSA, Rui

18) (CGC-UFRJ) As vírgulas que separam a conjunção porém se devem a(ao):

a) deslocamento da conjunção para o meio da frase;
b) necessidade de destacar uma idéia essencial ao texto;
c) fato de uma conjunção adversativa vir sempre entre vírgulas;
d) presença de um sujeito proposto;
e) uma característica estilística de Rui Barbosa.

19) (TJ-SGST/99) O período cuja pontuação está inteiramente CORRETA é:

a) É setembro e os ipês floresceram, o que é normal; o que não é normal é a pompa com que, desta vez, se vestiram de amarelo, um amarelo escandaloso, doído de se ver.

b) É setembro, e os ipês floresceram o que é normal, o que não é normal, é a pompa com que desta vez, se vestiram de amarelo: um amarelo escandaloso doído de se ver.

c) É setembro e os ipês floresceram: o que é normal, o que não é normal é a pompa, com que, desta vez se vestiram de amarelo – um amarelo escandaloso, doído de se ver.

d) É setembro e os ipês floresceram o que é normal; o que não é normal, é a pompa com que, desta vez se vestiram: de amarelo, um amarelo escandaloso, doído de se ver.

e) É setembro e os ipês floresceram, o que é normal: o que não é normal é, a pompa, com que desta vez se vestiram de amarelo, um amarelo, escandaloso, doído, de se ver.

20) (CGJ-UFRJ) É uma coisa santa a democracia – não a democracia que faz viver os espertos, a democracia do papel e da palavra − mas a democracia praticada honestamente, regularmente, sinceramente. (M.A.)

O segmento textual colocado entre travessões é:

a) uma retificação de um vocábulo anterior;
b) uma ressalva de uma afirmação anterior;
c) uma enumeração de termos contidos num vocábulo anterior;
d) uma explicação de um vocábulo anterior;
e) uma redundância em relação a um termo anterior.

21) (AFC-ESAF/00) Em relação aos elementos constituintes do texto, indique a opção incorreta:

TEXTO VII

“Êxodos”, livro do fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado, é, sem sombra de dúvida, um projeto monumental. Tanto é que acabou se desdobrando em outro livro de menor tamanho, “Retratos de Crianças do Êxodo”. Ambos têm acabamento impecável, foram impressos na Suíça e custam caro.

Como os projetos anteriores, os livros incluirão grandes mostras fotográficas em várias capitais do mundo. Desde “Os Trabalhadores”, livro anterior do fotógrafo, deve-se ter muito cuidado para não exagerar nos superlativos. Tudo é muito grande: seis anos de trabalho, 40 países visitados, 544 páginas com fotografias, ampliações no formato 70 x 90 cm para as exposições, “a história da humanidade em trânsito”, contada pelas objetivas alemãs (a Leica é um dos patrocinadores do projeto) do fotojornalista mais conhecido do mundo!

(*Gazeta Mercantil*, 8 e 9/04/2000, p.13, com adaptações)

a) Substituindo-se a vírgula após **tamanho** por sinal de dois pontos, a pontuação do trecho permanece correta.

b) A substituição da estrutura **deve-se ter** por **devemos ter** torna o texto mais impessoal, neutro e objetivo.

c) É correto substituir as vírgulas após as palavras **trabalho, visitados, fotografias** e **exposições** por sinais de ponto e vírgula, por tratar-se de uma enumeração.
d) A expressão **objetivas** tem o significado denotativo de **lentes fixadas por uma armação na parte anterior da máquina fotográfica**, podendo ser entendida, no texto, com o sentido de **máquina fotográfica**.

e) Emprego das reticências e do ponto de exclamação confere expressividade e emotividade ao período.

22) (CESPE-UnB) Indique a opção CORRETA quanto às pontuações alternativas em *O domínio que adquirimos sobre certos assuntos em decorrência de nossa experiência profissional muitas vezes faz com que os tomemos como de conhecimento geral.*

a) O domínio, que adquirimos sobre certos assuntos em decorrência de nossa experiência profissional muitas vezes faz com que os tomemos como de conhecimento geral.

b) O domínio, que adquirimos sobre certos assuntos, em decorrência de nossa experiência profissional muitas vezes, faz com que os tomemos como de conhecimento geral.

c) O domínio que adquirimos sobre certos assuntos em decorrência de nossa experiência profissional muitas vezes, faz com que os tomemos como de conhecimento geral.

d) O domínio que, adquirimos sobre certos assuntos em decorrência de nossa experiência profissional muitas vezes faz com que os tomemos como de conhecimento geral.

e) O domínio que adquirimos sobre certos assuntos, em decorrência de nossa experiência profissional, muitas vezes faz com que os tomemos como de conhecimento geral.

23) Pontue, convenientemente, e assinale o item que contém a seqüência da pontuação CORRETA:

Sou um menino igual aos outros tenho dez dedos em cada mão tenho cinco juntamente com
mãos e pés são vinte e cinco em cada pé portanto tenho ao todo vinte e dois ouvidos para ver

olhos logo abaixo do nariz boca e queixo

a) (:), (;), (;), (;), (.), (;), (;), (,), (;), (,), (.)
b) (;), (,), (,), (;), (.), (,), (,), (;), (.)
c) (;), (;), (.), (.), (;), (,), (,), (,), (.)
d) (:), (;), (;), (;), (?), (;), (?), (,), (,)
e) (?), (;), (:), (,), (,), (.)

24) (AFCE-TCU-ESAF/00) Assinale a opção em que o texto foi transcrito com ERRO de
pontuação.

a) A Organização das Nações Unidas – ONU é organismo multilateral constituído pelos aliados logo após o término da Segunda Guerra Mundial. Reflete, portanto, a preocupação dos vencedores do conflito armado em não permitir o ressurgimento de regimes nazistas que haviam sido esmagados na Europa.
b) A Segunda guerra Mundial, em termos políticos, demorou a terminar. Restaram dois protagonistas, ambos superpotências, dotados de arsenais capazes de destruir o planeta várias vezes: União Soviética e Estados Unidos.

c) A bipolaridade, que caracterizou a política internacional até o final dos anos oitenta, ajudou a manter estável o papel da ONU e das agências a ela ligadas. No entanto, um dia o Muro de Berlim caiu. Em seguida, os países do leste redescobriram a liberdade.

d) Ruíram regimes outrora fortes. A Alemanha Comunista virou história, e a poderosa União Soviética deixou de existir. A realidade de hoje é substancialmente, diferente da geografia política dos anos setenta.

e) A ONU, contudo, permanece a mesma. Não mudou. Seus integrantes não dão sinais de perceber a nova realidade.

(Adaptado do *Correio Braziliense*, 08/10/2000)

25) Assinale a alternativa em que o texto esteja pontuado corretamente.

a) Rossi, cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.

b) Rossi cônego honorário, e pregador efetivo estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.

c) Rossi, cônego honorário e pregador efetivo; estava compondo, um sermão, quando começou o idílio psíquico.

d) Rossi, cônego honorário e, pregador efetivo estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.

e) Rossi cônego, honorário e, pregador efetivo, estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.

26) (BACEN-ANALISTA) Assinale a alternativa que apresenta correta pontuação do trecho da Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios.

a) Se eu falasse todas as línguas as dos homens e, as dos anjos, mas não tivesse caridade eu seria como o bronze, que soa ou o címbalo que retine. Se eu tivesse o dom da profecia, se conhecesse todos os mistérios, e toda a ciência, se tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, mas se não tivesse caridade, eu não seria nada.

b) Se eu falasse todas as línguas, as dos homens e as dos anjos, mas não tivesse caridade, eu seria como o bronze que soa ou o címbalo que retine. Se eu tivesse o dom da profecia, se conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, se tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, mas se não tivesse caridade, eu não seria nada.

c) Se eu falasse, todas as línguas, as dos homens e as dos anjos mas não tivesse caridade eu seria como o bronze que soa ou o címbalo que retine. Se eu tivesse o dom da profecia se conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, se tivesse toda a fé a ponto de transportar montanhas mas, se não tivesse, caridade eu não seria nada.]

d) Se eu falasse todas as línguas, as dos homens e as dos anjos, mas não tivesse caridade eu, seria como o bronze que soa, ou o címbalo que retine. Se eu tivesse o dom da profecia, se conhecesse todos os mistérios e toda a ciência se tivesse, toda a fé a ponto de transportar montanhas mas se não tivesse caridade eu não seria nada.

e) Se eu falasse todas as línguas, as dos homens e as dos anjos, mas não tivesse caridade eu seria, como o bronze, que soa, ou o címbalo que retine. Se, eu tivesse o dom da profecia, se conhecesse, todos os mistérios e toda a ciência se tivesse toda a fé a ponto de transportar montanhas mas se não tivesse caridade eu não seria nada.

27) (TFC-ESAF/00) Assinale o item que apresenta pontuação correta.

a) Embora aos sete anos, Juan Miró já ensaiasse naturezas-mortas e auto-retratos, os pais não o deixavam pintar. A resistência, só foi vencida, quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia, por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.

b) Embora, aos sete anos Juan Miró já ensaiasse, naturezas-mortas e auto-retratos, os pais não o deixavam pintar. A resistência só foi vencida, quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.

c) Embora aos sete anos Juan Miró já ensaiasse naturezas-mortas e auto-retratos os pais não o deixavam pintar. A resistência só foi vencida quando, empregado, como guarda-livros, em uma farmácia, por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.

d) Embora aos sete anos Juan Miró já ensaiasse naturezas-mortas e auto-retratos, os pais não o deixavam pintar. A resistência só foi vencida quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.

e) Embora aos sete anos Juan Miró já ensaiasse, naturezas-mortas e auto-retratos, os pais, não o deixavam pintar. A resistência, só foi vencida quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia; por imposição familiar, caiu de cama, com crise nervosa e tifo.

28) (PRF-CESPE-UnB/98) Ao lado, o filho, **de 7 ou 8 anos**, não cessava de atormentá-lo; as vírgulas que envolvem o segmento sublinhado:

a) marcam um adjunto adverbial deslocado;
b) indicam a presença de uma oração intercalada;
c) mostram que há uma quebra de ordem direta da frase;
d) estão usadas erradamente porque separam o sujeito do verbo;
e) assinalam a presença de um aposto.

Leia atentamente e responda a seguir às questões propostas:

Texto VIII

Tristeza de Cronista

A moça viera da cidade para os lados de Botafogo. No ônibus repleto, dois rapazes de pé conversavam,e sua conversa era ouvida por todos os passageiros. (Inconveniente dos hábitos atuais.) Eram dois rapazes modernos, bem vestidos, bem nutridos. (Ah! Este excesso de vitaminas e de esportes!) Um não conhecia quase nada da cidade e o outro servia-lhe cicerone. Mostrava-lhe, pois, a avenida e os seus principais edifícios, a Cinelândia, o Obelisco, o Monumento dos Pracinhas, o Museu de Arte Moderna, o Aterro, o Mar...

O outro interessava-se logo pelas minúcias: qual o melhor cinema? Quantos pracinhas estão ali? Que se pode ver no museu? Mas os ônibus andam tão depressa e caprichosamente que as perguntas e respostas se desencontravam. (Que fôlego humano pode competir com o de um ônibus?)

Quanto ao Pão de Açúcar, o moço não manifestou grande surpresa: já o conhecia de cartões-postais; apenas exprimiu o seu receio de vir o carrinho a enguiçar. Mas o outro combateu com energia tal receio, como se ele mesmo fosse o engenheiro ou, pelo menos, agente turístico.

BRAGA, Rubem

29) (PREVI-Rio-FJG/02) A autora utiliza os parênteses no texto como um recurso para:

a) Introduzir uma frase intercalada de valor restritivo.
b) Explicar detalhadamente o teor de alguns fatos da crônica.
c) Inserir uma opinião pessoal sobre os fatos que fluem na crônica.
d) Especificar a sensação que as personagens têm em face dos acontecimentos narrados.

30) (PREVI-Rio-FJG/02) Os dois pontos usados após a palavra surpresa (l. 12) servem para:

a) Apresentar uma relação de fatos.
b) Dar início à fala da personagem.
c) Introduzir uma explicação sobre fato antes relatado.
d) Vincular uma causa a uma conseqüência antes referida.
e) Enumerar os fatos ocorridos.

31) Vai Isaías Vai Isto aqui não te basta Vai para o Rio (L.B.)

Para melhor compreensão do texto acima, deveremos usar:

a) 1 vírgula, 1 ponto-de-exclamação e apenas 1 reticências;
b) 1 vírgula, 2 pontos-de-exclamação e 2 reticências;
c) 2 vírgulas, 2 pontos-de-exclamação e 2 reticências;
d) 2 vírgulas, 1 ponto-de-exclamação e apenas 1 reticências;
e) somente 2 pontos-de-exclamação e um ponto final.

32) (AFPS-ESAF/02) Assinale a opção INCORRETA quanto ao emprego dos sinais de pontuação.

a) O governo conseguiu uma vitória importante na área dos acidentes de trabalho: o Programa Nacional de Redução dos Acidentes Fatais de Trabalho reduziu em 34,27% o número de mortes entre 1999 e 2001.

b) Os ministros comemoraram a redução que só foi possível, devido à ação integrada desenvolvida pelo governo, e amparada no engajamento de toda a sociedade.

c) O governo continuará agindo para reduzir ainda mais o número de acidentes e de mortes. Um decreto já encaminhado para exame do Presidente da República, por exemplo, reclassifica os 593 setores da economia de acordo com o grau de risco que oferecem aos trabalhadores.

d) Hoje as empresas contribuem com alíquotas de 1% a 3% sobre a folha de salários para custeio do acidente de trabalho, de acordo com a atividade que desenvolvem.

e) Ao analisar os dados dos últimos quatro anos, a Previdência constatou que muitos segmentos estão classificados erradamente, ou seja, são responsáveis por um grande número de acidentes, mas estão listados, por exemplo, na área de menor risco, com alíquota mínima.

33) Nas frases abaixo foi alterada a pontuação de modo que ocorresse algum desvio do uso da vírgula. Assinale a alternativa em que a segunda frase não corrige adequadamente a primeira:

a) 1. A Fiat do Brasil está concedendo férias coletivas, de vinte dias, a funcionários de suas fábricas.
2. A Fiat do Brasil está concedendo férias coletivas de vinte dias a funcionários de suas fábricas.

b) 1. A academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood adiou para hoje à noite, a cerimônia de entrega dos prêmios Oscar.
2. A academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, adiou para hoje à noite a cerimônia de entrega dos prêmios Oscar.

c) 1. A entidade internacional promove a cada dois anos, um congresso.
2. A entidade internacional promove, a cada dois anos, um congresso.

d) 1. Os soldados da Polícia Militar de Pernambuco, voltam hoje aos quartéis.
2. Os soldados da Polícia Militar de Pernambuco voltam hoje aos quartéis.

e) Todas estão corretas.

34) (TFC-ESAF/93) Assinale a opção cujo período apresenta pontuação correta.

a) O vice-presidente da República, além de outras atribuições que lhe forem conferidas por lei complementar, auxiliará o Presidente sempre que, por ele convocado, para missões especiais.

b) O vice-presidente da República, além de outras atribuições, que lhe forem conferidas, por lei complementar, auxiliará o Presidente sempre que por ele convocado para missões especiais.

c) O vice-presidente da República, além de outras atribuições que lhe forem conferidas, por lei complementar auxiliará o Presidente, sempre que por ele convocado, para missões especiais.

d) O vice-presidente da República, além de outras atribuições, que lhe forem conferidas por lei complementar, auxiliará o Presidente sempre que, por ele convocado, para missões especiais.

e) O vice-presidente da República, além de outras atribuições que lhe forem conferidas por lei complementar, auxiliará o Presidente, sempre que por ele convocado, para missões especiais.

35) (Santa Casa/SP) Os períodos apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra correspondente ao período de pontuação correta:

a) Acredite meu amigo o que pede é impossível.
b) Acredite, meu amigo o que pede é, impossível.
c) Acredite, meu amigo o que, pede, é impossível.
d) Acredite, meu amigo, o que pede é impossível.
e) Acredite meu amigo, o que pede é, impossível.

36) A respeito da pontuação do texto assinale a proposição INCORRETA.

Abaixo do Equador (onde não existe pecado), **1** a fusão da tradição européia com a batucada africana libertou o carnaval na plenitude. Em nenhum lugar, ele adquiriu a dimensão que alcançou no Brasil: **2** durante quatro dias, o país fica fechado para balanço. **3** Ou melhor, fica aberto só para balançar, **4** e se entrega ao espetáculo que seduz e deslumbra os estrangeiros.

a) Emprego cumulativo de parêntese e vírgula (em 1) está correto.
b) Poder-se-ia substituir os parênteses (em 1) por travessão duplo.
c) O emprego de dois-pontos (em 2) justifica por anunciarem eles um esclarecimento ou explicação.
d) O ponto (em 3) pode ser substituído por vírgula, sem desrespeitar as regras de pontuação.
e) A vírgula antes da conjunção (em 4) justifica-se pelo fato de as orações terem sujeitos diferentes.

37) (Santa Casa/SP) Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta:

a) José dos Santos paulista, 23 anos vive no Rio.
b) José dos Santos paulista 23 anos, vive no Rio.
c) José dos Santos, paulista 23 anos, vive no Rio.
d) José dos Santos, paulista 23 anos vive, no Rio.
e) José dos Santos, paulista, 23 anos, vive no Rio.

38) (SARG. ERA/98) Assinalar a alternativa que justifica o uso da vírgula nos seguintes trechos, na ordem em que aparecem abaixo:

I – "... **meus senhores**, vós podeis dizer comigo..".

II – “... se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, **isto é**, se poria em primeiro lugar..”.

III – Moisés, **que também contou a sua morte**, não pôs no intróito..”.

IV – “**Este ar sombrio, estas gotas do céu, aquelas nuvens escuras** que cobrem o azul como um crepe..”.

a) aposto, aposto, expressão explicativa, enumeração;
b) vocativo, aposto, vocativo, oração adjetiva explicativa;
c) enumeração, vocativo, expressão explicativa, oração adjetiva explicativa;
d) vocativo, expressão explicativa, oração adjetiva explicativa, enumeração;
e) vocativo, aposto, aposto, enumeração.

39) (Supletivo/SP) Os períodos apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

a) A lua, surgiu brilhante, mas, ele não pôde vê-la pois havia adormecido.
b) A lua surgiu brilhante, mas ele não pôde vê-la, pois havia adormecido.
c) A lua surgiu, brilhante mas, ele, não pôde vê-la pois, havia adormecido.
d) A lua surgiu, brilhante, mas ele, não pôde vê-la pois havia adormecido.
e) A lua surgiu, brilhante mas ele, não pôde vê-la pois havia, adormecido.

40) “Tem ali um sujeito comendo coalhada. É feita de quê O quê: coalhada Então o senhor não sabe de que é feita a coalhada” (Fernando Sabino)

Na realidade, o texto acima deveria ser escrito usando-se:

a) três pontos-de-interrogação;
b) um ponto-de-interrogação;
c) dois pontos-de-interrogação e um ponto final;
d) dois pontos-de-interrogação;
e) dois pontos-de-exclamação.

41) “Lembro-me bem do Largo da Glória e da Praia da Lapa na minha meninice um desenho de Debret” (Manuel Bandeira)

O texto acima ficaria bem pontuado se fosse(m) usado(s):

a) um dois-pontos e um ponto-final;
b) uma vírgula e um ponto-final;
c) 1 ponto-de-exclamação e um ponto-final;

d) 1 dois-pontos e uma reticências;
e) somente um ponto-final.

42) Em todos os itens a vírgula foi bem colocada, EXCETO em:

a) Irei à Universidade somente em fevereiro, ou seja, logo após as férias.
b) Aos técnicos de nosso futebol, custa-lhes, preparar uma seleção competitiva?
c) Com entusiasmo e dedicação, desenvolveram um trabalho elogiável.
d) Quero que entendam, contudo, as minhas naturais limitações neste assunto.
e) As pessoas, extasiadas, assistiam às brutais ondas de violência.

43) Assinale a alternativa em que o texto esteja pontuado corretamente.

a) Hoje, eu daria o mesmo conselho, menos doutrina e, mais análise.
b) Hoje eu daria o mesmo conselho: menos doutrina e mais análise.
c) Hoje, eu, daria o mesmo conselho, menos doutrina e mais, análise.
d) Hoje, eu, daria o mesmo conselho: menos doutrina, e, mais análise.
e) Hoje eu, daria, o mesmo conselho, menos doutrina e mais análise.

44) No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado
Que outra formulação dessa frase apresenta ERRO de pontuação?

a) Uma senhora, no Rio de Janeiro, dirigia seu automóvel com o filho ao lado.
b) Uma senhora dirigia seu automóvel, no Rio de Janeiro, com o filho ao lado.
c) Uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado, no Rio de Janeiro.
d) No Rio de Janeiro, uma senhora, com o filho ao lado, dirigia seu automóvel.
e) Uma senhora, dirigia seu automóvel no Rio de Janeiro, com o filho ao lado.

45) Justifique o emprego da vírgula e ponto-e-vírgula nos períodos abaixo.

1. Consta dos autos que uns contavam as estrelas, as ilhas, os barcos; outros contavam os dias.

2. A testemunha dissera que o mais velho era vadio; o menor era muito estudioso.

3. O perito assinalou que, na sala, só havia um quadro; na varanda, uma pianola e uma pequena estante com alguns livros.

4. Um ama; outro odeia.

5. Esta norma se aplicará aos que ela se referem e mais: aos requerentes voluntários; aos cominados na forma legal; aos anistiados definitivamente; aos

beneficiados por outra legislação e aos representados por instrumento procuratório próprio.

6. Concluiu o juiz de primeiro grau que os menores trabalham na roça, nos pomares e nas hortas; os maiores, nos currais e nas matas.

7. Mão que afaga; pensamento que agride.

8. A vida é assim mesmo: tudo nos dá; tudo nos tira.

9. O Ministério Público salientou que as ponderações do réu eram justas; seus serviços é que feriam o bom senso.

10. O parecer lembrou velho pensamento em que se diz que, na mocidade, somos obrigados a tolerar a impertinência dos velhos; na velhice, os desvarios e extravagâncias dos moços.

11. O fazendeiro tinha um bezerro e o pai, do fazendeiro era também a mãe do bezerro.

12. Este juízo confirmou que o processo estava com o advogado e o seu assistente, na promotoria constou não ter havido devolução.

13. A preliminar de exceção de declaração de impedimento do digno magistrado da primeira vara cível desta comarca não deveria ter ido ainda para o MP.

14. O doutor representante do Ministério Público Federal no Estado do Rio de Janeiro prolatou manifestação intempestivamente.

15. Na mesma data solicitada, o processo fora remetido ao MP.

16. Toda a exegese, dentro desse consenso, corrobora o agravo.

17. Considerando a decisão, o autor se reportou ao feito.

18. O juízo do qual se depende o despacho conclusivo, não é o *ad quem.*

19. O domicílio para onde se enviou a precatória, foi definido pelo juiz.

20. Nessa doutrina cuja opinião é seguida por todos, está a decisão.

(Material extraído da revista *Redação Jurídica – A palavra do advogado nºs. 01 e 02/2003*).

46) Assinale com as letras nas questões 1 a 38, conforme o emprego da vírgula tenha sido usado para:
a) separar o vocativo

b) separar o aposto;
c) marcar a omissão de algum termo;
d) separar termo pleonástico;
e) separar termos de ordem inversa ou adjuntos adverbiais deslocados;
f) destacar palavras e expressões explicativas, conclusivas, concessivas ou de retificação;
g) separar orações assindéticas, termos coordenados ou palavras da mesma classe;
h) separar orações adverbiais ou reduzidas (de gerúndio, de infinitivo ou de particípio) quando iniciam o período;
i) separar o nome do lugar nas datas;
j) separar orações intercaladas e adjetivas explicativas.

1. (   ) Havia uma enorme cadeira na sala e no quarto, um pequeno baú.
2. (   ) “A premiação foi, como devia ser, exuberante”. (R.P.)
3. (   ) “Dona Glória, a senhora persiste na idéia de meter o nosso Bentinho no seminário?”
   (M. de Assis)
4. (   ) O povo se apinhava na avenida, o dinheiro circulava alegremente, as lâmpadas de carbureto espargiam sobre o burburinho focos de luz muito branca.
5. (   ) A medida aplicada, no entanto, não resolveu o problema.
6. (   ) Havia, contudo, inconvenientes sérios.
7. (   ) Este assunto, já o li em algum lugar.
8. (   ) “A ordem, meus amigos, é a base do governo”. (M.A.)
9. (   ) Visitaram Recife, Fortaleza, Salvador, Natal e Maceió.
10. (   ) Estes argumentos, não os tenho por verdadeiros.
11. (   ) “Olhe Dona Evarista, disse-lhe o padre Lopes, vigário do lugar, veja se seu marido dá um
    passeio”. (M.A.)
12. (   ) Durante o jantar, o assunto foi só sobre o próximo concurso.
13. (   ) Todos sabemos que as inovações em quaisquer atividades humanas, especialmente nas artes,
    artes, área das intimidades profundas e delicadas do sentimento, custam a vencer as resistências oriundas da tradição e da inércia.
14. (   ) “A casa tinha três quartos, duas salas, banheiro, copa, cozinha, quarto de empregada, porão, varanda e quintal”. (F.S.)
15. (   ) “Quaresma convalescente longamente, demoradamente, melancolicamente”.(L.M.)
16. (   ) Em Sertãozinho, os bóias-frias voltaram ao trabalho ontem.
17. (   ) “No outro dia, sábado, matei os carneiros para os eleitores”. (G.R.)
18. (   ) À medida, porém, que se politizaram as Forças Armadas, militarizaram-se o Partido e o
    soviéticos.
19. (   ) “Desde as primeiras chuvas, Dona Inácia iniciou seus preparativos de viagem”.
    (R.Q.)
20. (   ) “Depois do enterro de Luísa, Jorge despediu as criadas”. (E.Q.)
21. (   ) Na área econômica, o novo presidente recebe um país ainda subdesenvolvido.

22. ( ) “Para pôr fim às especulações, o candidato da Aliança deveria revelar de imediato suas intenções no campo da política econômica.
23. ( ) As economias do imperador, no entanto, não foram o bastante para poupar o projeto que se desenvolvia.
24. ( ) “Então, tirou o roupão violentamente, passou um vestido sem apertar o corpete, vestiu por cima um casaco de inverno, atirou o chapéu para a cabeça despenteada, saiu, desceu a rua tropeçando nas saias”. (E. Q.)
25. ( ) As casas são navios, que levantam âncora, para a travessia da noite enquanto dormimos.
26. ( ) “Às onze horas, a sineta deu o sinal das aulas”. (R.P.)
27. ( ) “Já sabes que a minha alma, por mais lacerada que tenha sido, não ficou aí para um canto”.
28. ( ) Para o coração, pois, não há passado, nem futuro, nem ausência”. (R.B.)
29. ( ) Em lugar do pluralismo partidário, portanto, optou-se por oligarquias partidárias pois outras agremiações, em fase de criação, pouco diferem do PT.
30. ( ) Para psiquiatras, psicólogos e sociólogos, o conflito familiar é inevitável e inerente à própria família.
31. ( ) Ele preferia os salgados e eu, os doces.
32. ( ) “Meu querido, estou doente de desespero”. (D.T.)
33. ( ) Como líder sindical, Vladimir espera que os jogadores de futebol sejam mais conscientes politicamente, mas frisa que o sindicato está voltado aos problemas da categoria.
34. ( ) “Conforme declarei, Madalena possuía um excelente coração”. (G.R.)
35. ( ) “Maria, viúva, quarenta e nove anos, e João, barbeiro de vinte e cinco, eram amasiados há seis meses”. (Dalton Trevisan)
36. ( ) “Meu antigo patrão, Salustiano Padilha, que tinha levado uma vida de economias indecentes para fazer o filho doutor, acabara morrendo do estômago e de fome, sem ver na família o título que ambicionava”. (G.R.)
37. ( ) “Debruçado à janela, ele olha a rua”. (F.S.)
38. ( ) “O pêndulo iria de um lado para outro, mas nenhum sinal externo mostraria a marcha do tempo” (M.A.)

TEXTO IX
Estava no Brasil

A Cooperação foi similar à da Operação Condor, só que estritamente dentro da lei e a favor da democracia. No último fim de semana, a Polícia Federal deteve em Foz do Iguaçu, no Paraná, o general paraguaio Lino Oviedo, havia meses foragido e cuja prisão preventiva com fins de extradição tinha sido pedida pelo Paraguai. No apartamento no qual se escondia foram encontrados um revólver calibre 38, dez telefones celulares e uma peruca. Oviedo, que já comandou uma tentativa de golpe em

1926, é acusado de tramar o assassinato do vice-presidente de seu país, Luís María Argaña, no ano passado. Preso, ele poderá ser extraditado para o Paraguai, onde goza de grande simpatia popular e nenhuma do governo. Com sua fama de golpista, Oviedo é o principal suspeito de ter planejado a última quartelada para derrubar o governo do presidente Luís González Macchi, há um mês. É um abacaxi para os paraguaios. Se livre e clandestino, é um incômodo para o governo; dentro de uma prisão no Paraguai, Oviedo é um perigo ainda maior, pois estará próximo e à vista de seus seguidores. O governo brasileiro não podia deixar de prender o general paraguaio. Um dos compromissos dos países-membros do MERCOSUL é a adesão ao regime democrático. Dar cobertura a golpistas, como Oviedo, não é um alento à democracia. O destino do general no Brasil está nas mãos do Supremo Tribunal Federal, responsável por julgar o pedido de extradição.

(*Veja*, 21/06/2000 /com adaptações)

47) (PF-CESPE-UNB/00) Com relação à pontuação do texto, julgue os itens que se seguem.

a) A justificativa para a vírgula imediatamente posterior a “No último fim de semana” é a mesma que corresponde àquela posterior a “Preso”.

b) Se uma vírgula fosse inserida imediatamente após “apartamento”, as relações semânticas e sintáticas do período do texto seriam mantidas inalteradas.

c) Na linha 5, a vírgula após “Oviedo” não tem justificativa gramatical, já que a oração posterior introduz uma informação explicativa.

d) Na linha 9, seria correto suprimir a vírgula.

e) O último período do texto poderia ser corretamente reescrito com a locução adverbial “no Brasil” entre vírgulas.

48) Pontue adequadamente o texto abaixo, usando os dois-pontos:

A situação estava clara só marcaria gol com uma jogada individual do atacante.

49) Pontue o enunciado abaixo, usando dois-pontos, ponto-e-vírgula e vírgula:

Machado de Assis e Castro Alves são importantes nomes da Literatura brasileira o primeiro escreveu romances o segundo poemas.

50) Pontue o texto abaixo, usando várias vezes a vírgula e o ponto-e-vírgula:

A História torna o homem incrédulo a poesia indefeso a matemática frio a filosofia soberbo a moral chato. (M.F.)

51) Pontue adequadamente o texto abaixo, usando vírgulas, aspas e dois-pontos:

Liberado oficialmente pela polícia o *topless* vem enfrentando um problema muitos banhistas principalmente homens ainda não conseguiram absorver a moda com naturalidade.

52) Pontue adequadamente o texto abaixo, usando vírgulas:

Logo que chegaram sentaram-se no sofá que era velho pediram silêncio e iniciaram a conversa.

53) Pontue o enunciado abaixo, usando dois-pontos e vírgulas:

A Literatura Portuguesa nos deu dois grandes escritores Camões grande poeta renascentista e Fernando Pessoa grande poeta modernista.

54) Pontue o texto abaixo, usando vírgulas e dois-pontos:

O raciocínio é de praxe buscar em Moscou as razões da instabilidade política externa acusar o governo de incapaz e corrupto sugerir a iminência da guerra civil e enfim apresentar-se como garantia exclusiva da população.

55) Distinga as orações adjetivas restritivas das explicativas, atentando-se ainda para a pontuação:

1. Rui Barbosa, que foi grande escritor, deixou-nos um livro sobre questões de língua portuguesa: a réplica.
2. Desconhecia todas as razões que ele me lembrou.
3. A primavera, que é a estação das flores, promete ser radiosa.
4. O homem que não tem ideais perde cedo a vontade de viver.
5. Nem tudo o que reluz é ouro.
6. Pedro II, que foi imperador do Brasil, gostaria de ser professor.
7. As alegrias, que a vida nos proporciona, devem ser bem aproveitadas.
8. Soube das novidades na casa do José, que é o meu melhor colega.

9. Falava sempre do sítio do avô, onde passava todas as férias.
10. Sempre chegava atrasado, o que descontentava o patrão.
11. O relógio que ontem ganhei foi presente do meu padrinho.
12. Gostava de ir à praia em que seus colegas tomavam banho.
13. “A morte, que fecha as portas da vida, abre as portas da eternidade”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. *Ensino da gramática*: opressão? Liberdade? 4 ed. São Paulo: Ática, 1989.
______. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
______. *Gramática escolar da língua portuguesa.* Rio de Janeiro:

Lucerna, 2001.

CEGALLA, Domingos Pascal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 40. ed. São Paulo: Nacional, 1997.

CUNHA, Celso Ferreira; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do português contemporâneo.* Rio de janeiro: Nova Fronteira, 1985.

LEITÃO, Luiz Ricardo (org.) et al. *Gramática crítica*: o culto e o coloquial no português brasileiro. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1998.

LUFT, Celso Pedro. *Gramática resumida*: explicação da Nomenclatura Gramatical Brasileira. 10 ed. Rio de Janeiro: Globo, 1988.

______. *Dicionário prático de regência verbal*. 5. ed. São Paulo: Ática,

1997.

______. *Dicionário prático de regência nominal*. 5. ed. São Paulo: Ática,

1999.

RIBEIRO, Manoel Pinto. *Nova gramática da Língua Portuguesa.* 13. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Metáfora, 2003.

Não deixe de ler também *A vírgula*, de Celso Pedro Luft.

Morfemas

São unidades ou elementos de significação que formam as palavras, bem como alteram o seu significado.

Vogal Temática

Vogal que aparece seguida do radical, caracterizando nomes e verbos. Banan**a**, estudant**e**, livr**o**, aprend**e**r, cant**a**r, ped**i**r

Tema= radical + vogal temática

Radical

É o elemento comum, serve de base às palavras. → **Ferr**o, **ferr**eiro, **ferr**ugem, **ferr**agem.

Afixos

Prefixos

São afixos colocados ***antes*** do radical.

INfeliz, INcerto, ANTEbraço

Sufixo

São afixos colocados ***depois*** do radical.

FelizMENTE, cãoZINHO, portEIRA

Desinências

Nominais

Indicam o gênero feminino ou masculino e o plural dos nomes como substantivos, adjetivos, numerais e pronomes.

Menin**as** (A- indica gênero e S – indica plural)

Verbais

Indicam número e pessoa (desinências número-pessoais) e modo e tempo (desinências modo-temporais) dos verbos.

Cant – á – va – mos

Cant – radical; á – vogal temática

Va – desinência modo-temporal

Mos – desinência número-pessoal

C.Melo2020

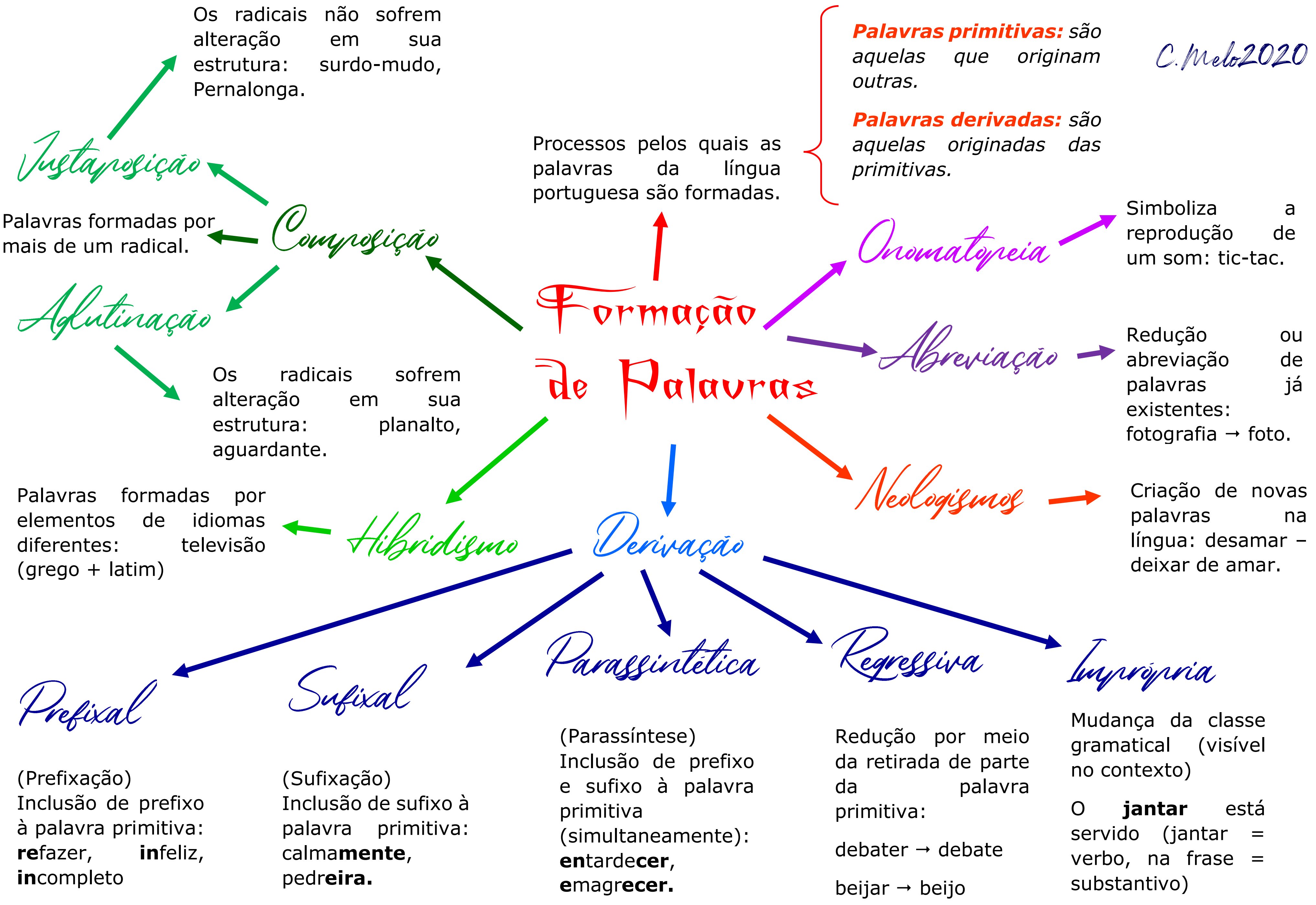

C.Melo2020

Formação de Palavras

Processos pelos quais as palavras da língua portuguesa são formadas.

Palavras primitivas: *são aquelas que originam outras.*

Palavras derivadas: *são aquelas originadas das primitivas.*

Composição

Palavras formadas por mais de um radical.

Justaposição

Os radicais não sofrem alteração em sua estrutura: surdo-mudo, Pernalonga.

Aglutinação

Os radicais sofrem alteração em sua estrutura: planalto, aguardante.

Onomatopeia

Simboliza a reprodução de um som: tic-tac.

Abreviação

Redução ou abreviação de palavras já existentes: fotografia → foto.

Neologismos

Criação de novas palavras na língua: desamar – deixar de amar.

Hibridismo

Palavras formadas por elementos de idiomas diferentes: televisão (grego + latim)

Derivação

Prefixal

(Prefixação)
Inclusão de prefixo à palavra primitiva: **re**fazer, **in**feliz, **in**completo

Sufixal

(Sufixação)
Inclusão de sufixo à palavra primitiva: calma**mente**, pedr**eira.**

Parassintética

(Parassíntese)
Inclusão de prefixo e sufixo à palavra primitiva (simultaneamente): **en**tarde**cer**, **e**magr**ecer.**

Regressiva

Redução por meio da retirada de parte da palavra primitiva:

debater → debate

beijar → beijo

Imprópria

Mudança da classe gramatical (visível no contexto)

O **jantar** está servido (jantar = verbo, na frase = substantivo)

CONCORDÂNCIA VERBAL I

Sujeito Composto

Sujeito Anteposto:

Regra Geral: Com elementos coordenados, todos de 3ª pessoa = verbo plural.

Ex.:

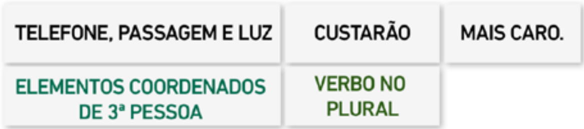

TELEFONE, PASSAGEM E LUZ	CUSTARÃO	MAIS CARO.
ELEMENTOS COORDENADOS DE 3ª PESSOA	VERBO NO PLURAL	

- ✓ Formado de palavras sinônimas - Verbo no plural ou concordando com o núcleo mais próximo.

Ex.:

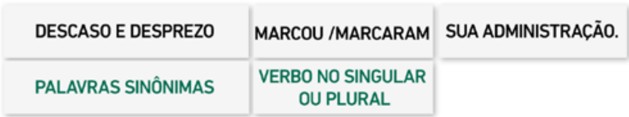

DESCASO E DESPREZO	MARCOU /MARCARAM	SUA ADMINISTRAÇÃO.
PALAVRAS SINÔNIMAS	VERBO NO SINGULAR OU PLURAL	

- ✓ Formado de palavras em gradação ou enumeração - Verbo no plural ou concordando com o núcleo mais próximo.

Ex.:

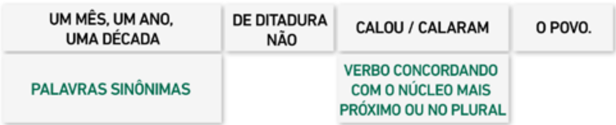

UM MÊS, UM ANO, UMA DÉCADA	DE DITADURA NÃO	CALOU / CALARAM	O POVO.
PALAVRAS SINÔNIMAS		VERBO CONCORDANDO COM O NÚCLEO MAIS PRÓXIMO OU NO PLURAL	

- ✓ Formado por pessoas gramaticais diferentes.

{eu + tu + ele} verbo na 1ª p. p.
{eu + tu} verbo na 1ª p. p.
{eu + ele} verbo na 1ª p. p.
{tu + ele} verbo na 2ª ou 3ª p. p.

Ex.:

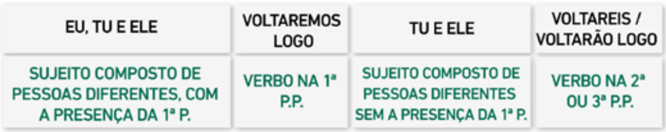

EU, TU E ELE	VOLTAREMOS LOGO	TU E ELE	VOLTAREIS / VOLTARÃO LOGO
SUJEITO COMPOSTO DE PESSOAS DIFERENTES, COM A PRESENÇA DA 1ª P.	VERBO NA 1ª P.P.	SUJEITO COMPOSTO DE PESSOAS DIFERENTES SEM A PRESENÇA DA 1ª P.	VERBO NA 2ª OU 3ª P.P.

- ✓ Seguido de "tudo", "nada", "ninguém", "nenhum", "cada um". Aposto Resumidor= verbo no singular.

Ex.:

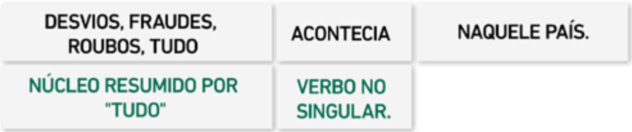

DESVIOS, FRAUDES, ROUBOS, TUDO	ACONTECIA	NAQUELE PAÍS.
NÚCLEO RESUMIDO POR "TUDO"	VERBO NO SINGULAR.	

Sujeito Proposto:

Regra geral - Verbo no plural ou concordando com o núcleo mais próximo.

Ex.:

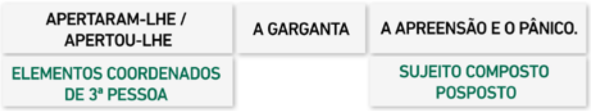

APERTARAM-LHE / APERTOU-LHE	A GARGANTA	A APREENSÃO E O PÂNICO.
ELEMENTOS COORDENADOS DE 3ª PESSOA		SUJEITO COMPOSTO POSPOSTO

✓ Quando a ação for reflexiva: Verbo no plural.

Ex.:

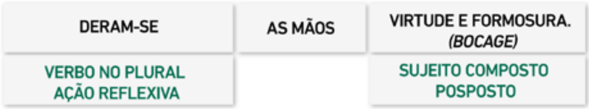

DERAM-SE	AS MÃOS	VIRTUDE E FORMOSURA. *(BOCAGE)*
VERBO NO PLURAL AÇÃO REFLEXIVA		SUJEITO COMPOSTO POSPOSTO

Sujeitos Ligados por...

✓ ...Com

a) Com (= e), atribuindo-se a ação verbal a todos os seus elementos= **verbo plural**;

Exemplo:
O diretor com os coordenadores do curso elaboraram as ementas.

b) Com (= em companhia de), realçando-se, mediante o verbo, a ação do antecedente = **verbo concorda com o antecedente**;

O segmento introduzido por "com" fica, em geral, entre vírgulas.

Exemplo:
O diretor, com todos os professores, resolveu alterar as ementas.

✓ ...Nem

Verbo no plural (concordância usual)

Exemplo:
Nem Ana nem Paula são bem-vindas.

✓ ...Ou

a) quando a ação verbal se referir a todos os elementos do sujeito = **verbo no plural**.

Exemplo:
Laranja ou mamão fazem bem à saúde.

b) numa retificação = **verbo concorda com o último elemento**.

Exemplo:
O ladrão ou os ladrões não deixaram vestígio.

c) quando a ação verbal se aplicar a um dos elementos, com exclusão dos demais = **verbo no singular**.
Exemplo:
João ou Antônio chegará em primeiro lugar.

d) quando os elementos forem sinônimos = **verbo no singular**.

Exemplo:
A Linguística ou a Glotologia é uma ciência recente.

✓ **... "Não só ..... mas também"; "Tanto ...... quanto"; "Não só ..... como"**

Verbo no plural ou concordando com o núcleo mais próximo.

Exemplo:
Tanto João como Antônio participaram / participou do evento.

✓ **..."Como"; "assim como"; "bem como"**

Verbo no plural; o segmento introduzido por "como" fica, em geral, entre vírgulas.

Exemplo:
A disciplina, assim como o arrojo, fizeram dele um profissional competente.

- ✓ "Um e Outro"

Verbo no singular ou plural; se houver reciprocidade, o verbo vai no plural.

Ex.:
Um e outro já veio / vieram.
Um e outro deram-se as mãos. (reciprocidade)

- ✓ "Um ou outro"

Verbo no singular.

Ex.:
Um ou outro assumirá o cargo de gerente.

- ✓ "Nem um, nem outro"

Verbo no singular.

Ex.:
Nem um, nem outro respondeu à questão.

CONCORDÂNCIA VERBAL I

Sujeito Composto

Sujeito Anteposto:

Regra Geral: Com elementos coordenados, todos de 3ª pessoa = verbo plural.

Ex.:

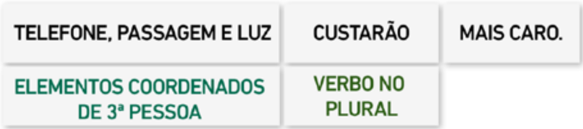

TELEFONE, PASSAGEM E LUZ	CUSTARÃO	MAIS CARO.
ELEMENTOS COORDENADOS DE 3ª PESSOA	VERBO NO PLURAL	

- ✓ Formado de palavras sinônimas - Verbo no plural ou concordando com o núcleo mais próximo.

Ex.:

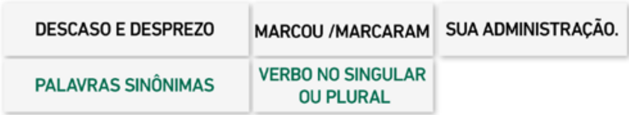

DESCASO E DESPREZO	MARCOU /MARCARAM	SUA ADMINISTRAÇÃO.
PALAVRAS SINÔNIMAS	VERBO NO SINGULAR OU PLURAL	

- ✓ Formado de palavras em gradação ou enumeração - Verbo no plural ou concordando com o núcleo mais próximo.

Ex.:

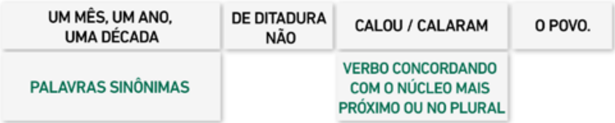

UM MÊS, UM ANO, UMA DÉCADA	DE DITADURA NÃO	CALOU / CALARAM	O POVO.
PALAVRAS SINÔNIMAS		VERBO CONCORDANDO COM O NÚCLEO MAIS PRÓXIMO OU NO PLURAL	

- ✓ Formado por pessoas gramaticais diferentes.

{eu + tu + ele} verbo na 1ª p. p.
{eu + tu} verbo na 1ª p. p.
{eu + ele} verbo na 1ª p. p.
{tu + ele} verbo na 2ª ou 3ª p. p.

Ex.:

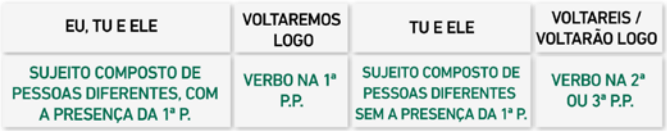

EU, TU E ELE	VOLTAREMOS LOGO	TU E ELE	VOLTAREIS / VOLTARÃO LOGO
SUJEITO COMPOSTO DE PESSOAS DIFERENTES, COM A PRESENÇA DA 1ª P.	VERBO NA 1ª P.P.	SUJEITO COMPOSTO DE PESSOAS DIFERENTES SEM A PRESENÇA DA 1ª P.	VERBO NA 2ª OU 3ª P.P.

- ✓ Seguido de "tudo", "nada", "ninguém", "nenhum", "cada um". Aposto Resumidor= verbo no singular.

Ex.:

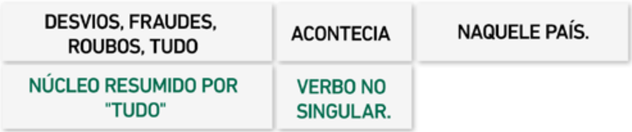

DESVIOS, FRAUDES, ROUBOS, TUDO	ACONTECIA	NAQUELE PAÍS.
NÚCLEO RESUMIDO POR "TUDO"	VERBO NO SINGULAR.	

Sujeito Proposto:

Regra geral - Verbo no plural ou concordando com o núcleo mais próximo.

Ex.:

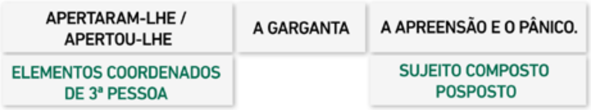

APERTARAM-LHE / APERTOU-LHE	A GARGANTA	A APREENSÃO E O PÂNICO.
ELEMENTOS COORDENADOS DE 3ª PESSOA		SUJEITO COMPOSTO POSPOSTO

✓ Quando a ação for reflexiva: Verbo no plural.

Ex.:

DERAM-SE	AS MÃOS	VIRTUDE E FORMOSURA. *(BOCAGE)*
VERBO NO PLURAL AÇÃO REFLEXIVA		SUJEITO COMPOSTO POSPOSTO

Sujeitos Ligados por...

✓ ...Com

a) Com (= e), atribuindo-se a ação verbal a todos os seus elementos= **verbo plural**;

Exemplo:
O diretor com os coordenadores do curso elaboraram as ementas.

b) Com (= em companhia de), realçando-se, mediante o verbo, a ação do antecedente = **verbo concorda com o antecedente**;

O segmento introduzido por "com" fica, em geral, entre vírgulas.

Exemplo:
O diretor, com todos os professores, resolveu alterar as ementas.

✓ ...Nem

Verbo no plural (concordância usual)

Exemplo:
Nem Ana nem Paula são bem-vindas.

✓ ...Ou

a) quando a ação verbal se referir a todos os elementos do sujeito = **verbo no plural**.

Exemplo:
Laranja ou mamão fazem bem à saúde.

b) numa retificação = **verbo concorda com o último elemento**.

Exemplo:
O ladrão ou os ladrões não deixaram vestígio.

c) quando a ação verbal se aplicar a um dos elementos, com exclusão dos demais = **verbo no singular**.
Exemplo:
João ou Antônio chegará em primeiro lugar.

d) quando os elementos forem sinônimos = **verbo no singular**.

Exemplo:
A Linguística ou a Glotologia é uma ciência recente.

✓ ... "Não só ..... mas também"; "Tanto ...... quanto"; "Não só ..... como"

Verbo no plural ou concordando com o núcleo mais próximo.

Exemplo:
Tanto João como Antônio participaram / participou do evento.

✓ ..."Como"; "assim como"; "bem como"

Verbo no plural; o segmento introduzido por "como" fica, em geral, entre vírgulas.

Exemplo:
A disciplina, assim como o arrojo, fizeram dele um profissional competente.

- ✓ "Um e Outro"

Verbo no singular ou plural; se houver reciprocidade, o verbo vai no plural.

Ex.:
Um e outro já veio / vieram.
Um e outro deram-se as mãos. (reciprocidade)

- ✓ "Um ou outro"

Verbo no singular.

Ex.:
Um ou outro assumirá o cargo de gerente.

- ✓ "Nem um, nem outro"

Verbo no singular.

Ex.:
Nem um, nem outro respondeu à questão.

Concordância verbal 7ºano - Plano de aula BNCC

Título: Concordância verbal e sujeito em situações de uso da língua

Eixos:
Análise linguística e semiótica

Competência geral

4.
Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

Competências específicas de Língua Portuguesa

3. Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.

5. Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual.

7. Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.

Objetos de conhecimento e conteúdos trabalhados

- Sintaxe
- Termos essenciais da oração
- Tipos de sujeito
- Concordância verbal
- Variedade linguística
- Preconceito linguístico

As atividades serão organizadas em diferentes momentos:

a) leitura de fragmento de entrevistas;

b) análise linguística do uso dos verbos;

c) reflexão sobre o uso do sujeito oculto como recurso de concisão textual.

Objetivos

- Consolidar o conceito de sujeito.
- Analisar textos resultantes da transposição da fala para a linguagem escrita e alguns recursos gráficos e linguísticos usados nessa transposição.
- Utilizar adequadamente a concordância verbal em situações de produção oral e escrita.
- Compreender a relação entre a variedade linguística e seu contexto de uso.

Organização da turma:

Os(as) estudantes serão organizados(as) em duplas e em trios.

Materiais:
Caderno para registro das atividades e análises.
Textos impressos.

Duração: 3 aulas.

APRESENTAÇÃO

A teorização e a reflexão sobre as regras de concordância são práticas fundamentais para que o(a) estudante possa expandir sua capacidade de produção e interpretação de textos.

Esta sequência didática propõe atividades com ênfase na análise da concordância entre o sujeito e o verbo da oração. Retomando as regras de concordância da gramática normativa, no que diz respeito às relações entre o sujeito e seu respectivo verbo ou locução verbal, amplia-se a teorização por meio de uma reflexão crítica ao apresentar variedades linguísticas, sua legitimação e algumas de suas particularidades.

Sem perder de vista que o texto, nas suas mais diversas modalidades, deve ser o centro de estudos da Língua Portuguesa, nesta sequência didática foram selecionados dois fragmentos de relatos construídos a partir de entrevistas orais que, ainda que se apresente recortado de sua totalidade, permite que os(as) estudantes se aproximem da riqueza e do fascínio da história de vida das pessoas entrevistadas.

RELAÇÃO COM A BNCC

A proposta favorece as seguintes habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), do componente curricular Língua Portuguesa:

- **(EF69LP55)** Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.

- **(EF69LP56)** Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

- **(EF06LP06)** Empregar, adequadamente, as regras de concordância nominal (relações entre os substantivos e seus determinantes) e as regras de concordância verbal (relações entre o verbo e o sujeito simples e composto).

- **(EF07LP06)** Empregar as regras básicas de concordância nominal e verbal em situações comunicativas e na produção de textos.

METODOLOGIA

Compreendida como ferramenta fundamental do trabalho, a metodologia pressupõe um(a) estudante ativo(a), participativo(a). Sendo assim, as propostas de atividades buscam levá-los(as) à interlocução tanto no espaço das aulas quanto fora dele, nos momentos de finalização dos trabalhos. A aprendizagem, portanto, acontece por aproximações sucessivas, a partir da ação, reflexão e interação entre os(as) estudantes e o(a) professor(a), tendo como objeto de estudo os textos, que são unidade de base do trabalho em Língua Portuguesa, com a finalidade de constituir o uso de procedimentos de revisão e análise dos textos produzidos, no que se refere à concordância verbal com o sujeito da oração e ao emprego do sujeito oculto como recurso de concisão do texto.

DESENVOLVIMENTO

AULA 1
O sujeito e o verbo

Conteúdos específicos:
Compreensão leitora
Sujeito e predicado
Tipos de sujeito

Recursos didáticos:
Caderno para tomada de notas e realização de exercícios propostos ao longo desta sequência.

Cópias dos textos-base:

Texto I: Não tenho vergonha da minha história. História de Raimunda Cruz do Nascimento. Museu da Pessoa. 29 dez. 2014.

Disponível em: <http://www.museudapessoa.net/pt/conteudo/historia/nao-tenho-vergonha-da-minha-historia-98280/colecao/100463>. (Fragmento).

Texto II: Entrevista de história de vida de Alaíde Costa. Museu da Pessoa.

Disponível em: <http://www.museudapessoa.net/pt/conteudo/historia/entrevista-de-historia-de-vida-de-alaide-costa-45781>. (Fragmento).

Gestão dos (as) estudantes:
Estudantes dispostos(as) em duplas ou trios.

Habilidades:
(EF69LP55); (EF69LP56); (EF06LP06); (EF07LP06)

Encaminhamento

1. Providencie, previamente à aula, a reprodução dos dois textos necessários ao desenvolvimento desta sequência didática. Ambos são pequenos trechos retirados de entrevistas, extraídos do site do Museu da Pessoa. Para cumprir bem a dinâmica prevista nessa sequência, os dois textos podem ser reunidos em uma única página e cada estudante deve receber uma cópia deles.

Texto I

[...]

Eu não ia estudar pelo seguinte, eu não tinha tempo pra estudar. Minha mãe não tinha com que comprar material escolar pra botar os outros na escola, porque o que a gente ganhava era tão pouco, se tirasse pra comprar material didático pra ir pra escola não tinha o que dar de comer às crianças.

Quando não tinha beiju a gente tomava café da manhã era com farinha mesmo. Ela fazia o chá de cidreira, botava um pozinho de farinha dentro e mexia, aí ficava aquele mingauzinho fino de cidreira. E ela botava uma canequinha pra cada um. E assim a gente levava a nossa vida.

Eu fui uma criança que brinquei de noite quando dava tempo. Quando minha mãe saía comigo de noite, às vezes, ela botava os meninos pra dormir, aí dizia: “Minha filha, vamos lá na casa da dona Chiquinha?”. Nós ia lá na casa dela e lá tinha um menino e uma menina, aí nós brincava de noite. Às vezes, eu levava minhas bonecas de sabugo, que as boneca, primeiro, a gente fazia de sabugo. Às vezes, minha mãe costurava um pedacinho de pano e eu enchia com folha, aí fazia uma boneca. Uma boneca era de pano (riso). Ela enrolava uma cabeça, a bichinha tão feinha, mas era boneca, ela fazia de qualquer maneira aquilo ali pra gente brincar. E aí foi isso, a minha criancice foi mais de trabalhar. Agora tem uma história da minha vida que eu sinto falta.

[...]

MUSEU DA PESSOA. Não tenho vergonha da minha história. História de Raimunda Cruz do Nascimento.

Disponível em: <http://www.museudapessoa.net/pt/conteudo/historia/nao-tenho-vergonha-da-minha-historia-98280/colecao/100463>. (Fragmento).

Texto II

[...] Como eu falei, meu pai era forneiro, minha mãe cuidava da casa. Eu cheguei até a ser babá pra ganhar alguma coisa pra ajudar na casa. Ainda menina mesmo, eu fiz isso. Eu me lembro sim, me recordo, mas eu era muito doida, porque eu não concordava com nada que eles gostavam. (risos) Muito agito pra minha cabeça. Eu gostava da calmaria, das coisas mais elaboradas.

Então foi um negócio muito difícil, pra mim, trabalhar com essa coisa da música. [...]

MUSEU DA PESSOA. Entrevista de história de vida de Alaíde Costa.

Disponível em:
http://www.museudapessoa.net/pt/conteudo/historia/entrevista-de-historia-de-vida-de-alaide-costa-45781>. (Fragmento)

O Museu da Pessoa

Esse museu é virtual e tem seu acervo construído de forma colaborativa, aberto a todos que queiram contribuir com o depoimento de sua história de vida, com fotos ou com vídeos. Cumprindo o papel de museu, esse espaço virtual propõe-se ser uma fonte pública de informação, pesquisa e conhecimento.

2. Retome alguns conceitos já estudados em sala de aula: oração, termos essenciais, importância do verbo na formulação de orações, concordância entre o sujeito e o verbo.

3. Distribua os textos para a turma e peça que leiam apenas o Texto I. Após um tempo para a leitura silenciosa, verifique eventuais dificuldades quanto ao vocabulário. Anote na lousa as palavras desconhecidas apontadas pela turma e, juntos, procurem inferir o significado delas no texto.

4. Proponha que, oralmente, a turma responda a algumas perguntas:

a) De quem o texto trata?

b) Que período da vida dessa pessoa é relatado no texto?

c) Como era esse período?

Medeie a conversa garantindo o respeito aos turnos de fala. Explique que cada estudante deve pedir a palavra antes de falar e que saiba ouvir a fala dos(das) colegas. É importante que todos(as) tenham a oportunidade de se manifestar.

Com a leitura do texto e as discussões sobre as questões iniciais, os(as) estudantes vão compreender que o relato foi feito em uma entrevista, na qual a entrevistada fala sobre sua "criancice". Esse foi, nas palavras dela, um período de pobreza, de trabalho pela sobrevivência, mas, ainda assim, havia momentos de brincadeira.

5. Em um segundo momento da atividade, proponha novas questões para discussão, agora voltadas para os aspectos discursivos.

a) Qual a finalidade do texto?

b) A quem esse texto provavelmente se destina?

Nessa segunda etapa, faça uma mediação para garantir que fique claro que esse texto é um relato retirado de uma entrevista. Essa forma de coletar a informação e o "desenho" final configurando como um relato pessoal na modalidade escrita supõem uma retextualização do texto oral que implica substituir os recursos da oralidade – como entonação, pausas etc. por recursos próprios da escrita: emprego de sinais de pontuação, uso de maiúsculas e minúsculas e organização em parágrafos.

6. Dadas essas informações, proponha que as duplas e os trios (conforme disposição sugerida no início desta sequência didática) identifiquem e destaquem (com cor ou sublinhando) no Texto I as palavras ou expressões que identificam a pessoa do relato e o modo como se refere a si mesma. Circule pela sala e avalie as respostas. Os(as) estudantes vão identificar algumas orações em que o sujeito será uma das três formas que a entrevistada utilizou para se referir a si mesma: "eu", "a gente" e "nós". Chame a atenção para o trecho "eu enchia com folha, aí fazia uma boneca", de modo que os(as) estudantes percebam a ocultação do sujeito em “aí [eu] fazia uma boneca”.

Nesse momento, retome os conteúdos trabalhados em sala de aula resgatando os tipos de sujeito: simples, composto, desinencial (oculto) e indeterminado. É interessante perceber que, nesse caso, não é a análise gramatical da desinência do verbo que deixa claro o sujeito (uma vez que podemos atribuir a esse verbo dois sujeitos pronominais eu/ela), mas o contexto do discurso que está sendo tecido (se esse eu enchia com folhas o paninho costurado, supõe-se que esse eu era quem fazia as bonecas). Por outro lado, se consideramos a continuidade do texto, pode haver dúvida sobre isso. Veja:

Às vezes, minha mãe costurava um pedacinho de pano e eu enchia com folha, aí fazia uma boneca. Uma boneca era de pano (riso). Ela enrolava uma cabeça, a bichinha tão feinha, mas era boneca, ela fazia de qualquer maneira aquilo ali pra gente brincar.

Percebemos que, na frase seguinte, Raimunda diz que “ela”, a mãe, fazia a boneca. Portanto, temos aqui uma situação em que ocultar o sujeito causa certa ambiguidade no trecho. Esse aspecto poderá ser retomado mais adiante, quando for proposto o exercício de eliminar repetições de pronomes.

Esclareça que, na aula seguinte, a turma retomará esse levantamento das palavras que se referem à pessoa do relato para observarem a relação entre essas formas e os verbos que a acompanham.

AULA 2
O sujeito e o verbo

Conteúdos específicos:

Compreensão leitora
Tipos de sujeito
Concordância verbal com o sujeito

Recursos didáticos:
Caderno para tomada de notas e realização de exercícios propostos ao longo desta sequência
Cópias dos textos-base

Gestão dos(as) estudantes:
Estudantes dispostos(as) em duplas ou trios

Habilidades:
(EF69LP55); (EF69LP56); (EF06LP06); (EF07LP06)

Encaminhamento

1. Mantenha a turma organizada como na aula anterior: em duplas e trios, ainda que com novas formações. Juntos, relembrem o que foi tratado na aula anterior, principalmente na parte final, quando foram identificadas algumas formas de expressão do sujeito nas orações.

2. Solicite que retomem o Texto I e, nele, localizem os verbos ou locuções verbais que se referem às palavras identificadas, na aula anterior, como sujeito e que correspondem à pessoa do relato (1a pessoa do discurso). Peça que, no caderno, seja construída uma tabela em que se evidenciem pares com os dois conjuntos: as palavras com as quais identificamos a pessoa do relato como sujeito e os respectivos verbos e locuções verbais relacionados a elas. Na ordem em que aparecem no texto, as palavras ficariam assim dispostas:

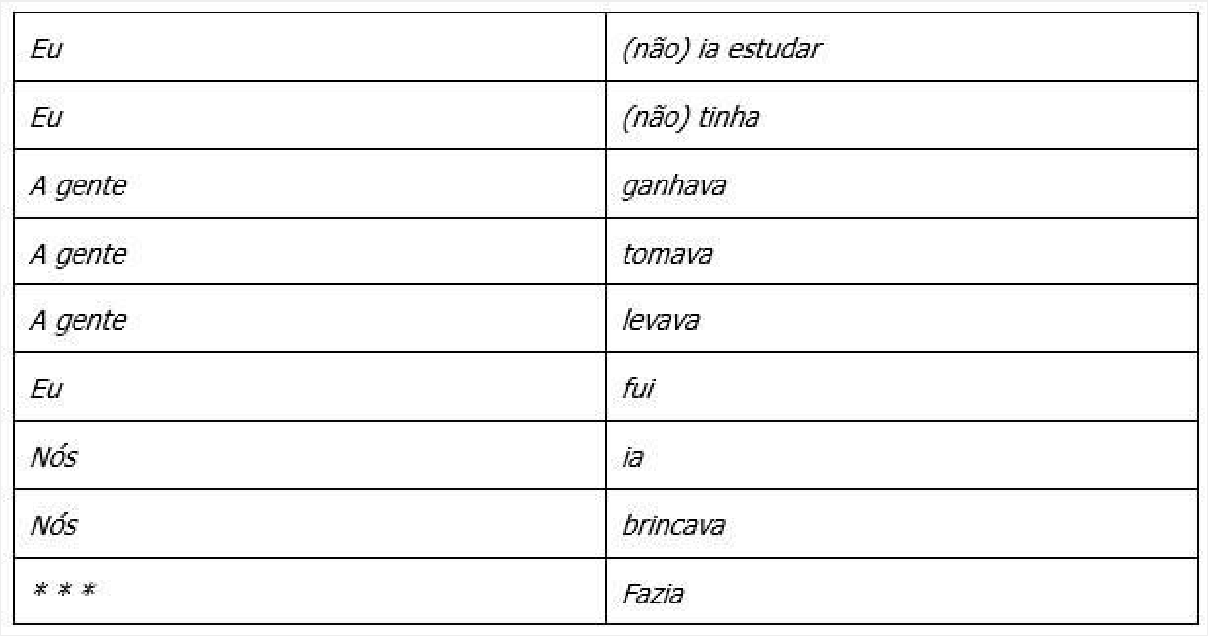

Eu	*(não) ia estudar*
Eu	*(não) tinha*
A gente	*ganhava*
A gente	*tomava*
A gente	*levava*
Eu	*fui*
Nós	*ia*
Nós	*brincava*
** * **	*Fazia*

Circule pela sala e verifique o desenvolvimento dessa etapa.

3. Proponha que os(as) estudantes construam orações sobre si mesmos e sobre sua dupla ou trio, seguindo as regras estudadas sobre a concordância entre o sujeito da oração e os verbos ou as locuções. Isso será feito completando livremente as orações a seguir (enfatize que, em cada oração, deve haver um único verbo ou uma única locução verbal).

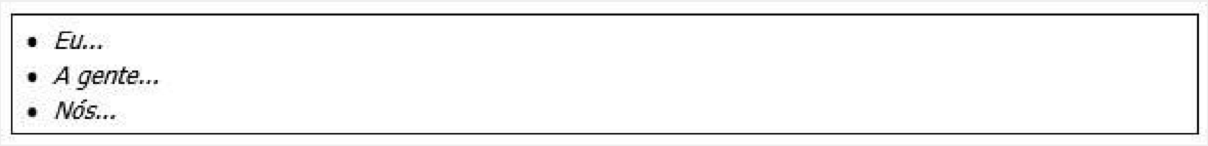

- *Eu...*
- *A gente...*
- *Nós...*

Volte a circular pela sala para ler as respostas. Se preferir, peça que algumas sejam lidas em voz alta e, se for o caso, problematize a construção que estiver em desacordo com as regras de concordância entre os termos estudados.

4. Terminada a verificação, lance novas perguntas:

a) No texto lido, em todas as falas de Raimunda, há o uso dessas mesmas regras de concordância?

b) Se houve diferenças, quais foram e que hipótese as explicaria?

Nessa nova discussão, retome a regra de concordância no âmbito da gramática normativa: na oração, o verbo deve concordar com o núcleo do sujeito.

Retome também o que foi estudado em ano anterior sobre as diferentes gramáticas – as gramáticas de cada variedade –, para que os(as) estudantes possam considerar que a variedade linguística usada por Raimunda tem como regra, no caso do uso do sujeito no plural, apenas marcar a flexão do sujeito que já dá a ideia de plural e manter o verbo no singular.

Em síntese, na variedade usada por Raimunda, notam-se duas particularidades:

O uso de "a gente" (1a pessoa do singular) como forma equivalente a "nós" (1a pessoa do plural), que sinaliza o uso de um registro informal:

*O que **a gente** ganhava era tão pouco...*

***A gente** tomava café da manhã...*

No emprego de "nós" como sujeito, ela mantém o verbo flexionado na 1a pessoa do singular, em vez de a 1a do plural, como prescreve a gramática normativa:

*Nós **ia** lá na casa dela e lá tinha um menino e uma menina, aí nós brincava de noite.*

5. É importante que seja enfatizado nessa discussão que a entrevista feita para coletar dados para o relato se deu em uma situação de informalidade – o que contribui para o uso de registro informal –, e que a variedade linguística de Raimunda é legítima, uma marca identitária que deve ser respeitada. Discuta com eles a ideia de língua como um conjunto de variedades (retomando aprendizagens construídas durante o ano anterior, em caso de uso da obra), lembrando-os de que, do ponto de vista científico, não se pode estabelecer uma hierarquização entre as diferentes variedades. Relembre, ainda, o compromisso do estudo da disciplina com o ensino das normas urbanas de prestígio, mas, acima de tudo, com o estudo dos usos adequados da língua, considerando as diferentes situações de comunicação nas quais nos envolvemos e que podem pedir maior ou menor formalidade, maior ou menor obediência à gramática normativa: uma situação mais informal (no caso da entrevista oral, envolvendo interlocutores como a Raimunda, por exemplo) ou de maior (auto)vigilância linguística (no caso de uma conversa entre um(a) estudante e um(a) diretor(a) da escola, por exemplo).

AULA 3
O sujeito e o verbo

Conteúdos específicos:
Compreensão leitora
Tipos de sujeito
Concordância verbal com o sujeito

Recursos didáticos:
Caderno para tomada de notas e realização de exercícios propostos ao longo desta sequência
Cópias dos textos-base

Gestão dos(as) estudantes:
Participações coletivas e estudantes dispostos(as) em duplas ou trios

Habilidades:
(EF69LP55); (EF69LP56); (EF06LP06); (EF07LP06)

Encaminhamento

1. Relembrem o que foi tratado nas aulas anteriores: conceituação de sujeito, regra fundamental de concordância entre sujeito e verbo, adequação da variedade linguística a cada contexto.

2. Retome o Texto I no coletivo. Anote na lousa este trecho do texto: *Ela fazia o chá de cidreira, botava um pozinho de farinha dentro e mexia.*

Coletivamente, peça que:

a) desmembrem o período, separando cada oração;

b) identifiquem o sujeito e o predicado;

c) expliquem, nos casos de sujeito oculto, como fizeram a identificação.

Garanta que toda a turma contribua com esse momento e problematize as participações que não se adequarem ao esperado do exercício proposto.

3. Solicite que, em duplas ou trios, comparem estas frases e expliquem se consideram que alguma seja "melhor" que as outras e o porquê da escolha e do julgamento:

I) *Ela fazia o chá de cidreira, botava um pozinho de farinha dentro e mexia.*

II) *Ela fazia o chá de cidreira, ela botava um pozinho de farinha dentro e ela mexia.*

III) *Fazia o chá de cidreira, botava um pozinho de farinha dentro e mexia.*

Dê um tempo para que cada dupla ou trio analise as frases e faça oralmente uma correção coletiva.

4. Durante a correção, conduza as discussões para que entendam que todas são aceitáveis: têm sentido completo, não oferecem dificuldade de compreensão e, no âmbito da gramática normativa, estão corretas. A diferença está na marcação e repetição do sujeito dos verbos. No caso das repetições, é importante favorecer uma discussão sobre situações em que a repetição é intencional, visando produzir certo efeito de sentido, e situações em que ela pode ser considerada indesejada, portanto, algo que produz uma avaliação negativa do texto.

Discuta com a turma a frase III, a mais concisa de todas, e promova uma reflexão sobre suas particularidades: todas as orações que a compõem apresentam sujeito oculto e, sem um contexto, não é possível saber a quem ou a que cada verbo se refere. Devidamente contextualizada, isto é, em um texto como o que está em estudo, a frase III não traz problemas quanto à compreensão. Por essas características, provavelmente essa seja a escolhida como a “melhor” para o contexto em que foi utilizada.

5. Peça à turma que leia o Texto II. Após a leitura, proponha que respondam a estas perguntas:

a) De quem esse texto trata?

b) Que informações sobre essa pessoa o texto traz?

c) Há semelhanças entre o Texto II e o Texto I?

As respostas podem ser dadas oralmente. Essas questões visam levar os(as) estudantes a observar que o Texto II também está escrito em 1a pessoa, mas, diferentemente do Texto I, recebe o título de entrevista e também é organizado em tópicos. Pelo conteúdo do fragmento, eles(elas) podem concluir que, como no Texto I, a pessoa entrevistada também é uma mulher, relembra que trabalhou desde a infância e dá o seu depoimento de forma descontraída, informal, o que pode ser evidenciado, inclusive, pelo uso da rubrica “risos”.

6. Encerradas as conversas sobre essas questões iniciais, relembre que, como explicado na aula anterior, o uso do sujeito oculto pode ser uma forma de deixar o texto mais conciso, menos repetitivo. Em uma situação oral e informal, as repetições são comuns, porém, em um texto, podem não ser atraentes para o leitor e levar a um julgamento negativo, sendo oportuno que elas sejam eliminadas, desde que isso não comprometa a compreensão.

Explique que o Texto II apresenta muitas repetições do pronome “eu”, que podem ter duas intenções: ser a transcrição fiel da entrevista, colhida oralmente em uma situação de informalidade para produzir esse efeito de informalidade, ou ser uma forma de estigmatizar o discurso do outro. Nesse caso, considerando o contexto de produção e circulação e entendendo a função social do Museu da Pessoa, certamente a intencionalidade é "concretizar" o registro informal. Volte a discutir a adequação do uso da variedade e do registro às situações de uso.

7. Em seguida, proponha um exercício de eliminação das repetições: peça que identifiquem, no Texto II, ao menos uma repetição em que a transformação do sujeito determinado em oculto não comprometa o sentido do texto e não provoque a ambiguidade de sentido. No trecho a seguir, as orações, cujos sujeitos determinados podem ser transformados em ocultos, estão tachados:

Como ~~eu~~ falei, meu pai era forneiro, minha mãe cuidava da casa. ~~Eu~~ cheguei até a ser babá pra ganhar alguma coisa pra ajudar na casa. Ainda menina mesmo, ~~eu~~ fiz isso. ~~Eu~~ me lembro sim, me recordo, mas eu era muito doida, porque ~~eu~~ não concordava com nada que eles gostavam. (risos) Muito agito pra minha cabeça. Eu gostava da calmaria, das coisas mais elaboradas. Então foi um negócio muito difícil, pra mim, trabalhar com essa coisa da música.

Destaque que, em algumas situações, o uso de sujeito oculto pode ocasionar ambiguidade. Você pode retomar, nesse momento, o caso já observado no Texto I, no seguinte trecho:

*Às vezes, minha mãe costurava um pedacinho de pano e eu enchia com folha, **aí fazia uma boneca**. Uma boneca era de pano (riso). Ela enrolava uma cabeça, a bichinha tão feinha, mas era boneca, ela fazia de qualquer maneira aquilo ali pra gente brincar.*

Você pode, também, criar outros exemplos em que isso aconteça.

8. Finalize a sequência propondo um momento de sistematização das aprendizagens favorecidas pela sequência no que se refere (1) às variedades linguísticas, (2) ao uso das regras de concordância entre sujeito e verbo e (3) à repetição ou não de uma mesma palavra com função de sujeito e a relevância e as complicações de ocultar o sujeito nos nossos textos.

SUGESTÕES PARA VERIFICAR E ACOMPANHAR A APRENDIZAGEM DOS(AS) ESTUDANTES

1. Pautas de observação do(da) professor(a)

Esta sequência propõe a participação da turma em atividades a serem desenvolvidas de forma coletiva (em situações orais) e em pequenos grupos (em situações de escrita), quando a colaboração é fundamental. Acompanhe as aprendizagens dos(das) estudantes no desenvolvimento da sequência, seja pela escuta das falas, seja pelo acompanhamento das respostas escritas. Além das respostas em si, procure verificar o processo como elas são elaboradas e os conhecimentos teóricos que os(as) estudantes utilizam para sustentá-las.

Eleja os momentos de produção e a revisão dos textos propostos na coleção como prioritários para retomar com a turma as aprendizagens construídas em sequências como essa. Observe que, em muitas das Fichas de Apoio à produção e à avaliação dos textos, há itens relativos ao uso adequado das regras da gramática normativa, entre elas, as regras de concordância verbal.

2. Proposta de autoavaliação

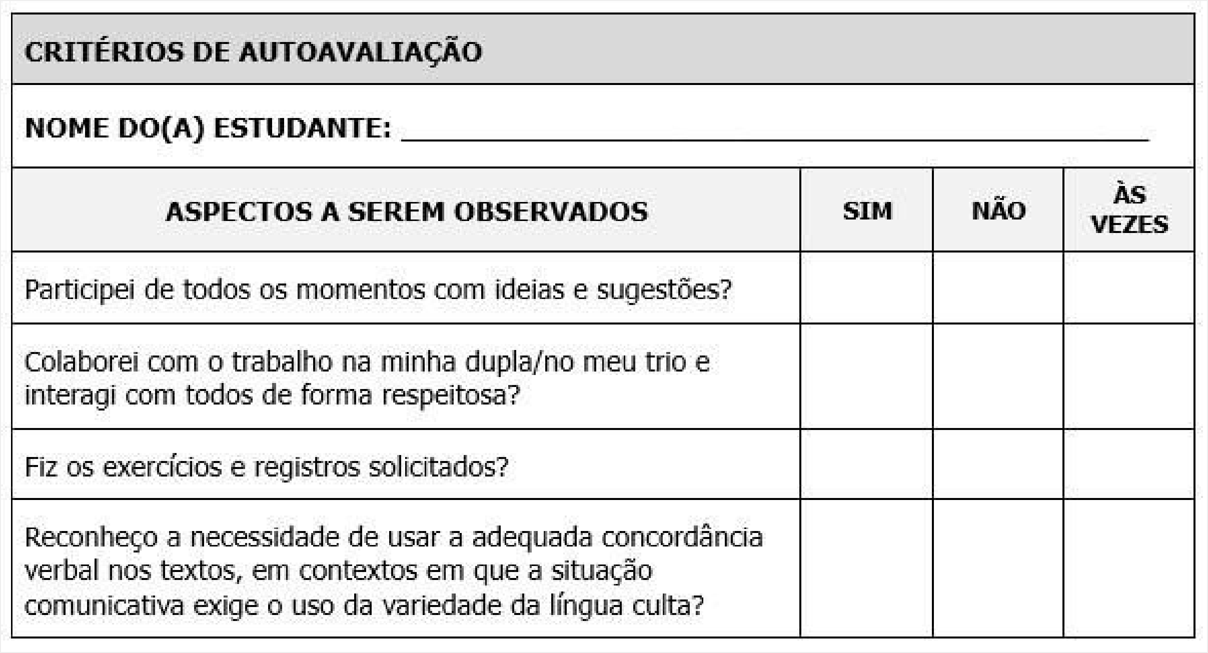

CRITÉRIOS DE AUTOAVALIAÇÃO			
NOME DO(A) ESTUDANTE: ____			
ASPECTOS A SEREM OBSERVADOS	**SIM**	**NÃO**	**ÀS VEZES**
Participei de todos os momentos com ideias e sugestões?			
Colaborei com o trabalho na minha dupla/no meu trio e interagi com todos de forma respeitosa?			
Fiz os exercícios e registros solicitados?			
Reconheço a necessidade de usar a adequada concordância verbal nos textos, em contextos em que a situação comunicativa exige o uso da variedade da língua culta?			

Uso do Hífen

O **hífen (-)** é um sinal gráfico utilizado para:
- ➪Formar palavras compostas;
- ➪Ligar pronomes oblíquos ao verbo;
- ➪Separar sílabas, bem como na translineação das palavras.

Prefixos

➪ *Segundo elemento começa com vogal igual à do primeiro:* micro-ondas, anti-inflamatório.

➪ *circum e pan:* segundo elemento começa com N, M, H ou vogal.
Ex.: circum-ambiente, Pan-americano.

➪ *Inter, hiper, super:* segundo elemento começa com R. Ex.: inter-racial, hiper-realista, super-revista.

➪ *Segundo elemento começa com H:* super-homem, sobre-humano

➪ *Ex, vice, pré, pró, pós:* ex-mulher, vice-prefeito, pré-vestibular, pró-reitor, pós-graduação

Palavras Compostas

➪ *Encadeamentos vocálicos:* associação de palavras quando se refere a uma relação entre duas ou mais entidades. Ex.: ponte Rio-Niterói, luso-brasileiro.

➪ *Por Justaposição:* radicais que se juntam sem que haja alteração fonética. Ex.: couve-flor, ano-luz, arco-íris.

➪ *Nomes de lugares:* iniciam-se com grã, grão ou que sejam ligados por artigos. Ex.: Grã-Bretanha, Grão-Pará, Baía de Todos-os-Santos. Outros nomes de lugares não levam hífen.
Exceção: Guiné-Bissau.

➪ *Espécies botânicas e zoológicas:* amor-perfeito, tamanduá-bandeira, pimenta-do-reino.

➪ *Bem e mal:* o segundo elemento da composição se inicia por H ou vogal. Ex.: mal-humorado, bem-amado.

➪ *Aquém, além, recém, sem:* Ex.: além-mar, aquém-mar, recém-nascido, sem-teto.

Sufixos

➪ *açu, guaçu, mirim:* de origem tupi-guarani. Ex.: capim-açu, cajá-mirim, Embu-guaçu

Não se usa hífen:

➪ *Prefixo terminado em vogal:*
+ diante de vogal ≠: autoescola;
+ diante de consoante ≠ de R ou S: anteprojeto;
+ diante de consoante = R ou S (dobra-se o R ou S): contrarreforma.

➪ *Em locuções:* café com leite; dia a dia.
Exceção: palavras consagradas pelo seu uso: cor-de-rosa, lua-de-mel, água-de-colônia.

➪ *Prefixo terminado em consoante:*
+ diante de consoante ≠: intermunicipal;
+ diante de vogal: interestadual.

➪ *Palavras que perderam a noção de composição:* paraquedas, mandachuva

Atenção!

Na translineação, o hífen deverá ser escrito no fim da linha, antes da mudança das restantes sílabas da palavra para a outra linha.

Caso seja uma palavra hifenizada e o fim da linha coincidir com o hífen, este deverá ser repetido no início da outra linha.

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Língua Portuguesa – começando do ZERO

Apostila 12 (Teoria essencial)

Emprego do acento grave — A crase

Primeiramente, convém não confundir o acento grave com a crase. Esta é fenômeno, ocorrência, fusão, contração, junção; já aquele é o índice, o acento com o qual se marca a existência da crase.

Crase, portanto, é a junção, a contração, a fusão de duas vogais idênticas. Na Língua Portuguesa, restringiu-se o termo à contração, à junção ou à fusão de dois “as”, os quais serão representados por um único “a” sobre o qual se coloca o acento grave (`). Isso geralmente ocorre em função da contração, da junção, da fusão da:

PREPOSIÇÃO “A” →
- A(S) → Artigos
- AQUELA(S)
- AQUELE(S)
- AQUILO
- A(S)

} Pronomes demonstrativos
- A QUAL
- AS QUAIS

} Pronomes relativos

Observe os primeiros exemplos:

* Nunca mais eles se dirigiram **à** diretoria para fazer reclamações.
dirigir-se a + a

* Devido **à** ocorrência de um sinistro, ele não pôde renovar o seguro.
devido a + a

Mecanismos práticos para verificação da crase

Há alguns mecanismos que ajudam o estudante na verificação da ocorrência ou não da crase. Frise-se que eles nos fornecem algumas pistas. Como a crase é decorrente de uma regência, é salutar conhecer bem a regência do termo antes de se colocar o acento grave. Veja alguns desses mecanismos:

a) Deve-se trocar o termo regido feminino por um masculino correspondente:

SE APARECER
- → **O, OS** (antes do masculino) → Não haverá crase diante do feminino
- → **AO, AOS** (antes do masculino) → Haverá crase diante do feminino.

Veja:

* Ele vai à praia todos os dias.
ao rio

* Ele sempre visita a região encantada durante as férias.
o local

* Ricardo nunca obedeceu às ordens de seu pai.
aos mandamentos

* Chegou à sala e nada falou.
ao salão

b) Deve-se trocar o termo regente por outro que exija preposição diversa de “a”. Por exemplo, os verbos “vir” e “estar”:

SE APARECER
DE ou **EM** (antes do termo regido) → Não haverá crase no “a”
DA ou **NA** (antes do termo regido) → Haverá crase no “à”.

* Nunca mais ele foi à Europa.
Veio da Europa / Esteve na Europa.

* Ele sempre se dirige à Argentina nos meses de Novembro e de Dezembro.
... vem da Argentina / ...está na Argentina

* Nunca mais ele foi a Roma.
Veio de Roma / Esteve em Roma

Ocorrência da crase

I — Casos obrigatórios

1. Recebe o acento grave o “a” inicial das locuções adverbiais (à *noite, à tarde, à beça, à revelia, à deriva, à farta, à vista, à primeira vista, à hora certa, à esquerda, à direita, à toa, à espanhola, à milanesa, à oriental, à ocidental, às vezes, às escondidas, às avessas, às claras, às pressas, à vontade, às ocultas etc*), prepositivas (*à custa de, à força de, à beira de, à espera de, à vista de, à guisa de, à semelhança de, à frente de, à razão de, à cata de, à roda de, à mercê de, à base de, à moda de, à maneira de* etc) e conjuntivas (*à medida que, à proporção que*), formadas com palavras femininas.

* “Estava **à toa** na vida, o meu amor me chamou...” (Chico Buarque)

* Ele permaneceu horas e horas **à espera de** um médico.

* **Á medida que** estudava, aprendia todos os macetes da Língua Portuguesa.

2. Recebe o acento grave o “a” inicial dos pronomes demonstrativos “aquele(s), aquela(s), aquilo, a(s)” quando o termo regente exigir a preposição “a”.

* Habituou-se àquela vida de solteiro sem maiores problemas.
habituar-se a + aquela

* Jamais iremos àquele local sem a ajuda da polícia.
Ir a + aquele

3. Recebe acento grave o “a” das locuções adverbiais “à moda de” e “à maneira de”. Freqüentemente essas expressões aparecem subtendidas, mas, ainda assim, o acento grave será de rigor sobre o “a”.

* Na festa, todos estavam vestidos à Luís XV.
à moda / à maneira

* À maneira brasileira, ele preparava todos os apetrechos para os estrangeiros.

* Todos apreciavam pratos à japonesa.

4. Haverá crase antes de numerais que expressem horas exatas.

* Todos chegaram às 9h30min.

* Nosso jogo só terá início às 21h45min.

5. Se o termo regente exigir a preposição "a", sempre haverá crase diante de nomes locativos (nomes de países, continentes e algumas cidades) que aceitarem a presença de um artigo. Para verificar a existência do artigo, basta substituir o termo regente pelos verbos "vir" ou "estar", por exemplo, conforme demonstrado no início deste capítulo.

* No próximo ano, faremos uma excursão à Argentina.
vir da / estar na

* Quando ele chegou à Itália, imediatamente ligou para a mãe.
vir da / estar na

Observação:

→ Se o nome locativo vier acompanhado de algum adjunto adnominal (determinante), a crase será obrigatória. Perceba:

* Nunca mais eu fui a Roma.
vir de / estar em

* Nunca mais eu fui à Roma dos grandes imperadores.
vir da / estar na — termo determinante

II — Crase facultativa

Para a gramática normativa, são três os casos em que a crase é facultativa. São eles:

1. Diante de pronomes possessivos femininos no singular quando o termo regente exigir a preposição "a".

* Ele desistiu de viajar devido
a
à
sua doença.

2. **Diante da preposição "até"**, uma vez que esta preposição pode aparecer sob a forma da locução "até a".

*Emocionado, ele se comoveu
até as lágrimas (até + as lágrimas)
até às lágrimas. (até a + as lágrimas)

3. **Diante de nomes próprios femininos**, quando o termo regente exigir a preposição "a". Como se sabe, os nomes de pessoas na Língua Portuguesa podem ou não vir antecedidos de um artigo. A colocação do artigo denota afetividade, proximidade, intimidade.

* Em seu discurso, ele fez referências
a Joana e **a** Maria.
à Joana e **à** Maria.

*
A
À
Fernanda deixo minha gratidão por tudo que ela fez.

III – Casos em que nunca ocorre a crase

1. **Diante de verbos**.

* Todos ficaram a observar o evento, a cerca de vinte metros do local.

* Muitos chegaram a comprar o carro, só porque a promoção falava de amor.

2. **Diante de palavras masculinas**.

* O quadro foi pintado a óleo.

* Entrega a domicílio.

3. **Diante de pronomes pessoais retos, oblíquos e de tratamento**, à exceção de “senhora, senhorita, dona e madame.”

* Na solenidade, fizeram menção a ti e a mim, como os melhores alunos que a Universidade já teve.

* O Promotor de Justiça nada disse a Vossa Excelência sobre o problema do processo.

Mas...

* Entregue tudo à senhora sua mãe, meu filho.

4. **Diante de artigos indefinidos**.

* Eles chegaram a uma cidadezinha do interior de Pernambuco muito aconchegante.

* Os juízes estavam dispostos a uma nova avaliação do caso.

5. **Diante dos pronomes indefinidos, dos interrogativos, dos demonstrativos** “este, esta, estes, estas, esse, essa, esses, essas e isso” **e dos relativos**, à exceção de “a qual e as quais”.

* A qual delas você se referiu ontem à noite?

* Esse caso não interessa a ninguém.

6. **Diante de um “a” no singular o qual precede uma palavra no plural**; palavra esta usada em sentido geral e indeterminado.

* A direção decidiu fechar, por duas semanas, o museu a visitas.

* Raramente ele vai a festas e a reuniões sociais.

Observação: Se o artigo estiver no plural, a crase será obrigatória. Observe:

* Ele nunca está atento a reclamações.
artigo no singular

* Ele nunca está atento às reclamações.
artigo no plural

7. **Diante de substantivos femininos usados em sentido geral e indeterminado**.

* Em minha viagem à Europa, fui apresentado a rei e a rainha.

* Na última festa, todos os alunos prestaram homenagens a mamãe e a papai.

8. **Diante de expressões formadas por palavras repetidas** como, por exemplo, “gota a gota, ponta a ponta, dia a dia, frente a frente, uma a uma, cara a cara, corpo a corpo, lado a lado etc”.

* Toda a fazenda era, de ponta a ponta, um atoalhado branco, de uma neve espessa e muito gélida.

* Tomou o remédio gota a gota.

IV – Casos especiais

1. Ocorrerá crase diante da palavra “casa” sempre que vier acompanhada de determinantes. Veja:

* Ele se dirigiu à **velha** casa **de seus avós**.
determinantes

Observação: Se não houver determinação, não haverá crase diante da palavra “casa”.

* Voltei a casa triste e atirei-me sobre a cama.

2. Ocorrerá crase diante da palavra “terra” quando vier determinada. Quando usada como antônimo de “bordo” a palavra “terra” dispensa determinantes, logo não ocorrerá a crase.

* Eles voltaram a terra totalmente exaustos.
sem determinante

* Depois de longa viagem, eles desceram a terra.
sem determinante

3. Com a palavra “distância”, ocorrerá crase sempre que vier acompanhada de determinantes. A locução adverbial “a distância” poderá ser craseada quando se quiser ressaltar o valor adverbial da locução.

* Todos ficaram à distância **de vinte metros do local do acidente**.
determinante

* Você sabe que eu não o suporto, portanto fique a distância. (ou “à distância)
locução adverbial

4. **Ocorrerá crase com os pronomes relativos “a qual e as quais” sempre que o termo regente exigir a preposição “a”**.

* Esta é a pessoa **à qual** ele se referiu durante o café da manhã.
Referir-se a + a qual

* As apresentações teatrais **às quais** ele foi assistir renderam-lhe boas gargalhadas.
Assistir a + as quais

5. Como já mencionado, não há crase diante da maioria dos pronomes. **Alguns pronomes, no entanto, como “mesma(s), própria(s) e tal” admitem artigo**. Se o termo regente exigir a preposição “a”, a crase será de rigor.

* Eles sempre vão **à** mesma lanchonete quando saem da escola. (Eles sempre vão **ao** mesmo bar...)

* Falaram **à** tal senhora sobre os desvios de conduta do filho dela. (Eles falaram **ao** tal senhor...)

Teste seus conhecimentos (Questões básicas – Emprego do acento grave):

1º) "A exposição .... inauguração assisti mostrou os lindos quadros .... me referi na nossa conversa do outro dia. Amanhã, haverá um leilão na mesma sala .... estão expostos." A alternativa que preenche corretamente é:

a) a cuja, aos quais, em que
b) a cuja, os quais, na qual
c) cuja, a que, em que
d) a qual, aos quais, na qual
e) à qual, que, que

2º) Assinale a alternativa que preencha, pela ordem, corretamente as lacunas.

".... seis horas da manhã, já estávamos .... esperar o trem que nos levaria .... cidadezinha, de onde iríamos, ... cavalo, ... fazenda do Sr. Juca."

a) as, à, a, à, à
b) às, a, à, à, a
c) as, a, à, a, à
d) às, a, à, a, à
e) as, à, à, a, a

3º) Assinale a alternativa que completa a frase.

"Trouxe .... mensagem .... Vossa Senhoria e aguardo .... resposta, ... fim de levar .... pessoa que me enviou."

a) a, a, à, a, a
b) a, à, a, à, a
c) à, à, à, à, a
d) a, a, a, a, à
e) à, a, a, a, a

4º) " .... dois meses que não vejo Paulo. Soube que ele esteve .... beira de uma crise nervosa .... menos de cinco dias do vestibular." A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:

a) Há, a, a
b) Há, à, a
c) Há, à, à
d) A, a, à
e) A, à, a

5º) Indique a alternativa em que o sinal indicativo de crase é **facultativo**:

a) Voltou à casa do juiz.
b) Chegou às três horas.
c) Voltou à minha casa.
d) Devolveu as provas àquela aluna.
e) Voltou às pressas.

6º) De .... muito, ele se desinteressou de chegar a ocupar cargo tão importante, ... coisas mais simples na vida e que valem mais que a posse momentânea de certos postos de relevo .... que tantos ambicionam por amor .... ostentação."

a) a, há, à, à
b) há, as, a, a
c) há, há, a, à
d) a, hão, a, à
e) há, a, a, a

7º) O progresso chegou inesperadamente .... subúrbio. Daqui .... poucos anos, nenhum de seus moradores se lembrará mais das casinhas que, ... tão pouco tempo, marcavam a paisagem familiar.

a) aquele, a, a
b) àquele, à, há
d) àquele, a, há
e) aquele, à, há

c) àquele, à, à

8º) .... contragosto, a comissão entregou .... imprensa .... listas dos aprovados.

a) À, a, as
b) A, à, às
c) A, à, as
d) À, a, às
e) À, à, às

9º) Foi .... mais de um século que, numa reunião de escritores, se propôs a maldição do cientista que reduzira o arco-íris .... simples matéria: era uma ameaça .... poesia.

a) a, a, à
b) há, à, a
c) há, à, à
d) a, a, a
e) há, a, à

10º) Dê ciência .... todos de que não mais se atenderá .... pedidos que não forem dirigidos .... diretoria.

a) a, a, a
b) a, à, a
c) a, a, à
d) à, à, a
e) à, a, à

11º) No texto abaixo, apenas um **a** deve receber acento de crase. Transcreva o segmento em que ele aparece e justifique a crase.
"Dirigiu-se a ela a passos lentos e disse: estou disposto a contar tudo a senhora; não tenho coragem de falar a Mário sobre o ocorrido."

____
____
____

12º) Analisando as sentenças:

I. A vista disso, devemos tomar sérias medidas.
II. Não fale tal coisa as outras.
III. Dia a dia a empresa foi crescendo.
IV. Não digo aquilo que me disse.

Deduzimos que:

a) apenas a III não tem crase
b) as sentenças III e IV não têm crase
c) todas as sentenças têm crase
d) nenhuma sentença tem crase
e) apenas a IV não tem crase.

13º) O fenômeno .... que aludi é visível .... noite e .... olho nu.

a) a, a, a
b) a, à, à
c) a, à, a
d) à, a, à
e) à, à, a

14º) Já estavam .... poucos metros da clareira, ... qual foram ter por um atalho aberto .... foice.

a) à, à, a
b) a, à, a
c) a, a, à
d) à, a, à
e) à, à, à

15º) .... hora, ... chegasse primeiro se entregaria .... condecoração .... fizera jus.

a) Àquela, à que, a, a qual.

b) Àquela, a que, à, a qual.
c) Aquela, à que, a, à qual.
d) Àquela, à que, a, à qual
e) n. d. a

16º) Quanto .... mim, nada mais direi .... favor ou contra uma decisão sobre a qual já opinei .... muito tempo.

a) a, a há
b) à, à, à
c) a, à, há
d) à, a, à
e) à, à, há

17º) Dados os períodos:

I. À força de tanto emagrecer, acabou morrendo.
II. A assistente social prestou assistência as mais necessitadas pessoas.
III. Com a eloqüência habitual, falava a qualquer pessoa, sempre disposta a aumentar o prestígio.
→ deduz-se que o sinal indicativo da crase está corretamente empregado:

a) apenas no primeiro período
b) nos períodos I e II
c) nos períodos II e III
d) em todos os períodos
e) nos períodos I e III.

18º) Daqui .... vinte quilômetros, o viajante encontrará, logo .... entrada do grande bosque, uma estátua que .... séculos foi erigida em homenagem .... deusa da floresta.

a) a, à, há, à
b) há, a, à, a
c) à, há, à, à
d) a, à, à, à
e) há, a, há, a

19º) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:
I. Viu-se frente .... frente com o inimigo.
II. Observava, ... distância, o que estava acontecendo.
III. Não se referira .... nenhuma das presentes.
IV. Desandou ....correr ladeira abaixo.
V. Chegou .... uma hora da madrugada.

a) à, à, à, à, à
b) à, à, a, a, à
c) à, à, à, a, à
d) a, a, a, a, à
e) a, a, a, a, a

20º) Indique a forma que não será utilizada para completar a frase seguinte.
"Maria pediu .... psicóloga que .... ajudasse .... resolver o problema que .... muito afligia."

a) preposição **a**
b) pronome pessoal feminino **a**
c) contração da preposição **a** e do artigo feminino **a (à)**
d) verbo **haver** indicando tempo **(há)**
e) artigo feminino **a**

GABARITO:

1. **A**
2. **D**
3. **D**
4. **B**
5. **C**
6. **C**
7. **D**
8. **C**
9. **E**
10. **C**
11. **... tudo à senhora...**
12. **B**
13. **C**
14. **B**
15. **D**
16. **A**
17. **E**
18. **A**
19. **D**
20. **E**

Língua Portuguesa – começando do ZERO

Apostila 12 (Teoria essencial)

Emprego do acento grave — A crase

Primeiramente, convém não confundir o acento grave com a crase. Esta é fenômeno, ocorrência, fusão, contração, junção; já aquele é o índice, o acento com o qual se marca a existência da crase.

Crase, portanto, é a junção, a contração, a fusão de duas vogais idênticas. Na Língua Portuguesa, restringiu-se o termo à contração, à junção ou à fusão de dois “as”, os quais serão representados por um único “a” sobre o qual se coloca o acento grave (`). Isso geralmente ocorre em função da contração, da junção, da fusão da:

PREPOSIÇÃO “A” →
A(S) → Artigos
AQUELA(S)
AQUELE(S)
AQUILO
A(S) } Pronomes demonstrativos
A QUAL
AS QUAIS } Pronomes relativos

Observe os primeiros exemplos:

* Nunca mais eles se dirigiram **à** diretoria para fazer reclamações.
dirigir-se a + a

* Devido **à** ocorrência de um sinistro, ele não pôde renovar o seguro.
devido a + a

Mecanismos práticos para verificação da crase

Há alguns mecanismos que ajudam o estudante na verificação da ocorrência ou não da crase. Frise-se que eles nos fornecem algumas pistas. Como a crase é decorrente de uma regência, é salutar conhecer bem a regência do termo antes de se colocar o acento grave. Veja alguns desses mecanismos:

a) Deve-se trocar o termo regido feminino por um masculino correspondente:

SE APARECER
→ **O, OS** (antes do masculino) → Não haverá crase diante do feminino
→ **AO, AOS** (antes do masculino) → Haverá crase diante do feminino.

Veja:

* Ele vai à praia todos os dias.
ao rio

* Ele sempre visita a região encantada durante as férias.
o local

* Ricardo nunca obedeceu às ordens de seu pai.
aos mandamentos

* Chegou à sala e nada falou.
ao salão

b) Deve-se trocar o termo regente por outro que exija preposição diversa de “a”. Por exemplo, os verbos “vir” e “estar”:

SE APARECER
- **DE** ou **EM** (antes do termo regido) → Não haverá crase no “a”
- **DA** ou **NA** (antes do termo regido) → Haverá crase no “à”.

* Nunca mais ele foi à Europa.
Veio da Europa / Esteve na Europa.

* Ele sempre se dirige à Argentina nos meses de Novembro e de Dezembro.
... vem da Argentina / ...está na Argentina

* Nunca mais ele foi a Roma.
Veio de Roma / Esteve em Roma

Ocorrência da crase

I — Casos obrigatórios

1. Recebe o acento grave o “a” inicial das locuções adverbiais (à *noite, à tarde, à beça, à revelia, à deriva, à farta, à vista, à primeira vista, à hora certa, à esquerda, à direita, à toa, à espanhola, à milanesa, à oriental, à ocidental, às vezes, às escondidas, às avessas, às claras, às pressas, à vontade, às ocultas etc*), prepositivas (*à custa de, à força de, à beira de, à espera de, à vista de, à guisa de, à semelhança de, à frente de, à razão de, à cata de, à roda de, à mercê de, à base de, à moda de, à maneira de* etc) e conjuntivas (*à medida que, à proporção que*), formadas com palavras femininas.

* “Estava **à toa** na vida, o meu amor me chamou...” (Chico Buarque)

* Ele permaneceu horas e horas **à espera de** um médico.

* **Á medida que** estudava, aprendia todos os macetes da Língua Portuguesa.

2. Recebe o acento grave o “a” inicial dos pronomes demonstrativos “aquele(s), aquela(s), aquilo, a(s)” quando o termo regente exigir a preposição “a”.

* Habituou-se àquela vida de solteiro sem maiores problemas.
habituar-se a + aquela

* Jamais iremos àquele local sem a ajuda da polícia.
Ir a + aquele

3. Recebe acento grave o “a” das locuções adverbiais “à moda de” e “à maneira de”. Freqüentemente essas expressões aparecem subtendidas, mas, ainda assim, o acento grave será de rigor sobre o “a”.

* Na festa, todos estavam vestidos à Luís XV.
à moda / à maneira

* À maneira brasileira, ele preparava todos os apetrechos para os estrangeiros.

* Todos apreciavam pratos à japonesa.

4. Haverá crase antes de numerais que expressem horas exatas.

* Todos chegaram às 9h30min.

* Nosso jogo só terá início às 21h45min.

5. Se o termo regente exigir a preposição "a", sempre haverá crase diante de nomes locativos (nomes de países, continentes e algumas cidades) que aceitarem a presença de um artigo. Para verificar a existência do artigo, basta substituir o termo regente pelos verbos "vir" ou "estar", por exemplo, conforme demonstrado no início deste capítulo.

* No próximo ano, faremos uma excursão à Argentina.
vir da / estar na

* Quando ele chegou à Itália, imediatamente ligou para a mãe.
vir da / estar na

Observação:

→ Se o nome locativo vier acompanhado de algum adjunto adnominal (determinante), a crase será obrigatória. Perceba:

* Nunca mais eu fui a Roma.
vir de / estar em

* Nunca mais eu fui à Roma dos grandes imperadores.
vir da / estar na — termo determinante

II — Crase facultativa

Para a gramática normativa, são três os casos em que a crase é facultativa. São eles:

1. Diante de pronomes possessivos femininos no singular quando o termo regente exigir a preposição "a".

* Ele desistiu de viajar devido { **a** / **à** } sua doença.

2. **Diante da preposição "até"**, uma vez que esta preposição pode aparecer sob a forma da locução "até a".

*Emocionado, ele se comoveu
até as lágrimas (até + as lágrimas)
até às lágrimas. (até a + as lágrimas)

3. **Diante de nomes próprios femininos**, quando o termo regente exigir a preposição "a". Como se sabe, os nomes de pessoas na Língua Portuguesa podem ou não vir antecedidos de um artigo. A colocação do artigo denota afetividade, proximidade, intimidade.

* Em seu discurso, ele fez referências
a Joana e **a** Maria.
à Joana e **à** Maria.

* { **A** / **À** } Fernanda deixo minha gratidão por tudo que ela fez.

III – Casos em que nunca ocorre a crase

1. **Diante de verbos**.

* Todos ficaram a observar o evento, a cerca de vinte metros do local.

* Muitos chegaram a comprar o carro, só porque a promoção falava de amor.

2. **Diante de palavras masculinas**.

* O quadro foi pintado a óleo.   * Entrega a domicílio.

3. **Diante de pronomes pessoais retos, oblíquos e de tratamento**, à exceção de “senhora, senhorita, dona e madame.”

* Na solenidade, fizeram menção a ti e a mim, como os melhores alunos que a Universidade já teve.

* O Promotor de Justiça nada disse a Vossa Excelência sobre o problema do processo.

Mas...

* Entregue tudo à senhora sua mãe, meu filho.

4. **Diante de artigos indefinidos**.

* Eles chegaram a uma cidadezinha do interior de Pernambuco muito aconchegante.

* Os juízes estavam dispostos a uma nova avaliação do caso.

5. **Diante dos pronomes indefinidos, dos interrogativos, dos demonstrativos** “este, esta, estes, estas, esse, essa, esses, essas e isso” **e dos relativos**, à exceção de “a qual e as quais”.

* A qual delas você se referiu ontem à noite?

* Esse caso não interessa a ninguém.

6. **Diante de um “a” no singular o qual precede uma palavra no plural**; palavra esta usada em sentido geral e indeterminado.

* A direção decidiu fechar, por duas semanas, o museu a visitas.

* Raramente ele vai a festas e a reuniões sociais.

Observação: Se o artigo estiver no plural, a crase será obrigatória. Observe:

* Ele nunca está atento a reclamações.   * Ele nunca está atento às reclamações.
artigo no singular   artigo no plural

7. **Diante de substantivos femininos usados em sentido geral e indeterminado**.

* Em minha viagem à Europa, fui apresentado a rei e a rainha.

* Na última festa, todos os alunos prestaram homenagens a mamãe e a papai.

8. **Diante de expressões formadas por palavras repetidas** como, por exemplo, “gota a gota, ponta a ponta, dia a dia, frente a frente, uma a uma, cara a cara, corpo a corpo, lado a lado etc”.

* Toda a fazenda era, de ponta a ponta, um atoalhado branco, de uma neve espessa e muito gélida.

* Tomou o remédio gota a gota.

IV – Casos especiais

1. Ocorrerá crase diante da palavra “casa” sempre que vier acompanhada de determinantes. Veja:

* Ele se dirigiu à **velha** casa **de seus avós**.
determinantes

Observação: Se não houver determinação, não haverá crase diante da palavra “casa”.

* Voltei a casa triste e atirei-me sobre a cama.

2. Ocorrerá crase diante da palavra “terra” quando vier determinada. Quando usada como antônimo de “bordo” a palavra “terra” dispensa determinantes, logo não ocorrerá a crase.

* Eles voltaram a terra totalmente exaustos.
sem determinante

* Depois de longa viagem, eles desceram a terra.
sem determinante

3. Com a palavra “distância”, ocorrerá crase sempre que vier acompanhada de determinantes. A locução adverbial “a distância” poderá ser craseada quando se quiser ressaltar o valor adverbial da locução.

* Todos ficaram à distância **de vinte metros do local do acidente**.
determinante

* Você sabe que eu não o suporto, portanto fique a distância. (ou “à distância)
locução adverbial

4. **Ocorrerá crase com os pronomes relativos “a qual e as quais” sempre que o termo regente exigir a preposição “a”**.

* Esta é a pessoa **à qual** ele se referiu durante o café da manhã.
Referir-se a + a qual

* As apresentações teatrais **às quais** ele foi assistir renderam-lhe boas gargalhadas.
Assistir a + as quais

5. Como já mencionado, não há crase diante da maioria dos pronomes. **Alguns pronomes, no entanto, como “mesma(s), própria(s) e tal” admitem artigo**. Se o termo regente exigir a preposição “a”, a crase será de rigor.

* Eles sempre vão **à** mesma lanchonete quando saem da escola. (Eles sempre vão **ao** mesmo bar...)

* Falaram **à** tal senhora sobre os desvios de conduta do filho dela. (Eles falaram **ao** tal senhor...)

Teste seus conhecimentos (Questões básicas – Emprego do acento grave):

1º) "A exposição .... inauguração assisti mostrou os lindos quadros .... me referi na nossa conversa do outro dia. Amanhã, haverá um leilão na mesma sala .... estão expostos." A alternativa que preenche corretamente é:

a) a cuja, aos quais, em que
b) a cuja, os quais, na qual
c) cuja, a que, em que
d) a qual, aos quais, na qual
e) à qual, que, que

2º) Assinale a alternativa que preencha, pela ordem, corretamente as lacunas.

".... seis horas da manhã, já estávamos .... esperar o trem que nos levaria .... cidadezinha, de onde iríamos, ... cavalo, ... fazenda do Sr. Juca."

a) as, à, a, à, à
b) às, a, à, à, a
c) as, a, à, a, à
d) às, a, à, a, à
e) as, à, à, a, a

3º) Assinale a alternativa que completa a frase.

"Trouxe .... mensagem .... Vossa Senhoria e aguardo .... resposta, ... fim de levar .... pessoa que me enviou."

a) a, a, à, a, a
b) a, à, a, à, a
c) à, à, à, à, a
d) a, a, a, a, à
e) à, a, a, a, a

4º) " .... dois meses que não vejo Paulo. Soube que ele esteve .... beira de uma crise nervosa .... menos de cinco dias do vestibular." A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:

a) Há, a, a
b) Há, à, a
c) Há, à, à
d) A, a, à
e) A, à, a

5º) Indique a alternativa em que o sinal indicativo de crase é **facultativo**:

a) Voltou à casa do juiz.
b) Chegou às três horas.
c) Voltou à minha casa.
d) Devolveu as provas àquela aluna.
e) Voltou às pressas.

6º) De .... muito, ele se desinteressou de chegar a ocupar cargo tão importante, ... coisas mais simples na vida e que valem mais que a posse momentânea de certos postos de relevo .... que tantos ambicionam por amor .... ostentação."

a) a, há, à, à
b) há, as, a, a
c) há, há, a, à
d) a, hão, a, à
e) há, a, a, a

7º) O progresso chegou inesperadamente .... subúrbio. Daqui .... poucos anos, nenhum de seus moradores se lembrará mais das casinhas que, ... tão pouco tempo, marcavam a paisagem familiar.

a) aquele, a, a
b) àquele, à, há
d) àquele, a, há
e) aquele, à, há

c) àquele, à, à

8º) .... contragosto, a comissão entregou .... imprensa .... listas dos aprovados.

a) À, a, as
b) A, à, às
c) A, à, as
d) À, a, às
e) À, à, às

9º) Foi .... mais de um século que, numa reunião de escritores, se propôs a maldição do cientista que reduzira o arco-íris .... simples matéria: era uma ameaça .... poesia.

a) a, a, à
b) há, à, a
c) há, à, à
d) a, a, a
e) há, a, à

10º) Dê ciência .... todos de que não mais se atenderá .... pedidos que não forem dirigidos .... diretoria.

a) a, a, a
b) a, à, a
c) a, a, à
d) à, à, a
e) à, a, à

11º) No texto abaixo, apenas um **a** deve receber acento de crase. Transcreva o segmento em que ele aparece e justifique a crase.

"Dirigiu-se a ela a passos lentos e disse: estou disposto a contar tudo a senhora; não tenho coragem de falar a Mário sobre o ocorrido."

____
____
____

12º) Analisando as sentenças:

I. A vista disso, devemos tomar sérias medidas.
II. Não fale tal coisa as outras.
III. Dia a dia a empresa foi crescendo.
IV. Não digo aquilo que me disse.

Deduzimos que:

a) apenas a III não tem crase
b) as sentenças III e IV não têm crase
c) todas as sentenças têm crase
d) nenhuma sentença tem crase
e) apenas a IV não tem crase.

13º) O fenômeno .... que aludi é visível .... noite e .... olho nu.

a) a, a, a
b) a, à, à
c) a, à, a
d) à, a, à
e) à, à, a

14º) Já estavam .... poucos metros da clareira, ... qual foram ter por um atalho aberto .... foice.

a) à, à, a
b) a, à, a
c) a, a, à
d) à, a, à
e) à, à, à

15º) .... hora, ... chegasse primeiro se entregaria .... condecoração .... fizera jus.

a) Àquela, à que, a, a qual.

b) Àquela, a que, à, a qual.
c) Aquela, à que, a, à qual.
d) Àquela, à que, a, à qual
e) n. d. a

16º) Quanto .... mim, nada mais direi .... favor ou contra uma decisão sobre a qual já opinei .... muito tempo.

a) a, a há
b) à, à, à
c) a, à, há
d) à, a, à
e) à, à, há

17º) Dados os períodos:

I. À força de tanto emagrecer, acabou morrendo.
II. A assistente social prestou assistência as mais necessitadas pessoas.
III. Com a eloqüência habitual, falava a qualquer pessoa, sempre disposta a aumentar o prestígio.
→ deduz-se que o sinal indicativo da crase está corretamente empregado:

a) apenas no primeiro período
b) nos períodos I e II
c) nos períodos II e III
d) em todos os períodos
e) nos períodos I e III.

18º) Daqui .... vinte quilômetros, o viajante encontrará, logo .... entrada do grande bosque, uma estátua que .... séculos foi erigida em homenagem .... deusa da floresta.

a) a, à, há, à
b) há, a, à, a
c) à, há, à, à
d) a, à, à, à
e) há, a, há, a

19º) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:
I. Viu-se frente .... frente com o inimigo.
II. Observava, ... distância, o que estava acontecendo.
III. Não se referira .... nenhuma das presentes.
IV. Desandou ....correr ladeira abaixo.
V. Chegou .... uma hora da madrugada.

a) à, à, à, à, à
b) à, à, a, a, à
c) à, à, à, a, à
d) a, a, a, a, à
e) a, a, a, a, a

20º) Indique a forma que não será utilizada para completar a frase seguinte.
"Maria pediu .... psicóloga que .... ajudasse .... resolver o problema que .... muito afligia."

a) preposição **a**
b) pronome pessoal feminino **a**
c) contração da preposição **a** e do artigo feminino **a (à)**
d) verbo **haver** indicando tempo **(há)**
e) artigo feminino **a**

GABARITO:

1. **A**
2. **D**
3. **D**
4. **B**
5. **C**
6. **C**
7. **D**
8. **C**
9. **E**
10. **C**
11. **... tudo à senhora...**
12. **B**
13. **C**
14. **B**
15. **D**
16. **A**
17. **E**
18. **A**
19. **D**
20. **E**

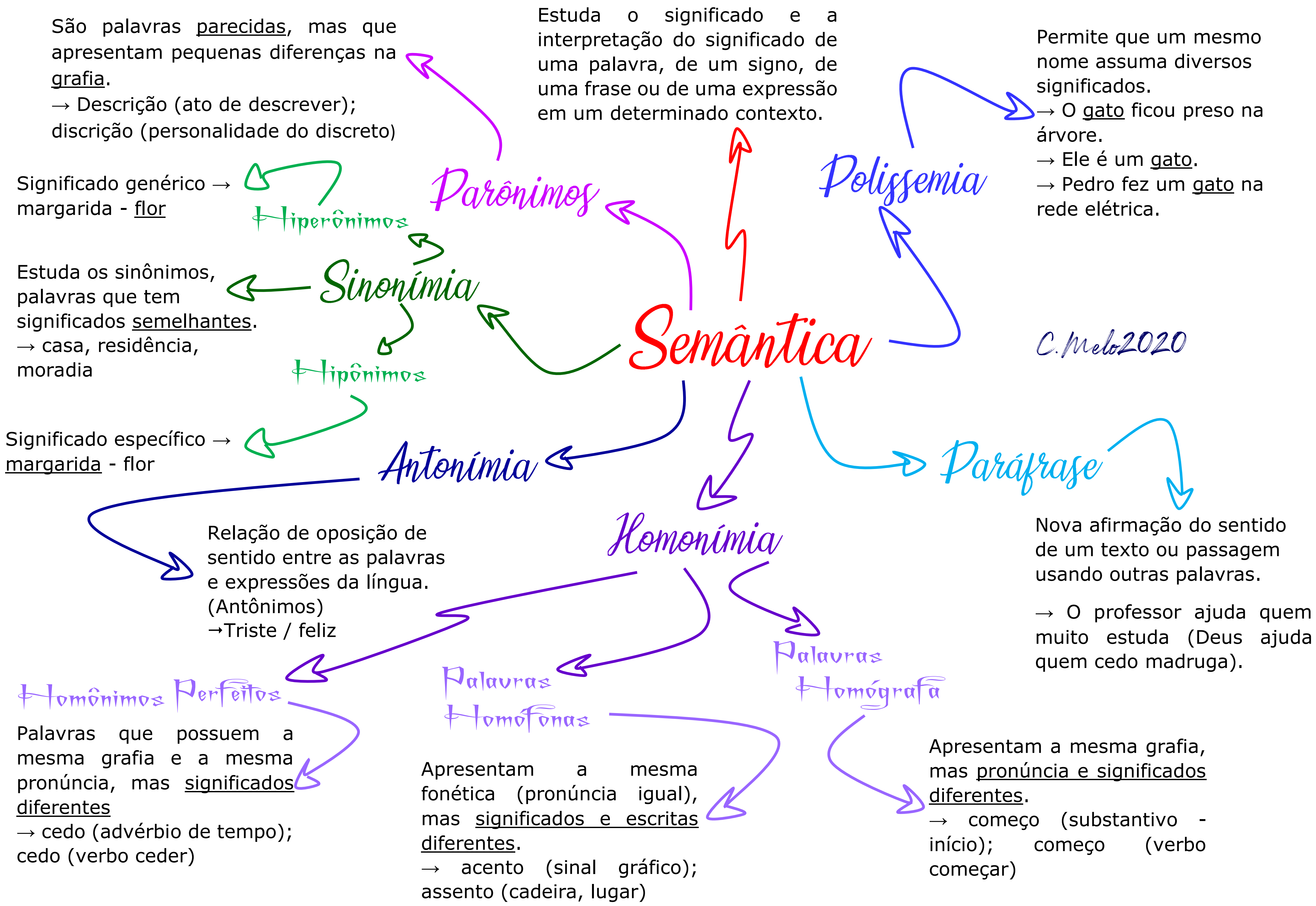

Semântica

Estuda o significado e a interpretação do significado de uma palavra, de um signo, de uma frase ou de uma expressão em um determinado contexto.

Parônimos

São palavras parecidas, mas que apresentam pequenas diferenças na grafia.

→ Descrição (ato de descrever); discrição (personalidade do discreto)

Polissemia

Permite que um mesmo nome assuma diversos significados.

→ O gato ficou preso na árvore.

→ Ele é um gato.

→ Pedro fez um gato na rede elétrica.

Sinonímia

Estuda os sinônimos, palavras que tem significados semelhantes.

→ casa, residência, moradia

Hiperônimos

Significado genérico → margarida - flor

Hipônimos

Significado específico → margarida - flor

Antonímia

Relação de oposição de sentido entre as palavras e expressões da língua. (Antônimos)

→Triste / feliz

Paráfrase

Nova afirmação do sentido de um texto ou passagem usando outras palavras.

→ O professor ajuda quem muito estuda (Deus ajuda quem cedo madruga).

Homonímia

Homônimos Perfeitos

Palavras que possuem a mesma grafia e a mesma pronúncia, mas significados diferentes

→ cedo (advérbio de tempo); cedo (verbo ceder)

Palavras Homofonas

Apresentam a mesma fonética (pronúncia igual), mas significados e escritas diferentes.

→ acento (sinal gráfico); assento (cadeira, lugar)

Palavras Homógrafa

Apresentam a mesma grafia, mas pronúncia e significados diferentes.

→ começo (substantivo - início); começo (verbo começar)

C.Melo2020

Prof.ª Franciellen Mendes

Elementos de coesão: CONECTIVOS.

Esse material foi feito pensando em você. Sei que por vezes estamos repletos de argumentos e ideias, mas não sabemos como organizar e colocar no papel. Segue abaixo uma lista de termos que são úteis para organização do seu plano estratégico, tão importante e necessário na redação dissertativa-argumentativa. Bom estudo!

MODELOS PARA INICIAR FRASES EM DIFERENTES SITUAÇÕES.

Levantamento de frases-modelo para introdução de um texto

- Cogita-se, com frequência, que
- Muito se tem discutido acerca de
- Pode-se afirmar que, em razão de (cite o culpado pelo problema/tema) a problemática relacionada ao (cite o tema) tem persistido através dos anos...
- A discussão sobre (...) é de fundamental importância
- É de fundamental importância o estudo sobre
- É indiscutível que…/ inegável que…
- Ao contrário do que muitos acreditam … (refutação/ideia oposta).
- Pode-se afirmar que, em razão de (devido a, pelo)
- Ao fazer uma análise da sociedade, busca-se descobrir a causa (cite o tema como problema)
- Em virtude do cenário atual…
- Busca-se descobrir as causas de
- Em primeiro lugar,
- Primeiramente,
- Em uma primeira análise,
- Hodiernamente,
- No contexto atual,
- Na contemporaneidade,
- No panorama atual.

Levantamento de frases-modelo para o desenvolvimento de um texto

Parte 1 do desenvolvimento:

- Convém ressaltar;
- Além disso;
- Um importante aspecto que deve ser abordado;
- Tendo em vista esses aspectos,
- Em primeiro lugar, é válido reconhecer como o panorama supracitado é responsável...
- Primeiramente, é notável que...
- Sob esse viés;
- Deve-se pontuar, de início, que...;
- Em primeiro plano;
- Preliminarmente, é imperioso destacar que...
- Mormente, é importante ressaltar...
- Em princípio, cabe analisar...
- Quanto ao primeiro item, é fundamental;
- Inicialmente, é necessário avaliar
- A princípio, é importante ressaltar a intrínseca relação entre (cite o tema) que contribui para (cite a tese)

Parte 2 do desenvolvimento:

- Em consequência disso (ideia do parágrafo anterior);
- Além do mais;
- Outro fator existente;
- Vale ressaltar também;
- Outro ponto relevante;
- Paralelo a isso
- Simultaneamente, convém observar que
- Outrossim, é válido ressaltar que,
- Outrossim, é imperativo pontuar que...
- Outro fator imprescindível...
- Ainda convém lembrar …
- Por outro lado…
- O segundo item que deve ser analisado, diz respeito ao...
- Ademais, é importante destacar que...
- Nesse mesmo viés, soma-se
- No que tange ao segundo item;
- É pertinente elencar que;
- Em detrimento dessa questão;
- Em segundo lugar, vale salientar ...
- Em seguida, é relevante examinar...

Levantamento de frases-modelo para a conclusão de um texto

- Em virtude dos fatos mencionados…
- Levando-se em consideração esses aspectos…
- Como solução parcial da problemática, ...
- Em vista dos argumentos apresentados…
- Dado o exposto…
- Tendo em vista aspectos observados…
- Em virtude do que foi mencionado…
- Logo, a fim de mitigar o problema é preciso que..
- Ainda,
- Em última análise,
- Em virtude dos fatos mencionados;
- Portanto, fica evidente a necessidade de combater a problemática, sendo responsabilidade do (Agente) a ação de... por meio...
- Tendo em vista a problemática debatida, fica evidente que medidas devem ser tomadas. Cabe, então, ao (Agente)...
- Diante do exposto;
- Nesse sentido, urge que o Estado;
- Assim, faz-se necessária a atuação do..(Agente)
- Destarte, é mister que o (Agente)
- Em face aos dados apresentados… Em face a essa realidade...
- Logo, medidas públicas são necessárias para alterar esse cenário;
- Para reverter essa problemática;
- Torna-se evidente, portanto, que esse entrave social precisa de imediata intervenção, para tanto...
- Em suma, são necessárias medidas que atenuem...

- Portanto, são necessárias medidas capazes de mitigar essa problemática.
- Depreende-se, portanto, a necessidade de se combater a problemática (tema)
- Portanto, atitudes para a reversão da problemática supracitada são necessárias
- Com o intuito de amenizar a problemática (use quando sabe que o problema não será totalmente resolvido, apenas amenizado)

Após a apresentação do primeiro agente de solução, pode-se continuar a conclusão com as seguintes frases:

- Ainda, entende-se que
- Outrossim...
- Além disso, cabe ao... (às se for no feminino)
- Por fim...
- Resta ao…
- Ademais, cabe também...
- É imprescindível, também, que...
- Além disso, é de suma importância que..
- Ademais, em sinergia com a sociedade (ou outro agente) deve propor...
- Ainda como forma de minimizar esse fenômeno...

Conectivos e ideias para inserção da frase de EFEITO no final da redação:

- Dessa forma, será possível construir uma sociedade (o que deseja após a solução do problema)
- Posto isso, será superado a problemática e a sociedade encontrará...
- Essa proposta tem por finalidade...
- Após tais medidas o problema será mitigado e a sociedade encontrará o equilíbrio necessário para desenvolver-se...
- Desse modo, atenuar-se-á, em médio e longo prazo, o impacto nocivo da problemática e a sociedade encontrará o desenvolvimento (coloque como seria o desenvolvimento sem o problema).

Conectivos para citação direta (** coloque o autor):

- De acordo com ** é fundamental...
- Afirma ** sobre...
- Para ** é fundamental a ideia de...
- Na visão de ** é imprescindível...
- Do ponto de vista de ** ...
- Segundo ** a verdade se resume ao ...
- Diante de tal problemática, exemplifica **...
- ...quando ** afirma que...
- Como caracteriza ** a problemática é...
- Em sua obra, o autor ** esclarece que...
- No dizer de ** o problema ...
- ... o autor ** explicita seus pressupostos.
- ** utiliza-se da argumentação de que..
- Como descrito por **...
- ** alega que...
- ** caracteriza...
- ** conceitua...
- Segundo o especialista, **, ...
- ** já afirmou que...

Frases para parágrafos que explorem causas e consequências:

CAUSA – o que causa o problema (tese)? CONSEQUÊNCIA – Qual a consequência de tal problema?

- Ao se examinarem alguns… verifica-se que…
- Pode-se mencionar, por exemplo…,
- Em consequência disso, vê-se, a todo instante,…
- (coesão) a causa da persistência do problema está relacionada ao....
- Em primeira análise, o motivo do problema persistir até a atualidade está relacionado ao...
- Dessa forma, a consequência da persistência da problemática é...

Frases para parágrafos que explorem prós e contras:

- Alguns argumentam que… . Além disso … . Isso sem contar que …..
- Outros, porém,…
- Há registros históricos de…

Frases para parágrafos que explorem trajetória histórica:

- No século…
- Quando…, percebia-se que…
- Em consequência desse tempo, nota-se…
- Atualmente, observa-se que…
- No limiar do contexto histórico...

TABELA DE ELEMENTOS COESIVOS

Prioridade, relevância:	em primeiro lugar, mormente, antes de tudo, em princípio, acima de tudo, principalmente, primordialmente, sobretudo, acima de tudo, fulcral, fundamental, indispensavelmente, crucial, essencial.
Tempo (frequência, duração, ordem, sucessão, anterioridade, posterioridade):	então, enfim, logo, logo depois, imediatamente, logo após, a princípio, no momento em que, anteriormente, posteriormente, em seguida, afinal, por fim, finalmente, atualmente, frequentemente, constantemente, às vezes, eventualmente, ocasionalmente, sempre, raramente, simultaneamente, nesse ínterim, nesse hiato, enquanto, quando, antes que, depois que.
Semelhança, comparação, conformidade:	igualmente, da mesma forma, assim também, do mesmo modo, similarmente, semelhantemente, analogamente, por analogia, paralelo a isso, de conformidade com, de acordo com, segundo, conforme, sob o mesmo ponto de vista, tal qual, tanto quanto, como, assim como, como se, bem como.
Condição, hipótese:	se, caso, eventualmente, desde que, ainda que.
Adição, continuação:	além disso, demais, ademais, outrossim, ainda mais, ainda por cima, por outro lado, também, e, nem, não só … mas também, não só… como também, não apenas … como também, não só … bem como, com, ou (quando não for excludente).
Dúvida:	Talvez, provavelmente, possivelmente, quiçá, quem sabe, é provável, não é certo, se é que, porventura.
Certeza, ênfase:	de certo, por certo, certamente, indubitavelmente, inquestionavelmente, sem dúvida, inegavelmente, com certeza, é vital, primordial, seguramente, efetivamente, evidentemente, decerto, verdadeiramente.
Surpresa, imprevisto:	inesperadamente, inopinadamente, de súbito, subitamente, de repente, imprevistamente, surpreendentemente.
Ilustração, esclarecimento:	por exemplo, só para ilustrar, só para exemplificar, isto é, quer dizer, em outras palavras, ou por outra, a saber, ou seja, aliás.
Propósito, intenção, finalidade:	com o fim de, a fim de, com o propósito de, com a finalidade de, com o intuito de, para que, a fim de que, com o fito de, com o objetivo de.
Lugar, proximidade, distância:	perto de, próximo a/ de, junto a/ de, dentro, fora, mais adiante, aqui, além, lá, ali, este, esta, isto, esse, essa, isso, aquele, aquela, aquilo, ante, a
Resumo, recapitulação, conclusão:	em suma, em síntese, em conclusão, enfim, em resumo, portanto, assim, dessa forma, dessa maneira, desse modo, logo, pois (entre vírgulas), resumidamente, destarte, assim sendo, por último.
Causa e consequência. Explicação:	por consequência, por conseguinte, como resultado, por isso, por causa de, na medida em que, em virtude de, de fato, com efeito, porque, porquanto, uma vez que, visto que, como (= porque), logo, que (= porque), de tal sorte que, de tal forma que, haja vista.
Contraste, oposição, restrição, ressalva:	pelo contrário, em contraste com, salvo, exceto, menos, mas, contudo, todavia, entretanto, no entanto **Ressalva:** embora, apesar de, ainda que, mesmo que, posto que, posto, conquanto, se bem que, por mais que, por menos que, só que, ao passo que.
Ideias alternativas:	Ou, ou… ou, quer… quer, ora… ora, seja… seja, já… já, nem… nem.
Proporcionalidade:	à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais, quanto menos.
Reformulação:	Ou melhor, quer dizer, por outras palavras, em outros termos, mais precisamente.

Destaque e separe os conectivos mais utilizados por você:

____

____

____

____

____

____

Tabela de auxílio para as AÇÕES que serão propostas na conclusão como medida interventiva.

A proposta necessita ser PRÁTICA, REAL E POSSÍVEL DE SER APLICADA.
Escolha 1 ou 2 agentes sociais. Para cada agente, escolha apenas uma sentença (entre as vírgulas) e explique a estratégia necessária para colocar em prática, não esqueça de acrescentar o efeito de tal ação sobre o público alvo.

Lembre-se de responder o seguinte, o cumprimento de cada item corresponde a 40 pontos:
1) AGENTE - Quem será o executor da ação?
2) AÇÃO - O que deve ser feito?
3) MODO/MEIO - Por meio de que? Como?
4) EFEITO - Qual o objetivo dessa ação (finalidade)? Para quê?
5) DETALHAMENTO - uma justificativa, uma explicação, uma exemplificação, uma especificação, ou a postura que se adota com relação à ação interventiva e/ou ao modo/meio de execução. Outra forma de interpretar o detalhamento é a colocação em DOBRO do que está sendo solicitado nos itens anteriores.

AGENTE SOCIAL	AÇÃO INTERVENTIVA
Iniciativa privada	Promover parcerias com outros setores, conscientizar seus funcionários, implementar projetos sociais.
Mídia/Núcleos tecnológicos	Realizar a ficção engajada, divulgar projetos, realizar campanhas informativas, incentivar a criticidade, ser um canal de comunicação das vanguardas de minorias, desenvolver aplicativos com fins sociais.
Escolas/Universidades	Realizar ação educativas, difundir uma cultura de criticidade, criação de disciplinas e afins para discussão do tema, conscientizar.
Famílias SEMPRE em parceria com outro agente, já que sozinhos não veem necessidade de mudança.	Fiscalizar, proteger, educar, conscientizar, debater com os membros.
Governos ou órgãos governamentais	Criar, fiscalizar e implementar leis, projetos, obras, estabelecer contatos com outros agentes (parcerias público-privada)
ONGs Cooperativas/Associações /Sindicatos	Complementar, auxiliar projetos criados por outros agentes, promover campanhas de prevenção.

Acrescente aqui agentes importantes que você tem utilizado após pesquisas:

____

____

____

____

____

____

____

____

____

Para a conclusão, atenção: NUNCA USAR OS SEGUINTES TERMOS.

1. É/faz-se necessário (ter/tomar) consciência / é importante se conscientizar / precisam por a mão na consciência / é preciso conscientizar as pessoas etc.;
2. Temos que prestar atenção / é preciso ficar atento;
3. É preciso ter mais tolerância / adotar uma postura sem preconceitos;
4. Devemos respeitar (aceitar) uns aos outros / nos respeitar como pessoa;
5. Precisam amar / respeitar o próximo / se tornar pessoas melhores;
6. Deve-se viver em harmonia / viver em paz (com Deus);
7. Devemos ter o direito de...

Fran Mendes PREPARA REDAÇÃO

Língua Portuguesa – começando do ZERO

Apostila 02 (Teoria e questões)

O adjetivo

Definição:

É a classe de palavras variáveis que alteram a noção do substantivo atribuindo-lhe qualidades, características, aspectos gerais ou específicos, estados, modos de ser. Resumidamente, o adjetivo é a classe que nomeia as qualidades e os estados atribuídos ao substantivo.
Observe os primeiros exemplos:

* mulher desprestigiada   * navio quebrado   * porta aberta   * casinhas brancas e amarelas

Observe os termos grifados acima. Todos são adjetivos, pois apresentam qualidades e estados dos seres a que se referem.

Formação dos adjetivos

Quanto à formação, os adjetivos podem ser:

a) **simples** → feio, branco, palmarense etc.

b) **compostos** → castanho-claro, luso-brasileira, surdo-mudo etc.

c) **primitivos** → belo, feio, bonito, amarelo etc.

d) **derivados** → decoroso, famoso, bonachão etc.

Adjetivos pátrios

Há inúmeros adjetivos que se referem a países, regiões, continentes, estados, povos, raças. Estes adjetivos são denominados de “pátrios ou gentílicos”. Vejamos alguns:

Pátrios brasileiros (Estados e cidades)

Alagoas	alagoano
Acre	acriano ou acreano
Água Preta	água-pretense
Amazonas	amazonense
Bahia	baiano
Belém	belenense
Belo Horizonte	belo-horizontino

Brasília	brasiliense
Catende	catendense
Ceará	cearense
Curitiba	curitibano
Espírito Santo	espírito-santense ou capixaba
Fortaleza	fortalezense
Goiânia	goianiense

Pátrios estrangeiros

Belém (Jordânia)	belemita
Boston/EUA	bostoniano
Caracas	caraquenho
Congo	congolês
El Salvador	salvadorenho
Estados Unidos	estadunidense, norte-americano ou ianque
Flandres	flamengo
Gália	galo ou gaulês
Galiza	galego
Japão	japonês ou nipônico
Jerusalém	hierosolimita ou hierosolimitano
Lima	Limenho
Lisboa	lisboeta ou lisbonense
Madagascar	malgaxe ou madasgacarense
Madri	madrileno ou madrilense

Adjetivos eruditos

São adjetivos que significam "relativo a", "semelhante a", "próprio de". Possuem, na maioria dos casos, uma locução adjetiva correspondente. Vejamos alguns:

Adjetivo erudito	Locução adjetiva correspondente (Relativo a...)
anular	anel
auricular	ouvido
caprino	cabra
cefálico	cabeça
dorsal	costas
eclesiástico	igreja
episcopal	bispo

gutural	garganta
pueril, infantil	criança
sacarino	açúcar
símio, simiesco	macaco
sísmico	terremoto
sulfúrico	enxofre
umbilical	umbigo
viperino	víbora

Flexão dos adjetivos

Assim como os substantivos, os adjetivos se flexionam em **gênero**, **número** e **grau**.

1. Flexões de gênero

Como o adjetivo é a palavra que acompanha o substantivo a fim de qualificá-lo, a flexão em que este se encontra contamina a daquele, ou seja, o adjetivo geralmente se flexiona de acordo com o substantivo que ele determina. Observe:

* acordos feministas   * bolachas gostosas   * filmes anti-heroicos

adjetivos flexionados nos gêneros dos substantivos

Quanto ao gênero, os adjetivos se classificam em: uniformes e biformes.

a) São uniformes os adjetivos que apresentam uma única forma tanto para o masculino quanto para o feminino.

* lei **federal** / regulamento **federal**   * questão **fácil** / assunto **fácil**

b) São biformes os que apresentam uma forma para o feminino e outra para o masculino.

* mulher **bonita** / homem **bonito**   * exército **inglês** / questão **inglesa**

Formação do feminino dos adjetivos biformes

Cumpre a princípio informar que boa parte dos adjetivos se flexiona com base nas regras dos substantivos. Entretanto, salientaremos algumas regras para um melhor estudo. Acompanhe:

a) Os adjetivos terminados em "-eu" (com o "e" fechado) formam o feminino com o acréscimo de "-eia":

* ateu → ateia   * galileu → galileia   * cananeu → cananeia   * europeu → europeia

b) Os adjetivos terminados em "-ês, -ol, -or, -u" formam o feminino pelo simples acréscimo de "-a":

* nu → nua   * cru → crua   * inglês → inglesa   * encantador → encantadora

c) Os adjetivos terminados em "-ão" formam o feminino ora com o acréscimo de "-ã", ora com o acréscimo de "-ona":

* vão → vã   * ladrão → ladrona ou ladra   * chorão → chorona   * comilão → comilona

d) São invariáveis os adjetivos terminados em:

* -l (exceto "-ol") → cruel, fiel, útil, amável etc.

* -ar, -er → regular, exemplar, mau-caráter, esmoler etc.

* -z → veloz, infeliz, atroz, capaz etc. (Exceção: andaluz → andaluza)

* -m → jovem, ruim, comum, virgem etc. (Exceção: bom → boa)

* -e → forte, inteligente, elegante, leve etc.

* -s (exceto "ês) → simples etc.

2. Flexões de número

a) Como já dissemos, o adjetivo acompanha o substantivo e com este concorda. Portanto, o adjetivo se flexionará em número de acordo com as regras que se utilizam para a flexão de número dos substantivos.

* vestido azul → vestidos azuis   * prato espanhol → pratos espanhóis

b) Nos adjetivos compostos, só o último elemento se flexiona.

* intervenção médico-cirúrgica → intervenções médico-**cirúrgicas**

* acordo luso-latino-americano → relações luso-latino-**americanas**

c) São invariáveis os adjetivos compostos formados de “cor + de + substantivo”. Observe:

* blusa cor-de-rosa → blusas **cor-de-rosa** * azulejos **cor de musgo**

* suéter cor de café com leite → suéteres **cor de café com leite**

d) São igualmente invariáveis os compostos formados de “adjetivo + substantivo”.

* calça amarelo-ouro → calças **amarelo-ouro** * terno verde-oliva → ternos **verde-oliva**

* tecido vermelho-sangue → tecidos **vermelho-sangue** * sofá azul-ferrete → sofás **azul-ferrete**

3. Flexões de grau

As flexões de grau apresentam a intensidade das qualidades atribuídas aos seres. Não se deve, pois, confundir com o grau dos substantivos, já que este tem por função indicar o tamanho dos seres.

Existem dois graus para o adjetivo: o comparativo e o superlativo.

I – O grau comparativo

A grande característica do grau comparativo é a existência de dois seres postos numa relação de confronto. Nesta relação um dos seres se mostrará “inferior”, “superior” ou “igual” ao outro no que se refere a(s) sua(s) qualidade(s). Daí o grau comparativo poder ser:

1. De inferioridade (menos... que ou **do que...)**

* Os argumentos orais apresentados eram **menos** consistentes **do que** a defesa escrita que fizera no início do processo.

2. De igualdade (tão... quanto, quão ou **como...)**

* Todos os cavalos eram **tão** saudáveis **quanto** as éguas que tínhamos comprado no mês passado.

3. De superioridade (**mais**... **que** ou **do que**...)

* O castelo era mais alto que a casa daquele empresário.

Observações sobre o grau comparativo:

a) O grau comparativo se faz, como se percebeu, de forma analítica. Alguns adjetivos, entretanto, oriundos do latim, apresentam forma sintética para o comparativo. São eles:

Adjetivo	Forma comparativa sintética
bom	melhor
mau	pior
grande	maior
pequeno	menor
alto	superior
baixo	inferior

II – O grau superlativo

Aqui os adjetivos expressam o grau mais elevado da característica atribuída ao substantivo. Divide-se em:

1. Superlativo absoluto → aqui não se estabelece qualquer comparação com outro ser e o adjetivo intensifica ao máximo a característica atribuída ao substantivo. Pode ser efetivado de duas maneiras:

a) De forma analítica (superlativo absoluto analítico) → é obtido com o emprego de um advérbio de intensidade anteposto ao adjetivo. Geralmente se empregam os advérbios "muito, mui, bastante, muitíssimo, excessivamente, exageradamente".

* A questão era demasiadamente difícil.

* Ele era muito respeitado pelos amigos.

* Todos ficaram bastante perplexos.

* Eram músicas assaz antigas.

b) De forma sintética (superlativo absoluto sintético) → é obtido com o emprego dos sufixos "-íssimo", "-imo" ou "-érrimo" ao adjetivo.

* Ele sempre demonstrou atitudes benevolentíssimas.

* O menino era paupérrimo.

* Era um objeto sacratíssimo.

* Sempre foi amicíssimo do padre da cidade.

2. Superlativo relativo → aqui o adjetivo atribuído ao substantivo é intensificado para mais ou para menos e posto numa relação comparativa com outro ser. Pode ser:

a) Superlativo relativo de superioridade → é obtido com o emprego dos elementos "**o mais**... **de**... (ou **dentre**...)".

* "Você era **a mais** bonita **das** cabrochas dessa ala." (Chico Buarque)

* Ele sempre foi **o mais** inteligente **dentre** todos os alunos de sua escola.

* Castilho foi **o mais** perfeito **dos** escritores portugueses do século XIX.

b) Superlativo relativo de inferioridade → é obtido com o emprego dos elementos "**o menos**... **de**... (ou **dentre**...)".

* Os rapazes observados pelo detetive eram **os menos** informados **de** todos os que ele já investigou.

* Aquela menina deveria ser **a menos** sábia **dentre** seus coleguinhas da sala por causa do problema neurológico.

Resolução de questões

1.(FCC)

Observe atentamente o trecho a seguir:

"A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta quanto aquela encontrada na economia. Isso se deve, talvez, à associação feita ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente no campo ambiental – fortalecida, principalmente, após a década de 70, quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido, angariando adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta." (L.29-36)

Analise sua estrutura sintática e avalie as afirmativas a seguir:

I. O primeiro período é composto por três orações.

Língua Portuguesa – começando do ZERO

Apostila 02 (Teoria e questões)

O adjetivo

Definição:

É a classe de palavras variáveis que alteram a noção do substantivo atribuindo-lhe qualidades, características, aspectos gerais ou específicos, estados, modos de ser. Resumidamente, o adjetivo é a classe que nomeia as qualidades e os estados atribuídos ao substantivo.
Observe os primeiros exemplos:

* mulher desprestigiada * navio quebrado * porta aberta * casinhas brancas e amarelas

Observe os termos grifados acima. Todos são adjetivos, pois apresentam qualidades e estados dos seres a que se referem.

Formação dos adjetivos

Quanto à formação, os adjetivos podem ser:

a) **simples** → feio, branco, palmarense etc.

b) **compostos** → castanho-claro, luso-brasileira, surdo-mudo etc.

c) **primitivos** → belo, feio, bonito, amarelo etc.

d) **derivados** → decoroso, famoso, bonachão etc.

Adjetivos pátrios

Há inúmeros adjetivos que se referem a países, regiões, continentes, estados, povos, raças. Estes adjetivos são denominados de “pátrios ou gentílicos”. Vejamos alguns:

Pátrios brasileiros (Estados e cidades)

Alagoas	alagoano
Acre	acriano ou acreano
Água Preta	água-pretense
Amazonas	amazonense
Bahia	baiano
Belém	belenense
Belo Horizonte	belo-horizontino

Brasília	brasiliense
Catende	catendense
Ceará	cearense
Curitiba	curitibano
Espírito Santo	espírito-santense ou capixaba
Fortaleza	fortalezense
Goiânia	goianiense

Pátrios estrangeiros

Belém (Jordânia)	belemita
Boston/EUA	bostoniano
Caracas	caraquenho
Congo	congolês
El Salvador	salvadorenho
Estados Unidos	estadunidense, norte-americano ou ianque
Flandres	flamengo
Gália	galo ou gaulês
Galiza	galego
Japão	japonês ou nipônico
Jerusalém	hierosolimita ou hierosolimitano
Lima	Limenho
Lisboa	lisboeta ou lisbonense
Madagascar	malgaxe ou madasgacarense
Madri	madrileno ou madrilense

Adjetivos eruditos

São adjetivos que significam “relativo a”, “semelhante a”, “próprio de”. Possuem, na maioria dos casos, uma locução adjetiva correspondente. Vejamos alguns:

Adjetivo erudito	Locução adjetiva correspondente (Relativo a...)
anular	anel
auricular	ouvido
caprino	cabra
cefálico	cabeça
dorsal	costas
eclesiástico	igreja
episcopal	bispo
gutural	garganta
pueril, infantil	criança
sacarino	açúcar
símio, simiesco	macaco
sísmico	terremoto
sulfúrico	enxofre
umbilical	umbigo
viperino	víbora

Flexão dos adjetivos

Assim como os substantivos, os adjetivos se flexionam em **gênero**, **número** e **grau**.

1. Flexões de gênero

Como o adjetivo é a palavra que acompanha o substantivo a fim de qualificá-lo, a flexão em que este se encontra contamina a daquele, ou seja, o adjetivo geralmente se flexiona de acordo com o substantivo que ele determina. Observe:

* acordos feministas   * bolachas gostosas   * filmes anti-heroicos

adjetivos flexionados nos gêneros dos substantivos

Quanto ao gênero, os adjetivos se classificam em: uniformes e biformes.

a) São uniformes os adjetivos que apresentam uma única forma tanto para o masculino quanto para o feminino.

* lei **federal** / regulamento **federal**   * questão **fácil** / assunto **fácil**

b) São biformes os que apresentam uma forma para o feminino e outra para o masculino.

* mulher **bonita** / homem **bonito**   * exército **inglês** / questão **inglesa**

Formação do feminino dos adjetivos biformes

Cumpre a princípio informar que boa parte dos adjetivos se flexiona com base nas regras dos substantivos. Entretanto, salientaremos algumas regras para um melhor estudo. Acompanhe:

a) Os adjetivos terminados em "-eu" (com o "e" fechado) formam o feminino com o acréscimo de "-eia":

* ateu → ateia   * galileu → galileia   * cananeu → cananeia   * europeu → europeia

b) Os adjetivos terminados em "-ês, -ol, -or, -u" formam o feminino pelo simples acréscimo de "-a":

* nu → nua   * cru → crua   * inglês → inglesa   * encantador → encantadora

c) Os adjetivos terminados em "-ão" formam o feminino ora com o acréscimo de "-ã", ora com o acréscimo de "-ona":

* vão → vã   * ladrão → ladrona ou ladra   * chorão → chorona   * comilão → comilona

d) São invariáveis os adjetivos terminados em:

* -l (exceto "-ol") → cruel, fiel, útil, amável etc.

* -ar, -er → regular, exemplar, mau-caráter, esmoler etc.

* -z → veloz, infeliz, atroz, capaz etc. (Exceção: andaluz → andaluza)

* -m → jovem, ruim, comum, virgem etc. (Exceção: bom → boa)

* -e → forte, inteligente, elegante, leve etc.

* -s (exceto "ês) → simples etc.

2. Flexões de número

a) Como já dissemos, o adjetivo acompanha o substantivo e com este concorda. Portanto, o adjetivo se flexionará em número de acordo com as regras que se utilizam para a flexão de número dos substantivos.

* vestido azul → vestidos azuis   * prato espanhol → pratos espanhóis

b) Nos adjetivos compostos, só o último elemento se flexiona.

* intervenção médico-cirúrgica → intervenções médico-**cirúrgicas**

* acordo luso-latino-americano → relações luso-latino-**americanas**

c) São invariáveis os adjetivos compostos formados de "cor + de + substantivo". Observe:

* blusa cor-de-rosa → blusas **cor-de-rosa** * azulejos **cor de musgo**

* suéter cor de café com leite → suéteres **cor de café com leite**

d) São igualmente invariáveis os compostos formados de "adjetivo + substantivo".

* calça amarelo-ouro → calças **amarelo-ouro** * terno verde-oliva → ternos **verde-oliva**

* tecido vermelho-sangue → tecidos **vermelho-sangue** * sofá azul-ferrete → sofás **azul-ferrete**

3. Flexões de grau

As flexões de grau apresentam a intensidade das qualidades atribuídas aos seres. Não se deve, pois, confundir com o grau dos substantivos, já que este tem por função indicar o tamanho dos seres.

Existem dois graus para o adjetivo: o comparativo e o superlativo.

I – O grau comparativo

A grande característica do grau comparativo é a existência de dois seres postos numa relação de confronto. Nesta relação um dos seres se mostrará "inferior", "superior" ou "igual" ao outro no que se refere a(s) sua(s) qualidade(s). Daí o grau comparativo poder ser:

1. De inferioridade (menos... que ou **do que...)**

* Os argumentos orais apresentados eram **menos** consistentes **do que** a defesa escrita que fizera no início do processo.

2. De igualdade (tão... quanto, quão ou **como...)**

* Todos os cavalos eram **tão** saudáveis **quanto** as éguas que tínhamos comprado no mês passado.

3. De superioridade (**mais**... **que** ou **do que**...)

* O castelo era mais alto que a casa daquele empresário.

Observações sobre o grau comparativo:

a) O grau comparativo se faz, como se percebeu, de forma analítica. Alguns adjetivos, entretanto, oriundos do latim, apresentam forma sintética para o comparativo. São eles:

Adjetivo	Forma comparativa sintética
bom	melhor
mau	pior
grande	maior
pequeno	menor
alto	superior
baixo	inferior

II – O grau superlativo

Aqui os adjetivos expressam o grau mais elevado da característica atribuída ao substantivo. Divide-se em:

1. Superlativo absoluto → aqui não se estabelece qualquer comparação com outro ser e o adjetivo intensifica ao máximo a característica atribuída ao substantivo. Pode ser efetivado de duas maneiras:

a) De forma analítica (superlativo absoluto analítico) → é obtido com o emprego de um advérbio de intensidade anteposto ao adjetivo. Geralmente se empregam os advérbios “muito, mui, bastante, muitíssimo, excessivamente, exageradamente”.

* A questão era demasiadamente difícil.

* Ele era muito respeitado pelos amigos.

* Todos ficaram bastante perplexos.

* Eram músicas assaz antigas.

b) De forma sintética (superlativo absoluto sintético) → é obtido com o emprego dos sufixos “-íssimo”, “-imo” ou “-érrimo” ao adjetivo.

* Ele sempre demonstrou atitudes benevolentíssimas.

* O menino era paupérrimo.

* Era um objeto sacratíssimo.

* Sempre foi amicíssimo do padre da cidade.

2. Superlativo relativo → aqui o adjetivo atribuído ao substantivo é intensificado para mais ou para menos e posto numa relação comparativa com outro ser. Pode ser:

a) Superlativo relativo de superioridade → é obtido com o emprego dos elementos “**o mais**... **de**... (ou **dentre**...)”.

* “Você era **a mais** bonita **das** cabrochas dessa ala.” (Chico Buarque)

* Ele sempre foi **o mais** inteligente **dentre** todos os alunos de sua escola.

* Castilho foi **o mais** perfeito **dos** escritores portugueses do século XIX.

b) Superlativo relativo de inferioridade → é obtido com o emprego dos elementos “**o menos**... **de**... (ou **dentre**...)”.

* Os rapazes observados pelo detetive eram **os menos** informados **de** todos os que ele já investigou.

* Aquela menina deveria ser **a menos** sábia **dentre** seus coleguinhas da sala por causa do problema neurológico.

Resolução de questões

1.(FCC)

Observe atentamente o trecho a seguir:

“A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta quanto aquela encontrada na economia. Isso se deve, talvez, à associação feita ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente no campo ambiental – fortalecida, principalmente, após a década de 70, quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido, angariando adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta.” (L.29-36)

Analise sua estrutura sintática e avalie as afirmativas a seguir:

I. O primeiro período é composto por três orações.

Língua Portuguesa – começando do ZERO

Apostila 02 (Teoria e questões)

O adjetivo

Definição:

É a classe de palavras variáveis que alteram a noção do substantivo atribuindo-lhe qualidades, características, aspectos gerais ou específicos, estados, modos de ser. Resumidamente, o adjetivo é a classe que nomeia as qualidades e os estados atribuídos ao substantivo.
Observe os primeiros exemplos:

* mulher desprestigiada * navio quebrado * porta aberta * casinhas brancas e amarelas

Observe os termos grifados acima. Todos são adjetivos, pois apresentam qualidades e estados dos seres a que se referem.

Formação dos adjetivos

Quanto à formação, os adjetivos podem ser:

a) **simples** → feio, branco, palmarense etc.

b) **compostos** → castanho-claro, luso-brasileira, surdo-mudo etc.

c) **primitivos** → belo, feio, bonito, amarelo etc.

d) **derivados** → decoroso, famoso, bonachão etc.

Adjetivos pátrios

Há inúmeros adjetivos que se referem a países, regiões, continentes, estados, povos, raças. Estes adjetivos são denominados de “pátrios ou gentílicos”. Vejamos alguns:

Pátrios brasileiros (Estados e cidades)

Alagoas	alagoano
Acre	acriano ou acreano
Água Preta	água-pretense
Amazonas	amazonense
Bahia	baiano
Belém	belenense
Belo Horizonte	belo-horizontino

Brasília	brasiliense
Catende	catendense
Ceará	cearense
Curitiba	curitibano
Espírito Santo	espírito-santense ou capixaba
Fortaleza	fortalezense
Goiânia	goianiense

Pátrios estrangeiros

Belém (Jordânia)	belemita
Boston/EUA	bostoniano
Caracas	caraquenho
Congo	congolês
El Salvador	salvadorenho
Estados Unidos	estadunidense, norte-americano ou ianque
Flandres	flamengo
Gália	galo ou gaulês
Galiza	galego
Japão	japonês ou nipônico
Jerusalém	hierosolimita ou hierosolimitano
Lima	Limenho
Lisboa	lisboeta ou lisbonense
Madagascar	malgaxe ou madasgacarense
Madri	madrileno ou madrilense

Adjetivos eruditos

São adjetivos que significam “relativo a”, “semelhante a”, “próprio de”. Possuem, na maioria dos casos, uma locução adjetiva correspondente. Vejamos alguns:

Adjetivo erudito	Locução adjetiva correspondente (Relativo a...)
anular	anel
auricular	ouvido
caprino	cabra
cefálico	cabeça
dorsal	costas
eclesiástico	igreja
episcopal	bispo

gutural	garganta
pueril, infantil	criança
sacarino	açúcar
símio, simiesco	macaco
sísmico	terremoto
sulfúrico	enxofre
umbilical	umbigo
viperino	víbora

Flexão dos adjetivos

Assim como os substantivos, os adjetivos se flexionam em **gênero**, **número** e **grau**.

1. Flexões de gênero

Como o adjetivo é a palavra que acompanha o substantivo a fim de qualificá-lo, a flexão em que este se encontra contamina a daquele, ou seja, o adjetivo geralmente se flexiona de acordo com o substantivo que ele determina. Observe:

* acordos feministas   * bolachas gostosas   * filmes anti-heroicos

adjetivos flexionados nos gêneros dos substantivos

Quanto ao gênero, os adjetivos se classificam em: uniformes e biformes.

a) São uniformes os adjetivos que apresentam uma única forma tanto para o masculino quanto para o feminino.

* lei **federal** / regulamento **federal** * questão **fácil** / assunto **fácil**

b) São biformes os que apresentam uma forma para o feminino e outra para o masculino.

* mulher **bonita** / homem **bonito** * exército **inglês** / questão **inglesa**

Formação do feminino dos adjetivos biformes

Cumpre a princípio informar que boa parte dos adjetivos se flexiona com base nas regras dos substantivos. Entretanto, salientaremos algumas regras para um melhor estudo. Acompanhe:

a) Os adjetivos terminados em "-eu" (com o "e" fechado) formam o feminino com o acréscimo de "-eia":

* ateu → ateia * galileu → galileia * cananeu → cananeia * europeu → europeia

b) Os adjetivos terminados em "-ês, -ol, -or, -u" formam o feminino pelo simples acréscimo de "-a":

* nu → nua * cru → crua * inglês → inglesa * encantador → encantadora

c) Os adjetivos terminados em "-ão" formam o feminino ora com o acréscimo de "-ã", ora com o acréscimo de "-ona":

* vão → vã * ladrão → ladrona ou ladra * chorão → chorona * comilão → comilona

d) São invariáveis os adjetivos terminados em:

* -l (exceto "-ol") → cruel, fiel, útil, amável etc.

* -ar, -er → regular, exemplar, mau-caráter, esmoler etc.

* -z → veloz, infeliz, atroz, capaz etc. (Exceção: andaluz → andaluza)

* -m → jovem, ruim, comum, virgem etc. (Exceção: bom → boa)

* -e → forte, inteligente, elegante, leve etc.

* -s (exceto "ês) → simples etc.

2. Flexões de número

a) Como já dissemos, o adjetivo acompanha o substantivo e com este concorda. Portanto, o adjetivo se flexionará em número de acordo com as regras que se utilizam para a flexão de número dos substantivos.

* vestido azul → vestidos azuis * prato espanhol → pratos espanhóis

b) Nos adjetivos compostos, só o último elemento se flexiona.

* intervenção médico-cirúrgica → intervenções médico-**cirúrgicas**

* acordo luso-latino-americano → relações luso-latino-**americanas**

c) São invariáveis os adjetivos compostos formados de “cor + de + substantivo”. Observe:

* blusa cor-de-rosa → blusas **cor-de-rosa**

* azulejos **cor de musgo**

* suéter cor de café com leite → suéteres **cor de café com leite**

d) São igualmente invariáveis os compostos formados de “adjetivo + substantivo”.

* calça amarelo-ouro → calças **amarelo-ouro**

* terno verde-oliva → ternos **verde-oliva**

* tecido vermelho-sangue → tecidos **vermelho-sangue**

* sofá azul-ferrete → sofás **azul-ferrete**

3. Flexões de grau

As flexões de grau apresentam a intensidade das qualidades atribuídas aos seres. Não se deve, pois, confundir com o grau dos substantivos, já que este tem por função indicar o tamanho dos seres.

Existem dois graus para o adjetivo: o comparativo e o superlativo.

I – O grau comparativo

A grande característica do grau comparativo é a existência de dois seres postos numa relação de confronto. Nesta relação um dos seres se mostrará “inferior”, “superior” ou “igual” ao outro no que se refere a(s) sua(s) qualidade(s). Daí o grau comparativo poder ser:

1. De inferioridade (menos... que ou **do que...)**

* Os argumentos orais apresentados eram **menos** consistentes **do que** a defesa escrita que fizera no início do processo.

2. De igualdade (tão... quanto, quão ou **como...)**

* Todos os cavalos eram **tão** saudáveis **quanto** as éguas que tínhamos comprado no mês passado.

3. De superioridade (**mais**... **que** ou **do que**...)

* O castelo era mais alto que a casa daquele empresário.

Observações sobre o grau comparativo:

a) O grau comparativo se faz, como se percebeu, de forma analítica. Alguns adjetivos, entretanto, oriundos do latim, apresentam forma sintética para o comparativo. São eles:

Adjetivo	Forma comparativa sintética
bom	melhor
mau	pior
grande	maior
pequeno	menor
alto	superior
baixo	inferior

II – O grau superlativo

Aqui os adjetivos expressam o grau mais elevado da característica atribuída ao substantivo. Divide-se em:

1. Superlativo absoluto → aqui não se estabelece qualquer comparação com outro ser e o adjetivo intensifica ao máximo a característica atribuída ao substantivo. Pode ser efetivado de duas maneiras:

a) De forma analítica (superlativo absoluto analítico) → é obtido com o emprego de um advérbio de intensidade anteposto ao adjetivo. Geralmente se empregam os advérbios "muito, mui, bastante, muitíssimo, excessivamente, exageradamente".

* A questão era demasiadamente difícil.

* Todos ficaram bastante perplexos.

* Ele era muito respeitado pelos amigos.

* Eram músicas assaz antigas.

b) De forma sintética (superlativo absoluto sintético) → é obtido com o emprego dos sufixos "-íssimo", "-imo" ou "-érrimo" ao adjetivo.

* Ele sempre demonstrou atitudes benevolentíssimas.

* Era um objeto sacratíssimo.

* O menino era paupérrimo.

* Sempre foi amicíssimo do padre da cidade.

2. Superlativo relativo → aqui o adjetivo atribuído ao substantivo é intensificado para mais ou para menos e posto numa relação comparativa com outro ser. Pode ser:

a) Superlativo relativo de superioridade → é obtido com o emprego dos elementos "**o mais**... **de**... (ou **dentre**...)".

* "Você era **a mais** bonita **das** cabrochas dessa ala." (Chico Buarque)

* Ele sempre foi **o mais** inteligente **dentre** todos os alunos de sua escola.

* Castilho foi **o mais** perfeito **dos** escritores portugueses do século XIX.

b) Superlativo relativo de inferioridade → é obtido com o emprego dos elementos "**o menos**... **de**... (ou **dentre**...)".

* Os rapazes observados pelo detetive eram **os menos** informados **de** todos os que ele já investigou.

* Aquela menina deveria ser **a menos** sábia **dentre** seus coleguinhas da sala por causa do problema neurológico.

Resolução de questões

1.(FCC)

Observe atentamente o trecho a seguir:

"A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta quanto aquela encontrada na economia. Isso se deve, talvez, à associação feita ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente no campo ambiental – fortalecida, principalmente, após a década de 70, quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido, angariando adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta." (L.29-36)

Analise sua estrutura sintática e avalie as afirmativas a seguir:

I. O primeiro período é composto por três orações.

ESCOLA ESTADUAL PROF. ANTONIO RUY CARDOSO

NOME: ____ **Nº** ___________**Série/Ano:** ____

Informações sobre o gênero: O texto de lei/debate circula no meio jurídico e traz as normas de conduta da vida social. Esse gênero caracteriza-se pelo uso da linguagem genérica e tem uma estrutura específica, sendo organizada em títulos, capítulos e sessões. Apesar de conter direitos e deveres do cidadão, a regulação se dá de modo intuitivo pelo uso dos verbos no modo indicativo, diferente do uso do imperativo encontrado em textos prescritivo

1) Reflita: Ao debatermos, precisamos conhecer bem o tema e ser consistente para convencer os outros de que nossos argumentos são válidos. De que modo, podemos nos preparar para um debate?

____

____

____

2) Assista ao vídeo sobre **Enquete: o que você acha da redução da maioridade penal**?, antes de responder as questões a seguir. https://youtu.be/fMOkzjADquo

a) O que foi abordado nesse vídeo?

____

____

b) O que você sabe sobre o projeto de lei que prevê a redução da maioridade penal de 18 para 16 anos?

____

____

____

c) Você é a favor ou contra o projeto de lei que prevê a redução da maioridade penal de 18 para 16 anos?

____

____

____

d) Encontre nos textos a seguir as partes que trazem a sustentação das opiniões, ou seja: os trechos que mostram o motivo de se reduzir ou não a maioridade.

1) Primeiro parágrafo.

____

____

____

____

____

2) Segundo parágrafo.

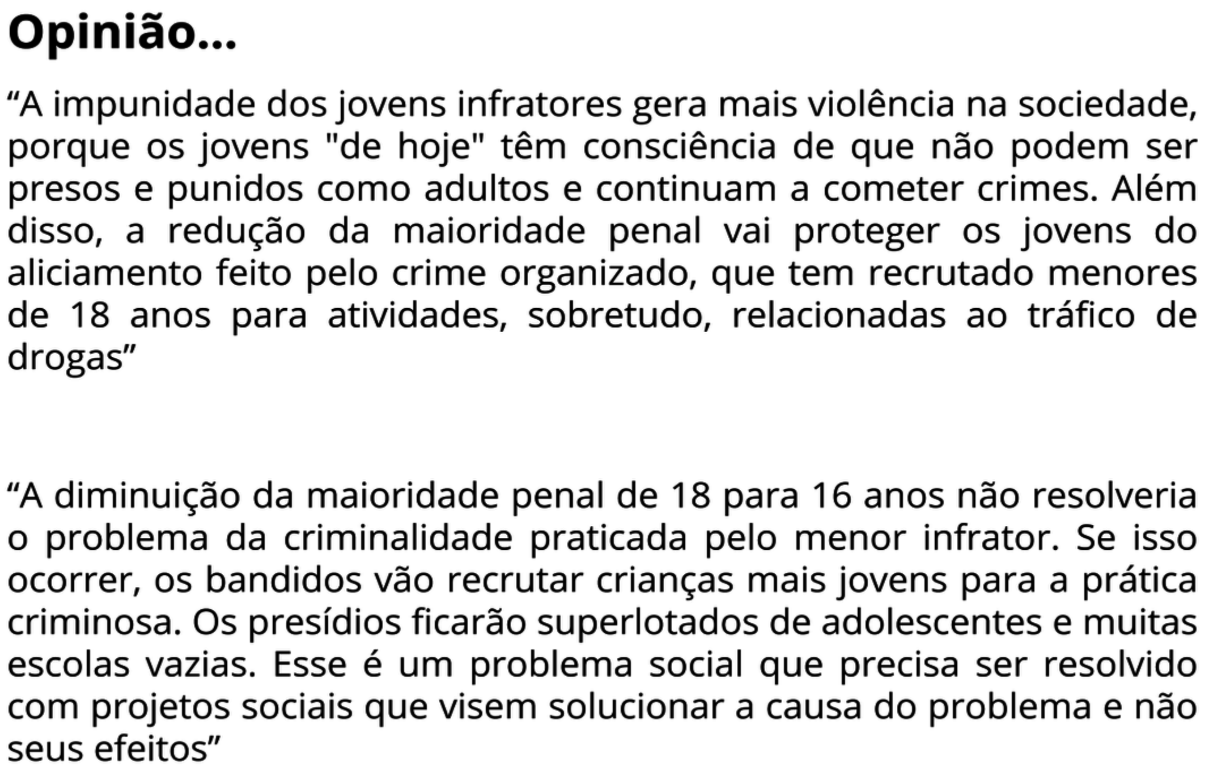

Opinião...

“A impunidade dos jovens infratores gera mais violência na sociedade, porque os jovens "de hoje" têm consciência de que não podem ser presos e punidos como adultos e continuam a cometer crimes. Além disso, a redução da maioridade penal vai proteger os jovens do aliciamento feito pelo crime organizado, que tem recrutado menores de 18 anos para atividades, sobretudo, relacionadas ao tráfico de drogas”

“A diminuição da maioridade penal de 18 para 16 anos não resolveria o problema da criminalidade praticada pelo menor infrator. Se isso ocorrer, os bandidos vão recrutar crianças mais jovens para a prática criminosa. Os presídios ficarão superlotados de adolescentes e muitas escolas vazias. Esse é um problema social que precisa ser resolvido com projetos sociais que visem solucionar a causa do problema e não seus efeitos”

BONS ESTUDOS!!!!!

Língua Portuguesa – começando do ZERO

Apostila 11 (Teoria essencial)

Introdução à sintaxe de regência

Considerações iniciais

Inicialmente observe atentamente os exemplos abaixo:

* Após a cirurgia, o rapaz mostrava-se **apto** para todas as atividades.
complemento para o adjetivo ‘apto’

* João **pegou** o dinheiro da indenização e **pagou** a todos os seus credores.
complemento para o verbo ‘pegar’ complemento para o verbo ‘pagar’

Observe que alguns complementos são regidos por preposição e outros não. Nos dois últimos exemplos, houve mudança no sentido do verbo. Portanto, é este o objetivo da regência: estudar as relações de dependência estabelecidas entre um verbo ou um nome e os seus respectivos complementos.

Regência de alguns verbos
Casos especiais

A seguir você encontrará uma lista, em ordem alfabética, dos mais comuns verbos utilizados na Língua Portuguesa com suas respectivas particularidades. Procure estudá-los aos poucos. Prossigamos!!

1. ABRAÇAR

Possui as seguintes regências:

a) É verbo transitivo direto no sentido de “cingir, apertar com os braços”.

* A mãe abraçou o filho pequeno por alguns minutos.

b) É verbo transitivo direto no sentido de “adotar, seguir, escolher”.

* O advogado abraçou a causa com fervor.

→ Observação: A forma verbal “**ABRAÇAR-SE**” é pronominal transitiva indireta e admite as preposições “a, em, com, contra”.

* A filha se abraçou $\left\{\begin{array}{l}\textbf{à}\\ \textbf{com a}\\ \textbf{na}\\ \textbf{contra a}\end{array}\right.$ mãe.

2. AGRADAR

a) É transitivo direto na acepção de “acariciar, acarinhar, fazer carinho”.

* Com as mãos calosas, a mãe agradava o filho.

b) É transitivo indireto, exigindo a preposição “a”, na acepção de “satisfazer, contentar, fazer agrado a”.

* Parece que os bares da cidade não agradaram aos turistas.

* As palavras dele não lhe agradaram?

3. AGRADECER

a) É transitivo direto quando possui objeto direto de “coisa”. Caso o objeto direto seja representado por “pessoa”, este verbo será transitivo indireto exigindo a preposição “a”.

* Agradeci imensamente aos amigos por causa da atenção que me deram.

5. ASPIRAR

Apresenta as seguintes regências:

a) É um verbo transitivo direto na acepção de “respirar, sorver ar, inalar.”

* Na sala, aspirava a poeira dos carpetes imundos.

b) É um verbo transitivo indireto exigindo a preposição “a” na acepção de “desejar, pretender, almejar”. Apesar de transitivo indireto, este verbo rejeita os pronomes “lhe, lhes” para o objeto indireto; aceita apenas as formas tônicas analíticas “a ele, a ela, a eles, a elas”.

* Em sua jornada, sempre aspirou **ao cargo** de gerente da empresa. = “... sempre aspirou **a ele**...”.

* A oportunidade **à qual** ele aspirava finalmente chegou.

6. ASSISTIR

Apresenta quatro regências distintas:

a) É verbo transitivo indireto na acepção de “ver, presenciar, estar atento a”. O objeto indireto deve vir encabeçado pela preposição “a”. Á semelhança do verbo “aspirar” no sentido de “desejar”, rejeita os oblíquos “lhe, lhes” para o objeto indireto; aceita apenas as formas “a ele, a ela, a eles, a elas”.

* Nunca mais assisti a um bom jogo de futebol. = Nunca mais assisti a ele.

b) No sentido de “ajudar, prestar assistência, auxiliar, socorrer” é indistintamente verbo transitivo direto ou verbo transitivo indireto. Como transitivo indireto exige a preposição “a”.

* Durante o resgate, alguns transeuntes assistiram $\left\{\begin{array}{l}\textbf{os}\\ \textbf{aos}\end{array}\right.$ familiares das vítimas.

c) Na acepção de “caber, pertencer direito ou obrigação” é um verbo transitivo indireto e exige a preposição “a”.

* Ao dono do estabelecimento não assiste o direito de reclamar dos clientes mais exigentes.

d) No sentido de “morar, residir” (regência pouco usual), é um verbo intransitivo. Exige o acompanhamento de um adjunto adverbial encabeçado pela preposição “em”.

* Hoje já não mais assisto no bairro da Boa Vista.

7. CHAMAR

Apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de “mandar vir, convocar” é um verbo transitivo direto.

* O diretor chamou os empregados para uma reunião de urgência.

b) No sentido de “invocar, clamar”, é um verbo transitivo indireto. O objeto indireto requer a preposição “por”.

* Nas horas difíceis, ele costuma chamar por Nossa Senhora das Dores.

* Naquele momento, chamei por Ele, e o Senhor Jesus me ouviu.

Observação:
→ Alguns autores consideram a preposição “por” como um recurso de ênfase para o objeto direto que, neste caso, seria preposicionado. Não nos parece a melhor análise, uma vez que o sentido do verbo é diferente da primeira regência (mandar vir, convocar).

c) Já na acepção de “cognominar, apelidar, alcunhar, qualificar, tachar”, será, indistintamente, verbo transitivo direto ou verbo transitivo indireto. Vem sempre acompanhado de um predicativo do objeto que poderá ou não ser encabeçado por uma preposição. Observe as possibilidades de construção a partir de uma informação dada:

* Ninguém disse que ele é mentiroso.

* Ninguém o chamou mentiroso.

* Ninguém o chamou de mentiroso.

* Ninguém lhe chamou mentiroso

* Ninguém lhe chamou de mentiroso.

8. CHEGAR, IR e DIRIGIR-SE

Esses verbos possuem regências idênticas:

a) No sentido de “atingir um determinado lugar, deslocar-se para” são, no padrão formal da língua, verbos intransitivos. Exigem a presença de um adjunto adverbial de lugar introduzido, obrigatoriamente, pela preposição “a”.

* Os três rapazes chegaram a casa totalmente exaustos.

* O aeroporto a que ele chegou estava com vários vôos atrasados.

9. CUSTAR

Apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de “ter preço, valor ou custo” é geralmente um verbo intransitivo. É freqüente que, nesta regência, ele venha acompanhado de um adjunto adverbial de preço ou de valor.

* A casa custou vinte mil reais.   * Este candelabro custou muito.

b) É um verbo transitivo direto e indireto na acepção de “trazer como conseqüência, acarretar” é um verbo transitivo direto e indireto.

* A imprudência custou-lhe lágrimas amargas.

* As vitórias custaram ao time meses e meses de treinamento.

c) Já no sentido de “ser custoso, ser difícil” é um verbo transitivo indireto. O sujeito deste verbo, para o padrão formal da língua, será uma oração subordinada subjetiva, reduzida de infinitivo que poderá ou não vir precedida de uma preposição. O objeto indireto requer a preposição “a”. Observe atentamente os exemplos:

* Os antigos custaram a aceitar que o homem foi à lua. (Construção errada)

Corrija-se para...

* **Custou** aos antigos aceitar que o homem foi à lua.
VTI OI sujeito = oração reduzida

11. ESQUECER / LEMBRAR

a) Os verbos “esquecer” e “lembrar” são transitivos diretos na acepção de “sair da lembrança ou vir à lembrança” respectivamente. Nessa acepção, também podem aparecer como transitivos indiretos pronominais (esquecer-se, lembrar-se). O objeto indireto será precedido da preposição “de”.

* Ele ainda não **esqueceu** o acidente. / ou / * Ele ainda não **se esqueceu** do acidente.
VTD OD VTI OI

* Ele **lembrou** o meu aniversário na última hora. / ou / * Ele **se lembrou** do meu aniversário na última hora.
VTD OD VTI OI

12. IMPLICAR

Este verbo apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de “embirrar, ter implicância com”, é transitivo indireto. O objeto indireto exige a preposição “com”.

* Por que implicas tanto com a tua sogra?

b) Será um verbo transitivo direto e indireto, exigindo a preposição “em” para o objeto indireto, na acepção de “envolver-se, comprometer-se, enredar-se, emaranhar-se”.

* A CPI dos bingos implicou o ex-ministro em atividades criminosas.

c) No sentido de “ocasionar, trazer como conseqüência, acarretar” consolidou-se como verbo transitivo direto.

* Cuidado, pois suas atitudes podem implicar sua demissão.

14. INFORMAR (ALERTAR*, NOTIFICAR*, AVISAR*, CIENTIFICAR* ANUNCIAR*)

* Seguem a mesma regência do verbo informar.

a) No sentido de “comunicar, dar esclarecimento” é geralmente usado como verbo transitivo direto e indireto. Admite as seguintes construções:

INFORMAR → ALGO → A ALGUÉM
VTDI → ALGUÉM → DE / SOBRE ALGO

$\underbrace{\text{ALGUÉM}}_{\text{OBJETO DIRETO}}$ $\underbrace{\text{DE / SOBRE ALGO}}_{\text{OBJETO INDIRETO}}$

* Nós sempre os informamos sobre os problemas. / ou / * Nós sempre lhes informamos os problemas.

* Avisaram ao dono do estabelecimento ontem à noite o assalto. /ou / * Avisaram o dono {do / sobre o} assalto.

17. OBEDECER / DESOBEDECER

a) Consolidaram-se em nossa Língua Portuguesa como verbos transitivos indiretos. O objeto indireto requer a preposição “a”.

* Era um grande escritor, pois as palavras sempre lhe obedeciam.

* Nunca desobedeça às regras impostas por seus superiores.

Observação:

→ Embora transitivos indiretos, esses verbos admitem a voz passiva em virtude de seus antigos regimes transitivos diretos.

* Ele era obedecido por todos na empresa.

18. PAGAR e PERDOAR

Esses verbos possuem uma regência bastante interessante:

a) São transitivos diretos quando o objeto direto é representado por “coisa”.

b) São transitivos indiretos, exigindo a preposição “a” para o objeto indireto, quando este é representado por “pessoa”.

* Sempre **paguei** os meus compromissos em dia. → * Sempre **os** paguei em dia.
VTD OD de coisa

* Jamais **perdoarei** a sua displicência. → * Jamais **a** perdoarei.
VTD OD de coisa

c) Também podem ser usados como transitivos diretos e indiretos.

* Jamais lhe **perdoarei** aquela falta. * Não **pagarei** um tostão sequer àquele incompetente.
OI VTDI OD VTDI OD OI

20. PREFERIR

Apresenta as seguintes regências:

a) Na acepção de “dar preferência ou primazia a, gostar mais de, escolher ou querer antes” é transitivo direto e indireto, exige a preposição “a”. Neste sentido, não admite a presença dos termos intensificadores “ mais... (do) que...”, por exemplo, já que a própria semântica do verbo, por si só, já indica essa intensificação.

* Aos domingos, Sr. João preferia ficar em casa a ir ao shopping com a família.

* Ele sempre prefere laranja a maçã para o café da manhã. / OU / Ele sempre prefere a laranja à maçã...

b) Este verbo também pode ser usado unicamente como transitivo direto também na acepção de “optar, escolher”.

* Entre arroz e macarrão, já disse que prefiro macarrão.

21. PROCEDER

Apresenta as seguintes regências:

a) É um verbo intransitivo no sentido de “ter fundamento, mostrar-se verdadeiro”.

* Todas as acusações dela não procediam.

b) É intransitivo na acepção de “comportar-se, portar-se, conduzir-se”. Sempre virá acompanhado de um adjunto adverbial de modo.

* A filha do prefeito não procedeu bem na festa.

c) É também intransitivo no sentido de “originar-se, provir, derivar”. É sempre acompanhado de um adjunto adverbial de lugar.

* De onde o amigo procede?

d) É um verbo transitivo indireto, exigindo a preposição “a”, quando empregado no sentido de “dar início, principiar, começar, realizar.”

* O TRE procedeu aos trabalhos de apuração dos votos às 17h.

22. RESPONDER

Destacam-se as seguintes regências:

a) É transitivo direto e indireto no sentido de responder alguma coisa a alguém:

* Ao ser questionado, respondeu-lhes que aceitaria o contrato sem problemas.

b) É transitivo indireto no sentido de dar a resposta, de responder a uma carta, a uma pergunta, a um questionário etc. Neste caso, exigirá a preposição “a”.

* Responde a todas as perguntas por mais difíceis que sejam.

23. QUERER

Apresenta duas regências bastante comuns:

a) No sentido de “ter, possuir, desejar, pretender” é empregado como transitivo direto.

* Ele sempre quis um carro do ano e finalmente conseguiu.

b) É um verbo transitivo indireto, exigindo a preposição “a”, no sentido de “amar, gostar de, ter afeto”.

* Ele tinha uma filha a quem muito queria.

24. SIMPATIZAR (ANTIPATIZAR)

Esses verbos apresentam regências idênticas. Veja:

a) São verbos transitivos indiretos e exigem preposição “com”, significando “ter ou sentir simpatia, agradar-se”. Não são pronominais.

* Durante muito tempo, ele não simpatizou com o seu chefe.

Observação: As construções abaixo são inadmissíveis para o padrão formal, porque tais verbos não são pronominais.

* Ele não se simpatizou com os colegas. (Errado)

* Eu me antipatizei logo com ela. (Errado)

25. SUCEDER

É um verbo pouco usado, que possui duas regências distintas:

a) É intransitivo no sentido de “ocorrer, acontecer, realizar-se”.

* Durante a festa, sucedeu uma tremenda tromba d’água.

b) É um verbo transitivo indireto na acepção de “seguir-se, sobrevir”. Exige a preposição “a” para o objeto indireto.

* João sucedeu a Paulo na direção da empresa.

26. VISAR

É um verbo que apresenta várias regências. Veja:

a) É transitivo direto no sentido de “mirar, olhar para”.

* Vise bem o alvo antes de atirar.

b) É também um verbo transitivo direto no sentido de “rubricar, pôr o visto”.

* No banco, o gerente costumava não visar os cheques de terceiros.

c) Já no sentido de “desejar, pretender, ter em vista” é largamente usado como transitivo indireto, exigindo a preposição “a”. Como transitivo indireto, rejeita os pronomes “lhe, lhes” para o objeto indireto. Aceita apenas as formas analíticas tônicas “a ele, a ela, a eles, a elas”. Entretanto, nesse sentido (“desejar, pretender, ter em vista”) também pode ser empregado como transitivo direto, embora poucas referências se façam a esta última regência.

* Ele visou acima de tudo $\left\{\begin{array}{l}\text{o}\\\text{ao}\end{array}\right.$ bem de todos os presentes.

* O que eles sempre visaram é o crescimento da empresa. /OU/ Aquilo a que eles sempre visaram é...

Regência nominal

A regência nominal estuda as relações de dependência estabelecidas entre os nomes e os seus complementos. O termo que completa um nome é, por isso, denominado de “complemento nominal”.

A complementação de um nome é sempre intermediada por uma preposição. Alguns nomes chegam a aceitar mais de uma preposição, como se verá.

Segue uma lista de substantivos e adjetivos com as respectivas regências:

Acessível **a**
Acostumado **a, com**
Adaptado **a**
Afável **a, com, para com**
Aflito **com, por**
Agradável **a**
Alheio **a, de**
Alienado **de**
Alusão **a**
Amante **de**
Ambicioso **de**
Analogia **com, entre**
Análogo **a**
Ansioso **de, para, por**
Apto **a, para**
Atento **a, em**
Aversão **a, para, por**
Ávido **de, por**
Benéfico **a**
Capaz **de, para**
Certo **de**
Compatível **com**
Compreensível **a**
Comum **a, de**
Constante **de, em**
Constituído **de, por, com**
Contemporâneo **a, de**
Contíguo **a**
Contrário **a**
Cuidadoso **com**
Curioso **de, a**
Desatento **a**
Descontente **com**
Desejoso **de**
Desfavorável **a**
Devoto **a, de**
Diferente **de**
difícil **de**
digno **de**
entendido **em**
equivalente **a**
erudito **em**
escasso **de**
essencial **n**
estranho **a**
fácil **de**
falha **de, em**
falta **de**
favorável **a**
fiel **a**
firme **em**
generoso **com**
grato **a**
hábil **em**
habituado **a**
horror **a**
hostil **a**
idêntico **a**
imbuído **em, de**
impossível **de**
impróprio **para**
imune **a, de**
incompatível **com**
inconseqüente **com**
indeciso **em**
independente **de, em**
indiferente **a**
indigno **de**
inepto **para**
inerente **a**
inexorável **a**
leal **a**
lento **em**
liberal **com**
medo **a, de**
misericordioso **com, para como**
natural **de**
necessário **a**
negligente **em**
nocivo **a**
nocivo **a**
ojeriza **a, por, contra**
paralelo **a**
parco **em, de**
passível **de**
perito **em**
permissivo **a**
perpendicular **a**
pertinaz **em**
possível **de**
possuído **de**
posterior **a**
preferível **a**
prejudicial **a**
prestes **a, para**
propenso **a, para**
propício **a**
próximo **a, de**
relacionado **com**
residente **em**
responsável **por**
rico **de, em**
seguro **de, em**
semelhante **a**
sensível **a**
sito **em, entre**
suspeito **de, a**
transversal **a**
útil **a, para**
versado **em**
vizinho **a, de, com**

Língua Portuguesa – começando do ZERO

Apostila 11 (Teoria essencial)

Introdução à sintaxe de regência

Considerações iniciais

Inicialmente observe atentamente os exemplos abaixo:

* Após a cirurgia, o rapaz mostrava-se **apto** para todas as atividades.
complemento para o adjetivo 'apto'

* João **pegou** o dinheiro da indenização e **pagou** a todos os seus credores.
complemento para o verbo 'pegar' complemento para o verbo 'pagar'

Observe que alguns complementos são regidos por preposição e outros não. Nos dois últimos exemplos, houve mudança no sentido do verbo. Portanto, é este o objetivo da regência: estudar as relações de dependência estabelecidas entre um verbo ou um nome e os seus respectivos complementos.

Regência de alguns verbos
Casos especiais

A seguir você encontrará uma lista, em ordem alfabética, dos mais comuns verbos utilizados na Língua Portuguesa com suas respectivas particularidades. Procure estudá-los aos poucos. Prossigamos!!

1. ABRAÇAR

Possui as seguintes regências:

a) É verbo transitivo direto no sentido de "cingir, apertar com os braços".

* A mãe abraçou o filho pequeno por alguns minutos.

b) É verbo transitivo direto no sentido de "adotar, seguir, escolher".

* O advogado abraçou a causa com fervor.

→ Observação: A forma verbal "**ABRAÇAR-SE**" é pronominal transitiva indireta e admite as preposições "a, em, com, contra".

* A filha se abraçou { **à** / **com a** / **na** / **contra a** } mãe.

2. AGRADAR

a) É transitivo direto na acepção de “acariciar, acarinhar, fazer carinho”.

* Com as mãos calosas, a mãe agradava o filho.

b) É transitivo indireto, exigindo a preposição “a”, na acepção de “satisfazer, contentar, fazer agrado a”.

* Parece que os bares da cidade não agradaram aos turistas.

* As palavras dele não lhe agradaram?

3. AGRADECER

a) É transitivo direto quando possui objeto direto de “coisa”. Caso o objeto direto seja representado por “pessoa”, este verbo será transitivo indireto exigindo a preposição “a”.

* Agradeci imensamente aos amigos por causa da atenção que me deram.

5. ASPIRAR

Apresenta as seguintes regências:

a) É um verbo transitivo direto na acepção de “respirar, sorver ar, inalar.”

* Na sala, aspirava a poeira dos carpetes imundos.

b) É um verbo transitivo indireto exigindo a preposição “a” na acepção de “desejar, pretender, almejar”. Apesar de transitivo indireto, este verbo rejeita os pronomes “lhe, lhes” para o objeto indireto; aceita apenas as formas tônicas analíticas “a ele, a ela, a eles, a elas”.

* Em sua jornada, sempre aspirou **ao cargo** de gerente da empresa. = “... sempre aspirou **a ele**...”.

* A oportunidade **à qual** ele aspirava finalmente chegou.

6. ASSISTIR

Apresenta quatro regências distintas:

a) É verbo transitivo indireto na acepção de “ver, presenciar, estar atento a”. O objeto indireto deve vir encabeçado pela preposição “a”. Á semelhança do verbo “aspirar” no sentido de “desejar”, rejeita os oblíquos “lhe, lhes” para o objeto indireto; aceita apenas as formas “a ele, a ela, a eles, a elas”.

* Nunca mais assisti a um bom jogo de futebol. = Nunca mais assisti a ele.

b) No sentido de “ajudar, prestar assistência, auxiliar, socorrer” é indistintamente verbo transitivo direto ou verbo transitivo indireto. Como transitivo indireto exige a preposição “a”.

* Durante o resgate, alguns transeuntes assistiram $\begin{cases}\textbf{os}\\ \textbf{aos}\end{cases}$ familiares das vítimas.

c) Na acepção de “caber, pertencer direito ou obrigação” é um verbo transitivo indireto e exige a preposição “a”.

* Ao dono do estabelecimento não assiste o direito de reclamar dos clientes mais exigentes.

d) No sentido de “morar, residir” (regência pouco usual), é um verbo intransitivo. Exige o acompanhamento de um adjunto adverbial encabeçado pela preposição “em”.

* Hoje já não mais assisto no bairro da Boa Vista.

7. CHAMAR

Apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de “mandar vir, convocar” é um verbo transitivo direto.

* O diretor chamou os empregados para uma reunião de urgência.

b) No sentido de “invocar, clamar”, é um verbo transitivo indireto. O objeto indireto requer a preposição “por”.

* Nas horas difíceis, ele costuma chamar por Nossa Senhora das Dores.

* Naquele momento, chamei por Ele, e o Senhor Jesus me ouviu.

Observação:
→ Alguns autores consideram a preposição “por” como um recurso de ênfase para o objeto direto que, neste caso, seria preposicionado. Não nos parece a melhor análise, uma vez que o sentido do verbo é diferente da primeira regência (mandar vir, convocar).

c) Já na acepção de “cognominar, apelidar, alcunhar, qualificar, tachar”, será, indistintamente, verbo transitivo direto ou verbo transitivo indireto. Vem sempre acompanhado de um predicativo do objeto que poderá ou não ser encabeçado por uma preposição. Observe as possibilidades de construção a partir de uma informação dada:

* Ninguém disse que ele é mentiroso.

* Ninguém o chamou mentiroso.

* Ninguém o chamou de mentiroso.

* Ninguém lhe chamou mentiroso

* Ninguém lhe chamou de mentiroso.

8. CHEGAR, IR e DIRIGIR-SE

Esses verbos possuem regências idênticas:

a) No sentido de “atingir um determinado lugar, deslocar-se para” são, no padrão formal da língua, verbos intransitivos. Exigem a presença de um adjunto adverbial de lugar introduzido, obrigatoriamente, pela preposição “a”.

* Os três rapazes chegaram a casa totalmente exaustos.

* O aeroporto a que ele chegou estava com vários vôos atrasados.

9. CUSTAR

Apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de “ter preço, valor ou custo” é geralmente um verbo intransitivo. É freqüente que, nesta regência, ele venha acompanhado de um adjunto adverbial de preço ou de valor.

* A casa custou vinte mil reais. * Este candelabro custou muito.

b) É um verbo transitivo direto e indireto na acepção de “trazer como conseqüência, acarretar” é um verbo transitivo direto e indireto.

* A imprudência custou-lhe lágrimas amargas.

* As vitórias custaram ao time meses e meses de treinamento.

c) Já no sentido de “ser custoso, ser difícil” é um verbo transitivo indireto. O sujeito deste verbo, para o padrão formal da língua, será uma oração subordinada subjetiva, reduzida de infinitivo que poderá ou não vir precedida de uma preposição. O objeto indireto requer a preposição “a”. Observe atentamente os exemplos:

* Os antigos custaram a aceitar que o homem foi à lua. (Construção errada)

Corrija-se para...

* **Custou** aos antigos aceitar que o homem foi à lua.
VTI OI sujeito = oração reduzida

11. ESQUECER / LEMBRAR

a) Os verbos “esquecer” e “lembrar” são transitivos diretos na acepção de “sair da lembrança ou vir à lembrança” respectivamente. Nessa acepção, também podem aparecer como transitivos indiretos pronominais (esquecer-se, lembrar-se). O objeto indireto será precedido da preposição “de”.

* Ele ainda não **esqueceu** o acidente. / ou / * Ele ainda não **se esqueceu** do acidente.
VTD OD VTI OI

* Ele **lembrou** o meu aniversário na última hora. / ou / * Ele **se lembrou** do meu aniversário na última hora.
VTD OD VTI OI

12. IMPLICAR

Este verbo apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de “embirrar, ter implicância com”, é transitivo indireto. O objeto indireto exige a preposição “com”.

* Por que implicas tanto com a tua sogra?

b) Será um verbo transitivo direto e indireto, exigindo a preposição “em” para o objeto indireto, na acepção de “envolver-se, comprometer-se, enredar-se, emaranhar-se”.

* A CPI dos bingos implicou o ex-ministro em atividades criminosas.

c) No sentido de “ocasionar, trazer como conseqüência, acarretar” consolidou-se como verbo transitivo direto.

* Cuidado, pois suas atitudes podem implicar sua demissão.

14. INFORMAR (ALERTAR*, NOTIFICAR*, AVISAR*, CIENTIFICAR* ANUNCIAR*)

* Seguem a mesma regência do verbo informar.

a) No sentido de “comunicar, dar esclarecimento” é geralmente usado como verbo transitivo direto e indireto. Admite as seguintes construções:

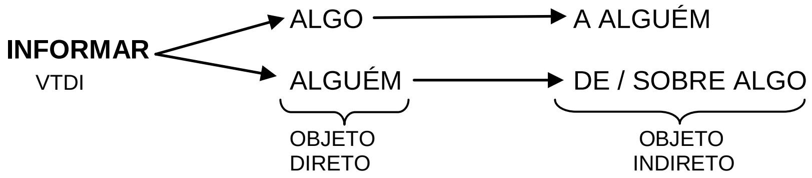

* Nós sempre os informamos sobre os problemas. / ou /   * Nós sempre lhes informamos os problemas.

* Avisaram ao dono do estabelecimento ontem à noite o assalto. /ou / * Avisaram o dono {do / sobre o} assalto.

17. OBEDECER / DESOBEDECER

a) Consolidaram-se em nossa Língua Portuguesa como verbos transitivos indiretos. O objeto indireto requer a preposição "a".

* Era um grande escritor, pois as palavras sempre lhe obedeciam.

* Nunca desobedeça às regras impostas por seus superiores.

Observação:

→ Embora transitivos indiretos, esses verbos admitem a voz passiva em virtude de seus antigos regimes transitivos diretos.

* Ele era obedecido por todos na empresa.

18. PAGAR e PERDOAR

Esses verbos possuem uma regência bastante interessante:

a) São transitivos diretos quando o objeto direto é representado por "coisa".

b) São transitivos indiretos, exigindo a preposição "a" para o objeto indireto, quando este é representado por "pessoa".

* Sempre **paguei** os meus compromissos em dia. → * Sempre **os** paguei em dia.
VTD OD de coisa

* Jamais **perdoarei** a sua displicência. → * Jamais **a** perdoarei.
VTD OD de coisa

c) Também podem ser usados como transitivos diretos e indiretos.

* Jamais lhe **perdoarei** aquela falta.   * Não **pagarei** um tostão sequer àquele incompetente.
OI VTDI OD   VTDI OD OI

20. PREFERIR

Apresenta as seguintes regências:

a) Na acepção de "dar preferência ou primazia a, gostar mais de, escolher ou querer antes" é transitivo direto e indireto, exige a preposição "a". Neste sentido, não admite a presença dos termos intensificadores " mais... (do) que...", por exemplo, já que a própria semântica do verbo, por si só, já indica essa intensificação.

* Aos domingos, Sr. João preferia ficar em casa a ir ao shopping com a família.

* Ele sempre prefere laranja a maçã para o café da manhã. / OU / Ele sempre prefere a laranja à maçã...

b) Este verbo também pode ser usado unicamente como transitivo direto também na acepção de “optar, escolher”.

* Entre arroz e macarrão, já disse que prefiro macarrão.

21. PROCEDER

Apresenta as seguintes regências:

a) É um verbo intransitivo no sentido de “ter fundamento, mostrar-se verdadeiro”.

* Todas as acusações dela não procediam.

b) É intransitivo na acepção de “comportar-se, portar-se, conduzir-se”. Sempre virá acompanhado de um adjunto adverbial de modo.

* A filha do prefeito não procedeu bem na festa.

c) É também intransitivo no sentido de “originar-se, provir, derivar”. É sempre acompanhado de um adjunto adverbial de lugar.

* De onde o amigo procede?

d) É um verbo transitivo indireto, exigindo a preposição “a”, quando empregado no sentido de “dar início, principiar, começar, realizar.”

* O TRE procedeu aos trabalhos de apuração dos votos às 17h.

22. RESPONDER

Destacam-se as seguintes regências:

a) É transitivo direto e indireto no sentido de responder alguma coisa a alguém:

* Ao ser questionado, respondeu-lhes que aceitaria o contrato sem problemas.

b) É transitivo indireto no sentido de dar a resposta, de responder a uma carta, a uma pergunta, a um questionário etc. Neste caso, exigirá a preposição “a”.

* Responde a todas as perguntas por mais difíceis que sejam.

23. QUERER

Apresenta duas regências bastante comuns:

a) No sentido de “ter, possuir, desejar, pretender” é empregado como transitivo direto.

* Ele sempre quis um carro do ano e finalmente conseguiu.

b) É um verbo transitivo indireto, exigindo a preposição “a”, no sentido de “amar, gostar de, ter afeto”.

* Ele tinha uma filha a quem muito queria.

24. SIMPATIZAR (ANTIPATIZAR)

Esses verbos apresentam regências idênticas. Veja:

a) São verbos transitivos indiretos e exigem preposição “com”, significando “ter ou sentir simpatia, agradar-se”. Não são pronominais.

* Durante muito tempo, ele não simpatizou com o seu chefe.

Observação: As construções abaixo são inadmissíveis para o padrão formal, porque tais verbos não são pronominais.

* Ele não se simpatizou com os colegas. (Errado)

* Eu me antipatizei logo com ela. (Errado)

25. SUCEDER

É um verbo pouco usado, que possui duas regências distintas:

a) É intransitivo no sentido de “ocorrer, acontecer, realizar-se”.

* Durante a festa, sucedeu uma tremenda tromba d’água.

b) É um verbo transitivo indireto na acepção de “seguir-se, sobrevir”. Exige a preposição “a” para o objeto indireto.

* João sucedeu a Paulo na direção da empresa.

26. VISAR

É um verbo que apresenta várias regências. Veja:

a) É transitivo direto no sentido de “mirar, olhar para”.

* Vise bem o alvo antes de atirar.

b) É também um verbo transitivo direto no sentido de “rubricar, pôr o visto”.

* No banco, o gerente costumava não visar os cheques de terceiros.

c) Já no sentido de “desejar, pretender, ter em vista” é largamente usado como transitivo indireto, exigindo a preposição “a”. Como transitivo indireto, rejeita os pronomes “lhe, lhes” para o objeto indireto. Aceita apenas as formas analíticas tônicas “a ele, a ela, a eles, a elas”. Entretanto, nesse sentido (“desejar, pretender, ter em vista”) também pode ser empregado como transitivo direto, embora poucas referências se façam a esta última regência.

* Ele visou acima de tudo $\left\{\begin{array}{l}\text{o}\\ \text{ao}\end{array}\right.$ bem de todos os presentes.

* O que eles sempre visaram é o crescimento da empresa. /OU/ Aquilo a que eles sempre visaram é...

Regência nominal

A regência nominal estuda as relações de dependência estabelecidas entre os nomes e os seus complementos. O termo que completa um nome é, por isso, denominado de “complemento nominal”.

A complementação de um nome é sempre intermediada por uma preposição. Alguns nomes chegam a aceitar mais de uma preposição, como se verá.

Segue uma lista de substantivos e adjetivos com as respectivas regências:

Acessível **a**
Acostumado **a, com**
Adaptado **a**
Afável **a, com, para com**
Aflito **com, por**
Agradável **a**
Alheio **a, de**
Alienado **de**
Alusão **a**
Amante **de**
Ambicioso **de**
Analogia **com, entre**
Análogo **a**
Ansioso **de, para, por**
Apto **a, para**
Atento **a, em**
Aversão **a, para, por**
Ávido **de, por**
Benéfico **a**
Capaz **de, para**
Certo **de**
Compatível **com**
Compreensível **a**
Comum **a, de**
Constante **de, em**
Constituído **de, por, com**
Contemporâneo **a, de**
Contíguo **a**
Contrário **a**
Cuidadoso **com**
Curioso **de, a**
Desatento **a**
Descontente **com**
Desejoso **de**
Desfavorável **a**
Devoto **a, de**
Diferente **de**
difícil **de**
digno **de**
entendido **em**
equivalente **a**
erudito **em**
escasso **de**
essencial **n**
estranho **a**
fácil **de**
falha **de, em**
falta **de**
favorável **a**
fiel **a**
firme **em**
generoso **com**
grato **a**
hábil **em**
habituado **a**
horror **a**
hostil **a**
idêntico **a**
imbuído **em, de**
impossível **de**
impróprio **para**
imune **a, de**
incompatível **com**
inconseqüente **com**
indeciso **em**
independente **de, em**
indiferente **a**
indigno **de**
inepto **para**
inerente **a**
inexorável **a**
leal **a**
lento **em**
liberal **com**
medo **a, de**
misericordioso **com, para como**
natural **de**
necessário **a**
negligente **em**
nocivo **a**
nocivo **a**
ojeriza **a, por, contra**
paralelo **a**
parco **em, de**
passível **de**
perito **em**
permissivo **a**
perpendicular **a**
pertinaz **em**
possível **de**
possuído **de**
posterior **a**
preferível **a**
prejudicial **a**
prestes **a, para**
propenso **a, para**
propício **a**
próximo **a, de**
relacionado **com**
residente **em**
responsável **por**
rico **de, em**
seguro **de, em**
semelhante **a**
sensível **a**
sito **em, entre**
suspeito **de, a**
transversal **a**
útil **a, para**
versado **em**
vizinho **a, de, com**

Língua Portuguesa – começando do ZERO

Apostila 11 (Teoria essencial)

Introdução à sintaxe de regência

Considerações iniciais

Inicialmente observe atentamente os exemplos abaixo:

* Após a cirurgia, o rapaz mostrava-se **apto** para todas as atividades.
complemento para o adjetivo ‘apto’

* João **pegou** o dinheiro da indenização e **pagou** a todos os seus credores.
complemento para o verbo ‘pegar’ complemento para o verbo ‘pagar’

Observe que alguns complementos são regidos por preposição e outros não. Nos dois últimos exemplos, houve mudança no sentido do verbo. Portanto, é este o objetivo da regência: estudar as relações de dependência estabelecidas entre um verbo ou um nome e os seus respectivos complementos.

Regência de alguns verbos
Casos especiais

A seguir você encontrará uma lista, em ordem alfabética, dos mais comuns verbos utilizados na Língua Portuguesa com suas respectivas particularidades. Procure estudá-los aos poucos. Prossigamos!!

1. ABRAÇAR

Possui as seguintes regências:

a) É verbo transitivo direto no sentido de “cingir, apertar com os braços”.

* A mãe abraçou o filho pequeno por alguns minutos.

b) É verbo transitivo direto no sentido de “adotar, seguir, escolher”.

* O advogado abraçou a causa com fervor.

→ Observação: A forma verbal “**ABRAÇAR-SE**” é pronominal transitiva indireta e admite as preposições “a, em, com, contra”.

* A filha se abraçou $\left\{\begin{array}{l}\textbf{à}\\ \textbf{com a}\\ \textbf{na}\\ \textbf{contra a}\end{array}\right.$ mãe.

2. AGRADAR

a) É transitivo direto na acepção de “acariciar, acarinhar, fazer carinho”.

* Com as mãos calosas, a mãe agradava o filho.

b) É transitivo indireto, exigindo a preposição “a”, na acepção de “satisfazer, contentar, fazer agrado a”.

* Parece que os bares da cidade não agradaram aos turistas.

* As palavras dele não lhe agradaram?

3. AGRADECER

a) É transitivo direto quando possui objeto direto de “coisa”. Caso o objeto direto seja representado por “pessoa”, este verbo será transitivo indireto exigindo a preposição “a”.

* Agradeci imensamente aos amigos por causa da atenção que me deram.

5. ASPIRAR

Apresenta as seguintes regências:

a) É um verbo transitivo direto na acepção de “respirar, sorver ar, inalar.”

* Na sala, aspirava a poeira dos carpetes imundos.

b) É um verbo transitivo indireto exigindo a preposição “a” na acepção de “desejar, pretender, almejar”. Apesar de transitivo indireto, este verbo rejeita os pronomes “lhe, lhes” para o objeto indireto; aceita apenas as formas tônicas analíticas “a ele, a ela, a eles, a elas”.

* Em sua jornada, sempre aspirou **ao cargo** de gerente da empresa. = “... sempre aspirou **a ele**...”.

* A oportunidade **à qual** ele aspirava finalmente chegou.

6. ASSISTIR

Apresenta quatro regências distintas:

a) É verbo transitivo indireto na acepção de “ver, presenciar, estar atento a”. O objeto indireto deve vir encabeçado pela preposição “a”. Á semelhança do verbo “aspirar” no sentido de “desejar”, rejeita os oblíquos “lhe, lhes” para o objeto indireto; aceita apenas as formas “a ele, a ela, a eles, a elas”.

* Nunca mais assisti a um bom jogo de futebol. = Nunca mais assisti a ele.

b) No sentido de “ajudar, prestar assistência, auxiliar, socorrer” é indistintamente verbo transitivo direto ou verbo transitivo indireto. Como transitivo indireto exige a preposição “a”.

* Durante o resgate, alguns transeuntes assistiram $\left\{\begin{array}{l}\textbf{os}\\ \textbf{aos}\end{array}\right.$ familiares das vítimas.

c) Na acepção de “caber, pertencer direito ou obrigação” é um verbo transitivo indireto e exige a preposição “a”.

* Ao dono do estabelecimento não assiste o direito de reclamar dos clientes mais exigentes.

d) No sentido de “morar, residir” (regência pouco usual), é um verbo intransitivo. Exige o acompanhamento de um adjunto adverbial encabeçado pela preposição “em”.

* Hoje já não mais assisto no bairro da Boa Vista.

7. CHAMAR

Apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de “mandar vir, convocar” é um verbo transitivo direto.

* O diretor chamou os empregados para uma reunião de urgência.

b) No sentido de “invocar, clamar”, é um verbo transitivo indireto. O objeto indireto requer a preposição “por”.

* Nas horas difíceis, ele costuma chamar por Nossa Senhora das Dores.

* Naquele momento, chamei por Ele, e o Senhor Jesus me ouviu.

Observação:
→ Alguns autores consideram a preposição “por” como um recurso de ênfase para o objeto direto que, neste caso, seria preposicionado. Não nos parece a melhor análise, uma vez que o sentido do verbo é diferente da primeira regência (mandar vir, convocar).

c) Já na acepção de “cognominar, apelidar, alcunhar, qualificar, tachar”, será, indistintamente, verbo transitivo direto ou verbo transitivo indireto. Vem sempre acompanhado de um predicativo do objeto que poderá ou não ser encabeçado por uma preposição. Observe as possibilidades de construção a partir de uma informação dada:

* Ninguém disse que ele é mentiroso.

  * Ninguém o chamou mentiroso.

  * Ninguém o chamou de mentiroso.

  * Ninguém lhe chamou mentiroso

  * Ninguém lhe chamou de mentiroso.

8. CHEGAR, IR e DIRIGIR-SE

Esses verbos possuem regências idênticas:

a) No sentido de “atingir um determinado lugar, deslocar-se para” são, no padrão formal da língua, verbos intransitivos. Exigem a presença de um adjunto adverbial de lugar introduzido, obrigatoriamente, pela preposição “a”.

* Os três rapazes chegaram a casa totalmente exaustos.

* O aeroporto a que ele chegou estava com vários vôos atrasados.

9. CUSTAR

Apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de “ter preço, valor ou custo” é geralmente um verbo intransitivo. É freqüente que, nesta regência, ele venha acompanhado de um adjunto adverbial de preço ou de valor.

* A casa custou vinte mil reais.   * Este candelabro custou muito.

b) É um verbo transitivo direto e indireto na acepção de “trazer como conseqüência, acarretar” é um verbo transitivo direto e indireto.

* A imprudência custou-lhe lágrimas amargas.

* As vitórias custaram ao time meses e meses de treinamento.

c) Já no sentido de “ser custoso, ser difícil” é um verbo transitivo indireto. O sujeito deste verbo, para o padrão formal da língua, será uma oração subordinada subjetiva, reduzida de infinitivo que poderá ou não vir precedida de uma preposição. O objeto indireto requer a preposição “a”. Observe atentamente os exemplos:

* Os antigos custaram a aceitar que o homem foi à lua. (Construção errada)

Corrija-se para...

* **Custou** aos antigos aceitar que o homem foi à lua.
VTI OI sujeito = oração reduzida

11. ESQUECER / LEMBRAR

a) Os verbos “esquecer” e “lembrar” são transitivos diretos na acepção de “sair da lembrança ou vir à lembrança” respectivamente. Nessa acepção, também podem aparecer como transitivos indiretos pronominais (esquecer-se, lembrar-se). O objeto indireto será precedido da preposição “de”.

* Ele ainda não **esqueceu** o acidente. / ou / * Ele ainda não **se esqueceu** do acidente.
VTD OD VTI OI

* Ele **lembrou** o meu aniversário na última hora. / ou / * Ele **se lembrou** do meu aniversário na última hora.
VTD OD VTI OI

12. IMPLICAR

Este verbo apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de “embirrar, ter implicância com”, é transitivo indireto. O objeto indireto exige a preposição “com”.

* Por que implicas tanto com a tua sogra?

b) Será um verbo transitivo direto e indireto, exigindo a preposição “em” para o objeto indireto, na acepção de “envolver-se, comprometer-se, enredar-se, emaranhar-se”.

* A CPI dos bingos implicou o ex-ministro em atividades criminosas.

c) No sentido de “ocasionar, trazer como conseqüência, acarretar” consolidou-se como verbo transitivo direto.

* Cuidado, pois suas atitudes podem implicar sua demissão.

14. INFORMAR (ALERTAR*, NOTIFICAR*, AVISAR*, CIENTIFICAR* ANUNCIAR*)

* Seguem a mesma regência do verbo informar.

a) No sentido de “comunicar, dar esclarecimento” é geralmente usado como verbo transitivo direto e indireto. Admite as seguintes construções:

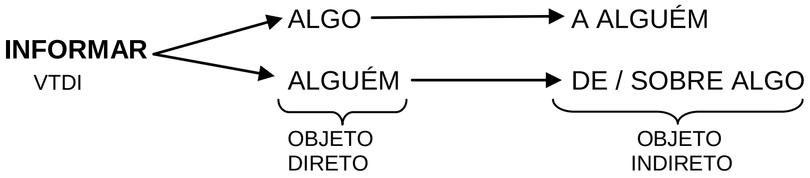

* Nós sempre os informamos sobre os problemas. / ou / * Nós sempre lhes informamos os problemas.

* Avisaram ao dono do estabelecimento ontem à noite o assalto. /ou / * Avisaram o dono $\begin{cases}\text{do}\\ \text{sobre o}\end{cases}$ assalto.

17. OBEDECER / DESOBEDECER

a) Consolidaram-se em nossa Língua Portuguesa como verbos transitivos indiretos. O objeto indireto requer a preposição "a".

* Era um grande escritor, pois as palavras sempre lhe obedeciam.

* Nunca desobedeça às regras impostas por seus superiores.

Observação:

→ Embora transitivos indiretos, esses verbos admitem a voz passiva em virtude de seus antigos regimes transitivos diretos.

* Ele era obedecido por todos na empresa.

18. PAGAR e PERDOAR

Esses verbos possuem uma regência bastante interessante:

a) São transitivos diretos quando o objeto direto é representado por "coisa".

b) São transitivos indiretos, exigindo a preposição "a" para o objeto indireto, quando este é representado por "pessoa".

* Sempre $\underbrace{\textbf{paguei}}_{\text{VTD}}$ $\underbrace{\text{os meus compromissos em dia}}_{\text{OD de coisa}}$. → * Sempre **os** paguei em dia.

* Jamais $\underbrace{\textbf{perdoarei}}_{\text{VTD}}$ $\underbrace{\text{a sua displicência}}_{\text{OD de coisa}}$. → * Jamais **a** perdoarei.

c) Também podem ser usados como transitivos diretos e indiretos.

* Jamais $\underbrace{\text{lhe}}_{\text{OI}}$ $\underbrace{\textbf{perdoarei}}_{\text{VTDI}}$ $\underbrace{\text{aquela falta}}_{\text{OD}}$. * Não $\underbrace{\textbf{pagarei}}_{\text{VTDI}}$ $\underbrace{\text{um tostão sequer}}_{\text{OD}}$ $\underbrace{\text{àquele incompetente}}_{\text{OI}}$.

20. PREFERIR

Apresenta as seguintes regências:

a) Na acepção de "dar preferência ou primazia a, gostar mais de, escolher ou querer antes" é transitivo direto e indireto, exige a preposição "a". Neste sentido, não admite a presença dos termos intensificadores " mais... (do) que...", por exemplo, já que a própria semântica do verbo, por si só, já indica essa intensificação.

* Aos domingos, Sr. João preferia ficar em casa a ir ao shopping com a família.

* Ele sempre prefere laranja a maçã para o café da manhã. / OU / Ele sempre prefere a laranja à maçã...

b) Este verbo também pode ser usado unicamente como transitivo direto também na acepção de “optar, escolher”.

* Entre arroz e macarrão, já disse que prefiro macarrão.

21. PROCEDER

Apresenta as seguintes regências:

a) É um verbo intransitivo no sentido de “ter fundamento, mostrar-se verdadeiro”.

* Todas as acusações dela não procediam.

b) É intransitivo na acepção de “comportar-se, portar-se, conduzir-se”. Sempre virá acompanhado de um adjunto adverbial de modo.

* A filha do prefeito não procedeu bem na festa.

c) É também intransitivo no sentido de “originar-se, provir, derivar”. É sempre acompanhado de um adjunto adverbial de lugar.

* De onde o amigo procede?

d) É um verbo transitivo indireto, exigindo a preposição “a”, quando empregado no sentido de “dar início, principiar, começar, realizar.”

* O TRE procedeu aos trabalhos de apuração dos votos às 17h.

22. RESPONDER

Destacam-se as seguintes regências:

a) É transitivo direto e indireto no sentido de responder alguma coisa a alguém:

* Ao ser questionado, respondeu-lhes que aceitaria o contrato sem problemas.

b) É transitivo indireto no sentido de dar a resposta, de responder a uma carta, a uma pergunta, a um questionário etc. Neste caso, exigirá a preposição “a”.

* Responde a todas as perguntas por mais difíceis que sejam.

23. QUERER

Apresenta duas regências bastante comuns:

a) No sentido de “ter, possuir, desejar, pretender” é empregado como transitivo direto.

* Ele sempre quis um carro do ano e finalmente conseguiu.

b) É um verbo transitivo indireto, exigindo a preposição “a”, no sentido de “amar, gostar de, ter afeto”.

* Ele tinha uma filha a quem muito queria.

24. SIMPATIZAR (ANTIPATIZAR)

Esses verbos apresentam regências idênticas. Veja:

a) São verbos transitivos indiretos e exigem preposição “com”, significando “ter ou sentir simpatia, agradar-se”. Não são pronominais.

* Durante muito tempo, ele não simpatizou com o seu chefe.

Observação: As construções abaixo são inadmissíveis para o padrão formal, porque tais verbos não são pronominais.

* Ele não se simpatizou com os colegas. (Errado)

* Eu me antipatizei logo com ela. (Errado)

25. SUCEDER

É um verbo pouco usado, que possui duas regências distintas:

a) É intransitivo no sentido de “ocorrer, acontecer, realizar-se”.

* Durante a festa, sucedeu uma tremenda tromba d’água.

b) É um verbo transitivo indireto na acepção de “seguir-se, sobrevir”. Exige a preposição “a” para o objeto indireto.

* João sucedeu a Paulo na direção da empresa.

26. VISAR

É um verbo que apresenta várias regências. Veja:

a) É transitivo direto no sentido de “mirar, olhar para”.

* Vise bem o alvo antes de atirar.

b) É também um verbo transitivo direto no sentido de “rubricar, pôr o visto”.

* No banco, o gerente costumava não visar os cheques de terceiros.

c) Já no sentido de “desejar, pretender, ter em vista” é largamente usado como transitivo indireto, exigindo a preposição “a”. Como transitivo indireto, rejeita os pronomes “lhe, lhes” para o objeto indireto. Aceita apenas as formas analíticas tônicas “a ele, a ela, a eles, a elas”. Entretanto, nesse sentido (“desejar, pretender, ter em vista”) também pode ser empregado como transitivo direto, embora poucas referências se façam a esta última regência.

* Ele visou acima de tudo $\left\{\begin{array}{l}\text{o}\\ \text{ao}\end{array}\right.$ bem de todos os presentes.

* O que eles sempre visaram é o crescimento da empresa. /OU/ Aquilo a que eles sempre visaram é...

Regência nominal

A regência nominal estuda as relações de dependência estabelecidas entre os nomes e os seus complementos. O termo que completa um nome é, por isso, denominado de “complemento nominal”.

A complementação de um nome é sempre intermediada por uma preposição. Alguns nomes chegam a aceitar mais de uma preposição, como se verá.

Segue uma lista de substantivos e adjetivos com as respectivas regências:

Acessível **a**
Acostumado **a, com**
Adaptado **a**
Afável **a, com, para com**
Aflito **com, por**
Agradável **a**
Alheio **a, de**
Alienado **de**
Alusão **a**
Amante **de**
Ambicioso **de**
Analogia **com, entre**
Análogo **a**
Ansioso **de, para, por**
Apto **a, para**
Atento **a, em**
Aversão **a, para, por**
Ávido **de, por**
Benéfico **a**
Capaz **de, para**
Certo **de**
Compatível **com**
Compreensível **a**
Comum **a, de**
Constante **de, em**
Constituído **de, por, com**
Contemporâneo **a, de**
Contíguo **a**
Contrário **a**
Cuidadoso **com**
Curioso **de, a**
Desatento **a**
Descontente **com**
Desejoso **de**
Desfavorável **a**
Devoto **a, de**
Diferente **de**

difícil **de**
digno **de**
entendido **em**
equivalente **a**
erudito **em**
escasso **de**
essencial **n**
estranho **a**
fácil **de**
falha **de, em**
falta **de**
favorável **a**
fiel **a**
firme **em**
generoso **com**
grato **a**
hábil **em**
habituado **a**
horror **a**
hostil **a**
idêntico **a**
imbuído **em, de**
impossível **de**
impróprio **para**
imune **a, de**
incompatível **com**
inconseqüente **com**
indeciso **em**
independente **de, em**
indiferente **a**
indigno **de**
inepto **para**
inerente **a**
inexorável **a**
leal **a**
lento **em**
liberal **com**

medo **a, de**
misericordioso **com, para como**
natural **de**
necessário **a**
negligente **em**
nocivo **a**
nocivo **a**
ojeriza **a, por, contra**
paralelo **a**
parco **em, de**
passível **de**
perito **em**
permissivo **a**
perpendicular **a**
pertinaz **em**
possível **de**
possuído **de**
posterior **a**
preferível **a**
prejudicial **a**
prestes **a, para**
propenso **a, para**
propício **a**
próximo **a, de**
relacionado **com**
residente **em**
responsável **por**
rico **de, em**
seguro **de, em**
semelhante **a**
sensível **a**
sito **em, entre**
suspeito **de, a**
transversal **a**
útil **a, para**
versado **em**
vizinho **a, de, com**

ORTOGRAFIA E ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Regras dos “porque, porquê, por que e por quê”

Por que - utiliza-se quando se faz uma pergunta direta ou indireta.
Ex: Por que você não leu a revista?
Usamos a forma ***por que*** sempre que houver junção da preposição *por* com o pronome interrogativo *que*. Em outras palavras, pode-se dizer que *por que* é usando quando podemos trocá-lo por *por qual razão, por qual motivo*, *pelo qual*, *pelos quais*, *por qual*.
Exemplos:

Por que você quer saber?
Por que você quer ir lá?
Esta é a rua por que passo sempre.

Por quê - utiliza-se numa pergunta quando o por quê fica no final da frase.
Ex: Você foi embora por quê?
Sempre que aparecer no final de uma frase.
Uma outra maneira de entender é lembrar que antes de pontuação, o **quê** recebe o acento.
Exemplos:

Por quê?
Você nem sabe por quê.

Porque - utiliza-se quando se faz uma pergunta.
Ex: Por que você não leu a revista?
Usamos *porque* quando a expressão for uma explicação ou causa (pois, uma vez que) ou finalidade (para que, a fim de que). Exemplos:

Não vim trabalhar *porque* estava doente.
Por que você estuda? *Porque* gosto de aprender.

Porquê – quando funciona como um substantivo.
Só pode ser usado quando precedido de artigo definido (o, a, os, as), pronome adjetivo (meu, este, esse, aquele) ou numeral (um, dois, três).
Exemplos:

Não sei o *porquê* de tanta confusão com os porquês.
Este *porquê* é um substantivo.
Quantos *porquês* existem na Língua Portuguesa?

USA "S"

1) O S com som de **Z** aparece entre duas vogais: casa, liso, lesão, asa, vaso, uso, tosa etc...

2) Palavras terminadas em **OSO** e **OSA**: deliciosa, gostoso, apetitoso, carinhosa, horroroso.
exceção: gozo

3) Palavra derivada de outra grafada com **S**:
Análise - analisar, analisando, analisado etc...

4) Nas conjugações de "pôr" e "querer": puser, pusemos, quisesse, quisemos, quis

5) Depois de ditongos: coisa, lousa, Neusa,

6) Palavras terminadas em **ASE**, **ESE**, **ISE**, **ISA**, **OSE**: frase, osmose, crise, lactose, tese.
exceções: gaze e deslize

7) Palavras derivadas de verbos terminados em ERTER, ERTIR, CORRER, PELIR, NDER, NDIR: inversão (inv**erter**), diversão (div**ertir**), concurso (con**correr**), expulso (ex**pelir**), defesa (defe**nder**), fusão (fu**ndir**)

8) Usa-se **"s"** no sufixo INHO quando a letra fizer parte do radical de origem. Caso contrário, usa-se "z": Tere**s**inha (Tere**s**a), ca**s**inha (casa), mulherzinha (mulher), pãozinho (pão).

USA "S" OU "Z"

Português

1) Usa-se **ISAR** se a palavra de origem for escrita com S: analisar (análise), pesquisar (pesquisa), improvisar (improviso). Caso contrário, se a palavra de origem não for escrita com S, usa-se IZAR: aterrorizar (terror), economizar (economia), modernizar (moderno, modernidade)

2) Sufixos **ÊS** e **ESA** na formação de palavras que indicam profissão, nacionalidade ou títulos de nobreza: chinês, francesa, poetisa, profetisa, marquesa, marquês, baronesa, burguês, inglesa, etc...
exceção: juíza (feminino de "juiz", que se escreve com "z")

Sufixos **EZ** e **EZA** quando forem substantivos abstratos originários de adjetivos (indicarem qualidade): limpeza (limpo), sutileza (sutil), boniteza (bonito),

tristeza (triste), timidez (tímido).

3) Derivadas de palavras escritas com **S** são escritas com S: visitante (visita), casar (casamento),parasitar (parasita), paralisar (paralisia).
Derivadas de palavras escritas com Z são escritas com Z: enraizar (raiz), realizar (realização).

USA "SS"

1) Derivados de verbos terminados em **DIR, TIR, MIR, TER, DER:** agre**dir** (agressão), permi**tir** (permissão), impri**mir** (impressão), reme**ter** (remissão), conce**der** (concessão)

2) Superlativos sintéticos : lindí**ss**imo, belí**ss**ima, felicí**ss**imo, fortí**ss**imo

3) Pretérito imperfeito do subjuntivo dos verbos: se eu colhe**ss**e, se tu colhe**ss**es, se ele colhe**ss**e, se nós colhê**ss**emos, se vós colhê**ss**eis, se eles colhe**ss**em.

4) Palavras compostas onde se dobra o "s": mini + saia = mini**ss**aia; homo + sexual = homo**ss**exual, pluri + significação = pluri**ss**ignificação.

5) Derivados de palavras terminadas em **CEDER**, **PRIMIR, GREDIR, METER**: excesso (ex**ceder**), concessão (con**ceder**), impressão (im**primir**), depressão (de**primir**), progresso (pro**gredir**), agressão (a**gredir**), compromisso (compro**meter**), promessa (pro**meter**),

USA o "XC"

Em dígrafos que tem o mesmo som de "SS": **excêntrico, excedente, exsudar**.

USA "SÇ"

Na conjugação de determinados verbos: **nascer (nasço, nasça), descer (desço, desça)**, etc...

USA "Ç"

1) Palavras terminadas em **ESCER** ou **ECER**: anoiteça (anoitecer), aconteça (acontecer), desça (descer)

2) Palavras de origem árabe, indígena ou africana: paçoca, muçulmano, miçanga

3) Palavras derivadas de primitivas grafadas com "ç": embaçar, embaçado, embaçou...

4) Palavras derivadas de primitivas terminadas em TO: canção (can**to**), exceção (exce**to**), junção (jun**to**)

5) Palavras terminadas em **ÇÃO** derivadas do verbo **TER,** terminadas em **TOR** ou em **TIVO**: detenção (de**ter**), contenção (con**ter**), manutenção (man**ter**), infração (infra**tor**), redação (reda**tor**), seção (se**tor**), introspecção (introspec**tivo**), intuição (intui**tivo**), relação (rela**tivo**)

Profº Roberto Carlos

6) Palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência "R": educação (educ**ar**), importação (import**ar**), fundição (fund**ir**)

7) Após ditongo quando tiver som de "s": el**ei**ção

USA "J"

1) Derivados de verbos terminados em **JAR ou JEAR** ou palavras terminadas em **JA**: viajar (que eles viajem bem), enferrujar (espero que as portas não enferrujem), nojento (nojo), cerejeira (cereja), lojista (loja), sarjeta (sarja).

2) Palavras de origem indígena ou africana: jiló, jiboia, jirau, pajé, canjica

USA "G"

1) Em palavras terminadas em **GIO**: pedágio, sacrilégio, prestígio, relógio, refúgio.

2) Em substantivos terminados em **GEM**: a viagem, a ferrugem.

exceções: pajem, lambujem

USA "X"

1) Depois de ditongo: caixa, peixe

2) Depois da sílaba
inicial **EN** ou **ME**: **en**xaqueca, **en**xurrada, **me**xer
, **me**xilhão

exceções: encher, encharcar, enchumaçar e seus derivados.
exceções: mecha e seus derivados

3) Palavras de origem indígena ou africana: xavante, xangô

Lista de Homônimos e Parônimos

Acender - pôr fogo a
Ascender - elevar-se, subir

Caçado - apanhado na caça
Cassado – anulado

Cela - aposento de religiosos; pequeno quarto de dormir
Sela - arreio de cavalgadura

Censo - recenseamento
Senso – juízo

Cerração - nevoeiro denso
Serração - ato de serrar

Cessão - ato de ceder
Sessão - tempo que dura uma assembléia
Secção ou seção - corte, divisão

Comprimento - extensão
Cumprimento - ato de cumprir, saudação

Coser - costurar
Cozer – cozinhar

Descrição - ato de descrever
Discrição - qualidade de discreto

Despensa - copa
Dispensa - ato de dispensar

Emergir - sair de onde estava mergulhado
Imergir – mergulhar

Emigração - ato de emigrar
Imigração - ato de imigrar

Eminente - excelente
Iminente - sobranceiro; que está por acontecer

Espectador - o que observa um ato
Expectador - o que tem expectativa

Esperto - inteligente, vivo
Experto - perito ("expert")

Flagrante - evidente
Fragrante – perfumado

Infligir - aplicar castigo ou pena
Infringir – transgredir

Mandado - ordem judicial
Mandato - período de permanência em cargo

Peão - indivíduo que anda a pé; peça de xadrez
Pião – brinquedo

Ratificar - confirmar
Retificar – corrigir

Tacha - tipo de prego; defeito; mancha moral
Taxa – imposto

Tachar - censurar, notar defeito em; pôr prego em
Taxar - determinar a taxa de

Tráfego - trânsito
Tráfico - negócio ilícito

Viagem - jornada
Viajem - do verbo viajar

Vultoso - volumoso
Vultuoso – inchado

SAIBA MAIS

Existem também expressões que apresentam semelhanças entre si, e têm significação diferente. Tal semelhança pode levar os utentes da língua a usar uma expressão uma em vez de outra.

Acerca de: sobre, a respeito de. Fala acerca de alguma coisa.

A cerca de: a uma distância aproximada de. Mora a cerca de dez quadras do centro da cidade.

Há cerca de: faz aproximadamente. Trabalha há cerca de cinco anos.

Ao encontro de: a favor, para junto de. Ir ao encontro dos anseios do povo. Ir ao encontro dos familiares.

De encontro a: contra. As medidas vêm de encontro aos interesses do povo.

Ao invés de: ao contrário de

Em vez de: em lugar de. Usar uma expressão em vez de outra.

A par: ciente. Estou a par do assunto.

Ao par: de acordo com a convenção legal, sem ágio, sem abatimentos (câmbio, ações, títulos,etc.).

À-toa (adjetivo): ordinário, imprestável. Vida à-toa.

À toa (advérbio): sem rumo. Andar à toa.

A FIM/AFIM

- Afim: parente por afinidade; semelhante. Não podem casar os afins.

- A fim (de): para. Ele veio a fim de ajudar.

ENFIM/ EM FIM

- ENFIM = finalmente. Enfim sós.

- EM FIM = no final. Ele está em fim de carreira.

SE NÃO/ SENÃO

- SE NÃO: caso não. Viajarei se não chover.

- SENÃO : caso contrário; a não ser; mas. Vá, senão eu vou.

Exercícios de fixação

1. Indique a única sequência em que todas as palavras estão grafadas corretamente:

a) fanatizar - analizar - frizar.
b) fanatisar - paralizar - frisar.
c) banalizar - analisar - paralisar.
d) realisar - analisar - paralizar.
e) utilizar - canalisar - vasamento.

2. Marque a opção cm que todas as palavras estão grafadas corretamente:
a) enxotar - trouxa - chícara.
b) berinjela - jiló - gipe.
c) passos - discussão - arremesso.
d) certeza - empresa - defeza.
e) nervoso - desafio - atravez.

3. A alternativa que apresenta erro(s) de ortografia é:
a) O experto disse que fora óleo em excesso.
b) O assessor chegou à exaustão.
c) A fartura e a escassez são problemáticas.
d) Assintosamente apareceu enxarcado na sala.
e) Aceso o fogo, uma labareda ascendeu ao céu.

4. Assinale a opção cm que a palavra está incorretamente grafada:
a) duquesa.
b) magestade.
c) gorjeta.
d) francês.
e) estupidez.

5. Dos pares de palavras abaixo, aquele em que a segunda não se escreve com a mesma letra sublinhada na primeira é:
a) vez / reve___ar.
b) propôs / pu__ eram.
c) atrás / retra __ ado.
d) cafezinho/ blu __ inha.
e) esvaziar / e___ tender.

6. Indique o item em que todas as palavras devem ser preenchidas com x:
a) pran__a / en__er / __adrez.
b) fei__e / pi__ar / bre__a.
c) __utar / frou__o / mo__ila.
d) fle__a / en__arcar / li__ar.
e) me__erico / en__ame / bru__a.

7. A alternativa que apresenta palavra grafada incorretamente é:
a) fixação - rendição - paralisação.
b) exceção - discussão - concessão.
c) seção - admissão - distensão.
d) presunção - compreensão - submissão.
e) cessão - cassação - excurção.

8. Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas corretamente:
a) analizar - economizar - civilizar.
b) receoso - prazeirosamente - silvícola.
c) tábua - previlégio - marquês.
d) pretencioso - hérnia - majestade.
e) flecha - jeito - ojeriza.

9. Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas corretamente:
a) atrasado - princesa - paralisia.
b) poleiro - pagem - descrição.
c) criação - disenteria - impecilho.
d) enxergar - passeiar - pesquisar.
e) batizar - sintetizar - sintonisar.

10. Marque a única palavra que se escreve sem o h:
a) omeopatia.
b) umidade.
c) umor.
d) erdeiro.
e) iena.

11. Assinalar a alternativa que preenche corretamente as lacunas do seguinte período: "Em _____ plenária, estudou-se a _____ de terras a _____ japoneses."
a) seção - cessão - emigrantes
b) cessão - sessão - imigrantes
c) sessão - secção - emigrantes
d) sessão - cessão – imigrantes

12. Assinalar a alternativa que apresenta um erro de ortografia:
a) enxofre, exceção, ascensão
b) abóbada, asterisco, assunção

c) despender, previlégio, economizar
d) adivinhar, prazerosamente, beneficente

13. Assinalar a alternativa que contém um erro de ortografia:
a) beleza, duquesa, francesa
b) estrupar, pretensioso, deslizar
c) esplêndido, meteorologia, hesitar
d) cabeleireiro, consciencioso, manteigueira

14. Assinalar a alternativa correta quanto à grafia das palavras:
a) atraz - ele trás
b) atrás - ele traz
c) atrás - ele trás
d) atraz - ele traz

15. Assinalar a palavra graficamente correta:
a) bandeija
b) mendingo
c) irrequieto
d) carangueijo

16. Assinalar a alternativa que completa as lacunas da frase abaixo, na ordem em que aparecem. "O Brasil de hoje é diferente, _____ os ideais de uma sociedade _____ justa ainda permanecem".
a) mas - mas
b) mais - mas
c) mas - mais
d) mais - mais

17. *Cauda / rabo, calda / açúcar* derretido para doce. São, portanto, palavras homônimas. Associe as duas colunas e assinale a alternativa com a sequência correta.
1 - conserto ( ) valor pago
2 – concerto ( ) juízo claro
3 - censo ( ) reparo
4 - senso ( ) estatística
5 - taxa ( ) pequeno prego
6 – tacha ( ) apresentação musical

a) 5-4-1-3-6-2
b) 5-3-2-1-6-4
c) 4-2-6-1-3-5
d) 1-4-6-5-2-3

18. Assinale a alternativa que completa corretamente as frases.
1 – Ele sempre___________a calma.
II – Os turistas_________ informações pela Internet.
III – As polícias civil e militar_________ nos motins do presídio.
a) mantêm, obtém, intervém
b) mantém, obtêm, intervêm
c) mantêm, obtêm, intervêm
d) mantém, obtêm, intervém
e) mantém, obtém, intervém

19. Assinale a opção em que todas as palavras são acentuadas pela mesma regra de “alguém”, “inverossímil”, “caráter”, respectivamente:
a) hífen, também, impossível
b) armazém, útil, açúcar
c) têm, anéis, éter
d) há, impossível, crítico
e) pólen, magnólias, nós

20. Em que alternativa as palavras devem ser acentuadas pelo mesmo motivo?
a) tambem – refém
b) velocidade – rubrica
c) aniversario – fortuito
d) fortuito
e) ceu – tambem

21. Preencha as lacunas com as palavras corretas, de acordo com o novo acordo ortográfico.
estréia|estreia / vôo|voo / Parnaiba|Parnaíba/ Piauí|Piauí/ lêem|leem/ Müller|Muller/ crêem|creem/ Assembléias|Assembleias/ pôde|pode/ têm|tem / convém|convêm

O pronunciamento do parlamentar, na ________ da peça de teatro, teve repercussão na imprensa, de modo que um outro Deputado, ao desembarcar do seu ________, rumo à cidade de ________, no estado do ________, também falou sobre o assunto: “Os que ______ jornais já devem saber da iniciativa de Harold ________, e os que _______ em ações dessa natureza devem seguir o exemplo desse cidadão. Precisamos buscar soluções para os nossos problemas, em vez de esperar que tudo seja resolvido pelas_________. Se ele _______ iniciar essa ação e mobilizar o _______ inteiro, todos ______ o mesmo dever. Vamos agir! Isso _________ à sociedade."

22. Assinale o item em que todas as palavras são acentuadas pela mesma regra de: também, incrível e caráter.
a) alguém, inverossímil, tórax
b) hífen, ninguém, possível
c) têm, anéis, éter
d) há, impossível, crítico
e) pólen, magnólias, nós

23. Assinale a alternativa em que a acentuação das palavras se explica pela mesma regra.
a) fábrica, máquina, ímã
b) saúde, egoísta, atribuí-lo
c) môo, pó, vêm
d) quilômetro, cinqüenta, privilégio
e) hífen, médium, álcool

24. Há erro de acentuação em:
a) O repórter havia afirmado que a canoa da República andava órfã.
b) Ontem você não pode vir por água no fogo e souberam disso através dos colegas.
c) Rui vem de ônibus, lê o jornal e sempre procura saber o nome dos partidos que retêm o uso do poder.
d) Ainda não soube do porquê de sua desistência do vôo de ontem
e) "Deus te abençoe" era o grito de pára que acalmava a meninada na hora de dormir

25. Preencha os espaços com **Por que**, **Porque**, **Por quê** Ou **Porquê**.
01. Quero saber _________ estou assim.
02. Foi reprovado e não sabe __________.
03. _________ você está tão aborrecida?
04. Não vais à aula __________?
05. Reagi à ofensa ________ não sou covarde.
06. Ignora-se o __________ da sua renúncia.
07. São ásperos os caminhos ________passei.
08. Não saí de casa, _________ estava doente.
09. Não foi ao baile, _______ não tinha roupa.
10. Quero saber __________ não me disse a verdade.
11. Quero saber _________ foste reprovado.
12. __________ os países vivem em guerra?
13. Quero saber o __________ de sua decisão.
14. __________sinais o reconheceram?
15. Não sei __________ motivo ele deixou o emprego.
16. Ele não viajou _________?
17. Ester é a mulher ___________ vivo.
18. Eis __________ o trânsito está congestionado.
19. Ele viajou __________ foi chamado para a reunião.
20. Lutamos __________ haja maior justiça social.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Constituição: Princípios Fundamentais 2

- Constituição Federal 2
  - Noções Gerais 2
  - Principais Fontes do Direito Constitucional 2
  - Princípios Fundamentais 2
  - Estado 2
- Princípios Fundamentais 3
  - Princípio Federativo 3
- Pacto Federativo – Indissolubilidade do Vínculo Federativo. 4
  - Princípio Federativo 4
  - Agregação X Desagregação 4
  - Dual X Cooperativo 4
  - Simétrico X Assimétrico 5

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Constituição: Princípios Fundamentais

Constituição Federal

Noções Gerais

O que é uma Constituição? O Conceito de Constituição pode variar de acordo com as suas diversas acepções. Contudo, neste momento, o que nos interessa é o seu conceito jurídico, que pode ser assim definido:

"Conjunto sistematizado de normas originárias e estruturantes do Estado cujo objeto nuclear são os direitos fundamentais, a estruturação do Estado e a organização dos Poderes"[1]

É a norma mais importante de todo o ordenamento jurídico brasileiro! Trata-se de um pacto social e político, dotado de força jurídico-normativa.

As normas jurídicas são dotadas de hierarquia:

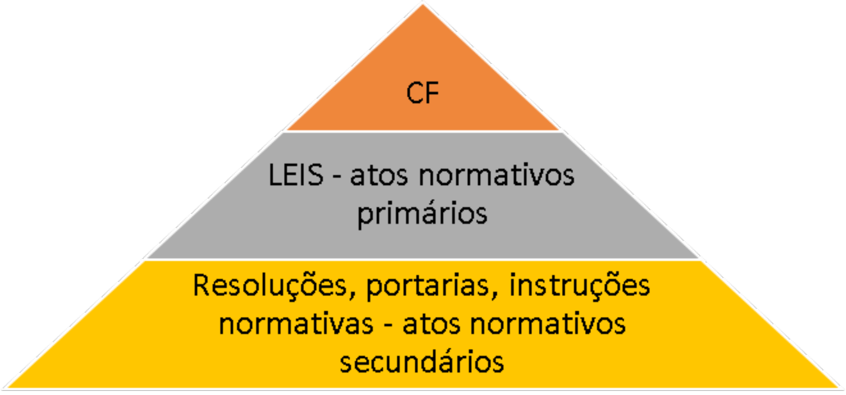
CF
LEIS - atos normativos primários
Resoluções, portarias, instruções normativas - atos normativos secundários

→ O que torna a CF a norma mais importante do Direito Brasileiro é o seu fundamento de validade = POVO! Os valores fundamentais de uma sociedade é que fundamentam a norma suprema.

→ Tem como fundamento material: a dignidade da pessoa humana.

Principais Fontes do Direito Constitucional

- a Constituição Federal;
- a Doutrina Constitucional;
- a Jurisprudência, em especial a do STF – que é o guardião da Constituição.

Princípios Fundamentais

Os princípios fundamentais, também chamados de estruturantes, estabelecem a forma, estrutura e os fundamentos do Estado Brasileiro, a divisão dos Poderes, os objetivos a serem seguidos pelo Estado e as diretrizes a serem adotadas nas relações internacionais.

Antes de se conhecer esses princípios, é importante conhecer essa figura chamada Estado.

Estado

Estado é uma sociedade política dotada de características próprias, elementos essenciais, que o diferenciam das demais sociedades. São elas:

→ **POVO**: o ELEMENTO HUMANO do Estado determina as pessoas que mantêm vínculo jurídico-político com o Estado, tornando-se parte dele – conceito jurídico-político.

- **População** – Conjunto de pessoas que se encontram em determinado território de um Estado – nacionais ou estrangeiros – conceito numérico.

---

[1] NOVELINO, Marcelo. **Curso de Direito Constitucional.** 11.ed. Salvador: Jus Podivm, 2016. p. 87.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

- Nação – conjunto de pessoas ligadas que formam uma comunidade unida por laços históricos e culturais – conceito sociológico.

→ **TERRITÓRIO:** ELEMENTO MATERIAL do Estado – Espaço sobre o qual o Estado exerce de modo efetivo e exclusivo o poder de império, sua supremacia sobre pessoas e bens. É um conceito JURÍDICO.

→ **SOBERANIA** ou Governo Soberano. ELEMENTO FORMAL do Estado: poder de autodeterminação plena, não condicionado a nenhum outro poder, externo ou interno. Supremacia na ordem interna e independência na ordem externa.

Princípios Fundamentais

→ A CF/88 em seus artigos 1° ao 4° apresenta os chamados Princípios Fundamentais. São eles:

1) Princípio Federativo;

2) Princípio Republicano;

3) Presidencialismo;

4) Princípio Democrático;

5) Princípio da Separação dos Poderes;

6) Fundamentos da República Federativa do Brasil;

7) Objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil;

8) Princípios que regem as relações internacionais do Brasil.

Princípio Federativo

→ Define a nossa ***FORMA DE ESTADO e está previsto no Art. 1º, caput, da CF:***

> *"**Art. 1º** A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos: (...)"*

→ **FORMA DE ESTADO:**

- Simples ou Unitário: o poder central é exercido sobre todo o território sem as limitações impostas por outra fonte do poder. Uma unidade de poder político interno, exercício centralizado.
- Composto ou complexo: formado por mais de um poder político (pluralidade de poderes políticos internos). Divide-se em: Federação e Confederação.

O BRASIL adota a forma de Estado Federativa –

→ **CONCEITO DE FEDERALISMO:**

É uma Aliança de Estados para a formação de um Estado único, em que as unidades federadas preservam autonomia política, enquanto a soberania é transferida para o Estado Federal.

A consolidação do modelo federativo no Brasil se deu com a Constituição Republicana de 1891.

→ **CARACTERÍSTICAS DO FEDERALISMO BRASILEIRO:**

1) Caráter indissolúvel do vínculo federativo: uma vez formalizado o Estado federal, não mais é permitido a qualquer dos entes que fazem parte da Federação separar-se dela, tendo em vista seu caráter permanente (não há direito de secessão).

2) Formalização por meio de uma constituição: o Estado federal é criado por uma Constituição, a denominada Constituição Federal, que estabelece e formaliza o pacto federativo.

3) Repartição de competências entre o poder central e os entes parciais: a Constituição Federal

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

estabelece as bases em que a mesma deve funcionar, inclusive fixando as competências materiais e legislativas de cada um dos entes que fazem parte do Estado Federal.

4) Soberania do Estado federal: o poder que confere ao Estado federal a independência na ordem externa, que lhe permite não se sujeitar, jurídica ou politicamente, a quaisquer imposições de Estados estrangeiros ou organismos internacionais.

5) Autonomia dos entes federativos: poder conferido, aos diversos entes federativos da Federação, que lhes permite graus variáveis de auto-organização, autogoverno, autoadministração e também de arrecadação de receitas próprias, nos termos e limites fixados pela Constituição federal.

6) Direito de participação das vontades parciais na vontade central: para que um Estado possa ser considerado efetivamente uma Federação, os entes parciais também devem ter o direito de participar da formação da vontade central, por meio de representantes no Parlamento.

7) Possibilidade de intervenção federal: o texto constitucional da Constituição Federal deve prever a possibilidade de a União agir, em nome dos demais entes federativos, não só para a garantia da indissolubilidade do vínculo federativo, como também para o respeito à repartição de competências.

8) Controle Jurisdicional de Constitucionalidade: por intermédio do Guardião da CF = STF (Tribunal Constitucional).

↓ Principais diferenças entre a Federação e a Confederação ↓

FEDERAÇÃO	CONFEDERAÇÃO
1. Estados federais autônomos.	1. Estados confederados soberanos.
2. Pacto federativo formalizado em Constituição.	2. Pacto confederativo em um tratado internacional.
3. Não existe direito de secessão.	3. Existe o direito de secessão.

Pacto Federativo – Indissolubilidade do Vínculo Federativo.

Princípio Federativo

→ É CLÁUSULA PÉTREA!

"§ 4º – Não será objeto de deliberação a proposta de emenda tendente a abolir:

I – a forma federativa de Estado;"

TIPOS DE FEDERALISMO ↓

Agregação X Desagregação

O federalismo por agregação: é caracterizado pela reunião de vários Estados para a formação de um novo Estado, um Estado Federal. Movimento Centrípeto.

O federalismo por desagregação, ao contrário, ocorre quando um Estado unitário se descentraliza. Movimento Centrífugo.

Dual X Cooperativo

O federalismo dual é caracterizado por uma rígida separação de competências entre o ente central (União) e os entes regionais (Estados-Membros).

No federalismo cooperativo não há uma separação rígida de competências entre os entes federados, justamente para promover aproximação, cooperação entre a União e os Estados-Membros.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Simétrico X Assimétrico

O federalismo simétrico é caracterizado pela igualdade formal, eis que os Estados-Membros são rigorosamente iguais em termos de representação no legislativo do Estado federal.

No federalismo assimétrico, por seu turno, há um certo balanceamento das diferenças naturalmente existentes, a partir de fatores socioeconômicos ou mesmo territoriais.

- **Federalismo de segundo grau:** de acordo com a doutrina, no Brasil existe uma TRÍPLICE estrutura do Estado Brasileiro (União, Estados e Municípios); contudo, quanto à auto-organização, os municípios devem obedecer a duas ordens constitucionais: a CF e as CEs, por isso a doutrina classifica como federalismo de segundo grau.

ATENÇÃO: a banca CESPE entende que o federalismo é de terceiro grau.

- O **federalismo de equilíbrio** busca estabelecer repartição equilibrada de competências entre os entes que compõem a Federação. A ideia é a manutenção da harmonia entre os entes, reforçando suas instituições.
- No **federalismo de integração** há uma predominância do Governo Central sobre os demais entes, com a imposição aos Estados-Membros do modelo adotado para o ente central. Nele, há uma tendência de estabelecer um Estado unitário descentralizado e não um verdadeiro Estado federal. Seria um federalismo apenas formal.
- **O federalismo orgânico:** o Estado é visto como organismo, com a presença marcante do Estado Federal sobre os entes.

EXERCÍCIOS

01. A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados, Municípios e Distrito Federal (DF), adota a federação como forma de Estado.

Certo ( ) Errado ( )

02. O federalismo no Brasil é caracterizado como federalismo por agregação, tendo surgido a partir da Proclamação da República e se consolidado por meio da Constituição de 1891.

Certo ( ) Errado ( )

03. De acordo com o princípio federativo, os interesses dos entes federados não podem ser sobrepostos aos interesses da Federação, visto que o federalismo é baseado na relação de hierarquia entre o poder central, representado pela União, e as entidades que formam a Federação, representadas pelos Estados e Municípios.

Certo ( ) Errado ( )

04. A Federação brasileira — formada, de acordo com o disposto na CF, pela união indissolúvel da União, dos Estados-Membros, do Distrito Federal e dos Municípios — é um federalismo do tipo assimétrico, em razão da falta de homogeneidade entre os entes federativos.

Certo ( ) Errado ( )

GABARITO

01 - C

02 - E

03 - E

04 - C

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

O MENINO MONTA PEÇAS COLORIDAS.

BÊADAPT

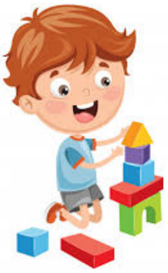	SUBSTANTIVOS	
	ADJETIVO	
	VERBO	

ELE TEM UMA BICICLETA VERMELHA.

BÊADAPT

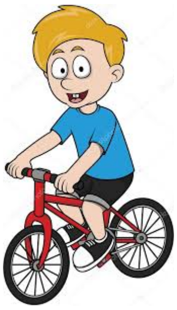	SUBSTANTIVO	
	ADJETIVO	
	VERBO	

ALICE COME MAÇÃ VERDE.

BÊADAPT

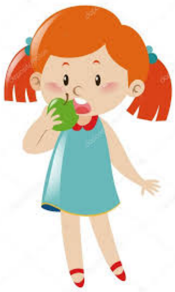	SUBSTANTIVOS	
	ADJETIVO	
	VERBO	

ELA VAI SUBIR NA ESCADA MARROM.

BÊADAPT

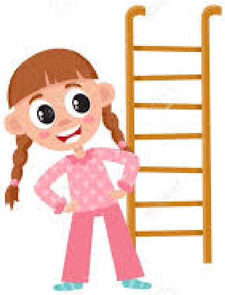	SUBSTANTIVO	
	ADJETIVO	
	VERBO	

O MENINO MONTA PEÇAS COLORIDAS.

BÊADAPT

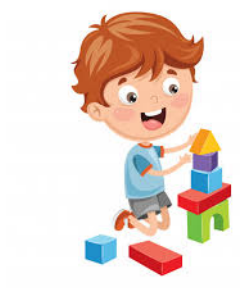

SUBSTANTIVOS	
ADJETIVO	
VERBO	

ELE TEM UMA BICICLETA VERMELHA.

BÊADAPT

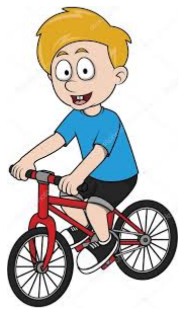

SUBSTANTIVO	
ADJETIVO	
VERBO	

ALICE COME MAÇÃ VERDE.

BÊADAPT

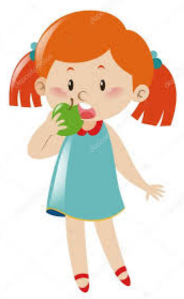

SUBSTANTIVOS	
ADJETIVO	
VERBO	

ELA VAI SUBIR NA ESCADA MARROM.

BÊADAPT

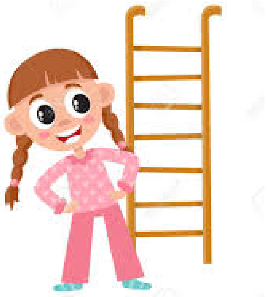

SUBSTANTIVO	
ADJETIVO	
VERBO	

Texto Dissertativo

Além de explicar um assunto, também deve persuadir o interlocutor com o objetivo de convencê-lo de algo.

Introdução

Parte que leva o leitor para dentro do texto → Mostra a atualidade e relevância do tema, colocando-o dentro de um contexto.

Estratégias:

- apresentação do tema;
- Definição da tese;
- Contexto histórico;
- Exemplos concretos;
- Flashes ou frases nominais;
- Dados estatísticos;
- Alusão cultural;
- Conceituação.

Desenvolvimento

É a defesa da tese, a parte mais importante da redação

Estratégia:

Parágrafo padrão:

Tópico frasal + Ampliação

Período que contém a síntese da ideia que vai ser desenvolvida no parágrafo.

- Explicação;
- Exemplificação;
- Argumento de autoridade;
- Causas e consequências;
- Raciocínio lógico

Conclusão

Parte em que as ideias apresentadas devem ser finalizadas.

- Evidencia o final do texto (conectivo conclusivo);
- Esclarece o ponto de vista;
- Ratifica a tese;
- Estabelece diálogo com a introdução.

Estratégias:

- Promove uma reflexão;
- **ENEM:** Proposta de intervenção + solução para o problema do tema.

C.Melo2020

Língua Portuguesa – começando do ZERO

Apostila 06 (Teoria)

Introdução à sintaxe – Sintaxe de oração

Antes de mais nada, é fundamental apreender o conceito de frase, oração e período.

1. **Frase**: é todo enunciado lingüístico capaz de estabelecer um processo de comunicação, ou seja, é todo enunciado que possui sentido completo.
Observe:

* Silêncio!
* Meu Deus, ajude-me!

→ Quanto ao sentido que expressam, as frases podem ser:

a) **Declarativas** ou **expositivas** (apresentam uma declaração, um juízo de valor):

* O governo mostra-se lento na resolução do problema da violência.

b) **Interrogativas** (apresentam uma indagação, uma pergunta, um questionamento):

* Por que ele não chegou ainda?

c) **Imperativas** (apresentam uma ordem, um mandamento, uma exortação):

Deixe o ambiente agora.

d) **Exclamativas** (apresenta uma admiração, uma repulsa, uma surpresa):

* Muito bem!

e) **Optativas** (apresentam um desejo, uma aspiração):

* Que Deus os protejam!

2. **Oração**: é toda estrutura lingüística centrada em um verbo ou uma locução verbal. Podemos afirmar ser toda estrutura que se biparte em sujeito e predicado, e, excepcionalmente, só em predicado, quando a declaração se encerra em si mesma sem referência particular a nenhum ser.

* ″Raspou, achou, ganhou!″ (Anúncio publicitário)

3. **Período**: é a frase formada por uma ou mais orações. Classifica-se, portanto, em:

a) **Simples**: formado por uma única oração, denominada de oração absoluta. Haverá, por isso, um único verbo ou uma única locução verbal.
- Haveremos de conseguir a aprovação no concurso.

b) **Composto**: formado por mais de uma oração. (A classificação deste período encontra-se no capítulo sintaxe de período).

*[Quando o homem chegou], [a polícia já havia levado o corpo].

1. TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

Gramaticalmente existem dois termos essenciais:

a) o sujeito;
b) o predicado.

Entretanto, perceberemos ao longo do nosso estudo que o termo essencial por excelência é o predicado, em virtude da possibilidade da existência de uma oração sem sujeito.

2. O SUJEITO

Sujeito é o termo que representa o ser a respeito de quem se diz alguma coisa, faz-se alguma declaração.

* Deslizavam montanha a baixo **as águas do desgelo**.

* Ainda devem chegar hoje pela manhã **as correspondências enviadas pelo amigo de Portugal**.

Não esqueça: O sujeito pode estar localizado em qualquer parte da estrutura oracional. O importante é perceber com quem o verbo está se relacionando e notar a que termo a declaração verbal se refere.

Classificação
Tipos de Sujeito

I – SUJEITO SIMPLES

Como já dissemos, é aquele em que apenas um núcleo aparece com a função de sujeito. Este núcleo pode ser exercido por um substantivo ou por qualquer palavra substantivada.
Observe os exemplos extraídos de provas de concursos:

* Os **terrenos** novos nos quais deve se aventurar o **jovem** de hoje são seu grande desafio. (Observe bem que as palavras em negrito funcionam como núcleos dos sujeitos dos seus respectivos verbos.

II – SUJEITO COMPOSTO

É aquele que apresenta mais de núcleo para o sujeito. Veja:

* No prato ainda constavam, após o almoço, um **bocado** de arroz e um **punhado** de farofa.

Observação: O sujeito dito composto apresenta-se, como já se disse, com mais de um núcleo. Não se trata de mais de um sujeito – é um único sujeito, que é formado com dois ou mais núcleos.

III — SUJEITO OCULTO / ELÍPTICO / DESINENCIAL

É aquele sujeito que não se encontra expresso na oração, mas que é facilmente subtendido pela desinência verbal.

* Precisamos comprar um novo carro. (Sujeito = nós)
* Hoje estou aqui para conversarmos um pouco sobre política monetária. (sujeitos = **eu** para o verbo "estar" e **nós** para o verbo conversar)

IV — SUJEITO INDETERMINADO

No bom jargão dos professores: a partir de agora a atenção precisa ser redobrada. Muitas bancas de concursos exploram o sujeito indeterminado em suas questões de concordância verbal.
O sujeito indeterminado aparece quando não se deseja ou não se consegue determinar, identificar o autor da ação verbal. Existem duas situações em que um sujeito pode ser ou aparecer indeterminado:

a) Com verbos na 3ª pessoa do plural, sem fazer referências a nenhum substantivo anteriormente ou posteriormente expresso, nem ao pronome pessoal do caso reto "eles".

Veja:

* **Imitaram** o professor de Português na última aula. (→ Perceba que não se sabe quem fez a ação de imitar).

* **Vão** telefonar para você hoje à tarde para tratar de um assunto do seu interesse. (→ Se não se pode determinar quem praticou a ação, logo o sujeito é indeterminado. O verbo auxiliar da locução verbal – ir + telefonar – encontra-se flexionado na 3ª pessoa do plural).

b) Com verbos intransitivos, transitivos indiretos ou de ligação acompanhados da partícula "se". Esta partícula funcionará como o "índice de indeterminação do sujeito". O mais importante é notar que neste caso o verbo, obrigatoriamente, permanecerá na 3ª pessoa do singular.

Exemplos:

* No Brasil, já não mais **se recorre a** confiscos para a obtenção de fluxo de caixa. (verbo transitivo indireto + se)

* Na apresentação dele, **desconfiava-se dos** acordos que ele propunha. (verbo transitivo indireto + se)

V – ORAÇÃO SEM SUJEITO

Em muitas estruturas oracionais, apenas o predicado encontra-se presente, uma vez que não se faz referências a nenhum tipo de ser que porventura pudesse praticar ou receber a ação verbal. Para tanto, empregam-se os verbos impessoais (usados na terceira pessoa do singular). São chamadas de orações sem sujeito.

Os principais casos de oração sem sujeito são:

1) com verbos que exprimem fenômenos da natureza como "chover, ventar, nevar, coriscar, trovejar, relampejar, chuviscar etc":

* Ventou muito ontem naquela pequena cidade do interior.
* Neva nas Serras Gaúchas durante os meses de inverno.

2) com o verbo HAVER no sentido de "existir, ocorrer, realizar-se, acontecer":

→ Cuidado aqui: os concursos costumam explorar bastante esta regra.

*Sempre **haverá** pessoas honesta no mundo. (oração sem sujeito)

3) com os verbos "estar, fazer, haver" usados com referência a tempo:

* Já **faz** três anos que do Norte saímos.
* **Havia** dez anos que o Governo Federal prometera a construção de uma nova ponte.
***Vai** para uns dois meses que ele iniciou o tratamento e, até agora, nenhum resultado adveio.
***Estava** muito tarde para o grupo deixar o local.

d) com o verbo "ser" na indicação de tempo (horas, datas):

* **São** duas horas e trinta minutos.
* Hoje **é** dia 11 de setembro.
* **É** meia-noite e meia.
* **Foi** sábado que tudo isso aconteceu.

O PREDICADO

Como o verbo em geral pertence ao predicado, antes de começar o estudo propriamente desse termo, convém analisar um dos tópicos fundamentais em sintaxe: a transitividade ou a predicação verbal.

PREDICAÇÃO VERBAL

Transitar significa literalmente passar adiante, ir e vir, deslocar-se. Para a Gramática Normativa, o "passar adiante" significa a necessidade de um verbo ou de um nome exigir um complemento, uma complementação. Aqui nos deteremos na análise e classificação dos verbos quanto à necessidade ou não de algum complemento. Se o verbo não necessita de complemento, diz-se que ele é de predicação completa, caso contrário será classificado como de predicação incompleta.

Quanto à predicação, os verbos classificam-se em: intransitivos, transitivos e de ligação. Os verbos transitivos se dividem em: diretos, indiretos e diretos e indiretos.

I – **VERBOS INTRANSITIVOS**: São todos os verbos que, sozinhos, são capazes de transmitir a noção predicativa. Em outras palavras, são verbos que dispensam uma complementação.
Exemplos:

* No último encontro, **ocorreram** fatos dignos de notícia. (O termo "fatos dignos de notícia é o sujeito).
* A chuva **estiou** na região sul.

II — VERBOS TRANSITIVOS: São aqueles que precisam de um termo que os complemente para que o sentido se perfaça, para que a compreensão da estrutura seja possível. Dividem-se em:

a) **Transitivos diretos**: são os verbos que exigem termo complementar sem a obrigatoriedade de uma preposição necessária, ou seja, pedem um complemento desprovido de preposição. O complemento desses verbos denomina-se "objeto direto".
Exemplos:

* Nunca mais ele **angariou** fundos para aquela ONG. ("fundos" é o objeto direto)
* Muitas lojas do centro da cidade vão **baratear** os preços neste final de semana. (Observe que o verbo "baratear" está como verbo principal em uma locução verbal.)

b) **Transitivos indiretos**: são os verbos que exigem termo complementar regido (introduzido) por uma preposição necessária, obrigatória. O complemento desses verbos é denominado de "objeto indireto".
Exemplos:

* Eles **dependem** agora da sorte para que o produto de que **precisam** chegue a tempo.

VTI OI OI VTI
*Durante muito tempo aquele povo **guerreou** contra os costumes do Ocidente.
VTI OI

c) **Transitivos diretos e indiretos**: são verbos que exigem dois tipos de complemento: um sem a preposição e outro com o auxílio de uma preposição. São denominados também de “biobjetivos” ou “bitransitivos”.
Exemplos:

***Ensinaram**-lhe todos os preceitos de nossos antepassados?
VTDI OI OD
*O diretor **atribuiu** o insucesso do grupo à inércia de alguns integrantes.
VTDI OD OI

d) **Verbos de ligação**: denominados também de “verbos copulativos” ou “verbos de relação”, são aqueles que, desprovidos de significação, servem como “ponte” entre o sujeito e uma determinada qualidade, denominada de “predicativo”. Geralmente funcionam como “de ligação” os verbos “ser, estar, ficar, parecer, continuar e permanecer.” Outros podem funcionar como verbos de ligação desde que apareçam como elos entre um sujeito e uma qualidade.
Exemplos:

*Eles **estavam** extremamente atrasados para a festa.
VL pred. sujeito

*O Governo Federal **deve estar** atento às necessidades da população. (Loc. verbal na função de ligação)
VL pred. sujeito

O predicativo

Antes de se estudar a classificação do predicado, é de fundamental importância identificar o predicativo, quando existente, dentro da estrutura oracional.
Ele representa um dos termos mais interessantes dessa estrutura. Aparece com muita freqüência em construções que possuem elementos qualificadores.

O predicativo é a palavra (ou locução) que constitui o núcleo nominal de um predicado. Classifica-se em: predicativo do sujeito e predicativo do objeto.

I – O predicativo do sujeito: é o termo que transmite para o sujeito um estado, um atributo, um modo de ser por meio de um verbo de ligação explícito ou implícito. Veja os exemplos abaixo:

* O aluno **parecia** bastante **atento** à explicação do professor. (adjetivo como núcleo do predicativo)
VL PS

II – **O predicativo do objeto**: como o próprio nome já o diz, este termo se refere ao objeto por meio de um verbo de ligação implícito.

* Os alunos **tinham** **o professor de matemática** **por um sábio** (ou “como um sábio”).
VTD OD PO

Classificação do predicado

Predicado – é o termo que expressa a declaração que se faz sobre o sujeito quando a oração é composta pelos dois termos. Se não há sujeito, o predicado representa uma declaração qualquer que se faz.

Exemplos:

* Muitos cidadãos **lutam contra a miséria em nosso país.**
Predicado

***Havia muitos rebelados nos presídios cariocas**.
Predicado

→ De acordo com a estrutura, o predicado pode ser: verbal, nominal ou verbo-nominal.

1. **Predicado verbal**: é aquele cujo núcleo é representado por um verbo significativo (intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto ou transitivo direto e indireto) e não há a presença de um predicativo:
Exemplos:

* Alguns **deixaram** a sala mais cedo em virtude do calor. (verbo transitivo direto)
Predicado verbal

*Os dois filhos de Maria **comeram** bastante no almoço. (verbo intransitivo)
predicado verbal

2. **Predicado nominal**: é aquele em que aparece um "verbo de ligação" mais um "predicativo do sujeito". O núcleo deste tipo de predicado está centrado num nome, o predicativo do sujeito.
Exemplos:

*Todos **ficaram** imóveis diante daquela cena.
VL pred suj

*Jogadas aos pés dele **estavam** todas as cartas recebidas nos últimos seis meses.
Pred suj VL

3. **Predicado verbo-nominal (ou misto)**: é aquele que possui dois núcleos – um verbo significativo (intransitivo ou transitivo) e um nome (predicativo do sujeito ou do objeto).
Exemplos:

*Os representantes da ONU, **exaustos**, **deixaram** o salão principal. (Núcleos: um predicativo e um verbo)
PS VTD

***Encontrei** bem **fechadas** a porta do quarto e as janelas da sala.
VTD PO

Língua Portuguesa – começando do ZERO

Apostila 06 (Teoria)

Introdução à sintaxe – Sintaxe de oração

Antes de mais nada, é fundamental apreender o conceito de frase, oração e período.

1. **Frase**: é todo enunciado lingüístico capaz de estabelecer um processo de comunicação, ou seja, é todo enunciado que possui sentido completo.
Observe:

* Silêncio!
* Meu Deus, ajude-me!

→ Quanto ao sentido que expressam, as frases podem ser:

a) **Declarativas** ou **expositivas** (apresentam uma declaração, um juízo de valor):

* O governo mostra-se lento na resolução do problema da violência.

b) **Interrogativas** (apresentam uma indagação, uma pergunta, um questionamento):

* Por que ele não chegou ainda?

c) **Imperativas** (apresentam uma ordem, um mandamento, uma exortação):

Deixe o ambiente agora.

d) **Exclamativas** (apresenta uma admiração, uma repulsa, uma surpresa):

* Muito bem!

e) **Optativas** (apresentam um desejo, uma aspiração):

* Que Deus os protejam!

2. **Oração**: é toda estrutura lingüística centrada em um verbo ou uma locução verbal. Podemos afirmar ser toda estrutura que se biparte em sujeito e predicado, e, excepcionalmente, só em predicado, quando a declaração se encerra em si mesma sem referência particular a nenhum ser.

* ″Raspou, achou, ganhou!″ (Anúncio publicitário)

3. **Período**: é a frase formada por uma ou mais orações. Classifica-se, portanto, em:

a) **Simples**: formado por uma única oração, denominada de oração absoluta. Haverá, por isso, um único verbo ou uma única locução verbal.

- Haveremos de conseguir a aprovação no concurso.

b) **Composto**: formado por mais de uma oração. (A classificação deste período encontra-se no capítulo sintaxe de período).

*[Quando o homem chegou], [a polícia já havia levado o corpo].

1. TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

Gramaticalmente existem dois termos essenciais:

a) o sujeito;
b) o predicado.

Entretanto, perceberemos ao longo do nosso estudo que o termo essencial por excelência é o predicado, em virtude da possibilidade da existência de uma oração sem sujeito.

2. O SUJEITO

Sujeito é o termo que representa o ser a respeito de quem se diz alguma coisa, faz-se alguma declaração.

* Deslizavam montanha a baixo **as águas do desgelo**.

* Ainda devem chegar hoje pela manhã **as correspondências enviadas pelo amigo de Portugal**.

Não esqueça: O sujeito pode estar localizado em qualquer parte da estrutura oracional. O importante é perceber com quem o verbo está se relacionando e notar a que termo a declaração verbal se refere.

Classificação
Tipos de Sujeito

I – SUJEITO SIMPLES

Como já dissemos, é aquele em que apenas um núcleo aparece com a função de sujeito. Este núcleo pode ser exercido por um substantivo ou por qualquer palavra substantivada.
Observe os exemplos extraídos de provas de concursos:

* Os **terrenos** novos nos quais deve se aventurar o **jovem** de hoje são seu grande desafio. (Observe bem que as palavras em negrito funcionam como núcleos dos sujeitos dos seus respectivos verbos.

II – SUJEITO COMPOSTO

É aquele que apresenta mais de núcleo para o sujeito. Veja:

* No prato ainda constavam, após o almoço, um **bocado** de arroz e um **punhado** de farofa.

Observação: O sujeito dito composto apresenta-se, como já se disse, com mais de um núcleo. Não se trata de mais de um sujeito – é um único sujeito, que é formado com dois ou mais núcleos.

III — SUJEITO OCULTO / ELÍPTICO / DESINENCIAL

É aquele sujeito que não se encontra expresso na oração, mas que é facilmente subtendido pela desinência verbal.

* Precisamos comprar um novo carro. (Sujeito = nós)
* Hoje estou aqui para conversarmos um pouco sobre política monetária. (sujeitos = **eu** para o verbo "estar" e **nós** para o verbo conversar)

IV — SUJEITO INDETERMINADO

No bom jargão dos professores: a partir de agora a atenção precisa ser redobrada. Muitas bancas de concursos exploram o sujeito indeterminado em suas questões de concordância verbal.
O sujeito indeterminado aparece quando não se deseja ou não se consegue determinar, identificar o autor da ação verbal. Existem duas situações em que um sujeito pode ser ou aparecer indeterminado:

a) Com verbos na 3ª pessoa do plural, sem fazer referências a nenhum substantivo anteriormente ou posteriormente expresso, nem ao pronome pessoal do caso reto "eles".

Veja:

* **Imitaram** o professor de Português na última aula. (→ Perceba que não se sabe quem fez a ação de imitar).

* **Vão** telefonar para você hoje à tarde para tratar de um assunto do seu interesse. (→ Se não se pode determinar quem praticou a ação, logo o sujeito é indeterminado. O verbo auxiliar da locução verbal – ir + telefonar – encontra-se flexionado na 3ª pessoa do plural).

b) Com verbos intransitivos, transitivos indiretos ou de ligação acompanhados da partícula "se". Esta partícula funcionará como o "índice de indeterminação do sujeito". O mais importante é notar que neste caso o verbo, obrigatoriamente, permanecerá na 3ª pessoa do singular.

Exemplos:

* No Brasil, já não mais **se recorre a** confiscos para a obtenção de fluxo de caixa. (verbo transitivo indireto + se)

* Na apresentação dele, **desconfiava-se dos** acordos que ele propunha. (verbo transitivo indireto + se)

V – ORAÇÃO SEM SUJEITO

Em muitas estruturas oracionais, apenas o predicado encontra-se presente, uma vez que não se faz referências a nenhum tipo de ser que porventura pudesse praticar ou receber a ação verbal. Para tanto, empregam-se os verbos impessoais (usados na terceira pessoa do singular). São chamadas de orações sem sujeito.

Os principais casos de oração sem sujeito são:

1) com verbos que exprimem fenômenos da natureza como "chover, ventar, nevar, coriscar, trovejar, relampejar, chuviscar etc":

* Ventou muito ontem naquela pequena cidade do interior.
* Neva nas Serras Gaúchas durante os meses de inverno.

2) com o verbo HAVER no sentido de "existir, ocorrer, realizar-se, acontecer":

→ Cuidado aqui: os concursos costumam explorar bastante esta regra.

*Sempre **haverá** pessoas honesta no mundo. (oração sem sujeito)

3) com os verbos “estar, fazer, haver” usados com referência a tempo:

* Já **faz** três anos que do Norte saímos.
* **Havia** dez anos que o Governo Federal prometera a construção de uma nova ponte.
***Vai** para uns dois meses que ele iniciou o tratamento e, até agora, nenhum resultado adveio.
***Estava** muito tarde para o grupo deixar o local.

d) com o verbo “ser” na indicação de tempo (horas, datas):

* **São** duas horas e trinta minutos.
* Hoje **é** dia 11 de setembro.
* **É** meia-noite e meia.
* **Foi** sábado que tudo isso aconteceu.

O PREDICADO

Como o verbo em geral pertence ao predicado, antes de começar o estudo propriamente desse termo, convém analisar um dos tópicos fundamentais em sintaxe: a transitividade ou a predicação verbal.

PREDICAÇÃO VERBAL

Transitar significa literalmente passar adiante, ir e vir, deslocar-se. Para a Gramática Normativa, o “passar adiante” significa a necessidade de um verbo ou de um nome exigir um complemento, uma complementação. Aqui nos deteremos na análise e classificação dos verbos quanto à necessidade ou não de algum complemento. Se o verbo não necessita de complemento, diz-se que ele é de predicação completa, caso contrário será classificado como de predicação incompleta.

Quanto à predicação, os verbos classificam-se em: intransitivos, transitivos e de ligação. Os verbos transitivos se dividem em: diretos, indiretos e diretos e indiretos.

I – **VERBOS INTRANSITIVOS**: São todos os verbos que, sozinhos, são capazes de transmitir a noção predicativa. Em outras palavras, são verbos que dispensam uma complementação.
Exemplos:

* No último encontro, **ocorreram** fatos dignos de notícia. (O termo “fatos dignos de notícia é o sujeito).
* A chuva **estiou** na região sul.

II — VERBOS TRANSITIVOS: São aqueles que precisam de um termo que os complemente para que o sentido se perfaça, para que a compreensão da estrutura seja possível. Dividem-se em:

a) **Transitivos diretos**: são os verbos que exigem termo complementar sem a obrigatoriedade de uma preposição necessária, ou seja, pedem um complemento desprovido de preposição. O complemento desses verbos denomina-se “objeto direto”.
Exemplos:

* Nunca mais ele **angariou** fundos para aquela ONG. (“fundos” é o objeto direto)
* Muitas lojas do centro da cidade vão **baratear** os preços neste final de semana. (Observe que o verbo “baratear” está como verbo principal em uma locução verbal.)

b) **Transitivos indiretos**: são os verbos que exigem termo complementar regido (introduzido) por uma preposição necessária, obrigatória. O complemento desses verbos é denominado de “objeto indireto”.
Exemplos:

* Eles **dependem** agora da sorte para que o produto de que **precisam** chegue a tempo.

VTI OI OI VTI

*Durante muito tempo aquele povo **guerreou** contra os costumes do Ocidente.
VTI OI

c) **Transitivos diretos e indiretos**: são verbos que exigem dois tipos de complemento: um sem a preposição e outro com o auxílio de uma preposição. São denominados também de “biobjetivos” ou “bitransitivos”.
Exemplos:

***Ensinaram**-lhe todos os preceitos de nossos antepassados?
VTDI OI OD

*O diretor **atribuiu** o insucesso do grupo à inércia de alguns integrantes.
VTDI OD OI

d) **Verbos de ligação**: denominados também de “verbos copulativos” ou “verbos de relação”, são aqueles que, desprovidos de significação, servem como “ponte” entre o sujeito e uma determinada qualidade, denominada de “predicativo”. Geralmente funcionam como “de ligação” os verbos “ser, estar, ficar, parecer, continuar e permanecer.” Outros podem funcionar como verbos de ligação desde que apareçam como elos entre um sujeito e uma qualidade.
Exemplos:

*Eles **estavam** extremamente atrasados para a festa.
VL pred. sujeito

*O Governo Federal **deve estar** atento às necessidades da população. (Loc. verbal na função de ligação)
VL pred. sujeito

O predicativo

Antes de se estudar a classificação do predicado, é de fundamental importância identificar o predicativo, quando existente, dentro da estrutura oracional.

Ele representa um dos termos mais interessantes dessa estrutura. Aparece com muita freqüência em construções que possuem elementos qualificadores.

O predicativo é a palavra (ou locução) que constitui o núcleo nominal de um predicado. Classifica-se em: predicativo do sujeito e predicativo do objeto.

I – O predicativo do sujeito: é o termo que transmite para o sujeito um estado, um atributo, um modo de ser por meio de um verbo de ligação explícito ou implícito. Veja os exemplos abaixo:

* O aluno **parecia** bastante **atento** à explicação do professor. (adjetivo como núcleo do predicativo)
VL PS

II – **O predicativo do objeto**: como o próprio nome já o diz, este termo se refere ao objeto por meio de um verbo de ligação implícito.

* Os alunos **tinham** **o professor de matemática** **por um sábio** (ou “como um sábio”).
VTD OD PO

Classificação do predicado

Predicado – é o termo que expressa a declaração que se faz sobre o sujeito quando a oração é composta pelos dois termos. Se não há sujeito, o predicado representa uma declaração qualquer que se faz.

Exemplos:

* Muitos cidadãos **lutam contra a miséria em nosso país.**
Predicado

***Havia muitos rebelados nos presídios cariocas**.
Predicado

→ De acordo com a estrutura, o predicado pode ser: verbal, nominal ou verbo-nominal.

1. **Predicado verbal**: é aquele cujo núcleo é representado por um verbo significativo (intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto ou transitivo direto e indireto) e não há a presença de um predicativo:
Exemplos:

* Alguns **deixaram** a sala mais cedo em virtude do calor. (verbo transitivo direto)
Predicado verbal

*Os dois filhos de Maria **comeram** bastante no almoço. (verbo intransitivo)
predicado verbal

2. **Predicado nominal**: é aquele em que aparece um “verbo de ligação” mais um “predicativo do sujeito”. O núcleo deste tipo de predicado está centrado num nome, o predicativo do sujeito.
Exemplos:

*Todos **ficaram** imóveis diante daquela cena.
VL pred suj

*Jogadas aos pés dele **estavam** todas as cartas recebidas nos últimos seis meses.
Pred suj VL

3. **Predicado verbo-nominal (ou misto)**: é aquele que possui dois núcleos – um verbo significativo (intransitivo ou transitivo) e um nome (predicativo do sujeito ou do objeto).
Exemplos:

*Os representantes da ONU, **exaustos**, **deixaram** o salão principal. (Núcleos: um predicativo e um verbo)
PS VTD

***Encontrei** bem **fechadas** a porta do quarto e as janelas da sala.
VTD PO

Língua Portuguesa – começando do ZERO

Apostila 06 (Teoria)

Introdução à sintaxe – Sintaxe de oração

Antes de mais nada, é fundamental apreender o conceito de frase, oração e período.

1. **Frase**: é todo enunciado lingüístico capaz de estabelecer um processo de comunicação, ou seja, é todo enunciado que possui sentido completo.
Observe:

* Silêncio!
* Meu Deus, ajude-me!

→ Quanto ao sentido que expressam, as frases podem ser:

a) **Declarativas** ou **expositivas** (apresentam uma declaração, um juízo de valor):

* O governo mostra-se lento na resolução do problema da violência.

b) **Interrogativas** (apresentam uma indagação, uma pergunta, um questionamento):

* Por que ele não chegou ainda?

c) **Imperativas** (apresentam uma ordem, um mandamento, uma exortação):

Deixe o ambiente agora.

d) **Exclamativas** (apresenta uma admiração, uma repulsa, uma surpresa):

* Muito bem!

e) **Optativas** (apresentam um desejo, uma aspiração):

* Que Deus os protejam!

2. **Oração**: é toda estrutura lingüística centrada em um verbo ou uma locução verbal. Podemos afirmar ser toda estrutura que se biparte em sujeito e predicado, e, excepcionalmente, só em predicado, quando a declaração se encerra em si mesma sem referência particular a nenhum ser.

* ″Raspou, achou, ganhou!″ (Anúncio publicitário)

3. **Período**: é a frase formada por uma ou mais orações. Classifica-se, portanto, em:

a) **Simples**: formado por uma única oração, denominada de oração absoluta. Haverá, por isso, um único verbo ou uma única locução verbal.

- Haveremos de conseguir a aprovação no concurso.

b) **Composto**: formado por mais de uma oração. (A classificação deste período encontra-se no capítulo sintaxe de período).

*[Quando o homem chegou], [a polícia já havia levado o corpo].

1. TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

Gramaticalmente existem dois termos essenciais:

a) o sujeito;
b) o predicado.

Entretanto, perceberemos ao longo do nosso estudo que o termo essencial por excelência é o predicado, em virtude da possibilidade da existência de uma oração sem sujeito.

2. O SUJEITO

Sujeito é o termo que representa o ser a respeito de quem se diz alguma coisa, faz-se alguma declaração.

* Deslizavam montanha a baixo **as águas do desgelo**.

* Ainda devem chegar hoje pela manhã **as correspondências enviadas pelo amigo de Portugal**.

Não esqueça: O sujeito pode estar localizado em qualquer parte da estrutura oracional. O importante é perceber com quem o verbo está se relacionando e notar a que termo a declaração verbal se refere.

Classificação
Tipos de Sujeito

I – SUJEITO SIMPLES

Como já dissemos, é aquele em que apenas um núcleo aparece com a função de sujeito. Este núcleo pode ser exercido por um substantivo ou por qualquer palavra substantivada.
Observe os exemplos extraídos de provas de concursos:

* Os **terrenos** novos nos quais deve se aventurar o **jovem** de hoje são seu grande desafio. (Observe bem que as palavras em negrito funcionam como núcleos dos sujeitos dos seus respectivos verbos.

II – SUJEITO COMPOSTO

É aquele que apresenta mais de núcleo para o sujeito. Veja:

* No prato ainda constavam, após o almoço, um **bocado** de arroz e um **punhado** de farofa.

Observação: O sujeito dito composto apresenta-se, como já se disse, com mais de um núcleo. Não se trata de mais de um sujeito – é um único sujeito, que é formado com dois ou mais núcleos.

III — SUJEITO OCULTO / ELÍPTICO / DESINENCIAL

É aquele sujeito que não se encontra expresso na oração, mas que é facilmente subtendido pela desinência verbal.

* Precisamos comprar um novo carro. (Sujeito = nós)
* Hoje estou aqui para conversarmos um pouco sobre política monetária. (sujeitos = **eu** para o verbo “estar” e **nós** para o verbo conversar)

IV — SUJEITO INDETERMINADO

No bom jargão dos professores: a partir de agora a atenção precisa ser redobrada. Muitas bancas de concursos exploram o sujeito indeterminado em suas questões de concordância verbal.
O sujeito indeterminado aparece quando não se deseja ou não se consegue determinar, identificar o autor da ação verbal. Existem duas situações em que um sujeito pode ser ou aparecer indeterminado:

a) Com verbos na 3ª pessoa do plural, sem fazer referências a nenhum substantivo anteriormente ou posteriormente expresso, nem ao pronome pessoal do caso reto “eles”.

Veja:

* **Imitaram** o professor de Português na última aula. (→ Perceba que não se sabe quem fez a ação de imitar).

* **Vão** telefonar para você hoje à tarde para tratar de um assunto do seu interesse. (→ Se não se pode determinar quem praticou a ação, logo o sujeito é indeterminado. O verbo auxiliar da locução verbal – ir + telefonar – encontra-se flexionado na 3ª pessoa do plural).

b) Com verbos intransitivos, transitivos indiretos ou de ligação acompanhados da partícula “se”. Esta partícula funcionará como o “índice de indeterminação do sujeito”. O mais importante é notar que neste caso o verbo, obrigatoriamente, permanecerá na 3ª pessoa do singular.

Exemplos:

* No Brasil, já não mais **se recorre a** confiscos para a obtenção de fluxo de caixa. (verbo transitivo indireto + se)

* Na apresentação dele, **desconfiava-se dos** acordos que ele propunha. (verbo transitivo indireto + se)

V – ORAÇÃO SEM SUJEITO

Em muitas estruturas oracionais, apenas o predicado encontra-se presente, uma vez que não se faz referências a nenhum tipo de ser que porventura pudesse praticar ou receber a ação verbal. Para tanto, empregam-se os verbos impessoais (usados na terceira pessoa do singular). São chamadas de orações sem sujeito.

Os principais casos de oração sem sujeito são:

1) com verbos que exprimem fenômenos da natureza como “chover, ventar, nevar, coriscar, trovejar, relampejar, chuviscar etc”:

* Ventou muito ontem naquela pequena cidade do interior.
* Neva nas Serras Gaúchas durante os meses de inverno.

2) com o verbo HAVER no sentido de “existir, ocorrer, realizar-se, acontecer”:

→ Cuidado aqui: os concursos costumam explorar bastante esta regra.

*Sempre **haverá** pessoas honesta no mundo. (oração sem sujeito)

3) com os verbos “estar, fazer, haver” usados com referência a tempo:

* Já **faz** três anos que do Norte saímos.
* **Havia** dez anos que o Governo Federal prometera a construção de uma nova ponte.
***Vai** para uns dois meses que ele iniciou o tratamento e, até agora, nenhum resultado adveio.
***Estava** muito tarde para o grupo deixar o local.

d) com o verbo “ser” na indicação de tempo (horas, datas):

* **São** duas horas e trinta minutos.
* Hoje **é** dia 11 de setembro.
* **É** meia-noite e meia.
* **Foi** sábado que tudo isso aconteceu.

O PREDICADO

Como o verbo em geral pertence ao predicado, antes de começar o estudo propriamente desse termo, convém analisar um dos tópicos fundamentais em sintaxe: a transitividade ou a predicação verbal.

PREDICAÇÃO VERBAL

Transitar significa literalmente passar adiante, ir e vir, deslocar-se. Para a Gramática Normativa, o “passar adiante” significa a necessidade de um verbo ou de um nome exigir um complemento, uma complementação. Aqui nos deteremos na análise e classificação dos verbos quanto à necessidade ou não de algum complemento. Se o verbo não necessita de complemento, diz-se que ele é de predicação completa, caso contrário será classificado como de predicação incompleta.

Quanto à predicação, os verbos classificam-se em: intransitivos, transitivos e de ligação. Os verbos transitivos se dividem em: diretos, indiretos e diretos e indiretos.

I – **VERBOS INTRANSITIVOS**: São todos os verbos que, sozinhos, são capazes de transmitir a noção predicativa. Em outras palavras, são verbos que dispensam uma complementação.
Exemplos:

* No último encontro, **ocorreram** fatos dignos de notícia. (O termo “fatos dignos de notícia é o sujeito).
* A chuva **estiou** na região sul.

II — VERBOS TRANSITIVOS: São aqueles que precisam de um termo que os complemente para que o sentido se perfaça, para que a compreensão da estrutura seja possível. Dividem-se em:

a) **Transitivos diretos**: são os verbos que exigem termo complementar sem a obrigatoriedade de uma preposição necessária, ou seja, pedem um complemento desprovido de preposição. O complemento desses verbos denomina-se “objeto direto”.
Exemplos:

* Nunca mais ele **angariou** fundos para aquela ONG. (“fundos” é o objeto direto)
* Muitas lojas do centro da cidade vão **baratear** os preços neste final de semana. (Observe que o verbo “baratear” está como verbo principal em uma locução verbal.)

b) **Transitivos indiretos**: são os verbos que exigem termo complementar regido (introduzido) por uma preposição necessária, obrigatória. O complemento desses verbos é denominado de “objeto indireto”.
Exemplos:

* Eles **dependem** agora da sorte para que o produto de que **precisam** chegue a tempo.

VTI OI OI VTI
*Durante muito tempo aquele povo **guerreou** contra os costumes do Ocidente.
VTI OI

c) **Transitivos diretos e indiretos**: são verbos que exigem dois tipos de complemento: um sem a preposição e outro com o auxílio de uma preposição. São denominados também de “biobjetivos” ou “bitransitivos”.
Exemplos:

***Ensinaram**-lhe todos os preceitos de nossos antepassados?
VTDI OI OD
*O diretor **atribuiu** o insucesso do grupo à inércia de alguns integrantes.
VTDI OD OI

d) **Verbos de ligação**: denominados também de “verbos copulativos” ou “verbos de relação”, são aqueles que, desprovidos de significação, servem como “ponte” entre o sujeito e uma determinada qualidade, denominada de “predicativo”. Geralmente funcionam como “de ligação” os verbos “ser, estar, ficar, parecer, continuar e permanecer.” Outros podem funcionar como verbos de ligação desde que apareçam como elos entre um sujeito e uma qualidade.
Exemplos:

*Eles **estavam** extremamente atrasados para a festa.
VL pred. sujeito

*O Governo Federal **deve estar** atento às necessidades da população. (Loc. verbal na função de ligação)
VL pred. sujeito

O predicativo

Antes de se estudar a classificação do predicado, é de fundamental importância identificar o predicativo, quando existente, dentro da estrutura oracional.
Ele representa um dos termos mais interessantes dessa estrutura. Aparece com muita freqüência em construções que possuem elementos qualificadores.

O predicativo é a palavra (ou locução) que constitui o núcleo nominal de um predicado. Classifica-se em: predicativo do sujeito e predicativo do objeto.

I – O predicativo do sujeito: é o termo que transmite para o sujeito um estado, um atributo, um modo de ser por meio de um verbo de ligação explícito ou implícito. Veja os exemplos abaixo:

* O aluno **parecia** bastante **atento** à explicação do professor. (adjetivo como núcleo do predicativo)
VL PS

II – **O predicativo do objeto**: como o próprio nome já o diz, este termo se refere ao objeto por meio de um verbo de ligação implícito.

* Os alunos **tinham** **o professor de matemática** **por um sábio** (ou “como um sábio”).
VTD OD PO

Classificação do predicado

Predicado – é o termo que expressa a declaração que se faz sobre o sujeito quando a oração é composta pelos dois termos. Se não há sujeito, o predicado representa uma declaração qualquer que se faz.

Exemplos:

* Muitos cidadãos **lutam contra a miséria em nosso país.**
Predicado

***Havia muitos rebelados nos presídios cariocas**.
Predicado

→ De acordo com a estrutura, o predicado pode ser: verbal, nominal ou verbo-nominal.

1. **Predicado verbal**: é aquele cujo núcleo é representado por um verbo significativo (intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto ou transitivo direto e indireto) e não há a presença de um predicativo:
Exemplos:

* Alguns **deixaram** a sala mais cedo em virtude do calor. (verbo transitivo direto)
Predicado verbal

*Os dois filhos de Maria **comeram** bastante no almoço. (verbo intransitivo)
predicado verbal

2. **Predicado nominal**: é aquele em que aparece um "verbo de ligação" mais um "predicativo do sujeito". O núcleo deste tipo de predicado está centrado num nome, o predicativo do sujeito.
Exemplos:

*Todos **ficaram** imóveis diante daquela cena.
VL pred suj

*Jogadas aos pés dele **estavam** todas as cartas recebidas nos últimos seis meses.
Pred suj VL

3. **Predicado verbo-nominal (ou misto)**: é aquele que possui dois núcleos – um verbo significativo (intransitivo ou transitivo) e um nome (predicativo do sujeito ou do objeto).
Exemplos:

*Os representantes da ONU, **exaustos**, **deixaram** o salão principal. (Núcleos: um predicativo e um verbo)
PS VTD

***Encontrei** bem **fechadas** a porta do quarto e as janelas da sala.
VTD PO

Claudenice Melo

Professora de Língua Portuguesa

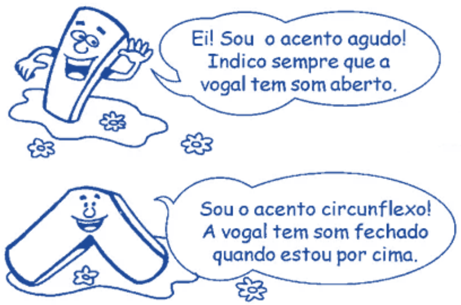
Ei! Sou o acento agudo! Indico sempre que a vogal tem som aberto.
Sou o acento circunflexo! A vogal tem som fechado quando estou por cima.

Acentuação

Monossílabas Tônicas

⇨ Terminados em A(S), E(S), O(S): já, chá, pé, três, nós, pó.

⇨ Terminados em ditongos abertos EI(S), OI(S), EU(S): réis, dói, céu.

Oxítonas

⇨Terminadas em A(S), E(S), O(S): Amapá, café, jiló.

⇨Terminadas em EM, ENS: alguém, parabéns.

⇨Terminadas em ditongos abertos EI(S), OI(S), EU(S): anéis, corrói, chapéu.

Paroxítonas

⇨Terminadas em R, X, I(S), N, L, Ã(S), ÃO(S), U(S), UM, UNS, PS: revólver, fênix, táxi(s), hífen, fácil, ímã, órfão, vírus, médium, bíceps.

⇨Terminadas em ditongos crescentes: EA(S), OA(S), EO(S), UA(S), IA(S), UE(S), IE(S), UO(S), IO(S): várzea, mágoa, óleo, régua, férias, tênue, cárie, ingênuo, início.

Atenção!

⇨Não se acentuam as paroxítonas terminadas em ditongos abertos EI(S), OI(S), EU(S).

⇨As paroxítonas terminadas em N são acentuadas, exceto se forem seguidas de S: hífen, hifens.

Proparoxítonas

⇨Todas as proparoxítonas recebem acento gráfico: matemática, história, jurídico.

Hiato

⇨Isolados na sílaba ou seguidos de S: saúde, saída.

ATENÇÃO

⇨NÃO se acentua: se estiver seguido de NH; precedido de vogal idêntica; precedido de ditongo.

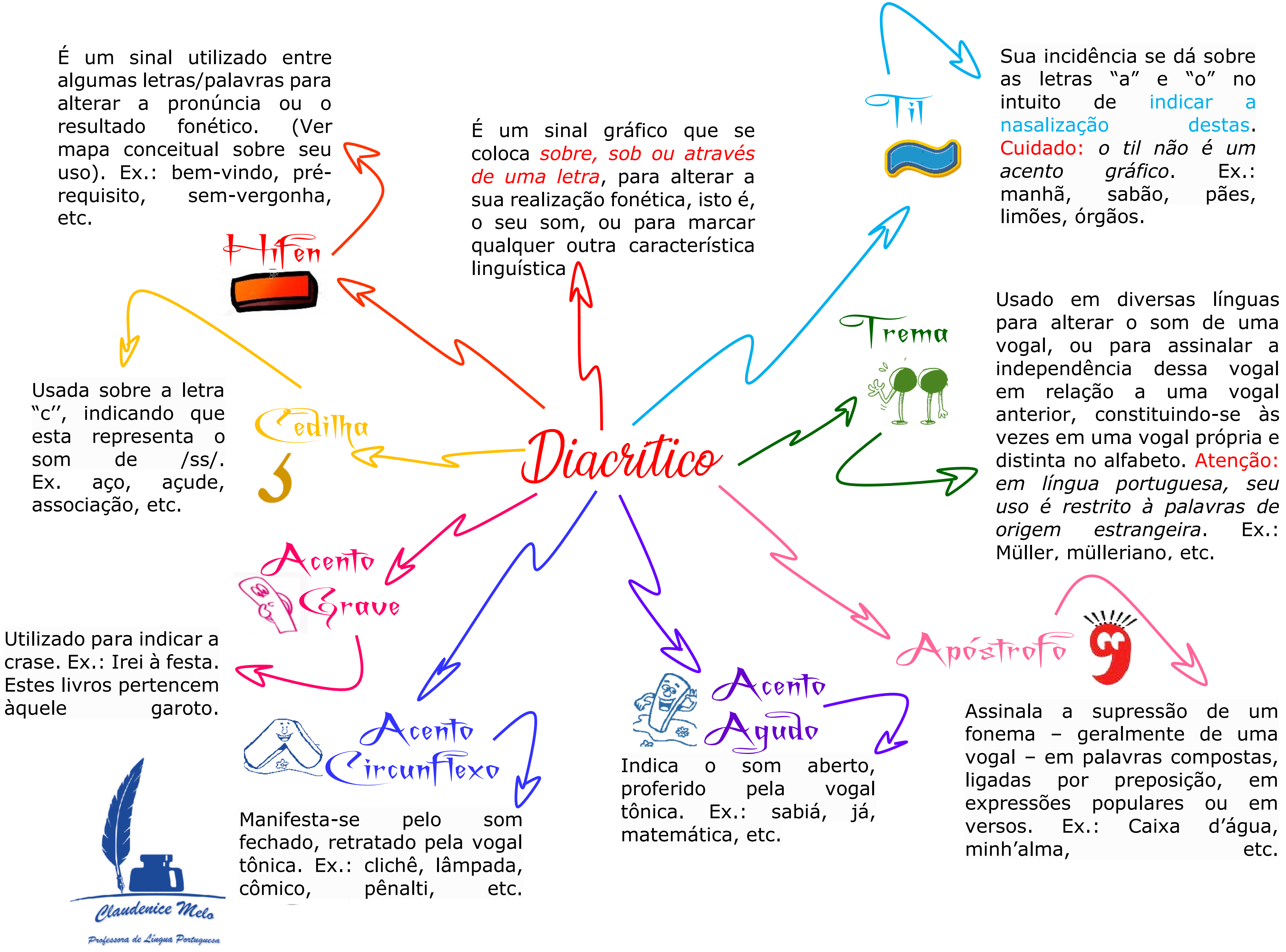

Diacrítico

É um sinal gráfico que se coloca *sobre, sob ou através de uma letra*, para alterar a sua realização fonética, isto é, o seu som, ou para marcar qualquer outra característica linguística

Hífen

É um sinal utilizado entre algumas letras/palavras para alterar a pronúncia ou o resultado fonético. (Ver mapa conceitual sobre seu uso). Ex.: bem-vindo, pré-requisito, sem-vergonha, etc.

Cedilha

Usada sobre a letra "c", indicando que esta representa o som de /ss/. Ex. aço, açude, associação, etc.

Acento Grave

Utilizado para indicar a crase. Ex.: Irei à festa. Estes livros pertencem àquele garoto.

Acento Circunflexo

Manifesta-se pelo som fechado, retratado pela vogal tônica. Ex.: clichê, lâmpada, cômico, pênalti, etc.

Acento Agudo

Indica o som aberto, proferido pela vogal tônica. Ex.: sabiá, já, matemática, etc.

Apóstrofo

Assinala a supressão de um fonema – geralmente de uma vogal – em palavras compostas, ligadas por preposição, em expressões populares ou em versos. Ex.: Caixa d'água, minh'alma, etc.

Trema

Usado em diversas línguas para alterar o som de uma vogal, ou para assinalar a independência dessa vogal em relação a uma vogal anterior, constituindo-se às vezes em uma vogal própria e distinta no alfabeto. Atenção: *em língua portuguesa, seu uso é restrito à palavras de origem estrangeira*. Ex.: Müller, mülleriano, etc.

Til

Sua incidência se dá sobre as letras "a" e "o" no intuito de indicar a nasalização destas. Cuidado: *o til não é um acento gráfico*. Ex.: manhã, sabão, pães, limões, órgãos.

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

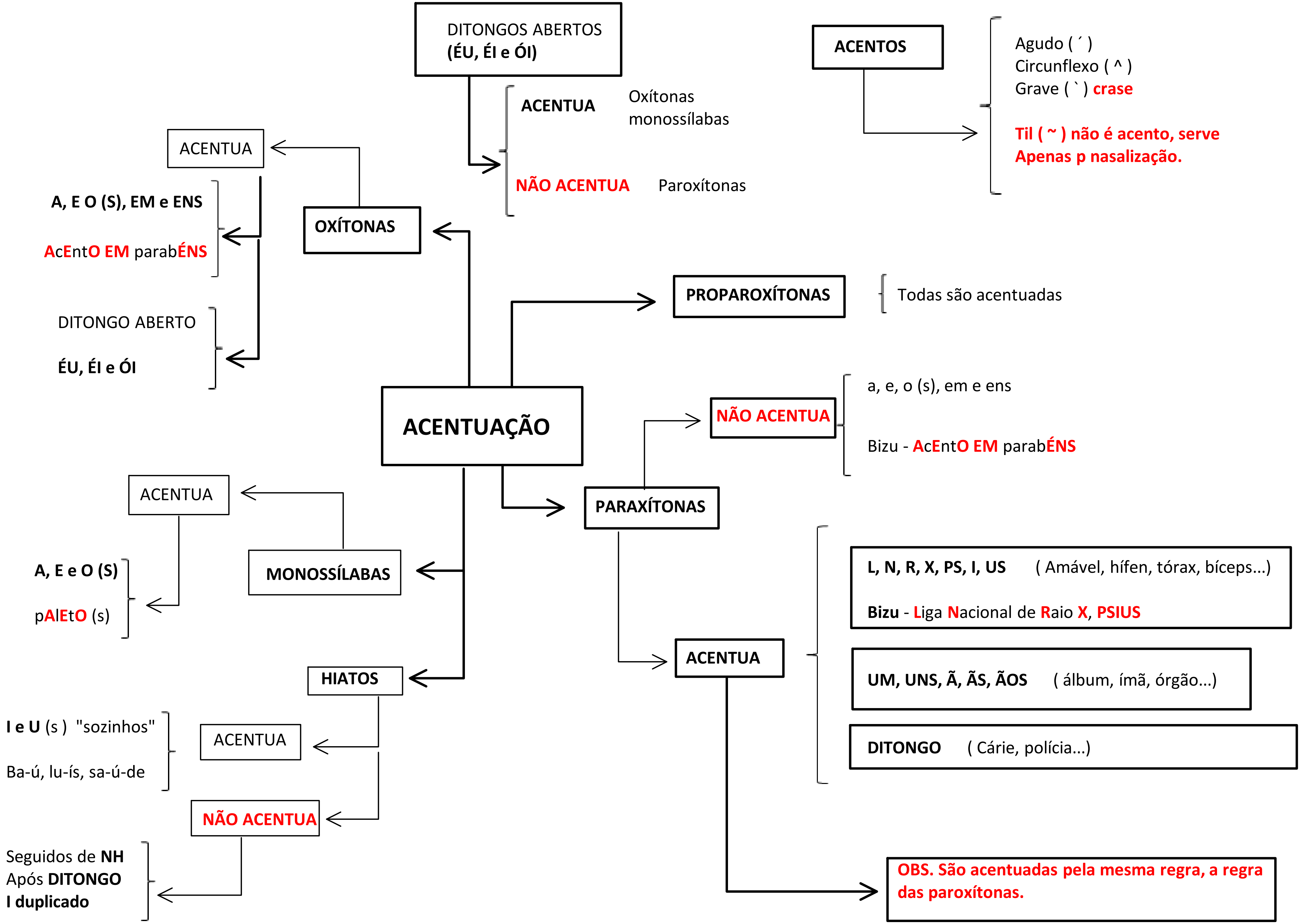

ACENTUAÇÃO

DITONGOS ABERTOS
(ÉU, ÉI e ÓI)

ACENTUA Oxítonas
monossílabas

NÃO ACENTUA Paroxítonas

ACENTOS

Agudo (´)
Circunflexo (^)
Grave (`) **crase**

Til (~) não é acento, serve
Apenas p nasalização.

OXÍTONAS

ACENTUA

A, E O (S), EM e ENS

AcEntO EM parab**ÉNS**

DITONGO ABERTO

ÉU, ÉI e ÓI

PROPAROXÍTONAS

Todas são acentuadas

PARAXÍTONAS

NÃO ACENTUA

a, e, o (s), em e ens

Bizu - **AcEntO EM** parab**ÉNS**

ACENTUA

L, N, R, X, PS, I, US (Amável, hífen, tórax, bíceps...)

Bizu - **L**iga **N**acional de **R**aio **X**, **PSIUS**

UM, UNS, Ã, ÃS, ÃOS (álbum, ímã, órgão...)

DITONGO (Cárie, polícia...)

OBS. São acentuadas pela mesma regra, a regra das paroxítonas.

MONOSSÍLABAS

ACENTUA

A, E e O (S)

p**A**l**E**t**O** (s)

HIATOS

ACENTUA

I e U (s) "sozinhos"

Ba-ú, lu-ís, sa-ú-de

NÃO ACENTUA

Seguidos de **NH**
Após **DITONGO**
I duplicado

Vícios de Linguagem

São desvios gramaticais que ocorrem por descuido ou desconhecimento das normas nos diferentes níveis linguísticos: fonético, semântico, sintático e morfológico.

- **Barbarismo**: O vício está na palavra.
  - **Ortoépico**: Problema no lugar da letra. Ex.: mortandela (mortadela).
  - **Prosódico**: Problema na acentuação (silabada). Ex.: rúbrica (rubrica).
  - **Gráfico**: Erro na grafia (cacografia). Ex.: naum (não).
  - **Semântico**: Erro (deslize) no sentido. Ex.: Mordida (picada) de pernilongo.
  - **Estrangeirismo**: Troca de idiomas. Ex.: galicismo (francês) - menu (cardápio); anglicismo (inglês) - sale (vender)
- **Solecismo**: Desvio na sintaxe.
  - **Colocação**: Colocação pronominal inadequada. Ex.: Não (se) trata-se de um problema sério.
  - **Regência**: Uso inadequado da preposição. Ex.: Paulo namora com (a) Maria.
  - **Concordância**: Verbal ou nominal. Ex.: A turma gostaram (gostou) de mim.
- **Vulgarismo**: Uso de expressões populares que vão contra a norma culta. Ex.: Vamos comê (comer)
- **Pleonasmo**: Repetição desnecessária. Ex.: Subir lá em cima.
- **Neologismo**: Palavras novas. Ex.: deboísmo (de boa, numa boa)
- **Arcaísmo**: Palavras que não se usam mais. Ex.: Vosmecê
- **Plebeísmo**: Uso de gírias. Ex.: demorô.
- **Cacofonia**: Som desagradável
  - **Cacófato**: Som obsceno. Ex.: A boca dela. (cadela)
  - **Colisão**: Sons semelhantes. Ex.: Levante-se sério
  - **Eco**: Repetição de terminações. Ex.: Vicente mente, gente
  - **Hiato**: Vogais próximas. Ex.: Lev**a a á**gua **a**gora

O *vício* ocorre na escrita de textos não literários, nos quais se é exigido o uso da norma padrão culta da língua.

Em se tratando de linguagem falada, na qual prevalece a linguagem coloquial, temos as *variações linguísticas*. Já nos textos literários, tem-se a chamada *licença poética* e as *figuras de linguagem*.

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

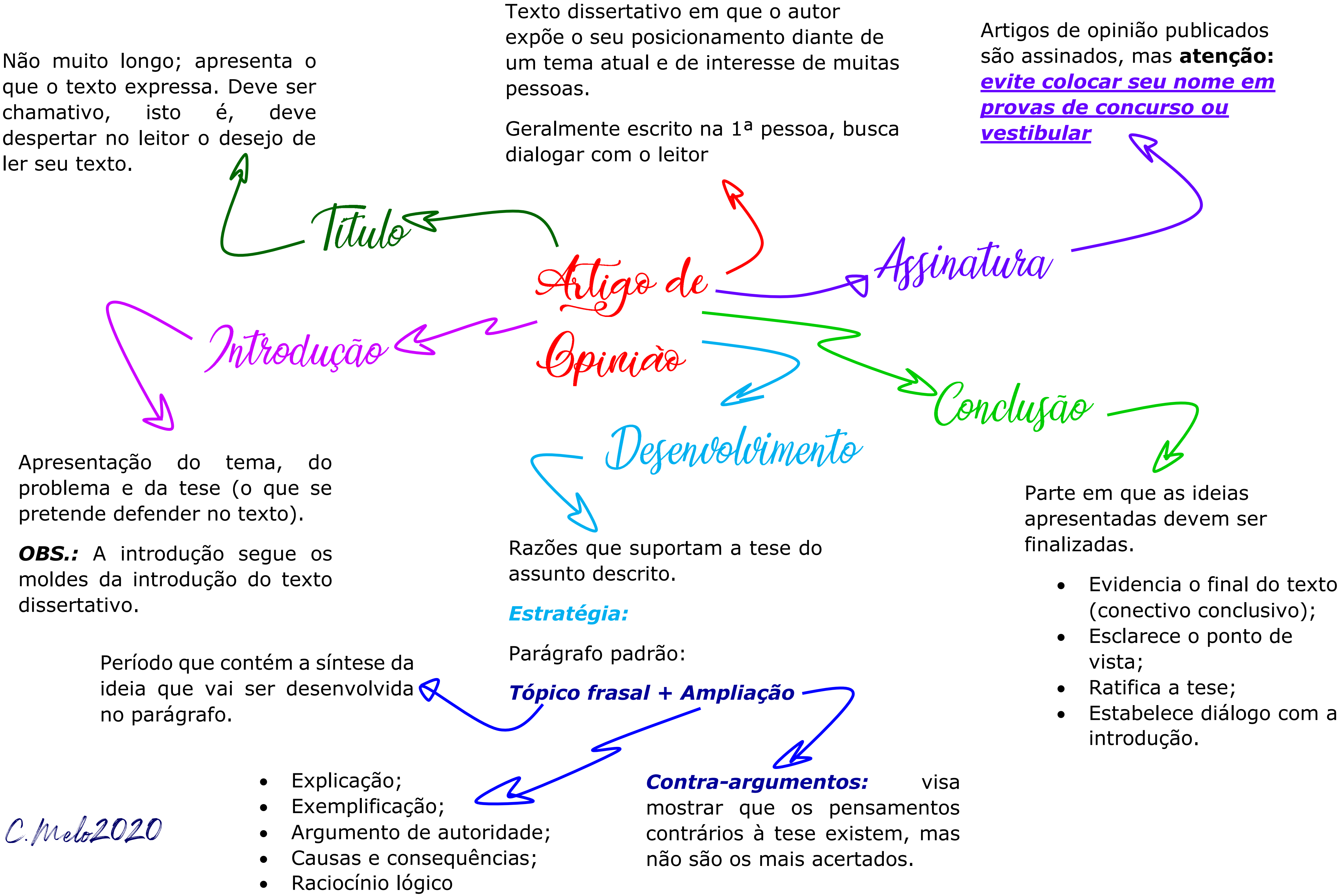

Artigo de Opinião

Texto dissertativo em que o autor expõe o seu posicionamento diante de um tema atual e de interesse de muitas pessoas.

Geralmente escrito na 1ª pessoa, busca dialogar com o leitor

Título

Não muito longo; apresenta o que o texto expressa. Deve ser chamativo, isto é, deve despertar no leitor o desejo de ler seu texto.

Assinatura

Artigos de opinião publicados são assinados, mas **atenção:** ***evite colocar seu nome em provas de concurso ou vestibular***

Introdução

Apresentação do tema, do problema e da tese (o que se pretende defender no texto).

OBS.: A introdução segue os moldes da introdução do texto dissertativo.

Desenvolvimento

Razões que suportam a tese do assunto descrito.

Estratégia:

Parágrafo padrão:

Tópico frasal + Ampliação

Período que contém a síntese da ideia que vai ser desenvolvida no parágrafo.

- Explicação;
- Exemplificação;
- Argumento de autoridade;
- Causas e consequências;
- Raciocínio lógico

Contra-argumentos: visa mostrar que os pensamentos contrários à tese existem, mas não são os mais acertados.

Conclusão

Parte em que as ideias apresentadas devem ser finalizadas.

- Evidencia o final do texto (conectivo conclusivo);
- Esclarece o ponto de vista;
- Ratifica a tese;
- Estabelece diálogo com a introdução.

C.Melo2020

Entrevista

É um gênero textual com função geralmente informativa, marcado pela oralidade e interação entre duas pessoas, veiculado, sobretudo, pelos meios de comunicação: jornais, revistas, internet, televisão, rádio, dentre outros.

Características

- ☆ Textos informativos e/ou opinativos
- ☆ Presença do entrevistador e do entrevistado
- ☆ Linguagem dialógica e oral
- ☆ Marca do discurso direto e da subjetividade
- ☆ Mescla da linguagem formal e informal

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Espécies

→**Dirigida:** É aquela que visa buscar informações sobre uma determinada experiência vivida pelo entrevistado, não possui um roteiro de perguntas pré-estabelecido e se desenrola durante a conversa a partir do que está sendo dito pelo entrevistado.

→**Não Dirigida:** É aquela preparada previamente, por meio de um roteiro, com perguntas determinadas e o entrevistador tentará conduzir o diálogo de modo a obter a informação desejada sobre o tema.

Estrutura

✓**Tema:** Sobre o que a entrevista vai falar.

✓**Roteiro:** Pesquisa, análise e estudo do tema; elaboração de perguntas.

✓**Título:** Delimita o tema e atrai a atenção do leitor.

✓**Apresentação:** Pontos de maior relevância da entrevista e perfil do entrevistado.

✓**Perguntas e respostas:** Proferidas consoante o assunto abordado.

✓**Revisão:** Transcrição das falas de entrevistador e entrevistado.

Tipos

⇨**Pesquisa:** é realizada com especialistas de determinado assunto que acrescentarão informações a uma reportagem ou artigos.

⇨**Personalidade:** retrata um perfil de uma pessoa pública com informações sobre história de vida, infância, hábitos e outras curiosidades.

⇨**Opinativa** é realizada com pessoas que possuem conhecimento aprofundado sobre determinado assunto, que tenham capacidade crítica para debater determinado assunto.

⇨**Individual:** é agendada previamente e o entrevistado é informado com antecedência sobre o tema, além de ser realizada por apenas um jornalista.

⇨**Rotina:** depende das notícias factuais e tem curto prazo de validade para ser divulgada. É realizada com personagens que estiveram presentes em situações como assaltos, enchentes, acidentes, entre outros acontecimentos.

⇨**Em Grupo:** conhecida como coletiva de imprensa, é realizada com diversos jornalistas simultaneamente, que se revezam para fazer as perguntas a um ou mais entrevistados.

⇨**Exclusiva:** é a entrevista concedida apenas a um veículo, que fará a divulgação em primeira mão.

Lição 8 Sintaxe do período simples

Frase

Para estabelecermos uma comunicação por meio de palavras, utilizamos a **frase**. Ela é, portanto, a forma de expressão do nosso pensamento ao transmitirmos um apelo ou uma ordem, ao indicarmos uma ação, estado ou fenômeno, ao emitirmos uma crítica ou externarmos nossas emoções.

A frase é um enunciado completo que vem sempre limitado por um dos sinais de pontuação: ponto final, ponto de exclamação, ponto de interrogação, reticências e, às vezes, dois-pontos.

No processo de comunicação, utilizamos **frases com estrutura simples** e **frases com estrutura complexa.**

Observemos o diálogo:

- *Alô!*
- *Quem está falando?*
- *Pedro.*
- *Eu poderia falar com a Luciana?*
- *Ela não está.*
- Obr*igada. Até logo.*

São frases com estrutura simples:

- ✓ *Alô!;*
- ✓ *Pedro;*
- ✓ *Obrigada;*
- ✓ *Até logo*.

Essas frases não são analisáveis, pois não possuem uma estrutura sintática. São enunciados que só são completos num contexto.

São frases com estrutura complexa:

- ✓ *Quem está falando?*
- ✓ *Eu poderia falar com Luciana?*
- ✓ *Ela não está*.

Essas frases são analisáveis, pois possuem uma estrutura sintática, isto é, organizam-se a partir de um verbo ou locução verbal.

Tipos de frases

As frases classificam-se em **verbais** e **nominais**.

A **frase verbal** estrutura-se em torno de um verbo significativo.

Verbo significativo – é o verbo que contém em si uma idéia: correr, estudar, falar.

- ✓ *A Seleção do Brasil* ***trouxe*** *alegria a todos os brasileiros.*

A **frase nominal** apresenta-se sem verbo ou com verbo não-sgnificativo.

Verbo não-significativo – é o verbo que não contém em si uma idéia: é o verbo de ligação, que é vazio de significado: ser, estar, etc.

A frase chamada nominal é característica de muitos provérbios e máximas e, também, de títulos e manchetes.

- ✓ *Cada louco com sua mania.*
- ✓ *Dia de muito, véspera de pouco.*
- ✓ *Lenço como bandeira.*
- ✓ *Deus é bom e justo.*

A entoação ou nível fônico é característica fundamental das frases nominais.

Entoação - linha ou curva melódica descrita pela voz ao pronunciar palavras.

- Na linguagem oral, a entoação final reflete o sentido que a frase encerra.
- Na linguagem escrita, esse sentido é revelado pelos sinais de pontuação.

Oração

Oração é todo e qualquer enunciado que contém verbo ou expressão verbal.

Às vezes, oração é sinônimo de frase. Isso somente ocorre quando a oração apresenta enunciado completo, apresenta verbo e vem limitada por ponto final, ponto de interrogação, ponto de exclamação, reticências ou dois-pontos.

- ✓ ***Foi*** *um dia de sorte.* ***Vencemos*** *a partida.* ***Ganhamos*** *o título.*

Nesse caso, temos três frases, três orações e três períodos.

No entanto, podemos verificar que nem sempre uma oração corresponde a uma frase ou a um período.

- ✓ ***Recomendo**-lhe que **leia** bastante*.

Temos agora exemplo de orações que não constituem frases nem períodos.

1ª oração → *Recomendo-lhe*
2ª oração → *que leia bastante.*

Observe que os enunciados expressos nessas orações não têm sentido completo. Logo, essas orações isoladamente não são frases, pois não possuem sentido completo.

Período

É um enunciado completo que contém uma ou mais de uma oração.

Quando existe numa frase **somente uma oração**, o **período** denomina-se **simples**.

- ✓ *A vida é a arte do encontro.*
- ✓ *Conquistamos facilmente o mercado externo.*

Se houver **mais de uma oração** na frase, o **período** é denominado **composto**.

- ✓ *O trabalho **dignifica** o homem, **fornece**-lhe a subsistência, **evita**-lhe o enfado e **desvia**-o do crime.*

O período também vem delimitado por ponto final, ponto de interrogação, ponto de exclamação, reticências e, às vezes, dois pontos.

Sintetizando:

Frase → enunciado completo sem estrutura sintática (não analisável) → **frase simples** com estrutura sintática (analisável) → **frase complexa**

Frases complexas :

- **frases nominais** → sem verbo ou com verbo de ligação
- **frases verbais** → com verbo significativo
- **Oração** → presença do verbo (característica essencial)
- **Período** → enunciado completo com verbo.

- um verbo → período simples
- dois ou mais verbos → período composto.

Termos da oração

Em nossa língua, as palavras se agrupam obedecendo a uma certa ordem para que haja compreensão da mensagem que se quer transmitir.

A oração geralmente apresenta a seguinte estrutura:

SUJEITO + PREDICADO (verbo + complemento(s) + adjunto adverbial)

A essa seqüência – sujeito, verbo, complemento, adjunto adverbial – dá-se o nome de **ordem direta.**

Nós	**verificamos**	**o seu saldo**	**hoje.**
↓	↓	↓	↓
sujeito	verbo	compl.verbal (objeto direto)	adj.adverbial

Se os termos estiverem com outra seqüência, diz-se que a oração está na **ordem indireta.**

Hoje	**nós**	**verificamos**	**o seu saldo.**
↓	↓	↓	↓
adj.adverbial	sujeito	verbo	compl. verbal (objeto direto)

Termos essenciais

O **sujeito** e o **predicado** constituem os elementos principais da oração. São, portanto, os termos essenciais da oração.

O **sujeito** é o termo sobre o qual é feita a declaração contida no **predicado. Predicado** é tudo o que se declara do sujeito.

Sujeito e **predicado** são chamados termos essenciais porque são indispensáveis nas orações mais comuns da Língua Portuguesa.

Há, entretanto, orações constituídas apenas pelo predicado.

Sujeito

Como se identifica o sujeito de uma oração?

Perguntamos ao verbo:

- ✓ ***quem...*** *? ou* ***quem é que...****?* *ou*
- ✓ ***que...*** *? ou* ***que é que...****?*

Ninguém permaneceu calado.

Pergunta-se:

- ✓ Quem permaneceu calado?
  Sujeito → *ninguém*.

- ✓ *Durante a reunião, surgiram muitos colaboradores.*
  Quem surgiu?
  Sujeito → muitos colaboradores.

- ✓ *Ocorreu-me, naquele momento, uma idéia inesperada.*
  O que me ocorreu ?
  Sujeito → uma idéia inesperada.

- ✓ *De todos os lados, ouvia-se um barulho estranho.*
  O que se ouvia ?
  Sujeito → um barulho estranho

- ✓ *O termômetro da praça atingiu 43º.*
  Que é que atingiu 43º ?
  Sujeito → o termômetro

Núcleo do sujeito

Há situações em que ao sujeito se acrescentam outros elementos para delimitá-lo, especificá-lo, enfim, ampliar o sentido desse termo da oração.

Observe:
.Os empregados inscritos no concurso participaram do treinamento.

Para identificarmos o sujeito, perguntamos ao verbo:

- ***Quem participou do treinamento?***

Sujeito → Os empregados inscritos no concurso.

- ***De quem realmente estamos falando?***

empregados → constitui o **núcleo** do sujeito

O núcleo é, portanto, a essência do sujeito.

Os demais termos: **os**, **inscritos no concurso** são os acessórios do sujeito. Denominam-se adjuntos adnominais, os quais estudaremos mais adiante.

Tipos de sujeito

- **Sujeito Simples:** quando há somente um núcleo.
  - ✓ Todos participaram do encontro.

    Quem participou do encontro.
    Sujeito → todos
  - ✓ Ficamos felizes com o seu sucesso.

    Quem ficou feliz?
    Sujeito → nós (oculto)
- **Sujeito composto:** quando há dois ou mais núcleos.
  - ✓ Estavam presentes na manifestação dois deputados federais e alguns vereadores.

    Quem estava presente ?
    Sujeito → *dois deputados federais e alguns vereadores.*
    Núcleos → *deputados* , *vereadores* (dois núcleos)
- **Sujeito indeterminado:** quando o executor da ação é desconhecido ou quando o verbo não se refere a uma pessoa determinada.

A indeterminação do sujeito ocorre nos seguintes casos:

Com o verbo na 3ª. pessoa do plural, sem referência a “eles” ou “elas”:

✓ *Comunicaram o fato ontem à noite.*
Quem comunicou ?
Sujeito → ?

Com verbos intransitivos, transitivos indiretos ou verbos de ligação na 3ª. pessoa do singular, acompanhados da partícula "se":

- ✓ **Trabalhou-se** muito durante o feriado. (verbo intransitivo)

  Quem trabalhou muito?
  Sujeito → ?

- ✓ **Vive-se** bem aqui. (verbo intransitivo)

  Quem vive bem aqui?
  Sujeito → ?

- ✓ **Precisa-se** muito de qualificação. (verbo transitivo indireto)

  Quem precisa de qualificação?
  Sujeito → ?

- ✓ *Nem sempre se* ***está*** *feliz.* (verbo de ligação)

  Quem está feliz?
  Sujeito → ?

Como vimos, podemos indeterminar o sujeito de duas maneiras:

1. colocando-se o verbo na 3ª. pessoa do plural ou
2. colocando-se o pronome "se" - índice de indeterminação do sujeito – junto do verbo na 3ª.pessoa do singular, exceto quando o verbo for transitivo direto.

Oração sem sujeito

Dizemos que a **oração é sem sujeito** quando o predicado não se refere a sujeito algum. Isso ocorre nos casos a seguir:

- **Com verbos que denotam fenômenos da natureza** - chover, trovejar, nevar, relampejar, anoitecer, amanhecer.

  - ✓ ***Trovejou*** *muito naquelas noites.*
  - ✓ *Nos últimos dias,* ***choveu*** *e* ***fez*** *muito frio.*

- **Com o verbo haver com significado de:** existir, acontecer, fazer ou realizar-se.

  - ✓ ***Havia*** *muitos candidatos sem identificação. (havia = existiam)*
  - ✓ ***Houve*** *muita polêmica nesta questão. (houve = aconteceu)*

- ✓ ***Haverá*** *outros encontros dessa natureza. (haverá = realizar-se-ão)*

- **Com os verbos haver, fazer, ir e passar quando indicarem tempo decorrido.**

  - ✓ *Fui a Fortaleza* ***há*** *cinco anos. (há = faz)*
  - ✓ ***Faz*** *três dias que não o vejo.*
  - ✓ ***Vai*** *para vinte anos o nosso primeiro encontro.*
  - ✓ *Já* ***passava*** *de seis horas.*

Os verbos impessoais, mesmo nas locuções verbais, transmitem aos verbos auxiliares a sua impessoalidade

- ✓ ***Deve haver*** *candidatos sem identificação.*
- ✓ ***Começou a haver*** *polêmica nesta questão.*

- **Com os verbos fazer, estar, ficar e parecer quando indicarem tempo.**

  - ✓ ***Faz*** *dias quentes.*
  - ✓ ***Estava*** *muito frio.*
  - ✓ *De repente,* ***ficou*** *escuro.*
  - ✓ ***Parece*** *frio lá fora.*

- **Com o verbo ser quando indicar tempo ou distância.**

  - ✓ ***Eram*** *cinco horas.*(tempo)
  - ✓ *Daqui ao parque* ***são*** *quatro quilômetros.* (distância)

    Nesse caso, faz-se a concordância do verbo com o predicativo.

Vamos continuar nosso estudo?

Predicado

Ao identificar o sujeito, encontra-se também o predicado. **Predicado** é o que se declara a respeito do sujeito. Existe nele, portanto, obrigatoriamente, um verbo ou locução verbal. O verbo pode ou não ter a função de núcleo do predicado.

Os **verbos de significação** ou **nocionais** (intransitivos e transitivos) funcionam como núcleos dos predicados; os verbos vazios de significação (verbos de ligação) não constituem núcleo dos predicados.

O predicado declara:

- uma ação que apresenta o sujeito como agente ou paciente:

agente
↓
pratica a ação

O amor → vence.
O motorista → trabalha muito.

paciente
↓
sofre a ação

Os homens ← são vencidos pelo amor.
Os livros-texto ← foram lidos por todos .

- uma qualidade, estado ou condição:
  - ✓ *O amor **é lindo.***
  - ✓ *Ele **parece terrivelmente mal-humorado.***
  - ✓ *Os conflitos sociais **continuam intensos.***

- um fenômeno da natureza:
  - ✓ ***Choveu** muito ontem à noite.*

Termos integrantes

Os termos integrantes completam o sentido dos verbos e o sentido dos substantivos, adjetivos e advérbios.

São termos integrantes:

- ✓ complementos verbais. (objeto direto e objeto indireto)
- ✓ complementos nominais.
- ✓ agente da passiva.

Complementos verbais

São os substantivos ou as expressões substantivadas e os pronomes que completam o sentido dos verbos. Temos dois tipos de complemento verbal: **objeto direto** e **objeto indireto.**

Objeto direto

É o complemento dos verbos de predicação incompleta. Esse complemento, normalmente, **não é regido de preposição.**

✓ *Encontrei o dicionário de regime dos verbos.*
↓ ↓
TD objeto direto (dicionário = substantivo)

✓ *As plantas purificam o ar.*
↓ ↓
TD objeto direto (ar = substantivo)

✓ *Ela viu-se no espelho. (se = pronome oblíquo)*
↓ ↓
TD objeto direto

✓ *Procuram - na em toda parte. (a = pronome oblíquo)*
↓ ↓
TD objeto direto

✓ *Ela nos chama. (nos = pronome oblíquo)*
↓ ↓
objeto direto TD

✓ *Tu bem o sabes. (o = pronome substantivo)*
↓ ↓
objeto direto TD (verbo transitivo direto)

✓ *Que teria ele percebido na minha expressão? (que=pron. subst.)*
↓ ↓
objeto direto TD → teria percebido = tempo composto

Objeto direto preposicionado

Às vezes, o objeto direto vem precedido de preposição por necessidade de clareza, de ênfase ou de harmonia da frase.

Ocorre o objeto direto preposicionado:

- quando usamos o pronome pessoal tônico como objeto direto**:**
  - ✓ *Assim prejudicas **a mim** e **a ela.***
- quando usamos o pronome relativo " quem" como objeto direto:
  - ✓ *Eu tenho um filho **a quem** amo muito.*
- quando precisamos evitar ambigüidade, principalmente nas inversões e comparações:
  - ✓ *Convence, enfim, **ao pai** o filho.*
  - ✓ *Amava-o como **a seu filho.***
- quando necessitamos garantir a clareza e a eufonia da frase na expressão de reciprocidade "um ao outro", "uns aos outros":

✓ *Conheceram-se **um ao outro**.*
↓ ↓
TD objeto direto preposicionado

- quando desejamos exaltar a pessoa ou o ser personificado a quem a ação se dirige, principalmente com os verbos que exprimem ou manifestam sentimentos:

✓ *Amar **a Deus** sobre todas as coisas.*
↓ ↓
TD objeto direto preposicionado

✓ *O dinheiro atrai* ***a pequenos e a grandes****.*

↓ ↓

TD objeto direto preposicionado

- quando antecipamos o objeto direto para dar-lhe realce:

objeto direto preposicionado

↑

Ao poeta Drumond*, que mora mais além, a feira deve incomodar, porque os grandes caminhões roncam sob sua janela.*

- quando existe a presença de certos pronomes indefinidos referindo-se a pessoas:

✓ *A surpresa imobilizou* ***a todos****.*

↓ ↓

TD objeto direto preposicionado

- quando usamos o numeral ambos(as) como objeto direto:

✓ *A chuva caiu e molhou* ***a ambos****.*

↓

objeto direto preposicionado

Objeto direto pleonástico

Quando se deseja dar ênfase ao objeto direto, pode-se repeti-lo empregando um pronome pessoal átono. Esse objeto direto repetido pelo pronome é o **objeto direto pleonástico.**

✓ ***Os amigos,*** *ele* ***os*** *conquista com presentes*

↓ ↓

objeto direto objeto direto pleonástico

Objeto indireto

É o complemento verbal regido de preposição necessária e sem valor circunstancial. O objeto indireto completa a significação dos verbos transitivos indiretos e dos verbos transitivos diretos e indiretos.

✓ *Ele desconfia* ***de*** *tudo.*
↓ ↓
TI objeto indireto

✓ *Aspiro* ***a*** *uma vida calma.*
↓ ↓
TI objeto indireto

É importante saber

1) Alguns verbos admitem dois objetos indiretos:

✓ *A mulher se queixou do marido à delegada.*
↓ ↓ ↓
TI objeto indireto objeto indireto

✓ *Antônio desculpou-se do ocorrido à filha.*
↓ ↓ ↓
TI objeto indireto objeto indireto

2) A preposição está implícita nos pronomes oblíquos átonos quando exercem a função de objeto indireto.

✓ *Obedece-me.* (me = a mim)
✓ *Isso não te pertence.* (te = a ti)

3) O pronome oblíquo átono **lhe** é normalmente objeto indireto.

4) Certos verbos transitivos indiretos repelem os pronomes **lhe, lhes,** e, por isso, são construídos com as formas retas preposicionadas:

Aspiro ***ao título.***	*Aspiro* ***a ele.***
Assistimos ***à festa.***	*Assistimos* ***a ela.***
Refiro-me ***a João***	*Refiro-me* ***a ele***
Aludiram ***aos teus livros***	*Aludiram* ***a eles***
Recorri ***ao ministro***	*Recorri* ***a ele***
Dependo ***de Deus***	*Dependo* ***dEle***

Objeto indireto pleonástico

Para dar ênfase ao objeto indireto, costuma-se repeti-lo. Nesse caso, é utilizado:

- um pronome pessoal átono ou
- um substantivo ou
- um pronome oblíquo tônico precedido de preposição.

✓ ***A mim,*** *ensinou* - ***me*** *tudo.*

↓ obj. indireto ↓ TDI ↓ obj. indireto pleonástico ↓ objeto direto

✓ ***Aos amigos***, *dedica-**lhes** o melhor de si.*

↓ objeto indireto ↓ TDI ↓ objeto indireto pleonástico → objeto direto

Complemento nominal

É o termo complementar reclamado pela significação incompleta de certos **substantivos**, **adjetivos** e **advérbios.**

O complemento nominal vem ligado por preposição ao substantivo, ao adjetivo ou ao advérbio.

✓ *Ninguém teve notícia* ***dele****. (dele = de + ele)*

↓ subst. ↓ compl. nominal

✓ *Estive todo tempo alheia **àquela discussão**. (prep.a + aquela)*

↓ adjetivo ↓ compl. nominal

✓ *Comportou-se favoravelmente **ao adversário.***

↓ advérbio ↓ compl. nominal

Não confunda:

- complemento nominal → termo preposicionado que completa o nome
- objeto indireto → termo preposicionado que completa o verbo

Agente da Passiva

É o termo que revela, na voz passiva, o ser que pratica a ação verbal.

✓ *Lúcia é estimada **pelos colegas**.*

↓

agente da passiva

Convém agora relembrarmos a voz passiva dos verbos.

Normalmente, quem pratica a ação é o sujeito, com o verbo na voz ativa.

✓ *O exército cercou os manifestantes.*

Veja:

✓ *Os manifestantes foram cercados pelo exército.*

✓ O sujeito - ***os manifestantes*** - sofre a ação praticada *pelo exército* (agente da passiva).

Se não soubéssemos quem cercou os manifestantes, poderíamos escrever uma frase assim:

✓ *Cercaram-se os manifestantes.*
Essa frase significa: os manifestantes foram cercados.

Assim, temos outra forma de voz passiva, pois o sujeito continua sofrendo a ação.

Essa voz passiva chamada de passiva sintética é construída com o pronome ***se*** que funciona como ***partícula apassivadora***.

Observemos outra frase:

✓ *Cantavam-se as canções dos anos sessenta.*

O sujeito dessa oração é ***as canções dos anos sessenta*** *(as canções dos anos sessenta eram cantadas)*. Nessa forma de voz passiva, fica omitido o agente da passiva.

Outros exemplos de voz passiva sintética:

- ✓ *Anularam-se as questões da prova.* (as questões foram anuladas)
- ✓ *Elabora-se projeto arquitetônico.* (projeto arquitetônico é elaborado)
- ✓ *Alugam-se casas.* (casas são alugadas)
- ✓ *Vendem-se carros.* (carros são vendidos)
- ✓ *Vende-se refeição.* (refeição é vendida)

Lembre-se de que a **voz passiva** só pode ocorrer com os **verbos transitivos diretos**.

Termos Acessórios

São termos que aparecem na oração com efeito meramente informativo. Esses termos ampliam as frases, especificando, delimitando ou caracterizando os termos essenciais ou integrantes.

▪ Adjunto Adnominal

Aparece junto a um substantivo para determiná-lo ou modificar-lhe a significação.

- ✓ *Leio sempre **essa** revista, **cujo** editor é amigo **da família**.*
- ✓ *Era **um** rapaz **de consciência**.*

Sempre serão adjuntos adnominais:

- os artigos;
- os pronomes adjetivos e
- os numerais adjetivos.

Os adjetivos, conforme a oração, podem ser adjunto adnominal ou predicativo.

Veja:

O rapaz ***educado*** *conquistou a moça.*

↓

adjunto adnominal - estado perene (sempre)

. O *rapaz saiu* ***triste.***

↓

predicativo – estado transitório

Outro exemplo:

- ✓ O chefe **zangado** saiu da sala.

Observe que o adjetivo "zangado" está qualificando o substantivo "chefe" para indicar um estado provisório, uma situação momentânea; "zangado" não é característica permanente do "chefe."

Portanto, o adjetivo está exercendo a função de **predicativo** e não de **adjunto adnominal.** Nesse caso, devemos separar o adjetivo "zangado" por vírgulas para não ser confundido como adjunto adnominal.

Assim:

- ✓ O chefe**, zangado,** saiu da sala.

Vamos verificar se ficou entendido?

Separe em colunas os predicativos e os adjuntos adnominais.

1. O cão, raivoso, mordeu a criança.
2. O cão branco mordeu a criança.
3. Anexos, estão os documentos solicitados.
4. Os empregados esforçados conseguiram promoção.
5. Esforçados, os empregados venceram a prova.
6. O gerente, cansado, não falou nada.
7. O chefe competente conduz bem a sua equipe.

Predicativos	**Adjuntos adnominais**

Confira:

Predicativos	**Adjuntos adnominais**
raivoso	branco
anexos	solicitados
Esforçados	esforçados
cansado	competente

Você deve ter observado que, às vezes, o mesmo adjetivo pode ser predicativo ou adjunto adnominal: isso depende da idéia que se quer dar.(transitória ou permanente).

Às vezes, ocorrem situações em que se pode confundir adjunto adnominal com o complemento nominal.

Diferença entre adjunto adnominal e complemento nominal

Vejamos:

- ✓ *A explicação do professor foi clara.*
- ✓ *A explicação do assunto agradou.*

A explicação { *do professor* / *do assunto* } adjunto adnominal ou complemento nominal ?

Vamos estabelecer a diferença:

Adjunto adnominal - tem sentido ativo → corresponde ao sujeito agente(verbo na voz ativa)

. *A explicação **do professor...***

o professor explica, logo = **adjunto adnominal**

Complemento nominal - tem sentido passivo → corresponde ao sujeito paciente (verbo na voz passiva)

*A explicação **do assunto**...*

O assunto é explicado, logo = **complemento nominal**

Verifique agora se ficou entendido:

Identifique a função sintática do termo em destaque, colocando entre parênteses o número correspondente:

1. Complemento nominal
2. Adjunto adnominal

( ) declaração **de guerra**
( ) declaração **do jornalista**
( ) ameaça **de fuga**
( ) ameaça **de tempestade**

( ) pedido **de socorro**
( ) pedido **da firma**
( ) redação **do aluno**
( ) redação **do texto**

Concluindo, podemos dizer:

Sempre será **complemento nominal** se o termo regido de preposição estiver ligado a um **adjetivo** ou a um **advérbio:**

adjetivo + termo preposicionado → complemento nominal

advérbio + termo preposicionado → complemento nominal

✓ *Ela estará **apta** **para o trabalho** no próximo mês.*
↓ ↓
adjetivo compl. nominal

✓ *Nada me surpreende **relativamente** **à Teresa.***
↓ ↓
advérbio compl. nominal

Poderá ser tanto um **complemento nominal** quanto um **adjunto adnominal** se o termo regido de preposição estiver ligado a um **substantivo**:

substantivo + termo preposicionado → **adjunto adnominal**
ou complemento nominal

✓ *Ouvi seu* ***pedido*** ***de socorro.*** (socorro é pedido)

substantivo compl. nominal

✓ *Encaminhei o* ***pedido*** ***da firma.*** (a firma pediu)

substantivo adjunto adnominal

Confira sua resposta: (1) complemento nominal e (2) adjunto adnominal

(1) declaração **de guerra**
(2) declaração **do jornalista**
(1) ameaça **de fuga**
(2) ameaça **de tempestade**

(1) pedido **de socorro**
(2) pedido **da firma**
(2) redação **do aluno**
(1) redação **do texto**

Vamos continuar o nosso estudo?

Temos ainda outro termo acessório:

Adjunto Adverbial

É o termo da oração que modifica o verbo ou lhe acrescenta uma circunstância; pode também intensificar o sentido do **verbo**, do **adjetivo** e do **advérbio**. São os advérbios e as locuções adverbiais que exercem a função de **adjuntos adverbiais.**

✓ ***Hoje*** *ele chegou feliz.*

adjunto adverbial

✓ *Preenchi o formulário* ***à máquina****.*

adjunto adverbial

Os adjuntos adverbiais classificam-se de acordo com as circunstâncias que exprimem. Embora o **adjunto adverbial** seja termo ligado ao verbo, os **advérbios de intensidade** modificam, também, **adjetivos** e outros **advérbios**.

- ✓ *Os empregados discutiram* ***muito*** *sobre o novo regulamento.*

↓

adjunto adverbial de intensidade(está modificando o verbo)

- ✓ *O diretor anda* ***muito*** *preocupado*.

↓

adjunto adverbial de intensidade (está modificando o adjetivo)

- ✓ *Todos chegaram* ***muito*** *cedo.*

↓

adjunto adverbial de intensidade (está modificando o advérbio)

Continuando...

Temos ainda:

Aposto

É a palavra ou a frase que explica ou esclarece, desenvolve ou sintetiza um termo ou uma oração.

- ✓ *Regina Duarte,* ***atriz da Rede Globo,*** *é muito versátil.*
- ✓ *A atriz* ***Regina Duarte*** *é muito versátil.*
- ✓ *A cidade* ***de Brasília*** *é a capital do Brasil.*

Notamos que o aposto vem entre vírgulas quando aparece depois do termo por ele explicado e dispensa a vírgula quando antecede a esse termo.

Qualquer termo pode vir com aposto. Sintaticamente, ele equivale ao termo a que se refere. O aposto pode ser representado por uma oração:

- ✓ *Peço-lhe uma providência:* ***que administre melhor seus recursos.***

Há vários tipos de aposto:

Aposto explicativo

- ✓ *A palavra,* ***mensageira das idéias****, é a mais profunda expressão da alma.*

Aposto enumerativo

- ✓ *Nada impedia seus planos: **tristezas, dores, dificuldades**.*

Aposto especificativo

- ✓ *O compositor **Tom Jobim** era conhecido internacionalmente.*

Aposto recapitulativo ou resumitivo

- ✓ *Dinheiro, poder, glória, **nada mais** o seduzia.*

Aposto distributivo

- ✓ *Os dois eram destaques, **um em português** e o **outro em ciências**.*

Vocativo

Indica apelo, chamado:

- ✓ ***Manuel**, por favor, abra a porta.*
- ✓ *A ordem, **meus amigos**, é a base do governo.*

*Tem compaixão de nós, **ó Cristo**!*

Nas correspondências, sempre aparece o vocativo: **Prezado Senhor**, **Senhor Ministro**, etc. **Aposto** e **Vocativo** aparecem entre vírgulas, mas não se confundem porque:

- o vocativo tem a função de evidenciar o ser e não mantém ligação sintática com os demais termos da oração da qual faz parte;
- o aposto tem função explicativa ou esclarecedora de termos ou da oração.

Imprimir

Língua Portuguesa – começando do ZERO

Apostila 09 (Teoria essencial)

Sintaxe do período composto

I — CONCEITOS ESSENCIAIS

Como já dissemos, o nosso estudo versa sobre o período. Período é a frase que se estrutura em oração ou orações. Daí o período ser classificado em:

a) **Período simples** → formado por uma única oração denominada de oração absoluta.
b) **Período composto** → formado por mais de uma oração.

Para a sintaxe de período só interessa o período composto, aquele formado por duas ou mais orações. Para a construção desse período composto, dois processos sintáticos são utilizados:

a) **A coordenação** → as orações mantêm uma independência sintática umas das outras, ou seja, uma oração não exerce uma função sintática (sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal etc.) para a outra. Há tão somente uma dependência semântica (de sentido) entre as orações do período coordenado.

b) **A subordinação** → as orações estão ligadas umas às outras — dependência — não só por um vínculo semântico, mas principalmente por um vínculo sintático, isto é, uma oração vai exercer uma função sintática para a outra.

PERÍODO COMPOSTO POR COORDENAÇÃO

ORAÇÕES COORDENADAS

O período coordenado é aquele em que aparecem orações sintaticamente independentes umas das outras.
Como não existe o vínculo sintático, as orações no período coordenado classificam-se pela presença ou não das conjunções coordenadas. Daí elas serem:

a) **Assindéticas** → quando não possuem conjunção, conectivo; apresentam-se justapostas.
Observe:

*Todos saíram mais cedo, foram para um barzinho próximo à faculdade.
oração assindética — oração assindética

b) **Sindéticas** → quando se ligam às outras pelas conjunções coordenativas. As conjunções coordenadas são de cinco tipos e podem expressar as relações de "adição, alternância ou disjunção, oposição adversativa, conclusão e explicação".

1. **Coordenadas aditivas** → são aquelas que exprimem adição, soma de pensamentos, acréscimo de idéias, simultaneidade de ações.

As principais conjunções aditivas são: e, nem, mas também, mas ainda, senão também, bem como, como também, que (=e).

*Muitos deixaram o local consternados **e** foram para a delegacia.

* Os pensamentos não só fazem bem à alma, **mas também** possibilitam a ajuda ao próximo.

2. **Coordenadas adversativas** → são aquelas que promovem oposição, ressalva, contraste. A idéia contida na oração adversativa se contrapõe à da oração assindética.

As principais conjunções adversativas são: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, ao passo que, não obstante, senão (=do contrário, mas sim, porém), antes (=mas, pelo contrário).

* Aprecia frutos do mar, **mas** não gosta de lagosta.

* Não foi ao shopping, **antes** preferiu o velho futebol do sábado à tarde.

3. **Coordenadas alternativas** → são aquelas que expressam uma alternância, uma disjunção.

As principais conjunções alternativas são: ou, ou... ou, ora... ora, quer... quer, seja... seja, já... já, talvez... talvez.

* **Ora** o rapaz levantava um braço, **ora** coçava a cabeça, **ora** se espremia na cadeira.

* Responda todo o capítulo do livro **ou** não sairá no intervalo.

4. **Coordenadas conclusivas** → são aquelas que exprimem uma conclusão, uma dedução lógica da idéia contida na oração precedente.

As principais conjunções conclusivas são: logo, pois (posposto ao verbo), portanto, por isso, por conseguinte.

* Ele estuda bastante, **logo** será aprovado em breve.

* A testemunha foi intimada, **por conseguinte** deveria comparecer.

5. **Coordenadas explicativas** → são aquelas que justificam a informação da oração precedente; fornecem, portanto, uma explicação, um motivo.

As principais conjunções explicativas são: que, porque, pois (anteposto ao verbo), porquanto.

* Não corra, **que** você pode cair.

* Saia da sala agora, **porque** não aceito malcriações.

PERÍODO COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO
NOÇÕES INTRODUTÓRIAS

Antes de mais nada, é fundamental se dizer que no período composto por coordenação as orações se classificam em assindéticas (sem conectivo) e sindéticas (com conectivo). Já no período composto por subordinação as orações se classificam em:

a) **oração principal** → é aquela que rege a oração subordinada. Não é principal porque contém algo a mais do que a subordinada, mas sim porque possui uma outra oração a qual exercerá uma função sintática em relação àquela.

b) **oração subordinada** → é a oração que exercerá uma função sintática (sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto, predicativo, agente da passiva, adjunto adnominal ou adjunto adverbial) para uma outra oração a qual lhe servirá como oração principal.

As orações subordinadas podem exercer funções típicas do substantivo, do adjetivo e do advérbio. Daí serem classificadas em:

a) **Subordinadas substantivas** → exercem as funções típicas de um substantivo que são: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto, predicativo e agente da passiva.

b) **Subordinadas adjetivas** → exercem uma função típica do adjetivo, qual seja, "adjunto adnominal".

c) **Subordinadas adverbiais** → exercem a função típica do advérbio: adjunto adverbial.

ORAÇÕES SUBSTANTIVAS

Antes de entrarmos propriamente no assunto, observe os exemplos abaixo:

* Não convém o retorno dele amanhã. → Não convém que ele retorne amanhã.
sujeito sujeito

* Todos eram favoráveis ao retorno dele amanhã. → Todos eram favoráveis a que ele retornasse amanhã.
complemento nominal complemento nominal

Observação importante: As orações subordinadas substantivas são geralmente introduzidas pelas conjunções integrantes "**QUE**" ou "**SE**". No entanto, outros conectores podem aparecer com uma função integrante. Passemos agora a estudar detalhadamente uma por uma.

SUBSTANTIVAS SUBJETIVAS

São aquelas que exercem a função sintática de sujeito para a oração principal. Neste caso, o verbo da oração principal deverá estar na 3ª pessoa do singular, uma vez que todas as orações subordinadas substantivas subjetivas não passam de sujeitos oracionais. Veja os exemplos:

* Cumpre que todos façam a sua parte.
subjetiva

*Anunciou-se que o novo pacote do governo entrará em vigor amanhã.
subjetiva

SUBSTANTIVAS OBJETIVAS DIRETAS

São aquelas orações que exercem a função de objeto direto para um verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto que se encontra na oração principal.

* O governo **anunciou** que as novas medidas só entrarão em vigor no mês de março.
VTD objetiva direta

* Que a violência no Brasil possui uma causa social, todos já **sabem**.
objetiva direta VTD

SUBSTANTIVAS OBJETIVAS INDIRETAS

São as orações que exercerão a função sintática de objeto indireto para um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto que se encontra na oração principal. As orações objetivas indiretas são sempre introduzidas por uma preposição.

* Nada **obsta** a que você estude mais esta noite.
VTI objetiva indireta

* Nunca **se esqueça** de que vida não é fácil.
VTI objetiva indireta

SUBSTANTIVAS COMPLETIVAS NOMINAIS

São aquelas que exercem a função de complemento nominal para um nome que se encontra na oração principal. Observe atentamente os exemplos abaixo:

* Ele tem sempre a **impressão** de que vozes do outro mundo o chamam.
nome completiva nominal

* Os sem-terras desrespeitaram a **recomendação** de que não invadissem aquela parte da fazenda.
nome completiva nominal

SUBSTANTIVAS PREDICATIVAS

São as orações que exercem a função de predicativo para a oração principal. Convém notar que na oração principal sempre aparecerá um verbo de ligação — geralmente o verbo “SER” — quando a oração subordinada for classificada como predicativa.

* O fundamental **é** que ele não desfaleça em sua fé.
VL predicativa

* Quem menos fala **é**, muitas vezes, quem menos sabe.
VL predicativa

SUBSTANTIVAS APOSITIVAS

Exercem a função de aposto para um substantivo ou termo substantivado presente na oração principal. Geralmente a oração apositiva aparece depois de dois pontos ou, mais raramente, de vírgula.

* O pai, preocupado, disse-lhe **isto**: estude bastante para suas provas, meu filho.
apositiva

* Diga-me agora uma **coisa**, este livro é para concursos públicos?
apositiva

SUBSTANTIVAS AGENTE DA PASSIVA

São as orações que exercem a função sintática de agente da passiva. São, assim como o agente da passiva o é, introduzidas por uma das preposições “de, por, pelo, pela, pelos, pelas.” Este tipo de oração não é reconhecida pela NGB – Nomenclatura Gramatical Brasileira.

* Um dia todos nós seremos julgados por quem nos criou.
oração agente da passiva

* Este prédio foi construído por quem entende de construção.
oração agente da passiva

SINTAXE DO PERÍODO COMPOSTO

ORAÇÕES ADJETIVAS

As orações subordinadas adjetivas são aquelas que possuem o valor de um adjetivo; exercem a função sintática de adjunto adnominal de um substantivo ou pronome antecedente.
A principal característica das orações adjetivas é que são introduzidas por um pronome relativo (que, quem, onde, o qual, a qual, os quais, as quais, cujo, cuja, cujos, cujas, quanto, quanta, quantos e quantas).

As orações subordinadas adjetivas são classificadas em:

a) **Restritivas** → restringem, particularizam, limitam a significação do substantivo ou pronome substantivo antecedente. Indicam que a informação prestada pela oração não se aplica ao todo, mas tão-somente a uma parte do todo. Geralmente aparecem dentro da estrutura oracional sem virgulação. Ademais, as orações adjetivas restritivas não podem ser retiradas da oração, pois são indispensáveis ao sentido geral do enunciado.
Exemplos:

* O homem que caminhava na calçada da direita olhava-nos com desdém.
adjetiva restritiva

* Os que lutam são os que vencem.
adjetiva restritiva adjetiva restritiva

b) **Explicativas** → explicam, estendem o significado, exprimem o sentido geral do substantivo antecedente. Geralmente o substantivo ou pronome substantivo representa um ser único. As orações adjetivas explicativas possuem um valor aproximado de um aposto explicativo. Podem, portanto, serem retiradas da oração sem prejuízo para o sentido. Aparecem na escrita isoladas por vírgula (s).
Exemplos:

* Minha mãe, que é uma mulher de seus sessenta anos, vai regularmente à igreja.
oração subordinada adjetiva explicativa

* O sol, que é o centro do nosso sistema, tem perdido calor nas últimas décadas.
oração subordinada adjetiva explicativa

O EMPREGO DA VÍRGULA COM AS ORAÇÕES ADJETIVAS
DISTINÇÃO ENTRE RESTRIÇÃO E EXPLICAÇÃO

Como já pudemos estudar acima, as orações adjetivas se classificam em restritivas e explicativas. Entretanto, esta classificação não se dá meramente pelo emprego ou não da vírgula, como pensam muitos estudantes. Ser "restritiva" ou "explicativa" depende, na maioria dos casos, ao sentido que se pretende dar ao substantivo antecedente.

Há orações, como já vimos, que só podem ser explicativas ou restritivas. Não há variações. Observe abaixo:

* O homem que fuma geralmente incomoda os outros.
oração adjetiva restritiva

* O homem, que é mortal, deve sempre buscar as coisas mais nobre e sublimes da vida.
oração adjetiva explicativa

Entretanto, há orações adjetivas que podem ser tanto restritivas quanto explicativas, dependendo do sentido que lhes queiramos dar.

1. * A empresa tem 300 funcionários que moram em Olinda.
2. * A empresa tem 300 funcionários, que moram em Olinda.

Perceba que na primeira estrutura – oração adjetiva restritiva – não se pode dizer exatamente quantos funcionários possui a empresa. Sabe-se tão-somente que ela possui 300 que residem na cidade de Olinda. Já na segunda estrutura – adjetiva explicativa – a empresa só possui 300 funcionários e todos residem em Olinda.

ORAÇÕES ADVERBIAIS

As orações subordinadas adverbiais são aquelas que estabelecem circunstâncias várias para um fato contido na oração principal. Elas exercem, portanto, o papel de adjuntos adverbiais. São, na maioria das vezes, introduzidas pelas conjunções subordinadas adverbiais.

Classificam-se em: causais, consecutivas, concessivas, condicionais, comparativas, conformativas, finais, temporais e proporcionais.

1. ADVERBIAIS CAUSAIS → São aquelas que estabelecem a causa, o motivo para o fato (efeito) contido na oração principal.

As principais conjunções subordinadas causais são: que, porque, já que, uma vez que, visto que, visto como, pois, como (= já que, visto que), porquanto.

* **Já que** o contrato assim o determina, assim o farei.
adverbial causal

* Ele foi duramente punido **porquanto** a falta foi comprovada pelos peritos.
adverbial causal

2. ADVERBIAIS CONSECUTIVAS → Estas orações indicam a conseqüência, o efeito de um fato (causa) contido na oração principal.

As principais conjunções adverbiais consecutivas são: que (precedido dos termos intensificadores "tão, tal, tanto, tamanho"), que (= sem que), sem que, de modo que, de forma que, de sorte que, de maneira que.

* Falou tanto **que** ficou rouco.
Adverbial consecutiva

* Não vai a um baile de formatura **sem que** não dance a noite toda.
Adverbial consecutiva

3. ADVERBIAIS CONCESSIVAS → São as orações que indicam uma oposição, um óbice, um empecilho, um "algo" que poderia impedir a realização do fato contido na oração principal. Uma das principais características deste tipo de oração é a presença de um verbo no modo subjuntivo.

As principais conjunções subordinadas concessivas são: embora, apesar de que, mesmo que, ainda que, que, sem que (=embora não), conquanto, ainda quando, posto que, por mais que, por muito que, por menos que, se bem que.

* Fez todo o exercício **sem que** ninguém o ajudasse.
adverbial concessiva

* **Por mais que** o governo se esforce, a violência continua aumentando nas grandes cidades.
adverbial concessiva

4. ADVERBIAIS CONDICIONAIS → São orações que estabelecem uma condição para a realização do fato expresso na oração principal.

As principais conjunções condicionais são: se, caso, a não ser que, desde que, contanto que, salvo se, sem que (= se não), a menos que.

* **A não ser que** a taxa de juros caia consideravelmente, não adquiriremos mais produtos importados.
adverbial condicional

* **Caso** o Governador não se manifeste sobre o caso, levaremos o problemas às raias judiciais.
adverbial condicional

5. ADVERBIAIS CONFORMATIVAS → São orações que expressam uma conformação (correspondência, concordância, analogia ou identidade de forma, modo, tipo ou caráter) com um fato expresso na oração principal.

As principais conjunções conformativas são: como, segundo, conforme, consoante.

* Elaboramos todo o projeto **como** nos orientava o manual.
adverbial conformativa

* A vida tem sempre seus perigos, **segundo** já nos dizia Guimarães Rosa.
adverbial conformativa

6. ADVERBIAIS COMPARATIVAS → São orações subordinadas que estabelecem um processo de comparação entre dois elementos — um elemento estará na oração principal e o outro, na oração subordinada. A comparação poderá ser de igualdade, de superioridade ou de inferioridade.

As principais conjunções comparativas são: como, assim como, tal e qual, tal qual, mais que ou do que, menos que ou do que, tanto quanto, feito (= como).

* Não sei por que saiu correndo desesperadamente, **feito** um louco.
Adverbial comparativa

* Os escoteiros partiram para a selva num só movimento, **qual** exército marchando contra o inimigo.
Adverbial comparativa

7. ADVERBIAIS FINAIS → São orações que indicam a finalidade, o objetivo, o alvo do fato contido na oração principal.

As principais conjunções finais são: que, para que, a fim de que, porque (= para que, a fim de que).

* **A fim de que** ela passasse mais rápido em um concurso, comprei inúmeros livros e apostilas.
adverbial final

* Estudai bastante, **porque** consigais uma boa colocação no concurso.
adverbial final

8. ADVERBIAIS TEMPORAIS → São as orações subordinadas que expressam o tempo, o momento do fato contido na oração principal.

As principais conjunções finais são: enquanto, quando, assim que, logo que, mal (=logo que, assim que), desde que, antes que, agora que, depois que, sem que (=antes que).

* **Desde que** chegou, não parou de falar.
adverbial temporal

* Todos o aplaudiram **mal** terminou sua palestra.
adverbial temporal

9. ADVERBIAIS PROPORCIONAIS → São orações que indicam uma concomitância, uma simultaneidade, uma proporção com o fato expresso na oração principal.

As principais conjunções proporcionais são: à medida que, à proporção que, ao passo que, quanto mais ... mais, quanto mais... menos, quanto menos... mais, quanto menos... menos.

* **À medida que** o progresso avança, o meio-ambiente sofre com o uso excessivo de seus recursos.
adverbial proporcional

* **Quanto mais** ela estuda mais dúvidas surgem.
adverbial proporcional

CONTEÚDO

PARTICULAS
QUE/SE

WWW.FLAVIARITA.COM

(31)3296-0590

FACEBOOK.COM/PROFESSORAFLAVIARITA

TWITTER.COM/PROFAFLAVIARITA

1. Não há correspondência na classificação do **QUE** em

   a) Gosto de bailes, longes que sejam. (pronome relativo)
   b) Disseram que o avião caiu. (conjunção integrante)
   c) Faço votos que vocês sejam felizes. (conj. subord.final)
   d) Tenha calma, que o ajudarei. (conj. coord. explicativa)
   e) O cãozinho treme que treme. (conj. coord. aditiva)

2. A função sintática do **QUE** só está **INCORRETA** em

   a) Eles pegaram não vi bem **o quê**. (objeto direto)
   b) “Passarinho **que** na água se cria por ela pia”. (sujeito)
   c) **Que** ideias você teve! (adjunto adnominal)
   d) **Que** bondoso foi o senhor que me socorreu! (adj.adv. intensidade)
   e) Esta é a causa de **que** ele falava. (objeto indireto)

3. O “**QUE**” é objeto direto em

   a) Este é o homem que sabe toda a verdade sobre o caso.
   b) Sou um homem que gosta de mulheres bonitas.
   c) Este é o livro de que preciso.
   d) Gostei dos livros que comprei.
   e) O rapaz a que fiz referência está aqui.

4. Em todos os períodos, o **QUE** é objeto direto, **EXCETO**

   a) “As rugas são leitos que os deuses cavam para as nossas lágrimas”.
   b) A maior alegria da vida é aquilo que levamos desta vida.
   c) A fazenda que o pai de Marcos comprou fica perto de Dom Silvério.
   d) A lágrima que derramei é o testemunho de minha tristeza.
   e) A rosa que abrirá amanhã não foi a mesma que abriu ontem.

5. Na frase: “O latim tem **seus quês**,” a palavra destacada é

   a) objeto direto.
   b) objeto indireto.
   c) adjunto adverbial de lugar.
   d) aposto.
   e) complemento nominal.

6. Na frase "As loucuras **que** fizemos ontem chegaram ao limite.", o tempo grifado tem função de

   a) sujeito simples.
   b) objeto indireto.
   c) objeto direto.
   d) complemento nominal.
   e) predicativo.

7. Em "É feliz o homem que trabalha", o vocábulo que desempenha função de

   a) sujeito.
   b) objeto indireto.
   c) objeto direto.
   d) complemento nominal.
   e) predicativo.

8. Na frase "O esforço que fizera para erguer meio corpo não durou muito.", assinale a única opção **INCORRETA.**

   a) que – sujeito de fizera.
   b) esforço – sujeito de durou.
   c) muito – adjunto adverbial de intensidade.
   d) meio – adjunto adnominal de "corpo".

9. Em que opção o artigo definido denota familiaridade?

   a) O Amazonas é um rio imenso.
   b) D. Manoel, o Venturoso, era bastante esperto.
   c) O Antônio comunicou-se com o Japão.
   d) O professor João Ribeiro está doente.
   e) Os "Lusíadas" são um poema épico.

10. Indique a alternativa em que é **ERRADO** colocar, junto à palavra destacada, o artigo definido.

    a) Afundou na lama **AMBOS** os pés.
    b) **TODOS** os dias passava por lá, sem vê-la.
    c) **TODA** a noite gotejou a torneira; não pude dormir.
    d) A **TODO** o passante perguntei, nenhum me informou.
    e) Fiz trabalhos os **MAIS** corretos possíveis.

GABARITO									
1-A	2-C	3-D	4-E	5-A	6-C	7-A	8-A	9-C	10-D

A intersubjetividade tem assim sua temporalidade, seus termos, suas dimensões. Por aí se reflete na língua a experiência de uma relação primordial, constante, indefinidamente reversível, entre o falante e seu parceiro. Em última análise, é sempre ao ato de fala no processo de troca que remete a experiência humana inscrita na linguagem.

CAPÍTULO 5

o aparelho formal da enunciação *

Todas as nossas descrições lingüísticas consagram um lugar freqüentemente importante ao "emprego das formas". O que se entende por isso é um conjunto de regras fixando as condições *sintáticas* nas quais as formas podem ou devem normalmente aparecer, uma vez que elas pertencem a um paradigma que arrola as escolhas possíveis. Estas regras de emprego são articuladas a regras de formação indicadas antecipadamente, de maneira a estabelecer uma certa correlação entre as variações morfológicas e as latitudes combinatórias dos signos (acordo, seleção mútua, preposições e regimes dos nomes e dos verbos, lugar e ordem, etc.). Como as escolhas estão limitadas de uma parte e de outra, parece que se obtém assim um inventário que poderia ser, teoricamente, exaustivo, dos empregos como das formas, e em conseqüência uma imagem pelo menos aproximativa da língua em emprego.

Gostaríamos, contudo, de introduzir aqui uma distinção em um funcionamento que tem sido considerado somente sob o ângulo da nomenclatura morfológica e gramatical. As condições de emprego das formas não são, em nosso modo de entender, idênticas às condições de emprego da língua. São, em realidade, dois mundos diferentes, e pode ser útil insistir nesta diferença, a qual implica uma outra maneira de ver as mesmas coisas, uma outra maneira de as descrever e de as interpretar.

O emprego das formas, parte necessária de toda descrição, tem dado lugar a um grande número de modelos, tão variados quanto os tipos lingüísticos dos quais eles procedem. A diversidade das estruturas lingüísticas, tanto quanto sabemos analisá-las, não se deixa reduzir a um pequeno número de modelos, que compreendem sempre e somente os elementos fundamentais. Ao menos dispomos assim de certas representações muito precisas, construídas por meio de uma técnica comprovada.

---

* *Langages*, Paris, Didier-Larousse, 5.º ano, n.º 17 (março de 1970), p. 12-18.

Coisa bem diferente é o emprego da língua. Trata-se aqui de um mecanismo total e constante que, de uma maneira ou de outra, afeta a língua inteira. A dificuldade é apreender este grande fenômeno, tão banal que parece se confundir com a própria língua, tão necessário que nos passa despercebido.

A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização.

O discurso, dir-se-á, que é produzido cada vez que se fala, esta manifestação da enunciação, não é simplesmente a "fala"? — É preciso ter cuidado com a condição específica da enunciação: é o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado, que é nosso objeto. Este ato é o fato do locutor que mobiliza a língua por sua conta. A relação do locutor com a língua determina os caracteres lingüísticos da enunciação. Deve-se considerá-la como o fato do locutor, que toma a língua por instrumento, e nos caracteres lingüísticos que marcam esta relação.

Este grande processo pode ser estudado sob diversos aspectos. Veremos principalmente três.

O mais imediatamente perceptível e o mais direto — embora de um modo geral não seja visto em relação ao fenômeno geral da enunciação — é a realização vocal da língua. Os sons emitidos e percebidos, quer sejam estudados no quadro de um idioma particular ou nas suas manifestações gerais, como processo de aquisição, de difusão, de alteração — são outras tantas ramificações da fonética — procedem sempre de atos individuais, que o lingüista surpreende sempre que possível em uma produção nativa, no interior da fala. Na prática científica procura-se eliminar ou atenuar os traços individuais da enunciação fônica recorrendo a sujeitos diferentes e multiplicando os registros, de modo a obter uma imagem média de sons, distintos ou ligados. Mas cada um sabe que, para o mesmo sujeito, os mesmos sons não são jamais reproduzidos exatamente, e que a noção de identidade não é senão aproximativa mesmo quando a experiência é repetida em detalhe. Estas diferenças dizem respeito à diversidade das situações nas quais a enunciação é produzida.

O mecanismo desta produção é um outro aspecto maior do mesmo problema. A enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso. Aqui a questão — muito difícil e pouco estudada ainda — é ver como o "sentido" se forma em "palavras", em que medida se pode distinguir entre as duas noções e em que termos descrever sua interação. É a semantização da língua que está no centro deste aspecto da enunciação, e ela conduz à teoria do signo e à análise da significância [1]. Sob a mesma consideração disporemos os procedimentos pelos quais as formas lingüísticas da enunciação se diversificam e se engendram. A "gramática transformacional" visa a codificá-las e a formalizá-las para daí depreender um quadro permanente, e, de uma teoria da sintaxe universal, propõe remontar a uma teoria do funcionamento do espírito.

Pode-se, enfim, considerar uma outra abordagem, que consistiria em definir a enunciação no quadro formal de sua realização. É o objeto próprio destas páginas. Tentaremos esboçar, no interior da língua, os caracteres formais da enunciação a partir da manifestação individual que ela atualiza. Estes caracteres são, uns necessários e permanentes, os outros incidentais e ligados à particularidade do idioma escolhido. Por comodidade, os dados utilizados aqui são tirados do português [*francês*] usual e da língua da conversação.

Na enunciação consideraremos, sucessivamente, o próprio ato, as situações em que ele se realiza, os instrumentos de sua realização.

O ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação. Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno.

---

[1] Tratamos disso particularmente num estudo publicado pela revista *Semiotica*, I, 1969 (cf. acima, p. 43-66).

Enquanto realização individual, a enunciação pode se definir, em relação à língua, como um processo de *apropriação.* O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro.

Mas imediatamente, desde que ele se declara locutor e assume a língua, ele implanta o *outro* diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este outro. Toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocução, ela postula um alocutário.

Por fim, na enunciação, a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo. A condição mesma dessa mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso, e, para o outro, a possibilidade de co-referir identicamente, no consenso pragmático que faz de cada locutor um co-locutor. A referência é parte integrante da enunciação.

Estas condições iniciais vão reger todo o mecanismo da referência no processo de enunciação, criando uma situação muito singular e da qual ainda não se tomou a necessária consciência.

O ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala em sua fala. Este é um dado constitutivo da enunciação. A presença do locutor em sua enunciação faz com que cada instância de discurso constitua um centro de referência interno. Esta situação vai se manifestar por um jogo de formas específicas cuja função é de colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação.

Esta descrição um pouco abstrata se aplica a um fenômeno lingüístico familiar no uso, mas cuja análise teórica está apenas começando. É primeiramente a emergência dos índices de pessoa (a relação *eu-tu*) que não se produz senão na e pela enunciação: o termo *eu* denotando o indivíduo que profere a enunciação, e o termo *tu,* o indivíduo que aí está presente como alocutário.

Da mesma natureza e se relacionando à mesma estrutura de enunciação são os numerosos índices de *ostensão* (tipo *este, aqui,* etc.), termos que implicam um gesto que designa o objeto ao mesmo tempo que é pronunciada a instância do termo.

As formas denominadas tradicionalmente "pronomes pessoais", "demonstrativos", aparecem agora como uma classe de "indivíduos lingüísticos", de formas que enviam sempre e somente a "indivíduos", quer se trate de pessoas, de momentos, de lugares, por oposição aos termos nominais, que enviam sempre e somente a conceitos. Ora, o estatuto destes "indivíduos lingüísticos" se deve ao fato de que eles nascem de uma enunciação, de que são produzidos por este acontecimento individual e, se se pode dizer, "semel-natif". Eles são engendrados de novo cada vez que uma enunciação é proferida, e cada vez eles designam algo novo.

Uma terceira série de termos que dizem respeito à enunciação é constituída pelo paradigma inteiro — freqüentemente vasto e complexo — das formas temporais, que se determinam em relação a *EGO,* centro da enunciação. Os "tempos" verbais cuja forma axial, o "presente", coincide com o momento da enunciação, fazem parte deste aparelho necessário[2].

Esta relação com o tempo merece que aí nos detenhamos, que meditemos sobre sua *necessidade,* e que interroguemos sobre o que a fundamenta. Poder-se-ia supor que a temporalidade é um quadro inato do pensamento. Ela é produzida, na verdade, na e pela enunciação. Da enunciação procede a instauração da categoria do presente, e da categoria do presente nasce a categoria do tempo. O presente é propriamente a origem do tempo. Ele é esta presença no mundo que somente o ato de enunciação torna possível, porque, é necessário refletir bem sobre isso, o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o "agora" e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo. Poder-se-ia mostrar pelas análises de sistemas temporais em diversas línguas a posição central do presente. O presente formal não faz senão explicitar o presente inerente à enunciação, que se renova a cada produção de discurso, e a partir deste presente contínuo, coextensivo à nossa própria presença, imprime na consciência o sentimento de uma continuidade que denominamos "tempo"; continuidade e temporalidade que se engendram no presente incessante da enunciação, que é o presente do próprio ser e que se delimita, por referência interna, entre o que vai se tornar presente e o que já não o é mais.

---

[2] Os detalhes dos fatos de língua que apresentamos aqui de um modo sintético, estão expostos em muitos capítulos de nossos *Problèmes de linguistique générale,* I (Paris, 1966), o que nos dispensa de insistir sobre eles.

Assim a enunciação é diretamente responsável por certas classes de signos que ela promove literalmente à existência. Porque eles não poderiam surgir nem ser empregados no uso cognitivo da língua. É preciso então distinguir as entidades que têm na língua seu estatuto pleno e permanente e aquelas que, emanando da enunciação, não existem senão na rede de "indivíduos" que a enunciação cria e em relação ao "aqui-agora" do locutor. Por exemplo: o "eu", o "aquele", o "amanhã" da descrição gramatical não são senão os "nomes" metalingüísticos de *eu, aquele, amanhã* produzidos na enunciação.

Além das formas que comanda, a enunciação fornece as condições necessárias às grandes funções sintáticas. Desde o momento em que o enunciador se serve da língua para influenciar de algum modo o comportamento do alocutário, ele dispõe para este fim de um aparelho de funções. É, em primeiro lugar, a *interrogação*, que é uma enunciação construída para suscitar uma "resposta", por um processo lingüístico que é ao mesmo tempo um processo de comportamento com dupla entrada. Todas as formas lexicais e sintáticas da interrogação, partículas, pronomes, seqüência, entonação, etc., derivam deste aspecto da enunciação.

De modo semelhante distribuir-se-ão os termos ou formas que denominamos de *intimação*: ordens, apelos concebidos em categorias como o imperativo, o vocativo, que implicam uma relação viva e imediata do enunciador ao outro numa referência necessária ao tempo da enunciação.

Menos evidente talvez, mas também certo, é o fato de a *asserção* pertencer a este mesmo repertório. Em seu rodeio sintático, como em sua entonação, a asserção visa a comunicar uma certeza, ela é a manifestação mais comum da presença do locutor na enunciação, ela tem mesmo instrumentos específicos que a exprimem ou que a implicam, as palavras *sim* e *não* afirmando positivamente ou negativamente uma proposição. A negação como operação lógica é independente da enunciação, ela tem sua forma própria, que é *não*. Mas a partícula assertiva *não*, substituta de uma proposição, classifica-se como a partícula *sim*, com a qual ela reparte o estatuto, nas formas que dizem respeito à enunciação.

De modo mais amplo, ainda que de uma maneira menos categorizável, organizam-se aqui todos os tipos de modalidades formais, uns pertencentes aos verbos, como os "modos" (optativo, subjuntivo) que enunciam atitudes do enunciador do ângulo daquilo que enuncia (expectativa, desejo, apreensão), outros à fraseologia ("talvez", "sem dúvida", "provavelmente") e indicando incerteza, possibilidade, indecisão, etc., ou, deliberadamente, recusa de asserção.

O que em geral caracteriza a enunciação é a *acentuação da relação discursiva com o parceiro*, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo.

Esta característica coloca necessariamente o que se pode denominar o *quadro figurativo* da enunciação. Como forma de discurso, a enunciação coloca duas "figuras" igualmente necessárias, uma, origem, a outra, fim da enunciação. É a estrutura do *diálogo*. Duas figuras na posição de parceiros são alternativamente protagonistas da enunciação. Este quadro é dado necessariamente com a definição da enunciação.

Poder-se-ia objetar que pode haver diálogo fora da enunciação, ou enunciação sem diálogo. Os dois casos devem ser examinados.

Na disputa verbal praticada por diferentes povos e da qual uma variedade típica é o *hain-teny* dos Merinas, não se trata na verdade nem de diálogo nem de enunciação. Nenhum dos dois parceiros se enuncia: tudo consiste em provérbios citados e em provérbios opostos citados em réplica. Não há uma única referência explícita ao objeto do debate. Aquele, dos dois participantes, que dispõe do maior estoque de provérbios, ou que os emprega de modo mais hábil, mais malicioso, menos previsível deixa o outro sem saber o que responder e é proclamado vencedor. Este jogo não tem senão a aparência de um diálogo.

Inversamente, o "monólogo" procede claramente da enunciação. Ele deve ser classificado, não obstante a aparência, como uma variedade do diálogo, estrutura fundamental. O "monólogo" é um diálogo interiorizado, formulado em "linguagem interior", entre um eu locutor e um eu ouvinte. Às vezes, o eu locutor é o único a falar; o eu ouvinte permanece entretanto presente; sua presença é necessária e suficiente para tornar significante a enunciação do eu locutor. Às vezes, também, o eu ouvinte intervém com uma objeção, uma questão, uma dúvida, um insulto. A forma lingüística que esta intervenção assume difere segundo os idiomas, mas é sempre uma forma "pessoal". Ora o eu ouvinte substitui o eu locutor e se enuncia então como "primeira pessoa"; é assim em francês [*português*] onde o "monólogo" será cortado por observações ou injunções tais como: "Non, je suis idiot, j'ai oublié de lui dire que..." [*"Não, eu sou um idiota, esqueci de te dizer que..."*]. Ora o eu ouvinte interpela na "segunda pessoa" o eu locutor: "Non, tu n'aurais pas dû lui dire que..." [*"Não, tu (você) não deverias (ria) lhe ter dito que..."*]. Haveria aí uma interessante tipologia dessas relações para estabelecer; em algumas línguas ver-se-ia predominar o eu ouvinte como substituto do locutor e se colocando por sua vez como *eu* (francês, inglês), ou em outras, pondo-se como parceiro de diálogo e empregando *tu* (alemão, russo). Esta transposição do diálogo em "monólogo" onde EGO ou se divide em dois, ou assume dois papéis, presta-se a figurações ou a transposições psicodramáticas: conflitos do *"eu* [*moi*] profundo" e da "consciência", desdobramentos provocados pela "inspiração", etc. Esta possibilidade é facultada pelo aparelho lingüístico da enunciação, sui-reflexivo, que compreende um jogo de oposições do pronome e do antônimo (*eu/me/mim* [*Je/me/moi*])[3].

Estas situações exigiriam uma dupla descrição, da forma lingüística e da condição figurativa. Contenta-se muito facilmente com invocar a freqüência e a utilidade práticas da comunicação entre os indivíduos, para que se admita a situação de diálogo como resultando de uma necessidade, abstendo-se assim de analisar as múltiplas variedades. Uma delas se apresenta em uma condição social das mais banais em aparência, mas das menos conhecidas, de fato. B. Malinowski indicou-a sob o nome de *comunhão fática*, qualificando-a assim como fenômeno psicossocial com função lingüística. Ele a configurou partindo do papel que a linguagem aí desempenha. É um processo em que o discurso, sob a forma de um diálogo, estabelece uma colaboração entre os indivíduos. Vale a pena citar algumas passagens desta análise[4]:

> O caso da linguagem usada no livre e fortuito intercurso social merece especial atenção. Quando várias pessoas sentam-se juntas em torno da fogueira da aldeia, depois de terminadas as tarefas quotidianas, ou quando batem papo, descansando do trabalho, ou quando acompanham algum simples trabalho manual com um tagarelar que nada tem a ver com o que estão fazendo — é claro que, nestes casos, estamos diante de um outro modo de usar a linguagem, com um outro tipo de função do discurso. Aqui, a língua não depende do que acontece no momento; parece estar até privada de qualquer contexto de situação. O sentido de cada enunciado não pode estar ligado ao comportamento do locutor ou do ouvinte, com a intenção do que estão fazendo.
>
> Uma simples frase de cortesia, tão usada entre as tribos selvagens como nos salões europeus, cumpre uma função para a qual o sentido de suas palavras é quase completamente indiferente. As perguntas sobre a saúde, os comentários sobre o tempo, as afirmações de algum estado de coisas absolutamente óbvio — tudo são frases trocadas não com a finalidade de informar, nem para coordenar as pessoas em ação e certamente que não para expressar qualquer pensamento...
>
> Não há dúvida de que temos aqui um novo tipo de uso lingüístico — que estou tentado a chamar *comunhão fática*, instigado pelo demônio da invenção terminológica — um tipo de discurso em que os laços de união são criados pela mera troca de palavras... As palavras, na comunhão fática, são usadas, principalmente, para transmitir uma significação, a significação que é, simbolicamente, a delas? Certamente que não. Elas preenchem uma função social e esse é o seu principal objetivo, mas não são o resultado de reflexão intelectual nem despertam, necessariamente, qualquer espécie de reflexão no ouvinte. Mais uma vez podemos dizer que a linguagem não funciona, neste caso, como um meio de transmissão do pensamento.

---

[3] Ver um artigo do BSL 60 (1965), fasc. I, p. 71 e ss.

[4] Traduzimos aqui algumas passagens do artigo de B. Malinowski publicado em Ogden e Richards, *The meaning of meaning*, 1923, p. 313 e s.

Mas podemos considerá-la um modo de ação? E em que relação se situa com a nossa concepção decisiva de contexto de situação? É óbvio que a situação exterior não participa diretamente na técnica da fala. Mas o que é que pode ser considerado *situação* quando um certo número de pessoas tagarelam juntas sem finalidade? Consiste, apenas, nessa atmosfera de sociabilidade e no fato de uma comunhão pessoal dessas pessoas. Mas esta é obtida, de fato, pela fala e a situação, em todos esses casos, é criada pela troca de palavras, pelos sentimentos específicos que formam a convivência gregária, pelo vai e vem dos propósitos que constituem o tagarelar comum. A situação, em seu todo, consiste no que acontece lingüisticamente. Cada enunciação é um ato que serve o propósito direto de unir o ouvinte ao locutor por algum laço de sentimento, social ou de outro tipo. Uma vez mais, a linguagem, nesta função, manifesta-se-nos, não como um instrumento de reflexão mas como um modo de ação.

Estamos aqui no limite do "diálogo". Uma relação pessoal criada, mantida, por uma forma convencional de enunciação que se volta sobre si mesma, que se satisfaz em sua realização, não comportando nem objeto, nem finalidade, nem mensagem, pura enunciação de palavras combinadas, repetidas por cada um dos enunciadores. A análise formal desta forma de troca lingüística está por fazer[5].

Muitos outros desdobramentos deveriam ser estudados no contexto da enunciação. Ter-se-ia que considerar as alterações lexicais que a enunciação determina, a fraseologia, que é a marca freqüente, talvez necessária, da "oralidade". Seria preciso também distinguir a enunciação falada da enunciação escrita. Esta se situa em dois planos: o que escreve se enuncia ao escrever e, no interior de sua escrita, ele faz os indivíduos se enunciarem. Amplas perspectivas se abrem para a análise das formas complexas do discurso, a partir do quadro formal esboçado aqui.

---

[5] Não há sobre ela senão algumas referências, por exemplo, em Grace de Laguna, *Speech, its function and development*, 1927, p. 244 n.; R. Jakobson, *Essais de linguistique générale*, trad. N. Ruwet, 1963, p. 217.

III

ESTRUTURAS E ANÁLISES

Tradução: Rosa Attié Figueira

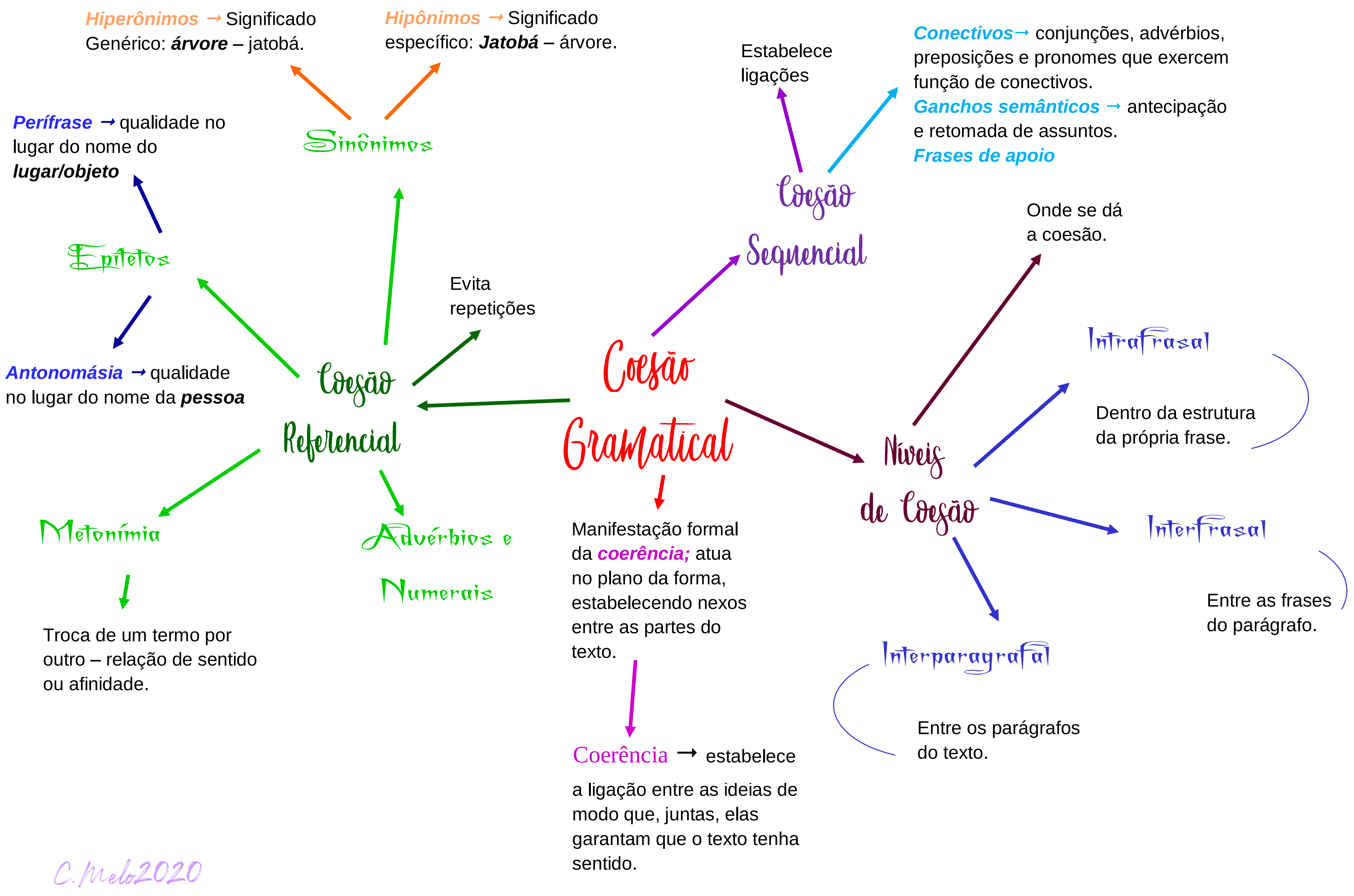

Coesão Gramatical

Manifestação formal da ***coerência;*** atua no plano da forma, estabelecendo nexos entre as partes do texto.

Coerência → estabelece a ligação entre as ideias de modo que, juntas, elas garantam que o texto tenha sentido.

Coesão Referencial

Evita repetições

Sinônimos

Hiperônimos → Significado Genérico: ***árvore*** – jatobá.

Hipônimos → Significado específico: ***Jatobá*** – árvore.

Epítetos

Perífrase → qualidade no lugar do nome do ***lugar/objeto***

Antonomásia → qualidade no lugar do nome da ***pessoa***

Metonímia

Troca de um termo por outro – relação de sentido ou afinidade.

Advérbios e Numerais

Coesão Sequencial

Estabelece ligações

Conectivos → conjunções, advérbios, preposições e pronomes que exercem função de conectivos.

Ganchos semânticos → antecipação e retomada de assuntos.

Frases de apoio

Níveis de Coesão

Onde se dá a coesão.

Intrafrasal

Dentro da estrutura da própria frase.

Interfrasal

Entre as frases do parágrafo.

Interparagrafal

Entre os parágrafos do texto.

C.Melo2020

ESTRUTURAS SINTÁTICAS DE ORAÇÕES RELATIVAS

Eduardo Kenedy[1]

Introdução

A sintaxe e a semântica das orações relativas são um rico objeto de estudo para a linguística. Sob diferentes abordagens teóricas, em distintas épocas da evolução do pensamento linguístico, é vastíssima a literatura já produzida sobre o tema. As relativas demandam tanta atenção por pelo menos duas razões: (i) trata-se de um fenômeno altamente produtivo nas línguas naturais, que se manifesta em diversos graus de complexidade morfossintática e semântico-pragmática; (ii) a despeito do grande esforço descritivo dos estudiosos, há ainda muito sobre o assunto que não compreendemos ou que compreendemos apenas superficialmente, tal como indicava Chomsky na afirmação "ainda não possuímos uma boa teoria sintática acerca de problemas como as orações relativas"[2] (1995, p. 382), que nos parece válida até o presente. O complexo fenômeno da relativização é, portanto, um tema em aberto, a ser explorado por sintaticistas e semanticistas da atual e das próximas gerações de linguistas.

Um dos aspectos importantes a ser abordado na pesquisa sobre as orações relativas diz respeito à sua descrição sintática formal. Nessa abordagem, procura-se fazer uma descrição puramente sintática do fenômeno da relativização, tendo em vista tão somente a estrutura que se estabelece entre seus elementos constituintes. Com efeito, a caracterização semântica informal das orações relativas é relativamente simples. Em sua forma típica, uma relativa desempenha a função de modificador de uma expressão nominal N qualquer. No exemplo (1) abaixo, a oração relativa é [que João leu] e a expressão N é [livro].

1) O [livro] [que João leu]

Noutra configuração formal, a expressão N relativizada não é foneticamente visível na sentença, razão pela qual relativas dessa natureza são denominadas *relativas sem núcleo* ou *relativas livres*. Em (2) a seguir, [quem você conhece] ilustra o caso de uma relativa livre.

---

[1] Universidade Federal Fluminense (UFF) – Departamento de Ciências da Linguagem, Niterói, RJ. E-mail: eduardokenedy@id.uff.br.

[2] Tradução de "We still have no good phrase structure theory for such simple matters as relative clauses (...)".

2) Não conheço [quem você conhece]

Chierqhia (2003, p. 339) estabeleceu com clareza que, numa relativização, a expressão N denota uma classe de objetos quaisquer e a oração relativa denota outra classe qualquer. Semanticamente, a relativização se dá por meio da interseção entre a classe denotada por N e classe denotada pela oração relativa. Por exemplo, considerando-se, em (1), a classe *livro* denotada por N e a classe *X que João leu* denotada pela relativa, a interseção ocorre quando se estabelece que o valor de X é igual a N e, por conseguinte, a classe *livro* é restrita à classe *livro que João leu*. Ora, uma descrição formal deve justamente explicar como a estrutura sintática da relativização estabelece a interseção entre a expressão N e a oração relativa, ou seja, tal descrição deve explicitar como, na sintaxe, a relação entre N e a relativa torna-se visível, inclusive quando a expressão N é foneticamente ausente, como acontece em (2).

No presente capítulo, apresentaremos trechos do caminho que a linguística gerativa vem trilhando, ao longo dos últimos cinquenta anos, na busca de uma análise formal acerca das orações relativas que contemple os ideais de adequação observacional, descritiva e explanatória estipulados por Chomsky (1965). Descreveremos os principais modelos formais a respeito da relativização até hoje elaborados por sintaticistas de orientação gerativista e, com base nesses modelos, veremos de que maneira as orações relativas podem ser analisadas sintaticamente. Especialmente, concentraremos nossa atenção nas relativas que modificam uma expressão nominal N foneticamente expressa na sentença, deixando o caso das relativas livres para o capítulo 2 deste volume. Acreditamos que, após a leitura do "estado da arte" que aqui propomos, o contato com o próximo capítulo será uma excelente ilustração de como são aplicados na prática, em estudos específicos, os modelos e os conceitos por detrás das discussões formais que analisaremos a seguir.

Organizamos o capítulo da seguinte maneira. Na seção 1, apresentaremos o modelo *wh-movement* (CHOMSKY, 1977, 1995 e posteriores). Esse modelo, como veremos, propõe que as relativas devam ser analisadas como orações adjuntas ao sintagma que contém a expressão nominal alvo da relativização. Na seção 2, descreveremos o modelo *raising* (KAYNE, 1994 e posteriores), o qual propõe que as relativas sejam complementos formais de um núcleo determinante, a categoria D, que se manifesta na forma de artigos, pronomes etc. Uma rápida discussão sobre qual desses modelos pode ser considerado o mais adequado para a linguística formal é apresentada na seção 3. Nas demais seções, utilizaremos os fundamentos dos modelos *wh-movement* e *raising* para compreender como os linguistas brasileiros vêm analisando a estrutura sintática das orações relativas do português do Brasil no curso dos últimos 30 anos. Daremos ênfase ao caso das relativas não-canônicas de nossa língua. Faremos, na seção 4, uma breve exposição do inventário das relativas não-canônicas e, na seção 5, veremos como os trabalhos de Tarallo, (1983), Kato (1993), Kenedy (2002) e Kato e Nunes (2007) propõem diferentes análises estruturais para esses fenômenos sintáticos. Conduziremos nossa apresentação de maneira informal e, tanto quanto possível, sem abuso das tecnicalidades inevitáveis no trabalho de formalização. Essa opção didática tem o objetivo de divulgar o pensar do sintaticista-formalista para um público mais amplo e, com sorte, conseguir despertar o interesse do leitor para o aprofundamento nos estudos e nas pesquisas de sintaxe gerativa.

1. As orações relativas segundo o modelo *wh-movement*

Desde, pelo menos, o início da década de 60, as orações relativas têm despertado o interesse de sintaticistas de orientação gerativista. O trabalho de Lees (1960) foi um dos primeiros a abrir espaço na busca de adequação descritiva a respeito do fenômeno da relativização. Lees apresentou a ideia de que uma relativa seria derivada a partir de duas orações não-relativas, que compartilhariam uma mesma expressão nominal. Para o autor, a relativização aconteceria quando a expressão nominal é apagada no interior da segunda oração, que é então adjungida à primeira, tornando-se uma oração relativa. A análise sintática de Lees seria mais tarde formalizada por Rosenbaum (1969), dando corpo ao que ficou conhecido, na terminologia de então, como a *transformação relativa*. Nesse tipo de transformação, a segunda oração não-relativa é adjungida a uma expressão nominal N presente na primeira oração – tal N é, portanto, o *alvo* da relativização. A transformação seria finalizada pela aplicação de duas regras: (i) a inserção de um pronome relativo, com traços de gênero, número, pessoa e caso idênticos aos do N alvo e (ii) o apagamento da expressão N repetida no interior da relativa, conforme se ilustra a seguir.

3) A transformação relativa (anos 60)
   a) oração não-relativa 1: [o argumento impressionou a todos]
   b) oração não-relativa 2: [Paulo apresentou o argumento]
   c) adjunção ao N alvo: [o argumento [Paulo apresentou o argumento] impressionou a todos]
   d) inserção de pronome relativo: [o argumento [[que] Paulo apresentou o argumento] impressionou a todos]

e) apagamento da expressão N no interior da relativa: [o argumento [[que] Paulo apresentou] impressionou a todos]

A ideia de que a relativização envolvia adjunção entre constituintes e demandava a aplicação de regras de inserção e de apagamento adiantava verdadeiros *insights* sobre a descrição mais formalizada das orações relativas. Tal como então formuladas, no entanto, tais regras pareciam um tanto obscuras e arbitrárias. Afinal, formalistas rigorosos poderiam questionar sobre o que, de fato, motivaria, por exemplo, a inserção e o apagamento de constituintes. Caberia, pois, à evolução da teoria sintática reescrever a *transformação relativa* de maneira mais explícita e motivada. Foi isso o que acabou acontecendo uma década mais tarde, quando Chomsky, em sua obra seminal de 1977, caracterizou as orações relativas como uma instância do que se apresentava como o fenômeno geral das *regras de movimento de qu-*, ou *wh-movement*. Para Chomsky, a relativização envolvia a adjunção de uma cláusula (CP – do inglês *complementizer phrase*) a um sintagma nominal (NP – do inglês, *noun phrase*), hoje descrito como sintagma determinante (DP – do inglês, *determiner phrase*), configurando a seguinte estrutura sintática.

4) relativização = adjunção de CP a DP/NP

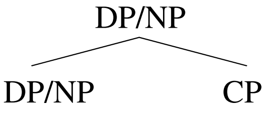

Segundo Chomsky (1977, p. 87), orações relativas são CPs que possuem um elemento wh- correferente à expressão N relativizada. Esse wh-, no caso, um *pronome relativo*, é gerado numa posição argumental no domínio do IP (sintagma flexional, do inglês *inflectional prhase*), de onde sofre regra de movimento para o início da relativa, na posição sintática de spec-CP (especificador do CP). A ilustração em (5) indica o conjunto da transformação relativa descrito até aqui. Note-se que "t" (vestígio, do inglês *trace*) indica a posição original da qual o elemento wh- fora deslocado e que o "i" (índice) subscrito indica os elementos correferentes.

5) As relativas no modelo *wh-movement*

$$[_{DP/NP}\,[_{DP/NP}\,\text{ALVO}]_i\,[_{CP}\,\underset{\uparrow}{wh_i}\,[_{IP}\ldots t_i\ldots]]]$$

A generalização de Chomsky mostrou-se muito importante para a teoria linguística porque era capaz de reunir, sob uma única descrição, orações interrogativas com elemento wh-, orações relativas restritivas, orações relativas apositivas, topicalizações, clivadas, coordenadas comparativas dentre outras estruturas sintáticas. A principal evidência empírica para a análise chomskiana se sustentava no fato de que, tal como as demais estruturas wh-, orações relativas (i) apresentam uma lacuna (*gap*), (ii) permitem relações estruturais de longa distância e (iii) são sensíveis às restrições de ilha. Essas propriedades fundamentais podem ser verificadas a partir das ilustrações a seguir (retiradas de AOUN & LI, 2001: 05), em que o asterisco indica uma violação gramatical.

6) a. $[_{NP}$ $[_{NP}$ the boy$_i$ $[_{CP}$ who$_i$ $[_{IP}$ Mary thinks $[_{VP}$ t_i is the smartest]]]]]

b. * $[_{NP}$ $[_{NP}$ the boy$_i$ $[_{CP}$ who$_i$ $[_{IP}$ I like the teacher $[_{CP}$ who $[_{IP}$ has taught t_i]]]]]]

c. * $[_{NP}$ $[_{NP}$ the boy$_i$ $[_{CP}$ who$_i$ $[_{IP}$ I will be happy $[_{CP}$ if $[_{IP}$ you like t_i]]]]]]

d. * $[_{NP}$ $[_{NP}$ the boy$_i$ $[_{CP}$ who$_i$ $[_{IP}$ I wonder $[_{CP}$ why $[_{IP}$ John has taught t_i]]]]]][3,4]

A posição indicada por "t" em (6a) procura evidenciar que o pronome *who* tenha sido extraído de uma posição sob o domínio de VP (*verbal phrase* – sintagma verbal) para spec-CP, o que constituiria evidência para as propriedades (i) e (ii). Já em (6b-d), apresentam-se evidências para a propriedade (iii), pois a extração de *who* para spec-CP teria violado o princípio da subjacência – o Movimento teria saltado por sobre dois IPs, o que tornaria a construção agramatical. Essas generalizações constituíam, sem dúvida, grande avanço no desafio de descrever formalmente a estrutura da relativização, no entanto deixavam de fora duas particularidades fundamentais das orações relativas: em primeiro lugar, a correferência e o compartilhamento de traços entre o alvo e o pronome relativo e, em segundo, a possibilidade de que relativas sejam derivadas sem pronome relativo wh-.

Para dar conta da correferência e do compartilhamento de traços entre N e o elemento wh-, Chomsky (1977) e, mais tarde, Safir (1986) e Browning (1987) adicionaram à transformação relativa uma *regra de predicação*. Tal regra, diferentemente do restante da derivação de uma relativa, não seria aplicada na sintaxe visível, e, sim, no componente lógico

---

[3] Note que, nesse tipo de representação formal, a abertura de um colchete indica a fronteira de um sintagma e a sigla subscrita indica a categoria do sintagma então aberto. Os colchetes ao fim da frase indicam o fechamento dos sintagmas abertos.

[4] Traduções literais: **6a)** $[_{NP}$ $[_{NP}$ o rapaz$_i$ $[_{CP}$ o qual$_i$ $[_{IP}$ Mary pensa $[_{VP}$ t_i é o mais esperto]]]]]; **6b)** * $[_{NP}$ $[_{NP}$ o rapaz$_i$ $[_{CP}$ o qual$_i$ $[_{IP}$ eu admiro o professor $[_{CP}$ o qual $[_{IP}$ ensinou t_i]]]]]]; **6c)** * $[_{NP}$ $[_{NP}$ o rapaz$_i$ $[_{CP}$ o qual$_i$ $[_{IP}$ eu ficarei feliz $[_{CP}$ se $[_{IP}$ você gostar t_i]]]]]]; **6d)** * $[_{NP}$ $[_{NP}$ o rapaz$_i$ $[_{CP}$ o qual$_i$ $[_{IP}$ eu imagino $[_{CP}$ por que $[_{IP}$ John ensinou t_i]]]]]].

da linguagem, o subcomponente LF (do inglês *logical form*) da faculdade da linguagem.[5] Trata-se, portanto, de uma regra formulada de maneira independente dos fatores elencados em (6), cuja única motivação era atribuir coerência teórica ao modelo *wh-movement,* indicando que o alvo da relativa e o elemento wh- seriam derivados na sintaxe de maneira independente e apenas em LF, um componente pós-sintático, viriam a ser indexados, tal como é indicado na representação em (7).

7)

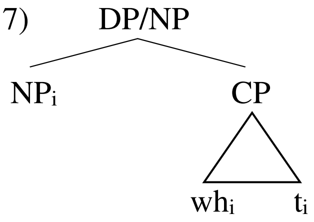

Dizendo de outra forma, o modelo de Chomsky (1977 e posteriores) assume que a derivação do CP que contém a oração relativa é idêntica à de qualquer outro CP e só possui de particular a adjunção a um constituinte DP/NP. Nesse modelo, a existência do alvo da relativa como um constituinte sintático independente do pronome relativo criava um problema descritivo: como o elemento wh- seria associado ao seu respectivo alvo e compartilharia com ele traços morfossintáticos, se ambos não estabelecem relação sintática direta? Para contornar esse problema e garantir a interseção entre N e CP, recorreu-se então à regra de predicação, caracterizada da seguinte forma: cláusulas relativas seriam sentenças abertas, verdadeiros predicados que precisam ser associados a um *sujeito* para que a construção seja legítima no componente interpretativo (cf. CHOMSKY, 1995, p. 70). Logo, LF aplicará uma regra de predicação capaz de associar um predicado como [que João leu] a seu respectivo *sujeito* [livro]. Kenedy (2002) apresentou severas críticas ao recurso à LF para explicar a predicação entre o alvo da relativa e o elemento wh-. Segundo o autor, a alegada regra de predicação parecia falhar em pelo menos dois aspectos cruciais.

> “Primeiramente, ela (a regra de predicação) é capaz de associar livremente NP e *wh*, sem precisar enfrentar qualquer tipo de restrição, como, por exemplo, as condições de ilha, já que, aplicada em LF, não está sujeita à subjacência. Esse poder ilimitado de indexação confere à regra de predicação um caráter imotivado incompatível com os rumos e os rigores da pesquisa linguística formal contemporânea. Em segundo lugar, a regra de predicação não é capaz de explicar de que maneira NP e *wh* chegam a compartilhar certos traços

---

[5] Na linguística gerativa, assume-se que a linguagem humana seja um sistema cognitivo constituído por um Léxico, um Sistema Computacional (a sintaxe) e dois sistemas de interface, a Forma Lógica e a Forma Fonética, os quais modificam e encaminham as expressões linguísticas criadas pela sintaxe para o uso por parte de outros sistemas cognitivos, como os sistemas de pensamento e os sistemas sensório-motores.

> morfossintáticos como gênero, número e caso. Dado que esses traços são estabelecidos/checados numa relação sintática local, parece incongruente que uma regra aplicada em LF possa determiná-los.”
>
> (KENEDY, 2002, p. 24)

Outra particularidade da relativização que o modelo de Chomsky (1977) não explorava era o fato de o CP de uma relativa poder ser derivado sem a presença de um elemento wh-, ou seja, orações relativas podem ser derivadas sem a presença de pronomes relativos. Essas relativas apresentariam ou um complementador gerado na base como núcleo de CP, tal como indicado em (8a), ou não apresentariam nenhum conectivo explícito entre o alvo da relativa e CP, como acontece, em inglês, em relativas do tipo (8b).

8) a. The book [$_{CP}$ that [$_{IP}$ I read last week]]
   b. The book [$_{CP}$ [$_{IP}$ I read last week]][6]

Relativas sem pronome relativo representam um desafio para a descrição formal porque o sintaticista deve explicar como acontece a saturação da estrutura argumental do predicador presente no domínio do CP da relativa. Por exemplo, o verbo *read* (“ler”), presente nos exemplos em 8, seleciona dois argumentos (*o ser que lê* e *o objeto que é lido*). O primeiro argumento, chamado de argumento externo, é claramente identificado nas sentenças: trata-se do sujeito “I” (eu), o indivíduo que lê. Já o segundo argumento, chamado de argumento interno, não é identificado pelas representações em (8), já que nelas não há indicação, no domínio do CP, acerca de qual é a coisa lida. Dessa forma, tal como se encontra, a representação em (8) não é capaz de indicar como acontece a saturação da estrutura argumental do verbo presente na oração relativa. Semanticamente, sabemos que a coisa lida é a expressão N fora do domínio da relativa, mas precisamos determinar formalmente como essa informação é codificada na estrutura sintática da relativização. Note que a situação seria totalmente diferente se tivéssemos na oração um elemento wh-, o qual seria, ele mesmo, o argumento interno do verbo, o seu complemento, conforme se indica a seguir.

9) The book [$_{CP}$ which$_i$ [$_{C}$ [$_{IP}$ I read t$_i$ last week]][7]

Em (9), a saturação da estrutura argumental de *read* é claramente representada. “I” é o argumento externo do verbo e o pronome relativo *which* é gerado como seu argumento interno. É justamente da posição de complemento do verbo (como argumento interno) que o pronome é deslocado para spec-CP, conforme prevê a transformação relativa.

---

[6] Traduções literais: 8a) O livro [$_{CP}$ que [$_{IP}$ eu li semana passada]]; 8b) O livro [$_{CP}$ [$_{IP}$ eu li semana passada]].

[7] Tradução literal: 9) O livro [$_{CP}$ o qual [$_{IP}$ eu li semana passada]].

Na tentativa de explicar as relativas sem elemento wh-, muitos gerativistas reivindicaram a existência de um operador nulo OP. A caracterização mais clara do que seria um OP foi feita por Chomsky em 1995.

> "In English-type languages, relative clauses are formed in much the same manner as interrogatives: an operator phrase, which may be either an EC operator OP or morphologically identical to a question phrase, is moved to [Spec, CP], leaving a trace that functions as variable, as in (97).
>
> (97) a. the people [who John expected to meet *t*]
>
> b. the people [OP (that) John expected to meet *t*]"[8]
>
> (CHOMSKY, 1995, p. 70)

Para o modelo chomskiano, a hipótese do operador OP resolvia quase todos os problemas das relativas sem pronome relativo, já que as características estruturais pretendidas para OP eram exatamente idênticas às de um constituinte *wh*. Portanto, à parte ser um elemento invisível, OP era o mesmo que um *wh*. Observe-se a derivação de uma relativa mediada por OP:

10) O operador nulo OP:

[$_{NP}$ [$_{NP}$ the book [$_{CP}$ OP$_{i}$ that [$_{IP}$ I read t$_{i}$ last week]]]]

É importante indicar que, em português, o pronome relativo *que* é homófono do complementador *que*, diferentemente de uma língua como o inglês, em que o complementador *that* é foneticamente distinto de pronomes como *which*, *who*, *where*, *what* etc. Essa homofonia criará problemas para a identificação formal da estrutura da relativização em nossa língua. Tarallo (1983) e Kenedy (2002), por exemplo, identificaram o elemento *que* em orações relativas como um complementador, enquanto Kato (1993) e Duarte (2003) atribuíram-lhe status de pronome relativo. Dessa forma, considerando-se a descrição sintática proposta no modelo *wh-movement*, é problema sujeito à argumentação decidir qual das representações abaixo melhor captura a estrutura formal de uma relativa em português.

11) a. O livro [$_{CP}$ OP$_{i}$ [$_{C}$ que [$_{IP}$ eu li t$_{i}$ na semana passada]]]

---

[8] Tradução: "Em línguas como o inglês, orações relativas são formadas da mesma maneira que interrogativas: um sintagma operador, que pode ser tanto uma categoria vazia (EC), o operador OP, quanto um pronome morfologicamente idêntico a um sintagma interrogativo, é movido para [Spec, CP], deixando um vestígio que funciona como variável, como em (97). 97) a. as pessoas [as quais John esperava encontrar t]; b) as pessoas [OP (que) John esperava encontrar t].

b. O livro $[_{CP}$ que$_{i}$ $[_{C}$ $[_{IP}$ eu li t_{i} na semana passada]]]

Especificidades do português à parte, a natureza de OP foi, mais de uma vez, considerada obscura na literatura linguística (cf. JAEGGLI, 1981; AUTHIER, 1986; LASNIK & STOWELL, 1989; CONTRERAS, 1993). Com efeito, assim como no caso da regra de predicação que relaciona a expressão N ao elemento wh-, o sintaticista pode questionar-se sobre a naturalidade de um operador como OP. Kenedy (2002, p. 26) sugere que o recurso ao OP redunda numa estratégia descritiva muito artificial, cuja motivação parece ser puramente intrateórica, injustificável no quadro da linguística formal contemporânea, de orientação no Programa Minimalista chomskiano (CHOMSKY, 1995, 2007). Descrever relativas sem wh- abrindo mão do recurso ao OP é, ainda hoje, um desafio para os sintaticistas que assumem o modelo *wh-movement*.

Desde os anos 80, quando se consolidou teoricamente, no contexto da incipiente TP&P – a Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981) –, até os dias atuais do Programa Minimalista (CHOMSKY, 2007), auge da maturidade da TP&P, o modelo *wh-movement* vem sendo amplamente utilizado nos estudos sobre orações relativas em centenas de línguas naturais. Podemos dizer que, contempladas as adaptações que se tornaram necessárias com o avanço da teoria linguística formal, a essência da hipótese *wh-movement* acerca da relativização manteve-se inalterada até o presente: (i) relativas são descritas como CPs adjungidos a NP/DPs, (ii) no domínio do CP da relativa, um elemento wh- ou OP é deslocado de sua posição argumental para spec-CP e (iii) em LF, uma regra de predicação estabelece a indexação entre a expressão nominal relativizada e o elemento wh- ou OP. O sucesso do modelo *wh-movement* entre os linguistas é tal que, muitas vezes, podemos ter a impressão de que não existem outras análises sintáticas acerca da estrutura da relativização. Essa impressão pode ser reforçada pela leitura de manuais de sintaxe recentes, como os de Haegeman (2006) e de Hornstein (2009), nos quais as relativas são sumariamente apresentadas como CPs adjuntos a DPs, como se essa estrutura fosse um fato, e não uma hipótese de um modelo específico, o modelo *wh-movement*. É oportuno ressaltar que a abordagem desse modelo coincide com a descrição tradicional das orações relativas, levada a cabo em nossas gramáticas escolares, em que as chamadas *orações adjetivas restritivas* são interpretadas como adjuntos adnominais oracionais.

2. As orações relativas segundo o modelo *raising*

A análise formal proposta pelo que chamamos de modelo *raising* teve origem também na linguística gerativa dos anos 60. Brame (1968) foi provavelmente o precursor dessa importante linha descritiva, que, durante os anos 70, com os trabalhos de Schachter (1973), Vergnaud (1974) e Brame (1976), constituiria a mais importante alternativa à descrição das orações relativas baseada na hipótese *wh-movement*. Para esses linguistas, a derivação da uma cláusula relativa não envolveria a relação entre duas orações não-relativas, com duas expressões N idênticas, como se propunha na transformação relativa de origem em Lees (1960), aprimorada por Chomsky (1977). Diferentemente, a hipótese *raising* assumia que a relativização envolveria apenas uma expressão N, que seria deslocada de uma posição dentro do IP da oração relativa para fora desse domínio, adjungindo-se a um constituinte determinante, que Brame denominava "Art" (artigo). Abaixo, as etapas da transformação *raising* podem ser cotejadas com a transformação relativa, apresentada em (3).

12) A transformação relativa no embrionário modelo *raising* (anos 60/70)
   a) oração não-relativa: [o impressionou a todos]
   b) oração relativa: [argumento que Paulo apresentou]
   c) adjunção: [o [argumento que Paulo apresentou] impressionou a todos]
   d) *raising* do N alvo: [o argumento$_i$ [t$_i$ que Paulo apresentou] impressionou a todos]

Ao contrário do que o seu nome possa sugerir, o modelo *raising* não defende tão somente que ocorra alçamento (*raising*) de constituinte na derivação de uma cláusula relativa – afinal, como vimos, mesmo o modelo *wh-movement* assume que, em construções desse tipo, algum elemento (*wh* ou OP) seja necessariamente alçado a spec-CP. *Raising*, especialmente, significa alçamento do sintagma alvo da relativização. Nessa análise formal, a expressão N relativizada é de fato um constituinte interno à cláusula relativa, que, de sua posição argumental, é alçado para spec-CP, no domínio da oração relativa, como se apresenta em (13).

13) As relativas no modelo *raising*

$$[_{D}\ [_{CP}\ \text{ALVO}_i\ [_{IP} \ldots\ t_i \ldots]]$$

Ainda nos anos 70, Schachter (1973, p. 424) procurou formalizar mais claramente o modelo *raising* ao caracterizar as orações relativas como cláusulas que desempenhariam a função de complemento de um elemento determinante, tipicamente um artigo, como já adiantara Brame (1968). Foi, porém, somente nos anos 90, com o influente trabalho de Kayne (1994) sobre a antissimetria da sintaxe, que essa abordagem passou por um profundo refinamento teórico, vindo a tornar-se um modelo descritivo muito influente, em competição com a análise *wh-movement*. Segundo Kayne (1994), as relativas não deveriam ser analisadas como adjuntos de NP/DP ou de Art, pelo contrário, deveriam ser descritas como complementos de um núcleo determinante D.

14) Relativização = complementação de CP a D

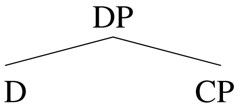

Com a proposta de Kayne, o modelo *raising* tornava-se igualmente capaz de dar conta das já citadas três grandes generalizações sobre as relativas apontadas por Chomsky (1997): (i) há nas relativas uma lacuna, (ii) ocorrem nelas relações estruturais de longa distância e (iii) há sensibilidade às restrições de ilhas. Os exemplos de Aoun e Li (2001, p. 05), apresentados em (6), receberiam a seguinte reconfiguração formal de acordo com a proposta [D CP] do modelo *raising*.

15) a. [$_{D}$ the [$_{CP}$ boy$_{j}$ [$_{DP}$ who t_{j}]$_{i}$ [$_{IP}$ Mary thinks [$_{VP}$ t_{i} is the smartest]]]]]

b. * [$_{D}$ the [$_{CP}$ boy$_{j}$ [$_{DP}$ who t_{j}]$_{i}$ [$_{IP}$ I like the teacher [$_{CP}$ who [$_{IP}$ has taught t_{i}]]]]]]

c. * [$_{D}$ the [$_{CP}$ boy$_{j}$ [$_{DP}$ who t_{j}]$_{i}$ [$_{IP}$ I will be happy [$_{CP}$ if [$_{IP}$ you like t_{i}]]]]]]

d. * [$_{D}$ the [$_{CP}$ boy$_{j}$ [$_{DP}$ who t_{j}]$_{i}$ [$_{IP}$ I wonder [$_{CP}$ why [$_{IP}$ John has taught t_{i}]]]]]]

Conforme ilustrado acima, o alvo da relativa é uma expressão N presente no DP que é gerado numa posição argumental no domínio do CP, conforme indica o índice "i" subscrito. O DP que contém o alvo da relativa é deslocado de sua posição de base, deixando lá uma lacuna com a qual mantém relações à distância (cf. 15a) que devem respeitar às condições de ilha, sob pena de agramaticalidade (cf. 15b-d). A diferença dessa abordagem, no cotejo com a de Chomsky (1977), é que ela restringe-se ao caso das relativas restritivas, não abrangendo os demais tipos de estrutura com movimento de wh-.

Se, por um lado, sua especificidade não confere ao modelo *raising* o mesmo poder de generalização descritiva da análise chomskiana, por outro lado, ele é capaz de evitar problemas técnicos ao explicar a correferência e o compartilhamento de traços entre o N alvo e o elemento wh- da relativa: (i) a regra de predicação em LF torna-se dispensável. Alvo da relativização e "t" serão analisados como um único objeto sintático, descontinuado em decorrência da aplicação da regra de Movimento. O elemento wh- é, de fato, determinante de N, com o qual compartilha localmente traços morfossintáticos. Note que, nas representações em (15), o "j" subscrito indica que o constituinte "boy" foi extraído de dentro do domínio de

DP alvo. A consequência dessa nova formalização é que, com ela, a relativização poderá ser caracterizada em termos estritamente sintáticos, nos limites da sintaxe visível, sem qualquer apelação a componentes pós-sintáticos; (ii) o operador vazio (OP) inexiste nesse tipo de descrição, afinal é sempre o sintagma alvo da relativa que será alçado a spec-CP, independentemente da existência de elemento wh- em seu domínio ou da presença de complementador em CP.

A interpretação de uma oração relativa como CP complemento de D pode parecer, a princípio, contraintuitiva e excessivamente formal. A ideia de que uma relativa seja um adjunto de uma expressão N é, de fato, mais intuitiva e menos técnica. Diante dessa impressão, é relevante que o modelo de Kayne seja justificado em termos empíricos, para que não redunde numa extravagância formalista. Curiosamente, as motivações que Kayne fornece para o seu modelo, no curso de seu influente trabalho de 1994, são exclusiva e rigorosamente formais. Para o autor, o seu Axioma de Correspondência Linear (LCA, do inglês *Linear Correspondence Axiom*) é o argumento definitivo para justificar sua opção pelo modelo *raising* de análise de orações relativas. As justificativas mais empíricas e menos abstratas para a análise [D CP] foram fornecidas por outros estudos, como os de Schachter (1973), Bianchi (1999), Schmitt (2000), Kenedy (2002), dentre outros. Vejamos a seguir a argumentação formal (e um tanto árida para os não-treinados em sintaxe gerativa) apresentada por Kayne (1994) e passemos, logo depois, a algumas evidências empíricas em favor do modelo.

O LCA de Kayne (1994) estabelece que a Gramática Universal (UG – do inglês *universal grammar*) é extremamente rígida no que diz respeito ao mapeamento, na ordem linear, das relações hierárquicas estabelecidas entre os constituintes de uma sentença. Essa rigidez de relações foi deliberadamente constituída em oposição ao pensamento tradicional, assumido na teoria de Princípios e Parâmetros, de Chomsky (1981; 1995). Segundo tal teoria, a UG é completamente flexível em relação à ordenação linear estabelecida entre, por exemplo, núcleos (H) e complementos (C): núcleos podem tanto preceder seus complementos (H-C), como podem também ser por eles precedidos (C-H), de acordo com o caso específico da língua em questão. Diz-se que as línguas particulares parametrizam a relação entre H e C, isto é, enquanto umas optam pelo parâmetro H-C, como o inglês, outras optam pelo C-H, como o japonês. O mesmo sucede na relação entre núcleos e/ou sintagmas e adjuntos. Na hipótese paramétrica, a adjunção pode dar-se livremente à direita ou à esquerda de núcleos ou sintagmas, conforme o caso específico da língua estudada, ou ainda conforme os fenômenos específicos no contexto de uma mesma língua. Para Kayne, essas formulações constituem uma visão equivocada da UG. Segundo o autor, o LCA (1994, p. 03) estabelece, a propósito da relação núcleo/complemento, que complementos sempre sucedem seus núcleos, isto é, todas as línguas são naturalmente H-C. O fato de a sequência visível na ordem das palavras do inglês ser diferente do que se observa, por exemplo, em japonês deve ser explicado em termos de aplicação, nessa última língua, de regra de Movimento de C para antes de H. Além disso, o LCA determina que a posição à direita de núcleos seja destinada exclusivamente a complementos (1994, p. 03-05). Por conseguinte, nenhuma adjunção à direita será licenciada pelo LCA. Segundo o Axioma de Kayne, adjuntos sintáticos serão gerados sempre à esquerda de núcleos ou sintagmas e nunca à sua direita.

Na formulação de Kayne (1994), o c-comando[9] assimétrico é o fenômeno linguístico responsável pelo mapeamento das relações hierárquicas entre constituintes na ordem linear das construções sintáticas. O c-comando assimétrico é descrito da seguinte maneira: X assimetricamente c-comanda Y se e somente se X c-comanda Y e Y não c-comanda X (KAYNE, 1994, p. 04). Em japonês, por exemplo, um objeto direto c-comanda assimetricamente seu núcleo verbal, um objeto de posposição c-comanda assimetricamente seu núcleo posposicional, um IP c-comanda assimetricamente seu núcleo complementador etc.

> "To express the intuition that asymmetric c-command is closely matched to the linear order of terminals, let us, for a given phrase marker, consider the set A of ordered pairs <X_j, Y_j> such that for each j, X_j asymmetrically c-commands Y_j. Lets us further take A to be the maximal such set; that is, A contains all pairs of nonterminals such that the first asymmetrically c-commands the second. Then the central proposal I would like to make is the following (for a given phrase marker P, with T the set of terminals and A as just given): Linear Correspondence Axiom – d(A) is a linear ordering of T."[10]
>
> (KAYNE, 1994, p. 5-6)

---

[9] C-comando é uma relação estrutural entre dois elementos sintáticos. Nessa relação, A c-comanda B se e somente se (i) A é diferente B, (ii) A não está no domínio de B e B não está no domínio de A e (iii) cada X que domina A domina também B. Na ilustração a seguir, A e B são constituintes diferentes, um não está no domínio do outro, X domina A e também domina B, portanto A c-comanda B.

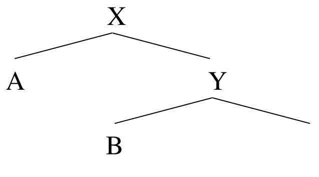

[10] "Para expressar a intuição de que o c-comando assimétrico está proximamente associado à ordenação linear de constituintes terminais, vamos, para um dado marcador sintagmático, considerar o conjunto A de pares ordenados <X_j, Y_j> tais que, para cada j, X_j c-comanda assimetricamente Y_j. Vamos ainda tomar A como o conjunto máximo, isto é, A contém todos os pares de nós não-terminais tais que o primeiro c-comanda assimetricamente o segundo. Então, a proposta central que gostaria de fazer é a seguinte (para um dado marcador P, tendo como T o conjunto de constituintes terminais e a A conforme citado): o Axioma de Correspondência Linear – d(A) é a ordenação linear de T."

O LCA funciona da seguinte maneira, considerando o marcador sintagmático a seguir (adaptado de NUNES, 2004).

16)

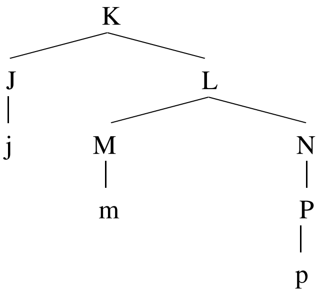

Atentos ao excerto de Kayne apresentado, entenderemos que os pares que constituem a sequência A, isto é, os pares de nódulos não-terminais tais que o primeiro assimetricamente c-comanda o segundo, são em (16) <J,M>, <J,N>, <J,P> e <M,P>. Como J, M, N e P dominam todos apenas um elemento terminal, A pode então ser exibido completamente: <j,m>, <j,p>, <m,p>. Esses três pares constituem, portanto, uma ordenação linear da sequência {j, m, p}. O mesmo não acontece em relação ao marcador semelhante em (17).

17)

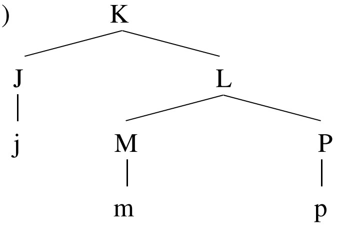

Nesse caso, a sequência de pares tais que o primeiro nódulo não-terminal assimetricamente c-comanda o segundo é: <J,M> e <J,P>. Consequentemente, A compõe-se dos pares <j,m> e <j,p>, porém essa sequência não constitui a ordem linear {j, m, p}, já que nenhuma ordem entre {m} e {p} foi estabelecida. Por conseguinte, (17) não é um marcador sintagmático admissível segundo o LCA.

A principal generalização do LCA para o estudo das cláusulas relativas é a hipótese segundo a qual a adjunção à direita de constituintes sintáticos é um fenômeno não-licenciado pela UG, uma vez que, na adjunção à direita, não é possível gerar ordem linear para os respectivos nódulos terminais, em função da violação do c-comando assimétrico. Note que, no modelo *wh-movement*, uma relativa estabelece uma configuração formal idêntica à de (17), com adjunção à direita, e, assim, nenhuma linearização é possível para a estrutura, tal como se vê em (18) a seguir.

18)

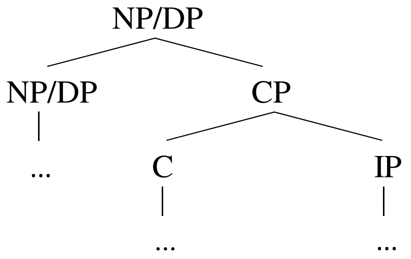

Por contraste, a estrutura de uma relativa configurada na análise *raising* é idêntica à de (16), sem a adjunção à direita, o que, de acordo com o LCA, permite a correta linearização de todos os constituintes terminais, conforme ilustrado em (19) abaixo.

19)

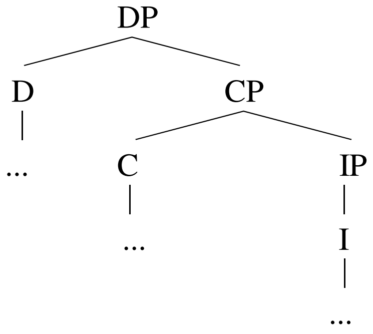

Se o LCA mostrar-se universalmente validado pela teoria linguística formal contemporânea, então o modelo *wh-movement* deverá ser abandonado, como o próprio Kayne anunciara desde a introdução de seu trabalho.

> “The implications of this new picture of the human language faculty [LCA] are widespread. For languages like English, right adjunction has standardly been assumed in the characterization of various constructions. Every one of these construction must be rethought in a way compatible with the unavailability of right adjunction. The range is substantial: right dislocation, right node raising, relative clause extraposition, heavy NP shift, coordination, multiple complements and multiple adjuncts, possessives like *a friend of John´s*, partitives, and also relative clauses, which must be reanalyzed in the spirit of the rasing/promotion analysis that dates back to the early seventies.”[11]
>
> (KAYNE, 1994, p. xii-xiv)

Para além da argumentação puramente conceitual do LCA, existem nas línguas naturais diversos fenômenos sintáticos que parecem sustentar a hipótese de que relativas são CPs complementos de Ds, funcionando, assim, como argumentos empíricos em favor do modelo de Kayne. Analisaremos a seguir apenas três desses argumentos – e indicamos ao leitor a dissertação de Kenedy (2002) para uma análise completa de tais evidências.

---

[11] “As implicaturas dessa nova visão da faculdade da linguagem [o LCA] são pervasivas. Para línguas como o inglês, a adjunção à direita tem sido a hipótese padrão na caracterização de várias construções. Cada uma dessas construções deve ser repensada numa maneira compatível com a impossibilidade de adjunção à direita. O espectro é substancial: deslocamento à direita, alçamento de nódulo à direita, extraposição de orações relativas, shift de NP pesado, coordenação, múltiplos complementos e múltiplos adjuntos, possessivos como “*a friend of John´s”*, partitivos e orações relativas, que devem ser reanalisadas no espírito da análise *raising/promotion* que tem origem no início dos anos 70”.

Tomando como exemplo a língua portuguesa, podemos verificar que há nela certas palavras que, quando antecedidas de artigo, só redundam numa estrutura gramatical se são seguidas de uma cláusula relativa. Conforme formalizado por Schimitt (2000, p. 311-12), essas palavras exprimem as relações listadas a seguir.

20) (i) *expressões tipológicas*

a. [* eu comprei o tipo de pão] *vs*. b. [eu comprei o tipo de pão de que você gosta]

(ii) *expressões de medida*

a. [* Maria pesa os 45 quilos] *vs*. b. [Maria pesa os 45 quilos que Suzana quer pesar]

(iii) *expressões resultativas*

a. [* João pintou a casa com a cor] *vs*. b. [João pintou a casa com a cor que sua namorada sugeriu]

(iv) *expressões* "*com*"

a. [* Pedro comprou o carro com o motor] *vs*. b. [Pedro comprou o carro com o motor que ele queria]

Cada um desses pares ilustra que as relações sintáticas parecem estar sendo estabelecidas entre o determinante D e a relativa CP, e não entre D e a expressão N que se segue imediatamente. Evidência disso é que, para explicarmos formalmente a agramaticalidade dos exemplos em (a), devemos dizer que os NPs dos tipos mencionados não podem ser selecionados pelo núcleo D do DP que os domina. Ou seja, substantivos que manifestam expressões do tipo (i-iv) não podem ser antecedidos de determinante, do contrário a construção torna-se ilegítima, tal como se vê em (a). Inversamente, para dar conta da legitimidade das construções em (b) acima, devemos dizer que nelas o NP não seja selecionado por D, do contrário ocorreria a mesma agramaticalidade que se atesta em (a). O modelo *raising* é capaz de acolher tal hipótese, já que compreende que, nas frases em (b), o NP linearmente subsequente a D é, na verdade, um constituinte de CP, que ocupa a posição spec-CP em decorrência de regra de Movimento, como representado a seguir. Observe que, em (21), o sintagma [tipo de pão] não é gerado ao lado de [o], mas, sim, de [gosta].

21) Eu comprei $[_{D}$ o $[_{CP}$ $[_{NP}$ tipo de pão$]_{i}$ de que você gosta $t_{i}]]$

Outro fato em favor da análise sintática [D CP] são as relativizações que podem acontecer com expressões idiomáticas. Segundo Williams (1997, p. 15), expressões idiomáticas são geradas a partir da articulação entre dois nódulos irmãos, como, por exemplo, aquela presente na seleção entre o verbo e seu objeto direto. Nesses casos, é interessante notar que, nas expressões idiomáticas, o objeto direto pode vir a ser alvo de relativização, como acontece em frases como [o mico que eu paguei me deixou envergonhado] e [a mãozinha que ele me deu resolveu o problema]. A possibilidade de relativizar o objeto direto de uma expressão idiomática é uma evidência para a hipótese de que o alvo da relativização tenha sido gerado numa posição no domínio da cláusula relativa. Afinal, considerando as frases citadas, para ser uma expressão idiomática, *pagar* e *mico*, bem como *dar* e *mãozinha* devem ser gerados como nódulos irmãos, isto é, devem estabelecer a relação sintática núcleo + complemento. Ora, como o núcleo (verbal) é indiscutivelmente um constituinte da relativa, seu complemento também deve sê-lo. É exatamente essa a hipótese sustentada pelo modelo *raising*, como se vê abaixo.

22) a. O [$_{CP}$ [$_{DP}$ mico$_i$ que [$_{IP}$ eu paguei t$_i$]]] me deixou envergonhado
b. a [$_{CP}$ [$_{DP}$ mãozinha$_i$ que [$_{IP}$ ele me deu t$_i$]]] resolveu o problema

A análise *wh-movement* de construções como (22a-b) nega a relação sintática núcleo + complemento de [*pagar* + *mico*] e [*dar* + *mãozinha*], já que nesse modelo a expressão N alvo da relativa é gerada fora dela. Dessa forma, o modelo chomskiano falha ao não explicar a relativização de expressões idiomáticas.

Como último fato empírico em favor da análise [D CP], devemos notar que artigos definidos podem ser licenciados num contexto em que normalmente não o seriam, caso haja na construção em que se inserem uma cláusula relativa a eles relacionada. O verbo *haver* existencial, por exemplo, tipicamente desautoriza a ocorrência de determinante definido no objeto selecionado, como acontece no par [* havia os livros] *vs*. [havia livros]. Já quando tal objeto é o alvo de uma relativização, a presença do artigo é gramatical.

23) a. [$_{DP}$ os [$_{CP}$ livros$_i$ que havia t$_i$ na biblioteca]] eram bons
b. * [$_{VP}$ havia [$_{DP}$ os [$_{NP}$ livros bons]] na biblioteca]

Em (23a), a construção é gramatical porque [livros] não é complemento de [os], diferentemente do que ocorre em (23b). A gramaticalidade de (23a) em oposição a (23b) é evidência para a hipótese de que a cláusula relativa seja o complemento categorial de um núcleo determinante, na estrutura [D CP]. Podemos acrescentar que certos nomes próprios que normalmente não são antecedidos de artigo definido podem o ser, caso esses nomes façam parte da estrutura de uma cláusula relativa. Nesses contextos, D não selecionará como complemento NP, e sim CP, conforme se vê em (24).

24) a. [$_{DP}$ a [$_{CP}$ Paris$_i$ que eu conheço t$_i$ [é bonita]]
b. * [$_{DP}$ a [$_{NP}$ Paris] é bonita]

Também nesse caso, a análise *wh-movement* não poderia dar conta da agramaticalidade de (24b) oposta à normalidade de (24a). Se as relativas são um fenômeno de adjunção, como se sustenta naquele modelo, então (24b) teria de ser uma construção gramatical, base para a adjunção da cláusula [que eu conheço]. Como [$_{DP}$ a [$_{NP}$ Paris]] não é um constituinte legítimo, então a hipótese de que a relativização deve ser caracterizada como um fenômeno de adjunção se vê prejudicada.

Como vimos, o modelo *raising* apresenta uma análise formal sobre as orações relativas muito diferente daquela proposta no modelo *wh-movement*. Nos anos 90, após o LCA de Kayne (1994), muitos sintaticistas foram convencidos pela argumentação formalista desse linguista e passaram a descrever diversas línguas humanas sob a hipótese [D CP] para a relativização. Foi no curso desse empreendimento que muitas evidências empíricas em favor do novo modelo foram encontradas, as quais, postas ao lado do argumento do LCA, conferem à hipótese *raising* grande prestígio e aceitação entre os sintaticistas de orientação gerativista.

3. Virtudes e vícios de cada modelo

Na tarefa de formalizar a estrutura sintática da relativização, o sintaticista se vê na difícil situação de decidir qual modelo apresenta melhor *adequação observacional e descritiva*, se o *wh-movement* ou o *raising*. O modelo de Chomsky apresenta a vantagem de ser mais intuitivo, capturando a informalidade das análises sintáticas escolares ao assumir que a expressão N relativizada é um constituinte independente da relativa, que sofre a adjunção da oração subordinada. Tal modelo é também mais abrangente, permitindo maior generalização descritiva, já que reúne sob a mesma análise de movimento wh- relativas restritivas e apositivas, topicalizações, clivagens etc. Por outro lado, o detalhamento formal da derivação de orações relativas com base na hipótese de adjunção de CP a NP/DP é, ainda hoje, falho e vago, haja vista o que dissemos sobre a regra de predicação em LF e o operador nulo OP. Há, portanto, uma lacuna na teoria sintática à espera de sintaticistas que gostam de desafios: como justificar o modelo *wh-movement* diante das críticas à regra de predicação e ao OP? Como preservá-lo em face do que prevê o LCA de Kayne (1994) e das evidências empíricas apresentadas pelos que defendem o modelo *raising*?

Por seu turno, o modelo *raising* é formalmente mais cuidadoso e refinado em comparação à análise *wh-movement*, sobretudo se considerarmos a argumentação do LCA. Ademais, os fatos empíricos em favor da relação sintática D + CP em orações relativas não receberam, até o presente, uma contra-argumentação persuasiva. Por outro lado, o modelo de Kayne parece não capturar a intuição de que a expressão N alvo da relativização possui uma existência independente em relação à oração relativa. Além disso, o modelo *raising* apresenta senão uma falha, pelo menos, uma fraqueza técnica: ele precisa lançar mão de determinantes abstratos (D nulos, sem preenchimento fonético) como recurso descritivo na análise das relativas que não apresentam D expresso, como acontece em [pessoas que leem muito são raras]. Sintaticistas que assumirem o modelo *rasing* terão de formular respostas convincentes para as seguintes questões. Se a estrutura da relativa é D + CP, o D poderia estar, às vezes, ausente? Trata-se, nesses casos, de um novo superconstituinte invisível? A hipótese de um D nulo seria algo que se assemelha ao problema com o OP do outro modelo?

Qual será afinal a medida para avaliar os dois modelos? Se a solução for eminentemente formalista, então o modelo *raising* é hoje superior e mais completo que o *wh-movement*, sobretudo no contexto do Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995, 2007) e seus princípios de economia formal. Já se a solução transcender à adequação descritiva e buscar a *adequação explanatória*, então procuraremos evidências cognitivas para sustentar nossa decisão e, nesse caso, o modelo *wh-movement* parece ser mais adequado, pois, até o momento, virtualmente todas as pesquisas psicolinguísticas a que tivemos acesso interpretam as relativas como adjuntos de NP/DP. Por fim, o sintaticista poderá ainda indagar-se se há alguma forma de combinação ou coexistência entre as duas abordagens. O espaço está aberto e os problemas estão lançados.

4. Relativas não-canônicas

Como já mencionamos, as orações relativas são um fenômeno complexo que se manifesta nas mais diversas configurações morfossintáticas. Os exemplos que até aqui elencamos para caracterizar os dois grandes modelos de descrição formal das relativas foram cuidadosamente escolhidos. Eles retratam as chamadas relativas canônicas, que tipicamente ocorrem na escrita e na fala cultas de pessoas nativas de uma língua europeia moderna, como o português, o inglês, o francês, o alemão etc. Quando analisamos as relativas com mais detalhes, damo-nos conta de que há muitas outras manifestações do fenômeno, na expressão do que denominamos *relativas não-canônicas*.

Existem muitos tipos de relativas não-canônicas. Um deles são as relativas livres, que serão analisadas no capitulo 2 do presente livro. Outro caso são as relativas de certas línguas não-ocidentais, que apresentam a expressão N alvo localizada após a oração relativa. Há, com efeito, certas relativas não-canônicas que ocorrem com elevada produtividade também nas línguas europeias modernas, tipicamente na fala informal de pessoas letradas ou não. São essas relativas que apresentaremos a seguir.

Uma relativa canônica, como vimos, apresenta no interior de CP uma lacuna, isto é, uma categoria vazia (foneticamente nula) que corresponde à posição argumental correferente ao alvo da relativização, conforme indicado em “t” no exemplo (25).

25) O menino$_i$ [que o Papa beijou t$_i$]

Uma espécie de relativa não-canônica são as *relativas copiadoras*, também chamadas de *resumptivas*. Nessas relativas, ocorre em CP, em vez de uma lacuna, um pronome pessoal que concorda com os respectivos traços de gênero, número e pessoa da expressão N relativizada.

26) Relativa copiadora: O menino$_i$ [que o Papa beijou ele$_i$]

Uma variante das copiadoras são aquelas relativas em que o pronome resumptivo dentro de CP é regido por uma preposição.

27) Variante da relativa copiadora: Aquela camisa$_i$ [que você saiu com ela$_i$ ontem]

O interessante é que as relativas copiadoras preposicionadas estão relacionadas a outro tipo de relativa não-canônica: as *relativas cortadoras*. Nessas relativas, a preposição regente no domínio de CP não é manifestada. Ela é, como se diz, *cortada* na representação fonética final da relativa.

28) Relativa cortadora: Aquela camisa$_i$ [que você saiu t$_i$ ontem]

Note que esse tipo de relativa chega a apresentar lacuna (t) no domínio de CP. Trata-se, porém, de uma lacuna estendida, não-canônica, uma vez que não indica somente a posição de que um elemento se moveu, mas também indica o corte de uma preposição – no caso do exemplo, a preposição selecionada pela construção *sair com X*.

As *genitivas cortadoras* constituem um tipo diferente de relativa cortadora. Nelas, diferentemente do que acontece com as relativas cortadoras propriamente ditas, não há uma preposição que é selecionada por um constituinte no domínio na relativa. O que com elas ocorre é que a relação genitiva estabelecida entre a expressão N relativizada e o item a ele relacionado no interior da relativa não é sintaticamente expressa. Dizemos que a relação genitiva é cortada, daí o termo *genitiva cortadora*. No exemplo abaixo, nenhum constituinte indica formalmente que o item [capa] no interior de CP deve ser relacionado a [livro].

29) Relativa genitiva cortadora: O livro$_i$ [que a capa$_i$ é bonita]

A versão canônica de uma relativa genitiva é estruturada com um pronome relativo genitivo, como o *cujo* do português escrito formal, conforme em [o livro$_i$ [cuja$_i$ capa é bonita]]. Interessantemente, relativas genitivas não-canônicas podem ocorrer também na versão copiadora, tal como vemos em [o livro$_i$ [que sua$_i$ capa é bonita]] ou [o livro [que a capa dele$_i$ é bonita].[12] É da mesma forma possível que a relação genitiva desse tipo de estrutura seja expressa pelo verbo “ter”, recurso que evita o uso de uma relativa não-canônica e dá origem a uma relativa de sujeito canônica: [o livro$_i$ [que t$_i$ tem a capa bonita].

Outra manifestação das relativas não-canônicas se dá na forma das relativas com inserção lexical, as denominadas relativas com *expressões resumptivas*. Nesse caso, o elemento no interior do CP a copiar os traços de N não é um pronome resumptivo, e sim um novo elemento lexical, idêntico ou igual ao alvo da relativização.

30) Relativa com expressão resumptiva: O livro$_i$ [que meu pai ficou emocionado quando leu esse mesmo livro$_i$]

Conforme apontou Aguiar (2007), apesar de parecerem bizarras quando apresentadas isoladamente no texto escrito, relativas desse tipo são frequentes no discurso oral espontâneo, sobretudo em construções que apresentam grande distância sintática entre o alvo da relativização e sua posição argumental correferente no domínio da relativa.

---

[12] É interessante notar que, em (29), o que está ausente é a explicitação sintática da relação genitiva e não a preposição, afinal não há preposição selecionada pelos predicadores em questão. A comparação entre a genitiva cortadora em (29) e sua respectiva versão copiadora com o genitivo “dele” pode dar a falsa impressão de que naquela houve corte de preposição. Esse erro é comum na teoria linguística, haja vista diversos trabalhos (cf. Tarallo (1983), Kato (1993), Corrêa (1998), dentre outros) que equivocadamente não fazem a distinção entre relativas cortadoras e relativas genitivas cortadoras.

As relativas não-canônicas constituem importantes problemas para a teoria sintática formal. Para além de, em si mesmas, representarem estruturas sintáticas que precisam ser formalmente descritas, tais estruturas manifestam particularidades intrigantes para o sintaticista. Por exemplo, elas parecem não se submeter às restrições de ilha. Apenas esse fato já é o suficiente para levantar diversas questões teóricas importantes: (i) ocorre movimento na derivação de cortadores e/ou resumptivas? (ii) O pronome resumptivo é uma categoria independente da expressão N alvo ou é parte dela? (iii) O corte da preposição realmente ocorre, isto é, a preposição está presente na derivação, mas não se manifesta na forma fonética final, ou temos aí o caso de mudança de regência quando o verbo está inserido numa relativa ou temos algum outro fenômeno desconhecido? Em resumo, as relativas não-canônicas devem ser cuidadosamente analisadas pelo linguista com interesse em formalização sintática. Na seção a seguir, faremos um breve histórico sobre os principais estudos formais acerca das relativas não canônicas do português brasileiro (PB).

5. Análises formais das relativas não-canônicas do português brasileiro

Tarallo (1983) foi um dos primeiros linguistas a formular uma descrição sintática abstrata a respeito das relativas não-canônicas, tomando como base a língua portuguesa. O autor, assumindo o modelo *wh-movement*, defendeu a hipótese de que o PB havia passado por uma mudança sintática em relação ao português europeu (PE). Para Tarallo (1989, p. 255), enquanto o PE derivaria estruturas relativas pela aplicação de movimento de wh-, conforme previa o modelo chomskiano de 1977, o PB teria desenvolvido uma nova gramática da relativização, na qual o NP alvo seria retomado anaforicamente, no interior da relativa, por um elemento correferente, sem que qualquer regra de Movimento fosse empregada. Segundo o linguista, as relativas do PB seriam derivadas de acordo com a ativação de um dos tipos de anáfora: (i) a anáfora pronominal, em que um pronome resumptivo retoma o elemento N relativizado, ou (ii) a anáfora zero, em que a correferência com N é feita por uma categoria vazia (“e”, do inglês *empty category*). A representação em (31) resume a estrutura sintática que Tarallo atribuiu às relativas do PB.

31) $[_{NP}\ [_{NP}\ \text{alvo}_i\ [_{CP}\ \text{OP}_i\ [_{IP}\ \ldots\ \text{anáfora a NP}_i\ \ldots]]]]$

resumptivo ou lacuna (pro-drop)

Na interpretação de Tarallo, a regra de elipse pronominal, que redunda na anáfora zero (queda do pronome, pro-drop), daria origem a uma relativa canônica, como [o menino que o

Papa beijou “e”], ao passo que a regra de retenção do pronome na expressão fonética da estrutura geraria uma relativa resumptiva como [o menino que o Papa beijou “ele”]. O principal argumento teórico que o autor formulou para sustentar sua análise baseava-se nas restrições de ilha (cf. ROSS, 1967; CHOMSKY, 1977). Tarallo (1983, p. 17) argumentou que, como construções do tipo em (32) e (33) a seguir são aceitáveis em PB, nenhum elemento pode ter sido extraído da posição indicada em “e”, já que tal extração resultaria numa construção agramatical, uma vez que OP teria saltado por dois IPs. A aceitabilidade de (32) e (33), disse o autor, seria indício de que o OP correferente ao alvo dessas relativas teria sido gerado na base (spec-CP) e seria recuperado anaforicamente pela lacuna “e”, a anáfora zero.

32) O homem que eu acredito no fato que Maria viu (e) veio me visitar
$[_{NP}\ [_{NP}\ \text{homem}_i\ [_{CP}\ \text{OP}_i \ldots [_{CP} \ldots (e)_i \ldots]]]$
33) O homem que eu sei quando Maria viu (e) é meu primo
$[_{NP}\ [_{NP}\ \text{homem}_i\ [_{CP}\ \text{OP}_i \ldots [_{CP} \ldots (e)_i \ldots]]]$

Para Tarallo, as relativas cortadoras também seriam geradas por uma regra de elipse, conforme aconteceria com as relativas canônicas. A particularidade das cortadoras seria a aplicação de uma segunda regra de elipse: a elipse da preposição. Dessa forma, uma relativa como [a camisa [que você saiu “e”-“e” ontem] possuiria, como indicado, duas categorias “e”, correspondentes, cada qual, a uma anáfora específica: a primeira referente à regra de apagamento da preposição (*com*) e a última referente à regra pro-drop (*ela*).

Independente da validade do sistema formulado por Tarallo nos dias atuais, o mais importante é que, com suas ideias, uma questão importante foi apresentada à linguística brasileira, a qual permanece ainda na agenda dos formalistas: diante da grande produtividade das relativas não-canônicas em PB, como caracterizar a gramática da relativização nessa língua? Há nela aplicação de regras de Movimento ou não? A resposta de Tarallo para essa questão era “não”. A maior parte de sua importante tese de 1983 foi elaborada para justificar tal interpretação, tanto empírica quanto teoricamente.

Seguindo-se ao trabalho seminal de Tarallo, foi a linguista Kato (1993) que apresentou uma grande contribuição às pesquisas sobre a relativização em PB. Sua hipótese LD (deslocamento à esquerda, do inglês *left deslocation*), sustentada no modelo *wh-movement* e nas hipóteses de regras de elipse de Tarallo (1983), constituiu uma descrição bastante original e importante acerca das cláusulas relativas não-canônicas do português. Em termos formais, deve-se compreender a LD na proposta de Kato (1993) como uma posição sintática em adjunção ao IP da oração relativa. A essa posição LD são indexados, via regra de predicação (em LF), o NP alvo e a variável anafórica a ele correspondente, que é manifestada no domínio do IP como pronome resumptivo ou como lacuna, conforme a proposta de Tarallo (1983). Da posição em LD, o elemento qu- da oração relativa, que Kato interpreta como pronome relativo, deve ser deslocado para spec-CP, caracterizando a única regra de Movimento possível em PB segundo o sistema formulado pela autora. Em (34), ilustramos o modelo de Kato.

34) A hipótese LD de Kato (1993: 228)

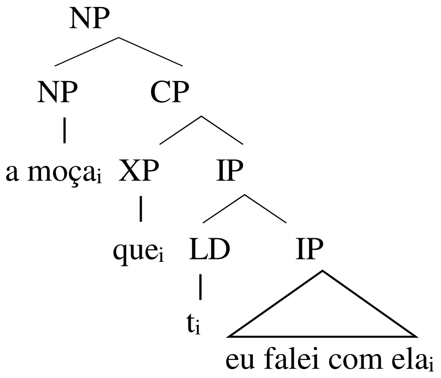

Conforme ilustrado, a proposta de Kato é diferente do que vimos no modelo *wh-movement*. Para a autora, a relativização não acontece a partir de um elemento presente no domínio do IP da oração relativa, antes ela se dá sobre a suposta posição LD. Kato (1993) justifica a existência dessa posição LD a partir da hipótese de que o PB seja uma língua de proeminência de tópicos, como apontara o trabalho seminal de Pontes (1987). Para Kato (1993, p. 230), a orientação do PB para o *tópico*, por oposição à orientação para o *sujeito*, é formalmente capturada pela posição LD, interpretada então como a posição sintática de elementos em tópicos no discurso.

Podemos dizer que, no modelo de Kato (1993), as relações sintáticas entre os constituintes da relativização tornam-se ainda mais abstratas do que aquelas propostas em Chomsky (1977). Com a hipótese LD, não deve haver qualquer relação sintática visível entre o alvo da relativização, o pronome relativo e o pronome resumptivo/lacuna. Todos esses elementos, no espírito da proposta LD, devem ser indexados pós-sintaticamente, em LF.

> “Por ser a posição de LD uma posição gerada na base, e esta poder ser coindexada **(em LF)** com qualquer posição no interior da sentença, mesmo com posições dentro de ilhas, podemos dizer que ela será a posição que maior leque de possibilidades de relativização oferece para as línguas e a que menos exige em termos de custo derivacional”. [grifos nossos] (KATO, 1993, p. 229)

Em (35), apresentamos uma possibilidade de coindexação entre alvo, LD e a anáfora pronominal.

35) $[_{NP}$ a moça$_i$ $[_{CP}$ que$_i$ [LD t_i $[_{IP}$ eu penso $[_{CP}$ que o moço $[_{CP}$ que falou com ela$_i$]]]]]] esteve ontem aqui

Um aspecto que, do ponto de vista formal, é falho na hipótese LD é a incapacidade de, nessa abordagem, distinguir-se a representação sintática de uma relativa canônica, como a presente em (36), da representação de uma relativa cortadora, como a que se indica em (37). Nessas representações, é possível ver que toda a estrutura sintática da cortadora é exatamente igual à da relativa canônica, até o ponto em que um constituinte foneticamente nulo, o sintagma preposicional (PP, do inglês *prepositional phrase*), é introduzido.

36) Relativa canônica no modelo LD

$[_{NP}$ $[_{NP}$ a moça$]_i$ $[_{CP}$ que$_i$ $[_{LD}$ t_i $[_{IP}$ eu $[_{I'}$ vi$_j$ $[_{VP}$ t_j $[_{NP}]_i$]]]]]]

37) Relativa cortadora no modelo LD

$[_{NP}$ $[_{NP}$ a moça$]_i$ $[_{CP}$ que$_i$ $[_{LD}$ t_i $[_{IP}$ eu $[_{I'}$ falei$_j$ $[_{VP}$ t_j $[_{PP}]_i$]]]]]]

Na análise de Kato (1993), (36) seria uma estrutura gerada pela elipse pronominal do constituinte correferente à posição LD, do que resultaria uma relativa canônica (pro-drop). Em (37), essa elipse também ocorreria e seria seguida da elipse da proposição, resultando numa relativa cortadora. Tal regra de elipse preposicional, já advogada em Tarallo (1983), não é nem um pouco produtiva em português, como a própria Kato reconheceu em seu trabalho (1993, p. 225-226), fato que, aliado aos problemas das regras em LF inerentes a análises sustentadas no modelo *wh-movement*, fazia com que a hipótese LD sobre a relativização pecasse quanto à sua adequação descritiva.

Kenedy (2002) formulou uma descrição sobre as relativas do PB radicalmente diferente das abordagens de Tarallo (1983) e Kato (1993). Por ser um estudo posterior ao sucesso do trabalho de Kayne (1994), sua pesquisa pôde adotar o modelo *raising* de descrição de orações relativas – por contraste aos estudos originais de Tarallo e Kato, que são anteriores à formulação do LCA. Para além da reunião de argumentos empíricos da língua portuguesa que justificassem a opção pela análise *raising*, Kenedy (2002) dedicou-se também às relativas não-canônicas do PB. O autor argumentou que, no modelo *raising*, relativas canônicas e não-canônicas devem receber a mesma descrição formal na sintaxe visível, deixando-se para o componente fonológico da linguagem (PF, do inglês *phonetic form*) a diferenciação entre as expressões canônica e não-canônica da relativização. A lógica subjacente a essa hipótese era a seguinte. Na sintaxe, as categorias relevantes para a análise são os sintagmas e seus constituintes. A expressão morfofonológica desses não é relevante para a análise sintática e, assim, deve dar-se noutro componente da linguagem, no caso, PF. Dessa forma, a relativa canônica em (38) era derivada conforme prevê o modelo *raising*, e o mesmo acontece com a relativa copiadora em (39).

38) O [menino$_i$ [que o Papa beijou t$_i$]]

39) O [menino$_i$ [que o Papa beijou ele$_i$]]

Kenedy (2002, p. 96) recorreu à *Copy Theory of Movement* (CHOMSKY, 1995) à *Chain Reduction* (NUNES, 2004) e aos *Optimality Principles of Sentence Pronunciation* (PESETSKY, 1998) para formular um modelo em que “t” e pronomes resumptivos são interpretados como cópias parciais do DP alvo da relativização. De acordo com essa formulação teórica, o que indicamos por “t” em representações sintáticas é interpretado, na verdade, como o complexo dos traços morfofonológicos do DP relativizado que, em sua posição original, é totalmente apagado para efeitos de pronúncia, como acontece nas relativas canônicas. Já nas relativas copiadoras, nem todos os traços do DP são apagados na posição de base. Permanecem ativos por lá os traços de gênero, número e pessoa, que levam à produção fonética de um pronome resumptivo e à consequente relativa não-canônica. Dizendo de outra forma, um pronome resumptivo, conforme Kenedy (2002), não deve ser interpretado como um constituinte diferente do DP relativizado. Assim como “t”, tal pronome é uma manifestação fonética desse mesmo DP. Enquanto em “t” essa manifestação é foneticamente nula, no resumptivo ela é parcial, com a realização somente dos traços de gênero, número e pessoa.

Para a análise das relativas cortadoras, Kenedy (2002) assumiu a hipótese de Salles (1999), acerca do núcleo complexo [preposição + artigo] que a autora propõe para as línguas românicas. Para Salles (2000), em línguas como o PB, preposição e artigo amalgamam seus traços morfofonológicos de modo a formar um verdadeiro núcleo sintático complexo [P+D]. Essa hipótese encaixava-se perfeitamente na proposta de Kenedy, afinal ela poderia explicar o *apagamento* da preposição nas relativas cortadoras: como, em PF, os traços de P estão amalgamados aos do DP (cujo núcleo é justamente D), então o apagamento dos traços do DP alvo da relativização em sua posição de base levará também ao apagamento dos traços de P. Os exemplos a seguir ilustram a estrutura que Kenedy (2002, p. 115) propôs para as relativas preposicionadas.

40) a. relativa preposicionada canônica
   [a [camisa$_j$ [com a qual t$_j$]$_i$ você saiu t$_i$ ontem]]
  b. relativa preposicionada copiadora
   [a [camisa$_i$ [que você saiu [com ela$_i$] ontem]]]
  c. relativa cortadora
   [a [camisa$_i$ [que você saiu [~~com~~ t$_i$] ontem]]]

Em (40a), temos o caso de uma relativa canônica porque o movimento dos sintagmas sempre deixa em sua posição de base uma lacuna, isto é, uma cópia sem realização fonética. Note que há aqui dois movimentos sintáticos, primeiramente [com a qual camisa] se move de sua posição original indicada em “t$_i$” e, depois, [camisa] move-se da posição indicada em “t$_j$”, precisamente como prevê o modelo *raising*. Em (40b), somente [camisa] sofre movimento, já que a preposição é deixada na base, seguida da realização fonética parcial de [camisa], na forma do resumptivo [ela]. Por fim, em (40c), há o apagamento completo da cópia de [camisa] deixada na base, o que, considerando-se a hipótese [P+D] de Salles (2000), leva ao apagamento da preposição também deixada na base, conforme o tachado duplo indica na representação.

A hipótese de Kenedy (2002) não precisa recorrer à LF para indexar os constituintes da relativização. Nesse sentido, é formalmente mais adequada que a hipótese LD de Kato (1993). Porém, o preço dessa adequação descritiva é um modelo com muito mais recursos descritivos, que retira da sintaxe e deixa para PF o problema do tratamento das cópias de constituintes sintáticos, geradas como consequência de regras de Movimento.

Com efeito, uma abordagem formalmente mais simples que a de Kenedy (2002) foi formulada por Kato e Nunes (2007). Nesse novo estudo, os autores conciliam a hipótese LD de 1993 com o modelo *raising*. Trata-se, na verdade, da mesma abordagem LD do início da década de 90 reelaborada conforme a análise *raising* de Kayne (1994). É correto dizer que se, por um lado, a nova versão da hipótese LD ainda peca por recorrer à LF para indexar constituintes da oração relativa, por outro, ela é capaz de explicar as relativas com expressões resumptivas, algo que sequer é mencionado na proposta de Kenedy (2002). Abaixo, uma relativa com expressão resumptiva é representada de acordo com a formalização proposta por Kato e Nunes (2007).

41) [o [livro$_k$ [que t$_k$]$_j$ [$_{LD}$ t$_j$]$_i$ meu pai ficou emocionado quando leu [esse mesmo livro]$_i$]]

O que se depreende desses trinta anos de pesquisa formal sobre as relativas não-canônicas do PB é que há diversas abordagens que concorrem e/ou se complementam na busca de uma descrição sintática adequada sobre o fenômeno. A pesquisa formal dos próximos anos certamente analisará esses estudos, corrigirá as suas falhas e aproveitará os seus *insights* a caminho do que deve ser a análise mais completa e mais correta possível acerca da sintaxe da relativização.

Conclusões

Vimos, neste capítulo, que à linguística formal compete descrever como se estabelece, na estrutura sintática da relativização, a interseção entre a expressão N e a oração relativa. Como foi exposto, os dois principais modelos da linguística gerativa dedicados a esse problema formulam análises sintáticas muito diferentes, que se sustentam por meio de distintos argumentos. A opção por um dos dois modelos ou a possibilidade de coexistência e complementaridade entre eles é assunto ainda em discussão na linguística formal. Trata-se de um tema importante para o sintaticista, pois cada modelo faz um conjunto específico de generalizações descritivas tanto para as relativas canônicas, quanto para as não-canônicas.

Não é possível prever o que acontecerá nos próximos anos de desenvolvimento da sintaxe gerativa. Não obstante, gostaríamos de expressar, nestas considerações finais, aquilo que acreditamos ser o melhor caminho para o progresso das pesquisas formais, sobre a relativização ou sobre qualquer outro fenômeno gramatical. Pensamos que o recurso às ciências cognitivas, isto é, ao estudo empírico da cognição humana, deve ser a prova dos nove da linguística formal. Isto quer dizer que a validação de nossos modelos sintáticos deve transcender os limites da adequação descritiva e assentar-se na adequação explanatória, seja em evidências empíricas sobre a aquisição da linguagem, seja em dados sobre o uso da linguagem em tempo real. Ao assumir essa postura epistemológica, o sintaticista que estiver diante de dois ou mais modelos que descrevem igualmente bem um mesmo fenômeno deverá considerar que o modelo mais adequado é aquele que melhor se sustenta por fatos empíricos acerca do funcionamento psicológico da linguagem. Nos dias atuais, o principal parceiro de trabalho da linguística gerativa nessa busca por adequação explanatória é a psicolinguística.

Não sabemos como essa pareceria científica será desenvolvida nos próximos anos e décadas, nem como, a partir dela, poderemos resolver problemas descritivos sobre as orações relativas. De qualquer modo, o espaço para o diálogo entre as disciplinas está aberto e alguns problemas de análise já estão lançados. A descrição sintática das orações relativas é um deles.

Referências bibliográficas

AGUIAR, A. **Da estrutura de expressões quantificadas em posição de tópico**. Brasília: UnB (Dissertação de mestrado), 2007.
AUTHIER, J-M. Two types of empty operators. **Linguistic Inquiry** 20, 117-125, 1986.
BIANCHI, V. **Consequences of Antisymmetry**: headed relative clauses. New York: Mouton de Gruyter, 1999.
BRAME, M. **Conjectures and refutations in Syntax and Semantics**. New York: North-Holland, 1976.
_____. **A new analysis of the relative clause**: evidence for an interpretive theory. MIT, Cambridge, Mass., 1968.
BROWNING, M. **Null operator constructions**. Cambridge, MA : MIT (Doctoral dissertation), 1987.
CHIERQUIA, G. **Semântica**. Campinas: Unicamp, 2003.
CHOMSKY, N. Of minds and language. **Biolinguistics**, v. 1, n.1, 2007.
_____. **The minimalist program**. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1995.
_____. **Lectures on Government and Biding**. Foris: Dordrecht, 1981.
_____. On Wh-Movement. In: CULICOVER, P. WASOW, T. & AKMAJIAN, A. (Eds.). **Formal syntax**. NY: Academic Press, 1977, p. 71-132.
_____. **Aspects of the theory of syntax**. Cambdrige, Mass.: The MIT Press, 1965.
CONTRERAS, H. On null operator structures. **Natural languages and Linguistic Theory**: 11, 1-30, 1993.
CORRÊA, V. **Orações relativas**: o que se sabe e o que se aprende no português do Brasil. Campinas: Unicamp (Tese de doutorado), 1998.
DUARTE, I. Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras. In: MATEUS, M. et al. **Gramática da língua portuguesa**. 5. ed. revista e aumentada. Lisboa: Caminho, 2003, p. 275-320.
HAEGEMAN, L. **Thinking syntactically**: a guide to argumentation and analysis. New York: Blackwell, 2006.
HORNSTEIN, N. **A theory of syntax**: minimal operations and Universal Grammar. Cambridge: CUP, 2009.
JAEGGLI, O. **Topics in Romance Syntax**. Foris: Dordrecht, 1981.
KAYNE, R. **The antisymmetry of syntax**. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1994.
KATO, M. & NUNES, J. **A uniform raising analysis for standard and nonstandard relative clauses in Brazilian Portuguese**. Encontro do Projeto Temático. SP: USP, 2007.
KATO, M. Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica. In: ROBERTS, I. & KATO, M. (Orgs.). **Português Brasileiro**: uma viagem diacrônica. Homenagem a Fernando Tarallo. Campinas: Unicamp, 1993, p. 223-261.
KENEDY, E. **Aspectos estruturais da relativização em português**: uma análise baseada no modelo *raising*. Rio de Janeiro: UFRJ (Dissertação de Mestrado), 2002.
LASNIK, H. & STOWELL, T. Weakest crossover. **Linguistic Inquiry** 22, 87-120, 1989.
LEES, R. **The grammar of English nominalizations**. The Hague: Mouton, 1960.
NUNES, J. **Linearization of Chains and Sideward Movement**. Cambridge, MA: MIT

Press, 2004.

PESETSKY, D. Some optimality principles of sentence pronunciation. In: BARBOSA, P.; PESETSKY, D. et al (Eds.). **Is the Best Good Enough**: Optimality and Competition in Syntax. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1998, p. 337-384.

PONTES, E. **O tópico no português do Brasil**. Campinas: Pontes, 1987.

ROSENBAUM, P. **English transformational grammar**. Massachusetts: Walthan, 1969.

ROSS, J. **Constrains on variables in syntax**. Cambridge: MIT Press., 1967.

SAFIR, K. Relative clauses in a theory of binding and levels. **Linguistic Inquiry** 17, 663-689, 1986.

SALLES, H. Aspectos da sintaxe de clíticos e artigos em português. In: **IV Encontro do CELSUL**, Curitiba. 4º Encontro do CELSUL, 2000.

SCHACHTER, P. Focus and relativization. **Language** 49, 19-46, 1973.

SCHMITT, C. Some consequences of the complement analysis for relative clauses, demonstratives and the wrong adjectives. In: ALEXIADOU et al. **The syntax of relative clause**. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 2000, p.309-348.

TARALLO, F. Inside and outside relative clauses: pronominal redundancy in Portuguese. **Current Issues in Linguistic Theory**. v. 3. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 1989.

_____. Relativization Strategies in Brazilian Portuguese. Philadelphia Univ. of Pennsylvania (Doctoral dissertation), 1983.

VERGNAUD, J-R. *French relative clauses*. Cambridge, MA: MIT Press, 1974.

WILLIAMS, E. Lexical and syntactic comp
lex predicates . In: ALSINA, A.; BRESNAN, J. & SELLS, P. (Eds.). **Complex predicates**. Stanford: CLSI Publications, 1997, p. 13-28.

Curso Completo de Português

Prof. Fernando Pestana

(Autor do livro “A Gramática para Concursos Públicos”)

Semântica

— ***Definição***

1. Sinonímia:

- O jogo vai atrasar em virtude do temporal. = Devido ao temporal, o jogo vai atrasar.

- Ela construiu esta casa = Esta residência foi edificada por ela.

2. Antonímia:

- O chegar e o partir são dois lados cruciais da vida.

- Você é meu amigo ou meu inimigo?!

3. Homonímia: I) homófonos (heterográficos); II) homógrafos (heterofônicos); perfeitos (homófonos homográficos).

I- ascender / acender; concerto / conserto; sessão / seção / cessão; censo / senso...

II- colher / colher; jogo / jogo; pelo / pelo; almoço / almoço...

III- casa / casa; cedo / cedo; livre / livre; manga / manga / manga.

4. Paronímia:

- A prefeita comprimentou a esposa dele.

- Não se pode distratar uma pessoa assim!

- O guarda lhe infringiu uma multa.

- Você já está no segundo mandado?

- Não pude ler o livro, porque era vultuoso.

5. Polissemia:

- Desculpe o bolo que te dei ontem.
- Comemos um bolo delicioso na casa dela.
- Tenho um bolo de revistas lá em casa.
- Tomou um bolo na mão.

- Assine seu nome nesta linha.
- Arrumou os livros em linha.
- Usou a linha certa na pescaria.
- Aqueles produtos são de primeira linha.

6. Hiponímia e Hiperonímia:

Homem Mulher Fruta Carro Cor

7. Campo Semântico:

Informática: *computador*, *“mouse”*, *monitor*, *impressora*, *teclado...*

Futebol: *árbitro, bola, gol, equipe, estádio, torcida, cartão, craque*...

Trabalho: *empregado, salário, equipe, patrão, chefe, funcionário, carteira de trabalho*...

8. Ambiguidade:

- A demissão do ministro causou celeuma.

- Pedro e Marina vão desquitar-se.

- O cliente falou com a advogada que mora perto daqui.

- Chegaram João, Maria e seu filho.

- Vi o acidente do trem.

9. Intertextualidade:

Paráfrase: *Parece que tu estás certo sobre o assunto. / Aparentemente a verdade sobre a questão está contigo.*

Paródia: *Minha terra tem palmeiras, onde canta o sabiá*. / *Minha casa tem goteiras; pingam daqui, pingam de lá.*

10. Fatos e Dificuldades da Língua Culta:

I) Por que, Porque, Por quê, Porquê

- *Por que você fez isso?*
- *Juro que eu não sei por que eu fiz isso.*
- *Começo a entender por que motivo você fez isso.*
- *O motivo por que você fez isso não é mais surpresa para ninguém.*

- Vou dizer: eu fiz isso porque era necessário.

- Porque era necessário, você fez isso... Ok! Vou acreditar...

- Na verdade, eu fiz isso porque me desse bem.

- Sabia!

- Agora você soube por quê, certo?

- Sem seu esclarecimento, nunca entenderia por quê. Mas não sei por quê nem como teve de realmente fazer tal coisa.

- A razão por que, mesmo sendo criticado por muitos, eu tive de fazer isso só interessa a mim.

- Ok! Vou me satisfazer com seu porquê.

II) Se não x Senão

- Se não pagarem, serão expulsos.

- Perguntei-lhe se não havia riscos.

- A grande maioria, se não a totalidade dos acidentes de trânsito, ocorre por bebedeira.

- O Sol não é nada senão mais um astro.

- Isso não compete ao estado, senão ao governo federal.

- Leve agasalhos, senão sentirá frio.*

- Não havia um senão em seu texto.

III) Há x A

- Há meses venho fazendo provas de concurso.

- É por isso que você está a anos luz de mim.

IV) Onde x Aonde x Donde

- Onde você mora?

- Aonde quer chegar?

- Só desejo saber donde você procede?

V) Mal x Mau

- Mal entrou em casa, já começaram a falar mal dele, devido ao mau cheiro; sofria de um mal desconhecido pelos médicos.

VI) Mas x Mais

- Tenha mais carinho pelas mulheres, mas tome cuidado para não as sufocar.

VII) A fim de x Afim de

- Depois de se interessar por latim, pois era uma língua afim do português e do espanhol, decidiu estudá-lo profundamente a fim de aumentar seu conhecimento.

VIII) Em vez de x Ao invés de

- Em vez de Letras, foi estudar Direito.

- Ao invés de entrar, acabou descendo.

IX) De encontro a x Ao encontro de

- Quando ia ao encontro dela para conversar, costumava não ir de encontro a suas ideias políticas.

X) Há cerca de x Acerca de x A cerca de

- *Há cerca de vinte pessoas na sala.*
- *Há cerca de dois dias não estudo.*
- *Sempre falamos acerca de futebol.*
- *Devia estar a cerca de 30 dias da prova.*

FOCA
NA
GRAMÁTICA

Clams
FERNANDO PESTANA
A Gramática para Concursos Públicos
SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

16

Verbos

VERBO CRACKAR

EU empobreço de repente
TU enriqueces por minha causa
ELE azula para o sertão
NÓS entramos em concordata
VÓS protestais por preferência
ELES escafedem a massa
Sê pirata
Sede trouxas
Abrindo opala
Pessoal sarado
Oxalá eu tivesse sabido
Que esse verbo era irregular.

(Oswald de Andrade)

Verbo é a palavra que indica ação, estado ou fenômeno.

Considere estes exemplos:

O criado **ABRIU** o portão. [ABRIU exprime uma ação.]

Fernando **ESTAVA** doente. [ESTAVA exprime um estado, uma situação.]

NEVOU em São Joaquim. [NEVOU exprime um fato, um fenômeno.]

Classificação dos verbos

Regular

Verbo Regular é aquele cujo radical não se altera e cujas terminações seguem o modelo (PARADIGMA) da conjugação a que pertence.

Exemplo:

PRESENTE		PRETÉRITO PERFEITO	
RADICAL	TERMINAÇÃO	RADICAL	TERMINAÇÃO
cant	o	cant	ei
cant	as	cant	aste
cant	a	cant	ou
cant	amos	cant	amos
cant	ais	cant	astes
cant	am	cant	aram

Can/tar (1ª conj.)
⇓
(radical)

Vend/er (2ª conj.)
⇓
(radical)

Part/ir (3ª conj.)
⇓
(radical)

⇒ **Observações:**

- Se o verbo for regular no presente e no pretérito perfeito do indicativo, será regular nas demais formas.
- Consegue-se o radical de um verbo, isolando, do infinitivo, as terminações **ar, er, ir**.
- O que caracteriza cada uma das conjugações é a vogal temática:

a — 1ª conj.
e — 2ª conj.
i — 3ª conj.

- O verbo **pôr** é uma anomalia da 2ª conjugação. Sua antiga forma era **poer** (do latim *ponere*).

Os seus derivados também pertencem à 2ª conjugação.

Irregular

Verbo Irregular é aquele cujo radical se altera ou cujas terminações não seguem o modelo da conjugação a que pertence.

Exemplo:

PRESENTE		PERFEITO	
RADICAL	TERMINAÇÃO	RADICAL	TERMINAÇÃO
ouç	o	**ouv**	i
ouv	**es**	ouv	iste
ouv	e	ouv	iu
ouv	imos	ouv	imos
ouv	is	ouv	istes
ouv	em	ouv	iram

Veja que o radical **ouv** se alterou para **ouç** na 1ª pessoa do presente. A irregularidade, no caso, apresenta-se no radical.

A irregularidade de um verbo pode-se revelar também nas terminações, como no caso do verbo **estar.** Na 1ª pessoa do presente do indicativo (est-**ou**), a terminação é diferente do paradigma da 1ª conjugação: am-**o**.

Anômalo

Verbo Anômalo é aquele cuja conjugação inclui mais de um radical. Apresenta transformações profundas no radical.

Exemplo disso são os verbos **ser** e **ir.**

ser: sou, era, fui.

ir: vou, irei, fora.

Defectivo

Verbo Defectivo é aquele que não é conjugado em todas as formas; tem, pois, **conjugação incompleta.**

Exemplo:

ABOLIR

Presente do Indicativo

Eu XXX	Nós abolimos
Tu aboles	Vós abolis
Ele abole	Eles abolem

Auxiliar

Verbo Auxiliar é aquele que, desprovido total ou parciamente de sentido próprio, junta-se a outro verbo, formando uma unidade de significado e constituindo a chamada **locução verbal.**

locução verbal

O dia	vem	chegando.
	verbo auxiliar	verbo principal

• Note-se que o verbo principal ocorre sempre no **infinitivo**, no **gerúndio** ou no **particípio** e o verbo auxiliar é que se flexiona.

Eu **venho chegando.**	Eu **vou falar.**
Tu **vens chegando.**	Tu **vais falar.**
Ele **vem chegando.**	Ele **vai falar.**

• Pode ocorrer uma preposição entre o verbo auxiliar e o principal:

Eu **tenho de falar.**

Tu **tens de falar.**

• Os verbos auxiliares assumem várias funções:

— Ter e haver: servem para formar tempos compostos junto com o particípio do verbo principal:

Eu **tinha** (ou **havia**) **falado.**

— Ser, estar, ficar: servem para formar a voz passiva (de ação, de estado e de mudança, respectivamente).

— Continuar, ir, vir, começar, estar, acabar etc. servem para indicar o aspecto da ação verbal:

Começa a chover → ação concebida no seu início.

Continua chovendo → ação concebida no seu desenvolvimento.

Acaba de chover → ação concebida no seu término.

Abundante

Verbo Abundante é aquele que possui duas ou mais formas equivalentes.

Exemplo:

Vós **haveis** ou **heis**

Nós **havemos** ou **hemos**

aceitado — aceito

prendido — preso

• A abundância revela-se principalmente no particípio, havendo um particípio regular (terminação **-do**) e outro irregular.

As formas regulares (terminação **do)** são empregadas na **voz ativa** com os auxiliares **ter** ou **haver**.

As formas irregulares são usadas na **voz passiva** com os auxiliares **ser** ou **estar**.

Ele **tinha acendido**.

Ela **tem benzido** a criança.

A vela **foi benta**.

O vestiba **está bento**.

Observação:

• A forma regular do particípio de alguns verbos desapareceu completamente:

escrever **(escrito)**, fazer **(feito)**, dizer **(dito)**, pôr **(posto)**, cobrir **(coberto)** e outros.

Nesses casos, usa-se a forma irregular com qualquer auxiliar:

Foi dito. / Está dito.

Havia dito. / Tenho dito.

Exercício

Complete as lacunas:

VERBOS	PART. REGULAR	PART. IRREGULAR
aceitar	....	....
entregar	....	....
expressar	....	....
expulsar	....	....
isentar	....	....
fritar	....	....
frigir	....	....
limpar	....	....
matar	....	....
morrer	....	....
pegar	....	....
salvar	....	....
soltar	....	....
acender	....	....
benzer	....	....
eleger	....	....
prender	....	....
suspender	....	....
imprimir	....	....
submergir	....	....
***gastar**	..x...x...x...x..	....
***pagar**	..x...x...x...x..	....
***ganhar**	..x...x...x...x..	....
escrever	..x...x...x...x..	....
pôr	..x...x...x...x..	....
abrir	..x...x...x...x..	....
bem-querer	....	....
cobrir	..x...x...x...x..	....
malquerer	....	....
enxugar	....	....
incorrer	....	....
vir	..x...x...x...x..	....
extinguir	....	....

⇒ * • Em alguns verbos, como **gastar**, **ganhar** e **pagar**, o particípio regular está em fase de desaparecimento.

• Há uma tendência para usar-se o partic. irregular **PEGO** com as formas ativas e passivas. No entanto, é correto o uso da forma regular **PEGADO**:

Tenho **pegado** firme nos estudos.

Esta redação foi **pega** com mão suja.

Flexões

Número	Pessoa	Modo
1. Singular estudo estudas estuda **2. Plural** estudamos estudais estudam	**1ª)** É aquela que fala. Corresponde aos pronomes pessoais **eu-nós**. Ex.: estudo estudamos **2ª)** É aquela com quem se fala: Correspondeaos **pronomes pessoais tu-vós.** Ex.: estudas estudais **3ª)** É aque la de quem se fala. Corresponde aos pronomes pessoais **ele, ela, eles, elas.** Ex.: estuda estudam	Indica a atitude da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia. Há três modos: **1. Indicativo:** indica um **fato certo:** Ele saiu de casa. **2. Subjuntivo:** indica um **fato possível, uma incerteza, condição:** É possível que ele saia de casa. **3. Imperativo:** indica **uma ordem, um conselho, um pedido:** Saia já!

Tempo	Voz
Indica o momento em que se dá o fato expresso pelo verbo. Os três tempos básicos são o **presente**, o **pretérito** e o **futuro**. O pretérito e o futuro subdividem-se no modo indicativo e no subjuntivo. → **Indicativo** **Presente:** falo **Pretérito:** a) **Imperf.:** falava b) **Perf.:** falei c) **Mais-que-perf.:** falara Futuro: a) **do pres.:** falarei b) **do pret.:** falaria	Indica o relacionamento do sujeito com o processo verbal. a) **Ativa:** quando o **sujeito é agente**: Bernardo feriu o colega. b) **Passiva:** quando o **sujeito é paciente:** O colega foi ferido por Bernardo. c) **Reflexiva:** quando o **sujeito é agente** e **paciente**: Bernardo feriu-se.

Tempo
→ Subjuntivo: Presente: fale Imperfeito: falasse Futuro: falar → Formas Nominais Há ainda três formas que não expressam exatamente o tempo em que se dá o fato expresso.

Tempo	
a) Infinitivo impessoal: falar pessoal: falar eu, falares tu falar ele	b) gerúndio: falando c) particípio: falado

Tempos primitivos e derivados

1. Tempos derivados do Presente

Pres. Ind.	Imper. Afirm.	Pres. Subj.	Imper. Neg.
amo		ame	
amas(-s)	ama tu	ames	não ames
ama	ame você.	ame	não ame
amamos	amemos nós	amemos	não amemos
amais(-s)	amai vós	ameis	não ameis
amam	amem vocês	amem	não amem

2. Tempos derivados do Pretérito Perfeito

Pret. Perf.	Mais que-Perf. Ind.	Imperf. Subj.	Futuro Subj.
cantei	cantara	cantasse	cantar
cantaste	cantaras	cantasses	cantares
cantou	cantara	cantasse	cantar
cantamos	cantáramos	cantássemos	cantarmos
cantastes	cantáreis	cantásseis	cantardes
cantaram	cantaram	cantassem	cantarem

3. Tempos derivados do Infinito

Infinito Impessoal: cantar	
Futuro do Presente	**Futuro do Pretérito**
cantarei	cantaria
cantarás	cantarias
cantará	cantaria
cantaremos	cantaríamos
cantareis	cantaríeis
cantarão	cantariam

Formação do Imperativo

O imperativo expressa **ordem, conselho, pedido, sugestão:**

Ex.: «Anda, aprende, tola!» → Imp. Af.

«Não te assustes, disse ela.» (MA) → Imp. Neg.

O IMPERATIVO AFIRMATIVO deriva do Presente do Indicativo a 2ª pessoa do singular (tu) e a 2ª do plural (vós), mediante a **supressão** do **s** final; as demais pessoas (você, nós, vocês) são tomadas do Presente do Subjuntivo. **O IMPERATIVO NEGATIVO** provém integralmente do Presente do Subjuntivo.

Pessoas	Indicativo	Imperat. Afirmat.	Subjuntivo	Imperat. Negativo
tu	dizes →	dize	digas →	não digas
você		diga ←	diga →	não diga
nós		digamos ←	digamos →	não digamos
vós	dizeis →	dizei	digais →	não digais
vocês		digam ←	digam →	não digam

⇒ **Observações:**

1ª) O verbo **ser** faz, no Imperativo Afirmativo, excepcionalmente, **sê** (tu), **sede** (vós).

2ª) O Imperativo não possui a 1ª pessoa do singular.

3ª) **Querer** e **poder** não se conjugam no Imperativo.

Formação do Futuro do Subjuntivo

Se a oração se apresentar com conjunção, não podemos usar o **Infinitivo**, mas o **Futuro do Subjuntivo**. Este se deriva da 3ª pes. pl. do Pretérito Perfeito, menos a terminação «-AM.»

3ª pes. pl. P.P. -~~AM~~ = 1ª pes. Fut. Subj.

Ex.:

A) **–** 3ª p.p. Pret. Perf. do verbo **VER**: **eles viram.**

– suprime-se o (-am) final: viram = vir.

– acrescentam-se as desinências de futuro.

VER
quando se
VIR
VIRES
VIR
VIRMOS
VIRDES
VIREM

B) – 3.ª p.p. Pret. Perf. do verbo **VIR: eles vieram**

– suprime-se o (-am) final: vieram = vier.

– acrescentam-se as desinências de futuro.

VIR
quando se
VIER
VIERES
VIER
VIERMOS
VIERDES
VIEREM

Formação da voz passiva

Vimos que na **voz passiva** o verbo indica a ação recebida pelo sujeito, sendo este denominado, então, **paciente.**

A Voz Passiva pode ser **analítica** (formada com os verbos **ser, estar** e **ficar**, seguidos de particípio) ou **sintética**, também chamada **pronominal** (formada com um verbo transitivo direto acompanhado do pronome **se**, que se diz **pronome apassivador**).

Exemplos: Um livro **foi comprado** pelo vestiba.

(passiva analítica)

Comprou-se um livro.

(passiva sintética ou **pronominal)**

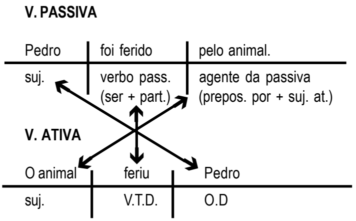

• Tanto na transformação de ativa para passiva, como vice-versa, os termos indicados abaixo se correspondem.

Suj. Pass. = O.D. At.
Suj. At. = Ag. Pass.

• Na transformação para passiva, o verbo da ativa é flexionado no particípio e o verbo auxiliar é flexionado no mesmo tempo e modo em que o verbo da ativa estava.

ATIVA		PASSIVA
feriu	=	foi ferido
↓		↓
P. Perf.	=	P. Perf. + Partic.

ATIVA		PASSIVA
fira-se	=	tenha se ferido
↓		↓
Pres. Subj.	=	Pres. Sub. + Partic.

• Só é possível a transformação para a voz passiva com os verbos **TD** ou **TDI.**

• Quando o verbo ativo vem precedido de um verbo auxiliar, este não sofre transformação na passagem para a voz passiva (exceto a exigida pela concordância).

Proceda-se assim:

a) coloca-se o último verbo (o **principal**) no particípio;

b) conjuga-se o verbo **ser** na forma em que estava o verbo principal.

c) repete-se o **auxiliar**, procedendo a concordância.

Ex.:

V.A.	Os técnicos	estão procurando	uma solução.
		↓ ↙ ↘	
V.P.	Uma solução	está sendo procurada	pelos técnicos.

Exercícios

1) Flexione o imperativo de IR:

Presente do **Indicativo**	Imperativo **Afirmativo**	Presente do **Subjuntivo**	Imperativo **Negativo**
vou	....	vá	
vais →	....	vás →	não ....
vai	.... ←	vá →	não ....
vamos	....	vamos →	não ....
ides →	.... ←	vades →	não ....
vão	.... ←	vão →	não ....

2) Formação do Futuro do Subjuntivo.

Siga o modelo:

VIR. Talvez quando eu VIER.

a) Ver, talvez quando eu ....

b) Ter, talvez quando tu ....

c) Rever, quem sabe quando eu ....

d) Pôr, talvez quando eu ....

e) Deter, talvez quando eu ....

f) Ir, talvez quando eu ....

g) Provir, talvez quando eu ....

h) Ser, talvez quando eu ....

i) Fazer, talvez quando tu ....

j) Poder, se você ....

l) Ir, somente se tu .... agora.

m) Querer, talvez quando eles ....

n) Reaver, somente quando ele ... tudo.

o) Prover; quando eles ....

3) Passe da voz passiva analítica para a passiva sintética:

a) Os metalúrgicos serão remunerados condignamente.

....

....

b) Todos os portões do estádio foram abertos ao meio-dia.

....

....

c) A nave seria lançada ao espaço à uma hora.

....

....

d) Estas casas são vendidas a preço baixo.

....

....

e) Aqui são dadas aulas particulares de Português gratuitamente.

....

....

4) Qual seria a voz passiva dos verbos destacados?

a) «Já as mulheres **tinham improvisado** uma trempe (. . .)» (R.Q.)

....

b) «As cousas do mundo **estavam reduzindo** minhas admirações do menino.» (J.L.R.)

....

c) «**Podia sentir** seu cheiro, tão perto estava (...).» (A. Dourado)

....

5) Qual seria a voz ativa dos verbos destacados?

....

a) Tentei abrir a porta, mas o ferrolho **tinha sido corrido** (...) (Cornélio Pena)

....

b) As pessoas **têm sido amadas** por Deus.

....

c) **Hei de ser amado** pelo filho.

....

6) Dê as formas solicitadas dos verbos abaixo no Presente do Subjuntivo.

a) 1ª p. pl. do v. **falar:** ....

b) 2ª p. sing. do v. **vender:** ....

c) 3ª p. pl. do v. **partir:** ....

d) 2ª p. pl. do v. **fazer:** ....

e) 1ª p. sing. do v. **poder:**...................

f) 3ª p. sing. do v. **sair:** ....

g) 2ª p. pl. do v. **nascer:** ....

h) 1ª p. pl. do v. **solicitar**: ....

7) Complete adequadamente as frases seguintes com os verbos indicados entre parênteses.

a) Talvez eu .... hoje à noite. (sair)

b) Se o dinheiro der, talvez nós .... um carro novo. (comprar)

c) Talvez eu .... ao teatro amanhã. (ir)

d) É provável que nós .... os resultados da prova. (saber)

e) É preciso que vós .... (morrer)

f) É necessário que nós .... este compromisso urgentemente. (assumir)

g) É necessário que eu .... o exercício proposto. (fazer)

8) Dê as formas solicitadas dos verbos abaixo no Imperativo Afirmativo.

a) 2ª p. sing. do v. **beijar**:.......................

b) 1ª p. pl. do v. **adquirir**: ....

c) 2ª p. pl. do v. **partir**: ....

d) 2ª p. sing. do v. **abraçar**: ....

e) 3ª p. pl. do v. **poder**: ....

f) 2ª p. pl. do v. **repreender**: ....

9) Passe para a forma negativa as frases seguintes:

a) Sai depressa ....

b) Dizei a verdade ....

c) Faze o exercício ....

d) Parte depressa ....

e) Comei tudo ....

f) Pensa em ti ....

10) Preencha com a forma correta do particípio:

a) Infelizmente, tinha .... em desgraça. (incorrer)

b) Suas mãos estavam .... porque ele as tinha .... (enxugar)

c) As mercadorias estavam .... de imposto, mas não o haviam .... dos impostos. (isentar)

d) Na segunda-feira já estavam .... todas as notas, exceto daqueles que tinham .... a prova com atraso. (entregar)

e) As notas foram .... hoje, pois ontem ninguém as tinha .... (pegar).

Questões discursivas

1. (CEFET-PR)

a) Siga o modelo:

Se você cantar, eu também cantarei.

Se você ...., eu também virei de novo aqui.

b) Siga o exemplo do item anterior:

Se você .... as contas, eu também vou rever as minhas contas.

c) Siga o exemplo:

Vender a mercadoria? Ora, ele já vendeu.

Deter os assaltantes? Ora, a polícia já os

....

d) Siga o exemplo:

Ela coloca os pratos na mesa. Não: são elas que colocam.

Ela põe os pratos na mesa. Não: são elas que ....

e) Siga o exemplo:

Brincar com barbante? Claro: a criança brinca.

Entreter-se com barbante? Claro: a criança

....

2. (FUVEST) Os verbos e o pronome destacados estão na segunda pessoa do singular. Reescreva o período, usando a segunda pessoa do plural. «Eia! **chora** os dois recentes mortos, se **tens** lágrimas. Se só **tens** riso**, ri-te!»** (M. Assis)

....

....

3. (FEI-SP) Passe a frase para a segunda pessoa do singular:

«Meu caro Dom Casmurro, não cuide que o dispenso do teatro amanhã; venha (...)» (M. Assis)

....

....

....

4. (FUVEST) Passe o texto para a forma negativa:

«Sai daqui! Foge! Abandona o que é teu e esquece-me.»

....

....

5. (FEI-SP) Na expressão: «Deus te favoreça!», substitua o verbo favorecer **por:**

a) abençoar b) ouvir c) proteger

a) ....

b) ....

c) ....

6. (FUVEST) Reescreva as frases a seguir, substituindo convenientemente as formas verbais destacadas pelos verbos colocados entre parênteses:

a) Se você se **colocasse** em meu lugar, perceberia melhor o problema. (pôr)

....

....

b) Quando **descobrirem** o logro em que caíram, ficarão furiosos. (ver)

....

....

7. (FAAP-SP) Dê nova redação à frase que segue, passando-a para a voz ativa, sem mudança de tempo e modo verbais: «Foi nomeada tutora.»

....

8. (FUVEST) Reescreva as duas frases seguintes, de acordo com o modelo:

Os preços irreais afetaram a previsão orçamentária.

A previsão orçamentária foi afetada pela irrealidade dos preços.

a) Os rostos impassíveis disfarçavam a emoção do povo.

....

....

b) A noite negra assustava os viajantes.

....

....

9. (FUVEST) Altere a redação do período abaixo, empregando os verbos na voz passiva: «...e se às vezes me repreendia, à vista de gente, fazia-o por simples formalidade.» (Machado de Assis)

....

....

....

10. (FEI-SP) Reescreva na voz passiva o trecho a seguir, conservando o verbo no mesmo tempo e modo.

«Se os filhos dos pescadores ouvissem o ruído da vaga, eu escutaria o rangido longínquo dos carros de bois.»

....

....

....

....

11. (FUVEST) Coloque na forma adequada os verbos entre parênteses:

a) Ficarei feliz se você (manter) a calma.

....

....

b) Quando ele (intervir) na disputa, foi inábil.

....

....

12. (CEFET-PR) Transcreva o período abaixo na voz passiva sintética:

Vendia relógios no contrabando.

....

Testes

1. (PUC-RS) Assinale a opção que preenche corretamente os pontilhados:

Se o ...., ... -lhe que me procure.

a) vir, dize

b) vir, diga

c) virem, dizei

d) vires, diga

e) ver, dize

2. (UFPR)

1. Se você ...., virei também.
2. Se você ...., caberei também.
3. Se você ...., verei também.
4. Se você ...., irei também.
5. Se você ...., poderei também.

a) vir, couber, ver, for, puder.

b) vier, couber, vir, for, puder.

c) vier, caber, vir, ir, puder.

d) vir, couber, ver, ir, poder

e) vier, caber, vir, for, poder.

3. (MACK-SP) Nos períodos extraídos de um texto, o único que NÃO contém uma forma nominal do verbo é:

a) «...os atenienses saltaram, logo, espinoteando com a novidade.»

b) «...os inúmeros professores, de gramática, incapazes de escrever um período original, declararam que era preciso meter-lhe o pau!»

c) «Escová-lo, para se não fazer de atrevido e desrespeitador das coisas mais sagradas desta vida.»

d) «...eram observações do real, trabalhadas com estilo, pintaram espirituosamente os costumes e os tipos ridículos do Maranhão.»

e) «Por desfastio, escreveu e publicou alguns folhetins; não agradaram — falavam muito a sério!»

4. (UFPR) Indique a alternativa em que as duas frases são seguidas de formas adequadas ao preenchimento de suas lacunas.

a) I. O advogado tudo fez para que o cliente .... seus bens. (reouvesse)

II. O texto estava .... em caracteres góticos. (imprimindo)

b) I. Admites .... o culpado? (seres)

II. Se .... Antônio, comunique-lhe o fato. (vires)

c) I. Se é para requerer desquite, eu .... (requeiro)

II. 0 rapaz tinha .... o bonde errado. (pegado)

d) I. Não sei o que farei se ele se .... a esta solução. (opuser)

II. Se ele quer .... aqui, que venha. (vim)

e) I. Tudo farei para que você .... seus bens. (reaja)

II. Só descansarei quando .... a minha família. (revir)

5. (UFPR) Qual é o período gramaticalmente incorreto quanto à forma do verbo no particípio?

a) As luzes estão acesas.

b) O motorista tinha soltado o volante.

c) Havia expulsado o chefe de sua casa.

d) A conta foi pagada pelo irmão.

e) Tenho aceitado dinheiro.

6. (CESGRANRIO) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase:

Quando ... mais aperfeiçoado, o computador certamente .... um eficiente meio de controle de toda a vida social.

a) estivesse/será.

b) estiver/seria.

c) esteja/era.

d) estivesse/era.

e) estiver/será.

7. (SANTA CASA-SP) Assinale a alternativa correta quanto ao uso de verbos abundantes:

a) Por haver aceitado as normas, o candidato foi aceito na Faculdade.

b) Por haver morto o passarinho, o menino chorou. Realmente o bicho estava bem morto.

c) Foi elegido pelas mulheres apesar de haver eleito a maioria dos homens.

d) O pastor tinha emergido os crentes depois de ser emergido ele mesmo pelo bispo. Era emersão que não acabava mais.

e) Todos os casos serão omitidos da pauta tal como você já tivera omisso os seus casos ontem.

8. (UEM-PR) Há verbos com particípios duplos. Assinale a alternativa em que está INCORRETO o emprego do particípio.

a) Longa vela foi acendida para que pudesse fazer a prova com sucesso.

b) Todos ficaram isentos? Quem é que o fiscal havia isentado?

c) A vela era benta?

d) A prova está sendo aceita.

e) O vigário teria benzido a água?

9. (UFPa) Transpondo para a voz ativa a frase «O processo deve ser revisto pelos dois funcionários», obtém-se a forma verbal:

a) deve-se rever.

b) será revisto.

c) devem rever.

d) reverão.

e) rever-se-á.

10. (UFPa) Transpondo para a voz passiva a oração «Estava terminando o bordado naquele momento», o verbo apresentará a forma:

a) fora terminado.

b) estava sendo terminado

c) estava para ser terminado.

d) estava a terminar.

e) tendo terminado.

Para resolver as questões 11 a 13, assinale as alternativas e some seus valores.

11. (MACK-SP) Assinale a(s) alternativa(s) correta(s) quanto ao emprego da forma verbal:

1. Faça o possível, estuda bem a prova.

2. Se vieres ao colégio, trazes meu livro.

4. Age com calma, não te importes com os exageros.

8. Saia de casa e anda um pouco todo dia.

16. Não esqueça nunca tuas obrigações.

32. «Ame o teu próximo como a ti mesmo.»

64. «Amas o teu próximo como a ti mesmo.»

12. (PUC-RS) Assinale a(s) alternativa(s) correta(s) quanto ao emprego da forma verbal:

1. Se eles intervirem junto ao presidente, receio que consigam o adiamento.

2. Receiamos os manifestantes violentos.

4. Ainda que você odeie, eu não odiarei.

8. Ainda que você varie, eu não variarei.

16. Ainda que você se apiade, eu não me apiadarei.

32. Ainda que você aga, eu não agirei.

64. As pernas arreiam e ele fica estendido, desmanchado, no chão.

13. (UFJF-MG) Esta(ão) correta(s) a(s) alternativa(s):

1. Meu amigo, seja inteligente; vá ao nosso departamento e requeira um cupom de descontos.

2. Meu amigo, sê inteligente; vai ao nosso departamento e requere um cupom de descontos.

4. Meus amigos, sejais inteligentes; ides ao nosso departamento e requereis um cupom de descontos.

8. Meus amigos, sejamos inteligentes; vamos ao nosso departamento e requeiramos um cupom de descontos.

16. Meus amigos, sede inteligentes; ide ao nosso departamento e requerei um cupom de descontos.

32. Meu amigo, não sejas inteligente; não vás ao nosso departamento e não requeiras um cupom de descontos.

64. Meu amigo, não sejais inteligentes; não ides ao nosso departamento e não requeireis um cupom de descontos.

Tempos

Os tempos são distribuídos pelos modos da seguinte maneira:

Do Indicativo

1. **PRESENTE** ⇒ enuncia um fato como **atual**.

Jesuína é linda, os rapazes **adoram**-na.

2. **PRETÉRITO IMPERFEITO** ⇒ apresenta o fato como **anterior** ao momento atual, mas ainda **não concluído** no momento passado a que nos referimos.

Jesuína **era** linda, os rapazes **adoravam**-na.

3. **PRETÉRITO PERFEITO** ⇒ refere-se a um fato **já concluído** em época passada.

Jesuína **foi** linda, os rapazes **adoraram**-na.

4. **PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO** ⇒ expressa um **fato anterior** a outro fato que também é passado.

Quando cheguei ao aeroporto o avião já **partira.**

cheguei = fato passado.

partira = fato passado anterior ao primeiro.

5. **FUTURO DO PRESENTE** ⇒ enuncia um fato que deve realizar-se num **tempo vindouro** em relação ao momento presente.

Viajaremos ao exterior nas férias.

6. **FUTURO DO PRETÉRITO** ⇒ expressa um fato **posterior** com relação a outro fato **já passado**; freqüentemente, o outro fato já passado é dependente do primeiro e inclui uma condição.

Ganharíamos o prêmio, se tivéssemos comprado o bilhete.

ganharíamos = fato posterior.

tivéssemos comprado = fato passado, dependente do primeiro e inclui condição.

Do Subjuntivo

1. **PRESENTE** ⇒ traduz um fato subordinado a outro e que se desenvolve no **momento atual**; expressa dúvida, possibilidade, suposição; pode ainda formar orações optativas.

Espero que você **entenda** esta aula.

Deus te **guie**.

2. **PRETÉRITO IMPERFEITO** ⇒ refere-se a um **fato passado**, mas posterior e dependente de outro fato passado.

Ninguém esperou que ele **dissesse** a verdade.

esperou = fato passado.

dissesse = fato passado, mas posterior e dependente do primeiro.

3. **FUTURO** ⇒ expressa **fato vindouro** — condicional, temporal ou conformativo — dependente de outro fato também futuro.

Se **for** preciso, eu o ajudarei.

Irei quando **puder**.

Tempos simples e compostos da voz ativa

MODO	TEMPO
Indicativo	**Presente** ⇒ amo
	Pretérito 1. Perfeito: **simples**: ame; **composto**: tenho amado 2. Imperfeito: amava (só simples) 3. Mais-que-perfeito: **simples**: amara; **composto**: tinha amado
	Futuro 1. do Presente: **simples** amarei; **composto:** terei amado 2. do Pretérito: **simples:** amaria; **composto:** teria amado
Subjuntivo	**Presente** ⇒ ame
Pretérito	1. Perfeito: tenha amado 2. Imperfeito: amasse (só simples) 3. Mais-que-perfeito: tivesse amado
Futuro	simples: amar composto: tiver amado

Obs.: Das formas nominais, só o Infinitivo e o Gerúndio possuem formas compostas: Infinitivo Pessoal (ter amado, teres amado, etc.), Infinitivo Impessoal (ter amado), Gerúndio (tendo amado).

Tempos simples e compostos da voz passiva

MODO	TEMPO
Indicativo	**Presente** ⇒ sou amado (-a)
	Pretérito 1. Perfeito: **simples**: fui amado(-a); **composto**: tenho sido amado(-a) 2. Imperfeito: amado(-a) 3. Mais-que-perfeito: **simples**: fora amado(-a); **composto**: tinha sido amado(-a)
	Futuro 1. do Presente: **simples**: serei amado(-a); **composto**: terei sido amado(-a) 2. do Pretérito: **simples**: seria amado(-a); **composto**: teria sido amado(-a)

Subjuntivo	**Presente** ⇒ seja amado(-a)
	Pretérito 1. Perfeito: **tenha sido amado(-a)** 2. Imperfeito: **fosse amado(-a)** 3. Mais-que-perfeito: **tivesse sido amado(-a)**
	Futuro simples: **for amado(-a)** composto: **tiver sido amado(-a)**

Formas nominais

Nas **formas nominais**, temos:

Infinitivo
- 1. Impessoal
  - **Presente:** ser amado
  - **Pretérito**: ter sido amado
- 2. Pessoal
  - **Presente:** ser amado
  - **Pretérito:** ter sido amado

Gerúndio
- **Presente:** sendo amado
- **Pretérito:** ter sido amado

Particípio
- amado

Emprego do Infinitivo

Em Português, há dois tipos de Infinitivo:

- **Infinitivo Impessoal:** terminado em **r** para qualquer pessoa.

Ex.: falar, vender, partir.

- **Infinitivo Pessoal:** além da desinência **r,** vem marcado com desinência de **pessoa** e **número.**

Exemplo: falar — ∅
falar — es
falar — ∅
falar — mos
falar — des
falar — em

Observação:

Como o uso de uma forma ou outra depende de muitas variáveis, não é possível prescrever normas rígidas nesse domínio.

Há, entretanto, algumas diretrizes que podem ser apontadas.

Uso do Infinitivo Pessoal

As desinências de pessoa e número são um recurso para indicar, sem ambigüidade, ou para enfatizar, o sujeito do processo expresso pelo infinitivo.

Dentro desse princípio:

- **Usa-se o Infinitivo Pessoal**, quando o seu sujeito é diferente do sujeito do verbo da oração principal.

Exemplo: Todos acreditam **sermos** os culpados.

No caso, a desinência **mos** (ser**mos**) serve para indicar que o sujeito do infinitivo é **nós**, diferente do sujeito de **acreditam (todos).**

- **Usa-se ainda o Infinitivo Pessoal,** quando ele ocorre antes do verbo da oração principal, mesmo que os sujeitos de ambos os verbos sejam idênticos.

Exemplo: **Cometeres** tamanho descuido, tu não o **farias**.

Nesse caso, a marca de pessoa serve para **chamar a atenção** sobre o sujeito que, apesar de ser idêntico ao da oração principal, não vem marcado por nenhum índice anterior na frase.

Observação: Nesse mesmo caso, pode ocorrer o Infinitivo Impessoal.

Exemplo: **Cometer** tamanho descuido, tu não o **farias.**

- **Usa-se o Infinitivo Pessoal na terceira pessoa do plural** como um recurso para indeterminar o sujeito do verbo.

Exemplo:

Ouvia	baterem	na porta.
	Infinitivo Pessoal com sujeito indeterminado	

Uso do Infinitivo Impessoal

O Infinitivo Impessoal é usado quando a presença de outros índices dispensa a flexão do infinitivo como recurso para indicar o seu sujeito.

Assim:

- **Usa-se o Infinitivo Impessoal** nas locuções verbais, já que, nesses casos, a desinência do verbo auxiliar já marca o sujeito.

Exemplo: Não **podes falar** disso com tanta segurança.

- **Usa-se a forma impessoal** quando o sujeito do verbo no infinitivo for idêntico ao sujeito do verbo da oração principal.

Exemplo: Todos **acreditam ser** culpados (o sujeito de **ser** é idêntico ao sujeito de **acreditam**).

• **Não se flexiona o infinitivo** quando o seu sujeito for um pronome oblíquo.

Exemplo: Deixe-**os** entrar. (**os** = sujeito de **entrar**)

• **O infinitivo não é flexionado** quando não se refere a sujeito algum.

Exemplo: «**Navegar** é preciso; **viver** não é preciso.»

• **O infinitivo não se flexiona** quando é usado com valor de imperativo.

Exemplo: Não **estacionar** na pista. (estacionar = estacione)

Aspecto verbal

Aspecto é uma categoria do verbo que marca em que ponto do seu desenvolvimento é concebido o processo verbal.

A língua portuguesa, concebendo o processo verbal como algo que se desenvolve no tempo, segmenta-o em vários aspectos.

• **Aspecto incoativo** (do latim, **incoare** = **começar**): concebe o processo verbal **no início do seu desenvolvimento**.

Exemplo: O dia **vem chegando.**
Começa a chover.

• **Aspecto cursivo:** concebe o processo verbal **no decorrer do seu desenvolvimento.**

Exemplo: O balão **vai subindo.**
Continua a chover.

• **Aspecto conclusivo:** concebe o processo verbal **no término do seu desenvolvimento.**

Exemplo: O sol **acaba de cair.**

• **Aspecto freqüentativo:** concebe o processo **repetido no seu desenvolvimento.**

Exemplo: O pássaro **saltitava** no terreiro.

Observação: A categoria de aspecto, no Português, não é marcada por desinências típicas, mas:

a) **por verbos auxiliares: vem** chegando
vai subindo
acaba de cair

b) **por alguns sufixos:** anoit**ecer** (o sufixo **ecer** marca aspecto incoativo).

Formas rizotônicas e arrizotônicas

Formas rizotônicas são aquelas que têm a vogal tônica no **radical.**

Formas arrizotônicas são aquelas que têm a vogal tônica na **desinência.**

São **RIZOTÔNICAS** a 1ª, 2ª e 3ª pessoa do singular e a 3ª pessoa do plural do Presente do Indicativo e do Presente do Subjuntivo, bem como as correspondentes do Imperativo; todas as demais formas são, normalmente, **ARRIZOTÔNICAS.**

Exemplos

Pres. Indicativo	Pres. Subjunt.	Formas
cant — o cant — as	cant — e cant — es	RIZOTÔNICAS
cant — a cant — **a**mos	cant — e cant — **e**mos	ARRIZOTÔNICAS
cant — **a**is cant — am	cant — **e**is cant — em	RIZOTÔNICAS

A identificação dessas formas é imprescindível para a conjugação de inúmeros verbos **irregulares** e **defectivos.**

→ Se um verbo só puder ser conjugado nas formas ARRIZOTÔNICAS, já podemos garantir que ele **não possuirá:**

1. **Presente do Subjuntivo**

2. a 2ª e a 3ª pessoa do singular e a 1ª e 3ª pessoa do plural **do Imperativo Afirmativo** (só possui o **vós**).

3. **Imperativo Negativo.**

4. No Presente Ind., será conjugado somente no **nós** e **vós.**

Verbos irregulares

São os que sofrem variações no radical, ou cujas desinências não acompanham as do verbo paradigma da respectiva conjugação.

1. Há verbos cuja irregularidade ocorre apenas no **radical**:

per**d** — er → per**c** — o

2. Há verbos cuja irregularidade ocorre apenas na **desinência**:

d — **ou** → t — **enho**

3. Há verbos cuja irregularidade ocorre simultaneamente no **radical** e na **desinência:**

cab — er → c**ou**b — **e**
quer— er → **qu** — **is**

Irregulares da 1ª conjugação

1. Verbos em **GUAR** — Podemos tomar por modelos:

A) «aguar»

Aguar			
Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**	**Presente do Subjuntivo**	**Imperativo Negativo**
águo		**á**güe	
águas	**á**gua tu	**á**gües	não **á**gües
água	**á**güe você	**á**güe	não **á**güe
agu**a**mos	agü**e**mos nós	ag**üe**mos	não ag**üe**mos
agu**ais**	ag**uai** vós	ag**üeis**	não ag**üeis**
águam	**á**güem vocês	**á**güem	não **á**guem

O modelo acima é seguido por **desaguar, enxaguar, minguar**

B) «apaziguar»

Apaziguar			
Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**	**Presente do Subjuntivo**	**Imperativo Negativo**
apaziguo		apazigúe	
apaziguas	apazigua	apazigúes	não apazigúes
apazigua	apazigúe	apazigúe	não apazigúe
apaziguamos	apazigüemos	apazigüemos	não apazigüemos
apaziguais	apaziguai	apazigüeis	não apazigüeis
apaziguam	apazigúem	apazigúem	não apazigúem

Por esse verbo conjugam-se **averiguar, apaniguar** (= proteger, favorecer).

2. Verbos em **QUAR** — Podemos tomar por modelos:

A) «apropinquar-se» (= aproximar-se)

Apropinquar-se			
Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**	**Presente do Subjuntivo**	**Imperativo Negativo**
apro**pín**quo-me		apro**pín**qüe-me	
apro**pín**quas-te	apro**pín**qua-te	apro**pín**qües-te	não te apro**pín**qües
apro**pín**qua-se apro**pín**qüe	apro**pín**qüe-se	apro**pín**qüe-se	não se apro**pín**qüe
apropin**qua**mo-nos	apropin**qüe**mo-nos	apropin**qüe**mo-nos	não nos apropin**qüe**mos
apropin**quais**-vos	apropin**quai**-vos	apropin**qüeis**-vos	não vos apropin**qüeis**
apro**pín**quam-se	apro**pín**qüem-se	apro**pín**qüem-se	não se apro**pín**qüem

B) «obliquar» (= inclinar, agir com malícia)

Obliquar			
Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**	**Presente do Subjuntivo**	**Imperativo Negativo**
obliq**u**o		obliq**ú**e	
obliq**u**as	obliq**u**a	obliq**ú**es	não obliq**ú**es
obliq**u**a	obliq**ú**e	obliq**ú**e	não obliq**ú**e
obliqu**a**mos	obliqü**e**mos	obliqü**e**mos	não obliqü**e**mos
obliqu**ai**s	obliqu**ai**	obliqü**ei**s	não obliqü**ei**s
obliq**u**am	obliq**ú**em	obliq**ú**em	não obliq**ú**em

Segue o modelo o verbo defectivo **«Adequar»**, que só possui as formas **arrizotônicas.**

3. «mobiliar» conjuga-se fazendo incidir a tônica em **-bi-** (nas rizotônicas):

Mobiliar			
Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**	**Presente do Subjuntivo**	**Imperativo Negativo**
mo**bí**lio		mo**bí**lie	
mo**bí**lias	mobília	mo**bí**lies	não mobílies
mo**bí**lia	mobílie	mo**bí**lie	não mobílie
mobiliamos	mobiliemos	mobiliemos	não mobiliemos
mobiliais	mobiliai	mo**bi**lieis	não mobilieis
mo**bí**liam	mobíliem	mo**bí**liem	não mobíliem

Também existem as formas MOBILHAR e MOBILAR.

→ **Obs.:** Todos os demais verbos em **-iliar** têm a sílaba tônica em **-li**: auxi**lio** reconci**lio**, fil**io** reta**lio**.

4. **«moscar-se»** (=sumir-se) — Troca o **«o»** em **«u»** nas formas rizotônicas:

Moscar		
Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**	**Presente do Subjuntivo**
m**u**sco-me		m**u**sque-me
m**u**scas-te	m**u**sca-te	m**u**sques-te
m**u**sca-se	m**u**sque-se	m**u**sque-se
m**o**scamo-nos	m**o**squemo-nos	m**o**squemo-nos
m**o**scais-vos	m**o**scai-vos	m**o**squeis-vos
m**u**scam-se	m**u**squem-se	m**u**squem-se

5. Verbos em **-EAR** recebem **«i»** nas formas **rizotônicas.** Assim: passear, afear, atear, cear, basear, nortear, nomear, gear, apear etc.

Tomemos por modelo **«passear»:**

Passear			
Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**	**Presente do Subjuntivo**	**Imperativo Negativo**
passe**i**o		passeie	
passe**i**as	passe**i**a tu	passeies	não passeies
passe**i**a	passeie	passeie	não passeie
passeamos	passeemos	passeemos	não passeemos
passeais	passeai vós	passeeis	não passeeis
passe**i**am	passeiem	passeiem	não passeiem

→ **Obs.: Idear e estrear** são os únicos que têm **«e»** aberto nas rizotônicas: idéio, idéias, idéia, ideamos, ideais, idéiam.

6. Verbos em **-IAR:** são normalmente regulares. Ex.: copiar, abreviar, adiar, alumiar, apreciar, associar, extasiar, variar etc. Há, porém, uns poucos que recebem **«e»** nas formas rizotônicas; são os verbos do **MARIO:**

M	ediar
A	nsiar
R	emediar
I	ncendiar
O	diar

ODIAR			
Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**	**Presente do Subjuntivo**	**Imperativo Negativo**
od**e**io		od**e**ie	
od**e**ias	od**e**ia tu	od**e**ies	não od**e**ies
od**e**ia	od**e**ie	od**e**ie	não od**e**ie
odiamos	odiemos	odiemos	não odiemos
odiais	odiai vós	odieis	não odieis
od**e**iam	od**e**iem	od**e**iem	não od**e**iem

7. **«Saudar»** e **«abaular»** têm o **-u-** tônico e graficamente acentuado nas formas rizotônicas.

SAUDAR			
Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**	**Presente do Subjuntivo**	**Imperativo Negativo**
sa**ú**do		sa**ú**de	
sa**ú**das	sa**ú**da	sa**ú**des	não sa**ú**des
sa**ú**da	sa**ú**de	sa**ú**de	não sa**ú**de
saudamos	saudemos	saudemos	não saudemos
saudais	saudai	saudeis	não saudeis
sa**ú**dam	sa**ú**dem	sa**ú**dem	não sa**ú**dem

8. **«Dar»** — Por ele se conjuga «desdar» (= desatar nó ou laçada):

DAR		
Presente do Indicativo	**Pretérito Perf. do Indicativo**	**Presente do Subjuntivo**
dou	dei	dê
dás	deste	dês
dá	deu	dê
damos	demos	demos
dais	destes	deis
dão	deram	**dêem**

9. **«resfolegar»** — O Vocabulário Oficial registra duas formas: **resfolegar** e **resfolgar**. Esta última é regular. Quanto à anterior, **resfolegar**, pode ser conjugada regularmente ou sem o **-e-** (que ocorre após o **-l-**) nas rizotônicas:

Resfolgar			
Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**	**Presente do Subjuntivo**	**Imperativo Negativo**
refolgo (ou resfólego)		resfolgue (ou resfólegue)	
resfolgas	resfolga	resfolgues	não resfolgues
(ou resfólegas)	(ou resf**ó**lega)	(ou resf**ó**legues)	(ou resf**ó**legues)
resfolga	resfolgue	resfolgue	não resfolgue
(ou resf**ó**lega)	(ou resf**ó**legue)	(ou resf**ó**legue)	(ou resf**ó**legue)
resfolegamos	resfoleguemos	resfoleguemos	não resfoleguemos
resfolegais	resfolegai	resfolegueis	não resfolegueis

resfolgam (ou resfólegam)	resfolguem (ou resfóleguem)	resfolguem (ou resfóleguem)	não resfolguem (ou resfolguem)

Exercícios

1) Continue a conjugação iniciada dos verbos irregulares abaixo:

a) **Imperfeito do Subjuntivo do verbo dar:**

desse, desses, ...

....

....

....

b) **Presente do Indicativo do verbo mobiliar:**

mobílio, ...

....

....

c) **Presente do Indicativo do verbo magoar:**

magôo, ...

....

....

....

d) **Presente do Indicativo do verbo apiadar-se:**

apiado-me ....

....

....

2) Complete as frases abaixo com os verbos indicados entre parênteses, nos tempos e modos pedidos:

a) Eu .... por notícias suas. (ansiar — Pres. Ind.)

b) É importante que nós .... agora. (cear — Pres. Subj.)

c) Talvez nós .... em outro jornal. (anunciar — Pres. Subj.)

d) É preciso que eles .... a situação. (remediar — Pres. Subj)

e) Não oculte suas emoções. Se necessário, ... seu inimigo. (odiar — Imp. Afirm.)

f) Há anos que nós .... uma vaga naquela faculdade. (pleitear — Pres. Ind.)

3) Conjugue:

incendiar - Pres. Ind.	odiar - Pres. Subj.

hastear - Pres. Ind	cear - Pres. Subj.

apaziguar - Pres. Ind.	averiguar - Pres. Subj.

4) Nas frases que seguem o verbo destacado está no tempo composto.

Analise-o pelo código abaixo:

a) Mais-que-perfeito Comp. do Subj.;

b) Infinit. Impessoal Perfeito;

c) Perfeito Composto do Subj.;

d) Mais-que-perfeito Composto do Indic.;

e) Perfeito Composto do Indicativo.

I. ( ) «Germiniano recebeu elogios por **ter sabido** pôr o homem em seu lugar.»
(J. J. Veiga)

II. ( ) «Se você soubesse como eu **tenho andado** preocupado, por sua causa.»
(M. Assis)

III. ( ) «O menino **tinha armado** a rede no peitoril, recusando a sala ou a varanda (...)»

IV.( ) «Talvez esta mútua repulsa não **tenha surgido** agora à primeira vista (...)»
(E. Veríssimo)

V. ( ) «Mas, como se não me **tivesse ouvido**, Eugênio caminha para mim (...)»
(E. Veríssimo)

5) Assinale certo (C) ou errado (E) em cada uma das alternativas que seguem, observando o uso do Infinitivo Pessoal ou Impessoal.

a) A ti seria útil estudar mais e falar menos. ( )

b) Não querias afastares-te daqui. ( )

c) Não podias recusar o trabalho que te propusemos.

d) Mande-os saírem. ( )

e) Havia casos difíceis de solucionar. ( )

f) O comandante gritou do alto da colina: avançar! ( )

g) Suponho não ser culpados.

h) Ouvimos caírem as árvores. ( )

6) Preencha o espaço em branco com uma das formas entre parênteses, de acordo com as normas do uso do Infinitivo:

a) O conflito das Ilhas Falkland faz-nos........ a nossa defesa. (rever, revermos)

b) «Candidatos querem .... professores.» (agradar, agradarem) (*Jornal do Brasil*)

c) «É certo que as naturezas capazes de ..... ao choque das paixões humanas são inteiramente raras.» (resistir, resistirem)
(M. de Assis)

7) Indique o aspecto dos verbos destacados, de acordo com o código que segue:

a) cursivo b) incoativo c) freqüentativo

a) «E **começava a ter** os meus medos dos pecados pelo castigo do alto.»
(José Lins do Rego) ( )

b) «**Estamos saindo** da Rua de Cima, por onde as vacas de seu Antonico Borges transitam.» (Guimarães Rosa) ( )

c) A barra do dia **vai clareando.** ( )

d) «(...) em seguida **sapateava**, miúdo e cerrado, freneticamente (...)»
(Aluísio Azevedo) ( )

e) «Sempre se falou mal dos funcionários públicos, inclusive dos que passam a hora do expediente **escrevinhando** literatura.»
(Carlos Drummond de Andrade) ( )

Questões discursivas

1. (PUC-SP) Reescreva a frase abaixo com os verbos no Presente do Indicativo:

«Apiedei-me; tomei-a na palma da mão e fui depô-la no peitoril da janela.»
(Machado de Assis)

Resp.: ....
....

2. (FUVEST) Na frase:

«Esse homem, que **enriquecera** no fabrico de albardas, **tinha tido** sempre o sonho de uma casa magnífica (...)»
(Machado de Assis)

Um dos verbos está na forma simples: o outro, na composta. Identifique modo e tempo.

enriquecera: ....

....

....

tinha tido: ....

....

3. (FEI-SP) Nas frases que seguem, os verbos destacados ocorrem na forma composta. Qual é a forma simples correspondente?

a) «O perigo dos barbeiros, o modo pelo qual os malditos agiam (...), tudo isso ele **havia explicado** ao Maximino.» (Mário Palmério)

Resp.: ....

b) «Nestes últimos tempos **tenho convivido** mais intimamente com Eugênio Fontes.» (Érico Veríssimo)

Resp.: ....

c) «Veja que tudo **tem mudado:** (...)» (M. Palmério)

Resp.: ....

4. (FEI-SP) Com relação à frase de Mário Palmério: «Todos perceberam que João Fanhoso dera rebate falso», responda:

a) Em que tempo está a forma verbal **dera**?

Resp.: ....

b) Qual é a forma verbal composta correspondente?

Resp.: ....

c) Como se justifica o seu emprego?

Resp.: ....

5. (FUVEST) Reescreva as frases a seguir, segundo o modelo: Mandou que ele entrasse.

Mandou-**o entrar**.

a) Isso fez **com que elas caíssem.**

....

b) Deixaram **que eles saíssem.**

....

6. (CEFET-PR) Escreva a forma verbal que preenche corretamente as lacunas:

a) É bom que ele .... (averiguar) o saldo.

b) Agora traz o material, mas ontem ele não o ...... (trazer).

c) .... (manter)-te atento, para não seres espoliado!

d) .... (pôr) mais ânimo nesse teu rosto e mexe-te!

Testes

1. (CESGRANRIO) Não há a devida correlação temporal das formas verbais em:

a) Seria conveniente que o leitor ficasse sem saber quem era Miss Dollar.

b) É conveniente que o leitor ficaria sem saber quem é Miss Dollar.

c) Era conveniente que o leitor ficasse sem saber quem foi Miss Dollar.

d) Será conveniente que o leitor fique sem saber quem é Miss Dollar.

e) Foi conveniente que o leitor ficasse sem saber quem era Miss Dollar.

2. (UEGP-PR) «E ela teria esquecido as rosas e a sua beleza.» (C. Lispector)

O tempo do verbo, nessa oração, é o:

a) Fut. Pres. Simples do Indic.

b) Fut. Pass. Simples do Indic.

c) Mais-que-perf. Composto do Indicativo.

d) Imperf. Composto do Indic.

e) Fut. Pret. Composto do Indic.

3. (FATEC-SP) A flexão do infinitivo está errada em que período?

a) Não saíres, tu que não paravas em casa.

b) Deixai-os saírem, eu vos peço.

c) Vi as nucas se curvarem mais e mais.

d) Julgo serdes os representantes do clube.

e) n.d.a.

4. (UFMS) Em que alternativa seria incorreto o emprego do infinitivo flexionado? (O verbo está dado entre parênteses)

a) Permitiu-nos .... aqui. (permanecer)

b) É nossa oportunidade, ... a ocasião não é temeridade. (aproveitar)

c) Dar-te-ei o suficiente para não ...... aperto. (passar)

d) «É para se .....!» Assim estava no cartão que nos enviou. (divertir)

e) n.d.a.

5. (CESESP-PE) Assinalar o único item em que o emprego do infinitivo está errado.

a) Deixei-os sair, mas procurei orientá-los bem.

b) De hoje a três meses podes voltar aqui.

c) Disse ser falsas aquelas assinaturas.

d) Depois de alguns instantes, eles parecia estarem mais conformados.

e) Viam-se brilhar as primeiras estrelas.

6. (UFJF-MG) Assinale a alternativa em que aparecem os três modos verbais: Indicativo, Subjuntivo e Imperativo:

a) «... os peixes, que se recusavam a Pedro, enchiam a rede que Jesus mandara lançar.»

b) «Uma noite, perante os discípulos turbados, caminhou lisamente sobre o mar, como nós outros pisamos o chão.»

c) «Finalmente, e sem que para isso pudesse restar sombra de dúvida, disse ao cadáver de uma jovem: Anda, e o cadáver abriu os olhos, andou.»

d) «Não se calou, como poderia ser a forma de sua amargura...»

e) «Não concordou, propiciando o sinal que atestasse aos espíritos mais escuros a evidência da sua natureza.»

7. (UFRGS) «Embora tivesse testado **o aparelho antes de usá-lo, no momento da apresentação, ele falhou.**

Na semana passada, **tinha acontecido** o mesmo problema.»

No texto acima os verbos destacados estão, respectivamente, no:

a) Pretérito Perfeito do Indicativo e Pretérito Imperfeito do Subjuntivo

b) Pretérito Mais-que-perfeito do Indicativo Composto e Pretérito Imperfeito do Subjuntivo.

c) Pretérito Mais-que-perfeito do Subjuntivo Composto e Pretérito Mais-que-perfeito do Indicativo Composto.

d) Pretérito Perfeito do Indicativo Composto e Pretérito Mais-que-perfeito do Indicativo Composto.

e) Pretérito Imperfeito do Indicativo Composto e Presente do Subjuntivo.

8. (FMU-SP) Compare os verbos destacados no verso 1 e no verso 2:

«Andorinha lá fora **está dizendo**»

«Andorinha, andorinha, minha cantiga **é** mais triste.»

Temos, respectivamente:

a) um verbo de ação e um verbo de ligação. O primeiro sugere ação em curso; o segundo, permanência.

b) um verbo de ligação e um verbo de ligação. Ambos sugerem permanência.

c) um verbo de ação e um verbo de ação. Ambos sugerem ação passageira.

d) um verbo de ligação e um verbo de ação. O primeiro sugere permanência; o segundo, ação passageira.

e) um verbo de ação e um verbo de ligação. O primeiro sugere permanência; o segundo, ação passageira.

9. (UFMS) Classifique os verbos conforme as indicações que seguem, quanto ao sufixo:

1 — sinalizar

2 — amadurecer

3 — bebericar

4 — apedrejar

a) verbo freqüentativo

b) verbo diminutivo

c) verbo incoativo

d) verbo causativo

a) 1a; 2b; 3c; 4d. c) 1c; 2d; 3a; 4b.

b) 1d; 2c; 3b; 4a. d) 1c; 2d; 3b; 4a.

10. (UFRJ) «Depois de ter passado **o dia inteiro gastando sola». A forma simples do verbo destacado é:**

a) passado.

b) tido.

c) passar.

d) tido passado

e) n.d.a.

11. (FAAP-SP) «Os infantes não chegariam **lá, ou, se** chegassem**, seria a duras penas...» As formas verbais compostas correspondentes às formas simples destacadas são, respectivamente:**

a) tinham chegado — tivessem chegado.

b) não há — tinham chegado.

c) teriam chegado — têm chegado.

d) terão chegado — tivessem chegado.

e) teriam chegado — não há.

12. (UFPR) Estudarem pode preencher uma das lacunas abaixo:

a) Mandou-os .... a questão.

b) Eles devem .... a questão.

c) Todos querem .... a questão.

d) Pediu-lhes para .... a questão.

e) Eles talvez possam .... a questão.

Para resolver as questões 13 e 14, assinale as alternativas e some seus valores.

13. (UFRJ) Assinale a(s) alternativa(s) em que há correspondência entre as formas verbais compostas e as simples:

1. Ainda que você **tenha jurado** eu não acredito. — (jurou)

2. Caso eles **tenham saído,** avisaremos depois. — (saiam)

4. Quando todos **tiverem terminado** as tarefas, será pago o salário. — (terminarem)

8. Se nós **tivéssemos estudado**, passaríamos. — (estudássemos)

16. Quando você me telefonou eu já lhe **havia escrito**. — (escrevera)

32. Eu **teria saído**, se soubesse das condições. — (sairia)

64. Ele **terá apresentado** aproximadamente dez provas contrárias à acusação. — (tiver apresentado).

14. (PUCCAMP-SP) Assinale a(s) alternativa(s) correta(s) quanto à indicação da forma verbal:

1. Assim eu quereria a minha última crônica. — Fut. do Pretérito Indicativo.

2. Se alguém escrevesse uma história, diria como o senhor (...) — Pret. Imp. do Subj. e Fut. do Pret. Indicat.

4. O tempo verbal que expressa um fato anterior a outro acontecimento que também é passado é o Pret. Perf. do Indicativo.

8. «Amanhã, em minha casa, faço o exercício.» O verbo foi empregado para indicar o futuro próximo.

16. Ainda que você tenha perdido o jogo, eu não perdi. — Pret. Perf. Comp. do Subj. e Pret. Perf. Simples do Indicativo.

32. Ainda que ele tivesse anunciado com antecedência... — Pret. Imp. Comp. do Subjuntivo.

64. Eu tenho falado sempre a verdade. — Pret. Perf. Comp. do Indicativo.

Irregulares da 2ª conjugação

1. CRER

Presente do Indicativo	Pret. Imperf. Indicativo	Pret. Perf. Indicativo
creio	cria	cri
crês	crias	creste
crê	cria	creu
cremos	críamos	cremos
credes	críeis	crestes
crêem	criam	creram

Pelo verbo «crer» se conjuga o derivado «descrer», bem como o verbo **«ler»** e o derivado **«reler»**.

2. CABER

Presente do Indicativo	Pret. Perf. Indicativo	Pret. Perf. Subjuntivo
caibo	**coube**	coubesse
cabes	coubeste	coubesses
cabe	coube	coubesse
cabemos	coubemos	coubéssemos
cabeis	coubestes	coubésseis
cabem	couberam	coubessem

→ O verbo **«caber»** não é conjugado no modo **Imperativo**.

3. JAZER

Presente do Indicativo	Pret. Perf. Indicativo	Fut. Pres. Indicativo
jazo	jazi	jazerei
jazes	jazeste	jazerás
jaz	jazeu	jazerá
jazemos	jazemos	jazeremos
jazeis	jazestes	jazereis
jazem	jazeram	jazerão

→ **Observações:**

a) Os verbos **DIZER** e **TRAZER** que possuem **«Z»** no radical, como o verbo JAZER, têm, no entanto, os futuros **irregulares.**

direi, dirás, dirá...
diria, dirias, diria...
trarei, trarás, trará...
traria, trarias, traria...

b) Os verbos JAZER, DIZER, FAZER e TRAZER têm duas formas para o **Imperativo Afirmativo,** 2ª pessoa do singular:

— **Faz (faze)** ao próximo o que desejas que te façam.

— **Diz (dize)** a verdade que te ensinaram.

— **Jaz (jaze)** em paz para a eternidade.

— **Traz (traze)** já o que te pedi!

4. PODER

Presente do Indicativo	Pretérito Perfeito	Presente do Subjuntivo
posso	pude	possa
podes	pudeste	possas
pode	pôde	possa
podemos	pudemos	possamos
podeis	pudestes	possais
podem	puderam	possam

→ O verbo **«poder»** não é conjugado no IMPERATIVO.

5. QUERER

Presente do Indicativo	Pretérito Imperfeito	Futuro do Presente
quero	queria	quererei
queres	querias	quererás
quer	queria	quererá
queremos	queríamos	quereremos
quereis	queríeis	querereis
querem	queriam	quererão
Pretérito Perfeito	**Mais-que-Perfeito**	**Futuro do Pretérito**
quis	quisera	quereria
quiseste	quiseras	quererias
quis	quisera	quereria

Pretérito Perfeito	Mais-que-Perfeito	Futuro do Pretérito
quisemos	quiséramos	quereríamos
quisestes	quiséreis	quereríeis
quiseram	quiseram	quereriam

Não é usado na 2ª pessoa do singular e na 2ª pessoa do plural do IMPERATIVO.

→ Fut. do Subj.: — Se eu **quiser**...

→ Observações:

a) **Requerer** não segue a conjugação do verbo «querer».

Presente do Indicativo	Pret. Perf. Indicativo	Presente do Subjuntivo
requeiro	requeri	requeira
requeres	requereste	requeiras
requer	requereu	requeira
requeremos	requeremos	requeiramos
requereis	requerestes	requeirais
requerem	requereram	requeiram

Fut. do Subj.: Requerer, requereres requerer etc.

b) **BEM-QUERER** e **MALQUERER** seguem o modelo «querer», mas possuem duas formas de **Particípio:**

benquerido, malquerido (regulares)

benquisto, malquisto (irregulares)

6. PÔR — Verbo da segunda conjugação, **irregular no Infinitivo**. A forma antiga era **«poer»** — Derivados de «pôr»: antepor, apor, compor, contrapor, decompor, depor, dispor, expor, impor, indispor, opor, pospor, propor, predispor, pressupor, repor, sobrepor, supor, transpor, etc.

Presente do Indicativo	Pret. Perf. Indicativo	Futuro do Subjuntivo
ponho	pus	**puser**
pões	puseste	puseres
põe	pôs	puser
pomos	pusemos	pusermos
pondes	pusestes	puserdes
põem	puseram	puserem

→ **Observações:**

Atente para o Futuro do Subjuntivo dos derivados de PÔR:

— Se eu **compuser** uma música...

— Se ele **impuser** sua opinião...

— Se ele **dispuser** de tempo...

— Se eu me **opuser**...

— Quando ele **expuser** suas obras...

— Quando você **transpuser** os degraus da Universidade...

— Quando nós **supusermos** o contrário...

7. SABER

Presente do Indicativo	Pretérito Perfeito	Presente do Subjuntivo
sei	**soube**	**saiba**
sabes	soubeste	saibas
sabe	soube	saiba
sabemos	soubemos	saibamos
sabeis	soubestes	saibais
sabem	souberam	saibam

8. TRAZER

Presente do Indicativo	Pret. Perf. do Indicativo	Presente do Subjuntivo
trago	**trouxe**	**traga**
trazes	trouxeste	tragas
traz	trouxe	traga
trazemos	trouxemos	tragamos
trazeis	trouxestes	tragais
trazem	trouxeram	tragam

9. VALER só apresenta irregularidades nas formas do presente (Indicativo e Subjuntivo).

Presente do Indicativo	Imperativo Afirmativo	Presente do Subjuntivo	Imperativo Negativo
valho		valha	
vales	vale tu	valhas	não valhas tu
vale	valha você	valha	não valha você
valemos	valhamos nós	valhamos	não valhamos nós
valeis	valei vós	valhais	não valhais vós
valem	valham vocês	valham	não valham vocês

10. VER

Presente do Indicativo	Pretérito. Perf. do Indicativo
vejo	vi
vês	viste
vê	viu
vemos	vimos
vedes	vistes
vêem	viram

Futuro do Subjuntivo	Infinito Pessoal
vir	ver eu
vires	veres tu
vir	ver ele
virmos	vermos nós
virdes	verdes vós
virem	verem eles

Particípio
visto

Seguem o modelo de **«ver»: antever, entrever, prever, rever.**

PREVER (= ver antecipadamente)

Presente do Indicativo	Pretérito Perfeito do Indicativo
prevejo	previ
prevês	previste
prevê	previu
prevemos	previmos
prevedes	previstes
prevêem	previram

→ Observações:

O verbo **PROVER** (= abastecer, suprir) segue o verbo «VER» apenas em parte, pois abandona-o no **Pretérito Perfeito do Indicativo** (e formas derivadas) e no **Particípio**, tornando-se, então, VERBO REGULAR.

Presente do Indicativo	Pretérito Perfeito Indicativo
provejo	provi
provês	proveste
provê	proveu
provemos	provemos
provedes	provestes
provêem	**proveram**

Fut. do Subj.: prover, proveres, prover etc.

Particípio: provido.

Irregulares da 3ª conjugação

A) Verbos que têm «E» na penúltima sílaba:

1.º *Grupo*

1. MEDIR. O **«E»** torna-se aberto nas formas rizotônicas, e o **«D»** muda em **«C».**

Presente do Indicativo	Presente do Subjuntivo
m**e**ço	m**e**ça
m**e**des	m**e**ças
m**e**de	m**e**ça
medimos	meçamos
medis	meçais
m**e**dem	m**e**çam

Pelo verbo **«medir»**, conjugam-se: **«pedir», «impedir», «despedir», «expedir».**

2.º *Grupo*

2. ADERIR muda o **«E»** da primeira pessoa do singular do Presente do Indicativo em **«I»**; conseqüentemente, essa alteração ocorre em todas as formas derivadas: **Presente do Subjuntivo, Imperativo Negativo** e **Imperativo Afirmativo** (3ª pessoa singular, 1ª e 3ª pessoas do plural).

Nas demais formas **rizotônicas**, o «E» torna-se **aberto.**

Presente do Indicativo	Presente do Subjuntivo
ad**i**ro	ad**i**ra
ad**e**res	adiras
ad**e**re	ad**i**ra
aderimos	ad**i**ramos
aderis	ad**i**rais
ad**e**rem	ad**i**ram

Pelo modelo **aderir**, conjugam-se os seguintes verbos: ferir, inserir, preterir, compelir, expelir, impelir, repelir, competir, repetir, despir, discernir, divergir, convergir, advertir, refletir, seguir, conseguir, perseguir, prosseguir, sentir, assentir, consentir, dissentir, pressentir, ressentir, mentir, desmentir, servir, desservir, vestir, desvestir, investir, revestir etc.

→ Observações:

Atente para as 1as pessoas destes verbos:

— Eu compito

— Eu divirjo

— Eu expilo

— Eu compilo

— Eu convirjo...

3.º Grupo

3. **AGREDIR** troca o **-E-** por **-I-** nas formas rizotônicas do Presente do Indicativo; por conseqüência, essa mudança ocorre em todas as formas derivadas, ou seja, **Imperativo Afirmativo, Presente do Subjuntivo** e **Imperativo Negativo.**

Presente do Indicativo	**Presente do Subjuntivo**
agrido	agrida
agrides	agridas
agride	agrida
agredimos	agridamos
agredis	agridais
agridem	agridam

Pelo modelo **agredir**, conjugam-se os seguintes verbos: progredir, transgredir, denegrir, prevenir.

B) Verbos que têm «O» na penúltima sílaba:

1.º Grupo

4. **COBRIR** muda o **-O-** em **-U-** na primeira pessoa do singular do Presente do Indicativo e, portanto, nas formas derivadas. Nas demais rizotônicas, o «O» torna-se **aberto.**

Presente do Indicativo	**Presente do Subjuntivo**
cubro	cubra
cobres	cubras
cobre	cubra
cobrimos	cubramos
cobris	cubrais
cobrem	cubram

Pelo modelo **cobrir,** conjugam-se: descobrir, encobrir, recobrir, tossir, engolir.

2.º Grupo

5. **SORTIR** (= abastecer, fazer sortimento).

Nas formas **rizotônicas**, o **«O»** muda em **«U».**

Presente do Indicativo	**Presente do Subjuntivo**
surto	surta
surtes	surtas
surte	surta
sortimos	surtamos
sortis	surtais
surtem	surtam

6. Pelo modelo «sortir», conjuga-se **«polir»**:

Presente do Indicativo	**Presente do Subjuntivo**
pulo	pula
pules	pulas
pule	pula
polimos	pulamos
polis	pulais
pulem	pulam

→ Observações:

I — Não confunda SORTIR (que é irreg.) com SURTIR (= ter como resultado) que é defectivo (só se conjuga nas 3.as pes.)

II — Não confunda «POLIR» com «PULAR», que é verbo regular.

C) Verbos que têm «U» na penúltima sílaba:

7. ACUDIR muda o **-U-** em **-O-** na **2ª e 3ª pessoa do singular** e na **3ª pessoa do plural do Presente do Indicativo**; por isso, a mesma alteração se dá na 2ª pessoa do singular do Imperativo Afirmativo.

Presente do Indicativo	**Presente do Subjuntivo**
acudo	acuda
acodes	acudas
acode	acuda
acudimos	acudamos
acudis	acudais
acodem	acudam

Pelo modelo **acudir,** conjugam-se: sacudir, bulir, consumir, cuspir, escapulir, fugir, subir, sumir.

D) Outros verbos IRREGULARES da 3ª conjugação:

8. CERZIR troca o **-E-** por **-I-** nas formas rizotônicas do Presente do Indicativo e, por isso, também nas derivadas; mas também pode tornar o «E» aberto nessas formas.

Presente do Indicativo	**Presente do Subjuntivo**
cirzo	cirza
cirzes	cirzas
cirze	cirza
cerzimos	cirzamos
cerzis	cirzais
cirzem	cirzam

→ Também existem as formas com «E» aberto: **tu cerzes, ele cerze, eles cerzem.**

9. FRIGIR (= cozer com manteiga, azeite, etc., na frigideira) muda o **«I»** em **«E»** aberto na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do Presente do Indicativo.

Presente do Indicativo	**Presente do Subjuntivo**
frijo	frija
freges	frijas
frege	frija
frigimos	frijamos
frigis	frijais
fregem	frijam

10. **IR** — Esse verbo, além de **irregular** em sua conjugação, é **anômalo** em sua estrutura.

Presente do Indicativo	**Presente do Subjuntivo**
vou	vá
vais	vás
vai	vá
vamos	**vamos**
ides	**vades**
vão	**vão**

11. **VIR** apresenta a 1ª pessoa do plural do Presente do Indicativo idêntica à 1ª pessoa do plural do Pretérito Perfeito do Indicativo do verbo «VER».

Presente do Indicativo	**Pretérito Perfeito do Indicativo**
venho	vim
vens	vieste
vem	veio
vimos	viemos
vindes	viestes
vêm	vieram
GERÚNDIO	**PARTICÍPIO**
vindo	**vindo**

Pelo modelo **«vir»**, conjugam-se os derivados: advir, convir, intervir, provir, sobrevir, avir-se, desavir-se.

→ O certo é dizer:

Eu **intervim** porque quis.
Ela **interveio** no momento exato.

Verbos defectivos

São verbos que apresentam deficiências na conjugação, faltando-lhes algum **modo, tempo** ou **pessoa.**

Para facilitar o estudo são colocados em grupos com características comuns:

Grupo I

Não são conjugados na 1ª pessoa do singular do Presente do Indicativo e nas formas derivadas; não têm as formas em que ao radical seguem **o** ou **a**:

abolir, brandir, banir, brunir, **colorir, demolir,** espargir, exaurir, **explodir,** extorquir, fulgir, fremir, haurir, languir, retoquir, ungir.

Explodir

Presente do Indicativo	**Presente do Subjuntivo**	**Imperativo Afirmativo**	**Imperativo Negativo**
Eu **Não há**	**Não há**		**Não há**
Tu explodes		explode	
Ele explode		**Não há**	
Nós explodimos		**Não há**	
Vós explodis		explodi	
Eles explodem		**Não há**	

→ Nos demais tempos, a conjugação é NORMAL.

Grupo II

Somente são conjugados nas formas arrizotônicas.

Deste grupo fazem parte os seguintes verbos:

1ª conjugação: ADEQUAR, ANTIQUAR.

Adequar			
Presente do Indicativo	**Presente do Subjuntivo**	**Imperativo Afirmativo**	**Imperativo Negativo**
Não há Não há **Não há** Nós adequamos Vós adequais **Não há**	**Não há**	Não há **Não há** **Não há** adequai **Não há**	**Não há**

→ Nos demais tempos, a conjugação é NORMAL.

Pode ser conjugado como verbo pronominal: adequamo-nos, adequais-vos.

2ª conjugação: PRECAVER-SE, REAVER

Precaver			
Presente do Indicativo	**Presente do Subjuntivo**	**Imperativo Afirmativo**	**Imperativo Negativo**
Não há Não há **Não há** Nós precave-mo-nos Vós precaveis-vos **Não há**	**Não há** **Não há**	Não há **Não há** **Não há** precavei-vos vós	**Não há**

→ Nos demais tempos, a conjugação é **normal**; nos tempos em que ele não é conjugado, pode ser substituído por: **acautelar-se, prevenir-se, precatar-se.**

→ Será oportuno lembrar que **«precaver-se»** não é composto nem de **«ver»**, nem de **«vir»**, sendo errôneas formas como «precavejo», «precavê», «precaveja», «precavenho», «precavenha» etc.

Reaver			
Presente do Indicativo	**Presente do Subjuntivo**	**Imperativo Afirmativo**	**Imperativo Negativo**
Não há Não há **Não há** Nós reavemos Vós reaveis **Não há**	**Não há**	Não há **Não há** **Não há** reavei vós **Não há**	**Não há**

→ Nos demais tempos, a conjugação é **normal**. Nos tempos em que ele não é conjugado, pode ser substituído por: **recuperar, readquirir, recobrar**.

→ Costuma-se também ensinar que o verbo **reaver** se conjuga apenas nas formas em que **haver** tem a letra **«v».**

→ Convém lembrar que o **Pretérito Perfeito do Indicativo** de **reaver** é: eu **reouve**, tu **reouveste**, ele **reouve** etc.

→ **Fut. do Subj.:** quando eu **reouver**, quando tu **reouveres**, quando ele **reouver**, quando nós **reouvermos**, quando vós **reouverdes**, quando eles **reouverem**.

3ª conjugação: adir, aguerrir, combalir, florir, fornir, **falir**, embair, empedernir, lenir, remir, **ressarcir**, ressequir, renhir, transir.

Falir			
Presente do Indicativo	**Presente do Subjuntivo**	**Imperativo Afirmativo**	**Imperativo Negativo**
Não há Não há **Não há** Nós falimos Vós falis **Não há**	**Não há**	Não há **Não há** **Não há** fali **Não há**	**Não há**

→ Nos demais tempos, a conjugação é **normal**.

→ Costuma-se também ensinar que tais verbos somente são conjugados **nas formas em que aparece «l» depois do radical,** ou seja, nas formas **arrizotônicas.**

Grupo III (Unipessoais)

Deste grupo fazem parte verbos defectivos que só podem ser conjugados nas **3as pessoas** (singular e plural). São **unipessoais:**

a) **Grassar, importar** (ser conveniente), **pesar** (causar mágoa), **constar** (ser notório), **acontecer, ocorrer, suceder** (acontecer), **prazer, doer.**

Prazer			
Presente do Indicativo	**Pret. Imperf. Indicativo**	**Pret. Perf. Indicativo**	**Presente do Subjuntivo**
praz **prazem**	prazia praziam	**prouve** **prouveram**	praza prazam

Observação:

Do verbo **«prazer»,** derivam-se **aprazer** e **comprazer** — que são conjugados em todas as pessoas.

O verbo **comprazer** torna-se abundante (forma dupla) no **Pretérito Perfeito do Indicativo** e nos tempos dele derivados:

Pretérito Perfeito do Indicativo	
comprazi	comprouve
comprazeste	comprouveste
comprazeu	comprouve
comprazemos	comprouvemos
comprazestes	comprouvestes
comprazeram	comprouveram

b) Verbos que indicam vozes de animais: **latir, miar, zurrar, ganir, crocitar, coaxar, piar** etc.

Latir		
Presente do Indicativo	**Pret. Perf. Indicativo**	**Presente do Subjuntivo**
late latem	latiu latiram	lata latam

Grupo IV (Impessoais)

Neste grupo estão incluídos os verbos que **ficam imobilizados na 3ª pessoa do singular**, pois não se referem a nenhum sujeito. Também são chamados de **impessoais**.

Podem ser assim distribuídos:

a) Verbos que indicam **fenômenos meteorológicos:** Chover, nevar, trovejar, ventar, gear etc.

Exemplos:

Trovejou muito ontem.

Afirmaram que **choverá** muito.

b) O verbo **HAVER** com o sentido de **existir:**

Haverá aulas todos os dias.

Na sala **havia** muitas pessoas.

c) O verbo **FAZER** indicando **decorrência de tempo** ou **temperatura.**

Faz dois dias que chegaram.

Ontem **fez** 20ºC.

Considera-se à parte o verbo SOER (costumar, ter por hábito), cuja conjugação é a seguinte:

Presente do Indicativo: sois, sói, soemos, soeis, soem.

Pret. Imperf. do Indic.: soía, soías, soía, soíamos, soíeis, soíam.

Particípio: soído

Exemplo:

Isto soía acontecer antigamente.

• É inusitado nas demais formas. Nas formas vigentes, segue o verbo **moer.**

Verbos anômalos

São os que apresentam profundas alterações no radical durante a conjugação.

Estão nessa categoria os verbos **SER** e **IR**, pois suas formas provêm de três radicais distintos:

SER < ESSE, SEDERE, FUGERE

IR < VADERE, IRE, FUGERE

Por isso, torna-se fácil compreender que as formas do verbo **SER** em **«e»**:

era, **e**ram, provêm de ESSE

em **«s»:**

sou, **s**eremos, provêm de SEDERE

em **«f»**:

foi, **f**oram, provêm de FUGERE

As formas do verbo **IR** em «i»:

ia, **i**rei, provêm de IRE

em **«v»:**

vamos, **v**ades, provêm de VADERE

em **«f»:**

fui, **f**ôramos, provêm de FUGERE

→ Do radical **sedere** é retirado o Imperativo Afirmativo do verbo SER:

sê tu
sede vós

SER

Indicativo					
Presente	**Pret. Perf.**	**Pret. Imp.**	**Mais-que-Perfeito**	**Fut. Pres.**	**Fut. Pret.**
sou	fui	era	fora	serei	seria
és	foste	eras	foras	serás	serias
é	foi	era	fora	será	seria
somos	fomos	éramos	fôramos	seremos	seríamos
sois	fostes	éreis	fôreis	sereis	seríeis
são	foram	eram	foram	serão	seriam

Subjuntivo		
Presente	**Pret. Imp.**	**Futuro**
seja	fosse	for
sejas	fosses	fores
seja	fosse	for
sejamos	fôssemos	formos
sejais	fôsseis	fordes
sejam	fossem	forem

Afirmativo	**Negativo**
sê tu	não sejas tu
seja você	não seja você
sejamos nós	não sejamos nós
sede vós	não sejais vós
sejam vocês	não sejam vocês

Exercícios

1) Preencha as lacunas com os verbos indicados entre parênteses:

a) Se nós nos .... amanhã, conversaremos sobre as férias. (ver)

b) Se os Estados Unidos .... na guerra, haveria protestos no mundo todo. (intervir)

c) Quando nós .... as aulas, ficaremos em dia com a matéria. (repor)

d) Quem ...... o contrário, cometerá um engano. (supor)

e) Ontem, os palhaços ...... as crianças durante horas. (entreter)

f) Ele .... na discussão, mas se saiu mal. (intervir)

g) Resolva o problema quando .... razões ponderáveis ou quando isso lhe .... (ver — convir)

h) Se eles .... os motivos, todos aceitarão a proposta. (expor)

2) Preencha as lacunas com o Presente do Subjuntivo do verbo indicado entre parênteses:

a) É urgente que eles .... o passaporte ainda esta semana. (requerer)

b) É urgente que este grupo .... às nossa idéias. (aderir)

c) Talvez todas as crianças .... neste quarto. (caber)

d) É necessário que seu argumento .... (valer)

e) Eles duvidam de que nós .... a casa. (prover)

f) É fundamental que você .... o dinheiro perdido. (reaver)

g) É muito importante que você ..... as plantas de manhã. (aguar)

h) Ainda que eles .... os resultados, tornarei a fazê-lo. (averiguar)

i) Por mais que você se .... , essa viagem é muito perigosa. (precaver)

3) Preencha as lacunas das frases abaixo com o verbo indicado entre parênteses

a) Se nós .... todos nossos bens, deixaríamos de importuná-los. (reaver — Imperf. Subj.)

b) Eu não .... uma figa! (valer — Pres. Ind.)

c) .... você os fatos com exatidão. (averiguar — Imper. Afirm.)

d) Adalberto .... a casa que havia perdido. (reaver — Pret. Perf. Ind.)

e) O empregado .... a despensa de todos os mantimentos necessários. (prover — Pret. Perf. Ind.)

f) Ele se .... para a morte, confessando-se. (precaver — Pret. Perf. Ind.)

g) Eu não .... nesta poltrona. (caber — Pres. Ind.)

h) Sempre que eu .... a um projeto seu, não sou bem-sucedido. (aderir — Pres. Ind.)

4) Conjugue os verbos ver e vir no Futuro do Subjuntivo.

	VER		VIR
Quando ou se	eu	Quando ou se	eu ....
	tu		tu ....
	ele		ele ....
	nós		nós ....
	vós		vós ....
	eles		eles ....

5) Siga o modelo:

a) Mantendo o preço, alugarei a casa.

Se eu mantiver o **preço, alugarei a casa.**

b) Sobrevindo imprevistos, não ficarei em Curitiba.

....

....

c) Transpondo os termos, deixarei a frase mais elegante.

....

....

d) Contendo meus instintos, deixá-la-ei em paz.

....

....

e) Prevendo os gastos, ficarei mais tranqüilo.

....

....

Questões discursivas

1. (CEFET-PR) Nas questões a e b, indique as formas dos verbos entre parênteses que completam corretamente as lacunas:

a) Se .... de tempo, ajudá-los-emos. **(dispor)**

Não .... naquilo que não lhe diga respeito. (**intervir**)

b) Pagar-te-ei somente quando ...... o livro que encomendei. **(trazer** — 2ª p. do sing.)

O delegado .... todos os envolvidos no conflito. **(deter** — Pret. Perfeito do Indicativo)

2. (FUVEST) Complete com a forma verbal indicada:

a) Eu nunca .... contratos já assinados. **(desfazer** — Pres. Ind.)

b) Se tuas propostas ...., serás contratado. **(satisfazer** — Fut. Subj.)

c) Vós .... e .... eternamente o mesmo trabalho? **(fazer** e **refazer** — Pres. Ind.)

d) Sua dívida já .... trezentos mil cruzeiros. (**perfazer** — Pret. Mais-que-Perfeito do Ind.)

3. (UNICAMP-SP) Pôr os verbos seguintes no Presente do Subjuntivo, começando as frases com as palavras: É preciso que nós.

1. Nascer. R.: ....
....

2. Ver. R.: ....
....

3. Divertir-se. R.: ....
....

4. Cantar. R.: ....
....

4. (UCS-RS) Complete as lacunas com os verbos intervir **e** deter **no Pretérito Perfeito do Indicativo:**

A polícia .... no assalto e .... os ladrões.

5. (FUVEST) Escreva as formas dos verbos indicados que preenchem corretamente as lacunas:

a) Quando eu .... os livros, nunca mais os emprestarei. (reaver)

b) Os alienados sempre .... neutros. (manter-se)

c) As provas que .... mais erros seriam comentadas. (conter)

d) Quando ele .... uma canção de paz, poderá descansar. (compor)

6. (FUVEST) Reescreva as frases abaixo, obedecendo ao modelo:

Modelo:

«Se ele voltou cedo, eu também voltei.
Se ele voltar cedo, eu também voltarei.»

a) Se ele viu o filme, eu também vi.

....
....

b) Se tu te dispuseste, eu também me dispus.

....
....

7. (CÁSPER LÍBERO-SP) Está correto o texto: «Quando Carlos soube que o Delegado nos detera, veio logo.» Por quê?

....
....

8. (CEFET-PR) Utilizando o verbo dos parênteses, preencha as lacunas dos períodos com o tempo, pessoa e número adequados:

a) É conveniente que te .... (aprazer) o trabalho.

b) Agora que a mulher o abandonou, é ele mesmo quem .... (frigir), todos os dias, os bolinhos para os filhos.

c) .... (pôr) as barbas de molho. A polícia está te procurando.

9. (FEI-SP) «Pôs-se **a correr como pôde.» Fazendo as necessárias adaptações, reescreva a frase com o verbo destacado no:**

a) Presente do Indicativo.

b) Futuro do Presente do Indicativo.

c) Futuro do Pretérito do Indicativo.

....
....
....

10. (CEFET-PR) Substitua o negrito pela palavra dos parênteses, flexionando-a no mesmo modo, tempo e pessoa.

a) Leônidas e seus soldados **barravam** o avanço das tropas de Ciro. (deter)

....
....
....

b) Os animais **pressentiram** a catástrofe. (prever)

....
....
....

c) A polícia recuperou as jóias. (reaver)

....

....

d) Amigos, **arranjemos** alimentos para o longo inverno. (prover)

....

....

Testes

1. (PUC-MG) Assinale a opção que preenche corretamente os pontilhados:

Os interessados serão atendidos se ....

a) requererem.

b) requeriam.

c) requerer.

d) requiserem.

e) requeiram.

2. (UFPR)

1. Desconfia de quem .... muito dinheiro.

2. Felizes os que .... saúde.

3. Quem .... de São Paulo?

4. Os animais .... mesmo no escuro.

5. Eles não .... hoje.

a) têm, tem, vêm, vêem, vêm.

b) têm, têm, vêm, vêem, vêm.

c) tem, tem, vem, veem, vem.

d) tem, têm, vem, vêem, vêm.

e) tem, tem, vem, vem, vêm.

3. (UFPR)

«Se todos .... o que já perderam, talvez não cuidassem do que.............».

a) reavessem — têm.

b) reovessem — têm.

c) reouvessem — têm.

d) rehavessem — têem.

e) rehouvessem — tem.

4. (UFPR) Na frase seguinte, faltam os verbos fazer **e** querer **no imperativo. Qual a alternativa que preenche as lacunas com as palavras adequadas?**

—«Não .... aos outros o que não .... que vos façam.»

a) fazei — quereis.

b) faça — quer.

c) façais — quereis.

d) façam — querem.

e) faze — queres.

5. (UFPR)

1. Se vocês .... alguma dificuldade, avisem.

2. Não podemos fazer só o que nos ....

3. Talvez, eu o .... de ir ao colégio.

a) preverem — apraz — impeça.

b) preverem — apraza — impeça.

c) previrem — apraze — impeça.

d) previrem — apraz — impeça.

e) previrem — apraza — impeça.

6. (UEL-PR)

Foi preciso que eu .... para que eles .... a calma, sem se .... um com o outro.

a) intervisse — mantivessem — indisporem.

b) interviesse — mantivessem — indisporem.

c) interviesse — mantessem — indisporem.

d) intervisse — mantivessem — indispuserem.

e) interviesse — mantessem —" indispuserem.

7. (PUC-MG) Observe:

Atender, eu atendo ....

Precaver, eu ....

Reaver, eu ....

Polir, eu ....

Abolir, eu ....

Requerer, eu ....

— Quantos períodos não podem ser completados de maneira análoga?

a) quatro.

b) três.

c) dois.

d) todos.

e) um.

8. (PUC-MG) Complete seguindo o exemplo: Andar, eles andaram.

1. Intervir, eles ....
2. Prever, eles ....
3. Reaver, eles ....
4. Trazer, eles ....
5. Prover, eles ....

a) intervêm, prevêem, reouveram, trouxeram, proviram.

b) intervieram, previram, reouveram, trouxeram, proveram.

c) intervêm, preverão, reaviam, trazem, proveram.

d) interviram, previram, reouveram, trouxeram, prouveram.

e) interviram, previam, reaviam, traziam, proviam.

9. (UEPG-PR) Se nós o .... em Paris, poderemos dar-lhe o recado.

a) veríamos.

b) víssemos.

c) viermos.

d) vermos.

e) virmos.

10. (UEL-PR) Não sei que conseqüências .... se ele não .... o carro na faixa.

a) adveria — detesse.

b) adviria — detivesse.

c) adveriam — detesse.

d) adviriam — detivesse.

e) adviriam — detesse.

11. (UFPR) Na frase abaixo, faltam os verbos trazer **e** saber**; qual a alternativa correta para as respectivas lacunas?**

—«Uma vez que fui eu quem .... esta novidade para cá, ... todos que ela será de minha exclusiva distribuição na praça.»

a) trazi — saberão.

b) trouxe — sabiam.

c) truxe — sabem.

d) trousse — saibam.

e) trouxe — saibam.

12. (MACK-SP) Assinale a alternativa em que não há erro no emprego da forma verbal:

a) Se nós requiséssemos, seríamos atendidos.

b) Ceiemos hoje com nossos amigos.

c) Não nos convém tais atitudes.

d) Quando tu repuseres as aulas, avisa-me.

e) Ontem ninguém pode comparecer.

Para resolver as questões 13 a 15, assinale as alternativas e some seus valores.

13. (FAAP-SP) Assinale a(s) alternativa(s) em que as formas verbais estão corretas:

1. Não se preocupes se precisar de mais material.

2. É necessário que você reaveja aquele dinheiro.

4. Creia em ti; mas nem sempre duvides dos outros.

8. Peça, se necessário, e faças o trabalho com calma.

16. As linhas convirgem para um ponto e depois se esvaem no infinito.

32. Sempre que há vagas, afluem candidatos que provêm de todos os lugares do Brasil.

14. (UEPG-PR) Assinale a(s) alternativa(s) correta(s):

1. Não odeie teu semelhante!

2. Não odies teu semelhante!

4. Ama o seu próximo como a si mesmo!

8. Ame a seu próximo como a si mesmo!

16. Ame a teu próximo como a ti mesmo!

32. Amamos o nosso próximo como a nós mesmos!

15. (UFMG) Aponte a(s) alternativa(s) em que o verbo reaver está correto:

1. É importante que você reavenha o conceito.

2. É importante que você reaveja o conceito.

4. É importante que nós reavamos o conceito.

8. É importante que você reaja o conceito.

16. É importante que vós reajais o conceito.

32. É importante que vocês reavenham o conceito.

64. É importante que eu reavenha o conceito.

16. (FUVEST) «Se ele .... (ver) o nosso trabalho, ... (fazer) um elogio.»

Assinale a alternativa em que as formas dos verbos **ver** e **fazer** preencham corretamente as lacunas da frase acima:

a) ver — fará.

b) visse — fará.

c) ver — fazerá

d) vir — fará.

e) vir — faria.

Respostas da unidade 16 — Verbos

Exercício — pág. 199

— aceitado/aceito; entregado/entregue; expressado/expresso; expulsado/expulso; isentado/isento; fritado/frito; frigido/frito; limpado/limpo; matado/morto; pegado/pego; salvado/salvo; soltado/solto; acendido/aceso; benzido/bento; elegido/eleito; prendido/preso; suspendido/suspenso; imprimido/impresso; submergido/submerso; gasto; pago; ganho; escrito; posto; aberto; bem-querido/benquisto; coberto; malquerido/malquisto; enxugado/enxuto; incorrido/incurso; vindo; extinguido/extinto.

Exercícios — pág. 202

1) IR— IMPERATIVO Afirmativo: vai, vá, vamos, ide, vão. Negativo: vás, vá, vamos, vades, vão.

2) a) vir b) tiveres c) revir d) puser e) detiver f) for g) provier h) for i) fizeres j) puder l) fores m) quiserem n) reouver o) proverem

3) a) remunerar-se-ão... b) Abriram-se... c) Lançar-se-ia... d) Vendem-se... e) Aqui se dão...

4) a) tinha sido improvisada b) estavam sendo reduzidas c) podia ser sentido

5) a) tinham corrido... b) tem amado c) há de (me) amar-me

6) a) falemos b) vendas c) partam d) façais e) possa f) saia g) nasçais h) solicitemos

7) a) saia b) compremos c) vá d) saibamos e) morrais f) assumamos g) faça

8) a) beija b) adquiramos c) parti d) abraça e) possamos f) repreendei

9) a) Não saias... b) Não digais... c) Não faças... d) Não partas... e) Não comais... f) Não penses...

10) a) incorrido b) enxutas/enxugado c) isentas/isentado d) entregues/entregado e) pegas/pegado

Questões discursivas — pág. 204

1) a) vier b) revir c) deteve d) põem e) se entretém

2) chorai, se tendes, tendes, ride-vos.

3) não cuides que te. . .; vem.

4) Não saias! Não fujas! Não abandones... e não me esqueças.

5) a) abençoe b) ouça c) proteja

6) a) pusesse b) virem

7) nomearam-na tutora.

8) a) A emoção do povo era disfarçada pela impassividade dos rostos. b) Os viajantes eram assustados pela negrura da noite.

9) ...eu era repreendido,..., (isto) era feito por...

10) Se o ruído da vaga fosse ouvido pelos filhos dos pescadores, o rangido... seria escutado por mim.

11) a) mantiver b) interveio

12) Vendiam-se relógios...

Testes — pág. 205

1 - b
2 - b
3 - e
4 - c
5 - d
6 - e
7 - a
8 - a
9- c
10- b
11- 04
12- 08
13 - 59

Exercícios — pág. 214

1) a) desse, déssemos, désseis, dessem.

b) mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobíliam.

c) magoas, magoa, magoamos, magoais, magoam.

d) apiado-me, apiadas-te, apiada-se, apiedamo-nos, apiedais-vos, apiadam-se.

e) odiaras, odiara, odiáramos, odiáreis, odiaram.

2) anseio, ceemos, anunciemos, remedeiem, odeie, pleiteamos.

3) incendeio, incendeias, incendeia, incendiamos, incendiais, incendeiam.

odeie, odeies, odeie, odiemos, odieis, odeiem

hasteio, hasteias, hasteia, hasteamos, hasteais, hasteiam.

ceie, ceies, ceie, ceemos, ceeis, ceiem.

apaziguo, apaziguas, apazigua, apaziguamos, apaziguais, apaziguam.

averigúe, averigúes, averigúe, averigüemos, averigüeis, averigúem.

4) B, E, D, C, A

5) C, E, C, E, C, C, E, C

6) a) rever b) agradar c) facult.

7) B, A, A, C, C

Questões discursivas — pág. 215

1) Apiado-me; tomo-a... vou depô-la...

2) enriquecera: Mais-que-perfeito Simples do Indic. tinha tido: Mais-que-perfeito Composto do Indic.

3) a) explicara b) convivi c) mudou

4) a) Mais-que-perf. Simples Indic. b) tinha dado c) expressa fato anterior a outro que também é passado.

5) a) Isso fê-las cair. b) Deixaram-nos sair.

6) averigúe, trouxe, Mantém, Põe.

Testes — pág. 216

1 - b
2 - e
3 - b
4 - a
5 - c
6 - c
7 - c
8 - a
9- b
10- c
11- e
12- d
13 - 52
14 - 91

Exercícios — pág. 226

1) a) virmos b) interviessem c) repusermos d)supuser e) entretiveram f) interveio g) vir h) expuserem

2) a) requeiram b) adira c) caibam d) valha e) provejamos f) (**recupere**) g) ágüe h) averigúem (**previna**)

3) a) reouvéssemos b) valho c) Averigúe d) reouve e) proveu f) precaveu g) caibo h) requeiro i) adiro.

4) VER—vir, vires, vir, virmos, virdes, virem. VIR—vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.

5) b) Se sobrevierem... c) Se transpuser... d) Se contiver... e) Se previr...

Questões discursivas — pág 227

1) a) dispusermos; intervenha b) trouxeres; deteve.

2) desfaço; satisfizerem; fazeis e refazeis; perfizera.

3) nasçamos, vejamos, nos divirtamos, cantemos.

4) interveio, deteve.

5) reouver, se mantiveram, contivessem, compuser.

6) a) Se ele vir... verei. b) Se tu te dispuseres... disporei.

7) Não. **Detivera** (mais-que-perf.).

8) apraza, frege, põe.

9) a) põe-se... pode; b) por-se-á... puder; c) por-se-ia .. pudesse.

10) detinham, previram, reouve, provejamos.

Testes — pág. 229

1 - a
2 - d
3 - c
4 - c
5 - d
6 - b
7 - b
8 - b
9- e
10- d
11- e
12- d
13 - 32
14 - 08
15 - 00
16 - d

TESTE 4 — pela pergunta não há resposta; pelas alternativas é a c.

16 Verbos

VERBO CRACKAR

EU empobreço de repente
TU enriqueces por minha causa
ELE azula para o sertão
NÓS entramos em concordata
VÓS protestais por preferência
ELES escafedem a massa
Sê pirata
Sede trouxas
Abrindo opala
Pessoal sarado
Oxalá eu tivesse sabido
Que esse verbo era irregular.
(Oswald de Andrade)

Verbo é a palavra que indica ação, estado ou fenômeno.

Considere estes exemplos:

O criado **ABRIU** o portão. [ABRIU exprime uma ação.]

Fernando **ESTAVA** doente. [ESTAVA exprime um estado, uma situação.]

NEVOU em São Joaquim. [NEVOU exprime um fato, um fenômeno.]

Classificação dos verbos

Regular

Verbo Regular é aquele cujo radical não se altera e cujas terminações seguem o modelo (PARADIGMA) da conjugação a que pertence.

Exemplo:

PRESENTE		PRETÉRITO PERFEITO	
RADICAL	TERMINAÇÃO	RADICAL	TERMINAÇÃO
cant	o	cant	ei
cant	as	cant	aste
cant	a	cant	ou
cant	amos	cant	amos
cant	ais	cant	astes
cant	am	cant	aram

Can/tar (1ª conj.)
⇓
(radical)

Vend/er (2ª conj.)
⇓
(radical)

Part/ir (3ª conj.)
⇓
(radical)

⇒ **Observações:**

• Se o verbo for regular no presente e no pretérito perfeito do indicativo, será regular nas demais formas.

• Consegue-se o radical de um verbo, isolando, do infinitivo, as terminações **ar, er, ir**.

• O que caracteriza cada uma das conjugações é a vogal temática:

a — 1ª conj.
e — 2ª conj.
i — 3ª conj.

• O verbo **pôr** é uma anomalia da 2ª conjugação. Sua antiga forma era **poer** (do latim *ponere*).

Os seus derivados também pertencem à 2ª conjugação.

Irregular

Verbo Irregular é aquele cujo radical se altera ou cujas terminações não seguem o modelo da conjugação a que pertence.

Exemplo:

PRESENTE		PERFEITO	
RADICAL	TERMINAÇÃO	RADICAL	TERMINAÇÃO
ouç	o	**ouv**	i
ouv	**es**	ouv	iste
ouv	e	ouv	iu
ouv	imos	ouv	imos
ouv	is	ouv	istes
ouv	em	ouv	iram

Veja que o radical **ouv** se alterou para **ouç** na 1ª pessoa do presente. A irregularidade, no caso, apresenta-se no radical.

A irregularidade de um verbo pode-se revelar também nas terminações, como no caso do verbo **estar.** Na 1ª pessoa do presente do indicativo (est-**ou**), a terminação é diferente do paradigma da 1ª conjugação: am-**o**.

Anômalo

Verbo Anômalo é aquele cuja conjugação inclui mais de um radical. Apresenta transformações profundas no radical.

Exemplo disso são os verbos **ser** e **ir.**

ser: sou, era, fui.

ir: vou, irei, fora.

Defectivo

Verbo Defectivo é aquele que não é conjugado em todas as formas; tem, pois, **conjugação incompleta.**

Exemplo:

ABOLIR

Presente do Indicativo

Eu XXX	Nós abolimos
Tu aboles	Vós abolis
Ele abole	Eles abolem

Auxiliar

Verbo Auxiliar é aquele que, desprovido total ou parciamente de sentido próprio, junta-se a outro verbo, formando uma unidade de significado e constituindo a chamada **locução verbal.**

locução verbal

O dia	vem	chegando.
	verbo auxiliar	verbo principal

• Note-se que o verbo principal ocorre sempre no **infinitivo**, no **gerúndio** ou no **particípio** e o verbo auxiliar é que se flexiona.

Eu **venho chegando.**	Eu **vou falar.**
Tu **vens chegando.**	Tu **vais falar.**
Ele **vem chegando.**	Ele **vai falar.**

• Pode ocorrer uma preposição entre o verbo auxiliar e o principal:

Eu **tenho de falar.**

Tu **tens de falar.**

• Os verbos auxiliares assumem várias funções:

— Ter e haver: servem para formar tempos compostos junto com o particípio do verbo principal:

Eu **tinha** (ou **havia**) **falado.**

— Ser, estar, ficar: servem para formar a voz passiva (de ação, de estado e de mudança, respectivamente).

— Continuar, ir, vir, começar, estar, acabar etc. servem para indicar o aspecto da ação verbal:

Começa a chover → ação concebida no seu início.

Continua chovendo → ação concebida no seu desenvolvimento.

Acaba de chover → ação concebida no seu término.

Abundante

Verbo Abundante é aquele que possui duas ou mais formas equivalentes.

Exemplo:

Vós **haveis** ou **heis**

Nós **havemos** ou **hemos**

aceitado — aceito

prendido — preso

• A abundância revela-se principalmente no particípio, havendo um particípio regular (terminação **-do**) e outro irregular.

As formas regulares (terminação **do)** são empregadas na **voz ativa** com os auxiliares **ter** ou **haver**.

As formas irregulares são usadas na **voz passiva** com os auxiliares **ser** ou **estar**.

Ele **tinha acendido**.

Ela **tem benzido** a criança.

A vela **foi benta**.

O vestiba **está bento**.

Observação:

• A forma regular do particípio de alguns verbos desapareceu completamente:

escrever **(escrito)**, fazer **(feito)**, dizer **(dito)**, pôr **(posto)**, cobrir **(coberto)** e outros.

Nesses casos, usa-se a forma irregular com qualquer auxiliar:

Foi dito. / Está dito.

Havia dito. / Tenho dito.

Exercício

Complete as lacunas:

VERBOS	PART. REGULAR	PART. IRREGULAR
aceitar	....	....
entregar	....	....
expressar	....	....
expulsar	....	....
isentar	....	....
fritar	....	....
frigir	....	....
limpar	....	....
matar	....	....
morrer	....	....
pegar	....	....
salvar	....	....
soltar	....	....
acender	....	....
benzer	....	....
eleger	....	....
prender	....	....
suspender	....	....
imprimir	....	....
submergir	....	....
***gastar**	..x...x...x...x..	....
***pagar**	..x...x...x...x..	....
***ganhar**	..x...x...x...x..	....
escrever	..x...x...x...x..	....
pôr	..x...x...x...x..	....
abrir	..x...x...x...x..	....
bem-querer	....	....
cobrir	..x...x...x...x..	....
malquerer	....	....
enxugar	....	....
incorrer	....	....
vir	..x...x...x...x..	....
extinguir	....	....

⇒ * • Em alguns verbos, como **gastar**, **ganhar** e **pagar**, o particípio regular está em fase de desaparecimento.

• Há uma tendência para usar-se o partic. irregular **PEGO** com as formas ativas e passivas. No entanto, é correto o uso da forma regular **PEGADO**:

Tenho **pegado** firme nos estudos.

Esta redação foi **pega** com mão suja.

Flexões

Número	Pessoa	Modo
1. Singular estudo estudas estuda **2. Plural** estudamos estudais estudam	**1ª)** É aquela que fala. Corresponde aos pronomes pessoais **eu-nós**. Ex.: estudo estudamos **2ª)** É aquela com quem se fala: Correspondeaos **pronomes pessoais tu-vós.** Ex.: estudas estudais **3ª)** É aquela de quem se fala. Corresponde aos pronomes pessoais **ele, ela, eles, elas.** Ex.: estuda estudam	Indica a atitude da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia. Há três modos: **1. Indicativo:** indica um **fato certo:** Ele saiu de casa. **2. Subjuntivo:** indica um **fato possível, uma incerteza, condição:** É possível que ele saia de casa. **3. Imperativo:** indica **uma ordem, um conselho, um pedido:** Saia já!

Tempo	Voz
Indica o momento em que se dá o fato expresso pelo verbo. Os três tempos básicos são o **presente**, o **pretérito** e o **futuro**. O pretérito e o futuro subdividem-se no modo indicativo e no subjuntivo. → **Indicativo** **Presente:** falo **Pretérito:** a) **Imperf.:** falava b) **Perf.:** falei c) **Mais-que-perf.:** falara Futuro: a) **do pres.:** falarei b) **do pret.:** falaria	Indica o relacionamento do sujeito com o processo verbal. a) **Ativa:** quando o **sujeito é agente**: Bernardo feriu o colega. b) **Passiva:** quando o **sujeito é paciente:** O colega foi ferido por Bernardo. c) **Reflexiva:** quando o **sujeito é agente** e **paciente**: Bernardo feriu-se.

Tempo
→ Subjuntivo: Presente: fale Imperfeito: falasse Futuro: falar → Formas Nominais Há ainda três formas que não expressam exatamente o tempo em que se dá o fato expresso.

Tempo	
a) Infinitivo impessoal: falar pessoal: falar eu, falares tu falar ele	b) gerúndio: falando c) particípio: falado

Tempos primitivos e derivados

1. Tempos derivados do Presente

Pres. Ind.	Imper. Afirm.	Pres. Subj.	Imper. Neg.
amo →		→ ame	
amas(-s) →	→ ama tu	ames →	→ não ames
ama	ame você. ←	← ame →	→ não ame
amamos	amemos nós ←	← amemos →	→ não amemos
amais(-s) →	→ amai vós	ameis →	→ não ameis
amam	amem vocês ←	← amem →	→ não amem

2. Tempos derivados do Pretérito Perfeito

Pret. Perf.	Mais que-Perf. Ind.	Imperf. Subj.	Futuro Subj.
cantei	cantara	cantasse	cantar
cantaste	cantaras	cantasses	cantares
cantou	cantara	cantasse	cantar
cantamos	cantáramos	cantássemos	cantarmos
cantastes	cantáreis	cantásseis	cantardes
cantaram	cantaram	cantassem	cantarem

3. Tempos derivados do Infinito

Infinito Impessoal: cantar	
Futuro do Presente	**Futuro do Pretérito**
cantarei	cantaria
cantarás	cantarias
cantará	cantaria
cantaremos	cantaríamos
cantareis	cantaríeis
cantarão	cantariam

Formação do Imperativo

O imperativo expressa **ordem, conselho, pedido, sugestão:**

Ex.: «Anda, aprende, tola!» → Imp. Af.

«Não te assustes, disse ela.» (MA) → Imp. Neg.

O IMPERATIVO AFIRMATIVO deriva do Presente do Indicativo a 2ª pessoa do singular (tu) e a 2ª do plural (vós), mediante a **supressão** do **s** final; as demais pessoas (você, nós, vocês) são tomadas do Presente do Subjuntivo. **O IMPERATIVO NEGATIVO** provém integralmente do Presente do Subjuntivo.

Pessoas	Indicativo	Imperat. Afirmat.	Subjuntivo	Imperat. Negativo
tu	dizes →	dize	digas →	não digas
você		diga ←	diga →	não diga
nós		digamos ←	digamos →	não digamos
vós	dizeis →	dizei	digais →	não digais
vocês		digam ←	digam →	não digam

⇒ **Observações:**

1ª) O verbo **ser** faz, no Imperativo Afirmativo, excepcionalmente, **sê** (tu), **sede** (vós).

2ª) O Imperativo não possui a 1ª pessoa do singular.

3ª) **Querer** e **poder** não se conjugam no Imperativo.

Formação do Futuro do Subjuntivo

Se a oração se apresentar com conjunção, não podemos usar o **Infinitivo**, mas o **Futuro do Subjuntivo**. Este se deriva da 3ª pes. pl. do Pretérito Perfeito, menos a terminação «-AM.»

3ª pes. pl. P.P. -~~AM~~ = 1ª pes. Fut. Subj.

Ex.:

A) **–** 3ª p.p. Pret. Perf. do verbo **VER**: **eles viram.**

– suprime-se o (-am) final: viram = vir.

– acrescentam-se as desinências de futuro.

VER
quando se
VIR
VIRES
VIR
VIRMOS
VIRDES
VIREM

B) – 3.ª p.p. Pret. Perf. do verbo **VIR: eles vieram**

– suprime-se o (-am) final: vieram = vier.

– acrescentam-se as desinências de futuro.

VIR
quando se
VIER
VIERES
VIER
VIERMOS
VIERDES
VIEREM

Formação da voz passiva

Vimos que na **voz passiva** o verbo indica a ação recebida pelo sujeito, sendo este denominado, então, **paciente.**

A Voz Passiva pode ser **analítica** (formada com os verbos **ser, estar** e **ficar**, seguidos de particípio) ou **sintética**, também chamada **pronominal** (formada com um verbo transitivo direto acompanhado do pronome **se**, que se diz **pronome apassivador**).

Exemplos: Um livro **foi comprado** pelo vestiba.

(passiva analítica)

Comprou-se um livro.

(passiva sintética ou **pronominal)**

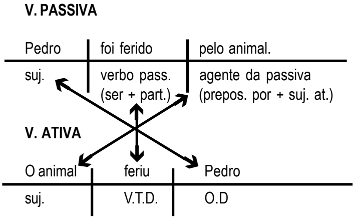

• Tanto na transformação de ativa para passiva, como vice-versa, os termos indicados abaixo se correspondem.

Suj. Pass. = O.D. At.
Suj. At. = Ag. Pass.

• Na transformação para passiva, o verbo da ativa é flexionado no particípio e o verbo auxiliar é flexionado no mesmo tempo e modo em que o verbo da ativa estava.

ATIVA		**PASSIVA**
feriu	=	foi ferido
↓		↓
P. Perf.	=	P. Perf. + Partic.

ATIVA		**PASSIVA**
fira-se	=	tenha se ferido
↓		↓
Pres. Subj.	=	Pres. Sub. + Partic.

• Só é possível a transformação para a voz passiva com os verbos **TD** ou **TDI.**

• Quando o verbo ativo vem precedido de um verbo auxiliar, este não sofre transformação na passagem para a voz passiva (exceto a exigida pela concordância).

Proceda-se assim:

a) coloca-se o último verbo (o **principal**) no particípio;

b) conjuga-se o verbo **ser** na forma em que estava o verbo principal.

c) repete-se o **auxiliar**, procedendo a concordância.

Ex.:

V.A.	Os técnicos	estão procurando	uma solução.
		↓ ↙ ↘	
V.P.	Uma solução	está sendo procurada	pelos técnicos.

Exercícios

1) Flexione o imperativo de IR:

Presente do **Indicativo**	Imperativo **Afirmativo**	Presente do **Subjuntivo**	Imperativo **Negativo**
vou	....	vá	
vais →	....	vás →	não ....
vai	.... ←	vá →	não ....
vamos	....	vamos →	não ....
ides →	.... ←	vades →	não ....
vão	.... ←	vão →	não ....

2) Formação do Futuro do Subjuntivo.

Siga o modelo:

VIR. Talvez quando eu VIER.

a) Ver, talvez quando eu ....
b) Ter, talvez quando tu ....
c) Rever, quem sabe quando eu ....
d) Pôr, talvez quando eu ....
e) Deter, talvez quando eu ....
f) Ir, talvez quando eu ....
g) Provir, talvez quando eu ....
h) Ser, talvez quando eu ....
i) Fazer, talvez quando tu ....
j) Poder, se você ....
l) Ir, somente se tu .... agora.
m) Querer, talvez quando eles ....
n) Reaver, somente quando ele ... tudo.
o) Prover; quando eles ....

3) Passe da voz passiva analítica para a passiva sintética:

a) Os metalúrgicos serão remunerados condignamente.

....

....

b) Todos os portões do estádio foram abertos ao meio-dia.

....

....

c) A nave seria lançada ao espaço à uma hora.

....

....

d) Estas casas são vendidas a preço baixo.

....

....

e) Aqui são dadas aulas particulares de Português gratuitamente.

....

....

4) Qual seria a voz passiva dos verbos destacados?

a) «Já as mulheres **tinham improvisado** uma trempe (. . .)» (R.Q.)

....

b) «As cousas do mundo **estavam reduzindo** minhas admirações do menino.» (J.L.R.)

....

c) «**Podia sentir** seu cheiro, tão perto estava (...).» (A. Dourado)

....

5) Qual seria a voz ativa dos verbos destacados?

....

a) Tentei abrir a porta, mas o ferrolho **tinha sido corrido** (...) (Cornélio Pena)

....

b) As pessoas **têm sido amadas** por Deus.

....

c) **Hei de ser amado** pelo filho.

....

6) Dê as formas solicitadas dos verbos abaixo no Presente do Subjuntivo.

a) 1ª p. pl. do v. **falar:** ....
b) 2ª p. sing. do v. **vender:** ....
c) 3ª p. pl. do v. **partir:** ....
d) 2ª p. pl. do v. **fazer:** ....
e) 1ª p. sing. do v. **poder:**...................
f) 3ª p. sing. do v. **sair:** ....
g) 2ª p. pl. do v. **nascer:** ....
h) 1ª p. pl. do v. **solicitar**: ....

7) Complete adequadamente as frases seguintes com os verbos indicados entre parênteses.

a) Talvez eu .... hoje à noite. (sair)

b) Se o dinheiro der, talvez nós .... um carro novo. (comprar)

c) Talvez eu .... ao teatro amanhã. (ir)

d) É provável que nós .... os resultados da prova. (saber)

e) É preciso que vós .... (morrer)

f) É necessário que nós .... este compromisso urgentemente. (assumir)

g) É necessário que eu .... o exercício proposto. (fazer)

8) Dê as formas solicitadas dos verbos abaixo no Imperativo Afirmativo.

a) 2ª p. sing. do v. **beijar**: ....
b) 1ª p. pl. do v. **adquirir**: ....
c) 2ª p. pl. do v. **partir**: ....
d) 2ª p. sing. do v. **abraçar**: ....
e) 3ª p. pl. do v. **poder**: ....
f) 2ª p. pl. do v. **repreender**: ....

9) Passe para a forma negativa as frases seguintes:

a) Sai depressa ....
b) Dizei a verdade ....

c) Faze o exercício ....

d) Parte depressa ....

e) Comei tudo ....

f) Pensa em ti ....

10) Preencha com a forma correta do particípio:

a) Infelizmente, tinha .... em desgraça. (incorrer)

b) Suas mãos estavam .... porque ele as tinha .... (enxugar)

c) As mercadorias estavam .... de imposto, mas não o haviam .... dos impostos. (isentar)

d) Na segunda-feira já estavam .... todas as notas, exceto daqueles que tinham .... a prova com atraso. (entregar)

e) As notas foram .... hoje, pois ontem ninguém as tinha .... (pegar).

Questões discursivas

1. (CEFET-PR)

a) Siga o modelo:

Se você cantar, eu também cantarei.

Se você ...., eu também virei de novo aqui.

b) Siga o exemplo do item anterior:

Se você .... as contas, eu também vou rever as minhas contas.

c) Siga o exemplo:

Vender a mercadoria? Ora, ele já vendeu.

Deter os assaltantes? Ora, a polícia já os

....

d) Siga o exemplo:

Ela coloca os pratos na mesa. Não: são elas que colocam.

Ela põe os pratos na mesa. Não: são elas que ....

e) Siga o exemplo:

Brincar com barbante? Claro: a criança brinca.

Entreter-se com barbante? Claro: a criança

....

2. (FUVEST) Os verbos e o pronome destacados estão na segunda pessoa do singular. Reescreva o período, usando a segunda pessoa do plural. «Eia! **chora** os dois recentes mortos, se **tens** lágrimas. Se só **tens** riso, **ri-te!»** (M. Assis)

....

....

3. (FEI-SP) Passe a frase para a segunda pessoa do singular:

«Meu caro Dom Casmurro, não cuide que o dispenso do teatro amanhã; venha (...)» (M. Assis)

....

....

....

4. (FUVEST) Passe o texto para a forma negativa:

«Sai daqui! Foge! Abandona o que é teu e esquece-me.»

....

....

5. (FEI-SP) Na expressão: «Deus te favoreça!», substitua o verbo favorecer **por:**

a) abençoar b) ouvir c) proteger

a) ....

b) ....

c) ....

6. (FUVEST) Reescreva as frases a seguir, substituindo convenientemente as formas verbais destacadas pelos verbos colocados entre parênteses:

a) Se você se **colocasse** em meu lugar, perceberia melhor o problema. (pôr)

....

....

b) Quando **descobrirem** o logro em que caíram, ficarão furiosos. (ver)

....

....

7. (FAAP-SP) Dê nova redação à frase que segue, passando-a para a voz ativa, sem mudança de tempo e modo verbais: «Foi nomeada tutora.»

....

8. (FUVEST) Reescreva as duas frases seguintes, de acordo com o modelo:

Os preços irreais afetaram a previsão orçamentária.

A previsão orçamentária foi afetada pela irrealidade dos preços.

a) Os rostos impassíveis disfarçavam a emoção do povo.

....

....

b) A noite negra assustava os viajantes.

....

....

9. (FUVEST) Altere a redação do período abaixo, empregando os verbos na voz passiva: «...e se às vezes me repreendia, à vista de gente, fazia-o por simples formalidade.» (Machado de Assis)

....

....

....

10. (FEI-SP) Reescreva na voz passiva o trecho a seguir, conservando o verbo no mesmo tempo e modo.

«Se os filhos dos pescadores ouvissem o ruído da vaga, eu escutaria o rangido longínquo dos carros de bois.»

....

....

....

....

11. (FUVEST) Coloque na forma adequada os verbos entre parênteses:

a) Ficarei feliz se você (manter) a calma.

....

....

b) Quando ele (intervir) na disputa, foi inábil.

....

....

12. (CEFET-PR) Transcreva o período abaixo na voz passiva sintética:

Vendia relógios no contrabando.

....

Testes

1. (PUC-RS) Assinale a opção que preenche corretamente os pontilhados:

Se o ...., ... -lhe que me procure.

a) vir, dize
b) vir, diga
c) virem, dizei
d) vires, diga
e) ver, dize

2. (UFPR)

1. Se você ...., virei também.
2. Se você ...., caberei também.
3. Se você ...., verei também.
4. Se você ...., irei também.
5. Se você ...., poderei também.

a) vir, couber, ver, for, puder.

b) vier, couber, vir, for, puder.

c) vier, caber, vir, ir, puder.

d) vir, couber, ver, ir, poder

e) vier, caber, vir, for, poder.

3. (MACK-SP) Nos períodos extraídos de um texto, o único que NÃO contém uma forma nominal do verbo é:

a) «...os atenienses saltaram, logo, espinoteando com a novidade.»

b) «...os inúmeros professores, de gramática, incapazes de escrever um período original, declararam que era preciso meter-lhe o pau!»

c) «Escová-lo, para se não fazer de atrevido e desrespeitador das coisas mais sagradas desta vida.»

d) «...eram observações do real, trabalhadas com estilo, pintaram espirituosamente os costumes e os tipos ridículos do Maranhão.»

e) «Por desfastio, escreveu e publicou alguns folhetins; não agradaram — falavam muito a sério!»

4. (UFPR) Indique a alternativa em que as duas frases são seguidas de formas adequadas ao preenchimento de suas lacunas.

a) I. O advogado tudo fez para que o cliente .... seus bens. (reouvesse)

II. O texto estava .... em caracteres góticos. (imprimindo)

b) I. Admites .... o culpado? (seres)

II. Se .... Antônio, comunique-lhe o fato. (vires)

c) I. Se é para requerer desquite, eu .... (requeiro)

II. 0 rapaz tinha .... o bonde errado. (pegado)

d) I. Não sei o que farei se ele se .... a esta solução. (opuser)

II. Se ele quer .... aqui, que venha. (vim)

e) I. Tudo farei para que você .... seus bens. (reaja)

II. Só descansarei quando .... a minha família. (revir)

5. (UFPR) Qual é o período gramaticalmente incorreto quanto à forma do verbo no particípio?

a) As luzes estão acesas.

b) O motorista tinha soltado o volante.

c) Havia expulsado o chefe de sua casa.

d) A conta foi pagada pelo irmão.

e) Tenho aceitado dinheiro.

6. (CESGRANRIO) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase:

Quando ... mais aperfeiçoado, o computador certamente .... um eficiente meio de controle de toda a vida social.

a) estivesse/será.

b) estiver/seria.

c) esteja/era.

d) estivesse/era.

e) estiver/será.

7. (SANTA CASA-SP) Assinale a alternativa correta quanto ao uso de verbos abundantes:

a) Por haver aceitado as normas, o candidato foi aceito na Faculdade.

b) Por haver morto o passarinho, o menino chorou. Realmente o bicho estava bem morto.

c) Foi elegido pelas mulheres apesar de haver eleito a maioria dos homens.

d) O pastor tinha emergido os crentes depois de ser emergido ele mesmo pelo bispo. Era emersão que não acabava mais.

e) Todos os casos serão omitidos da pauta tal como você já tivera omisso os seus casos ontem.

8. (UEM-PR) Há verbos com particípios duplos. Assinale a alternativa em que está INCORRETO o emprego do particípio.

a) Longa vela foi acendida para que pudesse fazer a prova com sucesso.

b) Todos ficaram isentos? Quem é que o fiscal havia isentado?

c) A vela era benta?

d) A prova está sendo aceita.

e) O vigário teria benzido a água?

9. (UFPa) Transpondo para a voz ativa a frase «O processo deve ser revisto pelos dois funcionários», obtém-se a forma verbal:

a) deve-se rever.

b) será revisto.

c) devem rever.

d) reverão.

e) rever-se-á.

10. (UFPa) Transpondo para a voz passiva a oração «Estava terminando o bordado naquele momento», o verbo apresentará a forma:

a) fora terminado.

b) estava sendo terminado

c) estava para ser terminado.

d) estava a terminar.

e) tendo terminado.

Para resolver as questões 11 a 13, assinale as alternativas e some seus valores.

11. (MACK-SP) Assinale a(s) alternativa(s) correta(s) quanto ao emprego da forma verbal:

1. Faça o possível, estuda bem a prova.

2. Se vieres ao colégio, trazes meu livro.

4. Age com calma, não te importes com os exageros.

8. Saia de casa e anda um pouco todo dia.

16. Não esqueça nunca tuas obrigações.

32. «Ame o teu próximo como a ti mesmo.»

64. «Amas o teu próximo como a ti mesmo.»

12. (PUC-RS) Assinale a(s) alternativa(s) correta(s) quanto ao emprego da forma verbal:

1. Se eles intervirem junto ao presidente, receio que consigam o adiamento.

2. Receiamos os manifestantes violentos.

4. Ainda que você odeie, eu não odiarei.

8. Ainda que você varie, eu não variarei.

16. Ainda que você se apiade, eu não me apiadarei.

32. Ainda que você aga, eu não agirei.

64. As pernas arreiam e ele fica estendido, desmanchado, no chão.

13. (UFJF-MG) Esta(ão) correta(s) a(s) alternativa(s):

1. Meu amigo, seja inteligente; vá ao nosso departamento e requeira um cupom de descontos.

2. Meu amigo, sê inteligente; vai ao nosso departamento e requere um cupom de descontos.

4. Meus amigos, sejais inteligentes; ides ao nosso departamento e requereis um cupom de descontos.

8. Meus amigos, sejamos inteligentes; vamos ao nosso departamento e requeiramos um cupom de descontos.

16. Meus amigos, sede inteligentes; ide ao nosso departamento e requerei um cupom de descontos.

32. Meu amigo, não sejas inteligente; não vás ao nosso departamento e não requeiras um cupom de descontos.

64. Meu amigo, não sejais inteligentes; não ides ao nosso departamento e não requeireis um cupom de descontos.

Tempos

Os tempos são distribuídos pelos modos da seguinte maneira:

Do Indicativo

1. **PRESENTE** ⇒ enuncia um fato como **atual**.

Jesuína é linda, os rapazes **adoram**-na.

2. **PRETÉRITO IMPERFEITO** ⇒ apresenta o fato como **anterior** ao momento atual, mas ainda **não concluído** no momento passado a que nos referimos.

Jesuína **era** linda, os rapazes **adoravam**-na.

3. **PRETÉRITO PERFEITO** ⇒ refere-se a um fato **já concluído** em época passada.

Jesuína **foi** linda, os rapazes **adoraram**-na.

4. **PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO** ⇒ expressa um **fato anterior** a outro fato que também é passado.

Quando cheguei ao aeroporto o avião já **partira.**

cheguei = fato passado.

partira = fato passado anterior ao primeiro.

5. **FUTURO DO PRESENTE** ⇒ enuncia um fato que deve realizar-se num **tempo vindouro** em relação ao momento presente.

Viajaremos ao exterior nas férias.

6. **FUTURO DO PRETÉRITO** ⇒ expressa um fato **posterior** com relação a outro fato **já passado**; freqüentemente, o outro fato já passado é dependente do primeiro e inclui uma condição.

Ganharíamos o prêmio, se tivéssemos comprado o bilhete.

ganharíamos = fato posterior.

tivéssemos comprado = fato passado, dependente do primeiro e inclui condição.

Do Subjuntivo

1. **PRESENTE** ⇒ traduz um fato subordinado a outro e que se desenvolve no **momento atual**; expressa dúvida, possibilidade, suposição; pode ainda formar orações optativas.

Espero que você **entenda** esta aula.

Deus te **guie**.

2. **PRETÉRITO IMPERFEITO** ⇒ refere-se a um **fato passado**, mas posterior e dependente de outro fato passado.

Ninguém esperou que ele **dissesse** a verdade.

esperou = fato passado.

dissesse = fato passado, mas posterior e dependente do primeiro.

3. **FUTURO** ⇒ expressa **fato vindouro** — condicional, temporal ou conformativo — dependente de outro fato também futuro.

Se **for** preciso, eu o ajudarei.

Irei quando **puder**.

Tempos simples e compostos da voz ativa

MODO	TEMPO
Indicativo	**Presente** ⇒ amo
	Pretérito 1. Perfeito: **simples**: ame **composto**: tenho amado 2. Imperfeito: amava (só simples) 3. Mais-que-perfeito: **simples**: amara **composto**: tinha amado
	Futuro 1. do Presente: **simples** amarei **composto:** terei amado 2. do Pretérito: **simples:** amaria **composto:** teria amado
Subjuntivo	**Presente** ⇒ ame
Pretérito	1. Perfeito: tenha amado 2. Imperfeito: amasse (só simples) 3. Mais-que-perfeito: tivesse amado
Futuro	simples: amar composto: tiver amado
Obs.: Das formas nominais, só o Infinitivo e o Gerúndio possuem formas compostas: Infinitivo Pessoal (ter amado, teres amado, etc.), Infinitivo Impessoal (ter amado), Gerúndio (tendo amado).	

Tempos simples e compostos da voz passiva

MODO	TEMPO
Indicativo	**Presente** ⇒ sou amado (-a)
	Pretérito 1. Perfeito: **simples**: fui amado(-a) **composto**: tenho sido amado(-a) 2. Imperfeito: amado(-a) 3. Mais-que-perfeito: **simples**: fora amado(-a) **composto**: tinha sido amado(-a)
	Futuro 1. do Presente: **simples**: serei amado(-a) **composto**: terei sido amado(-a) 2. do Pretérito: **simples**: seria amado(-a) **composto**: teria sido amado(-a)

Subjuntivo	**Presente** ⇒ seja amado(-a)
	Pretérito 1. Perfeito: **tenha sido amado(-a)** 2. Imperfeito: **fosse amado(-a)** 3. Mais-que-perfeito: **tivesse sido amado(-a)** **Futuro** simples: **for amado(-a)** composto: **tiver sido amado(-a)**

Formas nominais

Nas **formas nominais**, temos:

Infinitivo
- 1. Impessoal
  - **Presente:** ser amado
  - **Pretérito**: ter sido amado
- 2. Pessoal
  - **Presente:** ser amado
  - **Pretérito:** ter sido amado

Gerúndio
- **Presente:** sendo amado
- **Pretérito:** ter sido amado

Particípio
- amado

Emprego do Infinitivo

Em Português, há dois tipos de Infinitivo:

- **Infinitivo Impessoal:** terminado em **r** para qualquer pessoa.

Ex.: falar, vender, partir.

- **Infinitivo Pessoal:** além da desinência **r,** vem marcado com desinência de **pessoa** e **número.**

Exemplo: falar — ∅
falar — es
falar — ∅
falar — mos
falar — des
falar — em

Observação:

Como o uso de uma forma ou outra depende de muitas variáveis, não é possível prescrever normas rígidas nesse domínio.

Há, entretanto, algumas diretrizes que podem ser apontadas.

Uso do Infinitivo Pessoal

As desinências de pessoa e número são um recurso para indicar, sem ambigüidade, ou para enfatizar, o sujeito do processo expresso pelo infinitivo.

Dentro desse princípio:

- **Usa-se o Infinitivo Pessoal**, quando o seu sujeito é diferente do sujeito do verbo da oração principal.

Exemplo: Todos acreditam **sermos** os culpados.

No caso, a desinência **mos** (ser**mos**) serve para indicar que o sujeito do infinitivo é **nós**, diferente do sujeito de **acreditam (todos).**

- **Usa-se ainda o Infinitivo Pessoal,** quando ele ocorre antes do verbo da oração principal, mesmo que os sujeitos de ambos os verbos sejam idênticos.

Exemplo: **Cometeres** tamanho descuido, tu não o **farias**.

Nesse caso, a marca de pessoa serve para **chamar a atenção** sobre o sujeito que, apesar de ser idêntico ao da oração principal, não vem marcado por nenhum índice anterior na frase.

Observação: Nesse mesmo caso, pode ocorrer o Infinitivo Impessoal.

Exemplo: **Cometer** tamanho descuido, tu não o **farias.**

- **Usa-se o Infinitivo Pessoal na terceira pessoa do plural** como um recurso para indeterminar o sujeito do verbo.

Exemplo:

Ouvia	baterem	na porta.
	Infinitivo Pessoal com sujeito indeterminado	

Uso do Infinitivo Impessoal

O Infinitivo Impessoal é usado quando a presença de outros índices dispensa a flexão do infinitivo como recurso para indicar o seu sujeito.

Assim:

- **Usa-se o Infinitivo Impessoal** nas locuções verbais, já que, nesses casos, a desinência do verbo auxiliar já marca o sujeito.

Exemplo: Não **podes falar** disso com tanta segurança.

- **Usa-se a forma impessoal** quando o sujeito do verbo no infinitivo for idêntico ao sujeito do verbo da oração principal.

Exemplo: Todos **acreditam ser** culpados (o sujeito de **ser** é idêntico ao sujeito de **acreditam**).

• **Não se flexiona o infinitivo** quando o seu sujeito for um pronome oblíquo.

Exemplo: Deixe-**os** entrar. (**os** = sujeito de **entrar**)

• **O infinitivo não é flexionado** quando não se refere a sujeito algum.

Exemplo: «**Navegar** é preciso; **viver** não é preciso.»

• **O infinitivo não se flexiona** quando é usado com valor de imperativo.

Exemplo: Não **estacionar** na pista. (estacionar = estacione)

Aspecto verbal

Aspecto é uma categoria do verbo que marca em que ponto do seu desenvolvimento é concebido o processo verbal.

A língua portuguesa, concebendo o processo verbal como algo que se desenvolve no tempo, segmenta-o em vários aspectos.

• **Aspecto incoativo** (do latim, **incoare** = **começar**): concebe o processo verbal **no início do seu desenvolvimento**.

Exemplo: O dia **vem chegando.**
Começa a chover.

• **Aspecto cursivo:** concebe o processo verbal **no decorrer do seu desenvolvimento.**

Exemplo: O balão **vai subindo.**
Continua a chover.

• **Aspecto conclusivo:** concebe o processo verbal **no término do seu desenvolvimento.**

Exemplo: O sol **acaba de cair.**

• **Aspecto freqüentativo:** concebe o processo **repetido no seu desenvolvimento.**

Exemplo: O pássaro **saltitava** no terreiro.

Observação: A categoria de aspecto, no Português, não é marcada por desinências típicas, mas:

a) **por verbos auxiliares: vem** chegando
vai subindo
acaba de cair

b) **por alguns sufixos:** anoit**ecer** (o sufixo **ecer** marca aspecto incoativo).

Formas rizotônicas e arrizotônicas

Formas rizotônicas são aquelas que têm a vogal tônica no **radical.**

Formas arrizotônicas são aquelas que têm a vogal tônica na **desinência.**

São **RIZOTÔNICAS** a 1ª, 2ª e 3ª pessoa do singular e a 3ª pessoa do plural do Presente do Indicativo e do Presente do Subjuntivo, bem como as correspondentes do Imperativo; todas as demais formas são, normalmente, **ARRIZOTÔNICAS.**

Exemplos

Pres. Indicativo	Pres. Subjunt.	Formas
cant — o cant — as	cant — e cant — es	RIZOTÔNICAS
cant — a cant — **a**mos	cant — e cant — **e**mos	ARRIZOTÔNICAS
cant — **a**is cant — am	cant — **e**is cant — em	RIZOTÔNICAS

A identificação dessas formas é imprescindível para a conjugação de inúmeros verbos **irregulares** e **defectivos.**

→ Se um verbo só puder ser conjugado nas formas ARRIZOTÔNICAS, já podemos garantir que ele **não possuirá:**

1. **Presente do Subjuntivo**

2. a 2ª e a 3ª pessoa do singular e a 1ª e 3ª pessoa do plural **do Imperativo Afirmativo** (só possui o **vós**).

3. **Imperativo Negativo.**

4. No Presente Ind., será conjugado somente no **nós** e **vós.**

Verbos irregulares

São os que sofrem variações no radical, ou cujas desinências não acompanham as do verbo paradigma da respectiva conjugação.

1. Há verbos cuja irregularidade ocorre apenas no **radical**:

per**d** — er → per**c** — o

2. Há verbos cuja irregularidade ocorre apenas na **desinência**:

d — **ou** → t — **enho**

3. Há verbos cuja irregularidade ocorre simultaneamente no **radical** e na **desinência:**

cab — er → c**ou**b — **e**
quer— er → **qu** — **is**

Irregulares da 1ª conjugação

1. Verbos em **GUAR** — Podemos tomar por modelos:

A) «aguar»

Aguar			
Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**	**Presente do Subjuntivo**	**Imperativo Negativo**
águo		**á**güe	
águas	**á**gua tu	**á**gües	não **á**gües
água	**á**güe você	**á**güe	não **á**güe
agu**a**mos	agü**e**mos nós	ag**üe**mos	não ag**üe**mos
agu**ais**	ag**uai** vós	ag**üeis**	não ag**üeis**
águam	**á**güem vocês	**á**güem	não **á**guem

O modelo acima é seguido por **desaguar, enxaguar, minguar**

B) «apaziguar»

Apaziguar			
Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**	**Presente do Subjuntivo**	**Imperativo Negativo**
apaziguo		apazigúe	
apaziguas	apazigua	apazigúes	não apazigúes
apazigua	apazigúe	apazigúe	não apazigúe
apaziguamos	apazigüemos	apazigüemos	não apazigüemos
apaziguais	apaziguai	apazigüeis	não apazigüeis
apaziguam	apazigúem	apazigúem	não apazigúem

Por esse verbo conjugam-se **averiguar, apaniguar** (= proteger, favorecer).

2. Verbos em **QUAR** — Podemos tomar por modelos:

A) «apropinquar-se» (= aproximar-se)

Apropinquar-se			
Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**	**Presente do Subjuntivo**	**Imperativo Negativo**
apro**pín**quo-me		apro**pín**qüe-me	
apro**pín**quas-te	apro**pín**qua-te	apro**pín**qües-te	não te apro**pín**qües
apro**pín**qua-se apro**pín**qüe	apro**pín**qüe-se	apro**pín**qüe-se	não se apro**pín**qüe
apropin**qua**mo-nos	apropin**qüe**mo-nos	apropin**qüe**mo-nos	não nos apropin**qüe**mos
apropin**quais**-vos	apropin**quai**-vos	apropin**qüeis**-vos	não vos apropin**qüeis**
apro**pín**quam-se	apro**pín**qüem-se	apro**pín**qüem-se	não se apro**pín**qüem

B) «obliquar» (= inclinar, agir com malícia)

Obliquar			
Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**	**Presente do Subjuntivo**	**Imperativo Negativo**
obliq**u**o		obliq**ú**e	
obliq**u**as	obliq**u**a	obliq**ú**es	não obliq**ú**es
obliq**u**a	obliq**ú**e	obliq**ú**e	não obliq**ú**e
obliqu**a**mos	obliqü**e**mos	obliqü**e**mos	não obliqü**e**mos
obliqu**ai**s	obliqu**ai**	obliqü**ei**s	não obliqü**ei**s
obliq**u**am	obliq**ú**em	obliq**ú**em	não obliq**ú**em

Segue o modelo o verbo defectivo **«Adequar»**, que só possui as formas **arrizotônicas.**

3. «mobiliar» conjuga-se fazendo incidir a tônica em **-bi-** (nas rizotônicas):

Mobiliar			
Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**	**Presente do Subjuntivo**	**Imperativo Negativo**
mo**bí**lio		mo**bí**lie	
mo**bí**lias	mobília	mo**bí**lies	não mobílies
mo**bí**lia	mobílie	mo**bí**lie	não mobílie
mobiliamos	mobiliemos	mobiliemos	não mobiliemos
mobiliais	mobiliai	mo**bi**lieis	não mobilieis
mo**bí**liam	mobíliem	mo**bí**liem	não mobíliem

Também existem as formas MOBILHAR e MOBILAR.

→ **Obs.:** Todos os demais verbos em **-iliar** têm a sílaba tônica em **-li**: auxi**lio** reconci**lio**, fil**io** reta**lio**.

4. **«moscar-se»** (=sumir-se) — Troca o **«o»** em **«u»** nas formas rizotônicas:

Moscar		
Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**	**Presente do Subjuntivo**
m**u**sco-me		m**u**sque-me
m**u**scas-te	m**u**sca-te	m**u**sques-te
m**u**sca-se	m**u**sque-se	m**u**sque-se
m**o**scamo-nos	m**o**squemo-nos	m**o**squemo-nos
m**o**scais-vos	m**o**scai-vos	m**o**squeis-vos
m**u**scam-se	m**u**squem-se	m**u**squem-se

5. Verbos em **-EAR** recebem **«i»** nas formas **rizotônicas.** Assim: passear, afear, atear, cear, basear, nortear, nomear, gear, apear etc.

Tomemos por modelo **«passear»:**

Passear			
Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**	**Presente do Subjuntivo**	**Imperativo Negativo**
passe**i**o		passeie	
passe**i**as	passe**i**a tu	passeies	não passeies
passe**i**a	passeie	passeie	não passeie
passeamos	passeemos	passeemos	não passeemos
passeais	passeai vós	passeeis	não passeeis
passe**i**am	passeiem	passeiem	não passeiem

→ **Obs.: Idear e estrear** são os únicos que têm **«e»** aberto nas rizotônicas: idéio, idéias, idéia, ideamos, ideais, idéiam.

6. Verbos em **-IAR:** são normalmente regulares. Ex.: copiar, abreviar, adiar, alumiar, apreciar, associar, extasiar, variar etc. Há, porém, uns poucos que recebem **«e»** nas formas rizotônicas; são os verbos do **MARIO:**

M	ediar
A	nsiar
R	emediar
I	ncendiar
O	diar

ODIAR			
Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**	**Presente do Subjuntivo**	**Imperativo Negativo**
od**e**io		od**e**ie	
od**e**ias	od**e**ia tu	od**e**ies	não od**e**ies
od**e**ia	od**e**ie	od**e**ie	não od**e**ie
odiamos	odiemos	odiemos	não odiemos
odiais	odiai vós	odieis	não odieis
od**e**iam	od**e**iem	od**e**iem	não od**e**iem

7. **«Saudar»** e **«abaular»** têm o **-u-** tônico e graficamente acentuado nas formas rizotõnicas.

SAUDAR			
Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**	**Presente do Subjuntivo**	**Imperativo Negativo**
sa**ú**do		sa**ú**de	
sa**ú**das	sa**ú**da	sa**ú**des	não sa**ú**des
sa**ú**da	sa**ú**de	sa**ú**de	não sa**ú**de
saudamos	saudemos	saudemos	não saudemos
saudais	saudai	saudeis	não saudeis
sa**ú**dam	sa**ú**dem	sa**ú**dem	não sa**ú**dem

8. **«Dar»** — Por ele se conjuga «desdar» (= desatar nó ou laçada):

DAR		
Presente do Indicativo	**Pretérito Perf. do Indicativo**	**Presente do Subjuntivo**
dou	dei	dê
dás	deste	dês
dá	deu	dê
damos	demos	demos
dais	destes	deis
dão	deram	**dêem**

9. **«resfolegar»** — O Vocabulário Oficial registra duas formas: **resfolegar** e **resfolgar**. Esta última é regular. Quanto à anterior, **resfolegar**, pode ser conjugada regularmente ou sem o **-e-** (que ocorre após o **-l-**) nas rizotônicas:

Resfolgar			
Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**	**Presente do Subjuntivo**	**Imperativo Negativo**
refolgo (ou resfólego)		resfolgue (ou resfólegue)	
resfolgas	resfolga	resfolgues	não resfolgues
(ou resfólegas)	(ou resf**ó**lega)	(ou resf**ó**legues)	(ou resf**ó**legues)
resfolga	resfolgue	resfolgue	não resfolgue
(ou resf**ó**lega)	(ou resf**ó**legue)	(ou resf**ó**legue)	(ou resf**ó**legue)
resfolegamos	resfoleguemos	resfoleguemos	não resfoleguemos
resfolegais	resfolegai	resfolegueis	não resfolegueis

resfolgam (ou resfólegam)	resfolguem (ou resfóleguem)	resfolguem (ou resfóleguem)	não resfolguem (ou resfolguem)

Exercícios

1) Continue a conjugação iniciada dos verbos irregulares abaixo:

a) **Imperfeito do Subjuntivo do verbo dar:**

desse, desses, ...

....

....

....

b) **Presente do Indicativo do verbo mobiliar:**

mobílio, ...

....

....

c) **Presente do Indicativo do verbo magoar:**

magôo, ...

....

....

....

d) **Presente do Indicativo do verbo apiadar-se:**

apiado-me ....

....

....

2) Complete as frases abaixo com os verbos indicados entre parênteses, nos tempos e modos pedidos:

a) Eu .... por notícias suas. (ansiar — Pres. Ind.)

b) É importante que nós .... agora. (cear — Pres. Subj.)

c) Talvez nós .... em outro jornal. (anunciar — Pres. Subj.)

d) É preciso que eles .... a situação. (remediar — Pres. Subj)

e) Não oculte suas emoções. Se necessário, ... seu inimigo. (odiar — Imp. Afirm.)

f) Há anos que nós .... uma vaga naquela faculdade. (pleitear — Pres. Ind.)

3) Conjugue:

incendiar - Pres. Ind.	odiar - Pres. Subj.

hastear - Pres. Ind	cear - Pres. Subj.

apaziguar - Pres. Ind.	averiguar - Pres. Subj.

4) Nas frases que seguem o verbo destacado está no tempo composto.

Analise-o pelo código abaixo:

a) Mais-que-perfeito Comp. do Subj.;

b) Infinit. Impessoal Perfeito;

c) Perfeito Composto do Subj.;

d) Mais-que-perfeito Composto do Indic.;

e) Perfeito Composto do Indicativo.

I. ( ) «Germiniano recebeu elogios por **ter sabido** pôr o homem em seu lugar.»
(J. J. Veiga)

II. ( ) «Se você soubesse como eu **tenho andado** preocupado, por sua causa.»
(M. Assis)

III. ( ) «O menino **tinha armado** a rede no peitoril, recusando a sala ou a varanda (...)»

IV.( ) «Talvez esta mútua repulsa não **tenha surgido** agora à primeira vista (...)»
(E. Veríssimo)

V. ( ) «Mas, como se não me **tivesse ouvido**, Eugênio caminha para mim (...)»
(E. Veríssimo)

5) Assinale certo (C) ou errado (E) em cada uma das alternativas que seguem, observando o uso do Infinitivo Pessoal ou Impessoal.

a) A ti seria útil estudar mais e falar menos. ( )

b) Não querias afastares-te daqui. ( )

c) Não podias recusar o trabalho que te propusemos.

d) Mande-os saírem. ( )

e) Havia casos difíceis de solucionar. ( )

f) O comandante gritou do alto da colina: avançar! ( )

g) Suponho não ser culpados.

h) Ouvimos caírem as árvores. ( )

6) Preencha o espaço em branco com uma das formas entre parênteses, de acordo com as normas do uso do Infinitivo:

a) O conflito das Ilhas Falkland faz-nos........ a nossa defesa. (rever, revermos)

b) «Candidatos querem .... professores.» (agradar, agradarem) (*Jornal do Brasil*)

c) «É certo que as naturezas capazes de ..... ao choque das paixões humanas são inteiramente raras.» (resistir, resistirem)
(M. de Assis)

7) Indique o aspecto dos verbos destacados, de acordo com o código que segue:

a) cursivo b) incoativo c) freqüentativo

a) «E **começava a ter** os meus medos dos pecados pelo castigo do alto.»
(José Lins do Rego) ( )

b) «**Estamos saindo** da Rua de Cima, por onde as vacas de seu Antonico Borges transitam.» (Guimarães Rosa) ( )

c) A barra do dia **vai clareando.** ( )

d) «(...) em seguida **sapateava**, miúdo e cerrado, freneticamente (...)»
(Aluísio Azevedo) ( )

e) «Sempre se falou mal dos funcionários públicos, inclusive dos que passam a hora do expediente **escrevinhando** literatura.»
(Carlos Drummond de Andrade) ( )

Questões discursivas

1. (PUC-SP) Reescreva a frase abaixo com os verbos no Presente do Indicativo:

«Apiedei-me; tomei-a na palma da mão e fui depô-la no peitoril da janela.»
(Machado de Assis)

Resp.: ....
....

2. (FUVEST) Na frase:

«Esse homem, que **enriquecera** no fabrico de albardas, **tinha tido** sempre o sonho de uma casa magnífica (...)»
(Machado de Assis)

Um dos verbos está na forma simples: o outro, na composta. Identifique modo e tempo.

enriquecera: ....

....

....

tinha tido: ....

....

3. (FEI-SP) Nas frases que seguem, os verbos destacados ocorrem na forma composta. Qual é a forma simples correspondente?

a) «O perigo dos barbeiros, o modo pelo qual os malditos agiam (...), tudo isso ele **havia explicado** ao Maximino.» (Mário Palmério)

Resp.: ....

b) «Nestes últimos tempos **tenho convivido** mais intimamente com Eugênio Fontes.» (Érico Veríssimo)

Resp.: ....

c) «Veja que tudo **tem mudado:** (...)» (M. Palmério)

Resp.: ....

4. (FEI-SP) Com relação à frase de Mário Palmério: «Todos perceberam que João Fanhoso dera rebate falso», responda:

a) Em que tempo está a forma verbal **dera**?

Resp.: ....

b) Qual é a forma verbal composta correspondente?

Resp.: ....

c) Como se justifica o seu emprego?

Resp.: ....

5. (FUVEST) Reescreva as frases a seguir, segundo o modelo: Mandou que ele entrasse.

Mandou-**o entrar**.

a) Isso fez **com que elas caíssem.**

....

b) Deixaram **que eles saíssem.**

....

6. (CEFET-PR) Escreva a forma verbal que preenche corretamente as lacunas:

a) É bom que ele .... (averiguar) o saldo.

b) Agora traz o material, mas ontem ele não o ...... (trazer).

c) .... (manter)-te atento, para não seres espoliado!

d) .... (pôr) mais ânimo nesse teu rosto e mexe-te!

Testes

1. (CESGRANRIO) Não há a devida correlação temporal das formas verbais em:

a) Seria conveniente que o leitor ficasse sem saber quem era Miss Dollar.

b) É conveniente que o leitor ficaria sem saber quem é Miss Dollar.

c) Era conveniente que o leitor ficasse sem saber quem foi Miss Dollar.

d) Será conveniente que o leitor fique sem saber quem é Miss Dollar.

e) Foi conveniente que o leitor ficasse sem saber quem era Miss Dollar.

2. (UEGP-PR) «E ela teria esquecido as rosas e a sua beleza.» (C. Lispector)

O tempo do verbo, nessa oração, é o:

a) Fut. Pres. Simples do Indic.

b) Fut. Pass. Simples do Indic.

c) Mais-que-perf. Composto do Indicativo.

d) Imperf. Composto do Indic.

e) Fut. Pret. Composto do Indic.

3. (FATEC-SP) A flexão do infinitivo está errada em que período?

a) Não saíres, tu que não paravas em casa.

b) Deixai-os saírem, eu vos peço.

c) Vi as nucas se curvarem mais e mais.

d) Julgo serdes os representantes do clube.

e) n.d.a.

4. (UFMS) Em que alternativa seria incorreto o emprego do infinitivo flexionado? (O verbo está dado entre parênteses)

a) Permitiu-nos .... aqui. (permanecer)

b) É nossa oportunidade, ... a ocasião não é temeridade. (aproveitar)

c) Dar-te-ei o suficiente para não ...... aperto. (passar)

d) «É para se .....!» Assim estava no cartão que nos enviou. (divertir)

e) n.d.a.

5. (CESESP-PE) Assinalar o único item em que o emprego do infinitivo está errado.

a) Deixei-os sair, mas procurei orientá-los bem.

b) De hoje a três meses podes voltar aqui.

c) Disse ser falsas aquelas assinaturas.

d) Depois de alguns instantes, eles parecia estarem mais conformados.

e) Viam-se brilhar as primeiras estrelas.

6. (UFJF-MG) Assinale a alternativa em que aparecem os três modos verbais: Indicativo, Subjuntivo e Imperativo:

a) «... os peixes, que se recusavam a Pedro, enchiam a rede que Jesus mandara lançar.»

b) «Uma noite, perante os discípulos turbados, caminhou lisamente sobre o mar, como nós outros pisamos o chão.»

c) «Finalmente, e sem que para isso pudesse restar sombra de dúvida, disse ao cadáver de uma jovem: Anda, e o cadáver abriu os olhos, andou.»

d) «Não se calou, como poderia ser a forma de sua amargura...»

e) «Não concordou, propiciando o sinal que atestasse aos espíritos mais escuros a evidência da sua natureza.»

7. (UFRGS) «Embora tivesse testado **o aparelho antes de usá-lo, no momento da apresentação, ele falhou.**

Na semana passada, **tinha acontecido** o mesmo problema.»

No texto acima os verbos destacados estão, respectivamente, no:

a) Pretérito Perfeito do Indicativo e Pretérito Imperfeito do Subjuntivo

b) Pretérito Mais-que-perfeito do Indicativo Composto e Pretérito Imperfeito do Subjuntivo.

c) Pretérito Mais-que-perfeito do Subjuntivo Composto e Pretérito Mais-que-perfeito do Indicativo Composto.

d) Pretérito Perfeito do Indicativo Composto e Pretérito Mais-que-perfeito do Indicativo Composto.

e) Pretérito Imperfeito do Indicativo Composto e Presente do Subjuntivo.

8. (FMU-SP) Compare os verbos destacados no verso 1 e no verso 2:

«Andorinha lá fora **está dizendo**»

«Andorinha, andorinha, minha cantiga **é** mais triste.»

Temos, respectivamente:

a) um verbo de ação e um verbo de ligação. O primeiro sugere ação em curso; o segundo, permanência.

b) um verbo de ligação e um verbo de ligação. Ambos sugerem permanência.

c) um verbo de ação e um verbo de ação. Ambos sugerem ação passageira.

d) um verbo de ligação e um verbo de ação. O primeiro sugere permanência; o segundo, ação passageira.

e) um verbo de ação e um verbo de ligação. O primeiro sugere permanência; o segundo, ação passageira.

9. (UFMS) Classifique os verbos conforme as indicações que seguem, quanto ao sufixo:

1 — sinalizar
2 — amadurecer
3 — bebericar
4 — apedrejar

a) verbo freqüentativo
b) verbo diminutivo
c) verbo incoativo
d) verbo causativo

a) 1a; 2b; 3c; 4d.
b) 1d; 2c; 3b; 4a.
c) 1c; 2d; 3a; 4b.
d) 1c; 2d; 3b; 4a.

10. (UFRJ) «Depois de ter passado **o dia inteiro gastando sola». A forma simples do verbo destacado é:**

a) passado.
b) tido.
c) passar.
d) tido passado
e) n.d.a.

11. (FAAP-SP) «Os infantes não chegariam **lá, ou, se** chegassem**, seria a duras penas...» As formas verbais compostas correspondentes às formas simples destacadas são, respectivamente:**

a) tinham chegado — tivessem chegado.
b) não há — tinham chegado.
c) teriam chegado — têm chegado.
d) terão chegado — tivessem chegado.
e) teriam chegado — não há.

12. (UFPR) Estudarem pode preencher uma das lacunas abaixo:

a) Mandou-os .... a questão.
b) Eles devem .... a questão.
c) Todos querem .... a questão.
d) Pediu-lhes para .... a questão.
e) Eles talvez possam .... a questão.

Para resolver as questões 13 e 14, assinale as alternativas e some seus valores.

13. (UFRJ) Assinale a(s) alternativa(s) em que há correspondência entre as formas verbais compostas e as simples:

1. Ainda que você **tenha jurado** eu não acredito. — (jurou)

2. Caso eles **tenham saído,** avisaremos depois. — (saiam)

4. Quando todos **tiverem terminado** as tarefas, será pago o salário. — (terminarem)

8. Se nós **tivéssemos estudado**, passaríamos. — (estudássemos)

16. Quando você me telefonou eu já lhe **havia escrito**. — (escrevera)

32. Eu **teria saído**, se soubesse das condições. — (sairia)

64. Ele **terá apresentado** aproximadamente dez provas contrárias à acusação. — (tiver apresentado).

14. (PUCCAMP-SP) Assinale a(s) alternativa(s) correta(s) quanto à indicação da forma verbal:

1. Assim eu quereria a minha última crônica. — Fut. do Pretérito Indicativo.

2. Se alguém escrevesse uma história, diria como o senhor (...) — Pret. Imp. do Subj. e Fut. do Pret. Indicat.

4. O tempo verbal que expressa um fato anterior a outro acontecimento que também é passado é o Pret. Perf. do Indicativo.

8. «Amanhã, em minha casa, faço o exercício.» O verbo foi empregado para indicar o futuro próximo.

16. Ainda que você tenha perdido o jogo, eu não perdi. — Pret. Perf. Comp. do Subj. e Pret. Perf. Simples do Indicativo.

32. Ainda que ele tivesse anunciado com antecedência... — Pret. Imp. Comp. do Subjuntivo.

64. Eu tenho falado sempre a verdade. — Pret. Perf. Comp. do Indicativo.

Irregulares da 2ª conjugação

1. CRER

Presente do Indicativo	**Pret. Imperf. Indicativo**	**Pret. Perf. Indicativo**
creio	cria	cri
crês	crias	creste
crê	cria	creu
cremos	críamos	cremos
credes	críeis	crestes
crêem	criam	creram

Pelo verbo «crer» se conjuga o derivado «descrer», bem como o verbo **«ler»** e o derivado **«reler»**.

2. CABER

Presente do Indicativo	**Pret. Perf. Indicativo**	**Pret. Perf. Subjuntivo**
caibo	**coube**	coubesse
cabes	coubeste	coubesses
cabe	coube	coubesse
cabemos	coubemos	coubéssemos
cabeis	coubestes	coubésseis
cabem	couberam	coubessem

→ O verbo **«caber»** não é conjugado no modo **Imperativo**.

3. JAZER

Presente do Indicativo	**Pret. Perf. Indicativo**	**Fut. Pres. Indicativo**
jazo	jazi	jazerei
jazes	jazeste	jazerás
jaz	jazeu	jazerá
jazemos	jazemos	jazeremos
jazeis	jazestes	jazereis
jazem	jazeram	jazerão

→ **Observações:**

a) Os verbos **DIZER** e **TRAZER** que possuem **«Z»** no radical, como o verbo JAZER, têm, no entanto, os futuros **irregulares.**

direi, dirás, dirá...
diria, dirias, diria...
trarei, trarás, trará...
traria, trarias, traria...

b) Os verbos JAZER, DIZER, FAZER e TRAZER têm duas formas para o **Imperativo Afirmativo,** 2ª pessoa do singular:

— **Faz (faze)** ao próximo o que desejas que te façam.

— **Diz (dize)** a verdade que te ensinaram.

— **Jaz (jaze)** em paz para a eternidade.

— **Traz (traze)** já o que te pedi!

4. PODER

Presente do Indicativo	**Pretérito Perfeito**	**Presente do Subjuntivo**
posso	pude	possa
podes	pudeste	possas
pode	pôde	possa
podemos	pudemos	possamos
podeis	pudestes	possais
podem	puderam	possam

→ O verbo **«poder»** não é conjugado no IMPERATIVO.

5. QUERER

Presente do Indicativo	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**
quero	queria	quererei
queres	querias	quererás
quer	queria	quererá
queremos	queríamos	quereremos
quereis	queríeis	querereis
querem	queriam	quererão
Pretérito Perfeito	**Mais-que-Perfeito**	**Futuro do Pretérito**
quis	quisera	quereria
quiseste	quiseras	quererias
quis	quisera	quereria

Pretérito Perfeito	Mais-que-Perfeito	Futuro do Pretérito
quisemos	quiséramos	quereríamos
quisestes	quiséreis	quereríeis
quiseram	quiseram	quereriam

Não é usado na 2ª pessoa do singular e na 2ª pessoa do plural do IMPERATIVO.

→ Fut. do Subj.: — Se eu **quiser**...

→ Observações:

a) **Requerer** não segue a conjugação do verbo «querer».

Presente do Indicativo	Pret. Perf. Indicativo	Presente do Subjuntivo
requeiro	requeri	requeira
requeres	requereste	requeiras
requer	requereu	requeira
requeremos	requeremos	requeiramos
requereis	requerestes	requeirais
requerem	requereram	requeiram

Fut. do Subj.: Requerer, requereres requerer etc.

b) **BEM-QUERER** e **MALQUERER** seguem o modelo «querer», mas possuem duas formas de **Particípio:**

benquerido, malquerido (regulares)

benquisto, malquisto (irregulares)

6. PÔR — Verbo da segunda conjugação, **irregular no Infinitivo**. A forma antiga era **«poer»** — Derivados de «pôr»: antepor, apor, compor, contrapor, decompor, depor, dispor, expor, impor, indispor, opor, pospor, propor, predispor, pressupor, repor, sobrepor, supor, transpor, etc.

Presente do Indicativo	Pret. Perf. Indicativo	Futuro do Subjuntivo
ponho	pus	**puser**
pões	puseste	puseres
põe	pôs	puser
pomos	pusemos	pusermos
pondes	pusestes	puserdes
põem	puseram	puserem

→ **Observações:**

Atente para o Futuro do Subjuntivo dos derivados de PÔR:

— Se eu **compuser** uma música...

— Se ele **impuser** sua opinião...

— Se ele **dispuser** de tempo...

— Se eu me **opuser**...

— Quando ele **expuser** suas obras...

— Quando você **transpuser** os degraus da Universidade...

— Quando nós **supusermos** o contrário...

7. SABER

Presente do Indicativo	Pretérito Perfeito	Presente do Subjuntivo
sei	**soube**	**saiba**
sabes	soubeste	saibas
sabe	soube	saiba
sabemos	soubemos	saibamos
sabeis	soubestes	saibais
sabem	souberam	saibam

8. TRAZER

Presente do Indicativo	Pret. Perf. do Indicativo	Presente do Subjuntivo
trago	**trouxe**	**traga**
trazes	trouxeste	tragas
traz	trouxe	traga
trazemos	trouxemos	tragamos
trazeis	trouxestes	tragais
trazem	trouxeram	tragam

9. VALER só apresenta irregularidades nas formas do presente (Indicativo e Subjuntivo).

Presente do Indicativo	Imperativo Afirmativo	Presente do Subjuntivo	Imperativo Negativo
valho		valha	
vales	vale tu	valhas	não valhas tu
vale	valha você	valha	não valha você
valemos	valhamos nós	valhamos	não valhamos nós
valeis	valei vós	valhais	não valhais vós
valem	valham vocês	valham	não valham vocês

10. VER

Presente do Indicativo	Pretérito. Perf. do Indicativo
vejo	vi
vês	viste
vê	viu
vemos	vimos
vedes	vistes
vêem	viram

Futuro do Subjuntivo	Infinito Pessoal
vir	ver eu
vires	veres tu
vir	ver ele
virmos	vermos nós
virdes	verdes vós
virem	verem eles

Particípio
visto

Seguem o modelo de **«ver»: antever, entrever, prever, rever.**

PREVER (= ver antecipadamente)

Presente do Indicativo	Pretérito Perfeito do Indicativo
prevejo	previ
prevês	previste
prevê	previu
prevemos	previmos
prevedes	previstes
prevêem	previram

→ Observações:

O verbo **PROVER** (= abastecer, suprir) segue o verbo «VER» apenas em parte, pois abandona-o no **Pretérito Perfeito do Indicativo** (e formas derivadas) e no **Particípio**, tornando-se, então, VERBO REGULAR.

Presente do Indicativo	Pretérito Perfeito Indicativo
provejo	provi
provês	proveste
provê	proveu
provemos	provemos
provedes	provestes
provêem	**proveram**

Fut. do Subj.: prover, proveres, prover etc.

Particípio: provido.

Irregulares da 3ª conjugação

A) Verbos que têm «E» na penúltima sílaba:

1.º *Grupo*

1. MEDIR. O **«E»** torna-se aberto nas formas rizotônicas, e o **«D»** muda em **«C».**

Presente do Indicativo	Presente do Subjuntivo
m**e**ço	m**e**ça
m**e**des	m**e**ças
m**e**de	m**e**ça
medimos	meçamos
medis	meçais
m**e**dem	m**e**çam

Pelo verbo **«medir»**, conjugam-se: **«pedir», «impedir», «despedir», «expedir».**

2.º *Grupo*

2. ADERIR muda o **«E»** da primeira pessoa do singular do Presente do Indicativo em **«I»**; conseqüentemente, essa alteração ocorre em todas as formas derivadas: **Presente do Subjuntivo, Imperativo Negativo** e **Imperativo Afirmativo** (3ª pessoa singular, 1ª e 3ª pessoas do plural).

Nas demais formas **rizotônicas**, o «E» torna-se **aberto.**

Presente do Indicativo	Presente do Subjuntivo
ad**i**ro	ad**i**ra
ad**e**res	adiras
ad**e**re	ad**i**ra
aderimos	ad**i**ramos
aderis	ad**i**rais
ad**e**rem	ad**i**ram

Pelo modelo **aderir**, conjugam-se os seguintes verbos: ferir, inserir, preterir, compelir, expelir, impelir, repelir, competir, repetir, despir, discernir, divergir, convergir, advertir, refletir, seguir, conseguir, perseguir, prosseguir, sentir, assentir, consentir, dissentir, pressentir, ressentir, mentir, desmentir, servir, desservir, vestir, desvestir, investir, revestir etc.

→ Observações:

Atente para as 1ªs pessoas destes verbos:

— Eu compito

— Eu divirjo

— Eu expilo

— Eu compilo

— Eu convirjo...

3.º Grupo

3. **AGREDIR** troca o **-E-** por **-I-** nas formas rizotônicas do Presente do Indicativo; por conseqüência, essa mudança ocorre em todas as formas derivadas, ou seja, **Imperativo Afirmativo, Presente do Subjuntivo** e **Imperativo Negativo.**

Presente do Indicativo	**Presente do Subjuntivo**
agrido	agrida
agrides	agridas
agride	agrida
agredimos	agridamos
agredis	agridais
agridem	agridam

Pelo modelo **agredir**, conjugam-se os seguintes verbos: progredir, transgredir, denegrir, prevenir.

B) Verbos que têm «O» na penúltima sílaba:

1.º Grupo

4. **COBRIR** muda o **-O-** em **-U-** na primeira pessoa do singular do Presente do Indicativo e, portanto, nas formas derivadas. Nas demais rizotônicas, o «O» torna-se **aberto.**

Presente do Indicativo	**Presente do Subjuntivo**
cubro	cubra
cobres	cubras
cobre	cubra
cobrimos	cubramos
cobris	cubrais
cobrem	cubram

Pelo modelo **cobrir,** conjugam-se: descobrir, encobrir, recobrir, tossir, engolir.

2.º Grupo

5. **SORTIR** (= abastecer, fazer sortimento).

Nas formas **rizotônicas**, o **«O»** muda em **«U».**

Presente do Indicativo	**Presente do Subjuntivo**
surto	surta
surtes	surtas
surte	surta
sortimos	surtamos
sortis	surtais
surtem	surtam

6. Pelo modelo «sortir», conjuga-se **«polir»**:

Presente do Indicativo	**Presente do Subjuntivo**
pulo	pula
pules	pulas
pule	pula
polimos	pulamos
polis	pulais
pulem	pulam

→ Observações:

I — Não confunda SORTIR (que é irreg.) com SURTIR (= ter como resultado) que é defectivo (só se conjuga nas 3.as pes.)

II — Não confunda «POLIR» com «PULAR», que é verbo regular.

C) Verbos que têm «U» na penúltima sílaba:

7. ACUDIR muda o **-U-** em **-O-** na **2ª e 3ª pessoa do singular** e na **3ª pessoa do plural do Presente do Indicativo**; por isso, a mesma alteração se dá na 2ª pessoa do singular do Imperativo Afirmativo.

Presente do Indicativo	**Presente do Subjuntivo**
acudo	acuda
acodes	acudas
acode	acuda
acudimos	acudamos
acudis	acudais
acodem	acudam

Pelo modelo **acudir,** conjugam-se: sacudir, bulir, consumir, cuspir, escapulir, fugir, subir, sumir.

D) Outros verbos IRREGULARES da 3ª conjugação:

8. CERZIR troca o **-E-** por **-I-** nas formas rizotônicas do Presente do Indicativo e, por isso, também nas derivadas; mas também pode tornar o «E» aberto nessas formas.

Presente do Indicativo	**Presente do Subjuntivo**
c**i**rzo	c**i**rza
c**i**rzes	c**i**rzas
c**i**rze	c**i**rza
cerzimos	c**i**rzamos
cerzis	c**i**rzais
c**i**rzem	c**i**rzam

→ Também existem as formas com «E» aberto: **tu cerzes, ele cerze, eles cerzem.**

9. FRIGIR (= cozer com manteiga, azeite, etc., na frigideira) muda o **«I»** em **«E»** aberto na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do Presente do Indicativo.

Presente do Indicativo	**Presente do Subjuntivo**
frijo	fr**i**ja
fr**e**ges	fr**i**jas
fr**e**ge	fr**i**ja
frigimos	fr**i**jamos
frigis	fr**i**jais
fr**e**gem	fr**i**jam

10. **IR** — Esse verbo, além de **irregular** em sua conjugação, é **anômalo** em sua estrutura.

Presente do Indicativo	**Presente do Subjuntivo**
vou	vá
vais	vás
vai	vá
vamos	**vamos**
ides	**vades**
vão	**vão**

11. **VIR** apresenta a 1ª pessoa do plural do Presente do Indicativo idêntica à 1ª pessoa do plural do Pretérito Perfeito do Indicativo do verbo «VER».

Presente do Indicativo	**Pretérito Perfeito do Indicativo**
venho	vim
vens	vieste
vem	veio
vimos	viemos
vindes	viestes
vêm	vieram
GERÚNDIO	**PARTICÍPIO**
vindo	**vindo**

Pelo modelo **«vir»**, conjugam-se os derivados: advir, convir, intervir, provir, sobrevir, avir-se, desavir-se.

→ O certo é dizer:

Eu **intervim** porque quis.
Ela **interveio** no momento exato.

Verbos defectivos

São verbos que apresentam deficiências na conjugação, faltando-lhes algum **modo, tempo** ou **pessoa.**

Para facilitar o estudo são colocados em grupos com características comuns:

Grupo I

Não são conjugados na 1ª pessoa do singular do Presente do Indicativo e nas formas derivadas; não têm as formas em que ao radical seguem **o** ou **a**:

abolir, brandir, banir, brunir, **colorir, demolir,** espargir, exaurir, **explodir,** extorquir, fulgir, fremir, haurir, languir, retoquir, ungir.

Explodir

Presente do Indicativo	**Presente do Subjuntivo**	**Imperativo Afirmativo**	**Imperativo Negativo**
Eu **Não há**			
Tu explodes		explode	
Ele explode		**Não há**	
Nós explodimos	**Não há**	**Não há**	**Não há**
Vós explodis		explodi	
Eles explodem		**Não há**	

→ Nos demais tempos, a conjugação é NORMAL.

Grupo II

Somente são conjugados nas formas arrizotônicas.

Deste grupo fazem parte os seguintes verbos:

1ª conjugação: ADEQUAR, ANTIQUAR.

Adequar			
Presente do Indicativo	**Presente do Subjuntivo**	**Imperativo Afirmativo**	**Imperativo Negativo**
Não há Não há **Não há** Nós adequamos Vós adequais **Não há**	**Não há**	Não há **Não há** **Não há** adequai **Não há**	**Não há**

→ Nos demais tempos, a conjugação é NORMAL.

Pode ser conjugado como verbo pronominal: adequamo-nos, adequais-vos.

2ª conjugação: PRECAVER-SE, REAVER

Precaver			
Presente do Indicativo	**Presente do Subjuntivo**	**Imperativo Afirmativo**	**Imperativo Negativo**
Não há Não há **Não há** Nós precavemo-nos Vós precaveis-vos **Não há**	**Não há** **Não há**	Não há **Não há** **Não há** precavei-vos vós	**Não há**

→ Nos demais tempos, a conjugação é **normal**; nos tempos em que ele não é conjugado, pode ser substituído por: **acautelar-se, prevenir-se, precatar-se.**

→ Será oportuno lembrar que **«precaver-se»** não é composto nem de **«ver»**, nem de **«vir»**, sendo errôneas formas como «precavejo», «precavê», «precaveja», «precavenho», «precavenha» etc.

Reaver			
Presente do Indicativo	**Presente do Subjuntivo**	**Imperativo Afirmativo**	**Imperativo Negativo**
Não há Não há **Não há** Nós reavemos Vós reaveis **Não há**	**Não há**	Não há **Não há** **Não há** reavei vós **Não há**	**Não há**

→ Nos demais tempos, a conjugação é **normal**. Nos tempos em que ele não é conjugado, pode ser substituído por: **recuperar, readquirir, recobrar**.

→ Costuma-se também ensinar que o verbo **reaver** se conjuga apenas nas formas em que **haver** tem a letra **«v».**

→ Convém lembrar que o **Pretérito Perfeito do Indicativo** de **reaver** é: eu **reouve**, tu **reouveste**, ele **reouve** etc.

→ **Fut. do Subj.:** quando eu **reouver**, quando tu **reouveres**, quando ele **reouver**, quando nós **reouvermos**, quando vós **reouverdes**, quando eles **reouverem**.

3ª conjugação: adir, aguerrir, combalir, florir, fornir, **falir**, embair, empedernir, lenir, remir, **ressarcir**, ressequir, renhir, transir.

Falir			
Presente do Indicativo	**Presente do Subjuntivo**	**Imperativo Afirmativo**	**Imperativo Negativo**
Não há Não há **Não há** Nós falimos Vós falis **Não há**	**Não há**	Não há **Não há** **Não há** fali **Não há**	**Não há**

→ Nos demais tempos, a conjugação é **normal**.

→ Costuma-se também ensinar que tais verbos somente são conjugados **nas formas em que aparece «l» depois do radical,** ou seja, nas formas **arrizotônicas.**

Grupo III (Unipessoais)

Deste grupo fazem parte verbos defectivos que só podem ser conjugados nas **3as pessoas** (singular e plural). São **unipessoais:**

a) **Grassar, importar** (ser conveniente), **pesar** (causar mágoa), **constar** (ser notório), **acontecer, ocorrer, suceder** (acontecer), **prazer, doer.**

Prazer			
Presente do Indicativo	**Pret. Imperf. Indicativo**	**Pret. Perf. Indicativo**	**Presente do Subjuntivo**
praz **prazem**	prazia praziam	**prouve** **prouveram**	praza prazam

Observação:

Do verbo **«prazer»,** derivam-se **aprazer** e **comprazer** — que são conjugados em todas as pessoas.

O verbo **comprazer** torna-se abundante (forma dupla) no **Pretérito Perfeito do Indicativo** e nos tempos dele derivados:

Pretérito Perfeito do Indicativo	
comprazi	comprouve
comprazeste	comprouveste
comprazeu	comprouve
comprazemos	comprouvemos
comprazestes	comprouvestes
comprazeram	comprouveram

b) Verbos que indicam vozes de animais: **latir, miar, zurrar, ganir, crocitar, coaxar, piar** etc.

Latir		
Presente do Indicativo	**Pret. Perf. Indicativo**	**Presente do Subjuntivo**
late latem	latiu latiram	lata latam

Grupo IV (Impessoais)

Neste grupo estão incluídos os verbos que **ficam imobilizados na 3ª pessoa do singular**, pois não se referem a nenhum sujeito. Também são chamados de **impessoais**.

Podem ser assim distribuídos:

a) Verbos que indicam **fenômenos meteorológicos:** Chover, nevar, trovejar, ventar, gear etc.

Exemplos:

Trovejou muito ontem.

Afirmaram que **choverá** muito.

b) O verbo **HAVER** com o sentido de **existir:**

Haverá aulas todos os dias.

Na sala **havia** muitas pessoas.

c) O verbo **FAZER** indicando **decorrência de tempo** ou **temperatura.**

Faz dois dias que chegaram.

Ontem **fez** 20ºC.

Considera-se à parte o verbo SOER (costumar, ter por hábito), cuja conjugação é a seguinte:

Presente do Indicativo: sois, sói, soemos, soeis, soem.

Pret. Imperf. do Indic.: soía, soías, soía, soíamos, soíeis, soíam.

Particípio: soído

Exemplo:

Isto soía acontecer antigamente.

• É inusitado nas demais formas. Nas formas vigentes, segue o verbo **moer.**

Verbos anômalos

São os que apresentam profundas alterações no radical durante a conjugação.

Estão nessa categoria os verbos **SER** e **IR**, pois suas formas provêm de três radicais distintos:

SER < ESSE, SEDERE, FUGERE

IR < VADERE, IRE, FUGERE

Por isso, torna-se fácil compreender que as formas do verbo **SER** em **«e»**:

era, **e**ram, provêm de ESSE

em **«s»:**

sou, **s**eremos, provêm de SEDERE

em **«f»**:

foi, **f**oram, provêm de FUGERE

As formas do verbo **IR** em «i»:

ia, **i**rei, provêm de IRE

em **«v»:**

vamos, **v**ades, provêm de VADERE

em **«f»:**

fui, **f**ôramos, provêm de FUGERE

→ Do radical **sedere** é retirado o Imperativo Afirmativo do verbo SER:

sê tu
sede vós

SER

Indicativo					
Presente	**Pret. Perf.**	**Pret. Imp.**	**Mais-que-Perfeito**	**Fut. Pres.**	**Fut. Pret.**
sou	fui	era	fora	serei	seria
és	foste	eras	foras	serás	serias
é	foi	era	fora	será	seria
somos	fomos	éramos	fôramos	seremos	seríamos
sois	fostes	éreis	fôreis	sereis	seríeis
são	foram	eram	foram	serão	seriam

Subjuntivo		
Presente	**Pret. Imp.**	**Futuro**
seja	fosse	for
sejas	fosses	fores
seja	fosse	for
sejamos	fôssemos	formos
sejais	fôsseis	fordes
sejam	fossem	forem

Afirmativo	**Negativo**
sê tu	não sejas tu
seja você	não seja você
sejamos nós	não sejamos nós
sede vós	não sejais vós
sejam vocês	não sejam vocês

Exercícios

1) Preencha as lacunas com os verbos indicados entre parênteses:

a) Se nós nos .... amanhã, conversaremos sobre as férias. (ver)

b) Se os Estados Unidos .... na guerra, haveria protestos no mundo todo. (intervir)

c) Quando nós .... as aulas, ficaremos em dia com a matéria. (repor)

d) Quem ...... o contrário, cometerá um engano. (supor)

e) Ontem, os palhaços ...... as crianças durante horas. (entreter)

f) Ele .... na discussão, mas se saiu mal. (intervir)

g) Resolva o problema quando .... razões ponderáveis ou quando isso lhe .... (ver — convir)

h) Se eles .... os motivos, todos aceitarão a proposta. (expor)

2) Preencha as lacunas com o Presente do Subjuntivo do verbo indicado entre parênteses:

a) É urgente que eles .... o passaporte ainda esta semana. (requerer)

b) É urgente que este grupo .... às nossa idéias. (aderir)

c) Talvez todas as crianças .... neste quarto. (caber)

d) É necessário que seu argumento .... (valer)

e) Eles duvidam de que nós .... a casa. (prover)

f) É fundamental que você .... o dinheiro perdido. (reaver)

g) É muito importante que você ..... as plantas de manhã. (aguar)

h) Ainda que eles .... os resultados, tornarei a fazê-lo. (averiguar)

i) Por mais que você se .... , essa viagem é muito perigosa. (precaver)

3) Preencha as lacunas das frases abaixo com o verbo indicado entre parênteses

a) Se nós .... todos nossos bens, deixaríamos de importuná-los. (reaver — Imperf. Subj.)

b) Eu não .... uma figa! (valer — Pres. Ind.)

c) .... você os fatos com exatidão. (averiguar — Imper. Afirm.)

d) Adalberto .... a casa que havia perdido. (reaver — Pret. Perf. Ind.)

e) O empregado .... a despensa de todos os mantimentos necessários. (prover — Pret. Perf. Ind.)

f) Ele se .... para a morte, confessando-se. (precaver — Pret. Perf. Ind.)

g) Eu não .... nesta poltrona. (caber — Pres. Ind.)

h) Sempre que eu .... a um projeto seu, não sou bem-sucedido. (aderir — Pres. Ind.)

4) Conjugue os verbos ver e vir no Futuro do Subjuntivo.

	VER
Quando ou se	eu ....
	tu ....
	ele ....
	nós ....
	vós ....
	eles ....

	VIR
Quando ou se	eu ....
	tu ....
	ele ....
	nós ....
	vós ....
	eles ....

5) Siga o modelo:

a) Mantendo o preço, alugarei a casa.

Se eu mantiver o **preço, alugarei a casa.**

b) Sobrevindo imprevistos, não ficarei em Curitiba.

....

....

c) Transpondo os termos, deixarei a frase mais elegante.

....

....

d) Contendo meus instintos, deixá-la-ei em paz.

....

....

e) Prevendo os gastos, ficarei mais tranqüilo.

....

....

Questões discursivas

1. (CEFET-PR) Nas questões a e b, indique as formas dos verbos entre parênteses que completam corretamente as lacunas:

a) Se .... de tempo, ajudá-los-emos. **(dispor)**

Não .... naquilo que não lhe diga respeito. (**intervir**)

b) Pagar-te-ei somente quando ...... o livro que encomendei. **(trazer** — 2ª p. do sing.)

O delegado .... todos os envolvidos no conflito. **(deter** — Pret. Perfeito do Indicativo)

2. (FUVEST) Complete com a forma verbal indicada:

a) Eu nunca .... contratos já assinados. **(desfazer** — Pres. Ind.)

b) Se tuas propostas ...., serás contratado. **(satisfazer** — Fut. Subj.)

c) Vós .... e .... eternamente o mesmo trabalho? **(fazer** e **refazer** — Pres. Ind.)

d) Sua dívida já .... trezentos mil cruzeiros. (**perfazer** — Pret. Mais-que-Perfeito do Ind.)

3. (UNICAMP-SP) Pôr os verbos seguintes no Presente do Subjuntivo, começando as frases com as palavras: É preciso que nós.

1. Nascer. R.: ....
....

2. Ver. R.: ....
....

3. Divertir-se. R.: ....
....

4. Cantar. R.: ....
....

4. (UCS-RS) Complete as lacunas com os verbos intervir **e** deter **no Pretérito Perfeito do Indicativo:**

A polícia .... no assalto e .... os ladrões.

5. (FUVEST) Escreva as formas dos verbos indicados que preenchem corretamente as lacunas:

a) Quando eu .... os livros, nunca mais os emprestarei. (reaver)

b) Os alienados sempre .... neutros. (manter-se)

c) As provas que .... mais erros seriam comentadas. (conter)

d) Quando ele .... uma canção de paz, poderá descansar. (compor)

6. (FUVEST) Reescreva as frases abaixo, obedecendo ao modelo:

Modelo:

«Se ele voltou cedo, eu também voltei.

Se ele voltar cedo, eu também voltarei.»

a) Se ele viu o filme, eu também vi.

....
....

b) Se tu te dispuseste, eu também me dispus.

....
....

7. (CÁSPER LÍBERO-SP) Está correto o texto: «Quando Carlos soube que o Delegado nos detera, veio logo.» Por quê?

....
....

8. (CEFET-PR) Utilizando o verbo dos parênteses, preencha as lacunas dos períodos com o tempo, pessoa e número adequados:

a) É conveniente que te .... (aprazer) o trabalho.

b) Agora que a mulher o abandonou, é ele mesmo quem .... (frigir), todos os dias, os bolinhos para os filhos.

c) .... (pôr) as barbas de molho. A polícia está te procurando.

9. (FEI-SP) «Pôs-se **a correr como pôde.» Fazendo as necessárias adaptações, reescreva a frase com o verbo destacado no:**

a) Presente do Indicativo.

b) Futuro do Presente do Indicativo.

c) Futuro do Pretérito do Indicativo.

....
....
....

10. (CEFET-PR) Substitua o negrito pela palavra dos parênteses, flexionando-a no mesmo modo, tempo e pessoa.

a) Leônidas e seus soldados **barravam** o avanço das tropas de Ciro. (deter)

....
....
....

b) Os animais **pressentiram** a catástrofe. (prever)

....
....
....

c) A polícia recuperou as jóias. (reaver)

....

....

d) Amigos, **arranjemos** alimentos para o longo inverno. (prover)

....

....

Testes

1. (PUC-MG) Assinale a opção que preenche corretamente os pontilhados:

Os interessados serão atendidos se ....

a) requererem.

b) requeriam.

c) requerer.

d) requiserem.

e) requeiram.

2. (UFPR)

1. Desconfia de quem .... muito dinheiro.

2. Felizes os que .... saúde.

3. Quem .... de São Paulo?

4. Os animais .... mesmo no escuro.

5. Eles não .... hoje.

a) têm, tem, vêm, vêem, vêm.

b) têm, têm, vêm, vêem, vêm.

c) tem, tem, vem, veem, vem.

d) tem, têm, vem, vêem, vêm.

e) tem, tem, vem, vem, vêm.

3. (UFPR)

«Se todos .... o que já perderam, talvez não cuidassem do que.............».

a) reavessem — têm.

b) reovessem — têm.

c) reouvessem — têm.

d) rehavessem — têem.

e) rehouvessem — tem.

4. (UFPR) Na frase seguinte, faltam os verbos fazer **e** querer **no imperativo. Qual a alternativa que preenche as lacunas com as palavras adequadas?**

—«Não .... aos outros o que não .... que vos façam.»

a) fazei — quereis.

b) faça — quer.

c) façais — quereis.

d) façam — querem.

e) faze — queres.

5. (UFPR)

1. Se vocês .... alguma dificuldade, avisem.

2. Não podemos fazer só o que nos ....

3. Talvez, eu o .... de ir ao colégio.

a) preverem — apraz — impeça.

b) preverem — apraza — impeça.

c) previrem — apraze — impeça.

d) previrem — apraz — impeça.

e) previrem — apraza — impeça.

6. (UEL-PR)

Foi preciso que eu .... para que eles .... a calma, sem se .... um com o outro.

a) intervisse — mantivessem — indisporem.

b) interviesse — mantivessem — indisporem.

c) interviesse — mantessem — indisporem.

d) intervisse — mantivessem — indispuserem.

e) interviesse — mantessem —" indispuserem.

7. (PUC-MG) Observe:

Atender, eu atendo ....

Precaver, eu ....

Reaver, eu ....

Polir, eu ....

Abolir, eu ....

Requerer, eu ....

— Quantos períodos não podem ser completados de maneira análoga?

a) quatro.

b) três.

c) dois.

d) todos.

e) um.

8. (PUC-MG) Complete seguindo o exemplo: Andar, eles andaram.

1. Intervir, eles ....
2. Prever, eles ....
3. Reaver, eles ....
4. Trazer, eles ....
5. Prover, eles ....

a) intervêm, prevêem, reouveram, trouxeram, proviram.

b) intervieram, previram, reouveram, trouxeram, proveram.

c) intervêm, preverão, reaviam, trazem, proveram.

d) interviram, previram, reouveram, trouxeram, prouveram.

e) interviram, previam, reaviam, traziam, proviam.

9. (UEPG-PR) Se nós o .... em Paris, poderemos dar-lhe o recado.

a) veríamos.

b) víssemos.

c) viermos.

d) vermos.

e) virmos.

10. (UEL-PR) Não sei que conseqüências .... se ele não .... o carro na faixa.

a) adveria — detesse.

b) adviria — detivesse.

c) adveriam — detesse.

d) adviriam — detivesse.

e) adviriam — detesse.

11. (UFPR) Na frase abaixo, faltam os verbos trazer **e** saber**; qual a alternativa correta para as respectivas lacunas?**

—«Uma vez que fui eu quem .... esta novidade para cá, ... todos que ela será de minha exclusiva distribuição na praça.»

a) trazi — saberão.

b) trouxe — sabiam.

c) truxe — sabem.

d) trousse — saibam.

e) trouxe — saibam.

12. (MACK-SP) Assinale a alternativa em que não há erro no emprego da forma verbal:

a) Se nós requiséssemos, seríamos atendidos.

b) Ceiemos hoje com nossos amigos.

c) Não nos convém tais atitudes.

d) Quando tu repuseres as aulas, avisa-me.

e) Ontem ninguém pode comparecer.

Para resolver as questões 13 a 15, assinale as alternativas e some seus valores.

13. (FAAP-SP) Assinale a(s) alternativa(s) em que as formas verbais estão corretas:

1. Não se preocupes se precisar de mais material.

2. É necessário que você reaveja aquele dinheiro.

4. Creia em ti; mas nem sempre duvides dos outros.

8. Peça, se necessário, e faças o trabalho com calma.

16. As linhas convirgem para um ponto e depois se esvaem no infinito.

32. Sempre que há vagas, afluem candidatos que provêm de todos os lugares do Brasil.

14. (UEPG-PR) Assinale a(s) alternativa(s) correta(s):

1. Não odeie teu semelhante!
2. Não odies teu semelhante!
4. Ama o seu próximo como a si mesmo!
8. Ame a seu próximo como a si mesmo!
16. Ame a teu próximo como a ti mesmo!
32. Amamos o nosso próximo como a nós mesmos!

15. (UFMG) Aponte a(s) alternativa(s) em que o verbo reaver está correto:

1. É importante que você reavenha o conceito.

2. É importante que você reaveja o conceito.

4. É importante que nós reavamos o conceito.

8. É importante que você reaja o conceito.

16. É importante que vós reajais o conceito.

32. É importante que vocês reavenham o conceito.

64. É importante que eu reavenha o conceito.

16. (FUVEST) «Se ele .... (ver) o nosso trabalho, ... (fazer) um elogio.»

Assinale a alternativa em que as formas dos verbos **ver** e **fazer** preencham corretamente as lacunas da frase acima:

a) ver — fará.

b) visse — fará.

c) ver — fazerá

d) vir — fará.

e) vir — faria.

Respostas da unidade 16 — Verbos

Exercício — pág. 199

— aceitado/aceito; entregado/entregue; expressado/expresso; expulsado/expulso; isentado/isento; fritado/frito; frigido/frito; limpado/limpo; matado/morto; pegado/pego; salvado/salvo; soltado/solto; acendido/aceso; benzido/bento; elegido/eleito; prendido/preso; suspendido/suspenso; imprimido/impresso; submergido/submerso; gasto; pago; ganho; escrito; posto; aberto; bem-querido/benquisto; coberto; malquerido/malquisto; enxugado/enxuto; incorrido/incurso; vindo; extinguido/extinto.

Exercícios — pág. 202

1) IR— IMPERATIVO Afirmativo: vai, vá, vamos, ide, vão. Negativo: vás, vá, vamos, vades, vão.

2) a) vir b) tiveres c) revir d) puser e) detiver f) for g) provier h) for i) fizeres j) puder l) fores m) quiserem n) reouver o) proverem

3) a) remunerar-se-ão... b) Abriram-se... c) Lançar-se-ia... d) Vendem-se... e) Aqui se dão...

4) a) tinha sido improvisada b) estavam sendo reduzidas c) podia ser sentido

5) a) tinham corrido... b) tem amado c) há de (me) amar-me

6) a) falemos b) vendas c) partam d) façais e) possa f) saia g) nasçais h) solicitemos

7) a) saia b) compremos c) vá d) saibamos e) morrais f) assumamos g) faça

8) a) beija b) adquiramos c) parti d) abraça e) possamos f) repreendei

9) a) Não saias... b) Não digais... c) Não faças... d) Não partas... e) Não comais... f) Não penses...

10) a) incorrido b) enxutas/enxugado c) isentas/isentado d) entregues/entregado e) pegas/pegado

Questões discursivas — pág. 204

1) a) vier b) revir c) deteve d) põem e) se entretém
2) chorai, se tendes, tendes, ride-vos.
3) não cuides que te. . .; vem.
4) Não saias! Não fujas! Não abandones... e não me esqueças.
5) a) abençoe b) ouça c) proteja
6) a) pusesse b) virem
7) nomearam-na tutora.
8) a) A emoção do povo era disfarçada pela impassividade dos rostos. b) Os viajantes eram assustados pela negrura da noite.
9) ...eu era repreendido,..., (isto) era feito por...
10) Se o ruído da vaga fosse ouvido pelos filhos dos pescadores, o rangido... seria escutado por mim.
11) a) mantiver b) interveio
12) Vendiam-se relógios...

Testes — pág. 205

1 - b
2 - b
3 - e
4 - c
5 - d
6 - e
7 - a
8 - a
9- c
10- b
11- 04
12- 08
13 - 59

Exercícios — pág. 214

1) a) desse, déssemos, désseis, dessem.
   b) mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobíliam.
   c) magoas, magoa, magoamos, magoais, magoam.
   d) apiado-me, apiadas-te, apiada-se, apiedamonos, apiedais-vos, apiadam-se.
   e) odiaras, odiara, odiáramos, odiáreis, odiaram.
2) anseio, ceemos, anunciemos, remedeiem, odeie, pleiteamos.
3) incendeio, incendeias, incendeia, incendiamos, incendiais, incendeiam.
   odeie, odeies, odeie, odiemos, odieis, odeiem
   hasteio, hasteias, hasteia, hasteamos, hasteais, hasteiam.
   ceie, ceies, ceie, ceemos, ceeis, ceiem.
   apaziguo, apaziguas, apazigua, apaziguamos, apaziguais, apaziguam.
   averigúe, averigúes, averigúe, averigüemos, averigüeis, averigúem.
4) B, E, D, C, A
5) C, E, C, E, C, C, E, C
6) a) rever b) agradar c) facult.
7) B, A, A, C, C

Questões discursivas — pág. 215

1) Apiado-me; tomo-a... vou depô-la...
2) enriquecera: Mais-que-perfeito Simples do Indic. tinha tido: Mais-que-perfeito Composto do Indic.
3) a) explicara b) convivi c) mudou
4) a) Mais-que-perf. Simples Indic. b) tinha dado c) expressa fato anterior a outro que também é passado.
5) a) Isso fê-las cair. b) Deixaram-nos sair.
6) averigúe, trouxe, Mantém, Põe.

Testes — pág. 216

1 - b
2 - e
3 - b
4 - a
5 - c
6 - c
7 - c
8 - a
9- b
10- c
11- e
12- d
13 - 52
14 - 91

Exercícios — pág. 226

1) a) virmos b) interviessem c) repusermos d)supuser e) entretiveram f) interveio g) vir h) expuserem
2) a) requeiram b) adira c) caibam d) valha e) provejamos f) (**recupere**) g) ágüe h) averigúem (**previna**)
3) a) reouvéssemos b) valho c) Averigúe d) reouve e) proveu f) precaveu g) caibo h) requeiro i) adiro.
4) VER—vir, vires, vir, virmos, virdes, virem. VIR—vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.
5) b) Se sobrevierem... c) Se transpuser... d) Se contiver... e) Se previr...

Questões discursivas — pág 227

1) a) dispusermos; intervenha b) trouxeres; deteve.

2) desfaço; satisfizerem; fazeis e refazeis; perfizera.

3) nasçamos, vejamos, nos divirtamos, cantemos.

4) interveio, deteve.

5) reouver, se mantiveram, contivessem, compuser.

6) a) Se ele vir... verei. b) Se tu te dispuseres... disporei.

7) Não. **Detivera** (mais-que-perf.).

8) apraza, frege, põe.

9) a) põe-se... pode; b) por-se-á... puder; c) por-se-ia .. pudesse.

10) detinham, previram, reouve, provejamos.

Testes — pág. 229

1 - a
2 - d
3 - c
4 - c
5 - d
6 - b
7 - b
8 - b
9- e
10- d
11- e
12- d
13 - 32
14 - 08
15 - 00
16 - d

TESTE 4 — pela pergunta não há resposta; pelas alternativas é a c.

PORTUGUÊS

Sintaxe

Termos integrantes da oração: objetos, predicativos, Complemento nominal e agente da passiva

Prof.ª Isabel Vega

➢ Transitividade verbal

a) **Verbos intransitivos** -> são aqueles que **não** pedem complementos de base substantiva.

Ex.: Maria viajou.

(VI)

Maria viajou para São Paulo, a negócios, ontem, de avião...

adjuntos adverbiais

b) **Verbos transitivos** -> são aqueles que pedem complementos de base substantiva.

Termos integrantes

Maria comprou [um vestido] [para sua irmã].

(VT)

I – Objeto direto e indireto (termos substantivos)

Maria comprou [um vestido] [para sua irmã].

(VTDI) obj. direto obj.indireto

OBS.1: [O filho] [ama] [aos seus pais].

(VTD) obj.direto preposicionado

OBS.2: [A mãe] [ama] – [a] [o menino].

OD VTD obj.direto pleonástico

Termos integrantes

II – Predicativo do sujeito e do objeto –> são termos de base adjetiva que caracterizam um núcleo substantivo, mas não integram o mesmo sintagma.

OBS.: Os verbos de ligação (ser, estar, parecer, permanecer, ficar, tonar-se, continuar...) só são assim denominados caso venham seguidos de termos adjetivos, os predicativos do sujeito, compondo o predicado nominal.

Ex.1: [Maria] [ficou] [decepcionada]. Pred. Nominal

(VL) predicativo do sujeito

Termos integrantes

Ex.2: [Maria] [ficou] [em casa] [no sábado] Pred.Verbal
(VI) adj.adv. adj.adv.

Ex.3: [Maria] [saiu] [de casa] [decepcionada] Pred. Verbo-nominal
(VI) adj.adv pred.do sujeito

Ex.4: [A menina] [achou] [a prova] [difícil]. PVN
VTD OD pred. do objeto

OBS.: Verbos transitivos predicativos são aqueles que pedem objeto e predicativo do objeto; normalmente estão associados a emissão de juízo de valor ou mudança de estado -> achar, considerar, julgar, eleger, nomear...

Termos integrantes

Ex.: [Fez] [de um monte de lixo] [uma obra de arte].

objeto indireto pred. Do objeto

III – Complemento nominal–> é uma função sintática que se caracteriza por estar sempre iniciada com preposição e completar adjetivos, advérbios e substantivos abstratos. Vale ressaltar que existe uma relação de transitividade entre o núcleo e seu respectivo complemento nominal.

Ex.1: [O moço] [queria realizar] [seus projetos].

VTD) OD (complemento verbal)

Termos integrantes

Ex.1: [O moço] [queria] [a realização] [de seus projetos].

(VTD) obj.direto complemento nominal

OBS.: “ Realizar’’ e “ realização’’ são palavras transitivas.

Ex.2: [Esta planta] [resiste] [ao frio].

(VTI) objeto indireto

[Esta planta] [é] [resistente] [ao frio].

(VL) pred.suj. complemento nominal

Termos integrantes

Ex.3: [Moro] [longe] [do trabalho].

(VI) adj.adv. complemento nominal

Ex.4: O amor [do filho] [pela mãe] é imenso.

↓

(amar)

IV – Agente da passiva –> é o complemento que, na voz passiva com auxiliar, designa o ser que pratica a ação sofrida ou recebida pelo sujeito, vem sempre precedido de preposição (**por** ou **de**).

Termos integrantes

Ex.1: [O jornal] [é lido] [por muitas pessoas].

sujeito paciente

locução verbal de voz passiva

agente da passiva

Ex.2: [A cidade] [está cercada] [de policiais].

sujeito paciente

locução verbal passiva

agente da passiva

one

CURSO ONE

Aluno(a): Matrícula:

Data: Turma: Bimestre:

Professor(a): Disciplina: Nota:

Geral - Linguagens (Regência Verbal) 18/06/2020

PORTUGUÊS

LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS

TEXTO BASE 1

Leia o TEXTO para responder à questão.

TEXTO
DISSONÂNCIAS DO PROGRESSO

(1) O que é progresso? Para alguns teóricos, apenas uma palavra que não passa de um slogan, um clichê ou, no máximo, um mito; pode ser também uma crença, jamais um conceito. Para ganhar estatuto de "conceito" universal, o termo apoia-se em outras palavras em busca de legitimidade e, assim, passa de relativo a absoluto: progresso e democracia, progresso e liberdade, progresso e desenvolvimento. Pior: até mesmo ações de caráter belicista recorrem à ideia de guerra como movimento indispensável a um futuro de progresso radioso.

(2) Afinal, o que legitima o progresso hoje? A impressionante herança deixada pelas inúmeras formas do progresso da ciência e da técnica é incontestável: o mundo ganhou, mas também perdeu. Transformação radical das ideias de espaço e tempo, avanços na medicina e na biologia que nos preservam de muitos males – progresso com inegáveis e perenes benefícios para a humanidade –, mas, em contrapartida, um progresso que cria rigor, velocidade, precisão da relação do homem com o meio físico, desaparecimento do vago e do lento, hábitos dominados por métodos positivos governados pelas máquinas, modo científico de existência ao qual "os espíritos se acostumam rapidamente, ainda que insensivelmente", enquanto as relações do homem com o homem permanecem, como observa o poeta e filósofo Paul Valéry, "dominadas por um empirismo detestável que evidencia até mesmo, em diversos pontos, uma sensível regressão".

(3) Se a ciência do Iluminismo permitiu o alargamento da percepção do mundo e da vida ao destruir uma quantidade enorme de certezas, em contrapartida, as ideias de progresso, aliadas à racionalidade técnica, destroem uma das grandes invenções da humanidade – a dúvida – ao recriarem e reporem o mito da certeza. O mito do progresso é uma dessas novas certezas. Basta ouvir os discursos de políticos, financistas, tecnocratas e até mesmo de intelectuais ilustrados. No ensaio "O mito moderno do progresso", Jacques Bouveresse leva-nos a pensar que a ideia de progresso resume dois dos mais terríveis problemas da atualidade, sintetizados por Georg von Wright como o mito da autoridade e o império da fala: "um discurso", escreve Bouveresse, "que se pode considerar como mais ou menos dispensado da argumentação, que se autolegitima e cujo protótipo é a fala que emana do fundamentalismo religioso ou da ditadura política".

(4) Em seu pouco conhecido Cahier B, de 1910, Valéry alia a revolução tecnológica à dissolução das tradições comuns e da crença nos mesmos valores com o nascimento das grandes cidades no século XIX: "o civilizado das grandes cidades volta ao estado selvagem, isto é, isolado, porque o mecanismo social lhe permite esquecer a necessidade da comunidade e leva à perda do sentimento de laço entre os indivíduos, antes despertados incessantemente pela necessidade. Todo o aperfeiçoamento da mecânica social torna inúteis atos, maneiras de sentir, aptidões à vida comum". Esse indivíduo isolado tende a perder as memórias coletivas e os imaginários sociais, abrindo espaço para o que Musil definiu como "egoísmo organizado". As pulsões egoístas, segundo ele, resultam do progresso material e da desordem social.

(5) Podemos complementar essa ideia de pulsões egoístas com a análise de Engels sobre o homem das grandes cidades em "A situação da classe operária na Inglaterra", em que se lê que, para realizar os progressos da civilização, os homens sacrificam o melhor de si: "As cem forças que dormem neles permanecem inativas e abafadas para que apenas algumas possam se desenvolver […]. E mesmo sabendo que esse isolamento do indivíduo e seu egoísmo são em todo lugar o princípio fundamental da sociedade atual, em nenhum lugar eles se manifestam com uma impudência, uma segurança tão total quanto aqui, precisamente na multidão da grande cidade. A desagregação da humanidade em mônadas na qual cada uma tem um princípio de vida e um fim particular, esta atomização do mundo é, aqui, levada ao extremo".

(6) Assim, com as promessas da ciência e da técnica que jamais se realizam (sempre uma espera), o progresso entra em eterno processo, linear e infinito, mas também mecânico e circular, criando as próprias condições de perpetuação. É desse movimento infinito que ele se alimenta: diante de problemas criados pelo progresso, inventa-se uma nova forma de progresso que permite "superar" os problemas criados.

NOVAES, Adauto. Dissonâncias do progresso. Disponível em:< https://diplomatique.org.br/dissonancias-doprogresso/>. Acesso em: 10 out. 2018 (adaptado).

Questão 1 **(IFPE)**

PARA RESPONDER À QUESTÃO, LEIA O TEXTO BASE 1

Em relação à regência nominal e verbal e ao emprego do acento grave indicativo de crase, analise as proposições a seguir.

I. Em: "**recorrem** à **ideia** de guerra" (1º parágrafo), a transitividade do primeiro termo destacado e a necessidade de um determinante no segundo exigem a utilização do acento grave indicativo de crase no trecho.
II. Em: "**aptidões** à vida comum" (4º parágrafo), o acento grave indicativo de crase poderia não ter sido utilizado devido ao termo em destaque estar no plural.
III.No trecho: "alia **a** revolução tecnológica **à** dissolução" (4º parágrafo), a transitividade verbal, nesse contexto, exige que apenas o segundo termo em destaque receba o acento grave indicativo de crase.
IV.No trecho: "**leva à perda** do sentimento de laço entre os indivíduos" (4º parágrafo), a crase ocorreu pela presença de termo que exige a preposição "a" e palavra feminina determinada pelo artigo "a".
V. Em: "**aliadas** à racionalidade técnica" (3º parágrafo), o acento grave indicativo de crase foi utilizado pela mesma razão que em "**recorrem** à ideia" (1º parágrafo), ou seja, pelos verbos destacados ligaremse, pela preposição "a", aos complementos regidos, que são determinados pelo artigo "a".

Estão CORRETAS, apenas, as proposições

ⓐ II, III e V.
ⓑ I, II e V.
ⓒ III, IV e V.
ⓓ I, II e IV.

ⓔ I, III e IV.

Questão 2 **(EAM)**

Textos para responder à questão.

Texto 1

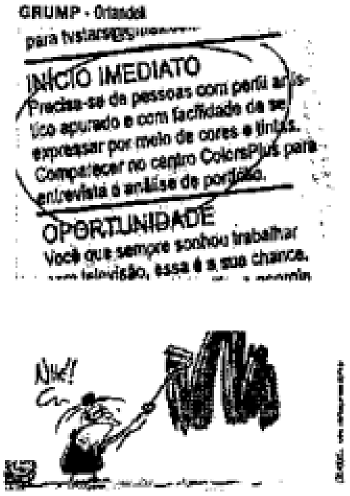
GRUMP - Orlandeli

para tvstars@[illegible]

INÍCIO IMEDIATO
Precisa-se de pessoas com perfil artístico apurado e com facilidade de se expressar por meio de cores e tintas. Comparecer no centro ColorsPlus para entrevista e análise de portfólio.

OPORTUNIDADE
Você que sempre sonhou trabalhar com televisão, essa é a sua chance.

Texto 2

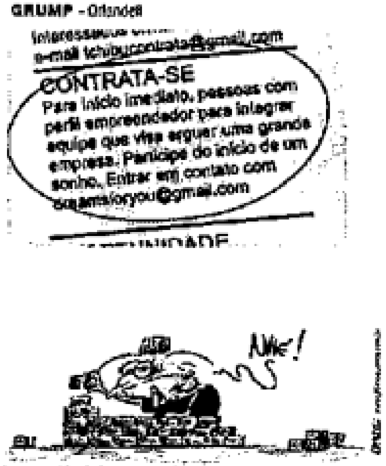
GRUMP - Orlandeli

Interessados [illegible]
e-mail [illegible]contrata@gmail.com

CONTRATA-SE
Para início imediato, pessoas com perfil empreendedor para integrar equipe que visa erguer uma grande empresa. Participe do início de um sonho. Entrar em contato com [illegible]foryou@gmail.com

http://ultimaquimera.com.br/tag/
classificados- Acesso em
15 nov.2018
<http://ultimaquimera.com.br/tag/
classificados-%20Acesso%20em
%2015%20nov.2018>.

Analise as afirmativas abaixo.

I- Há um desvio na concordância da seguinte passagem do texto 1: "Precisa-se de pessoas com perfil artístico[...]."

II- A fim de respeitar a norma-padrão, o anúncio do texto 2 deveria ser escrito da seguinte forma: Contratam-se pessoas com perfil empreendedor.

III- No que se refere à regência, a substituição de ""Comparecer no centro Colors Plus" (Texto 1) por "Comparecer ao centro Colors Plus" acarretaria um desvio, segundo a modalidade padrão da língua.

Assinale a opção correta.

- ⓐ Apenas as afirmativas I e II são verdadeiras.
- ⓑ Apenas as afirmativas II e III são verdadeiras.
- ⓒ Apenas as afirmativas I e III são verdadeiras.
- ⓓ Apenas a afirmativa III é verdadeira.
- ⓔ Apenas a afirmativa II é verdadeira.

Questão 3 **(EEAR)**

Leia:

I – Fábio aspirou o perfume das flores.
II – O candidato aspirava a tal vaga do processo seletivo.

Em função da regência do verbo "aspirar", considerando a norma gramatical, marque a alternativa correta.

- ⓐ As sentenças I e II estão corretas, porém, em II, é possível apagar a preposição "a", posposta ao verbo "aspirava", mantendo a correção gramatical e o sentido do enunciado.
- ⓑ A sentença I está correta. A sentença II apresenta erro de regência percebido pela presença da preposição "a", indevidamente colocada após o verbo.
- ⓒ As sentenças I e II estão corretas. Ambas as regências do verbo "aspirar" estão de acordo com a norma gramatical.
- ⓓ Somente a sentença II está correta. Houve erro de regência verbal na sentença I.

TEXTO BASE 2

Texto referente a questão.

Antigamente, você
chegava na casa das
pessoas e pedia um
copo d'água. Hoje
você pede a senha
do Wi-Fi

Questão 4 **(CN)**

PARA RESPONDER À QUESTÃO, LEIA O TEXTO BASE 2

Assinale a opção que NÃO apresenta um desvio da modalidade padrão quanto à regência verbal.

- ⓐ Leandro, sempre agradeça aos amigos a cessão da senha do *Wi-fi.*
- ⓑ Os adolescentes aspiram o uso da internet o dia todo, em todo lugar.
- ⓒ Não perdoaremos as funcionárias que utilizarem o *Wi-fi* na reunião.
- ⓓ Muitas pessoas desfrutam do *Wi-fi* alheio sem a menor cerimônia.
- ⓔ Todos vocês lembram sempre da senha do *Wi-fi* da minha casa?

TEXTO BASE 3

Leia o texto a seguir, que traz um verbete, gênero textual presente na esfera didática e instrucional, a fim de responder à questão.

TEXTO

Resiliência
re·si·li·ên·ci·a
sf
1 FÍS. Elasticidade que faz com que certos corpos deformados voltem à sua forma original.
2 FIG. Capacidade de rápida adaptação ou recuperação.

(Fonte: http://michaelis.uol.com.br/busca?id=0LE9G)

Questão 5 **(IFAL)**

PARA RESPONDER À QUESTÃO, LEIA O TEXTO BASE 3

Com base no primeiro sentido disposto para o termo "Resiliência", pode-se reconhecer que, no trecho relacionado à explicação de 1 FÍS. "Elasticidade que faz com que certos corpos deformados **voltem à sua forma** original.", tem-se, com base na passagem em negrito, um caso de atendimento gramatical à(ao):

- ⓐ concordância verbal.
- ⓑ concordância nominal.
- ⓒ regência verbal.
- ⓓ regência nominal.
- ⓔ colocação pronominal.

TEXTO BASE 4

TEXTO

Como e por que leio o romance brasileiro

Leitora apaixonada, fã de carteirinha, me envolvo com os romances de que gosto: curto, torço, roo as unhas, leio de novo um pedaço que tenha me agradado de forma particular. Se não gosto, largo no meio ou até no começo. O autor tem vinte ou trinta páginas para me convencer de que seu livro vai fazer diferença.

Pois acredito piamente que a leitura faz a diferença. Se não, adeus! O livro volta para a estante e vou cuidar de outra coisa...

Ao terminar a leitura de um romance de que gosto, fico com vontade de dividi-lo com os amigos. Recomendar a leitura, emprestar, dar de presente. Mas, sobretudo, discutir. Nada melhor do que conversar sobre livros... eu acho uma coisa, meu amigo acha outra, a colega discorda de nós dois...

Na discussão, pode tudo, só não pode não achar nada nem concordar com todo mundo. No fim do papo, cada um fica mais cada um, ouvindo os outros. Quem sabe o livro tem mais de um sentido? Como foi mesmo aquele lance? E aquele personagem... vilão ou herói?

Na minha geração e nas minhas relações, é assim que se lê romance.

A leitura de romance, no entanto, não é só esta leitura envolvida e vertiginosa. Junto com o suspense, ao lado do mergulho na história, transcorre o tempo de decantação. Enredo, linguagem e personagens depositam-se no leitor. Passam a fazer parte da vida de quem lê. Vêm à tona meio sem aviso, aos pedaços, evocados não se sabe bem por quais articulações...

Vida e literatura enredam-se em bons e em maus momentos, e os romances que leio passam a fazer parte da minha vida, me expressam em várias situações.

Marisa Lajolo. Como e por que ler o romance brasileiro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004, p. 13-14.

Questão 6 (CESMAC)

PARA RESPONDER À QUESTÃO, LEIA O TEXTO BASE 4

As normas sintáticas da concordância e da regência verbal foram integralmente respeitadas na seguinte alternativa:

ⓐ Enredo, linguagem e personagens vem à tona na memória do leitor, pois destinou-se à ficar na sua experiência de leitor.

ⓑ Nenhum dos romances que leio passam a ficar indiferentes à mim; me expressam à cada situação de leitura.

ⓒ Na escola haviam situações de leitura em que o nosso ímpeto era fazer o livro voltar as estantes da biblioteca.

[✓ d] As escolas mais tradicionais haviam deixado à escolha de cada um os romances para leitura e para a elaboração de resenhas.

ⓔ Fazem muitos anos que as escolas passaram à estimular a leitura de romances que à todos interessava.

> **Resposta**
> Na alternativa D, os termos essenciais, integrantes e acessórios foram organizados de modo a respeitarem as regras da gramática normativa da língua portuguesa.

TEXTO BASE 5

Texto para a questão.

Eu tinha 9 anos quando a gente se encontrou: o Ciúme e eu.

Era verão. Eu dormia no mesmo quarto que a minha irmã. A janela estava aberta.

De repente, sem nem saber direito se eu estava acordada ou dormindo, eu senti direitinho que ele estava ali: entre a cama da minha irmã e a minha. A noite não tinha lua nem tinha estrela; e quando eu fui estender o braço para acender a luz, ele não quis: “Me deixa assim no escuro.”

Que medo que me deu.

Senti ele chegando cada vez mais perto. Fui me encolhendo.

“Pega a minha irmã” eu falei. “Ali, ó, na outra cama. Eu sou pequena e ela já fez 14 anos, pega ela. Ela é bonita e eu sou feia; o meu pai, a minha mãe, a minha tia, todo o mundo prefere ela: por que você não prefere também?”

Mas o Ciúme não queria saber da minha irmã, e eu já estava tão espremida no canto (a minha cama era contra a parede) que eu não tinha mais pra onde fugir, então eu pedia e pedia de novo:

“Ela é a primeira da turma e eu tenho horror de estudar, olha, ela tá logo ali; e ela é tão inteligente pra conversar! Ela diz poesia, ela sabe dançar, o meu pai tá ensinando inglês e francês pra ela e diz que pra mim não vale a pena porque eu não presto atenção, então você pensa que eu não vejo o jeito que o meu pai olha pra ela quando todo o mundo diz que encanto de moça que é a sua filha mais velha? Pega, pega, PEGA ela!”

“Não. Eu quero é você.”

E o Ciúme disse aquilo com uma voz tão calma que eu fui me acalmando. E o medo meio que foi passando.

“Bom” eu acabei suspirando “pelo menos tem alguém que gosta mais de mim do que dela.”

E aí o vento do mar entrou pela janela, soprou o Ciúme e apagou ele feito vela.

NUNES, Lygia Bojunga. A troca e a tarefa. In Tchau. Rio de Janeiro: Agir, 1985. p.51

Questão 7 (IF Sertão)

PARA RESPONDER À QUESTÃO, LEIA O TEXTO BASE 5

Observe a sentença a seguir: “E aí o vento do mar entrou pela janela, soprou o Ciúme e apagou ele feito vela.” Quanto à concordância dos verbos – **ENTROU**, **SOPROU**, **APAGOU** –, é possível afirmar:

ⓐ Está inadequada a do verbo **ENTROU**, pois deveria estar no plural, vez que o sujeito sintático sugere mais de um.

[✓ b] Caso se substituísse o sujeito sintático relacionado aos verbos pela sequência **O AR PURO DA NATUREZA**, a concordância permaneceria a mesma.

ⓒ Está inadequada a do verbo **SOPROU**, pois o sujeito sintático é o mesmo do verbo **ENTROU**, devendo estar, portanto, no plural.

ⓓ Possibilitam os três verbos dupla concordância, à semelhança dos partitivos, como por exemplo: A maioria das pessoas são felizes e/ou A maioria das pessoas é feliz.

ⓔ A autora do texto usou erroneamente o sujeito sintático relacionado aos verbos em análise, pois é agramatical.

TEXTO BASE 6

Instrução: A questão está relacionada ao texto abaixo.

Cena 1
Em uma madrugada chuvosa, um
trabalhador residente em São Paulo acorda,
ao amanhecer, às cinco horas, toma
[5] rapidamente o café da manhã, dirige-se até o
carro, acessa a rua, e, como de costume, faz
o mesmo trajeto até o trabalho. Mas, em um
desses inúmeros dias, ouve pelo rádio que
uma das avenidas de sua habitual rota está
[10] totalmente congestionada. A partir dessa
informação e enquanto dirige, o trabalhador
inicia um processo mental analítico para
escolher uma rota alternativa que o faça
chegar .... empresa no horário de sempre.
[15] Para decidir sobre essa nova rota, ele
deverá considerar: a nova distância a ser
percorrida, o tempo gasto no deslocamento, a
quantidade de cruzamentos existentes em
cada rota, em qual das rotas encontrará
[20] chuva e em quais rotas passará por áreas
sujeitas a alagamento.
Cena 2
Mais tarde no mesmo dia, um casal
residente na mesma cidade obtém
[25] financiamento imobiliário e decide pela
compra de um apartamento. São inúmeras
opções de imóveis à venda. Para a escolha
adequada do local de sua morada em São
Paulo, o casal deverá levar em conta, além do
[30] valor do apartamento, também outros
critérios: variação do preço dos imóveis por
bairro, distância do apartamento até a escola
dos filhos pequenos, tempo gasto entre o
apartamento e o local de emprego do casal,
[35] preferência por um bairro tranquilo e
existência de linha de ônibus integrada ao
metrô nas proximidades do imóvel – entre
outros critérios.
Essas duas cenas urbanas descrevem

[40] situações comuns .... passam diariamente
muitos dos cidadãos residentes em grandes
cidades. As protagonistas têm em comum a
angústia de tomar uma decisão complexa,
escolhida dentre várias possibilidades
[45] oferecidas pelo espaço geográfico. Além de
mostrar que a geografia é vivida no cotidiano,
as duas cenas mostram também que, para
tomar a decisão que .... seja mais
conveniente, nossas protagonistas deverão
[50] realizar, primeiramente, uma *análise
geoespacial* da cidade. Em ambas as cenas,
essa análise se desencadeia a partir de um
sistema cerebral composto de informações
geográficas representadas internamente na
[55] forma de mapas mentais que induzirão as três
protagonistas a tomar suas decisões. Em cada
cena podemos visualizar uma pergunta
espacial. Na primeira, o trabalhador pergunta:
“qual a melhor rota a seguir, desde este
[60] ponto onde estou até o local de meu trabalho,
neste horário de segunda-feira?” Na segunda,
o questionamento seria: “qual é o lugar da
cidade que reúne todos os critérios
geográficos adequados à nossa moradia?”
[65] A cena 1 é um exemplo clássico de análise
de redes, enquanto a cena 2 é um exemplo
clássico de alocação espacial – duas das
técnicas mais importantes da análise
geoespacial.
[70] A análise geoespacial reúne um conjunto de
métodos e técnicas quantitativos dedicados à
solução dessas e de outras perguntas
similares, em computador, ... respostas
dependem da organização espacial de
[75] informações geográficas em um determinado
tempo. Dada a complexidade dos modelos,
muitas técnicas de análise geoespacial foram
transformadas em linguagem computacional e
reunidas, posteriormente, em um sistema de
[80] informação geográfica. Esse fato
geotecnológico contribuiu para a
popularização da análise geoespacial realizada
em computadores, que atualmente é
simplificada pelo termo geoprocessamento.

Adaptado de: FERREIRA, Marcos César. Iniciação à análise geoespacial: teoria, técnicas e exemplos para geoprocessamento. São Paulo: Editora UNESP, 2014. p. 33-34.

Questão 8 **(UFRGS)**

PARA RESPONDER À QUESTÃO, LEIA O TEXTO BASE 6

Assinale a alternativa que apresenta relações de sentido, contextualmente adequadas no texto, para os nexos de articulação textual ***Mas*** (l. 07), ***enquanto*** (l. 11) e ***Para*** (l. 15), nessa ordem.

ⓐ oposição – comparação – explicação
ⓑ concessão – temporalidade – explicação
ⓒ concessão – concomitância – finalidade
ⓓ oposição – concomitância – explicação
[✓ ⓔ] oposição – temporalidade – finalidade

Resposta

A palavra "mas" trata-se de uma conjunção coordenativa adversativa, apresentando sentido de oposição. "Enquanto" trata-se de uma conjunção subordinativa temporal. "Para" trata-se de uma conjunção subordinativa final, que indica uma finalidade.

Portanto, alternativa "e".

TEXTO BASE 7

Texto para a questão.

Chorar por tudo que se perdeu, por tudo que apenas ameaçou e não chegou a ser, pelo que perdi de mim, pelo ontem morto, pelo hoje sujo, pelo amanhã que não existe, pelo muito que amei e não me amaram, pelo que tentei ser correto e não foram comigo. Meu coração sangra com uma dor que não consigo comunicar a ninguém, recuso todos os toques e ignoro todas tentativas de aproximação. Tenho vergonha de gritar que esta dor é só minha, de pedir que me deixem em paz e só com ela, como um cão com seu osso.

A única magia que existe é estarmos vivos e não entendermos nada disso. A única magia que existe é a nossa incompreensão.

Caio Fernando Abreu
Em: https://www.pensador.com/textos_de_caio_fernando_abreu/

Questão 9 **(IF Sertão)**

PARA RESPONDER À QUESTÃO, LEIA O TEXTO BASE 7

Segundo os estudos de gramática da norma, um verbo pode exigir complementos sintáticos ou não. A sentença **“(...) que me deixem em paz e só com ela, como um cão com seu osso.”** é complemento do verbo que a antecede. Levando em conta tal informação, pode-se dizer que a conjunção **QUE** estabelece função de:

ⓐ Circunstância de modo
ⓑ Circunstância de tempo
[✓ ⓒ] Integrar duas orações
ⓓ Atribuir valor de adversidade
ⓔ Concluir ideia anterior

Questão 10 **(FGV-SP)**

Das frases abaixo, a única a que **NÃO** se aplica o defeito de redação indicado entre parênteses é:

ⓐ No Chile, há tolerância zero com o consumo de álcool e dirigir. (Falta de paralelismo)
ⓑ A obra não será interrompida em hipótese alguma, a menos que ocorra uma catástrofe. (Incoerência)
[✓ ⓒ] Em nota, a empresa afirmou que preza o compromisso com a preservação da natureza. (Desvio de regência)
ⓓ O ministro declarou que tem uma alternativa ao voto impresso na manga. (Ambiguidade)
ⓔ Ninguém pode negar que é notório a presença de preconceito étnico em nosso país. (Desvio de concordância)

Resposta

O único período que não se aplica o defeito ocorre na alternativa C, na qual afirma-se conter um desvio de regência, entretanto, o verbo “prezar”, não rege preposição por ser transitivo direto.

TEXTO BASE 8

Leia o texto do crítico de arte Jorge Coli para responder à questão.

Dizer o que seja a arte é coisa difícil. Um sem-número de tratados de estética debruçou-se sobre o problema, procurando situá-lo, procurando definir o conceito. Mas, se buscamos uma resposta clara e definitiva, decepcionamo-nos: elas são divergentes, contraditórias, além de frequentemente se pretenderem exclusivas, propondo-se como solução única.

Entretanto, se pedirmos a qualquer pessoa que possua um mínimo contato com a cultura para nos citar alguns exemplos de obras de arte ou de artistas, ficaremos certamente satisfeitos. Todos sabemos que a *Mona Lisa*, que a *Nona sinfonia* de Beethoven, que a *Divina comédia*, que *Guernica* de Picasso ou o *Davi* de Michelangelo são, indiscutivelmente, obras de arte. Assim, mesmo sem possuirmos uma definição clara e lógica do conceito, somos capazes de identificar algumas produções da cultura em que vivemos como sendo “arte”. Além disso, a nossa atitude diante da ideia “arte” é de admiração: sabemos que Leonardo ou Dante são gênios e, de antemão, diante deles, predispomo-nos a tirar o chapéu.

Podemos, então, ficar tranquilos: se não conseguimos saber o que a arte é, pelo menos sabemos quais coisas correspondem a essa ideia e como devemos nos comportar diante delas. Infelizmente, esta tranquilidade não dura se quisermos escapar ao superficial e escavar um pouco mais o problema. O *Davi* de Michelangelo é arte, e não se discute. Entretanto, eu abro um livro consagrado a um artista célebre do século XX, Marcel Duchamp, e vejo entre suas obras, conservado em museu, um aparelho sanitário de louça, absolutamente idêntico aos que existem em todos os mictórios masculinos do mundo inteiro. Ora, esse objeto não corresponde exatamente à ideia que eu faço da arte.

Assim, a questão que há pouco propusemos – como saber o que é ou não é obra de arte – de novo se impõe. Já vimos que responder com uma definição que parte da “natureza” da arte é tarefa vã. Mas, se não podemos encontrar critérios a partir do interior mesmo da noção de obra de arte, talvez possamos descobri-los fora dela.

Para decidir o que é ou não arte, nossa cultura possui instrumentos específicos. Um deles, essencial, é o discurso sobre o objeto artístico, ao qual reconhecemos competência e autoridade. Esse discurso é o que proferem o crítico, o historiador da arte, o perito, o conservador de museu. São eles que conferem o estatuto de arte a um objeto. Nossa cultura também prevê locais específicos onde a arte pode manifestar-se, quer dizer, locais que também dão estatuto de arte a um objeto. Num museu, numa galeria, sei de antemão que encontrarei obras de arte; num cinema “de arte”, filmes que escapam à “banalidade” dos circuitos normais; numa sala de concerto, música “erudita” etc. Esses locais garantem-me assim o rótulo “arte” às coisas que apresentam, enobrecendo-as.

Desse modo, para gáudio[1] meu, posso despreocupar- -me, pois nossa cultura prevê instrumentos que determinarão, por mim, o que é ou não arte. Para evitar ilusões, devo prevenir que a situação não é assim tão rósea. Mas, por ora, o importante é termos em mente que o estatuto da arte não parte de uma definição abstrata do conceito, mas de atribuições feitas por instrumentos de nossa cultura, dignificando os objetos sobre os quais ela recai.

(O que é arte, 2013. Adaptado.)

[1] gáudio: alegria; júbilo.

Questão 11 **(FAMEMA)**

PARA RESPONDER À QUESTÃO, LEIA O TEXTO BASE 8

“Para decidir o que é ou não arte, nossa cultura possui instrumentos específicos.” (5° parágrafo)

Em relação ao trecho que o sucede, o trecho sublinhado tem sentido de

ⓐ explicação.
[✓ ⓑ finalidade.]
ⓒ condição.
ⓓ consequência.
ⓔ causa.

> **Resposta**
> A conjunção "para" possui sentido de finalidade, assim a oração é adverbial final.

TEXTO BASE 9

Texto para a questão

Como opera a máfia que transformou o Brasil num dos campeões da fraude de medicamentos

É um dos piores crimes que se podem cometer. As vítimas são homens, mulheres e crianças doentes — presas fáceis, capturadas na esperança de recuperar a saúde perdida. A máfia dos medicamentos falsos é mais cruel do que as quadrilhas de narcotraficantes. Quando alguém decide cheirar cocaína, tem absoluta consciência do que coloca no corpo adentro. Às vítimas dos que falsificam remédios não é dada oportunidade de escolha. Para o doente, o remédio é compulsório. Ou ele toma o que o médico lhe receitou ou passará a correr risco de piorar ou até morrer. Nunca como hoje os brasileiros entraram numa farmácia com tanta reserva.

PASTORE, Karina. O Paraíso dos Remédios Falsificados. Veja, nº 27. São Paulo: abril, 8 jul. 1998, p. 40-41.

Questão 12 **(UNIFOR)**

PARA RESPONDER À QUESTÃO, LEIA O TEXTO BASE 9

No período "**Às vítimas** dos que falsificam remédiosujeitos não é dada oportunidade de escolha", o termo destacado exerce a função sintática de

ⓐ sujeito.
ⓑ objeto direto.
[✓ ⓒ objeto indireto.]
ⓓ complemento nominal.
ⓔ agente da passiva.

Questão 13 **(EsPCEx)**

Marque a alternativa na qual a palavra destacada funciona como adjetivo.

ⓐ Os canudos poluem bastante.
ⓑ Ações individuais são bastante significativas.
ⓒ Algumas pessoas preferem ou necessitam bastante dos canudos.
ⓓ Foi encontrada uma lista bastante grande de espécies afetadas.
[✓ ⓔ Não há atitude bastante para resolver o problema.]

TEXTO BASE 10

Para responder à questão, leia o texto a seguir.

ANOTAÇÕES SOBRE INOCÊNCIO DA PAIXÃO, UM HIPOCONDRÍACO

Inocêncio Paixão era hipocondríaco e viciado em remédios. Sofria de 39 doenças imaginárias, algumas tão raras que desafiavam as maiores autoridades no assunto. Bastava alguém espirrar perto para Inocêncio da Paixão ficar gripado. E não era uma gripezinha boba que vitamina C e cama curavam, não. Era gripe com direito a febre de 40 graus e a delírio. Molhava pijamas e mais pijamas, de tanto que suava, e, em seus delírios, via-se de novo na casa da mãe, na rua Paraíba.

A casa tinha um quintal, onde um sabiá cantava, e galinhas ciscavam a terra. E Prima Mariana vinha. Prima Mariana era morena, verdes, feiticeiros olhos, e já vestida de noiva, com véu e grinalda, deixou o pobre Inocêncio esperando na igreja, no dia do casamento, e disse aos pais e às amigas:

– Eu, hein Rosa, só se eu fosse uma louca de casar com Primo Inocêncio: ele ama mais os remédios que a mim: a aspirina é mulher de sua vida.

O perfume preferido de Inocêncio era o cheiro de remédio, cheiro de farmácia. Ah, com que sofreguidão Inocêncio ia às farmácias para ver os últimos lançamentos dos laboratórios. Ficava horas e horas cheirando os frascos dos novos medicamentos e ia para casa levando remédios para todos os males. Inocêncio era um ávido leitor. Mas não pensem que lia os livros mais vendidos ou indicados pelos amigos. Os *best-sellers* na estante de Inocêncio eram as bulas de remédios. Sabia de cor e salteado as bulas e declamava a fórmula dos medicamentos como se declamasse um poema de Adélia Prado ou de Manoel Barros.

Quando ficou noivo de Prima Mariana, Inocêncio comprou uma aliança de brilhantes e mandou flores com um cartão em que dizia: “Mariana, você é a vitamina que eu pedi a Deus.” Não por acaso, Prima Mariana era médica. Passou, por sinal, a maior parte do tempo do noivado, já formada em medicina, cuidando da hipocondria do noivo. Até essa época, Inocêncio sofria, como já foi dito, de 39 doenças imaginárias. Bastava ouvir alguém falar numa doença que sentia logo todos os sintomas. Alguém estava com úlcera? Inocêncio logo passava a cultivar uma úlcera como uma flor. Diabetes? Lá ia Inocêncio prescrevendo a si mesmo regime alimentar que quase o matava de inanição. Cortou o açúcar de sua vida e enviou flores a Prima Mariana com este cartão:

– Você é o que restou de doce em minha vida, Prima Mariana.

Uma vez, Inocêncio achou que estava sofrendo de Aids. Não, não era de nenhum grupo de risco, não. Nem era dado ao uso de droga alguma, quanto mais através de pico. Aconteceu que

Inocêncio foi ao Rio de Janeiro e ficou hospedado num famoso hotel, o que não impediu que os pernilongos não o deixassem dormir. No meio da insônia, Inocêncio suspeitou que o apartamento em questão tinha sido ocupado, dois dias antes, por um famoso roqueiro, que estava com Aids. Prima Mariana foi acordada em casa, em Belo Horizonte, por um telefonema de Inocêncio perguntando:

– Pernilongo transmite Aids?

Estava certo de que os pernilongos tinham ferroado o roqueiro e, agora, transmitiam a Aids. Pobre Prima Mariana. Nunca ficou livre de Inocêncio. Noites dessas, foi acordada por Inocêncio, que ia se internar num famoso hospital. Não, desta vez não sofria mais um infarto imaginário. Desta vez sentia todos os sintomas da febre amarela. Preparou-se para morrer. Quando a equipe médica chefiada por Prima Mariana examinou-o e disse que estava são como um coco, Inocêncio ficou desolado. Consolou-se com a suspeita de que já estava na idade de ter problemas com a próstata.
(DRUMMOND, Roberto. Melhores crônicas. São Paulo: Global, 2005, p.83-85.)

Questão 14 (FCMMG)

PARA RESPONDER À QUESTÃO, LEIA O TEXTO BASE 10

Releia o seguinte trecho:

“A casa tinha um quintal, onde um sabiá cantava, e galinhas ciscavam a terra. E Prima Mariana vinha. Prima Mariana era morena, verdes, feiticeiros olhos, e já vestida de noiva, com véu e grinalda, deixou o pobre Inocêncio esperando na igreja, no dia do casamento [...]”.

Sobre os verbos presentes nesse trecho, é **CORRETO** afirmar que

ⓐ os fatos presentes no trecho se prolongaram e foram concluídos no passado.

ⓑ as formas verbais sugerem ações que se prolongam até o momento presente.

ⓒ o tempo e modo verbal empregados indicam uma ação interrompida no passado.

🅓 a ação concluída no passado está seguida de uma ação indicando continuidade.

TEXTO BASE 11

Acostuma-te à lama que te espera!
O Homem, que, nesta terra miserável,
Mora, entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.

Questão 15 (Unit-SE)

PARA RESPONDER À QUESTÃO, LEIA O TEXTO BASE 11

“Acostuma-te à lama que te espera!“.
Em relação ao verso destacado, é correto o que se afirma em

ⓐ As formas verbais “Acostuma-te” e “te espera” possuem a mesma regência verbal.

ⓑ O pronome “te”, nas duas situações, exerce função de complemento direto das suas respectivas formas verbais.

ⓒ A expressão verbal “Acostuma” está no modo subjuntivo presente, na segunda pessoa do singular.

🅓 O conector “que” exerce função subjetiva de uma oração adjetiva restritiva.

ⓔ A expressão “à lama” configura um adjunto adverbial de lugar.

CURSO ONE

Aluno(a): Matrícula:

Data: Turma: Bimestre:

Professor(a): Disciplina: Nota:

Geral - Linguagens (Regência Verbal) 18/06/2020

PORTUGUÊS

LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS

TEXTO BASE 1

Leia o TEXTO para responder à questão.

TEXTO

DISSONÂNCIAS DO PROGRESSO

(1) O que é progresso? Para alguns teóricos, apenas uma palavra que não passa de um slogan, um clichê ou, no máximo, um mito; pode ser também uma crença, jamais um conceito. Para ganhar estatuto de "conceito" universal, o termo apoia-se em outras palavras em busca de legitimidade e, assim, passa de relativo a absoluto: progresso e democracia, progresso e liberdade, progresso e desenvolvimento. Pior: até mesmo ações de caráter belicista recorrem à ideia de guerra como movimento indispensável a um futuro de progresso radioso.

(2) Afinal, o que legitima o progresso hoje? A impressionante herança deixada pelas inúmeras formas do progresso da ciência e da técnica é incontestável: o mundo ganhou, mas também perdeu. Transformação radical das ideias de espaço e tempo, avanços na medicina e na biologia que nos preservam de muitos males – progresso com inegáveis e perenes benefícios para a humanidade –, mas, em contrapartida, um progresso que cria rigor, velocidade, precisão da relação do homem com o meio físico, desaparecimento do vago e do lento, hábitos dominados por métodos positivos governados pelas máquinas, modo científico de existência ao qual "os espíritos se acostumam rapidamente, ainda que insensivelmente", enquanto as relações do homem com o homem permanecem, como observa o poeta e filósofo Paul Valéry, "dominadas por um empirismo detestável que evidencia até mesmo, em diversos pontos, uma sensível regressão".

(3) Se a ciência do Iluminismo permitiu o alargamento da percepção do mundo e da vida ao destruir uma quantidade enorme de certezas, em contrapartida, as ideias de progresso, aliadas à racionalidade técnica, destroem uma das grandes invenções da humanidade – a dúvida – ao recriarem e reporem o mito da certeza. O mito do progresso é uma dessas novas certezas. Basta ouvir os discursos de políticos, financistas, tecnocratas e até mesmo de intelectuais ilustrados. No ensaio "O mito moderno do progresso", Jacques Bouveresse leva-nos a pensar que a ideia de progresso resume dois dos mais terríveis problemas da atualidade, sintetizados por Georg von Wright como o mito da autoridade e o império da fala: "um discurso", escreve Bouveresse, "que se pode considerar como mais ou menos dispensado da argumentação, que se autolegitima e cujo protótipo é a fala que emana do fundamentalismo religioso ou da ditadura política".

(4) Em seu pouco conhecido Cahier B, de 1910, Valéry alia a revolução tecnológica à dissolução das tradições comuns e da crença nos mesmos valores com o nascimento das grandes cidades no século XIX: "o civilizado das grandes cidades volta ao estado selvagem, isto é, isolado, porque o mecanismo social lhe permite esquecer a necessidade da comunidade e leva à perda do sentimento de laço entre os indivíduos, antes despertados incessantemente pela necessidade. Todo o aperfeiçoamento da mecânica social torna inúteis atos, maneiras de sentir, aptidões à vida comum". Esse indivíduo isolado tende a perder as memórias coletivas e os imaginários sociais, abrindo espaço para o que Musil definiu como "egoísmo organizado". As pulsões egoístas, segundo ele, resultam do progresso material e da desordem social.

(5) Podemos complementar essa ideia de pulsões egoístas com a análise de Engels sobre o homem das grandes cidades em "A situação da classe operária na Inglaterra", em que se lê que, para realizar os progressos da civilização, os homens sacrificam o melhor de si: "As cem forças que dormem neles permanecem inativas e abafadas para que apenas algumas possam se desenvolver [...]. E mesmo sabendo que esse isolamento do indivíduo e seu egoísmo são em todo lugar o princípio fundamental da sociedade atual, em nenhum lugar eles se manifestam com uma impudência, uma segurança tão total quanto aqui, precisamente na multidão da grande cidade. A desagregação da humanidade em mônadas na qual cada uma tem um princípio de vida e um fim particular, esta atomização do mundo é, aqui, levada ao extremo".

(6) Assim, com as promessas da ciência e da técnica que jamais se realizam (sempre uma espera), o progresso entra em eterno processo, linear e infinito, mas também mecânico e circular, criando as próprias condições de perpetuação. É desse movimento infinito que ele se alimenta: diante de problemas criados pelo progresso, inventa-se uma nova forma de progresso que permite "superar" os problemas criados.

NOVAES, Adauto. Dissonâncias do progresso. Disponível em:< https://diplomatique.org.br/dissonancias-doprogresso/>. Acesso em: 10 out. 2018 (adaptado).

Questão 1 **(IFPE)**

PARA RESPONDER À QUESTÃO, LEIA O TEXTO BASE 1

Em relação à regência nominal e verbal e ao emprego do acento grave indicativo de crase, analise as proposições a seguir.

I. Em: "**recorrem** à **ideia** de guerra" (1º parágrafo), a transitividade do primeiro termo destacado e a necessidade de um determinante no segundo exigem a utilização do acento grave indicativo de crase no trecho.

II. Em: "**aptidões** à vida comum" (4º parágrafo), o acento grave indicativo de crase poderia não ter sido utilizado devido ao termo em destaque estar no plural.

III.No trecho: "alia **a** revolução tecnológica **à** dissolução" (4º parágrafo), a transitividade verbal, nesse contexto, exige que apenas o segundo termo em destaque receba o acento grave indicativo de crase.

IV.No trecho: "**leva à perda** do sentimento de laço entre os indivíduos" (4º parágrafo), a crase ocorreu pela presença de termo que exige a preposição "a" e palavra feminina determinada pelo artigo "a".

V. Em: "**aliadas** à racionalidade técnica" (3º parágrafo), o acento grave indicativo de crase foi utilizado pela mesma razão que em "**recorrem** à ideia" (1º parágrafo), ou seja, pelos verbos destacados ligaremse, pela preposição "a", aos complementos regidos, que são determinados pelo artigo "a".

Estão CORRETAS, apenas, as proposições

ⓐ II, III e V.

ⓑ I, II e V.

ⓒ III, IV e V.

ⓓ I, II e IV.

ⓔ I, III e IV.

Questão 2 **(EAM)**

Textos para responder à questão.

Texto 1

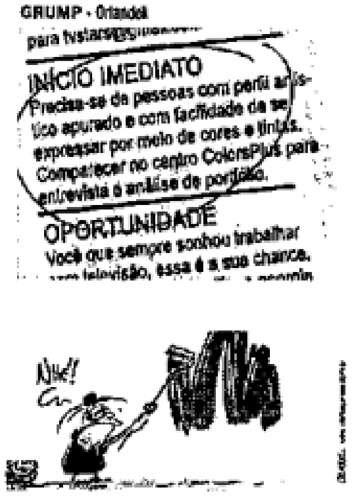

GRUMP - Orlandeli

INÍCIO IMEDIATO

Precisa-se de pessoas com perfil artístico apurado e com facilidade de se expressar por meio de cores e tintas. Comparecer no centro ColorsPlus para entrevista e análise de portfólio.

OPORTUNIDADE

Você que sempre sonhou trabalhar televisão, essa é a sua chance.

Texto 2

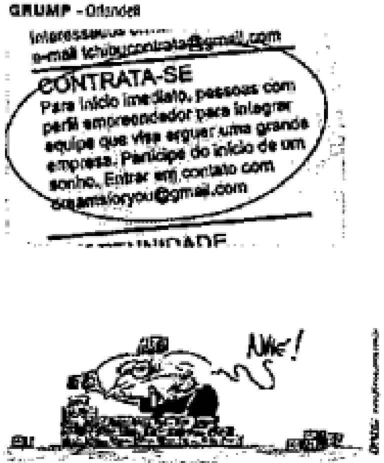

GRUMP - Orlandeli

CONTRATA-SE

Para início imediato, pessoas com perfil empreendedor para integrar equipe que visa erguer uma grande empresa. Participe do início de um sonho. Entrar em contato com foryou@gmail.com

http://ultimaquimera.com.br/tag/classificados- Acesso em 15 nov.2018 <http://ultimaquimera.com.br/tag/classificados-%20Acesso%20em%2015%20nov.2018>.

Analise as afirmativas abaixo.

I- Há um desvio na concordância da seguinte passagem do texto 1: “Precisa-se de pessoas com perfil artístico[...].”

II- A fim de respeitar a norma-padrão, o anúncio do texto 2 deveria ser escrito da seguinte forma: Contratam-se pessoas com perfil empreendedor.

III- No que se refere à regência, a substituição de "“Comparecer no centro Colors Plus" (Texto 1) por “Comparecer ao centro Colors Plus" acarretaria um desvio, segundo a modalidade padrão da língua.

Assinale a opção correta.

ⓐ Apenas as afirmativas I e II são verdadeiras.
ⓑ Apenas as afirmativas II e III são verdadeiras.
ⓒ Apenas as afirmativas I e III são verdadeiras.
ⓓ Apenas a afirmativa III é verdadeira.
ⓔ Apenas a afirmativa II é verdadeira.

Questão 3 **(EEAR)**

Leia:

I – Fábio aspirou o perfume das flores.
II – O candidato aspirava a tal vaga do processo seletivo.

Em função da regência do verbo “aspirar”, considerando a norma gramatical, marque a alternativa correta.

ⓐ As sentenças I e II estão corretas, porém, em II, é possível apagar a preposição “a”, posposta ao verbo “aspirava”, mantendo a correção gramatical e o sentido do enunciado.
ⓑ A sentença I está correta. A sentença II apresenta erro de regência percebido pela presença da preposição “a”, indevidamente colocada após o verbo.
ⓒ As sentenças I e II estão corretas. Ambas as regências do verbo “aspirar” estão de acordo com a norma gramatical.
ⓓ Somente a sentença II está correta. Houve erro de regência verbal na sentença I.

TEXTO BASE 2

Texto referente a questão.

Antigamente, você
chegava na casa das
pessoas e pedia um
copo d'água. Hoje
você pede a senha
do Wi-Fi

Questão 4 **(CN)**

PARA RESPONDER À QUESTÃO, LEIA O TEXTO BASE 2

Assinale a opção que NÃO apresenta um desvio da modalidade padrão quanto à regência verbal.

ⓐ Leandro, sempre agradeça aos amigos a cessão da senha do *Wi-fi*.
ⓑ Os adolescentes aspiram o uso da internet o dia todo, em todo lugar.
ⓒ Não perdoaremos as funcionárias que utilizarem o *Wi-fi* na reunião.
ⓓ Muitas pessoas desfrutam do *Wi-fi* alheio sem a menor cerimônia.
ⓔ Todos vocês lembram sempre da senha do *Wi-fi* da minha casa?

TEXTO BASE 3

Leia o texto a seguir, que traz um verbete, gênero textual presente na esfera didática e instrucional, a fim de responder à questão.

TEXTO

Resiliência
re·si·li·ên·ci·a
sf
1 FÍS. Elasticidade que faz com que certos corpos deformados voltem à sua forma original.
2 FIG. Capacidade de rápida adaptação ou recuperação.

(Fonte: http://michaelis.uol.com.br/busca?id=0LE9G)

Questão 5 **(IFAL)**

PARA RESPONDER À QUESTÃO, LEIA O TEXTO BASE 3

Com base no primeiro sentido disposto para o termo “Resiliência”, pode-se reconhecer que, no trecho relacionado à explicação de 1 FÍS. “Elasticidade que faz com que certos corpos deformados **voltem à sua forma** original.”, tem-se, com base na passagem em negrito, um caso de atendimento gramatical à(ao):

ⓐ concordância verbal.
ⓑ concordância nominal.
ⓒ regência verbal.
ⓓ regência nominal.
ⓔ colocação pronominal.

TEXTO BASE 4

TEXTO

Como e por que leio o romance brasileiro

Leitora apaixonada, fã de carteirinha, me envolvo com os romances de que gosto: curto, torço, roo as unhas, leio de novo um pedaço que tenha me agradado de forma particular. Se não gosto, largo no meio ou até no começo. O autor tem vinte ou trinta páginas para me convencer de que seu livro vai fazer diferença.

Pois acredito piamente que a leitura faz a diferença. Se não, adeus! O livro volta para a estante e vou cuidar de outra coisa...

Ao terminar a leitura de um romance de que gosto, fico com vontade de dividi-lo com os amigos. Recomendar a leitura, emprestar, dar de presente. Mas, sobretudo, discutir. Nada melhor do que conversar sobre livros... eu acho uma coisa, meu amigo acha outra, a colega discorda de nós dois...

Na discussão, pode tudo, só não pode não achar nada nem concordar com todo mundo. No fim do papo, cada um fica mais cada um, ouvindo os outros. Quem sabe o livro tem mais de um sentido? Como foi mesmo aquele lance? E aquele personagem... vilão ou herói?

Na minha geração e nas minhas relações, é assim que se lê romance.

A leitura de romance, no entanto, não é só esta leitura envolvida e vertiginosa. Junto com o suspense, ao lado do mergulho na história, transcorre o tempo de decantação. Enredo, linguagem e personagens depositam-se no leitor. Passam a fazer parte da vida de quem lê. Vêm à tona meio sem aviso, aos pedaços, evocados não se sabe bem por quais articulações...

Vida e literatura enredam-se em bons e em maus momentos, e os romances que leio passam a fazer parte da minha vida, me expressam em várias situações.

Marisa Lajolo. Como e por que ler o romance brasileiro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004, p. 13-14.

Questão 6 (CESMAC)

PARA RESPONDER À QUESTÃO, LEIA O TEXTO BASE 4

As normas sintáticas da concordância e da regência verbal foram integralmente respeitadas na seguinte alternativa:

ⓐ Enredo, linguagem e personagens vem à tona na memória do leitor, pois destinou-se à ficar na sua experiência de leitor.

ⓑ Nenhum dos romances que leio passam a ficar indiferentes à mim; me expressam à cada situação de leitura.

ⓒ Na escola haviam situações de leitura em que o nosso ímpeto era fazer o livro voltar as estantes da biblioteca.

ⓓ As escolas mais tradicionais haviam deixado à escolha de cada um os romances para leitura e para a elaboração de resenhas.

ⓔ Fazem muitos anos que as escolas passaram à estimular a leitura de romances que à todos interessava.

TEXTO BASE 5

Texto para a questão.

Eu tinha 9 anos quando a gente se encontrou: o Ciúme e eu.

Era verão. Eu dormia no mesmo quarto que a minha irmã. A janela estava aberta.

De repente, sem nem saber direito se eu estava acordada ou dormindo, eu senti direitinho que ele estava ali: entre a cama da minha irmã e a minha. A noite não tinha lua nem tinha estrela; e quando eu fui estender o braço para acender a luz, ele não quis: “Me deixa assim no escuro.”

Que medo que me deu.

Senti ele chegando cada vez mais perto. Fui me encolhendo.

“Pega a minha irmã” eu falei. “Ali, ó, na outra cama. Eu sou pequena e ela já fez 14 anos, pega ela. Ela é bonita e eu sou feia; o meu pai, a minha mãe, a minha tia, todo o mundo prefere ela: por que você não prefere também?”

Mas o Ciúme não queria saber da minha irmã, e eu já estava tão espremida no canto (a minha cama era contra a parede) que eu não tinha mais pra onde fugir, então eu pedia e pedia de novo:

“Ela é a primeira da turma e eu tenho horror de estudar, olha, ela tá logo ali; e ela é tão inteligente pra conversar! Ela diz poesia, ela sabe dançar, o meu pai tá ensinando inglês e francês pra ela e diz que pra mim não vale a pena porque eu não presto atenção, então você pensa que eu não vejo o jeito que o meu pai olha pra ela quando todo o mundo diz que encanto de moça que é a sua filha mais velha? Pega, pega, PEGA ela!”

“Não. Eu quero é você.”

E o Ciúme disse aquilo com uma voz tão calma que eu fui me acalmando. E o medo meio que foi passando.

“Bom” eu acabei suspirando “pelo menos tem alguém que gosta mais de mim do que dela.”

E aí o vento do mar entrou pela janela, soprou o Ciúme e apagou ele feito vela.

NUNES, Lygia Bojunga. A troca e a tarefa. In Tchau. Rio de Janeiro: Agir, 1985. p.51

Questão 7 (IF Sertão)

PARA RESPONDER À QUESTÃO, LEIA O TEXTO BASE 5

Observe a sentença a seguir: “E aí o vento do mar entrou pela janela, soprou o Ciúme e apagou ele feito vela.” Quanto à concordância dos verbos – **ENTROU**, **SOPROU**, **APAGOU** –, é possível afirmar:

ⓐ Está inadequada a do verbo **ENTROU**, pois deveria estar no plural, vez que o sujeito sintático sugere mais de um.

ⓑ Caso se substituísse o sujeito sintático relacionado aos verbos pela sequência **O AR PURO DA NATUREZA**, a concordância permaneceria a mesma.

ⓒ Está inadequada a do verbo **SOPROU**, pois o sujeito sintático é o mesmo do verbo **ENTROU**, devendo estar, portanto, no plural.

ⓓ Possibilitam os três verbos dupla concordância, à semelhança dos partitivos, como por exemplo: A maioria das pessoas são felizes e/ou A maioria das pessoas é feliz.

ⓔ A autora do texto usou erroneamente o sujeito sintático relacionado aos verbos em análise, pois é agramatical.

TEXTO BASE 6

Instrução: A questão está relacionada ao texto abaixo.

Cena 1
Em uma madrugada chuvosa, um
trabalhador residente em São Paulo acorda,
ao amanhecer, às cinco horas, toma
[5] rapidamente o café da manhã, dirige-se até o
carro, acessa a rua, e, como de costume, faz
o mesmo trajeto até o trabalho. Mas, em um
desses inúmeros dias, ouve pelo rádio que
uma das avenidas de sua habitual rota está
[10] totalmente congestionada. A partir dessa
informação e enquanto dirige, o trabalhador
inicia um processo mental analítico para
escolher uma rota alternativa que o faça
chegar .... empresa no horário de sempre.
[15] Para decidir sobre essa nova rota, ele
deverá considerar: a nova distância a ser
percorrida, o tempo gasto no deslocamento, a
quantidade de cruzamentos existentes em
cada rota, em qual das rotas encontrará
[20] chuva e em quais rotas passará por áreas
sujeitas a alagamento.
Cena 2
Mais tarde no mesmo dia, um casal
residente na mesma cidade obtém
[25] financiamento imobiliário e decide pela
compra de um apartamento. São inúmeras
opções de imóveis à venda. Para a escolha
adequada do local de sua morada em São
Paulo, o casal deverá levar em conta, além do
[30] valor do apartamento, também outros
critérios: variação do preço dos imóveis por
bairro, distância do apartamento até a escola
dos filhos pequenos, tempo gasto entre o
apartamento e o local de emprego do casal,
[35] preferência por um bairro tranquilo e
existência de linha de ônibus integrada ao
metrô nas proximidades do imóvel – entre
outros critérios.
Essas duas cenas urbanas descrevem
[40] situações comuns .... passam diariamente
muitos dos cidadãos residentes em grandes
cidades. As protagonistas têm em comum a
angústia de tomar uma decisão complexa,
escolhida dentre várias possibilidades
[45] oferecidas pelo espaço geográfico. Além de
mostrar que a geografia é vivida no cotidiano,

as duas cenas mostram também que, para tomar a decisão que .... seja mais conveniente, nossas protagonistas deverão realizar, primeiramente, uma *análise geoespacial* da cidade. Em ambas as cenas, essa análise se desencadeia a partir de um sistema cerebral composto de informações geográficas representadas internamente na forma de mapas mentais que induzirão as três protagonistas a tomar suas decisões. Em cada cena podemos visualizar uma pergunta espacial. Na primeira, o trabalhador pergunta: “qual a melhor rota a seguir, desde este ponto onde estou até o local de meu trabalho, neste horário de segunda-feira?” Na segunda, o questionamento seria: “qual é o lugar da cidade que reúne todos os critérios geográficos adequados à nossa moradia?”

A cena 1 é um exemplo clássico de análise de redes, enquanto a cena 2 é um exemplo clássico de alocação espacial – duas das técnicas mais importantes da análise geoespacial.

A análise geoespacial reúne um conjunto de métodos e técnicas quantitativos dedicados à solução dessas e de outras perguntas similares, em computador, ... respostas dependem da organização espacial de informações geográficas em um determinado tempo. Dada a complexidade dos modelos, muitas técnicas de análise geoespacial foram transformadas em linguagem computacional e reunidas, posteriormente, em um sistema de informação geográfica. Esse fato geotecnológico contribuiu para a popularização da análise geoespacial realizada em computadores, que atualmente é simplificada pelo termo geoprocessamento.

Adaptado de: FERREIRA, Marcos César. Iniciação à análise geoespacial: teoria, técnicas e exemplos para geoprocessamento. São Paulo: Editora UNESP, 2014. p. 33-34.

Questão 8 (UFRGS)

PARA RESPONDER À QUESTÃO, LEIA O TEXTO BASE 6

Assinale a alternativa que apresenta relações de sentido, contextualmente adequadas no texto, para os nexos de articulação textual ***Mas*** (l. 07), ***enquanto*** (l. 11) e ***Para*** (l. 15), nessa ordem.

ⓐ oposição – comparação – explicação
ⓑ concessão – temporalidade – explicação
ⓒ concessão – concomitância – finalidade
ⓓ oposição – concomitância – explicação
ⓔ oposição – temporalidade – finalidade

TEXTO BASE 7

Texto para a questão.

Chorar por tudo que se perdeu, por tudo que apenas ameaçou e não chegou a ser, pelo que perdi de mim, pelo ontem morto, pelo hoje sujo, pelo amanhã que não existe, pelo muito que amei e não me amaram, pelo que tentei ser correto e não foram comigo. Meu coração sangra com uma dor que não consigo comunicar a ninguém, recuso todos os toques e ignoro todas tentativas de aproximação. Tenho vergonha de gritar que esta dor é só minha, de pedir que me deixem em paz e só com ela, como um cão com seu osso.

A única magia que existe é estarmos vivos e não entendermos nada disso. A única magia que existe é a nossa incompreensão.

Caio Fernando Abreu
Em: https://www.pensador.com/textos_de_caio_fernando_abreu/

Questão 9 (IF Sertão)

PARA RESPONDER À QUESTÃO, LEIA O TEXTO BASE 7

Segundo os estudos de gramática da norma, um verbo pode exigir complementos sintáticos ou não. A sentença **“(...) que me deixem em paz e só com ela, como um cão com seu osso.”** é complemento do verbo que a antecede. Levando em conta tal informação, pode-se dizer que a conjunção **QUE** estabelece função de:

ⓐ Circunstância de modo
ⓑ Circunstância de tempo
ⓒ Integrar duas orações
ⓓ Atribuir valor de adversidade
ⓔ Concluir ideia anterior

Questão 10 (FGV-SP)

Das frases abaixo, a única a que **NÃO** se aplica o defeito de redação indicado entre parênteses é:

ⓐ No Chile, há tolerância zero com o consumo de álcool e dirigir. (Falta de paralelismo)
ⓑ A obra não será interrompida em hipótese alguma, a menos que ocorra uma catástrofe. (Incoerência)
ⓒ Em nota, a empresa afirmou que preza o compromisso com a preservação da natureza. (Desvio de regência)
ⓓ O ministro declarou que tem uma alternativa ao voto impresso na manga. (Ambiguidade)
ⓔ Ninguém pode negar que é notório a presença de preconceito étnico em nosso país. (Desvio de concordância)

TEXTO BASE 8

Leia o texto do crítico de arte Jorge Coli para responder à questão.

Dizer o que seja a arte é coisa difícil. Um sem-número de tratados de estética debruçou-se sobre o problema, procurando situá-lo, procurando definir o conceito. Mas, se buscamos uma resposta clara e definitiva, decepcionamo-nos: elas são divergentes, contraditórias, além de frequentemente se pretenderem exclusivas, propondo-se como solução única.

Entretanto, se pedirmos a qualquer pessoa que possua um mínimo contato com a cultura para nos citar alguns exemplos de obras de arte ou de artistas, ficaremos certamente satisfeitos. Todos sabemos que a *Mona Lisa*, que a *Nona sinfonia* de Beethoven, que a *Divina comédia*, que *Guernica* de Picasso ou o *Davi* de Michelangelo são, indiscutivelmente, obras de arte. Assim, mesmo sem possuirmos uma definição clara e lógica do conceito, somos capazes de identificar algumas produções da cultura em que vivemos como sendo “arte”. Além disso, a nossa atitude diante da ideia “arte” é de admiração: sabemos que Leonardo ou Dante são gênios e, de antemão, diante deles, predispomo-nos a tirar o chapéu.

Podemos, então, ficar tranquilos: se não conseguimos saber o que a arte é, pelo menos sabemos quais coisas correspondem a essa ideia e como devemos nos comportar diante delas. Infelizmente, esta tranquilidade não dura se quisermos escapar ao superficial e escavar um pouco mais o problema. O *Davi* de Michelangelo é arte, e não se discute. Entretanto, eu abro um livro consagrado a um artista célebre do século XX, Marcel Duchamp, e vejo entre suas obras, conservado em museu, um aparelho sanitário de louça, absolutamente idêntico aos que existem em todos os mictórios masculinos do mundo inteiro. Ora, esse objeto não corresponde exatamente à ideia que eu faço da arte.

Assim, a questão que há pouco propusemos – como saber o que é ou não é obra de arte – de novo se impõe. Já vimos que responder com uma definição que parte da “natureza” da arte é tarefa vã. Mas, se não podemos encontrar critérios a partir do interior mesmo da noção de obra de arte, talvez possamos descobri-los fora dela.

Para decidir o que é ou não arte, nossa cultura possui instrumentos específicos. Um deles, essencial, é o discurso sobre o objeto artístico, ao qual reconhecemos competência e autoridade. Esse discurso é o que proferem o crítico, o historiador da arte, o perito, o conservador de museu. São eles que conferem o estatuto de arte a um objeto. Nossa cultura também prevê locais específicos onde a arte pode manifestar-se, quer dizer, locais que também dão estatuto de arte a um objeto. Num museu, numa galeria, sei de antemão que encontrarei obras de arte; num cinema “de arte”, filmes que escapam à “banalidade” dos circuitos normais; numa sala de concerto, música “erudita” etc. Esses locais garantem-me assim o rótulo “arte” às coisas que apresentam, enobrecendo-as.

Desse modo, para gáudio[1] meu, posso despreocupar- -me, pois nossa cultura prevê instrumentos que determinarão, por mim, o que é ou não arte. Para evitar ilusões, devo prevenir que a situação não é assim tão rósea. Mas, por ora, o importante é termos em mente que o estatuto da arte não parte de uma definição abstrata do conceito, mas de atribuições feitas por instrumentos de nossa cultura, dignificando os objetos sobre os quais ela recai.

(O que é arte, 2013. Adaptado.)

[1] gáudio: alegria; júbilo.

Questão 11 (FAMEMA)

PARA RESPONDER À QUESTÃO, LEIA O TEXTO BASE 8

“Para decidir o que é ou não arte, nossa cultura possui instrumentos específicos.” (5° parágrafo)

Em relação ao trecho que o sucede, o trecho sublinhado tem sentido de

ⓐ explicação.
ⓑ finalidade.
ⓒ condição.
ⓓ consequência.
ⓔ causa.

TEXTO BASE 9

Texto para a questão

Como opera a máfia que transformou o Brasil num dos campeões da fraude de medicamentos

É um dos piores crimes que se podem cometer. As vítimas são homens, mulheres e crianças doentes — presas fáceis, capturadas na esperança de recuperar a saúde perdida. A máfia dos medicamentos falsos é mais cruel do que as quadrilhas de narcotraficantes. Quando alguém decide cheirar cocaína, tem absoluta consciência do que coloca no corpo adentro. Às vítimas dos que falsificam remédios não é dada oportunidade de escolha. Para o doente, o remédio é compulsório. Ou ele toma o que o médico lhe receitou ou passará a correr risco de piorar ou até morrer. Nunca como hoje os brasileiros entraram numa farmácia com tanta reserva.

PASTORE, Karina. O Paraíso dos Remédios Falsificados. Veja, nº 27. São Paulo: abril, 8 jul. 1998, p. 40-41.

Questão 12 (UNIFOR)

PARA RESPONDER À QUESTÃO, LEIA O TEXTO BASE 9

No período "**Às vítimas** dos que falsificam remédiosujeitos não é dada oportunidade de escolha", o termo destacado exerce a função sintática de

ⓐ sujeito.
ⓑ objeto direto.
ⓒ objeto indireto.
ⓓ complemento nominal.
ⓔ agente da passiva.

Questão 13 (EsPCEx)

Marque a alternativa na qual a palavra destacada funciona como adjetivo.

ⓐ Os canudos poluem bastante.
ⓑ Ações individuais são bastante significativas.
ⓒ Algumas pessoas preferem ou necessitam bastante dos canudos.
ⓓ Foi encontrada uma lista bastante grande de espécies afetadas.
ⓔ Não há atitude bastante para resolver o problema.

TEXTO BASE 10

Para responder à questão, leia o texto a seguir.

ANOTAÇÕES SOBRE INOCÊNCIO DA PAIXÃO, UM HIPOCONDRÍACO

Inocêncio Paixão era hipocondríaco e viciado em remédios. Sofria de 39 doenças imaginárias, algumas tão raras que desafiavam as maiores autoridades no assunto. Bastava alguém espirrar perto para Inocêncio da Paixão ficar gripado. E não era uma gripezinha boba que vitamina C e cama curavam, não. Era gripe com direito a febre de 40 graus e a delírio. Molhava pijamas e mais pijamas, de tanto que suava, e, em seus delírios, via-se de novo na casa da mãe, na rua Paraíba.

A casa tinha um quintal, onde um sabiá cantava, e galinhas ciscavam a terra. E Prima Mariana vinha. Prima Mariana era morena, verdes, feiticeiros olhos, e já vestida de noiva, com véu e grinalda, deixou o pobre Inocêncio esperando na igreja, no dia do casamento, e disse aos pais e às amigas:

– Eu, hein Rosa, só se eu fosse uma louca de casar com Primo Inocêncio: ele ama mais os remédios que a mim: a aspirina é mulher de sua vida.

O perfume preferido de Inocêncio era o cheiro de remédio, cheiro de farmácia. Ah, com que sofreguidão Inocêncio ia às farmácias para ver os últimos lançamentos dos laboratórios. Ficava horas e horas cheirando os frascos dos novos medicamentos e ia para casa levando remédios para todos os males. Inocêncio era um ávido leitor. Mas não pensem que lia os livros mais vendidos ou indicados pelos amigos. Os *best-sellers* na estante de Inocêncio eram as bulas de remédios. Sabia de cor e salteado as bulas e declamava a fórmula dos medicamentos como se declamasse um poema de Adélia Prado ou de Manoel Barros.

Quando ficou noivo de Prima Mariana, Inocêncio comprou uma aliança de brilhantes e mandou flores com um cartão em que dizia: “Mariana, você é a vitamina que eu pedi a Deus.” Não por acaso, Prima Mariana era médica. Passou, por sinal, a maior parte do tempo do noivado, já formada em medicina, cuidando da hipocondria do noivo. Até essa época, Inocêncio sofria, como já foi dito, de 39 doenças imaginárias. Bastava ouvir alguém falar numa doença que sentia logo todos os sintomas. Alguém estava com úlcera? Inocêncio logo passava a cultivar uma úlcera como uma flor. Diabetes? Lá ia Inocêncio prescrevendo a si mesmo regime alimentar que quase o matava de inanição. Cortou o açúcar de sua vida e enviou flores a Prima Mariana com este cartão:

– Você é o que restou de doce em minha vida, Prima Mariana.

Uma vez, Inocêncio achou que estava sofrendo de Aids. Não, não era de nenhum grupo de risco, não. Nem era dado ao uso de droga alguma, quanto mais através de pico. Aconteceu que Inocêncio foi ao Rio de Janeiro e ficou hospedado num famoso hotel, o que não impediu que os pernilongos não o deixassem dormir. No meio da insônia, Inocêncio suspeitou que o apartamento em questão tinha sido ocupado, dois dias antes, por um famoso roqueiro, que estava com Aids. Prima Mariana foi acordada em casa, em Belo Horizonte, por um telefonema de Inocêncio perguntando:

– Pernilongo transmite Aids?

Estava certo de que os pernilongos tinham ferroado o roqueiro e, agora, transmitiam a Aids. Pobre Prima Mariana. Nunca ficou livre de Inocêncio. Noites dessas, foi acordada por Inocêncio, que ia se internar num famoso hospital. Não, desta vez não sofria mais um infarto imaginário. Desta vez sentia todos os sintomas da febre amarela. Preparou-se para morrer. Quando a equipe médica chefiada por Prima Mariana examinou-o e disse que estava são como um coco, Inocêncio ficou desolado. Consolou-se com a suspeita de que já estava na idade de ter problemas com a próstata.

(DRUMMOND, Roberto. Melhores crônicas. São Paulo: Global, 2005, p.83-85.)

Questão 14 (FCMMG)

PARA RESPONDER À QUESTÃO, LEIA O TEXTO BASE 10

Releia o seguinte trecho:

“A casa tinha um quintal, onde um sabiá cantava, e galinhas ciscavam a terra. E Prima Mariana vinha. Prima Mariana era morena, verdes, feiticeiros olhos, e já vestida de noiva, com véu e grinalda, deixou o pobre Inocêncio esperando na igreja, no dia do casamento [...]”.

Sobre os verbos presentes nesse trecho, é **CORRETO** afirmar que

ⓐ os fatos presentes no trecho se prolongaram e foram concluídos no passado.

ⓑ as formas verbais sugerem ações que se prolongam até o momento presente.

ⓒ o tempo e modo verbal empregados indicam uma ação interrompida no passado.

ⓓ a ação concluída no passado está seguida de uma ação indicando continuidade.

TEXTO BASE 11

Acostuma-te à lama que te espera!
O Homem, que, nesta terra miserável,
Mora, entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.

Questão 15 (Unit-SE)

PARA RESPONDER À QUESTÃO, LEIA O TEXTO BASE 11

“Acostuma-te à lama que te espera!“.
Em relação ao verso destacado, é correto o que se afirma em

ⓐ As formas verbais “Acostuma-te” e “te espera” possuem a mesma regência verbal.

ⓑ O pronome “te”, nas duas situações, exerce função de complemento direto das suas respectivas formas verbais.

ⓒ A expressão verbal “Acostuma” está no modo subjuntivo presente, na segunda pessoa do singular.

ⓓ O conector “que” exerce função subjetiva de uma oração adjetiva restritiva.

ⓔ A expressão “à lama” configura um adjunto adverbial de lugar.

Estudante: ___________________________ Turma: _________ Data:___/___/___ |Profª. Eliane Rangel

COESÃO REFERENCIAL – OPERADORES DISCURSIVOS

O que é coesão?

Coesão é um fenômeno localizado, explícito, com marcas linguísticas evidentes, fáceis de serem apontadas. Diz respeito à **ligação entre as partes de um texto**, às relações entre seus segmentos, fazendo a conexão entre as ideias do texto e **contribuindo para estabelecer a coerência**.

Tipos de coesão

1. **Coesão referencial**: é quando um **termo ou expressão substitui**, refere-se a um outro pertencente ao universo textual. Esse tipo de coesão ocorre quando os elementos coesivos ou **conectivos retomam ou anunciam** palavras, frases e sequências que exprimem **fatos ou conceitos**.

2. **Coesão sequencial**: ocorre por meio dos componentes do texto que estabelecem relações semânticas entre orações, períodos ou parágrafos à medida que o texto progride.

Mecanismos de coesão referencial

ANÁFORA **– ocorre quando um termo já dito (referente) é recuperado por meio de um item coesivo depois.**

"Em tudo o que a natureza opera, **ela** nada o faz bruscamente." (Lamarck)
"Aquele que recebe um benefício não deve jamais esquecê-**lo**; aquele que **o** concede não deve jamais lembrá-**lo**." (Pierre Charron)

CATÁFORA **– é quando o termo pressuposto (referente) aparece após o termo coesivo.**

"Há **três coisas** que nunca voltam atrás: a flecha lançada, a palavra pronunciada, e a oportunidade perdida." (Provérbio Chinês)
"**Ela** está no horizonte (...) Me aproximo dois passos, **ela** se afasta dois passos. Caminho dez passos, e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe jamais **a** alcançarei. Então para que serve a utopia? Para isso mesmo; para nos fazer caminhar..." (Anônimo)

ELIPSE **– se dá quando algum elemento do texto é retirado, evitando a repetição.**

"É preciso viver, [é preciso] não apenas existir." (Plutarco)
"Me arrependo de coisas que disse, mas jamais [me arrependo] do meu silêncio." (Xenócrates)

REITERAÇÃO **– é decorrente da repetição do mesmo item lexical e de outros procedimentos já mencionados acima como o emprego de sinônimos, hiperônimos etc.**

"Questionar não é duvidar, **questionar** é querer saber mais!" (*Claudio Crow Quintino*)
"Coragem é resistir ao *medo*, domar o medo. **Coragem** não é a ausência do *medo*." (*Mark Twain*)
A baleia é o maior mamífero aquático conhecido.
A baleia-azul (*Balaenoptera musculus*) é um **Mamífero marinho** [...] é o **maior animal** alguma vez existente, podendo chegar a ter 33 metros de comprimento e mais de 180 toneladas de peso.
Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Baleia-azul. Acesso em: 29 jan. 2010.

Mecanismos de coesão sequencial

JUSTAPOSIÇÃO **– serve para estabelecer a sequência no texto, indicando:**

- o tema ou mudança de assunto: "a propósito", "por falar nisso", "mas voltando ao assunto" etc;
- a seqüência temporal: "cinco anos depois", "um pouco mais tarde" etc;
- a ordenação espacial: "à direita", "na frente", "atrás" etc;
- a ordem dos assuntos do texto: "primeiramente", "a seguir", "finalmente" etc;

Fazendo um balanço do que se discutia até o momento, constata-se que os modelos apresentados são excessivamente redutores...
Primeiro fazemos nossos hábitos, **depois** nossos hábitos nos fazem. (John Dryden)

CONEXÃO

1. **Condição – conexão entre duas orações por meio do conector "se" ou similar.**

"Mundo, mundo, vasto munda!
Se eu me chamasse Raimunda
Seria feia de cara
mas boa de rima."
(Carlos Drummond de Andrade)

"**Se** for dirigir não beba. **Se** for beber não me chama." (Anônimo)
"Se você rouba idéias de um autor, é plágio. **Se** você rouba de muitos autores, é pesquisa. (Wilson Mizner)

2. **Disjunção – se expressa através do conectivo ou, o qual pode ter uma ideia de alternância ou de inclusão.**

"Tudo o que se pensa **ou** é afeto **ou** aversão". (Robert Musil)
Amor **ou** ódio se manifestam facilmente no nosso rosto.

3. **Temporalidade – conexão de duas orações por meio da qual são localizados temporalmente eventos, estados ou percepção deles.**

"**Quando** a gente pensa que sabe todas as respostas, vem a vida e muda todas as perguntas." (Anônimo)
Enquanto houver injustiça social, existirá crime.

4. **Causalidade – conexão entre duas orações, em que uma apresenta a causa que acarreta a consequência presente na outra.**

"Mude. Mude. Mas comece devagar, **porque** a direção é mais importante do que a velocidade" (Edson Marques)
"Nunca diga às pessoas como fazer as coisas. Diga-lhes o que deve ser feito **e** elas surpreenderão você com sua engenhosidade. (George Patton)
"Os jovens estão bem preparados, **então** deverão ter êxito."

5. **Conformidade – quando é mostrada a conformidade do conteúdo de uma oração em relação ao que é dito em outra com a qual se relaciona.**

O réu agiu conforme o advogado lhe havia determinado.

6. **Conjunção – se dá por meio de operadores como e, também, não só...mas também, tanto...como, além disso, ainda, nem.**

O saber é a luz da vida **e** todos podem ser iluminados.
"Ninguém dá o que não tem**, nem mais** do que pode."
O homem moderno precisa investir em si **não apenas** em vestuário e lazer, **mas** em sua cultura.

7. **Contrajunção – quando se contrapõem enunciados de orientações argumentativas diferentes, devendo prevalecer o iniciado pelo operador mas ou similar.**
Observação: Quando é usado o operador embora, prevalece a do outro enunciado.

"A grandeza não consiste em receber honras, **mas** em merecê-las." (Aristóteles)
"Faça as coisas o mais simples que você puder, **porém** não se restrinja às mais simples." (Einstein)
"**Embora** *ninguém* possa voltar atrás e fazer um novo começo, *qualquer um* pode começar agora e fazer um novo fim" (*Chico Xavier*)

8. **Explicação ou justificativa – quando se justifica ou explica um ato de fala anterior.**

Não vá ainda, **que** tenho uma coisa importante para lhe dizer.

9. **Comparação – expressa-se por meio dos operadores tanto, tal...como, quanto, mais...(do) que, menos... (do) que, estabelecendo uma relação de igualdade, superioridade ou inferioridade.**

"**Tal qual** brinco de ouro em focinho de porca é a mulher formosa que não se guarda com discrição" (Provérbio Bíblico).
Um coração alegre faz **tanto** bem **como** os remédios. (Sabedoria Oriental)

10. **Correção/redefinição – quando, por meio de um segundo enunciado, se corrige ou redefine o conteúdo do primeiro.**

Pedro chega hoje. **Ou melhor**, acredito que chegue, não tenho certeza.
"Amar não é aceitar tudo. **Aliás**: onde tudo é aceito, desconfio que há falta de amor". (Vladimir Maiakovski)

11. **Generalização/extensão – quando o segundo enunciado exprime uma generalização do fato contido no primeiro ou uma ampliação da ideia nele expressa.**

Pedro está de novo sem dinheiro. **Mas**, é o que acontece com todo estudante que vive de mesada.
Maria está cansada. Aliás ela vive cansada.

12. **Conclusão – ocorre através de operadores como portanto, logo, por conseguinte, pois etc.**

Toda a equipe jogou entrosada. **Portanto**, o atacante teve como mostrar seu bom futebol e marcar muitos gols.

"Condoído, Jesus tocou-lhe os olhos, e imediatamente recuperaram a vista e o foram seguindo. " Mateus 20.34

Claudenice Melo

Professora de Língua Portuguesa

Vírgula

Omissão

A vírgula é usada em alguns casos para substituir uma palavra que já tenha sido usada na frase. Mas atenção, é uma forma pouco usual de escrever e pode levar ao erro. O melhor truque é não tentar escrever dessa forma.

⇨ Eu fico em casa; ele, não.

Local e Data

Fácil: Local, Data. Sempre.

⇨ Patos de Minas, 02 de julho de 2020.

Separar Elementos

Se você estiver listando várias coisas, vai precisar usar vírgula!

⇨ Pandemia, nuvem de gafanhotos, ciclones, o ano de 2020 está complicado.

Vocativo

Está chamando alguém? Use vírgula depois!

⇨Ana, use a máscara!

Aposto

Introduziu uma explicação ou clarificação no meio da oração? Use vírgula.

⇨Pedro, o meu amigo de infância, curou-se da Covid-19.

Sim ou Não

Depois de sim ou não iniciais em respostas, coloque sempre vírgula.

⇨ Sim, estamos preocupados com o aumento nos casos de coronavírus.

Intercalação

Coloque entre vírgulas aquilo que estiver "quebrando" uma frase que por si só já tem sentido.

⇨Eu não vou, de forma alguma, deixar de estudar durante o isolamento.

Orações Subordinadas Adverbiais

Quando uma oração com função de advérbio estiver antes da oração principal, use vírgula. Se aparecer depois, a vírgula é dispensada.

⇨ Se puder, fique em casa.

Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas

Nem sempre que usamos "que", significa que usamos vírgula, mas quando a informação introduzida é acessória, coloque vírgula.

⇨ As pessoas, que não se cuidam, podem adoecer.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

SUBSTANTIVO 2
Morfossintaxe do substantivo 2
Classificação dos Substantivos 2
Substantivos Comuns e Próprios 2
Substantivo Comum 2
Substantivo Próprio 2
Substantivos Concretos e Abstratos 2
Substantivos Coletivos 3
Formação dos Substantivos 3
Substantivos Simples e Compostos 3
Substantivos Primitivos e Derivados 3
Flexão dos Substantivos 3
Substantivos Biformes e Substantivos Uniformes 4
Gênero e Significação 5

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

SUBSTANTIVO

Substantivo é a classe gramatical de palavras variáveis, as quais denominam os seres.

→ Além de objetos, pessoas e fenômenos, os substantivos também nomeiam:

- lugares: Alemanha, Porto Alegre...
- sentimentos: raiva, amor...
- estados: alegria, tristeza...
- qualidades: honestidade, sinceridade...
- ações: corrida, pescaria...

Morfossintaxe do substantivo

Nas orações de língua portuguesa, o substantivo em geral exerce funções diretamente relacionadas com o verbo: atua como núcleo do sujeito, dos complementos verbais (objeto direto ou indireto) e do agente da passiva. Pode ainda funcionar como núcleo do complemento nominal ou do aposto, como núcleo do predicativo do sujeito ou do objeto ou como núcleo do vocativo. Também encontramos substantivos como núcleos de adjuntos adnominais e de adjuntos adverbiais – quando essas funções são desempenhadas por grupos de palavras.

Classificação dos Substantivos

Substantivos Comuns e Próprios

Observe a definição: Povoação maior que vila, com muitas casas e edifícios, dispostos em ruas e avenidas (no Brasil, toda a sede de município é cidade). 2. O centro de uma cidade (em oposição aos bairros).

Qualquer "povoação maior que vila, com muitas casas e edifícios, dispostos em ruas e avenidas" será chamada cidade. Isso significa que a palavra cidade é um substantivo comum.

Substantivo Comum

→ É aquele que designa os seres de uma mesma espécie de forma genérica.

- Por exemplo: cidade, menino, homem, mulher, país, cachorro.

→ Estamos voando para Barcelona.

- O substantivo Barcelona designa apenas um ser da espécie cidade. Esse substantivo é próprio.

Substantivo Próprio

→ É aquele que designa os seres de uma mesma espécie de forma particular.

- Por exemplo: Londres, Paulinho, Pedro, Tietê, Brasil.

Substantivos Concretos e Abstratos

Substantivo Concreto

É aquele que designa o ser que existe, independentemente de outros seres.

- **Obs.**: os substantivos concretos designam seres do mundo real e do mundo imaginário.
- Seres do mundo real: homem, mulher, cadeira, cobra, Brasília, etc.
- Seres do mundo imaginário: saci, mãe-d'água, fantasma, etc.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Substantivo Abstrato

É aquele que designa seres que dependem de outros para se manifestar ou existir.

- **Fique Ligado**: a beleza não existe por si só, não pode ser observada. Só podemos observar a beleza numa pessoa ou coisa que seja bela. A beleza depende de outro ser para se manifestar.

Portanto, a palavra beleza é um substantivo abstrato.

Os substantivos abstratos designam estados, qualidades, ações e sentimentos dos seres, dos quais podem ser abstraídos, e sem os quais não podem existir.

- **Por exemplo**: vida (estado), rapidez (qualidade), viagem (ação), saudade (sentimento).

Substantivos Coletivos

Substantivo Coletivo: é o substantivo comum que, mesmo estando no singular, designa um conjunto de seres da mesma espécie.

→ Ele vinha pela estrada e foi picado por várias abelhas.

→ Ele vinha pela estrada e foi picado por um enxame.

No primeiro caso, utilizaram-se duas palavras no plural.

No segundo caso, empregou-se um substantivo no singular (enxame) para designar um conjunto de seres da mesma espécie (abelhas).

O substantivo enxame é um substantivo coletivo.

Formação dos Substantivos

Substantivos Simples e Compostos

Substantivo Simples

É aquele formado por um único elemento.

- **Ex.**: chuva, tempo, sol, sofá, etc.

Substantivo Composto

É aquele formado por dois ou mais elementos.

- **Ex.**: guarda-chuva, beija-flor, passatempo.

Substantivos Primitivos e Derivados

Substantivo Primitivo

É aquele que não deriva de nenhuma outra palavra da própria língua portuguesa.

- **Ex.**: limão

Substantivo Derivado

É aquele que se origina de outra palavra.

- **Ex.**: limoeiro

Flexão dos Substantivos

Flexão de Gênero

Gênero é a propriedade que as palavras têm de indicar sexo real ou fictício dos seres. Na língua portuguesa, há dois gêneros: masculino e feminino.

Pertencem ao gênero masculino os substantivos que podem vir precedidos dos artigos o, os, um, uns.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

O velho e o mar

Um Natal inesquecível

Os reis da praia

→ Pertencem ao gênero feminino os substantivos que podem vir precedidos dos artigos a, as, uma, umas:

- A história sem fim
- Uma cidade sem passado
- As tartarugas ninjas

Substantivos Biformes e Substantivos Uniformes

- **Substantivos Biformes** (= duas formas)

gato – gata

homem – mulher

poeta – poetisa

prefeito – prefeita

Substantivos Uniformes

São aqueles que apresentam uma única forma, que serve tanto para o masculino quanto para o feminino.

Classificam-se em:

Epicenos: têm um só gênero e nomeiam bichos.

- Por exemplo: a cobra macho e a cobra fêmea, o jacaré macho e o jacaré fêmea.

Sobrecomuns: têm um só gênero e nomeiam pessoas.

- Por exemplo: a criança, a testemunha, a vítima, o cônjuge, o gênio, o ídolo, o indivíduo.

Comuns de Dois Gêneros: indicam o sexo das pessoas por meio do artigo.

- Por exemplo: o colega e a colega, o doente e a doente, o artista e a artista.

Existem certos substantivos que, variando de gênero, variam em seu significado.

- Por exemplo: o rádio (aparelho receptor) e a rádio (estação emissora); o capital (dinheiro) e a capital (cidade).

Formação do Feminino dos Substantivos Biformes

Regra geral: troca-se a terminação – o por – a.

aluno – aluna

Substantivos terminados em – ês: acrescenta-se – a ao masculino.

freguês – freguesa

Substantivos terminados em – ão: fazem o feminino de três formas:

troca-se – ão por – oa.

patrão – patroa

troca-se – ão por – ã.

campeão – campeã

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

troca-se – ão por ona.

solteirão – solteirona

→ **Exceções:**

- barão – baronesa
- ladrão – ladra
- sultão – sultana

Substantivos terminados em – or:

acrescenta-se – a ao masculino.

doutor – doutora

troca-se – or por – triz:

imperador – imperatriz

Substantivos com feminino em – esa, – essa, – isa:

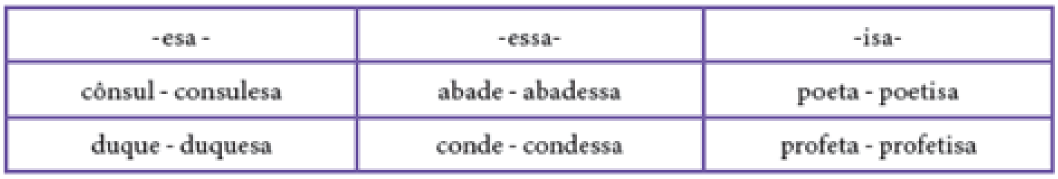

-esa -	-essa-	-isa-
cônsul - consulesa	abade - abadessa	poeta - poetisa
duque - duquesa	conde - condessa	profeta - profetisa

Substantivos que formam o feminino trocando o – e final por – a:

elefante – elefanta

Substantivos que têm radicais diferentes no masculino e no feminino:

bode – cabra

boi – vaca

Substantivos que formam o feminino de maneira especial, isto é, não seguem nenhuma das regras anteriores:

czar – czarina

réu – ré

Gênero e Significação

Muitos substantivos têm uma significação no masculino e outra no feminino.

O cabeça (chefe) – o cabeça (parte do corpo)

- Flexão de Número do Substantivo

O singular, que indica um ser ou um grupo de seres;

O plural, que indica mais de um ser ou grupo de seres.

- Plural dos Substantivos Simples

Os substantivos terminados em vogal, ditongo oral e n fazem o plural pelo acréscimo de s.

→ **Por exemplo:**

pai – pais

ímã – ímãs

hífen – hifens (sem acento, no plural).

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

- **Exceção**: cânon – cânones.

Os substantivos terminados em m fazem o plural em ns.

→ Por exemplo:

homem – homens.

Os substantivos terminados em r e z fazem o plural pelo acréscimo de es.

→ Por exemplo:

revólver – revólveres

raiz – raízes

Atenção: O plural de caráter é caracteres.

Os substantivos terminados em al, el, ol, ul flexionam-se no plural, trocando o l por is.

→ Por exemplo:

quintal – quintais

caracol – caracóis

hotel – hotéis

- **Exceções**: mal e males, cônsul e cônsules.

Os substantivos terminados em il fazem o plural de duas maneiras:

Quando oxítonos, em is.

→ Por exemplo:

canil – canis

Quando paroxítonos, em eis.

→ **Por exemplo:**

míssil – mísseis.

Obs.: a palavra réptil pode formar seu plural de duas maneiras:

répteis ou reptis (pouco usada).

Os substantivos terminados em s fazem o plural de duas maneiras:

– Quando monossilábicos ou oxítonos, mediante o acréscimo de es.

→ Por exemplo:

ás – ases

retrós – retroses

– Quando paroxítonos ou proparoxítonos, ficam invariáveis.

→ Por exemplo:

o lápis – os lápis

o ônibus – os ônibus.

Os substantivos terminados em ão fazem o plural de três maneiras.

– substituindo o – ão por – ões:

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

→ Por exemplo:

ação – ações

-substituindo o – ão por – ães:

→ Por exemplo:

cão – cães

– substituindo o – ão por – ãos:

→ Por exemplo:

grão – grãos

Os substantivos terminados em x ficam invariáveis.

→ Por exemplo:

o látex – os látex.

Plural dos Substantivos Compostos

A formação do plural dos substantivos compostos depende da forma como são grafados, do tipo de palavras que formam o composto e da relação que estabelecem entre si. Aqueles que são grafados sem hífen comportam-se como os substantivos simples:

aguardente e aguardentes	**girassol e girassóis**
pontapé e pontapés	**malmequer e malmequeres**

→ O plural dos substantivos compostos cujos elementos são ligados por hífen costuma provocar muitas dúvidas e discussões. Algumas orientações são dadas a seguir:

- > Flexionam-se os dois elementos, quando formados de:
  - » substantivo + substantivo = couve-flor e couves-flores
  - » substantivo + adjetivo = amor-perfeito e amores-perfeitos
  - » adjetivo + substantivo = gentil-homem e gentis-homens
  - » numeral + substantivo = quinta-feira e quintas-feiras
- > Flexiona-se somente o segundo elemento, quando formados de:
  - » verbo + substantivo = guarda-roupa e guarda-roupas
  - » palavra invariável + palavra invariável = alto-falante e alto-falantes
  - » palavras repetidas ou imitativas = reco-reco e reco-recos
- > Flexiona-se somente o primeiro elemento, quando formados de:
  - » substantivo + preposição clara + substantivo = água-de-colônia e águas-de-colônia
  - » substantivo + preposição oculta + substantivo = cavalo-vapor e cavalos-vapor
  - » substantivo + substantivo que funciona como determinante do primeiro, ou seja, especifica a função ou o tipo do termo anterior.
    - **Exemplos:**

palavra-chave – palavras-chave

bomba-relógio – bombas-relógio

notícia-bomba – notícias-bomba

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

homem-rã – homens-rã

peixe-espada – peixes-espada

- Permanecem invariáveis, quando formados de:
  - verbo + advérbio = o bota-fora e os bota-fora
  - verbo + substantivo no plural = o saca-rolhas e os saca-rolhas
- Casos Especiais
  - o louva-a-deus e os louva-a-deus
  - o bem-te-vi e os bem-te-vis
  - o bem-me-quer e os bem-me-queres
  - o joão-ninguém e os joões-ninguém.

Flexão de Grau do Substantivo

- Grau é a propriedade que as palavras têm de exprimir as variações de tamanho dos seres. Classifica-se em:
  - **Grau Aumentativo** – Indica o aumento do tamanho do ser. Classifica-se em:
    - **Analítico** = o substantivo é acompanhado de um adjetivo que indica grandeza.
      - Por exemplo: casa grande.
    - **Sintético** = é acrescido ao substantivo um sufixo indicador de aumento.
      - Por exemplo: casarão.
  - **Grau Diminutivo** – Indica a diminuição do tamanho do ser. Pode ser:
    - **Analítico** = substantivo acompanhado de um adjetivo que indica pequenez.
      - Por exemplo: casa pequena.
    - **Sintético** = é acrescido ao substantivo um sufixo indicador de diminuição.
      - Por exemplo: casinha.

EXERCÍCIOS

Um pé de milho

Aconteceu que no meu quintal, em um monte de terra trazido pelo jardineiro, nasceu alguma coisa que podia ser um pé de capim – mas descobri que era um pé de milho. Transplantei-o para o exíguo canteiro na frente da casa. Secaram as pequenas folhas, pensei que fosse morrer. Mas ele reagiu. Quando estava do tamanho de um palmo, veio um amigo e declarou desdenhosamente que na verdade aquilo era capim. Quando estava com dois palmos veio outro amigo e afirmou que era cana. Sou um ignorante, um pobre homem da cidade. Mas eu tinha razão. Ele cresceu, está com dois metros, lança as suas folhas além do muro – e é um esplêndido pé de milho. Já viu o leitor um pé de milho? Eu nunca tinha visto. Tinha visto centenas de milharais – mas é diferente. Um pé de milho sozinho, em um canteiro, espremido, junto do portão, numa esquina de rua – não é um número numa lavoura, é um ser vivo e independente. Suas raízes roxas se agarram ao chão e suas folhas longas e verdes nunca estão imóveis.

Anteontem aconteceu o que era inevitável, mas que nos encantou como se fosse inesperado: meu pé de milho pendoou. Há muitas flores belas no mundo, e a flor do meu pé de milho não será a mais linda. Mas aquele pendão firme, vertical, beijado pelo vento do mar, veio enriquecer nosso canteirinho vulgar com uma força e uma alegria que fazem bem. É alguma coisa de vivo que se afirma com ímpeto e certeza. Meu pé de milho é um belo gesto da terra. E eu não sou mais um medíocre homem que vive atrás de uma chata máquina de escrever: sou um rico lavrador da Rua Júlio de Castilhos.

(Rubem Braga. 200 crônicas escolhidas, 2001. Adaptado)

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

01. Na passagem do terceiro parágrafo – ... veio enriquecer nosso canteirinho vulgar... –, o substantivo, empregado no diminutivo, contribui para expressar a ideia de

a) exatidão.
b) desprezo.
c) simplicidade.
d) soberba.
e) abundância.

02. Esta semana, uma revista de automóveis trouxe o lançamento de um novo modelo de carro e publicou o seguinte comunicado: "Ele pode ser adquirido na cor verde-clara, já vem com porta – copo e alto-falante de série". Marque a alternativa que apresenta corretamente o plural dos substantivos compostos.

a) verde-claras / porta-copos / alto-falantes
b) verde-clara / portas-copos / alto-falantes
c) verde-claras / porta-copos / altos-falantes
d) verdes-claras / porta-copos / altos-falantes
e) verdes-claras / portas-copos / altos-falantes

03. Em relação ao plural dos substantivos, assinale a alternativa correta.

a) Para pagar uma promessa, a senhora subiu de joelhos os degrais da catedral.
b) Os novos escrivões serão nomeados na próxima segunda-feira.
c) Os cidadões votaram e elegeram aquele candidato para presidente.
d) A professora preferia usar gizes coloridos para explicar a matéria na lousa.
e) O time de futebol recebeu muitos troféis na última década.

GABARITO

01 - C

02 - A

03 - D

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

CONCORDÂNCIA VERBAL II

Sujeito representado por...

✓ "Quem"

Verbo na 3ª pessoa do singular ou concordando com o antecedente.

Ex.:

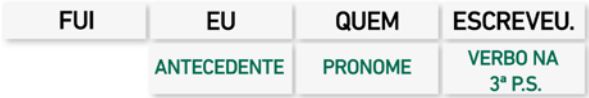

FUI	EU	QUEM	ESCREVEU.
	ANTECEDENTE	PRONOME	VERBO NA 3ª P.S.

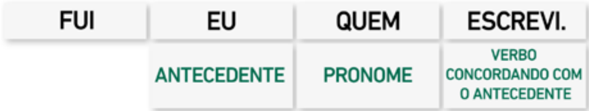

FUI	EU	QUEM	ESCREVI.
	ANTECEDENTE	PRONOME	VERBO CONCORDANDO COM O ANTECEDENTE

✓ "Que"

Verbo concorda com o antecedente.

Ex.:

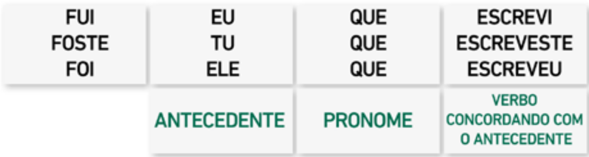

FUI FOSTE FOI	EU TU ELE	QUE QUE QUE	ESCREVI ESCREVESTE ESCREVEU
	ANTECEDENTE	PRONOME	VERBO CONCORDANDO COM O ANTECEDENTE

✓ Coletivo

Verbo no singular.

Ex.:

A multidão invadiu o campo depois do jogo.

✓ "Um dos que"

Verbo no plural (construção dominante) ou no singular.

Ex.:
Ele foi um dos que mais trabalharam / trabalhou.

✓ Artigo + Nome Próprio

a) Artigo singular = verbo singular.

Ex.:

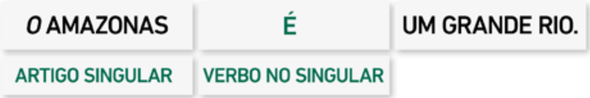

O AMAZONAS	É	UM GRANDE RIO.
ARTIGO SINGULAR	VERBO NO SINGULAR	

b) Artigo plural = verbo plural.

Ex.:

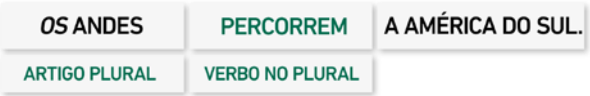

OS ANDES	PERCORREM	A AMÉRICA DO SUL.
ARTIGO PLURAL	VERBO NO PLURAL	

Observação: Se forem títulos de obras, pode ocorrer o singular ou plural.

Exemplo:
Os Sertões glorificou ou glorificaram a literatura brasileira.

✓ **"Alguns", "quantos", "muitos", "quais" + "de nós", "de vós"**

Verbo concorda com "nós" e "vós" ou vai para a 3ª p. p.

Ex.:

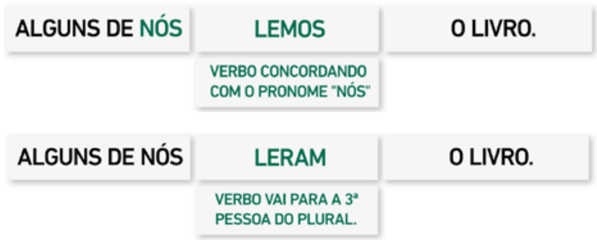

ALGUNS DE NÓS	LEMOS	O LIVRO.
	VERBO CONCORDANDO COM O PRONOME "NÓS"	
ALGUNS DE NÓS	LERAM	O LIVRO.
	VERBO VAI PARA A 3ª PESSOA DO PLURAL.	

✓ **"Algum", "qual" + "de nós", "de vós"**

Verbo concorda com "algum" e "qual".

Ex.:

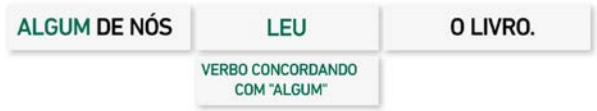

ALGUM DE NÓS	LEU	O LIVRO.
	VERBO CONCORDANDO COM "ALGUM"	

✓ **"A maioria de", "a maior parte de", "grande número de" + "nome no plural"**

Verbo no singular ou no plural.

Ex.:

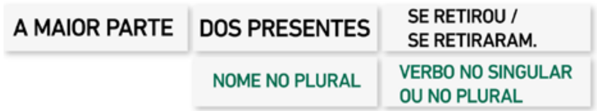

A MAIOR PARTE	DOS PRESENTES	SE RETIROU / SE RETIRARAM.
	NOME NO PLURAL	VERBO NO SINGULAR OU NO PLURAL

✓ **"Mais de", "menos de", "cerca de", "obra de" + numeral**

Verbo concordando com o numeral.

Ex.:

Mais de um aluno se retirou.

Mais de dois alunos se retiraram.

✓ **"Mais de" repetido ou indicando reciprocidade**

Verbo no plural.

Ex.:

Mais de um aluno, mais de um professor estavam presentes.

Mais de um aluno se abraçaram.

CONCORDÂNCIA VERBAL II

Sujeito representado por...

- ✓ "Quem"

Verbo na 3ª pessoa do singular ou concordando com o antecedente.

Ex.:

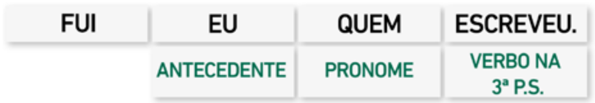

FUI	EU	QUEM	ESCREVEU.
	ANTECEDENTE	PRONOME	VERBO NA 3ª P.S.

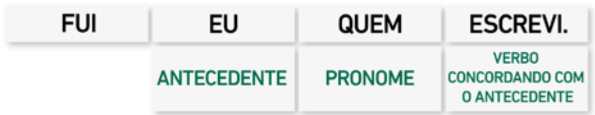

FUI	EU	QUEM	ESCREVI.
	ANTECEDENTE	PRONOME	VERBO CONCORDANDO COM O ANTECEDENTE

- ✓ "Que"

Verbo concorda com o antecedente.

Ex.:

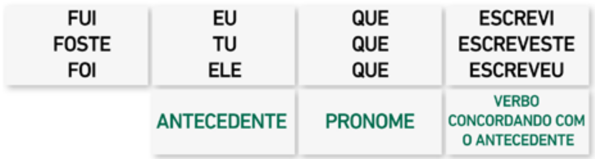

FUI FOSTE FOI	EU TU ELE	QUE QUE QUE	ESCREVI ESCREVESTE ESCREVEU
	ANTECEDENTE	PRONOME	VERBO CONCORDANDO COM O ANTECEDENTE

- ✓ Coletivo

Verbo no singular.

Ex.:

A multidão invadiu o campo depois do jogo.

- ✓ "Um dos que"

Verbo no plural (construção dominante) ou no singular.

Ex.:
Ele foi um dos que mais trabalharam / trabalhou.

- ✓ Artigo + Nome Próprio

a) Artigo singular = verbo singular.

Ex.:

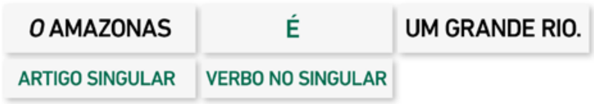

O AMAZONAS	É	UM GRANDE RIO.
ARTIGO SINGULAR	VERBO NO SINGULAR	

b) Artigo plural = verbo plural.

Ex.:

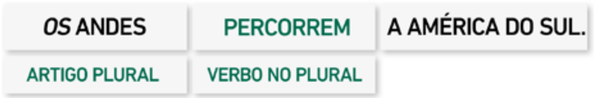

OS ANDES	PERCORREM	A AMÉRICA DO SUL.
ARTIGO PLURAL	VERBO NO PLURAL	

Observação: Se forem títulos de obras, pode ocorrer o singular ou plural.

Exemplo:
Os Sertões glorificou ou glorificaram a literatura brasileira.

- ✓ **"Alguns", "quantos", "muitos", "quais" + "de nós", "de vós"**

Verbo concorda com "nós" e "vós" ou vai para a 3ª p. p.

Ex.:

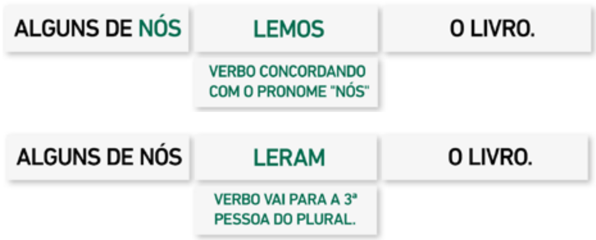

ALGUNS DE NÓS	LEMOS	O LIVRO.
	VERBO CONCORDANDO COM O PRONOME "NÓS"	
ALGUNS DE NÓS	LERAM	O LIVRO.
	VERBO VAI PARA A 3ª PESSOA DO PLURAL.	

- ✓ **"Algum", "qual" + "de nós", "de vós"**

Verbo concorda com "algum" e "qual".

Ex.:

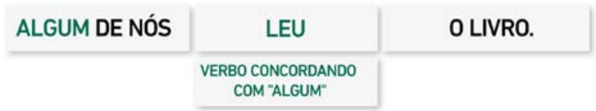

ALGUM DE NÓS	LEU	O LIVRO.
	VERBO CONCORDANDO COM "ALGUM"	

- ✓ **"A maioria de", "a maior parte de", "grande número de" + "nome no plural"**

Verbo no singular ou no plural.

Ex.:

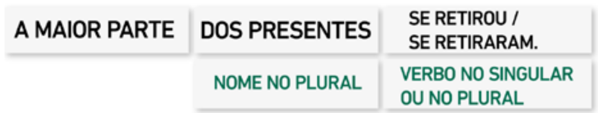

A MAIOR PARTE	DOS PRESENTES	SE RETIROU / SE RETIRARAM.
	NOME NO PLURAL	VERBO NO SINGULAR OU NO PLURAL

- ✓ **"Mais de", "menos de", "cerca de", "obra de" + numeral**

Verbo concordando com o numeral.

Ex.:
Mais de um aluno se retirou.
Mais de dois alunos se retiraram.

- ✓ **"Mais de" repetido ou indicando reciprocidade**

Verbo no plural.

Ex.:
Mais de um aluno, mais de um professor estavam presentes.
Mais de um aluno se abraçaram.

ADRIANA
FIGUEIREDO
CURSOS

Crase

É a fusão de duas vogais iguais. Na escrita, o caso mais comum de crase é aquele marcado com acento grave.

As justificativas para o uso do acento grave são duas:

1. CASOS DE CONTRAÇÃO

↱ exigido pelo nome feminino que se segue
a) preposição + artigo (= determinante do substantivo)
↳ exigida pelo verbo, substantivo, adjetivo ou advérbio (regência verbal ou nominal).

1) O senador manifestou o desejo de concorrer **a** À **a** Presidência.

2) Era favorável **a** ÀS **as** tarefas manuais.

(adj.)

3) Discursou favoravelmente **a** ÀS **as** propostas.

(advérbio)

4) Irei **a** À **a** Bahia no próximo mês. ("Bahia" é um nome de lugar que aceita artigo: "A Bahia possui grande energia.")

5) Refiro-me **a** À **a** Paris dos anos 60. ("Paris" não aceita artigo, mas veio determinado.)

6) Fez alusão **a** À **a** senhora/senhorita. (Pronomes de tratamento que aceitam artigo.)

7) Recorri **a** ÀS **as** nossas/suas secretárias. (Antes de pronome possessivo feminino no plural; com artigo no plural, acento obrigatório.)

8) Retornei **a** À **a** casa/terra materna. (Antes das palavras CASA e TERRA haverá o acento no a se vierem determinadas.)

9) Eu tinha de ir **a** À **a** Presidente Wilson.

Antes de masculino haverá acento no a se estiver subentendida uma palavra ou locução feminina – avenida, à moda de...

Achava que escrevia À Machado de Assis.

b) preposição + pronomes demonstrativos (a(s), aquela(s), aquele(s), aquilo)

1) Refiro-me **a** À **a** que chegou de branco.
↳ a = aquela

2) Dirigiu-se **a** àquelas pessoas em tom emocionado.

3) O professor fez menção **a** àquele escritor.

4) O país tem avançado muito pouco em direção **a** àquilo que chamam de qualidade do ensino básico.

c) preposição + pronome relativo a qual / as quais

A reforma agrária é uma questão à qual o governo deveria dar maior atenção.
a (...dar atenção a + a qual = à qual)

- Uso Facultativo:

1) Antes de nome próprio feminino.

Pedi um favor **a** A ou À **Júlia**.

2) Antes de pronome possessivo feminino no singular (sua, minha, tua, nossa...).

Ninguém escapa **a** A ou À **sua** origem. / Recorri **a** A ou À **nossa/sua** secretária.

Ele não se referiu **a** A ou À **sua** origem, mas À **minha**.

(O acento é obrigatório antes de pronome possessivo com substantivo subentendido: minha origem.)

Obs.: Antes de nome próprio feminino e possessivo feminino no singular, o uso do **artigo** é facultativo.

3) Após a preposição ATÉ.

A área ocupada vai **até** A ou À divisa do estado.

IMPORTANTE!

1. Quando ocorrer a presença de apenas um A (ou a preposição ou o artigo) não ocorrerá o fenômeno da crase e, consequentemente, o A não será acentuado.

Ex.:
- É uma ideia que está longe de corresponder { **a** toda realidade.
  uma
  qualquer
  esta/essa

- Admiro **a** senhora/senhorita (O verbo “admirar” é transitivo direto. O a é apenas artigo)

- O texto fazia referência **a** V. Ex.ª/você/V.S.ª (Pronomes de tratamento não aceitam artigo.)

- A lei concede **a** mulheres e homens direitos iguais. (Palavras tomadas em sentido geral.)

- Cheirava **a** água-de-colônia. (Sentido geral: cheirava a jasmim – não aparece o artigo.)

- Estava sempre disposto **a** lutar. (“Lutar” não é palavra feminina. O a é apenas preposição.)

- Ficou cara **a** cara com o desafeto. (Entre palavras repetidas não haverá acento. O a é apenas preposição.)

- Chegando **a** Brasília, telefonou-me.

(Brasília é um nome de lugar que **não** aceita artigo:
“Brasília viveu, na semana passada, um enredo de pastelão”, e não “A Brasília viveu...”.)

- A briga, **a** que todos se referiram semana passada, esquentou. (Só preposição.)

- Aí está **a** pessoa a quem devemos obedecer. (Só preposição.)

- A menina **a** cuja mãe **aludi** estuda neste colégio. (Só preposição.)

- Retornei **a** casa cedo.

(A palavra CASA, quando indica o próprio morador, não vem acompanhada de artigo)

- O comandante retornou **a** terra. (A palavra TERRA, significando “chão firme”, não aceita artigo.)

2. CASOS DE LOCUÇÕES FEMININAS

- **Adjetivas**: à toa, à fantasia...

- **Adverbiais**: à noite, às vezes, à beça, às duas horas, à vista, à direita, à vontade...

- **Prepositivas**: à procura de, à espera de, à moda de, à disposição de, à beira de, às expensas de, às custas de...

- **Conjuntivas**: à medida que, à proporção que.

Exercícios de Fixação

I) Complete com a, à, as ou às;

1) Estava habituada ____ insondável capacidade de assombro do marido.

2) Os universitários leem como se assistissem ____ televisão com um controle remoto.

3) Os bancos oferecem linhas de crédito direto ao consumidor com taxas bem inferiores ____ do comércio.

4) ____ essa hora estou dormindo, respondeu-me ela.

5) ____ uma da tarde estava solucionado o problema.

6) O aceno antigo era por uma adesão equivocada, mas movida ____ utopia.

7) Uma torneira pingando pode deixar escoar 150 litros de água ____ cada 24 horas.

8) Quem recicla ajuda ____ diminuir a montanha de lixo.

9) Não se referiram ____ qualquer reforma mas ____ de 1971.

10) ____ língua deve-se querer como ____ pátria.

11) Tudo se recolhe: lata ____ lata vai-se juntando material reutilizável.

12) A discussão era ____ propósito de reformas ortográficas.

13) Supermercados que recebem embalagens plásticas dão em troca roupas para serem doadas ____ instituições de caridade.

14) ____ semelhança do que ocorre em outros países, o Brasil ainda não tem infraestrutura para testes em larga escala.

15) Os voluntários necessários serão escolhidos ____ critério das instituições envolvidas no projeto.

16) Proponho ____ Vossa Senhoria dar, àqueles que se destacarem, oportunidades de promoção; porém espero que tal promoção não se restrinja ____ pessoas do primeiro escalão, mas aplique-se ____ todos os funcionários da casa.

17) Os voluntários deverão responder ____ perguntas de um questionário sobre seu comportamento sexual.

18) As normas jurídicas devem corroborar ____ manifestações do povo.

19) As normas jurídicas devem anuir ____ manifestações do povo.

20) O voluntário deverá informar ____ pessoas responsáveis pela pesquisa todas as reações surgidas em decorrência do tratamento.
21) Ela deve dar ____ luz em junho.

22) Mulher: todos os dias elas dão ____ luz um mundo melhor.

23) A prova teve início após ____ oito horas.

24) Saí de casa ____ uma hora ____ fim de ir ____ praia.

25) São serviços essenciais ____ essa população.

26) São serviços essenciais ____ toda e qualquer população.

27) São serviços essenciais ____ nossa população.

28) São serviços essenciais ____ nossas cidades.

29) Um jornal noticiou há dois meses que dali ____ três semanas os cidadãos teriam acesso ____ novas tecnologias que ligariam ____ América ____ Europa ____ uma velocidade equivalente ____ da luz.

30) Está em exame na Casa Civil anteprojeto de lei que instituirá um sistema de incentivo ____ redução dos acidentes e de punição das empresas que submetem seus trabalhadores ____ risco. ____ intenção é reduzir pela metade ou dobrar ____ alíquotas de contribuição para cobertura de acidentes trabalhistas, dependendo do caso. Uma empresa que esteja abaixo da média nacional de acidentes, por exemplo, pode vir ____ pagar menos. O contrário acontecerá ____ empresa que tiver registrado número de acidentes muito acima da média do seu setor. Ela poderá ter ____ alíquota duplicada.

31) Completamente excluídos das engrenagens de desenvolvimento da sociedade, os miseráveis são reduzidos ____ uma condição subumana. Seu único horizonte passa ____ ser ____ luta feroz pela sobrevivência. No lixão de Valparaíso, ____ poucos quilômetros de Brasília, há gente disputando os restos com os animais.

II) Levando em consideração as justificativas para o uso do sinal indicativo de crase, julgue as frases abaixo usando C para as frases certas e E para as erradas.

1) A cidade a qual nos dirigimos é belíssima. ( )

2) A cidade a qual escolhi para viajar nas férias é pouco frequentada. ( )

3) O jantar foi servido à francesa por duas empregadas uniformizadas. ( )

4) As dúvidas sobre a matéria, ele responde por e-mail. ( )

5) É a esperança no Brasil que o sociólogo-presidente se refere. ( )

6) Os ambientalistas assistiram a uma conferência. ( )

7) Todas aspiravam a uma promoção, entretanto poucos se dedicavam aquele trabalho, por ser desgastante. ( )

8) Continuaram em silêncio, enquanto o relator procedia à leitura do texto final. ( )

9) A canoa a que me refiro a encantou profundamente. ( )

10) Acostumado a tristezas, assustava-se à noite a toda hora. ( )

11) Quincas Borba vivera a míngua até a idade de chegar a faculdade. ( )

12) O respeito à gramática é tão importante como a obediência a Constituição. ( )

13) De segunda à sexta você me encontra no curso. ( )

14) O funcionário prestou à diretora um favor. ( )

15) Escreveu a canção à máquina. ( )

ADRIANA
FIGUEIREDO
CURSOS

Crase

É a fusão de duas vogais iguais. Na escrita, o caso mais comum de crase é aquele marcado com acento grave.

As justificativas para o uso do acento grave são duas:

1. CASOS DE CONTRAÇÃO

↱ exigido pelo nome feminino que se segue
a) preposição + artigo (= determinante do substantivo)
↳ exigida pelo verbo, substantivo, adjetivo ou advérbio (regência verbal ou nominal).

1) O senador manifestou o desejo de concorrer **a** À **a** Presidência.

2) Era favorável **a** ÀS **as** tarefas manuais.

(adj.)

3) Discursou favoravelmente **a** ÀS **as** propostas.

(advérbio)

4) Irei **a** À **a** Bahia no próximo mês. (“Bahia” é um nome de lugar que aceita artigo: “A Bahia possui grande energia.”)

5) Refiro-me **a** À **a** Paris dos anos 60. (“Paris” não aceita artigo, mas veio determinado.)

6) Fez alusão **a** À **a** senhora/senhorita. (Pronomes de tratamento que aceitam artigo.)

7) Recorri **a** ÀS **as** nossas/suas secretárias. (Antes de pronome possessivo feminino no plural; com artigo no plural, acento obrigatório.)

8) Retornei **a** À **a** casa/terra materna. (Antes das palavras CASA e TERRA haverá o acento no a se vierem determinadas.)

9) Eu tinha de ir **a** À **a** Presidente Wilson.

Antes de masculino haverá acento no a se estiver subentendida uma palavra ou locução feminina – avenida, à moda de...

Achava que escrevia À Machado de Assis.

b) preposição + pronomes demonstrativos (a(s), aquela(s), aquele(s), aquilo)
1) Refiro-me **a** À **a** que chegou de branco.
↳ a = aquela

2) Dirigiu-se **a** àquelas pessoas em tom emocionado.

3) O professor fez menção **a** àquele escritor.

4) O país tem avançado muito pouco em direção **a** àquilo que chamam de qualidade do ensino básico.

c) preposição + pronome relativo a qual / as quais
A reforma agrária é uma questão à qual o governo deveria dar maior atenção.
a (...dar atenção a + a qual = à qual)

- Uso Facultativo:
1) Antes de nome próprio feminino.

Pedi um favor **a** A ou À **Júlia**.

2) Antes de pronome possessivo feminino no singular (sua, minha, tua, nossa...).

Ninguém escapa **a** A ou À **sua** origem. / Recorri **a** A ou À **nossa/sua** secretária.

Ele não se referiu **a** A ou À **sua** origem, mas À **minha**.

(O acento é obrigatório antes de pronome possessivo com substantivo subentendido: minha origem.)

Obs.: Antes de nome próprio feminino e possessivo feminino no singular, o uso do **artigo** é facultativo.

3) Após a preposição ATÉ.

A área ocupada vai **até** A ou À divisa do estado.

IMPORTANTE!

1. Quando ocorrer a presença de apenas um A (ou a preposição ou o artigo) não ocorrerá o fenômeno da crase e, consequentemente, o A não será acentuado.

Ex.:

- É uma ideia que está longe de corresponder { **a** toda realidade.
  uma
  qualquer
  esta/essa

- Admiro **a** senhora/senhorita (O verbo “admirar” é transitivo direto. O a é apenas artigo)

- O texto fazia referência **a** V. Ex.ª/você/V.S.ª (Pronomes de tratamento não aceitam artigo.)

- A lei concede **a** mulheres e homens direitos iguais. (Palavras tomadas em sentido geral.)

- Cheirava **a** água-de-colônia. (Sentido geral: cheirava a jasmim – não aparece o artigo.)

- Estava sempre disposto **a** lutar. (“Lutar” não é palavra feminina. O a é apenas preposição.)

- Ficou cara **a** cara com o desafeto. (Entre palavras repetidas não haverá acento. O a é apenas preposição.)

- Chegando **a** Brasília, telefonou-me.

(Brasília é um nome de lugar que **não** aceita artigo:
“Brasília viveu, na semana passada, um enredo de pastelão”, e não “A Brasília viveu...”.)

- A briga, **a** que todos se referiram semana passada, esquentou. (Só preposição.)

- Aí está **a** pessoa a quem devemos obedecer. (Só preposição.)

- A menina **a** cuja mãe **aludi** estuda neste colégio. (Só preposição.)

- Retornei **a** casa cedo.

(A palavra CASA, quando indica o próprio morador, não vem acompanhada de artigo)

- O comandante retornou **a** terra. (A palavra TERRA, significando “chão firme”, não aceita artigo.)

2. CASOS DE LOCUÇÕES FEMININAS

- **Adjetivas**: à toa, à fantasia...

- **Adverbiais**: à noite, às vezes, à beça, às duas horas, à vista, à direita, à vontade...

- **Prepositivas**: à procura de, à espera de, à moda de, à disposição de, à beira de, às expensas de, às custas de...

- **Conjuntivas**: à medida que, à proporção que.

Exercícios de Fixação

I) Complete com a, à, as ou às;

1) Estava habituada ____ insondável capacidade de assombro do marido.

2) Os universitários leem como se assistissem ____ televisão com um controle remoto.

3) Os bancos oferecem linhas de crédito direto ao consumidor com taxas bem inferiores ____ do comércio.

4) ____ essa hora estou dormindo, respondeu-me ela.

5) ____ uma da tarde estava solucionado o problema.

6) O aceno antigo era por uma adesão equivocada, mas movida ____ utopia.

7) Uma torneira pingando pode deixar escoar 150 litros de água ____ cada 24 horas.

8) Quem recicla ajuda ____ diminuir a montanha de lixo.

9) Não se referiram ____ qualquer reforma mas ____ de 1971.

10) ____ língua deve-se querer como ____ pátria.

11) Tudo se recolhe: lata ____ lata vai-se juntando material reutilizável.

12) A discussão era ____ propósito de reformas ortográficas.

13) Supermercados que recebem embalagens plásticas dão em troca roupas para serem doadas ____ instituições de caridade.

14) ____ semelhança do que ocorre em outros países, o Brasil ainda não tem infraestrutura para testes em larga escala.

15) Os voluntários necessários serão escolhidos ____ critério das instituições envolvidas no projeto.

16) Proponho ____ Vossa Senhoria dar, àqueles que se destacarem, oportunidades de promoção; porém espero que tal promoção não se restrinja ____ pessoas do primeiro escalão, mas aplique-se ____ todos os funcionários da casa.

17) Os voluntários deverão responder ____ perguntas de um questionário sobre seu comportamento sexual.

18) As normas jurídicas devem corroborar ____ manifestações do povo.

19) As normas jurídicas devem anuir ____ manifestações do povo.

20) O voluntário deverá informar ____ pessoas responsáveis pela pesquisa todas as reações surgidas em decorrência do tratamento.
21) Ela deve dar ____ luz em junho.

22) Mulher: todos os dias elas dão ____ luz um mundo melhor.

23) A prova teve início após ____ oito horas.

24) Saí de casa ____ uma hora ____ fim de ir ____ praia.

25) São serviços essenciais ____ essa população.

26) São serviços essenciais ____ toda e qualquer população.

27) São serviços essenciais ____ nossa população.

28) São serviços essenciais ____ nossas cidades.

29) Um jornal noticiou há dois meses que dali ____ três semanas os cidadãos teriam acesso ____ novas tecnologias que ligariam ____ América ____ Europa ____ uma velocidade equivalente ____ da luz.

30) Está em exame na Casa Civil anteprojeto de lei que instituirá um sistema de incentivo ____ redução dos acidentes e de punição das empresas que submetem seus trabalhadores ____ risco. ____ intenção é reduzir pela metade ou dobrar ____ alíquotas de contribuição para cobertura de acidentes trabalhistas, dependendo do caso. Uma empresa que esteja abaixo da média nacional de acidentes, por exemplo, pode vir ____ pagar menos. O contrário acontecerá ____ empresa que tiver registrado número de acidentes muito acima da média do seu setor. Ela poderá ter ____ alíquota duplicada.

31) Completamente excluídos das engrenagens de desenvolvimento da sociedade, os miseráveis são reduzidos ____ uma condição subumana. Seu único horizonte passa ____ ser ____ luta feroz pela sobrevivência. No lixão de Valparaíso, ____ poucos quilômetros de Brasília, há gente disputando os restos com os animais.

II) Levando em consideração as justificativas para o uso do sinal indicativo de crase, julgue as frases abaixo usando C para as frases certas e E para as erradas.

1) A cidade a qual nos dirigimos é belíssima. ( )

2) A cidade a qual escolhi para viajar nas férias é pouco frequentada. ( )

3) O jantar foi servido à francesa por duas empregadas uniformizadas. ( )

4) As dúvidas sobre a matéria, ele responde por e-mail. ( )

5) É a esperança no Brasil que o sociólogo-presidente se refere. ( )

6) Os ambientalistas assistiram a uma conferência. ( )

7) Todas aspiravam a uma promoção, entretanto poucos se dedicavam aquele trabalho, por ser desgastante. ( )

8) Continuaram em silêncio, enquanto o relator procedia à leitura do texto final. ( )

9) A canoa a que me refiro a encantou profundamente. ( )

10) Acostumado a tristezas, assustava-se à noite a toda hora. ( )

11) Quincas Borba vivera a míngua até a idade de chegar a faculdade. ( )

12) O respeito à gramática é tão importante como a obediência a Constituição. ( )

13) De segunda à sexta você me encontra no curso. ( )

14) O funcionário prestou à diretora um favor. ( )

15) Escreveu a canção à máquina. ( )

ADRIANA
FIGUEIREDO
CURSOS

Crase

É a fusão de duas vogais iguais. Na escrita, o caso mais comum de crase é aquele marcado com acento grave.

As justificativas para o uso do acento grave são duas:

1. CASOS DE CONTRAÇÃO

↱ exigido pelo nome feminino que se segue
a) preposição + artigo (= determinante do substantivo)
↳ exigida pelo verbo, substantivo, adjetivo ou advérbio (regência verbal ou nominal).

1) O senador manifestou o desejo de concorrer **a** À **a** Presidência.

2) Era favorável **a** ÀS **as** tarefas manuais.

(adj.)

3) Discursou favoravelmente **a** ÀS **as** propostas.

(advérbio)

4) Irei **a** À **a** Bahia no próximo mês. (“Bahia” é um nome de lugar que aceita artigo: “A Bahia possui grande energia.”)

5) Refiro-me **a** À **a** Paris dos anos 60. (“Paris” não aceita artigo, mas veio determinado.)

6) Fez alusão **a** À **a** senhora/senhorita. (Pronomes de tratamento que aceitam artigo.)

7) Recorri **a** ÀS **as** nossas/suas secretárias. (Antes de pronome possessivo feminino no plural; com artigo no plural, acento obrigatório.)

8) Retornei **a** À **a** casa/terra materna. (Antes das palavras CASA e TERRA haverá o acento no a se vierem determinadas.)

9) Eu tinha de ir **a** À **a** Presidente Wilson.

Antes de masculino haverá acento no a se estiver subentendida uma palavra ou locução feminina – avenida, à moda de...

Achava que escrevia À Machado de Assis.

b) preposição + pronomes demonstrativos (a(s), aquela(s), aquele(s), aquilo)
1) Refiro-me **a** À **a** que chegou de branco.
↳ a = aquela

2) Dirigiu-se **a** àquelas pessoas em tom emocionado.

3) O professor fez menção **a** àquele escritor.

4) O país tem avançado muito pouco em direção **a** àquilo que chamam de qualidade do ensino básico.

c) preposição + pronome relativo a qual / as quais
A reforma agrária é uma questão à qual o governo deveria dar maior atenção.
a (...dar atenção a + a qual = à qual)

- Uso Facultativo:
1) Antes de nome próprio feminino.

Pedi um favor **a** A ou À **Júlia**.

2) Antes de pronome possessivo feminino no singular (sua, minha, tua, nossa...).

Ninguém escapa **a** A ou À **sua** origem. / Recorri **a** A ou À **nossa/sua** secretária.

Ele não se referiu **a** A ou À **sua** origem, mas À **minha**.

(O acento é obrigatório antes de pronome possessivo com substantivo subentendido: minha origem.)

Obs.: Antes de nome próprio feminino e possessivo feminino no singular, o uso do **artigo** é facultativo.

3) Após a preposição ATÉ.

A área ocupada vai **até** A ou À divisa do estado.

IMPORTANTE!

1. Quando ocorrer a presença de apenas um A (ou a preposição ou o artigo) não ocorrerá o fenômeno da crase e, consequentemente, o A não será acentuado.

Ex.:

- É uma ideia que está longe de corresponder { **a** toda realidade.
  uma
  qualquer
  esta/essa

- Admiro **a** senhora/senhorita (O verbo “admirar” é transitivo direto. O a é apenas artigo)

- O texto fazia referência **a** V. Ex.ª/você/V.S.ª (Pronomes de tratamento não aceitam artigo.)

- A lei concede **a** mulheres e homens direitos iguais. (Palavras tomadas em sentido geral.)

- Cheirava **a** água-de-colônia. (Sentido geral: cheirava a jasmim – não aparece o artigo.)

- Estava sempre disposto **a** lutar. (“Lutar” não é palavra feminina. O a é apenas preposição.)

- Ficou cara **a** cara com o desafeto. (Entre palavras repetidas não haverá acento. O a é apenas preposição.)

- Chegando **a** Brasília, telefonou-me.

(Brasília é um nome de lugar que **não** aceita artigo:
“Brasília viveu, na semana passada, um enredo de pastelão”, e não “A Brasília viveu...”.)

- A briga, **a** que todos se referiram semana passada, esquentou. (Só preposição.)

- Aí está **a** pessoa a quem devemos obedecer. (Só preposição.)

- A menina **a** cuja mãe **aludi** estuda neste colégio. (Só preposição.)

- Retornei **a** casa cedo.

(A palavra CASA, quando indica o próprio morador, não vem acompanhada de artigo)

- O comandante retornou **a** terra. (A palavra TERRA, significando “chão firme”, não aceita artigo.)

2. CASOS DE LOCUÇÕES FEMININAS

- **Adjetivas**: à toa, à fantasia...

- **Adverbiais**: à noite, às vezes, à beça, às duas horas, à vista, à direita, à vontade...

- **Prepositivas**: à procura de, à espera de, à moda de, à disposição de, à beira de, às expensas de, às custas de...

- **Conjuntivas**: à medida que, à proporção que.

Exercícios de Fixação

I) Complete com a, à, as ou às;

1) Estava habituada ____ insondável capacidade de assombro do marido.

2) Os universitários leem como se assistissem ____ televisão com um controle remoto.

3) Os bancos oferecem linhas de crédito direto ao consumidor com taxas bem inferiores ____ do comércio.

4) ____ essa hora estou dormindo, respondeu-me ela.

5) ____ uma da tarde estava solucionado o problema.

6) O aceno antigo era por uma adesão equivocada, mas movida ____ utopia.

7) Uma torneira pingando pode deixar escoar 150 litros de água ____ cada 24 horas.

8) Quem recicla ajuda ____ diminuir a montanha de lixo.

9) Não se referiram ____ qualquer reforma mas ____ de 1971.

10) ____ língua deve-se querer como ____ pátria.

11) Tudo se recolhe: lata ____ lata vai-se juntando material reutilizável.

12) A discussão era ____ propósito de reformas ortográficas.

13) Supermercados que recebem embalagens plásticas dão em troca roupas para serem doadas ____ instituições de caridade.

14) ____ semelhança do que ocorre em outros países, o Brasil ainda não tem infraestrutura para testes em larga escala.

15) Os voluntários necessários serão escolhidos ____ critério das instituições envolvidas no projeto.

16) Proponho ____ Vossa Senhoria dar, àqueles que se destacarem, oportunidades de promoção; porém espero que tal promoção não se restrinja ____ pessoas do primeiro escalão, mas aplique-se ____ todos os funcionários da casa.

17) Os voluntários deverão responder ____ perguntas de um questionário sobre seu comportamento sexual.

18) As normas jurídicas devem corroborar ____ manifestações do povo.

19) As normas jurídicas devem anuir ____ manifestações do povo.

20) O voluntário deverá informar ____ pessoas responsáveis pela pesquisa todas as reações surgidas em decorrência do tratamento.
21) Ela deve dar ____ luz em junho.

22) Mulher: todos os dias elas dão ____ luz um mundo melhor.

23) A prova teve início após ____ oito horas.

24) Saí de casa ____ uma hora ____ fim de ir ____ praia.

25) São serviços essenciais ____ essa população.

26) São serviços essenciais ____ toda e qualquer população.

27) São serviços essenciais ____ nossa população.

28) São serviços essenciais ____ nossas cidades.

29) Um jornal noticiou há dois meses que dali ____ três semanas os cidadãos teriam acesso ____ novas tecnologias que ligariam ____ América ____ Europa ____ uma velocidade equivalente ____ da luz.

30) Está em exame na Casa Civil anteprojeto de lei que instituirá um sistema de incentivo ____ redução dos acidentes e de punição das empresas que submetem seus trabalhadores ____ risco. ____ intenção é reduzir pela metade ou dobrar ____ alíquotas de contribuição para cobertura de acidentes trabalhistas, dependendo do caso. Uma empresa que esteja abaixo da média nacional de acidentes, por exemplo, pode vir ____ pagar menos. O contrário acontecerá ____ empresa que tiver registrado número de acidentes muito acima da média do seu setor. Ela poderá ter ____ alíquota duplicada.

31) Completamente excluídos das engrenagens de desenvolvimento da sociedade, os miseráveis são reduzidos ____ uma condição subumana. Seu único horizonte passa ____ ser ____ luta feroz pela sobrevivência. No lixão de Valparaíso, ____ poucos quilômetros de Brasília, há gente disputando os restos com os animais.

II) Levando em consideração as justificativas para o uso do sinal indicativo de crase, julgue as frases abaixo usando C para as frases certas e E para as erradas.

1) A cidade a qual nos dirigimos é belíssima. ( )

2) A cidade a qual escolhi para viajar nas férias é pouco frequentada. ( )

3) O jantar foi servido à francesa por duas empregadas uniformizadas. ( )

4) As dúvidas sobre a matéria, ele responde por e-mail. ( )

5) É a esperança no Brasil que o sociólogo-presidente se refere. ( )

6) Os ambientalistas assistiram a uma conferência. ( )

7) Todas aspiravam a uma promoção, entretanto poucos se dedicavam aquele trabalho, por ser desgastante. ( )

8) Continuaram em silêncio, enquanto o relator procedia à leitura do texto final. ( )

9) A canoa a que me refiro a encantou profundamente. ( )

10) Acostumado a tristezas, assustava-se à noite a toda hora. ( )

11) Quincas Borba vivera a míngua até a idade de chegar a faculdade. ( )

12) O respeito à gramática é tão importante como a obediência a Constituição. ( )

13) De segunda à sexta você me encontra no curso. ( )

14) O funcionário prestou à diretora um favor. ( )

15) Escreveu a canção à máquina. ( )

AF
CURSOS

CLASSES GRAMATICAIS

ARTIGO

vocábulo que antecede substantivo, claro ou implícito. Exemplo: Considero muito **a** sua sogra e também **a** minha.

SUBSTANTIVO

o nome com que designamos em geral (pessoas, animais e coisas) flexionando-se em **gênero** e **número**.

ADJETIVO

“É a expressão modificadora do substantivo que denota **qualidade**, **condição** ou **estado** de um ***ser***.” (Evanildo Bechara)

Ex: “...era feito aquela gente *honesta, boa e comovida*
que caminha para a morte pensando em vencer na
vida.”
- Homem *bom* / homem *mortal*; *pobre* homem / homem *pobre*;

um viajante *brasileiro* / um brasileiro *viajante*; *grande* homem / homem *grande*

LOCUÇÃO ADJETIVA

É formada, geralmente, de preposição + substantivo com valor de adjetivo.
Ex.: “..eu quero que o meu caixão

tenha uma forma bizarra

a forma *de coração*

a forma *de guitarra”*

ADVÉRBIO

Palavra invariável que, fundamentalmente, modifica o verbo exprimindo uma circunstância (tempo, lugar, modo etc.). Pode ainda o advérbio modificar o adjetivo ou outro advérbio.
EX:

Trabalhamos **muito**.

Homem **muito** bom.

Fala **muito** bem.

Ela chegou **aqui** sozinha

LOCUÇÃO ADVERBIAL

Formada, normalmente, de preposição mais substantivo com valor e emprego de advérbio.

Ex.: às pressas, às vezes, à beça, sem dúvida, de repente, de vez em quando, à toa, cara a cara etc.

ADJETIVO E ADVÉRBIO

IMPORTANTE!!!!!!

Não confunda a locução adjetiva com a locução adverbial.

Observe:

A casa **de madeira** foi construída.

A casa foi construída **de madeira**.

Conjunções

Palavras invariáveis que unem termos de uma oração ou une orações.

Coordenativas

Ligam orações que ***não*** dependem sintaticamente uma da outra.

Aditiva

Acrescenta uma informação à 1ª oração: E, nem, não só... mas também, além de, além disso, também

Alternativa

Alternância de ideias: ou, ou... ou, ora... ora, quer... quer, já... já.

Adversativa

Estabelece oposição ou contraste: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, não obstante, no entanto.

Conclusiva

Estabelece relação de conclusão: logo, portanto, por conseguinte, pois (***depois*** do verbo), consequentemente

Explicativa

Estabelece motivo, razão, explicação: porque, porquanto, que, pois (***antes*** do verbo).

Subordinativas

Ligam orações que ***dependem*** sintaticamente uma da outra.

Conformativa

Expressam acordo, conformidade: Conforme, segundo, de acordo com, como (= conforme), consoante.

Comparativa

Estabelece comparação: como, mais...(do) que, menos...(do)que, tão...como, tão... quanto, tal...qual.

Final

Expressam uma finalidade: para que, que, a fim de que.

Causal

São aquelas que indicam a causa: porque, como (no sentido de porque), pois que, por isso que, uma vez que, visto que, visto como, porquanto.

Concessiva

São aquelas que indicam concessão (admitem um fato contrário à 1ª oração): embora, ainda que, mesmo que, conquanto, apesar de.

Temporal

São aquelas que indicam circunstância de tempo: Quando, enquanto, antes que, depois que, desde que, logo que, assim que.

Proporcional

Estabelece simultaneidade, proporção: à medida que, à proporção que, ao passo que.

Condicional

Estabelecem hipótese ou condição: se, caso, desde que, conquanto que.

Consecutiva

Expressam uma consequência: que, de forma que, de sorte que.

C.Melo2020

10 Substantivos

O substantivo é a palavra que dá nome aos seres que existem ou que imaginamos existir. São, por conseguinte, substantivos:

a) os nomes de pessoas, animais, vegetais, lugares e coisas:

Jordana — cão — crisântemo — Curitiba – livro.

b) os nomes de ações, estados e qualidades, tomados como seres:

colheita — estudo — estupidez — velhice — bondade.

Classificação dos substantivos

1. **Próprio**: é o que designa um único indivíduo de um conjunto (escrevem-se com letra maiúscula):

Fernanda — Paraná — Deus.

2. **Comum:** é o que se aplica a todos os seres de uma espécie:

homem — país — estado.

3. **Concreto:** designa o ser propriamente dito, os nomes de pessoas, lugares, animais, vegetais, coisas, com existência própria, independente de outros seres:

casa — livro — saci — alma — fada.

4. **Abstrato:** designa qualidades, ações ou atributos dos seres, concebidos como se eles existissem em si mesmos, abstraídos dos seres que o suportam:

beleza — esperança — crueldade — sensatez — sofrimento.

Quanto à formação

5. **Simples:** formado por um só radical:

pombo — flor — correio — couve.

6. **Composto:** formado por mais de um radical:

couve-flor — pombo-correio — passatempo — aguardente.

7. **Primitivo**: dá origem a outros substantivos:

ferro — mar — carro.

8. **Derivado**: origina-se de outro substantivo: ferradura — maré — carroça.

Coletivos

É o substantivo comum que, no singular, designa um conjunto de seres. Os **coletivos** podem ser:

a) **Específicos***:* os que designam sempre a mesma espécie de seres, daí a não exigência de modificadores:

arquipélago, biblioteca, atlas.

b) **Não específicos:** os que designam ora esta, ora aquela espécie de seres, daí a exigência de modificadores:

junta — de médicos, de bois, de examinadores.

elenco — de atores, de artistas, de medidas.

c) **Numéricos:** os que exprimem um número exato de seres:

semana, dúzia, grosa, século.

Principais coletivos

Obs.: Os específicos aparecem marcados com asterisco*.

	ACERVO	• de coisas amontoadas, bens patrimoniais, obras de arte.
	ÁLBUM	• de fotografias, selos, autógrafos.
	ALCATÉIA	• de lobos ou animais ferozes.
	ANTOLOGIA	• de textos escolhidos.
*	ARMADA	• de navios de guerra.
	ARMENTO	• de gado grande (cavalos, burros, búfalos, elefantes etc.).
*	ARSENAL	• de armas e munições.
*	ARQUIPÉLAGO	• de ilhas.
	ASSEMBLÉIA	• de parlamentares, membros de associações, literatos, operários etc.
*	ATILHO	• de espigas de milho.
*	ATLAS	• de mapas.
	BAGAGEM	• objetos de viagem.
	BANCA	• de examinadores, de advogados.
	BANDO	• de aves, crianças etc.
	BATALHÃO	• de soldados.
*	BAIXELA	• de utensílios de mesa.
*	BIBLIOTECA	• de livros.
*	BOIADA	• de bois.
*	BOANA	• de peixes miúdos.
*	BOSQUE	• de árvores.
*	BUQUÊ	• de flores.
*	CABIDO	• de cônegos.
	CACHO	• de uvas, bananas, cabelos.
*	CÁFILA	• de camelos (de patifes, bandidos, ladrões).
*	CAINÇADA	• de cães.
	CAMBADA	• de todas as coisas penduradas num mesmo gancho: de cebolas, de alhos, de peixes, de chaves; pejorativamente, de ladrões, de moleques etc.
	CANCIONEIRO	• de canções.
*	CANZOADA	• de cães.
	CARAVANA	• de viajantes, peregrinos, excursionistas.
*	CARDUME	• de peixes (ou coisas que estejam aglomeradas).
*	CARRILHÃO	• de sinos.
	CHUSMA	• de marinheiros (ou pessoas e coisas em geral: chusma de criados, de cães, de livros etc.).
	CATERVA	• de animais, desordeiros, vadios, gente à-toa.
	CHOLDRA	• de malfeitores, canalhas, pessoas ordinárias.
	CHORRILHO	• de coisas ou pessoas semelhantes, de asneiras.
*	CÓDIGO	• de leis.
*	CLAQUE	• de pessoas pagas para aplaudir ou apupar em um espetáculo.
*	CLERO	• de sacerdotes.
*	COLMÉIA	• de abelhas.
*	CONCÍLIO	• de bispos convocados pelo Papa.
*	CONCLAVE	• de cardeais reunidos para eleger o Papa.
*	CONSISTÓRIO	• de cardeais presididos pelo Papa.
*	CONSTELAÇÃO	• de astros, de estrelas.
*	CORDOALHA, CORDAME	• de cordas.
*	CORDILHEIRA	• de montanhas.
*	CORJA	• de pessoas ordinárias: bandidos, bêbados, ladrões etc.
	CORPO	• de alunos, professores, jurados, eleitores.
	CORREIÇÃO	• de formigas.
	CORSO	• de piranhas, carruagens, sardinhas, navios piratas.
	CORTIÇO	• de abelhas, casas velhas e pobres.
*	DÉCADA	• período de dez anos.
*	DISCOTECA	• de discos.
*	ELENCO	• de atores, artistas.
*	ENXAME	• de abelhas, insetos.
*	ENXOVAL	• de roupas e adornos.
*	ESQUADRA	• de navios de guerra.
	ESQUADRILHA	• de aviões, de pequenos navios de guerra.
	FALANGE	• de soldados, anjos.
	FARÂNDOLA	• de maltrapilhos.
*	FATO	• de cabras.
*	FAUNA	• os animais de uma região.
	FEIXE	• de espigas, lenha, raios luminosos.
*	FLORA	• as plantas de uma região.
*	FROTA	• de navios mercantes ou de guerra, veículos.
	GALERIA	• de quadros, estátuas, objetos de arte em geral.
	GIRÂNDOLA	• de foguetes, fogos de artifício.
	HORDA	• de invasores, salteadores, indisciplinados etc.
	HEMEROTECA	• de jornais e revistas arquivados.
	JUNTA	• de bois, de médicos, de examinadores.
*	JÚRI	• de jurados.
	LEGIÃO	• de soldados, anjos, demônios.
*	MADEIXA	• de cabelos.
*	MALTA	• de gente ordinária em geral (malfeitores, vagabundos, assaltantes, assassinos etc.)
	MANADA	• de gado grosso (bois, burros, búfalos, elefantes etc.).

*	MATILHA	• de cães de caça.
*	MATULA	• de gente ordinária em geral.
	MIRÍADE	• de quaisquer coisas em número igual ou superior a dez mil (calculados grosso modo): de estrelas, de insetos, de gafanhotos etc.
*	MÓ	• de gente.
	MOLHO (ó)	• de chave, de capim, de cenouras etc. (= lio)
*	MILÊNIO	• período de mil anos.
*	MORTUALHA	• de cadáveres.
	NUVEM	• de fumaça, de gafanhotos, de insetos, de mosquitos etc.
*	PAREMIOLOGIA	• de provérbios.
	PENCA	• de flores ou frutos.
*	PINACOTECA	• de quadros, telas.
	PIQUETE	• de grevistas, soldados.
	PLÊIADE	• de pessoas ilustres: de poetas, escritores, jornalistas.
	QUADRILHA	• de ladrões, malfeitores, assaltantes etc.
	RAMALHETE	• de flores.
	REBANHO	• de bois, ovelhas, carneiros, cabras, girafas etc.
	RÉCUA	• de animais de carga.
	RENQUE	• pessoas ou coisas enfileiradas.
	RÉSTIA	• de cebolas, de alhos.
	RESMA	• de quinhentas folhas de papel.
	ROSÁRIO	• de 165 contas.
	SARAIVADA	• de protestos, de vaias, de balas, de injúrias.
*	SÚCIA	• de gente ordinária em geral (caterva, corja, malta e matula).
	SÉCULO	• período de cem anos.
	TERTÚLIA	• de amigos, parentes, intelectuais em reunião.
	TRÍADE	• conjunto de três pessoas ou três coisas.
	TRÍDUO	• período de três dias.
	TRIÊNIO	• período de três anos.
	UNIVERSIDADE	• de faculdades (escolas superiores).
	VARA	• de porcos.

Palavras substantivadas

Algumas palavras de outras classes gramaticais podem ser substantivadas.

Para isso, antepõe-se-lhes o artigo:

— **«O morrer** pertence a Deus.»

(Raquel de Queiroz)

— Até hoje não se sabe o **porquê** de tanta maldade e destruição.

— «Não deixo o **certo pelo duvidoso.»**

(Graciliano Ramos)

Flexão dos substantivos

Os substantivos flexionam-se para indicar o gênero, o número e o grau.

I. Quanto ao gênero:

a) BIFORMES { MASCULINO
FEMININO

B) UNIFORMES { EPICENOS
SOBRECOMUNS
COMUM DE DOIS GÊNEROS

II. Quanto ao número { SINGULAR
PLURAL

III. Quanto ao grau
/ AUMENTATIVO → SINTÉTICO
\ DIMINUTIVO → ANALÍTICO

Flexão de gênero

Gênero é a categoria gramatical que, no Português, distribui os nomes em masculinos e femininos.

O gênero é uma classificação gramatical, não existindo correspondência necessária entre gênero masculino e sexo masculino, ou entre gênero feminino e sexo feminino:

• A **mesa** é do gênero feminino e não do sexo feminino.

• O **banco** é do gênero masculino e não do sexo masculino.

Formação do feminino

1. ***Regra geral*** **- o → - a**

De modo geral, forma-se o feminino substituindo-se a desinência **-o** pela desinência **-a:** menino, **menina**, gato, **gata.** Todavia, os processos de formação do feminino são bem variados. Observe os grupos de substantivos abaixo, relacionados de acordo com as terminações femininas.

2. ***Regras Especiais***

- o → - ora	cantor	—	cantora
	doutor	—	doutora
	pastor	—	pastora
	progenitor	—	progenitora
	professor	—	professora
	senhor	—	senhora
	vereador	—	vereadora
	senador	—	senadora

- or - s - l - z → - a	alfaiate	—	alfaiata
	contramestre	—	contramestra
	deus	—	deusa
	elefante	—	elefanta
	general	—	generala
	hóspede	—	hóspeda
	infante	—	infanta
	juiz	—	juíza
	gigante	—	giganta
	marechal	—	marechala
	mestre	—	mestra
	ministro	—	ministra
	*monge	—	monja
	oficial	—	oficiala
	presidente	—	presidenta
	zagal	—	zagala
	aprendiz	—	aprendiza

- ão → - ã	campeão	—	campeã
	cirurgião	—	cirurgiã
	cidadão	—	cidadã
	concidadão	—	concidadã
	escrivão	—	escrivã
	espião	—	espiã
	sacristão	—	sacristã
	tabelião	—	tabeliã
	peão	—	peã

- ão → - oa	anfitrião	—	anfitrioa
	hortelão	—	horteloa
	leão	—	leoa
	leitão	—	leitoa
	pavão	—	pavoa
	tabelião	—	tabelioa
	peão	—	peoa
	patrão	—	patroa

- ão → - ona	charlatão	—	charlatona
	figurão	—	figurona
	solteirão	—	solteirona
	peão	—	peona
	folião	—	foliona

- isa (suf. fem)	cônego	—	canonisa
	diácono	—	diaconisa
	papa	—	papisa
	poeta	—	poetisa
	píton	—	pitonisa
	profeta	—	profetisa
	sacerdote	—	sacerdotisa

- esa (suf. fem)	camponês	—	camponesa
	cônsul	—	consulesa
	duque	—	duquesa
	jogral	—	jogralesa
	prior	—	prioresa
	barão	—	baronesa

-essa (suf. fem)	conde	—	condessa
	visconde	—	viscondessa
	abade	—	abadessa

- tor - dor → - triz	ator	—	atriz
	embaixador	—	embaixatriz
	imperador	—	imperatriz
	cantor	—	cantatriz

- ina	alcaide	—	alcaidina
	czar	—	czarina
	felá	—	felaína
	javali	—	javalina
	herói	—	heroína
	maestro	—	maestrina
	mandarim	—	mandarina

outras terminações

avô — avó
grou — grua
guri — guria
lebrão — lebre
perdigão — perdiz
peru — perua
sultão — sultana
réu — ré
capiau — capioa
plebeu — plebéia
hebreu — hebréia
judeu — judia
pierrô — pierrete

Mais de um feminino

Há substantivos que apresentam várias formas no feminino:

alcaide — alcaidessa e alcaidina
anfitrião — anfitriã e anfitrioa
cavaleiro — cavaleira e amazona
charlatão — charlatã e charlatona
cônego — cônega e canonisa
deus — deusa, diva e déia
diabo — diaba, diáboa e diabra
embaixador — **embaixadora** (representante diplomática) e **embaixatriz** (esposa do embaixador)
ermitão — ermitã e ermitoa
javali — javalina e gironda
ladrão — ladra, ladroa e ladrona
pardal — pardoca, pardaloca e pardaleja (Portugal)
peão — peã, peoa, peona
prior — priora e prioresa

Exercícios

1) Dê o feminino de:

a) conde: ....
b) czar: ....
c) diabo: ....
d) embaixador: ....
e) cônego: ....
f) eleitor: ....
g) felá: ....
h) zangão: ....
i) servente: ....

2) Siga o modelo:

a) O aldeão chegou.

Chegaram o aldeão e a aldeã.

b) O poeta declamou.

....

c) O réu levantou-se.

....

d) O profeta rezava.

....

e) O sacerdote mantinha-se.

....

3) Complete a lacuna:

a) O herói e a .... beijaram-se no escuro.

b) O cavalheiro e a .... hospedaram o .... e a amazona.

c) Também posso chamar a .... de cavaleira.

4) Siga o modelo: camelo - camela.

Espião ....
Monge ....
Parente ....
Juiz ....
Barão ....
Pianista ....
Intérprete ....
Selvagem ....

Ateu ....

Ator ....

5) Siga o modelo:

Se vi um cidadão, também vi uma cidadã.

Quando vi o leão, também vi a ....

O hortelão e a .... trabalham.

Ele se diz valentão; ela, porém, ...

Encontrei o tabelião com a ....

Quando despachou o cliente, entrou a ..

Se há alfaiate, há também ....

O hóspede saiu e a .... voltou.

Ele é meu parente; ela, minha ....

O feminino de oficial é ....

O feminino de juiz é ....

O feminino de bispo é ....

O feminino de visconde é ....

O feminino de cônsul é ....

6) No texto que segue, classifique os substantivos destacados de acordo com o código:

a) substantivo próprio

b) substantivo comum, concreto

c) substantivo comum, abstrato

«A **Rit**a matou nosso **amor**
De **vingança,** nem herança deixou
Não levou um **tostão**
Porque não tinha não
Mas causou **perdas e danos.»**

(Chico Buarque de Holanda)

1. Rita ( )
2. amor ( )
3. vingança ( )
4. tostão ( )
5. perdas ( )
6. danos ( )

7) Forme substantivos abstratos por sufixação, de acordo com os modelos:

belo — beleza

abolir — abolição

1. menino — ....
2. magro — ....
3. covarde — ....
4. amargo — ....
5. moleque — ....
6. matar — ....
7. julgar — ....
8. reter — ....

8) Sublinhe o(s) substantivo(s) coletivo(s) que ocorre(m) nas frases e indique o(s) ser(es) a que ele(s) se refere(m):

a) «A frota britânica zarpou domingo da ilha de Ascensão, no Atlântico Sul (...)»

(*Folha de S. Paulo*)

....

b) «Desmantelada quadrilha que assaltava coreanos.» (*Diário Popular*)

....

c) «O museu possui o acervo mais completo da arte brasileira do século XIX.»

(*Jornal do Brasil*)

....

d) «A mudança mais importante do gabinete foi a nomeação do Ministro das Finanças (...)»

(*Gazeta do Povo*)

....

9) Permute o substantivo destacado pelo coletivo correspondente, fazendo as adaptações necessárias:

a) A presença de **búfalos** nas ruas centrais causou espanto.

....

b) A comissão técnica ainda não revelou os **jogadores** escalados para a próxima Copa.

....

c) Os **cachorros** da casa saudaram o assaltante com mordidas fatais.

....

d) Não se justifica a criação de **abelhas** em caixotes impróprios.

....

Questões discursivas

1) (UFBA) Dê o substantivo correspondente a:

a) agredir: ....

b) divergir: ....

2) (FUVEST) Passe para o feminino:

a) O monge tentou convencer o ateu.

....

b) O vice-cônsul manteve entendimentos com o visconde.

....

3) (FEI-SP) Reescreva as frases no feminino:

a) O abade, o frei e o frade reuniram-se no convento.

....

....

b) Aquele grã-fino sempre foi um ótimo anfitrião.

....

....

c) O embaixador acaba de ser recebido pelo czar.

....

....

4) (CEFET-PR) Passe para o feminino:

Ele é um trabalhador, sempre foi um homem trabalhador.

....

Testes

1. (UFSCAR-SP) Classificam-se como substantivos as palavras destacadas, exceto:

a) «...o **idiota** com quem os moleques mexem...»

b) «...visava a me acostumar à morna **tirania»**

c) «**Adeus**, volto para meus caminhos.»

d) «...conheço até alguns **automóveis**...»

e) «...todas essas **coisas** se apagarão em lembranças...»

2. (CESCEM-SP) A questão abaixo diz respeito ao seguinte trecho:

«**Aurélia** a princípio entregara-se ao encanto daquela noite brasileira, que lhe parecia um sonho de sua alma no azul diáfano do céu». (José de Alencar)

Aurélia é substantivo:

a) concreto d) próprio

b) abstrato e) comum

c) coletivo

3. (UFJF-MG) Assinale a alternativa em que ocorrem substantivos simples, respectivamente, concreto e abstrato:

a) água — vinho.

b) Pedro — Jesus.

c) Pilatos — verdade.

d) Jesus — abaixo-assinado.

e) Nova Iorque — Deus.

4. (UNITAU-SP) Assinale a alternativa em que não há relação entre as duas colunas quanto à classificação dos substantivos:

a) madeira — concreto.

b) árvore — concreto.

c) maravilhas — abstrato.

d) ramalhete — abstrato.

e) ramos — concreto.

5. (UNITAU-SP) Indique a correspondência de colunas, respectivamente, dos seguintes substantivos coletivos:

1) feixe, ramalhete ( ) lenha, flores
2) vara, malhada ( ) bananas, cebolas
3) herbário, hinário ( ) cães, cavalos
4) penca, réstia ( ) porcos, ovelhas
5) matilha, manada ( ) plantas, hinos

a) 3 — 4 — 5 — 2 — 1

b) 4 — 3 — 5 — 1 — 2

c) 1 — 4 — 5 — 2 — 3

d) 1 — 4 — 2 — 5 — 3

e) 1 — 4 — 3 — 2 — 5

6. (ITA-SP) Cáfila, matilha, alcatéia, manada **são coletivos, respectivamente, de:**

a) camelos, cães, lobos, cavalos.

b) insetos, cabras, lobos, cavalos

c) moscas, carneiros, lobos, bois.

d) gafanhotos, cães, ladrões, bois.

e) Nenhuma das alternativas acima.

7. (MACK) Assinale a alternativa incorreta quanto à classificação dos substantivos:

a) **modificação** é substantivo abstrato.

b) **morada** é substantivo concreto.

c) **comezinho** é substantivo concreto.

d) **atenção** é substantivo abstrato.

e) **abusão** é substantivo abstrato.

8. (UFPR) «Depois, Iracema quebrou a flecha homicida, deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.»
(José de Alencar)

Em qual das alternativas todas as palavras, tiradas do texto acima, são **substantivos?**

a) Iracema — farpada — consigo — ponta — flecha.

b) ponta — Iracema — desconhecido — flecha — haste.

c) homicida — farpada — deu — ponta — Iracema.

d) desconhecido — depois — Iracema — flecha — ponta.

e) flecha — consigo — guardando — Iracema — quebrou.

9. (PUC-RS) A questão abaixo diz respeito ao seguinte trecho: «Aurélia a princípio entregara-se ao encanto daquela noite brasileira, que lhe parecia um sonho de sua alma no azul diáfano do céu». (José de Alencar)

— **sonho** é substantivo:

a) concreto c) coletivo e) comum
b) abstrato d) próprio

10. (UEMA) Elenco, malta, legião, feixe são, **respectivamente, coletivos de:**

a) assuntos, padres, anjos, lápis.

b) atores, desordeiros, heróis, capim.

c) atores, leite, cutias, lenha.

d) soldados, malandros, santos, capim.

e) Nenhuma das alternativas.

11. (CEFET-PR) Galeria, fauna, molho, réstia e década **são os coletivos de:**

a) quadros, animais de uma região, ferramentas, couve, 10 anos.

b) estátuas, plantas de uma região, capim, alhos, 10 dias.

c) quadros, plantas de uma região, chaves, raízes, 10 anos.

d) estátuas, animais de uma região, chaves, alhos, 10 anos.

e) quadros, animais de uma região, chaves, alhos, 10 dias.

Para resolver as questões 12 a 14, assinale as alternativas e some seus valores.

12. (FUVEST) Assinale a(s) alternativa(s) que apresenta(m) a seqüência correta de coletivos referentes, respectivamente, a desordeiros, quadros e navios**.**

1. súcia, galeria, frota.

2. malta, pinacoteca, esquadra.

4. corja, hemeroteca, flotilha.

8. matula, galeria, esquadrilha.

16. caterva, carrada, esquadra.

32. elenco, pinacoteca, frota.

13. (UNAMA) Estão corretos os femininos:

1. bacharel — bacharela; garçom — garçonete.

2. felá — felaína; cônsul — consulesa.

4. sultão — sultã; ateu — atéia.

8. aprendiz — aprendiza; anfitrião — anfitrioa.

16. abade — abadessa; bispo — bispa.

32. ilhéu — ilhéia; hóspede — hóspeda.

64. píton — pitonisa; peão — peã.

14. (UNAMA) Idem ao anterior:

1. padrinho — padrinha; genro — nora.

2. cavaleiro — dama; zangão — abelha.

4. cavalheiro — amazona; maestro — maestrina.

8. marajá — marajoara; judeu — judia.

16. perdigão — perdigona; pierrô — pierrete.

32. capiau — capioa; estudante — estudanta.

Substantivos uniformes

Há uma classe de substantivos — denominativos de pessoas e animais — refratários à flexão de gênero. Uns (os epicenos e sobrecomuns) só têm um gênero; outros, pelo contrário, têm dois gêneros e chamam-se, por isso, comuns-de-dois gêneros.

a) Comuns-de-dois

Caracterizam-se pela flexão do elemento determinante (artigo, pronome etc.), apenas:

o/a jovem
o/a pirata
o/a mártir
o/a selvagem
o/a chefe
o/a sabiá

aquele/aquela estudante
meu/minha fã
muitos/muitas fiscais
viajante esperto/esperta
um/uma líder

b) Sobrecomuns

Não aceitam sequer a flexão do elemento determinante:

o algoz
o cônjuge
o monstro
a criança
a pessoa

a testemunha
a vítima
a criatura
o dedo-duro

c) Epicenos

Também não aceitam a flexão do elemento determinante e, como se referem somente a animais, vegetais, aves e insetos, faz-se a distinção de sexo mediante o uso das palavras **macho** e **fêmea.**

o papagaio macho/fêmea
o tatu macho/fêmea
a barata macho/fêmea
a onça macho/fêmea

o tigre macho/fêmea

o puma macho/fêmea

Obs.: tigre tigresa (brasileirismo/PR)

Substantivos heterônimos (biformes)

Heterônimos ou desconexos: os que, em lugar de indicarem o gênero pela flexão ou pelo artigo, apresentam radicais diferentes para designar o sexo. Exs.:

masculinos:	**femininos:**
arlequim	colombina
arcebispo	arquiepiscopisa
bispo	episcopisa
bode	cabra
burro	besta
carneiro	ovelha
cão	cadela
cavaleiro	cavaleira, amazona
cavalheiro	dama
compadre	comadre
confrade	confreira
frade	freira
frei	sóror
jabuti	jabota
marajá	marani
genro	nora
padre	madre
padrasto	madrasta
padrinho	madrinha
pai	mãe
patriarca	matriarca
rei	rainha
rapaz	rapariga
rajá	rani
rinoceronte	abada
veado	cerva
varão	virago
zangão	abelha

Substantivos de gênero duvidoso

a) São masculinos:

(* Erros mais comuns quanto ao gênero.)

o **afã**: ânsia, trabalho ativo.

o **algoz** (ôz): carrasco, verdugo.

* o **anátema**: excomunhão, maldição.

o **axioma**: proposição evidente, máxima.

* o **ágape**: banquete de confraternização.

* o **cataclismo**: inundação.

* o **champanha**: vinho espumante.

* o **clã**: grei, partido.

o **cônjuge**: cada um dos casados em relação ao outro.

* o **contralto**: a voz mais grave de uma mulher, mulher que tem essa voz.

o **delta**: letra do alfabeto grego.

o **diadema**: ornato circular, coroa.

o **divã**: espécie de sofá.

* o **dó**: lástima, tristeza, nota musical.

o **eczema**: dermatose inflamatória com formação de vesículas.

* o **êxtase**: enlevo, pasmo.

* o **eclipse**: oclusão do Sol pela Lua ou vice-versa.

* o **guaraná**: fruto.

o **hosana**: louvor, saudação, hino

o **sofisma**: argumento falso.

o **soprano**: a voz mais aguda da mulher; cantora que tem essa voz.

o **trema**: sinal gráfico.

o **tracoma**: doença.

o **vau**: lugar de um rio que pode ser transitado a pé.

* o **preá**: pequeno roedor.

o **apêndice**: anexo, acessório.

* o **caudal**: torrente, rio.

* o **lança-perfume**: bisnaga.

o **estratagema**: ardil, estratégia.

o **estigma**: sinal, cicatriz.

o **sanduíche**

* o **sósia**: pessoa parecida com outra.

o **herpes**: afecção cutânea.

* o **pijama**

o **proclama**: proclamação do casamento.

o **plasma**: parte líquida e coagulável do sangue.

o **coma**: estado mórbido.

* o **formicida**: droga para matar formigas.

o **haras**: local de criação de cavalos selecionados.

* o **milhar**: mil unidades.

* o **orbe**: esfera, globo, mundo.

o **picape**: toca-discos ou veículo.

* o **púbis**: arco anterior do osso ilíaco; parte da região hipogástrica que se cobre de pêlos na puberdade.

* o **telefonema**: ligação telefônica.

* o **suéter**.

ATENÇÃO!! — São sempre masculinos os substantivos de origem GREGA, terminados em **MA**: miligrama, plasma, telegrama, estratagema, dilema, diagrama, coma, telefonema, axioma, grama (peso).

b) São femininos:

* a **abusão**: abuso, erro, superstição.

* a **aluvião**: inundação, enxurrada, grande quantidade ou grande número.

* a **alface**

* a **apendicite**: inflamação do apêndice. («apêndice» é masculino).

a **áspide**: cobra pequena.

* a **bacanal**: orgia.

a **cal**: óxido de cálcio. (O plural é «cales» ou «cais».)

a **cataplasma**: papas medicamentosas.

a **derme**: a segunda camada da pele. (Há a variante «derma», porém masculina.)

a **elipse**: termo da Geometria. Em gramática é a omissão de uma ou mais palavras que se subentendem.

* a **epígrafe**: inscrição.

a **fuligem:** substância negra depositada pela fumaça.

* a **hélice**: pá propulsora de navio ou avião.

* a **omoplata**: osso largo que forma a parte posterior do ombro.

* a **tíbia**: o mais grosso dos ossos da perna.

a **trama:** intriga, cilada.

* a **comichão**: coceira, prurido.

* a **libido**: instinto sexual.

a **fácies**: alterações físicas; caracteres exteriores.

* a **entorse**: distensão, torcedura.

* a **dinamite**:

a **cólera**: ira, raiva; a **cólera-morbo** (doença infecciosa).

* a **faringe**: cavidade que se estende da parte posterior das fossas nasais à boca do estômago.

* a **agravante**: circunstância agravante.

a **acne**: espinhas do rosto.

a **bólide**: aerólito; espécie de meteoro ígneo que atravessa o espaço em grande velocidade; bólido.

a **fênix**: ave mitológica; constelação austral.

* a **fruta-pão**: tipo de fruto comestível.

a **grei:** rebanho; sociedade; partido.

a **jaçanã:** ave ribeirinha.

* a **matinê**: vesperal; espetáculo realizado à tarde.

* a **chaminé**: tubo ligado ao exterior.

* as **cãs**: cabelos brancos.

a **grafite/ta:** mineral usado na fabricação de lápis.

* a **sentinela**: soldado armado que guarda um posto.

* a(s) **bílis**: líquido esverdeado segregado pelo fígado.

c) São masculinos ou femininos:

o/a **diabete(s)** (distúrbio do metabolismo dos açúcares)

o/a **laringe** (parte superior da traquéia; garganta)

o/a **personagem** (pessoa notável; elemento de uma obra ou peça teatral)

o/a **ordenança** (soldado às ordens de um superior hierárquico)

o/a **hélice** (pavilhão auricular)

o/a **xerox** (cópia xerográfica)

o/a(s) **íris** (espectro solar)

o/a **íbis** (ave pernalta)

o/a **tapa** (pancada com a mão, forte ou leve)

o/a **amálgama** (liga de mercúrio)

o/a **usucapião** (prescrição aquisitiva de propriedade)

o/a **sabiá** (pássaro)

Mudança de gênero e de sentido

Certos substantivos mudam de sentido quando mudam de gênero.

ÁGUIA

o águia (m): esperto

a águia (f): ave

BANANA

o banana (m): palerma

a banana (f): fruta

BALIZA

o baliza (m): o que vai à frente de um bloco

a baliza (f): marco, estaca, sinal

CABEÇA

o cabeça (m): chefe

a cabeça (f): parte do corpo

CAIXA

o caixa (m): tesoureiro, funcionário

a caixa (f): recipiente, objeto

CISMA

o cisma (m): separação religiosa, dissidência

a cisma (f): ato de cismar, receio, suspeita

CAPITAL

o capital (m): dinheiro, valores disponíveis

a capital (f): cidade-sede de um governo

CRISMA

o crisma (m): óleo sagrado

a crisma (f): cerimônia religiosa

CLARINETA

o clarineta (m): músico

a clarineta (f): instrumento

CORAL

o coral (m): cor vermelha; pólipo; coro, conjunto de vozes

a coral (f): cobra venenosa

CURA

o cura (m): pároco, vigário de aldeia

a cura (f): restabelecimento da saúde

GRAMA

o grama (m): peso, unidade de massa

a grama (f): relva

GUARDA

o guarda (m): sentinela, soldado, vigia

a guarda (f): corporação, vigilância

GUIA

o guia (m): pessoa; cicerone

a guia (f): documento, formulário

LENTE

o lente (m): professor

a lente (f): vidro de aumento

LÍNGUA

o língua (m): o intérprete

a língua (f): órgão muscular

LOTAÇÃO

o lotação (m): ônibus, forma reduzida de autolotação

a lotação (f): ato ou efeito de lotar; cálculo de um rendimento; capacidade de...

MORAL

o moral (m): ânimo, coragem, estado de espírito
a moral (f): honestidade, ética, conclusão, ciência

NASCENTE

o nascente (m): lado onde nasce o sol

a nascente (f): fonte

POLÍCIA

o polícia (m): o policial,

o indivíduo

a polícia (f): a organização

RÁDIO

o rádio (m): aparelho receptor
a rádio (f): estação emissora

VOGA

o voga (m): remador

a voga (f): moda, popularidade

Observação:

Esses substantivos, quando se referem a pessoas, são usados como **sobrecomuns:**

Luís é **um bom caixa bancário.**

Luísa é **um bom caixa bancário.**

Gênero das siglas

Algumas siglas tendem a ser usadas como nomes próprios. O gênero da sigla-nome vai depender do gênero do nome inicial da expressão abreviada.

a FUNAI (Fundação Nacional do Índio)

o PSDB (Partido Social Democrata Brasileiro)

a COBOL (The Common Business Oriented Language)

Observação:

I. Em **CEASA** (ou Ceasa), que significa Centrais de Abastecimento S.A., está subentendida a idéia de entreposto ou armazém geral, por isso seu gênero é **masculino: o Ceasa.**

II. Tais siglas variam normalmente em número: as UPCs, os CEFETs (ou Cefetes) etc.

Exercícios

1) Indique o gênero, antepondo o artigo o ou a:

a) ..... alface
b) ..... análise
c) ..... apendicite
d) ..... cal
e) ..... champanha.
f) ..... cronista
g) ..... diadema
h) ..... eclipse
i) ..... elipse
j) ..... estratagema
l) ..... estudante
m) .... faringe
n) ..... guaraná
o) ..... laringe
p) ..... comichão
q) ..... dó
r) ..... telefonema
s) ..... omoplata
t) ..... lança-perfume
u) ..... aluvião
v) ..... bacanal
x) ..... sabiá
y) ..... sósia
z) ..... contralto

2) Dê o significado de:

A capital ....
O cabeça ....
O língua ....
O moral ....
O lotação ....
O rádio ....
O lente ....
O águia ....

3) Associe letra e número, de acordo com o código que segue:

a) comum-de-dois
b) epiceno
c) sobrecomum

1) o carrasco ( )
2) a cobra ( )
3) a vítima ( )
4) o herege ( )
5) o selvagem ( )
6) a tainha ( )
7) a criança ( )
8) o artista ( )
9) a pessoa ( )
10) o cônjuge ( )
11) o consorte ( )
12) o mártir ( )
13) a onça ( )
14) a avestruz ( )

4) Os substantivos que seguem são heterônimos. Aponte a forma feminina:

carneiro ....
cavaleiro ....
cavalheiro ....
compadre ....

5) Novamente, indique o gênero, antepondo os artigos o ou a:

...... lança-perfume
...... anátema
...... estratagema
...... ferrugem
...... nauta
...... plasma
...... bílis
...... cal
...... dó (compaixão)
...... champanha
...... chaminé
...... ágape
...... libido
...... cãs
...... soja
.... personagem
.... cataplasma
.... bólide
.... apendicite
.... faringe
.... laringe
.... omoplata
.... eclipse
.... dinamite
.... apêndice
.... matinê
.... suéter
.... estigma
.... xerox
.... alface

6) Indique o feminino de:

a) juiz: ....
b) ator: ....
c) autor: ....
d) monge: ....

e) burro: ....

f) javali: ....

g) herói: ....

h) solteirão: ....

i) compadre: ....

j) cavalheiro: ....

l) genro: ....

m) padre: ....

n) elefante: ....

o) presidente: ....

p) sultão: ....

q) ladrão: ....

r) frei: ....

s) czar: ....

t) diácono: ....

u) oficial: ....

v) pavão: ....

x) poeta: ....

z) visconde: ....

Questões discursivas

1. (FUVEST) Complete os espaços em branco com o **ou** a**, conforme o gênero do substantivo destacado:**

a) Desta vez ...... **eclipse** da Lua será apenas parcial.

b) Uma gorjeta, e o empregado lhe conseguiu .... **champanhe.**

c) .... **sentinela** sofria nas mãos de seu capitão.

d) Apesar da ameaça, não explodiram .... **dinamite.**

e) É possível que se libere .... **lança-perfume** para o próximo carnaval.

2. (FEI-SP) O feminino de capiau, pierrô, hebreu, judeu, marajá **é, respectivamente:**

....

....

3. (UNIFOR-CE) O texto abaixo foi extraído de um conto de Rubem Fonseca:

«(. . .) pouco tempo depois a campainha tocou novamente; era a **polícia.** Abri a porta e o **polícia** me deu uma intimação para depor na segunda-feira (...)»

Descreva a diferença de significado que a variação de gênero determina nos substantivos destacados:

Respostas:

a) a polícia: ....

....

b) o polícia: ....

....

4. (CEFET-PR) Complete com o artigo adequado: O **ou** A**.**

... (1) ... CHAMPANHE já mostrava seus efeitos sobre ... (2) ... CURA da aldeia. Em sua longa exposição, falava ora da invenção d ... (3) ... DINAMITE, ora d... (4) ... CISMA havido por ocasião da revolta de Lutero, sem se dar conta da confusão de suas idéias e do tédio que provocava nos demais convidados.

(1) .... (2) ....

(3) .... (4) ....

Testes

1. (FMU-SP) Os substantivos cônjuge, consorte **e** criança**, quanto ao gênero, são:**

a) sobrecomum os dois primeiros, e comum-de-dois o último.

b) comuns-de-dois o primeiro e o segundo, e sobrecomum o último.

c) sobrecomum o primeiro, e comus-de-dois o segundo e o último.

d) sobrecomuns o primeiro e o último, e comum-de-dois o segundo.

e) todos comuns-de-dois.

2. (PUC-SP) Assinale a alternativa incorreta:

a) Borboleta é substantivo epiceno.

b) Rival é comum de dois gêneros.

c) Omoplata é substantivo masculino.

d) Vítima é substantivo sobrecomum.

e) n.d.a.

3. (UFAL) Assinale a relação correta:

a) diabo ... substantivo próprio.

b) o algoz ... substantivo próprio.

c) o cônjuge ... substantivo comum de dois gêneros.

d) a águia ... substantivo epiceno.

e) democrata ... substantivo sobrecomum.

4. (FGV-RJ) Assinale o item em que houve troca de sentido dos substantivos:

a) o cisma = a desconfiança /
a cisma = a separação.

b) o crisma = o óleo santo /
a crisma = cerimônia religiosa.

c) o moral = a coragem /
a moral = a ética.

d) o grama = a unidade de massa /
a grama = a relva.

e) o lenho = o tronco /
a lenha = a madeira para queimar.

5. (MACK-SP) Assinale a alternativa correta quanto ao gênero das palavras:

a) A lança-perfume foi proibida no carnaval.

b) Os observadores terrestres esperavam atentos a eclipse da Lua.

c) A gengibre é uma erva de grande utilidade medicinal.

d) A dinamite é um explosivo à base de nitroglicerina.

e) Não sei.

6. (FESP) Assinale a alternativa cujos artigos correspondam ao gênero de cada substantivo:

guaraná — comichão — dó — cataplasma.

a) o-o-o-a
b) a-o-a-o
c) a-o-a-a
d) o-a-o-a
e) n.d.a

7. (CESGRANRIO) Assinale a série de nomes: masculino, feminino e masculino:

a) tribo — eclipse — tabu.

b) telefonema — alvará — telefonada.

c) bílis — rês — ágape.

d) fibroma — poema — perdiz.

e) anátema — cal — estratagema.

8. (UFAC) Nas séries de palavras a seguir, há uma em que todos os substantivos, apesar de terminados em a, são masculinos:

a) banana, cura, poeta, profeta.

b) profeta, omoplata, corneta, nauta.

c) profeta, nauta, agiota, pirata.

d) pampa, praça, cura, corneta.

e) banana, cura, profeta, pirata.

9. (UFRJ) Assinale a alternativa que contém a exata classificação dos substantivos pessoa, barata, lojista, abelha**:**

a) sobrecomum, epiceno, comum-de-dois, heterônimo.

b) epiceno, comum-de-dois, heterônimo, sobrecomum.

c) comum-de-dois, heterônimo, sobrecomum, epiceno.

d) heterônimo, sobrecomum, comum-de-dois, epiceno.

e) sobrecomum, heterônimo, epiceno, comum-de-dois.

10. (UEPG-PR) Indique a alternativa em que todas as palavras são femininas:

a) cal, faringe, dó, alface, telefonema.

b) omoplata, apendicite, cal, ferrugem.

c) criança, cônjuge, champanha, dó, afã.

d) cólera, agente, pianista, guaraná, vitrina.

e) jacaré, ordenança, sofisma, análise, nauta.

11. (UNESP) Assinale a alternativa em que a relação não é verdadeira:

a) O moral — ânimo

b) O grama — unidade de massa

c) O cisma — desconfiança

d) O cura — sacerdote

e) A crisma — sacramento

12. (UMC/MOJI-SP) Indique a alternativa em que há substantivo epiceno:

a) personagem

b) palmeira

c) galo

d) pianista

e) leoa

Para resolver as questões 13 a 15, assinale as alternativas e some seus valores.

13. (UFRJ) A(s) alternativa(s) que apresenta(m), respectivamente, substantivos epicenos, sobrecomuns e comuns-de-dois:

1. jacaré, testemunha, apóstolo.

2. abelha, carrasco, mártir.

4. porco, criança, pianista.

8. onça, vítima, indígena.

16. leão, cônjuge, paciente.

32. tigre, monstro, consorte.

64. borboleta, rival, testemunha.

14. (PUCCAMP-SP) A(s) alternativa(s) que apresenta(m) todos os substantivos determinados corretamente, quanto ao gênero, são:

1. o ágape, a alface, o alvará.

2. a anátema, a aluvião, a apendicite.

4. o aneurisma, a champanhe, a cal.

8. a bílis, a bólide, o dó.

16. o eclipse, o elipse, a cataplasma.

32. a comichão, a dinamite, a chaminé.

64. a formicida, o gengibre, o guaraná.

15. (UEMA) Assinale a(s) alternativa(s) que apresenta(m), respectivamente, substantivos masculino, feminino, masculino:

1. telefonema, cataplasma, plasma.

2. dó, tribo, comichão.

4. xerox, alface, eclipse.

8. pijama, fruta-pão, formicida.

16. tapa, soja, orbe.

32. coma, hélice, clã.

64. grei, púbis, cãs.

Flexão de número

SG
PL

Regra geral

A característica do plural, em Português, é o **-s** final. Há, entretanto, diferentes flexões para o plural, de acordo com a terminação do singular.

Vogal / Dit. Oral → + S

Fazem o plural com o acréscimo de **-s**, sem alteração alguma:

cajá — cajás   pai — pais
ímã — ímãs   céu — céus
urubu — urubus   relógio — relógios

Obs.: Incluem-se nessa regra:

o ditongo nasal **ãe**: mãe — mães

o ditongo nasal **ão**, átono, das paroxítonas:

órgão — órgãos

órfão — órfãos

sótão — sótãos

ÃO

ÃO
ÕES
ÃES

Com os substantivos terminados em -ÃO tônico, o acréscimo do S pode ser feito de três formas:

a) mudam -ÃO em -ÃOS:

acórdão — acórdãos
bênção — bênçãos
chão — chãos
cidadão — cidadãos
coirmão — coirmãos
cristão — cristãos
demão — demãos
desvão — desvãos
pagão — pagãos

artesão — artesãos
(artífice)
grão — grãos
órfão — órfãos
mão — mãos
órgão — órgãos
sótão — sótãos
vão — vãos

Obs.: todos os paroxítonos.

b) mudam -ÃO em -ÕES

balão — balões
botão — botões
caixão — caixões
canção — canções
coração — corações

limão — limões
mamão — mamões
melão — melões
questão — questões
razão — razões

espião — espiões
folião — foliões
formão — formões
grilhão — grilhões
lampião — lampiões

seção — seções
tubarão — tubarões
anão — anões
tecelão — tecelões
zangão — zangões

Obs.: são os mais comuns.

c) mudam -ÃO em -ÃES:

alemão — alemães
cão — cães
capelão — capelães
capitão — capitães

escrivão — escrivães
pão — pães
tabelião — tabeliães
charlatão — charlatães

Obs.: artesão (artífice) ⇒ artesãos.

artesão (adorno arquitetônico) ⇒ artesões.

Substantivos em ÃO com mais de um plural

Há substantivos terminados em -ÃO que admitem mais de um plural. Entre outros:

	ãos	**ões**	**ães**
* alão	alãos	alões	alães
* aldeão	aldeãos	aldeões	aldeães
alazão	—	alazões	alazães
anão	anãos	anões	—
* ancião	anciãos	anciões	anciães
castelão	castelãos	castelões	—
charlatão	—	charlatões	charlatães
cirurgião	—	cirurgiões	cirurgiães
corrimão	corrimãos	corrimões	—
cortesão	cortesãos	cortesões	—
* deão	deãos	deões	deães
* ermitão	ermitãos	ermitões	ermitães
faisão	—	faisões	faisães
guardião	—	guardiões	guardiães
hortelão	hortelãos	hortelões	—
peão	—	peões	peães
sacristão	sacristãos	—	sacristães
* sultão	sultãos	sultões	sultães
* vilão	vilãos	vilões	vilães
vulcão	vulcãos	vulcões	—
verão	verãos	verões	—

AL
EL
OL
UL ⇒ L ⇒ IS

Os substantivos terminados em -AL, -EL, -OL, -UL trocam -L por -IS:

canal	canais	anzol	anzóis
jogral	jograis	álcool	álcoois
móvel	móveis	sol	sóis
Nobel	Nobéis	paul	pauis
rol	róis	Noel	Noéis

Exceções: mal — males
real (moeda) — réis
cônsul — cônsules
gol — gols

Observação: Certos substantivos desse grupo admitem duas formas de plural:

aval — avais ou avales
mel — méis ou meles
fel — féis ou feles

IL < Oxítono: IL ⇒ IS / Paroxítono: IL ⇒ EIS

Substantivos terminados em IL trocam o -L por -IS (quando **oxítonos**); trocam o -IL por -EIS (quando **paroxítonos**):

oxítonos:		**paroxítonos:**	
barril	barris	fóssil	fósseis
funil	funis	* projétil	projéteis
* projetil	projetis	* réptil	répteis
* reptil	reptis	têxtil	têxteis
esmeril	esmeris	fusível	fusíveis
fuzil	fuzis		

* = admitem ambas as formas

R
Z ⇒ + ES

Substantivos terminados em -R ou -Z recebem -ES:

altar	altares	par	pares
cor	cores	cruz	cruzes
dólar	dólares	éter	éteres
ureter	ureteres	giz	gizes
mar	mares	raiz	raízes
revólver	revólveres	destróier	destróieres
juiz	juízes	noz	nozes
estupidez	estupidezes	sordidez	sordidezes
gravidez	gravidezes	esfincter	esfincteres
hambúrguer	hambúrgueres	arroz	arrozes

Observação: O plural de alguns substantivos exige deslocação do acento tônico **(hiperbibasmo)** a fim de evitar a acentuação bisesdrúxula:

júnior — juniores
Júpiter — Jupiteres
Lúcifer — Luciferes
sênior — seniores

Exceção:
caráter — caracteres

S < Monoss. e Oxítono ⇒ES / Parox. e Proparox. ⇓ INVAR

Substantivos terminados em -S (monossílabos ou oxítonos) recebem o acréscimo de -ES; os terminados em -S (anoxítonos) ficam invariáveis:

monossílabos e **oxítonos:**

ás — ases
deus — deuses
gás — gases
mês — meses
rês — reses
lilás — lilases
adeus — adeuses
freguês — fregueses
obus — obuses
país — países
revés — reveses
ananás — ananases

anoxítonos:

o atlas — os atlas
o lápis — os lápis
o pires — os pires
o oásis — os oásis
o tênis — os tênis
o vírus — os vírus
o ônibus — os ônibus
a íris — as íris

Exceções:

cais e **xis** → invariáveis: **os cais**

cós faz **cós** ou **coses**

M ⇒ — NS

Substantivos terminados em -M trocam o -M por -NS:

álbum — álbuns
armazém — armazéns
atum — atuns
dom — dons
item — itens
jovem — jovens
nuvem — nuvens
pajem — pajens
som — sons
ultimátum — ultimátuns

→ Observação:

totem — totens ou tótemes

N < — NS — NES

Os substantivos terminados em -N fazem o plural com acréscimo de -S , pura e simplesmente.

hífen — hifens
pólen — pólens
espécimen — espécimens
nêutron — nêutrons
íon — íons

→ **Observação:** Existem formas variantes:

SINGULAR	PLURAL
abdome/abdômen	abdomes/abdomens/abdômenes
dólmen	dolmens/dólmenes
espécime/espécimen	espécimes/espécimens/especímenes
germe/gérmen	germes/germens/gérmenes
hífen	hifens/hífenes
liquen	liquens/líquenes

Exceção:

cânon — cânones

X ⇒ Invariáveis

Os substantivos terminados em -X ficam invariáveis:

a fênix — as fênix
o tórax — os tórax
o ônix — os ônix
o cóccix — os cóccix

Plural dos diminutivos

Nos diminutivos formados com os sufixos **-zinho** e **-zito**, tanto o substantivo primitivo como o sufixo vão para o plural, desaparecendo, porém, o **-s** do plural do substantivo primitivo. Assim:

SINGULAR	PLURAL
balãozinho	balõe(s) + zinhos → balõezinhos.
papelzinho	papéi(s) + zinhos → papeizinhos.
colarzinho	colare(s) + zinhos → colarezinhos.
cãozito	cãe(s) + zitos → cãezitos.
limãozito	limõe(s) + zitos → limõezitos.
paisinho	paíse(s) + zinhos → paisezinhos.
florzinha	flore(s) + zinhas → florezinhas.

Plural dos nomes próprios

Os nomes próprios e sobrenomes, quando designam vários indivíduos com o mesmo nome ou empregados figuradamente, admitem o plural como os nomes comuns.

Exs.: “A poesia vulgar, mormente na pátria dos Junqueiras, dos Álvares de Azevedo, dos Casimiros de Abreu e dos Gonçalves Dias, é um pecado publicá-la.”

(C. C. Branco)

os Luíses
os Nélsons
os Alencares
os Rauis
as Raquéis
as Leonores

→ **Observações:**

1. Sobrenomes estrangeiros, com terminação estranha à lingua, ganham apenas um **-s**, porquanto não estão sujeitos às regras do idioma:

os Beethovens
os Kennedys
os Lincolns
os Disneys

2. Quando compostos, os nomes e sobrenomes só têm o primeiro elemento pluralizado:

os Júlios César
as Marias Antonieta
os Almeidas Prado
os Joões Batista

Nomes de letras e números

Pluralizam-se de duas maneiras **os nomes de letras:**

os aa / ás
os bb / bês
os cc / cês
os ii / is **exceção**: o(s) xis / os xx

Os nomes dos números também se pluralizam:

um nove / dois noves
um quatro / dois quatros
no ano vinte / nos anos vintes

→ **Observação**: Ficam invariáveis os números que terminam por **s** ou **z**:

um dez / dois dez
um três / dois três

Substantivos só usados no plural

São estes os principais:

os afazeres
os Alpes
as alvíssaras
os anais
os Andes
os arredores
as belas-artes
as boas-vindas
as bodas
as cãs
as cócegas
as condolências
os confins
as custas
os esponsais
os Estados Unidos
as exéquias
as fezes
os idos
as núpcias
os óculos
as olheiras
os parabéns
os pêsames
os picles
as sevícias
os suspensórios
os víveres
as copas, os paus (naipes)...

Mudança de número com mudança de sentido

a água — líquido
as águas — chuvas

a ânsia — aflição
as ânsias — náuseas
o ar — vento
os ares — clima, aparência
o bem — benefício
os bens — propriedades
o cobre — metal
os cobres — dinheiro
a copa — ramagem
as copas — naipe de cartas
a costa — litoral
as costas — dorso
a féria — renda diária
as férias — repouso
o haver — crédito
os haveres — bem
a letra — símbolo gráfico
as letras — literatura
o ouro — metal
os ouros — naipe de cartas
o vencimento — fim de vigência
os vencimentos — salário

Plural com metafonia

Muitos substantivos que no singular têm o **o** (fechado) passam a ter o **ó** (aberto) no plural. Essa alteração do timbre da vogal é chamada de **metafonia**.

Singular: (ô)	**Plural:** (ó)
caroço	caroços
corcovo	corcovos
coro	coros
corpo	corpos
corvo	corvos
despojo	despojos
desporto	desportos
destroço	destroços
esforço	esforços
fogo	fogos
forno	fornos
foro	foros
fosso	fossos
imposto	impostos
jogo	jogos
miolo	miolos
morno	mornos
osso	ossos
ovo	ovos
poço	poços
porco	porcos
porto	portos
posto	postos
povo	povos
reforço	reforços
rogo	rogos
socorro	socorros
tijolo	tijolos
tremoço	tremoços (grãos)

Obs.: Continuam com "o" fechado, no plural

Exs.:

Singular: (o)	**Plural**: (ô)
acordo	acordos
adorno	adornos
almoço	almoços
arroto	arrotos
boda	bodas
bolo	bolos

choro	choros
colosso	colossos
conforto	confortos
contorno	contornos
dorso	dorsos
encosto	encostos
endosso	endossos
engodo	engodos
esboço	esboços
esgoto	esgotos
esposo	esposos
estojo	estojos
ferrolho	ferrolhos
globo	globos
gosto	gostos
gozo	gozos
poça	poças
repolho	repolhos
rolo	rolos
soro	soros
toldo	toldos
torno	tornos
transtorno	transtornos

Plural dos substantivos compostos

Norma geral

Nos substantivos compostos, vão para o plural as palavras que sejam **substantivos**, **adjetivos, numerais ordinais** e **pronomes adjetivos**; os demais ficam **invariáveis.**

Substantivo + substantivo:

aluno-mestre = alunos-mestres
banho-maria = banhos-marias
cirurgião-dentista = cirurgiões-dentistas
mestre-escola = mestres-escolares
tenente-coronel = tenentes-coronéis

Substantivo + adjetivo

água-forte = águas-fortes
água-furtada = águas-furtadas
altar-mor = altares-mores
barriga-verde = barrigas-verdes
cabeça-chata = cabeças-chatas
cartão-postal = cartões-postais

Adjetivo + substantivo

alto-relevo = altos-relevos
baixo-relevo = baixos-relevos
boa-vida = boas-vidas
gentil-homem = gentis-homens
má-língua = más-línguas
pública-forma = públicas-formas

Numerais/pronomes adjetivos + substantivo:

segunda-feira = segundas-feiras
meio-fio = meios-fios
meio-dia = meios-dias
padre-nosso = padres-nossos
pai-nosso = pais-nossos

Só com um elemento variável:

arranha-céu = arranha-céus
caça-níquel = caça-níqueis
beija-flor = beija-flores
vira-lata = vira-latas
abaixo-assinado = abaixo-assinados
sempre-viva = sempre-vivas
ave-maria = ave-marias
contra-ataque = contra-ataques
grão-mestre = grão-mestres
recém-nascido = recém-nascidos
alto-falante = alto-falantes
vaga-lume = vaga-lumes

Só varia o primeiro

1. Quando, havendo dois elementos substantivos, **o segundo determina o primeiro** (referindo-se à forma ou à finalidade), flexiona-se, de preferência, **só o primeiro:**

caneta-tinteiro = canetas-tinteiro
café-concerto = cafés-concerto
navio-escola = navios-escola
papel-moeda = papéis-moeda
pombo-correio = pombos-correio
salário-família = salários-família

peixe-espada = peixes-espada
manga-rosa = mangas-rosa
banana-maçã = bananas-maçã
cajás-manga = cajá-manga

⇒ **Observações:**

a) Ambos vão para o plural se a relação entre eles é coordenativa (explicitável pela conjunção **e**).

cirurgião-dentista → cirurgiões-dentistas

É possível pressupor: cirurgião e dentista.

b) Só o primeiro vai para o plural se a relação entre eles é **subordinativa** (não é possível pressupor a conjunção **e**). É nesse caso que o segundo indica tipo ou finalidade do primeiro.

salário-família → salários-família

Não é possível pressupor: salário e família.

c) A tendência moderna é de utilizar para estas palavras dois plurais:

pombo-correio = pombos-correio(s)
decreto-lei = decretos-lei(s)
banana-prata = bananas-prata(s)

2. Quando **os elementos se unem por meio de preposição,** só o primeiro varia. Exs.:

pé-**de**-moleque = pés-de-moleque
mula-**sem**-cabeça = mulas-sem-cabeça
galinha-**d'**angola = galinhas-d'angola
pão-**de**-ló = pães-de-ló
bico-**de**-lacre = bicos-de-lacre
fogão-**a**-gás = fogões-a-gás
estrada-**de**-ferro = estradas-de-ferro
estrela-**do**-mar = estrelas-do-mar
chefe-**de**-seção = chefes-de-seção

Só varia o último

Quando o substantivo composto é formado por elementos **onomatopaicos** ou **palavras repetidas**, só o **último se flexiona**.

bem-te-vi = bem-te-vis
tico-tico = tico-ticos
quero-quero = quero-queros
téu-téu = téu-téus
pisca-pisca = pisca-piscas
ruge-ruge = ruge-ruges
luze-luze = luze-luzes
quebra-quebra = quebra-quebras
reco-reco = reco-recos
tique-taque = tique-taques
chepe-chepe = chepe-chepes

Obs.: Onomatopéia: o som da palavra lembra a própria coisa representada.

→ **Observações:**

a) Quando se trata de verbos repetidos, também é correta a flexão de ambos os elementos:

pisca-pisca → pisca-piscas / piscas-piscas
corre-corre → corre-corres / corres-corres
empurra-empurra → empurra-empurras/ empurras-empurras

b) Os compostos não separados por hífen pluralizam-se como se fossem simples:

vaivém — vaivéns
girassol — girassóis

Guarda + ...

Quando o primeiro elemento é a palavra **"guarda"**, há um meio prático de saber se "guarda" é **verbo** ou **substantivo:** se o segundo elemento for substantivo, "guarda" será verbo; se o segundo elemento for adjetivo, o primeiro será substantivo.

verbo + substantivo → **varia o último**
guarda-comida = guarda-comidas
guarda-chuva = guarda-chuvas
guarda-louça = guarda-louças
guarda-roupa = guarda-roupas
guarda-pó = guarda-pós

substantivo + adjetivo → **variam os dois**
guarda-civil = guardas-civis
guarda-mor = guardas-mores
guarda-florestal = guardas-florestais
guarda-noturno = guardas-noturnos

Exceção:

guarda-marinha = guardas-marinhas
guardas-marinha

Compostos invariáveis

Há substantivos compostos que apresentam uma só forma para o singular e o plural:

o/os arco-íris
o/os cola-tudo
o/os conta-giros
o/os conta-gotas
o/os diz-que-diz-que
o/os guarda-costas
o/os guarda-livros
o/os leva-e-traz
o/os limpa-trilhos
o/os louva-a-deus
o/os pára-quedas
o/os pára-raios
o/os pisa-mansinho
o/os porta-aviões
o/os porta-jóias
o/os porta-malas
o/os porta-retratos
o/os quebra-gelos
o/os quebra-nozes
o/os saca-rolhas
o/os toca-discos
o/os tira-teimas
o/os maria-vai-com-as outras
o/os vai-volta

Exercícios

1) Escreva o(s) plural(is) dos substantivos:

peão: ....
guardião: ....
órgão: ....
corrimão: ....
sótão: ....
obus: ....
cônsul: ....
assessor: ....
raiz: ....
tórax: ....
lápis: ....
pomar: ....
dez: ....
cânon: ....
gérmen: ....
totem: ....
corcel: ....
fóssil: ....
réptil: ....
esmeril: ....
paiol: ....
caráter: ....
estupidez: ....
hambúrguer: ......
Júpiter: ....
sênior: ....
júnior: ....
arroz: ....
Geografia: ....
hífen: ....

2) Aponte o plural:

01) obra-prima: ....
02) arroz-doce: ....
03) fruta-pão: ....
04) bota-fora: ....
05) amor-perfeito: ....
06) guarda-costas: ....
07) mal-de-fígado: ....
08) tique-taque: ....
09) guarda-comida: ....
10) guarda-pó: ....
11) guarda-sol: ....
12) guarda-civil: ....
13) água-furtada: ....
14) ferro-de-engomar: ....
15) abelha-mestra: ....
16) pára-quedas: ....
17) mata-borrão: ....
18) pôr-do-sol: ....
19) ave-maria: ....
20) cavalo-vapor: ....
21) sempre-viva: ....
22) xeque-mate: ....
23) decreto-lei: ....
24) guarda-vida: ....
25) reco-reco: ....
26) grão-de-bico: ....
27) grão-vizir: ....
28) grã-duquesa: ....
29) vice-cônsul: ....
30) chefe-de-seção: ....
31) saia-balão: ....
32) pára-choque: ....
33) pombo-correiro: ....
34) arco-íris: ....
35) mapa-múndi: ....
36) joão-ninguém: ....
37) auto-rádio: ....
38) auto-escola: ....
39) salve-rainha: ....
40) pai-nosso: ....

Questões discursivas

1. (CEFET-PR) Siga o modelo:

Não chegou apenas um padrinho: vieram dois padrinhos. Não chegou apenas um cônsul: vieram dois ....

2. (FAAP-SP) Empregue no plural as palavras indicadas entre parênteses.

Os .... (escrivão) providenciaram as .... (pública-forma) dos documentos pedidos.

3. (FEI-SP) Empregue na lacuna o diminutivo plural de balão.

«Na feira-livre do arrabaldezinho,
Um homem loquaz apregoa .... de cor (...)» (M. Bandeira)

4. (FEI-SP) Coloque no plural os versos da questão anterior.

5. (FUVEST) Indique o plural dos substantivos destacados: “Opõe o peito magro ao **pára-choque** do ônibus”.

(Dalton Trevisan)

«O **amor-perfeito**, traindo
A **sempre-viva**, morrendo
E a rosa, cheirando mal».

(Chico Buarque)

«Até o próprio velho ***tenente-coronel*** já lhe tinha ido pessoalmente falar (...)»

(Manuel A. de Almeida)

pára-choque: ....
amor-perfeito: ....
sempre-viva: ....
tenente-coronel: ....

6. (CEFET-PR) Coloque no plural os elementos destacados:

«(...) começava o **corre-corre**, **pega-pega**, **arreia-arreia**, aos gritos benditos de confusão.»

(Guimarães Rosa)

corre-corre: ....
pega-pega: ....
arreia-arreia: ....

7. (FAAP-SP) Dê o plural dos termos destacados:

a) «O **mestre-de-cerimônia** era um padre de meia idade.»

(Manuel A. de Almeida)

....

b) “No labirinto urbano persegue a morte com o **trim-trim** da campainha.”

(Dalton Trevisan)

....

c) «O que me encantava eram aqueles modos de garota estabanada..., o **glu-glu** da espuma...»

(Graciliano Ramos)

....

8. (FUVEST) Dê o singular de reses **e o plural de** rol**.**

....

Testes

1. (UA-AM) Desejava transformar os .... em .... do céu.

a) pagões — cidadões
b) pagãos — cidadões
c) pagões — cidadãos
d) pagãos — cidadãos

2. (FMU-SP) Os plurais álcoois, caracteres **e** anãos**, respectivamente de** álcool, caráter **e** anão**, são:**

a) todos corretos.
b) todos incorretos.
c) corretos os dois últimos.
d) incorretos os dois últimos.
e) corretos o primeiro e o último.

3. (UEMA) Indique a opção que apresenta erro na forma do plural:

a) sol – sóis; fusível – fusíveis; anão – anões.

b) peão – peões; guardião – guardiãos; caráter – caracteres.

c) órgão – órgãos; corrimão – corrimãos; mel – méis.

d) sótão – sótãos; álcool – álcoois; cônsul – cônsules.

e) faisão – faisães; anil – anis; capitão – capitães.

4. (PUC-RS) Identifique o substantivo que só se usa no plural:

a) lápis.

b) pires.

c) tênis.

d) ônibus.

e) idos.

5. (FCHO-PE) Observe:

1) Alguns cidadãos ajudaram o governo a dissolver os males daquela cidade.

2) Enquanto a gurizada soltava balãozinhos, os anciãos admiravam as nuvenzinhas.

3) Os cirurgiões tiveram que seccionar os tórax dos animaizinhos.

4) Por meio de fósseis, encontrados em regiões ocidentais, pesquisas arqueológicas confirmam a existência, no passado, de grandes reptis.

— Quanto à flexão de número, dentre os períodos acima, estão corretos:

a) todos.

b) nenhum.

c) 1º, 3º e 4º

d) 1º, 2º e 4º

e) 1º, 2º e 3º

6. (UFV-MG) O plural dos nomes compostos está correto em todas as alternativas, exceto:

a) Ele gosta de amores-perfeitos e cultiva-os.

b) Os vice-diretores reunir-se-ão na próxima semana.

c) As aulas serão dadas às segundas-feiras.

d) Há muitos beijas-flores no meu quintal.

e) A moda está voltando às saias-balão.

7. (UFU-MG) Qual dos seguintes nomes compostos abaixo não está com seu respectivo plural correto?

a) os vice-diretores.

b) os grão-duques.

c) os pontapés.

d) os pé-de-moleques.

e) os leva-e-traz.

8. (UNAMA) Assinale a alternativa em que as formas do plural de todos os substantivos se apresentam de maneira correta:

a) alto-falantes, coraçãozinhos, afazeres, víveres.

b) espadas, frutas-pão, pé-de-moleques, peixe-bois.

c) vai-volta, animaizinhos, beija-flores, salvo-condutos.

d) animalzinhos, vai-voltas, vai-vens, salvos-condutos.

9. (UMC/MOJI-SP) Indique o vocábulo que muda de sentido no plural:

a) fóssil.

b) féria.

c) réptil.

d) cânon.

e) broto.

10. (FAAP-SP) Assinale a opção em que todos os substantivos, quando no plural, apresentam mudança de timbre da vogal tônica, conforme acontece com povo (ô) povos (ó):

a) tijolo, piloto, adorno.

b) ovo, pescoço, olho.

c) globo, posto, bolo.

d) esforço, imposto, jogo.

e) osso, cachorro, transtorno.

11. (UFPR) Marque a alternativa formada de vocábulos compostos cujo último elemento é o único a flexionar-se.

a) saca-rolha, surdo-mudo, azul-escuro.

b) guarda-florestal, pára-raio, abaixo-assinado.

c) beija-flor, segunda-feira, todo-poderoso.

d) guarda-civil, pró-reitor, agro-pastoril.

e) guarda-roupa, anglo-americano, verde-claro.

12. (MACK-SP) Aponte a alternativa em que a forma esteja errada para indicar o plural:

a) obras-primas, pés-de-moleque, amarelo-canário.

b) porta-bandeiras, salários-família, animaizinhos.

c) abaixo-assinados, louva-a-deus, frutas-pão.

d) sempre-vivas, luso-brasileiras, grãos-de-bico.

e) n.d.a.

Para resolveras questões 13 a 15, assinale as alternativas e some seus valores.

13. (FMU-SP) Assinale a(s) alternativa(s) que apresenta(m) todos os substantivos corretamente flexionados:

1. guarda-pós, canetas-tinteiro, altares-mores.

2. abaixo-assinados, caça-níqueis, bicos-de-lacre.

4. papéis-moeda, bananas-maçã, altos-relevos.

8. chefes-de-seção, guardas-marinha, tique-taques.

16. segundas-feiras, guardas-marinhas, arranha-céus.

32. guarda-florestais, peixes-boi, pés-de-moleque.

64. mulas-sem-cabeças, pontapés, guardas-noturnos.

14. (FMU-SP) Idem ao anterior:

1. padres-nossos, ave-marias, tenentes-coronéis.

2. relógios-pulseira, mestres-salas, cães-de-fila.

4. salvos-conduto, pombos-correio, contra-ordens.

8. malmequeres, amores-perfeitos, cafés-concerto.

16. vices-almirantes, os tira-teimas, arranha-céus.

32. piscas-piscas, guarda-chuvas, grãos-mestres.

64. os pisa-mansinhos, águas-marinhas, cartas-bilhetes.

15. (PUC-RS) Marque a(s) alternativa(s) verdadeira(s):

1. **Ancião, girassol, abaixo-assinado** e **salário-família** fazem, respectivamente, o plural em **anciãos, girassóis, abaixo-assinados e salários-família.**

2. As palavras **sentinela**, **estudante, per- sonagem, capitalista** e **doente** têm a mesma forma para o masculino e o feminino.

4. Os substantivos **aldeão, sultão, vilão, corrimão** e **anão** apresentam mais de uma forma para o plural.

8. Os substantivos **adeus, obus, cós, vírus** e **ananás** são invariáveis quanto à flexão de número.

16. Nos substantivos **caráter, sênior, júnior** e **Júpiter** ocorre hiperbibasmo na for-

mação do plural, ou seja, há deslocamento da sílaba tônica.

32. Apresentam mais de uma forma para o plural os substantivos **aval, fel, mel** e **totem.**

64. Estão corretos os plurais de **paisinhos**, **cânones**, **íons** e **cônsules**.

16. (ITA-SP) Assinale a alternativa em que nem todas as palavras estão corretamente flexionadas:

a) fogões-a-gás, os pisa-mansinho, lobisomens;

b) tenentes-coronéis, quintas-feiras, sempre-vivas;

c) abaixos-assinados, altares-mor, capitães-aviadores;

d) os bem-me-queres, amores-perfeitos, quero-queros;

e) olhos castanho-claros, gravatas amarelo-abóbora, técnicas sino-luso-afro-brasileiras.

3. Flexão de grau

Dois são os graus do substantivo:

- A. **AUMENTATIVO**
- B. **DIMINUTIVO**
  - analítico
    - poeta grande
    - corpo minúsculo
  - sintético
    - poetastro
    - corpúsculo

Aumentativo

Os aumentativos sintéticos podem ser **regulares** ou **irregulares**. Os regulares se formam com o auxílio do sufixo **-ão** (cabeção, gatão etc.); os irregulares, com o auxílio dos mais variados sufixos (mulheraça, homenzarrão etc.).

Muitas vezes o substantivo no aumentativo expressa desprezo, caçoada, sendo aumentativos **pejorativos** ou **depreciativos**.

Aumentativos sintéticos irregulares

Animal
animalaço
Aranha
aranhuço
Bala
balaço
balázio
Barca
barcaça
Beiço
beiçola
beiçorra
Beijo
beijoca
Bicho
bicharrão
Bico
bicanço
Boca
bocarra
bocaça
Cabeça
cabeçorra
Cão
canzarrão
Cara
caraça
carantonha
Carta
cartapácio
Casa
casarão
Chapéu
chapeirão
Chave
chaveirão
Colher
colheraça
Copo
copázio
coparrão
Coração
coraçaço
Corpo
corpanzil
corpaço
Cruz
cruzeiro
Dente
dentola
dentuça

Drama
dramalhão*
Espada
Espadagão
Faca
facalhaz
facalhão
Fatia
fatacaz
Fogo
fogaréu
Forno
fornalha
Forte
fortaleza
Frade
fradaço
Gancho
ganchorra
Gato
gatarrão
Homem
homenzarrão
Inseto
insetarrão
Ladrão
ladravaz
ladravão
ladroaço
Laje
lajedo
Limão
limonaço
Língua
lingüeirão
Lobo
lobaz
Luz
luzerna
Mamão
mamonaço
Mão
manzorra*
manápula*
manopla(ó)*
Médico
medicastro*
Moça
mocetona
Moço
mocetão

Monte
montanha
Mulher
mulheraça
mulherona
Muro
muralha
Nariz
narigão
Navio
naviarra
Olho
olheirão
Pássaro
passarola
Pedra
pedregulho
Perna
pernaça
Poeta
poetaço
poetastro*
Prato
pratázio
pratarraz
pratalhão
Ramo
ramalho
Rapaz
rapagão
Rato
ratazana
Rocha
rochedo
Sábio
sabichão*
Saco
sacarrão
Santo
santarrão*
Sapo
saparrão
Unha
unhaço
Vaga
vagalhão
Vara
varejão
Voz
vozeirão

* aumentativo pejorativo

→ **Observação**

a) Alguns substantivos terminados em **-ão** perderam o seu valor aumentativo, adquirindo significado especial. É o caso de cartão, ferrão, portão etc.

Sufixos aumentativos

-AÇA, AÇO, -ALHÃO, -ANZIL, -ÃO, -ARÉU, -ARRA, -ARRÃO, -ASTRO, -ÁZIO, -ORRA, -AZ, -UÇA: barcaça, ricaço, grandalhão, corpanzil, caldeirão, povaréu, bocarra, homenzarrão, poetastro, copázio, cabeçorra, lobaz, dentuça.

Diminutivo

Os diminutivos sintéticos podem ser **regulares, irregulares** ou **eruditos** Os regulares se formam com o auxílio do sufixo **-inho** ou da variante **-zinho** (gatinho, homenzinho); os irregulares recebem o acréscimo dos mais variados sufixos (pedrisco, chuvisco, corvacho); e os sintéticos eruditos se formam com o auxilio dos sufixos **-ulo** e **-culo** ou das variantes:

-áculo, -ículo, -úsculo, -únculo.

Muitas vezes o diminutivo expressa carinho, ternura, afeto, piedade, ou então, desprezo, antipatia etc.

Ex.:

— Mãezinha! Venha aqui. (ternura, carinho)

— O João é um professorzinho! (desprezo, ironia)

Diminutivos sintéticos irregulares

Águia
aguieta
aguioto
aquilucho
Aldeia
aldeola
aldeota
Âncora
ancoreta
Ângulo
angulete
Aranha
aranhiço
Artéria
arteríola
Árvore
arvoreta
arbusto
Asa
aselha

Astro
asteróide
Bacia
bacineta
Baile
baileco
Baleia
baleote
baleato
Barba
barbicha
Bastão
bastonete
Beijo
beijote
Cabra
capréola
Caixa
caixote
caixeta
Câmara
camarim
camarote
Caminhão
camioneta
caminhonete
Canudo
canudilho
canutilho
Carro
carriola
Casa
casebre
Chácara
chacarola
Chapéu
chapelete
chapeleta*
Código
codicilo
Corda
cordel
Corneta
cornetim
Corpo
corpete
Coro
coreto
Corvo
corvacho
Cruz
cruzeta
Diabo
diabrete
Espada
espadim
Espiga
espigueta
Estátua
estatueta
Farol
farolete
Fazenda
fazendola
Fio
filete
Flauta
flautim
Forte
fortim
Frango
frangote
Galo
galispo
Guerra
guerrilha
História
historíola
historieta
Igreja
igrejola
Ilha
ilhota
ilhéu
Jornal
jornaleco*
Laje
lajota
Livro
livrete
livreco*
Lobo
lobato
Loja
lojeca
Lugar
lugarejo
Mala
maleta
Mastro
mastaréu
Moça
moçoila
Núcleo
nucléolo
Padre
padreco*
Palácio
palacete
Parte
parcela
Pedra
pedrisco
Perdiz
perdigoto
Poema
poemeto
Ponte
pontilhão
Porta
portinhola
Porto
portilho
Povo
poviléu
Prancha
prancheta
Quintal
quintalejo
Rabo
rabicho
Raiz
radicela
Ramo
ramalhete
ramilhete
Rapaz
rapazola
rapazote
Rio
riacho
ribeiro
Rua
ruela
Sala
saleta
Sino
sineta
Tambor
tamborim
Terra
terriola
Vagão
vagonete
Vala
valeta
Vara
vareta
varela
Verão
veranico
Via
viela
Vila
vilela
vileta

* Diminutivos pejorativos

Diminutivos eruditos

Abelha	apícula
Asa	álula
Cadeia	catênula
Cela	célula
Corpo	corpúsculo
Eixo	axículo
Esfera	esférula
Feixe	fascículo
Folha	folícula
Fração	fraciúncula
Globo	glóbulo
Gota	gotícula
Grão	grânulo
Habitação	habitáculo
Homem	homúnculo
Leão	leônculo
Nó	nódulo
Noz	núcula
Obra	opúsculo
Orelha	aurícula
Osso	ossículo
Ovo	óvulo
Parte	partícula
Peixe	piscículo
Pele	película
Porção	porciúncula
Questão	questiúncula
Raiz	radícula
Rede	retículo (a)
Semente	semínula
Valva	válvula
Verso	versículo

Sufixos diminutivos

-ACHO, -CULO, -EBRE, -EJO, -ELA, -ETE, -ETO, -ICO, -IM, -(z)INHO, -ISCO, -ITO, -OLA, -OTE, -UCHO, -ULO, -ÚNCULO, -ULA, -USCO: lobacho, montículo, casebre, livreco, lugarejo, viela, vagonete, poemeto, burrico, flautim, pratinho, florzinha, chuvisco, rapazito, bandeirola, saiote, papelucho, glóbulo, homúnculo, apícula, velhusco.

Exercícios

1) Qual o normal dos seguintes diminutivos?

Escreva-os na linha ao lado do respectivo diminutivo:

01. álula ....
02. capréola ....
03. barraquim ....
04. barrilete ....
05. caliça ....
06. capuz ....
07. semínula ....
08. cavalete ....
09. cintilho ....
10. cordel ....
11. corpúsculo ....
12. febrícula ....
13. flautim ....
14. fogacho ....
15. galispo ....
16. glóbulo ....
17. régulo ....
18. flósculo ....
19. célula ....
20. molécula ....

2) Qual o normal dos seguintes aumentativos?

Escreva-os na linha ao lado do respectivo aumentativo:

01. balaço ....
02. carantonha ....
03. barracão ....
04. bocarra ....
05. boqueirão ....
06. cabeçalho ....
07. canzarrão ....
08. corpanzil ....
09. fatacaz ....
10. facalhaz ....
11. fornalha ....
12. fumaça ....
13. galeão ....
14. galera ....
15. pedinchão ....
16. povaréu ....
17. pratarraz ....
18. beiçola ....

19. vagalhão ....
20. vozeirão ....

Testes

1. (FEI-SP) Qual o substantivo no grau normal?

a) animalzinho.
b) carinho.
c) peixinho.
d) cachorrinho.

2. (FSJT-SP) Assinale a relação correta na formação do grau:

a) prata — pratarraz.
b) copa — copázio.
c) pele — película.
d) raio — radícula.
e) n.d.a.

3. (UFRGS) Observe os seguintes enunciados:

1. Aquele sim é que é um **carrão**.

2. O **livreco** que acabara de ler não o convencera.

3. Você é «**aplicadíssimo**»: chega sempre no final da aula.

4. Ela faz hoje cinco **aninhos**.

5. Limpou a casa **todinha**.

As palavras destacadas expressam, respectivamente:

a) elogio, desprezo, amizade, capricho, ironia.
b) elogio, desprezo, ironia, carinho, capricho.
c) elogio, elogio, ironia, desprezo, capricho.
d) capricho, elogio, ironia, desprezo, capricho.
e) desprezo, ironia, ironia, carinho, desprezo.

4. (FUVEST) Esse doutorzinho não acerta um diagnóstico sequer! O diminutivo de doutor revela:

a) tamanho.
b) intensidade.
c) ironia.
d) forma.
e) n.d.a.

5. (MACK-SP) Não há correspondência:

a) bico — bicanço.
b) boca — bocarra.
c) prata — pratázio.
d) prato — pratalhão.
e) moço — mocetão.

6. (PUC-SP) Ao escrever a um amigo, você lhe envia um "abração".

"— **Filhinho, vem com a mamãe.**"

O aumentativo de **abraço** e o diminutivo de **filho** denotam, respectivamente:

a) tamanho — tamanho.
b) forma — afetividade.
c) intensidade — forma.
d) intensidade — afetividade.
e) forma — forma.

7. (ITA-SP) Há erro na correspondência entre o substantivo e seu diminutivo erudito:

a) radícula — raiz.
b) álula — asa.
c) aurícula — orelha.
d) grânulo — grão.
e) n.d.a.

8. (FUVEST) Faça a correlação, observando a conotação da palavra destacada:

(1) ironia (3) desprezo
(2) carinho (4) elogio

( ) Você é muito **bonzinho**, seu sabidão!
( ) Ele nos serviu um **vinhozinho** qualquer.
( ) Pedro sempre se revelou um **amigão.**
( ) **Fernandinho** é um menino serelepe.
( ) Esse **povinho** não tem muita coragem.

( ) Aquele **espertalhão** foi preso ontem.

a) 1 – 3 – 4 – 2 – 1 – 3

b) 1 – 3 – 4 – 2 – 3 – 1

c) 3 – 1 – 2 – 4 – 3 – 1

d) 1 – 1 – 4 – 2 – 1 – 3

e) 3 – 1 – 2 – 4 – 3 – 1

Para resolver as questões 9 e 10, assinale as alternativas e some seus valores.

9. (UNAMA) Assinale a(s) alternativa(s) que só contenha(m) diminutivos sintéticos.

1. O vagalhão destruiu o lajedo onde a barcaça estava amarrada.

2. A nevasca atrapalhou o banquete oferecido aos habitantes do lugarejo.

4. Com seu espadim, o rapazote cortou o bastonete.

8. O canaz intimidava os habitantes da aldeola com sua boquinha.

16. O livreco trazia historietas sobre namoricos de rapazolas com moçoilas.

32. O pobre burrico puxava o carroção e o poetastro.

64. O fortim foi invadido por rapazotes com saiotes e moçoilas que agitavam os braços como álulas.

10. (PUC-PR) A(s) alternativa(s) que só apresenta(m) aumentativos:

1. homenzarrão — pedregulho — muralha.
2. banqueta — torreão — fortaleza.
4. narigão — farolete — canzarrão.
8. medicastro — estatuetas — cruzeiro.
16. cruzeiro — palacete — balaço.
32. polivéu — mulherona — cartapácio.

Respostas da unidade 10 — Substantivos

Exercícios — pág. 109

1) a) condessa b) czarina c) diaba/boa/bra d) embaixadora/embaixatriz e) canonisa/cônega f) eleitora g) felaína h) abelha i) serventa/a servente.

2) b) Declamaram o poeta e a poetisa. c) Levantaram-se o réu e a ré. d) Rezavam o profeta e a profetisa. e) Mantinham-se o sacerdote e a sacerdotisa.

3) a) heroína b) dama, cavaleiro c) amazona.

4) espiã, monja, parenta/a parente, juíza, baronesa, a pianista, a intérprete, a selvagem, atéia, atriz.

5) leoa, horteloa, valentona, tabeliã/oa, cliente/a, alfaiata, hóspede/a, parente/a, oficiala, juíza, episcopisa, viscondessa, consulesa.

6) a, c, c, b, c, c

7) meninice, magreza, covardia, amargura, molecagem, matança, julgamento, retenção.

8) a) frota - de navios de guerra b) quadrilha - de ladrões c) acervo - de obras de arte d) gabinete - de ministros

9) a) manada b) equipe c) cainçada/caterva d) enxames/colmeias/cortiços.

Questões discursivas — pág. 111

1) agressão, divergência

2) a) monja, atéia b) vice-consulesa, viscondessa

3) a) abadessa, sóror, freira b) grã-fina, anfitriã/oa c) embaixadora, czarina

4) trabalhadora, mulher trabalhadeira

Testes — pág. 111

1 - c
2 - d
3 - c
4 - d
5 - c
6 - a
7 - c
8 - b
9 - a
10 - b
11 - d
12 - 27
13 - 75
14 - 00

Exercícios — pág. 118

1) a) a b) a c) a d) a e) o f) o/a g) o h) o i) a j) o l) o/a m) a n) o o) o/a p) a q) o r) o s) a t) o u) a v) a x) o y) o z) o

2) cidade-sede de um governo; chefe; intérprete; ânimo; estado de espírito; ônibus; aparelho de rádio; professor; esperto.

3) 1) c 2) b 3) c 4) a 5) a 6) b 7) c 8) a 9) c 10) c 11) a 12) a 13) b 14) b

4) ovelha, amazona/cavaleira, dama, comadre

5) o lança-perfume
o anátema
o estratagema
a ferrugem
o/a personagem
a cataplasma
a bólide
a apendicite

o nauta
o plasma
a bílis
a cal
o dó (compaixão)
o champanha
a chaminé
o ágape
a libido
as cãs
a soja
a faringe
o/a laringe
a omoplata
o eclipse
a dinamite
o apêndice
a matinê
o suéter
o estigma
o/a xerox
a alface

6) a) juíza b) atriz c) autora d) monja e) besta f) javalina g) heroína h) solteirona i) comadre j) dama l) nora m) madre n) elefanta o) presidenta p) sultana q) ladra r) sóror s) czarina t) diaconisa u) oficiala v) pavoa x) poetisa z) viscondessa

Questões discursivas — pág. 119

1) a) o b) o c) a d) a e) o

2) capioa, pierrete, hebréia, judia, marani

3) a) a polícia = a organização b) o polícia = o indivíduo, o policial

4) 1) o 2) o 3) a 4) o

5) copo-de-leite é flor. Copo de leite é copo contendo leite.

Testes — pág. 119

1 - d
2 - c
3 - d
4 - a
5 - d
6 - d
7 - e
8 - c
9 - a
10 - b
11 - c
12 - b
13 - 40
14 - 41
15 - 61

Exercícios — pág. 129

1) peões/ães, guardiões/ães, órgãos, tótenes/totens, corcéis, fósseis, corrimãos/ões, sótãos, obuses, cônsules, assessores, raízes, os tórax, os lápis, pomares, os dez, cânones, germens/gérmenes, reptis, esmeris, paióis, caracteres, estupidezes, hambúrgueres, Jupíteres, seniores, juniores, arrozes, Geografias, hifens ou hífenes.

2) 1) obras-primas 2) arrozes-doces 3) frutas-pão (pães) 4) os bota-fora 5) amores-perfeitos 6) os guarda-costas 7) males-de-fígado 8) tique-taques 9) guarda-comidas 10) guarda-pós 11) guarda-sóis 12) guardas-civis 13) águas-furtadas 14) ferros-de-engomar 15) abelhas-mestras 16) os pára-quedas 17) mata-borrões 18) pores-do-sol 19) ave-marias 20) cavalos-vapor 21) sempre-vivas 22) xeques-mate(s) 23) decretos-leis 24) guarda-vidas 25) reco-recos 26) grãos-de-bico 27) grão-vizires 28) grã-duquesas 29) vice-cônsules 30) chefes-de-seção 31) saias-balão (balões) 32) pára-choques 33) pombos-correio(s) 34) os arco-íris 35) mapas-múndi 36) joões-ninguém 37) auto-rádios 38) auto-escolas 39) salve-rainhas 40) pais-nossos.

Questões discursivas — pág. 130

1) cônsules.

2) escrivães, públicas-formas.

3) balõezinhos.

4) Nas feiras-livres dos arrabaldezinhos, uns homens loquazes apregoam balõezinhos de cor.

5) pára-choques, amores-perfeitos, sempre-vivas, tenentes-coronéis.

6) corre(s)-corres, pega(s)-pegas, arreia-arreias.

7) mestres-de-cerimônia, trim-trins, glu-glus.

8) rês, róis.

Testes — pág. 130

1 - d
2 - a
3 - b
4 - e
5 - c
6 - d
7 - d
8 - c
9 - b
10 - d
11 - e
12 - e
13 - 31
14 - 11
15 - 55
16 - c

Exercícios — pág. 135

1) 1) asa 2) cabra 3) barraca 4) barril 5) cal 6) capa 7) semente 8) cavalo 9) cinto 10) corda 11) corpo 12) febre 13) flauta 14) fogo 15) galo 16) globo 17) rei 18) flor 19) cela 20) mole

2) 1) bala 2) cara 3) barraca 4) boca 5) boca 6) cabeça 7) cão 8) corpo 9) fatia 10) faca 11) forno 12) fumo 13) galé 14) galé 15) pedinte 16) povo 17) prato 18) beiço 19) vaga 20) voz

Testes — pág. 136

1- b
2 - c
3 - b
4 - c
5 - c
6 - d
7 - e
8 - b
9 - 84
10 - 1

Tipologia Textual

Os tipos textuais, ou tipologias textuais, são a forma sob a qual o texto se apresenta, determinando a estrutura padrão que o rege, bem como cada um será construído.

Explicativo Prescritivo

Instrui o receptor com relação a determinado procedimento sem permitir sua liberdade de ação.

→ Regras de trânsito, editais de concursos públicos, constituição, cláusulas contratuais, leis, etc.

Explicativo Injuntivo

Texto instrucional pautado na explicação e no método para a concretização de uma ação, permitindo a liberdade de atuação do leitor.

→ Receita culinária, bula de remédio, manual de instrução, etc.

Descritivo

Apresenta, de forma detalhada, características de uma pessoa, paisagem, animal, objeto, ou até mesmo de uma emoção ou sentimento.

→ Diário, relato de viagem, etc.

Narrativo

Aquele que narra uma história através da sequência de fatos contado por um narrador (elementos da narrativa: narrador, tempo, espaço, personagens, enredo, clímax e desfecho)

→ Conto, crônica, romance, novela, fábula, etc.

Dissertativo Argumentativo

Traz a exposição de um tema ou assunto com o uso de argumentos defendendo um determinado ponto de vista.

→ Artigo de opinião, dissertação, carta de solicitação, argumentação ou do leitor, resenha crítica, etc.

Dissertativo Expositivo

Exposição de uma ideia usando conceitos, comparações, definições, descrições e informações.

→ Reportagem, notícia, resumo, verbete, etc.

C.Melo2020

PORTUGUESA

Professora Ana Rita

ORTOGRAFIA

AULA 5

EMPREGO DO HÍFEN

1.

Ante
Anti
Circum
Co
Contra
Extra
Hiper
Infra
Intra
Pós
Pré
Sobre
Sub
Super
Supra
Ultra

a) *Se o segundo elemento começa com h:*
   Super-homem, semi-hospitalar, sub-humano.
   Exceção:
   -des e in- (desumano, inábil, inumano)

b) *Vogais repetidas:*
   Contra-almirante, supra-auricular, auto-observação, micro-ondas, infra-axilar.
   Exceção:
   Fica fora da regra o prefixo CO-

Coordenação, coadministração, coparticipação, coprodutor.

c) *r-r*
hiper-realista, super-radical, inter-resistente.

d) *Pré-, pós-, pró-*
Pré-fabricado, pré-primário, pós-graduação, pós-moderno, pró-europeu, pró-reitor.

e) *Ex-, Vice-, Soto-, Sota-, Vizo-*
Ex-professor, ex-presidente, vice-presidente, sota-piloto, soto-mestre, viso-rei.

f) *Circum- ,pan- + h, m ou n:*
Circum-navegação, circum-adjacente, circum-mediterrânea, pan-américa, pan-helenismo, pan-mítico.

g) *Palavras formadas por sufixação, só usamos em um caso bastante raro.*
Observe os sufixos –açu, -guaçu, -mirim (de origem tupi-guarani):
  1) *Quando o primeiro elemento acaba em vogal acentuada graficamente:*
  Amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, Ceará-mirim, Itajaí-Açu.
  2) *Ou quando a pronúncia exige a separação gráfica dos dois elementos (capim-açu).*

2. FALSOS PREFIXOS (elementos não autônomos de origem grega ou latina não utilizam hífen.

Aero	*Neo*	*Tele*
Agro	*Pan*	*Pseudo*
Auto	*Macro*	
Bio	*Micro*	
Eletro	*Mini*	
Geo	*Multi*	
Hidro	*Pluri*	
Inter	*Retro*	

3. *Os prefixos relacionados a seguir* **não usam hífen:**

Agri	Des	Hetero	Midi	Termo
Ambi	Dis	Hexa	Mono	Trans
Anfi	Ego	Hipo	Moto	Tri
Audio	Endo	Homo	Neuro	Uni
Auri	Epi	In	Odonto	
Bi	Etno	Isso	Oni	
Cis	Filo	Justa	Orto	
Cromo	Fisio	Mega	Poli	
Crono	Hemi	Meta	Quilo	

DIVISÃO SILÁBICA

1. sai-a , cei-a, re-crei-o, a-poi-o

No final da palavra, havendo vogal tônica, seguida de I e de uma vogal átona, esta estará em outra sílaba.

2. sa-iu, ca-iu, ex-tra-iu, in-flu-iu

Havendo vogal átona, seguida de I e U, o iu forma sílaba.

3. sa-í-a, ca-í-ram, re-tra-í-as

O I (vogal tônica) precedido e seguido de vogais átonas formará sílaba.

4. fa-zi-a, que-ri-a, flu-tu-a, cul-tu-am, Ma-ri-a

A vogal tônica (i ou u) precedida de consoante e seguida de vogal átona: a vogal átona fica em outra sílaba.

Exemplos :

a-ta-ú-de	Du-e-lo	mi-ú-do
Cai-ais	Fi-el	Po-ei-ra
Ca-í-eis	Flu-iu	Ra-i-nha
Ca-ir	Flu-ir	Le-al
Do-er	Gra-ú-na	vi-ví-eis
Co-o-pe-rar	Je-su-í-ta	Ta-i-nha
Cru-el	Vo-ar	a-po-te-o-se

Não se separam ditongos crescentes e decrescentes:

Ár-duo	Ai-ro-so	a-ni-mais
Au-ro-ra	a-ve-ri-güeis	Ca-iu
Cru-éis	En-jei-tar	Fo-ga-réu
Fu-giu	Gló-ria	i-guais
Eu-ro-pa	Mui-to	Fu-giu
Fre-qüen-tar	Pa-ra-guai	Gló-ria
Já-mais	Jói-as	Quais
Sá-bio	Su-bor-nou	Vá-rio
Tê-nue	Cá-rie	Má-rio
Má-goa	Ré-gua	Tê-nue
Am-bí-buo		

Observações:

1. gno-ma
   mne-mô-ni-ca

2. ad-le-ga-ção

DL separam-se sempre, exceto no tempo onomatopéico dlim.

BL e BR quando pronunciados separadamente separam-se.

Exemplos: sub-lingual, sub-ro-gar.

3. bis, cis, des, dis, trans e o X:

separam-se quando a sílaba seguinte começa por consoante; mas, se principia por vogal, formam sílaba e separam-se do elemento prefixal.

Exemplos:

Bis-ne-to	Cis-pla-ti-no
Des-li-gar	Dis-tra-ção
Bi-sa-vô	ci-san-di-no
De-ses-pe-rar	di-sen-té-ri-co
Tran-sa-tlân-ti-co	

VOGAIS NASAIS

Campo – AM
Anta -A
Embora – EM
Tentar – EN
Tímpano – IM
Findo - IN
Bomba – OM
Atum – UM
Profundo – UN

Ditongos Nasais:
Ãe – mãe
Ãi – cãibra
Ão – mão
Am – amam
Em- bem
En (s) – bens
Õe – põe
Ui – muito
BIBLIOGRAFIA: Gramática de Celso Cunha.

Curso Completo de Português

Prof. Fernando Pestana

(Autor do livro “A Gramática para Concursos Públicos”)

Classes de Palavras - Preposição

— ***Definição***

1. Identificação e classificação: I) essenciais e II) acidentais.

I) *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.*

II) *como, conforme (ou segundo, ou consoante), durante, mediante, menos, salvo, exceto, afora (ou fora), tirante, senão, exclusive, inclusive, visto, malgrado, mesmo, que.*

2. Combinações e contrações:

- Não resisti aos parques da cidade. / Vou aonde estão as pessoas.

- Eu cursei o 2º grau no ano 2000. / Deste ano não passa. / Daqui ninguém me tira. / Eu fui à praia de Copacabana. / Vamos àquele lugar sempre. / Apesar de o progresso ter chegado à cidade, muita violência adveio disso.

3. Locução prepositiva:

- Os livros estão embaixo da estante. (sob)
- A mulher faz dieta a fim de emagrecer. (para)
- Seu filho está dentro de casa? (em)
- Ela está indo de encontro a meu interesse. (contra)
- Não discutimos acerca de futebol e política. (sobre)
- Devido ao barulho, não dormi nada. (com)
- Apesar da explicação, não entendi. (!!!)

4. Valor relacional e nocional:

- Assistia a vários filmes.
- Ficou desgostoso com sua equipe.

- Estou a 200m da praia.
- Ante a falta de dinheiro, teve de voltar a trabalhar.
- Após aquele pesadelo, decidiu ficar acordada.
- O terreno vai até aquela cerca.

- Só entrará com autorização.
- Sou contra a pena de morte.
- Ficaste comovido de me ver?
- Brahma, fabricada desde o século 19.
- Eu a pedi em casamento.
- Estavas entre a cruz e a caldeirinha?
- Para o médico, a saúde dela é estável.
- Perante a lei, todos são iguais.
- Explique por partes.
- Como consegue sobreviver sem dinheiro?
- O homem foi encontrado sob/sobre os escombros.

5. Particularidades: I) combinação de preposição com artigo envolvendo paralelismo, II) minúcias.

I) Ele é leal aos amigos e aos familiares.
Ele é leal aos amigos e familiares.
Ele é leal aos amigos e os familiares.*
Ele é leal a amigos e a familiares.
Ele é leal a amigos e familiares.

** Ele falou sobre os amigos e (sobre) os familiares.*

II) - Chegar a casa; Ir ao supermercado; Voltar à escola; Levar à praia...

- Eu tenho de/ que viajar amanhã.

- Por ser exato, o amor não cabe em si. / Para passar, precisa estudar. / A persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado. / Sem estudar, não passará./ Sem estudar, passei. / Ao fazer os exercícios, preocupei-me em acertar os mais fáceis.

6. Valor discursivo:

O surgimento da Internet remonta à década de 60 do século passado, em um projeto do governo norte-americano no combate à guerra, pelo qual as comunicações intragovernamentais passaram a ser internalizadas, para evitar a publicação de dados relevantes à segurança nacional. (...)

FOCA
NA
GRAMÁTICA

Clams
FERNANDO PESTANA
A Gramática para Concursos Públicos
SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

Curso Completo de Português

Prof. Fernando Pestana

(Autor do livro “A Gramática para Concursos Públicos”)

Classes de Palavras - Preposição

— ***Definição***

1. Identificação e classificação: I) essenciais e II) acidentais.

I) *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.*

II) *como, conforme (ou segundo, ou consoante), durante, mediante, menos, salvo, exceto, afora (ou fora), tirante, senão, exclusive, inclusive, visto, malgrado, mesmo, que.*

2. Combinações e contrações:

- Não resisti aos parques da cidade. / Vou aonde estão as pessoas.

- Eu cursei o 2º grau no ano 2000. / Deste ano não passa. / Daqui ninguém me tira. / Eu fui à praia de Copacabana. / Vamos àquele lugar sempre. / Apesar de o progresso ter chegado à cidade, muita violência adveio disso.

3. Locução prepositiva:

- Os livros estão embaixo da estante. (sob)
- A mulher faz dieta a fim de emagrecer. (para)
- Seu filho está dentro de casa? (em)
- Ela está indo de encontro a meu interesse. (contra)
- Não discutimos acerca de futebol e política. (sobre)
- Devido ao barulho, não dormi nada. (com)
- Apesar da explicação, não entendi. (!!!)

4. Valor relacional e nocional:

- Assistia a vários filmes.
- Ficou desgostoso com sua equipe.

- Estou a 200m da praia.
- Ante a falta de dinheiro, teve de voltar a trabalhar.
- Após aquele pesadelo, decidiu ficar acordada.
- O terreno vai até aquela cerca.

- Só entrará com autorização.
- Sou contra a pena de morte.
- Ficaste comovido de me ver?
- Brahma, fabricada desde o século 19.
- Eu a pedi em casamento.
- Estavas entre a cruz e a caldeirinha?
- Para o médico, a saúde dela é estável.
- Perante a lei, todos são iguais.
- Explique por partes.
- Como consegue sobreviver sem dinheiro?
- O homem foi encontrado sob/sobre os escombros.

5. Particularidades: I) combinação de preposição com artigo envolvendo paralelismo, II) minúcias.

I) Ele é leal aos amigos e aos familiares.
Ele é leal aos amigos e familiares.
Ele é leal aos amigos e os familiares.*
Ele é leal a amigos e a familiares.
Ele é leal a amigos e familiares.

** Ele falou sobre os amigos e (sobre) os familiares.*

II) - Chegar a casa; Ir ao supermercado; Voltar à escola; Levar à praia...

- Eu tenho de/ que viajar amanhã.

- Por ser exato, o amor não cabe em si. / Para passar, precisa estudar. / A persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado. / Sem estudar, não passará./ Sem estudar, passei. / Ao fazer os exercícios, preocupei-me em acertar os mais fáceis.

6. Valor discursivo:

O surgimento da Internet remonta à década de 60 do século passado, em um projeto do governo norte-americano no combate à guerra, pelo qual as comunicações intragovernamentais passaram a ser internalizadas, para evitar a publicação de dados relevantes à segurança nacional. (...)

FOCA
NA
GRAMÁTICA

Clams
FERNANDO PESTANA
A Gramática para Concursos Públicos

Língua Portuguesa – começando do ZERO

Apostila 13 (Teoria essencial)

Sintaxe de colocação pronominal

Em primeiro lugar, cumpre ressaltar que a colocação pronominal, na Língua Portuguesa, restringe-se praticamente à perfeita disposição dos pronomes oblíquos átonos: me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, os, as, lhes.

Tais pronomes podem assumir uma das seguintes posições:

a) **Próclise** → pronome oblíquo colocado **antes** do verbo
b) **Mesóclise** → pronome oblíquo colocado no **meio** do verbo
c) **Ênclise** → pronome oblíquo colocado **depois** do verbo

Primeiros exemplos:

* Ele **me** disse que amanhã faltará a aula.
pronome proclítico

* Retira-**lo**-ia do local se eu pudesse.
pronome mesoclítico

* Entregaram-**nos** todos os documentos hoje pela manhã.
pronome enclítico

Colocação pronominal

Regras gerais

I – A PRÓCLISE

O pronome oblíquo átono ficará proclítico ao verbo por causa dos seguintes fatores que o atraem:

a) Palavras de valor negativo (não, nunca, jamais, ninguém, nada, nem (= e nem) etc.

* **Jamais** nos consideraremos melhores do que os outros.

* **Não** o permitiram a conversão de real para dólar.

b) Advérbios e pronomes indefinidos.

* **Aqui** se faz, **aqui** se paga.

* Nem **sempre** se enxergam as disparidades do mundo contemporâneo.

Observação: Se houver pausa depois do advérbio, o pronome ficará enclítico. Se o verbo estiver no futuro, emprega-se a mesóclise.

* **Enfim,** encontrei-**o** na Estação da Luz.

* **Amanhã,** encontrar-**me**-ei com o Luís Antônio para uma conversa de negócios.

c) Pronomes relativos (que, o qual, a qual, os quais, as quais, cujo, cuja, cujos, cujas, onde, quem etc).

* As informações, **que** te deram, parece terem mexido com o teu íntimo.

d) Pronomes demonstrativos (este, esta, isto, aquele, aquela, aquilo etc).

* Tudo **aquilo** lhe passou despercebido.

* **Esta** me contou uma versão esquisita do caso. **Aquele** nos disse totalmente o contrário desse ai.

e) Conjunções subordinadas (quando, se, já que, porque, embora, enquanto, como, à medida que etc.)

* **À medida que** se estuda, aprende-se mais.

* **Enquanto** me diziam aquilo, eu permanecia imóvel.

f) Verbo no gerúndio precedido da preposição "em".

* **Em** se **tratando** de finanças, procure o sr. João Alberto.

* **Em** se **pensando** em viagens, é sempre bom procurar uma boa empresa de turismo.

g) Conjunção coordenativa alternativa.

* **Ou** se casa comigo, **ou** se casa com o meu primo.

Além desses fatores, a próclise é de rigor:

a) Nas orações exclamativas e nas optativas (orações que exprimem desejo):

* Que Deus te proteja. * Bons ventos os levem em paz!

b) Nas orações interrogativas em que haja pronomes interrogativos:

* Quem vos falou sobre o problema dela?

c) Com verbos no infinitivo pessoal precedido de preposição:

* Demiti os dois funcionários por se queixarem demais.

II – A MESÓCLISE

Como já se mencionou, a mesóclise consiste na colocação do pronome oblíquo átono no meio do verbo. Isso ocorre apenas com dois tempos do modo indicativo: o futuro do presente e o futuro do pretérito, pois se trata de dois tempos compostos.

Dessa forma, teremos:

* Compraria o carro se eu pudesse. = **Comprá-lo-ia** se eu pudesse.

* Encontrá-lo-á deitado numa rede bem vistosa à varanda da casa grande.

III – A ÊNCLISE

O pronome oblíquo átono ficará enclítico ao verbo nas seguintes circunstâncias:

a) Quando o verbo iniciar o período:

* Conta-me logo tudo que sabes, Marcílio.

b) Com o verbo no gerúndio, desde que não forme locução verbal ou que não esteja precedido da preposição “em” ou de qualquer elemento de atração.

* Não farei mais a reunião, disse ele **levantando**-se rapidamente.

c) Com verbos no imperativo afirmativo.

* Deixe a sala agora e entregue-se aos estudos se quiser ser aprovado no final do ano.

d) Com verbos no infinitivo regidos da preposição “a”, em se tratando dos pronomes oblíquos vocálicos “o, a, os, as”, os quais assumirão, obrigatoriamente, as formas “lo, la, los, las”.

* Jamais me recusaria a recebê-los.

IV – COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS NAS LOCUÇÕES VERBAIS

A partir de agora, vamos usar o conhecimento acima para posicionar corretamente os pronomes oblíquos dentro das locuções verbais. O assunto não é difícil, mas você precisa estar bem atento às orientações abaixo. Vamos lá!

Primeiramente, vamos relembrar o que é uma locução verbal:

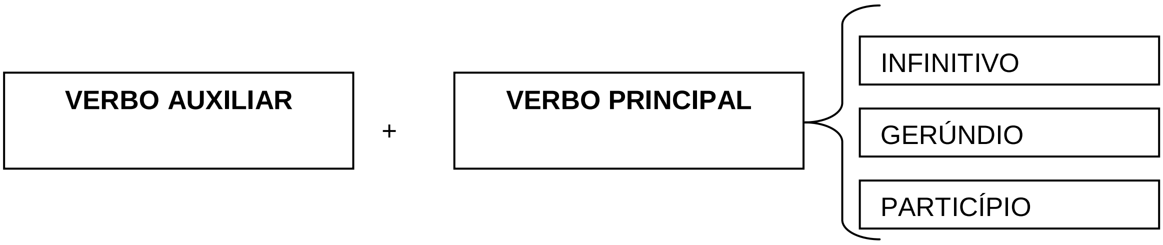

Observe agora as possíveis colocações dos oblíquos nas locuções verbais:

1. Verbo auxiliar + infinitivo:

* Os homens devem amar uns aos outros. (se)

→ Os homens **se** devem amar uns aos outros. (Próclise ao verbo auxiliar)
→ Os homens devem-**se** amar uns aos outros. (Ênclise ao verbo auxiliar)
→ Os homens devem amar-**se** uns aos outros. (Ênclise ao verbo principal – infinitivo)
→ Os homens devem **se** amar uns aos outros. (Pronome solto no meio da locução)

2. Verbo auxiliar + gerúndio:

* Os olhos da personagem foram enchendo de lágrimas. (se)

→ Os olhos da personagem **se** foram enchendo de lágrimas. (Próclise ao verbo auxiliar)
→ Os olhos da personagem foram-**se** enchendo de lágrimas.(Ênclise ao verbo auxiliar)
→ Os olhos da personagem foram enchendo-**se** de lágrimas.(Ênclise ao verbo principal – gerúndio)
→ Os olhos da personagem foram **se** enchendo de lágrimas.(Pronome solto no meio da locução)

3. Verbo auxiliar + particípio:

* O time tem dado muitas decepções. (nos)

→ O time **nos** tem dado muitas decepções. (Próclise ao verbo auxiliar)
→ O time tem-**nos** dado muitas decepções. (Ênclise ao verbo auxiliar)
→ O time tem **nos** dado muitas decepções. (Pronome oblíquo solto no meio da locução)

Língua Portuguesa – começando do ZERO

Apostila 13 (Teoria essencial)

Sintaxe de colocação pronominal

Em primeiro lugar, cumpre ressaltar que a colocação pronominal, na Língua Portuguesa, restringe-se praticamente à perfeita disposição dos pronomes oblíquos átonos: me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, os, as, lhes.

Tais pronomes podem assumir uma das seguintes posições:

a) **Próclise** → pronome oblíquo colocado **antes** do verbo
b) **Mesóclise** → pronome oblíquo colocado no **meio** do verbo
c) **Ênclise** → pronome oblíquo colocado **depois** do verbo

Primeiros exemplos:

* Ele **me** disse que amanhã faltará a aula.
pronome proclítico

* Retira-**lo**-ia do local se eu pudesse.
pronome mesoclítico

* Entregaram-**nos** todos os documentos hoje pela manhã.
pronome enclítico

Colocação pronominal

Regras gerais

I – A PRÓCLISE

O pronome oblíquo átono ficará proclítico ao verbo por causa dos seguintes fatores que o atraem:

a) Palavras de valor negativo (não, nunca, jamais, ninguém, nada, nem (= e nem) etc.

* **Jamais** nos consideraremos melhores do que os outros.

* **Não** o permitiram a conversão de real para dólar.

b) Advérbios e pronomes indefinidos.

* **Aqui** se faz, **aqui** se paga.

* Nem **sempre** se enxergam as disparidades do mundo contemporâneo.

Observação: Se houver pausa depois do advérbio, o pronome ficará enclítico. Se o verbo estiver no futuro, emprega-se a mesóclise.

* **Enfim,** encontrei-**o** na Estação da Luz.

* **Amanhã,** encontrar-**me**-ei com o Luís Antônio para uma conversa de negócios.

c) Pronomes relativos (que, o qual, a qual, os quais, as quais, cujo, cuja, cujos, cujas, onde, quem etc).

* As informações, **que** te deram, parece terem mexido com o teu íntimo.

d) Pronomes demonstrativos (este, esta, isto, aquele, aquela, aquilo etc).

* Tudo **aquilo** lhe passou despercebido.

* **Esta** me contou uma versão esquisita do caso. **Aquele** nos disse totalmente o contrário desse ai.

e) Conjunções subordinadas (quando, se, já que, porque, embora, enquanto, como, à medida que etc.)

* **À medida que** se estuda, aprende-se mais.

* **Enquanto** me diziam aquilo, eu permanecia imóvel.

f) Verbo no gerúndio precedido da preposição "em".

* **Em** se **tratando** de finanças, procure o sr. João Alberto.

* **Em** se **pensando** em viagens, é sempre bom procurar uma boa empresa de turismo.

g) Conjunção coordenativa alternativa.

* **Ou** se casa comigo, **ou** se casa com o meu primo.

Além desses fatores, a próclise é de rigor:

a) Nas orações exclamativas e nas optativas (orações que exprimem desejo):

* Que Deus te proteja. * Bons ventos os levem em paz!

b) Nas orações interrogativas em que haja pronomes interrogativos:

* Quem vos falou sobre o problema dela?

c) Com verbos no infinitivo pessoal precedido de preposição:

* Demiti os dois funcionários por se queixarem demais.

II – A MESÓCLISE

Como já se mencionou, a mesóclise consiste na colocação do pronome oblíquo átono no meio do verbo. Isso ocorre apenas com dois tempos do modo indicativo: o futuro do presente e o futuro do pretérito, pois se trata de dois tempos compostos.

Dessa forma, teremos:

* Compraria o carro se eu pudesse. = **Comprá-lo-ia** se eu pudesse.

* Encontrá-lo-á deitado numa rede bem vistosa à varanda da casa grande.

III – A ÊNCLISE

O pronome oblíquo átono ficará enclítico ao verbo nas seguintes circunstâncias:

a) Quando o verbo iniciar o período:

* Conta-me logo tudo que sabes, Marcílio.

b) Com o verbo no gerúndio, desde que não forme locução verbal ou que não esteja precedido da preposição “em” ou de qualquer elemento de atração.

* Não farei mais a reunião, disse ele **levantando**-se rapidamente.

c) Com verbos no imperativo afirmativo.

* Deixe a sala agora e entregue-se aos estudos se quiser ser aprovado no final do ano.

d) Com verbos no infinitivo regidos da preposição “a”, em se tratando dos pronomes oblíquos vocálicos “o, a, os, as”, os quais assumirão, obrigatoriamente, as formas “lo, la, los, las”.

* Jamais me recusaria a recebê-los.

IV – COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS NAS LOCUÇÕES VERBAIS

A partir de agora, vamos usar o conhecimento acima para posicionar corretamente os pronomes oblíquos dentro das locuções verbais. O assunto não é difícil, mas você precisa estar bem atento às orientações abaixo. Vamos lá!

Primeiramente, vamos relembrar o que é uma locução verbal:

VERBO AUXILIAR + **VERBO PRINCIPAL**
- INFINITIVO
- GERÚNDIO
- PARTICÍPIO

Observe agora as possíveis colocações dos oblíquos nas locuções verbais:

1. Verbo auxiliar + infinitivo:

* Os homens devem amar uns aos outros. (se)

→ Os homens **se** devem amar uns aos outros. (Próclise ao verbo auxiliar)
→ Os homens devem-**se** amar uns aos outros. (Ênclise ao verbo auxiliar)
→ Os homens devem amar-**se** uns aos outros. (Ênclise ao verbo principal – infinitivo)
→ Os homens devem **se** amar uns aos outros. (Pronome solto no meio da locução)

2. Verbo auxiliar + gerúndio:

* Os olhos da personagem foram enchendo de lágrimas. (se)

→ Os olhos da personagem **se** foram enchendo de lágrimas. (Próclise ao verbo auxiliar)
→ Os olhos da personagem foram-**se** enchendo de lágrimas.(Ênclise ao verbo auxiliar)
→ Os olhos da personagem foram enchendo-**se** de lágrimas.(Ênclise ao verbo principal – gerúndio)
→ Os olhos da personagem foram **se** enchendo de lágrimas.(Pronome solto no meio da locução)

3. Verbo auxiliar + particípio:

* O time tem dado muitas decepções. (nos)

→ O time **nos** tem dado muitas decepções. (Próclise ao verbo auxiliar)
→ O time tem-**nos** dado muitas decepções. (Ênclise ao verbo auxiliar)
→ O time tem **nos** dado muitas decepções. (Pronome oblíquo solto no meio da locução)

Uma ideia na cabeça
e um celular na mão
Um minuto de vídeo

Vídeo Minuto

Une elementos da oralidade e escrita.

Vídeo feito para homenagear, criticar, informar ou gerar humor.

Tempo determinado: em torno de 1 minuto

Título

Imagem padrão – logotipo do canal e informações sobre os profissionais que trabalharam na construção do vídeo.

Imagens

Estímulo visual e ilustração do texto falado, facilita a compreensão da mensagem.

Elementos Cinésicos

Mudança de ângulo de filmagens, movimentos, gestos e expressões faciais – acrescentam dinamismo às cenas..

Música de Fundo

Coopera para acentuar o clima de ação e agilidade do vídeo.

Elementos Paralinguísticos

Qualidade da voz e ritmo da fala (ajudam a compor a melodia do texto, marcando informações que precisam ser destacadas); marcas de oralidade ("é mole", "né" "hein" – aproxima o público-alvo e dá a sensação de uma conversa familiar); pausas (acontecem para possibilitar a respiração), risos, gritos.

C.Melo2020

Língua Portuguesa – começando do ZERO

Apostila 05 (Teoria)

Classes gramaticais invariáveis (advérbio, conjunção e preposição)

O advérbio

Conceito

É a classe de palavras invariáveis que, modificando um verbo, um adjetivo ou outro advérbio, transmitem-lhes alguma circunstância.

Veja alguns exemplos de advérbios e locuções adverbiais:

* "**Hoje** quatro braças de terra, **amanhã** seis, **depois** mais outras, ia o vendeiro conquistando todo o terreno que se estendia **pelos fundos da sua bodega**." (Aluísio Azevedo)

* "A parede oriental da igreja é o muro do quintal de um lado, mas as comunicações foram vedadas **provavelmente** quando a coroa alienou o palácio e o separou assim **perpetuamente** do templo." (A. Garret)

Observação:

a) A maioria dos advérbios terminados em "-mente" deriva de adjetivos. Quando o adjetivo apresenta formas diferentes para os dois gêneros, o sufixo adverbial "-mente" será acrescido à forma feminina do adjetivo.

* feliz → felizmente	* vaidoso → vaidosamente
* triste → tristemente	* ameaçador → ameaçadoramente

b) É possível transformar muitas expressões e locuções em advérbios – geralmente de "modo" ou de "tempo" –, formados com o sufixo adverbial "-mente". Observe:

* O recurso foi interposto **fora do tempo.** → extemporaneamente, intempestivamente

* Ele aprendia as lições **pouco a pouco**. → gradativamente, paulatinamente

Classificação dos advérbios

Os advérbios são classificados de acordo com a circunstância que expressam. Assim, podem ser classificados em:

a) **de afirmação:** sim, certamente
b) **de dúvida:** talvez, quiçá, acaso, por ventura, provavelmente, eventualmente.
c) **de freqüência:** diariamente, cotidianamente, semanalmente, mensalmente, sucessivamente, raramente, perpetuamente, constantemente etc.
d) **de intensidade (ou "de quantidade"):** muito, assaz, bastante, pouco, excessivamente, demasiadamente, profundamente, meio, todo, completamente, menos, mais, tanto, quão, quanto, quase, algo, bem, mal, apenas, demais, nada.

e) **de tempo:** ainda, agora, amanhã, dantes, cedo, tarde, hoje, logo, outrora, imediatamente, anteriormente, antigamente, posteriormente, depois, antes, precedentemente, então, sempre, ora, anteontem, entrementes, presentemente, atualmente, ainda, afinal, amiúde, nunca, jamais etc.
f) **de modo:** bem, mal, errado, tristemente (e muitos adjetivos adverbializados com o sufixo "-mente"), depressa, devagar, assim, adrede, debalde, melhor, pior etc.
g) **de negação:** não, nunca, jamais, nem, tampouco.
h) **de lugar:** abaixo, acima, arriba, aquém, além, aqui, aí, ali, cá, lá, acolá, avante, atrás, algures (= em algum lugar), alhures (= em outro lugar), nenhures (=em lugar algum), defronte, adiante, detrás, dentro, fora, longe, perto, onde.

Locuções adverbiais

Frequentemente os advérbios aparecem em português sob a forma locucional – são as denominadas "locuções adverbiais". Tais locuções são um conjunto de palavras, geralmente de núcleo substantivo e geralmente encabeçadas por uma preposição, com valor circunstancial. Como advérbios que são, tais locuções também modificam "verbos, adjetivos e outros advérbios".

Locuções adverbiais

à força, a giros, às cegas, a esmo, a farta, a granel, à porta, à revelia, a seu talante, a cavalo, ao deus dará, à toa, às pressas, a pé, a pique, ao revés, a seu tempo, ao longe, ao vivo, à noite, às tontas, às ocultas, às escondidas, às vezes, ao acaso, com certeza, de repente, de cabo a rabo, de improviso.

Observe alguns exemplos:

* **Pela manhã** costumo beber um pouco de água natural para melhorar o funcionamento intestinal.

* "E só agora notava que todos esses afagos eram sempre ocultos e assustados, feitos como que ilegalmente, **às escondidas**, e quase sempre acompanhados de choro." (Aluísio Azevedo)

Adjetivos adverbializados

Em muitas situações, empregam-se adjetivos em função adverbial. Neste caso, o adjetivo, à semelhança do advérbio, permanecerá invariável.

* Acudiram algumas pessoas que **próximo** se encontravam.

* "A fisionomia de Bento Simões reanimou-se. — Falai **claro** uma vez ao menos, retrucou Rui Soeiro." (José de Alencar)

* "Para não cair foi-lhe preciso agarrar-se **forte** com ambas as mãos ao braço de Álvaro, arrimando-se em seu peito." (Bernardo Guimarães)

* "O tamanho do título como que lhe dobrava a magnificência, posto que, para ligá-lo ao nome, era **demasiado** comprido – esta segunda reflexão foi tio Cosme que a fez." (Machado de Assis)

* "Ao despedir-se, apertou-lhe com força a mão mole, bateu-lhe no ombro com intimidade, e disse **alto** e com ênfase: - Energia, marechal!" (Lima Barreto)

Observação:

→ Há vários vocábulos na língua portuguesa que ora aparecem como advérbios, ora como pronomes, adjetivos e numerais. Para se determinar a classe morfologia a que pertencem tais palavras, devem-se levar em conta os seguintes critérios:

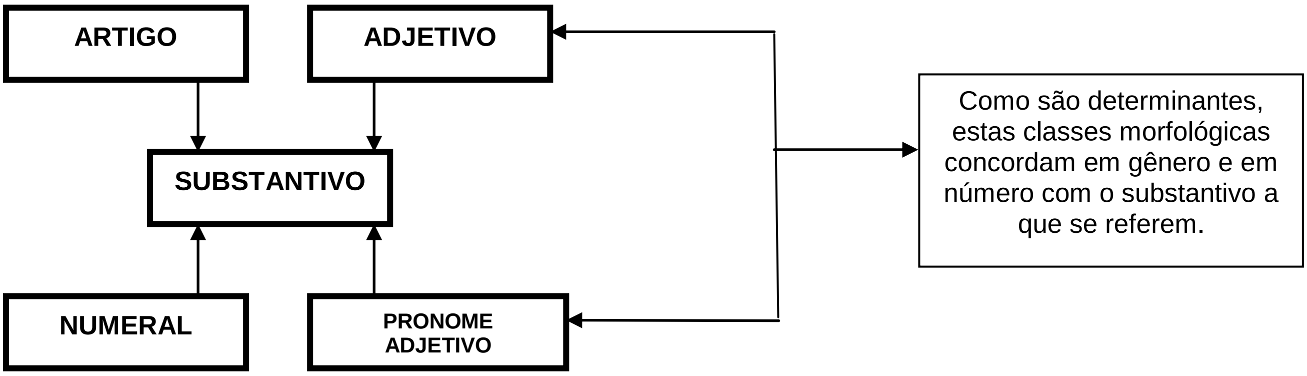
ARTIGO
ADJETIVO
SUBSTANTIVO
NUMERAL
PRONOME ADJETIVO

Como são determinantes, estas classes morfológicas concordam em gênero e em número com o substantivo a que se referem.

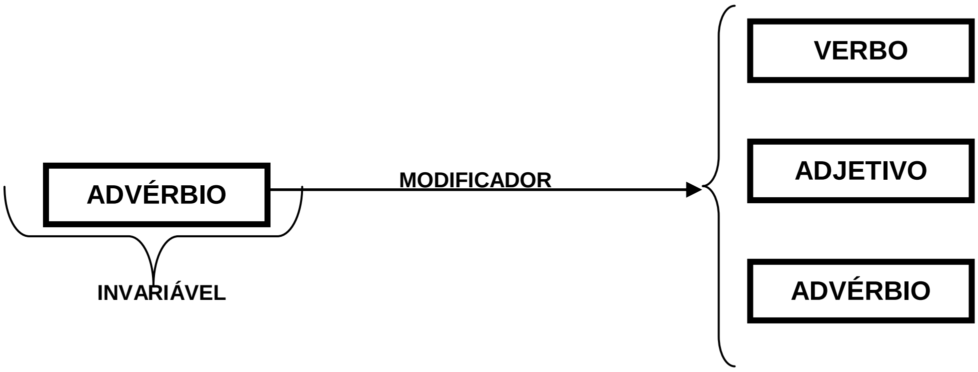
ADVÉRBIO
MODIFICADOR
INVARIÁVEL
VERBO
ADJETIVO
ADVÉRBIO

* Ela usa **meias** verdades.
numeral

* Tomamos **muito** sorvete.
pronome indefinido

* Já andei por **longes** terras.
pronome indefinido

* Li os livros **todos** da biblioteca dele.
pronome indefinido

* Ele encontra-se **meio** adoentada.
advérbio

* O sorvete estava **muito** gelado.
advérbio

* Ele mora **longe**.
advérbio

* No acidente, ele ficou **todo** ensangüentado.
advérbio

Classes gramaticais invariáveis (advérbio, conjunção e preposição)

A conjunção

Conceito

É a classe de palavras invariáveis que, modificando um verbo, um adjetivo ou outro advérbio, transmitem-lhes alguma circunstância.

Definição

É a classe de palavra invariável que liga duas orações entre si, estabelecendo um vínculo de coordenação ou de subordinação.

Observe:

* Os funcionários informaram ao chefe **que** a máquina não estava funcionando bem.
1ª oração 2ª oração

* **Quando** a moça chegou, todos se levantaram imediatamente.
1ª oração 2ª oração

Classificação

Pode-se inicialmente classificar as conjunções quanto à forma. Serão "simples" quando formadas por um único vocábulo (se, e, mas, quando, enquanto etc). Serão "locucionais" (locuções conjuntivas) quando formadas por mais de um vocábulo (uma vez que, à medida que, para que etc).

A principal classificação das conjunções, entretanto, leva em conta o significado da conjunção e a possibilidade de ela estabelecer "coordenação" ou "subordinação". Por este critério, as conjunções são classificadas em:

Coordenativas

As conjunções coordenativas são aquelas que ligam orações que apresentam a mesma função na frase. De acordo com a relação que expressam, as conjunções coordenativas são classificadas em:

1. ADITIVAS → Chamadas também de "copulativas" ou "aproximativas", as conjunções aditivas ligam duas orações, aproximando-as numa relação de soma, de adição.

E, NEM, TAMBÉM, BEM ASSIM, BEM COMO, NÃO SÓ... MAS (TAMBÉM), NÃO SÓ... BEM COMO, QUE (=E).

* " – Pois sim, será; que disso nada sei, **nem** sou lida e sabida como tu..." (Almeida Garret)

2. ADVERSATIVAS → São as conjunções que unem pensamentos ou ideias contrárias, opostas. A principal conjunção adversativa na língua portuguesa é o "**MAS**". Apresentam também força adversativa os seguintes conectores:

PORÉM, CONTUDO, TODAVIA, ENTRETANTO, NO ENTANTO, SENÃO, QUE (=MAS), AINDA ASSIM

* "É uma lira, **mas** sem cordas; uma primavera, **mas** sem flores; uma coroa de folhas, **mas** sem viço." (Álvares de Azevedo)

3. ALTERNATIVAS OU DISJUNTIVAS → São conjunções que ligam ideias e pensamentos que se alternam ou que se excluem.

OU, OU... OU, SEJA... SEJA, QUER...QUER, NEM... NEM, ORA... ORA, SEJA... SEJA.

* **Ou** ele vai para a reunião, **ou** eu vou representá-lo.

* **Ora** diz que não foi ele, **ora** diz que participou do crime.

4. CONCLUSIVAS OU ILATIVAS → São as conjunções que introduzem orações, em um período coordenado, as quais expressam uma conclusão, uma ilação em relação à primeira oração.

LOGO, PORTANTO, POR ISSO, POIS (posposto ao verbo), ENTÃO, ASSIM, POR CONSEQUÊNCIA, CONSEQUENTEMENTE, CONSEGUINTEMENTE.

* Ele estudou todo o assunto, deve **então** saber o sentido da expressão.

* A vida é breve; **por isso** devemos aproveitá-la bastante.

5. EXPLICATIVAS → São conjunções que explanam na segunda oração o sentido da primeira oração ou uma explicação para a primeira.

QUE, PORQUE, POIS (anteposto ao verbo), PORQUANTO.

* Não faça caso, **que** aqui estamos para ouvi-lo.

* Isso não é razão para a sua angústia, **porque**, afinal de contas, os negócios têm corrido bem.

Subordinativas

As conjunções subordinativas (também chamadas de "circunstanciais") ligam orações que exercem uma função sintática em relação a uma outra oração denominada de "principal ou subordinante". São dez as conjunções subordinativas:

1. CAUSAIS → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime a causa, o motivo, a razão de ser da ideia principal.

QUE, PORQUE, PORQUANTO, COMO (no início da oração = JÁ QUE), SE (= JÁ QUE), DESDE QUE, POIS QUE, VISTO QUE, VISTO COMO, UMA VEZ QUE, COMO QUER QUE, DE MODO QUE

* O cavaleiro não se deteve, **que** lhe pareceu haver gente emboscada.

* Velho **que** era, evitava lugares altos e grandes emoções.

2. CONCESSIVAS → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime uma ação contrária, oposta à ideia principal.

QUE, EMBORA, CONQUANTO, AINDA QUE, POSTO QUE, BEM QUE, SE BEM QUE, QUANDO MESMO, POR MAIS QUE, POR MENOS QUE, POR POUCO QUE, MESMO QUE, EM QUE PESE, APESAR DE QUE.

* **Embora** ele estivesse conosco, não poderia ter feito nada para salvar a vida do amigo.

* Não conseguirás tirar toda a sujeira, **quando mesmo** uses água sanitária.

3. CONFORMATIVAS → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime a conformidade de um pensamento com o da ideia principal.

COMO, CONFORME, CONSOANTE, SEGUNDO.

* Tudo se anunciou **conforme** previra o astrólogo.

* Os advogados procederam **segundo** ordenava a lei.

4. CONSECUTIVAS → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime o efeito, a consequência, o resultado do pensamento expresso na ideia principal.

QUE (precedido de "TÃO, TAL, TANTO, TAMANHO), SEM QUE, DE MODO QUE, DE SORTE QUE, DE FORMA QUE, DE MANEIRA QUE.

* Falou tanto **que** ficou rouco.

* Não discute religião **sem que** não se exalte.

5. CONDICIONAIS → São conjunções que subordinam ideias que exprimem a condição, a hipótese, a probabilidade para a ideia principal do período.

SE, CASO, CONTANTO QUE, SEM QUE, A NÃO SER QUE, SALVO SE, EXCETO SE, A MENOS QUE.

* Participaremos do evento, **salvo se** houver algum empecilho de última hora.

* Irei, **a não ser que** seja impedido por alguém.

6. COMPARATIVAS → São conjunções que estabelecem uma relação de comparação, de analogia com a ideia principal do período.

COMO, ASSIM COMO, TAL E QUAL, TAL QUAL, MAIS QUE OU DO QUE, MENOS QUE OU DO QUE, TANTO QUANTO, FEITO (= COMO).

* Ele é **tão** sábio **quanto** o irmão.

* O herói foi **tão** valente **quão** magnânimo.

7. FINAIS → São conjunções que estabelecem uma relação de fim (finalidade) com a ideia principal do período.

QUE (= PARA QUE), PORQUE (= PARA QUE), PARA QUE, A FIM DE QUE.

* Fizemos tudo **para que** ele fosse aprovado em um concurso.

* “Tu que as gentes da terra tudo enfreias, **que** não passem o termo limitado.” (Camilo C. Branco)

8. PROPORCIONAIS → São as conjunções que estabelecem uma relação de proporcionalidade em relação ao fato contido na oração subordinante.

À MEDIDA QUE, À PROPORÇÃO QUE, AO PASSO QUE, QUANTO MAIS ... MAIS, QUANTO MAIS... MENOS, QUANTO MENOS... MAIS, QUANTO MENOS... MENOS.

* Á medida que ele estuda, mais aprende.

* Quanto mais trabalha mais acumula dinheiro.

9. TEMPORAIS → São conjunções que estabelecem o momento, o tempo da realização do fato contido na oração subordinante (principal).

ENQUANTO, DESDE QUE, LOGO QUE, ASSIM QUE, MAL (=LOGO QUE), ANTES QUE.

* Desde que ele chegou, não parou de falar.

* Enquanto ele vai à feira, você resolverá o problema no banco.

10. INTEGRANTES → São as conjunções que introduzem orações que exercem as funções próprias do substantivo: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto, predicativo e agente da passiva.

QUE, SE

* Ele sabe que o governo não reduzirá os juros.

* Não se sabe se ela virá amanhã.

Classes gramaticais invariáveis (advérbio, conjunção e preposição)

A preposição

Definição

É a categoria gramatical invariável que tem por função ligar entre si duas palavras, subordinando uma à outra, para introduzir determinadas circunstâncias ou indicar posse, referência, origem, atribuição, causa, efeito etc. Portanto, a preposição é a palavra invariável de caráter essencialmente relacional.

Observe:

* Amanhã iremos à casa **de** Maria.
A preposição "de" subordina "Maria" à "casa".

* A criança se encontra **com** febre.
A preposição "com" introduz o termo atributivo "com febre".

* Deixá-lo-emos **em** Salvador e partiremos **para** São Paulo.
As preposições "em" e "para" introduzem as circunstâncias de lugar.

Perceba que a principal "missão" das preposições é, de fato, subordinar um vocábulo ao outro. As palavras ligadas pela preposição chamam-se "**termos**" dela. O primeiro (subordinante ou regente) é chamado de "**antecedente**" e o segundo (subordinado ou regido) é chamado de "**consequente**".

Veja agora estes outros exemplos:

* Joana gosta **de** sair à noite.
A preposição "de" subordina a oração "sair à noite" ao verbo "gostar".

* Tenho certeza **de** que amanhã Maria chegará.
A preposição "de" subordina a oração "que amanhã Maria chegará" à "certeza".

* Eles anseiam **por** que a inflação não aumente.
A preposição "por" subordina a oração "que a inflação não aumente" ao verbo "ansiar".

Observando as orações acima, percebe-se claramente que a preposição também subordina "orações" a certos vocábulos. Vê-se, portanto, que a preposição, à semelhança da conjunção, também subordina orações.

Valores de algumas preposições

Observe alguns valores estipulados por preposições:

* Ele sempre fala muito **sobre** política.
→ *Assunto*

* Ele veio **de** Caruaru.
→ *lugar, origem, procedência*

* Sairemos hoje **com** Maria.
→ *companhia*

* Ele morreu **de** fome.
→ *causa*

* Todos se inclinaram **para** a frente.
→ *direção, lugar*

* Atiraram **para** cima.
→ *direção*

Classificação das preposições

No português, as preposições são classificadas em "essenciais" (palavras que só desempenham o papel estritamente de preposição) e "acidentais" (palavras de outra classe gramatical que eventualmente se usam como preposições).

a) São essenciais:

a
ante
após
até
com
contra
de
desde
em
entre
para
trás
perante
por
sem
sob
sobre

b) São acidentais:

conforme (= de acordo com)
consoante (= de acordo com)
segundo (= de acordo com)
como (= na qualidade de)
durante
salvo
fora, afora
exceto
mediante (= por meio de)
menos
tirante
salvante

Locuções prepositivas

Em muitos casos, a função prepositiva é exercida por um conjunto de vocábulos que é finalizado por uma preposição. Neste caso, está-se diante das chamadas "**locuções prepositivas**". Geralmente tais locuções apresentam como núcleo um substantivo ou um advérbio.

Abaixo há um sucinto rol das principais locuções prepositivas.

abaixo de
acerca de
acima de
a fim de
além de
à maneira de
antes de
até a
ao lado de
ao invés de
ao redor de
a par de
apesar de
a respeito de
atrás de
através de
de acordo com
debaixo de
defronte de
dentro de
de per

depois de
devido a
diante de
embaixo de
em cima de
em face de
em frente a
em frente de
em lugar de
em redor de
em torno de
em vez de
fora de
junto a
não obstante
no caso de
para com
perto de
por causa de
por detrás de
por trás de

Observe alguns exemplos:

* " Maldito seja aquele vendeiro de todos os diabos! Fazer-me um cortiço **debaixo das** janelas!..." (Aluísio Azevedo)

* " Duas vacas, guardadas por uma rapariga, apareceram então pelo caminho lodoso que do outro lado do rio, **defronte da** alameda, corre junto de um silvado." (Eça de Queiroz)

Combinações e contrações das preposições

Observe o exemplo abaixo:

Ele foi um **daqueles** que sempre lutou **pela** pátria.

Veja que os dois termos em negrito aparecem com preposições.

* daqueles ➔ de + aqueles

* pela ➔ per (preposição arcaica) + a

Num período, pode uma preposição unir-se à outra palavra, passando a constituir com ela um só vocábulo. Nessa ligação, se a preposição permanece com todos os seus fonemas, diz-se que há "**combinação**"; se houver perda de fonema para algum dos componentes, diz-se que há "**contração**".

Listaremos abaixo alguns casos comuns de combinação e de contração:

a) Combinação da preposição "a" com os artigos definidos ou os pronomes demonstrativos "o, os" → ao, aos

b) Contração da preposição "a" com os artigos definidos ou os pronomes demonstrativos "a, as" → à, às (crase)

c) Contração da preposição "de" com artigos, certos pronomes e certos advérbios:

* de + o, a, os, as → **do, da, dos, das**

* de + um, uma, outra, outra → **dum, duma, doutro, doutra etc.**

* de + ele, ela, esse, aquele, aquilo, isto, isso (e suas flexões) → **dele, dela, desse, daquele, disto etc.**

AF
CURSOS

PORTUGUÊS COMPLETO

Plural dos substantivos compostos

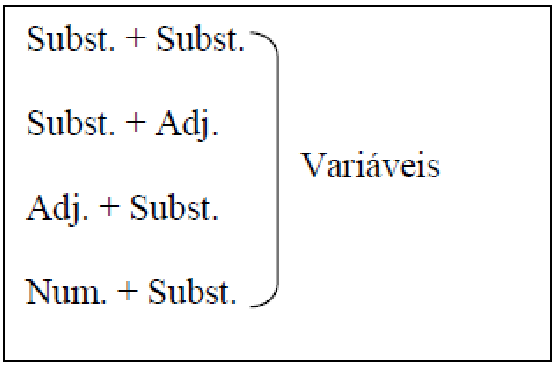

Subst. + Subst.
Subst. + Adj.
Adj. + Subst.
Num. + Subst.
Variáveis

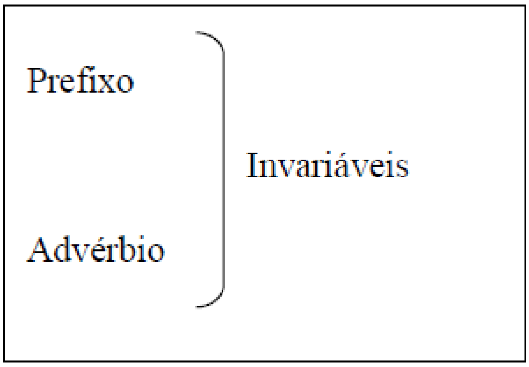

Prefixo
Advérbio
Invariáveis

Ex.: cirurgiões-dentistas, guardas-civis, altos-relevos, segundas-feiras, contra-ataques, vice-diretores, alto-falantes, abaixo-assinados.

Obs.:

1) O verbo, aqui, não recebe S: guarda-roupas, guarda-chuvas, beija-flores, arranhacéus, os leva-e-traz.

2) Varia o **primeiro** elemento: se houver preposição, clara ou oculta, ou se o segundo elemento exprimir fim, semelhança, qualidade: pés-de-meia, cavalos-vapor, saias-balão, bananas-maçã...

3) Varia o **último** elemento: com as formas reduzidas **grão**, **grã**, **bel**; palavras repetidas; nos compostos de três ou mais elementos, não sendo o 2º uma preposição: grão-duques, grã-cruzes, bel-prazeres, reco-recos, tique-taques, bem-te-vis...

Obs.: corre-corres ou corres-corres (verbos repetidos: varia o último ou os dois vão ao plural).

Plural dos adjetivos compostos

- Somente o último se flexiona quando formado de **adjetivo** + **adjetivo** ou **palavra invariável** + **adjetivo**.

amizades luso-brasileiras

unidades médico-veterinárias

parcerias público-privadas

crianças recém-nascidas

- Não variam os compostos formados de **cor** + **substantivo**.

camisas verde-garrafa

vestidos vermelho-sangue

faixas amarelo-ouro

Obs.:

1) azul-marinho e azul-celeste: são invariáveis

2) surdo-mudo: variam os dois

3) tecidos palha, sapatos cinza, blusas abóbora, esmaltes gelo: cor, representada por substantivo, não varia.

Grau dos adjetivos

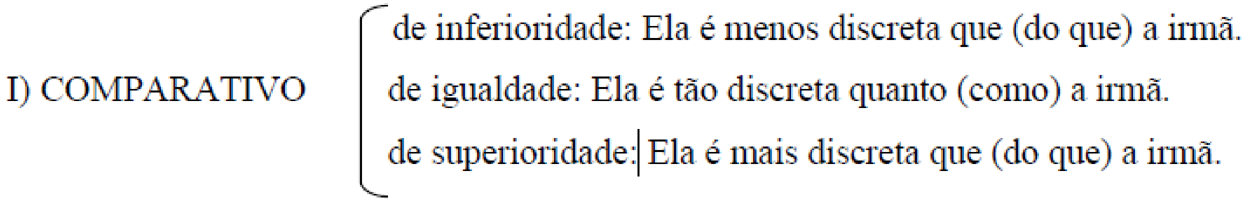

I) COMPARATIVO
- de inferioridade: Ela é menos discreta que (do que) a irmã.
- de igualdade: Ela é tão discreta quanto (como) a irmã.
- de superioridade: Ela é mais discreta que (do que) a irmã.

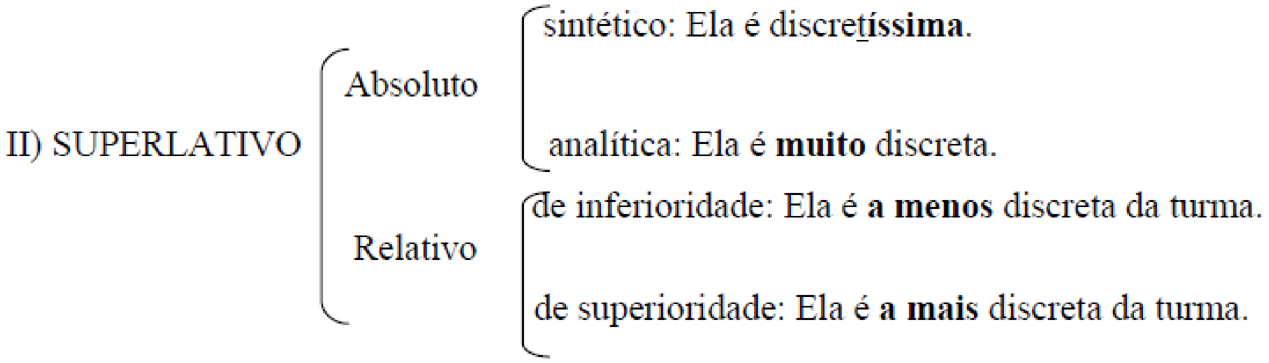

II) SUPERLATIVO
- Absoluto
  - sintético: Ela é discre**tíssima**.
  - analítica: Ela é **muito** discreta.
- Relativo
  - de inferioridade: Ela é **a menos** discreta da turma.
  - de superioridade: Ela é **a mais** discreta da turma.

Comparativos e Superlativos Irregulares.

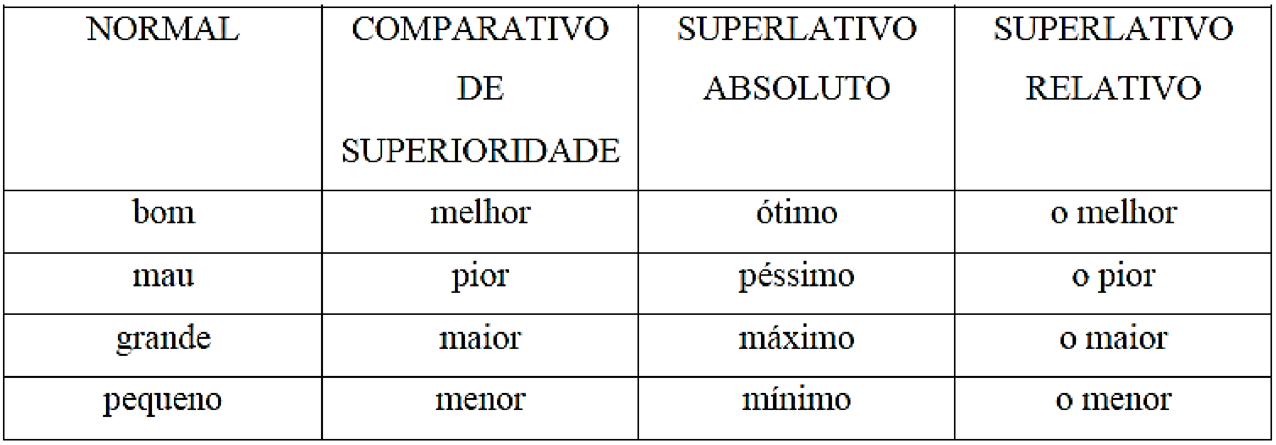

NORMAL	COMPARATIVO DE SUPERIORIDADE	SUPERLATIVO ABSOLUTO	SUPERLATIVO RELATIVO
bom	melhor	ótimo	o melhor
mau	pior	péssimo	o pior
grande	maior	máximo	o maior
pequeno	menor	mínimo	o menor

Obs.: Quando se comparam duas qualidades ou ações do mesmo ser, empregam-se ***mais bom, mais mau, mais grande e mais pequeno***, em vez de ***melhor, pior, maior e menor.***

Ex.: A varanda é mais grande do que pequena.

Língua Portuguesa – começando do ZERO

Apostila 07 (Teoria essencial)

OS TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

Como a própria denominação já denuncia, os termos integrantes aparecem completando, integrando o sentido de outros termos. São fundamentais para o entendimento e a perfeita construção da frase. São eles: o objeto direto e o objeto indireto (complementos verbais), o complemento nominal e o agente da passiva.

I – O OBJETO DIRETO

É o termo que completa a significação dos verbos transitivos diretos sem o auxílio de uma preposição necessária, obrigatória.
Exemplos:

* O alimento envenenou **boa parte do reino**.
OD
* Ele estreou **a produção** sob os protestos da população.
OD

→ **Observações importantes:**

1. O objeto direto é freqüentemente substituído dentro da frase pelos pronomes oblíquos átonos “o, a, os, as”. Quando o verbo que os precede termina em “-r, -s, -z”, tais pronomes assumem as formas “lo, la, los, las.” Se o verbo terminar em ditongo nasal “-ão, -õe, -am”, por exemplo, os pronomes assumirão as formas eufônicas “no, na, nos, nas”.
Exemplos:

* Deixaram **o livro** sobre a mesa de jantar. = Deixaram-**no** sobre a mesa de jantar.
OD OD

* É importante comprar **produtos originais**. = É importante comprá-**los**.
OD OD

2. Os pronomes oblíquos átonos “me, te, se, nos, vos” também podem exercer a função de objeto direto. Neste caso é essencial que se conheça com segurança a regência verbal.
Exemplos:

* Eu **te** **amo**, minha linda mulher.
OD VTD

* Por não **me** **convidaste** para a festa?
OD VTD

II – O OBJETO INDIRETO

É o termo que completa a significação de um verbo transitivo indireto com o auxílio de uma preposição obrigatória. Com os verbos bitransitivos (transitivos diretos e indiretos), o objeto indireto representa o ser a quem (ou "para quem") o objeto direto se destina. Representa o "caso dativo" do latim.
Exemplos:

* Muitos cristãos da antiguidade **batalhavam** **contra os espíritos da carne**.
VTI OI

* As ações do rapaz **incorreram** **em grave** erro judiciário.
VTI OI

→ **Observações importantes:**

1. O objeto indireto pode ser substituído pelos pronomes "lhe(s), a ele(s), a ela(s), dele(s), dela(s), nele(s), nela(s):
Exemplos:

* Nos finais de ano, muitas pessoas costumam **escrever** cartas **aos amigos**. (→ escrever-**lhes** cartas)
VTDI OI OI

* Não **acreditem** **nos falsos profetas**. (→ Não acreditem **neles**)
VTI OI OI

III – O COMPLEMENTO NOMINAL

É o termo integrante da oração que completa a significação de alguns nomes, sempre com o auxílio de uma preposição. Há três classes morfológicas que podem exigir complemento nominal: o **substantivo**, o **adjetivo** e o **advérbio**.
Exemplos:

*A nova Constituição do Brasil é bastante **acessível** **ao leigo**. (acessível → adjetivo)
nome CN

*O **amor** **a Deus** deve ser incondicional. (amor → substantivo)
nome CN

*O fumo é **prejudicial** **à saúde**. (prejudicial → adjetivo)
nome CN

* O interpretador literal sempre procura ser **fiel** **à letra** da lei. (fiel → adjetivo)
nome CN

IV – O AGENTE DA PASSIVA

É o termo que na voz passiva analítica pratica a ação verbal, sempre introduzido por uma preposição.

CONVERSÃO DA VOZ ATIVA PARA A VOZ PASSIVA

A voz representa a forma como o verbo se apresenta para indicar se o sujeito praticará, sofrerá ou praticará e sofrerá ao mesmo tempo a ação. Como se sabe, são três as vozes do verbo: ativa, passiva e reflexiva. Ocupemo-nos das vozes “ativa” e “passiva” agora.
Observe:

ORDEM DIRETA

CONVERSÃO DA VOZ ATIVA PARA A VOZ PASSIVA		
VOZ ATIVA		**VOZ PASSIVA**
Sujeito	→	Agente da passiva
Verbo transitivo direto	→	Locução verbal (aux. + particípio)
Objeto direto	→	Sujeito passivo ou paciente

ORDEM DIRETA

***O rapaz**	**pegou**	**o livro**. (→ voz ativa)	
sujeito	VTD	OD	

* **O livro**	**foi pego**	**pelo rapaz**. (→ Voz passiva)	
sujeito passivo	locução verbal	agente da passiva	

Língua Portuguesa – começando do ZERO

Apostila 07 (Teoria essencial)

OS TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

Como a própria denominação já denuncia, os termos integrantes aparecem completando, integrando o sentido de outros termos. São fundamentais para o entendimento e a perfeita construção da frase. São eles: o objeto direto e o objeto indireto (complementos verbais), o complemento nominal e o agente da passiva.

I – O OBJETO DIRETO

É o termo que completa a significação dos verbos transitivos diretos sem o auxílio de uma preposição necessária, obrigatória.
Exemplos:

* O alimento envenenou **boa parte do reino**.
OD
* Ele estreou **a produção** sob os protestos da população.
OD

→ Observações importantes:

1. O objeto direto é freqüentemente substituído dentro da frase pelos pronomes oblíquos átonos “o, a, os, as”. Quando o verbo que os precede termina em “-r, -s, -z”, tais pronomes assumem as formas “lo, la, los, las.” Se o verbo terminar em ditongo nasal “-ão, -õe, -am”, por exemplo, os pronomes assumirão as formas eufônicas “no, na, nos, nas”.
Exemplos:

* Deixaram **o livro** sobre a mesa de jantar. = Deixaram-**no** sobre a mesa de jantar.
OD OD

* É importante comprar **produtos originais**. = É importante comprá-**los**.
OD OD

2. Os pronomes oblíquos átonos “me, te, se, nos, vos” também podem exercer a função de objeto direto. Neste caso é essencial que se conheça com segurança a regência verbal.
Exemplos:

* Eu **te** **amo**, minha linda mulher.
OD VTD

* Por não **me** **convidaste** para a festa?
OD VTD

II – O OBJETO INDIRETO

É o termo que completa a significação de um verbo transitivo indireto com o auxílio de uma preposição obrigatória. Com os verbos bitransitivos (transitivos diretos e indiretos), o objeto indireto representa o ser a quem (ou "para quem") o objeto direto se destina. Representa o "caso dativo" do latim.
Exemplos:

* Muitos cristãos da antiguidade **batalhavam** **contra os espíritos da carne**.
VTI OI

* As ações do rapaz **incorreram** **em grave** erro judiciário.
VTI OI

→ **Observações importantes:**

1. O objeto indireto pode ser substituído pelos pronomes "lhe(s), a ele(s), a ela(s), dele(s), dela(s), nele(s), nela(s):
Exemplos:

* Nos finais de ano, muitas pessoas costumam **escrever** cartas **aos amigos**. (→ escrever-**lhes** cartas)
VTDI OI OI

* Não **acreditem** **nos falsos profetas**. (→ Não acreditem **neles**)
VTI OI OI

III – O COMPLEMENTO NOMINAL

É o termo integrante da oração que completa a significação de alguns nomes, sempre com o auxílio de uma preposição. Há três classes morfológicas que podem exigir complemento nominal: o **substantivo**, o **adjetivo** e o **advérbio**.
Exemplos:

*A nova Constituição do Brasil é bastante **acessível** **ao leigo**. (acessível → adjetivo)
nome CN

*O **amor** **a Deus** deve ser incondicional. (amor → substantivo)
nome CN

*O fumo é **prejudicial** **à saúde**. (prejudicial → adjetivo)
nome CN

* O interpretador literal sempre procura ser **fiel** **à letra** da lei. (fiel → adjetivo)
nome CN

IV – O AGENTE DA PASSIVA

É o termo que na voz passiva analítica pratica a ação verbal, sempre introduzido por uma preposição.

CONVERSÃO DA VOZ ATIVA PARA A VOZ PASSIVA

A voz representa a forma como o verbo se apresenta para indicar se o sujeito praticará, sofrerá ou praticará e sofrerá ao mesmo tempo a ação. Como se sabe, são três as vozes do verbo: ativa, passiva e reflexiva. Ocupemo-nos das vozes “ativa” e “passiva” agora.
Observe:

ORDEM DIRETA

CONVERSÃO DA VOZ ATIVA PARA A VOZ PASSIVA		
VOZ ATIVA		**VOZ PASSIVA**
Sujeito	→	Agente da passiva
Verbo transitivo direto	→	Locução verbal (aux. + particípio)
Objeto direto	→	Sujeito passivo ou paciente

ORDEM DIRETA

***O rapaz**	**pegou**	**o livro**. (→ voz ativa)
sujeito	VTD	OD

* **O livro**	**foi pego**	**pelo rapaz**. (→ Voz passiva)
sujeito passivo	locução verbal	agente da passiva

Língua Portuguesa – começando do ZERO

Apostila 07 (Teoria essencial)

OS TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

Como a própria denominação já denuncia, os termos integrantes aparecem completando, integrando o sentido de outros termos. São fundamentais para o entendimento e a perfeita construção da frase. São eles: o objeto direto e o objeto indireto (complementos verbais), o complemento nominal e o agente da passiva.

I – O OBJETO DIRETO

É o termo que completa a significação dos verbos transitivos diretos sem o auxílio de uma preposição necessária, obrigatória.
Exemplos:

* O alimento envenenou **boa parte do reino**.
OD
* Ele estreou **a produção** sob os protestos da população.
OD

→ Observações importantes:

1. O objeto direto é freqüentemente substituído dentro da frase pelos pronomes oblíquos átonos “o, a, os, as”. Quando o verbo que os precede termina em “-r, -s, -z”, tais pronomes assumem as formas “lo, la, los, las.” Se o verbo terminar em ditongo nasal “-ão, -õe, -am”, por exemplo, os pronomes assumirão as formas eufônicas “no, na, nos, nas”.
Exemplos:

* Deixaram **o livro** sobre a mesa de jantar. = Deixaram-**no** sobre a mesa de jantar.
OD OD

* É importante comprar **produtos originais**. = É importante comprá-**los**.
OD OD

2. Os pronomes oblíquos átonos “me, te, se, nos, vos” também podem exercer a função de objeto direto. Neste caso é essencial que se conheça com segurança a regência verbal.
Exemplos:

* Eu **te** **amo**, minha linda mulher.
OD VTD

* Por não **me** **convidaste** para a festa?
OD VTD

II – O OBJETO INDIRETO

É o termo que completa a significação de um verbo transitivo indireto com o auxílio de uma preposição obrigatória. Com os verbos bitransitivos (transitivos diretos e indiretos), o objeto indireto representa o ser a quem (ou "para quem") o objeto direto se destina. Representa o "caso dativo" do latim.
Exemplos:

* Muitos cristãos da antiguidade **batalhavam** **contra os espíritos da carne**.
VTI OI

* As ações do rapaz **incorreram** **em grave** erro judiciário.
VTI OI

→ **Observações importantes:**

1. O objeto indireto pode ser substituído pelos pronomes "lhe(s), a ele(s), a ela(s), dele(s), dela(s), nele(s), nela(s):
Exemplos:

* Nos finais de ano, muitas pessoas costumam **escrever** cartas **aos amigos**. (→ escrever-**lhes** cartas)
VTDI OI OI

* Não **acreditem** **nos falsos profetas**. (→ Não acreditem **neles**)
VTI OI OI

III – O COMPLEMENTO NOMINAL

É o termo integrante da oração que completa a significação de alguns nomes, sempre com o auxílio de uma preposição. Há três classes morfológicas que podem exigir complemento nominal: o **substantivo**, o **adjetivo** e o **advérbio**.
Exemplos:

*A nova Constituição do Brasil é bastante **acessível** **ao leigo**. (acessível → adjetivo)
nome CN

*O **amor** **a Deus** deve ser incondicional. (amor → substantivo)
nome CN

*O fumo é **prejudicial** **à saúde**. (prejudicial → adjetivo)
nome CN

* O interpretador literal sempre procura ser **fiel** **à letra** da lei. (fiel → adjetivo)
nome CN

IV – O AGENTE DA PASSIVA

É o termo que na voz passiva analítica pratica a ação verbal, sempre introduzido por uma preposição.

CONVERSÃO DA VOZ ATIVA PARA A VOZ PASSIVA

A voz representa a forma como o verbo se apresenta para indicar se o sujeito praticará, sofrerá ou praticará e sofrerá ao mesmo tempo a ação. Como se sabe, são três as vozes do verbo: ativa, passiva e reflexiva. Ocupemo-nos das vozes “ativa” e “passiva” agora.
Observe:

ORDEM DIRETA

CONVERSÃO DA VOZ ATIVA PARA A VOZ PASSIVA		
VOZ ATIVA		**VOZ PASSIVA**
Sujeito	→	Agente da passiva
Verbo transitivo direto	→	Locução verbal (aux. + particípio)
Objeto direto	→	Sujeito passivo ou paciente

ORDEM DIRETA

*O rapaz	pegou	o livro. (→ voz ativa)
sujeito	VTD	OD

* O livro	foi pego	pelo rapaz. (→ Voz passiva)
sujeito passivo	locução verbal	agente da passiva

Central de SIMULADOS

CARREIRAS
ADMINISTRATIVAS

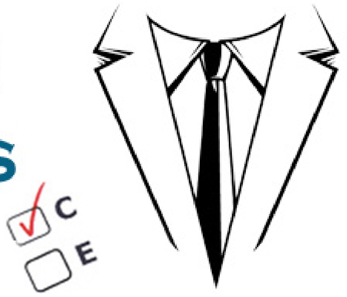

NOME: ____

LEIA ATENTAMENTE AS INSTRUÇÕES

1. Ao receber a ordem do **fiscal de sala**, confira este **caderno** com muita atenção, pois nenhuma reclamação sobre o total de questões e/ou falhas na impressão será aceita depois de iniciada a prova.
2. **Cartão de respostas:**
   a) Tem, obrigatoriamente, de ser assinado e não poderá ser substituído, portanto, não o rasure nem o amasse:
   b) Marque, no **cartão de respostas**, para cada item: o campo designado com o código **C**, caso julgue o item **CERTO**; ou o campo designado com o código **E**, caso julgue o item **ERRADO**. A ausência de marcação ou a marcação de ambos os campos não serão apenadas, ou seja, não receberão pontuação negativa.
   c) No **cartão de respostas**, a marcação das letras correspondentes às respostas deve ser feita cobrindo a letra e preenchendo todo o espaço do campo, de forma continua e densa. **A leitora ótica** é sensível a marcas escuras; portanto, preencha **fortemente** os campos de marcação completamente, veja o exemplo:

      ■ E

   d) Reserve os trinta (30) minutos finais para marcar seu **cartão de respostas**.
3. Será **eliminado** o candidato que:
   a) Utilizar - se, durante a realização das provas, de máquinas e/ou relógios de calcular, bem como de rádios gravadores, headphones, telefones celulares ou fontes de consulta de qualquer espécie;
   b) Ausentar - se da sala em que se realizam as provas levando consigo o caderno de questões e/ou o **cartão de respostas**;
   c) Recusar - se a entregar o caderno de questões e/ou o **cartão de resposta** quando terminar o tempo estabelecido.

BOA PROVA!

Língua Portuguesa

As eleições no Brasil mobilizam os veículos de informação também pelo anedotário que produzem. Curiosamente, a presença crescente de indígenas no processo eleitoral nos é transmitida exatamente nesse registro. De certo modo, a participação dos indígenas na disputa por vagas nos Poderes Legislativo e Executivo é apresentada no mesmo tom de estranheza com que o jornalismo brasileiro descreve xinguanos paramentados com sandálias havaianas e calções adidas. É como se a candidatura indígena selasse, solenemente, a inexorável aculturação.

Para além desse anedotário há, de fato, muito que refletirmos. Afinal, os mais diversos povos indígenas estão lidando com as grandes instituições da sociedade branca e com processos políticos pertencentes a uma gramática social e simbólica que lhes é absolutamente estranha, ao menos na maneira como estamos acostumados a pensar. A começar pela representação política, que envolve, no mínimo, premissas e categorias mentais muito distintas dos modos nativos de fazer política.

A política, que em muitas formulações nativas atravessa a vida social de maneira ampla, articulando-se simultaneamente às regras do parentesco, ao complexo ritual e religioso, ao discurso cosmológico, passa então a circular em uma ordem específica, a ordem política, regida por uma racionalidade burocrática e fundamentada em valores que se pretendem universalmente válidos. Formas tradicionais de liderança política — como, por exemplo, a assumida pelo sábio ancião, com sua oratória sensível, seu zelo pela reatualização permanente do legado mitológico e da tradição, seu prestígio guerreiro — cedem lugar para uma nova forma de liderança, dessa vez protagonizada por jovens talentosos, escolarizados, falantes do português, minimamente conhecedores dos códigos e peculiaridades do mundo dos brancos.

Marcos Pereira Rufino. Instituições dos brancos. Internet: <www.pib.socioambiental.org>, set./2000 (com adaptações).

01) No texto, defende-se que brancos e índios não são culturalmente afins.

Gabarito: Correto

Comentário: Ao longo do texto, evidenciam-se características que comprovam a distinção cultural entre brancos e índios, ou seja, não são culturalmente afins.

---

02) Na primeira linha do último parágrafo, a primeira vírgula poderia ser suprimida sem prejuízo gramatical para o texto.

Gabarito: Correto

Comentário: "A política, que em muitas formulações nativas atravessa a vida social de maneira ampla, articulando-se", a retirada da vírgula alteraria apenas o sentido.

---

03) A palavra "que", em todas as ocorrências do primeiro parágrafo, tem a mesma classificação.

Gabarito: Correto

Comentário: São pronomes relativos.

---

04) Mantém-se a correção gramatical ao se substituir a forma verbal "é apresentada" por "apresenta-se", no trecho: a participação dos indígenas na disputa por vagas nos Poderes Legislativo e Executivo é apresentada.

Gabarito: Correto

Comentário: Apenas há uma transposição de voz. Como a banca pediu apenas correção gramatical, percebe-se que ambas as formas estão corretas.

---

05) Um dos motivos pelos quais as eleições chamam tanto a atenção na mídia é o fato de se contarem muitas anedotas nos programas eleitorais.

Gabarito: Errado

Comentário: o termo "anedotário" está relacionado ao fato de que as eleições fomentam propagandas que são visíveis, mas isso não quer dizer que haja anedotas contadas na propaganda eleitoral.

---

06) Conclui-se da leitura do texto que jovens brancos que frequentam ou frequentaram a escola tendem a tomar o lugar dos velhos sábios nas tribos indígenas.

Gabarito: Errado

Comentário: na verdade, o texto fala sobre um novo tipo de liderança, ou seja, novos representantes do povo indígena; não há menção à noção de troca de posições nas tribos.

---

07) Afirma-se no texto que a presença de um candidato indígena nas eleições governamentais ratifica a desnaturação dos povos indígenas.

Gabarito: Errado

Comentário: ERRADO, o vocábulo "desnaturação" foi mal empregado. "Desnaturar" significa o processo biológico de modificação de uma proteína. O termo deveria ser "desnaturalização". O que há no texto, além disso, é menção à aculturação, que é o processo de absorver a cultura do outro como algo legítimo.

---

08) A expressão "por uma racionalidade burocrática e fundamentada em valores que se pretendem universalmente válidos", no último parágrafo, tem sentido passivo.

Gabarito: Correto

Comentário: Como a expressão se classifica como agente da passiva, tem sentido passivo.

---

09) A participação de indígenas no processo eleitoral brasileiro enseja um repertório de piadas, de acordo com o texto.

Gabarito: Correto

Comentário: CERTO, o fato de haver um anedotário em razão da participação indígena suscita a ideia de que sejam feitas piadas a esse respeito.

1 O Tribunal de Contas da União (TCU) avaliou ações
para a elaboração de diagnóstico e suporte à educação básica.
A auditoria conferiu aspectos relativos ao Plano de Ações
4 Articuladas, à assistência técnica prestada pelo Ministério da
Educação (MEC) e ao levantamento de dados necessários à
formação e ao cálculo do índice de desenvolvimento da
7 educação básica (IDEB).
A auditoria identificou baixo nível de implementação
das ações para provimento de infraestrutura e de recursos
10 pedagógicos, que vão desde a implantação de laboratório de
informática e conexão à Internet ao fornecimento de água
potável e energia elétrica.
13 A análise do IDEB apontou a necessidade de
aperfeiçoamento da metodologia de obtenção desse índice.
Segundo avalia o ministro relator do processo, "O IDEB é um
16 importante instrumento para a aferição da qualidade da
educação, por isso deve ser aprimorado de forma a permitir um
diagnóstico mais fidedigno dos sistemas de ensino".
19 Outro instrumento de gestão educacional avaliado foi
o sistema integrado de monitoramento do MEC, que, segundo
a auditoria, também deve ser melhorado. Parte dos dados
22 encontra-se desatualizada.

TCU avalia gestão da educação básica em municípios brasileiros. Notícia publicada em 12/9/2013. Internet: (com adaptações).

10) No último período do texto, destaca-se o motivo pelo qual, segundo a auditoria do TCU, o sistema integrado de monitoramento do MEC deve ser melhorado.

Gabarito: Correto

Comentário: Pelas relações lógico-discursivas do texto, percebe-se que "Parte dos dados encontra-se desatualizada" é o motivo do que foi afirmado no período anterior.

---

11) Nesse texto, de caráter essencialmente informativo, atesta-se a importância do IDEB para a aferição da qualidade da educação, a despeito da necessidade de melhoria da metodologia empregada no cálculo desse índice.

Gabarito: Correto

Comentário: O texto é predominantemente informativo. Ressaltam-se a importância do IDEB e a necessidade de aperfeiçoamento da metodologia de obtenção desse índice.

---

12) Em "A auditoria conferiu aspectos relativos ao Plano de Ações Articuladas (...) e ao cálculo do índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB)" (R.3-7), o verbo conferir está empregado com o sentido de outorgar.

Gabarito: Errado

Comentário: O verbo conferir, no trecho em comento, está emprego no sentido de Fazer com que algo adquira determinadas características.

---

13) Na linha 4, o emprego do acento grave, indicativo de crase, em "à assistência técnica prestada", justifica-se pela regência do termo "Articuladas" e pela presença do artigo a, que define o substantivo "assistência".

Gabarito: Errado

Comentário: O emprego do acento grave, indicativo de crase, em "à assistência técnica prestada", justifica-se pela regência do termo "relativos" e pela presença do artigo a, que define o substantivo "assistência".

---

14) Haveria prejuízo da correção gramatical do texto caso o primeiro período do terceiro parágrafo fosse assim reescrito: Na análise do IDEB, foi atestado a necessidade de aperfeiçoar a metodologia que obtém esse índice

Gabarito: Correto

Comentário: O correto é: "foi atestada" (concordância nominal).

L1Constitui alento a informação de que sete
L2universidades brasileiras figuram entre as doze melhores da
L3América Latina. Duas ocupam o pódio: em primeiro lugar, está
L4a Universidade de São Paulo (USP); em segundo, a
L5Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). A
L6Universidade de Brasília (UnB) ocupa a décima posição,
L7seguida pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
L8e pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
L9Elaborada pela Quacquarelli Symonds (QS), entre 400
L10instituições, a pesquisa leva em consideração sete critérios,
L11dois dos quais têm peso maior: reputação acadêmica e
L12reconhecimento no mercado de trabalho. Os demais — relação
L13entre número de funcionários e alunos, citações na Internet,
L14volume de informações na Web, professores com doutorado e
L15presença online — têm peso igual na ponderação.
L16O levantamento mostra significativo avanço da UnB.
L17No ano passado, a instituição brasiliense aparecia na 17.ª
L18posição. O salto qualitativo deve-se a três fatores: o corpo
L19docente, o impacto na Internet e a reputação acadêmica. Chama
L20atenção a baixa pontuação no parâmetro citações na Internet,
L21que tem custado alto preço às universidades brasileiras. De
L22zero a cem, a UnB ficou com 44,6.
L23Ser objeto de referência, seja na Web,
L24seja em publicações científicas, constitui fator importante em
L25avaliações globais.

Fonte: Ana Dubeux, Universidade além da fronteira regional. In: Correio Braziliense. Caderno Economia, 14/6/2015, p. 12 (com adaptações).

15) No segundo parágrafo, o trecho isolado por travessões (R. 12 a 15) tem valor sintático equivalente ao da expressão “Os demais” (R.12).

Gabarito: Correto

Comentário: O termo “os demais” tem função de aposto (recapitulativo/resumidor) e o trecho isolado por travessões também é um aposto (explicativo).

16) No primeiro parágrafo, embora haja omissão de termos empregados anteriormente, foi mantido o paralelismo sintático-semântico no trecho.

Gabarito: Correto

Comentário: A informação é de que há doze melhores universidades. E os períodos seguintes mantêm um paralelo com o primeiro período: “as doze melhores da América Latina”; “Duas ocupam o pódio: em primeiro lugar, está a Universidade de São Paulo (USP); em segundo, a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)”. “A Universidade de Brasília (UnB) ocupa a décima posição, seguida pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).” Mesmo que não haja a relação das 12 universidades, entende-se que a intenção era mostrar as que são brasileiras.

17) As relações estabelecidas pelo emprego da expressão “seja (...) seja” (R.23), que poderia ser corretamente substituída pelo par quer (...) quer, indicam termos sintaticamente dependentes entre si.

Gabarito: Errado

Comentário: Como são expressões coordenativas, os termos são sintaticamente independentes.

18) Na linha 1, é facultativo o emprego de sinal indicativo de crase no “a” que antecede “informação”, devido à regência nominal do vocábulo “alento”.

Gabarito: Errado

Comentário: O termo iniciado por “a informação” é o sujeito de “constitui”, por isso não pode ser iniciado por crase ou preposição.

19) O sinal de dois-pontos empregado logo após “fatores” (R.18) introduz uma enumeração.

Gabarito: Correto

Comentário: Esse sinal indica quais são os fatores.

20) Na linha 1, o vocábulo “alento” poderia ser substituído por desânimo, sem prejuízo para o sentido original do texto.

Gabarito: Errado

Comentário: O termo “alento” indica algo positivo, como se fosse: constitui fôlego.

ADRIANA
FIGUEIREDO
CURSOS

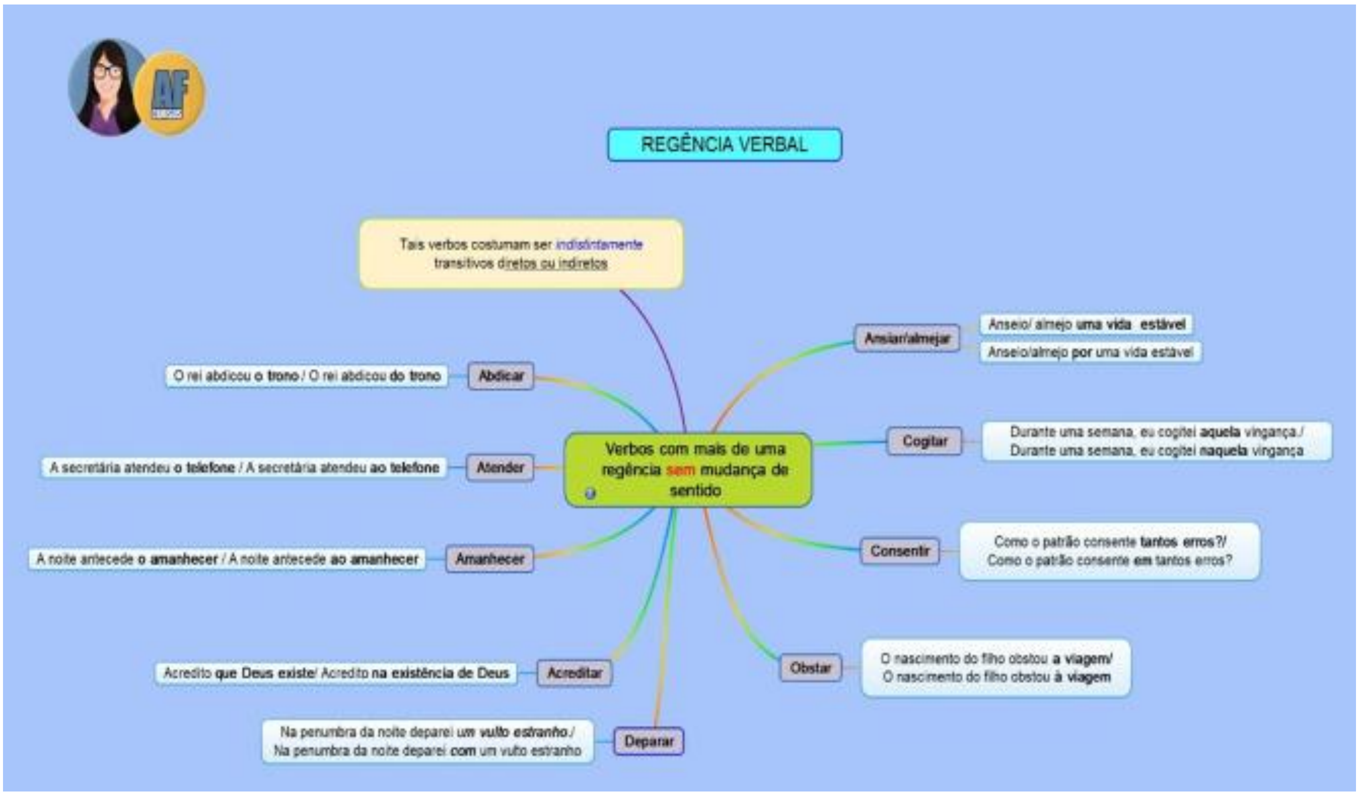

REGÊNCIA VERBAL

Verbos com mais de uma regência **sem** mudança de sentido

Tais verbos costumam ser indistintamente transitivos diretos ou indiretos

Abdicar: O rei abdicou **o trono** / O rei abdicou **do trono**

Atender: A secretária atendeu **o telefone** / A secretária atendeu **ao telefone**

Amanhecer: A noite antecede **o amanhecer** / A noite antecede **ao amanhecer**

Acreditar: Acredito **que Deus existe**/ Acredito **na existência de Deus**

Deparar: Na penumbra da noite deparei ***um vulto estranho***./ Na penumbra da noite deparei **com** um vulto estranho

Ansiar/almejar: Anseio/ almejo **uma vida estável** / Anseio/almejo **por** uma vida estável

Cogitar: Durante uma semana, eu cogitei **aquela** vingança./ Durante uma semana, eu cogitei **naquela** vingança

Consentir: Como o patrão consente **tantos erros**?/ Como o patrão consente **em** tantos erros?

Obstar: O nascimento do filho obstou **a viagem**/ O nascimento do filho obstou **à viagem**

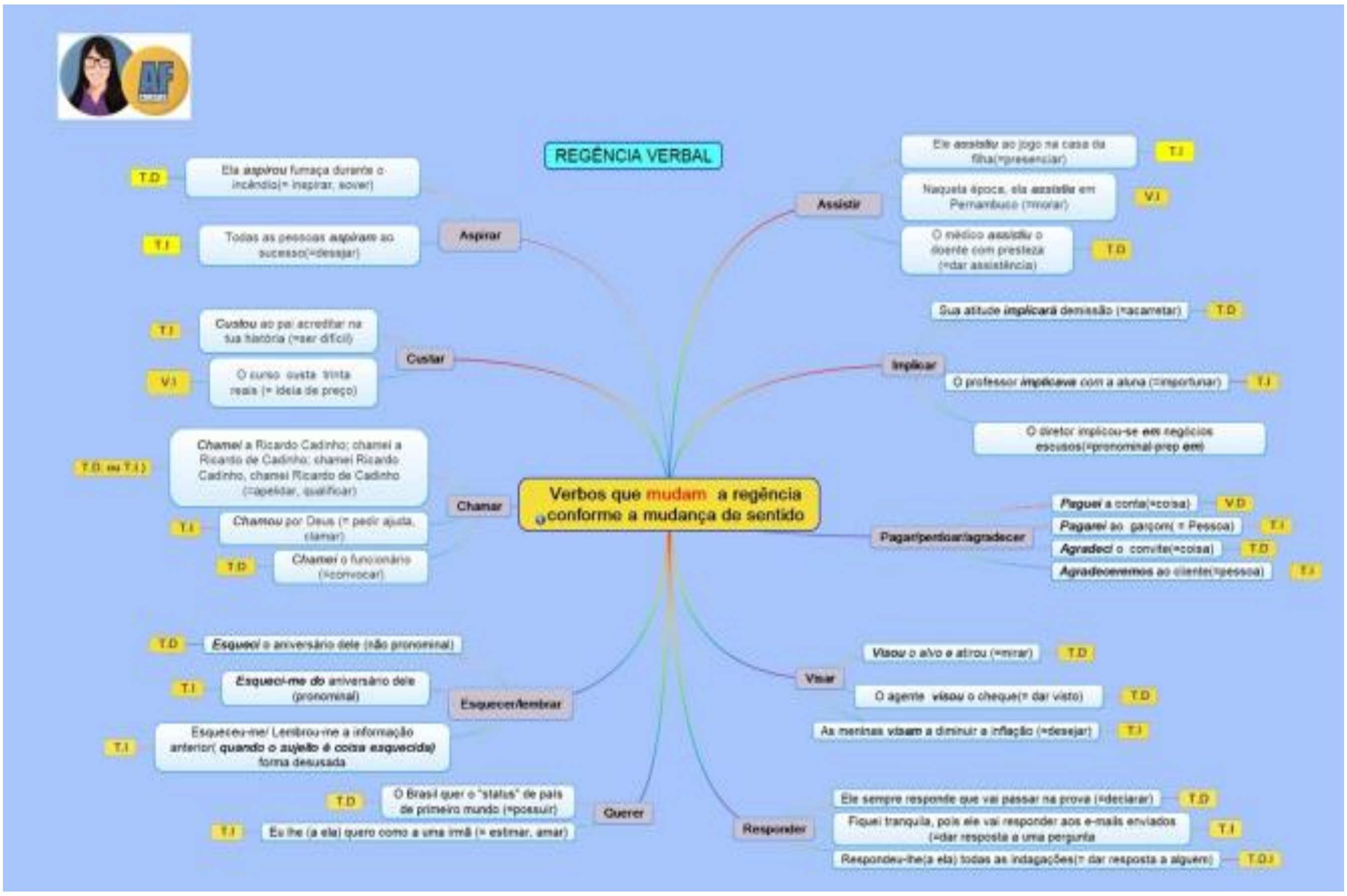

REGÊNCIA VERBAL

Verbos que **mudam** a regência conforme a mudança de sentido

Aspirar
- T.D — Ela **aspirou** fumaça durante o incêndio(= inspirar, sorver)
- T.I — Todas as pessoas **aspiram** ao sucesso(=desejar)

Custar
- T.I — **Custou** ao pai acreditar na tua história (=ser difícil)
- V.I — O curso custa trinta reais (= ideia de preço)

Chamar
- T.D ou T.I) — ***Chamei*** a Ricardo Cadinho; chamei a Ricardo de Cadinho; chamei Ricardo Cadinho, chamei Ricardo de Cadinho (=apelidar, qualificar)
- T.I — ***Chamou*** por Deus (= pedir ajuda, clamar)
- T.D — ***Chamei*** o funcionário (=convocar)

Esquecer/lembrar
- T.D — ***Esqueci*** o aniversário dele (não pronominal)
- T.I — ***Esqueci-me do*** aniversário dele (pronominal)
- T.I — Esqueceu-me/ Lembrou-me a informação anterior(***quando o sujeito é coisa esquecida)*** forma desusada

Querer
- T.D — O Brasil quer o "status" de país de primeiro mundo (=possuir)
- T.I — Eu lhe (a ela) quero como a uma irmã (= estimar, amar)

Assistir
- Ele ***assistiu*** ao jogo na casa da filha(=presenciar) — T.I
- Naquela época, ela ***assistia*** em Pernambuco (=morar) — V.I
- O médico ***assistiu*** o doente com presteza (=dar assistência) — T.D

Implicar
- Sua atitude ***implicará*** demissão (=acarretar) — T.D
- O professor ***implicava*** com a aluna (=importunar) — T.I
- O diretor implicou-se ***em*** negócios escusos(=pronominal-prep ***em***)

Pagar/perdoar/agradecer
- ***Paguei*** a conta(=coisa) — V.D
- ***Pagarei*** ao garçom(= Pessoa) — T.I
- ***Agradeci*** o convite(=coisa) — T.D
- ***Agradecemos*** ao cliente(=pessoa) — T.I

Visar
- ***Visou*** o alvo e atirou (=mirar) — T.D
- O agente ***visou*** o cheque(= dar visto) — T.D
- As meninas ***visam*** a diminuir a inflação (=desejar) — T.I

Responder
- Ele sempre responde que vai passar na prova (=declarar) — T.D
- Fiquei tranquila, pois ele vai responder aos e-mails enviados (=dar resposta a uma pergunta — T.I
- Respondeu-lhe(a ela) todas as indagações(= dar resposta a alguém) — T.D.I

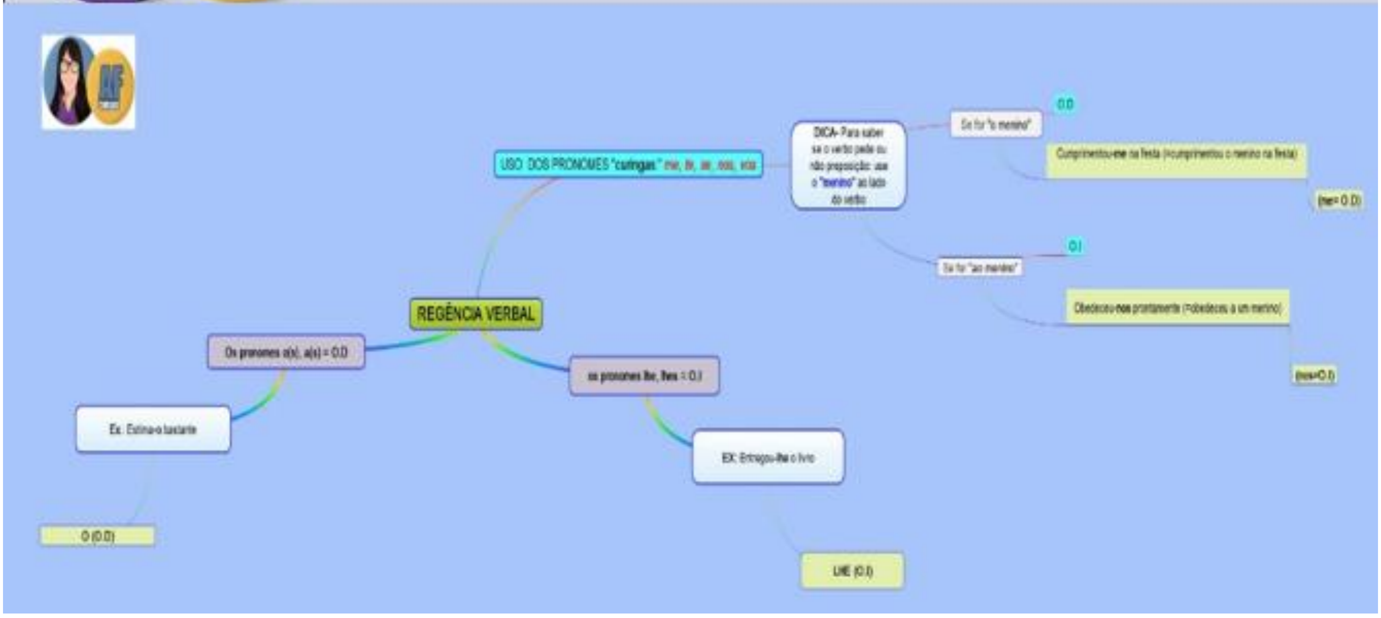

REGÊNCIA VERBAL

USO DOS PRONOMES "**curingas**:" me, te, se, nos, vos

DICA- Para saber se o verbo pede ou não preposição: use o "**menino**" ao lado do verbo

Se for "o menino"

O.D

Cumprimentou-**me** na festa (=cumprimentou o menino na festa)

(**me**= O.D)

Se for "ao menino"

O.I

Obedeceu-**nos** prontamente (=obedeceu a um menino)

(**nos**=O.I)

Os pronomes o(s), a(s) = O.D

Ex. Estima-o bastante

O (O.D)

os pronomes lhe, lhes = O.I

EX: Entregou-**lhe** o livro

LHE (O.I)

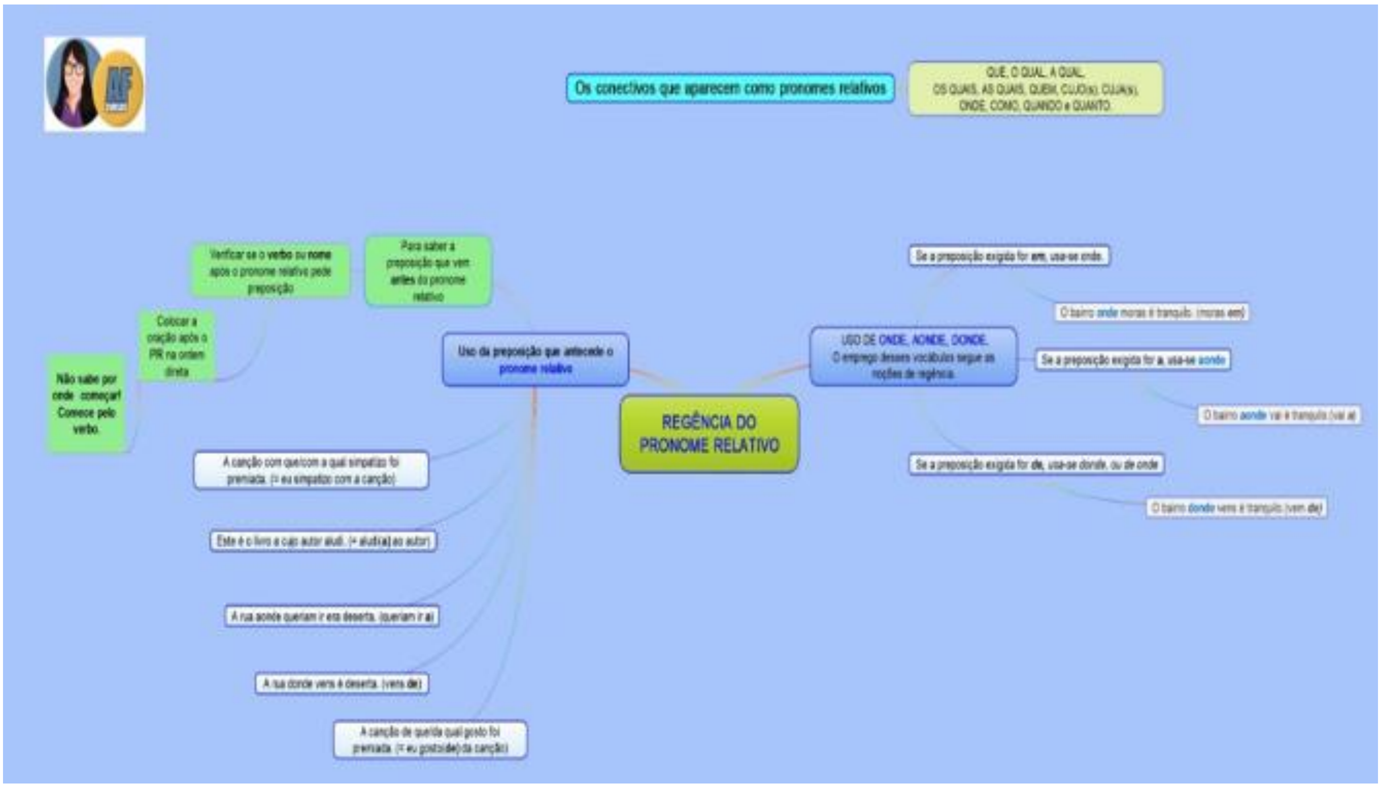

Os conectivos que aparecem como pronomes relativos

QUE, O QUAL, A QUAL,
OS QUAIS, AS QUAIS, QUEM, CUJO(s), CUJA(s),
ONDE, COMO, QUANDO e QUANTO

REGÊNCIA DO PRONOME RELATIVO

Uso da preposição que antecede o pronome relativo

Para saber a preposição que vem **antes** do pronome relativo

Verificar se o **verbo** ou **nome** após o pronome relativo pede preposição

Colocar a oração após o PR na ordem direta

Não sabe por onde começar! Comece pelo verbo.

A canção com que/com a qual simpatizo foi premiada. (= eu simpatizo com a canção)

Este é o livro a cujo autor aludi. (= aludi(a) ao autor)

A rua aonde queriam ir era deserta. (queriam ir **a**)

A rua donde vens é deserta. (vens **de**)

A canção de que/da qual gosto foi premiada. (= eu gosto(**de**) da canção)

USO DE ONDE, AONDE, DONDE.
O emprego desses vocábulos segue as noções de regência.

Se a preposição exigida for **em**, usa-se onde.

O bairro onde moras é tranquilo. (moras **em**)

Se a preposição exigida for **a**, usa-se aonde

O bairro aonde vai é tranquilo (vai a)

Se a preposição exigida for **de**, usa-se donde, ou de onde

O bairro donde vens é tranquilo (vem **de**)

ENEM

1. A figura a seguir trata da "taxa de desocupação" no Brasil, ou seja, a proporção de pessoas desocupadas em relação à população economicamente ativa de uma determinada região em um recorte de tempo.

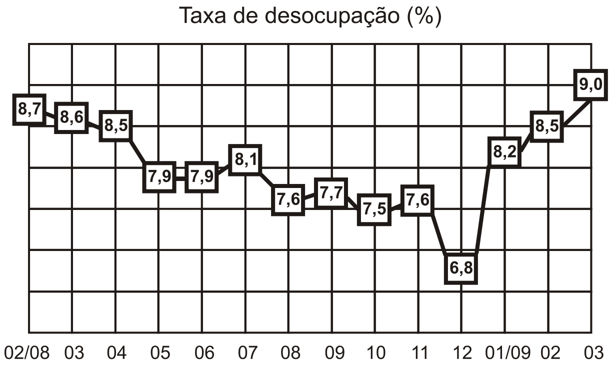

Disponível em: http://www.ibge.gov.br. Acesso em: abr. 2009 (adaptado).

A norma padrão da língua portuguesa está respeitada, na interpretação do gráfico, em:

a) Durante o ano de 2008, foi em geral decrescente a taxa de desocupação no Brasil.
b) Nos primeiros meses de 2009, houveram acréscimos na taxa de desocupação.
c) Em 12/2008, por ocasião das festas, a taxa de desempregados foram reduzidos.
d) A taxa de pessoas desempregadas em 04/08 e 02/09, é estatisticamente igual: 8,5.
e) Em março de 2009 as taxas tenderam à piorar: 9 entre 100 pessoas desempregadas.

Resposta correta: A

23 Análise Sintática – Termos da Oração

Conceituação

A análise é um processo de divisão.

Compõe-se de duas partes distintas:

a) divisão de um todo em suas partes componentes;

b) explicação da função de cada uma dessas partes.

A análise sintática tem seu campo de ação assim delimitado:

Período
Oração
Termos da oração

Frase - Oração - Período

FRASE é qualquer enunciado dotado de significação.

A frase pode ser constituída de:

- uma só palavra.

Ex.: Socorro!

- várias palavras (com verbo ou não).

Ex.: O tempo está nublado. Que calor!

Na língua escrita, a frase separa-se por meio dos sinais de pontuação.

Na língua falada, a frase separa-se por meio do entonação.

→ A frase que não tem verbo se denomina frase **nominal**.

ORAÇÃO é a frase que apresenta verbo ou LOCUÇÃO **VERBAL.**

Ex.: A fanfarra desfilou na avenida.

As festas juninas estão chegando.

PERÍODO é a frase estruturada em oração ou orações.

Termina sempre por um ponto final, ponto de exclamação, ponto de interrogação, reticências e, às vezes, dois-pontos.

– O período classifica-se em:

• **Simples** – aquele constituído por uma só oração.

Essa oração chama-se absoluta.

Ex.: Fui à livraria ontem.

• **Composto –** aquele constituído por mais de uma oração.

Ex.: Fui à livraria ontem e comprei vários livros.

Termos da oração

- I – Essenciais
  - Sujeito
    - – Simples
    - – Composto
    - – Indeterminado
    - – Inexistente ou oração sem sujeito
  - Predicado
    - • Nominal
    - • Verbal
    - • Verbo-nominal
      - Predic. do Suj.
      - Predic. do Obj.
- II – Iintegrantes
  - Complemento Verbal
    - Objeto Direto
    - Obj. Indireto
  - Complemento Nominal
  - Agente da Passiva
- III – Acessórios
  - Adjunto Adnominal
  - Adjunto Adverbial
  - Aposto
- IV – Vocativo
  - Não pertence à estrutura da oração.

Predicado verbal

Antes de passar ao estudo dos termos da oração, é importante o exame da predicação verbal, ou seja, a relação do verbo com seu complemento.

Quanto à predicação, os verbos podem ser:

1. INTRANSITIVOS	diretos
2. TRANSITIVOS	indiretos
3. DE LIGAÇÃO	diretos a indiretos

Intransitivos

São verbos de **predicação completa,** isto é, não exigem nenhum complemento, **porque têm sentido completo por si sós.**

Na prática, descobre-se **o verbo intransitivo** porque ele não aceita o raciocínio com **«alguma coisa» ou «alguém».**

Ex.: Os verbos VIVER, MORRER, VOAR, DORMIR são intransitivos, pois não há sentido em se dizer:

Quem vive, vive «alguma coisa» ou «alguém»

Tal procedimento aplica-se aos demais verbos:

Vivemos bem.
A baleia **morreu** na praia.
O pássaro não **voou** pela manhã.
Os rapazes **dormiram** bastante.

Transitivos diretos

São verbos de **predicação incompleta,** isto é, **exigem depois de si um complemento,** que lhe completa o sentido.

Na prática, descobre-se o **transitivo direto por** que ele aceita o raciocínio com **«alguém» ou «alguma coisa»**.

Os verbos TER, ESTUDAR, COLAR, AMAR são transitivos diretos, pois é lógico dizer-se:

Quem tem, tem «alguma coisa».

Quem ama, ama «alguém».

O mesmo procedimento aplica-se aos demais verbos:

Tenho **um grande amigo.**
Estudei **a matéria toda.**
O aluno colou **o cartaz.**

— São DIRETOS porque entre o verbo e o complemento **não há preposição obrigatória.** Os complementos prendem-se aos verbos **SEM PREPOSIÇÃO.**

Transitivos indiretos

Também são verbos de **predicação incompleta,** mas estes **exigem que o complemento venha ligado a eles por meio de uma preposição obrigatória.**

Na prática, encontra-se o **transitivo indireto** porque ele aceita o raciocínio **«de (com) (em) (a) (para) (por) alguma coisa» ou «alguém**».

Os verbos GOSTAR, ASSISTIR, CRER, PRECISAR são transitivos indiretos, pois é lógico dizer-se:

Quem gosta, gosta «de alguma coisa» ou de «alguém».
Quem assiste, assiste «a alguma coisa».

O mesmo procedimento aplica-se aos demais verbos:

Cremos **em Deus**.
O aluno precisa **de incentivo**.
O filho (des)obedece **ao pai**.

Os complementos prendem-se aos verbos **COM PREPOSIÇÃO.**

Transitivos diretos e indiretos

Também são verbos de predicação incompleta que exigem dois complementos: um ligado diretamente, **SEM PREPOSIÇÃO,** e outro **COM PREPOSIÇÃO.**

Na prática, identifica-se o transitivo direto e indireto porque ele aceita o raciocínio duplo **«alguma coisa» «a (para) (de) ... alguém».**

Os verbos COMUNICAR, OFERECER, DAR, EMPRESTAR são transitivos diretos e indiretos, pois é lógico dizer-se:

Quem dá, dá «alguma coisa a (para) alguém».
Quem faz, faz «alguma coisa a (por) alguém».

Comuniquei-**lhe o fato**.
Comuniquei-**o sobre o fato**.
Emprestei **a caneta ao vestiba**.

De ligação

São verbos que indicam apenas **qualidade ou estado ou função,** ligando o sujeito ao elemento que a ele se refere.

São verbos de ligação:

FICAR, ESTAR, SER, PARECER, PERMANECER, ANDAR, CONTINUAR etc.

O dia está lindo.
O vestiba permanece tranqüilo.
A sala é ampla.

→ **Observações:**

a) Os verbos de **ligação** tornam-se **intransitivos** se vierem acompanhados de **adjunto adverbial** apenas.

É muito tarde.
Ele **está** na cidade.
Ficarei em casa.

b) Verbos TRANSITIVOS podem **intransitivar-se** se forem usados de forma genérica:

Aquele menino não **estuda**.
O doente quase não **come**.

Estudar e comer, normalmente transitivos, estão usados de forma genérica, isto é, indeterminada – não têm complemento – e, por isso, tornaram-se INTRANSITIVOS.

c) Verbos **intransitivos** podem **transitivar-se** se receberem, como complemento, palavra cognata do verbo ou do mesmo grupo de idéias.

Tais complementos deverão vir acompanhados de uma palavra ou expressão de valor adjetivo:

O velho **morreu** morte gloriosa.
A noiva **chorou** lágrimas de desespero.

Os verbos MORRER e CHORAR, que normalmente são intransitivos, nos exemplos acima tornaram-se TRANSITIVOS DIRETOS, pois:

-- **«morreu»** teve como complemento a palavra cognata **«morte»,** acompanhada do adjetivo **«gloriosa».**
-- **«chorou»** teve como complemento a palavra do mesmo grupo de idéias **«lágrimas»,** acompanhada da expressão adjetiva **«de desespero».**

I. Termos essenciais

Sujeito

Predicado

As orações são constituídas, quase sempre, de dois termos que expressam, respectivamente:

a) — **O ser** (de quem se diz algo) – SUJEITO

b) — **Aquilo que se diz** (do ser) – PREDICADO

Vejamos:

SUJEITO	PREDICADO
O vestibulando	estudou a matéria.
Os alunos	entreolharam-se.
(Nós)	Sabemos toda a matéria
....	Faz muito tempo.

Sujeito

É o ser de quem se diz alguma coisa. Como termo de maior hierarquia dentro da oração, jamais poderá vir regido de preposição.

→ MODO DE ENCONTRÁ-LO – fazem-se as perguntas:

O que é que **+ verbo?**
quem é que

Ex.: O aluno saiu. (Quem é que saiu?)

Resposta – o aluno (sujeito)

Núcleo do sujeito

O núcleo de um termo é a palavra mais importante que dele participa.

Em geral, o núcleo do sujeito pode ser:

- um substantivo.

Ex.: O **lápis** é novo.

- um pronome pessoal, demonstrativo, relativo, interrogativo e indefinido.

Ex.: **Ele** está aqui.

- uma palavra ou expressão substantivada.

Ex.: **Viver** é lutar

- uma oração substantiva.

Ex.: Convém **que você venha à reunião.**

Classificação

Classifica-se em:

1. SIMPLES
2. COMPOSTO
3. INDETERMINADO
4. INEXISTENTE

1. SIMPLES e 2. COMPOSTO > DETERMINADOS

Simples

Possui **um só núcleo** (no singular ou no plural/claro ou subentendido).

Ex.:

Os **sinos** silenciaram.

Ninguém ousou levantar a voz.

Os nossos **guarda-chuvas** foram roubados.

Esse quê está bem empregado.

Somos os melhores. (= suj. oculto simples: nós) (= ou implícito: nós)

Composto

Possui **dois ou mais núcleos** (no singular ou no plural).

Ex.:

O amar e o querer são requisitos básicos para a felicidade.

Eu e ela somos adversários.

Redação e vestibular coexistem nas preocupações dos que se preparam bem.

Indeterminado

Aquele que, embora existindo, não se pode determinar.

Ocorre em dois casos:

→ 1**. Quando um verbo está na 3ª pessoa plural,** sem que o contexto nos permita identificar o sujeito:

Roubaram-me a carteira.

→ 2. **PIS/IIS – quando um verbo** (I, TI ou VL) **está na 3ª pessoa singular acompanhado do pronome SE:**

Ex.:

Hoje, lê-se (V.I.) mais nos tecidos do que nos livros.

Falava-se (V.T.I.) de cobras e índios.

Era-se (V.L.) feliz naqueles tempos.

Aqui se estuda (V.I.) com amor.

→ **Observação:** A indeterminação do sujeito pode ocorrer com TD + SE, desde que o OD esteja preposicionado:

Ex.: Admira-se	a Machado de Assis.
TD	OD prep.

Atenção

Não se confunda o SE PIS ou IIS com o SE – pronome apassivador → PA (com verbos TD):
→ Ouviram-se tiros espaçados.
→ Sujeito: tiros espaçados (Tiros espaçados foram ouvidos.)
→ Ouviu-se um vozerio.
→ Sujeito: um vozerio (Um vozerio foi ouvido.)

Inexistente ou oração sem sujeito

Ocorre quando o fato enunciado não se refere a elemento algum. Essas orações se constroem com os **verbos impessoais,** isto é, **usados na 3ª pes. sing.**

Os casos de oração sem sujeito são os seguintes:

1) Verbos que exprimem fenômenos da natureza:

- Não **ventava.**
- No dia seguinte **choveu** torrencialmente.

2) O verbo **HAVER = EXISTIR** ou quando indica tempo decorrido:

- **Havia** ali ordem e paz.
- Há mais de meio século...
- **Deve haver** vários alunos dormindo.

3) Os verbos **SER, FAZER, ESTAR,** indicando tempo, temperatura, horas, datas...

- Faz dois meses.
- **Está** noite.
- **Eram três** horas da manhã.
- Hoje **são** 15 de novembro.
- Hoje **é** 15 de novembro.
- **Faz** um calor insuportável.
- **Deve fazer** mais de um ano.

Observações:

1) Os verbos empregados impessoalmente transmitem sua impessoalidade aos auxiliares:

Exs.: — **Deve haver** reclamações.
— **Principia a haver** dificuldades.

2) Além dos casos anteriores, muitas outras construções há que ocorrem sem sujeito possível:

Exs.: — Aqui não me cheira bem.
— Onde lhe dói?

3) Diz-se, indiferentemente, sujeito inexistente ou oração sem sujeito.

Predicado

PREDICADO é o que se declara do sujeito. Portanto, retirado o sujeito, o que restar será o predicado.

Classificação

Pode ser:

1. NOMINAL
2. VERBAL
3. VERBO-NOMINAL

Nominal

Apresenta as seguintes características:

a) é formado por um **verbo de ligação** mais o **predicativo do sujeito – VL + PS;**

b) tem um nome (subst. ou adj.) como núcleo;

c) indica **estado ou qualidade.**

O vestiba	está	confiante
Suj.	VL	PS

$$\underbrace{\text{VL} \quad \text{PS}}_{\text{Pred. nom.}}$$

→ núcleo: $\boxed{\text{confiante}}$

VERBOS DE LIGAÇÃO: ficar, estar, ser, parecer, permanecer, andar, continuar, tornar-se, (mudança de estado) etc.

A crisálida	virou	borboleta
Suj.	VL	PS

Observação:

Com VL haverá sempre PS (termo que, com VL, dá ao sujeito estado ou qualidade).

Verbal

É aquele que se constitui de verbo **intransitivo ou transitivo.**

Apresenta as características:

a) o núcleo do PV é um **verbo;**

b) não tem PS;

c) indica ação.

Ex.:

O aluno **fez** as provas calmamente.
↓
Suj. V.T.D. Pred. Verbal

→ núcleo: fez

Verbo-nominal

Apresenta as seguintes características:

a) tem dois núcleos: **um verbo e um nome.**

b) tem **predicativo do sujeito ou do objeto** → PS ou PO;

c) indica **ação e qualidade.**

É constituído de:

$\boxed{\text{VI + PS}}$ verbo intransitivo mais predicativo do sujeito

ou

$\boxed{\text{VT + PO}}$ verbo transitivo mais predicativo do objeto

• Os atletas chegaram cansados =
VI + PS
PVN

= {
Os atletas chegaram e
Suj. VI
PV
os atletas estavam cansados.
Suj. VL PS
PN
}

→ Observação:

O PS (predicativo do sujeito) no PVN é o termo que ajuda o VI a comunicar estado ou qualidade do SUJ.

• Elegemos nosso candidato vereador =
VT OD PO
PVN

= {
Elegemos nosso candidato e
VTD OD
PV
nosso candidato é vereador.
Suj. VL PS
PN
}

Outros exemplos:

→ O chefe nomeou-o secretário.

→ Os alunos vieram atrasados.

→ O aluno saiu preocupado.

→ Considero você um idiota.

Exercícios

1) Classifique o sujeito dos verbos destacados nas orações abaixo:

a) «Terei a mulher que eu quero...»
(M. Bandeira)

....

b) «Não há mais poesia.» (M. Bandeira)

....

c) Ficavam correndo o dia todo.

....

d) «Cai balão!» (M. Bandeira)

....

e) Ias triste e lúcido pela rua.

....

f) «Homens e mulheres mantêm-se quietos ante o enorme chicote do Abelardo II.»
(O. do Andrade)

....

g) Deve haver enganos nesta classificação dos poetas modernistas.

....

h) Necessita-se de outras explicações.

....

i) Onde estavas?

....

j) Haverá outros poetas tão irreverentes quanto Oswald de Andrade?

....

l) Hoje é 2 de julho de 1981.

....

m) No Rio faz dias muito quentes.

....

n) Faltam alguns minutos para o término da aula.

....

o) Ontem fez 40 graus a sombra.

....

p) Trabalha-se muito nesta cidade.

....

q) Por toda a parte era reconhecida a figura humilde e meiga da mãe preta.

....

r) Choveram comentários maldosos a seu respeito.

....

s) Havia alegria e rumor ao pé das fogueiras.

....

t) «Andorinha, andorinha, minha cantiga mais triste!» (M. Bandeira)

....

u) Como seria o seu corpo?

....

v) «**Fosse** uma manhã de sol
O índio tinha despido o português.»
(O. de Andrade)

....

x) «Para dizerem milho **dizem** mio.»
(O. de Andrade)

....

2) Faça a correlação, tendo em vista o tipo de predicado, e sublinhe o predicativo, se houver:

(a) Predicado verbal

(b) Predicado nominal

(c) Predicado verbo-nominal

1. ( ) «O homem parecia assustado.» (J. L. do Rego)

2. ( ) O freguês saiu da loja.

3. ( ) «Nossos guerreiros voltaram vitoriosos.» (E. Veríssimo)

4. ( ) O mágico parece ágil.

5. ( ) Nossos guerreiros voltaram.

6. ( ) Nossos guerreiros lutaram bravamente.

7. ( ) «Natividade ficou atônita...» (M. de Assis)

8. ( ) O homem enfrentou seu adversário.

9. ( ) O freguês saiu da loja satisfeito.

10. ( ) «Não sou o herói do dia.» (C. Ricardo)

11. ( ) «Os sapos gargarejavam alto.» (R. Pompéia)

12. ( ) Virgília entrou tristonha e sossegada.» (M. de Assis)

13. ( ) Virgília entrou cautelosamente.

14. ( ) «Os guindastes rangiam.» (J. Amado)

15. ( ) Os rapazes receberam alegres as medalhas.

3) Escreva nos parênteses:

(S) para predicativo do sujeito;

(O) para predicativo do objeto.

a. ( ) Carmela e Marina assistiram **alegres** ao espetáculo.

b. ( ) Consideramos Luzia **uma excelente datilógrafa.**

c. ( ) Estava **irritado** com as brincadeiras.

d. ( ) O inverno será **rigoroso.**

e. ( ) Encontramos Maria Clara **mais envelhecida.**

f. ( ) A lei foi considerada **injusta.**

g. ( ) Consideraram a lei **injusta.**

h. ( ) Estou **farto do lirismo comedido.**

i. ( ) O meu verso é **bom**.

j. ( ) Na calçada os homens caminhavam **descobertos**.

l. ( ) Qual dos dois era **o melhor**?

m. ( ) Vocês nem parecem **brasileiros!**

4) Classifique os verbos em destaque nas orações abaixo quanto à predicação:

a) Alcântara Machado **retrata** a nova realidade social e urbana do começo do século.

....

b) «Diante da mãe e do chinelo **parou**.»
(A. Machado)

....

c) **Referimo-nos** aos cronistas urbanos.

....

d) «Primeiro **ficou** desapontado.
1

....

Depois quase **chorou** de ódio.»
2 (Alcântara Machado)

1. ....

2. ....

e) «Você **conhecia** o pai do Afonso, Pepino?» (A. Machado)

....

f) «Seu Pepino lhe **deu** um cocre danado de doído.» (A. Machado)

....

g) O primeiro ensaio **foi** logo à noite.

....

h) **Fiquem** atentos, por favor!

....

i) **Permaneceram** atônitos.

....

j) **Permaneceram** em casa.

....

l) As fábricas **apitavam.**

....

Questões discursivas

1. (FEI-SP) No período: «Toda a humanidade estaria condenada à morte se houvesse um tribunal para os crimes imaginários.» (Paulo Bonfim)

a) Qual o sujeito da primeira oração?

....

b) Qual o sujeito da segunda oração?

....

2. (CEFET-PR) Dar o sujeito da oração:

«Vendem-se livros de Engenharia.»

Resp. ....

3. (FUVEST) Na frase: «Precisa-se de um técnico em previsão do tempo (...)».
(Leon Eliachar)

O sujeito é:

Resp.: ....

4. (FUVEST) «Quando o ataque passou, fui para casa, tirei o calção e arriei na cama, esgotado, mas logo tocaram a campainha e, quando olhei pelo olho mágico, vi no corredor escuro uma figura toda encapuçada.» (Rubem Fonseca)

Indique o sujeito dos seguintes verbos:

— passou: ....

— tocaram: ....

— vi: ....

5. (FAAP-SP) Classifique o sujeito da frase: «Soaram no silêncio, nítidos, os primeiros passos do burro.» (Osman Lins)

Resp.: ....

6. (UNESP) Em: «com as últimas chuvas, o verde rebentou verdíssimo.»

Identificar as funções sintáticas dos segmentos destacados:

com as últimas chuvas: ....

o verde: ....

verdíssimo: ....

7. (UFRJ) Retire do período abaixo um predicativo:

O rapaz ali estava para ser julgado e receava que o considerassem responsável pela acusação.

Resp. ....

8. (FEA-SP)

«O poeta-ia bêbedo no bonde,
O dia nascia atrás dos quintais,
As pensões alegres dormiam **tristíssimas.»**
(C.D.A.)

Dê a função sintática de:

a) bêbedo: ....

b) alegres: ....

c) tristíssimas: ....

Testes

1) (UFPR) Qual a oração sem sujeito?

a) Falaram mal de você.

b) Ninguém se apresentou.

c) Precisa-se de professores.

d) Aqui não me cheira bem.

e) A noite estava agradável.

2) (UNESP) Analisando-se a oração «Há neste meu recurso um artifício e mesmo deturpação», verifica-se que:

a) o sujeito está elíptico.

b) há sujeito simples: «um artifício».

c) o sujeito é indeterminado.

d) há sujeito composto: «um artifício e mesmo deturpação».

e) não existe sujeito.

3) (FEI-SP) Nas frases das alternativas abaixo, uma só apresenta sujeito indeterminado. Assinale-a:

a) Os dois companheiros aproximaram-se da casa e bateram à porta.

b) Vendem-se casas.

c) Um indivíduo fê-la ouvir o que não queria.

d) Há dias que não chove.

e) Só se necessita de bom-senso para a resolução da maioria dos problemas.

4) (FMU-SP) «Ouviram do Ipiranga as margens plácidas, De um povo heróico o brado retumbante...»

O sujeito dessa afirmação com que se inicia o Hino Nacional é:

a) indeterminado.

b) urn povo heróico.

c) as margens plácidas do Ipiranga.

d) do Ipiranga.

e) o brado retumbante.

5) (PUC-RS) Das seguintes orações:

«Pede-se silêncio.», «A caverna anoitecia aos poucos.», «Fazia um calor tremendo naquela tarde.» – o sujeito se classifica respectivamente como:

a) indeterminado, inexistente, simples.

b) oculto, simples, inexistente.

c) inexistente, inexistente, inexistente.

d) oculto, inexistente, simples.

e) simples, simples, inexistente.

6) (MACK-SP) No período: «O homem andava triste porque não conseguiu que seu irmão lhe desse apoio naquela difícil empresa.», os verbos andar, conseguir e dar classificam-se, respectivamente, em:

a) intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto.

b) de ligação, transitivo direto, transitivo direto e indireto.

c) de ligação, transitivo direto e indireto, transitivo direto e indireto.

d) transitivo direto, transitivo direto, transitivo direto a indireto.

e) intransitivo, transitivo direto, transitivo direto.

7) (SANTA CASA-SP) Assinale a alternativa correta em relação à classificação dos predicados das orações abaixo:

I - Todos nós consideramos a sua atitude infantil.

II - A multidão caminhava pela estrada poeirenta.

III - A criançada continua emocionada.

a) I - predicado verbal;
II - predicado nominal;
III - predicado verbo-nominal.

b) I - predicado nominal;
II - predicado verbal;
III - predicado verbo-nominal.

c) I - predicado verbo-nominal:
II - predicado verbal;
III - predicado nominal.

d) I - predicado verbo-nominal;
II - predicado nominal;
III - predicado verbal.

e) I - predicado verbal;
II - predicado verbal;
III - predicado verbo-nominal.

8) (UFSC) Observe os períodos a seguir:

«Ordálio nunca ia à Praia. Caçava passarinhos. Era uma vidinha vazia. Propôs independência, no centro, num emprego. A mãe chorou.

Ordálio saiu pro mar».

Assinale a seqüência em que a predicação de todos os verbos está correta:

a) intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto.

b) transitivo direto, transitivo direto, ligação, transitivo indireto, transitivo direto-indireto, intransitivo.

c) ligação, transitivo indireto, intransitivo, transitivo indireto, intransitivo, transitivo indireto.

d) intransitivo, transitivo direto, ligação, transitivo direto, intransitivo, intransitivo.

e) transitivo indireto, ligação, ligação, transitivo direto-indireto, transitivo direto, intransitivo.

9) (UFBA) Na oração «Não se trata do Ministro», todas as alternativas estão corretas, exceto:

a) a oração não tem sujeito.

b) o sujeito da oração é «Ministro».

c) o verbo (trata) é transitivo indireto.

d) «Ministro» é objeto indireto.

e) o predicado é verbal.

10) (PUC-RS) Na frase «Todos o consideravam um Santo», o predicado é:

a) nominal.

b) transitivo.

c) verbo-nominal.

d) verbal.

e) intransitivo.

11) (FAAP-SP) Assinale a frase com sujeito indeterminado:

a) Quantos doentes havia no hospital?

b) Naquela manhã ventava perigosamente.

c) Falam mal de nós.

d) Pouco a pouco, a noite vem chegando.

e) Choviam balaços sobre a cidade.

Para resolver as questões 12 a 16, assinale as alternativas e some os valores.

12) (UFV-MG) Assinale a(s) alternativa(s) em que o sujeito é indeterminado:

1. Soa um toque áspero de trompa.

2. Falou-se de tudo na reunião.

4. Precisa-se de carpinteiro.

8. Batem à porta.

16. Vendeu-se a pá.

32. Vendem pás.

64. Vendem-se pás.

13) (UNAMA) O predicado é verbo-nominal, exceto em:

1. Após três meses, os montanhistas retornaram cansados.

2. Os viajantes chegaram cedo ao destino.

4. Comparecem todos atrasados à reunião.

8. Estava irritado com as brincadeiras.

16. O presidente nomeou-o secretário.

32. O professor atravessou o pátio apressado.

64. Encontrei o vestiba mais alegre.

14) (UFPR) Assinale a(s) alternativa(s) correta(s):

1. Contaram-me coisas estranhas. (sujeito indeterminado)

2. Narramos estórias para enganar o tempo. (sujeito simples)

4. Não soubeste viver a vida. (sujeito oculto «vós»)

8. Pede-se silêncio. (sujeito simples «silêncio»)

16. Havia tempo suficiente para as comemorações. (sujeito «as comemorações»)

32. Faltavam três dias para o batismo. (oração sem sujeito)

15) (FUVEST) Assinale a(s) alternativa(s) em que ocorre oração sem sujeito:

1. Caiu a noite repentinamente sobre a cidade.

2. Nesse mês, vai fazer um ano de seu regresso.

4. Choveram tomates sobre o orador.

8. Bastante límpido amanheceu o dia.

16. Não havia existido ninguém com tantas qualidades.

32. Não havia ninguém com tantos atributos.

64. Só me resta uma esperança.

16) (UFPR) Assinale as alternativas em cujas frases se destacou o objeto direto:

1. Aos chefes da tribo ofereceram os **bandeirantes** objetos valiosos.

2. Ainda faltam **alguns quilômetros** para chegarmos à cidade.

4. Não há dúvida, suas qualidades **a todos** encantam.

8. Nessa ocasião, discutiram-se todos os problemas **da comunidade**.

16. E agora, **a quem** ama sua irmã?

32. Quatro contos já tenho; faltam-me apenas **mais dois**.

II. Termos integrantes

– Complemento VERBAL { Objeto Direto / Objeto Indireto

– Complemento NOMINAL

– AGENTE DA PASSIVA

Objeto Direto

OBJETO DIRETO é o termo da oração que completa o sentido do verbo transitivo direto.

— MODO DE ENCONTRÁ-LO:

Pergunta-se (após o verbo) — Verbo **o quê? quem?**

Ex.:

O vestiba não entregou a redação.

Pergunta-se: o vestiba não **entregou o quê?**

→ **a redação (OD)**

• **Quanto à relação:** vem sempre associado a um verbo transitivo.

• **Quanto à forma:** liga-se ao verbo **sem preposição** obrigatoriamente exigida por este.

• **Quanto ao valor:** indica o **paciente, o alvo ou o elemento** sobre o qual recai a ação verbal.

Exemplo:

Os políticos	pressionaram	o governo.
sujeito	verbo transitivo (VTD)	obj. direto

Objeto direto preposicionado

Excepcionalmente, o objeto direto vem precedido de preposição (a, de, com, ...). Tal preposição, porém, ocorre por razões várias e não pela exigência obrigatória do verbo.

Exemplo:

Os revoltosos	tomaram	das armas.
sujeito	VTD	OD prepos.

Observação:

Nesse exemplo, a preposição **de** não é exigida pelo verbo – até poderia ser excluída.

→ **CASOS OBRIGATÓRIOS**

1. Com o substantivo DEUS:

Ex.: Amar a Deus.

2. Com as formas tônicas dos pronomes pessoais:

Ex.: Não culpamos a ti.

3. Com o pronome quem de antecedente expresso:

Ex.: Encontrei o professor, **a quem admiro.**

Não estando expresso o antecedente, a preposição é facultativa:

Ex.: Aprovei **quem estudou, ou a quem estudou.**

4. Quando o objeto direto for constituído de pronome átono e substantivo:

Ex.: O professor o argüira e **aos seus colegas.**

5. Para evitar a ambigüidade:

Ex.: Venceu o vilão o herói: (Quem venceu?)

Venceu ao vilão o herói. (O herói venceu)

Venceu o vilão ao herói. (O vilão venceu)

→ **Outros exemplos de obj. dir. preposicionado (facultativa):**

Amemos **a Deus**.

Ajudou **a ambos**.

Castigaram **a José**.

Beberam **do vinho**.

Comeram **do pão**.

Sacaram **do revólver**.

Puxaram **da arma**.

Estimamos **a V. Ex.ª**.

Objeto indireto

OBJETO INDIRETO é o termo da oração que completa o sentido do verbo transitivo indireto, auxiliado de uma preposição.

— MODO DE ENCONTRÁ-LO: pergunta-se

VERBO
- a quê(m)?
- de quê(m)?
- em quê(m)?
- para quê(m)?
- outras

(após o verbo)

Ex.: Obedecemos aos nossos pais.

Obedecemos a quem?

→ aos nossos pais (OI)

As preposições

Como o objeto indireto costuma vir regido de preposição, convém não esquecê-las. As preposições simples são: A, ANTE, APÓS, ATÉ, COM, CONTRA, DE, DESDE, EM, ENTRE, PARA, PERANTE, POR (PER), SEM, SOB, SOBRE, TRÁS.

• **Quanto à relação:** vem sempre associado a verbo transitivo.

• **Quanto à forma:** liga-se ao verbo por meio **de preposição obrigatória** exigida por este.

• **Quanto ao valor:** indica o **paciente ou o destinatário** da ação verbal.

Exemplo:

O Nordeste	precisa	de apoio.
sujeito	verbo transitivo (VTI)	obj. indireto (paciente da ação)

O acusado	respondeu	ao júri.
sujeito	VTI	obj. indireto (destinatatário da ação)

Objeto direto ou indireto pleonástico

Costuma-se repetir o objeto, quando se quer chamar a atenção para ele; são os **objetos pleonásticos,** que **aparecem** sob a forma de **pronome átono:**

A **vida,** o vento a levou.
↓ ↓
objeto direto — objeto direto pleonástico

Ao indiscreto, não lhe confio nada.
↓ ↓
objeto indireto — objeto indireto pleonástico

Função sintática dos pronomes oblíquos

Funções ⟶ Pessoas		Objeto direto Objeto indireto Adjunto adnominal	Objeto direto	Objeto indireto Adjunto adnominal
SING.	**1ª**	**me**	**-**	**‘ -**
	2ª	**to**	**-**	
	3ª	**se**	**o-a (lo, la, no, na)**	**lhe**
PLURAL	**1ª**	**nos**	**-**	**-**
	2ª	**vos**	**-**	**-**
	3ª	**e**	**os-as (los, las, nos, nas)**	**lhes**

Predicativo do objeto

Vimos que o predicativo do sujeito ocorre no predicado nominal ou no predicado verbo-nominal: O **predicativo do objeto** só ocorre no predicado verbo-nominal:

• «Teresa encontrou a rapariga **transtornada.**» (J. Amado)

«Teresa	encontrou	a rapariga	**transtornada.**»
↓	↓	↓	↓
sujeito	verbo TD	objeto direto	predicativo do objeto

Observe que «a rapariga» é que está «transtornada».

Outro exemplo:

• «Julgo **ilusória** esta interpretação.»
(Carlos Drummond de Andrade)

Observa-se que podemos desdobrar a oração em duas:

«(Eu) julgo esta interpretação» + «esta interpretacão ilusória». O predicativo **«ilusória»** refere-se ao objeto direto **«interpretação».**

Observação 1: Apenas o verbo **chamar** pode ter predicativo do objeto indireto:

«Eu lhe chamo estado do espírito.» (C.D.A.)

Observação 2: Na passagem para a voz passiva, o predicativo do objeto (PO) se transforma em predicativo do sujeito (PS). Esse é um bom artifício para reconhecer o predicativo do objeto.

O júri	considerou	péssimo	o candidato.
suj.	VTD	pred. do objeto	obj. direto

O candidato	foi considerado	péssimo	pelo júri.
suj.	VTD (voz passiva)	prod. suj.	ag. pass.

Exercícios

1) Faça a correlação, tendo em vista o tipo de complemento verbal:

a) objeto direto

b) objeto indireto

c) objeto direto + objeto indireto

d) objeto direto preposicionado

e) objeto direto pleonástico

1) ( ) Santos deu as explicações pedidas.

2) ( ) Meu amigo queixa-se das livrarias...

3) ( ) A vida, tenho-a como um bem precioso.

4) ( ) ... Deus ao Cristo definiu.

5) ( ) Os outros reparos, aceitei-os todos.

6) ( ) Gosto da voz dele, dos olhos bonitos e da cabeleira.

7) ( ) A essas meninas nada se deve perguntar.

8) ( ) Digam-lhe adeus com a possível ternura.

9) ( ) Comereis de todos os frutos...

10) ( ) Meu rio, meu Tietê, onde me levas?

2) Preencha as lacunas com os pronomes o(s), a(s) ou lhe(s):

1) – O professor repreendeu o aluno?

– Sim, ele .... repreendeu.

2) – Eles fizeram alguma recomendação aos atletas?

– Sim, eles .... recomendaram calma.

3) – Você já conhecia a moça?

– Sim, eu já .... conhecia.

4) – Você entregará os livros a eles?

– Sim, eu .... entregarei a eles.

5) – Você já forneceu o material aos empregados?

– Sim, eu já .... forneci o material.

3) Dê a função sintática dos termos destacados:

1) «Uso conscientemente **a palavra.»**
(C. D. de Andrade)

Resp.: ....

2) «Obedeciam **aos pais** sem grande esforço...**»** (M. de Assis)

Resp.: ....

3) «Não lhe peçam explicações.»
(M. Quintana)

Resp.: ....

4) «Essa coisa, como defini-la?»
(C. D. de Andrade)

Resp.: ....

5) «Ouro que serve para louvar a Deus.»
(R. Braga)

Resp.: ....

4) Dê a função sintática dos pronomes oblíquos em destaque nas seguintes orações:

a) Convocaram-**nos** para a reunião.

....

b) Este livro nos pertence.

....

c) Já **te** repreenderam várias vezes.

....

d) Desejamos-**te** feliz aniversário.

....

e) Já **me** deram esse conselho.

....

f) Procuram-**me** há algum tempo.

....

g) Bernardo **se** atribui um grande valor.

....

h) O menino feriu-**se**.

....

i) Negaram-**lhe** o documento.

....

j) Já **o** adverti do perigo.

....

5) Substitua as expressões em destaque polo pronome oblíquo correspondente:

a) Os homens esfolavam **uma rês**.

....

b) As mulheres iam ferver **uma lata de querosene**.

....

c) «A Limpa-Trilho gania e parava, lambendo **os pés queimados**.» (R. de Queiroz)

....

d) «O vaqueiro também se achou no direito de tomar **seu quinhão de abrigo.»**
(R. de Queiroz)

....

e) «E para comemorar **o achado**, executavam no ar grandes rondas festivas»
(R. de Queiroz)

....

f) Deram água **para ele**.

....

g) Empurrou a **porta.**

....

h) Ouviram **o barulho do cabriolé.**

....

i) Pediram **farinha aos coronéis da cidade.**

....

j) Negaram uma cuia de água **ao menino**.

....

6) Reescreva as frases de modo a aparecerem objetos diretos ou indiretos pleonásticos:

a) Estes casos já comentei.

....

b) Ao mestre não convém a resposta.

....

c) Estas recomendações eu faço com insistência.

....

d) Ao povo não interessam essas leis.

....

Questões discursivas

1. (FE-SPI) Classifique sintaticamente o termo destacado:

«Todos ouviam **a ela** com atenção e respeito.»

....

2. (CEFET-PR) Substituindo os complementos verbais destacados pelos pronomes oblíquos correspondentes, da frase abaixo, obtém-se:

«A mulher serviu um prato de mingau ao marido.»

....

3. (FUVEST) Analise sintaticamente os pronomes oblíquos que ocorrem nos versos abaixo:

«Ferve-me o sangue. Acalma-o com teu beijo. Beija-me assim!» (O. Bilac)

me (ferve-me) ....

o (acalma-o) ....

me (beija-me) ....

4. (FUVEST) Dê a função sintática do pronome ME nas frases:

a) «Deu-me um botão de flor de laranjeira (...)» (R. Pompéia)

b) «O diretor arremessou-me ao chão.» (R. Pompéia)

a) ....

b ....

5. (FEI-SP) Qual a função sintática do termo em destaque?

«Meto a mão no colete e não acho o relógio. Última desilusão! o Borba furtara-**mo** no abraço.»

Resp. ....

6. (FAAP-SP) Dê a função sintática dos termos em destaque:

a) «Desesperado, deixou o cravo, pegou **do papel escrito** e rasgou-o.» (M. de Assis)

b) Não desconfiei do **negociante** e fechei a porta.

Respostas: a) ....

b) ....

Testes

1. (SANTA CASA-SP) Assinale a alternativa em que há objeto direto preposicionado:

a) Concederam perdão ao condenado.

b) Refiro-me a quem esteve aqui ontem.

c) Esperei por você até anoitecer.

d) Assistiram emocionados ao espetáculo.

e) Dirigiu-se a nós com muita delicadeza.

2. (SANTA CASA-SP) Quando «CHAMAR» tem sentido de qualificar, pode-se construir o período, por exemplo, com objeto direto MAIS predicativo. Tudo isso se observa na alternativa:

a) «João é alto, mas treinador nenhum chamou-o para jogar.»

b) «Era a viúva a chamar pelo falecido.»

c) «Os inimigos chamam-lhe de traidor do povo.»

d) «Chamei pelo colega em voz alta.»

e) «Alguns chamam-no de fiscal.»

3. (UMC/MOJI-SP) Indique a alternativa em que há objeto direto:

a) O tempo vai melhorar.

b) Insisto nesta idéia.

c) O livro, que você me deu, é ótimo.

d) Perdôo-lhe.

e) Você chegou atrasado.

4) (UNICAMP-SP) Assinale a alternativa cujos elementos preenchem corretamente os pontilhados:

1) Não .... convidei para a festa.
2) Eu .... visitarei na semana que vem.
3) Só .... chamarei se for necessário.
4) Não fui eu quem .... viu assim.

a) lhe, o, lhe, o.

b) o, lhe, o, lhe.

c) o, o, o, o.

d) lhe, lhe, lhe, lhe.

e) o, o, lhe, lhe.

5) (UFPR) Assinale a alternativa que contém um objeto indireto:

a) O bom filho é obediente aos pais.

b) A festa decepcionou a todos.

c) O bom filho obedece aos pais.

d) Os pais são obedecidos pelo bom filho.

e) A obediência aos pais é dever do bom filho.

6) (UFSCAR-SP) «Não é mister dizer que dormia pouco; acordava duas a três vezes por noite, passeava à toa, sentia-me com febre».

A função sintática de **com febre** é de:

a) adjunto adverbial de modo.

b) adjunto adverbial de causa.

c) predicativo do objeto.

d) objeto indireto.

e) predicativo do sujeito.

7) (UEPG-PR) Qual a função sintática?

O velho parecia **cansado**.

a) sujeito.

b) aposto.

c) predicativo.

d) objeto direto.

e) objeto indireto.

8) (FMU-SP) Observe os termos destacados:

«Passei **o dia** à toa, à toa.»

«Passei **a vida à toa,** à toa.»

Tais termos exercem:

a) a mesma função sintática: sujeito do verbo passar.

b) a mesma função sintática: objeto direto do verbo passar.

c) a mesma função sintática: adjunto adverbial de modo.

d) funções sintáticas diferentes: o primeiro é adjunto adverbial; o segundo, sujeito.

e) funções sintáticas diferentes: o primeiro é objeto direto; o segundo, sujeito do verbo passar.

9) (UFSCAR-SP) Classifique corretamente os termos integrantes destacados:

«Mulher que **a dois** ama, **a ambos** engana.»

a) objeto direto preposicionado e objeto direto preposicionado.

b) objeto indireto e objeto direto.

c) objeto indireto pleonástico e complemento nominal.

d) objeto direto e objeto direto preposicionado.

e) objeto direto preposicionado e objeto indireto.

10) (FEFASP) Em que alternativa há objeto direto preposicionado?

a) Passou aos filhos a herança recebida dos pais.

b) Amou a seu pai com a mais plena grandeza da alma.

c) Naquele tempo era muito fácil viajar para os infernos.

d) Em dias ensolarados, gosto de ver nuvens flutuarem nos céus de agosto.

11) (UFU-MG) Assinale a frase em que o objeto direto é pleonástico:

a) A borboleta negra, encontrei-a à noite, no quarto.

b) Eu a sacudi de novo.

c) Fiquei a contemplar o cadáver com alguma simpatia.

d) Um golpe de toalha rematou a aventura.

e) Vi dali o retrato de meu pai.

Para resolver as questões 12 a 13, assinale as alternativas e some os valores.

12) (UFPA) Assinale a(s) alternativa(s) em que o verbo ocorre como transitivo direto:

1. Comprei um terreno e construí a casa.
2. Os guerreiros dormem agora.
4. Aluga-se sala mobiliada.
8. O cego não vê.
16. O aluno parece zangado.
32. Choveu chuva grossa.
64. Esqueceu-se de dizer «até logo».

13) (UFMS) Assinale a(s) afirmação(ções) correta(s) dos termos destacados:

1. O alvo foi atingido **por uma bomba formidável**. (agente da passiva)

2. Mas de há muito não há **pássaros**. (sujeito)

4. **Um dia** um tufão furibundo abateu-o pela raiz. (sujeito)

8. Esqueci **o recado**. (objeto direto)

16. Esqueci-**me** do recado. (objeto direto)

32. Esqueceu-me o **passado**. (sujeito)

Complemento nominal

Complemento nominal é o termo da oração que completa o sentido de um nome com auxílio de preposição. Esse nome pode ser representado por um substantivo, por um adjetivo ou por um advérbio.

→ MODO DE ENCONTRÁ-LO: Pergunta-se

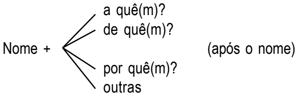
Nome +
a quê(m)?
de quê(m)?
por quê(m)?
outras
(após o nome)

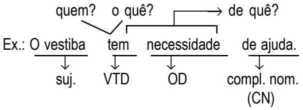
quem?
o quê?
de quê?
Ex.: O vestiba
tem
necessidade
de ajuda.
suj.
VTD
OD
compl. nom.
(CN)

• **Quanto à relação**: vem sempre **associado a um nome** de significação transitiva.

• **Quanto à forma**: liga-se ao nome sempre **por meio de preposição**.

• **Quanto ao valor**: indica **o alvo** ou **o ponto** sobre o qual recai a **ação do nome**.

Protestaram contra a	queima	da floresta
	nome de signif. transit.	compl. nominal (indica sobre quem recaiu a queima)

OBSERVE A DIFERENÇA

Eu resisto **ao frio.** obj. ind.

A ovelha é resistente **ao frio**. compl. nom.

Agente da passiva

Agente da passiva é o termo da oração que pratica a ação do verbo na voz passiva, auxiliado de preposição **por** ou **de**.

A mãe	é amada	pelo filho.
suj.	verbo passivo	ag. passiva (AP)

Na oração acima, o sujeito é **a mãe**. A forma verbal está na voz passiva, pois o sujeito é paciente (sofre a ação verbal). O termo **pelo filho** pratica a ação verbal (ame a mãe). Na voz passiva, o termo que pratica a ação verbal é o **agente da passiva** — AP (= pelo filho).

• **Quanto à relação**: vem sempre associado a um verbo transitivo na voz passiva.

• **Quanto à forma**: liga-se ao verbo sempre **por meio de preposição (por, per, de)**.

• **Quanto ao valor**: indica o elemento que **executa a ação verbal**.

Os reféns	foram libertados	pelo seqüestrador.
sujeito	verbo transitivo na voz passiva	agente da passiva (executor da ação)

Voz passiva analítica

Formada pelo verbo principal no particípio mais o verbo auxiliar **ser**.

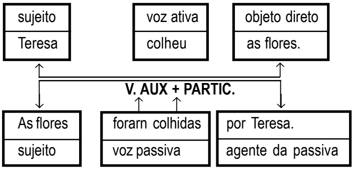
sujeito
Teresa
voz ativa
colheu
objeto direto
as flores.
V. AUX + PARTIC.
As flores
sujeito
forarn colhidas
voz passiva
por Teresa.
agente da passiva

Observe:

1. O agente da passiva é o sujeito da voz ativa. O objeto direto da voz ativa passa a sujeito da voz passiva.

2. Nem sempre o agente da passiva está expresso:

«A carne trinchada foi distribuída.» (POR QUEM?)

«Os mortos foram sepultados naquele mesmo dia.» (POR QUEM?)

→ Nestes casos, a passagem para a voz ativa se faz com **o verbo na 3ª pessoa do plural:**

Distribuíram a carne trinchada.

Sepultaram os mortos naquele mesmo dia.

3. O verbo SER é flexionado no mesmo **modo e tempo** do verbo da voz ativa:

colhe = é colhido
colheu = foi colhido
colhia = era colhido
colhera = fora colhido
colherá = será colhido
colheria = seria colhido
que colha = seja colhido
se colhesse = fosse colhido
quando colher = for colhido

→ **ATENÇÃO**

• A) O Brasil era povoado **de índios** (= por índios)
AP

• B) Essa classe **se** constitui **de jovens** (= por jovens)
PA **AP**

Passiva sintética (ou pronominal)

• Formada pelo verbo principal (VTD) acompanhado do pronome apassivador (ou partícula apassivadora) — SE.

• Ocorre somente com VTD + SE

• No português moderno, com a voz passiva sintética, o agente da passiva fica indeterminado, usualmente.

VENDEM-	SE	APARTAMENTOS.	?
VTD	PA	sujeito	ag. passiva (indeterm.)

= APARTAMENTOS SÃO VENDIDOS.
sujeito

→ ATENTO!

É preciso tomar muito cuidado com a concordância verbal na voz passiva sintética. Observe:

Construiu-	se	uma pirâmide.
verbo sg	PA	suj. sg.
Construíram-	se	pirâmides.
verbo pl.	PA	suj. pl.

Exercícios

1) Escreva nos parênteses:

1. complemento nominal;
2. agente da passiva;
3. objeto indireto.

a. ( ) Ele logo chegou com a cabeça cheia **de água suja.**

b. ( ) Obedecemos **aos regulamentos**.

c. ( ) Somos obedientes **aos regulamentos**.

d. ( ) Temos necessidade **de diálogo**.

e. ( ) Necessitamos **de diálogo**.

f. ( ) Essa terra é habitada **de selvagens**.

g. ( ) A assistência às **aulas** é indispensável.

h. ( ) Gostaria de não ser ouvido **pela vizinhança.**

i. ( ) Referiram-se **aos alunos** da outra classe.

j. ( ) Fizeram referência **aos alunos da outra classe.**

l. ( ) Nenhuma palavra foi dita **pelo coronel.**

m. ( ) Muitos alunos são refratários **aos estudos**.

n. ( ) Esse lugar se habita **de gente ignorante.**

2) Faça a correlação, tendo em vista a função sintática do termo destacado:

(a) sujeito
(b) objeto direto
(c) objeto indireto
(d) complemento nominal
(e) predicativo do objeto
(f) agente da passiva

1. ( ) «Ele gosta tanto **de você**.» (F. Sabino)

2. ( ) «Não chamemos **de inimigos da pátria** aos nossos contendores.» (R. Barbosa)

3. ( ) «Não tinha tomado o menor conhecimento **das leis.»** (Paulo Mendes Campos)

4. ( ) «Você é muito querido **pelos leitores**.» (Paulo Mendes Campos)

5. ( ) «Os quarenta e um anos não lhe trouxeram **arrepio**.» (Machado de Assis)

6. ( ) «Arrancaram-se depois **os pedais e os ornatos de metal.**» (A. M. Machado)

7. ( ) «Também se pode bordar **nada**.» (Machado de Assis)

8. ( ) «O Quilombo dos Palmares era formado **por vários núcleos.»** (É. Veríssimo)

9. ( ) «O pai pediu contra ele toda **a severidade**.» (Raul Pompéia)

10. ( ) «Sua aplicação à **defesa do corpo feminino** é mais ou menos recente.» (Carlos Drummond de Andrade)

11. ( ) «Perderam-se **os meus suspiros.**» (Cecília Meireles)

12. ( ) «Abri violentamente **a janela**.» (Raul Pompéia)

13. ( ) «Para os rapazes **a chuva** foi novo sinal de desordem.» (Raul Pompéia)

14. ( ) «Ouvi a voz de minha mãe, **viúva**.» (Vinícius de Moraes)

15. ( ) «**O dote**, pode o senhor levá-lo já.» (Artur Azevedo)

16. ( ) «O filme é **proibido para 75 anos.**» (Carlos Drummond de Andrade)

17. ( ) «Lentz achou-o **venerável** como um santo.» (Graça Aranha)

18. ( ) «Ouviram-se **sucessivas e medonhas descargas de um tiroteio.»** (G. Aranha)

19. ( ) «Que lhes importa **a eles** a recompensa?» (Humberto de Campos)

20. ( ) «Aquela voz sempre **lhe** comunicava vida nova.» (Luís Jardim)

3) Seguem algumas fases na voz ativa. Se possível, faça a transformação para a voz passiva e classifique o verbo quanto à predicação:

1. Voz ativa: «Garrafas dançam na prateleira.» (Antônio Torres)

Voz passiva: ....

....

Verbo: ....

....

2. Voz ativa: «Os anjos não compreendem os homens.» (Manuel Bandeira)

Voz passiva: ....

....

Verbo ....

....

3. Voz ativa: «Gosto muito de você, leãozinho.» (Caetano Veloso)

Voz passiva: ....

....

Verbo: ....

....

4. Voz ativa: «O amor dera-me esta coragem de leão. » (José Lins do Rego)

Voz passiva: ....

....

Verbo: ....

....

4) Passe as frases abaixo para a passiva pronominal:

1. Seja feita a vossa vontade.

Resp.: ....

2. Vários soldados foram enviados para a colina.

Resp.: ....

3. Gostos não são discutidos.

....

4. Geladeiras são pintadas no local.

....

5. Tinha sido usado mais de um artifício.

....

6. Foi perdida uma caneta esferográfica.

....

7. Seria visto o eclipse se o tempo estivesse claro.

....

8. Vasos ruins não são quebrados.

....

5) Passe as frases abaixo para a passiva analítica:

1. Os favores se esquecem facilmente.

Resp.: ....

....

2. Pelo dedo se conhece o gigante.

Resp.: . ...

....

3. Contam-se histórias incríveis.

Resp. ....

....

4. Construam-se casas populares.

Resp.: ....

....

5. Descobriram-se novos componentes eletrônicos.

Resp. ....

....

Testes

1) (UFSC) Na oração: «Não foi aceita por mim a recompensa oferecida», os termos por mim **e** recompensa **são, respectivamente:**

a) sujeito e agente da passiva.

b) agente da passiva e sujeito.

c) adjunto adverbial de instrumento e obj. direto.

d) objeto direto e sujeito.

e) adjunto adverbial de modo e sujeito.

2) (CESCEM-SP) Assinale a análise correta do termo destacado: A terra era povoada de selvagens**.**

a) objeto direto.

b) objeto indireto.

c) agente da passiva.

d) complemento nominal.

e) adjunto adverbial.

3) (UFU-MG) No período: «Quando enxotada por mim foi pousar na vidraça», qual a função sintática de por mim**?**

a) objeto direto.

b) sujeito.

c) objeto indireto.

d) complemento nominal.

e) agente da passiva.

4) (CTA/Computação-SP) Na oração: «Um dia um tufão furibundo abateu-o pela raiz», um dia **é:**

a) sujeito.

b) adjunto adnominal.

c) adjunto adverbial de tempo.

d) adjunto adverbial de modo.

e) n.d.a.

5) (UFPR) Na oração: «O alvo foi atingido por uma bomba formidável», a locução por uma bomba formidável **tem a função de:**

a) objeto indireto.

b) agente da passiva.

c) adjunto adverbial.

d) complemento nominal.

e) adjunto adnominal.

6) (UFU-MG) Qual a função sintática da palavra destacada no período seguinte:

«É a hora em que o pássaro volta,

mas de há muito não há **pássaros**;»

a) complemento nominal.

b) predicativo do sujeito.

c) objeto direto.

d) sujeito.

e) objeto indireto.

7) (FEI-SP) Na oração: «Sem dúvida, esta menina toca piano muito bem» a palavra piano **e a palavra** menina **são, respectivamente:**

a) sujeito e agente da passiva.

b) agente da passiva e sujeito.

c) adjunto adverbial de instrumento e sujeito.

d) objeto direto e sujeito.

c) adjunto adverbial de modo e sujeito.

8) (UFSCAP-SP)

Ele gostava **de vinhos bons**. O termo destacado é:

a) objeto indireto.

b) predicativo do sujeito.

c) agente da passiva.

d) sujeito.

9) (ESPM-SP) — «Sorvete Kibon **decora sua cozinha. E dá** nome às latas**.»**

Os termos destacados são, respectivamente:

a) sujeito, objeto direto, objeto indireto.

b) objeto direto, sujeito, objeto indireto.

c) sujeito, objeto indireto, objeto direto.

d) sujeito, sujeito, objeto indireto.

e) objeto direto, sujeito, objeto direto.

10) (FMU/FIRM-SP) «... os muros com os quais me comunicava com todos os quintais do quarteirão sem solução de continuidade... » A expressão destacada é, respectivamente, morfológica e sintaticamente:

a) locução adjetiva/adjunto adnominal.

b) locução adjetiva/objeto indireto.

c) locução adverbial/adjunto adverbial.

d) locução adjetiva/complemento nominal.

e) locução adverbial/complemento nominal.

11) (PUC-RS) Transpondo para a voz ativa a oração «Os processos estavam sendo estudados pelo juiz», obtém-se a forma verbal...

a) haviam de ser estudados.

b) haviam sido estudados.

c) haviam estudado.

d) eram estudados.

e) estava estudando.

12) (PUC-RS) Transpondo para a voz ativa a frase «Todo o material seria trazido pelos fiscais antes das duas horas», obtém-se a forma verbal.

a) trariam.

b) deviam trazer.

c) trar-se-ia.

d) vão trazer.

e) deve-se trazer.

13) (PUC-SP) A sentença correlata de Reviam-se os manuscritos com cuidado **é:**

a) Os manuscritos foram revistos com cuidado.

b) Os manuscritos eram revistos com cuidado.

c) Nós revíamos com cuidado os manuscritos.

d) Revia-se os manuscritos com cuidado.

c) Reviram os manuscritos com cuidado.

14) (UNAMA) Marque a opção em que o enunciado não está na voz passiva:

a) O Governador vinha adotando.

b) Mendonça Furtado, nessa subida ao Rio Negro, vinha acompanhado de um séquito grande.

c) Óbidos foi declarada vila.

d) (Esses homens) vinham sendo considerados de menor idade.

Para resolver as questões 15 e 16, assinale as alternativas e some os valores.

15) (UFMS) Assinale a(s) alternativa(s) correta(s):

I . Fui favorável **ao aluno**. (complemento nominal)

2. Fui-**lhe** favorável. (complemento nominal)

4. Hiroshima foi destruída **pela bomba atômica**. (adj. adv. de causa)

8. Esta apostila se constitui **de testes**. (agente da passiva)

16. Comentaram-**se** as questões. (partícula de indeterminação do sujeito)

32. Os homens esfolavam-**na**. (objeto indireto)

16) (UNIFOR-CE) Assinale a(s) alternativa(s) correta(s):

1. Todos acreditavam na sabedoria **do professor**. (objeto indireto)

2. O Detran recomenda **aos motoristas** a máxima cautela. (objeto indireto)

4. A recomendação **aos motoristas** é de máxima cautela. (complemento nominal)

8. O bêbado resmungava **ameaças confusas**. (objeto direto)

16. Eles puxaram **do dinheiro** na hora do acerto. (objeto indireto)

32. As colheitas foram levadas **pela chuva**. (adj. adv. de causa)

64. Fiquei ouvindo aquilo por **longo tempo**. (agente da passiva)

III. Termos acessórios

— ADJUNTO ADNOMINAL
— ADJUNTO ADVERBIAL
— APOSTO

Adjunto adnominal

É o termo de **valor adjetivo** que acompanha o núcleo substantivo de uma função sintática (sujeito, objetos, complemento nominal etc.), delimitando ou especificando o significado deste substantivo.

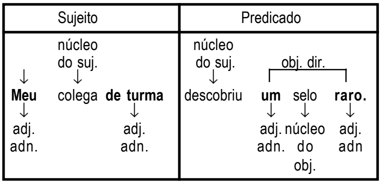

• **Quanto à relação:** vem sempre associado a um **nome.**

• **Quanto à forma:** liga-se ao nome com ou sem preposição — sem a mediação de um verbo.

• **Quanto ao valor:** é um atributo (qualificador — caracterizador) do nome a que se refere.

O adjunto adnominal pode ser representado por:

– adjetivo	Pessoa **bondosa.**
– locução adjetiva	Relógio **de ouro.**
– pronome possessivo	**Teus** pais.
– pronome indefinido	**Alguns** amigos.
– pronome demonstrativo	**Aquela** fazenda.
– artigo	**O** automóvel.
– numeral	**Três** orquestras.
– pron. oblíquo com valor de possessivo	Quebro-**te** a cara. = Quebro a **tua** cara.

Adjunto adnominal X Complemento nominal

Não se confunda o adjunto adnominal com o complemento nominal. Para demarcar as fronteiras entre esses dois termos (quando o adj. adn. está preposicionado pode gerar confusão) observern-se os seguintes dados:

1. Sempre que o **antecedente for adjetivo ou advérbio,** o termo seguinte será **complemento nominal:**

Obediente	**às leis**
adjetivo	CN

Relativamente	**a outros**
advérbio	CN

2. Sempre que o **antecedente** for um **substantivo abstrato,** cognato de verbo ou de adjetivo, usado transitivamente, o termo seguinte será **complemento nominal:**

Subversão **da ordem** (cf. Subverter a ordem)

Fidelidade **às leis** (cf. Fiel às leis)

3. Sempre que o **antecedente** for um **substantivo concreto,** o termo seguinte será **adjunto adnominal:**

Livro de Pedro.

4. Representando o **paciente,** funcionando como **alvo, o destino** da ação nominal, o termo preposicionado será **complemento nominal;** caso contrário, será um **adjunto adnominal** (agente da ação nominal).

A resposta	**ao público** foi satisfatória.
Subst.	CN **(alvo da resposta)**

A resposta	**do professo**r foi satisfatória.
Subst.	adj. adv. (não é o alvo, mas **o agente da resposta**)

Adjunto adverbial

> Adjunto adverbial é o termo, representado por advérbio ou equivalente, que acrescenta uma circunstância ao verbo, ou intensifica ou gradua a idéia expressa por adjetivo, verbo ou advérbo.

• **Quanto à relação:** vem associado a **verbo, adjetivo ou advérbio** e pode também se referir a todo o conjunto da oração.

• **Quanto à forma:** liga-se a esses elementos com ou sem preposição.

• **Quanto ao valor:** indica **circunstância** (de tempo, de lugar, de modo, de intensidade etc.) aos elementos a que se refere.

• Não é o agente nem o alvo do processo verbal.

Exemplos:

A empreiteira	entregou	a obra	com atraso.
sujeito	VTD	OD	**adj. adv.** TEMPO

Os alunos fizeram uma prova	**muito**	boa.
	adj. adv. INTENSIDADE	adjetivo

A prova terminou	**muito**	cedo.
	adj. adv. INTENSIDADE	advérbio

Felizmente,	**o tema** da redação foi fácil.
adj. adv.	

→ (rnodificando todo o conjunto da frase)

Classificação

Eis alguns tipos de adjuntos adverbiais:

a) **de tempo:** «Agora desligue isso e vá dormir.» (F. S.)

b) **de lugar:** «Passou na rua lateral uma carroça.» (A. Meyer)

c) **de causa:** «Emília empalideceu de susto.» (M. Lobato)

d) **de modo:** «O pobre estudante ergueu-se com ligeireza.» (J.M.M)

e) **de fim**: «Pedrinho dispôs tudo para o ataque.» (M.L.)

f) **de dúvida:** «Talvez pedisse água.» (C.D.A.)

g) **de negação:** «Não te entregues à mágoa vã.» (M.B.)

h) **de intensidade:** «Macunaíma estava muito contrariado.» (M. de Andrade)

i) **de meio:** «Deixe; amanhã hei de acordá-lo a pau de vassoura.» (M.A.)

Observações:

1. Acrescentem-se a esses muitos outros tipos, que devem ser classificados de acordo com o contexto em que se encontram: adjunto adverbial **de assunto, de companhia, de comparação, de condição, de concessão, de conformidade, de direção, de instrumento, de matéria, de preço etc.**

2. Não confunda o **predicativo com o adjunto adverbial de modo.** O predicativo, representado por um adjetivo ou equivalente **concorda com o sujeito ou com o objeto;** o adjunto adverbial permanece **invariável:**

→ A moça caminhava apressada. (predicativo) – singular

As moças caminhavam apressadas. – plural

→ A moça caminhava apressadamente. (adj. adverbial)

As moças caminhavam apressadamente.

Outro exemplo:

Os rapazes falavam alto. (adjunto adverbial)

Os rapazes chegaram **«altos»** do botequim. (predicativo)

Aposto

Aposto é a palavra que serve para explicar, desenvolver ou resumir um substantivo ou equivalente, por meio de palavras que, geralmente, vêm entre vírgulas, depois de uma vírgula, dois pontos ou travessão.

Ex.:«Não sabia ela, **Ernestina,** que o pai dessa lastimável rapariga, **Pedro Torresmo,** jurara invadir a casa.» (J. Amado)

• **Quanto à relação:** vem sempre associado a um nome.

• **Quanto à forma**: liga-se ao nome sem preposição, exceto em casos raros. Identifica-se, nomalmente, pela pontuação.

• **Quanto ao valor**: identifica ou esclarece o nome a que se associa, estabelecendo uma relação de equivalência:

«Rio, alma do Brasil, afina também seus melhores sentimentos populares por outra paixão não menos respeitável – o futebol.» (A. Nogueira)

Costuma-se classificar o aposto como:

a) enumerativo: «É assim Lenine: esquivo, irascível, exigente.» (M. Bandeira)

b) recapitulativo: (representado por tudo, nada, ninguém, qualquer etc.) «...seringa, termômetro, tesoura, gaze, esparadrapo, boneca, tudo se derrama pelo chão.» (P.M.C.)

c) distributivo: «Não se confunda economia, com avareza: a primeira é virtude sábia, a segunda é miséria sórdida.» (C. Neto)

e) especificativo: Cidade do Rio de Janeiro, Rua do Ouvidor, Marechal Deodoro, Mês de setembro.

Vocativo

Vocativo é o termo que serve apenas para chamar, invocar ou nomear um ser, podendo vir precedido de interjeição e caracterizando-se pela entoação exclamativa. (= ó...)

Ex.: «Não quero ser preso, Jesus, ó meu Santo.» (C. D. A.)

• **Quanto à relação**: vem sempre isolado, isto é, não se liga sintaticamente a outro elemento da frase.

• **Quanto à forma**: vem sempre marcado por pausa (na escrita, vírgula).

• **Quanto ao valor**: indica, na frase, a pessoa ou a coisa com quem falamos, ou a quem nos referimos, fazendo um chamado.

O vocativo não mantém qualquer relação sintática com nenhum outro termo da oração.

Vejamos mais alguns exemplos no trecho a seguir, do belíssimo poema em prosa de Vinícius de Moraes, intitulado «O camelô do amor»:

«É favor suspender por alguns minutos a partida, **Senhor Juiz Armando Marques**!

Conserva-lo assim, o pé no ar, **meu bom Pelé**, qual fantástico dançarino.

Feras da Seleção: atenção!

Alerta, **aviadores do Brasil**!

Capitães de mar: estamos no ar!»

Análise do pronome relativo

Pronome relativo é a palavra que:

- substitui o termo de uma oração anterior;
- estabelece relação entre duas orações.

Exemplo:

Repreendeu os amigos.	Os amigos	falharam.
Repreendeu os **amigos** ↓ anteced.	**que** ↓ relativo pronome	falharam.

Chama-se de antecedente o termo a que o pronome relativo substitui.

Artifício para analisar o pronome relativo:

• Substitui-se o pronome pelo seu antecedente.

• A análise que couber ao termo substituto caberá ao pronome relativo.

Assim:

Repreendeu os amigos que falharam.

Substituindo o **que** pelo seu antecedente, teremos:

Os amigos	falharam.
sujeito	predicado

Daí se conclui que, na frase em questão, o pronome relativo **que**:

• está substituindo o termo **amigos**.

• com a função de **sujeito** de **falharam**.

Exercícios

1) Faça a correlação, de acordo com as seguintes opções:

a) complemento nominal

b) adjunto adnominal

c) adjunto adverbial

d) aposto

e) vocativo

1. ( ) «O estômago acompanhava a dor **do coração.**» (Machado de Assis)

2. ( ) «Segure o garfo **direito.**» (F.S.)

3. ( ) «Fiel **à disciplina religiosa,** compreendia celestialmente as almas.» (P.M.C.)

4. ( ) «Quem foi que teve a idéia **dessa brincadeira repulsiva?**» (C.D.A.)

5. ( ) «Sua leitura é rigorosamente especializada: **livros coloridos sobre bichos.**» (Paulo Mendes Campos)

6. ( ) «**Pescadores,** onde está Ariana?» (Vinícius de Moraes)

7. ( ) «Na brutalidade **do ferreiro tem** uma delicadeza escondida.» (J.J. Veiga)

8. ( ) «Sentiu um grande desgosto **de si mesmo**.» (Inglês de Souza)

9. ( ) «Passava-se isto na Rua **da Lapa,** em 1870.» (Machado de Assis)

10. ( ) «O inquiridor despediu-se **com um muxoxo**.» (Carlos Drummond de Andrade)

11. ( ) «Arrancaram-se depois os pedais e ornatos de **metal.**» (A. M. Machado)

12. ( ) «Com repugnância pela obra **de misericórdia** que ia praticar, ele aproximou-se da gaiola.» (Carlos Drummond de Andrade)

13. ( ) «O povo, **Doroteu,** é como as moscas.» (T.A.G.)

14. ( ) « O pintor **Laurentino** foi saindo.» (José Lins do Rego)

15. ( ) «Você teve saudades **de mim**?»
(Fernando Sabino)

2) Nas questões que seguem, faça o seguinte trabalho:

1. transforme os dois períodos em um só, usando o pronome relativo;

2. identifique a função sintática do pronome relativo.

Modelo: Você me aconselhou um livro. Este livro me agradou muito.

1. Transformação: **Você me aconselhou um livro que me agradou muito.**

2. Função sintática do pronome relativo: **sujeito.**

Continue:

a) Eu visitei a casa. Essa casa foi desapropriada.

1. Transformação: ....

....

2. Função sintática do pronome relativo:...

....

b) Eu **visitei** a casa. Nessa casa você morou

1. Transformação: ....

....

2. Função sintática do pronome relativo:...

....

c) Eu visitei a casa. Você comprou essa casa.

1. Transformação: ....

....

2. Função sintática do pronome relativo:...

....

d) Eu visitei a casa. A essa casa você se referiu.

1. Transformação ....

....

2. Função sintática do pronome relativo:

....

3) Nas frases que seguem há um pronome relativo.

Indique o seu antecedente; classifique sintaticamente esse pronome.

a) «Meu pai, que me não esperava. abraçou-me cheio de ternura (...)» (M. de Assis)

Antecedente do pronome relativo: ....

....

Função sintática do pronome: ....

b) «Ninguém se mexeu do lugar em que estava.» (Aluízio de Azevedo)

Antecedente do pronome relativo: ....

Função sintática do pronome: ....

c) «Despia a roupa que vestira para ir ver o homem.» (Clarice Lispector)

Antecedente do pronome relativo: ....

Função sintática do pronome: ....

d) O policial contava casos em que ninguém acreditava.

Antecedente do pronome relativo: ....

Função sintática do pronome: ....

Questões discursivas

1. (FEI-SP) Resolva as questões a seguir conforme o código que segue:

a) adjunto adverbial de lugar;

b) adjunto adverbial de tempo;

c) adjunto adverbial de modo;

d) adjunto adverbial de causa.

I – **Segunda-feira** haverá um jogo importante.

II – **Com o mau tempo** não podemos trabalhar ao relento.

III – O livro foi acolhido **com entusiasmo** pelos leitores.

IV – O automóvel parou **perto do rio.**

2. (FUVEST) Leia com atenção o texto que segue:

«E todos principiaram **muito** calmos, falando de papai. A imagem dele foi diminuindo e virou uma estrelinha brilhante no céu. **Agora** todos comiam o peru **com sensualidade,** porque papai fora muito bom, **sempre** se sacrificara tanto **por nós,** fora um santo... » (Mário de Andrade)

Indique que tipo de circunstância exprimem os adjuntos adverbiais destacados no texto acima:

a) **muito** = adjunto adverbial de ....

b) **Agora** = adjunto adverbial de ....

c) **com sensualidade** = adjunto adverbial de ....

d) **sempre** = adjunto adverbial de ....

e) **por nós** = adjunto adverbial de ....

3. (CÁSPER LÍBERO-SP) «As flores que adornam nosso jardim são lindas.» Nesse texto qual a função do pronome relativo «que»:

Resp. ....

4. (UEL-PR) «... O espírito do ex-professor, vexado daquele pensamento, arrepiou caminho, buscou outro assunto, uma canoa que ia passando; o coração, porém, deixou-se estar a bater de alegria. Que lhe importa a canoa nem o canoeiro, que os olhos do Rubião acompanham, arregalados?...»

Quais as respectivas funções sintáticas do **que** em:

a) «uma canoa que ia passando...»

b) «... nem o canoeiro, que os olhos...»

Resposta: a) ....

b) ....

5. (FUVEST) Leia atentamente o texto seguinte:

«Quando hoje acordei, ainda fazia escuro
(Embora a manhã já estivesse avançada).

Chovia.

Chovia uma triste chuva de resignação

Como contraste e consolo ao calor tempestuoso da noite. Então me levantei.

Bebi o café que eu mesmo preparei.

Depois me deitei novamente, acendi um cigarro e fiquei pensando.

Humildemente pensando na vida e nas mulheres que amei.»

(Manuel Bandeira, *Poema só para Jaime Ovalle.*)

a) Transcreva a frase cujo verbo, geralmente intransitivo, está empregado transitivamente no poema:

....

....

b) Nas passagens: «Bebi o café que eu mesmo preparei...» e «...pensando na vida e nas mulheres que amei», tem o **que** a mesma função sintática? Sim ou não? Justifique a resposta.

Resp. ....

....

....

....

6. (FEI-SP) Analise os termos destacados, sintalicamente: A crítica do jornalista ao jogador foi exagerada e maldosa.

a) do jornalista ....

b) ao jogador ....

Testes

1) (UFU-MG) Todos os períodos abaixo possuem vocativo, exceto:

a) «Laffont, dono de quase todos os cassinos e estádios de corridas de cães, um dos tipos mais ricos da China, quer que madame cante na recepção que vai dar na quinta-feira.»

b) «Mas me lembrei deste lugar justamente porque não quero que você se arrisque, meu anjo.»

c) «Você pode sair amanhã, você pode sair todos os dias, mas pelo amor de Deus, Lu, fica hoje!»

d) «Sente-se aí, meu caro, já estou saindo do banho.»

e) «Tom, você acha que esta luva combina?... Tom, estou falando, responda!»

2) (UFPR) «Sinto o mundo exânime a meus pés.» Na frase anterior, a palavra exânime **tem a função sintática de:**

a) adjunto adnominal.

b) adjunto adverbial de modo.

c) aposto.

d) predicativo do sujeito.

e) predicativo do objeto.

3) (UFSC) Marque o conjunto que corresponde sintaticamente e de forma respectiva às funções desempenhadas por apressado e esquerdo**, na frase seguinte: «Dario vinha apressado, o guarda-chuva no braço esquerdo...»**

a) adjunto adnominal/adjunto adverbial.

b) predicativo do objeto/adjunto adverbial.

c) predicativo do sujeito/adjunto adnominal.

d) adjunto adverbial/adjunto adnominal.

e) predicativo do sujeito/predicativo do objeto.

4) (UFPR) «Entre o lago e as flores, desliza alegria nas areias quietas, cantos de ciranda, sapatinhos brancos, asas velozes de borboletas**». A expressão em destaque é:**

a) adjunto adnominal.

b) adjunto adverbial.

c) complemento nominal.

d) objeto direto.

e) n.d.a.

5) (UFSC) Observe os períodos abaixo e assinale a alternativa em que o lhe **é adjunto adnominal:**

a) ...anunciou-lhe: Filho, amanhã vais comigo.

b) O peixe cai-lhe na rede.

c) Ao traidor, não lhe perdoaremos jamais.

d) Comuniquei-lhe o fato ontem pela manhã.

e) Sim, alguém lhe propôs emprego.

6) (CESGRANRIO) Assinale a opção em que o pronome lhe **apresenta o mesmo valor significativo que possui em: «uma espécie de riso sardônico e feroz contraía-lhe as negras mandíbulas».**

a) A mãe apalpava-lhe o coração.

b) Aconteceu-lhe uma desgraça.

c) Tudo lhe era indiferente.

d) Ao inimigo não lhe rogo perdão.

e) Não lhe contei o susto por que passei.

7) (UEM-PR) O Brasil jovem **está «curtindo» o** vestibular**.**

Os termos destacados, no período acima, são respectivamente:

a) adjunto adverbial e objeto direto.

b) predicativo do sujeito e objeto direto.

c) adjunto adnominal e complemento nominal.

d) adjunto adnominal e objeto direto.

e) adjunto adverbial a predicativo do sujeito.

8) (FMU-SP) Em «Eu era enfim**, senhores,** uma graça de alienado**», os termos da ora-**

ção em destaque são respectivamente, do ponto de vista sintático:

a) adjunto adnominal, vocativo e predicativo do sujeito.

b) adjunto adverbial, aposto e predicativo do objeto.

c) adjunto adverbial, vocativo e predicativo do sujeito.

d) adjunto adverbial, vocativo e objeto direto.

e) adjunto adnominal, aposto e predicativo do sujeito.

9) (CESCEA-SP) Aponte a alternativa em que ocorre adjunto adverbial de causa**:**

a) Compro livros com o dinheiro.

b) O poço secou com o calor.

c) Estou sem amigos.

d) Vou ao Rio.

e) Pedro é efetivamente bom.

10) (UNESP) «Para ser sincero, todos os fregueses aqui dentro **têm o rosto vermelho, são gordos... »**

Indique a alternativa em que a expressão destacada exerça a mesma função sintática de **aqui dentro,** do trecho acima transcrito:

a) Sentamo-nos numa das mesas ao fundo, depois de apanharmos **a nossa cerveja**...»

b) **«Na mesa próxima,** gordos irlandeses de rosto vermelho e olhar azul...»

c) «Mas **o seu braço** agora estendido deixa entrever o princípio de uma tatuagem.»

d) «...não se dá ao trabalho de tirar **o chapéu**.»

e) «Os únicos diferentes somos nós e um sujeito de cara **larga**...»

11) (FUVEST) «Os ilhais da fera arfam de fadiga, a espuma franja-lhe a boca, as pernas vergam, e os olhos amortecem de cansaço.»

Os termos **de fadiga** e **de cansaço** funcionam como:

a) adjuntos adverbiais de modo.

b) adjuntos adverbiais de causa.

c) adjunto adverbial de causa e adjunto adverbial de modo, respectivamente.

d) adjunto adverbial de modo e adjunto adverbial de causa, respectivamente.

e) adjuntos adnominais.

12) (UNESP) «Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade**.» O trecho destacado é:**

a) complemento nominal.

b) vocativo.

c) agente da passiva.

d) objeto direto.

e) aposto.

13) (FMU-SP) Leia as expressões destacadas na seguinte passagem: «E comecei a sentir falta das pequenas brigas **por causa do tempero na salada –** o meu jeito de querer bem**.» Tais expressões exercem, respectivamente, a função sintática de:**

a) objeto indireto e aposto.

b) objeto indireto e predicativo do sujeito.

c) complemento nominal e adjunto adverbial de modo.

d) complemento nominal e aposto.

e) adjunto adnominal e adjunto adverbial de modo.

14) (UFPb) Os termos destacados estão corretamente classificados, exceto em:

1. Ficaram encantados **com sua gentileza**. = objeto indireto.

2. Com as mãos no rosto, parecia **petrificado**. = predicativo do sujeito.

4. **Quanto** tempo perdido em brincadeiras! = adjunto adnominal.

8. Procurava alívio **para seus sofrimentos**. = complemento nominal.

16. A mim, **pobre infeliz,** todos abandonam. = aposto.

32. A mim, todos **me** abandonam. = obj. direto pleonástico.

64. Respeite-**me** as cãs. = adjunto adnominal.

(ITA-SP) As questões de n°s 15 e 16 referem-se ao seguinte texto:

Plena nudez

Eu amo os gregos tipos de escultura:
Pagãs nuas no mármore entalhadas;
Não essas produções que a estufa escura
Das modas cria, tortas e enfezadas.

Quero em pleno esplendor, viço e frescura
Os corpos nus; as linhas onduladas
Livres: da carne exuberante e pura
Todas as saliências destacadas.

Não quero, a Vênus opulenta a bela
De luxuriantes formas, entrevê-la
Da transparente túnica através:

Quero vê-la, sem pejo, sem receios,
Os braços nus, o dorso nu, os seios
Nus... toda nua, da cabeça aos pés!

15) Gramaticalmente, os termos «de escultura», «no mármore» e «entrevê» classificam-se como:

a) locução adjetiva, locução adverbial, verbo transitivo direto;

b) locução adverbial, locução adverbial, verbo transitivo direto e indireto;

c) locução adjetiva, locução adjetiva, verbo transitivo indireto;

d) complemento nominal, adjunto adnominal, predicado verbal;

e) adjetivo, substantivo, verbo intransitivo.

16) Qual das afirmativas abaixo é **correta para** a palavra «que», do 3º verso:

a) gramaticalmente: pronome relativo; sintaticamente: sujeito.

b) gramaticalmente: conjunção integrante; sintaticamente: objeto direto.

c) gramaticalmente: conjunção consecutiva; sintaticamente: a mesma função de «os corpos nus».

d) gramaticalmente: conjunção conclusiva; sintaticamente: sujeito.

e) gramaticalmente: pronome relativo; sintaticamente: a mesma função do «essas produções».

Descontraia!

Antes da próxima etapa, viva um pouco de Curitiba, com Dalton Trevisan.

«O ciclista»

«Curvado no guidão lá vai ele numa chispa. Na esquina dá com o sinal vermelho e não se perturba – levanta vôo bem na cara do guarda crucificado. No labirinto urbano persegue a morte com o trim-trim da campainha: entrega sem derreter sorvete a domicílio.

É sua lâmpada de Aladino, a bicicleta e, ao sentar-se no selim, liberta o gênio acorrentado ao pedal. Indefeso homem, frágil máquina, arremata impávido colosso, desvia de fininho o poste e o caminhão; o ciclista por muito favor derrubou o boné.

Atropela gentilmente e, vespa furiosa que morde, ei-lo defunto ao perder o ferrão. Guerreiros inimigos trituram com chio de pneus o seu diáfano esqueleto. Se não estrebucha ali mesmo, bate o pó da roupa e – uma perna mais curta – foge por entre as nuvens, a bicicleta no ombro.

Opõe o peito magro ao pára-choque do ônibus. Salta a poça d'água no asfalto. Num só corpo, touro e toureiro, golpeia ferindo o ar nos cornos do guidão.

No fim do dia, José guarda no canto da casa o pássaro de viagem. Enfrenta o sono trim-trim a pé e, na primeira esquina avança pelo céu na contramão, trim-trim.»

in: *Os Desastres do Amor.*

Respostas da unidade 23 — Análise Sintática – Termos da Oração

I —Termos essenciais

Exercícios — pág. 307

1) — a) suj. simples (oculto) **«eu»** b) inexist. c) indeterm. d) simples **«balão»** e) simples (oculto) **«tu»** f) composto **«homens e mulheres»** g) inexist. h) indeterm. i) simples (oculto) **«tu»** j) inexist. l) inexist. m) inexist. n) simples **«alguns minutos»** o) inexist. p) indeterm. q) simples **«a figura humilde e meiga da mãe preta»** r) simples **«comentários maldosos»** s) inexist. t) simples **«minha cantiga»** u) simples **«o seu corpo»** v) inexist. x) indeterm.

2) — 1.b 2.a 3.c 4.b 5.a 6.a 7.b 8.a 9.c 10.b 11.a 12.c 13.a 14.a 15.c

3) — a) S b) O c) S d) S e) O f) S g) O h) S i)S j)S l)S m)S

4) — a) TD b) VI c) TI d) 1. VL 2.VI e) TD f) TDI g) VI h) VL i) VL j) VI l) VI

Questões discursivas — pág. 309

1) a) Toda a humanidade b) inexist.
2) livros de Engenharia.
3) indeterm.
4) passou — o ataque; tocaram — indeterm.; vi — eu (implícito).
5) «os primeiros passos do burro» — suj. simples.
6) adj. adv. causa; suj.; predicat. do suj.
7) responsável (predic. do obj.).
8) a) predic. do suj. b) adj. adn. c) predic. do suj.

Testes — pág. 310

1 - d 4 - c 7 - c 10 - c 13 - 10 16 - 52
2 - e 5 - e 8 - d 11 - c 14 - 11
3 - e 6 - b 9 - b 12 - 46 15 - 34

II — Termos integrantes

Exercícios — pág. 315

1 — a, b, e, d, e, b, b, a/b, d, a.

2 — 1) o 2) lhes 3) a 4) os 5) lhes.

3 — 1) OD 2) OI 3) OI 4) OD pleon. 5) OD prep.

4 — a) OD b) OI c) OD d) OI e) OI f) OD g) OI h) OD i) OI j) OD

5 — a) ...esfolavam-na. b) ...fervê-la. c) ...lambendo-os. d) ...tomá-lo. e) ...comemorá-lo, executavam-nas no ar. f) Deram-lhe... g) Empurrou-a. h) Ouviram-no. i) Pediram-lha. j) Negaram-lhe uma...

6 — a) Estes casos, já os comentei. b) Ao mestre, não lhe convém a resposta. c) Estas recomendações, eu as faço com insistência. d) Ao povo, não lhe interessam essas leis.

Questões discursivas — pág. 316

1) OD prepos.
2) A mulher serviu-**lho**.
3) ferve-**me**: adj. adn. (= meu); acalma-**o**: OD; beija-**me**: OD.
4) a) OI b) OD.
5) **mo** (ME + O) = OI + OD.
6) a) OD prep. b) OI.

Testes — pág. 317

1 - c 4 - c 7 - c 10 - b 13 - 41
2 - e 5 - c 8 - b 11 - a
3 - c 6 - c 9 - a 12 - 33

Exercícios — pág. 320

1) — 1, 3, 1, 1, 3, 2, 1, 2, 3, 1, 2, 1.
2) — c, e, d, f, b, a, a, f, b, d, a, b, a, e, b, d, e, a, c, c.

3) — 1) não é possível (VI). 2) os homens não são compreendidos pelos anjos (VTD). 3) não é possível (VTI). 4) Esta coragem de leão forame dada pelo amor (VTDI).

4) — 1. Faça-se a vossa vontade. 2. Enviaram-se vários soldados... 3. Não se discutem gostos. 4. Pintam-se geladeiras no local. 5. Tinha-se usado mais de um artifício. 6. Perdeu-se uma caneta esferográfica. 7. Ver-se-ia o eclipse se o tempo... 8. Vasos ruins não se quebram.

5) — 1. são esquecidos 2. é conhecido 3. são contadas 4. sejam construídas 5. foram descobertos

Testes — pág. 322

1 - b
2 - c
3 - e
4 - c
5 - b
6 - c
7 - d
8 - a
9 - a
10 - d
11 - e
12 - a
13- b
14 - a
15 - 11
16 - 14

III — Termos acessórios

Exercícios — pág. 327

1) — b, c, a, a, d, e, b, a, d, c, b, b, e, d, a.

2) — a) Eu visitei a casa que foi desapropriada (suj.). b) eu visitei a casa onde (em que) você morou (adj. adv. lugar). c) eu visitei a casa que você comprou (OD). d) eu visitei a casa a que você se referiu (OI).

3) — a) antec. **pai** (suj.) b) antec. **lugar** (adj. adv. lugar) c) antec. **roupa** (OD) d) antec. **casos** (OI).

Discursivas — pág. 328

1) B, D, C, A.

2) a) intensidade b) tempo c) modo d) tempo e) causa.

3) suj.

4) a) suj. b) OD.

5) a) chovia uma triste chuva de resignação. b) Sim, os dois são OD.

6) a) adj. adn. b) compl. nom.

Testes — pág. 329

1 - a
2 - e
3 - c
4 - a
5 - b
6 - a
7 - d
8 - c
9 - b
10 - b
11 - b
12 - e
13 - d
14 - 01
16 - a
17 - e

23 Análise Sintática – Termos da Oração

Conceituação

A análise é um processo de divisão.

Compõe-se de duas partes distintas:

a) divisão de um todo em suas partes componentes;

b) explicação da função de cada uma dessas partes.

A análise sintática tem seu campo de ação assim delimitado:

Período
Oração
Termos da oração

Frase - Oração - Período

FRASE é qualquer enunciado dotado de significação.

A frase pode ser constituída de:

- uma só palavra.

Ex.: Socorro!

- várias palavras (com verbo ou não).

Ex.: O tempo está nublado. Que calor!

Na língua escrita, a frase separa-se por meio dos sinais de pontuação.

Na língua falada, a frase separa-se por meio do entonação.

→ A frase que não tem verbo se denomina frase **nominal**.

ORAÇÃO é a frase que apresenta verbo ou LOCUÇÃO **VERBAL.**

Ex.: A fanfarra desfilou na avenida.

As festas juninas estão chegando.

PERÍODO é a frase estruturada em oração ou orações.

Termina sempre por um ponto final, ponto de exclamação, ponto de interrogação, reticências e, às vezes, dois-pontos.

– O período classifica-se em:

• **Simples** – aquele constituído por uma só oração.

Essa oração chama-se absoluta.

Ex.: Fui à livraria ontem.

• **Composto –** aquele constituído por mais de uma oração.

Ex.: Fui à livraria ontem e comprei vários livros.

Termos da oração

I – Essenciais
  Sujeito
    – Simples
    – Composto
    – Indeterminado
    – Inexistente ou oração sem sujeito
  Predicado
    • Nominal
    • Verbal
    • Verbo-nominal
      Predic. do Suj.
      Predic. do Obj.
II – Iintegrantes
  Complemento Verbal
    Objeto Direto
    Obj. Indireto
  Complemento Nominal
  Agente da Passiva
III – Acessórios
  Adjunto Adnominal
  Adjunto Adverbial
  Aposto
IV – Vocativo
  { Não pertence à estrutura da oração.

Predicado verbal

Antes de passar ao estudo dos termos da oração, é importante o exame da predicação verbal, ou seja, a relação do verbo com seu complemento.

Quanto à predicação, os verbos podem ser:

1. INTRANSITIVOS	diretos
2. TRANSITIVOS	indiretos
3. DE LIGAÇÃO	diretos a indiretos

Intransitivos

São verbos de **predicação completa,** isto é, não exigem nenhum complemento, **porque têm sentido completo por si sós.**

Na prática, descobre-se **o verbo intransitivo** porque ele não aceita o raciocínio com **«alguma coisa» ou «alguém».**

Ex.: Os verbos VIVER, MORRER, VOAR, DORMIR são intransitivos, pois não há sentido em se dizer:

Quem vive, vive «alguma coisa» ou «alguém»

Tal procedimento aplica-se aos demais verbos:

Vivemos bem.
A baleia **morreu** na praia.
O pássaro não **voou** pela manhã.
Os rapazes **dormiram** bastante.

Transitivos diretos

São verbos de **predicação incompleta,** isto é, **exigem depois de si um complemento,** que lhe completa o sentido.

Na prática, descobre-se o **transitivo direto por** que ele aceita o raciocínio com **«alguém» ou «alguma coisa»**.

Os verbos TER, ESTUDAR, COLAR, AMAR são transitivos diretos, pois é lógico dizer-se:

Quem tem, tem «alguma coisa».

Quem ama, ama «alguém».

O mesmo procedimento aplica-se aos demais verbos:

Tenho **um grande amigo.**
Estudei **a matéria toda.**
O aluno colou **o cartaz.**

— São DIRETOS porque entre o verbo e o complemento **não há preposição obrigatória.** Os complementos prendem-se aos verbos **SEM PREPOSIÇÃO.**

Transitivos indiretos

Também são verbos de **predicação incompleta,** mas estes **exigem que o complemento venha ligado a eles por meio de uma preposição obrigatória.**

Na prática, encontra-se o **transitivo indireto** porque ele aceita o raciocínio **«de (com) (em) (a) (para) (por) alguma coisa» ou «alguém**».

Os verbos GOSTAR, ASSISTIR, CRER, PRECISAR são transitivos indiretos, pois é lógico dizer-se:

Quem gosta, gosta «de alguma coisa» ou de «alguém».
Quem assiste, assiste «a alguma coisa».

O mesmo procedimento aplica-se aos demais verbos:

Cremos **em Deus**.
O aluno precisa **de incentivo**.
O filho (des)obedece **ao pai**.

Os complementos prendem-se aos verbos **COM PREPOSIÇÃO.**

Transitivos diretos e indiretos

Também são verbos de predicação incompleta que exigem dois complementos: um ligado diretamente, **SEM PREPOSIÇÃO,** e outro **COM PREPOSIÇÃO.**

Na prática, identifica-se o transitivo direto e indireto porque ele aceita o raciocínio duplo **«alguma coisa» «a (para) (de) ... alguém».**

Os verbos COMUNICAR, OFERECER, DAR, EMPRESTAR são transitivos diretos e indiretos, pois é lógico dizer-se:

Quem dá, dá «alguma coisa a (para) alguém».
Quem faz, faz «alguma coisa a (por) alguém».

Comuniquei-**lhe o fato**.
Comuniquei-**o sobre o fato**.
Emprestei **a caneta ao vestiba**.

De ligação

São verbos que indicam apenas **qualidade ou estado ou função,** ligando o sujeito ao elemento que a ele se refere.

São verbos de ligação:

FICAR, ESTAR, SER, PARECER, PERMANECER, ANDAR, CONTINUAR etc.

O dia está lindo.
O vestiba permanece tranqüilo.
A sala é ampla.

→ **Observações:**

a) Os verbos de **ligação** tornam-se **intransitivos** se vierem acompanhados de **adjunto adverbial** apenas.

É muito tarde.
Ele **está** na cidade.
Ficarei em casa.

b) Verbos TRANSITIVOS podem **intransitivar-se** se forem usados de forma genérica:

Aquele menino não **estuda**.
O doente quase não **come**.

Estudar e comer, normalmente transitivos, estão usados de forma genérica, isto é, indeterminada – não têm complemento – e, por isso, tornaram-se INTRANSITIVOS.

c) Verbos **intransitivos** podem **transitivar-se** se receberem, como complemento, palavra cognata do verbo ou do mesmo grupo de idéias.

Tais complementos deverão vir acompanhados de uma palavra ou expressão de valor adjetivo:

O velho **morreu** morte gloriosa.
A noiva **chorou** lágrimas de desespero.

Os verbos MORRER e CHORAR, que normalmente são intransitivos, nos exemplos acima tornaram-se TRANSITIVOS DIRETOS, pois:

-- **«morreu»** teve como complemento a palavra cognata **«morte»,** acompanhada do adjetivo **«gloriosa».**
-- **«chorou»** teve como complemento a palavra do mesmo grupo de idéias **«lágrimas»,** acompanhada da expressão adjetiva **«de desespero».**

I. Termos essenciais

Sujeito

Predicado

As orações são constituídas, quase sempre, de dois termos que expressam, respectivamente:

a) — **O ser** (de quem se diz algo) – SUJEITO

b) — **Aquilo que se diz** (do ser) – PREDICADO

Vejamos:

SUJEITO	PREDICADO
O vestibulando	estudou a matéria.
Os alunos	entreolharam-se.
(Nós)	Sabemos toda a matéria
....	Faz muito tempo.

Sujeito

É o ser de quem se diz alguma coisa. Como termo de maior hierarquia dentro da oração, jamais poderá vir regido de preposição.

→ MODO DE ENCONTRÁ-LO – fazem-se as perguntas:

O que é que **+ verbo?**
quem é que

Ex.: O aluno saiu. (Quem é que saiu?)

Resposta – o aluno (sujeito)

Núcleo do sujeito

O núcleo de um termo é a palavra mais importante que dele participa.

Em geral, o núcleo do sujeito pode ser:

- um substantivo.

Ex.: O **lápis** é novo.

- um pronome pessoal, demonstrativo, relativo, interrogativo e indefinido.

Ex.: **Ele** está aqui.

- uma palavra ou expressão substantivada.

Ex.: **Viver** é lutar

- uma oração substantiva.

Ex.: Convém **que você venha à reunião.**

Classificação

Classifica-se em:

1. SIMPLES
2. COMPOSTO > DETERMINADOS
3. INDETERMINADO
4. INEXISTENTE

Simples

Possui **um só núcleo** (no singular ou no plural/claro ou subentendido).

Ex.:

Os **sinos** silenciaram.

Ninguém ousou levantar a voz.

Os nossos **guarda-chuvas** foram roubados.

Esse quê está bem empregado.

Somos os melhores. (= suj. oculto simples: nós) (= ou implícito: nós)

Composto

Possui **dois ou mais núcleos** (no singular ou no plural).

Ex.:

O amar e o querer são requisitos básicos para a felicidade.

Eu e ela somos adversários.

Redação e vestibular coexistem nas preocupações dos que se preparam bem.

Indeterminado

Aquele que, embora existindo, não se pode determinar.

Ocorre em dois casos:

→ 1**. Quando um verbo está na 3ª pessoa plural,** sem que o contexto nos permita identificar o sujeito:

Roubaram-me a carteira.

→ 2. **PIS/IIS – quando um verbo** (I, TI ou VL) **está na 3ª pessoa singular acompanhado do pronome SE:**

Ex.:

Hoje, lê-se (V.I.) mais nos tecidos do que nos livros.

Falava-se (V.T.I.) de cobras e índios.

Era-se (V.L.) feliz naqueles tempos.

Aqui se estuda (V.I.) com amor.

→ **Observação:** A indeterminação do sujeito pode ocorrer com TD + SE, desde que o OD esteja preposicionado:

Ex.: Admira-se	a Machado de Assis.
TD	OD prep.

Atenção

Não se confunda o SE PIS ou IIS com o SE – pronome apassivador → PA (com verbos TD):
→ Ouviram-se tiros espaçados.
→ Sujeito: tiros espaçados (Tiros espaçados foram ouvidos.)
→ Ouviu-se um vozerio.
→ Sujeito: um vozerio (Um vozerio foi ouvido.)

Inexistente ou oração sem sujeito

Ocorre quando o fato enunciado não se refere a elemento algum. Essas orações se constroem com os **verbos impessoais,** isto é, **usados na 3ª pes. sing.**

Os casos de oração sem sujeito são os seguintes:

1) Verbos que exprimem fenômenos da natureza:

- Não **ventava.**
- No dia seguinte **choveu** torrencialmente.

2) O verbo **HAVER = EXISTIR** ou quando indica tempo decorrido:

- **Havia** ali ordem e paz.
- Há mais de meio século...
- **Deve haver** vários alunos dormindo.

3) Os verbos **SER, FAZER, ESTAR,** indicando tempo, temperatura, horas, datas...

- Faz dois meses.
- **Está** noite.
- **Eram três** horas da manhã.
- Hoje **são** 15 de novembro.
- Hoje **é** 15 de novembro.
- **Faz** um calor insuportável.
- **Deve fazer** mais de um ano.

Observações:

1) Os verbos empregados impessoalmente transmitem sua impessoalidade aos auxiliares:

Exs.: — **Deve haver** reclamações.

— **Principia a haver** dificuldades.

2) Além dos casos anteriores, muitas outras construções há que ocorrem sem sujeito possível:

Exs.: — Aqui não me cheira bem.

— Onde lhe dói?

3) Diz-se, indiferentemente, sujeito inexistente ou oração sem sujeito.

Predicado

PREDICADO é o que se declara do sujeito. Portanto, retirado o sujeito, o que restar será o predicado.

Classificação

Pode ser:

1. NOMINAL
2. VERBAL
3. VERBO-NOMINAL

Nominal

Apresenta as seguintes características:

a) é formado por um **verbo de ligação** mais o **predicativo do sujeito – VL + PS;**

b) tem um nome (subst. ou adj.) como núcleo;

c) indica **estado ou qualidade.**

O vestiba	está	confiante
Suj.	VL	PS

$$\underbrace{\text{VL} \quad \text{PS}}_{\text{Pred. nom.}}$$

→ núcleo: $\boxed{\text{confiante}}$

VERBOS DE LIGAÇÃO: ficar, estar, ser, parecer, permanecer, andar, continuar, tornar-se, (mudança de estado) etc.

A crisálida	virou	borboleta
Suj.	VL	PS

Observação:

Com VL haverá sempre PS (termo que, com VL, dá ao sujeito estado ou qualidade).

Verbal

É aquele que se constitui de verbo **intransitivo ou transitivo.**

Apresenta as características:

a) o núcleo do PV é um **verbo;**

b) não tem PS;

c) indica ação.

Ex.:

O aluno fez as provas calmamente.
↓
Suj. V.T.D. Pred. Verbal

→ núcleo: fez

Verbo-nominal

Apresenta as seguintes características:

a) tem dois núcleos: **um verbo e um nome.**

b) tem **predicativo do sujeito ou do objeto** → PS ou PO;

c) indica **ação e qualidade.**

É constituído de:

$\boxed{\text{VI + PS}}$ verbo intransitivo mais predicativo do sujeito

ou

$\boxed{\text{VT + PO}}$ verbo transitivo mais predicativo do objeto

- Os atletas chegaram cansados =
  VI + PS
  PVN

= {
Os atletas chegaram e
Suj. VI
PV
os atletas estavam cansados.
Suj. VL PS
PN

→ Observação:

O PS (predicativo do sujeito) no PVN é o termo que ajuda o VI a comunicar estado ou qualidade do SUJ.

- Elegemos nosso candidato vereador =
  VT OD PO
  PVN

= {
Elegemos nosso candidato e
VTD OD
PV
nosso candidato é vereador.
Suj. VL PS
PN

Outros exemplos:

→ O chefe nomeou-o secretário.

→ Os alunos vieram atrasados.

→ O aluno saiu preocupado.

→ Considero você um idiota.

Exercícios

1) Classifique o sujeito dos verbos destacados nas orações abaixo:

a) «Terei a mulher que eu quero...»
(M. Bandeira)

....

b) «Não há mais poesia.» (M. Bandeira)

....

c) Ficavam correndo o dia todo.

....

d) «Cai balão!» (M. Bandeira)

....

e) Ias triste e lúcido pela rua.

....

f) «Homens e mulheres mantêm-se quietos ante o enorme chicote do Abelardo II.»
(O. do Andrade)

....

g) Deve haver enganos nesta classificação dos poetas modernistas.

....

h) Necessita-se de outras explicações.

....

i) Onde estavas?

....

j) Haverá outros poetas tão irreverentes quanto Oswald de Andrade?

....

l) Hoje é 2 de julho de 1981.

....

m) No Rio faz dias muito quentes.

....

n) Faltam alguns minutos para o término da aula.

....

o) Ontem fez 40 graus a sombra.

....

p) Trabalha-se muito nesta cidade.

....

q) Por toda a parte era reconhecida a figura humilde e meiga da mãe preta.

....

r) Choveram comentários maldosos a seu respeito.

....

s) Havia alegria e rumor ao pé das fogueiras.

....

t) «Andorinha, andorinha, minha cantiga mais triste!» (M. Bandeira)

....

u) Como seria o seu corpo?

....

v) «**Fosse** uma manhã de sol
O índio tinha despido o português.»
(O. de Andrade)

....

x) «Para dizerem milho **dizem** mio.»
(O. de Andrade)

....

2) Faça a correlação, tendo em vista o tipo de predicado, e sublinhe o predicativo, se houver:

(a) Predicado verbal

(b) Predicado nominal

(c) Predicado verbo-nominal

1. ( ) «O homem parecia assustado.» (J. L. do Rego)

2. ( ) O freguês saiu da loja.

3. ( ) «Nossos guerreiros voltaram vitoriosos.» (E. Veríssimo)

4. ( ) O mágico parece ágil.

5. ( ) Nossos guerreiros voltaram.

6. ( ) Nossos guerreiros lutaram bravamente.

7. ( ) «Natividade ficou atônita...» (M. de Assis)

8. ( ) O homem enfrentou seu adversário.

9. ( ) O freguês saiu da loja satisfeito.

10. ( ) «Não sou o herói do dia.» (C. Ricardo)

11. ( ) «Os sapos gargarejavam alto.» (R. Pompéia)

12. ( ) Virgília entrou tristonha e sossegada.» (M. de Assis)

13. ( ) Virgília entrou cautelosamente.

14. ( ) «Os guindastes rangiam.» (J. Amado)

15. ( ) Os rapazes receberam alegres as medalhas.

3) Escreva nos parênteses:

(S) para predicativo do sujeito;

(O) para predicativo do objeto.

a. ( ) Carmela e Marina assistiram **alegres** ao espetáculo.

b. ( ) Consideramos Luzia **uma excelente datilógrafa.**

c. ( ) Estava **irritado** com as brincadeiras.

d. ( ) O inverno será **rigoroso.**

e. ( ) Encontramos Maria Clara **mais envelhecida.**

f. ( ) A lei foi considerada **injusta.**

g. ( ) Consideraram a lei **injusta.**

h. ( ) Estou **farto do lirismo comedido.**

i. ( ) O meu verso é **bom**.

j. ( ) Na calçada os homens caminhavam **descobertos**.

l. ( ) Qual dos dois era **o melhor**?

m. ( ) Vocês nem parecem **brasileiros!**

4) Classifique os verbos em destaque nas orações abaixo quanto à predicação:

a) Alcântara Machado **retrata** a nova realidade social e urbana do começo do século.

....

b) «Diante da mãe e do chinelo **parou**.» (A. Machado)

....

c) **Referimo-nos** aos cronistas urbanos.

....

d) «Primeiro **ficou**[1] desapontado.

....

Depois quase **chorou**[2] de ódio.» (Alcântara Machado)

1. ....

2. ....

e) «Você **conhecia** o pai do Afonso, Pepino?» (A. Machado)

....

f) «Seu Pepino lhe **deu** um cocre danado de doído.» (A. Machado)

....

g) O primeiro ensaio **foi** logo à noite.

....

h) **Fiquem** atentos, por favor!

....

i) **Permaneceram** atônitos.

....

j) **Permaneceram** em casa.

....

l) As fábricas **apitavam.**

....

Questões discursivas

1. (FEI-SP) No período: «Toda a humanidade estaria condenada à morte se houvesse um tribunal para os crimes imaginários.» (Paulo Bonfim)

a) Qual o sujeito da primeira oração?

....

b) Qual o sujeito da segunda oração?

....

2. (CEFET-PR) Dar o sujeito da oração:

«Vendem-se livros de Engenharia.»

Resp. ....

3. (FUVEST) Na frase: «Precisa-se de um técnico em previsão do tempo (...)». (Leon Eliachar)

O sujeito é:

Resp.: ....

4. (FUVEST) «Quando o ataque passou, fui para casa, tirei o calção e arriei na cama, esgotado, mas logo tocaram a campainha e, quando olhei pelo olho mágico, vi no corredor escuro uma figura toda encapuçada.» (Rubem Fonseca)

Indique o sujeito dos seguintes verbos:

— passou: ....

— tocaram: ....

— vi: ....

5. (FAAP-SP) Classifique o sujeito da frase: «Soaram no silêncio, nítidos, os primeiros passos do burro.» (Osman Lins)

Resp.: ....

6. (UNESP) Em: «com as últimas chuvas, o verde rebentou verdíssimo.»

Identificar as funções sintáticas dos segmentos destacados:

com as últimas chuvas: ....

o verde: ....

verdíssimo: ....

7. (UFRJ) Retire do período abaixo um predicativo:

O rapaz ali estava para ser julgado e receava que o considerassem responsável pela acusação.

Resp. ....

8. (FEA-SP)

«O poeta-ia bêbedo no bonde,
O dia nascia atrás dos quintais,
As pensões alegres dormiam **tristíssimas.»**
(C.D.A.)

Dê a função sintática de:

a) bêbedo: ....

b) alegres: ....

c) tristíssimas: ....

Testes

1) (UFPR) Qual a oração sem sujeito?

a) Falaram mal de você.

b) Ninguém se apresentou.

c) Precisa-se de professores.

d) Aqui não me cheira bem.

e) A noite estava agradável.

2) (UNESP) Analisando-se a oração «Há neste meu recurso um artifício e mesmo deturpação», verifica-se que:

a) o sujeito está elíptico.

b) há sujeito simples: «um artifício».

c) o sujeito é indeterminado.

d) há sujeito composto: «um artifício e mesmo deturpação».

e) não existe sujeito.

3) (FEI-SP) Nas frases das alternativas abaixo, uma só apresenta sujeito indeterminado. Assinale-a:

a) Os dois companheiros aproximaram-se da casa e bateram à porta.

b) Vendem-se casas.

c) Um indivíduo fê-la ouvir o que não queria.

d) Há dias que não chove.

e) Só se necessita de bom-senso para a resolução da maioria dos problemas.

4) (FMU-SP) «Ouviram do Ipiranga as margens plácidas, De um povo heróico o brado retumbante...»

O sujeito dessa afirmação com que se inicia o Hino Nacional é:

a) indeterminado.

b) urn povo heróico.

c) as margens plácidas do Ipiranga.

d) do Ipiranga.

e) o brado retumbante.

5) (PUC-RS) Das seguintes orações:

«Pede-se silêncio.», «A caverna anoitecia aos poucos.», «Fazia um calor tremendo naquela tarde.» – o sujeito se classifica respectivamente como:

a) indeterminado, inexistente, simples.

b) oculto, simples, inexistente.

c) inexistente, inexistente, inexistente.

d) oculto, inexistente, simples.

e) simples, simples, inexistente.

6) (MACK-SP) No período: «O homem andava triste porque não conseguiu que seu irmão lhe desse apoio naquela difícil empresa.», os verbos andar, conseguir e dar classificam-se, respectivamente, em:

a) intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto.

b) de ligação, transitivo direto, transitivo direto e indireto.

c) de ligação, transitivo direto e indireto, transitivo direto e indireto.

d) transitivo direto, transitivo direto, transitivo direto a indireto.

e) intransitivo, transitivo direto, transitivo direto.

7) (SANTA CASA-SP) Assinale a alternativa correta em relação à classificação dos predicados das orações abaixo:

I - Todos nós consideramos a sua atitude infantil.

II - A multidão caminhava pela estrada poeirenta.

III - A criançada continua emocionada.

a) I - predicado verbal;
   II - predicado nominal;
   III - predicado verbo-nominal.

b) I - predicado nominal;
   II - predicado verbal;
   III - predicado verbo-nominal.

c) I - predicado verbo-nominal:
   II - predicado verbal;
   III - predicado nominal.

d) I - predicado verbo-nominal;
   II - predicado nominal;
   III - predicado verbal.

e) I - predicado verbal;
   II - predicado verbal;
   III - predicado verbo-nominal.

8) (UFSC) Observe os períodos a seguir:

«Ordálio nunca ia à Praia. Caçava passarinhos. Era uma vidinha vazia. Propôs independência, no centro, num emprego. A mãe chorou.

Ordálio saiu pro mar».

Assinale a seqüência em que a predicação de todos os verbos está correta:

a) intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto.

b) transitivo direto, transitivo direto, ligação, transitivo indireto, transitivo direto-indireto, intransitivo.

c) ligação, transitivo indireto, intransitivo, transitivo indireto, intransitivo, transitivo indireto.

d) intransitivo, transitivo direto, ligação, transitivo direto, intransitivo, intransitivo.

e) transitivo indireto, ligação, ligação, transitivo direto-indireto, transitivo direto, intransitivo.

9) (UFBA) Na oração «Não se trata do Ministro», todas as alternativas estão corretas, exceto:

a) a oração não tem sujeito.

b) o sujeito da oração é «Ministro».

c) o verbo (trata) é transitivo indireto.

d) «Ministro» é objeto indireto.

e) o predicado é verbal.

10) (PUC-RS) Na frase «Todos o consideravam um Santo», o predicado é:

a) nominal.

b) transitivo.

c) verbo-nominal.

d) verbal.

e) intransitivo.

11) (FAAP-SP) Assinale a frase com sujeito indeterminado:

a) Quantos doentes havia no hospital?

b) Naquela manhã ventava perigosamente.

c) Falam mal de nós.

d) Pouco a pouco, a noite vem chegando.

e) Choviam balaços sobre a cidade.

Para resolver as questões 12 a 16, assinale as alternativas e some os valores.

12) (UFV-MG) Assinale a(s) alternativa(s) em que o sujeito é indeterminado:

1. Soa um toque áspero de trompa.

2. Falou-se de tudo na reunião.

4. Precisa-se de carpinteiro.

8. Batem à porta.

16. Vendeu-se a pá.

32. Vendem pás.

64. Vendem-se pás.

13) (UNAMA) O predicado é verbo-nominal, exceto em:

1. Após três meses, os montanhistas retornaram cansados.

2. Os viajantes chegaram cedo ao destino.

4. Comparecem todos atrasados à reunião.

8. Estava irritado com as brincadeiras.

16. O presidente nomeou-o secretário.

32. O professor atravessou o pátio apressado.

64. Encontrei o vestiba mais alegre.

14) (UFPR) Assinale a(s) alternativa(s) correta(s):

1. Contaram-me coisas estranhas. (sujeito indeterminado)

2. Narramos estórias para enganar o tempo. (sujeito simples)

4. Não soubeste viver a vida. (sujeito oculto «vós»)

8. Pede-se silêncio. (sujeito simples «silêncio»)

16. Havia tempo suficiente para as comemorações. (sujeito «as comemorações»)

32. Faltavam três dias para o batismo. (oração sem sujeito)

15) (FUVEST) Assinale a(s) alternativa(s) em que ocorre oração sem sujeito:

1. Caiu a noite repentinamente sobre a cidade.

2. Nesse mês, vai fazer um ano de seu regresso.

4. Choveram tomates sobre o orador.

8. Bastante límpido amanheceu o dia.

16. Não havia existido ninguém com tantas qualidades.

32. Não havia ninguém com tantos atributos.

64. Só me resta uma esperança.

16) (UFPR) Assinale as alternativas em cujas frases se destacou o objeto direto:

1. Aos chefes da tribo ofereceram os **bandeirantes** objetos valiosos.

2. Ainda faltam **alguns quilômetros** para chegarmos à cidade.

4. Não há dúvida, suas qualidades **a todos** encantam.

8. Nessa ocasião, discutiram-se todos os problemas **da comunidade**.

16. E agora, **a quem** ama sua irmã?

32. Quatro contos já tenho; faltam-me apenas **mais dois**.

II. Termos integrantes

- Complemento VERBAL { Objeto Direto / Objeto Indireto
- Complemento NOMINAL
- AGENTE DA PASSIVA

Objeto Direto

OBJETO DIRETO é o termo da oração que completa o sentido do verbo transitivo direto.

— MODO DE ENCONTRÁ-LO:

Pergunta-se (após o verbo)

Verbo **o quê?**
quem?

Ex.:

O vestiba não entregou a redação.

Pergunta-se: o vestiba não **entregou o quê?**

→ **a redação (OD)**

• **Quanto à relação:** vem sempre associado a um verbo transitivo.

• **Quanto à forma:** liga-se ao verbo **sem preposição** obrigatoriamente exigida por este.

• **Quanto ao valor:** indica o **paciente, o alvo ou o elemento** sobre o qual recai a ação verbal.

Exemplo:

Os políticos	pressionaram	o governo.
sujeito	verbo transitivo (VTD)	obj. direto

Objeto direto preposicionado

Excepcionalmente, o objeto direto vem precedido de preposição (a, de, com, ...). Tal preposição, porém, ocorre por razões várias e não pela exigência obrigatória do verbo.

Exemplo:

Os revoltosos	tomaram	das armas.
sujeito	VTD	OD prepos.

Observação:

Nesse exemplo, a preposição **de** não é exigida pelo verbo – até poderia ser excluída.

→ **CASOS OBRIGATÓRIOS**

1. Com o substantivo DEUS:

Ex.: Amar a Deus.

2. Com as formas tônicas dos pronomes pessoais:

Ex.: Não culpamos a ti.

3. Com o pronome quem de antecedente expresso:

Ex.: Encontrei o professor, **a quem admiro.**

Não estando expresso o antecedente, a preposição é facultativa:

Ex.: Aprovei **quem estudou, ou a quem estudou.**

4. Quando o objeto direto for constituído de pronome átono e substantivo:

Ex.: O professor o argüira e **aos seus colegas.**

5. Para evitar a ambigüidade:

Ex.: Venceu o vilão o herói: (Quem venceu?)

Venceu ao vilão o herói. (O herói venceu)

Venceu o vilão ao herói. (O vilão venceu)

→ **Outros exemplos de obj. dir. preposicionado (facultativa):**

Amemos **a Deus**.

Ajudou **a ambos**.

Castigaram **a José**.

Beberam **do vinho**.

Comeram **do pão**.

Sacaram **do revólver**.

Puxaram **da arma**.

Estimamos **a V. Ex.ª**.

Objeto indireto

OBJETO INDIRETO é o termo da oração que completa o sentido do verbo transitivo indireto, auxiliado de uma preposição.

— MODO DE ENCONTRÁ-LO: pergunta-se

VERBO	a quê(m)? de quê(m)? em quê(m)? para quê(m)? outras	(após o verbo)

Ex.: Obedecemos aos nossos pais.

Obedecemos a quem?

→ aos nossos pais (OI)

As preposições

Como o objeto indireto costuma vir regido de preposição, convém não esquecê-las. As preposições simples são: A, ANTE, APÓS, ATÉ, COM, CONTRA, DE, DESDE, EM, ENTRE, PARA, PERANTE, POR (PER), SEM, SOB, SOBRE, TRÁS.

• **Quanto à relação:** vem sempre associado a verbo transitivo.

• **Quanto à forma:** liga-se ao verbo por meio **de preposição obrigatória** exigida por este.

• **Quanto ao valor:** indica o **paciente ou o destinatário** da ação verbal.

Exemplo:

O Nordeste	precisa	de apoio.
sujeito	verbo transitivo (VTI)	obj. indireto (paciente da ação)

O acusado	respondeu	ao júri.
sujeito	VTI	obj. indireto (destinatatário da ação)

Objeto direto ou indireto pleonástico

Costuma-se repetir o objeto, quando se quer chamar a atenção para ele; são os **objetos pleonásticos,** que **aparecem** sob a forma de **pronome átono:**

A **vida,**	o vento a levou.
↓	↓
objeto direto	objeto direto pleonástico

Ao indiscreto,	**não lhe** confio nada.
↓	↓
objeto indireto	objeto indireto pleonástico

Função sintática dos pronomes oblíquos

Funções → Pessoas		Objeto direto Objeto indireto Adjunto adnominal	Objeto direto	Objeto indireto Adjunto adnominal
SING.	1ª	**me**	**-**	**‘ -**
	2ª	**to**	**-**	
	3ª	**se**	**o-a (lo, la, no, na)**	**lhe**
PLURAL	1ª	**nos**	**-**	**-**
	2ª	**vos**	**-**	**-**
	3ª	**e**	**os-as (los, las, nos, nas)**	**lhes**

Predicativo do objeto

Vimos que o predicativo do sujeito ocorre no predicado nominal ou no predicado verbo-nominal: O **predicativo do objeto** só ocorre no predicado verbo-nominal:

• «Teresa	encontrou	a rapariga	**transtornada.**» (J. Amado)
↓	↓	↓	↓
sujeito	verbo TD	objeto direto	predicativo do objeto

Observe que «a rapariga» é que está «transtornada».

Outro exemplo:

• «Julgo **ilusória** esta interpretação.»
(Carlos Drummond de Andrade)

Observa-se que podemos desdobrar a oração em duas:

«(Eu) julgo esta interpretação» + «esta interpretacão ilusória». O predicativo **«ilusória»** refere-se ao objeto direto **«interpretação».**

Observação 1: Apenas o verbo **chamar** pode ter predicativo do objeto indireto:

«Eu lhe chamo estado do espírito.» (C.D.A.)

Observação 2: Na passagem para a voz passiva, o predicativo do objeto (PO) se transforma em predicativo do sujeito (PS). Esse é um bom artifício para reconhecer o predicativo do objeto.

O júri	considerou	péssimo	o candidato.
suj.	VTD	pred. do objeto	obj. direto

O candidato	foi considerado	péssimo	pelo júri.
suj.	VTD (voz passiva)	prod. suj.	ag. pass.

Exercícios

1) Faça a correlação, tendo em vista o tipo de complemento verbal:

a) objeto direto

b) objeto indireto

c) objeto direto + objeto indireto

d) objeto direto preposicionado

e) objeto direto pleonástico

1) ( ) Santos deu as explicações pedidas.

2) ( ) Meu amigo queixa-se das livrarias...

3) ( ) A vida, tenho-a como um bem precioso.

4) ( ) ... Deus ao Cristo definiu.

5) ( ) Os outros reparos, aceitei-os todos.

6) ( ) Gosto da voz dele, dos olhos bonitos e da cabeleira.

7) ( ) A essas meninas nada se deve perguntar.

8) ( ) Digam-lhe adeus com a possível ternura.

9) ( ) Comereis de todos os frutos...

10) ( ) Meu rio, meu Tietê, onde me levas?

2) Preencha as lacunas com os pronomes o(s), a(s) ou lhe(s):

1) – O professor repreendeu o aluno?

– Sim, ele .... repreendeu.

2) – Eles fizeram alguma recomendação aos atletas?

– Sim, eles .... recomendaram calma.

3) – Você já conhecia a moça?

– Sim, eu já .... conhecia.

4) – Você entregará os livros a eles?

– Sim, eu .... entregarei a eles.

5) – Você já forneceu o material aos empregados?

– Sim, eu já .... forneci o material.

3) Dê a função sintática dos termos destacados:

1) «Uso conscientemente **a palavra.»**
(C. D. de Andrade)

Resp.: ....

2) «Obedeciam **aos pais** sem grande esforço...**»** (M. de Assis)

Resp.: ....

3) «Não lhe peçam explicações.»
(M. Quintana)

Resp.: ....

4) «Essa coisa, como defini-la?»
(C. D. de Andrade)

Resp.: ....

5) «Ouro que serve para louvar a Deus.»
(R. Braga)

Resp.: ....

4) Dê a função sintática dos pronomes oblíquos em destaque nas seguintes orações:

a) Convocaram-**nos** para a reunião.

....

b) Este livro nos pertence.

....

c) Já **te** repreenderam várias vezes.

....

d) Desejamos-**te** feliz aniversário.

....

e) Já **me** deram esse conselho.

....

f) Procuram-**me** há algum tempo.

....

g) Bernardo **se** atribui um grande valor.

....

h) O menino feriu-**se**.

....

i) Negaram-**lhe** o documento.

....

j) Já **o** adverti do perigo.

....

5) Substitua as expressões em destaque polo pronome oblíquo correspondente:

a) Os homens esfolavam **uma rês**.

....

b) As mulheres iam ferver **uma lata de querosene**.

....

c) «A Limpa-Trilho gania e parava, lambendo **os pés queimados**.» (R. de Queiroz)

....

d) «O vaqueiro também se achou no direito de tomar **seu quinhão de abrigo.»**

(R. de Queiroz)

....

e) «E para comemorar **o achado**, executavam no ar grandes rondas festivas»

(R. de Queiroz)

....

f) Deram água **para ele**.

....

g) Empurrou a **porta.**

....

h) Ouviram **o barulho do cabriolé.**

....

i) Pediram **farinha aos coronéis da cidade.**

....

j) Negaram uma cuia de água **ao menino**.

....

6) Reescreva as frases de modo a aparecerem objetos diretos ou indiretos pleonásticos:

a) Estes casos já comentei.

....

b) Ao mestre não convém a resposta.

....

c) Estas recomendações eu faço com insistência.

....

d) Ao povo não interessam essas leis.

....

Questões discursivas

1. (FE-SPI) Classifique sintaticamente o termo destacado:

«Todos ouviam **a ela** com atenção e respeito.»

....

2. (CEFET-PR) Substituindo os complementos verbais destacados pelos pronomes oblíquos correspondentes, da frase abaixo, obtém-se:

«A mulher serviu um prato de mingau ao marido.»

....

3. (FUVEST) Analise sintaticamente os pronomes oblíquos que ocorrem nos versos abaixo:

«Ferve-me o sangue. Acalma-o com teu beijo. Beija-me assim!» (O. Bilac)

me (ferve-me) ....

o (acalma-o) ....

me (beija-me) ....

4. (FUVEST) Dê a função sintática do pronome ME nas frases:

a) «Deu-me um botão de flor de laranjeira (...)» (R. Pompéia)

b) «O diretor arremessou-me ao chão.» (R. Pompéia)

a) ....

b ....

5. (FEI-SP) Qual a função sintática do termo em destaque?

«Meto a mão no colete e não acho o relógio. Última desilusão! o Borba furtara-**mo** no abraço.»

Resp. ....

6. (FAAP-SP) Dê a função sintática dos termos em destaque:

a) «Desesperado, deixou o cravo, pegou **do papel escrito** e rasgou-o.» (M. de Assis)

b) Não desconfiei do **negociante** e fechei a porta.

Respostas: a) ....

b) ....

Testes

1. (SANTA CASA-SP) Assinale a alternativa em que há objeto direto preposicionado:

a) Concederam perdão ao condenado.

b) Refiro-me a quem esteve aqui ontem.

c) Esperei por você até anoitecer.

d) Assistiram emocionados ao espetáculo.

e) Dirigiu-se a nós com muita delicadeza.

2. (SANTA CASA-SP) Quando «CHAMAR» tem sentido de qualificar, pode-se construir o período, por exemplo, com objeto direto MAIS predicativo. Tudo isso se observa na alternativa:

a) «João é alto, mas treinador nenhum chamou-o para jogar.»

b) «Era a viúva a chamar pelo falecido.»

c) «Os inimigos chamam-lhe de traidor do povo.»

d) «Chamei pelo colega em voz alta.»

e) «Alguns chamam-no de fiscal.»

3. (UMC/MOJI-SP) Indique a alternativa em que há objeto direto:

a) O tempo vai melhorar.

b) Insisto nesta idéia.

c) O livro, que você me deu, é ótimo.

d) Perdôo-lhe.

e) Você chegou atrasado.

4) (UNICAMP-SP) Assinale a alternativa cujos elementos preenchem corretamente os pontilhados:

1) Não .... convidei para a festa.

2) Eu .... visitarei na semana que vem.

3) Só .... chamarei se for necessário.

4) Não fui eu quem .... viu assim.

a) lhe, o, lhe, o.

b) o, lhe, o, lhe.

c) o, o, o, o.

d) lhe, lhe, lhe, lhe.

e) o, o, lhe, lhe.

5) (UFPR) Assinale a alternativa que contém um objeto indireto:

a) O bom filho é obediente aos pais.

b) A festa decepcionou a todos.

c) O bom filho obedece aos pais.

d) Os pais são obedecidos pelo bom filho.

e) A obediência aos pais é dever do bom filho.

6) (UFSCAR-SP) «Não é mister dizer que dormia pouco; acordava duas a três vezes por noite, passeava à toa, sentia-me com febre».

A função sintática de **com febre** é de:

a) adjunto adverbial de modo.

b) adjunto adverbial de causa.

c) predicativo do objeto.

d) objeto indireto.

e) predicativo do sujeito.

7) (UEPG-PR) Qual a função sintática?

O velho parecia **cansado**.

a) sujeito.

b) aposto.

c) predicativo.

d) objeto direto.

e) objeto indireto.

8) (FMU-SP) Observe os termos destacados:

«Passei **o dia** à toa, à toa.»

«Passei **a vida à toa,** à toa.»

Tais termos exercem:

a) a mesma função sintática: sujeito do verbo passar.

b) a mesma função sintática: objeto direto do verbo passar.

c) a mesma função sintática: adjunto adverbial de modo.

d) funções sintáticas diferentes: o primeiro é adjunto adverbial; o segundo, sujeito.

e) funções sintáticas diferentes: o primeiro é objeto direto; o segundo, sujeito do verbo passar.

9) (UFSCAR-SP) Classifique corretamente os termos integrantes destacados:

«Mulher que **a dois** ama, **a ambos** engana.»

a) objeto direto preposicionado e objeto direto preposicionado.

b) objeto indireto e objeto direto.

c) objeto indireto pleonástico e complemento nominal.

d) objeto direto e objeto direto preposicionado.

e) objeto direto preposicionado e objeto indireto.

10) (FEFASP) Em que alternativa há objeto direto preposicionado?

a) Passou aos filhos a herança recebida dos pais.

b) Amou a seu pai com a mais plena grandeza da alma.

c) Naquele tempo era muito fácil viajar para os infernos.

d) Em dias ensolarados, gosto de ver nuvens flutuarem nos céus de agosto.

11) (UFU-MG) Assinale a frase em que o objeto direto é pleonástico:

a) A borboleta negra, encontrei-a à noite, no quarto.

b) Eu a sacudi de novo.

c) Fiquei a contemplar o cadáver com alguma simpatia.

d) Um golpe de toalha rematou a aventura.

e) Vi dali o retrato de meu pai.

Para resolver as questões 12 a 13, assinale as alternativas e some os valores.

12) (UFPA) Assinale a(s) alternativa(s) em que o verbo ocorre como transitivo direto:

1. Comprei um terreno e construí a casa.

2. Os guerreiros dormem agora.

4. Aluga-se sala mobiliada.

8. O cego não vê.

16. O aluno parece zangado.

32. Choveu chuva grossa.

64. Esqueceu-se de dizer «até logo».

13) (UFMS) Assinale a(s) afirmação(ções) correta(s) dos termos destacados:

1. O alvo foi atingido **por uma bomba formidável**. (agente da passiva)

2. Mas de há muito não há **pássaros**. (sujeito)

4. **Um dia** um tufão furibundo abateu-o pela raiz. (sujeito)

8. Esqueci **o recado**. (objeto direto)

16. Esqueci-**me** do recado. (objeto direto)

32. Esqueceu-me o **passado**. (sujeito)

Complemento nominal

Complemento nominal é o termo da oração que completa o sentido de um nome com auxílio de preposição. Esse nome pode ser representado por um substantivo, por um adjetivo ou por um advérbio.

→ MODO DE ENCONTRÁ-LO: Pergunta-se

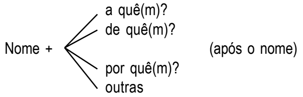
Nome +
a quê(m)?
de quê(m)?
por quê(m)?
outras
(após o nome)

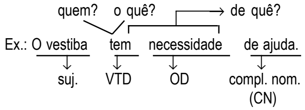
quem?
o quê?
de quê?
Ex.: O vestiba
tem
necessidade
de ajuda.
suj.
VTD
OD
compl. nom.
(CN)

• **Quanto à relação**: vem sempre **associado a um nome** de significação transitiva.

• **Quanto à forma**: liga-se ao nome sempre **por meio de preposição**.

• **Quanto ao valor**: indica **o alvo** ou **o ponto** sobre o qual recai a **ação do nome**.

Protestaram contra a	queima	da floresta
	nome de signif. transit.	compl. nominal (indica sobre quem recaiu a queima)

OBSERVE A DIFERENÇA

Eu resisto **ao frio.** obj. ind.

×

A ovelha é resistente **ao frio**. compl. nom.

Agente da passiva

Agente da passiva é o termo da oração que pratica a ação do verbo na voz passiva, auxiliado de preposição **por** ou **de**.

A mãe	é amada	pelo filho.
suj.	verbo passivo	ag. passiva (AP)

Na oração acima, o sujeito é **a mãe**. A forma verbal está na voz passiva, pois o sujeito é paciente (sofre a ação verbal). O termo **pelo filho** pratica a ação verbal (ame a mãe). Na voz passiva, o termo que pratica a ação verbal é o **agente da passiva** — AP (= pelo filho).

• **Quanto à relação**: vem sempre associado a um verbo transitivo na voz passiva.

• **Quanto à forma**: liga-se ao verbo sempre **por meio de preposição (por, per, de)**.

• **Quanto ao valor**: indica o elemento que **executa a ação verbal**.

Os reféns	foram libertados	pelo seqüestrador.
sujeito	verbo transitivo na voz passiva	agente da passiva (executor da ação)

Voz passiva analítica

Formada pelo verbo principal no particípio mais o verbo auxiliar **ser**.

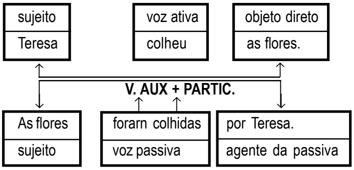
sujeito
Teresa
voz ativa
colheu
objeto direto
as flores.
V. AUX + PARTIC.
As flores
sujeito
forarn colhidas
voz passiva
por Teresa.
agente da passiva

Observe:

1. O agente da passiva é o sujeito da voz ativa. O objeto direto da voz ativa passa a sujeito da voz passiva.

2. Nem sempre o agente da passiva está expresso:

«A carne trinchada foi distribuída.» (POR QUEM?)

«Os mortos foram sepultados naquele mesmo dia.» (POR QUEM?)

→ Nestes casos, a passagem para a voz ativa se faz com **o verbo na 3ª pessoa do plural:**

Distribuíram a carne trinchada.

Sepultaram os mortos naquele mesmo dia.

3. O verbo SER é flexionado no mesmo **modo e tempo** do verbo da voz ativa:

colhe = é colhido
colheu = foi colhido
colhia = era colhido
colhera = fora colhido
colherá = será colhido
colheria = seria colhido
que colha = seja colhido
se colhesse = fosse colhido
quando colher = for colhido

→ **ATENÇÃO**

- A) O Brasil era povoado **de índios** (= por índios)
  AP
- B) Essa classe **se** constitui **de jovens** (= por jovens)
  PA **AP**

Passiva sintética (ou pronominal)

• Formada pelo verbo principal (VTD) acompanhado do pronome apassivador (ou partícula apassivadora) — SE.

• Ocorre somente com VTD + SE

• No português moderno, com a voz passiva sintética, o agente da passiva fica indeterminado, usualmente.

VENDEM-	SE	APARTAMENTOS.	?
VTD	PA	sujeito	ag. passiva (indeterm.)

= APARTAMENTOS SÃO VENDIDOS.
sujeito

→ ATENTO!

É preciso tomar muito cuidado com a concordância verbal na voz passiva sintética. Observe:

Construiu-	se	uma pirâmide.
verbo sg	PA	suj. sg.
Construíram-	se	pirâmides.
verbo pl.	PA	suj. pl.

Exercícios

1) Escreva nos parênteses:

1. complemento nominal;
2. agente da passiva;
3. objeto indireto.

a. ( ) Ele logo chegou com a cabeça cheia **de água suja.**

b. ( ) Obedecemos **aos regulamentos**.

c. ( ) Somos obedientes **aos regulamentos**.

d. ( ) Temos necessidade **de diálogo**.

e. ( ) Necessitamos **de diálogo**.

f. ( ) Essa terra é habitada **de selvagens**.

g. ( ) A assistência às **aulas** é indispensável.

h. ( ) Gostaria de não ser ouvido **pela vizinhança.**

i. ( ) Referiram-se **aos alunos** da outra classe.

j. ( ) Fizeram referência **aos alunos da outra classe.**

l. ( ) Nenhuma palavra foi dita **pelo coronel.**

m. ( ) Muitos alunos são refratários **aos estudos**.

n. ( ) Esse lugar se habita **de gente ignorante.**

2) Faça a correlação, tendo em vista a função sintática do termo destacado:

(a) sujeito
(b) objeto direto
(c) objeto indireto
(d) complemento nominal
(e) predicativo do objeto
(f) agente da passiva

1. ( ) «Ele gosta tanto **de você**.» (F. Sabino)

2. ( ) «Não chamemos **de inimigos da pátria** aos nossos contendores.» (R. Barbosa)

3. ( ) «Não tinha tomado o menor conhecimento **das leis.»** (Paulo Mendes Campos)

4. ( ) «Você é muito querido **pelos leitores**.» (Paulo Mendes Campos)

5. ( ) «Os quarenta e um anos não lhe trouxeram **arrepio**.» (Machado de Assis)

6. ( ) «Arrancaram-se depois **os pedais e os ornatos de metal.**» (A. M. Machado)

7. ( ) «Também se pode bordar **nada**.» (Machado de Assis)

8. ( ) «O Quilombo dos Palmares era formado **por vários núcleos.»** (É. Veríssimo)

9. ( ) «O pai pediu contra ele toda **a severidade**.» (Raul Pompéia)

10. ( ) «Sua aplicação à **defesa do corpo feminino** é mais ou menos recente.» (Carlos Drummond de Andrade)

11. ( ) «Perderam-se **os meus suspiros.**» (Cecília Meireles)

12. ( ) «Abri violentamente **a janela**.» (Raul Pompéia)

13. ( ) «Para os rapazes **a chuva** foi novo sinal de desordem.» (Raul Pompéia)

14. ( ) «Ouvi a voz de minha mãe, **viúva**.» (Vinícius de Moraes)

15. ( ) «**O dote**, pode o senhor levá-lo já.» (Artur Azevedo)

16. ( ) «O filme é **proibido para 75 anos.**» (Carlos Drummond de Andrade)

17. ( ) «Lentz achou-o **venerável** como um santo.» (Graça Aranha)

18. ( ) «Ouviram-se **sucessivas e medonhas descargas de um tiroteio.»** (G. Aranha)

19. ( ) «Que lhes importa **a eles** a recompensa?» (Humberto de Campos)

20. ( ) «Aquela voz sempre **lhe** comunicava vida nova.» (Luís Jardim)

3) Seguem algumas fases na voz ativa. Se possível, faça a transformação para a voz passiva e classifique o verbo quanto à predicação:

1. Voz ativa: «Garrafas dançam na prateleira.» (Antônio Torres)

Voz passiva: ....

....

Verbo: ....

....

2. Voz ativa: «Os anjos não compreendem os homens.» (Manuel Bandeira)

Voz passiva: ....

....

Verbo ....

....

3. Voz ativa: «Gosto muito de você, leãozinho.» (Caetano Veloso)

Voz passiva: ....

....

Verbo: ....

....

4. Voz ativa: «O amor dera-me esta coragem de leão. » (José Lins do Rego)

Voz passiva: ....

....

Verbo: ....

....

4) Passe as frases abaixo para a passiva pronominal:

1. Seja feita a vossa vontade.

Resp.: ....

2. Vários soldados foram enviados para a colina.

Resp.: ....

3. Gostos não são discutidos.

....

4. Geladeiras são pintadas no local.

....

5. Tinha sido usado mais de um artifício.

....

6. Foi perdida uma caneta esferográfica.

....

7. Seria visto o eclipse se o tempo estivesse claro.

....

8. Vasos ruins não são quebrados.

....

5) Passe as frases abaixo para a passiva analítica:

1. Os favores se esquecem facilmente.

Resp.: ....

....

2. Pelo dedo se conhece o gigante.

Resp.: . ...

....

3. Contam-se histórias incríveis.

Resp. ....

....

4. Construam-se casas populares.

Resp.: ....

....

5. Descobriram-se novos componentes eletrônicos.

Resp. ....

....

Testes

1) (UFSC) Na oração: «Não foi aceita por mim a recompensa oferecida», os termos por mim **e** recompensa **são, respectivamente:**

a) sujeito e agente da passiva.

b) agente da passiva e sujeito.

c) adjunto adverbial de instrumento e obj. direto.

d) objeto direto e sujeito.

e) adjunto adverbial de modo e sujeito.

2) (CESCEM-SP) Assinale a análise correta do termo destacado: A terra era povoada de selvagens**.**

a) objeto direto.

b) objeto indireto.

c) agente da passiva.

d) complemento nominal.

e) adjunto adverbial.

3) (UFU-MG) No período: «Quando enxotada por mim foi pousar na vidraça», qual a função sintática de por mim**?**

a) objeto direto.

b) sujeito.

c) objeto indireto.

d) complemento nominal.

e) agente da passiva.

4) (CTA/Computação-SP) Na oração: «Um dia um tufão furibundo abateu-o pela raiz», um dia **é:**

a) sujeito.

b) adjunto adnominal.

c) adjunto adverbial de tempo.

d) adjunto adverbial de modo.

e) n.d.a.

5) (UFPR) Na oração: «O alvo foi atingido por uma bomba formidável», a locução por uma bomba formidável **tem a função de:**

a) objeto indireto.

b) agente da passiva.

c) adjunto adverbial.

d) complemento nominal.

e) adjunto adnominal.

6) (UFU-MG) Qual a função sintática da palavra destacada no período seguinte:

«É a hora em que o pássaro volta,
mas de há muito não há **pássaros**;»

a) complemento nominal.

b) predicativo do sujeito.

c) objeto direto.

d) sujeito.

e) objeto indireto.

7) (FEI-SP) Na oração: «Sem dúvida, esta menina toca piano muito bem» a palavra piano **e a palavra** menina **são, respectivamente:**

a) sujeito e agente da passiva.

b) agente da passiva e sujeito.

c) adjunto adverbial de instrumento e sujeito.

d) objeto direto e sujeito.

c) adjunto adverbial de modo e sujeito.

8) (UFSCAP-SP)

Ele gostava **de vinhos bons**. O termo destacado é:

a) objeto indireto.

b) predicativo do sujeito.

c) agente da passiva.

d) sujeito.

9) (ESPM-SP) — «Sorvete Kibon **decora sua cozinha. E dá** nome às latas**.»**

Os termos destacados são, respectivamente:

a) sujeito, objeto direto, objeto indireto.

b) objeto direto, sujeito, objeto indireto.

c) sujeito, objeto indireto, objeto direto.

d) sujeito, sujeito, objeto indireto.

e) objeto direto, sujeito, objeto direto.

10) (FMU/FIRM-SP) «... os muros com os quais me comunicava com todos os quintais do quarteirão sem solução de continuidade... » A expressão destacada é, respectivamente, morfológica e sintaticamente:

a) locução adjetiva/adjunto adnominal.

b) locução adjetiva/objeto indireto.

c) locução adverbial/adjunto adverbial.

d) locução adjetiva/complemento nominal.

e) locução adverbial/complemento nominal.

11) (PUC-RS) Transpondo para a voz ativa a oração «Os processos estavam sendo estudados pelo juiz», obtém-se a forma verbal...

a) haviam de ser estudados.

b) haviam sido estudados.

c) haviam estudado.

d) eram estudados.

e) estava estudando.

12) (PUC-RS) Transpondo para a voz ativa a frase «Todo o material seria trazido pelos fiscais antes das duas horas», obtém-se a forma verbal.

a) trariam.

b) deviam trazer.

c) trar-se-ia.

d) vão trazer.

e) deve-se trazer.

13) (PUC-SP) A sentença correlata de Reviam-se os manuscritos com cuidado **é:**

a) Os manuscritos foram revistos com cuidado.

b) Os manuscritos eram revistos com cuidado.

c) Nós revíamos com cuidado os manuscritos.

d) Revia-se os manuscritos com cuidado.

c) Reviram os manuscritos com cuidado.

14) (UNAMA) Marque a opção em que o enunciado não está na voz passiva:

a) O Governador vinha adotando.

b) Mendonça Furtado, nessa subida ao Rio Negro, vinha acompanhado de um séquito grande.

c) Óbidos foi declarada vila.

d) (Esses homens) vinham sendo considerados de menor idade.

Para resolver as questões 15 e 16, assinale as alternativas e some os valores.

15) (UFMS) Assinale a(s) alternativa(s) correta(s):

I . Fui favorável **ao aluno**. (complemento nominal)

2. Fui-**lhe** favorável. (complemento nominal)

4. Hiroshima foi destruída **pela bomba atômica**. (adj. adv. de causa)

8. Esta apostila se constitui **de testes**. (agente da passiva)

16. Comentaram-**se** as questões. (partícula de indeterminação do sujeito)

32. Os homens esfolavam-**na**. (objeto indireto)

16) (UNIFOR-CE) Assinale a(s) alternativa(s) correta(s):

1. Todos acreditavam na sabedoria **do professor**. (objeto indireto)

2. O Detran recomenda **aos motoristas** a máxima cautela. (objeto indireto)

4. A recomendação **aos motoristas** é de máxima cautela. (complemento nominal)

8. O bêbado resmungava **ameaças confusas**. (objeto direto)

16. Eles puxaram **do dinheiro** na hora do acerto. (objeto indireto)

32. As colheitas foram levadas **pela chuva**. (adj. adv. de causa)

64. Fiquei ouvindo aquilo por **longo tempo**. (agente da passiva)

III. Termos acessórios

— ADJUNTO ADNOMINAL
— ADJUNTO ADVERBIAL
— APOSTO

Adjunto adnominal

É o termo de **valor adjetivo** que acompanha o núcleo substantivo de uma função sintática (sujeito, objetos, complemento nominal etc.), delimitando ou especificando o significado deste substantivo.

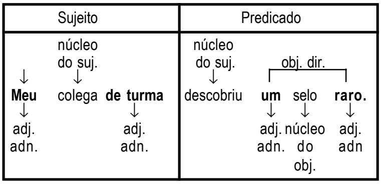

• **Quanto à relação:** vem sempre associado a um **nome.**

• **Quanto à forma:** liga-se ao nome com ou sem preposição — sem a mediação de um verbo.

• **Quanto ao valor:** é um atributo (qualificador — caracterizador) do nome a que se refere.

O adjunto adnominal pode ser representado por:

– adjetivo	Pessoa **bondosa.**
– locução adjetiva	Relógio **de ouro.**
– pronome possessivo	**Teus** pais.
– pronome indefinido	**Alguns** amigos.
– pronome demonstrativo	**Aquela** fazenda.
– artigo	**O** automóvel.
– numeral	**Três** orquestras.
– pron. oblíquo com valor de possessivo	Quebro-**te** a cara. = Quebro a **tua** cara.

Adjunto adnominal X Complemento nominal

Não se confunda o adjunto adnominal com o complemento nominal. Para demarcar as fronteiras entre esses dois termos (quando o adj. adn. está preposicionado pode gerar confusão) observern-se os seguintes dados:

1. Sempre que o **antecedente for adjetivo ou advérbio,** o termo seguinte será **complemento nominal:**

Obediente	**às leis**
adjetivo	CN

Relativamente	**a outros**
advérbio	CN

2. Sempre que o **antecedente** for um **substantivo abstrato,** cognato de verbo ou de adjetivo, usado transitivamente, o termo seguinte será **complemento nominal:**

Subversão **da ordem** (cf. Subverter a ordem)

Fidelidade **às leis** (cf. Fiel às leis)

3. Sempre que o **antecedente** for um **substantivo concreto,** o termo seguinte será **adjunto adnominal:**

Livro de Pedro.

4. Representando o **paciente,** funcionando como **alvo, o destino** da ação nominal, o termo preposicionado será **complemento nominal;** caso contrário, será um **adjunto adnominal** (agente da ação nominal).

A resposta	**ao público**	foi satisfatória.
Subst.	CN **(alvo da resposta)**	

A resposta	**do professo**r	foi satisfatória.
Subst.	adj. adv. (não é o alvo, mas **o agente da resposta**)	

Adjunto adverbial

Adjunto adverbial é o termo, representado por advérbio ou equivalente, que acrescenta uma circunstância ao verbo, ou intensifica ou gradua a idéia expressa por adjetivo, verbo ou advérbo.

• **Quanto à relação:** vem associado a **verbo, adjetivo ou advérbio** e pode também se referir a todo o conjunto da oração.

• **Quanto à forma:** liga-se a esses elementos com ou sem preposição.

• **Quanto ao valor:** indica **circunstância** (de tempo, de lugar, de modo, de intensidade etc.) aos elementos a que se refere.

• Não é o agente nem o alvo do processo verbal.

Exemplos:

A empreiteira	entregou	a obra	com atraso.
sujeito	VTD	OD	**adj. adv.** TEMPO

Os alunos fizeram uma prova	**muito**	boa.
	adj. adv. INTENSIDADE	adjetivo

A prova terminou	**muito**	cedo.
	adj. adv. INTENSIDADE	advérbio

Felizmente,	**o tema** da redação foi fácil.
adj. adv.	(rnodificando todo o conjunto da frase)

Classificação

Eis alguns tipos de adjuntos adverbiais:

a) **de tempo:** «Agora desligue isso e vá dormir.» (F. S.)

b) **de lugar:** «Passou na rua lateral uma carroça.» (A. Meyer)

c) **de causa:** «Emília empalideceu de susto.» (M. Lobato)

d) **de modo:** «O pobre estudante ergueu-se com ligeireza.» (J.M.M)

e) **de fim**: «Pedrinho dispôs tudo para o ataque.» (M.L.)

f) **de dúvida:** «Talvez pedisse água.» (C.D.A.)

g) **de negação:** «Não te entregues à mágoa vã.» (M.B.)

h) **de intensidade:** «Macunaíma estava muito contrariado.» (M. de Andrade)

i) **de meio:** «Deixe; amanhã hei de acordá-lo a pau de vassoura.» (M.A.)

Observações:

1. Acrescentem-se a esses muitos outros tipos, que devem ser classificados de acordo com o contexto em que se encontram: adjunto adverbial **de assunto, de companhia, de comparação, de condição, de concessão, de conformidade, de direção, de instrumento, de matéria, de preço etc.**

2. Não confunda o **predicativo com o adjunto adverbial de modo.** O predicativo, representado por um adjetivo ou equivalente **concorda com o sujeito ou com o objeto;** o adjunto adverbial permanece **invariável:**

→ A moça caminhava apressada. (predicativo) – singular

As moças caminhavam apressadas. – plural

→ A moça caminhava apressadamente. (adj. adverbial)

As moças caminhavam apressadamente.

Outro exemplo:

Os rapazes falavam alto. (adjunto adverbial)

Os rapazes chegaram **«altos**» do botequim. (predicativo)

Aposto

Aposto é a palavra que serve para explicar, desenvolver ou resumir um substantivo ou equivalente, por meio de palavras que, geralmente, vêm entre vírgulas, depois de uma vírgula, dois pontos ou travessão.

Ex.:«Não sabia ela, **Ernestina,** que o pai dessa lastimável rapariga, **Pedro Torresmo,** jurara invadir a casa.» (J. Amado)

• **Quanto à relação:** vem sempre associado a um nome.

• **Quanto à forma**: liga-se ao nome sem preposição, exceto em casos raros. Identifica-se, nomalmente, pela pontuação.

• **Quanto ao valor**: identifica ou esclarece o nome a que se associa, estabelecendo uma relação de equivalência:

«Rio, alma do Brasil, afina também seus melhores sentimentos populares por outra paixão não menos respeitável – o futebol.»
(A. Nogueira)

Costuma-se classificar o aposto como:

a) enumerativo: «É assim Lenine: esquivo, irascível, exigente.» (M. Bandeira)

b) recapitulativo: (representado por tudo, nada, ninguém, qualquer etc.) «...seringa, termômetro, tesoura, gaze, esparadrapo, boneca, tudo se derrama pelo chão.» (P.M.C.)

c) distributivo**:** «Não se confunda economia, com avareza: a primeira é virtude sábia, a segunda é miséria sórdida.» (C. Neto)

e) especificativo: Cidade do Rio de Janeiro, Rua do Ouvidor, Marechal Deodoro, Mês de setembro.

Vocativo

Vocativo é o termo que serve apenas para chamar, invocar ou nomear um ser, podendo vir precedido de interjeição e caracterizando-se pela entoação exclamativa. (= ó...)

Ex.: «Não quero ser preso, Jesus, ó meu Santo.» (C. D. A.)

• **Quanto à relação**: vem sempre isolado, isto é, não se liga sintaticamente a outro elemento da frase.

• **Quanto à forma**: vem sempre marcado por pausa (na escrita, vírgula).

• **Quanto ao valor**: indica, na frase, a pessoa ou a coisa com quem falamos, ou a quem nos referimos, fazendo um chamado.

O vocativo não mantém qualquer relação sintática com nenhum outro termo da oração.

Vejamos mais alguns exemplos no trecho a seguir, do belíssimo poema em prosa de Vinícius de Moraes, intitulado «O camelô do amor»:

«É favor suspender por alguns minutos a partida, **Senhor Juiz Armando Marques**!

Conserva-lo assim, o pé no ar, **meu bom Pelé**, qual fantástico dançarino.

Feras da Seleção: atenção!

Alerta, **aviadores do Brasil**!

Capitães de mar: estamos no ar!»

Análise do pronome relativo

> Pronome relativo é a palavra que:
> - substitui o termo de uma oração anterior;
> - estabelece relação entre duas orações.

Exemplo:

Repreendeu os amigos.	Os amigos	falharam.
Repreendeu os **amigos** ↓ anteced.	**que** ↓ relativo pronome	falharam.

Chama-se de antecedente o termo a que o pronome relativo substitui.

Artifício para analisar o pronome relativo:

- Substitui-se o pronome pelo seu antecedente.
- A análise que couber ao termo substituto caberá ao pronome relativo.

Assim:

Repreendeu os amigos que falharam.

Substituindo o **que** pelo seu antecedente, teremos:

Os amigos	falharam.
sujeito	predicado

Daí se conclui que, na frase em questão, o pronome relativo **que**:

- está substituindo o termo **amigos**.
- com a função de **sujeito** de **falharam**.

Exercícios

1) Faça a correlação, de acordo com as seguintes opções:

a) complemento nominal

b) adjunto adnominal

c) adjunto adverbial

d) aposto

e) vocativo

1. ( ) «O estômago acompanhava a dor **do coração.**» (Machado de Assis)

2. ( ) «Segure o garfo **direito.**» (F.S.)

3. ( ) «Fiel **à disciplina religiosa,** compreendia celestialmente as almas.» (P.M.C.)

4. ( ) «Quem foi que teve a idéia **dessa brincadeira repulsiva?**» (C.D.A.)

5. ( ) «Sua leitura é rigorosamente especializada: **livros coloridos sobre bichos.**» (Paulo Mendes Campos)

6. ( ) «**Pescadores,** onde está Ariana?» (Vinícius de Moraes)

7. ( ) «Na brutalidade **do ferreiro tem** uma delicadeza escondida.» (J.J. Veiga)

8. ( ) «Sentiu um grande desgosto **de si mesmo**.» (Inglês de Souza)

9. ( ) «Passava-se isto na Rua **da Lapa,** em 1870.» (Machado de Assis)

10. ( ) «O inquiridor despediu-se **com um muxoxo**.» (Carlos Drummond de Andrade)

11. ( ) «Arrancaram-se depois os pedais e ornatos de **metal.**» (A. M. Machado)

12. ( ) «Com repugnância pela obra **de misericórdia** que ia praticar, ele aproximou-se da gaiola.» (Carlos Drummond de Andrade)

13. ( ) «O povo, **Doroteu,** é como as moscas.» (T.A.G.)

14. ( ) « O pintor **Laurentino** foi saindo.» (José Lins do Rego)

15. ( ) «Você teve saudades **de mim**?»
(Fernando Sabino)

2) Nas questões que seguem, faça o seguinte trabalho:

1. transforme os dois períodos em um só, usando o pronome relativo;

2. identifique a função sintática do pronome relativo.

Modelo: Você me aconselhou um livro. Este livro me agradou muito.

1. Transformação: **Você me aconselhou um livro que me agradou muito.**

2. Função sintática do pronome relativo: **sujeito.**

Continue:

a) Eu visitei a casa. Essa casa foi desapropriada.

1. Transformação: ....

....

2. Função sintática do pronome relativo:...

....

b) Eu **visitei** a casa. Nessa casa você morou

1. Transformação: ....

....

2. Função sintática do pronome relativo:...

....

c) Eu visitei a casa. Você comprou essa casa.

1. Transformação: ....

....

2. Função sintática do pronome relativo:...

....

d) Eu visitei a casa. A essa casa você se referiu.

1. Transformação ....

....

2. Função sintática do pronome relativo:

....

3) Nas frases que seguem há um pronome relativo.

Indique o seu antecedente; classifique sintaticamente esse pronome.

a) «Meu pai, que me não esperava. abraçou-me cheio de ternura (...)» (M. de Assis)

Antecedente do pronome relativo: ....

....

Função sintática do pronome: ....

b) «Ninguém se mexeu do lugar em que estava.» (Aluízio de Azevedo)

Antecedente do pronome relativo: ....

Função sintática do pronome: ....

c) «Despia a roupa que vestira para ir ver o homem.» (Clarice Lispector)

Antecedente do pronome relativo: ....

Função sintática do pronome: ....

d) O policial contava casos em que ninguém acreditava.

Antecedente do pronome relativo: ....

Função sintática do pronome: ....

Questões discursivas

1. (FEI-SP) Resolva as questões a seguir conforme o código que segue:

a) adjunto adverbial de lugar;

b) adjunto adverbial de tempo;

c) adjunto adverbial de modo;

d) adjunto adverbial de causa.

I – **Segunda-feira** haverá um jogo importante.

II – **Com o mau tempo** não podemos trabalhar ao relento.

III – O livro foi acolhido **com entusiasmo** pelos leitores.

IV – O automóvel parou **perto do rio.**

2. (FUVEST) Leia com atenção o texto que segue:

«E todos principiaram **muito** calmos, falando de papai. A imagem dele foi diminuindo e virou uma estrelinha brilhante no céu. **Agora** todos comiam o peru **com sensualidade,** porque papai fora muito bom, **sempre** se sacrificara tanto **por nós,** fora um santo... » (Mário de Andrade)

Indique que tipo de circunstância exprimem os adjuntos adverbiais destacados no texto acima:

a) **muito** = adjunto adverbial de ....

b) **Agora** = adjunto adverbial de ....

c) **com sensualidade** = adjunto adverbial de ....

d) **sempre** = adjunto adverbial de ....

e) **por nós** = adjunto adverbial de ....

3. (CÁSPER LÍBERO-SP) «As flores que adornam nosso jardim são lindas.» Nesse texto qual a função do pronome relativo «que»:

Resp. ....

4. (UEL-PR) «... O espírito do ex-professor, vexado daquele pensamento, arrepiou caminho, buscou outro assunto, uma canoa que ia passando; o coração, porém, deixou-se estar a bater de alegria. Que lhe importa a canoa nem o canoeiro, que os olhos do Rubião acompanham, arregalados?...»

Quais as respectivas funções sintáticas do **que** em:

a) «uma canoa que ia passando...»

b) «... nem o canoeiro, que os olhos...»

Resposta: a) ....

b) ....

5. (FUVEST) Leia atentamente o texto seguinte:

«Quando hoje acordei, ainda fazia escuro
(Embora a manhã já estivesse avançada).

Chovia.

Chovia uma triste chuva de resignação

Como contraste e consolo ao calor tempestuoso da noite. Então me levantei.

Bebi o café que eu mesmo preparei.

Depois me deitei novamente, acendi um cigarro e fiquei pensando.

Humildemente pensando na vida e nas mulheres que amei.»

(Manuel Bandeira, *Poema só para Jaime Ovalle.*)

a) Transcreva a frase cujo verbo, geralmente intransitivo, está empregado transitivamente no poema:

....

....

b) Nas passagens: «Bebi o café que eu mesmo preparei...» e «...pensando na vida e nas mulheres que amei», tem o **que** a mesma função sintática? Sim ou não? Justifique a resposta.

Resp. ....

....

....

....

6. (FEI-SP) Analise os termos destacados, sintalicamente: A crítica do jornalista ao jogador foi exagerada e maldosa.

a) do jornalista ....

b) ao jogador ....

Testes

1) (UFU-MG) Todos os períodos abaixo possuem vocativo, exceto:

a) «Laffont, dono de quase todos os cassinos e estádios de corridas de cães, um dos tipos mais ricos da China, quer que madame cante na recepção que vai dar na quinta-feira.»

b) «Mas me lembrei deste lugar justamente porque não quero que você se arrisque, meu anjo.»

c) «Você pode sair amanhã, você pode sair todos os dias, mas pelo amor de Deus, Lu, fica hoje!»

d) «Sente-se aí, meu caro, já estou saindo do banho.»

e) «Tom, você acha que esta luva combina?... Tom, estou falando, responda!»

2) (UFPR) «Sinto o mundo exânime a meus pés.» Na frase anterior, a palavra exânime **tem a função sintática de:**

a) adjunto adnominal.

b) adjunto adverbial de modo.

c) aposto.

d) predicativo do sujeito.

e) predicativo do objeto.

3) (UFSC) Marque o conjunto que corresponde sintaticamente e de forma respectiva às funções desempenhadas por apressado e esquerdo**, na frase seguinte: «Dario vinha apressado, o guarda-chuva no braço esquerdo...»**

a) adjunto adnominal/adjunto adverbial.

b) predicativo do objeto/adjunto adverbial.

c) predicativo do sujeito/adjunto adnominal.

d) adjunto adverbial/adjunto adnominal.

e) predicativo do sujeito/predicativo do objeto.

4) (UFPR) «Entre o lago e as flores, desliza alegria nas areias quietas, cantos de ciranda, sapatinhos brancos, asas velozes de borboletas**». A expressão em destaque é:**

a) adjunto adnominal.

b) adjunto adverbial.

c) complemento nominal.

d) objeto direto.

e) n.d.a.

5) (UFSC) Observe os períodos abaixo e assinale a alternativa em que o lhe **é adjunto adnominal:**

a) ...anunciou-lhe: Filho, amanhã vais comigo.

b) O peixe cai-lhe na rede.

c) Ao traidor, não lhe perdoaremos jamais.

d) Comuniquei-lhe o fato ontem pela manhã.

e) Sim, alguém lhe propôs emprego.

6) (CESGRANRIO) Assinale a opção em que o pronome lhe **apresenta o mesmo valor significativo que possui em: «uma espécie de riso sardônico e feroz contraía-lhe as negras mandíbulas».**

a) A mãe apalpava-lhe o coração.

b) Aconteceu-lhe uma desgraça.

c) Tudo lhe era indiferente.

d) Ao inimigo não lhe rogo perdão.

e) Não lhe contei o susto por que passei.

7) (UEM-PR) O Brasil jovem **está «curtindo» o** vestibular**.**

Os termos destacados, no período acima, são respectivamente:

a) adjunto adverbial e objeto direto.

b) predicativo do sujeito e objeto direto.

c) adjunto adnominal e complemento nominal.

d) adjunto adnominal e objeto direto.

e) adjunto adverbial a predicativo do sujeito.

8) (FMU-SP) Em «Eu era enfim**,** senhores**,** uma graça de alienado**», os termos da ora-**

ção em destaque são respectivamente, do ponto de vista sintático:

a) adjunto adnominal, vocativo e predicativo do sujeito.

b) adjunto adverbial, aposto e predicativo do objeto.

c) adjunto adverbial, vocativo e predicativo do sujeito.

d) adjunto adverbial, vocativo e objeto direto.

e) adjunto adnominal, aposto e predicativo do sujeito.

9) (CESCEA-SP) Aponte a alternativa em que ocorre adjunto adverbial de causa**:**

a) Compro livros com o dinheiro.

b) O poço secou com o calor.

c) Estou sem amigos.

d) Vou ao Rio.

e) Pedro é efetivamente bom.

10) (UNESP) «Para ser sincero, todos os fregueses aqui dentro **têm o rosto vermelho, são gordos... »**

Indique a alternativa em que a expressão destacada exerça a mesma função sintática de **aqui dentro,** do trecho acima transcrito:

a) Sentamo-nos numa das mesas ao fundo, depois de apanharmos **a nossa cerveja**...»

b) **«Na mesa próxima,** gordos irlandeses de rosto vermelho e olhar azul...»

c) «Mas **o seu braço** agora estendido deixa entrever o princípio de uma tatuagem.»

d) «...não se dá ao trabalho de tirar **o chapéu**.»

e) «Os únicos diferentes somos nós e um sujeito de cara **larga**...»

11) (FUVEST) «Os ilhais da fera arfam de fadiga, a espuma franja-lhe a boca, as pernas vergam, e os olhos amortecem de cansaço.»

Os termos **de fadiga** e **de cansaço** funcionam como:

a) adjuntos adverbiais de modo.

b) adjuntos adverbiais de causa.

c) adjunto adverbial de causa e adjunto adverbial de modo, respectivamente.

d) adjunto adverbial de modo e adjunto adverbial de causa, respectivamente.

e) adjuntos adnominais.

12) (UNESP) «Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade**.» O trecho destacado é:**

a) complemento nominal.

b) vocativo.

c) agente da passiva.

d) objeto direto.

e) aposto.

13) (FMU-SP) Leia as expressões destacadas na seguinte passagem: «E comecei a sentir falta das pequenas brigas **por causa do tempero na salada –** o meu jeito de querer bem**.» Tais expressões exercem, respectivamente, a função sintática de:**

a) objeto indireto e aposto.

b) objeto indireto e predicativo do sujeito.

c) complemento nominal e adjunto adverbial de modo.

d) complemento nominal e aposto.

e) adjunto adnominal e adjunto adverbial de modo.

14) (UFPb) Os termos destacados estão corretamente classificados, exceto em:

1. Ficaram encantados **com sua gentileza**. = objeto indireto.

2. Com as mãos no rosto, parecia **petrificado**. = predicativo do sujeito.

4. **Quanto** tempo perdido em brincadeiras! = adjunto adnominal.

8. Procurava alívio **para seus sofrimentos**. = complemento nominal.

16. A mim, **pobre infeliz,** todos abandonam. = aposto.

32. A mim, todos **me** abandonam. = obj. direto pleonástico.

64. Respeite-**me** as cãs. = adjunto adnominal.

(ITA-SP) As questões de n°s 15 e 16 referem-se ao seguinte texto:

Plena nudez

Eu amo os gregos tipos de escultura:
Pagãs nuas no mármore entalhadas;
Não essas produções que a estufa escura
Das modas cria, tortas e enfezadas.

Quero em pleno esplendor, viço e frescura
Os corpos nus; as linhas onduladas
Livres: da carne exuberante e pura
Todas as saliências destacadas.

Não quero, a Vênus opulenta a bela
De luxuriantes formas, entrevê-la
Da transparente túnica através:

Quero vê-la, sem pejo, sem receios,
Os braços nus, o dorso nu, os seios
Nus... toda nua, da cabeça aos pés!

15) Gramaticalmente, os termos «de escultura», «no mármore» e «entrevê» classificam-se como:

a) locução adjetiva, locução adverbial, verbo transitivo direto;

b) locução adverbial, locução adverbial, verbo transitivo direto e indireto;

c) locução adjetiva, locução adjetiva, verbo transitivo indireto;

d) complemento nominal, adjunto adnominal, predicado verbal;

e) adjetivo, substantivo, verbo intransitivo.

16) Qual das afirmativas abaixo é **correta para** a palavra «que», do 3º verso:

a) gramaticalmente: pronome relativo; sintaticamente: sujeito.

b) gramaticalmente: conjunção integrante; sintaticamente: objeto direto.

c) gramaticalmente: conjunção consecutiva; sintaticamente: a mesma função de «os corpos nus».

d) gramaticalmente: conjunção conclusiva; sintaticamente: sujeito.

e) gramaticalmente: pronome relativo; sintaticamente: a mesma função do «essas produções».

Descontraia!

Antes da próxima etapa, viva um pouco de Curitiba, com Dalton Trevisan.

«O ciclista»

«Curvado no guidão lá vai ele numa chispa. Na esquina dá com o sinal vermelho e não se perturba – levanta vôo bem na cara do guarda crucificado. No labirinto urbano persegue a morte com o trim-trim da campainha: entrega sem derreter sorvete a domicílio.

É sua lâmpada de Aladino, a bicicleta e, ao sentar-se no selim, liberta o gênio acorrentado ao pedal. Indefeso homem, frágil máquina, arremata impávido colosso, desvia de fininho o poste e o caminhão; o ciclista por muito favor derrubou o boné.

Atropela gentilmente e, vespa furiosa que morde, ei-lo defunto ao perder o ferrão. Guerreiros inimigos trituram com chio de pneus o seu diáfano esqueleto. Se não estrebucha ali mesmo, bate o pó da roupa e – uma perna mais curta – foge por entre as nuvens, a bicicleta no ombro.

Opõe o peito magro ao pára-choque do ônibus. Salta a poça d'água no asfalto. Num só corpo, touro e toureiro, golpeia ferindo o ar nos cornos do guidão.

No fim do dia, José guarda no canto da casa o pássaro de viagem. Enfrenta o sono trim-trim a pé e, na primeira esquina avança pelo céu na contramão, trim-trim.»

in: *Os Desastres do Amor.*

Respostas da unidade 23 — Análise Sintática – Termos da Oração

I —Termos essenciais

Exercícios — pág. 307

1) — a) suj. simples (oculto) **«eu»** b) inexist. c) indeterm. d) simples **«balão»** e) simples (oculto) **«tu»** f) composto **«homens e mulheres»** g) inexist. h) indeterm. i) simples (oculto) **«tu»** j) inexist. l) inexist. m) inexist. n) simples **«alguns minutos»** o) inexist. p) indeterm. q) simples **«a figura humilde e meiga da mãe preta»** r) simples **«comentários maldosos»** s) inexist. t) simples **«minha cantiga»** u) simples **«o seu corpo»** v) inexist. x) indeterm.

2) — 1.b 2.a 3.c 4.b 5.a 6.a 7.b 8.a 9.c 10.b 11.a 12.c 13.a 14.a 15.c

3) — a) S b) O c) S d) S e) O f) S g) O h) S i)S j)S l)S m)S

4) — a) TD b) VI c) TI d) 1. VL 2.VI e) TD f) TDI g) VI h) VL i) VL j) VI l) VI

Questões discursivas — pág. 309

1) a) Toda a humanidade b) inexist.
2) livros de Engenharia.
3) indeterm.
4) passou — o ataque; tocaram — indeterm.; vi — eu (implícito).
5) «os primeiros passos do burro» — suj. simples.
6) adj. adv. causa; suj.; predicat. do suj.
7) responsável (predic. do obj.).
8) a) predic. do suj. b) adj. adn. c) predic. do suj.

Testes — pág. 310

1 - d
2 - e
3 - e
4 - c
5 - e
6 - b
7 - c
8 - d
9 - b
10 - c
11 - c
12 - 46
13 - 10
14 - 11
15 - 34
16 - 52

II — Termos integrantes

Exercícios — pág. 315

1 — a, b, e, d, e, b, b, a/b, d, a.

2 — 1) o 2) lhes 3) a 4) os 5) lhes.

3 — 1) OD 2) OI 3) OI 4) OD pleon. 5) OD prep.

4 — a) OD b) OI c) OD d) OI e) OI f) OD g) OI h) OD i) OI j) OD

5 — a) ...esfolavam-na. b) ...fervê-la. c) ...lambendo-os. d) ...tomá-lo. e) ...comemorá-lo, executavam-nas no ar. f) Deram-lhe... g) Empurrou-a. h) Ouviram-no. i) Pediram-lha. j) Negaram-lhe uma...

6 — a) Estes casos, já os comentei. b) Ao mestre, não lhe convém a resposta. c) Estas recomendações, eu as faço com insistência. d) Ao povo, não lhe interessam essas leis.

Questões discursivas — pág. 316

1) OD prepos.
2) A mulher serviu-**lho**.
3) ferve-**me**: adj. adn. (= meu); acalma-**o**: OD; beija-**me**: OD.
4) a) OI b) OD.
5) **mo** (ME + O) = OI + OD.
6) a) OD prep. b) OI.

Testes — pág. 317

1 - c
2 - e
3 - c
4 - c
5 - c
6 - c
7 - c
8 - b
9 - a
10 - b
11 - a
12 - 33
13 - 41

Exercícios — pág. 320

1) — 1, 3, 1, 1, 3, 2, 1, 2, 3, 1, 2, 1.
2) — c, e, d, f, b, a, a, f, b, d, a, b, a, e, b, d, e, a, c, c.

3) — 1) não é possível (VI). 2) os homens não são compreendidos pelos anjos (VTD). 3) não é possível (VTI). 4) Esta coragem de leão forame dada pelo amor (VTDI).

4) — 1. Faça-se a vossa vontade. 2. Enviaram-se vários soldados... 3. Não se discutem gostos. 4. Pintam-se geladeiras no local. 5. Tinha-se usado mais de um artifício. 6. Perdeu-se uma caneta esferográfica. 7. Ver-se-ia o eclipse se o tempo... 8. Vasos ruins não se quebram.

5) — 1. são esquecidos 2. é conhecido 3. são contadas 4. sejam construídas 5. foram descobertos

Testes — pág. 322

1 - b
2 - c
3 - e
4 - c
5 - b
6 - c
7 - d
8 - a
9 - a
10 - d
11 - e
12 - a
13- b
14 - a
15 - 11
16 - 14

III — Termos acessórios

Exercícios — pág. 327

1) — b, c, a, a, d, e, b, a, d, c, b, b, e, d, a.

2) — a) Eu visitei a casa que foi desapropriada (suj.). b) eu visitei a casa onde (em que) você morou (adj. adv. lugar). c) eu visitei a casa que você comprou (OD). d) eu visitei a casa a que você se referiu (OI).

3) — a) antec. **pai** (suj.) b) antec. **lugar** (adj. adv. lugar) c) antec. **roupa** (OD) d) antec. **casos** (OI).

Discursivas — pág. 328

1) B, D, C, A.

2) a) intensidade b) tempo c) modo d) tempo e) causa.

3) suj.

4) a) suj. b) OD.

5) a) chovia uma triste chuva de resignação. b) Sim, os dois são OD.

6) a) adj. adn. b) compl. nom.

Testes — pág. 329

1 - a
2 - e
3 - c
4 - a
5 - b
6 - a
7 - d
8 - c
9 - b
10 - b
11 - b
12 - e
13 - d
14 - 01
16 - a
17 - e

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Elementos de Ortografia e Gramática 2

- Uso de Sinais........ 2
  - Hífen 2
  - Hífen nas Formações por Prefixação, Recomposição e Sufixação 3
- Formatação 4
  - Aspas........ 4
  - Posição das Aspas em Frase Contendo Citação........ 5
  - Itálico 5
  - Negrito e Sublinhado........ 5
  - Parênteses........ 6
  - Travessão 6
  - Uso de Siglas e Acrônimos 6
  - Siglas e Acrônimos em Atos Normativos........ 7

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Elementos de Ortografia e Gramática

Uso de Sinais

Hífen

O hífen é um sinal usado para:

a) ligar os elementos de palavras compostas: vice-ministro;

b) para unir pronomes átonos a verbos: agradeceu-lhe; e

c) para, no final de uma linha, indicar a separação das sílabas de uma palavra em duas partes (a chamada translineação): com-/parar, gover-/no.

O hífen de composição vocabular ou de ênclise e mesóclise é repetido quando coincide com translineação:

Exemplo: decreto-/-lei, exigem-/-lhe, far-/-se-á.

Analisamos, a seguir, o uso do hífen em alguns casos frequentes na redação oficial, conforme as regras do Acordo Ortográfico que entrou em vigor em 2009.

Hífen em compostos, locuções e encadeamentos vocabulares

Usa-se hífen em compostos, locuções e encadeamentos vocabulares, como:

a) na composição de palavras em que os elementos constitutivos mantêm sua acentuação própria, compondo, porém, novo sentido:

Exemplos: abaixo-assinado

(abaixo assinado, sem hífen, tem o sentido de aquele que assina o documento em seu final: João Alves, abaixo assinado, requer...)

decreto-lei

matéria-prima

papel-moeda

salário-família

Observação: Certos compostos, em relação aos quais se perdeu, em certa medida, a noção de composição, grafam-se aglutinadamente:

Exemplos:
girassol
madressilva
mandachuva
pontapé
paraquedas
paraquedista

b) nos adjetivos gentílicos (que indicam nacionalidade, pátria, país, lugar ou região de procedência) quando derivados de nomes de lugar (topônimos) compostos:

Exemplos:
belo-horizontino
norte-americano
porto-riquenho
rio-grandense-do-norte

c) nas palavras compostas em que os adjetivos “geral” e “executivo” são acoplados a substantivo que indica função, lugar de trabalho ou órgão:

Exemplos:
Advocacia-Geral da União
Diretor-Geral
Secretaria-Geral
Procurador-Geral
Secretaria-Executiva

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

d) nos compostos com os advérbios “bem” e “mal”, quando estes formam com a palavra seguinte uma unidade semântica e tal elemento começa por vogal ou “h”:

Exemplos:	bem-estar	mal-estar
	bem-alinhado	mal-alinhado

No entanto, o advérbio “bem”, ao contrário de “mal”, pode não se aglutinar com palavras iniciadas por consoantes:

Exemplos:	bem-criado	malcriado
	bem-visto	malvisto

e) nos compostos com os elementos “além”, “aquém”, “recém” e “sem”:

Exemplos:	além-Atlântico	aquém-mar	recém-casado	sem-cerimônia
	além-mar	aquém-Pireneus	recém-nascido	sem-número
	além-fronteiras	aquém-fronteiras	recém-operado	sem-vergonha

Não se usa hífen nas demais locuções de qualquer tipo:

Exemplos:	fim de semana	cor de vinho
	capitão de mar e guerra	sala de jantar
	cor de café com leite	

Hífen nas Formações por Prefixação, Recomposição e Sufixação

Os prefixos utilizados na Língua Portuguesa provieram do latim e do grego, línguas em que funcionavam como preposições ou advérbios, isto é, como vocábulos autônomos. Por essa razão, os prefixos têm significação precisa e exprimem, em regra, circunstâncias de lugar, modo, tempo etc. Grande parte das palavras de nossa língua é formada a partir da utilização de um prefixo associado a outra palavra. Em muitos desses casos, é de rigor o emprego do hífen, seja para preservar a acentuação própria (tônica) do prefixo ou sua evidência semântica, seja para evitar pronúncia incorreta do vocábulo derivado. É comum o uso do hífen em:

→ Formações com prefixos, como, por exemplo: ante-, anti-, circum-, co-, contra-, entre-, extra, hiper-, infra-, intra-, pós-, pré-, pró-, sobre-, sub-, super-, supra-, ultra – etc.

→ Formações por recomposição, isto é, com elementos não autônomos ou falsos prefixos, de origem grega e latina, tais como: aero-, agro-, arqui-, auto-, bio-, eletro-, geo-, hidro-, inter, macro-, maxi-, micro-, mini-, multi-, neo-, pan-, pluri-, proto-, pseudo-, retro-, semi-, tele – etc.

A junção dos termos se dá com o uso do hífen apenas nos seguintes casos:

a) nas formações em que o segundo elemento começa por “h”:

Exemplos:	anti-higiênico	extra-humano	super-homem

Atenção: Não se usa o hífen em formações que contêm os prefixos “des-” e “in-” nas quais o segundo elemento perdeu o “h” inicial:

Exemplos:	desumano	inábil
	desumidificar	inumano

b) nas formações em que o prefixo ou pseudoprefixo termina na mesma vogal com que se inicia o segundo elemento:

Exemplos:	anti-ibérico	contra-almirante	auto-observação

Atenção: Nas formações com o prefixo “co-”, este aglutina-se em geral com o segundo elemento mesmo quando iniciado por “o”:

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Exemplos:

coobrigação
coocupante

coordenar
cooperar, cooperação

c) nas formações com os prefixos “circum-” e “pan-”, quando o segundo elemento começa por vogal, “m” ou “n” (além de “h”, caso já considerado):

Exemplos:

circum-escolar
circum-murado
circum-navegação

pan-africano
pan-mágico
pan-negritude

d) nas formações com os prefixos “ex-” e “vice-”:

Exemplos

ex-almirante
ex-diretor
ex-hospedeira
ex-presidente
ex-primeiro-ministro

vice-diretora
vice-presidente
cvice-reitor

e) nas formações com os prefixos tônicos acentuados graficamente “pós-”, “pré-” e “pró-”, quando o segundo elemento tem vida à parte (ao contrário do que acontece com as correspondentes formas átonas que se aglutinam com o elemento seguinte):

Exemplos:

pós-graduação
pós-tónico
pós-operatório
pré-escolar
pré-natal

pré-vestibular
pró-africano
pró-ativo
pró-europeu

Formatação

Aspas

As aspas têm os seguintes empregos:

a) antes e depois de uma citação textual direta, quando esta tem até três linhas, sem utilizar itálico:

Exemplo: A Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, no parágrafo único de seu art. 1º afirma: “Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente”.

Se o texto original já contiver aspas, estas serão substituídas por aspas simples:

Exemplo: “As citações são os elementos retirados dos documentos pesquisados durante a leitura da documentação e que se revelaram ‘úteis’ para corroborar as ideias desenvolvidas pelo autor no decorrer do seu raciocínio” (SEVERINO, 2000, p.110).

O servidor informou: “ O cidadão deverá assinalar ‘concordo’ ou ‘discordo’.

Atenção: Quando a citação ocupar quatro ou mais linhas, deve-se optar pelo parágrafo recuado, sem aspas e sem itálico:

Exemplo: Já é tempo de zelarmos com mais assiduidade não só pelo polimento da frase, mas também, e principalmente, pela sua carga semântica, procurando dar aos jovens uma orientação capaz de levá-los a pensar com clareza e objetividade para terem o que dizer e poderem expressar-se com eficácia. (GARCIA, 1995).

b) quando necessário, para diferenciar títulos, termos técnicos, expressões fixas, definições, exemplificações e assemelhados:

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Exemplo: O maior inteiro que divide simultaneamente cada membro de um conjunto é o "máximo divisor comum".

Não confundir o prefixo "ante", que significa "anterior", com "anti", "contra".

Para efeitos deste estudo, entenda-se por "pessoa com altas habilidades" aquela que...

Nem sempre se pode aplicar uma "normal ideal" no lugar de uma "norma real".

Posição das Aspas em Frase Contendo Citação

Quanto à correta posição das aspas em frase contendo citação, valem as seguintes regras:

f) quando o fim da citação, assinalado por ponto-final, ponto-de-interrogação ou ponto-de – exclamação, coincidir com o término da frase, as aspas se colocam após esses pontos e não se usa mais nenhum sinal de pontuação:

Exemplos: O presidente anunciou: "Está encerrada a sessão."

O Deputado perguntou: "Haverá sessão extraordinária amanhã?"

O Ministro declarou, indignado: "Isto não pode acontecer!"

g) quando não fizerem parte da citação, o ponto-de-interrogação e o ponto-de-exclamação deverão vir depois das aspas:

Exemplos: De quem é a famosa frase "Conhece-te a ti mesmo"?

É dos dominicanos ou dos beneditinos o lema "Ora et labora"?

h) quando a frase continuar após a citação, deve-se utilizar o ponto-de-interrogação ou de – exclamação desta, mas não o ponto-final:

Exemplos: A máxima "Todo poder emana do povo" nunca deve ser esquecida pelos governantes.

A indagação histórica "Até tu?" ainda hoje é usada para indicar grande surpresa e indignação com alguém.

Itálico

Emprega-se itálico em:

a) títulos de publicações (livros, revistas, jornais, periódicos etc.) ou títulos de congressos, conferências, slogans, lemas sem o uso de aspas (com inicial maiúscula em todas as palavras, exceto nas de ligação):

Exemplos: Foi publicada a nova edição da *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara.

O documento doi aprovado na *II Conferência Mundial para Pessoas com Deficiência*.

b) palavras e as expressões em latim ou em outras línguas estrangeiras não incorporadas ao uso comum na língua portuguesa ou não aportuguesadas.

Exemplos: *Détente, Mutatis mutandis,.e-mail, show, chek-in, caput, réveilon, site, status, juridificação, print.*

Em palavras estrangeiras ou de formação híbrida de uso comum ou aportuguesadas, não há necessidade de destaque, como, por exemplo: internet, mouse, déficit.

Negrito e Sublinhado

Usa-se o negrito para realce de palavras e trechos.

Deve-se evitar o uso de sublinhado para realçar palavras e trechos em comunicações oficiais.

Atenção: Os recursos para destaque devem ser empregados com critério, pois o uso abusivo, além de poluir a página visualmente, pode retirar o efeito de destaque.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Parênteses

São empregados para intercalar, em um texto, explicações, indicações, comentários, observações, como por exemplo, indicar uma data, uma referência bibliográfica, uma sigla.

Exemplos: Na última reunião (10 de novembro de 2018), tomou-se a decisão.

O Estado de Direito (Constituição, art. 1º) define-se pela submissão de todas as relações ao Direito

A Presidência da República assinou o Acordo.

Travessão

O travessão, que é representado graficamente por um hífen prolongado (–), substitui parênteses, vírgulas, dois-pontos:

Exemplos: O controle inflacionário - meta prioritária do Governo - será ainda mais rigoroso.

As restrições ao livre mercado - especialmente o de produtos tecnologicamente avançados - podem ser muito prejudiciais para a sociedade.

Não se usa hífen (-) no lugar de travessão (–).

Uso de Siglas e Acrônimos

Para padronizar o uso de siglas e acrônimos nos atos normativos, serão adotados os conceitos sugeridos pelo Manual de Elaboração de Textos da Consultoria Legislativa do Senado Federal (1999), em que:

a) sigla: constitui-se do resultado das somas das iniciais de um título; e

Exemplo: Caixa Econômica Federal - CEF

b) acrônimo: constitui-se do resultado da soma de algumas sílabas ou partes dos vocábulos de um título.

Exemplo: Agência Nacional de Vigilância Sanitária - Anvisa

Observa-se que:

- → Não se deve fazer uso indiscriminado de siglas e acrônimos. Seu uso deverá restringir-se às formas já existentes e consagradas. No caso de atos normativos, recomenda-se desprezar as formas popularizadas que não estejam previstas em algum dispositivo legal.
- → As siglas e os acrônimos devem ser escritos no mesmo corpo do texto, sem o uso de pontos intermediários ou finais.
- → Dispensa-se o uso da expressão designada por extenso unicamente para representar nome de partidos políticos e de empresas comerciais quando a forma abreviada já se tornou sinônimo do próprio nome. Exceto quando tratar-se de empresas públicas ou estatais.
- → Na primeira citação, a expressão designada deve vir escrita por extenso, de forma completa e correta, sempre antes de sua sigla ou acrônimo respectivo, separados por travessão.

Exemplo: Imposto Predial e Territorial Urbano - IPTU

A grafia das siglas deverá obedecer às seguintes regras:

a) siglas compostas por até três letras devem ser escritas em letras maiúsculas;

Exemplos: Organização das Nações Unidas - ONU

Ordem dos Advogados do Brasil - OAB

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

b) siglas compostas por mais de três letras pronunciadas separadamente devem ser escritas em letras maiúsculas;

Exemplos: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

Instituto Nacional de Seguridade Social - INSS

c) siglas compostas por mais de três letras pronunciadas formando uma palavra devem ser escritas apenas com a inicial maiúscula;

Exemplos: Agência Nacional de Aviação Civil - Anac

d) siglas em que haja leitura mista (parte é pronunciada pela letra e parte como palavra) podem ser grafadas com todas as letras maiúsculas;

Exemplos: Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes - DNIT

Hospital Regional da Asa Norte - HRAN

Atenção: Excepcionalmente, pode haver a concorrência de letras maiúsculas na estrutura de sigla e acrônimo, a fim de evitar confusão com outros termos assemelhados.

Exemplo: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq

e) uso de siglas e acrônimos de órgãos estrangeiros

Devem-se empregar as siglas e os acrônimos dos órgãos estrangeiros na sua versão em português, que corresponde à expressão original traduzida. Entretanto, adota-se a forma abreviada original quando o seu uso for disseminado internacionalmente.

Exemplo: Organização dos Países Exportadores de Petróleo -Opep

disseminado internacionalmente.

f) plural de siglas

Com sigla empregada no plural, admite-se o uso de s (minúsculo) de plural, sem apóstrofo:

Exemplo: TRWs (Tribunais Regionais Eleitorais), e nãoTRE's

Esta regra não se aplica a siglas terminada com a letra *s*, caso em que o plural é definido pelo artigo.

Exemplo: DVS (Destaques para Votação em Separado).

Siglas e Acrônimos em Atos Normativos

Nos textos de atos normativos, o uso de siglas e acrônimos deve respeitar o disposto na alínea "e" do inciso II, do art. 14 do Decreto nº 9.191, de 2017:

1) não utilizar para designar órgãos da administração pública direta;

2) para entidades da administração pública indireta, utilizar apenas se previsto em lei; 3 não utilizar para designar ato normativo;

3) usar apenas se consagrado pelo uso geral e não apenas no âmbito de setor da administração pública ou de grupo social específico; e

4) na primeira menção, utilizar acompanhado da explicitação de seu significado.

Observe-se que as siglas e acrônimos utilizados para designar entidades da administração pública indireta devem ser postas segundo o previsto na lei de criação do ente.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Exercícios

01. A correção ortográfica é requisito elementar de qualquer texto e é ainda mais importante quando se trata de textos oficiais. Assinale a alternativa que apresenta a grafia correta de todas as palavras.

- **a)** Hermético, homogêneo, beneficiente.
- **b)** Ansiar, despender, exceção.
- **c)** Compunção, sossobrar, consecução.
- **d)** Viço, obssoleto, aldeiamento.
- **e)** Frontespício, freiar, arroubo.

02. De acordo com o Manual de Redação da Presidência da República, as vogais na Língua Portuguesa admitem certa variedade de pronúncia, dependendo de sua intensidade. Com essa variação na pronúncia, nem sempre a memória, baseada na audição, retém a forma correta da grafia. Com base nisso, assinalar a alternativa em que a palavra está escrita CORRETAMENTE:

- **a)** Cedilha.
- **b)** Discrissão.
- **c)** Imbutir.
- **d)** Dispender.

03. Analise as afirmativas a seguir.

- **I.** O governo gastou uma soma vultuosa nas obras de restauração.
- **II.** Pairam dúvidas a cerca dos atos praticados pelos estudantes durante o exame.
- **III.** O seu mandado de Governador encerra-se amanhã.
- **IV.** Foi dado diferimento à solicitação do servidor.
- **V.** Eles irão discriminar previamente os assuntos a serem tratados durante a reunião.

As palavras grifadas estão INCORRETAMENTE utilizadas apenas nas afirmativas

- **a)** II e V.
- **b)** III, IV e V.
- **c)** I, II, III e IV.
- **d)** I, III, IV e V.

04. Assinale a única alternativa incorreta no que diz respeito aos sinais a serem utilizados nos documentos oficiais:

- **a)** As aspas devem ser usadas antes e depois de uma citação textual.
- **b)** Devem ser usadas aspas para destacar termos estrangeiros.
- **c)** Os parênteses são utilizados para dar ênfase a determinada palavra ou pensamento.
- **d)** Os parênteses são empregados nas orações ou expressões intercaladas.

05. O Manual de Redação da Presidência da República lista uma série de vocábulos que devem ser escritos com “e” e não com “i”.

Assinale a opção que apresenta um erro ortográfico.

- **a)** granjear / falsear.
- **b)** frear / delapidar.
- **c)** antecipar / despender.
- **d)** hastear / prevenir.
- **e)** rarear / sanear.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

06. As palavras podem ser abreviadas por meio de abreviaturas, símbolos, acrônimos e siglas, além de abreviaturas latinas.

Sobre essas formas de abreviação, assinale a afirmativa correta.

a) São exemplos de símbolos: h (hora), km (quilômetro) e Ag (prata), que são grafados sem ponto e sem marcas de plural.

b) As abreviaturas dos nomes dos meses são realizadas pelas quatro letras iniciais: març, junh, julh, agos. etc.

c) As formas de abreviar palavras são aleatórias e podem ser resultantes de iniciativas individuais.

d) As siglas são formadas pelas iniciais maiúsculas de uma denominação, com pontos entre elas.

e) Os acrônimos são grafados com letras maiúsculas, independentemente de sua grafia original.

Gabarito

01 - B

02 - A

03 - C

04 - C

05 - B

06 - A

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

EMPREGO DO SINAL INDICATIVO DE CRASE

1. Definição

A palavra **crase** é de origem grega. Significa "mistura", "fusão". O vocábulo **crase** indica, em gramática, o fato *fonético* de duas vogais iguais se fundirem numa só. Quando se diz *fato fonético*, quer-se dizer fenômeno da fala. Exemplos:1º) a pronúncia de *Dona Ana* é *Donana*, assim como a de *minha alma* é *minhalma*; 2º) a pronúncia de *caatinga* é, muitas vezes, como *catinga*, no Nordeste; 3º) "De um povo *heróico o* brado retumbante", verso do hino nacional onde encontramos a pronúncia dois *os* como um só.

A única *crase* assinalada com acento grave é o encontro da preposição a com:

- artigo definido a, as;
- pronome demonstrativo aquele, aqueles, aquela, aquelas, aquilo, a (= aquela), as (= aquelas).

2. Regra prática com artigo

Passo 1: Trocar o nome feminino por um masculino.

Passo 2: Observar se aparece **AO** diante do masculino.

Passo 3: Só poderá haver crase diante do feminino, se aparecer **AO** diante do masculino.

Modelo: Custa a nação confiar em promessas.

Passo 1: Troquemos **nação** por **país**.

Passo 2: Resultado: Custa **AO** país confiar em promessas.

Observamos que aparece **AO** diante do masculino **país**.

Passo 3: Poderá haver crase diante do feminino **nação**.

Resultado: Custa **à nação** confiar em promessas.

Exemplos de análise:

A. O homem já foi à Lua. (O verbo *ir* pede preposição *a*; o nome *Lua* recebe artigo *a;* a + a = à. Compare ainda: O homem já foi ao pólo.)

B. É imensa a distância do Sol à Terra. (O substantivo *distância* pede as preposições *de*, que marca o início, e *a*, que marca o término; o nome *Terra* recebe artigo *a*; a +a = à. Compare: ...da Terra *ao* Sol.)

Observações

1ª.) Se o antecedente (regente) não pedir a preposição *a*, ou se o termo seguinte não receber artigo *a*, não haverá crase, e o a não receberá acento, porque ou será artigo, ou preposição simples.

C. Fez a prova indisposto. (O *a* é artigo, pois o verbo *fazer*, aqui transitivo direto, não pede preposição *a*. Compare com a frase em que o objeto direto do verbo é substantivo masculino: Fez o exame, em que só aparece o artigo *o*.)

D. O homem ainda não foi a Marte. (O *a* é preposição, pedida pelo verbo *ir*, já que o nome *Vênus* não se usa com artigo. Compare: A atmosfera **de** Marte é muito densa. O homem ainda não foi a Marte.

2ª) Se houver somente um *a* antes de um substantivo feminino *plural*, esse *a* será sempre a preposição, pois o substantivo no plural exigiria o artigo *as*, com *s*. Compare:

E. Resistiu a tentações incríveis. (O *a* é simples preposição: o substantivo *tentações* não está determinado por artigo, que seria *as*.)

F. Resistiu às tentações mais poderosas. (Houve CRASE da preposição *a*, pedida pelo verbo *resistir*, com o *a* do artigo plural *as*, que determina *tentações*.)

3ª) Como se trata preposição *a* e artigo feminino *a*, *as*, é lógico que a crase não ocorrerá diante de nome masculino. Se houver artigo, será *o,os*, que formarão com a preposição *a*: *ao*, *aos*. Veja:

G. Sua atitude agradou ao povo. (a+o=ao)

H. Uns foram a pé, outros a cavalo. (O *a* é preposição, pois os nomes *pé* e *cavalo* estão usados, na frase, SEM ARTIGO.)

I. Expressões masculinas: *a contento, a custo, a dinheiro, a esmo, a ferro e fogo, a frete, a galope, a olho nu, a prazo, a pulso, a rodo, a torto e a direito.*

4ª) Já que para haver crase é necessária a preposição *a*, então concluímos que não haverá crase após outras preposições: ante, após, com, contra, desde, durante, entre, mediante, para, perante, sob, sobre, segundo, perante. **Exceção**: até admite preposição *a*.

J. Após a luta, conforme a ocasião, desde a antiguidade, durante a noite, perante a lei, até a porta ou até à porta.

EXERCITANDO e FIXANDO a regra prática com artigo

1. Ponha nos parênteses *P* se o *a* for preposição, *A* se for artigo:

a) A nave americana *Voyager* chegou *a* ( ) Saturno.
b) O Papa visitou *a* ( ) nação brasileira.
c) Admirava *a* ( ) paisagem.
d) Cabe *a* ( ) todos contribuir para o bem comum.
e) Ele só assiste *a* ( ) filmes de cowboy.
f) Procure resistir *a* ( ) essa tentação.
g) Ajude *a* ( ) Campanha.
h) O acordo satisfez *a* ( ) direção do Sindicato.
i) Falou *a* ( ) todos com simpatia contagiante.
j) O acordo convém *a* ( ) funcionários e *a* ( ) funcionárias.

2. Complete as lacunas com *a, as, à* ou *às* junto dos substantivos femininos, observando as correspondências necessárias: o = a; os = as; ao = à; aos = às.

a) Dava comida aos gatos e ____ gatas.
b) Estimava o pai e ____ mãe.
c) Perdoa aos devedores e ___ devedoras.
d) Prefiro o dia para estudar; ela prefere ____ noite.
e) Terás direito ao abono e ____ gratificação.
f) Confessou suas dúvidas ao amigo e ___ amiga.
g) Nunca faltava aos bailes e _____ festas de São João.
h) Sempre auxilio os vizinhos e __ vizinhas.
i) Tinha atitudes agradáveis aos homens e ___ mulheres.

3. No lugar dos traços use a, as, à ou às, conforme convenha:

a) A sentença deu margem ___ muitas dúvidas.
b) Dê preferência ___ firmas nacionais.
c) Não se resignava ___ dureza daquela vida.
d) Acompanho ___ com interesse.
e) Suportava com paciência ___ diabruras do filho.
f) Atribuíram ___ culpa ___ uma distração do funcionário.
g) Proceda segundo ___ normas legais.
h) Falou para ___ assembléia.
i) Você responsável perante ___ lei.
j) Naquela época do ano Marte se enxergava ___ olho nu.
k) Sacrificou tudo ___ educação dos filhos.
l) Passava facilmente da alegria ___ tristeza.
m) Ponho-me ___ disposição de V. Exª.
n) Não pôde assistir ___ formatura do filho.
o) Restituí o livro ___ biblioteca.
p) Presenciei ___ cena com espanto.
q) Entrava dinheiro ___ rodo.
r) Estou de regresso ___ pátria.
s) Contrariamente ___ crença geral, o Brasil parece não dispor de muito petróleo.
t) ___ tradições unem ___ gerações passadas ___ presentes.
u) É pequena mas sincera minha contribuição ___ Campanha.
v) Era um insulto ___ memória do marido.
w) A televisão desvia ___ juventude da leitura.
x) Conheço-lhe ___ boas qualidades.
y) Puseram ___ prova sua coragem.
z) Não se candidatou __ reeleição.

3. Regra prática com pronome demonstrativo aquele...

Passo 1: Trocar aquele(s) por este(s), aquela(s) por esta(s), aquilo por isto.

Passo 2: Observar se aparece a este(s), a esta(s), a isto.

Passo 3: Se aparecer, então haverá crase com aquele(s), aquela(s), aquilo.

Modelo: Encaminhe-se àquele balcão. Encaminhe-se a este balcão. (à=a +aquele)

Exemplos de análise:

A. A impaciência levou-o àquela atitude extrema. (levou-o a esta atitude)

B. Não dê atenção àquilo. (Não dê atenção a isto.)

C. Limitou-se àquelas compras. (Limitou-se a estas compras.)

D. O juiz despachou favoravelmente àqueles acusados. (favoravelmente a estes acusados)

Observação

É evidente que, quando o antecedente não exige preposição *a*, não haverá crase, e os demonstrativos não receberão acento grave.

E. Prefira aquele produto a este. (Preferir um produto a outro.)

F. Encontrei aquela amiga. (Encontrar um amigo.)

EXERCITANDO e FIXANDO a regra prática com pronome

4. Preencha as lacunas com aquele, aqueles, aquela, aquelas, aquilo, se não houver preposição *a*; ou então com àquele, àqueles, àquela, àquelas, àquilo, se ocorrer a preposição *a* exigida pelo termo anterior regente:

a) A verba aprovada destinava-se apenas ________ despesas inadiáveis.
b) Prefiro este produto __________.
c) As providências cabem ________ que estejam interessados.
d) Submeterei _________ alunos a uma prova.
e) Nunca me prestaria a isso nem ____________.
f) Ficaram todos obrigados ____________ horário.
g) Já não amava __________ moça.
h) Ofereceu uma rosa _______ moça.
i) Reprovo _______ aquela atitude.
j) Não teremos direito ______ abono.
k) Não se negue alimento _______ que têm fome.
l) ___________ hora tudo estava tranqüilo.
m) Deves ser grato _______ que te fazem benefícios.
n) Traga-me _____ cadeira, por favor.
o) Diga _______ candidatos que logo os atenderei.
p) É isso que acontece ______ que não têm cautela.
q) Ofereça uma cadeira ______ senhora.
r) Abra ___________ janelas: o calor está sufocante.
s) Compareceste ________ festa?

---

4. Regra prática com pronome demonstrativo a=aquela____

Passo 1: Lembrar que artigo pressupõe substantivo na seqüência da frase. **Ex**.: Nosso time competiu com o time da Alemanha; Nossa seleção competiu com a seleção da Alemanha.

Passo 2: Lembrar que o substantivo pode estar oculto. **Ex**.: Nosso time competiu com o da Alemanha; Nossa seleção competiu com a da Alemanha.

Passo 3: Notar que o, a, os, as são pronomes demonstrativos quando não acompanham substantivo.

REGRA: Tal como o artigo feminino, o pronome demonstrativo feminino *a, as* pode, numa frase, vir depois da preposição *a* pedida por um antecedente, e nesse caso, haverá CRASE.

Modelo: Minha sorte está ligada à do meu país. (Compare: Meu destino está ligado ao do meu país. Depois do à subentende-se sorte.)

Exemplos de análise:

A. Os países da América Latina têm condições semelhantes às dos africanos. (Compare: ... têm problemas semelhantes aos dos africanos. Depois do às subentende-se condições.)

EXERCITANDO e FIXANDO a regra prática com a=aquela

5. Preencha as lacunas com *a, as*, quando se tratar do artigo ou do pronome demonstrativo; e com *à, às*, quando houver CRASE da preposição *a* com artigo ou o demonstrativo *a, as*:

a) Estavam acostumados tanto ____ épocas de guerra quanto ____ de paz. (Compare: Estavam acostumados tanto aos tempos de guerra quanto ao de paz.)
b) Confiava ____ tarefas difíceis mais _____ velhas amizades do que _____ novas. (Compare: Confiava os trabalhos difíceis mais aos velhos amigos do que aos novos.)
c) ______ espadas antigas eram mais pesas que ___ de hoje. (Compare: Os rifles antigos eram mais pesados que os de hoje.)
d) _____ forças de Carlos Magno eram tão valentes como ____ do Rei Artur. (Compare: Os soldados de Carlos Magno eram tão valentes como os do Rei Artur.)
e) _____ forças de Bernardo deram combate ____ que defendiam Carlos Magno. (Compare: Os homens de Bernardo deram combate aos que defendiam Carlos Magno.)
f) Esta moça se assemelha ____ que você me apresentou ontem. (Compare: Este rapaz se assemelha ao que você me apresentou ontem.)
g) ______ Medicina dá combate ____ doenças dos homens e ____ dos animais. (Compare: Os médicos dão combate aos males dos homens e aos dos animais.)
h) Esta tinta não se compara ___ que usaram antes. (Compare: Este papel não se compara ao que usaram antes.)
i) Prestava atenção ___ palavras dos velhos, mas não ____ dos jovens. (Compare: Prestava atenção aos ensinamentos dos velhos, mas não aos dos jovens.)

EXERCITANDO COM QUESTÕES DE CONCURSOS

6. CESPE, TST, 2003. **Texto**: Há mais de 150 anos, em setembro de 1845, o Instituto dos Advogados Brasileiros, pela primeira vez manifestava-se favorável à melhoria das condições dos escravos no Brasil. **QUESTÃO**: O que determina a exigência de sinal indicativo de crase na expressão “à melhoria” é a presença da forma verbal “manifestava-se”, que antecede essa expressão.

7. CESPE, TJDFT, 2003. Quanto ao emprego do sinal indicativo de crase, julgue os fragmentos apresentados nos itens a seguir.
   (1) direito a trabalho e a remuneração que assegure condições de uma existência digna
   (2) direito à unir-se em sindicatos
   (3) direito a descanso e à lazer
   (4) direito à uma segurança social
   (5) direito à proteção à família
   (6) assistência para a mãe e às crianças
   (7) direito à boa saúde e à educação de qualidade

8. CESPE, TST, 2003. **Texto**: São parâmetros hoje exigidos pelo mercado no que se refere à empregabilidade. **QUESTÃO**: Ocorre acento grave em “à” antes de “empregabilidade” para indicar que, nesse lugar, houve a fusão de uma preposição, exigida pelo vocábulo antecedente, com um artigo definido, usado antes dessa palavra feminina.

9. CESPE, TJDFT, 2003. **Texto**: A fé crescente na revolução científica gerava otimismo quanto às futuras condições da humanidade. **QUESTÃO**: O acento indicativo de crase é opcional no texto; portanto, pode ser retirado sem prejuízo para a correção gramatical da frase.

10. CESPE, HUB, 2003. **Texto**: Há contradições entre o mundo universitário tradicional e as aspirações dos estudantes e de seus familiares quanto a possibilidades finais de inserção profissional no mundo real. **QUESTÃO**: O emprego do sinal indicativo de crase (à) em “quanto a possibilidades” dispensaria outras transformações no texto e manteria a correção gramatical do período.

11. CESPE, HUB, 2003. **Texto**: À medida que os avanços científicos e tecnológicos foram chegando mais aos níveis da competição econômica, os seus centros geradores foram sendo cobiçados. **QUESTÃO**: A inserção da preposição **em** imediatamente após “à medida” é opcional, pois não alteraria o sentido original e preservaria a correção gramatical do período.

12. CESPE, PRF, 2002. **Texto**: Muitos crêem que a Internet é um meio seguro de acesso às informações. **QUESTÃO**: A omissão do artigo definido na expressão “acesso às informações”, semanticamente, reforçaria a noção expressa pelo substantivo em plena extensão de seu significado e, gramaticalmente, eliminaria a necessidade do emprego do sinal indicativo de crase, resultando na seguinte forma: **acesso a informações**.

Julgue os itens quanto à correção gramatical.

13. CESPE, BB III/2003. Inaugurado como sede da Associação Comercial, em 1906, sua rotunda abrigava o pregão da Bolsa de Fundos Públicos. Na década de 20, passou à pertencer ao Banco do Brasil, que o reformou para abertura de sua Sede.

14. A nova função tornou o edifício emblemático do mundo financeiro nacional até 1960, quando cedeu lugar à Agência Centro do Rio de Janeiro e depois à Agência Primeiro de Março, ainda em atividade.

15. ESAF, TRF, 2003. O TCU quer avaliar o controle exercido pela Superintendência da Receita Federal sobre à rede arrecadadora de receitas federais.

16. ESAF, AFRF, 2003. Para os membros da Comissão de Assuntos Econômicos do Senado (CAE), a qual os acordos internacionais são submetidos, cabe ao Brasil novas solicitações de empréstimos ao FMI.

17. ESAF, AFRF, 2003. As Metas de Desenvolvimento do Milênio prevêm a redução da pobreza a metade até 2015.

18. CESPE, TJBA, supervisor, 2003. O conflito instalou-se em campo quando o técnico, subserviente às ordens do dirigente do time, não pôde satisfazer, perante o público, a vontade do árbitro.

19. CESPE, TJBA, supervisor, 2003. O juiz foi ao técnico e mandou-o tirar o excedente com a finalidade de obedecer às regras relativas à quantidade de jogadores titulares em campo.

20. CESPE, PCRR, delegado, 2003. Mas houveram críticas que refutavam tais teorias, embasadas, sobre tudo, no fato de o direito, as vezes, regular condutas internas.

21. CESPE, PCRR, agente, 2003. **Texto**: A Declaração transformou-se, nesta última metade de século, em uma fonte de inspiração para a elaboração de diversas cartas constitucionais e tratados internacionais voltados à proteção dos direitos humanos. **Questão**: A substituição de "à" por **para a** preservaria a coerência e a correção do período.

22. CESPE, TJBA, digitador, 2003. **Texto**: A doutrina trabalhista prestigia essa modalidade excepcional de construção do vínculo empregatício e permite ao juiz que invalide contrato formal de natureza diversa e converta prestador de serviço eventual, profissional liberal, diretor de sociedade anônima, representante comercial autônomo, em empregado permanente, com encargos que a decisão atrai. **Questão**: A ausência de artigo antes da expressão "contrato formal de natureza diversa" e de "empregado permanente" justifica-se pelo caráter genérico dessas informações.

23. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto: Para incentivar o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio no Brasil, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva lançou o Prêmio ODM BRASIL. A iniciativa do governo federal em conjunto com o Movimento Nacional pela Cidadania e Solidariedade e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) vai selecionar e dar visibilidade __1___ experiências em todo o país que estão contribuindo para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), como __2__ erradicação da extrema pobreza e __3__ redução da mortalidade infantil. Os ODM fazem parte de um compromisso assumido, perante __4__ Organização das Nações Unidas, por 189 países de cumprir __5__ 18 metas sociais até o ano de 2015.

(Em Questão, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390, Brasília, 06 de janeiro de 2006)

	1	2	3	4	5
a)	a	à	à	a	às
b)	as	a	a	à	as
c)	às	à	a	à	às
d)	a	a	a	a	as
e)	as	a	a	à	às

TREINANDO EM QUESTÕES DE PROVA

1. (IBGE) Assinale a opção incorreta com relação ao emprego do acento indicativo de crase:
a) O pesquisador deu maior atenção à cidade menos privilegiada.
b) Este resultado estatístico poderia pertencer à qualquer população carente.
c) Mesmo atrasado, o recenseador compareceu à entrevista.
d) A verba aprovada destina-se somente àquela cidade sertaneja.
e) Veranópolis soube unir a atividade à prosperidade.

2. (IBGE) Assinale a opção em que o A sublinhado nas duas frases deve receber acento grave indicativo de crase:
a. Fui a Lisboa receber o prêmio. / Paulo começou a falar em voz alta.
b. Pedimos silêncio a todos. Pouco a pouco, a praça central se esvaziava.
c. Esta música foi dedicada a ele. / Os romeiros chegaram a Bahia.
d. Bateram a porta fui atender. / O carro entrou a direita da rua.
e. Todos a aplaudiram. / Escreve a redação a tinta.

3. (UF-RS) Disse ..... ela que não insistisse em amar ..... quem não ..... queria.
a) a - a – a b) a - a – à c) à - a - a d) à - à - à e) a - à - à

4. (UF-RS) Quanto ..... suas exigências, recuso-me ..... levá-las ..... sério.
a) às - à - a b) a - a - a c) as - à - à d) à - a - à e) as - a - a

5. (UC-BA) Já estavam ..... poucos metros da clareira, ... qual foram ter por um atalho aberto ..... foice.
a) à - à – a b) a - à – a c) a - a - à d) à - a - à e) à - à - à

6. (UC-BA) Afeito ..... solidão, esquivava-se ..... comparecer ..... comemorações sociais.
a) à - a - a b) à - à - a c) à - a - à d) a - à - a e) a - a - à

7. (TTN) Preencha as lacunas da frase abaixo e assinale a alternativa correta: "Comunicamos ..... Vossa Senhoria que encaminhamos ..... petição anexa ..... Divisão de Fiscalização que está apta ..... prestar ..... informações solicitadas."
a) a, a, à, a, as b) à, a, à, a, às c) a, à, a, à, as
d) à, à, a, à, às e) à, a, à, à, as

8. (UF-RS) Somente ..... longo prazo será possível ajustar-se esse mecanismo ..... finalidade ..... que se destina.
a) a - à - a b) à - a - à c) à - à - à d) à - a - a e) à - à - a

9. (UF-RS) Entregue a carta ..... homem ..... que você se referiu ..... tempos.
a) aquele - à - á b) àquele - à - há c) aquele - a – a
d) àquele - à - à e) àquele - a - há

10. (BB) Há crase:
a) Responda **a** todas as perguntas.
b) Avise **a** moça que chegou a encomenda.
c) Volte sempre **a** esta casa.
d) Dirija-se **a** qualquer caixa.
e) Entregue o pedido **a** alguém na portaria.

11. (CARLOS CHAGAS-BA) A casa fica ..... direita de quem sobe a rua, ... duas quadras da avenida do Contorno.
a) à - há b) a - à c) a - há d) à - a e) à - à

12. (CARLOS CHAGAS-BA) Não nos víamos ..... tanto tempo, que ..... primeira vista não ..... reconheci.
a) a - à - a b) a - à – há c) há - a - há
d) há - à - a e) a - a - a

13. (SANTA CASA) Aconselhei-o ..... que, daí ..... pouco, assistisse .... novela.
a) a - à - a b) a - a - à c) a - a - a d) à - à - a e) à - a - à

14. (CESESP-PE) Observe as alternativas e assinale a que não contiver erro em relação à crase:
a. Rabiscava todos os seus textos à lápis para depois escrevê-los à máquina.
b. Sem dúvida que, com novos óculos, ele veria a distância do perigo, aquela hora do dia.
c. Referia-se com ternura ao menino, afeto às meninas e, com respeito, a várias pessoas menos íntimas.
d. Àquela distância, os carros só poderiam bater; não obedeceram as regras do trânsito.
e. Fui à Maceió provar um sururu à região.

15. (FUVEST) .... noite, todos os operários voltaram .... fábrica e só deixaram o serviço .... uma hora da manhã.
a) Há, à, à b) A, a, a c) À, à, à d) À, a, há e) A, à, a

16. (CESCEM) Garanto .... você que compete .... ela, pelo menos .... meu ver, tomar as providências para resolver o caso.
a) a, a, a b) à, à, a c) a, à, à d) a, à, a e) à, a à

17. (CESCEM) Sentou .... máquina e pôs-se .... reescrever uma .... uma as páginas do relatório.
a) a - a – à b) a - à - a c) à - a - a d) à - à - à e) à - à - a

18. (MACK) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas no seguinte período: "Agradeço .... Vossa Senhoria .... oportunidade para manifestar minha opinião .... respeito."
a) à - a - à b) à - a – a c) a - a - à d) a - a - a e) à - à - a

19. (SANTA CASA) .... dias não se conseguem chegar .... nenhuma das localidades .... que os socorros se destinam.
a) Há - à - a b) A - a - à c) À - à - a d) Há - a – a e) À - a - à

20. (SANTA CASA) Fique .... vontade; estou .... seu inteiro dispor para ouvir o que tem .... dizer.
a) a - à - a b) à - a - a c) à - à - a d) à - à - à e) a - a - à

21. (FMU) Assinale a alternativa em que não deve haver o sinal da crase:
a) O sonho de todo astronauta é voltar a Terra.
b) As vezes, as verdades são duras de se ouvir.
c) Enriqueço, a medida que trabalho.
d) Filiei-me a entidade, sem querer.
e) O sonho de todo marinheiro é voltar a terra.

22. (FUVEST) De ..... muito, ele se desinteressou em chegar a ocupar cargo tão importante. ..... coisas mais simples na vida e que valem mais que a posse momentânea de certos postos de relevo ..... que tantos ambiciosos por amor ..... ostentação.
a) a - Há - à - à b) há - As - a - a c) há - Há - a - à
d) a - Hão - a - à e) há - A - a - a

23. (FGV) ..... tarde, acampadas já ..... horas, as tropas verificaram ..... perdas sofridas.
a) Há - a - às b) À - há – as c) À - a - às
d) Há - à - as e) A - há - as

24. (BB) Dizer .... toda gente o que pensava .... respeito das coisas era sua maior ambição, mas não .... confessava sequer .... sua melhor amiga.
a) a, à, a, à b) à, à, a, a c) a, a, a, a d) a, à, à, à e) à, a, a, a

25. (BB) A amiga, ... quem devia tanta atenção, não chegou .... ouvir os agradecimentos que .... muito esperava.
a) a, a, a b) a, a, há c) à, à, há d) à, à, a e) à, a, a

26. (BB) Estarei .... frente do prédio, ... poucos metros daqui; chegue, exatamente .... uma hora.
a) à, há, à b) a, à, à c) à, a, à d) à, a, a e) à, há, a

27. (BB) Dizem que vencer .... si mesmo é mais do que vencer o mundo; portanto, vençamos, pela prática da virtude, ... todos os nossos defeitos e atingiremos .... perfeição.
a) à, a, à b) a, a, à c) a, à, à d) a, a, a e) à, à, à

28. (BB) Quando for .... Bahia, quero visitar .... igreja do Bonfim e assistir .... uma missa para dar cumprimento .... promessa que fiz.
a) a, a, à, à b) à, à, a, a c) a, à, a, à
d) à, a, a, à e) a, a, a, a

29. (BB) Qual das alternativas completa corretamente os espaços vazios? "E entre o sono e o medo, ouviu como se fosse de verdade o apito de um trem igual .... que ouvia em Limoeiro." (José Lins do Rego) "Habituara-se .... boa vida, tendo de tudo, regalada." (J. Amado) "Os adultos são gente crescida que vive sempre dizendo pra gente fazer isso e não fazer ...." (M. Fernandes)
a) àquele, aquela, aquilo d) aquele, àquela, aquilo
b) àquele, àquela, àquilo e) aquele, aquela, aquilo
c) àquele, àquela, aquilo

30. (UF SANTA MARIA-RS) Assinale a alternativa que completa, corretamente, as lacunas da frase inicial: Nesta oportunidade, volto .... referir-me .... problemas já expostos .... Vossa Senhoria .... alguns dias.
a) à, àqueles, a, há d) à, àqueles, a, a
b) a, àqueles, a, há e) a, aqueles, à, há
c) a, aqueles, à, a

31. (FUND. SANTO ANDRÉ-SP) A alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase, é: "....... muito tempo, devido .... condições político-econômicas do país, não é dado .... população o direito de viver .... salvo de sobressaltos financeiros", é:
a) a, as, à, à b) à, às, à, a c) há, às, à, a
d) há, às, à, à e) à, as, à, a

32. (CEFET-PR) O pobre homem fica .... meditar, ... tarde, indiferente .... que acontece ao seu redor.
a) à, a, aquilo b) a, a, aquilo c) a, à, àquilo
d) à, à, aquilo e) à, à, àquilo

33. (FCL BRAGANÇA PAULISTA) Não me refiro .... essa peça, mas .... a que assistimos sábado .... noite.
a) a, àquela, à b) a, aquela, a c) à, aquela, à
d) à, àquela, a e) à, àquela, à

34. (FUEL-PR) Fique .... vontade e confie .... mim tudo que tem .... dizer.
a) a, a, à b) à, a, a c) à, a, à d) à, à ,à e) a, à, a

35. (ACAFE-SC) Assinale a alternativa que completa a frase: Trouxe .... mensagem .... Vossa Senhoria e aguardo .... resposta, ... fim de levar .... pessoa que me enviou.
a) a, a, à, a, a b) a, à, a, à, a c) à, à, à, à, a
d) a, a, a, a, à e) à, a, a, a, a

36. (PUC-RS) Foi .... mais de um século que, numa região de escritores, se propôs a maldição do cientista que reduziria o arco-íris .... simples matéria: era uma ameaça .... poesia.
a) a, a, à b) há, à, a c) há, à, à
d) a, a, a e) há, a, à

37. (FUVEST) Assinale a alternativa que preenche adequadamente as lacunas do texto: "Chegar cedo ..... repartição. Lá ..... de estar outra vez o Horácio conversando ..... uma das portas com Clementino."
a) à - há - a b) à - há – à c) a - há - a
d) à - a - a e) a - a - à

38. (FUVEST) O progresso chegou inesperadamente .... subúrbio. Daqui .... poucos anos, nenhum dos seus moradores se lembrará mais das casinhas que, ... tão pouco tempo, marcavam a paisagem familiar.
a) aquele, a ,a b) àquele, à, há c) àquele, à, à
d) àquele, a, há e) aquele, à, há

39. (FUVEST) Diga .... elas que estejam daqui .... pouco .... porta da biblioteca.
a) à, há, a b) a, há, a c) a, a, a d) à, a, a e) a, a, à

40. (FUVEST) Assinale a frase gramaticalmente correta:
a) O papa caminhava a passo firme.
b) Dirigiu-se ao tribunal disposto à falar ao juiz.
c) Chegou à noite, precisamente as 10 horas.
d) Esta é a casa à qual me referi ontem às pressas.
e) Ora aspirava a isto, ora aquilo, ora a nada.

41. (UM-SP)
I - Em relação a renda familiar, o emprego intensivo de mão-de-obra não é a melhor solução.
II - Desde a última década, sinistros presságios atormentavam-lhe a mente.
III - Os investidores americanos, habituados à lentidão do ritmo inflacionário, conseguem acumular fortuna. De acordo com o emprego adequado da crase, deduz-se que:
a) todos os períodos estão corretos
b) nenhum dos três períodos estão corretos
c) estão corretos os períodos I e II
d) estão corretos os períodos II e III
e) somente o período III está correto

42. (UM-SP) Marque o período em que o uso da crase é permitido:
a) Enviei à Roma suas fotografias.
b) Foi à Lapa para inaugurar a gráfica.
c) Alô, franceses, chegamos à Paris.
d) Viajou à Londres, a fim de rever antigo amor.
e) Referimo-nos à Niterói, em nossa excursão pelo interior.

43. (FESP) Assinale a alternativa que completa a frase: "Após .... reunião, todos foram .... sala, para assistir .... chegada dos hóspedes".
a) a, à, a b) à, à, à c) a, à, à d) à, a, a e) a, a, a

44. (FESP) Refiro-me .... atitudes de adultos que, na verdade, levam as moças .... rebeldia insensata e .... uma fuga insensata.
a) às, à, à b) as, à, à c) às, à, a d) à, a, a e) à, a, à

45. (FCMSC-SP) Dê ciência .... todos de que não mais se atenderá .... pedidos que não forem dirigidos .... diretoria.
a) a, a, a b) a, à, a c) a, a, à d) à, à, a e) à, a, à

46. (FCMSC-SP) Estamos .... poucas horas da cidade .... que vieram ter, ... tempos, nossos avós.
a) a, a, há b) há, a, a c) há, à, há d) à, a, a e) a, à, há

47. (FCMSC-SP) Assinale a sentença onde a crase foi empregada corretamente:
a. Não se esqueça de chegar à casa cedo.
b. Prefira isto aquilo, já que ao se fazer o bem não se olha à quem.
c. Já que pagaste àquelas dívidas, à que situação aspiras?
d. Chegaram até a região marcada e daí avançaram até à praia.
e. Suas previsões não deixaram de ter razão, pois à uma hora da madrugada é um perigo andar à pé, sozinho.

48. (UF-PR) Quais as formas que completam, pela ordem, as lacunas das frases seguintes? Daqui ..... pouco vai começar o exame; Compareci ..... cerimônia de posse do novo governador; Não tendo podido ir ..... faculdade hoje, prometo assistir ..... todas as aulas amanhã.
a) à, a, a, à b) há, na, à, a c) a, há, na, à
d) a, na, à, à e) a, à, à, a

49. (ETF-SP) Não é mais possível, ... esta altura, descobrir ..... que se deve a falha, nem cabe atribuir culpa ..... ninguém.
a) a - a - a b) a - à - a c) à - à - a d) à - à - à e) à - a - à

50. (BB) Quanto à crase: 1. Feche à porta 2. à chave e 3. volte à trabalhar 4. Informe à todas 5. que iremos à Brasília
a) corretos os segmentos 1 e 2 d) todos estão corretos
b) corretos os segmentos 3 e 4 e) todos estão incorretos
c) corretos os segmentos 2 e 5

51. (BB) Opção que completa corretamente a frase: Daqui .... dois dias retornarei .... Belém.
a) há, a b) à, à c) à, a d) há, à e) a, a

52. (BB) Opção que preenche corretamente as lacunas: O gerente dirigiu-se .... sua sala e pôs-se .... falar .... todas as pessoas convocadas.
a) à, à, à b) a, à, à c) à, a, a d) a, a, à e) à, a, à

53. (BB) Forma incorreta:
a) Partirei daqui à uma hora.
b) O teste visa à verificar a qualidade do produto.
c) Ele vive à margem da comunidade.
d) O funcionário foi chamado à responsabilidade.
e) Estou à procura de um ideal.

54. (BANESPA) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas do texto ao lado: "Recorreu .... irmã e .... ela se apegou como .... uma tábua de salvação."
a) à - à - a b) à - a - à c) a - a - a d) à - à - à e) à - a - a

55. (ESAF) Assinale a frase em que o acento indicativo de crase foi empregado incorretamente:
a) Ao voltar das férias, devolverei tudo à Vossa Senhoria.
b) O candidato falou às classes trabalhadoras.
c) Fiquei à espera de meus amigos.
d) Sua maneira de falar é semelhante à de Paulo.

e) Você só poderá ser atendido às 9 horas.

56. (CARLOS CHAGAS) O fenômeno .... que aludi é visível .... noite e .... olho nu.

a) a - a - a   b) a - à - à   c) a - à - a   d) à - a - à   e) à - à - a

57. (FMU) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase: ..... anos, ... ecologia alerta ..... quem se interessar, que, ... vezes, ... ganância é um risco para a cidade.

a) A - a - à - há – às   b) Há - a - a - às - a   c) A - a - à - as - a

d) Há - a - à - as - à   e) A - há - à - as - a

58. (CARLOS CHAGAS) Já estavam .... poucos metros da clareira .... qual foram por um atalho aberto .... foice.

a) à - à - a   b) a - à - a   c) a - a - à   d) à - a - à   e) à - à - à

59. (FUND. LUSÍADA) Assinale a alternativa que completa corretamente o período: .... noite estava clara e os namorados foram .... praia ver a chegada dos pescadores que voltavam .... terra.

a) À - à - a   b) A - à - à   c) A - a - à   d) À - a - à   e) A - à - a

60. (FAAP) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas da seguinte frase: Ficaram frente .... frente, ... se olharem, pensando no que dizer uma .... outra.

a) à, à, a   b) a, à, a   c) a, a, a   d) à, a, a   e) à, a, à

61. (FUVEST) "Daqui ..... vinte quilômetros, o viajante encontrará, logo ..... entrada do grande bosque, uma estátua que ..... séculos foi erigida em homenagem ..... deusa da floresta."

a) a - à - há - à   b) há - a - à - a   c) à - há - à – à

d) a - à - à - à   e) há - a - há - a

62. (FUVEST) Assinale a frase que pode ser completada por Há - a - à, nessa ordem:

a. .... tempos não .... via, mas sempre estive .... espera de um encontro.

b. Aqui .... beira do rio, ... muitos anos, existiu .... casa-grande do engenho.

c. Em resposta .... essa solicitação, só posso dizer que não .... vaga .... disposição.

d. Fiz ver, ... quem de direito, que não .... possibilidades de atender .... solicitação.

e. .... esperança de obtermos, ... custa de muito empenho, ... vaga de servente.

63. (TFC) Marque o item que se completa de forma correta com a seqüência seguinte - há; à(s):

a. ..... algum tempo, a tecnologia revolucionária em áreas que vão da cirurgia plástica ..... armas nucleares.

b. O raio laser se revela ..... altura de um bisturi de alta precisão ..... anos.

c. ..... quem afirme que ..... áreas da medicina em que o uso do raio laser é imprescindível.

d. ..... A novidade surgiu na França onde o laser está sendo usado na restauração da Catedral de Amiens, recuperando vestígios das cores aplicadas ..... sete séculos.

e. Debaixo da fuligem que conferiu um tom acinzentalado ..... igreja, o laser revelou uma gama de dourados, azuis e vermelhos existentes ..... épocas da feitura de obras góticas.

64. (FUVEST) Na frase: "tende a satisfazer as exigências do mercado", substituindo-se satisfazer por satisfação, tem-se a forma correta:

a) tende à satisfação as exigências do mercado.

b) tende a satisfação das exigências do mercado.

c) tende a satisfação das exigências ao mercado.

d) tende a satisfação às exigências do mercado.

e) tende à satisfação das exigências do mercado.

65. (TRE-SP) Disposto ..... recomeçar, o auxiliar judiciário referiu-se ..... palavras de apoio que ouviu, ... entrada do serviço.

a) à - as - a   b) à - às - a   c) a - as - a   d) a - às - à   e) a - as - à

66. (TRE-SP) Ele aprendeu ...... tempo que a obediência ...... leis dignifica o cidadão devotado ...... pátria.

a) há - as - a   b) a - às - a   c) há - as - à   d) à - às - à   e) há - às - à

67. (TRE-SP) Daqui ..... pouco, ele chegará ..... este Tribunal para encaminhar suas reclamações ..... quem de direito.

a) a - a - à   b) à - à - à   c) a - à - a   d) a - a - a   e) à - a - a

68. (TRE-SP) Isso se refere ..... fatos que ocorreram ..... muito tempo e, como tal, não vêm mais ..... lembrança de ninguém.

a) a - à - a   b) a - há – à   c) à - à - à   d) à - há - à   e) à - à - a

69. (TRE-MT) O uso do acento grave (indicativo de crase ou não) está incorreto em :

a) Primeiro vou à feira, depois é que vou trabalhar.

b) Às vezes não podemos fazer o que nos foi ordenado.

c) Não devemos fazer referências àqueles casos.

d) Sairemos às cinco da manhã.

e) Isto não seria útil à ela.

70. (TRE-MG) O acento grave, indicador de crase, está empregado incorretamente em:

a. Tal lei se aplica, necessariamente, à mulheres de índole violenta.

b. As novelas, às quais assisti, problematizam a questão da droga.

c. Entregou as chaves da loja àquele senhor que nos desacatou na praça.

d. O delegado disse ao prefeito e aos vereadores que estava à procura dos foragidos.

e. O bom atendimento às pessoas pobres deve ser prioridade da nova administração.

71. (TRE-RJ) "a tensão social poderia levar-nos a duas extremas posições." Das expressões que substituem a sublinhada na passagem acima, aquela cujo a pode ter o acento grave indicativo de crase é:

a) a mesma posição   b) a certa posição   c) a alguma posição

d) a qualquer posição   e) a posições distintas

72. (TRE-RO) I - O povo da região vai votar à pé ou à cavalo;

II - Pedimos à V. Excelência que não se esqueça do povão, que não o elegeu à toa.

III - O cabo eleitoral dirigiu-se à ela e ensinou-lhe a copiar o nome.

IV - Permaneceram reunidos à noite, face a face, a conversar.

A ocorrência de crase está corretamente indicada:

a) somente na I   b) somente na II   c) somente na III

d) somente na IV   e) somente na II e na IV

73. (TRE-MT) A única frase em que o a sublinhado deveria ser grafado com o acento grave indicativo de crase é:

a) Estou pronto **a** discutir o novo projeto.

b) Pelé fará uma viagem **a** Roma.

c) O presidente não fez alusão **a** qualquer ministro.

d) Vamos **a** sala vizinha, disse o ministro.

e) Preferiu morrer **a** entregar-se.

74. (TRE-RJ) O "a" (sublinhado) que deverá levar o acento grave indicativo de crase está na seguinte alternativa:

a) Eles entregam "pizza" a domicílio.

b) O menino não quis ir a casa dos tios.

c) A encomenda foi entregue a uma pessoa estranha.

d) As moças começaram a gritar logo no início do filme.

e) O fiscal não se referia a candidatas, mas a candidatos.

75. (TRE-MG) O uso da crase está incorreto em:

a) Chegaram a argumentar cara à cara que não aceitariam sugestões.

b) Já demos nossa contribuição à associação beneficente do bairro.

c) À custa de sacrifício, os estudantes conseguiram ser aprovados.

d) Transmita àqueles jovens nossa mensagem de esperança no futuro.

e) Esta construção é igual à que meu primo construiu na periferia.

76. (ETF-SP) Assinalar a alternativa em que está correto o uso da crase:

a) Tenho um carro à álcool e outro à gasolina.

b) Os turistas ficaram um bom tempo à contemplar a praia.

c) Escreva sempre à tinta, nunca a lápis.

d) Andávamos às escuras, à procura dos índios.

e) Aquela expedição esteve à andar pelas selvas durante muito tempo.

77. (ETF-SP) Assinalar a alternativa que completa corretamente as lacunas em: "..... duas horas estamos ..... espera de sermos apresentados ..... aquele escritor".

a) a, à, a   b) há, à, a   c) há, à, à   d) a, há, a   e) há, a, a

78. (TTN) Assinale o item que preenche corretamente as lacunas da frase:"Em virtude de investigações psicológicas .... que me referi, nota-se crescente aceitação de que é preciso pôr termo .... indulgência e .... inação com que temos assistido .... escalada da pornoviolência." (S. Pfrom)

a) à, a, à, a   b) a, à, à, à   c) a, a, a, à   d) à, à, a, a   e) a, à, a, à

79. (TTN) Marque a letra cuja seqüência preenche corretamente, pela ordem de aparecimento, as lacunas abaixo: O exame das propostas da reforma fiscal, ... primeira abordagem, leva .... conclusão de que .... carga tributária continuará .... incidir mais sobre salários e menos sobre lucros e grandes fortunas.

a) à - à - a - a   b) à - a - à - a   c) a - a - a - à   d) a - à - a - a

e) a - a - à - a

80. (AFTN) Assinale a frase na qual a palavra não deve receber o acento indicativo de crase:

a. Os apelos a internacionalização da Amazônia ganham contornos de avalanche.

b. Toda manhã a esta hora, depois de ler o jornal do dia, fico deprimida.

c. Aquela hora morta da madrugada todos estavam recolhidos ao leito.

d. Muitas das reivindicações dos sindicatos trabalhistas, são semelhantes as da classe patronal.
e. Os petroleiros apresentaram ao Ministro uma pauta de reivindicações igual a que haviam divulgado no ano anterior.

CRASE

1 - B 18 - D 35 - D 52 - C 69 - E
2 - D 19 - D 36 - E 53 - B 70 - A
3 - A 20 - B 37 - A 54 - E 71 - A
4 - B 21 - E 38 - D 55 - A 72 - D
5 - B 22 - C 39 - E 56 - C 73 - D
6 - A 23 - B 40 - D 57 - B 74 - B
7 - A 24 - C 41 - D 58 - B 75 - A
8 - A 25 - B 42 - B 59 - E 76 - D
9 - E 26 - C 43 - C 60 - C 77 - C
10 - B 27 - D 44 - C 61 - A 78 - B
11 - D 28 - D 45 - C 62 - A 79 - A
12 - D 29 - C 46 - A 63 - A 80 - B
13 - B 30 - B 47 - D 64 - E
14 - C 31 - C 48 - E 65 - D
15 - C 32 - C 49 - A 66 - E
16 - A 33 - A 50 - E 67 - D
17 - C 34 - B 51 - E 68 - B

QUADRO-RESUMO DE CRASE

CRASE OBRIGATÓRIA	CRASE PROIBIDA	CRASE FACULTATIVA
1. Antes de **hora**, se = **ao meio-dia**. Ex.: Chegou **às** duas horas. (ao meio-dia) Espero desde **as** três horas. (o meio-dia)	**A.** Antes de palavra masculina. Ex.: Andava **a** pé. Foi assassinato **a** sangue-frio. Escreveu **a** lápis.	**I.** Antes de pronome possessivo adjetivo feminino. Ex.: Refiro-me **à/a** sua tia.
2. Com as palavras moda ou maneira ocultas. Ex.: Estilo à Rui Barbosa. (à maneira de Rui Barbosa) Quero bife à milanesa. (à moda milanesa)	**B.** Antes de verbo. Ex.: Estava decidido **a** fugir. Tudo **a** partir de 1,99.	**II.** Antes de nome de mulher. Ex.: Dei o carro **à/a** Maria.
3. Subentendendo as palavras faculdade, universidade, escola, companhia, empresa e semelhantes. Ex.: O Governo não fez concessões à Ford. Preferiu a Faculdade de Letras à Hélio Afonso.	**C.** **A** (no singular) + palavra no plural. Ex.: Só faço favor **a** pessoas dignas. Dê isto **a** suas irmãs.	**III.** Depois da preposição **até**. Ex.: Fui até **à / a** praia. Mas: Visitei até a praia. (VTD)
4. Antes da palavra distância, quando determinada. Ex.: Fiquei **à** distância de dez metros. Fiquei **a** distância.	**D.** Antes de pronome indefinido ou palavra por ele modificada. Ex.: Disse isso **a** toda pessoa. Não irei **a** festa alguma.	**IV.** Antes de Europa, Ásia, África, Espanha, França, Inglaterra, Escócia e Holanda
5. Nas locuções com palavras femininas. Ex.: Choveu **à** noite. Ele melhora **à** medida que é medicado. Houve um baile **à** fantasia.	**E.** Antes de pronome de tratamento, salvo Dona, Senhora, Madame, Senhorita. Ex.: Enviarei tudo **a** Vossa Senhoria.	**V.** Em locuções adverbiais femininas de instrumento. Ex.: Galdesteu matou o rei a / à faca. (Mas: Preencher à máquina ou em letra de forma. – crase obrigatória para evitar duplo sentido. CESPE, BB I/2003.)
6. Antes de **terra**, salvo quando antônimo de **bordo**. Ex.: O agricultor tem apego **à** terra. Do céu **à** terra. Voltou **à** terra onde nasceu.	**F.** Antes de **quem** e **cujo(s)**, **cuja(s)**. Ex.: O prêmio cabe **a** quem chegar primeiro. Esta é a autora **a** cuja peça me referi.	**VI.** Antes do tratamento dona. Ex.: Ele dirigiu a palavra a / à dona Maria.
7. Antes de Senhora, Madame, Senhorita. Ex.: Ninguém resiste **à** Senhora Neide. (Mas: Vi a Senhora Neide. – VTD)	**G.** Entre palavras repetidas. Ex.: Estavam cara **a** cara. Venceu a corrida de ponta **a** ponta.	
8. Antes de nomes de lugar especificados ou que aceitem artigo. Ex.: Fui **à** bela Brasília. Fui **à** Bahia.	**H.** Antes de **terra** antônimo de **bordo**. Ex.: Mandou o marinheiro **a** terra.	
9. Quando ocorre **as** diante de pronome possessivo adjetivo no plural. Ex.: Refiro-me **às** suas tias.	**I.** Antes de **casa** = lar. Ex.: Retornei **a** casa.	
10. Antes da palavra **casa**, quando determinada por adjunto de posse. Ex.: Chegamos à casa de Pafúncio.	**J.** Depois de preposições (*ante, após, com, conforme, contra, desde, durante, entre, mediante, para, perante, sob, sobre, segundo*). Ex.: após **as** aulas, conforme **a** ocasião, para **a** paz; segundo **a** lei etc.	
	K. Quando se subentende um indefinido entre a preposição **a** e o substantivo feminino. Ex.: Estacionamento sujeito **a** multa. (a uma multa)	
	L. Antes de nomes de lugar que não admitem o artigo. Ex.: Fui a Brasília. Chegamos a Maceió.	
	M. Antes de numerais. Ex.: O número de acidentes chegou a 35.	
	N. Antes de nomes de santas. Ex.: Sou grato a Santa Clara.	

Língua Portuguesa – começando do ZERO

Apostila 08 (Teoria essencial)

OS TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

Após estudar os termos que completam o significado de verbos (objeto direto e objeto indireto) e de nomes (complemento nominal), bem como do agente da passiva, sua missão agora será estudar e compreender os termos que desempenham uma função secundária, ora de caracterização do substantivo, ora para expressar circunstâncias diversas.

São três os termos acessórios da oração: o adjunto adnominal, o adjunto adverbial e o aposto.

I — O ADJUNTO ADNOMINAL

É o termo acessório da oração que tem por finalidade a caracterização ou a determinação de um substantivo.

Observe nos exemplos abaixo as classes morfológicas que funcionam como adjunto adnominal:

* **Os** rapazes encontraram **uma** mulher perdida.
artigos

* O **enigmático** sonho levou a **bela** garota ao êxtase.
adjetivos

II — O ADJUNTO ADVERBIAL

É o termo acessório da oração que, com ou sem preposição, refere-se a um verbo, a um adjetivo ou a um advérbio atribuindo-lhes alguma circunstância. Em sintaxe, o adjunto adverbial é exercido pelos advérbios e pelas locuções adverbiais. Observe:

* Hoje o Presidente da República irá **ao Congresso** **na parte da tarde** **para a obtenção de apoio.**
adjunto adverbial adjunto adverbial adjunto adverbial

* **Raramente** o país investe em educação **como os outros países da América do Sul**
adjunto adverbial adjunto adverbial

Por expressarem circunstâncias, os adjuntos adverbiais possuem várias classificações. Destacamos as principais:

a) **de lugar** → No país do carnaval, só samba quem tem dinheiro.

b) **de tempo** → Muitos direitos foram suspensos no tempo da ditadura brasileira.

c) **de concessão** → Apesar das circunstâncias, muitos obtiveram o diploma de bacharel.

d) **de assunto** → Eles só falavam sobre a derrota do time.

e) **de causa** → Deixou o emprego por moléstia grave. Durante a tempestade, muitas árvores caíram com o vento.

f) **de afirmação** → Certamente o presidente da empresa viajará para a Europa.

g) **de intensidade** → Falou muito, por isso ficou bastante rouco.

h) **de dúvida** → Talvez o time ganhe na próxima partida.

i) **de modo** → Deixou às escondidas o local e sorrateiramente entrou no carro que estava aparentemente abandonado.

j) **de negação** → De modo algum nós aceitaremos as novas cláusulas. Não compactuaremos desse momento.

l) **de matéria** → Construiu a porta de ferro. Fechou todos os buracos com areia e cimento.

m) **de meio** → Eles sempre vão de carro à casa dos parentes mais afastados.

n) **de finalidade** → Estudam bastante para a obtenção do certificado.

o) **de condição** → Não conseguirás viajar sem o passaporte.

III — O APOSTO

É o termo acessório cuja função é a de esclarecer, explicar, identificar, especificar, resumir um outro termo. O termo a que o aposto se refere sempre será um substantivo ou termo substantivado, uma vez que a função do aposto é típica do substantivo.
Primeiros exemplos:

* O Amazonas, **maior rio navegável do mundo**, está poluído em algumas áreas.
aposto

* Renato Saraiva, **procurador do trabalho da 4ª região**, escreveu vários livros sobre Direito Trabalhista.
aposto

Existem vários tipos de apostos. São eles:

A) **Aposto explicativo**: é o mais comum. Como o próprio nome já enuncia, explica, esclarece o termo a que se refere. Vem sempre isolado por vírgula(s).
Exemplos:

* Edson Arantes do Nascimento, **o rei Pelé**, consagrou-se como um dos maiores jogadores de todos os tempos.
aposto explicativo

B) **Aposto resumitivo ou recapitulativo**: é aquele que "resume" uma seqüência de termos. Geralmente este tipo de aposto resume substantivos que exercem a função de sujeito. O aposto resumitivo é frequentemente exercido por um pronome indefinido.
Exemplos:

* O mar, os céus, a terra, **tudo** apregoa a glória de Deus.
aposto resumitivo

C) **Aposto especificativo**: é aquele que se refere a um substantivo de sentido geral particularizando-o, especificando-o, indicando-lhe a espécie à qual pertence. Este tipo de aposto dispensa a pontuação.
Exemplos:

* O iluminista **Thomas Hobbes**, autor de "Leviatã", morreu em 1679.
aposto especificativo

* O poeta **Carlos Drummond de Andrade** foi uma das maiores expressões do Modernismo.
aposto especificativo

D) **Aposto enumerativo**: este tipo cria uma enumeração ou indica uma quantidade do termo a que se refere. Este tipo de aposto faz uso freqüente dos dois pontos e, mais raramente, da vírgula e do travessão.
Exemplos:

* Para um homem evoluir são necessárias três coisas: **uma grande mulher, uma boa família e a presença de Deus**.
aposto enumerativo

O VOCATIVO

É o termo da oração (não entra em nenhuma classificação uma vez que nem pertence ao sujeito nem ao predicado) cujo objetivo é interpelar, chamar, invocar alguém de forma mais ou menos enfática.

Nota: Na fala o vocativo é pronunciado com entonação enfática. Na escrita é sempre marcado pela presença de algum sinal de pontuação que o isole dentro da estrutura oracional. Geralmente esse papel de isolar o vocativo é exercido pela vírgula.

* **Maria**, **ó Maria**, vem logo, não demores.
vocativos

*Afasta-te daqui, **criatura nojenta**!
vocativo

* Tenha cuidado, **meu filho**, a vida não é fácil.
vocativo

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Adjetivo....................2
  Gênero....................2
    Número....................2
  Grau....................3
    Locução Adjetiva....................3
    Adjetivos Pátrios....................3
    Aspectos Semânticos....................3
    Artigo....................4
    Numeral....................4
    Cardinal....................4
    Ordinal....................4
    Multiplicativo....................4
    Fracionário....................4
    Coletivo....................4
  Regra....................4

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Adjetivo

É a palavra que expressa uma qualidade ou característica do ser e se "encaixa" diretamente ao lado de um substantivo.

→ Explicativo: exprime qualidade própria do ser.

Ex: neve fria.

→ Restritivo: exprime qualidade que não é própria do ser.

Ex: fruta madura.

→ Adjetivo simples: Formado por um só radical.

Ex: brasileiro, escuro, magro, cômico.

→ Adjetivo composto: Formado por mais de um radical.

Ex: luso-brasileiro, castanho-escuro, amarelo-canário.

→ Adjetivo primitivo: É aquele que dá origem a outros adjetivos.

Ex: belo, bom, feliz, puro.

→ djetivo derivado: É aquele que deriva de substantivos, verbos ou até mesmo de outro adjetivo.

Ex: belíssimo, bondoso, magrelo.

Gênero

→ **Uniformes**: única forma pra o dois gêneros.

Ex: *céu azul – malha azul.*

→ **Biformes**: uma forma para cada gênero.

Ex: homem nu – mulher nua.

ão/ona: chorão/chorona

Regra geral:

o/a: belo/bela

eu/eia: europeu/europeia (*exceção* judeu/judia)

eu/oa: tabaréu/tabaroa (caipira)

ão/ã: cristão/cristã

São invariáveis

→ Adjetivos terminados em **e, l, z, m**: *forte, amável, capaz* (*exceção* bom/boa).

→ Adjetivos *hindu, cortês, melhor, maior, menor, interior, pior.*

→ Adjetivos pátrios terminados em **a** e **ense**: *belga, cearense.*

Número

→ As regras dos adjetivos simples assemelham-se às dos substantivos.

Ex: Meninas ricas.

→ Adjetivos compostos: varia o último elemento. Ex: poesias luso-brasileiras

Exceção: surdos-mudos, carros verde-abacate, vermelho-sangue, azul-marinho etc.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Grau

→ **Comparativo**: expressa uma comparação de:

Superioridade: mais do que

Igualdade: tão quanto

Inferioridade: menos do que

→ **Superlativo**: Intensifica uma característica. Pode ser *relativo* ou *absoluto*.

→ **Superlativo** Relativo **do Superioridade:** a mais/o mais.

→ **Superlativo** Relativo **de Inferioridade:** a menos/o menos.

→ **Superlativo** Absoluto **Sintético:** sufixos –íssimo, – érrimo, – ílimo.

→ **Superlativo** Absoluto **Analítico:** advérbio de intensidade + adjetivo.

Locução Adjetiva

→ Expressão formada de preposição + substantivo, que tem valor de adjetivo.

Ex: A blusa é cor de vinho.

Adjetivos Pátrios

→ Acre – acreano

→ Alagoas – alagoano

→ Amapá – amapaense

→ Aracaju – aracajuano ou aracajuense

→ Amazonas – amazonense ou baré

→ Belém (PA) – belenense

→ Belo Horizonte – belo-horizontino

→ Boa Vista – boa-vistense

→ Brasília – brasiliense

→ Cabo Frio – cabo-friense

→ Campinas – campineiro ou campinense

→ Curitiba – curitibano

Aspectos Semânticos

→ Dependendo da posição em relação ao substantivo, o adjetivo pode mudar o significado.

Ex: O **falso** filósofo encontrou um filósofo **falso**.

não era mentiroso

→ A mudança da classe gramatical provoca mudança de sentido.

Ex: Nos desfiles de moda, o **bonito** é caro.

substantivo

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Artigo

É a palavra que antepomos aos substantivos para determiná-los. Indica, ao mesmo tempo, o gênero e o número. A classe divide-se em:

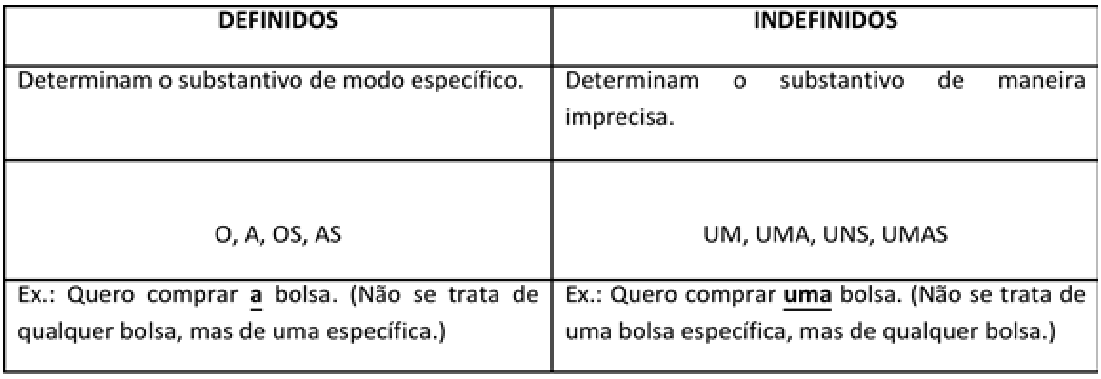

DEFINIDOS	INDEFINIDOS
Determinam o substantivo de modo específico.	Determinam o substantivo de maneira imprecisa.
O, A, OS, AS	UM, UMA, UNS, UMAS
Ex.: Quero comprar a bolsa. (Não se trata de qualquer bolsa, mas de uma específica.)	Ex.: Quero comprar **uma** bolsa. (Não se trata de uma bolsa específica, mas de qualquer bolsa.)

NUMERAL X ARTIGO

Um peixe foi fisgado = qualquer peixe foi fisgado (**artigo**)

≠

Fui a uma pescaria e consegui pegar apenas **um** peixe = 1 peixe (**numeral**)

Numeral

Ele é uma das palavras que se relaciona diretamente ao substantivo, dando a ideia de número.

→ Ex: Andei por duas quadras.

→ Fui a segunda colocada no concurso.

→ Comi um quarto da pizza.

→ Tenho triplo da idade de meu filho.

Cardinal

→ Indica quantidade, serve para fazer a contagem.

Ordinal

→ Expressa ordem.

Multiplicativo

→ Indica multiplicação.

Fracionário

→ Expressa divisão, fração e partes.

Coletivo

→ Indica um conjunto. Exemplo: centena, dúzia, dezena, década e milheiro.

Diferença entre um artigo e o um numeral, um artigo indica indefinição do substantivo e o um numeral indica quantidade do substantivo.

Regra

Na sucessão de papas, reis, príncipes, anos, séculos, capítulos, etc. empregam-se os ordinais de **1 a 10** e daí por diante os cardinais.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Ex.: João Paulo II (segundo), Bento XVI (dezesseis).

Se o numeral aparece anteposto, é lido como ordinal. Ex.: XXX Salão do Automóvel (trigésimo).

Já na enumeração de textos oficiais (leis, decretos, artigos, alíneas, incisos, parágrafos, portarias, circulares, avisos, etc.), empregam-se os **ordinais** de **1 a 9** e daí por diante os **cardinais**.

Ex.: lei V (quinta), decreto-lei X (dez), artigo XXI (vinte e um), inciso X (dez).

Em ambos os casos, os algarismos romanos podem ser substituídos por arábicos, embora sejam frequentes e tradicionais os romanos: João Paulo 2.º, Bento 16, lei 5.ª, decreto-lei 10, artigo 22.

Exercícios

01. Observe as sentenças a seguir:

I. O jardim florido enfeitava a grande casa lilás.

II. As meninas pobres dormiam sozinhas nas ruas.

III. As pessoas apressadas caminham pela cidade cinzenta, poluída e cheia.

IV. O dramático espetáculo comoveu a plateia atenta.

V. No decorrer do difícil trabalho, houve profundas mudanças.

Agora, assinale a opção incorreta:

a) Na frase I, o adjetivo florido refere-se a jardim e os adjetivos lilás e grande referem-se a casa.

b) Na frase II, pobres se refere a meninas e sozinhas se refere a ruas.

c) Na frase III, apressadas refere-se a pessoas e cinzenta, poluída e cheia referem-se a cidade.

d) Na frase IV, dramático refere-se a espetáculo e atenta refere-se a plateia.

e) Na frase V, difícil refere-se a trabalho e profundas refere-se a mudanças.

Gabarito

B

A

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Curso Completo de Português

Prof. Fernando Pestana

(Autor do livro “A Gramática para Concursos Públicos”)

Classes de Palavras - Advérbio

— ***Definição***

1. Identificação:

- Sempre acorda cedo.
- Continuo bastante disposto.
- Foram dormir mais tarde.
- Semestralmente fazemos concursos.
- A cerveja gelada desceu redondo.

2. Particularidades:

> formação de advérbios terminados em
-*mente*

> valores semânticos de advérbios terminados em -*mente*

> sequência de advérbios terminados em
-*mente*

> quando, como, onde, por que

3. Classificação: advérbios e locuções adverbiais.

- Afirmação: sim, com certeza, indubitavelmente...
- Negação: não, em hipótese alguma, absolutamente...
- Modo: bem, de propósito, deliberadamente...
- Tempo: agora, nunca, à noite, atualmente...
- Lugar: aqui, à esquerda, lateralmente...
- Dúvida: talvez, por ventura, provavelmente...

- Intensidade: muito, em excesso, extremamente...

- O homem suava com o calor carioca.
- Ele sempre chega, apesar do trânsito.
- Escrevi quinhentas páginas a caneta.
- Viajou de trem pela Europa.
- Só saio com minha esposa.
- Nada disse acerca de seus planos.

4. Variação em grau: I) comparativo, II) superlativo, III) grau estilístico.

I) de igualdade: Escrevia tão depressa quanto/como eu.

de superioridade*: Escrevia mais depressa (do) que eu.

de inferioridade: Escrevia menos depressa (do) que eu.

** bem e mal*

II) Ele cantou muito bem. / Ele cantou muitíssimo bem.

- Esta casa é mais bem (ou melhor) mobiliada que a outra?

III) Volto já, já! / Ele fez super-rápido a prova. / Ele fez rapidão/rapidinho a prova. / Já está de manhãzinha; preciso trabalhar. / Mike Tyson lutava pra cara#@$%!!!

5. Valor discursivo: função textual e modalização.

- Tanto no Rio como em São Paulo, há tráfico de drogas. Enquanto aqui as UPPs vêm melhorando o cenário carioca, lá há outras intervenções.
- As mulheres sempre foram assim: leais e vingativas.
- Lamentavelmente a seleção brasileira de futebol não ganhou a Copa de 2014.

FOCA
NA
GRAMÁTICA

Clams
FERNANDO PESTANA
A Gramática para Concursos Públicos
SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

Curso Completo de Português

Prof. Fernando Pestana

(Autor do livro “A Gramática para Concursos Públicos”)

Classes de Palavras - Advérbio

— ***Definição***

1. Identificação:

- Sempre acorda cedo.
- Continuo bastante disposto.
- Foram dormir mais tarde.
- Semestralmente fazemos concursos.
- A cerveja gelada desceu redondo.

2. Particularidades:

> formação de advérbios terminados em
-*mente*

> valores semânticos de advérbios terminados em -*mente*

> sequência de advérbios terminados em
-*mente*

> quando, como, onde, por que

3. Classificação: advérbios e locuções adverbiais.

- Afirmação: sim, com certeza, indubitavelmente...
- Negação: não, em hipótese alguma, absolutamente...
- Modo: bem, de propósito, deliberadamente...
- Tempo: agora, nunca, à noite, atualmente...
- Lugar: aqui, à esquerda, lateralmente...
- Dúvida: talvez, por ventura, provavelmente...

- Intensidade: muito, em excesso, extremamente...

- O homem suava com o calor carioca.
- Ele sempre chega, apesar do trânsito.
- Escrevi quinhentas páginas a caneta.
- Viajou de trem pela Europa.
- Só saio com minha esposa.
- Nada disse acerca de seus planos.

4. Variação em grau: I) comparativo, II) superlativo, III) grau estilístico.

I) de igualdade: Escrevia tão depressa quanto/como eu.

de superioridade*: Escrevia mais depressa (do) que eu.

de inferioridade: Escrevia menos depressa (do) que eu.

** bem e mal*

II) Ele cantou muito bem. / Ele cantou muitíssimo bem.

- Esta casa é mais bem (ou melhor) mobiliada que a outra?

III) Volto já, já! / Ele fez super-rápido a prova. / Ele fez rapidão/rapidinho a prova. / Já está de manhãzinha; preciso trabalhar. / Mike Tyson lutava pra cara#@$%!!!

5. Valor discursivo: função textual e modalização.

- Tanto no Rio como em São Paulo, há tráfico de drogas. Enquanto aqui as UPPs vêm melhorando o cenário carioca, lá há outras intervenções.
- As mulheres sempre foram assim: leais e vingativas.
- Lamentavelmente a seleção brasileira de futebol não ganhou a Copa de 2014.

FOCA
NA
GRAMÁTICA

Clams
FERNANDO PESTANA
A Gramática para Concursos Públicos
SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

Central de SIMULADOS

CARREIRAS ADMINISTRATIVAS

NOME: ____

LEIA ATENTAMENTE AS INSTRUÇÕES

1. Ao receber a ordem do **fiscal de sala**, confira este **caderno** com muita atenção, pois nenhuma reclamação sobre o total de questões e/ou falhas na impressão será aceita depois de iniciada a prova.
2. **Cartão de respostas:**
   - a) Tem, obrigatoriamente, de ser assinado e não poderá ser substituído, portanto, não o rasure nem o amasse:
   - b) Marque, no **cartão de respostas**, para cada item: o campo designado com o código **C**, caso julgue o item **CERTO**; ou o campo designado com o código **E**, caso julgue o item **ERRADO**. A ausência de marcação ou a marcação de ambos os campos não serão apenadas, ou seja, não receberão pontuação negativa.
   - c) No **cartão de respostas**, a marcação das letras correspondentes às respostas deve ser feita cobrindo a letra e preenchendo todo o espaço do campo, de forma continua e densa. **A leitora ótica** é sensível a marcas escuras; portanto, preencha **fortemente** os campos de marcação completamente, veja o exemplo:

     ■ E

   - d) Reserve os trinta (30) minutos finais para marcar seu **cartão de respostas**.
3. Será **eliminado** o candidato que:
   - a) Utilizar - se, durante a realização das provas, de máquinas e/ou relógios de calcular, bem como de rádios gravadores, headphones, telefones celulares ou fontes de consulta de qualquer espécie;
   - b) Ausentar - se da sala em que se realizam as provas levando consigo o caderno de questões e/ou o **cartão de respostas**;
   - c) Recusar - se a entregar o caderno de questões e/ou o **cartão de resposta** quando terminar o tempo estabelecido.

BOA PROVA!

Língua Portuguesa

As eleições no Brasil mobilizam os veículos de informação também pelo anedotário que produzem. Curiosamente, a presença crescente de indígenas no processo eleitoral nos é transmitida exatamente nesse registro. De certo modo, a participação dos indígenas na disputa por vagas nos Poderes Legislativo e Executivo é apresentada no mesmo tom de estranheza com que o jornalismo brasileiro descreve xinguanos paramentados com sandálias havaianas e calções adidas. É como se a candidatura indígena selasse, solenemente, a inexorável aculturação.

Para além desse anedotário há, de fato, muito que refletirmos. Afinal, os mais diversos povos indígenas estão lidando com as grandes instituições da sociedade branca e com processos políticos pertencentes a uma gramática social e simbólica que lhes é absolutamente estranha, ao menos na maneira como estamos acostumados a pensar. A começar pela representação política, que envolve, no mínimo, premissas e categorias mentais muito distintas dos modos nativos de fazer política.

A política, que em muitas formulações nativas atravessa a vida social de maneira ampla, articulando-se simultaneamente às regras do parentesco, ao complexo ritual e religioso, ao discurso cosmológico, passa então a circular em uma ordem específica, a ordem política, regida por uma racionalidade burocrática e fundamentada em valores que se pretendem universalmente válidos. Formas tradicionais de liderança política — como, por exemplo, a assumida pelo sábio ancião, com sua oratória sensível, seu zelo pela reatualização permanente do legado mitológico e da tradição, seu prestígio guerreiro — cedem lugar para uma nova forma de liderança, dessa vez protagonizada por jovens talentosos, escolarizados, falantes do português, minimamente conhecedores dos códigos e peculiaridades do mundo dos brancos.

Marcos Pereira Rufino. Instituições dos brancos. Internet: <www.pib.socioambiental.org>, set./2000 (com adaptações).

01) No texto, defende-se que brancos e índios não são culturalmente afins.

02) Na primeira linha do último parágrafo, a primeira vírgula poderia ser suprimida sem prejuízo gramatical para o texto.

03) A palavra “que”, em todas as ocorrências do primeiro parágrafo, tem a mesma classificação.

04) Mantém-se a correção gramatical ao se substituir a forma verbal “é apresentada” por “apresenta-se”, no trecho: a participação dos indígenas na disputa por vagas nos Poderes Legislativo e Executivo é apresentada.

05) Um dos motivos pelos quais as eleições chamam tanto a atenção na mídia é o fato de se contarem muitas anedotas nos programas eleitorais.

06) Conclui-se da leitura do texto que jovens brancos que frequentam ou frequentaram a escola tendem a tomar o lugar dos velhos sábios nas tribos indígenas.

07) Afirma-se no texto que a presença de um candidato indígena nas eleições governamentais ratifica a desnaturação dos povos indígenas.

08) A expressão “por uma racionalidade burocrática e fundamentada em valores que se pretendem universalmente válidos”, no último parágrafo, tem sentido passivo.

09) A participação de indígenas no processo eleitoral brasileiro enseja um repertório de piadas, de acordo com o texto.

O Tribunal de Contas da União (TCU) avaliou ações para a elaboração de diagnóstico e suporte à educação básica. A auditoria conferiu aspectos relativos ao Plano de Ações Articuladas, à assistência técnica prestada pelo Ministério da Educação (MEC) e ao levantamento de dados necessários à formação e ao cálculo do índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB).

A auditoria identificou baixo nível de implementação das ações para provimento de infraestrutura e de recursos pedagógicos, que vão desde a implantação de laboratório de informática e conexão à Internet ao fornecimento de água potável e energia elétrica.

A análise do IDEB apontou a necessidade de aperfeiçoamento da metodologia de obtenção desse índice. Segundo avalia o ministro relator do processo, “O IDEB é um importante instrumento para a aferição da qualidade da educação, por isso deve ser aprimorado de forma a permitir um diagnóstico mais fidedigno dos sistemas de ensino”.

Outro instrumento de gestão educacional avaliado foi o sistema integrado de monitoramento do MEC, que, segundo a auditoria, também deve ser melhorado. Parte dos dados encontra-se desatualizada.

TCU avalia gestão da educação básica em municípios brasileiros. Notícia publicada em 12/9/2013. Internet: (com adaptações).

10) No último período do texto, destaca-se o motivo pelo qual, segundo a auditoria do TCU, o sistema integrado de monitoramento do MEC deve ser melhorado.

11) Nesse texto, de caráter essencialmente informativo, atesta-se a importância do IDEB para a aferição da qualidade da educação, a despeito da necessidade de melhoria da metodologia empregada no cálculo desse índice.

12) Em “A auditoria conferiu aspectos relativos ao Plano de Ações Articuladas (...) e ao cálculo do índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB)” (R.3-7), o verbo conferir está empregado com o sentido de outorgar.

13) Na linha 4, o emprego do acento grave, indicativo de crase, em "à assistência técnica prestada", justifica-se pela regência do termo "Articuladas" e pela presença do artigo a, que define o substantivo "assistência".

14) Haveria prejuízo da correção gramatical do texto caso o primeiro período do terceiro parágrafo fosse assim reescrito: Na análise do IDEB, foi atestado a necessidade de aperfeiçoar a metodologia que obtém esse índice

L1Constitui alento a informação de que sete

L2universidades brasileiras figuram entre as doze melhores da

L3América Latina. Duas ocupam o pódio: em primeiro lugar, está

L4a Universidade de São Paulo (USP); em segundo, a

L5Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). A

L6Universidade de Brasília (UnB) ocupa a décima posição,

L7seguida pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

L8e pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

L9Elaborada pela Quacquarelli Symonds (QS), entre 400

L10instituições, a pesquisa leva em consideração sete critérios,

L11dois dos quais têm peso maior: reputação acadêmica e

L12reconhecimento no mercado de trabalho. Os demais — relação

L13entre número de funcionários e alunos, citações na Internet,

L14volume de informações na Web, professores com doutorado e

L15presença online — têm peso igual na ponderação.

L16O levantamento mostra significativo avanço da UnB.

L17No ano passado, a instituição brasiliense aparecia na 17.ª

L18posição. O salto qualitativo deve-se a três fatores: o corpo

L19docente, o impacto na Internet e a reputação acadêmica. Chama

L20atenção a baixa pontuação no parâmetro citações na Internet,

L21que tem custado alto preço às universidades brasileiras. De

L22zero a cem, a UnB ficou com 44,6.

L23Ser objeto de referência, seja na Web,

L24seja em publicações científicas, constitui fator importante em

L25avaliações globais.

Fonte: Ana Dubeux, Universidade além da fronteira regional. In: Correio Braziliense. Caderno Economia, 14/6/2015, p. 12 (com adaptações).

15) No segundo parágrafo, o trecho isolado por travessões (R. 12 a 15) tem valor sintático equivalente ao da expressão "Os demais" (R.12).

16) No primeiro parágrafo, embora haja omissão de termos empregados anteriormente, foi mantido o paralelismo sintático-semântico no trecho.

17) As relações estabelecidas pelo emprego da expressão "seja (...) seja" (R.23), que poderia ser corretamente substituída pelo par quer (...) quer, indicam termos sintaticamente dependentes entre si.

18) Na linha 1, é facultativo o emprego de sinal indicativo de crase no "a" que antecede "informação", devido à regência nominal do vocábulo "alento".

19) O sinal de dois-pontos empregado logo após "fatores" (R.18) introduz uma enumeração.

20) Na linha 1, o vocábulo "alento" poderia ser substituído por desânimo, sem prejuízo para o sentido original do texto.

Intertextualidade

Nome dado à relação que se estabelece entre dois textos, quando um texto já criado exerce influência na criação de um novo texto.

Classificação

Explícita

- ⇨É facilmente identificada pelos leitores;
- ⇨Estabelece uma relação direta com o texto fonte;
- ⇨Apresenta elementos que identificam o texto fonte;
- ⇨Não exige que haja dedução por parte do leitor;
- ⇨Apenas apela à compreensão do conteúdo.

Implícita

- ⇨Não é facilmente identificada pelos leitores;
- ⇨Não estabelece uma relação direta com o texto fonte;
- ⇨Não apresenta elementos que identificam o texto fonte;
- ⇨Exige que haja dedução, inferência, atenção e análise por parte do leitor;
- ⇨Exige que os leitores recorram a conhecimentos prévios para a compreensão do conteúdo.

Tipos

Transliteração

Ocupa-se de adequar termos de uma língua para outra, adaptando-as para um alfabeto que possui letras diferentes de seu original.

Tradução

Interpretação do significado de um texto em uma língua e a produção de novo texto em outra língua com sentido equivalente.

Sample

Refere-se a algum trecho ou fragmento obtido de algo maior, do qual fazia parte para posterior utilização em outra obra.

Paródia

Perversão do texto anterior que aparece geralmente, em forma de crítica irônica de caráter humorístico.

Pastiche

Espécie de colagem ou montagem que torna o texto um retalho de vários textos.

Crossover

É o encontro entre personagens que pertencem a produções fictícias distintas.

Alusão

Faz referência aos elementos presentes em outros textos.

Citação

Acréscimo de partes de outras obras numa produção textual, de forma que dialoga com ele; geralmente vem expressa entre aspas e itálico, já que se trata da enunciação de outro autor.

Epígrafe

Consiste no acréscimo de uma frase ou parágrafo que tenha alguma relação com o que será discutido no texto.

Paráfrase

Recriação de um texto já existente mantendo a mesma ideia contida no texto original, entretanto, com a utilização de outras palavras.

Claudenice Melo
Professora de Língua Portuguesa

Substantivo

Leia este poema, de Ronaldo Azeredo:

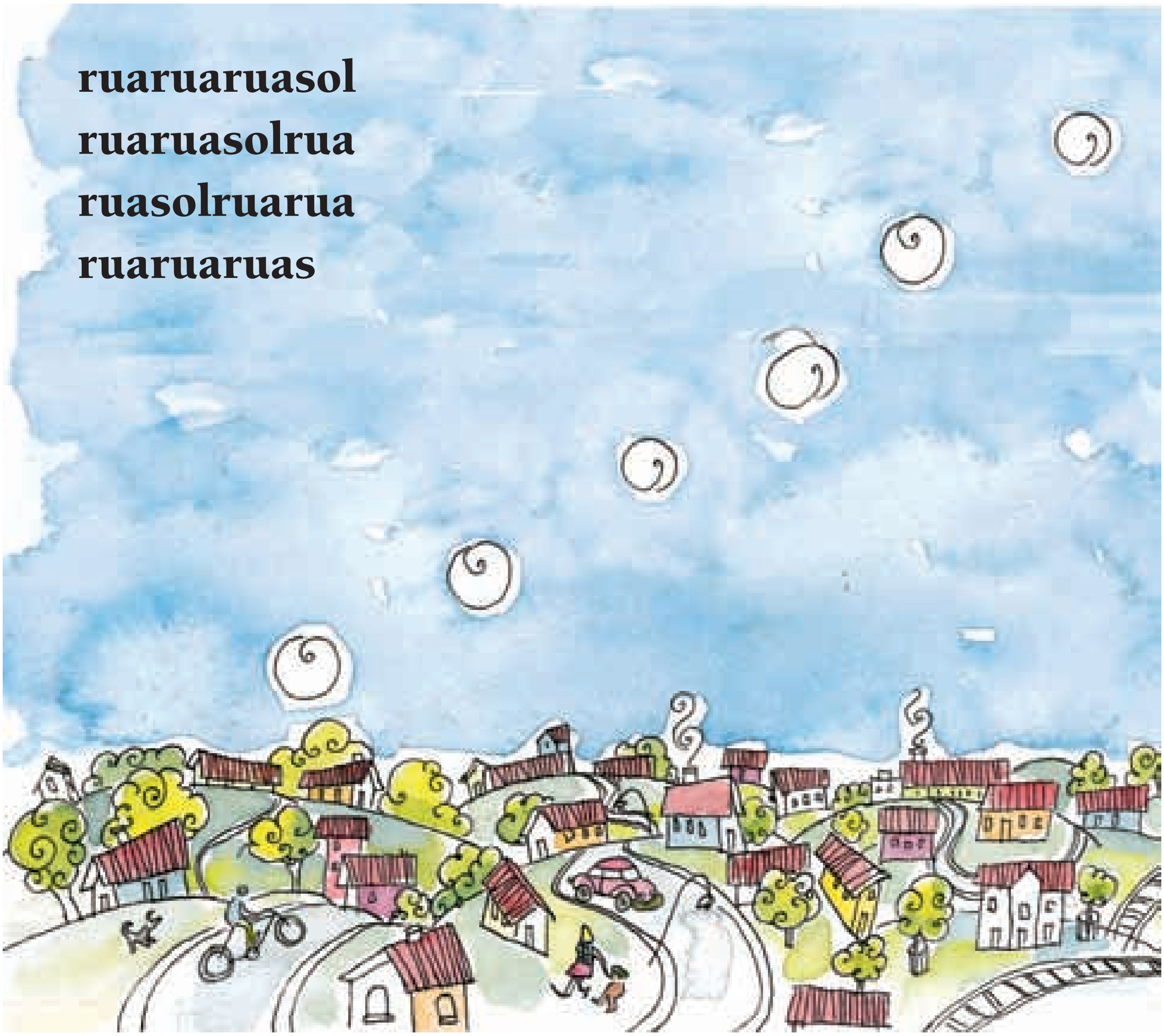

ruaruaruasol
ruaruasolrua
ruasolruarua
ruaruaruas

1. Quais são os substantivos que participam da construção do texto? *rua e sol*

2. Observe a posição da palavra **sol** em cada uma das linhas do poema.
   a) O que ocorre com a palavra **sol** da primeira à última linha? Ela vai se deslocando da direita para a esquerda, até desaparecer.
   b) Relacione com as fases do dia as alterações espaciais sofridas pela palavra **sol**. O que sugere o desaparecimento dessa palavra no último verso? Sugere que o sol se pôs, no fim da tarde.

3. Crie você também um pequeno texto visual, jogando com dois substantivos: **céu** e **lua**. Uma possibilidade é sugerir o movimento da lua durante a noite. Se preferir, escolha outros substantivos e outra disposição visual. Resposta pessoal.

Leia a tira a seguir e responda às questões de 4 a 6:

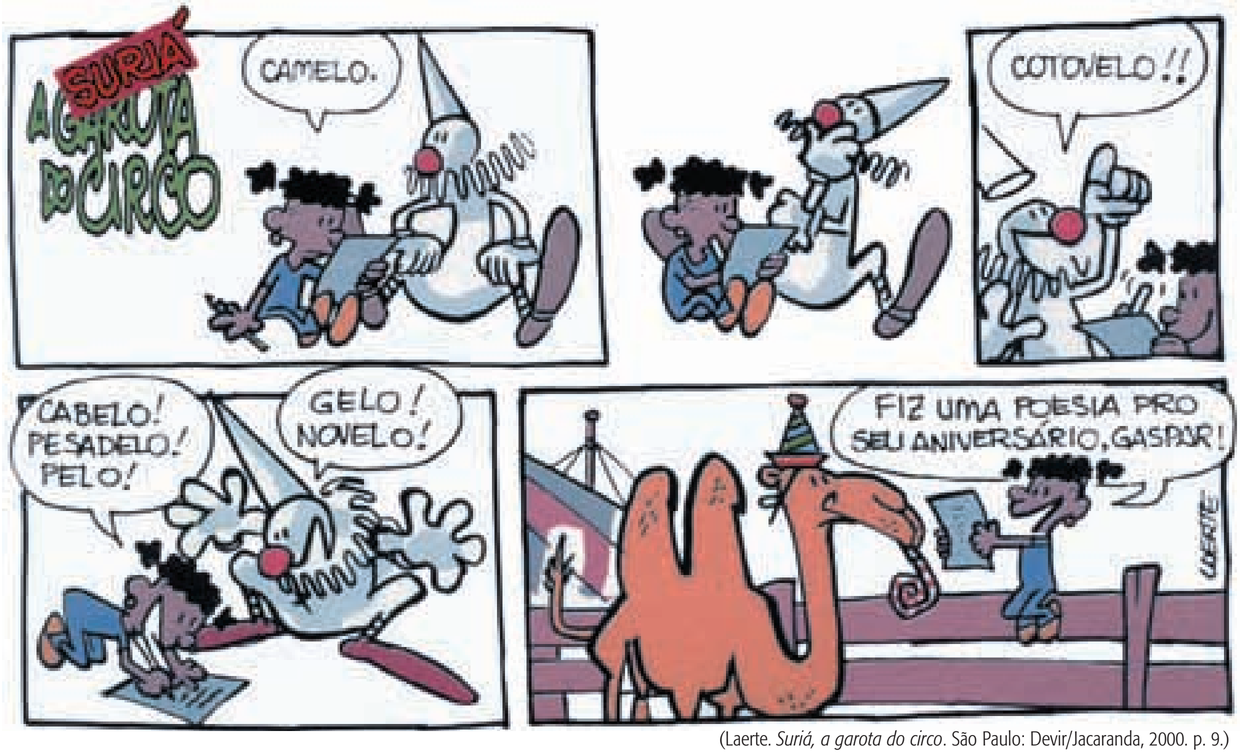
SURIÁ
A GAROTA DO CIRCO
CAMELO.
COTOVELO!!
CABELO! PESADELO! PELO!
GELO! NOVELO!
FIZ UMA POESIA PRO SEU ANIVERSÁRIO, GASPAR!
LAERTE

(Laerte. *Suriá, a garota do circo*. São Paulo: Devir/Jacaranda, 2000. p. 9.)

4. Suriá está escrevendo um poema para seu amigo camelo. Ela e seu tio Top pensam em várias palavras para usar no poema.

   a) A que tipos de substantivo correspondem essas palavras? substantivos simples e comuns

   b) O que essas palavras têm em comum? O som final; Suriá está procurando palavras que rimem entre si.

5. **Camelo** é um substantivo simples, pois se aplica a todos os camelos. Qual é, nessa tira, o substantivo próprio que nomeia um camelo em particular? *Gaspar*, que é o nome do camelo da tira.

6. A palavra **aniversário** pode ser substantivo concreto e substantivo abstrato, dependendo da situação em que é empregada.

   a) Na situação em que foi empregada, ela é substantivo concreto ou abstrato? É um substantivo abstrato, pois sua existência depende do Gaspar, que vai fazer aniversário.

   b) Dê outros dois exemplos em que essa diferença fique clara. Respostas pessoais. Sugestões: substantivo concreto: Fui ao aniversário de Juliana. / Encontrei Marcos no aniversário da Juliana. (aniversário = festa de aniversário); substantivo abstrato: Juliana vai fazer aniversário (anos) em agosto.

7. **Desafio:** Os substantivos **saída** e **luta** também podem ser concretos ou abstratos, dependendo da situação em que são empregados. Crie frases em que essas diferenças fiquem claras.
   Respostas pessoais. Sugestões: substantivos concretos: A saída (porta de saída) fica à direita. / A luta de Maguila (o confronto físico com outro boxeador) vai ser na sexta-feira. – substantivos abstratos: Precisamos encontrar uma saída (solução) para o problema. / Neste momento, é importante não desistir de nossa luta (esforço) pela paz.

8. Leia esta frase:

> Achei aquela nota perdida.

Resposta pessoal. Professor: Convém ressaltar aqui a importância do contexto para precisar o sentido de uma palavra ou uma frase. Por exemplo, tomemos a palavra *nota* significando *resultado de avaliação*. Suponhamos o seguinte contexto: um professor não encontrava em seus apontamentos a nota de um aluno. Finalmente a encontrou: "Achei aquela nota perdida". Também poderia ter encontrado a prova que gerou a nota; nesse caso, empregaria *nota* por *prova*, pois foi a prova que encontrou.

O substantivo **nota**, nessa frase, pode ter mais de um sentido, porque não está claro o contexto em que ele foi empregado.

Escolha dois sentidos para o substantivo **nota**. Em seguida, imagine dois contextos em que ele, ao ser empregado, tenha exatamente os sentidos que você escolheu. Ao imaginar o contexto, leve em conta: quem está falando, quem está ouvindo, qual a intenção da pessoa que fala, isto é, se ela quer fazer uma reclamação, uma crítica, uma brincadeira, etc.

14 Pronomes

Pronomes substantivos e adjetivos

O **pronome** é a palavra que representa o substantivo **(pronome substantivo)** ou que o acompanha **(pronome adjetivo)**, determinando-lhe a extensão do significado.

Ex.:

— **Isto** está bom.
— **Elas** não vieram hoje. Subst.

— Fique quieto no **seu** canto.
— **Esse** problema não é **meu.** Adj.

Espécies de pronomes

PESSOAIS
POSSESSIVOS
DEMONSTRATIVOS
RELATIVOS
INTERROGATIVOS
INDEFINIDOS

Pessoais

São aqueles que designam uma das três pessoas do discurso. Ex.:

Eu vim de trem. (eu = 1ª pessoa do discurso).

Subdivisão dos pronomes pessoais

• **do caso reto:** funcionam, na frase, como **sujeitos**.

Exemplo: **Nós** saímos de casa. (nós = sujeito)

• **do caso oblíquo:** aqueles que, na frase, funcionam como **complementos**.

Ex.: Desculpem-**me.** (me = objeto)

Os pronomes oblíquos podem ainda se subdividir em:

• oblíquos **átonos** (desprovidos de acento tônico) — **nunca precedidos de preposição: me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, se, os, as, lhes.**

• Ex.: Basta-**me** a tua palavra.

• oblíquos **tônicos** (marcados com acento tônico) — **sempre precedidos de preposição:**

Preposição **(a, de, em, por** etc.) +
mim
ti
si, ele, ela
nós
vós
si, eles, elas

Ex.: Basta a **mim** a tua palavra.

→ **Observação:** Precedidos da preposição **com,** os oblíquos tônicos combinam-se, dando as formas: **comigo, contigo, consigo, conosco, convosco.**

Emprego correto dos pessoais

1º: **Retos** → suj.
Oblíquos → c.v.

Os pronomes pessoais retos empregam-se como sujeitos, e os oblíquos, como objetos ou complementos.

Ele (sujeito) **me** (obj. dir.) defende.

Observação: Os pronomes retos **ele(s), ela(s), nós, vós,** também podem ser usados em **função de objetos,** desde que regidos por preposição:

— Lutei **contra ele** lealmente.

— Os que **a ela** aspiraram estão contentes.

— Visa a uma vaga na Universidade: visa **a ela.**

2º: O, A, OS, AS

As formas **O, A, OS, AS** empregam-se como **objetos direto: → TD**

— Ninguém **o** agrediu.

— Se **a** vês triste, fazê-**la** contente.

— As crianças **os** seguiam.

— As crianças seguiam-**nos**.

Observação: Eventualmente, esses pronomes podem funcionar como sujeito de uma oração infinitiva:

— Mande-**o** entrar.

Mande: Or. Principal.

O entrar: Subord. Subst. Obj. Direta (**O** = sujeito)

3º: LHE, LHES

As formas átonas **LHE, LHES** usam-se como **objetos indiretos.** ⇒ TI ⇒ *lhe(s) = a ele, a ela(s)*

— Cedo-**LHE** a vez.

Obedece-**LHES** com alegria.

Observação:

Com o valor de possessivo, **SEU, SUA(s)** emprega-se o **LHE** também com verbos **transitivos diretos.**

— Beijo-**LHE** as mãos. Beijo as **suas** mãos.
TD A.ADN. OD TD OD

4º: ME, TE, SE, NOS, VOS

Os pronomes **ME, TE, SE, NOS, VOS** podem ser **OD** ou **OI**, conforme o verbo seja **TD** ou **TI**. Ex.:

— Ele me ensina.
OD TD

— Todos te viram.
OD TD

— A criança se feriu.
OD TD

— Ele me obedece.
OI TI

— Deu- te o recado.
TDI OI

— Dá- se ares de importante.
TDI OI

Observação: Em função possessiva, são **ADJ. ADN.**

— Beijou -me as mãos. (= as minhas mãos)
TD A.ADN OD

5º: EU e TU — MIM e TI

Os pronomes **EU** e **TU** (somente esses) não podem aparecer precedidos de preposição na função de complementos, pois só podem ser sujeitos.

Na função de complemento, empregamos **MIM** e **TI**, respectivamente.

Prep. + **EU — TU**	→ **Verbo INFINITIVO**
Prep. + **MIM — TI**	→ **Sem verbo INFINITIVO**

- Isto não era para eu estudar.

Atento ⇒
- Isto não era para mim.
- Para mim, entender este assunto é fácil.

Examine o quadro abaixo:

Preposições	Incorreto	Correto
ENTRE.........	entre eu e ele......	entre mim e ele
	entre ele e eu......	entre ele e mim
	entre eu e tu........	entre mim e ti
SEM............	sem você e eu.....	sem você e mim
	sem elas e tu.......	sem elas e ti
PERANTE.....	perante eu e vós..	perante mim e vós
CONTRA.....	contra os alunos e eu....................	contra os alunos e mim
SOBRE.........	sobre eu e V.S.ª...	sobre mim e V. S.ª
DE...............	de alguns e eu....	de alguns e mim etc.

6º: SI E CONSIGO

Os pronomes reflexivos **SI** e **CONSIGO** referem-se ao sujeito da oração em 3ª pessoa.

Errado:

— Eu ofereço este livro para **si.**

— O diretor quer falar **consigo.**

— Eles só pensam **neles.**

— O vento traz a tempestade **com ele.**

Correto:

— Eu ofereço este livro para **você.**

— O diretor quer falar **com você.**

— Eles só pensam em **si.**

— O vento traz **consigo** a tempestade.

7º: COM NÓS — CONOSCO COM VÓS — CONVOSCO

Emprega-se **COM NÓS** e **COM VÓS** ao invés de **CONOSCO** e **CONVOSCO**, sempre que **aqueles** vierem acompanhados de **TODOS, OUTROS, PRÓPRIOS, AMBOS, MESMOS** ou qualquer **numeral**. Exemplo:

— Isso não acontece conosco.

— Isso não acontece com nós outros.

— Falei convosco.

— Falei com vós mesmos.

— O barco virou conosco.

— O barco virou com nós três.

⇒ **MNEMÔNICA**

COM NÓS
COM VÓS

T	odos
O	utros
P	róprios
A	mbos
M	esmos
Nº	qualquer

8º: SE ~~O~~ (S) — SE ~~A~~ (S)

As seqüências **SE O(s), SE A(s)** não podem ocorrer na mesma oração. Ocorrendo, elimina-se o pronome O, A(s).

Errado:

Os erros não se os cometem impunemente.

Teu livro é bom, mas não se o encontra em parte alguma.

Correto:

Os erros não se cometem impunemente.

Teu livro é bom, mas não se encontra (ou não é encontrado) em parte alguma.

9º: OBLÍQUOS = POSSESSIVOS

Os pronomes oblíquos substituem elegantemente os possessivos em frases como:

O barulho perturba-**me** as idéias.

(O barulho perturba as **minhas** idéias.)

Eriçaram-se-**nos** os cabelos. (= os **nossos** cabelos)

O lábio crispou-se-**lhe** num riso de maldade. (= O **seu** lábio crispou-se...)

A borboleta pousou-**me** na testa. (= na **minha** testa)

10º: CONTRAÇÕES

Os pronomes oblíquos **ME, TE, LHE, NOS, VOS, LHES** contraem-se com os oblíquos **O, A, OS, AS** da seguinte maneira:

me		=	mo	me		=	ma
te		=	to	te		=	ta
lhe	+ o	=	lho	lhe	+ a	=	lha
nos		=	no-lo	nos		=	no-la
vos		=	vo-lo	vos		=	vo-la
* lhes		=	lho	* lhes		=	lha

me		=	mos	me		=	mas
te		=	tos	te		=	tas
* lhe	+ os	=	lhos	* lhe	+ as	=	lhas
nos		=	no-los	nos		=	no-las
vos		=	vo-los	vos		=	vo-las
lhes		=	lhos	lhes		=	lhas

*** ATENTO!**

Somente os pronomes OS, AS determinam o plural das combinações:

lhes + o = lho lhe + os = lhos

Ex.:

— O rapaz me entregou os prêmios. Ele mos entregou.

— Se ele no-las pedisse, nós lhas emprestaríamos.

11º: DE + ELE (S) ELA (S)

As preposições **de** e **em** contraem-se com o pronome reto da 3ª pessoa **ele(s), ela(s),** dando, respectivamente, **dele(s), dela(s) e nele(s), nela(s).**

A pasta é **dele,** e **nela** está o meu caderno.

É norma, porém, **não haver a contração quando o pronome é sujeito;** ou, melhor dizendo, quando as preposições **de** e **em** se relacionam com o infinitivo, e não com o pronome. Assim:

Em vez **de eles** virem pela estrada, tomaram o atalho.

12º: OBLÍQUO COMO SUJEITO DO INFINITIVO

Observe:

1. Fizeram **que eu falasse**
Or. Subst. Obj. Dir.
2. Fizeram-**me** **falar**
Suj. Or. Reduz.

Em frases do tipo 2, o pronome **me** não está funcionando como objeto do verbo **fizeram**, mas como sujeito do verbo **falar**. Isso é facilmente percebido pelo desdobramento da oração reduzida na frase 1. Os pronomes oblíquos átonos **(me, te, se, o, a, nos, vos)** podem funcionar, portanto, como sujeitos de um verbo no **infinito**, numa oração objetiva direta de verbos do tipo: **deixar, mandar, fazer, ver, sentir...** Ex.:

Deixe-**os** entrar.

Mandaram-**me** calar.

Pronomes de tratamento

Entre os pronomes pessoais, incluem-se os chamados pronomes de tratamento, que se usam no trato cortês e cerimonioso das pessoas:

1. Você **(V.):** no tratamento familiar; Vocês **(VV.)**

2. Senhor **(Sr.);** Senhora **(Sr.ª):** no tratamento de respeito. Senhores **(Srs.)**; Senhoras **(Sras).**

3. Senhorita **(Srta.):** a moças solteiras.

4. Vossa Senhoria **(V. S.ª):** para pessoas de cerimônia, principalmente na correspondência comercial; oficiais até posto de coronel.

Vossas Senhorias **(V. Sas.)** ou **(V. S.^{as}).**

5. Vossa Excelência **(V. Ex.ª)**: para altas autoridades.

Vossas Excelências **(V. Ex.^{as})** ou **(V. Exas.).**

6. Vossa Reverendíssima **(V. Rev.^{ma})**: para sacerdotes e religiosos em geral.

Vossas Reverendíssimas **(V. Rev.^{mas}).**

7. Vossa Excelência Reverendíssima **(V. Exª Rev.^{ma})**: para bispos e arcebispos.

Vossas Excelências Reverendíssimas **(V. Ex.^{as} Rev.^{mas}).**

8. Vossa Eminência **(V. Em.ª):** para cardeais. Vossas Eminências **(V. Em.^{as}).**

9. Vossa Santidade **(V. S.):** para o papa.

10. Vossa Majestade **(V. M.)**: para reis e rainhas. Vossas Majestades **(VV. MM.).**

11. Vossa Majestade Imperial **(V.M.I.):** para imperadores.

12. Vossa Alteza **(V. A.):** para príncipes, princesas e duques. Vossas Altezas **(VV. AA.).**

13. Vossa Magnificência **(V. Mag.ª):** para reitores.

Vossas Magnificências **(V. Mag.^{as}).**

14. Vossa Meritíssima (por extenso): juízes de direito.

Obs.: 1) Você (pl. vocês), usado no trato familiar e íntimo, é a redução de Vossa Mercê.

2) Vossa Excelência (Presidente da República) sempre escrito por extenso.

13º : Pronome de tratamento ⇒ 3ª pessoa

Os pronomes de tratamento são de 3ª pessoa. Portanto, os verbos que se referem a eles, os oblíquos (o, a, lhe, se, si, consigo), os possessivos (seu, sua) devem estar sempre na 3ª pessoa.

Errado:

Vossa Majestade podeis partir tranqüilo para a vossa expedição, pois vossos bens estarão em boas mãos.

Certo:

Vossa Majestade pode partir tranqüilo para sua expedição, pois seus bens estarão em boas mãos.

14º : Vossa ou sua

VOSSA → Tratamento direto.

SUA → Tratamento de referência.

Com os pronomes de tratamento empregamos a forma **VOSSA** quando nos dirigimos diretamente à pessoa a quem se atribui o tratamento; usamos **SUA** quando fazemos, apenas, referência a ela. Exemplo:

Vossa Excelência volta hoje para Curitiba. (Estou falando com a pessoa.)

Sua Excelência volta hoje para Curitiba. (Estou comentando algo de alguma pessoa.)

Observação: As expressões de tratamento exigem no **masculino** os adjetivos que a elas se referem, quando se empregam em relação a um homem **(silepse de gênero).**

Exemplo:

Vossa Majestade, Senhor Príncipe, está **errado** quanto ao caminho seguido.

Sua Excelência, o Governador, foi **operado** às pressas.

Exercício

Abreviaturas usuais

Abrevie:

— Vossa Senhoria ....

— Vossas Senhorias ....

— Vossa Excelência ....

— Vossas Excelências ....

— Sua Santidade ....

— Sua Reverendíssima ....

— Suas Reverendíssimas ....

— Vossa Magnificência ....

— Vossa Excelência Reverendíssima ....

— Senhor ....

— Senhorita ....

— Apartamento ....

— Coronel ....

— General ....

— Marechal ....

— Quilômetro ....

— Metro ....

— Metros ....

— Hora ....

— Horas ....

— Miligrama ....

— Decigrama ....

— Quilograma ....

— Mililitro ....

— Centilitro ....

— Grau ....

— Minuto ....

— Milímetro ....

— Grama ....

— 10 horas e 15 minutos ....

— 10 horas ....

— Meritíssimo ....

— Ilustríssimo ....

— Página ....

— Páginas ....

— Pago ....

Combinações verbo-pronominais

Com os oblíquos: **O, A, OS, AS,** pospostos ao verbo, temos a observar:

1) As formas verbais terminadas em **-R, -S, -Z** perdem essas letras e o oblíquo precede-se de **L:**

$$\text{verbo}\begin{cases}\cancel{\mathbf{-R}}\\ \cancel{\mathbf{-S}}\\ \cancel{\mathbf{-Z}}\end{cases} \Rightarrow \mathbf{L}\begin{cases}\text{lo}\\ \text{la}\\ \text{los}\\ \text{las}\end{cases}$$

amar + o = amá-lo; propus + o = propu-lo; refiz + os = refi-los; fez + as = fê-las.

2) O oblíquo precede-se de **N** se a forma verbal terminar em nasal **(-ÃO, -ÕE, -M):**

$$\text{verbo}\begin{cases}\cancel{\text{-ÃO}}\\ \cancel{\text{-ÕE}}\\ \cancel{\text{-M}}\end{cases} \Rightarrow \mathbf{N}\begin{cases}\text{no}\\ \text{na}\\ \text{nos}\\ \text{nas}\end{cases}$$

3) A desinência **-MOS** (1ª pes. pl.) perde o **-S** final quando seguida de **NOS, VOS, LHES:**

$$\textbf{verbo -mos} \;\Rightarrow\; \textbf{-}\text{MO}\left\{\begin{array}{l}\text{-no}\\ \text{-vos}\\ \text{-lhes}\end{array}\right.$$

Ex.:

Queremo-lhes; Desejamo-vos; Amamo-nos.

mas: *Queremos-lhe*

Exercícios

1) Complete com a forma adequada:

1) Acho que esta tarefa não é para .... fazer. (mim, eu)

2) Perante .... e você ninguém há de falar mal. (eu, mim)

3) Não há mais desentendimentos entre ...... e .... (eu e tu / ti e mim)

4) A efetivação do plano será problemática sem .... e o teu concurso. (eu, mim)

5) O professor entregou o problema para .... examinar. (eu, mim)

6) O diretor proferiu palavras ásperas contra .... e os alunos. (tu, ti)

7) Esta matéria é para .... aprender e não para .... (mim e ti / eu e ti / eu e tu)

8) O céu está cheio de estrelas para .... enlevadamente contemplar. (eu, mim)

9) Entre .... e .... está a Cruz en-sangüentada do Calvário. (eu e tu / ti e mim)

10) Isto é para .... fazer ou para .... fazeres, pois entre .... e .... está tudo bem. (eu e tu / mim e ti / eu e ti); (mim e tu / eu e ti / mim e ti)

2) Assinale a frase incorreta:

a) Colegas há que vivem brigando entre si.

b) O velho mestre gostava de ter sempre os discípulos ao pé de si.

c) Espero que você leve consigo o passaporte.

d) Desejo falar consigo um instante, ó aluna!

e) Cada um faça por si mesmo a redação.

3) Substitua os termos destacados pelos pronomes: O, A, LHE**.**

a) Antônio viu **a José**. Viu- ....

b) José ama **Maria.** Ama- ....

c) Maria espera **José.** Espera- ....

d) José convidou a **Antônio.** Convidou-..

e) Pedro observa **Maria.** Observa-........

4) Nos espaços, escreva eu **ou** mim**, conforme convier:**

a) Entre .... e Filipe nada houve.

b) Trazem livro para .... ler.

c) Nunca houve brigas entre .... e ela.

d) Já é tempo de .... criar juízo.

e) Nada poderias fazer sem ....

f) Sem .... ler, não assino isso.

g) Isso é para ....?

h) Deixam tudo para .... fazer.

i) Não deu para .... vir ontem.

j) Não dá para .... fazer isso.

5) Nos espaços, escreva uma das formas propostas:

a)As crianças ficarão .... conosco — com nós

b) Quero conversar ...., Jeni. com você — consigo.

c) Cantei para .... quando eras criança. tu — ti

d) Vossa Excelência trouxe .... isso? consigo — convosco

e) .... mesmos vieram as crianças. Convosco — com nós

f) Isabel veio .... dois. conosco — com nós

g) Ifigênia chegará .... conosco — com nós

h) Juçara conversou .... todos. conosco — com nós

i) Luís cantou para .... dormires. tu — ti

j) Veja quem veio ...., Jordana! conosco — com nós

6) Empregue:

a) com nós
b) com vós
c) conosco
d) convosco
e) com nós ou com vós

1. Ficamos todos os dias ....
2. Fiquei .... todos.
3. Ficastes zangados ....
4. Ficamos todos os dias .... mesmos.
5. .... ficastes zangados.
6. .... ambos ficastes zangados.

7) Substitua os complementos pelas combinações correspondentes, conforme o modelo:

Mandaram um recado ao Pedro. Mandaram-lho.

1. Eu vos entrego as correspondências.
....
2. Disse a verdade à sua mãe. ....
3. Disse a eles a verdade. ....
4. Disse a ele as verdades. ....
5. Disseram-me mentiras. ....
6. Falei a verdade vós. ....
7. A vocês falei a verdade. ....
8. Falo a V. S.ª belas palavras. ....
9. Dei-te a maçã na mesa. ....
10. Falo a V. Ex.ªˢ a verdade. ....

8) Posponha o pronome ao verbo, conforme o modelo; se houver complemento, substitua-o pelo pronome conveniente:

Modelo: Eu a vi ontem. = Vi-a ontem.

1. Põe a mão no bolso. ....
2. Pões a mão no bolso. ....
3. Põem a mão no bolso. ....
4. Faz o dever. ....
5.Fazes o dever. ....
6. Fazer o dever. ....
7. Fazem isto. ....
8. Amar os deveres. ....
9. Amas os pais. ....
10. Pus a comida no prato. ....
11. Engraxamos os sapatos. ....
12. Entregamos a eles. ....
13. Entregamos a ele. ....
14. Quis o tecido em metro. ....
15. Tens o recado aí? ....
16. Tem o recado aí? ....
17. Tenho o recado aqui. ....
18. Vocês têm o recado? ....
19. Tendes o recado? ....
20. Faz as orações dormindo. ....

9) Complete com: Excelência
Vossa Excelência
Sua Excelência

a) Emprega-se .... para chamar a pessoa.

b) Emprega-se .... para falar com a pessoa.

c) Emprega-se.............................. para mencionar a pessoa.

d) Alguém quer falar-lhe, ...

e) Você quer falar com ....?

f) Eis-me aqui, ...!

g) ...., o carro chegou!

h) Quando vou falar com o Sr. Governador, digo-lhe: «Quero falar com.....................»

i) Antes de viajar, ... atendeu-me cordialmente.

10) Faça conforme o modelo:

Tremiam as suas pernas.

Tremiam-lhe as pernas.

a) Quebro a tua cara!

....

b) Roubaram o meu carro!

....

c) Nadam os teus olhos em pranto. (G.D.)

....

d) Arfa o teu peito. (G. Dias)

....

e) Doem as minhas pernas.

....

11) Faça conforme o modelo:

Mandou que eu saísse.

Mandou-me sair.

a) Permitiram que eu falasse.

....

b) Deixei que ele fosse embora.

....

c) Deixem que eu saia.

....

d) Mandou que eu ficasse quieto.

....

e) Mandaram que fôsseis agora.

....

12) Observe:

a) Ela não gostou da atitude **dele.**

b) É hora **de ele** mudar de vida.

Complete as lacunas com **dele** ou **de ele:**

a) O comportamento .... irritou a todos.

b) Já chegou a hora .... sair de casa.

c) As mãos ...... estavam cheias de tinta.

d) Em vez .... prosseguir no curso, desistiu ....

e) O professor reprimiu a atitude ....

13) Assinale C (certo) ou E (errado), considerando a adequação da combinação efetuada:

1. ( ) «Ele **me** contou **isso** sem mágoa nenhuma (...)» (Rubem Braga)

Ele **mo** contou sem mágoa nenhuma.

2. ( ) «A poetisa traz-**nos seu primeiro livro** (...)» (Carlos Drummod de Andrade)

A poetisa **no-lo** traz.

3. ( ) «Deram-**lhe o nome de Pio.»** (Paulo Mendes Campos)

Deram-**lho**.

4. ( )«Peço-**lhe desculpas** — e prometo silêncio.» (Rubem Braga)

Peço-**lha** — e prometo silêncio.

Questões discursivas

1. (CEFET-PR) Complete com a forma pronominal adequada:

Carlos, querem falar .... (com você — consigo)

2. (CEFET-PR) Complete com O **ou** LHE**:**

a) Prefiro-......... aos outros candidatos por ser mais moço.

b) Encolerizava-se, quando o filho ...... desobedecia.

3. (CEFET-PR) Resolva:

1. Passe para o tratamento **você**, usando os pronomes oblíquos sempre que possível:

Reitero-te o convite: traze os teus livros.

Reitero-................. o convite: .... os .... livros.

2. Passe para o tratamento **vós:**

Reitero-................ o convite: .... os .... livros.

3. Siga o exemplo:

Eu vou com ele: ele vai comigo.

O Sr. vai comigo: eu vou ....

4. Siga o exemplo:

Nós vamos com o menino: o menino vai conosco.

Nós dois vamos com o professor: o professor vai .... dois.

5. Transforme pelo exemplo:

Comprou os livros: comprou-os.

Compramos os livros: ....

6. A abreviatura de **Senhor** é Sr.

A abreviatura de **Vossa Excelência** é ......

7. É 7 ...... a abreviatura de 7 quilômetros.

8. Se V Ex.ª consentir, indicaremos .... (seu — vosso) nome para paraninfo da turma.

4. (CEFET-PR):

9. Rose, é melhor levar a bolsa .... (consigo — com você) pois podem roubá-la.

10. Reescreva o período a seguir, substituindo o possessivo por um pronome oblíquo, guardando o mesmo sentido da oração:

O ódio estampava-se em sua face.

11. Complete com **O** ou **LHE**:

a) Ainda não .... informaram da morte do irmão.

b) O velho queria-......... como a um filho.

12. Complete com uma das formas indicadas:

a) Senhor Presidente, espero que V. Ex.ª tenha ficado .... com o andamento (satisfeito, satisfeita) das obras.

13. Às 10 ..... (horas), recebeu os três..... (decigramas) de ouro, vindos da Serra Pelada.

5. (CEFET-PR) Complete a lacuna, substituindo o objeto direto ou indireto pelo pronome pessoal oblíquo correspondente.

Exemplo: Eu quero o livro para mim.

Eu ...**o**... quero para mim.

1. Todos obedecem a seus superiores.

Todos .... obedecem.

2. Comprei o livro para os meninos.

Comprei- .... o livro.

3. O neto quer muito a seu avô.

O neto .... quer muito.

6. (FEI-SP) Reescreva as frases abaixo, substituindo a expressão destacada pelo pronome oblíquo adequado:

a) Mas todos obedeciam **a ele**.

....

b) Até o povo censurava **aquelas maneiras**.

....

7. (FEI-SP) Substitua os termos destacados pelos pronomes oblíquos correspondentes:

a) Encontraram **o corpo** na estufa.

....

b) Arrancara do peito **uma cruz de ametista.**

....

c) A disposição das plantas não permite **um esconderijo.**

....

8. (FUVEST) Reescreva as orações abaixo, substituindo em cada uma o pronome de 1ª pessoa pelo de 3ª.

a) «... às vezes me repreendia...»

....

b) «... me negara uma colher de doce...»

....

9. (CEFET-PR) Use eu **ou** mim**:**

— É difícil, para ......, esquecer tantas injustiças.

— Se é para .... pagar, desista; não tenho dinheiro.

10. (FUVEST)

«—Vossa Excelência, por obséquio, queira falar mais alto, que não ouvi bem — e apontava, agoniado, um dos deputados mais próximos.»
(Fernando Sabino)

Usou-se o pronome de tratamento Vossa Excelência **por referir-se a um deputado.**

Que pronome de tratamento seria usado para referir-se a:

a) Um ministro de Estado: ....

b) O papa: ....

c) Um príncipe: ....

11. (FUVEST) Substituindo-se o complemento da frase por pronome oblíquo, obtém-se:

FELICITAMOS OS ALUNOS

R.: ....

12. (UFSC) Reescreva a frase a seguir de acordo com as normas gramaticais da língua padrão.

Justifique a sua resposta.

Se a polícia pegar a gente, não há problema. Mas se pegar tu?

Correção:

Justificativa:

Testes

1. (PUC-RS) Observe o modelo:

Ele me entregou o dinheiro.

Ele mo entregou.

1. Deram-nos a carta. Deram-........

2. Entregaram-lhes a cópia. Entregaram-......

3. Devolveram-te os trabalhos. Devolveram-...

4. Emprestei-lhes o livro. Emprestei-........

Assinale a alternativa que preenche corretamente os pontilhados:

a) na, lhas, tos, lho

b) no-la, nas, tos, lhos

c) nas, nas, nos, lhos

d) no-la, lha, tos, lho

e) no-la, lha, nos, lhos

2. (UFPG-PR) Onde estão os livros? — Colocaram-nos **na estante.**

O pronome em destaque pertence à:

a) primeira pessoa do plural.

b) segunda pessoa do plural.

c) terceira pessoa do plural.

d) **a** e **b** estão corretos.

e) todas as alternativas estão corretas.

3. (UFPR)

1. Comprei um carro para ....

2. Comprei uma casa para .... revender.

3. Se todos viajarem, vai ser mais difícil para ....

4. É mais fácil para .... terminar o trabalho do que para ele.

a) eu, eu, eu, eu.

b) mim, mim, eu, eu.

c) mim, mim, mim, mim.

d) eu, eu, mim, eu.

e) mim, eu, mim, mim.

4. (CESGRANRIO) Assinale a opção em que o pronome lhe **apresenta o mesmo valor significativo que possui em —** «uma espécie de riso sardônico e feroz contraía-lhe as negras mandíbulas».

a) A mãe apalpava-lhe o coração.

b) Aconteceu-lhe um desgraça.

c) Tudo lhe era indiferente.

d) Ao inimigo não lhe nego perdão.

e) Não lhe contei o susto por que passei.

5. (PUC-RS) Se é para .... dizer o que penso, creio que a escolha se dará entre ......

a) mim, eu e tu

b) mim, mim e ti

c) eu, mim e tu

d) eu, mim e ti

e) eu, eu e ti

6. (UFMT) O resultado das combinações «fez + os», «fizestes + as»,»«entregarei + lhe + os», «cumprimentaram + a» e «demos + lhes» será:

a) fez-los, fizeste-as, entregá-los-ei a eles, cumprimentaram-nas, demos-lhes.

b) fê-los, fizeste-las, entregar-lhos-ei, cumprimentaram-na, demo-lhes.

c) fe-los, fizeste-las, entregar-lho-ei, cumprimentaram-na, demo-lhes.

d) fê-los, fizestes-as, os entregar-lhe-ei, cumprimentaram-na, demos-lhes.

e) fez-os, fizeste-as, entregar-lhos-ei, cumprimentaram-a, demo-lhes.

7. (ITA-SP) O pronome de tratamento usado para CARDEAIS é:

a) Vossa Santidade.

b) Vossa Magnificência.

c) Vossa Eminência.

d) Vossa Reverendíssima.

e) n.d.a.

8. (UNESP) Aponte a letra em que o se **dá apenas a idéia de reflexibilidade:**

a) Não se dorme naquele hotel.

b) Falam-se verdades, brincando.

c) Fique, não se vá.

d) Você se alegra com minha presença?

e) n.d.a.

9. (FMU-SP) Suponha que você deseje dirigir-se a personalidades eminentes, cujos títulos são:

papa, juiz, cardeal, reitor, coronel.

Assinale a alternativa que contém a **abreviatura** certa da «expressão de tratamento» correspondente ao **título** enumerado:

a) Papa .... — V. S.ª

b) Juiz .... — V. Em.ª

c) Cardeal .... — V. M.

d) Reitor .... — V. Mag.ª

e) Coronel .... — V. A.

10. (UFU-MG)

V. Ex.ª .... que posso ....?

a) julgais — auxiliá-lo.

b) julga — auxiliar-vos.

c) julga — auxiliá-lo.

d) julgas — auxiliar-vos.

e) julgais — auxiliar-vos.

11. (UFSC) Observe os períodos abaixo e assinale a alternativa em que o lhe **é adjunto adnominal:**

a) «...anunciou-**lhe**: ‘Filho, amanhã vais comigo.’»

b) O peixe cai-**lhe** na rede.

c) Ao traidor, não **lhe** perdoaremos jamais.

d) Comuniquei-**lhe** o fato ontem pela manhã.

e) Sim, alguém **lhe** propôs emprego.

12. (UEM-PR) A respeito dos pronomes Vossa Excelência **e** Sua Excelência**, assinale a alternativa correta:**

a) Ambos os tratamentos fazem concordância na terceira pessoa do singular.

b) **Vossa Excelência** requer verbo na segunda pessoa do plural e **Sua Excelência na terceira** pessoa do singular.

c) **Vs. Exas.** é abreviatura correta no plural, para **V. Exa.**

d) Quanto ao uso, **Vossa Excelência** e **Sua Excelência** empregam-se indistintamente um pelo outro.

e) Referindo-se ao Presidente da República, pode-se empregar, **Sua Excelência** de forma abreviada.

Para resolver as questões 13 a 15, assinale as alternativas e some seus valores.

13. (UFPR) Assinale a(s) alternativa(s) correta(s) quanto ao emprego dos pronomes de tratamento:

1. Vossa Majestade é bondoso, Sr. Prín-cipe.

2. Sua Excelência Reverendíssima, o padre Francisco, esteve visitando a nossa casa.

4. Sua Excelência Reverendíssima, padre Francisco, esteve visitando a nossa casa.

8. S. Ex.ª, o Presidente da República, inaugurou obras sociais em Curitiba.

16. V. Ex.ª, Senhor Embaixador, deve ter viajado por muitos países.

32. Sua Eminência, o Cardeal-Arcebispo de S. Paulo, dirigiu mensagem ao povo brasileiro.

64. Suas Excelências, os reitores das universidades, participam de um congresso em Londrina.

14. (UNAMA) A(s) alternativa(s) correta(s) quanto ao emprego dos pronomes pessoais:

1. Vou pôr ele a par do assunto.

2. Entre eu e você a amizade continua a mesma.

4. A mim, não me parece correto esta atitude.

8. João, estarei consigo amanhã!

16. As crianças irão com nós mesmos, e não com vós outros.

32. Vossa Excelência chegou com vossos auxiliares diretos.

64. Não deram o doce a ti? = Não te deram?

15. (UFMS) As alternativas que não estão corretas:

1. Estou solidário consigo, e espero que ele esteja comigo.

2. Tuas jóias e teus perfumes são necessários a tu e ao mundo.

4. Entre ele e eu se estabeleceu curiosa camaradagem.

8. «...o maior defeito deste livro, és tu, leitor.»

16. Feriu-se quando brincava com o revólver e o virou para si.

32. Quando V. Sa. vier, traga consigo a informação pedida.

64. Quando V. Exa. vier, traga convosco a informação pedida.

16. (FUVEST) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

Eu .... desconheço.

Roubaram- .... o carro.

Os carros? Roubaram- ....

Não .... era permitido ficar na sala.

Obrigaram- .... a sair daqui.

a) o, lhe, nos, lhe, nos

b) lhe, o, o, o, no

c) o, os, lhe, lhe, lhe

d) lhe, lhe, lhe, se, os

e) o, o, os, lhe, no

Possessivos

Pessoa Gramatical		Possessivos
Singular	1ª	meu, minha(s)
	2ª	teu, tua(s)
	3ª	seu, sua(s)
Plural	1ª	nosso, nossa(s)
	2ª	vosso, vossa(s)
	3ª	seu, sua(s)

Os **pronomes possessivos** referem-se às pessoas do discurso, atribuindo-lhes **a posse** de alguma coisa. Quando digo, por exemplo, **meu livro,** a palavra **meu** diz que o livro pertence à 1ª pessoa (eu).

Oblíquo em função de possessivos

me, te, lhe, nos, vos ⇒ esses somente serão possessivos, se puderem ser substituídos por **meu, teu, seu, nosso, vosso** (e flexões), respectivamente.

Ex.:

Afagou-**lhe** os cabelos.
×
Afagou **os seus** cabelos.

Partiu-**me** a cara.
×
Partiu **a minha** cara.

Ambigüidade do possessivo da 3ª pessoa

As formas **seu, sua, seus, suas** aplicam-se, indiferentemente, ao possuidor da 3ª pessoa (singular ou plural; masculino ou feminino).

*Manuel foi ao cinema com **sua** mãe.*

Trata-se da mãe de Manuel ou da mãe da pessoa com quem se fala?

Para evitar o duplo sentido usam-se as formas **dele** (e variações), **de você** ou **do senhor.** Ex.:

Manuel foi ao cinema com a mãe **dele.**

*Manuel foi ao cinema com a mãe de **você.***

⇒ Podem-se até usar juntas as formas:

Manuel foi ao cinema com **sua** mãe **dele.**

*Manuel foi ao cinema com **sua** mãe **de você**.*

Demonstrativos

Os pronomes demonstrativos mostram o objeto e indicam a relação com a pessoa do discurso:

	variáveis		invariáveis
	Masculino	**Feminino**	
1ª pes. →	este, estes	esta, estas	isto
2ª pes. →	esse, esses	essa, essas	isso
3ª pes. →	aquele, aqueles	aquela, aquelas	aquilo
			O = aquilo

Outros:			
mesmo,	mesma,	mesmos,	mesmas
próprio,	própria,	próprios,	próprias
tal,	tais		
semelhante,	semelhantes		
o, a,	**os, as**		

Obs.: o, a, os, as — que também podem ser artigos e pronomes pessoais — são pronomes demonstrativos quando equivalem a **isto, aquilo, aquele, aquela, aqueles, aquelas.** Ex.:

Leve **o (= aquilo)** que lhe pertence.

É esta **a (= aquela)** que você quer?

Olhe **o** da direita.

Veja **a** da esquerda.

Emprego dos demonstrativos

Considerando-se as suas relações com as pessoas do discurso, podemos assim estabelecer:

1. **ESTE, ESTA, ISTO** indicam:

a) **O que está perto da pessoa que fala** (eu ou nós).

Ex.: **Este** meu moleque não gosta da escola.

b) **O tempo presente em relação à pessoa que fala.**

Ex.: **Neste** ano espero que tudo corra bem.

c) Relacionam-se com o advérbio **AQUI** e com os possessivos **meu, minha, nosso, nossa(s).**

Ex.: **Isto** aqui, vejam bem, vai desaparecer de minhas mãos.

2. **ESSE, ESSA, ISSO** designam:

a) **O que está próximo da pessoa com quem se fala:** tu, vós (2ª) e você, vocês (3ª).

Ex.: Deves deixar de lado **esses** sapatos: já não te servem.

b) **O tempo passado ou futuro pouco distantes:**

Ex.: **Esse** próximo ano será o de vocês, vestibas.

c) **Quando apontamos o que se acabou imediatamente de dizer:**

Ex.: **Essas** regras vistas até aqui são importantes.

d) Relacionam-se com o advérbio **AÍ** e possesivos **teu, tua, vosso, vossa, seu** e **sua(s)**.

Ex.: **Esse** chapéu não cabe em tua cabeça, ó Manuel!

3. **AQUELE, AQUELA, AQUILO** denotam:

a) **O que está afastado tanto da pessoa que fala como da pessoa de quem se fala** (3ª pessoa)

Ex.: Por que latem **aqueles** cães lá longe?

b) **Um afastamento temporal vago ou uma época bem remota.**

Ex.: Os animais **daquelas** épocas já não vivem, mas ainda podemos estudá-los.

c) Relacionam-se com o advérbio **LÁ** ou **ALI** e os possessivos **seu, sua**(s).

Ex.: Vês ao longe **aqueles** prédios do BNH?

Emprego de este/aquele

Quando se faz referência a duas pessoas ou coisas já mencionadas, usa-se **este** (e variações) para a última pessoa ou coisa e **aquele** (ou variações) para a primeira:

— Ao conversar com Jordana e Fernando, notei que **aquela** se encontrava tranqüila e **este,** nervoso.

Indefinidos

Os pronomes indefinidos referem se à terceira pessoa do discurso, quando ela tem sentido vago e indeterminado:

variáveis				invariáveis
Masculino		Feminino		
SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL	
algum	alguns	alguma	algumas	alguém
certo	certos	certa	certas	algo
muito	muitos	muita	muitas	nada
nenhum	**nenhuns**	nenhuma	**nenhumas**	ninguém
outro	outros	outra	outras	outrem
qualquer	**quaisquer**	qualquer	**quaisquer**	cada
tanto	tantos	tanta	tantas	—
todo	todos	toda	todas	tudo
—	vários	**vária**	várias	—
pouco	poucos	pouca	poucas	—
bastante	**bastantes**	bastante	**bastantes**	—

Muito e **pouco** são pronomes indefinidos quando acompanham substantivos:

Ganharemos **muito** dinheiro.

Fizeram **poucas** observações.

⇒ Caso contrário serão advérbios:

Ela é **muito** bonita.

Trabalharemos **muito.**

Muito bem! Você acertou.

⇒***Formas pouco usuais, mas corretas:***

1) Apresentaram fiadores BASTANTES, para garantia do contrato.

2) Não conheço obras ALGUMAS que apresentem tais divergências.

Emprego de «todo»

Todo o **Toda a**	+ substantivo	= idéia de **totalidade: inteiro, total.**
Todo **Toda**	+ substantivo	= idéia de **generalidade: cada um, qualquer.**

Todo o edifício será pintado = O edifício **inteiro** será pintado.

Todo edifício será pintado = **Cada um** dos edifícios será pintado.

Obs.: **TODOS, TODAS** (plural), quando antes de substantivo, exigem artigo; **TODO, TODA** (singular) podem dispensá-lo:

Todo (o) momento, mas

Todos os momentos.

Outros empregos do indefinido

1) **ALGUM**

Anteposto ao substantivo, tem significação **positiva;** posposto, apresenta valor **negativo:**

Algum amigo os traiu (**um** amigo) = afirm.

Amigo **algum** os traiu (**nenhum** amigo)= neg.

2) **NENHUM**

Posposto ao substantivo, aviva a negação:

«Seu Ivo não mora em parte **nenhuma.»** (G. Ramos)

⇒ Cumpre distinguir **nenhum** de **nem um**:

Não recebeste **nenhum** elogio? (= elogio **algum)**

Não recebi **nem um** elogio. (= **sequer um** elogio)

Nenhum é de sentido geral; **nem um** se refere à unidade.

3) **BASTANTE—BASTANTES**

Quando se refere a substantivos flexiona-se em número.

BASTANTES = MUITOS, MUITAS

Ex.: O vestiba tentou **bastantes** cursos.

4) **MENOS**

É invariável.

Ex.: Na sala, há **menos** alunas do que alunos.

As mulheres não são **menos** inteligentes do que os homens.

Há **menos** vagas nas universidades federais que nas particulares.

5) **TUDO O QUE = TUDO QUE**

Ocorrem as duas formas, apesar de a primeira ser a preferida:

Diz **tudo** (o) **que** pensa.

6) **QUALQUER**

Seu plural é **QUAISQUER**. É o único vocábulo português com desinência de plural medial, e não final.

Ex.: **Qualquer** pessoa ⇒ **quaisquer** pessoas.

7) **CADA / CADA UM**

Não se usa **cada (sozinho)** em vez de **cada um:**

Receberam dez pacotes **cada um** (e não: **cada**).

8) **CERTO HOMEM / HOMEM CERTO**

Antes do substantivo, **certo** é pronome indefinido; depois, é um adjetivo:

Certo homem nos procurou com um recado estranho. (pronome indefinido)

Escolheram o homem **certo.** (adjetivo)

9) **OUTREM**

Outrem = qualquer outra pessoa:

Não faças a **outrem** o que não desejas a ti.

10) ESPÉCIE **VÁRIA**

Vários, usualmente no plural, admite a forma singular: Chegou gente de espécie **vária.**

Interrogativos

Chamam-se interrogativos os pronomes **que, quem, qual** e **quanto,** empregados para formular uma pergunta direta.

Ex.:

Que trabalho estão fazendo?
Quem disse tal coisa?
Qual dos livros preferes?
Quantos passageiros desembarcaram?

Relativos

São assim chamados porque se referem, por via de regra, a um termo anterior — o ANTECEDENTE.

- Substitui um termo da oração anterior, e
- Estabelece relação entre duas orações.

oração 1 oração 2
Ele acenou aos **amigos** **que** partiram.
antec. relat.

variáveis		invariáveis
Masculino	**Feminino**	
o qual os quais	a qual as quais	que
cujo cujos	cuja cujas	quem
quanto quantos	quanta quantas	onde

Emprego dos relativos

1. **REGÊNCIA**

Os relativos devem sujeitar-se à regência dos nomes e dos verbos a que estão subordinados. Assim, antes do relativo, deve ocorrer a preposição que for exigida pelo termo ao qual ele estiver associado.

Havia condições	**a**	**que**	nos opúnhamos. (opor-se a)
	com	**que**	não concordávamos. (concordar com)
	de	**que**	desconfiávamos. (desconfiar de)
	—	**que**	prejudicavam. (= sujeito)
	em	**que**	insistíamos (insistir em)

2. **QUE / O QUAL**

a) O relativo **que** só deve ser usado antecedido de preposição monossilábica:

A casa **em que** moro fica na beira do lago.

b) Com as preposições dissílabas ou trissílabas, e com as locuções prepositivas, usamos o **qual** (e variantes):

O jantar **para o qual** fui convidado será servido às 20 h.

As imagens **debaixo das quais** nos escondemos eram de mármore.

As notícias **contra as quais** me indispus eram mentirosas.

c) Ambigüidade do relativo **que:**

Não conheço o pai da garota **que** se acidentou. (Quem se acidentou? — o pai ou a garota?)

Usa-se **o qual** (e variações) para evitar ambigüidade, quando ambos os substantivos vêm determinados:

Não conheço o pai da garota **o qual** se acidentou. Ou

Não conheço o pai da garota **a qual** se acidentou.

3. O relativo **quem** se refere a pessoas; sempre aparece antecedido por preposição; tem antecedente e equivale a **o qual:**

O médico **de quem** falo é amigo meu.

Todos conhecem a pessoa a **quem** amas. (TD)

Obs.: Quem, sem antecedente, é pronome relativo indefinido:

Quem atravessou, foi multado.

4. Os pronomes relativos **cujo, cuja, cujos, cujas** substituem, de maneira sintética, um substantivo ou um pronome precedido da preposição **de.**

Ex.: Cortaram as árvores. Os troncos **delas** estavam podres.

Cortaram as árvores **cujos** troncos estavam podres.

(cujos = **delas, das árvores**)

Observações:

a) **Cujo** (e variações) não admite a posposição do artigo: pessoas **cujos** (os) defeitos, a árvore **cujas** (as) folhas.

b) O pronome **cujo** (e variações) pode aparecer antecedido de preposição, conforme o verbo ou o nome a que esteja ligado o exija.

Ex.: Eis a escada **por cujos** degraus passou o imperador.

Esta é a praia **em cujas** areias tombaram os mártires.

5. **Quanto** (e variações) aparece após os indefinidos **tanto** (ou variações), **todo** (ou variações) e **tudo**.

Ex.: Nesta região há tanto ouro **quanto** você nem possa imaginar.

Bebia **tanta** água **quanta** lhe davam.

6. **Onde,** como pronome relativo, tem sempre antecedente e equivale a **em que, na qual.**

A casa **onde** (= **em que**) moro foi de meu avô.

Observação:

Usa-se **onde** com verbos estáticos e **aonde** com verbos dinâmicos.

Ex.: Onde você está?
Aonde você vai?

Pode aparecer precedido de outras preposições:

De onde (ou **Donde**) vêm vocês?

Caiu a ponte **por onde** passávamos.

Exercícios

1) Sublinhe, nas frases abaixo, os pronomes o, a, os, as **que estiverem funcionando como demonstrativos.**

a) «Escrava tu!... não o és, nunca o foste, e nunca o serás.»

b) Imagino o que você sofreu.

c) A máquina anulou o homem; todos o sabem.

d) Não sabemos o que fazer.

e) É o que sonhei para mim.

f) A que chegar primeiro será a premiada.

g) Ele foi o que mais contribuiu para o sucesso da festa.

h) Não o vejo há muito tempo. Ele é o que mais se destacou no filme.

2) Escreva nos parênteses:

(S) se o pronome for substantivo;

(A) se o pronome for adjetivo.

a. ( ) **Algo** a incomoda?

b. ( ) Acreditam em **tudo** o que dizem.

c. ( ) **Cada** questão vale 10 pontos.

d. ( ) Encontrei **quem** pode trabalhar comigo.

e. ( ) **Certos** alunos não fizeram o trabalho,

f. ( ) Havia **muitas** pessoas no local.

3) Preencha a lacuna, transformando os dois períodos simples num composto.

Tu deves cuidar bem do cachorro,
Ele é um bicho muito fiel.

Resp.: O cachorro, ...
.........................., é um bicho muito fiel.

Minha casa fica no bairro do Limão.
Os quartos da minha casa são grandes.

Resp.: Minha casa, ...
......................., fica no bairro do Limão.

O filho de seu Manuel foi aprovado no vestibular.
Falávamos dele ontem.

Resp.: O filho do seu Manuel, ...
.................., foi aprovado no vestibular.

O filme foi premiado na Europa.
Nós nos referíamos a esse filme.

Resp.: O filme, ...
...................., foi premiado na Europa.

O dinheiro é pouco para obra tão vasta.
Dispomos do dinheiro.

Resp.: O dinheiro ....
.... é pouco para obra tão vasta.

4) Preencha as lacunas das frases abaixo com o pronome relativo adequado, precedido ou não de preposição.

a) Tenho vários amigos .... idades vão de 16 a 18 anos.

b) A cidade .... moro é pequena.

c) São pessoas .... simpatizo.

d) São pessoas .... tenho simpatia.

e) O diretor recebeu os alunos .... manteve longa conversa.

f) O jornal .... me refiro foi apreendido.

g) São pessoas .... confio.

h) Gosto muito desse compositor .... músicas são alegres.

i) Os recursos expressivos .... se valeu o autor são muito retóricos.

j) Estes são os recursos .... dispomos.

5) Empregue nas lacunas o demonstrativo conveniente.

a) .... caneta que está com você, é mesmo de ouro?

b) Os documentos, ... que João levou, são muito importantes.

c) .... meu paletó foi feito em Londres.

d) .... problemas que estamos resolvendo são mesmo complexos.

e) Que guardava ele .... bolsa? — indagou-me o colega.

f) Espero que .... linhas despretensiosas consigam convencê-lo a vir ter conosco. (no início da carta)

g) Na certeza de que.......palavras tenham sido suficientemente claras, termino esta carta.

h) Nosso Brasil, ... país que acaba de sair do subdesenvolvimento cultural, há de conquistar também sua libertação econômica.

i) Estudei ambas, a peça e o romance .... porque contava uma história fascinante;......... porque apresentava novas técnicas dramáticas.

j) .... projetos ainda se encontram lá engavetados?

l) A mulher é mais tolhida socialmente do que o homem.

A .... se permitem direitos que se negam ....

m) O que dizer d............ opiniões que você acaba de expor?

n) Em 1944 ainda havia guerra .... época traumatizou a humanidade.

o) A entrevista exigia que o repórter retificasse .... notícias que o jornal veiculara um dia antes.

p) .... dados que tenho aqui, não os revelarei tão cedo.

6) Faça conforme o modelo:

a) Apresentaram-me soluções. Estas soluções pouco me convenciam.

b) Apresentaram-me soluções que pouco me convenceram.

7) a) Apresentaram-me soluções. Nessas soluções eu não acreditava.

b) ....

8) a) Apresentaram-me soluções. Essas soluções eu recusei.

b) ....

9) a) Telefonou-me um senhor. As informações deste senhor não me convenceram.

b) ....

10) a) Telefonou-me um senhor. Nas informações deste senhor eu não acreditei.

b) ....

11) a) Telefonou-me um senhor. Das informações deste senhor eu duvidei.

b) ....

Questões discursivas

1. (FUVEST) Na frase seguinte, o indefinido alguma **tem valor positivo:**

«Muitas vezes encontro sua lembrança em alguma esquina de cidade.»

Construa uma frase em que **alguma** tenha valor negativo, correspondendo a **nenhuma.**

Resp.: ....

....

2. (CEFET-PR) Faça conforme o modelo:

Não li o livro. O resumo do livro foi pedido pelo professor.

Não li o livro, cujo resumo foi pedido pelo professor.

1) Conheci o poeta mineiro. Seus poemas foram publicados na edição de ontem do *Jornal do Brasil*.

....

....

....

Modelo

A ponte foi derrubada pela força do vento. Sob suas arcadas se abrigavam os retirantes.

A ponte, sob cujas arcadas se abrigavam os retirantes, foi derrubada pela força do vento.

2) O filme era de Fellini. Poucos gostaram do seu final.

....

....

....

3) O rio Barigüi marcou minha infância. Costumava brincar em suas margens com meus irmãos.

....

....

....

3. (FEI-SP) Indique o sentido da palavra toda **nas duas frases abaixo:**

a) «**Toda** vez que Maria Elvira arranjava namorado, Misael mudava de casa.» (Manuel Bandeira)

....

....

b)«Imaginava-se em carne viva, **toda** vermelha.» (Graciliano Ramos)

....

....

4. (FUVEST) «Vi uma fotografia sua no metrô.»

Explique, pelo menos, dois dos vários sentidos que podem ser atribuídos à frase acima.

Resp. ....

....

....

....

5. (CÁSPER LÍBERO-SP) «Quem é esse que está com você?» — «Quem é este que está com você?» Qual a forma a que você daria preferência?

Resp.: ....

....

6. (SANTA CASA-SP) Dê a classificação morfológica e a função sintática da palavra destacada em «Seria vista mais animação, se houvesse disciplina.»

Resp.: ....

....

....

....

7. (FUVEST) Dê o significado de todo **em:**

a) «Ai! por que **todo** ser nasce chorando?»

b) «Chegou com o rosto **todo** manchado.»

A) ....

B) ....

8. (FAAP-SP) Fazendo as alterações necessárias, encaixe a frase I na frase II, usando para isso um dos seguintes pronomes relativos: que, quem, o qual, cujo, onde.

a) Os candidatos à carreira diplomática apresentaram-se impecáveis ao coquetel do embaixador.

b) Entre eles estava seu noivo.

Os candidatos à carreira diplomática, ... apresentaram-se impecáveis no coquetel do embaixador.

9. (FAAP-SP) Como na questão anterior:

a) As tropas da OTAN estavam confiantes.

b) Suas manobras vinham sendo preparadas por grandes estrategistas.

As tropas da OTAN, ... estavam confiantes.

Testes

1. (PUC-MG) Assinale a alternativa cujos elementos preenchem corretamente os pontilhados:

1. Há leis .... não gostamos de obedecer.

2. Este é o escritor .... obras muitas vezes recorri.

3. Aqui está o poeta .... todos simpatizam.

4. Chegou o rapaz .... idéias discordo.

a) que, cujas, com quem, de cujas.

b) a que, a cujas, a quem, cujas.

c) a que, de cujas, de quem, de cujas.

d) que, a cujas, com quem, por cujas.

e) a que, a cujas, com quem, de cujas.

2. (PUCCAMP-SP) Assinale a alternativa em que as palavras grifadas, são pronomes:

a) **Um** só aluno não nos prestou **nenhuma** colaboração.

b) **Quem** a ajudará a alcançar **todo** o sucesso?

c) **Aquele** ao qual se entregou o prêmio, ficou **muito** feliz.

d) **Todos** os que ajudam são **nossos** amigos.

e) n.d.a.

3. (UFPR) Preencha convenientemente as lacunas das frases seguintes, indicando o conjunto obtido:

1. A planta .... frutos são venenosos foi derrubada.

2. O estado .... capital nasci, é este.

3. O escritor .... obra falei, morreu ontem.

4. É este o livro .... páginas sempre me referi.

5. Este é o homem .... causa lutei.

a) em cuja, cuja, de cuja, a cuja, por cuja.

b) cujos, em cuja, de cuja, cujas, cuja.

c) cujos, em cuja, de cuja, a cujas, por cuja.

d) cujos, cuja, cuja, a cujas, por cujas.

e) cuja, em cuja, cuja, cujas, cuja.

4. (UFV-MG) Assinale o item em que há erro no emprego do demonstrativo:

a) Paulo, que é isso que você leva?

b) «Amai vossos irmãos!» são essas as verdadeiras palavras de amor.

c) Trinta de dezembro de 1977! foi significativo para mim esse dia.

d) Pedro, esse livro que está com José é meu.

e) Não estou de acordo com aquelas palavras que José pronunciou.

5. (UEPG-PR) Convivi, durante largos anos, com Machado e Alencar; .... me seduziu pela suavidade romântica do seu estilo .... , pela ironia às vezes amarga com que tonifica o discurso narrativo.

a) aquele, aquele.

b) este, este.

c) este, aquele.

d) esse, esse.

e) aquele, este.

6. (UFDF) À CAROLINA

1. Querida, ao pé do leito derradeiro
2. Em que descansas dessa longa vida,
3. Aqui venho e virei, pobre querida,
4. Trazer-te o coração do companheiro.

No verso 2, o demonstrativo **essa:**

a) Pode alternar-se com **esta** indiferentemente, uma vez que se refere a fato passado.

b) Deve ser substituído por **esta** no português contemporâneo, porque demonstra um fato próximo da primeira pessoa do discurso.

c) É insubstituível, porque demonstra um fato junto da segunda pessoa com quem, apesar de morta, fala o poeta.

d) Nenhuma dessas.

7. (UBC-SP) «Alguém, antes que Pedro o fizesse, teve vontade de falar o que foi dito».

Os pronomes assinalados dispõem-se nesta ordem:

a) de tratamento, pessoal, oblíquo, demonstrativo.

b) indefinido, relativo, pessoal, relativo.

c) demonstrativo, relativo, pessoal, indefinido.

d) indefinido, relativo, demonstrativo, relativo.

e) indefinido, demonstrativo, demonstrativo, relativo.

8. (PUC-RS) Observe a transformação:

Este é o livro. O professor gostou dele.

Este é o livro de que o professor gostou. Assinale a transformação em que deverá aparecer o relativo **cujo:**

a) A rua é estreita. Existem nela vários prédios.

b) O cargo é importante. Ele ansiava por ele.

c) Eram interessantes as notícias. Os jornais dedicaram a elas grandes manchetes.

d) Aqui está o livro. A capa dele está toda rasgada.

e) Este é o trabalho. O professor se referiu a ele com entusiasmo.

9. (MACK-SP) Indique a alternativa em que um dos pronomes grifados tem valor de adjetivo:

a) Não sei **que** diz aquele anúncio.

b) Já pensei em tudo **o** que ele disse.

c) De **que** se queixa o cliente?

d) Este livro é **o** que comprei ontem.

e) Acreditei que fosse **outra** pessoa.

10. (UNITAU-SP) A única frase em que há erro no emprego do pronome pessoal é:

a) Para eu estudar à noite, preciso de muito café.

b) Para mim, estudar à noite é muito difícil.

c) Devemos ser honestos com nós mesmos.

d) Não há muita diferença de idade entre eu e você.

e) Fi-lo sentar-se.

11. (PUC-SP) João amava Teresa que amava Raimundo que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili que não amava ninguém.

A primeira parte do poema (versos de 1 a 3) se fecha com um:

I — Vocábulo	**II — Pertencente à classe dos**
a) paroxítono	pronomes indefinidos
b) oxítono	adjetivos indefinidos
c) paroxítono	advérbios de negação
d) oxítono	pronomes demonstrativos
e) oxítono	pronomes indefinidos

Para resolver as questões 12 e 13, assinale as alternativas e some seus valores.

12. (UFBA) Assinale a(s) alternativa(s) que contenha(m) o correto emprego do pronome demonstrativo:

1. Nesse instante, está sendo iniciado o jogo aqui em Curitiba.

2. Todos aceitam esta máxima do vestibular: quem estuda, passa.

4. Aquilo que me foi dito não é aquilo que vou dizer agora.

8. Esta gravura que tens aí na mão é antiga.

16. Elas próprias vieram atrasadas naquele mês.

32. Trabalhei um dia e uma noite; durante este fez sol e durante aquela choveu.

64. Esse assunto a que se referiram na reunião é importante.

13. (FMU-SP) Assinale as alternativas em que não ocorra ambigüidade:

1. O diretor comentou com a secretária que haviam recusado a sua proposta.

2. Ele pediu a ela a sua carteira.

4. O chefe de seção anunciou à funcionária a sua demissão dela.

8. Ele não aceitou a sua nomeação.

16. João foi ao cinema com a mãe dele.

32. João foi ao cinema com sua mãe dele.

64. João já retornou com seu carro.

14. (UFBA) A função sintática do pronome relativo está corretamente indicada:

1. As grades que defendiam as janelas eram fortes.
(sujeito)

2. Prenderam o cidadão por quem fui roubado.
(predicativo do sujeito)

4. Decidi verificar melhor o lugar onde estávamos.
(objeto indireto)

8. Voltou triste para a casa que lhe haviam emprestado.

(adjunto adverbial)

16. Ela não reparou bem no menino triste que eu era.

(predicativo do sujeito)

32. E tornei a fazer o trabalho a que me referi antes.

(objeto indireto)

Respostas da unidade 14 — Pronomes

Exercício — pág. 169

Abreviaturas — consulte listagem na obra (pág. 167)

Exercícios — pág. 170

1) — 1) eu 2) mim 3) ti e mim 4) mim 5) eu 6) ti 7) eu e ti 8) eu 9) ti e mim 10) eu e tu / mim e ti.

2) — d.

3) — a) o, b) a, c) o, d) o, e) a.

4) — a) mim b) eu c) mim d) eu e) mim f) eu g) mim h) eu i) eu j) eu

5) — a) conosco b) com você c) ti d) consigo e) Com nós f) com nós g) conosco h) com nós i) tu j) conosco

6) — 1. conosco 2. com vós 3. conosco 4. com nós 5. Conosco 6. Com nós.

7) — 1. Eu vo-las entrego 2. Disse-lha 3. Disse-lha 4. Disse-lhas 5. Disseram-mas 6. Eu vo-la falei. 7. Falei-lha 8. Falo-lhas 9. Dei-ta na mesa 10. Falo-lha.

8) — 1. Põe-na... 2. Põe-la... 3. Põem-na... 4. Fá-lo 5. Faze-lo. 6. Fazê-lo 7. Fazem-no 8. Amá-los 9. Ama-los 10. Pu-la no prato 11. Engraxamo-los 12. Entregamo-lhes 13. Entregamos-lhe 14. Qui-lo em metro 15. Tem-lo aí? 16. Tem-no aí? 17. Tenho-o aqui 18. Vocês têm-no? 19. Tende-lo? 20. Fá-las dormindo.

9) — a) Ex.ª b) V. Ex.ª c) S. Ex.ª d) Ex.ª e) S. Ex.ª f) Ex.ª g) Ex.ª h) V. Ex.ª i) S. Ex.ª.

10) — a) Quebro-te a cara b) roubaram-me o carro c) nadam-te os olhos em prantos d) arfa-te o peito e) doem-me as pernas.

11) — a) Permitiram-me falar b) deixei-o ir embora c) deixem-me sair d) mandou-me ficar quieto e) mandaram-me ir agora.

12) — a) dele b) de ele c) dele d) de ele / dele e) dele.

13) — c, c, c, e.

Questões discursivas — pág. 172

1) com você.

2) o, lhe.

3) 1. lhe, traga, seus 2. vos, trazei, vossos 3. com o Sr. 4. com nós 5. compramo-los 6. V. Ex.ª 7. km 8. seu 9. consigo 10. o ódio estampava-se-lhe na face 11. o, lhe 12. satisfeito 13. 10 h, dg.

5) 1. lhes 2. lhes 3. lhe

6) a) lhe, b) as

7) a) - no b) - a c) não o

8) a) me = o b) me = lhe

9) mim, eu

10) a) V. Ex.ª b) V. S. c) V. A.

11) felicitamo-los

12) ... mas se te pegar. (JUSTIF.: na função de complemento verbal emprega-se o pronome oblíquo (TE).

Testes — pág. 174

1 - d
2 - c
3 - e
4 - a
5 - d
6 - b
7 - c
8 - d
9 - d
10 - c
11 - b
12 - a
13 - 52
14 - 20
15 - 71
16 - a

Exercícios — pág. 181

1) a) **o** és, **o** foste, **o** serás b) **o** que c) **o** sabem d) **o** que e) **o** que f) **A** que g) **o** que h) **o** que.

2) S, S, A, S, A, A.

3) a) ...do qual deves cuidar bem... b) ...cujos quartos são grandes... c) ...de quem falávamos ontem... d) ...a que nos referíamos... e) ...de que dispomos...

4) cujas, onde, com quem, por quem, com quem, a que, em quem, cujas, de que, de que.

5) Essa, aqueles, Este, Estes, naquela, estas, essas, este, deste/daquela, Aqueles, este/àquela, dessas, Essa, aquelas, Estes.

6) em que eu pouco acreditava.

7) que eu recusei.

8) cujas informações não me convenceram.

9) em cujas informações eu não acreditei.

10) de cujas informações eu duvidei.

Questões discursivas — pág. 183

1) Não encontro sua lembrança em esquina **alguma** desta cidade.

2) 1) ...cujos poemas foram... 2) O filme, de cujo final poucos gostaram, era de Fellini 3) Orio Bangüi, em cujas margens costumava brincar com meus irmãos, marcou minha infância.

3) a) Cada vez b) totalmente.

4) a) à fotografia do interlocutor b) à fotografia de alguém a quem o interlocutor está se referindo.

5) Quem é **esse** ...?

6) advérbio de intensidade; adjunto adverbial de intensidade.

7) a qualquer ser b) totalmente, por inteiro.

8) entre os quais estava o seu noivo.

9) cujas manobras vinham sendo preparadas por grandes estrategistas.

Testes — pág. 184

1- e
2 - d
3 - c
4 - d
5 - c
6 - c
7 - e
8 - d
9 - e
10 - d
11 - e
12 - 82
13 - 52
14 - 49

MODALIDADES DRAMÁTICAS

Dentre as características que perfazem o gênero dramático estão: atores, que em consonância com outros elementos, como, figurino, maquiagem, cenário, gestos, reproduzem a história em forma de diálogos, divididos em atos e cenas; e a ação propriamente dita, retratada numa sequência linear, constituída pela exposição, conflito, complicação, clímax e desfecho final.

Dentre as várias modalidades que representam o gênero em questão, destacam-se:

TRAGÉDIA: é a representação de um fato trágico, compadecido, apto a suscitar compaixão e terror. Normalmente, personagens nobres, movidos por sentimentos intensos, enfrentam a ordem social, familiar ou divina e sofrem suas consequências.

Exemplos:
Trilogia tebana: Édipo Rei, Édipo em Colono e Antígona, de Sófocles
Medéia, de Eurípedes
Prometeu Acorrentado, de Ésquilo
Pagador de Promessas, de Dias Gomes

COMÉDIA: é a representação de um fato inspirado na vida e no sentimento comum, de riso fácil, em geral criticando os costumes. Sua origem grega está ligada às festas populares, celebrando a fecundidade da natureza.

Exemplos:
Lisístrata, de Aristôfanes
A Comédia dos Erros, de Shakespeare
Escola de Mulheres, de Molière

TRAGICOMÉDIA: modalidade em que se misturam elementos trágicos e cômicos. Originalmente, significava a mistura do real com o imaginário.
Exemplos:
Cyrano de Bergerac, de Edmond Rostand

Auto: espécie dramática medieval que se caracteriza pela presença de elementos religiosos.

Exemplos:
Auto da Barca do Inferno, de Gil Vicente
Auto da Compadecida, de Ariano Suassuna

FARSA: pequena peça teatral de caráter ridículo e caricatural, que critica a sociedade e seus costumes.

Exemplos:
Farsa de Inês Pereira, de Gil Vicente
Farsa do Velho da Horta, de Gil Vicente

MODALIDADES DRAMÁTICAS

Dentre as características que perfazem o gênero dramático estão: atores, que em consonância com outros elementos, como, figurino, maquiagem, cenário, gestos, reproduzem a história em forma de diálogos, divididos em atos e cenas; e a ação propriamente dita, retratada numa sequência linear, constituída pela exposição, conflito, complicação, clímax e desfecho final.

Dentre as várias modalidades que representam o gênero em questão, destacam-se:

TRAGÉDIA: é a representação de um fato trágico, compadecido, apto a suscitar compaixão e terror. Normalmente, personagens nobres, movidos por sentimentos intensos, enfrentam a ordem social, familiar ou divina e sofrem suas consequências.

Exemplos:
Trilogia tebana: Édipo Rei, Édipo em Colono e Antígona, de Sófocles
Medéia, de Eurípedes
Prometeu Acorrentado, de Ésquilo
Pagador de Promessas, de Dias Gomes

COMÉDIA: é a representação de um fato inspirado na vida e no sentimento comum, de riso fácil, em geral criticando os costumes. Sua origem grega está ligada às festas populares, celebrando a fecundidade da natureza.

Exemplos:
Lisístrata, de Aristôfanes
A Comédia dos Erros, de Shakespeare
Escola de Mulheres, de Molière

TRAGICOMÉDIA: modalidade em que se misturam elementos trágicos e cômicos. Originalmente, significava a mistura do real com o imaginário.
Exemplos:
Cyrano de Bergerac, de Edmond Rostand

Auto: espécie dramática medieval que se caracteriza pela presença de elementos religiosos.

Exemplos:
Auto da Barca do Inferno, de Gil Vicente
Auto da Compadecida, de Ariano Suassuna

FARSA: pequena peça teatral de caráter ridículo e caricatural, que critica a sociedade e seus costumes.

Exemplos:
Farsa de Inês Pereira, de Gil Vicente
Farsa do Velho da Horta, de Gil Vicente

ADRIANA
FIGUEIREDO
CURSOS

CONCORDÂNCIA NOMINAL

É a concordância que se faz entre o **determinante** (artigo, adjetivo, pronome adjetivo e numeral adjetivo) e o **determinado** (substantivo). A concordância nominal pode ser:

a) Lógica ou rígida, gramatical: quando o adjetivo concorda com todos os substantivos em gênero e número (= total), ou com o substantivo mais próximo (= concordância atrativa).

Ex.: **Clima** e **terra** desconhecidos. (total)

Clima e **terra** desconhecida. (atrativa)

b) Ideológica (= silepse): a concordância é feita com a ideia, e não com a palavra.

Ex.: Vossa Senhoria é generoso. (silepse de gênero)

A garotada se divertia, encantadas com a diversidade de brinquedos. (silepse de número)

Observe os casos e complete as lacunas, observando as concordâncias possíveis.

1ª PARTE: ADJETIVO E SUAS FUNÇÕES, POSPOSTO OU ANTEPOSTO A DOIS OU MAIS SUBSTANTIVOS; UM SUBSTANTIVO E DOIS OU MAIS DETERMINANTES.

(a) ADJETIVO NA FUNÇÃO DE ADJUNTO ADNOMINAL POSPOSTO A DOIS OU MAIS SUBSTANTIVOS DO MESMO GÊNERO: vai para o plural do gênero comum ou concorda com o mais próximo.

Caso 1

(b) ADJETIVO NA FUNÇÃO DE ADJUNTO ADNOMINAL POSPOSTO A DOIS OU MAIS SUBSTANTIVOS DE GENÊROS DIFERENTES: vai para o plural masculino ou concorda com o mais próximo.

1) Faca e navalha _________________ / _________________. (afiado)

2) Aquele quadro era um símbolo de uma estética e época _________________ / _________________. (tedioso)

3) Amor e agradecimento _________________ / _________________. (eterno)

4) Códigos e senhas _________________ / _________________. (alterado)

5) Mãe e pai _________________ / _________________. (moderno)

6) Argumentos e justificativas _________________ / _________________. (pífio)

7) Rio consome frutas e legumes _________________. (contaminado)

8) Supermercado Y: qualidade e preço __________________. (baixo)

9) Comprou legumes, frutas e carne ___________________ (bovino)

10) Vendia pães e frutas __________________. (maduro)

(a) ADJETIVO ANTEPOSTO NA FUNÇÃO DE ADJUNTO ADNOMINAL A DOIS OU MAIS SUBSTANTIVOS: a concordância deverá ser atrativa (concorda com o substantivo mais próximo em gênero e número).

Caso 2

(b) ADJETIVO ANTEPOSTO A NOMES PRÓPRIOS OU PARENTESCO: vai para o plural.

11) __________________ clima e terra. (desconhecido)

12) ___________________ faca e navalha. (afiado)

13) ___________________ atitudes e gestos. (belicoso)

14) ___________________ cores e tamanhos. (variado)

15) Os ___________________ Gil e Caetano. (famoso)

16) As ___________________ mãe e filha. (corajoso)

Caso 3

(a) ADJETIVO NA FUNÇÃO DE PREDICATIVO (DO SUJEITO OU DO OBJETO): concorda com o substantivo a que se refere.

(b) ADJETIVO NA FUNÇÃO DE PREDICATIVO DO SUJEITO COMPOSTO: quando vier posposto ao sujeito composto, concorda com todos os núcleos. Se vier anteposto, pode concordar com o mais próximo, se o verbo também o fizer. Caso o verbo anteposto concorde com todos os núcleos, o predicativo também concordará.

(c) ADJETIVO NA FUNÇÃO DE PREDICATIVO DO OBJETO COMPOSTO: concorda com todos os núcleos ou com o mais próximo.

17) As meninas vieram ___________________. (acompanhado)

18) Sua reivindicação é ___________________. (justo)

19) A crise financeira deixou ___________________ os cofres do clube. (vazio)

20) É um relógio que torna ___________________ todas as horas. (inesquecível)

21) A neve e o jardim eram ___________________. (branco)

22) Eram ___________________ a neve e o jardim. (branco)

23) Era ___________________ a neve e o jardim. (branco)

24) Encontrei a janela e o portão _________________ / _________________. (aberto)

25) Encontrei _________________ / _________________ a janela e o portão. (aberto)

Caso 4 → (a) UM SUBSTANTIVO (DETERMINADO) MODIFICADO POR DOIS OUMAIS DETERMINANTES (ADJETIVO, PRONOME, NUMERAL): o substantivo pode ficar no singular ou no plural, e os determinantes no singular, quando o sentido exigir.

26) As culturas ________________, ________________ e ________________.(indígena, negro e europeu)

27) A cultura ________________, a ________________ e a ________________.(indígena, negro e europeu)

28) As gramáticas ________________ e ________________. (inglês e alemão)

29) A gramática ________________ e a ________________. (inglês e alemão)

30) Conselhos ________________ e ________________ de engenharia. (federal e regional)

2ª PARTE: AS EXPRESSÕES

Caso 5 →

(a) COM AS EXPRESSÕES **É BOM**, **É PROIBIDO**, **É PERMITIDO**, **É NECESSÁRIO**...: se o substantivo não vier determinado o adjetivo fica invariável. Se o substantivo vier determinado, porém, o adjetivo se flexiona.

(b) O ADJETIVO **POSSÍVEL**: concorda com o determinante.

(c) AS EXPRESSÕES **HAJA VISTA E OLHOS VISTOS**: estarão sempre certas.

(d) AS EXPRESSÕES **UM E OUTRO**, **NEM UM NEM OUTRO** e **UM OU OUTRO**: mantêm o substantivo no singular.

(e) A EXPRESSÃO **TAL QUAL**: o tal concorda com o antecedente e o qual com o consequente.

31) Fé é __________________. (necessário)

32) É __________________ entrada de pessoas estranhas ao serviço. (proibido)

33) A fé é __________________. (necessário)

34) É __________________ a entrada de pessoas estranhas ao serviço. (proibido)

35) As verdades descobertas são as mais variadas __________________. (possível)

36) As verdades descobertas são o mais variadas __________________. (possível)
37) Deve ser um bom livro, __________________ as suas edições sucessivas. (haja vista)

38) Suas forças definhavam a olhos __________________. (visto)

39) Um e outro __________________ serão promovidos. (funcionário)

40) Nem um nem outro __________________ conseguiu aprovação. (aluno)

41) Conheço uma ou outra __________________. (hipótese)

42) Os filhos são ________ _________ a mãe. (tal qual)

3ª PARTE: A IDENTIFICAÇÃO DAS CLASSES: **VARIÁVEIS** (adjetivo, pronome, numeral) e **INVARIÁVEIS** (advérbio, palavras denotativas e locuções prepositivas).

Caso 6

(a) ANEXO, QUITE, OBRIGADO, INCLUSO, LESO, JUNTO (adjetivos); PRÓPRIO (pronome): classes variáveis, portanto concordam com o substantivo ou pronome a que se referem. A expressão EM ANEXO é invariável.

(b) MENOS, ALERTA; JUNTO A, JUNTO COM: advérbios e locuções prepositivas são invariáveis.

43) ________________ ao presente documento, encaminhamos a fotocópia do decreto x. (anexo)

44) Vão ________________ à carta meus documentos. (anexo)

45) Vão ________________ à carta meus documentos. (em anexo)

46) Estou ________________ com todos vocês. (quite)

47) Estamos ________________ com todos vocês. (quite)

48) Muito ________________, respondeu a tia. (obrigado)

49) Seguem ________________ aos documentos as fotografias. (incluso)

50) Sua opinião é um crime de ________________-inteligência. (leso)

51) Ana e Rosa saem sempre ________________. (junto)

52) Elas _________________ entenderão o recado. (próprio)

53) Trabalhas _________________ que eu. (menos)
54) Havia, naquela festa, _________________ mulheres que homens. (menos)

55) Os candidatos estavam _________________. (alerta)

56) Ficou _________________ portão. (junto a)

57) Fernanda chegou _________________ Guilherme ao colégio. (junto com)

Caso 7 → (a) SÓ, MEIO, BASTANTE, CONFORME, MESMO, CARO, BARATO: dependendo da palavra a que se referem, podem variar ou não. Se estabelecerem relação com substantivo ou pronome, funcionam como adjetivo, pronome ou numeral; se a relação for com um adjetivo ou verbo, aparecem como advérbio, não se flexionando, portanto. Palavras denotativas de exclusão, inclusão também não variam.

58) Entrou em casa e deixou _________________ os dois jovens debaixo das amendoeiras do portal. (só)

59) Os fatos falam por si _________________. (só)

60) _________________ alunos são admitidos na reunião. (só)

61) Bebeu sozinho _________________ caneca de vinho. (meio)

62) Eram pessoas _________________ estranhas. (meio)

63) Há _________________ exemplos neste livro. (bastante)

64) Comprou livros _________________. (bastante)

65) Comprou livros _________________ antigos. (bastante)

66) Só dois atos seus não pareciam _________________ a esta imagem. (conforme)

67) Elas _________________ entenderão o recado. (mesmo)

68) _________________ as crianças entenderão o recado. (mesmo)

69) As canetas eram _________________. (caro; barato)

70) O camelô vendia _________________ as canetas. (caro; barato)

Caso 8

(a) ADJETIVO COMPOSTO FORMADO DE ADJETIVO + ADJETIVO OU PALAVRA INVARIÁVEL + ADJETIVO: somente o último elemento se flexiona, concordando com o substantivo a que se refere. Obs.: 1) azul-marinho, azul-celeste e ultravioleta: invariáveis. 2) surdo-mudo: variam os dois.

(b) ADJETIVO COMPOSTO FORMADO DE ADJETIVO + SUBSTANTIVO OU SUBSTANTIVO + SUBSTANTIVO: os dois termos ficam **invariáveis**. Também ficará **invariável** cor representada por substantivo.

71) Processos ______________________________. (administrativo-fiscal)

72) Parcerias ______________________________. (público-privado)

73) Grupos ______________________________. (hispano-argentino)

74) Crianças ______________________________. (recém-nascido)

75) Ternos ______________________________. (azul-marinho; azul-celeste)

76) Jovens ______________________________. (surdo-mudo)

77) Crianças ______________________________. (surdo-mudo)

78) Blusas ______________________________. (verde-garrafa)

79) Vestidos ______________________________. (vermelho-sangue)

80) Calças ______________________________. (cinza-chumbo)

81) Tecidos ______________________________. (palha; cinza; laranja; rosa)

Exercícios de Fixação

I) Levando em consideração as regras de concordância nominal, marque certo (C) ou errado (E).

1) Estava com baixo autoestima. ( )

2) Estas foram as sós palavras que ele disse. ( )

3) Os setores público e privado devem estar integrados. ( )

4) Aquela menina nada tem de engraçado. ( )

5) Perdi meu óculos escuros. ( )

6) Nenhuns obstáculos conseguirão impedir nossa vitória. ( )

7) As milhares de pessoas que assistiram àquele espetáculo saíram felizes. ( )

8) As cópias estavam conformes com as originais. ( )

9) Anexa àquela carta destinada ao pai da moça, foram remetidas as joias. ( )

10) Naquelas bagagens havia joias bastantes preciosas. ( )

11) O Tribunal qualificou de ilegal aquelas nomeações. ( )

12) Vossa Senhoria é muito competente e qualificado. ( )

13) Fica instituído no Quadro de Pessoal a classe de Técnico de Tributação. ( )

14) Existem meios para tudo. ( )

15) O relógio bateu meio-dia e meio. ( )

16) O professor qualificou de inaceitável aquelas gírias. ( )

17) As gírias ouvidas neste colégio são tais quais as que podemos observar em qualquer grupo de jovens. ( )

18) Os partidos de cana mostravam tonalidades verde-esmeraldas. ( )

19) Pagando cem reais, ele estaria quites com o velho. ( )

20) Os famosos Machado e Alencar. ( )

21) Seguem em anexo as fotos. ( )

22) Seguem anexas as fotos. ( )

23) Os candidatos não eram nenhum bobocas. ( )

24) Não votaram em candidato nenhum. ( )

25) Persistência é necessário para obtermos um bom resultado. ( )

26) As questões serão tais qual o programa. ( )

27) Anexo à correspondência vão documentos importantes. ( )

28) Estejamos sempre alertas para evitar contratempos maiores. ( )

29) Os alertas foram dados. As pessoas alertas correram. ( )

30) Ela era considerada um monstro por seus inimigos. ( )

31) O primeiro e o segundo atos. ( )

II) Complete as lacunas com a(s) forma(s) adequada(s).

1) Elas _________________ providenciaram os atestados, que enviaram _________________ às procurações, como instrumentos _________________ para os fins colimados. (mesmo/anexo/bastante)

2) São bastante _________________ tais ideias e opiniões sobre o computador. (difundido)

3) Serão _________________ tanto os técnicos quanto as pessoas menos qualificadas. (promovido)

4) Tornam-se muito _________________ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

5) Torna-se muito _________________ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

6) Podem ser neste ponto _________________ a tarefa dos antigos artesãos e a dos modernos operários. (comparado)

7) Pode ser neste ponto _________________ a tarefa dos antigos artesãos e a dos modernos operários. (comparado)

8) Ficam _________________ nas mãos de poucos todos os conhecimentos e habilidades. (concentrado)

9) _________________ montes e várzeas se sucediam na paisagem. (florido)

10) Aprecio a cultura e a história _________________. (europeu)

11) Comprou jornais e revistas _________________. (brasileiro)

12) Os meninos estavam com os pés e as mãos _________________. (sujo)

13) Encontrei _________________ as cadeiras e o sofá. (reformado)

14) A professora contou-nos _________________ lendas e contos. (antigo)

15) Não houve chuvas _________________ para resolver o problema da agricultura. (bastante)

16) Tinha _________________ chances de conseguir o emprego. (bastante)

17) As novas tecnologias eram _________________ prejudiciais aos trabalhadores. (bastante)

18) Esses diretores não costumam aceitar nossas reivindicações, _________________ que sejam elas. (qualquer)

19) Pode-se ver do alto daquele prédio as bandeiras _________________________. (brasileiro e português)

20) Veio _________________ ao requerimento a planta da casa reformada. (anexo)

21) Aquela loja fazia ofertas o mais _________________ possível. (tentador)

22) As observações do autor do texto foram as mais pertinentes _________________. (possível)

23) Julgamos _________________ ao espírito humano as indagações constantes sobre o que é verdade. Ocorre porém que, em nosso presente estágio evolutivo, as verdades descobertas são o mais variadas _________________. (natural/possível)

24) O uso de certas máquinas deixa mais _________________ os legumes. (barato)

25) Com o uso de certas máquinas, os legumes estão ficando muito mais _________________. (caro)

26) O uso de certas máquinas faz com que custem mais _________________ as batatas. (barato)

27) O filósofo alemão Jügen Habermas vem insistindo: o fim do Estado Nacional como instância reguladora do mercado também torna _________________ as formas tradicionais do exercício da cidadania. (obsoleto)

28) O seleiro sentiu o papel e a nota _________________ no bolso. (novo)

29) O Direito e o fato social não existem por si _________________ no seio da sociedade. (só)

30) Por mais ________________ que lhes pareça a resolução desses exercícios, apliquem-se, e verão quão menos ________________ na verdade o são. (difícil/complicado)

31) Corriam ________________ nossa imaginação e nosso pensamento, naquele tempo em que quaisquer ameaças à nossa felicidade pareciam ________________. (solto/impossível)

32) Seria ________________, numa hora como esta, contar com a ajuda de pessoas que nunca buscaram estar minimamente ________________ de mim? (oportuno/próximo)

33) O mais duvidoso, em meio às tuas propostas, é que ________________ uma delas obtenha o consenso há tantos dias inutilmente ________________. (qualquer/perseguido)

34) Aqueles papéis, que sempre lhes pareceu ________________ guardar, revelaram-se de importância absolutamente ________________ para eles. (inútil/vital)

35) ________________ está a carta, os recibos e os documentos pedidos. (anexo)

25

Análise Sintática – Orações Subordinadas

Período composto por subordinação

É o período que apresenta orações introduzidas pelos conectivos subordinativos: **conjunções integrantes, conjunções subordinativas adverbiais e pronomes relativos**.

Considere o seguinte exemplo:

oração 1		oração 2
Ele	confessou	que não pensou nisto.
suj.	VTD	objeto direto

• Nesse caso, o período é composto, pois consta de duas orações:

— a oração 2 está encaixada na oração 1, funcionando como objeto direto do verbo confessar.

— dizemos que a oração 1 é a **principal** e que a 2 é **subordinada**.

ORAÇÃO PRINCIPAL — é aquela na qual se encaixa a subordinada. Não exerce função sintática. Tem um dos seus termos em forma de oração e não vem introduzida por conectivo.

• **Ninguém lamentou** que você renunciasse.

ORAÇÃO SUBORDINADA — é aquela que se encaixa em outra oração, desempenhando alguma função sintática em relação a esta. Vem introduzida por conectivo, funcionando como sujeito, complemento ou adjunto da oração principal.

• Ninguém lamentou	**que você renunciasse.**
O.P. (VTD)	Obj. Dir. (de lamentar)

Portanto: **Oração subordinada**

Orações subordinadas

1. SUBSTANTIVAS — aquelas que desempenham função sintática própria de **substantivo**.

2. ADJETIVAS — aquelas que desempenham função sintática própria de **adjetivo**.

3. ADVERBIAIS — aquelas que desempenham função sintática própria de **advérbio**.

Oração subordinada substantiva

A oração subordinada substantiva (O.S.S.) tem valor de substantivo e vem introduzida, geralmente, por conjunção integrante **que** e **se**.

Observe:

SERIA DESEJÁVEL ← falta o sujeito

Completando:

SERIA DESEJÁVEL	a participação dela.
	sujeito

Observe que o núcleo do termo que completa é um substantivo. Trocando esse núcleo por um verbo, teremos uma oração que faz o papel de um substantivo, completando o sentido da oração principal (incompleta).

SERIA DESEJÁVEL	QUE	ELA PARTICIPASSE.
O.P.		sujeito O.S.S. Subjetiva da oração principal

CLASSIFICAÇÃO	CONCEITO	OBSERVAÇÕES	EXEMPLO
1. SUBJETIVA	Exerce a função de **sujeito** da oração principal.	* O verbo da Or. Principal está sempre na 3ª pess. sing. * Não há suj. dentro dos limites da OP.	É necessário que **pensem.**
2. OBJETIVA DIRETA	Exerce função de **objeto direto** da oração principal.	* Liga-se ao verbo da OP sem preposição. * Há suj. dentro dos limites da OP.	Desejamos **que pensem.**
3. OBJETIVA INDIRETA	Exerce função de **objeto indireto** da oração principal.	* Liga -se ao verbo da OP com preposição.	Confio **em que pensem.**
4. COMPLETIVA NOMINAL	Exerce função de **complemento nominal** da oração principal.	* Liga-se a um nome da OP por meio de preposição.	Tenho confiança **em que pensem.**
5. PREDICATIVA	Exerce função de **predicativo do sujeito** da oração principal.	* Liga-se à oração principal por meio de verbo de ligação (SER).	Nosso desejo **é que pensem.**
6. APOSITIVA	Exerce função de **aposto** da oração principal.	* Vem, geralmente, depois de dois pontos ou entre vírgulas.	Desejo apenas isto : **que pensem.**

→ **ATENÇÃO:**

Verdade é que vestiba merece respeito. → sem art. = Subjetiva

A verdade é que vestiba merece respeito. → com art. = Predicativa

FUNÇÃO DO SUBSTANTIVO	SUBORD. SUBSTANTIVA
*** sujeito** *** objeto direto** *** objeto indireto**	ligada ao **verbo** da oração principal
*** predicativo do sujeito** *** complemento nominal** *** aposto**	ligada a um **nome** da oração principal

Exercícios

1) Dê a função sintática da oração subordinada substantiva em destaque:

1. «Meu Deus, por que me abandonaste se sabias **que eu não era Deus**....» (C.D.A.)

....

....

....

2. Referiram-se **a que não havia mais vagas.**

....

....

3. Nunca duvidei **de que estivessem certos.**

....

....

4. Não tive dúvidas **de que estivessem certos.**

....

....

5. Sou contrário **a que se conceda tal regalia.**

....

....

6. Sabemos de uma coisa: **que podemos esquecer sua ajuda.**

....

....

7. Acontece **que meu coração ficou frio.**

....

....

8. **Que nós e o presente não somos mais dignos dela** é a verdade.

....

....

9. **Se o mar é bonito** não sei.

....

....

10. Ignoramos **por que tomaste esta atitude.**

....

....

2) Transforme os períodos simples em compostos e classifique a oração subordinada substantiva:

MODELO:

a) A participação de todos é necessária.

É necessário que todos participem.

Oração subordinada substantiva subjetiva.

b) A aceitação de todos é importante.

....

....

c) Queremos o comparecimento de todos.

....

....

d) Precisamos de tua ajuda.

....

....

e) Sou favorável à sua renúncia.

....

....

f) Algumas tribos temiam a chegada do inverno.

....

....

g) Insistiam na participação do aluno.

....

....

h) Era urgente a aprovação do diretor.

....

....

3) Classifique as orações destacadas, de acordo com as seguintes opções:

a) subordinada substantiva subjetiva

b) subordinada substantiva objetiva direta

c) subordinada substantiva objetiva indireta

d) subordinada substantiva completiva nominal

e) subordinada substantiva predicativa

f) subordinada substantiva apositiva

1. ( ) «Para ser franco, declaro **que esses infelizes não me inspiram simpatia**.» (G. Ramos)

2. ( ) «É impossível **que gastássemos tanto dinheiro.**» (A. Azevedo)

3. ( ) «Isso depende **de que ele a convença**.» (E. Veríssimo)

4. ( ) «Conserva a ilusão **de que teu vôo te leva sempre para mais alto.**» (M. del Picchia)

5. ( ) «Convém **que o enfrentemos com dignidade.**» (E. Veríssimo)

6. ( ) «A verdade é **que o fizeram com igual ternura.**» (M. de Assis)

7. ( ) «Catarina viu então **que sua mãe estava envelhecida...**» (C. Lispector)

8. ( ) «Dizem **que chegaste às falas com autoridades.**» (A. Meyer)

9. ( ) Diz-se que **chegaste às falas com autoridades**.

10. ( ) «Também é bom **que o estado de graça demore pouco.**» (C. Lispector)

11. ( ) «Parece **que os netos da velha eram uns pequenos malfeitores**...» (R. de Queiroz)

12. ( ) «O marido não veio por razões óbvias: **não queria ver os irmãos.**» (C. Lispector)

13. ( ) «Aconteceu, porém, **que certo domingo houve falta de galos** para completar o programa.» (R. de Queiroz)

14. ( ) «Fora desrespeitada a recomendação **de se preservar a pessoa do réu.**» (A. M. Machado)

15. ( ) «Não sei se disse **que isto se passava em casa de uma baronesa.**» (M. de Assis)

4) Transforme agora a oração substantiva em um substantivo, de acordo com o modelo:

1. Tínhamos interesse em que você colaborasse.

Tínhamos interesse na sua colaboração.

2. A solução é que você desista.

....

....

3. O vendedor dava uma garantia: que o produto valorizaria.

....

....

4. Estávamos certos de que você se recuperaria.

....

....

5. Ninguém duvidou de que a propaganda mentiu.

....

....

5) Classifique as orações substantivas destacadas:

1. Não sei **se estou sofrendo.**

....

....

2. É claro **que não concordamos.**

....

....

3. O único empecilho era **que a prova seria à noite.**

....

....

4. Somos favoráveis **a que o ponham em liberdade.**

....

....

....

5. De uma coisa sei: **ninguém entrará neste colégio.**

....

....

6. Ele era **quem mais falava.**

....

....

Questões discursivas

1) (UFMS) Reescreva a oração de acordo com o modelo:

A colaboração dele nos surpreende.

Surpreende-nos que ele colabore.

A intervenção dele nos convém

....

2) (FUVEST)

Modelo: Observou que a lenha verde agonizava.

Observou a agonia da lenha verde.

Seguindo o modelo acima, reescreva a seguinte frase:

«Percebeu que os homens se aproximavam.»

....

3) (FEI-SP) Classifique a oração subordinada do período abaixo:

O estudo e o tempo não me convenceram **de que as leis do cosmos sejam compatíveis com uma suprema causa.**

Resposta: ....

....

4) (CÁSPER LIBERO-SP) Classifique a oração destacada:

«Não julgo **que eles saibam.**»

Resposta: ....

....

5) (CÁSPER LÍBERO-SP) Classificar a oração destacada: «É evidente **que ele não sabe.»**

Resposta: ....

....

6) (UFPA) Classifique sintaticamente as orações destacadas nos períodos abaixo:

A mulher objetou-lhe **que não havia lugar em casa para mais uma cadeira**.

Resposta: ....

....

7) (FEI-SP) Classifique sintaticamente a oração destacada:

«Todos perceberam **que João Fanhoso dera rebate falso**.»

Resposta: ....

....

8) (FUVEST) Indique o objeto direto do verbo destacado:

«... **fui dizer** à minha mãe que a escrava é que estragara o doce.»

Resposta: ....

....

Testes

1. (UNAMA) No seguinte grupo de orações destacadas:

1. É bom **que você venha**.

2. Não esqueças **que és falível**.

Temos orações subordinadas, respectivamente:

a) objetiva direta, subjetiva.

b) subjetiva, objetiva direta.

c) objetiva direta, adverbial temporal.

d) subjetiva, predicativa.

e) predicativa, objetiva direta.

2. (UFBA) Em todos os períodos a oração subordinada funciona como sujeito da oração principal, exceto em:

a) É claro que eles virão.

b) Acontece que ela mentiu.

c) Sabe-se que é um golpe.

d) O certo é que tudo morre.

e) Agora parece que é dia.

3. (FMU-SP) No seguinte período: «Aí eu tive o fervor de que ele carecesse de minha proteção, toda a vida**», a expressão destacada é:**

a) oração subordinada substantiva apositiva.

b) oração subordinada substantiva objetiva indireta.

c) oração subordinada substantiva completiva nominal.

d) oração subordinada substantiva predicativa.

4. (UFPR) Qual o período em que há oração subordinada substantiva predicativa?

a) Meu desejo é que você passe nos exames vestibulares.

b) Sou favorável a que o aprovem.

c) Desejo-te isto: que sejas feliz.

d) O aluno que estuda consegue superar as dificuldades do vestibular.

e) Lembre-se de que tudo passa neste mundo.

5. (UFPR) Reconheça a oração subordinada substantiva subjetiva:

a) Veja se está tudo em ordem.

b) Perguntou quem era.

c) Que ele não compareceu, souberam.

d) É necessário que tenhamos paciência.

e) n.d.a.

6. (UEM-PR) «Parecia que o morro se tinha distanciado muito.»

No período acima, a oração subordinada é:

a) substantiva objetiva direta.

b) substantiva subjetiva.

c) adjetiva explicativa.

d) substantiva predicativa

e) adverbial consecutiva.

7. (UFPR) Julieta ficou à janela na esperança **de que Romeu voltasse.**

A oração em destaque é:

a) subordinada substantiva subjetiva.

b) subordinada substantiva completiva nominal.

c) subordinada substantiva predicativa.

d) subordinada adverbial causal.

e) subordinada adjetiva explicativa.

8. (PUCCAMP-SP) Assinale o período em que a oração destacada é substantiva apositiva:

a) Não me disseram **onde moravas**.

b) A rua **onde moras** é muito movimentada.

c) Só me interessa saber uma coisa: **onde moras**.

d) Morarei **onde moras**.

e) n.d.a.

9. (MACK-SP) No período: «Sabe-se que Jacó propôs a Labão que lhe desse todos os filhos das cabras...», a alternativa que contém a análise correta das orações, na seqüência em que vêm no período é:

a) principal; subordinada substantiva subjetiva; subordinada substantiva objetiva direta.

b) coordenada sindética aditiva; subordinada substantiva objetiva direta; subordinada substantiva apositiva.

c) absoluta; subordinada substantiva objetiva direta; subordinada substantiva objetiva direta.

d) principal; subordinada substantiva subjetiva; subordinada substantiva objetiva indireta.

e) coordenada assindética; subordinada substantiva subjetiva; subordinada substantiva objetiva direta.

10. (PUCCAMP-SP) «Se ele confessou não sei.» **A oração destacada é:**

a) subordinada adverbial temporal.

b) subordinada substantiva objetiva direta.

c) subordinada substantiva objetiva indireta.

d) subordinada substantiva subjetiva.

e) subordinada substantiva predicativa.

11. (PUC-SP) «Pode-se dizer **que a tarefa crítica é puramente formal.»**

No texto acima, temos: uma oração destacada que é:

a) substantiva objetiva direta.

b) substantiva predicativa.

c) relativa.

d) substantiva subjetiva.

e) adverbial consecutiva.

um **se** que é:

a) partícula apassivadora.

b) índice de indeterminação do sujeito.

c) pronome reflexivo.

d) partícula apassivadora.

e) índice de indeterminação do sujeito.

12. (UFU-MG) Na frase: «Suponho que nunca teria visto um homem», a subordinada é:

a) substantiva objetiva direta.

b) substantiva completiva nominal.

c) substantiva predicativa.

d) substantiva apositiva.

e) substantiva subjetiva.

Para resolver as questões 13 a 15, assinale as alternartivas e some os valores.

13. (UFBA) Ocorre substantiva objetiva direta em todas as alternativas, exceto:

1. O certo é que você veio.
2. Agora parece que é dia.
4. Sei que ele não virá.
8. O aluno que trabalha é bom.
16. Que venhas amanhã espero.
32. Sonhei que não existias.

14. (PUC-RS) Em todos os períodos a oração subordinada funciona como sujeito da oração principal, exceto**:**

1. É claro que eles virão.
2. Acontece que ela mentiu.
4. Sabe-se que não virão.
8. Hoje parece que é verão.
16. O certo é que todos já sabem.
32. Meu desejo é que todos sejam aprovados.
64. Espera-se que não chova mais.

15. (FUVEST) Assinale a(s) alternativa(s) que apresenta(m) classificação correta da oração subordinada:

1. Espero que tenhas estudado. (objetiva direta)

2. Não fez referência a que a situação era delicada. (objetiva indireta)

4. Convenci-me de que tudo era tolice. (completiva nominal)

8. O importante é que ela conseguiu sair de lá. (objetiva direta)

16 É raro que não tenha seu caso a contar. (subjetiva)

32. Compreendo por que os noivos se presenteiam. (objetiva indireta)

Oração subordinada adjetiva

É aquela que se encaixa na oração principal, funcionando como **adjunto adnominal** de um substantivo ou de um pronome antecedente, ou equivalendo a um **aposto explicativo**.

É introduzida, normalmente, por um pronome **relativo:** QUE (= o qual), QUEM, CUJO, ONDE (no qual, em que), QUANTO (precedido de tudo), O QUAL (a qual, os quais, as quais).

OBSERVE:

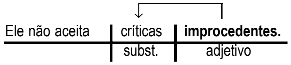

Ele não aceita | críticas | **improcedentes.**

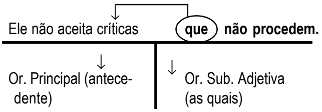

Ele não aceita críticas **que** **não procedem.**

Classificação

Quanto ao sentido, as subordinadas adjetivas classificam-se em RESTRITIVAS ou EXPLICATIVAS.

Classificação	Características	Exemplo
1. Restritiva	a) Restringe a significação do substantivo ou do pronome antecedente, isto é, particulariza um subconjunto dentro de um conjunto. b) É indispensável ao sentido da frase. c) Não se separa por vírgula da oração principal.	* O livro **que ele lia** era a loucura do homem agoniado. (Jorge de Lima) O homem **que se esforça** vence.
2. Explicativa	a) Acrescenta uma qualidade acessória ao antecedente. b) Vem separada por vírgulas da oração principal.	Jorge de Lima, **que foi um poeta de segunda fase do Modernismo brasileiro**, escreveu sua obra junto com Murilo Mendes. O homem, **que é mortal**, retorna ao pó.

Função sintática do pronome relativo

Os pronomes relativos exercem a mesma função sintática dos nomes que são representados por eles.

Observe:

O menino sonha com o mundo maravilhoso **que** ele tirou do nada.

O pronome relativo **que** está representando a expressão **«mundo maravilhoso»**.

Substituindo o pronome relativo **que** por essa expressão, teríamos:

«... ele tirou o **mundo maravilhoso** do nada.»
obj. dir.

Logo, o pronome relativo **que** exerce a função de **objeto direto.**

→ Veja outras funções exercidas pelos relativos:

a) SUJEITO:

«O menino impossível **que** destruiu até os soldados de chumbo de Moscou... brinca com sabugos de milho.» (Jorge de Lima)

(**O menino** destruiu até os soldados...)

(sujeito)

b) OBJETO INDIRETO:

Os fatos **a que** te referiste são verídicos.

(Tu te referiste **aos fatos**.)

(obj. indir.)

c) ADJUNTO ADVERBIAL:

A cidade **em que (onde)** moro é pequena.

(Moro **na cidade**.)

(adjunto adverbial)

d) AGENTE DA PASSIVA:

Passou por aqui a pessoa **por quem** tu eras procurado.

(Tu eras procurado **pela pessoa**.)

(agente da passiva)

e) PREDICATIVO DO SUJEITO:

O indisciplinado **que** fui fez-me sofrer na escola. (Eu fui **indisciplinado**.)

(predicativo)

f) ADJUNTO ADNOMINAL:

Murilo Mendes, **cujo** estilo incorpora técnicas futuristas e surrealistas, tenta atingir o cerne do barroco mineiro em sua obra *Contemplação de Ouro Preto*.

(O estilo **de Murilo Mendes**.)

(adjunto adnominal)

g) COMPLEMENTO NOMINAL:

O dinheiro **de que** tenho necessidade ficou retido no banco.

(Tenho necessidade **do dinheiro.**)

(complemento nominal)

Exercícios

1) Transforme o adjunto adnominal em oração adjetiva.

Modelo:

a) Os casos **insolúveis** não são raros.

b) Os casos que não se solucionam não são raros.

I – a) Os galhos **maiores** foram cortados.

b) ....

II – a) As notícias **divulgadas** confirmaram nossas previsões.

b) ....

III – a) Há crimes **imperdoáveis.**

b) ....

IV – a) Jogadores **criadores de caso** não serão convocados.

b) ....

V – a) Destinaram-se recursos às regiões **produtoras de feijão**.

b) ....

2) Substitua as orações em destaque pelos adjetivos correspondentes:

a) É uma letra **que não se pode ler**. ...

....

b) Trata-se de um bem **que não se pode destruir**. ....

c) É uma comida **que não tem gosto**.

....

d) É um feijão **que não tem sal**. ....

e) É uma tinta **que não se apaga**. ....

f) É um projeto **que não se pode realizar**

....

g) É uma substância **que não tem odor**. ....

h) É um texto **que não se pode compreender**. ....

3) Dê a função sintática exercida pelos pronomes relativos que estão em destaque nas frases abaixo:

a) «... porque o saci-pererê não fazia mal a ninguém / limitando-se moleque a dançar maxixes desenfreados/no mundo das garotas de madeira / **que** meu tio habilidoso fazia para mim.» (Murilo Mendes)

....

b) «. . . estou diante do mundo deitado na rede mole **que** todos os países embalançam.» (Murilo Mendes)

....

....

c) «Não há outro espetáculo **que** me invoque.» (Murilo Mendes)

....

d) «O anjo pousa de leve
No quarto **onde** a moça pura
Remenda a roupa dos pobres.»
(Murilo Mendes)

....

e) «Minha visão é universal e tem dimensões **que** ninguém sabe.» (Jorge de Lima)

....

f) O aluno **a que** me refiro saiu da sala.

....

4) Classifique as orações destacadas, de acordo com as seguintes opções:

a) subordinada adjetiva restritiva;

b) subordinada adjetiva explicativa;

c) subordinada substantiva subjetiva;

d) subordinada substantiva objetiva direta;

e) subordinada substantiva objetiva indireta;

f) subordinada substantiva completiva nominal;

g) subordinada substantiva predicativa.

1. ( ) O juiz entregou os prêmios **a quantos se classificaram.**

2. ( ) O juiz entregou os prêmios **de quantos se classificaram.**

3. ( ) Antônio, **que nunca entrou em campo**, não joga futebol.

4. ( ) Que mais me pode exigir a mulher **a quem dou o meu amor**?

5. ( ) O melhor procedimento é **ignorar o ocorrido**.

6. ( ) Jorge, **que sempre entendeu de mecânica,** descobriu logo o defeito.

7. ( ) Quero saber **como chegou aqui**.

8. ( ) O professor **a quem me referi** acaba de chegar.

9. ( ) O juiz era **quem mais se esforçava em campo**.

10. ( ) Tentei convencê-lo **de que estava errado**.

11. ( ) Viam-se pássaros **voando**.

12. ( ) Veja **quem está batendo palmas no portão**.

13. ( ) Era muito educado o rapaz **com quem fui jantar.**

14. ( ) Ele era **quem dava as ordens.**

15. ( ) O museu, **onde estão os pertences de Getúlio Vargas**, fica na Rua do Catete.

16. ( ) «**Quem passava na rua** não enxergava a casa.» (O. França Jr.)

5) Por meio do pronome relativo adequado, estabeleça relação entre as orações, transformando a segunda em subordinada adjetiva:

Modelo: Recebi todos os livros. Eles foram indicados pela crítica.

Transformação: Recebi todos os livros que foram indicados pela crítica.

1. Encontrei os amigos. Estava precisando deles.

....
....

2. Todos vaiaram o jogador. O técnico escalara o jogador na última hora.

....
....

Questões discursivas

1. (FUVEST)

Modelo: Observou a lenha verde **que agonizava**.

Observou a lenha verde **agonizante**.

Seguindo o modelo acima, reescreva a seguinte frase:

«Ele se arrogava o direito de inventar leis que **determinavam o comportamento do povo.**»

Ele se arrogava o direito de inventar leis

....

2. (CÁSPER LÍBERO-SP) «O Mar Vermelho, onde a chuva é uma exceção durante todo o ano, banha Israel, que é o berço da Humanidade.»

Neste texto, indique:

a) oração principal;

b) como se chama a oração: «que é o berço da Humanidade»?

a) ....
b) ....

3. (FEI-SP) Classifique as orações em negrito, sintaticamente:

a) «Poucas eram as árvores **que o inverno despira**.» (Érico Veríssimo)

b) «(...) Mora em alguma fazenda, **onde se entregara à contemplação da natureza e a leitura de bons livros**.» (Rubem Braga)

Respostas:

a) ....
b) ....

4. (FUVEST) Grife as orações adjetivas dos períodos abaixo e classifique-as:

a) «As pessoas que contam esses casos nunca mentem em outras coisas.»
(Rachel de Queiroz)

b) «Ele, que era arguto, entendeu-me (...)»
(Machado de Assis)

a) ....
b) ....

5. (CEFET-PR) Ligue o par de orações, transformando-as num único período composto por subordinação:

I) a) Os autores foram expulsos do país.
b) Os livros deles continham críticas ao governo.
a) ....
b) ....

II) a) Os fatos ocorreram no Nordeste.
b) Refiro-me a eles no artigo «Miséria e Fome».
a) ....
b) ....

III) a) Construímos uma sociedade injusta.
b) A legislação dessa sociedade é boa.
a) ....
b) ....

IV) a) O vestibular é uma barreira composta de inúmeras inconseqüências.

b) Por essa barreira deverão passar todos os que aspiram aos cursos superiores.

6) (ANHEMBI-MORUMBI-SP) Classificar corretamente as orações grifadas, indicando a seqüência obtida:

a) subordinada adverbial final;

b) subordinada adverbial concessiva;

c) subordinada adverbial consecutiva;

d) subordinada adverbial comparativa;

e) subordinada substantiva subjetiva.

1. ( ) **Criminoso que seja**, não deve ser maltratado.

2. ( ) Não és mais prudente **que eu**.

3. ( ) Fiz-lhe sinal **que se calasse**.

4. ( ) Sabido é **que a alma não morre**.

5. ( ) Bebia **que era uma lástima**.

6. ( ) **Por mais que gritasse**, ninguém a socorreu.

Resposta: ....

Testes

1. (PUC-SP) «João amava Teresa que amava Raimundo que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili que não amava ninguém. João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento, Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia, Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes que não tinha entrado na história.» (Carlos Drummond de Andrade)

A primeira parte do poema (quatro primeiras linhas) é marcada, sintaticamente, pela presença de:

I. orações

a) subordinadas adjetivas restritivas.

b) coordenadas sindéticas explicativas.

c) subordinadas adverbiais comparativas.

d) subordinadas adjetivas explicativas.

e) coordenadas sindéticas aditivas.

II. cujo termo introduzido atua como:

a) conectivo-sujeito.

b) simples conectivo.

c) simples conectivo.

d) conectivo-sujeito.

e) simples conectivo.

2. (MACK-SP) Em «É difícil o dia **em que não acontece um acidente», temos uma oração**

a) subordinada substantiva predicativa.

b) subordinada substantiva completiva nominal.

c) subordinada substantiva subjetiva.

d) subordinada adjetiva restritiva.

e) subordinada adjetiva explicativa.

3. (UMC-SP) Indique a alternativa em que há oração subordinada adjetiva restritiva:

a) Fique no lugar onde está.

b) Deus, que é nosso Pai, nos salvará.

c) Tenho receio de que você se engane.

d) Meu desejo é que sejam felizes.

e) Desejo que sejam felizes.

4. (ANHEMBI-MORUMBI-SP) Na frase «Há enganos **que nos deleitam», a oração grifada é:**

a) substantiva subjetiva;

b) substantiva objetiva direta;

c) substantiva completiva nominal;

d) substantiva apositiva;

e) adjetiva restritiva.

5. (UFPR) As orações destacadas são, respectivamente:

I. O filme **a que assistimos** era trágico.

II. **Assim que souberdes do paradeiro de Luciana**, avisai-me imediatamente.

III. É preciso **que saias imediatamente da cidade**.

a) subordinada substantiva objetiva direta, subordinada adverbial condicional, subordinada substantiva predicativa.

b) subordinada substantiva completiva nominal, subordinada adverbial concessiva, subordinada substantiva objetiva direta.

c) subordinada adjetiva restritiva, subordinada adverbial consecutiva, subordinada substantiva subjetiva.

d) subordinada substantiva objetiva indireta, subordinada adverbial final, subordinada substantiva predicativa.

e) subordinada adjetiva restritiva, subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva subjetiva.

6. (UEPG-PR) Qual a função sintática?

Eis uma oferta a que não posso resistir.

a) conectivo subordinativo.

b) conectivo coordenativo.

c) sujeito.

d) objeto direto.

e) objeto indireto.

7. (UNESP) «O pai, depois de contar o dinheiro **que discretamente retirou do bolso,** aborda o garçom **(...)» A oração destacada é:**

a) oração subordinada adjetiva explicativa.

b) oração subordinada substantiva apositiva.

c) oração subordinada substantiva completiva nominal.

d) oração subordinada adjetiva restritiva.

e) oração subordinada substantiva objetiva direta.

8. (FAAP-SP) «Não compreendíamos a razão **por que o ladrão não montava a cavalo.» A oração destacada é:**

a) subordinada adjetiva restritiva.

b) subordinada adjetiva explicativa.

c) subordinada adverbial causal.

d) subordinada adverbial final.

e) subordinada substantiva completiva nominal.

9. (UFDF) Dentre as orações destacadas, indique aquela que tem a mesma função que a da frase matriz:

«(...) recebi o pagamento das mãos de meu pai, **que me deu uma sova de vara de marmeleiro.**» (Machado de Assis)

a) «Dr. Fontoura, **que na realidade era dentista**, acorreu com uns ferrinhos, uma pinça.» (Fernando Sabino)

b) «Era esta a hora **em que as duas costumavam ir para o caramanchão.**»
(Lygia Fagundes Telles)

c) «É sempre bom dar preferência aos legumes **que podem ser comidos crus**.»
(*Folha de S.Paulo*)

d) «D. Custódia era uma portuguesa que **alugava quartos na Rua da Misericórdia...**»
(Adolfo Caminha)

10. (UFSCAR-SP) Determine a função morfológica das palavras destacadas, confrontando as colunas abaixo e, depois de numerar a segunda de acordo com a primeira, marque a opção correta:

(1) pronome relativo.

(2) pronome indefinido.

(3) pronome demonstrativo.

(4) conjunção adversativa.

(5) advérbio.

(6) conjunção temporal.

(7) conjunção integrante.

(8) conjunção concessiva.

(9) conjunção consecutiva.

(10) função não constante desta relação.

( ) Já cinco dias eram passados, **que** dali nos partíramos.

( ) Estudava, **contudo**, não tinha método.

( ) O juiz verificará **se** as provas estão nos autos.

( ) Tudo **que** previra aconteceu.

( ) **Poucos** compareceram.

( ) **Ainda** que soubesse, não diria.

( ) **Ninguém** virá.

( ) Não sei **o** que dizes.

( ) Falava tão baixo, **que** mal se ouvia.

( ) **Que** medonho é um temporal em alto-mar!

a) 1, 4, 10, 1, 5, 8, 2, 10, 9, 5

b) 6, 4, 10, 1, 2, 5, 2, 3, 10, 2

c) 6, 4, 7, 10, 5, 8, 5, 3, 9, 2

d) 1, 4, 7, 1, 5, 9, 2, 2, 8, 5

e) 6, 4, 7, 1, 2, 8, 2, 3, 9, 5

11. (UFDF) Assinale a alternativa em que o pronome relativo funciona como objeto direto:

a) «Há muitas pessoas **que** sofrem do mal da solidão.» (Cecília Meireles)

b) «Washington e Teerã estavam prestes a concluir o acordo **que** permitiu a libertação dos reféns.»

c) «Pelas frinchas da janela, entrava o mato em insônia, com vozes **que** eu não entendia.» (Guimarães Rosa)

d) «Lembro-me do dia **em que** fui perto da sua casa apanhar o retrato (...)» (R. Braga)

12. (UFMS) Assinale a(s) alternativa(s) correta(s) quanto à classificação das orações:

1. As pessoas **que contam esses casos** nunca mentem. (adjetiva restritiva)

2. Ele, **que era arguto**, entendeu-me. (substantiva apositiva)

4. Mora em uma fazenda, **onde se cria gado leiteiro**. (adverbial de lugar)

8. Ele lembrou a necessidade **de sermos amigos**. (objetiva indireta)

16. Pedra **que rola** não cria limo. (adjetiva explicativa)

32. O aluno, **que é estudioso**, fez boas provas. (adjetiva explicativa)

Oração subordinada adverbial

É aquela que se encaixa na oração principal, funcionando como **adjunto adverbial**.

As subordinadas adverbiais vêm, normalmente, introduzidas por uma das conjunções subordinativas (com exclusão das integrantes), e **são classificadas de acordo com a conjunção ou locução conjuntiva que as introduz**.

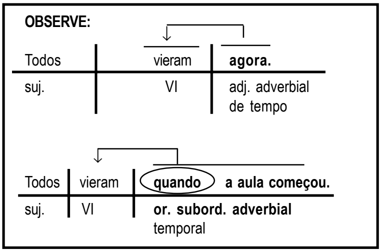

Quanto à forma

Podem ser:

1. DESENVOLVIDAS: trazem o verbo no **indicativo** ou no **subjuntivo**.

«**Quando a cesta chegou**, o dono não estava.» (P. M. Campos)

2. REDUZIDAS: apresentam o verbo no **infinitivo**, no **gerúndio** ou no **particípio**.

«**Por se tratar de uma ilha**, deram-lhe o nome de ilha de Vera Cruz.» (C. Ricardo)

Fartos da paisagem, formamos para a descida.

«Não tendo prova clara, limito-me a defender a nossa dama.» (M. de Assis)

3. JUSTAPOSTAS: acompanham a principal sem o auxílio de conjunção e devem ser analisados pelo sentido.

«Eu não tinha arma ao alcance.

Tivesse também não adiantaria.» (**tivesse** = se eu tivesse) (J. G. Rosa)

Classificação	Conceito e conjunções principais	Exemplo
1. Causal	Indica a causa da ação expressa pelo verbo da oração principal. **Principais conjunções causais: porque, visto que, já que, uma vez que, como.**	Na segunda fase poética, Vinícius escreve num tom mais coloquial, **porque a sua temática muda.**
2. Concessiva	Indica uma concessão às ações do verbo da oração principal, isto é, admite uma contradição ou um fato inesperado. **Principais conjunções concessivas: embora, a menos que, se bem que, ainda que, conquanto.**	**Ainda que ela se esforce,** não vai ter sucesso.

Classificação	Conceito e principais conjunções	Exemplo
3. Comparativa	Estabelece uma comparação com a ação indicada pelo verbo da oração principal. **Principais conjunções comparativas: que** e **do que** (precedidos de **mais, menos, melhor, pior, maior, menor**), **como.** **Observação:** Freqüentemente omite-se nas comparativas o verbo da oração principal.	Ela agia **como uma idiota.** (= como uma idiota **age**)
4. Condicional	Indica a situação necessária à ocorrência da ação do verbo da oração principal. **Principais conjunções condicionais: se, salvo, exceto, caso, desde que, contanto que, sem que.**	**Se a derrama for lançada,** há levante, com certeza. (C. Meireles)
5. Conformativa	Indica uma conformidade entre o fato que expressa e a ação do verbo da oração principal. **Principais conjunções conformativas: como, consoante, segundo, conforme.**	**Conforme você já estudou,** o lirismo decorre da preocupação do poeta com o próprio «eu».
6. Consecutiva	Indica a conseqüência resultante da ação do verbo da oração principal. **Principais conjunções consecutivas: (tão)...que, (tanto)...que, (tal)...que, (tamanho)...que.**	Leu **tanto** as poesias de Vinícius, **que passou a escrever como ele.**
7. Final	Indica o fim, o objetivo a que se destina o verbo da oração principal. **Principais conjunções finais: para que, a fim de que, que (= para que)**	Tudo farei **para que tu voltes.**

Classificação	Conceito e principais conjunções	Exemplo
8. Proporcional	Indica uma relação de proporcionalidade com o verbo da oração principal. **Principais conjunções proporcionais: à medida que, enquanto, quanto mais... mais, quanto mais... menos, à proporção que.**	**À medida que crescia**, ficava mais alienado de tudo.
9. Temporal	Indica a circunstância de tempo em que ocorre a ação do verbo da oração principal. **Principais conjunções temporais: antes que, quando, assim que, logo que, até que, depois que, mal, apenas.**	«Tenha meus dedos cortados, **antes que tal verso escrevam**....» (C. Meireles)

Subor. adverbial causal X coordenada explicativa

Diferenças:

Compare os seguintes exemplos:

1. Ele pegou a doença **porque andava descalço. (causal)**

2. Não ande descalço, **porque você vai pegar uma doença. (explicativa)**

Observações:

1. No primeiro exemplo, há forçosamente uma relação de **causa** (andar descalço) e **conseqüência** (pegar uma doença). No segundo exemplo, não há esta relação de causa e conseqüência: apenas dá-se um **motivo** para que não se ande descalço.

2. No primeiro exemplo, não há qualquer pausa forte, assinalada por vírgula, ponto-e-vírgula, dois-pontos ou ponto. Se houvesse, seria forçada. No segundo exemplo, a **oração coordenada**, por ser independente, **admite pausa forte que a separe da oração anterior**.

3. No primeiro exemplo, a omissão do conectivo traria prejuízos à estrutura da oração (Ele pegou uma doença andava descalço. [?]). No segundo exemplo, **pode-se omitir o conectivo**, sem que haja prejuízo para a compreensão. Podemos substituí-lo, por exemplo, por dois-pontos: (**Não ande descalço: você vai pegar uma doença**.).

4. No primeiro exemplo, a oração **adverbial causal pode ser transformada em uma outra, reduzida de infinitivo**, iniciada pela preposição **por**: **Por andar descalço**, ele pegou uma doença. O segundo exemplo não admite esta transformação. Tente!

5. Finalmente observe que:

a) **a oração anterior à coordenada explicativa tem**, geralmente, **o verbo no imperativo**;

b) a oração que antecede a coordenada explicativa tem caráter hipotético (Ele deve ter chegado, pois as luzes estão acesas.);

c) o verbo da oração principal à qual a adverbial causal se subordina indica uma ação completa, um fato sobre o qual não pairam dúvidas ou hipóteses: Ele foi reprovado porque faltava constantemente às aulas.

Exercícios

1) Classifique as orações destacadas, de acordo com o seguinte código:

(a) Oração subordinada adverbial causal.

(b) Oração subordinada adverbial condicional.

(c) Oração subordinada adverbial conformativa.

(d) Oração subordinada adverbial concessiva.

(e) Oração subordinada adverbial consecutiva.

1. ( ) «**Se o rádio não fosse tão fanhoso**, compreender-se-ia a letra do samba muito bem.» (Marques Rebelo)

2. ( ) «**Como vocês vêem**, meu primeiro contato com o Tiro de Guerra não foi dos melhores.» (M. Donato)

3. ( ) «**Conquanto V. Ex.ª aprove a reforma**, sentirá comigo a separação da outra.» (Machado de Assis)

4. ( ) «**Se eu fosse deputado federal**, estaria muito apreensivo.» (C. D. de Andrade)

5. ( ) «**Por mais que lhes diga** (...) que o modernismo não é moda nem convenção, (...) eles insistem em se declararem modernos.» (A. A. Machado)

2) Classifique as orações destacadas de acordo com o seguinte código:

a) Oração subordinada adverbial causal.

b) Oração subordinada adverbial temporal.

c) Oração subordinada adverbial proporcional.

d) Oração subordinada adverbial condicional.

e) Oração subordinada adverbial consecutiva.

f) Oração subordinada adverbial final.

1. ( ) **Quanto menor é o juízo dos homens**, tanto maior deve ser o seu saber.

2. ( ) Não me acode imagem capaz de dizer **sem quebra de dignidade do estilo** o que eles foram e me fizeram.

3. ( ) Só não morri à míngua **porque o povo daqui me socorreu**.

4. ( ) Fizeram-se todos os remédios **para chover**.

5. ( ) Tão longo foi o abraço **que me tomou o resto do capítulo**.

6. ( ) **Quando a miragem do sol se desfez**, já a louca tinha subido pela torre de ouro até o céu.

3) Classifique as orações subordinadas adverbiais em destaque:

a) «O arco-íris saltou **como serpente multicor** nessa piscina de desenhos delicados.» (Cecília Meireles)

....

b) «**Quando vier de novo o céu de Maio** largando estrelas Eu irei, lá onde os pinheiros recendem nas manhãs úmidas.» (Vinícius de Moraes)

....

c) «**Como sabia bem tudo isso**..., fiquei sem poder chorar.» (Cecília Meireles)

....

d) **Ainda que estivesse ferido**, lutava.

....

e) Choveu tanto, **que a várzea inundou.**

....

f) A várzea inundou **porque choveu**.

....

g) «Não permita Deus que eu morra **sem que eu volte para lá**.» (Gonçalves Dias)

....

h) À **medida que o trem se aproximava**, o barulho aumentava.

....

4) Indique a circunstância expressa pela oração em destaque nos períodos abaixo:

a) **Como havia pouca gente presente**, a reunião foi suspensa.

circunstância de ....

b) «Eu o exasperava tanto **que se tornara doloroso para mim** ser objeto do ódio daquele homem.» (Clarice Lispector)

circunstância de ....

c) Ele agiu **como devia**.

circunstância de ....

d) **Mal chegou**, começou a reclamar da vida.

circunstância de ....

e) Nada farei **sem que me auxilies**.

circunstância de ....

f) Lêem **como analfabetos.**

circunstância de ....

5) Escreva, no espaço vazio, o tipo de relação existente entre a oração adverbial destacada e a oração principal:

Modelo: «Mas o chá saiu tão bom, **que os parentes vivem me pedindo um pouco**.» (Carlos Drummond de Andrade)

Resposta: **Relação de conseqüência.**

1. «(...) resolveu não dormir, **porque valia a pena esperar de pé**.» (A. Azevedo)
Resposta ....

2. «De soslaio atrás do jornal — tremia tanto **que nem podia ler**.» (Dalton Trevisan)

Resposta ....

3. «O povo não gosta de assassinos, **embora inveje os valentes**.»

(Carlos Drummond de Andrade)

Resposta ....

4. «Um amigo pintor trouxe um cavalete e tintas **para que os pintores amigos possam pintar**.» (Rubem Braga)

Resposta ....

5. «**Se me telefonarem**, só estou para Maria.» (Vinícius de Moraes)

Resposta ....

6. «**Quanto mais eu gritava**, mais os prejuízos brotavam de todos os lados.»

(José Cândido de Carvalho)

Resposta ....

7. «**Quando chegou domingo**, chegou também a preguiça (...)»

(Carlos Drummond de Andrade)

Resposta ....

8. «(...) o mistério explica mais **que a claridade** (...)» (Clarice Lispector)

Resposta ....

9. **«Como ele próprio diz com certa melancolia**, levou uma vida medíocre.»

(*Folha de S.Paulo*)

Resposta ....

Questões discursivas

1. (FUVEST) Segue uma lista de conjunções subordinativas. Preencha os espaços vazios com a conjunção que lhe parecer adequada a cada situação. Indique o tipo de relação que a conjunção estabeleceu.

Modelo: Os irmãos resolveram vender o circo .... o patriarca da família havia morrido.

a) porque b) se c) embora

Resposta: **porque; relação de causa.**

a) .... seja simples, o programa TV-Mulher não se arrasta em superficialidades.

a) caso b) embora c) quando

Resposta ....

b) A casa é tão bem situada .... dali se avista o bairro inteiro.

a) que b) segundo c) para que

Resposta ....

c) .... leio este livro, mais quero que ele não acabe.

a) ainda que b) que c) quanto mais

Resposta ....

2. (FUVEST) Dê o valor (explicação, conseqüência ou causa) da seqüência destacada em relação à sua antecedente: «Eu o exasperava tanto ***que se tornara doloroso para mim ser o objeto do ódio daquele homem*.»**

Resposta ....

3. (FUVEST) As orações subordinadas adverbiais vêm introduzidas, geralmente, por uma conjunção típica.

Há, entretanto, conjunções que assumem valores diversos, dependendo do contexto em que ocorrem. Uma delas é o **como**.

Descubra o tipo de relação estabelecida pela conjunção **como** nas questões que seguem:

a) «**Como** os recursos de expressão eram minguados, tentavam remediar a deficiência falando alto.» (Graciliano Ramos)

Resposta ....

b) «Os colegas ajudaram Biguá como foi possível (...)» (Carlos Drummond de Andrade)

Resposta ....

c) «Eu deixo a vida como deixa o tédio
Do deserto, o poento caminheiro (...)»
(Álvares de Azevedo)

Resposta ....

Testes

1. (CESGRANRIO) Assinale a opção em que se altera o sentido da oração «porque o gênio de um não se confunde com o do outro»:

a) uma vez que o gênio de um não se confunde com o do outro.

b) porquanto o gênio de um não se confunde com o do outro.

c) em vista de o gênio de um não se confundir com o do outro.

d) por não se confundir o gênio de um com o do outro.

e) não obstante o gênio de um não se confundir com o do outro.

2. (UFPR) Na frase: «Se eu te amasse, morreria», classifique as orações, pela ordem em que se encontram:

	1ª oração	2ª oração
a)	subord. adv. concessiva	principal.
b)	subord. adv. condicional	principal.
c)	subord. adjetiva	coord. advers.
d)	subord. subst. subjetiva	coord. assind.
e)	principal	coord. sindét.

3. (CESGRANRIO) Num dos seguintes períodos abaixo não ocorre a idéia de proporção depreensível em: *Quanto mais prolongada era a seca, tanto mais violenta se tornava a angústia da sede*. Indique este período:

a) Quanto mais leio este texto, menos o entendo.

b) À medida que a idade avança, a nossa experiência é maior.

c) Ao passo que nos elevávamos, o ar se tornava mais puro.

d) O tiro acerta o alvo tanto mais fortemente, quanto mais se retesa o arco.

e) Tanto na sala de aula quanto no recreio, ela estava sempre retraída e calada.

4. (UFSC) Assinale a oração subordinada adverbial final:

a) «... **mal o sol havia raiado**, Pedrinho entrou em casa...»

b) «Nos dias **que se seguiram** foram aparecendo as folhas».

c) «Uma tarde, **ao voltar da sanga**, Ana viu Maneco Terra e o neto...»

d) «Depois viraram a terra, **trabalhando de sol a sol**».

e) «...Maneco e Antônio aprontaram a terra **para plantar o trigo**».

5. (CESGRANRIO) Assinale a opção cuja conjunção é de uso adequado ao sentido da oração realçada do período — «Casasse com ela mais cedo**, o marido veria no fim da vida a terra e os cobres repartidos entre 21 generaizinhos infelizes».**

a) embora.

b) quando.

c) conquanto.

d) ainda que.

e) se.

6. (CESGRANRIO) No enunciado «fez com a mão um gesto de rei, que **rei das florestas ele era, intimando aos cavaleiros** que **continuassem a sua marcha», os dois conectivos destacados correspondem, respectivamente, a:**

a) dado que / até que.

b) quando / antes que.

c) porque / ainda que.

d) pois que / para que.

e) se / de modo que.

7. (CESGRANRIO) No enunciado «como **o vapor e a eletricidade produziram uma nova sociedade, os computadores se constituirão no centro de uma ainda mais profunda transformação» — o termo em destaque pode ser substituido, sem alteração de sentido, por:**

a) uma vez que.

b) porque.

c) do mesmo modo que.

d) visto que.

e) à medida que.

8. (UFRJ) Na frase: «Como anoitecesse**, recolhi-me pouco depois e deitei-me.»**

(Monteiro Lobato)

A oração destacada é:

a) oração coordenada sindética explicativa.

b) oração subordinada adverbial causal.

c) oração subordinada adverbial conformativa.

d) oração subordinada adjetiva explicativa.

e) oração subordinada adverbial final.

9. (UFMT) No período:

«Procederam segundo ordenava a lei», existe uma oração subordinada:

a) consecutiva.

b) conformativa.

c) condicional.

d) causal.

e) concessiva.

10. (PUCCAMP-SP) «Nunca chegará ao fim**, por mais depressa que ande.»**

A oração destacada é:

a) subordinada adverbial causal.

b) subordinada adverbial concessiva.

c) subordinada adverbial condicional.

d) subordinada adverbial consecutiva.

e) subordinada adverbial comparativa.

11. (ANHEMBI-MORUMBI-SP) Criminoso que seja**, não deve ser maltratado.**

A oração destacada é:

a) subordinada adverbial final.

b) subordinada adverbial concessiva.

c) subordinada adverbial consecutiva.

d) subordinada adverbial comparativa.

e) subordinada substantiva subjetiva.

12. (MACK-SP) No período: «Era tal a serenidade da tarde, que se percebia o sino de uma freguesia distante, dobrando a finados», a segunda oração é:

a) subordinada adverbial causal.

b) subordinada adverbial concessiva.

c) subordinada adverbial consecutiva.

d) subordinada adverbial condicional.

e) subordinada adverbial temporal.

Para resolver as questões 13 a 15, assinale as alternativas e some os valores.

13. (SANTA CASA-SP) Assinale a(s) alternativa(s) em que a classificação das orações está correta:

1. **Embora lhe desaprovassem a forma**, justificavam a essência. (adverbial concessiva)

2. A estrela que nascia tinha tanto brilho **que a elegi minha predileta**. (adverbial comparativa)

4. **Se soubessem que ele voltaria**, ficariam tristes. (adverbial consecutiva)

8. **Se ele não veio**, não sei. (adverbial condicional)

16. Investigue **se o rapaz é de fora ou não**. (objetiva direta)

32. **Como era dia de chuva,** dormi a tarde toda. (adverbial causal)

64. Teria uma surpresa **se o elegessem deputado**. (subjetiva)

14. (PUC-RS) Dentre as orações destacadas, assinale a(s) que indica(m) circunstância de tempo:

1.«Não permita Deus que eu morra **Sem que volte pra São Paulo**.» (O. de Andrade)

2. «**Se tentasse contar-lhes a minha infância,** precisava mentir.» (G. Ramos)

4. «Passaram-se dez anos **depois que o conheci**.» (O. Lessa)

8. «(...) todos gostaram logo dele, **porque era meio doido e meio santo** (...)» (G. Rosa)

16.«**Como todo bom caloteiro**, Clarindo tinha sempre uns cobres a receber (...)» (O. Lessa)

32. **Quando a mãe apareceu**, todos se puseram a cantar.

64. «**Como as aves do céu e as flores puras**
Abro meu peito ao sol e durmo à lua.»
(A. de Azevedo)

15. (UFPR) Em que alternativas a frase tem sentido equivalente a: «Embora fosse tarde, decidimos concluir o trabalho»?

1. Apesar de ser tarde, decidimos concluir o trabalho.

2. Decidimos concluir o trabalho, contanto que fosse tarde.

4. Mesmo que fosse tarde, decidimos concluir o trabalho.

8. Decidimos concluir o trabalho, conquanto fosse tarde.

16. Uma vez que era tarde, decidimos concluir o trabalho.

32. Decidimos concluir o trabalho, entretanto era tarde.

16. (FUVEST) No período: «Ainda que fosse bom jogador**, não ganharia a partida», a oração destacada encerra idéia de:**

a) causa.
d) condição.
b) concessão.
e) proporção.
c) fim.

17. (ITA-SP) Em qual dos períodos abaixo há uma oração subordinada adverbial **que expressa idéia de concessão?**

a) Diz-se que a obra de arte é aberta; possibilita, portanto, várias leituras.

b) Pode criticar, desde que fundamente sua crítica em argumentos.

c) Tamanhas são as exigências da pesquisa científica, que muitos desistem de realizá-la.

d) Os animais devem ser adestrados, ao passo que os seres humanos devem ser educados, visto que possuem a faculdade de inteligência.

e) Não obstante haja concluído dois cursos superiores, é incapaz de redigir uma carta.

18. (UNAMA) «... onde o Mercedes produz monóxido de carbono e outros gases venenosos» é uma oração subordinada

a) adjetiva restritiva;

b) adverbial locativa;

c) adverbial temporal;

d) adverbial comparativa;

e) adverbial proporcional;

Orações reduzidas

Chama-se de REDUZIDA a oração subordinada que:

- **não se inicia por conjunção ou pronome relativo;**
- **apresenta o verbo sob uma das três formas nominais:**
  - — **infinitivo** (am**ar**)
  - — **particípio** (ama**do**)
  - — **gerúndio** (am**ando**)

Conforme a função que exercem em relação à outra oração (principal), serão classificadas como **substantivas**, **adjetivas** (mais raro) **ou adverbiais**.

Exemplo:

Pressentindo o mau tempo	não viajamos.
or. subord. reduzida (verbo no **gerúndio**)	or. principal

Como analisar reduzida?

Basta desdobrá-la (desenvolvê-la), utilizando-se a conjunção ou o pronome relativo.

A análise que couber à oração desdobrada (desenvolvida) caberá à reduzida.

Exemplo:

- **Pressentindo o mau tempo**, não viajamos.

Desdobrando, teremos:

- **Porque pressentimos o mau tempo,** não viajamos.

or. subord. adv. **causal**

Portanto:

Pressentindo o mau tempo = oração subordinada adverbial causal, reduzida de gerúndio.

Outro exemplo:

- Era bom / **ouvir** o seu barulho.

verbo no infinitivo

Desenvolvendo:

- Era bom **que ouvisse o seu barulho.**

or. subord. subst. subjetiva

Portanto:

ouvir o seu barulho = oração subordinada substantiva subjetiva, reduzida de infinitivo.

Reduzidas de gerúndio

Geralmente podem ser orações reduzidas de gerúndio:

- **certas orações adverbiais** (causais, concessivas, condicionais e temporais);
- **algumas orações adjetivas**;
- **algumas orações coordenadas**.

Observe:

Reduzidas de gerúndio

1. **Prevendo uma discussão intempestiva**, não propus o tema.
2. **Sendo tão bom assim**, você não venceu a partida?
3. **Falando demais**, nós perderemos o crédito dos colegas.
4. **Saindo daqui**, procure-me.
5. Vi rapazes **jogando bola na rua**.
6. A lâmpada caiu na escada, **espatifando-se** toda.

Desenvolvidas

1. **Porque previ uma discussão intempestiva**, não propus o tema. (**causa**)

2. **Embora seja tão bom assim**, você não venceu a partida? (**concessiva**)

3. **Se falarmos demais**, nós perderemos o crédito dos colegas. (**condicional**)

4. **Quando sair daqui**, procure-me. (**temporal**)

5. Vi rapazes **que jogavam bola na rua**. (**adjetiva**)

6. A lâmpada caiu na escada **e espatifou-se toda**. (**coordenada**)

Reduzidas de infinitivo

Geralmente podem ser orações reduzidas de infinitivo:

- **certas orações substantivas** (subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, completivas nominais, predicativas e apositivas);
- **certas orações adverbiais** (causais, concessivas, condicionais, finais e temporais);
- algumas orações adjetivas.

Reduzidas de infinitivo

7. É interessante **estudares mais**.

8. Nós mandamos **virem os livros**.

9. O tempo impedirá você **de vir hoje**.

10. Sou francamente favorável **a voltares hoje**.

11. A atitude mais louvável é **saíres já**.

12. Meu sonho foi sempre este: **trabalhar aqui**.

13. Seu passe foi comprado **por ser um grande goleador**.

14. Foi embora **sem desculpar-se da agressão**.

15. **A ser mentira a estória**, você poderá ser processado.

16. Só te falei isso, **a fim de te ajudar**.

17. **Ao encontrar-nos**, emocionou-se.

18. Ele não é pessoa **de desistir logo**.

Desenvolvidas

7. É interesse **que estudes mais**. (**subjetiva**)

8. Nós mandamos **que viessem os livros**. (**objet. direta**)

9. O tempo impedirá você **de que venha hoje**. (**objetiva indireta**)

10. Sou francamente favorável **a que voltes hoje**. (**completiva nominal**)

11. A atitude mais louvável é **que saias já**. (**predicativa**)

12. Meu sonho foi sempre este: **que trabalhasse aqui**. (**apositiva**)

13. Seu passe foi comprado **porque é um grande goleador**. (**causal**)

14. Foi embora **sem que se desculpasse da agressão**. (**concessiva**)

15. **Se for mentira a estória**, você poderá ser processado. (**condicional**)

16. Só te falei isso **a fim de que te ajudasse**. (**final**)

17. **Quando nos encontrou**, emocionou-se. (**temporal**)

18. Ele não é pessoa (**de**) **que desista logo**. (**adjetiva**)

Reduzidas de particípio

Geralmente podem ser orações reduzidas de particípio:

- **certas orações adverbiais** (causais, concessivas, condicionais e temporais).

Observe:

Reduzidas de particípio

19. **Dadas as suas características**, este texto é romântico.

20. **Mesmo esforçado no serviço**, ninguém reconheceria.

21. **Aprovado o projeto**, começaremos o serviço amanhã mesmo.

Desenvolvidas

19. **Porque tem essas características**, este texto é romântico. (**causal**)

20. **Mesmo que fosse esforçado no serviço**, ninguém reconheceria. (**concessiva**)

21. **Se for aprovado o projeto**, começaremos o serviço amanhã mesmo. (**condicional**)

Exercícios

1) Baseado no modelo abaixo, procure estabelecer a correta classificação das orações reduzidas:

Modelo:

Urge **tomarmos uma posição**.

Desdobramento:

Urge **que tomemos** uma decisão.

O.S.S. SUBJETIVA

1) **Chegando**, foi logo procurá-la.

desdobramento:

....

2) Vimos o mar **arrastá-lo**.

desdobramento:

....

3) Seria necessário **fazermos algo**.

desdobramento:

....

4) **Faltando água**, começaram a escavar o chão.

desdobramento:

....

....

5) Reconheço **não ser boa a vossa situação**.

desdobramento:

....

6) Há sombras **vagueando**...

desdobramento:

....

7) **Concluídos os trabalhos**, a mesa suspendeu a reunião.

desdobramento:

....

....

8) Bernardo contemplou, lá fora, as pedras **faiscando ao sol**. (Osman Lins)

desdobramento:

....

....

9) **Fazendo a sua parte**, ficará livre de culpas.

desdobramento:

....

....

10) O técnico da seleção disse **não ter armado nenhum esquema especial**.

desdobramento:

....

....

2) Transforme as orações destacadas em orações reduzidas, de acordo com o modelo. Classifique a oração obtida:

Modelo:

«**Se pudesse ver o rosto do pai, compreenderia** (...)» (G. Ramos)

Resposta: **Podendo ver o rosto do pai, compreenderia**.

(Oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio)

1. «**Quando me surpreendo ao fundo do espelho**, assusto-me.» (C. Lispector)

Resposta ....

assusto-me ....

(....)

2. O importante é **que entremos no próximo ano com tudo bem definido**.

Resposta: O importante é ....

....

(....)

3) Classifique as orações reduzidas destacadas seguindo o código que segue:

a) or. subord. adv. causal reduz. de infinitivo;

b) or. subord. adv. temporal reduz. de infinitivo;

c) or. subord. adv. final reduz. de infinitivo;

d) or. subord. subst. predicativa reduz. de infinitivo;

e) or. subord. subst. subjetiva reduz. de infinitivo;

f) or. subord. adv. temporal reduz. de particípio.

1. ( ) «**Para serenar a roda**, propus novo chope (...)» (Cyro dos Anjos)

2. ( ) «**Ao acordar**, dona Aparecida virou-se para Rufino.» (Deonisío da Silva)

3. ( ) «**Ditos os últimos adeuses**, entramos.» (M. de Assis)

4. ( ) **Por trabalhar como manobrista**, ele se dizia corredor de automóveis.

5. ( ) «A grande estupidez **é vivermos num conflito constante**.» (Cyro dos Anjos)

6. ( ) «Seria feio **não acreditar**.» (C.D.A.)

4) Classifique as orações reduzidas em destaque nos seguintes períodos:

a) «Tinha vontade **de afundar na areia**.» (Clarice Lispector)

....

b) **Precisando**, disponha.

....

....

c) **Apesar de advertido do perigo,** continuou a praticar aquele esporte.

....

....

d) **Aberta a porta**, todos saíram.

....

....

e) **Chegando ao local combinado**, só encontrou um bilhete.

....

....

....

f) **Apesar de trabalhar muito**, não estava cansado.

....

....

....

g) «**Até esbarrar com o anúncio** (**por acaso**)**,** nunca pensara em possuir cadeira de balanço.» (C.D.A.)

....

....

....

5) Faça uma revisão do período composto por subordinação e classifique as orações em destaque nos períodos abaixo:

a) «Compreendia **que o pai acabara**.»
(Clarice Lispector)

....

....

b) «Ela era uma pessoa **que já começara**...» (Clarice Lispector)

....

....

c) «E todas as noites, **quando ficasse escuro**, ela vestiria a camisola.»
(Clarice Lispector)

....

....

d) «**Sentindo necessidade imediata de ordem**, (...) apelidou-a de Pequena Flor.»
(Clarice Lispector)

....

....

....

e) «**— Mamãe, se eu botasse essa mulherzinha africana na cama de Paulinho** enquanto ele está dormindo?»
(Clarice Lispector)

....

....

....

f) «... ela era ainda menor **que o mais agudo da imaginação inventaria**.»
(Clarice Lispector)

....

....

....

g) «No coração de cada membro da família nasceu, nostálgico, o desejo **de ter para si aquela coisa miúda e indomável**...»
(Clarice Lispector)

....

....

....

h) «Ao ajeitar o capacete simbólico, **o explorador recuperou com severidade a disciplina de trabalho**.»
(Clarice Lispector)

....

....

....

6) Divida e classifique as orações dos períodos:

1. «Levantam-se às cinco horas, tomam um gole de café preto e vão para o roçado.»
(Raquel de Queiroz)

1ª Or. ....

2ª Or. ....

3ª Or. ....

2. «Só percebi que era torpedo quando aquela coluna d'água veio para cima de mim.»
(Orígines Lessa)

1ª Or. ....

2ª Or. ....

3ª Or. ....

3. «Quando eu descobrir o que me assusta, saberei também o que amo aqui.»
(Clarice Lispector)

....

....

....

....

....

4. «Roda meu carro, que é curto o caminho.» (Cecília Meireles)

....

....

....

....

....

....

5. «Um dia, como lhe dissessem que iam dar o passarinho, caso continuasse a comportar-se mal, correu para a área e abriu a porta da gaiola.» (Paulo Mendes Campos)

....

....

....

....

....

....

6. «Garantiram-me que, depois de preenchido o formulário, que me enviaram pelo correio na segunda-feira sem falta e pagar a minha taxa de inscrição, eu seria atendido em menos de quarenta e oito horas.» (F. Sabino)

....

....

....

....

....

....

....

Questões discursivas

1. (CEFET-PR) Faça conforme o modelo:

Quando se despediu, chorou copiosamente.

Ao se despedir, chorou copiosamente.

Quando terminaram a prova, todos se retiraram da sala.

....

....

2. (FUVEST) O texto que segue foi extraído de uma música de Chico Buarque. Leia-o com atenção e analise as orações reduzidas destacadas:

«Se eu demorar uns meses,
Convém às vezes **você sofrer**.
Mas, depois de um ano, **eu não vindo**,
Ponha a roupa de domingo
E pode me esquecer.»

Resposta:

a. ....

....

b. ....

....

3. (CÁSPER LÍBERO-SP) «Conhecendo os alunos, o professor não os teria castigado.» Classifique a oração: «Conhecendo os alunos.»

....

....

Testes

1. (UEPG-PR) «Terminada a tarefa, parou no meio da sala». (Érico Veríssimo)

A oração que inicia o período é:

a) principal.

b) coordenada assindética.

c) reduzida de gerúndio.

d) subordinada substantiva.

e) reduzida de particípio.

2. (CESGRANRIO) Perseguido pelo branco, o negro no Brasil escondeu as suas crenças nos terreiros das macumbas e dos candomblés.

A oração — «Perseguido pelo branco» (linha 1) — pode ser substituída, sem alteração fundamental de sentido, por:

a) Mesmo tendo sido perseguido pelo branco.

b) Por ter sido perseguido pelo branco.

c) Apesar de perseguido pelo branco.

d) Antes de ser perseguido pelo branco.

e) Até sendo perseguido pelo branco.

3. (UEL-PR) No período: «Eu creio que tenho dado provas de não ser nenhum ignorante», a última oração é:

a) reduzida de infinitivo, subordinada substantiva completiva nominal.

b) reduzida de particípio, subordinada adverbial final.

c) reduzida de infinitivo, subordinada substantiva objetiva indireta.

d)reduzida de particípio, subordinada adjetiva restritiva.

e) reduzida de infinitivo, subordinada substantiva predicativa.

4. (UEPG-PR) Marque a alternativa em que se encontra a oração reduzida de infinitivo, substantiva objetiva direta:

a) Tenho esperança de seres aprovado.

b) Ao chegar, o candidato foi ovacionado.

c) Nada me impede de ir agora.

d) Recomendo-te seres paciente.

e) n.d.a.

5. (UFPR) Dizer é urgente ele vir **é o mesmo que dizer:**

a) Urgia que ele viesse.

b) Urge que ele viesse.

c) É urgente que ele viesse.

d) É urgente que ele venha.

e) Urgia a vinda dele.

6. (PUC-RS) «No Peru, as crianças, ao nascerem**, têm o berço embalado pelas vibrações da terra».**

No período acima, as palavras em destaque:

a) não constituem oração, porque o período é simples.

b) formam uma locução verbal.

c) formam uma oração subordinada adverbial temporal.

d) têm a função de adjunto adverbial de tempo.

e) constituem a oração principal.

7. (UFMG) A oração reduzida está corretamente desenvolvida em todas as alternativas, exceto em:

a) Mesmo correndo muito, não alcançarás o expresso da meia-noite. **Se corres muito**, não alcançarás o expresso da meia-noite.

b) Assentando-te aqui, não verás os jogadores. **Se te assentares aqui**, não verás os jogadores.

c) Estando ela de bom humor, a noite era das melhores. **Quando ela estava de bom humor**, a noite era das melhores.

d) Chegando a seca, não se colheria um só fruto. **Quando chegasse a seca**, não se colheria um só fruto.

e) No princípio, querendo impor-se, adotava atitudes postiças. No princípio, **porque queria impor-se**, adotava atitudes postiças.

8. (UFSC) No período: «Bentinho seria metido no seminário para não mais se encontrar com Capitu**», a oração destacada é:**

a) subordinada adverbial final.

b) subordinada adverbial consecutiva.

c) subordinada adverbial proporcional.

d) subordinada adverbial comparativa.

e) subordinada adverbial concessiva.

9. (SANTA CECÍLIA-SP) Todas as orações destacadas nos itens abaixo são subordinadas reduzidas. Assinale o item cuja oração destacada se classifica como subordinada reduzida do particípio adverbial condicional:

a) «**Feita a partilha**, Leão tomou a palavra.»

b) «**Armado com tais provas**, até que eu o enfrentaria.»

c) «A tropa, **acampada às margens do Iguaçu**, foi surpreendida.»

d) «Ernestina estava certa **de ser amiga**.»

e) «**Transposto o rio**, seguimos viagem.»

10. (MACK-SP) No período «Eu creio que tenho dado provas de não ser nenhum ignorante», a última oração é:

a) reduzida de particípio subordinada adverbial final.

b) reduzida de infinitivo subordinada substantiva completiva nominal.

c) reduzida de infinitivo subordinada substantiva objetiva indireta.

d) reduzida de particípio subordinada adjetiva restritiva.

e) reduzida de infinitivo subordinada substantiva predicativa.

11. (UFDF) A oração destacada em «mas sou forçado a escrever», classifica-se como:

a) subordinada adverbial final.

b) subordinada substantiva completiva nominal.

c) subordinada substantiva objetiva indireta.

d) subordinada adverbial causal.

12. (UFPE) Assinale a(s) alternativa(s) em que a forma reduzida permanece fiel à desenvolvida e some os valores:

1. Que não podes sair é verdade. = Não poderes sair é verdade.

2. Não permitais que eles o vejam. = Não lhe permitais vê-los.

4. Quando te viu, escapou. = Tendo te visto, escapou.

8. Para que não saias, aqui estamos. = Para não sairdes, aqui estamos.

16. Vendo-te, lembrei o fato. = Quando lhe vi, lembrei o fato.

32. Havia apenas um meio de ajudá-la: contar-lhe a verdade. = Havia apenas um meio de ajudá-la: que a verdade lhe fosse contada.

(ITA-SP) Instruções para as questões 13 e 14.

Para que os enunciados soltos, apresentados nas questões 13 e 14, se reduzam a um só período, algumas adaptações são necessárias. Escolha a alternativa em que encontramos a estrutura que estilística e gramaticalmente expressa, com a necessária clareza, ênfase e correção, a relação de sentido sugerida nos parênteses.

13. I. Conheço um florentino esguio e rijo. (Oração principal).

II. Um punhal é esguio e rijo. (Indicação de uma comparação).

III. Ele condena a guerra com o espírito. (Atributo do objeto direto de «I» = Oração subordinada adjetiva).

IV. Ele a ama desesperadamente com a alma. (Oposição à idéia do predicado de «III»).

a) O florentino que conheço, esguio e rijo como um punhal, condena a guerra com o espírito, embora a ame com a alma.

b) Conheço um florentino que, esguio e rijo como um punhal, condena a guerra com o espírito, mas a ama com a alma.

c) Conheço um florentino que é esguio e rijo como um punhal, e ele, condenando a guerra com o espírito, a ama com a alma.

d) Conheço um florentino esguio e rijo como um punhal que condena a guerra com o espírito e a ama com a alma.

e) Um florentino, que é esguio e rijo como um punhal, e que é conhecido por mim, condena a guerra com o espírito mas a ama desesperadamente com a alma.

14. I. Houve certa vez uma festa no céu (Atributo do Adjunto Adverbial de III, sugerido pelo verbo «ir»).

II. Todos os animais compareceram a ela. (Atributo do Objeto Direto de I, oração subordinada adjetiva).

III. O cágado não pôde ir. (Oração Principal).

IV. O cágado anda muito devagar. (Causa de III).

a) Na festa que houve, certa vez, no céu, todos os animais compareceram, exceto o cágado que, por andar muito devagar, não pôde se fazer presente.

b) Houve, certa vez, uma festa no céu em que compareceram todos os bichos, menos o cágado, que anda muito devagar e por isso não pôde ir nela.

c) Certa vez houve uma festa no céu; todos os bichos lá foram; com exceção do cágado, o qual não pôde ir porque andava muito devagar.

d) Com exceção do cágado que, como andava muito devagar, não pôde ir na festa, todos os bichos compareceram na mesma.

e) Por andar muito devagar, o cágado não pôde ir à festa que certa vez houve no céu, à qual compareceram todos os bichos.

Respostas da unidade 25 — Análise Sintática – Orações Subordinadas Substantivas

Exercícios — pág. 345

1) — 1. OD 2. OI 3. OI 4. CN 5. CN 6. APO 7. SUJ. 8. PRED. SUJ. 9. OD 10. OD.

2) — b) É importante que todos aceitem. (subj.) c) Queremos que todos compareçam. (OD) d) Precisamos de que ajudes. (OI) e) Sou favorável a que você renuncie. (CN) f) Algumas tribos temiam que o inverno chegasse. (OD) g) Insistiam em que o aluno participasse. (OI) h) Era urgente que o diretor aprovasse. (subj.)

3) — 1.B 2.A 3.C 4.D 5.A 6.E 7.B 8.B 9.A 10.A 11.A 12.F 13.A 14.D 15.B.

4) — 2... a sua desistência. 3... a valorização do produto. 4.... de sua recuperação. 5... da mentira da propaganda.

5) — 1. OD 2. SUBJ. 3. PRED. 4. CN 5. APO 6. PRED.

Questões discursivas — pág. 347

1) Convém-nos que ele intervenha.
2) Percebeu a aproximação dos homens.
3) O.S.S. Obj. Ind.
4) O.S.S. Obj. Dir.
5) O.S.S. Subjetiva.
6) O.S.S. Obj. Dir./O.S.S. Compl. Nom.
7) O.S.S. Obj. Dir.
8) que a escrava é...

Testes — pág. 347

1 - b
2 - d
3 - c
4 - a
5 - d
6 - b
7 - b
8 - c
9 - a
10 - b
11 - d
12 - a
13 - 11
14 - 48
15 - 17

Orações adjetivas

Exercícios — pág. 351

1) — I) que eram maiores II) que foram divulgadas III) que não se perdoam IV) que criam caso V) que produzem feijão.

2) — a) ilegível b) indestrutível c) insípida d) insosso e) indelével f) irrealizável g) inodora h) incompreensível.

3) — a) OD b) SUJ. c) OD d) SUJ e) ADJ. ADV. LUGAR f) OD g) OI.

4) — 1.E 2.A 3.B 4.A 5.G 6.B 7.D 8.A 9.G 10.E 11.A 12.D 13.A 14.G 15.B 16.C.

5) — 1.... de que estava precisando. 2.... a quem o técnico escalara na última hora.

Questões discursivas — pág. 353

1) ... determinantes do comportamento do povo.

2) a) O Mar Vermelho banha Israel. b) Or. Sub. Adj. Explicat.

3) a) O.S. Adj. Restritiva b) O.S. Adj. Explicativa.

4) a) O.S. Adj. Restr. b) O.S. Adj. Explic.

5) I) Os autores, cujos livros continham críticas ao governo, foram expulsos do país.

II) Os fatos a que me refiro no artigo «Miséria e Fome» ocorreram no Nordeste.

III) Construímos uma sociedade injusta, cuja legislação é boa.

IV) O vestibular, por cuja barreira deverão passar todos os que aspiram aos cursos superiores, é composto de inúmeras conseqüências.

6) B, D, A, E, C, B.

Testes — pág. 354

1 - a
2 - d
3 - a
4 - e
5 - e
6 - e
7 - d
8 - a
9 - a
10 - e
11 - c
12 - 33

Orações adverbiais

Exercícios — pág. 358

1) — B, C, D, B. D

2) — C, D, A, F, E, B

3) — a) compar. b) temporal c) causal d) concessiva e) consecutiva f) causal g) condic. h) proporc.

4) — a) causa b) conseqüência c) conformidade d) tempo e) condição f) comparação

5) — 1. relação de causa 2. rel. de conseqüência 3. rel. de concessão 4. rel. de finalidade 5. rel. de condição 6. rel. de proporção 7. rel. de tempo 8. rel. de comparação 9. rel. de conformidade.

Questões discursivas — pág. 360

1) a) embora (concessão) b) que (conseqüência) c) quanto mais (proporcionalidade).

2) conseqüência.

3) a) causa b) conformidade c) comparação.

Testes — pág. 361

1 - e
2 - b
3 - e
4 - e
5 - e
6 - d
7 - c
8 - b
9 - b
10 - b
11 - b
12 - c
13 - 49
14 - 36
15 - 13
16 - b
17 - e
18 - a

Orações reduzidas

Exercícios — pág. 366

1) — 1) Quando chegou, ... (O.S. Adv. Temporal Red. Ger.)

2) ... que o arrastava. (O.S. Adj. Restr. Red. Infin.)

3) ... que fizéssemos algo. (O.S.S. Subjet. Red. Infin.)

4) Quando faltou água, ... (O.S. Adv. Temporal Red. Ger.)

5) ... que a vossa situação não é boa. (O.S.S. Obj. Dir. Red. Infin.)

6) ... que vagueiam. (O.S. Adj. Restr. Red. Ger.)

7) Quando concluíram ... (O.S. Adv. Temporal Red. Partic.)

8) ... que faiscavam ao sol. (O.S. Adj. Restr. Red. Ger.)

9) Se você fizer a sua parte, ... (O.S. Adv. Condicional Red. Ger.)

10) ... que não armou nenhum esquema especial. (O.S.S. Obj. Dir. Red. Infin.)

2) — 1) Surpreendendo-me ao fundo ... (O.S. Adv. Tempo. Red. Ger.)

2) ... é entrarmos no próximo ano... (O.S. Subst. Predic. Red. Inf.)

3) — C, B, F, A, D, E

4)— a) O.S.S. Compl. Nom. Red. Inf. b) O.S. Adv.Condic. Red. Ger. c) O.S. Adv. Concessiva Red. Partic. d) O.S. Adv. Tempor. Red. Partic. e) O.S. Adv. Tempor. Red. Ger. f) O.S. Adv. Concessiva Red. Infin. g) O.S. Adv. Tempor. Red. Infin.

5)— a) O.S. Subst. O.D. b) O.S. Adj. Restr. c) O.S. Adv. Temporal d) O.S. Adv. Causal Red. Ger. e) O.S. Adv. Condic. f) O.S. Adv. Comparat. g) O.S. Subst. Compl. Nom. Red. Infin. h) Or. Principal.

6)— 1) 1ª Levantam-se às cinco horas — coord. assind.
2ª tomam um gole de café preto — coord. assind.
3ª e vão para o roçado — coord. sind. aditiva.

2) 1ª Só percebi — Or. Principal.
2ª que era torpedo — O.S.S. O.D. e Or. Princ. da 3ª
3ª quando aquela coluna d'água veio. — O. S. Adv. Temporal

3) 1ª Saberei também — Or. Princ.
2ª O que amo aqui — O.S. Adj. Restr e Or. Princ. da 3ª
3ª quando eu descobrir — O.S. Adv. Tempor. e Or. Princ. da 4ª
4ª o que me assusta — O.S. Adj. Restr.

4) 1ª Roda meu carro — coord. assind. 2ª que é curto o caminho — coord. sind. explicat.

5) 1ª Um dia correu para a área, coord. assind.
2ª e abriu a porta da gaiola — coord. sind. adit. e Or. Princ. da 3ª
3ª como lhe dissessem — O.S. Adv. Causal e Or. Princ. da 4ª
4ª que iam dar o passarinho — O.S.S.O.D. e Or. Princ. da 5ª
5ª caso continuasse a comportar-se mal — O.S. Adv. Condicional.

6) 1ª Garantiram-me — Or. Princ.
2ª que eu seria atendido em menos... — O.S.S. O.D.
3ª depois de preenchido o formulário — O.S. Adv. Tempor. e Princ. da 4ª
4ª que me enviaram pelo correio... — O.S Adj. Restr.
5ª e pagar a minha taxa de inscrição — coord. sind. adit. (em relação à 3ª) e sub. adv. tempor. (em relação à 1ª).

Questões discursivas — pág. 369

1) Ao terminarem a prova, todos...

2) a) O.S.S. Subjetiva Red. Infin. b) O.S. Adv. Condicional Red. Ger.

3) O.S. Adv. Condicional Reduzida de Gerúndio.

Testes — pág. 369

1 - e
2 - b
3 - a
4 - d
5 - d
6 - c
7 - a
8 - a
9 - b
10 - b
11- b
12 - 36
13 - b
14 - e

25 Análise Sintática – Orações Subordinadas

Período composto por subordinação

É o período que apresenta orações introduzidas pelos conectivos subordinativos: **conjunções integrantes, conjunções subordinativas adverbiais e pronomes relativos**.

Considere o seguinte exemplo:

oração 1		oração 2
Ele	confessou	que não pensou nisto.
suj.	VTD	objeto direto

• Nesse caso, o período é composto, pois consta de duas orações:

— a oração 2 está encaixada na oração 1, funcionando como objeto direto do verbo confessar.

— dizemos que a oração 1 é a **principal** e que a 2 é **subordinada**.

ORAÇÃO PRINCIPAL — é aquela na qual se encaixa a subordinada. Não exerce função sintática. Tem um dos seus termos em forma de oração e não vem introduzida por conectivo.

• **Ninguém lamentou** que você renunciasse.

ORAÇÃO SUBORDINADA — é aquela que se encaixa em outra oração, desempenhando alguma função sintática em relação a esta. Vem introduzida por conectivo, funcionando como sujeito, complemento ou adjunto da oração principal.

Ninguém lamentou	**que você renunciasse.**
O.P. (VTD)	Obj. Dir. (de lamentar)

Portanto: **Oração subordinada**

Orações subordinadas

1. SUBSTANTIVAS — aquelas que desempenham função sintática própria de **substantivo**.

2. ADJETIVAS — aquelas que desempenham função sintática própria de **adjetivo**.

3. ADVERBIAIS — aquelas que desempenham função sintática própria de **advérbio**.

Oração subordinada substantiva

A oração subordinada substantiva (O.S.S.) tem valor de substantivo e vem introduzida, geralmente, por conjunção integrante **que** e **se**.

Observe:

SERIA DESEJÁVEL ← falta o sujeito

Completando:

SERIA DESEJÁVEL	a participação dela.
	sujeito

Observe que o núcleo do termo que completa é um substantivo. Trocando esse núcleo por um verbo, teremos uma oração que faz o papel de um substantivo, completando o sentido da oração principal (incompleta).

SERIA DESEJÁVEL	QUE	ELA PARTICIPASSE.
O.P.		sujeito O.S.S. Subjetiva da oração principal

CLASSIFICAÇÃO	CONCEITO	OBSERVAÇÕES	EXEMPLO
1. SUBJETIVA	Exerce a função de **sujeito** da oração principal.	* O verbo da Or. Principal está sempre na 3ª pess. sing. * Não há suj. dentro dos limites da OP.	É necessário que **pensem.**
2. OBJETIVA DIRETA	Exerce função de **objeto direto** da oração principal.	* Liga-se ao verbo da OP sem preposição. * Há suj. dentro dos limites da OP.	Desejamos **que pensem.**
3. OBJETIVA INDIRETA	Exerce função de **objeto indireto** da oração principal.	* Liga -se ao verbo da OP com preposição.	Confio **em que pensem.**
4. COMPLETIVA NOMINAL	Exerce função de **complemento nominal** da oração principal.	* Liga-se a um nome da OP por meio de preposição.	Tenho confiança **em que pensem.**
5. PREDICATIVA	Exerce função de **predicativo do sujeito** da oração principal.	* Liga-se à oração principal por meio de verbo de ligação (SER).	Nosso desejo **é** **que pensem.**
6. APOSITIVA	Exerce função de **aposto** da oração principal.	* Vem, geralmente, depois de dois pontos ou entre vírgulas.	Desejo apenas isto : **que pensem.**

→ **ATENÇÃO:**

Verdade é que vestiba merece respeito. → sem art. = Subjetiva

A verdade é que vestiba merece respeito. → com art. = Predicativa

FUNÇÃO DO SUBSTANTIVO	SUBORD. SUBSTANTIVA
*** sujeito** *** objeto direto** *** objeto indireto**	ligada ao **verbo** da oração principal
*** predicativo do sujeito** *** complemento nominal** *** aposto**	ligada a um **nome** da oração principal

Exercícios

1) Dê a função sintática da oração subordinada substantiva em destaque:

1. «Meu Deus, por que me abandonaste se sabias **que eu não era Deus**....» (C.D.A.)

....

....

....

2. Referiram-se **a que não havia mais vagas.**

....

....

3. Nunca duvidei **de que estivessem certos.**

....

....

4. Não tive dúvidas **de que estivessem certos.**

....

....

5. Sou contrário **a que se conceda tal regalia.**

....

....

6. Sabemos de uma coisa: **que podemos esquecer sua ajuda.**

....

....

7. Acontece **que meu coração ficou frio.**

....

....

8. **Que nós e o presente não somos mais dignos dela** é a verdade.

....

....

9. **Se o mar é bonito** não sei.

....

....

10. Ignoramos **por que tomaste esta atitude.**

....

....

2) Transforme os períodos simples em compostos e classifique a oração subordinada substantiva:

MODELO:

a) A participação de todos é necessária.

É necessário que todos participem.

Oração subordinada substantiva subjetiva.

b) A aceitação de todos é importante.

....

....

c) Queremos o comparecimento de todos.

....

....

d) Precisamos de tua ajuda.

....

....

e) Sou favorável à sua renúncia.

....

....

f) Algumas tribos temiam a chegada do inverno.

....

....

g) Insistiam na participação do aluno.

....

....

h) Era urgente a aprovação do diretor.

....

....

3) Classifique as orações destacadas, de acordo com as seguintes opções:

a) subordinada substantiva subjetiva

b) subordinada substantiva objetiva direta

c) subordinada substantiva objetiva indireta

d) subordinada substantiva completiva nominal

e) subordinada substantiva predicativa

f) subordinada substantiva apositiva

1. ( ) «Para ser franco, declaro **que esses infelizes não me inspiram simpatia**.» (G. Ramos)

2. ( ) «É impossível **que gastássemos tanto dinheiro.**» (A. Azevedo)

3. ( ) «Isso depende **de que ele a convença**.» (E. Veríssimo)

4. ( ) «Conserva a ilusão **de que teu vôo te leva sempre para mais alto.**» (M. del Picchia)

5. ( ) «Convém **que o enfrentemos com dignidade.**» (E. Veríssimo)

6. ( ) «A verdade é **que o fizeram com igual ternura.**» (M. de Assis)

7. ( ) «Catarina viu então **que sua mãe estava envelhecida...**» (C. Lispector)

8. ( ) «Dizem **que chegaste às falas com autoridades.**» (A. Meyer)

9. ( ) Diz-se que **chegaste às falas com autoridades**.

10. ( ) «Também é bom **que o estado de graça demore pouco.**» (C. Lispector)

11. ( ) «Parece **que os netos da velha eram uns pequenos malfeitores**...» (R. de Queiroz)

12. ( ) «O marido não veio por razões óbvias: **não queria ver os irmãos.**» (C. Lispector)

13. ( ) «Aconteceu, porém, **que certo domingo houve falta de galos** para completar o programa.» (R. de Queiroz)

14. ( ) «Fora desrespeitada a recomendação **de se preservar a pessoa do réu.**» (A. M. Machado)

15. ( ) «Não sei se disse **que isto se passava em casa de uma baronesa.**» (M. de Assis)

4) Transforme agora a oração substantiva em um substantivo, de acordo com o modelo:

1. Tínhamos interesse em que você colaborasse.

Tínhamos interesse na sua colaboração.

2. A solução é que você desista.

....

....

3. O vendedor dava uma garantia: que o produto valorizaria.

....

....

4. Estávamos certos de que você se recuperaria.

....

....

5. Ninguém duvidou de que a propaganda mentiu.

....

....

5) Classifique as orações substantivas destacadas:

1. Não sei **se estou sofrendo.**

....

....

2. É claro **que não concordamos.**

....

....

3. O único empecilho era **que a prova seria à noite.**

....

....

4. Somos favoráveis **a que o ponham em liberdade.**

....

....

....

5. De uma coisa sei: **ninguém entrará neste colégio.**

....

....

6. Ele era **quem mais falava.**

....

....

Questões discursivas

1) (UFMS) Reescreva a oração de acordo com o modelo:

A colaboração dele nos surpreende.

Surpreende-nos que ele colabore.

A intervenção dele nos convém

....

2) (FUVEST)

Modelo: Observou que a lenha verde agonizava.

Observou a agonia da lenha verde.

Seguindo o modelo acima, reescreva a seguinte frase:

«Percebeu que os homens se aproximavam.»

....

3) (FEI-SP) Classifique a oração subordinada do período abaixo:

O estudo e o tempo não me convenceram **de que as leis do cosmos sejam compatíveis com uma suprema causa.**

Resposta: ....

....

4) (CÁSPER LIBERO-SP) Classifique a oração destacada:

«Não julgo **que eles saibam.**»

Resposta: ....

....

5) (CÁSPER LÍBERO-SP) Classificar a oração destacada: «É evidente **que ele não sabe.»**

Resposta: ....

....

6) (UFPA) Classifique sintaticamente as orações destacadas nos períodos abaixo:

A mulher objetou-lhe **que não havia lugar em casa para mais uma cadeira**.

Resposta: ....

....

7) (FEI-SP) Classifique sintaticamente a oração destacada:

«Todos perceberam **que João Fanhoso dera rebate falso**.»

Resposta: ....

....

8) (FUVEST) Indique o objeto direto do verbo destacado:

«... **fui dizer** à minha mãe que a escrava é que estragara o doce.»

Resposta: ....

....

Testes

1. (UNAMA) No seguinte grupo de orações destacadas:

1. É bom **que você venha**.

2. Não esqueças **que és falível**.

Temos orações subordinadas, respectivamente:

a) objetiva direta, subjetiva.

b) subjetiva, objetiva direta.

c) objetiva direta, adverbial temporal.

d) subjetiva, predicativa.

e) predicativa, objetiva direta.

2. (UFBA) Em todos os períodos a oração subordinada funciona como sujeito da oração principal, exceto em:

a) É claro que eles virão.

b) Acontece que ela mentiu.

c) Sabe-se que é um golpe.

d) O certo é que tudo morre.

e) Agora parece que é dia.

3. (FMU-SP) No seguinte período: «Aí eu tive o fervor de que ele carecesse de minha proteção, toda a vida**», a expressão destacada é:**

a) oração subordinada substantiva apositiva.

b) oração subordinada substantiva objetiva indireta.

c) oração subordinada substantiva completiva nominal.

d) oração subordinada substantiva predicativa.

4. (UFPR) Qual o período em que há oração subordinada substantiva predicativa?

a) Meu desejo é que você passe nos exames vestibulares.

b) Sou favorável a que o aprovem.

c) Desejo-te isto: que sejas feliz.

d) O aluno que estuda consegue superar as dificuldades do vestibular.

e) Lembre-se de que tudo passa neste mundo.

5. (UFPR) Reconheça a oração subordinada substantiva subjetiva:

a) Veja se está tudo em ordem.

b) Perguntou quem era.

c) Que ele não compareceu, souberam.

d) É necessário que tenhamos paciência.

e) n.d.a.

6. (UEM-PR) «Parecia que o morro se tinha distanciado muito.»

No período acima, a oração subordinada é:

a) substantiva objetiva direta.

b) substantiva subjetiva.

c) adjetiva explicativa.

d) substantiva predicativa

e) adverbial consecutiva.

7. (UFPR) Julieta ficou à janela na esperança **de que Romeu voltasse.**

A oração em destaque é:

a) subordinada substantiva subjetiva.

b) subordinada substantiva completiva nominal.

c) subordinada substantiva predicativa.

d) subordinada adverbial causal.

e) subordinada adjetiva explicativa.

8. (PUCCAMP-SP) Assinale o período em que a oração destacada é substantiva apositiva:

a) Não me disseram **onde moravas**.

b) A rua **onde moras** é muito movimentada.

c) Só me interessa saber uma coisa: **onde moras**.

d) Morarei **onde moras**.

e) n.d.a.

9. (MACK-SP) No período: «Sabe-se que Jacó propôs a Labão que lhe desse todos os filhos das cabras...», a alternativa que contém a análise correta das orações, na seqüência em que vêm no período é:

a) principal; subordinada substantiva subjetiva; subordinada substantiva objetiva direta.

b) coordenada sindética aditiva; subordinada substantiva objetiva direta; subordinada substantiva apositiva.

c) absoluta; subordinada substantiva objetiva direta; subordinada substantiva objetiva direta.

d) principal; subordinada substantiva subjetiva; subordinada substantiva objetiva indireta.

e) coordenada assindética; subordinada substantiva subjetiva; subordinada substantiva objetiva direta.

10. (PUCCAMP-SP) «Se ele confessou não sei.» **A oração destacada é:**

a) subordinada adverbial temporal.

b) subordinada substantiva objetiva direta.

c) subordinada substantiva objetiva indireta.

d) subordinada substantiva subjetiva.

e) subordinada substantiva predicativa.

11. (PUC-SP) «Pode-se dizer **que a tarefa crítica é puramente formal.»**

No texto acima, temos: uma oração destacada que é:

a) substantiva objetiva direta.

b) substantiva predicativa.

c) relativa.

d) substantiva subjetiva.

e) adverbial consecutiva.

um **se** que é:

a) partícula apassivadora.

b) índice de indeterminação do sujeito.

c) pronome reflexivo.

d) partícula apassivadora.

e) índice de indeterminação do sujeito.

12. (UFU-MG) Na frase: «Suponho que nunca teria visto um homem», a subordinada é:

a) substantiva objetiva direta.

b) substantiva completiva nominal.

c) substantiva predicativa.

d) substantiva apositiva.

e) substantiva subjetiva.

Para resolver as questões 13 a 15, assinale as alternartivas e some os valores.

13. (UFBA) Ocorre substantiva objetiva direta em todas as alternativas, exceto:

1. O certo é que você veio.

2. Agora parece que é dia.

4. Sei que ele não virá.

8. O aluno que trabalha é bom.

16. Que venhas amanhã espero.

32. Sonhei que não existias.

14. (PUC-RS) Em todos os períodos a oração subordinada funciona como sujeito da oração principal, exceto**:**

1. É claro que eles virão.

2. Acontece que ela mentiu.

4. Sabe-se que não virão.

8. Hoje parece que é verão.

16. O certo é que todos já sabem.

32. Meu desejo é que todos sejam aprovados.

64. Espera-se que não chova mais.

15. (FUVEST) Assinale a(s) alternativa(s) que apresenta(m) classificação correta da oração subordinada:

1. Espero que tenhas estudado. (objetiva direta)

2. Não fez referência a que a situação era delicada. (objetiva indireta)

4. Convenci-me de que tudo era tolice. (completiva nominal)

8. O importante é que ela conseguiu sair de lá. (objetiva direta)

16 É raro que não tenha seu caso a contar. (subjetiva)

32. Compreendo por que os noivos se presenteiam. (objetiva indireta)

Oração subordinada adjetiva

É aquela que se encaixa na oração principal, funcionando como **adjunto adnominal** de um substantivo ou de um pronome antecedente, ou equivalendo a um **aposto explicativo**.

É introduzida, normalmente, por um pronome **relativo:** QUE (= o qual), QUEM, CUJO, ONDE (no qual, em que), QUANTO (precedido de tudo), O QUAL (a qual, os quais, as quais).

OBSERVE:

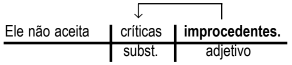

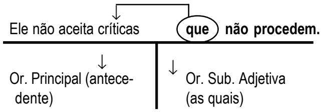

Classificação

Quanto ao sentido, as subordinadas adjetivas classificam-se em RESTRITIVAS ou EXPLICATIVAS.

Classificação	Características	Exemplo
1. Restritiva	a) Restringe a significação do substantivo ou do pronome antecedente, isto é, particulariza um subconjunto dentro de um conjunto. b) É indispensável ao sentido da frase. c) Não se separa por vírgula da oração principal.	* O livro **que ele lia** era a loucura do homem agoniado. (Jorge de Lima) O homem **que se esforça** vence.
2. Explicativa	a) Acrescenta uma qualidade acessória ao antecedente. b) Vem separada por vírgulas da oração principal.	Jorge de Lima, **que foi um poeta de segunda fase do Modernismo brasileiro**, escreveu sua obra junto com Murilo Mendes. O homem, **que é mortal**, retorna ao pó.

Função sintática do pronome relativo

Os pronomes relativos exercem a mesma função sintática dos nomes que são representados por eles.

Observe:

O menino sonha com o mundo maravilhoso **que** ele tirou do nada.

O pronome relativo **que** está representando a expressão **«mundo maravilhoso»**.

Substituindo o pronome relativo **que** por essa expressão, teríamos:

«... ele tirou o **mundo maravilhoso** do nada.»
obj. dir.

Logo, o pronome relativo **que** exerce a função de **objeto direto.**

→ Veja outras funções exercidas pelos relativos:

a) SUJEITO:

«O menino impossível **que** destruiu até os soldados de chumbo de Moscou... brinca com sabugos de milho.» (Jorge de Lima)

(**O menino** destruiu até os soldados...)

(sujeito)

b) OBJETO INDIRETO:

Os fatos **a que** te referiste são verídicos.

(Tu te referiste **aos fatos**.)

(obj. indir.)

c) ADJUNTO ADVERBIAL:

A cidade **em que (onde)** moro é pequena.

(Moro **na cidade**.)

(adjunto adverbial)

d) AGENTE DA PASSIVA:

Passou por aqui a pessoa **por quem** tu eras procurado.

(Tu eras procurado **pela pessoa**.)

(agente da passiva)

e) PREDICATIVO DO SUJEITO:

O indisciplinado **que** fui fez-me sofrer na escola. (Eu fui **indisciplinado**.)

(predicativo)

f) ADJUNTO ADNOMINAL:

Murilo Mendes, **cujo** estilo incorpora técnicas futuristas e surrealistas, tenta atingir o cerne do barroco mineiro em sua obra *Contemplação de Ouro Preto*.

(O estilo **de Murilo Mendes**.)

(adjunto adnominal)

g) COMPLEMENTO NOMINAL:

O dinheiro **de que** tenho necessidade ficou retido no banco.

(Tenho necessidade **do dinheiro.**)

(complemento nominal)

Exercícios

1) Transforme o adjunto adnominal em oração adjetiva.

Modelo:

a) Os casos **insolúveis** não são raros.

b) Os casos que não se solucionam não são raros.

I – a) Os galhos **maiores** foram cortados.

b) ....

II – a) As notícias **divulgadas** confirmaram nossas previsões.

b) ....

III – a) Há crimes **imperdoáveis.**

b) ....

IV – a) Jogadores **criadores de caso** não serão convocados.

b) ....

V – a) Destinaram-se recursos às regiões **produtoras de feijão**.

b) ....

2) Substitua as orações em destaque pelos adjetivos correspondentes:

a) É uma letra **que não se pode ler**. ...

....

b) Trata-se de um bem **que não se pode destruir**. ....

c) É uma comida **que não tem gosto**.

....

d) É um feijão **que não tem sal**. ....

e) É uma tinta **que não se apaga**. ....

f) É um projeto **que não se pode realizar**

....

g) É uma substância **que não tem odor**. ....

h) É um texto **que não se pode compreender**. ....

3) Dê a função sintática exercida pelos pronomes relativos que estão em destaque nas frases abaixo:

a) «... porque o saci-pererê não fazia mal a ninguém / limitando-se moleque a dançar maxixes desenfreados/no mundo das garotas de madeira / **que** meu tio habilidoso fazia para mim.» (Murilo Mendes)

....

b) «. . . estou diante do mundo deitado na rede mole **que** todos os países embalançam.» (Murilo Mendes)

....

....

c) «Não há outro espetáculo **que** me invoque.» (Murilo Mendes)

....

d) «O anjo pousa de leve

No quarto **onde** a moça pura

Remenda a roupa dos pobres.» (Murilo Mendes)

....

e) «Minha visão é universal e tem dimensões **que** ninguém sabe.» (Jorge de Lima)

....

f) O aluno **a que** me refiro saiu da sala.

....

4) Classifique as orações destacadas, de acordo com as seguintes opções:

a) subordinada adjetiva restritiva;

b) subordinada adjetiva explicativa;

c) subordinada substantiva subjetiva;

d) subordinada substantiva objetiva direta;

e) subordinada substantiva objetiva indireta;

f) subordinada substantiva completiva nominal;

g) subordinada substantiva predicativa.

1. ( ) O juiz entregou os prêmios **a quantos se classificaram.**

2. ( ) O juiz entregou os prêmios **de quantos se classificaram.**

3. ( ) Antônio, **que nunca entrou em campo**, não joga futebol.

4. ( ) Que mais me pode exigir a mulher **a quem dou o meu amor**?

5. ( ) O melhor procedimento é **ignorar o ocorrido**.

6. ( ) Jorge, **que sempre entendeu de mecânica,** descobriu logo o defeito.

7. ( ) Quero saber **como chegou aqui**.

8. ( ) O professor **a quem me referi** acaba de chegar.

9. ( ) O juiz era **quem mais se esforçava em campo**.

10. ( ) Tentei convencê-lo **de que estava errado**.

11. ( ) Viam-se pássaros **voando**.

12. ( ) Veja **quem está batendo palmas no portão**.

13. ( ) Era muito educado o rapaz **com quem fui jantar.**

14. ( ) Ele era **quem dava as ordens.**

15. ( ) O museu, **onde estão os pertences de Getúlio Vargas**, fica na Rua do Catete.

16. ( ) «**Quem passava na rua** não enxergava a casa.» (O. França Jr.)

5) Por meio do pronome relativo adequado, estabeleça relação entre as orações, transformando a segunda em subordinada adjetiva:

Modelo: Recebi todos os livros. Eles foram indicados pela crítica.

Transformação: Recebi todos os livros que foram indicados pela crítica.

1. Encontrei os amigos. Estava precisando deles.

....
....

2. Todos vaiaram o jogador. O técnico escalara o jogador na última hora.

....
....

Questões discursivas

1. (FUVEST)

Modelo: Observou a lenha verde **que agonizava**.

Observou a lenha verde **agonizante**.

Seguindo o modelo acima, reescreva a seguinte frase:

«Ele se arrogava o direito de inventar leis que **determinavam o comportamento do povo.**»

Ele se arrogava o direito de inventar leis

....

2. (CÁSPER LÍBERO-SP) «O Mar Vermelho, onde a chuva é uma exceção durante todo o ano, banha Israel, que é o berço da Humanidade.»

Neste texto, indique:

a) oração principal;

b) como se chama a oração: «que é o berço da Humanidade»?

a) ....
b) ....

3. (FEI-SP) Classifique as orações em negrito, sintaticamente:

a) «Poucas eram as árvores **que o inverno despira**.» (Érico Veríssimo)

b) «(...) Mora em alguma fazenda, **onde se entregara à contemplação da natureza e a leitura de bons livros**.» (Rubem Braga)

Respostas:

a) ....
b) ....

4. (FUVEST) Grife as orações adjetivas dos períodos abaixo e classifique-as:

a) «As pessoas que contam esses casos nunca mentem em outras coisas.» (Rachel de Queiroz)

b) «Ele, que era arguto, entendeu-me (...)» (Machado de Assis)

a) ....
b) ....

5. (CEFET-PR) Ligue o par de orações, transformando-as num único período composto por subordinação:

I) a) Os autores foram expulsos do país.

b) Os livros deles continham críticas ao governo.

a) ....
b) ....

II) a) Os fatos ocorreram no Nordeste.

b) Refiro-me a eles no artigo «Miséria e Fome».

a) ....
b) ....

III) a) Construímos uma sociedade injusta.

b) A legislação dessa sociedade é boa.

a) ....
b) ....

IV) a) O vestibular é uma barreira composta de inúmeras inconseqüências.

b) Por essa barreira deverão passar todos os que aspiram aos cursos superiores.

6) (ANHEMBI-MORUMBI-SP) Classificar corretamente as orações grifadas, indicando a seqüência obtida:

a) subordinada adverbial final;

b) subordinada adverbial concessiva;

c) subordinada adverbial consecutiva;

d) subordinada adverbial comparativa;

e) subordinada substantiva subjetiva.

1. ( ) **Criminoso que seja**, não deve ser maltratado.

2. ( ) Não és mais prudente **que eu**.

3. ( ) Fiz-lhe sinal **que se calasse**.

4. ( ) Sabido é **que a alma não morre**.

5. ( ) Bebia **que era uma lástima**.

6. ( ) **Por mais que gritasse**, ninguém a socorreu.

Resposta: ....

Testes

1. (PUC-SP) «João amava Teresa que amava Raimundo que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili que não amava ninguém. João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento, Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia, Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes que não tinha entrado na história.» (Carlos Drummond de Andrade)

A primeira parte do poema (quatro primeiras linhas) é marcada, sintaticamente, pela presença de:

I. orações

a) subordinadas adjetivas restritivas.

b) coordenadas sindéticas explicativas.

c) subordinadas adverbiais comparativas.

d) subordinadas adjetivas explicativas.

e) coordenadas sindéticas aditivas.

II. cujo termo introduzido atua como:

a) conectivo-sujeito.

b) simples conectivo.

c) simples conectivo.

d) conectivo-sujeito.

e) simples conectivo.

2. (MACK-SP) Em «É difícil o dia **em que não acontece um acidente», temos uma oração**

a) subordinada substantiva predicativa.

b) subordinada substantiva completiva nominal.

c) subordinada substantiva subjetiva.

d) subordinada adjetiva restritiva.

e) subordinada adjetiva explicativa.

3. (UMC-SP) Indique a alternativa em que há oração subordinada adjetiva restritiva:

a) Fique no lugar onde está.

b) Deus, que é nosso Pai, nos salvará.

c) Tenho receio de que você se engane.

d) Meu desejo é que sejam felizes.

e) Desejo que sejam felizes.

4. (ANHEMBI-MORUMBI-SP) Na frase «Há enganos **que nos deleitam», a oração grifada é:**

a) substantiva subjetiva;

b) substantiva objetiva direta;

c) substantiva completiva nominal;

d) substantiva apositiva;

e) adjetiva restritiva.

5. (UFPR) As orações destacadas são, respectivamente:

I. O filme **a que assistimos** era trágico.

II. **Assim que souberdes do paradeiro de Luciana**, avisai-me imediatamente.

III. É preciso **que saias imediatamente da cidade**.

a) subordinada substantiva objetiva direta, subordinada adverbial condicional, subordinada substantiva predicativa.

b) subordinada substantiva completiva nominal, subordinada adverbial concessiva, subordinada substantiva objetiva direta.

c) subordinada adjetiva restritiva, subordinada adverbial consecutiva, subordinada substantiva subjetiva.

d) subordinada substantiva objetiva indireta, subordinada adverbial final, subordinada substantiva predicativa.

e) subordinada adjetiva restritiva, subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva subjetiva.

6. (UEPG-PR) Qual a função sintática?

Eis uma oferta a que não posso resistir.

a) conectivo subordinativo.

b) conectivo coordenativo.

c) sujeito.

d) objeto direto.

e) objeto indireto.

7. (UNESP) «O pai, depois de contar o dinheiro **que discretamente retirou do bolso,** aborda o garçom **(...)» A oração destacada é:**

a) oração subordinada adjetiva explicativa.

b) oração subordinada substantiva apositiva.

c) oração subordinada substantiva completiva nominal.

d) oração subordinada adjetiva restritiva.

e) oração subordinada substantiva objetiva direta.

8. (FAAP-SP) «Não compreendíamos a razão **por que o ladrão não montava a cavalo.» A oração destacada é:**

a) subordinada adjetiva restritiva.

b) subordinada adjetiva explicativa.

c) subordinada adverbial causal.

d) subordinada adverbial final.

e) subordinada substantiva completiva nominal.

9. (UFDF) Dentre as orações destacadas, indique aquela que tem a mesma função que a da frase matriz:

«(...) recebi o pagamento das mãos de meu pai, **que me deu uma sova de vara de marmeleiro.**» (Machado de Assis)

a) «Dr. Fontoura, **que na realidade era dentista**, acorreu com uns ferrinhos, uma pinça.» (Fernando Sabino)

b) «Era esta a hora **em que as duas costumavam ir para o caramanchão.**» (Lygia Fagundes Telles)

c) «É sempre bom dar preferência aos legumes **que podem ser comidos crus**.» (*Folha de S.Paulo*)

d) «D. Custódia era uma portuguesa que **alugava quartos na Rua da Misericórdia...**» (Adolfo Caminha)

10. (UFSCAR-SP) Determine a função morfológica das palavras destacadas, confrontando as colunas abaixo e, depois de numerar a segunda de acordo com a primeira, marque a opção correta:

(1) pronome relativo.

(2) pronome indefinido.

(3) pronome demonstrativo.

(4) conjunção adversativa.

(5) advérbio.

(6) conjunção temporal.

(7) conjunção integrante.

(8) conjunção concessiva.

(9) conjunção consecutiva.

(10) função não constante desta relação.

( ) Já cinco dias eram passados, **que** dali nos partíramos.

( ) Estudava, **contudo**, não tinha método.

( ) O juiz verificará **se** as provas estão nos autos.

( ) Tudo **que** previra aconteceu.

( ) **Poucos** compareceram.

( ) **Ainda** que soubesse, não diria.

( ) **Ninguém** virá.

( ) Não sei **o** que dizes.

( ) Falava tão baixo, **que** mal se ouvia.

( ) **Que** medonho é um temporal em alto-mar!

a) 1, 4, 10, 1, 5, 8, 2, 10, 9, 5

b) 6, 4, 10, 1, 2, 5, 2, 3, 10, 2

c) 6, 4, 7, 10, 5, 8, 5, 3, 9, 2

d) 1, 4, 7, 1, 5, 9, 2, 2, 8, 5

e) 6, 4, 7, 1, 2, 8, 2, 3, 9, 5

11. (UFDF) Assinale a alternativa em que o pronome relativo funciona como objeto direto:

a) «Há muitas pessoas **que** sofrem do mal da solidão.» (Cecília Meireles)

b) «Washington e Teerã estavam prestes a concluir o acordo **que** permitiu a libertação dos reféns.»

c) «Pelas frinchas da janela, entrava o mato em insônia, com vozes **que** eu não entendia.» (Guimarães Rosa)

d) «Lembro-me do dia **em que** fui perto da sua casa apanhar o retrato (...)» (R. Braga)

12. (UFMS) Assinale a(s) alternativa(s) correta(s) quanto à classificação das orações:

1. As pessoas **que contam esses casos** nunca mentem. (adjetiva restritiva)

2. Ele, **que era arguto**, entendeu-me. (substantiva apositiva)

4. Mora em uma fazenda, **onde se cria gado leiteiro**. (adverbial de lugar)

8. Ele lembrou a necessidade **de sermos amigos**. (objetiva indireta)

16. Pedra **que rola** não cria limo. (adjetiva explicativa)

32. O aluno, **que é estudioso**, fez boas provas. (adjetiva explicativa)

Oração subordinada adverbial

É aquela que se encaixa na oração principal, funcionando como **adjunto adverbial**.

As subordinadas adverbiais vêm, normalmente, introduzidas por uma das conjunções subordinativas (com exclusão das integrantes), e **são classificadas de acordo com a conjunção ou locução conjuntiva que as introduz**.

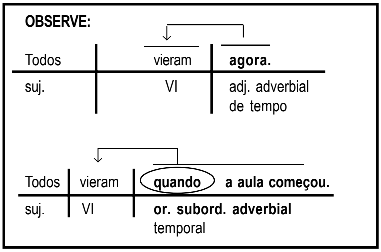

Quanto à forma

Podem ser:

1. DESENVOLVIDAS: trazem o verbo no **indicativo** ou no **subjuntivo**.

«**Quando a cesta chegou**, o dono não estava.» (P. M. Campos)

2. REDUZIDAS: apresentam o verbo no **infinitivo**, no **gerúndio** ou no **particípio**.

«**Por se tratar de uma ilha**, deram-lhe o nome de ilha de Vera Cruz.» (C. Ricardo)

Fartos da paisagem, formamos para a descida.

«Não tendo prova clara, limito-me a defender a nossa dama.» (M. de Assis)

3. JUSTAPOSTAS: acompanham a principal sem o auxílio de conjunção e devem ser analisados pelo sentido.

«Eu não tinha arma ao alcance.

Tivesse também não adiantaria.» (**tivesse** = se eu tivesse) (J. G. Rosa)

Classificação	Conceito e conjunções principais	Exemplo
1. Causal	Indica a causa da ação expressa pelo verbo da oração principal. **Principais conjunções causais: porque, visto que, já que, uma vez que, como.**	Na segunda fase poética, Vinícius escreve num tom mais coloquial, **porque a sua temática muda.**
2. Concessiva	Indica uma concessão às ações do verbo da oração principal, isto é, admite uma contradição ou um fato inesperado. **Principais conjunções concessivas: embora, a menos que, se bem que, ainda que, conquanto.**	**Ainda que ela se esforce,** não vai ter sucesso.
3. Comparativa	Estabelece uma comparação com a ação indicada pelo verbo da oração principal. **Principais conjunções comparativas: que** e **do que** (precedidos de **mais, menos, melhor, pior, maior, menor**), **como.** **Observação:** Freqüentemente omite-se nas comparativas o verbo da oração principal.	Ela agia **como uma idiota.** (= como uma idiota **age**)
4. Condicional	Indica a situação necessária à ocorrência da ação do verbo da oração principal. **Principais conjunções condicionais: se, salvo, exceto, caso, desde que, contanto que, sem que.**	**Se a derrama for lançada,** há levante, com certeza. (C. Meireles)
5. Conformativa	Indica uma conformidade entre o fato que expressa e a ação do verbo da oração principal. **Principais conjunções conformativas: como, consoante, segundo, conforme.**	**Conforme você já estudou,** o lirismo decorre da preocupação do poeta com o próprio «eu».
6. Consecutiva	Indica a conseqüência resultante da ação do verbo da oração principal. **Principais conjunções consecutivas: (tão)...que, (tanto)...que, (tal)...que, (tamanho)...que.**	Leu **tanto** as poesias de Vinícius, **que passou a escrever como ele.**
7. Final	Indica o fim, o objetivo a que se destina o verbo da oração principal. **Principais conjunções finais: para que, a fim de que, que (= para que)**	Tudo farei **para que tu voltes.**

Classificação	Conceito e principais conjunções	Exemplo
8. Proporcional	Indica uma relação de proporcionalidade com o verbo da oração principal. **Principais conjunções proporcionais: à medida que, enquanto, quanto mais... mais, quanto mais... menos, à proporção que.**	**À medida que crescia**, ficava mais alienado de tudo.
9. Temporal	Indica a circunstância de tempo em que ocorre a ação do verbo da oração principal. **Principais conjunções temporais: antes que, quando, assim que, logo que, até que, depois que, mal, apenas.**	«Tenha meus dedos cortados, **antes que tal verso escrevam**....» (C. Meireles)

Subor. adverbial causal X coordenada explicativa

Diferenças:

Compare os seguintes exemplos:

1. Ele pegou a doença **porque andava descalço. (causal)**

2. Não ande descalço, **porque você vai pegar uma doença. (explicativa)**

Observações:

1. No primeiro exemplo, há forçosamente uma relação de **causa** (andar descalço) e **conseqüência** (pegar uma doença). No segundo exemplo, não há esta relação de causa e conseqüência: apenas dá-se um **motivo** para que não se ande descalço.

2. No primeiro exemplo, não há qualquer pausa forte, assinalada por vírgula, ponto-e-vírgula, dois-pontos ou ponto. Se houvesse, seria forçada. No segundo exemplo, a **oração coordenada**, por ser independente, **admite pausa forte que a separe da oração anterior**.

3. No primeiro exemplo, a omissão do conectivo traria prejuízos à estrutura da oração (Ele pegou uma doença andava descalço. [?]). No segundo exemplo, **pode-se omitir o conectivo**, sem que haja prejuízo para a compreensão. Podemos substituí-lo, por exemplo, por dois-pontos: (**Não ande descalço: você vai pegar uma doença**.).

4. No primeiro exemplo, a oração **adverbial causal pode ser transformada em uma outra, reduzida de infinitivo**, iniciada pela preposição **por**: **Por andar descalço**, ele pegou uma doença. O segundo exemplo não admite esta transformação. Tente!

5. Finalmente observe que:

a) **a oração anterior à coordenada explicativa tem**, geralmente, **o verbo no imperativo**;

b) a oração que antecede a coordenada explicativa tem caráter hipotético (Ele deve ter chegado, pois as luzes estão acesas.);

c) o verbo da oração principal à qual a adverbial causal se subordina indica uma ação completa, um fato sobre o qual não pairam dúvidas ou hipóteses: Ele foi reprovado porque faltava constantemente às aulas.

Exercícios

1) Classifique as orações destacadas, de acordo com o seguinte código:

(a) Oração subordinada adverbial causal.

(b) Oração subordinada adverbial condicional.

(c) Oração subordinada adverbial conformativa.

(d) Oração subordinada adverbial concessiva.

(e) Oração subordinada adverbial consecutiva.

1. ( ) «**Se o rádio não fosse tão fanhoso**, compreender-se-ia a letra do samba muito bem.» (Marques Rebelo)

2. ( ) «**Como vocês vêem**, meu primeiro contato com o Tiro de Guerra não foi dos melhores.» (M. Donato)

3. ( ) «**Conquanto V. Ex.ª aprove a reforma**, sentirá comigo a separação da outra.» (Machado de Assis)

4. ( ) «**Se eu fosse deputado federal**, estaria muito apreensivo.» (C. D. de Andrade)

5. ( ) «**Por mais que lhes diga** (...) que o modernismo não é moda nem convenção, (...) eles insistem em se declararem modernos.» (A. A. Machado)

2) Classifique as orações destacadas de acordo com o seguinte código:

a) Oração subordinada adverbial causal.

b) Oração subordinada adverbial temporal.

c) Oração subordinada adverbial proporcional.

d) Oração subordinada adverbial condicional.

e) Oração subordinada adverbial consecutiva.

f) Oração subordinada adverbial final.

1. ( ) **Quanto menor é o juízo dos homens**, tanto maior deve ser o seu saber.

2. ( ) Não me acode imagem capaz de dizer **sem quebra de dignidade do estilo** o que eles foram e me fizeram.

3. ( ) Só não morri à míngua **porque o povo daqui me socorreu**.

4. ( ) Fizeram-se todos os remédios **para chover**.

5. ( ) Tão longo foi o abraço **que me tomou o resto do capítulo**.

6. ( ) **Quando a miragem do sol se desfez**, já a louca tinha subido pela torre de ouro até o céu.

3) Classifique as orações subordinadas adverbiais em destaque:

a) «O arco-íris saltou **como serpente multicor** nessa piscina de desenhos delicados.» (Cecília Meireles)

....

b) «**Quando vier de novo o céu de Maio** largando estrelas Eu irei, lá onde os pinheiros recendem nas manhãs úmidas.» (Vinícius de Moraes)

....

c) «**Como sabia bem tudo isso**..., fiquei sem poder chorar.» (Cecília Meireles)

....

d) **Ainda que estivesse ferido**, lutava.

....

e) Choveu tanto, **que a várzea inundou.**

....

f) A várzea inundou **porque choveu**.

....

g) «Não permita Deus que eu morra **sem que eu volte para lá**.» (Gonçalves Dias)

....

h) À **medida que o trem se aproximava**, o barulho aumentava.

....

4) Indique a circunstância expressa pela oração em destaque nos períodos abaixo:

a) **Como havia pouca gente presente**, a reunião foi suspensa.

circunstância de ....

b) «Eu o exasperava tanto **que se tornara doloroso para mim** ser objeto do ódio daquele homem.» (Clarice Lispector)

circunstância de ....

c) Ele agiu **como devia**.

circunstância de ....

d) **Mal chegou**, começou a reclamar da vida.

circunstância de ....

e) Nada farei **sem que me auxilies**.

circunstância de ....

f) Lêem **como analfabetos.**

circunstância de ....

5) Escreva, no espaço vazio, o tipo de relação existente entre a oração adverbial destacada e a oração principal:

Modelo: «Mas o chá saiu tão bom, **que os parentes vivem me pedindo um pouco**.» (Carlos Drummond de Andrade)

Resposta: **Relação de conseqüência.**

1. «(...) resolveu não dormir, **porque valia a pena esperar de pé**.» (A. Azevedo)
Resposta ....

2. «De soslaio atrás do jornal — tremia tanto **que nem podia ler**.» (Dalton Trevisan)

Resposta ....

3. «O povo não gosta de assassinos, **embora inveje os valentes**.»

(Carlos Drummond de Andrade)

Resposta ....

4. «Um amigo pintor trouxe um cavalete e tintas **para que os pintores amigos possam pintar**.» (Rubem Braga)

Resposta ....

5. «**Se me telefonarem**, só estou para Maria.» (Vinícius de Moraes)

Resposta ....

6. «**Quanto mais eu gritava**, mais os prejuízos brotavam de todos os lados.»

(José Cândido de Carvalho)

Resposta ....

7. «**Quando chegou domingo**, chegou também a preguiça (...)»

(Carlos Drummond de Andrade)

Resposta ....

8. «(...) o mistério explica mais **que a claridade** (...)» (Clarice Lispector)

Resposta ....

9. **«Como ele próprio diz com certa melancolia**, levou uma vida medíocre.»

(*Folha de S.Paulo*)

Resposta ....

Questões discursivas

1. (FUVEST) Segue uma lista de conjunções subordinativas. Preencha os espaços vazios com a conjunção que lhe parecer adequada a cada situação. Indique o tipo de relação que a conjunção estabeleceu.

Modelo: Os irmãos resolveram vender o circo .... o patriarca da família havia morrido.

a) porque b) se c) embora

Resposta: **porque; relação de causa.**

a) .... seja simples, o programa TV-Mulher não se arrasta em superficialidades.

a) caso b) embora c) quando

Resposta ....

b) A casa é tão bem situada .... dali se avista o bairro inteiro.

a) que b) segundo c) para que

Resposta ....

c) .... leio este livro, mais quero que ele não acabe.

a) ainda que b) que c) quanto mais

Resposta ....

2. (FUVEST) Dê o valor (explicação, conseqüência ou causa) da seqüência destacada em relação à sua antecedente: «Eu o exasperava tanto ***que se tornara doloroso para mim ser o objeto do ódio daquele homem*.»**

Resposta ....

3. (FUVEST) As orações subordinadas adverbiais vêm introduzidas, geralmente, por uma conjunção típica.

Há, entretanto, conjunções que assumem valores diversos, dependendo do contexto em que ocorrem. Uma delas é o **como**.

Descubra o tipo de relação estabelecida pela conjunção **como** nas questões que seguem:

a) «**Como** os recursos de expressão eram minguados, tentavam remediar a deficiência falando alto.» (Graciliano Ramos)

Resposta ....

b) «Os colegas ajudaram Biguá como foi possível (...)» (Carlos Drummond de Andrade)

Resposta ....

c) «Eu deixo a vida como deixa o tédio
Do deserto, o poento caminheiro (...)»
(Álvares de Azevedo)

Resposta ....

Testes

1. (CESGRANRIO) Assinale a opção em que se altera o sentido da oração «porque o gênio de um não se confunde com o do outro»:

a) uma vez que o gênio de um não se confunde com o do outro.

b) porquanto o gênio de um não se confunde com o do outro.

c) em vista de o gênio de um não se confundir com o do outro.

d) por não se confundir o gênio de um com o do outro.

e) não obstante o gênio de um não se confundir com o do outro.

2. (UFPR) Na frase: «Se eu te amasse, morreria», classifique as orações, pela ordem em que se encontram:

	1ª oração	2ª oração
a)	subord. adv. concessiva	principal.
b)	subord. adv. condicional	principal.
c)	subord. adjetiva	coord. advers.
d)	subord. subst. subjetiva	coord. assind.
e)	principal	coord. sindét.

3. (CESGRANRIO) Num dos seguintes períodos abaixo não ocorre a idéia de proporção depreensível em: *Quanto mais prolongada era a seca, tanto mais violenta se tornava a angústia da sede*. Indique este período:

a) Quanto mais leio este texto, menos o entendo.

b) À medida que a idade avança, a nossa experiência é maior.

c) Ao passo que nos elevávamos, o ar se tornava mais puro.

d) O tiro acerta o alvo tanto mais fortemente, quanto mais se retesa o arco.

e) Tanto na sala de aula quanto no recreio, ela estava sempre retraída e calada.

4. (UFSC) Assinale a oração subordinada adverbial final:

a) «... **mal o sol havia raiado**, Pedrinho entrou em casa...»

b) «Nos dias **que se seguiram** foram aparecendo as folhas».

c) «Uma tarde, **ao voltar da sanga**, Ana viu Maneco Terra e o neto...»

d) «Depois viraram a terra, **trabalhando de sol a sol**».

e) «...Maneco e Antônio aprontaram a terra **para plantar o trigo**».

5. (CESGRANRIO) Assinale a opção cuja conjunção é de uso adequado ao sentido da oração realçada do período — «Casasse com ela mais cedo**, o marido veria no fim da vida a terra e os cobres repartidos entre 21 generaizinhos infelizes».**

a) embora.

b) quando.

c) conquanto.

d) ainda que.

e) se.

6. (CESGRANRIO) No enunciado «fez com a mão um gesto de rei, que **rei das florestas ele era, intimando aos cavaleiros** que **continuassem a sua marcha», os dois conectivos destacados correspondem, respectivamente, a:**

a) dado que / até que.

b) quando / antes que.

c) porque / ainda que.

d) pois que / para que.

e) se / de modo que.

7. (CESGRANRIO) No enunciado «como **o vapor e a eletricidade produziram uma nova sociedade, os computadores se constituirão no centro de uma ainda mais profunda transformação» — o termo em destaque pode ser substituido, sem alteração de sentido, por:**

a) uma vez que.

b) porque.

c) do mesmo modo que.

d) visto que.

e) à medida que.

8. (UFRJ) Na frase: «Como anoitecesse**, recolhi-me pouco depois e deitei-me.»**

(Monteiro Lobato)

A oração destacada é:

a) oração coordenada sindética explicativa.

b) oração subordinada adverbial causal.

c) oração subordinada adverbial conformativa.

d) oração subordinada adjetiva explicativa.

e) oração subordinada adverbial final.

9. (UFMT) No período:

«Procederam segundo ordenava a lei», existe uma oração subordinada:

a) consecutiva.

b) conformativa.

c) condicional.

d) causal.

e) concessiva.

10. (PUCCAMP-SP) «Nunca chegará ao fim**, por mais depressa que ande.»**

A oração destacada é:

a) subordinada adverbial causal.

b) subordinada adverbial concessiva.

c) subordinada adverbial condicional.

d) subordinada adverbial consecutiva.

e) subordinada adverbial comparativa.

11. (ANHEMBI-MORUMBI-SP) Criminoso que seja**, não deve ser maltratado.**

A oração destacada é:

a) subordinada adverbial final.

b) subordinada adverbial concessiva.

c) subordinada adverbial consecutiva.

d) subordinada adverbial comparativa.

e) subordinada substantiva subjetiva.

12. (MACK-SP) No período: «Era tal a serenidade da tarde, que se percebia o sino de uma freguesia distante, dobrando a finados», a segunda oração é:

a) subordinada adverbial causal.

b) subordinada adverbial concessiva.

c) subordinada adverbial consecutiva.

d) subordinada adverbial condicional.

e) subordinada adverbial temporal.

Para resolver as questões 13 a 15, assinale as alternativas e some os valores.

13. (SANTA CASA-SP) Assinale a(s) alternativa(s) em que a classificação das orações está correta:

1. **Embora lhe desaprovassem a forma**, justificavam a essência. (adverbial concessiva)

2. A estrela que nascia tinha tanto brilho **que a elegi minha predileta**. (adverbial comparativa)

4. **Se soubessem que ele voltaria**, ficariam tristes. (adverbial consecutiva)

8. **Se ele não veio**, não sei. (adverbial condicional)

16. Investigue **se o rapaz é de fora ou não**. (objetiva direta)

32. **Como era dia de chuva,** dormi a tarde toda. (adverbial causal)

64. Teria uma surpresa **se o elegessem deputado**. (subjetiva)

14. (PUC-RS) Dentre as orações destacadas, assinale a(s) que indica(m) circunstância de tempo:

1.«Não permita Deus que eu morra **Sem que volte pra São Paulo**.» (O. de Andrade)

2. «**Se tentasse contar-lhes a minha infância,** precisava mentir.» (G. Ramos)

4. «Passaram-se dez anos **depois que o conheci**.» (O. Lessa)

8. «(...) todos gostaram logo dele, **porque era meio doido e meio santo** (...)» (G. Rosa)

16.«**Como todo bom caloteiro**, Clarindo tinha sempre uns cobres a receber (...)» (O. Lessa)

32. **Quando a mãe apareceu**, todos se puseram a cantar.

64. «**Como as aves do céu e as flores puras**
Abro meu peito ao sol e durmo à lua.»
(A. de Azevedo)

15. (UFPR) Em que alternativas a frase tem sentido equivalente a: «Embora fosse tarde, decidimos concluir o trabalho»?

1. Apesar de ser tarde, decidimos concluir o trabalho.

2. Decidimos concluir o trabalho, contanto que fosse tarde.

4. Mesmo que fosse tarde, decidimos concluir o trabalho.

8. Decidimos concluir o trabalho, conquanto fosse tarde.

16. Uma vez que era tarde, decidimos concluir o trabalho.

32. Decidimos concluir o trabalho, entretanto era tarde.

16. (FUVEST) No período: «Ainda que fosse bom jogador**, não ganharia a partida», a oração destacada encerra idéia de:**

a) causa.

b) concessão.

c) fim.

d) condição.

e) proporção.

17. (ITA-SP) Em qual dos períodos abaixo há uma oração subordinada adverbial **que expressa idéia de concessão?**

a) Diz-se que a obra de arte é aberta; possibilita, portanto, várias leituras.

b) Pode criticar, desde que fundamente sua crítica em argumentos.

c) Tamanhas são as exigências da pesquisa científica, que muitos desistem de realizá-la.

d) Os animais devem ser adestrados, ao passo que os seres humanos devem ser educados, visto que possuem a faculdade de inteligência.

e) Não obstante haja concluído dois cursos superiores, é incapaz de redigir uma carta.

18. (UNAMA) «... onde o Mercedes produz monóxido de carbono e outros gases venenosos» é uma oração subordinada

a) adjetiva restritiva;

b) adverbial locativa;

c) adverbial temporal;

d) adverbial comparativa;

e) adverbial proporcional;

Orações reduzidas

Chama-se de REDUZIDA a oração subordinada que:

- **não se inicia por conjunção ou pronome relativo;**
- **apresenta o verbo sob uma das três formas nominais:**
  - — **infinitivo** (am**ar**)
  - — **particípio** (ama**do**)
  - — **gerúndio** (ama**ndo**)

Conforme a função que exercem em relação à outra oração (principal), serão classificadas como **substantivas**, **adjetivas** (mais raro) **ou adverbiais**.

Exemplo:

Pressentindo o mau tempo	não viajamos.
or. subord. reduzida (verbo no **gerúndio**)	or. principal

Como analisar reduzida?

Basta desdobrá-la (desenvolvê-la), utilizando-se a conjunção ou o pronome relativo.

A análise que couber à oração desdobrada (desenvolvida) caberá à reduzida.

Exemplo:

- **Pressentindo o mau tempo**, não viajamos.
  Desdobrando, teremos:
- **Porque pressentimos o mau tempo,** não viajamos.
  or. subord. adv. **causal**

Portanto:
Pressentindo o mau tempo = oração subordinada adverbial causal, reduzida de gerúndio.

Outro exemplo:

- Era bom / **ouvir** o seu barulho.
  verbo no infinitivo

Desenvolvendo:

- Era bom **que ouvisse o seu barulho.**
  or. subord. subst. subjetiva

Portanto:
ouvir o seu barulho = oração subordinada substantiva subjetiva, reduzida de infinitivo.

Reduzidas de gerúndio

Geralmente podem ser orações reduzidas de gerúndio:

- **certas orações adverbiais** (causais, concessivas, condicionais e temporais);
- **algumas orações adjetivas**;
- **algumas orações coordenadas**.

Observe:

Reduzidas de gerúndio

1. **Prevendo uma discussão intempestiva**, não propus o tema.

2. **Sendo tão bom assim**, você não venceu a partida?

3. **Falando demais**, nós perderemos o crédito dos colegas.

4. **Saindo daqui**, procure-me.

5. Vi rapazes **jogando bola na rua**.

6. A lâmpada caiu na escada, **espatifando-se** toda.

Desenvolvidas

1. **Porque previ uma discussão intempestiva**, não propus o tema. (**causa**)

2. **Embora seja tão bom assim**, você não venceu a partida? (**concessiva**)

3. **Se falarmos demais**, nós perderemos o crédito dos colegas. (**condicional**)

4. **Quando sair daqui**, procure-me. (**temporal**)

5. Vi rapazes **que jogavam bola na rua**. (**adjetiva**)

6. A lâmpada caiu na escada **e espatifou-se toda**. (**coordenada**)

Reduzidas de infinitivo

Geralmente podem ser orações reduzidas de infinitivo:

- **certas orações substantivas** (subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, completivas nominais, predicativas e apositivas);
- **certas orações adverbiais** (causais, concessivas, condicionais, finais e temporais);
- algumas orações adjetivas.

Reduzidas de infinitivo

7. É interessante **estudares mais**.

8. Nós mandamos **virem os livros**.

9. O tempo impedirá você **de vir hoje**.

10. Sou francamente favorável **a voltares hoje**.

11. A atitude mais louvável é **saíres já**.

12. Meu sonho foi sempre este: **trabalhar aqui**.

13. Seu passe foi comprado **por ser um grande goleador**.

14. Foi embora **sem desculpar-se da agressão**.

15. **A ser mentira a estória**, você poderá ser processado.

16. Só te falei isso, **a fim de te ajudar**.

17. **Ao encontrar-nos**, emocionou-se.

18. Ele não é pessoa **de desistir logo**.

Desenvolvidas

7. É interesse **que estudes mais**. (**subjetiva**)

8. Nós mandamos **que viessem os livros**. (**objet. direta**)

9. O tempo impedirá você **de que venha hoje**. (**objetiva indireta**)

10. Sou francamente favorável **a que voltes hoje**. (**completiva nominal**)

11. A atitude mais louvável é **que saias já**. (**predicativa**)

12. Meu sonho foi sempre este: **que trabalhasse aqui**. (**apositiva**)

13. Seu passe foi comprado **porque é um grande goleador**. (**causal**)

14. Foi embora **sem que se desculpasse da agressão**. (**concessiva**)

15. **Se for mentira a estória**, você poderá ser processado. (**condicional**)

16. Só te falei isso **a fim de que te ajudasse**. (**final**)

17. **Quando nos encontrou**, emocionou-se. (**temporal**)

18. Ele não é pessoa (**de**) **que desista logo**. (**adjetiva**)

Reduzidas de particípio

Geralmente podem ser orações reduzidas de particípio:

- **certas orações adverbiais** (causais, concessivas, condicionais e temporais).

Observe:

Reduzidas de particípio

19. **Dadas as suas características**, este texto é romântico.

20. **Mesmo esforçado no serviço**, ninguém reconheceria.

21. **Aprovado o projeto**, começaremos o serviço amanhã mesmo.

Desenvolvidas

19. **Porque tem essas características**, este texto é romântico. (**causal**)

20. **Mesmo que fosse esforçado no serviço**, ninguém reconheceria. (**concessiva**)

21. **Se for aprovado o projeto**, começaremos o serviço amanhã mesmo. (**condicional**)

Exercícios

1) Baseado no modelo abaixo, procure estabelecer a correta classificação das orações reduzidas:

Modelo:

Urge **tomarmos uma posição**.

Desdobramento:

Urge **que tomemos** uma decisão.

O.S.S. SUBJETIVA

1) **Chegando**, foi logo procurá-la.

desdobramento:

....

2) Vimos o mar **arrastá-lo**.

desdobramento:

....

3) Seria necessário **fazermos algo**.

desdobramento:

....

4) **Faltando água**, começaram a escavar o chão.

desdobramento:

....

....

5) Reconheço **não ser boa a vossa situação**.

desdobramento:

....

6) Há sombras **vagueando**...

desdobramento:

....

7) **Concluídos os trabalhos**, a mesa suspendeu a reunião.

desdobramento:

....

....

8) Bernardo contemplou, lá fora, as pedras **faiscando ao sol**. (Osman Lins)

desdobramento:

....

....

9) **Fazendo a sua parte**, ficará livre de culpas.

desdobramento:

....

....

10) O técnico da seleção disse **não ter armado nenhum esquema especial**.

desdobramento:

....

....

2) Transforme as orações destacadas em orações reduzidas, de acordo com o modelo. Classifique a oração obtida:

Modelo:

«**Se pudesse ver o rosto do pai, compreenderia** (...)» (G. Ramos)

Resposta: **Podendo ver o rosto do pai, compreenderia**.

(Oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio)

1. «**Quando me surpreendo ao fundo do espelho**, assusto-me.» (C. Lispector)

Resposta ....

assusto-me ....

(....)

2. O importante é **que entremos no próximo ano com tudo bem definido**.

Resposta: O importante é ....

....

(....)

3) Classifique as orações reduzidas destacadas seguindo o código que segue:

a) or. subord. adv. causal reduz. de infinitivo;

b) or. subord. adv. temporal reduz. de infinitivo;

c) or. subord. adv. final reduz. de infinitivo;

d) or. subord. subst. predicativa reduz. de infinitivo;

e) or. subord. subst. subjetiva reduz. de infinitivo;

f) or. subord. adv. temporal reduz. de particípio.

1. ( ) «**Para serenar a roda**, propus novo chope (...)» (Cyro dos Anjos)

2. ( ) «**Ao acordar**, dona Aparecida virou-se para Rufino.» (Deonisío da Silva)

3. ( ) «**Ditos os últimos adeuses**, entramos.» (M. de Assis)

4. ( ) **Por trabalhar como manobrista**, ele se dizia corredor de automóveis.

5. ( ) «A grande estupidez **é vivermos num conflito constante**.» (Cyro dos Anjos)

6. ( ) «Seria feio **não acreditar**.» (C.D.A.)

4) Classifique as orações reduzidas em destaque nos seguintes períodos:

a) «Tinha vontade **de afundar na areia**.» (Clarice Lispector)

....

b) **Precisando**, disponha.

....

....

c) **Apesar de advertido do perigo,** continuou a praticar aquele esporte.

....

....

d) **Aberta a porta**, todos saíram.

....

....

e) **Chegando ao local combinado**, só encontrou um bilhete.

....

....

....

f) **Apesar de trabalhar muito**, não estava cansado.

....

....

....

g) «**Até esbarrar com o anúncio** (**por acaso**)**,** nunca pensara em possuir cadeira de balanço.» (C.D.A.)

....

....

....

5) Faça uma revisão do período composto por subordinação e classifique as orações em destaque nos períodos abaixo:

a) «Compreendia **que o pai acabara**.»
(Clarice Lispector)

....

....

b) «Ela era uma pessoa **que já começara**...» (Clarice Lispector)

....

....

c) «E todas as noites, **quando ficasse escuro**, ela vestiria a camisola.»
(Clarice Lispector)

....

....

d) «**Sentindo necessidade imediata de ordem**, (...) apelidou-a de Pequena Flor.»
(Clarice Lispector)

....

....

....

e) «**— Mamãe, se eu botasse essa mulherzinha africana na cama de Paulinho** enquanto ele está dormindo?»
(Clarice Lispector)

....

....

....

f) «... ela era ainda menor **que o mais agudo da imaginação inventaria**.»
(Clarice Lispector)

....

....

....

g) «No coração de cada membro da família nasceu, nostálgico, o desejo **de ter para si aquela coisa miúda e indomável**...»
(Clarice Lispector)

....

....

....

h) «Ao ajeitar o capacete simbólico, **o explorador recuperou com severidade a disciplina de trabalho**.»
(Clarice Lispector)

....

....

....

6) Divida e classifique as orações dos períodos:

1. «Levantam-se às cinco horas, tomam um gole de café preto e vão para o roçado.»
(Raquel de Queiroz)

1ª Or. ....

2ª Or. ....

3ª Or. ....

2. «Só percebi que era torpedo quando aquela coluna d’água veio para cima de mim.»
(Orígines Lessa)

1ª Or. ....

2ª Or. ....

3ª Or. ....

3. «Quando eu descobrir o que me assusta, saberei também o que amo aqui.»
(Clarice Lispector)

....

....

....

....

....

4. «Roda meu carro, que é curto o caminho.» (Cecília Meireles)

....

....

....

....

....

....

5. «Um dia, como lhe dissessem que iam dar o passarinho, caso continuasse a comportar-se mal, correu para a área e abriu a porta da gaiola.» (Paulo Mendes Campos)

....

....

....

....

....

....

6. «Garantiram-me que, depois de preenchido o formulário, que me enviaram pelo correio na segunda-feira sem falta e pagar a minha taxa de inscrição, eu seria atendido em menos de quarenta e oito horas.» (F. Sabino)

....

....

....

....

....

....

....

Questões discursivas

1. (CEFET-PR) Faça conforme o modelo:

Quando se despediu, chorou copiosamente.

Ao se despedir, chorou copiosamente.

Quando terminaram a prova, todos se retiraram da sala.

....

....

2. (FUVEST) O texto que segue foi extraído de uma música de Chico Buarque. Leia-o com atenção e analise as orações reduzidas destacadas:

«Se eu demorar uns meses,
Convém às vezes **você sofrer**.
Mas, depois de um ano, **eu não vindo**,
Ponha a roupa de domingo
E pode me esquecer.»

Resposta:

a. ....

....

b. ....

....

3. (CÁSPER LÍBERO-SP) «Conhecendo os alunos, o professor não os teria castigado.» Classifique a oração: «Conhecendo os alunos.»

....

....

Testes

1. (UEPG-PR) «Terminada a tarefa, parou no meio da sala». (Érico Veríssimo)

A oração que inicia o período é:

a) principal.

b) coordenada assindética.

c) reduzida de gerúndio.

d) subordinada substantiva.

e) reduzida de particípio.

2. (CESGRANRIO) Perseguido pelo branco, o negro no Brasil escondeu as suas crenças nos terreiros das macumbas e dos candomblés.

A oração — «Perseguido pelo branco» (linha 1) — pode ser substituída, sem alteração fundamental de sentido, por:

a) Mesmo tendo sido perseguido pelo branco.

b) Por ter sido perseguido pelo branco.

c) Apesar de perseguido pelo branco.

d) Antes de ser perseguido pelo branco.

e) Até sendo perseguido pelo branco.

3. (UEL-PR) No período: «Eu creio que tenho dado provas de não ser nenhum ignorante», a última oração é:

a) reduzida de infinitivo, subordinada substantiva completiva nominal.

b) reduzida de particípio, subordinada adverbial final.

c) reduzida de infinitivo, subordinada substantiva objetiva indireta.

d)reduzida de particípio, subordinada adjetiva restritiva.

e) reduzida de infinitivo, subordinada substantiva predicativa.

4. (UEPG-PR) Marque a alternativa em que se encontra a oração reduzida de infinitivo, substantiva objetiva direta:

a) Tenho esperança de seres aprovado.

b) Ao chegar, o candidato foi ovacionado.

c) Nada me impede de ir agora.

d) Recomendo-te seres paciente.

e) n.d.a.

5. (UFPR) Dizer é urgente ele vir **é o mesmo que dizer:**

a) Urgia que ele viesse.

b) Urge que ele viesse.

c) É urgente que ele viesse.

d) É urgente que ele venha.

e) Urgia a vinda dele.

6. (PUC-RS) «No Peru, as crianças, ao nascerem**, têm o berço embalado pelas vibrações da terra».**

No período acima, as palavras em destaque:

a) não constituem oração, porque o período é simples.

b) formam uma locução verbal.

c) formam uma oração subordinada adverbial temporal.

d) têm a função de adjunto adverbial de tempo.

e) constituem a oração principal.

7. (UFMG) A oração reduzida está corretamente desenvolvida em todas as alternativas, exceto em:

a) Mesmo correndo muito, não alcançarás o expresso da meia-noite. **Se corres muito**, não alcançarás o expresso da meia-noite.

b) Assentando-te aqui, não verás os jogadores. **Se te assentares aqui**, não verás os jogadores.

c) Estando ela de bom humor, a noite era das melhores. **Quando ela estava de bom humor**, a noite era das melhores.

d) Chegando a seca, não se colheria um só fruto. **Quando chegasse a seca**, não se colheria um só fruto.

e) No princípio, querendo impor-se, adotava atitudes postiças. No princípio, **porque queria impor-se**, adotava atitudes postiças.

8. (UFSC) No período: «Bentinho seria metido no seminário para não mais se encontrar com Capitu**», a oração destacada é:**

a) subordinada adverbial final.

b) subordinada adverbial consecutiva.

c) subordinada adverbial proporcional.

d) subordinada adverbial comparativa.

e) subordinada adverbial concessiva.

9. (SANTA CECÍLIA-SP) Todas as orações destacadas nos itens abaixo são subordinadas reduzidas. Assinale o item cuja oração destacada se classifica como subordinada reduzida do particípio adverbial condicional:

a) «**Feita a partilha**, Leão tomou a palavra.»

b) «**Armado com tais provas**, até que eu o enfrentaria.»

c) «A tropa, **acampada às margens do Iguaçu**, foi surpreendida.»

d) «Ernestina estava certa **de ser amiga**.»

e) «**Transposto o rio**, seguimos viagem.»

10. (MACK-SP) No período «Eu creio que tenho dado provas de não ser nenhum ignorante», a última oração é:

a) reduzida de particípio subordinada adverbial final.

b) reduzida de infinitivo subordinada substantiva completiva nominal.

c) reduzida de infinitivo subordinada substantiva objetiva indireta.

d) reduzida de particípio subordinada adjetiva restritiva.

e) reduzida de infinitivo subordinada substantiva predicativa.

11. (UFDF) A oração destacada em «mas sou forçado a escrever», classifica-se como:

a) subordinada adverbial final.

b) subordinada substantiva completiva nominal.

c) subordinada substantiva objetiva indireta.

d) subordinada adverbial causal.

12. (UFPE) Assinale a(s) alternativa(s) em que a forma reduzida permanece fiel à desenvolvida e some os valores:

1. Que não podes sair é verdade. = Não poderes sair é verdade.

2. Não permitais que eles o vejam. = Não lhe permitais vê-los.

4. Quando te viu, escapou. = Tendo te visto, escapou.

8. Para que não saias, aqui estamos. = Para não sairdes, aqui estamos.

16. Vendo-te, lembrei o fato. = Quando lhe vi, lembrei o fato.

32. Havia apenas um meio de ajudá-la: contar-lhe a verdade. = Havia apenas um meio de ajudá-la: que a verdade lhe fosse contada.

(ITA-SP) Instruções para as questões 13 e 14.

Para que os enunciados soltos, apresentados nas questões 13 e 14, se reduzam a um só período, algumas adaptações são necessárias. Escolha a alternativa em que encontramos a estrutura que estilística e gramaticalmente expressa, com a necessária clareza, ênfase e correção, a relação de sentido sugerida nos parênteses.

13. I. Conheço um florentino esguio e rijo. (Oração principal).

II. Um punhal é esguio e rijo. (Indicação de uma comparação).

III. Ele condena a guerra com o espírito. (Atributo do objeto direto de «I» = Oração subordinada adjetiva).

IV. Ele a ama desesperadamente com a alma. (Oposição à idéia do predicado de «III»).

a) O florentino que conheço, esguio e rijo como um punhal, condena a guerra com o espírito, embora a ame com a alma.

b) Conheço um florentino que, esguio e rijo como um punhal, condena a guerra com o espírito, mas a ama com a alma.

c) Conheço um florentino que é esguio e rijo como um punhal, e ele, condenando a guerra com o espírito, a ama com a alma.

d) Conheço um florentino esguio e rijo como um punhal que condena a guerra com o espírito e a ama com a alma.

e) Um florentino, que é esguio e rijo como um punhal, e que é conhecido por mim, condena a guerra com o espírito mas a ama desesperadamente com a alma.

14. I. Houve certa vez uma festa no céu (Atributo do Adjunto Adverbial de III, sugerido pelo verbo «ir»).

II. Todos os animais compareceram a ela. (Atributo do Objeto Direto de I, oração subordinada adjetiva).

III. O cágado não pôde ir. (Oração Principal).

IV. O cágado anda muito devagar. (Causa de III).

a) Na festa que houve, certa vez, no céu, todos os animais compareceram, exceto o cágado que, por andar muito devagar, não pôde se fazer presente.

b) Houve, certa vez, uma festa no céu em que compareceram todos os bichos, menos o cágado, que anda muito devagar e por isso não pôde ir nela.

c) Certa vez houve uma festa no céu; todos os bichos lá foram; com exceção do cágado, o qual não pôde ir porque andava muito devagar.

d) Com exceção do cágado que, como andava muito devagar, não pôde ir na festa, todos os bichos compareceram na mesma.

e) Por andar muito devagar, o cágado não pôde ir à festa que certa vez houve no céu, à qual compareceram todos os bichos.

Respostas da unidade 25 — Análise Sintática – Orações Subordinadas Substantivas

Exercícios — pág. 345

1) — 1. OD 2. OI 3. OI 4. CN 5. CN 6. APO 7. SUJ. 8. PRED. SUJ. 9. OD 10. OD.

2) — b) É importante que todos aceitem. (subj.) c) Queremos que todos compareçam. (OD) d) Precisamos de que ajudes. (OI) e) Sou favorável a que você renuncie. (CN) f) Algumas tribos temiam que o inverno chegasse. (OD) g) Insistiam em que o aluno participasse. (OI) h) Era urgente que o diretor aprovasse. (subj.)

3) — 1.B 2.A 3.C 4.D 5.A 6.E 7.B 8.B 9.A 10.A 11.A 12.F 13.A 14.D 15.B.

4) — 2... a sua desistência. 3... a valorização do produto. 4.... de sua recuperação. 5... da mentira da propaganda.

5) — 1. OD 2. SUBJ. 3. PRED. 4. CN 5. APO 6. PRED.

Questões discursivas — pág. 347

1) Convém-nos que ele intervenha.
2) Percebeu a aproximação dos homens.
3) O.S.S. Obj. Ind.
4) O.S.S. Obj. Dir.
5) O.S.S. Subjetiva.
6) O.S.S. Obj. Dir./O.S.S. Compl. Nom.
7) O.S.S. Obj. Dir.
8) que a escrava é...

Testes — pág. 347

1 - b
2 - d
3 - c
4 - a
5 - d
6 - b
7 - b
8 - c
9 - a
10 - b
11 - d
12 - a
13 - 11
14 - 48
15 - 17

Orações adjetivas

Exercícios — pág. 351

1) — I) que eram maiores II) que foram divulgadas III) que não se perdoam IV) que criam caso V) que produzem feijão.

2) — a) ilegível b) indestrutível c) insípida d) insosso e) indelével f) irrealizável g) inodora h) incompreensível.

3) — a) OD b) SUJ. c) OD d) SUJ e) ADJ. ADV. LUGAR f) OD g) OI.

4) — 1.E 2.A 3.B 4.A 5.G 6.B 7.D 8.A 9.G 10.E 11.A 12.D 13.A 14.G 15.B 16.C.

5) — 1.... de que estava precisando. 2.... a quem o técnico escalara na última hora.

Questões discursivas — pág. 353

1) ... determinantes do comportamento do povo.

2) a) O Mar Vermelho banha Israel. b) Or. Sub. Adj. Explicat.

3) a) O.S. Adj. Restritiva b) O.S. Adj. Explicativa.

4) a) O.S. Adj. Restr. b) O.S. Adj. Explic.

5) I) Os autores, cujos livros continham críticas ao governo, foram expulsos do país.

II) Os fatos a que me refiro no artigo «Miséria e Fome» ocorreram no Nordeste.

III) Construímos uma sociedade injusta, cuja legislação é boa.

IV) O vestibular, por cuja barreira deverão passar todos os que aspiram aos cursos superiores, é composto de inúmeras conseqüências.

6) B, D, A, E, C, B.

Testes — pág. 354

1 - a
2 - d
3 - a
4 - e
5 - e
6 - e
7 - d
8 - a
9 - a
10 - e
11 - c
12 - 33

Orações adverbiais

Exercícios — pág. 358

1) — B, C, D, B. D

2) — C, D, A, F, E, B

3) — a) compar. b) temporal c) causal d) concessiva e) consecutiva f) causal g) condic. h) proporc.

4) — a) causa b) conseqüência c) conformidade d) tempo e) condição f) comparação

5) — 1. relação de causa 2. rel. de conseqüência 3. rel. de concessão 4. rel. de finalidade 5. rel. de condição 6. rel. de proporção 7. rel. de tempo 8. rel. de comparação 9. rel. de conformidade.

Questões discursivas — pág. 360

1) a) embora (concessão) b) que (conseqüência) c) quanto mais (proporcionalidade).

2) conseqüência.

3) a) causa b) conformidade c) comparação.

Testes — pág. 361

1 - e
2 - b
3 - e
4 - e
5 - e
6 - d
7 - c
8 - b
9 - b
10 - b
11 - b
12 - c
13 - 49
14 - 36
15 - 13
16 - b
17 - e
18 - a

Orações reduzidas

Exercícios — pág. 366

1)— 1) Quando chegou, ... (O.S. Adv. Temporal Red. Ger.)

2) ... que o arrastava. (O.S. Adj. Restr. Red. Infin.)

3) ... que fizéssemos algo. (O.S.S. Subjet. Red. Infin.)

4) Quando faltou água, ... (O.S. Adv. Temporal Red. Ger.)

5) ... que a vossa situação não é boa. (O.S.S. Obj. Dir. Red. Infin.)

6) ... que vagueiam. (O.S. Adj. Restr. Red. Ger.)

7) Quando concluíram ... (O.S. Adv. Temporal Red. Partic.)

8) ... que faiscavam ao sol. (O.S. Adj. Restr. Red. Ger.)

9) Se você fizer a sua parte, ... (O.S. Adv. Condicional Red. Ger.)

10) ... que não armou nenhum esquema especial. (O.S.S. Obj. Dir. Red. Infin.)

2)— 1) Surpreendendo-me ao fundo ... (O.S. Adv. Tempo. Red. Ger.)

2) ... é entrarmos no próximo ano... (O.S. Subst. Predic. Red. Inf.)

3) — C, B, F, A, D, E

4)— a) O.S.S. Compl. Nom. Red. Inf. b) O.S. Adv.Condic. Red. Ger. c) O.S. Adv. Concessiva Red. Partic. d) O.S. Adv. Tempor. Red. Partic. e) O.S. Adv. Tempor. Red. Ger. f) O.S. Adv. Concessiva Red. Infin. g) O.S. Adv. Tempor. Red. Infin.

5)— a) O.S. Subst. O.D. b) O.S. Adj. Restr. c) O.S. Adv. Temporal d) O.S. Adv. Causal Red. Ger. e) O.S. Adv. Condic. f) O.S. Adv. Comparat. g) O.S. Subst. Compl. Nom. Red. Infin. h) Or. Principal.

6)— 1) 1ª Levantam-se às cinco horas — coord. assind.
2ª tomam um gole de café preto — coord. assind.
3ª e vão para o roçado — coord. sind. aditiva.

2) 1ª Só percebi — Or. Principal.
2ª que era torpedo — O.S.S. O.D. e Or. Princ. da 3ª
3ª quando aquela coluna d'água veio. — O. S. Adv. Temporal

3) 1ª Saberei também — Or. Princ.
2ª O que amo aqui — O.S. Adj. Restr e Or. Princ. da 3ª
3ª quando eu descobrir — O.S. Adv. Tempor. e Or. Princ. da 4ª
4ª o que me assusta — O.S. Adj. Restr.

4) 1ª Roda meu carro — coord. assind. 2ª que é curto o caminho — coord. sind. explicat.

5) 1ª Um dia correu para a área, coord. assind.
2ª e abriu a porta da gaiola — coord. sind. adit. e Or. Princ. da 3ª
3ª como lhe dissessem — O.S. Adv. Causal e Or. Princ. da 4ª
4ª que iam dar o passarinho — O.S.S.O.D. e Or. Princ. da 5ª
5ª caso continuasse a comportar-se mal — O.S. Adv. Condicional.

6) 1ª Garantiram-me — Or. Princ.
2ª que eu seria atendido em menos... — O.S.S. O.D.
3ª depois de preenchido o formulário — O.S. Adv. Tempor. e Princ. da 4ª
4ª que me enviaram pelo correio... — O.S Adj. Restr.
5ª e pagar a minha taxa de inscrição — coord. sind. adit. (em relação à 3ª) e sub. adv. tempor. (em relação à 1ª).

Questões discursivas — pág. 369

1) Ao terminarem a prova, todos...
2) a) O.S.S. Subjetiva Red. Infin. b) O.S. Adv. Condicional Red. Ger.
3) O.S. Adv. Condicional Reduzida de Gerúndio.

Testes — pág. 369

1 - e
2 - b
3 - a
4 - d
5 - d
6 - c
7 - a
8 - a
9 - b
10 - b
11- b
12 - 36
13 - b
14 - e

http://dx.doi.org/10.1590/2176-457332148

PINKER, Steven. Guia de escrita; como conceber um texto com clareza, precisão e elegância [The Sense of Style: The Thinking Person's Guide to Writing in the 21st Century][1]. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2016. 252 p.

Sirio Possenti[*]

Steven Pinker
Guia de Escrita
COMO CONCEBER UM TEXTO COM CLAREZA, PRECISÃO E ELEGÂNCIA
editoracontexto

---

[1] TN. This review is about the book translated into Portuguese and published in Brazil in 2016. The original work was published in English in 2014 and its full reference is: PINKER, S. The Sense of Style: The Thinking Person's Guide to Writing in the 21st Century. New York: Penguin, 2014.

[*] Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, São Paulo, Brazil; CNPq 3062218/2013-5; siriopossenti@gmail.com

Some books should not be reviewed. This is one of them, not because it does not deserve to be presented to a readership of experts or otherwise, but because it is preceded by the translator's prologue, which could well serve as a review. It is probably because of a business issue that it is not published here, as if it were now another genre. But as readers will only know the prologue if they have the book in hand, let this review also work as an advertisement of it.

The book title [in the Portuguese translation] can be deceiving, because it resonates other works that are out there and promise a textual heaven with tips such as "be brief, clear and original."[2]

Now, to a certain extent this is what this book is about, but its fundamentals are not simple; they do not appeal to an act of will or a decision to be made on the day of writing. The most interesting feature in the work are the explanations, once the "facts" are known. In the next lines of this review, I provide a brief note on each chapter.

The prologue is first a defense of the living language, much opposed by authors of style manuals (a curiosity is the quotation of six authors concerned with the decline of languages that repeat the same discourse in 1785, 1883, 1889, 1917, 1961, 1978). Secondly, it is an elegy to beauty, which comes after Pinker's claim that having style brings confidence. Perhaps it is due to a certain difficulty (unfamiliarity?) with writing that many people say that everything is ready and done and that it is "only necessary to write something down" ... Pinker can help them.

The first chapter is, in its turn, a defense of stylistic learning. Its motto is "No one is born with skills in English composition per se." Those skills are an outcome of several factors, including the writing of good authors (if you do not read them, you can give up writing well). But Pinker does not advocate that everything stems from familiarity, which would fuel an intuition arising from immersion. He analyzes a set of short passages that he considers examples of good writing, and explains (we will show why further on) what makes them exemplary in detail. He argues that this type of analysis leads a writer to master writing with clarity, accuracy and style. In other words, the knowledge of the language resources contributes to writing improvement. There is something of taste and predilection in a writer's choices and analyses, but there is clearly more explicitness of the ingredients that the good writer must take into consideration. This means that he/she manipulates them consciously.

---

[2] TN. The author is analyzing the title of the translation published in Brazil, which could be literally translated as "Writing Handbook: How to Produce a Text with Clarity, Accuracy and Style".

The second chapter revisits some famous manuals that bring theses that are correct but little explained, always followed by well-known prejudices (such as the ones that criticize the writings found on the internet based on mere purism, failing to realize not only that languages change, but especially that the internet is integrating much of humanity into the world of writing). It also refers to strange lessons in the manuals, such as recommendations on not using the passive voice, followed by one...

Futhermore, the second chapter defends a rather interesting thesis: to write is to show the world. That is, it is not a relation between (the author's or the reader's) language and thought, which would, for example, require clear ideas, but the possibility of "showing the world," which more clearly implies "words and things" (without any naivety). It also strongly implies the reader, because it is about showing him/her the world. This is how the success of the text is measured. Descartes (*Discourse on Method* could undoubtedly be read like a model of writing) and La Rochefoucauld would be the models: curiously, two French authors. Perhaps it is no wonder the ideology of clarity of the French (as Lacan can tell!) has made a fortune ... Examples are: instead of "Prevention of neurogenesis diminished social avoidance," state "When we prevented neurogenesis, the mice no longer avoided other mice." Or instead of "It may be that some missing genes are more contributive to the spatial deficit," write "Perhaps some missing genes contribute to the spatial deficit" (PINKER, 2014, p.50).

The third chapter foregrounds another issue that may be considered old, but is approached in a fresh manner. The reader is usually blamed for the incomprehension of the texts, but Pinker shows that this is often the author's fault. It is not because the author is (even when it is the case) unaware or has little knowledge of writing, in the traditional sense. The failure has to do with the fact that the author does not "choose" his reader, does not take into account his universe - his memory or his knowledge of the world, according to theory. Thus, he suppresses assumptions, always beginning *in media res* or in the wrong part. It is not that the reader does not understand the sentences or the language or even does not realize what it is about: he/she just cannot relate what he/she reads to his/her previous knowledge. We all go through this: be it in a query to the computer problem solver, who soon asks us about details of the operating systems; be it in a conversation with lawyers who ask about alternatives in the contract (Are there alternatives?); be it regarding the speech of a physicist who thinks everyone knows what quantum is ... (Incidentally, it is one of the phenomena that is parallel to this issue. Although Pinker does not address it, this is exactly how much - no pun intended - a reader might think he/she is modern because of his/her quantum diet). Pinker refers to the result of a mismatch between text and reader, because of the author, as the "curse of knowledge." It is clear that one can complain of Pinker, thinking that he is stating that the author should always put himself/herself at the level of the reader, forgetting that the reader addressed by a text is different from the empirical reader, that the reader should change texts when he/she cannot read it properly. But Pinker is consistent, whether one agrees with him or not: he thinks writing is showing the world, not assuming that the reader has an X-ray vision...

The following chapter (if I keep using "following," I can achieve something in terms of style if repetition is considered a flaw, but the reader loses because he/she will have to go back to find its precise place in the book, unless he/she has good memory[3]; would it be better to say "fourth chapter"?) is of interest perhaps more to linguists, especially syntacticians. Pinker takes into consideration many cases that could be qualified as ambiguous, but the problem is not to describe the ambiguity, especially that arising from the possibility that constituents occupy alternative nodes in a tree. The problem is to show how this can present the world to the reader in an obscure way. That is, it is not describing the possibilities of displacements, but the effect they produce. It is not describing a property of the syntax, but drawing consequences from it in favor of clarity. He does what he says and proves it – on the tree. Everybody has learned at school (at least in the past) that phrases like "pentes para mulheres de osso" ["combs for bone women" or "bone combs for women"] are vicious, but they never told us that there was a syntactic theory that explained it (and neither does Pinker). Better yet: they could explain to us that if we want to be clear, to save the reader's energy, we should say "bone combs for women" because "bone" qualifies combs (in the world!!), because the expression is contiguous to the name to which it refers, and contiguity is relevant. Therefore, if we say "pentes para mulheres de osso" ["combs for bone women" or

---

[3] Pinker would probably disapprove of everything in parentheses...

"bone combs for women"], it may happen, as a contiguity effect, that we imagine bone women. This is what Pinker has overlooked, and it can be great if we want to make jokes... because, as we all know, they crucially depend on surprising senses, which do not need to show the world - or at least the same world. Pinker's best example, also a bit funny, is "a panel on sex with four professors." Pinker organizes the sentence constituents in a tree (below I only show the essential):

[a pannel] [on sex with four professors].

and

[a pannel with four professors] [on sex].

"With four professors" is a sequence that can be related to sex or pannel, depending on the contiguity. Each phrase shows a different world. At least at first sight. Choose the world you want to show and add "with four professors" in the most appropriate place for your purpose.

The fifth and last chapter, entitled "Arcs of Coherence," as the title indicates, is about coherence (in the current sense of text linguistics), but since it is about clarity and style, the reader will soon realize that, similar to the previous chapter, it is about showing the world. That is: the issue is clarity. In this chapter, the texts analyzed are more extensive, which makes it difficult to present them on a review, but some examples show what it is: without losing sight of what could be called macro-structures, it is in the micro-level that the book insists the most.

For example, it recommends avoiding sentences such as "My mother wants to have the dog's tail operated on again, and if it doesn't heal this time, she'll have to be put away," in which the last "she" can evoke the mother; it is better to repeat "the dog." The same can be observed in "Guilt, vengeance and bitterness can be emotionally destructive to you and your children. You must get rid of them." There is certainly a set of reasons that will lead one to interpret "them" as reassigning the three feelings listed at the beginning of the sentence, not "your children." But it is true that the world seems a bit opaque here. The difference between these examples and those of syntax, when the matter is the position of a constituent, adjacent or not to an element to which it refers, is that it is the structure of the language – and here we are on the other level, that of the Text (an issue never quite resolved, although the distinction seems obvious). Let it be clear that Pinker does not neglect the macro-structures. As I mentioned before, it would take a lot of space to expose some of Pinker's analyses, which are diverse and very interesting. And the reading of the book would be dispensable, which is the opposite of what the goal of a review is.

In the prologue, the translator warns the reader that the last chapter has not been translated. It deals with correction. The main virtue of the chapter, according to Ilari, is that it calls into question the criteria of correction, often purist or nostalgic. A subject that, I would say, we know well. Not that things are clear to everyone, because it is during correction that heads roll (whether in the ENEM,[4] or in college admission exams, or in schools). In a way, the chapter is missing. However, the reader, if he/she looks for it, will find good replacements in Brazil.

The book is a manual to academic, journalistic and propaganda writing. Certainly, it is not intended to be a guide to write poetry or humor. These are things you may not learn "at school," although in some cases you just have to turn the key.

Translated by Bruna Lopes-Dugnani – blopesdugnani@gmail.com

Received March 13,2017

Accepted June 16,2017

---

[4] NT. Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) is a non-mandatory and standardized Brazilian national exam that evaluates high school students in Brazil. In addition, it has been used as an admission test for enrollment in many federal universities and educational institutes since 2009.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Sintaxe..2
  Problemas de Construção de Frases..2
    Sujeito Preposicionado..2
    Frases Fragmentadas..2
    Erros de Paralelismo..3
    Erros de Comparação..3
    Ambiguidade..3
    Concordância..4
    Concordância Verbal..4
    Concordância Nominal..5
    Regência..5
    Pontuação..5
    Semântica..5

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Sintaxe

Problemas de Construção de Frases

A clareza e a concisão na forma escrita são alcançadas principalmente pela construção adequada da frase, "a menor unidade autônoma da comunicação", na definição de Celso Pedro Luft (1989, p. 11).

A função essencial da frase é desempenhada pelo predicado, que, para Adriano da Gama Kury (1959, p. 153), pode ser entendido como "a enunciação pura de um fato qualquer". Sempre que a frase possuir pelo menos um verbo, recebe o nome de período, que terá tantas orações quantos forem os verbos não auxiliares que o constituem.

Outra função relevante é a do sujeito – mas não indispensável, pois há orações sem sujeito, ditas impessoais –, de quem se diz algo, cujo núcleo é sempre um substantivo. Sempre que o verbo o exigir, teremos nas orações substantivos (nomes ou pronomes) que desempenham a função de complementos (objetos direto e indireto, predicativo e complemento adverbial). Função acessória desempenham os adjuntos adverbiais, que vêm geralmente ao final da oração, mas que podem ser ou intercalados aos elementos que desempenham as outras funções, ou deslocados para o início da oração.

Temos, assim, a seguinte ordem de colocação dos elementos que compõem uma oração (os parênteses indicam os elementos que podem não ocorrer):

(sujeito) - verbo - (complementos) - (adjunto adverbial)

Os problemas mais frequentemente encontrados na construção de frases dizem respeito à má pontuação, à ambiguidade da ideia expressa, à elaboração de falsos paralelismos, erros de comparação etc. Decorrem, em geral, do desconhecimento da ordem das palavras na frase. Indicam-se, a seguir, alguns desses defeitos mais comuns e recorrentes na construção de frases, registrados em documentos oficiais.

Sujeito Preposicionado

Como dito, o sujeito é o ser de quem se fala ou que executa a ação enunciada na oração. De acordo com a gramática normativa, o sujeito da oração não pode ser preposicionado. Ele pode ter complemento, mas não ser complemento. Devem ser evitadas, portanto, construções com sujeito preposicionado, como:

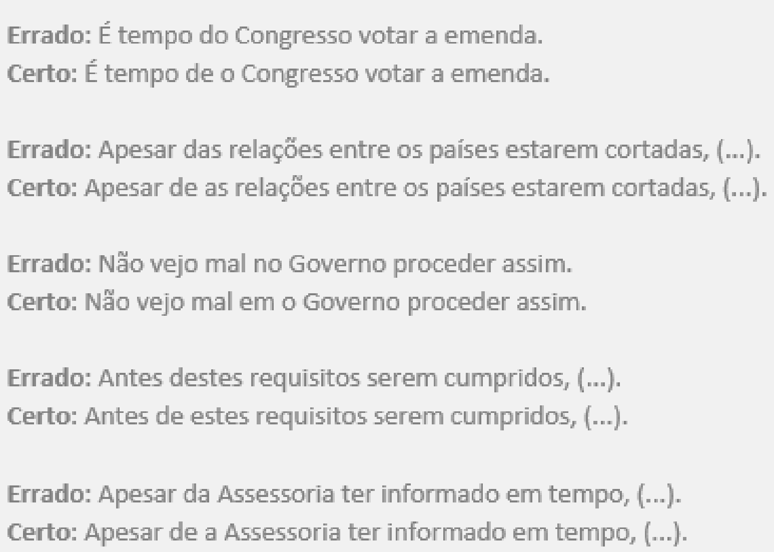

Errado: É tempo do Congresso votar a emenda.
Certo: É tempo de o Congresso votar a emenda.

Errado: Apesar das relações entre os países estarem cortadas, (...).
Certo: Apesar de as relações entre os países estarem cortadas, (...).

Errado: Não vejo mal no Governo proceder assim.
Certo: Não vejo mal em o Governo proceder assim.

Errado: Antes destes requisitos serem cumpridos, (...).
Certo: Antes de estes requisitos serem cumpridos, (...).

Errado: Apesar da Assessoria ter informado em tempo, (...).
Certo: Apesar de a Assessoria ter informado em tempo, (...).

Frases Fragmentadas

A fragmentação de frases "consiste em pontuar uma oração subordinada ou uma simples locução como se fosse uma frase completa" (MORENO; GUEDES, 1988, p. 68). Decorre da pontuação errada de uma frase simples. Embora seja usada como recurso estilístico na literatura, a fragmentação de frases deve ser evitada nos textos oficiais, pois muitas vezes dificulta a compreensão.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Errado: O Programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional. Depois de ser longamente debatido.

Certo: O Programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional, depois de ser longamente debatido.

Certo: Depois de ser longamente debatido, o Programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional.

Errado: O Projeto de Convenção foi oportunamente submetido ao Presidente da República, que o aprovou. Consultadas as áreas envolvidas na elaboração do texto legal.

Certo: O Projeto de Convenção foi oportunamente submetido ao Presidente da República, que o aprovou, consultadas as áreas envolvidas na elaboração do texto legal.

Erros de Paralelismo

Uma das convenções estabelecidas na linguagem escrita “consiste em apresentar ideias similares numa forma gramatical idêntica”(MORENO; GUEDES, 1988, p. 74), o que se chama de paralelismo. Assim, incorre-se em erro ao conferir forma não paralela a elementos paralelos.

Errado: Pelo ofício circular, recomendou-se aos Ministérios economizar energia e que elaborassem planos de redução de despesas.

Nessa frase, temos, nas duas orações subordinadas que completam o sentido da principal, duas estruturas diferentes para ideias equivalentes: a primeira oração (economizar energia) é reduzida de infinitivo, enquanto a segunda (que elaborassem planos de redução de despesas) é uma oração desenvolvida introduzida pela conjunção integrante “que”.

Há mais de uma possibilidade de escrevê-la com clareza e correção; uma seria a de apresentar as duas orações subordinadas como desenvolvidas, introduzidas pela conjunção integrante “que”:

Certo: Pelo ofício circular, recomendou-se aos Ministérios que economizassem energia e (que) elaborassem planos para redução de despesas.

Outra possibilidade: as duas orações são apresentadas como reduzidas de infinitivo:

Certo: Pelo ofício circular, recomendou-se aos Ministérios economizar energia e elaborar planos para redução de despesas.

Nas duas correções, respeita-se a estrutura paralela na coordenação de orações subordinadas.

Erros de Comparação

A omissão de certos termos, ao fazermos uma comparação, omissão própria da língua falada, deve ser evitada na língua escrita, pois compromete a clareza do texto: nem sempre é possível identificar, pelo contexto, o termo omitido. A ausência indevida de um termo pode impossibilitar o entendimento do sentido que se quer dar a uma frase:

Errado: O salário de um professor é mais baixo do que um médico.

A omissão de termos provocou uma comparação indevida: o salário de um professor com um médico.

Certo: O salário de um professor é mais baixo do que o salário de um médico.

Certo: O salário de um professor é mais baixo do que o de um médico.

Ambiguidade

Ambígua é a frase ou oração que pode ser tomada em mais de um sentido. Como a clareza é requisito básico de todo texto oficial, deve-se atentar para as construções que possam gerar equívocos de compreensão.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

A ambiguidade decorre, em geral, da dificuldade de identificar-se a que palavra se refere um pronome que possui mais de um antecedente na terceira pessoa. Pode ocorrer com:

a) Pronomes pessoais:

Ambíguo: O Ministro comunicou a seu secretariado que ele seria exonerado.
Claro: O Ministro comunicou a própria exoneração a seu secretariado.

Ou então, caso o entendimento seja outro:

Claro: O Ministro comunicou a seu secretariado a exoneração deste (o pronome deste retoma o último elemento citado, no caso, o secretariado).

b) Pronomes possessivos e pronomes oblíquos:

Ambíguo: O Deputado saudou o Presidente da República, em seu discurso, e solicitou sua intervenção no seu Estado, mas isso não o surpreendeu.

Observe-se que o excesso de ambiguidade no exemplo acima dificulta a compreensão da frase.

Claro: Em seu discurso, o Deputado saudou o Presidente da República. No pronunciamento, solicitou a intervenção federal no Estado de Minas Gerais, o que não surpreendeu o Chefe do Poder Executivo.

c) Pronome relativo:

Ambíguo: Roubaram a mesa do gabinete em que eu costumava trabalhar.

Não fica claro se o pronome relativo da segunda oração se refere à mesa ou ao gabinete. Essa ambiguidade se deve ao pronome relativo “que”, sem a marca de gênero. A solução é recorrer às formas “o qual”, “a qual”, “os quais”, “as quais”, que marcam gênero e número.

Claro: Roubaram a mesa do gabinete no qual eu costumava trabalhar.

Se o entendimento é outro, então:

Claro: Roubaram a mesa do gabinete na qual eu costumava trabalhar.

Há, ainda, a ambiguidade decorrente da dúvida sobre a que se refere a oração reduzida:

Ambíguo: Sendo indisciplinado, o Chefe advertiu o funcionário.

Para evitar a ambiguidade do exemplo acima, deve-se deixar claro qual o sujeito da oração reduzida.

Claro: O Chefe advertiu o funcionário por ser este indisciplinado.
Ambíguo: Depois de examinar o paciente, uma senhora chamou o médico.
Claro: Depois que o médico examinou o paciente, foi chamado por uma senhora.

Concordância

A concordância é o processo sintático segundo o qual certas palavras se acomodam, na sua forma, às palavras de que dependem. Essa acomodação formal se chama flexão e se dá

quanto a gênero e número (nos adjetivos – nomes ou pronomes), números e pessoa (nos verbos). Daí, a divisão: concordância nominal e concordância verbal.

Concordância Verbal

Regra geral: o verbo concorda com seu sujeito em pessoa e número.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

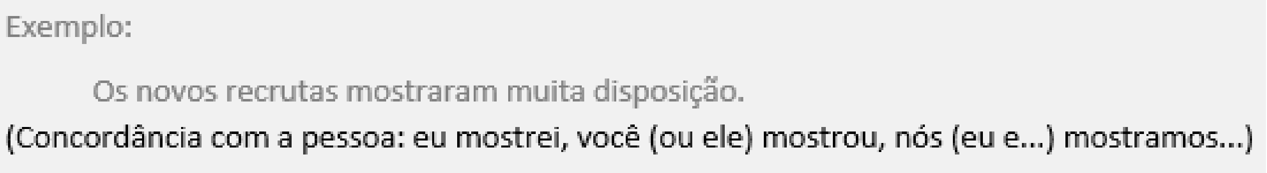

Exemplo:

Os novos recrutas mostraram muita disposição.

(Concordância com a pessoa: eu mostrei, você (ou ele) mostrou, nós (eu e...) mostramos...)

Concordância Nominal

Regra geral: adjetivos (nomes ou pronomes), artigos e numerais concordam em gênero e número com os substantivos de que dependem.

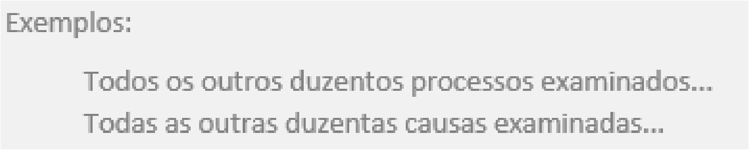

Exemplos:

Todos os outros duzentos processos examinados...

Todas as outras duzentas causas examinadas...

Regência

Regência é, em gramática, sinônimo de dependência, subordinação. Assim, a sintaxe de regência trata das relações de dependência que as palavras mantêm na frase. Dizemos que um termo rege o outro que o complementa. Numa frase, os termos regentes ou subordinantes (substantivos, adjetivos, verbos) regem os termos regidos ou subordinados (substantivos, adjetivos, preposições) que lhes completam o sentido.

Pontuação

Os sinais de pontuação, ligados à estrutura sintática, têm as seguintes finalidades:

a) assinalar as pausas e as inflexões da voz (a entoação) na leitura;

b) separar palavras, expressões e orações que, segundo o autor, devem merecer destaque; e

c) esclarecer o sentido da frase, eliminando ambiguidades.

Semântica

A Semântica estuda o sentido das palavras, expressões, frases e unidades maiores da comunicação verbal, os significados que lhe são atribuídos. Ao considerarmos o significado de determinada palavra, levamos em conta sua história, sua estrutura (radical, prefixos, sufixos que participam da sua forma) e, por fim, o contexto em que se apresenta.

Sendo a clareza um dos requisitos fundamentais de todo texto oficial, deve-se atentar para a tradição no emprego de determinada expressão com determinado sentido. O emprego de expressões ditas de uso consagrado confere uniformidade e transparência ao sentido do texto. Mas isso não quer dizer que os textos oficiais devam limitar-se à repetição de chavões e de clichês.

Verifique sempre o contexto em que as palavras estão sendo utilizadas. Certifique-se de que não há repetições desnecessárias ou redundâncias. Procure sinônimos ou termos mais precisos para as palavras repetidas; mas se sua substituição for comprometer o sentido do texto, tornando-o ambíguo ou menos claro, não hesite em deixar o texto como está.

É importante lembrar que o idioma está em constante mutação. A própria evolução dos costumes, das ideias, das ciências, da política, enfim da vida social em geral, impõe a criação de novas palavras e de formas de dizer. Na definição de Serafim da Silva Neto, a língua:

[...] é um produto social, é uma atividade do espírito humano. Não é, assim, independente da vontade do homem, porque o homem não é uma folha seca ao sabor dos ventos veementes de uma fatalidade desconhecida e cega. Não está obrigada a prosseguir na sua trajetória, de acordo com leis determinadas, porque as línguas seguem o destino dos que as falam, são o que delas fazem as sociedades que as empregam. (SILVA NETO, 1986, p. 18).

> [...] é um produto social, é uma atividade do espírito humano. Não é, assim, independente da vontade do homem, porque o homem não é uma folha seca ao sabor dos ventos veementes de uma fatalidade desconhecida e cega. Não está obrigada a prosseguir na sua trajetória, de acordo com leis determinadas, porque as línguas seguem o destino dos que as falam, são o que delas fazem as sociedades que as empregam. (SILVA NETO, 1986, p. 18).

A redação oficial não pode alhear-se dessas transformações, nem incorporá-las acriticamente. Quanto às novidades vocabulares, por um lado, elas devem sempre ser usadas com critério, evitando-se aquelas que podem ser substituídas por vocábulos já de uso consolidado sem prejuízo do sentido que se lhes quer dar.

De outro lado, não se concebe que, em nome de suposto purismo, a linguagem das comunicações oficiais fique imune às criações vocabulares ou a empréstimos de outras línguas. A rapidez do desenvolvimento tecnológico, por exemplo, impõe a criação de inúmeros novos conceitos e termos, ditando de certa forma a velocidade com que a língua deve incorporá-los. O importante é usar o estrangeirismo de forma consciente, buscar o equivalente português quando houver ou conformar a palavra estrangeira ao espírito da Língua Portuguesa.

O problema do abuso de estrangeirismos inúteis ou empregados em contextos em que não cabem, é em geral causado ou pelo desconhecimento da riqueza vocabular de nossa língua, ou pela incorporação acrítica do estrangeirismo.

Exercícios

01. **Considere o texto abaixo:**

Prezado Colaborador,

A Diretoria da Organização Solidária Flores do Campo estabeleceu, em reunião do dia 28/01/19, as atribuições da equipe de arrecadação:

1. Realizar reuniões mensais;
2. Definir plano de trabalho – com metas e locais de arrecadação para cada trimestre;
3. Discussão da divulgação das campanhas com a Diretoria; e
4. Prestação de contas à comunidade e à Diretoria.

Informamos ainda que a sede social possui sala para as reuniões, que devem ser agendadas com antecedência. Atenciosamente,

Quanto à adequação à língua escrita padrão e aos preceitos da Redação Oficial, assinale como verdadeiras (V) ou falsas (F) as seguintes características do texto apresentado:

( ) Apresenta paralelismo sintático entre as atribuições listadas.

( ) Há indicação correta de crase, quando necessária.

( ) A vírgula foi usada indevidamente após “reuniões”.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta, de cima para baixo.

a) V – F – V.

b) F – V – F.

c) V – F – F.

d) F – V – V.

e) V – V – V.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

02. A ambiguidade em comunicações oficiais pode causar sérios problemas, portanto deve ser evitada, de modo a garantir a precisão das informações.

INDIQUE a alternativa que **NÃO** contém problemas de ambiguidade.

a) O Delegado de Polícia redigiu seu relatório e encaminhou o respectivo inquérito à justiça.

b) O Deputado saudou o Embaixador, em seu discurso, e solicitou sua intervenção no seu Estado.

c) O Governador comunicou a seu secretariado que ele seria exonerado.

d) Roubaram o computador do gabinete em que eu costumava trabalhar.

03. Considere o Manual de Redação da Presidência da República e assinale a alternativa que apresenta um **ERRO** referente à concordância verbal.

a) Se o sujeito for simples, isto é, se tiver apenas um núcleo, com ele concorda o verbo em pessoa e número.

b) Quando o sujeito for composto, ou seja, possuir mais de um núcleo, o verbo vai para o plural e para a pessoa que tiver primazia, na seguinte ordem: a 1ªpessoa tem prioridade sobre a 2ª e a 3ª; a 2ª sobre a 3ª; na ausência de uma e outra, o verbo vai para a 3ª pessoa.

c) Há dois casos de sujeito inexistente: com verbos de fenômenos meteorológicos e em que o verbo haver é empregado no sentido de existir ou de tempo transcorrido.

d) Por desuso do pronome vós e respectivas formas verbais no Brasil, tu e ... leva o verbo para a 3ª pessoa do plural, por exemplo: “Tu e o teu colega devem (e não deveis) ter mais calma”.

04. Considerando os preceitos da Redação Oficial, quanto à regência verbal, assinale a alternativa correta.

a) Os acordos provenientes da Gestão de Orçamento implicam na divisão de trabalho por turno, com descanso semanal.

b) A coordenação de setor informa à categoria de servidores acerca da existência de material educativo sobre Trabalho Seguro.

c) Os servidores do setor da coordenação declinaram a oferta de aquisição de materiais que não constavam na requisição.

d) A divisão de recursos oriundos da Administração superior obedece ao cronograma de gastos elencados no orçamento do ano anterior.

Gabarito

01 - B

02 - A

03 - C

04 - D

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

ADRIANA
FIGUEIREDO
CURSOS

USO DE PREPOSIÇÃO QUE ANTECEDE O PRONOME RELATIVO

O pronome relativo dá início às orações adjetivas. Se, nessa oração, o verbo ou um nome exigir a preposição, esta será deslocada para antes do pronome relativo.

Ex.: A canção de que/da qual gosto foi premiada. (= eu gosto(de) da canção)

A canção com que/com a qual simpatizo foi premiada. (= eu simpatizo com a canção)

A mulher em quem pensas partiu ontem. (= tu pensas(em) na mulher)

Este é o livro a cujo autor aludi. (= aludi(a) ao autor)

A rua aonde queriam ir era deserta. (queriam ir a)

A rua donde vens é deserta. (vens de)

Obs.: Os conectivos que aparecem como pronome relativo são: QUE, O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS, QUEM, CUJO(s), CUJA(s), ONDE, COMO, QUANDO e QUANTO.

- USO DE ONDE, AONDE, DONDE.

O emprego desses vocábulos segue as noções de regência. Se a preposição exigida for **em**, usa-se **onde**.

Ex.: O bairro onde moras é tranquilo. (moras em)

Se a preposição exigida for **a**, usa-se **aonde**. Se a preposição for **de**, **donde** ou **de onde**.

Ex.: O bairro aonde vais é tranquilo. (vais a)

O bairro donde vens é tranquilo. (vens de)

I) Use o(s)/a(s) ou lhe(s).

1) Só não _________ chamei de louco, porque _________ quero muito bem. (o/lhe; o/lhe)

2) A reincidência poderá acarretar-_________ penalidades severas. (lo/lhe)

3) Não _________ desobedecerei jamais. (o/lhe)

4) Algumas ideias vinham ao encontro das reivindicações dos funcionários, contentando-_________, outras não. (os/lhes)

5) Eles se sentiam tão onerados com descontos, que intentaram uma reação conjunta: procuraram os responsáveis pela empresa e _________ inteiraram de sua decisão de _______________ o andamento. (os/lhes; estorvá-lo/estorvar-lhe)
6) Queríamos ________________ para a festa. (convidá-lo/convidar-lhe)

7) A verdade é que nós _________ queremos muito. (o/lhe)

8) Vi-_________ os olhos na festa. (os/lhes)

9) A minha resposta não _________ satisfez. (o/lhe)

10) Eu _________ ajudei naquela árdua tarefa. (o/lhe)

11) Teve um desempenho tão extraordinário que _________ consagraram merecidamente o maior jogador do mundo. (o/lhe)

12) No momento em que a linguística procurou o status de ciência, que desde Saussure _________ tem acompanhado, passou-se a discutir sua relação com outras ciências. (a/lhe)

13) Seu pai, que é libanês e tem uma loja de roupas no Brás, _________ presenteou com o Maverick 74 da família. (o/lhe)

14) Ele poderá escolher outros dois técnicos para _________ assessorar. (o/lhe)

15) Por que um mendigo dormindo incomodou-_________ tanto? (os/lhes)

16) Os que se propuseram a trabalhar nessa área tão difícil têm de compreender que sua convicção da necessidade de executar essa tarefa ninguém neles a incutiu, é - _________ inata. (os/lhes)

II) Complete as lacunas com a(s) forma(s) adequada(s).

1) Eis a ordem ______________ nos insurgimos. (de que/contra a qual)

2) Há fatos ____________ nunca esquecemos. (que/de que)

3) Há fatos ____________ nunca nos esquecemos. (que/de que)

4) Aludiram a incidentes ____________ já ninguém se lembrava. (que/de que)

5) Há casos ____________ a dor, tornando-se insuportável, leva o indivíduo à morte. (que/em que)

6) Este autor tem ideias ____________ todos simpatizamos. (de que/com que)

7) Qual o cargo ____________ aspiras? (que/a que)

8) Surgiu uma mulher ____________ figura os mais velhos se comoviam. (cuja/com cuja)

9) Surgiu uma mulher ____________ figura já nos referimos. (cuja/a cuja)
10) Surgiu uma mulher ____________ figura havia um ar de grande dama decadente. (cuja/em cuja)

11) Surgiu uma mulher ____________ figura andara todo o regimento apaixonado. (cuja/por cuja)

12) O homem possui um inimigo que o aterroriza e ____________ prefere nem pensar: a dor. (do qual/no qual)

13) A ideia de sofrimento intenso e intolerável, ____________ está associado o conceito de dor, torna-a um flagelo ____________ é necessário escapar de qualquer maneira. (a qual/à qual; no qual/do qual)

14) Esse foi o lugar ____________ ele chegara com dificuldade. (onde/aonde/donde)

15) Esse foi o lugar ____________ ele se estabelecera com a família (onde/aonde/donde)

16) Os deuses mantêm seus protetores nas casas ____________ residem. (onde/aonde/donde)

17) A rua ____________ gosto de correr foi asfaltada. (em que/ onde/ aonde/ donde)

18) Foi essa a situação ____________ ele encontrara. (que/ em que)

19) Muitos foram os problemas ____________ ele passara. (por que/ pelo qual/ que)

20) Poucos eram os recursos ____________ ele podia dispor. (que/de que/com que)

21) O projeto, ____________ também se incluirão mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/ de que/ em que)

22) O projeto, ____________ também terão participação mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/ ao qual/ no qual)

23) O projeto, ____________ também se vincularão mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/ a que/ ao qual/ em que)

24) O projeto, ____________ também participarão mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/ de que/ em que/ no qual)

25) O projeto, ____________ extensão também atingirá mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (cuja/ em cuja/ de cuja)

26) O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro ____________ nome não sei. (cujo/de cujo/a cujo)

27) O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro ____________ nome não tenha a menor confiança. (cujo/em cujo/de cujo)
28) O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro ____________ nome não consigo simpatizar. (cujo/de cujo/com cujo)

29) O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro ____________ nome pretendo não referir. (cujo/a cujo/de cujo)

30) O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro ____________ nome não está associado esse fato. (cujo/a cujo/em cujo)

31) Conquista é quando você pula da cama de manhã e vai dormir à noite. E entre uma coisa e outra, só faz aquilo ____________ gosta. (que/de que/por que)

32) O Banco Central investiu-se de um poder ____________ as nações soberanas, ou quase isso, não abrem mão. (que/de que/ por que)

33) É grande o dilema ____________ vem experimentando a opinião pública brasileira. (que/a que/de que)

34) Não procuremos neles a beleza ____________ dirigimos logo o olhar. (que/a que/em que)

35) É grande a perplexidade ____________ estão tomados os latino-americanos. (que/de que/de quem/de cujos)

36) Esta é a única solução ____________ podemos contar. (que/quem/com que/de quem)

37) Algumas pessoas costumam exorbitar da autoridade ____________ se acham investidos. (que/a que/de que)

38) O texto legal ____________ nos remeteu o professor para consulta exigia a cessão imediata dos direitos autorais à editora. (que/a que/para o qual)

39) Cético de gestos heroicos, confirmou ponto a ponto as críticas ____________ se orgulhava de ter feito ao pretenso filantropo. (que/de que/a que)

40) O crime fora decorrente da crise ____________ passava seu casamento. (que/em que/por que)

41) “A presença das enfermeiras devia lhe trazer lembranças de prazeres ____________ agora não podia mais desfrutar.” (que/de que/com que)

42) “Com o tempo, irás sabendo ____________ leis, casos e fenômenos responde toda essa terminologia.” (que/a que/de que)

ADRIANA
FIGUEIREDO
CURSOS

USO DE PREPOSIÇÃO QUE ANTECEDE O PRONOME RELATIVO

O pronome relativo dá início às orações adjetivas. Se, nessa oração, o verbo ou um nome exigir a preposição, esta será deslocada para antes do pronome relativo.

Ex.: A canção de que/da qual gosto foi premiada. (= eu gosto(de) da canção)

A canção com que/com a qual simpatizo foi premiada. (= eu simpatizo com a canção)

A mulher em quem pensas partiu ontem. (= tu pensas(em) na mulher)

Este é o livro a cujo autor aludi. (= aludi(a) ao autor)

A rua aonde queriam ir era deserta. (queriam ir a)

A rua donde vens é deserta. (vens de)

Obs.: Os conectivos que aparecem como pronome relativo são: QUE, O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS, QUEM, CUJO(s), CUJA(s), ONDE, COMO, QUANDO e QUANTO.

- USO DE ONDE, AONDE, DONDE.

O emprego desses vocábulos segue as noções de regência. Se a preposição exigida for **em**, usa-se **onde**.

Ex.: O bairro onde moras é tranquilo. (moras em)

Se a preposição exigida for **a**, usa-se **aonde**. Se a preposição for **de**, **donde** ou **de onde**.

Ex.: O bairro aonde vais é tranquilo. (vais a)

O bairro donde vens é tranquilo. (vens de)

I) Use o(s)/a(s) ou lhe(s).

1) Só não _________ chamei de louco, porque _________ quero muito bem. (o/lhe; o/lhe)

2) A reincidência poderá acarretar-_________ penalidades severas. (lo/lhe)

3) Não _________ desobedecerei jamais. (o/lhe)

4) Algumas ideias vinham ao encontro das reivindicações dos funcionários, contentando-_________, outras não. (os/lhes)

5) Eles se sentiam tão onerados com descontos, que intentaram uma reação conjunta: procuraram os responsáveis pela empresa e _________ inteiraram de sua decisão de _______________ o andamento. (os/lhes; estorvá-lo/estorvar-lhe)
6) Queríamos ________________ para a festa. (convidá-lo/convidar-lhe)

7) A verdade é que nós _________ queremos muito. (o/lhe)

8) Vi-_________ os olhos na festa. (os/lhes)

9) A minha resposta não _________ satisfez. (o/lhe)

10) Eu _________ ajudei naquela árdua tarefa. (o/lhe)

11) Teve um desempenho tão extraordinário que _________ consagraram merecidamente o maior jogador do mundo. (o/lhe)

12) No momento em que a linguística procurou o status de ciência, que desde Saussure _________ tem acompanhado, passou-se a discutir sua relação com outras ciências. (a/lhe)

13) Seu pai, que é libanês e tem uma loja de roupas no Brás, _________ presenteou com o Maverick 74 da família. (o/lhe)

14) Ele poderá escolher outros dois técnicos para _________ assessorar. (o/lhe)

15) Por que um mendigo dormindo incomodou-_________ tanto? (os/lhes)

16) Os que se propuseram a trabalhar nessa área tão difícil têm de compreender que sua convicção da necessidade de executar essa tarefa ninguém neles a incutiu, é - _________ inata. (os/lhes)

II) Complete as lacunas com a(s) forma(s) adequada(s).

1) Eis a ordem ______________ nos insurgimos. (de que/contra a qual)

2) Há fatos ____________ nunca esquecemos. (que/de que)

3) Há fatos ____________ nunca nos esquecemos. (que/de que)

4) Aludiram a incidentes ____________ já ninguém se lembrava. (que/de que)

5) Há casos ____________ a dor, tornando-se insuportável, leva o indivíduo à morte. (que/em que)

6) Este autor tem ideias ____________ todos simpatizamos. (de que/com que)

7) Qual o cargo ____________ aspiras? (que/a que)

8) Surgiu uma mulher ____________ figura os mais velhos se comoviam. (cuja/com cuja)

9) Surgiu uma mulher ____________ figura já nos referimos. (cuja/a cuja)
10) Surgiu uma mulher ____________ figura havia um ar de grande dama decadente. (cuja/em cuja)

11) Surgiu uma mulher ____________ figura andara todo o regimento apaixonado. (cuja/por cuja)

12) O homem possui um inimigo que o aterroriza e ____________ prefere nem pensar: a dor. (do qual/no qual)

13) A ideia de sofrimento intenso e intolerável, ____________ está associado o conceito de dor, torna-a um flagelo ____________ é necessário escapar de qualquer maneira. (a qual/à qual; no qual/do qual)

14) Esse foi o lugar ____________ ele chegara com dificuldade. (onde/aonde/donde)

15) Esse foi o lugar ____________ ele se estabelecera com a família (onde/aonde/donde)

16) Os deuses mantêm seus protetores nas casas ____________ residem. (onde/aonde/donde)

17) A rua ____________ gosto de correr foi asfaltada. (em que/ onde/ aonde/ donde)

18) Foi essa a situação ____________ ele encontrara. (que/ em que)

19) Muitos foram os problemas ____________ ele passara. (por que/ pelo qual/ que)

20) Poucos eram os recursos ____________ ele podia dispor. (que/de que/com que)

21) O projeto, ____________ também se incluirão mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/ de que/ em que)

22) O projeto, ____________ também terão participação mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/ ao qual/ no qual)

23) O projeto, ____________ também se vincularão mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/ a que/ ao qual/ em que)

24) O projeto, ____________ também participarão mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/ de que/ em que/ no qual)

25) O projeto, ____________ extensão também atingirá mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (cuja/ em cuja/ de cuja)

26) O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro ____________ nome não sei. (cujo/de cujo/a cujo)

27) O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro ____________ nome não tenha a menor confiança. (cujo/em cujo/de cujo)
28) O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro ____________ nome não consigo simpatizar. (cujo/de cujo/com cujo)

29) O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro ____________ nome pretendo não referir. (cujo/a cujo/de cujo)

30) O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro ____________ nome não está associado esse fato. (cujo/a cujo/em cujo)

31) Conquista é quando você pula da cama de manhã e vai dormir à noite. E entre uma coisa e outra, só faz aquilo ____________ gosta. (que/de que/por que)

32) O Banco Central investiu-se de um poder ____________ as nações soberanas, ou quase isso, não abrem mão. (que/de que/ por que)

33) É grande o dilema ____________ vem experimentando a opinião pública brasileira. (que/a que/de que)

34) Não procuremos neles a beleza ____________ dirigimos logo o olhar. (que/a que/em que)

35) É grande a perplexidade ____________ estão tomados os latino-americanos. (que/de que/de quem/de cujos)

36) Esta é a única solução ____________ podemos contar. (que/quem/com que/de quem)

37) Algumas pessoas costumam exorbitar da autoridade ____________ se acham investidos. (que/a que/de que)

38) O texto legal ____________ nos remeteu o professor para consulta exigia a cessão imediata dos direitos autorais à editora. (que/a que/para o qual)

39) Cético de gestos heroicos, confirmou ponto a ponto as críticas ____________ se orgulhava de ter feito ao pretenso filantropo. (que/de que/a que)

40) O crime fora decorrente da crise ____________ passava seu casamento. (que/em que/por que)

41) “A presença das enfermeiras devia lhe trazer lembranças de prazeres ____________ agora não podia mais desfrutar.” (que/de que/com que)

42) “Com o tempo, irás sabendo ____________ leis, casos e fenômenos responde toda essa terminologia.” (que/a que/de que)

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Concordância Nominal 2

- Parte I 2
  - Regra Geral 2
  - Regras Especiais 2
  - Casos Particulares – Parte I 3
- Concordância Nominal 3
  - Parte II 3
  - Anexo 4

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Concordância Nominal

Parte I

Regra Geral

O artigo, o pronome, o numeral e o adjetivo devem concordar com o substantivo a que se referem em gênero (feminino / masculino) e número (singular / plural).

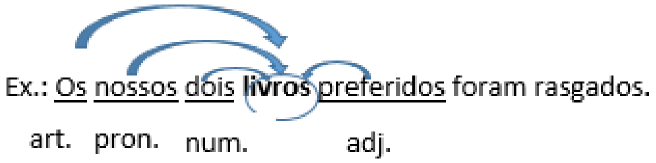

Ex.: Os nossos dois **livros** preferidos foram rasgados.

Regras Especiais

Adjetivo referente a vários substantivos

1) Quando o adjetivo vier **posposto** a dois ou mais substantivos do mesmo gênero, há duas possibilidades de concordância.

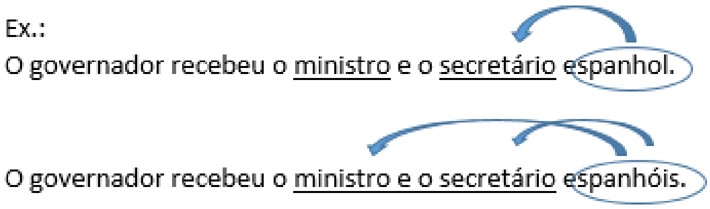

Ex.:

O governador recebeu o ministro e o secretário espanhol.

O governador recebeu o ministro e o secretário espanhóis.

2) Quando o adjetivo vier **posposto** a dois ou mais substantivos de gêneros diferentes, também há duas possibilidades de concordância.

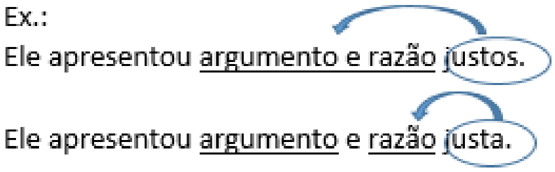

Ex.:

Ele apresentou argumento e razão justos.

Ele apresentou argumento e razão justa.

3) Quando o adjetivo vier **anteposto** a dois ou mais substantivos, concordará com o mais próximo, se funcionar como adjunto adnominal; entretanto, se funcionar como predicativo, haverá duas possibilidades: poderá ir para o plural ou concordar com o mais próximo.

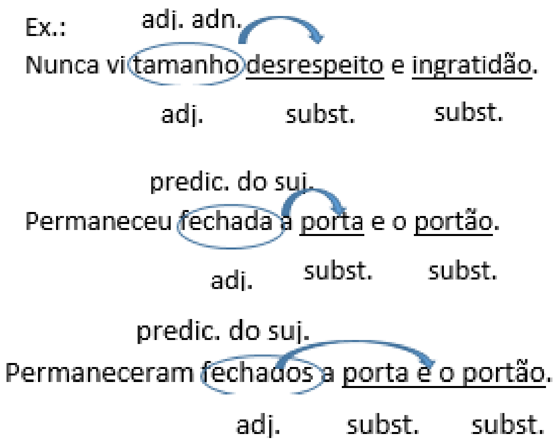

Ex.:

Nunca vi tamanho desrespeito e ingratidão.

Permaneceu fechada a porta e o portão.

Permaneceram fechados a porta e o portão.

Dica

Para gravar a regra da concordância do adjetivo com ambos os substantivos de gêneros diferentes, lembre-se da "regra machista": o adjetivo sempre deverá ser escrito no masculino plural.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Dois adjetivos referentes a um substantivo

Admitem duas possibilidades.

Ex.:

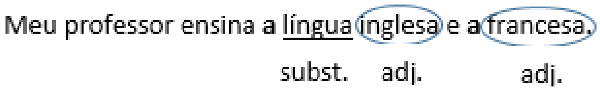

Meu professor ensina a língua inglesa e a francesa.

subst. adj. adj.

→ Os artigos são colocados antes de ambos os adjetivos e, assim, o substantivo fica no singular.

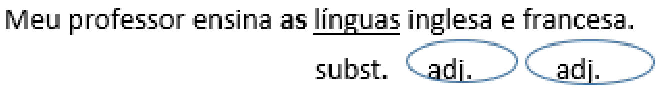

Meu professor ensina as línguas inglesa e francesa.

subst. adj. adj.

→ Omite-se o artigo antes do segundo adjetivo, coloca-se o primeiro artigo no plural e, assim, o substantivo fica no plural.

Casos Particulares – Parte I

Menos

Trata-se de um advérbio. Por isso, será sempre invariável, ou seja, deverá ser sempre escrito ***menos***.

Ex.: Ela é ***menos*** simpática do que a irmã.

Dessa vez, ele comeu ***menos*** sobremesa no casamento.

Alerta

Trata-se, também, de um advérbio. Por isso, será sempre invariável, ou seja, deverá ser sempre escrito ***alerta***.

Ex.: Os soldados estavam ***alerta***.

O soldado estava ***alerta***.

Verbo SER + adjetivo

O adjetivo concordará com o substantivo apenas se houver um modificado para esse substantivo (artigo, pronome, numeral).

Ex.: **É proibido** entrada de menores.

É proibida a entrada de menores.

Cerveja **é bom**.

A cerveja **é bo**a.

Concordância Nominal

Parte II

Casos particulares – parte II

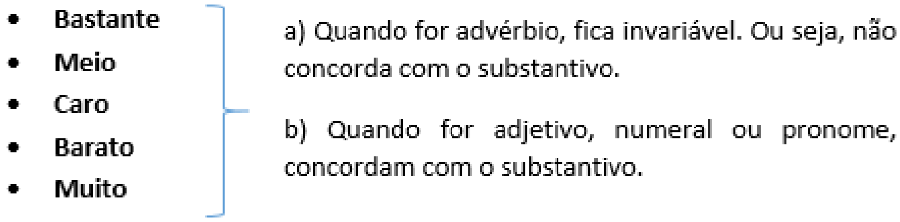

- Bastante
- Meio
- Caro
- Barato
- Muito

a) Quando for advérbio, fica invariável. Ou seja, não concorda com o substantivo.

b) Quando for adjetivo, numeral ou pronome, concordam com o substantivo.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Ex.:
Serviu-nos **meia** porção de arroz. (metade = numeral)
O professor estava **meio** cansado hoje. (um pouco = pronome indefinido)
O relógio já marca **meio** dia e **meia** *(hora)*. (ambos indicam metade = numeral)

Conversamos **bastantes** vezes sobre isso. (muitas = pronome indefinido)
Cantei **bastante** no show. (muito = advérbio de intensidade)

As frutas estavam **baratas**. (*baratas* é predicativo do sujeito; portanto, adjetivo)
As frutas custam **barato**. (*barato* é adjunto adverbial; portanto, advérbio)

Os carros são **caros**. (*caros* é predicativo do sujeito; portanto, adjetivo)
Os carros custam **caro**. (*caro* é adjunto adverbial; portanto, advérbio)

- **Anexo**
- **Obrigado**
- **Incluso**
- **Mesmo**
- **Só**
- **Leso**
- **Quite**

Enquanto pronomes ou adjetivos, concordam com o substantivo a que se referem.

Enquanto advérbios ou expressões fechadas, mantêm-se invariáveis.

Anexo

Seguem **anexos** os documentos.

Obs.: se for utilizada a expressão "em anexo", justamente por ser expressão, permanece invariável, ou seja, sempre "em anexo".

Ex.: Seguem **em anexo** os documentos.

Mesmo

Ela **mesma** escreveu a carta. (mesma = própria / pronome indefinido)

≠

Ela escreveu **mesmo** a carta. (mesmo = realmente / advérbio)

Incluso

Os juros estão **inclusos**. (inclusos = juntos / adjetivo)

Só

Eles estão **sós**. (sós = sozinhos / adjetivo)

≠

Elas **só** esperam uma nova oportunidade. (só = somente / advérbio)

Obs.: se for utilizada a expressão "a sós", justamente por ser expressão, permanece invariável, ou seja, sempre "a sós".

Ex.: Eles preferem conversar **a sós**.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Quite

Estou **quite** com você.

Obrigado

Muito obrigada, disse Letícia.

Muito obrigado, disse Jeferson.

Obrigadas, disseram Letícia e Sara.

Obrigados, disseram Letícia, Jeferson e Sara.

Exercícios

01. Leia a frase a seguir.

A discussão de ontem foi ________, pois, ainda que tenha sido ________ acalorado, ________ pessoas saíram de lá satisfeitas.

As palavras que completam corretamente as lacunas são:

a) bom | meio | bastante.
b) boa | meio | bastantes.
c) bom | meio| bastantes.
d) boa | meia | bastantes.
e) boa | meio | bastante.

02. Observe as frases a seguir.

I. Ela _________ disse que traria os ingredientes para o jantar.
II. Seguem ________ os arquivos.
III. A amiga estava _________ chateada.
IV. É _________ muita atenção para fazer os exercícios.

Os termos que completam corretamente as lacunas são:

a) mesmo | anexos | meia | necessário.
b) mesma | anexos | meio | necessária.
c) mesmo | anexo | meio | necessário.
d) mesma | anexos | meio | necessário.
e) mesma | anexos | meia | necessário.

Gabarito

01 - B

02 - B

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Concordância Nominal 2
- Parte I 2
  - Regra Geral 2
  - Regras Especiais 2
  - Casos Particulares – Parte I 3
- Concordância Nominal 3
  - Parte II 3
  - Anexo 4

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Concordância Nominal

Parte I

Regra Geral

O artigo, o pronome, o numeral e o adjetivo devem concordar com o substantivo a que se referem em gênero (feminino / masculino) e número (singular / plural).

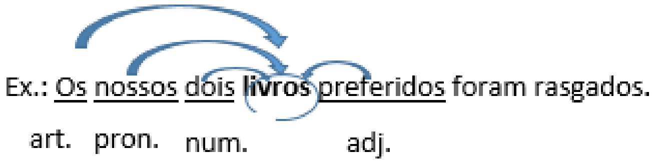

Ex.: Os nossos dois **livros** preferidos foram rasgados.

Regras Especiais

Adjetivo referente a vários substantivos

1) Quando o adjetivo vier **posposto** a dois ou mais substantivos do mesmo gênero, há duas possibilidades de concordância.

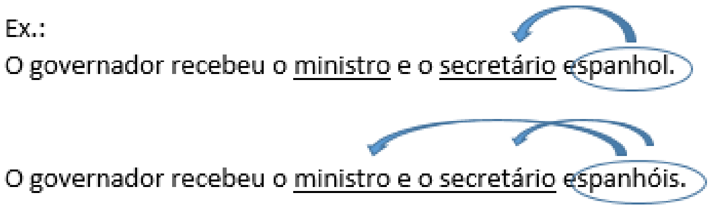

Ex.:
O governador recebeu o ministro e o secretário espanhol.

O governador recebeu o ministro e o secretário espanhóis.

2) Quando o adjetivo vier **posposto** a dois ou mais substantivos de gêneros diferentes, também há duas possibilidades de concordância.

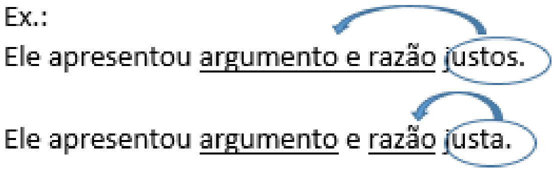

Ex.:
Ele apresentou argumento e razão justos.

Ele apresentou argumento e razão justa.

3) Quando o adjetivo vier **anteposto** a dois ou mais substantivos, concordará com o mais próximo, se funcionar como adjunto adnominal; entretanto, se funcionar como predicativo, haverá duas possibilidades: poderá ir para o plural ou concordar com o mais próximo.

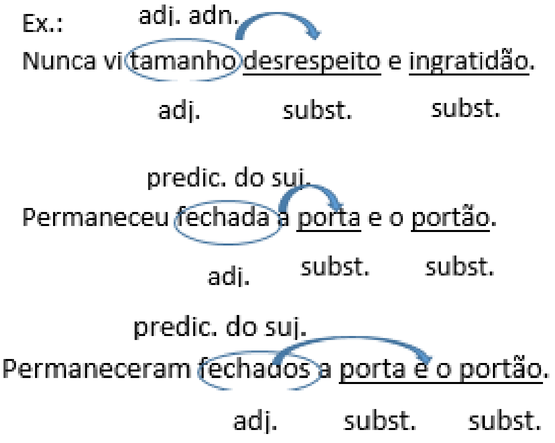

Ex.:
Nunca vi tamanho desrespeito e ingratidão.

Permaneceu fechada a porta e o portão.

Permaneceram fechados a porta e o portão.

Dica

Para gravar a regra da concordância do adjetivo com ambos os substantivos de gêneros diferentes, lembre-se da "regra machista": o adjetivo sempre deverá ser escrito no masculino plural.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Dois adjetivos referentes a um substantivo

Admitem duas possibilidades.

Ex.:

Meu professor ensina a língua inglesa e a francesa.

subst. adj. adj.

→ Os artigos são colocados antes de ambos os adjetivos e, assim, o substantivo fica no singular.

Meu professor ensina as línguas inglesa e francesa.

subst. adj. adj.

→ Omite-se o artigo antes do segundo adjetivo, coloca-se o primeiro artigo no plural e, assim, o substantivo fica no plural.

Casos Particulares – Parte I

Menos

Trata-se de um advérbio. Por isso, será sempre invariável, ou seja, deverá ser sempre escrito ***menos***.

Ex.: Ela é ***menos*** simpática do que a irmã.

Dessa vez, ele comeu ***menos*** sobremesa no casamento.

Alerta

Trata-se, também, de um advérbio. Por isso, será sempre invariável, ou seja, deverá ser sempre escrito ***alerta***.

Ex.: Os soldados estavam ***alerta***.

O soldado estava ***alerta***.

Verbo SER + adjetivo

O adjetivo concordará com o substantivo apenas se houver um modificado para esse substantivo (artigo, pronome, numeral).

Ex.: **É proibido** entrada de menores.

É proibida a entrada de menores.

Cerveja **é bom**.

A cerveja **é boa**.

Concordância Nominal

Parte II

Casos particulares – parte II

- **Bastante**
- **Meio**
- **Caro**
- **Barato**
- **Muito**

a) Quando for advérbio, fica invariável. Ou seja, não concorda com o substantivo.

b) Quando for adjetivo, numeral ou pronome, concordam com o substantivo.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Ex.:
Serviu-nos **meia** porção de arroz. (metade = numeral)
O professor estava **meio** cansado hoje. (um pouco = pronome indefinido)
O relógio já marca **meio** dia e **meia** *(hora)*. (ambos indicam metade = numeral)

Conversamos **bastantes** vezes sobre isso. (muitas = pronome indefinido)
Cantei **bastante** no show. (muito = advérbio de intensidade)

As frutas estavam **baratas**. (*baratas* é predicativo do sujeito; portanto, adjetivo)
As frutas custam **barato**. (*barato* é adjunto adverbial; portanto, advérbio)

Os carros são **caros**. (*caros* é predicativo do sujeito; portanto, adjetivo)
Os carros custam **caro**. (*caro* é adjunto adverbial; portanto, advérbio)

- **Anexo**
- **Obrigado**
- **Incluso**
- **Mesmo**
- **Só**
- **Leso**
- **Quite**

Enquanto pronomes ou adjetivos, concordam com o substantivo a que se referem.

Enquanto advérbios ou expressões fechadas, mantêm-se invariáveis.

Anexo

Seguem **anexos** os documentos.

Obs.: se for utilizada a expressão “em anexo”, justamente por ser expressão, permanece invariável, ou seja, sempre “em anexo”.

Ex.: Seguem **em anexo** os documentos.

Mesmo

Ela **mesma** escreveu a carta. (mesma = própria / pronome indefinido)

≠

Ela escreveu **mesmo** a carta. (mesmo = realmente / advérbio)

Incluso

Os juros estão **inclusos**. (inclusos = juntos / adjetivo)

Só

Eles estão **sós**. (sós = sozinhos / adjetivo)

≠

Elas **só** esperam uma nova oportunidade. (só = somente / advérbio)

Obs.: se for utilizada a expressão “a sós”, justamente por ser expressão, permanece invariável, ou seja, sempre “a sós”.

Ex.: Eles preferem conversar **a sós**.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Quite

Estou **quite** com você.

Obrigado

Muito obrigada, disse Letícia.

Muito obrigado, disse Jeferson.

Obrigadas, disseram Letícia e Sara.

Obrigados, disseram Letícia, Jeferson e Sara.

Exercícios

01. Leia a frase a seguir.

A discussão de ontem foi ________, pois, ainda que tenha sido ________ acalorado, ________ pessoas saíram de lá satisfeitas.

As palavras que completam corretamente as lacunas são:

a) bom | meio | bastante.
b) boa | meio | bastantes.
c) bom | meio| bastantes.
d) boa | meia | bastantes.
e) boa | meio | bastante.

02. Observe as frases a seguir.

I. Ela _________ disse que traria os ingredientes para o jantar.
II. Seguem ________ os arquivos.
III. A amiga estava _________ chateada.
IV. É _________ muita atenção para fazer os exercícios.

Os termos que completam corretamente as lacunas são:

a) mesmo | anexos | meia | necessário.
b) mesma | anexos | meio | necessária.
c) mesmo | anexo | meio | necessário.
d) mesma | anexos | meio | necessário.
e) mesma | anexos | meia | necessário.

Gabarito

01 - B

02 - B

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

PORTUGUESA

Professora Ana Rita

ORTOGRAFIA – EXERCÍCIOS - GABARITO

EXERCÍCIOS:

1. Que palavras tem o mesmo número de fonemas de HIDROGÊNIO?
a) maquinaria/trabalhador (9F/10F)
b) maquinaria/silepse (9F/7F)
c) trabalhos/ignorância (8F/9F)
d) silepse/trabalhos (7F/8F)
[✓ e)] ignorância/maquinaria (9F/9F)

2. A palavra CHARUTO apresenta;
[✓ a)] um dígrafo e seis fonemas
b) um dígrafo e sete fonemas
c) sete letras e sete fonemas
d) sete letras e cinco fonemas
e) sete letras e dois dígrafos

3. Associe os ditongos e depois responda:
l. oral decrescente
2. nasal crescente
3.nasal decrescente
4.oral crescente
( ) amam
( ) róseo
( ) quando
( ) pastéis
( ) freqüente
[✓ a)] 3-4-2-1-2
b) 4-3-2-2-1
c) 2-4-3-1-2
d) 3-4-2-2-1
e) 2-1-3-1-4

4. Os encontros vocálicos MUITO, VOU e QUAL são:
a) todos ditongos crescentes

b) todos ditongos decrescentes.
c) Respectivamente ditongos: decrescente, crescente e crescente
[✓ d)] Respectivamente ditongos: decrescente, decrescente e crescente.
e) Respectivamente ditongos: crescente, decrescente e decrescente.

5. Assinale a série em que somente existam ditongos orais crescentes:
a) beijo/pessoa/poema
[✓ b)] petróleo/cárie/páscoa
c) pai/mãe/mão
d) notou/psiu/inteligência
e) pneu/touro/noite

6. A alternativa em que todas as palavras apresentam separação silábica correta é:
a) ex-ce-ção, cre-sci-men-to, pro-fes-sor
b) ins-tru-ção, ex-ci-tar, eu-ro-pe-u
c) ex-ce-len-te, a-vi-ão, me-io
d) pers-pe-cti-va, am-bí-guo, trans-por-te
[✓ e)] rit-mo, dig-no, ap-to

7. Nas palavras QUE, TRANQÜILIDADE, CONCLUÍA e MUITO ocorrem os seguintes encontros:
a) dígrafo, dígrafo, tritongo, ditongo
b) dígrafo, ditongo, tritongo, dígrafo
c) ditongo, dígrafo, hiato, ditongo
d) ditongo, ditongo, tritongo, ditongo
[✓ e)] dígrafo, ditongo, hiato, ditongo

8. A seqüência de palavras cujas sílabas estão separadas corretamnte é:
a) a-dje-ti-va-ção, im-per-do-á-veis, bo-ia-dei-ro
b) in-Ter-ve-io, tec-no-lo-gi-a, sub-li-nhar
c) in-tu-i-to, co-ro-i-nha, pers-pec-ti-va
d) co-ro-lá-rio, subs-tan-ti-vo, bis-a-vó
[✓ e)] flui-do, at-mos-fe-ra, in-Ter-vei-o

9. As sílabas das palavras PSICOSSOCIAL e TRAÍDO estão corretamente separadas em:
[✓ a)] psi-cos-so-ci-al, tra-í-do
b) p-si-cos-so-cial, tra-í-do
c) psi-co-sso-ci-al, traí-do
d) p-si-co-sso-cial, tra-í-do

10. Indique a alternativa em que todas as palavras têm a mesma classificação quanto ao número de sílabas:
a) enchiam, saíam, dormiu, noite
b) feita, primeiro, crescia, rasteiras
[✓ c)] ruído, saudades, ainda, saúde
d) eram, roupa, sua, surgiam
e) odia, sentia, ouviam, loura

11. Complete as lacunas:
Exce__ão, crân__o, __ibóia
a) ss, e, g
b) ç, e, j
c) ss, i, g
[✓ d)] ç, i , j
12. Assinale a alternativa cujas palavras estão corretas quanto à grafia:
a) inóspito – molambo – impijem – crâneo – cumieira
b) beringela – chereta – penaxo – efetui- guela
[✓ c)] soçobrar – dissensão – pechincha – glosa – hilaridade
d) obsceno – reççuscitar – isósceles – haltere – inumar
e) jenipapo – muchocho – richa – coxixar – xerife
13. Completam-se com Z , como certeza e escravizado, as seguintes palavras :
a) burgu__a/ hipnoti__ado
b) franque__a/ ésqui__ado
[✓ c)] alte__a/ catequi__ado
d) duque__a/ arbori__ado
e) limpe__a/ parali__ado
14. Grafa-se com J:
a) ferrugem
b) estrangeiro
c) geada
d) gengiva
[✓ e)] engeitar
15. Assinale a palavra que aparece corretamente grafada:
a) pertubar
b) prazeirosamente
c) camondongo
[✓ d)] prostrar
e) cincoenta
16. Em que alternativa há erro de grafia?
a) mochila
b) expansão
c) concessionário
[✓ d)] enganjamento
e) sarjeta

17. Qual a grafia correta?
[✓ a)] regozijo
b) giló
c) juxtaposição
d) paralização
e) cabelereiro
18. Qual o vocábulo graficamente incorreto?
a) burguesinho
b) limõezinhos
c) perdizinha
[✓ d)] professorzinhos
e) chinesinho

19. Assinale a alternativa correta:
a) grandesa/maizena
b) deslisar/revesar
c) calabreza/burgueza
[✓ d)] horroroso/ improvisar
e) agazalho/ atrasado

20. O sufixo –EZA completará corretamente a grafia de:
a) desp____
b) baron____
[✓ c)] espert____
d) surpr____
e) empr____

21) A única palavra que não se escreve com J é:
[✓ a)] estranjeiro
b) jeito
c) gorjeio
d) sarjeta
e) ojeriza

22) A única palavra que não se escreve com X é:
a) xícara
[✓ b)] flexa
c) enxuto
d) enxada
e) trouxa

23) Assinale o vocábulo em que é incorreto o emprego do Z:
a) natureza
b) catequizar
c) rezar
[✓ d)] frizar
e) deslizar

KENEDY, E. Gerativismo. In: Mário Eduardo Toscano Martelotta. (Org.). In.: *Manual de lingüística*. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 127-140.

GERATIVISMO

Eduardo Kenedy

1. INTRODUÇÃO

Neste capítulo, apresentaremos em linhas gerais os principais aspectos que caracterizam a corrente de estudos lingüísticos conhecida como gerativismo. Analisaremos a concepção de linguagem humana que norteia as pesquisas dessa corrente, bem como faremos uma exposição da maneira gerativista de observar, descrever e explicar os fatos das línguas naturais. Trata-se de uma visão geral, introdutória e simplificada, destinada ao estudante que conhece pouco ou nada sobre o gerativismo. Nas indicações bibliográficas, apresentadas ao fim do capítulo, o leitor encontrará sugestões de leituras em português para prosseguir nos estudos sobre o assunto.

2. A FACULDADE DA LINGUAGEM

A *lingüística gerativa* – ou *gerativismo*, ou ainda *gramática gerativa* – é uma corrente de estudos da ciência da linguagem que teve início nos Estados Unidos, no final da década de 50, a partir dos trabalhos do lingüista Noam Chomsky, professor do Instituto de Tecnologia de Massachussets, o MIT. Considera-se o ano de 1957 a data do nascimento da lingüística gerativa, ano em que Chomsky publicou seu primeiro livro, *Estruturas sintáticas*. Trata-se, portanto, de uma linha de pesquisa lingüística que já possui 50 anos de plena atividade e produtividade. Ao longo desse meio século, o gerativismo passou por diversas modificações e reformulações, que refletem a preocupação dos pesquisadores dessa corrente em elaborar um modelo teórico formal, inspirado na matemática, capaz de descrever e explicar abstratamente o que é e como funciona a linguagem humana.

A lingüística gerativa foi inicialmente formulada como uma espécie de resposta e rejeição ao modelo behaviorista de descrição dos fatos da linguagem, modelo esse que foi dominante na lingüística e nas ciências de uma maneira geral durante toda a primeira metade do século XX. Para os behavioristas, dentre os quais se destacava o lingüista norte-americano Leonard Bloomfield, a linguagem humana era interpretada como um condicionamento social, uma resposta que o organismo humano produzia mediante os estímulos que recebia da interação social. Essa resposta, a partir da repetição constante e mecânica, seria convertida em hábitos, que caracterizariam o comportamento lingüístico de um falante. Vejamos, por exemplo, como Bloomfield descrevia a maneira pela qual uma criança aprendia a falar uma língua:

> “Cada criança que nasce num grupo social adquire hábitos de fala e de resposta nos primeiros anos de sua vida. (...) Sob estimulação variada, a criança repete sons vocais. (...) Alguém, por exemplo, a mãe, produz, na presença da criança, um som que se assemelha a uma das sílabas de seu balbucio. Por exemplo, ela diz *doll* [boneca]. Quando esses sons chegam aos ouvidos da criança, seu hábito entra em jogo e ela produz a sílaba de balbucio mais próxima, *da*. Dizemos que nesse momento a criança começa a imitar. (...) A visão e o manuseio da boneca e a audição e a produção da palavra *doll* (isto é, *da*) ocorrem repetidas vezes em conjunto, até que a criança forma um hábito. (...) Ela tem agora o uso de uma palavra.” (Bloomfield, 1933: 29-30)

Para um behaviorista, a linguagem humana é exatamente o que descreveu Bloomfield: um fenômeno externo ao indivíduo, um sistema de hábitos, gerado como resposta a estímulos e fixado pela repetição. Numa resenha feita em 1959 sobre o livro *Verbal behavior* (*Comportamento verbal*), escrito por B. F. Skinner, professor da famosa universidade de Harvard e principal teórico do behaviorismo, Chomsky apresentou uma radical e impiedosa crítica à visão comportamentalista da linguagem sustentada pelos behavioristas. Na resenha, Chomsky chamou a atenção para o fato de um indivíduo humano sempre agir criativamente no uso da linguagem, isto é, a todo momento, os seres humanos estão construindo frases novas e inéditas, ou seja, jamais ditas antes pelo próprio falante que as produziu ou por qualquer outro indivíduo.

Por isso, todos os falantes são criativos, desde os analfabetos até os autores dos clássicos da literatura, já que todos criam infinitamente frases novas, das mais simples e despretensiosas às mais elaboradas e eruditas. Pensemos, por exemplo, na frase que acabamos de produzir aqui mesmo neste texto. É muito provável que ela nunca tenha sido proferida exatamente da maneira como o fizemos, bem como jamais será dita novamente da mesma forma. Chomsky chegou a afirmar, inclusive, que a *criatividade* é o principal aspecto caracterizador do comportamento lingüístico humano, aquilo que mais fundamentalmente distingue a linguagem humana dos sistemas de comunicação animal.

De acordo com esse pensamento de Chomsky, se considerarmos a criatividade como a principal característica da linguagem humana, então devemos abandonar o modelo teórico e metodológico do behaviorismo, já que nele não há espaço para eventos criativos, pois, para lingüistas como Bloomfield, o comportamento lingüístico de um indivíduo deve ser interpretado como uma resposta completamente previsível a partir de um dado estímulo, tal como é possível prever que um cão começará a latir ao ouvir, por exemplo, o som de uma campainha, caso tenha sido treinado para isso.[1] Se o behaviorismo deve ser abandonado, como de fato foi, após a publicação da resenha de Chomsky, o gerativismo se apresenta como um modelo capaz de superá-lo e substituí-lo.

Com as suas idéias, Chomsky revitalizou a concepção *racionalista* dos estudos da linguagem, em oposição franca e direta à concepção *empiricista* de Skinner, Bloomfield e demais estruturalistas norte-americanos e europeus. Para Chomsky, a capacidade humana de falar e entender uma língua (pelo menos), isto é, o comportamento lingüístico dos indivíduos, deve ser compreendido como o resultado de um dispositivo inato, uma capacidade genética e, portanto, interna ao organismo humano (e não completamente determinada pelo mundo exterior, como diziam os behavioristas), a qual deve estar fincada na biologia do cérebro/mente da espécie e é destinada a constituir a competência lingüística de um falante. Essa disposição inata para a competência lingüística é o que ficou conhecido como *Faculdade da Linguagem.*

Há, de fato, muitas evidências de que a linguagem seja uma faculdade natural à espécie humana. Pensemos, por exemplo, que, excluindo-se os casos patológicos graves, todos os indivíduos humanos, de todas as raças, em qualquer condição social, em todas as regiões do planeta e em todos os tempos da história foram e são capazes de manifestar, ao cabo de alguns anos de vida e sem receber instrução explícita para tanto, uma competência lingüística – a capacidade natural e inconsciente de produzir e entender frases. É notável que nenhum outro ser do planeta, a não ser o próprio homem, é capaz de dominar naturalmente um sistema de linguagem tão complexo como uma língua natural, mesmo após muitos anos de treinamento. E nem mesmo o mais potente e arrojado dos computadores modernos é capaz de reproduzir artificialmente os aspectos mais elementares do comportamento lingüístico de uma criança de menos de 3 anos de idade, como criar ou compreender uma frase completamente nova.

---

[1] Para uma melhor caracterização da epistemologia Behaviorista e sua superação pela psicologia recente, ver Mehler e Dupoux (1990).

Não é por outra razão que a Faculdade da Linguagem é a característica mental mais marcante que separa os humanos dos demais primatas superiores e do resto do mundo natural. O papel do gerativismo, no seio da lingüística, é constituir um modelo teórico capaz de descrever e explicar a natureza e o funcionamento dessa Faculdade, o que significa procurar compreender um dos aspectos mais importantes da mente humana, como afirmou o próprio Chomsky:

> "Uma das razões para estudar a linguagem (*exatamente a razão gerativista*) – e para mim, pessoalmente, a mais premente delas – é a possibilidade instigante de ver a linguagem como um "espelho do espírito", como diz a expressão tradicional. Com isto não quero apenas dizer que os conceitos expressados e as distinções desenvolvidas no uso normal da linguagem nos revelam os modelos do pensamento e o universo do "senso comum" construídos pela mente humana. Mais instigante ainda, pelo menos para mim, é a possibilidade de descobrir, através do estudo da linguagem, princípios abstratos que governam sua estrutura e uso, princípios que são universais por necessidade biológica e não por simples acidente histórico, e que decorrem de características mentais da espécie humana" (Chomsky, 1980: 09)

Com o gerativismo, as línguas deixam de ser interpretadas como um comportamento socialmente condicionado e passam a ser analisadas como uma faculdade mental natural. A morada da linguagem passa a ser a mente humana.

3. O MODELO TEÓRICO

Naturalmente, apenas postular a existência da Faculdade da Linguagem como um dispositivo inato que permite aos humanos desenvolver uma competência lingüística não resolvia todos os problemas da lingüística gerativa. Era (e ainda é) preciso descrever exatamente como é essa Faculdade, como ela funciona e como é possível que ela seja geneticamente determinada se as línguas do mundo parecem tão diferentes entre si. Para dar conta dessa aparente contradição entre a hipótese da Faculdade da Linguagem e os milhares de línguas existentes no planeta, os lingüistas da corrente gerativa vêm elaborando teorias que procuram explicar o funcionamento da linguagem na mente das pessoas. Ao observar os fatos das línguas naturais, um gerativista faz-se perguntas como:

(i) o que há em comum entre todas as línguas humanas e de que maneira elas diferem entre si?

(ii) em que consiste o conhecimento que um indivíduo possui quando é capaz de falar e compreender uma língua?

(iii) como o indivíduo adquire esse conhecimento?

(iv) de que maneira esse conhecimento é posto em uso pelo indivíduo?

(v) quais são as sustentações físicas presentes no cérebro/mente que esse conhecimento recebe?

Para procurar responder perguntas como essas, a lingüística gerativa propõe-se a analisar a linguagem humana de uma forma matemática e abstrata (formal), que se afasta bastante do trabalho empírico da gramática tradicional, da lingüística estrutural e da sociolingüística, e se aproxima da linha interdisciplinar de estudos da mente humana conhecida como *Ciências Cognitivas*. A maneira pela qual tais perguntas vêm sendo respondidas constitui o *modelo teórico* do gerativismo.

Ao longo dos anos, lingüistas de todas as partes do mundo (inclusive do Brasil, desde a década de 70) têm trabalhado na formulação e no refinamento do modelo teórico gerativista. O mais importante deles é o próprio Chomsky, mas existem muitos estudiosos que dele discordam e acabam formalizando modelos alternativos, que às vezes divergem crucialmente do modelo chomskyano. Não há qualquer dúvida de que Chomsky seja não só o criador, mas principalmente o mais influente teórico da lingüística gerativa – e um dos mais importantes estudiosos da linguagem de todos os tempos –, no entanto não se deve traçar um sinal de igual entre Chomsky e o gerativismo. É muito comum encontrarmos gerativistas que não são chomskyanos, apesar de, quase sempre, ser chomskyano significa ser gerativista. Vejamos a seguir as principais características dos modelos chomskyanos (e convidamos o leitor, ao avançar em seus estudos, a conhecer os modelos diferentes).

4. A GRAMÁTICA COMO SISTEMA DE REGRAS

A primeira elaboração do modelo gerativista ficou conhecida como *Gramática Transformacional* e foi desenvolvida e reformulada diversas vezes durante as décadas de 60 e 70. Os objetivos dessa fase do gerativismo consistiam em descrever como os constituintes das sentenças eram formados e como tais constituintes transformavam-se em outros, por meio da aplicação de regras. Por exemplo, a sentença “o estudante leu o livro” possui cinco itens lexicais, que estão organizados entre si através de relações estruturais que chamamos de *marcadores sintagmáticos*, e tais marcadores poderiam sofrer regras de transformação de modo a formar outras sentenças, como "o livro foi lido pelo estudante", "o que o estudante leu?", "quem leu o livro?" etc. Ou seja, os gerativistas perceberam que as infinitas sentenças de uma língua eram formadas a partir da aplicação de um finito sistema de regras (a gramática), que transformava uma estrutura em outra (sentença ativa em sentença passiva, declarativa em interrogativa, afirmativa em negativa etc.) – e é precisamente esse sistema de regras que, então, se assumia como o conhecimento lingüístico existente na mente do falante de uma língua, o qual deveria ser descrito e explicado pelo lingüista gerativista.

Vejamos um exemplo. A sentença (S) "o aluno leu o livro" é formada pela relação estrutural entre o sintagma nominal (SN) "o aluno" e o sintagma verbal (SV) "leu o livro". O SN é formado pelo determinante (DET) "o" e pelo nome (N) "aluno", e o SV, por sua vez, é formado pelo verbo (V) "leu" e pelo outro SN "o livro", o qual se forma também por uma relação entre DET e N, no caso "o" e "livro" respectivamente. Toda essa estrutura sintagmática pode ser mais claramente visualizada no esquema abaixo, denominado *diagrama arbóreo* (ou, simplesmente, *árvore*), que é a famosa maneira pela qual os gerativistas representam estruturas sintáticas.

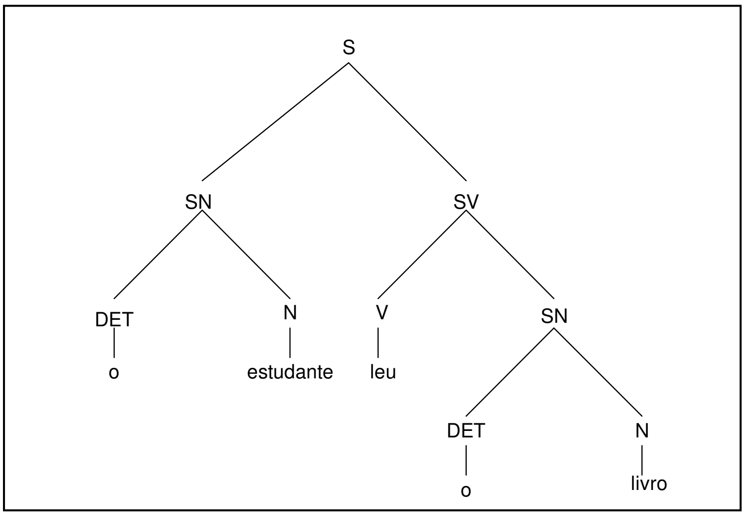

Figura 1: representação arbórea

Essas regras de composição sintagmática explicam como uma estrutura simples como esta é gerada, mas não são suficientes para explicar como uma outra estrutura relacionada, como a voz passiva, seria formada a partir da estrutura de base, no caso, a voz ativa. Para dar conta da relação entre estruturas diferentes mas relacionadas, os gerativistas formularam as regras transformacionais. Essencialmente, uma transformação forma uma estrutura a partir de uma outra previamente existente. A estrutura primeiramente formada é chamada *Estrutura Profunda* e a estrutura dela derivada chama-se *Estrutura Superficial*. Nesse sentido, a voz ativa é interpretada como a estrutura profunda, sobre a qual são aplicadas as regras transformacionais que geram a voz passiva, a estrutura superficial.

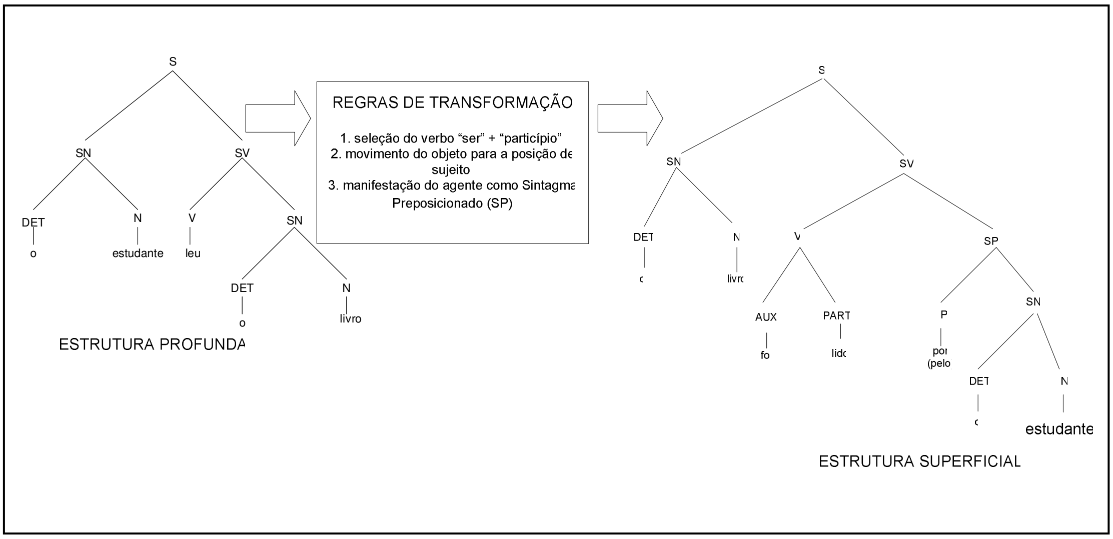
S
SN
SV
DET
o
N
estudante
V
leu
SN
DET
o
N
livro
ESTRUTURA PROFUNDA
REGRAS DE TRANSFORMAÇÃO
1. seleção do verbo "ser" + "particípio"
2. movimento do objeto para a posição d
sujeito
3. manifestação do agente como Sintagm
Preposicionado (SP)
S
SN
SV
DET
N
livr
V
AUX
fo
PART
lid
SP
P
po
(pelo
SN
DET
N
estudante
ESTRUTURA SUPERFICIAL

Na década de 90, a idéia da transformação de uma estrutura profunda numa estrutura superficial seria abandonada em favor de uma visão que não mais *representava* estruturas, e sim as *derivava* – mostrando os passos pelos quais uma estrutura é formada (derivada), sem que ela tenha de ser comparada com uma outra estrutura independente. Não obstante, a idéia das transformações como operações computacionais (fenômenos sintáticos) que derivam sentenças é o tópico central da pesquisa gerativista até o presente.

Outro centro de atenção dos gerativistas sempre foi compreender como é possível que os falantes de uma língua tenham *intuições* sobre as estruturas sintáticas que produzem e ouvem. Por exemplo, todo falante nativo do português sabe que uma frase como "quantos livros você já escreveu?" é perfeitamente normal, e pode ser falada por qualquer um de nós, sem causar estranhamento. Trata-se, portanto de uma frase *gramatical*, normal na língua. Esse mesmo falante do português também sabe, pela sua intuição, que uma frase como "* que livro você conhece uma pessoa que escreveu?" não é normal, é estranha, é uma frase *agramatical* da língua (e, por isso, é antecedida do asterisco, que indica a agramaticalidade).

Ora, como é que o falante sabe disso? Como ele consegue distinguir uma frase gramatical de uma frase agramatical em sua língua? Note bem: estamos falando de um conhecimento implícito, inconsciente e natural acerca da língua, que todos os falantes nativos possuem, e não das regras da gramática normativa que aprendemos na escola. Na escola nunca são analisadas construções como a frase agramatical citada.

(i) quantos livros você já escreveu? → gramatical
(ii) * que livro você conhece uma pessoa que escreveu → agramatical

Figura 3: gramaticalidade

Um outro exemplo: na sentença “João disse que ele vai se casar”, todo falante nativo de português sabe que o pronome “ele” pode referir-se tanto a João quanto a outra pessoa qualquer (do sexo masculino), diferente de João e citada anteriormente no discurso – isto é, a frase pode dizer que o próprio João vai se casar ou que um outro homem vai se casar. Mas na frase “Ele disse que João vai se casar”, o falante sabe que “ele” não pode ser a mesma pessoa que “João” – e, nesse caso, a frase diz somente que o João vai se casar. Todos os falantes de português conhecem inconscientemente esses pequenos fenômenos que acabamos de descrever, e é por isso que entendem e produzem as frases de sua língua. Mas como isso é possível? Como podemos saber essas coisas, se ninguém nos ensina explicitamente como a língua funciona?

Esse conhecimento lingüístico inconsciente que o falante possui sobre a sua língua e que lhe permite essas intuições é o que denominamos *competência lingüística* – o conhecimento interno e tácito das regras que governam a formação das frases da língua. A competência lingüística não é a mesma coisa que o comportamento lingüístico de indivíduo, aquelas frases que de fato uma pessoa pronuncia quando usa a língua. Esse uso concreto da língua denomina-se *desempenho lingüístico* (também conhecido por *performance*, ou ainda *atuação*) e envolve diversos tipos de habilidade que não são lingüísticas, como atenção, memória, emoção, nível de estresse, conhecimento de mundo etc. Imagine que você desejava pronunciar a frase “Vou tentar a sorte”, mas *enrolou a língua* e acabou dizendo “vou tentar a torte”. Ora, o que aconteceu foi apenas um erro de execução, com a preservação do segmento [t] no início da palavra "sorte", o que não significa que seu conhecimento sobre o português tenha sido abalado. O que ocorreu não foi um problema de *conhecimento*, mas sim de *uso*, de *desempenho*, de *performance* da língua.

Classicamente, o interesse central das pesquisas gerativistas recai na competência lingüística dos falantes – muito embora só se possa ter acesso a ela através do desempenho –, pois é essa competência que torna o indivíduo capaz de falar e compreender uma língua. De acordo com essa abordagem, é somente através do estudo da competência que será possível elaborar uma teoria formal que explique o funcionamento abstrato da linguagem na mente dos indivíduos.

Em razão desse interesse central na competência lingüística, os estudos clássicos do gerativismo não costumam usar dados lingüísticos reais (*performance*) retirados do uso concreto da língua na vida cotidiana. O que interessa fundamentalmente ao gerativista é o funcionamento da mente que permite a geração das estruturas lingüísticas observadas nos dados de qualquer *corpus* de fala, mas não lhe interessam esses dados em si mesmos ou em função de qualquer fator extralingüístico, como o contexto comunicativo ou as varáveis sociais que influenciam o uso da linguagem. Os gerativistas usam como dados para as suas análises principalmente (1) testes de gramaticalidade, nos quais frases são expostas a falantes nativos de uma língua, que devem utilizar sua intuição e distinguir as frases gramaticais das agramaticais e (2) a intuição do próprio lingüista, que, afinal, também é um falante nativo de sua própria língua.

Não obstante, os gerativistas que fazem pesquisas aplicadas (psicolingüistas, neurolingüistas etc.)[2] também observam os dados do uso da língua, em situação natural ou em situação experimental, procurando extrair deles informações para o modelo de explicação da competência lingüística. Por exemplo, esses gerativistas se interessam por (1) testes e experimentos psicolingüísticos, com pessoas de todas as idades, nos quais os informantes são levados a produzir ou interpretar determinados tipos de estruturas lingüísticas; (2) testes e experimentos de aquisição da linguagem com crianças, além de gravações da fala natural dessas; (3) testes e experimentos neurolingüísticos, através dos quais se observa o funcionamento do cérebro quando em atividade lingüística, e também se observa o desempenho lingüístico de pacientes afásicos (pessoas que possuem dificuldades no desempenho lingüístico, em decorrência de derrame cerebral, na maior parte das vezes); (4) evidências das mudanças lingüísticas por que passam as línguas, como uma maneira de compreender o que ocorre com a gramática quando algum de seus componentes se transforma ao longo do tempo, perdendo ou ganhando formas. Esse último tipo de análise gerativista é a que mais se aproxima da lingüística baseada em dados concretos do uso da língua (corpus). No Brasil, trabalharam e trabalham nessa linha, que ficou conhecida como Sociolingüística Paramétrica, lingüistas de importância e reconhecimento internacional como Fernando Tarallo, Mary Kato, Maria Eugênia Duarte, dentre outros.

---

[2] Cabe ressaltar que os estudos de psicolingüística, de neurolingüística e de lingüística histórica não são conduzidos exclusivamente sob um viés gerativista. Existem inúmeros pesquisadores de orientação não formalista nessas áreas.

5. A GRAMÁTICA UNIVERSAL: PRINCÍPIOS E PARÂMETROS

Com a evolução da lingüística gerativa, no início dos anos 80 a idéia da competência lingüística como um sistema de regras específicas cedeu lugar à hipótese da Gramática Universal (GU). Deve-se entender por GU o conjunto das propriedades gramaticais comuns compartilhadas por todas as línguas naturais, bem como as diferenças entre elas que são previsíveis segundo o leque de opções disponíveis na própria GU. A hipótese da GU representa um refinamento da noção de Faculdade da Linguagem, sustentada pelo gerativismo desde o seu início: a Faculdade da Linguagem é o dispositivo inato presente em todos os seres humanos, como herança biológica, que nos fornece um algoritmo, isto é, um sistema gerativo, um conjunto de instruções passo-a-passo, como as inscritas num programa de computador, o qual nos torna aptos para desenvolver (ou adquirir) a gramática de uma língua. Esse algoritmo é a GU.

Para procurar descrever a natureza e o funcionamento da GU, os gerativistas formularam uma teoria chamada de Princípios e Parâmetros. Essa teoria possui pelo menos duas fases: a fase da Teoria da Regência e da Ligação (TRL), que perdurou por toda a década de 80, e o Programa Minimalista (PM), em desenvolvimento desde o início da década de 90 até o presente.

As pesquisas da teoria de Princípios e Parâmetros foram e são desenvolvidas principalmente na área da sintaxe, pois é exatamente nas estruturas sintáticas que mais evidentemente se percebem as grandes semelhanças entre todas as línguas do mundo, mesmo entre aquelas que não possuem nenhum parentesco, o que facilita o estudo da

GU. Por exemplo, todas as línguas do mundo possuem estruturas como orações adjetivas, orações interrogativas, e funções sintáticas como sujeito, predicado, complementos.

A possibilidade de estudar a sintaxe isolada dos demais componentes da gramática (léxico, fonologia, morfologia, semântica) é conseqüência de um conceito fundamental do gerativismo, o de *gramática modular*. Segundo ele, os componentes da gramática devem ser analisados como módulos autônomos, independentes entre si, no sentido de que são governados por suas próprias regras, que não sofrem influência direta dos outros módulos. Isto é, o funcionamento de um módulo como, digamos, a sintaxe, é cego em relação às operações da fonologia, por exemplo. Naturalmente, existem pontos de interseção entre os módulos da gramática, afinal a sintaxe cria sintagmas e sentenças a partir das palavras do léxico, e o produto final da sintaxe (a sentença) deve receber uma leitura fonológica e também uma interpretação semântica básica, que no gerativismo se chama Forma Lógica. Podemos visualizar essa interação entre os módulos da gramática no esquema a seguir.

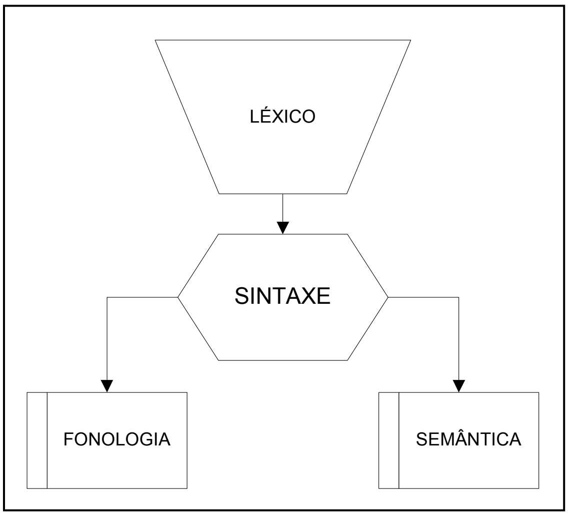

Nessa ilustração, vemos que o elemento central da gramática é a sintaxe. Ela retira do léxico as palavras com as quais construirá, segundo suas próprias regras, estruturas como sintagmas e sentenças, que da sintaxe são encaminhadas para a preparação para a pronúncia, no módulo fonológico, e para a interpretação formal, no módulo semântico. Nessa maneira de compreender o funcionamento da gramática, a morfologia é interpretada como parte do léxico, já que dá conta da estrutura interna da palavra, e também como parte da fonologia, uma vez que deve dar conta das alterações mórficas fonologicamente condicionadas.

No Programa Minimalista atual, entendemos por Princípio as propriedades gramaticais que são válidas para todas as línguas naturais, ao passo que Parâmetro deve ser compreendido como as possibilidades (limitadas sempre de maneira binária) de variação entre as línguas. Por exemplo, quando analisamos as sentenças (a) "João disse que ele vai se casar" e (b) "Ele disse que João vai se casar", vimos que em (a) o pronome "ele" pode referir-se tanto a "João" quanto a qualquer outro homem anteriormente citado no discurso, enquanto na frase (b) "ele" não pode se referir a "João", e necessariamente faz referência a um outro homem.

Essa diferenciação entre a referencialidade do pronome "ele" nas duas frases pode ser explicada da seguinte maneira: nesse contexto, o pronome faz referência a algum elemento que precisa ter sido citado anteriormente no texto – trata-se de um pronome anafórico. É um Princípio da GU que uma anáfora necessariamente deve suceder o seu referente, e nunca o contrário. É por isso que na frase (a) "ele" pode ser tanto "João" quanto outro homem citado numa frase anterior, já que ambos os termos antecedem o pronome. Já no caso de (b) "João" não pode ser o referente de "ele", pois o pronome antecede o nome. Se traduzíssemos (a) e (b) para qualquer língua do mundo, o resultado seria sempre o mesmo: em (b) seria impossível ligar o pronome ao nome citado, mas em (a) isso pode ocorrer. Trata-se, portanto, de um Princípio da GU, exatamente igual em todas as línguas naturais.

Vejamos agora um exemplo de Parâmetro. Se considerarmos que o valor semântico básico da frase (a) seja, digamos, algo como "João disse que ele mesmo, o próprio João, vai se casar", saberemos que "ele" se refere a "João". "João" é o sujeito da oração principal, e "ele" é o sujeito da oração subordinada. Dizemos, então, que os sujeitos das duas orações são correferenciais. O que é interessante nesse exemplo é que o sujeito da segunda oração poderia não ser preenchido por um pronome anafórico, isto é, o sujeito da oração subordinada poderia ser oculto – que na lingüística gerativa chamamos tecnicamente de sujeito nulo (representado aqui informalmente por Ø) –, como ocorre na sentença (c) "João disse que Ø vai se casar".

(i) João disse que ele vai se casar ("ele" → sujeito preenchido)

(ii) João disse que Ø vai se casar ("Ø" → sujeito nulo)

Podemos dizer que a língua portuguesa se caracteriza por suportar a ocorrência de sujeitos nulos, como ocorre também nessas frases "Ø saí ontem", "Ø fomos ao cinema", "Ø fez o trabalho?", "Ø choveu ontem" etc. Tanto nesses casos quanto na oração subordinada em (ii) acima, o SN sujeito do SV predicado não possui nenhum elemento pronunciado, está vazio, nulo, como se ilustra na sentença (s) abaixo.

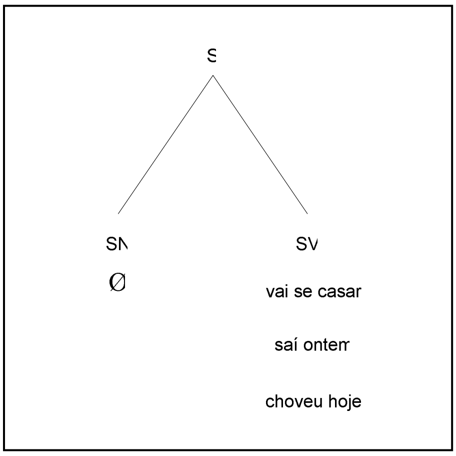

Figura 5: parâmetro do sujeito nulo (+)

Deixar o sujeito nulo é uma propriedade do português, e também de outras línguas, como o espanhol, o italiano, mas essa propriedade não é comum a todas as línguas humanas. Se traduzíssemos as sentenças do quadro acima para línguas como o inglês e o francês, teríamos necessariamente de preencher o SN sujeito com um elemento pronominal, pois nessas línguas o sujeito nulo é uma estrutura agramatical. A frase (ii), por exemplo, só poderia apresentar, em inglês, o pronome anafórico "he" e nunca o sujeito nulo "Ø", independentemente da referencialidade do anáfora pronominal ou zero:

(i) John said that *he* is going to get married

(ii) * John said that Ø is going to get married

A existência de sujeitos nas sentenças é um Princípio da GU, mas a possibilidade de deixá-los nulos nas frases é um Parâmetro da GU, pois línguas como o português se caracterizam como [+ sujeito nulo], enquanto línguas como o inglês são [– sujeito nulo]. É por essa razão que dissemos que os Parâmetros que diferenciam as línguas são previsíveis e distribuídos sempre de maneira binária (+ ou – o parâmetro X). O léxico, por exemplo, não é um fator de diferenciação entre as línguas que possa ser interpretado como opção Paramétrica, já que o léxico é sempre arbitrário, e, por isso mesmo, imprevisível.

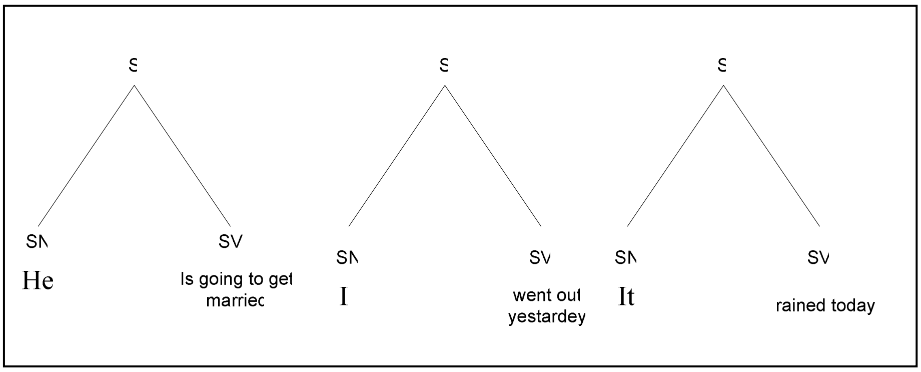

Ao compararmos as figuras 5 e 6, percebemos que somente línguas como o português (e também o espanhol, o italiano etc.) permitem o sujeito nulo “Ø”, nos casos que conhecemos pela gramática tradicional como *sujeito oculto*, *indeterminado* e *inexistente*. Como indica a figura 6, línguas como o inglês (bem como o francês, o alemão etc.) não permitem o sujeito nulo, e exigem o preenchimento do SN sujeito da frase nem que seja com um pronome expletivo (sem conteúdo semântico), como o “it” do inglês.

O projeto da lingüística gerativa é observar comparativamente as línguas humanas, com os seus milhares de fenômenos morfofonológicos, sintáticos, semânticos e sua suntuosa complexidade, com o objetivo de descrever os Princípios e os Parâmetros da GU que subjazem à competência lingüística dos falantes, para, assim, poder explicar como é a Faculdade da Linguagem, essa parte notável da capacidade mental humana.

6. O FOXP2 E A GENÉTICA DA LINGUAGEM

Em outubro de 2001 um geneticista inglês, chamado Anthony Monaco, professor da Universidade de Oxford e integrante do Projeto Genoma Humano, anunciou a descoberta do primeiro gene que aparentemente está destinado a controlar a capacidade lingüística humana: o FOXP2. Monaco estudou diversas gerações da família K.E.[3], e constatou que todos os membros dela possuíam distúrbios de linguagem, que não estavam associados a algum problema físico superficial como língua presa, audição ineficiente etc.

---

[3] A família e os indivíduos que participam de experiências científicas são sempre referidos por suas iniciais, como é o caso aqui, ou por nomes fictícios, para preservar sua privacidade.

Esses distúrbios diziam respeito à conjugação verbal, à distribuição e à referencialidade dos pronomes, à elaboração de estruturas sintáticas complexas, como as orações subordinadas. O interessante é que os avós, pais, filhos e netos da família K.E. não possuíam aparentemente nenhum outro distúrbio cognitivo além desses problemas com o sistema lingüístico. Monaco analisou amostras de DNA dessa família e descobriu que uma única unidade de DNA de um único gene estava corrompida. O FOXP2 é um dos 70 genes diferentes que compõem o cromossomo 7, que é responsável pela arquitetura genética do cérebro humano. Esse gene, o FOXP2, possui 2500 unidades de DNA, e só uma delas apresenta problemas na genética da família K.E.. Monaco estava quase certo de que esse gene deveria ser responsável pela capacidade genética associada à linguagem, e teve certeza disso quando descobriu o jovem inglês C.S., que não possuía parentesco com os K.E., mas apresentava os mesmos distúrbios lingüísticos que os membros dessa família. Monaco analisou o FOXP2 de C.S. e constatou o que presumia: C.S. apresentava um defeito na mesma unidade de DNA do FOXP2 deficiente da família K.E. Daí o geneticista proclamou o que pode ser a descoberta do primeiro gene responsável pela genética da linguagem humana.

Independentemente de as pesquisas de Anthony Monaco serem confirmadas ou não – e há muitos geneticistas que as refutam –, o importante é que elas abriram ou aprofundaram a discussão, fora do âmbito da lingüística gerativa, sobre as bases genéticas da linguagem humana. O FOXP2 é um gene existente também noutros primatas, como chimpanzé e gorilas, mas em quantidade muito reduzida – e isso pode explicar a limitada capacidade de comunicação lingüística desses animais.

Se, de fato, o mapeamento dos genes humanos apontar, como a hipótese FOXP2 esboça, a existência de genes cuja função na genética de nossa espécie é controlar o uso de pronomes, a construção de orações subordinadas, a flexão de verbos etc., então a Faculdade da Linguagem e sua disposição na GU através de Princípios e Parâmetros podem passar a ser considerados não mais hipóteses abstratas, mas, sim, fatos do mundo natural. Conseqüentemente, a lingüística gerativa será a corrente da ciência da linguagem que travará forte diálogo com as ciências naturais.

7. EXERCÍCOS

1) Em seu livro de 1994 (ver indicações bibliográficas), o lingüista e psicólogo norte-americano Steven Pinker afirmou que a linguagem natural é um instinto da espécie humana, uma capacidade que herdamos da natureza. Para Pinker, assim como as aranhas são naturalmente programadas para tecer teias, os humanos são programados para falar (pelo menos) uma língua. Explique por que essa afirmação de Pinker deve ser considerada coerente com os fundamentos da lingüística gerativa. Você concorda, em parte ou completamente, com a afirmação do psicólogo-lingüista? Vê nela algum exagero? Comente.

2) Leia as sentenças abaixo. Ponha um asterisco antes daquelas que considerar, segundo a sua intuição, agramaticais e escreva OK depois daquelas que considerar gramaticais. Logo após explique: de onde vem essa intuição sobre as frases da língua?

a) Parece que os alunos estão cansados.
b) Os alunos, parece que estão cansados.
c) Os alunos parecem estar cansados.
d) Os alunos parecem estarem cansados.
e) Parece os alunos estarem cansados;
f) Parece os alunos estar cansados;
g) Os alunos, parece que eles estão cansados.

3) No final da festa do aniversário do seu filho, a dona Maria ia anunciar que estava na hora de cortar o bolo e disse a seguinte frase: “Vamos gente, está na hora de *b*ortar o *c*olo!”. A própria falante riu do que disse e corrigiu a frase logo depois. O erro lingüístico que dona Maria cometeu deve ser explicado como um problema na *competência* ou no *desempenho* lingüístico? Explique.

4) (Fato real) Antony tem seis anos e sofre de retardamento mental. Seus enunciados são deficientes do ponto de vista semântico e pragmático. Sua sintaxe, porém, é elaborada e corresponde à de uma pessoa normal da sua idade. Eis uma frase dele: “I got two sisters. I got David and Vicky and Margareth” (Tenho duas irmãs. Tenho o David, a Vikcy e a Margareth). De que maneira a competência lingüística de Antony pode ser considerada como uma evidência em favor da hipótese da modularidade da gramática?

5) Observe o que diz John Lyons a respeito da propriedade lingüística da produtividade:

> “O que é impressionante na produtividade das línguas naturais, na medida em que é manifesto na estrutura gramatical, é a extrema complexidade e heterogeneidade dos princípios que a mantêm e constituem. Mas, como insistiu Chomsky, esta complexidade e heterogeneidade não é irrestrita: **é regida por regras**. Dentro dos limites estabelecidos pelas regras da gramática, que são em parte universais e em parte específicos de determinadas línguas, os falantes nativos de uma língua têm a liberdade de agir criativamente – de uma maneira que

> Chomsky classificaria de distintivamente humana – construindo um número indefinido de enunciados." (Lyons, 1987, p. 34)

Explique o que é : a) criatividade como qualidade distintivamente humana e b) criatividade regida por regras.

6) O estruturalismo lingüístico concebia a linguagem humana como uma forma de comportamento, e esse era interpretado como "uma resposta fisiológica a estímulos externos, podendo ser condicionado e programado – da mesma forma que ratos de laboratório podem ser treinados a puxar uma alavanca para obter comida" (O Globo 2000, pág. 414). Explique por que o gerativismo pode ser interpretado como um modelo de análise lingüística radicalmente oposto ao modelo estruturalista/behaviorista.

7) Observe os dados do inglês e do espanhol abaixo. Leve em consideração também a tradução dessas frases para o português. Explique o comportamento dos sujeitos e dos objetos (nulos ou preenchidos) nessas três línguas de acordo com as noções de Princípio e Parâmetros.

Inglês	Espanhol
Did you see John? Int. você viu João	Tu viste a Juan? você viu João
Yes, I saw him. Sim, eu vi –o	Si, yo lo vi Sim, eu o vi
* Yes, I saw. Sim, eu vi Ø	Si, lo vi Sim, Ø o vi
* Yes, saw him. Sim, Ø vi -o	* Si, yo vi Sim, eu vi Ø
* Yes, saw. Sim, Ø vi Ø	* Si, vi Sim, Ø vi Ø

8) Explique por que as descobertas genéticas como a do gene FOXP2 e as pesquisas em neurolingüística e em psicolingüística em geral são uma forma de pôr à prova, para refutar ou confirmar, a validade epistemológica das hipóteses da lingüística gerativa.

8. INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

BERLINCK, R. A., AUGUSTO, M. R., SCHER, A. P. 2000. Sintaxe. In: BENTES, A. C. (org). *Introdução à lingüística*: domínios e fronteiras (vol. 1). São Paulo: Cortez.

CHOSMKY, N. 1998. Novos horizontes nos estudos da linguagem. In: *Noam Chosmky na UFRJ*. Coord. de Luiz Pinguelli Rosa e Miriam Lemle. Rio de Janeiro: UFRJ.

CHOMSKY, N. 1980. Reflexões sobre a linguagem. São Paulo: Cultrix.

FROMKIN, V. & RODMAN, R. 1993. *Introdução à linguagem.*Coimbra, Almedina.

GENNARO, C. 2003. *Semântica*. Campinas: Editora da Unicamp.

MIOTO, C. et al. 2005. *Novo manual de sintaxe*. Santa Catarina: Insular.

MOERI, A. C. 2000. Fonologia. In: BENTES, A. C. (org). *Introdução à lingüística*: domínios e fronteiras (vol. 1). São Paulo: Cortez.

NEGRÃO, E. , SCHER, A., VIOTTI, E. 2003. Sintaxe: explorando a estrutura da sentença. In: FIORIN, J.L. (Org.). *Introdução à lingüística II*. São Paulo: Contexto.

NEGRÃO, E. , SCHER, A., VIOTTI, E. 2002. A competência lingüística . In: FIORIN, J.L. (Org.). *Introdução à lingüística I*. São Paulo: Contexto.

PINKER, Steven. 2002. *O instinto da linguagem*: como a mente cria a linguagem. São Paulo: Martins Fontes.

RAPOSO, E. P. 1992. *Teoria da Gramática. A faculdade da linguagem*. Caminho: Lisboa.

SANDALO, F. 2000. Morfologia.. In: BENTES, A. C. (org).. *Introdução à lingüística*: domínios e fronteiras (vol. 1). São Paulo: Cortez.

ANEXO II - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO E BIBLIOGRAFIA PARA PROVA OBJETIVA E PROVA DE REDAÇÃO
EDITAL Nº 01/2020 - CFO BM 2021

PROGRAMAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA

PROGRAMA
Compreensão e interpretação de textos. Conhecimentos linguísticos - norma culta: acentuação gráfica; classes de palavras: definições, classificações, formas, flexões, empregos; estrutura e formação de palavras; estrutura da oração e do período: aspectos sintáticos e semânticos; concordância verbal; concordância nominal; regência verbal; regência nominal; sinais de pontuação: emprego; emprego de sinal indicativo de crase; ortografia de acordo com a norma padrão, contemplando o Novo Acordo Ortográfico. A variação linguística: as diversas modalidades do uso da língua adequadas às várias situações de comunicação; linguagem verbal e não verbal; Funções de linguagem; Semântica: sinonímia e antonímia; polissemia e ambiguidade. Elementos de textualidade, coesão e coerência textuais; Gêneros Textuais e Tipos de texto: narrativo, descritivo, expositivo, argumentativo e injuntivo; Paragrafação. Noções de Teoria da Literatura: a natureza da linguagem literária; figuras de linguagem; Gêneros Literários; Estilos de época da literatura brasileira: contexto histórico, características, principais autores e suas obras. Análise de textos literários. Estudo de obras literárias: intertextualidade, metalinguagem e elementos estruturadores. Textualização do discurso poético e suas implicações na produção de sentido.

REDAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

PROGRAMA

A prova avaliará, especialmente, as habilidades de produção textual, além da habilidade de leitura de texto(s) motivador(es). Na prova de redação serão aferidas as habilidades de organização e exposição de ideias, bem como a correção gramatical e emprego da norma padrão da língua portuguesa.

O texto elaborado pelo candidato deverá apresentar as seguintes características: pertinência e relevância dos argumentos em relação à proposta apresentada; estruturação lógica e coerente das ideias; expressão clara e concisa; propriedade vocabular; emprego adequado dos mecanismos de coesão, de paragrafação e de sinais de pontuação.

REFERÊNCIAS
AMARAL, Emília et al. *Novas palavras*. São Paulo: FTD, 2013.
ABAURRE, Maria Luiza, ABAURRE, Bernadete e PONTARA, Marcela. *Português*: contexto, interlocução e sentido. Vol. 1, 2 e 3. São Paulo: Moderna, 2013.

ANTUNES, Irandé. *Análise de Textos*: fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 41ª ed. São Paulo: Cultrix.
CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.
EMEDIATO, Wander. *A fórmula do texto*. São Paulo: Geração Editorial, 2007.
INFANTE, Ulisses. *Do texto ao texto.* São Paulo: Scipione, 1991.
KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender*: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.
KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e escrever*: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2014.
LEME, SERRA, PINHO. *Assim se escreve...Gramática. Assim escreveram... Literatura.* São Paulo: E.P.U., 1981.
MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
MARINHO, Janice Helena Chaves; DACONTI, Geruza Corrêa; CUNHA, Gustavo Ximenes. *O texto e sua tipologia*: fundamentos e aplicações. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2012.
NOGUEIRA, Sérgio. *Ortografia.* São Paulo: Rocco, 2009.
PASQUALE e ULISSES. *Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Scipione.
SACCONI, Luiz Antonio. *Nossa Gramática Completa*. São Paulo: Nova Geração, 2011.
TRASK, R.L. *Dicionário de Linguagem e Linguística*. São Paulo: Contexto, 2004.

MATEMÁTICA

PROGRAMA

Linguagem dos conjuntos: Representações de um conjunto, pertinência, inclusão, igualdade, união, interseção e complementação de conjuntos. Números reais: O conjunto dos números naturais - operações, divisibilidade, decomposição de um número natural nos seus fatores primos, máximo divisor comum e mínimo múltiplo comum de dois ou mais números naturais. O conjunto dos números inteiros - operações, múltiplos e divisores. O conjunto dos números racionais - propriedades, operações, valor absoluto de um número, potenciação e radiciação. O conjunto dos números reais - números irracionais, a reta real, intervalos. Unidades de medidas: Comprimento, área, volume, massa, tempo, ângulo e velocidade. Conversão de medidas. Proporcionalidade: Razões e proporções, grandezas direta e inversamente proporcionais, regra de três simples e composta. Porcentagens. Juros simples e compostos. Cálculo algébrico: Operações com expressões algébricas, identidades algébricas. Polinômios de coeficientes reais - operações, raízes, teorema do resto. Equações e inequações - Equações do 1º e 2º graus, relação entre coeficientes e raízes. Inequações de 1º e 2º graus, desigualdades produto e quociente, interpretação geométrica. Sistemas de equações de 1º e 2º graus, interpretação geométrica. Funções: Conceito de função, função de variável real e seu gráfico no plano cartesiano. Composição de funções, função modular, funções inversas, funções polinomiais. Estudo das funções do 1º e 2º graus. Funções crescentes e decrescentes, máximos e mínimos de uma função. Função exponencial e função logaritmo - propriedades fundamentais de expoentes e logaritmos, operações. Gráficos. Equações e inequações envolvendo expoentes e logaritmos. Matrizes e sistemas: Matrizes e determinantes até a 4ª ordem, propriedades e operações. Resolução e discussão de sistemas lineares. Geometria plana: Elementos primitivos, segmento, semirreta, semiplano e ângulo. Retas perpendiculares e paralelas. Teorema de Tales. Triângulos - congruência e semelhança. Quadriláteros. Polígonos. Circunferência e disco. Relações métricas no triângulo e na circunferência. Perímetro e área das principais figuras planas. Trigonometria - Medida de um arco, o grau e o radiano, relação entre arcos e ângulos. O seno, o cosseno e a tangente de um ângulo. Fórmulas para a adição e subtração de arcos. Lei dos senos e lei dos cossenos. Identidades trigonométricas básicas, equações trigonométricas simples. As funções seno, cosseno, tangente e seus gráficos. Relações trigonométricas no triângulo retângulo. Geometria espacial: Conceitos básicos. Posições relativas de retas e planos no espaço. Área lateral e volume do prisma, pirâmide, cilindro, cone e esfera. Geometria analítica plana: Distância entre dois pontos no plano e entre um ponto e uma reta. Condições de paralelismo e perpendicularismo de retas no plano. Estudo da reta e da circunferência. Sequências numéricas: Sequências. Progressões aritméticas e geométricas - Noção de limite de uma sequência. Soma dos termos de uma progressão geométrica infinita. Análise combinatória e probabilidade: O princípio fundamental da contagem. Permutações, arranjos e combinações simples. Binômio de Newton. Incerteza e probabilidade, conceitos básicos, probabilidade condicional e eventos independentes, probabilidade da união de eventos. Estatística básica e tratamento da informação: População estatística, amostras, frequência absoluta e relativa. Distribuição de frequências com dados agrupados, polígono de frequência, médias (aritmética e ponderada), mediana e moda. Leitura, construção e interpretação de gráficos de barras, de setores e de segmentos. Problemas envolvendo raciocínio lógico.

REFERÊNCIAS

PAIVA, Manoel Rodrigues. Matemática: Paiva – Volume 1. 3ª ed. Moderna Plus. Editora Moderna.
PAIVA, Manoel Rodrigues. Matemática: Paiva – Volume 2. 3ª ed. Moderna Plus. Editora Moderna.
PAIVA, Manoel Rodrigues. Matemática: Paiva – Volume 3. 3ª ed. Moderna Plus. Editora Moderna.
IEZZI, Gelson; DOLCE Osvaldo et al. Matemática – Volume único. 6ª ed. Editora Saraiva.
IEZZI, Gelson et al. Matemática Ciência e aplicações – Volume 1. 8ª ed. Editora Saraiva.
IEZZI, Gelson et al. Matemática Ciência e aplicações – Volume 2. 8ª ed. Editora Saraiva.
IEZZI, Gelson et al. Matemática Ciência e aplicações – Volume 3. 8ª ed. Editora Saraiva.
Smole, Katia C. Stocco / Diniz,Maria Ignez. Matemática - Ensino Médio - Vol. 1 - 9ª ed. Editora Saraiva.
Smole, Katia C. Stocco / Diniz,Maria Ignez. Matemática - Ensino Médio - Vol. 2 - 9ª ed. Editora Saraiva.
Smole, Katia C. Stocco / Diniz,Maria Ignez. Matemática - Ensino Médio - Vol. 3 - 9ª ed. Editora Saraiva.

GEOGRAFIA

PROGRAMA

O espaço natural e econômico: Orientação, Localização, Representação da Terra e Fusos Horários. A Terra: Características e Movimentos; Evolução; Camadas da Terra. A Deriva Continental e a Tectônica de Placas. Rochas: Tipos; Características.

Solos: Formação; Conservação. Relevo terrestre e seus agentes. A Atmosfera e sua Dinâmica: Tempo; Clima. As Grandes Paisagens Naturais da Terra. Aspectos Demográficos: Conceitos fundamentais. Aspectos Econômicos Gerais: Comércio; Recursos naturais e extrativismo mineral; Fontes de energia; Indústria; Agricultura. Geografia do Brasil: Regiões Brasileiras: Aspectos Físicos; Aspectos Humanos; Aspectos Políticos; Aspectos Econômicos. Geografia geral: As relações econômicas no mundo moderno: A crise econômica mundial; Os blocos econômicos; A questão da multipolaridade. A globalização. Focos de tensão e conflitos mundiais.

REFERÊNCIAS

BOLIGIAN, Levon; ALVES, Andressa. *Geografia*: espaço e vivência (Ensino Médio). São Paulo: Atual, 2007. 560 p.
MORAES, Paulo Roberto. *Geografia geral e do Brasil*. 4ª ed. São Paulo: Harbra, 2011. 721 p.
SENE, Eustáquio de; MOREIRA, João Carlos. *Geografia para o Ensino Médio*. São Paulo: Scipione, 2007. 448 p.
TERRA, Lygia; ARAÚJO, Regina; GUIMARÃES, R. B. *Conexões*: estudos de geografia geral e do Brasil. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2010. 648 p.
IBGE. Atlas Nacional do Brasil Milton Santos. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. 307p. Disponível em: <http://loja.ibge.gov.br/cartas-mapas-e-cartogramas/atlas/atlas-nacional-do-brasil-milton-santos.html>.
IBGE. Atlas geográfico das zonas costeiras do Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. 176 p. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=255263>.
IBGE. Atlas Geográfico Escolar. 8ª ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: https://atlasescolar.ibge.gov.br/.
IBGE. Atlas do Censo Demográfico 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. 156 p. Disponível em: <http://loja.ibge.gov.br/cartas-mapas-e-cartogramas/atlas/atlas-do-censo-demografico-2010.html>.
PNUD, IPEA, FJP. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal Brasileiro. Brasília: PNUD, 2013. 96 p. Disponível em: <http://ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&id=19153>.

HISTÓRIA

PROGRAMA

O mundo moderno: A expansão marítima europeia e as práticas mercantilistas; Da formação das monarquias nacionais ao absolutismo; O Renascimento; As reformas protestantes e a contrarreforma católica. A colonização europeia na época moderna: A África na rota do expansionismo e do colonialismo europeu; A África por dentro: manifestações culturais, sociedades política/impérios, economia (do colonialismo moderno às independências pós II Guerra); As civilizações “pré-colombianas”; A colonização europeia no continente americano; América espanhola; América portuguesa; América inglesa; A presença francesa e holandesa. A crise do antigo regime: As revoluções inglesas do século XVII; O pensamento europeu no século das luzes: Iluminismo, Despotismo Esclarecido e Liberalismo; Rebeliões, insurreições, levantes e conjuras no mundo colonial. O surgimento do mundo contemporâneo: A Revolução Industrial e o triunfo do capitalismo; Processo de emancipação e independência das colônias inglesas no continente americano; A Revolução Francesa e expansão de seus ideais; O processo de independência e construção de nações na América espanhola; Portugal, Brasil e o período joanino; A independência e a organização do Estado brasileiro. O mundo contemporâneo: Na Europa, as novas lutas (Liberalismo X Conservadorismo); O fenômeno do nacionalismo e o triunfo do liberalismo político; Os trabalhadores, suas lutas, seus projetos e suas ideologias; O capitalismo monopolista e a expansão imperialista a partir do século XIX; A *Belle époque.* A periferia global sob domínio do centro capitalista: África, América e Ásia. O continente americano no século XIX: Os EUA e a expansão das fronteiras, a consolidação da ordem interna e suas relações externas; América espanhola a difícil consolidação da ordem interna: do caudilhismo aos regimes oligárquicos; O Estado Imperial brasileiro; O Primeiro Reinado; O Período Regencial; O Segundo Reinado. O Breve Século XX: O começo do declínio da Europa: I Guerra Mundial; Período entre guerras; A Revolução Russa: da construção à afirmação do socialismo; EUA, da expansão à crise de 1929; Os regimes de direita em expansão no continente europeu e seus reflexos no mundo; A II Guerra Mundial; O mundo sob a hegemonia dos EUA e da URSS: a Guerra Fria; As manifestações culturais do século XX. Na periferia do mundo ocidental: Do populismo e revoluções sociais às ditaduras na América Latina; O Brasil republicano; A Primeira República; A Era Vargas; Período populista; Ditadura civil-militar (1964-1985); O Brasil da Nova República aos dias atuais; As lutas de libertação nacional na África e Ásia; As questões de identidade: etnia, cultura, território. A Nova Ordem Mundial: O fim da Guerra Fria; Globalização, neoliberalismo, desigualdades e exclusões sociais no mundo de fins do século XX e início do XXI; Os blocos econômicos e seus impactos; As lutas e conflitos entre árabes e israelenses; A Primavera Árabe.

REFERÊNCIAS

Coleções, estudos específicos, coletâneas de estudos:

ALMOND, Mark. O Livro de Ouro das Revoluções. Movimentos políticos que mudaram o mundo. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2016.

ALVES, Maria Helena Moreira. Estado e oposição no Brasil (1964-1984). Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1985.

ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges (Direção). História da Vida Privada. 5 volumes. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CYTRYNOWICZ, Ronney. Guerra sem guerra. A mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Geração editorial, 2002.

DELUMEAU, Jean. A civilização do renascimento. 2 volumes. Lisboa, PT: Editorial Estampa, 1984.

DUROSELLE. Jean-Baptiste. A Europa e 1815 aos nossos dias. São Paulo: Pioneira, 1976.

FAUSTO, Boris. História do Brasil. São Paulo: Edusp, 2007.

FELBERG, Samuel. Estados Unidos e Israel. Uma aliança em questão. São Paulo: Hucitec, 2008.

FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida. Barrocas famílias. Vida familiar em Minas Gerais no século XVIII. São Paulo: Hucitec, 1997.
FRAGOSO, João; GOUVÊA, Maria de Fátima (Organizadores). Coleção O Brasil Colonial. 3 volumes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
HOBSBAWM, Eric. *A Era das Revoluções*, 1798-1848. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
HOBSBAWM, Eric. *A Era do Capital*, 1848-1875. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Impérios*, 1875-1914. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Extremos*. O breve século XX, 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude. História dos Jovens. 2 volumes. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
MACHADO, André Roberto de A.; TOLEDO, Maria Rita de Almeida (orgs). Golpes na História e na Escola. O Brasil e a América Latina nos séculos XX e XXI. São Paulo: Editora Cortez; São Paulo: ANPUH/SP, 2017.
MENESES, José Newton Coelho. O continente rústico. Abastecimento alimentar nas Minas Gerais setecentistas. Diamantina/MG: Maria Fumaça, 2000.
MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Introdução à História dos Partidos Políticos Brasileiros. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Jango e o Golpe de 1964 na caricatura. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
NOVAIS, Fernando Antônio (Direção). História da Vida Privada no Brasil. 4 volumes. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
PARADA, Maurício. Formação do mundo contemporâneo. O século estilhaçado. Petrópolis/RJ: Vozes. Rio de Janeiro/RJ: Editora PUC Rio, 2014.
RODRIGUEES, Antônio Edmilson M.; KAMITA, João Masao. História Moderna. Os momentos fundadores da cultura ocidental. Petrópolis: Ed. Vozes; Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2018.
SCHWARCZ, Lilia Moritz (Direção). *História do Brasil Nação*: 1808-2010 – 5 volumes. Rio de Janeiro: Objetiva; Fundación MAPFRE, 2012.
SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloísa Murgel. *Brasil*: Uma Biografia. São Paulo: Cia. das Letras, 2015.
SCHWARCZ, Lilia Moritz; Sobre o autoritarismo brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
SOUZA, Marina de Mello E. *África e Brasil Africano*. São Paulo: Ática, 2006.
SOUZA, Jessé. A elite do atraso. Da escravidão à lava-jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.
THOMPSON. E. P. Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Coleções de livros paradidáticos:
a) *Discutindo a História*. Atual Editora.
b) *Discutindo a História do Brasil.* Atual Editora.
c) *História Viva*. Atual Editora.
d) *Repensando a História*. Editora Contexto.
e) *Descobrindo o Brasil*. Jorge Zahar Editor.
f) *Série Princípios*. Editora Ática.

g) *Tudo é História.* Editora Brasiliense.
h) Repensando a História. Editora Contexto

Revistas:
Revista de História da Biblioteca Nacional.
Nossa História
História Viva.

Livros didáticos:
História da África
História da América
História do Brasil.
História Geral

DIREITOS HUMANOS

PROGRAMA

Conceito e características dos direitos humanos; histórico dos direitos humanos e dos direitos humanos no constitucionalismo brasileiro.

REFERÊNCIAS

MORAES, Alexandre de. *Direitos Humanos Fundamentais*.
Constituição da República Federativa do Brasil: Títulos I e II. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm
Constituição do Estado de minas Gerais: Títulos I e II. Disponível em: https://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa-nova-min.html?tipo=Con&num=1989&ano=1989
Lei nº 8.069, de 13/07/90, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Dsiponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm
Lei nº 9.455, de 07/04/97, que define os crimes de tortura e dá outras providências.Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9455.htm
Lei nº 10.741, de 1º/10/2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm

QUÍMICA

PROGRAMA

Propriedades dos Materiais: Estados físicos e mudanças de estado. Variações de energia e do estado de agregação das partículas. Temperatura termodinâmica e energia cinética média das partículas. Propriedades dos materiais: cor, aspecto, cheiro e sabor; temperatura de fusão, temperatura de ebulição, densidade e solubilidade. Substâncias e critérios de pureza. Misturas homogêneas e heterogêneas. Métodos de separação.

Estrutura Atômica Da Matéria: Constituição Dos Átomos: Modelo atômico de Dalton: descrição e aplicações. Modelo atômico de Thomson: natureza elétrica da matéria e existência do elétron.Modelo atômico de Rutherford e núcleo atômico. Prótons, nêutrons e elétrons. Número atômico e número de massa. Modelo atômico de Bohr: os subníveis, configurações eletrônicas por níveis de energia. Aspectos qualitativos da teoria quântica (Orbitais e números quânticos).

Tabela periódica e propriedades: Organização da tabela periódica, propiedades periódicas e aperiódicas.

Ligações Químicas:; ligação iônica, ligação covalente e propriedades; polaridade da ligação e eletronegatividade. Exceções à regra do octeto. Forças das ligações covalentes; geometria molecular; forças intermoleculares; ligações metálicas;

Ligações Químicas e Interações Intermoleculares: símbolos de Lewis e a regra do octeto e exceções à regra. Propriedades macroscópicas de substâncias sólidas, líquidas e gasosas e de soluções: correlação com os modelos de ligações químicas e de interações intermoleculares. Energia em processos de formação ou rompimento de ligações químicas e interações intermoleculares. Modelos de ligações químicas e interações intermoleculares. Substâncias iônicas, moleculares, covalentes e metálicas. Polaridade das moléculas. Reconhecimento dos efeitos da polaridade de ligação e da geometria na polaridade das moléculas e a influência desta na solubilidade e nas temperaturas de fusão e de ebulição das substâncias.

Funções inorgânicas: dissociação e ionização. Conceitos e propriedades de ácidos, bases, óxidos e sais. Teoria de Arrhenius. Classificação e nomenclatura dos compostos inorgânicos.

Reações Químicas e Estequiometria: Reação química: conceito e evidências experimentais. Equações químicas: balanceamento e uso na representação de reações químicas comuns. Oxidação e redução: conceito, balanceamento, identificação e representação de semirreações. Massa atômica, mol e massa molar: conceitos e cálculos. Aplicações das leis de conservação da massa, das proporções definidas, do princípio de Avogadro e do conceito de volume molar de um gás. Cálculos estequiométricos.

Soluções Líquidas: Soluções e solubilidade. O efeito da temperatura na solubilidade. Soluções saturadas. O processo de dissolução: interações soluto/solvente; efeitos térmicos. Eletrólitos e soluções eletrolíticas. Concentração de soluções: em g/L, em mol/L e em percentuais. Cálculos. Propriedades coligativas. Relações qualitativas e quantitativas entre a concentração de soluções de solutos não-voláteis e as propriedades: pressão de vapor, temperatura de congelação e de ebulição e a pressão osmótica.

Termoquímica: Calor e temperatura: conceito e diferenciação. Processos que alteram a temperatura das substâncias sem envolver fluxo de calor – trabalho mecânico, trabalho elétrico e absorção de radiação eletromagnética. Efeitos energéticos em reações químicas. Calor de reação e variação de entalpia. Calorimetria. Reações exotérmicas e endotérmicas: conceito e representação. A obtenção de calores de reação por combinação de reações químicas; a lei de Hess.

Cálculos. A produção de energia pela queima de combustíveis: carvão, álcool e hidrocarbonetos. Aspectos químicos e efeitos sobre o meio ambiente.

Cinética Química: Fatores que afetam as velocidades das reações; velocidade das reações; concentração e velocidade; variação da concentração com o tempo; temperatura e velocidade; mecanismos da reação e catálise.

Equilíbrio Químico: conceitos de equilíbrio; constante de equilíbrio; equilíbrios heterogêneos; cálculos da constante de equilíbrio; aplicações da constante de equilíbrio; princípio de Le Chântelier; equilíbrio ácido base; ácidos e bases segundo Bronsted-Lowry; a auto ionização da água; escala de pH; ácidos e bases fortes e fracos; propriedades ácido-base dos sais; efeito do íon comum; solução tampão; titulações simples entre ácidos e bases fortes; equilíbrio de solubilidade e constante do produto de solubilidade.

Eletroquímica: Reações redox; balanceamento de equações redox; pilhas e potencial das pilhas; espontaneidade das reações redox; baterias comerciais; corrosão; eletrólise (aspectos qualitativos e quantitativos).

Química Orgânica: conceituação de grupo funcional e reconhecimento por grupos funcionais de: alquenos, alquinos e arenos (hidrocarbonetos aromáticos), alcoóis, fenóis, éteres, aminas, aldeídos, cetonas, ácidos carboxílicos, ésteres e amidas. Representação de moléculas orgânicas. Carbono tetraédrico, trigonal e digonal e ligações simples e múltiplas. Fórmulas estruturais – de Lewis, de traços, condensadas e de linhas e tridimensionais. Variações na solubilidade e nas temperaturas de fusão e de ebulição de substâncias orgânicas causadas por: aumento da cadeia carbônica, presença de ramificações, introdução de substituintes polares, isomeria constitucional e diastereoisomeria cis/trans. Reações orgânicas: reações de adição, eliminação, substituição e oxirredução. Polímeros: identificação de monômeros, unidades de repetição e polímeros – polietileno, PVC, teflon, poliésteres e poliamidas.

REFERÊNCIAS

ATKINS, P.; JONES, L. Princípios de Química: questionando a vida moderna e o meio ambiente. Editora Bookman, 2006.
BROWN, T.L.; LEMAY JR, H.E.; BURDGE, J.R. Química: a ciência central. Editora Pearson. 9ª edição. São Paulo. 2005.
CANTO, E. L.; PERUZZO, F. M.; Química na abordagem do cotidiano. São Paulo: Volumes 1, 2 e 3, Editora Moderna. 2011.
FELTRE, R. Química. V. 1, 2, 3. São Paulo: Editora Moderna. 2011.
MOL, G. S.; et al; Química para a nova geração – Química cidadã. São Paulo: v. 1, Editora Nova Geração, 2011.
MORTIMER, E.F.; MACHADO, A.H. QUÍMICA. Coleção projeto Voaz. V. 1, 2, 3. São Paulo. Editora Ática Scipione. 2011.
NOVAIS, V.L.D.; ANTUNES, M.T. Química vivá. Terceiro ano. 1º edição. Editora Positivo. Curitiba. 2016.
REIS, M.; Química. Ensino Médio. Volumes 1,2 e 3. São Paulo. Editora FTD, 1º edição, 2014.

RUSSEL, J. Química Geral. v. 1 e 2. Editora Makron Books.
USBERCO, J. ; SALVADOR. Química. Vol. 1, 2 e 3, São Paulo: Editora Saraiva, 2013.

BIOLOGIA

PROGRAMA

Biologia celular – Células eucariontes e procariontes; estrutura do material genético e a síntese de proteínas; duplicação do material genético e divisões celulares: mitose e meiose; metabolismo celular: fotossíntese, fermentação e respiração.
Zoologia - Classificação e características principais de animais invertebrados e vertebrados; principais doenças causadas por helmintos; sistemas do corpo humano.
Botânica – Classificação e características principais dos grupos vegetais.
Microbiologia - Principais doenças causadas por vírus, bactérias e protozoários.
Genética - Leis de Mendel; análise de heredogramas; herança dos grupos sanguíneos; noções de biotecnologia.
Evolução - Teoria sintética da evolução; especiação.
Ecologia - Habitat e nicho ecológico; relações intraespecíficas e interespecíficas; ciclos biogeoquímicos; biomas brasileiros; relações tróficas: níveis, cadeia e teias; principais tipos de agressões ao meio ambiente e suas soluções.

REFERÊNCIAS

ALBERTS, B. et al. Biologia molecular da célula. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.
BARNES, R. D. et al. Zoologia dos invertebrados. 7. Ed. Roca, 2005.
DAJOZ, R. Princípios de Ecologia. 7ª Edição Porto Alegre: Artmed, 2015.
GRIFFITHS, A. J. F. et al. Introdução à genética. 9ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 2016.
MADIGAN, M. T. et al. Microbiologia de Brock. 14. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2016.
MOYES, C. D. et al. Princípios de Fisiologia Animal. 2ª Edição. Ed. Artimed, 2010.
POUGH, F. H. et al. A vida dos Vertebrados. 4ª edição. São Paulo, Atheneu, 2008.
RAVEN, P. H. et al. Biologia vegetal. 8 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014.
RIDLEY, M. Evolução. 3ª ed. Porto Alegre (RS): Artmed Editora, 2006.

FÍSICA

PROGRAMA

Potência de dez - Ordem de grandeza. Algarismos significativos - precisão de uma medida. Mecânica: Grandezas escalares e vetoriais - operações elementares. Velocidade média. Movimento retilíneo uniforme. Aceleração - Movimento retilíneo uniformemente variado - Movimentos Circular uniforme. Composição de forças - 1ª lei de Newton - equilíbrio de uma partícula - peso de um corpo - força de atrito. Composição de velocidade - independência de movimentos - Movimento de um projétil. Equilíbrio dos fluídos - Densidade - Pressão - Pressão atmosférica - Princípio de Arquimedes. Força e aceleração - Massa - 2ª lei de Newton. Forças de ação e reação - 3ª lei de Newton. Trabalho de uma força constante - Potência. Energia cinética. Energia potencial gravitacional e elástica - conservação da energia mecânica. Quantidade de movimento linear de uma partícula (conservação); Gravitação - Leis de Kepler e Lei de Newton. Termodinâmica: Temperatura - Escalas termométricas - Dilatação (sólido/líquido). Quantidade de calor sensível e latente. Gases ideais – Transformações isotérmica, isobárica, isovolumétrica e adiabática. Equivalente mecânico da caloria - calor específico – capacidade térmica – energia interna. 1ª Lei da termodinâmica. Mudanças de fase. 2ª Lei da termodinâmica - transformação de energia térmica em outras formas de energia. Vibrações E Ondas: Movimento harmônico simples. Ondas elásticas: propagação - superposição - reflexão e refração - noções sobre a interferência, difração e ressonância. Som. Ótica: Propagação e reflexão da luz - espelhos planos e esféricos de pequena abertura; Refração da luz - dispersão e espectros - lentes esféricas, delgadas e instrumentos óticos; Ondas luminosas - reflexão e refração da luz sob o ponto de vista ondulatório - interferência e difração. Eletricidade: Carga elétrica - Lei de Coulomb. Campo elétrico - campo de cargas pontuais - movimento de uma carga em um campo uniforme. Corrente elétrica, diferença de potencial, resistência elétrica. Lei de Ohm - Efeito Joule. Associação de resistências em série e em paralelo. Geradores de corrente contínua: força eletromotriz e resistência interna - circuitos elétricos; Experiência de Oersted - Campo magnético de uma carga em movimento - indução magnética. Força exercida por um campo magnético sobre uma carga elétrica e sobre condutor retilíneo. Força eletromotriz induzida - Lei de Faraday - Lei de Lenz - Ondas eletromagnéticas. Física Moderna: Quantização de energia - efeito fotoelétrico. A estrutura do átomo: experiência de espalhamento de Rutherford - espectros atômicos; O núcleo atômico - Radioatividade - Reações nucleares.

REFERÊNCIAS

GASPAR, Alberto. Física – volumes 1, 2, 3.
HEWITT,Paul. Física Conceitual.
MÁXIMO, Antônio; ALVARENGA, Beatriz. Curso de Física – volumes 1, 2, 3.
RAMALHO, NICOLAU, TOLEDO; os fundamentos da física – volumes 1, 2, 3.

INGLÊS

PROGRAMA

A prova visa a compreensão de texto, abrangendo o conhecimento de estruturas básicas e particulares da língua (aquisições gramaticais e léxicas básicas) bem como as habilidades de inferência pelo contexto, dedução, análise e síntese. Para tal será necessária a aplicação de alguns conhecimentos gramaticais, como:

1. Sistema verbal: tempos e modos.
2. Orações relativas e condicionais.
3. Discurso indireto.
4. Elementos coesivos.
5. Formação de palavras: prefixos e sufixos.
6. Adjetivos, preposições e formas adverbiais.

REFERÊNCIAS

LEECH, Geoffrey & SVARTVIK, Jan. A Communicative Grammar of English – Second Edition. New York: Longman Group, 1994.
Murphy, Raymond. English Grammar in Use. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
SWAN, Michael. Practical English Usage. Oxford: Oxford University Press, 1980

(a)ALESSANDRO FÁBIO DALDEGAN, TENENTE-CORONEL BM
RESPONDENDO PELO COMANDO DA ABM

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Termos Acessórios 2
  Adjunto Adverbial 2
  Adjunto Adnominal 3
  Aposto 3
  Vocativo 4

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Termos Acessórios

Os termos acessórios desempenham função secundária, ou seja, caracterizar um nome, determinar substantivos ou exprimir circunstâncias. Isso significa que, embora não sejam obrigatórios, trazem informações a mais sobre o que se quer dizer.

São eles:

→ **Adjunto adverbial**

→ **Adjunto adnominal**

Adjunto Adverbial

É o termo ou expressão que exprime circunstância (de tempo, modo, lugar, etc). Ou seja, é aquilo que modifica um verbo, um adjetivo ou um advérbio.

Ex.:

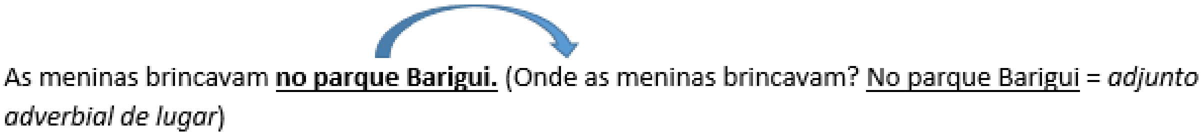

As meninas brincavam **no parque Barigui.** (Onde as meninas brincavam? No parque Barigui = *adjunto adverbial de lugar*)

Todos os dias eu vou ao pilates. (Quando eu vou ao pilates? Todos os dias = *adjunto adverbial de tempo)*

Dica:

Você sabe a diferença entre os adjuntos adverbiais e os advérbios ou locuções adverbiais?

Veja:

Adjuntos adverbiais → **Função sintática**

Advérbios ou Locuções Adverbiais → **Classificação morfológica**

Todos indicam circunstâncias que modificam verbo, advérbio e adjetivo. A única coisa que se altera, portanto, é o nome, dependendo da análise que se pretende: morfológica ou sintática. Viu só como é simples?

A lista de circunstâncias que os adjuntos adverbiais podem indicar é muito vasta. Observe as principais:

Tempo	**Ex.: amanhã, mês passado, agora, frequentemente.**
Modo	**Ex.: rapidamente, sem parar, com paciência.**
Lugar	**Ex.: em casa, aqui, na cidade próxima.**
Intensidade	**Ex.: muito, tanto, tão, pouco.**
Meio ou Instrumento	**Ex.: a lápis, de carro, com o garfo.**
Dúvida	**Ex.: talvez, provavelmente, quiçá.**
Afirmação	**Ex.: sim, com certeza, indubitavelmente.**
Negação	**Ex.: não, jamais, de forma alguma.**

Atenção: o termo *nunca* pode indicar mais de uma circunstância, a indicação dependerá do contexto.

Ex.: Ele nunca vem aqui. (Quando ele vem aqui? Nunca = *adj. adverbial de tempo*)

≠

Eu nunca irei a esse lugar. (Eu irei a esse lugar? Nunca = *adj. adverbial de negação*)

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Adjunto Adnominal

É o termo ou expressão que caracteriza ou determina o núcleo de um elemento (normalmente, um substantivo).

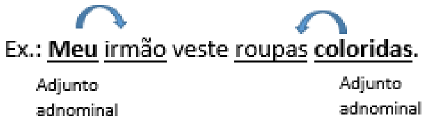

Ex.: **Meu** irmão veste roupas **coloridas**.

Adjunto adnominal
Adjunto adnominal

Dica

Para identificar mais facilmente um adjunto adnominal, verifique a classe gramatical do termo. Podem exercer essa função:

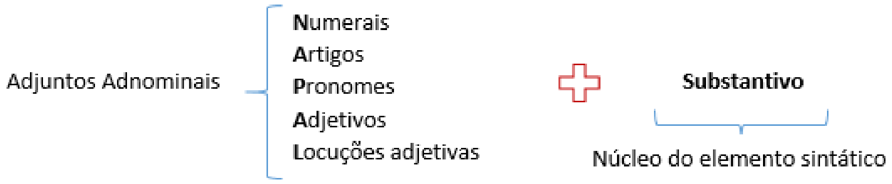

Adjuntos Adnominais
Numerais
Artigos
Pronomes
Adjetivos
Locuções adjetivas
Substantivo
Núcleo do elemento sintático

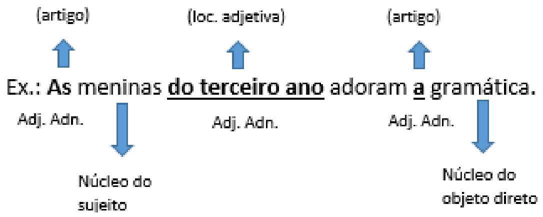

Ex.: **As** meninas **do terceiro ano** adoram **a** gramática.

(artigo)
(loc. adjetiva)
(artigo)
Adj. Adn.
Adj. Adn.
Adj. Adn.
Núcleo do sujeito
Núcleo do objeto direto

Dica²:

Não confunda *adjunto adnominal* com *predicativo do objeto* quando o adjunto aparecer no predicado da oração. A confusão é bastante comum. Para não cair nessa, observe o macete:

Quando se tratar de *adjunto adnominal*, ao transformar o complemento do verbo em pronome oblíquo, você verá que a característica do objeto também será suprimida, afinal, faz parte do complemento.

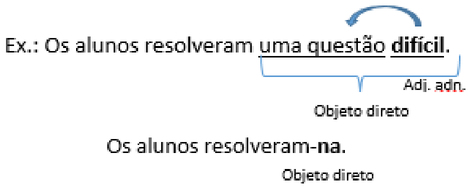

Ex.: Os alunos resolveram uma questão **difícil**.

Os alunos resolveram-**na**.

Adj. adn.
Objeto direto
Objeto direto

Quando se tratar de *predicativo do objeto*, ao transformar o complemento do verbo em pronome oblíquo, você verá que a característica do objeto NÃO será suprimida, afinal, não faz parte do complemento.

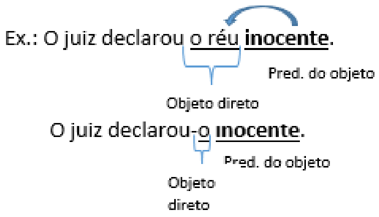

Ex.: O juiz declarou o réu **inocente**.

O juiz declarou-o **inocente**.

Pred. do objeto
Objeto direto
Pred. do objeto
Objeto direto

Aposto

É a palavra ou expressão que explica, especifica, desenvolve ou resume outro termo da oração.

→ **Explicativo:**

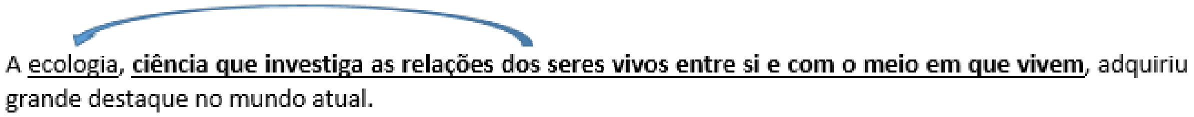

A ecologia, **ciência que investiga as relações dos seres vivos entre si e com o meio em que vivem**, adquiriu grande destaque no mundo atual.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

→ **Especificativo:**

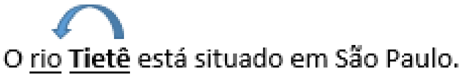

O rio **Tietê** está situado em São Paulo.

→ **Enumerativo ou desenvolvido:**

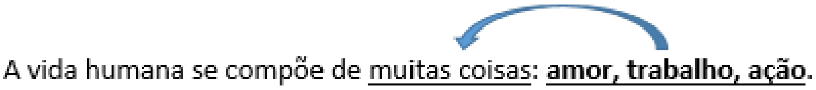

A vida humana se compõe de muitas coisas: **amor, trabalho, ação**.

→ **Resumitivo:**

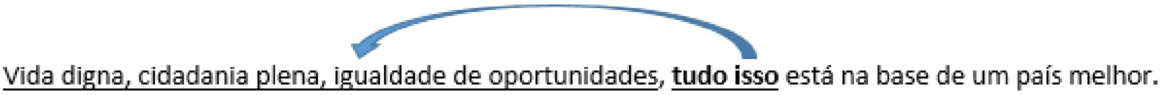

Vida digna, cidadania plena, igualdade de oportunidades, **tudo isso** está na base de um país melhor.

Vocativo

É o termo usado para chamar ou interpelar uma pessoa, animal ou personificação a que nos dirigimos, sempre isolado por vírgula.

Ex.: Mãe, preciso de você!

Voltem já para casa, seus desobedientes!

"Ó mar salgado, quanto do teu sal são lágrimas de Portugal" (Fernando Pessoa)

Exercícios

01. Assinale a alternativa em que os termos destacados referem-se a um aposto.

- ***a)*** O padre **antigo** é mais carismático que este novo.
- ***b)*** Por favor, **senhor Manoel**, ajude-me com estas caixas?
- ***c)*** O guaraná **Antártica** é muito bom.
- ***d)*** Socorro, **meu Deus**! Eu não sei nadar!
- ***e)*** A dama **de vermelho** está chegando.

02. Dos enunciados a seguir, qual deles **não** indica um vocativo?

- ***a)*** Olá, **minha amiga**! Há quanto tempo não te vejo!
- ***b)*** **Gente**, não adianta, eu não sei como fazer isso.
- ***c)*** **Por favor**, Maria, fique um pouco mais.
- ***d)*** **Ó céus**, que fiz eu para merecer tanta injustiça?
- ***e)*** Você não me engana, **querido**.

Gabarito

01 - C

02 - C

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

PONTUAÇÃO

Lembre que:

- **Vírgula** ,
  A **vírgula** é usada para:
  → separar os nomes de uma relação.
  Exemplo:
  A banana, a laranja, a maçã e o abacate são frutas saborosas.

  → separar palavras que indicam chamamento.
  Exemplo:
  Marina, venha almoçar!

  → separar os lugares das datas.
  Exemplo:
  Belo Horizonte, 10 de junho de 2006.

- **Ponto-final** .
  O **ponto-final** indica o fim de uma frase afirmativa ou negativa.
  Exemplo:
  As crianças discutiam para ver quem começava o jogo.
- **Ponto e vírgula** ;
  O **ponto e vírgula** indica uma pausa maior que a vírgula.
  Exemplo:
  Paulo colocou os livros na estante; depois arrumou o quarto.
- **Dois-pontos** :
  Os **dois-pontos** são usados:

  → para indicar que alguém vai falar.
  Exemplo:
  Patrícia disse:
  – Quero comer bolo!

  → antes de uma enumeração.
  Exemplo:
  As personagens da história são: Clara, Pedrinho, José e o soldado.

- **Reticências** ...
  As **reticências** indicam que o pensamento não está completo, que foi interrompido.
  Exemplos:
  – Estava escuro!... Todos dormiam.
  – Os meninos ficaram quietinhos... muito quietinhos...
- **Aspas** “ ”
  As **aspas** são usadas para:

  → indicar citações.
  Exemplo:
  “Ordem e Progresso” é o lema da bandeira brasileira.

  → chamar a atenção para uma palavra ou expressão.
  Exemplo:
  Os “bonecos de pau” não existem mais.
- **Travessão** –
  O **travessão** é usado para indicar a fala de uma personagem num diálogo.
  Exemplo:
  – Psiu!... Vá devagarinho. Não faça barulho.

1. Escreva frases usando os seguintes sinais de pontuação:

a) Vírgula

____

b) ponto-final

____

c) ponto e vírgula

____

d) dois-pontos

____

e) reticências

____

f) aspas

____

g) travessão

____

2. Numere as falas de acordo com a pontuação a que se refere:

1. Ponto de exclamação

2. Ponto de interrogação

3. Vírgulas

4. Dois-pontos

5. Ponto e vírgula

6. Aspas

7. Ponto-final

( ) – Importante é o meu sinal. Basta. Fim.

( ) – Importante é o que sou! Eu preparo toda a ação e a e-nu-me-ra-ção!

( ) – Somos usadas também para separar os nomes de uma relação.

( ) – Quem é? Por quê? Aonde? Quando?

( ) – Socorro! Viva! Dá o fora!

( ) – Sem nossa contribuição não existe citação.

( ) – Sem por cima ter um ponto, vírgula é um sinal bem tonto!

3. Reescreva as frases e coloque vírgula quando necessário:

a) Mariana foi à escola e levou lápis caderno borracha lapiseira e livro.

____

b) São Paulo 24 de fevereiro de 2005.

____

c) Naquela fazenda há porcos bois cavalos vacas e galinhas.

____

d) Comprei feijão arroz carne e macarrão.

____

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Concordância Verbal 2
Parte I 2
Concordância Verbal 2
Parte II 2

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Concordância Verbal

Parte I

Regra geral: o verbo deve concordar em número (singular / plural) e pessoa (1ª, 2ª ou 3ª) com o sujeito a que se refere.

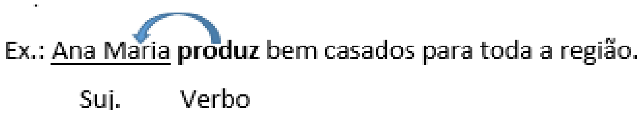

Ex.: Ana Maria **produz** bem casados para toda a região.

Suj. Verbo

→ **Sujeito simples**

Vale a regra geral, independentemente se esse sujeito estiver anteposto ou posposto ao verbo.

Ex.: Todas as crianças daquela casa **subiram** no pé de manga.

Subiram no pé de manga todas as crianças daquela casa.

→ **Sujeito composto**

- Quando o sujeito composto estiver anteposto ao verbo, este ficará no plural.

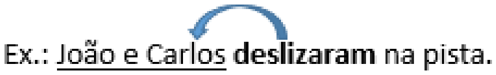

Ex.: João e Carlos **deslizaram** na pista.

- O verbo ficará no singular em dois casos:
  - Quando os núcleos do sujeito foram sinônimos:

Ex.: A coragem e o destemor o **envolveram**.

A coragem e o destemor o **envolveu**.

  - Quando os núcleos do sujeito formarem enumeração gradativa:

Ex.: A angústia, a tentação, o desespero o **dominaram**.

A angústia, a tentação, o desespero o **dominou**.

- Quando o sujeito composto estiver posposto ao verbo, este poderá concordar com o mais próximo ou ficar no plural.

Ex.: **Foi** ao parque de diversão o filho e os pais.

Foram ao parque de diversão o filho e os pais.

- Quando o verbo for constituído de pessoas gramaticais diferentes, ficará no plural e normalmente concordará com a pessoa de classe gramatical menor.

Ex.: Eu, tu e seu amigo **vamos** ao cinema. (Sujeito equivale a *nós* = 1ª pessoa do plural)

Tu e seu amigo **vais** ao cinema. (Sujeito equivale a *vós* = 2ª pessoa do plural)

Obs.: lembre-se de que a concordância do pronome de tratamento *você* (mais utilizado na língua usual do que os pronomes pessoas *tu* e *vós*) corresponde à 3ª pessoa.

Concordância Verbal

Parte II

→ **Sujeito composto**

- Quando houver núcleos do sujeito ligados pela conjunção *ou*, o verbo ficará:
  - no singular, se expressar ideia de exclusão.

Ex.: Pedro ou João **será** eleito presidente de sala. (Apenas 1 deles será eleito)

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

- » no plural, se expressar ideia de inclusão.

Ex.: Café ou chá me **apetecem**. (Tanto faz, ambos me apetecem)

- > Quando o sujeito for formado por pronomes de tratamento, o verbo sempre ficará na 3ª pessoa do singular.

Ex.: Vossa Excelência **leu** os meus documentos?

→ **Verbos impessoais**

Não há sujeito com verbos impessoais.

- > **Haver:** no sentido de *existir*, é impessoal. Portanto, fica na 3ª pessoa do singular.

Ex.: **Havia** muitos alunos em sala. (= Existiam muitos alunos em sala)

Obs.: No caso de o verbo *haver* compor uma locução verbal como verbo principal, o auxiliar acompanha a regra do principal. Portanto, permanece na 3ª pessoa do singular.

Ex.: *Deve* haver 100 pessoas em sala.

Obs.^{2}:

- > **Fazer:** no sentido de tempo transcorrido, é impessoal. Portanto, fica na 3ª pessoa do singular.

Ex.: **Faz** 10 anos que moro nesta cidade.

Obs.: No caso de o verbo *fazer* compor uma locução verbal como verbo principal, o auxiliar acompanha a regra do principal. Portanto, permanece na 3ª pessoa do singular.

Ex.: *Deve* fazer 10 anos que moro aqui.

- > **Ser:** quando indicar horas, distância e datas, o verbo concordará com o número.

Ex.: Hoje **é** dia 11 de setembro.

São duas horas da tarde.

Daqui até a próxima cidade **são** 80 km.

Obs.: Quando houver sujeito, o verbo concordará normalmente com a regra geral.

Ex.: O relógio **bateu** seis horas.

- > **Verbo + partícula *SE***
  - » Quando for partícula apassivadora, concorda com o sujeito a que se refere.

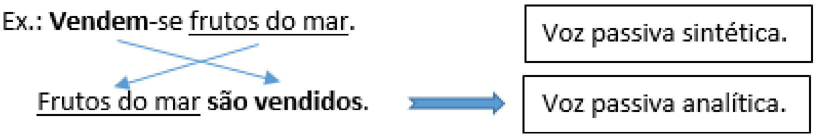

Ex.: **Vendem**-se frutos do mar.

Frutos do mar **são vendidos**.

Voz passiva sintética.

Voz passiva analítica.

  - » Quando for índice de indeterminação do sujeito, fica na 3ª pessoa do singular.

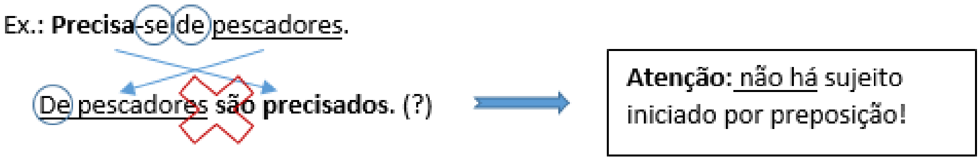

Ex.: **Precisa**-se de pescadores.

De pescadores **são precisados**. (?)

Atenção: não há sujeito iniciado por preposição!

Exercícios

01. Assinale a alternativa que não está de acordo as regras de concordância verbal.

a) Passaram no vestibular a Fernanda e o Mateus.

b) Passou no vestibular a Fernanda e o Mateus.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

c) Passaram no vestibular as meninas e o Mateus.
d) Passou no vestibular o Mateus e as meninas.
e) Passou no vestibular as meninas.

02. Observe as frases a seguir e os termos sugeridos para a lacuna.

I. Eu e seu irmão _____ buscá-lo mais tarde. (vamos)
II. Tu e ele _____ que não estou mentindo. (verás)
III. Você e sua esposa não se _____ com o ocorrido, não é mesmo? (conformam)
IV. Vossa Santidade _____ como proceder a esse respeito? (sabes)

Estão corretas:

a) apenas I, II e III.
b) apenas I, III e IV.
c) apenas I e III.
d) apenas I e IV.
e) todas estão corretas.

Gabarito

01 - E

02 - C

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Escola Estadual "Waldemar Pezzini"
Rua Caxias, 66 - Bairro São Cristóvão.
CEP: 35720000 - Tel.: (031) 3712 2809

Emprego do **AM** e **ÃO**

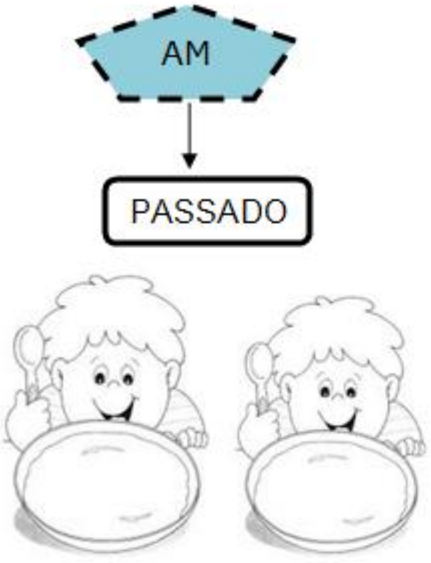

Eles já comeram o bolo.

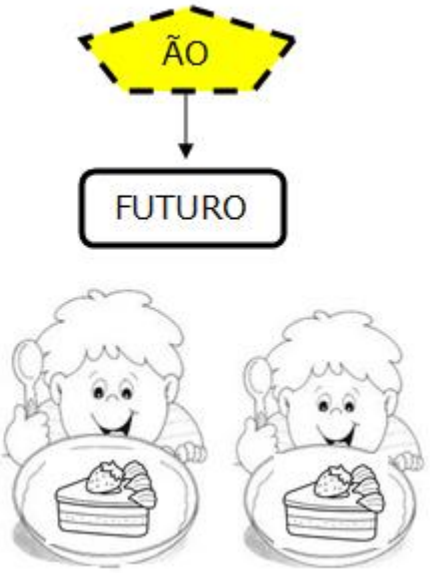

Eles ainda comerão o bolo.

Note que quando a palavra indica passado termina com **AM**.

E quando ela indica futuro termina com **ÃO**.

Exemplos:

Elas for**am** passear no parque. (passado)

Elas ir**ão** passear no parque.(futuro)

1.Agora passe os verbos do passado para o futuro.

a)Vocês andaram demais.
Vocês ____________________demais.

b)Elas voltaram da festa muito felizes.
Elas __________________ da festa muito felizes.

c)Eles correram na pista de skate.
Eles ___________________ na pista de skate.

d)Pedro e Marcos se reuniram ontem?
Pedro e Marcos se _________________________ amanhã?

e) Marla e Perla venceram o jogo ontem.
Marla e Perla ______________________ o jogo amanhã, com certeza.

3)Encontre no caça-palavras os seguintes verbos: dançarão, assistiram, andarão, escorregarão, ficaram, dormirão, pegarão, tomaram, comerão, dormirão, perderam, voarão, em seguida, classifique-os na tabela abaixo:

P	D	B	Z	A	D	U	L	L	E	Z	J	K	A	I	E	Q
T	E	O	U	R	D	U	H	T	O	U	F	W	T	R	I	O
A	E	R	R	G	P	K	D	O	A	I	O	D	G	X	A	A
B	S	Y	D	M	C	D	A	N	Ç	A	R	Ã	O	E	F	B
F	D	S	M	E	I	O	E	I	E	C	V	E	A	E	P	T
O	O	I	I	E	R	R	I	L	V	Z	L	S	N	U	E	O
Q	S	O	W	S	E	A	Ã	Y	H	O	W	C	D	P	G	M
E	I	O	P	D	T	R	M	O	Q	I	A	O	A	A	A	A
F	D	S	B	O	E	I	B	T	Y	E	E	R	R	X	R	R
E	I	R	E	R	U	Y	R	V	B	F	Y	R	Ã	V	Ã	A
W	I	C	C	M	I	U	A	A	I	W	H	E	O	O	O	M
V	W	Q	A	I	U	V	B	U	M	B	U	G	M	K	M	U
X	E	Q	Q	R	K	C	B	G	Y	T	O	A	M	H	D	U
D	R	U	U	Ã	A	C	O	J	U	E	O	R	K	K	X	M
D	U	S	R	O	W	M	M	Z	Y	A	W	Ã	K	W	G	J
D	C	O	M	E	R	Ã	O	P	M	E	B	O	Y	Q	J	C
S	W	Y	W	C	I	I	B	U	C	L	O	Q	K	T	W	J

PASSADO	**FUTURO**

4.Encontre 10 verbos terminados em **AM** e **ÃO** e cole em seu caderno. Em seguida, forme frases com eles. Bom trabalho!

Eu faço parte dessa história!

Amor

Dedicação

Bocaiuva-MG - 2019

VERBO

E. E. GENESCO AUGUSTO CALDEIRA BRANT - BOCAIUVA

O QUE É VERBO?

É uma palavra que pode variar em número, pessoa, modo, tempo e voz, indicando ações, estados, mudanças de estado, manifestações de fenômeno da natureza e pode ser conjugada.

AÇÃO: CORRER
PULAR
JOGAR

ESTADO : É
SOU
ESTAMOS

FENÔMENO DA NATUREZA: CORRER
NEVAR
VENTAR

AH! UMA DÚVIDA! TODA PALAVRA TERMINADA COM R É UM VERBO?

NÃO

EXISTEM PALAVRAS COMO:

TAMBOR, um instrumento musical que é um SUBSTANTIVO e não um VERBO

Os verbos quando terminam com r estão no INFINITIVO, ou seja, na forma básica Como: CORRER, JOGAR, PULAR, ESTUDAR, NEVAR..

Observe as CONJUGAÇÕES dos verbos:

1ª CONJUGAÇÃO

Verbos terminados em AR

CANTAR, BRINCAR,
SONHAR, FALAR

2ª CONJUGAÇÃO

Verbos terminados em ER/OR

PRENDER, VENCER,VER, PÔR

3ª CONJUGAÇÃO

Verbos terminados em IR

EXIGIR, SENTIR, PARTIR, DORMIR

Aprendendo mais...

VERBO PRINCIPAL
E
VERBO AUXILIAR

VERBO PRINCIPAL

É uma forma verbal que pode surgir sozinha ou acompanhada do verbo auxiliar. Ex: Ele investigou.

Ele foi investigado.

VERBO AUXILIAR

É uma forma verbal que surge antes do verbo principal, formando com ele UMA **LOCUÇÃO VERBAL.**

Ex: Ele **foi** investigado.

Atenção!!!

A expressão **foi investigado** é uma combinação de dois verbos para expressar uma só ação: **INVESTIGAR**

OBSERVE...

VERBO AUXILIAR	VERBO PRINCIPAL
foi	investigado

LOCUÇÃO VERBAL

CONCLUINDO!

Uma *locução verbal* é a combinação de um verbo auxiliar e um verbo principal. Esses dois verbos, aparecendo juntos na oração, transmitem apenas uma ação verbal, desempenhando o papel de um único verbo.

LEMBRE-SE...

O **verbo auxiliar** que varia ou indica o tempo, o número e a pessoa da locução verbal.

Enquanto o **verbo principal** expressa o seu significado.

EX: Eles **foram** **investigado.**

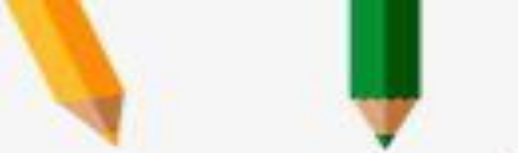

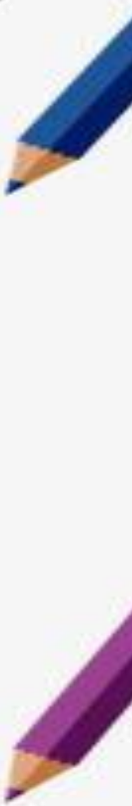

OS VERBOS AUXILIARES MAIS USADOS SÃO:

SER - ESTAR - TER - HAVER

PRATICANDO...

Identifique as frases que contêm uma LOCUÇÃO VERBAL:

** Comprei um novo marcado para meu livro.
** O Luís tem os olhos azuis.
** Ele está trabalhando hoje.
** A Helena partirá amanhã.
** O exercício já foi resolvido.
** A obra foi lida por Luís.

VERBO PRINCIPAL E VERBO AUXILIAR. APRENDI!!!

A) Introdução

Neste documento, são apresentados alguns critérios de avaliação de aspectos microestruturais da prova de redação e de questões do tipo D do 1.° Vestibular de 2013 da Universidade de Brasília – UnB. Não são tratados neste documento os aspectos macroestruturais do texto, como adequação ao gênero ou tipo textual, atendimento às características tipológicas e desenvolvimento de conteúdo.

Não se pretende que este documento contemple todos os aspectos formais dos textos — conforme apresentados nas gramáticas normativas de referência —, mas que abranja procedimentos gerais que requerem padronização de critérios de avaliação.

Na seleção dos aspectos microestruturais a serem abordados, foram utilizados dois critérios: incidência de erros relativos a tais aspectos nos textos avaliados e atualização de regras em gramáticas normativas de referência.

B) Procedimentos gerais de avaliação

1. Antes de iniciar a avaliação, a banca de avaliadores analisa a prova objetiva e a proposta de produção de texto, para se inteirar do contexto em que se insere a proposta e, também, para, durante a avaliação, verificar se, no desenvolvimento do texto do candidato, há cópia de trecho de texto que conste da prova objetiva, sem a devida referência ao texto original e sem o uso de aspas, quando for o caso.
2. A banca de avaliação de aspectos formais de produções textuais (microestrutura) observa os critérios gerais a seguir.

   2.1 Qualquer extensão de texto escrito nas linhas é considerada para efeito de cálculo do número de linhas efetivamente escritas.

   > **Observação**: marcações inadequadas de parágrafo; desrespeito às margens e rasuras são aspectos apenados.

   2.2 A linha integralmente riscada pelo candidato não é computada como efetivamente escrita.

   > **Observação**: linha riscada em que haja palavra(s) — ou parte de palavra — é computada como efetivamente escrita.

   2.3 Nenhuma extensão de texto escrita fora do espaço reservado à transcrição do texto definitivo é considerada na avaliação.

   2.4 A presença de título no texto não é apenada, a não ser que haja determinação contrária expressa em comando da prova. A linha em que consta o título é contada como efetivamente escrita, para todos os efeitos, incluindo-se o de registro de erro identificado. **Não** é registrado como erro o emprego de letras maiúsculas — ainda que todas — no título; são registrados como erros o emprego de letra inicial minúscula na primeira palavra do título e o emprego aleatório de maiúsculas e minúsculas.

2.5 O quesito “identificação do candidato” — se explícito na planilha de avaliação — é assinalado quando, no texto, houver assinatura, rubrica ou qualquer outra forma de identificação. Os nomes utilizados em situação hipotética que faça parte do comando da questão não são classificados como identificação, porém qualquer outro termo adicional a esse nome é assim considerado.

2.6 Comumente, nas propostas de questão discursiva e nas redações, espera-se a elaboração de texto objetivo, referencial, que esteja de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa. Atenta-se, portanto, para os usos descritos e abonados por gramáticos de referência da língua portuguesa.

C) Aspectos avaliados

Os tópicos de microestrutura avaliados em questão discursiva ou em redação estão expressos na planilha de avaliação, que, no 1.° Vestibular de 2013 da UnB, apresenta a seguinte estrutura.

Grafia/Acentuação Gráfica
Morfossintaxe
Propriedade vocabular

D) Critérios de avaliação dos aspectos microestruturais

O trabalho da banca examinadora desenvolve-se com base em critérios de avaliação que seguem a descrição, os ensinamentos, as orientações, as determinações e/ou as codificações expressas em obras de referência acerca de aspectos gramaticais e/ou lexicais da língua portuguesa, tais como gramáticas normativas, dicionários e/ou obras de sistematização da grafia da língua portuguesa, incluindo-se, entre estas, o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP).

I. Grafia/Acentuação Gráfica

Parâmetros de avaliação: gramáticas normativas de referência, dicionários da língua portuguesa e VOLP.

Na avaliação dos textos, a banca obedece ao disposto no Decreto n.° 6.583/2008, que promulgou o novo acordo ortográfico da língua portuguesa e que, no parágrafo único do art. 2.°, determina: “A implementação do Acordo obedecerá ao período de transição de 1.° de janeiro de 2009 a 31 de dezembro de 2012, durante o qual coexistirão a norma ortográfica em vigor e a nova norma estabelecida.”

1 Legibilidade

1.1 A identificação dos erros de grafia e acentuação gráfica depende, muitas vezes, da legibilidade, o que exige que o examinador esgote as possibilidades de decifração da letra manuscrita e/ou do sinal gráfico empregado no texto, por meio da utilização de recursos tecnológicos disponíveis no sistema de correção do CESPE/UnB.

1.2 Em caso de rasura que impeça a discriminação de letras na leitura, ou de grafia que gere dúvida, registra-se erro.

1.3 Não são apenados elementos relacionados ao talhe da letra do candidato, ou seja, que demonstrem falhas no desenho da letra, tais como *i* aberto com pingo deslocado, acento deslocado para o final da palavra, ou, mesmo, colocado próximo a espaço da linha superior, assim como a ausência de pingo nas letras *i* e *j*.

1.4 **Não** é registrado como erro o emprego de letra de fôrma.

2 Repetição de erro

Se algum erro de grafia ou de acentuação se repete no texto elaborado pelo candidato, ainda que no radical de palavras derivadas (~~consiência~~ e ~~consientização~~, por exemplo), registra-se um único erro, preferencialmente em sua primeira ocorrência.

3 Siglas

3.1 É correto o uso de siglas grafadas com letras maiúsculas (ONU, OAB) ou apenas com a inicial maiúscula, no caso de serem pronunciadas como uma palavra (Petrobras, Prodasen[1] etc.).

3.2 **Não** é registrado como erro o uso de siglas que não tenham sido explicitadas anteriormente por extenso; ou de siglas pronunciadas como uma palavra e grafadas com letras maiúsculas (PETROBRAS, PRODASEN etc.); ou, ainda, de siglas com acréscimo de "s" minúsculo ao final, sem apóstrofo, para indicar plural (CPIs, CPFs etc.).

4 Emprego de letra inicial maiúscula

4.1 É correto o uso de letra inicial maiúscula que indica a singularização de nomes, tais como leis aprovadas pelo Congresso Nacional (Lei de Responsabilidade Fiscal, Estatuto do Idoso etc.); termos que representem conceitos políticos: Estado (no sentido de Nação), União, Constituição, Ministério Público, Poder Executivo, Legislativo e Judiciário, Ministério da Fazenda (ou qualquer outro); nomes das regiões brasileiras: Nordeste, Sudeste, Norte, Sul; nomes de órgãos: Assembleia Legislativa do Estado do Piauí, Câmara Municipal de Formosa etc.

---

[1] Conferir Antônio Houaiss. **Elementos de bibliologia**. São Paulo: Hucitec; Brasília: INL, Fundação Pró-Memória, 1983. Reimpressão fac-similar.

4.2 As palavras ou expressões Constituição, Estado(s), Município(s), Administração Pública, Fazenda Pública, Câmara Municipal, Assembleia Legislativa, empregadas em sentido geral, podem ser grafadas com letra inicial maiúscula (como estão na Constituição e na legislação infraconstitucional) ou minúscula.

5 Abreviaturas

5.1 É avaliado como correto o uso de abreviaturas de pronomes de tratamento e as referentes a leis ou artigos (Sr., art., inc.), sendo, entretanto, apenadas abreviações de uso informal (p/, vc, tb, pq, tá, né etc.).

5.2 É registrada como erro a omissão do acento da vogal tônica se esta fizer parte da abreviatura (~~pag~~., ~~quim~~. etc.).

6 Translineação

6.1 Na translineação, a separação de sílabas deve seguir as regras da gramática normativa[2].

6.2 É registrada como erro a ausência de marca de translineação.

6.3 É registrada como erro a colocação de hífen no início da linha, caso corresponda a marca única de translineação.

6.4 **Não** é registrado como erro o emprego de dois hifens — um ao final da linha e o outro no início da seguinte —, em se tratando de palavra simples. Também **não** é apenado o emprego de hífen apenas ao final da linha, em se tratando de palavra composta.

6.5 **Não** são registrados como erros os seguintes casos, desde que as regras de separação silábica tenham sido cumpridas: (i) uma única vogal deixada em uma das linhas; (ii) formação, por efeito da translineação, de palavras estranhas ao contexto (des-/peito).

7 Acentuação gráfica

7.1 São registrados como erros de acentuação gráfica o emprego ou a omissão de acento grave, em locuções adverbiais ou em contexto que envolva emprego do artigo definido “a(s) e a preposição “a” exigida pela regência de uma palavra.

7.2 São registrados como erros de acentuação gráfica o emprego equivocado ou a ausência dos acentos diferenciais de certas formas verbais (tem/têm, vem/vêm, contém/contêm).

---

[2] Conferir Evanildo Bechara. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009; e Celso Cunha e Luís F. Lindley Cintra. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5.ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

II. Morfossintaxe

1 Pontuação

Parâmetros de avaliação: casos previstos nas gramáticas normativas de referência.

1.1 É registrado como erro o emprego de sinal de pontuação no início de uma linha.

1.2 Emprego da vírgula

1.2.1 É registrado somente um erro no caso de o contexto sob análise exigir o emprego de duas vírgulas e nenhuma delas tiver sido empregada.

1.2.2 É registrado como erro o emprego de vírgula ao final de uma declaração (Os *softwares* utilizados para usufruir do *voip* também evoluem de forma acelerada, os *softwares* possibilitam a utilização de recursos de transmissão de voz [...]). Nesse exemplo, identifica-se erro no emprego da vírgula após "acelerada", termo que encerra uma declaração.

1.2.3 É registrada como erro a ausência de vírgula nos casos em que essa pontuação seja necessária para isolar locuções ou expressões adverbiais longas — assim consideradas as expressões com três ou mais palavras — deslocadas, para o início da oração, ou intercaladas.

> **Observação**: Essa regra não se aplica a elementos adverbiais que expressem conclusão, explicação, retificação ou ratificação. Esses adjuntos adverbiais devem ser obrigatoriamente isolados por vírgula, como, por exemplo em: Afirmou, **sim**, que o caso estava resolvido.

1.2.4 É registrada como erro a ausência de vírgula no caso de expressão intercalada em locução verbal, independentemente da extensão da expressão, como em: Os candidatos estavam (sic) quase sempre (sic) conversando sobre avaliação. (Pontuação correta: Os candidatos estavam, quase sempre, conversando sobre avaliação.).

1.2.5 É registrada como erro a ausência de vírgula no caso de orações adverbiais deslocadas, independentemente da extensão da oração.

1.2.6 Nas referências a leis e suas partes constitutivas (artigo, inciso, parágrafo etc.), se a ordem for crescente, não se usa a vírgula (inc. II do art. 29 da CF). Entretanto, se a ordem apresentada for decrescente (art. 29, inc II, da CF), é obrigatório o emprego de vírgula.

1.2.7 **Não** é registrado como erro o emprego da vírgula antes de etc.

1.2.8 **Não** é registrada como erro a ausência de vírgula nos seguintes casos: (i) junto a advérbio deslocado, a não ser que haja ambiguidade; (ii) antes de expressão adverbial (adjunto ou oração, incluindo-se as reduzidas) em final de oração ou período, a não ser que haja ambiguidade a ser sanada. Assim, considera-se correta a seguinte construção: Estes dois elementos foram o estopim para que a bomba da violência explodisse no interior do país.

1.3 Emprego do ponto

1.3.1 É registrada como erro a ausência de ponto após palavras abreviadas: etc.; id. (idem), Dr. (doutor).

1.3.2 É registrado como erro o emprego de ponto em siglas.

1.3.3 É registrado como erro o emprego de ponto final após o ponto de abreviações. Nesse contexto, de coincidência de emprego do ponto, apenas um ponto deve ser empregado: Foram convidados para o debate: políticos, professores, engenheiros etc.

1.4 Emprego do sinal de dois pontos

1.4.1 É registrado como erro o emprego do sinal de dois pontos quando, na introdução de uma explicação, já houver elemento — como, por exemplo, uma conjunção — que desempenhe essa função (Nos grandes centros, as pessoas vivem amedrontadas porque: o trânsito é assustador, a violência aumenta a cada dia).

1.5 Emprego de aspas

1.5.1 É registrada como erro a abertura de aspas sem fechamento, ou vice-versa.

1.5.2 É registrada como erro a ausência de marca formal — como aspas ou sublinhado — em neologismos e palavras de outros idiomas (estrangeirismos), bem como em expressões da linguagem coloquial empregadas em texto em que se exige o emprego da linguagem formal.

2 Emprego e colocação de termos/construção do período

Parâmetros de avaliação: casos previstos nas gramáticas normativas de referência.

2.1 É registrado como erro o emprego indevido do pronome demonstrativo, nas referências a tempo e local: por exemplo, "~~nesse~~ século", para o século atual (em vez de "neste século"); "~~nesse~~ continente", para a América do Sul (em vez de "neste continente").

Observação: Essa regra não se aplica a construções em que o pronome demonstrativo tem função anafórica, ou seja, retoma expressão já mencionada no texto.

2.2 É registrado como erro o emprego indevido de pronome em alusão discriminada a termos já mencionados (A Constituição e a lei ordinária regulam direitos dos idosos, ~~essa~~ (esta) nos aspectos específicos, e ~~a outra~~ (aquela) nos gerais.).

2.3 É registrado como erro o emprego do pronome relativo "cujo" que não expresse relação de posse, bem como o emprego indevido de outro pronome relativo no lugar de "cujo" (O relatório ~~cujo eu revisei ontem~~./O relatório ~~que o conteúdo revisei ontem~~./O relatório cujo conteúdo revisei ontem.).

2.4 É registrado como erro o emprego do pronome relativo "onde" em referência a antecedente que não expresse a noção de lugar (O uso do sistema de informações está se fazendo presente por uma questão de estratégia, ~~onde~~ servirá para a melhoria no atendimento ao público.).

2.5 É registrado como erro o emprego indevido de verbo auxiliar (“ir”, “poder” etc.) flexionado no presente ou futuro + verbo auxiliar “estar” no infinitivo + gerúndio (*gerundismo*) para expressar futuro (Vou enviar/Enviarei (~~vou estar enviando~~) o documento./As agências de viagem anunciam que tomarão (~~vão estar tomando~~) as devidas providências para que os passageiros possam chegar a seus destinos com tranquilidade.).

2.6 É registrada como erro a colocação pronominal nos seguintes casos:

- ✓ início de período ~~(Me~~ informaram que haveria reunião naquela semana.);
- ✓ contextos de orações subordinadas com conjunções ou pronomes relativos (É preciso que as pessoas preparem(-~~se~~) para as novas exigências do mercado de trabalho./O contexto em que encontra~~-se~~ não lhe permite a dúvida.);
- ✓ verbo antecedido por palavra de sentido negativo – não, ninguém, nunca etc. – (Não encontrou-~~se~~ resposta para o problema.);
- ✓ locução verbal formada de particípio: Tenho dito(-~~lhe~~).
- ✓ verbos no futuro do presente ou do pretérito: Considerariam(-~~se~~) corretos os procedimentos que estivessem de acordo com a lei.

2.7 **Não** é registrada como erro a colocação, nas locuções verbais, do pronome átono entre o verbo auxiliar e o principal (Devia lhe falar).

2.8 É registrada como erro a colocação de sujeito em construção impessoal com *tratar-se de* (~~Essa situação~~ trata-se de um caso complexo).

2.9 Em caso de período “truncado” ou com sequência de orações intercaladas sem a oração principal, o erro é registrado na linha em que se inicia o período.

3 Concordância nominal e verbal

Parâmetros de avaliação: casos previstos nas gramáticas de referência e os aceitos na norma-padrão.

3.1 É registrado como erro o emprego do

- ✓ plural nos verbos impessoais *fazer* (em sentido de ‘tempo’) e *haver* (em sentido de ‘existir’): Fazia(~~m~~) muitos meses./Havia(~~m~~) muitos estudantes na manifestação.
- ✓ plural em verbos seguidos de preposição, em construção impessoal com o pronome *se*: Trata(~~m~~)-se dos melhores profissionais./Precisa(~~m~~)-se de empregados./Apela(~~m~~)-se para todos.
- ✓ plural quando o sujeito for composto pela expressão *cada um de* seguida de nome no plural: Cada um dos processos tem (~~têm~~) respaldo legal distinto.
- ✓ plural em relação a uma unidade: A obra custará R$1,25 bilhão (~~bilhões~~)./Ganhou R$1,87 milhão (~~milhões~~).

- ✓ plural quando o sujeito coletivo estiver junto ao verbo e não vier especificado: O grupo veio (~~vieram~~) muito tarde.
- ✓ singular nos verbos *existir*, *bastar*, *faltar*, *restar*, *sobrar* quando o sujeito estiver no plural: Faltam (~~Falta~~) professores para o ensino médio.

3.2 É registrada como erro a ausência de concordância entre o verbo transitivo direto acompanhado do pronome apassivador *se* e o sujeito da oração no plural (Buscam (~~Busca~~)-se novas formas de gerência).

3.3 É registrada como erro a ausência de concordância, em gênero e número, no emprego de particípios antecipados (Vistos (~~Visto~~) os índices [...]/Dadas (~~Dado~~) as suas ideias [...]).

4 Regência nominal e verbal

Parâmetros de avaliação: casos previstos nas gramáticas de referência, nos dicionários de regência e os aceitos na norma-padrão.

4.1 É registrado como erro o emprego de construção com pronome relativo (*que*, *o qual*, *os quais* etc.*)* em que não tenham sido respeitadas as regras de regência verbal (O documento Ø que fiz referência no processo é de grande importância./O documento a que fiz referência no processo é de grande importância.).

4.2 É registrado como erro o emprego do pronome *lhe* como objeto direto (Nós o (~~lhe~~) convidamos).

4.3 É registrado como erro o emprego do pronome *o* como objeto indireto (A posição lhe (~~o~~) traz desconforto).

4.4 É registrado como erro o emprego do pronome *se* com passiva analítica (Sempre (~~se~~) é cobrado o pedágio).

4.5 É registrado como um único erro de morfossintaxe o emprego de palavras repetidas (Isso seria o mesmo, por exemplo, que a luta luta de irmãos).

4.6 **Não** é registrado como erro o emprego, com regência transitiva direta, dos verbos *visar*, *lembrar*/*esquecer*, *obedecer*/*desobedecer*, *assistir* (*presenciar*), dado o registro de uso já consagrado nos dicionários de regência verbal (cf. Francisco Fernandes, *Dicionário de verbos e regimes*, Porto Alegre, Globo, 1983).

ATENÇÃO: os erros de **morfossintaxe** (pontuação; emprego e colocação de termos/construção do período; concordância nominal e verbal; regência nominal e verbal), em princípio, são apenados quantas vezes ocorrerem no texto. Entretanto, nas repetições literais (o mesmo verbo, por exemplo, com a mesma regência), registra-se apenas um erro, preferencialmente na primeira ocorrência.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Tipologia Textual.....2
- Narração.....2
- Descrição.....2
- Dissertação.....2

Gêneros Textuais.....3
- Carta.....3
- Propaganda.....3
- Editorial.....3
- Notícia.....3
- Entrevista.....3
- História em Quadrinhos.....3
- Charge.....4
- Poema.....4
- Gêneros Literários.....4

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Tipologia Textual

Um texto pode ter várias características. Entre elas, estão a tipologia e o gênero textual. A relação é a seguinte: cada tipologia textual possui diversos gêneros textuais. Além disso, geralmente um texto não é escrito com base em apenas uma tipologia, ou seja, podem ser encontradas várias tipologias num texto, mas sempre há alguma que se torna predominante.

As tipologias mais importantes que devemos estudar são: narração, descrição, dissertação, injunção, predição, dialogal.

Narração

Modalidade textual que tem o objetivo de contar um fato, fictício ou não, que aconteceu num determinado tempo e lugar, e que envolve personagens. Geralmente, segue uma cronologia em relação à passagem de tempo. Nesse tipo de texto, predomina o emprego do pretérito.

Os gêneros textuais mais comuns são: conto, fábula, crônica, romance, novela, depoimento, piada, relato, etc.

Descrição

A descrição consiste em fazer um detalhamento, como se fosse um retrato por escrito de um lugar, uma pessoa, um animal ou um objeto. O adjetivo é muito usado nesse tipo de produção textual. As abordagens podem ser tanto físicas quanto psicológicas (que envolvem sentimentos, emoções). Esse tipo de texto geralmente está contido em textos diversos.

Os gêneros textuais mais comuns são: cardápio, folheto turístico, anúncio classificado, etc.

Dissertação

Dissertar significa falar sobre algo, explicar um assunto, discorrer sobre um fato, um tema. Nesse sentido, a dissertação pode ter caráter expositivo ou argumentativo.

Dissertação-Expositiva

O texto expositivo apresenta dias sobre um determinado assunto. Há informações sobre diferentes temas, em que o autor expõe dados, conceitos de modo objetivo. O objetivo principal é informar, esclarecer.

Os gêneros mais comuns em que encontra esse tipo de texto são: aula, resumo, textos científicos, enciclopédia, textos expositivos de revistas e jornais, etc.

Dissertação-Argumentativa

Um texto argumentativo defende ideias ou um ponto de vista do autor. Além de trazer explicações, esse tipo de texto busca persuadir, convencer o leitor de algo. O texto, além de explicar, também persuade o interlocutor, objetivando convencê-lo de algo. O mais importante é haver uma progressão lógica e coerente das ideias, sem ficar no que é vago, impreciso.

É comum encontrar essa tipologia textual em: sermão, ensaio, monografia, dissertação, tese, ensaio, manifesto, crítica, editorial de jornais e revistas.

Injunção/Instrucional

Com uma linguagem objetiva e concisa, esse tipo de texto orienta como realizar uma ação. Predominantemente, os verbos são empregados no modo imperativo, todavia há também o uso do infinitivo e do futuro do presente do modo indicativo.

Temos como gêneros textuais mais comuns: ordens; pedidos; súplica; desejo; manuais e

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

instruções para montagem ou uso de aparelhos e instrumentos; textos com regras de comportamento; textos de orientação (ex: recomendações de trânsito); receitas, cartões com votos e desejos (de natal, aniversário, etc.).

Predição

A predição tem por características a informação e a probabilidade. O intuito é predizer algo ou levar o interlocutor a crer em alguma coisa que ainda irá ocorrer.

Os gêneros em que mais são encontrados essa tipologia são: previsões astrológicas, previsões meteorológicas, previsões escatológicas/apocalípticas.

Dialogal / Conversacional

A base para esta tipologia textual é o diálogo entre os interlocutores. Nesse tipo de texto, temos um locutor (quem fala), um assunto, um receptor (quem recebe o texto). Ou seja, temos um diálogo entre os interlocutores (locutor e receptor).

Os gêneros em que essa tipologia ocorre são: entrevista, conversa telefônica, chat, etc.

Gêneros Textuais

Os gêneros textuais podem ser textos orais ou escritos, formais ou informais. Eles possuem características em comum, como a intenção comunicativa, mas há algumas características que os distinguem uns dos outros.

Carta

Pode ter caráter argumentativo quando se trata de uma carta aberta ou carta do leitor. Quando se trata de carta pessoa, há a presença de aspectos narrativos ou descritivos.

Propaganda

Caracterizado como um texto expositivo, o objetivo é propagar informações sobre algo, para influenciar o leitor com mensagens que despertam as emoções e a sensibilidade.

Editorial

É um gênero textual dissertativo-argumentativo que apresenta o posicionamento de uma empresa, revista, jornal sobre determinado assunto.

Notícia

É um texto em que podem aparecer características narrativas e descritivas. Conta-se como ocorreu um determinado fato. Aparecem as seguintes informações: o que ocorreu, como, quando, onde e quem estava envolvido.

Entrevista

É um gênero textual em que aparece o diálogo entre o entrevistador e o(s) entrevistado(s), para obter informações sobre o entrevistado ou algum assunto. Podem aparecer elementos expositivos, argumentativos e narrativos.

História em Quadrinhos

É um gênero narrativo que consiste em contar algo por meio de pequenos quadros. Pode haver diálogos diretos entre personagens. É caracterizado pela linguagem verbal e não verbal.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Charge

É um gênero textual narrativo em que há uma ilustração, por meio de caricaturas, com o objetivo de realizar uma sátira, crítica ou comentário sobre algum acontecimento atual.

Poema

É um texto estruturado em versos (linhas) e pode também ter estrofes (conjunto de linhas). É muito comum haver a descrição e a narração.

Gêneros Literários

→ Os gêneros literários costumam ser cobrados em algumas provas. É importante saber que há a presença tanto da linguagem denotativa quanto da conotativa. Geralmente, as provas trazem fragmentos de textos. Alguns gêneros mais cobrados são: novela, conto, fábula, crônica, ensaio.

- **Novela**: é um texto narrativo longo, em que são narradas várias histórias. Sempre há uma história principal que caracteriza esse gênero. Exemplos: O Alienista, de Machado de Assis, e A Metamorfose, de Kafka.
- **Conto**: é um texto narrativo curto, em que há, geralmente um enredo (uma história) e poucos personagens.
- **Fábula**: é um texto narrativo em que há uma história curta que termina com uma lição de moral. Geralmente, há a personificação, pois há personagens que não são humanos (animais, objetos) que adquirem características humanas.
- **Crônica**: é uma narrativa breve, relacionada ao cotidiano. Pode ter um tom humorístico ou reflexivo (presença de críticas).
- **Ensaio**: é um texto com caráter também didático, em que são expostas ideias, críticas e reflexões morais e filosóficas a respeito de certo tema. É caracterizado pela defesa de um ponto de vista pessoal e subjetivo sobre um tema (humanístico, filosófico, político, social, cultural, moral, comportamental, etc.), sem a necessidade de comprovação científica.

EXERCÍCIOS

A invocação do passado constitui uma das estratégias mais comuns nas interpretações do presente. O que inspira tais apelos não é apenas a divergência quanto ao que ocorreu no passado e o que teria sido esse passado, mas também a incerteza se o passado é de fato passado, morto e enterrado, ou se persiste, mesmo que talvez sob outras formas. Esse problema alimenta discussões de toda espécie - acerca de influências, responsabilidades e julgamentos, sobre realidades presentes e prioridades futuras.

Pouquíssima atenção tem sido dedicada ao papel privilegiado, no meu entender, da cultura na experiência moderna, e quase não se leva em conta o fato de que a extraordinária extensão mundial do imperialismo europeu clássico, do século XIX e começo do XX, ainda lança sombras consideráveis sobre nossa própria época. Em nossos dias, não existe praticamente nenhum norte-americano, africano, europeu, latino-americano, indiano, caribenho ou australiano - a lista é bem grande - que não tenha sido afetado pelos impérios do passado. [...] Esse tipo de domínio ou possessão lançou as bases para o que, agora, é de fato um mundo inteiramente global. As comunicações eletrônicas, o alcance mundial do comércio, da disponibilidade dos recursos, das viagens, das informações sobre padrões climáticos e as mudanças ecológicas unificaram até mesmo os locais mais remotos do mundo. Esse conjunto de padrões foi, a meu ver, possibilitado pelo imperialismo.

SAID, Edward. Cultura e Imperialismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 33-36. [Adaptado]

01. Identifique abaixo as afirmativas verdadeiras (V) e as falsas (F), conforme o texto 1.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

( ) Trata-se de um texto predominantemente narrativo, o que se evidencia pelo uso de tempos verbais passados e pela espacialização do enredo.

( ) O texto traz elementos predominantemente argumentativos, com posicionamentos explícitos do autor em relação ao tema.

( ) Trata-se de um texto descritivo, neutro e relativista, em que predominam exemplos factuais e culturalmente contextualizados.

( ) O texto é anacrônico e generalista, não podendo ser tomado como referência explicativa para a conjuntura moderna.

( ) O uso de adjetivos como "pouquíssima", "privilegiado", "extraordinária" e "consideráveis" (segundo parágrafo) revela uma atitude avaliativa do autor.

Assinale a alternativa que indica a sequência correta, de cima para baixo.

a) V • V • V • F • F

b) V • F • F • V • V

c) V • F • F • F • V

d) F • V • V • V • F

e) F • V • F • F • V

Um dos principais desafios para o Brasil é conhecer a Amazônia. Sua vocação eminentemente hídrica impõe, ao longo dos séculos, a necessidade do deslocamento de seus 4 habitantes através dos rios. Muito antes da chegada dos colonizadores na Amazônia, os nativos já utilizavam canoas. Ainda hoje, grande parte da população amazônica vive da 7 pesca. Além disso, o deslocamento do ribeirinho se faz através da infinidade de rios que retalham a grandeza territorial. Mas para conhecer a Amazônia de verdade é preciso 10 entender sua posição estratégica para o país. Os rios são a chave para esse conhecimento. São as estradas que a natureza construiu e em cujas margens se desenvolveram inúmeras 13 povoações. Portanto, é impossível pensar em Amazônia sem associar a importância que os rios têm para o desenvolvimento econômico e social. Eles devem ser vistos como os grandes 16 propulsores do desenvolvimento sustentável da região.

Domingos Savio Almeida Nogueira. In: Internet: (com adaptações)

Em relação ao texto acima, julgue o item a seguir.

02. Predomina no texto a narração, já que nele se identificam um cenário e uma ação.

Certo ( ) Errado ( )

GABARITO:

01 - E

02 - ERRADO

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Tipologia Textual..2
- Narração..2
- Descrição..2
- Dissertação..2

Gêneros Textuais..3
- Carta..3
- Propaganda..3
- Editorial..3
- Notícia..3
- Entrevista..3
- História em Quadrinhos..3
- Charge..4
- Poema..4
- Gêneros Literários..4

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Tipologia Textual

Um texto pode ter várias características. Entre elas, estão a tipologia e o gênero textual. A relação é a seguinte: cada tipologia textual possui diversos gêneros textuais. Além disso, geralmente um texto não é escrito com base em apenas uma tipologia, ou seja, podem ser encontradas várias tipologias num texto, mas sempre há alguma que se torna predominante.

As tipologias mais importantes que devemos estudar são: narração, descrição, dissertação, injunção, predição, dialogal.

Narração

Modalidade textual que tem o objetivo de contar um fato, fictício ou não, que aconteceu num determinado tempo e lugar, e que envolve personagens. Geralmente, segue uma cronologia em relação à passagem de tempo. Nesse tipo de texto, predomina o emprego do pretérito.

Os gêneros textuais mais comuns são: conto, fábula, crônica, romance, novela, depoimento, piada, relato, etc.

Descrição

A descrição consiste em fazer um detalhamento, como se fosse um retrato por escrito de um lugar, uma pessoa, um animal ou um objeto. O adjetivo é muito usado nesse tipo de produção textual. As abordagens podem ser tanto físicas quanto psicológicas (que envolvem sentimentos, emoções). Esse tipo de texto geralmente está contido em textos diversos.

Os gêneros textuais mais comuns são: cardápio, folheto turístico, anúncio classificado, etc.

Dissertação

Dissertar significa falar sobre algo, explicar um assunto, discorrer sobre um fato, um tema. Nesse sentido, a dissertação pode ter caráter expositivo ou argumentativo.

Dissertação-Expositiva

O texto expositivo apresenta dias sobre um determinado assunto. Há informações sobre diferentes temas, em que o autor expõe dados, conceitos de modo objetivo. O objetivo principal é informar, esclarecer.

Os gêneros mais comuns em que encontra esse tipo de texto são: aula, resumo, textos científicos, enciclopédia, textos expositivos de revistas e jornais, etc.

Dissertação-Argumentativa

Um texto argumentativo defende ideias ou um ponto de vista do autor. Além de trazer explicações, esse tipo de texto busca persuadir, convencer o leitor de algo. O texto, além de explicar, também persuade o interlocutor, objetivando convencê-lo de algo. O mais importante é haver uma progressão lógica e coerente das ideias, sem ficar no que é vago, impreciso.

É comum encontrar essa tipologia textual em: sermão, ensaio, monografia, dissertação, tese, ensaio, manifesto, crítica, editorial de jornais e revistas.

Injunção/Instrucional

Com uma linguagem objetiva e concisa, esse tipo de texto orienta como realizar uma ação. Predominantemente, os verbos são empregados no modo imperativo, todavia há também o uso do infinitivo e do futuro do presente do modo indicativo.

Temos como gêneros textuais mais comuns: ordens; pedidos; súplica; desejo; manuais e

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com
fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

instruções para montagem ou uso de aparelhos e instrumentos; textos com regras de comportamento; textos de orientação (ex: recomendações de trânsito); receitas, cartões com votos e desejos (de natal, aniversário, etc.).

Predição

A predição tem por características a informação e a probabilidade. O intuito é predizer algo ou levar o interlocutor a crer em alguma coisa que ainda irá ocorrer.

Os gêneros em que mais são encontrados essa tipologia são: previsões astrológicas, previsões meteorológicas, previsões escatológicas/apocalípticas.

Dialogal / Conversacional

A base para esta tipologia textual é o diálogo entre os interlocutores. Nesse tipo de texto, temos um locutor (quem fala), um assunto, um receptor (quem recebe o texto). Ou seja, temos um diálogo entre os interlocutores (locutor e receptor).

Os gêneros em que essa tipologia ocorre são: entrevista, conversa telefônica, chat, etc.

Gêneros Textuais

Os gêneros textuais podem ser textos orais ou escritos, formais ou informais. Eles possuem características em comum, como a intenção comunicativa, mas há algumas características que os distinguem uns dos outros.

Carta

Pode ter caráter argumentativo quando se trata de uma carta aberta ou carta do leitor. Quando se trata de carta pessoa, há a presença de aspectos narrativos ou descritivos.

Propaganda

Caracterizado como um texto expositivo, o objetivo é propagar informações sobre algo, para influenciar o leitor com mensagens que despertam as emoções e a sensibilidade.

Editorial

É um gênero textual dissertativo-argumentativo que apresenta o posicionamento de uma empresa, revista, jornal sobre determinado assunto.

Notícia

É um texto em que podem aparecer características narrativas e descritivas. Conta-se como ocorreu um determinado fato. Aparecem as seguintes informações: o que ocorreu, como, quando, onde e quem estava envolvido.

Entrevista

É um gênero textual em que aparece o diálogo entre o entrevistador e o(s) entrevistado(s), para obter informações sobre o entrevistado ou algum assunto. Podem aparecer elementos expositivos, argumentativos e narrativos.

História em Quadrinhos

É um gênero narrativo que consiste em contar algo por meio de pequenos quadros. Pode haver diálogos diretos entre personagens. É caracterizado pela linguagem verbal e não verbal.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Charge

É um gênero textual narrativo em que há uma ilustração, por meio de caricaturas, com o objetivo de realizar uma sátira, crítica ou comentário sobre algum acontecimento atual.

Poema

É um texto estruturado em versos (linhas) e pode também ter estrofes (conjunto de linhas). É muito comum haver a descrição e a narração.

Gêneros Literários

→ Os gêneros literários costumam ser cobrados em algumas provas. É importante saber que há a presença tanto da linguagem denotativa quanto da conotativa. Geralmente, as provas trazem fragmentos de textos. Alguns gêneros mais cobrados são: novela, conto, fábula, crônica, ensaio.

> **Novela**: é um texto narrativo longo, em que são narradas várias histórias. Sempre há uma história principal que caracteriza esse gênero. Exemplos: O Alienista, de Machado de Assis, e A Metamorfose, de Kafka.

> **Conto**: é um texto narrativo curto, em que há, geralmente um enredo (uma história) e poucos personagens.

> **Fábula**: é um texto narrativo em que há uma história curta que termina com uma lição de moral. Geralmente, há a personificação, pois há personagens que não são humanos (animais, objetos) que adquirem características humanas.

> **Crônica**: é uma narrativa breve, relacionada ao cotidiano. Pode ter um tom humorístico ou reflexivo (presença de críticas).

> **Ensaio**: é um texto com caráter também didático, em que são expostas ideias, críticas e reflexões morais e filosóficas a respeito de certo tema. É caracterizado pela defesa de um ponto de vista pessoal e subjetivo sobre um tema (humanístico, filosófico, político, social, cultural, moral, comportamental, etc.), sem a necessidade de comprovação científica.

EXERCÍCIOS

A invocação do passado constitui uma das estratégias mais comuns nas interpretações do presente. O que inspira tais apelos não é apenas a divergência quanto ao que ocorreu no passado e o que teria sido esse passado, mas também a incerteza se o passado é de fato passado, morto e enterrado, ou se persiste, mesmo que talvez sob outras formas. Esse problema alimenta discussões de toda espécie - acerca de influências, responsabilidades e julgamentos, sobre realidades presentes e prioridades futuras.

Pouquíssima atenção tem sido dedicada ao papel privilegiado, no meu entender, da cultura na experiência moderna, e quase não se leva em conta o fato de que a extraordinária extensão mundial do imperialismo europeu clássico, do século XIX e começo do XX, ainda lança sombras consideráveis sobre nossa própria época. Em nossos dias, não existe praticamente nenhum norte-americano, africano, europeu, latino-americano, indiano, caribenho ou australiano - a lista é bem grande - que não tenha sido afetado pelos impérios do passado. [...] Esse tipo de domínio ou possessão lançou as bases para o que, agora, é de fato um mundo inteiramente global. As comunicações eletrônicas, o alcance mundial do comércio, da disponibilidade dos recursos, das viagens, das informações sobre padrões climáticos e as mudanças ecológicas unificaram até mesmo os locais mais remotos do mundo. Esse conjunto de padrões foi, a meu ver, possibilitado pelo imperialismo.

SAID, Edward. Cultura e Imperialismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 33-36. [Adaptado]

01. Identifique abaixo as afirmativas verdadeiras (V) e as falsas (F), conforme o texto 1.

( ) Trata-se de um texto predominantemente narrativo, o que se evidencia pelo uso de tempos verbais passados e pela espacialização do enredo.

( ) O texto traz elementos predominantemente argumentativos, com posicionamentos explícitos do autor em relação ao tema.

( ) Trata-se de um texto descritivo, neutro e relativista, em que predominam exemplos factuais e culturalmente contextualizados.

( ) O texto é anacrônico e generalista, não podendo ser tomado como referência explicativa para a conjuntura moderna.

( ) O uso de adjetivos como "pouquíssima", "privilegiado", "extraordinária" e "consideráveis" (segundo parágrafo) revela uma atitude avaliativa do autor.

Assinale a alternativa que indica a sequência correta, de cima para baixo.

a) V • V • V • F • F
b) V • F • F • V • V
c) V • F • F • F • V
d) F • V • V • V • F
e) F • V • F • F • V

Um dos principais desafios para o Brasil é conhecer a Amazônia. Sua vocação eminentemente hídrica impõe, ao longo dos séculos, a necessidade do deslocamento de seus 4 habitantes através dos rios. Muito antes da chegada dos colonizadores na Amazônia, os nativos já utilizavam canoas. Ainda hoje, grande parte da população amazônica vive da 7 pesca. Além disso, o deslocamento do ribeirinho se faz através da infinidade de rios que retalham a grandeza territorial. Mas para conhecer a Amazônia de verdade é preciso 10 entender sua posição estratégica para o país. Os rios são a chave para esse conhecimento. São as estradas que a natureza construiu e em cujas margens se desenvolveram inúmeras 13 povoações. Portanto, é impossível pensar em Amazônia sem associar a importância que os rios têm para o desenvolvimento econômico e social. Eles devem ser vistos como os grandes 16 propulsores do desenvolvimento sustentável da região.

Domingos Savio Almeida Nogueira. In: Internet: (com adaptações)

Em relação ao texto acima, julgue o item a seguir.

02. Predomina no texto a narração, já que nele se identificam um cenário e uma ação.

Certo ( ) Errado ( )

GABARITO:

01 - E

02 - ERRADO

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Reescritura de Frases e Parágrafos do Texto 2
  Substituição de Palavras ou de Trechos de Texto 2
  Retextualização de Diferentes Gêneros e Níveis de Formalidade 4

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Reescritura de Frases e Parágrafos do Texto

A reescrita ou reescritura de frases é uma paráfrase que visa à mudança da forma de um texto. Para que o novo período esteja correto, é preciso que sejam respeitadas a correção gramatical e o sentido do texto original. Assim, para resolver uma questão que envolve reescritura de trechos ou períodos, é necessário verificar os aspectos gramaticais (principalmente, pontuação, elementos coesivos, ortografia, concordância, emprego de pronomes, colocação pronominal, regência, etc.) e aspectos semânticos (significação de palavras, alteração de sentido, etc.).

Substituição de Palavras ou de Trechos de Texto

No processo de reescrita, pode haver a substituição de palavras ou trechos. Ao se comparar o texto original e o que foi reestruturado, é necessário verificar se essa substituição mantém ou altera o sentido e a coerência do primeiro texto.

Locuções x Palavras

Em muitos casos, há locuções (expressões formadas por mais de uma palavra) que podem ser substituídas por uma palavra, sem alterar o sentido e a correção gramatical. Isso é muito comum com verbos, por exemplo:

Os alunos estão buscando formação profissional. (locução: estão buscando)

Os alunos buscam formação profissional. (uma palavra: buscam)

Ambas as frases têm sentido atemporal, ou seja, expressam ações constantes, que não têm fim.

Ele já **tinha estudado** as lições quando os amigos chegaram. (forma composta)

Ele já **estudara** as lições quando os amigos chegaram. (forma simples)

Os períodos estão no Pretérito-Mais-Que-Perfeito. Ambas as formas expressam um fato ocorrido antes de outro fato já terminado.

DICA nº 1: troca de um tempo verbal por outro

Muda o sentido

Não prejudica correção gramatical

Significação das Palavras

Ao avaliarmos a significação das palavras, devemos ficar atentos a alguns aspectos: sinônimos, antônimos, polissemia, homônimos e parônimos.

Sinônimos

Palavras que possuem significados próximos, mas não são totalmente equivalentes. Por exemplo:

- casa - lar - moradia – residência
- carro - automóvel

Para verificar a validade da substituição, deve-se também ficar atento ao significado contextual. Por exemplo, na frase “As fronteiras entre o bem e o mal”, não há menção a limites geográficos, pois a palavra “fronteira” está em sentido conotativo (figurado).

Além disso, nem toda substituição é coerente. Por exemplo, na frase “Eu comprei uma casa”, fica incoerente reescrever “Eu comprei um lar”.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Antônimos

Palavras que possuem significados diferentes, opostos, contrários. Por exemplo:

- » mal / bem
- » ausência / presença
- » subir / descer
- » cheio / vazio
- » possível / impossível

Polissemia

Ocorre quando uma palavra apresenta mais de um significado em diferentes contextos. Por exemplo:

- » **banco** (instituição comercial financeira; assento)
- » **manga** (parte da roupa; fruta)

A polissemia está relacionada ao significado contextual, ou seja, uma palavra tem um sentido específico apenas no contexto em que está inserida. Por exemplo: A eleição foi marcada por debates explosivos (ou seja: debates acalorados, e não com sentido de explodir algo).

Homônimos

Palavras com a mesma pronúncia (algumas vezes, a mesma grafia), mas com significados diferentes. Por exemplo:

- » **Acender**: colocar fogo. Ascender: subir.
- » **Concerto**: sessão musical. Conserto: reparo.

Homônimos Perfeitos

Palavras com a mesma grafia e o mesmo som. Por Exemplo:

- » Eu cedo este lugar você. (cedo = verbo)
- » Cheguei cedo para jantar. (cedo = advérbio de tempo)

Percebe-se que o significado depende do contexto em que a palavra aparece. Portanto, deve-se ficar atento à ortografia quando a questão é de reescrita.

Parônimos

Palavras que possuem significados diferentes, mas são muito parecidas na pronúncia e na escrita.

- » Absolver: perdoar, inocentar. Absorver: aspirar.
- » Comprimento: extensão. Cumprimento: saudação.

Conectores de Mesmo Valor Semântico

Há palavras, principalmente as conjunções, que possuem valores semânticos específicos, os quais devem ser levados em conta no momento de fazer uma substituição.

Logo, pode-se reescrever um período, alterando-se a conjunção. Para tanto, é preciso que a outra conjunção tenha o mesmo valor semântico. Além disso, é importante verificar como ficam os tempos verbais após a substituição.

- » **Embora** fosse tarde, fomos visitá-lo. (conjunção subordinativa concessiva)
- » **Apesar de** ser tarde, fomos visitá-lo. (conjunção subordinativa concessiva)

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

No exemplo acima, o verbo também sofreu alteração.

» Toque o sinal **para que** todos entrem na sala. (conjunção subordinativa final)

» Toque o sinal **a fim de que** todos entrem na sala. (conjunção subordinativa final)

No exemplo acima, o verbo permaneceu da mesma maneira.

DICA nº 2: Conjunção

A troca é possível apenas se o valor semântico for o mesmo

Retextualização de Diferentes Gêneros e Níveis de Formalidade

Na retextualização, pode-se alterar o nível de linguagem do texto, dependendo de qual é a finalidade da transformação proposta. Nesse caso, são possíveis as seguintes alterações: linguagem informal para a formal; tipos de discurso; vozes verbais; oração reduzida para desenvolvida; inversão sintática; dupla regência.

Linguagem Formal x Linguagem Informal

Um texto pode estar escrito em linguagem coloquial (informal) ou formal (norma padrão). A proposta de reescrita pode mudar de uma linguagem para outra. Veja o exemplo:

» Pra que serve a política? (informalidade)

» Para que serve a política? (formalidade)

Voz verbal

→ Ativa

Ocorre quando o sujeito é agente, ou seja, pratica a ação expressa pelo verbo. Por exemplo:

O aluno resolveu o exercício.

→ Passiva

Ocorre quando o sujeito é paciente, ou seja, recebe a ação expressa pelo verbo. Por exemplo:

O exercício foi resolvido pelo aluno.

Formação da Voz Passiva

A voz passiva pode ocorre de forma analítica ou sintética.

> Voz Passiva Analítica

Verbo auxiliar (geralmente o verbo SER) + particípio do verbo principal.

» A academia de polícia será **pintada**.

» O relatório é **feito** por ele.

A variação de tempo é determinada pelo verbo auxiliar (SER), pois o particípio é invariável. Observe:

a) João **fez** a tarefa. (pretérito perfeito do indicativo)

A tarefa foi feita por João. (pretérito perfeito do indicativo)

b) João **faz** a tarefa. (presente do indicativo)

A tarefa é feita por João. (presente do indicativo)

c) João **fará** a tarefa. (futuro do presente)

A tarefa será feita por João. (futuro do presente)

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

→ Voz Passiva Sintética

Verbo na 3ª pessoa, seguido do pronome apassivador SE. Por exemplo:

Abriram-se as inscrições para o concurso.

Transposição da Voz Ativa para a Voz Passiva

Pode-se mudar de uma voz para outra sem alterar o sentido da frase. Por exemplo:

Os médicos brasileiros lançaram um tratamento para o câncer.

Um tratamento para o câncer foi lançado pelos médicos brasileiros.

DICA nº 3: Nas questões de concursos, costuma-se cobrar a transposição da voz passiva sintética para a analítica.

Exige-se comprovante de pagamento.

É exigido comprovante de pagamento.

Oração Reduzida x Oração Desenvolvida

As orações subordinadas podem ser reduzidas ou desenvolvidas. Não há mudança de sentido se houver a substituição de uma pela outra.

Ao terminar a prova, todos podem sair. (reduzida de infinitivo)

Quando terminarem a prova, todos podem sair. (desenvolvida)

Os vizinhos ouviram uma criança chorando na rua. (reduzida de gerúndio)

Os vizinhos ouviram uma criança que chorava na rua. (desenvolvida)

Terminada a reforma, a família mudou-se para a nova casa. (reduzida de particípio)

Assim que terminou a reforma, a família mudou-se para a nova casa. (desenvolvida)

Inversão Sintática

Um período pode ser escrito na ordem direta ou indireta. Nesse caso, quando ocorre a inversão sintática, a correção gramatical é mantida. Apenas é necessário ficar atento ao sentido do período.

- » Ordem direta: sujeito – verbo – complementos/adjuntos adverbiais.
- » Os documentos foram levados para o gerente. (direta)
- » Foram levados os documentos para o gerente. (indireta)

Dupla Regência

Há verbos que exigem a presença da preposição e outros não. Deve-se ficar atento ao fato de que a regência pode influenciar no significado de um verbo.

Verbos Transitivos Diretos ou Indiretos

Sem alterar o sentido, alguns verbos admitem duas construções: uma transitiva direta e outra indireta. Portanto, a ocorrência ou não da preposição mantém um trecho com o mesmo sentido.

Veja os exemplos:

→ Almejar

> Almejamos a paz entre os países que estão em guerra. / Almejamos pela paz entre os países que estão em guerra.

→ Atender

> O gerente atendeu os meus pedidos. / O gerente atendeu aos meus pedidos.

→ Necessitar

Necessitamos algumas horas para organizar o evento. / Necessitamos de algumas horas para organizar o evento.

Transitividade e Mudança de Significado

Existem alguns verbos que, conforme a mudança de transitividade, têm o sentido alterado. Por exemplo:

Aspirar

1) Aspirar é transitivo direto no sentido de sorver, inspirar (o ar), inalar.

Aspirava o suave perfume. (Aspirava-o.)

2) Aspirar é transitivo indireto no sentido de desejar, ter como ambição.

Aspirávamos ao cargo de diretor.

EXERCÍCIO

01. Transpondo-se para a voz passiva o segmento sublinhado na frase os partidários de quem subjuga acabam por demonizar a reação do subjugado, ele deverá assumir a seguinte forma:

a) acabam demonizando.
b) acabam sendo demonizados.
c) acabará sendo demonizada.
d) acaba por ter sido demonizado.
e) acaba por ser demonizada.

GABARITO

1 -E

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Pontuação 2
Parte I 2
Ponto Final 2
Ponto De Exclamação 2
Ponto De Interrogação 2
Pontuação 2
Parte II 2

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Pontuação

Parte I

É importante lembrarmos que a escrita vem para representar a fala; a pontuação, por sua vez, existe para auxiliar a escrita na demonstração da intenção da fala.

Quando falamos de pontuação, devemos atentar, então, para a intenção das frases.

Ponto Final

Deve ser utilizado para encerrar frases declarativas ou imperativas (que exprimem ordens).

Ex.: As ruas estavam desertas. (declarativa)

Preste atenção. (imperativa)

Deve ser usado, também, em abreviações.

Exemplos: Sr. – Sra. – Ex.

Ponto De Exclamação

Deve ser usado nas frases exclamativas, ou seja, aquelas que exprimem sentimentos como surpresa, indignação, felicidade, susto, admiração, entre outros.

Ex.: Que bom seria se todos tivéssemos direitos iguais!

Pode ser usado, também, em frases imperativas, a fim de exprimir ordem, conselho, pedido ou convocação.

Ex.: Vamos à luta!

Outro uso do ponto de exclamação é após interjeições.

Ex.: Ah! Quanto há por fazer ainda...

Ponto De Interrogação

Deve ser usado em frases interrogativas.

Ex.: Será que ainda choverá muito hoje?

Atenção!

É possível utilizar os pontos de exclamação e de interrogação juntos. Quando, em textos que possuam personagens, como as narrativas, um personagem demonstra espanto e, ao mesmo tempo, faz um questionamento, pode-se indicar essa duplicidade por meio do uso desses dois pontos. Observe:

– O João já está aqui?!

– Como assim?!

Pontuação

Parte II

Vírgula

A vírgula indica uma pausa e deve ser usada:

a) para isolar vocativo;

Ex.: Mariana, venha para dentro.

b) para isolar aposto;

Ex.: O Brasil, um dos maiores países do mundo, tem a maior parte de sua população desnutrida.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

c) em datas escritas por extenso e em endereços;

Ex.: Curitiba, 25 de agosto de 2017.

d) para separar elementos de uma enumeração;

Ex.: Fui à feira e comprei bananas, maçãs, tomates e cebolas.

e) em diferentes orações coordenadas assindéticas;

Ex.: Abriu a porta lentamente, sentiu o silêncio, foi até seu quarto, dormiu em paz.

f) para indicar elipse (especialmente de verbos);

Ex.: Todos chegaram alegres; eu, muito triste.

g) para separar orações intercaladas;

Ex.: O importante, insistiam todos, era que o plano desse certo.

h) para separar orações subordinadas adjetivas explicativas;

Ex.: O homem, que é um ser inteligente, constrói sua própria vida

i) antes de conjunções adversativas ou conclusivas;

Ex.: Falam muito, mas ouvem pouco.

j) para isolar elementos explicativos;

Ex.: Ele disse tudo, ou melhor, tudo o que sabia.

k) para indicar o deslocamento de elementos da oração.

Ex.: A carne, você trouxe?

Atenção!

Não separe com vírgula o sujeito de uma oração do verbo a ele correspondente. Veja:

~~João, comeu o bolo.~~

João comeu o bolo.

Ponto e vírgula

Indica uma pausa maior que a vírgula e menor que o ponto final. Pode ser usado para:

a) separar orações de mesma natureza;

Ex.: "Não gostem, e abrandem-se; não gostem, e quebrem-se; não gostem, e frutifiquem." (Pe. Antônio Vieira)

b) separar orações coordenadas sindéticas quando a conjunção aparecer no meio da oração;

Ex.: Esperava obter todas as informações sobre o caso; obtive, porém, apenas algumas.

c) separar itens de uma enumeração em tópicos.

Ex.: No encontro sobre o ensino de Língua Portuguesa serão discutidas as seguintes propostas

I. como levar o aluno a entender o texto;

II. como abordar a gramática no texto;

III. como trabalhar com a elaboração de textos;

IV. como entrosar Língua Portuguesa às outras áreas de estudo.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Dois pontos

Esse sinal de pontuação deve ser usado para indicar:

a) abertura de diálogo;

Ex.: E o pai perguntou:

– Aonde vai, garoto?

b) uma enumeração;

Ex.: Os amigos são poucos: Paulo, Renato, José e Antônio.

c) uma citação direta.

Ex.: Lembrando um verso de Manuel Bandeira: "A vida inteira que podia ter sido e que não foi".

d) Um aposto.

Ex.: Só quero dizer uma coisa: não aguento mais esse barulho.

Exercícios

01. Observe o seguinte trecho:

João, indignado com a demora, reclamou:

– Estou com fome!

Agora, assinale a alternativa **incorreta**:

a) Os dois pontos foram usados, nesse trecho, para introduzir a fala de um personagem.
b) As vírgulas foram usadas de maneira errada, pois separam o sujeito e o verbo.
c) O ponto de exclamação da fala foi usado para expressar o sentimento do personagem.
d) O travessão indica a fala de João.
e) As vírgulas foram usadas para isolar um aposto.

02. Observe o trecho a seguir:

Janaína foi ao mercado comprar biscoitos mas não encontrou nenhum de que gostasse Então resolveu comprar alguns chocolates balas e sorvetes pois estava com muita vontade de comer doces

Agora, assinale a alternativa que apresenta a pontuação melhor utilizada para esse trecho:

a) Janaína, foi ao mercado comprar biscoitos, mas não encontrou nenhum de que gostasse; Então resolveu comprar: alguns chocolates balas e sorvetes pois estava com muita vontade, de comer doces!
b) Janaína foi ao mercado comprar biscoitos, mas não encontrou nenhum de que gostasse. Então, resolveu comprar alguns chocolates, balas e sorvetes, pois estava com muita vontade de comer doces.
c) Janaína foi, ao mercado, comprar biscoitos; mas não encontrou nenhum de que gostasse. Então resolveu comprar alguns: chocolates balas e sorvetes, pois estava com muita vontade de comer doces.
d) Janaína foi ao mercado, comprar biscoitos, mas não encontrou nenhum de que gostasse. Então resolveu comprar, alguns chocolates balas e sorvetes; pois estava com muita vontade de comer doces!
e) Janaína foi ao mercado comprar biscoitos; mas não encontrou nenhum de que gostasse; Então resolveu comprar alguns chocolates balas e sorvetes; pois estava com muita vontade de comer doces.

Gabarito

B

B

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Pontuação 2
- Parte I 2
- Ponto Final 2
- Ponto De Exclamação 2
- Ponto De Interrogação 2

Pontuação 2
- Parte II 2

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Pontuação

Parte I

É importante lembrarmos que a escrita vem para representar a fala; a pontuação, por sua vez, existe para auxiliar a escrita na demonstração da intenção da fala.

Quando falamos de pontuação, devemos atentar, então, para a intenção das frases.

Ponto Final

Deve ser utilizado para encerrar frases declarativas ou imperativas (que exprimem ordens).

Ex.: As ruas estavam desertas. (declarativa)

Preste atenção. (imperativa)

Deve ser usado, também, em abreviações.

Exemplos: Sr. – Sra. – Ex.

Ponto De Exclamação

Deve ser usado nas frases exclamativas, ou seja, aquelas que exprimem sentimentos como surpresa, indignação, felicidade, susto, admiração, entre outros.

Ex.: Que bom seria se todos tivéssemos direitos iguais!

Pode ser usado, também, em frases imperativas, a fim de exprimir ordem, conselho, pedido ou convocação.

Ex.: Vamos à luta!

Outro uso do ponto de exclamação é após interjeições.

Ex.: Ah! Quanto há por fazer ainda...

Ponto De Interrogação

Deve ser usado em frases interrogativas.

Ex.: Será que ainda choverá muito hoje?

Atenção!

É possível utilizar os pontos de exclamação e de interrogação juntos. Quando, em textos que possuam personagens, como as narrativas, um personagem demonstra espanto e, ao mesmo tempo, faz um questionamento, pode-se indicar essa duplicidade por meio do uso desses dois pontos. Observe:

– O João já está aqui?!

– Como assim?!

Pontuação

Parte II

Vírgula

A vírgula indica uma pausa e deve ser usada:

a) para isolar vocativo;

Ex.: Mariana, venha para dentro.

b) para isolar aposto;

Ex.: O Brasil, um dos maiores países do mundo, tem a maior parte de sua população desnutrida.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

c) em datas escritas por extenso e em endereços;

Ex.: Curitiba, 25 de agosto de 2017.

d) para separar elementos de uma enumeração;

Ex.: Fui à feira e comprei bananas, maçãs, tomates e cebolas.

e) em diferentes orações coordenadas assindéticas;

Ex.: Abriu a porta lentamente, sentiu o silêncio, foi até seu quarto, dormiu em paz.

f) para indicar elipse (especialmente de verbos);

Ex.: Todos chegaram alegres; eu, muito triste.

g) para separar orações intercaladas;

Ex.: O importante, insistiam todos, era que o plano desse certo.

h) para separar orações subordinadas adjetivas explicativas;

Ex.: O homem, que é um ser inteligente, constrói sua própria vida

i) antes de conjunções adversativas ou conclusivas;

Ex.: Falam muito, mas ouvem pouco.

j) para isolar elementos explicativos;

Ex.: Ele disse tudo, ou melhor, tudo o que sabia.

k) para indicar o deslocamento de elementos da oração.

Ex.: A carne, você trouxe?

Atenção!

Não separe com vírgula o sujeito de uma oração do verbo a ele correspondente. Veja:

~~João, comeu o bolo.~~

João comeu o bolo.

Ponto e vírgula

Indica uma pausa maior que a vírgula e menor que o ponto final. Pode ser usado para:

a) separar orações de mesma natureza;

Ex.: "Não gostem, e abrandem-se; não gostem, e quebrem-se; não gostem, e frutifiquem." (Pe. Antônio Vieira)

b) separar orações coordenadas sindéticas quando a conjunção aparecer no meio da oração;

Ex.: Esperava obter todas as informações sobre o caso; obtive, porém, apenas algumas.

c) separar itens de uma enumeração em tópicos.

Ex.: No encontro sobre o ensino de Língua Portuguesa serão discutidas as seguintes propostas

I. como levar o aluno a entender o texto;

II. como abordar a gramática no texto;

III. como trabalhar com a elaboração de textos;

IV. como entrosar Língua Portuguesa às outras áreas de estudo.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Dois pontos

Esse sinal de pontuação deve ser usado para indicar:

a) abertura de diálogo;

Ex.: E o pai perguntou:

– Aonde vai, garoto?

b) uma enumeração;

Ex.: Os amigos são poucos: Paulo, Renato, José e Antônio.

c) uma citação direta.

Ex.: Lembrando um verso de Manuel Bandeira: "A vida inteira que podia ter sido e que não foi".

d) Um aposto.

Ex.: Só quero dizer uma coisa: não aguento mais esse barulho.

Exercícios

01. Observe o seguinte trecho:

João, indignado com a demora, reclamou:

– Estou com fome!

Agora, assinale a alternativa **incorreta**:

a) Os dois pontos foram usados, nesse trecho, para introduzir a fala de um personagem.
b) As vírgulas foram usadas de maneira errada, pois separam o sujeito e o verbo.
c) O ponto de exclamação da fala foi usado para expressar o sentimento do personagem.
d) O travessão indica a fala de João.
e) As vírgulas foram usadas para isolar um aposto.

02. Observe o trecho a seguir:

Janaína foi ao mercado comprar biscoitos mas não encontrou nenhum de que gostasse Então resolveu comprar alguns chocolates balas e sorvetes pois estava com muita vontade de comer doces

Agora, assinale a alternativa que apresenta a pontuação melhor utilizada para esse trecho:

a) Janaína, foi ao mercado comprar biscoitos, mas não encontrou nenhum de que gostasse; Então resolveu comprar: alguns chocolates balas e sorvetes pois estava com muita vontade, de comer doces!
b) Janaína foi ao mercado comprar biscoitos, mas não encontrou nenhum de que gostasse. Então, resolveu comprar alguns chocolates, balas e sorvetes, pois estava com muita vontade de comer doces.
c) Janaína foi, ao mercado, comprar biscoitos; mas não encontrou nenhum de que gostasse. Então resolveu comprar alguns: chocolates balas e sorvetes, pois estava com muita vontade de comer doces.
d) Janaína foi ao mercado, comprar biscoitos, mas não encontrou nenhum de que gostasse. Então resolveu comprar, alguns chocolates balas e sorvetes; pois estava com muita vontade de comer doces!
e) Janaína foi ao mercado comprar biscoitos; mas não encontrou nenhum de que gostasse; Então resolveu comprar alguns chocolates balas e sorvetes; pois estava com muita vontade de comer doces.

Gabarito

B

B

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

21 Concordância Verbal

I — Regra geral

O verbo concorda com o sujeito em número e pessoa.

a) O sujeito é simples

O sujeito sendo simples, com ele concordará o verbo em número e pessoa.

As saúvas ERAM uma praga.

Tu não ÉS inimiga dele, não?

b) Sujeito composto e da 3ª pessoa

b-1 Anteposto ao verbo

Quando o sujeito composto vier **anteposto** ao verbo, este irá para o **plural**.

Ex.:

A esposa e o amigo SEGUEM sua marcha.

b-2 Posposto ao verbo

Quando o sujeito composto vier **posposto** ao verbo, este irá para **o plural** ou concordará com o **núcleo mais próximo**.

Exemplos:

Já CHEGARAM a Curitiba o presidente e sua comitiva. ↓ ↓
v. pl. suj. comp.

Já CHEGOU a Curitiba o presidente e sua comitiva. ↓ ↓
v. sing. suj. comp.

Aqui REINA a paz e a alegria de futuros calouros.

No Dom Bosco, REINAM a paz e a alegria de futuros calouros.

b-3 Núcleos sinônimos

Quando o sujeito composto vier anteposto ao verbo e os núcleos forem **sinônimos**, o verbo poderá ficar no **singular** ou ir para o **plural**.

Exemplos:

A coragem e o destemor CARACTERIZA seu comportamento.

A coragem e o destemor CARACTERIZAM seu comportamento.

c) Sujeito composto de pessoas diferentes

Quando o sujeito composto for formado por diferentes pessoas gramaticais, o verbo **irá** para o **plural**, na pessoa que tiver prevalência.

SUJ.	VERBO
1ª e 2ª	{ ⇒ 1ª pl.
1ª e 3ª	
2ª e 3ª	⇒ 2ª pl.

Foi o que FIZEMOS Capitu e eu.

Tu e ele PARTIREIS juntos.

Você e meu irmão não me COMPREENDEM.

Observação: Muitas vezes, os escritores quebram a rigidez desta regra:

a) Ora fazendo concordar o verbo com o sujeito mais próximo, quando este se pospõe ao verbo:

«O que me resta da felicidade passada **és** tu e eles». (C.C.B.)

«Faze uma arca de madeira; **entra** nela tu, tua mulher e teus filhos». (M.A.)

b) Ora preferindo a 3ª pessoa na concorrência TU + ELE (**tu** + **ele** = **vocês**, em vez de **tu** + **ele** = **vós**).

«... Deus e tu **são** testemunhas...» (A. Garrett)

«O que eu continuamente peço a Deus é que ele e tu **sejam** meus amigos.» (C.C.B.)

d) Sujeito composto resumido por tudo, nada, ninguém etc.

Quando o sujeito composto for resumido por TUDO, NADA, NINGUÉM etc., o verbo ficará no **singular**.

Exemplos:

A sala, os colegas, o professor, **tudo** lhe ERA desagradável.

Jogos, espetáculos, viagens, diversões, **nada** PÔDE satisfazê-lo.

«O entusiasmo, alguns goles de vinho, o gênio imperioso, estouvado, **tudo** isso me LEVOU a fazer uma coisa única.» (M.A)

Estudo, preocupação, ansiedade, perseverança, **tudo** o levou a passar no vestibular.

II — Casos particulares de concordância

Núcleos do sujeito unidos por ou

a) Se a conjução **ou** indicar exclusão ou retificação, o **verbo concordará com o sujeito mais próximo:**

Paulo **ou** Antônio SERÁ o presidente.

Ainda não FOI ENCONTRADO o autor **ou** os autores do crime.

b) O verbo irá para o **plural**, se a idéia por ele expressa se refere a todos os sujeitos:

Era tão pequena a cidade, que um grito ou gargalhada forte a ATRAVESSAVAM de ponta a ponta.

«Naquela crise, só Deus ou Nossa Senhora PODIAM acudir-lhe.» (C.C.B.)

Núcleos do sujeito unidos por com

a) Usa-se mais freqüentemente o verbo no **plural:**

«Eu com outros romeiros VÍNHAMOS de Vigo...» (C.C.B.)

«Ele com mais dois ACERCARAM-SE da porta.» (C.C.B.)

b) Pode-se usar o verbo no **singular** quando se deseja dar relevância ao primeiro sujeito, e também quando o verbo vier antes deste:

«Já num sublime e público teatro **se** ASSENTA o rei inglês com toda a corte.» (Camões)

À mesma porta por onde SAÍRA a mulher **com** a filha, chegavam outros pretendentes.

O caboclo, **com** a mulher e a filharada, TINHA uma parceira.

Núcleos do sujeito unidos por nem

a) Usa-se comumente o verbo no **plural:**

Nem a riqueza nem o poder o LIVRARAM de seus inimigos.

Nem eu nem ele o CONVIDAMOS.

b) Todavia, é admissível a concordância no **singular,** mormente quando o verbo precede o sujeito:

Não o CONVIDEI eu **nem** minha esposa.

«Na fazenda, atualmente, não SE RECUSA trabalho, **nem** dinheiro, **nem** nada a ninguém.» (G. Rosa)

Núcleos do sujeito são infinitivos

O verbo concordará no **plural** se os infinitivos forem determinados e, no **singular,** se genéricos, indeterminados:

O COMER e o BEBER **são** necessários.

Já tinha ouvido que PLANTAR e COLHER feijão não **dava** trabalho.

Sujeito coletivo

a) O verbo concorda no **singular** com o sujeito coletivo do singular:

A **multidão** vociferava ameaças.

O **exército dos aliados** desembarcou na Itália.

Observação:

a) Se o coletivo vier seguido de substantivo plural e anteceder ao verbo, este poderá ir para o **plural,** quando se quer salientar, não a ação do conjunto, mas dos indivíduos:

Uma grande **multidão de crianças**, de velhos, de mulheres penetraram na caverna...

Um **bando de estudantes** fazia (ou **faziam)** uma batucada em sala.

A maior parte de; grande número de etc.

Sendo o sujeito uma das expressões **a maior parte de, a maioria de, grande número de** etc., seguida de substantivo ou pronome no plural, o verbo pode ir para o **singular** ou para o **plural:**

«A maior parte dos doidos ali metidos estão em seu perfeito juízo. (M.A.)

«A maioria das palavras continua visível.» (C.D.A.)

Um e outro; nem um nem outro

Sendo o sujeito uma dessas expressões, o verbo concorda no **plural** (de preferência) ou **singular:**

«**Um e outro** descendiam de velhas famílias do Norte.» (M. A.)

Um e outro tinham (ou tinha) parentes no Rio.

Um ou outro

O verbo concorda no **singular** com o sujeito **um ou outro:**

«Respondi-lhe que **um ou outro** lhe ficava bem.»

«Sempre tem **um ou outro** que VAI dando um vintém.» (R.Q.)

Um dos que; uma das que

a) Os escritores modernos preferem o **plural:**

«Paulo é **um dos que** mais estudam.»

«A baronesa era **uma das** pessoas que mais desconfiavam de nós.» *(*M. Assis)

b) Deixar-se-á, contudo, o verbo no **singular,** quando este se aplica apenas ao ser de que se fala ou quando se deseja destacar o indivíduo do grupo:

Jairo é **um dos** meus empregados **que** não sabe ler. (Jairo é o único empregado que não sabe ler.)

Este é **um dos** jogadores brasileiros que mais se destacou na partida.

Mais de um; mais de uma

a) O verbo concorda em regra no **singular:**

Mais de um excursionista perdeu a vida nesta traiçoeira montanha.

b) O **plural** será regra se o verbo exprimir **reciprocidade:**

Mais de um dos presentes se entreolhavam com espanto. (reciprocidade)

Qual de vós? Quais de vós? Algum de nós, alguns de nós.

a) Quando o sujeito for formado por um pronome indefinido **alguns, muitos, poucos** etc. ou interrogativo **quais? quantos? no plural**, seguidos dos pronomes **nós** ou **vós**, o verbo concordará com o primeiro ou com o segundo pronome:

Alguns de nós **foram** aprovados.
pron. indef. **fomos** aprovados.
plural

Quais de vós **saíram?**
pron. interrog. **saístes?**
plural

Poucos dentre **nós** CONHECEM (ou CONHECEMOS) as leis.

b) Se o interrogativo ou o indefinido estiverem **no singular,** a verbo ficará na **3ª pessoa do singular:**

Qual de nós será aprovado?

Algum de vós sabe a resposta.

sing = 3ª pes. sg.

Sujeito: relativo quem

Quando o sujeito for o pronome relativo **quem**, o verbo concordará com o **antecedente** ou ficará na **3ª pessoa do singular:**

a) Fui eu **quem** prometeu.
verbo na 3ª pessoa do singular

b) Fui **eu** quem	prometi.
antecedente	verbo concordando com o antecedente

Sujeito: relativo que

Quando o sujeito de um verbo for o pronome relativo **que**, o verbo concordará com o antecedente:

Fui	eu	que	falei.
Foste	tu	que	falaste.
Fomos	nós	que	falamos.
	↓	↓	↓
	antecedente	sujeito	verbo concordando com o antecedente

Observação:

→ A partícula expletiva ou de realce **é que** é invariável, e o verbo da frase em que é empregada concorda normalmente com o sujeito.

Ex.: Ela é que faz os bolos.

Eu é que escrevo os programas.

Sujeito: pronome de tratamento

Os pronomes de tratamento exigem o verbo na 3ª pessoa.

Vossa Excelência agiu com moderação.

Espero que **V. S.ª** não me faça mal.

Vossa Majestade não pode consentir que os touros lhe matem o tempo e os vassalos.

Substantivos próprios usados no plural

Certos substantivos próprios de forma plural, como Estados Unidos, Andes, Campinas, Lusíadas etc., levam o verbo para o plural quando se usam com o artigo; caso contrário, o verbo concorda no singular:

Os Estados Unidos são o país mais rico do mundo.

Os Lusíadas tornaram Camões imortal.

x Campinas orgulha-se de ter sido o berço de Carlos Gomes.

x Minas Gerais possui grandes jazidas de ferro.

→ **Observação:** Quando o sujeito for **título de livro** ou **nome de obra,** admitem-se duas construções:

a) *Os Sertões* **glorificaram** nossa literatura.

b) *Os Sertões* **glorificou** nossa literatura.

Sujeito oracional → verbo na 3ª pessoa do singular

Quando o sujeito é **constituído por oração,** o verbo fica na **3ª pessoa do singular:**

Não adianta	discutir esses problemas.
v. 3ª pes. sing.	sujeito

Exercícios

1) Assinale com E a oração que apresentar erro de concordância e com C a que estiver correta. Reescreva aquelas que você assinalar com E:

1. ( ) Falharam a técnica e os argumentos utilizados.

2. ( ) Chegou as notas e o diploma.

3. ( ) Tu e teus amigos chegastes bem cedo.

4. ( ) Chegaste cedo tu e teus amigos.

5. ( ) Tu e eu fizestes o trabalho.

6. ( ) Jamais poderiam juntar-se o governador e seus aliados.

7. ( ) Norberto e Filomena tem grande chance de aprovação.

8. ( ) Foi o que fizemos Capitu e eu.

....

....

....

....

2) Responda às questões que seguem, de acordo com o seguinte código:

(A) se for correta apenas a oração I.

(B) se for correta apenas a oração II.

(C) se forem corretas as orações I e II.

(D) se nenhuma das orações for correta.

1. ( ) I. Quantos de nós ficaram sabendo disso?

II. Algum de nós está errado.

2. ( ) I. Poucos de nós conseguiram.

II. Quem de vós me atirareis a pedra?

3. ( ) I. Qual de vós sois mais competente?

II. Muitos de vós ficastes em casa.

4. ( ) I. Algum de nós já viu este filme?

II. Qual de vós vieste?

3) Escreva nos parênteses (E) se a oração apresentar erro de concordância e (C), caso ela esteja correta:

1. ( ) Ele foi um dos que mais insistiu.

2. ( ) Um dos que mais falou foi um dos que menos cumpriu.

3. ( ) Fernando ou Filomena serão o representante da classe.

4. ( ) Um e outro descendiam de velhas famílias gaúchas.

5. ( ) Nem um nem outro ficou.

6. ( ) A cidade era tão pequena que um grito ou uma gargalhada forte a atravessava de ponta a ponta.

7. ( ) Nem um nem outro chegou.

4) Escreva nos parênteses (E) para as orações erradas e (C) para as corretas:

1. ( ) Fostes vós que reclamou

2. ( ) Fostes vós quem reclamou

3. ( ) Fomos nós que erramos.

4. ( ) Fomos nós quem erramos.

5. ( ) Vossas Senhorias me compreendereis.

6. ( ) Sua Majestade se ausentou por alguns dias.

7. ( ) Vossa Excelência sois ignorante.

8. ( ) Hoje quem pagas és tu.

5) Preencha os espaços vazios com as formas indicadas entre parênteses. Caso seja possível, coloque as duas formas:

a) Aí está um dos que mais .... essa obra. (criticou, criticaram)

b) Tomou a palavra um dos embaixadores que .... o projeto. (defendia, defendiam)

c) Mais de um motivo .... a agir assim. (leva-nos, levam-nos)

d) Mais de um veículo .... na esquina. (se chocou, se chocaram)

e) Mais de um vestígio, mais de um sinal .... nas escavações. (foi encontrado, foram encontrados)

f) Um e outro caso .... para justificar a regra. (presta-se, prestam-se)

g) Nem eu nem os vendedores .... com as condições do mercado. (concordamos, concordaram)

h) Nem um nem outro .... comparecendo ao debate. (acabou, acabaram)

i) Vossas Senhorias não .... de seus interesses. (cuidaram, cuidastes)

i) Gostaria de que Vossa Senhoria nos .... com sua preciosa ajuda. (acudisse, acudisses)

Questões discursivas

1. (CEFET-PR) Passe para o tratamento vós:

Seja puro e humilde em seu coração e encontrará o caminho que o levará a Deus.

....

....

....

2. (CEFET-PR) Reescreva as orações, colocando os verbos nas pessoas indicadas nos parênteses, conservando os mesmos tempos e modos em que se encontram.

a) Ponha o dever à frente do prazer.

(2ª pessoa do plural) ....

....

....

....

b) ... Se quiserdes vencer na vida, sede esforçados e persistentes.

(3ª pes. do sing.) ....

....

....

....

3. (CÁSPER LÍBERO-SP) Qual das duas orações é correta: «Sou um dos cidadãos brasileiros que mais trabalha.» ou «Sou um dos cidadãos brasileiros que mais trabalham»?

Resp.: ....

....

4. (FUVEST) «És tu que deves pensar e querer por mim.»

(José de Alencar)

a) permute **tu** por **você:**

....

....

b) permute **tu** por **vós:**

....

....

5. (FUVEST) «(...) fui eu que me atirei aos pés dela (...)»

(Machado de Assis)

a) permute **eu** por **ele:**

....

....

b) permute **que** por **quem**:

....

....

Testes

1. (UFPR) Observe a concordância verbal:

1. Algum de vós conseguireis a bolsa de estudo?

2. Sei que pelo menos um terço dos jogadores estavam dentro do campo naquela hora.

3. Os Estados Unidos são um país muito rico.

4. No relógio do Largo da Matriz bateu cinco horas: era o sinal esperado.

a) Somente a frase 1 está errada.

b) Somente a frase 2 está errada.

c) As frases 2 e 3 estão erradas.

d) As frases 1 e 4 estão erradas.

e) As frases 2 e 4 estão erradas.

2. (UFBA) Indique a opção correta:

a) Pratique o bem e terá felicidade.

b) Pratica o bem e terá felicidade.

c) Pratique o bem e terás felicidade.

d) Praticas o bem e tereis felicidade.

e) Praticai o bem e terás felicidade.

3. (PUC-RS) Enquanto ...... a lei e o regulamento, não se ..... infrações dessa espécie.

a) forem observados — admitirão.

b) forem observados — admitirá.

c) for observada — admitirá.

d) for observado — admitirão.

e) for observado — admitirá.

4. (FEI-SP) O verbo concorda em número e pessoa com o sujeito. Portanto, não está correta a alternativa:

a) Faltam ainda seis meses para o vencimento.

b) Existem fortes indícios de melhoria geral.

c) Não provém daí os males sofridos.

d) Os fatos que o perturbam são bem poucos.

e) Serão considerados válidos tais argumentos?

5. (UFSCAR-SP) Em uma das frases apresentadas nas opções seria correta a variação da concordância verbal. Assinale-a:

a) «A presença do Capitão-General causou grande rebuliço na sala.»

b) «Bastavam-lhe a paz, a promessa.»

c) «De nada valeram as lágrimas de Mariana, os gritos da mãe, os ataques do pai.»

d) «As coisas eram tristes, frias e silenciosas, opacas e duras.»

e) «Meu Deus, agora trouxeram flores, grandes vasos de flores.»

6. (UFSCAR-SP) Nas cinco alternativas, há duas concordâncias verbais erradas. Indique-as:

a) Eu, tu e nossos amigos iremos no mesmo avião.

b) Tu e meus amigos ireis no mesmo trem.

c) Tu e meus amigos irão no mesmo trem.

d) V. Ex.ª, eles e aqueles garotos seguireis depois.

e) Margarida e vossa tia seguireis primeiro.

7. (FUVEST) Num dos provérbios a seguir não se observa a concordância prescrita pela gramática. Indique-a:

a) Não se apanham moscas com vinagre.

b) Casamento e mortalha no céu se talha.

c) Quem ama o feio, bonito lhe parece.

d) De boas ceias, as sepulturas estão cheias.

e) Quem cabras não tem e cabritos vende, de algum lugar lhe vêm.

8. (CESGRANRIO) Assinale a opção em que a lacuna pode ser preenchida por qualquer das duas formas verbais indicadas entre parênteses:

a) Um dos seus sonhos .... morrer na terra natal. (era, eram)

b) Aqui não .... os sítios onde eu brincava. (existe, existem)

c) Uma porção de sabiás .... na laranjeira. (cantava, cantavam)

d) Não .... em minha terra belezas naturais. (falta, faltam)

e) Sou eu que .... morrer ouvindo o canto do sabiá. (quero, quer)

9. (UEPG-PR) Assinale a alternativa incorreta, segundo a norma gramatical:

a) Os Estados Unidos, em 1941, declararam guerra à Alemanha.

b) Aqueles casais parecia viverem felizes.

c) Cancelamos o passeio, haja visto o mau tempo.

d) Mais de um dos candidatos se cumprimentaram.

e) Não tínhamos visto as crianças que faziam oito anos.

10. (UFMS) A concordância verbal incorreta é:

a) *Os Lusíadas* imortalizaram Camões.

b) Quais de vós ireis à escola?

c) Outrora poderia existir opiniões diferentes sobre o assunto.

d) Quem de nós pagará as despesas?

11. (FUVEST) Indique a alternativa correta:

a) Filmes, novelas, boas conversas, nada o tiravam da praia.

b) A pátria não é ninguém: são todos.

c) Se não vier as chuvas, como faremos?

d) É precaríssima as condições do prédio.

e) Vossa Senhoria vos preocupais demasiadamente com vossa imagem.

12. (PUC-SP) Combine as duas colunas:

1. Sabemos ( ) Eles ou elas
2. Sabeis ( ) Eu, tu e ele
3. Sabem ( ) Tu e ele
( ) Tu e eu

A seqüência correta deve ser:

a) 2, 1, 3, 2

b) 3, 2, 3, 2

c) 3, 2, 2, 1

d) 3, 1, 2, 1

e) 3, 1, 2, 2

Para resolver as questões 13 a 15, assinale as alternativas e some seus valores.

13. (UFCE) Como a frase: «fui eu quem fez o casamento», também estão corretos os períodos abaixo:

1. fui eu que fiz o casamento.
2. foi eu quem fez o casamento.
4. fui eu que fez o casamento.
8. foste tu que fizeste o casamento.
16. foste tu quem fez o casamento.
32. fostes vós que fez o casamento.
64. fostes vós quem fez o casamento.

14. (UFCE) Marque as alternativas certas quanto à concordância verbal:

1. Fomos nós quem se responsabilizou pela operação de resgate.

2. Os estudantes somos, em geral, muito vibradores.

4. Se V. Exa. determinardes o que se deve fazer, a obra será executada imediatamente.

8. Os jovens parece ficarem cônscios da responsabilidade de votar.

16. Quando cuidamos, restava apenas alguns objetos imprestáveis.

32. Não sabemos quais de nós deve se submeter ao concurso.

15. (UNIFOR-CE) Marque as alternativas certas quanto à concordância do verbo destacado:

1. Vossa Excelência não **devia** preocupar-se com um inimigo tão medíocre.

2. Mais de um motivo **levam**-no a agir com precaução.

4. Mais de mil pessoas já **acertaram** na Loteria Esportiva.

8. Mais de um olhar, mais de um aceno, **avisavam-no** do perigo.

16. Não **parece** justo condenar essas pessoas.

32. Joaquim ou Antônio **casarão** com Maria.

64. Nenhum dos participantes do encontro **confirmaram** a sugestão.

Se → partícula Apassivadora = pa

O verbo concordará com o sujeito da frase:

Elaboraram-se novos projetos.
verbo no plural sujeito no plural

Aluga-se casa.

verbo no singular sujeito no singular

→ **Observação:** Os verbos são sempre **TD.**

Se → partícula de indeterminação do sujeito = pis ou iis

O verbo ficará sempre na **3ª pessoa do singular:**

Assistiu-se **a** belos espetáculos.
↓
verbo na 3ª pes. sing. (TI) prep. O.I

→ **Observações:**

1 — O **se** acompanha verbos **I, TI** ou **VL**.

2 — Partícula ou Índice de Indeterminação do Sujeito.

3 — Normalmente, há um substantivo preposicionado.

Haver/fazer → impessoais

O verbo haver = (existir, ocorrer) e o verbo fazer (indicando tempo) só se conjugam na 3ª pessoa do singular:

Faz dez anos que não nos vemos.

Por sorte, ainda **havia** pessoas em casa.

Faz verões quentíssimos no Rio de Janeiro.

→ **Observações:**

1 — A impessoalidade destes verbos se transmite ao auxiliar:

Vai haver desistências.

Irá fazer dez anos.

2 — Em orações do tipo:

Fazem dez anos todos estes fatos.

A flexão é normal porque há sujeito, no caso, «todos estes fatos».

3 — No sentido de **«fazer alguma coisa»**, conjuga-se normalmente:

Elas **fazem** anos hoje.

4 — **Haver** — no sentido de **ter** — conjuga-se normalmente (como verbo auxiliar):

Eles **haviam** estado lá.

5 — **Existir** é pessoal e concorda com o sujeito:

Existem praias belíssimas no Nordeste.

Dar/Soar/Bater → Badaladas Batidas Horas

Os verbos **dar, bater, soar** e sinônimos, empregados com referência às horas, **concordam com o número de horas:**

Deram seis horas.

Deu uma hora.

Batiam as seis horas no campanário da igreja.

Soaram seis horas no relógio do acampamento.

→ **Observação:**

Quando há sujeito, o verbo concorda com ele:

O relógio da estação **deu** três horas.

O despertador do acampamento **soou** seis horas.

Concordância do verbo ser

1. Nos predicados nominais, com o sujeito representado por um dos pronomes **tudo, nada, isto, isso, aquilo,** os verbos ser e parecer concordam com o predicativo:

Tudo **são** esperanças.

Aquilo **parecem** ilusões.

Isto não **são** coisas para se dizer

Observação: Não são raros os exemplos em contrário:

«Tudo **é** flores no presente.» (G. Dias)

Aquilo **é** sonhos vãos.

2. Nas orações iniciadas por pronomes interrogativos, o verbo **ser** concorda sempre com o nome ou pronome que vier depois:

Que **são** florestas equatoriais?

Quem **eram** aqueles homens?

Que **são** estas alegrias?

3. Nas indicações de horas, datas, distâncias, a concordância se fará com a expressão numérica **(predicativo):**

São oito horas.

É zero hora em Curitiba.

Hoje **são** 31 de março.

Hoje é 31 de março (é dia 31). (Facultativo)

De Botafogo ao Leblon são oito quilômetros.

→ **Observação:** Estando o predicativo precedido da expressão **perto de, singular ou plural:**

«**Eram** perto de oito horas.» (M. Assis)

«**Era** perto de duas horas quando saiu da janela» (M. Assis)

«... **Era** perto das cinco quando saí.» (Eça de Queirós)

4. Com o predicado nominal indicando **preço**, **quantidade, peso,** o verbo ser fica no **singular:**

Três batalhões **é** muito pouco.

Trinta milhões de dólares **é** muito dinheiro.

Duas horas não **é** tanto assim.

5. Quando o **sujeito é um nome de coisa**, no singular, e o predicativo um substantivo no plural:

«A cama **são** umas palhas.» (C.C.B.)

«A causa **eram** os seus projetos.» (M. Assis)

«Vida de craque não **são** rosas.» (Raquel de Queiroz)

Sua salvação **foram** aquelas ervas.

→ **Observação:** O sujeito ou o predicativo sendo nome de pessoa, com ele concordará o verbo ser:

O homem **é** cinzas.

Emília **é** as delícias de sua avó.

Seu orgulho **eram** os velhinhos.

6. Quando o sujeito é constituído de verbos no infinitivo, o verbo ser concorda com o predicativo:

Dançar e cantar **é** a sua atividade.

Estudar e trabalhar **são** as minhas atividades.

7. Quando o **sujeito ou o predicativo for pronome pessoal,** o verbo ser concordará com o **pronome:**

A ciência, mestres, **sois** vós.

Em minha turma, o líder **sou** eu.

O Brasil **são** eles.

Verbo parecer

O verbo **parecer**, seguido de infinitivo, admite duas construções:

a) Flexiona-se o verbo parecer e não se flexiona o infinitivo.

1. Os montes **parecem** cair.

2. As paredes **pareciam estremecer.**

b) Flexiona-se o infinitivo e não se flexiona o verbo parecer.

1. Os montes **parece caírem.**

2. As paredes **parecia estremecerem.**

Análise da construção b-2): Parecia (oração principal); as paredes estremecerem (or. sub. subst. subjetiva).

Haja(m) vista

Esta expressão pode ser construída de três modos diferentes:

1ª **hajam vista** os livros desse autor. (= tenham vista, vejam-se).

2ª **haja vista** os livros desse autor. (= por exemplo, os livros...).

3ª **haja vista** aos livros desse autor. (= olhe-se para, atente-se para os livros...).

A primeira construção (que é mais aceitável) analisa-se deste modo:

Sujeito: os livros; verbo: hajam (= tenham); objeto direto: vista.

Perceba que a palavra vista permanece invariável sempre.

Exercícios

1) Preencha as lacunas com uma das opções:

a) .... alguns meses que ela partiu. (faz — fazem)

b) .... haver reclamações. (vão — vai)

c) .... de existir novas opções. (há — hão)

c) .... haver novas provas. (deverá — deverão)

2) Preencha as lacunas com os verbos entre parênteses nos tempos e modos indicados:

1. Fui eu quem .... o médico. (**providenciar:** Pret. Perf. do Ind.)

2. Quantos de vós .... uma atitude? **(tomar:** Pret. Perf. do Ind.)

3. Menos de cinco .... o braço. (**levantar:** Pret. Perf. do Ind.)

4. Algum de vós .... responder? (**saber:** Fut. do Pret.)

5. Mais de um aluno .... o braço. (**levantar:** Pret. Perf. do Ind.)

6. Uma e outra .... mais tarde. (**chegar:** Pret. Perf. do Ind.)

7. Mais de um dos candidatos se .... (**insultar:** Pret. Perf. do Ind.)

8. Os problemas que .... haver serão solucionados. (**poder:** Fut. do Pres. do Ind.)

9. Mandei-os .... as malas. (**fazer:** Infinitivo)

10. .... -se sapatos. (**consertar:** Pres. do Ind.)

3) Siga o modelo:

Foram encerradas as competições. Encerraram-se as competições.

a) Foram consultados os especialistas.

....

b) Eram admitidas todas as respostas.

....

c) São elaborados novos projetos diariamente.

....

4) Preencha as lacunas com as formas verbais indicadas nos parênteses:

a) .... -se de empregados. (precisa-precisam)

b) .... -se os restos do material. (vende-vendem)

c) Aqui se .... a bons filmes. (assiste-assistem)

d) .... -se os horizontes. (ampliou-ampliaram)

e) Não se .... mais esses assuntos. (discute-discutem)

5) Preencha as lacunas das frases a seguir com os verbos indicados entre parênteses:

1. .... poucos assuntos que nos interessam. (haver — Pres. Ind.)

2. ...... poucos assuntos que nos interessam. (existir — Pres. Ind.)

3. .... seres vivos em outros planetas? (haver — Fut. Pres. Ind.)

4. ...... seres vivos em outros planetas? (existir — Fut. Pres. Ind.)

5. .... muitos empecilhos na venda deste apartamento. (haver — Pret. Perf. Ind.)

6. ..... muitos empecilhos na venda deste apartamento. (existir — Pret. Perf. Ind.)

7. .... haver protestos. (dever — Pres. Ind.)

8. .... existir bons motivos para isso. (dever — Pres. Ind.)

9. ...... haver casos mais complicados que este. (costumar — Pres. Ind.)

10. ...... existir muitas razões para que ela proceda assim. (poder — Pres. Ind.)

11. ..... Dias melhores ainda .... haver. (ir — Pres. Ind .)

12. ...... séculos que não a vejo. (fazer — Pres. Ind.)

13. ...... fazer dois anos que moro em São Paulo. (dever — Pres. Ind.)

14. .... fazer uns quatro anos que deixei de estudar. (poder — Fut. Pres. Ind.)

15. .... dias límpidos no inverno. (fazer — Pres. Ind.)

16. Se não .... guerras, o mundo seria melhor. (haver — Pret. Imp. Subj.)

17. Se não .... guerras, o mundo seria melhor. (existir — Pret. Imp. Subj.)

6) Preencha as lacunas das frases a seguir escolhendo uma ou duas formas entre parênteses:

1. A vida .... as lutas de todos os dias. (é — são)

2. Pedrinho .... as desgraças da família. (era — eram)

3. Os envolvidos na questão .... nós. (eram — éramos)

4. Tudo .... tolices, Manuel. (é — são)

5. Aquilo não .... condições de vida humana. (era — eram)

6. Quinze mil reais .... pouco para construir aquela casa. (foi — foram)

7. Dez anos .... muito para esperar alguém. (é — são)

7) Aponte a concordância errada:

( ) Precisa-se de operários.

( ) O sino da capela soou seis horas.

( ) Deu cinco horas no relógio da torre.

8) Preencha as lacunas com o verbo SER nos tempos e modos indicados:

1. A resposta .... dois números. (Pres. do Ind.)

2. Quem .... os convidados? (Pret. Imperf.)

3. Até a sua casa ..... dez metros. (Pres. do Ind.)

4. Luís ...... as alegrias dos pais. (Pres. do Ind.)

5. Três guardas .... o bastante. (Pres. do Ind.)

6. Os escolhidos .... vós. (Pres. do Ind.)

7. O escolhido .... tu. (Pres. do Ind.)

8. Seis anos .... muito. (Pres. do Ind.)

9) Assinale a(s) incorreta(s):

a) Quantos anos pode fazer que Maria partiu?

b) Há dias, estando Pedro distraído, uma flecha o pegou.

c) Dois meses estão fazendo que a jangada partiu.

d) Deve fazer muitos anos que ninguém atravessa estas regiões.

e) A menos que saiamos daqui, seremos mortos no desabamento.

10) Aponte a alternativa que preenche adequadamente os espaços:

a) há (= faz)

b) há (= existe[m])

c) há (= tem)

d) há (= é possível)

e) a

1. Não .... duvidar de sua honestidade.

2. Já .... cinco meses não me escreves.

3. .... oito anos que não envias informações.

4. Ainda .... muitos meios de salvá-lo.

5. Cheguei .... ponto de abandonar a tarefa.

6. Se come em casa de amigos, não .... contentá-lo.

7. .... de ficar contente em ver-me doutor.

8. Com esta gente convivo .... muitos anos.

9. Que estás ai .... ler, ó Maria?

11) Assinale as frases incorretas:

( ) 1. Que horas é?

( ) 2. Que horas são?

( ) 3. Já são duas horas.

( ) 4. Ainda é uma hora.

( ) 5. São duas horas e um minuto.

( ) 6. É um minuto para as duas horas.

( ) 7. É zero hora.

( ) 8. São zero horas.

( ) 9. É meio-dia.

( ) 10. São meio-dia.

( ) 11. Que dia é hoje?

( ) 12. Quantos são hoje?

( ) 13. Que dias é hoje?

( ) 14. Hoje é quinze de março.

( ) 15. Hoje são quinze de março.

( ) 16. Hoje são dia quinze de abril.

Questões discursivas

1. (CEFET-PR) Escolha a forma correta dentre as dos parênteses e complete as lacunas:

a) Neste teatro,.........., anualmente, a grandiosos espetáculos.
(ASSISTEM-SE — ASSISTE-SE)

b) Após o desastre, ... cenas de tristeza e desespero. (HOUVE — HOUVERAM)

2. (CEFET-PR) Complete com a forma correta:

— Seus métodos são eficientes .... os resultados alcançados.
(HAJAM VISTA — HAJA VISTO)

3. (FUVEST) Preencha os espaços com a forma verbal adequada:

a) «As bichas excomungadas .... a causa da seca.» (era — eram) (G. Ramos)

b) «Toda língua .... rastros de velho mistério.» (é — são) (G. Rosa)

c) As crianças .... a paixão de Lady Diana. (é — são)

d) «Ele acabou confessando um dia: .... eu mesmo.» (foi — fui) (F. Sabino)

4. (CÁSPER LÍBERO-SP) Qual das orações é correta: «As estrelas parece brilharem» ou «As estrelas parecem brilhar»?

Resp.: ....

5. (FUVEST) Reescreva as frases, substituindo existir **por** haver **e vice-versa:**

a) **«Existiam** jardins e manhãs naquele tempo: **havia** paz em toda a parte.»

b) «Se **existissem** mais homens honestos, não **haveria** tantas brigas por justiça.»

a) ....
....

....

b) ....
....

....

6. (CEFET-PR) Passe as orações das questões a **e** b **para o plural:**

a) Chorava muito sem que houvesse motivo.

....

b) Faz um ano que me formei.

....

7. (CEFET-PR) Complete as lacunas com uma das formas indicadas, atendendo às normas da concordância:

a) .... (era — eram) 15 de abril de 1979.

b) Senhor Presidente, espero que V. Exa. tenha ficado .... (satisfeita — satisfeito) com o andamento das obras.

c) A casa era idêntica às que se .... (vê — vêem) nos livros de contos de fada.

d) .... (trata-se — tratam-se) de movimentos contrários à formação democrática de nosso povo.

8. (UFSC) Reescreva o período a seguir, observando o emprego da forma de tratamento. Caso haja erro de concordância, corrija-o. Justifique a sua resposta.

Não está direito que vocês me dê comer todo dia.

Correção:

Justificativa:

Testes

1. (UFPR) Observe a concordância nestas frases:

1. A sala está meio escura.

2. Eles estavam alerta.

3. Quando bate seis horas, eles vem acender as luzes.

a) Somente a frase 1 está correta.

b) Somente a frase 2 está correta.

c) As frases 1 e 2 estão corretas.

d) As frases 2 e 3 estão corretas.

e) As frases 1, 2 e 3 estão corretas.

2. (UEPG-PR) O programa será cancelado,.............. as dificuldades surgidas.

a) hajam vista. d) haja vistas.

b) hajam vistas. e) hajam vistos.

c) haja visto.

3. (UFCE) Se pluralizarmos as expressões grifadas, a opção em que o verbo não pode ficar no plural é:

a) Vê-se ao longe **viçoso mangueiral.**

b) Não se atribua ao colega **este insucesso.**

c) Aqui, precisa-se de **muito operário.**

d) Urge que se venda a **fazenda.**

e) n.d.a.

4. (FAAP-SP) Indique a única frase em que a concordância verbal proposta é inadmissível:

a) Na Páscoa, a tradição manda que se presenteiem os amigos com ovos.

b) Nas eleições para prefeito, o candidato do PT ou do PSDB vencerá.

c) Sei que pelo menos um terço dos jogadores estavam fora do campo naquele momento.

d) Tu e minha irmã ficareis esperando do lado de fora.

e) No relógio da Lapa, no Largo da Matriz, bateu cinco horas: era o sinal esperado.

5. (UEPG-PR) Não .... haver ilusões .... não .... esperanças.

a) pode, aonde, existe.

b) podem, onde, existem.

c) podem, onde, existe.

d) pode, onde, existem.

e) podem, aonde, existe.

6. (CESCEM-SP) Já .... anos, ... neste local árvores e flores. Hoje, só .... ervas daninhas.

a) fazem / havia / existe.

a) fazem / havia / existe.

c) fazem / haviam / existem.

d) faz / havia / existem.

e) faz / havia / existe.

7. (UFPR) Qual a alternativa em que a concordância está errada?

a) Precisa-se de empregados.

b) Precisam-se de empregados.

c) Vendem-se refrigerantes.

d) Consertam-se pianos de cauda.

e) Compram-se jornais velhos.

8. (UFPR) Qual a alternativa em que as formas dos verbos bater**,** consertar **e** haver**, nas frases abaixo, são usadas na concordância correta?**

— As aulas começam quando .... oito horas.

— Nessa loja .... relógios de parede.

— Ontem .... ótimos programas na televisão.

a) batem — consertam-se — houve

b) bate — consertam-se — havia

c) bateram — conserta-se — houveram

d) batiam — consertar-se-ão — haverá

e) batem — consertarei — haviam

9. (UFBA) Observe:

1) Sou eu que pago.

2) A maioria dos acidentes de trânsito ocorrem em dia de chuva.

3) A maioria dos trabalhadores recebeu ontem a notificação.

4) Devem-se escolher bons livros.

5) Davam nove horas, na matriz, quando chegamos à praça.

Nas frases acima, a concordância está:

a) correta em todas.

b) incorreta em todas.

c) incorreta na 4.

d) incorreta na 1 e 2.

e) incorreta na 2 e 4.

10. (UNITAU-SP) Indique a alternativa gramaticalmente incorreta:

a) Deram duas horas.

b) O relógio deu duas horas.

c) Tinha soado seis horas.

d) Bateu uma hora.

e) O sino bateu duas horas.

11. (PUCCAMP-SP) Apenas uma das alternativas a seguir contém erro de concordância. Assinale-a:

a) Ainda não existe levantamentos definitivos sobre os estragos causados pela geada no Brasil, em 1982.

b) Na Silésia, é comum haver traços de costumes alemães, como a presença de anões de pedra nos jardins das casas.

c) Quatro anos faz que houve uma preocupação mundial em torno da questão do «Skylab».

d) Durante quinze dias, atletas do mundo todo receberam medalhas de ouro, prata e bronze em Porto Rico.

e) n.d.a.

12. (SANTA CASA-SP) Assinale a alternativa que completa correta e respectivamente as lacunas das frases que seguem:

I. «......... sete e meia da noite, quando avistamos as luzes de Benfica.» (Fernando Sabino)

II. «.............. 130 quilômetros até lá.» (Fernando Sabino)

III. Hoje .... 25 de novembro.

IV. «O 26 de dezembro de 1896 .... uma noite de glória para Manaus.» (Revista *Isto É*)

V. Ainda .... meio-dia e meia.

VI. Quinze minutos .... pouco para realizar a prova.

a) eram — é — é — foi — é — é.

b) era — são — é — foram — são — são.

c) eram — são — é — foi — é — é

d) eram — são — foram — são — é.

e) eram — são — é — foi — são — é.

Para resolver as questões 13 a 16, assinale as alternativas e some seus valores.

13. (UFRJ) Indique os casos em que o verbo entre parênteses deve tomar a forma da 3ª pessoa do plural:

1. Ainda não (SAIR) as notas de Física.

2. Julgo (ESTAR) os alunos ansiosos pelos resultados.

4. Mandaram-nas (ESTUDAR) mais.

8. Os engenheiros estavam decididos (IR) em frente com a obra.

16. Creio que doravante não (HAVER) mais dúvidas sobre o assunto.

32. Já (FAZER) três semanas que não chovia.

64. Eram muitos os problemas que nos (CABER) resolver com urgência.

14. (PUCCAMP-SP) Indique os casos em que o verbo entre parênteses deve tomar a forma da 3ª pessoa do singular:

1. Já não (EXISTIR) razões para temer novo incêndio.

2. Antigamente, aqui (HAVER) muitos animais silvestres.

4. Num país civilizado não se (ADMITIR) discriminações raciais.

8. Parece-nos (ESTAR) eles dispostos a qualquer coisa.

16. Aqui já não se (PRECISAR) de tantos auxiliares.

32. Os Estados Unidos (PRODUZIR) enormes quantidades de trigo.

15. (UNIFOR-CE) Assinale as alternativas erradas quanto à concordância verbal:

1. Sabeis Vossas Excelências das vossas responsabilidades.

2. Precisa-se de novos calouros na Federal.

4. Haviam ali pessoas de vários países.

8. Eles haviam dito a verdade.

16. Houveram muitos casos de epidemia.

32. Haverão lugares suficientes para todos.

64. Eles se houveram muito bem na prova.

16. (UFPR) Assinale as alternativas nas quais a lacuna pode ser preenchida com o verbo entre parênteses na terceira pessoa do plural.

1. .... -se, para espanto de todos, problemas absurdos. (alegar)

2. Naquele pomar .... muitas laranjas. (haver)

4. .... apenas dois minutos para o término do jogo. (faltar)

8. .... -se alguns apartamentos (vender)

16. Em muitas fábricas .... -se de funcionários. (precisar)

32. Não nos ...., nesta oportunidade, palavras de conforto. (bastar)

17. (PUC-RS) Qual o uso correto para o verbo haver?

a) Deve haver muitos interessados em dar solução a este caso.

b) Muitos interessados em dar solução a este caso, devem haver.

c) Muitos interessados devem haver em dar solução a este caso.

d) Devem haver muitos interessados em dar solução a este caso.

e) A este caso, devem haver muitos interessados em dar solução.

18. (UNAMA) Já .... uns bons quinze minutos que .... caído os últimos pingos de chuva.

a) fazia — havia

b) fazia — haviam

c) faziam — havia

d) faziam — haviam

19. (FUVEST) Quantas semanas .... para eles .... o trabalho?

a) é necessário, terminassem.

b) é necessário, terminar.

c) são necessários, terminarem.

d) são necessárias, terminem.

e) são necessárias, terminarem.

20. (ITA-SP) Escolha a alternativa que melhor se ajuste ao padrão de língua culta proposto pela teoria gramatical, quanto à forma de tratamento e suas conseqüências no processo de concordância:

«Tomamos a liberdade, Senhor Ministro de pedir .... a .... interferência nos canais de televisão. Se ...., V. Exa. será .... dos nossos veementes aplausos».

a) vos — vossa — intervirdes — merecedora;

b) lhe — sua — intervier — merecedor;

c) te — tua — intervieres — merecedora;

d) lhe — sua — intervir — merecedora;

e) vos — sua — intervir — merecedor.

Respostas da unidade 21 — Concordância Verbal

Exercícios — pág. 266

1) C, E, C, C, E, C, E, C 2. chegaram 5. fizemos 7. têm.
2) C, A, B, A
3) C, C, E, C, C, E, C
4) E, C, C, C, E, C, E, C
5) a) facult. b) facult. c) leva-nos d) se chocaram e) foi encontrado f) facult. g) concordamos h) facult. i) cuidaram j) acudisse

Questões discursivas — pág. 268

1) Sede puros e humildes em vossos corações e encontrareis o caminho que vos levará a Deus.
2) a) Ponde... b) Se quiser... seja esforçado e persistente.
3) ambas.
4) a) É você que deve b) Sois vós que deveis.
5) a) foi ele que se atirou b) fui eu quem me atirei/atirou.

Testes — pág. 268

1 - d
2 - a
3 - a
4 - c
5 - b
6 - d/e
7 - b
8 - c
9 - c
10 - c
11 - b
12 - d
13 - 89
14 - 11
15 - 29

Exercícios — pág. 274

1) faz, vai, hão, deverá.
2) 1. providenciei/ciou 2. tomastes/ram 3. levantaram 4. saberia 5. levantou 6. chegou/ram 7. insultaram 8. poderá 9. fazer 10. consertam
3) a) consultaram-se... b) admitiam-se... c) elaboraram-se . . .
4) a) precisa b) vendem c) assiste d) ampliaram e) discutem
5) 1. há 2. existem 3. haverá 4. existirão 5. houve 6. existiram 7. deve 8. devem 9. costuma 10. podem 11. vai 12. faz 13. deve 14. poderá 15. faz 16. houvesse 17. existissem
6) 1. são 2. era 3. éramos 4. são 5. eram 6. foi 7. é
7) deu cinco horas...
8) 1.são 2.eram 3.são 4.é 5.é 6.sois 7.és 8.é
9) c
10) 1.d 2.a 3.a 4.b 5.e 6.d 7.c 8.a 9.e
11) 01, 08, 10, 13, 16.

Questões discursivas — pág. 276

1) assiste-se, houve
2) hajam vista
3) a) eram b) são c) são d) fui
4) ambas
5) a) havia... existia b) se houvesse... existiriam
6) a) choravam... houvesse motivos
   b) Faz (dois) uns anos que nos formamos.
7) a) facult. b) satisfeito c) vêem d) trata-se
8) Não está direito que vocês me dêem de comer todo dia.
   JUSTIFICATIVA: O pronome **vocês**, sujeito do verbo **dar**, exige concordância na 3ª pes. pl.

Testes — pág. 277

1 - c
2 - a
3 - c
4 - e
5 - d
6 - d
7 - b
8 - a
9 - a
10 - c
11 - a
12 - c
13 - 67
14 - 18
15 - 53
16 - 45
17- a
18 - b
19 - e
20 - b

21 Concordância Verbal

I — Regra geral

O verbo concorda com o sujeito em número e pessoa.

a) O sujeito é simples

O sujeito sendo simples, com ele concordará o verbo em número e pessoa.

As saúvas ERAM uma praga.

Tu não ÉS inimiga dele, não?

b) Sujeito composto e da 3ª pessoa

b-1 Anteposto ao verbo

Quando o sujeito composto vier **anteposto** ao verbo, este irá para o **plural**.

Ex.:

A esposa e o amigo SEGUEM sua marcha.

b-2 Posposto ao verbo

Quando o sujeito composto vier **posposto** ao verbo, este irá para **o plural** ou concordará com o **núcleo mais próximo**.

Exemplos:

Já CHEGARAM a Curitiba o presidente e sua comitiva. ↓ ↓
v. pl. suj. comp.

Já CHEGOU a Curitiba o presidente e sua comitiva. ↓ ↓
v. sing. suj. comp.

Aqui REINA a paz e a alegria de futuros calouros.

No Dom Bosco, REINAM a paz e a alegria de futuros calouros.

b-3 Núcleos sinônimos

Quando o sujeito composto vier anteposto ao verbo e os núcleos forem **sinônimos**, o verbo poderá ficar no **singular** ou ir para o **plural**.

Exemplos:

A coragem e o destemor CARACTERIZA seu comportamento.

A coragem e o destemor CARACTERIZAM seu comportamento.

c) Sujeito composto de pessoas diferentes

Quando o sujeito composto for formado por diferentes pessoas gramaticais, o verbo **irá** para o **plural**, na pessoa que tiver prevalência.

SUJ.	**VERBO**
1ª e 2ª	⇒ 1ª pl.
1ª e 3ª	⇒ 1ª pl.
2ª e 3ª	⇒ 2ª pl.

Foi o que FIZEMOS Capitu e eu.

Tu e ele PARTIREIS juntos.

Você e meu irmão não me COMPREENDEM.

Observação: Muitas vezes, os escritores quebram a rigidez desta regra:

a) Ora fazendo concordar o verbo com o sujeito mais próximo, quando este se pospõe ao verbo:

«O que me resta da felicidade passada **és** tu e eles». (C.C.B.)

«Faze uma arca de madeira; **entra** nela tu, tua mulher e teus filhos». (M.A.)

b) Ora preferindo a 3ª pessoa na concorrência TU + ELE (**tu** + **ele** = **vocês**, em vez de **tu** + **ele** = **vós**).

«... Deus e tu **são** testemunhas...» (A. Garrett)

«O que eu continuamente peço a Deus é que ele e tu **sejam** meus amigos.» (C.C.B.)

d) Sujeito composto resumido por tudo, nada, ninguém etc.

Quando o sujeito composto for resumido por TUDO, NADA, NINGUÉM etc., o verbo ficará no **singular**.

Exemplos:

A sala, os colegas, o professor, **tudo** lhe ERA desagradável.

Jogos, espetáculos, viagens, diversões, **nada** PÔDE satisfazê-lo.

«O entusiasmo, alguns goles de vinho, o gênio imperioso, estouvado, **tudo** isso me LEVOU a fazer uma coisa única.» (M.A)

Estudo, preocupação, ansiedade, perseverança, **tudo** o levou a passar no vestibular.

II — Casos particulares de concordância

Núcleos do sujeito unidos por ou

a) Se a conjução **ou** indicar exclusão ou retificação, o **verbo concordará com o sujeito mais próximo:**

Paulo **ou** Antônio SERÁ o presidente.

Ainda não FOI ENCONTRADO o autor **ou** os autores do crime.

b) O verbo irá para o **plural**, se a idéia por ele expressa se refere a todos os sujeitos:

Era tão pequena a cidade, que um grito ou gargalhada forte a ATRAVESSAVAM de ponta a ponta.

«Naquela crise, só Deus ou Nossa Senhora PODIAM acudir-lhe.» (C.C.B.)

Núcleos do sujeito unidos por com

a) Usa-se mais freqüentemente o verbo no **plural:**

«Eu com outros romeiros VÍNHAMOS de Vigo...» (C.C.B.)

«Ele com mais dois ACERCARAM-SE da porta.» (C.C.B.)

b) Pode-se usar o verbo no **singular** quando se deseja dar relevância ao primeiro sujeito, e também quando o verbo vier antes deste:

«Já num sublime e público teatro **se** ASSENTA o rei inglês com toda a corte.» (Camões)

À mesma porta por onde SAÍRA a mulher **com** a filha, chegavam outros pretendentes.

O caboclo, **com** a mulher e a filharada, TINHA uma parceira.

Núcleos do sujeito unidos por nem

a) Usa-se comumente o verbo no **plural:**

Nem a riqueza nem o poder o LIVRARAM de seus inimigos.

Nem eu nem ele o CONVIDAMOS.

b) Todavia, é admissível a concordância no **singular,** mormente quando o verbo precede o sujeito:

Não o CONVIDEI eu **nem** minha esposa.

«Na fazenda, atualmente, não SE RECUSA trabalho, **nem** dinheiro, **nem** nada a ninguém.» (G. Rosa)

Núcleos do sujeito são infinitivos

O verbo concordará no **plural** se os infinitivos forem determinados e, no **singular,** se genéricos, indeterminados:

O COMER e o BEBER **são** necessários.

Já tinha ouvido que PLANTAR e COLHER feijão não **dava** trabalho.

Sujeito coletivo

a) O verbo concorda no **singular** com o sujeito coletivo do singular:

A **multidão** vociferava ameaças.

O **exército dos aliados** desembarcou na Itália.

Observação:

a) Se o coletivo vier seguido de substantivo plural e anteceder ao verbo, este poderá ir para o **plural,** quando se quer salientar, não a ação do conjunto, mas dos indivíduos:

Uma grande **multidão de crianças**, de velhos, de mulheres penetraram na caverna...

Um **bando de estudantes** fazia (ou **faziam)** uma batucada em sala.

A maior parte de; grande número de etc.

Sendo o sujeito uma das expressões **a maior parte de, a maioria de, grande número de** etc., seguida de substantivo ou pronome no plural, o verbo pode ir para o **singular** ou para o **plural:**

«A maior parte dos doidos ali metidos estão em seu perfeito juízo. (M.A.)

«A maioria das palavras continua visível.» (C.D.A.)

Um e outro; nem um nem outro

Sendo o sujeito uma dessas expressões, o verbo concorda no **plural** (de preferência) ou **singular:**

«**Um e outro** descendiam de velhas famílias do Norte.» (M. A.)

Um e outro tinham (ou tinha) parentes no Rio.

Um ou outro

O verbo concorda no **singular** com o sujeito **um ou outro:**

«Respondi-lhe que **um ou outro** lhe ficava bem.»

«Sempre tem **um ou outro** que VAI dando um vintém.» (R.Q.)

Um dos que; uma das que

a) Os escritores modernos preferem o **plural:**

«Paulo é **um dos que** mais estudam.»

«A baronesa era **uma das** pessoas que mais desconfiavam de nós.» *(*M. Assis)

b) Deixar-se-á, contudo, o verbo no **singular,** quando este se aplica apenas ao ser de que se fala ou quando se deseja destacar o indivíduo do grupo:

Jairo é **um dos** meus empregados **que** não sabe ler. (Jairo é o único empregado que não sabe ler.)

Este é **um dos** jogadores brasileiros que mais se destacou na partida.

Mais de um; mais de uma

a) O verbo concorda em regra no **singular:**

Mais de um excursionista perdeu a vida nesta traiçoeira montanha.

b) O **plural** será regra se o verbo exprimir **reciprocidade:**

Mais de um dos presentes se entreolhavam com espanto. (reciprocidade)

Qual de vós? Quais de vós? Algum de nós, alguns de nós.

a) Quando o sujeito for formado por um pronome indefinido **alguns, muitos, poucos** etc. ou interrogativo **quais? quantos? no plural**, seguidos dos pronomes **nós** ou **vós**, o verbo concordará com o primeiro ou com o segundo pronome:

Alguns de nós | **foram** aprovados.
pron. indef. | **fomos** aprovados.
plural

Quais de vós | **saíram?**
pron. interrog. | **saístes?**
plural

Poucos dentre **nós** CONHECEM (ou CONHECEMOS) as leis.

b) Se o interrogativo ou o indefinido estiverem **no singular,** a verbo ficará na **3ª pessoa do singular:**

Qual de nós será aprovado?

Algum de vós sabe a resposta.

sing = 3ª pes. sg.

Sujeito: relativo quem

Quando o sujeito for o pronome relativo **quem**, o verbo concordará com o **antecedente** ou ficará na **3ª pessoa do singular:**

a) Fui eu **quem** prometeu.
verbo na 3ª pessoa do singular

b) Fui **eu** quem prometi.

antecedente — verbo concordando com o antecedente

Sujeito: relativo que

Quando o sujeito de um verbo for o pronome relativo **que**, o verbo concordará com o antecedente:

Fui	eu	que	falei.
Foste	tu	que	falaste.
Fomos	nós	que	falamos.
	↓	↓	↓
	antecedente	sujeito	verbo concordando com o antecedente

Observação:

→ A partícula expletiva ou de realce **é que** é invariável, e o verbo da frase em que é empregada concorda normalmente com o sujeito.

Ex.: Ela é que faz os bolos.

Eu é que escrevo os programas.

Sujeito: pronome de tratamento

Os pronomes de tratamento exigem o verbo na 3ª pessoa.

Vossa Excelência agiu com moderação.

Espero que **V. S.ª** não me faça mal.

Vossa Majestade não pode consentir que os touros lhe matem o tempo e os vassalos.

Substantivos próprios usados no plural

Certos substantivos próprios de forma plural, como Estados Unidos, Andes, Campinas, Lusíadas etc., levam o verbo para o plural quando se usam com o artigo; caso contrário, o verbo concorda no singular:

Os Estados Unidos são o país mais rico do mundo.

Os Lusíadas tornaram Camões imortal.

x Campinas orgulha-se de ter sido o berço de Carlos Gomes.

x Minas Gerais possui grandes jazidas de ferro.

→ **Observação:** Quando o sujeito for **título de livro** ou **nome de obra,** admitem-se duas construções:

a) *Os Sertões* **glorificaram** nossa literatura.

b) *Os Sertões* **glorificou** nossa literatura.

Sujeito oracional → verbo na 3ª pessoa do singular

Quando o sujeito é **constituído por oração,** o verbo fica na **3ª pessoa do singular:**

Não adianta	discutir esses problemas.
v. 3ª pes. sing.	sujeito

Exercícios

1) Assinale com E a oração que apresentar erro de concordância e com C a que estiver correta. Reescreva aquelas que você assinalar com E:

1. ( ) Falharam a técnica e os argumentos utilizados.

2. ( ) Chegou as notas e o diploma.

3. ( ) Tu e teus amigos chegastes bem cedo.

4. ( ) Chegaste cedo tu e teus amigos.

5. ( ) Tu e eu fizestes o trabalho.

6. ( ) Jamais poderiam juntar-se o governador e seus aliados.

7. ( ) Norberto e Filomena tem grande chance de aprovação.

8. ( ) Foi o que fizemos Capitu e eu.

....

....

....

....

2) Responda às questões que seguem, de acordo com o seguinte código:

(A) se for correta apenas a oração I.

(B) se for correta apenas a oração II.

(C) se forem corretas as orações I e II.

(D) se nenhuma das orações for correta.

1. ( ) I. Quantos de nós ficaram sabendo disso?

II. Algum de nós está errado.

2. ( ) I. Poucos de nós conseguiram.

II. Quem de vós me atirareis a pedra?

3. ( ) I. Qual de vós sois mais competente?

II. Muitos de vós ficastes em casa.

4. ( ) I. Algum de nós já viu este filme?

II. Qual de vós vieste?

3) Escreva nos parênteses (E) se a oração apresentar erro de concordância e (C), caso ela esteja correta:

1. ( ) Ele foi um dos que mais insistiu.

2. ( ) Um dos que mais falou foi um dos que menos cumpriu.

3. ( ) Fernando ou Filomena serão o representante da classe.

4. ( ) Um e outro descendiam de velhas famílias gaúchas.

5. ( ) Nem um nem outro ficou.

6. ( ) A cidade era tão pequena que um grito ou uma gargalhada forte a atravessava de ponta a ponta.

7. ( ) Nem um nem outro chegou.

4) Escreva nos parênteses (E) para as orações erradas e (C) para as corretas:

1. ( ) Fostes vós que reclamou

2. ( ) Fostes vós quem reclamou

3. ( ) Fomos nós que erramos.

4. ( ) Fomos nós quem erramos.

5. ( ) Vossas Senhorias me compreendereis.

6. ( ) Sua Majestade se ausentou por alguns dias.

7. ( ) Vossa Excelência sois ignorante.

8. ( ) Hoje quem pagas és tu.

5) Preencha os espaços vazios com as formas indicadas entre parênteses. Caso seja possível, coloque as duas formas:

a) Aí está um dos que mais .... essa obra. (criticou, criticaram)

b) Tomou a palavra um dos embaixadores que .... o projeto. (defendia, defendiam)

c) Mais de um motivo .... a agir assim. (leva-nos, levam-nos)

d) Mais de um veículo .... na esquina. (se chocou, se chocaram)

e) Mais de um vestígio, mais de um sinal .... nas escavações. (foi encontrado, foram encontrados)

f) Um e outro caso .... para justificar a regra. (presta-se, prestam-se)

g) Nem eu nem os vendedores .... com as condições do mercado. (concordamos, concordaram)

h) Nem um nem outro .... comparecendo ao debate. (acabou, acabaram)

i) Vossas Senhorias não .... de seus interesses. (cuidaram, cuidastes)

i) Gostaria de que Vossa Senhoria nos .... com sua preciosa ajuda. (acudisse, acudisses)

Questões discursivas

1. (CEFET-PR) Passe para o tratamento vós:

Seja puro e humilde em seu coração e encontrará o caminho que o levará a Deus.

....

....

....

2. (CEFET-PR) Reescreva as orações, colocando os verbos nas pessoas indicadas nos parênteses, conservando os mesmos tempos e modos em que se encontram.

a) Ponha o dever à frente do prazer.

(2ª pessoa do plural) ....

....

....

....

b) ... Se quiserdes vencer na vida, sede esforçados e persistentes.

(3ª pes. do sing.) ....

....

....

....

3. (CÁSPER LÍBERO-SP) Qual das duas orações é correta: «Sou um dos cidadãos brasileiros que mais trabalha.» ou «Sou um dos cidadãos brasileiros que mais trabalham»?

Resp.: ....

....

4. (FUVEST) «És tu que deves pensar e querer por mim.»

(José de Alencar)

a) permute **tu** por **você:**

....

....

b) permute **tu** por **vós:**

....

....

5. (FUVEST) «(...) fui eu que me atirei aos pés dela (...)»

(Machado de Assis)

a) permute **eu** por **ele:**

....

....

b) permute **que** por **quem**:

....

....

Testes

1. (UFPR) Observe a concordância verbal:

1. Algum de vós conseguireis a bolsa de estudo?

2. Sei que pelo menos um terço dos jogadores estavam dentro do campo naquela hora.

3. Os Estados Unidos são um país muito rico.

4. No relógio do Largo da Matriz bateu cinco horas: era o sinal esperado.

a) Somente a frase 1 está errada.

b) Somente a frase 2 está errada.

c) As frases 2 e 3 estão erradas.

d) As frases 1 e 4 estão erradas.

e) As frases 2 e 4 estão erradas.

2. (UFBA) Indique a opção correta:

a) Pratique o bem e terá felicidade.

b) Pratica o bem e terá felicidade.

c) Pratique o bem e terás felicidade.

d) Praticas o bem e tereis felicidade.

e) Praticai o bem e terás felicidade.

3. (PUC-RS) Enquanto ...... a lei e o regulamento, não se ..... infrações dessa espécie.

a) forem observados — admitirão.

b) forem observados — admitirá.

c) for observada — admitirá.

d) for observado — admitirão.

e) for observado — admitirá.

4. (FEI-SP) O verbo concorda em número e pessoa com o sujeito. Portanto, não está correta a alternativa:

a) Faltam ainda seis meses para o vencimento.

b) Existem fortes indícios de melhoria geral.

c) Não provém daí os males sofridos.

d) Os fatos que o perturbam são bem poucos.

e) Serão considerados válidos tais argumentos?

5. (UFSCAR-SP) Em uma das frases apresentadas nas opções seria correta a variação da concordância verbal. Assinale-a:

a) «A presença do Capitão-General causou grande rebuliço na sala.»

b) «Bastavam-lhe a paz, a promessa.»

c) «De nada valeram as lágrimas de Mariana, os gritos da mãe, os ataques do pai.»

d) «As coisas eram tristes, frias e silenciosas, opacas e duras.»

e) «Meu Deus, agora trouxeram flores, grandes vasos de flores.»

6. (UFSCAR-SP) Nas cinco alternativas, há duas concordâncias verbais erradas. Indique-as:

a) Eu, tu e nossos amigos iremos no mesmo avião.

b) Tu e meus amigos ireis no mesmo trem.

c) Tu e meus amigos irão no mesmo trem.

d) V. Ex.ª, eles e aqueles garotos seguireis depois.

e) Margarida e vossa tia seguireis primeiro.

7. (FUVEST) Num dos provérbios a seguir não se observa a concordância prescrita pela gramática. Indique-a:

a) Não se apanham moscas com vinagre.

b) Casamento e mortalha no céu se talha.

c) Quem ama o feio, bonito lhe parece.

d) De boas ceias, as sepulturas estão cheias.

e) Quem cabras não tem e cabritos vende, de algum lugar lhe vêm.

8. (CESGRANRIO) Assinale a opção em que a lacuna pode ser preenchida por qualquer das duas formas verbais indicadas entre parênteses:

a) Um dos seus sonhos .... morrer na terra natal. (era, eram)

b) Aqui não .... os sítios onde eu brincava. (existe, existem)

c) Uma porção de sabiás .... na laranjeira. (cantava, cantavam)

d) Não .... em minha terra belezas naturais. (falta, faltam)

e) Sou eu que .... morrer ouvindo o canto do sabiá. (quero, quer)

9. (UEPG-PR) Assinale a alternativa incorreta, segundo a norma gramatical:

a) Os Estados Unidos, em 1941, declararam guerra à Alemanha.

b) Aqueles casais parecia viverem felizes.

c) Cancelamos o passeio, haja visto o mau tempo.

d) Mais de um dos candidatos se cumprimentaram.

e) Não tínhamos visto as crianças que faziam oito anos.

10. (UFMS) A concordância verbal incorreta é:

a) *Os Lusíadas* imortalizaram Camões.

b) Quais de vós ireis à escola?

c) Outrora poderia existir opiniões diferentes sobre o assunto.

d) Quem de nós pagará as despesas?

11. (FUVEST) Indique a alternativa correta:

a) Filmes, novelas, boas conversas, nada o tiravam da praia.

b) A pátria não é ninguém: são todos.

c) Se não vier as chuvas, como faremos?

d) É precaríssima as condições do prédio.

e) Vossa Senhoria vos preocupais demasiadamente com vossa imagem.

12. (PUC-SP) Combine as duas colunas:

1. Sabemos ( ) Eles ou elas
2. Sabeis ( ) Eu, tu e ele
3. Sabem ( ) Tu e ele
( ) Tu e eu

A seqüência correta deve ser:

a) 2, 1, 3, 2

b) 3, 2, 3, 2

c) 3, 2, 2, 1

d) 3, 1, 2, 1

e) 3, 1, 2, 2

Para resolver as questões 13 a 15, assinale as alternativas e some seus valores.

13. (UFCE) Como a frase: «fui eu quem fez o casamento», também estão corretos os períodos abaixo:

1. fui eu que fiz o casamento.
2. foi eu quem fez o casamento.
4. fui eu que fez o casamento.
8. foste tu que fizeste o casamento.
16. foste tu quem fez o casamento.
32. fostes vós que fez o casamento.
64. fostes vós quem fez o casamento.

14. (UFCE) Marque as alternativas certas quanto à concordância verbal:

1. Fomos nós quem se responsabilizou pela operação de resgate.

2. Os estudantes somos, em geral, muito vibradores.

4. Se V. Exa. determinardes o que se deve fazer, a obra será executada imediatamente.

8. Os jovens parece ficarem cônscios da responsabilidade de votar.

16. Quando cuidamos, restava apenas alguns objetos imprestáveis.

32. Não sabemos quais de nós deve se submeter ao concurso.

15. (UNIFOR-CE) Marque as alternativas certas quanto à concordância do verbo destacado:

1. Vossa Excelência não **devia** preocupar-se com um inimigo tão medíocre.

2. Mais de um motivo **levam**-no a agir com precaução.

4. Mais de mil pessoas já **acertaram** na Loteria Esportiva.

8. Mais de um olhar, mais de um aceno, **avisavam-no** do perigo.

16. Não **parece** justo condenar essas pessoas.

32. Joaquim ou Antônio **casarão** com Maria.

64. Nenhum dos participantes do encontro **confirmaram** a sugestão.

Se → partícula Apassivadora = pa

O verbo concordará com o sujeito da frase:

Elaboraram-se novos projetos.

verbo no plural sujeito no plural

Aluga-se casa.

verbo no singular sujeito no singular

→ **Observação:** Os verbos são sempre **TD.**

Se → partícula de indeterminação do sujeito = pis ou iis

O verbo ficará sempre na **3ª pessoa do singular:**

Assistiu-se **a** belos espetáculos.

↓

verbo na 3ª pes. sing. (TI) prep. O.I

→ **Observações:**

1 — O **se** acompanha verbos **I, TI** ou **VL**.

2 — Partícula ou Índice de Indeterminação do Sujeito.

3 — Normalmente, há um substantivo preposicionado.

Haver/fazer → impessoais

O verbo haver = (existir, ocorrer) e o verbo fazer (indicando tempo) só se conjugam na 3ª pessoa do singular:

Faz dez anos que não nos vemos.

Por sorte, ainda **havia** pessoas em casa.

Faz verões quentíssimos no Rio de Janeiro.

→ **Observações:**

1 — A impessoalidade destes verbos se transmite ao auxiliar:

Vai haver desistências.

Irá fazer dez anos.

2 — Em orações do tipo:

Fazem dez anos todos estes fatos.

A flexão é normal porque há sujeito, no caso, «todos estes fatos».

3 — No sentido de **«fazer alguma coisa»**, conjuga-se normalmente:

Elas **fazem** anos hoje.

4 — **Haver** — no sentido de **ter** — conjuga-se normalmente (como verbo auxiliar):

Eles **haviam** estado lá.

5 — **Existir** é pessoal e concorda com o sujeito:

Existem praias belíssimas no Nordeste.

Dar/Soar/Bater → Badaladas Batidas Horas

Os verbos **dar, bater, soar** e sinônimos, empregados com referência às horas, **concordam com o número de horas:**

Deram seis horas.

Deu uma hora.

Batiam as seis horas no campanário da igreja.

Soaram seis horas no relógio do acampamento.

→ **Observação:**

Quando há sujeito, o verbo concorda com ele:

O relógio da estação **deu** três horas.

O despertador do acampamento **soou** seis horas.

Concordância do verbo ser

1. Nos predicados nominais, com o sujeito representado por um dos pronomes **tudo, nada, isto, isso, aquilo,** os verbos ser e parecer concordam com o predicativo:

Tudo **são** esperanças.

Aquilo **parecem** ilusões.

Isto não **são** coisas para se dizer

Observação: Não são raros os exemplos em contrário:

«Tudo **é** flores no presente.» (G. Dias)

Aquilo **é** sonhos vãos.

2. Nas orações iniciadas por pronomes interrogativos, o verbo **ser** concorda sempre com o nome ou pronome que vier depois:

Que **são** florestas equatoriais?

Quem **eram** aqueles homens?

Que **são** estas alegrias?

3. Nas indicações de horas, datas, distâncias, a concordância se fará com a expressão numérica **(predicativo):**

São oito horas.

É zero hora em Curitiba.

Hoje **são** 31 de março.

Hoje é 31 de março (é dia 31). (Facultativo)

De Botafogo ao Leblon são oito quilômetros.

→ **Observação:** Estando o predicativo precedido da expressão **perto de, singular ou plural:**

«**Eram** perto de oito horas.» (M. Assis)

«**Era** perto de duas horas quando saiu da janela» (M. Assis)

«... **Era** perto das cinco quando saí.» (Eça de Queirós)

4. Com o predicado nominal indicando **preço**, **quantidade, peso,** o verbo ser fica no **singular:**

Três batalhões **é** muito pouco.

Trinta milhões de dólares **é** muito dinheiro.

Duas horas não **é** tanto assim.

5. Quando o **sujeito é um nome de coisa**, no singular, e o predicativo um substantivo no plural:

«A cama **são** umas palhas.» (C.C.B.)

«A causa **eram** os seus projetos.» (M. Assis)

«Vida de craque não **são** rosas.» (Raquel de Queiroz)

Sua salvação **foram** aquelas ervas.

→ **Observação:** O sujeito ou o predicativo sendo nome de pessoa, com ele concordará o verbo ser:

O homem **é** cinzas.

Emília **é** as delícias de sua avó.

Seu orgulho **eram** os velhinhos.

6. Quando o sujeito é constituído de verbos no infinitivo, o verbo ser concorda com o predicativo:

Dançar e cantar **é** a sua atividade.

Estudar e trabalhar **são** as minhas atividades.

7. Quando o **sujeito ou o predicativo for pronome pessoal,** o verbo ser concordará com o **pronome:**

A ciência, mestres, **sois** vós.

Em minha turma, o líder **sou** eu.

O Brasil **são** eles.

Verbo parecer

O verbo **parecer**, seguido de infinitivo, admite duas construções:

a) Flexiona-se o verbo parecer e não se flexiona o infinitivo.

1. Os montes **parecem** cair.

2. As paredes **pareciam estremecer.**

b) Flexiona-se o infinitivo e não se flexiona o verbo parecer.

1. Os montes **parece caírem.**

2. As paredes **parecia estremecerem.**

Análise da construção b-2): Parecia (oração principal); as paredes estremecerem (or. sub. subst. subjetiva).

Haja(m) vista

Esta expressão pode ser construída de três modos diferentes:

1ª **hajam vista** os livros desse autor. (= tenham vista, vejam-se).

2ª **haja vista** os livros desse autor. (= por exemplo, os livros...).

3ª **haja vista** aos livros desse autor. (= olhe-se para, atente-se para os livros...).

A primeira construção (que é mais aceitável) analisa-se deste modo:

Sujeito: os livros; verbo: hajam (= tenham); objeto direto: vista.

Perceba que a palavra vista permanece invariável sempre.

Exercícios

1) Preencha as lacunas com uma das opções:

a) .... alguns meses que ela partiu. (faz — fazem)

b) .... haver reclamações. (vão — vai)

c) .... de existir novas opções. (há — hão)

c) .... haver novas provas. (deverá — deverão)

2) Preencha as lacunas com os verbos entre parênteses nos tempos e modos indicados:

1. Fui eu quem .... o médico. (**providenciar:** Pret. Perf. do Ind.)

2. Quantos de vós .... uma atitude? **(tomar:** Pret. Perf. do Ind.)

3. Menos de cinco .... o braço. (**levantar:** Pret. Perf. do Ind.)

4. Algum de vós .... responder? (**saber:** Fut. do Pret.)

5. Mais de um aluno .... o braço. (**levantar:** Pret. Perf. do Ind.)

6. Uma e outra .... mais tarde. (**chegar:** Pret. Perf. do Ind.)

7. Mais de um dos candidatos se .... (**insultar:** Pret. Perf. do Ind.)

8. Os problemas que .... haver serão solucionados. (**poder:** Fut. do Pres. do Ind.)

9. Mandei-os .... as malas. (**fazer:** Infinitivo)

10. .... -se sapatos. (**consertar:** Pres. do Ind.)

3) Siga o modelo:

Foram encerradas as competições. Encerraram-se as competições.

a) Foram consultados os especialistas.

....

b) Eram admitidas todas as respostas.

....

c) São elaborados novos projetos diariamente.

....

4) Preencha as lacunas com as formas verbais indicadas nos parênteses:

a) .... -se de empregados. (precisa-precisam)

b) .... -se os restos do material. (vende-vendem)

c) Aqui se .... a bons filmes. (assiste-assistem)

d) .... -se os horizontes. (ampliou-ampliaram)

e) Não se .... mais esses assuntos. (discute-discutem)

5) Preencha as lacunas das frases a seguir com os verbos indicados entre parênteses:

1. .... poucos assuntos que nos interessam. (haver — Pres. Ind.)

2. ...... poucos assuntos que nos interessam. (existir — Pres. Ind.)

3. .... seres vivos em outros planetas? (haver — Fut. Pres. Ind.)

4. ...... seres vivos em outros planetas? (existir — Fut. Pres. Ind.)

5. .... muitos empecilhos na venda deste apartamento. (haver — Pret. Perf. Ind.)

6. ..... muitos empecilhos na venda deste apartamento. (existir — Pret. Perf. Ind.)

7. .... haver protestos. (dever — Pres. Ind.)

8. .... existir bons motivos para isso. (dever — Pres. Ind.)

9. ...... haver casos mais complicados que este. (costumar — Pres. Ind.)

10. ...... existir muitas razões para que ela proceda assim. (poder — Pres. Ind.)

11. ..... Dias melhores ainda .... haver. (ir — Pres. Ind .)

12. ...... séculos que não a vejo. (fazer — Pres. Ind.)

13. ...... fazer dois anos que moro em São Paulo. (dever — Pres. Ind.)

14. .... fazer uns quatro anos que deixei de estudar. (poder — Fut. Pres. Ind.)

15. .... dias límpidos no inverno. (fazer — Pres. Ind.)

16. Se não .... guerras, o mundo seria melhor. (haver — Pret. Imp. Subj.)

17. Se não .... guerras, o mundo seria melhor. (existir — Pret. Imp. Subj.)

6) Preencha as lacunas das frases a seguir escolhendo uma ou duas formas entre parênteses:

1. A vida .... as lutas de todos os dias. (é — são)

2. Pedrinho .... as desgraças da família. (era — eram)

3. Os envolvidos na questão .... nós. (eram — éramos)

4. Tudo .... tolices, Manuel. (é — são)

5. Aquilo não .... condições de vida humana. (era — eram)

6. Quinze mil reais .... pouco para construir aquela casa. (foi — foram)

7. Dez anos .... muito para esperar alguém. (é — são)

7) Aponte a concordância errada:

( ) Precisa-se de operários.

( ) O sino da capela soou seis horas.

( ) Deu cinco horas no relógio da torre.

8) Preencha as lacunas com o verbo SER nos tempos e modos indicados:

1. A resposta .... dois números. (Pres. do Ind.)

2. Quem .... os convidados? (Pret. Imperf.)

3. Até a sua casa ..... dez metros. (Pres. do Ind.)

4. Luís ...... as alegrias dos pais. (Pres. do Ind.)

5. Três guardas .... o bastante. (Pres. do Ind.)

6. Os escolhidos .... vós. (Pres. do Ind.)

7. O escolhido .... tu. (Pres. do Ind.)

8. Seis anos .... muito. (Pres. do Ind.)

9) Assinale a(s) incorreta(s):

a) Quantos anos pode fazer que Maria partiu?

b) Há dias, estando Pedro distraído, uma flecha o pegou.

c) Dois meses estão fazendo que a jangada partiu.

d) Deve fazer muitos anos que ninguém atravessa estas regiões.

e) A menos que saiamos daqui, seremos mortos no desabamento.

10) Aponte a alternativa que preenche adequadamente os espaços:

a) há (= faz)

b) há (= existe[m])

c) há (= tem)

d) há (= é possível)

e) a

1. Não .... duvidar de sua honestidade.

2. Já .... cinco meses não me escreves.

3. .... oito anos que não envias informações.

4. Ainda .... muitos meios de salvá-lo.

5. Cheguei .... ponto de abandonar a tarefa.

6. Se come em casa de amigos, não .... contentá-lo.

7. .... de ficar contente em ver-me doutor.

8. Com esta gente convivo .... muitos anos.

9. Que estás ai .... ler, ó Maria?

11) Assinale as frases incorretas:

( ) 1. Que horas é?

( ) 2. Que horas são?

( ) 3. Já são duas horas.

( ) 4. Ainda é uma hora.

( ) 5. São duas horas e um minuto.

( ) 6. É um minuto para as duas horas.

( ) 7. É zero hora.

( ) 8. São zero horas.

( ) 9. É meio-dia.

( ) 10. São meio-dia.

( ) 11. Que dia é hoje?

( ) 12. Quantos são hoje?

( ) 13. Que dias é hoje?

( ) 14. Hoje é quinze de março.

( ) 15. Hoje são quinze de março.

( ) 16. Hoje são dia quinze de abril.

Questões discursivas

1. (CEFET-PR) Escolha a forma correta dentre as dos parênteses e complete as lacunas:

a) Neste teatro,.........., anualmente, a grandiosos espetáculos.
(ASSISTEM-SE — ASSISTE-SE)

b) Após o desastre, ... cenas de tristeza e desespero. (HOUVE — HOUVERAM)

2. (CEFET-PR) Complete com a forma correta:

— Seus métodos são eficientes .... os resultados alcançados.
(HAJAM VISTA — HAJA VISTO)

3. (FUVEST) Preencha os espaços com a forma verbal adequada:

a) «As bichas excomungadas .... a causa da seca.» (era — eram) (G. Ramos)

b) «Toda língua .... rastros de velho mistério.» (é — são) (G. Rosa)

c) As crianças .... a paixão de Lady Diana. (é — são)

d) «Ele acabou confessando um dia: .... eu mesmo.» (foi — fui) (F. Sabino)

4. (CÁSPER LÍBERO-SP) Qual das orações é correta: «As estrelas parece brilharem» ou «As estrelas parecem brilhar»?

Resp.: ....

5. (FUVEST) Reescreva as frases, substituindo existir **por** haver **e vice-versa:**

a) **«Existiam** jardins e manhãs naquele tempo: **havia** paz em toda a parte.»

b) «Se **existissem** mais homens honestos, não **haveria** tantas brigas por justiça.»

a) ....
....
....

b) ....
....
....

6. (CEFET-PR) Passe as orações das questões a **e** b **para o plural:**

a) Chorava muito sem que houvesse motivo.

....

b) Faz um ano que me formei.

....

7. (CEFET-PR) Complete as lacunas com uma das formas indicadas, atendendo às normas da concordância:

a) .... (era — eram) 15 de abril de 1979.

b) Senhor Presidente, espero que V. Exa. tenha ficado .... (satisfeita — satisfeito) com o andamento das obras.

c) A casa era idêntica às que se .... (vê — vêem) nos livros de contos de fada.

d) .... (trata-se — tratam-se) de movimentos contrários à formação democrática de nosso povo.

8. (UFSC) Reescreva o período a seguir, observando o emprego da forma de tratamento. Caso haja erro de concordância, corrija-o. Justifique a sua resposta.

Não está direito que vocês me dê comer todo dia.

Correção:

Justificativa:

Testes

1. (UFPR) Observe a concordância nestas frases:

1. A sala está meio escura.
2. Eles estavam alerta.
3. Quando bate seis horas, eles vem acender as luzes.

a) Somente a frase 1 está correta.

b) Somente a frase 2 está correta.

c) As frases 1 e 2 estão corretas.

d) As frases 2 e 3 estão corretas.

e) As frases 1, 2 e 3 estão corretas.

2. (UEPG-PR) O programa será cancelado,............... as dificuldades surgidas.

a) hajam vista.
d) haja vistas.
b) hajam vistas.
e) hajam vistos.
c) haja visto.

3. (UFCE) Se pluralizarmos as expressões grifadas, a opção em que o verbo não pode ficar no plural é:

a) Vê-se ao longe **viçoso mangueiral.**

b) Não se atribua ao colega **este insucesso.**

c) Aqui, precisa-se de **muito operário.**

d) Urge que se venda a **fazenda.**

e) n.d.a.

4. (FAAP-SP) Indique a única frase em que a concordância verbal proposta é inadmissível:

a) Na Páscoa, a tradição manda que se presenteiem os amigos com ovos.

b) Nas eleições para prefeito, o candidato do PT ou do PSDB vencerá.

c) Sei que pelo menos um terço dos jogadores estavam fora do campo naquele momento.

d) Tu e minha irmã ficareis esperando do lado de fora.

e) No relógio da Lapa, no Largo da Matriz, bateu cinco horas: era o sinal esperado.

5. (UEPG-PR) Não .... haver ilusões .... não .... esperanças.

a) pode, aonde, existe.

b) podem, onde, existem.

c) podem, onde, existe.

d) pode, onde, existem.

e) podem, aonde, existe.

6. (CESCEM-SP) Já .... anos, ... neste local árvores e flores. Hoje, só .... ervas daninhas.

a) fazem / havia / existe.

a) fazem / havia / existe.

c) fazem / haviam / existem.

d) faz / havia / existem.

e) faz / havia / existe.

7. (UFPR) Qual a alternativa em que a concordância está errada?

a) Precisa-se de empregados.

b) Precisam-se de empregados.

c) Vendem-se refrigerantes.

d) Consertam-se pianos de cauda.

e) Compram-se jornais velhos.

8. (UFPR) Qual a alternativa em que as formas dos verbos bater, consertar **e** haver, **nas frases abaixo, são usadas na concordância correta?**

— As aulas começam quando .... oito horas.

— Nessa loja .... relógios de parede.

— Ontem .... ótimos programas na televisão.

a) batem — consertam-se — houve

b) bate — consertam-se — havia

c) bateram — conserta-se — houveram

d) batiam — consertar-se-ão — haverá

e) batem — consertarei — haviam

9. (UFBA) Observe:

1) Sou eu que pago.

2) A maioria dos acidentes de trânsito ocorrem em dia de chuva.

3) A maioria dos trabalhadores recebeu ontem a notificação.

4) Devem-se escolher bons livros.

5) Davam nove horas, na matriz, quando chegamos à praça.

Nas frases acima, a concordância está:

a) correta em todas.

b) incorreta em todas.

c) incorreta na 4.

d) incorreta na 1 e 2.

e) incorreta na 2 e 4.

10. (UNITAU-SP) Indique a alternativa gramaticalmente incorreta:

a) Deram duas horas.

b) O relógio deu duas horas.

c) Tinha soado seis horas.

d) Bateu uma hora.

e) O sino bateu duas horas.

11. (PUCCAMP-SP) Apenas uma das alternativas a seguir contém erro de concordância. Assinale-a:

a) Ainda não existe levantamentos definitivos sobre os estragos causados pela geada no Brasil, em 1982.

b) Na Silésia, é comum haver traços de costumes alemães, como a presença de anões de pedra nos jardins das casas.

c) Quatro anos faz que houve uma preocupação mundial em torno da questão do «Skylab».

d) Durante quinze dias, atletas do mundo todo receberam medalhas de ouro, prata e bronze em Porto Rico.

e) n.d.a.

12. (SANTA CASA-SP) Assinale a alternativa que completa correta e respectivamente as lacunas das frases que seguem:

I. «......... sete e meia da noite, quando avistamos as luzes de Benfica.» (Fernando Sabino)

II. «.............. 130 quilômetros até lá.» (Fernando Sabino)

III. Hoje .... 25 de novembro.

IV. «O 26 de dezembro de 1896 .... uma noite de glória para Manaus.» (Revista *Isto É*)

V. Ainda .... meio-dia e meia.

VI. Quinze minutos .... pouco para realizar a prova.

a) eram — é — é — foi — é — é.

b) era — são — é — foram — são — são.

c) eram — são — é — foi — é — é

d) eram — são — foram — são — é.

e) eram — são — é — foi — são — é.

Para resolver as questões 13 a 16, assinale as alternativas e some seus valores.

13. (UFRJ) Indique os casos em que o verbo entre parênteses deve tomar a forma da 3ª pessoa do plural:

1. Ainda não (SAIR) as notas de Física.

2. Julgo (ESTAR) os alunos ansiosos pelos resultados.

4. Mandaram-nas (ESTUDAR) mais.

8. Os engenheiros estavam decididos (IR) em frente com a obra.

16. Creio que doravante não (HAVER) mais dúvidas sobre o assunto.

32. Já (FAZER) três semanas que não chovia.

64. Eram muitos os problemas que nos (CABER) resolver com urgência.

14. (PUCCAMP-SP) Indique os casos em que o verbo entre parênteses deve tomar a forma da 3ª pessoa do singular:

1. Já não (EXISTIR) razões para temer novo incêndio.

2. Antigamente, aqui (HAVER) muitos animais silvestres.

4. Num país civilizado não se (ADMITIR) discriminações raciais.

8. Parece-nos (ESTAR) eles dispostos a qualquer coisa.

16. Aqui já não se (PRECISAR) de tantos auxiliares.

32. Os Estados Unidos (PRODUZIR) enormes quantidades de trigo.

15. (UNIFOR-CE) Assinale as alternativas erradas quanto à concordância verbal:

1. Sabeis Vossas Excelências das vossas responsabilidades.

2. Precisa-se de novos calouros na Federal.

4. Haviam ali pessoas de vários países.

8. Eles haviam dito a verdade.

16. Houveram muitos casos de epidemia.

32. Haverão lugares suficientes para todos.

64. Eles se houveram muito bem na prova.

16. (UFPR) Assinale as alternativas nas quais a lacuna pode ser preenchida com o verbo entre parênteses na terceira pessoa do plural.

1. .... -se, para espanto de todos, problemas absurdos. (alegar)

2. Naquele pomar .... muitas laranjas. (haver)

4. .... apenas dois minutos para o término do jogo. (faltar)

8. .... -se alguns apartamentos (vender)

16. Em muitas fábricas .... -se de funcionários. (precisar)

32. Não nos ...., nesta oportunidade, palavras de conforto. (bastar)

17. (PUC-RS) Qual o uso correto para o verbo haver?

a) Deve haver muitos interessados em dar solução a este caso.

b) Muitos interessados em dar solução a este caso, devem haver.

c) Muitos interessados devem haver em dar solução a este caso.

d) Devem haver muitos interessados em dar solução a este caso.

e) A este caso, devem haver muitos interessados em dar solução.

18. (UNAMA) Já .... uns bons quinze minutos que .... caído os últimos pingos de chuva.

a) fazia — havia

b) fazia — haviam

c) faziam — havia

d) faziam — haviam

19. (FUVEST) Quantas semanas .... para eles .... o trabalho?

a) é necessário, terminassem.

b) é necessário, terminar.

c) são necessários, terminarem.

d) são necessárias, terminem.

e) são necessárias, terminarem.

20. (ITA-SP) Escolha a alternativa que melhor se ajuste ao padrão de língua culta proposto pela teoria gramatical, quanto à forma de tratamento e suas conseqüências no processo de concordância:

«Tomamos a liberdade, Senhor Ministro de pedir .... a .... interferência nos canais de televisão. Se ...., V. Exa. será .... dos nossos veementes aplausos».

a) vos — vossa — intervirdes — merecedora;

b) lhe — sua — intervier — merecedor;

c) te — tua — intervieres — merecedora;

d) lhe — sua — intervir — merecedora;

e) vos — sua — intervir — merecedor.

Respostas da unidade 21 — Concordância Verbal

Exercícios — pág. 266

1) C, E, C, C, E, C, E, C 2. chegaram 5. fizemos 7. têm.

2) C, A, B, A
3) C, C, E, C, C, E, C
4) E, C, C, C, E, C, E, C
5) a) facult. b) facult. c) leva-nos d) se chocaram e) foi encontrado f) facult. g) concordamos h) facult. i) cuidaram j) acudisse

Questões discursivas — pág. 268

1) Sede puros e humildes em vossos corações e encontrareis o caminho que vos levará a Deus.
2) a) Ponde... b) Se quiser... seja esforçado e persistente.
3) ambas.
4) a) É você que deve b) Sois vós que deveis.
5) a) foi ele que se atirou b) fui eu quem me atirei/atirou.

Testes — pág. 268

1 - d
2 - a
3 - a
4 - c
5 - b
6 - d/e
7 - b
8 - c
9 - c
10 - c
11 - b
12 - d
13 - 89
14 - 11
15 - 29

Exercícios — pág. 274

1) faz, vai, hão, deverá.
2) 1. providenciei/ciou 2. tomastes/ram 3. levantaram 4. saberia 5. levantou 6. chegou/ram 7. insultaram 8. poderá 9. fazer 10. consertam
3) a) consultaram-se... b) admitiam-se... c) elaboraram-se . . .
4) a) precisa b) vendem c) assiste d) ampliaram e) discutem
5) 1. há 2. existem 3. haverá 4. existirão 5. houve 6. existiram 7. deve 8. devem 9. costuma 10. podem 11. vai 12. faz 13. deve 14. poderá 15. faz 16. houvesse 17. existissem
6) 1. são 2. era 3. éramos 4. são 5. eram 6. foi 7. é
7) deu cinco horas...
8) 1.são 2.eram 3.são 4.é 5.é 6.sois 7.és 8.é
9) c
10) 1.d 2.a 3.a 4.b 5.e 6.d 7.c 8.a 9.e
11) 01, 08, 10, 13, 16.

Questões discursivas — pág. 276

1) assiste-se, houve
2) hajam vista
3) a) eram b) são c) são d) fui
4) ambas
5) a) havia... existia b) se houvesse... existiriam
6) a) choravam... houvesse motivos
   b) Faz (dois) uns anos que nos formamos.
7) a) facult. b) satisfeito c) vêem d) trata-se
8) Não está direito que vocês me dêem de comer todo dia.
   JUSTIFICATIVA: O pronome **vocês**, sujeito do verbo **dar**, exige concordância na 3ª pes. pl.

Testes — pág. 277

1 - c
2 - a
3 - c
4 - e
5 - d
6 - d
7 - b
8 - a
9 - a
10 - c
11 - a
12 - c
13 - 67
14 - 18
15 - 53
16 - 45
17- a
18 - b
19 - e
20 - b

12

Adjetivos

Adjetivo é a palavra que expressa qualidade ou propriedade ou estado do ser.

Consideremos estes exemplos:

«O **velho** touro da fazenda saiu **arrogante**.»

(Raquel de Queirós)

«Na ponta do chalé brilhava um **grande** ovo de louça **azul**.»

(Cecília Meireles)

Observe as diversas maneiras de caracterizar os substantivos:

homem **corajoso** = homem **de coragem** = homem **que tem coragem**.

atitude **amorosa** = atitude **de amor** = atitude **de quem ama**.

↓ ↓ ↓

ADJ. LOC.ADJ. OR.SUB.ADJ.

Adjetivos pátrios ou gentílicos

Entre os adjetivos há os que se referem a **continentes, países, regiões, estados, cidades** etc.: são os **pátrios**; e há os que se referem a **raças** e **povos**: são os **gentílicos**. Assim, **israelense** é um adjetivo pátrio, mas **israelita** é um gentílico.

Principais adjetivos pátrios:

Acre	*acreano*
Andaluzia	*andaluz*
Aracaju	*aracajuano, aracajuense*
Argélia	*argelino*
Assunção	*assuncionenho*
Alasca	*alasquenho, alasquiano*
Alemanha	*alemão, germânico, tedesco*
Amapá	*amapaense*
Amazonas	*amazonense, amazônico, baré*
Afeganistão	*afegane, afegão*
Bagdá	*bagdali*
Batávia	*batavo*
Baviera	*bávaro*
Belgrado	*belgradino*
Bengala	*belemense, belemita*
Bélgica	*belga*
Belo Horizonte	*belo-horizontino*
Bizâncio	*bizantino*
Boêmia	*boêmio*
Bogotá	*bogotano*
Boston	*bostoniano, bostoniense*
Brasília	*brasiliano, brasiliense, candango*
Buenos Aires	*buenairense, portenho*
Bulgária	*búlgaro*
Cabo Frio	*cabo-friense*
Cabo Verde	*cabo-verdiano*
Cairo	*cairota*
Campinas	*campineiro, campinense*
Campos	*campista*
Capri	*capriota*
Caracas	*caraquenho*
Curitiba	*curitibano, curitibense*
Curitibanos (sc)	*curitibanense*
Chaves	*flaviense*
Córsega	*corso*
Costa Rica	*costa-riquenho*
Cuiabá	*cuiabano*
China	*chinês, chim, chino*
Chipre	*cipriota, cíprio*
Egito	*egípcio*
Entre Rios	*entrerriano (MG), entrerriense (BA)*
Equador	*equatoriano*
Estocolmo	*estocolmenho*
Etiópia	*etíope*
El Salvador	*salvadorenho, salvatoriano*
Espírito Santo	*espírito-santense, capixaba*
Estados Unidos da América	*norte-americano, estadunidense, ianque*
Fernando de Noronha	*noronhense*
Filipinas	*filipino*
Finlândia	*finlandês*
Florença	*florentino*
Florianópolis	*florianopolitano*

Fortaleza	*fortalezense*
Foz do Iguaçu	*iguaçuense*
Flandres	*flamengo (antiga região dos Países Baixos: Bélgica e Holanda).*
Guimarães	*vimaranense*
Guiné	*guinéu*
Goiana (pe)	*goianense*
Goiânia (go)	*goianiense*
Goiás	*goiano*
Grã-Bretanha	*bretão*
Grécia	*grego, helênico*
Guaraqueçaba	*guaraqueçabense*
Guatemala	*gualtemateco*
Havana	*havanês*
Honduras	*hondurenho*
Hungria	*húngaro, magiar*
Índia	*hindu, indiano*
Inglaterra	*inglês, britânico*
Japão	*japonês, nipo, nipônico*
Jericó	*jericuntino*
Jerusalém.	*hierosolimita, hierosolimitano*
João Pessoa	*pessoense*
Juiz de Fora	*juiz-forano, juiz-forense*
La Paz	*pacenho, pacense*
Lima	*limenho*
Lisboa	*lisboeta, ulissiponense, lisbonês, alfacinha (joc.)*
Londres	*londrino*
Londrina	*londrinense*
Macapá	*macapaense*
Madri	*madrilenho, madrilense*
Maceió	*maceioense*
Madagáscar	*malgaxe, madagascarense*
Málaga	*malaguenho, malaguês*
Marajó	*marajoara*
Marrocos	*marroquino*
Moçambique	*moçambicano*
Mônaco	*monegasco*
Montevidéu	*montevideano*
Manaus	*manauense*
Minho	*minhoto*
Moscou	*moscovita*
Nápoles	*napolitano, partenopeu*
Natal	*natalense, papajerimum*
Nicarágua	*nicaragüense, nicaraguano*
Niterói	*niteroiense*
Nova Iorque	*nova-iorquino, noviorquino*
Nova Zelândia	*neozelandês*
Nova Iguaçu	*iguaçuano*
País de Gales	*galês*
Panamá	*panamenho*
Porto Alegre	*porto-alegrense*
Porto Rico	*porto-riquenho*
Porto Velho	*porto-velhense*
Palermo	*panormitano*
Passa-Quatro	*passa-quatrense*
Piauí	*piauiense*
Pindamonhagaba	*pindense, pindamonhagabense*
Portugal	*lusitano, lusoportuguês, portucalense*
Quito	*quitenho*
Recife	*recifense*
Ribeirão Preto	*ribeirão-pretense, ribeirãopretano, riberopretano*
Rio de Janeiro	*fluminense (estado), carioca (cidade)*
Rio Branco	*rio-branquense*
Romênia	*romeno*
Rondônia	*rondoniense*
Rio Grande do Norte	*norte-rio-grandense, potiguar, rio-grandense-do-norte*
Santarém	*santarense*
Santa Catarina	*catarinense, catarineta, barriga-verde*
Santa Rita do Passa Quatro	*santa-ritense, passa-quatrense*
São Luís	*são-luisense, ludovicense*
Sergipe	*sergipano*
Salvador (BA)	*soteropolitano, salvadorense*
São Domingos	*dominicano*
São Paulo	*paulista (estado), paulistano (cidade)*
Suíça	*helvécio, helvético, suíço*
Terra do Fogo	*fueguino*
Tóquio	*toquiano*
Três Corações	*tricordiano*
Teresina	*teresinense*
Toledo	*toledano*
Trípoli	*tripolitano*
Uganda	*ugandense*
Varsóvia	*varsoviano*
Veneza	*veneziano*
Vitória	*vitoriense*
Xavantes	*xavantino*

Pátrios compostos — formas reduzidas

África	afro-	Finlândia	fino-
Alemanha	germano- teuto-	França	galo- franco-
América	américo-	Grécia	greco-
Ásia	ásio-	Holanda	holando- batavo-
Austrália	australo-	Índia	indo-
Áustria	austro-	Inglaterra	anglo-
Bélgica	belgo-	Itália	ítalo
Bolívia	bolivo-	Japão	nipo-
Brasil	brasilo-	Polônia	polono-
China	sino-	Portugal	luso-
Dinamarca	dano-	Síria	siro-
Espanha	hispano-	Suíça	helveto
Europa	euro-		

=> **Observação:** Ao procedermos à união, o primeiro adjetivo deve ser sempre o de menor extensão: **sino-chileno, greco-hispânico, greco-romano, cubano-soviético.**

Se o número de sílabas for idêntico, prevalecerá ordem alfabética: **anglo-francês, franco-grego.**

Locuções adjetivas

Em lugar de um adjetivo pode aparecer uma locução adjetiva, ou seja, uma expressão com valor de adjetivo formada de **preposição e substantivo.** Ex.:

nariz **de águia** **(=** aquilino)
língua **de víbora** **(=** viperina)
orelha **de asno** **(=** asinina)
homem **de Vênus** **(=** venusiano)

⇒ **Observação:** Inúmeras locuções, porém, não possuem adjetivos correspondentes. Ex.: cavalo **de pau,** folha **de papel,** bolsa **de pano.**

Quadro das locuções adjetivas

Locucões Adjetivas	Adjetivos
de açúcar	sacarino
de águia	aquilino
de anjo	angelical
de Alpes	alpino, alpestre
de anel	anular
de asno	asinino
de astro	sideral
de aviação	aviatório
de bílis	biliar
de bispo	episcopal
de boca	oral, bucal
de bode	hircino
de brejo	palustre
de cabeça	cefálico
de cabelo	capilar
de cabra	caprino
de calor	térmico
de campo	campestre, rural, agreste
de carta	epistolar
de célula, cela	celular
de cera	céreo
de chumbo	plúmbeo
de chuva	pluvial
de cinza	cinéreo
de circo	circense
de cobra, serpente	columbrino, ofídico
de convento	conventual
de coração	cardíaco
de corpo	somático, corpóreo, corporal
de correio	postal
de costas	dorsal
de dança, coreografia	coreográfico
de dedo	digital
de diamante	adamantino, diamantino
de dinheiro	pecuniário
de direito	jurídico
de ensino	didático
de enxofre	sulfúreo, sulfúrico, sulfuroso
de erva	herbóreo
de esposa	uxoriano
de estômago	estomacal, gástrico
de estrela	estelar
de éter	etéreo
de fábrica	fabril
de face	facial ou genal
de fera	beluíno
de ferro	férreo, sidérico
de fígado	hepático
de fogo	ígneo
de gado	pecuário
de gafanhoto	acridiano, acrídio
de garganta	gutural
de gato, onça	felino
de gelo	glacial
de guerra	bélico
de homem	viril
de Igreja	eclesiástico
de ilha	insular
de inverno	hibernal
de irmão	fraterno, fraternal (própria de)
de lago	lacustre
de lágrima	lacrimal
de leão	leonino
de lebre	leporino
de leite	lácteo, láctico
de limão, laranja	cítrico, cítreo
de lobo	lupino
de Lua	lunar
de mãe	maternal (próprio de), materno

de macaco	— simiesco
de madeira	— lígneo, lenhoso
de maçãs do rosto	— malar, zigomático
de mar	— marítimo, marinho, equóreo
de marfim	— ebúrneo, ebóreo
de memória	— mnemônico, mnêmico
de mestre	— magistral
de moeda	— numismático, monetário
de Moisés	— mosaico
de monge, mosteiro	— monacal, monástico
de nariz	— nasal
de neve	— níveo
de norte	— setentrional, boreal
de olhos	— ocular, oftálmico, ótico, óptico
de ouvido	— auricular, ótico
de ovelha	— ovino
de paraíso	— paradisíaco
de pedra	— pétreo, litóide (com aspecto de pedra)
de pele, epiderme	— cutâneo, epidérmico
de pesca	— pesqueiro
de pomba	— columbino
de porco	— porcino, suíno
de prata	— argênteo, argentino, argírico
de prosa	— prosaico
de pulmão	— pulmonar
de raposa	— vulpino
de rato	— murino
de rim	— renal
de rio	— potâmico, fluvial
de rocha, rochedo	— rupestre
de romance	— romanesco
de seda	— sérico
de selos, filatelia	— filatélico
de sonho	— onírico
de sono	— sonífero
de soro	— seroso
de sul	— austral, meridional
sem cheiro	— inodoro
sem movimento	— inerte, imóvel
sem sabor	— insípido, insosso
sem freio	— desenfreado, infrene
sem sal	— insosso, insulso
de tarde	— vespertino, crepuscular
de tecido, tecelagem	— têxtil
de terra	— térreo, telúrico, terreno, terrestre
de terremoto	— sísmico
de tórax	— torácico
de touro	— taurino
de túmulo	— tumular
de umbigo	— umbilical
de universo	— universal, ecumênico
de urso	— ursino
de velho, velhice	— senil
de verão, estio	— estival
de víbora	— viperino
de vidro	— vítreo, hialino
de vinagre	— acético
de violeta	— violáceo
de virilha	— ingüinal
de voz	— vocal, fônico
de vasos, vasos sanguíneos	— vascular

Flexões

Os adjetivos flexionam-se em:

1 — Gênero
2 — Número
3 — Grau

Gênero { Uniformes / Biformes

O adjetivo flexiona-se em gênero e número para concordar com o substantivo.

— alun**o** estudios**o** → alun**os** estudios**os**
— alun**a** estudios**a** → alun**as** estudios**as**

Adjetivos uniformes

ADJETIVOS UNIFORMES são os que têm uma só forma para indicar os dois gêneros. Em geral, são os que terminam por **-a, -e, -l, -m, -r, -s** ou **-z** Ex.:

a mulher otimist**a**	o homem otimist**a**
a tarefa lev**e**	o trabalho lev**e**
a questão fáci**l**	o exercício fáci**l**
a aluna jove**m**	o aluno jove**m**
a posição superio**r**	o cargo superio**r**
a senhora cortê**s**	o professor cortê**s**
a família feli**z**	o pai feli**z**

Exceções: espanhol → espanhola
bom → boa
andaluz → andaluza (de Andaluzia — Espanha)

Adjetivos biformes

Adjetivos biformes são os que têm duas flexões, uma para o masculino, outra para o feminino. Como acontece com o substantivo, o masculino acaba, em geral, em **-O** e o feminino em **-A**. Ex.: belo, bela; estudioso, estudiosa; esperto, esperta etc. Há, entretanto, **outras terminações**:

ES = ESA	português, portuguesa; francês, francesa. Exceção: cortês, descortês, montês, pedrês, que são invariáveis.
OR = ORA	roedor, roedora; sofredor, sofredora; motor, motora (motriz); gerador, geradora (geratriz). Exceção: exterior, interior, incolor, multicor, bicolor, tricolor, menor, maior, melhor, pior, superior, inferior, que são invariáveis
ÃO = Ã	aldeão, aldeã; ancião, anciã; alemão, alemã; chão, chã; são, sã.
ÃO = ONA	amigão, amigona; brigão, brigona; cinqüentão, cinqüentona.
ÃO = OA	beirão, beiroa; japão, japoa; vilão, viloa
EU = ÉIA	ateu, atéia; europeu, européia; hebreu, hebréia; pigmeu, pigméia; plebeu, plebéia. Exceção: réu, ré; ilhéu, ilhoa; tabaréu, tabaroa; judeu, judia; sandeu, sandia.
U = UA	cru, crua; nu, nua. Exceção: hindu, que é invariável.

Número

Quanto ao número, os adjetivos simples seguem as mesmas flexões dos substantivos. Entretanto, os adjetivos compostos modificam-se, quanto ao gênero e quanto ao número, de modo diverso dos substantivos compostos.

Plural dos adjetivos compostos

Regra geral

Como norma geral, só o **último elemento flexiona-se em número e gênero.**

Adjetivo + Adjetivo
Pal. invar. + Adjetivo

escolas médico-cirúrgic **as**
problemas luso-brasileir **os**
meninos mal-educad **os**
olhos castanho-clar **os**
blusas azul-escur **as**
lenços amarelo-clar **os**
meias verde-escur **as**
tratados hispano-american **os**
cabelos castanho-escur **os**

Exceções:

surdo-mudo: surd **a** -mud **a**
surd **os** -mud **os**
surd **as** -mud **as**

azul-marinho, azul-celeste e **ultravioleta são invariáveis**.

ternos azul-marinho
saias azul-celeste
raios ultravioleta

Atenção: tecidos furta-cor (ou furta-cores)

Particularidades

a) Se o último elemento for um substantivo, nenhum elemento varia.

Adjetivo + Substantivo

Cor + de + Substantivo

persianas amarelo-canário
saias azul-pavão
gravatas verde-garrafa
olhos verde-mar
gravatas amarelo-palha
tecidos verde-oliva
lenços branco-gelo
blusas vermelho-sangue
vestidos cor-de-rosa
olhos cor do mar
suéteres cor de café

b) Também os substantivos simples, quando empregados em função adjetiva, permanecem **invariáveis**.

luvas pérola (= cor de pérola)
meias gelo (= cor de gelo)
lenços areia (= cor de areia)
blusas rosa (= cor-de-rosa)
sapatos caramelo (= cor de caramelo)
bolsas prata (= cor da prata)
calças cinza (= cor da cinza)

Macete: Nas indicações de cor, a palavra ficará invariável sempre que se subentenda a expressão **cor de.**

Ex.:
blusas (cor de) violeta
meias (cor de) creme

Mas não se pode dizer
calças (cor de) cinzento
luvas (cor de) branco

Portanto:
calças cinzentas
luvas brancas

Emprego do adjetivo

A anteposição ou a posposição de alguns adjetivos aos substantivos implica mudança de significado. Vejamos os casos principais:

Anteposição	Significado
a) bela mulher	mulher distinta
b) bom rapaz	rapaz ingênuo
c) caro amigo	querido amigo
d) estranho clima	clima anormal
e) grande homem	homem eminente
f) novos homens	homens recém-chegados
g) pobre rapaz	rapaz infeliz
h) puro ato	mero ato
i) santo homem	homem puro
j) simples questão	mera questão
l) único caso	caso exclusivo
m) velho amigo	amigo de há muito
n) verdadeiro homem	homem de qualidades morais

Posposição	Significado
a) mulher bela	mulher bonita
b) rapaz bom	rapaz virtuoso
c) amigo caro	amigo oneroso
d) clima estranho	clima estrangeiro
e) homem grande	homem alto, corpulento
f) homens novos	homens jovens
g) rapaz pobre	rapaz sem recursos
h) ato puro	ato sincero
i) homem santo	homem miraculoso
j) questão simples	questão fácil
l) caso único	caso ímpar
m) amigo velho	amigo idoso
n) homem verdadeiro	homem sincero

Alguns nomes são pronomes adjetivos quando antepostos aos substantivos e são adjetivos quando pospostos; nesses casos há também mudanças de sentido.

certo homem = determinado homem
vários homens = diversos homens
homem **certo** = homem adequado
homens **vários** **=** homens diferentes

Alguns adjetivos são usados no masculino singular em substituição a advérbios: são os adjetivos adverbializados.

Ex.:

As moças falavam **claro** (claramente) e **sério** (seriamente).

É comum usar-se o adjetivo com valor de substantivo. Para tanto, basta fazê-lo anteceder um artigo.

Ex.:

O **brasileiro** é um apaixonado pelo futebol.

Gosto de contemplar o **azul** do céu.

Neste caso, diz-se que o adjetivo é **substantivado.**

Exercícios

1) Escreva, no espaço em branco, o adjetivo correspondente à locução destacada:

a) bênção **de bispo**

a) ....

b) problemas **da cidade**

b) ....

c) comida **sem sabor**

c) ....

d) pedra **de fogo**

d) ....

e) corpo **sem sangue**

e) ....

f) carreira **sem freio**

f) ....

g) funcionário **sem aptidão**

g) ....

h) afeição **de irmão**

h) ....

i) dentes **de marfim**

i) ....

j) nariz **de águia**

j) ....

l) essência **de rato**

l) ....

m) palavras **da boca**

m) ....

n) lábios **de lebre**

n) ....

o) cirurgia **da maçã do rosto**

o) ....

p) objeto **de madeira**

p) ....

q) água **com enxofre**

q) ....

r) artesanatos **em cobre**

r) ....

s) soldadinhos **de chumbo**

s) ....

t) leite **da mãe**

t) ....

u) atitudes **próprias de pai**

u) ....

2) Complete os espaços conforme a conveniência:

a) Nasceu em Lima é ....

b) Nasceu na Guatemala é ....

c) Nasceu em .... é malgaxe

d) Nasceu em .... é capixaba.

e) Nasceu em .... é catarineta.

f) Nasceu em Três Corações é ....

g) Nasceu em .... é ludovicense.

h) Nasceu em .... é pequinês.
i) Nasceu em .... é soteropolitano.
j) Nasceu em .... é asteca.
l) Nasceu em Pindamonhangaba é ....
m) Nasceu em Londres é ....
n) Nasceu em .... é londrinense.
o) Nasceu em Brasília é ....
p) Nasceu em .... é portenho.
q) Nasceu em .... é paulistano.
r) Nasceu em .... é ulissiponense.
s) Nasceu em .... é goianiense.
t) Nasceu em .... é hierosolimita.
u) Nasceu no Minho é ....
v) Nasceu no Acre é ....
x) Nasceu em ....é noronhense.
z) Nasceu no Estado do Rio é ....

3) Flexione no plural:

1. guarda-chuva azul-marinho: ....
....
2. pára-quedas amarelo-claro: ....
....
3. saia azul-pavão: ....
....
4. conflito sino-russo-japonês: ....
....
5. vestido cor-de-rosa: ....
....
6. rapazinho mal-educado: ....
....
7. rei todo-poderoso: ....
....
8. o sem-vergonha do papagaio: ....
....
9. calça azul-escura: ....
....

4) Faça a concordância:

1. nuvem rox ....-escur ....
2. reflexos furt ....-cor ....
3. piteiras vermelh ....-clar ....
4. doenças psic ....-somátic ....
5. lentes côncav ....-convex ....
6. guerra sino-russ ....-japones ....
7. capas amarel ....-enxofre ....
8. céus azu ....-cinzent ....
9. meninas surd ....-mud ....
10. alianças eur ..... -afr ..... -búlgar ....
11. olhos verde .... -mar ....
12. olhos castant .... -esverdead ...

5) Usando radicais latinos, substitua as expressões em destaque por um adjetivo correspondente:

a) carne **de boi**: ....
b) soldado **de chumbo**: ....
c) amor **de irmão**: ....
d) clima **de inverno**: ....
e) chuvas **de verão**: ....
f) navegação **dos lagos**: ....
g) testemunha **de vista**: ....
h) punição **de lei**: ....
i) atitudes **de criança**: ....
j) jornal **da tarde**: ....
l) voz **de prata**: ....
m) carta **do bispo**: ....

Questões discursivas

1. (FEI-SP) Siga o modelo:

Modificação da paisagem: modificação paisagística:

a) água da chuva.

b) exageros da paixão.

c) atitudes de criança.

d) soro contra veneno de serpente.

a) ....

b) ....

c) ....

d) ....

2. (PUC-RS) Passe para o plural:

a) borboleta azul-clara

....

b) borboleta cor de laranja

....

3. (CEFET-PR) Indique, em cada caso, o significado do adjetivo em destaque:

— Todos sabiam que era um homem POBRE.

POBRE = ...

— Tínhamos pena dele, pois era um POBRE homem.

POBRE = ...

4. (FEI-SP) Substitua a locução adjetiva grifada pelo adjetivo correspondente:

— (Modelo: amor de mãe — amor materno)

a) Esta é uma pedra **de fogo**.

(....)

b) Recebi o título de cidadão de **Três Corações.**

(....)

c) Será divulgada hoje a mensagem **do bispo.**

(....)

d) Quando criança, brincava com soldadinhos **de chumbo.**(....)

5. (CEFET-PR) Se o plural de LIVRO **é** LIVROS**, os de** GUARDIÃO **e** JAQUETA COR-DE-ROSA **são:**

....

....

Testes

1. (UFPR) Marque a alternativa formada de vocábulos compostos cujo último elemento é o único a flexionar-se:

a) saca-rolha, surdo-mudo, azul-escuro.

b) guarda-florestal, pára-raio, abaixo-assinado.

c) beija-flor, segunda-feira, todo-poderoso.

d) guarda-civil, pró-reitor, agro-pastoril.

e) guarda-roupa, anglo-americano, verde-claro.

2. (UCS-RS) As colegiais usavam saias ...., blusas ...., sapatos e meias ....

a) verde-musgo — rosas — pérola

b) verdes-musgo — rora — pérolas

c) verde-musgo — rosa — pérola

d) verde-musgo — rosa — pérolas

e) verdes-musgo — rosas — pérolas

3. (UEM-PR) Numere a segunda coluna de acordo com a primeira, observando os vários significados da preposição utilizada, e assinale a alternativa que indica a seqüência correta.

1ª Coluna	2ª Coluna
(1) Casa de Pedro	( ) Posse
(2) Piano de cauda	( ) Classificação
(3) Caixa de jóias	( ) Finalidade
(4) Copo de vidro	( ) Matéria
(5) Fatos da Irlanda	( ) Lugar

a) 5 — 4 — 2 — 1 — 3

b) 1 — 2 — 3 — 4 — 5

c) 5 — 3 — 2 — 4 — 1

d) 5 — 3 — 2 — 1 — 4

e) 1 — 2 — 4 — 3 — 5

4. (FMU-SP) Em que caso a palavra destacada não tem valor de adjetivo?

a) Um branco, **velho**, pedia esmolas.

b) Um velho, **branco,** pedia esmolas.

c) Era um dia **cinzento**.

d) O sabão usado desbotou o **verde** da camisa.

e) Os viajantes dormiam **tranqüilos.**

5. (FMU-SP) Quanto ao gênero, os adjetivos carioca**,** breve **e** só**:**

a) são todos comparativos.

b) são todos uniformes.

c) são uniformes os dois primeiros, e biforme o último.

d) são todos relativos.

e) são todos uniformes, assim como o adjetivo **histórico.**

6. (CTA/COMPUTAÇÃO-SP) Assinale a alternativa que contém uma locução adjetiva:

a) Esta é a torneira de água fria.

b) Ele é um homem corajoso.

c) Este quadro é muito feio.

d) A bicicleta dela é inglesa.

e) Achei um lápis azul.

7. (FEI-SP) Corresponda o adjetivo com o seu substantivo. Na alternativa a escolher, todos os cinco pares devem estar corretos:

1. chinês	A. episcopal
2. raposa	B. argênteo
3. baço	C. esplênico
4. bispo	D. sínico
5. prata	E. vulpino

a) 1-E; 2-A; 3-C; 4-D; 5-B.

b) 1-D; 2-B ; 3-E; 4-C; 5-A.

c) 1-D; 2-E; 3-C; 4-A; 5-B.

d) 1-B; 2-A; 3-E; 4-C; 5-D.

e) 1-B; 2-E; 3-C; 4-A; 5-D.

8. (UFPR) Em qual dos casos o primeiro elemento do adjetivo composto não corresponde ao substantivo entre parênteses?

a) Indo-europeu (Índia)

b) Ítalo-brasileiro (Itália)

c) Luso-brasileiro (Portugal)

d) Sino-árabe (Sião)

e) Anglo-americano (Inglaterra)

9. (CTA/COMPUTAÇÃO-SP) As expressões cabelo castanho-escuro e calça azul-marinho **ficarão corretas no plural:**

a) cabelos castanho-escuros e calças azul-marinho.

b) cabelos castanho-escuros e calças azul-marinhos.

c) cabelos castanhos-escuros e calças azul-marinho.

d) cabelos castanhos-escuros e calças azuis-marinho.

e) Nenhuma das alternativas anteriores.

10. (UFPR) As frases abaixo deverão ter suas lacunas preenchidas conforme o modelo:

A Lua não é constante: é inconstante.

Assim:

Apresentou uma redação sem mácula: uma redação: ....

....

Um argumento sem defesa: um argumento ....

Aquela casa não é habitada: é ....

Meu amigo não tem habilidade: é ....

O rapaz não foi escrupuloso: foi ....

Qual das alternativas abaixo contém as palavras apropriadas?

a) imaculada; indefensível; inabitável; inabilitado; desescrupuloso.

b) imaculável; indefensível; inabitável; inabilitado; desescrupuloso.

c) imaculada, indefensível; inabitada; inábil; desescrupuloso.

d) imaculável; indefensável; inabitável; inábil; inescrupuloso.

e) imaculada; indefensável; inabitada; inábil; inescrupuloso.

11. (CESGRANRIO) Assinale a opção em que ambos os termos não admitem flexão de gênero:

a) inglesa pálida.

b) jovem leitor.

c) alguns mestres

d) semelhante criatura.

e) moça ideal.

12. (UFSC) Observe as proposições abaixo:

I — Poucos autores escrevem poemas herói-cômicos.

II — Os cabelos castanhos-escuros emolduravam-lhe o semblante juvenil.

III — Vestidos vermelhos e amarelo-laranja foram os mais vendidos na exposição.

IV — As crianças surdo-mudas foram encaminhadas à clínica para tratamento.

V — Discutiu-se muito a respeito de ciências político-sociais na última assembléia dos professores.

VI — As sociedades luso-brasileira adquiriam novos livros de autores portugueses.

A opção que contém apenas períodos corretos quanto à flexão de número dos adjetivos é:

a) III, V, VI

b) I, III, V

c) II, IV, VI

d) III, IV, V

e) I, II, V

Para resolver questões 13 a 15, assinale as alternativas e some seus valores.

13. (UFJF-MG) Assinale a(s) alternativa(s) em que todos os adjetivos compostos estão flexionados corretamente no plural:

1. problemas sócios-econômicos, conflitos sino-soviéticos.

2. tratados luso-brasileiros, blusas azuis-marinho.

4. vestidos azul-celeste, crianças surdas-mudas.

8. olhos cor do céu, olhos castanhos-claros.

16. olhos verde, bolsas gelo.

32. faixas amarelo-laranja, meias verde-musgo

64. cachorrinhos recém-nascido, manchas amarelo-sujo.

14. (UFPR) A(s) alternativa(s) correta(s) quanto à locução adjetiva e o adjetivo correspondente é (são):

1. de chuva — pluvial;
de terra — terrestre.
2. de prata — argênteo;
sem piedade — impiedoso.
4. de paixão — apaixonado;
de gelo — glacial.
8. de verão — veranal;
de fogo — ígneo.
16. de criança — pueril;
da cor do céu — cerúleo.
32. do céu — celeste;
de chumbo — chúmbeo.
64. de águia — aguinal;
sem cheiro — inodoro.

15. (UNAMA) A(s) alternativa(s) que está(ão) incorreta(s) quanto ao adjetivo gentílico:

1) Montevidéu — montevideano; Natal — papa-jerimum.

2) Londres — londrinense; Lisboa — ulissiponense.

4) São Paulo (estado) — paulista; São Paulo (cidade) — paulistano.

8) Rio de Janeiro (estado) — fluminense; Rio de Janeiro (cidade) — carioca.

32) Salvador — soteropolitano; El Salvador — salvadorense.

64) Guatemala — guatemalco; Índia — hindu.

Grau

Os adjetivos possuem dois graus:

1. Comparativo
2. Superlativo

No comparativo, confronta-se a mesma qualidade entre dois seres, ou duas qualidades do mesmo ser.

No superlativo, enuncia-se a qualidade em grau elevado, qualidade de um ser não comparado a outro.

Comparativo

De Igualdade
(Ex.: Pedro é **tão** alto **como** João.)

De Superioridade
(Ex.: Pedro é **mais** alto **do** que João.)

De Inferioridade
(Ex.: Pedro é **menos** alto do que João.)

Note bem: **igualdade: tão .... como**
tão ...... quanto

superioridade: mais .... (do) que

inferioridade: menos .... (do) que

(o "do" na conjunção "do que" é partícula expletiva — seu emprego é facultativo).

Comparativos irregulares

Os adjetivos **bom, mau, grande e pequenos** possuem formas irregulares para o comparativo de superioridade:

Grau Normal	Comparativo de Superioridade
BOM	MELHOR
MAU	PIOR
PEQUENO	MENOR
GRANDE	MAIOR

→ **Atenção:**

Excepcionalmente usam-se as formas *analíticas* desses adjetivos quando comparam-se duas qualidades do mesmo ser:

— Aquele menino é **mais bom** do que inteligente.

— Pedrinho é **mais mau** do que bom.

— Esta casa é **mais grande** do que pequena.

→ **Obs:** A forma **mais pequeno** ainda é usada e tida por correta. No entanto, são condenadas as formas **mais grande**, **mais bom**, **mais mau**, a não ser nos casos mencionados anteriormente.

2. Superlativo
- **A. Absoluto**
  - Analítico
    A estátua é **muito bela.**
  - Sintético
    A estátua é **belíssima.**
- **B. Relativo**
  - **De Superioridade:**
    - Analítico:
      A estátua é **mais bela** de todas.
    - Sintético:
      A casa é **a maior** de todas.
  - **De Inferioridade:** A estátua é a **menos bela** de todas

O **superlativo absoluto** expressa a qualidade de um ser, no seu grau mais elevado, sem nenhuma comparação com outro ser.

Analítico → quando o superlativo contém duas palavras (**advérbio de intensidade + sufixo**):

A estátua é **muito bela.**

Sintético → quando o superlativo contém uma só palavra (**radical do adjetivo + sufixo**):

A estátua é **belíssima**.

O superlativo absoluto analítico é expresso por meio de advérbios: **muito, extremamente, assaz, bastante.**

O superlativo absoluto sintético forma-se com os sufixos:

- íssimo	-imo	- rimo
(rico - riquíssimo)	(fácil - facílimo)	(magro - macérrimo)

Superlativos sintéticos eruditos

-íssimo

amaríssimo (amargo)
amicíssimo (amigo)
antiqüíssimo (antigo)
atrocíssimo (atroz)
audacíssimo (audaz)
belacíssimo (belicoso)
belíssimo (belo)
beneficentíssimo(benéfico)
benevolentíssimo (benévolo)
boníssimo (bom)
claríssimo (claro)
comuníssimo (comum)
contumacíssimo (contumaz)
crudelíssimo (cruel)
cruíssimo (cru)
eficacíssimo (eficaz)
dulcíssimo (doce)
feracíssimo (feraz)
felicíssimo (feliz)
ferocíssimo (feroz)
frigidíssimo (frio)
generalíssimo (geral)
honoricentíssimo (honorífico)
loquacíssimo (loquaz)
legalíssimo (legal)
magnificentíssimo (magnífico)
maledicentíssimo (maledicente)
malevolentíssimo (malévolo)
minutíssimo (miúdo)
modicíssimo (módico)
nobilíssimo (nobre)
notabilíssimo (notável)
parcíssimo (parco)
piíssimo (pio)
prodigalíssimo (pródigo)
rapacíssimo (rapace)
regularíssimo (regular)
sacratíssimo (sagrado)
saníssimo (são)
sapientíssimo (sapiente)
seriíssimo (sério)
simplicíssimo (simples)
singularíssimo(singular)
superbíssimo (soberbo)
tenacíssimo (tenaz)
terribilíssimo (terrível)
trivialíssimo (trivial)
utilíssimo (útil)
vaníssimo (vão)
velocíssimo (veloz)
voracíssimo (voraz)
vulgaríssimo (vulgar)

-imo

agílimo (ágil)
dificílimo (difícil)
docílimo (dócil)
ductílimo (dúctil)
facílimo (fácil)
fragílimo (frágil)
gracílimo (grácil)
humílimo (humilde)
simílimo (semelhante)
verossimílimo (verossímil)

-rimo

acérrimo (acre)
aspérrimo (áspero)
celérrimo (célere)
celebérrimo (célebre)
integérrimo (íntegro)
libérrimo (livre)
macérrimo (magro)
misérrimo (mísero)
nigérrimo (negro)
paupérrimo (pobre)
pulquérrimo (pulcro)
salubérrimo(salubre)
tetérrimo (tetro)
ubérrimo (úbere)

O superlativo relativo ressalta, com vantagem ou desvantagem, a qualidade de um ser com relação a outros seres que possuem essa mesma qualidade.

O de superioridade forma-se com a intercalação do adjetivo nas formas:

o mais ... de

Tenório é **o mais** esperto **dos** alunos da sala.

O de inferioridade forma-se com a intercalação do adjetivo nas formas:

o menos ... de

Valdevina é a **menos** alta **das** alunas da sala.

→ **Nota:** Há alguns adjetivos que, ao lado da forma regular, possuem outra forma, anômala (de raiz diversa), para o superlativo absoluto sintético:

Grau normal	**Forma regular de superlativo absoluto sintético**	**Forma irregular de superlativo absoluto sintético**
BOM	BONÍSSIMO	ÓTIMO
MAU	MALÍSSIMO	PÉSSIMO
GRANDE	GRANDÍSSIMO	MÁXIMO
PEQUENO	PEQUENÍSSIMO	MÍNIMO
ALTO	ALTÍSSIMO	SUPREMO ou SUMO
BAIXO	BAIXÍSSIMO	ÍNFIMO

Exercícios

1) Diga o grau dos adjetivos:

a) Minha vida é **importante**. ....

....

b) Minha vida é **tão importante** quanto a sua. ....

c) Minha vida não é **mais importante** do que a sua. ....

d) Minha vida não é **menos importante** do que a sua. ....

e) Nossas vidas são **verdadeiramente importantes**. ....

f) Nossas vidas hão de ser **extraordinariamente úteis** à Pátria. ....

g) Tua vida é **importantíssima**, ó jovem. ....

h) Naquele instante, a vida **dela era a mais importante de todas**. ....

i) **Era o máximo**, agradava a todos. ...

j) A segunda resposta foi **pior** que a primeira. ....

2) Qual o normal dos superlativos eruditos abaixo? Escreva-os na mesma linha pontilhada:

1) voracíssimo ....
2) amicíssimo ....
3) velocíssimo ....
4) vaníssimo ....
5) saníssimo ....
6) antiqüíssimo ....
7) atrocíssimo ....
8) audacíssimo ....
9) comuníssimo ....
10) notabilíssimo ....

3) Escreva o superlativo absolutivo sintético correspondente:

1. O líquido tinha um gosto ...... (acre).
2. Passamos uma tarde....(agradável).
3. Encontramos um senhor ..... (amável).
4. Prédio .... (antigo).
5. Ditador .... (cruel).
6. Torta .... (doce).
7. Atitude .... (eficaz).
8. Administrador .... (íntegro).
9. Moça ....(magra).
10. Nuvem .... (negra).
11. Castelo .... (tétrico).
12. Imagem ....(sagrada).
13. Palavra .... (livre).
14. Atitudes .... (simples).
15. Cão .... (fiel).

4) Assinale as frases incorretas:

1. ( ) Pedro é mais bom do que Antônio.

2. ( ) Este livro é mais bom do que o outro.

3. ( ) Este menino é mais bom do que o mau.

4. ( ) Esta manhã é mais grande do que aquela.

5. ( ) Esta mansão é mais grande do que arejada.

6. ( ) Pedro é mais bom do que mau.

7. ( ) Maria é mais pequena do que Lúcia.

8. ( ) Maria é mais pequena do que magra.

Questões discursivas

1. (CEFET-PR) Siga o exemplo:

— Não chamo a torre de alta, mas de altíssima.

— Não considero sua atitude nobre, mas ....

2. (FEI-SP) Dê a forma erudita do superlativo absoluto sintético dos adjetivos:

a) dócil: ....

b) negro: ....

3. (SANTA CASA-SP) Dê o superlativo absoluto sintético de:

a) branco: ....

b) humildade: ....

4. (FUVEST) "Cecília, és libérrima e exata como a concha." (Manuel Bandeira)

Se **libérrima** corresponde a **muito livre,** corresponda a:

a) muito cruel: ....

b) muito doce: ....

c) muito bom: ....

d) muito pobre: ....

e) muito soberba: ....

5. (FAAP-SP) Indique o gênero, número e grau dos adjetivos desculpável **e** razoável **em** «a mais **desculpável**, a mais **razoável** de todas.»

....

....

Testes

1. (FEI-SP) Assinale o grau correto do adjetivo "completa" na frase: "... que me deu ao corpo a mais completa imobilidade."

a) superlativo absoluto sintético.

b) comparativo de superioridade.

c) superlativo absoluto analítico.

d) superlativo relativo.

e) Nenhuma das respostas anteriores.

2. (FMU-SP) Nas orações "Este livro é o melhor do que aquele" e "Este livro é mais lindo que aquele" há os graus comparativos:

a) de superioridade, respectivamente sintético e analítico.

b) de superioridade, ambos analíticos.

c) de superioridade, ambos sintéticos.

d) relativo.

e) superlativo.

3. (FMU-SP) Assinale a única alternativa em que se encontram as formas corretas do superlativo erudito dos adjetivos: soberbo**,** malévolo **e** magro**.**

a) soberbíssimo, malevolíssimo, magérrimo.

b) magríssimo, malevoléssimo, soberbílimo.

c) soberbérrimo, magrílimo, macérrimo.

d) soberbérrimo, magrílimo, malevolentérrimo.

e) magérrimo, superbérrimo, malevolentílimo.

4. (UFPb)

— Em «A torre é **muito alta**», a expressão em negrito é:

a) superlativo relativo de superioridade.

b) superlativo absoluto sintético.

c) comparativo de superioridade.

d) superlativo absoluto analítico.

e) comparativo relativo.

5. (CTA/COMPUTAÇÃO-SP) As expressões: um homem sábio **e** clima salubre **ficarão corretas com o adjetivo no superlativo absoluto sintético erudito:**

a) um homem sabidíssimo e clima salubríssimo.

b) um homem sapientíssimo e clima salubérrimo.

c) um homem muito sábio e clima muito salubre.

d) um homem sabidíssimo e clima salubridíssimo.

e) Nenhuma das alternativas acima.

6. (CTA/COMPUTAÇÃO-SP) Os superlativos sintéticos eruditos de negro**,** veloz **e** bom **são, respectivamente:**

a) negríssimo, velocíssimo, ótimo.

b) nigérrimo, velocíssimo, ótimo.

c) nigérrimo, velocíssimo, boníssimo.

d) negríssimo, velocíssimo, boníssimo.

e) Nenhuma das alternativas anteriores.

7. (PUC-MG) Ponha no superlativo absoluto sintético erudito: magro, negro, sábio, jovem, doce, acre.

a) macérrimo, nigérrimo, sapientíssimo, juventíssimo, dulcíssimo, acérrimo.

b) macérrimo, negríssimo, sabíssimo, jovenzinho, docíssimo, acrérrimo.

c) macérrimo, nigérrimo, sapientíssimo, joveníssimo, dulcíssimo, acérrimo.

d) macérrimo, nigérrimo, sabidíssimo, joveníssimo, dulcíssimo, acríssimo.

e) n.d.a.

8. (PUCCAMP-SP) Se a altíssimo corresponde alto, a celebérrimo, libérrimo, crudelíssimo, humílimo, paupérrimo, respectivamente, há de corresponder:

a) célebre, líbero, cruel, úmido, pobre.

b) célebre, livre, cru, úmido, pobre.

c) célebre, livre, cruel, humilde, pau.

d) célebre, livre, cruel, humilde, pobre.

e) célebre, livre, cru, humilde, pobre.

9. (FUVEST) Assinale a frase incorreta, quanto à flexão do grau adjetivo:

a) Que tristezas são mais ruins que as nossas?

b) A proposta era mais boa do que má.

c) A proposta era mais má do que boa.

d) Minha casa é mais grande do que pe-quena.

10. (UEM-PR) Quanto ao superlativo erudito, há uma proposição errada em:

a) Amargo dá amaríssimo, assim como doce dá dulcíssimo.

b) Feroz dá ferocíssimo, assim como frio dá frigidíssimo.

c) Sagrado dá sagradíssimo, assim como nobre dá nobilíssimo.

d) Magro dá macérrimo, assim como dócil dá docílimo.

e) Sábio dá sapientíssimo, assim como humilde dá humildíssimo.

11. (UEPG-PR) Assinale a alternativa em que o superlativo entre parênteses não se refere ao adjetivo:

a) alto (supremo).

b) doce (dulcíssimo).

c) mau (péssimo).

d) pequeno (ínfimo).

e) n.d.a.

Para resolver as questões 12 a 14, assinale as alternativas e some seus valores.

12. (UFMG) Assinale a(s) alternativa(s) que não contém(êm) a forma correta do adjetivo no superlativo absoluto sintético erudito:

1. atrozíssimo (atroz), ferozíssimo (feroz).
2. libérrimo (livre), nigérrimo (negro).
4. nobilíssimo (nobre), paupérrimo (pobre).
8. sabientíssimo (sábio), humílimo (humilde).
16. cruelsíssimo (cruel), aspérrimo (áspero).
32. agílimo (ágil), amaríssimo (amargo)
64. fidelíssimo (fiel), generalíssimo (geral).

13. (FMU-SP) Assinale a(s) alternativa(s) que contenha(m) o adjetivo no grau comparativo de superioridade.

1. Sua atitude foi a mais adequada de todas.
2. Ele é pior do que o irmão.
4. A sala é menor do que a copa.
8. Este tipo de teste é melhor do que o tradicional.
16. A sala é mais pequena do que grande.
32. Esta música é o máximo.
64. Não seja o mais ínfimo dos seres.

14. (UFBA) A(s) alternativa(s) incorreta(s), quanto ao absoluto sintético erudito:

1. maledicentíssimo — maledicente.
2. macérrimo — magro.
4. sagradíssimo — sagrado.
8. simílimo — semelhante.
16. salubérrimo — salubre.
32. frigidíssimo — frio.
64. negríssimo — negro.

Descontraia!

— CARTA (De Públio Lêntulo, governador da Judéia, no reinado de Tibério, ao Senado Romano.)

«Apareceu em nossos dias um homem de grande virtude, chamado Jesus Cristo, o qual ainda vive entre nós. Os gentios o têm recebido como um profeta de verdade; mas os seus discípulos lhe chamam o Filho de Deus. Ressuscita os mortos, e cura todo gênero de enfermidades.

Sua estatura é mais que mediana; seu porte, circunspecto; sua presença, venerável; de modo que, quantos o vêem, o amam e o temem. Seu cabelo é castanho, basto e liso até as orelhas; delas para baixo é de cor mais loura e anelado, caindo-lhe em ondas sobre os ombros, e no meio da testa se divide à maneira dos nazarenos. Tem a testa lisa e fina; em seu rosto não há mancha, sinal, nem ruga alguma, aformoseando-o uma bela cor rosada; no nariz e na boca não se pode encontrar defeito algum; sua barba é um pouco espessa, e da cor do cabelo, mas não é comprida, e tem a forma de um garfo; sua fisionomia respira inocência e sabedoria; e seus olhos são pardos, claros e vivos.

Quando condena, é terrível; quando repreende ou admoesta, é cortês e moderado nas expressões. Em sua conversação é agradável e cheio de gravidade. Ninguém o viu jamais rir; porém muitos o têm visto chorar.

As proporções de seu corpo são excelentes; suas mãos e seus braços são os mais perfeitos que se podem ver. Em seu falar é muito parco, modesto e sensato. Homem de singular beleza, que excede a todos os filhos dos homens.»

Respostas da unidade 12 — Adjetivos

Exercícios — pág. 146

1) a) episcopal b) urbanos c) insípida d) ígnea e) exangue f) desenfreada g) inapto h) fraterna i) ebúrneos j) aquilino l) murina m) orais n) leporinos o) malar p) lígneo q) sulfúrea r) cúpricos s) plúmbeos t) materno u) paternais

2) limenho, guatemalteco, Madagáscar, Espírito Santo, S. Catarina, tricordiano, S. Luís (MA), Pequim, Salvador (BA), México, pindense, londrino, Londrina, brasiliense, Buenos Aires, S. Paulo (capital), Lisboa, Goiânia (GO), Jerusalém, minhoto, acreano, Fernando de Noronha, fluminense.

3) 1. guarda-chuvas azul-marinho 2. pára-quedas amarelo-claros 3. saias azul-pavão 4. conflitos sino-russo-japoneses 5. vestidos cor-de-rosa 6. rapazinhos mal-educados 7. reis todo-poderosos 8. os sem-vergonha dos papagaios 9. calças azul-escuras.

4) 1. roxo-escura 2. furta-cor (cores) 3. vermelho-claras 4. psicossomáticas 5. côncavo-convexas 6. sino-russo-japonesa 7. amarelo-enxofre 8. azul-cinzentos 9. surdas-mudas 10. euro-afro-búlgaras 11. verde-mar 12. castanho-esverdeados.

5) a) bovina b) plúmbeo c) fraterno d) hibernal e) estivais f) lacustre g) ocular h) legal i) pueris j) vespertino l) argêntea m) episcopal

Questões discursivas — pág. 148

1) a) pluvial b) passionais c) pueris d)antiofídico

2) a) borboletas azul-claras b) borboletas cor de laranja

3) sem recursos; infeliz.

4) a) ígnea b) tricordiano c) episcopal d) plúmbeos

5) guardiães/ões, jaquetas cor-de-rosa.

Testes — pág. 148

1 - e
2 - c
3 - b
4 - d
5 - b
6 - a
7 - c
8 - d
9 - a
10 - e
11 - d
12 - b
13 - 36
14 - 23
15 - ???

Exercícios — pág. 153

1) a) normal b) compar. iguald. c) compar. super. d) compar. infer. e) superl. absol. analít. f) superl. absol. analít. g) superl. absol. sintét. h) superl. relat. super. i) superlat. absol. sintét. j) compar. super.

2) 1) voraz 2) amigo 3) veloz 4) vão 5) são 6) antigo 7) atroz 8) audaz 9) comum 10) notável

3) 1. acérrimo 2. agradabilíssima 3. amabilíssimo 4. antiquíssimo 5. crudelíssimo 6. dulcíssima 7. eficacíssima 8. integérrimo 9. macérrima 10. nigérrima 11. tetérrimo 12. sacratíssima 13. libérrimas 14. simplicíssima 15. fidelíssimo

4) 1, 2, 4, 7.

Questões discursivas — pág. 154

1) nobilíssima.

2) a) docílimo b) nigérrimo

3) a) branquíssimo b) humílimo

4) a) crudelíssimo b) dulcíssimo c) boníssimo/ótimo d) paupérrimo e) superbíssimo

5) gênero: uniforme; número: sing.; grau: superl. relat. de superioridade.

Testes — pág. 154

1 - d
2 - a
3 - c
4 - d
5 - b
6 - c
7 - a
8 - d
9 - a
10 - e
11 - d
12 - 25
13 - 30
14 - 68

CAPÍTULO 3:

EMPREGO DOS SINAIS DE PONTUAÇÃO

Há certos recursos da linguagem - pausa, melodia, entonação e até mesmo, silêncio - que só estão presentes na oralidade. Na linguagem escrita, para substituir tais recursos, usamos os sinais de pontuação. Estes são também usados para destacar palavras, expressões ou orações e esclarecer o sentido de frases, a fim de dissipar qualquer tipo de ambiguidade.

1. Vírgula

Emprega-se a vírgula (uma breve pausa):

a) para separar os elementos mencionados numa relação:

O apartamento tem três quartos, sala de visitas, sala de jantar, área de serviço e dois banheiros.

NOTA

Mesmo que (*o* e *e*) venha repetido antes de cada um dos elementos da enumeração, a vírgula deve ser empregada:

Rodrigo estava nervoso. Andava pelos cantos, e gesticulava, e falava em voz alta, e ria, e roía as unhas.

b) para isolar o vocativo:

Por favor, Ricardo, venha até o meu gabinete.

c) para isolar o aposto:

Dona Sílvia, aquela mexeriqueira do quarto andar, ficou presa no elevador.

d) para isolar palavras e expressões explicativas (a saber, por exemplo, isto é, ou melhor, aliás, além disso etc.):

Eles viajaram para a América do Norte, aliás, para o Canadá.

e) para isolar o adjunto adverbial antecipado:

Ontem à noite, fomos todos jantar fora.

f) para isolar elementos repetidos:

Estão todos cansados, cansados de dar dó!

g) para isolar, nas datas, o nome do lugar:

São Paulo, 22 de maio de 1995.

h) para isolar os adjuntos adverbiais:

A multidão foi, aos poucos, avançando para o palácio.

i) para isolar as orações coordenadas, exceto as introduzidas pela conjunção e:

Ele já enganou várias pessoas, logo não é digno de confiança.

Você pode usar o meu carro, mas tome muito cuidado ao dirigir.

j) para indicar a elipse de um elemento da oração:

Foi um grande escândalo. Às vezes gritava; outras, estrebuchava como um animal.

k) para separar o paralelismo de provérbios:

Ladrão de tostão, ladrão de milhão.

l) após a saudação em correspondência (social e comercial):

Respeitosamente,

m) para isolar as orações adjetivas explicativas:

Marina, que é uma criatura maldosa, "puxou o tapete" de Juliana lá no trabalho.

n) para isolar orações intercaladas:

O filme, disse ele, é fantástico.

2. Ponto

Emprega-se o ponto, basicamente, para indicar o término de um frase declarativa de um período simples ou composto.

Desejo-lhe uma feliz viagem.

O ponto é também usado em quase todas as abreviaturas, por exemplo: fev. = fevereiro, hab. = habitante, rod. = rodovia.

3. Ponto-e-vírgula

Utiliza-se o ponto-e-vírgula para assinalar uma pausa maior do que a da vírgula, praticamente uma pausa intermediária entre o ponto e a vírgula.

Geralmente, emprega-se o ponto-e-vírgula para:

a) separar orações coordenadas que tenham um certo sentido ou aquelas que já apresentam separação por vírgula:

Criança, foi uma garota sapeca; moça, era inteligente e alegre; agora, mulher madura, tornou-se uma doidivanas.

b) separar vários itens de uma enumeração:

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;

4. Os dois-pontos

Dois-pontos são empregados para:

a) uma enumeração:

Estirado no gabinete, evocou a cena: o menino, o carro, os cavalos, o grito, o salto que deu, levado de um ímpeto irresistível...

(Machado de Assis)

b) uma citação:

Visto que ela nada declarasse, o marido indagou:

- Afinal, o que houve?

c) um esclarecimento:

Joana conseguira enfim realizar seu desejo maior: seduzir Pedro. Não porque o amasse, mas para magoar Lucila.

Observe que os dois-pontos são também usados na introdução de exemplos, notas ou observações.

Parônimos são vocábulos diferentes na significação e parecidos na forma. Exemplos: ratificar/retificar, censo/senso, descriminar/discriminar etc.

NOTA: A preposição per, considerada arcaica, somente é usada na frase de per si (= cada um por sua vez, isoladamente).

Observação: Na linguagem coloquial pode-se aplicar o grau diminutivo a alguns advérbios: cedinho, longinho, melhorzinho, pouquinho etc.

NOTA: A invocação em correspondência (social ou comercial) pode ser seguida de dois-pontos ou de vírgula:

Querida amiga:
Prezados senhores,

5. Ponto de interrogação

O ponto de interrogação é empregado para indicar uma pergunta direta, ainda que esta não exija resposta:

O senhor sai a passeio depois do jantar? de carro ou a cavalo?

6. Ponto de exclamação

O ponto de exclamação é empregado para marcar o fim de qualquer enunciado com entonação exclamativa, que normalmente exprime admiração, surpresa, assombro, indignação etc.

- Viva o meu príncipe! Sim, senhor... Eis aqui um comedouro muito compreensível e muito repousante, Jacinto!

NOTA

O ponto de exclamação é também usado com interjeições e locuções interjetivas:

Oh!
Valha-me Deus!

7. Reticências

As reticências são empregadas para:

a) assinalar interrupção do pensamento:

- Bem; eu retiro-me, que sou prudente. Levo a consciência de que fiz o meu dever. Mas o mundo saberá...

(Júlio Dinis)

b) indicar passos que são suprimidos de um texto:

O primeiro e crucial problema de lingüística geral que Saussure focalizou dizia respeito à natureza da linguagem. Encarava-a como um sistema de signos... Considerava a lingüística, portanto, com um aspecto de uma ciência mais geral, a ciência dos signos...

(Mattoso Camara Jr.)

c) marcar aumento de emoção:

As palavras únicas de Teresa, em resposta àquela carta, significativa da turvação do infeliz, foram estas: "Morrerei, Simão, morrerei. Perdoa tu ao meu destino... Perdi-te... Bem sabes que sorte eu queria dar-te... e morro, porque não posso, nem poderei jamais resgatar-te.

(Camilo Castelo Branco)

8. Aspas

As aspas são empregadas:

a) antes e depois de citações textuais:

Roulet afirma que "o gramático deveria descrever a língua em uso em nossa época, pois é dela que os alunos necessitam para a comunicação quotidiana".

b) para assinalar estrangeirismos, neologismos, gírias e expressões populares ou vulgares:

O "lobby" para que se mantenha a autorização de importação de pneus usados no Brasil está cada vez mais descarado.

(Veja)

Na semana passada, o senador republicano Charles Grassley apresentou um projeto de lei que pretende "deletar" para sempre dos monitores de crianças e adolescentes as cenas consideradas obscenas.

(Veja)

Popularidade no "xilindró"

Preso há dois anos, o prefeito de Rio Claro tem apoio da população e quer uma delegada para primeira-dama.

(Veja)

Com a chegada da polícia, os três suspeitos "puxaram o carro" rapidamente.

c) para realçar uma palavra ou expressão:

Ele reagiu impulsivamente e lhe deu um "não" sonoro.

Aquela "vertigem súbita" na vida financeira de Ricardo afastou-lhe os amigos dissimulados.

9. Travessão

Emprega-se o travessão para:

a) indicar a mudança de interlocutor no diálogo:

- Que gente é aquela, seu Alberto?

- São japoneses.

- Japoneses? E... é gente como nós?

- É. O Japão é um grande país. A única diferença é que eles são amarelos.

- Mas, então não são índios?

(Ferreira de Castro)

b) colocar em relevo certas palavras ou expressões:

Maria José sempre muito generosa - sem ser artificial ou piegas - a perdoou sem restrições.

Um grupo de turistas estrangeiros - todos muito ruidosos - invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados.

c) substituir a vírgula ou os dois pontos:

Cruel, obscena, egoísta, imoral, indômita, eternamente selvagem, a arte é a superioridade humana - acima dos preceitos que se combatem, acima das religiões que passam, acima da ciência que se corrige; embriaga como a orgia e como o êxtase.
(Raul Pompéia)

d) ligar palavras ou grupos de palavras que formam um "conjunto" no enunciado:

A ponte Rio-Niterói está sendo reformada.

O triângulo Paris-Milão-Nova York está sendo ameaçado, no mundo da moda, pela ascensão dos estilistas do Japão.

10. Parênteses

Os parênteses são empregados para:

a) destacar num texto qualquer explicação ou comentário:

Todo signo lingüístico é formado de duas partes associadas e inseparáveis, isto é, o significante (unidade formada pela sucessão de fonemas) e o significado (conceito ou idéia).

b) incluir dados informativos sobre bibliografia (autor, ano de publicação, página etc.):

Mattoso Camara (1977:91) afirma que, às vezes, os preceitos da gramática e os registros dos dicionários são discutíveis: consideram erro o que já poderia ser admitido e aceitam o que poderia, de preferência, ser posto de lado.

c) indicar marcações cênicas numa peça de teatro:

Abelardo I - Que fim levou o americano?
João - Decerto caiu no copo de uísque!
Abelardo I - Vou salvá-lo. Até já!
(sai pela direita)
(Oswald de Andrade)

d) isolar orações intercaladas com verbos declarativos, em substituição à vírgula e aos travessões:

Afirma-se (não se prova) que é muito comum o recebimento de propina para que os carros apreendidos sejam liberados sem o recolhimento das multas.

11. Asterisco

O asterisco, sinal gráfico em forma de estrela, é um recurso empregado para:

a) remissão a uma nota no pé da página ou no fim de um capítulo de um livro:

Ao analisarmos as palavras sorveteria, sapataria, confeitaria, leiteria e muitas outras que contêm o morfema preso* -aria e seu alomorfe -eria, chegamos à conclusão de que este afixo está ligado a estabelecimento comercial. Em alguns contextos pode indicar atividades, como em: bruxaria, gritaria, patifaria etc.

* É o morfema que não possui significação autônoma e sempre aparece ligado a outras palavras.

b) substituição de um nome próprio que não se deseja mencionar:

O Dr.* afirmou que a causa da infecção hospitalar na Casa de Saúde Municipal está ligada à falta de produtos adequados para assepsia.

Curiosidades:

*" Um homem rico estava muito doente, pediu papel e caneta e assim escreveu: Deixo meus bens à minha **irmã** não a meu **sobrinho** jamais será paga a conta do **alfaiate** nada aos **pobres**. Morreu antes de fazer a pontuação.*

***O sobrinho fez a seguinte pontuação**: Deixo meus bens à minha irmã? Não, à meu sobrinho. Jamais será paga a conta do alfaiate. Nada aos pobres.*

***Já a irmã pontuou assim**: Deixo meus bens à minha irmã, não a meu sobrinho. Jamais será paga a conta do alfaiate. Nada aos pobres.*

***Então veio o alfaiate e**: Deixo meus bens à minha irmã? Não! Ao meu sobrinho, jamais! Será paga a conta do alfaiate. Nada aos pobres.*

***Aí, chegaram os pobres descamisados**: Deixo meus bens à minha irmã? Não! Ao meu sobrinho, jamais! Será paga a conta do alfaiate? Nada! Aos pobres.*

E ainda tem gente que fala que uma vírgula não faz a menor diferença! "

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Novo Acordo Ortográfico 2
  História 2
    O Que É? 2
    Alfabeto 2

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Novo Acordo Ortográfico

História

O Que É?

O **Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990** é um tratado internacional que tem por **objetivo criar uma ortografia unificada** , a ser usada por todos os países de língua oficial portuguesa.

Países que assinaram o acordo: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste – que aderiu posteriormente.

Promulgado no Brasil pelo Decreto n.6.583, de 29 de setembro de 2008.

Conteúdo Programático

→ alfabeto

→ trema

→ acento diferencial

→ acento agudo

→ acento circunflexo

→ hífen

→ grafia

Alfabeto

→ O alfabeto passa de 23 para 26 letras. Foram reintroduzidas as letras **k**, **w** e **y**

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

Ditongos Abertos

Perdem o acento os ditongos ei e oi de timbre aberto das paroxítonas (a sílaba tônica é a penúltima).

Como "ideia", "asteroide", "joia", "factoide", "plateia", "colmeia", "esquizoide", "Eritreia", apoia (verbo), apoio (verbo). Lembremos que a pronúncia não se altera. Timbre fechado não se acentua: baleia, comboio.

Continuam acentuados, porém, éi e ói de oxítonas e monossílabas tônicas de timbre aberto.

Ex: Corrói, dói, fiéis, papéis, faróis, anéis, apóia, anzóis, lençóis, caracóis, réis.

Também se conserva o acento do ditongo de timbre aberto éu.

Ex: Céu, véu, chapéu, escarcéu, ilhéu, tabaréu, mausoléu, réu, léu.

Hiatos (MUDANÇAS)

Perdem o acento os hiatos ee (na 3ª pessoa plural dos verbos crer, dar, ler, ver e derivados) e oo (nos verbos com final – oar e – oer).

Ex: creem, deem, leem, veem, abençoo, coo, coroo, enjoo, perdoo, voo, moo, zoo.

NÃO MUDA o í e o ú na 2ª vogal diferente

do hiato, tônico, sozinho na sílaba ou com **s**, sem **nh**.

ex. Caído, país, miúdo, baús, ruim, sair, Saul, tainha, moinho, xiita.

→ **PERDEM** o acento o i e o u tônicos das paroxítonas, se precedidos de ditongo.

ex. feiura, baiuca, bocaiuva, Sauipe

→ **MAS** continua o acento nas oxítonas:

ex:Teiú(s), tuiuiú(s), bocaiú(s), Piauí...

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

→ **Trema (ESTÁ EXTINTO)**

É extinto das palavras portuguesas e aportuguesamentos.

Palavras como "arguir", "delinquir", "tranquilo", "cinquenta", "aguentar", "pinguim", "sequestro", "quinquênio" ficam sem trema.

No entanto, é importante alertar que a pronúncia permanece a mesma, como se houvesse o trema.

→ É mantido o trema em nomes próprios estrangeiros e seus derivados.

ex: Müller, mülleriano, Hübner, hübneriano

→ **Acento diferencial** PERDEM O ACENTO as paroxítonas homógrafas (**mesma grafia**).

Para (verbo) x para (prep.);

coa, coas (verbo) x coa, coas (com +a);

pelo, pelos (subst.), pelo (verbo) x pelo, pelos (per + o);

pela, pelas (subst. ou verbo) x pela, pelas (per + a; arcaico);

polo, polos[filhote de gavião], polo, polos [extremidade](substantivos) x polo, polos (por + o; arcaico);

pera (subst.) x pera (= para; arcaico).

→ Entretanto, é mantido **pôde** e **pôr**. Além desses, também mantidos **têm** e **tem, vêm** e **vem**.

Pôde x pode;

pôr (verbo) x por (prep.);

Têm (eles), tem (ele);

vêm (eles), vem (ele).

→ Ficam facultativos.

Substantivo "fôrma", em oposição ao substantivo e verbo "forma" (presente do indicativo, 3ª pessoa singular).

Forma verbal "dêmos" no subjuntivo, em oposição à forma verbal "demos" no indicativo.

→ **Não** será usado hífen quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa com r ou s. Estas letras serão duplicadas.

ANTES	DEPOIS
Ante-sala, anti-reumatismo	**Antessala, antirreumatismo**
Auto-recuo, contra-senso	**Autorrecuo, contrassenso**
Extra-rigoroso, infra-solo	**Extrarrigoroso, infrassolo**
Ultra-rede, ultra-sentimental, ultra-som	**Ultrarrede, ultrassentimental, ultrassom**
Semi-sótão, supra-renal	**Semissótão, suprarrenal**
Supra-sigiloso	**suprassigiloso**

Vamos notar, porém, que os prefixos hiper-, inter – e super – se ligam com hífen a elementos iniciados por r.

Vejamos:

hiper-risonho, hiper-realidade, hiper-rústico, hiper-regulagem, inter-regional, inter-relação, inter-racial, super-ramificado, super-risco, super-revista.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Passa a ser usado o hífen, agora, quando o prefixo termina com a mesma vogal que inicia o segundo elemento. Lembremos que, nas regras anteriores ao acordo ortográfico, os prefixos abaixo eram grafados sem hífen diante de vogal. Observe o quadro:

ANTES	DEPOIS
Antiinflacionário, antiictérico, antiinflamatório	**Anti-inflacionário, anti-ictérico, anti-inflamatório**
Arquiinimigo, arquiinteligente	**Arqui-inimigo, arqui-inteligente**
Microondas, microônibus, microorganismo	**Micro-ondas, micro-ônibus, micro-organismo**

Novamente, vamos notar, porém, exceção: **não** se usará hífen com o prefixo co-, mesmo que o segundo elemento comece com a vogal **o**:

coordenação, cooperação, coocorrência, coocupante, coonestar, coobrigar, coobrar, coerdeiro (Brasil).

O hífen **não** será mais usado quando o prefixo termina em vogal diferente da que inicia o segundo elemento.

ANTES	DEPOIS
Auto-análise, auto-afirmação, auto-adesivo, auto-estrada, auto-escola, auto-imune	**Autoanálise, autoafirmação, autoadesivo, autoestrada, autoescola, autoimune**
Extra-estatutário, extra-escolar, extra-estatal, extra-ocular, extra-oficial, extraordinário*, extra-urbano, extra-uterino	**Extraestatutário, extraescolar, extraestatal, extraocular, extraoficial, extraordinário, extraurbano, extrauterino**
Infra-escapular, infra-escrito, infra-específico, infra-estrutura, infra-ordem	**Infraescapular, infraescrito, infraespecífico, infraestrutura, infraordem**
Intra-epidérmico, intra-estelar, intra-orgânico, intra-ósseo	**Intraepidérmico, intraestelar, intraorgânico, intraósseo**
Neo-academicismo, neo-aristotélico, neo-aramaico, neo-escolástica, neo-escocês, neo-estalinismo, neo-idealismo, neo-imperialismo	**Neoacademicismo, neoaristotélico, neoaramaico, neoescolástico, neoescocês, neoestalinismo, neoidealismo, neoimperialismo**
Semi-erudito, supra-ocular	**Semierudito, supraocular**

Não se usa mais o hífen em palavras compostas por justaposição, quando se perde a noção de composição e surge um vocábulo autônomo. Observe o quadro:

ANTES	DEPOIS
Manda-chuva	**Mandachuva**
Pára-quedas	**Paraquedas**
Pára-lama, pára-brisa	**Para-lama*, para-brisa***
Pára-choque	**Para-choque***

Devemos observar que continuam com hífen: ano-luz, arco-íris, decreto-lei, médico-cirurgião, tio-avô, mato-grossense, norte-americano, sul-africano, afro-luso-brasileiro, primeiro-sargento, segunda-feira, guarda-chuva, entre outros.

Fica sendo regra geral o hífen antes de **h**:

anti-higiênico, circum-hospitalar, contra-harmônico, extra-humano, pré-histórico, sub-hepático, super-homem.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Continua com Hífen

Em palavras compostas que constituem unidade sintagmática e semântica e nas que designam espécies: ano-luz, azul-escuro, conta-gotas, guarda-chuva, segunda-feira, tenente-coronel, beija-flor, couve-flor, erva-doce, mal-me-quer, bem-te-vi.

Com os prefixos **ex-, sota-, soto-, vice-, vizo-:** ex-mulher, sota-piloto, soto-mestre, vice-campeão, vizo-rei.

Com prefixos **circum** – e **pan** – se o segundo elemento começa por **vogal** e **m** ou **n**: pan-americano, circum-adjacência, circum-navegação.

Com prefixos tônicos acentuados **pré**-, **pró** – e **pós** – se o segundo elemento tem vida à parte na língua: pré-bizantino, pró-romano, pós-graduação.

Com sufixos de base tupi-guarani que representam formas adjetivas: – **açu**, – **guaçu**, e – **mirim**, se o primeiro elemento acaba em vogal acentuada ou a pronúncia exige a distinção gráfica entre ambos: ceará-mirim, amoré-guaçu, manacá-açu, jacaré-açu, paraná-mirim.

Com os advérbios **mal** e **bem** quando formam uma unidade sintagmática com significado e o segundo elemento começa por **vogal** ou por **h**: bem-aventurado, bem-estar, bem-humorado, mal-estar, mal-humorado.

Mas nem sempre os compostos com o advérbio **bem** se escrevem sem hífen quando tal prefixo é seguido por elemento iniciado por **consoante**: bem-nascido, bem-criado, bem-visto (ao contrário de "malnascido", "malcriado" e "malvisto").

Obs: Recomenda-se usar benfeito como substantivo, bem-feito como adjetivo, e bem feito como interjeição.

Nos compostos com os elementos **além**, **aquém, recém** e **sem**: além-mar, além-fronteiras, aquém -oceano, recém-casados, sem-número, sem-teto.

Com topônimos iniciados por **grão** – e **grã** – e forma verbal ou elementos com artigo: Grã-Bretanha, Santa Rita do Passa-Quatro, Baía de Todos-os-Santos, Trás-os-Montes.

Não se usa hífen nas locuções (substantivas, adjetivas, pronominais, verbais, adverbiais, prepositivas ou conjuntivas), como em: cão de guarda, fim de semana, café com leite, pão de mel, pé de moleque, pão com manteiga, sala de jantar, cor de vinho, à vontade, abaixo de, acerca de, a fim de que.

São exceções algumas locuções consagradas pelo uso. É o caso de expressões como: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao-deus-dará, à queima-roupa.

Exercícios

01. Identifique a alternativa em que há um vocábulo cuja grafia não atende ao previsto no Acordo Ortográfico:

a) aguentar – tranquilidade – delinquente – arguir – averiguemos;
b) cinquenta – aguemos – linguística – equestre – eloquentemente;
c) apaziguei – frequência – arguição – delinquência – sequestro;
d) averiguei – inconsequente – bilíngue – linguiça – quinquênio;
e) sequência – redargüimos – lingueta – frequentemente – bilíngue.

02. Identifique a opção em que todas as palavras compostas estão grafadas de acordo com as novas regras:

a) anti-higiênico – antiinflamatório – antiácido – antioxidante – anti-colonial – antirradiação – antissocial;
b) anti-higiênico – anti-inflamatório – antiácido – antioxidante – anticolonial – anti – radiação – anti-social;

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

c) anti-higiênico – anti-inflamatório – antiácido – antioxidante – anticolonial – antirradiação – antissocial;

d) anti-higiênico – anti-inflamatório – anti-ácido – anti-oxidante – anticolonial – antirradiação – antissocial;

e) anti-higiênico – anti-inflamatório – anti-ácido – anti-oxidante – anti-colonial – antirradiação – antissocial.

Gabarito

01 - E

02 - C

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Flexão dos substantivos e adjetivos

Leia o texto abaixo e responda às questões de 1 a 6:

Orion

A primeira namorada, tão alta
que o beijo não alcançava,
o pescoço não alcançava,
nem mesmo a voz a alcançava.
Eram quilômetros de silêncio.

Luzia na janela do sobradão.

(Carlos Drummond de Andrade. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1973. p. 392.)

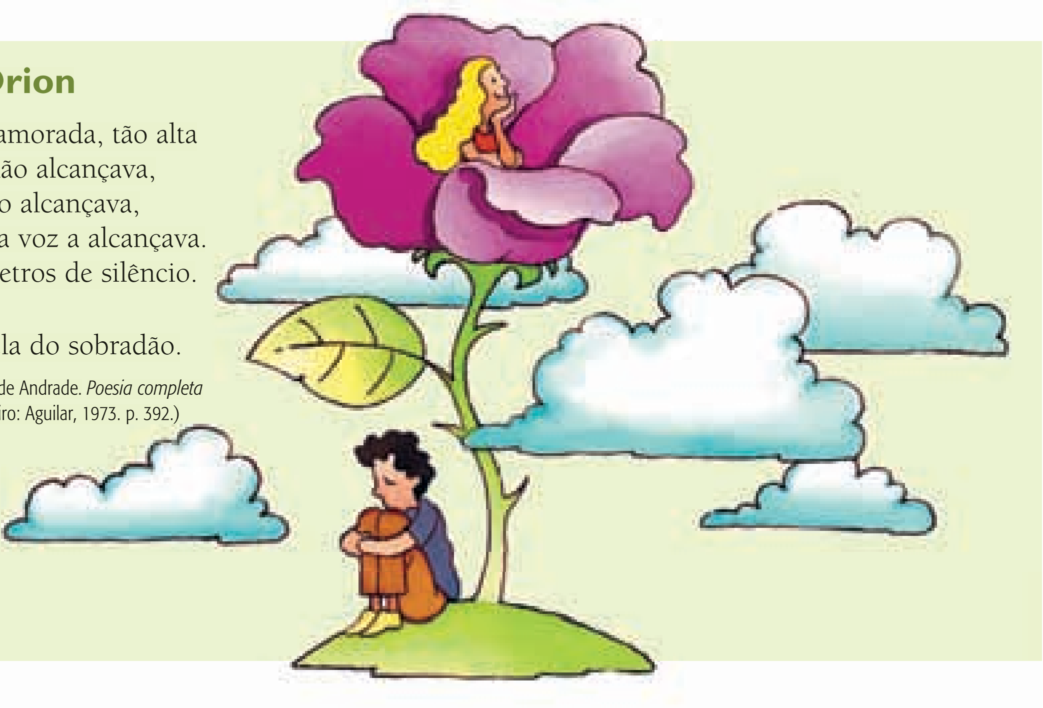

1. O eu lírico do texto, isto é, a pessoa que fala no poema, caracteriza a primeira namorada com um adjetivo.
   a) Qual é esse adjetivo? alta
   b) Como se classifica o grau desse adjetivo? superlativo absoluto analítico

2. A primeira namorada é vista no poema como um ser intocável, impossível de alcançar. O eu lírico tenta chegar até ela de várias formas, com o corpo e até com o som, mas tudo é inútil.
   a) Que expressões demonstram a tentativa de atingir a mulher amada com o corpo? o beijo (a boca), o pescoço
   b) Que expressão demonstra a tentativa de atingi-la pelo som? a voz
   c) Que verso resume o distanciamento do eu lírico em relação à mulher amada? "Eram quilômetros de silêncio."

3. O último verso do poema menciona o substantivo **sobradão**.
   a) Em que grau está esse substantivo? No aumentativo sintético.
   b) Esse grau de **sobrado** aumenta ou diminui ainda mais a distância entre o eu lírico e a mulher amada? Por quê? Aumenta, porque o sobrado é grande e alto, e ela está na janela, provavelmente na parte superior.

4. **Orion** é o nome de uma constelação. Duas das características das estrelas são a **distância** e a **frieza** (têm brilho próprio, mas emitem luz sem calor).
   a) Na verdade, a quem se refere a palavra **Orion**, que dá título ao poema? À mulher amada.
   b) Que semelhanças há entre a atitude dessa pessoa e as estrelas em geral? Ela também é distante e fria (indiferente aos sentimentos dele).

5. Agora **olhe** o poema (não leia) como se fosse um desenho ou uma pintura: ele se compõe de seis versos quase do mesmo tamanho e do título, no topo.

a) Que parte do poema pode representar o sobradão? Os cinco primeiros versos.

b) Que parte do poema pode representar a mulher amada? O título (ela fica no topo)

c) Que parte pode representar o eu lírico? O último verso

6. Com base em todas as suas repostas anteriores, conclua:

a) Qual o sentido da palavra **alta** no poema? distante, indiferente

b) De que forma, nesse poema, o adjetivo e o grau do substantivo contribuem para construir a ideia central do poema, que é o distanciamento amoroso entre o eu lírico e a mulher amada? O adjetivo *alta* acentua a "grandeza" da mulher amada aos olhos do eu lírico, enquanto o grau do substantivo *sobrado* (*sobradão*) acentua a impossibilidade de alcançá-la.

7. Leia as frases abaixo:

> — Não fale nada a ela sobre isso agora. Deixe pra depois. Você sabe que ela é **supersensível**.
> — Ana, finalmente consegui conversar com aquele menino **lindo**, **lindo**.

Nas duas frases, o adjetivo destacado está no superlativo.

Na primeira, observe que se juntou ao adjetivo um elemento especial — **super-** — chamado **prefixo**, que lhe acrescenta uma nova ideia: muito, bastante, extremamente, etc. Na linguagem coloquial, o emprego desse tipo de prefixo é muito comum. Há outros, como **arqui-**, **extra-**, **hiper-**, **ultra-**, etc.

Na segunda frase a mesma ideia (muito, bastante, etc.) foi acrescentada ao adjetivo, porém por meio da repetição.

a) Reescreva as duas frases de modo que o sentido seja equivalente, evitando, entretanto, o emprego do prefixo **super-** e a repetição do adjetivo **lindo**. Resposta pessoal.

b) Qual é o tipo de grau empregado nas frases que você reescreveu? Superlativo absoluto sintético ou analítico.

c) Crie duas frases para descrever um objeto (brinquedo, jogo, revista), empregando os dois recursos de formação do superlativo observados: a repetição e o prefixo. Resposta pessoal.

8. Leia as frases abaixo:

> Este pavê de chocolate é **muito gostoso**.
> Gilberto é insuportável. Adora dar uma de **gostosão** com as meninas.

Observe que, enquanto na 1ª frase o grau do adjetivo tem um valor positivo, na 2ª frase tem um valor negativo.

Em seu caderno, identifique em quais destas frases o diminutivo e o aumentativo do adjetivo têm um valor negativo:

x a) Eu concordo com você: Antônio é um bom amigo, mas é **saidinho**.

x b) A Brasília está com o motor e a pintura perfeitos, mas é **amarelona**.

x c) O rapaz é bonito e charmoso, só que gosta de dar uma de **riquinho**.

d) Gosto do Fernando, porque ele é bem-humorado, **brincalhão**.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Período Composto por Subordinação... 2
  Orações Subordinadas Substantivas 2

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Período Composto por Subordinação

→ **Oração principal:** não exerce nenhuma função sintática e vem acompanhada de oração dependente, que lhe completa ou amplia o sentido.

O.P.

Ex.: Pedi | que tivessem calma.

O quê?

→ **Oração subordinada:** exerce função sintática em relação à oração principal e depende dela para ter sentido completo. As subordinadas servem de termo, completam ou ampliam o sentido da principal.

O.S.

Ex.: Pedi | que tivessem calma.

Exerce função de complemento do verbo *pedir*.

Obs.: as orações subordinadas são sempre as que contêm a conjunção.

Como é nas subordinadas que a função sintática aparece, essas orações se dividem em três:

→ Orações subordinadas substantivas

→ Orações subordinadas adjetivas

→ Orações subordinadas adverbiais

Orações Subordinadas Substantivas

São aquelas que têm o valor e as funções próprias do substantivo: sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo, complemento nominal, aposto. Observe:

Verbo 1 Substantivo = núcleo

No período simples: *Preciso* **do seu** **comparecimento**.

Objeto indireto

Verbo 1 Verbo 2

No período composto: *Preciso* ***que você*** ***compareça***. = Oração subordinada substantiva objetiva indireta

Oração que exerce função de objeto indireto

→ **Oração subordinada substantiva subjetiva**

Exercem função de sujeito da oração principal.

Ex.: É bom que você venha fazer a prova. (Que você venha é bom)

Normalmente, **a estrutura dessas orações** será uma das seguintes:

- Verbo de ligação + predicativo do sujeito + oração subordinada substantiva subjetiva

Ex.: Não é segredo **que os dois se dão muito bem.**

- Verbos unipessoais + oração subordinada substantiva subjetiva

Ex.: Parece **que vai chover.**

- Verbo + partícula *se* indicando indeterminação do sujeito + oração subordinada substantiva subjetiva

Ex.: Sabe-se **que ela é muito simpática.**

→ **Oração subordinada substantiva objetiva direta**

Exercem função de objeto direto do verbo da oração principal.

Ex.: Veja que horas são.

Estrutura:

Sujeito + verbo transitivo direto + oração subordinada substantiva objetiva direta

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

→ **Oração subordinada substantiva objetiva indireta**

Exercem função de objeto indireto do verbo da oração principal.

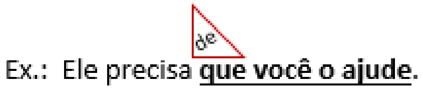

Ex.: Ele precisa **que você o ajude**.

(A preposição regida pelo verbo é facultativa antes da conjunção subordinativa)

Estrutura:

Sujeito + verbo transitivo indireto + oração subordinada substantiva objetiva indireta

→ **Oração subordinada substantiva completiva nominal**

Exercem função de complemento nominal de um substantivo, adjetivo ou advérbio da oração principal.

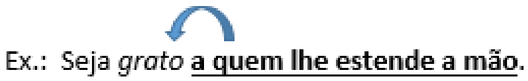

Ex.: Seja *grato* **a quem lhe estende a mão**.

(A oração completa o sentido do adjetivo da oração principal, ou seja, do nome, e não do verbo *ser* flexionado (*seja*)).

Estrutura:

Sujeito + verbo + substantivo *ou* **adjetivo** *ou* **advérbio + oração subordinada substantiva completiva nominal**

→ **Oração subordinada substantiva predicativa**

Exercem função de predicativo do sujeito da oração principal.

Ex.: Seu receio era que chovesse.

Estrutura:

Sujeito + verbo de ligação + oração subordinada substantiva objetiva direta

Dica:

Você se lembra quais são os verbos de ligação? Lembre-se deste macete:

Ser
Estar

P
A 》recer
P
E 》rmanecer
O
U

F
I 》car
C
O 》ntinuar
U

Andar

T
O 》rnar-se
A

→ **Oração subordinada substantiva apositiva**

Exercem função de aposto da oração principal.

Ex.: Só desejo uma coisa: que vocês sejam felizes.

Estrutura:

Sujeito + verbo de ligação + complemento + oração subordinada substantiva apositiva (isolada por vírgula ou dois pontos)

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Obs.: a conjunção que liga as subordinadas substantivas chama-se *conjunção integrante*. Ela não tem valor semântico, apenas liga oração principal e oração subordinada.

Dica:

Para reconhecer uma conjunção integrante, basta que você faça o seguinte:

Ao separar oração principal e oração subordinada, substitua toda a subordinada pelo termo *isso*. Se formar uma frase coerente, é a prova de que o *que* é mesmo conjunção integrante.

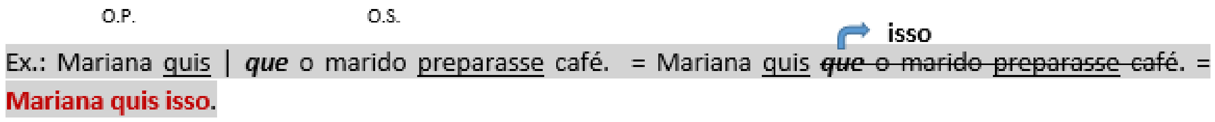

O.P. O.S. isso

Ex.: Mariana quis | ***que*** o marido preparasse café. = Mariana quis ~~**que** o marido preparasse café~~. = **Mariana quis isso**.

O mesmo não é possível, por exemplo, nesta frase:

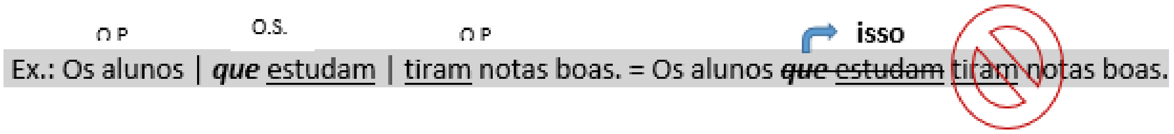

O.P. O.S. O.P. isso

Ex.: Os alunos | ***que*** estudam | tiram notas boas. = Os alunos ~~***que*** estudam~~ tiram notas boas.

Isso significa que o *que*, nesse caso, não é conjunção integrante. Sua função será identificada quando chegarmos às orações subordinadas adjetivas.

Exercícios

01. As orações subordinadas substantivas são classificadas de acordo com a função sintática que exercem em relação à oração principal. Dentre essas funções, pode-se afirmar que essas orações só **não** funcionam como:

- ***a)*** objeto direto.
- ***b)*** objeto indireto.
- ***c)*** sujeito.
- ***d)*** aposto.
- ***e)*** adjunto adnominal.

02. Dentre as orações destacadas, qual **não** funciona como subordinada?

- ***a)*** Que você vinha eu já sabia.
- ***b)*** Preciso saber se você vem amanhã.
- ***c)*** Parece que ele é surdo.
- ***d)*** É possível que ela falte à aula.
- ***e)*** Tenho certeza de que ele virá.

Gabarito

01 - E

02 - D

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Denotação e Conotação 2
- Língua Falada e Língua Escrita 2
- Denotação e Conotação 2

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Denotação e Conotação

A significação contextual consiste em um grupo de ideias preestabelecidas que mantém uma relação sinonímica no contexto em que estão inseridas.

A denotação consiste em utilizar as palavras no seu sentido próprio, literal, comum, ou seja, aquele existente nos dicionários.

A conotação é o emprego de uma palavra em seu sentido figurado, e depende do contexto em que foi utilizada.

Língua Falada e Língua Escrita

A fala e a escrita são dois meios de comunicação distintos.

A **língua falada** é mais espontânea e vem acompanhada de linguagem não verbal, tom de voz, mímicas, etc.

A **língua escrita** é um sistema disciplinado e rígido, uma vez que não conta com mímicas e tom de voz.

Fatores que Interferem os Usos Diferentes da Língua

> **Fatores regionais**: diferença do português falado por habitantes de regiões diferentes. Também há variações no uso da língua dentro de uma mesma região.

> **Fatores culturais**: é a influência que o grau de escolarização e a formação cultural de um indivíduo têm em relação ao uso da língua.

> **Fatores contextuais**: a forma de comunicar-se é influenciada pelo contexto social, econômico, cultural, etc. Por exemplo: há diferença de vocabulário, de expressões entre um encontro de amigos e uma reunião profissional.

> **Fatores profissionais:** algumas atividades profissionais exigem o domínio de uma linguagem técnica. Isso pode ser percebido pelo emprego de termos específicos de engenheiros, biólogos, matemáticos, médicos, linguistas, etc.

> **Fatores naturais**: alguns fatores como idade e sexo influenciam o uso da língua.

Níveis de Emprego da Fala e da Escrita

> **Nível coloquial-popular**: é a linguagem que se utiliza no dia a dia, principalmente em situações informais. Esse nível da fala é mais espontâneo, pois não há uma preocupação em falar de acordo com a norma padrão, com as regras.

> **Nível formal-culto**: é a linguagem que se utiliza em situações formais. Caracteriza-se por um cuidado maior com o vocabulário e pela obediência às regras gramaticais.

Denotação e Conotação

→ Observe os seguintes exemplos:

> A atriz está com a cara toda manchada.

> Aquele cara parece estranho.

> Joaquim quebrou a cara.

No primeiro exemplo, a palavra cara significa “rosto”, a parte que antecede a cabeça, conforme consta nos dicionários.

No segundo exemplo, a mesma palavra cara teve seu significado ampliado e, por uma série de associações, entendemos que nesse caso significa “pessoa”, “sujeito”, “indivíduo”.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

No terceiro exemplo, vemos que uma mesma frase pode apresentar duas (ou mais) possibilidades de interpretação.

→ Outros exemplos:

- Se a violência tem relação direta com a pobreza, como explicar que a criminalidade tenha crescido mesmo que renda do brasileiro tenha aumentado? (denotação)
- Alguns atos incoerentes dão início a um turbilhão de comentários polêmicos. (conotação)

Leia o texto para responder à questão.

Novos Tempos

Não dá para afirmar que seja despropositada a decisão do Supremo Tribunal Federal de dar aos réus todas as possibilidades recursais previstas em lei. O que dá, sim, para discutir é se nosso marco legislativo não é absurdamente pródigo em recursos.

Minha impressão é que, a exemplo do que aconteceu coma medicina, o direito foi atropelado pelos novos tempos e nem percebeu. Se, até algumas décadas atrás, ainda dava para insistirem modelos que procuravam máxima segurança, com médicos conduzindo pessoalmente cada etapa dos processos diagnóstico e terapêutico e com advogados podendo apelar, agravar e embargar nas mais variadas fases do julgamento, isso está deixando de ser viável num contexto em que se pretende oferecer medicina e justiça para uma sociedade de massas.

Aqui, seria preciso redesenhar os sistemas, fazendo com que o cidadão só fosse para a Justiça ou para o hospital quando alternativas que dessem conta dos casos mais simples tivessem se esgotado. Não há razão, por exemplo, para que médicos prescrevam óculos para crianças ou para que divórcios e heranças não litigiosos passem por juízes e advogados.

É perfeitamente possível e desejável utilizar outros profissionais, como enfermeiros, tabeliães, notários e mediadores, para ajudar na difícil tarefa de levar saúde e justiça para todos. A dificuldade aqui é que, como ambos os sistemas são controlados muito de perto por entidades de classe com fortes poderes, que resistem naturalmente a mudanças, reformas, quando ocorrem, vêm a conta-gotas.

É preciso, entretanto, racionalizar os modelos, retirando seus exageros, como a generosidade recursal e a centralização no médico, mesmo sob o risco de reduzir um pouco a segurança. Nada, afinal, é pior do que a justiça que nunca chega ou a fila da cirurgia que não anda.

(Hélio Schwartsman. http://www1.folha.uol.com.br. 28.09.2013. Adaptado)

01. Assinale a alternativa em que o termo em destaque está empregado em sentido figurado.

a) ... dar aos réus todas as possibilidades recursais...

b) ... médicos conduzindo pessoalmente cada etapa dos processos diagnóstico e terapêutico...

c) Aqui, seria preciso redesenhar os sistemas...

d) ... quando alternativas que dessem conta dos casos mais simples tivessem se esgotado.

e) É perfeitamente possível e desejável utilizar outros profissionais...

Ao ser promulgada a atual Constituição Federal, em 1988, o país contava com 4.180 municípios. Coerentemente com os ventos liberalizantes da época, a transformação de distritos em cidades dependia, em princípio, de parecer da assembleia legislativa do estado respectivo. Nada difícil, pois o surgimento miraculoso de prefeituras (e estados) frequentemente interessa a políticos regionais, alguns deles especialistas em exercitar o empreguismo e o clientelismo. Foi assim que, a partir de 1988, brotaram outras 1.400 prefeituras, até essa indústria ser fechada por emenda constitucional, em 1996, que passou para o Congresso a prerrogativa de permitir plebiscitos sobre novos entes federativos.

O Globo, 5/3/2014 (com adaptações)

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

02. No texto acima, está sendo empregado em sentido denotativo o termo

a) “brotaram”
b) “indústria”
c) “ventos”
d) “miraculoso”
e) “regionais”

Pavio do destino

Sérgio Sampaio

(L . 01) O bandido e o mocinho
São os dois do mesmo ninho
Correm nos estreitos trilhos
(L . 04) Lá no morro dos aflitos
Na Favela do Esqueleto
São filhos do primo pobre
(L . 07) A parcela do silêncio
Que encobre todos os gritos
E vão caminhando juntos
(L . 10) O mocinho e o bandido
De revólver de brinquedo
Porque ainda são meninos
(L . 13) Quem viu o pavio aceso do destino?
Com um pouco mais de idade
E já não são como antes
(L . 16) Depois que uma autoridade
Inventou-lhes um flagrante
Quanto mais escapa o tempo
(L . 19) Dos falsos educandários
Mais a dor é o documento
Que os agride e os separa
(L . 22) Não são mais dois inocentes
Não se falam cara a cara
Quem pode escapar ileso
(L . 25) Do medo e do desatino
Quem viu o pavio aceso do destino?
O tempo é pai de tudo
(L . 28) E surpresa não tem dia
Pode ser que haja no mundo

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Outra maior ironia
(L . 31) O bandido veste a farda
Da suprema segurança
O mocinho agora amarga
(L . 34) Um bando, uma quadrilha
São os dois da mesma safra
Os dois são da mesma ilha
(L . 37) Dois meninos pelo avesso
Dois perdidos Valentinos
Quem viu o pavio aceso do destino?

03. Os termos "ninho" (v.2) e "safra" (v.35) foram empregados em sentido denotativo e correspondem, respectivamente, ao local e à época de nascimento dos meninos.

Certo ( ) Errado ( )

Robustecer os orçamentos da educação e da saúde constitui sonho acalentado por brasileiros, independentemente de opção partidária ou credo religioso. As duas áreas — os 4 mais dolorosos problemas que dificultam a marcha do país rumo ao desenvolvimento sustentável — clamam por melhorias urgentes. Não é outra a razão por que milhares de 7 pessoas ocuparam as ruas das mais importantes unidades da Federação exigindo escolas e hospitais padrão FIFA.

Correio Braziliense, 18/8/2013 (com adaptações)

04. A expressão "padrão FIFA" (l.8) está sendo empregada com o sentido de qualidade excelente.

Certo ( ) Errado ( )

GABARITO

01 - C

02 - E

03 - ERRADO

04 - CERTO

27 Pontuação

Tipos de pausas

As pausas rítmicas, que se assinalam na pronúncia por inflexões características e na escrita por sinais especiais, são de três tipos:

1. pausa indicativa de que a frase ainda não foi concluída. Marcam-na: a vírgula (,), o travessão (—), o parêntese ( ), o ponto-e-vírgula (;), os dois-pontos (:).

2. pausa indicativa do término do discurso. Marcam-na: o ponto simples, o ponto final, o ponto parágrafo.

3. pausa indicativa de um estado emotivo ou intenção. Marcam-na: o ponto de interrogação (?), o ponto de exclamação (!), as reticências (...).

Eis aqui um assunto de importância relevante.

Uma vírgula mal colocada pode, às vezes, mudar o curso da História, ou deixar uma frase completamente ininteligível. Veja:

A importância da pontuação

Um homem rico, sentindo-se morrer, pediu papel e pena e escreveu assim: «**Deixo os meus bens à minha irmã não a meu sobrinho jamais será paga a conta do alfaiate nada aos pobres**».

Não teve tempo de pontuar — e morreu.

A quem deixava ele a sua riqueza?

Eram quatro os concorrentes: Chegou **o sobrinho** e fez estas pontuações numa cópia do bilhete: «**Deixo os meus bens a minha irmã? Não! A meu sobrinho. Jamais será paga a conta do alfaiate. Nada aos pobres**».

A irmã do morto chegou em seguida com outra cópia do escrito, e pontuou deste modo: «**Deixo os meus bens à minha irmã. Não a meu sobrinho. Jamais será paga a conta do alfaiate. Nada aos pobres**».

Surgiu **o alfaiate** que, pedindo a cópia do original, fez estas pontuações: «**Deixo os meus bens à minha irmã? Não! A meu sobrinho? Jamais! Será paga a conta do alfaiate. Nada aos pobres**».

O juiz estudava o caso, quando chegaram **os pobres** da cidade, e um deles, mais sabido, tomando outra cópia, pontuou-a assim: «**Deixo os meus bens à minha irmã? Não! A meu sobrinho? Jamais! Será paga a conta do alfaiate? Nada! Aos pobres**!

Uso da vírgula (,)

Macetes

1. NUNCA USE UMA VÍRGULA ENTRE

S ✕ V ✕ C

S = Sujeito
V = Verbo
C = Complemento

2. SE ALGO SE INTROMETER (TI*),
DEIXE-O ENTRE VÍRGULAS:

Ⓢ , TI , Ⓥ , TI , Ⓒ

* TI = termo intrometido, intercalado

3.
, **mas**
, **porém**
, **pois**
, **portanto**
sempre com a vírgula **antes** da conjunção

4.
conj E
suj. = ✗ e (não)
suj. ≠ , e (facultativa)

Não deve ocorrer vírgula

→ Obs.: **Os exemplos apresentam erros propositais.**

a) **entre VERBO e SUJEITO**:
Os alunos, chegaram atrasados.
O guerreiro, parece estar dormindo.
b) **entre VERBO e COMPLEMENTOS VERBAIS:**
Encontramos, o tesouro perdido.
Obedecemos, aos nossos pais.
O quarto permanecia, fechado.
c) **antes de «e», «nem», «ou» (SALVO CASOS PREVISTOS)**
Vens, ou vais?
Cheguei, e saí rapidamente.
Nem eu, nem você dormimos bem.
d) **antes de orações subordinadas substantivas:**
Convém, que sejamos otimistas.
Espero, que ninguém cometa erros.
Paguei, a quem sempre me paga.

Devem vir entre vírgulas

a) **Vocativo:**

Venha, **Miguel**, estamos a sua espera.

Deixe-me, **menina!**

Limpai os mares, **tufão**!

b) **Aposto:**

Josué, **lídimo historiador e pregador**, chegou.

«Iracema, **a virgem dos lábios de mel**, tinha os cabelos...» (José de Alencar)

c) **Os adjuntos adverbiais** (para assinalar a inversão ou para realçá-los):

Segismunda partiu, **inesperadamente**, da cidade.

Todos, **em meio à festa**, tiveram um instante de emoção.

d) **As orações intercaladas:**

Pareço, **observou o rapaz**, um infeliz.

A mim me parece, **tornou Josefina**, que o casamento é impossível.

e) **As orações subordinadas adjetivas explicativas:**

O homem, **que é mortal**, pouco viu sobre a terra.

Pelas oito horas, **que foi de frio intenso**, chegamos à lagoa.

f) **Expressões explicativas** (isto é, a saber, por exemplo, a meu ver, na minha opinião, *verbi gratia*, ou melhor, quer dizer etc.):

O amor, **isto é**, o melhor dos sentimentos, inicia-se em Deus.

Joaquim Confeto, **digo**, Joaquim Confite estava doente.

g) **Conjunções coordenativas adversativas, quando pospostas** (mas, porém, contudo, entretanto, todavia etc.):

«Vens, **pois**, anunciar-me uma desventura». — A. H.

A chuva, **porém**, continuava.

Os homens honestos, **contudo**, haviam saído da cidade.

Devem vir precedidos de vírgula

a) os elementos e orações coordenadas assindeticamente:

Amor, fortuna, ciência, somente isso não traz felicidade.

Vim, vi e venci.

b) as datas e o endereços:

Curitiba, 7 de setembro de 1996.

Avenida das Águias, nº 69.

c) as orações subordinadas adverbiais e adjetivas restritivas (em geral) se as quisermos realçar:

Um vegetal é um animal, **que dorme**.

Juro que sempre te amarei, **embora seja casado**.

Alcebíades, **se quisesse**, poderia conseguir-lhe o resultado.

d) na indicação da elipse de um termo:

Uns diziam que se matou; outros, que fora para o Rio.

Às vezes, chega atrasado; outras, não vem. Procuramos o saber; você, o divertimento.

e) as orações subordinadas reduzidas de gerúndio e particípio:

Mentindo, será castigado.

Chegaste, estrangulando a tua humanidade.

Realizando o exercício, estaremos cientes do uso da vírgula.

f) as orações principais pospostas:

Embora eu estude, não aprendo.

Quando eu voltar, abrace-me.

g) antes de «**e**», quando as orações apresentarem sujeitos diferentes, ou quando o «**e**» se repetir:

João escreveu uma carta, e José arrumou a cama.

Fez-se o céu, e a terra, e o mar.

h) os elementos paralelos de um provérbio:

Mocidade ociosa, velhice vergonhosa.

i) em construção com termos pleo-násticos:

Estudante versátil, já não o sou.

Arquiteto de importância, agora não o pareço.

RESUMO

Onde cairá a vírgula?

A. CAIRÁ DENTRO DA ORAÇÃO		**[, , ,]**
1. emoldurando o VOCATIVO.	, VOCATIVO ,	Dorme, cidade maldita, teu sono de escravidão!
2. emoldurando o APOSTO.	, APOSTO ,	Nós, professores, queremos ajudar a todos.
3. emoldurando os ADJUNTOS ADVERBIAIS DESLOCADOS.	, ADJ. ADV ,	Paulo saiu à tarde. À tarde, Paulo saiu.

4. separando PALAVRAS DA MESMA CLASSE GRAMATICAL.	☐, ☐, ☐	Amor, fortuna, ciência, somente isso não traz felicidade.
5. emoldurando CONJUNÇÕES COORDENATIVAS DESLOCADAS.	CONJ. COORD.	Porém a chuva continuava. A chuva, porém, continuava.
B. CAIRÁ ENTRE DUAS ORAÇÕES [ ], [ ], [ ]		
TODAS AS ORAÇÕES COSTUMAM ADMITIR VÍRGULA ENTRE SI, TODAVIA:		
1. Não se emprega vírgula antes de orações SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS.		Saibamos [que a Bondade vencerá.] Convém [que sejamos otimistas.]
2. Não se emprega vírgula antes de orações SUBORDINADAS ADJETIVAS RESTRITIVAS.		Aprende o aluno [que estuda.] Um vegetal é um animal [que dorme.]
3. Não se emprega vírgula antes de orações COORDENADAS LIGADAS POR «E» que tenham o mesmo sujeito.		Cheguei, [e Paulo saiu imediatamente.] Cheguei [e saí imediatamente.]
C. OUTROS CASOS		
1. QUANDO VOCÊ DATAR ESPAÇO E TEMPO.		Curitiba, 10 de outubro de 1996.
2. QUANDO VOCÊ SUPRIMIR, INTENCIONALMENTE, O VERBO.		O espírito busca luz, que é razão; O coração, amor, que é saudade.

Exercícios

1) Proceda à pontuação, de acordo com os casos estudados:

1. Hoje porém domamos os ventos as ondas as correntes.

2. «Abre a porta de teus mares Colombo!»

3. Rua XV de Novembro 1200.

4. Sou disse ele um homem procurado.

5. O estudo na minha opinião torna-nos inteligentes.

6. Estudante venha aqui!

7. Seluciona partiu inesperadamente em meio da dança porque Rabiquino o bom de tango apertava-a com exagero.

8. O síndico homem probo queixa-se dos problemas administrativos.

9. Os alunos neste semestre estão convictos de que não desistirão de seus objetivos.

10. «Eis que aos poucos lá para as bandas do oriente clareia um cantinho do céu.»

2) Com base nas explicações do uso da vírgula pontue as frases abaixo, se convier:

1. Ele porém não obteve classificação.

2. Nós médicos salvamos os outros.

3. Mas veja bem não me aborreça.

4. Terminando desejo que todos sejam felizes.

5. Da morte ele tinha um medo doentio.

6. Juro que senti certo alívio quando nossos olhos se encontraram.

7. Nada diminuirá portanto as probabilidades de perigo.

8. Não és filha mas hóspeda da casa

9. A História diz Cícero é a mestra da vida.

10. Rio em 24 de maio de 1833.

11. A todos nós só nos deram milho.

12. Os passantes chegam olham perguntam e prosseguem.

13. Se eu deixar de namorar não me caso.

14. Olha Vestiba você me chateia.

15. Vento chuva geadas insetos tudo ameaça as plantações.

16. Caindo as «colas» o Vestiba empalideceu.

17. Terminando agora este trabalho faço votos que todos tenham entendido o uso da vírgula.

3) O período abaixo é de Machado de Assis. Omitimos do original duas vírgulas e um ponto-e-vírgula. Tente recuperá-los, colocando-os nos lugares adequados:

«Não tardou em perceber que os olhos de Rubião e os de Sofia caminhavam uns para os outros notou porém que os de Sofia eram menos freqüentes e menos demorados (...)»

4) Do fragmento abaixo, de Graciliano Ramos, foram omitidos os parênteses.Tente reconstituí-los no lugar adequado:

«Uma tarde surpreendi no oitão da capela a capela estava concluída; faltava pintura Luís Padilha discursando (...)»

5) Segue um trecho de Paulo Mendes Campos no qual há uma parte destacada que reproduz um diálogo entre o vigário e um menino.

Transcreva essa parte, pontuando-a de maneira a dar-lhe sentido:

CONTINHO

«Era um vez um menino triste, magro e barrigudinho, do sertão de Pernambuco.

Na soalheira danada do meio-dia, ele estava sentado na poeira do caminho, imaginando bobagem, quando passou um gordo vigário a cavalo:

Você aí menino para onde vai essa estrada ela não vai não nós é que vamos nela engraçadinho duma figa como você se chama eu não me chamo não os outros é que me chamam Zé.»

Resposta: ....

....

....

....

....

6) Do período abaixo, de Rubem Braga, foram omitidos os seguintes sinais de pontuação: uma vírgula, um ponto-e-vírgula, os dois-pontos e as aspas. Tente recuperar esses sinais nos lugares adequados:

«Estava solitário mas não triste lembrei o velho dito dos bêbedos. A noite ainda é uma criança.»

7) Do fragmento da crônica «A Fugitiva», de Carlos Drummond de Andrade, omitiram-se os sinais de pontuação: três travessões, quatro pontos-finais, duas vírgulas e duas exclamações. Recoloque-os, a fim de dar-lhe a forma original.

«Daqui vocês não me tiram respondeu-lhes a bomba O primeiro que me tocar eu explodo Talvez este tempo de verbo não exista mas pouco estou ligando à gramática de vocês À gramática e ao resto Estou farta Farta»

Testes

1. (UFPR) A frase: «O assunto desta reunião — voltou a afirmar o presidente — é sigiloso».

Qual das alternativas apresenta as possibilidades corretas dentre as numeradas de I a V?

I. O assunto desta reunião... voltou a afirmar o presidente... é sigiloso.

II. O assunto desta reunião (voltou a afirmar o presidente) é sigiloso.

III. O assunto desta reunião; voltou a afirmar o presidente; é sigiloso.

IV. O assunto desta reunião, voltou a afirmar o presidente, é sigiloso.

V. O assunto desta reunião: voltou a afirmar o presidente: é sigiloso.

a) I, II, III, IV, V.

b) II, IV.

c) I, III,V.

d) I, IV, V.

e) II, IV, V.

2. (PUC-MG) O período foi pontuado de cinco formas diferentes; selecione a alternativa correta:

a) Ela, se chama Carmen; a irmã: Judite.

b) Ela, se chama, Carmen, a irmã: Judite.

c) Ela se chama, Carmen; a irmã Judite.

d) Ela se chama Carmen; a irmã, Judite.

e) Ela se chama Carmen, a irmã; Judite.

3. (UNAMA) Numa das opções, o emprego das vírgulas é facultativo:

a) «Vam'bora, lerdeza!»

b) «Carece de ficar aí a vida inteira, feito estaca de dentro d'água, feito esteio de moinho?!...»

c) «Vamos, Canindé»!..»

d) «Oi, seu mocinho, tu agora mesmo cai de nariz na lama!»

e) «Então, ele abaixa as mãozinhas juntas, e bebe.»

4. (PUC-SP) Observe os seguintes enunciados:

1. Aos homens, que são racionais, coube o domínio da natureza.

2. Os brasileiros que moram no Sul estão mais habituados ao frio.

3. O livro que comprei ontem é de um autor brasileiro.

4. Esta é a casa onde nasci.

Quanto à pontuação:

a) todas as frases acima estão corretas.

b) somente a primeira e a terceira estão corretas.

c) somente a quarta está correta.

d) somente a terceira e a quarta estão corretas.

e) somente a primeira e a quarta estão corretas.

5. (UFBA) Observe neste trecho a colocação das vírgulas e os números que lhes correspondem:

«Foi no Rio de Janeiro, (1) começou ele,

(2) defronte da Capela Imperial, (3) que era então Real, (4) em dia de grande festa; minha avó saiu, (5) atravessou o adro, (6) para ir ter à cadeirinha, (7) que a esperava no largo do Paço.»

No trecho acima:

a) justificam-se as duas primeiras vírgulas, por separarem oração intercalada.

b) justificam-se a 2ª, 3ª e 4ª vírgulas, por separarem, respectivamente, adjunto adverbial de lugar e de tempo.

c) justificam-se a 5ª e 6ª vírgulas, por separarem orações coordenadas assindéticas e a 7ª por separar oração subordinada adjetiva explicativa.

d) as opções **a** e **b** estão corretas.

e) as opções **a**, **b** e **c** estão corretas.

6. (UFPR) Assinale a alternativa que apresenta o período devidamente pontuado:

a) Creio, porém, que, ainda admitidas as exagerações do *Jornal do Comércio*, pode-se assegurar que a guerra está concluída.

b) Creio porém, que ainda admitidas as exagerações do *Jornal do Comércio*, pode-se assegurar que a guerra está concluída.

c) Creio, porém, que ainda admitidas as exagerações do *Jornal do Comércio*, pode-se assegurar que a guerra está concluída.

d) Creio porém que, ainda admitidas as exagerações do *Jornal do Comércio*, pode-se assegurar que a guerra está concluída.

e) Creio, porém, que ainda admitidas as exagerações do *Jornal do Comércio* pode-se assegurar que a guerra está concluída.

7. (UFPR) A vírgula está mal empregada. Por isso há uma frase correta. Assinale-a:

a) Venho, por meio deste, solicitar, a V. Sª., a devolução dos documentos.

b) Vieram dois aliás, três.

c) Sei, que estudas.

d) Grande inteligência muita aplicação procedimento exemplar, eis seus melhores atributos.

e) Renato, amigo de meu filho, é um rapaz superdotado.

8. (PUCCAMP-SP) Observe os períodos:

1. O menino que estuda vai muito bem na escola.

2. O menino cuja mãe é professora vai muito bem na escola.

Coloque vírgula para indicar que:

— no 1º período não se consideram outros meninos.

— no 2º período consideram-se outros meninos.

a) não há necessidade de vírgula no 1º período.

b) no 1º período, coloca-se vírgula depois de **menino** e depois de **estuda**.

c) no 2º período, coloca-se vírgula depois de **menino** e depois de **professora**.

d) no 1º período, coloca-se vírgula depois de **bem**.

e) não há necessidade de vírgula nos 1º e 2º períodos.

9. (UFPR) Na oração «Mensageira da idéia, a palavra é a mais bela expressão da alma humana», emprega-se a vírgula para:

a) separar vocativo.

b) indicar a elipse de um termo.

c) separar elementos paralelos.

d) separar aposto.

e) separar uma oração adjetiva de valor restritivo.

10. (ITA-SP) Dadas as sentenças:

1. Claudionor nosso jardineiro comprou mesmo uma televisão em cores?

2. A pessoa que luta vence.

3. Minha profissão nunca me enriqueceu ele me confessou.

Constatamos que o uso de DUAS vírgulas PODE ser obrigatório:

a) apenas na sentença nº 1.

b) apenas na sentença nº 2.

c) apenas na sentença nº 3.

d) em todas as sentenças.

e) n.d.a.

11. (SANTA CASA-SP) A pontuação está correta em:

a) José dos Santos paulista, 23 anos vive no Rio.

b) José dos Santos paulista 23 anos, vive no Rio.

c) José dos Santos, paulista 23 anos vive, no Rio.

d) José dos Santos, paulista 23 anos, vive no Rio.

e) José dos Santos, paulista, 23 anos, vive no Rio.

12. (UEM-PR) «Franco, no domingo de véspera, aproveitando a largura da vigilância no dia vago, fora vadiar ao jardim.»

As vírgulas, empregadas na mesma ordem e pelo mesmo motivo do período acima, aparecem na alternativa:

a) Sônia, às dez horas, saindo-se bem na prova, tomará seu lanche sossegada.

b) Tomás, no recreio, embora fique brincando, parece estar preocupado.

c) Nélson Piquet, ás do volante, dirigindo com inteligência e audácia, divulga o Brasil no exterior.

d) Certas as alternativas **a** e **b**.

e) Certas as alternativas **b** e **c**.

13. (PUCCAMP-SP) Observe:

1. Sentindo-se mal, foi para casa.

2. O pai joga futebol; o filho, basquete.

3. Terminada a reunião, todos se retiraram.

4. Aceitou a crítica e, chorando, afastou-se do local.

Quanto à pontuação:

a) somente a 1ª e a 3ª frases estão corretas.

b) somente a 2ª e a 4ª frases estão corretas.

c) somente a 1ª e a 2ª frases estão corretas.

d) todas as frases estão corretas.

e) somente a 3ª e a 4ª frases estão corretas.

Para resolver as questões 14 e 15, assinale as alternativas e some os valores.

14. (UFMS) Há erro de pontuação nas alternativas, exceto:

1. Era do conhecimento de todos a hora da prova, mas alguns se atrasaram.

2. A hora da prova era do conhecimento de todos; alguns se atrasaram, porém.

4. Todos conhecem a hora da prova; não se atrasem, pois.

8. Todos conhecem a hora da prova, portanto não se atrasem.

16. Todos conhecem a hora da prova mas, não se atrasem.

32. Alguns se atrasam apesar de que, o horário das provas, é do conhecimento de todos.

15. (FUrb-SC) Todas as frases estão corretas quanto à pontuação, exceto:

1. Cada qual, tem o ar que Deus lhe deu.

2. Como estavam atarefadas não puderam vir ontem.

4. A vida, como a antiga Tebas, tem cem portas.

8. Pouco depois, quando chegaram outras pessoas, a reunião ficou mais animada.

16. Quem foi que me disse que o Pedro estava à procura de uma gramática de alemão?

32. Ele foi, logo, eu não fui.

64. Saindo ele e os demais, os meninos ficarão sós.

16. (ITA-SP) Qual das seqüências abaixo jamais admitirá, de acordo com as nossas gramáticas, o emprego de duas vírgulas?

a) O irmão meu que estava doente não chegou na hora.

b) Mesmo que tu chegues atrasado José não deixes de trazer as revistas que te emprestei sábado último.

c) A mulher se divide em quatro partes cabeça tronco membros e espelho.

d) Jamais lhe poderei dizer que isto se passou na casa de uma das mais tradicionais famílias da região os Mesquitas.

e) A muito custo após algumas horas disseram que não haviam chegado os impressos para formalizar a petição.

Sinais de pontuação

Você deve entender, por pontuação, os diferentes sinais gráficos usados na escrita, para facilitar a leitura. Aprenda aqui a usá-los.

E, quando você estiver escrevendo qualquer coisa, aplique corretamente os:

Sinais de pontuação		
VÍRGULA ,	Já estudada nas páginas anteriores.	
DOIS PONTOS :	Para indicar citações.	Disse Rui Barbosa: «Não há justiça sem Deus.»
	Para indicar enumeração.	Eis os três grandes médicos infalíveis: a alegria, o exercício suave e a refeição frugal.
	Antes de orações apositivas.	«Este é o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros.»
	Para indicar citações.	«Não julgueis, para que não sejais julgados».
« ASPAS » ” ”	Com sentido pejorativo.	Sim, eu sei que ele era «inteligente».
	Para indicar gíria inevitável.	Os garotos estavam disputando uma renhida «pelada».
	Para palavra de origem estrangeira inevitável.	Esse rapaz está se transformando num verdadeiro «play-boy».
— TRAVESSÃO —	Para indicar a fala dos interlocutores nos diálogos.	Disse o lobo ao cordeiro: — Por que sujas a água que eu bebo?
	Para indicar trajetos	A estrada Belém — Brasília.
	Para destacar termos explicativos enfáticos.	Uma palavra — LIBERDADE — te converte em escravo.

PONTO **.**	Para terminar períodos.	Cheguei, vi e venci.
	Para abreviar.	V. Ex.ª está de parabéns.
RETICÊNCIAS **...**	Para indicar continuação do pensamento.	Água mole em pedra dura...
(PARÊNTESES **)**	Para encerrar orações, ou termos explicativos, alheios à frase.	Esse movimento (o que já havíamos estudado) causa grandes perturbações.
PONTO DE EXCLAMAÇÃO **!**	Nas interjeições, expressões ou frases que indiquem exclamação.	«Oh! Que saudades que eu tenho Da aurora da minha vida!»
PONTO DE INTERROGAÇÃO **?**	No fim de uma interrogação direta.	«Até quando, Catilina, abusarás de nossa paciência?»
PONTO-E-VÍRGULA **;**	Para separar orações ou termos coordenados extensos.	O corpo é sombra, é transitório e vai-se; a alma é luz, é permanente e fica.
	Nos diferentes considerandos ou itens.	Considerando que...; considerando que ...; considerando que... Resolvo:

Exercícios

1) Os períodos abaixo fazem parte de testes de múltipla escolha da Fundação Carlos Chagas. Pontue-os da maneira correta:

1. O processo de renovação portanto foi lento e por vezes desviado do princípio científico.

2. João bradei esta sege anda ou não anda.

3. Se era verdade não o sabíamos.

4. Será que ele ainda não entendeu o recado que lhe mandei.

5. A questão é saber qual droga faz sarar o enfermo.

6. Eu voltando a mim do receio entendi que devia cumprimentá-la também.

7. Não podendo aceitar aquelas explicações tão falsas Pedro aborrecido saiu.

8. Tu meu amigo se não me engano estás atrasado.

9. De há muito sonho esta ilha se é que não a sonhei sempre.

10. Apesar de toda a atenção o fato passou despercebido a todos.

11. Vai-te embora menino que estás atrasado.

12. Sendo necessária a minha intervenção procurem-me mas fora de expediente.

13. Inúteis que sejam estes botões velhos guardo-os pois um dia poderão ser aproveitados para alguma coisa.

14. Mesmo que me peçam não vou pois tenho mais que fazer.

15. Precisando de um pequeno empréstimo procurou Carlão seu velho amigo.

16. Se está tudo correto ainda não o verifiquei.

17. Eu posto creia no bem não sou daqueles que negam o mal.

18. Para mim ser é admirar-se de estar sendo.

19. Agora Pedro filho repara tu naquela tela sublime.

20. Se nome se gastasse com muito uso o de Mimiro já estava no fim.

21. Não sei se quando chegarem estaremos ainda aqui.

22. Tantos fatos agradáveis guardo-os a todos na memória.

23. Imagine comadre quem é que morreu.

24. Deixei a capital e fui advogar na roça mas por pouco tempo.

25. Pois sim ia tentar haveria de resolver o caso.

26. A linguagem a arte e a ciência são formas simbólicas.

27. De que se queixa se sua vida parece um mar de rosas.

28. A situação não me agrada em outras palavras não concordo com as soluções apresentadas até agora.

29. Já vai embora perguntou ele ao moço quando o viu tirar o casaco do cabide.

30. Cada livro dele de parte o estilo traz uma novidade.

2) Faça a correlação, de acordo com o seguinte código:

a) se apenas a I estiver correta;

b) se apenas a II estiver correta;

c) se a I e a II estiverem corretas;

d) se a I e a II estiverem erradas.

I. «A Câmara Municipal discutia o orçamento para 1929, e os dois vereadores ponderavam ponto por ponto cada título da receita.» (C. D. de Andrade)

II. «O dono da bodega, triste, fincava os cotovelos no balcão engordurado.» (G.Ramos)

Resp.: ....

I. «Rio de Janeiro, 13 de agosto de 1977.»

II. «Minha mãe, minha tia nós, todos alagados de felicidade.» (Mário de Andrade)

Resp.: ....

I. «José Baía, trôpego rompia a marcha.» (Graciliano Ramos)

II. «Eu também não sabia que era tão compreensivo e humano o velhinho Aquiles.» (Augusto Meyer)

Resp.: ....

I. «A *Ilíada*, que é o principal poema de Homero, tem por objeto a época mais importante da guerra de Tróia.» (A. Herculano)

II. «Foi em sonho que revi a longamente amada; entretanto não era a mesma.» (Rubem Braga)

Resp.: ....

I. «Toda vez que ele escapulia o medo da gente aumentava.» (L. Jardim)

II. «Pensei que haveria mais gente mas achei-me sozinha.» (Cecília Meireles)

Resp.: ....

3) Coloque vírgula, quando necessário:

1. Se estudares serás aprovado; do contrário acabarás varrendo as ruas o que não deixa de ser uma atividade honrosa.

2. «Terás entendido que aquela lembrança do imperador acerca da medicina não era mais que a sugestão da minha pouca vontade de sair do Rio de Janeiro.» (M. de Assis)

3. «Logo no começo do Governo de Prudente de Moraes em janeiro de 1895 os ingleses se apossaram da Ilha de Trindade.» (Graciliano Ramos)

4. «No primeiro em data dos seus três poemas longos, a **Drogaria de Éter e de**

Sombra, escrito em 1921, são numerosos os traços dessa poesia corretiva.»
(Mário de Andrade)

5. «O menino parou de chorar porque tinha brio mas como doía seu coração.»
(Rubem Braga)

6. «De noite quando o céu pingava estrelas no ventre oleoso do Trombetas elas acendiam com alarido a fogueira do terreiro.»
(Peregrino Jr.)

7. «Sexta-feira às 12 horas iremos esperá-lo na estação.» (José Lins do Rego)

8. «Ele a camisa; eu o avesso.»
(João Antônio)

9. «Assim como há quem sofra de insônia sofro eu de despertar.» (A. Machado)

10. «Domingo pela manhã João se preparava para sair quando a ambulância silvou à porta, e dela desceu amparada a mulher de João.» (Carlos Drummond de Andrade)

11. «Sua casa ficava para trás da Serra do Mim quase no meio de um brejo de água limpa lugar chamado o Temor-de-Deus.»
(Guimarães Rosa)

12. «Outros trouxeram saboneteira uma combinação de jérsei um broche de fantasia um vasinho de cáctus — nada nada que a dona da casa pudesse realmente aproveitar para si mesma...» (Clarice Lispector)

13. «Este ano como se sabe vem por aí a galope. Um belo dia quer com a nossa presença quer mesmo sem ela dará o ar de sua graça por entre alaridos de que o homem for capaz.»
(Josué Montello)

14. «Sequioso de escrever um poema que exprimisse a maior dor do mundo Poe chegou por exclusão à idéia da morte da mulher amada.» (Vinícius de Moraes)

15. «O maior solitário é o que tem medo de amar o que tem medo de ferir e de ferir-se o ser casto da mulher do amigo do povo do mundo.» (Vinícius de Moraes)

Questões discursivas

1. (FUVEST) Do texto abaixo, omitiram-se as vírgulas. Transcreva-o, colocando-as:

«Quando eu lhe pedi três meses depois que acabado o luto casasse comigo Iaiá Lindinha não estranhou nem me despediu.»

(Machado de Assis)

2. (FAAP-SP) Justifique a pontuação do texto:

«Entre lojas de flores e de sapatos, bares, mercados, butiques, viajo num ônibus Estrada de Ferro-Leblon.»

Volto do trabalho, a noite em meio, fatigado de mentira.»

Resp.: ....

....

....

....

....

3. (FUVEST) «Donde houveste, ó pélago revolto, Esse rugido teu?»

Explique o emprego das vírgulas no texto acima.

Resp.: ....

....

....

4. (FEI-SP) Justifique o emprego da vírgula nas questões que seguem:

a) «Minha mãe é a lua macilenta

E a preguiça, a mulher por quem suspiro.»
(Álvares de Azevedo)

Resp.: ....

....

....

b) «Fique descansado, camarada, que não o envergonharei (...)» (José de Alencar)

Resp.: ....

....

c) «No chão coberto de areia havia cascas de queijo de Minas, restos de iscas de fígado, espinhas de peixe (...)»
(Aluísio Azevedo)

Resp.: ....

....

5. (FAAP-SP) Justifique a pontuação da seguinte frase:

Tangas, miçangas, sol, mar, toalhas estendidas, areia morna, garotas e celebridades seminuas curtindo o calor: eis a praia mais badalada do Brasil.

Resp.: ....

....

6. (UFRJ) Justifique a pontuação empregada por Carlos Drummond de Andrade em: «Outros leram da vida um capítulo, tu leste o livro inteiro.»

Que outras possibilidades estão previstas pela gramática para este caso?

Resp.: ....

....

7. (CÁSPER LÍBERO-SP) Utilize os sinais de pontuação indicados: 2 vezes a vírgula e 1 vez as reticências.

Às vezes o céu fica preto parece que vem a chuva mas aí

Resp.: ....

....

8. (FUVEST) O trecho que segue é de Carlos Drummond de Andrade e reproduz o diálogo em que um pai, em um restaurante, tenta convencer sua filha de quatro anos a pedir camarão em vez de lasanha.

Transcrevemo-lo sem pontuação alguma. Tente efetuar a pontuação adequada, utilizando sobretudo o travessão para marcar a mudança dos interlocutores:

«Vou querer lasanha filhinha por que não pedimos camarão você gosta tanto de camarão gosto mas quero lasanha eu sei eu sei que você adora camarão a gente pede uma fritada bem bacana de camarão tá quero lasanha papai não quero camarão.»

Resp.: ....

....

....

....

....

....

....

....

....

....

9.(FUVEST) Justifique o uso das reticências e dos dois-pontos nesses versos de Manuel Bandeira:

«Não te afastes de mim, temendo a minha sanha

E o meu veneno... Escuta a minha triste história:

Aracne foi meu nome e na trama ilusória

Das rendas florescia a minha graça estranha.»

Resp.: ....

....

....

....

....

....

....

....

....

10. (CEFET-PR) Coloque as vírgulas necessárias:

Perambulando pela cidade os menores Sr. Juiz acabarão caindo nas mãos da polícia.

11. (UFSC) Reescreva o período abaixo, corrigindo-o, se necessário, quanto à pontuação. Justifique, sempre, a correção efetuada.

Levantava-me descia os pequenos degraus da escada andava lentamente pelas ruas conversava com os conhecidos seguia feliz para o trabalho.

CORREÇÃO: ....

JUSTIFICATIVA: ....

Testes

1. (ITA-SP) Qual das frases abaixo jamais admitirá, de acordo com as nossas gramáticas, o emprego de duas vírgulas?

a) Vencemos não fique pois assim tão triste.

b) Não esperava que inteligente e culto dissesse tamanha asneira.

c) As viúvas inconsoláveis quando são jovens acham sempre alguém que as console.

d) Em Bororé o prefeito está oferecendo vantagens aos empresários que se interessem pela instalação de indústrias no município.

e) Aos homens que são racionais coube o domínio da natureza.

2. (UEPG-PR) A alternativa que acusa um mau emprego de vírgula:

a) Em caso de necessidade, não deixe de me procurar.

b) Você, porém, não deveria aceitar as desculpas.

c) Aprecio música, escultura, literatura e cinema.

d) A válvula que adquiri ontem, estava danificada.

e) Aliás, acho que vocês se enganaram.

3. (PUCCAMP-SP) Destaque a frase em que o autor usou vírgula para separar o aposto:

a) Por força de uma proposta de Cazuza Militão, dentista prático e grão-mestre da Loja Maçônica José Bonifácio, fizeram correr o pires da subscrição de modo a montar...

b) E uma noite, trepado no coreto da Praça das Acácias, gritou: . . .

c) O povo, de boca aberta, não lembrava em cem anos de ter acontecido um prefeito desse porte.

d) No dia da posse, depois dos dobrados da Banda Carlos Gomes e dos versos atirados no rosto de Lulu Bergantim pela professora Andrelina Tupinambá, o novo prefeito de Curralzinho sacou do paletó...

e) E andava o bronze no meio do trabalho de fundição, quando Lulu Bergantim, de repente, resolveu deixar o ofício de prefeito.

4. (CESGRANRIO) Numere os enunciados de acordo com as explicações dadas sobre o emprego dos sinais de pontuação:

( ) Será um exagero? Não o creio.

( ) Será um exagero? Não o creio!

( ) Será um exagero? Não o creio...

( ) Será um exagero? Não o creio!...

1. Sinal indicativo de que a frase foi concluída sob emoção, em tom veemente.

2. Sinal indicativo de que a frase foi concluída sem qualquer inflexão emotiva.

3. Sinal indicativo de que a frase foi concluída com prolongamento da inflexão emotiva.

4. Sinal indicativo de que a frase foi concluída em tom de hesitação.

A numeração é:

a) 3 — 1 — 4 — 2

b) 4 — 3 — 1 — 2

c) 2 — 1 — 4— 3

d) 4 — 2 — 1 — 3

e) 2 — 1 — 3 — 4

5. (UFRJ) Assinale a opção em que está corretamente indicada a ordem dos sinais de pontuação que devem preencher as lacunas da frase abaixo:

Quando se trata de trabalho científico .... duas coisas devem se consideradas ..... uma é a contribuição teórica que o trabalho oferece ..... a outra é o valor prático que possa ter.

a) dois-pontos, ponto-e-vírgula, ponto-e-vírgula.

b) dois-pontos, vírgula, ponto-e-vírgula.

c) vírgula, dois-pontos, ponto-e-vírgula.

d) ponto-e-vírgula, dois-pontos, ponto-e-vírgula.

e) ponto-e-vírgula, vírgula, vírgula.

6. (UFSC)

Pronominais

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom nego e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro

Oswald de Andrade

O autor da poesia acima omitiu intencionalmente a pontuacão por se tratar de versos modernos. Se a escrevêssemos em prosa, teríamos de colocar pelo menos:

a) dois pontos finais, três travessões, quatro vírgulas.

b) um ponto final, três travessões, três vírgulas.

c) um ponto final, três travessões, duas vírgulas de vocativo.

d) dois pontos finais, dois travessões, duas vírgulas de vocativo.

e) dois pontos finais, dois travessões, quatro vírgulas, uma vez dois-pontos.

7. (UFPR) «Antigamente, pensava-se que os dinossauros tinham morrido porque comiam plantas novas que os envenenavam. Também se pensava que estes grandes répteis tinham sido atacados por doenças.

Hoje, a maioria dos cientistas acredita que os dinossauros foram vítimas do frio: o clima mudou e os grandes répteis não resistiram a temperaturas muito baixas.»

Por que o autor usou os dois pontos no segundo parágrafo?

a) Para anunciar uma citação.

b) Para anunciar uma explicação.

c) Para separar orações da mesma natureza, que têm uma certa extensão.

d) Para isolar uma oração intercalada.

e) Para separar uma oração reduzida.

8. (PUC-SP) Os dois períodos retratam situações diversas. Combine-os com as afirmativas que seguem:

1. Não soubemos dos filmes que não foram anunciados pelo jornal.

2. Não soubemos dos filmes, que não foram anunciados pelo jornal.

( ) O jornal não anunciou todos os filmes.

( ) Apenas alguns filmes foram anunciados pelo jornal.

( ) Nenhum filme foi anunciado pelo jornal.

( ) Tivemos conhecimento de alguns filmes, de outros não.

a) 1 —1 — 1 — 1

b) 2 — 2— 2 — 2

c) 1 — 2 — 1 — 1

d) 1 — 1 — 2 — 1

e) 2 — 1 — 2 — 1

9. (UERJ) Assinale a opção em que está corretamente indicada a ordem dos sinais de pontuação que devem preencher as lacunas da frase abaixo:

Ao serem introduzidos numa empresa .... os computadores podem acarretar duas conseqüências que estão estreitamente relacionadas .... uma, de natureza econômica, é a redução de custos .... a outra, de implicações sociais, é a demissão de funcionários.

a) vírgula, ponto e vírgula, vírgula.

b) ponto-e-vírgula, dois-pontos, vírgula.

c) vírgula, dois-pontos, dois-pontos.

d) vírgula, dois-pontos, ponto-e-vírgula.

e) ponto-e-vírgula, vírgula, ponto-e-vírgula.

10. (UEL-PR) Indique a frase corretamente pontuada.

a) Se era verdade não o sabíamos.

b) Se era, verdade não, o sabíamos.

c) Se, era verdade não, o sabíamos.

d) Se, era, verdade, não o sabíamos.

e) Se era verdade, não o sabíamos.

11. (UPF-RS) A opção em que a frase não está corretamente pontuada é:

a) Ansiosas, as crianças aguardavam a chegada do Papai Noel.

b) As crianças aguardavam, ansiosas, a chegada do Papai Noel.

c) As crianças, aguardavam ansiosas, a chegada do Papai Noel.

d) As crianças ansiosas aguardavam a chegada do Papai Noel.

e) As crianças, ansiosas, aguardavam a chegada do Papai Noel.

12. (FUVEST) Completando a pontuação dos períodos:

1. Os ladrões percebendo a chegada da polícia fugiram.

2. Apenas os alunos de bom comportamento terão o ponto extra.

3. Joselino o melhor aluno da sala foi aprovado no concurso da Fundação Getúlio Vargas.

4. A quem interessa o problema perguntou o professor Não sei respondeu o aluno devem-se usar:

a) 5 vírgulas, 2 travessões, um ponto de interrogação.

b) 5 vírgulas, 2 travessões, um ponto de interrogação, 2 pontos finais.

c) 6 vírgulas, 3 travessões, um ponto de interrogação, 2 pontos finais.

d) 7 vírgulas, 2 travessões, um ponto de interrogação, 2 pontos finais.

e) 8 vírgulas, 2 travessões, um ponto de interrogação, 2 pontos finais.

Para resolver as questões 13 a 15, assinale as alternativas e some so valores.

13. (UNAMA) Todas as frases estão corretas, exceto:

1. O menino, disse ele, não vai.

2. Deus, que é pai, não nos abandona.

4. Solicitamos aos candidatos, que respondam às perguntas a seguir, importantes, para efeito de pesquisas relativas ao vestibular.

8. Muitas pessoas observavam com interesse, o eclipse solar.

16. Quase todos os habitantes daquela região pantanosa e longe da civilização, morrem de fome.

32. Pedra, que rola, não cria limo.

14. (PUC-MG) Todas as frases estão corretas, exceto:

1. Imaginei, que deveria ser sensacional uma luta entre os dois.

2. Era um quati, que se julgava cachorro.

4. O passarinho na gaiola pensa que uma árvore e o céu o prendem.

8. Hollywood perdeu o resto do folclore que ainda conservava.

16. Ele pensava, como todo apaixonado, que o mundo tinha os olhos e os ouvidos fechados.

32. Tinha, às vezes, vontade de se suicidar quando olhava do alto de seu apartamento.

64. Quando olhava do alto de seu apartamento, tinha vontade de se suicidar.

15. (UFBA) As frases estão corretas, exceto:

1. Ainda não sabemos quando se realizarão as provas.

2. Quando se realizarão as provas, ainda não sabemos.

4. Ainda não sabemos, quando se realizarão, as provas.

8. Justamente no momento em que as coisas iam melhorar, ele pôs tudo a perder.

16. Justamente no momento, em que as coisas iam melhorar, ele pôs tudo, a perder.

32. Deus me pôs nesta rede, e o Diabo me fez dormir.

64. «E zumbia, e voava, e voava, e zumbia, Refulgindo ao clarão do sol (...)»

16. (ITA-SP) A seqüência «Solteiro foi um menino turbulento casado era um moço alegre viúvo tornara-se macambúzio».

Ficará, quanto à pontuação, correta e mais facilmente inteligível se empregarmos:

a) três vírgulas e dois pontos-e-vírgula;

b) quatro vírgulas e dois parênteses;

c) duas vírgulas e dois pontos-e-vírgula;

d) um ponto final, um ponto-e-vírgula e dois pontos;

( ) E. três vírgulas e um ponto-e-vírgula.

17. (UNAMA) Neste item, arrolamos 5 (cinco) variações de pontuação de trechos do texto. Assinale a única que é inaceitável, segundo as regras gramaticais.

a) Um comprou um Mercedes dourado por 60 mil dólares e o outro, uma mulinha branca, por 800 contos. (1º par.);

b) Até, pelo contrário, fico muito satisfeito quando algum amigo me convida para passear os meus untos num daqueles veículos (2º par.);

c) Dizem, que o carro tem injeção eletrônica, ou coisa que o valha, e que a gasolina... (2º par.);

d) Vejo que inauguraram um avião que vai do Rio a Paris, em três horas. (5º par.);

e) E a descoberta de água em Marte ou em Plutão não chega a consolar aqueles que viram suas minas secando, no princípio deste ano. (10º par.).

Respostas da unidade 27— Pontuação

Exercícios — pág. 386

1) — 1. Hoje, porém, domamos os ventos, as ondas, as correntes.

2. «Abre a porta de teus mares, Colombo!»

3. Rua XV de novembro, 1200.

4. Sou, disse ele, um homem procurado.

5. O estudo, na minha opinião, torna-nos inteligentes.

6. Estudante, venha aqui!

7. Seluciona partiu, inesperadamente, em meio da dança, porque Rabiquino, o bom de tango, apertava-a com exagero.

8. O síndico, homem probo, queixa-se dos problemas administrativos.

9. Os alunos, neste semestre, estão convictos de que não desistirão de seus objetivos.

10. «Eis que, aos poucos, lá para as bandas do oriente, clareia um cantinho do céu.»

2) — 1. Ele, porém, não obteve classificação.

2. Nós, médicos, salvamos os outros.

3. Mas, veja bem, não me aborreça.

4. Terminando, desejo que todos sejam felizes.

5. Da morte, ele tinha um medo doentio.

6. Juro que senti certo alívio, quando nossos olhos se encontraram.

7. Nada diminuirá, portanto, as probabilidades de perigo.

8. Não és filha, mas hóspeda da casa.

9. A História, diz Cícero, é a mestra da vida.

10. Rio, em 24 de maio de 1833.

11. A todos nós, só nos deram milho.

12. Os passantes chegam, olham, perguntam e prosseguem.

13. Se eu deixar de namorar, não me caso.

14. Olha, Vestiba, você me chateia.

15. Vento, chuva, geadas, insetos, tudo ameaça as plantações.

16. Caindo as «colas», o Vestiba empalideceu.

17. Terminando agora este trabalho, faço votos que todos tenham entendido o uso da vírgula.

3) — «Não tardou em perceber que os olhos de Rubião e os de Sofia caminhavam uns para os outros; notou, porém, que os de Sofia eram menos freqüentes e menos demorados (...)»

4) — «Uma tarde surpreendi no oitão da capela (a capela estava concluída; faltava pintura) Luís Padilha discursando (...)»

5) — «— Você aí, menino, para onde vai essa estrada?

— Ela não vai não: nós é que vamos nela.

— Engraçadinho duma figa! Como você se chama?

— Eu não me chamo não, os outros é que me chamam **Zé**.»

6) — Estava solitário, mas não triste; lembrei o velho dito dos bêbedos: «A noite ainda é uma criança».

7) — « — Daqui vocês não me tiram — respondeu-lhes a bomba. — O primeiro que me tocar, eu explodo. Talvez este tempo de verbo não exista, mas pouco estou ligando à gramática de vocês. À gramática e ao resto. Estou farta! Farta!»

Testes — pág. 388

1 - b
2 - d
3 - e
4 - a
5 - a
6 - a
7 - e
8 - b
9- d
10 - a
11- e
12- a
13 - d
14 - 15
15 - 35
16 - d

Exercícios — pág. 392

1) — 1. O processo de renovação, portanto, foi lento e, por vezes, desviado do princípio científico.

2. João, bradei, esta sege anda ou não anda?

3. Se era verdade, não o sabíamos.

4. Será que ele ainda não entendeu o recado que lhe mandei?

5. A questão é saber qual droga faz sarar o enfermo.

6. Eu, voltando a mim do receio, entendi que devia cumprimentá-la também.

7. Não podendo aceitar aquelas explicações tão falsas, Pedro, aborrecido, saiu.

8. Tu, meu amigo, se não me engano, estás atrasado.

9. De há muito sonho esta ilha, se é que não a sonhei sempre.

10. Apesar de toda a atenção, o fato passou despercebido a todos.

11. Vai-te embora, menino, que estás atrasado.

12. Sendo necessária a minha intervenção, procurem-me, mas fora de expediente.

13. Inúteis que sejam estes botões velhos, guardo-os, pois um dia poderão ser aproveitados para alguma coisa.

14. Mesmo que me peçam, não vou, pois tenho mais que fazer.

15. Precisando de um pequeno empréstimo, procurou Carlão, seu velho amigo.

16. Se está tudo correto, ainda não o verifiquei.

17. Eu, posto creia no bem, não sou daqueles que negam o mal.

18. Para mim, ser é admirar-me de estar sendo.

19. Agora, Pedro, filho, repara tu naquela tela sublime.

20. Se nome se gastasse com muito uso, o de Mimiro já estava no fim.

21. Não sei se, quando chegarem, estaremos ainda aqui.

22. Tantos fatos agradáveis, guardo-os a todos na memória.

23. Imagine, comadre, quem é que morreu.

24. Deixei a capital e fui advogar na roça, mas por pouco tempo.

25. Pois, sim, ia tentar... haveria de resolver o caso.

26. A linguagem, a arte e a ciência são formas simbólicas.

27. De que se queixa, se sua vida parece um mar de rosas?

28. A situação não me agrada; em outras palavras: não concordo com as soluções apresentadas até agora.

29. Já vai embora? perguntou ele ao moço, quando o viu tirar o casaco do cabide.

30. Cada livro dele, de parte o estilo, traz uma novidade.

2) — C, A, B, A, D.

3) — 1. Se estudares, serás aprovado; do contrário, acabarás varrendo as ruas, o que não deixa de ser uma atividade honrosa.

2. «Terás entendido que aquela lembrança do imperador, acerca da medicina, não era mais que a sugestão da minha pouca vontade de sair do Rio de Janeiro.» (Machado de Assis)

3. «Logo no começo do Governo de Prudente de Moraes, em janeiro de 1895, os ingleses se apossaram da Ilha de Trindade.» (Graciliano Ramos)

4. «No primeiro em data dos seus três poemas longos, a **Drogaria de Éter e de Sombra**, escrito em 1921, são numerosos os traços dessa poesia corretiva.» (Mário de Andrade)

5. «O menino parou de chorar porque tinha brio, mas como doía seu coração.» (Rubem Braga)

6. «De noite, quando o céu pingava estrelas no ventre oleoso do Trombetas, elas acendiam com alarido a fogueira do terreiro.» (Peregrino Jr.)

7. «Sexta-feira, às 12 horas, iremos esperá-lo na estação.» (José Lins do Rego)

8. «Ele, a camisa; eu, o avesso.» (J. Antônio)

9. «Assim como há quem sofra de insônia, sofro eu de despertar.» (Alcântara Machado)

10. «Domingo pela manhã, João se preparava para sair, quando a ambulância silvou à porta, e dela desceu amparada a mulher de João.» (C. D. de Andrade)

11. «Sua casa ficava para trás da Serra do Mim, quase no meio de um brejo de água limpa, lugar chamado o Temor-de-Deus.» (Guimarães Rosa)

12. «Outros trouxeram saboneteira, uma combinação de jérsei, um broche de fantasia, um vasinho de cáctus — nada, nada que a dona da casa pudesse realmente aproveitar para si mesma...» (C. Lispector)

13. «Este ano, como se sabe, vem por aí a galope. Um belo dia, quer com a nossa presença, quer mesmo sem ela, dará o ar de sua graça, por entre alaridos de que o homem for capaz.» (Josué Montello)

14. «Sequioso de escrever um poema que exprimisse a maior dor do mundo, Poe chegou, por exclusão, à idéia da morte da mulher amada.» (Vinícius de Moraes)

15. «O maior solitário é o que tem medo de amar, o que tem medo de ferir e de ferir- se, o ser casto da mulher, do amigo, do povo, do mundo.» (V. de Moraes)

Questões discursivas — pág. 394

1) «Quando eu lhe pedi, três meses depois, que, acabado o luto, casasse comigo, laiá Lindinha não estranhou nem me despediu.»

2) As vírgulas até «mercados» servem para separar elementos coordenativos. Após «butiques», marca deslocamento do adj. adv. anteposto ao verbo. Na 2.ª oração, assinalam um adj. adv. intercalado.

3) isola vocativo.

4) a) marca a elipse do verbo b) isola vocativo c) separa termos coordenados (enumeração).

5) vírgulas — separam elementos coordenativos; dois-pontos — introduzem explicação, esclamrecimento da passagem anterior.

6) vírgulas separando coord. assind. Poderia, ainda, ser empregado o (;) ou o (.).

7) Às vezes o céu fica preto, parece que vem a chuva, mas aí...

8) «—Vou querer lasanha.

— Filhinha, por que não pedimos camarão? Você gosta tanto de camarão.

— Gosto, mas quero lasanha.

— Eu sei, eu sei que você adora camarão. A gente pede uma fritada bem bacana de camarão. Tá?

— Quero lasanha, papai. Não quero camarão.»

9) **Reticências**: assumem aí função expressiva: indicam prolongamento da frase.

Dois-pontos: introduzem passagem que vai esclarecer o que foi dito anteriormente.

10) Perambulando pela cidade, os menores, Sr. Juiz, acabarão caindo nas mãos da polícia.

11) Levantava-me, descia os pequenos degraus da escada, andava lentamente pelas ruas, conversava com os conhecidos, seguia feliz para o trabalho.

JUSTIFICATIVA — Separa orações coord. assindéticas.

Testes — pág. 396

1 - d
2 - d
3 - a
4 - c
5 - c
6 - e
7 - b
8 - d
9- d
10- e
11- c
12- b
13 - 60
14 - 03
15 - 20
16 - a
17- c

22 Regência Verbo-nominal

REGÊNCIA é o mecanismo que regula as ligações entre um **verbo** ou **nome** e os **seus complementos**.

Regência Verbal

Quando o termo regente é um **verbo:**

Isto	pertence	a todos.
	termo regente = **verbo**	termo regido (complemento)

Regência Nominal

Quando o termo regente é um **nome**:

Usavam estilos	semelhantes	ao nosso.
	termo regente = **nome**	termo regido (complemento)

O conhecimento da regência correta de cada verbo e de cada nome é função do uso.

Entretanto, aqui, como em todos os domínios da norma, pode haver desencontros entre o uso popular e o uso culto.

Regência verbal

Vejamos alguns casos de regência verbal que costumam trazer problemas:

Predicação

Verbo quanto à predicação		**Complemento**	**Pronome oblíquo**	**Exemplos**
I - INTRANSITIVO		NÃO HÁ	NÃO HÁ	**O aluno** estuda.
II - TRANSITIVO	DIRETO TD	normalmente SEM **preposição**	o, a, os, as	Ele **estuda** a matéria. = estuda-**a**
	INDIRETO TI	obrigatoriamente COM **preposição**	lhe, lhes	Ele **obedece** à mãe. = obedece-lhe
	DIRETO e INDIRETO TDI	um complemento COM, outro SEM preposição	o, a, os, as, lhe, lhes	Ele **deu** o recado ao amigo. = deu-(o+lhe) = deu-**lho**
III - DE LIGAÇÃO		NÃO HÁ	NÃO HÁ	O aluno **é** estudioso.

1. Verbos que alteram o sentido conforme alteram a regência

Aspirar

TD
TI

a) Aspirar = **sorver, respirar, inspirar** (o ar)

→ **TD**

Aspiramos	um ar poluído.
TD	OD

b) Aspirar **= almejar, pretender, desejar**

→ **TI** com prepos. ***a**

O vestiba	aspira	* a uma vaga na UFPR. (= a ela)
Suj.	TI	OI

Assistir

TD
TI
VI

a) Assistir = **presenciar, ver**

→ **TI** com prepos. ***a**

Assisti	ao espetáculo de MPB. (= a ele)
TI	OI

b) Assistir = **caber, competir**

→ **TI** com prepos. ***a**

Este direito	não assiste	**ao** funcionário. (= lhe)
Suj.	TI	OI

c) Assistir = **dar assistência, ajudar**

→ **TD** (ou **TI**)

O médico	assistiu	o doente (ou ao doente).
Suj.	TI	OD OI

→ **Observação:** Nesse sentido, há uma preferência pela construção com transitivo direto (TD — sem preposição), embora possa também ocorrer com a preposição **a.**

d) Assistir = **morar, residir**

→ VI com prepos. **em**

O caiçara	assiste	no litoral paulista.
Suj.	VI	Adj. Adv. Lugar

Visar

TD
TI

a) Visar = **mirar, apontar a arma**

→ TD

O atirador	visou	o alvo	com cuidado.
Suj.	TD	OD.	Adj. Adv.

b) Visar = **passar ou dar visto**

→ TD

O gerente	visou	o cheque.
Suj.	TD	OD

c) Visar = **objetivar, ter em vista, pretender**

→ **TI** com prepos. ***a.**

Visamos	**ao** bem da comunidade. (= a ele)
Visamos	**a** conhecer melhor a região. (= a isto)
TI	OI

Chamar

TD
TD/TI + PO

a) Chamar = **convocar, mandar vir**

→ TD

O mestre	chamou	os alunos	para a sala.
Suj.	TD	OD	Adj. Adv.

→ **Observação:** Encontra-se, quase no mesmo sentido, a construção:

O mestre chamou pelos alunos.

b) Chamar = **apelidar, denominar, cognominar**

→ **TD** ou **TI**

— OD + PO (com ou sem prepos. **de**)

— OI (com prepos. **a**) + PO (com ou sem prepos. **de**)

Chamaram	o vestiba	**de** herói.
	o vestiba	herói.
	ao vestiba	**de** herói.
	ao vetiba	herói.
sentido de denominar	objeto	predicativo do objeto = PO

Custar < TI TDI

a) Custar = **ser difícil, ser custoso**

→ **TI** com prepos. **a** e o sujeito um nome referente à **coisa:**

Custa	**ao** vestiba	o estudo. (=lhe)
TI	OI (pessoa)	Suj. (coisa)

Custa	**ao** vestiba	trabalhar. (=lhe)
	TI	OI (pessoa) or. sub. subst. subjetiva (coisa)

b) Custar = **acarretar**

A tarefa	custou-	nos	muita dedicação.
Suj.	TDI	OI	OD

Proceder < VI TI

a) Proceder = **provir de, vir de**

→ **VI** com prepos. **de** (+ adj. adv.)

Nós procedíamos	**de** casa
VI	Adj. Adv.

b) Proceder = **dar andamento**

→ **TI** com prepos. * **a**

Nós procedemos	**aos** exames.
TI	OI

Querer < TD TI

a) Querer = **desejar**

→ **TD**

A criança	queria	balas.
	TD	OD

b) Querer = **estimar, gostar, querer bem**

→ **TD** com prepos. ***a**

Os pais	querem	**aos** filhos.
	TI	OI

Quero-	lhes	bem. (O professor aos alunos)
	TI	OI

Precisar < TD TD/TI

a) Precisar = **ter necessidade**

→ **TD** ou **TI**

Eu	preciso	mais tempo.
	TD	OD

Eu preciso	**de** mais tempo.
TI	OI

b) Precisar = **marcar com precisão**

→ **TD**

A vítima	não precisou	o lugar do acidente.
	TD	OD

2. Verbos com mais de uma regência e o mesmo significado

Há alguns verbos que, sem alterar o significado, admitem regências diferentes.

Lembrar, esquecer, recordar, admirar

Estes verbos apresentam três construções:

a) Quando não é pronominal → TD

Eu	esqueci	os fatos passados.
	sem pronome TD	OD

b) Quando pronominal → TI com prepos. **de**

Verbo + pron. → na mesma pessoa gramatical

Eu me	esqueci	**dos** fatos passados.
	TI (verbo + pronome)	OI

c) Esquecer = **cair no esquecimento** → TI

O sujeito é coisa e o nome da pessoa (pronome) é objeto indireto.

Verbo + pron. = pessoas gramat. diferentes

Esqueceram-	me	**os** fatos passados.
	OI (pessoa)	sujeito (coisa)

Outro exemplo:

Lembrei	os	dias passados.
	TD	OD
Lembrei-	me	dos dias passados.
	TI	OI

Lembraram-	me	os dias passados.	(= vir à lembrança, ocorrer)
TI	OI	Sujeito	

Observação:

O verbo **lembrar** pode ocorrer também com **TDI:**

Eu lembro	a vocês	o compromisso assumido.
TDI	OI	OD

Informar, avisar, comunicar, proibir, ensinar, aconselhar → TDI

Admitem duas construções e são **TDI:**

a) **Pessoa** como **OD** e **coisa** como **OI** (com preposição **de** ou **sobre**):

Informo	o aluno	**do** (sobre) o resultado.
TDI	OD (pessoa)	OI (coisa)

→ ou **Informo-o do** resultado.

b) **Coisa** como **OD** e **pessoas** como **OI** (com preposição **a**):

Informo	o resultado	**ao** aluno.
TDI	OD (coisa)	OI (pessoa)

→ ou **Informo-lhe o resultado.**

A mesma alternância deverá ser observada quando o objeto for uma oração:

a)	Informo-	**o**	**de que** tudo vai bem.
		OD	OI (OSSOI) (pes.)

b)	Informo-	**lhe**	**que** tudo vai bem.
		OI	OD (OSSOD) (pes.)

Necessitar, precisar < TD TI

Estes verbos admitem duas construções:

a)	Necessito	algumas explicações.
	TD	OD

b)	Necessito	**de** algumas explicações.
	TD	OD

→ Outros exemplos: **Atenção:**

Precisa-	se	de balconistas.
TI	PIS	Suj.
Precisam-	se	balconistas.
TD	PA	Suj.

Pagar/Perdoar < TD - COISA TI - PESSOA

a) **TD → OD é coisa.**

Não pagamos	os salários de janeiro.
TD	OD (= coisa)

b) **TI → OI** com prep. **a,** refere-se **à pessoa.**

Ninguém	pagou	ao conferencista.
	TI	OI (= pessoa)

c) **TDI** (OD (= coisa) + OI (= pessoa)

Pagaram	o salário	**ao** funcionário
TDI	OD (coisa)	OI (= pessoas)

→ Outros exemplos (Atenção!):

Perdoam o crime. = Perdoam-**no**.

Perdoam ao criminoso. = Perdoam-**lhe**.

Perdoaram ao criminoso seus crimes. = Perdoaram-**lhos**.

3. Verbos com regência diferente no uso popular e no uso culto

Há certos verbos que, no uso popular, ocorrem com uma regência e, no uso culto, com outra.

Nesse caso, a Gramática propõe como correto o **uso culto**, apenas.

Chegar, ir, vir etc.

VERBOS INDICADORES DE MOVIMENTO

Usa-se com a preposição **a** (à, ao).

Advérbio → **AONDE**

Uso popular: Ontem cheguei **em** casa. (errado).

Uso culto: Ontem cheguei **a** casa. (correto)

⇒ Observação:

A prepos. **EM** depois do verbo CHEGAR indica o lugar dentro do qual ocorre a ação.

Chegou **no** avião da VARIG. (= chegou dentro do avião)

Outros exemplos:

Verbo **IR/VIR**

O menino foi **ao** jogo com o pai.

A aluna veio **à** aula atrasada.

Mas: O menino ia **no** ônibus. (= dentro do ônibus)

Estar, morar, residir, situar

Verbos indicadores de cessação de movimento.

Exigem a preposição **em** (no, na).

Advérbio → **ONDE**

Não se usa a, à, ao.

Mora **na** Praça Tiradentes.

Reside **na** Rua XV de Novembro.

Sito **na** Av. Brasil.

Implicar → TD

No sentido de **acarretar** (ter conseqüências), é costumeiro ocorrer com a prepos. em **(errado)**; no uso culto, é **transitivo direto**.

A falta às aulas implicou	a sua reprovação.
TD	OD

Esta atitude implicará	uma admoestação.
TD	OD

→ Não se usa {
EM
NO
NA

Obedecer/ Desobedecer → TI

São **TI** com prepos. ***a** → **lhe**

Não obedeceu	**ao** semáforo.
TI	OI

Devemos obedecer	**aos** regulamentos.
TI	OI

Aos pais, devemos obedecer-		**lhes** sempre.
OI	TI	OI pleonást.

→ Observação:

Com esses verbos **não se usam** os pronomes o, a, os, as, lo, no etc. (OD)

Preferir → TDI

Constrói-se, na norma culta, assim:

→ Ocorre como OD a coisa mais apreciada e como OI a coisa menos apreciada, precedida da preposição **a.**

Todos preferem	**o elogio**	**à censura.**
Prefiro	teatro	a cinema.
Prefiro	cinema	a televisão.
Prefiro	o cinema	à televisão.
Preferimos	**passear**	**a estudar.**

Portanto:

PREFIRO ISTO A AQUILO.
Prefiro isto àquilo.
Prefiro algo a alguma coisa.

No uso culto, pode-se também omitir o OI:

Antigamente preferia	cinema.
	OD

Hoje prefiro	teatro.
	OD

→ Atenção!

São consideradas **ERRADAS** as construções:

Todos preferiam o elogio que a censura.

Preferem antes o elogio que a censura.

Prefiro mais o teatro do que o cinema.

Simpatizar Antipatizar → TI (com)

Não é pronominal. É **TI** e usa-se prepos. **COM:**

Não simpatizo	com a idéia.
	OI

Antipatizei	com ela	à primeira vista.
	OD	

→ Atenção!

É **errada** a construção:

Eu me simpatizei com os alunos.

Namorar → TD

É TD e não se usa a prepos. com:

Ela namora	um vestiba.
TD	OD

Ela namora com um vestiba **(errado).**

Namorei-	a	há muito tempo
TD	OD	

Namorei com ela há muito tempo. **(errado)**

Resumo

Quadro de Regência Verbal

VERBO	SENTIDO	REG./*PREP.	PRON.	EXEMPLOS
AGRADAR	causar agrado	TI → *a	lhe	O vestibular agradou aos calouros.
AJUDAR		TD	o, a	O filho ajudava o pai na roça.
ANSIAR	1. causar mal-estar, angustiar	TD	o, a	O cansaço ansiava-o.
	2. desejar ardentemente	TD TI → *por	o, a por ele	Minha alma anseia o infinito. Ansiava por me ver fora de casa.
	3. padecer ânsias	I	—	Anseio em viagens.
ASPIRAR	1. sorver, respirar	TD	o, a	Aspirava o cheiro das rosas abertas.
	2. desejar, pretender	TI → *a	a ele	O vestiba aspira a ser médico.
ASSISTIR	1. prestar assistência	TD (ou TI)	o, a (lhe)	O médico assiste o doente. Os missionários são assistidos por Deus.
	2. presenciar, ver	TI → *a	a ele	Por que não assistes às aulas, vestiba? Tenho assistido a elas (às aulas).
	3. caber, ser de direito	TI	lhe	Não lhe assiste o direito de oprimir os vestibas.
	4. morar, residir	I → *em	—	Assistirei na capital enquanto estiver estudando.

Quadro de Regência Verbal

VERBO	SENTIDO	REG./*PREP.	PRON.	EXEMPLOS
CHAMAR	1. convocar	TD (*por)	o, a	O diretor o chamou à sua presença. Chamei por você. (ODp)
	2. apelidar	TD TI → *a	o, a lhe	Chamaram-no (de) charlatão (PO). Chamaram-lhe (de) charlatão (PO).
(DES) OBEDECER		TI → *a	lhe	Os filhos obedecem aos pais. Não devemos desobedecer-lhes.
PERDOAR	1. coisa 2. pessoa	TD TI → *a	o, a lhe	Deus perdoe nossos pecados. Perdoe-os. Perdoei aos meus devedores. Perdoei-lhes.
NECESSITAR		TD (ou TI → *de)	o, a	O país precisa (de) agrônomos.
PRECISAR		TI → *de	dele	O país precisa deles. O país precisa-os.
QUERER	1. desejar 2. amar, ter afeto a	TD TI → *a	o, a lhe	Ele não a quis para esposa. Juro que lhe quero muito.
VISAR	1. fazer pontaria 2. pôr visto em 3. pretender, objetivar	TD TI → *a	o, a a ele	Visou o alvo e atirou. O banco visou o cheque. O vestiba visa a uma vaga na Universidade. (Visa a ela.)
RESPONDER		TI → *a	lhe	Respondeu ao telegrama.
REFERIR-SE		TI → *a	a ele	Referiu-se à ajuda coletiva.

Observações importantes

1. Lembre-se de que verbo transitivo indireto não admite voz passiva. São, portanto, **incorretas** frases do tipo:

O filme foi assistido por nós.

Altas posições são aspiradas por todos.

2. Não é próprio da norma culta dar um único complemento a verbos de regências diferentes. São **incorretas** frases do tipo:

Assisti e gostei do filme.

O verbo **assistir**, no sentido de **ver**, é transitivo indireto, com a preposição **a**.

O verbo **gostar**, no sentido de **apreciar,** é transitivo indireto, com a preposição **de**. A frase deve ser corrigida assim: **Assisti ao filme e gostei dele.** /ou/ **Gostei do filme a que assisti.**

3. O pronome relativo pode funcionar como complemento do verbo. Nesse caso, é preciso que o pronome obedeça à regência do verbo do qual é complemento. A preposição ocorre ou não antes do pronome relativo, em função do verbo do qual é complemento.

Observe o que segue:

Estas são as pessoas	∅	que	aprecio.
	de	que	gosto.
	a	que	me refiro.
	em	que	creio.
	de	que	discordo.

4. O pronome oblíquo **o (a, os, as)** funciona como OD, ao passo que o pronome **lhe (lhes)** funciona como OI. Por conseqüência disso:

a) o pronome **o** não pode funcionar como complemento de verbo transitivo indireto;

b) o pronome **lhe** não pode funcionar como complemento de verbo transitivo direto.

Na fala popular, tem havido certa oscilação no emprego desses pronomes, ocorrendo sobretudo o uso do **lhe** com verbos transitivos diretos. É comum, em certas expressões da fala popular, encontrarmos a seguinte ocorrência:

Eu **lhe** amo, eu **lhe** adoro. **(errado)**

Tais construções não encontram acolhida na norma culta, na qual **amar** e **adorar** são sempre TD. O **correto**, portanto, é:

Eu **o** amo, eu **o** adoro.

→ Em vista disso, verifique com atenção a lista a seguir.

Verbos transitivos diretos	Verbos transitivos indiretos
abraçar (abraçá-lo)	caber (caber-lhe)
acudir (acudi-lo)	convir (convir-lhe)
adorar (adorá-lo)	desobedecer (desobedecer-lhe)
ajudar (ajudá-lo)	pertencer (pertencer-lhe)
amar (amá-lo)	responder (responder a ele)
compreender (compreendê-lo)	agradar (agradar-lhe)
convidar (convidá-lo)	custar (custar-lhe)
convocar (convocá-lo)	querer (querer-lhe bem)
cumprimentar (cumprimentá-lo)	resistir (resistir-lhe)
entender (entendê-lo)	
estimar (estimá-lo)	
estimular (estimulá-lo)	
julgar (julgá-lo)	
namorar (namorá-lo)	
ouvir (ouvi-lo)	
prejudicar (prejudicá-lo)	
ver (vê-lo)	
visitar (visitá-lo)	

Exercícios

1) Marque com E as frases erradas e com C as frases corretas quanto à regência verbal.

a.( ) O filme que assisti foi excelente.

b.( ) Assistiu-se a um belo filme ontem à noite.

c.( ) O espetáculo foi assistido por uma grande multidão.

d.( ) Ao show, eu lhe assisti realmente.

e. ( ) Esta faculdade é aspirada por todos.

f. ( ) Este ar é aspirado por todos.

g. ( ) Este ar, já o aspirei mais puro.

h. ( ) Que cargo aspiras?

i. ( ) A doente foi assistida por um bom médico.

j. ( ) Era visado o bem de todos.

2) Responda às questões que seguem, utilizando o seguinte código:

(A) se somente I é correta;

(B) se I e II são corretas;

(C) se II e III são corretas;

(D) se todas são corretas;

(E) se nada disso ocorrer.

1. ( ) I. Não obedeces a teu avô?

II. As leis foram obedecidas compulsoriamente.

III. Por que não obedecem ao chamado dele?

2. ( ) I. Você já pagou o funcionário?

II. Perdoaram o ladrão!

III. O padeiro foi pago.

3. ( ) I. Avisei-lhe do perigo.

II. Avisei-lhe de que se prevenisse.

III. Informei-lhes os resultados.

4. ( ) I. Prefiro futebol a basquete.

II. Esqueceram-me aqueles tristes dias.

III. Esqueci do seu nome.

5. ( ) I. Ainda não foi visado o teu passaporte.

II. Prefiro fazer do que falar.

III. Era visado o bem da coletividade.

3) Preencha os vazios adequadamente, se necessário:

a. Devemos obedecer .... regulamentos do colégio.

b. Informei-os .... notas.

c. Informei-lhes .... notas.

d. Esqueci .... livro.

e. Esqueci-me .... livro.

f. Esqueceu-me .... livro.

g. O caçador visou .... animal.

h. Avisei-lhe .... que havia muita complicação.

i. .... este filme eu ainda não assisti.

j. — Já pagou .... empregados?
— Sim, já .... paguei.

l. — Já pagou .... conta?
— Sim, já .... paguei.

4) Preencha as lacunas adequadamente, se necessário:

1. Procederemos .... o debate.

2. Cheguei muito tarde .... local arrombado.

3. Não antipatizei .... ninguém.

4. Quero muito bem .... estas pessoas.

5. Não .... simpatizo muito .... aquele professor.

5) Empregue lhe(s), o(s), a(s) nas frases abaixo:

1. Prometo obedecer .... de agora em diante.

2. O pai cumprimentou ..... pela vitória.

3. Nós .... queremos muito bem.

4. Nós sempre .... ajudamos.

5. Eu .... abracei pelo êxito conseguido nos exames.

6. Vocês receberam as ordens. Não vão obedecer .... ?

7. Informei .... de que a festa seria hoje.

8. Informei .... que a festa seria hoje.

6) Preencha as lacunas com o pronome relativo que**, precedido ou não de preposição.**

1. O caso .... te referes me assusta muito.

2. A peça .... assistimos foi muito longa.

3. O aperfeiçoamento humano é o fim .... visam todas as religiões.

4. Esta é a conclusão .... chegamos.

5. Aquele foi o filme .... assisti três vezes.

6. Qual é o cargo .... aspiras na firma?

7. Este foi o livro .... mais gostei até hoje.

8. Este foi um detalhe .... todos esqueceram.

9. Este foi um detalhe .... todos se esqueceram.

10. Esta é uma situação .... não me lembro mais com muita clareza.

7) Reescreva a frase proposta, permutando a expressão em destaque pelo verbo solicitado, e use a preposição adequada antes do pronome relativo, se convier.

A pátria que **quisera ter** era um mito.

1. almejar: ....
....

2. aspirar: ....
....

3. simpatizar: ....
....

4. visar: ....
....

5. precisar: ....
....

6. referir-se: ....
....

7. lembrar: ....
....

8. esquecer-se: ....
....

9. lembrar-se: ....
....

10. esquecer: ....
....

Testes

1. (PUC-MG) Indique o período que corresponde ao que segue: "O garçom lhe informa que não servem cafezinho na mesa". (F. Sabino)

a) O garçom o informa que não servem cafezinho na mesa.

b) O garçom lhe informa de que não servem cafezinho na mesa.

c) O garçom o informa de que não servem cafezinho na mesa.

d) O garçom informa-o isto: não servem cafezinho na mesa.

e) O garçom informa-lhe de que não servem cafezinho na mesa.

2. (PUC-MG) Considere cada frase abaixo e sua equivalente ao lado:

1. Confiar em Deus = confiar nele.
2. Criticar os maus governos = criticá-los.
3. Resistir ao cerco = resistir-lhe.
4. Zelar pelas crianças = zelá-las.
5. Necessitar de dinheiro = necessitar-lhe.

Estão corretas:

a) 1, 2, 3, 4, 5
b) 1, 2, 3, 5
c) 1, 3, 4, 5
d) 1, 2, 3
e) 2, 3, 4

3. (UEM-PR) Observando a correção e clareza, assinale o período construído adequadamente:

a) Ontem assistimos o filme, na sessão das dez.

b) Muito obrigado, disse a jovem, eu mesmo farei a tarefa.

c) Pedro visitou seu amigo, depois saiu com sua noiva.

d) Conquanto estudasse em ótimo colégio, mostrava-se mal-educado.

e) Se você obedecer a gramática, resolverá parte da prova.

4. (MACK-SP) Assinale a alternativa em que há erro de regência verbal.

a) Os alunos ficaram ansiosos a fazer a prova.

b) Ele tinha asco de olhar as cobras no Butantã.

c) A atitude do aluno com o mestre foi surpreendente.

d) Sabia que o cerco à Fortaleza não duraria cinco minutos.

e) Os médicos estavam acostumados com tais imprevistos.

5. (MACK-SP) Assinale a alternativa em que há erro de regência:

a) Esqueceu-me o livro de contas.

b) Ela lhe quer muito bem.

c) Este é o homem. Você lhe obedecerá.

d) Altos cargos são aspirados por gente medíocre.

e) Minhas palavras não lhe agradaram.

6. (UFBA) Assinale a alternativa incorreta quanto à regência:

a) As batalhas a que assistimos naqueles dias foram sangrentas.

b) Roberto assistia o espetáculo com muito prazer.

c) Naturalmente, meu amigo, assiste-lhe o direito de reclamar.

d) Os filmes de terror, ele assistiu a todos, com serenidade.

e) Durante sua longa doença, assistiu-o uma delicada enfermeira.

7. (CESGRANRIO) Assinale a opção em que o verbo LEMBRAR está empregado de maneira inaceitável em relação à norma culta da língua:

a) Pediu-me que o lembrasse a meus familiares.

b) É preciso lembrá-lo o compromisso que assumiu conosco.

c) Lembrou-se mais tarde que havia deixado as chaves em casa.

d) Não me lembrava de ter marcado médico para hoje.

e) Na hora das promoções, lembre-se de mim.

8. (CESGRANRIO) Assinale a frase que não se completa adequadamente com a forma colocada entre parênteses:

a) Trata-se de condições especiais, ... convém à sociologia da ciência estudar. (que)

b) Trata-se de condições especiais, ... estudo será feito pela sociologia da ciência. (cujo)

c) Trata-se de condições especiais, ... deve cuidar a sociologia da ciência. (de que)

d) Trata-se de condições especiais, ... devem ser investigadas pela sociologia da ciência. (que)

e) Trata-se de condições especiais, ... a sociologia da ciência decerto fará referência. (que)

9. (SANTA CASA-SP) Observe as frases seguintes:

I. Pedro pagou os tomates.

II. Pedro pagou o feirante.

III. Pedro pagou os tomates ao feirante.

Assinale a alternativa que tece considerações corretas sobre tais frases:

a) Estão corretas apenas a I e a II porque o verbo pagar é transitivo direto.

b) A II está errada, porque, quando pagar tem por objeto um nome de pessoa, é transitivo indireto (o certo seria «ao feirante»).

c) Apenas a I está correta.

d) A frase III é a única correta e pagar é transitivo direto nesta frase.

e)Todas as frases estão construídas conforme as regras de regência do verbo pagar.

10. (PUC-RS) Assinale a alternativa cujo pontilhado deve ser preenchido por LHE:

a) Informaram- .... de que os resultados haviam saído.

b) Já .... avisaram da visita?

c) Toda a equipe visa- .... um bom resultado.

d) O doente está fora de perigo.

Assiste- .... uma excelente equipe médica.

e) Informaram- .... que os resultados haviam saído.

11. (FUVEST) Indique a alternativa correta:

a) Preferia brincar do que trabalhar.

b) Preferia mais brincar do que trabalhar.

c) Preferia brincar a trabalhar.

d) Preferia brincar à trabalhar.

e) Preferia mais brincar que trabalhar.

12. (UFBA) Indique a opção em que o verbo ASPIRAR tem o mesmo significado do empregado em:

"É conveniente, em tais situações, aspirar o ar da montanha."

a) Aspiro a livrar-me desta situação.

b) O cargo a que aspiro é alto.

c) Ele sempre aspirou voltar às montanhas.

d) Você aspirou éter?

e) Você aspira à carreira militar?

Para resolver as questões 13 a 16, assinale as alternativas e some os valores.

13. (UFPR) Que frases podem ser completadas com as formas colocadas entre parênteses?

1. ...... quanto tempo não .... via! (HÁ, LHE)

2. O professor avisou- .... de que deveria ir .... secretaria do colégio. (O, À)

4. Os amigos .... cumprimentaram vivamente pela solução que deu .... questões. (O, AQUELAS)

8. Não .... obedeço porque não reconheço .... sua autoridade. (LHE, A)

16. O distinto colega esteja certo de que .... estimamos e de que receberá nossa visita .... qualquer momento. (LHE, A)

32. O pai lembrou- .... a necessidade de voltar .... estudar. (LHE, A)

14. (UFSC) Assinale as alternativas gramaticalmente CORRETAS:

1. Estas poesias são para eu ler hoje?

2. Ele trouxe consigo mesmo um volume das *Poesias Completas* de Cruz e Sousa.

4. Perdoei Paulo tanto esquecimento.

8. Prefiro ler o livro a assistir ao filme.

15. (UFJF-MG) Assinale as afirmativas corretas:

1. Assistimos um belo espetáculo ontem.

2. Alguns chamam-no de traidor.

4. Procedo um inquérito.

8. Lembro-me que sua voz era suave.

16. Eu lhes perdôo, irmãos, todas as suas faltas.

32. Sempre preferiu mais o estudo que a diversão.

64. Informei-lhe a nota obtida.

16. (UFPR) Observe o modelo e considere as frases em que, na língua culta, é possível o mesmo tipo de construção:

Modelo: Informaram o diretor do resultado.
Informaram o resultado ao diretor.

1. Não pagamos os salários ao empregado.

2. Perdoaram o crime ao criminoso.

4. Já preveni o aluno de que a situação exigia cuidados.

8. O soldado notificou sua ausência ao comandante.

16. A moça lembrou o fato à amiga.

17. (ITA-SP) Considerando que o pronome relativo deve ser examinado em relação ao verbo que lhe vem imediatamente depois, quais frases abaixo estão corretas:

1. Apresento as provas do concurso de que fui por vós designado a elaborar.

2. Apresento as provas do concurso a que fui por vós designado a fiscalizá-lo.

3. Apresento as provas do concurso de cuja organização me destes a honra.

4. Apresento as provas do concurso para cuja fiscalização fui por vós designado.

( ) a. Todas.

( ) b. Apenas a 1 e a 3.
( ) c. Apenas a 2 e a 4.
( ) d. Apenas a 3 e a 4.
( ) e. Apenas a 1 e a 2.

Regência nominal

Na regência nominal, não há tantos desencontros entre a norma culta e a fala popular. Em todo caso, segue aqui uma lista de nomes acompanhados da respectiva preposição:

alheio a, de — Está alheio **a** tudo.
Era um rei alheio **de** tudo o que se passava no reino.
ambicioso de — Espírito ambicioso **de** verdades.
análogo a — Um exemplo é análogo **a** outro.
ansioso de, para, por — Homem ansioso **de** ver seus filhos.
Estava ansioso **para** ouvir a música.
Sinto-me ansioso **por** vê-lo.
apto a, para — Está apto **ao** trabalho.
Considero-me apto **para** o cargo.
ávido de, por — Era um vizinho ávido **de** notícias.
Gente ávida **por** dominar.
contemporâneo a, de — Contemporâneo **a** César.
Contemporâneo **da** Revolução Francesa.
contíguo a — Sala contígua **ao** quarto.
curioso a, de — É um exemplo curioso **aos** especialistas.
É coisa curiosa **de** ver.
falto de — O herói caiu falto **de** forças.
imbuído em, de — Estava imbuído **em** sonhos.
Estava imbuído **de** boas intenções.
incompatível com — Isso é incompatível **com** minhas idéias.
inepto para — Homem inepto **para** a Medicina.
misericordioso com, para com — Era misericordioso **com** os pobres.
Foi misericordioso **para com** ele.
preferível a — Isto é preferível **àquilo**.
propenso a, para — Era propenso **ao** magistério.
Era propenso **para** o mal.

Exercício

Complete as frases abaixo de forma que fiquem corretas quanto à regência nominal:

a. Lirialdo estava acostumado .... andar a cavalo.

b. Estamos ansiosos .... terminar o trabalho.

c. Um homem deve ser fiel .... suas idéias.

d. Meus alunos têm muito jeito .... redação.

e. Todos estavam prontos .... fazer a prova, mas o professor não chegou.

f. O respeito ..... vida é uma obrigação de todos.

g. Nossa escola está situada .... a Penha e a Praça Tiradentes.

h. Nossos amigos vivem próximos .... Buenos Aires.

i. O amor .... seus semelhantes é muito importante.

j. Trabalhadores manifestam seu repúdio .... pacote da Previdência.

l. O chanceler manifestou a posição do Itamarati favorável .... convocação de uma assembléia.

Questões discursivas

1. (CÁSPER LÍBERO-SP) Qual a forma correta:

"Custa-me crer que ele foi eleito" ou "Custo a crer que ele foi eleito"?

Resp.: ....

....

2. (UFSCAR-SP) "Nunca lhe esquecera a observação, nem a longa resposta que dera." Reescreva a frase empregando outra regência correta do verbo da oração principal:

Resp.: ....

....

....

....

3. (FUVEST) Reescreva as orações abaixo, substituindo em cada uma o pronome de 1ª pessoa pelo de 3ª:

a) .... "... às vezes me repreendia..."

....

b) . "... porque me negara uma colher de doce..."

....

....

4. (CEFET-PR) Reescreva os períodos substituindo os termos grifados pelos dos parênteses e fazendo as adaptações necessárias com vista à norma culta da linguagem:

a) Todos **gostam** mais do elogio que da censura. (preferir)

....

....

b) **Foi difícil** eu compreender o que você quis dizer. (custar-me)

....

....

5. (CEFET-PR) Troque o verbo grifado pelos verbos indicados, fazendo as devidas adaptações no pronome relativo.

MODELO: Este é o filme que todos **viram**. (assistir) = Este é o filme a que todos assistiram. São posições a que me **oponho**.

a) .... (bater-se) =

....

b) .... (aspirar) =

....

6. (FEI-SP) Explique a presença das preposições de **e** em **nas seguintes passagens:**

a) "Não puderam, pois, ocultar o embaraço **de** que se achavam tomados."

....

....

b) "Começou então a retraçar um antigo plano, **em** cuja execução por muito tempo trabalhava."

....

....

7. (UFSC) Reescreva o período, corrigindo-o, se necessário, quanto à regência. Justifique sua resposta.

Lembro de você, com seus gestos nervosos...

Correção: ....

....

Justificativa: ....

....

8. (CEFET-PR) Reescreva os períodos, fazendo as adaptações necessárias com vistas à norma culta de linguagem, substituindo as palavras em destaque pelas dos parênteses:

a) Todos **viram**, pela televisão, o espetáculo da pororoca. (assistir)

....

....

b) **...Tenha** sempre **em mira** o supremo bem da Pátria. (visar)

....

....

c) Esta é a terra que tanto **amamos**. (gostar)

....

....

d) Não **pretendemos** a auto-satisfação, mas o bem comum. (aspirar)

....

....

e) **Amava** a escola como seu lar. (querer)

....

....

f) Eu **gosto mais** da verdade que da mentira. (preferir)

....

....

9. (CEFET-PR) Complete a lacuna nos períodos, substituindo o objeto direto ou indireto pelo pronome pessoal oblíquo correspondente.

Modelo: .... Eu quero o livro para mim.

.... Eu **o** quero para mim.

a) Todos obedecem a seus superiores.

.... Todos .... obedecem.

b) .... Comprei o livro para os meninos.

.... Comprei- .... o livro.

c) .... O neto quer muito a seu avô.

.... O neto .... quer muito.

10. (UFSC) Reescreva o período abaixo, corrigindo-o, se necessário, quanto ao emprego do pronome relativo e quanto à regência. Em seguida, justifique.

Minha cidade cujo o jardim eu gosto está em festa.

Correção: ....

Justificativa: ....

11. (UFSC) Reescreva o período abaixo. corrija-o, se necessário, quanto à regência nominal. Justifique sempre a correção feita.

O calor do sol, através a vidraça, aquecia seu corpo rígido.

Correção: ....

Justificativa: ....

Testes

1. (UFPR) Os elementos sublinhados nas frases:

Antônio viu **a José**.

José ama **Maria**.

Maria espera **José**.

José convidou **a Antônio**.

Pedro observa **Maria**.

podem ser substituídos, respectivamente, por:

a) lhe, lhe, lhe, lhe, lhe.

b) lhe, a, o, lhe, a.

c) o, a, o, o, a.

d) o, lha, o, o, lha.

e) lhe, a, lre, lhe, a.

2. (PUC-SP) Se substituirmos a parte sublinhada dos períodos pelos pronomes adequados:

1. Fomos abraçar **os noivos**.

....

2. Esperavam **o artista** ansiosos.

....

3. O jogador agradou **aos técnicos**.

....

4. Informarei a todos **a mudança**.

....

5. Avisarei **a todos** da mudança.

....

A substituição correta deve ser:

a) .... abraçá-los, esperavam-nos ...., ... agradou-lhes, informá-la-ei ......, avisá-los-ei ....

b) .... abraçá-los, esperavam-lo ....., ... agradou-os, informá-la-ei ...., avisá-los-ei....

c) .... abraçá-los, esperavam-no ...., ... agradou-os, informar-lhe-ei ....., avisar-lhes-ei....

d) .... abraçá-los, esperavam-lo ...., agradou-lhes, informá-la-ei ......, avisar-lhes-ei ......

e) .... abraçá-los, esperavam-no ...., ... agradou-os, informá-la-ei ...., avisá-los-ei....

3. (UFPR) Em qual das alternativas a regência verbal está incorreta?

a) Prefiro sofrer injustiças do que praticá-las.

b) Assisti a um jogo de futebol.

c) Amar a Deus sobre todas as coisas.

d) Aonde você irá domingo?

e) Sempre se esforçou por fugir à mediocridade.

4. (CESGRANRIO) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase:

A obra de Huxley, ... se faz alusão no texto, descreve uma sociedade .... os atos dos indivíduos são controlados por um sistema de televisão e microfones.

a) a que / em que;

b) a qual / que;

c) que / de quem;

d) de que / a qual;

e) da qual / cujos.

5. (UEL-PR)

Não .... queira mal, mas saiba .... ele é pessoa .... palavra duvido.

a) o — de que — cuja

b) o — que — à cuja

c) lhe — que — de cuja

d) lhe — que — à cuja

e) lhe — de que — de cuja

6. (UEL-PR)

Concedi-.... prontamente .... licença solicitada, permitindo- .... ausentar-se por quinze dias.

a) o — com a — o

b) o — com a — lhe

c) lhe — da — o

d) lhe — a — lhe

e) o — a — lhe

7. (UFPR) Preencha convenientemente as lacunas das frases seguintes, indicando o conjunto obtido:

1. A planta .... frutos são venenosos foi derrubada.

2. O estado .... capital nasci, é este.

3. O escritor .... obra falei, morreu ontem.

4. É este o livro .... páginas sempre me referi.

5. Este é o homem .... causa lutei.

a) em cuja, cuja, de cuja, a cuja, por cuja.

b) cujos, em cuja, de cuja, cujas, cuja.

c) cujos, em cuja, de cuja, a cujas, por cuja.

d) cujos, cuja, cuja, a cujas, por cujas.

e) cuja, em cuja, cuja, cujas, cuja.

8. (PUC-RS) Observe:

Modelo: Este é o homem; eu confio nele.

O homem em quem confio, é este.

1. Este é o texto; eu me refiro a ele: O texto .... me refiro, é este.

2. Estas são as frutas; eu gosto delas: As frutas .... gosto, são estas.

3. Este é o livro; eu o li: O livro .... li, é este.

4. Esta é a criança; conheço os pais dela: A criança .... pais conheço, é esta.

Observando o modelo, assinale a alternativa que preenche corretamente os pontilhados:

a) que, de que, que, de cujos

b) a que, de que, que, cujos

c) a que, que, a que, cujos

d) que, de que, que, cujos

e) que, de que, que, a cujos

9. (UFSC) Observe os períodos abaixo:

I. Falar muito ou bem não implica em ter idéias viáveis.

II. Os heróis idealistas preferem morrer a fugir como covardes.

III. Eu me simpatizo com você.

IV. Preciso que você colabore conosco.

V. Avisei-lhe a mudança dos horários.

VI. Avisei-o da mudança dos horários.

A alternativa em que os períodos estão corretos, quanto à regência, é:

a) I, II, IV, VI

b) I, III, V

c) II, V, VI

d) II, III, VI

e) I, II, IV, V

10. (UFMT) São candidatos ....

a) de cujo preparo pouco sabemos.

b) que de seu preparo pouco se sabe por nós.

c) o preparo dos quais pouco se nós é sabido.

d) cujo o preparo pouco sabemo-lo.

e) dos quais pouco sabemos o preparo deles.

11. (UFPR) Quais das frases são incorretas?

a) Ouça com atenção o que lhe vamos dizer.

b) Espere um pouco; preciso lhe falar.

c) Se quiseres, nós te avisaremos logo que chegarem.

d) Queremos cumprimentar-lhe pela nomeação.

e) Quando fores, iremos contigo.

12. (UEM-PR) Assinale a alternativa que preencha corretamente as lacunas dos períodos abaixo:

I. Sempre obedeci .... mais velhos.

II. Vocês já pagaram .... motorista?

III. Prefiro reprovar .... copiar do vizinho.

IV. Você lembra .... explicação dada pelo professor?

a) os — o — do que — da
b) os — ao — do que — a
c) aos — ao — do que — da
d) aos — ao — a — a
e) aos — o — do que — a

13. (FUVEST) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas correspondentes:

A arma .... se feriu desapareceu.

Estas são as pessoas .... lhe falei.

Aqui está a foto .... me referi.

Encontrei um amigo de infância .... nome não me lembrava.

Passamos por uma fazenda .... se criam búfalos.

a) que, de que, à que, cujo, que

b) com que, que, a que, cujo qual, onde

c) com que, das quais, a que, de cujo, onde

d) com a qual, de que, que, do qual, onde

e) que, cujas, as quais, do cujo, na cuja

Para resolver as questões 14 a 17, assinale as alternativas e some seus valores.

14. (UFPR) Que frases terão suas lacunas corretamente preenchidas com as formas entre parênteses, obedecida a seqüência destas?

1. E .... menino traz .... uma carta para ...., Senhor Presidente. **(este, consigo, Vossa Excelência)**

2. Vossa Excelência .... em .... mãos o poder que .... confiou o povo. **(tem, suas, lhes)**

4. Senhor Diretor! Passo às mãos de .... o pedido de aposentadoria do Sr. J. Silva e de D. M. Ferreira, sendo .... funcionária estatutária e .... funcionário contratado pela CLT. (**V. S.ª, esta, aquele**)

8. Vossa Excelência, Senhor Presidente, ... estar .... do apoio de todo .... Ministério. (**deveis, seguro, vosso**)

16. Excelência! Nós gostaríamos de falar .... exatamente sobre .... documento que acabamos de .... entregar. (**consigo, esse, lhe**)

15. (UFPb) Indique todos os casos em que não haja erro de regência:

1. Não se lembrou de que estava em sala de aula.

2. Não se lembrou que estava em sala de aula.

4. É este o livro de que mais gostei.

8. É este o rapaz que eu vim com ele de Florianópolis.

16. São aqueles os homens que os malvados zombaram.

16. (PUC-RS) Assinale as afirmativas em que ocorre erro de regência verbal:

1. Comuniquei-lhe sobre o ocorrido.

2. Informaram-me sobre o acontecido.

4. Informaram-se o acontecido.

8. Sua atitude implicou na suspensão dos jogos.

16. Não obedeceu a nenhuma advertência.

32. Obedeceu a mãe, prontamente.

17. (UFPR) Assinale as alternativas em que o que **deve ser antecedido de preposição:**

1. João pensa que vai chover.

2. Ignorava os problemas que se defrontaria no caminho.

4. O livro que Maria se referiu é um dos líderes de vendagem.

8. Depois que você tiver falado, falarei eu.

16. Encontraram o pé-de-cabra que o ladrão se serviu para entrar na casa.

32. Quero apresentar-te o doutor que te falei durante a viagem.

Descontraia

Tragédia brasileira

Misael, funcionário da Fazenda, com 63 anos de idade.

Conheceu Maria Elvira na Lapa — prostituída, com sífilis, dermite nos dedos, uma aliança empenhada e os dentes em petição de miséria.

Misael tirou Maria Elvira da vida, instalou-a num sobrado do Estácio, pagou médico, dentista, manicura... Dava tudo quanto ela queria.

Quando Maria Elvira se apanhou de boca bonita, arranjou logo um namorado.

Misael não queria escândalo. Podia dar uma surra, um tiro, uma facada. Não fez nada disso: mudou de casa.

Viveram três anos assim.

Toda vez que Maria Elvira arranjava namorado, Misael mudava de casa.

Os amantes moraram no Estácio, Rocha, Catete, Rua General Pedra, Olaria, Ramos, Bonsucesso, Vila Isabel, Rua Marquês de Sapucaí, Niterói, Encantado, Rua Clapp, outra vez no Estácio, Todos os Santos, Catumbi, Lavradio, Boca do Mato, Inválidos...

Por fim na Rua da Constituição, onde Misael, privado de sentidos e de inteligência, matou-a com seis tiros e a polícia foi encontrá-la caída em decúbito dorsal, vestida de organdi azul.

Bandeira, Manuel.

in: *Poesia Completa e Prosa.*

Respostas da unidade 22 — Regência Verbo-nominal

Exercícios — pág. 289

1) E, C, E, E, E, C, C, E, C, E

2) E, E, C, B, A

3) a) aos b) sobre as (das) c) as d) o e) do f) o g) o h) — i) A j) aos/lhes l) a/a

4) 1.ao 2.ao 3.com 4.a 5.— /com.

5) 1.lhe 2.o 3.lhe 4.o 5.o 6.lhes 7.o 8.lhe.

6) 1.a que 2.a que 3.a que 4.a que 5.a que 6.a que 7. de que 8. que 9. de que 10. de que.

7) 1. que almejara 2. a que aspirara 3. com que simpatizara 4. a que visara 5. de que precisara 6. a que se referira 7. que lembrara 8. de que se esquecera 9. de que se lembrara 10. que esquecera.

Testes — pág. 291

1 - c
2 - d
3 - d
4 - a
5 - d
6 - b
7 - b
8 - e
9 - b
10 - e
11 - c
12 - d
13 - 42
14 - 11
15 - 82
16 - 28
17 - d

Exercício — pág. 294

a) a b) por c) às d) para e) a f) à g) entre h) a/de i) por/a/de j) ao/pelo l) à

Questões discursivas — pág. 295

1) Custa-me crer...

2) Nunca esquecera a observação...

3) a) ...às vezes o repreendia b)...porque lhe negara uma colher de doce...

4) a) Todos preferem o elogio à censura b) Custa-me compreender o que você quis dizer.

5) a) São posições por que me bato (pelas quais).
b) São posições a que aspiro.

6) a) é prepos. regida pela loc. verbal «se acham tomados».
b) é prepos. regida pelo verbo «trabalhar».

7) Lembro você, ...
JUSTIFICATIVA: o verbo **lembrar** usado sem pronome reflexivo é TD.

8) a) Todos assistiram, pela televisão, ao espetácu-

lo da pororoca b) Vise sempre ao supremo... c) Esta é a terra de que tanto gostamos. d) Não aspiramos à auto-satisfação, mas ao bem-comum e) Queria à escola... f) Prefiro a verdade à mentira.

9) a) lhes b) lhes c) lhe

10) Minha cidade, de cujo jardim eu gosto, está em festa.

JUSTIFICATIVA: o verbo **gostar** é **TI** e rege prepos. **de;** não se usa artigo após o pron. relat. **cujo**.

11) O calor do sol, através da vidraça, aquecia seu corpo rígido.

JUSTIFICATIVA: com o sentido "de um lado para outro" "por entre", usa-se a locução adv. **através de**.

Testes — pág. 296

1 - c
2 - e
3 - a
4 - a
5 - c
6 - d
7 - c
8 - b
9 - c
10 - a
11 - d
12 - d
13 - c
14 - 07
15 - 05
16 - 41
17 - 54

7 Homônimos e Parônimos

Homônimos

São palavras que se pronunciam e/ou se escrevem da mesma maneira:

PERFEITOS: quando a grafia e a pronúncia são idênticas. Ex.: **A ama** e **ele ama**.

IMPERFEITOS: quando, somente, ou a grafia ou a pronúncia é idêntica. Serão neste caso:

HOMÓFONOS: quando possuem o mesmo som. Ex.: sessão, seção, cessão.

HOMÓGRAFOS: quando possuem a mesma grafia. Ex.: o governo e eu governo.

Parônimos

São palavras que possuem semelhança, porém têm significação diversa. A pronúncia e a grafia são apenas parecidas.

Ex.:

fruir = desfrutar
fluir = correr

arrear = pôr arreios; aparelhar
arriar = abaixar; descer

1. Há - A - À = Tempo

Macete I:

HÁ → tempo passado — Saí há pouco.
A → tempo futuro — Sairei daqui a pouco.
À → loc. adv. tempo — Saí à tarde.
HÁ → (= existe(m)) — Há alunos estudiosos.

Macete II:

HÁ → substitui por FAZ.
A → NÃO se substitui por «FAZ».

Aparece depois de DAQUI e DAÍ.

Veja:

Saí **HÁ** pouco. (Saí FAZ pouco.)

Sairei **daqui** A pouco. (Sairei daqui FAZ pouco).

I — Complete com HÁ ou A ou À:

1. Daqui ..... pouco rezaremos pelo sucesso da cirurgia.

2. Parece que foi ...... tão pouco tempo.

3. ..... alguns anos, os vestibulares se constituíam de questões dissertativas.

4. ..... bem pouco tempo, todos os vestibulares no Brasil constarão de questões subjetivas.

5. Ela chorava de medo ..... muitas horas e sempre ..... tardinha.

6. O governador assumiu ..... poucos meses, mas as próximas eleições serão daqui ..... alguns anos.

7. O litoral nordestino foi feito ..... séculos, por Deus.

8. O porto de Paranaguá fica .... uma hora de Curitiba.

9. Esperava seu recado daí .... meia hora, mas ele foi dado ..... duas horas atrás, somente.

10. ..... bem pouco tempo, ninguém sabia a diferença destes homônimos.

11. Voltaremos ao Brasil daqui ..... alguns meses, para rever os amigos.

12. O início do curso aconteceu ..... semanas.

13. Cristo morreu .... dois mil anos.

14. ...... pessoas interessadas nesta obra.

15. Fomos .... Fortaleza .... duas semanas e iremos a Manaus daqui ..... três dias.

16. Se não o vejo ..... anos, nada posso falar dele.

17. Vi-o ..... noite e não, ... tarde, como supunham.

18. Minha cidade natal fica ..... quilômetros daqui, e ..... muitas horas de lá.

19. Nasci ..... 26 de fevereiro de 1950.

20. Do Rio ..... São Paulo são 400 km.

2. Mal e Mau

Macete

MAL → BEM
MAU → BOM

II — Complete com MAL ou MAU:

1. Ela sentiu-se ..... e foi embora.

2. Não fiquemos de ...... humor.

3. A ambição é o ...... deste mundo.

4. A empresa está ...... administrada.

5. Sinto-me ...... quando como demais.

6. Se você não é ......, por que faz o ......?

7. Cuecas ...... costuradas e de muito ..... gosto.

8. Porque ele é ...... pratica o ......

9. Ele não é ...., apenas raciocina ....

10. Ele vive ......-humorado por não conter o seu .... humor.

11. Foi um ....-estar súbito.

12. Quem recebe ....-tratos é maltratado.

13. Fez um ..... tratado, terá ..... resultado.

14. Não leves a ....; assim, não serás ....

15. Não serei ..... aluno para não passar por....... pedaços.

3. Os porquês

Macetes:

$$\left.\begin{array}{l}\text{o(s)}\\ \text{um(s)}\\ \text{1. nosso}\\ \text{este...}\end{array}\right\}\text{PORQUÊ(S)} \rightarrow \text{substantivo}$$

2. **POR QUE?** → nas interrogações, ou troque por → POR QUAL MOTIVO, POR QUAL RAZÃO, PELO QUAL, PELA(s) QUAL(is), PARA QUE

3. **POR QUÊ?** → idem = final frase.

4. **PORQUE** → nas respostas, ou troque por → PORQUANTO, POIS.

III — Complete com um dos PORQUÊS:

1. Vestiba, ... você faz aviõezinhos durante a aula?

2. Ora, faço ...... me agrada.

3. O Sr. vai me punir, ... ?

4. Depois da aula, o Diretor dirá o ....

5. Não vejo razões .... desconfiar dele.

6. Você erra, ainda, ... quer.

7. Se eu erro ...... quero, qual o ...... do .... ?

8. Todos temos um .... em nossa vida.

9. Você não gosta de mim e eu quero saber ....

10. Espero que tenham aprendido, ... o vestibular não perdoa aos «fajutos» que não sabem aplicar os .... corretamente.

11. .... você me procura, se nem mesmo o delegado sabe explicar o .... de tamanho desinteresse pela apuração dos desmandos?

4. Este, Esse, Aquele

Macete I:

ESTE: perto de quem fala; tempo presente; início de carta (aquilo que será nominado). → AQUI.

ESSE: perto de com quem se fala; tempo passado ou futuro; fim de carta (aquilo que já foi nominado). → AÍ.

AQUELE: longe de quem fala e de com quem se fala; passado vago ou remoto → LÁ, ALI.

Macete II:

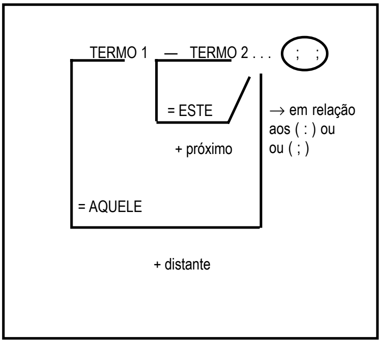

Exemplo:

+ dist. → AQUELA

Visitei as cidades de **Manaus** e

(I)

+ próx. → ESTA

(2)

de **Recife**; **naquela** conheci a Zona Franca e **nesta** a famosa praia da Boa Viagem.

IV — Corresponda as colunas:

(1) ESTE tomate

(2) ESSE pepino

(3) AQUELE jiló.

(   ) Está comigo.

(   ) Está com você.

(   ) Está perto de mim.

(   ) Está perto de nós dois.

(   ) Está ali.

(   ) Está aqui.

(   ) Não está comigo nem com você.

(   ) Se não está aqui, deve estar com a vovozinha.

(   ) Se não está lá ou aí.

V — Complete com o demonstrativo correto:

1 — .... ano de 1994, implantou-se o Plano Real.

2 — .... próximo ano, talvez haja eleição para presidente.

3 — .... próximo vestibular certamente será mais fácil que .... último.

4 — O d .... ano longínquo foi fácil.

5 — .... vestibular em que se colocou novamente a redação foi difícil.

6 — Vestiba, cuide d .... apostila em que você sentou em cima.

7 — .... aqui é minha.

8 — Cuidado com .... pensamentos!

9 — Farei os vestibulares na UFCE e na UFPE; .... em Fortaleza e .... em Recife.

5. Sessão, Seção ou Secção e Cessão

SESSÃO – é o **tempo** de algo, um **evento.**

Ex.: Fomos à sessão de cinema.

SEÇÃO – é o **departamento,** o local.

Ex.: Fomos à seção de artigos infantis.

SECÇÃO – é o **corte,** a **divisão.**

Ex.: Fez-se a secção do abastecimento de água.

CESSÃO – é o ato de ceder, a **doação.**

Ex.: Fez a cessão do local para o treinamento.

VI — Complete:

— Fizeram a .... da cancha esportiva aos funcionários da .... de pessoal durante a .... de lazer.

— Assistiu à .... de abertura do Congresso Nacional como convidado.

— O professor fez a .... do tema de redação do vestibular para o próximo ano, para os alunos que participaram de todas as .... de redação.

— Se uma .... de macumba ajuda vestiba desesperado? Sim! Ajuda a não passar no vestibular.

6. Onde e Aonde

ONDE → **Em** algum lugar (cessação de movimento).

AONDE → **A** algum lugar (movimento).

VII — Complete:

— .... iremos amanhã?

— .... nos encontraremos amanhã?

— .... chegará ele com tanta pressa?

— Dormir ....? Ora, ... pudermos ir. ...... moro? Resido ..... você não conhece, ... ninguém vai sem proteção policial.

— ...... você esteve até agora?

— Quero saber ...... você quer chegar com essa conversa de calouro primeiro-colocado.

7. Infringir e Infligir

INFLIGIR→ é aplicar pena ou castigo.→ TDI

INFRINGIR → é transgredir, violar.→ TD

VIII — Complete:

— Porque o menino .... as regras da casa, o pai .... -lhe severo castigo.

— Não .... as leis de tráfego, ouviu!

— Se você .... as normas, como poderão os diretores não lhe .... uma admoestação severa?

— Aluno, não .... as normas do colégio, conversando em sala de aula, pois tuas aspirações coincidem com as de todos!

8. Ante e Anti

ANTE → indica anterioridade (antediluviano).

ANTI → indica contrariedade (antinacional).

* Hífen antes de **h — r — s.**

IX — Complete:

— Não havia na cidade soro .... rábico, somente .... ofídico.

— Seguiram .... ontem para cá.

— De início, os romanos foram .... helênicos.

— Restos de animais .... diluvianos foram encontrados.

— Ser ...... tóxico não é ser .... social.

— Isto é .... higiênico.

— As vacinações .... poliomielite são fundamentais às crianças. Esta vacina é também conhecida como .... pólio.

9. Descrição e Discrição

DESCRIÇÃO → é o ato de descrever.

DISCRIÇÃO → é a qualidade de ser discreto.

X — Complete:

— Havia ... no seu modo de vestir e não houve nenhuma .... de atitudes suspeitas.

10. Censo e Senso

CENSO → é contagem, alistamento.

SENSO → é bom juízo, sentido, raciocínio.

XI - Complete

— O último .... revelou Curitiba com mais de um milhão de habitantes.

— Tenhamos o .... de perceber que dissertação não é bilhete de amor.

11. Cumprimento e Comprimento

CUMPRIMENTO → saudação.

COMPRIMENTO → dimensão, medida.

XII — Complete:

— Pelo .... de sua ignorância não espere nenhum ....

12. Externo e Esterno

EXTERNO → exterior (do lado externo).

ESTERNO → osso dianteiro do peito.

XIII — Complete:

— Quebrou o .... ao cair do lado .... da sacada.

13. Espectador e Expectador

ESPECTADOR → aquele que contempla.

EXPECTADOR → aquele que está na expectativa.

XIV — Complete:

— Sendo .... de todas as aulas, não seremos eternos .... da Universidade.

14. Estada e Estadia

ESTADA → período de permanência em determinado lugar.

ESTADIA → prazo para carga e descarga do navio em um porto.

XV — Complete:

— Paguei caro sua .... em minha casa, pois era impertinente nas atitudes.

— A .... do meu carro é paga mensalmente.

— Em hotel, pagam-se as diárias relativas a nossa ....

15. Insosso e Insulso

INSOSSO → sem sal bastante.

INSULSO → sem graça.

XVI — Complete:

— A refeição, achei-a ....; a garçonete, ...

16. Ratificar e Retificar

RATIFICAR → confirmar, validar (o que foi dito).

RETIFICAR → corrigir, emendar.

XVII — Complete:

— Espero que .... os vestibulares da UFAM marcados para janeiro; caso contrário, a data poderia ser ...., passando para dezembro.

17. Vultoso e Vultuoso

VULTOSO → de grande vulto, volumoso.

VULTUOSO → atacado de vultuosidade (congestão da face).

XVIII — Complete:

— São .... os erros quando são .... as dúvidas.

— Para um roubo ...., o assaltante não pode estar com o rosto ....

18. Cela e Sela

CELA → quarto de frades ou freiras, ou de presos; cubículo

SELA → arreios para montaria.

XIX — Complete:

— De sua ...., o monge contemplava a .... brilhante do cavaleiro.

19. Eminente e Iminente

EMINENTE → ilustre, elevado.

IMINENTE → próximo, que está por acontecer.

XX — Complete:

— Ao ..... aluno a derrota nunca se apresenta .....

— O vestibular está .... e, nele, só os vestibas encontrarão guarida.

20. Emergir e Imergir

EMERGIR → sair, mostrar-se.

IMERGIR → mergulhar, afundar.

XII — Complete:

— O moleque .... na multidão.

— Seu rosto .... da janela, brilhante.

— O nadador .... na piscina após o mergulho.

21. Experto e Esperto

EXPERTO → perito.

ESPERTO → inteligente.

XXII — Complete:

— Porque era .... em Química, foi convidado a trabalhar no exterior.

— Criança .... aprende fácil.

22. Incipiente e Insipiente

INCIPIENTE → principiante.

INSIPIENTE → ignorante, não sapiente.

XXIII — Complete:

— Não se deve levar em consideração as afirmações de pessoas ....

— Devemos preservar a vida .... das pequenas árvores, pois elas serão florestas.

Para Consulta

Palavras homônimas e parônimas	Significado
absolver	inocentar, perdoar
absorver	sorver, consumir, esgotar
acender	pôr fogo, alumiar
ascender	subir
acento	tom de voz, sinal gráfico
assento	lugar de sentar-se
acerca de	sobre, a respeito de
cerca de	aproximadamente
há cerca de	faz
acerto	ato de acertar
asserto	afirmação
acostumar	contrair hábito
costumar	ter por hábito
acurado	feito com muito cuidado
apurado	seleto, fino, refinado
afear	tornar feio
afiar	aguçar, amo!ar
afeito	habituado
afoito	corajoso
aferir	conferir, comparar
auferir	colher, obter

Palavras homônimas e parônimas	Significado
afim de	semelhante a, parente de
a fim de	para
ante	antes
anti	contra
aonde	usa-se com verbos dinâmicos; prep. a
onde	usa-se com verbos estáticos; prep. em
amoral	indiferente à moral
imoral	contra a moral, libertino, devasso
apóstrofe	figura de linguagem, interpelação
apóstrofo	sinal gráfico
aprender	instruir-se
apreender	assimilar
arrear	pôr arreios
arriar	abaixar, descer
arrochar	apertar
arroxar	deixar roxo
assoar	limpar o nariz
assuar	vaiar, apupar
avir-se com	entender-se com, conciliar-se com
haver-se com	ajustar contas com, defrontar-se com
bem-vindo	bem recebido, quando se chega
Benvindo	nome de pessoa
brocha	prego curto
broxa	pincel grande; indivíduo sem potência sexual
bucho	estômago
buxo	arbusto
caçar	apanhar animais ou aves
cassar	anular
cadafalso	patíbulo
catafalco	estrado alto em que se coloca o féretro
cardeal	prelado do Sacro Colégio; principal, fundamental
cardial	relativo à cárdia; cardíaco
cartucho	canudo de papel ou papelão
cartuxo	frade da ordem cartuxa
cavaleiro	aquele que sabe andar a cavalo
cavalheiro	homem educado
cela	pequeno quarto de dormir
sela	arreio
cemento	substância para metais
cimento	pó para argamassa

Palavras homônimas e parônimas	Significado
censo	recenseamento
senso	raciocínio, juízo claro
cerração	nevoeiro denso
serração	ato de serrar
cerrar	fechar
serrar	cortar
cervo	veado
servo	escravo
cessão	ato de ceder
seção ou secção	corte, divisão
sessão	evento, atividade
cesto	balaio
sexto	ordinal de seis
chá	bebida
xá	título do ex-imperador do Irã
chácara	sítio
xácara	narrativa popular em verso
cheque	ordem de pagamento
xeque	lance de jogo de xadrez; perigo; chefe de tribo árabe
cidra	fruto
sidra	vinho de maçã
comprimento	extensão
cumprimento	saudação, execução
concelho	município
conselho	sugestão, nome coletivo
conjetura	suposição, hipótese
conjuntura	situação, circunstância
concerto	sessão musical, acordo
conserto	reparo
coser	costurar
cozer	cozinhar
deferimento	concessão
diferimento	adiamento
deferir	atender, conceder
diferir	distinguir-se, ser diferente, adiar
defeso	proibido
defesso	cansado
degredado	desterrado, exilado
degradado	estragado, rebaixado, aviltado
delatar	denunciar
dilatar	alargar, ampliar

Palavras homônimas e parônimas	Significado
descargo	avio
desencargo	desobrigação de um encargo
descrição	ato de descrever, expor
discrição	reserva, qualidade de discreto
descriminar	inocentar
discriminar	distinguir
despensa	lugar de guardar mantimentos
dispensa	isenção, licença
despercebido	não notado
desapercebido	desprovido, desaparelhado
destratar	insultar
distratar	desfazer
édito	ordem judicial publicada em editais
edito	parte de lei; mandato; decreto
emergir	vir à tona
imergir	mergulhar
emigrar	sair da pátria
imigrar	entrar num país estranho para nele morar
eminente	notável, célebre; elevado
iminente	próximo, prestes a acontecer
esbaforido	ofegante, cansado
espavorido	apavorado, assustado
espectador	assistente
expectador	aquele que espera
esperto	ativo, inteligente, vivo
experto	perito, entendido
espiar	observar, espionar
expiar	sofrer castigo
estada	permanência de pessoa
estadia	permanência de veículo ou navio
estádio	fase, período
estágio	preparação
estância	propriedade
instância	insistência; pedido urgente
estático	firme, imóvel
extático	admirado, pasmado
estrato	tipo de nuvem
extrato	resumo; essência
estreme	puro, genuíno
extremo	distante
flagrante	evidente

Palavras homônimas e parônimas	Significado
fragrante	perfumado
fluir	correr
fruir	gozar, desfrutar
fuzil	carabina, espingarda
fusível	dispositivo de proteção elétrica
genitor	pai
progenitor	avô
glosa	comentário, interpretação
grosa	doze dúzias; lima
história	narrativa de fatos reais
estória	narrativa de ficção
incerto	não certo
inserto	incluído
incidente	episódio
acidente	acontecimento casual
incipiente	principiante
insipiente	ignorante
indefeso	desarmado, fraco
indefesso	incansável, laborioso
inerme	sem arma
inerte	parado
inflação	desvalorização do dinheiro; expansão
infração	violação, transgressão
infligir	aplicar pena ou castigo
infringir	transgredir, violar, não respeitar
insolúvel	que não se pode dissolver ou resolver
insolvível	que não se pode pagar
insípido	sem sabor, monótono, tedioso
insosso	sem sal; insulso; alvenaria sem argamassa
insulso	sem graça; sem sal
intemerato	puro, íntegro, incorrupto
intimorato	destemido, valente, corajoso
intercessão	ato de interceder, de intervir
interse(c)ção	ato de cortar
laço	nó
lasso	frouxo, gasto, bambo; cansado, fatigado
lactante	que amamenta, que produz leite
lactente	que ainda mama
lenimento	suavização
linimento	remédio de fricção
lista	relação, rol

Palavras homônimas e parônimas	Significado
listra	linha, risco
locador	proprietário, o que dá por aluguel
locatário	inquilino
lustre	candelabro
lustro	período de cinco anos
lutulento	lamacento
lutuoso	fúnebre, triste
mal	antônimo de bem
mau	antônimo de bom
malgrado	apesar de
mau grado	má vontade
mandado	ordem judicial
mandato	período de missão política
moradia	ato de morar
morada	lugar onde se mora, habitação
ótico	relativo ao ouvido
óptico	relativo à visão
paço	palácio
passo	passada
peão	aquele que anda a pé; trabalhador
pião	brinquedo
pequenez	qualidade de pequeno
pequinês	raça de cães; de Pequim
plaga	região, país
praga	maldição
pleito	disputa
preito	homenagem
precedente	antecedente
procedente	proveniente, oriundo
preeminente	nobre, distinto
proeminente	saliente
prescrição	ordem expressa
proscrição	eliminação, expulsão
previdência	qualidade daquele que prevê as coisas
providência	medida prévia para conseguir um fim; a suprema sabedoria atribuída a Deus
prostrar-se	humilhar-se, curvar-se
postar-se	colocar, permanecer por muito tempo
ratificar	confirmar
retificar	corrigir
reboco	argamassa
reboque	ato ou efeito de rebocar, ou seja, de comboiar; veículo puxado por outro veículo

Palavras homônimas e parônimas	Significado
romeno	da Romênia
romaico	idioma grego moderno
ruço	grisalho, desbotado
russo	da Rússia
sexta	numeral correspondente a seis
sesta	descanso depois do almoço
cesta	utensílio de transporte
sobrescrever	escrever sobre, endereçar ou sobrescritar
subscrever ou	escrever embaixo de, assinar subscritar
sustar	suspender
suster	sustentar
tacha	pequeno prego; mancha
taxa	imposto, percentagem
tachar	censurar, pôr defeito
taxar	estipular; qualificar, seja positiva, seja negativamente; julgar
tenção	propósito, intento, intenção
tensão	esticamento
terço	fracionário correspondente a três
terso	puro, limpo
tilintar	soar
tiritar	tremer
tráfego	movimento, trânsito
tráfico	comércio lícito ou não
vadear	passar ou atravessar a vau, a pé ou a cavalo
vadiar	levar vida de vadio
válido	sadio, vigoroso
valido	protegido
vasa	fundo lodoso do rio, do mar; lodo, lodaçal, limo
vaza	cartas; forma verbal
viagem	substantivo
viajem	verbo
vivido	experiente
vívido	vivaz, ardente
vultoso	volumoso, de grande vulto
vultuoso	vermelho, inchado
zumbido	sussurro de insetos alados
zunido	som agudo do vento

Exercícios

1) Complete as lacunas com as palavras que estão dentro dos retângulos:

BRIZA — ALIZAR — IMORAL — BALSA
BRISA — ALISAR — AMORAL — BALÇA

1. O rapaz não era ...., isto é, nunca mostrou-se indiferente aos preceitos morais.

2. Não contava piada ...., pois era bem-educado.

3. Passou o formão até .... bem a madeira.

4. O friso de madeira que guarnece a porta se chama ....

5. Navegou numa .... até chegar à praia.

6. Penetrou numa .... de vegetação variada.

7. A .... matinal agitava a plantação.

8. Em nosso jardim há um gênero de gramíneas que se chama ....

XEQUE — XÁ — BUXO
COMPRIMENTO — CHEQUE
CHÁ — BUCHO — CUMPRIMENTO

1. O .... do Irã morreu no exílio.

2. Os ingleses importam .... da Índia.

3. Assinou um .... no valor do imóvel.

4. O enxadrista pôs o rei adversário em ....

5. Acabada a cerimônia, os noivos receberam os ....

6. Qual é o .... desta parede?

7. Foi ao açougue comprar .... de boi.

8. Em nosso jardim há um gênero de gramíneas que se chama ....

DIFERENTE — DISCRIMINAR
DISCRIÇÃO — CONSERTO
DEFERENTE — DESCRIMINAR
DESCRIÇÃO — CONCERTO

1. Iremos todos ao .... sinfônico.

2. O mecânico terminou o ...... do automóvel.

3. O diretor mostrou-se .... com todos: concedeu-nos tudo.

4. Seu trabalho é .... de todos.

5. Solicitamos uma .... detalhada da peça.

6. Como era prudente e reservado, não foi necessário pedir-lhe ....

7. O juiz decidiu .... o réu.

8. Cumpre .... o certo do errado.

DESPENSA — EMINENTE — IMIGRANTE
EMERGIU — DISPENSA — IMINENTE
EMIGRANTE — IMERGIU

1. Os enlatados estão guardados na ....

2. Requereu ao diretor .... da prova de Matemática.

3. Era um filósofo ...., graças aos seus estudos.

4. A eclosão de uma nova guerra é ....

5. Os novos .... chegaram hoje ao nosso país.

6. Os .... viajarão à procura de trabalho.

7. Logo que começou a tormenta, o submarino .... pois, sob as águas, estaria mais seguro.

8. Passada a tormenta, o submarino .... e vimos o sol.

ESTÁTICO — ESTERNO — ESPECTADOR
FAZES — EXTÁTICO — EXTERNO
EXPECTADOR — FASES

1. Permaneceu .... atrás da cortina para não ser descoberto.

2. Ele ficou .... ao vê-la assim tão bela.

3. Um dos seus ossos do peito, o ...., estava-lhe causando dores.

4. Quando os pais viajaram, ele ficou interno; poucos meses depois, voltou a estudar ....

5. O .... não gostou do filme.

6. Quem tem expectativa é ....

7. Este calendário não assinala a .... da lua.

8. Ou .... os deveres, ou serás repreendido.

FLAGRANTE — INSIPIENTE
INDEFESSO —INFLAÇÃO —
FRAGRANTE — INCIPIENTE
INDEFESO — INFRAÇÃO

1. O criminoso foi preso em .... com o produto do roubo.

2. Que serás eleito vereador é uma verdade ....

3. Esta loção é muito ....

4. Admitido há dois dias, ainda é um funcionário .... porém, como procede com inteligência, não pode ser considerado ....

5. Era um administrador ...., por isso, elogiado por todos.

6. Porque estava ...., o exército invasor foi derrotado.

7. A .... exige os reajustes dos salários.

8. Aquele que desobedece à lei comete uma ....

INFRINGIR — INTERSEÇÃO
INTEMERATO — PAÇO — INFLIGIR
INTERCESSÃO — INTIMORATO
PASSO

1. Aquele que .... a lei será punido.

2. O juiz não hesitará em .... a pena máxima ao criminoso.

3. Solicitou a .... do advogado para que seus direitos não fossem desrespeitados.

4. Marque com um xis a .... das linhas.

5. É um político ....; aliás, a integridade e a incorruptibilidade também caracterizavam seu pai.

6. Estava sempre à frente, pois era um soldado ....

7. Mal deu o primeiro ...., tropeçou na cadeira.

8. O embaixador ficou hospedado no .... imperial.

LAÇO — MAL — PEQUENEZ
PRECEDENTE — LASSO — MAU
PEQUINÊS — PROCEDENTE

1. Depois de correr oito quilômetros, esticou o corpo .... na grama.

2. O peão preparou o .... para prender o cavalo.

3. Ao tomar posse, prometeu trabalhar tanto quanto o diretor ....

4. Este vinho é .... da Europa.

5. O cão .... arranhou a porta com suas patas.

6. Devido à .... dos caracteres, só podia lê-los com uma lupa.

7. O seu trabalho não está .... organizado.

8. Ninguém o acusou de ser um .... advogado.

PREEMINENTE — PREVIDÊNCIA
RETIFICAR — SESSÃO
PROEMINENTE — PROVIDÊNCIA
RATIFICAR — SEÇÃO

1. Com a fratura, o osso ficou ....

2. Era o mais .... entre os médicos do hospital.

3. O comandante acaba de .... a sua licença, ela não será cancelada.

4. O diretor expediu nova portaria para .... os erros da anterior.

5. É preciso que se tome uma .... definitiva para que isto não volte a acontecer.

6. Graças a sua .... não faltarão alimentos durante o inverno.

7. Compramos os ingressos para a .... de cinema

8. Vá a .... de Pessoal receber o seu salário.

TACHA — TENÇÃO — VADEAR
VIAGEM — TAXA — TENSÃO
VADIAR — VIAJEM

1. Use uma .... para fixar o bilhete no quadro.

2. A .... de contribuição comunitária ajudará os menos favorecidos.

3. Se a sua .... durante a prova é grande, tome um calmante.

4. Se a sua ....é não perder o trem, corra.

5. O «Vestiboca» ficou a .... durante as aulas.

6. Para chegar à outra margem, foi necessário .... um trecho raso do rio.

7. Faremos uma longa .... a cavalo.

8. Espero que eles .... conosco nas férias.

2) Preencha os espaços vazios com a palavra adequada:

1. O orçamento previa investimentos .... (vultosos, vultuosos)

2. Por falta de estrutura, o prédio .... (arreou, arriou)

3. As empresas construtoras solicitaram uma .... do prazo. (delação, dilação)

4. Afinal, um conseguiu .... a contento os lucros auferidos. (fruir, fluir)

5. O juiz .... de indecorosa a atitude da meretriz. (tachou, taxou)

6. Contra a vontade, o diretor .... o pedido. (diferiu, deferiu)

7. Não há bem que sempre dure, nem .... que nunca acabe. (mau, mal)

8. Desembarcou em Santos nova leva de .... (emigrantes, imgrantes)

9. Uma .... rosa despontou. (flagrante, fragrante)

10. O investimento nos deu .... lucros. (vultosos, vultuosos)

11. Há um ataque .... (eminente, iminente)

12. Durante o concorrido .... não houve nenhuma irregularidade.(pleito, preito)

13. O governo .... a notícia que fora redigida com ambigüidade. (ratificou, retificou)

14. A .... de inscrição era elevada. (taxa, tacha)

15. O guarda .... -lhe pesada multa. (infringiu, infligiu)

16. As reformulações não .... efeito algum. (sortiram, surtiram)

17. Na .... do monge não havia nenhuma cama. (sela, cela)

Questões discursivas

1. (FUVEST) Reescreva as frases usando a forma adequada dos porquês**. Justifique o emprego de cada um:**

a) .... é que você disse isto?

b) Não sei bem ....

c) Não será .... tem inveja dele?

d) Acho que não. Vou dizer-lhe a razão .... o disse.

2. (PUC-MG) Copiar, corrigindo, se for necessário:

— Porque não veio?

— Não vim porque não quis; esta é a razão porque não vim.

— Afinal, não se sabe bem o porque das coisas.

3. (FEI-SP) Reescreva o texto, corrigindo, se for necessário, o emprego da palavra porque:

— Porque me julgas tão mal?

— Por que tenho minhas razões.

— E não as declaras, porque?

— Nem eu sei o porque.

4. (PUC-RIO) Sublinhe a palavra que completa corretamente cada sentença:

a) Ao fim das investigações, a verdade .... e tudo ficou muito bem esclarecido. (emergiu — imergiu)

b) Incrivelmente, todas as nossas petições foram .... (diferidas — deferidas)

c) Não é absolutamente aceitável que se .... pessoas por religião, sexo ou cor. (descriminem—discriminem)

d) Para que todos .... bem confortáveis, vamos alugar um ônibus maior. (viagem — viajem)

5. (CESGRANRIO) Use a correta grafia dos porquês neste fragmento de uma crônica de Fernando Sabino:

— .... não posso ficar vendo televisão?

— ....você tem de dormir.

— .... ?

— .... está na hora, ora essa.

6. (FUVEST) Suponha que, por algum motivo, você não queira empregar possessivos. Indique os demonstrativos a que recorreria para designar:

a) sua própria mão;

b) a mão de seu interlocutor.

a) ....

b) ....

Testes

1. (ITA-SP) Dadas as sentenças:

1) Meu pai é corço e não salvadorenho.

2) Confesso que ela é uma pessoa indefessa.

3) O Passo da Cidade era revestido de mármore.

constatamos que está(estão) correta(s):

a) apenas a sentença nº 1.

b) apenas a sentença nº 2.

c) apenas a sentença nº 3.

d) todas as sentenças.

e) n.d.a

2. (OBJ-SP) Assinale a alternativa cujas palavras preenchem corretamente as lacunas:

Foi preso em ...., na ocasião do ...., por haver .... o regulamento do ....

a) flagrante — acidente — infringido —tráfego.

b) fragrante — incidente — infligido — tráfico.

c) fragrante — acidente — infrigido — tráfego.

d) flagrante — acidente — infligido — tráfico.

e) flagrante — incidente — infringido —tráfego.

3. (UFPR) Assinale a alternativa em que as formas completam corretamente as lacunas das frases, pela ordem:

1. Ele foi logo embora e ninguém sabe o ....

2. Nomearam-no ....?

3 .... vos entristeceis?

4. Muita maldade acontece .... o dinheiro é o grande envenenador da alma.

a) por que, por quê, porquê, porque.

b) por quê, por que, porquê, porque.

c) porque, porquê, por quê, por que.

d) porquê, porquê, por que, por quê.

e) porquê, por quê, por que, porque.

4. (UCPR) Assinale a opção que preencha corretamente os pontilhados:

— .... muitos erram a grafia do .... ?

— .... não há lógica no seu uso.

a) por quê, por que, por que.

b) porque, porque, porque.

c) por que, porquê, por quê.

d) porque, porque, porquê

e) por que, porquê, porque

5. (UCPR) Assinale a opção em que não há correspondência de significado:

a) retificar — corrigir.

b) surtir — abastecer.

c) infringir — transgredir.

d) espiar — observar.

e) fruir — desfrutar.

6. (MACK-SP) Assinale a alternativa em que HÁ ERRO na palavra ou expressão que exprime causa:

a) Por que você não se cala?

b) Eu sei o motivo por que você está rindo.

c) Essa é a razão porque não me calo.

d) Você vai ser castigado.

— Por quê?

e) Quem sabe o porquê de tudo?

7. (ITA-SP) Dadas as afirmações:

1. DISCRIMINAR. Destrinçar; separar; discernir.

2. RUÇO. Forma incorreta de RUSSO quando este significa grisalho, pardacento.

3. PEÃO. Espécie de brinquedo.

constatamos que está(estão) correta(s):

a) apenas a afirmação nº 1.

b) apenas a afirmação nº 2.

c) apenas a afirmação nº 3.

d) todas as afirmações.

e) n.d.a.

8. (UCPR) Assinale a opção que preencha corretamente os pontilhados.

O pai diz para o filho:

— .... livro que você está lendo não é tão bom quanto .... que está comigo, nem quanto .... que está com sua irmã.

a) este, esse, aquele.

b) aquele, esse, este.

c) esse, este, aquele.

d) aquele, este, esse.

e) este, aquele, esse.

9. (UCPR) Assinale a opção que preenche corretamente os pontilhados:

1. Você se interessa .... tipo de assunto?

2. Não disse .... países passou.

3. Não esclareceu .... motivo não veio.

a) porque, porque, porque.

b) por que, por que, por que.

c) por que, porque, por que.

d) porque, por que, porque.

e) por que, porque, porque.

10. (UCPR) Complete:

1. Ninguém o tinha visto. Passara ....

2. Estava com sorte! No jogo, veio-lhe um ....

3. Quando falta luz, acende-se o ....

4. Às primeiras respostas, o chefe o .... de ignorante.

a ordem correta é:

a) despercebido, coringa, candeeiro, tachou.

b) desapercebido, curinga, candeeiro, tachou.

c) despercebido, coringa, candieiro, taxou.

d) despercebido, curinga, candeeiro, tachou.

e) desapercebido, coringa, candieiro, taxou.

11. (UFBA) Assinale a frase em que «onde» **está usado adequadamente:**

a) **Onde** vais?

b) **Onde** vive um vivem dois.

c) Chegou **onde** queria.

d) Chegaste no lugar **onde** desejavas.

e) Todas as opções estão corretas.

12. (FUVEST) A .... científica do povo levou-o a .... de feiticeiros os .... em astronomia.

a) insipiência—tachar—expertos.

b) insipiência—taxar—expertos.

c) incipiência—taxar—espertos.

d) incipiência—tachar—espertos.

e) insipiência—taxar—espertos.

13. (UFCE) Assinale a alternativa correta:

a) O ladrão foi apanhado em flagrante.

b) Ponto é a intercessão de duas linhas.

c) As despesas da mudança serão vultuosas.

d) Assistimos a uma violenta coalizão de caminhões.

e) O artigo incerto na *Revista das Ciências* foi lido por todos nós.

14. (UNITAU-SP) Complete as orações a seguir escolhendo um dos vocábulos indicados e numerados entre parênteses, para completar o sentido correto das mesmas:

I. .... o erro, o documento foi aceito.

(1) ratificado

(2) retificado

II. O jovem portou-se com .... e boas maneiras.

(3) descrição

(4) discrição

III. Não tenho capacidade para conversar com pessoa tão ....

(5) iminente

(6) eminente

IV. O .... é tão intenso na época de férias que preferimos andar a pé.

(7) tráfego

(8) tráfico

V. Se as leis forem ...., as penalidades serão aplicadas.

(9) infringidas

(10) infligidas

a) 1 — 4 — 6 — 8 — 10

b) 2 — 3 — 5 — 7 — 10

c) 2 — 4 — 6 — 7 — 9

d) 1 — 4 — 5 — 8 — 9

e) 1 — 3 — 5 — 8 — 9

15. (UFMA) Indique os homônimos ou parônimos, cujos significados estão TROCADOS:

a) cínico (relativo à China), sínico (desavergonhado).

b) laço (nó), lasso (cansado).

c) assento (banco), acento (sinal gráfico).

d) tacha (prego), taxa (imposto)

e) arrolhar (pôr rolha), arrulhar (som emitido pelos pombos).

Para resolver as questões 16 a 21, assinale as alternativas e some seus valores.

16. (UFPR) Que frases terão suas três lacunas corretamente preenchidas por «HÁ», «POR QUE» **e** «À»**, respectivamente?**

1. Se estavam .... três passos da margem, ... não veriam o peixe quando viesse .... tona?

2. O trem partiu de Paranaguá .... duas horas .... ainda não chegou .... Curitiba?

4. O prédio só estará pronto daqui .... dois meses .... as chuvas impediram o transporte de material até .... obra.

8. Então .... um só inscrito no curso? .... não se fez referência .... isso antes?

16. Se não .... avião para Curitiba, não sei .... não vamos imediatamente .... Estação Rodoviária.

32. Estamos .... três semanas da prova de História e vocês ainda ignoram as razões .... Jânio Quadros renunciou .... presidência.

17. (UFCE) Assinale as opções em que a forma «Por que» **se encontra também graficamente justificada:**

1. Não sei por que você duvida de mim.

2. Estudo por que desejo vencer na vida.

4. Cheguei atrasado por que meu carro enguiçou.

8. Foi esta a razão por que não passaste no concurso.

16. Quero saber por que motivo minha amiga chorou.

32. Por que não começas a agir imediatamente?

64. Vieste aqui por que estavas com saudade de mim?

18. (UNAMA) Assinale as opções em que as formas dos homônimos/parônimos estão corretas:

1. Conhecemos o imérito professor que comprou a chácara.

2. As reprimendas não surtiram efeito no ladrão que foi prescrito da comunidade.

4. Não deves delatar os colegas que não compareceram à sessão de educação física.

8. Onde ele chegará tão apressado? Está faltando bom-censo.

16. A discrição do vestiba trouxe elogios vultuosos.

32. O monge rezava em sua sela com ar insosso.

64. No cumprimento do dever o guarda infligiu uma multa severa.

19. (FUVEST) Assinale os itens em que houve troca de sentido quanto ao emprego dos homônimos/parônimos:

1. **açodar**-apressar; **açudar**-represar; **finesa**-finlandesa; **fineza**-polidez.

2. **vadear**-passar o rio a pé; **vadiar**-viver no ócio; **vultoso-**elevado; **vultuoso**-inchado.

4. **arrear-**aparelhar; **arriar**-abaixar; **esbaforido**-ofegante; **espavorido**-apavorado.

8. **amoral**-indiferente à moral; **imoral**-contra a moral; **delação**-denúncia; **dilação**-adiamento.

16. **lenimento**-que suaviza; **linimento**-remédio para fricção; **preeminente**-elevado**,** alto, saliente; **proeminente**-distinto, nobre.

32. **estada**-permanência; **estadia**-prazo para descarga; **incipiente**-ignorante; **insipiente**-principiante.

20. (UFPR) Estão corretamente empregados os homônimos/parônimos:

1. A sessão de terapia educacional teve resultados excepcionais.

2. Ele anda mau-humorado em função do vestibular.

4. Era expectador do luar no momento em que choveu.

8. Foi preso em fragrante porque infringiu a lei.

16. O xá de hortelã fez mau ao vestiba.

32. O mendigo foi descriminado à entrada da sociedade.

64. No concerto da orquestra compareceram os mais eminentes convidados.

21. (LEFET-PR) Estão corretamente empregados os homônimos:

1. Há muito não a vejo na seção de pessoal.

2. Explique por quê motivo está chateado.

4. Passava mal no momento da secção do duodeno.

8. Pediu a intercessão do advogado proeminente.

16. Esticou o corpo lasso e permaneceu extático na cama.

32. O espectador dos fatos imergiu da janela, acenando.

64. Os emigrantes que chegaram ao nosso país ratificam seu desejo de prosperar.

22. (FUVEST) Assinale a frase gramaticalmente correta:

a) Não sei por que discutimos.

b) Ele não veio por que estava doente.

c) Mas porque não veio ontem?

d) Não respondi porquê não sabia.

e) Eis o porque da minha viagem.

23. (UFPR) Assinale as alternativas em que ambas as frases têm suas lacunas adequadamente preenchidas pelos vocábulos grifados.

01 — I. Os nadadores .... da água e subiram na lancha. (**imergiram**/emergiram)

II. O coral ensaiou uma .... para a abertura do concerto. (**ária**/área)

02 — I. A comissão decidiu .... o prazo para a inscrição de trabalhos. (dilatar/**delatar**)

II. As medidas adotadas .... efeito. (**surtiram**/sortiram)

04 — I. Estamos na .... de um conflito nuclear. (**iminência**/eminência)

II. No século XIX, muitos europeus .... de seus países. (**imigraram**/emigraram)

08 — I. O gerente do restaurante determinou que os gêneros alimentícios fossem guardados na .... (**dispensa**/despensa)

II. Em silêncio, os estudantes esper ram .... a bandeira. (**arriar**/arrear)

16 — I. Somente uma das solicitações encaminhadas ao diretor foi .... (diferida/ **deferida**)

II. O capataz da fazenda solicitou ao .... que recolhesse os animais. (**peão**/ pião)

Descontraia!

Kiki do Rebolado

— Kátia Killer? — perguntou a irmã de caridade entrando no quarto, e Kiki bem percebeu que a freira nunca acreditara ser aquele seu nome verdadeiro.

— Sou eu — disse em tom angustiante; e aprumou-se na cadeira.

— Sempre resolvida a entregar o recém-nascido?

— Sou mãe solteira, irmã — desculpou-se, agora os olhos baixos — há muito saí de casa. Na profissão que abracei...

A freira persignou-se:

— Em nome de Deus, fiz tudo que pude — olhou o alto, suspirou, olhou a moça. — Vou buscar o papel para você assinar; o casal que vai adotar a criança quer o preto no branco.

Quando a irmã saiu, Kiki deslizou o olhar para as três camas já esticadas — a sua, a duma tal de Cida, que, em situação igual, partira na véspera, e a da moça sendo cesariada naquela hora: «Coitada! saíra há pouco, descorada de dor.»

Kiki levantou-se da cadeira onde estivera esperando; encaminhou-se para a grande janela de vidraças abertas. A luz da manhã favorecia e nelas pôde espelhar-se de corpo inteiro: os seios empinados marcando a malha preta, a minissaia vermelha oferecendo ancas certinhas, aquelas que, reboladas no palco, arrancavam mil exclamações. E assobios! Sorriu, na certeza de que em nada desmerecera.

De repente, a irmã Dolores invadiu o quarto. Com aquele sorriso claro, entregou-lhe o bebê que carregava:

— Trouxe o menino para você conhecer; pode contar lá fora do garotão forte que teve!

Kiki, pega de surpresa, apanhara a criança. Agora estava ali, desajeitada, sem querer olhar:

— Não adianta, irmã; sou firme nas minhas resoluções.

Mas, irmã Dolores, como um pé-de-vento, entrara e saíra. Desanimada, Kiki sentou-se, o bebê no colo.

Na quietude, primeiro sentiu um calor desconhecido, não sabia se vindo da criança para ela ou dela para a criança. Depois, o nenê resmungou, e Kiki baixou os olhos. Então, foi como se dali para trás nada mais importasse:

— Que coisa mais linda, meu Deus! — exclamou apertando o filho de encontro ao coração, os olhos rasos d'água — Ah! queridinho. Ah!... — disse, e as lágrimas rolaram.

Quando se sentiu lúcida, ergueu-se. Numa bem-aventurança abriu a porta, caminhou pelo corredor, alcançou a saída, fugiu para a rua, para a manhã vazada de sol, o filho aconchegado nos braços.

Lucília Junqueira de Almeida Prado,

Depois do Aguaceiro.

Respostas da unidade 7 — Homônimos e Parônimos

Exercícios — pág. 76

1) — 1. amoral 2. imoral 3. alisar 4. alizar 5. balsa 6. balça 7. brisa 8. briza.

— 1. Xá 2. chá 3. cheque 4. xeque 5. cumprimento 6. comprimento 7. bucho 8. buxo.

— 1. concerto 2. conserto 3. deferente 4. diferente 5. descrição 6. discrição 7. descriminar 8. discriminar.

— 1. despensa 2. dispensa 3. eminente 4. iminente 5. imigrantes 6. emigrantes 7. imergiu 8.emergiu.

— 1. estático 2. extático 3. esterno 4. externo 5.espectador 6. expectador 7. fases 8. fazes.

— 1. flagrante 2. flagrante 3. fragrante 4. incipiente/insipiente 5. indefesso 6. indefeso 7. inflação 8. infração.

— 1. infringir 2. infligir 3. intercessão 4. interseção 5. intemerato 6. intimorato 7. passo 8. paço.

— 1. lasso 2. laço 3. precedente 4. procedente 5. pequinês 6. pequenez 7. mal 8. mau.

— 1. proeminente 2. preeminente 3. ratificar 4. retificar 5. providência 6. previdência 7. sessão 8. seção.

— 1. tacha 2. taxa 3. tensão 4. tenção 5. vadiar 6. vadear 7. viagem 8. viajem.

2) — 1. vultosos 2. arriou 3. dilação 4. fruir 5. tachou 6. deferiu 7. mal 8. imigrantes 9. fragrante 10. vultosos 11. iminente 12. pleito 13. retificou 14. taxa 15. infligiu 16. surtiram 17. cela.

Questões discursivas — pág. 79

1. a) Por que b) por quê c) porque d) por que
2. —Por que não veio? — ... a razão por que — ... o porquê ...
3. —Por que... —Porque... — ..., por quê? — ... o porquê.
4. a) emergiu b) deferidas c) discriminem d) viajem
5. — Por que ...
   — Porque ...
   — Por quê?
   — Porque ...
6. a) esta b) essa

Testes — pág. 79

1 - b
2 - a
3 - e
4 - e
5 - b
6 - c
7 - a
8 - c
9 - b
10 - d
11 - b
12 - a
13 - a
14 - c
15 - a
16 - 16
17 - 57
18 - 68
19 - 48
20 - 65
21- 05
22 - a
23 - 20

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Verbo 2
Tempos Verbais 2
Modos Verbais..2
Indicativo 2
Subjuntivo 3
Imperativo 3
Conjugações 3
Desinência Verbal 3
Modo Indicativo 3
Vozes Verbais..4

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Verbo

Conceito: Verbo é a palavra responsável por expressar ação, estado e fenômenos da natureza.

Noslen comeu o brigadeiro. (ação)

Agora, Noslen está feliz. (estado)

Choveu muito ontem. (fenômeno da natureza)

Na Língua Portuguesa existem verbos regulares e irregulares. Observe:

Verbo regular: o radical não sofre alteração na conjugação verbal.

Ex.: escrever – escrevo, escreve, escrevemos.

Verbo irregular: o radical pode sofrer alteração na conjugação verbal.

Ex.: haver – hei, há, havemos, hão.

Dica

Para descobrir o radical de um verbo, basta coloca-o em sua forma infinitiva e retirar a letra r e a vogal que a antecede. Veja os exemplos:

- → Cantaram
  - > Infinitivo: cantar
    - » Radical: cant
- → Comeram
  - > Infinitivo: comer
    - » Radical: com
- → Partiram
  - > Infinitivo: partir
    - » Radical: part

Tempos Verbais

Os verbos podem ser conjugados no presente, no passado (pretérito) ou no futuro. De acordo com o modo em que se encontram, haverá diferentes passados e futuros.

Modos Verbais

Os verbos, além de indicarem o tempo, podem indicar, também, certeza (indicativo), dúvida ou possibilidade (subjuntivo) ou, então, ordem ou conselho (imperativo).

Indicativo

Indica certeza de acontecimentos. Nesse modo, os verbos podem ser conjugados nos seguintes tempos:

Presente: expressa um fato atual.

Pretérito imperfeito: expressa um fato passado não concluído ou que se repetia no passado.

Pretérito perfeito: expressa um fato passado já concluído.

Pretérito mais-que-perfeito: expressa um fato passado anterior a outro fato passado.

Futuro do presente: expressa um fato futuro em relação a um momento presente.

Futuro do pretérito: expressa um fato futuro em relação a um momento passado.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Subjuntivo

Expressa possibilidade de acontecimentos. Nesse modo, os verbos podem ser conjugados nos seguintes tempos:

Presente: expressa um fato atual exprimindo possibilidade.

Pretérito imperfeito: expressa um fato passado dependente de outro fato passado.

Futuro: expressa um fato futuro relacionado a outro fato futuro.

Imperativo

Expressa ordem ou conselho. Nesse modo, é possível utilizar a forma negativa ou afirmativa.

Informação importante

O imperativo não apresenta 1ª pessoa do singular, pois não se dá ordem, pedido ou conselho para si mesmo; e, se o fizer, será feito em 3ª pessoa. Observe:

Eu sou a Joana e acho que preciso comer mais legumes. Então, vou dizer a mim mesma:

Joana, coma mais legumes!

Usei a 3ª pessoa do imperativo afirmativo para dar um conselho a mim mesma.

Conjugações

Os verbos da língua portuguesa estão agrupados em 3 conjugações, de acordo com a vogal que antecede o r em sua forma infinitiva. Observe.

1ª conjugação: verbos terminados em AR (cantar).

2ª conjugação: verbos terminados em ER e OR (correr / pôr).

3ª conjugação: verbos terminados em IR (sorrir).

Desinência Verbal

Também chamada de terminação do verbo, a desinência é a parte variável do verbo, que indica o tempo e o modo do verbo. Para verbos regulares, as terminações são as que aparecem na tabela abaixo.

Modo Indicativo

TEMPOS	1ª CONJUGAÇÃO CANTAR	2ª CONJUGAÇÃO VENDER	3ª CONJUGAÇÃO PARTIR
Presente	cant-o cant-as cant-a cant-amos cant-ais cant-am	vend-o vend-es vend-e vend-emos vend-eis vend-em	part-o part-es part-e part-imos part-is part-em
Pretérito imperfeito	cant-ava cant-avas cant-ava cant-ávamos cant-áveis cant-avam	vend-ia vend-ias vend-ia vend-íamos vend-íeis vend-iam	part-ia part-ias part-ia part-íamos part-íeis part-iam
Pretérito perfeito	cant-ei cant-aste cant-ou cant-amos cant-astes cant-aram	vend-i vend-este vend-eu vend-emos vend-estes vend-eram	part-i part-iste part-iu part-imos part-istes part-iram

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Pretérito mais-que-perfeito	**cant-ara cant-aras cant-ara cant-áramos cant-áreis cant-aram**	**vend-era vend-eras vend-era vend-êramos vend-êreis vend-eram**	**part-ira part-iras part-ira part-íramos part-íreis part-iram**
Futuro do presente	**cant-arei cant-arás cant-ará cant-aremos cant-areis cant-arão**	**vend-erei vend-erás vend-erá vend-eremos vend-ereis vend-erão**	**part-irei part-irás part-irá part-iremos part-ireis part-irão**
Futuro do pretérito	**cant-aria cant-arias cant-aria cant-aríamos cant-aríeis cant-ariam**	**vend-eria vend-erias vend-eria vend-eríamos vend-eríeis vend-eriam**	**part-iria part-irias part-iria part-iríamos part-iríeis part-iriam**

Vozes Verbais

É a maneira como se apresenta a ação em relação ao sujeito. Pode ser ativa, passiva ou reflexiva. Observe.

Ativa: é o sujeito quem realiza a ação da oração, ou seja, é ele o agente da ação verbal.

Ex.: Noslen quebrou o prato.

Passiva: o sujeito é quem sofre a ação, ou seja, o sujeito é paciente.

Ex.: O copo foi quebrado por Noslen.

Reflexiva: o sujeito é, ao mesmo tempo, quem realiza e quem sofre a ação, ou seja, ele realiza a ação sobre ele mesmo. Nesse caso, o sujeito é agente e paciente.

Ex.: Noslen cortou-se.

Voz recíproca: a ação é mútua entre os elementos que formam o sujeito (essa voz é uma variação da voz reflexiva).

Ex.: Os amigos abraçaram-se.

Exercícios

01. Assinale a alternativa que melhor completa as orações abaixo:

I. É necessário que ele __________ um substituto.

II. Ao menos é certo, senhor, que não vos ________ de mim.

III. A criança __________ antes que a mãe a ______________.

a) nomeasse (I); esquecestes (II); corria, pegava (III).

b) nomeie (I); esquecia (II); corria, pegasse (III).

c) nomeie (I); esquecestes (II); correu, pegasse (III).

d) nomeasse (I); esqueceria (II); correndo, pegava (III).

e) nomeia (I); esqueceu (II); corria, pegava (III).

Gabarito

01 - C

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Verbo 2
  Tempos Verbais 2
  Modos Verbais 2
  Indicativo 2
  Subjuntivo 3
  Imperativo 3
  Conjugações 3
  Desinência Verbal 3
    Modo Indicativo 3
  Vozes Verbais 4

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Verbo

Conceito: Verbo é a palavra responsável por expressar ação, estado e fenômenos da natureza.

Noslen comeu o brigadeiro. (ação)

Agora, Noslen está feliz. (estado)

Choveu muito ontem. (fenômeno da natureza)

Na Língua Portuguesa existem verbos regulares e irregulares. Observe:

Verbo regular: o radical não sofre alteração na conjugação verbal.

Ex.: escrever – escrevo, escreve, escrevemos.

Verbo irregular: o radical pode sofrer alteração na conjugação verbal.

Ex.: haver – hei, há, havemos, hão.

Dica

Para descobrir o radical de um verbo, basta coloca-o em sua forma infinitiva e retirar a letra r e a vogal que a antecede. Veja os exemplos:

- → Cantaram
  - > Infinitivo: cantar
    - » Radical: cant
- → Comeram
  - > Infinitivo: comer
    - » Radical: com
- → Partiram
  - > Infinitivo: partir
    - » Radical: part

Tempos Verbais

Os verbos podem ser conjugados no presente, no passado (pretérito) ou no futuro. De acordo com o modo em que se encontram, haverá diferentes passados e futuros.

Modos Verbais

Os verbos, além de indicarem o tempo, podem indicar, também, certeza (indicativo), dúvida ou possibilidade (subjuntivo) ou, então, ordem ou conselho (imperativo).

Indicativo

Indica certeza de acontecimentos. Nesse modo, os verbos podem ser conjugados nos seguintes tempos:

Presente: expressa um fato atual.

Pretérito imperfeito: expressa um fato passado não concluído ou que se repetia no passado.

Pretérito perfeito: expressa um fato passado já concluído.

Pretérito mais-que-perfeito: expressa um fato passado anterior a outro fato passado.

Futuro do presente: expressa um fato futuro em relação a um momento presente.

Futuro do pretérito: expressa um fato futuro em relação a um momento passado.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Subjuntivo

Expressa possibilidade de acontecimentos. Nesse modo, os verbos podem ser conjugados nos seguintes tempos:

Presente: expressa um fato atual exprimindo possibilidade.

Pretérito imperfeito: expressa um fato passado dependente de outro fato passado.

Futuro: expressa um fato futuro relacionado a outro fato futuro.

Imperativo

Expressa ordem ou conselho. Nesse modo, é possível utilizar a forma negativa ou afirmativa.

Informação importante

O imperativo não apresenta 1ª pessoa do singular, pois não se dá ordem, pedido ou conselho para si mesmo; e, se o fizer, será feito em 3ª pessoa. Observe:

Eu sou a Joana e acho que preciso comer mais legumes. Então, vou dizer a mim mesma:

Joana, coma mais legumes!

Usei a 3ª pessoa do imperativo afirmativo para dar um conselho a mim mesma.

Conjugações

Os verbos da língua portuguesa estão agrupados em 3 conjugações, de acordo com a vogal que antecede o r em sua forma infinitiva. Observe.

1ª conjugação: verbos terminados em AR (cantar).

2ª conjugação: verbos terminados em ER e OR (correr / pôr).

3ª conjugação: verbos terminados em IR (sorrir).

Desinência Verbal

Também chamada de terminação do verbo, a desinência é a parte variável do verbo, que indica o tempo e o modo do verbo. Para verbos regulares, as terminações são as que aparecem na tabela abaixo.

Modo Indicativo

TEMPOS	1ª CONJUGAÇÃO CANTAR	2ª CONJUGAÇÃO VENDER	3ª CONJUGAÇÃO PARTIR
Presente	cant-o cant-as cant-a cant-amos cant-ais cant-am	vend-o vend-es vend-e vend-emos vend-eis vend-em	part-o part-es part-e part-imos part-is part-em
Pretérito imperfeito	cant-ava cant-avas cant-ava cant-ávamos cant-áveis cant-avam	vend-ia vend-ias vend-ia vend-íamos vend-íeis vend-iam	part-ia part-ias part-ia part-íamos part-íeis part-iam
Pretérito perfeito	cant-ei cant-aste cant-ou cant-amos cant-astes cant-aram	vend-i vend-este vend-eu vend-emos vend-estes vend-eram	part-i part-iste part-iu part-imos part-istes part-iram

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Pretérito mais-que-perfeito	**cant-ara cant-aras cant-ara cant-áramos cant-áreis cant-aram**	**vend-era vend-eras vend-era vend-êramos vend-êreis vend-eram**	**part-ira part-iras part-ira part-íramos part-íreis part-iram**
Futuro do presente	**cant-arei cant-arás cant-ará cant-aremos cant-areis cant-arão**	**vend-erei vend-erás vend-erá vend-eremos vend-ereis vend-erão**	**part-irei part-irás part-irá part-iremos part-ireis part-irão**
Futuro do pretérito	**cant-aria cant-arias cant-aria cant-aríamos cant-aríeis cant-ariam**	**vend-eria vend-erias vend-eria vend-eríamos vend-eríeis vend-eriam**	**part-iria part-irias part-iria part-iríamos part-iríeis part-iriam**

Vozes Verbais

É a maneira como se apresenta a ação em relação ao sujeito. Pode ser ativa, passiva ou reflexiva. Observe.

Ativa: é o sujeito quem realiza a ação da oração, ou seja, é ele o agente da ação verbal.

Ex.: Noslen quebrou o prato.

Passiva: o sujeito é quem sofre a ação, ou seja, o sujeito é paciente.

Ex.: O copo foi quebrado por Noslen.

Reflexiva: o sujeito é, ao mesmo tempo, quem realiza e quem sofre a ação, ou seja, ele realiza a ação sobre ele mesmo. Nesse caso, o sujeito é agente e paciente.

Ex.: Noslen cortou-se.

Voz recíproca: a ação é mútua entre os elementos que formam o sujeito (essa voz é uma variação da voz reflexiva).

Ex.: Os amigos abraçaram-se.

Exercícios

01. Assinale a alternativa que melhor completa as orações abaixo:

I. É necessário que ele __________ um substituto.

II. Ao menos é certo, senhor, que não vos ________ de mim.

III. A criança __________ antes que a mãe a ______________.

a) nomeasse (I); esquecestes (II); corria, pegava (III).

b) nomeie (I); esquecia (II); corria, pegasse (III).

c) nomeie (I); esquecestes (II); correu, pegasse (III).

d) nomeasse (I); esqueceria (II); correndo, pegava (III).

e) nomeia (I); esqueceu (II); corria, pegava (III).

Gabarito

01 - C

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

PORTUGUESA

Professora Ana Rita

ORTOGRAFIA - EXERCÍCIOS

EXERCÍCIOS:

1. Que palavras tem o mesmo número de fonemas de HIDROGÊNIO?
a) maquinaria/trabalhador
b) maquinaria/silepse
c) trabalhos/ignorância
d) silepse/trabalhos
e) ignorância/maquinaria

2. A palavra CHARUTO apresenta;
a) um dígrafo e seis fonemas
b) um dígrafo e sete fonemas
c) sete letras e sete fonemas
d) sete letras e cinco fonemas
e) sete letras e dois dígrafos

3. Associe os ditongos e depois responda:
l. oral decrescente
2. nasal crescente
3.nasal decrescente
4.oral crescente
( ) amam
( ) róseo
( ) quando
( ) pastéis
( ) freqüente
a) 3-4-2-1-2
b) 4-3-2-2-1
c) 2-4-3-1-2
d) 3-4-2-2-1
e) 2-1-3-1-4

4. Os encontros vocálicos MUITO, VOU e QUAL são:
a) todos ditongos crescentes
b) todos ditongos decrescentes.
c) Respectivamente ditongos: decrescente, crescente e crescente
d) Respectivamente ditongos: decrescente, decrescente e crescente.

e) Respectivamente ditongos: crescente, decrescente e decrescente.

5. Assinale a série em que somente existam ditongos orais crescentes:
a) beijo/pessoa/poema
b) petróleo/cárie/páscoa
c) pai/mãe/mão
d) notou/psiu/inteligência
e) pneu/touro/noite

6. A alternativa em que todas as palavras apresentam separação silábica correta é:
a) ex-ce-ção, cre-sci-men-to, pro-fes-sor
b) ins-tru-ção, ex-ci-tar, eu-ro-pe-u
c) ex-ce-len-te, a-vi-ão, me-io
d) pers-pe-cti-va, am-bí-guo, trans-por-te
e) rit-mo, dig-no, ap-to

7. Nas palavras QUE, TRANQÜILIDADE, CONCLUÍA e MUITO ocorrem os seguintes encontros:
a) dígrafo, dígrafo, tritongo, ditongo
b) dígrafo, ditongo, tritongo, dígrafo
c) ditongo, dígrafo, hiato, ditongo
d) ditongo, ditongo, tritongo, ditongo
e) dígrafo, ditongo, hiato, ditongo

8. A seqüência de palavras cujas sílabas estão separadas corretamnte é:
a) a-dje-ti-va-ção, im-per-do-á-veis, bo-ia-dei-ro
b) in-Ter-ve-io, tec-no-lo-gi-a, sub-li-nhar
c) in-tu-i-to, co-ro-i-nha, pers-pec-ti-va
d) co-ro-lá-rio, subs-tan-ti-vo, bis-a-vó
e) flui-do, at-mos-fe-ra, in-Ter-vei-o

9. As sílabas das palavras PSICOSSOCIAL e TRAÍDO estão corretamente separadas em:
a) psi-cos-so-ci-al, tra-í-do
b) p-si-cos-so-cial, tra-í-do
c) psi-co-sso-ci-al, traí-do
d) p-si-co-sso-cial, tra-í-do
10. Indique a alternativa em que todas as palavras têm a mesma classificação quanto ao número de sílabas:
a) enchiam, saíam, dormiu, noite
b) feita, primeiro, crescia, rasteiras
c) ruído, saudades, ainda, saúde
d) eram, roupa, sua, surgiam
e) odia, sentia, ouviam, loura
11. Complete as lacunas:
Exce__ão, crân__o, __ibóia
a) ss, e, g

b) ç, e, j
c) ss, i, g
d) ç, i , j

12. Assinale a alternativa cujas palavras estão corretas quanto à grafia:
a) inóspito – molambo – impijem – crâneo – cumieira
b) beringela – chereta – penaxo – efetui- guela
c) soçobrar – dissensão – pechincha – glosa – hilaridade
d) obsceno – reççuscitar – isósceles – haltere – inumar
e) jenipapo – muchocho – richa – coxixar – xerife

13. Completam-se com Z , como certeza e escravizado, as seguintes palavras :
a) burgu__a/ hipnoti__ado
b) franque__a/ ésqui__ado
c) alte__a/ catequi__ado
d) duque__a/ arbori__ado
e) limpe__a/ parali__ado

14. Grafa-se com J:
a) ferrugem
b) estrangeiro
c) geada
d) gengiva
e) engeitar

15. Assinale a palavra que aparece corretamente grafada:
a) pertubar
b) prazeirosamente
c) camondongo
d) prostrar
e) cincoenta

16. Em que alternativa há erro de grafia?
a) mochila
b) expansão
c) concessionário
d) enganjamento
e) sarjeta

17. Qual a grafia correta?
a) regozijo
b) giló
c) juxtaposição
d) paralização
e) cabelereiro

18. Qual o vocábulo graficamente incorreto?
a) burguesinho
b) limõezinhos
c) perdizinha
d) professorzinhos
e) chinesinho

19. Assinale a alternativa correta:
a) grandesa/maizena
b) deslisar/revesar

c) calabreza/burgueza
d) horroroso/ improvisar
e) agazalho/ atrasado

20. O sufixo –EZA completará corretamente a grafia de:
a) desp____
b) baron____
c) espert____
d) surpr____
e) empr____

21) A única palavra que não se escreve com J é:
a) estranjeiro
b) jeito
c) gorjeio
d) sarjeta
e) ojeriza

22) A única palavra que não se escreve com X é:
a) xícara
b) flexa
c) enxuto
d) enxada
e) trouxa

23) Assinale o vocábulo em que é incorreto o emprego do Z:
a) natureza
b) catequizar
c) rezar
d) frizar
e) deslizar

PORTUGUESA

Professora Ana Rita

ORTOGRAFIA - EXERCÍCIOS

EXERCÍCIOS:

1. Que palavras tem o mesmo número de fonemas de HIDROGÊNIO?
a) maquinaria/trabalhador
b) maquinaria/silepse
c) trabalhos/ignorância
d) silepse/trabalhos
e) ignorância/maquinaria

2. A palavra CHARUTO apresenta;
a) um dígrafo e seis fonemas
b) um dígrafo e sete fonemas
c) sete letras e sete fonemas
d) sete letras e cinco fonemas
e) sete letras e dois dígrafos

3. Associe os ditongos e depois responda:
l. oral decrescente
2. nasal crescente
3.nasal decrescente
4.oral crescente
( ) amam
( ) róseo
( ) quando
( ) pastéis
( ) freqüente
a) 3-4-2-1-2
b) 4-3-2-2-1
c) 2-4-3-1-2
d) 3-4-2-2-1
e) 2-1-3-1-4

4. Os encontros vocálicos MUITO, VOU e QUAL são:
a) todos ditongos crescentes
b) todos ditongos decrescentes.
c) Respectivamente ditongos: decrescente, crescente e crescente
d) Respectivamente ditongos: decrescente, decrescente e crescente.

e) Respectivamente ditongos: crescente, decrescente e decrescente.

5. Assinale a série em que somente existam ditongos orais crescentes:
a) beijo/pessoa/poema
b) petróleo/cárie/páscoa
c) pai/mãe/mão
d) notou/psiu/inteligência
e) pneu/touro/noite

6. A alternativa em que todas as palavras apresentam separação silábica correta é:
a) ex-ce-ção, cre-sci-men-to, pro-fes-sor
b) ins-tru-ção, ex-ci-tar, eu-ro-pe-u
c) ex-ce-len-te, a-vi-ão, me-io
d) pers-pe-cti-va, am-bí-guo, trans-por-te
e) rit-mo, dig-no, ap-to

7. Nas palavras QUE, TRANQÜILIDADE, CONCLUÍA e MUITO ocorrem os seguintes encontros:
a) dígrafo, dígrafo, tritongo, ditongo
b) dígrafo, ditongo, tritongo, dígrafo
c) ditongo, dígrafo, hiato, ditongo
d) ditongo, ditongo, tritongo, ditongo
e) dígrafo, ditongo, hiato, ditongo

8. A seqüência de palavras cujas sílabas estão separadas corretamnte é:
a) a-dje-ti-va-ção, im-per-do-á-veis, bo-ia-dei-ro
b) in-Ter-ve-io, tec-no-lo-gi-a, sub-li-nhar
c) in-tu-i-to, co-ro-i-nha, pers-pec-ti-va
d) co-ro-lá-rio, subs-tan-ti-vo, bis-a-vó
e) flui-do, at-mos-fe-ra, in-Ter-vei-o

9. As sílabas das palavras PSICOSSOCIAL e TRAÍDO estão corretamente separadas em:
a) psi-cos-so-ci-al, tra-í-do
b) p-si-cos-so-cial, tra-í-do
c) psi-co-sso-ci-al, traí-do
d) p-si-co-sso-cial, tra-í-do
10. Indique a alternativa em que todas as palavras têm a mesma classificação quanto ao número de sílabas:
a) enchiam, saíam, dormiu, noite
b) feita, primeiro, crescia, rasteiras
c) ruído, saudades, ainda, saúde
d) eram, roupa, sua, surgiam
e) odia, sentia, ouviam, loura
11. Complete as lacunas:
Exce__ão, crân__o, __ibóia
a) ss, e, g

b) ç, e, j
c) ss, i, g
d) ç, i , j

12. Assinale a alternativa cujas palavras estão corretas quanto à grafia:
a) inóspito – molambo – impijem – crâneo – cumieira
b) beringela – chereta – penaxo – efetui- guela
c) soçobrar – dissensão – pechincha – glosa – hilaridade
d) obsceno – reççuscitar – isósceles – haltere – inumar
e) jenipapo – muchocho – richa – coxixar – xerife

13. Completam-se com Z , como certeza e escravizado, as seguintes palavras :
a) burgu__a/ hipnoti__ado
b) franque__a/ ésqui__ado
c) alte__a/ catequi__ado
d) duque__a/ arbori__ado
e) limpe__a/ parali__ado

14. Grafa-se com J:
a) ferrugem
b) estrangeiro
c) geada
d) gengiva
e) engeitar

15. Assinale a palavra que aparece corretamente grafada:
a) pertubar
b) prazeirosamente
c) camondongo
d) prostrar
e) cincoenta

16. Em que alternativa há erro de grafia?
a) mochila
b) expansão
c) concessionário
d) enganjamento
e) sarjeta

17. Qual a grafia correta?
a) regozijo
b) giló
c) juxtaposição
d) paralização
e) cabelereiro

18. Qual o vocábulo graficamente incorreto?
a) burguesinho
b) limõezinhos
c) perdizinha
d) professorzinhos
e) chinesinho

19. Assinale a alternativa correta:
a) grandesa/maizena
b) deslisar/revesar

c) calabreza/burgueza
d) horroroso/ improvisar
e) agazalho/ atrasado

20. O sufixo –EZA completará corretamente a grafia de:
a) desp____
b) baron____
c) espert____
d) surpr____
e) empr____

21) A única palavra que não se escreve com J é:
a) estranjeiro
b) jeito
c) gorjeio
d) sarjeta
e) ojeriza

22) A única palavra que não se escreve com X é:
a) xícara
b) flexa
c) enxuto
d) enxada
e) trouxa

23) Assinale o vocábulo em que é incorreto o emprego do Z:
a) natureza
b) catequizar
c) rezar
d) frizar
e) deslizar

SuperTráfego
www.supertrafego.com
HOTEL DA WEB
COMPRE JÁ!
1000 apostilas + provas + resumos + teses
Buscar na web
super Ofertas

Pronomes Pessoais

I* = eu

you** = você, tu

he = ele (pessoa)

she = ela (pessoa)

it = ele ou ela (neutro)

we = nós

you = vocês, vós

they*** = else ou elas (pessoas e neutro)

* O pronome pessoal "I" (eu) é sempre escrito com letra (i) maiúscula, não importando sua posição na frase (início, meio ou fim).

** O pronome "you" é usado para a segunda pessoa do singular (você ou tu) como também para a segunda pessoa do plural (vocês ou vós). O contexto e, principalmente, o substantivo (singular ou plural) nos indicará a pessoa correta.

*** "They" é usado para pessoas e objetos no plural.

Observação / Remark: Veja exemplos logo após a conjugação do verbo "to be".

VERBO TO BE – Present Tense / VERBO SER ou ESTAR – Presente

Affirmative Form – Forma Afirmativa

I am = eu sou / eu estou

you are = você é / você está

he is = ele é / ele está

she is = ela é / ela está

it is = ele ou ela é / ele ou ela está

We are = nós somos / nós estamos

you are = vocês são / vocês estão

SuperTráfego
www.supertrafego.com
HOTEL DA WEB
COMPRE JÁ!
1000 apostilas + provas + resumos + teses
Buscar na web
super Ofertas

they are = else ou elas são / else ou elas estão

Podemos também usar contrações:

I am = I’m

you are = you’re

he is = he’s

she is = she’s

it is = it’s

we are = we’re

you are = you’re

they are = they’re

Exemplos de usos de "he", "she", "it":

José (ele) = José (he) – José is here (José está aqui) = He is here = He’s here (Ele está aqui); José is handsome (José é simpático) = He is handsome = He’s handsome (Ele é simpático)

Maria (ela) = Maria (she) – Maria is here (Maria está aqui) = She is here = She’s here (Ela está aqui); Maria is beautiful (Maria é bonita) = She is beautiful = She’s beautiful (Ela é bonita)

Casa (ela neutro; não é um ser vivo) = House (it) – The house is big (A casa é grande) = It is big = It’s big (Ela é grande); The house is dirty (A casa está suja) = It is dirty = It’s dirty (Ela está suja)

Carro (ele neutro; também não é um ser vivo) = Car (it) – The car is red (O carro é vermelho) = It is red = It’s red (Ele é vermelho); The car is clean (O carro está limpo) = It is clean = It’s clean (Ele está limpo)

Exemplos de usos de "you":

Você (dirigindo-me a uma pessoa) é elegante = You are elegant = You’re elegant.

Vocês (dirigindo-me a duas (ou mais) pessoas) são elegantes = You are elegant = You’re elegant.

Exemplos de usos de "they":

SuperTráfego
www.supertrafego.com
HOTEL DA WEB
COMPRE JÁ!
1000 apostilas + provas + resumos + teses
Buscar na web
super Ofertas

Maria e Ana (elas) = Maria and Ana (they) – Maria and Ana are here (Maria e Ana estão aqui) = They are here = They’re here (Elas estão aqui); Maria and Ana are beautiful (Maria e Ana são bonitas) = They are beautiful = They’re beautiful (Elas são bonitas)

José e Antônio (else) = José and Antônio (they) – José and Antônio are here (José e Antônio estão aqui) = They are here = They’re here (Eles estão aqui); José and Antônio are handsome (José e Antônio são simpáticos) = They are handsome = They’re handsome (Eles são simpáticos)

Casas (elas neutro) = Houses (they) – The houses are big (As casas são grandes) = They are big = They’re big (Elas são grandes); The houses are dirty (As casas estão sujas) = They are dirty = They’re dirty (Elas estão sujas)

Carros (else neutro) = Cars (they) – The cars are red (Os carros são vermelhos) = They are red = They’re red (Eles são vermelhos); The cars are clean (Os carros estão limpos) = They are clean = They’re clean (Eles estão limpos).

Obs.: a) Os pronomes "it" e "they" muitas vezes não são traduzidos. O verbo em inglês não pode vir desacompanhado, como em português "é" ou "são", correspondentes a "is" e "are" em inglês, temos, portanto que usar "it" ou "they" somente para acompanhar o verbo, sem traduzi-los; b) As palavras "beautiful", "handsome", "big", "dirty", "red", "clean" e "elegant" são adjetivos e não têm plural em inglês, não levam "s". Estudaremos com mais detalhes em outra lição.

Exemplos:

Is the car red? – Yes, it is. = O carro é vermelho? – Sim, é.

Are the cars red? – Yes, they are. = Os carros são vermelhos? – Sim, são.

Is the house dirty? – Yes, it is. = A casa está suja? – Sim, está.

Central de SIMULADOS

CARREIRAS
ADMINISTRATIVAS

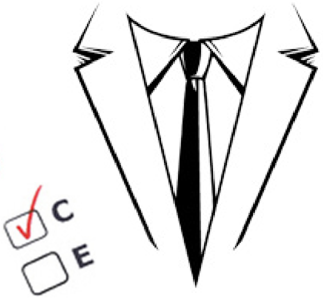

Gabarito Provisório

1	C	16	C
2	C	17	E
3	C	18	E
4	C	19	C
5	E	20	E
6	E		
7	E		
8	C		
9	C		
10	C		
11	C		
12	E		
13	E		
14	C		
15	C		

Pontuação

Leia o texto a seguir, de Moacyr Scliar, atentando para sua pontuação, e depois responda às questões de 1 a 8.

Ai, gramática, ai, vida.

[...]

INFÂNCIA: A PERMANENTE EXCLAMAÇÃO

Nasceu! É um menino! Que grande! E como chora! Claro, quem não chora não mama!

Me dá! É meu!

[...]

A PUBERDADE: A TRAVESSIA (OU O TRAVESSÃO)

[...]

— O que eu acho, Jorge — não sei se tu também achas — o que eu acho — porque a gente sempre acha muitas coisas — o que eu acho — não sei — tu és irmão dela — mas o que eu estive pensando — pode ser bobagem — mas será que não é de a gente falar — não, de eu falar com a Alice —

— Alice tu sabes — tu me conheces — a gente se dá — a gente conversa — tudo isto Alice — tanto tempo — eu queria te dizer Alice — é difícil — a gente — eu não sei falar direito.

JUVENTUDE — A INTERROGAÇÃO

Mas quem é que eu sou afinal? E o que é que eu quero? E o que é que vai ser de mim?

E Deus, existe? E Deus cuida da gente? E o anjo da guarda, existe? E o diabo? E por que é que a gente se sente tão mal?

[...]

Mas por que é que tem pobres e ricos? Por que é que uns têm tudo e outros não têm nada? Por que é que uns têm auto e outros andam a pé? Por que é que uns vão viajar e outros ficam trabalhando?

AS PAUSAS RECEOSAS (RECEOSAS, VÍRGULA, CAUTELOSAS) DO JOVEM ADULTO

Estamos, meus colegas, todos nós, hoje, aqui, nesta festa de formatura, nesta festa, que, meus colegas, é não só nossa, colegas, mas também, colegas, de nossos pais, de nossos irmãos, de nossas noivas, enfim, de todos quantos, nas jornadas, penosas embora, mas confiantes sempre, nos acompanharam, estamos, colegas, cônscios de nosso dever, para com a família, para com a comunidade, para com esta Faculdade, tão jovem, tão batalhadora, mas ao mesmo tempo tão, colegas, tão.

[...]

O homem maduro. No ponto.
Uma cambada de ladrões. Têm de matar.
Matar. Pena de morte.
O Jorge também. Cunhado também. Tem de matar. Esquadrão da morte. E ponto final. No meu filho mando eu. E filho meu estuda o que eu quero. Sai com quem eu quero.
Lê o que eu quero. Frequenta os clubes que eu mando.
Tu ouviste bem, Alice. Não quero discutir mais este assunto. E ponto final.

(Um parêntese)
(Está bem, Luana, eu pago, só não faz escândalo)

O final... reticente...

Sim, o tempo passou... E eu estou feliz... Foi uma vida bem vivida, esta... Aprendi tanta coisa... Mas das coisas que aprendi... A que mais me dá alegria... É que hoje eu sei tudo... Sobre pontuação...

(*Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar e outras crônicas*. Porto Alegre: L&PM, 1995. p. 88-91.)

cauteloso: cuidadoso, o que age com prudência.
cônscio: consciente.

1. O narrador-personagem associa as fases da vida a sete sinais de pontuação e, por meio deles, narra a sua história. Na 1ª parte, a infância é associada ao sinal de exclamação. De quem são as falas e o que a exclamação expressa:
   a) no 1º parágrafo? De um adulto: do pai ou da mãe do bebê que nasceu. Expressa a alegria pelo nascimento.
   b) no 2º parágrafo? Quem fala nesse parágrafo é a criança. O ponto de exclamação, nesse caso, sugere a convicção com que fala "É meu!".

2. Na 2ª parte do texto, o narrador associa a adolescência ao travessão, fazendo um trocadilho entre travessão e travessia. A que tipo de travessia se refere o narrador? À travessia da infância para a fase adulta, ou seja, à adolescência.

3. Ainda na 2ª parte do texto, o protagonista conversa com um amigo (Jorge) e sua irmã (Alice).
   a) De que assunto ele quer tratar com essas pessoas? De assuntos sentimentais.
   b) O que o emprego constante do travessão sugere quanto ao estado emocional do protagonista? Que ele está inseguro, não consegue se expressar com clareza e desvia o assunto central a todo instante.

4. A 3ª parte, a da juventude, é associada ao ponto de interrogação. Qual é a relação entre esse sinal de pontuação e essa fase da vida? Essa é a fase dos questionamentos, do desejo de mudar o mundo e a si mesmo.

5. Na 4ª parte, o protagonista é um jovem adulto, que está terminando a faculdade. O narrador associa essa fase à vírgula.
   a) Observe o emprego da palavra **vírgula** no título dessa parte. Indique uma palavra ou expressão que tenha um sentido aproximado da palavra **vírgula** nesse contexto. isto é, nada, ou / Equivale a dizer: "receosas nada, cautelosas".
   b) Qual a intenção do narrador ao empregar a palavra **vírgula** nesse contexto? Corrigir o que foi dito antes.
   c) No título, o narrador faz um trocadilho, chamando as vírgulas de "pausas receosas" e depois corrigindo para "pausas cautelosas" do jovem adulto. Levando em conta a fase em que se encontra esse jovem — de fim dos estudos e de iniciação profissional —, por que considera essa fase "cautelosa"? Porque, nessa fase, o jovem se preocupa com o futuro, com sua imagem, e, por isso, fala com cautela.

6. Na 5ª parte, a maturidade do protagonista é associada ao ponto final.

a) Explique a ambiguidade, isto é, o duplo sentido da frase “No ponto”, do título dessa parte. O título sugere que todas as fases anteriores conduziam ao amadurecimento em que o protagonista agora se encontra, isto é, ele está “no ponto”.

b) Observe a forma como o protagonista expressa suas opiniões e como se posiciona diante do que acha certo ou errado. Que relação há entre ele dizer “E ponto final” e seu modo de ser na maturidade? Ele agora tem opiniões firmes, acabadas e não admite contestação. Ao dizer “E ponto final”, ele expressa a ideia de: “Já disse e FIM!”.

c) Os nomes de Alice e Jorge, já mencionados na 2ª parte da vida do protagonista, reaparecem na 5ª parte. Qual é o provável parentesco existente entre o protagonista e essas outras personagens? Alice é sua esposa, e Jorge, seu cunhado.

7. Como você sabe, uma das funções dos parênteses é indicar uma espécie de desvio do texto central ou o acréscimo de uma informação acessória. Na 6ª parte, esse sinal de pontuação é usado em uma conversa do protagonista com Luana.

a) Levante hipóteses: Que tipo de relação você acha que existe entre eles? Resposta pessoal. Sugestão: Luana pode ser a sua filha e, diante de um possível escândalo dela, ele se submete à sua vontade; outra possibilidade é Luana ser um caso extraconjugal do protagonista.

b) O que o emprego dos parênteses sugere? Resposta pessoal. Sugestões: Considerando-se a 1ª hipótese, sugere que o pai esteja falando baixo, sem querer chamar a atenção; considerando-se a 2ª hipótese, dá a ideia de um fato escondido, que é preciso ocultar e que não participa da história principal.

8. O narrador intitula a última parte de “O final... reticente...”. Como você sabe, as reticências podem ter diferentes papéis e sentidos. Veja alguns deles:

- indicar que o sentido vai além do que foi expresso;
- indicar suspensão do pensamento, reflexões;
- indicar dúvida, hesitação;
- permitir que o leitor, usando a imaginação, dê continuidade ao texto.

Na sua opinião, qual ou quais dos itens acima traduzem melhor a intenção do narrador ao associar essa fase da vida a esse sinal de pontuação? Resposta pessoal. Todos esses itens são possíveis.

9. Um oficial enviou a seus soldados um telegrama, ordenando-lhes que fossem à guerra. O telegrama dizia: “Irão voltarão não morrerão”. Todos os soldados morreram na guerra e o oficial garante que não mentiu em seu telegrama. Que pontuação da frase pode provar isso? Irão. Voltarão? Não. Morrerão.

10. O diretor pegou em flagrante um funcionário pichando o muro da empresa: “Morte ao diretor ele não é um cara legal”. O funcionário, entretanto, afirmou ao diretor que sua intenção era outra e, recorrendo à pontuação, conseguiu se safar da demissão imediata. Como? Morte ao diretor? Ele não! É um cara legal!

11. Nas frases abaixo, a pontuação estabeleceu uma diferença de sentido. Imagine em que situações cada uma das frases poderia ter sido empregada. Na 1ª frase, o fato de Regina não ter atendido ao telefone desencadeou alguma coisa irreparável. Na 2ª frase, Regina não atendeu a alguém, por ser tarde da noite.

> Regina não me atendeu. Quando telefonei pela segunda vez, já era tarde.
> Regina não me atendeu quando telefonei pela segunda vez. Já era tarde.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Regência Verbal 2
  Parte I 2
 Regência Verbal 4
  Parte II 4

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Regência Verbal

Parte I

Regência verbal tem a ver com a relação entre o verbo e seu complemento, levando em consideração o tipo de complemento do verbo e se esse complemento leva preposição ou não.

AMAR, NAMORAR, ADORAR E ESPERAR

Esses verbos são transitivos diretos, ou seja, **não** levam preposição.

As crianças amavam aquele contador de histórias.

Marisa namorava Júlio.

Os alunos adoram o professor de Língua Portuguesa.

Os pais esperam seus filhos na saída do colégio.

Exceções

O verbo ***amar***, em um caso específico, pode vir acompanhado de um objeto direto preposicionado. Veja:

Eles amam a Deus.

Nesse caso, existe a preposição *a*, mas o verbo continua caracterizado como transitivo direto, apenas acompanhado de um objeto direto preposicionado (*a Deus*).

O verbo ***esperar*** pode vir acompanhado da preposição *por*. Assim como acontece com o verbo *amar*, ele se mantém V.T.D., apenas acompanhado de objeto direto preposicionado. Veja:

Estamos esperando por uma decisão unânime.

> **Atenção!**
> Apesar de utilizarmos constantemente em nossa fala o verbo namorar seguido da preposição *com*, esse verbo, de acordo com a gramática, é transitivo direto, ou seja, não exige preposição.
>
> Assim, gramaticalmente falando, o correto seria
>
> "Eu namoro *alguém*".

ESQUECER E LEMBRAR

Podem ser transitivos diretos ou indiretos, dependendo do uso ou não de pronome oblíquo. Veja:

Esquecer algo **/ Esquecer-se** de algo

Esqueci as chaves.

Esqueci-me das chaves.

Lembrar algo **/ lembrar-se** de algo

Lembrei o nome do artista.

Lembrei-me do nome do artista.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Atenção!
Verbos *esquecer* e *lembrar*.

Sem pronome = **sem** preposição

Com pronome = **com** preposição

Além disso, o verbo **lembrar** pode ser, também, transitivo direto e indireto, quando tiver o sentido de *advertir*.

Lembrar alguém de algo **ou lembrar** algo a alguém

Lembramos os alunos da hora da prova.

Lembramos a hora da prova aos alunos.

OBEDECER E DESOBEDECER

Ambos são **transitivos indiretos** e exigem a preposição ***a***.

Os motoristas obedecem aos sinais de trânsito.

Porém, poucos desobedecem à faixa de pedestres.

PREFERIR

Esse verbo é **transitivo direto e indireto** e exige a preposição ***a***.

Prefiro uma coisa a outra.

Prefiro doces a salgados.

SIMPATIZAR E ANTIPATIZAR

Esses verbos são **transitivos indiretos** e exigem a preposição ***com***.

O professor Noslen simpatizou com os alunos.

A classe antipatizou com o novo professor.

AGRADECER, PERDOAR E PAGAR

Esses verbos podem ser:

→ transitivos **diretos** (quando seu objeto de refere a coisa)

Agradeci o presente.

Perdoei as falhas.

Paguei a dívida.

→ transitivos **indiretos** e exigirem a preposição ***a*** (quando seu objeto referir-se a pessoa)

Agradeci ao amigo.

Perdoei ao inimigo.

Paguei ao meu pai.

→ transitivos **diretos e indiretos** (quando possuírem os dois objetos)

Agradeci o presente ao amigo.

Perdoei as falhas ao inimigo.

Paguei a dívida ao meu pai.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

INFORMAR

Esse verbo apresenta dupla transitividade, ou seja, é **transitivo direto e indireto**.

Informar alguém de/sobre algo **/ Informar** algo a alguém**.**

Informamos o policial do (ou sobre o) acidente.

Informamos o acidente ao policial.

Regência Verbal

Parte II

Verbos que têm seu sentido alterado de acordo com o uso ou não de preposição.

ASPIRAR

Quando usado no sentido de *cheirar*, *sorver* é **transitivo direto**, ou seja, não exige preposição.

Aspirei o delicioso perfume das flores.

Quando usado no sentido de *ambicionar*, *desejar* é **transitivo indireto** e exige a preposição ***a***.

Aspirei a uma vaga na universidade.

ASSISTIR

Quando usado no sentido de *ajudar, prestar assistência* é **transitivo direto**, ou seja, não exige preposição.

O médico assistiu o paciente.

Quando usado no sentido de *ver, presenciar* é **transitivo indireto** e exige a preposição ***a***.

A plateia assistiu ao espetáculo.

Quando usado no sentido de *favorecer* é **transitivo indireto** e exige a preposição ***a***.

É um direito que lhe assiste.

Quando usado no sentido de *morar, residir* é **intransitivo**, ou seja, não exige complemento.

Eu assisto em São Paulo.

QUERER

Quando usado no sentido de *desejar* é **transitivo direto**.

Eu quero um carro novo.

Quando usado no sentido de *amar, estimar* é **transitivo indireto** e exige a preposição ***a***.

As mães querem a seus filhos.

RESPONDER

Quando usado no sentido de *ser malcriado* é **transitivo direto**.

O filho respondeu o pai.

Quando usado no sentido de *dar respostas* é **transitivo indireto** e exige a preposição ***a***.

Respondeu ao longo questionário.

VISAR

Quando usado no sentido de *dar visto* ou no sentido de *apontar para, mirar* é **transitivo direto**.

A professora visou o caderno dos alunos.

O atirador visou o alvo.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Quando usado no sentido de *ambicionar*, *desejar*, *objetivar* é **transitivo indireto** e exige a preposição ***a***.

O aluno visava a uma vaga na universidade.

IMPLICAR

Quando usado no sentido de *dar a entender*, *acarretar* é **transitivo direto**.

Sua atitude negativa implica represálias.

Quando usado no sentido de *ter implicância*, *embirrar* é **transitivo indireto** e exige a preposição ***com***.

Seu colega de classe implicava com ele.

Quando usado no sentido de *comprometer* é **bitransitivo**, ou seja, **transitivo direto e indireto**.

O delator implicou diversos políticos em esquemas de propina.

Exercícios

01. Assinale a alternativa correta quanto à regência dos verbos:

a) Namorava, desde muito menina, com um rapaz mais velho.
b) Preferiu usar o caixa eletrônico do que ficar na fila.
c) Costumo obedecer preceitos éticos.
d) Eu me lembrei do seu aniversário.
e) Ela amava a seu esposo como jamais amara alguém.

02. Assinale a alternativa **incorreta** quanto à regência dos verbos:

a) Não simpatizei com o novo chefe.
b) O bom pastor perdoava as injúrias.
c) Alegremente, agradeceu o colega.
d) Aqueles pessoas amam a Deus fervorosamente.

Gabarito

01 - D

02 - C

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

8 Estrutura das Palavras

Análise mórfica

A palavra é formada de pequenas formas menores do que ela, por isso é analisável.

A segmentação da palavra nessas formas que a compõem constitui aquilo a que chamamos de **análise mórfica** (do grego **morphé** = forma).

Morfemas / elementos mórficos

A palavra não é a menor unidade portadora de significado: ela própria é formada de outras unidades que também possuem algum significado.

A essas mínimas formas portadoras de significado chamamos de **elementos mórficos** ou **morfemas.**

A palavra **menininhas**, por exemplo, é constituída de quatro morfemas:

menin	**inh**	**a**	**s**
base do significado (radical)	indica o grau diminutivo (sufixo)	indica gênero feminino (desinência)	indica o número plural (desinência)

Classificação dos elementos mórficos

Os elementos mórficos são classificados de acordo com sua função na palavra.

Elemento mórfico	Conceito	Exemplo
a) **RADICAL**	Parte invariável que dá a base de significação de um grupo de palavras pertencentes à mesma família. As palavras que têm o mesmo radical são chamadas de **cognatas**.	ferro ferreiro ferradura Radical: **ferr**
b) **VOGAL TEMÁTICA**	Vogal que caracteriza cada uma das conjugações verbais em Português. É a vogal que torna possível a ligação entre o radical e a desinência.	am **a** r vogal A caracteriza a 1ª conjugação vend **e** r vogal E caracteriza a 2ª conjugação part **i** r vogal I caracteriza a 3ª conjugação
c) **TEMA**	É o radical acrescido da vogal temática.	ama vende parti
d) **AFIXO**	Elemento que é colocado antes ou depois do radical para formar palavras novas. Divide-se em: • **prefixo:** colocado antes do radical. • **sufixo:** colocado depois do radical.	**in** feliz prefixo noit **ada** sufixo

Elemento mórfico	Conceito	Exemplo
e) **DESINÊNCIA**	Elemento que indica algumas variações das palavras. Pode ser: • **nominal:** indica o gênero e o número dos nomes. • **verbal:** indica o **tempo** e o **modo** ou a **pessoa e** o **número** dos verbos. (**DMT** e **DNP**)	alun a→ desinência de gênero aluno s→ desinência de número falá va mos ↙ ↘ desinência de tempo e modo (Imperfeito do Indicativo) desinência de pessoa e número (1ª pessoa do plural)
f) **VOGAL E CONSOANTE DE LIGAÇÃO**	Elementos não muito significativos que entram, rarissimamente, na estrutura de algumas palavras só para evitar dissonância. Têm valor eufônico.	tranqüil i dade ↙ **vogal de ligação** (Para evitar o termo “tranqüil-dade”, acrescentou-se um i.) pau l ada ↓ **consoante de ligação** Acrescentou-se o l para evitar o termo “pauada”, bastante desagradável ao ouvido.

Desinências

São os elementos que se apõem ao tema para indicar as flexões de gênero, número, modo, tempo e pessoa. Podem ser:

Desinências nominais

Indicam, nos nomes (subst., adj., num. e pron.):

a) o **gênero** (masculino ou feminino):

-ø e **a**: menino -**ø**, menin + **a**;

b) o **número** (singular ou plural):

-**ø** e **-s**: casa -**ø**, casa + **s.**

Observação: O masculino e o singular caracterizam-se pela ausência de desinências (-**ø**). Com efeito, em **lobo, amigo, mestre, parente,** o **o** e o **e** são vogais temáticas e não desinências de gênero. O masculino é uma forma não-marcada.

Desinências verbais

Indicam, nos verbos:

→ acumulativamente, **o modo e o tempo**: **DMT**

-va: imp. do ind. da 1ª conj.: fala-**va**;

-a: imp. do ind. da 2ª e 3ª conj.: recebi-**a**;

-**ra**: (átono): mais-que-perf. do ind.: parti-**ra**;

-**rei:** fut. pres. ind.: parti-**rei**;

-ra: (tônico): fut. pres. ind.: parti-**rá**;

-**ria:** fut. pret. ind.: parti**-ria;**

-a: pres. do subj. da 2ª e 3ª conj.: part-**a**, vend-**a**;

-e: pres. do subj. da 1ª conj.: am-**e**, cant-**e**;

-sse: imp. do subj.: canta-**sse**-s;

-r: fut. subj.: parti-**r**.

Observação: Algumas desinências apresentam **variantes,** como é o caso das terminadas em **-a**: amav**a** (amá-**ve**-is) ou a desinência **-rá**: amar**á** (ama-**re**-i).

→ b cumulativamente, **o número e a pessoa: DNP**

-o, -s, -ø, -mos, is (**des**, nos verbos irregulares), **-m**, no pres. do ind.: am-**o**, ama-**s**, ama-**ø** etc.;

-i, -ste, -u, -mos, -stes, -ram, no pretérito perf.: ame-**i**, ama-**ste**, amo-**u** etc.;

-ø, -es, ø, -mos, -des, -em, no inf. pes. e no fut. do subj.: amar-**ø**, amar-**es**, amar-**ø** etc.

Observação: Algumas desinências número-pessoais acumulam ainda o modo e o tempo: **-ste**, **-stes**: ama-**ste**, ama-**stes**. As formas nominais do verbo (infinito, gerúndio e particípio) dispõem das **desinências verbo-nominais:**

-r: infinitivo: ama-**r**, louva-**r**;

-ndo: gerúndio: ama-**ndo**, louva-**ndo**;

-d: (-t-, -s-): particípio: ama-**d**-o(a),
fei-**t**-o (a),
confes-**s**-o (a).

Cognatos

Dizem-se **cognatos** os vocábulos que procedem de uma raiz comum. Tais palavras constituem uma família etimológica.

À raiz da palavra latina **anima (= espírito),** por exemplo, prendem-se os seguintes cognatos:

alma, animal, alimária, animar, desanimar, animação, alvejar, ânimo, desalmado etc.

ou

da raiz latina **loqui** (= falar):

locutor (aquele que fala)

locutório (lugar em que se fala)

elocução (ação resultante de falar)

loquaz (falador) etc.

ou

da palavra **nocere** (= prejudicar, causar dano) derivam:

nocivo	inocente
nocividade	inocência
inocentar	**inócuo** etc.

Exercício

Indique os elementos mórficos das seguintes palavras:

a) Impedíssemos
radical: ....
vogal temática: ....
tema: ....
desinência do Pretérito Imperfeito do Subj.: ....
desinência da 1ª pessoa do plural: .....

b) Gastavam
radical: ....
vogal temática: ....
tema: ....
desinência do Pretérito Imperfeito do Ind.: ....
desinência da 1ª pessoa do plural: .....

c) Desigualdade
radical: ....
tema: ....
prefixo: ....
sufixo: ....

Obs.: Quando não existe vogal temática, o radical coincide com o tema.

d) Soalheiras
radical: ....
tema: ....
sufixo: ....
desinência de gênero: ....
desinência de número: ....

e) Empedramento
radical: ....
vogal temática: ....
tema: ....
prefixo: ....
sufixo: ....

f) Arredondamentos
radical: ....
vogal temática: ....
tema: ....
prefixo: ....
sufixo: ....
desinência de número: ....

g) Agilidade
radical: ....
tema: ....

sufixo: ....
vogal de ligação: ....

h) Extraordinárias

radical: ....
tema: ....
prefixo: ....
sufixo: ....
desinência de gênero: ....
desinência de número: ....

i) Visitaste

radical: ....
vogal temática: ....
tema: ....
desinência de pessoa e número: ....

j) Pensamento

radical: ....
vogal temática: ....
tema: ....
sufixo: ....

Radicais gregos

I — PRIMEIRO ELEMENTO DA COMPOSIÇÃO

FORMA	SENTIDO	EXEMPLOS
aero-	ar	aerofagia, aeronave
anemo-	vento	anemógrafo, anemômetro
antropo-	homem	antropófago, antropologia
arqueo-	antigo	arqueografia, arqueologia
auto-	de si mesmo	autobiografia, autógrafo
biblio-	livro	bibliografia, biblioteca
bio-	vida	biografia, biologia
caco-	mau	cacofonia, cacografia
cali-	belo	califasia, caligrafia
ciclo-	círculo	ciclometria, ciclotímico
cito-	cavidade, célula	citologia, citoplasma
cosmo-	mundo	cosmógrafo, cosmologia
criso-	ouro	crisógrafo, crisólita
cromo-	cor	cromolitografia, cromossomo
crono-	tempo	cronologia, cronômetro
dactilo-	dedo	dactilografia, dactiloscopia
deca-	dez	decaedro, decalitro
demo-	povo	democracia, demagogo
di-	dois	dipétalo, dissílabo
ele(c)tro-	(âmbar) eletricidade	eletroímã, eletroscopia
enea-	nove	eneágono, eneassílabo
etno-	povo, raça	etnografia, etnologia
farmaco-	medicamento	farmacologia, farmacopéia
filo-	amigo	filologia, filomático
fisio-	natureza	fisiologia, fisionomia
fono-	voz, som	fonógrafo, fonologia
foto-	fogo, luz	fotômetro, fotosfera
gastro-	estômago	gastrocolite, gastrônomo
geo-	terra	geografia, geologia
helio-	sol	heliografia, helioscópio
hemi-	metade	hemisfério, hemistíquio
hemo- hemato-	sangue	hemoglobina, hematócrito
hepta-	sete	heptágono, heptassílabo
hetero-	outro	heterodoxo, heterogêneo
hexa-	seis	hexágono, hexâmetro
hidro-	água	hidrogênio, hidrografia
hipo-	cavalo	hipódromo, hipopótamo
hom(e)o-	semelhante	homeopatia, homófono
ictio-	peixe	ictiófago, ictiologia
iso-	igual	isócrono, isóscele
lito-	pedra	litografia, litogravura
macro-	grande, longo	macróbio, macrodáctilo
mega(lo)-	grande	megatério, megalomaníaco
meliss(o)-	abelha	melissografia, melissugo
melo-	canto	melodia, melopéia
meso-	meio	mesóclise, Mesopotâmia
micro-	pequeno	micróbio, microscópio
miria-	dez mil, numeroso	miriâmetro, miríade
miso-	que odeia	misógino, misantropo
mito-	fábula	mitologia, mitômano
mono-	um só	monarca, monótono
necro-	morto	necrópole, necrotério
neo-	novo	neolatino, neologismo
neuro- nevro-	nervo	neurologia, neurastenia nevrotomia, nevralgia
octo-	oito	octossílabo, octaedro
odonto-	dente	odontologia, odontalgia
oftalmo-	olho	oftalmologia, oftalmoscópio
onomato-	nome	onomatologia, onomatopéia
oro-	montanha	orogenia, orografia
orto-	reto, justo	ortografia, ortodoxo
oxi-	agudo, penetrante	oxígono, oxítono
paleo-	antigo	paleografia, paleontologia
pan-	todos, tudo	panteísmo, pan-americano
pato-	(sentimento) doença	patogenético, patologia
ped(o)-	criança	pediatria, pedologia
penta-	cinco	pentágono, pentâmetro
piro-	fogo	pirosfera, pirotecnia
pluto-	riqueza	plutocrata, plutomania
poli-	muito	poliglota, polígono
potamo-	rio	potamografia, potamologia
proto-	primeiro	protótipo, protozoário

FORMA	SENTIDO	EXEMPLOS
pseudo-	falso	pseudônimo, pseudo-esfera
psico-	alma, espírito	psicologia, psicanálise
quilo-	mil	quilograma, quilômetro
quiro-	mão	quiromancia, quiróptero
rino-	nariz	rinoceronte, rinoplastia
rizo-	raiz	rizófilo, rizotônico
sídero-	ferro	siderólito, siderurgia
taqui-	rápido	taquicardia, taquigrafia
tecno-	arte, ciência	tecnografia, tecnologia
tele-	longe	telefone, telegrama
teo-	deus	teocracia, teólogo
termo-	quente	termômetro, termoquímica
tetra-	quatro	tetrarca, tetraedro
tipo-	figura, marca	tipografia, tipologia
topo-	lugar	topografia, toponímia
tri-	três	tríade, trissílabo
xeno-	estrangeiro	xenofobia, xenomania
xilo-	madeira	xilógrafo, xilogravura
zoo-	animal	zoógrafo, zoologia

II — SEGUNDO ELEMENTO DA COMPOSIÇÃO

FORMA	SENTIDO	EXEMPLOS
- agogo	que conduz	demagogo, pedagogo
- algia	dor	cefalalgia, nevralgia
- arca	que comanda	heresiarca, monarca
- arquia	comando, governo	autarquia, monarquia
- astenia	debilidade	neurastenia, psicastenia
- céfalo	cabeça	dolicocéfalo, microcéfalo
- cracia	poder	democracia, plutocracia
- doxo	que opina	heterodoxo, ortodoxo
- dromo	lugar para correr	hipódromo, velódromo
- edro	base, face	pentaedro, poliedro
- fagia	ato de comer	aerofagia, antropofagia
- fago	que come	antropófago, necrófago
- filia	amizade	bibliofilia, lusofilia
- fobia	inimizade, ódio, temor	fotofobia, hidrofobia
- fobo	que odeia, inimigo	xenófobo, zoófobo
- foro	que leva ou conduz	electróforo, fósforo
- gamia	casamento	monogamia, poligamia
- gamo	que casa	bígamo, polígamo
- gêneo	que gera	heterogêneo, homogêneo
- glota - glossa	língua	poliglota, isoglossa
- gono	ângulo	pentágono, polígono
- grafia	escrita, descrição	ortografia, geografia

FORMA	SENTIDO	EXEMPLOS
-grafo	que escreve	calígrafo, polígrafo
-grama	escrito, peso	telegrama, quilograma
-latria	culto	idolatria, zoolatria
-logia	discurso, tratado, ciência	arqueologia, filologia
-logo	que fala ou trata	diálogo, teólogo
-mancia	adivinhação	necromancia, quiromancia
-mania	loucura, tendência	megalomania, monomania
-mano	louco, inclinado	bibliômano, mitômano
-maquia	combate	logomaquia,tauromaquia
-metria	medida	antropometria, biometria
-metro	que mede	hidrômetro, pentâmetro
-morfo	que tem a forma	antropomorfo, polimorfo
-nomia	lei, regra	agronomia, astronomia
-nomo	que regula	autônomo, metrônomo
-péia	ato de fazer	melopéia, onomatopéia
-pode	pé	gastrópode, miriápode
-polis -pole	cidade	Petrópolis, metrópole
-ptero	que tem asas	díptero, helicóptero
-scopia	ato de ver	macroscopia, microscopia
-scópio	instrumento para ver	microscópio, telescópio
-sofia	sabedoria	filosofia, teosofia
-stico	verso	dístico, monóstico
-teca	lugar onde se guarda	biblioteca, discoteca
-terapia	cura	fisioterapia, hidroterapia
-tomia	corte, divisão	dicotomia, nevrotomia
-tono	tensão, tom	barítono, monótono

Radicais latinos

I — PRIMEIRO ELEMENTO DA COMPOSIÇÃO

FORMA	ORIGEM LATINA	SENTIDO	EXEMPLOS
agri-	ager, agri	campo	agricultura
ambi-	ambo	ambos	ambidestro
arbori-	arbor, -oris	árvore	arborícola
avi-	avis, -is	ave	avifauna
bis- bi-	bis	duas vezes	bisavó bípede
calori-	calor, -oris	calor	calorífero
cruci-	crux, -ucis	cruz	crucifixo
curvi-	curvus, -a, -um	curvo	curvilíneo
equi-	aequus, -a, -um	igual	eqüidistante
ferri- ferro-	ferrum, - i	ferro	ferrífero ferrovia

FORMA	ORIGEM LATINA	SENTIDO	EXEMPLOS
igni-	ignis, -is	fogo	ignívomo
loco-	locus, -i	lugar	locomotiva
morti-	mors, mortis	morte	mortífero
multi-	multus, -a, -um	muito	multiforme
olei-	oleum, - i	azeite, óleo	oleígeno
oleo-			oleoduto
oni-	omnis, -e	todo	onipotente
pedi-	pes, pedis	pé	pedilúvio
pisci-	piscis, -is	peixe	piscicultor
pluri-	plus, pluris	muitos, vários	pluriforme
quadri-	quattuor	quatro	quadrimotor
quadru-			quadrúpede
radio-	radius, -ii	raio	radiografia
reti-	rectus, -a, -um	reto	retilíneo
semi-	semi	metade	semicírculo
sesqui-	sesqui	um e meio	sesquicentenário
tri-	tres, tria	três	tricolor
uni-	unus, -a, -um	um	uníssono
vermi-	vermis, -is	verme	vermífugo

II — SEGUNDO ELEMENTO DA COMPOSIÇÃO

FORMA	SENTIDO	EXEMPLOS
-cida	que mata	regicida, suicida
-cola	que cultiva, ou habita	vitícola, arborícola
-cultura	ato de cultivar	apicultura, piscicultura
-fero	que contém, ou produz	aurífero, flamífero
-fico	que faz, ou produz	benéfico, frigorífico
-forme	que tem forma de	cuneiforme, floriforme
-fugo	que foge, ou faz fugir	centrífugo, febrífugo
-gero	que contém, ou produz	armígero, belígero
-paro	que produz	multíparo, ovíparo
-pede	pé	palmípede, velocípede
-sono	que soa	horríssono, uníssono
-vomo	que expele	fumívomo, ignívomo
-voro	que come	carnívoro, herbívoro

Prefixos gregos

PREFIXO	SENTIDO	EXEMPLOS
an- (a-)	privação, negação	anarquia, ateu
ana-	ação ou movimento inverso, repetição	anagrama, anáfora
anfi-	de um e outro lado, em torno	anfíbio, anfiteatro
anti-	oposição, ação contrária	antiaéreo, antípoda
apo-	afastamento, separação	apogeu, apóstata
arqui- (arc-)	superioridade	arquiduque, arcanjo
arque-(arce-)		arquétipo, arcebispo
cata	movimento de cima para baixo, oposição	catadupa, catacumba
dia- (di-)	movimento através de, afastamento	diagnóstico, diocese
dis-	dificuldade, privação	dispnéia, disenteria
ec- (ex-)	movimento para fora	eclipse, êxodo
en- (em-, e-)	posição interior	encéfalo, emplastro, elipse
endo- (end-)	posição interior, movimento para dentro	endotérmico, endosmose
epi- (ep-)	posição superior, movimento para, posteridade	epiderme, epônimo
eu- (ev-)	bem, bom	eufonia, evangelho
hiper-	posição superior, excesso	hipérbole, hipertensão
hipo-	posição inferior, escassez	hipodérmico, hipotensão
meta- (met-)	posteridade, mudança	metacarpo, metástase
para- (par-)	proximidade, ao lado de	paradigma, parasita
peri-	posição ou movimento em torno	perímetro, perífrase
pro-	posição em frente, anterior	prólogo, prognóstico
sin- (sim-, si-)	simultaneidade, companhia	sinfonia, simpatia, sílaba

Prefixos latinos

PREFIXO	SENTIDO	EXEMPLOS
ab-	afastamento, separação	abdicar, abjurar
abs-		abster, abstrair
a-		amovível, aversão
ad-	aproximação, direção	adjunto, adventício
a- (ar-, as-)		abeirar, arribar, assentir
ante-	anterioridade	antebraço, antepor
circum-	movimento em torno	circum-adjacente
(circun-)		circunvagar
cis-	posição aquém	cisalpino, cisplatino
com- (con-)	contiguidade, companhia	compor, conter
co- (cor-)		cooperar, corroborar
contra-	oposição, ação conjunta	contradizer, contra-assinar

PREFIXO	SENTIDO	EXEMPLOS
de-	movimento de cima para baixo	decair, decrescer
des-	separação, ação contrária	desviar, desfazer
dis- di-(dir-)	separação, movimento para diversos lados, negação	dissidente, distender, dilacerar, dirimir
ex- es- e-	movimento para fora, estado anterior	exportar, extrair escorrer, estender emigrar, evadir
extra-	posição exterior (fora de)	extra-oficial, extraviar
in- (im-) -i (ir-) em- (en-)	movimento para dentro	ingerir, impelir imigrar, irromper embarcar, enterrar
in- (im-) -i (ir-)	negação, privação	inativo, impermeável ilegal, irrestrito
inter- entre	posição intermediária	internacional, interromper entreabrir, entrelinha
intra-	posição interior	intramuscular, intravenoso
intro-	movimento para dentro	introduzir, intrometer
justa-	posição ao lado	justapor, justalinear
ob o-	posição em frente, oposição	ob-reptício, obstáculo
		ocorrer, opor
per-	movimento através	percorrer, perfurar
pos- pré-	posterioridade anterioridade	pospor, postônico prefácio,
pro-	movimento para frente	progresso, prosseguir
re-	movimento para trás, repetição	refluir, refazer
retro-	movimento mais para trás	retroceder, retrospectivo
soto- sota-	posição inferior	soto-mestre, soto-soberania, sota-vento, sota-voga

PREFIX	SENTIDO	EXEMPLOS
sub- sus- su- sob- so-	movimento de baixo para cima, inferioridade	subclasse, subdelegado suspender, suster suceder, supor sobestar, sobpor soerguer, soterrar
super- sobre-	posição em cima, excesso	superfície, superpovoado sobrepor, sobrecarga
supra-	posição acima, excesso	supracitado, supra-sumo
trans- tras- tra- tres-	movimento para além de posição além de	transpor, transalpino trasladar, traspassar tradição, traduzir tresloucado, tresmalhar
ultra-	posição, além do limite	ultrapassar, ultra-sensível
vice- vis- (vizo-)	substituição, em lugar de	vice-reitor, vice-cônsul visconde, vizo-rei

Leia com atenção

Prefixos latinos e gregos que podem corresponder-se no sentido

PREFIXO(S) LATINO(S)	PREFIXO(s) GREGO(S)	SENTIDO(S)
AB-, ABS-, A-	APO-	afastamento
AD-, A-, JUSTA-	PARA-	proximidade
AMBI-	ANFI-	ambivalência
ANTE-, PRE-	PRO-	posição anterior
BENE-, BEN-BEM-	EU-, EV-	bem, bom, verdadeiro
BIS-, BI	DI-	duas vezes
CIRCUM-, CIRCUN-	PERI-	ao redor
CONTRA-, OB- O-	ANTI-, PARA-	oposição
COM-, CON-, CO-	SIM-, SIN-	combinação, companhia
DE-, DES-	CATA-	movimento para baixo
EX-, ES-, E-	EX-, EC-, EXO-	movimento para fora

PREFIXO(S) LATINO(S)	PREFIXO(S) GREGO(S)	SENTIDO(S)
EXTRA-, ULTRA-, SUPER	HIPER- ARQUI-	superioridade, excelência
IN-, IM-, I-, EN- EM-, INTRA-, INTRO-	EN-, EM- E- ENDO-	posição interna
IN-, IM-, I-, DES-, DIS-	A-, AN-	negação
MULTI-, PLURI-	POLI-	multiplicidade
PER-, TRANS-, TRAS-, TRES-	DIA-, META-	através de
RE-	HIPER-	intensidade
SEMI-	HEMI-	metade
SUB-, SOB-, SO-, INFRA-	HIPO-	posição abaixo
SUPER-, SOBRE-	HIPER-	excesso
SUPER-, SOBRE-	EPI-	posição acima

Exercícios

1) Nos números de 1 a 7, aponte o sentido do prefixo, de acordo com as indicações que seguem:

a. afastamento; separação

b. aproximação; direção

c. duplicidade; duas vezes

d. posição anterior

e. bem; muito bom

f. ao redor

g. oposição; ação oposta

( ) 1. ambivalência, ambidestro, bilíngüe, bisseção.

( ) 2. benemérito, benevolência, benfeitor, bem-vindo.

( ) 3. antebraço, antelóquio, antenupcial, antepor.

( ) 4. contra-ataque, contradizer, oponente, opugnar.

( ) 5. circunvizinhança, circunlóquio, circunferência.

( ) 6. avizinhar, abicar, adjunto, adjacente.

( ) 7. abuso, abscisão, abjurar, abster-se.

2) Nos números de 8 a 14, assinale o sentido do prefixo, conforme as indicações:

a. negação; privação

b. movimento para dentro

c. movimento para fora

d. movimento através de

e. posição posterior

f. posição anterior

g. posição superior

( ) 8. superfino, sobrecarga, sobretaxa.

( ) 9. inacabado, imberbe, ilícito, inócuo.

( ) 10. inflar, imergir, imigrar, introspecção.

( ) 11. preâmbulo, prefácio, prematuro, pré-natal.

( ) 12. exonerar, exumar, exsucção, expatriar.

( ) 13. pós-verbal, posteridade, pospasto.

( ) 14. perdurar, pervigília, transmudar, tresmalhar.

3) Relacione as duas colunas, levando em conta o significado dos prefixos latinos:

(a) aproximação
(b) movimento em torno
(c) oposição
(d) movimento para fora
(e) movimento para dentro
(f) negação, privação
(g) posição além do limite
(h) posição inferior
(i) posição em cima
(j) anterioridade
(l) posterioridade

( ) exportar
( ) inativo
( ) ultrapassar
( ) contrapor
( ) sotopor
( ) adjunto
( ) sobrepor
( ) ingerir
( ) cincunferência
( ) preestabelecer
( ) pospor

4) Indique os prefixos (gregos) das palavras abaixo bem como o significado de cada um:

	PREFIXO	SIGNIFICADO
a) anfíbio:	....	....
b) disfonia:	....	....
c) hipertensão:	....	....

d) hipoglicemia: ....
e) anti-revolucionário: ....
f) politeísta: ....
g) sinfonia: ....
h) endodermia: ....
i) eufonia: ....

5) Consulte o quadro dos radicais gregos e relacione as duas colunas de acordo com o significado etimológico das palavras:

(a) anemômetro	( ) tempo + estudo
(b) cronologia	( ) estômago + inflamação
(c) gastrite	( ) pequeno + ver
(d) cosmogonia	( ) lugar + descrição
(e) microscopia	( ) universo + origem
(f) topografia	( ) vento + medida
(g) fotofobia	( ) amigo + sabedoria
(h) filosofia	( ) povo + governo
(i) democracia	( ) criança + conduzir
(j) pedagogia	( ) luz + aversão

6) Empregando o radical cronos **(= tempo), forme palavras correspondentes aos significados pedidos:**

ao mesmo tempo: ....
através do tempo: ....
fora do tempo: ....

7) Utilizando o radical bio **(= vida), forme palavras que tenham os seguintes significados:**

estudo da vida: ....
que tem duas vidas: ....

8) Dê o significado dos elementos destacados nas palavras abaixo:

a) **pre**dominavam: ....
b) pomo**logia**: ....
c) **antropo**lógicos: ....
d) silví**cola**: ....

9) Indique o sentido dos sufixos destacados nas seguintes palavras:

a) arvor**edo**: ....
b) alfinet**ada**: ....
c) ancorad**ouro**: ....
d) ped**inte**: ....
e) viv**ência**: ....
f) viá**vel**: ....
g) campes**ino**: ....
h) garb**oso**: ....
i) resist**ente**: ....
j) vilar**ejo**: ....
l) cane**cão**: ....

10) Numere a coluna da direita (prefixos gregos), observando a correspondência de sentido com os prefixos latinos à esquerda:

(1) **ab**uso	( ) **para**sito
(2) **ambi**destro	( ) **antí**tese
(3) **ad**junto	( ) **anfí**bio
(4) **bi**céfalo	( ) **eu**femismo
(5) **bene**fício	( ) **dis**sílabo
(6) **circun**ferência	( ) **apo**geu
(7) **contra**dizer	( ) **sín**tese
(8) **com**por	( ) **perí**frase
(9) **de**capitar	( ) **cata**plasma

11) O mesmo que o precedente.

(1) **des**favorável	( ) **hemi**sfério
(2) **ex**patriar	( ) **ex**orcismo
(3) **in**feliz	( ) **an**arquia
(4) **in**jetar	( ) **meta**morfose
(5) **intra**venoso	( ) **a**cromático
(6) **semi**-reta	( ) **hipo**geu
(7) **sub**solo	( ) **endo**venoso
(8) **super**lotar	( ) **hiper**trofia
(9) **supra**citado	( ) **en**céfalo
(10) **trans**formação	( ) **epi**táfio

12) Numere a coluna da direita de acordo com o valor dos prefixos latinos:

(1) oposição	( ) **intro**duzir
(2) aproximação	( ) **supra**numerário
(3) movimento através	( ) **col**aborar
(4) posição inferior	( ) **ad**mirar
(5) excesso	( ) **sob**por
(6) movimento para fora	( ) **per**correr
(7) companhia	( ) **es**correr
(8) movimento para dentro	( ) **o**por
(9) movimento para trás	( ) **retros**pectiva

13) Numere a coluna da direita de acordo com o valor dos prefixos gregos:

(1) mudança	( ) **aná**lise
(2) movimento através	( ) **pró**logo
(3) simultaneidade	( ) **antí**doto
(4) em torno de	( ) **peri**cárdio
(5) posição superior	( ) **apo**fonia
(6) anterioridade	( ) **epí**grafe
(7) afastamento	( ) **dia**cronia
(8) privação	( ) **a**patia
(9) decomposição	( ) **sin**cronia
(10) ação contrária	( ) **metá**fora

Questões discursivas

1. (FEI-SP) — Dê o significado dos prefixos:

a) **anti**pático
b) **sim**pático
c) **a**pático

Respostas:

a) ....
b) ....
c) ....

2. (FUVEST) — Dos vocábulos da relação seguinte, transcreva apenas aqueles cujos prefixos indiquem PRIVAÇÃO, NEGAÇÃO **ou** OPOSIÇÃO**:**

indiciado — anarquia — aprimorar — península — amoral — antípoda — antediluviano — ateu — antigo — imberbe

Resposta: ....
....
....

3. (FUVEST) — E da relação seguinte, transcreva aqueles que indiquem INFERIORIDADE **ou** POSIÇÃO INFERIOR**:**

sotopor — retroceder — supra-renal — sublingual — infravermelho — obstruir — hipodérmico — sobestar — hipertensão — périplo.

Resposta: ....

Testes

1. (UFBA) A palavra tijolinho **tem na sua estrutura mórfica os seguintes elementos:**

a) prefixo, radical.
b) sufixo, radical.
c) radical, sufixo.
d) prefixo, radical, sufixo.
e) radical, vogal de ligação, sufixo.

2. (PUC-PR) Dentre as alternativas abaixo, assinale aquela em que ocorrem dois prefixos que dão idéia de negação:

a) impune, acéfalo.
b) pressupor, ambíguo.
c) anarquia, decair.
d) importar, soterrar.
e) ilegal, refazer.

3. (UCS- RS) Assinale a alternativa em que todas as palavras são formadas pelo prefixo da palavra «imigrante»**.**

a) importação — imersão — implantação.
b) invasão — ingresso — insatisfação.
c) ingestão — incineração — imoderação.

d) intubação — interpretação — incorreção.

e) intromissão — inserção — imobilização.

4. (UFPR) O significado do prefixo em insensibilidade **assemelha-se ao da série de palavras da alternativa:**

a) desacreditar, impor e contradizer.

b) desfazer, injetar e ateu.

c) discordar, impermeável e analgésico.

d) subsolo, impróprio e amnésia.

e) intocável, anarquia e ingerência.

5. (MACK-SP) Relacione as duas colunas, de acordo com o significado do sufixo, e assinale a alternativa correta:

1. jogador ( ) lugar
2. preguiçoso ( ) tendência a
3. ratoeira ( ) agente
4. aflitivo ( ) posse abundante

a)	3	4	1	2
b)	4	3	2	1
c)	3	2	1	4
d)	4	1	2	3
e)	3	2	4	1

6. (FATEC-SP) Desmontando as partes componentes de REPUSÉREIS**, não é verdadeiro que:**

a) RE- é prefixo, indicando reiteração.

b) -PUS- é radical, dando o sentido básico para a palavra.

c) É- é vogal temática de um verbo de segunda conjugação.

d) -RE- é sufixo modo-temporal do futuro do indicativo; transformado de **-ra-** para **-re-** por influência da vogal fechada, seguinte **-i-.**

e) -IS é desinência número-pessoal, indicando dependência do verbo a um sujeito oculto de segunda pessoa do plural.

7. (UFU-MG) Se você quisesse, com a palavra «alpino»**, formar um vocábulo que significasse** «aquém dos Alpes»**, qual dos prefixos abaixo você escolheria?**

a) ante

b) trans

c) extra

d) tras

e) cis

8. (UFJF-MG) O item em que não há correspondência de significação entre os dois elementos destacados é:

a) **circun**ferência — **perí**metro

b) **semi**círculo — **hemi**sfério

c) **sub**terrâneo — **hipó**tese

d) **super**lotar — **hipér**bole

e) **pro**jetar — **dia**gonal

9. (CESGRANRIO) Assinale a palavra cujo prefixo de origem grega equivale, quanto ao significado, ao prefixo de origem latina de «desiludido»**:**

a) anarquia.

b) hipotensão.

c) antiaéreo.

d) dispnéia.

e) anfíbio.

10. (FSSRJ) Assinale abaixo o composto de elementos gregos que não se ajusta à definição apresentada:

a) macrobia — estado de vida longa.

b) claustrofobia — aversão a lugares fechados.

c) misantropia — aversão à sociedade.

d) xilografia — arte de grafar em pedra.

e) etnologia — estudo das raças.

11. (UNESP) Em

DESCOMPUSERMOS:

a) há um prefixo apenas.

b) temos exemplo de exceção, por não haver vogal temática.

c) vê-se que é um plural, pela desinência **-s**.

d) o radical é **pus-.**

e) n.d.a.

12. (MACK-SP) Assinale a alternativa em que não há relação entre as duas colunas quanto ao significado do prefixo:

a) abdicar	afastamento
b) adjacente	posição em frente
c) antedatar	anterioridade
d) ambidestro	duplicidade
e) biscoito	repetição

Para resolver as questões 13 a 15, assinale as alternativas e some seus valores.

13. (UEMA) Assinale as alternativas corretas:

1. Em **desrespeito**, o prefixo é **des-** e indica negação, ausência.

2. Em **exportação**, o prefixo indica movimento para fora.

4. Em **injetar** e **infiel**, o prefixo é **in-** e indica movimento para dentro.

8. Se o radical grego **trofia** significa nutrição, desenvolvimento, a palavra **hipotrofia** significa deficiência no desenvolvimento.

16. Em **antigüidade**, o **an-** não é prefixo de negação e o **anti-** não é prefixo de oposição.

32. **Tanatofobia** significa «pavor doentio da morte».

64. **Xenófobo** significa «amigo dos estrangeiros».

14. (FUVEST) Assinale o(s) item(itens) em que não houve erro quanto à análise:

1. menin**a** (-a) = desinência nominal de gênero.

2. vend**e**ste (-e-) = vogal de ligação.

4. gas**ô**metro (-ô-) = vogal de ligação.

8. ama**sse**m (-sse) = desinência de 2ª pessoa do plural.

16. cantaríe**is** (-is) = desinência do imperfeito do subjuntivo.

32. **cantar** (canta) = tema.

64. cantá**va**mos (-va-) = desinência do pretérito imperfeito do subjuntivo.

15. (UNIFOR-CE) Assinale o(s) item(itens) em que há correspondência entre os elementos destacados:

1. **semi**círculo — **hemis**fério.

2. **super**lotar — **hipér**bole.

4. **ad**junto — **epi**derme.

8. **bí**pede — **di**ssílabo.

32. **in**gerir — **en**céfalo

64. **in**completo — **a**calmar

16. (ITA-SP) Considere as seguintes significações:

«nove ângulos — governo de poucos — som agradável — dor de cabeça»

Escolha a alternativa cujas palavras traduzem os significados apresentados acima:

a) pentágono — plutocracia — eufonia — mialgia;

b) eneágono — oligarquia — eufonia — cefalalgia;

c) nonangular — democracia — cacofania — dispnéia;

d) eneágono — aristocracia — sinfonia — cefalalgia;

e) hendecágono — monarquia — sonoplastia — cefaléia.

17. (ITA-SP) Considere as seguintes palavras, cujos prefixos são de origem grega:

«diáfano, endocárdio, epiderme, anfíbio».

Qual alternativa apresenta palavras cujos prefixos, de origem latina, **correspondem,** quanto ao significado, aos de origem grega?

a) translúcido, ingerir, sobrepor, ambivalência.

b) disseminar, intramuscular, superfi-cial, ambigüidade.

c) disjungir, emigrar, supervisão, bilíngüe.

d) transalpino, enclausurar, supercílio, ambicionar.

e) percorrer, imergir, epopéia, ambivalência.

18. (UNAMA) O único verbo que não apresenta vogal temática está na opção:

a) dizer;

b) valha;

c) chega;

d) circulam;

e) aparecendo.

Respostas da unidade 8 — Estrutura das palavras

Exercício — pág. 88

a) imped, i, impedi, sse, mos.
b) gast, a, gasta, va, m.
c) igual, igual, des, dade.
d) soalh, soalh, eir, a, s.
e) pedr, a, pedra, em, mento.
f) redond, a, redonda, a(r), mento, s.
g) agil, agil, dade, i.
h) ordin, ordin, extra, ari(o), a, s.
i) visit, a, visita, ste.
j) pens, a, pensa, mento.

Exercícios — pág. 93

1) c, e, d, g, f, b, a.
2) g, a, b, f, c, e, d.
3) d, f, g, c, h, a, i. e, b, j, l.
4) a) anfi-duplicidade b) dis-dificuldade c) hiper-superioridade d) hipo-inferioridade e) anti-posição contrária f) poli-muitos g) sin-combinação h) endo-posição interior i) eu-bem, bom.
5) b, c, e, f, d, a, h, i, j, g.
6) sincrônico, diacrônico, anacrônico.
7) biologia, anfíbio.
8) a) anterioridade b) estudo (das árvores frutíferas) c) homem d) habitante.
9) a) coleção b) resultado da ação c) lugar da ação d) agente e) ação ou resultado dela f) possibilidade g) origem h) cheio de... i) qualidade, estado j) diminutivo l) aumentativo.
10) 3, 7, 2, 5, 4, 1, 8, 6, 9.
11) 6, 2, 3, 10, 1, 7, 5, 8, 4, 9.
12) 8, 5, 7, 2, 4,N6, 1, 9.
13) 9, 6, 10, 4, 7, 5, 2, 8, 3, 1.

Questões discursivas — pág. 95

1. a) oposição, ação contrária b) simultaneidade, companhia c) privação, negação.

2. anarquia, amoral, antípoda, ateu, imberbe.

3. sotopor, sublingual, infravermelho, hipodérmico, sobestar.

Testes — pág. 95

1 - c
2 - a
3 - a
4 - c
5 - a
6 - d
7 - e
8 - e
9 - a
10 - d
11 - d
12 - b
13 - 59
14 - 37
15 - 43
16 - b
17 - a
18 - b

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Orações Subordinadas Adverbiais 2

Dica 2

Orações subordinadas adverbiais causais 2

Orações subordinadas adverbiais consecutivas 2

Orações subordinadas adverbiais comparativas 3

Orações subordinadas adverbiais conformativas 3

Orações subordinadas adverbiais condicionais 3

Orações subordinadas adverbiais concessivas 3

Orações subordinadas adverbiais finais 3

Orações subordinadas adverbiais proporcionais 3

Orações subordinadas adverbiais temporais 3

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Orações Subordinadas Adverbiais

São aquelas que exercem a função dos adjuntos adverbiais, isto é, exprimem circunstâncias de tempo, modo, finalidade, causa, etc. Observe:

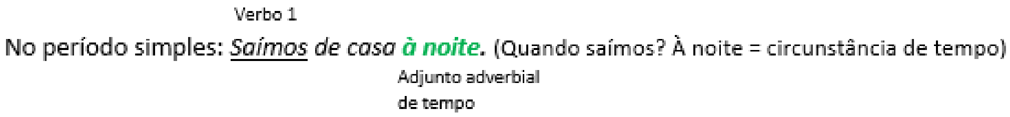

Verbo 1

No período simples: *Saímos de casa* ***à noite*****.** (Quando saímos? À noite = circunstância de tempo)

Adjunto adverbial
de tempo

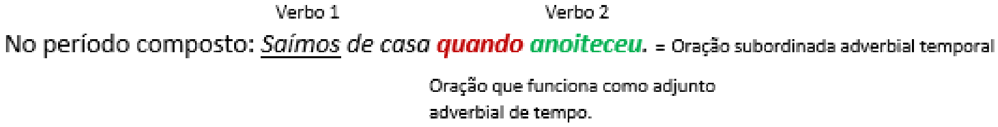

Verbo 1 Verbo 2

No período composto: *Saímos de casa* ***quando anoiteceu*****.** = Oração subordinada adverbial temporal

Oração que funciona como adjunto
adverbial de tempo.

Dica

Nas orações adverbiais, você identificará a circunstância indicada pelo verbo a partir da conjunção que liga as duas orações. No exemplo anterior, a situação de tempo só se estabelece devido à conjunção *quando*. De todo modo, não se atente apenas aos conectivos! Há conjunções que modificam o sentido se utilizadas em outros contextos.

Ex.: Como eu tinha dito, não gosto de sopa de feijão. = Conforme eu tinha dito, não gosto de sopa de feijão **Indica conformidade**.

Como choveu ontem, não pude vir à aula. = Porque choveu ontem, não pude vir à aula. **Indica causa**.

As adverbiais se dividem em nove:

- → Orações subordinadas adverbiais causais
- → Orações subordinadas adverbiais consecutivas
- → Orações subordinadas adverbiais comparativas
- → Orações subordinadas adverbiais concessivas
- → Orações subordinadas adverbiais conformativas
- → Orações subordinadas adverbiais condicionais
- → Orações subordinadas adverbiais finais
- → Orações subordinadas adverbiais proporcionais
- → Orações subordinadas adverbiais temporais

Orações subordinadas adverbiais causais

Exprimem causa, motivo, razão (sempre atrelada a uma consequência).

Principais conjunções: porque, uma vez que, já que, como.

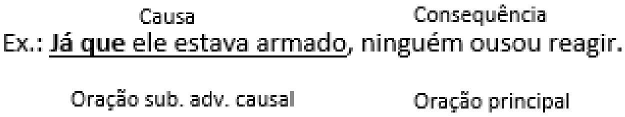

Causa Consequência

Ex.: **Já que** ele estava armado, ninguém ousou reagir.

Oração sub. adv. causal Oração principal

Orações subordinadas adverbiais consecutivas

Exprimem uma consequência, um efeito ou um resultado (sempre atrelado a uma causa).

Principais conjunções: tão...que, tanto...que, tal...que, de maneira que.

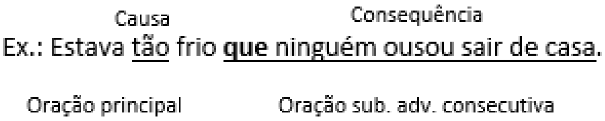

Causa Consequência

Ex.: Estava tão frio **que** ninguém ousou sair de casa.

Oração principal Oração sub. adv. consecutiva

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Orações subordinadas adverbiais comparativas

Representam uma comparação entre termos.

Principais conjunções: como, tal qual, tão...quanto, igual, do que.

Ex.: Os retirantes partiram mais pobres **do que** vieram.

Oração principal Oração sub. adv. comparativa

Orações subordinadas adverbiais conformativas

Exprimem a maneira como um fato ocorre.

Principais conjunções: conforme, segundo, de acordo com, como, consoante.

Ex.: O homem age **conforme** pensa.

Oração principal Oração sub. adv. conformativa

Orações subordinadas adverbiais condicionais

Exprimem a hipótese ou condição para que algo ocorra.

Principais conjunções: se, caso, desde que, contanto que, salvo se.

Ex.: **Caso** não estude muito, não será um bom profissional.

Oração sub. adv. condicional Oração principal

Orações subordinadas adverbiais concessivas

Exprimem um fato que se concede, que se admite, uma exceção à “regra”.

Principais conjunções: embora, apesar de, mesmo que, ainda que.

Ex.: **Embora** chovesse, fomos correr no parque.

Oração sub. adv. concessiva Oração principal

Orações subordinadas adverbiais finais

Exprimem a finalidade de uma ação, um objetivo.

Principais conjunções: a fim de que, para, para que, com o objetivo de.

Ex.: Aproximei-me dele **a fim de que** me ouvisse melhor.

Oração principal Oração sub. adv. final

Orações subordinadas adverbiais proporcionais

Exprimem relação de proporção entre um fato e outro.

Principais conjunções: à medida que, à proporção que, ao passo que, quanto mais/menos.

Ex.: Ficamos mais espertos **à medida que** estudamos.

Oração principal Oração sub. adv. proporcional

Orações subordinadas adverbiais temporais

Exprimem o tempo em que se realiza um fato exposto na oração principal.

Principais conjunções: quanto, enquanto, desde que, assim que.

Ex.: Estou esperando **desde que** me conheço por gente.

Oração principal Oração sub. adv. temporal

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Exercícios

01. Assinale a alternativa que corresponde a uma oração subordinada adverbial.

a) Confesso que estou um pouco surpresa.
b) Não sei se poderei viajar nas férias.
c) Desconfio de que não sou só eu a preocupada.
d) Quando não tinha nada eu quis você.
e) Minha esperança é que as crianças mudem o mundo.

02. Assinale a alternativa que **não** corresponde à circunstância adverbial indicada.

a) Ele é irritante como seu irmão. **(comparação)**
b) Como eu fui para casa, não vi o teatro final. **(causa)**
c) Fiz a prova como meu professor mandou. **(conformidade)**
d) Traga papéis assinados, como manda a regra. **(comparação)**
e) Use traje de gala, como manda o figurino. **(conformidade)**

Gabarito

01 - D

02 - D

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

PORTUGUESA

Professora Ana Rita

ORTOGRAFIA

AULA 1

ORTOGRAFIA

1. ADJETIVO -	*PALAVRA DERIVADA*
	-EZA
real	realeza
avaro	avareza
lindo	lindeza
cruel	crueza
nobre	nobreza
incerto	incerteza
vil	vileza
áspero	aspereza
pobre	pobreza

2.PALAVRA PRIMITIVA COM S -	*PALAVRA DERIVADA -ESA*
Burguês	burguesa
Francês	francesa
Camponês	camponesa
Inglês	inglesa
Finês (habitante)	finlandesa
Pequinês (hab)	pequinesa

3. SUBSTANTIVO COM –S OU –ESA

Cônsul	consulesa
Duque	duquesa
Tigre	tigresa
Mesa	
Surpresa	
Empresa	
Presa (dente)	

4. NOMES PÁTRIOS – terminação em ês

Português
Francês
Japonês, etc.

5. SUBSTANTIVO ADJETIVO

-EZ

surdo	surdez
viúvo	viuvez
altivo	altivez
tóxico	toxidez
decrépito	decrepidez
inválido	invalidez
embriagado	embriaguez
ácido	acidez
sensato	sensatez
escasso	escassez
mórbido	morbidez

6. SUBSTANTIVOS - terminações –ês

cortês
burguês
camponês
montanhês
montês

7. –AZ / - OZ - geralmente empregado na formação de adjetivos

andaz	feroz
voraz	veloz
perspicaz	falaz
capaz	

8. –IZAR - empregado na formação de verbos a partir de substantivos

real	realizar
harmonia	harmonizar
simpático	simpatizar
concreto	concretizar
ameno	amenizar
ideal	idealizar
eterno	eternizar
símbolo	simbolizar
útil	utilizar

9. Quando a palavra primitiva apresenta S, acrescenta-se apenas ar para formar verbos.

Bis	bisar
Aviso	avisar
Preciso	precisar
Pesquisa	pesquisar
Paralisia	paralisar

Análise	analisar
Alisa	alisar

10. SUBSTANTIVOS	*VERBO*
-ISMO	*-IZAR*
batismo	batizar
catequismo	catequizar
paganismo	paganizar
organismo	organizar
comunismo	comunizar

11. ADJETIVOS	*VERBO*
-VEL	*-BILIZAR*
sensível	sensibilizar
notável	notabilizar
estável	estabilizar

12. ADJETIVO	*VERBO*
-TICO	*- TIZAR*
profético	profetizar
dogmático	dogmatizar
sintético	sintetizar

13. Preste atenção aos modelos:

verbo no infinitivo	*verbo flexionado*
esvaziar	esvaziamos
fazer	fazia
avisar	avisei
querer	quis, quisera

14. Adjetivos terminados em OSO/OSA

formoso
gulosa

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Palavra SE 2
- Substantivo 2
- Conjunção 2
  - Conjunção Subordinativa Integrante 2
  - Conjunção Subordinativa Causal 2
  - Conjunção Subordinativa Condicional 2
- Pronome 2
  - Pronome Apassivador 2
  - Índice de Indeterminação do Sujeito 2
  - Partícula Inerente 3
  - Pronome Reflexivo 3
  - Pronome Reflexivo Recíproco 3
  - Partícula Expletiva 3

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Palavra SE

A palavra SE pode apresentar diferentes usos na língua portuguesa. Existem funções morfológicas e sintáticas que essa pequena palavra pode representar em determinado período. Vejamos alguns casos.

Substantivo

Pode aparecer antecedido de um determinante (artigo, pronome) ou especifica outro substantivo.

Aquele "se" significa possibilidade.

Conjunção

Quando é conjunção, pode ser classificado em alguns tipos de conjunção:

Conjunção Subordinativa Integrante

→ Introduz uma oração subordinada substantiva.

- Observamos se o menino levou o cachorro.

> Oração subordinada substantiva objetiva direta

Conjunção Subordinativa Causal

- Se não sabia do ocorrido, não deveria ter participado.

> Oração subordinada adverbial causal

Conjunção Subordinativa Condicional

- Se tivéssemos comido menos, poderíamos andar na montanha-russa.

> Or. subordinada adverbial condicional

Pronome

→ Como pronome oblíquo, pode ser classificado:

Pronome Apassivador

Relaciona-se a verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos, estando na voz passiva sintética.

Dica:

Para reconhecer a partícula apassivadora, recomenda-se mudar o verbo para a voz passiva analítica.

- Descobriram-se as provas do crime.
- As provas do crime foram descobertas.

Índice de Indeterminação do Sujeito

Está associado a verbos intransitivos, transitivos indiretos ou de ligação, quando conjugados na 3ª pessoa do singular.

- Necessita-se de ajuda.
- **De ajuda se é necessitado???? (errado)**

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Partícula Inerente

→ Faz parte dos verbos essencialmente pronominais, ou seja, aqueles que necessariamente trazem para junto de si o pronome oblíquo.

- João queixou-se da prova.
- Maria arrependeu-se do crime.

Pronome Reflexivo

→ Assume o sentido de “a si mesmo”.

- João cortou-se com a faca.

Pronome Reflexivo Recíproco

→ O pronome “se” corresponde a outro. Alguém que pratica uma ação em alguém e recebe essa mesma ação.

- João e Maria beijaram-se.
- Os políticos agrediram-se verbalmente.

Partícula Expletiva

→ Uma partícula que pode ser excluída da construção sem causar mudança no sentido original. Serve para realçar, somente.

- A multidão riu-se frente à proposta política.

EXERCÍCIOS

01. Em “Não se sabe se o sujeito está fazendo ironia”, os termos em destaque são classificados, pela regra gramatical, respectivamente, como

a) índice de indeterminação do sujeito e conjunção condicional.
b) partícula apassivadora e conjunção integrante.
c) partícula apassivadora e conjunção condicional.
d) pronome reflexivo e conjunção temporal.
e) índice de indeterminação do sujeito e partícula de realce.

02. Analisando os três vocábulos SE que foram usados no trecho: “Se se olha com apenas um olho, perde-se a possibilidade de ver as conexões da grande rede de elementos que constituem a complexidade da Educação Formal Humana”, a única opção que diz algo errado sobre eles ou um deles é:

a) o primeiro SE é uma conjunção adverbial condicional;
b) o uso sequenciado de SE, logo no início do trecho, constitui um desvio à Norma Padrão;
c) o terceiro SE é partícula apassivadora;
d) o segundo SE é pronome apassivador;
e) o primeiro SE é um índice de indeterminação de sujeito.

GABARITO

01 – B

02 – E

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Inquérito Policial 2
  Introdução 2
    Persecutio Criminis 2
    Polícia 3
  Inquérito Policial 3
    Conceito 3
    Finalidade 3
    Inquéritos Não Policiais ou Extrapoliciais 4

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Inquérito Policial

Introdução

Quando é cometido um delito, deve o Estado, por intermédio da polícia, buscar provas iniciais acerca da autoria e da materialidade, para apresentá-las ao titular da ação penal (Ministério Público ou ofendido), a fim de que este, apreciando-as, decida se oferece a denúncia ou queixa-crime. Uma vez oferecida a denúncia (ação penal pública) ou queixa-crime (ação privada), o Inquérito Policial as acompanhará, para que o Juiz possa avaliar se há indícios suficientes de autoria e materialidade para recebê-las. Caso sejam recebidas, o Inquérito Policial acompanhará a ação penal, ficando anexado aos autos.

O Inquérito Policial é instaurado para apurar infrações penais que tenham pena superior a 2 anos, já que, no caso das infrações de menor potencial ofensivo, determina o art. 69 da Lei n. 9.099/95 a mera lavratura de termo circunstanciado de ocorrência (TCO). As infrações de menor potencial ofensivo são os crimes com pena máxima não superior a 2 anos e as contravenções penais (art. 61 da Lei n. 9.099/95).

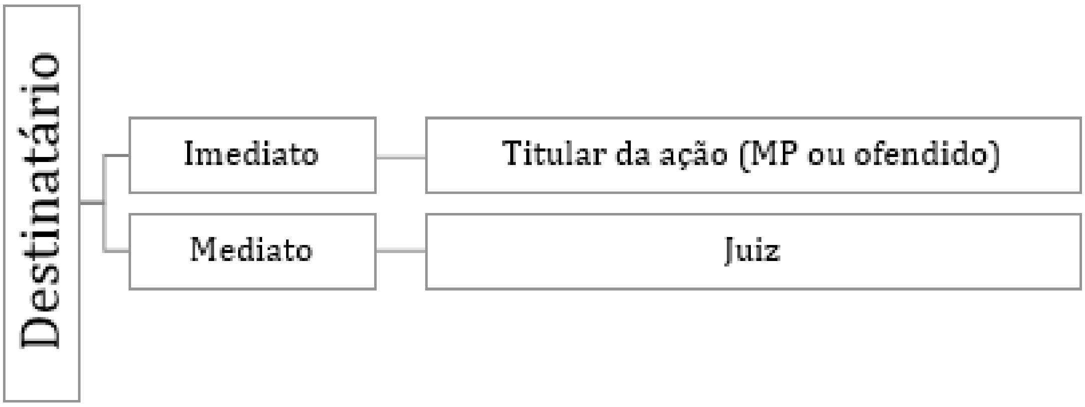

*CUIDADO! Sempre que uma infração de menor potencial ofensivo se revestir de alguma complexidade, inviabilizando o TCO, excepcionalmente será instaurado o Inquérito Policial que, posteriormente, será encaminhado ao Juizado Especial Criminal. Além disso, nos termos do art. 41 da Lei Maria da Penha (Lei n. 11.340/2006), todas as infrações que envolvam violência doméstica ou familiar contra a mulher se apuram mediante Inquérito Policial, ainda que a pena máxima não seja superior a 2 anos.

O Processo Penal oferece ao Estado as premissas que garantem a aplicação da lei penal, visto que ela **NÃO É AUTOAPLICÁVEL**. Desta forma, essa disciplina esclarece dois momentos no Persecutio Criminis, uma etapa pré-processual (Inquérito Policial), e outra etapa Processual Penal (Processo Penal).

Persecutio Criminis

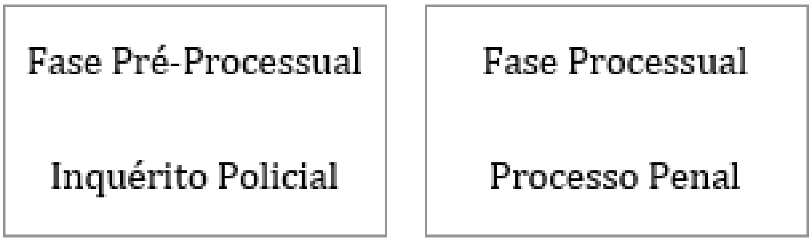

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Polícia

> *Na Constituição Federal de 1988, a polícia foi disciplinada no artigo 144. Doutrinariamente, as polícias podem ser divididas em Polícia Administrativa ou Ostensiva e Polícia Judiciária ou Repressiva. A Polícia Ostensiva é aquela que deve ser vista e temida, é aquela que inibe o comportamento criminoso ainda na cabeça das pessoas. Por isso, as viaturas tendem a ser chamativas, com a pretensão de serem vistas por todas as pessoas. Dentro da Polícia Ostensiva insere-se a Polícia Militar, os Corpos de Bombeiros Militares, a Polícia Rodoviária Federal e a Polícia Ferroviária Federal.*
>
> *Do outro lado, por mais exitosa que seja a Polícia Ostensiva, é fatídica a existência de crimes em sociedade. Neste ponto, entra em ação a Polícia Judiciária, a qual atua após o cometimento do crime, em processos investigatórios. Dentre as Polícias Judiciárias, elas podem existir no âmbito estadual sendo representadas pela Polícia Civil e na esfera federal pela Polícia Federal.*

Após isso, é instintivo o pensamento de que a Polícia responsável pelos procedimentos investigatórios é a Polícia Judiciária. Logo, é ela que titula o Inquérito Policial. Após a CF/88, a Polícia Judiciária ganhou um crédito de tecnicidade importantíssimo. Essa Polícia deve ser gerida por Delegados de Polícia, necessariamente bacharéis em Direito e concursados, com tratamento protocolar similar ao dispensado aos Juízes, Promotores, Defensores Públicos e Advogados (art. 3º da Lei 12.830/13).

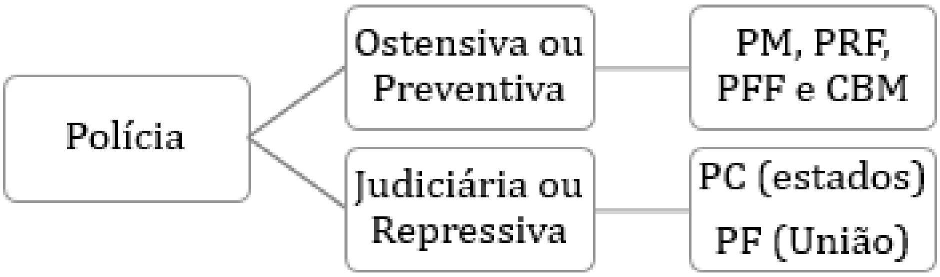

*CUIDADO! A Polícia Judiciária NÃO faz parte do Poder Judiciário, mas do Executivo. Ela simplesmente funciona como auxiliar do Poder Judiciário, cabendo a essa Polícia elaborar a Investigação Criminal.

Inquérito Policial

Conceito

Trata-se de um **PROCEDIMENTO ADMINISTRATIVO** preliminar, de caráter **INFORMATIVO**, que objetiva apurar indícios de **AUTORIA E MATERIALIDADE**, sendo presidido por **AUTORIDADE POLICIAL** de carreira (diga-se: Delegados de Polícia).

Essa é a definição de Aury Lopes Junior, e contextualiza a situação de que o Inquérito Policial (IP) é um procedimento meramente administrativo, ou seja, é uma formalidade, não se caracterizando como um processo. O caráter informativo se materializa no sentido de o MP prescindir do IP para prestar a denúncia, ou seja, o IP não é necessário para a denúncia. Além disso, o próprio conceito estabelece o objetivo do IP, que é o de apurar indícios de autoria e materialidade do crime.

Tendo o exposto em vista, a natureza jurídica do IP é a de procedimento administrativo preliminar de caráter informativo, sem rito, sendo cada diligência determinada pela autoridade policial.

Finalidade

É comum a doutrina apontar uma finalidade explícita do IP, que é a de contribuir com a *Opinio Delicti* do MP na tentativa de convencê-lo a prestar a denúncia. No entanto, o IP apresenta uma finalidade dual, sendo em segundo lugar útil à aplicação de medidas cautelares previstas no art. 319 do CPP.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Inquéritos Não Policiais ou Extrapoliciais

É a investigação de crimes desenvolvida por autoridades distintas da Polícia Judiciária.

» **Inquéritos Parlamentares**: são presididos por parlamentares, sendo as diligências realizadas pela polícia.

» **Inquéritos Militares**: são presididos por Oficiais Militares de Carreira.

» **Inquéritos Ministeriais**: são investigações criminais presididas pelo Promotor. Não se deve confundir Inquérito Ministerial com Inquérito Policial, sendo este último presidido apenas por autoridade policial. Neste caso, a investigação a cargo do Promotor conviverá harmonicamente com o Inquérito Policial. Vale ressaltar a súmula 234 do STJ, que versa sobre o impedimento do Promotor na propositura da ação:

"A Participação de membro do Ministério Público na fase investigatória criminal NÃO *acarreta o seu impedimento ou suspeição para o oferecimento da denúncia."*

A oficialidade e a oficiosidade são princípios importantes a serem analisados. O primeiro relaciona o entendimento de que a realização do Inquérito Policial é atribuição de órgão oficial do Estado. (Polícia Judiciária). Já a oficiosidade afirma que a polícia, ao tomar conhecimento de uma infração penal, agirá de ofício, ou seja, sem provocação.

EXERCÍCIOS

01. O IP é presidido pelo Delegado de Polícia sob a supervisão direta do MP, que poderá intervir a qualquer tempo para determinar a realização de perícias ou diligências.

Certo ( ) Errado ( )

02. A atividade investigatória de crimes não é exclusiva da Polícia Judiciária, podendo ser eventualmente presidida por outras autoridades, conforme dispuser a lei especial.

Certo ( ) Errado ( )

03. O Inquérito é um procedimento administrativo, que embora admita o exercício de alguns direitos de defesa e de informação ao indiciado, tem natureza acusatória, é sigiloso e desprovido de ampla defesa e contraditório.

Certo ( ) Errado ( )

GABARITO

1 – Errado

2 – Certo

3 – Errado

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

VERBOS IMPESSOAIS
SUJEITO INEXISTENTE
VERBO NA 3ª PESSOA DO SINGULAR

MARCELO ROSENTHAL

VERBOS IMPESSOAIS

1) HAVER (EXISTIR, TEMPO DECORRIDO)

___________ cem alunos em sala.
___________ cem alunos em sala.
___________ cem alunos em sala.
___________ cem alunos em sala.
Se ___________ problemas...
Se___________ problemas...
___________ haver problemas...
___________ haver problemas...
___________ que haver soluções...
___________ que existir soluções...
___________ de haver soluções...
___________ de existir soluções...
Ele chegou ___________ dez minutos.

VERBOS IMPESSOAIS

2) FAZER (TEMPO DECORRIDO)

Faz anos que João chegou.

Amanhã fará dois anos que João chegou.

Amanhã vai fazer dois anos que João chegou.

QUESTÕES

1 (AFRF-ESAF) - “Adotar o Inglês teria a vantagem da neutralidade”.

Para preservar a correção gramatical, se fosse usada a expressão **Ao se adota**r, em lugar de somente “Adotar”(l .10), seria obrigatória a mudança de “teria”(l .19) para **haveri**a.

QUESTÕES

2 (NCE) - “Há poucos dias...”; há verbos denominados impessoais (como o verbo haver, nesta frase) que permanecem com a forma equivalente à terceira pessoa do singular, não concordando com qualquer termo da frase. O item abaixo que apresenta um outro verbo empregado impessoalmente é:

a) A droga nunca traz bons resultados;

b) Choveu dinheiro na premiação da loteria;

c) Iniciei a campanha na semana passada;

d) O homem não deve ter medo de nada;

e) Nesta rua tem um bosque.

QUESTÕES

3) Há poucos... Neste caso, o verbo *haver* não recebe flexões e, por isso mesmo, é denominado *impessoal*. O item a seguir em que a forma desse verbo está correta é:

a) Não se houve bem na eleição os candidatos da direita;

b) Hão de haver políticos que não gastem tanto;

c) Houveram muitas festas na inauguração do viaduto;

d) Hão de existir alguns amigos no novo bairro;

e) Haviam trinta carros na garagem.

QUESTÕES

4)“...de há muito acomete o frágil organismo social no qual vivemos.”; o item abaixo em que a forma do verbo haver está ERRADAMENTE empregada no lugar da preposição a é:

(A) Os jornais brasileiros, há vários meses, só falam de corrupção;

(B) Há bastante gente a quem se pode acusar de corrupção;

(C) O Brasil está há algumas semanas de começar a economia de luz;

(D) De há meses para cá o frio tem aumentado;

(E) O país sofre de corrupção há várias décadas.

QUESTÕES

5) “...há três décadas ele mantém sua fama em ascendência.” Nesta frase o verbo HAVER não varia, pois se trata de uma oração sem sujeito. Assinale a opção que completar correta a frase?
“Quantos dias .... que não o vemos? .... bem uns dez.”

a) faz - hão de haver

b) fazem - há de haver

c) fazem - hão de haver

d) faz - há de haver

e) fazem - hão de haverem

QUESTÕES

6) AFRF-ESAF- assinale a opção cujo período apresenta ERRO na sintaxe ou morfologia das formas verbais.

a) Haviam, entre os meses de outubro e dezembro, ocorrido pancadas de chuva tão violentas que as estradas estavam em péssimas condições.

b) Se houver desistências, as vagas não poderão ser preenchidas por candidatos sem habilitação legal.

c) Embora muitas dificuldades houvessem surgido, os trabalhos foram concluídos em tempo hábil.

d) Todas as opiniões que houvesse entre os participantes do encontro seriam debatidas democraticamente,

e) Ninguém sabe se vão haver ou não novas inscrições para o concurso anunciado há duas semanas.

QUESTÕES

GABARITO:

1-CERTO;

2-E;

3-D;

4-C;

5-D;

6-E

Curso Completo de Português

Prof. Fernando Pestana

(Autor do livro "A Gramática para Concursos Públicos")

Ortografia

— *Definição*

1. Emprego de Letras

> S ou Z?

> X ou CH?

> S, SS, ou Ç?

> G ou J?

> E ou I?

S ou Z?

pau__a, lou__a, pu__er, qui__er, difu__ão, defe__a, calabre__a, milane__a, pobre__a, frie__a, suavi__ar, pesqui__ar, improvi__ar, hospitali__ar, catequi__ar, Lui__inho, me__inha, lapi__inho, carta__inho, lugar__inho...

X ou CH?

frou__o, sei__o, recau__utar, en__ofre, desen__abido, en__ente, en__iqueirar, me__ilhão, me__er, me__a...

S, SS ou Ç?

aten__ão, isen__ão, exce__ão, absten__ão, reten__ão, preten__ão, compreen__ão, reeduca__ão, importa__ão, impre__ão, prome__a, admi__ão, repercu__ão, conce__ão, agre__ão...

G ou J?

via__em, lo__ista, can__ica, naufrá__io, egré__io, vestí__io, reló__io, refú__io, gara__em, fuli__em, ferru__em, la__e, pa__em, lambu__em...

E ou I?

espontân__o, espontan__dade, sér__o, ser__dade, perdo__, continu__, atra__, dó__, possu__, pent__o, pent__as, pent__a, pent__amos, pent__ais, pent__am, negoc__o, negoc__as, negoc__a, negoc__amos, negoc__ais, negoc__am, remed__o, remed__as, remed__a, remed__amos, remed__ais, remed__am...

Cuidado com a grafia!

re___v___dicar, mi___to, benefic___nte, d___s___teria, empec___o, d___gladiar, mu___arela, mai___ena, aterri___ar, mer___tíssimo, ___titulado, e___tender, e___ten___ão, e___ten___o, pr___vilégio, praz___roso, o___eri___a, li___on___eiro, a___vinhar, fre___r, defa___agem, ê___ito, ___nfart___, maqui___gem, ta___ar, vi___i___itude, pê___ame, u___ura, berin___ela, gor___eta...

FOCA
NA
GRAMÁTICA

Clams
FERNANDO PESTANA
A Gramática para Concursos Públicos

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Classe de Palavras...2
Substantivo...2
Gênero...2
Plural dos Substantivos...3
Plural do Substantivo Composto...4

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Classe de Palavras

As 10 Classes de Palavras, também chamadas de classes gramaticais consistem nos pilares da Língua Portuguesa, é a organização feita com as palavras língua de acordo com suas funções no texto. Podem ser variáveis ou invariáveis.

Substantivo

Palavras que dão nomes às coisas. Podemos classificá-los de acordo com características gerais, analisadas em pares (com exceção dos coletivos), e com o gênero. Observe, a seguir, essas classificações.

Características Gerais

Simples: formado por apenas um radical. Ex.: couve; banana.

OU

Composto: formado por dois ou mais radicais. Ex.: couve-flor; banana-maçã.

Comum: designa um nome comum a todos os seres de uma mesma espécie. Ex.: cidade; rio.

OU

Próprio: aquele que particulariza um ser ou uma coisa. Brasília; Tietê.

Concreto: designa seres ou coisas de existência independente. Ex.: casa; bruxa.

OU

Abstrato: todos os sentimentos e as palavras que designam ações (derivadas de verbos). Ex.: ódio; trabalho.

Primitivo: aquele que dá origem a outras palavras. Ex.: terra; flor.

OU

Derivado: aquele que se forma a partir de outra palavra. Ex. terreno; floreira.

Coletivo: palavras que, mesmo no singular, indicam um grupo formado por diversos seres de uma mesma espécie. Ex.: cardume (de peixes); atlas (de mapas).

Gênero

Biformes: apresentam duas formas diferentes, uma para cada gênero.

Ex. menino/menina; homem/mulher.

Uniformes: apresentam uma única forma para os dois gêneros. Dividem-se em comuns de dois gêneros, sobrecomuns e epicenos. Entenda cada um a seguir.

→ **Comuns de dois gêneros**: o termo modificador (artigos, adjetivos, pronomes) que acompanha o substantivo determina o gênero.

Ex.: o colega / a colega; bom cliente / boa cliente.

→ **Sobrecomuns**: têm um só gênero que indica tanto masculino como feminino.

Ex.: o indivíduo (homem ou mulher); a criatura (homem ou mulher).

→ **Epicenos**: indicam nomes de certos animais, têm um só gênero e aparecem acompanhados de *macho* ou *fêmea*.

Ex.: crocodilo macho / crocodilo fêmea.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Plural dos Substantivos

Plural dos Substantivos Simples

a) Os substantivos terminados em vogal, ditongo oral e n fazem o plural pelo acréscimo de s. Por exemplo:

pai – pais

ímã – ímãs

hífen – hifens (sem acento, no plural).

Exceção: cânon – cânones.

b) Os substantivos terminados em m fazem o plural em ns. Por exemplo:

homem – homens.

c) Os substantivos terminados em r e z fazem o plural pelo acréscimo de es. Por exemplo:

revólver – revólveres

raiz – raízes

Atenção: O plural de caráter é caracteres.

d) Os substantivos terminados em al, el, ol, ul flexionam-se no plural, trocando o l por is. Por exemplo:

quintal – quintais

caracol – caracóis

hotel – hotéis

Exceções: mal e males, cônsul e cônsules.

e) Os substantivos terminados em il fazem o plural de duas maneiras:

→ Quando oxítonos, em is. Por exemplo:

canil – canis

→ Quando paroxítonos, em eis. Por exemplo:

míssil – mísseis.

Obs.: a palavra réptil pode formar seu plural de duas maneiras:

répteis ou reptis (pouco usada).

f) Os substantivos terminados em s fazem o plural de duas maneiras:

→ Quando monossilábicos ou oxítonos, mediante o acréscimo de es. Por exemplo:

ás – ases

retrós – retroses

→ Quando paroxítonos ou proparoxítonos, ficam invariáveis. Por exemplo:

o lápis – os lápis

o ônibus – os ônibus.

g) Os substantivos terminados em ão fazem o plural de três maneiras.

→ substituindo o – ão por – ões:

Por exemplo:

ação – ações

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

→ substituindo o – ão por – ães:

Por exemplo:

cão – cães

→ substituindo o – ão por – ãos:

Por exemplo:

grão – grãos

h) Os substantivos terminados em x ficam invariáveis.

Por exemplo:

o látex – os látex.

Plural do Substantivo Composto

A formação do plural dos substantivos compostos depende da forma como são grafados, do tipo de palavras que formam o composto e da relação que estabelecem entre si. Aqueles que são grafados **sem hífen** comportam-se como os substantivos simples:

aguardente e aguardentes

girassol e girassóis

pontapé e pontapés

malmequer e malmequeres

Para pluralizar os substantivos compostos cujos elementos são **ligados por hífen**, observe as orientações a seguir:

a) Quando as duas palavras forem substantivos, pode-se optar por colocar apenas o **primeiro** elemento **ou ambos** no plural:

palavra-chave = palavra**s**-chave ou palavra**s**-chave**s**

couve-flor = couve**s**-flor ou couve**s**-flore**s**

bomba-relógio = bomba**s**-relógio ou bomba**s**-relógio**s**

peixe-espada = peixe**s**-espada ou peixe**s**-espada**s**

b) Flexionam-se os **dois** elementos, quando formados de:

substantivo + adjetivo = amor-perfeito e amor**es**-perfeito**s**

adjetivo + substantivo = gentil-homem e genti**s**-home**ns**

numeral + substantivo = quinta-feira e quinta**s**-feira**s**

c) Flexiona-se somente o **segundo** elemento, quando formados de:

verbo + substantivo = guarda-roupa e guarda-roupa**s**

palavra invariável + palavra variável = alto-falante e alto-falante**s**

palavras repetidas ou imitativas = reco-reco e reco-reco**s**

d) Flexiona-se somente o **primeiro** elemento, quando formados de:

substantivo + preposição clara + substantivo = água-de-colônia e água**s**-de-colônia

substantivo + preposição oculta + substantivo = cavalo-vapor e cavalo**s**-vapor

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

e) Permanecem invariáveis, quando formados de:

verbo + advérbio = o bota-fora e os bota-fora

verbo + substantivo no plural = o saca-rolhas e os saca-rolhas

Casos Especiais

o louva-a-deus e os louva-a-deus

o bem-te-vi e os bem-te-vis

o bem-me-quer e os bem-me-queres

o joão-ninguém e os joões-ninguém.

Dica

Para diferenciar os substantivos concreto e abstrato, basta fazer o seguinte teste:

É possível desenhar um referente exato desse substantivo? Ou seja, há uma imagem que retrata exatamente esse nome?

Por exemplo: se eu desenho *casa*, meu desenho trará exatamente o referente que existe para esse nome, o qual é compartilhado pela maioria das pessoas. No entanto, se eu tento desenhar *amor*, não conseguirei trazer à tona um referente exato, pois não existe uma imagem que se associe exatamente a esse nome, mas sim representações, alusões, formadas por outros referentes, que são os substantivos concretos. Posso desenhar corações para representar o amor, mas não consigo captar *amor* em imagem. Conseguiu compreender?

Exercícios

01. Assinale a alternativa que apresenta a classificação correta, de acordo com suas características, do substantivo chuvisco:

a) simples, comum, concreto e derivado.
b) composto, comum, concreto e primitivo.
c) simples, comum, abstrato e derivado.
d) composto, comum, abstrato e derivado.
e) simples, próprio, concreto e primitivo.

Gabarito

01 - A

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

PORTUGUESA

Professora Ana Rita

ORTOGRAFIA

AULA 4

USO DO J/G

1. Cognatos de uma palavra com J

laranja	laranjada
igreja	igrejinha
laje	lajedo, lajeado
varejo	varejista
sarjar (fazer incisões)	
sarjeta	
anjo	
tarja	
gorjeta	
sarjel (tecido grosso de lã)	
granja	
canja	
queijo	

2. havendo J no infinitivo, permanece no verbo

viajar – viajei, que eles viagem
encorajar – encorajei, encorajem
enferrujar – enferrujem

3. Verbos no infinitivo em GER e GIR - o G transforma-se em J antes de O e A:

ranger - ranja, ranjam
exigir – exijo, exijais
eleger – elejo, eleja, elejam
surgir – surja, surjam

4. SUFIXO - AGEM

passagem

cromagem
vadiagem
camaradagem
estocagem
folhagem
estiagem

5. USO DO J:

Cafajeste	jejuar	jibóia
Jeisei	nojento	cerejeira
Interjeição	projeto	sarjeta
Injeção	jesuíta	gorjeta
Rejeição	jirau	enrijecer
Sujeira	granjear	lambujem
Ultraje	anjinho	berinjela
Majestade	ojeriza	gorjear
Laje	traje	manjedoura
Lisonjear	jenipapo	jerico
Pajé	pajem	

6. USO DO G:

angelical	gengibre	ferrugem
gesso	tigela	egípcio
rigidez	esfinge	monge
magia	ogiva	gironda
agiota	infringir	herege
gípseo	magistral	bugiganga
genuíno	vagem	
viagem (substantivo)		
ferrugem(substantivo)		
coragem (substantivo)		

7. Palavras com E:

antediluviano	endividar
arrepiar	encarnação
candeeiro	rédea
peão (pessoa)	evasão
confete	emérito
pexote	insigne
creolina	paletó
destilar	emitir
evocar	quepe
despender	empecilho
descortinar	cumeeira
periquito	enformar
descriminar	

8. Palavras com I:

alumiar	lampião
ansiar	discrição
arriar	dilapidar
crânio	escárnio
prêmio	discriminar
criatura	terebintina
dentifrício	iminente
dignitário	imolar
digladiar	imérito
informar	imerso
inigualável	frontispício
privilégio	silvícola
requisito	pião
ilidir (refutar, rebater)	
inquisição	

9. Palavras com O :

óbolo	bússola
mágoa	badega
botequim	cobiça
comprimento	engolir
goela	mocambo
poleiro	Sortir (abastecer)
tribo	zoada
joalheiro	Joanino
joelho	moleque
Lobrigar (entrever)	rouxinol

10. Palavras com U:

bulir	bueiro
Cumprimento	curtume
cutia	jabuti
Juá	rebuliço
tábua	Surtir (produzir)
curtir	curinga
cúpula	chuviscar
burburinho	jabuticaba
juazeiro	Juçara
judiação	Urtiga
Uxoricídio	

PRONOMES PESSOAIS

Os pronomes pessoais são aqueles que podem substituir os substantivos e indicar diretamente as pessoas do discurso.

PRONOME RETO

O pronome pessoal do caso reto é aquele que, na sentença, pode exercer a função de sujeito ou predicativo do sujeito.

Ela usava uma saia amarela. *sujeito*
O culpado é **ele**. *predicativo do sujeito*

- 1ª pessoa do singular: eu
- 2ª pessoa do singular: tu
- 3ª pessoa do singular: ele, ela
- 1ª pessoa do plural: nós
- 2ª pessoa do plural: vós
- 3ª pessoa do plural: eles, elas

PRONOME OBLÍQUO

Os pronomes pessoais do caso oblíquo podem desempenhar a função sintática de complemento verbal (objeto direto ou indireto), complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial, adjunto adnominal ou sujeito acusativo (sujeito de oração reduzida).

Ajudei-**o** na escrita da redação. *Objeto direto*
Entregue-**lhe** a carta. *Objeto indireto*
Sou-**te** fiel para sempre. *Complemento nominal*
O material foi feito por **ele**. *Agente da passiva*
Ele viajará **conosco.** *Adjunto adverbial*
Cortaram-**me** a barba. *Adjunto adnominal*
Viram-**me** pulando a janela. *Sujeito de oração reduzida*

Os pronomes pessoais do caso oblíquo se subdividem em dois tipos: os átonos, que não são antecedidos por preposição, e os tônicos, precedidos por preposição.

Pronomes oblíquos átonos (fracos):
Os pronomes oblíquos átonos são:
1ª pessoa do singular: me

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

2ª pessoa do singular: te
3ª pessoa do singular: se, o, a, lhe
1ª pessoa do plural: nos
2ª pessoa do plural: vos
3ª pessoa do plural: se, os, as, lhes

Pronomes oblíquos tônicos (fortes):
Os pronomes oblíquos tônicos são:
1ª pessoa do singular: mim, comigo
2ª pessoa do singular: ti, contigo
3ª pessoa do singular: ele, ela, si, consigo
1ª pessoa do plural: nós, conosco
2ª pessoa do plural: vós, convosco
3ª pessoa do plural: eles, elas.

Orientações importantes:

1- Eu, tu / Mim, ti

Eu e tu exercem a função sintática de sujeito. Mim e ti exercem a função sintática de complemento verbal ou nominal, agente da passiva ou adjunto adverbial e sempre são precedidos de preposição.

Entregaram uma carta **para mim.**

Era **para eu** comprar o bolo, mas não tive tempo.

Atenção: Não é uma preocupação para mim chegar tarde todos os dias.

Nesse caso, o pronome não é sujeito do verbo **É**, observe que pode ser facilmente deslocado ou até mesmo retirado.

Não é uma preocupação chegar tarde todos os dias.
Para mim não é uma preocupação chegar tarde todos os dias.
Não é preocupação chegar tarde todos os dias.

2- Se, si, consigo

Se, si, consigo são pronomes reflexivos ou recíprocos, logo só poderão ser usados na voz reflexiva ou na voz reflexiva recíproca.

Quem se chateia, acaba doente.
Maria, pense em si mesma e comece uma dieta!
Maria levou consigo todas as verduras.

3- Com nós, com vós / Conosco, convosco

Usa-se com nós ou com vós, quando, à frente, surgir qualquer palavra que indique quem "somos nós" ou quem "sois vós".

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Maria conversou com nós todos sobre sua viagem.
Maria desejou boa viagem a nós três.
Venha comigo e não ficará arrependido.

4- Dele, do + subst. / De ele, de o + subst.

Quando os pronomes pessoais ele(s), ela(s), ou qualquer substantivo, funcionarem como sujeito, não devem ser aglutinados com a preposição de.

Chegou o dia de ele terminar o texto.

5- Pronomes Oblíquos Átonos

Os pronomes oblíquos átonos são me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, os as, lhes. Eles podem exercer diversas funções sintáticas nas orações:

Objeto Direto

me, te, se, o, a, nos, vos, os, as.
Quando recolher os tomates, lave-os.

- Se o verbo for terminado em M, ÃO ou ÕE, os pronomes o, a, os, as se transformarão em no, na, nos, nas.

Coloquem-no em cima da mesa.

- Se o verbo terminar em R, S ou Z, essas terminações serão retiradas, e os pronomes o, a, os, as mudarão para lo, la, los, las.

Quando encontrá-los, só colha aqueles que estiverem maduros.
Fi-lo porque você pediu.
Qui-lo porque precisava cozinhar o molho.

- Independentemente da predicação verbal, se o verbo terminar em mos, seguido de nos ou de vos, retira-se a terminação -s.

Falamo-nos antes de dormir.

Objeto Indireto

me, te, se, lhe, nos, vos, lhes.
Paguei-lhe o justo sem perguntar o preço.

Adjunto adnominal

me, te, lhe, nos, vos, lhes, quando indicarem posse (algo de alguém).
Cortaram-me as tranças.

Complemento nominal

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

me, te, lhe, nos, vos, lhes, quando complementarem o sentido de adjetivos, advérbios ou substantivos abstratos. (algo a alguém, não provindo a preposição a de um verbo).

Tenha-me confiança. (confiança a alguém)

É-me difícil subir tantos degraus. (difícil a alguém)

Sujeito acusativo

me, te, se, o, a, nos, vos, os, as, quando estiverem em um período composto formado pelos verbos fazer, mandar, ver, deixar, sentir ou ouvir, e um verbo no infinitivo ou no gerúndio.

Deixei-a esperar na sala.

EXERCÍCIOS:

1- (FGV/2016) A frase em que o pronome pessoal lhe tem valor possessivo é:

a) Nunca prive alguém da esperança. Pode ser tudo o que lhe resta.
b) Não é que ele não possa ver a solução. É que não lhe é possível ver o problema.
c) Assim é, se lhe parece.
d) Eu posso explicar-lhes isso, mas eu não posso entender isso por eles.
e) O certo não é priorizar o que lhe está na agenda, mas agendar suas prioridades.

2- (UECE-CEV/2016) “Eu conheço você há anos e posso garantir a você que não vou impedir você de contar sua versão dos fatos.
” Num exercício sobre pronomes, o professor propôs aos alunos que reescrevessem a frase acima substituindo os termos sublinhados por pronomes oblíquos átonos coerentes com a frase original.

A resposta dada como correta foi esta:
a) Eu o conheço há anos e posso garantir-lhe que não vou impedi-lo de contá-la.
b) Eu o conheço há anos e posso garantir-lhe que não vou impedi-lo de contar-nos.
c) Eu lhe conheço há anos e posso garantir-lhe que não vou lhe impedir de contá-la.
d) Eu conheço-o há anos e posso lhe garantir que não vou o impedir de no-la contar.
e) Eu lhe conheço há anos e posso lhe garantir que não vou impedir-lhe de contar-nos.

GABARITO
1 - E
2 - A

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Ortografia..........2
  Uso do J e do G..........2
    Uso do J..........2
    Uso do G..........2

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Ortografia

Uso do J e do G

Uso do J

Observe as correlações e os destaques:

Canja – canjica

Loja – lojista

Cereja – cerejeira

Gorja – gorjeta

As palavras cuja última sílaba é –ja dão origem a palavras derivadas escritas com j.

Observe novamente:

Viajar – viajei, viajem, viajemos etc.

Arejar – arejem, arejei, areje etc.

Enferrujar – enferrujou, enferrujem etc.

Todas as formas verbais dos verbos terminados em –jar são escritas com j e não com g.

Nas palavras de origem tupi, africana, árabe ou exótica

Exemplos: biju, jiboia, canjica, pajé, jerico, manjericão, Moji

Nos seguintes vocábulos:

cafajeste, jeca, jegue, majestade, jeito, jejum, laje, traje, pegajento

Uso do G

Observe as terminações em destaque nas palavras:

Adágio

Privilégio

Vestígio

Necrológio

subterfúgio

Escrevem-se com G as palavras terminadas em

-ágio

-égio

-ígio

-ógio

-úgio

Observe novamente as terminações destacadas:

Estiagem

Fuligem

ferrugem

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

São escritas com G as palavras terminadas em

-agem

-igem

-ugem

Exceções: pajem e lambujem.

Nas palavras derivadas de outras que se grafam com g

Exemplos: engessar (de gesso), massagista (de massagem), vertiginoso (de vertigem)

Nos seguintes vocábulos:

algema, auge, bege, estrangeiro, geada, gengiva, gibi, gilete, hegemonia, herege, megera, monge, rabugento, vagem.

Emprega-se Ç

Nos substantivos derivados dos verbos "ter" e "torcer"

Exemplos:

→ ater – atenção torcer – torção

→ deter – detenção distorcer-distorção

→ manter – manutenção contorcer – contorção

Emprega-se o X

Em alguns casos, a letra X soa como Ss

Exemplos:

auxílio, expectativa, experto, extroversão, sexta, sintaxe, texto, trouxe

Emprega-se Sc

Nos termos eruditos

Exemplos:

acréscimo, ascensorista, consciência, descender, discente, fascículo, fascínio, imprescindível, miscigenação, miscível, plebiscito, rescisão, seiscentos, transcender,

Emprega-se Sç

Na conjugação de alguns verbos

Exemplos:

nascer – nasço, nasça

crescer – cresço, cresça

descer – desço, desça

Emprega-se Ss

Nos substantivos derivados de verbos terminados em "gredir", "mitir", "ceder" e "cutir"

Exemplos:

agredir – agressão progredir – progressão transmitir – transmissão exceder – excesso repercutir – repercussão demitir – demissão

ceder – cessão discutir – discussão

Emprega-se o Xc e o Xs

Em dígrafos que soam como Ss

Exemplos:

exceção, excêntrico, excedente, excepcional, exsudar

Alguns empregos de X

a) **Depois de ditongo: X ou CH?**

Observe:

Fai**x**a Sei**x**o

Trou**x**a Afrou**x**ar

Rou**x**inol Dei**x**ar

Encai**x**ado Guei**x**a

Depois de ditongo emprega-se **X** e não **CH**.

b) **Depois de sílaba inicial EN**: **X** ou **CH**?

Observe:

En**x**oval En**x**uto

En**x**otar En**x**ovia

En**x**aguar En**x**ó

Obs.: enxovia – prisão

enxó – ferramenta de carpinteiro

Depois da sílaba inicial **–en** emprega-se **x** e não **ch**.

Obs.: Essa regra não se aplica às palavras com sílaba inicial **–en**, formadas a partir de palavras grafadas com **ch**.

Exs.: en**ch**er, en**ch**ente etc. (de **ch**eio); en**ch**iqueirar (de **ch**iqueiro); en**ch**arcar (de **ch**arco).

Após a sílaba inicial “me-”.

Exemplos: mexer, mexerica, mexicano, mexilhão

Exceção: mecha

c) Em vocábulos de origem indígena ou africana e nas palavras inglesas aportuguesadas.

Exemplos: abacaxi, xavante, orixá, xará, xerife, xampu

Nas seguintes palavras:

bexiga, bruxa, coaxar, faxina, graxa, lagartixa, lixa, lixo, puxar, rixa, oxalá, praxe, roxo, vexame, xadrez, xarope, xaxim, xícara, xale, xingar,

Alguns empregos de E e de I

a) **Verbos terminados em –UAR**

observe a correlação entre as duas colunas:

Verbo	**Forma verbal**
Efet**uar**	– que ele efetu**e**
Habit**uar**	– que ele habitu**e**

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Tumult**uar** – que ele tumultu**e**

Contin**uar** – que ele continu**e**

As diversas formas verbais dos verbos terminados em **–UAR** são escritas com **E**.

b) **Verbos terminados em –UIR**

Observe a correlação:

Verbo Forma verbal

Poss**uir** – ele possu**i**

Distrib**uir** – ele distribu**i**

Usufr**uir** – ele usufru**i**

Concl**uir** – ele conclu**i**

As diversas formas verbais dos verbos terminados em **–UIR** são escritas com **I**.

ATENÇÃO

As orientações **a** e **b** são úteis nos casos em que há dúvida quanto ao uso de **e** ou **i** na forma verbal. Mas há também formas de verbos terminados em **–UIR** que são escritas com **E** (ex.: contribu**e**m, possu**e**m etc.), casos em que a própria pronúncia indica o uso dessa letra.

Uso do H

1) Inicial, quando etimológico

→ Exemplos: hábito, hesitar, homologar, Horácio

2) Medial, como integrante dos dígrafos ch, lh, nh

→ Exemplos: flecha, telha, companhia

3) Final e inicial, em certas interjeições

→ Exemplos: ah!, ih!, eh!, oh!, hem?, hum!, etc.

4) Em compostos unidos por hífen, no início do segundo elemento, se etimológico

→ Exemplos: anti-higiênico, pré-histórico, super-homem, etc.

1) No substantivo Bahia, o “h” sobrevive por tradição. Note que nos substantivos derivados como baiano, baianada ou baianinha ele não é utilizado.

2) Os vocábulos erva, Espanha e inverno não possuem a letra “h” na sua composição. No entanto, seus derivados eruditos sempre são grafados com h.

Veja: herbívoro, hispânico, hibernal.

Exercícios

01. Assinale a opção em que todas as palavras se completam adequadamente com a letra entre parênteses:

a) en.....aguar / pi.....e / mi.....to (x)

b) .....mpecilho / pr.....vilégio / s.....lvícola (i)

c) mon.....e / su.....estão / re.....eitar (g)

d) búss.....la / eng.....lir / ch.....visco (u)

e) exce.....ão / Suí.....a / ma.....arico (ç)

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

02. Assinale a alternativa cujas palavras estejam corretamente grafadas:

- ***a)*** pajé, xadrês, flecha, mixto, aconchego
- ***b)*** abolição, tribo, pretensão, obsecado, cansaço
- ***c)*** gorjeta, sargeta, picina, florescer, consiliar
- ***d)*** xadrez, ficha, mexerico, enxame, enxurrada
- ***e)*** pagé, xadrês, flexa, mecherico, enxame

Gabarito

01 - E

02 - D

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Ortografia..2
  Uso do J e do G..2
    Uso do J..2
    Uso do G..2

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Ortografia

Uso do J e do G

Uso do J

Observe as correlações e os destaques:

Canja – canjica

Loja – lojista

Cereja – cerejeira

Gorja – gorjeta

As palavras cuja última sílaba é –ja dão origem a palavras derivadas escritas com j.

Observe novamente:

Viajar – viajei, viajem, viajemos etc.

Arejar – arejem, arejei, areje etc.

Enferrujar – enferrujou, enferrujem etc.

Todas as formas verbais dos verbos terminados em –jar são escritas com j e não com g.

Nas palavras de origem tupi, africana, árabe ou exótica

Exemplos: biju, jiboia, canjica, pajé, jerico, manjericão, Moji

Nos seguintes vocábulos:

cafajeste, jeca, jegue, majestade, jeito, jejum, laje, traje, pegajento

Uso do G

Observe as terminações em destaque nas palavras:

Adágio

Privilégio

Vestígio

Necrológio

subterfúgio

Escrevem-se com G as palavras terminadas em

-ágio

-égio

-ígio

-ógio

-úgio

Observe novamente as terminações destacadas:

Estiagem

Fuligem

ferrugem

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

São escritas com G as palavras terminadas em

-agem

-igem

-ugem

Exceções: pajem e lambujem.

Nas palavras derivadas de outras que se grafam com g

Exemplos: engessar (de gesso), massagista (de massagem), vertiginoso (de vertigem)

Nos seguintes vocábulos:

algema, auge, bege, estrangeiro, geada, gengiva, gibi, gilete, hegemonia, herege, megera, monge, rabugento, vagem.

Emprega-se Ç

Nos substantivos derivados dos verbos "ter" e "torcer"

Exemplos:

→ ater – atenção torcer – torção

→ deter – detenção distorcer-distorção

→ manter – manutenção contorcer – contorção

Emprega-se o X

Em alguns casos, a letra X soa como Ss

Exemplos:

auxílio, expectativa, experto, extroversão, sexta, sintaxe, texto, trouxe

Emprega-se Sc

Nos termos eruditos

Exemplos:

acréscimo, ascensorista, consciência, descender, discente, fascículo, fascínio, imprescindível, miscigenação, miscível, plebiscito, rescisão, seiscentos, transcender,

Emprega-se Sç

Na conjugação de alguns verbos

Exemplos:

nascer – nasço, nasça

crescer – cresço, cresça

descer – desço, desça

Emprega-se Ss

Nos substantivos derivados de verbos terminados em "gredir", "mitir", "ceder" e "cutir"

Exemplos:

agredir – agressão progredir – progressão transmitir – transmissão exceder – excesso repercutir – repercussão demitir – demissão

ceder – cessão discutir – discussão

Emprega-se o Xc e o Xs

Em dígrafos que soam como Ss

Exemplos:

exceção, excêntrico, excedente, excepcional, exsudar

Alguns empregos de X

a) **Depois de ditongo: X ou CH?**

Observe:

Fai**x**a Sei**x**o

Trou**x**a Afrou**x**ar

Rou**x**inol Dei**x**ar

Encai**x**ado Guei**x**a

Depois de ditongo emprega-se **X** e não **CH**.

b) **Depois de sílaba inicial EN**: **X** ou **CH**?

Observe:

En**x**oval En**x**uto

En**x**otar En**x**ovia

En**x**aguar En**x**ó

Obs.: enxovia – prisão

enxó – ferramenta de carpinteiro

Depois da sílaba inicial **–en** emprega-se **x** e não **ch**.

Obs.: Essa regra não se aplica às palavras com sílaba inicial **–en**, formadas a partir de palavras grafadas com **ch**.

Exs.: en**ch**er, en**ch**ente etc. (de **ch**eio); en**chi**queirar (de **chi**queiro); en**ch**arcar (de **ch**arco).

Após a sílaba inicial “me-”.

Exemplos: mexer, mexerica, mexicano, mexilhão

Exceção: mecha

c) Em vocábulos de origem indígena ou africana e nas palavras inglesas aportuguesadas.

Exemplos: abacaxi, xavante, orixá, xará, xerife, xampu

Nas seguintes palavras:

bexiga, bruxa, coaxar, faxina, graxa, lagartixa, lixa, lixo, puxar, rixa, oxalá, praxe, roxo, vexame, xadrez, xarope, xaxim, xícara, xale, xingar,

Alguns empregos de E e de I

a) **Verbos terminados em –UAR**

observe a correlação entre as duas colunas:

Verbo	**Forma verbal**
Efet**uar**	– que ele efetu**e**
Habit**uar**	– que ele habitu**e**

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Tumult**uar** – que ele tumultu**e**

Contin**uar** – que ele continu**e**

As diversas formas verbais dos verbos terminados em **–UAR** são escritas com **E**.

b) **Verbos terminados em –UIR**

Observe a correlação:

Verbo Forma verbal

Poss**uir** – ele possu**i**

Distrib**uir** – ele distribu**i**

Usufr**uir** – ele usufru**i**

Concl**uir** – ele conclu**i**

As diversas formas verbais dos verbos terminados em **–UIR** são escritas com **I**.

ATENÇÃO

As orientações **a** e **b** são úteis nos casos em que há dúvida quanto ao uso de **e** ou **i** na forma verbal. Mas há também formas de verbos terminados em **–UIR** que são escritas com **E** (ex.: contribu**e**m, possu**e**m etc.), casos em que a própria pronúncia indica o uso dessa letra.

Uso do H

1) Inicial, quando etimológico

→ Exemplos: hábito, hesitar, homologar, Horácio

2) Medial, como integrante dos dígrafos ch, lh, nh

→ Exemplos: flecha, telha, companhia

3) Final e inicial, em certas interjeições

→ Exemplos: ah!, ih!, eh!, oh!, hem?, hum!, etc.

4) Em compostos unidos por hífen, no início do segundo elemento, se etimológico

→ Exemplos: anti-higiênico, pré-histórico, super-homem, etc.

1) No substantivo Bahia, o "h" sobrevive por tradição. Note que nos substantivos derivados como baiano, baianada ou baianinha ele não é utilizado.

2) Os vocábulos erva, Espanha e inverno não possuem a letra "h" na sua composição. No entanto, seus derivados eruditos sempre são grafados com h.

Veja: herbívoro, hispânico, hibernal.

Exercícios

01. Assinale a opção em que todas as palavras se completam adequadamente com a letra entre parênteses:

a) en.....aguar / pi.....e / mi.....to (x)

b) .....mpecilho / pr.....vilégio / s.....lvícola (i)

c) mon.....e / su.....estão / re.....eitar (g)

d) búss.....la / eng.....lir / ch.....visco (u)

e) exce.....ão / Suí.....a / ma.....arico (ç)

02. Assinale a alternativa cujas palavras estejam corretamente grafadas:

- ***a)*** pajé, xadrês, flecha, mixto, aconchego
- ***b)*** abolição, tribo, pretensão, obsecado, cansaço
- ***c)*** gorjeta, sargeta, picina, florescer, consiliar
- ***d)*** xadrez, ficha, mexerico, enxame, enxurrada
- ***e)*** pagé, xadrês, flexa, mecherico, enxame

Gabarito

01 - E

02 - D

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Clemente de Alexandria:
O Verbo como pedagogo

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.
Bacharel-Licenciado em Filosofia Pela Universidade Federal de Mato Grosso.

1. Vida e obra

Tito Flávio Clemente, de família gentia, nasceu em Atenas por volta do ano 150 da nossa era. Após a sua conversão, viajou para muitos lugares da própria Grécia, Ásia Menor e Palestina. No entanto, foi em Alexandria que encontrou o seu verdadeiro paradeiro: primeiro como aluno de Panteno; depois, com a morte deste, como diretor da escola. Com a perseguição de Septímio aos cristãos, fugiu do Egito em companhia de um “ex-discípulo” seu, Alexandre, Bispo de Cesareia. Parece ter falecido no interstício de 212 a 217. Não sabemos, ao certo, se foi ou não, sacerdote. Muito versado tanto na literatura cristã como na filosofia grega, Clemente merece ser tido como o primeiro dos sábios cristãos

A obra de Clemente busca dar continuidade à de Justino. De fato, Clemente tenta com um entusiasmo por vezes desmedido, mostrar que a Revelação Cristã é o complemento necessário que faltava à filosofia grega. Com efeito, seria mesmo de se estranhar que, instruído como era nas letras profanas, pudesse simplesmente desclassificá-las. Sua ânsia por mostrar a unidade existente entre a doutrina dos filósofos e a doutrina cristã era tanta, que lhe valeram algumas censuras por parte dos seus colegas, dado o seu demasiado interesse pela filosofia. De acordo com o alexandrino, somente a Epicuro destinava-se o anátema de São Paulo proferido contra a sabedoria deste mundo. Segundo Gilson, foi com Clemente que nasceu a ideia que deu origem à fórmula: *Philosophia ancilla Theologie*. No texto a seguir, passamos a considerar alguns destes aspectos.

2. A mitologia grega e o paganismo

Não precisamos esperar os profetas para sabermos que a mitologia grega não passa de fábulas. Com efeito, já os filósofos e poetas gregos pregavam a necessidade de um culto mais espiritual. Contudo, é somente pela revelação bíblica, que Deus – através dos profetas – deu-se a conhecer ao homem.[1] Entretanto, os pagãos alegam não poderem deixar as religiões tradicionais da sua pátria, visto que as herdaram de seus antepassados. Porém, a questão que se coloca é outra e bem mais grave: descobrir qual seja a *religião verdadeira*. Destarte, como ninguém, quando adulto, continua a comer os alimentos que ingeria na sua infância, e nem a vestir as mesmas vestes, assim também os homens não precisam continuar na idolatria, deixando de aderir à *verdadeira religião*.[2]

3. O Verbo como pedagogo

Agora bem, ao pagão convertido que tenha que abandonar os seus costumes e tradições, será necessário um pedagogo que o oriente neste novo caminho. Ora, este pedagogo é o Verbo. De fato, antes que um doutor que apenas ilumina a alma, o Verbo é um pedagogo que ajuda os cristãos a caminharem na verdade.[3] Ora bem, o Verbo ensina com doçura, pois o que o inspira é a bondade, ele deseja salvar-nos. No entanto, para trazer a salvação aos seus, ele pode usar de certa severidade, a fim de que o cristão não perca a sua salvação. Como o piloto que, ao conduzir o navio ao porto, é por vezes compelido a usar a força, assim o Verbo conosco para que cheguemos ao porto da salvação.[4]

---

[1] GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 40: “Pela crítica que fizeram, os filósofos e os poetas gregos já haviam provado a necessidade de um culto mais espiritual do que a idolatria, mas é só na palavra dos Profetas que se encontra a revelação do verdadeiro Deus.”

[2] *Idem*. *Ibidem*: “Um homem não se considera obrigado a conservar a vida inteira os alimentos e roupas de sua infância, tampouco a razão em persistir a vida toda no que se sabe ser um erro.”

[3] *Idem*. *Ibidem*. p. 41: “É bem o nome que lhe convém, melhor talvez que o de Doutor, porque um doutor apenas ilumina o espírito, mas um pedagogo melhora a alma ensinando a viver bem.”

[4] *Idem*. *Ibidem*. p. 42: “O piloto que conduz o navio ao porto por vezes é obrigado a navegar contra a borrasca; o Pedagogo também pode educar seu discípulo duramente e impor-lhe a disciplina que o salvará.”

Cumpre dizer, ademais, que todos os homens, em detrimento do que o gnosticismo pregava, são orientados pelo Verbo.[5] Além disso, todos os cristãos, desde o neófito até ao mais instruído, são iguais diante de Deus. Desta feita, não existe uma aristocracia na ordem da salvação.[6] Sem embargo, todos somos crianças diante do Pai e os mais humildes são tão filhos de Deus quanto os mais instruídos.[7]

Desta sorte, na perspectiva de Clemente, entre luz e trevas não há meio termo.[8] Destarte, a rigor, não existem pagãos, cristãos e gnósticos. Há, antes, pagãos e cristãos, o gnóstico é um cristão perfeito.[9] Portanto, o fato de um cristão ser mais instruído do que o outro não o faz mais cristão por isso: “Seguramente certos cristãos saberão mais e melhor do que outros, mas não serão mais cristãos por isso”[10].

4. A sabedoria cristã

Mas o que o Verbo nos ensina? Em que consiste este ensinamento? Qual a sua finalidade na vida do homem? Ora, o verdadeiro conhecimento é o *conhecer-se a si mesmo*, visto que, conhecendo a si próprio, o homem conhece a Deus, e então se conhece como imagem de Deus.[11] De sorte que este conhecimento, vale lembrar, o conhecimento de Deus por meio do conhecimento de si mesmo, faz do cristão o único ser verdadeiramente rico, pois passa a possuir os tesouros da alma, que não podem ser perdidos. De fato, a ele nada falta, visto que o pouco que tem lhe basta. Com efeito, o verdadeiro discípulo do Verbo é o homem regenerado. De resto, o cristão que segue os passos do *pedagogo divino* usa de tudo, mas não é escravo de nada, já que o seu verdadeiro tesouro consiste exatamente no *conhecer-se a si mesmo* como *imagem de Deus*.[12]

---

[5] *Idem*. *Ibidem*. “De quem o Verbo é pedagogo? De todos os homens, sem distinção.”

[6] *Idem*. *Ibidem*: “Todos os cristãos, são iguais diante da salvação, a partir do momento em que recebem o batismo.”

[7] *Idem*. *Ibidem*: “Diante de Deus, os mais instruídos como os mais humildes não são mais que crianças, porém os mais humildes são tão filhos de Deus quanto os mais instruídos.”

[8] *Idem*. *Ibidem*: “Mesmo o simples neófito, por ter aceito a fé, já está entregue à luz, e não há meio termo entre a luz e as trevas.”

[9] BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000. p. 40: “Como se vê, para Clemente, o gnóstico é simplesmente um cristão perfeito.”

[10] GILSON. **A Filosofia na Idade Média**. p. 41.

[11] *Idem*. *Ibidem*. p. 42: “O verdadeiro saber é conhecer a si mesmo; conhecendo-se, conhece a Deus; conhecendo-o, o homem se descobre cada vez mais imagem dele (...).”

Agora bem, este descobrir-se da alma como imagem de Deus é o que norteará toda a moral de Clemente. Sem embargo, Clemente rejeita os exageros ascéticos dos moralistas gnósticos; todavia, o seu cristianismo, por ser uma *religião da alma*, não é superficial. De modo que, conquanto o rico se possa salvar, urge que ele não se torne escravo de sua riqueza. Vale lembrar ainda que, embora aparentemente as concepções do nosso filósofo possam evocar – num primeiro momento – a *sabedoria grega*, elas são *sabedoria cristã*. Como diz Gilson, mesmo que as prescrições éticas pareçam coincidir-se em muitos pontos, o espírito que as anima e a motivação que as desperta não são mais as mesmas.[13]

A aparente semelhança entre a *apatia cristã* e a *apatia grega* é que, como a grega, também a *apatia cristã* consiste no uso de tudo sem se tornar escravo de nada. Porém, enquanto a *apatia grega* é *amor reprimido* em si mesmo, já que o *sábio pagão* se desvencilha das coisas por querer *amar somente a si*, a *apatia cristã* é amor realizado, uma vez que o cristão se desprende das coisas para *abrir-se* ao *amor a Deus*.[14] O estóico é apático, pois é movido por *amor de si*; o cristão, ao contrário, desapega-se do mundo por amor a Deus, uma vez que se conhece a si mesmo enquanto imagem de Deus.[15] Por conseguinte, enquanto o estóico caminha para uma *autarquia*, o cristão visa à herança eterna.[16]

5. Fé e filosofia

Ora bem, dizíamos no princípio do artigo que o Verbo é pedagogo não só dos cristãos, mas também de todos os homens. Cabe agora indagar: como o Verbo exercia esta função entre os homens que nasceram no seio do paganismo, sem terem tido acesso à revelação bíblica?

---

[12] *Idem*. *Ibidem*. Clemente acaba sua obra mostrando-nos o homem regenerado, que segue, como verdadeiro discípulo, o Pedagogo divino, usando de tudo sem ser escravo de nada.

[13] *Idem*. *Ibidem*. p. 43: “Mesmo quando a conduta do cristão coincide com a do sábio grego, ela não se inspira nos mesmos motivos. Portanto, ela não é a mesma.”

[14] BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã**. p. 41: “A diferença entre a apatia estóica e a apatia cristã é a mesma que existe entre o amor reprimido e o amor plenamente realizado.”

[15] *Idem*. *Ibidem*: “Esta apatia (a cristã) nada tem em comum com aquele isolamento altivo do estóico, que vive exclusivamente pra si mesmo; é um estado de felicidade íntima, efeito da comunhão com Deus pelo amor e o conhecimento.” GILSON. **A Filosofia na Idade Média**. p. 43: “O espírito da moral cristã é o desapego ao mundo por amor a Deus.”

[16] CLEMENTE. **Strômates**. VII, 10: 55, 7. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000. p. 41. “Está escrito ‘Ao que tem dar-se-lhe-á’ (Lc 19, 26): à fé a gnose, à gnose o amor, e ao amor a herança”

Clemente desenvolve este tema dentro de um contexto peculiar, qual seja, o de uma querela que surgira na Igreja de Alexandria, no que toca à função que cabia à filosofia na mesma comunidade. Com efeito, a Igreja de Alexandria era formada por cristãos sábios e simples, sendo que a maioria era simples. Ora, a experiência do gnosticismo parecia atestar ao simples a *nocividade* da filosofia. Donde, para os simples, se deveria lutar contra a filosofia da mesma forma como se luta contra as forças rebeldes a Deus. Daí, Clemente ter sido muitas vezes repreendido pelos seus irmãos na fé, por não perfilhar com eles a opinião acima, ou seja, era criticado por parecer dedicar-se com demasia aos estudos filosóficos. Com efeito, os que lhe contestavam o recurso à filosofia, asseguravam que a fé deveria ser vivida na simplicidade. Reprovavam, desta feita, até mesmo as *especulações teológicas*.[17]

Agora bem, Clemente se esforçava por responder a tais críticas, dizendo que a filosofia em si mesma é boa. De fato, a filosofia torna-nos virtuosos. Ora, ser virtuoso é um bem. E todo bem vem de Deus. Logo, a filosofia é um bem. De resto, é notório que os homens de maus hábitos não se interessam pela filosofia.[18] Mas o adversário poderia adverti-lo de que, se a filosofia fosse tão boa, Deus não a teria substituído pela fé. Entretanto, a tal opositor Clemente argumentaria que esta objeção faz sentido somente para aquele que ainda não compreendeu a verdadeira função da filosofia.[19]

---

[17] GILSON. **A Filosofia na Idade Média**. p. 43: “(...) os cristãos simples de Alexandria recriminavam-lhe (a Clemente) perder seu tempo a filosofar. O que eles reclamavam era “a fé nua e crua”, e não somente nua de filosofia, mas também de toda especulação, até mesmo teológica.” (O parêntese é nosso).

[18] CLEMENTE. **Strômates**. VI, 17: 159, 7-8. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000. p. 35. “E’ inconcebível que a filosofia seja má, visto que torna os homens virtuosos. Por isso ela deve ter sua origem em Deus, que só pode fazer o bem; aliás, tudo o que vem de Deus é dado para o bem e recebido para o bem. E, por sinal, os homens maus não costumam interessar-se pela filosofia.”

[19] GILSON. **A Filosofia na Idade Média**. p. 44: “A isso o adversário objeta, de ordinário, que a filosofia deve, no entanto, ser uma coisa ruim, pois Deus substituiu-a pela fé. Mas isso é compreender mal o papel da filosofia na história.”

6. O papel da filosofia antes de Cristo

É justamente enquanto discrimina esta função da filosofia, que Clemente irá discernir como o Verbo iluminava os homens que viveram antes de Cristo. Sem embargo, os judeus se conduziam pela lei que, sem duvida, lhes tinha sido dada por Deus.[20] De forma que o *Antigo Testamento* preparou os caminhos para o Novo; e o Novo, por sua vez, não *ab-rogou* o Velho, senão que lhe completou a medida.[21] Era então por meio da lei que o pedagogo divino os guiava.

Por outro lado, os gregos não tinham fé e nem lei. Mas a razão – afirma o próprio São Paulo – tornou-se o instrumento usado por Deus não só para julgar as suas ações, mas também para prepará-los para o cristianismo.[22] De sorte que os gregos tiveram até os seus profetas, o que dizer de Platão e de alguns poetas?[23] De maneira que, para os gregos, a razão fez as vezes da lei mosaica.[24] Por conseguinte, era por meio da razão que o Verbo os instruía.

De fato, se a razão não servisse para nada, não teria sido dada por Deus aos homens, pois a divindade nada faz em vão.[25] Conquanto seja certo afirmar que Deus não falava aos demais povos diretamente como fazia com os judeus, isto é, por uma *revelação especial*, todavia também não lhes deixou sem auxílio algum, pois também a razão é uma *luz divina*.[26] Sem embargo, negar que Deus tenha guiado os gregos e outros povos seria o mesmo que subtraí-los à sua Providência que tudo abrange.[27] Portanto, importa concluir que há dois

---

[20] *Idem*. *Ibidem*: "Antes da vinda de Cristo, havia a lei judaica, que ninguém duvida ter sido desejada por Deus."

[21] *Idem*. *Ibidem*: "O Antigo Testamento preparava o Novo, e o Novo não ab-rogou o Antigo, mas completou-o; portanto, temos aqui uma continuidade na Revelação."

[22] *Idem*. *Ibidem*: "Por outro lado, havia os gregos, sem fé nem Lei, mas não sem recursos, porque, pelo menos, eles tinham a razão natural, que não só os julgava, como diz São Paulo, mas os preparava a receber no devido tempo o cristianismo (...)"; CLEMENTE. **Stromata.** VIII, c 2, nn 10 e 11. In: MONDIN, Battista**. Curso de Filosofia: Os Filósofos do Ocidente:** Vol 1. 10ª ed. Trad: Bênoni Lemos. Rev. João Bosco de Lavor Medeiros. São Paulo: Paulus, 1981. p. 123: "Deus deu a Lei aos judeus e a filosofia aos gentios para impedir que não acreditassem na vinda de Cristo. Porque, mediante dois processos diferentes de aperfeiçoamento, ele guia gregos e bárbaros para a perfeição da fé".

[23] *Idem*. *Ibidem*: "A razão grega teve até seus profetas, que foram os filósofos."

[24] BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã**. p. 36: "De forma que a razão era para os pagãos o que a Lei era para os judeus."; CLEMENTE. **Strômates**. I, 5: 28, 3 In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000.p. 37: "Os gregos foram educados para Cristo por intermédio da filosofia, como os judeus por intermédio da Lei. Assim a filosofia prepara o caminho para aquele que é chamado à perfeição por Cristo."

[25] GILSON. **A Filosofia na Idade Média**. p. 44: "Se quis a razão, foi porque ela serve para alguma coisa."

[26] *Idem*. *Ibidem*: "Sem dúvida, Deus não falava diretamente aos filósofos; ele não lhes transmitia uma revelação especial, como fazia com os profetas, mas guiava-os, apesar disso, indiretamente pela razão, que também é luz divina."

Antigos Testamentos (O de Moisés e o da Filosofia) e um Novo.[28] Destarte, o cristianismo apresentava-se como uma *continuação natural* da *tradição judaica* e da *filosofia antiga*. É o ponto de *intersecção* entre elas.[29] Sem dúvida, o caminho para a verdade é um só, mas nele desembocam afluentes que vêm de todos os lados.[30]

7. O lugar da filosofia depois de Cristo

Agora bem, mesmo agora depois da vinda de Cristo, o saber filosófico é útil aos gregos a fim de encaminhá-los para a fé; depois, ser-lhes-á útil ainda para ajudá-los a aprofundar-se na fé e a defendê-la.[31] No entanto, a filosofia, para ser útil à fé, deve-se colocar em seu lugar. Com efeito, ela tem uma função bem determinada, a saber, preparar o homem para receber a palavra de Deus. Por conseguinte, seria nocivo deter-se nela.[32]

A imagem bíblica "da mulher estranha" é clara. De fato, muitos seduzidos pela beleza das *artes liberais*, esqueceram a senhora destas, qual seja, a *filosofia*. Ora, aquelas existem

---

[27] *Idem*. *Ibidem*: "Interpretar de outro modo os fatos seria negar que a Providência divina rege o detalhe da história e dos acontecimentos."

[28] *Idem*. *Ibidem*. p. 45: "Como diz Clemente, há dois Antigos Testamentos e um Novo (...)". Clemente era da opinião que, em matéria de religião e moral, Platão houvera se inspirado na doutrina dos hebreus: CLEMENTE. **Protréptico**. In: REALI, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Patrística e Escolástica**. 2ª ed. Trad. Ivo Storniolo. Rev. Zolferino Tonon. São Paulo: Paulus, 2005. pp. 50 e 51: "De onde, Platão, tens esta verdade da qual obscuramente falas? De onde esta abundância de argumentos vaticina o culto de Deus? São mais sábios que estes – diz ele- os povos bárbaros. Conheço teus mestres, mesmo que queiras escondê-los; aprendes a geometria dos egípcios, a astronomia dos babilônios, toma dos trácios os sábios encantamentos, muitas coisas te ensinaram também os assírios, para as leis verazes e a crença em relação a Deus foste ajudado pelos próprios hebreus."

[29] BOEHNER, GILSON **História da Filosofia Cristã**. p. 36: "(...) o cristianismo é uma continuação natural da filosofia antiga."

[30] CELEMENTE. **Strômates**. I, 5; 28, 1; cf. I, 2: 2-4. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000. p. 36: "Não há dúvida que o caminho para a verdade é um só; mas nele desembocam, como num caudal inesgotável, os afluentes vindos de todos os lados."

[31] GILSON. **A Filosofia na Idade Média**. p. 45: "Antes da vinda do Senhor, a filosofia era necessária aos gregos para a sua justificação; ela continua sendo-lhes útil para prepará-los à fé e, quando a obtiverem, para aprofundá-la e defendê-la."; Clemente de Alexandria. **Stromata**. I, c 5, n 28. In: MONDIN, Battista. **Curso de Filosofia: Os Filósofos do Ocidente:** Vol 1. 10ª ed. Trad: Bênoni Lemos. Rev. João Bosco de Lavor Medeiros. São Paulo: Paulus, 1981. p. 123: "Antes da vinda de Cristo, a filosofia era indispensável aos gregos para conduzi-los à justiça; agora ela é útil para aquelas espíritos que querem chegar à fé racionalmente."

[32] CLEMENTE **Stromata**. I, c 17, fim. In: MONDIN, Battista. **Curso de Filosofia: Os Filósofos do Ocidente:** Vol 1. 10ª ed. Trad: Bênoni Lemos. Rev. João Bosco de Lavor Medeiros. São Paulo: Paulus, 1981. pp. 123 e 124: "Creio que a filosofia grega não encerra a verdade em toda a sua extensão; creio também que ela é radicalmente incapaz de fazer praticar os mandamentos do Senhor. Apesar disso, ela é útil enquanto prepara o caminho para a doutrina régia por antonomásia; a seu modo ela torna o homem sábio, forma o seu caráter e o prepara para deixar-se compenetrar pela verdade, contanto que acolha a doutrina da divina Providência."

para esta última e, no entanto, encontramos alguns que se envelheceram na *música*, outros pararam na *geometria* e outros ainda se deixaram levar pelos encantos da *retórica* e da *gramática*. Agora bem, do mesmo modo como as artes liberais não têm um fim em si mesmas, mas servem à filosofia, assim também a própria filosofia é serva da *Sabedoria*.[33] Segundo Gilson, é aqui, ao que tudo indica, que se começa a delinear aquela fórmula, que se tornará clássica no medievo: *philosophia ancilla theologiae*.[34]

Mas, vejamos outra imagem bíblica que, sugerida por Clemente, parece confirmar o que dissemos acima. Abraão é fiel a Sara – sua esposa legítima –, figura da Sabedoria; Agar, escrava de Sara, representa as ciências profanas (a filosofia). Abraão esteve com Agar, porque esta era jovem e ainda não havia chegado a hora de Sara dar-lhe o filho. Contudo, Abraão reconhece desde o princípio, que maior honra e respeito ele deve a Sara. Admite, ademais, que Agar é escrava de Sara, pelo que esta pode dispor daquela como quiser. Ora bem, esta imagem exemplifica, segundo Clemente, como o fiel deve proceder com as ciências profanas, isto é, deve usá-las naquilo que lhe forem úteis até que elas o levem ao limiar da verdadeira filosofia, que é a Sabedoria cristã, suprema verdade. Deve manter a filosofia sempre sob o jugo da teologia.[35]

---

[33] CLEMENTE. **Stromata**. I, 5: 30, 1. In: GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média.** Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 45: "Elas prepararam (as ciências profanas), com efeito, para receber a palavra de Deus e contêm o que, em tempos diferentes, foi dado a cada geração em seu interesse; mas aconteceu que alguns, inebriados pela beberagem das servas, negligenciam sua ama, que é a filosofia. Alguns dentre eles envelheceram no estudo da música, outros no da geometria, outros ainda no da gramática, muitos no da retórica. Ora, do mesmo modo que as artes liberais, ou, como se diz, enciclopédicas, servem à filosofia, que é sua ama, a própria filosofia tem por finalidade preparar a Sabedoria. Com efeito, a filosofia não é mais que uma aplicação da Sabedoria, ciência das coisas divinas e humanas e de suas causas. A Sabedoria é, pois, a senhora da filosofia, assim como a filosofia o é das disciplinas que a precedem." (Os parênteses são nossos).

[34] *GILSON*. **A Filosofia Na Idade Média**. p. 45*:* "Vemos esboçar-se aqui a idéia que será popularizada mais tarde pela fórmula: *philosophia ancilla theologiae*."

[35] CLEMENTE. **Stromata**. In: GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média.** Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995. pp. 45 e 46: "(...) Do que acabamos de dizer, a Escritura dará testemunho. Sara, esposa de Abraão, era estéril. Como não concebia, ela permitiu a união de Abraão com uma de suas servas, uma egípcia que se chamava Agar, na esperança de que ele tivesse uma posteridade. A Sabedoria (Sara), que coabitava com o fiel – pois está entendido que Abraão é o fiel e o justo -, era, portanto, estéril e sem filhos nessa primeira geração, pois ainda não os dera a Abraão; e ela, queria, com razão, que o justo, que ainda tinha que progredir, se unisse primeiro à ciência do mundo – porque é o mundo que o Egito significa alegoricamente – para gerar dela Isaque, pela vontade da divina providência (...) Aquele que se instruiu primeiro nas ciências pode, pois, elevar-se até a Sabedoria, que as domina, e de onde nasce a raça de Israel. Vemos, em primeiro lugar, com isso, que a sabedoria pode ser adquirida pelo estudo, pois Abraão o fez, passando das verdades mais elevadas à fé e à justiça, que são de Deus (...). Mas vê-se, ademais, por que Abraão (o justo) diz à Sara (à Sabedoria): 'Eis tua serva, ela está em tuas mãos, faz dela o que quiseres'. Em outros termos, Abraão quer dizer: com certeza, tomo a ciência do mundo porque ela é jovem, e a guardarei; mas tua ciência, eu a honro e a respeito como ama absoluta."

8. A fé como critério de escolha

A Sabedoria é de per si una.[36] Foram as escolas filosóficas que, embora tendo o seu valor, despedaçaram a Sabedoria, quebrando a unidade natural da verdade. De fato, cada uma delas, possuindo apenas uma parte da verdade, arvorava-se em dizer que a possuía por inteiro.[37] Agora bem, o critério de *seleção* para se distinguir aquelas doutrinas das escolas filosóficas, que realmente constituem as partes da *verdadeira filosofia*, é a *fé cristã*.[38] Destarte, será pela fé que reuniremos e restituiremos, por uma espécie de *ecletismo*, a *unidade original* da Sabedoria, espalhada nas *escolas filosóficas*.[39]

É fato, além disso, que existe uma *filosofia hostil* ao cristianismo; trata-se da filosofia epicurista, que corresponde ao ateísmo e à volúpia.[40] Segundo Clemente, todos os repetidos ataques de São Paulo à sabedoria grega tinham por referência o *epicurismo*.[41] Por outro lado, os dois mestres da filosofia que mais alcançaram doutrinas de acordo com a piedade e a justiça foram Pitágoras e Platão.[42] Os estóicos, conquanto erráticos em teologia, pois consideravam que Deus fosse um corpo, possuíam uma moral, sob muitos pontos, boa e salutar.[43]

---

[36] *Idem*. *Ibidem*. p. 47: "É por ser una que a Sabedoria vai poder pôr ordem na própria filosofia."

[37] *Idem*. *Ibidem*: "Como as bacantes despedaçaram o corpo de Penteu, as seitas filosóficas quebraram a unidade natural da verdade: cada uma guarda um pedaço dela e se gaba de possuí-la inteira."

[38] *Idem*. *Ibidem*: "A fé cristã age, pois, como um princípio de seleção que só permite reter de cada doutrina o que ela contém de verdadeiro e de útil."

[39] *Idem*. *Ibidem*: "A filosofia assim concebida seria, pois, uma espécie de *ecletismo* orientado pela fé, que é senhora da filosofia como esta o é das artes liberais." BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã**. p. 39: "A fé, e só ela, tem a tarefa de reintegrar todas as verdades parciais num conjunto verdadeiramente sistemático."

[40] *Idem*. *Ibidem*: "A crítica de Clemente é, de resto, muito indulgente: Epicuro, diz ele em seu *Protreptikos*, é o único filósofo sobre quem eu me calaria de bom grado, pois que fazer de um ateu que coloca o soberano bem na volúpia."

[41] *Idem*. *Ibidem*: "Não obstante, Clemente tirou partido disso à sua maneira: os textos de São Paulo sobre a loucura dos sábios deste mundo podem ser todos canalizados para Epicuro e dirigidos contra ele."

[42] *Idem*. *Ibidem*: "Os dois mestres por excelência serão Pitágoras, homem iluminado por Deus, e Platão, cuja filosofia se volta toda para a piedade."

[43] *Idem*. *Ibidem*: "Quanto aos estóicos, sua teologia é falsa, pois eles concebem Deus como corpóreo e imanente ao mundo, mas sua moral tem muito de bom e não deixará de ser utilizada."

BIBLIOGRAFIA

BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000. pp. 35 a 48.

CLEMENTE. **Protréptico**. DARIO ANTISERI, Giovanni Reale. **História da Filosofia: Patrística e Escolástica.** Trad. Ivo Storniolo. Rev. Zolferino Tonon. 2º ed. São Paulo: Paulus, 2005. p. 50 e 51.

_____. **Stromata**. In: GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. **Stromata**. In: MONDIN, Batistta**. Curso de Filosofia: Os Filósofos do Ocidente:** Vol 1. 10ª ed. Trad: Bênoni Lemos. Rev. João Bosco de Lavor Medeiros. São Paulo: Paulus, 1981.

_____. **Strômates**. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000.

GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995. pp. 40 a 49.

This document was created with Win2PDF available at http://www.win2pdf.com.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Ortografia – Escrita....2
Ortografia....2
Uso do S e do Z....2

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Ortografia – Escrita

Ortografia

Uso do S e do Z

Sufixos (terminações) – ES, ESA

Observe a correlação entre as frases e também a letra em destaque:

→ Meu primo nasceu na França – Meu primo é francês.

→ Joana nasceu no campo – Joana é camponesa.

→ Este chocolate veio da Holanda – Este chocolate é holandês

REGRA

Escrevem-se com **s (-ês, – esa)** os sufixos que indicam **nacionalidade**, **origem** ou **procedência**.

a) **Sufixo –ISA**

Observe novamente:

Masculino Feminino

Ele é *profeta.* – Ela é *profetisa.*

Ele é *sacerdote.* – Ela é *sacerdotisa.*

Carlos é *poeta.* – Cecília é *poetisa.*

Escrevem-se com **s (-isa)** o sufixo que indica o gênero feminino.

b) **Sufixos – EZ, – EZA**

Observe as correlações e os destaques:

Adjetivo Substantivo Abstrato

O carro é *rápido.* – O carro tem rapidez.

O balão era *leve.* – O balão tinha leveza.

A foto é *nítida.* – A foto tem nitidez.

São escritos com **z (-ez, eza)** os sufixos que se unem a adjetivos para formar substantivos abstratos.

c) **Verbos terminados em –ISAR ou IZAR**

Observe as correlações e os destaques:

Palavra primitiva Verbo derivado

Aviso – avisar

Análise – analisar

Improviso – improvisar

São escritos com **s (-isar)** os verbos derivados de palavras que têm **s** na última sílaba.

Obs.: Nesse tipo de verbo, o que ocorre é o simples acréscimo da terminação **–ar** após a letra **s** da última sílaba da palavra primitiva.

Palavra primitiva Verbo derivado

Canal – canalizar

Setor – setorizar

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Trauma – traumati**z**ar

Padrão – padroni**z**ar

São escritos com **z (-izar)** os verbos formados de palavras que não têm **s** na última sílaba.

Obs.: Nesses verbos, a terminação que se adapta à palavra primitiva é **–izar**, que já apresenta a letra **z**.

d) **Depois de ditongo: S ou Z**?

Observe os ditongos das palavras e a letra que se usou depois deles:

Fai**s**ão mai**s**ena coi**s**a

Sou**s**a pou**s**ada au**s**ência

Depois de ditongo emprega-se sempre **S**, nunca **Z**.

e) **Nas formas dos verbos *querer e pôr:* S ou Z**?

Observe:

Qui**s**, qui**s**eram, qui**s**er, pu**s**, pu**s**essem, pu**s**emos etc.

Nas diversas formas dos verbos **querer** e **pôr**, usa-se sempre a letra **S**, nunca **Z**.

Nos sufixos formadores de adjetivos – ense, – oso e – osa

Exemplos:

→	catarinense	gostoso – gostosa	amoroso – amorosa
→	palmeirense	gasoso – gasosa	teimoso – teimosa

Nos sufixos gregos – ese, – isa, – ose

Exemplos:

→ catequese, diocese, poetisa, profetisa, sacerdotisa, glicose, metamorfose, virose

Outras palavras

→ abuso, asilo, através, aviso, besouro, brasa, cortesia, decisão,despesa, empresa, freguesia, fusível, maisena, mesada, paisagem, paraíso, pêsames, presépio, presídio, querosene, raposa, surpresa, tesoura, usura, vaso, vigésimo, visita

Nas palavras derivadas de outras que já apresentam z no radical.

Exemplos:

→ deslize – deslizar

→ razão – razoável

→ vazio – esvaziar

→ raiz – enraizar

→ cruz-cruzeiro

Nos derivados em – zal, – zeiro, – zinho, – zinha, – zito, – zita

Exemplos:

→ cafezal, cafezeiro, cafezinho, arvorezinha, cãozito, avezita

Outras palavras

Exemplos

→ azar, azeite, azedo, amizade, buzina, bazar, catequizar, chafariz, cicatriz, coalizão, cuscuz, proeza, vizinho, xadrez, verniz,

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Nos vocábulos homófonos, estabelecendo distinção no contraste entre o S e o Z

Exemplos:

→ cozer (cozinhar) e coser (costurar)

→ prezar(ter em consideração) e presar (prender)

→ traz (forma do verbo trazer) e trás (parte posterior)

Nos substantivos derivados de verbos terminados em "andir","ender", "verter" e "pelir"

Exemplos

→ expandir – expansão – pretender – pretensão verter – versão – expelir – expulsão

→ estender – extensão – suspender – suspensão converter – conversão – repelir – repulsão

Exercícios

01. Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas corretamente:

a) ( ) paralisar, pesquisar, ironizar, deslizar.
b) ( ) alteza, empreza, francesa, miudeza.
c) ( ) cuscus, chimpanzé, encharcar, encher.
d) ( ) insenso, abcesso, obsessão, Luís.
e) ( ) chineza, marquês, garrucha, meretriz.

Gabarito

01 - A

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Ortografia – Escrita......2
  Ortografia......2
    Uso do S e do Z......2

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Ortografia – Escrita

Ortografia

Uso do S e do Z

Sufixos (terminações) – ES, ESA

Observe a correlação entre as frases e também a letra em destaque:

→ Meu primo nasceu na França – Meu primo é francês.

→ Joana nasceu no campo – Joana é camponesa.

→ Este chocolate veio da Holanda – Este chocolate é holandês

REGRA

Escrevem-se com **s (-ês, – esa)** os sufixos que indicam **nacionalidade**, **origem** ou **procedência**.

a) **Sufixo –ISA**

Observe novamente:

Masculino Feminino

Ele é *profeta.* – Ela é *profetisa.*

Ele é *sacerdote.* – Ela é *sacerdotisa.*

Carlos é *poeta.* – Cecília é *poetisa.*

Escrevem-se com **s (-isa)** o sufixo que indica o gênero feminino.

b) **Sufixos – EZ, – EZA**

Observe as correlações e os destaques:

Adjetivo Substantivo Abstrato

O carro é *rápido.* – O carro tem rapidez.

O balão era *leve.* – O balão tinha leveza.

A foto é *nítida.* – A foto tem nitidez.

São escritos com **z (-ez, eza)** os sufixos que se unem a adjetivos para formar substantivos abstratos.

c) **Verbos terminados em –ISAR ou IZAR**

Observe as correlações e os destaques:

Palavra primitiva Verbo derivado

Aviso – avisar

Análise – analisar

Improviso – improvisar

São escritos com **s (-isar)** os verbos derivados de palavras que têm **s** na última sílaba.

Obs.: Nesse tipo de verbo, o que ocorre é o simples acréscimo da terminação **–ar** após a letra **s** da última sílaba da palavra primitiva.

Palavra primitiva Verbo derivado

Canal – canalizar

Setor – setorizar

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Trauma – traumati**z**ar

Padrão – padroni**z**ar

São escritos com **z** (-**izar)** os verbos formados de palavras que não têm **s** na última sílaba.

Obs.: Nesses verbos, a terminação que se adapta à palavra primitiva é **–izar**, que já apresenta a letra **z**.

d) **Depois de ditongo: S ou Z**?

Observe os ditongos das palavras e a letra que se usou depois deles:

Fai**s**ão mai**s**ena coi**s**a

Sou**s**a pou**s**ada au**s**ência

Depois de ditongo emprega-se sempre **S**, nunca **Z**.

e) **Nas formas dos verbos *querer e pôr:*** **S ou Z**?

Observe:

Qui**s**, qui**s**eram, qui**s**er, pu**s**, pu**s**essem, pu**s**emos etc.

Nas diversas formas dos verbos **querer** e **pôr**, usa-se sempre a letra **S**, nunca **Z**.

Nos sufixos formadores de adjetivos – ense, – oso e – osa

Exemplos:

→ catarinense gostoso – gostosa amoroso – amorosa

→ palmeirense gasoso – gasosa teimoso – teimosa

Nos sufixos gregos – ese, – isa, – ose

Exemplos:

→ catequese, diocese, poetisa, profetisa, sacerdotisa, glicose, metamorfose, virose

Outras palavras

→ abuso, asilo, através, aviso, besouro, brasa, cortesia, decisão,despesa, empresa, freguesia, fusível, maisena, mesada, paisagem, paraíso, pêsames, presépio, presídio, querosene, raposa, surpresa, tesoura, usura, vaso, vigésimo, visita

Nas palavras derivadas de outras que já apresentam z no radical.

Exemplos:

→ deslize – deslizar

→ razão – razoável

→ vazio – esvaziar

→ raiz – enraizar

→ cruz-cruzeiro

Nos derivados em – zal, – zeiro, – zinho, – zinha, – zito, – zita

Exemplos:

→ cafezal, cafezeiro, cafezinho, arvorezinha, cãozito, avezita

Outras palavras

Exemplos

→ azar, azeite, azedo, amizade, buzina, bazar, catequizar, chafariz, cicatriz, coalizão, cuscuz, proeza, vizinho, xadrez, verniz,

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Nos vocábulos homófonos, estabelecendo distinção no contraste entre o S e o Z

Exemplos:

→ cozer (cozinhar) e coser (costurar)

→ prezar(ter em consideração) e presar (prender)

→ traz (forma do verbo trazer) e trás (parte posterior)

Nos substantivos derivados de verbos terminados em “andir”,”ender”, “verter” e “pelir”

Exemplos

→ expandir – expansão – pretender – pretensão verter – versão – expelir – expulsão

→ estender – extensão – suspender – suspensão converter – conversão – repelir – repulsão

Exercícios

01. Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas corretamente:

a) ( ) paralisar, pesquisar, ironizar, deslizar.

b) ( ) alteza, empreza, francesa, miudeza.

c) ( ) cuscus, chimpanzé, encharcar, encher.

d) ( ) insenso, abcesso, obsessão, Luís.

e) ( ) chineza, marquês, garrucha, meretriz.

Gabarito

01 - A

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

7. Complete os espaços das frases com: POR QUE, POR QUÊ, PORQUE ou PORQUÊ:

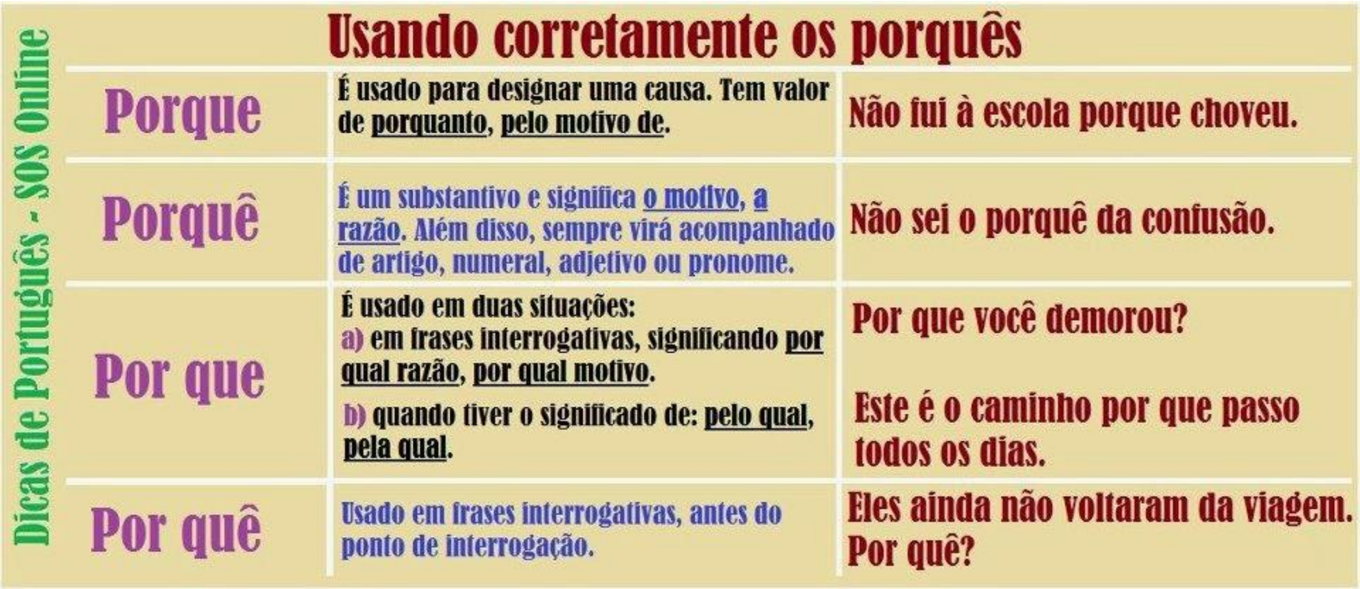

Dicas de Português - SOS Online

Usando corretamente os porquês

Porque	É usado para designar uma causa. Tem valor de porquanto, pelo motivo de.	Não fui à escola porque choveu.
Porquê	É um substantivo e significa o motivo, a razão. Além disso, sempre virá acompanhado de artigo, numeral, adjetivo ou pronome.	Não sei o porquê da confusão.
Por que	É usado em duas situações: a) em frases interrogativas, significando por qual razão, por qual motivo. b) quando tiver o significado de: pelo qual, pela qual.	Por que você demorou? Este é o caminho por que passo todos os dias.
Por quê	Usado em frases interrogativas, antes do ponto de interrogação.	Eles ainda não voltaram da viagem. Por quê?

A) ________ele sumiu da aula mais cedo?

B) Não fui à festa________choveu.

C) Eles estão revoltados, ______________?

D) Quero saber o___________ do seu medo?

E) Ele não procurou,________?

F) Ninguém explicou o ________ de sua desistência.

G) Desejo saber _________não compareceu à aula?

H) ___________é sonhador o jovem cultiva ideias.

I) A criança adoeceu________brincou na água quente.

J) __________você não tirou os pães do forno logo?

K) O pedreiro não terminou de colocar a cerâmica da casa, _________?

L) O_________da minha insônia é a preocupação com as contas atrasadas.

M) Vamos sair mais cedo da aula hoje________o professor faltou.

8. Complete os espaços usando MAS ou MAIS nos espaços:

a) Os alunos queriam ______aula de Matemática.

b) Enquanto______, melhor.

c) Comprei um carro, ______não sei dirigir.

d) Você tirou 10 na prova, ______ainda foi reprovado.

e) A moça é ________bonita quando gosta de estudar.

PORTUGUESA

Professora Ana Rita

ORTOGRAFIA

AULA 2

Ç, C, SS

1. Verbos derivados de *conter, reter, manter , abster* *- Ç ou C.*

Conter	contenção – contencioso
Reter	retenção
Manter	manutenção
Abster	abstenção
Obter	obtenção

2. Verbos terminados em *petir* *- Ç*

Competir	competição
Repetir	repetição

3. MITIR - SS

Admitir	admissão
Demitir	demissão
Transmitir	transmissão, transmissivo
Emitir	emissão, emissor, emissário
Remitir (perdoar)	remissão

OBS.: remissível : que remete para outro ponto.

4. PRIMIR - SS

comprimir	compressa, compressão, compressor
imprimir	impressor, impresso, impressionismo
reprimir	repressão, repressor, repressivo
exprimir	expressão
deprimir	depressão

5. METER - SS

remeter	remessa

prometer	promessa
comprometer	compromisso

6. VERTER - RS

converter	conversão, conversível, converso
inverter	inversão
reverter	reversão

7. Verbos que apresentam ND - NS

compreender	compreensão
repreender	repreensão, compreensível
apreender	apreensão, apreensivo
expandir	expansão, expansivo
ascender	ascensão, ascensorista
estender	extensão, extensivo, extenso

8. Verbo terminado em PELIR - PULS

impelir	impulso, impulsivo, impulsão
expelir	expulsão, expulso
compelir	compulsão, compulsivo
repelir	repulso, repulsivo

9. CORRER - CURS

concorrer	concurso
recorrer	recurso
percorrer	percurso
incorrer	incurso, incursão
discorrer	discurso
decorrer	decurso

10. GREDIR - GRESS

transgredir	transgressão
regredir	regressão
agredir	agressão
progredir	progressão

11. CUTIR - GRESS

repercutir	repercussão
discutir	discussão

12. MERGIR - MERS

imergir	imersão, imerso
emergir	emersão
submergir	submerso

13. TORCER - Ç OU C

torcer	torção
torcida	torcedor
contorcer	contorção, contorcionista, distorção

retorcer, retorcida

Obs.: retorsão/ extorsão

USA-SE Ç ANTES DE A, O E U

Açu	*Moçoró*
À beça	*maçarico*
Almoço	*maciço*
Assunção	*terçol*
Cansaço	*camurça*
Cessação	*mormaço*
Dança	*trança*
Suíça	*muçulmano*
Ressurreição	*presunção*
Açucena	*ruço*
Joça	*seção*
Pança	*caçula*
Exceção	*dentuça*
Iguaçu	*aguçar*
Soçobrar	cabaça
Araçá	troço

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Ortografia..2
  Emprega-se o X...2
  Emprega-se SC 2
  Emprega-se SÇ 2
  Emprega-se SS 2
  Emprega-se o XC e o XS 2
    AlgunsEmpregos de X 2
    Alguns Empregos de E e de I............................3
    Uso do H...4

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Ortografia

Emprega-se o X

Em alguns casos, a letra X soa como Ss

Exemplos:

auxílio, expectativa, experto, extroversão, sexta, sintaxe, texto, trouxe

Emprega-se SC

Nos termos eruditos

Exemplos:

acréscimo, ascensorista, consciência, descender, discente, fascículo, fascínio, imprescindível, miscigenação, miscível, plebiscito, rescisão, seiscentos, transcender,

Emprega-se SÇ

Na conjugação de alguns verbos

Exemplos:

nascer – nasço, nasça

crescer – cresço, cresça

descer – desço, desça

Emprega-se SS

Nos substantivos derivados de verbos terminados em “gredir”, “mitir”, “ceder” e “cutir”

Exemplos:

agredir – agressão progredir – progressão transmitir – transmissão
exceder – excesso repercutir – repercussão demitir – demissão

ceder – cessão discutir – discussão

Emprega-se o XC e o XS

Em dígrafos que soam como Ss

Exemplos:

→ exceção, excêntrico, excedente, excepcional, exsudar

AlgunsEmpregos de X

a) **Depois de ditongo: X ou CH**?

Observe:

Fai**x**a Sei**x**o

Trou**x**a Afrou**x**ar

Rou**x**inol Dei**x**ar

Encai**x**ado Guei**x**a

Depois de ditongo emprega-se **X** e não **CH**.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

b) **Depois de sílaba inicial EN**: **X** ou **CH**?

Observe:

En**x**oval En**x**uto

En**x**otar En**x**ovia

En**x**aguar En**x**ó

Obs.: enxovia – prisão

enxó – ferramenta de carpinteiro

Depois da sílaba inicial **–en** emprega-se **x** e não **ch**.

Obs.: Essa regra não se aplica às palavras com sílaba inicial **–en**, formadas a partir de palavras grafadas com **ch**.

Exs.: en**ch**er, en**ch**ente etc. (de **ch**eio); en**ch**iqueirar (de **ch**iqueiro); en**ch**arcar (de **ch**arco).

Após a sílaba inicial “me-”.

Exemplos: mexer, mexerica, mexicano, mexilhão

Exceção: mecha

c) Em vocábulos de origem indígena ou africana e nas palavras inglesas aportuguesadas.

Exemplos: abacaxi, xavante, orixá, xará, xerife, xampu

Nas seguintes palavras:

bexiga, bruxa, coaxar, faxina, graxa, lagartixa, lixa, lixo, puxar, rixa, oxalá, praxe, roxo, vexame, xadrez, xarope, xaxim, xícara, xale, xingar,

Alguns Empregos de E e de I

a) **Verbos terminados em –UAR**

observe a correlação entre as duas colunas:

Verbo	**Forma verbal**
Efet**uar**	que ele efetu**e**
Habit**uar**	que ele habitu**e**
Tumult**uar**	que ele tumultu**e**
Contin**uar**	que ele continu**e**

As diversas formas verbais dos verbos terminados em **–UAR** são escritas com **E**.

b) **Verbos terminados em –UIR**

Observe a correlação:

Verbo	**Forma verbal**
Poss**uir**	ele possu**i**
Distrib**uir**	ele distribu**i**
Usufr**uir**	ele usufru**i**
Concl**uir**	ele conclu**i**

As diversas formas verbais dos verbos terminados em **–UIR** são escritas com **I**.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

ATENÇÃO

As orientações **a** e **b** são úteis nos casos em que há dúvida quanto ao uso de **e** ou **i** na forma verbal. Mas há também formas de verbos terminados em **–UIR** que são escritas com **E** (ex.: contribu**e**m, possu**e**m etc.), casos em que a própria pronúncia indica o uso dessa letra.

Uso do H

1) Inicial, quando etimológico

Exemplos: hábito, hesitar, homologar, Horácio

2) Medial, como integrante dos dígrafos ch, lh, nh

Exemplos: flecha, telha, companhia

3) Final e inicial, em certas interjeições

Exemplos: ah!, ih!, eh!, oh!, hem?, hum!, etc.

4) Em compostos unidos por hífen, no início do segundo elemento, se etimológico

Exemplos: anti-higiênico, pré-histórico, super-homem, etc.

1) No substantivo Bahia, o “h” sobrevive por tradição. Note que nos substantivos derivados como baiano, baianada ou baianinha ele não é utilizado.

2) Os vocábulos erva, Espanha e inverno não possuem a letra “h” na sua composição. No entanto, seus derivados eruditos sempre são grafados com h.

Veja: herbívoro, hispânico, hibernal.

Exercícios

01. Assinale a opção em que todas as palavras se completam adequadamente com a letra entre parênteses:

a) en.....aguar / pi.....e / mi.....to (x)
b) .....mpecilho / pr.....vilégio / s.....lvícola (i)
c) mon.....e / su.....estão / re.....eitar (g)
d) búss.....la / eng.....lir / ch.....visco (u)
e) exce.....ão / Suí.....a / ma.....arico (ç)

02. Assinale a alternativa cujas palavras estejam corretamente grafadas:

a) pajé, xadrês, flecha, mixto, aconchego
b) abolição, tribo, pretensão, obsecado, cansaço
c) gorjeta, sargeta, picina, florescer, consiliar
d) xadrez, ficha, mexerico, enxame, enxurrada
e) pagé, xadrês, flexa, mecherico, enxame

Gabarito

01 - E

02 - D

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Ortografia...2
  Emprega-se o X...2
  Emprega-se SC..2
  Emprega-se SÇ..2
  Emprega-se SS..2
  Emprega-se o XC e o XS...2
    AlgunsEmpregos de X..2
    Alguns Empregos de E e de I..................................3
    Uso do H...4

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Ortografia

Emprega-se o X

Em alguns casos, a letra X soa como Ss

Exemplos:

auxílio, expectativa, experto, extroversão, sexta, sintaxe, texto, trouxe

Emprega-se SC

Nos termos eruditos

Exemplos:

acréscimo, ascensorista, consciência, descender, discente, fascículo, fascínio, imprescindível, miscigenação, miscível, plebiscito, rescisão, seiscentos, transcender,

Emprega-se SÇ

Na conjugação de alguns verbos

Exemplos:

nascer – nasço, nasça

crescer – cresço, cresça

descer – desço, desça

Emprega-se SS

Nos substantivos derivados de verbos terminados em "gredir", "mitir", "ceder" e "cutir"

Exemplos:

agredir – agressão progredir – progressão transmitir – transmissão exceder – excesso repercutir – repercussão demitir – demissão

ceder – cessão discutir – discussão

Emprega-se o XC e o XS

Em dígrafos que soam como Ss

Exemplos:

→ exceção, excêntrico, excedente, excepcional, exsudar

AlgunsEmpregos de X

a) **Depois de ditongo: X ou CH?**

Observe:

Fai**x**a Sei**x**o

Trou**x**a Afrou**x**ar

Rou**x**inol Dei**x**ar

Encai**x**ado Guei**x**a

Depois de ditongo emprega-se **X** e não **CH**.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

b) **Depois de sílaba inicial EN**: **X** ou **CH**?

Observe:

En**x**oval En**x**uto

En**x**otar En**x**ovia

En**x**aguar En**x**ó

Obs.: enxovia – prisão

enxó – ferramenta de carpinteiro

Depois da sílaba inicial **–en** emprega-se **x** e não **ch**.

Obs.: Essa regra não se aplica às palavras com sílaba inicial **–en**, formadas a partir de palavras grafadas com **ch**.

Exs.: en**ch**er, en**ch**ente etc. (de **ch**eio); en**ch**iqueirar (de **ch**iqueiro); en**ch**arcar (de **ch**arco).

Após a sílaba inicial "me-".

Exemplos: mexer, mexerica, mexicano, mexilhão

Exceção: mecha

c) Em vocábulos de origem indígena ou africana e nas palavras inglesas aportuguesadas.

Exemplos: abacaxi, xavante, orixá, xará, xerife, xampu

Nas seguintes palavras:

bexiga, bruxa, coaxar, faxina, graxa, lagartixa, lixa, lixo, puxar, rixa, oxalá, praxe, roxo, vexame, xadrez, xarope, xaxim, xícara, xale, xingar,

Alguns Empregos de E e de I

a) **Verbos terminados em –UAR**

observe a correlação entre as duas colunas:

Verbo	**Forma verbal**
Efet**uar**	que ele efetu**e**
Habit**uar**	que ele habitu**e**
Tumult**uar**	que ele tumultu**e**
Contin**uar**	que ele continu**e**

As diversas formas verbais dos verbos terminados em **–UAR** são escritas com **E**.

b) **Verbos terminados em –UIR**

Observe a correlação:

Verbo	**Forma verbal**
Poss**uir**	ele possu**i**
Distrib**uir**	ele distribu**i**
Usufr**uir**	ele usufru**i**
Concl**uir**	ele conclu**i**

As diversas formas verbais dos verbos terminados em **–UIR** são escritas com **I**.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

ATENÇÃO

As orientações **a** e **b** são úteis nos casos em que há dúvida quanto ao uso de **e** ou **i** na forma verbal. Mas há também formas de verbos terminados em **–UIR** que são escritas com **E** (ex.: contribu**e**m, possu**e**m etc.), casos em que a própria pronúncia indica o uso dessa letra.

Uso do H

1) Inicial, quando etimológico

Exemplos: hábito, hesitar, homologar, Horácio

2) Medial, como integrante dos dígrafos ch, lh, nh

Exemplos: flecha, telha, companhia

3) Final e inicial, em certas interjeições

Exemplos: ah!, ih!, eh!, oh!, hem?, hum!, etc.

4) Em compostos unidos por hífen, no início do segundo elemento, se etimológico

Exemplos: anti-higiênico, pré-histórico, super-homem, etc.

1) No substantivo Bahia, o "h" sobrevive por tradição. Note que nos substantivos derivados como baiano, baianada ou baianinha ele não é utilizado.

2) Os vocábulos erva, Espanha e inverno não possuem a letra "h" na sua composição. No entanto, seus derivados eruditos sempre são grafados com h.

Veja: herbívoro, hispânico, hibernal.

Exercícios

01. Assinale a opção em que todas as palavras se completam adequadamente com a letra entre parênteses:

a) en.....aguar / pi.....e / mi.....to (x)
b) .....mpecilho / pr.....vilégio / s.....lvícola (i)
c) mon.....e / su.....estão / re.....eitar (g)
d) búss.....la / eng.....lir / ch.....visco (u)
e) exce.....ão / Suí.....a / ma.....arico (ç)

02. Assinale a alternativa cujas palavras estejam corretamente grafadas:

a) pajé, xadrês, flecha, mixto, aconchego
b) abolição, tribo, pretensão, obsecado, cansaço
c) gorjeta, sargeta, picina, florescer, consiliar
d) xadrez, ficha, mexerico, enxame, enxurrada
e) pagé, xadrês, flexa, mecherico, enxame

Gabarito

01 - E

02 - D

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Preposição, Conjunção, Advérbio, Interjeição.. 2
  Preposição..2
  Conjunção..2
  Advérbio..2
    Grau dos Advérbios..3
    Grau Comparativo..3
  Interjeição..3

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Preposição, Conjunção, Advérbio, Interjeição

Preposição

É a palavra responsável por ligar palavras dependentes de um termo principal, estabelecendo relação entre eles.

É comum haver combinação ou contração entre uma preposição e um termo de outra classe gramatical. Veja a diferença entre os dois casos:

CONTRAÇÃO	COMBINAÇÃO
Junção de <u>preposição</u> + <u>outra classe gramatical</u> ocorrendo perda fonética.	**Junção de <u>preposição</u> + <u>outra classe gramatical</u> sem que haja perda fonética.**
Ex.: <u>Naquele</u> tempo, ninguém pensava em celular. (naquele = prep. *em* + pronome *aquele*)	**Ex.: Vou <u>ao</u> banheiro. (ao = prep. *a* + artigo *o*)**

Dica:

Chamamos de crase a fusão entre a preposição a e o artigo a. O acento grave (`) serve justamente para marcar essa fusão.

Ex.: Semana passada, fomos à praia tomar um sol. (a (prep.) + a (artigo))

Esse assunto, porém, será trabalhado em outro momento, pois não depende apenas do conhecimento sobre preposições, mas também (e principalmente) de regência verbal.

As preposições ainda podem se dividir entre:

PREPOSIÇÕES ESSENCIAIS	PREPOSIÇÕES ACIDENTAIS
Sempre serão preposições.	**Quando uma conjunção exerce papel de preposição.**
A, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.	**Conforme, consoante, durante, mediante, visto que, etc.**
Ex.: Chegamos <u>até</u> certo ponto.	**Ex.: Vesti-me <u>conforme</u> a moda.**

Conjunção

É a palavra invariável responsável por ligar orações ou termos da mesma oração.

→ Relembrando: <u>oração</u> é a estrutura em que o sentido gira em torno do <u>verbo</u>.

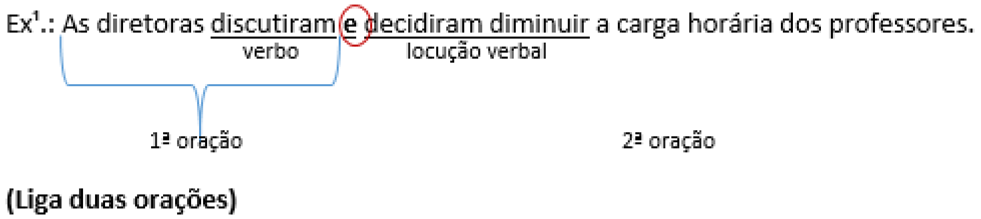

Ex^1.: As diretoras discutiram e decidiram diminuir a carga horária dos professores.

(Liga duas orações)

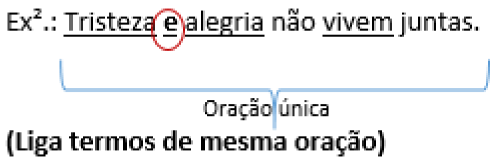

Ex^2.: Tristeza e alegria não vivem juntas.

(Liga termos de mesma oração)

Advérbio

O advérbio é uma palavra invariável que modifica o verbo, o adjetivo ou outro advérbio. Sua característica é transmitir circunstâncias às palavras que ele modifica.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

→ A atriz é muito linda .

→ O atleta jogou muito bem.

→ O navio chegou ontem.

Grau dos Advérbios

Normalmente, os advérbios são considerados palavras invariáveis, por não apresentar em flexão de gênero e número. No entanto, alguns deles – principalmente os de modo – apresentam variação de grau semelhante à dos adjetivos.

Grau Comparativo

Como ocorre com os adjetivos, o grau comparativo pode ser de igualdade, de super ioridade e de inferioridade:

Ele agia tão friamente quanto (ou como) o comparsa.

Ele agia mais friamente (do) que o comparsa.

Ele agia menos friamente (do) que o comparsa.

Interjeição

São palavras que expressam sentimentos surpresas ou um estado emotivo. Trata-se de um recurso da linguagem afetiva ou emocional.

Ex.: Oh!

Ué!

Caramba!

Meu Deus! (locução interjetiva)

Puxa vida! (locução interjetiva)

Exercício

01. Analise as afirmativas a seguir:

I. O advérbio modifica apenas verbos.

II. Uma locução adverbial é quando há duas palavras que, juntas, estabelecem a circunstância à oração.

III. Conhecer as funções do advérbio, saber reconhecê-lo e compreender as circunstâncias que atribui à oração.

Agora, assinale a alternativa correta.

a) Apenas a afirmativa I está correta.

b) Apenas as afirmativas I e II estão corretas.

c) Apenas as afirmativas II e III estão corretas.

d) Todas as afirmativas estão corretas.

e) Nenhuma das afirmativas está correta.

Gabarito

01 - C

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Enem

1. LXXVIII (Camões, 1525?-1580)

Leda serenidade deleitosa,
Que representa em terra um paraíso;
Entre rubis e perlas doce riso;
Debaixo de ouro e neve cor-de-rosa;
Presença moderada e graciosa,
Onde ensinando estão despejo e siso
Que se pode por arte e por aviso,
Como por natureza, ser fermosa;
Fala de quem a morte e a vida pende,
Rara, suave; enfim, Senhora, vossa;
Repouso nela alegre e comedido:
Estas as armas são com que me rende
E me cativa Amor; mas não que possa
Despojar-me da glória de rendido.
CAMÕES, L. Obra completa.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008

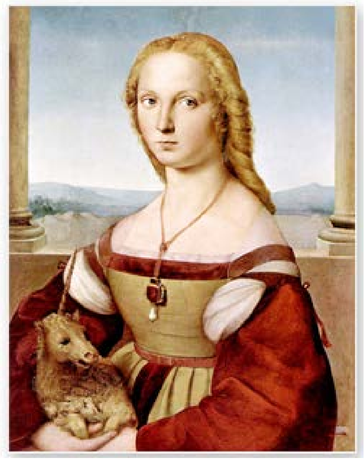

SANZIO, R. (1483-1520) A mulher com o unicórnio.
Roma, Galleria Borghese.

Disponível em: www.arquipelagos.pt. Acesso em: 29 fev. 2012.

A pintura e o poema, embora sendo produtos de duas linguagens artísticas diferentes, participaram do **mesmo contexto** social e cultural de produção pelo fato de ambos

a) Apresentarem um retrato realista, evidenciado pelo unicórnio presente na pintura e pelos adjetivos usados no poema.

b) Valorizarem o excesso de enfeites na apresentação pessoal e na variação de atitudes da mulher, evidenciadas pelos adjetivos do poema.

c) Apresentarem um retrato ideal de mulher marcado pela sobriedade e o equilíbrio, evidenciados pela postura, expressão e vestimenta da moça e os adjetivos usados no poema.

d) Desprezarem o conceito medieval da idealização da mulher como base da produção artística, evidenciado pelos adjetivos usados no poema.

e) Apresentarem um retrato ideal de mulher marcado pela emotividade e o conflito interior, evidenciados pela expressão da moça e pelos adjetivos do poema.

Opção correta: letra C

2.

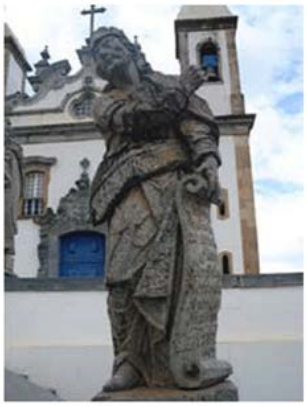

BARDI, P.M. Em torno da escultura do Brasil.
São Paulo: Banco Sudameris Brasil, 1989.

Com contornos assimétricos, riqueza de detalhes nas vestes e nas feições, a escultura barroca no Brasil tem forte influência do rococó europeu e está representada aqui por um dos profetas do pátio do Santuário do Bom Jesus de Matosinho, em Congonhas (MG), esculpido em pedra-sabão por Aleijadinho. Profundamente religiosa, sua obra revela

a) Liberdade, representando a vida de mineiros à procura da salvação.

b) Credibilidade, atendendo a encomendas dos nobres de Minas Gerais.

c) Simplicidade, demonstrando compromisso com a contemplação do divino.

d) Personalidade, modelando uma imagem sacra com feições populares.

e) Singularidade, esculpindo personalidades do reinado nas obras divinas

Opção correta: letra D

Leia o poema de Cláudio Manoel da Costa e responda as questões *3* e *4*:

"Torno a ver-vos, ó montes; o destino
Aqui me torna a pôr nestes outeiros,
Onde um tempo os gabões deixei grosseiros
Pelo traje da Corte, rico e fino.

Aqui estou entre Almendro, entre Corino,
Os meus fiéis, meus doces companheiros,
Vendo correr os míseros vaqueiros
Atrás de seu cansado desatino.

Se o bem desta choupana pode tanto,
Que chega a ter mais preço, e mais valia
Que, da Cidade, o lisonjeiro encanto,

Aqui descanse a louca fantasia,
E o que até agora se tornava em pranto
Se converta em afetos de alegria."

Cláudio Manoel da Costa.
In: Domício Proença Filho.
A poesia dos inconfidentes.
Rio de Janeiro: Nova
Aguilar, 2002, p. 78-9.

3. Considerando o soneto de Cláudio Manoel da Costa e os elementos constitutivos do Arcadismo brasileiro, assinale a opção correta acerca da relação entre o poema e o momento histórico de sua produção.

a) Os "montes" e "outeiros", mencionados na primeira estrofe, são imagens relacionadas à Metrópole, ou seja, ao lugar onde o poeta se vestiu com traje "rico e fino".

b) A oposição entre a Colônia e a Metrópole, como núcleo do poema, revela uma contradição vivenciada pelo poeta, dividido entre a civilidade do mundo urbano da Metrópole e a rusticidade da terra da Colônia.

c) O bucolismo presente nas imagens do poema é elemento estético do Arcadismo que evidencia a preocupação do poeta árcade em realizar uma representação literária realista da vida nacional.

d) A relação de vantagem da "choupana" sobre a "Cidade", na terceira estrofe, é formulação literária que reproduz a condição histórica paradoxalmente vantajosa da Colônia sobre a Metrópole.

e) A realidade de atraso social, político e econômico do Brasil Colônia está representada esteticamente no poema pela referência, na última estrofe, à transformação do pranto em alegria.

Opção correta: letra B

4. Assinale a opção que apresenta um verso do soneto de Cláudio Manoel da Costa em que o poeta se dirige ao seu interlocutor.

a) "Torno a ver-vos, ó montes; o destino" (v.1)

b) "Aqui estou entre Almendro, entre Corino," (v.5)

c) "Os meus fiéis, meus doces companheiros," (v.6)

d) "Vendo correr os míseros vaqueiros" (v.7)

e) "Que, da Cidade, o lisonjeiro encanto," (v.11)

Opção correta: letra A

5. TEXTO I

"Andaram na praia, quando saímos, oito ou dez deles; e daí a pouco começaram a vir mais. E parece-me que viriam, este dia, à praia, quatrocentos ou quatrocentos e cinquenta. Alguns deles traziam arcos e flechas, que todos trocaram por carapuças ou por qualquer coisa que lhes davam. [...] Andavam todos tão bem-dispostos, tão bem feitos e galantes com suas tinturas que muito agradavam."

CASTRO, S. A carta de Pero Vaz de Caminha. Porto Alegre: L&PM, 1996 (fragmento).

TEXTO II

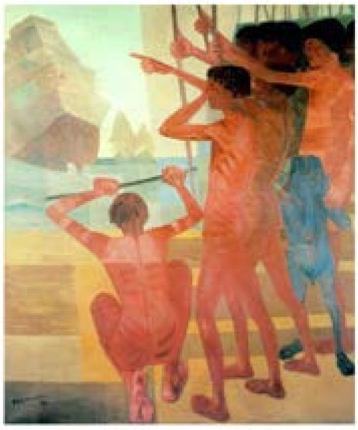

PORTINARI, C. O descobrimento do Brasil. 1956.
Óleo sobre tela, 199 x 169 cm
Disponível em: www.portinari.org.br.
Acesso em: 12 jun. 2013.

Pertencentes ao patrimônio cultural brasileiro, a carta de Pero Vaz de Caminha e a obra de Portinari retratam a chegada dos portugueses ao Brasil. Da leitura dos textos, constata-se que

a) A carta de Pero Vaz de Caminha representa uma das primeiras manifestações artísticas dos portugueses em terras brasileiras e preocupa-se apenas com a estética literária.

b) A tela de Portinari retrata indígenas nus com corpos pintados, cuja grande significação é a afirmação da arte acadêmica brasileira e a contestação de uma linguagem moderna.

c) A carta, como testemunho histórico-político, mostra o olhar do colonizador sobre a gente da terra, e a pintura destaca, em primeiro plano, a inquietação dos nativos.

d) As duas produções, embora usem linguagens diferentes – verbal e não verbal –, cumprem a mesma função social e artística.

e) A pintura e a carta de Caminha são manifestações de grupos étnicos diferentes, produzidas em um mesmo momentos histórico, retratando a colonização.

Opção correta: letra C

Enem

1. LXXVIII (Camões, 1525?-1580)

Leda serenidade deleitosa,
Que representa em terra um paraíso;
Entre rubis e perlas doce riso;
Debaixo de ouro e neve cor-de-rosa;
Presença moderada e graciosa,
Onde ensinando estão despejo e siso
Que se pode por arte e por aviso,
Como por natureza, ser fermosa;
Fala de quem a morte e a vida pende,
Rara, suave; enfim, Senhora, vossa;
Repouso nela alegre e comedido:
Estas as armas são com que me rende
E me cativa Amor; mas não que possa
Despojar-me da glória de rendido.
CAMÕES, L. Obra completa.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008

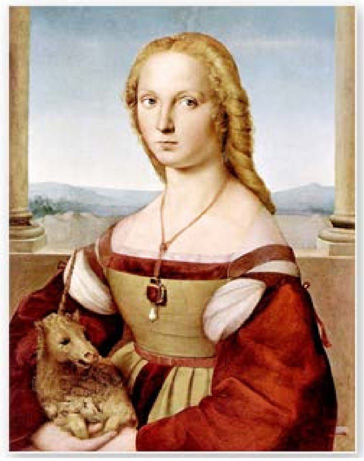

SANZIO, R. (1483-1520) A mulher com o unicórnio.
Roma, Galleria Borghese.

Disponível em: www.arquipelagos.pt. Acesso em: 29 fev. 2012.

A pintura e o poema, embora sendo produtos de duas linguagens artísticas diferentes, participaram do **mesmo contexto** social e cultural de produção pelo fato de ambos

a) Apresentarem um retrato realista, evidenciado pelo unicórnio presente na pintura e pelos adjetivos usados no poema.

b) Valorizarem o excesso de enfeites na apresentação pessoal e na variação de atitudes da mulher, evidenciadas pelos adjetivos do poema.

c) Apresentarem um retrato ideal de mulher marcado pela sobriedade e o equilíbrio, evidenciados pela postura, expressão e vestimenta da moça e os adjetivos usados no poema.

d) Desprezarem o conceito medieval da idealização da mulher como base da produção artística, evidenciado pelos adjetivos usados no poema.

e) Apresentarem um retrato ideal de mulher marcado pela emotividade e o conflito interior, evidenciados pela expressão da moça e pelos adjetivos do poema.

Opção correta: letra C

2.

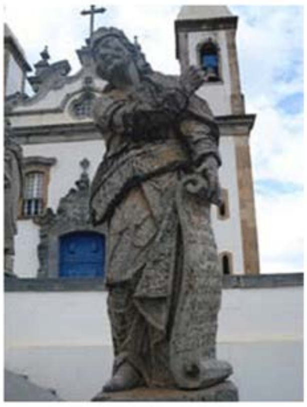

BARDI, P.M. Em torno da escultura do Brasil.
São Paulo: Banco Sudameris Brasil, 1989.

Com contornos assimétricos, riqueza de detalhes nas vestes e nas feições, a escultura barroca no Brasil tem forte influência do rococó europeu e está representada aqui por um dos profetas do pátio do Santuário do Bom Jesus de Matosinho, em Congonhas (MG), esculpido em pedra-sabão por Aleijadinho. Profundamente religiosa, sua obra revela

a) Liberdade, representando a vida de mineiros à procura da salvação.

b) Credibilidade, atendendo a encomendas dos nobres de Minas Gerais.

c) Simplicidade, demonstrando compromisso com a contemplação do divino.

d) Personalidade, modelando uma imagem sacra com feições populares.

e) Singularidade, esculpindo personalidades do reinado nas obras divinas

Opção correta: letra D

Leia o poema de Cláudio Manoel da Costa e responda as questões *3* e *4*:

"Torno a ver-vos, ó montes; o destino
Aqui me torna a pôr nestes outeiros,
Onde um tempo os gabões deixei grosseiros
Pelo traje da Corte, rico e fino.

Aqui estou entre Almendro, entre Corino,
Os meus fiéis, meus doces companheiros,
Vendo correr os míseros vaqueiros
Atrás de seu cansado desatino.

Se o bem desta choupana pode tanto,
Que chega a ter mais preço, e mais valia
Que, da Cidade, o lisonjeiro encanto,

Aqui descanse a louca fantasia,
E o que até agora se tornava em pranto
Se converta em afetos de alegria."

Cláudio Manoel da Costa.
In: Domício Proença Filho.
A poesia dos inconfidentes.
Rio de Janeiro: Nova
Aguilar, 2002, p. 78-9.

3. Considerando o soneto de Cláudio Manoel da Costa e os elementos constitutivos do Arcadismo brasileiro, assinale a opção correta acerca da relação entre o poema e o momento histórico de sua produção.

a) Os “montes” e “outeiros”, mencionados na primeira estrofe, são imagens relacionadas à Metrópole, ou seja, ao lugar onde o poeta se vestiu com traje “rico e fino”.

b) A oposição entre a Colônia e a Metrópole, como núcleo do poema, revela uma contradição vivenciada pelo poeta, dividido entre a civilidade do mundo urbano da Metrópole e a rusticidade da terra da Colônia.

c) O bucolismo presente nas imagens do poema é elemento estético do Arcadismo que evidencia a preocupação do poeta árcade em realizar uma representação literária realista da vida nacional.

d) A relação de vantagem da “choupana” sobre a “Cidade”, na terceira estrofe, é formulação literária que reproduz a condição histórica paradoxalmente vantajosa da Colônia sobre a Metrópole.

e) A realidade de atraso social, político e econômico do Brasil Colônia está representada esteticamente no poema pela referência, na última estrofe, à transformação do pranto em alegria.

Opção correta: letra B

4. Assinale a opção que apresenta um verso do soneto de Cláudio Manoel da Costa em que o poeta se dirige ao seu interlocutor.

a) “Torno a ver-vos, ó montes; o destino” (v.1)

b) “Aqui estou entre Almendro, entre Corino,” (v.5)

c) “Os meus fiéis, meus doces companheiros,” (v.6)

d) “Vendo correr os míseros vaqueiros” (v.7)

e) “Que, da Cidade, o lisonjeiro encanto,” (v.11)

Opção correta: letra A

5. TEXTO I

“Andaram na praia, quando saímos, oito ou dez deles; e daí a pouco começaram a vir mais. E parece-me que viriam, este dia, à praia, quatrocentos ou quatrocentos e cinquenta. Alguns deles traziam arcos e flechas, que todos trocaram por carapuças ou por qualquer coisa que lhes davam. [...] Andavam todos tão bem-dispostos, tão bem feitos e galantes com suas tinturas que muito agradavam.”

CASTRO, S. A carta de Pero Vaz de Caminha. Porto Alegre: L&PM, 1996 (fragmento).

TEXTO II

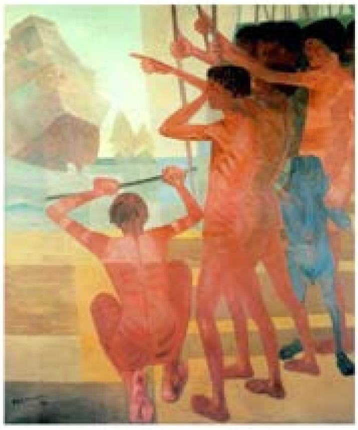

PORTINARI, C. O descobrimento do Brasil. 1956.
Óleo sobre tela, 199 x 169 cm
Disponível em: www.portinari.org.br.
Acesso em: 12 jun. 2013.

Pertencentes ao patrimônio cultural brasileiro, a carta de Pero Vaz de Caminha e a obra de Portinari retratam a chegada dos portugueses ao Brasil. Da leitura dos textos, constata-se que

a) A carta de Pero Vaz de Caminha representa uma das primeiras manifestações artísticas dos portugueses em terras brasileiras e preocupa-se apenas com a estética literária.

b) A tela de Portinari retrata indígenas nus com corpos pintados, cuja grande significação é a afirmação da arte acadêmica brasileira e a contestação de uma linguagem moderna.

c) A carta, como testemunho histórico-político, mostra o olhar do colonizador sobre a gente da terra, e a pintura destaca, em primeiro plano, a inquietação dos nativos.

d) As duas produções, embora usem linguagens diferentes – verbal e não verbal –, cumprem a mesma função social e artística.

e) A pintura e a carta de Caminha são manifestações de grupos étnicos diferentes, produzidas em um mesmo momentos histórico, retratando a colonização.

Opção correta: letra C

17 Advérbios

Palavra que modifica o **verbo**, o **adjetivo** ou o próprio **advérbio**, indicando-lhes uma circunstância (**circunstância** é toda particularidade que vem esclarecer ou modificar um fato).

Exemplos:

Buscava **arduamente** o seu caminho.

modifica o verbo

«Ali estava o mar, a **mais** ininteligível das existências não-humanas.»

(Clarice Lispector)

modifica o adjetivo

A vida não lhes corria nem **muito** bem, nem **muito** mal.

modificam o advérbio

Certamente, você saberá como proceder na hora oportuna.

(modifica toda a oração)

Classificação

Os advérbios recebem o nome da circunstância que expressam. Segundo a **NGB,** os advérbios podem ser de:

— afirmação: sim, certamente, realmente, deveras etc.

— dúvida: acaso, talvez, porventura, quiçá, provavelmente, possivelmente etc.

— lugar: abaixo, acima, adiante, aí, além, aqui, atrás, lá, defronte, dentro, detrás, junto, longe, onde, aquém etc.

— modo: assim, bem, depressa, devagar, mal, melhor, pior e quase todos os terminados em **mente**: levemente, ardorosamente etc.

— negação: não, absolutamente, tampouco.

— intensidade: bastante, pouco, muito, demais, mais, meio, menos, tanto, tão, quase, quanto etc.

— tempo: agora, ainda, amanhã, anteontem, antes, breve, cedo, depois, então, hoje, sempre, logo, nunca, já, tarde, outrora, diariamente, anualmente, antigamente, novamente etc.

→ **Observações:**

1. Como se vê, nem todos os advérbios terminados em **-mente** são de modo.

2. **Pois não** e **pois sim** possuem, respectivamente, valor **afirmativo** e **negativo**. Ex.:

— Pai, o senhor pode emprestar-me R$ 1.000,00?

— **Pois não**. (= sim)

— **Pois sim**... (= não)

3. Nem sempre o **NÃO** tem valor negativo. Pode aparecer como palavra denotativa de realce. Ex.:

Eu **não** disse que ia chover?

Que dias maravilhosos **não** passaremos no litoral!

4. **Tampouco**, advérbio que equivale a **também não**, usa-se após oração declarativa negativa.

Ex.:

• Ela não me telefonou, nem eu **tampouco** a ela.

• Não me agrada o que ele diz, e **tampouco** o que faz.

Não se confunda com **tão pouco**, expressão constituída de advérbio + pronome adjetivo e que equivale a **muito pouco** / **de tal forma pouco**. Ex.:

• Ganha **tão pouco** (= muito pouco), por isso não compra nada.

• Ganha **tão pouco** (= de tal forma pouco) que mal consegue sobreviver.

Advérbios interrogativos

Existem alguns advérbios interrogativos, que sempre exercem a função de adjuntos adverbiais:

quando? (de tempo)

— Quando viajarás?

— Poder-me-ias dizer quando viajarás?

onde? (de lugar)

— Onde você nasceu?

— Aonde você foi?

como? (de modo)

— Como você chegou aqui?

— Explique-me como você chegou aqui.

por quê (de causa)

— Por que faltaste?

— Gostaria de saber por que faltaste.

Observação:

ONDE → verbos que usam preposição **em.** Indica o lugar **EM QUE** se situa a ação verbal. **Onde** você mora?

AONDE → verbos que usam preposição **a.** Indica o lugar **PARA O QUAL** se dirige a ação. **Aonde você** quer chegar?

DONDE → verbos que usam preposição **de.** Indica o lugar **DO QUAL** parte a ação. **Donde** você veio?

Locução adverbial

Denomina-se **locução adverbial** ao conjunto de duas ou mais palavras que têm valor de advérbio. As locuções classificam-se como os advérbios.

Ex.: Sairá do emprego **com certeza**. (= afirmação)

Agiu **com honestidade.** (= modo)

à direita
à esquerda
à toa
à vontade
a cavalo
a pé
em geral
passo a passo
à noite
à tarde
em domicílio
ao vivo
em breve
de vez em quando
de tempos em tempos
pela manhã
por ora
(n) o mais das vezes etc.

→ **Observações:**

1. Não se usam duas preposições em uma única locução adverbial; daí haver impropriedade em **de a pé, de lá de dentro, de lá de cima** etc. Basta usar **a pé, lá de dentro, lá de cima** etc.

2. Não se confunda o advérbio **demais** (modifica o verbo ou o adjetivo) com a locução adjetiva **de mais** — (modifica o nome):

Trabalhei **demais**.

O papel ficou seco **demais.**

Deram-me nota **de mais** na redação.

Não houve nada **de mais.**

• Com infinitivo em função nominal usa-se **demais:**

Comer **demais** não faz bem.

demais = muito, bastante.

de mais = a mais, fora da conta, exagerado.

3. **EM DOMICÍLIO / A DOMICÍLIO**

Em domicílio se usa com verbos ou nomes estáticos.

A domicílio se usa com verbos ou nomes dinâmicos.

Ex.:

Entregaremos sua compra **em domicílio.**

Faremos entrega **em domicílio.**

Dão-se aulas **em domicílio.**

Combina-se ida **a domicílio.**

Iremos **a domicílio** ministrar aulas.

Levam-se compras **a domicílio.**

4. Usam-se com propriedade as locuções **do avesso** ou **pelo avesso** (mas não no avesso), **na melhor das intenções** (mas não com a melhor das intenções), **alto e bom som** (não em alto e bom som) e **grosso modo** (não a grosso modo), por se tratar de locuções latinas.

Palavras denotativas

São palavras e locuções, antigamente consideradas de valor adverbial, que não indicam circunstância nenhuma.

Por isso são classificadas à parte, como **palavras denotativas**. As principais são:

de **adição**: além disso, ainda, demais etc.

Jeni chorou e **ainda** berrou.

de **afastamento:** embora.

Vou **embora** daqui.

de **afeto:** felizmente, ainda bem etc.

Maria telefonou? **Felizmente...**

de **aproximação:** quase, praticamente etc.

Estaremos de volta **lá pelas** onze horas.

de **continuação:** bem, ora etc.

Bem, está na hora de irmos.

de **exclusão:** só, somente etc.

Vivia **unicamente** para a familia.

de **explicação:** isto é, por exemplo etc.

Comprei tudo, **a saber**, lápis, canetas etc.

de **inclusão:** também, até etc.

Você **também** contra mim.

de **realce:** é que, é porque etc.

Que dias maravilhosos **não passei** no Nordeste!

de **retificação:** aliás, isto é etc.

Foi assaltado por um mascarado, **antes,** por dois.

de **situação:** mas, se, então etc.

Então, falando de mim, hem?

Graus do advérbio

São dois os graus do advérbio: o **comparativo** e o **superlativo.**

1. ***Comparativo:***

a) de igualdade: Moro **tão perto quanto** você.

b) de superioridade: Moro **mais perto (do)** que você.

c) de inferioridade: Moro **menos perto (do)** que você.

2. ***Superlativo Absoluto:***

a) sintético: Moro **pertíssimo** daqui.

b) analítico: Moro **muito perto** daqui.

Observação:

O advérbio apresenta ainda o grau **diminutivo.** (Ela mora **pertinho**.) O emprego deste advérbio com terminação de diminutivo, nada mais é do que uma forma superlativa.

Emprego do advérbio

1. Aparecendo na frase vários advérbios terminados em **-mente**, só o último recebe o sufixo:

Esperei **calma e tranqüilamente** o desfecho do caso.

Olhava **áspero** e **rudemente** o aluno que conversava.

2. Talvez, anteposto ao verbo, exige Subjuntivo; quando posposto, designa dúvida leve e, então, usa-se o Indicativo. Ex.:

Talvez eu **vá** ao estádio

Irei talvez ao estádio.

3. Antes de Particípio, usam-se preferivelmente as formas analíticas **mais bem** e **mais mal**, em vez das sintéticas **melhor** e **pior**. Depois do Particípio, usa-se a forma sintética.

Ex.:

Esta casa está **mais bem acabada** que aquela.

Estamos **mais mal** preparados que vocês.

Mas,

Esta casa **está acabada melhor** do que aquela.

4. Primeiro é advérbio quando modifica o verbo: Cheguei **primeiro.**

5. Meio é advérbio quando significa **um pouco,** portanto, **invariável;** quando adjetivo, significa a **metade** e concorda com o substantivo:

As alunas estavam **meio** nervosas.

Beberam **meias** xícaras de café.

Exercícios

1. Transcreva e classifique os advérbios da frase abaixo: "Os gritos de alegria e sustos das crianças já não se ouviam mais: era bem mais tarde e o sol tinha enfraquecido..." (Clarice Lispector)

....

....

....

....

....

....

2. Substitua as locuções adverbiais por advérbios correspondentes:

a) Agiu **com franqueza.**

....

b) Comportou-se **como criança.**

....

c) Trataram-me **como irmão.**

....

d) Falava **com coragem.**

....

e) Discursava **no mesmo tom.**

....

f) **A medo,** fez novo caminho.

....

g). Mãos e pés se movem **ao mesmo tempo.** ....

h) A vaidade picou-o **de leve.**

....

3. Classifique os advérbios em destaque:

a) Foi **realmente** meu pai quem me custeou os estudos.

....

b) Está **muito tarde** para sairmos.

....

c) A padaria fica **perto** de casa.

....

d) **Raramente** eu falto à escola.

....

e) **Não** demore, meu filho!

....

f) **Talvez** eu volte **depressa.**

....

g) Éramos **bastante** aplicados.

....

h) **Aqui** é o seu lugar.

....

i) **Brevemente** traremos novidades.

....

j) Fui ao cinema **ontem.**

....

4. Empregue o advérbio interrogativo correto:

a) .... você estava até esta hora?

b) .... você gosta de chá? Quente ou frio?

c) .... era criança, ele costumava ir ao circo?

d) .... vocês não vieram à aula ontem?

e) .... eles vão amanhã pela manhã?

f) Afinal, ... vocês estavam tão alegres?

5. Escreva nos parênteses:

(1) para adjetivo

(2) para advérbio

a. ( ) Comi **meia** fruta.

b. ( ) Ela saiu **meio** nervosa.

c. ( ) Não fale por **meias** palavras.

d. ( ) Bebi duas **meias** xícaras.

e. ( ) Estavam **meio** preocupadas.

f. ( ) Saiu **meio** aflito do cinema.

g. ( ) Pareceu-me **meio** afobado.

h. ( ) Apareceu-me com **meio** saco de pipocas.

6. Escreva em que grau se encontram os advérbios das seguintes frases:

a) Ele vem tão raramente a nossa casa quanto você.

....

b) Pedro vem aqui mais constantemente que Maria.

....

c) Eles comportaram-se menos polidamente que nossas crianças.

....

d) Li o texto pausadissimamente.

....

e) Fizemos a lição muito vagarosamente.

....

f) O estádio é pertinho daqui.

....

g) Nuvens tênues passavam alto, muito alto.

....

Questões discursivas

1. (FUVEST) Na frase: “Homem não chora», o advérbio expressa negação. Escreva uma frase empregando esse advérbio sem idéia de negação.

....

....

....

2. (FUVEST) Leia a frase que segue:

«Tenho, **já, já,** de correr, de me atirar pelo mato, seja como for!» (G. Rosa)

Que efeito consegue o autor ao repetir o advérbio **já**?

R.: ....

....

3. (FUVEST) Reescreva a passagem: «Humildemente pensando na vida...», substituindo o advérbio por uma locução adverbial correspondente.

....

....

....

4. (FEI-SP) Substitua a expressão destacada por um advérbio de significação equivalente:

a) Recebeu a repreensão **sem dizer palavras.**

b) Falava sempre **no mesmo tom.**

c) Aceitou tudo **sem se revoltar.**

d) Trataram-me **como irmão.**

R.: a) ....
b) ....
c) ....
d) ....

5. (PUC-SP) Empregue corretamente os advérbios onde **e** aonde **nas lacunas:**

a) «....... o jegue me quiser levar, nós vamos, porque estamos indo é com Deus! (...)"

(G. Rosa)

b) «Todos sabem nesta cidade .... é o Oratório de Pedra (...)"

(Manuel A. Almeida)

6. (FUVEST) Na passagem «......apresentando a inventário tão-somente a casinha do povoado.» Classifique *tão-somente* sob o ponto de vista gramatical:

R.: ....
....
....
....

Testes

1. (UFCE) A opção em que há um advérbio exprimindo circunstância de tempo é:

a) Possivelmente viajarei para S. Paulo.

b) Maria tinha aproximadamente 15 anos.

c) As tarefas foram executadas concomitantemente.

d) Os resultados chegaram demasiadamente atrasados.

2. (UFV-MG) Em todas as alternativas há dois advérbios exceto:

a) Ele permaneceu muito calado.

b) Amanhã, não iremos ao cinema.

c) O menino, ontem, cantou desafinadamente.

d) Tranqüilamente, realizou-se, hoje, o jogo.

e) Ela falou calma e sabiamente.

3. (UFMG) Em todas as frases, grifou-se um substantivo, um adjetivo e um advérbio, exceto em:

a) **Timidez** não é **tão ruim** moeda como parece, disse-nos sorrindo.

b) A **pintura** escureceu muito, mas **ainda** dá uma idéia de **ambos**.

c) **Poeta** e músico recebem **pontualmente** os seus direitos **autorais.**

d) Cantei um duo **ternissimo, depois** um **trio,** depois um *quatuor*...

e) **Então** Capitu abanava a **cabeça** com uma **grande** expressão de desengano.

4. (PUC-MG) Assinale a alternativa em que o termo destacado tem valor de advérbio:

a) Achei-o **meio** triste, com o ar abatido.

b) Não há **meio** mais fácil de estudar.

c) Só preciso de **meio** metro dessa renda.

d) Encarou-nos, esboçando um **meio** riso.

e) Ela caiu bem no **meio** do jardim.

5. (UNITAU-SP) Indique a alternativa gramaticalmente incorreta:

a) A casa onde moro é excelente.

b) Disseram-me por que chegaram tarde.

c) Aonde está o livro?

d) É bom o colégio donde saímos.

e) O sítio aonde vais é pequeno.

6. (PUC-RS) Assinale a alternativa cujas palavras completam corretamente a frase:

Entre os vestibulandos, existem pessoas que não se sabe ..... vêm, ... trabalham no momento, nem .... irão após a conclusão do curso.

a) aonde — donde — aonde

b) donde — onde — aonde

d) de onde — aonde — onde

e) donde — aonde — onde

7. (PUC-SP) No trecho: «Todo romancista, todo poeta, quaisquer que sejam os rodeios que possa fazer a teoria literária, deve falar de... o mundo existe e o escritor fala, eis **a literatura.»**

A palavra destacada é:

a) advérbio de inclusão.

b) advérbio de designação.

c) conjunção subordinativa.

d) palavra denotadora de inclusão.

e) palavra denotadora de designação.

8. (FAAP-SP) «... o papa clara e insistentemente **expôs em Puebla.» Ao que está destacado cabe a seguinte observação:**

a) temos um adjetivo e um advérbio.

b) eliminou-se a terminação **mente** do primeiro advérbio para se evitar o eco.

c) a forma **clara** torna a seqüência adverbial mais enfática.

d) a forma **clara** não é escorreita.

e) n.d.a.

9. (PUC-SP) Assinale a alternativa em que ocorre um advérbio de modo:

a) Anteriormente eles haviam dito o contrário.

b) Sempre esperei este dia.

c) Ninguém viajará para cá.

d) Não reagiu favoravelmente ao discurso.

e) Há pessoas mais antigas que você.

10. (FUVEST) Assinale a alternativa em que ocorre advérbio no grau comparativo de superioridade:

a) Ninguém mora tão longe quanto ela.

b) Ninguém mora muito longe.

c) Ninguém mora mais longe do que ela.

d) Ninguém mora menos longe do que ela.

e) Ninguém mora tão longe.

11. (UEM-PR) Relacione menos **dos períodos da 1ª coluna com o seu significado na 2ª coluna, indicando a alternativa correta:**

1ª COLUNA

1. A chácara produziu menos fruto, devido à seca.

2. O trem é menos rápido que o avião.

3. Deram-lhe tudo, menos a bicicleta.

4. Não irei à lua, a menos que a viagem ofereça garantia.

2ª COLUNA

( ) exclusão
( ) condição
( ) inferioridade
( ) diminuição

a) 3 — 2 — 1 — 4
b) 3 — 4 — 2 — 1
c) 1 — 4 — 3 — 2
d) 4 — 3 — 1 — 2
e) 3 — 1 — 2 — 4

12. (CTA/Computação-SP) Assinale a alternativa em que "meio" funciona como advérbio:

a) Achei-o meio triste.

b) Só quero meio metro.

c) Parei no meio da avenida.

d) Comprei um metro e meio.

e) Descobri o meio de acertar.

13. (UEM-PR)

Mais é advérbio de tempo em:

a) Você terminou a prova mais cedo do que nós.

b) A prova parece mais fácil agora.

c) Espero não ser mais vestibulando em 98.

d) Convém ler mais uma vez.

e) Este mais é demais.

14. (UEM-PR)

Meio, de meio-dia, apresenta o mesmo valor morfológico (gramatical) que no período de uma das alternativas abaixo.

Assinale-a:

a) A prova está meio fácil.

b) Encontrou-o meio enterrado.

c) Rasgou 50 folhas, exatamente meio livro.

d) Estes exercícios deixam-me meio maluco.

e) O uniforme do Grêmio é meio preto, meio branco.

15. (UFMS) Assinale a(s) alternativa(s) em que a(s) palavra(s) destacada(s) pode(m), com inteira propriedade, ser(em) classificada(s) como advérbio:

1) «Não permaneceria **ali** muito tempo.»
(Graciliano Ramos)

2) «Mas enfim cada qual tem **lá** o seu modo de matar pulgas.»
(Graciliano Ramos)

4) «Todos, **inclusive** a mãe sofrida da noiva, imploraram ao noivo que fingisse ainda amá-la (...)» (Clarice Lispector)

8) **«Então** mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito?»
(Graciliano Ramos)

16) «Eu, que era branca e linda, eis-me medonha e escura.» (Manuel Bandeira)

16. (CTA — Computação/ITA-SP).

Caro pintor Bandeira,
que tua mão certeira
encontre a cada dia
essa fina alegria
de reinventar o mundo,
tornando-o mais profundo.

Gramaticalmente, **«a cada dia»** funciona como:

a) Locução adverbial.

b) Locução adjetiva.

c) Locução pronominal.

d) Complemento verbal.

e) Locução prepositiva.

Respostas da unidade 17 — Advérbios

Exercícios — pág. 237

1) já (tempo), não (negação), mais (intensid.), bem (modo), mais (intensid.), tarde (tempo).
2) a) francamente b) puerilmente c) fraternalmente d) corajosamente e) monotonamente f) medrosamente g) sincronicamente h) levemente
3) a) afirmação b) intens./tempo c) lugar d) tempo e) negação f) dúvida/modo g) intensid. h) lugar i) tempo j) tempo.
4) a) onde b) Como c) Quando d) Por que e) Aonde f) por que
5) 1, 2, 1, 1, 2, 2, 2, 1.
6) a) compar. iguald. b) compar. super. c) compar. infer. d) superl. absol. sintét. e) superl. absol. analít. f) superl. sint. (dimin.) g) superl. absol. analít.

Questões discursivas — pág. 238

1) Você vai ao cinema, **não** vai?
2) recurso de intensificação.
3) com humildade.
4) silenciosamente, monotonamente, resignadamente, fraternalmente.
5) a) aonde b) onde
6) expressão denotativa de restrição.

Testes — pág. 239

1 - c
2 - a
3 - b
4 - a
5 - c
6 - b
7 - e
8 - b
9 - d
10 - c
11 - b
12 - a
13 - a
14 - c
15 - 1
16 - a

ATIVIDADES SOBRE FIGURAS DE LINGUAGEM

01. No trecho: "O pavão é um arco-íris de plumas", enquanto procedimento estilístico temos uma:
A) metáfora
B) comparação
C) metonímia
D) hipérbole

02. Em qual das opções há erro de identificação das figuras?
A) "Um dia hei de ir embora / Adormecer no derradeiro sono." (eufemismo)
B) "A neblina, roçando o chão, cicia, em prece.” (prosopopeia)
C) “Por você eu dançaria tango no teto.” (hipérbole)
D) Li Cecília Meirelles. (metáfora)

03. Na expressão: “Todos estão morrendo de sede”, a figura de pensamento presente é:
A) metáfora
B) hipérbole
C) pleonasmo
D) prosopopeia

04. Na expressão: “Faz dois anos que ele entregou a alma a Deus.” a figura de linguagem presente é:
A) pleonasmo
B) comparação
C) eufemismo
D) hipérbole

05. No trecho: “O vento beija meus cabelos.” (Lulu Santos) tem-se a figura de linguagem:
A) personificação
B) metonímia
C) hipérbole
D) metáfora

06. “Sonhei que estava sonhando um sonho sonhado” (Martinho da Vila) a figura de linguagem é:
A) comparação
B) metáfora
C) hipérbole
D) pleonasmo

07. Assinale a alternativa que contém as figuras de linguagem correspondentes aos períodos a seguir:
I. "Está provado, quem espera nunca alcança".
II. "Onde queres o lobo sou o irmão".
III. Ele foi discriminado por sofrer de uma doença contagiosa muito falada atualmente.
IV. Ela quase morreu de tanto estudar para o vestibular.

A) ironia - antítese - eufemismo - hipérbole
B) eufemismo - ironia - hipérbole - antítese
C) antítese - hipérbole - ironia - eufemismo
D) hipérbole - eufemismo - antítese - ironia

08. Assinale a figura de linguagem encontrada em:
"Minha cidade toda se enfeitou
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor."
A) comparação
B) eufemismo
C) pleonasmo
D) personificação

9.Assinale a alternativa que encerra uma palavra empregada CONOTATIVAMENTE.A) Jovem hoje, viria a ter, sem dúvida, uma existência mais tranquila.
B) Todos dançam, suam, gritam juntos, e experimentam plena satisfação.
C) Pressentimos que estamos vivendo a aurora de um grande momento da história.
D) Os bailes e reuniões sociais eram quase invariavelmente ocasião de frustrações.

10. Nos versos: "Deixa em paz meu coração/que ele é um pote até aqui de mágoa" verifica-se a seguinte figura de linguagem:
A) comparação
B) hipérbole
C) metáfora
D) metonímia

11. Na expressão “a natureza parece estar chorando”, do ponto de vista estilístico, temos:
A) antítese
B) eufemismo
C) personificação
D) ironia

13. Analise a publicidade abaixo.

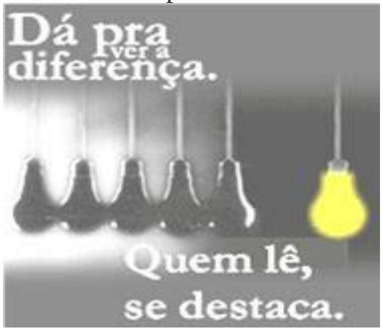
Dá pra ver a diferença.
Quem lê, se destaca.

Quanto a o uso da conotação no texto, temos que ela é representada por:
A) imagens metafóricas evidenciadas pela representação dos atores sociais por lâmpadas.
B) imagens hiperbólicas representadas pela quantidade de lâmpadas.
C) imagens eufemísticas já que, ao serem apagadas, as lâmpadas sintetizam o que ocorre com aqueles que não leem.
D) transposição metonímica já que as pessoas são simbolizadas através das lâmpadas.

14) Identifique as figuras de linguagem marcando:
(1) Metáfora(2) Metonímia
(3) Catacrese(4) Comparação
(5) Prosopopéia

a. ( ) Gosto de ouvir Titãs.
b. ( )A doçura do teu olhar é minha vida.
c. ( ) O rio engasgou num barraco.
d. ( ) Usarei no tempero um dente de alho.
e. ( ) Você é venenosa como uma cobra.

14) Na expressão: “Faz dois anos que ele entregou a alma a Deus.” a figura de linguagem presente é:
a) pleonasmob) comparação
c) eufemismo d) hipérbole
e) anáfora

15) É o emprego de uma palavra, com base na similaridade, para designar algo que não tem vocábulo próprio, estamos falando de:
a) Catacrese b) Hipérbole
c) Personificaçãod) Metonímia
e) Ambiguidade

3

Acentuação Gráfica

Palavras ou casos	Terminação	Condição	Exemplos
Oxítonas	á – é – o(s)		Paraná – café – cipó(s)
	ém - éns	+ de 1 sílaba	Refém – vinténs
Monossílabos	á – ẽ – o(s)	Tônicos	dá – mês – pôs
Paroxítonas	i(s) us um - uns l r * n e ons x ditongo ã(s) ôo(s); êe(m) ps	**Obs.:** terminadas em - ENS não se acentuam	júri(s) ônus álbum – álbuns fácil açúcar hífen – próton(s) * - hifens látex íeis – órgão(s) – série(s) ímã(s) vôo(s) – lêem bíceps
Proparoxítonas	todas		lâmpada – úvula – alvéolo(s)
í – ú(s)		Tônicos. Formar hiato com sílaba anterior. Isolados. Não seguir **nh**.	caía – baú – juíza – heroína – egoísta – feiúra * bainha
Ditongos	éi – éu – ói(s)	Abertos e tônicos.	réis – chapéus – apóio
ú (acento)	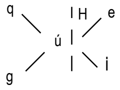	Tônicos. Preceder **q** ou **g** e seguir **e** ou **l** (hiato).	ele argúi – obliqúe argúem * mas, delinqüem
ü (trema)	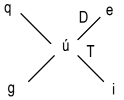	Pronunciado. Preceder **q** ou **g** e seguir **e** ou **i** (ditongo ou tritongo).	agüentar – lingüiça tranqüilo – freqüente

Abolidos	**Exemplos** (não devem ser usados)
1. O trema para tranformar ditongos átor	~~saúdade — vaïdade~~
2.O acento grave e o circunflexo em palavras derivadas, antes de **Z** e **MENTE.**	~~sàbiamente — sabiàzinho, sôfregamente, vovôzinho.~~
3. O acento circunflexo nas homógrafas fechadas para diferenciá-las das abertas. Exceção: pôde.	~~o govêrno — eu governo a sêca — ele seca — êste — o este~~

Exercícios

1) Na relação abaixo, acentue quando necessário:

indelevel — eter — impar — pensil — porta — urubu — bau— saci — nuvem — nuvens — vintens.

o sabia — ele sabia — ela e uma sabia. mes — pos — pus — dor — papel — Venus — abdomen — abdomens — mantens — ion — ions — bilis — anis — lilas — virus — fluor — ingreme — timido — quadrupede — decada.

vez — ves — urinol — trem — nos — noz.

2) Na relação abaixo, acentue quando necessário:

veia — teia — ideia — boi — doi — o apoio — eu apoio — joio — joia — aneizinhos — ceus — quarteis — fareis — Araguaia — degrau — mau — farois — revoa — revoo — lagoa — a magoa — ela magoa — niqueis — o reis — os reis.

3) Na relação abaixo, acentue quando necessário:

ataude — graudo — sauva — sauna — item — itens — eu sai — Irati, — eu intui — ele intui — faisca — jesuita — sanduiche — feiura — Caim — Ataulfo — Coimbra — amendoim — fuinha — tainha — Irani — Itajai — bem-te-vi — jacu — urutu — bau.

4) Uso do trema:

De acordo com a ORTOÉPIA (correta pronúncia dos fonemas), indique as palavras que se completam com «U» ou «Ü»:

Lembre-se

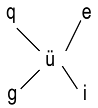

(o "u" é pronunciado).

tranquilidade
distinguir
aguenta
sequência
quinquênio
sangue
quente
questão
quilo
enxaqueca
quinquagésimo

linguiça
quesito
extinguir
liquido
sanguinário
aguente
inesquecível
longínquo
líquido
inquérito
quingentésimo

5) Coloque trema ou acento, quando necessário: aguemos — bilinguismo — apropinquei — apazigue — ele argui — eu argui — averiguem — quinquídio — querência — quentão — eloquente — quinquagenário — cinquenta — liquidificador — equilátero — equidade — equivalente.

Casos especiais

I - Acento diferencial

- Homógrafas heterofônicas **(abolido)**

exceção ⇒ PÔDE (pret. perf.) ≠ PODE (pres. ind.)

II - Diferencial de tonicidade

Para distinguir homógrafos tônicos de átonos:

pôr (verbo), diferente de **por** (preposição);

pára (verbo), diferente de **para** (preposição);

pêra (subst.), **péra** (subst.), diferentes de **pera** (preposição arcaica);

pela, pélas(subst. e verbo), diferentes de **pela, pelas** (contração de **per** + **a, per** + **as**);

pélo (verbo), **pêlo, pêlos** (subst.), diferentes de **pelo, pelos** per + **o(s)**;

pólo, pólos (extremidade, jogo), **pôlo, pôlos** (filhote de gavião), diferentes de **polo, polos** (contração arcaica de **por** + **o(s);**

côa, côas (v. coar), diferentes de **coa, coas** (contração de **com** + **a(s);**

quê (quando tônico), **que** (quando átono);

III - Verbos ter e vir (e derivados)

— êm ⇒ 3ª pessoa plural

ATENÇÃO

~~êem~~ não ocorre.

Os verbos TER, VIR e derivados escrevem-se com — ÊM na **3ª pessoa do plural** do presente do indicativo. As demais pessoas desses verbos ficam sujeitas à regra das oxítonas e dos monossílabos.

Observe o quadro:

2ª pessoa singular: TU tens — vens — deténs — manténs — obténs
3ª pessoa singular: ELE tem — vem — detém — mantém — obtém
3ª pessoa plural: ⇒ ELES têm - vêm - detêm - mantêm - obtêm

IV - Dar - ler - crer - ver (e derivados)

— êem ⇒ 3ª pessoa plural

ATENÇÃO

~~êm~~ não ocorre.

DAR, VER, LER, CRER e derivados (reler, descrer, rever, antever, etc.) possuem — ÊEM na 3ª pessoa do plural: que eles dêem, eles lêem, eles crêem, eles vêem, eles relêem, eles descrêem, etc.

Nota: Todos esses verbos já na 2ª e 3ª pessoa do singular possuem acento, conforme regra das oxítonas e monossílabos tônicos: tu lês, ele lê, tu revês, ele revê, etc.

Observe o quadro:

2ª pessoa singular:
TU dês — crês — lês — vês — descrês — revês

3ª pessoa singular:
ELE dê — crê — lê — descrê — revê

3ª pessoa plural:
⇒ ELES dêem - crêem - lêem - descrêem - revêem

Exercícios

6) Coloque acento, quando necessário:

- Ele não para de por o pe onde não deve po-lo.
- Vou propor que todos saibam as regras de cor.
- Se voce ontem pode, ela hoje tambem pode.
- O polo não contem girafas e elefantes: so pinguins, focas, morsas, etc.
- Pelo que vejo, pelas os pelos do animal mais depressa do que eu pelo o pelo do animalzito. E que pelas pelos metodos mais dificeis.
- O polo voa ao polo sul sem molhar os pelos, pois os polos não tem pelos e, sim, penas.
- Uma pera para o polo? Não! Mas porção de peras atiradas, com certeza, param-no. Para ou não para?!
- “Pera ai!” disse o tabareu.
- Os pores-de-sol nos Polos Sul e Norte são magnificos.
- Pelo amor de Deus, hem!
- Eu pelo o pelo do gato pela perna; ela pela pelo rabo.
- O polo não voa ao polo para jogar polo aquatico, porque e um as no jogo de cartas.
- O por-do-sol não pela ninguem, pois o sol, pelo jeito, não e forte.

Ortoépia (ou ortoepia)

Chama-se **ortoepia** a parte da gramática que trata da correta pronúncia dos fonemas.

Observe a diferença de timbre das vogais dos vocábulos abaixo.

TIMBRE ABERTO: (´)

- abr**o**lhos (= dificuldades)
- m**o**lho (= feixe)

c**o**ldre

obsol**e**to

d**o**lo (= má-fé)

co**e**so (= coerente)

refr**e**ga (= luta)

gr**e**lha (= grade de ferro para assar)

tr**o**pos (= figuras)

co**e**vo (= coetâneo)

ant**o**lhos (= pala)

ob**e**so

col**e**ta

cicl**o**pe (= gigante)

par**e**dro (= diretor)

l**e**rdo (= lento)

inod**o**ro (= sem odor)

- m**o**rna

pand**o**ra (= instr. mus.; person. mitol.)

TIMBRE FECHADO: (^)

- abr**o**lho

ambid**e**stro

alc**o**va

camion**e**ta(te)

- m**o**lho (= caldo)

ch**o**ldra (= bando)

f**e**cha

c**o**rça (= fêmea do veado)

f**o**ro (= jurisdição)

grum**e**te (= marinheiro)

cr**e**bo (= freqüente)

enxaqu**e**ca

d**e**stra (= a mão direita)

d**e**stro (= direito; ágil)

cereb**e**lo

r**o**uba

fest**e**ja

c**o**rso (= da Córsega; cardume de sardinhas)

t**o**rpe (= desonesto)

cr**o**sta

filantr**o**po

- m**o**rno

extra

contr**o**le (subst.)

Ant**ô**nio

corb**e**lha

solf**e**jo (= exercício musical)

bad**e**jo (= peixe)

Observação:

suor	(ô ou ó)
ileso	(ê ou é)
ignoto	(ô ou ó)

METAFONIA: é a mudança de timbre fechado no singular para aberto no plural, que acontece com algumas palavras:

Exemplos: caroços, mornos, socorros, miolos, tijolos, fornos, impostos, postos, desportos, abrolhos.

Exercícios

7) Preencha os parênteses, de acordo com as opções abaixo:

(1) timbre aberto (2) timbre fechado

( ) tropos
( ) corvos
( ) rogos
( ) caolhos
( ) logros
( ) esforços
( ) postos
( ) ileso
( ) refrega
( ) coldre
( ) poço
( ) poços
( ) fornos
( ) espelha

( ) miolos
( ) ignoto
( ) fecha
( ) esposos
( ) corpos
( ) impostos
( ) repolhos
( ) fossos
( ) canoros
( ) grelha
( ) reforços
( ) destroços
( ) algoz
( ) dolo

( ) obeso
( ) coevo
( ) caroços
( ) gostos
( ) desportos
( ) cerebelo
( ) ciclope
( ) badejo
( ) obsoleto
( ) fornos
( ) algozes
( ) fecho
( ) pelejo
( ) planeja

Prosódia

Chama-se **prosódia** a parte da gramática que trata da correta acentuação dos vocábulos. Ao erro de prosódia, dá-se o nome de **silabada.**

SÃO OXÍTONOS:

condor
Nobel
ruim
hangar
Cister
Gibraltar
novel

sutil
reféns
mister
obus
ureter
refém
recém

SÃO PAROXÍTONOS:

avaro
batavo
decano
erudito
fluido
gratuito
inaudito
maquinaria
pegada
refrega
tulipa
necropsia
aziago
caracteres
díspar
exegese (interpretação)
fortuito
Hungria
autópsia
libido
meteorito
policromo
rubrica
boêmia = boemia
têxteis
barbaria (barbárie)
ciclope
efebo (ê = moço)
filantropo
grácil
ibero
látex
misantropo
(im)pudico
têxtil
estratégica
sinonímia

SÃO PROPAROXÍTONAS

aerólito (meteorito)
álibi (lat.)
aríete (máquina de guerra antiga)
chávena
égide (proteção)
hégira (fuga)
lêvedo
prófugo (desertor)
revérbero (reflexo)
trânsfuga (desertor)
alcoólatra
aeróstato (balão)
amálgama
arquétipo (modelo)
bímano
cotilédone (folhas embrionárias)
fac-símile (reprodução)
ímprobo (desonesto)
Niágara
protótipo (modelo)
sátrapa (déspota)
zéfiro (vento suave)
bátega (aguaceiro)
álcali
anátema (excomunhão)
azáfama (barulho)
bólido (— e)
éolo
habitat (lat.)
ínterim
ômega
quadrúmano
Támisa
crisântemo
gárrulo (tagarela)

Dupla prosódia

Para alguns vocábulos há, mesmo na língua culta, oscilações de pronúncia:

áfono/afono
acrobata/acróbata
anidrido/anídrido
homilia/homília
Oceania/Oceânia
ortoepia/ortoépia
projetil/projétil
reptil/réptil
soror/sóror
zangão/zângão
colmeia/colméia
cátion/ catíon/ cation
ânion/anion
xerox/xérox
boemia/ boêmia

Exercícios

8) Preencha os parênteses, de acordo com as opções a seguir, e acentue convenientemente os vocábulos:

(1) Oxítono (2) Paroxítono (3) Proparoxítono

( ) maquinaria
( ) refem
( ) quiromancia
( ) levedo
( ) bavaro
( ) inaudito
( ) vermifugo
( ) ruim
( ) pleiade
( ) zenite
( ) interim
( ) crisantemo
( ) Cister
( ) masseter
( ) hangar
( ) etiope
( ) omicron
( ) azimute
( ) antifrase
( ) alacre
( ) recem
( ) Tamisa
( ) Niagara
( ) fac-simile

9) Acentue graficamente as palavras. Se surgirem dúvidas, recorra ao dicionário:

1) O decano da nossa congregação, alem de erudito, é o prototipo do filantropo.

2) Um dos conjuges era bigamo e apostata.

3) Por ser avaro e impudico, todas o evitavam.

4) Não consegui decifrar a rubrica da professora.

5) Tenho a honra de representar a Direção neste agape.

6) Os refens, transidos de medo, assistiam ao exodo da população.

7) Ele vem de longe.

8) Eles vem de longe.

9) O delegado mantem o preso incomunicavel.

10) Os delegados mantem os presos incomunicaveis.

11) Os olhos não veem a Deus senão atraves das lagrimas.

12) A estrategia adotada pelo comandante salvou o exercito.

13) O cemiterio é a antecamara do ceu; mas é forçoso admitir que e um vestibulo sujo e repugnante, por mais formosa que seja a vida a que nos conduz.

14) A ideia de liberdade gera herois.

15) O acrobata caiu do trapezio como uma bolide.

16) De nectar e de ambrosia alimentavam-se os deuses.

17) Averiguem se isto esta no ambito das minhas atribuições.

18) Ha pessoas tão obcecadas pela prudencia que, para evitar um erro pequenissimo, transformam toda a sua vida em um erro.

19) Cidadãos inclitos eram os lidimos representantes da terra.

20) Observemos ao microscopio estes especimens de tulipas.

Questões discursivas

1. (FAAP-SP) Justifique a presença e a ausência da acentuação gráfica nos seguintes vocábulos:

a) véu: ....

....

b) contrário: ....

....

c) licenciosas: ....

....

2. (FEI-SP) Reescreva, acentuando-os corretamente, os vocábulos em que sejam necessários os sinais de acentuação:

a) No cerebro fervilhavam-lhe ideias originais que ele anotava a lapis nos papeis com que recheava os bolsos.

....

....

....

....

b) Atras daquele aspecto austero, escondia-se um observador sutil e ironico.

....

....

....

3. (FEI-SP) Reescreva as palavras a seguir, colocando o acento gráfico conveniente:

a) perdoo ....

b) orfã — ....

c) filantropo — ....

d) textil — ....

4.(FAAP-SP) Justifique a presença ou ausência de acentuação gráfica nos seguintes vocábulos:

próprio: ....

....

Caramuru: ....

....

portuguesa: ....

....

poderá: ....

....

5. (FUVEST) No texto a seguir há palavras em que se omitiu o acento gráfico. Destaque-as e justifique a acentuação: «As pessoas presentes na assembleia receberam vários itens do programa e a incumbencia de analisa-los e difundi-los junto aos orgãos públicos.»

Resposta: ....

....

....

....

6. (FEI-SP) Justifique a acentuação gráfica das seguintes palavras:

a) suíça — ....
....
....

b) àquela — ....
....
....

7. (FUVEST) Transcreva o texto, acentuando corretamente os vocábulos, cujos acentos foram omitidos:

«De um rir irado, estridulo e sardonico
Que, como a seta, me transpasse as fibras;
De um rir danado, que me inspira furias,
as vezes gosto.»
(Junqueira Freire, **«Nem Sempre».**)

8. (FEI-SP) Reescreva as palavras a seguir, colocando o acento gráfico adequado, quando for o caso:

a) miosotis — ....
b) cafeina — ....
c) tainha — ....
d) retribuirdes — ....

9. (PUC-MG) Complete de acordo com o modelo:

MODELO: Eu creio; **eles crêem**.
a) Eu leio; eles ....
b) Eu vejo; eles ....
c) Eu dou; espero que eles ....
d) Eu releio; eles ....
e) Eu revejo; eles ....
f) Eu provejo; eles ....
g) Eu provenho; eles ....

10. (UEMA) Acentue:

a) feri-lo-iamos
b) canta-la-ieis
c) compo-la
d) vende-lo
e) retribui-lo

11) (PUC-MG) Siga o modelo:

Eu faço **porque eles fazem**.
Tu manténs ....
....

Testes

1. (UFPR) Assinale a alternativa em que todos os vocábulos são acentuados por serem oxítonos:

a) paletó, avô, pajé, café, jiló.
b) parabéns, vêm, hífen, saí, oásis.
c) vovô, capilé, Paraná, lápis, régua.
d) amém, amável, filó, porém, além.
e) caí, aí, ímã, ipê, abricó.

2. (UFPR) Qual a alternativa que tem erro de acentuação?

a) também, lápis, café, pá.
b) repórter, álbum, órfãs, móveis.
c) austéro, cônsul, éter, fácil.
d) lêem, caíste, sérias, papéis.
e) heroína, país, saúde, compôs.

3. (UFPR) Assinale a série em que um vocábulo apresenta erro de acentuação gráfica:

a) arcaico, saúva.
b) álbum, dáveis.
c) argúi, adail.
d) egoísta, rouxinóis.
e) reune, cairdes.

4. (PUC-PR) Quanto à acentuação:

1. vôo, pessoa, amêndoa, garoa.
2. guarani, urubu, álbuns, lápis.

3. caracteres, cadáver, açúcar, raiz.

4. desdém, troféu, baú, júri.

5. jovem, nuvem, éden, órfão.

a) Estão corretas 1 e 4.

b) Estão corretas 2 e 5.

c) Está correta somente a 3.

d) Todas estão corretas.

e) Nenhuma está correta.

5. (PUC-PR) Assinale a opção que preencha corretamente os pontilhados:

1. Querer, eles querem.

2. Ler, eles ....

3. Ter, eles ....

4. Crer, eles ....

5. Vir, eles ....

6. Ver, eles ....

a) lêem, têem, crêem, vêem, vêem

b) lêm, têm, crêm, vêm, vêm

c) lêm, tem, crêm, vem, vêm

d) lêem, tem, crêem, vem, vêem

e) lêem, têm, crêem, vêm, vêem

6. (UFBA) Nas séries a seguir, só numa aparece(m) erro(s) quanto à acentuação gráfica. Assinale-a:

a) ímã — afavelmente — Luís — Nélson — Garibáldi.

b) cônjuge — atue — dândi — miúdo.

c) Inês — coa (forma verbal) — colibri — Jundiaí.

d) ruína—bainha—dendê.

e) cafeísta — íeis — papeizinhos — cafezal.

7. (ITA-SP) Dados os vocábulos:

1. puni-los

2. instruí-los

3. fosse

constatamos que está(estão) devidamente acentuado(s):

a) apenas o vocábulo nº 1.

b) apenas o vocábulo nº 2.

c) apenas o vocábulo nº 3.

d) todos os vocábulos.

e) n.d.a.

8. (ITA-SP) Dadas as palavras:

1. arguição

2. eloquente

3. cinquenta

constatamos que o **trema** é obrigatório:

a) apenas na palavra nº 1.

b) apenas na palavra nº 2.

c) apenas na palavra nº 3.

d) em todas as palavras.

e) n.d.a.

9. (OBJ-SP) As palavras pegada, novel, pudico **e** ibero **são, pela ordem:**

a) paroxítona, oxítona, paroxítona, paroxítona.

b) proparoxítona, paroxítona, proparoxítona, proparoxítona.

c) oxítona, proparoxítona, paroxítona, paroxítona.

d) paroxítona, oxítona, proparoxítona, proparoxítona.

e) proparoxítona, oxítona, paroxítona, proparoxítona.

10. (FUVEST) «O conceito de «certo» e de «errado» em linguagem, longe de ser algo arbitrario e pessoal, e qualquer coisa de solido, definido e definivel.

"Erro e o que destoa da tradição, dos habitos linguisticos de uma comunidade; acerto e o que afina com tais habitos, o que se liga com uma tradição e a continua.»

(Gladstone Chaves de Melo)

No texto acima faltam:

a) 9 acentos agudos, 2 acentos circunflexos e 2 tremas.

b) 8 acentos agudos e um trema.

c) 9 acentos agudos e um trema.

d) 7 acentos agudos e um trema.

e) 3 acentos circunflexos, 9 acentos agudos e 2 tremas.

Verbete: Para resolver as questões 11 a 15, assinale as alternativas e some seus valores.

11. (PUCCAMP-SP) Tal como seqüência**, são igualmente pronunciadas todas as palavras:**

1. equilátero, quinquênio, equidistante, antiquíssimo.

2. equivalente, sanguinário, liquidação, inquirir.

4. aniquilar, liquidez, questionar, distinguir.

8. extinguir, sanguíneo, séquito, equivalência.

16. equivalência, aniquilar, sanguinário, quinquênio.

32. quinquagésimo, liquidificador, equino, equestre.

64. equinócio, equídeo, equidade, distinguido.

12. (UNAMA) Todas as palavras são acentuadas por serem paroxítonas:

1. impossível, magnólia, amá-lo, éter.

2. também, polén, suéter, caráter.

4. pátio, vôo, vírus, tórax.

8. Bíblia, gérmen, jóia, sacrifício.

16. íon, carnaúba, biquíni, dicionário.

32. líquen, têxtil, têxteis, grácil.

13. (UFPA) Todas as palavras devem ser acentuadas:

1. latex, refrega, interim, equilibrio.

2. voo, magia, aerolito, rubrica.

4. fluido, torax, enxovia, hifen.

8. hifens, ion, portugues, mes.

16. atraves, levedo, omega, mormon.

32. fregues, armazens, neutron, bainha.

64. miudo, ritmico, germen, crisantemo.

14. (UFBA) Os acentos foram, aqui, abolidos. Assinale as alternativas que só contêm paroxítonas:

1. Niagara, epopeia, Hungria, rua.

2. tulipa, pudico, refrega, filantropo.

4. chavena, ciclope, erudito, magoo.

8. ibero, batavo, dispar, bavaro.

16. caracteres, aziago, libido, rubrica.

32. decano, meteorito, util, filantropo.

64. logaritmo, herbivoro, equipagem, pajem.

15. (UNIFOR-CE) As alternativas em que uma palavra não deve receber acento gráfico:

1. álcool, Piauí, parabéns, pólens.

2. também, egípcio, náufrago, magôo.

4. obliqúe, jesuíta, Luísa, díspar.

8. uretér, aerólito, ânsia, pessôa.

16. jibóia, bônus, troféu, abençôe.

32. crânio, xadrêz, cortês, cáfila.

16. (UFBA) Há variantes prosódicas em algumas palavras. Assinale a única série de variantes NÃO aceita oficialmente.

a) ortoépia/ortoepia — projétil/projetil.

b) acrobata/acróbata — réptil/reptil.

c) antiguidade/antigüidade — homília/homilia.

d) colméia/colmeia — Oceânia/Oceania.

e) boêmia/boemia — distingüir/distinguir.

17. (PUC-PR) Dadas as afirmações:

1. Tem timbre aberto a vogal tônica de Inodoro e Suor.

2. Tem timbre fechado a vogal tônica de Filantropo, Torpe e Suor.

3. A palavra Sublinhar pronuncia-se Sub-li-nhar.

4. Tem timbre fechado a vogal tônica de Filantropo e Torpe, e a palavra Sublinhar pronuncia-se Sub-linhar.

5. A palavra Sublinhar pronuncia-se Sublinhar.

Estão corretas apenas:

a) 1, 3 e 4
d) 2 e 5
b) 1 e 5
e) 1 e 3
c) 2 e 4

18. (ACAFE-SC) Assinale a opção em que todos os substantivos, quando no plural, apresentam mudança de timbre da vogal tônica, conforme acontece com tijolo (ô) / tijolos (ó):

a) olho, cachorro, rosto.

b) ovo, esforço, bolo.

c) esgoto, gosto, povo.

d) osso, piolho, posto.

e) imposto, reforço, caroço.

19. (UNAMA) Eleja o item em que a acentuação das palavras não decorre da mesma regra ortográfica:

a) régias – Amazônia

b) construída – índios

c) empossá-los – José

d) séquito – Óbidos

20. (ITA-SP) Assinale a alternativa cujas palavras devem ser graficamente acentuadas, respectivamente, pelas mesmas regras de «feiuras, apazigue, paranoico, texteis, interim»**:**

a) Adail, enxague, heroico, orfão, homografas;

b) ruidos, averiguem, caracoizinhos, fosseis, bramane;

c) juizes, frequente, bachareis, ben-çãos, pudico;

d) substituidas, arguem, escarceu, nevoa, bigamo;

e) baus, apaziguemos, onomatopeico, alcoois, biotipo.

Respostas da unidade 3 — Acentuação gráfica

Exercícios — págs. 22- 25

1) — indelével – éter – ímpar – pênsil – baú – vinténs. o sabiá – ela é uma sábia.
mês – pôs – Vênus – abdômen – manténs – íon – íons – bílis – lilás – vírus – flúor – íngreme – tímido – quadrúpede – década.
vês – nós.

2) — idéia – dói – eu apóio – jóia – céus.
quartéis - faróis – revôo – a mágoa – níqueis – o réis.

3) — ataúde – graúdo – saúva – eu saí – eu intuí - faísca– jesuíta – sanduíche – feiúra – tajaí.

4) — tranqüilidade – agüenta – seqüência – qüinqüênio – qüinquagésimo – lingüiça – liqüido (ou liquido) – sangüinário (ou sanguinário) – agüente – líqüido (ou líquido) – qüingentésimo.

5) — agüemos – bilingüismo – apropinqüei – apazigúe – ele argúi – eu argüi – averigúem – qüinqüídio – eloqüente – qüinquagenário – cinqüenta – liqüidificador (facult.) eqüilátero (facult.) – eqüidade (facult.) – eqüivalente (facult.).

6)

— Ele não pára de pôr o pé onde não deve pô-lo.

— Vou propor que todos saibam as regras de cor.

— Se você ontem pôde, ela hoje também pode.

— O pólo não contém girafas e elefantes: só pingüins, focas, morsas etc.

— Pelo que vejo, pélas os pêlos do animal mais depressa do que eu pélo o pêlo do animalzito. É que pélas pelos métodos mais difíceis.

— O pôlo voa ao pólo sul sem molhar os pêlos, pois os pôlos não têm pêlos e, sim, penas.

— Uma pêra pára o pôlo? Não! Mas uma porção de peras atiradas, com certeza, param-no. Pára ou não pára?!

— «Pera aí» disse o tabaréu.

— Os pores-de-sol nos Pólos Sul e Norte são magníficos.

— Pelo amor de Deus, hem!

— Eu pélo o pêlo do gato pela perna; ela péla pelo rabo.

— O pôlo não voa ao pólo para jogar pólo aquático, porque é um ás no jogo de cartas.

— O pôr-do-sol não péla ninguém, pois o sol, pelo jeito não é forte.

7)

(1)	(1)	(1)
(1)	(1/2)	(1)
(1)	(2)	(1)
(1)	(2)	(2)
(2)	(1)	(1)
(1)	(1)	(2)
(1)	(2)	(1)
(1/2)	(1)	(1)
(1)	(1)	(1)
(1)	(1)	(1)
(2)	(1)	(2)
(1)	(1)	(1)
(1)	(2)	(2)
(2)	(1)	(2)

Exercícios — pág. 26

8)

(2) maquinaria	(3) plêiade	(3) ômicron
(1) refém	(3) zênite	(2) azimute
(2) quiromancia	(3) ínterim	(3)antífrase
(3) lêvedo	(3) crisântemo	(3) álacre
(3) bávaro	(1) Cister	(1) recém
(2) inaudito	(1) masseter	(3) Tâmisa
(3) vermífugo	(1) hangar	(3) Niágara
(1) ruim	(3) etíope	(3) fac-símile

9)

1) além, protótipo.
2) cônjuges, bígamo, apóstata.
5) ágape.
6) reféns, êxodo.
8) vêm.
9) mantém, incomunicável.
10) mantêm, incomunicáveis.
11) vêem, através, lágrimas.
12) estratégia, exército.
13) cemitério, antecâmara, céu, é, vestíbulo.
14) idéia, heróis.
15) acróbata (facult.), trapézio, bólide.
16) néctar.
17) averigúem, está, âmbito.
18) Há, prudência, pequeníssimo
19) ínclitos, lídimos, Bolívar.
20) microscópio, espécimens

Questões discursivas — pág. 27

1) a) ditongo aberto «eu».
   b) paroxítona terminada em ditongo «io».
   c) não se acentua paroxítona em «a(s)».
2) a) cérebro - idéias - lápis - papéis
   b) atrás - irônico
3) a) perdôo b) órfã c) filantropo
   d) têxtil
4) a) parox. terminada em dit. cresc. «io».
   b) não se acentua oxít. em «u».
   c) não se acentua paroxít. em «a».
   d) oxítona terminada em «a».
5) assembléia - dit. aberto «éi».
   incumbência - paroxít. em DC «ia».
   analisá-los - oxítona em «a».
   órgãos - paroxít. terminada em dit. «ão(s)».
6) a) «i» tônico, isolado, formando hiato.
   b) crase da prepos. «a» com pron. demonstr. «aquela».
7) estrídulo - sardônico - fúrias - às.

8) a) miosótis b) cafeína c) tainha
d) retribuirdes

9) a) lêem b) vêem c) dêem
d) relêem e) revêem f) provêem
g) provêm

10) a) feri-lo-lamos b) contá-la-leis c) compõ-la
d) vendê-lo e) retribuí-lo

11) porque eles mantêm.

Testes — pág. 28

1) a
2) c
3) e
4) d
5) e
6) c
7) d
8) d
9) a
10) c
11) 33
12) 36
13) 80
14) 50
15) 49
16) e
17) a
18) e
19) b
20) d

Curso Completo de Português

Prof. Fernando Pestana

(Autor do livro “A Gramática para Concursos Públicos”)

Morfologia

1. Estrutura e processo de formação de palavras: morfemas (radical, afixos, desinências, vogal temática, letra de ligação).

2. Classes de palavras (classes gramaticais): substantivo, adjetivo, artigo, pronome, numeral, verbo (variáveis); advérbio, preposição, conjunção, interjeição (invariáveis).

FOCA
NA
GRAMÁTICA

Clams
FERNANDO PESTANA
A Gramática para Concursos Públicos

26

Valores e Funções do SE e do QUE

Valores e funções do se

Classe gramatical

Morfologicamente pode ser:

a) Conjunção subordinativa condicional ou causal	
• quando indicar condição, podendo ser substituído por caso.	Sairei, se não chover. (**Caso** não chova.)
• quando indicar causa, podendo ser substituído por **já que, visto que**.	**Se** não me auras, só me resta partir. **(Visto que** não me auras...)

b) Conjunção subordinativa integrante	
• quando inicia uma oração que completa o sentido de outra, podendo ser substituído por **que**.	Diga-me **se** você vai sair.

c) Pronome oblíquo reflexivo	
• quando você puder substituí-lo por outro pronome oblíquo.	Pedro **se** cortou. Pedro **me** cortou.

Funções sintáticas

1. **Quando o sujeito for ANIMADO**, será:

Objeto direto (OD)	Reflexivo Recíproco
se você puder substituí-lo por: **o menino**.	Pedro **se** cortou. Pedro cortou o menino.

Objeto indireto (OI)	
se você puder substituí-lo por: **ao menino**.	Pedro dá-**se** muita importância. Pedro dá ao menino muita importância.

Partícula expletiva (PE) (ou de Realce)	
se não forem possíveis as substituições anteriores, podendo ser retirado da oração sem alterar o sentido.	Pedro foi-**se** embora Pedro foi embora.

2. **Quando o sujeito for INANIMADO**, será:

Partícula apassivadora (PA)	
se você puder passar a oração para a voz passiva analítica (ser + particípio).	A porta **se** abriu A porta **foi** aberta.

Partícula expletiva (PE)	
se você não puder fazer a transformação.	A porta foi-**se aos ares**. A porta foi **aos ares**.

3. **Não havendo SUJEITO**, será:

Partícula de indeterminação do sujeito (PIS)	
desde que você descubra a inexistência do sujeito, após ter feito as duas perguntas.	Vive-se bem no Brasil. Come-se bem aqui. Precisa-se de operários.

4. **Com verbo pronominal ESSENCIAL**, será:

Parte integrante do verbo	
se você descobrir que o verbo é pronominal essencial.	Pedro se arrependeu. A professora zangou-**se**.

Obs.: **Verbo pronominal essencial** é aquele que se conjuga, obrigatoriamente, com os pronomes oblíquos: abster-se, arrepender-se, orgulhar-se, zangar-se (o sujeito não pode exercer a ação sobre outro ser).

5. **Sujeito de infinitivo**

A colocação do sujeito de um infinitivo na forma oblíqua, constitui com este o objeto direto da oração finita.	O vigário deixou-se estar à porta da igreja.

Valores e funções do que

De acordo com o contexto em que se encontra, a palavra que apresenta diversos **valores morfológicos** e diversas funções sintáticas.

Classe gramatical

Morfologicamente pode ser:

- **Substantivo:**

Ela tem um quê diferente.

- Pronome adjetivo indefinido:

Que dinheiro gasto à toa!

- Pronome adjetivo interrogativo:

Que livro é esse?

- Pronome substantivo interrogativo:

Que guardas na valise?

- Pronome substantivo indefinido:

Ele me disse não sei o quê.

- Pronome relativo:

É bonito ver as crianças que brincam.

- Advérbio de intensidade:

Que belo está o dia hoje!

- Preposição:

Temos que solucionar o caso.

- Interjeição:

Quê! Você já acabou?

- Partícula expletiva ou de realce:

Nós **que** sabemos como é difícil.

- Conjunção integrante:

Observe: Nosso colega afirma que não voltará mais.

(que vem depois do verbo declarativo)

- Conjunção causal:

Observe: Coloquei um agasalho que está frio.

(que tem valor de **porque)**

- Conjunção temporal:

Observe: Logo que recebeu o recado, saiu.

(que tem valor de **quando)**

- Conjunção final:

Observe: Fiz preces que nossos amigos sejam aprovados.

(que tem valor de **para que)**

- Conjunção concessiva:

Observe: Difícil que fosse o problema, nós teríamos resolvido.

(que tem valor de **embora)**

- Conjunção comparativa:

Observe: Leonardo é mais velho que Juliana.

(que vem com **mais)**

- Conjunção consecutiva:

Observe: Falei tanto que fiquei rouco.

(que vem com **tanto)**

- Conjunção aditiva:

Observe: Chove que chove continuamente.

(que tem valor de **e)**

- Conjunção adversativa:

Observe: Outro, que não eu, irá à reunião.

(que tem valor de mas)

Funções sintáticas

Costume-se dar ênfase especial ao que, pronome relativo, devido às várias funções que ele pode desempenhar na oração, a que já foram estudadas anteriormente.

Recordando:

Pare descobrir a função sintática do **que, pronome relativo,** basta substituí-lo pelo antecedente a que se refere.

EXEMPLO:
Encomendei os mantimentos de que temos necessidade.
1ª oração: Encomedei os mantimentos
2ª oração: de que temos necessidade
Antecedente: mantimentos
Substituição: Temos necessidade dos mantimentos.
(dos mantimentos = complemento nominal)
Função do «de que»: complemento nominal

Exercícios

1) Indique o valor morfológico do «que», de acordo com o seguinte código:

a) pronome substantivo indefinido;

b) pronome adjetivo indefinido;

c) conjunção coordenativa;

d) conjunção subordinativa;

e) pronorne relativo.

1. ( ) Seja um deles, que não eu.

2. ( ) Que boatos incômodos!

3. ( ) Disseram-lhe que esperasse sentado.

4. ( ) Todos sabem o motivo por que ele não compareceu.

5. ( ) Não se sabe de que é feito isso.

2) Indique o valor morfológico do «que» nas orações abaixo:

1. Ele decidiu não se sabe bem o quê.

Resp.: ....

2. Que pretende ele com essas palavras?

Resp.: ....

3. Ele confundiu o meu quê com um gê.

Resp.: ....

4. Que horrendo acidente vimos!

Resp.: ....

5. Eu que trabalho, ele que colhe os frutos.

Resp.: ....

6. Que morenas bonitas!

Resp.: ....

7. Que alegres estamos hoje!

Resp.: ....

8. Diga-lhe o que é que houve.

Resp.: ....

9. Veio tão rápido, que nos surpreendeu.

Resp.: ....

10. O relógio que está na sala é antigo.

Resp.: ....

11. Quê!? Ele não te recebeu!?

Resp .: ....

12. Pode entrar, que a casa é sua.

Resp.: ....

13. Leva-se que tempo daqui à casa dos teus pais?

Resp.: ....

14. Afinal, que decisão tomastes?

Resp.: ....

15. O certo é que a melhor equipe vencerá.

Resp.: ....

3) Indique a função sintática do «que», de acordo com o seguinte código:

a) sujeito;

b) objeto direto;

c) objeto indireto;

d) predicativo;

e) complemento nominal.

1. ( ) O fins a que visa o ensino é o progresso do homem.

2. ( ) O artilheiro que o julgaram ser não se revelou na nossa equipe.

3. ( ) À janela, que dava para o mar, assomavam todos.

4. ( ) A prova de que tenho mais receio é a de Matemática.

5. ( ) Os exames que terá pela frente não o assustam.

4) Dê a função sintática do «que» nas orações abaixo:

1. Vi uma gaivota que sumiu no horizonte.

Resp.: ....

2. As maçãs que colhi estavam maduras.

Resp.: ....

3. Aquele que pareces ser não és.

Resp.: ....

4. O cargo a que aspiras está vago.

Resp.: ....

5. Observou calmamente a cobra que se enrolara para o bote.

Resp.: ....

6. Não encontrei o poema a que fizeste referência.

Resp.: ....

7. Admirávamos a clareza com que expunha suas idéias.

Resp.: ....

8. Dedico-lhe o mesmo amor que teria por um filho.

Resp.: ....

9. Você sabe o que é acordar antes dos galos?

Resp.: ....

10. Era imensa a euforia do que estávamos possuídos.

Resp.: ....

11. Serão menores os impostos sobre as terras que foram cultivadas.

Resp.: ....

12. A carta por que estava ansioso acaba de chegar.

Resp.: ....

13. Devemos agradecer a atenção com que ele se manifestou.

Resp.: ....

14. Perdeu o único aliado a que se unira.

Resp.: ....

15. Estavam assustados com a enxurrada que inundara a cidade.

Resp.: ....

16. Tratamos do assunto de que te falamos.

Resp.: ....

17. De vez em quando passava uma fagulha que a chaminé da locomotiva botava.

Resp.: ....

5) Faça a correlação, de acordo com as seguintes opções:

a) Objeto direto;

b) Objeto indireto;

c) Pronome apassivador;

d) Índice de indeterminação do sujeito;

e) Partícula expletiva ou de realce.

1. ( ) Aqui **se** vive tranqüilo.

2. ( ) Ergueu-**se** acima da multidão.

3. ( ) Passaram-**se** vários anos.

4. ( ) Pedro enxugou-**se** com muita pressa.

5. ( ) As dívidas iam-**se** acumulando.

6. ( ) Ela atribui-**se** uma culpa que não tem.

6) Dê a função sintática do «se», e, na falta desta, outra classificação.

1. Ele **se** ocultou entre as folhagens.

Resp.: ....

2. Meus sonhos adolescentes foram-**se** embora.

Resp.: ....

3. Isto **se** chama falta de camaradagem.

Resp.: ....

4. Assista-**se** às boas aulas.

Resp.: ....

5. Evitem-**se** as más companhias.

Resp.: ....

6. Enquanto **se** é jovem, as responsabilidades são poucas.

Resp.: ....

7. Chegarei cedo, **se** encontrar condução.

Resp.: ....

8. O prisioneiro viu-**se** escapar.

Resp.: ....

9. À saída da capela, ajoelhou-**se** mais uma vez.

Resp.: ....

10. Ele sempre se pergunta isso.

Resp.: ....

7) Use o código abaixo:

a) partícula apassivadora (PA).

b) partícula de indeterminação do sujeito (PIS).

c) partícula expletiva (PE).

d) objelo direto (OD).

e) objeto indireto (OI).

f) conectivo subordinante (CS).

g) parte integrante do verbo (PIV).

1. ( ) Por aqui não SE cruza mais.

2. ( ) Passou-SE a ponte.

3. ( ) Passou-SE pela ponte.

4. ( ) Nossos amigos orgulham-SE de estudar no Dom Bosco.

5. ( ) Cortam-SE as árvores.

6. ( ) No Dom Bosco SE aprende Português.

7. ( ) Falava-SE em guerras.

8. ( ) Vocês SE lavaram este mês?

9. ( ) Ama-SE a paz.

10. ( ) Ama-SE à paz.

11. ( ) SE gritares, mordo-te!

12. ( ) Foi-SE a última esperança.

13. ( ) Foi-SE a uma festa.

Testes

1) (UFPR) Qual é a função do se em «Não sei se ela vem»?

a) conjunção subordinativa condicional.

b) conjunção subordinativa integrante.

c) partícula expletiva (de realce).

d) pronome pessoal.

e) conjunção subordinativa concessiva.

2) (UEPG-PR) Classifique o «se» na oração: «Ele queixou-se dos maus-tratos recebidos.»

a) parte integrante do verbo.

b) conjunção condicional.

c) pronome apassivador. PA

d) símbolo de indeterminação do sujeito. PIS

e) conjunção integrante.

3) (PUC-SP) Na oração «O ilustre deputado arrogou-se o direito de discordar...», o pronome SE exerce a função de:

a) objeto indireto.

b) objeto direto.

c) adjunto adnominal.

d) partícula de realce.

e) partícula apassivadora.

4) (UFSC) No período, «Avistou o pai, que caminhava para a lavoura», a palavra «que» classifica-se morfologicamente como:

a) conjunção subordinativa integrante.

b) conjunção subordinativa final.

c) pronome relativo.

d) partícula expletiva.

e) conjunção subordinativa causal.

5) (UNAMA) «Mas não precisa de correr, que não é sangria desatada...» Classifica-se, exatamente, a palavra sublinhada, como:

a) pronome relativo, sujeito de «é».

b) conjunção integrante, conectivo.

c) conjunção concessiva, conectivo.

d) pronome indefinido, sujeito de «é».

e) conjunção explicativa, conectivo.

6) (UEPG-PR) Qual a função sintática? Não quero QUE você se aborreça por isso.

a) objeto direto.

b) sujeito simples.

c) conectivo subordinativo integrante.

d) objeto indireto.

e) conectivo subordinativo consecutivo.

7) (UFPE) Indique o período em que o «se» funciona como sujeito:

a) Lutou-se bravamente

b) Agitam-se as ondas do mar.

c) A moça sentiu-se desfalecer lentamente.

d) Sabe-se que hoje não mais choverá.

e) Esses homens se odeiam.

8) (UFSCAR-SP) Na oração: «Tem-se a vaga impressão de que eles não receberam o recado...», o «se» exerce a função de:

a) partícula apassivadora e «impressão» é sujeito.

b) é índice de indeterminação do sujeito.

c) é expletivo e «impressão» é objeto direto de espontaneidade.

d) objeto direto reflexivo.

e) partícula idiomática.

9) (UFV-MG) Em todos os itens o pronome SE é apassivador, EXCETO:

a) Sabe-se que ele é honesto.

b) Organizou-se, ontem, esta prova.

c) Não se deverá realizar mais a festa.

d) Nada mais se via.

e) Assistiu-se à cerimônia inteira.

10) (CESGRANRIO)

Mas se tu queres
Melhor morada,
Vem, minha amada,
Que eu te dares.

O termo destacado em «**que** eu te darei» **é:**

a) conjunção explicativa.

b) conjunção conclusiva.

c) pronome relativo.

d) conjunção final.

e) conjunção integrante.

11) (UEPG-PR) «Se» (...o combate demora-se) é:

a) partícula expletiva.

b) partícula apassivadora.

c) símbolo do sujeito indeterminado.

d) objeto direto.

e) conjunção integrante.

12) (FAAP-SP) Assinale a frase na qual o se não é pronome apassivador e nem índice de indeterminação do sujeito:

a) Estudou-se este assunto.

b) Ela se suicidou ontem.

c) Falou-se muito sobre aquela festa.

d) Aos inimigos não se estima.

e) Fizeram-se reformas na casa.

Para resolver as questões 13 a 15, assinale as alternativas e some os valores.

13) (UFU-MG) Em «Diz que era uma velhinha que sabia andar de lambreta», é correto afirmar-se:

1. O primeiro «que» é conjunção integrante.
2. O segundo «que» é pronome relativo.
4. O primeiro «que» é objeto direto de «diz».
8. O segundo «que» é sujeito de «sabia».
16. «de lambreta» é adjunto adverbial.
32. O sujeito da primeira oração é inexistente.
64. «uma velhinha» é objeto direto de «era».

14) (PUC-MG) Assinale a(s) alternativa(s) correta(s) quanto à classificação do quê:

1. Corre, que o ônibus está chegando. (conjunção explicativa)

2. Malfeitor é que ninguém é. (expressão de realce)

4. Crio estas crianças que vês, que refrigério sejam da minha velhice. (conjunção final)

8. «Oh! **que** saudades que eu tenho...» (pronome indefinido)

16. «Oh! que saudades **que** eu tenho...» (partícula expletiva)

32. Quero **que** me ouças com atenção. (conjunção integrante)

15) (PUC-RS) Assinale a(s) alternativa(s) correta(s):

1. Em «Ele **se** lança à luta», a palavra **grifada** é pronome recíproco e objeto direto.

2. Em «Eles **se** odeiam», a palavra **grifada** é pronome recíproco e objeto indireto.

4. Em «Ele **se** impôs severa dieta», a palavra **grifada** é pronome reflexivo e objeto indireto.

8. Em **«Dão-se** aulas particulares», a palavra **grifada** é pronome apassivador com indeterminação do sujeito.

16. Em «Não sei **se** vou ou fico», a palavra **grifada** é conjunção subordinativa condicional.

32. Em «**Se** ele tivesse ficado, nada teria acontecido», a palavra **grifada** é conjunção integrante.

(ITA-SP) — As questões de n°s 16 e 17 referem-se ao texto abaixo:

AS FUNÇÕES DA LINGUAGEM

Pare compreendê-las, é preciso levar em conta que a linguagem tem, pelo menos, três funções primordiais, que não se resolvem em unidade.

Ela é um meio precípuo de exteriorização psíquica, de manifestação espontânea dos estados dalma. Com isso não se confunde, evidentemente, o seu papel de meio de atuação sobre o próximo na vida em comum. Enfim, estrutura a nossa experiência mentada (para usarmos o neologismo filosófico dos espanhóis), dando-lhe uma pauta para desenvolver-se a uma forma para consubstanciar-se. Há para considerar, em conseqüência, a manifestação anímica, a atuação social ou apelo e a representação mental.

(Joaquim Mattoso Câmara Jr. *Contribuição à Estilística Portuguesa*)

16) Em «***que*** **não** ***se*** **resolvem em unidade**», as palavras destacadas classificam-se, respectivamente, como:

a) conjunção integrante — partícula apassivadora.

b) pronome relativo — partícula apassivadora.

c) conjunção explicativa — pronome reflexivo.

d) conjunção integrante — pronome oblíquo átono.

e) pronome relativo — partícula expletiva.

17) Assinale a alternativa em que os termos apresentados desempenhem a mesma função sintática de «las» em «compreendê-las»:

a) que a linguagem tem — o seu papel;

b) três funções primordiais — estados dalma.

c) a nossa experiência — uma forma;

d) um meio precípuo — a manifestação anímica;

e) levar em conta — em unidade.

18) (UEMA) Assinale a alternativa em que o vocábulo que **exerce a função de objeto indireto.**

a) «...em que se transformaram as estradas do município...» (1.° par.);

b) «...e confesso que não sei se prefiro o carro ou a besta.» (1.° par.);

c) «...os ponteiros que sobem e descem no painel...» (2.° par.);

d) «...depois que foram transformados em vazadouro...» (8.° par.);

e) «...aqueles que viram suas minas secando...» (10.° par.).

Descontraia

Participe, com **Paulo Mendes Campos**, deste «segredo».

«Segredo»

Há muitas coisas que a psicologia não nos explica. Suponhamos que você esteja em um 12º andar, em companhia de amigos, e, debruçando-se à janela, distinga lá embaixo, inesperada naquele momento, a figura de seu pai, procurando atravessar a rua ou descansando em um banco diante do mar. Só isso. Por que, então, todo esse alvoroço que visita a sua alma de repente, essa animação provocada pela presença distante de uma pessoa da sua intimidade? Você chamará os amigos para mostrar-lhes o vulto de traços fisionômicos invisíveis: «Aquele ali é papai». E os amigos também hão de sorrir, quase enternecidos, participando um pouco de sua glória, pois é inexplicavelmente tocante ser amigo do alguém cujo pai se encontra longe, fora do alcance do seu chamado.

Outro exemplo: você ama e sofre por causa de uma pessoa e com ela se encontra todos os dias. Por que, então, quando esta pessoa aparece a distância, em hora desconhecida aos seus encontros em uma praça, em uma praia, voando na janela de um carro, por que essa ternura violenta dentro de você, e essa admirável compaixão?

Por que motivo reconhecer uma pessoa ao longe sempre nos induz a um movimento interior de doçura e piedade?

Às vezes, trata-se de um simples conhecido. Você o reconhece de longe em um circo, um teatro, um campo de futebol, e é impossível não infantilizar-se diante da visão.

Até para com os nossos inimigos, para com as pessoas que nos são antipáticas, a distância, em relação ao desafeto, atua sempre em sentido inverso. Ver um inimigo ao longe e perdoá-lo bastante.

Mais um caso: dois amigos íntimos se vêem inesperadamente de duas janelas. Um deles está, digamos, no consultório do dentista, o outro visita o escritório de um advogado no centro da cidade. Cinco horas da tarde; lá embaixo o tráfego estridula; ambos olham distraídos e cansados quando se descobrem mutuamente. Mesmo que ambos, uma hora antes, estivessem juntos, naquele encontro súbito e de longe é como se não se vissem há muito tempo; com todas as graças da alma despertas, eles começam a acenar-se, e dar gritos, a perguntar por gestos o que o outro faz do outro lado. Como se tudo isso fosse um mistério.

E é um mistério.

(**in:** *Para Gostar de Ler* — **Volume 4)**

Respostas da unidade 26 — Valores e Funções do SE e do QUE

Exercícios — pág. 376

1) — C, B, D, E, A.

2) — 1. pron. subst. indef. 2. pron. subst. interrog. 3. subst. 4. adv. intensid. 5. part. explet. 6. pron. adj. indef. 7. adv. intensid. 8. part. explet. 9. conj. subord. consecut. 10. pron. relat. 11. interjeição 12 conj. coord. explic. 13. pron. adj. indef. 14. pron. adj. interrog. 15. conj. subord. integrante.

3) — C, D, A, E, B.

4) — 1. SUJ. 2. OD 3. PREDIC. 4. OI 5. SUJ. 6. CN 7. A. ADV. MODO 8. OD 9. PREDIC. 10. AG. PAS. 11. SUJ. 12. CN 13. A. ADV. MODO 14. OI 15. SUJ. 16. OI 17. OD.

5) — D, A, E, A, C, B.

6) — 1. OD 2. Part. explet. 3. Pron. Apass. 4. PIS(IIS) 5. Pron. Apas. 6. PIS. 7. Conj. Sub.Condic. w8. Suj.do Infin. 9. PIV (parte integrante verbo) 10. OI

7) — B, A, B, G, A, A, B, D, A, B, F, C, B.

Testes — pág. 379

1-b
2-a
3-a
4-c
5-e
6-c
7-c
8-a
9-e
10-a
11-a
12-b
13-11
14-63
15-04
16-b
17-a
18-a

4

Crase

CRASE é a fusão de duas vogais da mesma natureza. No Português atual, assinalamos com o acento grave (`) a crase do à.

prep. **a** +
- — **a/as** — artigo feminino
- — **a/as** — pronome demonstrativo
- — **aquele/a/s, aquilo** — pron. demonstr.

Regra geral

Haverá crase no **a** colocado diante de palavra do gênero feminino quando, substituindo-se a feminina por uma masculina, aparecer diante da masculina o **ao**.

À → FEMININO
↑
AO → MASCULINO

Dirigiu-se **à** cidade.
Dirigiu-se **ao** trabalho.

Conheço **a** cidale
Conheço **o** trabalho.

Casos proibitivos

Nunca ocorre crase antes de:

1) Nomes masculinos.

2) Verbos.

3) Entre palavras repetidas.

4) «A» singular → diante de palavra no plural.

5) Pronomes de tratamento. • Exceção: Sr.^{a}/Sr.^{ta}.

6) Pronomes Indefinidos. • Exceção: outras(s).

7) Pronomes Pessoais.

8) Pronomes Relativos: a cuja / a quem.

9) Pron. Demonstrativos: a esta / a essa.

Uso da crase

Nomes geográficos

Verbo + ↗ **para = A**

Verbo + ↘ **para a = À**

Vou **à** Bahia. (= para a)

Vou **a** Brasília. (= para)

→ com complem. → à (para a)

Vou **à** Brasília do Palácio do Planalto. (= para a)

MACETE: Para saber se uma palavra aceita ou não o artigo, basta usar o seguinte artifício:

• se empregarmos a combinação **da** ou **na** antes da palavra, é sinal de que ela **aceita** o artigo;

• se empregarmos apenas a preposição **de** ou a preposição **em**, é sinal de que ela **não aceita**.

Ex.: Vim **da** Bahia. (aceita)

Estou **na** Bahia. (aceita)

Vim **de** Brasília. (não aceita)

Estou **em** Maceió. (não aceita)

Vim **de** Roma. (não aceita)

Vim **da** Roma dos Césares. (aceita)

Observação:

Os nomes próprios geográficos que normalmente não aceitam artigo (portanto, não craseados), passam a exigi-lo quando aparecem determinados (portanto, craseados).

Ex.: Vou **a** Manaus.
Vou **à** Manaus da Zona Franca.

À(S) = { Para a(s); na(s)
Pela(s); com a(S)

- Deu o recado ___à___ diretora.
  para a

- Estava ___à___ porta da miséria.
  na

Chegaremos ___às___ cinco horas.
pelas

- A Globo associou-se ___à___ Bandeirantes para a cobertura do Carnaval.
  com a

Crase obrigatória

1. Ocorre a crase mesmo que o substantivo venha oculto ou subentendido:

Ex.:

— O aluno subordinou a solução do segundo problema à do primeiro (à solução do primeiro).

2. Na indicação do número de **horas**, expresso ou subentendido:

— Às três horas, abrirei o escritório.

— Encontrar-nos-emos às quatro. (horas)

3. Nas **locuções adverbiais, conjuntivas** ou **prepositivas**, formadas de palavras **femininas**:

às vezes, à direita, à noite, à procura de, à proporção que.

ATENTO: Comprar **a prestação**.

4. Na expressão **à moda de/à maneira de**, mesmo que a palavra moda/maneira venha subentendida:

— Usam sapatos **à** (moda de) Luís XV.

— Usa temperos **à** mineira.

Àquele / Àquela / Àquilo

Na prática, constatamos a existência da crase diante desses demonstrativos, substituindo-os por **a este, a esta, a isto:**

— Não irei **àquele** lugar. (a este)

— Não ligo **àquilo** que dizem. (a isto)

— Vi **aquela** pessoa fofoqueira outra vez. (esta)

ÀQUELE = { A ESTE
PARA AQUELE
NAQUELE

ÀQUELA = { A ESTA
PARA AQUELA
NAQUELA

ÀQUILO = { A ISTO
PARA AQUILO
NAQUILO

À que → ao que
À qual → ao qual

- Sua idéia | é igual | **à** | que tive.
  Seu pensamento | **ao**

• A peça	a	que assisti foi ótima.
O filme		a

ATENTO: Não troque **que** por **qual**...

• A redação	**à**	**qual** me refiro é fácil
O teste		**ao**
• A redação	**a**	**que** me refiro é facil
O teste		**a**

Casos especiais

Casa → modificada

Volte cedo **a casa.**

Dirigiram-se **à casa paterna.**
ao colégio.

Observação: Só é possível a aplicação da regra geral se a palavra **casa** estiver acompanhada.

Terra → não significando "terra firme"

A palavra **terra** só admitirá o emprego da regra geral quando não for empregada em oposição a bordo, a navio, a chão firme.

- Voltou **à terra** onde nascera.
  ao berço
- Chegamos **à terra** dos nossos ancestrais.
  ao país

Mas:

- Os marinheiros vieram **a terra.**
  (= em terra firme)

O comandante desceu **a terra**.

À distância de

Deve estar **determinada.** Observe:

→ Achava-se **à distância de** 10 metros.

→ Vi-o **a distância.**

→ Estava a **uma distância** de 10 metros

Crase facultativa

- Sujeitos à regra geral.

1. Pronome possessivo feminino singular

(\`)
— Nada conte **a** minha mãe.
a/ao meu pai.

Mas:

— Nada conte **às** suas amigas. (obrigatório)

— Nada conte **a** suas amigas.(inexistente)

2. Nomes personativos femininos

(\`)
— Ofereci um chocolate **a** Jordana.
a/ao Pedro.

Observação:

1) Não se usa crase diante de nomes históricos:

— Júlio César contou suas façanhas **a** Cleópatra.

2) Quando os nomes vêm modificados, é obrigatória:

— Ofereceu um chocolate **à** linda Paloma.

3. Até a+ palavra fem.

— Vou até **à** cidade (ou até **a** cidade).
ao/o portão.

4. Locução adverbial feminina de instrumento

— «Abri o primeiro envelope, com excessiva pressa: continha um recado, **à máquina**, do meu tio (...)» (Guimarães Rosa)

— «Criaram-me **a carne**, mais carne, ainda carne, sempre carne.» (Machado de Assis)

IMPORTANTE

A ≠ À ≠ HÁ

A ≠ A ≠ HÁ

- **há → tempo passado**
- **a → tempo futuro**
- **à → (regras vistas há pouco)**

Exercícios

1) Preencha as lacunas com a, as, à, às:

a) Monumento erigido .... memória do mestre.

b) Dirigi-me .... piscina.

c) O Brasil manifestou .... Argentina toda a solidariedade.

d) Fiéis .... aspirações.

e) Chegaram .... Estocolmo.

f) Quando voltarás...............Curitiba da Rua das Flores?

g) Graças .... Deus obedecemos .... sinalização.

h) .... minha mãe, que lhe dei eu?

i) Voltamos .... casa antes da chuva.

j) Após .... compras, retornemos .... casa de tua avó.

k) De volta .... terra, o pescador descansou.

l) A medalha foi dada .... aluna mais aplicada, mas não .... qualquer aluna.

m) Pedrinho traja-se .... antiga.

n) Fui .... São Paulo, ... tardinha.

o) Sentei-me .... beira do rio e passei ...... meditar

p) Vaguei .... míngua e sem conforto.

q) Eis a menina .... quem dei um presente.

r) .... noite estava clara, e os namorados foram .... praia ver a chegada dos pescadores que voltavam .... terra.

s) Visava .... vaga de chefe mais do que aspirava .... de diretor.

t) O fenômeno .... que aludi é visível .... noite e .... olho nu.

2) Craseie quando necessário:

a) Refiro-me aquilo que não ensinam na escola.

b) Aquela sua desculpa não engana a ninguém.

c) Aqueles vestibas que aprenderam aquelas regras da crase não passarão aquilo a que se chama «maus momentos».

d) Os garimpeiros assistiam a cena em silêncio, entreolhando-se a luz das candeias.

e) Exige-se a assistência as aulas.

f) O aluno parecia entregue a alegres recordações.

g) Chegamos a cidade a uma hora morta.

h) Tomou o remédio gota a gota.

i) Iremos a Curitiba e depois a Natal.

j) Dedicaram templos a Minerva e a Júpiter.

k) Indo a casa, você só me encontrará as 14 horas.

l) Ninguém estava pronto a falar.

m) Falava a torto e a direito.

n) Viajaram, a pé, a Fortaleza dos jangadeiros.

o) O ladrão se achava as escondidas, quando a polícia o encontrou, as 20 horas.

p) Estou aqui desde as sete horas.

q) Você anda escrevendo cartas a Fernanda?

r) A incrível Jordana, o pai só permite que escrevam histórias infantis.

s) As segundas-feiras, almoço a paulista; as terças, a mineira.

t) Dirigiu-se a Casa do Estudante para adquirir canetas novas.

u) Ontem, saldou seus compromissos: pagou a mensalidade do colégio, a empregada, as contas e a pessoas a quem devia.

Questões discursivas

1. (CEFET-PR) Complete os espaços em branco com A, À ou HÁ: Lembro-me muito bem que, ... dez anos, ficávamos os dois, lado ..... lado, ... porta do bar, aguardando .... passagem do ônibus que levava .... Lapa.

2. (UFSC) Reescreva o período abaixo, CORRIGINDO-O, se necessário, quanto à ACENTUAÇÃO GRÁFICA e CRASE. Justifique, mesmo se você não fizer correção.

Ele ia, pouco a pouco, falando aquela linguagem monossilábica, e à seus pés, a cachorra esgaravatava a sêca vegetação.

Correção: ....

....

....

Justificativa: ....

....

....

3. (CEFET-PR) Complete as lacunas com uma das formas dos parênteses:

a) Vamos tirar..........(À SORTE — A SORTE) para decidir quem iniciará o jogo.

b) Maria deu........ (A LUZ — À LUZ) uma criança defeituosa.

4. (FUVEST) Leia atentamente as frases abaixo:

1. «...trouxe **até à** nuca, bem atrás de uma orelha, uma das patas de trás, para se coçar.»

(Guimarães Rosa)

2. «Tiritando de frio, andei **até a** estrada e comecei a pedir carona.» (P. M. Campos)

Justifique a presença e a ausência do acento indicativo da crase nas expressões destacadas acima:

RESPOSTA: ....

....

....

....

....

5. (CÁSPER LÍBERO-SP) «Iremos, à pé, à fazenda». Está correta essa oração? Por quê?

RESPOSTA: ....

....

....

....

....

6. (FUVEST) No texto a seguir, apenas um a **deve receber acento de crase. Transcreva o segmento em que ele aparece e justifique a crase:**

«Dirigiu-se **a ela a passos** lentos e disse estou disposto **a contar** tudo **a senhora;** não tenho coragem de falar **a Mário** sobre o ocorrido.»

RESPOSTA: ....

....

....

....

....

7. (ESPM-SP) Preencha os espaços vazios com a **ou** as**, marcado ou não com acento grave, indicador de crase:**

«Eu já conhecia .... fazenda, por isso fui .... cidade apreciar praças onde fiz referências .... V. S.ª e não .... Sr.ª que o acompanha.

8. (FAAP-SP) Explique o emprego do acento grave nas expressões destacadas:

a) Eu compro **à vista** aos donos do mundo.

b) Digo adeus **à ilusão.**

RESPOSTAS:

a) à vista: ....
....
....

b) à ilusão: ....
....
....

9. (CESGRANRIO) Preencha os espaços vazios com a, à, as, às:

1.«(...) Rubião teimava em dizer que .... noites do Rio não podiam compararse .... de Barbacena (...)»
(Machado de Assis)

2. « .... queda do Homem persiste, como .... das cachoeiras.»(Guimarães Rosa)

3. «É uma história curiosa .... que vou lhe contar, minha prima.» (José de Alencar)

4. A camisa que ganhei de minha mãe é idêntica .... que você está usando hoje.

5. «(...) de quantas famílias iguais .... dele não saíam cangaceiros, criminosos?» (José Lins do Rego)

10. (UFBA) Complete os espaços vazios com há, a, à, às:

6. «.......... muito, por uma combinação tácita, nenhum deles traz mulher para casa no meio da noite.» (Rubem Braga)

7. «Daí .... meia hora vieram de novo os vômitos; cresceram-lhe .... agonias» (Aluísio Azevedo)

8. «Vinha chegando a ele a grande batalha que Deus lhe reservara .... vinte anos.» (José Lins do Rego)

9.«Deixei-me ficar pelas ruas até .... quatro horas da tarde, quando me dirigi .... sua casa, saudoso dele, ... quem não via .... mais de vinte dias.» (Lima Barreto)

11. (UFU-MG) Complete as alternativas, usando os pronomes demonstrativos, com ou sem crase:

I. «E entre o sono e o medo, ouviu como se fosse de verdade o apito de um trem igual .... que ouvira em Limoeiro.» (José Lins do Rego) (aquele/àquele)

II. «Habituara-se .... boa vida, tendo de um tudo, regalada.» (Jorge Amado) (aquela/àquela)

III. «Os adultos são gente crescida que vive sempre dizendo pra gente fazer isso e não zer...........» (Millôr Fernandes) (aquilo/àquilo)

12.(UFSC) Reescreva o período abaixo, ASSINALANDO todas as ocorrências de CRASE. Em seguida, JUSTIFIQUE a correção feita.

Amarrou as tranças, uma a outra, a moda campestre, a fim de ir a festa junina.

Correção: ....
....
Justificativa: ....
....

Testes

1. (UFPR) Em qual alternativa o vocábulo a **deve receber acento grave?**

a) Pintou o quadro a óleo.

b) Fomos a uma aldeia.

c) Dirigiram-se a Vossa Excelência.

d) Voltou a casa paterna.

e) Começou a chover.

2. (UFPR) Em qual das frases o a **não deve receber acento grave?**

a) Todos se referiam à casa de João.

b) Todos aspiravam à posição de João.

c) Todos visavam à exaltação de João.

d) Todos se dirigiram à casa de João.

e) Todos pretendiam à amizade de João.

3. (UFPR) Assinale a alternativa cujas formas preenchem corretamente as lacunas:

1. Veio .... Curitiba.
2. Referia-se .... revistas publicadas.
3. Relatei o fato .... certa pessoa.
4. Não irei .... festa.
5. Fez alusão .... viagem.

a) à, a, a, aquela, à.

b) a, a, a, àquela, à.

c) a, à, à, aquela, a.

d) a, a, a, aquela, a.

e) à, à, à, àquela, à.

4. (UFRN) Assinale a opção que preencha corretamente os pontilhados:

1. Vamos .... cidade pagar os impostos.
2. Fui .... lojas fazer compras.
3. Iremos .... festas de aniversário.
4. Iriam .... Curitiba no final do ano.

a) à, à, às, à.

b) a, a, as, a.

c) a, à, às, a.

d) à, às, às, a.

e) à, à, as, à.

5. (UFBA) Indique a alternativa em que o sinal indicativo da crase foi mal empregado:

a) Fui à Bahia e a Brasília.

b) A doçura da caridade aliviará à vencedores e à vencidos.

c) Não vades à toa pelas trilhas da vida. Realizai alguma coisa

d) Não se vai à glória por um caminho de flores.

e) Nada neste mundo se compara à consciência do dever cumprido.

6. (MACK-SP) Assinale a alternativa que não apresenta erro quanto ao emprego da crase:

a) Dirigindo-se as mesmas jovens e obedecendo às ordens disciplinares, ela começou a reunião com tranqüilidade

b) Embora dissesse a verdade e deixasse às claras suas intenções à todas as pessoas presentes, ninguém acreditava em suas palavras.

c) Escreveu a carta à lápis, apesar de ter recebido determinação para redigi-la à máquina.

d) As observações eram dirigidas à Vera, porém as referências eram feitas àquela jovem que estava a seu lado.

e) Falava à moça que dele se aproximava naquele momento e não a que via à distância.

7. (STA. CASA-SP) Em meio .... neblina, esboçou-se, ... poucos metros de nós, o vulto do potrinho .... busca do qual saíramos.

a) a — a — a

b) a — à — à

c) à — a — à

d) à — à — à

e) à — à — a

8. (FCC-Carlos Chagas-RJ) Aconselhei o .... que, daí .... pouco, assistisse .... novela.

a) a — à — a

b) a — a — à

c) à — à — a

d) à — à — a

e) à — a — à

9. (ITA-SP) Analisando as sentenças:

1. Ele foi assassinado a canivete.

2. Sua explicação é igual a que escutei ontem.

3. Nunca fui a festa alguma.

constatamos que o acento indicador da crase do «a» DEVE ocorrer:

a) apenas na sentença nº 1.

b) apenas na sentença nº 2.

c) apenas na sentença nº 3.

d) em todas as sentenças.

e) n.d.a.

10. (OBJ-SP) Assinale a frase em que se admite o acento indicativo de crase:

a) Chegaram a margem do rio.

b) Pôs-se a chorar.

c) A seca parecia-lhe como um fato necessário.

d) Pelo espírito atribulado do sertanejo passou a idéia.

e) O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás.

11. (UFBA) Indique a alternativa que preenche corretamente as lacunas das frases a seguir:

1. Chegava .... minha casa quase sempre .... tardinha.

2. É grande a distância de Curitiba .... Brasília.

4. Abrimos .... loja .... cinco horas.

5. Comprar .... prestação, jamais!

a) à, à, a, a, às, à

b) a, à, à, a, às, a

c) à, a, à, a, as, à

d) a, à, a, a, às, a

e) a, a, à, à, as, à

12. (UFRS) .... Igreja cabe propugnar pelos princípios éticos e morais que devem reger .... vida das comunidades, enquanto .... política deve visar ao bem comum.

a) A — à —à

b) À — a —a

c) À — à —a

d) À — à —à

e) A — a —a

13. (UFRS) .... alguns meses o ministro revelou-se disposto .... abrir .... discussões em torno do acesso dos candidatos e dos partidos .... televisão.

a) A — a — as — à

b) Há — a — às — a

c) A — à — às — a

d) Há — à — as — à

e) Há — a — as — à

14. (PUC-RS) A notícia de que a Associação dos Cientistas do Meio Ambiente denunciou as transgressões .... normas de proteção .... natureza não surpreendeu .... ninguém.

a) às — à — a

b) às — à — à

c) as — a — a

d) às — a — a

e) as — à — a

15. (ITA-SP) Dadas as sentenças:

1. Meu irmão dedicou-se à áreas literárias.

2. Estamos à espera de socorro.

3. Transmita esta informação à Sua Excelência.

deduzimos que:

a) apenas a sentença nº 1 está correta.

b) apenas a sentença nº 2 está correta.

c) apenas a sentença nº 3 está correta.

d) todas estão corretas.

e) n.d.a.

16. (ITA-SP) Dadas as afirmações:

1. O acento grave (`), atualmente, só é usado para indicar a crase do «a». *E.g.:* Dei uma pulseira de ouro àquela moça.

2. O «u» no grupo gua, guo, qua, quo recebe trema quando for pronunciado atonamente. *E.g.:* longínqüo.

3. O «u» no grupo gue, gui, que, qui recebe trema quando for pronunciado atonamente. *E.g.:* freqüente.

* Teste 16 — *E. g.* = **exempli gratia** (= por exemplo).

deduzimos que:

a) apenas a afirmação nº 1 está correta.

b) apenas a afirmação nº 2 está correta.

c) apenas a afirmação nº 3 está correta.

d) todas estão corretas.

e) n.d.a

17. (ITA-SP) Dadas as sentenças:

1. Lançaram-se a novas conquistas.

2. Não sei a quem puxastes.

3. Procurei você de ponta a ponta.

constatamos que o acento indicador da crase do «a» **deve** ocorrer:

a) Apenas na sentença nº 1.

b) Apenas na sentença nº 2.

c) Apenas na sentença nº 3.

d) Em todas as sentenças.

e) n.d.a.

18. (SANTA CASA-SP) Veja .... quanto montam os gastos e, se não estiver .... seu alcance cobri-los, recorra .... financiadora.

a) a — à — a

b) à — à — à

c) a — a — à

d) à — a — à

e) à — à — a

19. (OBJ-SP) Assinale a frase em que os acentos graves, indicativos de crase, estão colocados corretamente:

a) Saiu à correr, dizendo que chegaria tarde à escola.

b) Leve-o à porta e indique-lhe a saída, à direita.

c) Não me refiro à provas realizadas este ano, mas à outras.

d) Irei à Europa, visitarei a Itália, onde me dirigirei à Roma.

e) Solicito à V. Sª que volte à tarde.

20. (PUC-RS) Observando a acentuação dos períodos:

1. A mesa fica à esquerda de quem entra.

2. A bem dizer, não sei por que não gosta de ir a Roma.

3. O que? Você acha que os juízes são infalíveis?

4. O professor faltou a algumas aulas, mas prometeu repô-las.

5. «Tombaram gotas duras sobre a terra.»

Conclui-se que estão inteiramente certos:

a) 1, 2, 4 e 5

b) 1, 3, 4 e 5

c) 1, 2, 3 e 4

d) 1, 4 e 5

e) todos

Para resolver as questões 21 a 25, assinale as alternativas e some seus valores.

21. (UFU-MG) A utilização da crase está correta:

1. Ele confessou à garota que a amava.

2. As vezes, o mal faz às vezes de bem.

4. As moças andam à cavalo e à pé.

8. Esta redação é aquela à que me referi.

16. Regressou à casa paterna, à noite.

32. O menino voltou à escola.

64. Apresento minhas desculpas à Vossa Excelência.

22. (UNITINS) Todas as frases estão corretas quanto à utilização da crase:

1. A moça veio à janela e começou à gritar.

2. Iremos à cidade à pé.

4. Os marinheiros voltaram à terra somente hoje.

8. Volto à casa toda noite às 21 horas.

16. Abriremos às quatro em ponto.

32. Resolvi as questões uma à uma.

64. Não podendo ir à missa das dez, irei à do meio-dia.

23. (USJT-SP) Assinale as alternativas em que o uso da crase é facultativo:

1. Refiro-me a tua mãe e ao teu pai.

2. A vela tinha queimado até a metade.

4. Deu um passo a frente, arrependeu-se, tornou a voltar.

8. Ofereceu a Maria um dos seus doces prediletos.

16. Compreendeu que aquela altura não poderia fazer mais nada.

32. O Ministro chegou a Curitiba da Rua das Flores, ontem.

24. (PUC-SP) A crase está corretamente empregada:

1. O peixe emergiu à flor do lago.

2. Usava meias à jogador de futebol.

4. Nada falei àqueles que estavam perto.

8. Referiu-se à cenas passadas há tempos.

16. Voltou à casa, à tardinha.

32. Viu o monstro à uma distância de 100 metros.

64. Não ligo à esta que me perturba.

25. (FUVEST) A crase é proibitiva nas alternativas:

1. O carro é movido à álcool.

2. Estavam frente à frente, à distância.

4. Estava à porta da miséria.

8. Não se deve ir à festas sem convite.

16. Nada sei sobre àquilo.

32. Não viso àquilo que dizem por aí.

26. (UNAMA) — .... vezes em que vou .... casa de Maria, só para ouvi-la resmungar.

a) Há — à

b) A — à

c) A — a

d) A — à

27. (FUVEST) — Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

Diga .... elas que estejam daqui .... pouco .... porta da biblioteca.

a) à, há, a

b) a, há, à

c) a, a, a

d) à, a, a

e) a, a, à

Respostas da unidade 4 — Crase

Exercícios — pág. 37

1)—

1) à
2) à
3) à
4) às
5) a
6) à
7) a, à
8) À (ou A)
9) a
10) as, à
11) a
12) à, a
13) à
14) a, à
15) à, a
16) à
17) a
18) a, à, a
19) à, à
20) a, à, a

2)—

01) àquilo
02) sem
03) sem
04) à cena, à luz
05) às aulas
06) sem
07) à cidade
08) sem
09) sem
10) sem
11) às 14 horas
12) sem
13) sem
14) à Fortaleza dos jangadeiros
15) às escondidas, às 20 horas
16) sem
17) à (ou) a Fernanda
18) à incrível
19) às segundas-feiras, à paulista, às terças, à mineira
20) à Casa do Estudante
21) à empregada

Questões discursivas — pág. 38

1. há, a, à, a, à.
2. pouco a pouco, a seus pés, seca.
3. a) a sorte b) à luz.
4. Com a expressão **até a** (à), a crase facultativa, pois a prepos. «a» é facultativa.
5. A pé, sem crase diante de masculinos.
6. à senhora — prepos. «a» regida pelo verbo «contar» mais art. «a» do subst. «senhora».
7. a, à, as, a, à.
8. a) à vista — crase obrigatória com expressões adverbiais femininas.

   b) à ilusão — fusão da prepos. **a** (regida por **digo**) mais o art. defin. **a** que precede o subst. **ilusão**.
9. 1. as, às
   2. a, a
   3. a
   4. à
   5. à
10. 6. há
    7. a
    8. há
    9. às (ou as), à (ou a), a, há.
11. I. àquele
    II. àquela
    III. aquilo
12. **à** moda campestre — locução adv. fem.; **à** festa — contração artigo **a** com a prepos. **a** regida pelo verbo **ir**.

Testes - pág. 39

1 - d
2 - e
3 - b
4 - d
5 - b
6- d
7- c
8- b
9- b
10- a
11 - d
12 - b
13 - e
14 - a
15 - b
16 - a
17 - e
18 - c
19 - b
20 - a
21 - 49
22 - 80
23 - 11
24 - 07
25 - 27
26 - a
27 - e

4

Crase

CRASE é a fusão de duas vogais da mesma natureza. No Português atual, assinalamos com o acento grave (`) a crase do à.

prep. **a** +
- — **a/as** — artigo feminino
- — **a/as** — pronome demonstrativo
- — **aquele/a/s, aquilo** — pron. demonstr.

Regra geral

Haverá crase no **a** colocado diante de palavra do gênero feminino quando, substituindo-se a feminina por uma masculina, aparecer diante da masculina o **ao**.

À → FEMININO
↑
AO → MASCULINO

Dirigiu-se
- **à** cidade.
- **ao** trabalho.

Conheço
- **a** cidale
- **o** trabalho.

Casos proibitivos

Nunca ocorre crase antes de:

1) Nomes masculinos.

2) Verbos.

3) Entre palavras repetidas.

4) «A» singular → diante de palavra no plural.

5) Pronomes de tratamento. • Exceção: Sr.^{a}/Sr.^{ta}.

6) Pronomes Indefinidos. • Exceção: outras(s).

7) Pronomes Pessoais.

8) Pronomes Relativos: a cuja / a quem.

9) Pron. Demonstrativos: a esta / a essa.

Uso da crase

Nomes geográficos

Verbo +
- ↗ **para = A**
- ↘ **para a = À**

Vou **à** Bahia. (= para a)

Vou **a** Brasília. (= para)

→ com complem. → à (para a)

Vou **à** Brasília do Palácio do Planalto. (= para a)

MACETE: Para saber se uma palavra aceita ou não o artigo, basta usar o seguinte artifício:

• se empregarmos a combinação **da** ou **na** antes da palavra, é sinal de que ela **aceita** o artigo;

• se empregarmos apenas a preposição **de** ou a preposição **em**, é sinal de que ela **não aceita**.

Ex.: Vim **da** Bahia. (aceita)

Estou **na** Bahia. (aceita)

Vim **de** Brasília. (não aceita)

Estou **em** Maceió. (não aceita)

Vim **de** Roma. (não aceita)

Vim **da** Roma dos Césares. (aceita)

Observação:

Os nomes próprios geográficos que normalmente não aceitam artigo (portanto, não craseados), passam a exigi-lo quando aparecem determinados (portanto, craseados).

Ex.: Vou **a** Manaus.
Vou **à** Manaus da Zona Franca.

À(S) = { Para a(s); na(s)
Pela(s); com a(S)

- Deu o recado $\underset{\text{para a}}{\underline{\text{à}}}$ diretora.

- Estava $\underset{\text{na}}{\underline{\text{à}}}$ porta da miséria.

Chegaremos $\underset{\text{pelas}}{\underline{\text{às}}}$ cinco horas.

- A Globo associou-se $\underset{\text{com a}}{\underline{\text{à}}}$ Bandeirantes para a cobertura do Carnaval.

Crase obrigatória

1. Ocorre a crase mesmo que o substantivo venha oculto ou subentendido:

Ex.:

— O aluno subordinou a solução do segundo problema à do primeiro (à solução do primeiro).

2. Na indicação do número de **horas**, expresso ou subentendido:

— Às três horas, abrirei o escritório.

— Encontrar-nos-emos às quatro. (horas)

3. Nas **locuções adverbiais, conjuntivas** ou **prepositivas**, formadas de palavras **femininas**:

às vezes, à direita, à noite, à procura de, à proporção que.

ATENTO: Comprar **a prestação**.

4. Na expressão **à moda de/à maneira de**, mesmo que a palavra moda/maneira venha subentendida:

— Usam sapatos **à** (moda de) Luís XV.

— Usa temperos **à** mineira.

Àquele / Àquela / Àquilo

Na prática, constatamos a existência da crase diante desses demonstrativos, substituindo-os por **a este, a esta, a isto:**

— Não irei **àquele** lugar. (a este)

— Não ligo **àquilo** que dizem. (a isto)

— Vi **aquela** pessoa fofoqueira outra vez. (esta)

ÀQUELE = { A ESTE
PARA AQUELE
NAQUELE

ÀQUELA = { A ESTA
PARA AQUELA
NAQUELA

ÀQUILO = { A ISTO
PARA AQUILO
NAQUILO

À que → ao que
À qual → ao qual

- Sua idéia | é igual | **à** | que tive.
Seu pensamento | **ao** |

- A peça | **a** | que assisti foi ótima.
  O filme | | **a**

ATENTO: Não troque **que** por **qual**...

- A redação **à** | **qual** me refiro é fácil
  O teste | **ao**
- A redação **a** | **que** me refiro é facil
  O teste | **a**

Casos especiais

Casa → modificada

Volte cedo **a casa.**

Dirigiram-se **à casa paterna.**
ao colégio.

Observação: Só é possível a aplicação da regra geral se a palavra **casa** estiver acompanhada.

Terra → não significando "terra firme"

A palavra **terra** só admitirá o emprego da regra geral quando não for empregada em oposição a bordo, a navio, a chão firme.

- Voltou | **à terra** onde nascera.
  | ao berço
- Chegamos | **à terra** dos nossos ancestrais.
  | ao país

Mas:

- Os marinheiros vieram **a terra.**
  (= em terra firme)

O comandante desceu **a terra**.

À distância de

Deve estar **determinada.** Observe:

→ Achava-se **à distância de** 10 metros.

→ Vi-o **a distância.**

→ Estava a **uma distância** de 10 metros

Crase facultativa

- Sujeitos à regra geral.

1. Pronome possessivo feminino singular

(\`)
— Nada conte **a** minha mãe.
a/ao meu pai.

Mas:

— Nada conte **às** suas amigas. (obrigatório)

— Nada conte **a** suas amigas.(inexistente)

2. Nomes personativos femininos

(\`)
— Ofereci um chocolate **a** Jordana.
a/ao Pedro.

Observação:

1) Não se usa crase diante de nomes históricos:

— Júlio César contou suas façanhas **a** Cleópatra.

2) Quando os nomes vêm modificados, é obrigatória:

— Ofereceu um chocolate **à** linda Paloma.

3. Até a+ palavra fem.

— Vou até **à** cidade (ou até **a** cidade).
ao/o portão.

4. Locução adverbial feminina de instrumento

— «Abri o primeiro envelope, com excessiva pressa: continha um recado, **à máquina**, do meu tio (...)» (Guimarães Rosa)

— «Criaram-me **a carne**, mais carne, ainda carne, sempre carne.» (Machado de Assis)

IMPORTANTE

A ≠ À ≠ HÁ

A ≠ A ≠ HÁ
há → tempo passado
a → tempo futuro
à → (regras vistas há pouco)

Exercícios

1) Preencha as lacunas com a, as, à, às:

a) Monumento erigido .... memória do mestre.

b) Dirigi-me .... piscina.

c) O Brasil manifestou .... Argentina toda a solidariedade.

d) Fiéis .... aspirações.

e) Chegaram .... Estocolmo.

f) Quando voltarás...............Curitiba da Rua das Flores?

g) Graças .... Deus obedecemos .... sinalização.

h) .... minha mãe, que lhe dei eu?

i) Voltamos .... casa antes da chuva.

j) Após .... compras, retornemos .... casa de tua avó.

k) De volta .... terra, o pescador descansou.

l) A medalha foi dada .... aluna mais aplicada, mas não .... qualquer aluna.

m) Pedrinho traja-se .... antiga.

n) Fui .... São Paulo, ... tardinha.

o) Sentei-me .... beira do rio e passei ...... meditar

p) Vaguei .... míngua e sem conforto.

q) Eis a menina .... quem dei um presente.

r) .... noite estava clara, e os namorados foram .... praia ver a chegada dos pescadores que voltavam .... terra.

s) Visava .... vaga de chefe mais do que aspirava .... de diretor.

t) O fenômeno .... que aludi é visível .... noite e .... olho nu.

2) Craseie quando necessário:

a) Refiro-me aquilo que não ensinam na escola.

b) Aquela sua desculpa não engana a ninguém.

c) Aqueles vestibas que aprenderam aquelas regras da crase não passarão aquilo a que se chama «maus momentos».

d) Os garimpeiros assistiam a cena em silêncio, entreolhando-se a luz das candeias.

e) Exige-se a assistência as aulas.

f) O aluno parecia entregue a alegres recordações.

g) Chegamos a cidade a uma hora morta.

h) Tomou o remédio gota a gota.

i) Iremos a Curitiba e depois a Natal.

j) Dedicaram templos a Minerva e a Júpiter.

k) Indo a casa, você só me encontrará as 14 horas.

l) Ninguém estava pronto a falar.

m) Falava a torto e a direito.

n) Viajaram, a pé, a Fortaleza dos jangadeiros.

o) O ladrão se achava as escondidas, quando a polícia o encontrou, as 20 horas.

p) Estou aqui desde as sete horas.

q) Você anda escrevendo cartas a Fernanda?

r) A incrível Jordana, o pai só permite que escrevam histórias infantis.

s) As segundas-feiras, almoço a paulista; as terças, a mineira.

t) Dirigiu-se a Casa do Estudante para adquirir canetas novas.

u) Ontem, saldou seus compromissos: pagou a mensalidade do colégio, a empregada, as contas e a pessoas a quem devia.

Questões discursivas

1. (CEFET-PR) Complete os espaços em branco com A, À ou HÁ: Lembro-me muito bem que, ... dez anos, ficávamos os dois, lado ..... lado, ... porta do bar, aguardando .... passagem do ônibus que levava .... Lapa.

2. (UFSC) Reescreva o período abaixo, CORRIGINDO-O, se necessário, quanto à ACENTUAÇÃO GRÁFICA e CRASE. Justifique, mesmo se você não fizer correção.

Ele ia, pouco a pouco, falando aquela linguagem monossilábica, e à seus pés, a cachorra esgaravatava a sêca vegetação.

Correção: ....
....
....

Justificativa: ....
....
....

3. (CEFET-PR) Complete as lacunas com uma das formas dos parênteses:

a) Vamos tirar..........(À SORTE — A SORTE) para decidir quem iniciará o jogo.

b) Maria deu........ (A LUZ — À LUZ) uma criança defeituosa.

4. (FUVEST) Leia atentamente as frases abaixo:

1. «...trouxe **até à** nuca, bem atrás de uma orelha, uma das patas de trás, para se coçar.»

(Guimarães Rosa)

2. «Tiritando de frio, andei **até a** estrada e comecei a pedir carona.» (P. M. Campos)

Justifique a presença e a ausência do acento indicativo da crase nas expressões destacadas acima:

RESPOSTA: ....
....
....
....
....

5. (CÁSPER LÍBERO-SP) «Iremos, à pé, à fazenda». Está correta essa oração? Por quê?

RESPOSTA: ....
....
....
....
....

6. (FUVEST) No texto a seguir, apenas um a **deve receber acento de crase. Transcreva o segmento em que ele aparece e justifique a crase:**

«Dirigiu-se **a ela a passos** lentos e disse estou disposto **a contar** tudo **a senhora;** não tenho coragem de falar **a Mário** sobre o ocorrido.»

RESPOSTA: ....
....
....
....
....

7. (ESPM-SP) Preencha os espaços vazios com a **ou** as**, marcado ou não com acento grave, indicador de crase:**

«Eu já conhecia .... fazenda, por isso fui .... cidade apreciar praças onde fiz referências .... V. S.ª e não .... Sr.ª que o acompanha.

8. (FAAP-SP) Explique o emprego do acento grave nas expressões destacadas:

a) Eu compro **à vista** aos donos do mundo.

b) Digo adeus **à ilusão.**

RESPOSTAS:

a) à vista: ....
....
....

b) à ilusão: ....
....
....

9. (CESGRANRIO) Preencha os espaços vazios com a, à, as, às:

1.«(...) Rubião teimava em dizer que .... noites do Rio não podiam comparar-se .... de Barbacena (...)»
(Machado de Assis)

2. « .... queda do Homem persiste, como .... das cachoeiras.»(Guimarães Rosa)

3. «É uma história curiosa .... que vou lhe contar, minha prima.» (José de Alencar)

4. A camisa que ganhei de minha mãe é idêntica .... que você está usando hoje.

5. «(...) de quantas famílias iguais .... dele não saíam cangaceiros, criminosos?» (José Lins do Rego)

10. (UFBA) Complete os espaços vazios com há, a, à, às:

6. «.......... muito, por uma combinação tácita, nenhum deles traz mulher para casa no meio da noite.» (Rubem Braga)

7. «Daí .... meia hora vieram de novo os vômitos; cresceram-lhe .... agonias» (Aluísio Azevedo)

8. «Vinha chegando a ele a grande batalha que Deus lhe reservara .... vinte anos.» (José Lins do Rego)

9.«Deixei-me ficar pelas ruas até .... quatro horas da tarde, quando me dirigi .... sua casa, saudoso dele, ... quem não via .... mais de vinte dias.» (Lima Barreto)

11. (UFU-MG) Complete as alternativas, usando os pronomes demonstrativos, com ou sem crase:

I. «E entre o sono e o medo, ouviu como se fosse de verdade o apito de um trem igual .... que ouvira em Limoeiro.» (José Lins do Rego) (aquele/àquele)

II. «Habituara-se .... boa vida, tendo de um tudo, regalada.» (Jorge Amado) (aquela/àquela)

III. «Os adultos são gente crescida que vive sempre dizendo pra gente fazer isso e não zer...........» (Millôr Fernandes) (aquilo/àquilo)

12.(UFSC) Reescreva o período abaixo, ASSINALANDO todas as ocorrências de CRASE. Em seguida, JUSTIFIQUE a correção feita.

Amarrou as tranças, uma a outra, a moda campestre, a fim de ir a festa junina.

Correção: ....
....

Justificativa: ....
....

Testes

1. (UFPR) Em qual alternativa o vocábulo a **deve receber acento grave?**

a) Pintou o quadro a óleo.

b) Fomos a uma aldeia.

c) Dirigiram-se a Vossa Excelência.

d) Voltou a casa paterna.

e) Começou a chover.

2. (UFPR) Em qual das frases o a **não deve receber acento grave?**

a) Todos se referiam à casa de João.

b) Todos aspiravam à posição de João.

c) Todos visavam à exaltação de João.

d) Todos se dirigiram à casa de João.

e) Todos pretendiam à amizade de João.

3. (UFPR) Assinale a alternativa cujas formas preenchem corretamente as lacunas:

1. Veio .... Curitiba.
2. Referia-se .... revistas publicadas.
3. Relatei o fato .... certa pessoa.
4. Não irei .... festa.
5. Fez alusão .... viagem.

a) à, a, a, aquela, à.

b) a, a, a, àquela, à.

c) a, à, à, aquela, a.

d) a, a, a, aquela, a.

e) à, à, à, àquela, à.

4. (UFRN) Assinale a opção que preencha corretamente os pontilhados:

1. Vamos .... cidade pagar os impostos.
2. Fui .... lojas fazer compras.
3. Iremos .... festas de aniversário.
4. Iriam .... Curitiba no final do ano.

a) à, à, às, à.

b) a, a, as, a.

c) a, à, às, a.

d) à, às, às, a.

e) à, à, as, à.

5. (UFBA) Indique a alternativa em que o sinal indicativo da crase foi mal empregado:

a) Fui à Bahia e a Brasília.

b) A doçura da caridade aliviará à vencedores e à vencidos.

c) Não vades à toa pelas trilhas da vida. Realizai alguma coisa

d) Não se vai à glória por um caminho de flores.

e) Nada neste mundo se compara à consciência do dever cumprido.

6. (MACK-SP) Assinale a alternativa que não apresenta erro quanto ao emprego da crase:

a) Dirigindo-se as mesmas jovens e obedecendo às ordens disciplinares, ela começou a reunião com tranqüilidade

b) Embora dissesse a verdade e deixasse às claras suas intenções à todas as pessoas presentes, ninguém acreditava em suas palavras.

c) Escreveu a carta à lápis, apesar de ter recebido determinação para redigi-la à máquina.

d) As observações eram dirigidas à Vera, porém as referências eram feitas àquela jovem que estava a seu lado.

e) Falava à moça que dele se aproximava naquele momento e não a que via à distância.

7. (STA. CASA-SP) Em meio .... neblina, esboçou-se, ... poucos metros de nós, o vulto do potrinho .... busca do qual saíramos.

a) a — a — a

b) a — à — à

c) à — a — à

d) à — à — à

e) à — à — a

8. (FCC-Carlos Chagas-RJ) Aconselhei o .... que, daí .... pouco, assistisse .... novela.

a) a — à — a

b) a — a — à

c) à — à — a

d) à — à — a

e) à — a — à

9. (ITA-SP) Analisando as sentenças:

1. Ele foi assassinado a canivete.

2. Sua explicação é igual a que escutei ontem.

3. Nunca fui a festa alguma.

constatamos que o acento indicador da crase do «a» DEVE ocorrer:

a) apenas na sentença nº 1.

b) apenas na sentença nº 2.

c) apenas na sentença nº 3.

d) em todas as sentenças.

e) n.d.a.

10. (OBJ-SP) Assinale a frase em que se admite o acento indicativo de crase:

a) Chegaram a margem do rio.

b) Pôs-se a chorar.

c) A seca parecia-lhe como um fato necessário.

d) Pelo espírito atribulado do sertanejo passou a idéia.

e) O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás.

11. (UFBA) Indique a alternativa que preenche corretamente as lacunas das frases a seguir:

1. Chegava .... minha casa quase sempre .... tardinha.

2. É grande a distância de Curitiba .... Brasília.

4. Abrimos .... loja .... cinco horas.

5. Comprar .... prestação, jamais!

a) à, à, a, a, às, à

b) a, à, à, a, às, a

c) à, a, à, a, as, à

d) a, à, a, a, às, a

e) a, a, à, à, as, à

12. (UFRS) .... Igreja cabe propugnar pelos princípios éticos e morais que devem reger .... vida das comunidades, enquanto .... política deve visar ao bem comum.

a) A — à —à

b) À — a —a

c) À — à —a

d) À — à —à

e) A — a —a

13. (UFRS) .... alguns meses o ministro revelou-se disposto .... abrir .... discussões em torno do acesso dos candidatos e dos partidos .... televisão.

a) A — a — as — à

b) Há — a — às — a

c) A — à — às — a

d) Há — à — as — à

e) Há — a — as — à

14. (PUC-RS) A notícia de que a Associação dos Cientistas do Meio Ambiente denunciou as transgressões .... normas de proteção .... natureza não surpreendeu .... ninguém.

a) às — à — a

b) às — à — à

c) as — a — a

d) às — a — a

e) as — à — a

15. (ITA-SP) Dadas as sentenças:

1. Meu irmão dedicou-se à áreas literárias.

2. Estamos à espera de socorro.

3. Transmita esta informação à Sua Excelência.

deduzimos que:

a) apenas a sentença nº 1 está correta.

b) apenas a sentença nº 2 está correta.

c) apenas a sentença nº 3 está correta.

d) todas estão corretas.

e) n.d.a.

16. (ITA-SP) Dadas as afirmações:

1. O acento grave (`), atualmente, só é usado para indicar a crase do «a». *E.g.:* Dei uma pulseira de ouro àquela moça.

2. O «u» no grupo gua, guo, qua, quo recebe trema quando for pronunciado atonamente. *E.g.:* longínqüo.

3. O «u» no grupo gue, gui, que, qui recebe trema quando for pronunciado atonamente. *E.g.:* freqüente.

* Teste 16 — *E. g.* = **exempli gratia** (= por exemplo).

deduzimos que:

a) apenas a afirmação nº 1 está correta.

b) apenas a afirmação nº 2 está correta.

c) apenas a afirmação nº 3 está correta.

d) todas estão corretas.

e) n.d.a

17. (ITA-SP) Dadas as sentenças:

1. Lançaram-se a novas conquistas.

2. Não sei a quem puxastes.

3. Procurei você de ponta a ponta.

constatamos que o acento indicador da crase do «a» **deve** ocorrer:

a) Apenas na sentença nº 1.

b) Apenas na sentença nº 2.

c) Apenas na sentença nº 3.

d) Em todas as sentenças.

e) n.d.a.

18. (SANTA CASA-SP) Veja .... quanto montam os gastos e, se não estiver .... seu alcance cobri-los, recorra .... financiadora.

a) a — à — a

b) à — à — à

c) a — a — à

d) à — a — à

e) à — à — a

19. (OBJ-SP) Assinale a frase em que os acentos graves, indicativos de crase, estão colocados corretamente:

a) Saiu à correr, dizendo que chegaria tarde à escola.

b) Leve-o à porta e indique-lhe a saída, à direita.

c) Não me refiro à provas realizadas este ano, mas à outras.

d) Irei à Europa, visitarei a Itália, onde me dirigirei à Roma.

e) Solicito à V. Sª que volte à tarde.

20. (PUC-RS) Observando a acentuação dos períodos:

1. A mesa fica à esquerda de quem entra.

2. A bem dizer, não sei por que não gosta de ir a Roma.

3. O que? Você acha que os juízes são infalíveis?

4. O professor faltou a algumas aulas, mas prometeu repô-las.

5. «Tombaram gotas duras sobre a terra.»

Conclui-se que estão inteiramente certos:

a) 1, 2, 4 e 5

b) 1, 3, 4 e 5

c) 1, 2, 3 e 4

d) 1, 4 e 5

e) todos

Para resolver as questões 21 a 25, assinale as alternativas e some seus valores.

21. (UFU-MG) A utilização da crase está correta:

1. Ele confessou à garota que a amava.

2. As vezes, o mal faz às vezes de bem.

4. As moças andam à cavalo e à pé.

8. Esta redação é aquela à que me referi.

16. Regressou à casa paterna, à noite.

32. O menino voltou à escola.

64. Apresento minhas desculpas à Vossa Excelência.

22. (UNITINS) Todas as frases estão corretas quanto à utilização da crase:

1. A moça veio à janela e começou à gritar.

2. Iremos à cidade à pé.

4. Os marinheiros voltaram à terra somente hoje.

8. Volto à casa toda noite às 21 horas.

16. Abriremos às quatro em ponto.

32. Resolvi as questões uma à uma.

64. Não podendo ir à missa das dez, irei à do meio-dia.

23. (USJT-SP) Assinale as alternativas em que o uso da crase é facultativo:

1. Refiro-me a tua mãe e ao teu pai.

2. A vela tinha queimado até a metade.

4. Deu um passo a frente, arrependeu-se, tornou a voltar.

8. Ofereceu a Maria um dos seus doces prediletos.

16. Compreendeu que aquela altura não poderia fazer mais nada.

32. O Ministro chegou a Curitiba da Rua das Flores, ontem.

24. (PUC-SP) A crase está corretamente empregada:

1. O peixe emergiu à flor do lago.

2. Usava meias à jogador de futebol.

4. Nada falei àqueles que estavam perto.

8. Referiu-se à cenas passadas há tempos.

16. Voltou à casa, à tardinha.

32. Viu o monstro à uma distância de 100 metros.

64. Não ligo à esta que me perturba.

25. (FUVEST) A crase é proibitiva nas alternativas:

1. O carro é movido à álcool.

2. Estavam frente à frente, à distância.

4. Estava à porta da miséria.

8. Não se deve ir à festas sem convite.

16. Nada sei sobre àquilo.

32. Não viso àquilo que dizem por aí.

26. (UNAMA) — .... vezes em que vou .... casa de Maria, só para ouvi-la resmungar.

a) Há — à

b) A — à

c) A — a

d) A — à

27. (FUVEST) — Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

Diga .... elas que estejam daqui .... pouco .... porta da biblioteca.

a) à, há, a

b) a, há, à

c) a, a, a

d) à, a, a

e) a, a, à

Respostas da unidade 4 — Crase

Exercícios — pág. 37

1)—

1) à
2) à
3) à
4) às
5) a
6) à
7) a, à
8) À (ou A)
9) a
10) as, à
11) a
12) à, a
13) à
14) a, à
15) à, a
16) à
17) a
18) a, à, a
19) à, à
20) a, à, a

2)—

01) àquilo
02) sem
03) sem
04) à cena, à luz
05) às aulas
06) sem
07) à cidade
08) sem
09) sem
10) sem
11) às 14 horas
12) sem
13) sem
14) à Fortaleza dos jangadeiros
15) às escondidas, às 20 horas
16) sem
17) à (ou) a Fernanda
18) à incrível
19) às segundas-feiras, à paulista, às terças, à mineira
20) à Casa do Estudante
21) à empregada

Questões discursivas — pág. 38

1. há, a, à, a, à.
2. pouco a pouco, a seus pés, seca.
3. a) a sorte b) à luz.
4. Com a expressão **até a** (à), a crase facultativa, pois a prepos. «a» é facultativa.
5. A pé, sem crase diante de masculinos.
6. à senhora — prepos. «a» regida pelo verbo «contar» mais art. «a» do subst. «senhora».
7. a, à, as, a, à.
8. a) à vista — crase obrigatória com expressões adverbiais femininas.

   b) à ilusão — fusão da prepos. **a** (regida por **digo**) mais o art. defin. **a** que precede o subst. **ilusão**.
9. 1. as, às
   2. a, a
   3. a
   4. à
   5. à
10. 6. há
    7. a
    8. há
    9. às (ou as), à (ou a), a, há.
11. I. àquele
    II. àquela
    III. aquilo
12. **à** moda campestre — locução adv. fem.; **à** festa — contração artigo **a** com a prepos. **a** regida pelo verbo **ir**.

Testes - pág. 39

1 - d
2 - e
3 - b
4 - d
5 - b
6- d
7- c
8- b
9- b
10- a
11 - d
12 - b
13 - e
14 - a
15 - b
16 - a
17 - e
18 - c
19 - b
20 - a
21 - 49
22 - 80
23 - 11
24 - 07
25 - 27
26 - a
27 - e

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Palavra QUE......2
- Substantivo......2
- Advérbio......2
- Pronome Indefinido......2
- Pronome Adjetivo......2
- Preposição......2
- Interjeição......2
- Partícula Expletiva ou de Realce......2
- Pronome Interrogativo......3
- Pronome em Final de Frase......3
- Pronome Relativo......3
- Conjunção Coordenativa Aditiva......3
- Conjunção Coordenativa Explicativa......3
- Conjunção Coordenativa Adversativa......3
- Conjunção Subordinativa Integrante......3
- Conjunção Subordinativa Consecutiva......4
- Conjunção Subordinativa Comparativa......4

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Palavra QUE

Substantivo

A palavra que será substantivo quando tiver o sentido de qualquer coisa ou alguma coisa, é sempre antecedida por artigo, pronome adjetivo ou numeral e é sempre acentuada (quê).

- Acho que a investigação tem um quê de corrupção.

Advérbio

A palavra que será advérbio quando intensificar adjetivos e advérbios. Nesse caso, pode ser substituída por quão ou muito; em geral, é usada em frases exclamativas.

- Que engraçada essa história!
- Que louvável essa decisão!

Pronome Indefinido

A palavra que será pronome indefinido quando aparecer antes de substantivos em frases geralmente exclamativas. Pode ser substituída por quanto(s), quanta(s).

- Que bagunça!
- Que mentira!

Pronome Adjetivo

A palavra que será pronome adjetivo, quando aparecer antes de substantivos, apenas modificando-o:

- Que redação perfeita!

Preposição

A palavra que será preposição, quando equivaler à preposição de em locuções verbais que tenham, como auxiliares, ter ou haver.

- Para serem aprovados, todos têm que estudar bastante.
- Teremos que levar tudo.

Interjeição

A palavra que será interjeição quando exprimir uma emoção, um estado de espírito; é sempre exclamativa e acentuada (quê).

- Quê! Você não comprou o presente?

Partícula Expletiva ou de Realce

A palavra que será partícula expletiva ou de realce quando for empregada para realce ou ênfase; sua retirada não altera a sintaxe. Pode também ser usada com o verbo ser, nas locuções é que, foi que, era que...

- Nós é que ligamos para a polícia.
- Eles que fizeram a pintura.
- Foi com as aulas do Alfacon que aprendi o que precisava.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Pronome Interrogativo

A palavra que será pronome interrogativo, quando for empregada em frases interrogativas. Quando estiver em final de frase, será acentuada e acompanhada de "o" se não for antecedida de preposição.

- Que acontecerá amanhã?
- Eles dirão o quê?
- Por que vocês faltaram ao evento?
- Vocês faltaram ao evento por quê?

Pronome em Final de Frase

A palavra que, quando aparecer em final de frase, será pronome e deverá receber acento.

- Você estudou tudo isso para quê?

Pronome Relativo

A palavra que será pronome relativo, quando aparecer após substantivo, podendo ser substituída por o qual, a qual, os quais, as quais. Sempre haverá relação entre o verbo posterior a ele e o substantivo anterior a ele.

- Julguei interessante o texto que você fez. (o qual)
- Fui eu que organizei a cerimônia.
- Os problemas por que passamos foram superados. (pelos quais)
- As matérias de que gosto serão estudadas hoje. (das quais)

Conjunção Coordenativa Aditiva

A palavra que será conjunção coordenativa aditiva quando iniciar oração coordenada sindética aditiva; aparece sempre entre duas formas verbais iguais; tem valor bastante próximo da conjunção e.

- Estudei que estudei, porém ainda fiquei com dúvidas.

Conjunção Coordenativa Explicativa

A palavra que será conjunção coordenativa explicativa quando iniciar oração coordenada sindética explicativa. Pode ser substituída por pois ou porque.

- Venha rápido, que a aula vai começar.

Conjunção Coordenativa Adversativa

A palavra que será conjunção coordenativa adversativa, quando iniciar oração coordenada sindética adversativa. Indica oposição, ressalva, apresentando valor equivalente a mas.

- Outra pessoa, que não José, poderia nos ajudar.

Conjunção Subordinativa Integrante

A palavra que será conjunção subordinativa integrante quando iniciar oração subordinada substantiva, ou seja, quando iniciar oração que exerça a função sintática de sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo do sujeito e aposto.

- Acredito que sua aprovação virá com o tempo. (Oração que funciona como objeto direto (oração subordinada substantiva objetiva direta)

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Conjunção Subordinativa Consecutiva

A palavra que será conjunção subordinativa consecutiva quando iniciar oração subordinada adverbial consecutiva; aparece, em geral, nas expressões tão... que, tanto... que, tamanho... que e tal... que.

- Ele se dedicou tanto aos estudos que chorou ao ser aprovado.

Conjunção Subordinativa Comparativa

A palavra que será conjunção subordinativa comparativa quando iniciar oração subordinada adverbial comparativa; aparece, em geral, nas expressões mais... que, menos... que.

- Priscila é mais dedicada que Luiza.

EXERCÍCIOS

01. Lidamos com tantas combinações desse tipo, que já se fala de uma nova categoria de estresse: a fadiga de senhas.

A oração introduzida pela conjunção "que" expressa ideia de consequência em relação à oração anterior, à qual se subordina.

Certo ( ) Errado ( )

02. ... prontos a nos desviar a qualquer instante de acordo com o clima do momento, se saber exatamente o que procuramos...

O "que" classifica-se, no período, como conjunção e introduz o complemento oracional da forma verbal "saber".

Certo ( ) Errado ( )

GABARITO

01 - CERTO

02 - ERRADO

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

ESCOLA____DATA:____/____/_____

PROF____TURMA:_______

NOME:____

Notícia

Leia o texto e responda :

Defesa Civil

Mais de 60 mil pessoas já foram afetadas pelas fortes chuvas em MS, diz

Mais de 60 mil pessoas já foram atingidas pelas fortes chuvas que estão assolando Mato Grosso do Sul. A informação é da Coordenadoria Estadual de Defesa Civil. Os prejuízos já ultrapassam R$ 117 milhões, somente para as primeiras 14 cidades que decretaram situação de emergência.

Conforme a Defesa Civil, até o momento, foram contabilizadas 43 pontes danificadas e 51 destruídas. Com relação às rodovias, são 140 danificadas e 27 interditadas. Há ainda informações de que 20 cidades decretaram situação de emergência, porém a Defesa Civil confirma 17 municípios.

Entre os casos graves atendidos pelo órgão estão as interdições de rodovias, pontes que foram levadas pela água e os desalojados após a subida dos rios Jardim, em Jardim e, Apa em Bela Vista. A Defesa Civil continua dando suporte aos municípios atingidos e aguarda a possível liberação de verba federal para as cidades atingidas.Fonte: http://dahorabataguassu.com.br/janeirode2016

pdfelement

QUESTÃO 01

O texto que você leu é:

Assinale apenas uma alternativa. (A)
Uma fábula

(B) Uma notícia

(C) Uma narrativa ficcional

(D) Uma anedota

QUESTÃO 02

O tema principal tratado no texto é:

Assinale apenas uma alternativa.

(A) Mais de 60 mil pessoas já foram atingidas pelas fortes chuvas que estão destruindo MS.
(B) Apenas 60 mil pessoas já foram atingidas pelas fortes chuvas que estão assolando MS.
(C) As fortes chuvas que estão assolando MS não atingiram 60 mil pessoas. (D)Nenhuma das alternativas

apresentam o tema principal abordado no texto acima.

QUESTÃO 03

Após ler o texto acima responda:

A.O que aconteceu?

____

b.Com quem aconteceu o fato?

____

c.Quando aconteceu?

____

d.Onde aconteceu o fato?

____

e. Qual é o título do texto?

____

f.Qual é o tempo verbal predominante na notícia? Retire 2 (dois)verbos do texto para comprovar sua responda

____

pdfelement

QUESTÃO 04

Crônica: O dia em que a caça consolou o caçador do Pacaembu

Dois alvinegros, Santos e Botafogo, faziam os grandes jogos dos anos 60. Pelé x Garrincha, fora outros gigantes dos dois timaços. Num desses jogos, em São Paulo, os cariocas fizeram uma exibição inesquecível(...)Por que, sempre que se fazem referências aos jogos entre Botafogo e Santos daqueles tempos, só são lembradas as vitórias santistas, as goleadas de Pelé & Cia. Pois o Pacaembu estava lotado para ver mais uma.(...) O lateral-esquerdo Dalmo, do Santos, viveu uma tarde de terror. Garrincha pegava a bola e, andando, levava Dalmo até dentro da grande área, onde o zagueiro não podia fazer falta. O Pacaembu não acreditava no que via: um ponta andar desde a intermediária até a área sem que o lateral tentasse tirar a bola, temeroso do drible desmoralizante. Até que Dalmo percebeu que tinha virado motivo de chacota dos torcedores, muitos dos quais nem santistas eram, mas que iam ao campo na certeza do espetáculo. E Dalmo resolveu bater antes de chegar à grande área. Bateu uma vez, Garrincha caiu, o árbitro marcou a falta e repreendeu o paulista. Bateu outra vez, Garrincha voltou ao chão, o árbitro marcou a falta e ameaçou Dalmo de expulsão, porque naquele tempo o cartão amarelo não existia. (...)

Eis que, como um acrobata, Garrincha levanta-se, afasta seus companheiros, bota o braço esquerdo no ombro de Dalmo e o acompanha até a descida da escada para o vestiário, que, então, ficava daquele lado.

Saíram conversando, como se Garrincha justificasse a atitude, entendesse que, para pará-lo, não havia mesmo outro jeito. O Botafogo ganhou de 3 a 0 e saiu aplaudido do estádio(...).

Crônica do jornalista Juca Kfouri

http://blogdojuca.uol.com.br/2005/12/o-dia-em-que-a-caca-consolou-o-cacador-no-pacaembu/

Pronomes demonstrativos

Pronomes demonstrativos são aqueles que situam pessoas ou coisas em relação às três pessoas do discurso. Essa localização pode se dar no tempo, no espaço ou no próprio texto.

Exemplo: Você deveria ouvir **este** disco de vinil.

O pronome este no exemplo acima, refere-se ao substantivo disco, localizando-o próximo à pessoa que fala (1ª pessoa).

Observe um quadro com os pronomes demonstrativos da língua portuguesa.

PRONOMES DEMONSTRATIVOS					
Pessoas	**Variáveis**				**Invariáveis**
	Masculino		**Feminino**		
	Singular	**Plural**	**Singular**	**Plural**	
1ª	**este**	**estes**	**esta**	**estas**	**Isto**
2ª	**esse**	**esses**	**essa**	**essas**	**Isso**
3ª	**aquele**	**aqueles**	**aquela**	**aquelas**	**aquilo**

Em relação ao espaço

- Este(s), esta(s) e isto indicam o que está perto da pessoa que fala:

Ex: Este relógio de bolso que eu estou usando pertenceu ao meu avô.

- Esse(s), essa(s) e isso indicam o que está perto da pessoa com quem se fala:

Ex: Mamãe, passe-me essa revista que está perto de você.

- Aquele(s), aquela(s) e aquilo indicam o que está distante tanto da pessoa que fala quanto da pessoa com quem se fala:

Ex: Olhem aquela casa!

Em relação ao tempo

- Este(s), esta(s) e isto indicam o tempo presente em relação à pessoa que fala:

Ex: Esta tarde irei ao supermercado fazer as compras do mês.

- Esse(s), essa(s) e isso indicam o tempo passado próximo ao momento da fala:

Ex: Essa noite dormi mal, tive pesadelos horríveis.

- Aquele(s), aquela(s) e aquilo indicam um afastamento no tempo, tempo remoto:

Ex: Naquele tempo, os jovens de famílias ricas iam estudar na França.

1) Complete as lacunas com pronomes demonstrativos:

a) Você quer _____ lápis que está comigo?

b) Passe-me _____caneta que está perto de você.

c) Estamos em abril, _____ano está passando rapidamente.

d) Vês _____ guarda-chuva, aí? É o meu. O teu é ____ que aqui está.

2) Entre parênteses, aparecem dois pronomes demonstrativos. Escolha o que preenche corretamente a lacuna:

a) Não me preocupa ____________ mancha que tenho no rosto. (esta – essa)

b) Marcela, é bom ____________ livro que está com você? (este – esse)

c) Ricardo, é seu ____________ caderno aí perto de sua carteira? (esse – aquele)

d) ___________técnico aqui ao meu lado vai explicar o funcionamento da máquina. (este – esse).

e) Tatiana, ____________ guarda-chuva lá no canto é seu? (esse – aquele).

f) Senhores jurados, ____________ documento aqui é a maior prova da inocência! (este – esse).

20 Concordância Nominal

I. Concordância do adjetivo

Regra geral

O adjetivo e as palavras adjetivas (artigo, numeral, pronome adjetivo) concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem.

Observe:

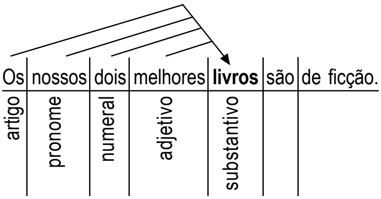

Anteposto a dois ou mais substantivos

Concorda em gênero e número **com o mais próximo**.

Exemplos:

Você escolheu **bom** lugar e hora para o espetáculo.
↓ ↓ ↓
adj. subst. subst.

Escolheste **mau** lugar e hora.

Era dotado de **extraordinária** coragem e talento.

→ **Observação:**

Referindo-se a nomes próprios, de parentesco ou a títulos, deve o adjetivo ir para o **plural**.

Exemplos:

Reli **os grandes** Machado de Assis e José de Alencar.

O vestiba comemorou com suas **elegantes** mãe, irmã e noiva.

O repórter entrevistou os **afamados** Vice-Presidente e Secretário de Estado.

Posposto a dois ou mais substantivos

Quando o adjetivo se refere a dois ou mais substantivos e vem depois destes, há duas construções possíveis:

A) O adjetivo concorda com o mais próximo:

Aquele foi um beijo e um abraço demorado.
↓ ↓ ↓
subst. subst. adj.

B) O adjetivo vai para o plural (se os gêneros são diferentes, prevalece o masculino):

Aquele foi um beijo e um abraço **demorados**.
↓ ↓ ↓
subst. subst. adj.pl.

Os homens e as mulheres **seminus,**
↓ ↓ ↓
subst. masc. subst. fem. adj. masc. pl.

desgrenhados...
↓
adj. masc. pl.

Outro exemplos:

1 — Contratamos uma artesã e um artesão **habilidoso.**

* Contratamos uma artesã e um artesão **habilidosos.**

2 — Encomendei as cadeiras e a mesa **claras.**

* Encomendei as cadeiras e a mesa **clara.**

3 — Decorei a sala com as cortinas e os lustres **novos.**

* Decorei a sala com os lustres e as cortinas **novos.**

* Decorei a sala com os lustres e as cortinas **novas.**

4 — Trata-se de vaidade e orgulho **excessivo.**

* Trata-se de vaidade e orgulho **excessivos.**

* Trata-se de orgulho e vaidade **excessiva.**

* Trata-se de orgulho e vaidade **excessivos.**

Observações:

→ 1. Se, no caso do sujeito composto posposto, o verbo vier concordando com o sujeito mais próximo, com ele também concordará o predicativo anteposto àqueles sujeitos. Ex.:

* «Estava deserta, a vila, a casa, o templo.»

↓

suj. comp.

«Estavam desertos a vila, a casa, o templo».

→ suj. comp.

«A vila, a casa, o templo estavam desertos.»

→ 2. Se o predicativo se antepuser a dois ou mais núcleos do objeto, pode também concordar com o mais próximo. Ex.:

* Tenho como aprovada a aluna e o aluno.

predicat. obj.

*Tenho como aprovados a aluna e o aluno

Tenho a aluna e o aluno como aprovados.

Exemplos:

Ficaram **mudos** o **menino** e a **menina.**

↓ ↓ ↓

adj. pl. subst. subst.

Ficou **mudo** o menino e a menina.

↓ ↓ ↓

adj. subst. subst.

— Tens como **aprovados** a aluna e os alunos?

— «Vi setas e carcás **espedaçados**.»
(G. Dias)

Concordância especial

Quando o adjetivo se pospõe a dois ou mais substantivos, concorda em gênero e número com o mais próximo nos seguintes casos:

a. Substantivos sinônimos

Quando os substantivos são sinônimos entre si, o adjetivo concorda com o mais próximo.

«O furor e raiva **humana**...» (Arrais) —

«... com ímpeto e braveza **desmedida**.»

(Camões)

«As maldições se cumpriram no povo e gente **hebréia**.» (Vieira)

«A aplicação e amor **intenso** aos livros fazem dele o primeiro aluno da classe.»
(N. Carneiro)

b. Substantivos e gradação

Quando os substantivos se alinham em gradação (progresso ascendente ou descendente de idéias):

Exemplos:

«A inteligência, o esforço, a dedicação **extraordinária** venceu tudo."

«O seu zelo, a sua intervenção, a sua iniciativa **valiosa**...»

«Um ser, uma força, uma inteligência **infinita** ordenou o mundo.»

c. Exigência do sentido

Quando o sentido assim o exigir:

Exemplos:

— Trouxe-nos sabão e torta **deliciosa.**

— Conheci meninos e mulheres **adultas.**

Um só substantivo e mais de um adjetivo

Quando um único substantivo vem qualificado por mais de um adjetivo, ocorrem, de modo geral, as seguintes concordâncias:

1— **O substantivo fica no singular e repete-se o artigo antes de cada adjetivo.**

Exemplos:

O produto conquistou **o mercado** europeu e **o** americano.

Estudo **a língua** portuguesa e **a** inglesa.

2 — **O substantivo vai para o plural e não se repete o artigo antes de cada adjetivo.**

Exemplos:

O produto conquistou **os mercados** europeu e americano.

Estudo **as línguas** portuguesa e inglesa.

Outro exemplo:

Os poderes temporal e espiritual ou

O poder temporal e o espiritual.

Exercícios

1. Agora, escreva nos espaços em branco os adjetivos entre parênteses, de acordo com as normas de concordância nominal:

a) Tinha a barba e o cabelo .... (preto)

b) Tinha o cabelo e a barba .... (preto)

c) Tinha .... a barba e o bigode. (preto)

d) Estou com a mão e o rosto .... (sujo)

e) Estavam à procura de meninos e meninas.......... no bosque. (perdido)

f) Solicitamos tecnologia e financiamento .... (estrangeiro)

g) Manifestaram .... dor e pesar. (profundo)

h) Piano, órgão e viola .... (afinado)

i) .... o vale e a montanha. (deserto)

j) O vale e a montanha .... (deserto)

l) Os corpos e as mentes .... (sadio)

m) ..... os braços e as pernas. (bronzeado)

n) O furor e a raiva .... (humano)

o) Visitei meu avô e avó .... (idoso)

p) Oitava, sétima, sexta e quinta ....(série)

q) Terminou o primeiro e o segundo ...(grau)

2) Escreva nos parênteses:

(A) se for correta apenas a frase 1.

(B) se for correta apenas a frase 2.

(C) se forem corretas as frases 1 e 2.

(D) se nenhuma das frases for correta.

I. ( ) 1. Estava abandonada a casa, a vila e o campo.

( ) 2. Refiro-me aos antigos cursos ginasial e primário.

II. ( ) 1. O produto brasileiro agradou o mercado europeu e americano.

( ) 2. O produto brasileiro agradou o mercado europeu e o americano.

III. ( ) 1. O idioma grego e latino influenciaram o português.

( ) 2. Socorreu-se da marinha americana e inglesa.

IV. ( ) 1. Estavam silenciosos o bosque e o arvoredo.

( ) 2. O continente americano é banhado pelo oceano Atlântico e Pacífico.

II. Adjetivo em função de predicativo

O adjetivo, em função de predicativo do sujeito ou do objeto, concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere:

— O céu estava nublado.

— Os céus estavam nublados.

— Achei-o simpático.

— Achei-as simpáticas.

Concordando com mais de um substantivo

1 — Predicativo Posposto

Quando o adjetivo está posposto a dois ou mais substantivos, vai para o plural e conserva o gênero dos substantivos; se forem de **gêneros diferentes,** vai para o **masculino plural.**

Exemplos:

O **menino** e a **menina** ficaram **mudos**
↓ ↓ ↓
subst. subst. adjetivo no plural
diante do espetáculo.

Mãe e filha viajavam **caladas.**

Pai e filha viajavam **calados.**

2 — Predicativo anteposto

Quando o adjetivo está anteposto a dois ou mais substantivos, vai para o plural ou concorda com o mais próximo.

Exemplos:

Tenho como **aprovada a aluna** e **o aluno.**

Tenho como **aprovados a aluna** e **o aluno.**

Adjetivo ≠ advérbio

Há palavras que, na frase, podem funcionar ora com valor adverbial, ora com valor adjetivo.

Pode-se descrever o comportamento da seguinte maneira:

a) São **advérbios** — portanto **invariáveis** — quando se referem a **verbos** ou **adjetivos.**

Ex.:

Falaram **bastante** sobre o assunto.

Os seres **melhor** adaptados sobrevivem.

Suas opiniões são **bastante** discutíveis.

Os artigos custam **barato.**

b) São **adjetivos** — portanto **variáveis** — quando se referem a **substantivos**.

Ex.:

Havia **bastantes** razões para confiarmos.

Venceram as **melhores** propostas.

Preços **baratos** são a alma do negócio.

Estão, nesse caso, palavras como **pouco, muito, bastante, caro, meio, longe etc.**

Portanto:

Advérbio → Invariável → acompanha verbo e adjetivos.
Adjetivo → Variável → acompanha substantivo

Casos particulares

Anexo, incluso, junto, leso

Concordam com a palavra a que se referem:

Remeto-lhe **anexas** as certidões.

Remeto-lhe **anexo** o mapa.

Remeto-lhe **inclusas** as procurações.

Remeto-lhe **inclusa** a procuração.

Seguem **juntas** as faturas.

Segue **junta** a fatura.

«Os parnasianos eram réus de **lesa**-independência.»

(R. Bopp)

Anexas, seguem as fotocópias pedidas.

Observação:

→ «EM ANEXO» é invariável:

Remeto-lhe **em anexo** as certidões.

→ JUNTO, funcionando como advérbio **(juntamente**) ou compondo locução prepositiva **(junto com, junto de)** é invariável.

Junto, remeto-lhe as certidões.

As mercadorias seguem **junto com** as fotocópias.

Pseudo/alerta/menos

Pseudo (prefixo grego usado como adjetivo), **menos** e **alerta**, advérbios, são invariáveis:

Os vigias estavam **alerta.**

Sempre desprezou os **pseudo**profetas.

Há **menos** alunas do que eu imaginava.

→ **Observação:** Apenas o advérbio **todo** pode ser flexionado:

Os meninos chegaram **todos** molhados. A menina chegou **toda** (ou **todo**) molhada.

PSEUDO (prefixo): hifen antes de H — R — S — Vogal.

Mesmo/próprio/obrigado

Concordam com a palavra a que se referem:

Ele **mesmo**, ela **mesma.**

Eu **próprio,** ela **própria.**

O rapaz disse «Muito **obrigado**».

A moça disse «Muito **obrigada**».

→ **Observação: Mesmo**, quando significa **«de fato»**, **«realmente»**, é invariável:

Ela fará **mesmo** parte da banca examinadora.

Só — Sós — A Sós

→ **Só**, empregado como adjetivo, significando **«sozinho, desacompanhado, solitário, único»**, deve concordar em número com a palavra que modifica:

Pedro e Teresa partiram **sós.**

Maria passeou **só.**

Vocês **sós** prepararam tudo?

→ Empregado como advérbio, com o sentido de **«somente, apenas, unicamente»**, permanece invariável.

Só eles tiveram coragem.

Vocês **só** fizeram isso?

→ **Observação: A sós** é invariável.

Ex.: Gostaria de ficar **a sós** por uns momentos.

Quite — Quites

Quite (= **livre, desobrigado**), adjetivo, deve concordar com o nome a que se refere:

Eu estou **quite.**

Eu e você estamos **quites.**

Você está **quite** com o serviço militar?

Meio — meia

Concordam, normalmente, com o substantivo a que se referem:

Compramos **meio** quilo de alcatra.

É **meio**-dia e **meia.** (hora)

→ **Observação: Meio**, advérbio, é invariável.

Encontrei-a **meio** triste.

Eles estavam **meio** nervosos.

É proibido, é bom, é necessário

Nos predicados nominais em que ocorre o verbo SER mais um adjetivo, formando expressões do tipo **é bom, é necessário, é proibido, é claro** etc., há duas construções:

1) Se o sujeito não vem precedido de artigo, ou qualquer modificador, a expressão fica **invariável**, portanto, no **masculino**.

É necessário organização.

É proibido entrada. Entrada **é proibido.**

2) Se o sujeito vem precedido de artigo, ou qualquer modificador, a expressão concorda normalmente com o sujeito.

É necessária a organização.

É proibida a entrada. **A** entrada **é proibida.**

Bastante — bastantes

Bastantes → Adjetivo = muitos/as

Bastante → Advérbio = muito

Bastantes alunos vieram à aula. (= muitos)

Há **bastantes** apartamentos para alugar. (= muitos)

Há vários dias chove **bastante**. (= muito)

Chove há **bastantes** dias. (= muitos)

As alunas são **bastante** esforçadas. (= muito)

O mais .... possível Os mais ...... possíveis

A expressão **o mais** (menos, maior, menor, melhor, pior) **possível**, fica invariável, a não ser que **o artigo esteja no plural,** caso em que o adjetivo possível também vai para o plural:

Vencia obstáculos **o mais** difíceis **possível**.

Vencia obstáculos **os mais** difíceis **possíveis.**

Vencia obstáculos **o mais possível** difíceis.

Vencia obstáculos **os mais possíveis** difíceis.

Um e outro/nem um nem outro

Com estas expressões, deve o **substantivo** ficar no singular e o **adjetivo**, no plural:

Um e outro **automóvel modernos** lograram êxito de vendas.

Nem um nem outro **aluno estudiosos** ficaram apreensivos.

Um e outro **teste fáceis** foram resolvidos.

Exercícios

1) Preencha as lacunas, efetuando a concordância cabível:

1. Remeto-lhe em .... as certidões. (anexo)

2. Cometeu crime de .... -patriotismo. (leso)

3. Os soldados estavam .... (alerta)

4. Seguem .... os requerimentos. (incluso)

5. É ...... cautela com os .... líderes. (necessário/ pseudo)

6. As declarações devem seguir .... ao processo. (anexo)

7 .... alunos sabem esta lição. (bastante)

8. Os alunos sabem .... esta lição. (bastante)

9. Foi acusado de crime de .... -justiça. (leso)

10. Antônio e Maria chegaram .... (junto)

11. Daqui a alguns minutos será meio-dia e ..... (meio)

12. Os rapazes estavam .... entusiasmados. (bastante)

13. Ela parecia .... desanimada. (meio)

14. ..... com a carta segue a encomenda. (junto)

15. É .... entrada a pessoas estranhas. (proibido)

16. Ela .... tomou a decisão. (mesmo)

17. Água-de-colônia é .... (bom)

18. Ela .... tomou a decisão. (próprio)

19. É .... a entrada a pessoas estranhas. (proibido)

20. A água-de-colônia é .... (bom)

21. Ouvi da moça um «Muito ....» sincero. (obrigado)

22. O rapaz disse à moça: «Muito ....» (obrigado)

23. Eles seguem .... para Pelotas. (mesmo)

2) Nas frases que seguem, preencha o espaço em branco com a palavra que ocorre entre parênteses, fazendo a concordância exigida pela estrutura:

1. «Rubião abriu os olhos, ... fechados, e deu com o cocheiro (...)» (meio)
(Machado de Assis)

2. «Os cavalos, metidos até .... canela na correnteza, dobravam o pescoço (...)» (meio) (Guimarães Rosa)

3. Não temos razões .... para impugnar sua candidatura. (bastante)

4. Estavam .... preocupados com a situação. (bastante)

5. «A carteira era .... velha e ela não ligou muito.» (meio)
(Lygia Fagundes Telles)

6. «Mãe Cândida, ela ...., tomou parte nessa violenta luta (...)» (mesmo)
(Dinah Silveira de Queiroz)

7. «(...) a melancolia da paisagem está em nós...........» (mesmo)
(Machado de Assis)

8. «A conversa era longa, mas cada um prestava atenção às .... palavras (...)» (próprio) (Graciliano Ramos)

3) Assinale a alternativa em que ocorra algum erro de concordância nominal:

a. ( ) Saiba que você cometeu um crime de lesa-majestade.

b. ( ) Estejam alerta, pois o inimigo não manda aviso.

c. ( ) Há menos indecisão do que parece.

d. ( ) Permitam-me que as deixe só.

e. ( ) Ele sentiu que precisava ficar a sós.

4) Nas frases que seguem, encontramos a palavra SÓ. **Marque:**

A) se ela for um adjetivo (equivalente a **sozinho);**

B) se ela for um advérbio (equivalente a **somente).**

a) «Vivia só; podia ser que se retirasse para Minas.» (Machado de Assis)

Resposta: ....

b) «Derrubou-se a casa velha, que era só um ranchinho de capim.» (Guimarães Rosa)

Resposta: ....

Questões discursivas

1. (CEFET-PR) Escolha a forma correta dentre as dos parênteses e complete a lacuna:

É .... muita coragem e prudência. (necessário-necessária)

2. (FUVEST) «Disse com cuidado e sabedoria de ancião, como se precisasse tomar esse ar para falar como velho (...)». (Clarice Lispector)

a) Se, em vez da locução adjetiva de **ancião**, usássemos o adjetivo **venerando**, que formas o adjetivo poderia assumir, segundo a concordância nominal?

Resp.: ....

b) E se colocássemos o mesmo adjetivo antes dos substantivos **cuidado** e **sabedoria**?

Resp.: ....

3. (FUVEST) Qual a seqüência correta obtida a partir do seguinte código:

A) Só a I está correta.

B) I e II estão corretas.

( ) I. «Era-me necessária a carreira política (...)». (Machado de Assis)

II. Era-me necessário a carreira política.

( ) I. «Aos espiões nunca foi necessária essa liberdade (...)». (Mário de Andrade)

( ) II. «Aos espiões nunca foi necessário liberdade.

I. «(...) para melhor compreender a existência é necessário um pouco de ignorância (...)». (Millôr Fernandes)

II. Para melhor compreender a existência é necessária ignorância.

Resp.: ....

....

4. (CEFET-PR) Indique as formas dos parênteses que completam corretamente as lacunas:

— Ainda não estou .... (quite — quites) com o Serviço Militar.

— É meio-dia e .... (meio — meia)

5. (FEI-SP) Passe para o plural:

Houve uma conversa meio longa.

Resp.: ....

....

6. (FAAP-SP) Observando as regras de concordância nominal e verbal, reescreva a frase que segue:

Ao meio-dia e meio, depois de penosa escalada, durante a qual houveram perigos o mais surpreendentes possíveis, o grupo de alpinistas franceses atingiu o ponto mais elevado da cordilheira.

....

....

....

....

7. (FMU-SP) Complete, fazendo a concordância das palavras entre parênteses:

«Vai ...... (incluso) à carta minha fotografia. Essas pessoas cometeram crime de .... (leso)-patriotismo. Elas .... (mesmo) não quiseram colaborar.»

8. (UNESP) Complete com a forma adequada:

As moças, estando ...., tiveram, elas ......, de tomar as providências que a situação exigia. (só, mesmo)

9. (PUC-RIO) Preencha as lacunas com a forma adequada das palavras entre parênteses, fazendo a flexão quando necessário:

a) Por .... que sejam as conseqüências, esta é a única tentativa possível. (pior)

b) Seus propósitos são .... claros. (bastante)

c) As informações prometidas seguem .... a esta carta. (anexo)

10. (FUVEST) Complete os espaços vazios das frases que seguem com a palavra só:

Elas estão ....

Os gatos estão ....

A árvore está ....

11. (UFGO) Complete os espaços com as palavras (obrigado, certo, sensato), respectivamente, flexionando-as se necessário:

«Muito ...., disse ela. Vocês procederam ...., considerando meu ponto de vista e minha argumentação ....»

12. (CEFET-PR) Faça a concordância com as palavras indicadas nos parênteses:

a) Essas meninas são .... a mãe. (tal qual)

b) Há sempre menos ocorrências, quando os bombeiros estão .... (alerta)

13. (CEFET-PR) Reescreva o período, substituindo o termo destacado pelo do parênteses, estabelecendo a concordância devida: Não há meio termo. **(palavras)**

....

14. (UFSC) Reescreva o período abaixo. Corrija-o, se necessário, quanto à concordância. Justifique, porém, sempre a sua resposta:

É proibido a entrada de pessoas estranhas no recinto.

Correção:

Justificativa:

Testes

1. (UEPG-PR) Vão .... as faturas e os documentos ....

a) anexo — requisitados.
b) anexas — requisitados.
c) anexos — requisitadas.
d) em anexo — requisitadas.
e) em anexo — requisitados.

2. (UFPb) Há concordância inadequada em:

a) campo e restingas devastadas.
b) campo e restinga devastados.
c) restingas e campo devastadas.
d) restingas e campo devastado.
e) restingas e campo devastados.

3. (UFPR) Assinale a alternativa que contém adjetivos corretamente empregados, quanto à concordância nominal, em:

1. Comprei um terno e um sapato escuros.
2. Comprei capas e sapatos escuros.
3. Comprei uma capa e um sapato escuro.

a) 1 d) 1 e 2
b) 2 e) 1, 2 e 3
c) 3

4. (PUC-PR) Completando o período com o elemento que falta:

1. Ofereceram prêmios para os primeiro e segundo ....
2. Ofereceram prêmios para o primeiro e segundo ....
3. Hastearam .... brasileira e inglesa.
4. Hastearam .... brasileira e a inglesa.

A seqüência correta deve ser:

a) colocado, colocados, a bandeira, as bandeiras.

b) colocados, colocados, as bandeiras, as bandeiras.

c) colocados, colocado, as bandeiras, a bandeira.

d) colocado, colocado, a bandeira, a bandeira.

e) colocado, colocados, a bandeira, a bandeira.

5. (MACK-SP) Aponte a alternativa em que há erro:

a) Ante o perigo, os guardas se mantinham alertas.

b) Sua família tinha muito menos riquezas que a nossa.

c) Há bastantes meses, falou-me de seu grande amor.

d) Seus quadros eram os mais clássicos possíveis.

e) n.d.a.

6. (FMU-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas das frases a seguir:

Vão ...... aos processos várias fotografias.

Paisagens as mais belas ....

Ela estava .... narcotizada.

a) anexas, possíveis, meio.

b) anexas, possível, meio.

c) anexo, possíveis, meia.

d) anexo, possível, meio.

e) anexo, possível, meia.

7. (PUC-MG) Elas .... providenciaram os atestados, que .... enviaram às procurações, como instrumentos .... para os fins colimados.

a) mesmas, anexos, bastante.

b) mesmo, anexos, bastantes.

c) mesmas, anexo, bastante.

d) mesmo, anexo, bastante.

e) mesmas, anexos, bastantes.

8. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que a concordância nominal está errada:

a) Os braços e as mãos trêmulas erguiam-se para o céu.

b) Chegada a sua hora e a sua vez, intimidou-se.

c) Tinha belos olhos e boca.

d) Todos se moviam cautelosamente alertas ao perigo.

e) A terceira e a quarta série tiveram bom índice de aprovação.

9. (PUC-PR) Assinale a opção que preenche corretamente os pontilhados:

1. Segue, ... a procuração.
2. Pedro está .... com o serviço militar.
3. Os vigias estão sempre ....
4. Maria estava .... encabulada.

a) anexo, quites, alerta, meio.

b) anexo, quites, alertas, meia.

c) anexa, quite, alerta, meio.

d) anexo, quites, alertas, meio.

e) anexa, quite, alertas, meia.

10. (CESGRANRIO) Há concordância inadequada em:

a) clima e terras desconhecidas.

b) clima e terra desconhecidos.

c) terras e clima desconhecidas.

d) terras e clima desconhecido.

e) terras e clima desconhecidos.

11. (UFPE) Assinale a alternativa em que ocorra algum ERRO de concordância nominal:

a) Seguem em anexo as faturas.

b) Estou quite com meus credores.

c) Cometeu um crime de lesa-majestade.

d) Incluso estão os processos.

e) Maria saiu meio decepcionada.

12. (UEPG-PR) Marque a frase absolutamente inaceitável, do ponto de vista da concordância nominal:

a) É necessária paciência.

b) Não é bonito ofendermos aos outros.

c) É bom bebermos cerveja.

d) Não é permitido presença de estranhos.

e) Água de melissa é ótimo para os nervos.

Para resolver as questões 13 a 15, assinale as alternativas e some seus valores.

13. (UFPR) Em que casos a forma entre parênteses deve ficar no plural?

1. O advogado se muniu de argumentos **(bastante)** para inocentar seu cliente.

2. Seguem **(anexo)** os comprovantes solicitados.

4. Eles **(mesmo)** admitiram que tudo não passou de farsa.

8. Os livros estão muito **(caro)**.

16. Eles vestiam calças **(cinza)**.

32. Encontraram os portões **(meio)** abertos.

64. Os brinquedos de madeira custam mais **(barato)**.

14. (PUC-SP) Assinale a(s) alternativa(s) incorreta(s) quanto à concordância nominal:

1. Entrada proibida.
2. É proibido entrada.
4. A entrada é proibida.
8. Entrada é proibido.
16. Para quem a entrada é proibido?
32. É proibida a entrada.
64. Será proibido a entrada aos retardatários.

15. (UFBA) Assinale a(s) alternativa(s) correta(s) quanto à concordância nominal:

1. Cerveja é boa para a saúde.
2. É necessário paciência.
4. É necessária muita paciência.
8. O governo destinou bastante recursos ao BNH.
16. Seguem anexo três certidões.
32. Julguei-os capacitados, o aluno e a aluna.
64. Dado as circunstâncias, retirou-se.

Respostas da unidade 20 — Concordância Nominal

Exercícios — pág. 252

1) a) preto/s b) preta/os c) preta d) sujo/s e) perdidas/dos f) estrangeiro/s g) profunda h) afinada/dos i) Deserto j) deserta/tos e) sadias/os m) Bronzeados n) humana o) idosa/os p) série/s q) grau/s.

2) I-C II-B III-D IV-A

Exercícios — pág. 256

1) — 1. anexo 2. leso- 3. alerta 4. inclusos 5. necessário 6. anexas 7. bastantes 8. bastante 9. lesa- 10. juntos 11. meia 12. bastante 13. meio 14. junto 15. proibido 16. mesma 17. bom 18. própria 19. proibida 20. boa 21. obrigada 22. obrigado 23. mesmo.

2) — 1. meio 2. meia 3. bastantes 4. bastante 5. meio 6. mesma 7. mesmos 8. próprias.

3) — d

4) — a) A b) B

Questões discursivas — pág. 257

1) necessária.

2) a) veneranda/os b) venerando.

3) A, B, A.

4) quite, meia.

5) Houve umas conversas meio longas.

6) Ao meio-dia e meia... houve perigos os mais...

7) inclusa, leso-, mesmas.

8) sós, mesmas.

9) piores, bastante, anexas.

10) sós, sós, só.

11) obrigada, certo, sensata/os.

12) a) tal qual b) alerta.

13) meias palavras.

14) É proibida a entrada de pessoas estranhas no recinto. JUSTIFICATIVA: o adjetivo **proibida** concorda com o substantivo **entrada,** que está determinado.

Testes — pág. 259

1 - e
2 - c
3 - e
4 - c
5 - a
6 - a
7 - e
8 - d
9 - c
10 - c
11 - d
12 - a
13 - 15
14 - 80
15 - 38

20 Concordância Nominal

I. Concordância do adjetivo

Regra geral

O adjetivo e as palavras adjetivas (artigo, numeral, pronome adjetivo) concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem.

Observe:

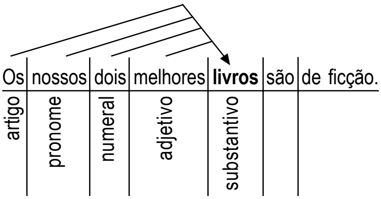

Anteposto a dois ou mais substantivos

Concorda em gênero e número **com o mais próximo**.

Exemplos:

Você escolheu **bom** lugar e hora para o espetáculo.
↓ ↓ ↓
adj. subst. subst.

Escolheste **mau** lugar e hora.

Era dotado de **extraordinária** coragem e talento.

→ **Observação:**

Referindo-se a nomes próprios, de parentesco ou a títulos, deve o adjetivo ir para o **plural**.

Exemplos:

Reli **os grandes** Machado de Assis e José de Alencar.

O vestiba comemorou com suas **elegantes** mãe, irmã e noiva.

O repórter entrevistou os **afamados** Vice-Presidente e Secretário de Estado.

Posposto a dois ou mais substantivos

Quando o adjetivo se refere a dois ou mais substantivos e vem depois destes, há duas construções possíveis:

A) O adjetivo concorda com o mais próximo:

Aquele foi um beijo e um abraço demorado.
↓ ↓ ↓
subst. subst. adj.

B) O adjetivo vai para o plural (se os gêneros são diferentes, prevalece o masculino):

Aquele foi um beijo e um abraço **demorados**.
↓ ↓ ↓
subst. subst. adj.pl.

Os homens e as mulheres **seminus, desgrenhados...**
↓ ↓ ↓ ↓
subst. masc. subst. fem. adj. masc. pl. adj. masc. pl.

Outro exemplos:

1 — Contratamos uma artesã e um artesão **habilidoso.**

* Contratamos uma artesã e um artesão **habilidosos.**

2 — Encomendei as cadeiras e a mesa **claras.**

* Encomendei as cadeiras e a mesa **clara.**

3 — Decorei a sala com as cortinas e os lustres **novos.**

* Decorei a sala com os lustres e as cortinas **novos.**

* Decorei a sala com os lustres e as cortinas **novas.**

4 — Trata-se de vaidade e orgulho **excessivo.**

* Trata-se de vaidade e orgulho **excessivos.**

* Trata-se de orgulho e vaidade **excessiva.**

* Trata-se de orgulho e vaidade **excessivos.**

Observações:

→ 1. Se, no caso do sujeito composto posposto, o verbo vier concordando com o sujeito mais próximo, com ele também concordará o predicativo anteposto àqueles sujeitos. Ex.:

* «Estava deserta, a vila, a casa, o templo.»

↓

suj. comp.

«Estavam desertos a vila, a casa, o templo».

→ suj. comp.

«A vila, a casa, o templo estavam desertos.»

→ 2. Se o predicativo se antepuser a dois ou mais núcleos do objeto, pode também concordar com o mais próximo. Ex.:

* Tenho como aprovada a aluna e o aluno.

predicat. obj.

*Tenho como aprovados a aluna e o aluno

Tenho a aluna e o aluno como aprovados.

Exemplos:

Ficaram **mudos** o **menino** e a **menina.**

↓ ↓ ↓

adj. pl. subst. subst.

Ficou **mudo** o menino e a menina.

↓ ↓ ↓

adj. subst. subst.

— Tens como **aprovados** a aluna e os alunos?

— «Vi setas e carcás **espedaçados**.»
(G. Dias)

Concordância especial

Quando o adjetivo se pospõe a dois ou mais substantivos, concorda em gênero e número com o mais próximo nos seguintes casos:

a. Substantivos sinônimos

Quando os substantivos são sinônimos entre si, o adjetivo concorda com o mais próximo.

«O furor e raiva **humana**...» (Arrais) —

«... com ímpeto e braveza **desmedida**.» (Camões)

«As maldições se cumpriram no povo e gente **hebréia**.» (Vieira)

«A aplicação e amor **intenso** aos livros fazem dele o primeiro aluno da classe.» (N. Carneiro)

b. Substantivos e gradação

Quando os substantivos se alinham em gradação (progresso ascendente ou descendente de idéias):

Exemplos:

«A inteligência, o esforço, a dedicação **extraordinária** venceu tudo."

«O seu zelo, a sua intervenção, a sua iniciativa **valiosa**...»

«Um ser, uma força, uma inteligência **infinita** ordenou o mundo.»

c. Exigência do sentido

Quando o sentido assim o exigir:

Exemplos:

— Trouxe-nos sabão e torta **deliciosa.**

— Conheci meninos e mulheres **adultas.**

Um só substantivo e mais de um adjetivo

Quando um único substantivo vem qualificado por mais de um adjetivo, ocorrem, de modo geral, as seguintes concordâncias:

1— **O substantivo fica no singular e repete-se o artigo antes de cada adjetivo.**

Exemplos:

O produto conquistou **o mercado** europeu e **o** americano.

Estudo **a língua** portuguesa e **a** inglesa.

2 — **O substantivo vai para o plural e não se repete o artigo antes de cada adjetivo.**

Exemplos:

O produto conquistou **os mercados** europeu e americano.

Estudo **as línguas** portuguesa e inglesa.

Outro exemplo:

Os poderes temporal e espiritual ou

O poder temporal e o espiritual.

Exercícios

1. Agora, escreva nos espaços em branco os adjetivos entre parênteses, de acordo com as normas de concordância nominal:

a) Tinha a barba e o cabelo .... (preto)

b) Tinha o cabelo e a barba .... (preto)

c) Tinha .... a barba e o bigode. (preto)

d) Estou com a mão e o rosto .... (sujo)

e) Estavam à procura de meninos e meninas.......... no bosque. (perdido)

f) Solicitamos tecnologia e financiamento .... (estrangeiro)

g) Manifestaram .... dor e pesar. (profundo)

h) Piano, órgão e viola .... (afinado)

i) .... o vale e a montanha. (deserto)

j) O vale e a montanha .... (deserto)

l) Os corpos e as mentes .... (sadio)

m) ..... os braços e as pernas. (bronzeado)

n) O furor e a raiva .... (humano)

o) Visitei meu avô e avó .... (idoso)

p) Oitava, sétima, sexta e quinta ....(série)

q) Terminou o primeiro e o segundo ...(grau)

2) Escreva nos parênteses:

(A) se for correta apenas a frase 1.

(B) se for correta apenas a frase 2.

(C) se forem corretas as frases 1 e 2.

(D) se nenhuma das frases for correta.

I. ( ) 1. Estava abandonada a casa, a vila e o campo.

( ) 2. Refiro-me aos antigos cursos ginasial e primário.

II. ( ) 1. O produto brasileiro agradou o mercado europeu e americano.

( ) 2. O produto brasileiro agradou o mercado europeu e o americano.

III. ( ) 1. O idioma grego e latino influenciaram o português.

( ) 2. Socorreu-se da marinha americana e inglesa.

IV. ( ) 1. Estavam silenciosos o bosque e o arvoredo.

( ) 2. O continente americano é banhado pelo oceano Atlântico e Pacífico.

II. Adjetivo em função de predicativo

O adjetivo, em função de predicativo do sujeito ou do objeto, concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere:

— O céu estava nublado.

— Os céus estavam nublados.

— Achei-o simpático.

— Achei-as simpáticas.

Concordando com mais de um substantivo

1 — Predicativo Posposto

Quando o adjetivo está posposto a dois ou mais substantivos, vai para o plural e conserva o gênero dos substantivos; se forem de **gêneros diferentes,** vai para o **masculino plural.**

Exemplos:

O **menino** e a **menina** ficaram **mudos** diante do espetáculo.

menino	menina	mudos
↓	↓	↓
subst.	subst.	adjetivo no plural

Mãe e filha viajavam **caladas.**

Pai e filha viajavam **calados.**

2 — Predicativo anteposto

Quando o adjetivo está anteposto a dois ou mais substantivos, vai para o plural ou concorda com o mais próximo.

Exemplos:

Tenho como **aprovada a aluna** e **o aluno.**

Tenho como **aprovados a aluna** e **o aluno.**

Adjetivo ≠ advérbio

Há palavras que, na frase, podem funcionar ora com valor adverbial, ora com valor adjetivo.

Pode-se descrever o comportamento da seguinte maneira:

a) São **advérbios** — portanto **invariáveis** — quando se referem a **verbos** ou **adjetivos.**

Ex.:

Falaram **bastante** sobre o assunto.

Os seres **melhor** adaptados sobrevivem.

Suas opiniões são **bastante** discutíveis.

Os artigos custam **barato.**

b) São **adjetivos** — portanto **variáveis** — quando se referem a **substantivos**.

Ex.:

Havia **bastantes** razões para confiarmos.

Venceram as **melhores** propostas.

Preços **baratos** são a alma do negócio.

Estão, nesse caso, palavras como **pouco, muito, bastante, caro, meio, longe etc.**

Portanto:

Advérbio → Invariável → acompanha verbo e adjetivos.
Adjetivo → Variável → acompanha substantivo

Casos particulares

Anexo, incluso, junto, leso

Concordam com a palavra a que se referem:

Remeto-lhe **anexas** as certidões.

Remeto-lhe **anexo** o mapa.

Remeto-lhe **inclusas** as procurações.

Remeto-lhe **inclusa** a procuração.

Seguem **juntas** as faturas.

Segue **junta** a fatura.

«Os parnasianos eram réus de **lesa**-independência.»

(R. Bopp)

Anexas, seguem as fotocópias pedidas.

Observação:

→ «EM ANEXO» é invariável:

Remeto-lhe **em anexo** as certidões.

→ JUNTO, funcionando como advérbio **(juntamente**) ou compondo locução prepositiva **(junto com, junto de)** é invariável.

Junto, remeto-lhe as certidões.

As mercadorias seguem **junto com** as fotocópias.

Pseudo/alerta/menos

Pseudo (prefixo grego usado como adjetivo), **menos** e **alerta**, advérbios, são invariáveis:

Os vigias estavam **alerta.**

Sempre desprezou os **pseudo**profetas.

Há **menos** alunas do que eu imaginava.

→ **Observação:** Apenas o advérbio **todo** pode ser flexionado:

Os meninos chegaram **todos** molhados. A menina chegou **toda** (ou **todo**) molhada.

PSEUDO (prefixo): hifen antes de H — R — S — Vogal.

Mesmo/próprio/obrigado

Concordam com a palavra a que se referem:

Ele **mesmo**, ela **mesma.**

Eu **próprio,** ela **própria.**

O rapaz disse «Muito **obrigado**».

A moça disse «Muito **obrigada**».

→ **Observação: Mesmo**, quando significa **«de fato»**, **«realmente»**, é invariável:

Ela fará **mesmo** parte da banca examinadora.

Só — Sós — A Sós

→ **Só**, empregado como adjetivo, significando **«sozinho, desacompanhado, solitário, único»**, deve concordar em número com a palavra que modifica:

Pedro e Teresa partiram **sós.**

Maria passeou **só.**

Vocês **sós** prepararam tudo?

→ Empregado como advérbio, com o sentido de **«somente, apenas, unicamente»**, permanece invariável.

Só eles tiveram coragem.

Vocês **só** fizeram isso?

→ **Observação: A sós** é invariável.

Ex.: Gostaria de ficar **a sós** por uns momentos.

Quite — Quites

Quite (= **livre, desobrigado**), adjetivo, deve concordar com o nome a que se refere:

Eu estou **quite.**

Eu e você estamos **quites.**

Você está **quite** com o serviço militar?

Meio — meia

Concordam, normalmente, com o substantivo a que se referem:

Compramos **meio** quilo de alcatra.

É **meio**-dia e **meia.** (hora)

→ **Observação: Meio**, advérbio, é invariável.

Encontrei-a **meio** triste.

Eles estavam **meio** nervosos.

É proibido, é bom, é necessário

Nos predicados nominais em que ocorre o verbo SER mais um adjetivo, formando expressões do tipo **é bom, é necessário, é proibido, é claro** etc., há duas construções:

1) Se o sujeito não vem precedido de artigo, ou qualquer modificador, a expressão fica **invariável**, portanto, no **masculino**.

É necessário organização.

É proibido entrada. Entrada **é proibido.**

2) Se o sujeito vem precedido de artigo, ou qualquer modificador, a expressão concorda normalmente com o sujeito.

É necessária a organização.

É proibida a entrada. **A** entrada **é proibida.**

Bastante — bastantes

Bastantes → Adjetivo = muitos/as

Bastante → Advérbio = muito

Bastantes alunos vieram à aula. (= muitos)

Há **bastantes** apartamentos para alugar. (= muitos)

Há vários dias chove **bastante**. (= muito)

Chove há **bastantes** dias. (= muitos)

As alunas são **bastante** esforçadas. (= muito)

O mais .... possível
Os mais ...... possíveis

A expressão **o mais** (menos, maior, menor, melhor, pior) **possível**, fica invariável, a não ser que **o artigo esteja no plural,** caso em que o adjetivo possível também vai para o plural:

Vencia obstáculos **o mais** difíceis **possível**.

Vencia obstáculos **os mais** difíceis **possíveis.**

Vencia obstáculos **o mais possível** difíceis.

Vencia obstáculos **os mais possíveis** difíceis.

Um e outro/nem um nem outro

Com estas expressões, deve o **substantivo** ficar no singular e o **adjetivo**, no plural:

Um e outro **automóvel modernos** lograram êxito de vendas.

Nem um nem outro **aluno estudiosos** ficaram apreensivos.

Um e outro **teste fáceis** foram resolvidos.

Exercícios

1) Preencha as lacunas, efetuando a concordância cabível:

1. Remeto-lhe em .... as certidões. (anexo)

2. Cometeu crime de .... -patriotismo. (leso)

3. Os soldados estavam .... (alerta)

4. Seguem .... os requerimentos. (incluso)

5. É ...... cautela com os .... líderes. (necessário/ pseudo)

6. As declarações devem seguir .... ao processo. (anexo)

7 .... alunos sabem esta lição. (bastante)

8. Os alunos sabem .... esta lição. (bastante)

9. Foi acusado de crime de .... -justiça. (leso)

10. Antônio e Maria chegaram .... (junto)

11. Daqui a alguns minutos será meio-dia e ..... (meio)

12. Os rapazes estavam .... entusiasmados. (bastante)

13. Ela parecia .... desanimada. (meio)

14. ..... com a carta segue a encomenda. (junto)

15. É .... entrada a pessoas estranhas. (proibido)

16. Ela .... tomou a decisão. (mesmo)

17. Água-de-colônia é .... (bom)

18. Ela .... tomou a decisão. (próprio)

19. É .... a entrada a pessoas estranhas. (proibido)

20. A água-de-colônia é .... (bom)

21. Ouvi da moça um «Muito ....» sincero. (obrigado)

22. O rapaz disse à moça: «Muito ....» (obrigado)

23. Eles seguem .... para Pelotas. (mesmo)

2) Nas frases que seguem, preencha o espaço em branco com a palavra que ocorre entre parênteses, fazendo a concordância exigida pela estrutura:

1. «Rubião abriu os olhos, ... fechados, e deu com o cocheiro (...)» (meio)
(Machado de Assis)

2. «Os cavalos, metidos até .... canela na correnteza, dobravam o pescoço (...)» (meio) (Guimarães Rosa)

3. Não temos razões .... para impugnar sua candidatura. (bastante)

4. Estavam .... preocupados com a situação. (bastante)

5. «A carteira era .... velha e ela não ligou muito.» (meio)
(Lygia Fagundes Telles)

6. «Mãe Cândida, ela ...., tomou parte nessa violenta luta (...)» (mesmo)
(Dinah Silveira de Queiroz)

7. «(...) a melancolia da paisagem está em nós...........» (mesmo)
(Machado de Assis)

8. «A conversa era longa, mas cada um prestava atenção às .... palavras (...)» (próprio) (Graciliano Ramos)

3) Assinale a alternativa em que ocorra algum erro de concordância nominal:

a. ( ) Saiba que você cometeu um crime de lesa-majestade.

b. ( ) Estejam alerta, pois o inimigo não manda aviso.

c. ( ) Há menos indecisão do que parece.

d. ( ) Permitam-me que as deixe só.

e. ( ) Ele sentiu que precisava ficar a sós.

4) Nas frases que seguem, encontramos a palavra SÓ**. Marque:**

A) se ela for um adjetivo (equivalente a **sozinho);**

B) se ela for um advérbio (equivalente a **somente).**

a) «Vivia só; podia ser que se retirasse para Minas.» (Machado de Assis)

Resposta: ....

b) «Derrubou-se a casa velha, que era só um ranchinho de capim.» (Guimarães Rosa)

Resposta: ....

Questões discursivas

1. (CEFET-PR) Escolha a forma correta dentre as dos parênteses e complete a lacuna:

É .... muita coragem e prudência. (necessário-necessária)

2. (FUVEST) «Disse com cuidado e sabedoria de ancião, como se precisasse tomar esse ar para falar como velho (...)». (Clarice Lispector)

a) Se, em vez da locução adjetiva de **ancião**, usássemos o adjetivo **venerando**, que formas o adjetivo poderia assumir, segundo a concordância nominal?

Resp.: ....

b) E se colocássemos o mesmo adjetivo antes dos substantivos **cuidado** e **sabedoria**?

Resp.: ....

3. (FUVEST) Qual a seqüência correta obtida a partir do seguinte código:

A) Só a I está correta.

B) I e II estão corretas.

( ) I. «Era-me necessária a carreira política (...)». (Machado de Assis)

II. Era-me necessário a carreira política.

( ) I. «Aos espiões nunca foi necessária essa liberdade (...)». (Mário de Andrade)

( ) II. «Aos espiões nunca foi necessário liberdade.

I. «(...) para melhor compreender a existência é necessário um pouco de ignorância (...)». (Millôr Fernandes)

II. Para melhor compreender a existência é necessária ignorância.

Resp.: ....

....

4. (CEFET-PR) Indique as formas dos parênteses que completam corretamente as lacunas:

— Ainda não estou .... (quite — quites) com o Serviço Militar.

— É meio-dia e .... (meio — meia)

5. (FEI-SP) Passe para o plural:

Houve uma conversa meio longa.

Resp.: ....

....

6. (FAAP-SP) Observando as regras de concordância nominal e verbal, reescreva a frase que segue:

Ao meio-dia e meio, depois de penosa escalada, durante a qual houveram perigos o mais surpreendentes possíveis, o grupo de alpinistas franceses atingiu o ponto mais elevado da cordilheira.

....

....

....

....

7. (FMU-SP) Complete, fazendo a concordância das palavras entre parênteses:

«Vai ...... (incluso) à carta minha fotografia. Essas pessoas cometeram crime de .... (leso)-patriotismo. Elas .... (mesmo) não quiseram colaborar.»

8. (UNESP) Complete com a forma adequada:

As moças, estando ...., tiveram, elas ......, de tomar as providências que a situação exigia. (só, mesmo)

9. (PUC-RIO) Preencha as lacunas com a forma adequada das palavras entre parênteses, fazendo a flexão quando necessário:

a) Por .... que sejam as conseqüências, esta é a única tentativa possível. (pior)

b) Seus propósitos são .... claros. (bastante)

c) As informações prometidas seguem .... a esta carta. (anexo)

10. (FUVEST) Complete os espaços vazios das frases que seguem com a palavra só:

Elas estão ....

Os gatos estão ....

A árvore está ....

11. (UFGO) Complete os espaços com as palavras (obrigado, certo, sensato), respectivamente, flexionando-as se necessário:

«Muito ...., disse ela. Vocês procederam ...., considerando meu ponto de vista e minha argumentação ....»

12. (CEFET-PR) Faça a concordância com as palavras indicadas nos parênteses:

a) Essas meninas são .... a mãe. (tal qual)

b) Há sempre menos ocorrências, quando os bombeiros estão .... (alerta)

13. (CEFET-PR) Reescreva o período, substituindo o termo destacado pelo do parênteses, estabelecendo a concordância devida: Não há meio termo**. (palavras)**

....

14. (UFSC) Reescreva o período abaixo. Corrija-o, se necessário, quanto à concordância. Justifique, porém, sempre a sua resposta:

É proibido a entrada de pessoas estranhas no recinto.

Correção:

Justificativa:

Testes

1. (UEPG-PR) Vão .... as faturas e os documentos ....

a) anexo — requisitados.
b) anexas — requisitados.
c) anexos — requisitadas.
d) em anexo — requisitadas.
e) em anexo — requisitados.

2. (UFPb) Há concordância inadequada em:

a) campo e restingas devastadas.
b) campo e restinga devastados.
c) restingas e campo devastadas.
d) restingas e campo devastado.
e) restingas e campo devastados.

3. (UFPR) Assinale a alternativa que contém adjetivos corretamente empregados, quanto à concordância nominal, em:

1. Comprei um terno e um sapato escuros.
2. Comprei capas e sapatos escuros.
3. Comprei uma capa e um sapato escuro.

a) 1 d) 1 e 2
b) 2 e) 1, 2 e 3
c) 3

4. (PUC-PR) Completando o período com o elemento que falta:

1. Ofereceram prêmios para os primeiro e segundo ....
2. Ofereceram prêmios para o primeiro e segundo ....
3. Hastearam .... brasileira e inglesa.
4. Hastearam .... brasileira e a inglesa.

A seqüência correta deve ser:

a) colocado, colocados, a bandeira, as bandeiras.

b) colocados, colocados, as bandeiras, as bandeiras.

c) colocados, colocado, as bandeiras, a bandeira.

d) colocado, colocado, a bandeira, a bandeira.

e) colocado, colocados, a bandeira, a bandeira.

5. (MACK-SP) Aponte a alternativa em que há erro:

a) Ante o perigo, os guardas se mantinham alertas.

b) Sua família tinha muito menos riquezas que a nossa.

c) Há bastantes meses, falou-me de seu grande amor.

d) Seus quadros eram os mais clássicos possíveis.

e) n.d.a.

6. (FMU-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas das frases a seguir:

Vão ...... aos processos várias fotografias.

Paisagens as mais belas ....

Ela estava .... narcotizada.

a) anexas, possíveis, meio.

b) anexas, possível, meio.

c) anexo, possíveis, meia.

d) anexo, possível, meio.

e) anexo, possível, meia.

7. (PUC-MG) Elas .... providenciaram os atestados, que .... enviaram às procurações, como instrumentos .... para os fins colimados.

a) mesmas, anexos, bastante.

b) mesmo, anexos, bastantes.

c) mesmas, anexo, bastante.

d) mesmo, anexo, bastante.

e) mesmas, anexos, bastantes.

8. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que a concordância nominal está errada:

a) Os braços e as mãos trêmulas erguiam-se para o céu.

b) Chegada a sua hora e a sua vez, intimidou-se.

c) Tinha belos olhos e boca.

d) Todos se moviam cautelosamente alertas ao perigo.

e) A terceira e a quarta série tiveram bom índice de aprovação.

9. (PUC-PR) Assinale a opção que preenche corretamente os pontilhados:

1. Segue, ... a procuração.

2. Pedro está .... com o serviço militar.

3. Os vigias estão sempre ....

4. Maria estava .... encabulada.

a) anexo, quites, alerta, meio.

b) anexo, quites, alertas, meia.

c) anexa, quite, alerta, meio.

d) anexo, quites, alertas, meio.

e) anexa, quite, alertas, meia.

10. (CESGRANRIO) Há concordância inadequada em:

a) clima e terras desconhecidas.

b) clima e terra desconhecidos.

c) terras e clima desconhecidas.

d) terras e clima desconhecido.

e) terras e clima desconhecidos.

11. (UFPE) Assinale a alternativa em que ocorra algum ERRO de concordância nominal:

a) Seguem em anexo as faturas.

b) Estou quite com meus credores.

c) Cometeu um crime de lesa-majestade.

d) Incluso estão os processos.

e) Maria saiu meio decepcionada.

12. (UEPG-PR) Marque a frase absolutamente inaceitável, do ponto de vista da concordância nominal:

a) É necessária paciência.

b) Não é bonito ofendermos aos outros.

c) É bom bebermos cerveja.

d) Não é permitido presença de estranhos.

e) Água de melissa é ótimo para os nervos.

Para resolver as questões 13 a 15, assinale as alternativas e some seus valores.

13. (UFPR) Em que casos a forma entre parênteses deve ficar no plural?

1. O advogado se muniu de argumentos **(bastante)** para inocentar seu cliente.

2. Seguem **(anexo)** os comprovantes solicitados.

4. Eles **(mesmo)** admitiram que tudo não passou de farsa.

8. Os livros estão muito **(caro)**.

16. Eles vestiam calças **(cinza)**.

32. Encontraram os portões **(meio)** abertos.

64. Os brinquedos de madeira custam mais **(barato)**.

14. (PUC-SP) Assinale a(s) alternativa(s) incorreta(s) quanto à concordância nominal:

1. Entrada proibida.

2. É proibido entrada.

4. A entrada é proibida.

8. Entrada é proibido.

16. Para quem a entrada é proibido?

32. É proibida a entrada.

64. Será proibido a entrada aos retardatários.

15. (UFBA) Assinale a(s) alternativa(s) correta(s) quanto à concordância nominal:

1. Cerveja é boa para a saúde.

2. É necessário paciência.

4. É necessária muita paciência.

8. O governo destinou bastante recursos ao BNH.

16. Seguem anexo três certidões.

32. Julguei-os capacitados, o aluno e a aluna.

64. Dado as circunstâncias, retirou-se.

Respostas da unidade 20 — Concordância Nominal

Exercícios — pág. 252

1) a) preto/s b) preta/os c) preta d) sujo/s e) perdidas/dos f) estrangeiro/s g) profunda h) afinada/dos i) Deserto j) deserta/tos e) sadias/os m) Bronzeados n) humana o) idosa/os p) série/s q) grau/s.

2) I-C II-B III-D IV-A

Exercícios — pág. 256

1) — 1. anexo 2. leso- 3. alerta 4. inclusos 5. necessário 6. anexas 7. bastantes 8. bastante 9. lesa- 10. juntos 11. meia 12. bastante 13. meio 14. junto 15. proibido 16. mesma 17. bom 18. própria 19. proibida 20. boa 21. obrigada 22. obrigado 23. mesmo.

2) — 1. meio 2. meia 3. bastantes 4. bastante 5. meio 6. mesma 7. mesmos 8. próprias.

3) — d

4) — a) A b) B

Questões discursivas — pág. 257

1) necessária.

2) a) veneranda/os b) venerando.

3) A, B, A.

4) quite, meia.

5) Houve umas conversas meio longas.

6) Ao meio-dia e meia... houve perigos os mais...

7) inclusa, leso-, mesmas.

8) sós, mesmas.

9) piores, bastante, anexas.

10) sós, sós, só.

11) obrigada, certo, sensata/os.

12) a) tal qual b) alerta.

13) meias palavras.

14) É proibida a entrada de pessoas estranhas no recinto. JUSTIFICATIVA: o adjetivo **proibida** concorda com o substantivo **entrada,** que está determinado.

Testes — pág. 259

1 - e
2 - c
3 - e
4 - c
5 - a
6 - a
7 - e
8 - d
9 - c
10 - c
11 - d
12 - a
13 - 15
14 - 80
15 - 38

5 Ortografia

Noções gerais

a) — Palavra derivada mantém a grafia da primitiva:

ânSia → anSioso
LuíS → LuiSinho

b) — Substantivos abstratos em -ez, -eza:

a sensat**ez**; a sur**dez**; a polid**ez**.

a bel**eza**; a real**eza**; a gentil**eza**.

Obs.: São sempre femininos.

c) — Adjetivos e gentílicos em -ÊS, -ESA:

o fran**cês** → a franc**esa**
o mont**ês** → a mont**ês** (esa)
o marq**uês** → a marqu**esa**

Obs.: Flexionam-se, e são masculinos, os terminados em **-ês.**

d) — Sufixos femininos em -ISA, -ESA, -ESSA:

profeta → profet**isa**
duque → duque**sa**
conde → conde**ssa**

e) — Emprego do X:

1 → **depois de ditongos:** caiXa; rouXinol.

2 → **depois da sílaba inicial EN-:** enXada; enXoval;enXergar.

* cuidado: **enCHer** (cheio).

→ * exceções: **caucho** e **enchova.**

f) — Verbos em -(IS)AR e -IZAR:

-(IS)AR: derivados de primitiva **com S**

liSo → aliSar
biS → biSar

- IZAR: derivados de primitiva **sem S**

desliZe → desliZar
concreto → concretiZar

* exceções:

catequeSe → catequIZAR
batiSmo → batIZAR
cristianiSmo → cristianIZAR
traumatiSmo → traumatIZAR

g) — Verbos em -UIR , -OER e -AIR, as 2ª e 3ª pessoas do Presente do Indicativo com i:

POSSUIR: possuo, possuis, possui...

CONTRIBUIR: contribuo, contribuis,contribui...

CORROER: corrôo, corróis, corrói...

ATRAI: atraio, atrais, atrai...

-UAR → E

Atenuar: atenue

Continuar: continue

h) — Verbos PÔR, USAR, QUERER e seus derivados, sempre com S:

Usei, usasse; quis, quisesse; pus, pusesse, recompusesse; etc.

i) — Quando for possível a correlação ND → NS:

AsceNDer — ascenSão — ascenSorial, descenSo...

ApreeNDer — apreenSão, apreenSivo...

FuNDir — fuSão, fuSível...

ExpaNDir — expanSão, expanSionismo...

TeNDer — tenSão

j) — Escrevem-se com J:

1. As palavras de **origem árabe, africana** ou **ameríndia:** canjica, cafajeste, canjerê.

2. Palavras derivadas de outras que têm J: laranjinha (laranja), enrijecer (rijo).

3. Formas verbais que têm o infinitivo em **-jar**:

viajar: viajei, viaje, viajem.

despejar: despeje, despejei, despejem.

4. O final **-aje**:

laje, ultraje, traje.

l) — Escrevem-se com G:

1. O final dos substantivos em **-gem**:

coragem, vertigem, ferrugem.

* **exceções: pajem** e **lambujem.**

2. Os finais em **-gio**:

estágio, egrégio, prodígio, relógio, refúgio.

3. Os verbos em **-ger** e **-gir**:

fugir, mugir, reger, tanger.

m) — Uso do **h**:

• O **h** desapareceu do interior dos vocábulos, permanecendo apenas nos dígrafos ch, lh, nh.

• exceção: **Bahia** (o estado).

• Nas palavras derivadas em que o prefixo não se separa por hífen, não se usa o **h**.

des + honra → desonra

re + haver → reaver

sub + humano → subumano

• No início dos vocábulos, escreve-se o **h** somente nas palavras que, na origem, possuem **h**:

homem (do latim **homine)**

honesto (do latim **honestu**)

mas:

ombro (do latim **umeru)**

onerar (do latim **onerare**)

$$\text{n) — }\text{HER}\overset{\downarrow}{\mathbf{B}}\text{I (pref.)} \xrightarrow{b} \text{H} \left\{\begin{array}{l} \overset{\downarrow}{\mathbf{h}}\text{er}\mathbf{b}\text{áceo} \\ \mathbf{h}\text{er}\mathbf{b}\text{ívoro} \\ \mathbf{h}\text{er}\mathbf{b}\text{icida...} \end{array}\right.$$

$$\text{ER}\overset{\downarrow}{\mathbf{V}}\text{A (rad.)} \xrightarrow{v} \cancel{\mathbf{H}} \left\{\begin{array}{l} \text{er}\mathbf{v}\text{ateiro} \\ \text{er}\mathbf{v}\text{anário} \\ \text{er}\underset{\uparrow}{\mathbf{v}}\text{icida ...} \end{array}\right.$$

o) — O sufixo -ÇÃO, formador de substantivo a partir de verbo, grafa-se com Ç.

Intuir → intui**ç**ão.

Deter → deten**ç**ão

Conter → conten**ç**ão

-S

p) — Final inho.

-Z

→ Palavras com -S (na última sílaba do radical → -Sinho.

Ex.:

caSa	lápiS	chinêS	roSa
caSinha	lapiSinho	chineSinho	roSinha

→ Palavras sem -S (na última sílaba) = → Zinho

Ex.:

pai	chuchu	raiz
paizinho	chuchuzinho	raizinha

Símbolos das unidades de medida

Os símbolos de qualquer unidade de medida se escrevem **sem ponto, com letra minúscula,** sem (**s**) para indicar o plural e, de preferência, imediatamente após o número. Ex.:

1cm 1m 1km 1kg 1h 1km/h
2cm 2m 2km 2kg 2h 2km/h
100cm 100m 100km 100kg
2h15min 80km/h

O símbolo do real antecede o número: R$ 500,00.

Exercícios

É ESCREVENDO QUE SE APRENDE A ESCREVER!

1) Leia a palavra em voz alta e, a lápis, complete a lacuna com a(s) letra(s) correspondente(s), marcando as palavras em que você tenha tido dúvidas; depois, consulte o dicionário.

estran .... eiro
can .... ica
lambu .... em
ma.... estade
assun .... ão
exce .... ão
exce .... o
maci .... o
ob .... ecar
so .... obrar
Suí....a
ascen .... ão
excur .... ão
e .... tensão
e .... tender

po .... essão
pi .... ina
ape .... ar
talve....
atravé ....
fu .... ível
parali .... ar
ga .... e
gá ....
xadre ....
embriague ....
va .... o (subst.)
va ... io
Á .... ia
a .... ia

preten .... ão
preten .... ioso
e .... trava .... ar

e .... plêndido
e .... pontâneo
di .... ernir

2) Achou fácil? Então, continuemos!

ob .... essão
a .... essor
can .... ar
alcan .... ar
dan .... ar
ân .... ia
anali .... ar
pesqui .... ar
catali .... ar
desli .... ar
satisfa .... a
cansa .... o
ab .... esso
ab .... esso
ob .... ecado

mi .... tura
fle .... a
atravé ....
talve....
te .... te
te .... to
mi .... to
sar .... ento
sar .... eta
ti .... ela
ê .... ito
he .... ito
ab .... issa
ab .... issa
a .... essório

AGORA, VAMOS ACABAR COM A DÚVIDA!

3) Complete com S ou Z:

extrava .... ar
anali .... ar
an .... ioso
mai .... ena
bu .... inar
fu il
lambu .... ar
sínte .... e
grani .... o
catali .... ar
vi .... inho
bali .... a
aneste .... ia

ala .... ão
bra .... ão
re .... ar
va .... io
obe .... idade
avestru ....
tra ....
pi .... ar
li .... o
ali .... ar
desli .... e
desli .... ar
ob .... équio

avi .... ar
corte .... ia
pra .... o
sinteti .... ar
trapé .... io
pre .... ado
go .... ar
despre .... o
bu .... ina
assa.... (adv.)
quero .... ene

revé ....
cafu .... o
atrá ....
vi .... ar
co .... inha
fregue .... ia
reve .... ar
va .... ar
a .... edume
gro .... a
co.... ido

4) Complete com J ou G:

mon .... e
.... ejum
.... esto
gor .... eio
pa .... em
ti .... ela
berin .... ela
la .... e
regur .... itava
.... en .... ibre
gen .... iva
via .... em (v.)
ar .... ila
a .... iota
.... eada
.... ente
.... eringonça
.... íria
.... ingar
.... erico
lambu .... em

.... eito
pa .... ear
estran .... eiro
tra .... e
via .... em (subst.)
verti .... em
sar .... eta
ma .... estoso
.... érsei
.... iz
fuli .... em
li .... eiro
me .... era
su .... estão
ob .... eção
pa .... elança
o .... eriza
su .... eira
rabu .... em
here .... e
can .... ica

fria .... em
ferru .... em
ma .... estade
sar .... ento
man .... erona
pro .... eção
rabu .... ice
re .... eição
ru .... ido
tan .... ível
tre .... eito
vir.... em
vare.... ista
falan .... e
alfor .... e
.... irau
o .... iva

cafa .... este
.... ir
.... ibóia
.... iló
.... enipapo
.... erimum
ri .... eza
ri .... idez
selva .... em
tan .... erina
ultra .... e
va .... em
su .... eito
al .... ibeira
pa .... é
a .... eitar
.... inete

5) Complete com CH ou X:

abaca.... i
amei .... a
bru .... a
bu .... a
bo .... e .... a
boli .... e
ca .... o
.... arque
ca .... umba
.... ope
.... umaço
col .... ão
co .... icho
co .... ilo
en .... ada

atarra .... ar
bi .... o
bro .... e
be .... iga
bai .... ada
bai .... ela
.... u .... u
.... imarrão
.... aruto
cai .... ote
.... urrasco
ca .... aça
ca .... imbo
debo .... e
engra .... ate

en .... ugar
en .... adrista
fi .... a
fanto .... e
ha .... urar
la .... ante
ma .... ixe
me .... er
pi .... e
pe .... incha
pena .... o
quei .... a
salsi .... a
ve .... ame
.... ícara
.... ampu
.... ereta
quei ..... o
ni .... o
abro .... ar

en .... er
en .... arcar
fle .... a
guin .... o
in .... ar
li .... o
lu .... o
mo .... ila
pran .... a
pa .... á
pu .... ar
ri .... a
rin .... ar
.... erife
.... avante
.... ucro
.... ará
.... ale
.... alé
in .... ada

VAMOS MUDAR UM POUCO. VOCÊ É CAPAZ DE ELIMINAR A ERRADA SEM TITUBEAR? VAMOS LÁ!

6) Risque a errada. Cuidado!

1. em cima	encima
2. em baixo	embaixo
3. abóbada	abóboda
4. cabeleireiro	cabelereiro
5. caranguejo	carangueijo
6. frustar	frustrar
7. prazerosamente	prazeirosamente
8. discóbolo	discóbulo
9. bicabornato	bicarbonato
10. figadal	fidagal
11. receoso	receioso
12. discreção	discrição
13. mendingo	mendigo
14. ovos estrelados	ovos estalados
15. reinvindicação	reivindicação
16. aterrizar	aterrissar
17. cataclismo	cataclisma
18. previlégio	privilégio
19. por isso	porisso
20. a fim de	afim de
21. manteigueira	mantegueira
22. mortadela	mortandela
23. cincoenta	cinqüenta
24. impecilho	empecilho
25. óbulo	óbolo
26. oque	o que
27. octogésimo	octagésimo
28. subjulgado	subjugado
29. TV a cores	TV em cores
30. entregas a domicílio	entregas em domicílio
31. maucriado	malcriado
32. descortínio	descortino
33. beneficente	beneficiente
34. desinteria	disenteria
35. dignatário	dignitário
36. cestite	cistite
37. cuspida	guspida
38. decote	degote
39. persuasão	persuação
40. circunavegação	circum-navegação
41. dispender	despender
42. irrequieto	irriquieto
43. cuscuz	cuzcus

7) Complete com O ou U:

ab .... lição
jab .... ti
b .... lir
b .... eiro
c .... rrupto
c .... mprimento
caç .... ar
jab .... ticaba
ab .... lir
mág .... a
s .... ar
trib ....
táb .... a
eng .... lir
Man .... el
êmb .... lo
név .... a
mag .... ar
ób .... lo
tab .... leiro
t .... lipa
us .... fruto
p .... leiro
p .... lenta
ca .... s
cap .... eira
c .... biça
escap .... lir
c ....spir
g .... ela
r .... meno
b .... cal (adj.)

b .... zina
b .... liçoso
b .... bina
c .... eiro
m .... queca
c ....tia
c .... brir
farând .... la
m ....ela
m .... lambo
tab .... ada
cam .... ndongo
c .... chicho
míng .... a
nód .... a
f .... cinho
t .... ssir
tri ....
c .... curuto
tab .... leta
.... rtiga
p .... lir
rég .... a
c .... rtume
emb .... tir
ent .... pir
enc .... brir
ch .... pim
c .... mprimentar
íng .... a
z .... ada
b .... cal (subst.)

8) Complete com E ou I:

crân .... o
aboríg .... ne
arr .... piar
requ .... sito
esqu .... sito
.... ncarnar
cesar .... ana
.... lucidar
contribu ....
cum .... eira
mó ....
habitu ....
d .... spender
d .... stilaria
d .... senteria
F.... lipe
mim .... ógrafo
um .... decer
cran .... ano

pát .... o
mer .... tíssimo
quas ....
.... mpecilho
indiscr .... ção
pr .... vilégio
d .... gladiar
g .... rino
influ ....
cand .... eiro
conclu ....
atenu ....
diss .... minar
cr .... ação
s .... quer
.... figênia
retribu ....
irr .... quieta
d .... lapidar

9) Preencha o espaço vazio com H, se for o caso:

.... élice
.... óbito
.... úmido
.... umildade
.... ábil
.... erva
.... ulha
.... ábito
.... óstia
.... ombrear

.... esitação
.... álito
.... ombro
.... ombridade
.... erbívoro
.... alteres
.... erege
.... abito
.... ortênsia
.... orto

10) Complete os espaços vazios com s, ss, c, ç, sc, xc:

a) e .... eção, e .... elente, e .... esso.

b) preten .... ão, can .... aço, compreen .... ão.

c) a .... ensão, ob .... eno, ressu .... itar.

d) ob .... ecar, ob .... ecação, ob .... ecado.

e) ob .... ediar, ob .... essão, ob .... essivo.

11) Complete com sc, c, ç, s ou ss:

a .... ude
ab.... issa
ab .... esso
ob .... eno
can .... ar
alcan .... ar
exce .... o
exce .... ão
far .... a
disfar.... ar
preten .... ioso
suí....a

ne .... essário
con .... iência
di .... en .... ão
dan .... ar
so .... ego
a .... en .... ão
a .... úcar
pê .... ego
al .... a
gan .... o
ân .... ia
o .... ilação

Questões discursivas

1. (CEFET-PR) Preencha as lacunas com os fonemas corretos:

o c....rtume d....spendeu uma soma vult....sa.

2. (CEFET-PR) O colunista sempre a elogiava, pois considerava uma moça ....

(grã fina, granfina, grã-fina).

3. (CEFET-PR) Complete com SC, XC, Ç, SS ou S:

e .... eção   de .... ida

4. (FAAP-SP) Copie, dando forma correta aos vocábulos em que haja erro de ortografia:

Eu não quis realizar a pesquisa de que fora incumbido por que andava desassocegado e angustiado com os revezes da vida e anceava por um descanço prolongado.

5. (FUVEST) Preencha os espaços vazios com a forma adequada do verbo indicado entre parênteses:

a) Cada um .... como quer. (contribuir)

b) É bom que te .... ao trabalho. (habituar)

c) Esperemos que se .... o barulho.(atenuar)

d) Exige-se dele uma competência que não ...... (possuir)

6. (CEFET-S-PR) Complete os espaços vazios pelo modelo.

MODELO: possuir — ele possui.

distribuir — ele
moer — ele
concluir — ele
distrair — ele
roer — ele
decair — ele

Testes

1. (MACK-SP) Assinale a alternativa em que todas as palavras estejam corretamente grafadas:

a) Nas proximidades dos charcos, onde a água estagnada exalava mal cheiro, estrebuchavam extranhas largatixas.

b) Improvisaram-se cochichos, afastaram-se mexericos, para esconder no tumultado contexto, aquelas chucras figuras.

c) Resolvido o qüiproquó, todos obtiveram a tranqüilidade perdida, sem regeitar a linha seqüencial do processo lingüístico.

d) Para diminuir a trégua, o diretor desprezou as mágoas, aboliu arruaças, tentou pulir as arestas até que veio a solução almejada.

e) O administrador, experto no assunto, encerrou espontaneamente a reunião, para abrandar as expectativas e eliminar as extravagâncias dos sócios participantes.

2. (PUC-MG) Essa .... dentro do grupo não .... a .... dos ânimos.

a) discensão — amenisa — exaltação.

b) dissensão — ameniza — exaltação.

c) dissenção — amenisa — exautação.

d) discensão — ameniza — exautação.

e) dissensão — amenisa — exaltação.

3. (ITA-SP) Dadas as palavras:

1. taboada
2. abcissa
3. meretíssimo

constatamos que está(estão) devidamente grafada(s):

a) apenas a palavra nº 1.

b) apenas a palavra nº 2.

c) apenas a palavra nº 3.

d) todas as palavras.

e) n.d.a

4. (ITA-SP) Dadas as palavras:

1. reaver
2. inabitado
3. habilidade

constatamos que está(estão) devidamente grafada(s):

a) apenas a palavra nº 1.

b) apenas a palavra nº 2.

c) apenas a palavra nº 3.

d) todas as palavras.

e) n.d.a.

5. (ITA-SP) Dadas as palavras:

1. atravez
2. cortez
3. atrás

constatamos que está(estão) devidamente grafada(s):

a) apenas a palavra nº 1.

b) apenas a palavra nº 2.

c) apenas a palavra nº 3.

d) todas as palavras.

e) n.d.a.

6. (UEPG-PR) A alternativa em que todas as palavras estão grafadas corretamente:

a) costear, torvo, suar, fucinho, jabuti.

b) obsceno, rescisão, bolir, boeiro, polenta.

c) iminência, cumprimento, tussir, óbulo, adolescente.

d) encarnar, previlégio, disenteria, criar, Ifigênia.

e) penico, crânio, pátio, Filipe, candeeiro.

Para resolver as questões 7 a 12, assinale as alternativas e some seus valores.

7. (UFPR) Quais as alternativas em que todos os espaços ficam corretamente preenchidos com a letra colocada entre parênteses ao final de cada série?

1. Pr....vilégio, mim....ógrafo, retribu.... (I).
2. Irr....quieto, d....stilação, ...mpecilho (E).
4. D....spender, um....decer, cor....ano (E).
8. Eng....lir, mág....a, c....rtume (O).
16. B....eiro, cam....ndongo, c....mprimentar (U).
32. Trib...., ent....pir, tab....ada (U).

8. (UNIC-MT) Assinale as alternativas em que todas as palavras estejam graficamente corretas:

1. vagem — selvagem — pagem — folhagem — viagem.

2. extravasar — analisar — paralisar — bisar — alisar.

4. deslizar — conscientizar — esvaziar — concretizar — batizar.

8. herege — monge — tigela — giz — gelo.

16. traje — majestade — berinjela — jiló — jeito.

32. extensão — excessão — extenso — obsessão — êxtase.

64. avidez — palidez — êxtase — sensatez — embriaguez.

9. (UFSC) Assinale a(s) alternativa(s) em que as palavras sejam completadas, respectivamente, por j, ch, s, i:

1. ....iló; ....u....u; e....tender; pr....vilégio.

2. berin....ela; en....oval; e....tensão; d....gladiar.

4. cafa....este; ....ucro; e....plendor; d....senteria.

8. pa....em; ....afariz; e....tático; F....lipe.

16. alfor....e; salsi....a; e....pontâneo; discr....ção.

32. ai....ibeira; ....ale; e....clamar; pát....o.

64. cora....oso; ....alé; e....travasar; cand....eiro.

10. (SANTA CASA-SP) Assinale a(s) afirmativa(s) em que se encontra(m) vocábulo(s) erroneamente grafados(s):

1. abscissa — excesso — exceção — excessivo.

2. obsessão — obcecado — excêntrico — discernir.

4. assessoria — deslizar — pulir — óbolo.

8. obsceno — bulir — bueiro — privilégio.

16. jabuti — jabuticaba — poleiro — tussir.

32. consciência — adolescente — displicência — dissidência.

11. (UNESP) As alternativas em que as palavras da série estão corretas são:

1. paralisar, pesquisar, ironizar, alisar.

2. alteza, empresa, francesa, miudeza.

4. cuscus, chimpanzé, encharcar, enxegar.

8. incenso, abcesso, obsessão, Luís.

16. Teresinha, chinesa, marquês, garrucha.

32. meretriz, vexado, xícara, xarope.

12. (UFPA) Assinale a(s) alternativa(s) em que todas as palavras se completam com a mesma letra:

1. ve....ado; lagarti....a; me....er; pon....o

2. discu....ão; submi....ão; suce....ão; exce....ão.

4. diver....ão; compreen....ão; disten....ão; conce....ão.

8. rique....a; robuste....; reali....ar; anali....ado.

16. prince....a; cortê....; talve....; atravé....

32. rendi....ão; presun....ão; conten....ão; fixa....ão.

64. ar....ila; can....ica; rabu....em; o....eriza.

13. (PUC-SP) Assinale a opção em que os pontilhados devem ser preenchidos com a mesma letra:

a) disten....ão, aten....ão

b) imer....ão, can....ão

c) devo....ão, ero....ão

d) exce....ão, como....ão

e) dimen....ão, refle....ão

14. (PUC-SP) Assinale a alternativa em que todos os pontilhados devem ser preenchidos com z**:**

a) canali .... ar, civili .... ar, pesqui .... ar.
b) normali .... ar, anali .... ar, agili .... ar.
c) finali .... ar, utili .... ar, imortali .... ar.
d) generali .... ar, inferiori .... ar, bi .... ar.
e) vulgari .... ar, tranqüili .... ar, parali .... ar.

15. (ITA-SP) Assinale a opção que preenche corretamente os pontilhados do texto a seguir:

Que............! Como..........bem os seus sentimentos!

a) poetisa, poetisa
b) poetisa, poetiza
c) poetiza, poetiza
d) poetiza, poeta
e) poeta, poetisa

16. (SANTA CASA-SP) Os.........de.......... são mais indicados para isso.

a) fuziveis — cartucho
b) fusiveis — cartuxo
c) fuzíveis — cartucho
d) fusíveis — cartuxo
e) fusíveis — cartucho

17. (OBJETIVO-SP) Dadas as palavras:

1. Destorcido
2. Distorção
3. Distratar

constatamos que está(ão) devidamente grafada(s):

a) apenas a palavra nº 1.
b) apenas a palavra nº 2.
c) apenas a palavra nº 3.
d) todas as palavras.
e) n.d.a.

18. (UFPR) Assinale a alternativa correspondente à grafia correta dos vocábulos:

1. desli .... e
2. vi .... inho
3. atravé ....
4. empre .... a

a) z — z — s — s
b) z — s — z — z
c) s — z — s — s
d) s — s — z — s

19. (UFPR) A partir dos substantivos a seguir, forme verbos da primeira conjugação. Assinale a alternativa em que todas as palavras têm a letra s antes do sufixo verbal ar:

1 — preso— ....
2 — vez— ....
3 — agonia— ....
4 — piso— ....
5 — bis— ....
6 — raso— ....
7 — atrás— ....
8 — anarquia— ....
9 — poeta— ....
10 — análise—....

a) 1 , 2, 3, 5, 6 e 7
b) 1, 3, 4, 5, 8 e 9
c) 2, 4, 7, 8, 9 e 10
d) 3, 5, 6, 7, 9 e 10
e) 1, 4, 5, 6, 7 e 10

20. (PUC-SP) Assinale a opção que deve ser preenchida com ês**:**

a) estupid....
b) sensat....
c) solid....
d) cort....
e) honrad....

21. (PUC-SP) Assinale a opção que preencha corretamente os pontilhados:

1. O chine....inho estava cansado.
2. Tinha na mão um lapi...inho.
3. Sentia uma dor...inha incômoda.
4. Afagava a cabeça do cão...inho.

a) z, z, s, s

b) s, s, z, z

c) z, s, z, s

d) s, z, s, z

e) z, z, z, z

22. (UFBA) Indique a alternativa em que todas as lacunas podem ser completadas com a mesma letra:

a) gui ... o, anali ... ar, desli .... ar, pra ... erosamente.

b) can....aço, ma....i....o, alma....o, à be....a.

c) alvi ... areiro, anti ... ético, conce ... ão, te .... itura.

d) ardó....ia, fiscali....ação, ojeri....a, descorte....ia.

e) falan .... e, ri .... eza, encora .... em, impin .... ir.

23. (UniFenas-MG) Grafam-se com s **todas as palavras do grupo:**

a) pobresa, chinês, realisar.

b) atrasado, cortês, analisar.

c) princesa, montês, civilisar.

d) suavisado, francês, economisar.

e) riquesa, robustês, encamisar.

24. (Unisinos-RS) «Pesquisar» termina em «isar». Assinale, nos itens abaixo, aquele com erro nesse sentido:

a) paralizar — suavizar — improvisar.

b) catequizar — batizar — amortizar.

c) amenizar — alisar — deslizar.

d) sintonizar — catalisar — analisar.

e) sintetizar — agonizar — contemporizar.

25. (MACK-SP) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão corretamente grafadas:

a) assessores, exceção, incansável.

b) pretencioso, aspectos, sossego.

c) excessivo, expontâneo, obseção.

d) quiseram, essência, impecílio.

e) obscecado, reinvindicação, repercussão.

26. (FMU-SP) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas corretamente:

a) paralisar, pesquisar, ironizar, deslizar.

b) alteza, empreza, francesa, miudeza.

c) cuscus, chimpanzé, encharcar, encher.

d) incenso, abcesso, obsessão, Luiz.

e) chineza, marquês, garrucha, meretriz.

27. (FMU-SP) Na palavra «murchum»**, aparece o dígrafo ch representando o som que, às vezes, pode ser grafado com a letra x.**

Aponte qual a alternativa em que tal som aparece corretamente grafado:

a) piche, inxar, xícara, flexa, mexer, bruxa.

b) cachumba, laxativo, xícara, inxar, pixe, xereta.

c) flexa, broche, pixe, inchar, caxumba, ficha, mexer.

d) broche, bruxa, pixe, xereta, flexa, inxar, penacho.

e) ficha, broche, xereta, xícara, bruxa, inchar, piche.

28. (UBC-SP) Indicar a vogal que completa corretamente os vocábulos:

a) i — d....stilar, pr....vilégio, cr....ação, d....senteria.

b) e — quas.., ..mpecilho, cand..eiro, crân..o.

c) o — cap.....eira, g....ela, b....eiro, b....lir.

d) u — táb..a, jab..ticaba, ch..visco, b..liçoso.

e) i — s..quer, efetu.., cr..ador, pát..o.

29. (UFCE) Em que alternativa todas as palavras se completam com L **ou com** U**?**

a) a..godão, a..mento, a..têntico, a..tópsia.

b) a..ditivo, a..tor, a..gúrio, a..tomático.

c) a..tivo, ca..ças, a..to-falante, ca..tela.

d) a..cançar, a..bumina, a..queire, a..-tomóvel.

30. (PUC-MG) Pelas nossas convenções ortográficas, certas palavras são escritas com U, como pau e vau (= trecho raso do rio ou mar); outras são grafadas com L, como tal e val (variante da forma verbal vale). Das opções abaixo, assinale a única em que a lacuna deve ser preenchida com a letra U, e não com L:

a) As crianças vão ma.. de saúde.

b) Quebrou o sa..to do sapato.

c) Coloque uma pá de ca.. na massa.

d) Não a..tenticou a fotocópia.

e) Entornou a ca..da do doce.

31. (FUVEST) Estava .... a .... da guerra, pois os homens .... nos erros do passado:

a) eminente/defraglação/incidiram.

b) iminente/deflagração/reincidiram.

c) eminente/conflagração/reincidiram.

d) preste/confraglação/incidiram.

e) prestes/flagracão/recindiram.

Respostas da unidade 5 — Ortografia

Exercícios — pág. 47

1)
estrangeiro
canjica
majestade
assunção
exceção
excesso
maciço
obcecar
soçobrar
Suíça
ascensão
excursão
extensão
estender
pretensão
pretensioso
extravasar
possessão
piscina
apesar
talvez
através
fusível
paralisar
gaze
gás
xadrez
embriaguez
vaso
vazio
Ásia
azia

esplêndido
espontâneo
discernir

2)
obsessão
assessor
cansar
alcançar
dançar
ânsia
analisar
pesquisar
catalisar
deslizar
satisfaça
cansaço
*abcesso
*abscesso
obcecado
mistura
flecha
através
talvez
teste
texto
misto
sargento
sarjeta
tigela
êxito
hesito
abcissa
abscissa
acessório

3) Complete com S ou Z:
extravasar
analisar
ansioso
maisena
buzinar
fuzil
lambuzar
síntese
granizo
catalisar
vizinho
baliza
anestesia
avisar
cortesia
prazo
sintetizar
trapézio
prezado
gozar
desprezo
buzina
assaz (adv.)
querosene
alazão
brasão
rezar
vazio
obesidade
avestruz
traz
pisar
liso
alisar
deslize
deslizar
obséquio
revés
cafuzo
atrás
visar
cozinha
freguesia
revezar
vazar
azedume
grosa
cozido

4) Complete com J ou G:
monge
jejum
gesto
gorjeio
pajem
projeção
rabujice
rejeição
rugido
tangível
gir
jibóia
jiló
jenipapo
jerimum

tigela
berinjela
laje
regurgitava
gengibre
gengiva
viajem (v.)
argila
agiota
geada
gente
geringonça
gíria
gingar
jerico
lambujem
friagem
ferrugem
majestade
sargento
manjerona
trejeito
virgem
varejista
falange
alforje
jirau
ogiva
jeito
pajear
estrangeiro
traje
viagem (subst.)
vertigem
sarjeta
majestoso
ojeriza
sujeira
rabugem
herege
canjica
cafajeste
jérsei
giz
fuligem
ligeiro
megera
sugestão
objeção
pajelança
rijeza
rigidez
selvagem
tangerina
ultraje
vagem
sujeito
algibeira
pajé
ajeitar
ginete

5) Complete com **CH** ou **X**:

abacaxi
ameixa
bruxa
bucha
bochecha
boliche
cacho
charque
caxumba
chope
chumaço
colchão
cochicho
cochilo
enxada
enxugar
enxadrista
fixa
fantoche
hachurar
laxante
maxixe
mexer
piche
pechincha
penacho
queixa
salsicha
vexame
xícara
xampu
xereta
queixo
nicho
abrochar
atarraxar
bicho
broche
bexiga
baixada
baixela
chuchu
chimarrão
charuto
caixote
churrasco
cachaça
cachimbo
deboche
engraxate
encher
encharcar
flecha
guincho
inchar
lixo
luxo
mochila
prancha
paxá
puxar
rixa
rinchar
xerife
xavante
xucro
xará
xale
chalé
inchada

6) **AS CORRETAS:**

1. em cima
2. embaixo
3. abóbada
4. cabeleireiro
5. caranguejo
6. frustar
7. prazerosamente
8. discóbolo
9. bicarbonato
10. figadal
11.receoso
12. discrição
13. mendigo
14. ovos estrelados
15. reivindicação
16. aterrisar
17. cataclismo
18. privilégio
19. por isso
20. a fim de
21. manteigueira
22. mortadela
23. cinqüenta
24. empecilho
25. óbolo
26. o que
27. octogésimo
28. subjugado
29. TV em cores
30. entregas em domicílio
31. malcriado
32. descortino
33. beneficente
34. disenteria
35. dignatário
36. cistite
37. cuspida
38. decote
39. persuasão
40. circunavegação
41. despender
42. irrequieto
43. cuscuz

7) Complete com **O** ou **U**:

abolição
jabuti
bulir
bueiro
corrupto
c(o/u)mprimento
caçoar
jabuticaba
abolir
mágoa
s(o/u)ar
tribo
tábua
engolir
Manuel
êmbolo
névoa
magoar
óbolo
tabuleiro
tulipa
usufruto
poleiro
polenta
caos
capoeira
cobiça
escapulir
cuspir
goela
romeno
bucal (adj.)
buzina
buliçoso
bobina
cueiro
moqueca
cutia
cobrir
farândola
moela
molambo
tabuada
camundongo
cochicho
míngua
nódoa
focinho
tossir
trio
cocuruto
tabuleta
urtiga
polir
régua
curtume
embutir
entupir
encobrir
chupim
íngua
zoada
bocal (subst.)

8) Complete com **E** ou **I**:

crânio
aborígine
arrepiar
destilaria
disenteria
Filipe
girino
influi
candeeiro

requisito
esquisito
encarnar
cesariana
elucidar
contribui
cumeeira
mói
habitue
despender
mimeógrafo
umedecer
craniano
pátio
meritíssimo
quase
empecilho
indiscrição
privilégio
digladiar
conclui
atenue
disseminar
criação
sequer
Ifigênia
retribui
irrequieta
dilapidar

9) Preencha o espaço vazio com **H**, se for o caso:
hélice
... óbito
... úmido
humildade
hábil
... erva
hulha
hábito
hóstia
... ombrear
hesitação
hálito
... ombro
hombridade
herbívoro
halteres
herege
habito
hortênsia
horto

10) Complete os espaços vazios com s, ss, c, ç, sc, xc:
a) exceção, excelente, excesso.
b) pretensão, cansaço, compreensão.
c) ascensão, obsceno, ressuscitar.
d) obcecar, obcecação, obcecado.
e) obsediar, obsessão, obsessivo.

11) Complete com sc, c, ç, s ou ss:
açude
ab(s)cissa
ab(s)cesso
obsceno
cansar
alcançar
excesso
exceção
farsa
disfarçar
pretensioso
suíça
necessário
consciência
dissensão
dançar
sossego
açúcar
pêssego
alça
ganso
ânsia
oscilação

Questões discursivas — pág. 51

1. u, e, o
2. grã-fina
3. xc, sc
4. porque, desassossegado, reveses, ansiava, descanso
5. a) contribui b) habitues
c) atenue d) possui
6. distribui, mói, conclui, distrai, rói, decai.

Testes — pág. 51

1 - e
2 - b
3 - b
4 - d
5 - c
6 - e
7 - 22
8 - 94
9 - 25
10 - 20
11 - 59
12 - 32
13 - d
14 - c
15 - b
16 - e
17 - d
18 - a
19 - e
20 - d
21 - b
22 - c
23 - b
24 - a
25 - a
26 - a
27 - e
28 - d
29 - d
30 - d
31 - b

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Análise Sintática 2
- Frase 2
- Oração 2
- Período 2
- Sujeito 2
  - Sujeito Simples 2
  - Sujeito Composto 2
  - Sujeito Oculto 2
  - Sujeito Indeterminado 3
- Oração Sem Sujeito 3

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Análise Sintática

Análise de uma oração ou de um período a partir de sua estrutura – da forma como os termos se organizam – e de sua relação semântica – ou seja, de sentido.

Frase

Uma palavra ou um conjunto de palavras que forma um sentido completo, capaz de estabelecer comunicação. Pode ser nominal (não contém verbo) ou verbal (contém verbo).

Oração

Enunciado cujo sentido gira em torno de um verbo ou de uma locução verbal.

Informação importante:

Não é possível realizar análise sintática de frases nominais, pois essa análise ocorre a partir do verbo.

Assim, o verbo é a palavra mais importante da análise sintática.

Período

Conjunto de uma ou mais orações que estabeleça uma ideia completa. Pode ser simples ou composto. Observe:

Período simples: contém apenas uma oração.

Ex.: Uma forte chuva *vai cair* daqui a pouco. (uma locução verbal, portanto, uma oração)

Período composto: contém duas ou mais orações.

Ex.: As crianças *festejaram* | quando *marcaram* o gol. (dois verbos, portanto, duas orações)

Sujeito

Lembre-se: nem sempre o sujeito de uma oração é quem realiza a ação, basta observar a voz passiva. De todo modo, é ele quem se relacionará diretamente com o verbo

Sujeito é toda e qualquer sentença, expressão ou termo que se refira diretamente ao verbo.

Lembre-se!

Núcleo do sujeito é a palavra mais importante do sujeito. Normalmente é um substantivo, um pronome ou um adjetivo substantivo. Além disso, nunca começa com preposição.

Sujeito Simples

É aquele que apresenta apenas um núcleo.

Ex.: Os cachorros abandonados *vagavam* pelas ruas.

Sujeito Composto

É aquele que tem dois ou mais núcleos.

Ex.: Os cães abandonados e os homens famintos *vagavam* pelas ruas.

Sujeito Oculto

É aquele que não está expresso na oração, mas está subentendido na conjugação verbal.

Ex.: (eu) Não *entendi* os exercícios.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Observação importante: para que seja sujeito oculto, o verbo precisa estar na 1ª ou na 2ª pessoa, do singular ou do plural (eu, tu, nós, vós). Isso porque essas são as pessoas do discurso presentes em uma comunicação, ao contrário da 3ª pessoa, de quem se fala mas que pode estar ausente da comunicação.

Sujeito Indeterminado

É aquele que não está expresso na oração e não pode ser determinado pelo contexto. Pode ser formado de duas formas:

→ por verbos na 3ª pessoa do singular ou do plural;

Ex.: *Comeram* o bolo da festa de aniversário. (não é possível determinar quem comeu)

→ pelo uso do pronome *se* como índice de indeterminação do sujeito (verbo + pronome *se* + preposição).

Ex.: *Vive*-se bem em cidades pequenas. (não se sabe quem vive)

Observação importante: se o verbo estiver conjugado na 3ª pessoa do plural ou do singular, poderá ser determinado caso haja um contexto anterior em que ele tenha sido expresso. Nesse caso, ele deixará de ser classificado como sujeito indeterminado.

Oração Sem Sujeito

É quando não há um sujeito possível para a oração. Pode ser formado por:

→ verbos indicando fenômenos da natureza;

Ex.: *Nevou* muito durante aquele inverno.

→ verbo *haver* com sentido de *existir*, *acontecer*, *realizar-se* ou *fazer* (o verbo permanecerá na 3ª pessoa do singular, sendo impessoal);

Ex.: *Há* muitos bandidos ainda impunes.

→ verbos *fazer*, *ser* e *estar* com sentido de tempo transcorrido (também é impessoal, fica sempre na 3ª pessoa do singular).

Ex.: *Faz* dias que o carteiro não aparece.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Questões de Concurso
Disciplina: Português

01. Provas: Prefeitura de Arenápolis - MT - 2021- Auxiliar de Consultório Dental
Das formas verbais abaixo qual não está conjugada no presente do indicativo?

A - Usam.
B - Conseguem.
C - Apresentam.
D - Ficam.
E - Encontraram

02. Prova: AMEOSC - 2021 - Prefeitura de São José do Cedro - SC - Técnico em Enfermagem ESF
No subtítulo "Urge **que potências redobrem pressão para sustar tragédia humanitária na Síria** ", a oração marcada em negrito é uma:

A - Oração subordinada substantiva objetiva direta.
B - Oração subordinada adjetiva restritiva.
C - Oração subordinada substantiva subjetiva.
D - Oração subordinada substantiva objetiva indireta.

03. Prova: FSPSS - 2021 - FSPSS - Técnico de Enfermagem
Indique a frase correta referente a utilização do numeral:

A - primeiro de janeiro.
B - um mil reais.
C - 3ª festa da uva.
D - século I (século um).

04. Prova: FEPESE - 2020 - Prefeitura de Coronel Freitas - SC - Auxiliar Administrativo
Assinale a alternativa em que a palavra destacada está adequada e corretamente escrita.

A - Colocou em um caxote toda a mercadoria.
B - Muitos cidadões de Coronel Freitas dedicam-se à agricultura.
C - As carroças transportavam muitas melancias, era uma réstia de melancias.
D - Se você mora em uma grande rua, mora em uma ruela.
E - Se você vê muitos porcos passando, está vendo uma vara.

05. Provas: FURB - 2020 - Prefeitura de Doutor Pedrinho - SC - Técnico de Enfermagem
Em “...Atalanta, Braço do Trombudo, Chapadão do Lageado, Dona Emma, Doutor Pedrinho, José Boiteux, Mirim Doce, Presidente Nereu, São José do Itaperiú, Vitor Meireles e Witmarsum.”, as vírgulas estão corretas, pois são utilizadas para:

A - Enumerar palavras de mesma função sintática.
B - Intercalar uma explicação.
C - Separar um aposto.
D - Omitir um termo.
E - Separar um vocativo.

06. Prova: IDIB - 2020 - Prefeitura de Xinguara - PA - Assistente Administrativo
“Na prática, **há** fatores "decisivos" que impedem alcançar a igualdade de condições entre os indivíduos”. Sobre o verbo “haver” presente no período em destaque, pode-se afirmar que

A - é um verbo pronominal que está concordando o sujeito “fatores”.
B - é um verbo pessoal que deve concordar com o sujeito a que se refere.
C - é um verbo pessoal que sempre deve permanecer no singular.
D - é um verbo impessoal que forma uma oração sem sujeito.

07. Provas: VUNESP - 2020 - Câmara de Boituva - SP - Agente Administrativo
Considere as frases:
• O programa **logrou** 5,7% menos falsos positivos e 9,4% menos falsos negativos… (3º parágrafo)
• A diferença entre os desempenhos com os dois conjuntos de dados pode ser atribuída à **peculiaridade**… (4º parágrafo)
Os termos destacados têm como sinônimos adequados ao contexto, respectivamente:

A - alcançou; particularidade.
B - objetivou; trivialidade.
C - recomendou; especificidade.
D - prescreveu; singularidade.
E - comprovou; individualidade.

08. Prova: MS CONCURSOS - 2020 - Prefeitura de Corumbiara - RO - Agente Administrativo
Assinale a alternativa, onde não temos aposto.

A - O Rio São Francisco separa e une duas cidades: Petrolina e Juazeiro.
B - Com você aprendi, grande mar, as melhores lições de humildade e paciência.
C - Houve dois culpados pela briga: tua namorada e eu.
D - A agricultura, o gado, o campo, tudo depende das chuvas.

GABARITO

01. E
02. C
03. A
04. E
05. A
06. D
07. A
08. B

Veja também questões gratuitas sobre:

- Crase
- Conjunção
- Preposição
- Dígrafos
- Uso do hífen
- Uso dos porquês

➢ Editais Abertos

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Processos de Formação de Palavras 2

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Processos de Formação de Palavras

As palavras quanto a formação podem ser:

→ PRIMITIVAS: São as palavras base da língua, não se formam através de outras. Ex.: pedra, mar, região.

→ DERIVADAS: São formadas a partir de outras palavras já existentes. Ex.: pedrisco, maresia, regional.

→ COMPOSTAS: São formadas pela união de duas ou mais palavras já existentes. Ex.: obra-prima, pernilongo, guarda-roupa.

Existem dois processos de formação de palavras em nossa língua: a DERIVAÇÃO e a COMPOSIÇÃO.

→ DERIVAÇÃO divide-se em: prefixal, sufixal, parassintética, regressiva e imprópria.

→ COMPOSIÇÃO divide-se em: justaposição e aglutinação.

Derivação = é a formação de uma nova palavra mediante o acréscimo de termos à palavra já existente.

Por Prefixação (prefixal) = acréscimo de um prefixo. Ex: **in** + feliz = **infeliz**.

Por Sufixação (sufixal) = acréscimo de um sufixo. Ex: dente + **ista** = **dentista**.

Por prefixação e sufixação (prefixal e sufixal) = acréscimo de um prefixo e um sufixo ao mesmo tempo, com independência de sentido.

Ex: **in** + feliz + **mente** = **infelizmente**

Por Parassíntese (parassintética) = acréscimo de um prefixo e um sufixo simultâneos, com independência de sentido.

Ex: **en** + tarde + **ecer** = **entardecer**.

Regressiva = a palavra nova é formada pela redução da palavra primitiva, mudando de classe, normalmente de verbo para substantivo.

Ex.: Critic**ar** – Crític**o**

Avanç**ar** – Avanç**o**

Imprópria = a palavra muda de uma classe gramatical para outra, sem alterar sua estrutura.

Ex: Andar é ótimo para a saúde. (Verbo)

O andar daquele rapaz é estranho.(substantivo)

Composição = é a formação de uma nova palavra, unindo-se palavras que já existem na língua.

Por Justaposição = nenhuma das palavras formadoras perdem FONEMAS e LETRAS.

Ex.: passa + tempo = passatempo.

guarda + chuva = guarda-chuva

Por Aglutinação = pelo menos uma das palavras perdem FONEMAS e LETRAS.

Ex.: em + boa + hora = embora.

vinho + acre = vinagre

Processos Secundários.

Hibridismo – Criação de palavras através da junção de dois radicais de origens diferentes.

Ex.: Monóculo – (greg. “monos” + lat. “oculus”); automóvel (greg. auto + lat. Móvel), cartódromo – (inglês “kart”+ greg. “dromo”)

Onomatopeia – Formação de palavras através da repetição de seu som.

Ex.: tique-taque; zunzum, toque-toque, quero-quero, bem-te-vi.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Abreviação vocabular ou Redução – Redução da palavra até o limite de sua compreensão.

Ex.: Cinema – cine; automóvel – auto, motocicleta – moto.

SIGLA – Redução de expressões a fim de formar palavras através da junção de trechos de sua expressão.

Ex.: **USP** – Universidade de São Paulo; ONU – Organização das Nações Unidas, ESA – Escola de Sargentos das Armas.

Obs.: Caso a sigla possua mais de três letras, geralmente somente a primeira é escrita em maiúscula.

Ex.: **Bovespa** – Bolsa de Valores do Estado de São Paulo.

Exercícios

01. Assinale a alternativa incorreta quanto à formação da palavra em destaque.

- ***a)*** A vida só é possível / **reinventada**. (Cecília Meireles) – derivação parassintética
- ***b)*** O amor deixará de variar, se for firme, mas não deixará de **tresvariar**, se é amor. (Pe. Antônio Vieira) – derivação prefixal
- ***c)*** O senhor tolere, isto é o **sertão** (...) Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos. (Guimarães Rosa) – derivação imprópria
- ***d)*** Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração **cadavérica**; vício grave, e aliás ínfimo (...) (Machado de Assis) – derivação sufixal

02. O vocábulo alistar segue o mesmo processo de formação de palavras presente em

- ***a)*** descarregar.
- ***b)*** empalidecer.
- ***c)*** achatamento.
- ***d)*** desligamento

Gabarito

01 - A

02 - B

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Processos de Formação de Palavras 2

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Processos de Formação de Palavras

As palavras quanto a formação podem ser:

→ PRIMITIVAS: São as palavras base da língua, não se formam através de outras. Ex.: pedra, mar, região.

→ DERIVADAS: São formadas a partir de outras palavras já existentes. Ex.: pedrisco, maresia, regional.

→ COMPOSTAS: São formadas pela união de duas ou mais palavras já existentes. Ex.: obra-prima, pernilongo, guarda-roupa.

Existem dois processos de formação de palavras em nossa língua: a DERIVAÇÃO e a COMPOSIÇÃO.

→ DERIVAÇÃO divide-se em: prefixal, sufixal, parassintética, regressiva e imprópria.

→ COMPOSIÇÃO divide-se em: justaposição e aglutinação.

Derivação = é a formação de uma nova palavra mediante o acréscimo de termos à palavra já existente.

Por Prefixação (prefixal) = acréscimo de um prefixo. Ex: **in** + feliz = **infeliz**.

Por Sufixação (sufixal) = acréscimo de um sufixo. Ex: dente + **ista** = **dentista**.

Por prefixação e sufixação (prefixal e sufixal) = acréscimo de um prefixo e um sufixo ao mesmo tempo, com independência de sentido.

Ex: **in** + feliz + **mente** = **infelizmente**

Por Parassíntese (parassintética) = acréscimo de um prefixo e um sufixo simultâneos, com independência de sentido.

Ex: **en** + tarde + **ecer** = **entardecer**.

Regressiva = a palavra nova é formada pela redução da palavra primitiva, mudando de classe, normalmente de verbo para substantivo.

Ex.: Critic**ar** – Crític**o**

Avanç**ar** – Avanç**o**

Imprópria = a palavra muda de uma classe gramatical para outra, sem alterar sua estrutura.

Ex: Andar é ótimo para a saúde. (Verbo)

O andar daquele rapaz é estranho.(substantivo)

Composição = é a formação de uma nova palavra, unindo-se palavras que já existem na língua.

Por Justaposição = nenhuma das palavras formadoras perdem FONEMAS e LETRAS.

Ex.: passa + tempo = passatempo.

guarda + chuva = guarda-chuva

Por Aglutinação = pelo menos uma das palavras perdem FONEMAS e LETRAS.

Ex.: em + boa + hora = embora.

vinho + acre = vinagre

Processos Secundários.

Hibridismo – Criação de palavras através da junção de dois radicais de origens diferentes.

Ex.: Monóculo – (greg. “monos” + lat. “oculus”); automóvel (greg. auto + lat. Móvel), cartódromo – (inglês “kart”+ greg. “dromo”)

Onomatopeia – Formação de palavras através da repetição de seu som.

Ex.: tique-taque; zunzum, toque-toque, quero-quero, bem-te-vi.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Abreviação vocabular ou Redução – Redução da palavra até o limite de sua compreensão.

Ex.: Cinema – cine; automóvel – auto, motocicleta – moto.

SIGLA – Redução de expressões a fim de formar palavras através da junção de trechos de sua expressão.

Ex.: **USP** – Universidade de São Paulo; ONU – Organização das Nações Unidas, ESA – Escola de Sargentos das Armas.

Obs.: Caso a sigla possua mais de três letras, geralmente somente a primeira é escrita em maiúscula.

Ex.: **Bovespa** – Bolsa de Valores do Estado de São Paulo.

Exercícios

01. Assinale a alternativa incorreta quanto à formação da palavra em destaque.

- ***a)*** A vida só é possível / **reinventada**. (Cecília Meireles) – derivação parassintética
- ***b)*** O amor deixará de variar, se for firme, mas não deixará de **tresvariar**, se é amor. (Pe. Antônio Vieira) – derivação prefixal
- ***c)*** O senhor tolere, isto é o **sertão** (...) Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos. (Guimarães Rosa) – derivação imprópria
- ***d)*** Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração **cadavérica**; vício grave, e aliás ínfimo (...) (Machado de Assis) – derivação sufixal

02. O vocábulo alistar segue o mesmo processo de formação de palavras presente em

- ***a)*** descarregar.
- ***b)*** empalidecer.
- ***c)*** achatamento.
- ***d)*** desligamento

Gabarito

01 - A

02 - B

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

ADRIANA
FIGUEIREDO
CURSOS

CONCORDÂNCIA NOMINAL	EXEMPLOS
1) É bom, é proibido, é permitido, é necessário...:se o substantivo não vier determinado, o adjetivo fica invariável.	Entrada é proibid**o**. Fé é necessári**o**. Cerveja é muito **bom**. Mas: **A** entrada é proibid**a**. **A** fé é necessári**a**. **Esta** cerveja é muito **boa**.
2) As expressões **UM E OUTRO, NEM UM NEM OUTRO, UM OU OUTRO** mantêm o **substantivo** no singular.	Um e outro **funcionário** serão promovidos. Nem um nem outro **aluno** conseguiu aprovação. Conheço uma ou outra **hipótese**.
3) O adjetivo **possível** concorda com o determinante; as expressões **HAJA VISTA** e **OLHOS VISTOS** estarão sempre certas.	As verdades descobertas são **as** mais variadas **possíveis**. As verdades descobertas são **o** mais variadas **possível**. Deve ser um bom livro, **haja vista** as suas edições sucessivas. Suas forças definhavam a **olhos vistos**.
4) Expressões muito usadas no dia a dia:	Vão **inclusos** à carta meus **documentos**. adjetivo subst. Seguem **anexas** aos documentos as **fotografias**. adjetivo subst. Seguem **anexas** aos documentos as **fotografias**. adjetivo subst. Seguem **em anexo** as fotografias. (invariável) **Anexa** ao presente documento, encaminhamos a **fotocópia** do decreto. Muito **obrigada**, respondeu a **moça**. adjetivo subst. Sua opinião é um crime de **lesa**-inteligência. Adjetivo Estamos **quites** com todos vocês. / Estou **quite** com todos vocês. adjetivo adjetivo **Nenhuns** obstáculos conseguirão impedir nossa vitória. pronome Elas **próprias** / **mesmas** entenderão o recado. pronome pronome **Mesmo** as crianças entenderão o recado. pal.denot. Todos os soldados estavam **alerta**. advérbio Trabalhas **menos** que eu. advérbio

5) Palavras há que, dependendo da frase, podem se flexionar ou não.	Estas foram as **sós** palavras que ele disse. adjetivo Os fatos falam por si **sós**. adjetivo **Só** alunos são admitidos na reunião. pal. denot. Bebeu sozinho **meia** caneca de vinho. numeral São pessoas **meio** estranhas. Advérbio Há **bastantes** exemplos neste livro. pron. Comprou livros **bastante** antigos. advérbio Comprou livros **bastantes**. adjetivo

6 Emprego do Hífen

O emprego do hífen é matéria extremamente complexa e mal disciplinada pelo **Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**, sobretudo no que diz respeito ao uso desse sinal em palavras formadas por prefixação. Para quem escreve, o emprego do hífen é um autêntico quebra-cabeça.

Eis, em resumo, o que diz o PVOLP a respeito do hífen.

Emprega-se o hífen:

1) **Em compostos cujos elementos conservam sua autonomia fonética e acentuação própria**, mas perderam sua significação individual para constituir uma unidade semântica, um conceito único: água-marinha, guarda-pó, quinta-feira, corre-corre, sempre-viva, água-de-colônia, capitão-de-mar-e-guerra etc.

Observação:

Note a diferença de significação:

- dia a dia = dia após dia
  o dia-a-dia = cotidiano
- meio dia = metade do dia
  ao meio-dia = às 12h
- pão duro = pão endurecido
  pão-duro = avarento
- cara suja = rosto sujo
  cara-suja = espécie de periquito
- copo de leite = copo com leite
  copo-de-leite = nome de uma flor

2) **Para ligar pronomes enclíticos e mesoclíticos a formas verbais, à palavra «eis» e aos pronomes nos** e **vos**: vê-los-ás, dir-se-ia, dava-se-lhe, ei-lo, no-lo, amá-la etc.

3) **Nos adjetivos compostos:** anglo-latino, sino-japonês, rio-grandense, mato-grossense, verde-amarelo, à-toa, cor-de-rosa, sem-vergonha, sem-par etc.

4) Em vocábulos formados pelos **sufixos açu, guaçu, mirim,** se o elemento anterior acaba em vogal acentuada (andá-açu, sabiá-guaçu, cajá-mirim) ou quando a pronúncia o exige (capim-açu).

5) Nos compostos de **BEM**

—antes de palavras que têm vida autônoma e quando a pronúncia o requer: bem-querer, bem-vindo, bem-estar, bem-amado, bem-aventurado.

6) **Em vocábulos formados por prefixos que têm acentuação própria (tônicos) ou evidência semântica:**

recém → recém-nascido
sem → sem-cerimônia
pré → pré-escolar
além → além-mar

Hífen com prefixos ⇒ sempre

7) Os quinze prefixos que seguem **devem ser separados por hífen,** independentemente da letra com que se inicia o segundo elemento:

PREFIXOS	EXEMPLOS
a) **além-, aquém-, recém,** oxítonos	além-túmulo, além-mar, aquém-fronteiras, aquém-mar, recém-chegado, recém-nascido
b) **pós-, pré-, pró-,** monossílabos tônicos	pós-datar, pós-meridiano, pré-cabralino, pré-carnavalesco, pró-paz, pró-alfabetização

PREFIXOS	EXEMPLOS
c) **bem-, sem-,** terminados em ditongo nasal	bem-aventurado, bem-querer, sem-vergonha, sem-fim
d) **sota-, soto-, vice-,** com idéia de substituição	sota-vento, soto-mestre, soto-ministro, vice-rei, vice-diretor
e) **nuper-**, prefixo erudito	nuper-falecido, nuper-publicado
f) **ex-,** no sentido de «que já foi», «estado anterior»	ex-aluno, ex-diretor, ex-presidente
g) **co-,** no sentido de «a par», «juntamente», em palavras justapostas modernas	co-produção, co-autor, co-seno, co-educação **Nota:** Ficam excluídas da regra as formas «tradicionais»: coabitar, coadjutor, coeficiente, coirmão, cologaritmo, coessência etc.
h) **pára** (forma verbal)	pára-raios, páraquedismo

8) Fora do âmbito da ortografia imposta, como recurso de estilo e com valor expressivo:

«Começou daí um Brasil-sem-história-certa.»

(Raul Bopp)

«Foi o boi-grande-que-berra-feio-e-carrega-uma-cabeça-na-cacunda.»

(Guimarães Rosa)

«— Não vou daqui sem uma resposta definitiva, disse meu pai. De-fi-ni-ti-va! repetiu, batendo as sílabas com o dedo.»

(Machado de Assis)

Observações: Em formações como **não-intervenção, não-cumprimento, não-existência, não-agressão, não-alinhado** etc. que o uso vai consagrando, considera-se o **não** um prefixo negativo, daí o uso do hífen:

«O sonho gandiano de **não-violência.»**

(Cecília Meireles)

Hífen com prefixos { Vogal h, r, s

9) Se o segundo elemento principiar por **h**, **r**, **s** ou **qualquer vogal,** os prefixos que seguem devem ser separados por **hífen**:

(VER TABELA ABAIXO)

PREFIXOS	DIANTE DE	EXCEÇÃO	EXEMPLOS
auto, contra, extra, infra, intra, neo, proto, pseudo, semi, supra e ultra	vogal, h, r,s	extraordinário	ultra-rápido, semi-selvagem, extra-oficial → **mas:** neolatino, ultravioleta, superpotência, autodestruição
ante, anti, sobre, arqui	h, r, s	**sobre,** sem hífen, quando aglutinado, sem autonomia fonética: sobressair, sobressaltar, sobressalente	ante-sala, anti-higiênico, sobre-humano; → **mas:** anteontem, antiaéreo, sobreloja

PREFIXOS	DIANTE DE	EXCEÇÃO	EXEMPLOS
pan, mal, circum	h, vogal		mal-humorado, pan-americano, circum-hospitalar; → **mas:** malcriado, circunlóquio
hiper, inter, super	h, r		super-homem, inter-humano; → **mas**: supermercado, interurbano, supersensível
ab, ob, ad, sob	r	abrupto	sob-roda, ab-rogar
sub	r, b h (fac)	* sub-humano ou subumano	sub-bibliotecário, sub-raça; → **mas:** subaéreo, subdesenvolvido, subseção.

Obs.: Advirta-se, por fim, que as abreviaturas e os derivados desses compostos conservam o hífen: ten.cel.(tenente-coronel).

Macetes para o uso do hífen com prefixos

1) Prefixo + Palavra que não inicia por vogal, H, R, S → **Não se usa hífen.**

Ex.: **contra**cheque; **sub**tenente;

extraconjugal.

2) Prefixo acentuado (tôn.) + qualquer palavra → **Hífen sempre.**

pré-modernismo; **ex**-diretor; **bem**-vindo.

Não se usa o hífen

1) Sempre que desapareceu a noção de composição da palavra, o que acontece quando um elemento se adaptou foneticamente ao vizinho ou perdeu a sua vida autônoma: **aguardente, girassol, madrepérola, sobremesa** etc.

2) Quando o prefixo (ou o elemento de composição) pode ser aglutinado sem prejuízo da clareza ou sem promover pronúncias errôneas: subdiretor, aeroporto, bimotor, bioquímico, termoelétrico (ou termelétrico), pretô-nica, anticomunista, antevéspera, superlotado, infravermelho, semibárbaro, radiouvinte, radioatividade, retropropulsão etc.

3) Nas locuções: da gema (= legítimo), um a um, de vez em quando, à toa (loc. adverbial), a fim de, ora bolas!

Mas, de mão-cheia, vice-versa, de meia-tigela, sem-par, sem-sal, tão-somente, à-toa (adj.), por serem consideradas palavras compostas, e não locuções.

4) Em expressões do tipo: estrada de ferro, doce de leite, cor de café, anjo da guarda, relógio de bolso, farinha de trigo etc.

5) Com o radical RADIO, sem hífen, sempre: radiouvinte, radiopatrulha, radiocomunicação etc.

6) **Os elementos prefixo-radicais não se ligam às palavras por meio de hífen.**

Abaixo, a relação dos **principais:**

Prefixo	Exemplo	Prefixo	Exemplo
aero	aeromotociclismo	fronto	frontonasal
agro	agrotóxico	geo	geoeconomia
ambi	ambidestro	hetero	heterossexual
angulo	angulométrico	intro	introversão
antropo	antropomorfia	macro	macrocélula
arterio	arteriosclerose	maxi	maxissaia
artro	artropneumografia	micro	microondas
astro	astrofotometria	mini	minissaia
audio	audiovisual	morfo	morfossintaxe
bi	bicampeão	multi	multiangular
bronco	broncodilatador	neuro	neurotóxico
cardio	cardiopatologia	osteo	osteoartrite
cefalo	cefalomeningite	para	paraestatal
cérebro	cerebrovascular	pluri	plurianual
cito	citoistologia	poli	policístico
crânio	crânioencefálico	rádio	radiopatrulha
eletro	eletroquímica	retro	retroprojetor
endo	endorradioterapia	socio	socioeconômico
estereo	estereodinâmico	tele	teleteatro
filo	filolusitano	termo	termoeletricidade
fisio	fisioterapia		

Exercícios

1) Assinale a única forma correta

1) ( ) autocrítica ( ) auto-crítica
2) ( ) contramestre ( ) contra-mestre
3) ( ) extraoficial ( ) extra-oficial
4) ( ) abaixoassinado ( ) abaixo-assinado
5) ( ) infraassinado ( ) infra-assinado
6) ( ) sobrenatural ( ) sobre-natural
7) ( ) sobpor ( ) sob-pôr
8) ( ) subsolo ( ) sub-solo
9) ( ) subgerente ( ) sub-gerente
10) ( ) subaéreo ( ) sub-aéreo
11) ( ) suboficial ( ) sub-oficial
12) ( ) subdesenvolvido ( ) sub-desenvolvido
13) ( ) subconsciente ( ) sub-consciente
14) ( ) maleducado ( ) mal-educado
15) ( ) autodestruição ( ) auto-destruição
16) ( ) infravermelho ( ) infra-vermelho
17) ( ) protomártir ( ) proto-mártir
18) ( ) semicírculo ( ) semi-círculo
19) ( ) semiinternato ( ) semi-internato
20) ( ) supervisão ( ) super-visão
21) ( ) superelegante ( ) super-elegante
22) ( ) antedatar ( ) ante-datar
23) ( ) antiaéreo ( ) anti-aéreo
24) ( ) bialuno ( ) bi-aluno
25) ( ) sobreaviso ( ) sobre-aviso
26) ( ) minissaia ( ) mini-saia
27) ( ) contracheque ( ) contra-cheque
28) ( ) retroprojetor ( ) retro-projetor
29) ( ) audiovisual ( ) audio-visual
30) ( ) radiopatrulha ( ) rádio-patrulha
31) ( ) mal-formação ( ) malformação

2) Forme palavras derivadas, unindo ou não pelo hífen o prefixo ao radical:

pref. + radical = palavra derivada
além + túmulo = ...
recém + nascido = ...
pré + datar = ...
pró + paz = ...
co + presidente = ...
co + seno = ...
vice + rei = ...
ex + diretor = ...
co + autor = ...
co + irmão = ...
bem + querer = ...
sem + vergonha= ....
auto + retrato = ...
neo + humanismo = ...
proto + história = ...
pseudo + sábio = ...
auto + biografia = ...
neo + clássico = ...
proto + plasma = ...
pseudo + zoário = ...
intra + uterino = ...
extra + secular= ....
infra + hepático = ...
supra + renal = ...

ultra + humano = ...
intra + medular = ...
extra + conjugal = ...
infra + vermelho = ...
extra + ordinário = ...
pref. + radical = palavra derivada
supra + natural = ...
ultra + democrático = ...
contra + dança = ...
contra + senso= ....
semi + esférico = ...
contra + prova = ...
semi + vogal = ...
ante + histórico = ...
anti + rábico = ...
arqui + secular = ...
sobre + humano = ...
sobre + aviso = ...
arqui + duque = ...
anti + ofídico = ...
ante + ato = ...
inter + mural = ...
inter + resistente = ...
super + sônico = ...
super + homem = ...
circum + hospitalar = ...
circum + lóquio = ...
com + aluno = ...
com + passo = ...
mal + formado = ...
mal + humorado = ...
mal + criado = ...
pan + helênico = ...
pan + demônio = ...
ab + rogar = ...
ob + longo = ...
ob + rogar = ...
sob + roda = ...
sob + por = ...
sub + raça = ...
sub + base = ...
sub + aéreo = ...
sub + delegado = ...
mal + andança = ...

3) Una os elementos, formando palavras compostas, com ou sem hífen:

água + rás = ...
pisca + pisca = ...
quebra + cabeça = ...
reco + reco = ...
roda + pé = ...
bem + me + quer = ...
sempre + viva = ...
deus + nos + acuda = ...
manda + chuva = ...
passa + tempo = ...
clara + bóia = ...
porta + voz = ...
alça + pão = ...
vai + vem = ...
bem + te + vi = ...
mal + me + quer = ...
má + criação = ...
verde + amarelo = ...
madre + pérola = ...
louva + a + deus = ...
guarda + mor = ...
revira + volta= ....
pão + de + ló = ...
bota + fora = ...
bem + vindo = ...

Questões discursivas

1. (FUVEST) Nas frases que seguem, foram suprimidos os hifens que eventualmente deveriam ocorrer nas expressões destacadas. Torne a empregá-los quando necessário:

1. **«Eis me** na grande corte, que aliás me parece estúpida (...)» (Aluísio Azevedo)

2. **«João de barro** é um bicho bobo que ninguém pega (...)» (Rubem Braga)

3. **«Capitão mor,** onde é o Congo?» (Jorge de Lima)

4. «A mãe tinha ido para dentro **a fim de** não ver os dois partirem.» (Autran Dourado)

5. «(...) **há de haver** alguém que ensine esta verdade aos homens.» (Machado de Assis)

2. (CEFET-PR) Qual é a diferença de significado entre: copo-de-leite **e** copo de leite**?**

Copo-de-leite é ....

Copo de leite é ....

Testes

---

1. (SANTA CASA-SP) Considerando-se que o hífen é empregado corretamente: nos compostos, cujos elementos, reduzidos ou não, perderam a sua significação própria; nos compostos com o primeiro elemento de forma adjetiva, reduzida ou não, assinale a alternativa que contém apenas exemplos certos, de acordo com a regra:

a) extraordinário; sobre-mesa; anti-higiênico.

b) maleducado; mal-humorado; subreino.

c) arco-íris; tenente-coronel; luso-brasileiro.

d) paraquedista; panamericano; bel-prazer.

e) auto-sugestão; extraregimental; pró-cônsul.

2. (UFPB) Assinale a alternativa em que o emprego do hífen nas palavras esteja correto:

a) sempre-viva, mato-grossense, verde-amarelo.

b) auto ônibus, semi-selvagem, ultra-sensível.

c) bem vindo, estrada-de-ferro, sobremesa.

d) infra-vermelho, anjo-da-guarda, bem-querer.

e) nenhuma das alternativas.

3. (UFESCAR-SP)

Fez um esforço .... para vencer o campeonato ....

a) sobre-humano — inter-regional.

b) sobrehumano — interregional.

c) sobreumano — interregional.

d) sobrehumano — inter-regional.

e) sobre-humano — interegional.

4. (PUCCAMP) Assinale a alternativa que contém as palavras corretamente formadas:

a) bem-vindo — pan-americana — sub-base — protomártir.

b) pre-histórico — mal-estar — panamericano — prematuro.

c) auto-afirmação — autocrítica — ex-combatente — neolatinas.

d) pós-graduação — antitérmico — malmequer — sub-aéreo.

e) autocontrole — anti-corrosivo — grão-mestre — aero-espacial.

5. (UNISINOS-RS) «Matéria-prima» escreve-se com hífen. Assinale o item com palavra errada nesse sentido:

a) subdesenvolvido, minimercado, bem estar.

b) protomártir, protótipo, proto-história.

c) benvindo, bem-amado, malmequer.

d) bem-me-quer, recém-vindo, além-mar

e) supermercado, super-herói, vice-diretor.

6. (UFPR) Na junção dos elementos seguintes, para formar uma só palavra, indique a alternativa que corresponde ao emprego ou não do hífen.

super + homem; pan + americano; sub + reptício; infra + estrutura; intra + muscular; extra + terreno.

a) Sim, não, não, sim, sim, não.

b) Não, não, não, não, sim, sim.

c) Sim, sim, sim, sim, não, não.

d) Sim, sim, sim, não, não, sim.

e) Sim, sim, não, sim, não, não.

7. (UNISINOS-RS) «Comprá-las» escreve-se com hífen. Assinale o item com palavra ou palavras que não deve(m) ter este sinal:

a) infra-estrutura — super-homem — auto-educação.

b) bem-vindo — ante-sala — contra-regra.

c) proto-história — contra-mestre — infra-vermelho.

d) neo-escolástico — ultra-som — pseudo-herói

e) extra-oficial — infra-hepático — semi-reta.

8. (UFMG) Marque a opção em que o hífen aparece de forma incorreta:

a) pseudo-sigla.

b) contra-indicação.

c) supra-renal.

d) tele-sistema.

e) n.d.a.

9. (UFSCAR) Os compostos estão grafados corretamente em:

a) O aero-moço ambidestro permaneceu na ante-sala.

b) Anteontem, na cirurgia, o doutor fez um corte anteroposterior para que o resultado não ficasse antiestético.

c) Quando preciso de um anti-alcoólico ou de um anti-ácido tomo água com açúcar que é ambi-valente.

d) Uma secreção broncopulmonar não pode ser tratada por cardiodilatadores; é contraindicado.

e) Para contradizer o fisiopatologista disse-lhe que a hiper-acidez voltara.

10. (FAC. MED. CATANDUVA-SP) Assinale a alternativa que contém os substantivos compostos corretos:

a) sub-base, subabitação, malbaratar.

b) infra-renal, anti-ácido, ante-sala.

c) ultramar, vice-versa, sub-chefe.

d) mal-educado, abrogar, ex-aluno.

e) rodapé, ultraliberal, panamericano

11. (ITA-SP) Dadas as palavras:

1. pão duro
2. copo de leite
3. sub raça

constatamos que o uso do **hífen** é obrigatório:

a) apenas na palavra nº 1.

b) apenas na palavra nº 2.

c) apenas na palavra nº 3.

d) em todas as palavras.

e) n.d.a

Para resolver as questões 12 a 15, assinale as alternativas e some seus valores.

12. (UFPR) As alternativas que contêm todas as palavras corretas quanto ao uso do hífen:

1. contra-ordem; contraveneno; proto-revolução.

2. intra-uterino; infra-vermelho; extra-legal.

4. auto-crítica; além-mar; pós-operatório.

8. pseudo-sábio; pseudo-profeta; ultra-som.

16. semipopular; anti-reumático; anti-ofídico.

32. arqui-duque; neo-romano; neoclássico.

64. super-mulher; supra-renal; sobre-carga.

13. (UNAMA) Todas as palavras estão corretas, exceto:

1. subtenente, subácido, subseção.

2. sob-roda, ultra-fértil, anti-ciclone.

4. ex-diretor, pré-carnavalesco, pre-dizer.

8. pró-vestiba, além-fronteira, co-autor.

16. abelha-mirim, tamanduá-mirim, cajá-mirim.

32. infra-som, intra-ocular, inframencionado.

64. autodefesa, autocrítica, autodestruição.

14. (UPCE) Estão corretas as frases:

1. Entregamos um abaixo-assinado ao Prefeito.

2. O marido acabou de matá-la a ponta-pés.

4. Percebi que era mal-educado, quando o vi fumando no elevador.

8. Foi mal-educado pelos pais.

16. Com a herança, tornou-se um boa-vida.

32. No campo, leva-se boa-vida.

64. Corremos à-toa, pois o aviso era falso, dado por uma pessoa à-toa.

15. (FUVEST) Não houve erro no uso do hífen:

1. Moji-guaçu, el-rei, pontapés.

2. contra-ataque, ultrapatriota, infra-estrutura.

4. anti-aéreo, anti-herói, super-mercado.

8. super-herói, sub-estimar, sub-raça.

16. bem-casado, benquisto, vice-governador.

32. agro-pecuária, audio-visual, geo-político.

64. multinacional, rádio-técnico, termo-elétrica.

16. (U.AM) Munido de um ...., Pedro fazia, no centro da praça, um comício ....

a) autofalante — anticlerical

b) alto-falante — anticlerical

c) autofalante — anteclerical

d) alto-falante — anteclerical

Respostas da unidade 6 — Hífen

Exercícios — pág. 62

1— As corretas

1) autocrítica
2) contramestre
3) extra-oficial
4) abaixo-assinado
5) infra-assinado
6) sobrenatural
7) sobpor
8) subsolo
9) subgerente
10) subaéreo
11) suboficial
12) subdesenvolvido
13) subconsciente
14) mal-educado
15) autodestruição
16) infravermelho
17) protomártir
18) semicírculo
19) semi-internato
20) supervisão
21) superelegante
22) antedatar
23) antiaéreo
24) bialuno
25) sobreaviso
26) minissaia
27) contracheque
28) retroprojetor
29) audiovisual
30) radiopatrulha
31) malformação

2 — As sem hífen

— coirmão.

— autobiografia, neoclássico, protoplasma, pseudozoário, intramedular, extraconjugal, infravermelho, extraordinário, supranatural, ultrademocrático, contradança.

— contraprova, semivogal, sobreaviso, arquiduque, antiofídico, anteato, intramural, supersônico, circunlóquio, compasso.

— malcriado, pandemônio, oblongo, sobpor, subaéreo, subdelegado, malandança.

3 —

— aguarrás, pisca-pisca, quebra-cabeça, reco-reco, rodapé, bem-me-quer, sempre-viva, deus-nos-acuda, mandachuva, passatempo, clarabóia, porta-voz, alçapão, vaivém, bem-te-vi, malmequer, má-criação, verde-amarelo, madrepérola, louva-a-deus, guarda-mor, reviravolta, pão-de-ló, bota-fora, bem-vindo.

Questões discursivas — pág. 63

1) Eis-me 2. João-de-barro 3. Capitão-mor 4. sem 5. sem
2) copo-de-leite (nome de uma flor); copo de leite (copo com leite)

Testes — pág. 64

1 - c
2 - a
3 - a
4 - a
5 - c
6 - c
7 - c
8 - d
9 - b
10 - a
11 - c
12 - 01
13 - 22
14 - 21
15 - 19
16 - b

6 Emprego do Hífen

O emprego do hífen é matéria extremamente complexa e mal disciplinada pelo **Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**, sobretudo no que diz respeito ao uso desse sinal em palavras formadas por prefixação. Para quem escreve, o emprego do hífen é um autêntico quebra-cabeça.

Eis, em resumo, o que diz o PVOLP a respeito do hífen.

Emprega-se o hífen:

1) **Em compostos cujos elementos conservam sua autonomia fonética e acentuação própria**, mas perderam sua significação individual para constituir uma unidade semântica, um conceito único: água-marinha, guarda-pó, quinta-feira, corre-corre, sempre-viva, água-de-colônia, capitão-de-mar-e-guerra etc.

Observação:

Note a diferença de significação:

- dia a dia = dia após dia
  o dia-a-dia = cotidiano
- meio dia = metade do dia
  ao meio-dia = às 12h
- pão duro = pão endurecido
  pão-duro = avarento
- cara suja = rosto sujo
  cara-suja = espécie de periquito
- copo de leite = copo com leite
  copo-de-leite = nome de uma flor

2) **Para ligar pronomes enclíticos e mesoclíticos a formas verbais, à palavra «eis» e aos pronomes nos** e **vos**: vê-los-ás, dir-se-ia, dava-se-lhe, ei-lo, no-lo, amá-la etc.

3) **Nos adjetivos compostos:** anglo-latino, sino-japonês, rio-grandense, mato-grossense, verde-amarelo, à-toa, cor-de-rosa, sem-vergonha, sem-par etc.

4) Em vocábulos formados pelos **sufixos açu, guaçu, mirim,** se o elemento anterior acaba em vogal acentuada (andá-açu, sabiá-guaçu, cajá-mirim) ou quando a pronúncia o exige (capim-açu).

5) Nos compostos de **BEM**

—antes de palavras que têm vida autônoma e quando a pronúncia o requer: bem-querer, bem-vindo, bem-estar, bem-amado, bem-aventurado.

6) **Em vocábulos formados por prefixos que têm acentuação própria (tônicos) ou evidência semântica:**

recém → recém-nascido
sem → sem-cerimônia
pré → pré-escolar
além → além-mar

Hífen com prefixos ⇒ sempre

7) Os quinze prefixos que seguem **devem ser separados por hífen,** independentemente da letra com que se inicia o segundo elemento:

PREFIXOS	EXEMPLOS
a) **além-, aquém-, recém,** oxítonos	além-túmulo, além-mar, aquém-fronteiras, aquém-mar, recém-chegado, recém-nascido
b) **pós-, pré-, pró-,** monossílabos tônicos	pós-datar, pós-meridiano, pré-cabralino, pré-carnavalesco, pró-paz, pró-alfabetização

PREFIXOS	EXEMPLOS
c) **bem-, sem-,** terminados em ditongo nasal	bem-aventurado, bem-querer, sem-vergonha, sem-fim
d) **sota-, soto-, vice-,** com idéia de substituição	sota-vento, soto-mestre, soto-ministro, vice-rei, vice-diretor
e) **nuper-**, prefixo erudito	nuper-falecido, nuper-publicado
f) **ex-,** no sentido de «que já foi», «estado anterior»	ex-aluno, ex-diretor, ex-presidente
g) **co-,** no sentido de «a par», «juntamente», em palavras justapostas modernas	co-produção, co-autor, co-seno, co-educação **Nota:** Ficam excluídas da regra as formas «tradicionais»: coabitar, coadjutor, coeficiente, coirmão, cologaritmo, coessência etc.
h) **pára** (forma verbal)	pára-raios, páraquedismo

8) Fora do âmbito da ortografia imposta, como recurso de estilo e com valor expressivo:

«Começou daí um Brasil-sem-história-certa.»

(Raul Bopp)

«Foi o boi-grande-que-berra-feio-e-carrega-uma-cabeça-na-cacunda.»

(Guimarães Rosa)

«— Não vou daqui sem uma resposta definitiva, disse meu pai. De-fi-ni-ti-va! repetiu, batendo as sílabas com o dedo.»

(Machado de Assis)

Observações: Em formações como **não-intervenção, não-cumprimento, não-existência, não-agressão, não-alinhado** etc. que o uso vai consagrando, considera-se o **não** um prefixo negativo, daí o uso do hífen:

«O sonho gandiano de **não-violência.»**

(Cecília Meireles)

Hífen com prefixos { Vogal / h, r, s

9) Se o segundo elemento principiar por **h**, **r**, **s** ou **qualquer vogal,** os prefixos que seguem devem ser separados por **hífen**:

(VER TABELA ABAIXO)

PREFIXOS	DIANTE DE	EXCEÇÃO	EXEMPLOS
auto, contra, extra, infra, intra, neo, proto, pseudo, semi, supra e ultra	vogal, h, r,s	extraordinário	ultra-rápido, semi-selvagem, extra-oficial → **mas:** neolatino, ultravioleta, superpotência, autodestruição
ante, anti, sobre, arqui	h, r, s	**sobre,** sem hífen, quando aglutinado, sem autonomia fonética: sobressair, sobressaltar, sobressalente	ante-sala, anti-higiênico, sobre-humano; → **mas:** anteontem, antiaéreo, sobreloja

PREFIXOS	DIANTE DE	EXCEÇÃO	EXEMPLOS
pan, mal, circum	h, vogal		mal-humorado, pan-americano, circum-hospitalar; → **mas:** malcriado, circunlóquio
hiper, inter, super	h, r		super-homem, inter-humano; → **mas**: supermercado, interurbano, supersensível
ab, ob, ad, sob	r	abrupto	sob-roda, ab-rogar
sub	r, b h (fac)	* sub-humano ou subumano	sub-bibliotecário, sub-raça; → **mas:** subaéreo, subdesenvolvido, subseção.

Obs.: Advirta-se, por fim, que as abreviaturas e os derivados desses compostos conservam o hífen: ten.cel.(tenente-coronel).

Macetes para o uso do hífen com prefixos

1) Prefixo + Palavra que não inicia por vogal, H, R, S → **Não se usa hífen.**

Ex.: **contra**cheque; **sub**tenente;

extraconjugal.

2) Prefixo acentuado (tôn.) + qualquer palavra → **Hífen sempre.**

pré-modernismo; **ex**-diretor; **bem**-vindo.

Não se usa o hífen

1) Sempre que desapareceu a noção de composição da palavra, o que acontece quando um elemento se adaptou foneticamente ao vizinho ou perdeu a sua vida autônoma: **aguardente, girassol, madrepérola, sobremesa** etc.

2) Quando o prefixo (ou o elemento de composição) pode ser aglutinado sem prejuízo da clareza ou sem promover pronúncias errôneas: subdiretor, aeroporto, bimotor, bioquímico, termoelétrico (ou termelétrico), pretô-nica, anticomunista, antevéspera, superlotado, infravermelho, semibárbaro, radiouvinte, radioatividade, retropropulsão etc.

3) Nas locuções: da gema (= legítimo), um a um, de vez em quando, à toa (loc. adverbial), a fim de, ora bolas!

Mas, de mão-cheia, vice-versa, de meia-tigela, sem-par, sem-sal, tão-somente, à-toa (adj.), por serem consideradas palavras compostas, e não locuções.

4) Em expressões do tipo: estrada de ferro, doce de leite, cor de café, anjo da guarda, relógio de bolso, farinha de trigo etc.

5) Com o radical RADIO, sem hífen, sempre: radiouvinte, radiopatrulha, radiocomunicação etc.

6) **Os elementos prefixo-radicais não se ligam às palavras por meio de hífen.**

Abaixo, a relação dos **principais:**

Prefixo Exemplo
aero - aeromotociclismo
agro - agrotóxico
ambi - ambidestro
angulo - angulométrico
antropo - antropomorfia
arterio - arteriosclerose
artro - artropneumografia
astro - astrofotometria
audio - audiovisual
bi - bicampeão
bronco - broncodilatador
cardio - cardiopatologia
cefalo - cefalomeningite
cérebro - cerebrovascular
cito - citoistologia
crânio - crânioencefálico
eletro - eletroquímica
endo - endorradioterapia
estereo - estereodinâmico
filo - filolusitano
fisio - fisioterapia

Prefixo Exemplo
fronto - frontonasal
geo - geoeconomia
hetero - heterossexual
intro - introversão
macro - macrocélula
maxi - maxissaia
micro - microondas
mini - minissaia
morfo - morfossintaxe
multi - multiangular
neuro - neurotóxico
osteo - osteoartrite
para - paraestatal
pluri - plurianual
poli - policístico
rádio - radiopatrulha
retro - retroprojetor
socio - socioeconômico
tele - teleteatro
termo - termoeletricidade

Exercícios

1) Assinale a única forma correta

1) ( ) autocrítica ( ) auto-crítica
2) ( ) contramestre ( ) contra-mestre
3) ( ) extraoficial ( ) extra-oficial
4) ( ) abaixoassinado ( ) abaixo-assinado
5) ( ) infraassinado ( ) infra-assinado
6) ( ) sobrenatural ( ) sobre-natural
7) ( ) sobpor ( ) sob-pôr
8) ( ) subsolo ( ) sub-solo
9) ( ) subgerente ( ) sub-gerente
10) ( ) subaéreo ( ) sub-aéreo
11) ( ) suboficial ( ) sub-oficial
12) ( ) subdesenvolvido ( ) sub-desenvolvido
13) ( ) subconsciente ( ) sub-consciente
14) ( ) maleducado ( ) mal-educado
15) ( ) autodestruição ( ) auto-destruição
16) ( ) infravermelho ( ) infra-vermelho
17) ( ) protomártir ( ) proto-mártir
18) ( ) semicírculo ( ) semi-círculo
19) ( ) semiinternato ( ) semi-internato
20) ( ) supervisão ( ) super-visão
21) ( ) superelegante ( ) super-elegante
22) ( ) antedatar ( ) ante-datar
23) ( ) antiaéreo ( ) anti-aéreo
24) ( ) bialuno ( ) bi-aluno
25) ( ) sobreaviso ( ) sobre-aviso
26) ( ) minissaia ( ) mini-saia
27) ( ) contracheque ( ) contra-cheque
28) ( ) retroprojetor ( ) retro-projetor
29) ( ) audiovisual ( ) audio-visual
30) ( ) radiopatrulha ( ) rádio-patrulha
31) ( ) mal-formação ( ) malformação

2) Forme palavras derivadas, unindo ou não pelo hífen o prefixo ao radical:

pref. + radical = palavra derivada
além + túmulo = ...
recém + nascido = ...
pré + datar = ...
pró + paz = ...
co + presidente = ...
co + seno = ...
vice + rei = ...
ex + diretor = ...
co + autor = ...
co + irmão = ...
bem + querer = ...
sem + vergonha= ....
auto + retrato = ...
neo + humanismo = ...
proto + história = ...
pseudo + sábio = ...
auto + biografia = ...
neo + clássico = ...
proto + plasma = ...
pseudo + zoário = ...
intra + uterino = ...
extra + secular= ....
infra + hepático = ...
supra + renal = ...

ultra + humano = ...
intra + medular = ...
extra + conjugal = ...
infra + vermelho = ...
extra + ordinário = ...
pref. + radical = palavra derivada
supra + natural = ...
ultra + democrático = ...
contra + dança = ...
contra + senso= ....
semi + esférico = ...
contra + prova = ...
semi + vogal = ...
ante + histórico = ...
anti + rábico = ...
arqui + secular = ...
sobre + humano = ...
sobre + aviso = ...
arqui + duque = ...
anti + ofídico = ...
ante + ato = ...
inter + mural = ...
inter + resistente = ...
super + sônico = ...
super + homem = ...
circum + hospitalar = ...
circum + lóquio = ...
com + aluno = ...
com + passo = ...
mal + formado = ...
mal + humorado = ...
mal + criado = ...
pan + helênico = ...
pan + demônio = ...
ab + rogar = ...
ob + longo = ...
ob + rogar = ...
sob + roda = ...
sob + por = ...
sub + raça = ...
sub + base = ...
sub + aéreo = ...
sub + delegado = ...
mal + andança = ...

3) Una os elementos, formando palavras compostas, com ou sem hífen:

água + rás = ...
pisca + pisca = ...
quebra + cabeça = ...
reco + reco = ...
roda + pé = ...
bem + me + quer = ...
sempre + viva = ...
deus + nos + acuda = ...
manda + chuva = ...
passa + tempo = ...
clara + bóia = ...
porta + voz = ...
alça + pão = ...
vai + vem = ...
bem + te + vi = ...
mal + me + quer = ...
má + criação = ...
verde + amarelo = ...
madre + pérola = ...
louva + a + deus = ...
guarda + mor = ...
revira + volta= ....
pão + de + ló = ...
bota + fora = ...
bem + vindo = ...

Questões discursivas

1. (FUVEST) Nas frases que seguem, foram suprimidos os hifens que eventualmente deveriam ocorrer nas expressões destacadas. Torne a empregá-los quando necessário:

1. **«Eis me** na grande corte, que aliás me parece estúpida (...)» (Aluísio Azevedo)

2. **«João de barro** é um bicho bobo que ninguém pega (...)» (Rubem Braga)

3. **«Capitão mor,** onde é o Congo?» (Jorge de Lima)

4. «A mãe tinha ido para dentro **a fim de** não ver os dois partirem.» (Autran Dourado)

5. «(...) **há de haver** alguém que ensine esta verdade aos homens.» (Machado de Assis)

2. (CEFET-PR) Qual é a diferença de significado entre: copo-de-leite **e** copo de leite**?**

Copo-de-leite é ....

Copo de leite é ....

Testes

1. (SANTA CASA-SP) Considerando-se que o hífen é empregado corretamente: nos compostos, cujos elementos, reduzidos ou não, perderam a sua significação própria; nos compostos com o primeiro elemento de forma adjetiva, reduzida ou não, assinale a alternativa que contém apenas exemplos certos, de acordo com a regra:

a) extraordinário; sobre-mesa; anti-higiênico.

b) maleducado; mal-humorado; subreino.

c) arco-íris; tenente-coronel; luso-brasileiro.

d) paraquedista; panamericano; bel-prazer.

e) auto-sugestão; extraregimental; pró-cônsul.

2. (UFPB) Assinale a alternativa em que o emprego do hífen nas palavras esteja correto:

a) sempre-viva, mato-grossense, verde-amarelo.

b) auto ônibus, semi-selvagem, ultra-sensível.

c) bem vindo, estrada-de-ferro, sobremesa.

d) infra-vermelho, anjo-da-guarda, bem-querer.

e) nenhuma das alternativas.

3. (UFESCAR-SP)

Fez um esforço .... para vencer o campeonato ....

a) sobre-humano — inter-regional.

b) sobrehumano — interregional.

c) sobreumano — interregional.

d) sobrehumano — inter-regional.

e) sobre-humano — interegional.

4. (PUCCAMP) Assinale a alternativa que contém as palavras corretamente formadas:

a) bem-vindo — pan-americana — sub-base — protomártir.

b) pre-histórico — mal-estar — panamericano — prematuro.

c) auto-afirmação — autocrítica — ex-combatente — neolatinas.

d) pós-graduação — antitérmico — malmequer — sub-aéreo.

e) autocontrole — anti-corrosivo — grão-mestre — aero-espacial.

5. (UNISINOS-RS) «Matéria-prima» escreve-se com hífen. Assinale o item com palavra errada nesse sentido:

a) subdesenvolvido, minimercado, bem estar.

b) protomártir, protótipo, proto-história.

c) benvindo, bem-amado, malmequer.

d) bem-me-quer, recém-vindo, além-mar

e) supermercado, super-herói, vice-diretor.

6. (UFPR) Na junção dos elementos seguintes, para formar uma só palavra, indique a alternativa que corresponde ao emprego ou não do hífen.

super + homem; pan + americano; sub + reptício; infra + estrutura; intra + muscular; extra + terreno.

a) Sim, não, não, sim, sim, não.

b) Não, não, não, não, sim, sim.

c) Sim, sim, sim, sim, não, não.

d) Sim, sim, sim, não, não, sim.

e) Sim, sim, não, sim, não, não.

7. (UNISINOS-RS) «Comprá-las» escreve-se com hífen. Assinale o item com palavra ou palavras que não deve(m) ter este sinal:

a) infra-estrutura — super-homem — auto-educação.

b) bem-vindo — ante-sala — contra-regra.

c) proto-história — contra-mestre — infra-vermelho.

d) neo-escolástico — ultra-som — pseudo-herói

e) extra-oficial — infra-hepático — semi-reta.

8. (UFMG) Marque a opção em que o hífen aparece de forma incorreta:

a) pseudo-sigla.

b) contra-indicação.

c) supra-renal.

d) tele-sistema.

e) n.d.a.

9. (UFSCAR) Os compostos estão grafados corretamente em:

a) O aero-moço ambidestro permaneceu na ante-sala.

b) Anteontem, na cirurgia, o doutor fez um corte anteroposterior para que o resultado não ficasse antiestético.

c) Quando preciso de um anti-alcoólico ou de um anti-ácido tomo água com açúcar que é ambi-valente.

d) Uma secreção broncopulmonar não pode ser tratada por cardiodilatadores; é contraindicado.

e) Para contradizer o fisiopatologista disse-lhe que a hiper-acidez voltara.

10. (FAC. MED. CATANDUVA-SP) Assinale a alternativa que contém os substantivos compostos corretos:

a) sub-base, subabitação, malbaratar.

b) infra-renal, anti-ácido, ante-sala.

c) ultramar, vice-versa, sub-chefe.

d) mal-educado, abrogar, ex-aluno.

e) rodapé, ultraliberal, panamericano

11. (ITA-SP) Dadas as palavras:

1. pão duro
2. copo de leite
3. sub raça

constatamos que o uso do **hífen** é obrigatório:

a) apenas na palavra nº 1.

b) apenas na palavra nº 2.

c) apenas na palavra nº 3.

d) em todas as palavras.

e) n.d.a

Para resolver as questões 12 a 15, assinale as alternativas e some seus valores.

12. (UFPR) As alternativas que contêm todas as palavras corretas quanto ao uso do hífen:

1. contra-ordem; contraveneno; proto-revolução.

2. intra-uterino; infra-vermelho; extra-legal.

4. auto-crítica; além-mar; pós-operatório.

8. pseudo-sábio; pseudo-profeta; ultra-som.

16. semipopular; anti-reumático; anti-ofídico.

32. arqui-duque; neo-romano; neoclássico.

64. super-mulher; supra-renal; sobre-carga.

13. (UNAMA) Todas as palavras estão corretas, exceto:

1. subtenente, subácido, subseção.

2. sob-roda, ultra-fértil, anti-ciclone.

4. ex-diretor, pré-carnavalesco, pre-dizer.

8. pró-vestiba, além-fronteira, co-autor.

16. abelha-mirim, tamanduá-mirim, cajá-mirim.

32. infra-som, intra-ocular, inframencionado.

64. autodefesa, autocrítica, autodestruição.

14. (UPCE) Estão corretas as frases:

1. Entregamos um abaixo-assinado ao Prefeito.

2. O marido acabou de matá-la a ponta-pés.

4. Percebi que era mal-educado, quando o vi fumando no elevador.

8. Foi mal-educado pelos pais.

16. Com a herança, tornou-se um boa-vida.

32. No campo, leva-se boa-vida.

64. Corremos à-toa, pois o aviso era falso, dado por uma pessoa à-toa.

15. (FUVEST) Não houve erro no uso do hífen:

1. Moji-guaçu, el-rei, pontapés.

2. contra-ataque, ultrapatriota, infra-estrutura.

4. anti-aéreo, anti-herói, super-mercado.

8. super-herói, sub-estimar, sub-raça.

16. bem-casado, benquisto, vice-governador.

32. agro-pecuária, audio-visual, geo-político.

64. multinacional, rádio-técnico, termo-elétrica.

16. (U.AM) Munido de um ...., Pedro fazia, no centro da praça, um comício ....

a) autofalante — anticlerical

b) alto-falante — anticlerical

c) autofalante — anteclerical

d) alto-falante — anteclerical

Respostas da unidade 6 — Hífen

Exercícios — pág. 62

1— As corretas

1) autocrítica
2) contramestre
3) extra-oficial
4) abaixo-assinado
5) infra-assinado
6) sobrenatural
7) sobpor
8) subsolo
9) subgerente
10) subaéreo
11) suboficial
12) subdesenvolvido
13) subconsciente
14) mal-educado
15) autodestruição
16) infravermelho
17) protomártir
18) semicírculo
19) semi-internato
20) supervisão
21) superelegante
22) antedatar
23) antiaéreo
24) bialuno
25) sobreaviso
26) minissaia
27) contracheque
28) retroprojetor
29) audiovisual
30) radiopatrulha
31) malformação

2 — As sem hífen

— coirmão.

— autobiografia, neoclássico, protoplasma, pseudozoário, intramedular, extraconjugal, infravermelho, extraordinário, supranatural, ultrademocrático, contradança.

— contraprova, semivogal, sobreaviso, arquiduque, antiofídico, anteato, intramural, supersônico, circunlóquio, compasso.

— malcriado, pandemônio, oblongo, sobpor, subaéreo, subdelegado, malandança.

3 —

— aguarrás, pisca-pisca, quebra-cabeça, reco-reco, rodapé, bem-me-quer, sempre-viva, deus-nos-acuda, mandachuva, passatempo, clarabóia, porta-voz, alçapão, vaivém, bem-te-vi, malmequer, má-criação, verde-amarelo, madrepérola, louva-a-deus, guarda-mor, reviravolta, pão-de-ló, bota-fora, bem-vindo.

Questões discursivas — pág. 63

1) Eis-me 2. João-de-barro 3. Capitão-mor 4. sem 5. sem
2) copo-de-leite (nome de uma flor); copo de leite (copo com leite)

Testes — pág. 64

1 - c
2 - a
3 - a
4 - a
5 - c
6 - c
7 - c
8 - d
9 - b
10 - a
11 - c
12 - 01
13 - 22
14 - 21
15 - 19
16 - b

Questões Concurso Pedagogia: Ortografia, Pronome, Crase, ...

Questões retiradas da prova realizada no CONCURSO PÚBLICO – PREFEITURA MUNICIPAL DE TAPIRA/MG, ano 2020.

O que difere organismos de crianças e adultos

Crianças precisam dormir mais do que adultos: até os 3 anos, elas devem descansar cerca de 10 horas por noite. Depois disso, o ideal é manter uma média de 9 horas. É que, durante o sono, ocorrem vários processos que são mais intensos nas crianças e adolescentes do que nos adultos. Por exemplo: dormir ajuda a liberar o hormônio que estimula o crescimento; e é durante o sono que armazenamos todo o aprendizado do dia.

Por dormirem mais do que os adultos, as crianças acabam tendo mais energia. O período de sono ajuda a criar um tipo de depósito de energia, que pode ser gasto a qualquer momento. Adultos também têm energia suficiente para manter o corpo funcionando e fazer tarefas diárias, mas possuem compromissos como o trabalho, cuidar da casa e dos filhos, o que os deixam mais cansados.

A quantidade de ossos também muda de acordo com a fase da vida. Quando nasce, um bebê tem mais ossos do que um adulto. Apesar de já ter o organismo pronto para a vida fora do útero, ele ainda não possui os ossos completamente formados. Um recém-nascido chega ao mundo com cerca de 300 ossos – enquanto os adultos têm 206! Com o passar dos anos, alguns ossos se unem, formando outros mais fortes. Um exemplo é o osso do quadril (ilíaco), formado da união dos ossos ílio, ísquio e púbis, que acontece no final da adolescência.

Ossos, ligamentos e músculos são menos rígidos nas crianças: o corpo ainda vai passar por várias transformações durante o crescimento. Isso dá mais flexibilidade, tornando as crianças capazes de fazer movimentos que os adultos não conseguem mais, ___________, conforme envelhecemos, o corpo fica mais firme e forte.

Durante a infância, o sistema nervoso está em processo de desenvolvimento – as ligações estão se formando e o cérebro recebe novas informações o tempo todo. É por isso que as crianças têm mais facilidade de aprendizado. Além disso, elas são mais influenciadas por estímulos exteriores: se frequentarem ambientes onde falam uma segunda língua, é provável que aprendam o idioma com facilidade.

https://recreio.uol.com.br/corpo-humano/diferencas... - adaptado.

1) Assinalar a alternativa que preenche a lacuna do texto CORRETAMENTE:

a) por que
b) porque
c) por quê
d) porquê

SUPER PREPARADO CURSOS E CONCURSOS
https://questoesconcursopedagogia.com.br/

2) Em conformidade com o texto, marcar C para as afirmativas Certas, E para as Erradas e, após, assinalar a alternativa que apresenta a sequência CORRETA:

(---) As crianças possuem mais flexibilidade do que os adultos, pois o corpo, conforme envelhecemos, fica mais forte e firme.
(---) Como o sistema nervoso está em processo de desenvolvimento durante a infância, as crianças têm mais facilidade de aprendizado.

a) C - E.
b) E - C.
c) C - C.

d) E - E.

3) Em conformidade com o texto, analisar os itens abaixo:

I. O tempo que crianças até os 3 anos precisam dormir é de cerca de 10 horas por noite.

II. Quando nasce, um bebê tem mais ossos do que um adulto, pois a quantidade de ossos muda de acordo com a fase da vida.

a) Os itens I e II estão corretos.
b) Somente o item I está correto.
c) Somente o item II está correto.
d) Os itens I e II estão incorretos

4) Sobre as classes gramaticais, em "Depois disso, o ideal é manter uma média de 9 horas.", a palavra sublinhada é classificada como:

a) Preposição.
b) Advérbio.
c) Pronome.
d) Substantivo.

.

5) No período "Adultos também têm energia suficiente para manter o corpo funcionando (...)", a oração sublinhada expressa ideia de:

a) Consequência.
b) Concessão.
c) Proporção.
d) Finalidade.

6) Em relação à ortografia, assinalar a alternativa CORRETA:

a) Sobre-natural.
b) Contra-habitual.
c) Anti-social.
d) Co-adjuvar.

7) Uma atividade salubre é o mesmo que uma atividade:

a) Sábia.
b) Saborosa.
c) Salobra.
d) Saudável.

8) Assinalar a alternativa que preenche as lacunas abaixo CORRETAMENTE:

Quando ficaram cara ____ cara, pediu desculpas, fazendo referência ___ atitude que teve outrora.

a) a | à
b) à | à
c) à | a
d) a | a

9) Em relação ao processo de formação de palavras, assinalar a alternativa que apresenta uma palavra formada por derivação sufixal:

a) Amoral.
b) Inapto.
c) Papelaria.
d) Desleal.

SUPER PREPARADO CURSOS E CONCURSOS
https://questoesconcursopedagogia.com.br/

10) Assinalar a alternativa em que a colocação do pronome oblíquo está CORRETA:

a) Avisaram-me dos problemas da gerência.
b) Nos disseram grandes disparates.
c) Se alegrem, crianças.
d) Me convidaram para a concorrida festa.

GABARITO

1-B
2-C
3-A
4-B
5-D
6-B
7-D
8-A
9-C
10-A

SUPER PREPARADO CURSOS E CONCURSOS
https://questoesconcursopedagogia.com.br/

Super Preparação Com Mais de 3000 Questões Por assunto:
https://questoesconcursopedagogia.com.br/mais1200questoes/

Materiais para concursos de diversas áreas como Educação Física, Matemática e outros – CLIQUE AQUI

Cursos Online Gratuitos (COM CERTIFICADO) – CLIQUE AQUI

Materiais de Matemática para Sala de Aula – CLIQUE AQUI

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Fonologia – Estudo dos Sons 2
Fonemas 2
Encontros Vocálicos, Dígrafos e Encontros Consonantais 2

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Fonologia – Estudo dos Sons

Fonemas

Encontros Vocálicos, Dígrafos e Encontros Consonantais

Fonemas são as menores unidades sonoras capazes de estabelecer distinção e significação entre as palavras.

Ex: casa/capa, muro/mudo, dia/tia.

A troca de um único fonema determina o surgimento de outra palavra O fonema se manifesta no som produzido e é registrado pela letra, é representado graficamente por ela.

O fonema /z/, por exemplo, pode ser representado por várias letras: z (fazenda), x (exagerado), s (mesa).

Os fonemas da língua portuguesa classificam-se em vogais, semivogais e consoantes.

Vogais: são fonemas pronunciados sem obstáculo à passagem de ar, chegando livremente ao exterior, sons fortes. São eles: a, e, o

Ex: pato, bota

Semivogais: são os fonemas que se juntam a uma vogal, formando com esta uma só sílaba, sons fracos. São eles: i, u.

Ex: couro, baile. Observe que só os fonemas /i/ e /u/ átonos funcionam como semivogais.

Consoantes: são fonemas produzidos com uma resistência à passagem de ar que os órgãos bucais (língua, dentes, lábios) opõem. São eles: b, c, d, f, g...

Ex: caderno, lâmpada.

Há três tipos de encontros vocálicos: ditongo, hiato e tritongo.

Ditongo: é a junção de uma vogal e uma semivogal na mesma sílaba, podendo ser decrescente ou crescente.

Ex.: noite (dd), quase (dc).

Ditongo Decrescente

Vogal + semi-vogal

Ex: lei-te, noi-te, lou-sa

Ditongo Crescente

Semi-vogal + vogal

Ex: qua-se, es-pé-cie, his-tó-ria.

Tritongo: é a junção de uma vogal e duas semivogais e na mesma sílaba.

Ex.: Paraguai, arguiu.

Hiato: é quando duas vogais são pronunciadas separadamente formando sílabas distintas.

Ex.:saída, coelho

Hiato é a quando na divisão silábica as vogais que estão juntas em uma palavra são separadas, bem como quando o "i" e o "u" tornam-se tônicos assumindo função de vogal e também são separados.

Ex: sa-ú-de, pi-a-da, co-e-lho, ci-ú-me.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Dígrafos

É a união de duas letras representando um só fonema.

Observe que no caso dos dígrafos não há correspondência direta entre o número de letras e o número de fonemas.

Dígrafos que desempenham a função de consoantes: ch (chuva), lh (molho), nh(unha), rr(carro), ss (osso) e outros

Dígrafos que desempenham a função de vogais nasais: am (campo), en (bento), om (tombo) e outros.

Não se separam

→ Ditongo e tritongos

→ Não se separam os dígrafos ch, lh, nh, qu, gu.

→ Os encontros consonantais que iniciam as palavras (Ex: pneus)

→ Encontros consonantais em que a segunda consoante é L ou R (Ex: Aflito, abrir, placar, pranto.)

Exercícios

01. No conjunto das palavras grelhar, leque, frágil, chusma e proclama há:

a) 2 dígrafos e 4 encontros consonantais;
b) 3 dígrafos e 4 encontros consonantais;
c) 4 dígrafos e 3 encontros consonantais;
d) 3 dígrafos e 5 encontros consonantais;
e) 4 dígrafos e 5 encontros consonantais.

Gabarito

01 - D

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

18 Preposições

Palavra **invariável** que estabelece relação entre termos de uma mesma oração (liga palavras entre si).

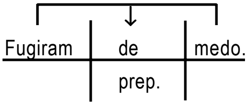

Como se vê, a preposição **de** está ligando duas palavras entre si, estabelecendo relação de **causa** entre elas.

Classificação

A preposição pode ser:

a) **essencial:** palavra que funciona sempre como preposição: a, ante, até, após, com, contra, de, desde, em, entre, para, pra, perante, por (per), sem, sob, sobre, trás.

b) **acidental:** palavra de outra classe gramatical que pode funcionar ocasionalmente como preposição: conforme, consoante, durante, exceto, fora, mediante, não obstante, segundo.

Locução prepositiva

Locução prepositiva: duas ou mais palavras com valor de preposição: por causa de, ao lado de, em virtude de, apesar de, abaixo de, ao redor de, acerca de, a par de, através de, por trás de, junto a, em torno de etc.

Combinações

As preposições podem aparecer combinadas com outras palavras (classes):

do (= **de** + art. **o**)
no (= **em** + art. **o**)
deste (= **de** + pron. **este**)
daqui (= **de** + adv. **aqui**)
pelo (= **per** + art. **o**)

Exercícios

1) Sublinhe todas as preposições que aparecem no texto abaixo:

«Sentia-se naquela fermentação sangüínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulhavam os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.»

(Aluísio Azevedo)

2) Escreva nos parênteses os números correspondentes às relações estabelecidas pelas preposições destacadas abaixo, de acordo com o seguinte código:

(1) tempo
(2) modo
(3) causa
(4) lugar
(5) meio ou instrumento
(6) finalidade

a. ( ) Daqui **a** três anos sairei desta cidade.
b. ( ) Vão **à** escola buscar os diplomas.
c. ( ) Dormem **de** cansaço.
d. ( ) Muita gente morre **de** fome.
e. ( ) Venho ao colégio **de** ônibus.
f. ( ) Estudem **para** a vida.
g. ( ) Caiu **de** bruços.

3) Indique a relação que estabelece cada uma das preposições em destaque nas frases abaixo:

a) «**Em** toda a sua vida, sempre longe da pátria, **entre** povos diversos, cheia de impressões diferentes, tomada **de** preocupações de estudos, jamais conseguira chegar **a** uma dedução lógica e satisfatória a respeito da sua procedência.»

(Aluísio Azevedo)

em: ....

entre: ....

de: ....

a: ....

b) «Mas, tomada **de** uma idéia súbita, ergueu-se e gritou, apontando vagamente **para** o lado da vila."

(Aluísio Azevedo)

de: ....

para: ....

c) Corria **de** medo!

de: ....

4) Em cada uma das frases que seguem ocorre uma preposição destacada. Indique o tipo de relação que ela estabelece, de acordo com o código abaixo:

A — relação de companhia

B — relação de tempo

C — relação de instrumento

D — relação de causa

( ) «Voltou a limpar as unhas **com** o grampo.»

(Lygia Fagundes Telles)

( ) «Estive **com** Lalino aqui no Colégio um ano.»

(José Lins do Rego)

( ) «Era nosso agregado **desde** muitos anos (...)»

(Machado de Assis)

( ) «Aristarco arrebentava **de** júbilo.»

(Raul Pompéia)

5) «Meu caro senhor, o dedo dela foi arrancado a dente.»

(Carlos Drummond de Andrade)

A preposição **a**, nesse caso, poderia ser substituída por:

a) com b) de c) sob

6) Assinale a alternativa em que a preposição de **estabelece relação de lugar:**

a) «**Dos** mares da China não mais virão as quinquilharias.»

(Murilo Rubião)

b) «O apito **do** capataz mandava a turma abandonar o trabalho.»

(Jorge Amado)

c) «Estendeu o braço e fez com a mão um gesto **de** rei (...)»

(José de Alencar)

7) Assinale a alternativa em que a preposição de **estabelece o mesmo tipo de relação que na frase que segue: «E jorrou a água dos céus, nasceram os rios, brotou a relva (...)»**

(Érico Veríssimo)

a) «Não posso atinar no que eu fazia: se meditava, se morria de espanto (...)»

(Manuel Bandeira)

b) «A sorte tem sido contrária às armas **do** governo.»

(Érico Veríssimo)

c) «**Da** outra extremidade do salão parte um longo gemido.»

(Érico Veríssimo)

8) Assinale a alternativa que indica corretamente o tipo de relação estabelecido pela preposição destacada nas frases que seguem:

a) «**Durante** dois anos o cortiço prosperou de dia para dia (...)»

(Aluísio Azevedo)

a. ( ) tempo
b. ( ) lugar
c. ( ) modo

b) «Estou **entre** o começo do mato e um braço de lagoa (...)»

(Guimarães Rosa)

a. ( ) tempo
b. ( ) lugar
c. ( ) modo

9) Assinale a alternativa em que ocorre uma preposição combinada com um pronome demonstrativo:

a) «Teu corpo moreno
É da cor **da** praia.»

(Manuel Bandeira)

b) «Estou **numa** esquina de Copacabana, são duas horas da madrugada.»

(Fernando Sabino)

c) «Todo mundo sabia da existência **desses** trens que estavam sendo ocultados.»

(Bernardo Élis)

10) Analise as palavras destacadas, das frases que seguem, de acordo com o código:

1 — artigo feminino **a**(s);

2 — preposição **a;**

3 — pronome demonstrativo **a** (= aquela);

4 — pronome demonstrativo **a** (= aquela) + preposição **a;**

5 — pronome oblíquo **a** (= ela).

«(...) **a** ( ) nossa cozinha, se era simples, era menos pobre que **a** ( ) dele.»

(Machado de Assis)

«(...) **a** ( ) minha capacidade de amar, discernir **as** ( ) coisas, é bem superior **à** ( ) dos seres que por mim passam assustados.»

(Murilo Rubião)

«Passei **a** ( ) me comportar mal na sala.»

(Clarice Lispector)

«**A** ( ) solidão, carrego-**a** ( ) no bolso (...)»

(Carlos Drummond de Andrade)

Questões discursivas

1. (FUVEST)

a) «Brown começa a recitar um sermão negro **sobre** a Criação.»

(Érico Veríssimo)

b) «Novas notícias chegaram **sobre** os missionários.»

(Carlos Drummond de Andrade)

Observando a preposição sobre**, que ocorre nas duas frases acima, responda:**

Ela estabelece o mesmo tipo de relação em ambas as frases?

R.: ....

Que tipo de relação a preposição está estabelecendo?

R.: ....

2. (FEI)

«Corria sangue **de** sua cabeça branca.»

(José Lins do Rego)

Corria sangue **por** sua cabeça.

a) As duas frases acima têm o mesmo sentido? Justifique.

R.: ....
....
....
....

3. (FUVEST) Em óculos sem aro, a preposição sem **indica ausência, falta.**

Explique o sentido expresso pelas preposições destacadas em:

«Cale-se ou expulso a senhora **da** sala.»

«Interrompia a lição **com** piadinhas.»

R.: ....

....

4. (FUVEST) Na frase: «Estamos a bordo», a preposição indica relação de lugar. Escreva duas frases em que o emprego dessa preposição indique, respectivamente:

a) relação de tempo habitual:

....

b) relação de instrumento:

....

5. (FUVEST) Na passagem «...apresentando a inventário tão-somente a casinha do povoado.»

Classifique o termo **a** em seus dois empregos:

R.: ....

....

....

Testes

1. (UNAMA) Assinale a alternativa em que a expressão destacada não é uma locução prepositiva.

a) «E um grande vazio se formou **em torno de** João da Fonseca Nogueira.»

(Autran Dourado)

b) «(...) foi ter com o sujeito que o procurava e assentou-se **defronte** dele (...)»

c) «(...) não poderia fazer nada para ajudá-la, a não ser sentar-se **à beira da** cama (...)»

(Carlos Drummond de Andrade)

d) «(...) as casinhas do cortiço, **à proporção que** se atravancavam, enchiam-se logo (...)» (Aluísio Azevedo)

2. (UNESP) «Depois a mãe recolhe as **velas, torna** a **guardá-**las **na bolsa.»**

Os vocábulos destacados são, respectivamente:

a) pronome pessoal oblíquo, preposição, artigo.

b) artigo, preposição, pronome pessoal oblíquo.

c) artigo, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.

d) artigo, preposição, pronome demonstrativo.

e) preposição, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.

3. (ITA-SP) Assinalar a alternativa que corretamente preenche a lacuna da sentença: «......... meus conselhos, ele pediu demissão.»

a) Entrementes.

b) Máxime.

c) Mormente.

d) Malgrado.

e) Destarte.

4. (USJT-SP) Em que alternativa salvo **não é preposição, e sim adjetivo?**

a) Partiram todos, salvo os doentes.

b) Agora todos estão salvos, exceto o velho barqueiro que ainda não retornou.

c) No desastre todos se feriram, embora levemente, salvo o motorista que morreu.

d) Salvo melhor juízo, julgo que a expressão é correta.

5. (Furb-SC) Assinale a alternativa em que ocorre combinação de uma preposição com

um pronome demonstrativo:

a) Estou na mesma situação.

b) Neste momento, encerramos nossas transmissões.

c) Daqui não saio.

d) Ando só pela vida.

e) Acordei num lugar estranho.

6. (CESGRANRIO) Assinale a opção em que a preposição com **traduz uma relação de instrumento:**

a) «Teria sorte nos outros lugares, com gente estranha."

b) «Com o meu avô cada vez mais perto do fim, o Santa Rosa seria um inferno.»

c) «Não fumava, e nenhum livro com força de me prender.»

d) «Trancava-me no quarto fugindo do aperreio, matando-as com jornais.»

e) «Andavam por cima do papel estendido com outras já pregadas no breu.»

7. (CESGRANRIO) Assinale o item em que a relação expressa pela preposição não está corretamente indicada:

a) **Contra** isso não posso fazer nada (oposição).

b) Teria sido indiscreto, se a minuciasse **em** todos os seus pormenores físicos (modo).

c) Cada um criou Fräulein **segundo** a própria fantasia (conformidade).

d) O leitor continuará **com** a dele (conseqüência).

e) Apenas **por** curiosidade, vamos cotejá-las agora (causa).

8. (UEPG-PR) «Ele foi escolhido como chefe e **teve** que **fazer um discurso.»**

As palavras destacadas têm valor de:

a) pronome.

b) adjetivo.

c) advérbio.

d) conjunção.

e) preposição.

9. (UEM-MG) Numere a 2ª coluna de acordo com a 1ª, observando os vários significados da preposição utilizada, e assinale a alternativa que indica a seqüência correta.

1ª COLUNA	**2ª COLUNA**
(1) Casa de Pedro	( ) Posse
(2) Piano de cauda	( ) Classificação
(3) Caixa de jóia	( ) Finalidade
(4) Copo de vidro	( ) Matéria
(5) Fatos da Irlanda	( ) Lugar

a) 5 — 4 — 2 — 1 —3

b) 1 — 2 — 3 — 4 —5

c) 5 — 3 — 2 — 4 —1

d) 5 — 3 — 2 — 1 —4

e) 1 — 2 — 4 — 3 —5

10. (PUC-SP) Assinale a alternativa em que a preposição com **estabelece o mesmo tipo de relação que na frase seguinte:**

Divertia-se **com** os amigos até o anoitecer.

a) Chorou com os conhecidos a perda do irmão.

b) Não falo isso com mágoa nenhuma.

c) Não concordo com o que dizem dele.

d) Com mais de cem anos, ainda tem bom raciocínio.

e) O poço secou com o calor.

11. (UFCE) Numere a 2ª coluna de acordo com a 1ª, tendo em vista a relação que a preposição denota:

1ª COLUNA

1 — fim

2 — substituição

3 — meio
4 — condição
5 — exclusão
6 — causa
7 — assunto

2ª COLUNA

( ) Conquistaram os vizinhos pelas armas.
( ) Tudo perdeu, salvo a honra.
( ) Saíram a procurá-lo.
( ) Farei o trabalho por você.
( ) Não viajo sem documento.

A seqüência correta, de cima para baixo, na 2ª coluna, é:

a) 3, 5, 1, 2, 4
b) 6, 1, 5, 7, 2
c) 3, 4, 7, 1, 5
d) 6, 2, 4, 3, 1

12. (SANTA CASA-SP) Assinale em que alternativa ocorre combinação de uma preposição com um advérbio.

a) Estou na mesma situação.

b) Neste momento, encerramos nossas transmissões.

c) Daqui não saio.

d) Ando só pela vida.

e) Acordei num lugar estranho.

13. (USJT-SP) A preposição que há na frase: «Muitos morreram de fome» expressa relação de:

a) causa.
b) modo.
c) intensidade.
d) meio.
e) n.d.a.

Respostas da unidade 18 — Preposições

Exercícios — pág. 243

1) naquela, de, na, e, da, de, de, sobre.

2) 1, 4, 3, 3, 5, 6, 2.

3) a) em = duração; entre = lugar/situação; de = agente; a= movimento/direção b) de= agente (da passiva); para = direção c) de = causa

4) C, A, B, D.

5) com

6) a

7) c

8) a) a, b) b

9) c

10) (1) (3); (1) (1) (4); (2); (1) (5)

Discursivas — pág. 245

1) Sim; relação de assunto, de referência.

2) Não; **de** = origem, procedência; **por** = lugar por onde, através de.

3) **da** = origem, lugar donde; **com** = indica meio ou instrumento.

4) a) Recolhe-se à tardinha. b) Matou-o a canivete.

5) a inventário = é preposição; a casinha = é artigo defin. fem. sing.

Testes — pág. 246

1 - d
2 - b
3 - d
4 - b
5 - b
6 - d
7 - d
8 - e
9 - b
10 - a
11 - a
12 - c
13 - a

www.euvoupassar.com.br

Fernando Pestana

Correlação Verbal - Ctrl C + Ctrl V

08/01/2013

Veja abaixo e divirta-se (rs):

Correlação Verbal

A ***Correlação entre Tempos e Modos Verbais*** se dá através da ligação semântica entre os verbos de um período composto por subordinação do modo que haja uma harmonia de sentido na frase em que os verbos se encontram.

Imagine a seguinte frase: Caso eu *tivesse* dinheiro, *faço* um curso.

O que você diria dela? Há uma boa relação de sentido entre os verbos dessa frase? O verbo TER está no pretérito imperfeito do subjuntivo (tivesse), indicando hipótese, certo? O outro verbo, FAZER, está no presente do indicativo, indicando certeza e ação atual, certo? Podemos misturar hipótese e certeza na mesma frase? Faz sentido? NENHUM!!!

Bem, acho que você já começou a entender. É preciso que determinados tempos e modos verbais se complementem na frase para que ela tenha um sentido harmônico, e isso se deve muito à correlação entre tempos e modos verbais. Veja como a frase acima deveria ficar, para haver harmonia de sentido na frase:

CASO EU ***TIVESSE*** DINHEIRO, ***FARIA*** UM CURSO.

Tivesse: hipótese. Faria: hipótese. Ah...! Agora sim...! Entendi, Pestana!?

É isso aí, meu nobre! Para haver harmonia é preciso que haja "dobradinhas" harmônicas entre os tempos verbais e os modos verbais.

Existem três modos verbais: *indicativo* (certeza, fato), *subjuntivo* (incerteza, hipótese) e *imperativo*(ordem, pedido). Existem três noções temporais: *passado* (pretérito perfeito/imperfeito/mais-que-perfeito), *presente* e *futuro* (presente/pretérito).

Vamos ao que interessa? Além de dois verbos de mesmo tempo e mesmo modo poderem se "combinar", há outras "combinações" possíveis. Ah! Não é para ficar que nem um louco devorador de tabelas; perceba a relação de sentido entre os verbos.

Conheça algumas possibilidades de "dobradinhas" verbais para que você não erre mais questões desse tipo:

Iniciando com o tempo **Presente**

- Presente do indicativo + Pretérito Perfeito do Indicativo

Ex.: Hoje eu ***sei*** que ***tive*** chances com aquela mulher.

- Presente do Indicativo + Pretérito Perfeito Composto do Subjuntivo

Ex.: ***Espero*** que ele ***tenha*** te ***apresentado*** àquela mulher.

- Presente do Indicativo + Pretérito Imperfeito do Indicativo

Ex.: Só hoje eu ***vejo*** que naquela época ***tinha*** chances com ela.

- Presente do Indicativo + Futuro do Presente do Indicativo

Ex.: ***Sei*** que você me ***apresentará*** àquela mulher.

- Presente do Indicativo + Presente do Subjuntivo

Ex.: ***Quero*** que você me ***apresente*** àquela mulher ainda hoje!

Iniciando com o tempo **Pretérito**

- Pretérito Perfeito do Indicativo + Pretérito Imperfeito do Subjuntivo

Ex.: ***Pedi*** que você me ***apresentasse*** àquela mulher.

- Pretérito Perfeito do Indicativo + Pretérito Imperfeito do Indicativo

Ex.: ***Notei*** que você ***ia*** me apresentar àquela mulher.

- Pretérito Perfeito do Indicativo + Pretérito Mais-Que-Perfeito Composto do Subjuntivo

Ex.: ***Quis*** que você ***tivesse*** me ***apresentado*** àquela mulher.

- Pretérito Perfeito do Indicativo + Futuro do Pretérito do Indicativo

Ex.: ***Disseram*** que ela ***seria*** **apresentada** a mim.

- Pretérito Imperfeito do Indicativo + Pretérito Imperfeito do Subjuntivo

Ex.: ***Desejava*** que você me ***apresentasse*** àquela mulher.

- Pretérito Imperfeito do Subjuntivo + Futuro do Pretérito (simples ou composto) do Indicativo

Ex.: Se eu ***passasse*** por ela, ***apresentaria/teria apresentado*** a você.

- Pretérito Imperfeito do Indicativo + Pretérito Mais-Que-Perfeito Composto do Subjuntivo

Ex.: ***Queria*** que ela ***tivesse*** **sido apresentada** a mim.

- Pretérito Mais-Que-Perfeito do Indicativo + Pretérito Imperfeito do Subjuntivo

Ex.: ***Apelara*** que você me ***apresentasse*** àquela mulher.

- Pretérito Mais-Que-Perfeito Composto do Subjuntivo + Futuro do Pretérito Composto do Indicativo

Ex.: Se eu ***tivesse passado*** por ela, ***teria apresentado*** a você.

Iniciando com o tempo **Futuro**

- Futuro do Pretérito + Pretérito Imperfeito do Subjuntivo

Ex.: ***Desejaria*** que me **apresentasse** àquela mulher.

- Futuro do Pretérito do Indicativo + Pretérito Mais-Que-Perfeito Composto do Subjuntivo

Ex.: ***Gostaria*** que você ***tivesse visto*** àquela mulher.

- Futuro do Subjuntivo + Futuro do Presente Indicativo/Presente do Indicativo

Ex.: Quando eu ***passar*** por ela, ***apresentarei/apresento*** a você.

- Futuro do Subjuntivo + Futuro do Presente Composto do Indicativo

Ex.: Quando ***chegarmos*** até ela, já ***terá*** **ido** embora.

E aí, curtiu? Tenha certeza de que este material, apesar de extenso, vai ajudar você em qualquer concurso em que haja o domínio do registro culto Língua Portuguesa como critério de avaliação.

URL: http://www.euvoupassar.com.br/?go=artigos&a=DtQuFstePtMjBXp_UrFuR1b4jrL3cnxiyT3qR_RQbK4~

Eu Vou Passar®. Todos os direitos reservados.

2

Divisão Silábica

Sílaba

SÍLABA é um fonema ou grupo de fonemas emitidos num só impulso de voz. Assim, na palavra **ajeitar** há três sílabas (a-jei-tar).

Observação: Na língua portuguesa, a sílaba se forma necessariamente com uma vogal, a que se agregam, ou não, semivogais ou consoantes.

Norma geral

A separação das sílabas de um vocábulo se faz pela soletração e não pelos seus elementos constitutivos segundo a etimologia.

Ex.: bi-sa-vô, di-sen-te-ri-a, tran-se-un-te, su-bor-di-nar.

Não se separam

1. Não se separam as letras com que representamos os **ditongos** e os **tritongos**. Ex.:

Ditongos: c**au**-sa, á-g**ua**, sé-r**ie**, Má-r**io**, con-tí-g**uo.**

Tritongos: U-ru-g**uai**, a-ve-ri-g**üei**s.

2. Não se separam as letras dos **dígrafos ch, lh, nh, qu, gu**.

Ex.: a-**ch**e-gar, pa-**lh**a-ço, fi-**lh**i-nho, li-**qu**i-dar, fo-**gu**e-te, vi-zi-**nh**o.

3. Não se separam as letras dos grupos consonânticos reais. Esses grupos são formados de **consoante** + **L** ou **consoante** + **R**. Chamam-se reais porque os dois fonemas consonânticos se combinam perfeitamente na pronúncia.

Exe.: con-**tr**i-bu-ir, a-**fr**i-ca-no, a-**pl**ai-nar, pen-ta-**tl**o, des-**gr**a-ça-do, re-**fl**e-tir, su-**bl**ime.

Observação: Nem sempre os grupos **bl** e **br** são perfeitos; às vezes, as duas consoantes se pronunciam separadamente, então as letras que as representam devem também ser separadas na partição das sílabas.

Exs.: su**b-l**in-gual, su**b-l**u-nar, su**b-l**o-car, a**b-r**up-to.

4. Os **encontros consonantais iniciais** permanecem sempre na mesma sílaba.

psi-co-lo-gi-a, **pn**eu-má-ti-co, **mn**e-mô-ni-co, **gn**o-mo, **tm**e-se, **ps**i-co-se.

Separam-se

1. Separam-se as vogais dos **hiatos**.

Ex.: f**i-e**l, s**a-í**-da, gr**a-ú**-do, c**o-o**r-de-nar, r**u-í**-na, r**u-i**m, v**o-a**r, vi-v**í-e**is.

2. Separaram-se as letras dos **dígrafos rr, ss, sc, sç, xc, xs**.

Ex.: ca**r-r**o, a**s-sas-s**i-no, de**s-c**er, cre**s-ç**a, e**x-ces-s**o, e**x-s**u-dar.

3. As **vogais idênticas e as letras cc** e **cç** separam-se, ficando uma na sílaba que as precede e a outra na sílaba seguinte.

Ex.: c**a-a**-tin-ga, c**o-o**-pe-rar, fr**i-í**s-si-mo, se**c-ç**ão, o**c-c**i-pi-tal.

Observações especiais

1. Afora os casos vistos anteriormente, **toda consoante interna que não vem seguida de vogal fica na sílaba anterior**, na divisão silábica.

Ex.: su**b**-me-ter e-gí**p**-cio
a**b**-so-lu-to si-le**p**-se
a**d**-no-mi-nal fe**lds**-pa-to
fe-no**lf**-ta-le-í-na tu**ngs**-tê-nio

2. **Na divisão silábica, não se levam em conta os elementos constitutivos da palavra** (prefixos, radicais, sufixos).

Ex.: i-ne-fi-caz in-te-rur-ba-no
su-bes-ti-mar su-da-ção
de-sa-cre-di-tar ma-ris-co

3. O **s** dos prefixos **bis, cis, des, dis, trans** e o **x** do prefixo **ex não se separam, quando a sílaba seguinte começa por consoante**.

bi**s**-ne-to, ci**s**-pla-tina, de**s**-li-gar, di**s**-tra-ção, tran**s**-por-tar, e**x**-tra-ir.

→ **Se a sílaba seguinte começar por vogal, haverá separação:**

bi-**sa**-vô, ci-**san**-di-no, de-**ses**-pe-rar, tran-**so**-ce-â-ni-co, e-**xor**-bi-tar, ê-**xo**-do.

4. Os prefixos SUB e INTER seguem as normas anteriores:

⇒ su**b-s**e-ção, su**b-l**i-nhar, in-te**r-n**a-ci-o-nal, in-te**r-p**la-ne-tá-rio.

⇒ su-**bes**-ti-mar, su-**ba**-é-reo, in-te-**ra**-ção, in-te-**rur**-ba-no.

5. Em palavras com três vogais juntas, em que a do meio seja a semivogal **i,** formamos o ditongo entre as duas primeiras letras.

pr**ai**-a; f**ei**-o; m**ai**-o; ji-b**ói**-a.

Exercícios

1) Siga o modelo:

a) felicidade fe-li-ci-da-de
b) Paraguai ....
c) iguais ....
d) Piauí ....
e) Tuiuti ....

2) a) família ....
b) gaiola ....
c) imediato ....
d) diário ....
e) adnominal ....

3) a) plebiscito ....
b) procissão ....
c) submergir ....
d) poeta ....
e) indignidade ....

4) a) afeiçoado ....
b) renascer ....
c) exceção ....
d) excesso ....
e) solstício ....

5) a) absoluto ....
b) pneumático ....
c) ascensão ....
d) consciência ....
e) psicologia ....

6) a) perspicácia ....
b) superstição ....
c) cognome ....
d) pacto ....
e) tinturaria ....

7) a) abrupto ....
b) sublime ....
c) sublinhar ....
d) egípcio ....
e) erupção ....

8) a) fenolftaleína ....
b) abscissa ....
c) subestimar ....
d) admissão ....
e) suboficial ....

9) a) insubstituível ....
b) subscrever ....
c) assessoria ....
d) tungstênio ....
e) feldspato ....

10) a) Quéops ....
b) Tietê ....
c) Araguaia ....
d) Manaus ....
e) pseudopoeta ....

11) a) zootecnia ....
b) esverdeadas ....
c) dêem ....
d) occipital ....
e) sussurro ....

12) a) esfíncter ....
b) zeugma ....
c) quartzo ....
d) aracnídeo ....
e) feiíssimo ....

13) a) constituinte ....
b) cauim ....
c) impregnariam ....
d) paizinho ....
e) paisinho ....

14) a) subação ....
b) subgerente ....
c) ablactar ....
d) ablação ....
e) ablução ....

15) a) secretaria ....
b) expressão ....
c) secretária ....
d) averigúem ....
e) enxágüem ....

Tonicidade

Num vocábulo de duas ou mais sílabas, há sempre uma que se destaca por ser proferida com mais intensidade que as outras: **é a sílaba tônica.** Nela recai o **acento tônico,** também chamado **de intensidade** ou **prosódico.**

Acento

É a intensidade maior ou menor de um fonema (ou de um grupo de fonemas) quando emitido. Pode ser:

a) **Principal**

Aquele que se encontra na emissão mais forte da palavra: cidade, fecho, faísca etc. **É a sílaba tônica.**

b) **Secundário**

Tem intensidade mais fraca e representa a **subtônica** das palavras derivadas: a**ma**velmente, **pe**zinho etc. Representa a tônica da palavra primitiva.

Classificação das sílabas quanto ao acento

a) Tônicas
b) Átonas
    - pretônicas
    - postônicas
c) Subtônica

MON ⇒ átona
TA ⇒ tônica
NHA ⇒ tônica

FA ⇒ subtônica
CIL ⇒ pretônica
MEN ⇒ tônica
TE ⇒ postônica

HE ⇒ pretônica
ROI ⇒ subtônica
ZI ⇒ tônica
NHO ⇒ postônica

NOTA: Não confunda acento tônico com acento diacrítico.

(´,^,)

Classificação das palavras quanto ao acento

Segundo a posição do acento tônico, classificam-se os vocábulos da língua portuguesa em:

1) OXÍTONOS — os que têm acento tônico na última sílaba: ca**fé,** fe**liz,** ra**paz,** po**der,** má-cria**ção**.

2) PAROXÍTONOS — os que têm o acento tônico na penúltima sílaba: **me**sa, **lá**pis, mon**ta**nha, cari**da**de, erva-**ma**te.

3) PROPAROXÍTONOS — os que têm o acento tônico na antepenúltima sílaba: **ár**vore, es**tô**mago, **lé**xico, pré-his**tó**rico.

Observação: Para a classificação de palavras compostas, baseamo-nos no acento tônico do último elemento.

4) MONOSSÍLABOS — Conforme a intensidade com que se proferem, são tônicos ou átonos:

a) **Tônicos** — os que têm autonomia fonética, sendo proferidos fortemente: é, má, si, dó, nós, nó, sol, pôr, céu, etc.

b) **Átonos** — os que não têm autonomia fonética, sendo proferidos fracamente, como se fossem sílabas átonas do vocábulo em que se apóiam: e, me, te, se, o, a, do, no, nos, vos, lhe, por, etc.

Observação: Há vocábulos que podem ser tônicos numa frase e átonos em outras.

Você me chamou para **quê?** (tônico)
Que tens? (átono)

Vocábulos átonos e tônicos

A maioria dos vocábulos átonos são monossílabos. Alguns, porém, são dissílabos: o artigo **uma**, as preposições **para** e **pera** (arcaica), as contrações **pelo** e **pela** e as conjunções **como** e **porque**.

Só quando proferidas na frase é que podemos perceber se as palavras são átonas ou tônicas.

Quando dois vocábulos são homógrafos, um átono e outro tônico, na escrita o tônico será acentuado:

A vida não **pára**. (tônico)

Isto é **para** você. (átono)

Rizotônico e arrizotônico

A sílaba tônica pode estar dentro ou fora da raiz.

a) **Rizotônico:** quando cai na raiz da palavra: **a**mo, **fer**ro.

b) **Arrizotônico:** quando cai fora da raiz: a**mei**, fer**rei**ro.

Acento bisesdrúxulo

Em nenhuma palavra portuguesa o **acento tônico** pode recair antes da antepenúltima sílaba. Apenas quando se combinam certas formas verbais com pronomes átonos, formando um só grupo acentual (ou vocábulo fonético), é possível o acento recuar mais de uma sílaba:

faça-se-lhes con**ver**te-se-me

Diz-se **bisesdrúxula** a acentuação dessas combinações (ou sobresdrúxula).

Exercícios

1) Numere as palavras de acordo com a acentuação tônica:

(1) oxítono
(2) paroxítono
(3) proparoxítono

( ) obstáculo
( ) rapidamente
( ) esperávamos
( ) precioso
( ) atlético
( ) enlouqueceu
( ) vice-diretor
( ) fenômenos
( ) horizontal
( ) timidez
( ) lavrador
( ) epidemia
( ) madrepérola
( ) taubateense
( ) neocomungante

2) Sublinhe as sílabas subtônicas:

dificilmente — instantaneamente — cristãmente — otimamente — tunelzinho — chapeuzinho — mãozinhas — papeizinhos.

3) Sublinhe os monossílabos átonos com um traço e os tônicos com dois:

Por certo que foi esse céu luminoso o brilho primeiro do «Faça-se a luz!»

(Rosamaria Castelo Branco)

4) Em cada par de frases, acentue corretamente o homógrafo tônico para distingui-lo do homógrafo átono.

1. O rio **para** no mar.
   O rio corre **para** o mar.
2. **Pelo** sim, **pelo** não. . .
   O **pelo** do gato é macio.
3. Errei **por** distração.
   Começou a **por** defeitos em mim.

Testes

1. (UNAMA) Assinale a opção em que a divisão de sílabas não está corretamente feita:

a) a-bai-xa-do.
b) si-me-tria.
c) es-fi-a-pa-da.
d) ba-i-nhas.
e) ha-vi-a.

2. (ITA-SP) Assinale a alternativa em que a palavra não tem as suas sílabas corretamente separadas:

a) in-te-lec-ção.
b) cons-ci-ên-cia.
c) psi-co-lo-gia.
d) ca-a-tin-ga.

3. (UCS-RS) A alternativa em que todas as palavras apresentam separação correta de sílaba é:

a) ex-ce-ção, cre-sci-men-to, pro-fes-sor.
b) ins-tru-ção, ex-ci-tar, eu-ro-pe-u.
c) ex-ce-len-te, a-vi-ão, m-e-i-o.
d) pers-pe-cti-va, am-bí-guo, trans-por-te.
e) rit-mo, dig-no, ap-to.

4. (UFSC) A seqüência em que a separação silábica está correta é:

a) pa-lha, ca-ia-das, lar-ei-ra, a-ce-sa.
b) is-so, por-que, u-si-nei-ro, ra-me-rão.
c) an-da-ra, miú-das, pre-mia-va, té-cni-ca.
d) di-gno, pas-sa-ri-nho, ar-re-ne-ga-va, ex-i-bi-am.

e) Mar-za-gão, quei-ma-da, mar-oi-ços, oá-sis.

5. (ESCOLA NAVAL-RJ) Assinale a série que apresenta erro na divisão silábica de um de seus vocábulos:

a) rít-mi-co, a-bs-ti-ve.

b) cons-ci-ên-cia, der-ra-dei-ra.

c) oc-ci-pi-tal, pre-en-cher.

d) jói-a, subs-cre-ver.

e) rit-mo, res-ci-são.

6. (FAU-SANTOS) Assinale a alternativa em que a divisão silábica está incorreta:

a) Má-rio.

b) cons-tru-í-do.

c) e-gíp-cio.

d) Ma-ria.

e) ab-rup-to.

7. (UEPG-PR) A alternativa em que todas as palavras apresentam correta divisão silábica é:

a) bis-a-vô, as-sa-do, in-tro-mis-são.

b) cir-cun-scri-to, ab-di-car, pneu-má-ti-co.

c) en-san-güen-tar, re-crei-o, abs-ces-so.

d) in-tro-ver-são, ne-ces-si-da-de, ri-tmo.

e) trans-pa-rên-cia, sus-pei-tar, a-bre-u-grafia.

8. (ACAFE-SC) Assinale a série de palavras em que a separação das sílabas está correta:

a) ab-so-lu-to; pug-nar; ap-to; a-poi-o.

b) pers-pi-cá-ci-a; en-xa-gu-ou; ca-iais; obstru-ir.

c) sa-gu-ões; aor-ta; e-xci-tar; e-gí-pcio.

d) an-zóis; es-quá-li-do; i-déia; pse-u-dô-nimo.

e) bis-a-vô; transa-tlân-ti-co; exér-ci-to, nu-pci-al.

9. (ITA-SP) A separação silábica de: cooperar - caíeis - tainha - feldspato **é, respectivamente:**

a) coo-pe-rar; caí-eis; tai-nha; feld-spa-to

b) co-o-pe-rar; ca-í-eis; ta-i-nha; felds-pa-to.

c) coo-pe-rar; ca-í-eis; ta-i-nha; fel-dspa-to.

d) coo-pe-rar; ca-í-eis; tai-nha; fel-dspa-to.

e) co-o-pe-rar; caí-eis; tai-nha; feld-spa-to.

10. (OBJ-SP) Feita a divisão silábica das palavras:

1. psi-qui-a-tra
2. suc-ção
3. pneu-má-ti-co

consideramos que está(estão) correta(s):

a) apenas a palavra nº 1.

b) apenas a palavra nº 2.

c) apenas a palavra nº 3.

d) todas as palavras.

e) n.d.a.

11. (ITA-SP) Dadas as palavras:

1. des-a-ten-to
2. sub-es-ti-mar
3. trans-tor-no

constatamos que a separação silábica está correta:

a) apenas na palavra nº 1.

b) apenas na palavra nº 2.

c) apenas na palavra nº 3.

d) em todas as palavras.

e) n.d.a.

Para resolver as questões 12 a 16, assinale as alternativas e some seus valores.

12. (PUC-MG) As alternativas em que a divisão silábica dos vocábulos está correta:

1. sub-linhar; sub-lo-car; sub-le-va-ção; sub-lu-nar.

2. su-blo-car; o-blon-go; a-bla-ção, ab-rup-to.

4. ab-rup-to; su-bal-ter-no; su-bes-ti-mar; oblon-go.

8. su-bo-fi-ci-al; su-ba-ção; sub-li-nhar; sub-se-ção.

16. a-bla-ção; a-blu-ção; ab-ro-gar; ab-rup-to.

32. ab-rup-to; a-bro-gar; ab-sor-to; abs-ten-ção.

64. ob-so-le-to; abs-ces-so; ab-rup-ta-men-te; su-bli-me.

13. (UFPI) Há erro de divisão silábica:

1. ab-so-lu-to; ab-rup-to; abs-ces-so; ab-si-de.

2. ad-moes-tar; su-bal-ter-no; sub-le-van-te; a-bla-ção.

4. afec-ção; ad-vir; a-é-reo; a-mai-nar.

8. de-zes-se-te; res-fol-gar; res-ci-são; subsí-dio.

16. subs-ta-be-le-cer; sub-se-ção; sub-sti-tu- ir; subs-cri-to.

32. su-bli-mar; sub-li-nhar; su-bli-me; sub-le-var.

14. (CBLEM-SP) Estão corretamente divididas em sílabas as palavras das alternativas:

1. bo-i-a-da; bi-sa-vô; rit-mo.

2. co-o-pe-rar; se-cre-ta-ria; ne-cropsi-a.

4. nup-ci-al; sub-o-fi-ci-al; ru-im.

8. flui-do; in-tui-to; cir-cui-to.

16. ru-í-do; gra-tu-i-to; núp-cias.

32. tran-sa-ma-zô-ni-ca; trans-por-te; a-bs-tive.

15. (UFRJ) Não há erro de divisão silábica:

1. mei-o; bo-ia-da; e-gíp-cio.

2. Ma-ria; Má-ri-o; ab-rup-to.

4. nup-cial; bo-ê-mio; du-e-lo.

8. pra-ia; dig-no; rít-mi-co.

16. o-bli-qú-e; ave-ri-gú-e; en-xá-güe.

32. pneu-mo-tó-rax; ses-são; sub-ei-xo.

64. mag-nó-lia; trans-al-pi-no; oc-ci-pi-tal.

16. (UFCE) Marque as opções em que figura corretamente a separação silábica das palavras apresentadas:

1. De-mais; ma-ior; di-zi-a; ve-e-mên-cia.

2. De-mais; mai-or; di-zi-a; ve-e-mên-cia.

4. Cre-scia; o-cor-re-ra; de-pois; che-ios.

8. Cres-ci-a; o-cor-re-ra; de-pois; chei-os.

16. Ma-ci-os; des-ci-a; sa-í-am; ob-ser-va-do-ras.

32. Ma-cios; de-sci-a; po-is; ob-ser-va-do-ras.

17. (UNAMA) As palavras «istmo» e «dois» são:

a) dissílabos

b) dissílabo e monossílabo

c) trissílabo e monossílabo

d) trissílabo e dissílabo

Respostas da unidade 2 — Divisão silábica

Exercícios— pág. 14

1) b) Pa-ra-guai
   c) i-guais
   d) Pi-au-í
   e) Tui-u-ti

2) a) fa-mí-lia
   b) gai-o-la
   c) i-me-di-a-to
   d) di-á-rio
   e) ad-no-mi-nal

3) a) ple-bis-ci-to
   b) pro-cis-são
   c) sub-mer-gir
   d) po-e-ta
   e) in-dig-ni-da-de

4) a) a-fei-ço-a-do
   b) re-nas-cer
   c) ex-ce-ção
   d) ex-ces-so
   e) sols-tí-cio

5) a) ab-so-lu-to
   b) pneu-má-ti-co
   c) as-cen-são
   d) cons-ci-ên-cia
   e) psi-co-lo-gi-a

6) a) pers-pi-cá-cia
   b) es-ver-de-a-das
   c) cog-no-me
   d) pac-to
   e) tin-tu-ra-ri-a

7) a) ab-rup-to
   b) su-bli-me
   c) sub-li-nhar
   d) e-gíp-cio
   e) e-rup-ção

8) a) fe-nolf-ta-le-í-na
   b) cau-im
   c) su-bes-ti-mar
   d) ad-mis-são
   e) su-bo-fi-ci-al

9) a) in-subs-ti-tu-í-vel
   b) subs-cre-ver
   c) as-ses-so-ri-a
   d) tungs-tê-nio
   e) felds-pa-to

10) a) Qué-ops
    b) Ti-e-tê
    c) A-ra-guai-a
    d) Ma-naus
    e) pseu-do-po-e-ta

11) a) zo-o-tec-ni-a
    b) su-pers-ti-ção
    c) dê-em
    d) oc-ci-pi-tal
    e) sus-sur-ro

12) a) es-fínc-ter
    b) zeug-ma
    c) quart-zo
    d) a-rac-ní-deo
    e) fei-ís-si-mo

13) a) cons-ti-tu-in-te
    b) abs-cis-sa
    c) im-preg-na-ri-am
    d) pai-zi-nho
    e) pa-i-si-nho

14) a) su-ba-ção
    b) sub-ge-ren-te
    c) ab-lac-tar
    d) a-bla-ção
    e) a-blu-ção

15) a) se-cre-ta-ri-a
    b) ex-pres-são
    c) se-cre-tá-ria
    d) a-ve-ri-gú-em
    e) en-xá-güem

Tonicidade

Exercícios — pág. 17

01) 3-2-1-1-3-2-3-1-1-3-1-2-3-2-2

02) —fi—;—ta—;—tã—; o—; tu—;—peu—; mão—;—pei—.

03) **por**, **que**, **foi**, **céu**, **o**, **do**, **se**, **a**, **luz.**

04) 1. O rio pára...
    2. O pêlo...
    3. Começou a pôr...

Testes — pág. 17

1 - b
2 - d
3 - e
4 - b
5 - a
6 - d
7 - c
8 - a
9 - b
10 - d
11 - c
12 - 89
13 - 22
14 - 12
15 - 00
16 - 26
17 - b

III. Propriedade Vocabular

Parâmetros de avaliação: gramáticas de referência e dicionários da língua portuguesa.

1 São registrados como impropriedades vocabulares:

- ✓ o estabelecimento de diálogo com o leitor, ou seja, o uso da função apelativa da linguagem (Veja que o primeiro argumento que usei neste texto é mais consistente que o segundo.);
- ✓ o emprego de palavras repetidas de forma viciosa no mesmo parágrafo (considera-se apenas um erro, na primeira repetição);
- ✓ o uso de expressões coloquiais em textos formais (arrebentar a boca do balão; bola da vez; estar a mil; estar com a corda toda);
- ✓ o emprego indevido de parônimos: avocar/evocar; autuar/atuar; deferir/diferir; comprimento/cumprimento etc.;
- ✓ o emprego inadequado de uma expressão por outra: a cerca de/acerca de/há cerca de; a fim de/afim; à medida que/na medida em que; ao encontro de/de encontro a; ao invés de (‘ao contrário de’)/em vez de (‘substituição’); a princípio/em princípio/por princípio; onde/aonde/donde; tampouco/tão pouco; sob/sobre;
- ✓ o uso de expressões não dicionarizadas: de formas que (Dicionário Houaiss: de forma que/a); demais disso; eis que (para introduzir oração causal); face de (Dicionários Aurélio e Houaiss: em face de/à face de/face a); frente a (Dicionários Aurélio e Houaiss: em frente de, no sentido de ‘em face de’); inobstante; lado outro; no que pertine (verbo inexistente); no que atine (acepção inexistente para o verbo “atinar”); vez que (Dicionários Aurélio e Houaiss: uma vez que);
- ✓ o uso de figura de linguagem que comprometa a clareza do texto, provoque ambiguidade ou gere incoerência.

2 **Não** é registrado como impropriedade vocabular o emprego de adjetivo por advérbio, como “independente” por “independentemente”.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Pronomes Interrogativos 2
  Pronomes De Tratamento 2
  Pronomes Relativos 2

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Pronomes Interrogativos

Aparecem em frases interrogativas. Assim como os indefinidos, referem-se de modo impreciso à 3ª pessoa do discurso.

Ex.: Que dia é hoje?

Quantas semanas faltam para o próximo feriado?

Por que você não responde?

Pronomes De Tratamento

São os pronomes utilizados no trato cortês e cerimonioso com as pessoas:

Você	V.	**Tratamento familiar**
Vossa Alteza	V. A.	**príncipes, duques**
Vossa Eminência	V. Ema.(s)	**cardeais**
Vossa Excelência	V. Ex.ª (s)	**altas autoridades e oficiais-generais**
Vossa Magnificência	V. Mag.ª (s)	**reitores de universidades**
Vossa Majestade	V. M.	**reis e rainhas**
Vossa Majestade Imperial	V. M. I.	**Imperadores**
Vossa Onipotência	V. O.	**Deus**
Vossa Reverendíssima	V. Revma.(s)	**sacerdotes e bispos**
Vossa Santidade	V. S.	**Papa**
Vossa Senhoria	V. S.ª (s)	**tratamento cerimonioso**

Dica¹:

A concordância dos pronomes de tratamento é feita na 3ª pessoa.

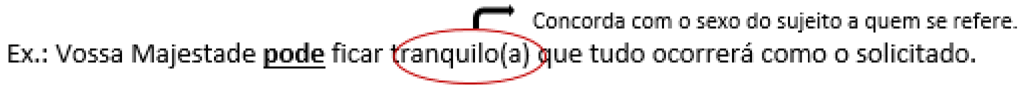

Concorda com o sexo do sujeito a quem se refere.

Ex.: Vossa Majestade **pode** ficar tranquilo(a) que tudo ocorrerá como o solicitado.

Dica²:

O pronome de tratamento VOCÊ concorda com a 3ª pessoa do discurso, ainda que seja utilizado para se referir à 2ª pessoa. Portanto, tenha cuidado! Não estamos acostumados a fazer todas as concordâncias de maneira correta na fala. Na escrita, porém, você precisa se atentar.

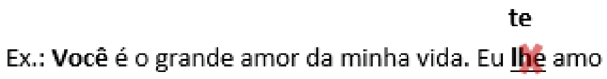

Ex.: **Você** é o grande amor da minha vida. Eu ~~**lhe**~~ **te** amo

Pronomes Relativos

São termos que representam nomes já referidos, ou seja, referem-se a substantivos já mencionados, com os quais estão relacionados. Daí o nome *relativos*.

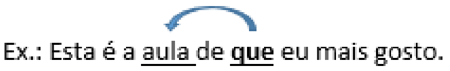

Ex.: Esta é a aula de **que** eu mais gosto.

Se não utilizássemos o pronome relativo, a frase ficaria assim:

Ex.: Esta é a aula. Eu gosto desta aula.

Repetitivo, não acha? Os *relativos* são utilizados para que não se repitam desnecessariamente os nomes já mencionados.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Atenção!

O único pronome relativo que não se refere ao nome já mencionado, mas sim ao que será citado em seguida, é o *cujo* e suas variações. O *cujo* sempre se refere ao nome posterior a ele.

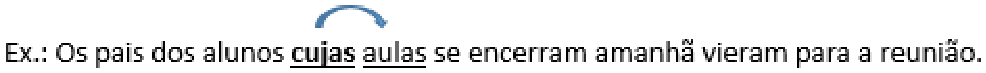

Ex.: Os pais dos alunos cujas aulas se encerram amanhã vieram para a reunião.

Veja quais são os pronomes relativos:

VARIÁVEIS		INVARIÁVEIS
masculino	**feminino**	--
O(S) QUAL(IS)	A(S) QUAL(IS)	QUEM
CUJO(S)	CUJA(S)	QUE
QUANTO(S)	QUANTA(S)	ONDE

Dica:

O pronome *onde* só se aplica a lugar.

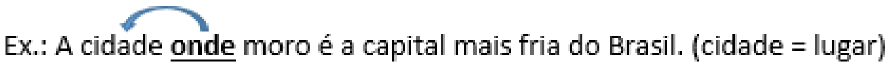

Ex.: A cidade **onde** moro é a capital mais fria do Brasil. (cidade = lugar)

Na fala, é comum encontrarmos usos como:

Este foi um ano onde *muitas coisas boas aconteceram para nossa equipe.*

Esse uso, porém, é inadequado. Por isso, na dúvida, troque por *em que*, pois é uma expressão equivalente a *onde* e não há a restrição exposta.

Ex.: *Este foi um ano* em que *muitas coisas boas aconteceram para nossa equipe.*

24 Análise Sintática – Orações Coordenadas

Estudo do período e das orações

Período simples

É **formado por uma só oração** que se chama **absoluta**. Em geral, a oração absoluta tem seu verbo **no modo indicativo ou imperativo** (= um verbo ou uma locução verbal).

Exemplos:

Ele é **baixo**.
Estudei bastante.
Analise a situação.

Período composto

É formado por **duas ou mais orações** (= dois ou mais verbos). O período composto pode ser:

a) **por coordenação:** duas orações independentes e de mesmo valor significativo. Se essas orações são introduzidas por conjunção, chamam-se **coordenadas sindéticas**. Se não são introduzidas por conjunção, chamam-se **coordenadas assindéticas**.

Ex.: Sebastião Hora agitava-se, adormecia e despertava agoniado.

b) **por subordinação:** quando uma oração depende de outra para formar sentido.

Ex.: Não sei se o assunto é fácil.

Existem uma oração principal e uma ou mais subordinadas.

c) **por coordenação e subordinação (misto)**: quando encontramos os dois tipos de orações.

Ex.: Horácio a amava sem dúvida: já lhe tinha dado provas de que sentia uma paixão veemente.

Classificação das orações

1. Independentes
- **a) Absoluta** → Período Simples
- **b) Coordenadas**
  - • Assindéticas
  - • Sindéticas
    - • Aditivas
    - • Adversativas
    - • Alternativas
    - • Conclusivas
    - • Explicativas
  - **Período Composto por Coordenação**

2. Principais (sem conjunção)

3. Subordinadas (com conjunção)
- **a) Substantivas**
  - Subjetivas
  - Predicativas
  - Objetivas
    - Diretas
    - Indiretas
  - Completivas Nominais
  - Apositivas
- **b) Adjetivas**
  - Restritivas
  - Explicativas
- **c) Adverbiais**
  - Causais
  - Condicionais
  - Concessivas
  - Comparativas
  - Consecutivas
  - Conformativas
  - Finais
  - Proporcionais
  - Temporais

O.P. + O.S.= Período Composto por Subordinação

Conectivos — Conjunções

Antes de iniciar o estudo particular das ORAÇÕES COORDENADAS e SUBORDINADAS, é importante lembrarmos que as palavras que ligam orações, as conjunções, são chamadas de CONECTIVOS.

CONECTIVOS São palavras que ligam as orações. → I – Conjunções coordenativas		Conjunção básica	Dividem-se em: Coordenativos – ligam orações coordenadas. Subordinativos – ligam orações subordinadas. Outras conjunções
1. ADITIVAS	(ligam orações coordenadas, sindéticas, aditivas)	E	nem (= e não) mas, também
2. ADVERSATIVAS	(ligam orações coordenadas, sindéticas, adversativas)	MAS	porém, todavia, entretanto, contudo, no entanto, senão, não obstante,
3. ALTERNATIVAS	(ligam orações coordenadas, sindéticas, alternativas)	OU ... OU	ora ...,ora, nem ...nem ... quer ... quer, já ... já seja ... seja, agora ... agora
4. CONCLUSIVAS	(ligam orações coordenadas, sindéticas, conclusivas)	PORTANTO	logo, então, por conseguinte por isso, pois, (após verbo) por conseqüência conseqüentemente
5. EXPLICATIVAS	(ligam orações coordenadas, sindéticas, explicativas)	**POIS**	que(= pois) visto que, de sorte que, porque, de modo que, de maneira que

→ II – Conjunções subordinativas		Conjunção básica	Outras conjunções
1. INTEGRANTES	(ligam orações subordinadas **substantivas** – orações que completam o sentido de outra)	QUE	se (costumam vir depois de verbo)
2. CAUSAIS	(ligam orações subordinadas **adverbiais** causais)	PORQUE	porquanto, pois que, por isso que pois, visto que, visto como, já que, uma vez que, como (= porque)
3. COMPARATIVAS	(ligam orações subordinadas **adverbiais** comparativas) Obs.: O verbo fica freqüentemente subentendido.	COMO	bem como, assim como, tal, qual, tal qual, que nem, feito, que, do que
4. TEMPORAIS	(ligam orações subordinadas **adverbiais** temporais)	QUANDO	logo que, depois que, antes que, desde que, até que, sempre que, assim que, tão logo, agora que, mal, apenas, assim

→ II – Conjunções subordinativas		Conjunção básica	Outras conjunções
5. CONDICIONAIS	(ligam orações subordinadas **adverbiais** condicionais)	SE	caso, exceto se, a menos que, desde que, contanto que, sem que (= se não)
6. CONFORMATIVAS	(ligam orações subordinadas **adverbiais** conformativas)	CONFORME	consoante, segundo, como
7. CONSECUTIVAS	(ligam orações subordinadas **adverbiais** consecutivas)	QUE	(quando houver na oração anterior, tão, tal, tanto, tamanho)
8. FINAIS	(ligam orações subordinadas **adverbiais** finais)	A FIM DE QUE	para que, porque, que
9. PROPORCIONAIS	(ligam orações subordinadas **adverbiais** temporais)	À PROPORÇÃO QUE	ao passo que, à medida que, quanto mais...tanto mais (tanto menos)
10. CONCESSIVAS	(ligam orações subordinadas **adverbiais** concessivas)	EMBORA	conquanto, ainda que, posto que, posto, mesmo que, suposto que, suposto, se bem que, por mais que, dado que, por muito que, por menos que, sem que, por pouco que, apesar de que, que, quando mesmo, sem embargo de que

→ III – Outros conectivos			**Outros pronomes**
1. PRONOMES RELATIVOS	(ligam orações subordinadas adjetivas)	QUE	(aparecem depois de substantivo) o qual, quem, cujo, onde, quanto

Orações coordenadas

ORAÇÃO COORDENADA é aquela que se coloca ao lado de outra, sem desempenhar função sintática alguma.

O período composto por coordenação é formado por orações que se justapõem ou se ligam por conjunção coordenativa.

Neste tipo de período teremos:

a) **orações coordenadas assindéticas** (quando justapostas)

→ As horas passam/, os homens caem/ , a poesia fica.

b) **orações coordenadas sindéticas** (quando iniciadas por conjunção coordenativa).

→ As horas passam e os homens caem, mas a poesia fica.

Tais orações recebem ainda o nome da conjunção que as inicia. Temos, assim:

Tipo	Conceito e principais conjunções	Exemplo
1. Aditivas	Expressam uma idéia **de adição, de soma.** Conjunções aditivas: **e, em, não só... mas também...**	Ele descia a ladeira e vinha só.
2. Adversativas	Expressam uma idéia de aparente oposição ou **contradição.** Conjunções adversativas: **mas, porém, todavia, contudo, no entanto, entretanto.**	Estudei muito, mas fui reprovado.

3. Alternativas	Indicam **alternância** de fatos ou idéias. A opção por um **implica a recusa do outro.** Conjunções alternativas: ou... ou..., ora..., ora..., quer... quer..., já... já...,	Ou me retiro, ou tu te afastas.
4. Conclusivas	Exprimem idéia de **conclusão ou conseqüência.** Conjunções conclusivas: **logo, portanto, por conseguinte, por isso, assim, pois** (posposto ao verbo).	Os alicerces cederam, **portanto** o prédio caiu
5. Explicativas	**Justificam (confirmam)** a idéia contida na oração anterior (normalmente com verbo no imperativo). Conjunções explicativas: **porque, que, pois** (anteposto ao verbo), **porquanto.**	Não saiam, pois o professor já vem.

Exercício

Classifique as orações destacadas, de acordo com as seguintes opções:

a) coordenada sindética aditiva;

b) coordenada sindética adversativa;

c) coordenada sindética alternativa;

d) coordenada sindética conclusiva;

e) coordenada sindética explicativa;

f) coordenada assindética.

1. ( ) Somos estudiosos, **todavia não gostamos de matemática.**

2. ( ) Somos estudiosos, **portanto queremos aprender.**

3.( ) Somos estudiosos **e não gostamos de faltar às aulas.**

4. ( ) Bem-aventurados os que ficam, **porque eles serão recompensados.**

5. ( ) Tem de comer tudo: **você acaba virando um palito.**

6. ( ) Vou contar só mais uma, **que está na hora de dormir.**

7. ( ) A chuvinha caía mansa, **porém caía.**

8. ( ) Teus pais financiam os teus estudos, **sê-lhes grato, pois.**

9. ( ) É apenas um sino, **mas é de ouro.**

10. ( ) Multiplicai a família **e tereis a pátria.**

11. ( ) Ele não levou a lista, **então não fará as compras.**

12. ( ) Ele não entendeu **ou não gostou do filme.**

13. ( ) Ninguém ali me queria, **eu não queria a ninguém.**

14. ( ) O trocador olhou, viu e **não aprovou**.

15. ( ) O trocador olhou, **viu** e não aprovou.

16. ( ) **«**Papai lia jornais**, mamãe cerzia meias.»** (C. D. A.)

17. ( ) «Havia uma galinha, **mas não havia ninho.»** (M. de Assis)

18. ( ) «Deixa em paz meu coração, **Que ele é um pote até aqui de mágoa. »**(Chico Buarque)

19. ( ) «Não é nada a minha experiência de preso político, **por isso a omiti das memórias.»** (Paulo Francis)

20. ( ) Não queiras uma resposta imediata para esse tipo de problema, **pois ele envolve uma rede muito variada de acontecimentos.**

21. ( ) «Vão assaltar a rocinha; **mas, antes, piam** e contrapiam.» (C. Rosa)

22. ( ) «Sou mulher, **logo, só posso falar palavrão em língua estrangeira.**» (L. F. Telles)

23. ( ) Os jogadores, no seu conjunto, não só exibiam excelente técnica, **mas também um preparo físico surpreendente para os europeus.**

24. ( ) «O ladrão pegou a chave, abriu o baú, revirou a roupa, **achou o dinheiro.**» (R. de Queiroz)

25. ( ) «Agora, o couro — o senhor ou me dá dinheiro por ele, **ou me dá farinha.**»
(Raquel de Queiroz)

Questões discursivas

1. (FUVEST) Seguem três orações independentes.

Organize-as num só período, criando entre elas apenas relações de coordenação.

— As suspeitas recaíam sobre um loiro alto, com um forte sotaque germânico.

— O rapaz apreendido sequer conhecia o bê-a-bá do alemão.

— Não demonstrava a menor preocupação.

Resposta.: ....

....

....

....

....

....

....

2. (UFGO) Transforme o período abaixo em um período composto por coordenação, sendo a primeira oração assindética e a segunda sindética adversativa:

«embora achasse graça na birutice de Pio, (Zanine) acabou saturado.»

Resposta.: ....

....

....

3. (Unisinos-RS) Classifique as orações destacadas, de acordo com o código abaixo e indique a seqüência obtida.

a) coordenada sindética aditiva;

b) coordenada sindética adversativa;

c) coordenada sindética explicativa;

d) coordenada sindética conclusiva;

e) coordenada assindética.

I. ( ) «De outras ovelhas cuidarei, **que não de vós**.» (Garrett)

II. ( ) «José entendeu os testes, **portanto pode fazer as provas.»**

III. ( ) «Você não pode desanimar, **pois, afinal de contas, tudo anda muito bem**.»

Resposta.: ....

....

....

Testes

1) (UFBA) Observe, ainda, nesse texto:

«...lá fora quem QUER entrar...»

«...e entrará, QUER eu queira, QUER não»

As palavras em destaque são, respectivamente:

a) verbo e conjunção coordenada alternativa.

b) conjunção coordenada alternativa e locução conjuntiva.

c) conjunção coordenada explicativa e locução conjuntiva.

d) verbo e locução conjuntiva.

e) conjunção coordenada explicativa e conjunção coordenada alternativa.

2) (UFPR) Numere a segunda coluna de acordo com a primeira, estabelecendo o tipo de relação existente entre as orações de cada período e assinale a seqüência obtida.

1 . Relação de causa;

2. Relação de conclusão;

3. Relação de conseqüência.

( ) Não pudemos sair porque chovia torrencialmente.

( ) Chovia torrencialmente; portanto, não pudemos sair.

( ) Chovia tanto, que não pudemos sair.

a) 1 – 2 – 3

b) 1 – 3 – 2

c) 2 – 1 – 3

d) 2 – 3 – 1

e) 3 – 2 – 1

3) (SANTA CASA-SP) Por definição, oração coordenada que seja desprovida de conectivo é denominada ASSINDÉTICA. Observando-se os períodos seguintes:

I. «Não caía um galho, não balançava uma folha.»

II. «O filho chegou, a filha saiu, mas a mãe nem notou.»

III. «O fiscal deu o sinal, os candidatos entregaram a prova. Acalmaram o exame». Nota-se que existe coordenação assindética em:

a) I apenas.

b) II apenas.

c) III apenas.

d) I, II e III.

c) nenhuma delas.

4) (CESGRANRIO) A oração «Não se verificou, todavia, uma transplantação integral de gosto e de estilo» tem valor:

a) conclusivo.

b) adversativo.

c) concessivo.

d) explicativo.

e) alternativo.

5) (UEM-PR) «Estudamos, logo deveremos passar nos exames**».**

A oração em destaque é:

a) coordenada explicativa.

b) coordenada adversatìva.

c) coordenada aditiva.

d) coordenada conclusiva.

e) coordenada alternativa.

6) (PUC-SP) No verso, «Tenta chorar e os olhos sente enxutos», o conectivo oracional indica:

a) junção de idéias, logo é conjunção aditiva.

b) disjunção de idéias, logo é conj. alternativa.

c) contraste de idéias, logo é conj. adversativa.

d) oposição de idéias, logo é conj. concessiva.

e) seqüência de idéias, logo é conj. conclusiva.

7) (FEI-SP)

Fez isso .... não conseguiu o resultado

A B

Qual das alternativas abaixo preenche a lacuna, indicando que B é um fato anterior a A?

a) entretanto.

b) pois.

c) porém.

d) enquanto.

e) e.

8) (PUC-SP) «Deus não fala comigo, e eu sei que Ele me escuta». (Cecília Meireles)

O conectivo **e** pode ser substituído, sem contrariar o sentido, por:

a) ou.

b) no entanto.

c) porém.

d) porquanto.

e) nem.

9) (CESGRANRIO) No trecho – «... o preço do progresso inclui o deslocamento de pessoas e a mudança de hábitos de trabalho. O que não impede, porém, que a notícia da introdução de um novo sistema computarizado seja muitas vezes acompanhada de insegurança...» o termo «porém» pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:

a) conseqüentemente.

b) pois.

c) portanto.

d) contudo.

e) por conseguinte.

10) (SANTA CASA-SP) Por definição, «oração coordenada que se prende à anterior por conectivo é denominada sindética e é classificada pelo nome da conjunção coordenativa que a encabeça».

Assinale a alternativa em que aparece uma coordenada sindética explicativa, conforme a definição:

a) «A casaca dele estava remendada, mas estava limpa.»

b) «Ambos se amavam, contudo não se falavam.»

c) «Todo mundo trabalhando: ou varrendo o chão ou lavando as vidraças.»

d) «Chora, que lágrimas lavam a dor.»

e) «O time ora atacava, ora defendia e no placar aparecia o resultado favorável.»

11) (SANTA CASA-SP) O período pode conter uma ou mais orações.

Observando os exemplos abaixo:

«Talvez o quadro tivesse sido pintado por Tuneu.»

«Grossos pingos de chuva começavam a rufar nas árvores.»

«A noite vinha chegando.»

Contamos:

a) respectivamente, 3, 2 e 1 orações.

b) respectivamente, 3, 1 e 1 orações.

c) respectivamente, 2, 1 e 1 oraçoes.

d) duas orações em cada exemplo.

e) uma oração apenas em cada exemplo.

Para resolver as questões 12 a 15, assinale as alternativas e some os valores.

12) (UFU-MG) A(s) alternativa(s) que contêm coordenadas adversativas:

1. Estudam, porém não trabalham.

2. A torcida incentivou os jogadores; esses, contudo, não conseguiram vencer.

4. Sérgio foi bom filho; logo será bom pai.

8. Adão comeu a maçã, e nossos dentes até hoje doem.

16. Jaime trabalha depressa, no entanto produz pouco.

32. Que saibam, não creio; mas desconfiam.

64. Os meninos ora brigavam, ora brincavam.

13) (PUC-RS) Todas as orações são coordenadas, exceto em:

1. Colhemos frutos, jogamos bola.

2. Bem depressa chegou o trem; despedimo-nos sem demora.

4. Não chores, que a vida é luta.

8. Chore, que lágrimas lavam a dor.

16. Eu me sentia mais livre do que todos.

32. Choveu durante a noite, pois as ruas estão molhadas.

64. Choveu durante a noite; as ruas estão, pois, molhadas.

14) (UFPE) Do período: «Paredes ficaram tortas, animais enlouqueceram e as plantas caíram» é correto afirmar-se:

1. Existem três orações coordenadas.

2. Existe uma oração principal e duas subordinadas.

4. Na 1ª oração ocorre predicativo do sujeito.

8. Existe um verbo de ligação e dois intransitivos.

16. Na 2ª e 3ª orações ocorre objeto direto.

32. Na 1ª oração ocorre objeto direto.

64. Na 1ª oração o sujeito é simples; nas demais, indeterminado.

15) (UFPA) Assinale a(s) alternativa(s) em que a conjunção entre parênteses não alteraria o significado da coordenada sindética:

1. Não chores, que a vida é luta. (pois)

2. Os alicerces cederam; a casa ruiu, pois. (porém)

4. Segue teu ritmo e não contraries a tua índole. (nem)

8. O filho chegou, mas a mãe não notou. (contudo)

16. Chora, que lágrimas lavam a dor. (embora)

32. São todos cegos, portanto não podem ver. (logo)

(ITA-SP) As questões de números 16 e 17 referem-se ao texto abaixo:

Caro pintor Bandeira,
que tua mão certeira
encontre a cada dia
essa fina alegria
de reinventar o mundo,
tornando-o mais profundo.

16) Sintaticamente, qual alternativa apresenta termo que desempenha a mesma função de «o» em «tornando-o»?

a) tua mão certeira
b) a cada dia
c) Bandeira
d) o mundo
e) caro pintor

17) Os verbos que aparecem no texto podem ser classificados como:

a) Ligação
b) Transitivo direto
c) Transitivo indireto
d) Intransitivo
e) Transitivo direto e indireto

Respostas da unidade 24 — Análise Sintática Orações Coordenadas

Exercício — pág. 338

1. B 2. D 3. A 4. E 5. F 6. E 7. B
8. D 9. B 10. A 11. D 12. C 13. F 14. A
15. F 16. F 17. B 18. E 19. D 20. E 21. B
22. D 23. A 24. F 25. C

Questões discursivas — pág. 339

1) As suspeitas recaíam sobre um loiro alto, com um forte sotaque germânico, **mas** o rapaz apreendido sequer conhecia o bê-a-bá do alemão, **portanto** não demonstrava a menor preocupação.

2) Zanine achou graça na birutice de Pio, **mas** acabou saturado.

3) B, D, C

Testes — pág. 339

1 - a 4 - b 7 - b 10 - d 13 - 16 16 - d
2 - a 5 - d 8 - b 11 - e 14 - 13 17 - b
3 - d 6 - a 9 - d 12 - 51 15 - 41

13 Numerais

Classificação

O **NUMERAL** é a palavra que indica uma **quantidade** exata de seres ou o lugar (a ordem) que eles ocupam numa série.

Os numerais podem ser **Cardinais, Ordinais, Multiplicativos** e **Fracionários**.

⇒ **Cardinal**: indica uma quantidade determinada de seres. São os números básicos.

Ex.: Há **cinco** vagas para **mil** candidatos.

⇒ **Ordinal:** indica a ordem de sucessão (posição) dos seres numa série.

Ex.: Acione a **quarta** tecla à direita.

⇒ **Multiplicativo:** indica quantas vezes uma quantidade é multiplicada.

Ex.: Lucraram o **triplo** do capital investido.

⇒ **Fracionário:** indica em quantas partes uma quantidade é dividida.

Ex.: Só recuperaram **dois terços** das sementes plantadas.

Quadro dos cardinais e ordinais

ALGARISMOS		Cardinais	Ordinais
Romanos	Arábicos		
I	1	um	primeiro
II	2	dois	segundo
III	3	três	terceiro
IV	4	quatro	quarto
V	5	cinco	quinto
VI	6	seis	sexto
VII	7	sete	sétimo
VIII	8	oito	oitavo
IX	9	nove	nono
X	10	dez	décimo
XI	11	onze	undécimo ou décimo primeiro
XII	12	doze	duodécimo ou décimo segundo
XIII	13	treze	décimo terceiro
XIV	14	quatorze	décimo quarto
XV	15	quinze	décimo quinto
XVI	16	dezesseis	décimo sexto
XVII	17	dezessete	décimo sétimo
XVIII	18	dezoito	décimo oitavo
XIX	19	dezenove	décimo nono
XX	20	vinte	vigésimo
XXI	21	vinte e um	vigésimo primeiro
XXX	30	trinta	trigésimo
XL	40	quarenta	quadragésimo
L	50	cinqüenta	qüinquagésimo
LX	60	sessenta	sexagésimo
LXX	70	setenta	septuagésimo ou setuagésimo
LXXX	80	oitenta	octogésimo
XC	90	noventa	nonagésimo
C	100	cem	centésimo
CC	200	duzentos	ducentésimo
CCC	300	trezentos	trecentésimo
CD	400	quatrocentos	quadringentésimo
D	500	quinhentos	qüingentésimo
DC	600	seiscentos	seiscentésimo ou sexcentésimo
DCC	700	setecentos	septingentésimo ou setingentésimo
DCCC	800	oitocentos	octingentésimo
CM	900	novecentos	nongentésimo ou noningentésimo
M	1.000	mil	milésimo
$\overline{X}$	10.000	dez mil	dez milésimos ou décimo milésimo
$\overline{C}$	100.000	cem mil	cem milésimos ou centésimo milésimo
$\overline{M}$	1.000.000	um milhão	milionésimo
$\overline{\overline{M}}$	1.000.000.000	um bilhão	bilionésimo

Emprego dos cardinais e ordinais

1. Nas indicações de **séculos, reis, papas, capítulos de obras etc.:**

- **Usa-se o ordinal até dez.**

Século V (quinto)
Paulo VI (sexto)
Pio X (décimo)

⇒ até 10º (décimo)

- **Usa-se o cardinal acima de dez.**

Século XI (onze)
Canto XV (quinze)
Ato XXI (vinte e um)

⇒ acima de 10

⇒ **Observação:** Se o numeral vier antes do substantivo, emprega-se o **ordinal.**

V século (quinto)
XII ato (décimo segundo)
VI volume (sexto)

2. Na indicação de **páginas, folhas, casas, apartamentos,** etc., empregam-se os cardinais, que devem concordar com a palavra «número»:

Página 202 (duzentos e dois)
Folha 121 (cento e vinte e um)
Casa 502 (quinhentos e dois)

⇒ **Observação:** Na linguagem forense, vemos o numeral flexionado:

a folhas vinte e **uma**
a folhas trinta e **duas**

3. Na enumeração de **artigos de leis, decretos, portarias** e **parágrafos:**

- **Usa-se o ordinal até nove.**

artigo 1º (primeiro)
parágrafo 9º (nono)

⇒ até nono

- **Usa-se o cardinal de dez em diante.**

artigo 10 (dez)
parágrafo 21 (vinte e um)

⇒ a partir de 10

4. Os cardinais **quatorze** e **bilhão** admitem as formas **catorze** e **bilião**; porém são erradas as formas **cincoenta** (50) e **hum** (1), ainda que usadas nas relações bancárias.

5. Nos **ordinais** superiores a **dois mil** (2.000), aconselha-se **ler o primeiro numeral como cardinal:**

2.325.ª = **dois** milésimos trecentésimo vigésimo quinto.

10.325.ª = **dez milésimos** trecentésimo vigésimo quinto ou **décimo milésimo** trecentésimo vigésimo quinto.

6. **Na leitura dos cardinais**, emprega-se o **e** após as centenas e dezenas:

3.232 = três mil, duzentos **e** trinta **e** dois.
3.100 = três mil **e** cem.

7. **Numeral coletivo:** designa um conjunto de seres, indicando o número exato de elementos.

cento = 100
grosa = 12 dúzias
= 144
lustro = 5 anos
resma = 500 folhas
novena = 9 dias
década = 10 anos
par = 2
milheiro = 1.000
10 resmas = 5.000 fls.

Quadro dos multiplicativos e fracionários

Multiplicativos	Fracionários
duplo, dobro, dúplice	meio ou metade
triplo, tríplice	terço
quádruplo	quarto
quíntuplo	quinto
sêxtuplo	sexto
séptuplo	sétimo
óctuplo	oitavo
nônuplo	nono
décuplo	décimo
undécuplo	onze avos
duodécuplo	doze avos
cêntuplo	centésimo

Emprego dos multiplicativos e fracionários

1. Dos **multiplicativos,** apenas **dobro, duplo** e **triplo** são de uso corrente. Os demais pertencem à linguagem erudita. Em seu lugar, emprega-se o numeral cardinal seguido da palavra **vezes:** quatro vezes**,** oito vezes, doze vezes etc.

2. Apenas dois **fracionários** apresentam forma típica: **meio** e **terço.** Os demais são expressos de duas maneiras:

a) por um **cardinal** (representando o numerador da fração) seguido de um **ordinal** (representando o denominador).

1/4	= um quarto	→ de 1 a 10
2/8	= dois oitavos	
5/10	= cinco décimos	
*3/100	= três centésimos	

b**)** por um **CARDINAL** (representando o numerador) e outro **CARDINAL** seguido de **avos** (representando o denominador). Esse processo é utilizado para os ordinais que se situam no intervalo de **onze** a **noventa e nove**.

5/12	= cinco doze avos	→ de 11 a 99
3/67	= três sessenta e sete avos	
1/11	= um onze avos	

Exercícios

1) Escreva por extenso os seguintes ordinais:

1) 111 ....
2) 222 ....
3) 333 ....
4) 444 ....
5) 555 ....
6) 666 ....
7) 777 ....
8) 888 ....
9) 999 ....
10) 10.126.ª ....
a) ....
....
b) ....
....

2) Escreva por extenso o numeral adequado:

1) João Paulo II ....
2) Capítulo X ....
3) Século XI ....
4) Tutmósis III ....
5) Tomo X ....
6) Parágrafo X ....
7) Artigo IX ....
8) Canto XI ....
9) Pio X ....
10) Pio XI ....

3) Escreva o cardinal correspondente:

1) DCCLXXVIII ....
2) MCMLXXXVII ....
3) CMLI ....
4) DCCCXXXIX ....
5) XDXI ....
6) IVCLXVI ....
7) MDCXLIII ....
8) CDXLIV ....
9) MC ....
10) DCLXVI ....

4) Estabeleça correspondência entre as duas colunas, relacionando o numeral cardinal ao ordinal correspondente:

(a) 91 ( ) qüinquagésimo quinto
(b) 901 ( ) qüingentésimo quinto
(c) 55 ( ) nonagésimo primeiro
(d) 505 ( ) noningentésimo primeiro
(e) 704 ( ) setingentésimo quarto
(f) 74 ( ) setuagésimo quarto

5) Faça a correlação:

(1) biênio ( ) dez anos
(2) triênio ( ) cinco anos
(3) lustro ( ) seis meses
(4) decúria ( ) dois anos
(5) centúria ( ) dez coisas
(6) decênio ( ) dois dias
(7) semestre ( ) seis anos
(8) bíduo ( ) mil anos
(9) sexênio ( ) três anos
(10) milênio ( ) cem anos

6) Escreva o multiplicativo ou o fracionário correspondente:

a) três vezes mais ....
b) cem vezes mais ....
c) doze vezes mais ....
d) oito vezes mais ....
e) $\frac{2}{100}$ ....
f) $\frac{1}{1.000}$ ....
g) $\frac{7}{63}$ ....
h) $\frac{17}{51}$ ....

Testes

1. (UFPR) Se a cinco vem a corresponder quinto, a onze, quarenta, cinqüenta, sessenta e setenta, respectivamente, correspondem:

a) undécimo, quadragésimo, cinqüentésimo, sexagésimo, setuagésimo.

b) décimo-primeiro, quaresma, qüinquagésimo, sexagésimo, setuagésimo.

c) undécimo, quadragésimo, qüinquagésimo, sexagenário, setuagésimo.

d) décimo-primeiro, quadragésimo, qüinquagésimo, sexagésimo, setuagenário.

e) undécimo, quadragésimo, qüinquagésimo, sexagésimo, setuagésimo.

2. (UEM-PR) O numeral aparece registrado de forma INCORRETA na alternativa:

a) Só duzentas gramas de queijo?

b) Na página cento e dois encontrarás as respostas.

c) Em que ano nasceu o papa Pio Décimo?

d) O artigo 10 diz que...

e) Interromperam a novela depois do trigésimo capítulo.

3. (UFBA) «No seu curso ele foi o 11º **colocado, porém na classificação geral do vestibular obteve o** 688º **lugar.»**

Os ordinais acima destacados correspondem corretamente a:

a) undécimo; seiscentésimo octogésimo, oitavo.

b) undécimo; seiscentésimo octogésimo, oitavo.

c) décimo primeiro; sexcentésimo octogésimo oitavo.

d) décimo primeiro; sexcentésimo octogésimo, oitavo.

e) undécimo; seiscentésimo, octogésimo oitavo.

4. (CTA-COMPUTAÇÃO-SP) O ordinal quadringentésimo septuagésimo corresponde ao cardinal:

a) quarenta e sete.

b) quarenta mil e sete.

c) quatrocentos e setenta.

d) quatro mil e setenta.

e) Nenhuma das alternativas acima.

5. (UFES) A opção em que o ordinal NÃO é o correspondente ao cardinal é:

a) cinqüenta — qüingentésimo.

b) seiscentos — seiscentésimo.

c) setenta — setuagésimo.

d) trezentos — trecentésimo.

e) sessenta — sexagésimo.

6. (FMU-SP) Triplo e tríplice são numerais:

a) ordinal o primeiro e multiplicativo o segundo.

b) ambos ordinais.

c) ambos cardinais.

d) ambos multiplicativos.

e) multiplicativo o primeiro e ordinal o segundo.

7. (UFSCAR-SP) Indique o item em que os numerais estão corretamente empregados:

a) Ao Papa Paulo Seis sucedeu João Paulo Primeiro.

b) Após o parágrafo nono virá o parágrafo décimo.

c) Depois do capítulo sexto, li o capítulo décimo primeiro.

d) Antes do artigo dez vem o artigo nono.

e) O artigo vigésimo segundo foi revogado.

8. (UFOP-MG) Indicou-se corretamente o ordinal correspondente aos algarismos em:

a) 349 = trecentésimo quadragésimo nono.

b) 684 = sexcentésimo octagésimo quarto.

c) 793 = setuagésimo nonagésimo terceiro.

d) 867 = octigentésimo sexagésimo sétimo.

e) 972 = nongentésimo setingentésimo segundo.

9. (FSJT-SP) Numeral correto:

a) 653 = seiscentos e cinqüenta e três.

b) Tomo XII = décimo segundo.

c) 56º = qüingentésimo sexto.

d) 60º = seiscentésimo.

e) n.d.a.

10. (UFOP-MG) Assinale o item em que o numeral ordinal, por extenso, esteja correto:

a) 2.860º — dois milésimos, octogésimo, sexagésimo sexto.

b) 6.222º — sexto milésimo, ducentésimo, vigésimo segundo.

c) 3.478º — três milésimos, quadringentésimo, septuagésimo oitavo.

d) 1.899º — milésimo, octogésimo, nongentésimo nono.

e) 989º — nonagésimo, octogésimo nono.

11. (UNESP) Assinale a alternativa que apresenta as formas corretas dos ordinais:

Não é a 86ª mas a 85ª vez que o fato se repete na 956ª tentativa.

a) octogenária sexta — octogenária quinta — nongentésima qüinquagésima sexta.

b) octogésima sexta — octogésima quinta — nongentésima qüinquagésima sexta.

c) octogésima sexta — octogésima quinta — nongentésima qüinquagésima sexta.

d) octingentésima sexta — octingentésima quinta — noningentésima qüinquagésima sexta.

e) octogésimo sexta — octogésimo quinta — nongentésimo qüinquagésimo sexta.

12. (FMU-SP) Sabendo-se que os numerais podem ser cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários, assinale a alternativa que contém os exemplos corretos:

a) **uma** (cardinal), **primeiro** (ordinal), Leão **onze** (multiplicativo) e **meio** (fracionário).

b) **um** (cardinal), **milésimo** (ordinal), **undécuplo** (multiplicativo) e **meio** (fracionário).

c) **um** (ordinal), **primeiro** (cardinal), Leão **onze** (multiplicativo) e **meio** (fracionário).

d) **um** (ordinal), **primeiro** (cardinal), **cêntuplo** (multiplicativo) e **meio** (fracionário).

Para resolver as questões 13 a 15, assinale as alternativa e some seus valores.

13. (UFBA) Assinale as alternativas incorretas:

1. 874º — octingentésimo setuagésimo quarto.
2. 398º — trezentésimo nonagésimo oitavo.
4. 486º — quadringentésimo octogésimo sexto.
8. 2.860º — dois milésimos octogésimo sexagésimo sexto.
16. 989º — nonagésimo octogésimo nono.
32. 6.222º — sexto milésimo ducentésimo vigésimo segundo.
64. 3.478º — três milésimos quadringentésimo septuagésimo oitavo.

14. (PUC-RS) Assinale a(s) alternativa(s) incorreta(s):

01. Tomo XI = onze.
02. Henrique VIII = oitavo.
04. Canto IX = nono.
08. Século X = décimo.
16. XI século = décimo primeiro.
32. Parágrafo IX = nono.
64. Artigo X = décimo.

15. (UNICAMP-SP) Assinale a(s) alternativa(s) correta(s):

1. Cabina 5 = cinco.
2. Casa 22 = vinte e dois.
4. Folha 32 = trinta e duas.
8. 5/10 = cinco dez avos.
16. 3/24 = três vinte e quatro avos.
32. 4/53 = quatro cinqüenta e três avos.
64. séptuplo = setenta vezes.

Respostas da unidade 13 — Numerais

Exercícios — pág. 160

1) — 1)centésimo décimo primeiro 2)ducentésimo vigésimo segundo 3)trecentésimo trigésimo terceiro 4)quadringentésimo quadragésimo quarto 5)qüingentésimo qüinquagésimo quinto 6)sexcentésimo sexagésimo sexto 7)septingentésimo septuagésimo sétimo 8)octingentésimo octogésimo oitavo 9)noningentésimo nonagésimo nono 10)dez milésimos (ou décima milésima) centésima vigésima sexta.

2) — 1) segundo 2) décimo 3) onze 4) terceiro 5) décimo 6) dez 7) nono 8) onze 9) décimo 10) onze.

3) — 778, 1986, 951, 839, 10511, 4166, 1643, 444, 1.100.000, 666.

4) — c, d, a, b, e, f.

5) — 6, 3, 7, 1, 4, 8, 9, 10, 2, 5

6) — a) triplo b) cêntuplo c) duodécuplo d) óctuplo e) dois centésimos f) um milésimo g) sete sessenta e três avos h) dezessete cinqüenta e um avos.

Testes — pág. 161

1 - e
2 - a
3 - c
4 - c
5 - a
6 - d
7 - d
8 - a
9 - a
10 - b
11 - c
12 - b
13 - 26
14 - 64
15 - 35

15 Colocação Pronominal

COLOCAÇÃO DO PRONOME ÁTONO

Pronomes { **me**, **te**, **se, lhe, o, a** } { **nos**, **vos**, **se, lhes, os, as** }

Esses pronomes, na oração, podem vir, em relação ao verbo:

ANTES → PRÓCLISE → Não se afobe, vestiba!

DEPOIS → ÊNCLISE → Quero-lhes muito, como se fossem minha família.

no **MEIO** → MESÓCLISE → Amá-la-ei mais depois do vestibular, querida redação.

Obs.: As normas de colocação pronominal também são aplicadas ao demonstrativo **O**.

Regras de colocação pronominal

	EXIGE	EXEMPLOS
PRÓCLISE	1. palavras ou expressões negativas: não, nunca, nem, nenhum, ninguém.	Nunca **se** queixa nem **se** aborrece.
	2. pronomes relativos: quem, qual, que, cujo, onde, quanto.	São esperanças que morrem, sonhos que **se** vão.
	3. pronomes indefinidos: alguém, quem, algum, qualquer, cada qual, pouco, vários.	Pouco **se** sabe a respeito dos pronomes.
	4. conjunções subordinativas e coordenativas: quando, se, como, porque, que, logo que, mas.	Não iria, ainda que **me** convidassem.
	5. advérbios: talvez, ontem, aqui, ali, agora, de vez em quando. ⇒ sem (,)	Aqui **se** trabalha pela grandeza do Brasil.
	6. orações optativas (com suj. anteposto = exprimem desejo), interrogativas e exclamativas.	A terra **lhe** seja breve! Quem **se** atreveria a isso? Quanto **te** arriscas com esse procedimento!
	7. EM + gerúndio.	Em **se** tratando de vestibulares, conhecia tudo.

MESÓCLISE	1. futuro do presente.	Dir-**me**-á, ó vestiba, que a redação não é importante
	2. futuro do pretérito.	Se fosse possível, contar-**vos**-ia o que se passou.
ÊNCLISE	1. início do período (menos verbo no futuro).	Vai- **se** a primeira pomba despertada!
	2. gerúndio não antecedido de EM.	Fugiu do vestibular, esgueirando-**se** entre os presentes.
	3. imperativo.	Procure seus colegas e convide-**os.**
	4. infinitivo, não-flexionado, precedido de preposição a, com oblíquos, o, a, os, as.	Todos corriam a ouvi-**lo.** Começou a maltratá-**la**.

Regras de colocação pronominal

Observações

1. Depois da vírgula, ênclise (menos verbo no futuro).

2. Vindo o infinitivo impessoal regido da preposição **para,** quase sempre é indiferente a colocação do pronome oblíquo antes ou depois do verbo, mesmo com a presença do advérbio **não**:

Corri para **defendê-lo.** Corri para **o defender.**

Calei para não **contrariá-lo**. Calei para não **o contrariar**.

3. Escritores clássicos costumavam intercalar o advérbio **não** entre o verbo e o pronome proclítico:

Calei para **o não contrariar.** «Há coisas que **se não descrevem.»** (G. C.) «Já **me não lembravam** os três primeiros nomes.» (M. A.).

Tal colocação é obsoleta.

4. Os casos de próclise impõem-se aos demais quando ocorrem simultaneamente: Não a compreenderei jamais.

5. Nos casos em que não haja obrigatoriedade de nenhuma regra, a colocação é livre, embora a ênclise seja aconselhada.

PRONOME ÁTONO COM

LOCUÇÕES VERBAIS

1. Nos tempos compostos → **Auxiliar TER** ou **HAVER** + **Particípio** (verbo principal), o pronome átono se anexa ao verbo auxiliar, nunca ao particípio:

Tinha-**me** arrastado, sem perceber.

Observação: Se o auxiliar for futuro:

Ter-lhe-ia sido nociva a minha prescrição?

2. Nas locuções verbais podem os pronomes átonos, conforme as circunstâncias, estar em próclise ou ênclise, ora ao verbo auxiliar, ora à forma nominal:

1) **Verbo auxiliar + infinitivo:**

Devo calar-**me**, ou devo-**me** calar, ou devo **me** calar.

Não devo calar-**me** ou não **me** devo calar.

2) **Verbo auxiliar + preposição + infinitivo**:

Há de acostumar-**se**, ou há de **se** acostumar.

Não **se** há de acostumar, ou não há de acostumar-**se.**

3) **Verbo auxiliar + gerúndio:**

Vou-**me** arrastando, ou vou **me** arrastando, ou vou arrastando-**me.**

Não **me** vou arrastando, ou não vou arrastando-**me.**

3. **Se as locuções forem precedidas de palavras que exijam próclise, o oblíquo não pode ficar entre os verbos da locução.**

Não LHE devemos dizer a verdade. → certo

Não devemos dizer-LHE a verdade. → certo

Não devemos LHE dizer a verdade. → errado

Macetes

1. LV ⇒ { INF. / GER. ↓ pode ☒ não pode

A) — Sem atração

Eu ↓ estou- ↓ vendo- ↓
Eu ↓ quero- ↓ abraçar- ↓

B) — Com atração

Eu não ↓ estou ☒ vendo- ↓
Eu não ↓ quero ☒ abraçar- ↓

2. TC ⇒ { PART.

A) — Sem atração

Eu ↓ havia- ↓ ☒ visto- ☒

B) — Com atração

Eu não ↓ havia- ☒ visto ☒

→ Importante! Não esqueça!

1. QUADRO DOS PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS ENCLÍTICOS

verbo terminado em	pronomes oblíquos átonos	pronomes oblíquos átonos enclíticos
vogal	o, a, os, as	**o, a, os, as**
r, s, z	o, a, os, as	**lo, la, los, las**
m, (am, em), ão, õe	o, a, os, as	**no, na, nos, nas**

2. **MESÓCLISE** dos pronomes O, A, OS, AS → **LO, LA, LOS, LAS**

Ex.: Conjugação do verbo **pôr** (fut. pres.) com pronome oblíquo **O**:

Eu pô-lo-ei Nós pô-lo-emos
Tu pô-lo-ás Vós pô-lo-eis
Ele pô-lo-á Eles pô-lo-ão

Exercícios

1) Conjugue o verbo TRAZER no futuro do presente com o pronome oblíquo OS:

Eu .... Nós ....
Tu .... Vós ....
Ele .... Eles ....

2) Faça o mesmo com o verbo TER, no futuro do pretérito, com o pronome AS:

Eu .... Nós ....
Tu .... Vós ....
Ele .... Eles ....

3) Coloque o pronome átono convenientemente:

a) Ninguém .... ajudou ..... naquela situação difícil. (o)

b) Nada .... deixa .... preocupado. (o)

c) Não ... firas ... com palavras grosseiras. (o)

d) Nunca .... peça .... nada. (lhe)

e) Aqui está o livro que .... pediram .... (me)

f) Achei o livro que .... interessa. .... (nos)

g) Quem .... chamou .... ? (o)

h) Como .... chama .... a criança? (se)

i) Quando .... disseram .... isso? (lhe)

j) Quanto .... custou .... o livro? (lhe)

l) Porque .... aborreceu .... tanto? (se)

m) Qual dos livros ...... emprestas .... ? (me)

n) Bons ventos .... levem .... ! (te)

o) Que a terra .... seja .... leve!(te)

p) Que os seus sonhos .... realizem .... (se)

q) .... comuniquei .... a notícia para que não .... ignorasse .... (lhe/a)

r) .... convenceu .... de que nada .... devia .... (me/mo)

s) Raios .... partam ....! (o)

t) Bons olhos .... vejam ....! (te)

u) Ninguém .... ama .... ; ninguém .... quer .... (me/me)

v) É árdua a missão que .... deram .... (lhe)

x) Logo que .... vi .... fiquei apaixonado. (te)

z) Não ...... (delatarei) (delatá-......-ei), posto que .... peçam .... (a/me)

4) O mesmo que o anterior:

a) Deus .... ouve .... (o)

b) Já não .... lembro .... do dia em que .... telefonei .... (me/lhe)

c) Alguém .... chamou .... (me)

d) Espero que .... divirtam .... (se)

e) .... dê .... o lápis, por favor. (me)

f) Ninguém .... ama .... (nos)

g) Nada .... impede .... de aceitar o convite. (me)

h) Se .... trata .... de casamento, ela aceita. (se)

i) Sempre .... disse .... a verdade. (lhes)

j) Não posso .... esquecer .... de você. (me)

5) Risque as frases incorretas:

a. 1) Se pudesse, vos contaria o que nos aconteceu.

2) Se pudesse, contar-vos-ia o que aconteceu-nos.

3) Se pudesse, contar-vos-ia o que nos aconteceu.

b. 1) Me impuseram que permanecesse lá por quinze dias.

2) Impuseram-me que permanecesse lá por quinze dias.

3) Não me imporão que lá permaneça por quinze dias.

c. 1) Acho que não encontrá-lo-emos mais.

2) Acho que não o encontraremos mais.

3) Ele se perdeu; talvez alguém o encontre.

d. 1) Em se concluindo o expediente, cerraram-se as portas.

2) Concluindo-se o expediente, se cerraram as portas.

3) Em concluindo-se o expediente, cerraram-se as portas.

e. 1) Ela me havia acenado com alguma esperança...

2) Ela havia acenado-me com alguma esperança...

3) Havia-me ela acenado com alguma esperança...

6) Use o código:

A) quando somente a I estiver correta;

B) quando I e II estiverem corretas.

1. ( ) I — «O gado ia finar-se, até os espinhos secariam.» (Graciliano Ramos)

II — O gado ia-se finar, até os espinhos secariam.

2. ( ) I — «Compadre, eu não lhe quero dizer coisa alguma» (José Lins do Rego)

II — Compadre, eu não quero dizer-lhe coisa alguma.

3. ( ) I — «Preciso contar, Sr. Juiz, como se foi formando entre nós esse estado de espírito.» (Aníbal Machado)

II — Preciso contar, Sr. Juiz, como foi formando-se entre nós esse estado de espírito.

4. ( ) I — «As visões do sono tinham-se dissipado.» (Graciliano Ramos)

II — As visões do sono tinham dissipado-se.

Questões discursivas

1. (CEFET-PR) Nas questões abaixo, reescreva as orações substituindo os complementos verbais destacados pelos pronomes correspondentes, combinando-os quando necessário:

I) Os cristãos amam **a Deus.**

....

....

II) Já que você irá precisar dos livros, tratarei de trazer **os livros** amanhã mesmo.

....

....

III) Tão logo o banco abra, entregarei **os cheques ao caixa.**

....

....

2. (CEFET-PR) Reescreva a frase, intercalando o pronome do parênteses, fazendo as modificações que se fizerem necessárias:

Se Regina não estiver na fazenda, procurarei em Campinas. (A) ....

....

....

3. (UFMT) Reescreva os períodos, substituindo a forma verbal pela do Futuro Presente do Indicativo, mantendo a mesma pessoa, número e fazendo acertos se necessário.

Modelo: Divido-o com cuidado.

DIVIDI-LO-EI com cuidado.

1) Trago-lhe o trigo da Argentina.

....

....

2) Põem-no sobre a mesa.

....

....

3) Faço-o com muito prazer.

....

....

4. (UFSC) Reescreva o período a seguir, CORRIJA-O, se necessário, quanto à COLOCAÇÃO PRONOMINAL. Em seguida, JUSTIFIQUE a resposta dada.

Nas mesas que encontravam-se à esquerda, estavam os petiscos.

Correção. ....

Justificativa: ....

Testes

1. (ITA-SP) Dadas as sentenças:

1. Seria-nos mui conveniente perceber tal orientação.

2. Em hipótese alguma enganaria-te.

3. Você é a pessoa que delatou-me.

constatamos que está(ão) correta(s):

a) apenas a sentença nº 1.

b) apenas a sentença nº 2.

c) apenas a sentença nº 3.

d) todas as sentenças.

e) n.d.a.

2. (PUC-RS) Assinale o período em que a colocação do pronome pode ser alterada:

a) Passe-me o livro, por favor!

b) Foi este o artigo que vocês leram e me recomendaram?

c) A criancinha veio, mal se equilibrando nos pezinhos.

d) Ter-se-ão retirado, quando você chegar.

e) Não lhe quero falar sobre o caso.

3. (PUC-MG) Indique a opção que contém erro de colocação pronominal:

a) Resolveram fazê-la tomar um calmante.

b) Quando conheci-a era uma jovem de apenas 16 anos.

c) — Pelo amor de Deus, salve-me!

d) Veio de novo o rapaz que era médico, mas a velha o rejeitou com um gesto.

e) Assim que o viu, Dª Dalva agarrou-lhe a mão.

4. (UEL-PR)

Tanto .... que não .... para o novo projeto, que .... a apresentá-lo durante a reunião.

a) dissemos-lhe — convocasse-nos — se recusou.

b) dissemos-lhe — nos convocasse — se recusou.

c) dissemos-lhe — convocasse-nos — recusou-se.

d) lhe dissemos — nos convocasse — se recusou.

e) lhe dissemos — nos convocasse — recusou-se.

5. (MACK-SP) Assinale a incorreta:

a) Nunca se ouviu falar dele.

b) Apelidar-te-ei de «formoso».

c) Me impuseram severo castigo.

d) Largaste-me só e desamparado.

e) Apressa-te porque já é dia.

6. (UFBA) «Um Delfim à venda»

«Um Delfim está à venda em Curitiba, não trata-se propriamente do Ministro mas sim, de um de seus smokings, presenteado a um curitibano que o colocou a venda.»

Na notícia acima, o pronome grifado em «não trata-**se**...» está empregado:

a) erroneamente, porque o advérbio de negação é palavra atrativa e, neste caso, a próclise é obrigatória.

b) corretamente, porque nunca o pronome deve ser usado procliticamente, quando depois do verbo houver um advérbio de modo.

c) corretamente, porque o verbo **tratar** é transitivo indireto e, neste caso, a ênclise é obrigatória.

d) erroneamente, porque o verbo **tratar** é transitivo direto e, neste caso, deve ocorrer a próclise.

e) a colocação do pronome é facultativa (próclise ou ênclise) uma vez que antes e depois do verbo há um advérbio.

7. (UEM-PR) A próclise em Deus me livre! **obedece à mesma regra a que obedece um dos períodos abaixo. Indique-o.**

a) Na desventura, muitos se entregam a Deus!

b) Bons ventos o levem!

c) Quem me explicou este assunto?

d) Deus nos convida, embora pouca atenção lhe demos.

e) Mal me lembrei da resposta, vibrei.

8. (UEM-PR) O oblíquo o **coloca-se proclítico nos períodos abaixo, exceto em:**

a) Deus ... livre .... de um tropeço na prova!

b) Como .... achou .... ontem?

c) Não quis o rapaz aqui, ... mandei .... embora

d) Talvez .... encontre ...... na outra sala.

e) Nada .... perturba .... nas provas.

9. (UFSC) O pronome está corretamente colocado na alternativa:

a) Jamais arrepender-me-ei do que fiz.

b) Venha imediatamente, ou já não encontrar-me-á.

c) Não iniciou-se na hora prevista.

d) Sei onde colocaram-no.

e) Quando me viu, perturbou-se.

10. (UFPR) Quais são as frases que têm o pronome oblíquo mal empregado?

1. Ninguém falou-me jamais dessa maneira.

2. Bons ventos o levem!

3. Ele recordar-se-á com certeza do vexame sofrido.

4. As pastas que perderam-se, não foram as mais importantes.

6. Me empreste o livro!

7. Por que permitir-se-iam esses abusos?

Assinale a seqüência correta.

a) 1 — 4 — 6— 7

b) 2 — 3 — 5— 7

c) 1 — 2 — 3— 6

d) 3 — 4 — 5 — 6

e) 1 — 3 — 5— 7

11. (CESCEM-SP) Assinale a incorreta:

a) Nunca o vi assim.

b) Fi-lo com prazer.

c) Amam-a muito.

d) Amá-la-ei sempre.

e) Amei-o como irmão.

Para resolver as questões 12 a 15, assinale as alternativas e some seus valores.

12. (FAAP-SP) Assinale a(s) alternativa(s) incorreta(s):

1. Se apresentar-lhe os pêsames, faça-o discretamente.

2. Você não devia calar-se.

4. O filho não atendeu-o prontamente.

8. Ninguém quer aconselhá-lo.

16. Não dar-lhe-ei qualquer informação.

32. Por que não me havias dito que o presente iria custar-te tão caro?

64. Se me tivessem perguntado, ter-lhes-ia respondido.

13. (UNIFOR-CE) Assinale a(s) alternativa(s) incorreta(s):

1. Não se preocupe com o trabalho, o faremos esta semana.

2. Não preocupe-se com o trabalho, fá-lo-emos esta semana.

4. Não se preocupe com o trabalho, fá-lo-emos esta semana.

8. Quanto à sua parte, façam-la tranqüilos.

16. Pareceu-me bom comprá-la agora.

32. Em se ausentando, entristeceu-me.

64. Hoje pude deitar-me mais cedo.

14. (FMU-SP) Estão corretas as alternativas:

1. Já notam-se mudanças na administração.

2. Em tratando-se de caso grave, procure-me!

4. Vamos, crianças, se levantem!

8. Jamais perdoar-te-ei, Luísa!

16. Visitarei-te amanhã de manhã.

32. Quando entregaram-lhe o resultado?

64. Argumentando, lhe mostrei os pontos favoráveis.

15. (FMU-SP) Estão corretas as alternativas:

1. Com quem não simpatizas-te?

2. Nada te autoriza a fazer isso.

4. Recusei a idéia que apresentaram-me.

8. Qui-la como namorada sempre.

16. Sempre vi-a sair à tarde.

32. Quando cumprimentaram-na, desmaiou.

64. Os soldados não obedeceram-lhe as ordens.

Respostas da unidade 15 — Colocação Pronominal

Exercícios — pág. 191

1) trá-los-ei, trá-los-ás, trá-los-á, trá-los-emos, trá-los-eis, trá-los-ão.

2) tê-las-ia, tê-las-ias, tê-las-ia, tê-las-íamos, tê-las- íeis, tê-las-iam.

3.) – a) prócl. b) prócl. c) prócl. d) prócl. e) prócl. f) prócl. g) prócl. h) prócl. i) prócl. j) prócl. l)prócl. m) prócl. n) prócl. o) prócl. p) prócl. q) êncl. / prócl. r) êncl. / prócl. s) prócl. t) prócl. u) prócl. / prócl. v) prócl. x) prócl. z) prócl. / prócl.

4) – a) prócl. ou êncl. b) prócl. / prócl. c) prócl. d) prócl. e) êncl. f) prócl. g) prócl. h) prócl. i) prócl. j) êncl.

5) a. 1 e 2 b. 1 c. 1 d. 2 e. 3 e 2.

6) 1. B, 2. B, 3. B, 4. A.

Questões discursivas — pág. 193

1) I - amam-no II - de trazê-los III - entregar-lhos-ei.

2) ... procurá-la-ei.

3) 1. Trá-lo-ei 2. Pô-lo-ão 3. Fá-lo-ei.

4) Nas mesas que se encontravam... (relativo **que** exige próclise).

Testes — pág. 194

1-e
2-e
3-b
4-d
5-c
6-a
7-b
8-c
9-e
10-a
11-c
12-21
13-11
14-00
15-10

11 Artigos

O ARTIGO é a palavra que antecede o substantivo, caracterizando-o.

Classificação

O artigo pode ser:

Definido

É aquele que individualiza, determina um substantivo. São eles: **o, a, os, as**.

Ex.: **A** casa foi pintada ontem.

Indefinido

É aquele que caracteriza com imprecisão o substantivo, indicando-o como um entre os da sua espécie. São eles: **um, uma, uns, umas**.

Ex.: **Um** menino saiu da sala.

Emprego do artigo definido

1. **Com nomes próprios:**

Usa-se o artigo para indicar intimidade com a pessoa.

Ex.: **A** Débora é uma grande amiga.

2. **Com possessivos:**

O uso do artigo antes de possessivos é facultativo.

Ex.: **o** meu nome / meu nome

→ **Observação:** Não se usa o artigo antes de nomes de parentesco precedidos de possessivo.

Ex.: Foi passear com seu primo.

3. **Antes de formas de tratamento não se usa o artigo.**

Ex.: Informo a Vossa Senhoria...

4. **Não se usa o artigo entre o pronome** ***cujo*** **e o substantivo que vem em seguida.**

Ex.: a casa cuja dona...

5. **Em provérbios e máximas não se usa o artigo.**

Ex.: Amor com amor se paga.

6. **Com nomes próprios geográficos:**

a) Usa-se o artigo com nomes de países, regiões, continentes, desertos, rios, oceanos e mares.

Ex.: **o** Brasil / **o** Tietê / **o** Saara

→ **Observação:** Alguns países e regiões não aceitam o artigo: Roma, Copacabana, Angola etc.

b) Não se usa o artigo com os nomes das cidades.

Ex.: São Paulo / Curitiba / Minas Gerais

→ **Observação:** Nomes de cidades formados de substantivos comuns mantêm o artigo: **a** Bahia, **o** Rio de Janeiro etc.

Emprego do artigo indefinido

1. **Use o artigo para realçar um substantivo.**

Ex.: O garoto era **um** gênio.

2. **Use o artigo para indicar arredondamento ou aproximação.**

Ex.: Emagreci **uns** oito quilos.

Aluno (a): ___________________________________ Série: ____ Turma: ___

Avaliação de Língua Portuguesa – Pronomes

A gramática política
Eu
Tu
Ele
Nós
Vós
....
Cadê ele???
(tão roubando, ou quem sabe destruindo)
Me, mim ....
Te, ti ....
Se, si .... o, a, lhe
Nos ....
Vos ....
Se, si .... os, as, lhes
(Cadê comigo, consigo, convosco?)
Não estão!!! (Psiu, fale baixo senão eles te
reprimem)
Eles não estão com o povo
Que nem consegue abrir os olhos.
E aprende, aliás, mal aprende.
Mas, aprende o quê?
Nada.
Por isso me contento, não luto.
Sou a maioria, porém, minoria.
Me controlo e nada faço.
E no fim eu perco e engulo
A gramática política.

SOCORRO!!!
Alguém está me escutando?
Alguém me vê?
Quem está aí?
Quem sou eu?
Alguém me ajude!

Todos te escutam;
Todos te vêem;
Eu estou aqui;
Você é o que é;
Eu lhe ajudarei.

Quem é tu?
Eu sou teu eu.
Mas quem sou eu?

Você é alguém que veio ao mundo
Mudar as cartas e batê-las sobre a mesa.
Mas como?
Como? Pergunte a ti mesmo, que só tu
saberás responder tuas próprias perguntas,
mais ninguém.

(Emanuela Mariano)

1. Observando a estrutura dos textos acima podemos afirmar que são:
( ) textos instrucionais ( ) textos poéticos ( ) textos científicos

2. Relacione os títulos com os poemas:
a) Texto 1. ____
b) Texto 2. ____
3. A primeira estrofe do poema “A gramática política” é construída apenas pelos pronomes?
___________________________ . E a segunda estrofe? __________________________

4. Nos versos a seguir, pinte o pronome pedido entre - parênteses:
a) Eles não estão com o povo. (Pronome pessoal caso reto)
b) Psiu! Fale baixo senão eles te reprimem. (Pronome pessoal caso oblíquo)
c) Mas aprende o quê? (Pronome interrogativo)
d) Por isso me contento, não luto. (Pronome demonstrativo)

5. No versos “*Cadê eles? / Tão roubando, ou quem sabe destruindo*”, a quem se refere o pronome pessoal do caso reto **eles**? ________________________________

7. Do poema “Socorro” copie:
a) Dois pronomes indefinidos: ___________________________
b) Dois pronomes pessoais oblíquo: ________________________
c) Dois pronomes interrogativos: ________________________
d) Três pronomes pessoais reto: _____________________
e) Dois pronomes possessivos: ________________________

8) Relacione o título do “A gramática política” com o poema em questão?
____

www.euvoupassar.com.br

Fernando Pestana

MAPA DA MINA - Fatality na FCC!!!

03/01/2013

Salve, salve, galera!!!

A FCC tem um padrão bem redondinho. Depois de criteriosa análise, saiba que sua prova (ICMS/SP-2013) tem este padrão: 80% é gramática e 20% é interpretação.

Você vai encontrar cerca de 25 questões só de gramática, a parte que mais interessa e que mais elimina candidatos, portanto conheça o perfil da prova que irá fazer:

1) Coesão Referencial (Pronomes Pessoais, Demonstrativos e Relativos) e Coesão Sequencial (Conjunções, Preposições e Locuções Prepositivas (troca de conectores por outros sinônimos e valores semânticos)) - até 5 questões

2) Relação de Causa e Consequência - 1 questão

3) Emprego de Tempos e Modos Verbais, Correlação Verbal, Aspecto Verbal, Transposição de voz, Conjugação Verbal (com Concordância), Uniformidade de Tratamento - até 5 questões

4) Sinonímia entre expressões - 1 questão

5) Pontuação - 1 questão

6) Concordância - 1 questão

7) Regência com Pronome Relativo - 1 questão

8) Crase - 1 questão

9) Questão Híbrida (assuntos diversos dentre os 8 anteriores) - até 5 questões

10) Redação ou Paráfrase com Correção Gramatical (envolvendo conhecimentos básicos de pontuação, concordância, crase, colocação pronominal, ortografia e acentuação) - até 4 questões

Todos esses assuntos serão encontrados nas minhas videoaulas, que se iniciarão na próxima segunda-feira. Farei um curso de questões inéditas para a FCC. Com todo o amor e carinho... ;-)

O curso termina no sábado. As postagens devem ser imediatas para ajudar a todos vocês, concurseiros.

Agora, vamos ao **MAPA DA MINA**!!!

Ortografia oficial e Acentuação gráfica: *Módulo III / Aulas de 1 a 4.*
Flexão nominal e verbal / Emprego de tempos e modos verbais / Vozes do verbo: *Módulo V / Aulas de 5 a 10 e Aulas de 27 a 35.*
Pronomes: emprego, formas de tratamento e colocação: *Módulo V / Aulas de 19 a 26*
Concordância nominal e verbal: *Módulo VIII / Aulas de 1 a 8.*
Regência nominal e verbal: *Módulo IX / Aulas de 1 a 5.*

Ocorrência de crase: *Módulo X / Aulas 1 e 2.*
Pontuação: *Módulo VII / Aulas de 1 a 8.*
Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas): *Estas aulas ainda serão postadas no mês de janeiro, quando eu finalizar meu curso para a FCC.*

Caso queira conhecer ainda mais a sua prova, tenho estes cursos de questões comentadas da FCC no site Estratégia Concursos (são cerca de 350 questões comentadas):

TRT/PR:

http://www.estrategiaconcursos.com.br/curso/1582/questoes-comentadas-de-portugues-p-trtpr

TRT/RJ:

http://www.estrategiaconcursos.com.br/curso/1365/questoes-comentadas-de-portugues-p-trtrj

Se você estudar com tesão pelas videoaulas e pelos materiais em PDF, sua vitória será garantida!!!

Todo o sucesso do mundo!!!

Abs!

Pestana
fernandopest@yahoo.com.br

URL: http://www.euvoupassar.com.br/?go=artigos&a=-mqfO0i_fDWv0qAMuS1yF1kxcHOcWgN5jftfhaGIPO8~

Eu Vou Passar®. Todos os direitos reservados.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Termos Integrantes..2
  Complemento Nominal..2
  Agente da Passiva..2
  Predicativo do Sujeito..2
  Predicativo do Objeto..3

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Termos Integrantes

Segundo a gramática tradicional, os termos da oração dividem-se em: essenciais, integrantes e acessórios.

Os termos integrantes da oração são aqueles que integram, principalmente, o sentido de verbos e substantivos presentes na oração.

Os principais termos integrantes da oração são os complementos verbais (objeto direto e objeto indireto), o complemento nominal e o agente da passiva.

O predicativo do sujeito e o predicativo do objeto podem também ser considerados termos integrantes da oração, por atuarem como complementos nominais e verbais. Essa classificação não é, contudo, unânime.

Complemento Nominal

O complemento nominal é um termo preposicionado que completa o sentido de um nome, como um substantivo, um adjetivo ou um advérbio. Existem diversos nomes que têm um significado incompleto sem esse complemento, como:

alheio a;

cheio de;

descontente com;

perito em;

devoção por;

Exemplos de complemento nominal:

Minha vizinha está cheia **de dores.**

Ainda não estou pronta **para o teste**.

Minha avó tem muita devoção **por Deus**.

Agente da Passiva

O agente da passiva é um termo que existe apenas em orações na voz passiva analítica. Indica quem pratica a ação, correspondendo ao sujeito da voz ativa. É um termo preposicionado, introduzido pela preposição por e suas formas flexionadas (pelo, pela, pelos, pelas).

Exemplos de agente da passiva:

A apresentação foi realizada **pela professora de Filosofia.**

Todo o trabalho foi feito **por mim.**

O paciente foi acompanhado **pela enfermeira.**

Predicativo do Sujeito

O predicativo do sujeito é um termo que existe apenas nos predicados nominais. Atribui uma qualidade ao sujeito, caracterizando-o.

Exemplos de predicativo do sujeito:

Meu melhor amigo está tão **triste**.

Você anda **agitada** desde ontem.

Ela sempre foi **a razão** de tudo.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Predicativo do Objeto

O predicativo do objeto é um termo que existe apenas nos predicados verbo-nominais. É quando temos uma característica que o sujeito atribui ao objeto direto ou ao objeto indireto, caracterizando-os.

Exemplos de predicativo do objeto:

Eu considero este assunto **importantíssimo**!

O professor elegeu-me **representante da turma**.

Na aula de inglês, eu chamei-lhe **burra**.

Exercícios

01. "O professor atravessou o pátio **apressado**".

a) Neste período há um predicado verbo-nominal com predicativo do objeto.
b) "atravessou o pátio apressado" = predicado verbal
c) "o pátio" = núcleo do predicado.
d) apressado = predicativo do sujeito
e) atravessou = verbo de ligação

02. Assinale a única alternativa em que o termo destacado é um predicativo do objeto:

a) O menino estava **nervoso**.
b) Os alunos são **esforçados**.
c) Ela chegou **apressada**.
d) O povo elegeu-o **vereador**.
e) João entrou **apressado**.

Gabarito

01 - D

02 - D

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

QUESTÃO 1

Classifique os verbos abaixo sublinhados em:

(**VTD**) Verbo Transitivo Direto (**A**)
(**VT Ind**) Verbo Transitivo Indireto (**B**)
(**V Int**) Verbo Intransitivo (**C**)

01. Amo tanto e de tanto amar acho que ela é bonita. ( )
02. Dorme, anjo, que o boi pega neném.
03. Só eu velo por você meu bem . ( )
04. Boi da cara-preta, pega essa criança que tem medo de careta. ( )
05. A mão que toca um violão, se for preciso, faz a guerra ... ( )
06. O mesmo pé que dança um samba, se preciso, vai à luta ... ( )
07. Ela mora atrás da igreja. ( )
08. Não entregaremos as pizzas sem pagamento prévio. ( )
09. Não vendemos fiado. ( )
10. Eles cumpriram suas promessas. ( )
11. As estagiárias assistiram as enfermas. ( )
12. Elas assistiram ao show sertanejo.( )
13. Este aparelho trabalha glúteos. ( )
14. João trabalha em Guaratinguetá. ( )
15. Nem relógio trabalha dado. ( )
16. Ela vive por sua filha. ( )
17. Ela vive bem nessa cidade. ( )
18. Ela vive uma vida feliz. ( )
19. Ela pagou o livro. ( )
20. Ela pagou ao livreiro. ( )

21. Ela comprou a casa nova que tanto queria.( )
22. Ela comprou de sua prima. ( )
23. Andrea passou por lindas cidades em suas viagens. ( )
24. Márcia passou toda a roupa antes de viajar. ( )
25. Maria não quer abrir o portão. ( )
26. Abra para sua mãe, Maria. ( )
27. Ângela ralhou com o filho. ( )
28. Compreendeu tudo? Não entendeu nada? ( )

QUESTÃO 2

Classifique os verbos sublinhados segundo a indicação abaixo:

(1) verbo **intransitivo** **(3)** verbo **transitivo direto**
(2) verbo **transitivo indireto** **(4)** verbo **de ligação**

( ) Os índios fabricavam enfeites e cestos.
( ) Eles não produziam lixo.
( ) Esses homens precisam de máscaras.
( ) As margens do rio estavam sujas.
( ) Gostamos de professor de matemática
( ) A gurizada brincava ao léu, empinando papagaio.
( ) Em breve, ombreará com os mestres.
( ) Acredito em sua palavra.
( ) O lixo sempre traz epidemias.
( ) Os índios cuidavam do seu rio.
( ) As árvores e as plantas cresceram.
( ) Os homens procuravam alimentos.
( ) Meus amigos gostam muito de peixe.
( )Apareceram , um dia, os meus próis livros.
( ) O hipocondríaco morreu, mas ninguém acreditou.
( ) De lá você enxergará o horizonte.
( ) Quem não tem boca também vai a Roma, mas não conversa com ninguém.
( )Todos pareciam cansados.
( ) Aqui todos são alegre e saudáveis.
( ) O doce está gelado.
( ) Os animais procuravam pousada.
( ) O marquês desobedece às ordens do rei.
( ) Em toda a parte andava acesa a guerra.
( ) Em pouco tempo a semente germinou.
( )Todos roncavam, menos o enfermo.
( ) Maria galgou as escadas.
( ) É preciso crer em alguma coisa.
( ) Disse algumas palavras.
( ) Não estou doente.
( ) A terra permanece elevada.
( ) Os jovens estavam entusiasmados.
( ) Mamãe caiu. Venha.

QUESTÕES BANCAS DIVERSAS

1) É errada a análise da predicação verbal na letra:
a) Isso não me convém. (transitivo indireto)
b) Não lhe telefonarei amanhã. (transitivo indireto)
c) Saudaram-nos pela vitória. (transitivo indireto)
d) A verdade me constrangeu. (transitivo direto)

e) A inocente menina é bela como um anjo. (de ligação)

2) Prova: INSTITUTO CIDADES - 2012 - TCM-GO - Auditor de Controle Externo - Informática

Assinale a análise correta do termo da oração destacado.

O filme "O Artista" ultrapassou os limites do público segmentado.

a) Objeto direto.
b) Objeto indireto.
c) Sujeito.
d) Predicativo do sujeito.
e) Agente da passiva.

3 Prova: FCC - 2012 - INSS - Técnico do Seguro Social

Na frase O compositor dedicava inteiramente à criação musical os meses de verão, o termo sublinhado exerce a mesma função sintática que o termo em destaque na frase:

a) A visão de mundo de uma geração mais jovem teve influência central aqui.
b) Intérpretes conhecidos e pesquisadores descobriram o compositor.
c) Em vida, Mahler foi alvo de intensas polêmicas.
d) Mahler empreendia longas caminhadas que lhe proporcionaram inspiração para grandiosas sinfonias.
e) Essas casinhas das alturas alpinas hoje se transformaram em memoriais.

4) ESAF - TJ-CE - Auxiliar Judiciário

CUIDADO!

Não se sente o efeito dos agrotóxicos nos alimentos ao ______________, porém o envenenamento é progressivo e cumulativo ao longo dos anos.

Assinale a opção que completa a lacuna de forma correta.

a) ingerir-lhes
b) ingerir eles
c) ingeri-lhes
d) ingeri-los
e) ingerir-los

5. (UGF - Escola Médica do RJ) Assinale o único caso em que o pronome oblíquo átono exerce a função de objeto indireto:

a) Contive-me.
b) Ele aguardava-me desde cedo.
c) Isto me agrada
d) O aluno me viu.
e) Socorram-me.

6 CESPE – INSTITUTO RIO BRANCO

Em "por muito que isso pese a Fernando Pessoa" (l.3-4), a forma "pese" remete a **peso** e está empregada como verbo transitivo direto.

7. CESPE – Instituto Rio Branco

Com o objetivo de apresentar boas práticas da organização judicial e discutir os desafios e perspectivas do Poder Judiciário no atual cenário de mudanças tecnológicas e 4 organizacionais, acontecerá o seminário Atualidade e Futuro da Administração da Justiça, nos dias 11 e 12 de março de 2013, em Porto Alegre.

Os termos "os desafios e perspectivas do Poder Judiciário" (R.1) e "o seminário Atualidade e Futuro da Administração da Justiça" exercem a mesma função sintática no contexto em que se inserem.

8 CONSULPLAN TRE-RS 2008 Técnico

"Se ainda existe alguém que duvida que os EUA são um lugar onde tudo é possível, que ainda conjectura se os sonhos de nossos fundadores continuam vivos, que ainda questiona o poder de nossa democracia, esta noite é a resposta."" O trecho grifado tem a mesma função sintática que o destacado
em:

A) Preserve a Mata Atlântica.
B) Faça uma cuidadosa leitura da prova.
C) Ele mora perto de um grande monumento.
D) A preservação da biodiversidade é necessária às gerações futuras.
E) Fui enganado por ambos.
."

9. CONSULPLAN - SEJUCI-RN 2009 Agente Penitenciário

Considere o seguinte trecho: *"Um adolescente empurra a professora...".*

Em qual das alternativas abaixo, o termo destacado **NÃO** apresenta a mesma função sintática do termo sublinhado anteriormente?

A) “Um menininho chama a professora...”
B) “Na outra ponta, temos o espetáculo deprimente...”
C) “Não vi ainda ações eficazes”.
D) “... que provoca violência física...”
E) “Quase todos os países foram responsáveis pela gravíssima crise...”

10. CETRO Prefeitura Municipal de Pinheiral – Agente Fiscal de Obras e Posturas

Assinale a alternativa que possua, na mesma ordem, dois verbos com a mesma transitividade dos grifados na oração:
Um jogador que **confunde** o entrevistador, pois não **corresponde** à expectativa...
(A) O rapaz **agrediu** o chefe, porque não **tinha** argumentos de defesa.
(B) Embora **gostasse** de praia, **preferiu** o campo.
(C) Jorge **conversou** com a filha e **resolveu** as mágoas.
(D) A atriz **conquistou** a platéia que **necessitava** daquele humor.
(E) O acidente **provocou** mortes e **atrapalhou** o trânsito.

11. Prova: FCC - 2013 - TRT - 9ª REGIÃO (PR) - Técnico Judiciário
...redes sociais que moldaram o pensamento...

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:

a) ... que nada mais são do que as velhas redes sociais...
b) Nessas populações, as redes operavam por meio de conversas face a face...
c) Desde que nossos ancestrais andavam em bandos pelas estepes africanas...
d) ...na última década surgiu a comunicação digital...
e) ...as novas redes sociais influenciam comportamentos e crenças...

12. Prova: FCC - 2013 - TRT - 1ª REGIÃO (RJ) - Técnico Judiciário

E como dizer que a cidade, ao fim, deixara de corresponder à modernidade empenhada?

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está empregado em:

a) Houve um sonho monumental...
b) Nada superará a beleza...
c) Filho de fazendeiros, fora o único ateu e comunista da família...
d) No Planalto Central, construíra a identidade escultural do Brasil.
e) Brasília [...] resultara em alguma decepção.

.

13. Prova: FCC - 2012 - MPE-PE - Técnico Ministerial - Área Administrativa
... de modo que ele próprio o anunciou no orçamento de 1925.

Considerando-se o contexto, o verbo grifado acima está empregado como

a) transitivo indireto pronominal.
b) transitivo indireto.
c) bitransitivo.
d) transitivo direto.
e) intransitivo.

14. INFADU – Cargo: Datilógrafo

O pedido da ONU foi feito por meio de comunicado conjunto do ACNUR e do Alto Comissariado da ONU para Direitos Humanos (OHCHR, da sigla em inglês). Estima-se que 680 mil pessoas ainda **estão** deslocadas dentro do Haiti, e estão espalhadas entre mais de 1.000 acampamentos na capital, Port-au-Prince, e outras áreas afetadas pelo terremoto. Um número desconhecido **permanece** fora do país.

Os verbos “estão” e “permanece” são verbos de ligação nas duas ocorrências do texto acima.

15. (Uni-Rio-RJ) Assinale a opção correta quanto à predicação atribuída ao verbo sublinhado na passagem do texto.
a) "A casa fica num alto lavado de ventos." - ligação;
b) "Aqui não há encantos." - intransitivo;

c) "... as zínias e os manjericões que levantavam um muro colorido ao pé dos estacotes" - transitivo direto e indireto;
d) "Sim, só comparo o Nordeste à Tera Santa." - intransitivo;
e) "... em torno do qual gravitam as plantas, os homens e os bichos." - intransitivo.

16. Prova: MPE-SC - 2013 - MPE-SC - Promotor de Justiça - Tarde

Considerando que o verbo "abraçar" é transitivo direto no sentido de "apertar com os braços", o pronome oblíquo destacado está corretamente empregado na frase a seguir:
Na visita ao Sumo Pontífice, a mandatária argentina apesar de muito lhe querer abraçar, conteve-se a tempo.

17. CETRO Prefeitura Municipal de Pinheiral – Agente Fiscal de Obras e Posturas

Assinale a alternativa que possua, na mesma ordem, dois verbos com a mesma transitividade dos grifados na oração:
Um jogador que **confunde** o entrevistador, pois não **corresponde** à expectativa...
(A) O rapaz **agrediu** o chefe, porque não **tinha** argumentos de defesa.
(B) Embora **gostasse** de praia, **preferiu** o campo.
(C) Jorge **conversou** com a filha e **resolveu** as mágoas.
(D) A atriz **conquistou** a platéia que **necessitava** daquele humor.
(E) O acidente **provocou** mortes e **atrapalhou** o trânsito.

GABARITO

QUESTÃO 1

1. A	7. C	14. C	21. A	28. A
2. C	8. A	15. C	22. B	
3. B	9. C	16. B	23. B	G
4. A	10. A	17. C	24. A	R
5. A	11. A	18. A	25. A	A
6. A	12. B	19. A	26. B	N
	13. A	20. B	27. B	

GABARITO 01a, 02c, 03b, 04a, 05a, 06a, 07c, 08a, 09c, 10a, 11a, 12b, 13a, 14c, 15c, 16b, 17c, 18a, 19a, 20b, 21 a, 22b, 23b, 24 a, 25 a, 26 b, 27 b, 28 a.

QUESTÃO 2

GABARITO

(3) Os índios fabricavam enfeites e cestos.
(3) Eles não produziam lixo.
(2) Esses homens precisam de máscaras.
(4) As margens do rio estavam sujas.
(2) Gostamos de professor de matemática
(1) A gurizada brincava ao léu, empinando papagaio.
(2) Em breve, ombreará com os mestres.
(2) Acredito em sua palavra.
(3) O lixo sempre traz epidemias.
(2) Os índios cuidavam do seu rio.
(1) As árvores e as plantas cresceram.
(3) Os homens procuravam alimentos.
(3) Meus amigos gostam muito de peixe.
(3)Apareceram , um dia, os meus próprios livros.
(1) O hipocondríaco morreu, mas ninguém acreditou.
(3) De lá você enxergará o horizonte.
(2) Quem não tem boca também vai a Roma, mas não conversa com ninguém.
(4)Todos pareciam cansados.
(4) Aqui todos são alegre e saudáveis.
(4) O doce está gelado.
(3) Os animais procuravam pousada.
(2) O marquês desobedece às ordens do rei.
(4) Em toda a parte andava acesa a guerra.
(1) Em pouco tempo a semente germinou.
(1)Todos roncavam, menos o enfermo.
(3) Maria galgou as escadas.
(2) É preciso crer em alguma coisa.
(3) Disse algumas palavras.
(4) Não estou doente.
(4) A terra permanece elevada.

(4) Os jovens estavam entusiasmados.
(1 - 1) Mamãe caiu. Venha.

QUESTÕES BANCAS DIVERSAS

1. C	7. E	14. E	
2. A	8. A	15. E	
3. A	9. E	16. E	G
4. D	10. D	17. D	R
5. C	11. E	BOA SORTE!	A
6. E	12. E		N
	13. D		

GRAN CURSOS

PORTUGUESA

Professora Ana Rita

ORTOGRAFIA

AULA 3

COGNATOS

1. DE S:

gás	gasômetro, gasolina
país	paisinho
francês	francesinho
pires	piresinho
casa	casebre, casinhola, etc.

2. DE Z:

pão	pãozinho
alemã	alemãzinha
café	cafezal, cafezinho
bom	bonzão
chuchu	chuchuzinho
órgão	orgãozinho

O TIL

Permanece quando aparece Z ou MENTE.
Desaparece com qualquer acréscimo que se faça.

Dólmã	dolmãzinho
Vã	vãmente
Manhã	manhãzinha
Maçã	maçaneta
Ação	açãozinha

PLURAL HAVENDO Z

1. corações	coraçõe + zinhos = coraçõezinhos
flor	flor + zinha = florzinha
flores	flore + zinhas = florezinhas

USO DO X, CH, S

1. EX + VOGAL -	*SOM DE Z*
exacerbar (irritar-se)	exército
exagero	exercer (desempenhar)
exaltação	exéquias
exame	exibir
exarar (lavrar)	exigência
exasperar	exílio
exaustão	exímio
exemplo	êxito
executar	exonerar (demitir)
exorbitar	exótico
exultação	exumação
Exceções: esôfago, esoterismo.	

2. ENX - SOM DE CH

enxada	enxofre
enxaguar	enxotar
enxame	enxoval
enxaqueca	enxugar
enxadrezar	enxurrada
enxaropar	enxuto
enxerto	
Exceções:	
Enchafurdar (atolar-se)	enchova
Encharcar	enchoçar (encurralar)
Encher	enchouriçar
Enchiqueirar	enchente
Enchocalhar	enchumaçar (estofar)

3. Geralmente empregamos X depois de ditongo:

Baixo	caixola
Caixa	caixote
Deixar	baixeza
Trouxe	baixela
Faixa	baixada
Trouxa	peixe
Ameixa	queixa
Seixo	paixão
Caixão	frouxo

4. Palavras com X:

Bexiga	coxilha	
Coxo (manco)	engraxar	
Convexo	prolixo	
Sintaxe	êxtase	xícara
Caxumba	faxina	texto
Maxixe	muxoxo	pretexto
Paxá	praxe	fluxo
Xale	axila	xarope
Reflexão	explícito	extensão
Expoente	excitante	expediente
Xangai	genuflexão	taxa
Fixidez	Xavante	xereta
Xingar	asfixia	nexo

5. Vejamos algumas palavras com s:

Brasa	querosene	misto	
Asa	usina	revés	
Agasalho	fusível	através	
Anis	salsicha	visar	
Arrasar	atrás	paraíso	
Manganês	rês	alisar (v)	
Besouro	coser	gás	
Extravasar	guisado	obus	siso

6. Possíveis dúvidas com ES inicial:

Esbanjar	esmagar	estrangular
Esplêndido	esganar	estirpe
Espontâneo	estratégia	estirar
Esterco	estripar	esvaziar
Estorvo	estúpido	estouro
Estorno	escocês	estêncil
Espremer	escombro	esgarçar
Esvair	escorchante (descascar)	
Estrito	estupro	estender
Estrutura	estrume	

7. Possíveis dúvidas com Z:

Balizar	tez	desprezar	
Alizar (subs)	azar	folgazão	
Deslizar	aziago	indenizar	
Agonizar	prazerosamente	jazida	
Algazarra	azia	aprazível	
Lambuzar	foz	proeza	
Vazar	fuzil	cozinhar	
Revezar	giz	prezar	xadrez

ENEM

A Ema

O surgimento da figura da Ema no céu, ao leste, ao anoitecer, na segunda quinzena de junho, indica o início do inverno para os índios do sul do Brasil e o começo da estação seca para os do Norte. È limitada pelas constelações de Escorpião e do cruzeiro do Sul, ou Cut'uxu. Segundo o mito guarani, o Cut'uxu segura a cabeça da ave para garantir a vida na Terra, porque, se ela soltar, beberá toda a água do nosso planeta. Os tupis-guaranis utilizam o Cut'uxux para se orientar e determinar a duração das noites e as estações do ano.

1. Considere as afirmações que seguem.

I – A palavra "os", em "seca para os do Norte", substitui um nome anteriormente enunciado no texto.

II - A palavra "os", em "seca para os do Norte", poderia ser substituída por "aqueles", sem que isso provocasse erro ou alteração de significado no texto.

III - O pronome "ela", em "se ela se soltar", retoma o substantivo "terra".

Quais estão corretas?

a) Apenas I
b) Apenas II
c) Apenas III
d) Apenas I e II
e) I, II e III

Opção correta: letra D

2. A professora chegou na sala e disse aos alunos: -Não olhem para os lados. Leiam atentamente todos os enunciados da prova. Concentrem-se nas respostas e boa sorte.

Os verbos usados na fala da professora indicam

a) Pedido.
b) Gentileza.
c) Favor.
d) Agradecimento.
e) Sugestão.

Opção correta: letra A

3. "Ao trazer a discussão para o campo jurídico, o antigo magistrado tentou amenizar o que dissera; a rigor, no entanto, suscitou dúvidas cruéis: que quer dizer 'por sua própria força'? Será a força física do posseiro, ou essa mais aquela que a ela se soma pelo emprego de armas?"

Observando no texto as formas verbais "dissera", "tentou", "será", "soma". É correto concluir que

a) "tentou" denota evento contemporâneo de "dissera".

b) "dissera" situa o evento em ponto do tempo anterior a "tentou".

c) "será" indica evento imediatamente posterior a "tentou".

d) "soma" situa o evento referido no mesmo ponto do indicado em "será".

e) "dissera" descreve o quadro em que ocorrem os eventos denotados pelas demais formas.

Opção correta: letra B

04. A expressão "pegá eles sem calça" poderia ser substituída, sem comprometimento de sentido, em língua culta, formal, por:

a) Pegá-los na mentira.
b) Pegá-los desprevenidos.
c) Pegá-los em flagrante.
d) Pegá-los rapidamente.
e) Pegá-los momentaneamente

Opção correta: letra B

Observe a tirinha para responder a próxima questão:

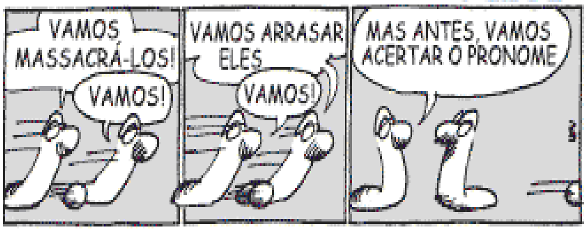
VAMOS MASSACRÁ-LOS!
VAMOS!
VAMOS ARRASAR ELES
VAMOS!
MAS ANTES, VAMOS ACERTAR O PRONOME

VERÍSSIMO, L.F. As cobras em: Se Deus existe que eu seja atingido por um raio. Porto Alegre: L&PM, 1997.

5. O humor da tira decorre da reação de uma das cobras com relação ao uso de pronome pessoal reto, em vez de pronome oblíquo. De acordo com a norma padrão da língua, esse uso é inadequado, pois

a) Contraria o uso previsto para o registro oral da língua.

b) Contraria a marcação das funções sintáticas de sujeito e objeto.

c) Gera inadequação na concordância com o verbo

d) Gera a ambiguidade na leitura do texto.

e) Apresenta dupla marcação de sujeito.

Opção correta: Letra B

Texto para a próxima questão:

Influenza A (Gripe Suína):

Se você esteve ou manteve contato com pessoas da área de risco e apresenta os seguintes sintomas:

- ✓ Febre alta repentina e superior a 38 graus.
- ✓ Tosse.
- ✓ Dor de cabeça.
- ✓ Dores musculares e nas articulações.
- ✓ Dificuldades respiratórias.

Entre em contato imediatamente com o Disque Epidemiologia: 0800-283-2255.
Evite a contaminação:

• Quando tossir ou espirrar, cubra sua boca e nariz com lenço descartável. Caso não o tenha utilize o antebraço.

• Se utilizar as mãos, lave-as rapidamente com água e sabão.

• O uso de máscaras é indicado para prevenir contaminações.

(BRASIL. Ministério da Saúde, 2009 (adaptado)).

6. Os principais recursos utilizados para envolvimento e adesão do leitor à campanha institucional incluem

a) O emprego de enumeração de itens e apresentação de títulos expressivos.
b) O uso de orações subordinadas condicionais e temporais.
c) O emprego de pronomes como "você" e "sua" e o uso do imperativo.
d) A construção de figuras metafóricas e o uso de repetição.

e) E o fornecimento de número de telefone gratuito para Contato.

Opção correta: Letra C

Em Espanhol, assim como em outras línguas, os signos de pontuação são utilizados para marcar pausas, espressar a entonação e mesmo direcionar o sentido do que se escreve.

Os signos de pontuação mais utilizados na língua Espanhola são os que citaremos a seguir:

(à esquerda, em "Veja Também")

. Punto

, Coma

; Punto y coma

: Dos Puntos

( ) Parentesis

- Guión

' Acento

" " Comillas

Raya

____ subrayado

... Puntos Susp

" crema

INTERROGACIÓN ??

ADMIRACIÓN !!

Observação: A utilização da interrogação (?) e exclamação (!) em Espanhol não se circunscreve somente aos finais de frase. São utilizados também no início ou no meio, de fonema invertida para marcar a entonação da leitura.

Exemplo: están ustedes bien ?
Hola, amigos!

I SIMULADO – LÍNGUA PORTUGUESA: COMEÇANDO DO ZERO

Observação: Este simulado aborda as classes nominais: substantivo, adjetivo e pronome.

GABARITO

1.	B
2.	C
3.	E
4.	D
5.	A
6.	E
7.	D
8.	C
9.	B
10.	C
11.	B
12.	B
13.	D
14.	D
15.	D
16.	D
17.	B
18.	D
19.	E
20.	A

Fernando Pestana – Português

Curso de Gramática Completo

Sintaxe

- Definição
- Frase, Oração e Período
- Termos Essenciais da Oração
- Termos Integrantes da Oração
- Termos Acessórios da Oração
- Orações Coordenadas
- Orações Subordinadas
- Orações Reduzidas

EVP do passaram ano muitos este alunos.

- Frase (declarativa, interrogativa, exclamativa, imperativa, optativa, imprecativa)

- Oração (absoluta, coordenada, principal, subordinada, interferente)

- Período (simples, composto, misto)

Termos Essenciais da Oração

1) Sujeito

Aquelas questões de sintaxe estavam muito fáceis.

Estavam muito fáceis *aquelas questões de sintaxe*.

Tipos de Sujeito

Enfim alguém resolveu aquela questão.

Resolveste aquela questão?

Não resolva esta questão ainda.

Conversava(m) animadamente o professor e o aluno.

Convidaram a todos nós para assistir à aula.

Os alunos João e Pedro se classificaram. Na boa, mereciam ou não mereciam?

Só se é feliz neste lugar por causa de vocês.

De fato, aqui se vive muito bem.

Necessita-se de segurança nas favelas.

Cumpriu-se com o dever, enfim!

Havia poucas pessoas aqui.

Houve duas confusões ali.

Abandonei o cigarro há um mês.

Deve haver mais informações na aula.

Faz meses que não a vejo.

Aqui faz invernos rigorosos.

Estava/Ficava frio naquele lugar.

Já passava das cinco horas.

São três horas da madruga.

Hoje são dezoito de outubro.

São dois quilômetros daqui a sua casa.

Já era manhã de primavera quando acordei.

Ventou, trovejou, choveu e depois nevou no Sul.

O professor escureceu de tanta raiva!

Questão

CESPE/UnB – IBAMA – ANALISTA – 2013

- A locução verbal "foi criado", empregada no singular para concordar com o núcleo do sujeito mais próximo a ela — "o Ministério do Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente" —, poderia ser corretamente substituída por foram criados, caso em que passaria a concordar com ambos os núcleos do sujeito composto da oração.

( ) CERTO ( ) ERRADO

2) Predicado

A língua portuguesa *sofreu uma reforma recentemente*

Predicação Verbal

VL:

VI:

VTD:

VTI:

VTDI:

Questão

FCC – DPE/SP – AGENTE – 2013

... *constava simplesmente de uma vareta quebrada em partes desiguais...*

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:

a) *Em campos extensos, chegavam em alguns casos a extremos de sutileza.*

b) *... eram comumente assinalados a golpes de machado nos troncos mais robustos.*

c) *Os toscos desenhos e os nomes estropiados desorientam, não raro, quem...*

d) *Koch-Grünberg viu uma dessas marcas de caminho na serra de Tunuí...*

e) *... em que tão bem se revelam suas afinidades com o gentio, mestre e colaborador...*

Predicativo

O trem chegou atrasado.

O povo elegeu-*o* presidente.

Eu considero válido *que você arrume um emprego*.

Eu preciso *de vocês* conscientes.

Eu estou sem sono.

O juiz julgou o recurso improcedente.

Tipos de Predicado

Os alunos *parecem bem interessados ultimamente.*

Meus alunos *não estão em sala de aula.*

O povo *reelegerá Dilma presidenta daqui a poucos anos*?

Termos Integrantes da Oração

Objeto Direto

A Língua Portuguesa e todas as suas regrinhas, só mesmo o professor domina.

Não entendo nem a ele nem a ti.

Nós amamos a Deus.

Venceram aos vascaínos os flamenguistas.

Admira-se aos mais dispostos.

Finalmente ele cumpriu com o dever.

Este carro, comprei-o hoje.

A mim, ninguém me engana.

Ele vive uma vida de rei.

Objeto Indireto

O inimigo resistiu ao ataque.

Desobedeceu-me propositalmente.

Entreguei-lhe o livro.

Ao ingrato, nada lhe daremos.

Complemento Nominal

Eu tenho *certeza* da vitória.

A sala está *cheia* de gente.

Independentemente disso, volte para mim.

CN X OI (DANGER!)

O povo necessita de atenção.

A necessidade de atenção do povo é grande.

Agente da Passiva

O cantor ficou rodeado de fãs.

Os governantes foram repreendidos pelo povo.

AGP X CN (DANGER!)

O rapaz foi apaixonado pela colega.

O rapaz foi assediado pela colega.

Questão

FUNCAB – PC/ES – PSICÓLOGO – 2013

- A função sintática do segmento destacado em “[...]Romeu deu voz AO SUBLIME BARDO[...]” é:

a) adjunto adverbial.

b) complemento nominal.

c) agente da passiva.

d) objeto indireto.

e) objeto direto.

Termos Acessórios da Oração

Adjunto Adnominal

O homem de negócios comprou só um imóvel: aquela bela casa.

ADN X CN (DANGER!)

Comprei as aulas do Pestana.

A descoberta do pesquisador nos emocionou.

A descoberta do Brasil causou mudanças.

A resposta do aluno ao professor foi certa.

A escolha do diretor da empresa foi ótima. (!)

ADN X PS/POD (DANGER!)

O piloto nervoso aterrissou o avião.

O piloto, nervoso, aterrissou o avião.

Ele deixou os passageiros preocupados.

Ele orientou os passageiros preocupados.

Beijou-lhe as mãos.

Roubaram-me o carro.

Adjunto Adverbial

Ele morreu de fome, e vocês discutem por nada?!

Ontem, cheguei à sala de reunião a tempo.

Não mais falemos sobre impostos!

ADV X PS (DANGER!)

O aluno continua sério.

O professor olhou sério para o aluno.

ADV X ADN (DANGER!)

Preciso de muito pensamento positivo.

As pessoas trabalham muito.

Aposto

Carolina, uma ótima pessoa, e seu amigo, um idiota, estavam íntimos demais.

Tenho dois filhos: um baixinho, outro altinho.

João, Maria e eu, ninguém resolvia a questão.

Atenderemos a todos: homens, mulheres, velhos e crianças.

No mês de novembro, a presidenta Dilma foi eleita e usou a palavra satisfação no seu discurso.

As nuvens estão chegando, o que pode aborrecer a todos.

Maior piloto de todos os tempos, Ayrton Senna ainda é nosso ídolo.

APO X ADN (DANGER!)

A cidade de Recife é quente.

O clima de Recife é quente.

APO X PS (DANGER!)

Desesperado, João perdeu o dinheiro.

Homem desesperado, João sempre perde o controle.

Vocativo

Ó querida, não faça isso comigo!

VOC X APO (DANGER!)

Solte os rapazes, senhor, urgentemente!

Os rapazes, amigos entre si, são honestos.

Aqueles candidatos, meus alunos, passaram na prova. (!)

Questão

CESPE/UnB – CNJ – TÉCNICO – 2013

- O trecho “o número de visitantes únicos” (Outro indicador importante, o número de visitantes únicos, obteve...) está entre vírgulas porque se classifica como aposto explicativo.

( ) CERTO

( ) ERRADO

Orações Coordenadas

Os alunos se encontram muito ansiosos, as alunas estão tranquilas.

Assindéticas e Sindéticas

"Sou um gigolô das palavras, vivo às suas custas e tenho com elas exemplar conduta de um cáften profissional; abuso delas... maltrato-as, sem dúvida, e jamais me deixo dominar por elas; não me meto na sua vida particular, não me interessa seu passado, suas origens, sua família..." (Luís Fernando Veríssimo)

1) Aditiva: Eu compro e vendo. / Ele não estuda nem trabalha. / Tanto leciono quanto advogo. / O Brasil não só vai sediar a Copa, bem como sediará as Olimpíadas.

2) Adversativa: O conhecimento enfuna, mas é uma necessidade. / A polícia invadiu a comunidade; o tiroteio, porém, continuava. / Acordou cedo, e chegou tarde.

3) Alternativa: Ou você fica, ou você vai!

4) Conclusiva: Não me sinto preparado ainda, assim prestarei concurso no próximo ano. / O povo não consegue alimentar-se bem; é um fato, pois, a necessidade de empregos.

5) Explicativa: A criança devia estar doente, porquanto chorava muito. / Amai, que é amor é tudo!

Questão

SOLER – PREF. MACAUBAL/SP – ASSISTENTE ADMINISTRATIVO DE TRÂNSITO – 2012

- Em "No outro dia tomei o trem, ferrei no sono e acordei às dez horas na estação central" (Graciliano Ramos), temos:

(A) Período simples.

(B) Período composto por subordinação.

(C) Período composto por coordenação.

(D) Período composto por coordenação e subordinação.

Orações Subordinadas

Os alunos têm certeza de que a prova estará difícil.

Orações Substantivas

1) Subjetivas:

- É importante que você entenda a matéria.
- Não se sabe se haverá aula sábado.
- Ficou provado que ele foi classificado.
- Parece que eu consegui aprender.

2) Objetivas Diretas:

- - Espero que você aprenda português.
- - Vê se me erra, cara!

3) Objetivas Indiretas:

- - Ela não me informou (de) que o concurso seria este ano.

4) Completivas Nominais:

- - Estamos certos (de) que você conseguirá!

5) Predicativas:

- - A verdade é que a prova não é tão difícil.
- - A impressão era (de) que ela não desistiria.
- *- Certo é que todos passaremos na prova.*
- *Obs.: “ser + que” (expressão expletiva)*

6) Apositivas:

- - Tenho um grande sonho: que você aprenda bem o famigerado Português.

Orações Justapostas:

- *Quem espera* sempre alcança.

- Eu achei *quem me ama de verdade*.

- O amor é *quando a gente mora um no outro*.

- Eu tenho pavor *de onde ele mora* (...)

- O livro foi escrito *por quem entende do assunto*.

Orações Adjetivas

Os alunos do EVP, *que estudaram as aulas anteriores*, não sentem mais dificuldade.

Os alunos do EVP *que estudaram as aulas anteriores* não sentem mais dificuldade.

Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos

O livro *que sumiu* é meu.

Eu comprei apenas o *que me interessou.*

Comprei um livro *que adorei*.

Comprei um livro *de que você vai gostar*.

Este é o homem *que eu serei algum dia*.

O material *a que fizeste menção* era show!

A mulher *por que fiquei seduzido* sumiu.

A casa *em que morei* não existe mais.

Quem (OD, OI, CN, AGP), Cujo (ADN / (=Que (jamais!)), Onde (ADV), Como (ADV), Quando (ADV), Quanto (S, OD).

Orações Adverbiais

- Causais: Como hoje está nublado, devemos ficar em casa. / Voltei, porque já era tarde. / Volte, porque já é tarde.

- Consecutivas: Isso é tão prazeroso que me vicia.

- Comparativas: O professor hoje é mais didático do que nunca.

- Concessivas: Por pior que esteja sua vida, não desista de estudar.

- Condicionais: Tudo ficará bem, desde que façamos nossa parte.

- Conformativas: Essa notícia, consoante já anunciamos, é verdadeira.

- Finais: Entre em silêncio, para que as crianças não acordem.

- Proporcionais: Quanto mais conheço os homens, mais confio nos cachorros.

- Temporais: A gente vive bem enquanto ama.

Período Misto

Creio que ela voltará e (que) fará a diferença.

Os filmes que aprecio, mas que são impopulares fazem sucesso na Europa.

Orações Reduzidas

Gerúndio

Pagou a conta *ficando livre dos juros*.

Esta é a melhor maneira de conhecer as pessoas: *convivendo com elas.*

Achei seu irmão, *levando uma surra.*

Agindo desse modo, ninguém ficará com você.

Infinitivo

É preciso *trabalhar muito.*

Os adversários o acusaram *de fazer coisas erradas.*

Uma parte do povo é capaz *de mobilizar toda a nação.*

João não é homem *de meter os pés pelas mãos.*

Apesar de estar machucado, continua jogando bola.

Ao entrar, faça silêncio. / Para viajar, é preciso dinheiro. / Por ser exato, o amor não cabe em si. / Sem estudar, passou/Sem estudar, não passa.

Particípio

A notícia *divulgada (pela mídia)* ontem era falsa.

Preocupado com a prova, ele se esqueceu da carteira.

Questão

FUNCAB – PC/ES – ESCRIVÃO – 2013

Em: “Os escrivões […] é que são as verdadeiras autoridades.” (§ 4), a locução “é que” tem um papel meramente expletivo – isto é, tem como função apenas enfatizar o sujeito da oração –, tal como em todas os períodos a seguir, COM EXCEÇÃO apenas de:

a) As anedotas do italiano é que amedrontavam o infeliz.

b) O velho fazendeiro é que tinha poder, não o doutor.

c) A verdade é que com a polícia a cousa ia mais depressa.

d) O porteiro é que me dava sempre o mesmo desprazer.

e) O meu dinheiro é que ficaria reduzido a alguns mil reis.

Questão

CESPE/UnB – CNJ – TÉCNICO – 2013

- A oração subordinada “que não possuem o nome do pai em sua certidão de nascimento” (...reduzir o número de pessoas que não possuem o nome do pai em sua certidão de nascimento...) não é antecedida por vírgula porque tem natureza restritiva.

( ) CERTO

( ) ERRADO

- Nas linhas 21 e 22 (O CNJ e os demais órgãos do Judiciário estão mobilizados para acelerar os julgamentos dos casos de violência contra as mulheres e para promover a correta aplicação da Lei Maria da Penha), as duas ocorrências de “para” conferem às orações em que ocorrem relações sintáticas diferentes.

( ) CERTO

( ) ERRADO

QUESTÃO 1

1. Assinale a alternativa em que a regência verbal está em desacordo com a norma culta:

a) A iniciativa da acusação desagradou ao cliente.

b) Os familiares da vítima aspiram a um resultado justo.

c) Uma equipe de advogados assiste ao acusado.

d) O advogado inescrupuloso visa somente seus próprios interesses.

e) O povo assistiu perplexo ao julgamento.

QUESTÃO 2

2. As frases que seguem são comuns na língua popular. Transcreva-as, adaptando-as à norma culta.
a) Todo político visa apenas os seus interesses.
b) Ninguém conseguiu assistir o jogo, sentado.
c) O jornal vinha informando seus leitores que as condições das estradas eram precárias.
d) Ninguém lhe avisou de nada.
e) Discurso de político não agrada ninguém.
f) À noite, em São Paulo, ninguém obedece farol vermelho.

QUESTÃO 3

3. Assinale a alternativa gramaticalmente correta:

a) Não tenham dúvidas que ele vencerá.

b) O escravo ama e obedece o seu senhor.

c) Prefiro estudar do que trabalhar.

d) O livro que te referes é célebre.

e) Se lhe disserem que não o respeito, enganam-**no**.

QUESTÃO 4

4. A regência verbal está correta em:

a) Jerônimo não perdoará o pai.

b) Aquele cargo que você visava não existe mais.

c) Ninguém lhe avisou da tragédia.

d) Discurso de político não agrada ninguém.

e) Esqueci-me do nome do livro.

QUESTÃO 5

5. Assinale o erro de regência verbal.

a) Ele assistia com carinho os enfermos daquele hospital.

b) Não quero assistir esse espetáculo.

c) Carlos sempre assistiu em Belo Horizonte.

d) Não deixe de assistir àquele jogo.

QUESTÃO 6

6) Há erro de regência verbal na opção seguinte:

a) Aspirou profundamente o forte odor do café.

b) Ela não pode visar o passaporte.

c) Todos visam uma vida de paz.

d) Ali as pessoas aspiravam à fama.

QUESTÃO 7

7) Aponte a frase que apresenta incorreção de regência verbal.

a) Mário pagou o carro.

b) A moça perdoou a indiscrição do colega.

c) Antônio deixou de pagar o ajudante ontem.

d) Perdoemos aos que nos ofendem.

QUESTÃO 8

8) Marque o erro de regência verbal.

a) Prefiro estudar que trabalhar.

b) À cerveja prefiro o leite.

c) Prefiro leite a cervejas.

d) Prefiro este nome àquele que ele propôs.

QUESTÃO 9

9) Está perfeita a regência verbal na alternativa:

a) O professor procedeu a chamada.

b) Sua permanência implicará grande prejuízo a todos.

c) Devemos obedecer o regulamento.

d) Irei na sua casa logo mais.

QUESTÃO 10

10) Assinale a frase que não pode ser completada com o que vai nos parênteses.

a) Pagarei......alguns empregados hoje à noite. (a)

b) Naquela época, meu sobrinho assistia......Belo Horizonte. (em)

c) Não implique......o colega. (com)

d) Quando morava no campo, aspirava.......ar puro e sentia-se bem. (ao)

QUESTÃO 11

11) Está perfeita a regência verbal somente na seguinte alternativa:

a) A festa que ele compareceu foi ótima.

b) O livro que ele gosta muito desapareceu.

c) A empresa por que ele tanto se esforçou acabou falindo.

d) O cargo que tu aspiravas já foi preenchido.

QUESTÃO 12

12) Nas frases seguintes, todas com o pronome CUJO, há uma com erro de regência verbal. Assinale-a.

a) Esta é a criança cujo pai deseja falar-nos.

b) Paulo, por cujas atitudes não me responsabilizo, deixou a firma.

c) Luís, contra cujas as idéias sempre lutei, hoje é meu amigo.

d) Está lá fora o homem cujas ideias jamais acreditei.

QUESTÃO 13

13) Está correta a regência da frase:

a) O filme que assistimos é excelente.

b) O emprego que aspirávamos era apenas um sonho.

c) O documento que visei era falso.

QUESTÃO 14

14) Marque a alternativa em que ocorre erro na substituição por pronome átono.

a) Obedeci ao professor. / Obedeci-lhe.

b) Encontrei os animais na rua. / Encontrei-os na rua.

c) Toquei o seu braço. / Toquei-lhe o braço.

d) Visitou a amiga no hospital. / Visitou-lhe no hospital.

QUESTÃO 15

15. Julgue **C** (certo) ou **E** (errado)

1. Ontem, assistimos ao jogo do Vasco.
2. Ontem, assistimos o jogo do Vasco.
3. O bombeiro assistiu o acidentado.
4. O bombeiro assistiu ao acidentado.
5. Foi bom o jogo que assistimos.
6. Foi bom o jogo a que assistimos.
7. Foi bom o jogo ao qual assistimos.
8. Foi bom o jogo o qual assistimos.
9. O acidentado que o bombeiro assistiu melhorou.
10. O acidentado a que o bombeiro assistiu melhorou.
11. O acidentado a quem o bombeiro assistiu melhorou.
12. O acidentado ao qual o bombeiro assistiu melhorou.
13. O acidentado o qual o bombeiro assistiu melhorou.
14. O plano visa o combate da inflação.
15. O plano visa ao combate da inflação.
16. O plano visa combater a inflação.
17. O plano visa a combater a inflação.
18. O policial visou o sequestrador e atirou.
19. O policial visou ao sequestrador e atirou.
20. O combate que o plano visa exige rigor.
21. O combate a que o plano visa exige rigor.
22. O combate ao qual o plano visa exige rigor.
23. O combate a quem o plano visa exige rigor.
24. O sequestrador que o policial visou fugiu.
25. O sequestrador a que o policial visou fugiu.
26. O sequestrador a quem o policial visou fugiu.
Obs.: o pronome relativo —quem|| sempre é preposicionado.
27. O sequestrador ao qual o policial visou fugiu.
29. A crise implicou desemprego.
30. Ele implica com a sogra.
31. Foi grande o desemprego em que a crise implicou.
32. Foi grande o desemprego que a crise implicou.
33. O estudo implica vitória.
34. O estudo implica na vitória.
35. Os motoristas obedecem o código de trânsito.
36. Os motoristas obedecem ao código de trânsito.
37. Eles estudaram o código e o obedecem.
38. Eles estudaram o código e lhe obedecem.
39. Eles estudaram o código e obedecem a ele.
40. O código que eles obedecem é rigoroso.

41. O código a que eles obedecem é rigoroso.
42. Os funcionários obedecem o chefe.
43. Os funcionários obedecem ao chefe.
44. Eles ouvem o chefe e o obedecem.
45. Eles ouvem o chefe e lhe obedecem.
46. Eles ouvem o chefe e obedecem a ele.
47. O chefe que eles obedecem é rigoroso.
48. O chefe a que eles obedecem é rigoroso.
49. O chefe a quem eles obedecem é rigoroso.
50 Prefiro mais a cidade que o campo.
52 Esta é a cidade que mais gosto.
53 Assisti ao concerto de que você tanto gostou.
54 Ainda não paguei o médico.
55. Todos querem ao novo professor.
56. Ele prefere cerveja do que vinho
57. Prefiro estudar a trabalhar.
58 Ele prefere teatro do que cinema.
59 Thiago assistiu uma partida de futebol ontem no colégio.
60 Eu não lembrei do nome da cantora.
61 Esqueci do guarda-chuva.

QUESTÃO 16

16. **Prova: COPEVE-UFAL - 2011 - UFAL - Assistente de Administração**

Dados os períodos seguintes, quanto à regência verbal,

I. Custou-me fazer o que o meu irmão estava pedindo.
II. Ele preferia morrer que renunciar às suas ideias.
III. As histórias da vovó não agradam mais os meninos.
IV. O meu pai deu-me dinheiro para pagar ao médico.
V. O mais que eu poderia aspirar, na peça, seria o papel de galã ou de vilão.

quais estão incorretos?

a) II, III e IV.
b) I, II e IV.
c) I, II e III.
d) II e III, apenas.
e) II, IV e V.

QUESTÃO 17

17. CETRO Prefeitura Municipal de Pinheiral – Agente Fiscal de Obras e Posturas

Assinale a alternativa cuja regência verbal esteja de acordo com a norma culta.

I. Quem assistiu a esse jogo viu que o árbitro foi injusto.
II. Não assisto esse tipo de programa.
III. O piloto precisou o local do pouso e aterrou.
IV. Visei ao alvo e atirei.
V. Se ele quer morrer, ele aspira a morte.

(A) Somente os períodos II, IV e V estão corretos.
(B) Todos os períodos estão corretos.
(C) Somente o período I está correto.
(D) Somente os períodos I e III estão corretos.
(E) Somente os períodos IV e V estão corretos.

GABARITO

QUESTÃO 1

Resposta D - Visar = pretender – TI

QUESTÃO 2

a) aos
b) ao
c) a
d) o
e) a
f) ao

QUESTÃO 3

Resposta E - Quem engana, engana alguém . TD

QUESTÃO 4

Resposta E - Esquecer pronominal exige preposição

QUESTÃO 5

Resposta B - Assistir = ver é TI

QUESTÃO 6

Resposta C - Visar = pretender é TI

QUESTÃO 7

Resposta C - Quem paga, paga algo a alguém TI

QUESTÃO 8

Resposta A - Quem prefere, prefere uma coisa a outra.

QUESTÃO 9

Resposta B Implicar = a consequência . Nesse caso é TD.

QUESTÃO 10

Resposta D. Aspirar = a sorver é TD

QUESTÃO 11

Resposta C. Quem se esforça, esforça-se por algo

QUESTÃO 12

Resposta D. Quem acredita, acredita em alguém. Faltou a preposição.

QUESTÃO 13

Resposta C. Visar = dar visto é TD.

QUESTÃO 14

Resposta D. Quem visita. visita alguém TD.

QUESTÃO 15

1.C	7.C	14 E	21 C	28.	35 E	42.E	49 C	56. E
2.E	8. E	15 C	22 C	29 C	36 C	43.C	50 E	57. C
3.C	9. C	16 C	23 E	30 C	37 E	44.E	51	58. E
4.C	10.C	17 C	24 C.	31 E	38 C	45.C	52 E	59. E
5.E	11.C	18 C	25 E	32 C	39 C	46.C	53 C	60. E
6.C	12.C	19 E	26 C	33 C	40 E	47.E	54 E	61. E
	13.C	20 E	27 E	34 E	41 C	48.C	55 C	

QUESTÃO 16

Resposta letra: A

QUESTÃO 17

Resposta letra: D

GRAN CURSOS

Na língua Espanhola as palavras são acentuadas segundo o seguinte critério:

a) AGUDAS: Possuem o acento na última sílaba, quando termina. Ex: elección, jardin,/das em N, S ou vogal acercó

b) LLANAS: têm acento na penúltima sílaba e são acentuadas somente quando terminadas em consoante que não seja N ou S. Ex: mármol, ángel

c) ESDRUJÚLAS: todas são acentuadas na antepenúltima sílaba. Ex: trémulo, huérfano, árbales

d) SOBREESDRUJULAS: São todas acentuadas e o acento aparece em qualquer sílaba anterior a antepenúlima. Ex: invítaseme, compromítaseme

DIPTONGO - Fusão de duas vogais

Ex: sienta, reinar, ruerta

TRITONGO - Quando aparecem três vogais na mesma sílaba.

Ex: Paraguai

TABELA DE ACENTOS

C/ ACENTO	**S/ ACENTO**
ÉL - PRONOME PESSOAL	EL-ARTIGO
TÚ - PRONOME PESSOAL	TU-POSESSIVO
MÍ - PRONOME PESSOAL	MI POSSESSIVO- E NOTA MUSICAL
MÁS-ADVÉRBIO	MAS-CONJUNTO
SÍ-PRONOME E ADVERBIO	SI- " E NOTA MUSICAL
DÉ-VERBO	DE-PREPOSIÇÃO
SÉ-PESSOA VERBAL	SE-PRONOME PESSOAL REFLEXIVO
TÉ-NOME DE PLANTA	TE-PRONOME PESSOAL REFLEXIVO

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Morfologia – Estudo Da Formação das Palavras..2
  Morfemas..2
    Radical, Vogal Temática, Afixos..2
  Morfemas..2
  Afixos..2

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Morfologia – Estudo Da Formação das Palavras

Morfemas

Radical, Vogal Temática, Afixos

É o estudo da formação das estrutura das palavras. As palavras podem ser decompostas em vários elementos chamados morfemas, isto é, elementos de estrutura das palavras.

Os principais elementos mórficos são: Radical, vogal temática, prefixo e sufixo.

Morfemas

Menor unidade da palavra que constitui um sentido completo e me possibilita criar novas palavras da mesma família.

RADICAL = É o morfema em que está a ideia principal da palavra.

Ex: Enterrar = en + terr + ar (terra)

VOGAL TEMÁTICA = é a primeira vogal que se junta ao radical, formando a palavra base(tema).

Ex: Terra, dente, pedra...

Afixos

PREFIXO = É o morfema que vem antes do radical. Ex: o EN de enterrar.

SUFIXO = É o morfema que vem depois do radical. Ex: o ECER de amarelecer e o AR de enterrar.

VOGAL TEMÁTICA = É a vogal que se junta ao radical para receber as desinências gramaticais. Ex: Terra, pedra,

DESINÊNCIAS = Podemos ter desinências nominais e desinências verbais. São morfemas gramaticais que indicam flexões das palavras.

Ex: o VA e o MOS de ENFRENTÁVAMOS.

NOMINAIS – Relacionam-se as substantivos e adjetivos, e definem gênero e número e grau.

Ex: gostoso / gostosas.

VERBAL = Relacionam-se os verbos e definem pessoa, modo, tempo e número.

Ex: Cantastes / ASTES =

2ª pessoa do plural do Pretérito Perfeito do Indicativo

Exercício

01. O vocábulo alistar segue o mesmo processo de formação de palavras presente em

a) Descarregar.

b) Empalidecer.

c) Achatamento.

d) Desligamento.

Gabarito

01 - A

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998: Proíbe a reprodução total ou parcial desse material ou divulgação com fins comerciais ou não, em qualquer meio de comunicação, inclusive na Internet, sem autorização do AlfaCon Concursos Públicos.

Amar Verbo Intransitivo -
Mário de Andrade

Este romance é definido pelo autor como Idílio (s. m. Pequena composição poética, campestre ou pastoril; amor simples e terno; sonho; devaneio.) e abusa das técnicas modernas, usando uma linguagem coloquial, perto do falar brasileiro (por exemplo, começando frases por pronomes oblíquos), sem capítulos definidos, prosa telegráfica, expressionismo, construído através de flashs, resgatando o passado ou fixando o presente.

Publicado em 1927, o Idílio causou impacto. Desafiou preconceitos, inovou na técnica narrativa.

Sem nenhum prêambulo, Souza Costa e Elza surgem no livro. Souza Costa é o pai de uma típica família burguesa paulista do início do século. Elza, uma alemã que tinha por profissão iniciar sexualmente os jovens. Professora de amor.

Souza Costa contrata os "serviços" de Elza (que por todo o livro é tratada por Fräulein - senhora em alemão) com o intuito de que seu filho inicie sua vida sexual de forma limpa, asséptica, sem se "sujar" com prostitutas e aproveitadoras. Ela afirma naturalmente que é uma profissional, séria, e que não gostaria de ser tomada como aventureira. Oficialmente, Fräulein seria a professora de alemão e piano da família Souza Costa.

Carlos aparece brincando com as irmã, ainda muito "menino". Fräulein se ressente por não prender a atenção de Carlos no início, ele era muito disperso, mas gradualmente vai envolvendo-o na sua sedução. Eles tinham todas as tardes aulas de alemão e cada vez mais Carlos se esforçava para aprender (o alemão?!) e aguardava ansioso as aulas.

Fräulein, em momentos de devaneios, criticava os modos dos latinos, se sentia uma raça superior, admirava e lia incessantemente os clássicos alemães, Goethe, Schiller e Wagner. Compreendia o expressionismo mas voltava à Goethe e Schiller. A esposa de Souza Costa, vendo as intimidades do filho para com ela, resolve falar com Elza e pedir para que deixem a família. Fräulein esclarece seu propósito de forma incrivelmente natural, e após uma conversa com o marido, a mãe decide que é melhor para seu filho que ela continuasse com suas lições.

O livro é permeado de digressões. Mário de Andrade freqüentemente justifica alguns pontos (antes que o critiquem), analisa fatos, alude à psicologia, à música e até mesmo à Castro Alves e Gonçalves Dias. Mário compara a vida dos extrangeiros nos trópicos, entre Fräulein e um copeiro japonês. Mostra a dicotomia de pensamento de Fräulein entre o homem-da-vida (prático, interessado no dinheiro do serviço) simbolizado por Bismarck - responsável pela unificação da Alemanha em 1870 à ferro e fogo e Wagner, retratando o homem-do-sonho. O homem-do-sonho representa seus desejos, suas vontades, voltar a terra natal, casar e levar uma vida normal. Mas quem vence em Fräulein é o homem-da-vida, que permite que ela continue o serviço sem se questionar.

Carlos após ter tido "a"aula mestra, começa a viciar-se em "estudar". Certamente a didática de Fräulein era muito boa. Era tempo para Fräulein se despedir, tendo este trabalho concluído. Ela sabia que os afastamentos eram sempre seguidos de muitos protestos e gritos. Souza Costa surpreende Carlos com Fräulein (tudo já armado) e utiliza-se deste pretexto para separá-los. Carlos reage defende Fräulein, mas mesmo ele fica aturdido diante do argumento do pai: e se ele tivesse um filho? Ainda relutante, ele deixa-a ir.

Depois algumas semanas apático, Carlos volta a viver normal. O livro acaba mas continua. Escreve Mário de Andrade - "E o idílio de Fräulein realmente acaba aqui. O idílio dos dois. O livro está acabado. Fim. (...) O idílio acabou. Porém se quiserem seguir Carlos mais um poucadinho, voltemos para a avenida Higienópolis. Eu volto."

Após se recupear, Carlos avista acidentalmente Fräulein, já em um novo trabalho, e apenas saudou-a com a cabeça. A vida continua para Carlos. Fräulein ainda iria seguir com 2 ou mais trabalhos para voltar à sua terra.

Renato Lima

SuperTráfego
www.supertrafego.com
HOTEL DA WEB
COMPRE JÁ!
1000 apostilas + provas + resumos + teses
Buscar na web
super Ofertas

VERBO "HAVER"

Professor Leo Garbarski

THERE IS, THERE ARE, THERE WAS, THERE WERE, THERE WILL BE, THERE HAS BEEN, THERE HAVE BEEN.

THERE IS significa EXISTE

THERE ARE significa EXISTEM

THERE WILL BE significa HAVERÁ

O verbo HAVER no passado é THERE WAS ou THERE WERE

THERE HAS/HAVE BEEN é o verbo HAVER no PRESENT PERFECT.

Exemplos:

There is a big tree in the garden.

Is there a good film on TV this evening ?

There are some big trees in the garden.

Are there any letters for me today ?

I was hungry but **there wasn't** anything to eat.

Was there a good film on TV yesterday evening ?

There were 250 rooms.

Were there any letters for me yesterday morning ?

Do you think **there will be** a lot of people at the party on Saturday ?

There will be some rain in the afternoon.

Compare:

There was an accident last night (com tempo definido)

There has been an accident. (sem tempo definido)

Como em qualquer língua indo-européia, os verbos indicam ação ou estado que atribuímos ao sujeito.Quando o verbo indica ação o chamamos de predicativo:
Os predicativos se dividem em:
transitivos - ex - El viejo hizo las compras
intransitivo - ex - las niñas juegan pôr la calle
reflexivo - ex - Yo me peino
reciproco - ex - Eduardo y Fernando se miran.impessoal - ex - Suena la campanilla
defectivo - ex - soler
Quando o verbo indica estado o chamamos de verbo copulativo.
São os verbos "ser"e "estar"
Para o estudo dos verbos devemos considerar:
voz
modo
tempo
número
pessoa
aspecto

Conjugação

Os verbos de dividem em três grupos conforme a terminação dos seus infinitivos :
1 - AR
2 - ER
3 - IR

Como em qualquer língua indo-européia, os verbos indicam ação ou estado que atribuímos ao sujeito.Quando o verbo indica ação o chamamos de predicativo:
Os predicativos se dividem em:
transitivos - ex - El viejo hizo las compras
intransitivo - ex - las niñas juegan pôr la calle
reflexivo - ex - Yo me peino
reciproco - ex - Eduardo y Fernando se miran.impessoal - ex - Suena la campanilla
defectivo - ex - soler
Quando o verbo indica estado o chamamos de verbo copulativo.
São os verbos "ser"e "estar"
Para o estudo dos verbos devemos considerar:
voz
modo
tempo
número
pessoa
aspecto
Conjugação
Os verbos de dividem em três grupos conforme a terminação dos seus infinitivos :
1 - AR
2 - ER
3 - IR

Pontuação

Vírgula

Não, espere. / Não espere.

Isso só, ele resolve. / Isso só ele resolve.

Este, juiz, é corrupto. / Este juiz é corrupto.

Vamos perder, nada foi resolvido. / Vamos perder nada, foi resolvido.

Os atletas, que treinaram forte, ganharam.

Os atletas que treinaram forte ganharam.

Os alunos do EVP entenderam a explicação ontem.

Os alunos entenderam, que precisam estudar bem a vírgula.

Todos os alunos foram convidados, pelo *site* EVP, para a festa de fim de ano.

Simplicidade, clareza, objetividade, e concisão são qualidades a serem observadas na redação oficial.

Aristóteles, *o grande filósofo,* foi o criador da Lógica.

Brasileiros, é chegada a hora de votar.

O condenado, *sereno e tranquilo,* esperava sua morte.

As explicações, o professor procurou lhes dar?

Aquele aluno era *esforçado, esforçado.*

A multidão foi, *aos poucos,* avançando para o palácio.

O político, *a meu ver,* deve sempre usar uma linguagem clara, *ou seja,* de fácil compreensão, *ou melhor*, acessível a todos.

O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares.

Levantava-me de manhã, entrava no chuveiro, organizava as ideias na cabeça...

Alguns policiais estão envolvidos em corrupção e continuam a se envolver cada vez mais.

Alguns policiais estão envolvidos em corrupção(*,*) *e os políticos não deixam para menos.*

Ele sempre chega atrasado*, e nunca leva bronca do patrão.*

Eles violaram a lei, *e* foram presos.

Alguns policiais estão envolvidos em corrupção, e tramas obscuras, e conluios, e todo tipo de intrigas escusas.

Fiz, *e* faria de novo.

Não só trabalho de manhã e à tarde(,) mas também estudo à noite.

A casa, muito antiga, e, além dela, o edifício, moderníssimo, formavam visível contraste.

O dono de uma empresa demitiu 60% dos empregados, *mas se arrependeu dias depois.*

A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; eu, porém, não o faço.

Ora ele procura resolver algumas situações com paciência, ora decide fazer justamente o avesso.

Os atores fizeram um grande espetáculo, por isso toda a plateia os aplaudiu efusivamente.

Os atores fizeram um grande espetáculo; toda a plateia, portanto, os aplaudiu efusivamente.

Devo buscar mais informações*, pois a vida me exige isso.*

Esse assunto não tem importância; devemos, pois, retirá-lo da pauta.

Que vocês estudam a Língua Portuguesa, todos já sabemos.

Dos alunos eu só quero isto, *que eles estudem mais.*

O homem, *que é razoável*, saberá evitar uma terceira guerra.

O sol *que através das folhas se filtra(,) desenha* no ar colunas amarelas de poeira.

Quando comprei o material, gostei muito.

Gostei muito(,) quando comprei o material.

O mercado financeiro*, creio eu,* deve beneficiar os pobres.

Chegando a carta, avise-me.

Terminada a palestra, muitos aplaudiram.

Ele, *apesar de ser homem,* tem seus medos.

Rio de Janeiro, 21 de julho de 2006 / Casa de ferreiro, espeto de pau / Respeitosamente, / Eu adquiri um livro, um cd, um computador(,) etc. / Sim, senhor! Não, senhor! / Você deve estudar. No entanto(,) não exagere. / O Rio de Janeiro sempre lançou excelentes jogadores, como (por exemplo) Zico, Romário e Ronaldo /

Questão

VUNESP – TJ/SP – MÉDICO – 2013

- Assinale a alternativa correta quanto à pontuação.

a) Outros estudos como os realizados, por médicos das clínicas universitárias de Regensburg e Tübingen confirmam tal fenômeno.

b) O corpo fica mais suscetível a infecções e surgem dores que, como explica o especialista, não deveriam existir.

c) Medo significa estresse para o corpo e pode consequentemente, debilitar o sistema imunológico.

d) Mas até mesmo, a comunicação médico-paciente, se o médico não for cuidadoso pode desencadear medos no paciente.

e) Podemos segundo o neurologista Magnus Heier, criar sintomas ou fazê-los desaparecer.

Questão

FCC – TRT/PR – ANALISTA – 2013

- Atente para as seguintes afirmações sobre a pontuação empregada no texto.

I. *Os homens que se tornaram conhecidos por terem abalado o mundo de forma decisiva no passado tinham começado como reis, como Alexandre, ou patrícios, como Júlio César ...* (1o parágrafo)

O segmento em destaque poderia ser isolado por vírgulas, sem prejuízo para o sentido e a correção.

Ponto e vírgula

Criança, foi uma garota sapeca; moça, era inteligente e alegre; agora, mulher madura, tornou-se uma doidivanas.

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:
I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;

Comeu muito na festa; não conseguiu ir à aula de hoje.

Vencemos; fiquemos, pois, felizes com nossa conquista.

Dois-pontos

Assim disse Voltaire: “Devemos julgar um homem mais pelas suas perguntas que pelas respostas.”

Amanda tinha conseguido finalmente realizar seu maior propósito: seduzir Pedro, que, por sua vez, amara três pessoas: Maria, Magda e Manu.

Adquirimos várias aulas, a saber: a do Pestana, a do Bernardo, a do João, etc.

Ele já leu muitos livros: é um homem considerado culto.

Prezados senhores: Venho... / Convidei um professor: Fernando Pestana. / nota: e obs.: (Maiúsculas)

Ponto

Posso ouvir o vento soprar com força. (,) Derrubando tudo!

fev. = fevereiro, hab. = habitante, rod. = rodovia, etc. = et caetera...

Ponto de interrogação

Eu disse a palavra peremptório (?), mas...

Você não conseguiu chegar ao local de prova?!

“Pessoas morrem de fome de 5 em 5 segundos no mundo. Jogaremos comida fora à toa?” “E o que tenho eu com isso?”

Ponto de exclamação

Coitada dessa menina! / Que linda mulher! / Saia daqui!

Nossa! Deus do céu! Oh!

Fernando José! onde estava até esta hora!?

Neymar driblou um, driblou dois, ficou de cara para o gol e... perdeu!!! Inacreditável Futebol Clube!

Travessão

— Que gente é aquela, seu Alberto?

— São japoneses.

A mulher — mesmo tendo certo rancor no coração — perdoou-a sem restrições. (oração adverbial concessiva)

Um grupo de turistas estrangeiros — todos muito ruidosos — invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados. (predicativo do sujeito)

Os alunos — amigos meus do *site* EVP — vão passar este ano. (aposto explicativo)

Só não se inventou a máquina de fazer versos — já havia o poeta parnasiano. (orações coordenadas assindéticas)

A decisão do ministério foi a seguinte — que todos se unissem contra o mosquito transmissor da dengue. (oração substantiva apositiva)

O Brasil — que é o maior país da América do Sul — tem milhões de analfabetos. (oração adjetiva explicativa)

Os meninos — achou ela — iam lavar as mãos para jantar. (oração intercalada)

Ela é linda — linda! (travessão usado como mero realce)

Quando João a viu chorando — ele lamentou muito tal fato, pois a amava —, não conseguiu conter seu próprio choro.

“Pestana — chamou o diretor —, precisamos conversar”.

Questão

FCC – SERGIPE GÁS S.A. – 2013

- Atente para o que se afirma abaixo.

I. No segmento - *pedaços de hip-hop vazando dos fones de ouvido de adolescentes no metrô, o sinal do celular de um advogado tocando a "Ode à alegria", de Beethoven -, mas ...* (primeiro parágrafo), a vírgula colocada imediatamente antes de mas poderia ser suprimida, sem prejuízo para a correção.

Parênteses

A mulher (mesmo tendo certo rancor no coração) perdoou-a sem restrições.

Um grupo de turistas estrangeiros (todos muito ruidosos) invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados.

Os alunos (amigos meus do *site* EVP) vão passar este ano.

O Brasil (que é o maior país da América do Sul) tem milhões de analfabetos.

Meninos (pediu ela) vão lavar as mãos, que vamos jantar.

Quando João a viu chorando (ele lamentou muito tal fato, pois a amava), não conseguiu conter seu próprio choro.

"Pestana (chamou o diretor), precisamos conversar".

A ABL (Academia Brasileira de letras) vive!

Pedro — Onde está nosso amigo vascaíno?

João — Certamente está em 2º lugar!

Pedro — Só lamento! (Sai para pegar uma cerveja.)

A marginalidade é vista como um problema social... (Dermeval Saviani. Escola e Democracia. São Paulo: Autores Associados, 2008, p. 15.)

O texto será incoerente se seu produtor não souber adequá-lo à situação (...) Caso contrário, será coerente.

Aspas

Roulet afirma que "o gramático deveria descrever a língua em uso em nossa época..."

Ela é muito "fashion" e tem "approach".

Não me venham com problemática, que tenho a “solucionática”. (Dadá Maravilha)

O homem, “ledo” de paixão, não teve a “fortuna” que desejava.

Mulher Filé dá “capilé” em repórter “nerd” (Jornal Meia Hora)

A mulher piradinha “perdeu a linha”.

Ele reagiu impulsivamente e lhe deu um "não" sonoro.

Veja como ele é “educado”: cuspiu no chão!

Se ela fosse “minha”...

Ouvi a notícia no “Jornal Nacional”. (ou *Jornal Nacional* ou Jornal Nacional)

Conheces a famosa frase “Penso, logo existo”?

“Há mais felicidade em dar do que há em receber.”

Reticências

Quer dizer, então, que você estava pensando que...

— Ei, o que você vai fazer agora?

— Estou saindo... Tchau...

Eu não a beijava porque... porque... eu tinha vergonha.

Ela é linda... você nem sabe como...

ORTOGRAFIA

G ou J

1. -agem, -igem, -ugem / -ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio são grafados com g.

Exemplos:

Garagem, viagem (substantivo), fuligem, ferrugem, pedágio, privilégio, prestígio, relógio, refúgio, etc.

2. Após a inicial usa-se ge ou gi.

Exemplos:

Agitar, agente, agenda, agência, ágil, etc.

OBS.: ajeitar deriva de jeito.

3. Palavras derivadas de outras com j.

Exemplos:

Sujo/sujeira, laranja/laranjeira, loja/lojista,

4. Verbos terminados em jar:

Exemplos:

Arranje, suje, viaje, viajem, enferrujem, etc.

X ou CH

1. Após ditongo, usa-se x:

Exemplos:

Peixe, paixão, desleixo, caixa, faixa, etc.

2. Após en inicial aplica-se x:

Exemplos:

Enxada, enxaqueca, enxame, enxuto, enxugar, etc.

OBS.: encher deriva de cheio, encharcar, de charco

3. Palavras estrangeiras aportuguesadas:

Exemplos:

xampu (shampoo), xerife (sheriff).

4. Palavras indígenas, africanas, sem tradição escrita:

Exemplos:

Xavante, xangô, xique-xique, Erexim, muxoxo, caxambu, abacaxi etc.

OBS.: esses tipos de vocábulos serão sempre grafados com x, ç, j.

Exemplos:

Jiboia, Juçara, Paraguaçu, muçurana, etc.

5. Após me, emprega-se x:

Exemplos:

México, mexerica, mexilhão mexer, mexerico.

EXCEÇÃO: mecha.

(Do francês: *mèche)*

S ou Z

1. Usa-se S nos sufixos:

ês, -esa (para indicação de nacionalidade, título, origem);

ense, -oso, -osa (formadores de adjetivos);

isa (indicador de ocupação feminina).

Exemplos:

Chinês, burguesa, catarinense, amoroso, perigosa, sacerdotisa.

2. Após ditongos, usa-se S:

Exemplos:

Coisa, causa, Neusa, Eusébio, náusea.

3. Usa-se Z nos sufixos

ez, -eza (formadores de substantivos abstratos a partir de adjetivos);

izar (formador de verbos);

ização (formador de substantivos);

Exemplos:

Rígido, rigidez; belo, beleza; civilizar, civilização, realizar, realização.

S, C, Ç, e X ou

SC, SÇ, SS, XC e XS

1. Correlação gráfica entre nd e ns na formação de substantivos a partir de verbos.

Exemplos:

Ascender, ascensão; distender, distensão; pretender, pretensão; tender, tensão; estender, extensão.

2. Correlação gráfica entre ced e cess em nomes formados a partir de verbos.

Exemplos:

Ceder, cessão; conceder, concessão; exceder, excessivo; aceder, acesso.

3. Correlação gráfica entre ter e tenção em nomes formados a partir de verbos.

Exemplos:

Abster, abstenção; ater, atenção; conter, contenção; deter, detenção; reter, retenção.

ORTOGRAFIA

G ou J

1. -agem, -igem, -ugem / -ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio são grafados com g.

Exemplos:

Garagem, viagem (substantivo), fuligem, ferrugem, pedágio, privilégio, prestígio, relógio, refúgio, etc.

2. Após a inicial usa-se ge ou gi.

Exemplos:

Agitar, agente, agenda, agência, ágil, etc.

OBS.: ajeitar deriva de jeito.

3. Palavras derivadas de outras com j.

Exemplos:

Sujo/sujeira, laranja/laranjeira, loja/lojista,

4. Verbos terminados em jar:

Exemplos:

Arranje, suje, viaje, viajem, enferrujem, etc.

X ou CH

1. Após ditongo, usa-se x:

Exemplos:

Peixe, paixão, desleixo, caixa, faixa, etc.

2. Após en inicial aplica-se x:

Exemplos:

Enxada, enxaqueca, enxame, enxuto, enxugar, etc.

OBS.: encher deriva de cheio, encharcar, de charco

3. Palavras estrangeiras aportuguesadas:

Exemplos:

xampu (shampoo), xerife (sheriff).

4. Palavras indígenas, africanas, sem tradição escrita:

Exemplos:

Xavante, xangô, xique-xique, Erexim, muxoxo, caxambu, abacaxi etc.

OBS.: esses tipos de vocábulos serão sempre grafados com x, ç, j.

Exemplos:

Jiboia, Juçara, Paraguaçu, muçurana, etc.

5. Após me, emprega-se x:

Exemplos:

México, mexerica, mexilhão mexer, mexerico.

EXCEÇÃO: mecha.

(Do francês: *mèche)*

S ou Z

1. Usa-se S nos sufixos:

ês, -esa (para indicação de nacionalidade, título, origem);

ense, -oso, -osa (formadores de adjetivos);

isa (indicador de ocupação feminina).

Exemplos:

Chinês, burguesa, catarinense, amoroso, perigosa, sacerdotisa.

2. Após ditongos, usa-se S:

Exemplos:

Coisa, causa, Neusa, Eusébio, náusea.

3. Usa-se Z nos sufixos

ez, -eza (formadores de substantivos abstratos a partir de adjetivos);

izar (formador de verbos);

ização (formador de substantivos);

Exemplos:

Rígido, rigidez; belo, beleza; civilizar, civilização, realizar, realização.

S, C, Ç, e X ou SC, SÇ, SS, XC e XS

1. Correlação gráfica entre nd e ns na formação de substantivos a partir de verbos.

Exemplos:

Ascender, ascensão; distender, distensão; pretender, pretensão; tender, tensão; estender, extensão.

2. Correlação gráfica entre ced e cess em nomes formados a partir de verbos.

Exemplos:

Ceder, cessão; conceder, concessão; exceder, excessivo; aceder, acesso.

3. Correlação gráfica entre ter e tenção em nomes formados a partir de verbos.

Exemplos:

Abster, abstenção; ater, atenção; conter, contenção; deter, detenção; reter, retenção.

Das letras que compõem o alfabeto da língua falada na Espanha e nos países por ela colonizados, nenhuma é mais acarinhada que a "ñ" . Substituto fonético para o nosso "nh", a "ñ" é a letra mais romântica e companheira do povo hispânico.

"LA Ñ DE SUS señorias
Dicen que fue pôr la eñe
aunque les parezca extraño
pôr lo que los senadores
re-votaron este año:
Que se la llevan, señores,
y nos dejan sin escaño!
Y con pies, manos y maña
- Lo consigue quien se empeñe
re-votaron pôr la eñe
tan precisa para España."

A 'LL" que corresponde ao nosso sonoríssimo "lh" está presente no início (llama, lluvia) e no meio (calle, estrellas) de um sem número de vocábulos em espanhol.

Em que pesem as pequenas variantes sonoras da "LL" pela Espanha e América espanhola seu uso é praticamente uniforme, exceção feita somente a região da capital da Argentina , onde a 'LL" assume o som correspondente ao "J" da língua portuguesa.

Fernando Pestana – Português

Curso de Gramática Completo

Concordância

Verbal

Nunca existiu, depois de tantos anos e tantos heróis, pessoas iguais àquelas.

Aquele ilustre presidente dos Estados Unidos da América, por mais que outros tenham obtido sucesso, dificilmente serão superados.

É impossível que devam haver (posto que ao longo do tempo hajam havido alguns) pilotos tão bons quanto os do século XX.

Nominal

Artigo Adjetivo

Substantivo

Numeral Pronome

Concordância para o Sujeito Simples

RG: Os megaeventos nos países emergentes vêm destacando-os.

1) A multidão gritou entusiasticamente o nome do jogador.

A multidão de torcedores gritou entusiasticamente.

Um bom número de torcedores já chegou ao estádio.

2) Presentearam a mim, que nunca ganhei um ‘par ou ímpar’.

Aquela aluna é uma das pessoas que precisava de ajuda.

3) Fui eu quem resolveu a questão.

4) Alguns de nós resolviam essas questões. / Qual de vós me ajudará a resolvê-las?

5) Os Estados Unidos continuam sendo a maior potência mundial. / Restará Estados Unidos após tantas guerras?

Os Lusíadas imortalizou Camões.

6) Mais de um aluno não compareceu à aula. / Mais de um irmão se abraçaram. / Mais de um aluno, mais de um professor estavam presentes.

7) Hoje, apenas 1/3 das pessoas do mundo sabe o que é MSN. / Hoje, apenas 30% da população mundial sabe o que é MSN.

8) Já deram duas horas (n)o relógio e ela não chegou.

9) O ministro com os assessores chegaram de viagem.

10) Nunca se viu, em parte alguma, pessoa tão interessada.

Concordância para o Sujeito Composto

RG: A Copa do Mundo e as Olimpíadas vão beneficiar muito o Brasil.

1) Ordem e Progresso só enfeita a bandeira.

2) Vão trazer benefícios a Copa do Mundo e as Olimpíadas.

3) Cada jogador, cada time, cada um deles deve manter o espírito esportivo.

4) Eu e ele nos tornaremos pessoas melhores. / Tu e ele vos tornareis pessoas melhores. / Tornar-me-ei eu e meus amigos pessoas melhores. / Cumprimentaram-se o professor e o aluno.

5) A angústia e a ansiedade não o ajudavam a se concentrar. / A ansiedade e a despreocupação nos constituem.

6) Um toque, um cheiro, um olhar bastaram para me seduzir.

7) Andar e nadar faz bem à saúde. / O andar e o nadar fazem bem à saúde. / Rir e chorar se alternam no ser humano.

8) Os pedidos, as súplicas, o desespero, nada o comoveu.

9) Nem um nem outro vieram/veio aqui. / Nem um nem outro se abraçaram aqui. / Uma ou outra conseguirá uma boa classificação.

10) Botafogo ou Cruzeiro ganhará o Campeonato. / O Botafogo ou o Cruzeiro têm grande chance de conquistar o Campeonato. / Nem o Vasco nem o Corinthians ganhará o Campeonato. / Nem o Vasco nem o Corinthians conquistaram meu coração, mas sim o Mengão!

O amor ou o ódio exacerbados não levam a lugar algum. / O Celso Cunha ou o Bechara ainda está vivo.

11) Vocês, assim como eu, gostam/gostamos muito de Português.

12) Tanto Dilma quanto Lula mantêm/mantem sua popularidade em alta.

13) O preço dos combustíveis e dos alimentos aumentou. / O preço dos alimentos e o dos combustíveis aumentaram.

Dois Casos Especiais

1) Há/Deve haver sérios problemas na cidade. / Trata-se de problemas pedagógicos, meu caro. / Geou muitas horas no Sul.

2) Ainda vale a pena investir nos estudos. / Sabe-se que dois alunos nossos passaram na prova.

Verbo SER

1) Nós somos unha e carne.

2) Fernando Pessoa foi muitos poetas em um devido a seus heterônimos.

3) Fernando Pestana sou eu.

4) Eu não sou tu, e tu não és eu.

5) No início, tudo é/são flores. / Tua Palavra sempre foi/foram as Sagradas Escrituras.

6) Quem foram os classificados?

7) São nove horas. / É frio aqui. / Seria meio-dia e meia agora? / Daqui à Cidade são só dez quilômetros. / Hoje é/são (dia) quatro de setembro. / Era/Eram cerca de dez horas.

8) Cento e cinquenta reais é *nada*. / Cem metros é *muito*. / Duas surras será *pouco* para ele aprender. Divertimentos é *o* que não lhe falta.

9) Eles é que sempre chegam atrasados. / São eles que sempre chegam atrasados.

Infinitivo Flexionado

1) Não é necessário vocês chegarem mais cedo. (sujeito explícito)

2) Está na hora de começar/começarmos o trabalho. (visando à clareza)

3) Falei sobre o desejo de aprontarmos o site logo. (sujeitos diferentes implícitos) / Falamos sobre o desejo de aprontar/aprontarmos o site logo. (mesmo sujeito)

Disseram aos índios para sair/saírem de suas terras. (sujeito oculto)

4) Para nós nos precavermos, precisaremos de víveres. / Entrem para se cumprimentarem. / Ao se reunirem os familiares, tudo ficou bem.

5) Visto serem dez horas, deixei o local.

6) Faço isso para não me considerarem um inútil. (sujeito indeterminado)

Infinitivo Não Flexionado

Poderemos, depois das lutas acirradas, vencidas duramente, cantar vitórias.

Deixei-os *brincar* aqui.

Mandei os garotos sair/saírem.

Navegar é preciso, *viver* não é preciso.

Eles têm aptidão para *aprender/aprenderem* línguas estrangeiras.

Soldados, *recuar*!

Caso Especial

Deve/Pode-se resolver rapidamente as questões de Português.

Silepse de Número

Flor tem vida muito curta, logo murcham.

Silepse de Pessoa

Os *brasileiros*, especialmente os cariocas, quando podemos usar de malandragem, usamos.

ESAF – DNIT – TÉCNICO – 2013

- A respeito das relações de concordância no texto, assinale a opção em que o uso das duas formas verbais respeita as normas gramaticais.

a) “tem” (boa parte das metrópoles não tem...) / têm

b) “aplica-se” (A (i)mobilidade das metrópoles... aplica-se...) /aplicam-se

c) “passou” (...mudança intensa pela qual passou a economia brasileira) / passaram

d) “pagamos” (E o preço que pagamos foi caro) / pagou

e) “foi prioridade” (O automóvel individual foi prioridade) / foram prioridades

FCC – TRT/RJ – ANALISTA – 2013

- As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:

a) Cabem a cada um dos usuários de uma língua escolher as palavras que mais lhes parecem convenientes.

b) D. Glorinha valeu-se de um palavrório pelo qual, segundo lhe parecia certo, viessem a impressionar os ouvidos de meu pai.

c) As palavras que usamos não valem apenas pelo que significam no dicionário, mas também segundo o contexto em que se emprega.

d) Muita gente se vale da prática de utilizar termos, para intimidar o oponente, numa polêmica, que demandem uma consulta ao dicionário.

e) Não convém policiar as palavras que se pronuncia numa conversa informal, quando impera a espontaneidade da fala.

Concordância Nominal (ADN e PS/PO)

Os alunos e as alunas atentos (ou atentas) entenderam tudo.

Comprei as velhas revistas e jornal de que precisava.

Queridos pai e mãe, estou com muita saudade de vocês.

Os talentosos Renato Russo e Cazuza deixaram suas marcas.

Eu comprei frango e carne bovina.

Você tem ideias e pensamentos fixos.

Neste lugar, é sempre calor e frio absurdo.

O sorriso, o riso, a gargalhada solta era sua maior característica.

O rapaz e a garota estavam tristonhos.

Estavam tristonhos a garota e o rapaz.

Estava tristonha a garota e o rapaz.

Considerei a garota e o rapaz tristonhos.

Considerei tristonhos a garota e o rapaz.

Casos Especiais

1) mesmo*, próprio, só*, junto*, quite, leso, obrigado, anexo, incluso.

2) caro, barato, bastante, meio.

3) É proibido entrada. / Sua entrada é proibida.

4) Dados os retoques finais, partimos.

5) Traga cervejas tão geladas quanto possível. / São exemplos os mais difíceis possíveis.

6) Os *setores público* e *privado* formaram uma parceria. / O *setor público* e o *privado* formaram uma parceria.*

7) A primeira e segunda séries foram aprovadas. / A primeira e a segunda série foram aprovadas. / As séries *primeira* e *segunda* foram aprovadas.

8) (Nem) Um (nem) e outro aluno *esforçado(s)* passou.

9) Essas criaturas não tem nada de puro/puras.

10) A situação do Mengão deu uma piorada, haja(m) vista (a/de)os resultados.

11) O filho age tal qual o pai.

12) Duas mil *pessoas* foram selecionadas. / *Os cinco milhões* de pessoas sobreviveram. / Os milhares de torcedoras fizeram o Maraca tremer.

CESGRANRIO – BNDES – TÉCNICO – 2013

- Em qual frase a concordância se faz de acordo com a norma-padrão?

a) Para um bom desempenho, são necessárias dedicação, talento e entusiasmo.

b) Na competição, um e outro nadador brasileiro chegaram ao pódio.

c) No futebol assistimos a jogadas as mais belas possível.

d) O treinador entregou as fichas de inscrição anexo aos documentos.

e) Dado as tecnologias disponíveis, hoje ficou mais fácil conhecer um atleta.

Regência

Verbal

Já fomos *a* parques de todo o mundo.

Conseguimos a tão sonhada classificação.

Em nenhum momento desistimos de nossos objetivos!

Ofereça-lhe o melhor prato do restaurante, garçom.

Gosto *de* que me tratem bem.

Nominal

Sempre senti ojeriza *a* qualquer atitude desonesta.

Meus amigos sempre me foram leais.

Paralelamente *ao* assunto anterior, você tinha razão.

Tenho medo *de* que não passe na prova.

Questões Recorrentes (DANGER!!!)

O filho, *por quem* a mãe tinha admiração, era honesto.

Este é o carro de que precisamos.

Pedro e Larissa assistiram e gostaram da sessão de cinema

Você é a favor ou contra esta lei? (errado)

O fato *do* Brasil e *dos* Estados Unidos se acharem no mesmo continente é um acidente geográfico (polêmica!)

Nominal

A educação deve ser acessível ... todos.

O país está apto ... receber a Copa.

Esta é uma conclusão baseada ... fatos.

Era um homem benquisto ... vizinhança.

Tinha um irreal conceito ... si mesmo.

Fiz uma cessão ... direitos ... editora.

Escreve diferentemente ... demais.

Já foste douto ... ciências?

Nominal

A discussão foi embaraçosa ... ambos.

Agradeço-lhe o envio ... e-mail ... empresa.

Votou favoravelmente ... decisão.

É uma ideologia fundada ... filósofos alemães.

Mostrei gratidão ... Deus ... ensinamentos.

A guerra ... drogas é pior que a guerra ... países.

A natureza, ... a qual vivo em harmonia, é sábia.

O auditório rompeu em hosanas ... maestro.

Não há impedimento algum ... candidatura.

Cai o investimento ... capital ... tecnologia.

Ela almoçou juntamente ... meu agente.

Qual é a justificativa ... seu atraso?

Isso é lícito ... autoridade competente.

Apoiou-se o levante ... o governo.

Não tenho medo ... frio nem ... geada.

Decidimos ser misericordiosos ... ele.

Tenho nojo ... berinjela.

Meu espírito está nutrido ... Palavra.

Estou com olhos ofuscados ... a luz do sol.

Brasil, nome originado ... pau-brasil.

Paralelamente ... estudo da teoria, pratico muito.

É preferível inimigo declarado ... amigo falso.

É um rapaz querido ... todos os professores.

Estou quite ... as dívidas.

Ficaram reanimados ... certame.

Aquele homem é responsável ... sua desgraça?

A mulher ... quem morri de saudades largou-me.

Moro no edifício sito ... Rua Sete.

Meu tédio ... burocracia me incomoda.

Foste tolo ... aceitar aquela incumbência.

Estes são bens urgentes ... meu sustento.

Terras foram utilizadas ... atividades produtivas.

O objeto é valioso ... nós.

Tenho vocação ... magistério?

Dei um xeque ... rainha.

Seu extremo zelo ... salvação o ludibriou.

VUNESP – CETESB – ESCRITURÁRIO – 2013

Considerando as regras de regência nominal, assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas da frase.

O autor expressa a vontade ___________ *escrever uma história com o potencial* __________ *ser apreciada por todos.*

a) de … para

b) em … sobre

c) por … em

d) a … sob

e) sobre … por

Verbal

Regências diferentes sem mudança de sentido

O rei abdicou (do) o trono. / A secretária atendeu (ao) o cliente. (VTD, pessoa; VTI, coisa; 'lhe', jamais!) / Anseio/Almejo (por) uma vida estável. / Desfrutemos (do) o bom da vida! / Ele goza (de) sua melhor forma. / O trovão precedeu (ao) o temporal. / O político renunciou (ao) o cargo.

Regência diversa, sentido diverso

1) A mãe agradou seu filho no colo. / Este espetáculo sempre agrada (a)o público.

2) O advogado apelou da decisão. / Aquela mulher feia teve de apelar para o santo casamenteiro.

3) Em regiões muito altas, é difícil aspirar o ar. / Nunca mais aspirarei a amores impossíveis. ('lhe', jamais!)

4) Assisto em Copacabana há 15 anos. / O professor assistia frequentemente (à) a aluna com dificuldade. / Assistíamos a vários *shows* quando namorávamos. ('lhe', jamais!) / Não *lhe* assiste dizer se isto é certo ou errado.

5) Mano Menezes chamou Kaká para a seleção. / Chamaram por Jeová quando em extrema dificuldade. / Chamei (ao) o professor (de) inteligente.

6) Nosso time nunca chegou a uma posição decente na tabela.

7) Conferimos a redação do candidato, e ela estava excelente. / Os pormenores conferiam verossimilhança à história. / A descrição do suspeito não confere (com o depoimento da testemunha).

8) Este consta da/na antologia do poeta Drummond. / Não *me* constava que ela passou na prova.

9) Nosso carro custou duzentos mil reais. / Custaram, mas chegaram, enfim. / A arrogância pode custar-*lhe* o emprego.

Nós custamos a aprender Português (!) / Custou-nos aprender Português (= Aprender Português (sujeito) custou (foi custoso, difícil) a nós (objeto indireto).

10) Estou ensinando regência a você. / Estou ensinando-o a entender regência.

11) O aluno esqueceu/lembrou a informação da aula anterior. / O aluno *esqueceu-se/lembrou-se* da informação anterior.

12) O aluno fugiu ao/do tema. / O presidiário fugiu dos guardas.

13) O pai vive implicando com o filho. / O policial se implicou na conspiração. (VTDI) / Toda ação implica (em) uma reação.

14) Informar (Avisar, advertir, certificar, comunicar, informar, noticiar, notificar, prevenir são VTDI, admitindo duas construções: *Quem informa, informa algo a alguém ou Quem informa, informa alguém de algo*).

15) Namoro Maria há cinco anos.

16) Meu pai, ao qual desobedecia frequentemente, era um homem generoso.

17) Perdoei/Paguei-lhe (a ele) (a dívida). / Agradeci (aos alunos) (os elogios).

18) Prefiro Língua Portuguesa a Matemática.

19) Seus argumentos não procedem agora. / Meu professor procede com elegância em sala de aula. / Os brinquedos da Uruguaiana procedem da China ou Taiwan. / O juiz deseja proceder ao julgamento.

20) O Brasil quer o *status* de um país de primeiro mundo. / Eu quero-*lhe* (a ela) como a uma irmã.

21) Ele sempre responde que vai passar na prova. / Fique tranquila, pois ele vai responder aos *e-mails* enviados. / Respondeu-*lhe* todas as indagações.

22) O militar servia (à) a Pátria com todo o carinho. / O garçom serviu lagosta ao cliente. / Esta roupa não *me* serve mais.

23) Alguém simpatiza/antipatizo com o atual governador do RJ?

24) Sucede que o professor Celso Pedro Luft é extraordinário. / Estou prestes a suceder ao presidente da empresa.

25) O soldado visou o peito do inimigo. / O secretário visou todos os diplomas. / Este trabalho visa (ao) o bem-estar geral. (VTD (!))

Os assuntos gramaticais que venho tratando aqui são muito importantes. (certo ou errado?!)

Questão

FCC – SERGIPE GÁS S.A. – 2013

- Investir nas redes sociais, ... participam mais de 500 milhões de usuários, tem se mostrado uma estratégia positiva para a sobrevivência da indústria fonográfica.

a) na qual

b) de que

c) com que

d) a qual

e) que

Modificador do substantivo, o adjetiVo pode qualificá-lo ou determiná-lo.
Qualificativos - modificam o substantivo - ex. el ingeniero delagado
Determinados - determinam o substantivos
a) demonstrativos - este/ese/aquel
b) indefinidos - alguno/ninguno/cierto/mucho /poco/vários/otro
c) possessivos - mio/tuyo/vuestro/suyo
d) quantidade - mucho/poco/bastante/alguno/ninguno/solo/todoe) numero - cardinais/ordinais/múltiplos/partitivas
f) distribuição - ambos/demás
g) exclamativos e interrogativos - que/cual

Adjetivos Comparativos

a) igualdade - ex. Lidia es tan bonita cuanto Maria
b) superioridade - ex Eduardo es más inteligente que Fernando
c) inferioridade - ex- Otavio es menos estudioso que Pablo

Adjetivos Superlativos

a) absolutos
Paula es muy linda
Virginia es lindísima
b) relativos
Eduardo es lo menos estudioso de todos

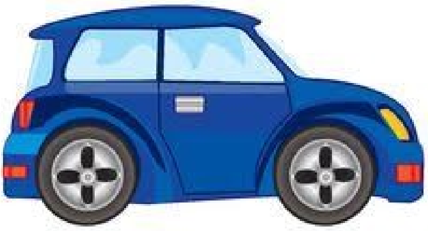

SUBSTANTIVO:

ADJETIVO:

FRASE:

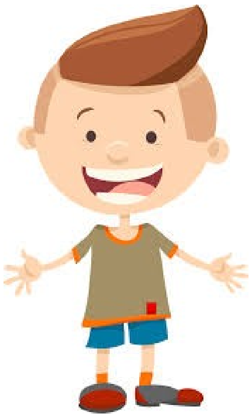

SUBSTANTIVO:

ADJETIVO:

FRASE:

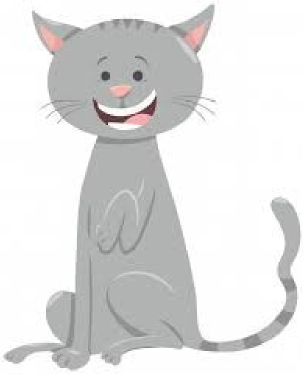

SUBSTANTIVO:

ADJETIVO:

FRASE:

TEATIVIDADES
TEATIVIDADES
TEATIVIDADES

Curso de Gramática

Prof. Fernando Pestana

fernandopest@yahoo.com.br

Concordância

Verbal

Nunca existiu, depois de tantos anos e tantos heróis, pessoas iguais àquelas.

Aquele ilustre presidente dos Estados Unidos da América, por mais que outros tenham obtido sucesso, dificilmente serão superados.

É impossível que devam haver (posto que ao longo do tempo hajam havido alguns) pilotos tão bons quanto os do século XX.

Concordância

Nominal

Artigo

Adjetivo

Substantivo

Numeral

Pronome

Concordância

Concordância para o Sujeito Simples

RG: Os megaeventos nos países emergentes vêm destacando-os.

1) A multidão gritou entusiasticamente o nome do jogador.

A multidão de torcedores gritou entusiasticamente.

Um bom número de torcedores já chegou ao estádio.

Concordância

2) Presentearam a mim, que nunca ganhei um ‘par ou ímpar’.

Aquela aluna é uma das pessoas que precisava de ajuda.

3) Fui eu quem resolveu a questão.

4) Alguns de nós resolviam essas questões. / Qual de vós me ajudará a resolvê-las?

5) Os Estados Unidos continuam sendo a maior potência mundial. / Restará Estados Unidos após tantas guerras?

Concordância

Os Lusíadas imortalizou Camões.

6) Mais de um aluno não compareceu à aula. / Mais de um irmão se abraçaram. / Mais de um aluno, mais de um professor estavam presentes.

7) Apenas 1/3 das pessoas do mundo sabe o que é MSN. / Apenas 30% da população mundial sabe o que é MSN.

8) Já deram duas horas (n)o relógio e ela não chegou.

Concordância

9) O ministro com os assessores chegaram de viagem.

10) Nunca se viu, em parte alguma, pessoa tão interessada.

Concordância para o Sujeito Composto

RG: A Copa do Mundo e as Olimpíadas vão beneficiar muito o Brasil.

1) Ordem e Progresso só enfeita a bandeira.

Concordância

2) Vão trazer benefícios a Copa do Mundo e as Olimpíadas.

3) Cada jogador, cada time, cada um deles deve manter o espírito esportivo.

4) Eu e ele nos tornaremos pessoas melhores. / Tu e ele vos tornareis pessoas melhores. / Tornar-me-ei eu e meus amigos pessoas melhores. / Cumprimentaram-se o professor e o aluno.

Concordância

5) A angústia e a ansiedade não o ajudavam a se concentrar. / A ansiedade e a despreocupação nos constituem.

6) Um toque, um cheiro, um olhar bastaram para me seduzir.

7) Andar e nadar faz bem à saúde. / O andar e o nadar fazem bem à saúde. / Rir e chorar se alternam no ser humano.

8) Os pedidos, as súplicas, o desespero, nada o comoveu.

Concordância

9) Nem um nem outro já vieram aqui. / Nem um nem outro se abraçaram aqui. / Uma ou outra conseguirá uma boa classificação.

10) Vasco ou Corinthians ganhará o Campeonato. / O Vasco ou o Corinthians têm grande chance de conquistar o Campeonato. / Nem o Vasco nem o Corinthians ganhará o Campeonato. / Nem o Vasco nem o Corinthians conquistaram meu coração, mas sim o Mengão!

Concordância

O amor ou o ódio exacerbados não levam a lugar algum. / O Celso Cunha ou o Bechara ainda está vivo.

11) Vocês, assim como eu, gostamos muito de Português.

12) Tanto Dilma quanto Lula mantêm sua popularidade em alta.

13) O preço dos combustíveis e dos alimentos aumentou. / O preço dos alimentos e o dos combustíveis aumentaram.

Concordância

Dois Casos Especiais

1) Há/Deve haver sérios problemas na cidade. / Trata-se de problemas pedagógicos, meu caro. / Geou muitas horas no Sul.

2) Ainda vale a pena investir nos estudos. / Sabe-se que dois alunos nossos passaram na prova.

Concordância

Verbo SER

1) Nós somos unha e carne.

2) Fernando Pessoa foi muitos poetas em um devido a seus heterônimos.

3) Fernando Pestana sou eu.

4) Eu não sou tu, e tu não és eu.

5) No início, tudo é/são flores. / Tua Palavra sempre foi/foram as Sagradas Escrituras.

6) Quem foram os classificados?

Concordância

7) São nove horas. / É frio aqui. / Seria meio-dia e meia agora? / Daqui à Cidade são só dez quilômetros. / Hoje é/são (dia) quatro de setembro. / Era/Eram cerca de dez horas.

8) Cento e cinquenta reais é *nada*. / Cem metros é *muito*. / Duas surras será *pouco* para ele aprender. Divertimentos é *o* que não lhe falta.

9) Eles é que sempre chegam atrasados. / São eles que sempre chegam atrasados.

Concordância

Infinitivo Flexionado

1) Não é necessário vocês chegarem mais cedo. (sujeito explícito)

2) Está na hora de começar/começarmos o trabalho. (visando à clareza)

3) Falei sobre o desejo de aprontarmos o site logo. (sujeitos diferentes implícitos) / Falamos sobre o desejo de aprontar/aprontarmos o site logo. (mesmo sujeito)

Concordância

Devemos fechar um olho para encontrar/encontrarmos um amigo. (mesmo sujeito)

4) Para nós nos precavermos, precisaremos de víveres. / Entrem para se cumprimentarem. / Ao se reunirem os familiares, tudo ficou bem.

5) Visto serem dez horas, deixei o local.

6) Faço isso para não me considerarem um inútil. (sujeito indeterminado)

Concordância

Infinitivo Não Flexionado

***Poderemos**, depois das lutas acirradas, vencidas duramente, **cantar** vitórias.*

Deixei-os ***brincar*** aqui.

Mandei os garotos **sair/saírem**.

Navegar é preciso, ***viver*** não é preciso.

Eles têm aptidão para ***aprender/aprenderem*** línguas estrangeiras.

Soldados, ***recuar***!

Concordância

Caso Especial

Deve/Pode-se resolver rapidamente as questões de Português.

Concordância

Silepse de Número

Flor tem vida muito curta, logo **murcham.**

Silepse de Pessoa

Os *brasileiros*, especialmente os cariocas, quando **podemos** usar de malandragem, **usamos**.

Concordância

Concordância Nominal (ADN e PS/PO)

Os alunos e as alunas **atentos** (ou atentas) entenderam tudo.

Comprei as **velhas** revistas e jornal de que precisava.

Queridos pai e mãe, estou com muita saudade de vocês.

Os **talentosos** Renato Russo e Cazuza deixaram suas marcas.

Concordância

Eu comprei frango e carne **bovina.**

Você tem ideias e pensamentos **fixos.**

Neste lugar, é sempre calor e frio **absurdo.**

O sorriso, o riso, a gargalhada **solta** era sua maior característica.

O rapaz e a garota estavam **tristonhos.**

Estavam **tristonhos** a garota e o rapaz.

Estava **tristonha** a garota e o rapaz.

Concordância

Considerei a garota e o rapaz **tristonhos.**

Considerei **tristonhos** a garota e o rapaz.

Casos Especiais

1) mesmo*, próprio, só*, junto*, quite, leso, obrigado, anexo, incluso.

2) caro, barato, bastante, meio.

3) **É proibido** entrada. / Sua entrada **é proibida.**

Concordância

4) **Dados** os retoques finais, partimos.

5) Traga cervejas tão geladas **quanto possível.** / São exemplos **os** mais difíceis **possíveis.**

6) Os ***setores*** *público* e *privado* formaram uma parceria. / O ***setor*** *público* e o *privado* formaram uma parceria.

7) A **primeira** e **segunda séries** foram aprovadas. / **A primeira** e **a segunda série** foram aprovadas. / As **séries** *primeira* e *segunda* foram aprovadas.

Concordância

8) **(Nem) Um (nem) e outro** aluno *esforçados* passou.

9) Essas criaturas não tem nada **de puro/puras.**

10) A situação do Mengão deu uma piorada, haja(m) vista (a/de)os resultados.

11) O filho age **tal qual** o pai.

12) **Duas** mil *pessoas* foram selecionadas. / ***Os cinco milhões*** de pessoas sobreviveram. / **Os milhares** de torcedoras fizeram o Maraca tremer.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

1. Monossílabos

Há apenas 1 sílaba

a, e, o (acento têm)

cá - fé - pó

Resto **sem** acento

Ju - ti - mim

2. Oxítonas

Sílaba forte (última)

a, e, o, em, ens (acento têm)

ca**já** - ca**fé** - ci**pó** - tam**bém**

Resto **sem** acento

caju - Parati

3. Paroxítonas

Sílaba forte (penúltima)

a, e, o, em, ens (acento não têm)

item - itens - parede - disco

Resto **tem** acento

__ní__vel - __tá__xi - a__çú__car - __ál__bum - __hí__fen

VERBOS

Ter e Vir

Singular = sem acento

Plural = com acento "^"

1. **Ele vem. = singular**
2. **Eles vêm. = plural**

Letras idênticas não levam acento:

creem

leem

voo

enjoo

Derivados dos verbos "ter e vir":

Deter - conter - manter - convir...

Singular = com acento agudo

Plural = com acento circunflexo

1. **Ele detém. = singular**
2. **Eles detêm. = plural**

Acento diferencial fica apenas em:

pôr (verbo) = Vou pôr a mesa.

por (preposição) = Fiz por você.

pôde (passado) = Ele pôde estudar.

pode (presente) = Ele pode falar.

---

6. Hiatos

Acentuam-se "í" ou "ú"

seguidos ou não de "s":

baús - saúde - países - aí

Não se acentua mais hiato na segunda sílaba, após ditongo:

fei**u**ra - bai**u**ca

5. Ditongos Abertos

Acentuam-se: ói, éu, éi

se monossílabos ou oxítonas

dói - céu - cha**péu** - **réis**

he**rói**

Não se acentuam os ditongos abertos na segunda sílaba:

i**dei**a - he**roi**co - assem**blei**a

4. Proparoxítonas

Sílaba forte (antepenúltima)

Acentuam-se todas:

médico - **pú**blica - **quí**mica

ATENÇÃO

As palavras podem assumir várias classificações:

sabi**á** - sa**bi**a - **sá**bia

---

200 Dicas e Macetes de Português - Clique Aqui

REGRAS DE USO DA VÍRGULA
GRAMÁTICA AVANÇADA

Caso quiséssemos atribuir o **uso da vírgula** a cada pausa retratada pelo falante, concluiríamos que nossa pretensão mostra-se aquém das reais possibilidades, fato esse decorrente das diferenças que se acentuam entre a fala e a escrita, visto que a riqueza melódica da oralidade não se compara com o convencionalismo da escrita.

A linguagem oral, via de regra, torna-se mais isenta de postulados preestabelecidos, posto que se condiciona a traços individuais do próprio emissor, cabendo a ele atribuir as possíveis entonações no momento em que achar conveniente. Na linguagem escrita, em contrapartida, tais pretensões estão sujeitas a **normas** que, indiscutivelmente, precisam estar em consonância com nossos conhecimentos. Para tanto, seguem em evidência algumas considerações dignas de nota, as quais retratam os casos em que se materializa ou não o uso da vírgula.

Circunstâncias em que usamos a vírgula:

a) Para isolar topônimos (nomes próprios relacionados com um determinado lugar), seguidos de sua respectiva data.

Exemplo:
Maceió, 12 de fevereiro de 2009.

b) Separar orações coordenadas assindéticas (isentas de conectivos que as liguem).

Exemplo:
Ao iniciar a reunião, todos se apresentaram, começaram a discutir os assuntos pertinentes e chegaram a um consenso muito antes do esperado.

c) Separar orações coordenadas sindéticas iniciadas pelas conjunções adversativas, alternativas, conclusivas ou explicativas.

Exemplos:
* Precisava urgentemente se decidir, ou somente trabalhava, ou estudava.
* A aluna preparou-se muito para as olimpíadas de Matemática, logo obteve a primeira colocação.
* Não me sinto preparada para esta viagem, pois tive que decidir rapidamente.
* Sinto-me honrada com suas desculpas, porém nossa amizade não será mais a mesma.

d) Isolar expressões explicativas, corretivas ou continuativas representadas por: isto é, por exemplo, ou seja, aliás, entre outras.

Exemplos:
* A violência social é um fato grave, ou melhor, assustador.
* Pretendo despachar os documentos em breve, isto é, na próxima semana.

e) Separar apostos e vocativos em uma oração.

Exemplos:
* Marcos, traga seu certificado assim que puder, pois preciso entregá-lo ao Departamento de Pessoal.
* Marta, irmã de Pedro, casou-se ontem.

f) Separar um adjunto adverbial antecipado ou intercalado entre o discurso.

Atenção**: Não é recomendável o uso da vírgula quando o adjunto adverbial for um simples advérbio.**

Exemplo:
Seu irmão nunca o considerou como um amigo verdadeiro.

g) Isolar algumas orações intercaladas.

Exemplo:
Precisamos, pois, estar atentos a tudo que acontece.

Nota importante: **Quando a conjunção iniciar a oração, o uso da vírgula será dispensado.**

Exemplo:
Gostaria de parabenizá-lo pelo desempenho, pois percebi seu esforço.

h) Isolar um complemento pleonástico antecipado ao verbo.

Exemplo:
Aos insensíveis|, por que não ignorá-los?
(Objeto direto pleonástico)

i) Indicar a supressão de um verbo subentendido na oração (recurso linguístico caracterizado pela elipse):

Exemplo:
Grande parte dos alunos estava trajada de Country; Patrícia, de caipira.

(A vírgula indica a supressão da locução verbal – estava trajada)

j) Separar termos coordenados em uma oração.

Exemplo:
Aos domingos, reuniam-se todos os filhos, genros, noras, netos e bisnetos para uma agradável confraternização familiar.

l) Separar orações subordinadas adjetivas explicativas.

Exemplo:
Santos Dumont, que é considerado o pai da aviação, foi o inventor do 14 Bis.

m) Separar orações adverbiais (desenvolvidas ou reduzidas), sobretudo, quando estas se antepuserem à oração principal.

Exemplos:
* Ao chegar em casa, percebi sua apreensão.
* Caso queira conversar comigo, avise-me antecipadamente.

Casos em que não se recomenda o uso da vírgula:

Não se usa a vírgula para separar termos que, do ponto de vista sintático, estabelecem diretamente uma ligação entre si. Eis as seguintes ocorrências:

a) Para separar sujeito do predicado.

Exemplo:
Os alunos| estão todos eufóricos à espera dos resultados.
(Sujeito | Predicado)

b) Entre o verbo e seus complementos (objeto direto e indireto), mesmo que o objeto indireto se anteponha ao objeto direto.

Exemplo:
Entreguei |aos clientes| os pedidos.
(Objeto Indireto | Objeto Direto)

c) Entre o nome e o adjunto adnominal ou o complemento nominal.

Exemplos:
* Seu relógio de pulso foi visto por ela.
(Adjunto Adnominal)

* Você tem amor à profissão.
(Complemento Nominal)

d) Entre a oração subordinada substantiva e a principal.

Exemplo:
Seu desejo| era que todos o visitassem.
(Oração principal | oração subordinada substantiva predicativa)

Última modificação: 18:27

Para quem vai viajar para à Espanha ou qualquer outro país de fala castelhana e não tem o domínio da língua, é bom saber alguma coisa para realizar um primeiro contato.

Abaixo algumas frases úteis:

Camarero esta libre esta mesa?
Señor, quiere ponerme gasolina
Qué pelicula ponen hoy?
Puede usted darme la hora?
Cuanto cuesta?
Cuanto vale?
Te felicito!
Cómo esta usted?
Hola que tal?
Hasta pronto!
Hasta la vista!
Saludos!
Que te vaya bien!
Gracias.
De nada. Tu lo mereces.
Con permiso?
Lo siento.
Mucho gusto.

Na língua espanhola, os tempos compostos são formados com os verbos auxiliares HABER e SER mais o particípio do verbo a ser conjugado. Senão vejamos:

he cantado, hube partido, haya cantado, habré amado, haya partido, hubiera temido

Yo era, el fué, vosotros fuistes, yo he sido, ellos hubieron sido, nosotros hubimos sido, nosotros seamos, vosotros seais, vosotros haiais sido, el seria, sean ellos.

Cardeais	**Ordinais**
cero	----
uno	primero
dos	segundo
três	tercero
cuatro	cuarto
cinco	quinto
seis	sexto
siete	septimo
ocho	octavo
nueve	noveno
diez	decimo
veinte	vigesimo
treinta	trigesimo
cuarenta	cuadragesimo
cien	centesimo
ciento	diez
mil	milesimo
un millon	millonesimo